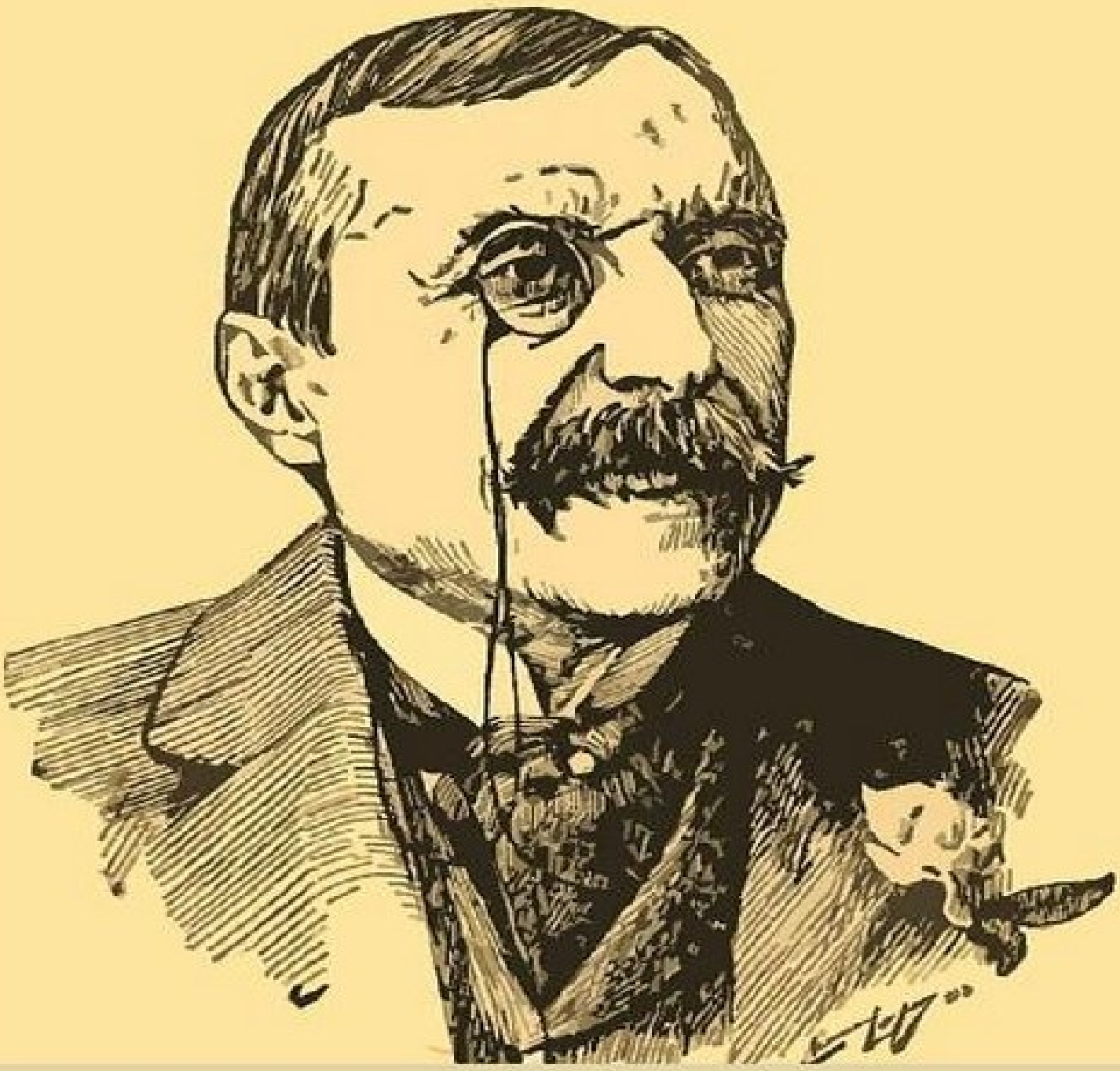

CENTAUR

EÇA DE QUEIRÓS

Obras Completas

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Eça de Queirós

OBRAS COMPLETAS

2015 © Centaur Editions
centaur.editions@gmail.com

Índice

O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA

- Prefácio — Carta ao Editor do «Mistério da Estrada de Sintra»
- Exposição do Doutor ***
- Intervenção de Z.
- De F... ao Médico
- Nota
- Segunda Carta de Z.
- Narrativa do Mascarado Alto
- As Revelações de A. M. C.
- A Confissão Dela
- Concluem as Revelações de A. M. C.
- A Última Carta

O CRIME DO PADRE AMARO

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7

8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

A TRAGÉDIA DA RUA DAS FLORES

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

11
12
13
14
15
O PRIMO BASÍLIO
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
O MANDARIM
PRÓLOGO
1
2
3
4

5
6
7
8
A RELÍQUIA
PREFÁCIO
1
2
3
4
5
OS MAIAS
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16

17
18

UMA CAMPANHA ALEGRE

ADVERTÊNCIA
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54

55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83

84
85
86
87
A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES
1
2
3
4
5
6
7
8
A ILUSTRE CASA DE RAMIRES
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
A CIDADE E AS SERRAS

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16

CONTOS

SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOURA
UM POETA LÍRICO
NO MOINHO
CIVILIZAÇÃO
O TESOURO
FREI GENEBRO
ADÃO E EVA NO PARAÍSO
A AIA
O DEFUNTO
JOSÉ MATIAS

A PERFEIÇÃO
O SUAVE MILAGRE
PROSAS BÁRBARAS
NA PRIMEIRA FASE DA VIDA LITERÁRIA DE EÇA DE QUEIRÓS
NOTAS MARGINAIS
SINFONIA DE ABERTURA
MACBETH
POETAS DO MAL
A LADAINHA DA DOR
OS MORTOS
AS MISÉRIAS
FARSAS
AO ACASO
O «MIANTONOMAH»
MISTICISMO HUMORÍSTICO
O MILHAFRE
LISBOA
O SENHOR DIABO
UMA CARTA
DA PINTURA EM PORTUGAL
O LUME
MEFISTÓFELES
ONFÁLIA BENOITON
MEMÓRIAS DE UMA FORCA
A MORTE DE JESUS

CARTAS DE INGLATERRA

CAPÍTULO 1 — AFEGANISTÃO E IRLANDA
CAPÍTULO 2 — ACERCA DE LIVROS
CAPÍTULO 3 — O INVERNO EM LONDRES
CAPÍTULO 4 — O NATAL
CAPÍTULO 5 — LITERATURA DE NATAL
CAPÍTULO 6 — ISRAELISMO
CAPÍTULO 7 — A IRLANDA E A LIGA AGRÁRIA
CAPÍTULO 8 — LORDE BEACONSFIELD
CAPÍTULO 9 — OS INGLESES NO EGITO
CAPÍTULO 10 — O BRASIL E PORTUGAL
CAPÍTULO 11 — A FESTA DAS CRIANÇAS
CAPÍTULO 12 — UMA PARTIDA FEITA AO «TIMES»

ECOS DE PARIS

PARIS E LONDRES
OS DUELOS
O IMPERADOR GUILHERME
O GRAND-PRIX
O 14 DE JULHO
A FRANÇA E O SIÃO
A QUESTÃO BULOZ
AS ELEIÇÕES
AS FESTAS RUSSAS
ALIANÇA FRANCO-RUSSA

A ESPANHA
O SR. BARTHOU
OS ANARQUISTAS
OUTRA BOMBA ANARQUISTA
AS INTERVIEWS
O SALÃO
CARNOT
A MORTE E OS FUNERAIS DE CARNOT
JOÃO DE DEUS (OS DE PARIS A JOÃO DE DEUS)

BILHETES DE PARIS

REVOLTA DE ESTUDANTES
FESTAS RUSSAS — AS DECORAÇÕES
BILHETES DE AQUÉM-MAR: AINDA AS FESTAS RUSSAS — OS JORNAIS
MAIS UMA VEZ AS FESTAS RUSSAS — O POVO
AOS ESTUDANTES DO BRASIL — SOBRE O CASO QUE DELES CONTA MADAME SARA BERNHARDT
AS CATÁSTROFES E AS LEIS DE EMOÇÃO

CARTAS FAMILIARES DE PARIS

JOANA D'ARC
O CONDE DE PARIS
OS CHINESES E OS JAPONESES
O CZAR DA RÚSSIA
A SOCIEDADE E OS CLIMAS
CASIMIRE PÉRIER

O INVERNO EM PARIS
A PROPÓSITO DA DOUTRINA DE MONROE
A PROPÓSITO DO *TERMIDOR*

NOTAS CONTEMPORÂNEAS

CARTA A UM REDATOR DO *JORNAL DO COMÉRCIO*
TRÊS AMERICANOS
RAMALHO ORTIGÃO (CARTA A JOAQUIM DE ARAÚJO)
IDEALISMO E REALISMO (A PROPÓSITO DA 2ª EDIÇÃO DE *O CRIME DO PADRE AMARO)*
BRASIL E PORTUGAL
TESTAMENTO DE MECENAS
A INGLATERRA E A FRANÇA JULGADAS POR UM INGLÊS
A PROPÓSITO DO MANDARIM (CARTA QUE DEVERIA TER SIDO UM PREFÁCIO)
VICTOR HUGO (CARTA AO DIRETOR DE *A ILUSTRAÇÃO)*
AO DIRETOR DO JORNAL *A PROVÍNCIA*
PREFÁCIO A *O BRASILEIRO SOARES*, DE LUÍS DE MAGALHÃES
PREFÁCIO A *AZULEJOS*, DO CONDE DE ARNOSO
CARTA-PREFÁCIO AO POEMETO *LUÍS DE CAMÕES* (1887), DE JOAQUIM DE ARAÚJO
MR. CUMBERLAND (SESSÃO DO GRANDE

ADIVINHO NA REDAÇÃO DE *A PROVÍNCIA)*
O FRANCESISMO
A EUROPA
A PROPÓSITO DO INCÊNDIO DO TEATRO BAQUET DO PORTO
A ACADEMIA E A LITERATURA (CARTA A MARIANO PINA)
AINDA SOBRE A ACADEMIA
PREFÁCIO ÀS *AQUARELAS*, DE JOÃO DINIS
NOTA DE APRESENTAÇÃO (NO 1.º FOLHETIM DA VERSÃO PORTUGUESA DE *AS MINAS DE SALOMÃO*, DE H. RIDER HAGGARD, PUBLICADO NA *REVISTA DE PORTUGAL*, OUTUBRO DE 1889)
A CRÍTICA A *OS MAIAS* (CARTA A FIALHO DE ALMEIDA)
A PROPÓSITO DE *OS MAIAS* (CARTA A CARLOS LOBO DE ÁVILA)
«OS VENCIDOS DA VIDA»
NOTAS DO MÊS — EL-REI D. LUÍS (COLABORAÇÃO NA REVISTA DE PORTUGAL)
REVISTA DE PORTUGAL
NOTAS DO MÊS — A REVOLUÇÃO DO BRASIL
NOTAS DO MÊS — O ULTIMATO
FRATERNIDADE
NOVOS FATORES DA POLÍTICA PORTUGUESA
NOTAS DO MÊS

A Europa em Resumo
A Decadência do Riso
Um Santo Moderno
Colaboração Europeia: Primeiro de Maio
Os Grandes Homens da França
Espiritismo
Uma Coleção de Arte
Cozinha Arqueológica
As Rosas
Positivismo e Idealismo
O Bock Ideal
Prefácio ao *Almanaque Enciclopédico* para 1896, 1.º Ano
Um Génio que era um Santo (Antero de Quental)
A Revista
Na Praia
No Mesmo Hotel
Antigas Visitas
França e Sião
Encíclica Poética
O Marquesinho de Blandford
A Rainha
Deus — Duse («A Duse», 1898)
Eduardo Prado

Últimas Páginas

LENDAS DE SANTOS
ARTIGOS DIVERSOS
MAIS DOIS DISPERSOS DE EÇA DE QUEIRÓS
A CAPITAL
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
ALVES & COMPANHIA
1
2
3
4
5
6
7
8
9
O CONDE DE ABRANHOS
À EXMA. SR.ª CONDESSA DE ABRANHOS
O CONDE DE ABRANHOS

O EGITO

A CAMINHO DO ORIENTE
DE ALEXANDRIA AO CAIRO
O CAIRO
O DESERTO
NOITES FEÉRICAS
DE PORT SAID A SUEZ
PALESTINA
ALTA SÍRIA

CARTAS INÉDITAS DE FRADIQUE MENDES E MAIS PÁGINAS ESQUECIDAS

PREFÁCIO
CARTAS DE FRADIQUE MENDES
PROSAS ROMÂNTICAS
CONTOS
CRÍTICA E POLÉMICA
NOTAS DO MÊS

O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA

Primeira edição: 1870

Prefácio — Carta ao Editor do «Mistério da Estrada de Sintra»

Há catorze anos, numa noite de verão, no Passeio Público, em frente de duas chávenas de café, penetrados pela tristeza da grande cidade que em torno de nós cabeceava de sono ao som de um soluçante pot-pourri *dos Dois Foscaris, deliberámos reagir sobre nós mesmos e acordar tudo aquilo a berros, num romance tremendo, buzinado à Faixa das alturas do* Diário de Notícias.

Para esse fim, sem plano, sem método, sem escola, sem documentos, sem estilo, recolhidos à simples «torre de

cristal da Imaginação», desfechámos a improvisar este livro, um em Leiria, outro em Lisboa, cada um de nós com uma resma de papel, a sua alegria e a sua audácia.

Parece que Lisboa efetivamente despertou, pela simpatia ou pela curiosidade, pois que tendo lido na larga tiragem do Diário de Notícias *o* Mistério da Estrada de Sintra, *o comprou ainda numa edição em livro; e hoje manda-nos V. as provas de uma terceira edição, perguntando-nos o que pensamos da obra escrita nesses velhos tempos, que recordamos com saudade...*

Havia já então terminado o feliz reinado do Senhor D. João VI. Falecera o simpático Garção, Tolentino o jucundo, e o sempre chorado Quita. Além do

Passeio Público, já nessa época evacuado como o resto do país pelas tropas de Junot, encarregava-se também de falar às imaginações o Sr. Octave Feuillet. O nome de Flaubert não era familiar aos folhetinistas. Ponson du Terrail trovejava no Sinai dos pequenos jornais e das bibliotecas económicas. O Sr. Jules Claretie publicava um livro intitulado... (ninguém hoje se lembra do título) do qual diziam comovidamente os críticos: — Eis aí uma obra que há de ficar!... *Nós, enfim, éramos novos.*

O que pensamos hoje do romance que escrevemos há catorze anos... Pensamos simplesmente — louvores a Deus! — que ele é execrável e nenhum de nós, quer como romancista, quer como crítico, deseja, nem ao seu pior

inimigo, um livro igual. Porque nele há um pouco de tudo quanto um romancista lhe não deveria pôr e quase tudo quanto um crítico lhe deveria tirar.

Poupemo-lo — para o não agravar fazendo-o em três volumes — à enumeração de todas as suas deformidades! Corramos um véu discreto sobre os seus mascarados de diversas alturas, sobre os seus médicos misteriosos, sobre os seus louros capitães ingleses, sobre as suas condessas fatais, sobre os seus tigres, sobre os seus elefantes, sobre os seus iates em que se arvoram, como pavilhões do ideal, lenços brancos de cambraia e renda, sobre os seus sinistros copos de ópio, sobre os seus cadáveres elegantes, sobre as suas toilettes *românticas, sobre*

os seus cavalos esporeados por cavaleiros de capas alvadias desaparecendo envoltos no pó das fantásticas aventuras pela Porcalhota fora!...

Todas estas coisas, aliás simpáticas, comoventes por vezes, sempre sinceras, desgostam todavia velhos escritores, que há muito desviaram os seus olhos das perspetivas enevoadas da sentimentalidade, para estudarem pacientemente e humildemente as claras realidades da sua rua.

Como permitimos pois que se republique um livro que, sendo todo de imaginação, cismado e não observado, desmente toda a campanha que temos feito pela arte de análise e de certeza

objetiva?

Consentimo-lo porque entendemos que nenhum trabalhador deve parecer envergonhar-se do seu trabalho.

Conta-se que Murat, sendo rei de Nápoles, mandara pendurar na sala do trono o seu antigo chicote de postilhão, e muitas vezes, apontando para o cetro, mostrava depois o açoite, gostando de repetir: Comecei por ali. *Esta gloriosa história confirma o nosso parecer, sem com isto querermos dizer que ela se aplique às nossas pessoas. Como trono temos ainda a mesma velha cadeira em que escrevíamos há quinze anos; não temos dossel que nos cubra; e as nossas cabeças, que embranquecem, não se cingem por enquanto de coroa alguma,*

nem de louros, nem de Nápoles.

Para nossa modesta satisfação basta-nos não ter cessado de trabalhar um só dia desde aquele em que datámos este livro até o instante em que ele nos reaparece inesperadamente na sua terceira edição, com um petulante arzinho de triunfo que, à fé de Deus, não lhe vai mal!

Então, como agora, escrevíamos honestamente, isto é, o melhor que podíamos. Desse amor de perfeição, que é a honradez dos artistas, veio talvez a simpatia do público ao livro da nossa mocidade.

Há mais duas razões, para autorizar esta reedição.

A primeira é que a publicação deste livro, fora de todos os moldes até o

seu tempo consagrados, pode conter, para uma geração que precisa de a receber, uma útil lição de independência.

A mocidade que nos sucedeu, em vez de ser inventiva, audaz, revolucionária, destruidora de ídolos, parece-nos servil, imitadora, copista, curvada de mais diante dos mestres. Os novos escritores não avançam um pé que não pousem na pegada que deixaram outros. Esta pusilanimidade torna as obras trôpegas, dá-lhes uma expressão estafada; e a nós, que partimos, a geração que chega faz-nos o efeito de sair velha do berço e de entrar na arte de muletas.

Os documentos das nossas primeiras loucuras de coração queimámo-los há muito, os das nossas

extravagâncias de espírito desejamos que fiquem. Aos vinte anos é preciso que alguém seja estroina, nem sempre talvez para que o mundo progrida, mas ao menos para que o mundo se agite. Para se ser ponderado, conecto e imóvel há tempo de sobra na velhice.

Na arte, a indisciplina dos novos, a sua rebelde força de resistência às correntes da tradição, é indispensável para a revivescência da invenção e do poder criativo, e para a originalidade artística. Ai das literaturas em que não há mocidade! Como os velhos que atravessaram a vida sem o sobressalto de uma aventura, não haverá nelas que lembrar. Além de que, para os que na idade madura foram arrancados pelo dever às facilidades da improvisação e

entraram nesta região dura das coisas exatas, entristecedora e mesquinha, onde, em lugar do esplendor dos heroísmos e da beleza das paixões, só há a pequenez dos carateres e a miséria dos sentimentos, seria doce e reconfortante ouvir de longe a longe, nas manhãs de sol, ao voltar da primavera, zumbir no azul, como nos bons tempos, a dourada abelha da fantasia.

A última razão que nos leva a não repudiar este livro, é que ele é ainda o testemunho da íntima confraternidade de dois antigos homens de letras, resistindo a vinte anos de provação nos contactos de uma sociedade que por todos os lados se dissolve. E, se isto não é um triunfo para o nosso espírito, é para o nosso coração uma suave alegria.

Lisboa, 14 de dezembro de 1884.

De V.
Antigos amigos,

Eça de Queirós
Ramalho Ortigão

Exposição do Doutor ***

1

Sr. Redator do *Diário de Notícias:*

Venho pôr nas suas mãos a narração de um caso verdadeiramente extraordinário, em que intervim como facultativo, pedindo-lhe que, pelo modo que entender mais adequado, publique na sua folha a substância, pelo menos, do que vou expor.

Os sucessos a que me refiro são tão graves, cerca-os um tal mistério, envolve-os uma tal aparência de crime que a publicidade do que se passou por mim torna-se importantíssima como chave única para a desencerração de um drama que suponho terrível conquanto não

conheça dele senão um só ato e ignore inteiramente quais foram as cenas precedentes e quais tenham de ser as últimas.

Há três dias que eu vinha dos subúrbios de Sintra em companhia de F..., um amigo meu, em cuja casa tinha ido passar algum tempo.

Montávamos dois cavalos que F... tem na sua quinta e que deviam ser reconduzidos a Sintra por um criado que viera na véspera para Lisboa.

Era ao fim da tarde quando atravessámos a charneca. A melancolia do lugar e da hora tinha-se-nos comunicado, e vínhamos silenciosos, abstraídos na paisagem, caminhando a passo.

A cerca talvez de meia distância do caminho entre S. Pedro e o Cacém,

num ponto a que não sei o nome porque tenho transitado pouco naquela estrada, sítio deserto como todo o caminho através da charneca, estava parada uma carruagem.

Era um coupé pintado de escuro, verde e preto, e tirado por uma parelha cor de castanha.

O cocheiro, sem libré, estava em pé, de costas para nós, diante dos cavalos.

Dois sujeitos achavam-se curvados ao pé das rodas que ficavam para a parte da estrada por onde tínhamos de passar, e pareciam ocupados em examinar atentamente o jogo da carruagem.

Um quarto indivíduo, igualmente de costas para nós, estava perto do valado, do outro lado do caminho,

procurando alguma coisa, talvez uma pedra para calçar o trem.

— É o resultado das sob-rodas que tem a estrada — observou o meu amigo. — Provavelmente o eixo partido ou alguma roda desembuchada.

Passávamos a este tempo pelo meio dos três vultos a que me referi, e F... tinha tido apenas tempo de concluir a frase que proferira, quando o cavalo que eu montava deu repentinamente meia volta rápida, violenta, e caiu de chapa.

O homem que estava junto do valado, ao qual eu não dava atenção porque ia voltado a examinar o trem, determinara essa queda, colhendo repentinamente e com a máxima força as rédeas que ficavam para o lado dele e impelindo ao mesmo tempo com um

pontapé o flanco do animal para o lado oposto.

O cavalo, que era um poldro de pouca força e mal manejado, escorregou das pernas e tombou ao dar a volta rápida e precipitada a que o tinham constrangido.

O desconhecido fez levantar o cavalo segurando-lhe as rédeas, e, ajudando-me a erguer, indagava com interesse se eu teria molestado a perna que ficara debaixo do cavalo.

Este indivíduo tinha na voz a entoação especial dos homens bem-educados. A mão que me ofereceu era delicada. O rosto tinha-o coberto com uma máscara de cetim preto. Entrelembro-me de que trazia um pequeno fumo no chapéu. Era um homem ágil e extremamente forte, segundo denota o

modo como fez cair o cavalo.

Ergui-me alvoroçadamente e, antes de ter tido ocasião de dizer uma palavra, vi que, ao tempo da minha queda, se travara luta entre o meu companheiro e os outros dois indivíduos que fingiam examinar o trem e que tinham a cara coberta como aquele de que já falei.

Puro Ponson du Terrail! dirá o Sr. Redator. Evidentemente. Parece que a vida, mesmo no caminho de Sintra, pode às vezes ter o capricho de ser mais romanesca do que pede a verosimilhança artística. Mas eu não faço arte, narro factos unicamente.

F..., vendo o seu cavalo subitamente seguro pelas cambas do freio, tinha obrigado a largá-lo um dos desconhecidos, em cuja cabeça

descarregara uma pancada com o cabo do chicote, o qual o outro mascarado conseguira logo depois arrancar-lho da mão.

Nenhum de nós trazia armas. O meu amigo tinha, no entanto, tirado da algibeira a chave de uma porta da casa de Sintra, e esporeava o cavalo estirando-se-lhe no pescoço e procurando alcançar a cabeça daquele que o tinha seguro.

O mascarado, porém, que continuava a segurar em uma das mãos o freio do cavalo empinado, apontou com a outra um revólver à cabeça do meu amigo e disse-lhe com serenidade:

— Menos fúria! Menos fúria!

O que levara com o chicote na cabeça e ficara por um momento encostado à portinhola do trem,

visivelmente atordoado mas não ferido, porque o cabo era de baleia e tinha por castão uma simples guarnição feita com uma trança de clina, havia já a este tempo levantado do chão e posto na cabeça o chapéu que lhe caíra.

A este tempo o que me derribara o cavalo e me ajudara a levantar tinha-me deixado ver um par de pequeninas pistolas de coronhas de prata, daquelas a que chamam em França *coups de poing* e que varam uma porta a trinta passos de distância. Depois do que, me ofereceu delicadamente o braço, dizendo-me com afabilidade:

— Parece-me mais cómodo aceitar um lugar que lhe ofereço na carruagem do que montar outra vez a cavalo ou ter de arrastar a pé daqui à

farmácia da Porcalhota a sua perna magoada.

Não sou dos que se amedrontam mais prontamente com a ameaça feita com armas. Sei que há um abismo entre prometer um tiro e desfechá-lo. Eu movia bem a perna trilhada, o meu amigo estava montado em um cavalo possante; somos ambos robustos; poderíamos talvez resistir por dez minutos, ou por um quarto de hora, e durante esse tempo nada mais provável, em estrada tão frequentada como a de Sintra nesta quadra, do que aparecerem passageiros que nos prestassem auxílio.

Todavia, confesso que me sentia atraído para o imprevisto de uma tão estranha aventura.

Nenhum caso anterior, nenhuma

circunstância da nossa vida nos permitia suspeitar que alguém pudesse ter interesse em exercer connosco pressão ou violência alguma.

Sem eu bem poder a esse tempo explicar porquê, não me parecia também que as pessoas que nos rodeavam projetassem um roubo, menos ainda um homicídio. Não tendo tido tempo de observar miudamente a cada um, e tendo-lhes ouvido apenas algumas palavras fugitivas, figuravam-se-me pessoas de bom mundo. Agora que de espírito sossegado penso no acontecido, vejo que a minha conjetura se baseava em várias circunstâncias dispersas, nas quais, ainda que de relance, eu atentara, mesmo sem propósito de análise. Lembro-me, por exemplo, que era de cetim alvadio o forro

do chapéu do que levara a pancada na cabeça. O que apontara o revólver a F... trazia calçada uma luva cor de chumbo apertada com dois botões. O que me ajudara a levantar tinha os pés finos e botas envernizadas; as calças, de casimira cor de avelã, eram muito justas e de presilhas. Trazia esporas.

Não obstante a disposição em que me achava de ceder da luta e de entrar no trem, perguntei em alemão ao meu amigo se ele era de opinião que resistíssemos ou que nos rendêssemos.

— Rendam-se, rendam-se para nos poupar algum tempo que nos é precioso! — disse gravemente um dos desconhecidos. — Por quem são, acompanhem-nos! Um dia saberão por que motivo lhes saímos ao caminho

mascarados. Damos-lhe a nossa palavra de que amanhã estarão nas suas casas, em Lisboa. Os cavalos ficarão em Sintra daqui a duas horas.

Depois de uma breve relutância, que eu contribuí para desvanecer, o meu companheiro apeou-se e entrou no coupé. Eu segui-o.

Cederam-nos os melhores lugares. O homem que se achava em frente da parelha segurou os nossos cavalos; o que fizera cair o poldro subiu para a almofada e pegou nas guias; os outros dois entraram connosco e sentaram-se nos lugares fronteiros aos nossos. Fecharam-se em seguida os estores de madeira dos postigos e correu-se uma cortina de seda verde que cobria por dentro os vidros fronteiros da carruagem.

No momento de partirmos, o que ia a guiar bateu na vidraça e pediu um charuto. Passaram-lhe para fora uma charuteira de palha de Java. Pela fresta por onde recebeu os charutos lançou para dentro do trem a máscara que tinha no rosto, e partimos a galope.

Quando entrei para a carruagem pareceu-me avistar ao longe, vindo de Lisboa, um ónibus, talvez uma sege. Se me não iludi, a pessoa ou pessoas que vinham no trem a que me refiro terão visto os nossos cavalos, um dos quais é ruço e o outro castanho, e poderão talvez dar notícia da carruagem em que íamos e da pessoa que nos servia de cocheiro. O coupé era, como já disse, verde e preto. Os estores, de mogno polido, tinham no alto quatro fendas estreitas e oblongas,

dispostas em cruz.

Falta-me tempo para escrever o que ainda me resta por contar a horas de expedir ainda hoje esta carta pela posta interna.

Continuarei. Direi então, se o não suspeitou já, o motivo por que lhe oculto o meu nome e o nome do meu amigo.

2

Julho, 24 de 1870. — Acabo de ver a carta que lhe dirigi publicada integralmente por V. no lugar destinado ao folhetim do seu periódico. Em vista da colocação dada ao meu escrito procurarei nas cartas que houver de lhe dirigir não ultrapassar os limites demarcados a esta secção do jornal.

Por esquecimento não datei a carta antecedente, ficando assim duvidoso qual o dia em que fomos surpreendidos na estrada de Sintra. Foi quarta-feira, 20 do corrente mês de julho.

Passo de pronto a contar-lhe o que se passou no trem, especificando minuciosamente todos os pormenores e

tentando reconstruir o diálogo que travámos, tanto quanto me seja possível, com as mesmas palavras que nele se empregaram.

A carruagem partiu na direção de Sintra. Presumo, porém, que deu na estrada algumas voltas, muito largas e bem dadas porque se não pressentiram pela intercadência da velocidade no passo dos cavalos. Levaram-me a supô-lo, em primeiro lugar as diferenças de declive no nível do terreno, conquanto estivéssemos rodando sempre em uma estrada macadamizada e lisa; em segundo lugar umas leves alterações na quantidade de luz que havia dentro do coupé coada pela cortina de seda verde, o que me indicava que o trem passava por encontradas exposições com relação ao Sol que se

escondia no horizonte.

Havia, evidentemente, o desígnio de nos desorientar no rumo definitivo que tomássemos.

É certo que, dois minutos depois de termos principiado a andar, me seria absolutamente impossível decidir se ia de Lisboa para Sintra ou se vinha de Sintra para Lisboa.

Na carruagem havia uma claridade baça e ténue, que todavia nos permitia distinguir os objetos. Pude ver as horas no meu relógio. Eram sete e um quarto.

O desconhecido que ia defronte de mim examinou também as horas. O relógio, que ele não introduziu bem na algibeira do colete e que um momento depois lhe caiu, ficando por algum tempo patente e pendido da corrente, era um

relógio singular que se não confunde facilmente e que não deixará de ser reconhecido, depois da notícia que dou dele, pelas pessoas que alguma vez o houvessem visto. A caixa do lado oposto ao mostrador era de esmalte preto, liso, tendo no centro, por baixo de um capacete, um escudo de armas de ouro encobrado e polido.

Havia poucos momentos que caminhávamos, quando o indivíduo sentado defronte de F..., o mesmo que na estrada nos instara mais vivamente para que o acompanhássemos, nos disse:

— Eu julgo inútil asseverar-lhes que devem tranquilizar-se inteiramente quanto à segurança das suas pessoas...

— Está visto que sim — respondeu o meu amigo. — Nós estamos

perfeitamente sossegados a todos os respeitos. Espero que nos façam a justiça de acreditar que nos não têm coactos pelo medo. Nenhum de nós é tão criança que se apavore com o aspeto das suas máscaras negras ou das suas armas de fogo. Os senhores acabam de ter a bondade de nos certificar de que não querem fazer-nos mal: nós devemos pela nossa parte anunciar-lhes que desde o momento em que a sua companhia principiasse a tornar-se-nos desagradável, nada nos seria mais fácil do que arrancar-lhes as máscaras, arrombar os estores, convidá-los perante o primeiro trem que passasse por nós a que nos entregassem as suas pistolas, e relaxá-los em seguida aos cuidados policiais do regedor da primeira paróquia que atravessássemos. Parece-

me, portanto, justo que principiemos por prestar o devido culto aos sentimentos da amabilidade, pura e simples, que nos tem aqui reunidos. Doutro modo ficaríamos todos grotescos: os senhores terríveis, e nós assustados.

Conquanto estas coisas fossem ditas por F... com um ar de bondade risonha, o nosso interlocutor parecia irritar-se progressivamente ao ouvi-lo. Movia convulsivamente uma perna, firmando o cotovelo num joelho, pousando a barba nos dedos, fitando de perto o meu amigo. Depois, reclinando-se para trás e como se mudasse de resolução:

— No fim de contas, a verdade é que tem razão e talvez que eu fizesse e dissesse o mesmo no seu lugar.

E, tendo meditado um momento, continuou:

— Que diriam, porém, os senhores se eu lhes provasse que esta máscara em que querem ver apenas um sintoma burlesco é em vez disso a confirmação da seriedade do caso que nos trouxe aqui?... Queiram imaginar por momentos um desses romances como há muitos: Uma senhora casada, por exemplo, cujo marido viaja há um ano. Esta senhora, conhecida na sociedade de Lisboa, está grávida. Que deliberação há de tomar?

Houve um silêncio.

Eu aproveitei a pequena pausa que se seguiu ao enunciado um tanto rude daquele problema e respondi:

— Enviar ao marido uma escritura de separação em regra. Depois, se é rica,

ir com o amante para a América ou para a Suíça; se é pobre, comprar uma máquina de costura e trabalhar para fora numa água-furtada. É o destino para as pobres e para as ricas.

De resto, em toda a parte se morre depressa nessas condições, num *cottage* à beira do lago de Genebra ou num quarto de oito tostões ao mês na Rua dos Vinagres. Morre-se igualmente, de tísica ou de tédio, no esfalfamento do trabalho ou no enjoo do idílio.

— E o filho?

— O filho, desde que está fora da família e fora da lei, é um desgraçado cujo infortúnio provém em grande parte da sociedade que ainda não soube definir a responsabilidade do pai clandestino. Se os pais fazem como a legislação, e

mandam buscar gente à estrada de Sintra para perguntar o que se há de fazer, o melhor para o filho é deitá-lo à roda.

— O doutor discorre muito bem como filósofo distinto. Como puro médico, esquece-lhe talvez que na conjuntura de que se trata, antes de deitar o filho à roda, há uma pequena formalidade a cumprir, que é deitá-lo ao mundo.

— Isso é com os especialistas. Creio que não é nessa qualidade que estou aqui.

— Engana-se. É precisamente como médico, é nessa qualidade que aqui está e é por esse título que viemos buscá-lo de surpresa à estrada de Sintra e o levamos a ocultas a prestar auxílio a uma pessoa que precisa dele.

— Mas eu não faço clínica.

— É o mesmo. Não exerce essa profissão; tanto melhor para o nosso caso: não prejudica os seus doentes abandonando-os por algumas horas para nos seguir nesta aventura. Mas é formado em Paris e publicou mesmo uma tese de cirurgia que despertou a atenção e mereceu o elogio da Faculdade. Queira fazer de conta que vai assistir a um parto.

O meu amigo F... pôs-se a rir e observou:

— Mas eu que não tenho o curso médico nem tese alguma de que me acuse na minha vida, não quererão dizer-me o que vou fazer?

— Quer saber o motivo por que se encontra aqui?... Eu lho digo.

Neste momento, porém, a

carruagem parou repentinamente e os nossos companheiros, sobressaltados, ergueram-se.

3

Percebi que saltava da almofada o nosso cocheiro. Ouvi abrir sucessivamente as duas lanternas e raspar um fósforo na roda. Senti depois estalar a mola que comprime a portinha que se fecha depois de acender as velas, e rangerem nos anéis dos cachimbos os pés das lanternas como se as estivessem endireitando.

Não compreendi logo a razão por que nos tivéssemos detido para semelhante fim, quando não tinha caído a noite e íamos por bom caminho.

Isto, porém, explica-se por um requinte de precaução. A pessoa que nos servia de cocheiro não quereria parar em

lugar onde houvesse gente. Se tivéssemos de atravessar uma povoação, as luzes que principiassem a acender-se e que nós veríamos através da cortina ou das fendas dos estores, poderiam dar-nos alguma ideia do sítio em que nos achássemos. Por esta forma esse meio de investigação desaparecia. Ao passarmos entre prédios ou muros mais altos, a projeção da luz forte das lanternas sobre as paredes e a reflexão dessa claridade para dentro do trem impossibilitava-nos de distinguir se atravessávamos uma aldeia ou uma rua iluminada.

Logo que a carruagem começou a rodar depois de acesas as lanternas, aquele dos nossos companheiros que prometera explicar a F... a razão por que ele nos acompanhava, prosseguiu:

— O amante da senhora a quem me refiro, imagine que sou eu. Sabem-no unicamente neste mundo três amigos meus, amigos íntimos, companheiros de infância, camaradas de estudo, tendo vivido sempre juntos, estando cada um constantemente pronto a prestar aos outros os derradeiros sacrifícios que pode impor a amizade. Entre os nossos companheiros não havia um médico. Era mister obtê-lo e era ao mesmo tempo indispensável que não passasse a outrem, quem quer que fosse, o meu segredo, em que estão envoltos o amor de um homem e a honra de uma senhora. O meu filho nascerá provavelmente esta noite ou amanhã pela manhã; não devendo saber ninguém quem é sua mãe, não devendo sequer por algum indício vir a suspeitar um dia quem ela

seja, é preciso que o doutor ignore quem são as pessoas com quem fala, e qual é a casa em que vai entrar. Eis o motivo por que nós temos no rosto uma máscara; eis o motivo por que os senhores nos hão de permitir que continuemos a ter cerrada esta carruagem, e que lhes vendemos os olhos antes de os apearmos defronte do prédio a que vão subir. Agora compreende — continuou ele dirigindo-se a F... —, a razão por que nos acompanha. Era-nos impossível evitar que o senhor viesse hoje de Sintra com o seu amigo, era-nos impossível adiar esta visita, e era-nos impossível também deixá-lo no ponto da estrada em que tomámos o doutor. O senhor acharia facilmente meio de nos seguir e de descobrir quem somos.

— A lembrança — notei eu — é

engenhosa mas não é lisonjeira para a minha discrição.

— A confiança na discrição alheia é uma traição ao segredo que nos não pertence.

F... achava-se inteiramente de acordo com esta maneira de ver, e disse-o elogiando o espírito da aventura romanesca dos mascarados.

As palavras de F..., acentuadas com sinceridade e com afeto, pareceu-me que perturbaram algum tanto o desconhecido. Figurou-se-me que esperava discutir mais tempo para conseguir persuadir-nos e que o desnorteava e surpreendia desagradavelmente esse corte imprevisto. Ele, que tinha a réplica pronta e a palavra fácil, não achou que retorquir à confiança

com que o tratavam, e guardou, desde esse momento até que chegámos, um silêncio que devia pesar às suas tendências expansivas e discursadoras.

É verdade que pouco depois deste diálogo o trem deixou a estrada de macadame em que até aí rodara e entrou num caminho vicinal ou num atalho. O solo era pedregoso e esburacado; os solavancos da carruagem, que seguia sempre a galope governada por mão de mestre, e o estrépito dos estores embatendo nos caixilhos mal permitiriam conversar.

Tomámos por fim a entrar numa estrada lisa. A carruagem parou ainda uma segunda vez, o cocheiro apeou rapidamente, dizendo:

— Lá vou!

Voltou pouco depois, e eu ouvi alguém que dizia:

— Vão com raparigas para Lisboa.

O trem prosseguiu.

Seria uma barreira da cidade? Inventaria o que nos guiava um pretexto plausível para que os guardas nos não abrissem a portinhola? Entender-se-ia com os meus companheiros a frase que eu ouvira?

Não posso dizê-lo com certeza.

A carruagem entrou logo depois num pavimento lajeado e daí a dois ou três minutos parou. O cocheiro bateu no vidro, e disse:

— Chegámos.

O mascarado, que não tornara a pronunciar uma palavra desde o momento

que acima indiquei, tirou um lenço da algibeira e disse-nos com alguma comoção:

— Tenham paciência! Perdoem-mo... Assim é preciso!

F... aproximou o rosto, e ele vendou-lhe os olhos. Eu fui igualmente vendado pelo que estava em frente de mim.

Apeámo-nos em seguida e entrámos num corredor conduzidos pela mão dos nossos companheiros. Era um corredor estreito segundo pude deduzir do modo por que nos encontrámos e demos passagem a alguém que saía. Quem quer que era disse:

— Levo o trem?

A voz do que nos guiara respondeu:

— Leva.

Demorámo-nos um momento. A porta por onde havíamos entrado foi fechada à chave, e o que nos servira de cocheiro passou para diante dizendo:

— Vamos!

Demos alguns passos, subimos dois degraus de pedra, tomámos à direita e entrámos na escada. Era de madeira, íngreme e velha, coberta com um tapete estreito. Os degraus estavam desgastados pelos pés, eram ondeados na superfície e esbatidos e arredondados nas saliências primitivamente angulosas. Ao longo da parede, do meu lado, corria uma corda, que servia de corrimão; era de seda e denotava ao tato pouco uso. Respirava-se um ar húmido, impregnado das exalações interiores dos prédios desabitados.

Subimos oito ou dez degraus, tomámos à esquerda num patamar, subimos ainda outros degraus e parámos num primeiro andar.

Ninguém tinha proferido uma palavra, e havia o que quer que fosse de lúgubre neste silêncio que nos envolvia como uma nuvem de tristeza.

Ouvi então a nossa carruagem que se afastava, e senti uma opressão, uma espécie de sobressalto pueril.

Em seguida rangeu uma fechadura e transpusemos o limiar de uma porta, que foi outra vez fechada à chave depois de havermos entrado.

— Podem tirar os lenços — disse-nos um dos nossos companheiros.

Descobri os olhos. Era noite.

Um dos mascarados raspou um

fósforo, acendeu cinco velas numa serpentina de bronze, pegou na serpentina, aproximou-se de um móvel que estava coberto com uma manta de viagem, e levantou a manta.

Não pude conter a comoção que senti, e soltei um grito de horror.

O que eu tinha diante de mim era o cadáver de um homem.

4

Escrevo-lhe hoje fatigado e nervoso. Todo este obscuro negócio em que me acho envolvido, o vago perigo que me cerca, a mesma tensão de espírito em que estou para compreender a secreta verdade desta aventura, os hábitos da minha vida repousada subitamente exaltados — tudo isto me dá um estado de irritação mórbida que me aniquila.

Logo que vi o cadáver perguntei violentamente:

— Que quer isto dizer, meus senhores?

Um dos mascarados, o mais alto, respondeu:

— Não há tempo para

explicações. Perdoem ter sido enganados! Pelo amor de Deus, doutor, veja esse homem. Que tem? Está morto? Está adormecido com algum narcótico?

Dizia estas palavras com uma voz tão instante, tão dolorosamente interrogadora que eu, dominado pelo imprevisto daquela situação, aproximei-me do cadáver, e examinei-o.

Estava deitado numa *chaise-longue*, com a cabeça pousada numa almofada, as pernas ligeiramente cruzadas, um dos braços curvado descansando no peito, o outro pendente e a mão inerte assente sobre o chão. Não tinha golpe, contusão, ferimento, ou extravasamento de sangue; não tinha sinais de congestão, nem vestígios de estrangulação. A expressão da fisionomia

não denotava sofrimento, contração ou dor. Os olhos cerrados frouxamente, eram como num sono leve. Estava frio e lívido.

Não quero aqui fazer a história do que encontrei no cadáver. Seria embaraçar esta narração concisa com explicações científicas. Mesmo sem exames detidos, e sem os elementos de apreciação que só podem fornecer a análise ou a autópsia, pareceu-me que aquele homem estava sob a influência já mortal de um narcótico, que não era tempo de dominar.

— Que bebeu ele? — perguntei, com uma curiosidade exclusivamente médica.

Não pensava então em crime nem na misteriosa aventura que ali me prendia; queria só ter uma história progressiva dos

factos que tinham determinado a narcotização.

Um dos mascarados mostrou-me um copo que estava ao pé da *chaise-longue* sobre uma cadeira de estofo.

— Não sei — disse ele — talvez aquilo.

O que havia no copo era evidentemente ópio.

— Este homem está morto — disse eu.

— Morto! — repetiu um deles, tremendo.

Ergui as pálpebras do cadáver, os olhos tinham uma dilatação fixa, horrível.

Eu fitei-os então um por um e disse-lhes serenamente:

— Ignoro o motivo por que vim aqui; como médico de um doente sou

inútil; como testemunha posso ser perigoso.

Um dos mascarados veio para mim e com a voz insinuante e grave:

— Escute, crê, em sua consciência, que esse homem esteja morto?

— Decerto.

— E qual pensa que fosse a causa da morte?

— O ópio; mas creio que devem sabê-lo melhor do que eu os que andam mascarados surpreendendo gente pela estrada de Sintra.

Eu estava irritado, queria provocar algum desenlace definitivo que cortasse os embaraços da minha situação.

— Perdão — disse um — e há que tempo supõe que esse homem esteja

morto?

Não respondi, pus o chapéu na cabeça e comecei a calçar as luvas. F..., junto da janela, batia o pé impaciente. Houve um silêncio.

Aquele quarto pesado de estofos, o cadáver estendido com reflexos lívidos na face, os vultos mascarados, o sossego lúgubre do lugar, as luzes claras, tudo dava àquele momento um aspeto profundamente sinistro.

— Meus senhores — disse então lentamente um dos mascarados, o mais alto, o que tinha guiado a carruagem — compreendem perfeitamente, que se nós tivéssemos morto este homem sabíamos bem que um médico era inútil, e uma testemunha importuna! Desconfiávamos, é claro, que estava sob a ação de um

narcótico, mas queríamos adquirir a certeza da morte. Por isso os trouxemos. A respeito de crime, estamos tão ignorantes como os senhores. Se não entregamos este caso à polícia, se cercámos de mistério e de violência a sua visita a esta casa, se lhes vendámos os olhos, é porque receávamos que as indagações que se pudessem fazer, conduzissem a descobrir, como criminoso ou como cúmplice, alguém que nós temos em nossa honra salvar; se lhes damos estas explicações...

— Essas explicações são absurdas! — gritou F... — Aqui há um crime; este homem está morto, os senhores, mascarados; esta casa parece solitária, nós achamo-nos aqui violentados, e todas estas circunstâncias

têm um mistério tão revoltante, uma feição tão criminosa, que não queremos nem pelo mais leve ato, nem pela mais involuntária assistência, ser parte neste negócio. Não temos aqui nada que fazer; queiram abrir aquela porta.

Com a violência dos seus gestos, um dos mascarados riu.

— Ah! Os senhores escarnecem! — gritou F...

E arremessando-se violentamente contra a janela, ia fazer saltar os fechos. Mas dois dos mascarados arrojaram-se poderosamente sobre ele, curvaram-no, arrastaram-no até uma poltrona, e deixaram-no cair, ofegante, trémulo de desespero.

Eu tinha ficado sentado e impassível.

— Meus senhores — observei — notem que enquanto o meu amigo protesta pela cólera, eu protesto pelo tédio.

E acendi um charuto.

— Mas, com os diabos, tomam-nos por assassinos! — gritou um violentamente. — Não se crê na honra, na palavra de um homem! Se vocês não tiram a máscara, tiro-a eu! É necessário que nos vejam! Não quero, nem escondido por um pedaço de cartão, passar por um assassino!... Senhores! dou-lhes a minha palavra que ignoro quem matou este homem!

E fez um gesto furioso. Neste movimento, a máscara desapertou-se, descaindo. Ele voltou-se rapidamente, levando as mãos abertas ao rosto. Foi um movimento instintivo, irrefletido, de

desesperação. Os outros cercaram-no, olhando rapidamente para F..., que tinha ficado impassível. Um dos mascarados, que não tinha ainda falado, o que na carruagem viera defronte de mim, a todo o momento observava o meu amigo com receio, com suspeita. Houve um longo silêncio. Os mascarados, a um canto, falavam baixo. Eu, no entanto, examinava a sala.

Era pequena, forrada de seda em pregas, com um tapete mole, espesso, bom para correr com os pés nus.

O estofo dos móveis era de seda vermelha com uma barra verde, única e transversal, como têm na antiga heráldica os brasões dos bastardos. As cortinas das janelas pendiam em pregas amplas e suaves. Havia vasos de jaspe, e um aroma

tépido e penetrante, onde se sentia a verbena e o perfume de *marechala*.

O homem que estava morto era moço, de perfil simpático e fino, de bigode louro. Tinha o casaco e colete despidos, e o largo peitilho da camisa reluzia com botões de pérolas; a calça era estreita, bem talhada, de uma cor clara. Tinha apenas calçado um sapato de verniz; as meias eram de seda em grandes quadrados brancos e cinzentos.

Pela fisionomia, pela construção, pelo corte e cor do cabelo, aquele homem parecia inglês.

Ao fundo da sala via-se um reposteiro largo, pesado, cuidadosamente corrido. Parecia-me ser uma alcova. Notei admirado que apesar do extremo luxo, de um aroma que andava no ar e uma

sensação tépida que dão todos os lugares onde ordinariamente se está, se fala e se vive, aquele quarto não parecia habitado; não havia um livro, um casaco sobre uma cadeira, umas luvas caídas, alguma destas mil pequenas coisas confusas, que demonstram a vida e os seus incidentes triviais.

F... tinha-se aproximado de mim.

— Conheceste aquele a quem caiu a máscara? — perguntei.

— Não. Conheceste?

— Também não. Há um que ainda não falou, que está sempre olhando para ti. Receia que o conheças, é teu amigo talvez, não o percas de vista.

Um dos mascarados aproximou-se, perguntando:

— Quanto tempo pode ficar o

corpo assim nesta *chaise-longue*?

Eu não respondi. O que me interrogou fez um movimento colérico, mas conteve-se. Neste momento o mascarado mais alto, que tinha saído, entrara, dizendo para os outros:

— Pronto!

Houve uma pausa; ouvia-se o bater da pêndula e os passos de F..., que passeava agitado, com o sobrolho duro, torcendo o bigode.

— Meus senhores — continuou voltando-se para nós o mascarado —, damos-lhe a nossa palavra de honra que somos completamente estranhos a este sucesso. Sobre isto não damos explicações. Desde este momento os senhores estão retidos aqui. Imaginem, tudo o que quiserem. Imaginem que estão

aqui pela violência, pela corrupção, pela astúcia, ou pela força da lei... como entenderem! O facto é que ficam até amanhã. O seu quarto — disse-me — é naquela alcova, e o seu — apontou para F... — lá dentro. Eu fico consigo, doutor, neste sofá. Um dos meus amigos será lá dentro o criado de quarto do seu amigo. Amanhã despedimo-nos amigavelmente e podem dar parte à polícia ou escrever para os jornais.

Calou-se. Estas palavras tinham sido ditas com tranquilidade. Não respondemos.

Os mascarados, em quem se percebia um certo embaraço, uma evidente falta de serenidade, conversavam baixo, a um canto do quarto, junto da alcova. Eu passeava. Numa das voltas que

dava pelo quarto, vi casualmente, perto de uma poltrona, uma coisa branca semelhante a um lenço. Passei defronte da poltrona, deixei voluntariamente cair o meu lenço, e no movimento que fiz para o apanhar, lancei despercebidamente mão do objeto caído. Era efetivamente um lenço. Guardei-o, apalpei-o no bolso com grande delicadeza de tato; era fino, com rendas, um lenço de mulher. Parecia ter bordadas uma firma e uma coroa.

Neste momento deram nove horas. Um dos mascarados exclamou, dirigindo-se a F...:

— Vou mostrar-lhe o seu quarto. Desculpe-me, mas é necessário vendar-lhe os olhos.

F... tomou altivamente o lenço das mãos do mascarado, cobriu ele mesmo os

olhos, e saíram.

Fiquei só com o mascarado alto, que tinha a voz simpática e atraente.

Perguntou-me se queria jantar. Conquanto lhe respondesse negativamente, ele abriu uma mesa, trouxe um cabaz em que havia algumas comidas frias. Bebi apenas um copo de água. Ele comeu.

Lentamente, gradualmente, começámos a conversar quase em amizade. Eu sou naturalmente expansivo, o silêncio pesava-me. Ele era instruído, tinha viajado e tinha lido.

De repente, pouco depois da uma da noite, sentimos na escada um andar leve e cauteloso, e logo alguém tocar na porta do quarto onde estávamos. O mascarado tinha ao entrar tirado a chave e

havia-a guardado no bolso. Erguemo-nos sobressaltados. O cadáver achava-se coberto. O mascarado apagou as luzes.

Eu estava aterrado. O silêncio era profundo; ouvia-se apenas o ruído da chave que a pessoa que estava fora às escuras procurava introduzir na fechadura.

Nós, imóveis, não respirávamos.

Finalmente a porta abriu-se, alguém entrou, fechou-a, acendeu um fósforo, olhou. Então vendo-nos, deu um grito e caiu no chão, imóvel, com os braços estendidos.

Amanhã, mais sossegado e claro de recordações, direi o que se seguiu.

P. S.— Uma circunstância que pode esclarecer sobre a rua e o sítio da casa: De noite senti passarem duas

pessoas, uma tocando guitarra, outra cantando o fado. Devia ser meia-noite. O que cantava dizia esta quadra:

Escrevi uma carta a Cupido
A mandar-lhe perguntar
Se um coração ofendido...

Não me lembra o resto. Se as pessoas que passaram, tocando e cantando, lerem esta carta, prestarão um notável esclarecimento dizendo em que rua passavam, e defronte de que casa, quando cantaram aquelas rimas populares.

5

Hoje, mais sossegado e sereno, posso contar-lhe com precisão e realidade, reconstruindo-o do modo mais nítido, nos diálogos e nos olhares, o que se seguiu à entrada imprevista daquela pessoa no quarto onde estava o morto.

O homem tinha ficado estendido, no chão, sem sentidos: molhámos-lhe a testa, demos-lhe a respirar vinagre de *toilette*. Voltou a si, e, ainda trémulo e pálido, o seu primeiro movimento instintivo foi correr para a janela!

O mascarado, porém, tinha-o envolvido fortemente com os braços, e arremessou-o com violência para cima de uma cadeira, ao fundo do quarto. Tirou do

seio um punhal, e disse-lhe com voz fria e firme:

— Se faz um gesto, se dá um grito, se tem um movimento, varo-lhe o coração!

— Vá, vá — disse eu — breve! responda... Que quer? Que veio fazer aqui?

Ele não respondia, e com a cabeça tomada entre as mãos, repetia maquinalmente:

— Está perdido tudo! Está tudo perdido!

— Fale — disse-lhe o mascarado, tomando-lhe rudemente o braço — que veio fazer aqui? Que é isto? Como soube?...

A sua agitação era extrema: luziam-lhe os olhos entre o cetim negro da máscara.

— Que veio fazer aqui? — repetiu agarrando-o pelos ombros e sacudindo-o como um vime.

— Escute... — disse o homem convulsivamente. — Vinha saber... disseram-me... Não sei. Parece que já cá estava a polícia... queria saber a verdade, indagar quem o tinha assassinado... vinha tomar informações...

— Sabe tudo! — disse o mascarado, aterrado, deixando pender os braços.

Eu estava surpreendido; aquele homem conhecia o crime, sabia que havia ali um cadáver! Só ele o sabia, porque deviam ser decerto absolutamente ignorados aqueles sucessos lúgubres. Por consequência quem sabia onde estava o cadáver, quem tinha uma chave da casa,

quem vinha alta noite ao lugar do assassinato, quem tinha desmaiado vendo-se surpreendido, estava positivamente envolvido no crime...

— Quem lhe deu a chave? — perguntou o mascarado.

O homem calou-se.

— Quem lhe falou nisto?

Calou-se.

— Que vinha fazer, de noite, às escondidas, a esta casa?

Calou-se.

— Mas como sabia deste absoluto segredo, de que apenas temos conhecimento nós?...

E voltando-se para mim, para me advertir com um gesto impercetível do expediente que ia tomar, acrescentou:

— ...nós e o senhor comissário.

O desconhecido calou-se. O mascarado tomou-lhe o paletó e examinou-lhe os bolsos. Encontrou um pequeno martelo e um maço de pregos.

— Para que era isto?

— Trazia naturalmente isso, queria consertar não sei quê, em casa... um caixote...

O mascarado tomou a luz, aproximou-se do morto, e por um movimento rápido, tirando a manta de viagem, descobriu o corpo: a luz caiu sobre a lívida face do cadáver.

— Conhece este homem?

O desconhecido estremeceu levemente e pousou sobre o morto um longo olhar, demorado e atento.

Eu em seguida cravei os meus olhos, com uma insistência implacável

nos olhos dele, dominei-o, disse-lhe baixo, apertando-lhe a mão:

— Porque o matou?

— Eu? — gritou ele. — Está doido!

Era uma resposta clara, franca, natural, inocente.

— Mas porque veio aqui? — observou o mascarado. — Como soube do crime? Como tinha a chave? Para que era este martelo? Quem é o senhor? Ou dá explicações claras, ou daqui a uma hora está no segredo, e daqui a um mês nas galés. Chame os outros — disse ele para mim.

— Um momento, meus senhores, confesso tudo, digo tudo! — gritou o desconhecido.

Esperámos; mas retraindo a voz, e

com uma entoação demorada, como quem dita:

— A verdade — prosseguiu — é esta: encontrei hoje de tarde um homem desconhecido, que me deu uma chave e me disse: sei que é fulano, que é destemido, vá a tal rua, número tantos...

Eu tive um movimento ávido, curioso, interrogador. Ia enfim saber onde estava!

Mas o mascarado com um movimento impetuoso pôs-lhe a mão aberta sobre a boca, comprimindo-lhe as faces, e com uma voz surda e terrível:

— Se diz onde estamos, mato-o.

O homem fitou-nos: compreendeu evidentemente que eu também estava ali, sem saber onde, por um mistério; que os motivos da nossa presença eram também

suspeitos, e que por consequência não éramos empregados da polícia. Esteve um momento calado e acrescentou:

— Meus senhores, esse homem fui eu que o matei, que querem mais? Que fazem aqui?

— Está preso — gritou o mascarado. — Vá chamar os outros, doutor. É o assassino.

— Esperem, esperem — gritou ele — não compreendo! Quem são os senhores? Supus que eram da polícia... São talvez... disfarçam para me surpreender! Eu não conheço aquele homem, nunca o vi. Deixem-me sair... Que desgraça!

— Este miserável há de falar, ele tem o segredo! — bradava o mascarado.

Eu tinha-me sentado ao pé do

homem. Queria tentar a doçura, a astúcia. Ele tinha serenado, falava com inteligência e com facilidade. Disse-me que se chamava A. M. C., que era estudante de medicina e natural de Viseu. O mascarado escutava-nos, silencioso e atento. Eu, falando baixo com o homem, tinha-lhe pousado a mão sobre o joelho. Ele pedia-me *que o salvasse*, chamava-me *seu amigo*. Parecia-me um rapaz exaltado, dominado pela imaginação. Era fácil surpreender a verdade dos seus atos. Com um modo íntimo, confidencial, fiz-lhe perguntas aparentemente sinceras e simples, mas cheias de traição e de análise. Ele, com uma boa-fé inexperiente, a todo o momento se descobria, se denunciava.

— Ora — disse-lhe eu — uma

coisa me admira em tudo isto.

— Qual?

— É que não tivesse deixado sinais o arsénico...

— Foi ópio — interrompeu ele, com uma simplicidade infantil.

Ergui-me de salto. Aquele homem, se não era o assassino, conhecia profundamente todos os segredos do crime.

— Sabe tudo — disse eu ao mascarado.

— Foi ele — confirmou o mascarado convencido.

Eu tomei-o então de parte, e com uma franqueza simples:

— A comédia acabou, meu amigo, tire a sua máscara, apertemo-nos a mão, dêmos parte à polícia. A pessoa que o

meu amigo receava descobrir, não tem decerto que ver neste negócio.

— Decerto que não. Este homem é o assassino.

E voltando-se para ele com um olhar terrível, que flamejava debaixo da máscara:

— E porque o matou?

— Matei-o... — respondeu o homem.

— Matou-o — disse o mascarado com uma lentidão de voz que me aterrou — para lhe roubar 2300 libras em *bank-notes*, que aquele homem tinha no bolso, dentro de uma bilheteira em que estavam monogramadas duas letras de prata, que eram as iniciais do seu nome.

— Eu!... para o roubar! Que infâmia! Mente! Eu não conheço esse

homem, nunca o vi, não o matei!

— Que malditas contradições! — gritou o mascarado exaltado.

A. M. C. objetou lentamente:

— O senhor que está mascarado... este homem não era seu amigo, o único amigo que ele conhecia em Lisboa?

— Como sabe? — gritou repentinamente o mascarado, tomando-lhe o braço. — Fale, diga.

— Por motivos que devo ocultar — continuou o homem — sabia que este sujeito, que é estrangeiro, que não tem relações em Lisboa, que chegou há poucas semanas, vinha a esta casa...

— É verdade — atalhou o mascarado.

— Que se encontrava aqui com alguém...

— É verdade — disse o mascarado.

Eu, pasmado, olhava para ambos, sentia a lucidez das ideias perturbada, via aparecer uma nova causa imprevista, temerosa e inexplicável.

— Além disso — continuou o homem desconhecido — há de saber também que um grande segredo ocupava a vida deste infeliz...

— É verdade, é verdade — dizia o mascarado absorto.

— Pois bem, ontem uma pessoa, que casualmente não pode sair de casa, pediu-me que viesse ver se o encontrava...

Nós esperávamos, petrificados, o fim daquelas confissões.

— Encontrei-o morto ao chegar aqui. Na mão tinha este papel.

E tirou do bolso meia folha de papel de carta, dobrada.

— Leia — disse ele ao mascarado.

Este aproximou o papel da luz, deu um grito, caiu sobre uma cadeira com os braços pendentes, os olhos cerrados.

Ergui o papel, li:

> *I declare that I have killed myself with opium.*
>
> (Declaro que me matei com ópio).

Fiquei petrificado.

O mascarado dizia com a voz absorta como num sonho:

— Não é possível. Mas é a letra dele, é! Ah! que mistério, que mistério!

Vinha a amanhecer.

Sinto-me fatigado de escrever. Quero aclarar as minhas recordações. Até amanhã.

6

Peço-lhe agora toda a sua atenção para o que tenho de contar-lhe.

A madrugada vinha. Sentiam-se já os ruídos da povoação que desperta. A rua não era macadamizada, porque eu sentia o rodar dos carros sobre a calçada. Também não era uma rua larga, porque o eco das carroças era profundo, cheio e próximo. Ouvia pregões. Não sentia carruagens.

O mascarado tinha ficado numa prostração extrema, sentado, imóvel, com a cabeça apoiada nas mãos.

O homem que tinha dito chamar-se A. M. C. estava encostado no sofá, com os olhos cerrados, como adormecido.

Eu abri as portas da janela; era dia. Os transparentes e as persianas estavam corridos. Os vidros eram foscos como os dos globos dos candeeiros. Entrava uma luz lúgubre, esverdeada.

— Meu amigo — disse eu ao mascarado — é dia. Coragem! É necessário fazer o exame do quarto, móvel por móvel.

Ele ergueu-se e correu o reposteiro do fundo. Vi uma alcova, com uma cama, e à cabeceira uma pequena mesa redonda, coberta com um pano de veludo verde. A cama não estava desmanchada, cobria-a um edredão de cetim encarnado. Tinha um só travesseiro largo, alto e fofo, como se não usam em Portugal; sobre a mesa estava um cofre vazio e uma jarra com flores murchas.

Havia um lavatório, escovas, sabonetes, esponjas, toalhas dobradas e dois frascos esguios de *Violetas de Parma*. Ao canto da alcova estava uma bengala grossa com estoque.

Na disposição dos objetos na sala não havia nenhuma particularidade significativa. O exame dela dava na verdade a persuasão de que se estava numa casa raramente habitada, visitada a espaços apenas, sendo um lugar de entrevistas, e não um interior regular.

A casaca e o colete do morto estavam sobre uma cadeira; um dos sapatos via-se no chão, ao pé da *chaise-longue*; o chapéu achava-se sobre o tapete, a um canto, como arremessado. O paletó estava caído ao pé da cama.

Procuraram-se todos os bolsos

dos vestidos do morto: não se encontrou carteira, nem bilhetes, nem papel algum. Na algibeira do colete estava o relógio, de ouro encobrado, sem firma, e uma pequena bolsa de malha de ouro, com dinheiro miúdo. Não se lhe encontrou lenço. Não se pôde averiguar em que tivesse sido trazido de fora o ópio; não apareceu frasco, garrafa, nem papel ou caixa em que tivesse estado, em líquido ou em pó; e foi a primeira dificuldade que no meu espírito se apresentou contra o suicídio.

Perguntei se não havia na casa outros quartos que comunicassem com aquele aposento e que devêssemos visitar.

— Há — disse o mascarado — mas este prédio tem duas entradas e duas escadas. Ora aquela porta, que comunica

com os demais quartos, encontrámo-la fechada pelo outro lado quando chegámos aqui. Logo este homem não saiu desta sala depois que subiu da rua e antes de morrer ou de ser morto.

Como tinha então trazido o ópio? Ainda quando o tivesse já no quarto, o frasco, ou qualquer invólucro que contivesse o narcótico devia aparecer. Não era natural que tivesse sido aniquilado. O copo em que ficara o resto da água opiada, ali estava. Um indício mais grave parecia destruir a hipótese do suicídio: não se encontrou a gravata do morto. Não era natural que ele a tivesse tirado, que a tivesse destruído ou lançado fora. Não era também racional, que tendo vindo àquele quarto, esmeradamente vestido como para uma visita

cerimoniosa, não trouxesse gravata. Alguém, pois, tinha estado naquela casa, ou pouco antes da morte ou ao tempo dela. Era essa pessoa que tinha para qualquer fim tomado a gravata do morto.

Ora a presença de alguém naquele quarto, coincidindo com a estada do suposto suicidado ali, tirava a possibilidade ao suicídio e dava presunções ao crime.

Aproximámo-nos da janela, examinámos detidamente o papel em que estava escrita a declaração do suicida.

— A letra é dele, parece-me indubitável que é — disse o mascarado — mas, na verdade, não sei porquê, não lhe acho a feição usual da sua escrita!

Observou-se o papel escrupulosamente; era meia folha de

escrever cartas. Notei logo no alto da página a impressão muito apagada, muito indistinta, de uma firma e de uma coroa, que devia ter estado gravada na outra meia folha. Era, portanto, papel marcado. Fiz notar esta circunstância ao mascarado; ele ficou surpreendido e confuso. No quarto não havia papel, nem tinteiro, nem penas. A declaração, pois, tinha sido escrita e preparada fora.

— Eu conheço o papel de que ele usava em casa — disse o mascarado —, não é deste; não tinha firma, não tinha coroa. Não podia usar doutro.

A impressão da marca não era bastante distinta para que se percebesse qual fosse a firma e qual a coroa. Ficava, porém, claro que a declaração não tinha sido escrita nem em casa dele, onde não

havia daquele papel, nem naquele quarto, onde não havia papel algum, nem tinteiro, nem um livro, um *buvard*, um lápis.

Teria sido escrita fora, na rua, ao acaso? Em casa de alguém? Não, porque ele não tinha em Lisboa, nem relações íntimas, nem conhecimento de pessoas cujo papel fosse marcado com coroa.

Teria sido feita numa loja de papel? Não, porque o papel que se vende vulgarmente nas lojas não tem coroas.

Seria a declaração escrita em alguma meia folha branca tirada de uma velha carta recebida? Não parecia também natural, porque o papel estava dobrado ao meio e não tinha os vincos que dá o envelope.

Demais a folha tinha um aroma de pós de *marechala*, o mesmo que se sentia,

suavemente embebido no ar do quarto em que estávamos.

Além disso, pondo o papel diretamente sobre a claridade da luz, distingui o vestígio de um dedo polegar, que tinha sido assente sobre o papel no momento de estar suado ou húmido, e tinha embaciado a sua brancura lisa e acetinada, havendo deixado uma impressão exata. Ora este dedo parecia delgado, pequeno, feminil. Este indício era notavelmente vago, mas o mascarado tinha a esse tempo encontrado um, profundamente eficaz e seguro.

— Este homem — notou ele — tinha o costume invariável, mecânico, de escrever, abreviando-a, a palavra *that*, deste modo: dois TT separados por um traço. Esta abreviatura era só dele,

original, desconhecida. Nesta declaração, aliás pouco inglesa, a palavra *that* acha-se escrita por inteiro.

Voltando-se para M. C.:

— Porque não apresentou logo este papel? — perguntou o mascarado. — Esta declaração foi falsificada.

— Falsificada! — exclamou o outro, erguendo-se com sobressalto ou com surpresa.

— Falsificada; feita para encobrir o assassinato: tem todos os indícios disso. Mas o grande, o forte, o positivo indício é este: onde estão as 2300 libras em notas de Inglaterra, que este homem tinha no bolso?

M. C. olhou-o pasmado, como um homem que acorda de um sonho.

— Não aparecem, porque o senhor

as roubou. Para as roubar matou este homem. Para encobrir o crime falsificou este bilhete.

— Senhor — observou gravemente A. M. C. — fala-me em 2300 libras: dou-lhe a minha palavra de honra que não sei a que se quer referir.

Eu então disse lentamente, pondo os olhos com uma perscrutação demorada sobre as feições do mancebo:

— Esta declaração é falsa, evidentemente; não percebo o que quer dizer este novo negócio das 2300 libras, de que só agora se fala; o que vejo é que este homem foi envenenado: ignoro se foi o senhor, se foi outro que o matou, o que sei é que evidentemente o cúmplice é uma mulher.

— Não pode ser, doutor! — gritou

o mascarado. — É uma suposição absurda.

— Absurda!?... E este aposento, este quarto forrado de seda, fortemente perfumado, carregado de estofos, iluminado por uma claridade baça coada por vidros foscos; a escada coberta com um tapete; um corrimão engenhado com uma corda de seda; ali aos pés daquela volteriana aquele tapete feito de uma pele de urso, sobre a qual me parece que estou vendo o vestígio de um homem prostrado? Não vê em tudo isto a mulher? Não é esta evidentemente uma casa destinada a entrevistas de amor?...

— Ou a qualquer outro fim.

— E este papel? Este papel de marca pequeníssima, do que as mulheres compram em Paris na casa Maquet, e que

se chama papel da Imperatriz?

— Muitos homens o usam!

— Mas não o cobrem, como este foi coberto, com um *sachet* em que havia o mesmo aroma que se respira no ambiente desta casa. Este papel pertence a uma mulher, que examinou a falsificação que ele encerra, que assistiu a ela, que se interessava na perfeição com que a fabricassem, que tinha os dedos húmidos, deixando no papel um vestígio tão claro...

O mascarado calava-se.

— É um ramo de flores murchas, que está ali dentro? Um ramo que examinei e que é formado por algumas rosas, presas com uma fita de veludo? A fita está impregnada do perfume da pomada, e descobre-se-lhe um pequeno vinco, como o de uma unhada profunda,

terminando em cada extremidade por um buraquinho... É o vestígio flagrante que deixou no veludo um gancho de segurar o cabelo!

— Esse ramo podiam ter-lho dado, podia tê-lo trazido ele mesmo de fora.

— E este lenço que encontrei ontem debaixo de uma cadeira?

E atirei o lenço para cima da mesa. O mascarado pegou nele avidamente, examinou-o e guardou-o.

M. C. olhava pasmado para mim, e parecia aniquilado pela dura lógica das minhas palavras. O mascarado ficou por alguns momentos silencioso; depois com voz humilde, quase suplicante:

— Doutor, doutor, por amor de Deus! esses indícios não provam. Este

lenço, de mulher indubitavelmente, estou convencido que é o mesmo que o morto trazia no bolso. É verdade: não se lembra que não lhe encontrámos lenço?

— E não se lembra também que não lhe encontrámos gravata?

O mascarado calou-se sucumbido.

— No fim de contas eu não sou aqui juiz nem parte — exclamei eu. — Deploro vivamente esta morte, e falo nisto unicamente pelo pesar e pelo horror que ela me inspira. Que este moço se matasse ou que fosse morto, que caísse às mãos de uma mulher ou às mãos de um homem, importa-me pouco. O que devo dizer-lhe é que o cadáver não pode ficar por muito mais tempo insepulto: é preciso que o enterrem hoje. Mais nada. É dia. O que desejo é sair.

— Tem razão, vai sair já — cortou o mascarado.

E em seguida, tomando M. C. pelo braço, disse-me:

— Um momento! Eu volto já.

E saíram ambos pela porta que comunicava com o interior da casa, fechando-a à chave pelo outro lado.

Fiquei só, passeando agitadamente.

A luz do dia tinha feito surgir no meu espírito uma multidão de pensamentos inteiramente novos e diversos daqueles que me haviam ocupado durante a noite. Há pensamentos que não vivem senão no silêncio e na sombra, pensamentos que o dia desvanece e apaga; há outros que só surgem ao clarão do Sol.

Eu sentia no cérebro uma multidão de ideias estremunhadas, que à luz repentina da madrugada voejavam em turbilhão como um bando de pombas amedrontadas pelo estridor de um tiro.

Maquinalmente entrei na alcova, sentei-me na cama, encostei um braço no travesseiro.

Então, não sei como, olhei, reparei, vi, com estranha comoção, sobre a alvura do travesseiro, preso num botão de madrepérola, um longo cabelo louro, um cabelo de mulher.

Não me atrevi logo a tocar-lhe. Pus-me a contemplá-lo, ávida e longamente.

— Era então certo! Aí estás, pois! Encontro-te finalmente!... Pobre cabelo! Apieda-me a simplicidade inocente com

que te ficaste aí, patente, descuidado, preguiçoso, lânguido! Podes ter maldade, podes ter malvadez, mas não tens malícia, não tens astúcia. Tenho-te nas mãos, fito-te com os meus olhos; não foges, não estremeces, não coras; dás-te, consentes-te, facilitas-te, meiga, doce, confiadamente... E, no entanto, ténue, exígua, quase microscópica, és uma parte da mulher que eu adivinhava, que eu antevia, que eu procuro! É ela autora do crime? É inteiramente inocente? É apenas cúmplice? Não sei, nem tu mo poderás dizer.

De repente, tendo continuado a considerar o cabelo, por um processo de espírito inexplicável, pareceu-me reconhecer de súbito aquele fio louro, reconhecê-lo em tudo: na sua cor, na sua

nuance especial, no seu aspeto! Lembrou-me, apareceu-me então a mulher a quem aquele cabelo pertencia! Mas quando o nome dela me veio insensivelmente aos lábios, disse comigo:

— Ora! Por um cabelo! Que loucura!

E não pude deixar de rir.

Esta carta vai já demasiadamente longa. Continuarei amanhã.

7

Contei-lhe ontem como inesperadamente havia encontrado à cabeceira da cama um cabelo louro.

Prolongou-se a minha dolorosa surpresa. Aquele cabelo luminoso, languidamente enrolado, quase casto, era o indício de um assassinato, de uma cumplicidade pelo menos! Esqueci-me em longas conjeturas, olhando, imóvel, aquele cabelo perdido.

A pessoa a quem ele pertencia era loura, clara, decerto, pequena, *mignonne*, porque o fio de cabelo era delgadíssimo, extraordinariamente puro, e a sua raiz branca parecia prender-se aos tegumentos cranianos por uma ligação ténue,

delicadamente organizada.

O caráter dessa pessoa devia ser doce, humilde, dedicado e amante, porque o cabelo não tinha ao contacto aquela aspereza cortante que oferecem os cabelos pertencentes a pessoas de temperamento violento, altivo e egoísta.

Devia ter gostos simples, elegantemente modestos a dona de tal cabelo, já pelo impercetível perfume dele, já porque não tinha vestígios de ter sido frisado, ou caprichosamente enrolado, domado em penteados fantasiosos.

Teria sido educada em Inglaterra ou na Alemanha, porque o cabelo denotava na sua extremidade ter sido espontado, hábito das mulheres do Norte, completamente estranho às meridionais, que abandonam os seus cabelos à

abundante espessura natural.

Isto eram apenas conjeturas, deduções da fantasia, que nem constituem uma verdade científica, nem uma prova judicial.

Esta mulher, que eu reconstruía assim pelo exame de um cabelo, e que aparecia doce, simples, distinta, finamente educada, como poderia ter sido o protagonista cheio de astúcia daquela oculta tragédia? Mas conhecemos nós, porventura, a secreta lógica das paixões?

Do que eu estava perfeitamente convencido é que havia uma mulher como cúmplice. Aquele homem não se tinha suicidado. Não estava decerto só, no momento em que bebera o ópio. O narcótico tinha-lhe sido dado, sem violência evidentemente, por ardil ou

engano, num copo de água. A ausência do lenço, o desaparecimento da gravata, a colocação do fato, aquele cabelo louro, uma cova recentemente feita no travesseiro pela pressão de uma cabeça, tudo indicava a presença de alguém naquela casa durante a noite da catástrofe. Por consequência: impossibilidade de suicídio, verosimilhança de crime.

O lenço achado, o cabelo, a disposição da casa (evidentemente destinada a entrevistas íntimas), aquele luxo da sala, aquela escada velha, devastada, coberta com um tapete, a corda de seda que eu tinha sentido... tudo isto indicava a presença, a cumplicidade de uma mulher. Qual era a parte dela naquela aventura? Não sei. Qual era a parte de A. M. C.? Era o assassino, o cúmplice, o

ocultador do cadáver? Não sei. M. C. não podia ser estranho a essa mulher. Não era decerto um cúmplice tomado exclusivamente para o crime. Para dar ópio num copo de água não é necessário chamar um assassino assalariado. Tinham por consequência um interesse comum. Eram amantes? Eram casados? Eram ladrões? E acudia-me à memória aquela inesperada referência a 2300 libras que de repente me tinha aparecido como um novo mistério. Tudo isto eram conjeturas fugitivas. Para que hei de repetir eu todas as ideias que se formavam e que se desmanchavam no meu cérebro, como nuvens num céu varrido pelo vento?

Há decerto na minha hipótese ambiguidades, contradições e fraquezas, há nos indícios que colhi lacunas e

incoerências: muitas coisas significativas me escaparam por certo, ao passo que muitos pormenores inexpressivos se me gravaram na memória, mas eu estava num estado mórbido de perturbação inteiramente desorganizado por aquela aventura, que inesperadamente com o seu cortejo de sustos e mistérios, se instalara na minha vida.

O senhor redator, que julga de ânimo frio, leitores, que, sossegadamente, em sua casa, leem esta carta, poderão melhor combinar, estabelecer deduções mais certas, e melhor aproximar-se pela indução e pela lógica da verdade oculta.

Eu achava-me só havia uma hora, quando o mascarado alto entrou, trazendo o chapéu na cabeça e no braço uma capa de casimira alvadia.

— Vamos — disse ele.

Tomei calado o meu chapéu.

— Uma palavra antes — disse ele. — Em primeiro lugar dê-me a sua palavra de honra que ao subir agora à carruagem não terá um gesto, um grito, um movimento que me denuncie.

Dei a minha palavra.

— Bem! — continuou — agora quero dizer-lhe mais: aprecio a dignidade do seu caráter, a sua delicadeza. Ser-me-ia doloroso que entre nós houvesse em qualquer tempo motivos de desdém, ou necessidades de vingança. Por isso afirmo-lhe: sou perfeitamente estranho a este sucesso. Mais tarde talvez entregue este caso à polícia. Por ora sou eu polícia, juiz e carrasco. Esta casa é um tribunal e um cárcere. Vejo que o doutor

leva daqui a desconfiança de que uma mulher se envolveu neste crime: não o suponha, não podia ser. No entanto, se alguma vez lá fora falar, a respeito deste caso, em alguma pessoa determinada e conhecida, dou-lhe a minha palavra de honra, doutor, que o mato, sem remorso, sem repugnância, naturalmente, como corto as unhas. Dê-me agora o seu braço. Ah! esquecia-me meu caro, que os seus olhos estão destinados a ter estas lunetas de cambraia.

E, rindo, apertou-me o lenço aos olhos.

Descemos a escada, entrámos na carruagem, que tinha os estores fechados. Não pude ver quem guiava os cavalos porque só dentro do coupé achei a vista livre. O mascarado sentou-se ao pé de

mim. Via-lhe uma pequena parte da face tocada da luz. A pele era fina, pálida, o cabelo castanho, levemente anelado.

A carruagem seguiu um caminho, que pelos acidentes da estrada, pela diferença da velocidade indicando aclives e declives, pelas alternativas de macadame e de calçada, me parecia o mesmo que tínhamos seguido na véspera, no começo da aventura. Rodámos finalmente na estrada larga.

— Ah, doutor! — dizia o mascarado com desenfado — Sabe o que me aflige? É que o vou deixar na estrada, só, a pé! Não se pôde remediar isto. Mas não se assuste. O Cacém fica a dois passos, e aí encontra facilmente condução para Lisboa.

E ofereceu-me charutos.

Depois de algum tempo, em que fomos na maior velocidade, a carruagem parou.

— Chegámos — disse o mascarado. — Adeus, doutor.

E abriu por dentro a portinhola.

— Obrigado! — acrescentou. — Creia que o estimo. Mais tarde saberá quem sou. Permita Deus que ambos tenhamos no aplauso das nossas consciências e no prazer que dá o cumprimento de um grande dever o derradeiro desenlace da cena a que assistiu. Restituo-lhe a mais completa liberdade. Adeus!

Apertámo-nos a mão, eu saltei. Ele fechou a portinhola, abriu os estores e estendendo-me para fora um pequeno cartão:

— Guarde essa lembrança — disse — é o meu retrato.

Eu, de pé na estrada, junto das rodas, tomei a fotografia avidamente, olhei. O retrato estava também mascarado!

— É um capricho do ano passado, depois de um baile de máscaras! — gritou ele, estendendo a cabeça pela portinhola da carruagem que começava a rodar a trote.

Vi-a afastando-se na estrada. O cocheiro tinha o chapéu derrubado, uma capa traçada sobre o rosto.

Quer que lhe diga tudo? Olhei para a carruagem com melancolia! Aquele trem levava consigo um segredo inexplicável. Nunca mais veria aquele homem. A aventura desvanecia-se, tinha

findado tudo.

O pobre morto, esse lá ficava, estendido no sofá, que lhe servia de sarcófago!

Achei-me só na estrada. A manhã estava nevoada, serena, melancólica. Ao longe distinguia ainda o trem. Um camponês apareceu vindo do lado oposto àquele por onde ele desaparecia.

— Onde fica o Cacém?

— De lá venho eu, senhor. Sempre pela estrada, a meio quarto de légua.

A carruagem, pois, tinha-se dirigido para Sintra.

Cheguei ao Cacém fatigado. Mandei um homem a Sintra, à quinta de F..., saber se tinham chegado os cavalos; pedi para Lisboa uma carruagem, e esperei-a a uma janela, por dentro dos

vidros, olhando tristemente para as árvores e para os campos. Havia meia hora que estava ali, quando vi passar a toda a brida um fogoso cavalo. Pude apenas distinguir entre uma nuvem de pó o vulto quase indistinto do cavaleiro. Ia para Lisboa embuçado em uma capa alvadia.

Tomei informações a respeito da carruagem que passara na véspera connosco. Havia contradições sobre a cor dos cavalos.

Voltou de Sintra o homem que eu ali mandara, dizendo que na quinta de F... tinham sido entregues os cavalos por um criado do campo, o qual dissera que os senhores ao pé do Cacém, tinham encontrado um amigo que os levara consigo em uma caleche para Lisboa. Daí

a momentos chegou a minha carruagem. Voltei a Lisboa, corri a casa de F... O criado tinha recebido este bilhete a lápis: *Não esperem por mim estes dias. Estou bom. A quem me procurar, que fui para Madrid.*

Procurei-o debalde por toda Lisboa. Comecei a inquietar-me. F... estava evidentemente retido. Receei por mim. Lembraram-me as ameaças do mascarado, vagas mas resolutas. Na noite seguinte, ao recolher para casa, notei que era seguido.

Entregar à polícia este negócio, tão vago e tão incompleto como ele é, seria tornar-me o denunciante de uma quimera. Sei que, em resultado das primeiras notícias que lhe dei, o Governador Civil de Lisboa oficiou ao

administrador de Sintra convidando-o a meter o esforço da sua polícia no descobrimento deste crime. Foram inúteis estas providências. Assim devia ser. O sucesso que constitui o assunto destas cartas está por sua natureza fora da alçada das pesquisas policiais. Nunca me dirigi às autoridades, quis simplesmente valer-me do público, escolhendo para isso as colunas populares do seu periódico. Resolvi homiziar-me, receando ser vítima de uma emboscada.

São óbvias, depois disto, as razões por que lhe oculto o meu nome: assinar estas linhas seria patentear-me; não seria esconder-me, como quero.

Do meu impenetrável retiro lhe dirijo esta carta. É manhã. Vejo a luz do Sol nascente através das minhas gelosias.

Ouço os pregões dos vendedores matinais, os chocalhos das vacas, o rodar das carruagens, o murmúrio alegre da povoação que se levanta depois de um sono despreocupado e feliz... Invejo aqueles que não tendo a fatalidade de secretas aventuras passeiam, conversam, mourejam na rua. Eu — pobre de mim! — estou encarcerado por um mistério, guardado por um segredo!

P. S.— Acabo de receber uma longa carta de F... Esta carta, escrita há dias, só hoje me veio à mão. Sendo-me enviada pelo correio, e tendo-me eu ausentado da casa em que vivia sem dizer para onde me mudava, só agora pude haver essa interessante missiva. Aí tem, senhor redator, copiada por mim, a

primeira parte dessa carta, da qual depois de amanhã lhe enviarei o resto. Publique-a, se quiser. É mais do que um importante esclarecimento neste obscuro sucesso; é um vestígio luminoso e profundo. F... é um escritor público, e descobrir pelo estilo um homem é muito mais fácil do que reconstruir sobre um cabelo a figura de uma mulher. É gravíssima a situação do meu amigo. Eu, aflito, cuidadoso, hesitante, perplexo, não sabendo o que faça, não podendo deliberar pela reflexão, rendo-me à decisão do acaso, e elimino, juntamente com a letra do autógrafo, as duas palavras que constituem o nome que firma essa longa carta. Não posso, não devo, não me atrevo, não ouso dizer mais. Poupem-me a uma derradeira declaração, que me repugna. Adivinhem... se puderem.

Adeus!

Intervenção de Z.

Nota do *Diário de Notícias*. — No original da carta publicada ontem havia algumas palavras a lápis, nas quais só fizemos reparo depois de impresso o jornal. Essas palavras continham esta observação: *A fotografia do mascarado foi feita em casa de Henrique Nunes, Rua das Chagas, Lisboa. Talvez aí possa haver notícia do sujeito fotografado.*

Antes de darmos à estampa a longa carta de F..., cuja primeira parte nos foi ontem enviada pelo médico, é dever tornar conhecida uma outra importantíssima que recebemos pela posta interna, assinada com a inicial Z., e que temos em nosso poder há já três dias. Esta

carta, que tão estreitamente vem prender-se na história dos sucessos que constituem o assunto desta narrativa, é a seguinte:

Senhor redator do *Diário de Notícias*. — Lisboa, 30 de julho de 1870. — Escrevo-lhe profundamente indignado. Principiei a ler, como quase toda a gente em Lisboa, as cartas publicadas na sua folha, em que o doutor anónimo conta o caso que essa redação intitulou

O *Mistério da Estrada de Sintra*. Interessava-me essa narrativa e segui-a com a curiosidade despreocupada que se liga a um *canard* fabricado com engenho, a um romance à semelhança dos *Thugs* e de alguns outros do mesmo género com que a veia imaginosa dos fantasistas franceses e americanos vem de quando em quando acordar a atenção da Europa para

um sucesso estupendo. A narração do seu periódico tinha sobre as demais que tenho lido o mérito original de se passarem os sucessos ao tempo que se vão lendo, de serem anónimas as personagens e de estar tão secretamente encoberta a mola principal do enredo, que nenhum leitor poderia contestar com provas a veracidade do caso portentosamente romanesco, que o autor da narrativa se lembrara de lançar de repente ao meio da sociedade prosaica, ramerraneira, simples e honesta em que vivemos. Ia-me parecendo ter diante de mim o ideal mais perfeito, o tipo mais acabado do *roman feuilleton*, quando inesperadamente encontro no folhetim publicado hoje as iniciais de um nome de homem — A. M. C. — acrescentando-se que a pessoa

designada por estas letras é estudante de medicina e natural de Viseu. Eu tenho um amigo querido com aquelas iniciais no seu nome. É justamente estudante de medicina e natural de Viseu! O acaso não podia reunir tudo isto. Havia, portanto, o intuito de fazer cobardemente uma insinuação infamíssima. Isto não é lícito a romancista nenhum.

A primeira impressão que senti foi a da repulsão e do tédio. Saindo de casa pouco depois da leitura do seu periódico, procurei o meu amigo para lhe ler a passagem que lhe dizia respeito, e pôr-me à sua disposição no caso que precisasse de mim para pedir, quanto antes, à redação do *Diário de Notícias* a satisfação de honra, que homens de educação e de brio não poderiam decerto

recusar a semelhante agravo.

Em casa do meu amigo acabo, porém, de saber, cheio de confusão e de surpresa, que ele desapareceu e que é ignorado o seu destino!

Este desaparecimento e a coincidência achada na carta do doutor levam-me desgraçadamente a acreditar que por estranhas fatalidades o meu infeliz amigo se acha involuntariamente envolvido neste tenebroso negócio. A data do desaparecimento dele condiz perfeitamente com a que encontro na carta do seu correspondente. É claro que há, pois, em volta da pessoa de A. M. C., uma intriga real, uma emboscada talvez, uma traição.

Serei tristemente obrigado a ter por verídica, no todo ou em parte, a

notícia que leio na sua folha?

Julgo do meu dever assegurar o seguinte:

Não sei o que o meu amigo A. M. C. ia fazer alta noite a essa casa desconhecida, tendo uma chave dela, martelo e pregos. Não sei porque se declarou autor do assassinato, negando-o depois. Ignoro a íntima verdade destas contradições.

Mas o que sei, aquilo de que posso já dar testemunho, e não só eu, mas amigos, mas numerosas pessoas, é que na noite que se mostra ter sido a do assassinato ele esteve, até quase de madrugada em minha casa, conversando, rindo, bebendo cerveja.

Saiu talvez às três horas da noite.

Declaro também, e isto pode ser

igualmente apoiado por seguras testemunhas: que às nove horas da manhã do dia seguinte estive no quarto dele. Ainda dormia, acordou sobressaltado à minha voz, e tornou a adormecer enquanto eu procurava entre os seus livros um volume de Taine.

As donas da casa que o hospedam disseram-me que ele entrara pela madrugada.

— Ali pela volta das três e meia — conjeturavam elas.

Ora de minha casa, de onde saiu às três, até casa dele, onde entrou às três e meia, o caminho que é longo, ocupa justamente este espaço de tempo.

Por consequência, respondam: quando cometeu ele o crime? O emprego do seu tempo está todo justificado: das

nove da noite até de madrugada em minha casa, numa conversa jovial e íntima; da madrugada até às nove, num sono pacífico em sua própria casa.

Resta unicamente a meia hora do caminho, da qual não há testemunhas. É crível que em meia hora pudesse ir alguém a essa casa, preparar ópio, fazê-lo beber a um homem, falsificar uma declaração e vir sossegadamente dormir? Tem isto lógica?

Demais o crime foi cometido numa casa, o ópio foi deitado num copo de água, dado traiçoeiramente. O cadáver estava meio despido. Tudo isto indica que entre o assassino e o desgraçado houve uma entrevista, tinham conversado intimamente, tinham rido decerto; o que depois morreu tinha talvez calor, pôs-se

livremente, tirou o casaco, contaram porventura anedotas, e num momento de sede, o ópio foi dado num copo de água. E tudo isto se faz em meia hora! Em *meia hora!* Devendo, meus senhores, descontar-se desta meia hora o tempo que vai de minha casa à casa do crime, e daí a casa de A. M. C.! Pode isto ser?

Agora outro argumento: Eu conheço A. M. C.: o seu caráter é digno, impecável; o seu coração é compassivo e simples; a sua vida é laboriosa e isolada; não existe nela nem mistério, nem aventura, nem patético: estava para casar, sem romance, trivialmente.

Eu sabia de todos os seus passos, conhecia as suas relações. Estou certo que nunca viu o assassinado, o qual, no dizer do doutor, parecia estrangeiro, sem

relações aqui, e domiciliado há pouco tempo em Portugal.

Poderia ser um encontro casual, uma rixa inesperada? Impossível. Se o homem foi encontrado estendido num sofá, morto com ópio!

Poderia M. C. ter sido assalariado para cometer este crime? Que loucura! Um homem da sua inteligência do seu caráter, da sua elevação de espírito! Além de que, hoje o emprego de homicida, regular e devidamente retribuído como uma função pública, não existe nos costumes.

Pode-se conceber que um homem que premedita um crime esteja até ao momento decisivo distraído, espirituoso, desabotoando os seus paradoxos, bebendo cerveja? E que depois vá sossegadamente

dormir, e que um amigo que o visite na manhã seguinte encontre sobre a sua banca de cabeceira, uma chávena de chá e um livro de História?

E dê-se isto com um homem de caráter tímido, de hábitos modestos, homem de estudo, sem energia de ação, e de uma notável franqueza de impressões!

Se me perguntarem, porém, porque aparece M. C. de noite naquela casa com um martelo, com pregos, e se declara assassino —, isso não o sei explicar.

Suspeito que haja uma grande influência que pesa sobre ele, alguém que com promessas extraordinárias, com seduções indizíveis, o obriga a apresentar-se como autor do crime. M. C. evidentemente sacrifica-se. Por quem, ignoro-o. Mas sacrifica-se, e na

ignorância de que estas dedicações são sempre desapreciadas perante o trabalho da polícia, quer expiar o crime do outro; perde-se para salvar alguém.

Com que interesse? Por que seduções? Não sei explicar. Ele, tão indiferente ao dinheiro, tão rígido de costumes e de sensações!

Pois bem! M. C. pode sacrificar-se; pode-o fazer. Nós, seus amigos, é que não podemos consenti-lo. O seu corpo, que lhe pertence exclusivamente, pode dá-lo à infeção de um cárcere, ou ao peso de uma grilheta. Mas o seu caráter, a sua honra, a sua reputação, a sua alma, essa pertence também aos seus amigos, e a parte que nos pertence havemos de defendê-la corajosamente.

Não! M. C. não foi o assassino.

Di-lo a evidência dos factos, a terrível matemática do tempo, o conhecimento do seu caráter, e a coerência dos temperamentos, que é uma verdade nas ciências fisiológicas. Não, não é o assassino. Se o diz, está louco, *mente*. Digo-lho claramente, em frente, diante dos seus próprios olhos fitos sobre os meus: — Se te declaras o autor desse crime, *mentes!*

Ele tem decerto o senso moral transviado. Se me deixassem falar-lhe!... Esclareçam-lhe, pelo amor de Deus, aquela razão cheia das escuras nuvens da paixão e da dor! Isto é aflitivo! Honra, amor, família, esperança, tudo esqueceu esse homem! Que se lembre, o desgraçado, que não é só neste mundo. Que se lembre que talvez a estas horas, no

fundo da província, sua mãe, suas irmãs, sabem já que ele está aqui apontado como assassino! Que se lembre da terrível desonra, do seu futuro perdido, das horas solitárias da prisão, da atroz vergonha de um interrogatório público, e do eco profundo que faz na alma humana o ruído sinistro dos ferros da grilheta.

Não ponho no fim desta carta o meu nome, porque pressinto vagamente neste grupo de sucessos, confusamente conglobados perante a minha apreciação, a passagem misteriosa e fatal de um crime que vai poderosamente na direção do seu fito, esmagando e despedaçando os estorvos que o impeçam. Ora eu não quero que a publicidade do meu nome leve os cúmplices no atentado de que se trata, ou, porventura, a polícia, a aniquilar

ou a embaraçar de qualquer modo a intervenção espontânea que eu próprio vou ter no descobrimento dos réus. Conto com os meus recursos, mas preciso para os pôr em prática de toda a minha liberdade.

Creia-me, senhor redator, etc. — Z.

De F... ao Médico

1

Julho 21, à 1 hora da noite. — Meu querido amigo. — Ignoro se estás em tua casa, para onde te dirijo esta carta, ou se continuas, como eu, permanecendo aqui em cárcere privado. Em qualquer dos casos, recebidas agora ou encontradas mais tarde, estas letras ficarão encerrando para aquele de nós que houver de as ler a lembrança proveitosa das horas mais extraordinárias da nossa vida.

Escrevo mais para coordenar e fixar na memória estes momentos do que para empregar noutro destino puramente hipotético esta carta. Será uma página das minhas confidências que entregarei à discrição ou ao acaso da posta,

reservando-me o direito de lhe pedir que mas restitua a seu tempo.

Não tornei a ter notícias tuas desde que nos separámos ontem à noite, pouco tempo depois de termos entrado na sala em que estava o cadáver. O mascarado que se encarregara de me conduzir ao quarto onde me acho, deu-me o seu braço e disse-me ao ouvido um nome de mulher, a indicação de uma rua e o número de uma porta. Era o nome da pessoa que sabes e a designação da casa em que ela mora! Creio que involuntariamente estremeci, mas consegui dizer serenamente:

— Não o compreendo.

Este indivíduo era o mesmo que na carruagem se conservara sempre calado, o mesmo que na sala me observava com

atenção e desconfiança.

Aquela estatura, aquela fala, aquela voz, posto que apenas percetível ao meu ouvido, não eram novas para mim.

Ele respondeu falando-me ainda mais baixo:

— Não poderá sair daqui antes de dois ou três dias. Veja se precisa de escrever uma carta ou de mandar um recado.

Passou-me pela mente uma ideia a respeito daquele homem... Se fosse...

Ocorreu-me que teria um meio de desenganar-me se era efetivamente ou se não era um amigo íntimo que eu tinha ao meu lado: arrancar-lhe o relógio; bastar-me-ia apalpá-lo, ainda vendado como eu estava, para reconhecer o dono. A ser o indivíduo que eu supunha, a caixa do

relógio teria a lisura do esmalte e no centro a saliência de um brasão.

— Escreverei duas linhas — disse eu. — Quererá dar-me um lápis?

Tínhamos chegado ao quarto que me era destinado e eu desvendei-me ao tempo em que ele saía prometendo trazer-me o necessário para escrever. O indivíduo que voltou com papel e penas não era o mesmo que acabara de sair. Assim tinha eu perdido a ocasião de confirmar uma suspeita ou de desvanecer uma dúvida.

Em todo o caso escrevi duas linhas ao meu criado serenando-o com relação ao meu desaparecimento.

— Mais nada? — interrogou o desconhecido tomando o meu bilhete.

— Nada mais.

Um sentimento de delicadeza e uma sombra de desconfiança impediam-me de escrever diretamente à pessoa a quem o mascarado se referira.

Fecharam a porta e fiquei só.

Achei-me num quarto de interior, bastante espaçoso, mas sem janela. A um lado havia um lavatório; sobrepostas a um canto três malas de viagem, de couro de Varsóvia com pregos de aço, estreladas com senhas de caminhos de ferro, de hotéis e de paquetes; a que estava por cima das outras tinha em grandes letras pretas sobre uma tira de papel este dístico: *Grand-Hotel-Paris;* uma das senhas era dos paquetes ingleses da carreira da Índia. Para outro lado do quarto havia uma cama.

Completava a simples guarnição

deste aposento um sofá forrado de marroquim verde, colocado no meio da casa defronte de uma ampla mesa em que estava posta a minha ceia à luz fulgurante de um grande candeeiro com largo *abat-jour*.

Queres que te confesse a verdade? Agradou-me aquele recolhimento, aquele sossego, aquela solidão, depois da grande sobre-excitação em que me tinha achado!

Estirei-me no sofá, pus-me a olhar maquinalmente para o círculo da luz trepidante projetada pelo candeeiro e contornada no teto pela abertura do *abat-jour*, e começaram a desafogar-se-me os comprimidos espasmos do coração em bocejos longos acompanhados de estremecimentos nervosos, que me convidavam suavemente ao repouso. A

minha imaginação, ocupada num trabalho inconsciente semelhante ao dos sonhos, ia tirando, no entanto, do caso que eu presenciara as ramificações mais ilógicas e mais fantásticas. Os sucessos por que passámos desde a estrada de Sintra até à minha entrada neste quarto apareciam-me redemoinhando convulsamente no ar como um enorme enigma figurado, cujos objetos tumultuavam impelidos pelos pontapés de diabinhos sarcásticos, que se riam para mim e me deitavam de fora as linguazinhas em brasa.

Fui caindo molemente num despego lânguido, fecharam-se-me os olhos, adormeci.

Ao acordar, depois de um sono breve mas sossegado e reparador, encarei na ceia que reluzia aos meus olhos.

Havia sobre a mesa um pão, uma caixa de lata com sardinhas de Nantes, uma terrinazinha de *foie gras*, uma perdiz, uma fatia de queijo e três garrafas de vinho de Borgonha, lacradas de verde; junto destas, quatro garrafas de soda. Na argola de prata do guardanapo estava passado o saca-rolhas. Sobre uma bandeja de metal erguia-se um feixe de charutos cor de chocolate, luzidios, gordos, apertados nas extremidades com duas fitas de seda carmesim. Em cima da caixa das sardinhas achava-se colocado o instrumento destinado a abri-la. O copo era de cristal finíssimo, o garfo de prata dourada, a faca de cabo de madrepérola, os pratos de porcelana brancos, cercados de um estreito filete dourado e verde. Atirei rapidamente com os pés para o

chão. Sentei-me no sofá, senti a fome encavalgar-se-me no dorso, carregar-me na cabeça para cima da ceia, cingir-me a cinta com as suas pernas esgalgadas e cravar-me no estômago vazio os acicates da gula.

Ao mesmo tempo ergueu-se-me do outro lado da mesa a abantesma do susto, cravando os olhos em mim e espalmando por cima das iguanas a sua mão descarnada e trémula com um gesto proibitivo e solene. Atarantado, perplexo, escutei então dentro de mim um breve diálogo semelhante àqueles que Xavier de Maistre travava de quando em quando com a *besta*, na sua viagem à volta do quarto.

Havia uma voz pousada e grave que dizia:

— Atenta no que fazes, temerário! Abre teus olhos, inconsiderado mortal! Essa perdiz, cujo peito insidioso e pérfido está lourejando a teus olhos, foi apimentada com arsénico. Aquele Chambertin, que te espera como uma onda da lagoa Estígia emboscada por detrás daquele letreiro envernizado, aparentemente simples, elegante, convidativo, mas em verdade tenebroso e fatal como o dístico do festim de Baltasar, aquele vinho, que te oferece um beijo refalsado e fementido, está destemperado com ácido prússico. As trufas, lúbricas, venais, devassas, envoltas nesses fígados de pato, estão empapadas nos temperos letais da cozinha dos Bórgias!

A outra voz, insinuante e meiga, dizia numa vaga melodia de sereia:

— Come, se tens fome, estúpido! Estás com medo do papão, maluco?... Põe os olhos nesse lacre: não será um penhor seguro da pureza do líquido que ele tapa a marca desse abonado sinete? Não vês hermeticamente fechada, chumbada e garantida com os mais especiais lavores a lata dessas sardinhas pescadas nas costas de França e cozinhadas há seis meses em Marselha? Não vês religiosamente grudada e selada com as etiquetas insuspeitas e sagradas da acreditada casa Chevet essa terrina de *foie gras*? Supões acaso, ó parlapatão, que meio mundo se conjurasse para te arrancar essa vida inútil? Come, bebe e dorme; aproveita nos braços da sabedoria as horas gostosas da solidão com que te brinda o acaso. Deleita-te conversando depois contigo e

repousando-te no seio tépido da melancolia, dessa deliciosa fada que só aparece evocada pelos namorados e pelos solitários, e que é na terra a irmã mais nova da tristeza, a irmã *gâtée*, a irmã feliz!

Eu, no entanto, havia cortado a caixa das sardinhas, desgrudado a tampa da terrina e desarrolhado uma garrafa de vinho e uma garrafa de soda que misturara num copo.

Pus-me, por fim, a comer com apetite, com valor, com delícia, com uma espécie de bestialidade voluptuosa, sentindo vagamente adejarem em volta de mim os espíritos benéficos do cárcere que bafejaram as prisões de Sílvio Pélico.

É singular isto: achava-me bem!

Depois da ceia acendi um charuto

e comecei a passear no quarto, dizendo comigo:

— Visitemos o país!

Na parede que ficava ao lado da porta por onde se entrava havia uma outra porta. Examinei-a. Estava apenas segura com um ferrolho exterior. Afastei a cama encostada à parede em que se achava esta porta e abri-a.

Era um armário na espessura do muro, largo, profundo, dividido a meia altura por um prateleiro espaçoso e sólido.

Ocorreu-me que ao fundo do armário haveria talvez um tabique delgado através do qual me seria possível escutar o que se passasse na casa contígua.

Penetrei no armário, estendi-me no

prateleiro, escutei. Do outro lado havia um ruído volumoso e maciço. Parecia que se estava arrastando um móvel pesado e grande.

O fundo do armário era efetivamente formado por um tapamento franzino. Era possível que tivesse havido primitivamente uma porta no lugar em que se fizera o armário. Havia um ponto em que a argamassa caíra, e eu via diante de mim um pedaço de ripa atravessado diagonalmente e descamado da cal.

Peguei no saca-rolhas e no lugar indicado fui esburacando devagarinho e progressivamente o cimento do muro, até operar um orifício impercetível, pelo qual me era dado ver a luz e ouvir distintamente o que se dizia do outro lado.

Eis aqui o que às onze horas e

meia da noite se estava passando no quarto contíguo àquele que me serve de prisão:

2

Havia dois homens que arrastavam um grande leito de madeira do lugar em que ele estava para ao pé da parede que divide a casa em que eu me acho daquela em que se passava a cena que descrevo, e exatamente para junto do lugar em que eu acabava de abrir o buraco que me servia de olho e de orelha.

Um desses homens dizia assim:

— Será o que muito bem quiser, mas eu é que não torno a vir cá a andar aos trambolhões com os móveis à hora da meia-noite.

— Há de ter muita razão de queixa! — tornava o outro. — Dou-lhe uma libra para me ajudar, quero saber se

não é melhor isto do que estar lá em baixo estendido ao pé da manjedoura, à espera que chegue o trem para ir tratar dos cavalos, a enfastiar-se, sem ganhar vintém.

Aquele que dizia estas palavras, conquanto se expressasse claramente, tinha todos os defeitos de pronúncia que distinguem o estrangeiro que fala português. Pela aspiração especial de certas vogais e pela contração labial com que pronunciava os *aa*, era por certo alemão.

O que primeiramente falara, prosseguiu:

— É bom lucro... Parece que é bom lucro, mas eu para mim não o quero. E olhe que não encontra seis homens aqui na rua que entrem cá de noite, a estas

horas, ainda que os pese a ouro!

— Para mudar uma cama!

— Não é pela cama, é por ser a casa que é!

— Ora adeus! Que tem a casa?!...

— Não tem nada! É uma graça! Ela é de tal casta que o senhorio teve-a quatro anos por alugar, foi sempre baixando na renda e por fim dava-a já de graça e não tinha alma viva que lhe pegasse! A última gente que cá morou esteve só duas noites, e foi-se daqui tolhida com as coisas que lhe apareceram e com as trapalhadas que ouvia... Cruzes, demónio! cruzes, diabo!

— Petas! histórias da vida!

— O senhor! Não me diga a mim que são petas! Pois eu não vi a família!... não estive com eles!? Fugiram de noite,

fugiram à segunda noite que dormiram cá, estarrecidos de medo.

— Então que viram eles?

— Eles não viram nada.

— Então aí tem.

— Não viram, mas ouviram.

— Haviam de ouvir boas coisas!

— Ouviram, sim, senhor, ouviram. E não foi só a eles que sucedeu isso, foi a todos quantos cá moraram. E era gente de bem, que não mentia, que não tinha precisão de mentir, que tinham pago a sua renda e que ficaram com ela perdida!

— Então que ouviam eles?

— O senhor bem o sabe!... O que eles ouviam? Ouviam pancadas nas portas, quando ninguém batia, nem lhes tocava! Ouviam espirrar o lume e estalarem os carvões exatamente como se

estivessem abanando à fogueira, quando estava a cozinha só e o fogão apagado! Sentiam o bater das asas de um pássaro que principiava a voar pelas casas apenas se apagavam as luzes; ouviam-no arquejar e bufar aproximando-se cada vez mais dos que estavam deitados, pairando tão rente das camas que se sentia o estremecer das penas, o calor de lume que ele deitava do bico e ao mesmo tempo o frio de neve que fazia a mover as asas!

— Ora adeus! Tinham ouvido falar nisso e pareceu-lhes que sentiam o tal pássaro, de que já falavam os inquilinos anteriores, os quais também tinham ouvido falar nele, não havendo no fim de contas ninguém que verdadeiramente o tivesse ouvido.

— Então o senhor não sabe por

que foi que eles fugiram, os últimos que estiveram cá, faz agora quatro anos?

— Ouvi falar nisso, mas por alto, não me deram pormenores.

— Eis aí está por que o senhor não acredita! A coisa foi esta: Eles eram gente pobre mas honrada: marido, mulher e uma filha de seis anos. Para o que desse e viesse dormiam todos juntos na mesma sala. A pequenita, a quem eles não contavam nada por causa do medo, estava numa caminha a um lado. Dormiam com luz na lamparina, e como trabalhavam muito de dia e estavam cansadíssimos à noite, lá pegavam no sono apesar do barulho das faúlhas do fogareiro e das argoladas nas portas. Vai senão quando, à segunda noite que passavam cá, acordam aos gritos da criança. Tinha-se apagado a

luz. Acenderam-na a toda a pressa. A porta do quarto estava fechada por dentro. Os fechos das janelas achavam-se corridos. No quarto não havia mais ninguém. Mas a roupa da cama da criança estava caída a dois ou três passos de distância do berço em que ela dormia, e a pequenita, nua, transida de medo, branca como o travesseiro e tremendo como varas verdes, disse, quando lhe chegou a fala, que teve perdida por um bocado, que sentira umas coisas como os pés de uma galinha muito grande que se lhe pousavam na cama; que se achara depois descoberta e ouvira umas coisas suspiradas envoltas em soluços e beijos, mimos que metiam medo e que ela não entendia, enquanto um peito coberto de penas se lhe roçava pelo seio nu. A mãe então vestiu-lhe à pressa

uns fatinhos, embrulhou-a num xale, estreitou-a nos braços, pôs-se a dar-lhe beijos e a acalentá-la com o bafo, e saiu para a rua aterrada e como doida. O homem, que era valente e destemido, correu a casa toda com luz e sem luz, metendo-se por todos os cantos e recantos, rangendo os dentes e picando as paredes enfurecido com uma faca de ponta que levava em punho. Não apareceu ninguém! Ninguém podia ter saído! Ninguém podia ter entrado. No dia seguinte foi levar a chave do prédio ao senhorio, dizendo-lhe que se algum dia tivesse dinheiro lhe compraria esta casa para ele mesmo a deitar abaixo a picão e a machado, para lançar o fogo a quanto pudesse arder, e calcar depois aos pés e salgar o monte de cinzas, que ficasse no

chão.

— Pois senhor, eu nenhuma dessas coisas tenho ouvido, e é esta a segunda noite que durmo aqui.

— Gabo-lhe o gosto! E não tem medo?

— Nenhum.

— Por isso por aí dizem do senhor o que dizem!

— Então o que dizem por aí de mim?

— Dizem, com o devido respeito, que o senhor é um alemão da Mourama e que tem partes com o demónio.

— Mais um bocadinho para trás, que eu o ajudo! — exclamou o estrangeiro, mudando de tom.

— Isto assim?

— Ainda mais... um quase nada...

até ficar a cabeceira unida à ombreira da porta... Basta!

— Não quer mais nada?

— Mais nada. Aqui tem a sua libra, e leve dali uma daquelas velas para que o avejão não apareça na escada ao apanhá-lo às escuras.

— Não o diga a rir, que eu pela minha parte não me rio! O senhor gosta...

— A falar-lhe a verdade, gosto!

— Seu proveito! Olhe lá: quando se aborrecer com as almas que andam cá, veja se passa aí para a casa que fica ao lado!

— Bem me queria a mim parecer que a casa do lado também tem...

— Se tem! Essa então é o diabo, é o próprio diabo que lá mora!

O homem que viera ajudar à

mudança da cama acendeu a luz e desceu a escada. O alemão ficou só, fechou a porta, e principiou a despir-se para se deitar.

O diálogo que eu acabava de ouvir tinha-me impressionado singularmente e despertado em mim o mais curioso interesse.

Sem procurar diretamente indagar coisa alguma começava a entrar pelo modo mais estranho no conhecimento de factos que, posto que deturpados pela superstição ou pela ignorância, explicariam decerto o desfecho a que viemos assistir e a presença do cadáver na sala em que o fomos encontrar.

Agora nós, meu interessante e precioso vizinho!

3

A cama do alemão tinha ficado, como disse, por baixo do meu buraco de observação. O meu vizinho deitou-se e soprou a vela. O quarto ficou às escuras, e eu senti os colchões que rangiam com o peso do corpo que se ajeitava para dormir.

— Ah! Tu amas o murmúrio dos espíritos invisíveis?... — exclamei eu dirigindo-me mentalmente ao filósofo que me ficava do outro lado do muro. — Aprazem-te as ondulações sonoras das moléculas da vida animal que vagueiam dispersas no espaço, procurando o sopro misterioso que as condense para entrarem na corrente dos seres vivos? Queres

encadear ao teu espírito esses elos informes e incoercíveis, que ligam o mundo das coisas conhecidas ao mundo dos seres ignotos? Ora vamos lá a ver como tu empregas as tuas faculdades de médium...

E pensando isto, bati-lhe com os nós dos dedos na parede três pancadinhas secas, metodicamente espaçadas, como as dos sinais maçónicos.

Senti roçar a mão dele pelo papel que forrava o muro, como quem procurasse apalpar algum sinal do rumor que ouvira.

Entrei então a repetir com sucessiva frequência o rebate que lhe dera percorrendo diferentes pontos da parede que servia de fundo ao armário.

Percebi que ele se sentava na

cama. Ouvi estalar um fósforo. Acendeu-se a luz. Parei. Houve uma pausa, durante a qual me conservei silencioso e imóvel. O meu vizinho apagou finalmente a luz ao cabo de alguns minutos, e eu recomecei a bater devagarinho e repetidamente como primeiro fizera. Ele, tendo escutado por algum tempo às escuras, acendeu outra vez a vela e começou a examinar detidamente o espaço da parede, junto do qual lhe ficava a cama.

No momento em que a chama da vela perpassava na mão dele por defronte do meu buraco, soprei-lhe de repente e apaguei a luz.

O alemão, que se achava de joelhos em cima da cama a revistar a parede, expediu um pequeno grito, que me pareceu mais de surpresa que de terror,

conquanto o acompanhasse um estrondo pesado e extremamente significativo. O que produzira esse estrondo fora o baque do corpo dele caindo da cama abaixo.

Logo depois ouvi a voz do vizinho perguntando com decisão e firmeza:

— Quem está aí?

Respondi-lhe:

— Sou eu.

— Quem és tu?

— E tu quem és?

— Frederico Friedlann, cidadão prussiano.

— Ah! — disse eu.

— Viajo por conta da primeira fábrica de produtos químicos de Budapeste, os quais sou encarregado de tornar conhecidos dos grandes industriais da Europa.

— Bem! — observei.

Ele continuou impassivelmente:

— Contou-me um judeu meu amigo que havia em Lisboa três prédios de que ele tinha notícia, os quais se achavam abandonados depois de algum tempo por terem ganhado fama de serem habitados por almas do outro mundo. Resolvi morar sucessivamente nas casas que ele me indicou e é esta a primeira que habito. Componho um livro com investigações a respeito do espiritismo. Poderei saber agora a quem me dirijo?

— Pois não! — tornei-lhe eu. — Chamo-me fulano, e vivo dos rendimentos das minhas propriedades, ora viajando, ora residindo em Lisboa, e ocupando-me de quando em quando com a política ou com a literatura, quando não tenho outra

coisa menos insípida e menos inútil em que agitar a minha ociosidade e o meu tédio. Não sou espiritista.

— Pois faz mal! O espiritismo é um sistema e pode bem suceder que venha ainda a ser uma religião.

— Puff! — exclamei rindo.

— O quê! — continuou ele. — O materialismo, guiado de um lado pelas conquistas das ciências físicas e naturais e de outro lado pelo relaxamento dos costumes contemporâneos e pela depressão sucessiva e assustadora da moral, vai comendo no campo da filosofia o espaço não já muito vasto em que residia a fé. Novas crenças e novas doutrinas virão sucessivamente substituir as crenças e as doutrinas mortas por que se regulava o sobrenatural. O homem, que,

segundo todas as probabilidades, não poderá nunca prescindir do maravilhoso, desse atrativo supremo da sua imaginação, irá então naturalmente buscar ao espiritismo, modificado e aperfeiçoado pela ciência futura, a teoria de uma tal ou qual sobrevivência que o lisonjeie, e a base de correlações ainda não estudadas dos seres que existem com aqueles que os precederam e com os que se lhe hão de seguir. Os espiritistas de hoje serão de entre todos os filósofos contemporâneos que não querem aceitar em absoluto o dogma estéril e desconsolador da matéria omnipotente, os únicos que hão de colaborar na filosofia do futuro.

— Ora há de dar-me licença que lhe pergunte uma coisa...

— Tem-me às suas ordens.

— Sem com isto querer fazer agravo ao seu juízo!

— Estimarei muito satisfazer a sua curiosidade, qualquer que seja a natureza dela.

— Acredita em alguma das coisas em que esteve aí falando o homem que veio ajudá-lo a mudar a cama?

Esta pergunta era capciosa. Eu queria desenganar-me se estava falando com um doido, com um visionário, com um monomaníaco, ou simplesmente com um homem de espírito extravagante, com um excêntrico.

— Eu não creio nem também descreio de coisa alguma que ouço — responde-me ele. — É meu sistema admitir tudo quanto esteja para se provar e duvidar de tudo aquilo que me

apresentem como coisa positiva. É o único meio prudente de nunca nos afastarmos muito da verdade. Se escutou a conversa de há pouco, tem uma parte da história desta casa. Neguei quanto me disse o homem que esteve aqui porque me obriguei com o senhorio do prédio a desvanecer com as minhas informações o anátema que pesa sobre a sua propriedade. A verdade é que tenho ouvido distintamente há duas noites consecutivas um rumor insistente e prolongado semelhante aos estalidos que produz, ao atear-se, uma fogueira de carvão, e tenho aqui sobre uma banca um busto de Allan Kardec que, sem eu poder explicar como nem porquê, se move, sem que ninguém lhe toque, do centro da mesa em que o coloquei para uma das

extremidades dela. O pó aglomerado em volta da base do busto, e que eu tenho o mais escrupuloso cuidado em não espanar nunca, vai deixando sucessivamente sobre a superfície da mesa o vestígio desse movimento vagaroso, lento, quase impercetível, mas progressivo e constante. Nesta porta, ao pé da qual coloquei hoje a cama, ouço em cada noite, ora por duas ora por três vezes, uma argolada perfeitamente clara e distinta. Abro imediatamente a porta (mudei a cama para este ponto a fim de poder fazê-lo do modo mais rápido), fica sempre inexplicável para mim a razão por que se levanta a argola do ferrolho e bate de *per si* mesma na porta!

Todas estas coisas eram asseveradas pelo prussiano com a ênfase

da sinceridade e da convicção mais profunda!

— E desta casa de cá — observei-lhe eu — que tem ouvido? O que sabe? Que lhe consta?

— Eu lhe digo...

— Sinceramente!

— Por mim pessoalmente nada tenho ouvido. O inquilino que me precedeu conta que ouvia no silêncio da noite um rumor confuso de vozes, o estalar de risadas e o tilintar de dinheiro. Alguns vizinhos têm visto entrar vultos misteriosos. Tudo isto, porém, se explica do modo mais natural deste mundo.

— Qual é então o seu juízo, vejamos?

— É evidentemente...

— Diga! Diga!

— Presumo eu, pelo menos...

— Vamos! Sem rodeios, francamente!

— De duas uma: ou uma loja maçónica, ou uma casa de jogo.

4

As palavras do alemão acabavam de lançar no meu espírito a luz súbita de uma revelação que me obrigava a meditar.

O que se passava por mim, o mistério que me cercava, o cadáver que vira, a presunção — ainda que vaga — da concorrência de um ou mais amigos meus envolvidos neste acontecimento, tudo isto era tão extraordinário e tão grave que eu não ousava referi-lo ao homem desconhecido que o acaso me deparava por vizinho.

Era já positivo para mim que me achava em Lisboa. Desejava naturalmente saber qual era a rua e a casa em que estava; não me ocorria, porém, um

pretexto plausível para levar o alemão a dizer-mo, sem que eu o interrogasse de um modo ambíguo, que poderia levantar sobre a situação em que me acho suspeitas talvez perigosas para a segurança das pessoas comprometidas neste negócio. Contentei-me, pois, em alegar o incómodo a que me obrigava a posição em que estava, e dei as boas-noites ao meu vizinho. Ele despediu-se batendo no muro três pancadas espaçadas por pausas iguais às daquelas com que eu primeiro lhe despertara a atenção. Lembrou-me que poderia ser mação aquele homem, e que nas circunstâncias em que eu estava me serviria a proteção que lhe pedisse em nome de juramentos recíprocos e de compromissos comuns. Dei-lhe então uma letra, ele respondeu-me com outra e assim

construímos sucessivamente a palavra da senha.

— *Salut, mon frére!* — exclamou ele.

— Segredo! — disse-lhe eu baixinho, respondendo com os nós dos dedos no muro ao sinal que me dera.

Fechei em seguida o armário, cheguei a cama para o lugar de onde a tinha removido, e deitei-me vestido.

Não podia dormir. Principiei a pensar e a entristecer.

Nesta casa, debaixo destes mesmos tetos, está morto um homem, moço, elegante e belo, que entrara aqui, cheio talvez de esperanças, de alegrias, de projetos no futuro, e que de repente caiu para todo o sempre envenenado por mão misteriosa, ignorado, desconhecido,

só, longe de uma mulher amada que o espera talvez a esta hora, longe da família que o acarinhou em pequeno, longe dos lugares saudosos que o viram nascer, da mãe lacrimosa que lhe cerrasse os olhos, do pai angustiado que em nome da humanidade lhe lançasse a derradeira bênção.

Desventurado rapaz! Quem sabe as torturas por que passou o teu espírito para se desprender violentamente da terra, deixando na sociedade o teu corpo inerte, impassível, mudo como a interrogação de um enigma posto anonimamente no meio de uma página branca? Quem sabe os pensamentos que a morte imobilizou no teu cérebro? Quem sabe os afetos que ela enregelou no teu coração, onde há pouco tempo ainda golfava abundantemente a

fecunda seiva dessa mocidade esterilizada e extinta agora para sempre?

Pobre moço! Tão digno de lástima como és, merecedor talvez de profundas saudades, aí estás adormecido no teu sono eterno, vestido de baile, coberto com uma manta de viagem, estirado num sofá, insensível para sempre às alegrias e às amarguras desta vida miserável; e não haverá, porventura, uma só lágrima que comemore, na história breve da tua passagem na terra, este prazo tão pungentemente melancólico em que os mortos estão esperando dos vivos o derradeiro e supremo favor que a humanidade pode dispensar àqueles que mais preza e que mais ama: a doação da cova em que reside o esquecimento!

Os olhos daqueles que te amam

ainda não choram por ti. Estão fechados talvez pelo sono tranquilo e doce, atravessado em sonhos pela tua imagem querida; estão, porventura, fitos no conhecido caminho por onde esperam sentir-te chegar, conhecer-te o passo retardado, ouvir-te a voz cantarolando a última valsa que o baile te deixou no ouvido, ver-te finalmente aparecer, descuidado, risonho e feliz.

Coitados!... Os passos daquele que ainda hoje talvez se despediu de vós contando voltar a encontrar-vos poucas horas depois, não tornarão a medir o caminho da casa em que o esperam; a sua voz não responderá mais à voz que o chame; os seus olhos nunca mais se embeberão nos olhos que o fitavam; os seus lábios não voltarão outra vez a

aproximar-se dos lábios que se colavam nos dele!

Eu não choro a tua memória, porque não te conheço, porque nunca nos encontrámos, porque não sei quem és. Mas não quero insultar a dor que adeja sobre a tua morte, deixando-me dormir na mesma casa em que jazes insepulto, enquanto alguém te espera vivo no mundo.

Foi impelido por estes sentimentos, meu querido amigo, que eu me levantei da cama em que me estendera e vim para a mesa em que ceei, passar a noite escrevendo-te estas longas páginas, que decerto estimaremos ler um dia, em disposição de espírito bem diferente daquela em que ambos nos achamos hoje.

Tinha em pouco mais de meio a narração que te estou fazendo, quando o

silêncio que me envolvia, cortado apenas pelo frémito da minha pena no papel, foi interrompido pelas vozes dos mascarados falando baixo no aposento que atravessei antes de entrar naquele em que estou. Tinha terminado o parágrafo anterior a este, quando o mesmo rumor se repetiu, e tive então curiosidade de escutar o que se dizia. Aproximei-me da porta e colei o ouvido ao buraco da fechadura, pelo qual nada via. Não sendo natural que os nossos aprisionadores estejam às escuras, é provável que haja um corredor, uma passagem ou um pequeno quarto entre aquele em que eu me acho e o quarto próximo em que eles falam. Não podia perceber o que diziam. Apenas de quando em quando alguma palavra solta e destacada me chegava ao ouvido.

Dispunha-me a vir continuar a escrever ou a terminar esta carta, quando um levantou mais a voz e eu ouvi distintamente estas palavras:

— Mas as notas de banco, 2300 libras em notas! Não as trazia ele?

— Sei que as trazia — dizia outra voz.

— É atroz, então!

Estas palavras, únicas que ouvi, fizeram-me a impressão que podes calcular!

É provado para mim que a casa a que fomos trazidos não é um simples ninho consagrado a entrevistas de amor, como eu primeiro supus. Das hipóteses do prussiano é absolutamente necessário aceitar uma: isto ou é uma casa de jogo ou uma loja maçónica. Assim o provam

convincentemente os ruídos que se ouviam na morada contígua. Num retiro de paixões ternas não se escancaram risadas a horas mortas ao som do dinheiro que tilinta nas mesas. A referência dos vultos misteriosos feita pela vizinhança permite a suspeita de reuniões secretas. O tinir do ouro, as risadas, o mesmo aspeto do *boudoir* em que estivemos não consentem duvidar-se que esta casa é uma caverna de jogo e de orgia.

As palavras que há pouco ouvi sugerem-me sobre estas suposições a mais tenebrosa suspeita.

O desgraçado que jaz aí dentro podia ter sido vítima de um homicídio, premeditado com o intuito de roubar-lhe a quantia que ele trazia consigo.

Ocorre uma contradição: na

sugerida hipótese para que foram buscar um médico? Explicam-no as palavras que ouvi. Os criminosos, que tinham propinado ópio à sua vítima com o intuito de a roubarem, encontram iludido este projeto com o desaparecimento das notas que lhe supunham na algibeira. Nesta conjuntura sobrevém-lhes, naturalmente, a ideia de tentar um recurso extremo: procurar um médico que não possa denunciar o crime, mostrar-lhe o ópio, e quererem por esta prova de zelo, de solicitude, de confiança na sua inocência, afastar de si a presunção do crime, e criar as dificuldades de um mistério! É possível que eu não atinja exatamente a verdade do que se passou. O indubitável, porém, é que o desaparecimento já constatado da soma que o assassinado

trazia consigo não pode adunar-se dentro desta casa com a probidade e com a honra.

Depois disto, é quase escusado dizer-te qual é a determinação que vou tomar. O meu vizinho prussiano é um homem um tanto fantástico, mas parece-me sincero e honrado. Vou fechar esta carta, sobrescritá-la e pedir-lhe que a lance no correio. Acharei facilmente meio de a passar para o quarto dele. Se conseguir arrombar completamente, sem que me pressintam, o tapamento que serve de fundo ao armário, passarei eu em vez de expedir a carta. No caso contrário, apenas se abrir aquela porta, precipito-me sobre a pessoa ou pessoas que me embargarem o passo, e abrirei o meu caminho como todo o homem de bem que

em sua consciência delibera passar por cima de meia dúzia de miseráveis.

Se te achas aqui, encarcerado como eu, por Deus juro-te que nos veremos amanhã. Se estás solto, se receberes esta carta, e vinte e quatro horas depois não souberes de mim, escreve a Frederico Friedlann, *posta restante*, *Lisboa*. Ele te procurará no lugar que lhe indicares e te dirá onde estou. — Adeus. — F...

Nota

Juntamente com a carta publicada ontem achavam-se as seguintes folhas de papel escritas pela mesma letra das cartas do médico, anteriormente publicadas nesta folha:

F... não apareceu. No mesmo dia, dois dias e três noites depois de haver recebido a extensa carta que ele me dirigiu e de que enviei logo a primeira parte, depois as seguintes, a essa redação, procurei por todos os meios ter notícias dele. Foram inúteis todos os esforços que empreguei. Escrevi a Frederico Friedlann. Não houve resposta. Mandei ao correio e soube que ainda ali se achava a carta que

lhe dirigi e na qual lhe aprazava uma entrevista.

Estou vivamente inquieto, sobressaltado, cuidadoso.

F... é um homem arrebatado, irascível, pundonoroso até o delírio. Receio do seu caráter e da violência das suas determinações uma explosão que teria podido talvez ser-lhe fatal.

Apresso-me, porém, a declarar-lhe, senhor redator, que discordo completamente da opinião dele quanto à qualidade moral das pessoas com quem estivemos reunidos na casa onde encontrámos o cadáver.

O mascarado alto, com quem tive ocasião de falar por mais tempo, não pode ser um assassino cobarde. F... demorou-se pouco tempo connosco, não pôde atentar

nos indivíduos que o rodeavam. Ouviu apenas uma frase que para mim próprio é ainda inexplicável e terrível, e baseou nela a sua indignação e o seu ódio.

Eu tratei apenas com um desses homens — o mais alto — mas com este falei incessantemente durante todo o espaço de uma noite. Não podia estudar-lhe os movimentos da fisionomia, mas via-lhe os olhos grandes, luminosos, cintilantes. Ouvia-lhe a voz metálica, pura, clara, vibrante, obedecendo naturalmente, na modulação das inflexões, ao fluxo e ao refluxo dos sentimentos.

Nas discussões que tivemos, na conversação que travámos, nos diversos incidentes que acompanharam o inquérito de A. M. C., escutei-lhe sempre com interesse, com simpatia, algumas vezes

com admiração, a palavra sincera, fácil, despresumida, espontânea, original, pitoresca sem literatismo, eloquente sem propósitos oratórios —, límpido espelho de uma alma enérgica, íntegra, perspicaz e sensível. Tinha arrebatamentos entusiásticos, indignações convictas, concentrações melancólicas, que se via provirem desse fundo de lágrimas, que todas as naturezas privilegiadamente boas e honestas têm no íntimo da sua essência. Pareceu-me, finalmente, um coração leal e honrado, e não é fácil enganar-se por este modo, depois de uma provação suprema e definitiva como aquela em que nos achámos, um homem com a minha experiência do mundo e a minha prática dos fingimentos humanos. Estas são, senhor redator, as principais

considerações que do princípio logo me impediram de tornar público o nome do meu amigo violentamente retido em cárcere privado. F... é um homem conhecido, é quase um homem célebre; em Lisboa ninguém há que não conheça o seu nome entre os escritores mais aplaudidos, ninguém que não distinga a sua figura altiva, esmerada, picante, entre os vultos extremamente uniformes dos passeios, das salas e dos teatros.

Se eu comunicasse à polícia o desaparecimento do meu amigo, é quase seguro que ela encontraria meio de o descobrir. Mas não equivaleria isto a denunciar simultaneamente como criminosos o mascarado alto e os seus companheiros, que eu todavia considero inocentes?

A carta de F..., apesar da revelação que encerra sobre o desaparecimento das 2300 libras, confirma por outro lado a convicção em que eu me acho.

Na carta de F... encontra-se o seguinte período:

«Ocorreu-me que teria um meio de desenganar-me se era efetivamente ou se não era um amigo íntimo que eu tinha ao meu lado: arrancar-lhe o relógio: bastar-me-ia apalpá-lo, ainda vendado como eu estava, para reconhecer o dono. A ser o indivíduo que eu supunha, a caixa do relógio teria a lisura do esmalte e no centro a saliência de um brasão.»

Ora o relógio a que nestas linhas se alude, se bem lembrado está, é exatamente o mesmo que descrevi na

segunda carta que enviei a esse periódico, o mesmo que usava o mascarado, que ia sentado defronte de mim na carruagem, e que eu lhe vi por algum tempo fora da algibeira do colete, suspenso na corrente. Logo, o mascarado que conduziu F... ao quarto em que ele se acha preso, é efetivamente um amigo dele, íntimo e particular.

Posso eu, sem semear remorsos que mais tarde entenebrecerão talvez a minha vida com uma sombra eterna, denunciar à polícia uma particularidade, um nome, uma circunstância positiva, que a ponha no encalço deste crime e no descobrimento das pessoas, inocentes ou culpadas, que circulam fatalmente em torno dele?

As mesmas notícias que lhe tenho

dado, as cartas que precipitadamente comecei a escrever-lhe, e que hoje, posto que acobertado pelo anónimo, me vejo na obrigação moral de concluir e desenlaçar, não serão já perante a severidade incorruptível, despreocupada e fria dos homens de bem, uma traição aos imprescritíveis deveres da amizade, um agravo à inviolabilidade do sigilo, uma ofensa a esse culto íntimo que se baseia na delicadeza, no melindre, no primor — culto que para as almas honradas constitui uma parte dos princípios supremos da primeira das religiões — a religião do caráter?

Mas podia também calar-me? Ficar mudo, impassível, inerte, neutro, diante deste sucesso obscuro mas tremendo? Podia acaso aceitar na

impassibilidade e no silêncio a responsabilidade terrível de um homicídio tenebroso, do qual sou eu a única testemunha com iniciativa, com liberdade, com faculdade de ação?...

Decidam-no as pessoas que por um momento quiserem imaginar-se nas circunstâncias excecionais e únicas em que eu estou.

Na onda de conjeturas, de planos, de determinações, de obstáculos em que me achei envolvido, assoberbado, só, escondido, inquieto, nervoso, sem um único momento que perder, uma só coisa me ocorreu, possível, clara, solvente: publicar anonimamente o que me sucedera, entregar por este modo à sociedade a história da minha situação e esperar dos outros, do público, a solução

do problema que eu não sabia resolver por mim.

Nem uma palavra de conselho, de análise, de crítica!

Estou profundamente triste, abatido, doente. Preciso de ar, de espaço, de liberdade. Não posso ficar eternamente imóvel, como um condenado, com o pesado fuzil de um segredo soldado a um pé.

Dois dias depois de receber esta minha carta, senhor redator, terei partido para fora do país. As ambulâncias do exército francês precisam de cirurgiões. Vou alistar-me como facultativo. O meu país dispensa-me, e eu, como todo o homem na presença dos infortúnios irremediáveis, sinto a doce necessidade de ser útil. Fica sabendo o meu destino.

Um dia saberá o meu nome.

Despedindo-me — seguramente para sempre — dos seus leitores, cuja atenção tenho largamente prendido com a narrativa deste caso lúgubre, seja-me permitido acrescentar uma derradeira palavra:

A. M. C., cujo nome não ouso delatar escrevendo-o por extenso nesta página, A. M. C., que eu não incriminei nem denunciei, apesar de tudo quanto em contrário quis alegar o amigo dele que sob a letra Z. veio defendê-lo neste mesmo lugar, A. M. C., quaisquer que sejam as causas que o levaram a intervir nas circunstâncias que rodeiam o crime, conhece-o interiormente, tem o fio do trama que eu debalde procurei achar.

Se estas linhas chegarem aos olhos

desse moço, uma coisa lhe peço em nome da sua honra e da sua dignidade, em nome da honra e da dignidade das pessoas envolvidas em tão estranho sucesso. Procure no correio uma carta que lhe dirijo nesta mesma data. Nessa carta verá quem eu sou, onde poderá enviar as suas cartas ou ver-me e falar-me pessoalmente. Se a sua idade, se as condições da sua posição na sociedade, se os interesses da sua carreira, a tranquilidade da sua família, a incompetência da sua autoridade, ou outra qualquer razão o impedirem de acompanhar este acontecimento até à última das suas consequências, arrancando a tal mistério a secreta verdade que ele envolve, dirija-se a mim, colaboraremos juntos nessa obra, que tenho por meritória e por honrada. Eu

aceitarei clara e abertamente para todas as consequências e para todos os efeitos a responsabilidade que daí provenha, e terei meio de salvar o seu nome, a sua pessoa e a sua honra de qualquer suspeita que o ensombre ou o macule.

Quando a ti, meu querido e meu honrado F..., não creio que sejas vítima de uma emboscada traiçoeira e indigna! O teu único perigo, está, a meu ver, no teu impaciente melindre, nos teus delicados escrúpulos, no teu valor, finalmente, e no teu brio.

Que te matassem cobardemente no cárcere clandestino que há pouco tempo ainda tu iluminavas com a tua pachorra e a tua alegria, não pode ser. Que a esta hora tenhas sido obrigado a jogar a tua vida trocando em desagravo de honra uma

estocada ou um tiro com algum dos teus misteriosos comensais, isso acho lógico, e é possível.

Punge-me não sei que vago e triste pressentimento... Meu pobre F...! Se estará destinado que não nos tornemos a ver! Se o dia fatal em que regressámos ambos de Sintra, descuidados, contentes, suspirando com as nossas alegrias, sorrindo com os nossos infortúnios, terá acaso de ser o último dessa doce convivência que por tanto tempo nos juntou!

E são as amarguras alheias, são as desgraças dos outros que nos arrastam envolvidos no turbilhão implacável e terrível da crua solidariedade humana!

Que remédio?!

Se a vida é isto, aceitemo-la corajosamente como ela é, e avante!

Aprenda-se a ser desgraçado, visto que é essa a mais segura maneira de se ser feliz!

Segunda Carta de Z.

Senhor redator. — Acabo de ver publicada na sua folha de hoje uma carta em que o doutor *** com uma insistência malévola, torna a inculcar, como cúmplice no atentado de que ele se fez o historiador voluntário, o meu pobre amigo A. M. C.

Disse-lhe na minha primeira carta, senhor redator, que eu ia, com o auxílio único da minha coragem e da minha astúcia, pôr-me ao serviço da curiosidade de todos, procurando penetrar e desfiar a tenebrosa história que, há mais de uma semana, vem todos os dias sucessivamente, no folhetim do seu jornal, apresentar diante de um público atónito um quadro misterioso e lúgubre.

Não pude, porém, descobrir nada: indagações, interrogatórios, visitas aos lugares, tudo foi inútil. A história perde-se cada vez mais numa névoa que a afoga: e o meu pobre M. C. lá está ainda — não sei se num retiro voluntário, se numa sequestração forçada.

Na impossibilidade de descobrir, fisicamente, por essas ruas, a verdade, resolvi vir buscá-la às mesmas cartas do doutor. Analisei-as, decompu-las palavra por palavra. E sem contar os processos, apresento os resultados.

O *Mistério da Estrada de Sintra* é uma invenção: não uma invenção literária, como ao princípio supus, mas uma invenção criminosa, com um fim determinado. Eis aqui o que pude deduzir sobre os motivos desta invenção:

Há um crime; é indubitável; é claro. Um dos cúmplices deste crime é o doutor ***. Ele está envolvido no anónimo: não tenho por isso dúvida em apresentar esta acusação formal. Se o seu nome fosse conhecido, se as suas cartas estivessem assinadas, eu, só com provas judiciárias, me atreveria a escrever esta grave afirmativa.

Sim, o doutor *** é o cúmplice de um crime: o meu pobre amigo M. C. é um desgraçado incauto, sobre quem se querem fazer recair as suspeitas que se possam ter já, e as provas que mais tarde venham a juntar-se. Este crime, que existe, aparece-nos envolvido nas roupas literárias de um mistério de teatro. As cartas do doutor *** são um romance pueril. Vejamos.

É possível que numa cidade pequena como Lisboa, em que todos são vizinhos, amigos de *tu*, e parentes, o doutor ***, que parece ser um homem notado na sociedade, vivendo nela, frequentando as suas salas e os seus teatros, não conhecesse nenhum destes quatro mascarados, que pelas suas indicações pertencem a essa mesma sociedade, se sentam nos mesmos sofás, escutam a mesma música nos mesmos salões e nos mesmos teatros?

Uma máscara de veludo preto não basta para disfarçar um conhecido. O seu cabelo, o seu andar, a sua estatura, a sua figura, a sua voz, as suas mãos, a sua *toilette*, são bastantes para revelar, trair o indivíduo. O doutor *** pois nunca os tinha visto? O quê? Pois eram tão

elegantes, tão distintos, governam tão bem as suas parelhas, falam tão bem as línguas, pareciam tão ricos, e o doutor ***, um médico, um homem relacionado, um velho diletante de S. Carlos, nunca os viu, nunca os percebeu, nesta terra, em que toda a vida se concentra nos doze palmos de lama do Chiado! E F... tem um amigo íntimo entre os mascarados, diante de si, na carruagem, joelho com joelho, e não o reconhece, pelas mãos, pelos olhos, pelo corpo, pelo silêncio até. Comédia!

E o menos conhecido, o menos célebre dos rapazes de Lisboa, mascara-se no Carnaval de Turco, enche-se de barbas, cobre-se de plumas, veste-se de Mefistófeles, de Ci-devant, ou de Melão, e não há ninguém que no salão de S. Carlos, não diga ao passar por ele: *Lá vai*

fulano! E é de noite, às luzes, e as mulheres olham-nos, e estamos distraídos, e não estamos numa estrada, de dia, surpreendidos e violentados! Tanto nos conhecemos todos! Comédia! Comédia!

E aqueles mascarados, são tão inocentes, tão ingénuos, que vão procurar, num momento tão perigoso, o homem que pelas suas relações, pela sua posição, pela sua inteligente penetração, mais facilmente os poderia reconhecer. Se lhes era repugnante serem descobertos, para que procuraram aquele homem? Se lhes era indiferente, para que se mascararam?

E depois, para que era um médico? Era para verificar a morte? Para acudir? Para salvar? Nesse caso então que homens são esses, que em lugar de irem à botica mais próxima, a casa do

primeiro médico rapidamente, avidamente, logo, logo — vão, em sossego, mascarar-se nos seus quartos, para irem ao crepúsculo, para uma charneca, a duas léguas de distância, representar os velhos episódios de floresta dos dramas de Soulié?

Supunham, porventura, que ele estava morto? Para que era então um médico, uma testemunha? E se não receavam as testemunhas, para que punham nos seus rostos uma máscara, e nos olhos dos surpreendidos um lenço de cambraia? Comédia! Comédia sempre!

Veja-se o doutor *** diante do cadáver: não há ali uma palavra que seja científica: desde a serenidade das feições até à dilatação das pupilas, tudo é falso naquela descrição sintomática.

E que homens são, o doutor *** e o seu amigo F..., que na rua de uma cidade, dentro de uma casa, com os braços livres, não deitam a mão àquelas máscaras? Como é que, sendo generosos e altivos, suportam certas violências humilhantes? Como é que, sendo honestos e dignos, aceitam pela sua atitude condescendente uma parte da cumplicidade?

E A. M. C.! Como o representam, ali, pueril, nervoso, tímido, imbecil e coato! Ele de uma tão grande força de temperamento! De uma tão enérgica coragem! De um tão altivo sangue-frio! Como se pode acreditar naquela astúcia infantil, com que o doutor *** o envolve?

— O que admira é que não deixasse vestígios o arsénico!

— Mas foi o ópio! — responde M. C., segundo conta o doutor ***.

Qual é a imbecil ingenuidade do homem que possa descer a esta simplicidade lorpa?

E, enfim, que mulher é aquela, que aí se entrevê? Por que a quer o mascarado salvar? Que roubo é aquele de 2300 libras? Sejamos lógicos: dado o tipo do mascarado, cavalheiroso e nobre, como é que ele, vendo que o crime teve por origem o roubo, procura salvar e tem considerações por uma mulher que mata para roubar?

Se ele suspeita que o crime cometido por essa mulher teve por móbil a paixão, como explica o roubo?

Demais, se desconfiava que ela estivesse envolvida naquele facto, se

estava tão ligado com ela que a queria salvar, porque a não procurou logo, porque a não interrogou, em lugar de ir surpreender gente para as estradas, e vir fazer *tableau* em volta de um cadáver?

Ah! Como toda esta história é artificial, postiça, pobremente inventada! Aquelas carruagens como galopam misteriosamente pelas ruas de Lisboa! Aqueles mascarados, fumando num caminho, ao crepúsculo, aquelas estradas de romance, onde as carruagens passam sem parar nas barreiras, e onde galopam, ao escurecer, cavaleiros com capas alvadias! Parece um romance do tempo do ministério Villele. Não falo nas cartas de F... que não explicam nada, nada revelam, nada significam — a não ser a necessidade que tem um assassino e um

ladrão de espalmar a sua prosa oca, nas colunas de um jornal honesto.

Dedução: o doutor *** foi cúmplice de um crime; sabe que há alguém que possui esse segredo, pressente que tudo se vai espalhar, receia a polícia, houve alguma indiscrição; por isso quer fazer poeira, desviar as pesquisas, transviar as indagações, confundir, obscurecer, rebuçar, enlear, e enquanto lança a perturbação no público, faz as suas malas, vai ser cobarde para França, depois de ter sido assassino aqui!

O que faz no meio de tudo isto o meu amigo M. C. ignoro-o.

Senhor redator, peço-lhe, varra depressa do folhetim do seu jornal essas inverosímeis invenções. — Z.

Narrativa do Mascarado Alto

1

Senhor redator. — A pessoa que lhe escreve esta carta é a mesma que nessa aventura da estrada de Sintra, popularizada pela carta do doutor *** guiou a carruagem para Lisboa. Sou já conhecido, com a minha máscara de cetim preto e a minha estatura, por todas as pessoas que tenham seguido com interesse a sucessiva aparição destes segredos singulares: eu era nas cartas do doutor *** designado pelo — *mascarado mais alto.* — Sou eu. Nunca supus que me veria na necessidade lamentável de vir ao seu jornal trazer também a minha parte de revelações! Mas desde que vi as acusações improvisadas, sem análise e

sem lógica, contra o doutor *** e contra mim, eu devia ao respeito da minha personalidade e à consideração que me merece a impecável probidade do doutor *** o vir afastar todas as contradições hipotéticas e todas as improvisações gratuitas, e mostrar a verdade real, implacável, indiscutível. Detinha-me o mais forte escrúpulo que pode dominar um caráter altivo: era necessário falar numa mulher, e arrastar pelas páginas de um jornal, o que há no ser feminino de mais verdadeiro e de mais profundo: a história do coração. Hoje não me retêm essas considerações; tenho aqui, diante da página branca em que escrevo, sobre a minha mesa, este bilhete simples e nobre: — «Vi as acusações contra si e os seus amigos, e contra aquele dedicado doutor

***. Escreva a verdade, imprima-a nos jornais. Esconda o meu nome com uma inicial falsa apenas. Eu já não pertenço ao mundo, nem às suas análises, nem aos seus juízos. Se não fizer isto, denuncio-me à polícia.»

Apesar, porém, destas grandes e sinceras palavras, eu resolvi nada revelar do crime, e contar apenas os factos anteriores que me tinham ligado com aquele infeliz moço, tão fatalmente morto, motivado a sua presença em Lisboa, e determinado esse desenlace passado numa alcova solitária, numa casa casual, ao desmaiado clarão de uma vela, ao pé de um ramo de flores murchas. Outros, os que o sabem, que contem os transes dessa noite. Eu não. Não quero ouvir apregoar pelos vendedores de periódicos a história

das dores mais profundas de um coração que estimo.

Senhor redator, há três anos a casa onde eu mais vivia em Lisboa, aquela em que tinha sempre o meu talher e a minha carta de *whist*, onde ria as minhas alegrias e fazia confidências das minhas tristezas, era a casa do conde de W. A condessa era minha prima.

Era uma mulher singularmente atraente: não era linda, era pior: tinha a *graça*. Eram admiráveis os seus cabelos louros e espessos; quando estavam entrelaçados e enrolados, com reflexos de uma infinita doçura de ouro, parecia serem um ninho de luz. Um só cabelo que se tomasse, que se estendesse, como a corda num instrumento, de encontro à claridade, reluzia com uma vida tão

vibrante que parecia ter-se nas mãos uma fibra tirada ao coração do Sol.

Os seus olhos eram de um azul profundo como o da água do Mediterrâneo. Havia neles bastante império para poder domar o peito mais rebelde; e havia bastante meiguice e mistério, para que a alma fizesse o estranho sonho de se afogar naqueles olhos.

Era alta bastante para ser altiva; não tão alta que não pudesse encostar a cabeça sobre o coração que a amasse. Os seus movimentos tinham aquela ondulação musical, que se imagina do nadar das sereias.

De resto, simples e espirituosa.

Dizer-lhe que os meus olhos nunca se demoraram amorosamente na pureza

infinita da sua testa, e na curva do seu seio, seria de um estranho orgulho. Tive, sim, nos primeiros tempos em que fui àquela casa, um amor indefinido, uma fantasia delicada, um desejo transcendente por aquela doce criatura. Disse-lho até; ela riu, eu ri também; apertámo-nos gravemente a mão; jogámos nessa noite o *écarté*; e ela terminou por fazer numa folha de papel a minha caricatura. Desde então fomos amigos; nunca mais reparei que ela fosse linda; achava-a um digno rapaz, e estava contente. Contava-lhe os meus amores, as minhas dívidas, as minhas tristezas; ela sabia ouvir tudo, tinha sempre a palavra precisa e definitiva, o encanto consolador. Depois, também, ela contava-me os seus estados de espírito nervosos, ou melancólicos.

— Estou hoje com os meus *blue devils* — dizia ela.

Fazíamos então chá, falávamos ao fogão. Ela não era feliz com o marido. Era um homem frio, trivial e libertino; o seu pensamento era estreito, a sua coragem preguiçosa, a sua dignidade desabotoada. Tinha amantes vulgares e grosseiras, fumava impiedosamente cachimbo, cuspia o seu tanto no chão, tinha pouca ortografia. Mas os seus defeitos não eram excecionais, nem destacavam. Lorde Grenley dizia dele admirado:

— Que homem! Não tem espírito, não tem mão de rédea, não tem *ar*, não tem gramática, não tem *toilette*, e, todavia, não é desagradável.

Mas a natureza fina, aristocrática, da condessa, tinha ocultas repugnâncias,

com a presença desta pessoa trivial e monótona. Ele, no entanto, estimava-a, dava-lhe joias, trazia-lhe às vezes um ramo de flores, mas tudo isso fazia indiferentemente, como guiava o seu *dog-cart*.

O conde tinha por mim um entusiasmo singular: achava-me o mais simpático, o mais inteligente, o mais bravo; pendurava-se orgulhosamente do meu braço, citava-me, contava as minhas audácias, imitava as minhas gravatas.

Em tempo a condessa começou a descorar e a emagrecer. Os médicos aconselhavam uma viagem a Nice, a Cádis, a Nápoles, a uma cidade do Mediterrâneo. Um amigo da casa, que voltava da Índia, onde tinha sido secretário-geral, falou com grande

admiração de Malta. O paquete da Índia havia sofrido um transtorno; ele tinha estado retido cinco dias em Malta, e adorava as suas ruas, a beleza da pequena enseada, o aspeto heroico dos palácios, e a animação petulante das *maltesas* de grandes olhos árabes...

— Queres tu ir a Malta? — disse uma noite o conde a sua mulher.

— Vou a toda a parte; mas, não sei porquê, simpatizo com Malta. Vamos a Malta. Venha também, primo.

— Está claro que vem! — gritou o conde.

E declarou que não fazia a viagem sem mim, que eu era a sua alegria, o seu parceiro de xadrez e o inventor das suas gravatas, que me roubava num navio, e que me deixava seu herdeiro.

Cedi. A condessa estava encantada com a viagem: queria ter uma tempestade, queria ir depois a Alexandria, à Grécia, e beber água do Nilo; havíamos de caçar os chacais, ir a Meca disfarçados — mil planos incoerentes que nos faziam rir...

Partimos num vapor francês para Gibraltar, onde devíamos tomar o paquete da Índia.

Passámos no cabo de São Vicente com um luar admirável, que se erguia por trás do cabo, dava uma dureza saliente e negra aos ásperos ângulos daquela ponta de terra e vinha estender-se sobre a vasta água como uma malha de rede luminosa. O mar ali é sempre mais agitado. A condessa estava na tolda, sentada numa cadeira de braços, de vime, a cabeça adormecida, os olhos descansados, as

mãos imóveis, uma sensação feliz na atitude e no rosto.

— Sabe — disse-me ela de repente, baixo, com a voz lenta; — estou com uma sensação tão feliz de plenitude, de desejos satisfeitos...

E mais baixo:

— ...e de vago amor... Sabe explicar-me isto?

Estávamos sós, no alto mar, sob um luar calmo, o conde dormia; a longa ondulação de água arfava como um seio, sob a luz; sentia-se já o magnético calor da África. Eu tomei-lhe as mãos e disse-lhe num segredo:

— Sabe que está linda!

— Oh! primo! — interrompeu ela rindo. — Mas nós somos amigos velhos! Está doido! O que é falar de noite, sós, ao

luar, em amor! Ah! meu amigo, creia que o que senti, inexplicável como é, não foi por si, graças a Deus, foi por alguém que eu não conheço, que vou encontrar talvez, que não vi ainda. Sabe? Foi um pressentimento... Aí está! Como o luar é traiçoeiro, meu Deus! E eu que estou velha!

Eu ia responder, rir. Uma luz brilhou à distância, na bruma noturna: o capitão aproximou-se:

— Conhecem aquela luz?

— Nunca viajei neste mar, capitão — respondi.

— São portugueses, não?... Aquela luz é o farol de Ceuta.

Era uma luz melancólica e humilde. Nenhum de nós se importava com Ceuta. Daí a momentos descemos à

câmara. Eu estava surpreendido, nunca tinha ouvido à condessa palavras que caracterizassem tanto o estado do seu coração. Achava-se naquele período em que um amor pode apoderar-se para sempre de uma existência.

Que sucederia se lhe aparecesse um homem belo, nobre, forte, que lhe dissesse de joelhos, uma noite, sob o luar como há pouco, as coisas infinitas da paixão?

Na manhã seguinte avistámos o morro de Gibraltar. Desembarcámos. Numa praça, à entrada, um regimento inglês, de uniformes vermelhos, manobrava ao som da canção do general Boum.

— Detesto os Ingleses — disse a condessa.

— O quê?! — gritou o conde com uma voz indignada. — Os Ingleses! Detestas os Ingleses?

E voltando-se para mim, com uma atitude profundamente pasmada e abatida:

— Detesta os Ingleses, menino!

2

Senhor redator. — Em Gibraltar fomos para o *Club House-Hotel*. Os quartos abriam sobre a muralha do lado do mar; víamos defronte, afogada numa luz admirável, uma linha de montanhas, e mais longe, do lado do estreito, nas brumas esbatidas, a terra de África.

Fomos passear logo num daqueles carros de Gibraltar que são dois bancos paralelos, costas com costas, assentes sobre duas rodas enormes, puxados por um cavalo inglês robusto, rápido, e tendo já adquirido nas convivências espanholas um espírito teimoso.

O belo passeio de Gibraltar é uma estrada, que, a meia vertente por cima da

cidade, contorna a montanha, e é orlada de *cottages*, de jardins, de pomares, cheios já das estranhas e poderosas vegetações do Oriente, aloés, nopais, catos e palmeiras; e vê-se sempre, através da folhagem, lá no fundo, a azul imobilidade luminosa do Mediterrâneo.

A condessa estava encantada: aquela luz ampla e magnífica, a água pesada pelo sol, o silêncio religioso do espaço azul, as brumas vaporosas e roxas das montanhas, a vigorosa força das vegetações, tudo dava àquela pobre alma contraída uma expansão inesperada. Ria, queria correr, tinha *verve*, e uma luz bailava-lhe nos olhos.

Fomos sentar-nos no jardim de Gibraltar. Os senhores Ingleses artilharam-no talvez um pouco de mais.

Não há fontes, mas há estátuas de generais; as pirâmides de balas estão encobertas pelas moitas de rosas, e a estúpida impassibilidade dos canhões assenta sob arbustos de magnólias. Mas, que serenidade! Que silêncio abstrato e divino! Que ar imortal! Parece que as coisas, os seres vegetais, a terra, a luz, tudo está parado, absorto numa contemplação, suspenso, escutando, respirando sem rumor! Em baixo está o Mediterrâneo, liso como um cetim, delicado, coberto de luz. Mais longe, vaporizadas, docemente esbatidas nas névoas azuis, as duras formas do monte Atlas. Nada se move: apenas às vezes uma pomba passa, voando com uma serenidade inefável. Um momento veio-nos de baixo, onde passava um regimento

de Highlanders, o som das *cornemuses* que tocavam as árias melancólicas das montanhas da Escócia. E os sons chegavam-nos doces, etéreos, como se fossem habitantes sonoros do ar.

A condessa tinha ficado sentada, e imóvel, calada, penetrada daquela admirável serenidade das coisas, da beleza da luz, do sono da água, dos vivos aromas.

— Não é verdade — disse — que dá vontade de morrer, aqui, brandamente, só...

— Só? — perguntei eu.

Ela sorriu, com os olhos perdidos na bela decoração do horizonte luminoso.

— Só... — disse ela — não!

— Ah! minha rica prima, cuidado! cuidado! — observei eu. — Começa-se

cismando assim vagamente, vem um pequeno sonho bem inocente, acampa no nosso coração, começa a cavá-lo, e depois, querida prima, e depois...

— E depois vai-se jantar — disse o conde que tinha chegado ao pé de nós, radiante por ter apertado a mão de um coronel inglês, e colhido um cato vermelho.

Descemos ao hotel. À noite passeávamos no Martillo. Era a hora de recolher; uma fanfarra inglesa tocava uma melopeia melancólica. Ouviu-se no mar um tiro de peça.

— Chegou o paquete da Índia — disse o nosso guia. E no alto do morro um canhão respondeu com um eco cheio e poderoso.

— Desembarcam, no dia em que

chegam, os passageiros? — perguntei.

— Os militares quase sempre, senhor. Vão desembarcar lá em baixo, com licença do governador.

Quando pelas 10 horas entrámos, depois de termos passeado ao luar nas esplanadas, sentimos na sala de *Club-House*, ruído, vozes alegres, estalar de rolhas, toda a feição de uma ceia de homens. A condessa subiu para o seu quarto. Eu entrei na sala, com o conde. Oficiais ingleses que vinham de Southampton, e que iam para a estação de Malta, tinham desembarcado, e ceavam.

Nós tínhamo-nos sentado, bebendo cerveja, quando tive ocasião de aproximar de um dos oficiais ingleses que estava próximo de mim o frasco da mostarda. O frasco caiu, sujou-me, ele

sorriu com polidez, eu ri alegremente, conversámos, e ao fim da noite passeávamos ambos pelo braço, na esplanada que ficava defronte das janelas do hotel e que está sobre o mar. Havia um amplo e calado luar que espiritualizava a decoração admirável das montanhas, a vasta água imóvel.

Eu tinha simpatizado com aquele oficial, já pelo seu perfil altivo e delicado, já pela feição original do seu pensamento, já por uma gravidade triste que havia na sua atitude. Era moço, capitão de artilharia, e batera-se na Índia. Era louro e branco; mas o sol do Indostão tinha amadurecido aquela carnação fresca e clara, aprofundado a luz dos olhos, e dado aos cabelos uma cor fulva e ardente.

Passeávamos, conversando na

esplanada, quando, repentinamente, se abriu uma janela, e uma mulher com um penteador branco apoiou-se levemente na varanda, e ficou olhando o horizonte luminoso, a melancolia da água. Era a condessa.

O luar envolvia-a, empalidecia-lhe o rosto, adelgaçava-lhe o corpo, dava à sua forma toda a espiritualização de uma figura de antiga legenda: o seu penteador caía largamente ao redor dela, em grandes pregas quebradas.

— Que linda! — disse o oficial parando, com um olhar admirado e profundo. — Quem será?

— Somos um pouco primos — disse eu rindo. — É casada. É a condessa de W. Parte para Malta amanhã no paquete. A bordo levar-lhe-ei o meu

amigo para a entreter contando-lhe histórias da Índia. Adora o romanesco aquela pobre condessa! Em Portugal, nem nos romances o há. Caçou o tigre, capitão?

— Um pouco. Fala o inglês sua prima?

— Como uma portuguesa, mal; mas ouve com os olhos, e adivinha sempre.

Separámo-nos.

— Arranjei-lhe um romance, um lindo romance, prima — disse eu entrando na sala, onde o conde escrevia cartas, cachimbando. — Um romance onde se caçam tigres com rajás, onde há *bayaderas*, florestas de palmeiras, guerras inglesas e elefantes...

— Ah! como se chama?

— Chama-se Captain Rytmel, oficial de artilharia, 28 anos, em viagem para Malta, bigode louro, um pouco da Índia nos olhos, muito da Inglaterra na excentricidade, um perfeito *gentleman*.

— Um bebedor de cerveja! — disse ela, desfolhando a flor de catos.

— Um bebedor de cerveja! — gritou o conde erguendo a cabeça com uma indignação cómica. — Minha querida, diante de mim, pelo menos, não digas isso se não queres fazer-me cabelos brancos! Estimo os Ingleses e respeito a cerveja. Um bebedor de cerveja! Um moço daquela perfeição!... — murmurava ele, fazendo ranger a pena.

Ao outro dia subíamos para bordo do paquete da Índia, o *Ceilão*. Eram 7 horas da manhã. O morro de Gibraltar,

mal acordado, tinha ainda o seu barrete de dormir feito de nevoeiro. Havia já viajantes e oficiais sobre a tolda. O chão estava húmido, havia uma confusão violenta de bagagens, de cestos de fruta, de gaiolas de aves; a escada de serviço via-se cheia de vendedores de Gibraltar. A condessa recolheu-se à cabina, para dormir um pouco. As 9 horas quase todos os passageiros que tinham entrado em Gibraltar e os que vinham de Southampton estavam em cima; o vapor fumegava, os escaleres afastavam-se, o nevoeiro estava desfeito, o sol dava uma cor rosada às casas brancas de Algeciras e de S. Roque, e ouvia-se em terra o rufar dos tambores.

A condessa, sentada numa cadeira indiana, olhava para as pequenas povoações espanholas que assentam na

baía.

O oficial inglês, Captain Rytmel, conversava à distância com o conde, que adorava já a sua figura cativante e altiva, as suas aventuras da Índia, e a excêntrica forma do seu chapéu, que ele trazia com uma graça distinta e audaz. O capitão tinha na mão um álbum e um lápis.

— Captain — disse-lhe eu tomando-lhe o braço — vou levá-lo a minha prima, a senhora condessa. Esconda os seus desenhos, ela é implacável e faz caricaturas.

A condessa estendeu ao inglês uma pequena mão, magra, nervosa, macia, com umas unhas polidas como o marfim de Diepa.

— Meu primo disse-me, Captain Rytmel, que tinha mil histórias da Índia

para me contar. Já lhe digo que lhe não perdoo nem um tigre, nem uma paisagem. Quero tudo! Adoro a Índia, a dos índios, já se vê, não a dos senhores Ingleses. Já esteve em Malta? É bonita?

— Malta, condessa, é um pouco de Itália e um pouco do Oriente. Surpreende por isso. Tem um encanto estranho, singular. De resto é um rochedo.

— Demora-se em Malta? — perguntou a condessa.

— Uma semana.

A condessa estava torcendo a sua luva; ergueu os olhos, pousou-os no oficial, tossiu brandamente, e com um movimento rápido:

— Ah! Vai deixar-me ver o seu álbum.

— Mas, condessa, está branco,

quase branco; tem apenas desenhos lineares, apontamentos topográficos.

— Não creio; deve ter paisagens da Índia, há de haver aí um tigre, pelo menos, a não ser que haja uma *bayadera*!

E, com um gesto de graça vitoriosa, tomou o álbum da mão do oficial.

O capitão fez-se todo vermelho. Ela folheou o livro e de repente deu um pequeno grito, corou, e ficou com o álbum aberto, os olhos húmidos, risonhos, os lábios entreabertos. Olhei: na página estava desenhada uma mulher com um penteador branco, debruçada a uma janela, tendo defronte um horizonte com montanhas e o mar. Era o retrato perfeito da condessa. Ele tinha-a visto assim na véspera, ao luar, à janela do *Club-House*.

O conde tinha-se aproximado.

— Como! Como! És tu, Luísa! Mas que talento! É um homem adorável, capitão. Que desenho! Que verdade!

— Oh! Não! Não! — disse o capitão. — Ontem estava no meu quarto, em *Club-House*; instintivamente tinha o álbum aberto, e o lápis, sem eu querer, sem intenção minha, espontaneamente, fez este retrato. É um lápis que deve ser castigado!

— O quê! — gritou o conde. — É um lápis encantado. Capitão, está decidido que vai jantar comigo, logo que cheguemos a Malta. Já o não largo, meu caro! Há de ser o nosso cicerone em Malta. Mas que talento! Que verdade!

E falando em português para a condessa:

— E um bebedor de cerveja, hem?

Nesse momento uma sineta tocou: era o almoço.

3

Talvez estranhe, senhor redator, a escrupulosa minuciosidade com que eu conto estes factos, conservando-lhes a paisagem, o diálogo, o gesto, toda a vida palpável do momento. Não se admire. Nem tenho uma memória excecional, nem faço uma invenção fantasista. Tenho por costume todas as noites, quando fico só, apontar num livro branco os factos, as ideias, as imaginações, os diálogos, tudo aquilo que no dia o meu cérebro cria ou a minha vida encontra. São essas notas que eu copio aqui.

A mesa do almoço estavam já sentados os passageiros. Q nosso lugar era ao pé do capitão. O comandante do

Ceilão era um homem magro, esguio, com uma pele muito vermelha, de onde saíam com a hostil aspereza com que as urzes saem da terra, duas duras suíças brancas.

Ao seu lado sentavam-se duas excêntricas personalidades de bordo: o *Purser*, que é o comissário que vela pela instalação dos viajantes e pelos regulamentos de serviço, e Mr. Colney, empregado do correio de Londres. O *Purser* era tão gordo que fazia lembrar um grupo de homens robustos metidos e apertados numa farda de marinha mercante. Mr. Colney era alto e seco, com um imenso nariz agudo e enristado, em cuja ponta repousava pedagogicamente o aro de ouro dos seus óculos burocráticos: O *Purser* tinha uma fraqueza que o dominava — era o desejo de falar bem

brasileiro. Tinha viajado no Brasil, admirava o Maranhão, o Pará, os grandes recursos do Império. A todo o momento se aproximava de mim para me perguntar certas subtilezas da pronúncia brasileira. Mister Colney, esse, era gago e tinha a mania de cantar cançonetas cómicas. Os outros passageiros eram oficiais, que iam tomar serviço na Índia, algumas *misses* alegres e louras, um *clergyman* com doze filhos, e duas velhas filantrópicas, pertencentes à Sociedade educadora dos pequenos patagónios.

Logo que Captain Rytmel entrou na sala, seguindo a condessa, um homem que se debatia gulosamente no prato com a anatomia de uma ave fria, encarou-o, ergueu-se, e com uma alegria ruidosa gritou:

— *Viva Dios!* É Captain Rytmel! Eh! Querido! Mil abraços! Está gordo, *hombre*, está mais gordo!

Envolvia-o nos braços robustos, olhava-o ternamente com dois grandes olhos negros. Captain Rytmel, depois do primeiro instante de surpresa, em que se fez pálido, apressou-se a ir apertar a mão a uma senhora, extremamente bela, que estava sentada ao pé daquele homem guloso e expansivo, o qual era um espanhol, negociante de sedas, e se chamava D. Nicazio Puebla.

A senhora, que se chamava Cármen, era cubana, e segunda mulher de D. Nicazio; era alta, de formas magníficas, com uma carnação que fazia lembrar um mármore pálido, uns olhos pretos que pareciam cetim negro coberto

de água, e cabelos anelados, abundantes, desses a que Baudelaire chamava *tenebrosos*. Vestia de seda preta e com mantilha.

— Estavam em Gibraltar? — perguntou Captain Rytmel.

— Em Cádis, meu caro — disse D. Nicazio. — Viemos ontem. Vamos a Malta. Volta para a Índia? Ah! Captain Rytmel, que saudade de Calcutá! Lembra-se, hem?

— Captain Rytmel — disse sorrindo friamente Cármen — esquece depressa, e bem!

No entanto, nós olhávamos curiosamente para Cármen Puebla. O conde achava-a *sublime*. Eu, admirado também, disse baixo à condessa:

— Que formosa criatura!

— Sim! Tem ares de uma estátua malcriada — respondeu ela secamente.

Olhei para a condessa, ri:

— Ó prima! É uma mulher adorável, que devia ser em miniatura para se poder trazer nos berloques do relógio; uma mulher que decerto vou roubar, aqui no alto mar, num escaler; uma mulher cujos movimentos parecem música condensada! Ó prima! Confesse que é perfeita... Menino! — acrescentei para o conde — passa-me depressa a soda, preciso calmantes...

No entanto, Captain Rytmel, sentado junto de Cármen, falava da Índia, de velhos amigos de Calcutá, de recordações de viagens. A condessa não comia, parecia nervosa.

— Vou para cima — disse ela de

repente — mande-me chá.

Quando a viu subir, Rytmel ergueu-se, perguntando ao conde:

— Está incomodada a condessa?

— Levemente. Precisa de ar. Vá-lhe fazer um pouco de companhia, fale-lhe da Índia. Eu não posso deixar este *caril*...

Eu tinha interesse em ficar à mesa defronte da luminosa Cármen, concentrei-me sobre o meu prato. O capitão tinha tomado logo o seu excêntrico chapéu índio, orlado de véus brancos.

Ao vê-lo seguir a condessa, a espanhola empalideceu. Momentos depois ergueu-se também, tomou uma larga capa de seda à maneira árabe de um *bournous*, enrolou-a em roda do corpo, e subiu para a tolda, apoiada numa alta bengala de castão de marfim.

O almoço tinha acabado. Falava-se da Índia, do teatro de Malta, de Lorde Derby, dos Fenians; eu enfastiava-me, fui apertar a mão ao comandante, e fumar para cima um bom charuto, sentindo a brisa fresca do mar.

A condessa estava sentada num banco à popa; ao pé dela o capitão Rytmel, num *pliant* de vime.

Cármen passeava rapidamente ao comprido da tolda; às vezes, firmando-se nas cordagens, subia o degrau que contorna interiormente a amurada, e ficava olhando para o mar, enquanto a sua mantilha e a sua capa se enchiam de vento, e lhe davam uma aparência ondeada e balançada, que a assemelhava àquelas divindades que os escultores antigos enroscavam no flanco dos

galeões!

4

D. Nicazio Puebla, que o *Purser* me apresentara já, viera fumar para ao pé de mim.

— Esteve na Índia, *Cabattero*? — perguntei-lhe eu.

— Dois anos, em Calcutá. Foi lá que conheci o capitão Rytmel. Convivíamos muito. Jantávamos sempre juntos. Fui à caça do tigre com ele. Cacei o tigre. Deve ir a Calcutá! Que palácios! Que fábricas!

— O capitão é um valente oficial.

— É alegre. O que nós ríamos! E bravo, então! Se lhe parece! Salvou-me a vida.

— Nalguma caçada?

— Eu lhe conto.

Tínhamo-nos aproximado da popa, falando. Neste momento vi eu a espanhola encaminhar-se para o lugar em que a condessa falava com Rytmel, e com uma resolução atrevida, a voz altiva, dizer-lhe:

— Capitão, tem a bondade, dá-me uma palavra?

A condessa fez-se muito pálida. O capitão teve um movimento colérico, mas ergueu-se e seguiu a espanhola.

Eu aproximei-me da condessa.

— Quem é esta mulher? Que quer?... — disse-me ela toda trémula.

Eu sosseguei-a e dirigi-me a D. Nicazio.

— Viu aquele movimento de sua mulher?

— Vi.

— É inconveniente: e o cavalheiro responde decerto pelas fantasias ou pelos hábitos daquela senhora...

— Eu! — gritou o espanhol. — Eu não respondo por coisa alguma. O senhor que quer? É um monstro essa mulher! Livre-me dela, se pode! Olhe: quere-a o senhor? Guarde-a. Está sempre a fazer destas cenas! E não lhe posso fazer uma observação! É uma fúria, usa punhal!

— Esta mulher — fui eu dizer à condessa — é uma criatura sem consideração e parece que sem dignidade. Não a olhe, não a escute, não a perceba, não a pressinta. Se houver outra inconveniência eu dirijo-me ao comandante, como se ela fosse um grumete insolente. É pena... é terrivelmente linda!

A espanhola, no entanto, junto da amurada, falava violentamente ao capitão Rytmel que a escutava frio, impassível, com os olhos no chão.

O conde subiu neste momento. Outras senhoras vieram, os grupos formavam-se, começavam as leituras, as obras de costura, o jogo do boi...

Eu aproximei-me de D. Nicazio e disse-lhe sem lhe dar mais importância:

— Então esta sua senhora dá-lhe desgostos?

— É sempre aquilo com o capitão. Foi desde a tal caçada ao tigre... Quer que lhe conte?...

— Diga lá.

Sentei-me na tenda onde se fuma, acendi um charuto, cruzei as pernas, recostei a cabeça e, embalado pelo lento

mover do navio, cerrei os olhos.

— Um dia em Calcutá — começou o espanhol — dia de grande calor...

Mas não, senhor redator. Eu quero que esta história a saiba do próprio capitão. Aí tem a tradução fiel de uma das mais vivas páginas de um dos seus álbuns de impressões de viagem.

«... Sabes, escrevia ele a um amigo, que o sonho de todo o negociante que chega à Índia é caçar o tigre.

D. Nicazio Puebla quis caçar o tigre. Sua mulher Cármen decidiu acompanhá-lo. Essa, sim, que tinha a coragem, a violência, a necessidade de perigos de um velho explorador Hundodo! Eu estimava aquela família. Combinámos uma caçada com alguns oficiais meus amigos, então em Calcutá. A duas léguas

da cidade sabiam os exploradores que fora visto um tigre. Tinha mesmo saltado, havia duas noites, uma paliçada de bambus, na propriedade de um doutor inglês, antigo colono e tinha devorado a filha de um malaio. Dizia-se que era um tigre enorme, e formosamente listrado.

Partimos de madrugada, a cavalo. Um elefante, com um palanquim, levava Cármen. Um boi conduzia água em bilhas encanastradas de vime. Iam alguns oficiais de artilharia, sipaios, três malaios e um velho caçador experimentado, antigo brâmane, degenerado e devasso, que vivia em Calcutá das esmolas dos nababos e dos oficiais ingleses. Era destemido, meio louco, cantava estranhas melodias do Indostão, adorava o Ganges, e dormia sempre em cima de uma palmeira.

Nós levávamos espingardas excelentes, punhais recurvados, espadas de dois gumes, curtas, à maneira dos gládios romanos, e o terrível tridente de ferro que é a melhor arma para a luta com o tigre. Ia uma matilha de cães, forte e destra, da confiança dos malaios.

Às 11 horas do dia penetrávamos em plena floresta. O tigre devia ser encontrado numa clareira conhecida. Íamos calados, vergando ao peso implacável do sol, entre palmeiras, tamarindos, espessuras profundas, num ar sufocado, cheio de aromas acres. Toda aquela natureza estava entorpecida pela calma: os pássaros, silenciosos, tinham um voo pesado; as suas penas coloridas, vermelhas, negras, roxas, douradas, resplandeciam sobre o verde-negro da

folhagem. O céu mostrava uma cor de cobre ardente; os cavalos marchavam com o pescoço pendente; os cães arquejavam; o boi que levava a água mugia lamentavelmente; só o elefante caminhava na sua pompa impassível, enquanto os malaios, para esquecer a fadiga, diziam, com a voz monótona e lenta, cantigas de Bombaim.

Estávamos ainda distantes do tigre: nem os cavalos tinham rinchado, nem o elefante soltara o seu grito melancólico e doce. Todavia, achávamo-nos próximo da clareira.

Eu cheguei-me ao palanquim de Cármen e bati nas cortinas. Cármen entreabriu-as: estava pálida da fadiga do sol e do prazer do perigo; os olhos reluziam-lhe extraordinariamente.

Ansiava pela luta, pelos tiros, pelo encontro da fera. Pediu-me uma *cigarette* e um pouco de conhaque e água...

Eu, desde que a conhecia, tinha muitas vezes olhado Cármen com insistência, e tinha visto sempre o seu olhar negro e acariciador envolver-me respondendo ao meu.

Tinha-lhe algumas vezes dado flores, e uma noite que num terraço em Calcutá, olhávamos as poderosas constelações da Índia, o céu pulverizado de luz, ela tinha um momento esquecido as suas mãos entre as minhas. A sua beleza perturbava-me como um vinho muito forte. E ali, naquela floresta, sob um céu afogueado, entre os aromas das magnólias, Cármen aparecia-me com uma beleza prestigiosa, cheia de tentações, a

que se não foge.

— Ah, Cármen! — disse eu. — Quem sabe os que voltarão a Calcutá!

— Está rindo, capitão...

— Na caçada do tigre pode-se pensar nisto: o tigre é astuto; tem o instinto do inimigo mais bravo e do que é mais lamentado.

— Ninguém hoje seria mais lamentado que o capitão.

— Só hoje?

— Sempre, e bem sabe porquê.

De repente o meu cavalo estacou.

— O tigre! O tigre! — gritaram os malaios.

Os cavalos da frente recuaram; os sipaios entraram nas fileiras da caravana. Os cães latiam, os malaios soltavam gritos guturais, e o elefante estendia a

tromba, silencioso. De repente, houve como uma pausa solene e triste, e um vento muito quente passou nas folhagens.

Estávamos defronte de uma clareira coberta de um sol faiscante. Do outro lado havia um bosque de tamarindos: era ali decerto que a fera dormia. Voltei-me para D. Nicazio: vi-o pálido e inquieto.

— D. Nicazio! Dê o primeiro tiro, o sinal de alarme!

D. Nicazio picou rapidamente o cavalo para mim, murmurou com uma voz sufocada:

— Quero subir para o elefante. Cármen não deve estar só; pode haver perigo...

Falei aos malaios, que desdobraram a estreita escada de bambu,

por onde se sobe ao dorso dos elefantes. O cornaca dormia encruzado no vasto pescoço do animal. D. Nicazio subiu com avidez, arremessou-se para dentro do palanquim, e de lá, pela fenda das cortinas, espreitava com o olho faiscante e medroso.

Mas então foi Cármen que não quis ficar dentro do palanquim, pediu, gritou, queria montar a cavalo, sentir o cheiro à fera.

— Tirem-me daqui, tirem-me daqui! Não fiz esta jornada toda para ficar dentro de uma gaiola...

Não havia sela em que mulher montasse, nem cavalo bastante fiel; não se podia consentir que Cármen descesse.

Mas eu tive uma ideia estranha, perigosa, tentadora, imprevista: era pô-la

à garupa do meu cavalo. Disse-lho.

Ela teve um gesto de alegria, quase se deixou escorregar, agarrando-se às cordas do palanquim, pelo ventre do elefante; correu, pôs o pé no meu estribo, enlaçou-me a cintura, e com um lindo pulo, sentou-se à garupa. Os oficiais exclamavam que era uma imprudência. Ela queria, instava, e apertava-me contra a curva do seu peito, rindo, jurando que nem as garras do tigre a arrancariam dali...

Os malaios preparavam os tridentes, dispunham a matilha. Eu, como levava Cármen à garupa, tinha-me colocado atrás do grupo, cerrado, com os pés firmes nos estribos, atento, os olhos fitos na espessura dos tamarindos.

Mas nem se ouviam rugidos, nem

um estremecimento de folhagem.

Cármen apertava-me exaltada.

— Vá! Vá! — pediu-me ela baixo. — O tigre, o tigre! Dê o sinal!

Ergui um revólver, e disparei. O eco foi cheio e poderoso. E logo ouviu-se um rugido surdo, lúgubre, rouco, que era a resposta do tigre. Estava perto, entre os primeiros tamarindos. A matilha rompeu a ladrar...

— Que ninguém se alargue! — disse o velho brâmane, que tinha trepado a uma palmeira, e de lá olhava, farejava, ordenava.

Todos conservavam a espada ou tridente inclinado em riste, esperando o salto do tigre. Eu dera uma *cuchilla* a Cármen, tinha na mão da rédea um forte revólver e na outra um punhal curvo...

De repente os arbustos estremeceram, as altas ervas curvaram-se, sentiu-se um bafo quente, um cheiro de sangue, e o tigre veio cair com um rugido, diante dos caçadores, no meio da clareira, estacado e imóvel.

Era muito comprido, de pernas curtas e espessas, a cabeça óssea, os olhos fulvos, ferozes, num movimento perpétuo e convulsivo; e a língua vermelha como sangue coalhado, pendia-lhe fora da boca.

Um momento o tigre arrastou-se, batendo os ilhais com a cauda. Depois, com um gemido profundo, saltou. Mas os cães, arremessando-se, tinham-no prendido no ar, pelas orelhas, pela pele espessa do pescoço, pelas pernas, vestindo-o de mordeduras, rasgando-o,

rugindo, cobrindo-o todo. Alguns ficaram logo despedaçados.

E no instante em que a fera, tendo cuspido todos os cães, ficou só, magnífica e de cabeça alta, o brâmane fez um sinal. Duas balas partiram. O tigre rugiu, rolou-se freneticamente no chão. Estava ferido. Imediatamente ergueu-se, arremessou-se sobre os homens. Todos tinham o tridente e os punhais enristados, o ventre da fera veio rasgar-se nas lâminas agudas. Prendera, porém, um malaio entre as garras, e rasgava-lhe o peito. A uma todos enterravam as facas no corpo do animal, e ele, sucumbindo sob o peso, sob as feridas, varado por uma bala, debatia-se ainda ferozmente, esmigalhando na agonia os membros do pobre malaio.

— Nada de bala! Nada de bala!

— gritava o brâmane.

Eu estava fascinado. Cármen convulsivamente apertada a mim, com os olhos chamejantes, vibrando por todo o corpo, dava gritos surdos de excitação. O tigre ficara estendido, escorrendo sangue. Eu devorava-o com a vista, seguia-lhe a mais pequena contração dos músculos. Vi-o arquear-se de repente, e com um pulo vertiginoso arremessar-se sobre mim e sobre Cármen. Com uma determinação súbita, disparei um tiro do meu revólver no ouvido do cavalo que montávamos. O animal caiu sobre os joelhos, nós rolámos no chão. O tigre levava um pulo elevado, roçou pelas nossas cabeças, foi cair a distância, revolvendo-se na terra. Ergui-me, arrojei-me a ele, cravando-lhe o punhal entre as patas dianteiras, com um

movimento rápido, que lhe foi ao coração. O tigre ficou morto. Abaixei-me, e com uma faca malaia em forma de serra cortei-lhe uma pata, e apresentei-a a Cármen.

— Hurra! — gritaram todos, e o eco deste grito estendeu-se pela floresta.

Cármen tinha-se aproximado do tigre morto, acariciava-lhe a pele aveludada, tocava-lhe com as pontas dos dedos no sangue que escorria.

— Hurra! Hurra! — continuavam gritando os caçadores.

Cármen, então, arremessando-se aos meus braços, beijou-me na testa com entusiasmo, dizendo alto:

— Salvou-me a vida! Devo-lhe a vida!

E mais baixo, murmurou-me ao ouvido:

— Amo-te.

A tarde caía. Sentíamos os braços fracos, e grande sede. Começámos a dirigir-nos para Calcutá. Descansámos numa plantação de índigo. E ao começar da noite, com archotes acesos, e cantando, partimos alegremente para a cidade, pela floresta, num caminho conhecido e seguro. As luzes davam à ramagem atitudes fantásticas; pássaros acordando esvoaçavam; e sentia-se o fugir dos chacais. Era como a volta de uma caçada bárbara, das velhas legendas da Índia. Cármen tinha aberto as cortinas do palanquim. Eu montava, ao lado dela, o cavalo do malaio morto. Ela inclinou-se para mim e com a voz abafada:

— Juro-te — disse-me — que te amo, como só no nosso país se ama. Juro-

te que em todas as circunstâncias, sempre darei a minha vida pela tua, quererei os teus perigos, serei a tua criatura, e só te peço uma coisa.

— O quê?

— É que de vez em quando, quando não tiveres melhor que fazer, te lembres um pouco de mim.

O momento, o sítio, os perfumes acres, as fantásticas sombras da floresta, a luz dos archotes, a beleza maravilhosa e fatal de Cármen, os tiros, os sons das trompas, os relinchos dos cavalos, os gritos dos chacais, tudo me tinha perturbado, exaltado, e esquecendo o senso e a lógica, disse-lhe:

— Juro-te que te amo, que sempre te serei leal, e que no dia em que vires que te esqueço, quero que me mates!

Ela segurou a mão que lhe estendi, e com uma carícia humilde, com um gesto de fera que rasteja, curvou-se toda na grade do palanquim, e beijou-me os dedos.

A noite, no entanto, enchia-se de enormes estrelas cintilantes...»

5

Ao terceiro dia de viagem do *Ceilão*, um dia antes de avistarmos Malta, um oficial inglês, ao almoço, lembrou que naquele dia fazia 28 anos o príncipe de Gales. Quase todos os oficiais que estavam a bordo conheciam o príncipe, estimavam o seu caráter, o seu temperamento eminentemente byroniano.

Resolveram, com acedência do comandante, celebrar a data e valsar à noite, na tolda, à luz de um *punch* colossal.

O jantar foi já ruidoso; o Champanhe resplandeceu como opala líquida nas taças facetadas; a pesada *pale ale* espumou; o Xerez ferveu na *soda*

water. Cármen, pela sua beleza e pela estranha *verve* da sua agitação, foi a alegria daquele pesado e longo banquete de anos reais.

Houve *toasts*, à rainha e aos príncipes ingleses, ao lorde-almirante, à companhia *P. and O.;* e um inglês rico fez um *speech* aos estrangeiros: *The count and countess of W.*

— Peço um *toast* — disse Cármen, de repente.

Os copos tiniram, estalaram as rolhas.

— A caçada do tigre! Aos palanquins de cortinas brancas! Aos caçadores que salvam as damas que têm à garupa!

A maior parte não compreendeu, alguns riram, mas como o *toast* era

excêntrico, foi escoltado de aplausos.

— *Oh! shocking!* — disse ao meu lado uma velha irlandesa, que tinha pelo amplo ventre do *Purser* uma fascinação concentrada.

— *Not at all, Madam!* — disse eu. — É apenas o sangue meridional. Aquela viveza, aqueles olhos luzentes, é o sangue meridional: se ela agora quebrasse todas as garrafas de encontro ao teto da sala, era o sangue meridional...

A inglesa escutava, como quem se instrui.

— ...se ela tomasse de repente a roda do leme e arremessasse o paquete contra um rochedo, era o sangue meridional; se ela ousasse arrancar com mãos ímpias os seus óculos, *milady*...

— *Ouh!* — gritou ela.

— ...era ainda o sangue meridional!

— *Oh! Very shocking the* sangue meridional!

Os oficiais ingleses, esses, estavam entusiasmados com Cármen.

No entanto, as senhoras tinham-se erguido; e em volta do conde juntara-se um grupo de bebedores convictos e sérios. Serviu-se o Conhaque e os álcoois. Cármen ficara entre os homens, bebendo licor, rindo e fumando *cigarettes*.

A condessa subira pelo braço de Captain Rytmel.

D. Nicazio, esse, comia impassivelmente o seu queijo adornado de mostarda, de salada, de vinagre, de sal, de rábanos e de um leve pó apimentado de

Ceilão.

Não sei como, falou-se de mulheres, e de carateres femininos.

— Eu — disse logo Cármen — compreendo a gravidade devota das *misses:* como senhoras inglesas é sua educação; nasceram para serem hirtas, louras, frias e leitoras da *Revista de Edimburgo.* Estão na verdade do seu caráter: um pouco menos vivas seriam de *biscuit*, um pouco mais seriam *shockings*. Mas o que eu detesto, são as canduras alemãs, os modos virginais de criaturas que, pelo seu clima, pelo sol do seu país, pertencem ao que a vivacidade tem de mais petulante. Uma espanhola, uma italiana, uma portuguesa, caindo no *missismo* e dando-se ares vaporosos, hipócritas e beatos, serve sempre para

esconder um amante, quando não serve para esconder dois.

Aquelas palavras eram, evidentemente, uma alusão sanguinolenta às maneiras reservadas da condessa, que, sendo loura, discreta, suave, contrastava poderosamente com aquela trigueira e ruidosa espanhola.

— Perdão, *senhora* — disse-lhe eu em espanhol: — hoje as verdadeiras maneiras não são o *salero*, são a *gravidade*. O *salero* pode ser bom no teatro, na zarzuela, nos corpos de baile, nas gravuras de uma viagem à Espanha, mas é de todo o ponto inconveniente numa sala.

Ela empalideceu levemente, e fitou-me:

— *Caballero* — perguntou — *es*

usted pedante de rhetorica?

Eu ri-me, estendi-lhe a mão, e tudo acabou com um novo *toast*.

Mr. Cokney, que escutava a espanhola, tinha atendido às nossas palavras, tinha achado um som pitoresco e estranho naquele dizer — *pedante de rhetorica*, e exclamava para os outros ingleses, rindo:

— *Oh yes, Pedant de Rethoric, it is very phantastic!*

Entretanto, a noite caía. Eu senti-me pesado, recolhi à cabina, adormeci ligeiramente. Pelas nove horas subi à tolda. Fiquei surpreendido.

Não havia luar, nem estrelas, nem vento. Ao fim da tolda ardia o *punch*. Era enorme, a sua chama larga, azulada, fantástica, subia, palpitava, fazia sobre o

navio toda a sorte de reflexos e de sombras. Dos lugares escuros saíam risadas de *flirtations*. Havia uma flauta e uma rabeca. E já um ou outro par valsava em roda da claraboia da tolda.

A mastreação do navio, tocada em grandes linhas azuladas pela luz do *punch*, fazia lembrar um galeão de legenda, o paquete de Satã.

Algumas senhoras estavam vestidas de branco, e quando no círculo da valsa passavam sob a zona da luz, e eram envolvidas numa claridade fosfórica, os vestidos brancos tomavam tons espectrais, os cabelos louros luziam com um encanto morto, havia em tudo aquilo como uns longes de dança macabra...

Cármen estava possuída da mesma

agitação da chama do *punch*, travava do braço a um, valsava com outro, escarnecia, tinha réplicas, batia o leque. D. Nicazio, esse ressonava perto da amurada. De vez em quando entornavam-lhe*punch*pela boca: ele abria uma fresta do olho:

— *Thank you, caballeros* — e adormecia.

— Onde está Captain Rytmel? — disse de repente Cármen. — Tragam-no... Quero valsar com ele.

Rytmel conversava com a condessa sossegadamente, longe da luz.

— Rytmel! Rytmel! — chamaram várias vozes.

Vimo-lo aproximar-se contrariado, mas rindo.

— Uma valsa! — gritou-lhe a

espanhola.

A flauta começou: ela tomou os ombros do capitão, e despediram em grandes círculos; os vestidos de Cármen enchiam-se de ar, os seus cabelos desmanchavam-se; a luz do *punch* tremia; ao compasso rápido, os giros vertiginosos, enlaçados, pareciam voos, lembravam a valsa do diabo cantada por Byron. Ela vergava nos braços de Rytmel, com a cabeça errante, os olhos cerrados, os beiços entreabertos e húmidos.

— Bravo! Bravo! — gritavam os ingleses em roda.

A luz do *punch* erguia-se, balançava-se, valsava também. Cármen e Rytmel passavam como sombras, levados por um vento leve, cheios dos reflexos idealizadores da chama azul. O som

frenético da flauta perseguia-os: parecia que eles iam voar, desaparecer entre as cordagens, dissipar-se na noite. Os ingleses gritavam, erguendo os chapéus:

— *Hip! Hip! Hip!*

Eu notava na condessa, entretanto, uma vaga sobre-excitação: estava observando de longe com os olhos resplandecentes, o seio arquejante. Apenas a valsa findou, ela tomou o braço do capitão, e ouvi-lhe dizer numa voz grave e repreensiva:

— Não dance mais.

Fiquei surpreendido. Que havia? Um segredo? Pois a condessa, tão altiva, tão casta, tão tímida!

Aproximei-me dela.

— Prima, é tarde. Não quer descer?...

Ela olhou-me serenamente, sorrindo.

— Não. Porquê?

E afastou-se com o capitão Rytmel para ao pé da tenda onde de dia se fumava, e agora deserta e quase escura.

Eu, maquinalmente, fui-os seguindo, cheguei-me impercetivelmente pelo lado oposto, e quase sem querer, ouvi.

O capitão dizia-lhe:

— Mas porque duvida? Eu desprezo aquela mulher. A nossa amizade nada perde, e nada sofre. Ela foi para mim um capricho, e história de um momento. Agora nem uma recordação é...

Continuaram falando baixo, e melancolicamente. Eu fui encostar-me um momento à amurada. Erguera-se vento, e o

vapor começava a jogar...

Quando me aproximei de novo dos grupos ruidosos, ouvi casualmente Cármen que dizia:

— Onde se some aquele capitão Rytmel? Desapareceu outra vez com a condessa, não viram? Vamos procurá-los.

Compreendi a traição. Corri rapidamente, sem ser percebido, à tenda *fumoir*, entrei, sentei-me num banco, conversando alto, ao acaso. A tenda estava apenas alumiada por uma lanterna. A condessa ao ver-me aparecer assim tão bruscamente, fizera-se pálida de cólera.

Mas, nesse momento, chegavam alguns oficiais, gritando:

— Rytmel! Rytmel!

Eu adiantei-me, dizendo:

— Que é? Estamos aqui; não

queremos dançar mais...

Os oficiais afastaram-se. A condessa percebeu que eu a tinha salvado de uma situação penosamente equívoca, e o seu olhar agradeceu-me, profundamente.

— Desça, condessa, desça — segredei-lhe eu.

Ela disse com um sorriso melancólico a Rytmel:

— Está frio, adeus!

Rytmel e eu, voltámos para o grupo dos oficiais.

Eu queria vingar-me de Cármen; lembrou-me o torná-la o centro de ruído e de orgia.

— *Senorita!* — disse-lhe eu — cante-nos uma *seguidilla* ou uma *habanera!* Faz um belo efeito no alto mar. Estão aqui *gentlemen* que nunca ouviram

a música dos nossos países.

— Sim, sim — gritaram todos. — Uma *seguidilla!...*

Ela queria recusar-se, descer ao beliche.

— Não, não, cante, *milady*, cante!

Os pedidos eram instantes e ruidosos. Ela cedeu, ergueu a voz, no meio do silêncio, acompanhada pelo monótono ruído do vapor e pelo vento crescente, e cantou com uma voz forte e lânguida:

A la puerta de mi casa
Hay una piedra mui larga...

Os ingleses estavam extáticos. No fim os aplausos estalaram como foguetes, encheram-se os copos, um gritou:

— Pela *señorita Cármen*! Hip! hip! Hurra! Os aplausos ecoaram no mar.

Ela estava extremamente embaraçada, compreendia que só, no meio daquelas aclamações de homens, a sua posição era equívoca e ousada.

— Ora vejam! — disse eu então, com uma bonomia mefistofélica — é pena que as senhoras não ouvissem, e que estejamos aqui sós, entre rapazes, na pândega.

Cármen deitou-me um vivo olhar de ódio: eu estava vingado. Um dos ingleses, no entanto, Mr. Reder, continuava, erguendo o copo, cheio de *punch:*

— A Cármen Puebla! Hip! hip! hip!

— Hurra! — responderam os

outros entusiasmados.

E o eco triste do mar, repetiu:

— Hurra!

Tocou uma sineta. Eram onze horas. Apagaram-se as luzes. Quase todos desceram rapidamente. Havia um forte vento de noroeste. O balanço do navio crescia. Navegávamos então à vista da terra de África. Quando a tolda ficou deserta, sentiu-se mais vivamente o vento uivar nas cordagens, e bater a grande pancada do mar.

De espaço a espaço a sineta marcava os quartos: e a voz melancólica do marinheiro de vigia, dizia, pausadamente:

— *All is well.*

Havia duas horas que eu tinha descido ao beliche. Estava naquela

confusa penumbra que não é o sono, nem a vigília, mas um vago sonho vivo que se sente e que se domina: via a condessa passar numa nuvem com Rytmel, alegre, bebendo cerveja; via Cármen vestida de monge, dançando sobre a corda bamba; e estas visões confundiam-se com o balanço e com o bater da hélice.

De repente senti uma pancada pavorosa. O navio estremeceu, parou, ressoou um grande grito.

6

Dei um salto, corri à porta do beliche:

— *Stewart! Stewart!*

O *Stewart*, apareceu esguedelhado, quase nu.

— Que é? Estamos perdidos? Batemos num rochedo?

— Não sei. Não há de ser nada, o navio é seguro.

Ouvia em cima marinheiros correndo, o movimento que se faz num perigo.

— Estamos perdidos — pensei eu, vestindo-me com uma precipitação angustiada.

A cada momento esperava ver o

navio descer, afundar-se, e uma enorme onda pesada entrar, alagar a cabina.

Corri à tolda. Giravam lanternas. Quase todos tinham subido: os vestidos brancos, os penteadores das mulheres, davam aos grupos um vago mais lúgubre. A oficialidade estava impassível.

— Que foi? Que foi? — perguntei a alguém.

— Não se sabe, quebrou-se a máquina. Mas temos sobre nós um terrível vendaval...

— Estamos perdidos!

— O navio é seguro — respondeu o outro.

Ao lado diziam:

— O capitão devia deitar as lanchas ao mar.

O céu estava limpo: luziam

estrelas. O vento assobiava mais forte. O navio tinha aquela oscilação lúgubre de bombordo a estibordo, que têm os grandes peixes mortos quando boiam ao cimo de água. Olhei os astros, o céu impassível, a água negra —, e senti um imenso desprezo pela vida.

Em roda de mim a cada instante ouviam-se versões contraditórias. Uns diziam que ficaríamos *à capa*, esperando firmemente o mau tempo; outros que o navio estava perdido... Um oficial disse ao passar:

— Oh, senhores! Isto não vale nada: conserta-se; já me aconteceu duas vezes de Adem a Bombaim.

Não havia a menor confusão; tudo continuava tão sereno e regular, como se caminhássemos num largo rio, à clara luz

do Sol. O comandante, enfim, apareceu:

— Meus senhores — disse ele — é apenas um contratempo. Houve um desarranjo grave na máquina. Não sei se poderei navegar. Com calmaria, talvez. Mas com o vento que vem sobre nós, é caso para um atraso de quatro ou cinco dias.

No entanto, o vento crescia. Havia por todo o mar flocos de espuma. Ouvia-se no horizonte um ruído surdo, como o marchar de mil batalhões.

A maior parte dos ingleses, pesados de sono e de vinho, tinham voltado para as cabinas, indiferentes ao perigo. Algumas *ladies*, transidas, mas graves, ficaram no convés.

Em baixo, os engenheiros e os maquinistas trabalhavam poderosamente,

e sem cessar.

Captain Rytmel aproximou-se de mim.

— É um perigo, e é um perigo sem luta. Este imbecil deste comandante navegou de mais para sul. Estamos perto da costa de África. Se o vendaval nos apanha agora atira-nos para lá... Todavia, o nosso engenheiro de bordo, Pernester, é um homem de génio. Onde está a condessa?

Descemos à sala comum. A condessa lá estava encostada à mesa, serena e pálida.

— Suba, prima, suba — disse eu. — Ao menos em cima vê-se o céu, a água e o perigo!

Viemos encostar-nos à amurada, agarrados às cordagens. As estrelas

davam uma claridade nebulosa. As ondas profundamente cavadas, orladas de espuma, reluziam sob aquela luz vaga. O vento era terrível.

— Porque não deitam lanchas ao mar? — dizia a condessa. — Ao menos lutava-se, havia a coragem. Mas ser arremessado o paquete para a África como uma baleia morta!

Ela quis passear, mas o movimento do navio era muito violento; era necessário encostar-se ao braço de Captain Rytmel. Eu dificilmente me equilibrava. A pancada da onda contra o costado tinha um som lúgubre. A sineta de bordo tocava com uma voz desconsolada as horas e os quartos. Tinham-se acendido mais faróis no alto dos mastros. O ruído do vento, de temeroso, parecia uma

passagem violenta de almas condenadas.

Desci à câmara para beber Conhaque, porque o frio era agudo. Cármen, sentada no sofá, no alto da sala, estava ali imóvel, com os olhos vagos, as mãos cruzadas.

— Morremos, hem? — perguntou ela.

— Tem medo? — disse eu.

— Um pouco, de morrer afogada. De uma bala ou de uma facada, não me custava. Mas aqui, estupidamente, neste antipático elemento, é cruel! Ao menos não morro só! Lá se vai a sua linda prima!...

— Porque odeia a pobre condessa? — disse-lhe eu, sorrindo.

— Eu! De modo algum. Acho-a piegas, detesto aqueles ares sentimentais,

desonra a Península. Aí está.

— Não é isso: é porque supõe que Captain Rytmel se interessa de mais por ela.

— E que me importa a mim esse cavalheiro?

E deu uma curta risada.

No entanto, o ar abafado da sala, o movimento do navio perturbava-me. Subi à tolda. A condessa e Rytmel não passeavam. Tinham-se sentado, segundo depreendi, debaixo da tenda. Eu, de pé, através da lona podia escutar, apesar do ruído do vento.

Uma curiosidade indomável, a necessidade de compreender a situação de espírito da condessa, a certeza de que estávamos na aflição de um perigo — e as ações humanas nesses momentos não se

podem sujeitar ao critério da vida trivial —, tudo me levou a ir escutar, apesar das repugnâncias do meu caráter. Acerquei-me, fiz ouvido de espião.

Rytmel dizia:

— E custa-lhe morrer?

— Muito e nada — respondia a condessa. — Muito porque morre comigo o primeiro interesse que tenho na vida, que é a sua amizade; nada, porque, francamente, sou eu feliz?

— Se a minha amizade é para si um interesse profundo...

A condessa calou-se.

— Oh! Compreendo-a bem — disse Rytmel. — Sabe porque não é feliz, apesar da minha amizade? É porque não é a minha amizade o que o seu coração precisa. Oh! Deixe-me falar! É o amor

profundo, inalterável, omnipotente, que esteja em todos os momentos da sua vida e em todas as ideias do seu espírito; que viva do prazer e viva do sacrifício; que seja a última razão da vida, a consolação, a esperança, o ideal absoluto; que pelo que há de mais ardente prenda os seus olhos, e pelo que há de mais elevado prenda a sua alma...

— Cale-se, cale-se — dizia a condessa. — É uma loucura falar assim... Vamos passear, vamos ver o mar.

O vento agora era terrível. O mar estava como água de sabão a perder de vista. O navio oscilava perdidamente e sem rumo. No entanto, na máquina trabalhava-se sempre.

Rytmel continuava falando à condessa.

— Cale-se, cale-se — dizia ela baixo, e como vencida.

— Não; devo dizer-lho: esta palavra «amizade» é falsa. Daqui a duas horas talvez, estamos perdidos. Ao pé da morte a sinceridade é uma justiça. Digo-lho. Amo-a. Não se erga. O vento levará consigo esta confissão. Amo-a. Se estamos culpados depois destas palavras, o mar é um bom túmulo e o mar lava tudo. Amo-a...

— Não diga isso. É um engano; é apenas simpatia. Demais, o amor a que nos levaria? Ou ao desprezo ou à tortura...

Eu ouvia mal. Eles falavam baixo. A tormenta chegava. O navio gemia lamentavelmente. As cordagens, que o vento quebrava de repente, assobiavam como cobras. Os marinheiros sorriam.

Sentiam-se a voz do comando, os martelos, os trabalhos na máquina. Uma vaga entrou, alagou o convés.

De repente senti um movimento dentro da tenda: a condessa ergueu-se; a sua voz era alta e vibrante:

— Captain Rytmel, pensa em sua honra que vamos morrer?

— Penso, condessa.

— Pois bem, quero dizer-lho então: amo-o!

E depois de um momento:

— Oh! Amo-o — repetiu ela com uma explosão de paixão. — Já que tenho a certeza de que morro pura, quero morrer sincera. Adoro-o.

Neste momento um ruído estranho tomou o navio.

Percebi uma forte dominação de

oscilação, uma resistência contra a vaga. Os movimentos da embarcação já não pareciam inertes. Via-se que ela tinha retomado a sua vitalidade... Então senti a hélice... a hélice! O navio movia-se. Via-se a onda esmigalhada pela proa. Caminhávamos! Eu saltei para a abertura que desce à máquina.

— Que é? — perguntei a um oficial que subia.

— Um milagre de Pernester!

Todos tinham corrido. Era uma ansiedade.

O capitão trepou rapidamente pela escada de ferro polida que do interior da máquina sobe ao pavimento do navio.

Estava radiante.

— Imaginem que Pernester...

— Sim, sim — interrompi — mas

então?

— Vamos a caminho. Agora sopra, tormenta, sopra! Amanhã estamos em Malta.

— Bravo, Pernester! Bravo! — gritavam todos.

O grande homem subiu a escada da máquina, ofegante, impassível, vermelho, grave, ainda com a gravata branca do jantar. Esponjou a calva, e disse num tom suave:

— *Now, I should enjoy a nice glass of beer...*

7

No dia seguinte chegámos a Malta. Era de noite, não havia estrelas. A água da baía estava imóvel e negra. Via-se defronte La Valeta, elevada como uma colina, altiva como um castelo, pespontada de luzes. Em redor do paquete as gôndolas corriam silenciosamente tendo à popa, esguia e alta, uma lanterna pendente. Havia um grande silêncio, uma suavidade inefável. Os gondoleiros remavam calados. Aquilo era doce e regular. Sentia-se o mistério italiano e a polícia inglesa.

Desembarcámos: fomos para *Clarence-Hotel*, na Strada-Reale, defronte da célebre igreja de S. João.

Rytmel hospedou-se em casa dos oficiais ingleses. D. Nicazio e Cármen vieram para *Clarence-Hotel*, também. Os três primeiros dias em Malta foram ocupados em percorrer os monumentos: o palácio dos grão-mestres, os palácios chamados *Estalagens*, e que eram pertencentes às diferentes nacionalidades da ordem, as grandes ruas brancas, com elevadas e altivas casas no gosto da Renascença, e os arredores de Malta, Civita-Vecchia, Bengama, Boschetto, e a Ilha de Calipso, que tem tantos encantos em Homero e que é um rochedo húmido, cheio de cavernas tenebrosas. Desde o primeiro dia, Rytmel e alguns oficiais iam jantar a *Clarence-Hotel*. A condessa comia sempre nos seus quartos. O ruído, a petulância da mesa, era Cármen. Deixara-se logo seguir

sempre por um rapaz francês, espirituoso e ligeiro, louro e ardente, um Mr. Perny, *viajante por tédio*, dizia ele.

Cármen não se aproximava de Rytmel. Havia entre eles como uma separação combinada e discreta. Rytmel, pelo contrário, não se afastava de nós em todas as excursões ao campo, às fortificações, à baía; todas as noites nos acompanhava ao teatro. O conde tinha ficado logo cativado das grandes tranças louras de uma rapariga que nós víamos sempre na 1.ª ordem do teatro, com a tez inglesa e os olhos malteses, de uma frescura de *miss* e movimentos de andaluza, e que era uma radiosa Mademoiselle Rize, dançarina em disponibilidade. De resto, o conde não podia separar-se de Rytmel.

Ali, em Malta, os movimentos da condessa e do oficial não estavam tanto sob o domínio da minha vista. Eu, às vezes, não via a condessa um dia, dois dias, absorto na companhia de alguns oficiais ingleses, em passeios no mar, no campo, em ceias e no jogo. Compreendia, porém, que aquela paixão da condessa a dominava absolutamente. Rytmel parecia-me também perdidamente namorado.

Não lhe quero dizer, senhor redator, os raciocínios interiores, que me determinaram a ser indiferente àquela situação. Compreenderá claramente os motivos por que resolvi não saber, não olhar, não perceber, isolar-me numa discrição completa e delicada.

Pouco tempo depois de chegarmos a Malta, tínhamo-nos relacionado com

Lorde Grenley, que estava ali passando o inverno e curando os seus *blue devils*. Tinha vindo de Inglaterra num lindo iate, chamado *The Romantic*, que nós víamos todos os dias na baía bordejar, fazendo reluzir ao sol os seus cobres polidos e o seu esbelto costado branco. Lorde Grenley ligara-se muito com o conde. Era também o íntimo de Rytmel.

Cármen tinha-se encontrado pouco com a condessa, a não ser no teatro, onde a crivava de olhares impertinentes, em plena e altiva indiferença da condessa. Cármen, irritada, não vivendo nas relações de *ladies*, não a encontrando, como nos sete metros do tombadilho do paquete, sob a ação dos seus largos gestos e das suas ásperas ironias, desforrava-se à mesa de *Clarence-Hotel*, envolvendo

indiretamente Rytmel em toda a sorte de alusões e de palavras cáusticas. A sua última tática era instigar sempre Mr. Perny contra o oficial, arremessá-lo contra todas as ideias, todas as opiniões de Rytmel; não sei se com a esperança perversa de um duelo, se apenas pelo gosto de o ver contrariado...

Um dia falava-se da Índia. Rytmel dizia a transformação fecunda que a Inglaterra lhe tinha feito. Uma grande risada interrompeu-o. Era Perny.

— Ri-se? — disse Rytmel, levemente pálido.

— Rio-me? Estalo de riso, tenho apoplexias de riso. Que *transformação fecunda* fez a Inglaterra à Índia? A transformação da poesia, da imaginação, do sol, numa coisa chata, trivial e cheia

de carvão. Eu estive na Índia, meus senhores. Sabem o que fizeram os transformadores ingleses? A tradução da Índia, poema misterioso, na prosa mercantil do *Morning Post*. Na sombra dos pagodes põem fardos de pimenta; tratam a grande raça Índia, mãe do ideal, como cães irlandeses; fazem navegar no divino Ganges paquetes a três xelins por cabeça; fazem beber às*bayaderas*,*pale ale*, e ensinam-lhes o jogo do *cricket*; abrem *squares* a gás na floresta sagrada; e, sobre tudo isto, meus senhores, destronam antigos reis, misteriosos, e quase de marfim, e substituem-nos por sujeitos de suíças, crivados de dívidas, rubros de *porter*, que quando não vão ser forçados em *Botany-Bay*, vão ser governadores da Índia! E quem faz tudo

isto? Uma ilha feita metade de gelo e metade de *rosbeef*, habitada por piratas de colarinhos altos, odres de cerveja!

Captain Rytmel ergueu-se risonho, aproximou-se de mim, e disse:

— Peço-lhe que no fim do jantar pergunte àquele engraçado doido o seu lugar, a sua hora e as suas armas.

E foi sentar-se serenamente. Eu, à sobremesa, afastei-me com Perny, e transmiti-lhe as palavras do meu amigo.

Perny riu, disse que estimava os Ingleses, que apreciava os seus serviços na Índia, que tinha sido instigado por Cármen a contrariar Rytmel, que o achava um adorável *gentleman*, que pedia das suas palavras as mais humildes desculpas, que o seu lugar era por toda a parte, a sua hora sempre, as suas armas quaisquer...

— Mas, dadas essas explicações — disse eu — nada temos que ver com as armas...

— Ah! perdão! — disse o francês — há ainda uma pequena coisa: é que eu acho que o penteado do Captain Rytmel é profundamente ofensivo do meu caráter e da dignidade da França. Isto é que exige reparação.

Nomearam-se padrinhos nessa noite. Combinou-se que o duelo não fosse em Malta: Rytmel era oficial, e os duelos nas praças de armas têm as mais severas penalidades. Era difícil, porém, estando numa ilha inglesa, não se baterem em território inglês. Resolveu-se então que o duelo fosse no alto mar, a um tiro de canhão da costa inglesa. Lorde Grenley emprestou o seu iate e partimos de

madrugada com um vento fresco e um sol alegre. As coisas foram rápidas. Pusemo-nos à capa a cinco milhas de Malta, arriámos o pavilhão inglês, a marinhagem subiu às vergas, e como havia igualdade de nível, um dos adversários foi colocado à popa e outro à proa. O sol dava-nos de estibordo. Eram sete horas da manhã, pequenas nuvens brancas esbatiam-se no ar. O duelo era ao primeiro tiro, havendo ferimento grave. Lorde Grenley deu o sinal, os dois adversários fizeram fogo. Perny deixou cair a pistola, e abateu-se sobre os joelhos. Estava gravemente ferido com a clavícula partida. Foi deitado numa cabina preparada. Levantou-se o pavilhão inglês e navegámos para Malta. Vinha caindo a tarde.

Eu dirigi-me logo aos quartos de

D. Nicazio. Cármen estava só.

— Sabe o que fez? — disse-lhe eu. — Perny está ferido.

— Isso cura-se, eu mesma o curarei... agora o que é sério, é o que se está tramando aqui dentro deste hotel... Eu não sei bem o que é, desconfio apenas... Diga ao conde que vigie a condessa!

Eu encolhi os ombros, sorri, dirigi-me ao quarto da condessa: estava o conde, Rytmel e Lorde Grenley. O ferimento de Perny fora declarado sem perigo, o capitão estava tranquilo. Conversava-se alegremente. Combinava-se uma visita à ilha de Gozzo, a oito quilómetros de Malta. Grenley tinha proposto a excursão, e oferecia o seu iate. O conde esquivava-se, dizendo que o mar o incomodava, no estado nervoso em que

estava.

— Menino, é aquela maldita Rize! — veio-me ele dizer em voz baixa — tenho-lhe para amanhã prometido um passeio a Bengama.

— Mas, então?

— Acompanha tu a condessa. Vai Grenley e Rytmel. Faz-me isto. Bem vês! Mademoiselle Rize é exigente, mas pobrezinha dela, tem o sangue maltês!

Mais tarde, quando eu atravessava para o meu quarto, um vulto veio a mim no corredor e tomou-me pela mão.

— Escute — disse-me uma voz subtil como um sopro.

Era Cármen.

— Se é um homem de honra, cautela amanhã com o passeio a Gozzo.

E desapareceu.

8

No outro dia às seis da manhã fui a casa de Rytmel. A condessa havia estado durante a noite sob o domínio de uma extrema agitação nervosa, mas não queria renunciar ao passeio de Gozzo. Encontrei Lorde Greniey com Rytmel, tomando chá.

Pareceu-me pela fadiga das suas fisionomias, que se não tinham deitado: Lorde Greniey decerto que não, porque estava de casaca, como na véspera, e tinha ainda na *boutonnière* um jasmim-do-cabo, murcho e amarelado.

— Bonita madrugada! — disse Rytmel.

Tinham aberto a janela, o ar fresco

entrava; nas árvores do jardim cantavam os pássaros.

— Adorável! — disse eu. — A condessa esteve toda a noite doente, mas não se transtorna o passeio... Outra coisa: tem um revólver, Rytmel?

— Para quê?

— Disseram-me que era muito curioso atirar aos pássaros que se escondem nas cavernas, em Gozzo. Há um eco excêntrico. Precisamos de uma arma.

Rytmel deu-me um pequeno revólver marchetado.

— Leve-o: eu tenho as algibeiras cheias de álbuns e de canetas para tirar desenhos... Ah! Sabe que este Greniey não vai?

— Porquê? Como assim, Milorde?

— Um jantar oficial com o

governador — disse Lorde Greniey — é horrível. Tenho uma pena imensa...

Às sete horas fomos buscar a condessa. O marido acompanhou-nos até o cais Marsa-Muscheto.

Notei ao entrar no iate que a equipagem estava aumentada e havia um piloto árabe.

Largámos com um vento fresco, às oito horas da manhã; as gaivotas voavam em roda das velas, as casas brancas de La Valeta tinham uma cor rosada, ouviam-se as músicas militares, o céu estava de uma pureza encantadora.

A condessa, um pouco excitada, olhava com uma alegria ávida, para o vasto mar azul, livre, infinito, coberto de luz.

— O que são as mulheres! —

pensava eu. — Esta, tão altiva e tão discreta, está encantada por se ver só, com rapazes, num iate, no alto mar. É para ela quase uma aventura!

Eu, confesso, estava embaraçado. A minha situação era um pouco pedante. Representar eu ali o marido, a família, o dever, diante de duas criaturas moças, belas, namoradas, e ser eu, aos vinte e quatro anos, ardente e apaixonado, o encarregado de fazer a polícia daquele romance simpático! *A la grace de Dieu!* O mar é largo, o céu profundo, a honra existe, daqui a duas horas estamos em Gozzo, passeámos, rimos, jantámos, e ao anoitecer, quando Deus espalhar o seu rebanho de estrelas, voltaremos na viração e na fosforescência, calados, ouvindo o piloto árabe cantar as doces

melopeias da Síria, ao ruído lânguido da maresia...

Rytmel tinha descido a dar as ordens para o almoço. A condessa ficara de pé, à proa, com um vestido curto de xadrez, botinas altas, envolta numa manta escocesa, de largas pregas. Nunca eu a vira tão linda.

Costeávamos Malta com vento oeste.

Aproximámo-nos da ilha de Cumino. Rytmel veio-nos dizer que deveríamos almoçar, e que ao fim de meia hora desembarcávamos em Gozzo, na Calle Maggiara; iríamos ver as curiosidades da ilha, tornaríamos a embarcar para tornear Gozzo, e ver as terríveis cavernas, onde o mar se abisma e se perde, e ao anoitecer tocaríamos o

cais de La Valeta.

O almoço foi muito alegre. Havia Champanhe, um Reno adorável, um guisado árabe e um piano na câmara. Captain Rytmel, cujo aspeto me parecia ter uma preocupação inexplicável, fez ao piano depois do almoço intermináveis improvisações. Caminhávamos sempre. Casualmente, tirei o relógio, e tive um sobressalto! Havia duas horas e meia que tínhamos descido! Ora quando o almoço começara, faltava-nos meia hora para desembarcar em Maggiara! Porque seguíamos então? Subi rapidamente à tolda. O piloto árabe estava ao leme. Não se via quase a terra: íamos no mar alto, navegando com uma extraordinária velocidade sob o vento.

— Onde está Gozzo? — gritei ao

árabe em inglês, depois em francês, depois em italiano.

O árabe nem sequer se dignou olhar-me. Neste momento Rytmel e a condessa subiam.

— Onde está Gozzo? — perguntei eu a Rytmel.

— Há talvez uma bruma — respondeu ele vagamente e voltando o rosto.

O horizonte, porém, estava limpo, puro, sem mistério, a perder de vista. Ao longe via-se uma sombra indefinida que denunciava a terra: e nós afastávamo-nos dela!

Corri à bússola. Navegávamos para oeste.

— Navegamos para oeste, Captain Rytmel! Afastamo-nos de Malta! Que é

isto? Para onde vamos?

Rytmel olhou longamente a condessa, depois a mim e disse:

— Vamos para Alexandria.

Num relance compreendi tudo. Rytmel fugia com a condessa!

Eu fitei Rytmel, e disse-lhe tremendo todo:

— Isso é uma infâmia!

Ele empalideceu terrivelmente; mas a condessa, interpondo-se, com uma voz vibrante:

— Não! Sou eu! Sou eu que vou para Alexandria.

— Nesse caso sou eu o infame, prima.

Houve um silêncio. Os olhos da condessa estavam húmidos. Correu para mim, tomou-me uma das mãos, murmurou

entre soluços:

— Que quer? Ninguém tem culpa. Amo este homem, fujo com ele.

Rytmel tomara-me a outra mão.

— Agora — dizia — é impossível voltar. É um passo dado, irreparável.

Eu estava sucumbido: aquela situação imprevista deixava-me sem raciocínio, sem voz, sem vontade.

Eu, amigo do conde!... Eu, cúmplice daquela fuga! Além disso, ali, no meio daqueles dois amantes encantadores, que me suplicavam apertando-me as mãos, eu sentia-me ridículo — e isto aumentava o meu desespero. A condessa, no entanto, continuava:

— Primo — disse ela — que importa? Estou desonrada, bem sei. Mas

que queria? Que eu ficasse ao lado de meu marido, amando este, numa mentira perpétua, vivendo alegremente instalada na infâmia? Essa situação nunca! É suja! Ao menos isto é franco. Rompo com o mundo, sou uma aventureira, fico sendo uma mulher perdida, mas conservo-me para um só e sendo pura para ele.

— Captain Rytmel — disse eu — então mande deitar uma lancha ao mar.

— Que quer fazer? — gritou a condessa.

— Eu? Ganhar a terra. Acha que também não é uma infâmia instalar-me neste navio?

— Está louco — disse Rytmel — há só um escaler a bordo. O vento cresce, o mar incha. O escaler não se aguentará dez minutos.

— Melhor! Um escaler ao mar! — gritei eu.

— Ninguém se mexa! — bradou Rytmel.

E voltando-se para a condessa:

— Mas diga-lhe que é a morte! Que cumplicidade tem ele? Foi forçado, foi levado. Não responde por nada.

— Um escaler ao mar! — gritava eu.

Mas, de repente, Rytmel tomando um machado correu ao bordo de onde pendia o escaler, cortou as correias de suspensão; o barco caiu na água com um ruído surdo, ficou jogando sobre as ondas meio voltado, sobrenadando como um corpo morto.

Eu bati o pé, desesperado.

— Ah, que infâmia, Captain

Rytmel! Que infâmia!

E por uma inspiração absurda, querendo desabafar, fazendo alguma coisa de violento, gritei para alguns marinheiros que estavam à proa:

— Há algum inglês aí que preze a sua bandeira?

Todos se voltaram admirados, mas sem compreender.

— Pois bem! — gritei eu. — Declaro que esta bandeira cobre uma torpeza, tem a cumplicidade da desonra, e que é sobre toda a face inglesa que eu cuspo, cuspindo no pavilhão inglês.

E, correndo à popa, cuspi, ou fiz o gesto de cuspir sobre a larga bandeira inglesa. Um dos marujos então decerto compreendeu, porque teve um movimento de ameaça.

— Ninguém se mova! — gritou Rytmel. — Eu sou o ofendido. Meu amigo — disse ele com a voz sufocada — tem razão: desde que abandonei Malta, deixei de ser oficial inglês. Sou um aventureiro. Esta bandeira, com efeito, não tem que fazer aqui!

Adiantou-se, arriou o pavilhão de tope da popa.

E numa exaltação tão insensata como a minha, arremessou o pavilhão ao mar; as ondas envolveram-no, e por um estranho acaso, no encontro das águas, a bandeira desdobrou-se, e ficou estendida sem movimento, serena, imóvel, à superfície do mar, até que se afundou.

Rytmel, então, por um impulso romanesco e apaixonado, tomou o lenço das mãos da condessa, amarrou-o à corda

da bandeira, e içando-o rapidamente, gritou:

— De ora em diante o nosso pavilhão é este!

Eu achava-me no meio de todas aquelas coisas violentas, como entre as incoerências de um sonho.

Num movimento que fiz, senti no bolso o revólver: não sei que desvairadas ideias de honra me alucinaram, tirei-o, engatilhei-o, brandi-o, gritei:

— Boa viagem!

— Jesus! — bradou a condessa.

9

Rytmel precipitou-se sobre mim e arrancou-me o revólver. Eu murmurei simplesmente:

— Bem! Será no primeiro porto a que chegarmos. A condessa então adiantou-se, lívida como a cal e disse (nunca me esquecerá o som da sua voz):

— Rytmel, voltemos para Malta.

— Voltar para Malta! Voltar para Malta! Para quê, santo Deus?

Eu interpus-me, disse as coisas mais loucas:

— Rytmel, dê-me esse revólver, sejamos homens. Que as nossas ações tenham a altura dos nossos carateres. Nada mais simples. Nem a paixão pode

retroceder, nem a honra condescender. A solução é a morte. Eu mato-me, fugi vós para bem longe...

Mas a condessa, que era a única que parecia ter ainda uma luz de razão dentro em si, repetiu, com a mesma firmeza, onde se sentia a dor oculta:

— Rytmel, voltemos para Malta.

Ele olhou-a um momento: a consciência da nossa odiosa situação pareceu então invadi-lo, subjugá-lo; vergou os ombros, obedeceu, foi dizer algumas palavras ao capitão do iate.

Daí a um instante corríamos sobre Malta.

Houve um grande silêncio, como o cansaço daquela luta da paixão. Rytmel passeava rapidamente pelo convés, e sob a serenidade do seu rosto, sentia-se a

tormenta que lhe ia dentro.

— Aqui está! — disse ele de repente, parando e cruzando os braços, com um estranho fogo nos olhos. — Acabou tudo! Voltamos para Malta. Que mais querem? Que nos resta agora? Dizer-nos adeus para sempre, para sempre! Íamos a Alexandria; estávamos salvos, sós, novos, felizes! E agora? Felicidade, amor, paixão, esperança, alegria, acabou tudo. Ah, pobre ingénuo! Falam-te na honra! Que honra a que me vai matar todos os dias, a que me arranca do meu paraíso, a que me torna o último desditoso! Honra! Que me resta a mim? Uma bala na Índia. Morrer para ali, só, como um cão.

A condessa não dizia nada, com os olhos perdidos no mar.

E Rytmel vindo para mim, tomando-me o braço, com um gesto desesperado:

— Vês tu! Vês isto? Eu sofria tudo por ela: a desonra, a infâmia, o desprezo; abandonava o mundo, renegava a minha farda, queria a pobreza, o escárnio, tudo por ela. Diz-se a um homem — amo-te, vai-se fugir com ele, está-se num navio, e de repente, a meia hora da felicidade e do paraíso, quando já se não vê terra, vem um escrúpulo, uma mágoa, uma saudade do marido talvez, uma lembrança de um baile, ou de uma flor que ficava bem — e adeus para sempre! E quer-se voltar; e tu, miserável, sofre, chora, arrepela-te, e morre para aí como um cão. Meu amigo, eu não tenho voz, nem força; previna o piloto: a senhora condessa tem pressa de

chegar a terra!...

— William! William! — gritou a condessa, precipitando-se, tomando-lhe as mãos. — Mas tu não percebes nada? Em Malta, como em Alexandria, eu sou tua, só tua... tua diante de Deus, tua diante dos homens...

Neste momento ouviu-se a voz distante de um sino!

Eram os sinos de Malta. A terra ficava defronte.

A suavidade da hora era extrema; o ar estava inefavelmente límpido. Viam-se já as aldeias brancas, o altivo perfil de La Valeta. O Sol descia. Os seus últimos raios oblíquos faziam cintilar os miradouros. Distinguiam-se no cais os vendedores de flores. Duas gôndolas corriam para nós. Houve um grande ruído

nas velas, assobios de manobras, o navio parou, e a âncora caiu na água! Tínhamos chegado. Os sinos de Malta continuavam repicando.

10

Quando desembarcámos corri ao hotel. O conde ainda não tinha vindo do seu passeio a Bengama com Mademoiselle Rize. Rytmel foi encerrar-se em casa, num triste estado de exaltação e de paixão.

Cármen veio logo procurar-me ao meu quarto. Entrou rapidamente, perguntou-me:

— Voltaram? Como foi?

— Sabia então alguma coisa? — interroguei admirado.

— Tudo. Por um acaso. Sabia que queriam fugir. Durante toda a noite Rytmel andou fazendo preparativos. Era uma combinação de há três dias. Lorde

Grenley sabia. E agora?

— Agora — disse eu — tudo terminou. A condessa naturalmente parte no primeiro paquete.

— Duvido. Mas se não partem, há uma desgraça. É uma fatalidade, bem o sei, mas que quer? Amo aquele homem, amo Rytmel. Demais é uma obrigação, salvou-me a vida. E, sobretudo, uma paixão estúpida que me rói, que me mata. E ainda me não mata tão depressa como eu queria. Faço tudo para me matar. Ponho-me a suar, levanto-me e vou apanhar o orvalho para o terraço. Para que vivo eu? Vivia desta paixão. Cresceu desde que o vi agora. E diga-me quem o não há de adorar? Às vezes lembra-me matá-lo!...

Conversámos algum tempo. A

pobre criatura tinha nos olhos um fulgor febril, na face uma palidez de mármore. Eu procurei calmá-la. Começava a simpatizar com ela...

A condessa não saiu do seu quarto dois dias. Eu contei ao conde que ela tivera em Gozzo um susto terrível, porque tínhamos estado em perigo, na visita às cavernas da costa, onde a navegação é cheia de desastres. Estive quase sempre, depois, com Rytmel. Lentamente a esperança renascia no seu espírito. Acomodava-se, ainda que com certas repugnâncias, a uma situação mais racional, ainda que menos pura. Era um convalescente da paixão. E, ao fim de cinco dias, senhor redator (tanto a natureza humana é cheia de conciliações!), ao fim de cinco dias a

condessa apareceu no teatro, fresca, radiante, e ao lado da brancura dos seus ombros reluziam as dragonas de ouro de Captain Rytmel!

Entrámos então numa vida serena, sem romance e sem luta. Os corações tinham calmado, e falavam baixo. O conde passeava no campo com Mademoiselle Rize; Lorde Grenley fumava, cheio de tédio, o seu cachimbo de ópio; eu jogava as armas com os oficiais ingleses; D. Nicazio negociava; Rytmel tinha um ar feliz e misterioso; a condessa recebia, guiava os seus póneis, e todas as noites no teatro, fazia reluzir ao gás o louro esplendor dos seus cabelos e a palidez preciosa das suas pérolas. Santa paz!

O tempo estava adorável. Malta resplandecia, a baía reluzia ao sol, os

jardins floresciam, os olhos das maltesas suspiravam. Era o tempo das flores da laranjeira. Só Cármen emagrecia e vivia retirada.

Mr. Perny entrava em convalescença; passava o tempo deitado num sofá, de dia compondo uma ópera cómica, à noite jogando com alguns oficiais, e salpicando a gravidade britânica de calemburgos bonapartistas.

Uma ocasião, ao sair de casa dele, onde tinha perdido algumas dúzias de libras, recolhia eu a *Clarence-Hotel*, levemente irritado, e sentindo um prazer excêntrico em cantar o *fado* pelas ruas de Malta, a mil léguas do Bairro Alto. O pavilhão que nós habitávamos em *Clarence-Hotel* dava sobre um jardim todo escuro de árvores e de moitas de

flores.

Ordinariamente o conde e eu entrávamos pelo jardim. Tínhamos uma pequena chave que abria a portinha verde, no muro, todo coberto de musgo e de copas de arbustos orientais. Nessa noite, ao abrir a porta, cantando em voz alta, senti sumir-se rapidamente na espessura das folhagens um vulto. O ar estava sereno, acendi um fósforo, e àquela luz trémula, entrei na sombra, para descobrir o vulto, entre as ramagens. Mas a pessoa, vendo-se seguida, e sentindo a impossibilidade de se esquivar rapidamente, retrocedeu, com uma naturalidade visivelmente artificial, e proferiu o meu nome. Era Cármen.

— Que faz aqui? — disse eu.

— Mato-me. Não lhe disse que,

sempre que suava de noite, me erguia e vinha apanhar o orvalho?

Mas ela estava completamente vestida de seda preta, e tinha até sobre os ombros uma larga capa escura, de forma árabe, com grande capuz!

— Ah! minha cara — disse eu — mata-se, mas é de amores. A esta hora, com essa *toilette*, neste jardim, com este aroma de laranjeiras!... Que história me vem contar de orvalhos e de suor?...

— Digo-lhe a verdade. Imagina que eu não preferiria aqui nesta sombra encontrar alguém?...

— E D. Nicazio? Peça a D. Nicazio que lhe faça a corte, que lhe dê uma serenata, que suba por uma escada de corda, que a seduza neste jardim...

Enquanto eu falava, davam horas

na igreja de S. João, e Cármen mostrava uma agitação impaciente. A todo o momento olhava para a porta do jardim, torcendo freneticamente uma luva descalçada.

Eu compreendi que ela esperava *alguém*. Alguém, isto é, *el querido*, *el precioso*, *el saleroso*, *el niño* de toda a legítima andaluza. Afastei-me discretamente, como um confidente, e no momento que pisava a rua areada que levava ao pavilhão, senti a porta do jardim ranger com uma ternura plangente.

— É ele — pensei eu. — É o *niño*. Pobre Cármen! Bebe vinagre, apanha os orvalhos por causa de Rytmel, e mal chega a noite, não pode ser superior a vir receber debaixo das laranjeiras algum cabeleireiro francês com voz de tenor, ou

algum tenor maltês com bigodes de cabeleireiro.

Subi ao meu quarto, mas não tinha sono; a noite era suave e lânguida, mordia-me uma áspera curiosidade, e com a astúcia de um ladrão napolitano, desci as escadas, costeei o muro do jardim, debrucei-me, espreitei, e vi Cármen. Estava só! Extrema surpresa!

— E *el querido*? — perguntei-lhe eu rindo.

Ela voltou-se em sobressalto e perguntou-me com a voz agitada:

— Qual *querido?*

— O que entrou agora?

— Não entrou ninguém.

— Eu vi.

— Conheceu?

— Não, onde está?

— Abriu as asas, voou! — disse ela rindo-se e afastando-se em direção aos seus quartos.

— Diabo! — pensei eu. — É uma segunda edição da Torre de Nesle. Recebe-os, parte-os aos bocadinhos e enterra-os na areia!

No entanto, tinha a curiosidade excitada. *Alguém* tinha entrado misteriosamente, com uma chave falsa decerto, porque só o conde e eu tínhamos a chave daquela porta do jardim. Mas onde estava esse *alguém*? Teria entrado, e saído logo? Nesse caso não era uma entrevista de amor! Mas se não era um segredo de coração, para que era o mistério, a hora escura, o silêncio, a chave falsa?

Alguém teria ficado escondido no

jardim? Corri-o todo, arbusto por arbusto, jasmim por jasmim. Estava deserto.

Deitei-me preocupado com aquela aventura. No outro dia, ao almoço, um criado em voz alta declarou que se tinha achado no jardim um pequeno punhal e que o hóspede a quem ele pertencesse o reclamasse em baixo, no *office*. Era um punhal de forma curva como se usa no Indostão. Tinha sido encontrado numa moita de buxo, de tal sorte que não parecia perdido, mas voluntariamente arremessado. Ninguém reclamou o punhal.

Tudo isto me causava uma singular curiosidade.

— Diabo! — dizia eu comigo — estamos em terra italiana, apesar da polícia inglesa, e é provável que apesar da muita cerveja que habita Malta, ainda

por aí haja alguma *água tofana*. Sejamos prudentes.

Na noite seguinte, pela uma hora, eu, sentado à minha secretária, escrevia para Portugal, quando senti no corredor passos rápidos, e a porta abriu-se violentamente.

Abafei um grito de terror. De pé, à entrada do quarto, lívida, com os cabelos desmanchados, um penteador branco cheio de sangue, estava a condessa.

— Que foi? — bradei.

Ela tinha caído num sofá, muda, com os olhos fixos, meio loucos, os dentes trémulos.

Eu borrifava-a de água, tomava-lhe as mãos, falava-lhe baixo, e perguntava-lhe, aterrado, dando-lhe os nomes mais doces para a serenar:

— Que foi, minha querida, que foi?

Via-lhe os vestidos cheios de sangue.

— Feriram-na?

Ela fez um gesto negativo.

— Então? Então? — disse eu.

A pobre senhora queria falar, erguia-se, sufocava, ansiava, parecia numa agonia.

De repente, atirou-se aos meus braços e desatou a chorar.

— Fale, diga... — insistia eu.

— Mataram-no — disse ela.

— Mataram quem?

— Rytmel.

— Como? Onde?

— No jardim... Vá!

11

Corri ao jardim. Os meus passos, instintivamente, apressaram-me para o lado da pequena porta verde aberta no muro.

Estava aberta. Ao lado, junto de uma moita de baunilhas, estendido no chão, levemente apoiado no cotovelo, vi Rytmel.

— Então? — gritei-lhe, abaixando-me ansiosamente para ele.

— Só ferido.

— Como? Onde?

Não respondeu, os olhos cerraram-se-lhe e desfaleceu sobre a relva.

Corri ao tanque, trouxe um lenço

ensopado em água, molhei-lhe as faces e as mãos: a ferida era na parte superior do peito, do lado direito, por baixo da clavícula. Vi que não era mortal.

Eu estava numa extrema hesitação. Para onde levar aquele homem?

O mais racional era conduzi-lo a um quarto do hotel; mas isso era dar ao facto uma publicidade ruidosa, fazê-lo cair sob o domínio da polícia, arrastar até à ação dos tribunais ingleses o nome da condessa. Porque eu tinha compreendido tudo. Sabia agora, bem, quem na véspera entrara rapidamente pela porta verde com uma chave falsa. Sabia bem a quem pertencia o punhal índio achado nas moitas de buxo. Compreendia a comoção de Cármen, quando eu a surpreendera ali, no jardim, embuçada num *burnous*,

esperando. E compreendia, desgraçadamente, a que quarto se dirigiam os passos de Rytmel dentro do jardim de *Clarence-Hotel*.

Era, pois, necessário encobrir aquela aventura. E Rytmel, apesar dos obscurecimentos do desmaio e da dor, tinha-o pensado também, porque me disse com uma voz expirante:

— Escondam-me em qualquer parte!

Saí logo à rua. Passava um daqueles carros ligeiros, de um só cavalo, que percorrem, com extrema velocidade, e com imensa doçura, as ruas inclinadas de La Valeta. O *vetturino* era italiano. Falei-lhe vagamente num duelo, dei-lhe um punhado de xelins, ameacei-o com os *policemen*, e pu-lo absolutamente ao

serviço do meu segredo.

Colocámos Rytmel no carro; com mantas fizemos-lhe uma espécie de ninho, cómodo e mole, e o cavalo trotou, rapidamente, pela Rua de S. Marcos, para casa de Rytmel. Aí grande rumor entre os oficiais ingleses. Eu contei uma incoerente história de assalto ao florete, em que a minha arma, subitamente, se tinha desembolado. A história era inaceitável; mas era fácil compreender que havia por trás dela um segredo delicado, e isto era o bastante para a altiva reserva de *gentlemen*.

Rytmel, aos primeiros curativos, serenou e adormeceu.

Tudo tinha sido feito em silêncio, despercebidamente. Fui tranquilizar a condessa. Eram três horas da noite. Havia

temporal, e eu sentia quebrar o mar nas rochas da baía. Tudo dormia em *Clarence-Hotel*.

— Agora nós! — disse eu. E dirigi-me ao quarto de Cármen.

Havia luz. Abri a porta, corri o reposteiro, entrei. A luz era frouxa, desmaiada. Ao princípio não distingui ninguém e ouvi apenas soluçar. Enfim sobre um sofá, deitada, enroscada, sepultada, vi Cármen, com a cabeça escondida, o penteado solto, coberta de sangue e abraçada a um crucifixo. Ao pé, sobre uma mesa, havia uma garrafa de Conhaque e um pequeno frasco azul facetado. Quando sentiu os meus passos no tapete, Cármen levantou-se um pouco no sofá. Naquele momento a sua beleza era prodigiosa.

Tinha os cabelos soltos: os olhos reluziam como aço negro, e o penteador, aberto sobre o peito, deixava ver a beleza maravilhosa do seio.

Confesso que não foi a ideia da vingança e do castigo que me tomou o espírito diante daquela mulher tão terrivelmente possuída da paixão. Lembraram-me as figuras trágicas da arte, Lady Macbeth e Clitemnestra, e tanta beleza, tanto esplendor, fizeram-me subir ao cérebro um vapor de amores pagãos.

Ela tinha-se erguido e, com uma voz seca:

— Que quer?

Eu fiquei calado.

— Bem sei. Vem buscar-me. Fui eu que o matei. Está aí a polícia, não? Estou pronta. É pôr um xale.

— Ninguém o sabe — disse-lhe eu baixo, e, sem saber porquê, comovido.

— Que me importa? Não o oculto. Matei o meu amante. Fui eu. Ah! Pois quê? Nós outras damos a nossa vida, a nossa paixão, a nossa alma, entregamos todo o nosso ser, pomos nisto toda a nossa existência, a nossa honra, a nossa salvação na outra vida, e lá porque vem outra que tem os cabelos mais louros ou a cinta mais fina, adeus tu, para sempre! Olá, criatura! Desprezo-te, tu foste para mim o momento, o capricho, a *futilidade*. Ah! Sim? Então que morra. Que quer mais? Vá buscar os *policemen*.

Eu disse-lhe então, em voz baixa;

— Fui encontrá-lo banhado em sangue.

Ela olhou-me desvairadamente um

momento, e de repente, arremessando-se sobre o sofá, abraçou-se ao crucifixo e com grandes lágrimas, com um delírio de soluços;

— Ah, meu Deus, perdoai-me! Perdoai-me, Jesus! Perdoai-me! Fui eu que o matei! Estou doida decerto. Pobre Rytmel! Rytmel da minha alma! Não o torno a ver, não lhe torno a falar! Acabou-se para sempre!... Jesus, o que eu sinto na cabeça!... Em Calcutá adorou-me, aquele homem. Ajoelhava aos meus pés, eu queria morrer por ele. Diga-me, escute: enterraram-no? Está muito ferido? Eu não o feri no rosto? Não, isso não! Vá depressa. Vá buscar a polícia!... Mas, porque me não prendem? Ah, meu pobre Rytmel! Eu morro, eu morro, eu morro! Daqui a pouco começam a tocar os

sinos!...

Ergueu-se com gestos de louca, foi ao espelho, compôs o cabelo com ar desvairado, e de repente voltou a abraçar, apaixonadamente, o crucifixo negro.

— Escute — disse-lhe eu — Rytmel não morreu.

— Não morreu? — gritou ela.

De repente, arrojou-se aos meus braços que a ampararam, tomou-me a cabeça entre as mãos, e fitando-me com uma grande angústia.

— Diz-me: não morreu? Está salvo?

— Está — disse eu.

— Juras?

— Juro.

— Quero vê-lo, quero vê-lo já — gritou ela. — O meu xale, o meu xale!

Procure-me aí o meu xale. Aposto que não lhe fizeram bem o curativo... Positivamente não lho fizeram! Se não lhe acudo! Que diz ele? Chora? Pobrezinho! Adormeceu? Onde é a ferida? Maldita seja eu! Maldita seja eu!

Com uma exaltação delirante procurava abrir as gavetas, derrubava os móveis, arremessava as roupas, falando, gesticulando e às vezes cantando.

— Meu Deus, faz-se tarde! Que ando eu a procurar? Que horas são? Ele falou no meu nome?

Veio tomar-me o braço:

— Vamos.

— Onde?

— Vê-lo. Quero vê-lo. Quero! Não me diga que não. Quero pedir-lhe perdão, amá-lo, servi-lo, ser a sua criada,

a sua enfermeira...

Parou, e, desprendendo-se do meu braço:

— E a outra? Não a quero ver lá! Ela está lá? Não quero que ela o trate. Mato-a, se a vejo. A outra, não, não, não! Não a deixe chegar ao pé dele. Peço-lhe a si. Não, não a deixe chegar. Eu só, só eu basto.

Subitamente cerrou os olhos, estremeceu, deu um grande suspiro, e caiu no chão imóvel.

Levantei-a, deitei-a no sofá, borrifei-a de água; e ela com uma voz expirante:

— Eu morro! Eu morro... Chame um padre. Não lhe tinha dito... Envenenei-me.

— Envenenou-se? — gritei

aterrado.

— Naquele frasco, ali!

12

O médico, apressadamente chamado, declarou que não havia perigo. Cármen tinha tomado o veneno num preparado fraco, e numa porção diminuta. Podia, porém, recear-se que a sua extrema suscetibilidade nervosa, a exaltação dos seus espíritos, provocassem uma febre cerebral. Mas, ao despontar do dia, adormeceu, vencida por uma prostração absoluta, em que a vida só se fazia sentir pelos *ais* soluçados que se lhe desprendiam do peito.

Fui então ver a condessa. Não se tinha deitado. Ficara embrulhada num xale, sentada aos pés da cama, numa atitude absorta de dor e de inércia que me

encheu de piedade. Era dia. Mas as janelas conservavam-se fechadas, e as luzes ardiam melancolicamente. As jarras estavam cheias de flores.

Sobre uma pequena mesa havia um serviço de chocolate, de porcelana azul, para duas pessoas. O chocolate tinha arrefecido, as flores murchavam.

— Então? — disse ela quando me viu.

— Então! Ele está curado, e bom num mês. A condessa deve partir dentro de quinze dias.

— Ao menos quero dizer-lhe adeus... um momento, um instante que seja! Não me pode impedir isto: não mo impeça, não?

— De modo algum, prima. Eu mesmo lho facilito.

— E ela?

— Ela, minha prima? Entrei no quarto dela para a arrastar ao primeiro *policemen* que passasse. Saí jurando que em toda a parte aquela mulher me havia de achar ao seu lado para a defender e, se ela o quisesse, para a amar.

— Tem talvez razão: é uma verdadeira mulher.

— É mais do que isso, minha prima... Se alguma vez a paixão se encarnou neste mundo num aspeto divino foi naquela mulher. É a deusa da paixão. De resto tem a grande qualidade: — a lógica.

Eu, na realidade, tomara por Cármen uma grande admiração! Eu, que na sua saúde, e na sua beleza feliz, nunca lhe dissera uma palavra galante, era agora

nas suas horas de dor e doença, o seu fiel *cavalliere serviente*. Vi-a convalescer sob os meus cuidados: D. Nicazio tinha ido para Sicília. Sustentei os primeiros passos que ela deu no seu quarto, extremamente magra, com o olhar quebrado, uma transparência mórbida na fisionomia, e a imaginação doente.

Começou logo a entregar-se a longas orações, a leituras piedosas. O seu intento era entrar num convento em Espanha, e ali, matar o seu corpo na penitência e na dor. Passava agora os dias nas igrejas. Estava mudada nos seus hábitos e nas suas maneiras. A sua beleza mesmo tomava uma expressão ascética. Tinha-se verdadeiramente desligado do mundo. Às vezes olhava-me, e dizia de repente, lembrando o convento:

— É triste! Aos vinte e oito anos!

Mas a exaltação religiosa retomava-a, e então perdia-se em esperanças, ideias de uma redenção pela oração, pelo jejum, pelo silêncio e pela contemplação. Naquele espírito visitado por todas as paixões, e sempre numa vibração exaltada, entrava por seu turno o sombrio catolicismo espanhol, e vendo o lugar deserto das outras ideias do mundo, acampava lá serenamente.

Um dia pediu-me para ir ver Rytmel antes de partir para Espanha.

— É como irmã de caridade que o quero ver!

Levei-a a casa de Rytmel, uma noite. O quarto estava mal iluminado pela desmaiada luz de velas de estearina. A palidez de Rytmel era dolorosa sobre a

brancura do seu travesseiro. Cármen entrou, arremessou-se de joelhos ao pé da cama dele, tomou-lhe uma das mãos e ficou ali soluçando longo tempo. Rytmel chorava também.

Eu tinha-me encostado à parede, e sentia invadir-me uma tristeza, profunda e insondável como a noite. Um vizinho, cuja janela abria para o estreito pátio, para onde dava também a janela de Rytmel, tocava nesse momento na sua rabeca, com uma melancolia plangente, a valsa do *Baile de máscaras*, que, sendo doce e tenebrosa, desperta não sei que ideias de festa e de morte, de amor e de claustro.

Rytmel queria levantar Cármen, falar-lhe. Mas ela estava prostrada, com o rosto escondido na beira do leito, soluçando; e apenas a espaços dizia:

— Perdoe-me, perdoe-me!

Rytmel por fim, com uma ternura insistente, ergueu-a, tomou-a nos braços, disse-lhe as coisas mais elevadas e mais doces; e com uma meiguice e um encanto infinito beijou-a nos olhos.

A pobre criatura corou, eu senti renascerem-me as lágrimas. Querido e pobre Rytmel! Como ele teve naquele momento a ternura ideal, e o divino encanto do perdão!

Ela, com uma simplicidade, em que já se sentia a imensa força interior que lhe dava a fé, falou a Rytmel de Deus, do convento em que queria entrar, da ordem que preferia, com palavras naturais e tocantes, que nos enchiam de mágoa. Por fim beijou a mão do seu amante.

— Adeus — disse ela. — Para

sempre! Rezarei por si.

E ia sair, devagar, sucumbida, quando de repente, à porta do quarto, parou, voltou-se, olhou-o longamente; os olhos encheram-se-lhe de uma luz sombria e terrivelmente apaixonada; o peito arquejou-lhe; empalideceu, e com os braços abertos, os lábios cheios de beijos, num ímpeto da sua antiga natureza, correu para se atirar aos braços dele com o frenesi das velhas paixões. Mas quando tocou no leito, estacou, caiu de joelhos, e num grande silêncio e num grande recolhimento beijou-lhe castamente os dedos! Depois tomou-me o braço, e saímos.

Ao outro dia chamou as criadas, e repartiu por elas todos os seus vestidos, rendas e *toilettes*. Deu as suas joias a um

padre inglês para as distribuir pelos pobres. Frascos, bijutarias, essências, tudo destruiu. Confessou-se, esteve todo o dia rezando na igreja de S. João e preparou-se para partir. Todos os que a conheciam choravam.

À noite, quando fazia a sua pequena mala, mandou-me chamar, fechou a porta do quarto e entregou-me o seu testamento, para eu o deixar depositado em Malta, de sorte que D. Nicazio o recebesse à sua volta da Sicília. Deixava-lhe tudo.

Depois foi silenciosamente ao espelho, tirou uma rede da cabeça e o seu imenso cabelo caiu, quase até ao chão, em grossos anéis, esplêndido, forte, imenso, e de uma poesia sensual.

Tomou uma tesoura, e febrilmente,

a grandes golpes, abateu aquelas tranças admiráveis, que teriam sido uma glória pública no tempo da Grécia.

Eu estava absorto pela beleza, magoado com o desastre. Parecia-me já aquilo o começo do claustro.

Cármen apanhou o cabelo caído, embrulhou-o num lenço, e, entregando-mo, disse:

— Guarde essa lembrança. É a verdadeira Cármen, a outra, que eu lhe deixo aí. Agora peço-lhe uma derradeira coisa. Prepare tudo e leve-me a Cádis. Amanhã... é possível?

— Amanhã, não; mas dentro de uma semana, juro-lho, teremos visto do mar as montanhas de Valência.

Ela, no entanto, passava rapidamente as mãos pelos cabelos,

dando-lhes uma feição masculina. Era encantadora assim. A sua beleza tomava uma expressão ingénua de um extraordinário mimo. Ela sorria ao espelho, eu olhava-a, e via, entre as duas luzes, a sua imagem, como num leve vapor azulado e luminoso. Ela, lentamente, esquecida, tinha tomado o pente e compunha o jeito do cabelo. Eu, por trás dela, sorria. Ela, no enlevo do espelho, na surpresa de se achar linda com o cabelo cortado, sorria também. Parecia-me ver-lhe as faces tomarem a cor da vida e o seio a ondulação das paixões. Ia dizer-lhe alguma coisa doce, chamá-la ao mundo... De repente arremessou o pente, e, curvando a cabeça, foi silenciosamente ajoelhar diante de uma cruz grande, que havia junto do seu leito, e sobre a qual

agonizava um Cristo com a cabeça pendente, a testa gotejante, os braços distendidos, o peito constelado de chagas!

13

Daí a doze dias, a condessa e o conde voltavam no paquete da Índia a Gibraltar. O conde partia triste: Mademoiselle Rize ficava, e o Chiado esperava-o! Demais, o estar só com a condessa embaraçava-o: as melancolias dela, as suas lágrimas inexplicáveis, a sua palidez apaixonada, toda a incoerência do seu caráter, que aquele excelente libertino explicava pelo *nervoso* e pelo histerismo, davam-lhe uma certa fadiga enfastiada, e, como ele dizia, embirrava com romantismos. A condessa, essa, partia resignada: Rytmel, depois da sua convalescença, iria para a Itália, para aquecer as suas forças ao sol de Nápoles,

e mais tarde, em Paris, e depois em Lisboa, teriam alguns meses livres, para, como diziam os antigos poetas, os tecerem de ouro, seda e beijos.

Foi com saudade que os vi embarcar. Eu ali ficava para cumprir um dever melancólico: acompanhar a Cádis aquela infeliz Cármen, ainda há pouco de uma beleza tão radiante, e agora vencida pelas amargas penitências.

Lorde Grenley, que ia para Cádis dentro de quatro dias, tinha-nos oferecido, a Cármen e a mim, o seu iate. Aceitei com alegria. Era um transporte cómodo e livre, e Lorde Grenley uma companhia simpática, porque me assustava a ideia de ver, durante uma longa viagem no mar, a debilidade de Cármen estiolar-se ao meu lado. Enfim, uma tarde partimos.

Era ao escurecer, o céu estava nublado, quase chuvoso. Cármen ia profundamente doente. Magra, transparente, lívida, sem poder suster-se, sem dormir, alimentando-se quase só de chá, a sua vida parecia estar a todo o momento a passar os limites humanos. Não erguia os olhos dos seus livros de orações. Aquela exaltação a que faltava a terra procurava febrilmente todos os caminhos do Céu.

Foi com uma grande tristeza que vi Malta sumir-se nas brumas da noite. Nunca mais tornaria a ver aquela branca cidade. Não fora ali feliz. Mas amámos todos aqueles lugares em que por qualquer sentimento ou por qualquer ideia a nossa natureza palpitou fortemente. E ali tinham ficado lágrimas minhas.

Logo no primeiro dia de viagem, Cármen esteve expirante. Havia um forte balanço. O mar era grosso, e nós receávamos mau tempo quando nos avizinhássemos das correntes do golfo de Lião.

Cármen quase sempre queria estar na tolda, ao ar, ao sol, vendo o mar. Arranjava-se-lhe uma cama: e ali ficava, olhando, cismando, sofrendo, e conversando com o capelão de Lorde Grenley, velho cheio de unção, que tinha um encanto singular falando das coisas do Céu. Aquela cena era profundamente triste, sobretudo de tarde; o Sol caía, a imensa sombra começava a cobrir o mar; Cármen falava baixo; nós, em redor, escutávamo-la; ou calados, seguíamos o correr da maresia, olhávamos o fim da

luz. Um marinheiro escocês vinha às vezes cantar as árias das suas montanhas, cantos de uma tristeza suave, e larga como a vista de um lago.

Ao terceiro dia de viagem, Cármen, subitamente, teve um grande acesso de febre e quis confessar-se. O médico disse-nos que ela não chegaria a ver as montanhas da Espanha. Que horas dolorosas! Não imagina, senhor redator, que intensidade têm, na vasta extensão das águas, as dores humanas! Junta-se-lhes o sentimento da imensidade, e não sei que terrível instinto do irreparável.

A confissão de Cármen foi longa. Quando terminou quis falar-me.

— Adeus! — disse-me ela. Vou morrer.

Disse-lhe que não, quis dar-lhe

esperanças efémeras.

— Não, não — respondeu-me ela — nada de enganos. Tenho coragem. Quem a não tem para ser feliz? Chame Lorde Grenley.

Começou então diante de nós a falar da sua vida. Disse-nos qual fora a sua mocidade, os desvarios do seu coração, a exigência das suas paixões, e falou-nos da sua ligação com Rytmel, com elevação, como de um sentimento quase legítimo. Não teve uma queixa, uma saudade, um desdém. As últimas palavras da sua vida eram dignas. Depois tirou um rosário do seio.

— Veio de Jerusalém — disse-me — dê-lho a *ela*.

Eu tinha os olhos humedecidos. Cármen, entretanto, empalidecia

terrivelmente.

— Levem-me para cima, quero ver o mar, quero ver a luz.

Era uma manhã nebulosa e triste. O mar estava mais sereno. Colocámos Cármen cuidadosamente sobre almofadas e mantas, voltada para Malta. Lá tinha ficado a sua vida. Esteve muito tempo calada, com as mãos cruzadas.

— Que terra é aquela? — perguntou mostrando, com a mão trémula, uma linha escura no horizonte.

— A África — respondeu Lorde Grenley.

Ela ficou olhando vagamente:

— Fui uma vez a Tânger — disse com uma voz lenta —, era nova então! Era feliz! Estava um dia lindo... Era em maio...

Calou-se. E voltando-se para mim:

— Faz agora meses que passámos nesta altura, lembra-se? E aquele *punch* a bordo do *Ceilão*? Quando eu cantei uma *habanera!* Eu cantava então... O que é ser alegre! Tudo acabou, nunca mais! nunca mais!

E como falando consigo mesmo:

— Tanta paixão, tanta inquietação! E aqui está: venho morrer só, no meio deste mar. Pobre de mim! E no fim, se eu em nova, em solteira, o tivesse encontrado a ele... Eu pedia pouco então: um coração leal. Tive gostos simples sempre. As loucuras vieram depois... O marinheiro que canta as árias escocesas, onde está? Chamem-no. Não, não o chamem que me vai fazer chorar.

Nós escutávamo-la; a sua alma

falava como um pássaro canta ao morrer. As nuvens desfaziam-se, o azul aclarava, ia aparecer o Sol.

— Vejam isto — continuou ela. — Em nova diziam-me *és bonita, amo-te!* E agora que morro aqui, quem se lembra de mim? Os que me conheceram onde estão? Uns mortos, todos esquecidos. Estão agora alegres, amam outras, vão para os teatros. E eu estou aqui a morrer. E *ele?* Lembrar-se-á de mim? Também não. Choro, choro, quando penso que o não vejo, que não está aqui, que morro e que ele se não lembra de mim!

E soluçava, com a cabeça escondida no travesseiro.

— Rytmel é uma alma nobre. Estima-a, creia...

— Mas esquece-me! — dizia ela

suspirando e limpando os olhos. — De resto, de mim ninguém se lembra. Eu não sou uma mulher de quem se seja enfermeiro. «Estás boa? Estás alegre? Amo-te.» «Estás a morrer? Vai-te fazer enterrar para outro sítio.» É bem triste este mundo!

Lorde Grenley, com os olhos rasos de água, mordia convulsamente o seu cachimbo.

— Guarde bem os meus cabelos, sim? — dizia-me ela. — Diziam que eram bonitos. Se eu por acaso não morresse, havíamos de ir todos a Sevilha. Que lindo que é Sevilha. À tarde, nas *Delícias*, todo o mundo traz um ramo de flores.

De repente abriu demasiadamente os olhos como diante de uma coisa pavorosa; levou as mãos à face, gritou:

— Meu padre, meu padre, tenho medo. Não é já o castigo, não? Se caio no Inferno, meu Deus!

— O Inferno é uma visão, minha pobre senhora! — dizia o capelão. — Os castigos de Deus não são feitos com o fogo.

— Tem razão, tem razão. Sinto-me morrer, venham todos. Lembrem-se de mim, sim?

Alguns marinheiros tinham-se aproximado. O capelão ajoelhou: todos tiraram os barretes, rezavam baixo. Lorde Grenley ficara de pé, descoberto, imóvel. Grossas nuvens escuras corriam outra vez no céu. O vento começava a assobiar.

— Adeus — disse-me ela. — Dê-me a sua mão. Bem. Fui uma boa rapariga, por fim... Um pouco estroina, talvez...

Lorde Grenley, obrigada. Que tristeza, ter morrido alguém no seu iate!... Que é aquilo, além, ao longe? É a terra? São nuvens. Ah! meu querido Rytmel! Ah! meu amor, ouve-me, onde estás tu?

Duas grandes, tristes lágrimas, correram-lhe na face: teve ainda força para as enxugar. Depois sorrindo:

— Olhem, não pensem em mim com tristeza. Somente, às vezes, quando estiverem juntos, e ele estiver também, lembrem-se desta pobre rapariga que para aqui morreu no mar... E digam: pobre Cármen! Aí está uma que sabia amar deveras!

E dizendo isto, estremeceu, falou desvairadamente em Malta, em Sevilha, em Rytmel, e, dando um gemido profundo, morreu.

O sino de bordo começou a tocar lentamente. Lorde Grenley curvou-se, beijou-lhe a testa, e cerrou-lhe os olhos. Eu chorava.

Então um velho marinheiro aproximou-se, e sobre aquele corpo, que fora Cármen, estendeu a bandeira inglesa.

14

Imagine, senhor redator, em que lamentável estado de espírito nós ficámos. Lorde Grenley encerrou-se no seu camarote, eu e o capelão ficámos velando junto do cadáver. A tarde descia. Uma névoa extensa cobria o mar. O rugido do vento era lúgubre. Todos estavam profundamente apiedados. A velhos marinheiros, que tinham naufragado no mar da Índia e dobrado o Cabo, eu vi saltarem as lágrimas...

— Pobre criança! — diziam eles.

Para aquelas rudes naturezas simples, essa mulher nova, vestida de branco, palidamente linda, era a *miss*, a virgem, a criança! Um arranjou-lhe uma

coroa de algas secas, e foi piedosamente pôr-lha sobre o peito. Era o ramo de flores do mar.

Eu pensei algum tempo em conduzir o corpo de Cármen até Espanha, mas o piloto observou-me que teríamos ainda quatro ou cinco dias de viagem, e o corpo não podia esperar na sua pureza durante esta longa demora. Por isso, resolvemos deitá-la ao mar, quando viesse a noite. Assim, ficámos, o capelão e eu, durante a tarde, junto do cadáver, lembrando as suas belezas e as suas desgraças.

A noite caiu; cobriu as águas. O capelão desceu. Fiquei só. Havia sobre o cadáver, pendente de uma corda, uma lâmpada. Descobri-lhe o rosto, afaguei-lhe os cabelos. A sua beleza tinha-se

fixado numa imobilidade angélica, como se a morte lhe tivesse restituído a virgindade. A curva adorável do seu seio aparecia em relevo na bandeira que a cobria: nunca tanta força tinha produzido tanta graça! Olhei-a durante muito tempo, enlevado na sua contemplação. As lágrimas caíam-me dos olhos.

— Pobre criatura! — dizia eu na solidão dos meus pensamentos. — Pobre criatura! Vais para a mais profunda das covas, para a sepultura errante das águas. Uma febre de amor consumiu-te na vida, uma tempestade eterna te agitará na morte! Condiz o túmulo com a existência! Como o mar, tu foste bela, orgulhosa e ruidosa. Como o mar tu tiveste as tuas tormentas, as tuas calmarias ocultas, as tuas grutas, os teus monstros secretos, a tua elevação

religiosa, a tua espuma imunda. Como sobre o mar, sobre o teu cérebro correram as doces ideias geniais e puras como velas de pescadores; as pesadas ambições modernas, rápidas e incisivas como rodas de paquetes; as brutais exigências do temperamento, estúpidas e vitoriosas como *monitores* armados. Despedaçaste-te de encontro à fria reserva de um amor que se extingue, como ele se esmigalha contra a escura insensibilidade das rochas. Como ele tem o vento que é o seu tirano, tu tiveste a paixão. Vai, pobrezinha, repousar em paz, no fundo das algas verde-negras! Triste destino! Quem mais do que tu, sentiu, amou, estremeceu, corou, quis, venceu? Quantas lágrimas causaste! Quantas loucas palpitações! Quantos desejos para ti voaram como

bandos de pombas! Quantas vozes perdidas te chamaram! Quanta fé fizeste renegar! Quanta altivez fizeste sucumbir! E tanta vida, tanta ação, tanta vontade, um tão grande centro vital como tu foste, um grumete amarra-lhe duas balas aos pés e atira com ela ao mar! E aqui jaz o ruído do vento, e aqui jaz a espuma da onda!

«De que te serviu o ser, o que fizeste ao sangue, à vontade, aos nervos, ao pensamento, que trouxeste do seio da matéria? Que ideia deixaste, que memória, que piedade? Que foste tu mais do que um corpo belo, desejado e fotografado? Fizeste parte, durante a vida, daquelas insensíveis belezas naturais, que o homem usa e arremessa. Foste como uma camélia, ou como a pena de um pavão. Foste um adorno, não foste um

caráter. Nunca tiveste um lugar definido na vida, como não terás um túmulo certo na morte! Adeus, pois, para sempre, oh doce efémera! O teu destino é a dispersão!

Por isso aqui estás só! Os que te amaram onde estão? Onde estão os que tu amaste? Aqui estás só, vestida com o teu penteador branco, na tua manta de xadrez, sobre o convés de um navio, só, sempre no meio de homens, como na vida! Não há uma flor aqui que se deite em cima, nem uma renda em que se te envolva a face morta. Morres entre cordagens, no meio de rudes marinheiros, que vêm agora da sua ração de aguardente. Nem um padre católico tens que te fale dos anjos, doces camaradas da tua mocidade. Nem um parente, sequer, te comporá a dobra do teu

lençol! Não se cantará nenhum responso em volta do teu caixão. Não farás cismar as noivas que te vissem passar no teu enterro. As mãos alcatroadas de velhos marinheiros te arremessarão ao mar!

Pois bem, minha pobre amiga! Que importa? Estás na lógica do teu destino, que é a revolta. Viveste longe das estreitas conveniências humanas, morres em plena liberdade da natureza.

Não verás o teu leito cercado de parentes ávidos, de criados indiferentes, de padres que te deem os santos óleos bocejando, num quarto escuro e abafado, entre o cheiro dos remédios: morres diante do céu, aos embalos do mar, ao cheiro da maresia, entre velhos marinheiros da Índia, que te choram, sob o sublime céu, na plena liberdade dos

elementos!

Não serás vestida com velhas sedas, não levarás na cabeça antigas coroas fúnebres, não te cobrirão com galões de ouro falso; irás com o teu penteador branco, como para uma alegria nupcial.

Não te pregarão num caixão estreito, nem te apertarão como um fardo; terás o contacto das coisas vivas; as lágrimas do mar correrão sobre os teus cabelos; poderás toucar-te de algas; os raios do Sol poderão ir procurar-te como antigos amantes dos teus olhos, e a tampa do teu esquife será o infinito azul.

Não sentirás em volta de ti, no teu enterro, cantos em mau latim, o som das campainhas, a voz aguda dos meninos do coro, os comentários estúpidos da

multidão, as grosseiras enxadadas do coveiro. Serás lançada à tua cova do mar no meio de um silêncio militar, levando por mortalha a bandeira inglesa, ao cantochão infinito dos ventos e das águas.

Não ficarás para sempre apertada em cinco palmos de terra, sentindo a boca das raízes pastar o teu seio e a multidão dos vermes entrar no teu corpo como numa cidadela vencida. Não! a tua morte será uma perpétua viagem: viverás nas grutas transparentes de luz, guardarás os tesouros misteriosos, visitarás as cidades de coral que luzem no fundo do mar, amarás o corpo encantado de algum louro príncipe, outrora pirata normando! Andarás dispersa no elemento, sombra infinita, alma da água!

Sobre o teu túmulo não virão

sentar-se os burgueses, benzer-se os sacristães, cacarejar as galinhas; sobre a tua azul sepultura errará o vento, melancólico velho que visita os seus mortos.

Não terás um epitáfio metrificado por um poeta elegíaco, e aprovado pela Câmara Municipal; serão os reflexos inefáveis das estrelas que se encruzarão para formar sobre a tua sepultura as letras do teu nome...»

Um marinheiro bateu-me no ombro.

— São onze horas — disse ele.

Ergui-me em sobressalto, e pensando nas vãs quimeras que se tinham estado formando no meu cérebro, naquele triste cismar, disse comigo:

— Pobre de mim! Tinham-me

esquecido os tubarões.

Eram onze da noite. Não havia estrelas. Todos estavam reunidos na tolda. Tinham-se posto lanternas nas cordagens, e acendido archotes.

Dois marinheiros tomaram o cadáver nos braços. O padre abençoou-o. Ligou-se-lhe ao corpo com uma corda a bandeira inglesa. Os grumetes trouxeram duas balas. Uma foi amarrada aos pés, outra ao pescoço. As botinhas dela, de seda preta, apareciam fora da orla do vestido e da bandeira que a envolvia. As luzes dos archotes faziam tremer sobre o mar vagas claridades. No silêncio sentia-se o estalar da resina.

O sino de bordo começou a tocar. Os marinheiros elevaram o corpo à altura próxima da amurada. Então ergueu-se um

canto grave, melancólico, de uma infinita tristeza. O padre rezava com as mãos impostas sobre o cadáver. E afastando-se, disse:

— *In aeternum sit!*

Todos responderam:

— *Amen!*

O vento gemia. Lorde Grenley adiantou-se e disse em voz alta:

Neste dia, a bordo do *Romantic*, navio inglês, morreu Cármen Puebla, de nação espanhola, e para eterna proteção do seu corpo, como sendo sepultada em território britânico, foi amortalhada na bandeira inglesa. *In pace*.

— *Amen!*— responderam os marinheiros.

— Em nome do Padre — disse o capelão —, do Filho e do Espírito, santa

seja a sepultura a que ela é deitada, e que fique como em terra sagrada nestas águas do mar!

— *Amen!*— murmuraram os marinheiros.

— Ao mar! — disse Lorde Grenley com voz forte.

Os dois marinheiros suspenderam o cadáver sobre o mar; todos se aproximaram, fazendo círculo com os archotes; o cadáver, arremessado, mergulhou com um som lúgubre, desapareceu, e a espuma das vagas correu-lhe por cima.

Os archotes foram apagados num triste silêncio. O navio afastava-se. Eu, encostado à amurada, tinha os olhos fitos no ponto vago onde o corpo desaparecera. Ela ali ficava morta. Encheu-me o peito

uma longa saudade. Lembrava-me dela, dançando no convés do *Ceilão*, rindo à mesa do *Clarence-Hotel*. Tudo tinha acabado. Nunca mais! nunca mais! Ali ficava com uma bala aos pés!

O vento refrescou.

— Vento de este! — disse o marinheiro de quarto.

— Vem de Malta... — pensei eu.

E as minhas últimas lágrimas caíram sobre o mar...

15

Cheguei ao fim das minhas confidências.

Quando desembarquei em Lisboa a condessa tinha ido para Sintra. Vi-a, ao fim desse verão em Cascais. Ela mostrava-se alegre, o que era talvez uma maneira de estar triste! Cascais estava imbecilmente jovial: *batia-se o fado!* No inverno seguinte a condessa encontrou-se, em Paris e em Londres, com Rytmel. Voltou dessa viagem mais triste e mais pálida. Lentamente, pareceu-me que a confiança do seu coração se afastava de mim. Apartei-me, numa reserva discreta. Nunca mais nos nossos diálogos, todos exteriores e efémeros, se aludiu à viagem

de Malta.

Eu, no entanto, continuava recebendo de Rytmel as cartas mais expansivas e mais íntimas. A nossa amizade, que a exaltação e o acaso das paixões formara, afirmava-se agora numa comunhão serena de sentimentos e de ideias. Numa dessas cartas Rytmel falava-me de *miss* Shorn, uma rapariga irlandesa...

«É uma neta dos bardos, uma sombra ossiânica, a alma da verde Erin!», dizia-me ele.

No começo desta primavera recebi uma carta de Rytmel que continha estas palavras:

«Parto para aí: um quarto livre e solitário em tua casa; bons charutos; uma casa afastada e livre num bairro pobre;

um coupé escuro com bons estores; reserva e amizade. — *Frater, Rytmel*.»

Executei escrupulosamente as suas determinações.

Há sessenta dias, talvez, Rytmel chegou, no paquete de Southampton. Pareceu-me mais triste, mais concentrado.

Havia certamente um segredo, uma preocupação, um cuidado qualquer, que habitava no seu peito. Esperei que ele se abrisse expansivamente comigo nalguma das longas horas íntimas, em que, no jardim de minha casa, falávamos na essência dos sentimentos. Nunca dos lábios dele saiu uma confidência: apenas duas ou três vezes o nome de *miss* Shorn, que, segundo ele me disse, era uma relação recente de sua irmã, apareceu vagamente no indefinido da conversação.

A sua vida, em minha casa, era de um extremo recolhimento.

Parecia mais um refugiado político do que um amante amado. Não tinha relações nem convivências. Às vezes de manhã saía num coupé cuidadosamente fechado, que perpetuamente estacionava à porta.

De tarde, às oito horas, saía também, e só o via no outro dia ao almoço, em que ele aparecia sempre levemente contrariado pelas cartas que lhe vinham de Londres e de Paris. Notei por esse tempo umas certas tendências místicas no seu espírito, de ordinário tão positivo e tão retilíneo. Surpreendi-o mesmo uma vez lendo a *Imitação*.

Num caráter lógico e frio como o de Rytmel, aquele estado de espírito era

decerto o sintoma de uma grave perturbação do coração.

Falava às vezes de Cármen, sempre com saudade. Gostava de conversar das coisas de religião e das legendas do Céu. Falava na *Trapa*, no sossego imortal dos claustros, e nas quimeras da vida. Eu estranhava-o.

Desde que ele viera para Lisboa eu não voltara a casa da condessa por um certo sentimento altivo de reserva e de orgulho. Nesse tempo estava ela absolutamente livre. O conde achava-se em Bruxelas, onde Mademoiselle Rize o tinha cativo dos nervosos e ágeis bicos dos seus pés, que então escreviam pequenos poemas no tablado do *Théâtre du Vrince Royal*.

Um dia, inesperadamente, recebi

da condessa um bilhete que dizia:

«Meu primo, se um gelado tomado num terraço com uma velha amiga não sobre-excita excessivamente os seus nervos, espero-o esta tarde em... (era uma quinta ao pé de Lisboa que ela habitava algumas vezes no verão). Traga o seu amigo Rytmel.»

Mostrei o bilhete a Rytmel, e pelas seis horas da tarde rodávamos na estrada de... num coupé com os estores corridos.

A condessa tinha acabado de jantar. Passeámos nas sombrias ruas da quinta, apanhámos flores, e voltaram aquelas boas horas íntimas de outrora, cheias de abandono e de espírito. A condessa estava radiante.

Às onze horas da noite fomos tomar chá para o terraço. Havia um

admirável luar. O terraço tem na sua base um grande tanque, cheio de plantas da água, de largas folhas, e de nenúfares, e onde poderia navegar um escaler. A água escorre ali com um murmúrio doce. A hora era adorável. As redondas massas de verdura do jardim, os arvoredos, apareciam como grandes sombras pesadas e cheias de mistério. Ao longe os campos e os prados esbatiam-se num vapor docemente luminoso e pálido. Havia um silêncio suspenso. As coisas pareciam contemplar e sonhar.

Sobre uma mesa no terraço estava um bule do Japão e três pequeninas chávenas de Sèvres, uma das quais, de um gosto original e feliz, era a da condessa. Tínhamos tomado chá, e eu notava a excêntrica forma, o delicado desenho, a

pura perfeição daquela maravilhosa e pequena chávena, que a condessa chamava a *sua taça*.

— O rei Artur só podia beber pelo seu copo de estanho... — disse Rytmel, sorrindo.

— E eu só posso tomar chá por esta taça — disse a condessa. — Não sei porquê, representa para mim o sossego, a felicidade. Quando estou triste e bebo por ela parece-me que se dissipa a nuvem. Uma flor que eu queira conservar ponho-a dentro dessa chávena, e a flor não murcha. Demais o chá bebido por ela tem um gosto especial: ora veja, Captain Rytmel! beba.

Toda aquela glorificação da chávena tinha tido por fim o poder Rytmel, na minha presença, sem isso ser menos discreto, beber pela chávena da

condessa — encanto supersticioso e romântico, que pertence de grande antiguidade à tradição do amor!

Rytmel agradeceu, deitou uma gota de chá na pequenina chávena dourada. Eu, no entanto, olhava a condessa.

Estava originalmente linda. Tinha o vestido levemente decotado sobre o seio. E o luar dava-lhe aquele nimbo poético que todas as claridades misteriosas, ou venham de astros mortos ou de luzes desmaiadas, dão às figuras louras.

Havia um piano no terraço; a condessa sentou-se, e sob os seus dedos o teclado de marfim chorou um momento. O silêncio, o infinito da luz, a atitude contemplativa das coisas, o murmuroso chorar da água nas bacias de mármore,

tudo nos tinha insensivelmente lançado num estado de suave e vago romantismo...

De repente a condessa elevou a voz e cantou. Era a balada do *Rei de Tule*.

Alguém tinha traduzido aquela balada em rimas populares. E era assim que a condessa gostava de a dizer, em lugar de usar as palavras italianas com a sua banalidade de *libretto*.

Houve outrora um rei de Tule
A quem, em doce legado,
Deixou à amante ao morrer
Um copo d'ouro lavrado.

Eu ficara junto do piano, fumando. Rytmel, de pé, encostado à balaustrada, enlevado no penetrante encanto daquela canção, olhava a água do tanque, onde

tremia a claridade da Lua, conservando a taça na mão.

Os dedos da condessa volteavam no teclado de marfim; e a sua voz continuava, triste como a própria balada:

Sempre o rei achava nele
Um sabor da antiga mágoa,
E se por ele bebia
Tinha os olhos rasos d'água.

— Não cante mais — disse Rytmel, de repente, voltando-se.

À luz da Lua eu vi-lhe os olhos húmidos como os do rei da canção, e na sua mão tremia a pequena chávena dourada.

Ela voltou para Rytmel um longo olhar triste, e a sua voz prosseguiu,

vibrando mais saudosa no silêncio:

N’alta esplanada normanda
Batida da fria onda
Reúne os seus irmãos d’armas
A uma távola redonda...

Parou com as mãos esquecidas sobre o teclado:

— Foi talvez como numa noite destas — disse ela. — Estamos em plena legenda. O terraço batido da água, a Lua, os velhos amigos reunidos, a lembrança da pobre amante, que se apaga na memória dele, o pressentimento da morte... Que linda noite para o rei atirar a sua taça ao mar!

E cantou os derradeiros versos da balada:

Foi-se com trémulos passos
Na amurada debruçar...
E com as suas mãos antigas
Atirou a taça ao mar!

Junto ao seu corpo real
Estão os pajens a velar
E a taça vai viajando
Por sobre as águas do mar...

De repente Rytmel deu um pequeno grito: descuido, movimento, ou irreprimível impulso de um coração que se revela, Rytmel deixara cair a pequena chávena ao tanque, entre as folhas dos nenúfares.

A condessa ergueu-se, extremamente pálida, apertando com

ambas as mãos o coração: e com os olhos marejados de lágrimas, disse para Rytmel:

— O rei de Tule ao menos esperou que ela morresse!

Ele desculpava-se banalmente, como se todo o mal fosse perder-se naquela frágil preciosidade de Sèvres. A condessa deu-me o braço um pouco trémula, e penetrámos na sala.

Daí a dias foi a catástrofe. Outros que a contem. Eu deponho aqui a minha pena, com a consciência de que ela foi sempre tão digna, quanto a minha intenção foi sincera.

As Revelações de A. M. C.

1

Sr. Redator. — Dirigindo-lhe estas linhas, submeto-me à sentença de um tribunal de honra constituído para julgar a questão levantada perante o público pelas cartas do doutor *** estampadas nessa folha. Obriguei-me a referir quanto se passou por mim como ator desse doloroso drama, e venho desempenhar-me deste encargo. Possam estas confidências, escritas com o mais consciencioso escrúpulo, conter a lição que existe sempre no fundo de uma verdade! A existência íntima de cada um de nós é uma parte integrante da grande história do nosso tempo e da humanidade. Não há coração que, desvendado nos seus atos,

não ofereça uma referenda ou uma contestação aos princípios que regem o mundo moral. Quando o romance, que é hoje uma forma científica apenas balbuciante, atingir o desenvolvimento que o espera como expressão da verdade, os Balzacs e os Dickens reconstituirão sobre uma só paixão um caráter completo e com ela toda a psicologia de uma época, assim como os Cuviers reconstituem já hoje um animal desconhecido por meio de um único dos seus ossos.

Sabem que sou natural de Viseu. Criei-me numa aldeia encravada entre dois montes da Beira; açoitado de quando em quando por meu pai quando lhe esgalhava alguma árvore mimosa do quinteiro; abençoado por minha mãe como a esperança dos seus velhos anos; coberto

de profecias de glória, como o pequeno Marcelo da freguesia, pelo reitor, o qual algumas vezes depois de lhe ajudar à missa, aos dez anos de idade, me argumentava na sacristia as declinações latinas. Era escutado este prodígio por um auditório composto do sacristão e do tesoureiro, que com os chapéus debaixo do braço, coçavam na cabeça e olhavam para mim arregalados e atónitos. A um recanto, minha mãe sorria, com os olhos banhados de ternura, do fundo da caverna formada em redor do seu rosto pela coca de uma ampla e poderosa mantilha de pano preto.

Fiz depois os estudos preparatórios no liceu da cidade, e vim finalmente matricular-me em Lisboa na escola de medicina.

Vivo pobre, humilde e obscuramente, tenho a minha existência adstrita a uma pequena mesada, à convivência de alguns companheiros de estudo e ao trato de duas senhoras velhas e pobres, irmãs de um capitão reformado, antigo aboletado de meu pai, em cuja casa de hóspedes eu tenho por módico preço a minha moradia na capital.

A única luz que atravessava a sombra da minha vida de desterro, de desconsolo e de trabalho, era a lembrança de Teresinha...

Teresinha! A doce, a meiga, a querida companheira, à qual eu consagro principalmente estas páginas, que são o capítulo único da minha vida que ela não conhece, a confissão sincera, a história completa do único erro de que posso

acusar-me perante a sua inocência, a sua bondade, e o seu amor!

Teresinha! Adorada flor escondida entre as estevas dos nossos montes, que ninguém conhece, que ninguém viu, de quem ninguém se ocupa, e que no entanto inundas inefavelmente a minha mocidade e a minha vida com o sagrado perfume de um amor casto, puro, imperturbável e calmo como a luz das estrelas.

Se tu as entenderás, minha inocente amiga, estas palavras!

Se me perdoarás, tu, a enfermidade passageira e misteriosa, cuja história eu ponho confiadamente nas tuas mãos, pedindo-te, não o bálsamo da cura para uma chaga que está fechada para sempre, mas o sorriso da benevolência e do perdão para a vaga e sobressaltada

melancolia do convalescente ajoelhado aos teus pés!

Como quer que tenha de ser, minha noiva, eu entendo cumprir perante a minha consciência um dever sagrado contando-te, sem omissões e sem reticências, tudo, absolutamente tudo, quanto se passou por mim. A verdade é que te amo! que te amo, e que te amei sempre! Outra imagem, incoercível, vaporosa, vaga, perpassou por mim, mas esvaiu-se como a sombra de um sonho doentio, varada sempre pelo teu olhar cândido que através dela se fixava e se embebia constantemente no meu.

Uma noite, há dois meses, recolhendo-me por volta das nove horas a minha casa, que fica situada em um dos bairros excêntricos de Lisboa, encontrei parada uma carruagem de praça, cujo

cocheiro altercava grosseiramente com uma senhora, que estava em pé junto do trem, vestida de preto e coberta com um grande véu de renda. Esta senhora trocou algumas palavras com outra mais idosa que a acompanhava e disse ao cocheiro com uma voz singularmente fina, trémula, delicada, musical, como nenhuma até então ouvida por mim:

— Onde quer que lhe mande pagar?... Não trago mais dinheiro.

— Importa-me pouco isso — respondeu o cocheiro. — Quem não tem dinheiro anda a pé. Já lhe disse à senhora quanto é que me deve pela tabela. Se não paga o resto, chamo um polícia. Se não traz dinheiro, dê-me um penhor.

Ela então bateu impacientemente com o pé no chão, ergueu a parte do véu

que lhe cobria o rosto, e principiou a descalçar convulsivamente uma luva. Supus que iria tirar um anel. O cocheiro apressou-se a passar as guias pela grade da almofada e apeou. Tinha-me, no entanto, aproximado, e no momento em que ele dava o primeiro passo, impelido por uma forte comoção nervosa, estendi-lhe com as costas da mão uma bofetada que o fez cambalear e cair de encontro à parelha. E dando-lhe em seguida uma libra, que trazia no bolso:

— Aí tem pela bofetada; contente-se com o que lhe deram pela corrida.

Diria que alguém por trás de mim me sugerira estas palavras românticas, a tal ponto ainda hoje pasmo de as ter eu mesmo inventado como solução de efeito oratório, para semelhante contingência!

O cocheiro levantou a moeda, examinou-a à luz da lanterna, subiu outra vez à almofada, e partiu dizendo-me:

— Boa noite, meu amo!

Eu, atarantado, confuso, tirei maquinalmente o chapéu, e titubeei algumas palavras vagas, não sabendo como despedir-me da pessoa que tinha ao meu lado.

Era a primeira vez que me achava perto de uma dessas formosas senhoras da sociedade, tenra, fina, delicada, como nunca vi ninguém! Tinha uma carnação láctea e aveludada, como a pétala de uma camélia — prodígio de mimo só comparável ao de uma outra mulher que não conheço, e que uma noite passou por mim no salão de S. Carlos, encostada no braço de um homem e envolta em uma

grande capa branca de listas cor-de-rosa.

Aqueles que as conhecem, que as veem e lhes falam todos os dias, é possível que se não impressionem com o aspeto destas criaturas transcendentes. Para quem as encontra de perto pela primeira vez em sua vida não há coisa no mundo que mais perturbe. Homens habituados a arrostar com as mais violentas comoções, a olharem denodadamente para o perigo, para a desgraça ou para a glória, tremem diante desta simples coisa: o primeiro contacto de uma mulher elegante! Daí vem o velho prestígio magnético das rainhas sobre os pajens, das castelãs sobre os menestréis. É uma sensação única. O ser humano bestificado converte-se por momentos num vegetal que vê.

Eu ficara imóvel e mudo.

Ela correu-me de cima a baixo com um olhar rápido, e dizendo-me obrigada com uma comoção trémula, estendeu-me de entre a nuvem negra das suas rendas a mão de que tinha descalçado a luva.

Entreguei a minha grossa mão a essa mão delicada, magnética, convulsa e fria, e senti percorrer-me todos os nervos um estremecimento elétrico despedido do *shake-hands* que ela me deu de um só movimento sacudido, fazendo tinir os elos de uma grossa cadeia que lhe servia de bracelete.

Obrigado a dizer alguma coisa, soltei instintivamente as palavras monstruosas de uma fórmula que se usa em Viseu, mas que estou bem certo nunca

até esse dia haviam sido ouvidas por tal criatura, e que certamente lhe produziram o efeito do grito estrídulo de um animal selvagem, escutado pela primeira vez entre matos desconhecidos.

Vergonha eterna para mim! Essas palavras, que eu desgraçadamente conservara no meu ouvido de provinciano e que a minha boca deixou bestialmente cair, foram estas:

— Para o que eu prestar, estou sempre às ordens.

E dizendo isto, tendo-o ouvido com horror a mim mesmo, voltei rapidamente costas, e afastei-me a passos largos. Ia vexado, envergonhado, corrido, como se houvesse proferido uma obscenidade sacrílega. Dava-me vontade de me meter pelas paredes ou de me sumir

pela terra dentro! Não me atrevia a olhar para trás, mas parecia-me que ia envolto em gargalhadas fantásticas, que não ouvia. Figurava-se-me que tudo se ria de mim, os candeeiros, os cães notívagos, as pedras da rua, os números das portas, os letreiros das esquinas, os aguadeiros que passavam uivando com os seus barris, e os caixeiros que pesavam arroz sobre o balcão ao fundo das tendas.

Entrei precipitadamente em casa, subi as escadas, fechei-me por dentro e pus-me a passear às escuras no meu quarto.

Nas trevas apareciam-me iluminadas por um clarão satânico essas duas mãos que pela primeira vez acabavam de se apertar na rua — a minha e a dela — uma trigueira, áspera e quente,

a outra branca, nervosa e gelada. Depois entravam a reconstruir-se à minha vista os vultos completos das pessoas.

Ela, de uma palidez ebúrnea, com o perfil melancólico de uma madona a que tivessem levado dos braços o seu bambino, movendo-se molemente entre rendas e cetim com uma ondulação de sereia.

Eu, inteiriçado e embasbacado diante dela, não sabendo como segurar o chapéu e a bengala, na mais flagrante e minuciosa ostentação dos meus defeitos e da minha pobreza incaracterizada e burguesa. Ao lado de quanto nela havia ideal, transcendente, etéreo, ia eu vendo, enormemente avultado e saliente, quanto o meu aspeto oferecia mais baixo e mais vil: o casaco comprado ao barato num

algibebe; as botas de duas solas torpemente deformadas e orladas de lama; as calças com umas joelheiras que me dão às pernas na posição vertical o desenho das de um homem que se está sentando; os punhos da camisa amarrotados; e a ponta do dedo máximo da mão direita suja de tinta de escrever!

Éramos verdadeiramente os antípodas um do outro, postos na mesma latitude pela estupidez do acaso, e separados logo para sempre por aquelas palavras terríveis que me zuniam nos ouvidos como os prenúncios de uma congestão:

«Para o que eu prestar, estou sempre às ordens!»

Não sei que estranha atração amarrava o meu espírito à lembrança da

mulher que eu acabava de ver! Não era indefinida simpatia, não era oculto desejo, não era um vago amor. Interessava-me detidamente, e o único movimento que encontrava no meu coração — sinceramente o confesso — era o do ódio. Ódio àquela mulher, ódio inexplicável, monstruoso, como aquele que imagino ser o de um enjeitado à sociedade em que nasceu!

A distinção aristocrática, a elegância da raça daquela gentil criatura aviltava-me, enfurecia-me, revolvia no meu interior esse fermento de rebelião demagógica que todo o plebeu traz sempre escondido, como uma arma proibida, no fundo da sua alma.

Aquela mulher tinha, certamente, um espírito menos culto do que o meu,

uma razão menos firme, uma vontade menos forte, um destino menos amplo. Para compensar estas depressões assistia-lhe uma superioridade repugnante, inadmissível: a que procede da casta. Um berço de luxo, uma constituição delicada, um leito de penas, a infância resguardada na sombra, entre estofos, sobre tapetes, ao som de um piano — isto basta, para que fique ridículo, miserável, desprezível ao pé dela um homem que se criou ao clarão do dia, à luz do Sol, tendo por tapetes a aspereza das montanhas, e por melodias o roncar das carvalheiras e o gemer dos pinhais!

E entre mim e ela será isto perpetuamente uma barreira.

Ela ficará sempre bela, dominativa, sedutora por natureza,

instintivamente cativante, querida, amimada, estremecida, dentro da sua zona de aromas, de veludos, de cristais e de luzes!

Eu, entre a minha estante de pinho adornada com um boneco de gesso e a minha cama de ferro coberta de chita, ficarei sempre tenebroso e inútil — desgraçado quando não quiser tornar-me tão ridículo, e irrisório quando tiver a veleidade de não querer ser tão desgraçado!

Acendi as duas torcidas do meu candeeiro de latão e tentei estudar. Impossível. As letras de um livro que tinha aberto diante de mim percorria-as com a vista pelo espaço de três ou quatro páginas, maquinalmente, sem compreender o sentido de uma só palavra.

Deixei o livro e fiquei por algum tempo inerte, estúpido, neutro, com a vista fixa nas órbitas ocas de uma caveira que tinha sobre a mesa, e que se ria para mim com o escancelado sarcasmo que trazem da cova os esqueletos desenterrados. Aborrecia-me a vida. Apaguei a luz, despi-me e deitei-me.

Tinham-me feito a cama nesse dia com dois desses lençóis de folhos engomados, com que minha mãe enriquecera liberalmente o meu baú de estudante. Estes lençóis tinham a aspereza do linho novo e o cheiro característico do bragal da província.

— Pobre mãe, coitada! — pensava eu, deitado e embebido nessa longínqua exalação olfática da casa paterna. — Coitada de ti, que na

simplicidade dos teus juízos julgaste dotar-me com um luxo que faria comoção em Lisboa, orlando-me dois lençóis com esta enorme renda longamente trabalhada por ti mesma nos teus bilros infatigáveis! Se soubesses que este paciente lavor das tuas mãos em dois anos de aplicação consecutiva, ninguém aqui o admirou, ninguém o viu, ninguém atentou nele, a não ser a criada, que esta manhã me perguntou, entre risadas sacrílegas, se os padres na minha terra se embrulhavam nos meus lençóis em dias de missa cantada! Que importa, porém, que o não apreciem os outros?... Toda esta gente é má, corrupta, perversa! Agradeço-te eu, minha obscura, minha velha amiga. Nos arabescos desta renda, que eu estou apalpando na mão e que tu me

consagraste, figura-se-me sentir o correr caprichoso e ondeado das lágrimas que choraste enquanto o vento ramalhava nas árvores, a saraiva estrepitava nas janelas, e tu desvelavas as tuas noites de inverno, resignadamente ajoelhada junto do berço em que rabujava o teu pequeno. Quando sinto no rosto o áspero contacto dos teus eriçados folhos bordados, beijo-os piedosamente, beijo-os eu, como se fosse um anjo bom que me tocasse com a ponta das suas asas purificadoras e brancas!

Mas além do cheiro do bragal, que me envolvia como um afago mandado de longe, havia na minha cama outro perfume que contrastava singularmente com este. Era o que aromatizava a pele daquela mulher desconhecida, e que me ficara na mão que ela apertou. Respirei-o com uma

curiosidade irritante, que me pungia e me dilacerava. Ai de mim! Colei os lábios na mão aberta sobre o meu rosto, e principiei a sorver esse misterioso respiro de um paraíso ignoto e longínquo.

É monstruoso, infernal, o turbilhão das ideias que esse aroma estranho, penetrante e cálido, me revolveu na cabeça.

Sentia os fogachos, as palpitações, a alucinação da febre.

Quando pela manhã me levantei, sem haver dormido em toda a noite, tinha o travesseiro inundado em lágrimas...

Perdoa-me, Teresinha! Minha Teresinha, perdoa-me... Não foi pensando em ti, meu puro anjo, que eu chorei tanto nessa noite!

2

Soube daí a dias que a senhora com quem me encontrara era a condessa de W. A figura dela tinha-me ficado moldada na memória como o rosto de um cadáver em uma máscara de gesso. Estava no Rossio quando me disseram o seu nome, ao vê-la passar em carruagem descoberta.

Ia reclinada para o canto de uma vitória, quase deitada, mórbida, abstraída, indiferente, como se uma auréola invisível a segregasse dos aspetos e dos ruídos da rua, grosseiros de mais para lhe tocarem. Tinha uma sedução alucinante, vestida de verão, com uma simplicidade cheia de mimo e de frescura, uma graça que se

adivinhava mais do que se via e que menos apetecia ver do que respirar. Levava no seio uma rosa cor de palha, e uma pequena madeixa de cabelos finos, dourados, transparentes, soltos do penteado, caía-lhe na testa.

Cravei os olhos nela e tirei o meu chapéu; ela viu o meu cumprimento, olhou-me, como se eu lhe aparecesse pela primeira vez, com a mesma indiferença com que olharia para uma vidraça vazia ou para uma tabuleta sem dístico, e prosseguiu inalterável e imóvel como a imagem preguiçosa da formosura arrebatada do seu pedestal por um cocheiro agaloado e por dois cavalos a trote.

Continuei a passear com um amigo com quem estava e cobri tanto quanto

pude com algumas palavras rancorosas a respeito da política a comoção que sentia.

Momentos depois, passou na mesma direção que tinha tomado a carruagem da condessa, um coupé escuro, sem letras nem armas, com todas as cortinas cerradas. Esta circunstância, aliás naturalíssima, encheu-me de indignação e de rancor. Imaginei possível que aquele trem seguisse o da condessa e, não sei por que processo do coração ou do espírito, nasceu-me o desejo de arrombar essa carruagem e calcar aos pés o homem que lá estivesse dentro.

— Estás a tremer! — disse-me o amigo a quem eu dera o braço.

— Não é nada... um estremecimento nervoso.

— Empalideceste, tens os beiços

brancos e as orelhas encarnadas...

— Foi uma vertigem. Dá-me isto às vezes.

— Aí tens! É o efeito das vigílias e do abuso do tabaco nas funções do coração.

— E debilidade resultante da fome — exclamei eu sorrindo e mal podendo conservar-me de pé. — Adeus, que vou jantar!

E entrei na primeira carruagem de praça que passou por nós, enquanto o meu companheiro acrescentava:

— Agora estás afogueado e vermelho como lacre: toma ferro e bromureto.

Quando cheguei a casa tinha febre, e via por fora do casaco o bater do coração.

Não tornei mais a encontrá-la senão na noite da catástrofe.

O meu romance misterioso e absurdo acabou então, cedendo o seu lugar à tragédia em que entrámos juntos.

3

Foi na noite de 20 de julho passado. Eu voltava de casa de Z... com quem tinha estado até às duas horas; ia chegar quando senti atrás de mim os passos de duas mulheres. Parei. Elas passaram por mim, descendo do passeio em que eu estava, e caminhando apressadamente. Entrevi-as à luz de um candeeiro. Uma era alta, seca, direita, idosa; a outra — para que hei de descrevê-la? — era ela. Um relance de olhos, e conheci-a logo.

Ia inquieta, arquejante, abafada em pranto e em soluços. Comoveu-me tanto o aspeto passageiro dessa grande angústia, dessa dor suprema naquela formosa

mulher há poucos dias ainda tão patentemente feliz, radiosa, intemerata, que eu daria, nesse momento, a minha vida inteira para a não ver assim dobrada na lama de uma rua escura e deserta, pelo que há mais violento, mais voluntário, mais hostil, mais implacavelmente humano: a desgraça... Ela, a viva imagem da delicadeza e do mimo, expressão suprema da beleza, do domínio, da omnipotência terreal, via-a de repente sucumbir envolvida pela serpente cuja cabeça eu imaginava segura pelo seu pé sobre um crescente de Lua!

Fiquei por um momento perplexo. Por fim, os meus passos apressaram-se para ela, saí-lhe ao encontro, e disse-lhe convulsivamente:

— Senhora condessa de W..., vejo

que chora. É certamente um sucesso extraordinário e terrível. V. Ex.ª parece-me só e desprotegida neste bairro; somente em tão excecionais circunstâncias eu poderia permitir-me a liberdade de lhe falar. Disponha de mim, minha senhora, como se dispõe de um amigo ou de um escravo, para a vida e para a morte.

Ela parecia escutar sem me compreender, numa grande inquietação. À última palavra que proferi:

— Para a morte! — repetiu ela num grito de delírio. — Quem lho disse? Como o soube?

E apoiando-se no braço da senhora que, a acompanhava, segurou-se nela com um movimento convulso de pavor, ergueu o rosto para mim e fitou-me, trémula, suplicante, com os olhos

alucinados e lacrimosos.

— Que quer? Diga! — acrescentou ela. — Quer prender-me? Aqui me tem. Leve-me.

E tendo dito isto, voltou-se sucessivamente para todos os lados, olhando a rua com a mais exaltada expressão da confusão, da vergonha e do medo. Era a angústia personificada pela maneira mais viva e mais lancinante. Eu sentia o coração cheio de lástima e de piedade.

— Perdão — disse-lhe — sossegue por quem é! Eu nada sei. Não venho prendê-la, nem venho interrogá-la. Não sou um juiz, nem um espião, nem um carrasco. É esta a terceira vez que a vejo em minha vida. A primeira foi nesta mesma rua há cerca de um mês, no

momento em que um cocheiro lhe pedia o aluguer de um trem. A segunda vez foi de passagem no Rossio, há quinze dias. Sou um amigo seu desconhecido, obscuro, anónimo. Supunha-a no apogeu da fortuna e da felicidade. Tive-lhe inveja e ódio. Encontro-a, ao que parece, à beira de um abismo e não acho na minha alma doente e magoada senão enternecimento e dedicação! Pobre senhora! E, então, desgraçada também como os outros... Coitadinha! coitadinha!

E a minha dor era profunda e sincera, a minha compaixão ilimitada.

— Não sei — tornou ela — estou tão perturbada que não o compreendo bem; estou tão aflita que não o reconheço bem, entrelembro-me apenas... Mas parece-me generoso e compadecido... Ah!

Eu não posso ter-me em pé!

Dei-lhe o braço, que ela aceitou, e ficou um momento amparada em mim e na pessoa que a acompanhava, imóvel, com a cabeça reclinada para trás e a boca aberta, bebendo ar a longos sorvos.

— Vamos! — disse ela depois de uma pausa. — Não posso ficar, não posso morrer aqui; tenho que escrever, preciso de chegar a casa quanto antes.

E fazendo um grande esforço, continuou a caminhar, apoiada como estava, com passo vacilante e vagaroso, ansiada, arquejante, parando a todo o momento para receber nos pulmões o ar que lhe faltava.

Eu ia absorvido pelo aspeto de tamanha dor. Acudia-me de longe a longe uma palavra, que não me atrevia a

pronunciar, receando que ela pudesse imaginar que eu tentava perscrutar a causa do seu infortúnio com uma indiscrição grosseira.

A rua em que íamos andava-se consertando e estava coberta de uma camada de seixos britados e soltos, por cima de cujos ângulos percucientes e cortantes éramos obrigados a caminhar. Chegávamos à esquina da rua quando ela, voltando-se para a pessoa que a acompanhava, e que então vi ser uma criada, lhe disse:

— Betty, calça-me o sapato. Saiu-me do pé.

A criada ajoelhou-se, e exclamou:

— O cetim está despedaçado! O pé deita sangue!

A condessa pareceu não ouvir, e

continuou a caminhar resolutamente.

Maravilhava-me e compungia-me o valor de alma daquela débil natureza, e sentia-me arrebatado a levantar do chão e a transportar nos meus braços aquele formoso corpo tão corajosamente subjugado. Felizmente, de uma travessa próxima desembocou, pouco depois, um trem de praça, vazio. A condessa, que tinha visivelmente a maior pressa de chegar, entrou, com a criada que a acompanhava, na carruagem que eu mandei aproximar. Fechei a portinhola e disse à condessa baixo, quase ao ouvido, dando-lhe o meu bilhete:

— Minha senhora, quaisquer que sejam as causas, quaisquer que sejam as consequências da estranha aventura que acaba de aproximar-se de V. Ex.ª, vá na

firme certeza de que ninguém no mundo saberá do encontro que acabamos de ter. Se nunca precisar de mim, continuarei como até hoje sendo na sua existência um homem inteiramente desconhecido, o qual doravante considerará as suas relações com V. Ex.ª exatamente no estado em que estavam antes de a ter visto pela primeira vez.

Ela respondeu-me enternecidamente:

— Bem haja por essas palavras de bondade, que são talvez as últimas benévolas que eu tenho de ouvir neste mundo. Quando souber — porque tem de se saber isto, meu Deus! — o que, desde esta horrorosa noite, eu fico sendo perante a justiça e perante a sociedade, diga à sua mãe, à sua irmã, à sua amante, se tem

amante, que me não odeiem elas ao menos! Que eu sou menos criminosa do que lhes hei de parecer, que fui eu que lhe confessei isto, ao despedir-me de si, entre a vida e a morte. Adeus! Não lhe dou a mão... Sou indigna da amizade das pessoas de bem. O mais que eu posso pedir, eu, é piedade... Tenha piedade de mim... Adeus!

A carruagem tinha rodado a distância de alguns passos, quando parou outra vez a um gesto da condessa; ela mesma abriu a portinhola, desceu e dirigiu-se a mim. Fui ao seu encontro.

— Quero falar-lhe ainda — disse ela.

E depois de uma pequena pausa, em que parecia coordenar ideias dispersas, acrescentou:

— Foi talvez providencial o nosso encontro aqui, a esta hora, nesta rua... É talvez a única pessoa que Deus quer permitir que me proteja, que seja por mim. Tenho um parente a quem vou escrever imediatamente entregando-lhe este segredo. Receio que ele se não ache em Lisboa. Sendo assim, não sei de quem me confie. Se tiver no seu coração tanta misericórdia e tanta bondade que queira valer-me, procure-me em minha casa amanhã às 11 horas.

E dando-me a sua morada em Lisboa, entrou outra vez no trem que partiu.

Singular comoção a que produziu em mim essa mulher de quem acabava de saber que tinha cometido um crime: sentia-me inclinado a ajoelhar-me aos

seus pés dilacerados e a adorá-la!

4

No dia seguinte, à hora assinada, apresentei-me em casa da condessa.

Era um prédio de um só andar, simples, branco, todo fechado. Abriu-se a porta da rua, apareceu-me um criado vestido de casaca azul com botões brancos, colete encarnado, calção curto. Era um homem velho, de cabelos brancos, polido e nédio como um embaixador, sério como uma estátua, penteado como um *gentleman*. Falou-me em francês e conduziu-me.

As escadas eram pintadas e envernizadas de branco, luzidias como o peito engomado de uma camisa. Ao meio dos degraus corria um tapete de veludo

passado em varetas de cobre reluzente. No patamar projetava-se da parede uma concha de alabastro, cheia de plantas de longas folhas, em cima das quais gotejava a água de uma pequena fonte. No alto da escada a mobília era branca, as paredes forradas de verde, cobertas de molduras douradas encerrando quadros a óleo. A luz, suave e alta, vinha através de vidros baços. Havia o ar sereno e o perfumado silêncio de uma tranquilidade elegante e feliz. Não me parecia o palácio de um fidalgo, nem o palacete de um burguês, mas sim o ninho doméstico de um poeta ou de um artista.

Levantou-se um reposteiro e entrei numa sala forrada de couro, circundada de sofás e de poltronas com estofos de marroquim cravejado de aço, grandes

vasos de porcelana e alguns bronzes, um dos quais representava o busto da condessa, assinado e datado de Milão. Um dos espessos reposteiros que cobriam as portas estava corrido e deixava ver, no meio da casa próxima, que era um salão antigo, um piano de ébano volumoso e longo em cujo flanco se lia em grandes carateres de prata o nome de Erard. Junto do piano, inclinado sobre um *fauteuil*, achava-se um violoncelo defronte de uma estante de marfim. Sobre as chaminés de mármore havia alguns livros e vasos com flores. Os móveis estavam dispostos de maneira que parecia conversarem baixinho em coisas delicadas e íntimas. Sentia-se que estava ali, domiciliada num aconchego feliz, uma existência espirituosa e contente: percebia-se no ar e

no aspeto das coisas, o vago vestígio do perfume, da harmonia, do calor, que as pessoas que aí tivessem estado haviam derramado em volta de si, conversando, lendo, fazendo música. Eu tinha levantado os olhos de um livro sobre a mesa do centro da sala, quando vi defronte de mim, ao fundo de um grande espelho, uma figura imóvel, tétrica, espectral. Voltei-me rapidamente, e não pude reprimir um grito de pasmo e de terror. Era a condessa.

Horrível transformação por que ela passara! Durante as poucas horas que haviam mediado entre esse momento e a última vez que a vira, a condessa de W... tinha envelhecido dez anos. Os olhos profundamente encovados haviam tomado uma expressão apagada e imóvel; a carne tinha uma cor térrea e opaca; os músculos

faciais, contraídos na mais violenta opressão, davam-lhe ao rosto, transversalmente vincado por dois sulcos escuros, o aspeto de uma magreza extrema; os cabelos apanhados todos para trás, alisados e seguros num rolo sobre a nuca, avultavam-lhe o nariz afilado e despegavam-lhe do crânio as orelhas lívidas, de uma saliência rija e cadavérica.

Fez-me sinal que a acompanhasse. Segui-a com a sensação enregelada de quem entra nos domínios da morte. Atravessámos uma sala e entrámos num dos quartos dela. Apontou para um sofá e sentou-se ao meu lado, olhando para mim, impassível.

Ficou assim por um momento na mudez de uma dor intraduzível, pausa

terrível em que a alma emerge de um abismo de lágrimas e se debate violentamente antes de aparecer na voz. Tinha os lábios entreabertos como os de quem vai soltar um grito, e o queixo, trémulo, oscilava-lhe como o das crianças subjugadas pelo terror no instante de lhes rebentar o pranto. Por fim, disse-me lentamente, com palavras pesadas, firmes, entre cortadas, como se estivesse retalhando o coração e dando-mo em bocados:

— Peço-lhe que não me condene pelas primeiras palavras que vai ouvir.

E, em voz baixa, depois de um breve silêncio, acrescentou:

— Eu matei um homem.

— Que diz?! — gritei eu estupefacto. — Está louca! Enlouqueceu!

— Não. Não estou louca — tornou ela grave e serenamente. — Não enlouqueci ainda. E admiro isto. Como têm decorrido estas horas, minuto por minuto, segundo por segundo, sem que a minha razão sucumbisse nesta desgraça infinita, sem remédio, sem termo, sem remição! Matei um homem... Involuntariamente, sim, mas matei-o. Quero entregar-me aos tribunais, estou pronta, estou deliberada. Estendo os olhos ao meu futuro e não vejo senão uma esperança, senão um lenitivo único no prazer de morrer em tormentos, que eu abençoarei como os maiores benefícios do Céu, de morrer de fome, de desprezo, de miséria, prostrada no fundo de uma enxovia, no porão de um navio, ou abandonada numa praia da África,

abrasada pelo sol, sobre as areias ardentes, roída pelo cancro, devorada pela sede e pela febre. Por mim uma só coisa temo: a loucura que um momento em minha vida me consinta a alegria horrível de cuidar que ainda sou amada e feliz; ou a morte repentina que me arrebate a consolação única que Deus concede aos grandes culpados: a liberdade de sofrer. Mas ele... O seu nome descoberto! O seu cadáver profanado! O seu segredo traído!...

E falando, como num sonho, abstratamente:

— Desventurado homem! Que fatal destino o encaminhou para mim, arremessando-o de encontro ao meu coração, em que estava a sua morte? Porque não amou outras mulheres que o

mereciam mais do que eu? Porque não se deixou amar por Cármen Puebla, que o adorava e que morreu por ele? Que cego, que imprudente, que desgraçado que foi!...

E escondendo a face nas mãos, desatou a chorar num pranto convulso e desfeito, em que a vida parecia despedaçar-lhe o seio e jorrar para fora em borbotões de lágrimas e de soluços.

— Vamos — disse-lhe eu quando esta crise abrandou —, serenemos um momento, e pensemos no que importa fazer. É então positivo que o conde está morto?

— O conde?... — interrogou ela, erguendo-se de súbito e enxugando os olhos. — Sim, tem razão, eu ainda lhe não disse tudo... O homem que eu matei não é meu marido.

E, postando-se defronte de mim, fitou-me com um olhar alucinado, e acrescentou com voz demudada e profunda:

— É o meu amante.

Em seguida ficou imóvel, esperando as minhas palavras na postura de um réu que vai escutar a sentença da boca de um juiz.

A sensação que experimentei ao ouvir essa confissão breve, seca, inesperada, foi a da surpresa primeiro, de uma instintiva repulsão depois. Ergui-me maquinalmente e dei alguns passos na casa. A condessa permanecia na mesma posição, numa insensibilidade que tanto podia ser a prostração do arrependimento como o cinismo da culpa. Eu estava surpreendido e revoltado. Aquela mimosa

e pura estátua, à qual eu levantara quase um altar no meu coração, assim repentinamente baqueada num lamaçal, causava-me horror. Poderia suportá-la criminosa; não podia considerá-la prostituída. Medi-a com um olhar em que senti dardejar o desprezo que ela nesse momento me inspirava, e depois de um silêncio repassado de mágoa:

— É horrível isso!

Ela estremeceu, cerrou desfalecidamente os olhos e amparou-se vacilante ao espaldar de uma cadeira.

— Estranha talvez a lástima e o horror que me causa? — insisti eu. — É natural. Tenho ouvido que, em Lisboa, a sociedade vê benevolamente essas quedas como incidentes triviais da existência doméstica. Eu, porém, que sou um

selvagem, eu que me criei no princípio de que a fidelidade é no caráter de uma mulher um dever tão sagrado como a honra no caráter de um homem, eu protesto, em nome das únicas mulheres que a minha inexperiência me tem permitido conhecer no mundo — em nome daquela que me gerou e em nome daquela que eu amo — contra semelhante interpretação da liberdade de amar. Não compreendo que caia em tal erro uma pessoa limpa. O adultério é uma indecência e uma porcaria. Matar um homem em tais circunstâncias, é mais do que faltar ferozmente ao respeito devido à inviolabilidade da vida humana; é faltar igualmente ao respeito da morte... E atirar um cadáver a um cano de esgoto... É trágico — e coisa ainda mais horrível —

é sujo...

Ela escutava-me em silêncio, extática, como hipnotizada pela minha instintiva mas cruel grossaria.

De repente, sem uma exclamação, sem um grito, sem um gesto, caiu desamparadamente no chão, fulminada, inerte, como se estivesse morta.

Quis chamar alguém, ia tocar no botão de uma campainha, quando me ocorreu a inoportunidade de qualquer intervenção nesta cena. Fui para ela, que ficara estirada de costas sobre o tapete. Levantei-lhe a cabeça. Não lhe senti o pulso. Ergui-a em peso, tomei-a nos braços. A fronte dela pendeu sobre o meu ombro, ficando perto dos meus lábios a sua face desmaiada.

Aproximei-me de um sofá.

Depois, por um sentimento supersticioso de respeito, coloquei-a numa cadeira de braços, e corri aos aposentos contíguos àquele em que estávamos. O quarto próximo era um gabinete de vestir. Trouxe um frasco de água-de-colónia que estava num lavatório. Humedeci-lhe as fontes e os pulsos, fiz-lhe respirar o álcool. Auscultei-a. O coração começava a bater. O pulso reaparecia.

Eu tinha-me ajoelhado junto da poltrona em que ela jazia e contemplava melancolicamente a sua figura exânime.

Os olhos cerrados, a boca entreaberta deixando ver os dentes miúdos e cor de pérola, a cabeça reclinada no espaldar, davam ao seu rosto, assim em escorso, a expressão de uma figura de anjo, ascendendo de um túmulo. Os pés

estreitos e finos, calçados em meias de seda e sapatos de cetim preto, sobressaíam da orla do vestido numa imobilidade sepulcral. Uma das mãos, através de cuja lividez se via a rede ténue e azul das veias, tendo no dedo anular um círculo de grossos brilhantes entremeados de rubis, repousava-lhe no regaço, e do seu roupão de rendas pretas exalava-se o mesmo perfume, o perfume dela, que me ficara na mão a primeira vez que a vi.

Lembrei-me então da sua figura entrevista de noite, ao gás de um candeeiro da rua, tornada a ver depois, à luz do dia, no Rossio, passando em carruagem descoberta. E estas coisas, tão vivas na minha lembrança, faziam-me, todavia, a impressão de haverem passado há muitos anos.

Ela estava velha!

Muitos dos seus cabelos, secos, baços, como mortos, tinham embranquecido nas fontes e no alto da cabeça.

A contração violenta de todos os músculos da dor transformara numa só noite as suas feições e desfigurara a sua fisionomia. Os cantos da boca tinham descaído ao peso das lágrimas como ao peso dos anos, e dois vincos profundos sulcavam-lhe as faces flácidas na mesma direção oblíqua que tinham tomado os sobrolhos, riscando-lhe a testa em rugas curvilíneas, miúdas e transversais.

Que medonha, que tenebrosa, que incomparável angústia devia ter passado em algumas horas por este desgraçado corpo para o devastar assim!

Na rua, a pequena distância, um realejo tocava um *pot-pourri* de várias óperas, e, ao som desse corrido martelar idiota da música mecânica, pareceu-me ver desfilar em louca debandada no ar, entre mim e a pobre senhora, como numa espécie de evocação ao mesmo tempo trágica e grotesca, todos os grandes símbolos das educações sentimentais, ladainha viva das paixões elegantes, girando sob a manivela desse realejo, num redemoinho fúnebre, de dança dos mortos, em torno desse corpo desfalecido, como as visões da vida passada, figuradas nos velhos retábulos, em torno do leito das monjas moribundas.

Era como se, no decorrer dessa música, automática como um andar de sonâmbulo, eu visse perpassar no espaço

a grande ronda das tentações que na vida levaram consigo o destino desta criatura: os pálidos Manriques e os febris Manfredos, trazendo sob a capa das poéticas aventuras a bravura cavaleirosa do campeador Rui de Bivar ou do paladino Rolando, a melancolia de Hamlet, a exaltação sentimental de Werther, a revolta do Fausto, a saciedade de D. João, o tédio de Childe Harold; e toda a legião dramática das belas mulheres amadas: Francesca, Margarida, Julieta, Ofélia, Virgínia e Manon.

E, em grinaldas de beijos secos, de beijos de pau, matraqueados no instrumento da rua, todas essas figuras de amorosas legendas bailavam misteriosamente ao som da *Traviata*, da *Lúcia*, do *Ballo in maschera*.

— *Amor! amor! amor!* — tal foi decerto a letra da grande ária que constantemente lhe cantaram através de toda a sua existência de mulher bela, elegante, instruída e rica.

Foi nesse mundo moral que a sua imaginação habitou e que se fez o seu pobre espírito de linda criatura ociosa e desejada.

Como poderia ela adivinhar a honesta serenidade dos destinos simples no meio de uma existência tão complicadamente artificial como a sua?

Fora dos interesses da elegância, da moda, talvez da arte, que conhecia ela de sério e de grave na vida senão a religião e o amor? Tinha um missal e um marido. É pouco para o equilíbrio de uma alma, principalmente desde que o missal

cessa de convencer e o marido cessa de amar.

As que têm um salão, uma carruagem, um camarote na ópera, um cofre cheio de joias, um quarto cheio de vestidos, não podem ser as singelas mulheres que passam a vida a dar de mamar aos filhos e a vender cerveja, como diz o lago, de Shakespeare; nem podem resumir o seu destino fácil em ter filhos, chorar e fiar na roca, como diz Sancho Pança. Esta não vendia cerveja, não a ensinaram a fiar... Chorou apenas.

Quem sabe se na sua dourada existência a amargura das lágrimas a não compensou hoje de tudo quanto ignora da amargura da vida!

E tive uma compaixão sincera com um remorso profundo das palavras cruéis

que lhe dissera.

Que poderia eu fazer para a salvar? Não o sabia. Achava-me, porém, resolvido a tudo, a sacrificar-me inteiramente, para lhe valer.

Devo dizer também que, vendo-a, ouvindo-a, eu não supus nem por um momento que no homicídio de que ela se acusava pudesse haver o que se chama verdadeiramente um crime, isto é, uma intenção infame ou perversa. Um criminoso, um cobarde, um assassino, nem chora assim, nem fala assim, nem se denuncia, nem se inculpa, nem se entrega por esta forma a uma pessoa quase estranha, quase desconhecida. Ela tinha-mo dito com a mesma simplicidade com que o gritaria da janela para a rua, sem a mínima preocupação de se salvar.

Cheguei a pensar por um momento que não tinha diante de mim senão uma estranha nevrose, um caso de alucinação, de delírio raciocinado. Mas o delírio não faz padecer tanto. Tenho visto muitos loucos no hospital. A expressão deles, ainda a mais dolorida, não apresenta nunca a profundidade desta. É preciso ter toda a integridade da sensibilidade e da razão para sofrer assim. No padecimento dos loucos há um não sei quê, sem nome talvez na sintomatologia do sofrimento, mas a que poderíamos chamar — a isolação da alma.

Ao voltar a si, a condessa parecia um pouco mais calma. Para evitar um recrudescimento de excitação proveniente de uma longa narrativa de episódios que me pareceu discreto evitar, um pouco

como estudante de medicina, principalmente como homem honrado, disse-lhe:

— Sabe mais alguém deste caso?

— Sabe-o a minha criada de quarto, a que me acompanhava ontem quando nos viu, e sabê-lo-á dentro em pouco meu primo H... a quem hoje escrevi. Meu primo, porém, está em Cascais. O morto é um estrangeiro. Ninguém, a não ser meu primo, o conhece em Lisboa. Ignorava-se mesmo que ele existisse aqui. Entregá-lo aos trâmites policiais, ter de revelar o seu nome, descobrir a sua naturalidade, a sua família, eis o que principalmente eu quereria evitar. Conseguido isto, entrego-me aos tribunais, mato-me, fujo, enterro-me viva... como quiserem!

— E sabe seu primo como ele morreu?

— Não. Vai saber apenas que está morto...

— Pode contar com o silêncio da sua criada, por alguns dias ao menos?

— Posso. Por toda a vida.

— Evite, se pode, que seu primo receba hoje a sua carta. E... *ele*, onde está?

— Na mesma rua em que nos encontrámos ontem, no prédio n.º...

— Para entrar na casa...

— Há uma chave — respondeu ela.

E tendo meditado um momento:

— Ontem — prosseguiu — quando lhe disse que viesse hoje a minha casa, estava louca de desesperação e de

horror. Parecia-me que tudo quanto se aproximava de mim me trazia a punição, o castigo, e que tudo quanto se afastava fugia para longe com o meu último amparo, com o derradeiro socorro que eu ainda poderia ter neste mundo!... Foi neste delírio que lhe pedi a V..., um estranho, um desconhecido, que viesse ver-me... Para quê?... Nem eu sabia para quê... Para contar isto a alguém, para me decidir, para ter uma solução, para apressar um desenlace qualquer, para fugir de mim mesma... Ir à polícia era entregar esse infeliz à mais horrorosa das profanações. Dirigir-me a alguma das senhoras que conheço, ir bater à porta de uma família tranquila, que me receberia na casa de jantar ao levantar da mesa, que me apertaria as mãos, que me traria os seus

filhos para eu beijar, e depois dizer-lhes de repente: Eu, que aqui estou, tinha um amante, e matei-o; venho convidá-los para esta festa de desonra e de ignomínia!... Não. Era melhor fugir para o desconhecido, entregar-me ao acaso... Em tudo isto pensei confusamente, não sei como, sem continuidade, sem nexo, aos pedaços, depois que o vi, durante esta noite medonha. Não tenho hoje mais lucidez de espírito do que tinha ontem... Não sei o que hei de fazer... Sinto apenas que estou perdida, que é preciso que alguém venha, que é preciso que me levem... O senhor parece-me um homem generoso, leal, compadecido e bom... Sabe já o que me sucedeu, sabe onde *ele* está. Disse-lhe qual era a casa, disse-lhe o número da porta. Aqui tem a chave.

E tirando do seio uma corrente de ferro, de elos angulosos como de um cilício, que trazia suspensa do pescoço por dentro do roupão, abriu uma argola que lhe servia de remate, soltou uma pequena chave, e entregou-ma.

Deixou-se cair num *fauteuil*, inclinou a cabeça para trás e ficou prostrada, silenciosa, no abatimento, no abandono, no entorpecimento profundo que de ordinário se sucede às grandes crises nevrálgicas.

Sem saber o que fizesse, pensando todavia que uma ideia qualquer me ocorreria mais tarde como desfecho possível para esta situação tão imprevista, tão extraordinária, guardei a chave. Senti que me era preciso, primeiro que tudo, sair dali, retomar o ar livre, achar-me a

sós comigo mesmo, refletir, raciocinar.

— Minha senhora — disse-lhe então — se amanhã, até ao meio-dia, eu lhe não tiver reenviado esta chave, será sinal que me prenderam, que está tudo perdido. Se não souber mais de mim, quero dizer, se lhe não for restituída esta chave, fuja, esconda-se, faça como quiser. Interrogada, negue tudo. Eu preferirei mil vezes aceitar a responsabilidade desta morte a imputar-lha, e, por acaso algum do mundo, será jamais o seu nome proferido por mim. Daqui até lá, para coordenar as suas ideias, para equilibrar a sua razão, para não enlouquecer, se quer um conselho de fisiologista, violente-se um pouco, abra uma janela, sente-se diante de um caderno de papel e escreva o que se passou. Depois, queime o que

escrever. O único meio de dominar uma situação como a sua, o único meio de verdadeiramente a compreender, é analisá-la. Houve um filósofo que deixou aos infelizes esta máxima: «Se a tua dor te aflige, faz dela um poema.» Vá escrever. Faça as suas memórias ou faça o seu testamento, mas escreva, e queime depois. Agora, adeus. Adeus até amanhã, ou quando não, adeus para sempre.

Ela conservava sempre a atitude extática em que caíra na cadeira de braços. Tinha a boca entreaberta, o lábio inferior tremia-lhe, com esse tocante gesto infantil que toma a desolação no rosto das mulheres, e grossas lágrimas silenciosas corriam-lhe em fio pelas faces e gotejavam lentamente nas rendas do vestido. Fez um movimento para se

erguer, procurando articular uma palavra de agradecimento. Profundamente enternecido, dei um passo para trás, inclinei-me com respeito, e saí.

5

Tendo fechado a porta do aposento em que ela ficara, ao passar na sala em que primeiro estivera, ocorreu-me de repente uma ideia. Sobre uma das mesas achavam-se dois grandes álbuns. Folheei-os rapidamente. Um deles encerrava apenas uma série de apontamentos de viagem tomados por uma só pessoa, segundo se via da uniformidade da letra a lápis e em português. Entre os apontamentos escritos estavam colados ou pregados nas páginas alguns espécimenes de plantas e de flores, e viam-se delineados vários esboços de construções e de fragmentos arquitetónicos. Era um álbum de estudos. O outro continha uma

coleção de pensamentos, de máximas, de versos, de desenhos, de aguarelas, firmados por muitos nomes diversos. Eu devorava com os olhos o conteúdo de cada lauda.

Não ousara perguntar à condessa o nome do seu amante. Compreendia que a boca dela nunca mais poderia pronunciá-lo, e não obstante, eu precisava de sabê-lo, de ver letra dele. Estava certo de que esse nome desconhecido figuraria indubitavelmente entre os que eu estava lendo, que a letra desejada se encontraria no meio dos escritos que me estavam passando pelos olhos. Como poderia, porém, adivinhá-lo, sem tempo, sem vagar, sem o sossego de espírito necessário para meditar a intenção de cada uma das frases que ia lendo?... Era-

me forçoso abandonar este recurso, e o álbum que tinha nas mãos era, todavia, talvez, o único meio que me restava de poder descobrir o que desejava! Hesitei um momento, e saí por fim, levando o livro comigo.

Apenas me achei na rua tomei um trem, que dirigi para minha casa, acantoei-me na carruagem e pus-me a ler sucessivamente cada um dos trechos em verso e em prosa, de que se compunha a coleção.

Sabia pela condessa que o morto era estrangeiro. Esta informação era insuficiente para que eu o distinguisse naquela torre de Babel. De página para página ia-me surpreendendo uma nova língua. Havia francês, italiano, alemão, inglês, espanhol... O nome de Ernesto

Renan aparecia sobreposto a duas palavras caldaicas; Garcin de Tassy, orientalista na Sorbona, firmava um período em língua indostânica; Abd-el-Kader tinha deixado simplesmente o seu nome árabe; a princesa Dora Distria assinava de Turim um pequeno texto albanês. Nomes portugueses, apenas dois.

A leitura dos textos não me adiantava mais do que a simples inspeção da variedade dos nomes e da diferença de línguas.

Ao chegar a casa, vi que o número que a condessa me indicara era o de um prédio de um só andar, pobre de aparência, quase fronteiro à casa que eu habitava, perto de uma esquina, colocado ao lado de um prédio mais saliente, e tendo a porta num ângulo reentrante que a

escondia da parte principal da rua. Para o lado oposto até à esquina próxima havia uns armazéns desabitados. Defronte corria um velho muro, ao alto do qual sobressaíam as ramas secas de um canavial. A situação topográfica da casa onde estava o morto permitia-me, pois, entrar e sair dela sem ser visto.

Ali dentro haveria talvez um papel, uma carta, uma nota, que me revelasse o nome que desejava conhecer.

Dei volta à chave e entrei. No alto da escada, junto de uma porta cerrada, estava caída uma luva e dois bocados de papel. Um era meia folha pequena, lisa, em branco. O outro era um pedaço de envelope; tinha no alto um carimbo do correio de Lisboa com a data do dia anterior; a um canto havia inutilizada uma

estampilha francesa; no sobrescrito lia-se: *Mr. W. Rytmel*.

Este nome achava-se no álbum da condessa por baixo de dois versos ingleses.

A luva, que levantei do chão, era de mão de homem, e de pelica branca com cordões pretos. Por dentro tinha em letras azuis a marca de um luveiro de Londres. Era evidente que tinha achado o que procurava. Rytmel era o nome do morto.

Abri em seguida a porta que tinha em frente de mim e estremeci de horror. Estendido num sofá estava o cadáver. A expressão do seu rosto inculcava um sossego feliz. Parecia dormir. Apalpei-o; estava frio como mármore. Colocado perto dele estava um copo com um pouco de líquido. Era ópio.

Percorri o aposento com um relance de olhos. No forro de cetim preto do chapéu, que estava caído no chão, vi bordadas em vermelho uma coroa de barão e duas grandes letras — um W. e um R.

Não podia perder tempo. Fui para casa, sentei-me pacientemente à minha banca e abri o álbum defronte de mim na página em que estavam os versos assinados por W. Rytmel.

É de saber que tenho aquela espécie de habilidade que Alexandre Dumas considera aviltante e vilipendiosa para a inteligência: sou, como terá visto pela letra destas cartas, um excelente calígrafo. Copiei escrupulosamente, desenhando letra a letra, por trinta ou quarenta vezes consecutivas, os dois

versos que tinha patentes. Depois principiei a construir, com letras da mesma forma das que tinha copiado, outras palavras diferentes. Finalmente, depois de muito estudo e de muitos ensaios, peguei na meia folha de papel que tinha encontrado na casa em que se dera a catástrofe, e fiz em inglês com escrita que ninguém no mundo duvidaria ser a da pessoa que escreveu no álbum os versos assinados pelo nome de Rytmel, uma declaração pessoal do suicídio por meio do ópio. Deste modo, quer mais tarde me ocorresse, quer não, o meio mais conveniente de sepultar o cadáver, as suspeitas de homicídio desapareciam.

A condessa estava salva desde que, antes de mais ninguém, eu entrasse na casa e colocasse junto do corpo o bilhete

que escrevera.

Mas eu ficava sendo um *falsário*. Repeti a mim mesmo esta palavra sinistra e estremeci de horror. Era preciso achar outro meio, que eu procurava debalde. E, no entanto, o tempo corria. Veio a noite. Lembrei-me que o primo da condessa poderia vir de Cascais prevenido por ela, e cheguei a sair de casa com pregos e um martelo para encravar a fechadura da porta e retardar a entrada no prédio onde se achava o morto. Ocorreram-me mil ideias fantásticas, cada qual mais absurda. Passei por muito longe, a pé, meditando, inquieto, nervoso, congestionado, estafado, devorado de febre, palpando no fundo do bolso o bilhete terrível com que poderia desviar a responsabilidade da cabeça de um criminoso, tomando,

todavia, para mim uma parte igual no seu remorso.

Finalmente, por volta da meia-noite, sem bem saber porquê, nem para quê, levado por uma atração terrível, atrás de uma suprema inspiração, cingi-me com o muro, abri a porta, penetrei na casa. Então me encontrei inesperadamente com o doutor e com a pessoa conhecida no decurso desta história pelo nome de *mascarado alto.*

O primo da condessa, tendo chegado de Cascais ao meio-dia, acompanhado de dois amigos íntimos, inquieto pelo desaparecimento de Rytmel, que era seu hóspede e vivia como homiziado em casa dele em Lisboa, foi ao prédio misterioso de que possuía uma chave e que sabia ser frequentado

regularmente pelo inglês, e encontrou aí o cadáver. Conhecendo as relações de Rytmel com a condessa, ponderando quanto havia de delicado na necessidade de manter o maior sigilo em volta daquela catástrofe, e julgando por outro lado indispensável que o testemunho de um médico constatasse a morte, que poderia ser apenas aparentemente, planeou a emboscada em que surpreendeu o doutor *** que ele sabia casualmente que passaria nessa tarde pela estrada de Sintra.

Sabem o que se passou nessa noite.

6

No dia seguinte às onze horas da manhã, todos nós, os que havíamos ficado nessa casa fatal, nos achávamos reunidos, de rosto descoberto, em torno do cadáver.

O doutor havia sido conduzido ao ponto da estrada de Sintra, em que fora tomado na véspera.

F..., encarcerado durante a noite num quarto interior da casa, havia comunicado com um alemão que habitava o prédio contíguo, e passara-lhe de manhã, por um buraco feito no tabique, a carta ao doutor, publicada mais tarde no *Diário de Notícias*. Em seguida arrombou a porta do quarto que lhe servia de cárcere, e depois de uma altercação

violenta, arrancou a máscara ao primo da condessa. Os outros dois mascarados, vendo o seu companheiro descoberto, tiraram igualmente as máscaras. Um deles era íntimo amigo de F...

— Que é isto?... Como pode isto ser?... — gritou F... exaltado.

E apontando em seguida para o cadáver, continuou:

— Aquele homem está morto, e foi roubado. Depressa, expliquem-se! Como pode isto ser?

— Meus senhores — exclamou o *mascarado alto* —, o segredo que eu tenho tido em meu dever guardar dentro dos muros desta casa, e que espero fique para sempre sepultado nela, pertence a uma senhora. Uma parte deste segredo, aquela que mais particularmente nos

interessa, a que explica a presença daquele cadáver diante de nós, conhece-a este senhor.

E voltando-se para mim ao dizer estas palavras, acrescentou:

— Em nome da nossa dignidade, emprazo-o pela sua honra a que declare o que sabe.

— Jurei não o dizer — respondi eu — não o direi nunca. Ao entrar aqui, em presença de um perigo que julguei iminente sobre a cabeça das pessoas mais particularmente envolvidas neste mistério, perdi os sentidos, desmaiei mulheril e miseravelmente. Falta-me diante do perigo a energia física, que é a feição visível do valor. Não imaginem, por isso, que também careço da força moral precisa para guardar um segredo, à custa que seja

da minha própria vida! Interrogado por gente mascarada, que não conhecia, era-me lícito mentir, pôr também na resposta uma máscara. Diante de gente de bem, que me interroga invocando a sua honra, o meu dever é calar-me. Previno-os de que são absolutamente inúteis todas as tentativas que fizerem para me obrigar a outra coisa.

— Não é difícil de cumprir o seu dever! — observou com ironia o mascarado alto. — O corpo daquele desgraçado não pode ficar ali por mais tempo. É urgente que tomemos uma deliberação decisiva e que salvemos a responsabilidade que pesa sobre nós, de modo tal que fique para sempre tranquila a consciência que nos ditar o conselho que houvermos de seguir. Visto que este

senhor se recusa a principiar, começarei eu.

E traçou sobre uma folha de papel as seguintes linhas, que ia pronunciando ao mesmo tempo que as escrevia:

Minha prima:

Na rua de... n.º... acham-se neste momento reunidos diante de um cadáver os seguintes homens: (seguiam-se os nossos nomes). *É um tribunal supremo constituído pelo acaso e que vai julgar em derradeira e única instância o crime sujeito pela fatalidade à nossa jurisdição. Se em presença deste tribunal a minha prima tiver que depor, peço-lhe que o faça.*

— Perdão... — observei eu. — Peço licença para acrescentar uma linha:

A. M. C. não devolve a chave.

Ele escreveu o que ditei, assinou, dobrou o papel, e disse a um dos seus amigos:

— Vai já entregar este escrito à condessa de W...

Meia hora depois uma carruagem que percorrera a rua a galope parou à porta do prédio em que estávamos. Rolámos para dentro da alcova o sofá em que se achava o cadáver, e cerrámos o reposteiro da sala. Abriu-se a porta, e a condessa entrou.

Seguira o alvitre que lhe propus. As vinte e quatro horas decorridas desde que eu a deixara até ao momento de partir para ali, tinha-as empregado em escrever com uma eloquência apaixonada e febril a história da sua desgraça. O caderno que lhe remeto encerra, senhor redator, a cópia da longa carta dirigida por ela a seu primo. Cedo o lugar que estava ocupando nas colunas do seu periódico à publicação deste documento, que verdadeiramente se poderia chamar O *auto de autópsia de um adultério.*

Depois direi o destino que demos ao cadáver, e o fim que teve a condessa.

A Confissão Dela

1

[…]

Parece-me às vezes que tudo isto se passou numa vida distante como um romance escrito, que me causa saudades e dor, ou uma velha confidência de que a minha alma se lembra. Mas, de repente, a realidade cai arrebatadamente sobre mim e creio que sofro mais então, por ter a consciência de que não devia nunca ter deixado de sofrer. Foi bom que me determinasse a esta confissão. Contar uma dor é consolá-la. Desde que me determinei a escrever estas confidências, há no meu peito um alívio e como um movimento de dores cruéis que desamparam os seus recantos.

O princípio das minhas desgraças foi em Paris. Lá comecei a morrer. Lembrava-me o dia, a hora, a cor da relva, a cor do meu vestido. Foi no fim do penúltimo inverno, em maio. *Ele* estava também em Paris. Víamo-nos sempre. Às vezes saíamos da cidade, íamos passar o dia a Fontainebleau, Vincenas, Bougival, para o campo. A primavera era serena e tépida. Já estavam floridos os lilases. Levávamos um cabazinho da Índia com fruta, num leito de folhas de alface. Ríamos como noivos...

Havia três meses que estávamos em Paris: o conde — creio que o disse — estava na Escócia com Lorde Grenley caçando a raposa nas tapadas do príncipe de Beaufort.

Houve então um baile no *Hotel de*

Ville, um desses bailes oficiais em que uma multidão de praça pública se acotovela sob os lustres, brutalmente. Tinha eu acabado de dançar uma valsa com um coronel austríaco, quando a viscondessa de L..., que vivia então em Paris, veio a mim, toda risonha.

— Conheces este nome: *miss Shorn*?

— Não. Uma americana?

— Uma irlandesa. Uma maravilha. O prefeito dançou com ela; a condessa Walevska beijou-a na testa, Gustavo Doré prometeu-lhe um desenho. Vai ser apresentada nas Tulherias. No fim, queres que te diga? Acho-a insignificante. Bonitos cabelos, sim. Não se fala noutra coisa! Mas tu deves conhecê-la...

— Porquê?

— Tem dançado com Captain Rytmel, parecem íntimos. Tu ris?

— Eu?

— Não... tu riste!

— Nunca rio, senão quando quero chorar, minha querida!

— *Tiens, tiens!* — murmurou ela olhando muito para mim.

E afastou-se. O meu pobre coração ficou em desordem. Às vezes, na nossa alma, toca-se de repente a rebate, e as desconfianças adormecidas, acordam, tomam as suas armas, e fazem sobre nós um fogo cruel.

Captain Rytmel aproximara-se.

— Vem radiante — disse-lhe eu. — Quem é *miss* Shorn?

Ele respondeu, gravemente:

— É a amiga íntima de minha

irmã.

Fomos dançar. Era uma quadrilha. Pareceu-me triste. Os movimentos da dança lembravam-me as cerimónias de um culto. O meu ramo ficou espalhado pelo chão. Nesse instante, sem saber porquê, detestei Paris, o ruído, o império; desejei as sombras de Sintra, os retiros melancólicos de Belas, cheios dos murmúrios da água.

Quis sair. Numa das últimas salas uma mulher alta, loura, tomava das mãos de um velho extremamente magro e distinto a sua *sortie de bal*.

Captain Rytmel, que me dava o braço, inclinou-se ao passar junto dela, e falando baixo para mim:

— *Miss* Shorn! — disse ele.

Era realmente linda. Grandes

cabelos louros, fortes, luminosos; os olhos largos, inteligentes, sérios; um corpo perfeito.

Nessa noite chorei. No meu quarto as luzes e o fogão estavam acesos. Entrei, fui ao espelho precipitadamente. Deixei cair dos ombros o *burnous*. Ergui a cabeça, olhei a medo. A minha imagem aparecia ao fundo do quadro num vapor luminoso. Achei-me feia. Olhei mais. Tinha os braços nus, a cabeça erguida em plena luz. Lentamente a consciência de que eu estava linda assim, penetrou-me, encheu-me de alegria. É tão bom ser linda!

Dali a dois dias houve uma revista militar no campo de Longchamps. Captain Rytmel acompanhou-me. Eu tinha um lugar na tribuna do *Jockey*. Havia uma enorme

multidão. Estava a imperatriz, a corte, a diplomacia — a tribuna resplandecia de fardas, de joias, de plumas, de reflexos de seda. Os regimentos tinham começado a desfilar. As músicas, os clarins, o rufar altivo dos tambores, o surdo ruído dos batalhões em marcha, o luzir das baionetas, as vozes de comando, o galopar dos cavalos, o brilho dos capacetes, o céu resplandecente, como um largo pavilhão azul, tudo fazia palpitar, dava estranhos sentimentos de guerra e de glória. E todo o corpo estremecia quando aquelas poderosas massas passavam gritando:

— Viva o Imperador!

Sou uma pobre mulher, mas estremecia também!

A infantaria tinha passado. Rytmel

fora falar com *miss* Shorn, que estava em companhia de *Lady* Lyons. O barão Werther, embaixador da Prússia, ficara colocado junto dela.

Ia passar a artilharia e a cavalaria. O Imperador, com o seu Estado-Maior, tinha vindo colocar-se ao pé da tribuna do *Jockey*. Nós todos nos inclinávamos para ver os generais que o cercavam: Montauban, o que tomara Pequim; Canrobert com os seus longos cabelos brancos; a espessa figura de Bazaine; o altivo perfil trigueiro de Mac-Mahon, que viera da Algéria...

Miss Shorn era também muito olhada na tribuna do *Jockey*. Dizia-se que a Imperatriz lhe tinha sorrido e que *madame* de Talouet lhe mandara, sem a conhecer, um ramo de violetas do polo.

Mas os olhos começavam a voltar-se para o fundo da planície, de onde a cavalaria devia partir, e corria um arrepio de entusiasmo perante um tão grande poder militar. Nessa manhã falava-se em certas reservas entre o gabinete de Berlim e as Tulherias. Lembrava-se Sadova, mil coisas que eu não sei; e olhava-se muito para o barão Werther, que sorria com o seu túmido sorriso prussiano.

No entanto, a cavalaria formara em linha. Os clarins tocavam, as bandeiras desdobravam-se: e de repente aquela enorme massa despediu à carga cerrada do fundo do campo, para a tribuna do *Jockey*.

Os capacetes, as couraças, as espadas, faiscavam ao sol. O chão tremia sob o compasso do galope. Sentia-se já o

tinir dos ferros. Distinguiam-se já os coronéis, esbeltos moços condecorados. Ouvia-se o respirar ofegante dos cavalos. O Imperador tinha-se descoberto, todos na tribuna estavam de pé... De repente, por um movimento único, toda aquela enorme coluna estacou firme, vibrante, imóvel, reluzente, agitando as espadas, e gritando:

— Hurra! Viva o Imperador!

A tribuna, de pé, respondeu:

— Hurra!

Então, vendo uma tão admirável cavalaria, uma tão grande força, tanto prestígio imperial, e tomados do indomável orgulho das tradições ou possuídos da febre do sangue militar, muitos oficiais, que estavam nas outras alas, adiantaram-se, e elevando as espadas, gritaram:

— A Berlim! A Berlim!

Por todo o campo se ouviam agora gritos exaltados:

— A Berlim! A Berlim!

E na tribuna algumas vozes clamavam também:

— Sim, sim, a Berlim!

O Imperador então, erguendo-se nos estribos, estendeu a mão aberta como impondo silêncio, ou como dizendo: *Esperai!*

Aquele grito inesperado todo o Estado-Maior se tinha apertado em torno do Imperador, e eu, que estava nos primeiros bancos da tribuna, vi o marechal Mac-Mahon deter subitamente o cavalo, voltar meio corpo rapidamente, e com a mão apoiada no xairel escarlate bordado a ouro, que cobria a anca do

animal, erguer os olhos meio risonhos para o lado da tribuna em que estava o embaixador da Prússia. Eu segui o olhar do marechal, olhei também, e vi... como hei de dizê-lo? Vi Rytmel. Vi-o junto de *miss* Shorn, curvado, falando-lhe, sorrindo-lhe, absorto, afogado na luz dos seus olhos. Ela olhava-o, extremamente séria, com um longo olhar demorado e convencido, em que eu vi todo o fim da minha vida!

2

Daí a dez dias o conde chegou; partimos para Portugal. Durante esse tempo que ainda estive com Rytmel em Paris, nem eu traí as minhas dúvidas, nem ele mostrou preocupações alheias aos interesses do nosso amor.

Vim para Lisboa; recebia regularmente cartas dele. Estudava-as, decompunha as frases palavra por palavra para encontrar a oculta verdade do sentimento que as criara. E terminava sempre — meu Deus! — por descobrir uma serenidade gradual no seu modo de sentir. Rytmel escrevia-me com muito espírito e com muita lógica para poder pôr o coração no que escrevia.

Evidentemente o seu amor passava da paixão para o raciocínio. Criticava-o: prova de que não estava dominado por ele. Tinha até já palavras engenhosas e literárias. Valia-se da retórica! Ao mesmo tempo a sua letra tornava-se mais firme: já não eram aquelas linhas tortas, convulsivas e arrebatadas que palpitavam, que me envolviam... Era um infame cursivo inglês, pausado e correto. Já me não escrevia como dantes em papel de acaso, em folhas de carteira, em pedaços de cartas velhas, que denotavam as inspirações do amor, os sobressaltos repentinos da paixão: escrevia-me em papel Maquet, perfumado! Pobre querido, o que o seu coração tinha de menos em amor tinha de mais o seu papel em *marechala*!

E eu? É talvez ocasião de falar aqui do meu sentimento. Duvidei fazê-lo. Não queria colocar o meu coração sobre esta página como numa banca de anatomia. Mas pensei melhor. Eu já não sou *alguém*. Não existo, não tenho individualidade. Não sou uma mulher viva, com nervos, com defeitos, com pudor. Sou um *caso*, um *acontecimento*, uma espécie de *exemplo*. Não vivo da minha respiração, nem da circulação do meu sangue: vivo abstratamente, da publicidade, dos comentários de quem lê este jornal, das discussões que as minhas mágoas provocam. Não sou uma mulher, sou um *romance*.

3

Não pense que digo isto com amargura. A maior alegria que eu posso ter é a aniquilação da minha individualidade.

Por isso não tenho escrúpulos. As almas extremamente desgraçadas são como as criancinhas: devem mostrar-se nuas.

Além de tudo suponho que estas páginas podem ser uma revelação proveitosa para aquelas que estejam nas ilusões da paixão. Que me escutem pois!

São 11 horas da noite. Neste momento quantas sei eu que sofrem, que esperam, que mentem, possuídas de um sentimento, que pouco mais lhes dá do que

a felicidade de serem desgraçadas! Tu, minha pobre J..., mulher de discretos martírios a quem tantas vezes vi os olhos pisados das lágrimas! Tu, pobre Th..., que tens passado a tua vida a tremer, a recear, a humilhar-te, a espreitar, e a fugir..., vós todas que estais envolvidas pelo elemento cruel da paixão, quase fora da vida, e em luta com a verdade humana, vós todas escutai-me!

Desde que amei, a minha vida foi um desequilíbrio perpétuo. Não era voluntariamente que eu cedia à atração, era com uma repugnância altiva. Mil coisas choravam dentro em mim, sofria sobretudo o orgulho. Era impossível fazer com ele uma conciliação. Reagiu sempre, protesta ainda. Parece vencido, resignado, mas de repente ergue-se dentro de mim,

esbofeteia-me o coração.

O que eu sofri! O que eu corei! Corei diante da minha pobre Joana, da minha velha ama, um anjo cheio de rugas, que sabe sobretudo amar quando tem de perdoar! Corava diante das minhas criadas. Julgava-me feliz quando elas me sorriam, tremia quando lhes via o aspeto sério. Dava-lhes vestidos, ensinava-lhes penteados. Saíam às vezes de tarde, recolhiam alta noite; eu corava profundamente no meu coração, e sorria-lhes.

O olhar dos homens era-me insuportável: parecia-me envolver uma afronta. Imaginava que era pública a aventura do meu coração, que era julgada como uma criatura de paixões fáceis, o que dava a todos o direito de me fazerem

corar. Quantas vezes saí do teatro afogada em lágrimas! Analisava os gestos, os olhares, os movimentos dos lábios. «Fulana olhou-me com desdém! Aquele riu-se insolentemente, quando eu passei! Aqueloutra afetou não me ver.» Se numa modista, ao escolher um vestido, me diziam: «Esta cor é alegre, é bonita!» eu pensava comigo: «Bem sei, aconselham-me as cores vivas, ruidosas, as cores do escândalo, o género *artiste!*» E saía, fechava os estores do meu coupé, chorava desafogadamente.

Não me atrevia a beijar uma criança; olhava-a com uma ternura inefável, ia a tomá-la nos braços, mas dizia comigo: «Deixa esse pobre anjinho, não és bastante pura para lhe tocar!»

Devo dizer tudo. Corava diante do

meu cocheiro! Sorria-lhe com o maior carinho: temia a todo o momento uma má resposta, uma audácia, uma palavra acusadora. Quando eu entrava para a carruagem, e ele se erguia respeitosamente, eu ficava tão satisfeita daquela prova de atenção, que tinha vontade de o abraçar...

Acha odioso, não?

Defino o meu estado por uma palavra precisa e terrível: quando meu marido me apertava expansivamente a mão, eu sofria tanto como se o outro me atraiçoasse!

Ai de mim! Quantas vezes quis eu consolar o meu orgulho, pensando nas glórias dramáticas do sofrimento e do martírio! Quantas vezes me comparei às figuras líricas da paixão, que contam as

legendas da sua dor ao ruído das orquestras, à luz das rampas, e que são *Traviata*, *Lúcia*, *Elvira*, *Amélia*, *Margarida*, *Julieta*, *Desdémona!* Ai de mim! Mas onde estavam os meus castelos, os meus pajens, e o ruído das minhas cavalgadas? Uma pobre criatura que vive da existência do Chiado, que veste na *Aline*, que glorificações pode dar à sua paixão?

E depois é cruel, e é forçoso dizê-lo: há sempre um momento em que uma mulher pergunta a si mesma se realmente são as grandes qualidades morais do seu amante que a dominaram. Porque então haveria justificações. E há uma profunda humilhação em nossa consciência quando nos chegamos a convencer de que, se amamos um homem, não foi só a nobreza

das suas ideias e o ideal dos seus sentimentos que nos dominaram, mas um *não sei quê*, em que entra talvez a cor do seu cabelo e o nó da sua gravata. Sejamos francas: para que havemos de disfarçar a pequenez estreita das nossas inclinações? Para que havemos de colorir de ideal a origem vulgar das nossas preferências? Não quero dizer que as elevações morais não sejam um auxiliar poderoso à simpatia instintiva; mas o que na realidade nos domina é o exterior de um homem. Que todas as que lerem estas confidências dolorosas se consultem no silêncio do seu coração e digam o que determinou nelas a sensação: se foi o caráter ou se foi a fisionomia. E as que forem francas dirão que na sua vida influiu talvez mais a cor de um fraque, do

que a elevação de um espírito.

Sim, digo-o francamente, daqui deste canto do mundo, em que o ruído das coisas tem o som oco da tampa de um esquife: os desvarios do coração em nós outras, nada os absolve, quase nada os explica.

Fui nova; tive, como todas, as minhas horas de tédio assaltadas de quimeras; tive os meus romances íntimos, que nasciam, sofriam, morriam entre duas flores do meu bordado. Criei aventuras, dramas apaixonados e fugas dramáticas, aconchegadamente encolhida na minha poltrona, ao canto do fogão.

Conheci mais tarde muitos carateres femininos e a história de muitas sensibilidades. Experimentei eu também os sobressaltos da paixão — e nunca vi,

nunca soube que estas imaginações, que estas *atrações* nascessem de uma verdade da natureza, da lógica das circunstâncias, da irreparável ação do coração. Vi sempre que saíam de um pequeno mundo efémero, romântico, literário, fictício, que habita no cérebro de todas as mulheres.

Vejo-o daqui sorrir... Não se admire de me ver falar assim. Lembra-se daquelas conversações tão íntimas e tão sérias na rua de...? Lembra-se do terraço de *Clarence-Hotel*, em Malta, quando a Lua silenciosa cobria o mar? Não se recorda das minhas ideias então e daquelas imaginações que eu denominava gloriosamente os meus *sistemas*? Não se lembra que me chamava então *filósofo louro*? O *filósofo* sentiu, chorou, sofreu: teve por isso o melhor estudo. Que maior

ensino que as lágrimas? A dor é uma verdade eterna, que fica, enquanto as teorias passam. Não imagina o que tenho aprendido da vida desde que sou desgraçada! Não imagina quantas ideias retas e precisas saem das incoerências do pranto!

Por isso hoje não creio em certas fatalidades, com que as mulheres pretendem esquivar-se à responsabilidade. Não creio no que se chama teatralmente *as fatalidades da paixão*. A vontade é tudo; é um tão grande princípio vital como o Sol. Contra ela as *fatalidades*, as febres, o ideal, quebram-se como bolas de sabão.

Respondem-me chorando: a *fatalidade!* Mas, meu Deus! tomemos um exemplo — a aventura trivial, a comum, o

que se poderia chamar a *aventura-tipo*, o que se vê todos os dias, em qualquer rua, no primeiro número par ou ímpar... a aventura que nós acotovelamos no passeio, que toma connosco neve na confeitaria Italiana, e que se enterra ao pé de nós no Alto de S. João.

A cena é simples, de três personagens. Eu, por exemplo, sou a mulher. Meu marido é um homem honesto e trabalhador. Cansa-se, luta, prodigaliza-se: logo de manhã sai para o seu escritório, ou para o seu jornal, ou para o seu ofício, ou para o seu ministério; cerceia o seu sono, almoça à pressa, quebra o seu descanso. Todo ele é atenção, vigília, trabalho, sacrifício. Para quê?

Para que os nossos filhos tenham

uns bibes brancos, e uma ama asseada; para que as minhas cadeiras sejam de estofo e não de pau; para que os meus vestidos sejam de seda e talhados na *Marie*, e não de chita e cosidos pelas minhas mãos, de noite, a um candeeiro amortecido.

Meu marido é um homem honesto, simpático, sério, afável. Não usa pó de arroz, nem brilhantina, não tem gravatas de aparato, não tem a extrema elegância de ser moço de forcado, não escreve folhetins; trabalha, trabalha, trabalha! Ganha com o seu cansaço, com os seus tédios, em horas pesadas e longas, o jantar de todos os dias, o vestuário de todas as estações. A sua consolação sou eu, o centro da sua vida sou eu, o seu ideal e o seu absoluto sou eu! Não faz

poemas românticos, porque eu sou o seu poema íntimo, a musa dos seus sacrifícios; não tem aventuras porque eu sou a sua esposa; não tem viagens gloriosas pelos desertos nem o prestígio das distâncias, porque o seu mundo não é maior do que o espaço que enche o som da minha voz; não ganhou a batalha de Sadova mas ganha todos os dias a terrível e obscura batalha do pão dos seus filhos...

É justo, é bom, é dedicado. Dorme profundamente porque o seu cansaço é legítimo e puro; gosta da sua *robe de chambre* porque trabalhou todo o dia. Julga-se dispensado de trazer uma flor na *boutonnière* porque traz sempre no coração a presença da minha imagem.

Pois bem! Que faço eu?

Aborreço-me.

Logo que ele sai, bocejo, abro um romance, ralho com as criadas, penteio os filhos, torno a bocejar, abro a janela, olho.

Passa um rapaz, airoso ou forte, louro ou trigueiro, imbecil ou medíocre. Olhamo-nos. Traz um cravo ao peito, uma gravata complicada. Tem o cabelo mais bonito do que o de meu marido, o talhe das suas calças é perfeito, usa botas inglesas, pateia as dançarinas!

Estou encantada! Sorrio-lhe. Recebo uma carta sem espírito e sem gramática. Enlouqueço, escondo-a, beijo-a, releio-a, e desprezo a vida.

Manda-me uns versos — uns versos, meu Deus! e eu então esqueço meu marido, os seus sacrifícios, a sua bondade, o seu trabalho, a sua doçura; não

me importam as lágrimas nem as desesperações do futuro; abandono probidade, pudor, dever, família, conceitos sociais, relações, e os filhos, os meus filhos! tudo — vencida, arrastada, fascinada por um soneto errado, copiado da *Grinalda!*

Realmente! É a isto, minhas pobres amigas, que vós chamais — *fatalidade da paixão!*

E, no entanto, como corresponde ele a este sacrifício terrível?

Como tem uma aventura, não pode ocultar a sua alegria, toma ares misteriosos, provoca as perguntas; compromete-me; deixa-me para ir esperar os touros em intimidades ignóbeis; mostra as minhas cartas em cima da mesa de um café, ao pé de uma garrafa de Conhaque;

jura aos seus amigos que me não *ama*, e que é — *para se entreter*, e se meu marido o chicotear no meio do Chiado, como é vil, cobarde, vulgar e imbecil, irá queixar-se à Boa Hora!

Et voilà D. Juan!...

Não! É necessário demolir pelo ridículo, pela caricatura, pelo chicote e pela polícia correcional, esse tipo indigno que se chama o *conquistador*. O *conquistador* não tem atração, nem beleza, nem elevação, nem grandeza como tipo — e como homem não tem educação, nem honestidade, nem maneiras, nem espírito, nem *toilette*, nem habilidade, nem coragem, nem dignidade, nem limpeza, nem ortografia...

Perdoe-me, meu primo, estas exaltações. Sou impressionável, vou como

se costuma dizer — *atrás da frase*. Esqueço às vezes as minhas dores modernas, para me lembrar das minhas velhas indignações.

E pensa que, por condenar estes amores triviais, eu me absolvo a mim? Não. Apesar de ter amado um homem de todo o ponto excelente, cuja superioridade de espírito o meu primo conhecia e amava, de uma distinção tão perfeita e tão completa; posto que a nossa afeição tivesse vivido num meio tão elevado, tão nobre, tão altivo — apesar de tudo, eu tenho-me por tão condenável como aquelas de quem falei — e julgando-me sem justiça e fora da graça faço penitência diante do mundo.

4

E quanto, quanto sofri então, na modéstia da minha vida, no apartamento do meu segredo! Quanto desejei ser uma pobre costureira que leva o seu filho pela mão!

Dentro do meu coupé, puxado a largo trote à saída do teatro, envolvida num *cachemire*, com uma pele de marta nos pés, e um aroma doce na seda das almofadas, quantas vezes invejei as pequenas burguesas que saíam das torrinhas, embrulhadas em disformes mantas de agasalho, pisando a lama!

No dia em que recebia cartas dele, saía de Lisboa, fugia, ia para o campo! Levava-as, amarrotadas e beijadas, ia

para a quinta de..., penetrava nas sombras espessas, ali ficava, longo tempo, envolta no calor tépido do sol, entorpecida pelo rumor sereno e largo das ramagens, e pelo murmuroso correr da água nas bacias de pedra!

Oh doce vida das árvores e das plantas! passividade da relva, irresponsabilidade da água, pacífico sono dos musgos, suave pousar da sombra! Quantas vezes me consolaste, e me ensinaste a sofrer calada! Quantas vezes invejei a imobilidade do vosso ser!

Era ali, só, relendo essas cartas cruéis, que eu sentia o amor daquele homem fugir-me como a água de um regato que se quer tomar entre os dedos.

Que me restaria então?

Voltar outra vez à serenidade

legítima da vida? Não podia, ai de mim! Estava para sempre expulsa do paraíso pacífico da família, da casta sombra do dever. Lançar-me nas aventuras e na revolta? Meu Deus! Isso repugnava tanto ao meu caráter como o contacto de um animal viscoso à pele do meu peito.

Ficava, pois, sem situação na vida. Não tinha nela um lugar definido. Entrava nessa legião dolorosa e tristemente miserável — *das mulheres abandonadas*.

A minha única honestidade agora devia ser conservar-me cativa daquele sentimento. A minha única absolvição estava na verdade da minha paixão. Quanto mais me separasse do mundo e me desse ao meu amor, mais me aproximava da dignidade. Nas situações definidas e

corajosas há sempre um lado honesto; o que repugna ao instinto casto são as conciliações hipócritas. A posição que me restava, o dever que me restava, a virtude que me restava, era ser de Rytmel, só dele e para sempre: e eu sentia que ele se ia lentamente afastando de mim como eu me afastava de meu marido.

Era a minha entrada na expiação.

Nestes amores, o castigo não vem só do mundo: eles mesmo contêm os elementos da justiça cruel. O coração é o primeiro castigado pela mesma paixão. A punição da falta contra a honra vem mais tarde pelos juízos dos homens.

Eu estava então diante da maior miséria moral em que se pode encontrar uma mulher nestas condições lamentáveis.

Eu amava Rytmel, Rytmel queria

casar.

Que faria, meu Deus? Iria em nome da minha paixão desviar aquela existência de homem, da linha natural, simples, humana, que leva ao casamento, à família, ao dever?

Devia eu impedir que ele casasse? Mas não era isto impedir, abafar a legítima expansão da sua vida? Não era proscrevê-lo das fecundas e serenas alegrias da família, para o ter preso nos ásperos, nos estéreis sobressaltos de uma paixão romântica?

Tinha eu o direito de sequestrar aquele homem para uso exclusivo do meu coração, encarcerá-lo dentro de uma ligação ilegítima e secreta, onde ele se esterilizaria, onde os seus talentos e as suas qualidades se enferrujariam como

armas inúteis, e toda a sua ação social se limitaria a seguir o frufru dos meus vestidos? Não dava isto ao meu sentimento um aspeto de egoísmo animal? Não tirava isto ao meu amor a melhor qualidade: a virtude do sacrifício?

Poderia eu privá-lo de ter um dia os filhos, que fossem a continuação do seu ser e a sua imortalidade? Podia eu privá-lo em nome do meu ideal de ter na velhice aquela doce e branca companheira, sob cujo olhar pacífico, o homem justo espera, sossegado, o nobre momento da morte?

E era só isto?... Pode um espírito sincero acreditar na duração destes amores exaltados, feitos de sensibilidades e de martírios, que não têm o dever por base, e têm a traição por origem? E por dois ou três anos mais que esta aventura

continuaria, tinha eu o direito de ir quebrar o destino da *outra*, *dela*, pobre rapariga, que o amava, que edificava a sua vida sobre o coração dele, que se preparava para ser no lar, e para sempre, a presença da graça e a consciência viva? Não: isto não podia ser.

Mas por outro lado, era justo que eu, tendo sacrificado por ele tudo, desde o pudor íntimo até à honra social, fosse agora arremessada como uma luva velha?

Eu que tinha sido tudo quando se tratava da sua imaginação, não seria nada agora porque se tratava do seu interesse? Não me exilara eu por ele, do paraíso doméstico? Por ele, não renunciara as alegrias pacíficas da vida, e a sublime esperança de uma morte digna? Como eu tinha sacrificado por ele a honra de um

homem, não podia ele sacrificar por mim as esperanças romanescas de uma criança? Era justo ter-me trazido enganada, envolvida, como num arminho, nas aparências do amor, ter-me conduzido com os olhos vendados, atraída, suspensa do ritmo dos seus passos, a um lugar perigoso, a uma situação intolerável, e chegando aí dizer-me: «Adeus, agora! Eu vou para a felicidade. Tu, fica; mas cuidado, que para trás não podes voltar; e se deres um passo para diante, vais abismar-te na infâmia!»

Não, isto não deve ser: o amor não é uma criação literária, é um facto da natureza: como tal produz direitos, origina deveres. E os direitos do amor não os abdico.

Pois quê! Por causa da *outra!* Hei

de dar tamanha consideração às lágrimas que choram dois olhos alheios, que nunca vi, que estão a duzentas léguas de distância e não hei de apiedar-me das minhas lágrimas, que escorrem aqui na minha face, e que eu aparo na tremura das minhas mãos!

«És casada», dizem-me. O quê! Porque perdi mais, devo ser atendida menos! Eu, que vivo quase fora do mundo, sem estar ligada a nenhuma destas coisas superiores que amparam a vida, suspensa sobre a morte por um leve fio, por este amor único, é por isso que devo ir com as minhas mãos quebrar esse fio, quebrar esse amor!

Há algum direito humano que exija isto de mim? Há alguma piedade que o veja friamente? Há alguma consciência

que o justifique? Se há, essa consciência poderia ensinar a serem duros os rochedos do mar!

Mas, meu primo, tudo isto é aqui, neste papel em que lhe escrevo. Porque na realidade eu não podia lutar com *ela! Ela* era a *miss*, a que havia de ser esposa e mãe — vencia tudo! Elevava-se sobre as velhas afeições, sobre os velhos erros, como a imagem da Virgem sobre o globo feito de barro e de lama, onde se enrosca a serpente.

Nem tentei lutar!

E foi por esse tempo que recebi uma carta em que ele me dizia: *Parto para Portugal*.

Que vinha fazer? O que era? Vinha despedir-se de mim? Vinha ver as minhas agonias? Vinha consolar-me? Vinha

convencer-me? Vinha de novo dar-se cativo ao meu amor? Vinha. Nem ele mesmo sabia mais nada!

5

Rytmel chegou. A primeira vez que o vi foi em minha casa.

O conde estava então em Bruxelas. Era noite e na minha sala de música achavam-se reunidas algumas pessoas: a marquesa de..., velha legitimista, que fora a graça da corte toureira de D. Miguel; o visconde de..., moço insignificante e vagamente louro, que eu acolhia bem, porque sua irmã, que morrera, fora a minha íntima, a minha confidente de colégio.

Viera também a viscondessa de..., pequenita criatura petulante e medíocre, que tinha a graça de ter vinte anos, junta com a desgraça de os não saber ter, e cuja

especialidade era o querer parecer profundamente perversa, quando era apenas perfeitamente incaracterística. Mas ao pé de mim, sentado num sofá com um abandono asiático, estava um homem verdadeiramente original e superior, um nome conhecido — Carlos Fradique Mendes. Passava por ser apenas um excêntrico, mas era realmente um grande espírito. Eu estimava-o, pelo seu caráter impecável, e pela feição violenta, quase cruel, do seu talento. Fora amigo de Carlos Baudelaire e tinha como ele o olhar frio, felino, magnético, inquisitorial. Como Baudelaire, usava a cara toda rapada: e a sua maneira de vestir, de uma frescura e de uma graça singular, era como a do poeta seu amigo, quase uma obra de arte, ao mesmo tempo exótica e

correta. Havia em todo o seu exterior o que quer que fosse da feição romântica que tem o *Satã* de Ary Scheffer, e ao mesmo tempo a fria exatidão de um *gentleman*. Tocava admiravelmente violoncelo, era um terrível jogador de armas, tinha viajado no Oriente, estivera em Meca, e contava que fora corsário grego. O seu espírito tinha um imprevisto profundo e que fazia cismar: fora ele que dissera da pálida duquesa de Morny: *elle a la bêtise melancolique d'un ange*. O imperador citava muitas vezes este dito, como sendo conjuntamente a crítica profunda de uma fisionomia e de um caráter.

Carlos Fradique tinha por mim uma amizade elevada e sincera. Chamava-me *seu querido irmão*. Conhecia-me

desde pequena, andara comigo ao colo. Em Paris tornou-se célebre; era o que se poderia chamar um *filósofo do boulevard*. Tinha sido *l'ami de coeur* de Rigolboche, e quando ela rompeu por se ter apaixonado por *Capoul*, Carlos Fradique deixou-lhe no álbum uns versos quase sublimes, de um desdém cruel, de um cómico lúgubre, uma espécie de *Dies irae* do dandismo... Prometia a Rigolboche que quando ela morresse ele velaria para que ainda além do túmulo ela vivesse no chique, sentindo Paris na sepultura. Algumas das estrofes que ele traduziu para mim, e que depois se publicaram, fizeram sensação e escola...

E eu qu'inda te amo, ó pálida canalha,
Que sou gentil e bom,

Far-te-ei enterrar numa mortalha
Talhada à Benoiton!
Irei à noite com Marie Larife,
Vénus do macadam,
Fazer sentir ao pó do teu esquife
Os gostos do cancan...
E no tempo das courses, *p'lo verão*
— Assim to juro eu—
Irei dar parte à tua podridão
Se o Gladiador *venceu...*

Eram dez horas. Carlos Fradique, com uma voz impassível, quase lânguida, contava as situações monstruosas de uma paixão mística que tivera por uma negra antropófaga. A sua veia, naquele dia, era toda grotesca.

— A pobre criatura — dizia ele — untava os cabelos com um óleo

ascoroso. Eu seguia-a pelo cheiro. Um dia, exaltado de amor, aproximei-me dela, arregacei a manga e apresentei-lhe o braço nu. Queria fazer-lhe aquele mimo! Ela cheirou, deu uma dentada, levou um pedaço longo de carne, mastigou, lambeu os beiços e pediu mais. Eu tremia de amor, fascinado, feliz em sofrer por ela. Sufoquei a dor, e estendi-lhe outra vez o braço...

— Oh! Sr. Fradique! — gritaram todos, escandalizados com a invenção monstruosa.

— Comeu mais — continuou ele gravemente — gostou e pediu outra vez.

Falava com um sorriso fino, quase beatífico. Nós íamos revoltar-nos contra a cruel excentricidade daquela história.

Neste momento vi à porta da sala,

trémula, com um grande espanto nos olhos, chamando-me baixo, a minha criada Betty. Fui: ela tomou-me pela mão, foi-me levando, e no corredor, olhando com receio, abrindo num grande pasmo os braços, disse-me ao ouvido:

— É ele!

Encostei-me desfalecidamente à parede, sentindo parar o coração.

Betty, com passos discretos, foi abrir a porta do meu *toilette*. Entrei. De pé junto de uma mesa, extremamente pálido, estava ele. Apertei as mãos sobre o peito, fiquei imóvel, suspensa. Ele caminhou para mim com os braços abertos, para me envolver; eu deixei-me cair aos seus pés, e, calada, beijei-lhe os dedos. Ele tinha ajoelhado comigo, e com as mãos enlaçadas, os olhos confundidos,

chorávamos ambos. Eu só dizia num murmúrio de lágrimas:

— Há tanto tempo!

— Minha senhora, minha querida menina — dizia Betty da porta — e aquela gente, santo Deus, que há de dizer?

Eu não a escutava. Foi ele que disse sorrindo:

— Tem razão, Betty, tem razão! É necessário voltar à sala.

E deu-me o braço. Entrámos: ele grave, eu meio desfalecida, abstrata, com os olhos marejados de lágrimas e um sorriso vago nas feições.

Disse o nome de Captain Rytmel, e a sua antiga amizade com o conde. Vi a marquesa sorrir levemente.

E voltando-me para Rytmel:

— O Sr. Carlos Fradique — disse

eu — antigo pirata.

Os dois homens apertaram a mão.

— A senhora condessa lisonjeia-me extremamente. Eu fui apenas corsário — disse Carlos.

Sentei-me ao piano acordando, a fugir, o teclado. Assim via bem Rytmel. A luz envolvia-o. Estava mais pálido, o seu rosto apresentava linhas mais graves. A testa tinha perdido a sua pureza: havia uma ruga estreita e funda que a dominava.

Fradique continuava falando. Agora fazia a crítica das mulheres do Norte.

— A irlandesa — dizia ele — tem, mais que nenhuma mulher, a graça... Sobretudo a que vive junto dos lagos! A melhor religião, a melhor moral, a melhor ciência para um espírito feminino — é um

lago. Aquela água imóvel, azul, fria, pacífica, dá um extremo repouso à alma, uma necessidade de coisas justas, um hábito de recolhimento e de pensamento, um amor da modéstia e das coisas íntimas, o segredo de ser infinito sendo monótono, e a ciência de perdoar... Exijo, na mulher com quem casar, que tenha as unhas rosadas e polidas, e um ano de convivência com um lago!

Eu vi Rytmel corar de leve e torcer nervosamente o bigode.

Pelo lúcido instinto da paixão, compreendi que entre aquela glorificação dos lagos, e os ocultos pensamentos de Rytmel, havia uma afinidade. Lembrou-me a revista de Longchamps, os louros cabelos irlandeses de *miss* Shorn, e voltando-me para Carlos Fradique:

— Meu caro amigo, um pouco do seu violoncelo, sim?

A sala abria sobre os jardins. A plácida respiração do vento fazia arfar as cortinas. Carlos Fradique começou a tocar uma balada das margens do mar do Norte, de um encanto singularmente triste. Sentia-se o chorar das águas, o feérico correr das ondas, o compassado bater dos remos de um pirata norvégio, a fria Lua. Eu tinha ido com Rytmel para junto da varanda, e enquanto a pequena melodia soava nas cordas do violoncelo, lembravam-me as antigas coisas do meu amor, o *Ceilão*, as noites silenciosas em que ele me jurava a verdade da sua paixão e a voz do mar parecia uma afirmação infinita; lembravam-me os terraços de Malta batidos da Lua, as moitas de rosas

de *Clarence-Hotel*, os prados suaves de Ville d'Avray; via-o ferido, pálido sobre as suas almofadas; via-o a bordo do *Romantic*, comandando as manobras da fuga, chorando os desastres do amor... E estas memórias embalavam-se no meu cérebro, confundidas com as melodias do violoncelo.

6

Ao outro dia eu devia encontrar-me com ele nessa fatal casa n.º... Fui, como sempre, toda vestida de preto, envolta num grande véu. Estava extremamente pálida, palpitava-me o coração de susto. Era aquele um momento de transe. Eu decidira ter com Rytmel uma explicação clara, definitiva, sem equívocos... Uma palavra que ele dissesse, seca ou indiferente, um gesto impaciente, e eu considerar-me-ia como abandonada, exilada da vida; retirava-me para um chalé na Suíça, ou para Jerusalém, ou para a melancolia de um claustro no Sul da França. Tinha determinada assim a solução do meu

destino.

Quando cheguei à casa n.º... ele não estava ainda. Fiquei ali muito tempo, imóvel numa cadeira. Os ruídos da rua chegavam-me como no fundo de um sonho. A sala tinha uma luz esbatida, através dos vidros foscos como os globos dos candeeiros. Eu sentia aquela impressão indefinida, que nos vem quando estamos durante muito tempo num lugar sossegado e triste, olhando o silencioso cair da chuva.

De repente a porta gemeu docemente, ele entrou.

Vinha do campo. Tinha colhido para mim um pequenino ramo de flores miúdas das sebes. Veio apoiar-se nas costas da minha cadeira, e deixou-mas cair no regaço...

Depois, falando-me baixo, junto da face:

— Andei todo o dia a pensar em si, *à travers champs*.

Não respondi, e com os olhos errantes nas cores do tapete, desfolhei cruelmente as pequeninas flores dos prados. Tinha um contentamento amargo em torturar aqueles delicados seres, que vinham dele, e que me parecia terem dele aprendido a mentir.

— Pensei constantemente em si, e o passeio foi encantador — repetiu com uma voz docemente insistente.

Eu ergui os olhos para ele.

— Responda-me: sabe mentir?

— Mas, meu Deus — disse ele, afastando-se — parece que me quer hoje mal, minha querida filha!

Não respondi; mas o meu regaço estava coberto de flores mutiladas.

Ele então ajoelhou ao meu lado, e tomando-me as mãos, espreitando os meus olhos impassíveis, ficou esperando, numa contemplação amante e paciente, que eu quebrasse aquela imobilidade. Eu sentia todo o meu ser pender para ele, numa atração insensível, mas dominava-me. Até que por fim ele ergueu-se lentamente, arremessou o corpo para um sofá, e ali ficou, como refugiado, folheando um volume de Musset, que estava sobre a mesa...

Levantei-me, tirei-lhe arrebatadamente o livro das mãos:

— Sabe o que é? Não o compreendo, e é necessário que me diga, mas francamente, claramente, sílaba por

sílaba, o que tem! Não me ama, é claro. Escusa de protestar. Vi-o logo pelo tom das primeiras cartas que me escreveu de Londres. E agora vejo-o pelo seu olhar, as suas menores palavras, o seu silêncio, até. Há uma coisa qualquer, não sei qual, mas há. A verdade é que me abandona, que me não ama. É necessário que se explique. Isto não pode ser assim. Sofro. Se soubesse! Chorei toda a noite...

E recomecei a chorar diante dele, com soluços que me quebravam. Ele tinha-me tomado as mãos e dizia-me baixo as coisas mais tocantes, em que havia as ternuras do amante e as consolações do amigo. Afastei-o de mim, e comprimindo o pranto:

— Não, não, é necessário que me diga claramente tudo. Eu não sei o que te

quero perguntar ou não me atrevo talvez... Mas tu sabes o que me deves responder... Diz-me a verdade...

Ele, cruzando os braços, respondeu-me, com uma extrema placidez:

— Mas, minha querida amiga, a verdade é que as ilusões do seu espírito são a nossa desgraça. Não é culpa sua, sei: é uma fatalidade do caráter feminino. É-lhes insuportável a serenidade. Na vida pacífica procuram o romance, no romance procuram a dor. É necessário que esses pequeninos e graciosos crânios tenham sempre a honra de cobrir uma tempestade. Que quer então que lhe diga? Não vim a Portugal espontaneamente? Não tem encontrado sempre ao seu lado o meu amor, fiel como um cão? — Que mais quer? Acha-me reservado, diz. E se eu

tivesse as violências de Otelo, achava-me decerto ridículo! De resto, sabe-o bem, amo-a! Digo-lho aqui, sentado num sofá, de sobrecasaca, numa casa que tem número para a rua, e vou daqui a pouco, num coupé, jantar, jogar talvez o xadrez, vestir — quem sabe? — uma *robe de chambre!* É lamentável tudo isto, bem sei. E é por isto que não tem confiança em mim? E diga-me francamente: se eu estivesse aqui nos paroxismos de Antony, ou tivesse uma *toilette* veneziana, ou se isto fosse uma abadia feudal, ou se eu partisse daqui para conquistar Jerusalém, diga-me — tinha mais confiança?

— Tudo isso não quer dizer nada...

— Oh, minha querida amiga...

— A sua querida amiga —

interrompi — nada mais pede que um coração franco e reto. São tudo, pois, imaginações minhas? Não há nada que nos separe? Pois bem, vou dizer-lhe uma coisa, e juro-lhe que é irremissível, juro que o digo em toda a frieza do meu juízo, sem exaltação e sem paixão, com o discernimento mais livre, o cálculo mais positivo...

— Mas, meu Deus! Diga...

— E esta resolução, aceita-a?

— Uma resolução... E o que envolve ela?

— Envolve a única coisa possível, a única que me fará crer em si, com a mesma fé com que creio em mim. — Aceita?

— Mas, como não hei de aceitar?...

— Pois bem — comecei eu.

E tomando-lhe as mãos, disse-lhe junto da face numa voz ardente como um beijo:

— Fujamos amanhã.

Rytmel empalideceu levemente e retirando devagar as suas mãos de entre a pressão das minhas:

— E sabe que é uma coisa irreparável?

— Sei.

Ele sentara-se, com os olhos sobre o tapete, e eu no entanto, de pé junto dele, com a minha mão pousada sobre o seu ombro, dizia-lhe como no murmúrio de um sonho:

— Pensava nisto há um mês. Vamos para Nápoles. Vamos para onde quiser. Adoro-te... É como uma pessoa

que se deixa adormecer. Adoro-te, e quero viver contigo...

Pousei-lhe a mão sobre a testa, ergui-lhe a cabeça para ver a resposta dos seus olhos; estavam cerrados de lágrimas.

— Meu Deus! Rytmel, tu choras...

— Não, não, minha querida! Estava pensando em minha mãe, que não torno talvez mais a ver... Acabou-se... Amo-te, amo-te... e... Avante!

E tomou-me nos seus braços, ardentemente, como selando um pacto eterno.

7

Fui logo para casa, chamei precipitadamente Betty.

— Betty — disse eu fechando a porta do quarto — Betty, depressa, quero dizer-te uma coisa. Não me digas que não...

— Santo Deus! Sossegue, descanse, minha querida menina! Jesus, como vem pálida!

— Betty, é uma coisa irreparável... devia ser. Foi pensada a sangue-frio. Vês como estou tranquila, sem exaltação, sem nervos. É uma resolução digna. Betty, não me digas que não!...

— Mas, minha rica senhora...

— Não se podia voltar atrás. Demais, sou feliz assim, tão feliz, tão feliz!

— Bem feliz, ao menos?

— Doidamente. E se não fosse assim, morria...

— Mas então...

— Fugimos amanhã.

Ela estremeceu toda, deitou-me um grande olhar em que apareciam lágrimas, e sufocada, com as mãos juntas:

— E eu?

Atirei-me aos seus braços:

— Pois havias de ficar, Betty? Tu vens connosco, Betty.

E correndo pelo quarto, abria os guarda-vestidos, tirando roupas, batendo as palmas, e gritando:

— Arranja, Betty, arranja tudo.

Depressa! Arranja, arranja!

Mandei pôr a caleche. Eram quatro horas. Desci o Chiado. Ia alegre, triunfava: a minha vida aparecia-me, larga, cheia, esplêndida, coberta de luz. Entrei nas modistas, olhei, escolhi, comprei, com impaciências de noiva, e recatos de conspirador. Apertei a mão a algumas amigas.

— Partes? — perguntavam-me.

— Para França.

— Com a guerra?

— Não há guerra. E, havendo, não é interessante ver matar prussianos?

À porta do *Sassetti*, encontrei Carlos Fradique.

— Sabe que parto amanhã? — disse-lhe eu.

— Sabe que parto hoje? —

respondeu-me. — Ia lá, apertar-lhe a mão.

— Mas é inesperado isso! Vai para França? Para quê?

— Ver os campos de batalha ao luar, ou aos archotes. Deve haver atitudes de mortos muito curiosas.

— Mas vai debalde. Não há guerra. É positivo. Por isso eu vou para Itália.

— Vai para Itália?... Mas, então... Ah! Vai para Itália? Minha pobre amiga, quem sabe se isso devia ser! Em todo o caso, em qualquer parte, ou feliz, ou triste, para a consolar, ou para fazer um *trio* com o meu violoncelo, sou seu, *adesso e sempre*.

Apertou-me a mão. Não sei porquê, aquelas palavras deram-me uma sensação triste.

Quis ir ao Aterro. A tarde caía. A água tinha uma imobilidade luminosa. Do outro lado os montes estavam esbatidos num vapor azulado e suave. Sobre o mar havia nuvens inflamadas, de uma cor fulva, como no fundo de uma glória. Algumas velas passavam rosadas, tocadas da luz.

Sentia-me vagamente melancólica. O rio, aquelas casas triviais, todos aqueles aspetos que eu conhecia, que eram para mim até aí quase inexpressivos, apareciam-me, pela última vez que os via, com uma feição simpática. Tive uma saudade piegas daqueles lugares: quis sorrir, escarnecer; mas a verdade era que aquela paisagem, o pesado hotel *Central*, o terraço de *Braganza-Hotel*, a grosseira e escura Rua do Arsenal, todas essas

coisas alheias a mim, me despertavam inesperadamente o desejo instintivo de tranquilidade, de família, de situações pacíficas, fazendo destacar no fundo da minha vida, num relevo negro, a aventura que eu ia intentar; e aparecendo-me como um ajuntamento de velhos rostos amigos que se despedem, faziam-me pensar nas coisas irreparáveis, no exílio e na morte!

A minha carruagem subia a passo a Rua do Alecrim. As luzes acendiam-se. O céu estava ainda pálido.

Uma senhora passou, só, a pé, levando uma criança pela mão: era uma mulher nova e distinta; parecia feliz. O pequenino, louro, gordo, ria, palrava naquela linguagem misteriosa e doce, que é o que ficou ainda na voz humana do *a b c* do Céu.

Como seria bom ser assim uma mulher pacífica, com um equilíbrio suave no coração, uma *toilette* fresca, o amor das coisas justas, e um filho pela mão! Se eu fosse assim seria alegre, amável, passearia, daria bombons ao meu pequerrucho, trá-lo-ia vestido de cores leves, com uma flor no cinto; conversaria com ele, e à volta, depois do cansaço do meu passeio, amaria a tranquilidade da minha vida. Ele adormeceria sobre o sofá. A janela estaria aberta. Grandes borboletas brancas voariam em volta do candeeiro; eu, ajoelhada, procuraria despi-lo, sem o acordar, cantando, baixo, em segredo, uma melodia dormente de Mozart, e no entretanto a pena do pai rangeria, a um canto, sobre o papel. Ó perfumados paraísos da vida! como eu me

afasto de vós!

Assim pensava, quando cheguei a casa. No meio do meu quarto estavam fechadas, afiveladas, sobrepostas as minhas malas. Ao pé uma grande pele, apertada na sua correia. Tudo estava pronto, devíamos partir na manhã seguinte. As minhas ideias simples debandaram.

Senti um extremo desejo da liberdade, de mares abertos, de países extensos e distantes, que se atravessam ao galope da *posta* ou na velocidade de um vagão. Era noite. Não pedi luz. O luar entrava no quarto através das árvores do jardim. Sentei-me à janela.

A minha situação apareceu-me então com o prestígio de um belo romance. Mil imaginações e fantasias

cantavam no meu cérebro. Sentia-me à entrada de uma vida de perigos, de êxtases, de glórias. Via-me na tolda de um paquete entre os perigos de um naufrágio: ou numa serra espessa, por um grande luar, numa companhia de contrabandistas que cantam à Virgem; ou no silêncio de uma caravana escoltada de beduínos, acampando no monte das Oliveiras, defronte de Jerusalém. Percorreria a Itália; entraria nas cidades ao galope dos cavalos, ao acender o gás, quando a multidão enche os corsos entre fileiras de altivos palácios da Renascença. Via-me em Nápoles, na baía, por um luar calmo: dormindo sob as vinhas em Ísquia; ou na frescura das grutas do Pausílipo, onde ainda choram as náiades... A porta abriu-se de repente, um criado entrou com uma

carta. Não vi a letra do envelope, não olhei sequer, mas senti-a! Veio luz. Era verdade, era de Rytmel! Tive-a longo tempo na mão, incerta, trémula. Pu-la em cima da pedra de uma *console*, fui olhar-me ao espelho, vi-me pálida. No entanto a carta atraía-me, parecia-me que luzia sobre o mármore branco. Tomei-a, pesei-a, senti-lhe o aroma, e devagar, cansada, suspirando, com os braços vergados ao peso dela, fui-a lentamente abrindo.

8

Transcrevo textualmente essa carta terrível:

Querida: — *Tenho aqui no meu quarto, diante de mim, as minhas malas fechadas e afiveladas. Tenho o meu passaporte... É verdade! Não te esqueças de tirar o teu. Escrevi a minha mãe. Escrevi a um amigo querido, que vive na intimidade da minha vida. Por isso hem vês que te escrevo, na austera firmeza da tua resolução. Sou só. O meu destino tenho-o aqui preso na minha mão, como um pássaro, ou como uma luva: posso pousá-lo*

sobre a tolda de um paquete, pô-lo numa mesa de jogo em cima de uma carta, colocá-lo na ponta de uma espada, ou fechar-to na mão e dar-to. Mas tu pelas condições da tua vida tens um lugar definido no mundo, limitado e circunscrito. Estás presa, por um anel de casamento, a uma ordem de coisas, a um certo número de leis, e és na vida como um navio ancorado no mar. Por isso é justo que antes de te separares violentamente do teu centro legítimo, eu, que tenho a experiência das desgraças, das viagens, e do espetáculo do mundo, te diga algumas palavras, que, se não me tornarem mais amado ao teu coração, tornar-me-ão mais

estimado ao teu caráter. Fias-te de mais no amor, minha doce amiga! Abstrai neste momento de mim, da minha honra e da minha fidelidade. Falo do amor, lei ou mistério ou símbolo, força natural ou invenção literária. Fias-te de mais no amor! Aquele amparo superior, aquele apoio sólido e protetor, que todo o espírito procura no mundo, e que uns acham na família, outros na ciência, outros na arte, tu parece quereres encontrá-lo somente na paixão, e não sei se isso é justo, se isso é realizável!

Creio que te fias de mais no amor! Ele não constrói nada, não resolve nada, compromete tudo e não responde por coisa alguma. É

um desequilíbrio das faculdades; é o predomínio momentâneo e efémero da sensação; isto basta para que não possa repousar sobre ele nenhum destino humano. É uma limitação da liberdade, é uma diminuição do caráter; especializa, circunscreve o indivíduo; é uma tirania natural, é o inimigo astuto do critério e do arbítrio. E queres que tenha esta base a tua situação na vida? E crês na estabilidade do amor, tu?... Sim, é possível, enquanto ele viver do imprevisto, do romance e do obstáculo; enquanto necessitar do coupé de estores cerrados: mas logo que entre num estado regular, que se estabeleça definidamente para durar, que se

organize, que se economize, extingue-se trivialmente; e quando quer conservar-se, tem a miséria de se assemelhar às chamas pintadas de um inferno de teatro. E então, desde o momento que o amor desaparecesse, que razão de ser tinha a tua vida, e que justificação tinha que dar de si o teu incoerente destino? Ficavas sem uma situação definida, tudo te era vedado, ou pela força das leis sociais, ou pela altivez da tua honra. Recuar para as coisas legítimas, arrepender-te, era impossível: o arrependimento é um facto católico, não é um facto social. Continuar e persistir em viver pelo amor era um equívoco hipócrita, e poderias um dia

encontrar-te a viver na libertinagem.

Imaginas hoje que o amor é a única tendência, a única preocupação da tua vida... Não: é apenas ideia dominante na tua natureza. Há outras exigências, que hoje não sentes clamarem dentro de ti, porque têm sido plenamente satisfeitas no meio legítimo em que tens vivido; mas quando, mais tarde, estiveres retirada de tudo, fechada no amor como numa concha, sentirás então amargamente que te falta o quer que seja *que é a sociedade, a opinião, o centro de amizades, o* rang, *as consolações incomparáveis que dá a estima dos que nos saúdam. E o*

não encontrar então no mundo o teu lugar, elegante, aveludado, agaloado, emplumado e coroado, dar-te-á a sensação do abandono; e as consolações que então te quiser ministrar o amor pela sociedade que te falta, encontrarão aos teus olhos o mesmo tédio que encontrariam agora as consolações da sociedade pelo amor que te fugisse. Uma mulher que foge com o seu amante, só pode ter um lugar no Demi-Monde; *ou então um lugar equívoco nas salas, quando é célebre por um talento ou por uma arte. Ora tu não quererás ir para a Itália frequentar, em Nápoles, Madame de Salmé, nem quererás cantar num teatro, nem cometer a*

inconveniência de escrever um livro. A viver modesta, tens de viver triste; a viver radiante, tens de viver humilhada. E pensas que podes, por um ano sequer, viver na intimidade absoluta e no segredo?

O segredo, o refúgio, um ninho *perfumado num quinto andar, são coisas extremamente doces, no meio da sociedade e das relações do mundo, a publicidade oficial da vida dá então um encanto estranho àqueles momentos de mistério. Mas a perpetuidade do mistério deve ser igual àquela legendária tortura da beatitude eterna! Quando dois entes se encontram, pelas fatais condições do seu procedimento, obrigados a viverem um do outro,*

um para o outro, um eternamente no segredo do outro, quando isto se não passa na ilha de Robinson, nem entre dois discípulos de Swedenborg, nem entre dois desgraçados cheios de fome— mas numa cidade ruidosa e viva, entre duas pessoas positivas e educadas pelo Segundo Império, e que têm as complacências do luxo, crê que deve ser amargo.

E depois, pensa! A nossa vida arrastar-se-á tristemente, de país em país, sem um centro amado, sem uma família, sem um fim. Não teremos, nem durante a existência nem no grave momento da morte, a serenidade de quem é justo. A nossa vida será como a das sombras

românticas de Paulo e Francesca de Rimini, levadas pelo vento contraditório. Morreremos enfim como dois seres estéreis, que nada criaram, e que não têm quem fique na terra com a herança do seu caráter; e, quando todos pelos seus filhos ganham a única justa imortalidade, nós somente seremos mortais, e para nós mais que para ninguém será terrível a lembrança do fim! Perdoa que te escreva estas coisas. Mas fiz o meu dever. E agora posso livremente, insuspeitamente, dizer-te que me sinto feliz, e que o momento de amanhã, quando virmos desaparecer a terra e nos acharmos sós no infinito mar — será para

mim tão belo, que só por ele julgarei justificada a minha vida.

Quando acabei de ler esta carta, sentei-me maquinalmente diante das malas, com os olhos fixos, como idiota. Abri uma gaveta, tirei não me recordo que pequeno objeto de renda, e tornei a fechar, com um movimento automático, lúgubre, e a ausência absoluta da consciência e da vida. Chamei Betty:

— Betty, que horas são?

— Onze, minha senhora.

— Dá-me água, tenho sede. Dá-me água com limão...

Quando ela saiu fui encostar a cabeça à vidraça, a olhar o movimento ondeado e lento das ramagens escuras. A Lua pareceu-me regelada. Betty entrou.

— Betty — disse-lhe eu numa voz sumida — sabes? Tenho medo de morrer doida...

Ela olhou-me, e viu no meu rosto uma tal expressão de angústia, que me disse:

— Que tem, meu Deus, que tem? Chore, minha rica menina, chore...

— Não posso, não posso. Eu morro... Vem para ao pé de mim, Betty!...

— Meu Deus, quer-se deitar? Diga...

E erguendo os olhos e as mãos, numa imploração cheia de dor, de desespero:

— Deus me leve para si! Ai! Nada disto era se a mamã fosse viva, minha senhora!

Começou a chorar. Eu olhei-a com

uma grande aflição, senti os olhos húmidos, os soluços sufocaram-me, e arremessando-me aos seus braços, chorei, chorei, chorei amargamente, chorei cruelmente, chorei pela saudade, chorei pela traição, chorei pelo meu passado legítimo, chorei pelo encanto dos meus pecados, chorei por me sentir chorar...

9

Sosseguei. Vencida, fiquei numa *chaise-longue*, muda e como morta. Olhava maquinalmente o tremer da luz.

— Betty — disse eu — deita-te. Eu estou bem. Vai...

Ela saiu, chorando. O quarto estava mal alumiado. E via, fora, as ramagens do jardim, recortando-se num relevo negro sob o pálido céu, cheio da Lua. Estive muito tempo assim, olhando, sem consciência e sem vontade. Lentamente, creio, comecei pensando em coisas alheias aos interesses da minha dor: lembrava-me a forma de um vestido que eu tinha desenhado para a Aline.

Por fim ergui-me, passeei muito

tempo no quarto, o movimento chamou-me à consciência e à verdade das minhas aflições. Arranquei a folha de uma carteira, e escrevi a lápis tumultuosamente: «Tem razão, tem razão. Espero-o amanhã às 10 horas da noite na casa... Até lá não lhe direi que o amo; só lá lhe direi o que sofro.»

Eu mesma saí ao corredor, e do alto da escadaria, silenciosa, alumiada por um grande globo fosco, chamei um criado. André, imbecil e discreto, e atirei-lhe o bilhete lacrado, dizendo-lhe:

— Leve esse bilhete já... Vá numa carruagem.

E indiquei-lhe a casa de meu primo. Rytmel estava hospedado lá.

Vim sentar-me à janela do meu quarto: vinha um aroma suave do jardim;

o luar, as grandes sombras, tinham um repouso romântico e triste. Lentamente, a minha desgraça começou aparecendo-me inteira, nítida, em pormenores, numa grande síntese, como se fosse um mapa.

Eu era traída! Aos vinte e três anos, com todas as inteligências da paixão, com todos os delicados prestígios do luxo, era traída, era traída! Senti então, pela primeira vez, a presença do ciúme, esse personagem tão temido, tão cantado nas epopeias, tão arrastado pela rampa do teatro, tão conhecido da polícia correcional, tão cruel, tão ridículo, tão real! Vi-o! Conheci-o! Senti o seu contacto irritante e mordente como um corrosivo; a sua argumentação miúda, jesuítica, implacável, sanguinária: todo o seu processo de ação, que torna de

repente o coração mais puro tão imundo como a toca de uma fera.

Senti o mais cruel dos ciúmes todos; aquele que se define, que diz um nome, que desenha um perfil, que no-lo mostra, o nosso inimigo, que nos enche as mãos de armas, que nos obriga a avançar para ele. Eu sentia no meu ciúme um ponto fixo — *ela*. Era *ela*, a *outra!* Lembrava-me confusamente: tinha cabelos louros, finos, espalhados, uma nuvem de ouro esfiado. Eu tinha-a visto em Paris vestida de roxo na revista de Longchamps. O seu olhar era franco: os homens deviam encontrar nele o que quer que fosse, que prometia um destino pacífico. Que secreto encanto se irradiaria da esbelta fraqueza do seu corpo? Era a simplicidade? Era a inteligência? Era a ciência das coisas do

amor?... Como eu ardia por a conhecer! E não sabia nada dela senão que era irlandesa, e que se chamava *miss* Shorn!

Ah, sim, sabia outra coisa — que ele a amava!

Conhecê-la! Conhecê-la! Mas como? Podia ser, pelas suas cartas! Decerto! Ela devia pôr nelas toda a sua íntima personalidade. Era loura, era inglesa, por isso raciocinadora: devia escrever pacificamente, sem sobressaltos e sem inspirações da paixão; nas suas cartas, provavelmente, desfiava o seu coração. Eu conhecê-la-ia bem, se as lesse! Eu saberia o estado de espírito de Rytmel, a marcha da sua paixão, pelas cartas dela. Devia lê-las! Era necessário pedi-las, roubá-las, comprá-las, eu sei! Mas era necessário lê-las!

Para pensar assim eu nenhuma *prova* tinha de que ele recebia cartas dela, mas tinha a *certeza* que elas existiam e que o seu coração estava cheio delas...

Quis serenar, pacificamente, dormir.

Deitei-me. O meu pobre cérebro estava numa vibração tempestuosa; era como numa tormenta em que vêm à superfície da mesma vaga os destroços de um naufrágio e as flores da alga; no meu espírito revolto, surgiam, no mesmo redemoinho, as coisas graves e as recordações fúteis, as minhas dores e as minhas fantasias, os desastres do meu amor, e ditos de óperas cómicas! Sentia a chegada da febre. Chamei Betty.

— Betty! Não posso dormir, não sei que tenho. Quero dormir por força.

Quero amanhã todas as minhas faculdades em equilíbrio. Se não durmo estou perdida, endoideço... Dá-me alguma coisa.

— Mas o quê, minha senhora?

— Olha, dá-me aquela bebida que davam à mamã, nas insónias, a que tu tomas quando tens as dores... Tens?

— Quer ópio?

— Não sei! Água opiada, vinho opiado, o quer que seja. Foi o doutor que me disse...

— Minha querida menina, eu tenho ópio. Uma gota num copo de água. Eu sei? Talvez lhe faça mal!

— Dá-ma, o doutor disse-mo ontem. Dá, depressa.

Bebi. Era água opiada, creio eu. Não sei. Parece-me que adormeci logo, e

lembro-me que durante o sono sentia-me caminhar incessantemente, num movimento perpétuo que afetava todas as formas, ora lento e pacífico, como um passeio sob uma alameda; ora rápido, volteado, e era a valsa de Gounod que eu dançava; ora solene e melancólico, e era um enterro que eu acompanhava; ora cortante, escorregadio, veloz, e era em Paris, e era no inverno, e eu patinava sobre a neve.

Acordei de manhã, serena e decidida. Mandei pôr um coupé. Saí. Fiz parar à porta de meu primo. Eram duas horas da tarde. Eu sabia, desde essa manhã, que Rytmel estava com ele, em Belas. Subi. Apareceu um criado português, Luís, que eu conhecia, um imbecil, atrevido para o ganho, discreto

pelo medo.

— Mr. Rytmel!

— Saiu, senhora condessa.

— Jacques?

— Foi com ele, senhora condessa.

Jacques era um criado antigo de Rytmel.

— Luís, leva-me ao quarto de Mr. Rytmel.

Ao abrir a porta do quarto estremeci. Sentia-me humilhada. Fui rapidamente a uma secretária, revolvi as gavetas, as pequenas papeleiras. Nenhumas cartas, apenas cartas indiferentes. Irritada, abri as cómodas, espalhei as roupas, procurei nos baús, nas malas, nos bolsos, ergui o travesseiro. Tremia, arquejava. Era uma busca inquisitorial, frenética, desesperada,

infame!

— Luís — disse eu baixo. — Luís, tens vinte libras. Tens cinquenta.

— Mas, minha senhora...

— Este senhor onde tem as suas cartas? Tens cem libras? Dou-te tudo, estúpido... Onde tem ele as cartas, ele?

— Oh, minha senhora — disse o criado, com uma voz lamentável — eu não sei.

— Não tens visto? Não tem uma secretária, uma papeleira, uma carteira?...

— Tem. Tem uma carteira de marroquim. Trá-la consigo. Anda cheia de cartas... Levou-a decerto. Nunca a deixa.

Saí, desci a escada, correndo, fugindo daquele desastre, daquela vergonha, daquelas confidências. Atirei-me para o fundo da carruagem.

— A casa — gritei.

Tinha fechado os estores; soluçava, sem chorar.

— Betty! Betty! — clamei logo no corredor.

Ela apareceu, correndo.

— Betty — disse eu, vivamente, fechando a porta do quarto. — Diz-me: aquela água com ópio não faz mal?

— Porquê? Sente-se doente?

— Não. Estou bem. Não faz mal?

— Nenhum.

— Juras?

— Juro. Mas...

— Jura sobre estes santos Evangelhos.

— Oh, senhora! Mas, porquê? Juro. Mas, porquê?

— Tens o ópio? Dá-mo.

— Quer dormir?

— Não.

Ela então olhou-me, fez-se extremamente pálida:

— Mas, senhora condessa, que quer isto dizer?

— Dá-mo. Dá-mo, Betty. Pensas que me quero matar?

Ela calou-se.

— Oh, doida! — disse eu, rindo. — Se me quisesse matar não to pedia. Mas sou feliz... Passaram-se outras coisas, vês tu? Não tas digo, mas sou feliz. Sabes o que é? É que me vou logo encontrar com ele.

E com a voz mais baixa, como envergonhada:

— É às dez horas, e vês tu? Queria dormir para não esperar.

— Oh, minha senhora, não lhe vá fazer mal! De resto, eu lho dou. O frasco do ópio está aqui nesta gaveta do lavatório. Não lhe faça isto mal, meu Deus!

— Não, não, minha Betty! Ah! Está na gaveta? Bem. São duas gotas, sim? Não me faz mal. Estou tão contente! Olha, até nem quero dormir. Fica aqui a conversar comigo. São cinco horas. Para as dez pouco falta. Não custa esperar. Está então naquela gaveta o frasco... Bom. Sabes, Betty? Sou feliz. Não quero dormir. Conta-me uma história.

A pobre criatura, vendo-me alegre, sorria. Eu, entretanto, tinha os olhos fitos na gaveta do lavatório. Betty falava, falava! Eu ouvia as suas palavras sem compreender, como se ouve um

murmúrio de água.

10

A tarde descia no entanto, e eu sentia uma inquietação, uma angústia crescente.

Meu primo, não sei se poderei contar-lhe miudamente todos os transes daquela noite. Não o exigirá decerto. Nada seria mais terrível do que ter de redigir e colorir o meu crime. Perdoe-me a confusão aflita das minhas palavras e os arabescos trémulos da minha letra.

Eram dez horas da noite: fui à casa n.º... Rytmel estava lá. Achei-o pálido, e instintivamente estremeci. Conversámos. Enquanto ele falava, eu olhava-o avidamente, examinava a sua casaca, espreitava o volume que devia fazer a

carteira onde estavam as cartas. E revolvia com a mão húmida o bolso do meu vestido: tinha nele o frasco do ópio. Era um frasco de cristal verde, facetado, com tampa de metal fixa. As palavras de Rytmel nessa noite eram muito doces e muito amantes. Procuravam explicar-me a sua carta, e palpitavam ainda de paixão... Vinham realmente da verdade do seu coração? Era uma retórica artificial à flor dos lábios, enganadora, como um pano de teatro? Não o sabia: só as cartas dela mo poderiam revelar, e ele tinha-as ali no bolso! Eu via o volume que fazia a carteira no peito da casaca! Estava ali a sentença da minha vida, a minha infelicidade insondável, ou a imensa pacificação do meu futuro! Podia porventura hesitar? — Ele falava no

entanto. Eu tremia toda. Olhava fixamente para um copo que estava sobre a mesa ao pé de uma garrafa de cristal da Boémia. O reposteiro da alcova achava-se corrido; dentro estava escuro.

Betty tinha ido comigo, e ficara num quarto distante, que dava para uns terrenos vagos...

— E se houvesse um desastre! — pensei eu de repente. — Não há pessoas que sucumbiram completamente, cujo adormecimento foi acabar de arrefecer no túmulo?

Mas eu via sempre a saliência da carteira, que me tentava como uma coisa resplandecente e viva. Podia aproximar-me dele de repente, enfraquecê-lo ao calor das minhas palavras, ir levemente, astuciosamente, arrebatar-lhe a carteira,

saltar, correr, atirar-me para o fundo do meu coupé, e fugir. Mas se ele resistisse? Se perdesse a consciência da sua dignidade e da humilde debilidade do meu ser? Se me sujeitasse violentamente, se me arrancasse outra vez as cartas?

Não podia ser. Era necessário que dormisse tranquilamente! Se as cartas fossem inocentes, simples, inexpressivas, como eu ajoelharia, depois, ao pé do seu corpo adormecido, como esperaria com uma ânsia feliz que ele acordasse! Que aurora sublime acharia ele nos meus olhos quando os seus se abrissem! Mas se houvesse nas cartas a culpa, a traição, o abandono?!

Levantei-me. Rytmel tinha ao pé de si um copo com água. Bebia aos pequenos goles quando fumava. Eu

deixava-o fumar. Mas eu não sabia como havia de achar um momento meu, bastante para deitar duas gotas de ópio no copo.

Tive um expediente trivial, estúpido.

— Rytmel — disse eu, como num teatro, como nas comédias de Scribe, com uma voz imbecilmente risonha — vá dizer a Betty, que pode ir, se quiser. A pobre criatura dormiu pouco, está doente.

Ele saiu; ergui-me. Mas ao aproximar-me da mesa, defronte do copo, fiquei hirta, suspensa. Estive assim um tempo infinito, segundos, com a mão convulsa apertando o frasco no bolso. Mas era necessário, eu tinha-o ouvido falar, voltava, sentia-lhe os passos, ia entrar... Tirei o frasco, e louca, precipitada, mordendo os beiços para não

gritar, esvaziei-o no copo.

Ele entrou. Eu deixei-me abater sobre uma cadeira, trémula, em suor frio, e, não sei porquê, sentindo uma infinita ternura, disse-lhe sorrindo, e quase chorando:

— Ah, como eu sou sua amiga! Sente-se ao pé de mim.

Ele sorriu. E — meu Deus! — aproximou-se, creio que sorriu, e tomou o copo! E com o copo na mão:

— E sabe — disse ele — que ninguém o crê mais do que eu! Se não fosse o teu amor como poderia eu viver?

E conservava o copo erguido. Eu estava como fascinada. Via o reflexo da água, parecia-me vagamente esverdeada. Via as cintilações do cristal facetado.

Finalmente bebeu!

...Desde esse momento fiquei num terror. Se ele morresse? Meu Deus, porquê? Não se dá o ópio às crianças, aos doentes? Não é ele a clemente pacificação das dores? Não havia perigo. Quando acordasse eu seria tão sua amiga, tão terna com ele, para me absolver daquela aventura imprudente! Ainda que seja culpado, amá-lo-ei! pensava eu. Pobre dele! Não lhe bastava ter de dormir assim forçadamente num sono pesado e cruel? Amá-lo-ia, culpado. Traída, amá-lo-ia ainda!

Ele, entretanto, estava calado, no sofá, com a cabeça encostada. De repente pareceu-me vê-lo empalidecer, ter uma ânsia, sorrir. Não sei o que houve então. Não me lembra se falámos, se ele adormeceu brandamente, se alguma

convulsão o tomou. De nada me lembro.

Achei-me ajoelhada ao pé dele. Devia ser meia-noite. Estava imóvel, deitado no sofá. Tinham passado duas horas. Senti-o frio, via-o lívido, não me atrevia a chamar

Betty. Dei alguns passos pelo quarto numa distração idiota. Cobri-o com uma manta.

— Vai acordar — dizia eu maquinalmente.

Compus-lhe os cabelos ligeiramente desmanchados.

De repente a ideia da morte apareceu-me nítida e pavorosa. Estava morto! Senti como o fim de todas as coisas. Mas chamei-o, chamei-o brandamente, e com doçura...

— Rytmel! Rytmel!

E andava nos bicos dos pés para o não acordar! Subitamente estaquei, olhei-o avidamente, precipitei-me sobre o corpo dele, gritando sufocada:

— Rytmel! Rytmel!

Ergui-o: a alucinação dava-me uma força cruel. A cabeça pendeu-lhe inanimada. Desapertei-lhe a gravata. Amparei-o nos braços, e nesse momento senti o volume, a saliência que na sua casaca fazia a carteira. Veio-me a ideia das cartas. Tudo tinha sido pelo desejo de as ler. Tirei-lhe a casaca; era difícil; os seus músculos estavam hirtos. Junto com a carteira havia outros papéis e um maço de notas de banco. Ao tomá-los, os papéis e as cartas espalharam-se no chão. Apanhei-as, apertei-as na gravata branca e meti tudo no bolso.

Isto tinha sido feito convulsivamente, inconscientemente. Dei com os olhos em Rytmel. Pela primeira vez vi a contração mortal do seu rosto. Chamei-o, falei-lhe! Estava frenética! Porque não queria ele acordar? Empurrei-o, irritei-me com ele. Porque estava assim, porque me fazia chorar? Tinha vontade de lhe bater, de lhe fazer mal.

— Acorda! Acorda!

Insensível! Insensível! Morto! Ouvi passar na rua um carro. Havia pois alguém vivo?

De repente, não sei porquê, lembrei-me que tinha esvaziado o frasco! Deviam ser só duas gotas! Estava morto!

Gritei:

— Betty! Betty!

Ela apareceu, arremessei-me aos

seus braços. Chorei. Voltei para junto dele. Ajoelhei. Chamei-o. Quis dar-lhe um beijo: toquei-lhe com os lábios na testa. Estava gelada. Dei um grito. Tive horror dele. Tive medo do seu rosto lívido, das suas mãos geladas!

— Betty, Betty, fujamos!

Consciência, vontade, raciocínio, pudor, perdi tudo aos pedaços. Tinha medo, somente medo, um medo trivial, vil!

— Fujamos! Fujamos!

Não sei como saí.

Fora da porta vi ao longe, no começo da rua, uma luz caminhar! Caminhava, crescia! Havia alguém, vestido de vermelho, que a trazia! Parecia-me ser sangue! A luz crescia. Esperei, a tremer. Aquilo caminhava para

mim. Aproximava-se! Eu estava encostada à porta, na sombra, fria de pedra. A luz chegou: vi-a. Era um padre, era outro homem com uma opa vermelha e uma lanterna. Iam levar a alguém a extrema-unção...

Amparei-me no braço de Betty, e principiei a andar, sem saber para onde, como louca.

[…]*

*Seguiam-se as linhas em que se contava o encontro que teve comigo, as quais linhas elimino por se referirem a sucessos que eu mesmo narrei e que V., senhor redator, já conhece. — A. M. C.

Concluem as Revelações de A. M. C.

1

Convidada a expor o que sabia, a condessa disse de viva voz, com humildade e com firmeza, a causa e o modo como involuntariamente matara Rytmel.

— Eis as cartas e as notas que ele trazia consigo — concluiu ela, colocando sobre a mesa um maço de papéis atados numa gravata branca. — As minhas derradeiras disposições — acrescentou — estão feitas. Deem-me o destino que quiserem. Inflijam-me o castigo que mereço.

Estávamos todos calados. F... adiantou-se para o centro da sala e ergueu a voz:

— Castigar é usurpar um poder providencial. A justiça humana que se apodera dos criminosos não tem por fim vingar a sociedade, mas sim protegê-la do contágio e da infeção da culpa. Todo o crime é uma enfermidade. A ação dos tribunais sobre os criminosos, posto que nem sempre cesse de facto, cessa efetivamente de direito no momento em que termina a cura. Sequestrar aqueles em que o mal deixou de ser uma suspeita fisiológica, e por conseguinte uma verdade científica, é fazer à sociedade uma extorsão, que, por ser muitas vezes irremediável, não deixa de ser monstruosa e horrível. Todo aquele que não é pernicioso, é necessário, é indispensável ao conjunto dos sentimentos, ao destino das ideias, à aritmética dos factos no

problema da humanidade. A natureza do ato que estamos ponderando, as razões que o determinaram, as circunstâncias que o revestiram, a intenção que lhe deu origem, tudo isto nos convence de que a liberdade desta senhora não pode constituir um perigo. Encarcerada e entregue à ação dos tribunais, seria uma causa-crime, interessante, escandalosa, prejudicial. Restituída a si mesma, será um exemplo, uma lição.

E aproximando-se da porta, correu a chave que a fechava por dentro, abriu-a de par em par, e dirigindo-se à condessa, com voz respeitosa e grave, acrescentou:

— Vá, minha senhora: tem a mais plena liberdade. Poderia disputar-lha a justiça oficial, não pode empecer-lha a retidão dos homens de bem a quem foi

entregue a decisão da sua causa. O seu futuro, violentamente assinalado pela desgraça, não pertence aos criminosos, pertence aos desgraçados. Leve-lhes a melancólica lição destes desenganos, e permita Deus que perante a suprema justiça, possam os benefícios obscuros e ignorados que houver de espalhar em volta de si, compensar os erros que atravessaram o seu passado! Os vestígios da sua culpa ficarão sepultados nesta casa.

Nós abrimos-lhe passagem para que saísse. A condessa, numa palidez cadavérica, vacilava; faltavam-lhe as forças; não podia sustentar-se em pé. O mascarado alto deu-lhe o braço. Ela fez um movimento como se tentasse falar; o seu rosto contraiu-se numa profunda

expressão de dor; hesitou um momento; por fim comprimiu os beiços no lenço e saiu abafando uma palavra ou estrangulando um soluço.

Momentos depois ouvimos a carruagem afastando-se com aquilo que fora no mundo a condessa de W...

[…]

Havíamos acordado no modo de ocultar o cadáver, o que se tornava tanto mais fácil quanto era inteiramente ignorada a assistência do capitão em Lisboa.

Viéramos para o pavimento inferior do prédio, a uma casa térrea, a que se descia por quatro degraus para baixo do solo. Era ao fim da tarde.

Estávamos alumiados com a luz das velas, porque não entrava na loja a luz do dia. Tinha-se cavado uma profunda cova. Sentia-se o cheiro húmido e acre da terra revolvida. Dois dos indivíduos a que tenho chamado os mascarados, seguravam duas serpentinas em que ardiam dez velas cor-de-rosa. Do travejamento escuro do teto pendiam como cortinas pardacentas e prateadas as teias de aranha rasgadas pelo peso do pó.

Desenrolámos o fardo que tínhamos colocado junto da cova, e contemplámos pela derradeira vez a figura do morto estendido sobre a sua manta de viagem.

Tinham-lhe atado a gravata branca, abotoado o colete e vestido a casaca azul de botões de ouro, em cuja

carcela se via ainda pendida uma rosa murcha. A cabeça dele, na luz a que estava sujeita, era de uma expressão ideal. Os olhos, de que se não viam as pupilas, apagados e imóveis, davam ao seu rosto o vago aspeto que apresentam os das antigas estátuas. Nos lábios entreabertos parecia pairar um leve sorriso sob o bigode arqueado. Os anéis do cabelo, despenteados pelo contacto da manta em que viera envolto o cadáver, destacavam na lividez da fronte como um velo de ouro numa superfície de marfim.

Havia um silêncio profundo. Ouvia-se o bater dos segundos nos relógios que tínhamos nas algibeiras e o zumbir das moscas que esvoaçavam sobre a face do morto. Eu, fitando-o com os olhos marejados de lágrimas, pensava

melancolicamente...

Pobre Rytmel! Se neste momento solene, em que o teu corpo espera à beira da cova pelo seu descanso eterno, te faltam na terra as pompas fúnebres devidas à tua jerarquia; se te não seguiu até aqui um préstito de uniformes recamados de ouro; se nem sequer tens ao entrar na tua derradeira morada as orações de um padre e a luz de um círio, cubra-te ao menos a bênção da amizade! Descendente de lordes, moço, inteligente e belo, quando todas as flores que perfumam a vida desabrochavam debaixo dos teus passos, apaga-se de súbito no firmamento a estrela que presidiu ao teu nascimento, e tu baqueias como o ente mais desprezível no fundo de uma sepultura sem lápide, sem nome, na

mesma casa em que vieste procurar a última expressão da tua felicidade, à luz das mesmas velas que alumiaram o teu derradeiro beijo! Os outros desgraçados que morrem têm ao menos na terra um lugar assinalado onde repousam as suas cinzas, e onde podem ir os que os amaram chorar por eles. É mais cruel o teu destino; tu morres e desapareces! Não ensombrarão a tua campa as árvores tristes dos cemitérios. As aves que passarem nos céus não baixarão a beber da água que as chuvas tiverem deixado na urna do teu mausoléu. A Lua, terna amiga dos mortos, não virá beijar por entre a rama negra dos ciprestes, a brancura da tua campa. O orvalho das madrugadas não chorará nas flores do teu jazigo. As abelhas não murmurarão em torno das

rosas plantadas sobre o teu corpo. As borboletas brancas não adejarão no fluido de ti mesmo que pudesse romper do seio da terra para a luz da manhã no aroma dos jasmineiros e dos goivos. Tua mãe, pensativa e pálida, procurará debalde a grade em que se ampare para dobrar os joelhos e levantar para o Céu esse olhar de interrogação em que a lembrança dos filhos mortos se envolve como na túnica luminosa de uma ressurreição.

O mascarado alto curvou-se sobre o cadáver de Captain Rytmel e ergueu-o vigorosamente pelos ombros. Nós amparámos o corpo e descemo-lo ao fundo da cova. O mascarado, ajoelhando-se depois no chão, cobriu com um lenço o rosto do morto e disse, como se estivesse falando a uma criança adormecida:

— Descansa em paz! Eu irei dizer a tua mãe o lugar em que repousa o teu corpo, e voltarei a ajoelhar-me sobre esta sepultura depois de ter recebido no meu próprio seio as lágrimas que ela derramar por ti. Adeus, Rytmel! Adeus!

E impeliu em seguida para dentro da cova uma grande porção da terra amontoada aos seus pés. A terra desabou de chofre sobre o cadáver, levantando um som baço e mole.

2

Examinámos depois os papéis de Rytmel a fim de coordenarmos os seus negócios. Verificou-se a existência de mil e trezentas libras em notas do banco de Inglaterra. Entre as cartas não havia uma só letra de *miss* Shorn.

Nenhum de nós tinha o espírito bastante sossegado para poder reentrar imediatamente nos assuntos triviais da existência. Resolvemos permanecer ali até que decorressem alguns dias sobre a catástrofe de que tínhamos sido testemunhas.

O prédio em que estávamos foi comprado em nome de Lady..., a mãe de Rytmel, e nele se guardaram todos os

objetos que lhe tinham pertencido. Um cofre de ferro, damasquinado de ouro e destinado a receber as cinzas do morto, foi colocado no lugar em que ele se achava sepultado.

O *mascarado alto* dispunha-se a partir para Londres quando tivemos notícia da publicação das cartas do doutor neste periódico. A condessa declarou que se entregaria à polícia, se não levantássemos na imprensa as suspeitas formuladas na carta de Z... acerca da probidade do médico, e se F... se não desdissesse categoricamente das injúrias que nos dirigira na carta intempestivamente mandada ao Dr... por intermédio de Friedlann. A condessa autorizava-nos a tornarmos pública a sua história, dizendo que tinha deixado para

sempre de pertencer ao mundo, para o qual a biografia que ela lhe legava seria talvez um exemplo profícuo.

Foi então, senhor redator, que determinámos referir-lhe todos os pormenores deste doloroso acontecimento, ocultando ou substituindo os nomes das pessoas que tiveram parte nele, e deixando à sociedade a faculdade de as descobrir e o direito de condená-las ou absolvê-las.

A condessa resolveu em seguida entrar num convento, que ela mesma escolheu depois de miúdas indagações. O *mascarado alto* acompanhou-a e eu segui-o a uma vila da província do Minho, onde existe ainda, regido com todo o rigor ascético do estatuto, um velho convento de carmelitas descalças, habitado por

cinco ou seis religiosas. Estas mulheres decrépitas vivem como dantes na pobreza de que fizeram voto, mantendo a oração, a penitência e o jejum com a mesma exaltação mística, com o mesmo fervor católico dos primeiros anos das suas núpcias com o divino Esposo. Trazem os pés nus e o corpo constantemente envolto na aspereza estreme do burel. Não usam roupas de linho nem algodão. Em nenhum dia do ano se permitem carne às suas refeições. Comem juntas no antigo refeitório, havendo sempre uma que revezadamente se prostra à entrada da sala, segundo o primitivo uso da ordem, para que as outras lhe passem por cima ao entrar e ao sair da mesa. Não têm património de nenhuma espécie, nem outro algum rendimento que não seja o produto

dos trabalhos que fazem. Furtadas a toda a convivência externa, vivem na clausura mais estreita e na miséria extrema. Ninguém no mundo tornou a ver as moradoras daquela casa desde que entraram nela. As que morrem são enterradas pelas outras no claustro e cobertas com uma pedra lisa, sem nome e sem data. Não há dístico nem outro sinal que diference as que deixam de existir. A morte para todas elas começa no momento em que transpõem o limiar da portaria. Dentro tudo é sepulcro. A morte é simplesmente a mudança de cubículo.

Tal foi a casa escolhida pela condessa para recolhimento e asilo do resto de seus dias.

O exterior do edifício era misterioso e lúgubre. Cingia-o em toda a

sua amplitude uma alta muralha que o disgregava do resto do mundo, cerrando as casas habitadas pelas freiras ao exame de fora. Era um prédio emparedado. A muralha, que media a altura de quatro andares, era da cor da estamenha, sombria e triste, manchada de grandes nódoas esverdeadas e negras como o capuz de um ermita, uma espécie de lençol em que se enrolasse para o enterro uma casa morta. Havia um ponto em que esta faixa se recolhia, formando o pátio por onde se entrava para o convento, cuja porta, mordida pelos anos, chapeada e cravejada com enormes pregos, se via no fundo através dos grossos varões de uma grade de ferro. Pelas juntas desarticuladas das grandes pedras que lajeavam o pátio, rompiam moitas de ortigas, com a rudeza

de cabelos hirsutos, saídos pelos rasgões de um barrete. No meio do largo surgia o bocal de um poço, cujo balde, seguro por uma corda de esparto, pendia de uma estaca. No chão estavam estendidos os andrajos das pobres da vizinhança, que vinham lavá-los ao pé do poço, e nesse recinto os deixavam a enxugar juntamente com as enxergas dilaceradas e apodrecidas dos berços dos seus pequenos. A um canto do pátio pendia do muro uma corrente de ferro com que se tangia uma sineta interior. A este sinal via-se numa abertura da alvenaria rodar no muro um cilindro de madeira, que por um movimento vagaroso metia para dentro a sua superfície côncava e mostrava para fora o seu interior convexo. Parecia quando isto se ouvia que o taciturno

monstro entreabria a pálpebra, deixando ver uma órbita sem olho. Este aparelho chama-se a roda. A condessa pronunciou aí uma palavra, a que respondeu de dentro uma espécie de gemido, e foi esperar em seguida para junto da porta negra ao fundo do pátio.

Quando a porta se abriu e o primo da condessa lhe apertou pela última vez a mão, as lágrimas, que até aí conseguira dificultosamente reprimir, saltaram-lhe dos olhos.

— Acha horrível, não é verdade? — perguntou-lhe ela com um sorriso em que transparecia a estranha luz da resignação das mártires antigas. — Que queria que eu fizesse, meu querido amigo? Matar-me? Prostituir-me à convivência da sociedade? Não posso. Falta-me o valor

para sacrificar ao meu infortúnio a salvação da minha alma, e escuso de dizer-lhe que me falta igualmente a intrepidez precisa para sacrificar ao sossego ordinário da vida o pudor do meu coração. Bem vê, pois, que aceitei a solução mais suave. Coitado! como lhe dói a tristeza do meu destino! Deixe estar: prometo-lhe morrer breve, se me não suceder aquela desgraça receada por Santa Teresa de Jesus: que o prazer de me sentir morrer me não prolongue mais a vida!

Entregando-lhe em seguida o capuz e o manto de casimira em que fora envolvida:

— Adeus, meu primo — disse-lhe ela deixando-se beijar na testa — adeus! Peça a Deus que me perdoe, e aos vivos

que me esqueçam.

Aos primeiros passos que ela deu para lá da porta, esta fechou-se do mesmo modo por que havia sido aberta, sem que ninguém mais fosse visto, tendo mostrado um buraco lôbrego, negro e profundo como a goela de um abismo, e a amante de Rytmel entrou no claustro. Os ferrolhos interiores rangeram sucessivamente nos anéis, expedindo uns sons entrecortados, semelhantes a soluços arrancados de uma garganta de ferro.

O *mascarado alto* passou parte dessa noite na vila, esperando a mala-posta que partia à uma hora. Ao subirmos juntos à carruagem ouvimos uma espécie de rebate em dois sinos de uma igreja. Perguntámos o que era. O deputado da localidade, que nos acompanhava no

coupé, respondeu, atirando fora um fósforo com que acendera um charuto:

— São as carmelitas que pedem o socorro da caridade, porque não têm que comer.

O cocheiro fez estalar o açoite, e a berlinda partiu a galope, abafando o vozear entristecido das sinetas com o estrépito que ia fazendo pelas calçadas estreitas e tortuosas da povoação.

Pouco mais tenho que contar-lhe.

O conde de W... recebeu em Bruxelas uma carta de sua mulher contendo estas linhas:

Destituo-me voluntariamente da minha posição na sociedade. De todos os direitos que porventura pudesse ter, um só

peço que não seja contestado: o direito de acabar. Suplico-lhe que me permita desaparecer, e que acredite na sinceridade da minha gratidão eterna.

O doutor está, como ele mesmo disse, nos hospitais de sangue do exército francês.

Frederico Friedlann partiu repentinamente, no mesmo dia em que lançou no correio a carta de F..., para ir incorporar-se na segunda *landwer* do seu país.

F... e Carlos Fradique Mendes achavam-se há dias numa quinta dos subúrbios de Lisboa escrevendo, debaixo das árvores e de bruços na relva, um livro que estão fazendo de colaboração, e no

qual — prometem-no eles à natureza-mãe que viceja a seus olhos — levarão a pontapés ao extermínio todos os trambolhos a que as escolas literárias dominantes em Portugal têm querido sujeitar as invioláveis liberdades do espírito.

Se me é lícito, por último, falar-lhe de mim, saberá, senhor redator, que estou recolhido numa pequena casa na província. Se ainda se lembra de Teresinha, não estranhará que eu acrescente que estou casado há dias. Precisava disto o meu coração: da paz de um lar tranquilo. Presenciar as profundas comoções romanescas da vida é como ter assistido a um grande naufrágio: sente-se então a necessidade consoladora das coisas pacíficas; então mais que nunca se

reconhece que o ser humano só pode ter a felicidade no dever cumprido. — *A. M. C.*

A Última Carta

Sr. Redator do *Diário de Notícias*. — Podendo causar reparo que em toda a narrativa que há dois meses se publica no folhetim do seu periódico não haja um só nome que não seja suposto, nem um só lugar que não seja hipotético, fica V. autorizado por via destas letras a datar o desfecho da aludida história — de Lisboa, aos vinte e sete dias do mês de setembro de 1870, e a subscrevê-la com os nomes dos dois signatários desta carta.

Temos a honra de ser, etc.

Eça de Queirós
Ramalho Ortigão

O CRIME DO PADRE AMARO

Primeira edição: 1875

1

Foi no domingo de Páscoa que se soube em Leiria que o pároco da Sé, José Miguéis, tinha morrido de madrugada com uma apoplexia. O pároco era um homem sanguíneo e nutrido, que passava entre o clero diocesano pelo *comilão dos comilões*. Contavam-se histórias singulares da sua voracidade. O Carlos da Botica — que o detestava — costumava dizer, sempre que o via sair depois da sesta, com a face afogueada de sangue, muito enfartado:

— Lá vai a jiboia esmoer. Um dia estoura!

Com efeito estourou, depois de uma

ceia de peixe — à hora em que defronte, na casa do doutor Godinho que fazia anos, se polcava com alarido. Ninguém o lamentou, e foi pouca gente ao seu enterro. Em geral não era estimado. Era um aldeão; tinha os modos e os pulsos de um cavador, a voz rouca, cabelos nos ouvidos, palavras muito rudes.

Nunca fora querido das devotas; arrotava no confessionário, e, tendo vivido sempre em freguesias da aldeia ou da serra, não compreendia certas sensibilidades requintadas da devoção: perdera por isso, logo ao princípio, quase todas as confessadas, que tinham passado para o polido padre Gusmão, tão cheio de *lábia*!

E quando as beatas, que lhe eram fiéis, lhe iam falar de escrúpulos de

visões, José Miguéis escandalizava-as, rosnando:

— Ora histórias, santinha! Peça juízo a Deus! Mais miolo na bola!

As exagerações dos jejuns sobretudo irritavam-no:

— Coma-lhe e beba-lhe — costumava gritar —, coma-lhe e beba-lhe, criatura!

Era *miguelista* e os partidos liberais, as suas opiniões, os seus jornais enchiam-no duma cólera irracionável:

— Cacete! Cacete! — exclamava, meneando o seu enorme guarda-sol vermelho.

Nos últimos anos tomara hábitos sedentários, e vivia isolado — com uma criada velha e um cão, o *Joli*. O seu único amigo era o chantre Valadares, que

governava então o bispado, porque o senhor bispo

D. Joaquim gemia, havia dois anos, o seu reumatismo, numa quinta do Alto Minho. O pároco tinha um grande respeito pelo chantre, homem seco, de grande nariz, muito curto de vista, admirador de Ovídio — que falava fazendo sempre boquinhas, e com alusões mitológicas.

O chantre estimava-o. Chamava-lhe *Frei Hércules*.

— *Hércules* pela força — explicava sorrindo —, *Frei* pela gula.

No seu enterro ele mesmo lhe foi aspergir a cova; e, como costumava oferecer-lhe todos os dias rapé da sua caixa de ouro, disse aos outros cónegos, baixinho, ao deixar-lhe cair sobre o caixão, segundo o ritual, o primeiro torrão

de terra:

— É a última pitada que lhe dou!

Todo o cabido riu muito com esta graça do senhor governador do bispado; o cónego Campos contou-o à noite ao chá em casa do deputado Novais; foi celebrada com risos deleitados, todos exaltaram as virtudes do chantre, e afirmou-se com respeito *que sua excelência tinha muita pilhéria*!

Dias depois do enterro apareceu, errando pela Praça, o cão do pároco, o *Joli*. A criada entrara com sezões no hospital; a casa fora fechada; o cão, abandonado, gemia a sua fome pelos portais. Era um gozo pequeno, extremamente gordo, que tinha vagas semelhanças com o pároco. Com o hábito das batinas, ávido dum dono, apenas via

um padre punha-se a segui-lo, ganindo baixo. Mas nenhum queria o infeliz *Joli*; enxotavam-no com as ponteiras dos guarda-sóis; o cão, repelido como um pretendente, toda a noite uivava pelas ruas. Uma manhã apareceu morto ao pé da Misericórdia; a carroça do estrume levou-o e, como ninguém tomou a ver o cão, na Praça, o pároco José Miguéis foi definitivamente esquecido.

Dois meses depois soube-se em Leiria que estava nomeado outro pároco. Dizia-se que era um homem muito novo, saído apenas do seminário. O seu nome era Amaro Vieira. Atribuía-se a sua escolha a influências políticas, e o jornal de Leiria, *A Voz do Distrito*, que estava na oposição, falou com amargura, citando o *Gólgota*, no *favoritismo da corte* e na

reação clerical. Alguns padres tinham-se escandalizado com o artigo; conversou-se sobre isso, acremente, diante do senhor chantre.

— Não, não, lá que há favor, há; e que o homem tem padrinhos, tem — disse o chantre. — A mim quem me escreveu para a confirmação foi o Brito Correia (Brito Correia era então ministro da Justiça). Até me diz na carta que o pároco é um belo rapagão. De sorte que — acrescentou sorrindo com satisfação — depois de *Frei Hércules* vamos talvez ter *Frei Apolo*.

Em Leiria havia só uma pessoa que conhecia o pároco novo: era o cónego Dias, que fora nos primeiros anos do seminário seu mestre de Moral. No seu tempo, dizia o cónego, o pároco era um

rapaz franzino, acanhado, cheio de espinhas carnais...

— Parece que o estou a ver com a batina muito coçada e cara de quem tem lombrigas!... De resto bom rapaz! E espertote...

O cónego Dias era muito conhecido em Leiria. Ultimamente engordara, o ventre saliente enchia-lhe a batina e a sua cabecinha grisalha, as olheiras papudas, o beiço espesso faziam lembrar velhas anedotas de frades lascivos e glutões.

O tio Patrício, o *Antigo*, negociante da Praça, muito liberal e que quando passava pelos padres rosnava como um velho cão de fila, dizia às vezes ao vê-lo atravessar a Praça, pesado, ruminando a digestão, encostado ao guarda-chuva:

— Que maroto! Parece mesmo D.

João VI!

O cónego vivia só com uma irmã velha, a Sra. D. Josefa Dias, e uma criada, que todos conheciam também em Leiria, sempre na rua, entrouxada num xale tingido de negro, e arrastando pesadamente as suas chinelas de ourelo. O cónego Dias passava por ser rico; trazia ao pé de Leiria propriedades arrendadas, dava jantares com peru, e tinha reputação o seu vinho *duque* de 1815. Mas o fato saliente da sua vida — o fato comentado e murmurado — era a sua antiga amizade com a Sra. Augusta Caminha, a quem chamavam a S. Joaneira, por ser natural de S. João da Foz. A S. Joaneira morava na Rua da Misericórdia, e recebia hóspedes. Tinha uma filha, a Ameliazinha, rapariga de vinte e três anos, bonita, forte,

muito desejada.

O cónego Dias mostrara um grande contentamento com a nomeação de Amaro Vieira. Na botica do Carlos, na Praça, na sacristia da Sé, exaltou os seus bons estudos no seminário, a sua prudência de costumes, a sua obediência: gabava-lhe mesmo a voz: *Um timbre que é um regalo!*

— Para um bocado de sentimento nos sermões da Semana Santa, está a calhar!

Predizia-lhe com ênfase um destino feliz, uma conezia decerto, talvez a glória de um bispado!

E um dia, enfim, mostrou com satisfação ao coadjutor da Sé, criatura servil e calada, uma carta que recebera de Lisboa de Amaro Vieira.

Era uma tarde de agosto e passeavam ambos para os lados da Ponte Nova. Andava então a construir-se a estrada da Figueira: o velho passadiço de pau sobre a ribeira do Lis tinha sido destruído, já se passava sobre a Ponte Nova, muito gabada, com os seus dois largos arcos de pedra, fortes e atarracados. Para diante as obras estavam suspendidas por questões de expropriação; ainda se via o lodoso caminho da freguesia de Marrazes, que a estrada nova devia desbastar e incorporar; camadas de cascalho cobriam o chão; e os grossos cilindros de pedra, que acalcam e recamam os macadames, enterravam-se na terra negra e húmida das chuvas.

Em roda da Ponte a paisagem é larga e tranquila. Para o lado de onde o rio vem

são colinas baixas, de formas arredondadas, cobertas da rama verde-negra dos pinheiros novos; em baixo, na espessura dos arvoredos, estão os *casai*s que dão àqueles lugares melancólicos uma feição mais viva e humana — com as suas alegres paredes caiadas que luzem ao sol, com os fumos das lareiras que pela tarde se azulam nos ares sempre claros e lavados. Para o lado do mar, para onde o rio se arrasta nas terras baixas entre dois renques de salgueiros pálidos, estende-se até os primeiros areais o campo de Leiria, largo, fecundo, com o aspeto de águas abundantes, cheio de luz. Da Ponte pouco se vê da cidade; apenas uma esquina das cantarias pesadas e jesuíticas da Sé, um canto do muro do cemitério coberto de parietárias, e pontas agudas e negras dos

ciprestes; o resto está escondido pelo duro monte ouriçado de vegetações rebeldes, onde destacam as ruínas do Castelo, todas envolvidas à tarde nos largos voos circulares dos mochos, desmanteladas e com um grande ar histórico.

Ao pé da Ponte, uma rampa desce para a alameda que se estende um pouco à beira do rio. É um lugar recolhido, coberto de árvores antigas. Chamam-lhe a Alameda Velha. Ali, caminhando devagar, falando baixo, o cónego consultava o coadjutor sobre a carta de Amaro Vieira, e sobre «uma ideia que ela lhe dera, que lhe parecia de mestre! De mestre!» Amaro pedia-lhe com urgência que lhe arranjasse uma casa de aluguel, barata, bem situada, e se fosse possível mobilada; falava

sobretudo de quartos numa casa de hóspedes respeitável. «Bem vê o meu caro padre-mestre, dizia Amaro, que era isto o que verdadeiramente me convinha; eu não quero luxos, está claro: um quarto e uma saleta seria o bastante. O que é necessário é que a casa seja respeitável, sossegada, central, que a patroa tenha bom génio e que não peça mundos e fundos; deixo tudo isto à sua prudência e capacidade, e creia que todos estes favores não cairão em terreno ingrato. Sobretudo que a patroa seja pessoa acomodada e de boa língua.»

— Ora a minha ideia, amigo Mendes, é esta: metê-lo em casa da S. Joaneira! — resumiu o cónego com um grande contentamento. — É rica ideia, hem!

— Soberba ideia — disse o

coadjutor com a sua voz servil.

— Ela tem o quarto de baixo, a saleta pegada e o outro quarto que pode servir de escritório. Tem boa mobília, boas roupas...

— Ricas roupas — disse o coadjutor com respeito.

O cónego continuou:

— É um belo negócio para a S. Joaneira: dando os quartos, roupas, comida, criada, pode muito bem pedir os seus seis tostões por dia. E depois sempre tem o pároco de casa.

— Por causa da Ameliazinha é que eu não sei — considerou timidamente o coadjutor. — Sim, pode ser reparado. Uma rapariga nova... Diz que o senhor pároco é ainda novo... Vossa senhoria sabe o que são línguas do mundo.

O cónego tinha parado:

— Ora histórias! Então o padre Joaquim não vive debaixo das mesmas telhas com a afilhada da mãe? E o cónego Pedroso não vive com a cunhada, e uma irmã da cunhada, que é uma rapariga de dezanove anos? Ora essa!

— Eu dizia... — atenuou o coadjutor.

— Não, não vejo mal nenhum. A S. Joaneira aluga os seus quartos, é como se fosse uma hospedaria. Então o secretário-geral não esteve lá uns poucos de meses?

— Mas um eclesiástico... — insinuou o coadjutor.

— Mais garantias, Sr. Mendes, mais garantias! — exclamou o cónego. E parando, com uma atitude confidencial: — E depois a mim é que me convinha, Mendes! A mim é que me convinha, meu

amigo!

Houve um pequeno silêncio. O coadjutor disse, baixando a voz:

— Sim, vossa senhoria faz muito bem à S. Joaneira...

— Faço o que posso, meu caro amigo, faço o que posso — disse o cónego. E com uma entonação terna, risonhamente paternal: — Que ela é merecedora! É merecedora. Boa até ali, meu amigo! — Parou, esgazeando os olhos: — Olhe que dia em que eu não lhe apareça pela manhã às nove em ponto, está num frenesi! Oh criatura! Digo-lhe eu, a senhora rala-se sem razão. Mas então, é aquilo! Pois quando eu tive a cólica o ano passado! Emagreceu, Sr. Mendes! E depois não há lembrança que não tenha! Agora, pela matança do porco, o melhor

do animal é para o *padre santo*, você sabe? É como ela me chama.

Falava com os olhos luzidos, uma satisfação babosa.

— Ah, Mendes! — acrescentou —, é uma rica mulher!

— E bonita mulher — disse o coadjutor respeitosamente.

— Lá isso! — exclamou o cónego parando outra vez. — Lá isso! Bem conservada até ali! Pois olhe que não é uma criança! Mas nem um cabelo branco, nem um, nem um só! E então que cor de pele! — E mais baixo, com um sorriso guloso: — E isto aqui! ó Mendes, e isto aqui! — Indicava o lado do pescoço debaixo do queixo, passando-lhe devagar por cima a sua mão papuda: — É uma perfeição! E depois mulher de asseio,

muitíssimo asseio! E que lembrançazinhas! Não há dia que me não mande o seu presente! É o covilhete de geleia, é o pratinho de arroz-doce, é a bela morcela de Arouca! Ontem me mandou ela uma torta de maçã. Ora havia de você ver aquilo! A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: «Está tão boa que parece que foi cozida em água benta!» — E pondo a mão espalmada sobre o peito: — São coisas que tocam a gente cá por dentro, Mendes! Não, não é lá por dizer, mas não há outra.

O coadjutor escutava com a taciturnidade da inveja.

— Eu bem sei — disse o cónego parando de novo e tirando lentamente as palavras —, eu bem sei que por aí rosnam, rosnam... Pois é uma grandíssima

calúnia! O que é, é que eu tenho muito apego àquela gente. Já o tinha em tempo do marido. Você bem o sabe, Mendes.

O coadjutor teve um gesto afirmativo.

— A S. Joaneira é uma pessoa de bem! Olhe que é uma pessoa de bem, Mendes! — exclamava o cónego batendo no chão fortemente com a ponteira do guarda-sol.

— As línguas do mundo são venenosas, senhor cónego — disse o coadjutor com uma voz chorosa. E depois dum silêncio, acrescentou baixo: — Mas aquilo a vossa senhoria deve-lhe sair caro!

— Pois aí está, meu amigo! Imagine você que desde que o secretário-geral se foi embora a pobre da mulher tem tido a

casa vazia: eu é que tenho dado para a panela, Mendes!

— Que ela tem uma fazendita — considerou o coadjutor.

— Uma *nesga* de terra, meu rico senhor, uma nesga de terra! E depois as décimas, os jornais! Por isso digo eu, o pároco é uma mina. Com os seis tostões que ele der, com que eu ajudar, com alguma coisa que ela tire da hortaliça que vende da fazenda, já se governa. E para mim é um alívio, Mendes.

— É um alívio, senhor cónego! — repetiu o coadjutor.

Ficaram calados. A tarde descaía muito límpida; o alto céu tinha uma pálida cor azul; o ar estava imóvel. Naquele tempo o rio ia muito vazio; pedaços de areia reluziam em seco; e a água baixa

arrastava-se com um marulho brando, toda enrugada do roçar dos seixos.

Duas vacas, guardadas por uma rapariga, apareceram então pelo caminho lodoso que do outro lado do rio, defronte da alameda, corre junto de um silvado; entraram no rio devagar, e estendendo o pescoço pelado da canga, bebiam de leve, sem ruído; a espaços erguiam a cabeça bondosa, olhavam em redor com a passiva tranquilidade dos seres fartos — e fios de água, babados, luzidios à luz, pendiam-lhes dos cantos do focinho. Com a inclinação do sol a água perdia a sua claridade espelhada, estendiam-se as sombras dos arcos da Ponte. Do lado das colinas ia subindo um crepúsculo esfumado, e as nuvens cor de sanguínea e cor de laranja que anunciam o calor

faziam, sobre os lados do mar, uma decoração muito rica.

— Bonita tarde! — disse o coadjutor.

O cónego bocejou, e fazendo uma cruz sobre o bocejo:

— Vamo-nos chegando às Ave-Marias, hem?

Quando, daí a pouco, iam subindo as escadarias da Sé, o cónego parou, e voltando-se para o coadjutor:

— Pois está decidido, amigo Mendes, ferro o Amaro na casa da S. Joaneira! É uma pechincha para todos.

— Uma grande pechincha! — disse respeitosamente o coadjutor. — Uma grande pechincha!

E entraram na igreja, persignando-se.

2

Uma semana depois, soube-se que o novo pároco devia chegar pela diligência de Chão de Maçãs, que traz o correio à tarde; e desde as seis horas o cónego Dias e o coadjutor passeavam no Largo do Chafariz, à espera de Amaro.

Era então nos fins de agosto. Na longa alameda macadamizada que vai junto do rio, entre os dois renques de velhos choupos, entreviam-se vestidos claros de senhoras passeando. Do lado do Arco, na correnteza de casebres pobres, velhas fiavam à porta; crianças sujas brincavam pelo chão, mostrando seus enormes ventres nus; e galinhas em redor iam picando vorazmente as imundícies

esquecidas. Em redor do chafariz cheio de ruído, onde os cântaros arrastam sobre a pedra, criadas ralham, soldados, com a sua fardeta suja, enormes botas cambadas, namoravam, meneando a chibata de junco; com o seu cântaro bojudo de barro equilibrado à cabeça sobre a rodilha, raparigas iam-se aos pares, meneando os quadris; e dois oficiais ociosos, com a farda desapertada sobre o estômago, conversavam, esperando, a *ver quem viria*. A diligência tardava. Quando o crepúsculo desceu, uma lamparina luziu no nicho do santo, por cima do Arco; e defronte iam-se iluminando uma a uma, com uma luz soturna, as janelas do hospital.

Já tinha anoitecido quando a diligência, com as lanternas acesas, entrou

na Ponte ao trote esgalgado dos seus magros cavalos brancos, e veio parar ao pé do chafariz, por baixo da estalagem do Cruz; o caixeiro do tio Patrício partiu logo a correr para a Praça com o maço dos *Diários Populares*; o tio Batista, o patrão, com o cachimbo negro ao canto da boca, desatrelava, praguejando tranquilamente; e um homem que vinha na almofada, ao pé do cocheiro, de chapéu alto e comprido capote eclesiástico, desceu cautelosamente, agarrando-se às guardas de ferro dos assentos, bateu com os pés no chão para os desentorpecer, e olhou em redor.

— Oh, Amaro! — gritou o cónego, que se tinha aproximado. — Oh, ladrão!

— Oh, padre-mestre! — disse o outro com alegria. E abraçaram-se,

enquanto o coadjutor, todo curvado, tinha o barrete na mão.

Daí a pouco as pessoas que estavam nas lojas viram atravessar a Praça, entre a corpulência vagarosa do cónego Dias e a figura esguia do coadjutor, um homem um pouco curvado, com um capote de padre. Soube-se que era o pároco novo; e disse-se logo na botica que era *uma boa figura de homem*. O João Bicha levava adiante um baú e um saco de chita; e como aquela hora já estava bêbedo, ia resmungando o *Bendito*.

Eram quase nove horas, a noite cerrara. Em redor da Praça as casas estavam já adormecidas: das lojas debaixo da arcada saía a luz triste dos candeeiros de petróleo, entreviam-se dentro figuras sonolentas, caturrando em

cavaqueira, ao balcão. As ruas que vinham dar à Praça, tortuosas, tenebrosas, com um lampião mortiço, pareciam desabitadas. E no silêncio o sino da Sé dava vagarosamente o toque das almas.

O cónego Dias ia explicando pachorrentamente ao pároco «o que lhe arranjara». Não lhe tinha procurado casa: seria necessário comprar mobília, buscar criada, despesas inumeráveis! Parecera-lhe melhor tomar-lhe quartos numa casa de hóspedes respeitável, de muito conchego — e nessas condições (e ali estava o amigo coadjutor que o podia dizer), não havia como a da S. Joaneira. Era bem arejada, muito asseio, a cozinha não deitava cheiro; tinha lá estado o secretário-geral e o inspetor dos estudos; e a S. Joaneira (o Mendes amigo

conhecia-a bem) era uma mulher temente a Deus, de boas contas, muito económica e cheia de condescendências...

— Você está ali como em sua casa! Tem o seu cozido, prato de meio, café...

— Vamos a saber, padre-mestre: preço? — disse o pároco.

— Seis tostões. Que diabo! é de graça! Tem um quarto, tem uma saleta...

— Uma rica saleta — comentou o coadjutor respeitosamente.

— E é longe da Sé? — perguntou Amaro.

— Dois passos. Pode-se ir dizer missa de chinelos. Na casa há uma rapariga, continuou com a sua voz pausada o cónego Dias. E a filha da S. Joaneira. Rapariga de vinte e dois anos. Bonita. Sua pontinha de génio, mas bom

fundo... Aqui tem você a sua rua.

Era estreita, de casas baixas e pobres, esmagada pelas altas paredes da velha Misericórdia, com um lampião lúgubre ao fundo.

— E aqui tem você o seu palácio! — disse o cónego, batendo na aldraba de uma porta esguia.

No primeiro andar duas varandas de ferro, de aspeto antigo, faziam saliência, com os seus arbustos de alecrim, que se arredondavam aos cantos em caixas de madeira; as janelas de cima, pequeninas, eram de peitoril; e a parede, pelas suas irregularidades, fazia lembrar uma lata amolgada.

A S. Joaneira esperava no alto da escada; uma criada, enfezada e sardenta, alumiava com um candeeiro de petróleo; e

a figura da S. Joaneira destacava plenamente na luz sobre a parede caiada. Era gorda, alta, muito branca, de aspeto pachorrento. Os seus olhos pretos tinham já em redor a pele engelhada; os cabelos arrepiados, com um enfeite escarlate, eram já raros aos cantos da testa e no começo da risca; mas percebiam-se uns braços rechonchudos, um colo copioso e roupas asseadas.

— Aqui tem a senhora o seu hóspede — disse o cónego subindo.

— Muita honra em receber o senhor pároco! Muita honra! há de vir muito cansado! Por força! Para aqui, tem a bondade? Cuidado com o degrauzinho.

Levou-o para uma sala pequena, pintada de amarelo, com um vasto canapé de palhinha encostado à parede, e

defronte, aberta, uma mesa forrada de baeta verde.

— É a sua sala, senhor pároco, disse a S. Joaneira. Para receber, para espairecer... Aqui — acrescentou abrindo uma porta — é o seu quarto de dormir. Tem a sua cómoda, o seu guarda-roupa... — Abriu os gavetões, gabou a cama batendo a elasticidade dos colchões. — Uma campainha para chamar sempre que queira... As chavinhas da cómoda estão aqui... Se gosta de travesseirinho mais alto... Tem um cobertor só, mas querendo...

— Está bem, está tudo muito bem, minha senhora — disse o pároco com a sua voz baixa e suave.

— É pedir! O que há, da melhor vontade...

— Oh, criatura de Deus! — interrompeu o cónego jovialmente. — O que ele quer agora é cear!

— Também tem a ceiazinha pronta. Desde as seis que está o caldo a apurar...

E saiu para apressar a criada, dizendo logo do fundo da escada:

— Vá, Ruça, mexe-te, mexe-te!...

O cónego sentou-se pesadamente no canapé, e sorvendo a sua pitada:

— É contentar, meu rico. Foi o que se pôde arranjar.

— Eu estou bem em toda parte, padre-mestre — disse o pároco, caçando os seus chinelos de ourelo. — Olha o seminário!... E em Feirão! Caía-me a chuva na cama.

Para o lado da Praça, então, sentiu-se o toque de cometas.

— Que é aquilo? — perguntou Amaro, indo à janela.

— As nove e meia, o toque de recolher.

Amaro abriu a vidraça. Ao fim da rua um candeeiro esmorecia. A noite estava muito negra. E havia sobre a cidade um silêncio côncavo, de abóbada.

Depois das cometas, um rufar lento de tambores afastou-se para o lado do quartel; por baixo da janela um soldado, que se demorara nalguma viela do Castelo, passou correndo; e das paredes da Misericórdia saía constantemente o agudo piar das corujas.

— É triste isto — disse Amaro.

Mas a S. Joaneira gritou de cima:

— Pode subir, senhor cónego! Está o caldo na mesa!

— Ora vá, vá, que você deve estar a cair de fome, Amaro! — disse o cónego, erguendo-se muito pesado.

E detendo um momento o pároco, pela manga do casaco:

— Vai você ver o que é um caldo de galinha feito cá pela senhora! Da gente se babar!...

No meio da sala de jantar, forrada de papel escuro, a claridade da mesa alegrava, com a sua toalha muito branca, a louça, os copos reluzindo à luz forte dum candeeiro de abajur verde. Da terrina subia o vapor cheiroso do caldo e, na larga travessa a galinha gorda, afogada num arroz húmido e branco, rodeada de nacos de bom paio, tinha uma aparência suculenta de prato morgado. No armário envidraçado, um pouco na sombra, viam-

se cores claras de porcelana; a um canto, ao pé da janela, estava o piano, coberto com uma colcha de cetim desbotado. Na cozinha frigia-se; e sentindo o cheiro fresco que vinha dum tabuleiro de roupa lavada, o pároco esfregou as mãos, regalado.

— Para aqui, senhor pároco, para aqui — disse a S. Joaneira. — Daí pode vir-lhe frio. — Foi fechar as portadas das janelas; chegou-lhe um caixão de areia para as pontas dos cigarros. — E o senhor cónego toma um copinho de geleia, sim?

— Vá lá, para fazer companhia — disse jovialmente o cónego, sentando-se e desdobrando o guardanapo.

A S. Joaneira, no entanto, mexendo-se pela sala, ia admirando o pároco, que, com a cabeça sobre o prato, comia em

silêncio o seu caldo, soprando a colher. Parecia bem-feito; tinha um cabelo muito preto, levemente anelado. O rosto era oval, de pele trigueira e fina, os olhos negros e grandes, com pestanas compridas.

O cónego, que não o via desde o seminário, achava-o mais forte, mais viril.

— Você era enfezadito...

— Foi o ar da serra — dizia o pároco —, fez-me bem!

Contou então a sua triste existência em Feirão, na alta Beira, durante a aspereza do inverno, só com pastores. O cónego deitava-lhe o vinho de alto, fazendo-o espumar.

— Pois é beber-lhe, homem! É beber-lhe! Desta gota não pilhava você no seminário.

Falaram do seminário.

— Que será feito do Rabicho, o despenseiro? — disse o cónego.

— E do Carocho, que roubava as batatas?

Riram; e bebendo, na alegria das reminiscências, recordavam as histórias de então, o catarro do reitor, e o mestre do cantochão que deixara um dia cair do bolso as poesias obscenas de Bocage.

— Como o tempo passa, como o tempo passa! — diziam.

A S. Joaneira então pôs na mesa um prato covo com maçãs assadas.

— Viva! Não, lá nisso também eu entro! — exclamou logo o cónego. — A bela maçã assada! Nunca me escapa! Grande dona de casa, meu amigo, rica dona de casa, cá a nossa S. Joaneira!

Grande dona de casa!

Ela ria; viam-se os seus dois dentes de diante, grandes e chumbados. Foi buscar uma garrafa de vinho do Porto; pôs no prato do cónego, com requintes devotos, uma maçã desfeita, polvilhada de açúcar; e batendo-lhe nas costas com a mão papuda e mole:

— Isto é um santo, senhor pároco, isto é um santo! Ai! Devo-lhe muitos favores!

— Deixe falar, deixe falar — dizia o cónego. Espalhava-se-lhe no rosto um contentamento baboso. — Boa gota! — acrescentou, saboreando o seu cálice de Porto. — Boa gota!

— Olhe que ainda é dos anos da Amélia, senhor cónego.

— E onde está ela, a pequena?

— Foi ao *Morenal* com a D. Maria. Aquilo naturalmente foram para casa das Gansosos passar a noite.

— Cá esta senhora é proprietária — explicou o cónego, falando do *Morenal*. — É um condado! — Ria com bonomia, e os seus olhos luzidios percorriam ternamente a corpulência da S. Joaneira.

— Ah, senhor pároco, deixe falar, é uma nesga de terra... — disse ela.

Mas vendo a criada encostada à parede, sacudida com aflições de tosse:

— Ó mulher, vai tossir lá para dentro! Credo!

A moça saiu, pondo o avental sobre a boca.

— Parece doente, coitada — observou o pároco.

Muito achacada, muito!... A *pobre de*

Cristo era sua afilhada, órfã, e estava quase tísica. Tinha-a tomado por piedade...

— E também porque a criada que cá tinha foi para o hospital, a desavergonhada... Meteu-se aí com um soldado!...

O padre Amaro baixou devagar os olhos — e trincando migalhas, perguntou se havia muitas doenças naquele verão.

— Colerinas, das frutas verdes — rosnou o cónego. — Metem-se pelas melancias, depois tarraçadas de água... E suas febritas...

Falaram então das sezões do campo, dos ares de Leiria.

— Que eu agora — dizia o padre Amaro — ando mais forte. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, tenho saúde,

tenho!

— Ai, Nosso Senhor lha conserve, que nem sabe o bem que é! — exclamou a S. Joaneira. Contou imediatamente a grande desgraça que tinha em casa, uma irmã meio idiota entrevada havia dez anos! Ia fazer sessenta anos... No inverno viera-lhe um catarro, e desde então, coitadinha, definhava, definhava... — Há bocado, ao fim da tarde, teve ela um ataque de tosse! Pensei que se ia embora. Agora descansou mais...

Continuou a falar «daquela tristeza», depois da sua Ameliazinha, das Gansosos, do antigo chantre, da carestia de tudo — sentada, com o gato no colo, rolando com os dois dedos, monotonamente, bolinhas de pão. O cónego, pesado, cerrava as pálpebras; tudo na sala parecia ir

gradualmente adormecendo; a luz do candeeiro esmorecia.

— Pois senhores — disse por fim o cónego mexendo-se —, isto são horas!

O padre Amaro ergueu-se, e com os olhos baixos deu as graças.

— O senhor pároco quer lamparina? — perguntou cuidadosamente a S. Joaneira.

— Não, minha senhora. Não uso. Boas noites!

E desceu devagar, palitando os dentes.

A S. Joaneira alumiava no patamar, com o candeeiro. Mas nos primeiros degraus o pároco parou, e voltando-se, afetuosamente:

— É verdade, minha senhora, amanhã é sexta-feira, é jejum...

— Não, não — acudiu o cónego que se embrulhava na capa de lustrina, bocejando —, você amanhã janta comigo. Eu venho por cá, vamos ao chantre, à Sé, e por aí... E olhe que tenho lulas. É um milagre, que isto aqui nunca há peixe.

A S. Joaneira tranquilizou logo o pároco.

— Ai, é escusado lembrar os jejuns, senhor pároco. Tenho o maior escrúpulo!

— Eu dizia — explicou o pároco — porque infelizmente hoje em dia ninguém cumpre.

— Tem vossa senhoria muita razão — atalhou ela. — Mas eu! credo!... A salvação da minha alma antes de tudo!

A campainha em baixo, então, retiniu fortemente.

— há de ser a pequena — disse a S.

Joaneira. — Abre, *Ruça!*

A porta bateu, sentiram-se vozes, risinhos.

— És tu, Amélia?

Uma voz disse *adeusinho! adeusinho!* E apareceu, subindo quase a correr, com os vestidos um pouco apanhados adiante, uma bela rapariga, forte, alta, bem-feita, com uma manta branca pela cabeça e na mão um ramo de alecrim.

— Sobe, filha. Aqui está o senhor pároco. Chegou agora à noitinha, sobe!

Amélia tinha parado um pouco embaraçada, olhando para os degraus de cima, onde o pároco ficara, encostado ao corrimão. Respirava fortemente de ter corrido; vinha corada; os seus olhos vivos e negros luziam; e saía dela uma sensação

de frescura e de prados atravessados.

O pároco desceu, cingido ao corrimão, para a deixar passar, murmurando *boas-noites*! com a cabeça baixa. O cónego, que descia atrás, pesadamente, tomou o meio da escada, diante de Amélia:

— Então isto são horas, sua brejeira?

Ela teve um risinho, encolheu-se.

— Ora vá-se encomendar a Deus, vá! — disse batendo-lhe no rosto devagarinho com a sua mão grossa e cabeluda.

Ela subiu a correr, enquanto o cónego, depois de ir buscar o guarda-sol à saleta, saía, dizendo à criada, que erguia o candeeiro sobre a escada:

— Está bem, eu vejo, não apanhes

frio, rapariga. Então às oito, Amaro! Esteja a pé! Vai-te, rapariga, adeus! Reza à Senhora da Piedade que te seque essa catarreira.

O pároco fechou a porta do quarto. A roupa da cama entreaberta, alva, tinha um bom cheiro de linho lavado. Por cima da cabeceira pendia a gravura antiga dum Cristo crucificado. Amaro abriu o seu Breviário, ajoelhou aos pés da cama, persignou-se; mas estava fatigado, vinham-lhe grandes bocejos; e então por cima, sobre o teto, através das orações rituais que maquinalmente ia lendo, começou a sentir o tique-tique das botinas de Amélia e o ruído das saias engomadas que ela sacudia ao despir-se.

3

Amaro Vieira nascera em Lisboa em casa da senhora marquesa de Alegros. Seu pai era criado do marquês; a mãe era criada de quarto; quase uma amiga da senhora marquesa. Amaro conservava ainda um livro, o *Menino das Selvas*, com bárbaras imagens coloridas que tinha escrito na primeira página branca: *A minha muito estimada criada Joana Vieira e verdadeira amiga que sempre tem sido — Marquesa de Alegros*. Possuía também um daguerreótipo de sua mãe: era uma mulher forte, de sobrancelhas cerradas, a boca larga e sensualmente fendida, e uma cor ardente. O pai de Amaro tinha morrido de

apoplexia; e a mãe, que fora sempre tão sã, sucumbiu, daí a um ano, a uma tísica de laringe. Amaro completara então seis anos. Tinha uma irmã mais velha que desde pequena vivia com a avó em Coimbra, e um tio, merceeiro abastado do bairro da Estrela. Mas a senhora marquesa ganhara amizade a Amaro; conservou-o em sua casa, por uma adoção tácita: e começou, com grandes escrúpulos, a vigiar a sua educação.

A marquesa de Alegros ficara viúva aos quarenta e três anos, e passava a maior parte do ano retirada na sua quinta de Carcavelos. Era uma pessoa passiva, de bondade indolente, com capela em casa, um respeito devoto pelos padres de S. Luís, sempre preocupada dos interesses da Igreja. As suas duas filhas, educadas

no receio do céu e nas preocupações da Moda, eram beatas e faziam o chique falando com igual fervor da humildade cristã e do último figurino de Bruxelas. Um jornalista de então dissera delas: — Pensam todos os dias na toalete com que hão de entrar no Paraíso.

No isolamento de Carcavelos, naquela quinta de alamedas aristocráticas onde os pavões gritavam, as duas meninas enfastiavam-se. A Religião, a Caridade eram então ocupações avidamente aproveitadas: cosiam vestidos para os pobres da freguesia, bordavam frontais para os altares da igreja. De maio a outubro estavam inteiramente absorvidas pelo trabalho de *salvar a sua alma*; liam os livros beatos e doces; como não tinham S. Carlos, as visitas, a Aline, recebiam os

padres e cochichavam sobre a virtude dos santos. Deus era o seu luxo de verão.

A senhora marquesa resolvera desde logo fazer entrar Amaro na vida eclesiástica. A sua figura amarelada e magrita pedia aquele destino recolhido: era já afeiçoado às coisas de capela, e o seu encanto era estar aninhado ao pé das mulheres, no calor das saias unidas, ouvindo falar de santas. A senhora marquesa não o quis mandar ao colégio porque receava a impiedade dos tempos, e as camaradagens imorais. O capelão da casa ensinava-lhe o latim, e a filha mais velha, a Sra. D. Luísa, que tinha um nariz de cavalete e lia Chateaubriand, dava-lhe lições de francês e de geografia.

Amaro era, como diziam os criados, um *mosquinha-morta*. Nunca brincava,

nunca pulava ao sol. Se à tarde acompanhava a senhora marquesa às alamedas da quinta, quando ela descia pelo braço do padre Liset ou do respeitoso procurador Freitas, ia a seu lado, mono, muito encolhido, torcendo com as mãos húmidas o forro das algibeiras, vagamente assustado das espessuras de arvoredos e do vigor das relvas altas.

Tomou-se muito medroso. Dormia com lamparina, ao pé de uma ama velha. As criadas de resto feminizavam-no; achavam-no bonito, aninhavam-no no meio delas, beijocavam-no, faziam-lhe cócegas, e ele rolava por entre as saias, em contato com os corpos, com gritinhos de contentamento. Às vezes, quando a senhora marquesa saía, vestiam-no de

mulher, entre grandes risadas; ele abandonava-se, meio nu, com os seus modos lânguidos, os olhos quebrados, uma roseta escarlate nas faces. As criadas, além disso, utilizavam-no nas suas intrigas umas com as outras: era Amaro o que *fazia as queixas*. Tomou-se enredador, muito mentiroso.

Aos onze anos ajudava à missa, e aos sábados limpava a capela. Era o seu melhor dia; fechava-se por dentro, colocava os santos em plena luz em cima duma mesa, beijando-os com ternuras devotas e satisfações gulosas; e toda a manhã, muito atarefado, cantarolando o Santíssimo, ia tirando a traça dos vestidos das Virgens e limpando com gesso e cré as auréolas dos Mártires.

No entanto crescia; o seu aspeto era

o mesmo, miúdo e amarelado; nunca dava uma boa risada; trazia sempre as mãos nos bolsos. Estava constantemente metido nos quartos das criadas, remexendo as gavetas; bulia nas saias sujas, cheirava os algodões postiços. Era extremamente preguiçoso, e custava de manhã arrancá-lo a uma sonolência doentia em que ficava amolecido, todo embrulhado nos cobertores e abraçado ao travesseiro. Já corcovava um pouco, e os criados chamavam-lhe o *padreca*.

Num domingo gordo, uma manhã, depois da missa, ao chegar-se ao terraço, a senhora marquesa de repente caiu morta com uma apoplexia. Deixava no seu testamento um legado para que Amaro, o filho da sua criada Joana, entrasse aos quinze anos no seminário e se ordenasse.

O padre Liset ficava encarregado de realizar esta disposição piedosa. Amaro tinha então treze anos.

As filhas da senhora marquesa deixaram logo Carcavelos e foram para Lisboa, para a casa da Sra. D. Bárbara de Noronha, sua tia paterna. Amaro foi mandado para casa do tio, para a Estrela. O merceeiro era um homem obeso, casado com a filha dum pobre empregado público, que o aceitara para sair da casa do pai, onde a mesa era escassa, ela devia fazer as camas e nunca ia ao teatro. Mas odiava o marido, as suas mãos cabeludas, a loja, o bairro, e o seu apelido de Sra. Gonçalves. O marido, esse adorava-a como a delícia da sua vida, o seu luxo; carregava-a de joias e chamava-lhe a *sua duquesa*.

Amaro não encontrou ali o elemento feminino e carinhoso, em que estivera tepidamente envolvido em Carcavelos. A tia quase não reparava nele; passava os seus dias lendo romances, as análises dos teatros nos jornais, vestida de seda, coberta de pó de arroz, o cabelo em cachos, esperando a hora em que passava debaixo das janelas, puxando os punhos, o Cardoso, galã da Trindade. O merceeiro apropriou-se então de Amaro como duma utilidade imprevista, mandou-o para o balcão. Fazia-o erguer logo às cinco horas da manhã; e o rapaz tremia na sua jaqueta de pano azul, molhando à pressa o pão na chávena de café, ao canto da mesa da cozinha. De resto detestavam-no; a tia chamava-lhe o *cebola* e o tio chamava-lhe o *burro*. Pesava-lhes até o magro pedaço

de vaca que ele comia ao jantar. Amaro emagrecia, e todas as noites chorava.

Sabia já que aos quinze anos devia entrar no seminário. O tio todos os dias lho lembrava:

— Não penses que ficas aqui toda a vida na vadiagem, burro. Em tendo quinze anos, é para o seminário. Não tenho obrigação de carregar contigo! Besta na argola, não está nos meus princípios!

E o rapaz desejava o seminário, como um libertamento.

Nunca ninguém consultara as suas tendências ou a sua vocação. Impunham-lhe uma sobrepeliz; a sua natureza passiva, facilmente dominável, aceitava-a, como aceitaria uma farda. De resto não lhe desagradava ser *padre*. Desde que saíra das rezas perpétuas de Carcavelos

conservara o seu medo do Inferno, mas perdera o fervor pelos santos; lembravam-lhe porém os padres que vira em casa da senhora marquesa, pessoas brancas e bem tratadas, que comiam ao lado das fidalgas, e tomavam rapé em caixas de ouro; e convinha-lhe aquela profissão em que se cantam bonitas missas, se comem doces finos, se fala baixo com as mulheres, — vivendo entre elas, cochichando, sentindo-lhes o calor penetrante, — e se recebem presentes em bandejas de prata. Recordava o padre Liset com um anel de rubi no dedo mínimo; monsenhor Saavedra com os seus belos óculos de ouro, bebendo aos goles o seu copo de Madeira. As filhas da senhora marquesa bordavam-lhes chinelas. Um dia tinha visto um bispo que

fora padre na Baia, viajara, estivera em Roma, era muito jovial; e na sala, com as suas mãos ungidas que cheiravam a água-de-colónia, apoiadas ao castão de ouro da bengala, todo rodeado de senhoras em êxtase e cheias dum riso beato, cantava, para as entreter, com a sua bela voz:

Mulatinha da Baia,
Nascida no Capujá...

Um ano antes de entrar para o seminário, o tio fê-lo ir a um mestre para se afirmar mais no latim, e dispensou-o de estar ao balcão. Pela primeira vez na sua existência, Amaro possuiu liberdade. Ia só à escola, passeava pelas ruas. Viu a cidade, o exército de infantaria, espreitou às portas dos cafés, leu os cartazes dos

teatros. Sobretudo começara a reparar muito nas mulheres — e vinham-lhe, de tudo o que via, grandes melancolias. A sua hora triste era ao anoitecer, quando voltava da escola, ou aos domingos depois de ter ido passear com o caixeiro ao jardim da Estrela. O seu quarto ficava em cima, na trapeira, com uma janelinha num vão sobre os telhados. Encostava-se ali olhando, e via parte da cidade baixa, que a pouco e pouco se alumiava de pontos de gás: parecia-lhe perceber, vindo de lá, um rumor indefinido: era a vida que não conhecia e que julgava maravilhosa, com cafés abrasados de luz, e mulheres que arrastam ruge-ruges de sedas pelos peristilos dos teatros; perdia-se em imaginações vagas, e de repente apareciam-lhe no fundo negro da noite

formas femininas, por fragmentos, uma perna com botinas de duraque e a meia muito branca, ou um braço roliço arregaçado até ao ombro... Mas em baixo, na cozinha, a criada começava a lavar a louça, cantando: era uma rapariga gorda, muito sardenta; e vinham-lhe então desejos de descer, ir roçar-se por ela, ou estar a um canto a vê-la escaldar os pratos; lembravam-lhe outras mulheres que vira nas vielas, de saias engomadas e ruidosas, passeando em cabelo, com botinas cambadas: e, da profundidade do seu ser, subia-lhe uma preguiça, como que a vontade de abraçar alguém, de não se sentir só. Julgava-se infeliz, pensava em matar-se. Mas o tio chamava-o de baixo:

— Então tu não estudas, mariola?

E daí a pouco, sobre o *Tito Lívio*

cabeceando de sono, sentindo-se desgraçado, roçando os joelhos um contra o outro, torturava o dicionário.

Por esse tempo começava a sentir um certo afastamento pela vida de padre, *porque não poderia casar*. Já as convivências da escola tinham introduzido na sua natureza efeminada curiosidades, corrupções. Às escondidas fumava cigarros: emagrecia e andava mais amarelo.

Entrou no seminário. Nos primeiros dias os longos corredores de pedra um pouco húmidos, as lâmpadas tristes, os quartos estreitos e gradeados, as batinas negras, o silêncio regulamentado, o toque das sinetas — deram-lhe uma tristeza

lúgubre, aterrada. Mas achou logo amizades; o seu rosto bonito agradou. Começaram a tratá-lo por *tu*, a admiti-lo, durante as horas de recreio ou nos passeios do domingo, às conversas em que se contavam anedotas dos mestres, se caluniava o reitor, e perpetuamente se lamentavam as melancolias da clausura: porque quase todos falavam com saudade das existências livres que tinham deixado: os da aldeia não podiam esquecer as claras eiras batidas do sol, as esfolhadas cheias de cantigas e de abraços, as filas da boiada que recolhe, enquanto um vapor se exala dos prados; os que vinham das pequenas vilas lamentavam as ruas tortuosas e tranquilas de onde se namoravam as vizinhas, os alegres dias de mercado, as grandes aventuras do tempo

em que se estuda latim. Não lhes bastava o pátio do recreio lajeado, com as suas árvores definhadas, os altos muros sonolentos, o monótono jogo da bola: abafavam na estreiteza dos corredores, na sala de Santo Inácio, onde se faziam as meditações da manhã e se estudavam à noite as lições; e invejavam todos os destinos livres ainda os mais humildes — o almocreve que viam passar na estrada tocando os seus machos, o carreiro que ia cantarolando ao áspero chiar das rodas, e até os mendigos errantes, apoiados ao seu cajado, com o seu alforje escuro.

Da janela dum corredor via-se uma volta de estrada: à tardinha uma diligência costumava passar, levantando a poeira, entre os estalidos do chicote, ao trote das três éguas, carregadas de bagagem;

passageiros alegres, que levavam os joelhos bem embrulhados, sopravam o fumo dos charutos; quantos olhares os seguiam! Quantos desejos iam viajando com eles para as alegres vilas e para as cidades, pela frescura das madrugadas ou sob a claridade das estrelas!

E no refeitório, diante do escasso caldo de hortaliça, quando o regente de voz grossa começava a ler monotonamente as cartas de algum missionário da China ou as Pastorais do senhor bispo, quantas saudades dos jantares de família! As boas postas de peixe! O tempo da matança! Os rijões quentes que chiam no prato! Os sarrabulhos cheirosos!

Amaro não deixava coisas queridas: vinha da brutalidade do tio, do rosto enfastiado da tia coberto de pó de arroz;

mas insensivelmente pôs-se também a ter saudades dos seus passeios aos domingos, da claridade do gás e das voltas da escola, com os livros numa correia, quando parava encostado à vitrina das lojas a contemplar a nudez das bonecas!

Lentamente, porém, com a sua natureza incaracterística, foi entrando como uma ovelha indolente na regra do seminário. Decorava com regularidade os seus compêndios; tinha uma exatidão prudente nos serviços eclesiásticos; e calado, encolhido, curvando-se muito baixo diante dos lentes — chegou a ter boas notas.

Nunca pudera compreender os que pareciam gozar o seminário com beatitude e maceravam os joelhos, ruminando, com a cabeça baixa, textos da *Imitação* ou de

Santo Inácio; na capela, com os olhos em alvo, empalideciam de êxtase; mesmo no recreio, ou nos passeios, iam lendo algum volumezinho de *Louvores a Maria;* e cumpriam com delícia as regras mais miúdas — até subir só um degrau de cada vez, como recomenda S. Boaventura. A esses o seminário dava um antegosto do Céu: a ele só lhe oferecia as humilhações duma prisão, com os tédios duma escola.

Não compreendia também os ambiciosos; os que queriam ser caudatários dum bispo, e nas altas salas dos paços episcopais erguer os reposteiros de velho damasco; os que desejavam viver nas cidades depois de ordenados, servir uma Igreja aristocrática, e, diante das devotas ricas que se acumulam no frufru das sedas sobre o

tapete do altar-mor, cantar com voz sonora. Outros sonhavam até destinos fora da Igreja: ambicionavam ser militares e arrastar nas ruas lajeadas o tlintlim dum sabre; ou a farta vida da lavoura, e desde a madrugada, com um chapéu desabado e bem montados, trotar pelos caminhos, dar ordens nas largas eiras cheias de medas, apear à porta das adegas! E, a não ser alguns devotos, todos, ou aspirando ao sacerdócio ou aos destinos seculares, queriam deixar a estreiteza do seminário para comer bem, ganhar dinheiro e conhecer as mulheres.

Amaro não desejava nada:

— Eu nem sei — dizia ele melancolicamente.

No entretanto, escutando por simpatia aqueles para quem o seminário

era o «tempo das galés», saia muito perturbado daquelas conversas cheias de impaciente ambição da vida livre. Às vezes falavam de fugir. Faziam planos, calculando a altura das janelas, as peripécias da noite negra pelos negros caminhos: anteviam balcões de tabernas onde se bebe, salas de bilhar, alcovas quentes de mulheres. Amaro ficava todo nervoso: sobre o seu catre, alta noite, revolvia-se sem dormir, e, no fundo das suas imaginações e dos seus sonhos, ardia como uma brasa silenciosa o desejo da Mulher.

Na sua cela havia uma imagem da Virgem coroada de estrelas, pousada sobre a esfera, com o olhar errante pela luz imortal, calcando aos pés a serpente. Amaro voltava-se para ela como para um

refúgio, rezava-lhe a Salve-Rainha: mas, ficando a contemplar a litografia, esquecia a santidade da Virgem, via apenas diante de si uma linda moça loura; amava-a; suspirava, despindo-se olhava-a de revés lubricamente; e mesmo a sua curiosidade ousava erguer as pregas castas da túnica azul da imagem e supor formas, redondezas, uma carne branca... Julgava então ver os olhos do Tentador luzir na escuridão do quarto; aspergia a cama de água benta; mas não se atrevia a revelar estes delírios, no confessionário, ao domingo.

Quantas vezes ouvira, nas prédicas, o mestre de Moral falar, com a sua voz roufenha, do Pecado, compará-lo à serpente e com palavras untuosas e gestos arqueados, deixando cair vagarosamente a

pompa melíflua dos seus períodos, aconselhar os seminaristas a que, imitando a Virgem, calcassem aos pés a *serpente ominosa*! E depois era o mestre de Teologia mística que falava, sorvendo o seu rapé, no dever de *vencer a Natureza!* E citando S. João de Damasco e S. Crisólogo, S. Cipriano e S. Jerónimo, explicava os anátemas dos santos contra a Mulher, a quem chamava, segundo as expressões da Igreja, Serpente, Dardo, Filha da Mentira, Porta do Inferno, Cabeça do Crime, Escorpião...

— E como disse o nosso padre S. Jerónimo — e assoava-se estrondosamente. — Caminho de iniquidade, *iniquita via!*

Até nos compêndios encontrava a preocupação da Mulher! Que ser era esse,

pois, que através de toda a teologia ora era colocada sobre o altar como a Rainha da Graça, ora amaldiçoada com apóstrofes bárbaras? Que poder era o seu, que a legião dos santos ora se arremessa ao seu encontro, numa paixão extática, dando-lhe por aclamação o profundo reino dos Céus, — ora vai fugindo diante dela como do Universal Inimigo, com soluços de terror e gritos de ódio, e escondendo-se, para a não ver, nas tebaidas e nos claustros, vai ali morrendo do mal de a ter amado? Sentia, sem as definir, estas perturbações: elas renasciam, desmoralizavam-no perpetuamente: e já antes de fazer os seus votos desfalecia no desejo de os quebrar.

E em redor dele, sentia iguais rebeliões da natureza: os estudos, os

jejuns, as penitências podiam domar o corpo, dar-lhe hábitos maquinais, mas dentro os desejos moviam-se silenciosamente, como num ninho serpentes imperturbadas. Os que mais sofriam eram os sanguíneos, tão doloridamente apertados na Regra como os seus grossos pulsos plebeus nos punhos das camisas. Assim, quando estavam sós, o temperamento irrompia: lutavam, faziam forças, provocavam desordens. Nos linfáticos a natureza comprimida produzia as grandes tristezas, os silêncios moles: desforravam-se então no amor dos pequenos vícios: jogar com um velho baralho, ler um romance, obter de intrigas demoradas um maço de cigarros — quantos encantos do pecado!

Amaro por fim quase invejava os

estudiosos; ao menos esses estavam contentes, estudavam perpetuamente, escrevinhavam notas no silêncio da alta livraria, eram respeitados, usavam óculos, tomavam rapé. Ele mesmo tinha às vezes ambições repentinas de ciência; mas diante dos vastos *in folios* vinha-lhe um tédio insuperável. Era no entanto devoto: rezava, tinha fé ilimitada em certos santos, um terror angustioso de Deus. Mas odiava a clausura do seminário! A capela, os chorões do pátio, as comidas monótonas do longo refeitório lajeado, os cheiros dos corredores, tudo lhe dava uma tristeza irritada: parecia-lhe que seria bom, puro, crente, se estivesse na liberdade duma rua ou na paz dum quintal, fora daquelas negras paredes. Emagrecia, tinha suores éticos: e mesmo no último ano, depois do

serviço pesado da Semana Santa, como começavam os calores, entrou na enfermaria com uma febre nervosa.

Ordenou-se enfim pelas têmporas de S. Mateus; e pouco tempo depois recebeu, ainda no seminário, esta carta do Sr. Padre Liset:

> *Meu querido filho e novo colega.*
>
> *Agora que está ordenado, entendo em minha consciência que devo dar-lhe conta do estado dos seus negócios, pois quero cumprir até o fim o encargo com que carregou os meus ombros débeis a nossa chorada marquesa, atribuindo-me a honra de administrar o legado que lhe deixou. Porque, ainda que os bens mundanos pouco devam importar a uma alma votada ao sacerdócio, são sempre as boas contas que fazem os bons amigos. Saberá, pois, meu querido filho, que o legado da querida marquesa — para quem deve erguer em sua alma uma gratidão eterna — está inteiramente exausto. Aproveito esta ocasião*

para lhe dizer que depois da morte de seu tio, sua tia, tendo liquidado o estabeleci mento, se entregou a um caminho que o respeito me impede de qualificar: caiu sob o império das paixões, e tendo-se ligado ilegitimamente, viu os seus bens perdidos juntamente com a sua pureza, e hoje estabeleceu uma casa de hóspedes na Rua dos Calafates nº 53. Se toco nestas impurezas, tão impróprias de que um tenro levita, como o meu querido filho, tenha delas conhecimento, é porque lhe quero dar cabal relação da sua respeitável família. Sua irmã, como decerto sabe, casou rica em Coimbra, e ainda que no casamento não é o ouro que devemos apreciar, é todavia importante, para futuras circunstâncias, que o meu querido filho esteja de posse deste fato. Do que me escreveu o nosso querido reitor a respeito de o mandarmos para a freguesia de Feirão, na Gralheira, vou falar com algumas pessoas importantes que têm a extrema bondade de atender um pobre padre que só pede a Deus misericórdia. Espero, todavia, conseguir. Persevere, meu querido filho, nos caminhos da virtude, de que sei que a sua boa alma está repleta, e creia que se encontra a

felicidade neste nosso santo ministério quando sabemos compreender quantos são os bálsamos que derrama no peito e quantos os refrigérios que dá — o serviço de Deus.

Adeus, meu querido filho e novo colega. Creia que sempre o meu pensamento estará com o pupilo da nossa chorada marquesa, que decerto do Céu, onde a elevaram as suas virtudes, suplica à Virgem, que ela tanto serviu e amou, a felicidade do seu caro pupilo.

Liset.

P.S. — O apelido do marido de sua irmã é Trigoso.

Dois meses depois Amaro foi nomeado pároco de Feirão, na Gralheira, serra da Beira Alta. Esteve ali desde outubro até o fim das neves.

Feirão é uma paróquia pobre de pastores e naquela época quase desabitada. Amaro passou o tempo muito

ocioso, ruminando o seu tédio à lareira, ouvindo fora o inverno bramir na serra. Pela primavera vagaram nos distritos de Santarém e de Leiria paróquias populosas, com boas côngruas. Amaro escreveu logo à irmã contando a sua pobreza em Feirão; ela mandou-lhe, com recomendações de economia, doze moedas para ir a Lisboa requerer. Amaro partiu imediatamente. Os ares lavados e vivos da serra tinham-lhe fortificado o sangue; voltava robusto, direito, simpático, com uma boa cor na pele trigueira.

Logo que chegou a Lisboa foi à Rua dos Calafates nº 53, a casa da tia: achou-a velha, com laços vermelhos numa cuia enorme, toda coberta de pó de arroz. Tinha-se feito devota, e foi com uma

alegria piedosa que abriu os seus magros braços a Amaro.

— Como estás bonito! Ora não há! Quem te viu? Ih, Jesus! Que mudança!

Admirava-lhe a batina, a coroa: e contando-lhe as suas desgraças, com exclamações sobre a salvação da sua alma e sobre a carestia dos géneros, foi-o levando para o terceiro andar, a um quarto que dava para o saguão.

— Ficas aqui como um abade, disse-lhe ela. E baratinho!... Ai! Ter-te de graça queria eu, mas... Tenho sido muito infeliz, Joãozinho!... Ai! Desculpa, Amaro! Estou sempre com Joãozinho na cabeça...

Amaro procurou logo ao outro dia o padre Liset em S. Luís. Tinha ido para França. Lembrou-se então da filha mais nova da senhora marquesa de Alegros, a

Sra. D. Luísa, que estava casada com o conde de Ribamar, conselheiro de Estado, com influência, regenerador fiel desde cinquenta e um, duas vezes ministro do reino.

E, por conselho da tia, Amaro, logo que meteu o seu requerimento, foi uma manhã a casa da Sra. condessa de Ribamar, a Buenos Aires. à porta um *coupé* esperava.

— A senhora condessa vai sair — disse um criado de gravata branca e quinzena de alpaca, encostado à ombreira do pátio, de cigarro na boca.

Nesse momento, duma porta de batentes de baeta verde, sobre um degrau de pedra, ao fundo do pátio lajeado, uma senhora saía, vestida de claro. Era alta, magra, loura, com pequeninos cabelos

frisados sobre a testa, lunetas de ouro num nariz comprido e agudo, e no queixo um sinalzinho de cabelos claros.

— A senhora condessa já me não conhece? — disse Amaro com o chapéu na mão, adiantando-se curvado. — Sou o Amaro.

— O Amaro? — disse ela, como estranha ao nome. — Ah! bom Jesus, quem ele é! Ora não há! Está um homem. Quem diria!

Amaro sorria-se.

— Eu podia lá esperar! — continuou ela admirada. — E está agora em Lisboa?

Amaro contou a sua nomeação para Feirão, a pobreza da paróquia...

— De maneira que vim requerer, senhora condessa.

Ela escutava-o com as mãos

apoiadas numa alta sombrinha de seda clara, e Amaro sentia vir dela um perfume de pó de arroz e uma frescura de cambraias.

— Pois deixe estar — disse ela —, fique descansado. Meu marido há de falar. Eu me encarrego disso. Olhe, venha por cá. — E com o dedo sobre o canto da boca: — Espere, amanhã vou para Sintra. Domingo, não. O melhor é daqui a quinze dias. Daqui a quinze dias pela manhã, sou certa. — E rindo com os seus largos dentes frescos: — Parece que o estou a ver traduzir Chateaubriand com a mana Luísa! Como o tempo passa!

— Passa bem a senhora sua mana? — perguntou Amaro.

— Sim, bem. Está numa quinta em Santarém.

Deu-lhe a mão, calçada de *peau de suède*, num aperto sacudido que fez tilintar os seus braceletes de ouro, e saltou para o *coupé*, magra e ligeira, com um movimento que levantou brancuras de saias. Amaro começou então a esperar. Era em julho, no pleno calor. Dizia missa pela manhã em S. Domingos, e durante o dia, de chinelos e casaco de ganga, arrastava a sua ociosidade pela casa. Às vezes ia conversar com a tia para a sala de jantar; as janelas estavam cerradas, na penumbra zumbia a monótona sussurração das moscas; a tia a um canto do velho canapé de palhinha fazia croché, com a luneta encavalada na ponta do nariz; Amaro, bocejando, folheava um antigo volume do *Panorama*.

À noitinha saía, a dar duas voltas no

Rossio. Abafava-se, no ar pesado e imóvel: a todos os cantos se apregoava monotonamente *água fresca!* Pelos bancos, debaixo das árvores, vadios remendados dormitavam; em redor da Praça, sem cessar, caleches de aluguel vazias rodavam vagarosamente; as claridades dos cafés reluziam; e gente encalmada, sem destino, movia, bocejando, a sua preguiça pelos passeios das ruas.

Amaro então recolhia, e no seu quarto, com a janela aberta ao calor da noite, estirado em cima da cama, em mangas de camisa, sem botas, fumava cigarros, ruminava as suas esperanças. A cada momento lhe acudiam, com rebates de alegria, as palavras da senhora condessa: *fique descansado, meu marido*

há de falar! E via-se já pároco numa bonita vila, numa casa com quintal cheio de couves e de saladas frescas, tranquilo e importante, recebendo bandejas de doce das devotas ricas.

Vivia então num estado de espirito muito repousado. As exaltações, que no seminário lhe causava a continência, tinham-se acalmado com as satisfações que lhe dera em Feirão uma grossa pastora, que ele gostava de ver ao domingo tocar à missa, dependurada da corda do sino, rolando nas saias de saragoça, e a face a estourar de sangue. Agora, sereno, pagava pontualmente ao Céu as orações que manda o ritual, trazia a carne contente e calada, e procurava estabelecer-se regaladamente.

No fim de quinze dias foi a casa da

senhora condessa.

— Não está — disse-lhe um criado da cavalariça.

Ao outro dia voltou, já inquieto. Os batentes verdes estavam abertos; e Amaro subiu devagar, pisando, muito acanhado, o largo tapete vermelho, fixado com varões de metal. Da alta claraboia caia uma luz suave; ao cimo da escada, no patamar, sentado numa banqueta de marroquim escarlate, um criado encostado à parede branca envernizada, com a cabeça pendente e o beiço caído, dormia. Fazia um grande calor; aquele alto silêncio aristocrático aterrava Amaro; esteve um momento, com o seu guarda-sol pendente do dedo mínimo, hesitando; tossiu devagarinho, para acordar o criado que lhe parecia terrível com a sua bela suíça

preta, o seu rico grilhão de ouro; e ia descer, quando ouviu por detrás dum reposteiro um riso grosso de homem. Sacudiu com o lenço o pó esbranquiçado dos sapatos, puxou os punhos, e entrou muito vermelho numa larga sala com estofos de damasco amarelo; uma grande luz entrava das varandas abertas, e viam-se arvoredos de jardim. No meio da sala três homens de pé conversavam. Amaro adiantou-se, balbuciou:

— Não sei se incomodo...

Um homem alto, de bigode grisalho e óculos de ouro, voltou-se surpreendido, com o charuto ao canto da boca e as mãos nos bolsos. Era o senhor conde.

— Sou o Amaro...

— Ah — disse o conde —, o Sr. padre Amaro! Conheço muito bem! Tem a

bondade... Minha mulher falou-me. Tem a bondade.

E dirigindo-se a um homem baixo e repleto, quase calvo, de calças brancas muito curtas:

— É a pessoa de quem lhe falei. — Voltou-se para Amaro: — É o senhor ministro.

Amaro curvou-se, servilmente.

— O Sr. padre Amaro — disse o conde de Ribamar — foi criado de pequeno em casa de minha sogra. Nasceu lá, creio eu...

— Saiba o senhor conde que sim — disse Amaro, que se conservava afastado, com o guarda-sol na mão.

— Minha sogra, que era toda devota e uma completa senhora (já não há disso!) fê-lo padre. Houve até um legado, creio

eu... Enfim, aqui o temos pároco... Onde, Sr. padre Amaro?

— Feirão, excelentíssimo senhor.

— Feirão?... — disse o ministro estranhando o nome.

— Na serra da Gralheira — informou logo o outro sujeito, ao lado.

Era um homem magro, entalado numa sobrecasaca azul, muito branco de pele, com soberbas suíças dum negro de tinta, e um admirável cabelo lustroso de pomada, apartado até ao cachaço numa risca perfeita.

— Enfim — resumiu o conde —, um horror! Na serra, uma freguesia pobre, sem distrações, com um clima horrível...

— Eu meti já requerimento, excelentíssimo senhor — arriscou Amaro timidamente.

— Bem, bem — afirmou o ministro. — há de arranjar-se — e mascava o seu charuto.

— É uma justiça — disse o conde. — Mais, é uma necessidade! Os homens novos e ativos devem estar nas paróquias difíceis, nas cidades... É claro! Mas não; olhe, lá ao pé da minha quinta, em Alcobaça, há um velho, um gotoso, um padre-mestre antigo, um imbecil!... Assim perde-se a fé.

— É verdade — disse o ministro —, mas essas colocações nas boas paróquias devem naturalmente ser recompensas dos bons serviços. É necessário o estímulo...

— Perfeitamente — replicou o conde —; mas serviços religiosos, profissionais, serviços à Igreja, não serviços aos governos.

O homem das soberbas suíças negras teve um gesto de objeção.

— Não acha? — perguntou-lhe o conde.

— Respeito muito a opinião de vossa excelência, mas se me permite... Sim, digo eu, os párocos na cidade são-nos dum grande serviço nas crises eleitorais. Dum grande serviço!

— Pois sim. Mas...

— Olhe vossa excelência — continuou ele, sôfrego da palavra. — Olhe vossa excelência em Tomar. Por que perdemos? Pela atitude dos párocos. Nada mais.

O conde acudiu:

— Mas perdão, não deve ser assim; a religião, o clero não são agentes eleitorais.

— Perdão… — queria interromper o outro.

O conde suspendeu-o, com um gesto firme; e gravemente, em palavras pausadas, cheias da autoridade dum vasto entendimento:

— A religião — disse ele — pode, deve mesmo auxiliar os governos no seu estabelecimento, operando, por assim dizer, como freio...

— Isso, isso! — murmurou arrastadamente o ministro, cuspindo películas mascadas de charuto.

— Mas descer às intrigas — continuou o conde devagar —, aos *imbróglios*... Perdoe-me meu caro amigo, mas não é dum cristão.

— Pois sou-o, senhor conde — exclamou o homem das suíças soberbas.

— Sou-o a valer! Mas também sou liberal. E entendo que no governo representativo... Sim, digo eu... com as garantias mais sólidas...

— Olhe — interrompeu o conde —, sabe o que isso faz? Desacredita o clero, e desacredita a política.

— Mas são ou não as maiorias um princípio *sagrado*? — gritava rubro o das suíças, acentuando o adjetivo.

— São um princípio *respeitável*.

— Upa! Upa, excelentíssimo senhor! Upa!

O padre Amaro escutava, imóvel.

— Minha mulher há de querer vê-lo — disse-lhe então o conde. E dirigindo-se a um reposteiro que levantou: — Entre. É o Sr. padre Amaro, Joana!

Era uma sala forrada de papel

branco acetinado, com móveis estofados de casimira clara. Nos vãos das janelas, entre as cortinas de pregas largas duma fazenda adamascada cor de leite, apanhadas quase junto do chão por faixas de seda, arbustos delgados, sem flor, erguiam em vasos brancos a sua folhagem fina. Uma meia-luz fresca dava a todas aquelas alvuras um tom delicado de nuvem. Nas costas duma cadeira uma arara empoleirada, firme num só pé negro, coçava vagarosamente, com contrações aduncas, a sua cabeça verde. Amaro, embaraçado, curvou-se logo para um canto do sofá, onde viu os cabelinhos louros e frisados da senhora condessa que lhe enchiam vaporosamente a testa, e os aros de ouro da sua luneta reluzindo. Um rapaz gordo, de face rechonchuda, sentado

diante dela numa cadeira baixa, com os cotovelos sobre os joelhos abertos, ocupava-se em balançar, como um pêndulo, um *pince-nez* de tartaruga. A condessa tinha no regaço uma cadelinha, e com a sua mão seca e fina cheia de veias, acamava-lhe o pelo branco como algodão.

— Como está, Sr. Amaro? — A cadela rosnou. — Quieta, *Joia*. Sabe que já falei no seu negócio? Quieta, *Joia*... O ministro está ali.

— Sim, minha senhora — disse Amaro, de pé.

— Sente-se aqui, Sr. padre Amaro.

Amaro pousou-se à beira dum *fauteuil*, com o seu guarda-sol na mão, — e reparou então numa senhora alta que estava de pé, junto do piano, falando com um rapaz louro.

— Que tem feito estes dias, Amaro? — disse a condessa. — Diga-me uma coisa: sua irmã?

— Está em Coimbra, casou.

— Ah! Casou! — disse a condessa, fazendo girar os seus anéis.

Houve um silêncio. Amaro, de olhos baixos, passava, com um gesto embaraçado e errante, os dedos pelos beiços.

— O Sr. padre Liset está para fora? — perguntou.

— Está em Nantes. Tinha uma irmã a morrer — disse a condessa. — Está o mesmo sempre: muito amável, muito doce. É a alma mais virtuosa!...

— Eu prefiro o padre Félix — disse o rapaz gordo, estirando as pernas.

— Não diga isso, primo! Jesus,

brada aos Céus! Pois então, o padre Liset, tão respeitável!... E depois outras maneiras de dizer as coisas, com uma bondade... Vê-se que é um coração delicado...

— Pois sim, mas o padre Félix...

— Ai, nem diga isso! Que o padre Félix é uma pessoa de muita virtude, decerto; mas o padre Liset tem uma religião mais... — E com um gesto delicado procurava a palavra: — Mais fina, mais distinta... Enfim, vive com outra gente. — E sorrindo para Amaro: — Pois não acha?

Amaro não conhecia o padre Félix, não se recordava do padre Liset.

— Já é velho o Sr. padre Liset — observou ao acaso.

— Crê? — disse a condessa. — Mas

muito bem conservado! E que vivacidade, que entusiasmo!... Ai, é outra coisa! — E voltando-se para a senhora que estava junto do piano: — Pois não achas, Teresa?

— Já vou — respondeu Teresa, toda absorvida.

Amaro afirmou-se então nela. Pareceu-lhe uma rainha, ou uma deusa, com a sua alta e forte estatura, uma linha de ombros e de seio magnífica; os cabelos pretos um pouco ondeados destacavam sobre a palidez do rosto aquilino semelhante ao perfil dominador de Maria Antonieta; o seu vestido preto, de mangas curtas e decote quadrado, quebrava, com as pregas da cauda muito longa toda adornada de rendas negras, o tom monótono das alvuras da sala; o colo, os braços estavam cobertos por uma gaze

preta, que fazia aparecer através da brancura da carne; e sentia-se nas suas formas a firmeza dos mármores antigos, com o calor dum sangue rico.

Falava baixo, sorrindo, numa língua áspera que Amaro não compreendia, cerrando e abrindo o seu leque preto — e o rapaz louro, bonito, escutava-a retorcendo a ponta de um bigode fino, com um quadrado de vidro entalado no olho.

— Havia muita devoção na sua paróquia, Sr. Amaro? — perguntava, no entanto, a condessa.

— Muita, muito boa gente.

— É onde ainda se encontra alguma fé, é nas aldeias — considerou ela com um tom piedoso. — Queixou-se da obrigação de viver na cidade, nos

cativeiros do luxo: desejaria habitar sempre na sua quinta de Carcavelos, rezar na pequena capela antiga, conversar com as boas almas da aldeia! — E a sua voz tornara-se terna.

O rapaz rechonchudo ria-se:

— Ora, prima! — dizia. — Ora, prima! Não, ele, se o obrigassem a ouvir missa, numa capelinha de aldeia, até lhe parecia que perdia a fé!... Não compreendia, por exemplo, a religião sem música... Era lá possível uma festa religiosa, sem uma boa voz de contralto?

— Sempre é mais bonito — disse Amaro.

— Está claro que é. É outra coisa! Tem *cachet!* Ó prima, lembra-se daquele tenor... como se chamava ele? O Vidalti! Lembra-se do Vidalti, na quinta-feira de

Endoenças, nos Inglesinhos? O *tantum ergo*?

— Eu preferia-o no *Baile de Máscaras* — disse a condessa.

— Olhe que não sei, prima, olhe que não sei!

No entanto o rapaz louro viera apertar a mão à senhora condessa, falando-lhe baixo, muito risonho; Amaro admirava a nobreza da sua estatura, a doçura do seu olhar azul; reparou que lhe caíra uma luva, e apanhou-lha servilmente. Quando ele saiu Teresa, depois de se ter aproximado vagarosamente da janela e olhando para a rua — foi sentar-se numa *causeuse* com um abandono que punha em relevo a magnífica escultura do seu corpo, e voltando-se preguiçosamente para o rapaz

rechonchudo:

— Vamo-nos, João?

A condessa disse-lhe então:

— Sabes que o Sr. padre Amaro foi criado comigo em Benfica?

Amaro fez-se vermelho: sentia que Teresa pousava sobre ele os seus belos olhos dum negro húmido como o cetim preto coberto de água.

— Está na província agora? — perguntou ela, bocejando um pouco.

— Sim, minha senhora, vim há dias.

— Na aldeia? — continuou ela, abrindo e cerrando vagarosamente o seu leque.

Amaro via pedras preciosas reluzirem nos seus dedos finos; disse, acariciando o cabo do guarda-sol:

— Na serra, minha senhora.

— Imagina tu — acudiu a condessa —, é um horror! Há sempre neve, diz que a igreja não tem telhado, são tudo pastores. Uma desgraça! Eu pedi ao ministro a ver se o mudávamos. Pede-lhe tu também...

— O quê? — disse Teresa.

A condessa contou que Amaro requerera para uma paróquia melhor. Falou de sua mãe, da amizade que ela tinha a Amaro...

— Morria-se por ele. Ora um nome que ela lhe dava... Não se lembra?

— Não sei, minha senhora.

— Frei *Maleitas!...* Tem graça! Como o Sr. Amaro era amarelito, sempre metido na capela...

Mas Teresa, dirigindo-se à condessa:

— Sabes com quem se parece este

senhor?

A condessa afirmou-se, o rapaz rechonchudo fincou a luneta.

— Não se parece com aquele pianista do ano passado? — continuou Teresa. — Não me lembra agora o nome...

— Bem sei, o Jalette — disse a condessa. — Bastante. No cabelo, não.

— Está visto, o outro não tinha coroa!

Amaro fez-se escarlate. Teresa ergueu-se arrastando a sua soberba cauda, sentou-se ao piano.

— Sabe música? — perguntou, voltando-se para Amaro.

— A gente aprende no seminário, minha senhora.

Ela correu a mão, um momento, sobre o teclado de sonoridades profundas,

e tocou a frase do *Rigoleto*, parecida com o *Minuete de Mozart*, que diz Francisco I, despedindo-se, no sarau do primeiro ato, da senhora de Crécy, — e cujo ritmo desolado tem a abandonada tristeza de amores que findam, e de braços que se desenlaçam em despedidas supremas.

Amaro estava enlevado. Aquela sala rica com as suas alvuras de nuvem, o piano apaixonado, o colo de Teresa que ele via sob a negra transparência da gaze, as suas tranças de deusa, os tranquilos arvoredos de jardim fidalgo davam-lhe vagamente a ideia duma existência superior, de romance, passada sobre alcatifas preciosas, em *coupés* acolchoados, com árias de óperas, melancolias de bom gosto e amores dum gozo raro. Enterrado na elasticidade da

causeuse, sentindo a música chorar aristocraticamente, lembrava-lhe a sala de jantar da tia e o seu cheiro de refogado: e era como o mendigo que prova um creme fino, e, assustado, demora o seu prazer — pensando que vai voltar à dureza das côdeas secas e à poeira dos caminhos.

No entanto Teresa, mudando bruscamente de melodia, cantou a antiga ária inglesa de Haydn, que diz tão finamente as melancolias da separação:

The village seems dead and asleep
When Lubin is away!...

— Bravo! Bravo! — exclamou o ministro da Justiça, aparecendo à porta, batendo docemente as palmas. — Muito bem, muito bem! Deliciosamente!

— Tenho um pedido a fazer-lhe, Sr. Correia — disse Teresa erguendo-se logo.

O ministro veio, com uma pressa galante:

— Que é, minha senhora? Que é?

O conde e o sujeito de magníficas suíças tinham entrado discutindo ainda.

— A Joana e eu temos que lhe pedir — disse Teresa ao ministro.

— Eu já pedi! Já pedi mesmo duas vezes! — acudiu a condessa.

— Mas, minhas senhoras — disse o ministro, sentando-se confortavelmente, com as pernas muito estiradas, a face satisfeita. — De que se trata? É uma coisa grave? meu Deus! prometo, prometo solenemente...

— Bem — disse Teresa, batendo-lhe com o leque no braço. — Então qual é a

melhor paróquia vaga?

— Ah! — disse o ministro, compreendendo e olhando para Amaro, que vergou os ombros, corado.

O homem das suíças, que estava de pé fazendo saltar circunspectamente os berloques, adiantou-se, cheio de informações:

— Das vagas, minha senhora, é Leiria, capital do distrito e sede do bispado.

— Leiria? — disse Teresa. — Bem sei, é onde há umas ruínas?

— Um Castelo, minha senhora, edificado por D. Dinis.

— Leiria é excelente!

— Mas perdão, perdão! — disse o ministro. — Leiria, sede do bispado, uma cidade... O Sr. padre Amaro é um

eclesiástico novo...

— Ora, Sr. Correia! — exclamou Teresa. — E o senhor não é novo?

O ministro sorriu, curvando-se.

— Diz alguma coisa, tu — disse a condessa a seu marido, que coçava ternamente a cabeça da arara.

— Parece-me inútil, o pobre Correia está vencido! A prima Teresa chamou-lhe novo!

— Mas perdão — protestou o ministro. — Não me parece que seja uma lisonja excecional; eu não sou também tão antigo...

— Oh, desgraçado! — gritou o conde. — Lembra-te que já conspiravas em 1820.

— Era meu pai, caluniador, era meu pai!

Todos riram.

— Sr. Correia — disse Teresa —, está entendido. O Sr. padre Amaro vai para Leiria!

— Bem, bem, sucumbo — disse o ministro com gesto resignado. — Mas é uma tirania!

— *Thank you* — fez Teresa, estendendo-lhe a mão.

— Mas, minha senhora, estou a estranhá-la — disse o ministro, fixando-a.

— Estou contente hoje — disse ela. Olhou um momento para o chão, distraída, dando pequeninas pancadas no vestido de seda, levantou-se, foi sentar-se ao piano bruscamente, e recomeçou a doce ária inglesa:

The village seems dead and asleep

When Lubin is away!...

Entretanto, o conde tinha-se aproximado de Amaro, que se erguera.

— É negócio feito — disse-lhe ele. — O Correia entende-se com o bispo. Daqui a uma semana está nomeado. Pode ir descansado.

Amaro fez uma cortesia, e, servil, foi dizer ao ministro que estava junto do piano:

— Senhor ministro, eu agradeço...

— À senhora condessa, à senhora condessa — disse o ministro sorrindo.

— Minha senhora, eu agradeço — veio ele dizer à condessa, todo curvado.

— Ai, agradeça a Teresa. Ela quer ganhar indulgências, parece.

— Lembre-me nas suas orações, Sr.

padre Amaro — disse ela. E continuou, com a sua voz magoada, dizendo ao piano: — As tristezas da aldeia quando Lubin está ausente!

Amaro daí a uma semana soube o seu despacho. Mas não tomara a esquecer aquela manhã em casa da Sra. condessa de Ribamar, — o ministro de calças muito curtas, enterrado na poltrona, prometendo o seu despacho; a luz clara e calma do jardim entrevisto; o rapaz alto e louro que dizia *yes*... Cantava-lhe sempre no cérebro aquela ária triste do *Rigoleto:* e perseguia-o a brancura dos braços de Teresa, sob a gaze negra! Instintivamente via-os enlaçarem-se devagar, devagar, em torno do pescoço airoso do rapaz louro: detestava-o então, e a língua bárbara que falava, e a terra herética de onde viera: e

latejavam-lhe as fontes à ideia de que um dia poderia confessar aquela mulher divina, e sentir o seu vestido de seda preta roçar pela sua batina de lustrina velha, na escura intimidade do confessionário.

Um dia, ao amanhecer, depois de grandes abraços da tia, partiu para Santa Apolónia, com um galego que lhe levava o baú. A madrugada rompia. A cidade estava silenciosa, os candeeiros apagavam-se. Às vezes, uma carroça passava rolando, abalando a calçada; as ruas pareciam-lhe intermináveis; saloios começavam a chegar montados nos seus burros, com as pernas balouçadas, cobertas de altas botas enlameadas; numa ou noutra rua uma voz aguda já apregoava os jornais; e os moços dos teatros corriam

com o pote da massa, pregando nas esquinas os cartazes.

Quando chegou a Santa Apolónia a claridade do sol alaranjava o ar por detrás dos montes da Outra Banda; o rio estendia-se, imóvel, riscado de correntes de cor de aço sem lustre; e já alguma vela de falua passava, vagarosa e branca.

4

Ao outro dia, na cidade, falava-se da chegada do pároco novo, e todos sabiam já que tinha trazido um baú de lata, que era magro e alto, e que chamava *Padre-Mestre* ao cónego Dias.

As amigas da S. Joaneira — as íntimas — a D. Maria da Assunção, as Gansosos, tinham ido logo pela manhã a casa dela *para se porem ao fato*... Eram nove horas, Amaro saíra com o cónego. A S. Joaneira, radiosa, importante, recebeu-as no alto da escada, de mangas arregaçadas, nos arranjos da manhã; e imediatamente, com animação, contou a chegada do pároco, as suas boas maneiras, o que tinha dito...

— Mas venham vocês cá abaixo, sempre quero que vejam.

Foi-lhes mostrar o quarto do padre, o baú de lata, uma prateleira que lhe arranjara para os livros.

— Está muito bem, está muito bem — diziam as velhas andando pelo quarto, devagar, com respeito, como numa igreja.

— Rico capote! — observou D. Joaquina Gansoso, apalpando o pano das largas bandas que pendiam ao comprido do cabide. — É obra para um par de moedas!

— E a boa roupa branca! — disse a S. Joaneira, erguendo a tampa do baú.

O grupo das velhas curvou-se com admiração.

— A mim o que me consola é que ele seja um rapaz novo — disse D. Maria da

Assunção, piedosamente.

— Também a mim — disse com autoridade a D. Joaquina Gansoso. — Estar a gente a confessar-se e a ver o pingo do rapé, como era com o Raposo, credo! Até se perde a devoção! E o bruto do José Miguéis! Não, lá isso Deus me mate com gente nova!

A S. Joaneira ia mostrando as outras maravilhas do pároco — um crucifixo que estava ainda embrulhado num jornal velho, o álbum de retratos, onde o primeiro cartão era uma fotografia do Papa abençoando a cristandade. Todas se extasiaram.

— É o mais que se pode — diziam — é o mais que se pode!

Ao sair, beijando muito a S. Joaneira, felicitaram-na porque adquirira,

hospedando o pároco, uma autoridade quase eclesiástica.

— Vocês apareçam à noite — disse ela do alto da escada.

— Pudera!... — gritou D. Maria da Assunção, já à porta da rua, traçando o seu mantelete. — Pudera!... Para o vermos à vontade!

Ao meio-dia veio o Libaninho, o beato mais ativo de Leiria; e subindo a correr os degraus, já gritava com a sua voz fina:

— Ó S. Joaneira!

— Sobe, Libaninho, sobe — disse ela, que costurava à janela.

— Então o senhor pároco veio, hem? — perguntou o Libaninho, mostrando à porta da sala de jantar o seu rosto gordinho cor de limão, a calva luzidia; e

vindo para ela com o passinho miúdo, um gingar de quadris: — Então que tal, que tal? Tem bom feitio?

A S. Joaneira recomeçou a glorificação de Amaro: a sua mocidade, o seu ar piedoso, a brancura dos seus dentes...

— Coitadinho! Coitadinho! — dizia o Libaninho, babando-se de ternura devota. Mas não se podia demorar, ia para a repartição. — Adeus, filhinha, adeus! — E batia com a sua mão papuda no ombro da S. Joaneira. — Estás cada vez mais gordinha! Olha que rezei ontem a Salve-Rainha que tu me pediste, ingrata!

A criada tinha entrado.

— Adeus, *Ruça!* Estás magrinha: pega-te com a Senhora Mãe dos Homens. — E avistando Amélia pela porta do

quarto entreaberta: — Ai, que estás mesmo uma flor, Melinha! Quem se salvava na tua graça bem eu sei!

E apressado, saracoteando-se, com um pigarrinho agudo, desceu a escada rapidamente, ganindo:

— Adeusinho, adeusinho, pequenas!

— Ó Libaninho, vens à noite?

— Ai, não posso, filha, não posso. — E a sua vozinha era quase chorosa. — Olha que amanhã é Santa Bárbara: tem seis Padre-Nossos de direito!

Amaro fora visitar o chantre com o cónego Dias, e tinha-lhe entregado uma carta de recomendação do Sr. conde de Ribamar.

— Conheci muito o Sr. conde de

Ribamar — disse o chantre. — Em quarenta e seis, no Porto. Somos amigos velhos! Era eu cura de Santo Ildefonso: há que anos isso vai!

E, reclinando-se na velha poltrona de damasco, falou com satisfação do seu tempo; contou anedotas da Junta, apreciou os homens de então, imitou-lhes a voz (era uma especialidade de sua excelência), os tiques, as caturrices — sobretudo Manuel Passos, que ele descrevia passeando na Praça Nova, com o comprido casaco pardo e o chapéu de grandes abas, dizendo:

— Ânimo, patriotas! O Xavier aguenta-se!

Os senhores eclesiásticos da câmara riram com gozo. Houve uma grande cordialidade. Amaro saiu muito

lisonjeado.

Depois jantou em casa do cónego Dias, e foram passear ambos pela estrada de Marrazes. Uma luz doce e esbatida alargava-se por todo o campo; havia nos outeiros, no azul do ar, um aspeto de repouso, de meiga tranquilidade; fumos esbranquiçados saíam dos casais, e sentiam-se os chocalhos melancólicos dos gados que recolhem. Amaro parou junto da Ponte, e disse, olhando em redor a paisagem suave:

— Pois senhores, parece-me que me hei de dar bem aqui!

— Há-de-se dar regaladamente, afirmou o cónego, sorvendo o seu rapé.

Eram oito horas quando recolheram a casa da S. Joaneira.

As velhas amigas estavam já na sala

de jantar. Ao pé do candeeiro de petróleo, Amélia costurava,

A Sra. D. Maria da Assunção vestira-se, como nos domingos, de seda preta: o seu chinó, dum louro avermelhado, estava coberto com as rendas de um *enfeite* negro; as mãos descarnadas, calçadas de mitenes, solenemente pousadas no regaço, reluziam de anéis; do broche sobre o pescoço até ao cinto, um grosso grilhão de ouro caía com passadores lavrados. Conservava-se direita e cerimoniosa, com a cabeça um pouco de lado, os óculos de ouro assentes sobre o nariz acavalado: tinha no queixo um grande sinal cabeludo; e quando se falava de devoções ou de milagres dava um jeito ao pescoço, e abria um sorriso mudo que descobria os seus enormes

dentes esverdeados, cravados nas gengivas como cunhas. Era viúva e rica, e sofria dum catarro crónico.

— Aqui tem o senhor pároco novo, D. Maria — disse-lhe a S. Joaneira.

Ela ergueu-se, fez uma mesura com um movimento de quadris, comovida.

— Estas são as senhoras Gansosos, há de ter ouvido... — disse a S. Joaneira ao pároco.

Amaro cumprimentou timidamente. Eram duas irmãs. Passavam por ter algum dinheiro, mas costumavam receber hóspedes. A mais velha, a Sra. D. Joaquina Gansoso, era uma pessoa seca, com uma testa enorme e larga, dois olhinhos vivos, o nariz arrebitado, a boca muito espremida. Embrulhada no seu xale, direita, com os braços cruzados, falava

perpetuamente, numa voz dominante e aguda, cheia de opiniões. Dizia mal dos homens e dava-se toda à Igreja.

A irmã, a Sra. D. Ana, era extremamente surda. Nunca falava, e com os dedos cruzados sobre o regaço, os olhos baixos, fazia girar tranquilamente os dois polegares. Nutrida, com o seu perpétuo vestido preto de riscas amarelas, um rolo de arminho ao pescoço, dormitava toda a noite, e só acentuava a sua presença de vez em quando por suspiros agudos; dizia-se que tinha uma paixão funesta pelo recebedor do correio. Todos a lastimavam, e admirava-se a sua habilidade em recortar papéis para caixas de doce.

Estava também a Sra. D. Josefa, a irmã do cónego Dias. Tinha a alcunha de

castanha pilada. Era uma criaturinha mirrada, de linhas aduncas, pele engelhada e cor de cidra, voz sibilante; vivia num perpétuo estado de irritação, os olhinhos sempre assanhados, contrações nervosas de birra, toda saturada de fel. Era temida. O maligno doutor Godinho chamava-lhe a *estação central* das intrigas de Leiria.

— Então passeou muito, senhor pároco? — perguntou ela logo empertigando-se.

— Fomos quase até lá ao fim da estrada de Marrazes — disse o cónego, sentando-se pesadamente por detrás da S. Joaneira.

— Não achou bonito, senhor pároco? — acudiu a Sra. D. Joaquina Gansoso.

— Muito bonito.

Falaram das lindas paisagens de Leiria, das boas vistas: a Sra. D. Josefa gostava muito do passeio ao pé do rio; até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia coisa assim. D. Joaquina Gansoso preferia a igreja da Encarnação, no alto.

— Desfruta-se muito, dali.

Amélia disse sorrindo:

— Eu por mim gosto daquele bocado ao pé da Ponte, debaixo dos chorões. — E partindo com os dentes o fio da costura: — É tão triste!

Amaro olhou para ela, então, pela primeira vez. Tinha um vestido azul muito justo ao seio bonito; o pescoço branco e cheio saía dum colarinho voltado; entre os beiços vermelhos e frescos o esmalte dos dentes brilhava; e pareceu ao pároco que um buçozinho lhe punha aos cantos da

boca uma sombra sutil e doce.

Houve um pequeno silêncio — o cónego Dias com o beiço descaído ia já cerrando as pálpebras.

— Que será feito do Sr. padre Brito? — perguntou D. Joaquina Gansoso.

— Está talvez com a enxaqueca, pobre de Cristo! — lembrou piedosamente a Sra. D. Maria da Assunção.

Um rapaz que estava junto do aparador disse então:

— Eu vi-o hoje a cavalo, ia para os lados da Barrosa.

— Homem — disse logo, com azedume, a irmã do cónego, a Sra. D. Josefa Dias, — é milagre ter o senhor reparado!

— Porquê, minha senhora? — disse

ele erguendo-se e chegando-se ao grupo das velhas.

Era alto, todo vestido de preto: sobre o rosto de pele branca, regular, um pouco fatigado, destacava bem um bigode pequeno muito negro, caído aos cantos, que ele costumava mordicar com os dentes.

— Ainda ele o pergunta! — exclamou a Sra. D. Josefa Dias. — O senhor, que nem lhe tira o chapéu!

— Eu?

— Disse-mo ele — afirmou ela com uma voz cortante. E acrescentou: — Ai, senhor pároco, bem pode chamar o Sr. João Eduardo para o bom caminho. — E teve um risinho maligno.

— Mas eu parece-me que não ando no mau caminho — disse ele rindo, com

as mãos nos bolsos. E a cada momento os seus olhos se voltavam para Amélia.

— É uma graça! — exclamou a Sra. D. Joaquina Gansoso. — Olhe, com o que o senhor disse hoje lá em casa, de tarde, da Santa da Arregassa, não há de ganhar o Céu!

— Ora essa! — gritou a irmã do cónego, voltando-se bruscamente para João Eduardo. — Então o que tem o senhor a dizer da Santa? Acha talvez que é uma impostora?

— Credo, Jesus! — disse a Sra. D. Maria da Assunção, apertando as mãos e fitando João Eduardo, com um terror piedoso. — Pois ele havia de dizer isso? Cruzes!

— Não, o Sr. João Eduardo — afirmou gravemente o cónego, que

espertara, desdobrando o seu lenço vermelho — não era capaz de dizer uma dessas.

Amaro perguntou então:

— Quem é a Santa da Arregassa?

— Credo! Pois não tem ouvido falar, senhor pároco? — exclamou numa admiração a Sra. D. Maria da Assunção.

— há de ter ouvido — afirmava a Sra. D. Josefa Dias com autoridade. — Diz que os jornais de Lisboa vêm cheios disso!

— É, com efeito, uma coisa bem extraordinária — ponderou com um tom profundo o cónego.

A S. Joaneira interrompeu a meia, e tirando a luneta:

— Ai, não imagina, senhor pároco, é o milagre dos milagres!

— Se é! Se é! — disseram.

Houve um recolhimento devoto.

— Mas então?... — perguntou Amaro, todo curioso.

— Olhe, senhor pároco — começou a Sra. D. Joaquina Gansoso endireitando-se no xale, falando com solenidade — a Santa é uma mulher que aqui há numa freguesia perto, que está há vinte anos na cama...

— Vinte e cinco — advertiu-lhe baixo D. Maria da Assunção, tocando-lhe com o leque no braço.

— Vinte e cinco? Pois olha, ao senhor chantre ouvi eu dizer vinte.

— Vinte e cinco, vinte e cinco — afirmou a S. Joaneira. E o cónego apoiou-a, oscilando gravemente a cabeça.

— Está entrevadinha de todo, senhor

pároco! — rompeu a irmã do cónego, ávida de falar. — Parece uma alminha de Deus! Os bracinhos são isto! — E mostrava o dedo mínimo. — Para a gente a ouvir é necessário pôr-lhe a orelha ao pé da boca!

— Pois se ela se sustenta da graça de Deus! — disse lamentosamente a Sra. D. Maria da Assunção. — Coitadinha! Que até a gente lembra-se...

Houve entre as velhas um silêncio comovido. João Eduardo, que por trás das velhas, de pé, com as mãos nos bolsos, sorria mordicando o bigode, disse então:

— Olhe, senhor pároco, a coisa é o que os médicos dizem: é que aquilo é uma doença nervosa.

Aquela irreverência fez, entre as velhas devotas, um escândalo; a Sra. D.

Maria da Assunção persignou-se logo à «cautela».

— Pelo amor de Deus! — gritou a Sra. D. Josefa Dias. — O senhor diga isso, diante de quem quiser, menos de mim! É uma afronta!

— É que até pode cair um raio — dizia para os lados, baixo, a Sra. D. Maria da Assunção, muito aterrada.

— Olhe, também lho digo — exclamou a Sra. D. Josefa Dias —, o senhor é um homem sem religião e sem respeito pelas coisas santas. — E voltando-se para o lado de Amélia, muito azeda: — Olhe, filha minha é que eu lhe não dava!

Amélia corou; e João Eduardo, fazendo-se vermelho também, curvou-se sarcasticamente:

— Eu digo o que dizem os médicos. E de resto, acredite que não tenho pretensões a casar com pessoa da sua família! Nem mesmo consigo, Sra. D. Josefa!

O cónego deu uma risada muito pesada.

— Arreda! Cruzes! — gritou ela, furiosa.

— Mas que faz então a Santa? — perguntou o padre Amaro, para pacificar.

— Tudo, senhor pároco — disse a Sra. D. Joaquina Gansoso. — Está sempre de cama, sabe rezas para tudo; pessoa por quem ela peça tem a graça do Senhor; é a gente apegar-se com ela e cura-se de toda a moléstia. E depois, quando comunga, começa a erguer-se, e fica com o corpo todo no ar, com os olhos erguidos para o

Céu, que até chega a fazer terror.

Mas neste momento uma voz disse à porta da sala:

— Ora viva a sociedade! Isto hoje está de truz!

Era um rapaz extremamente alto, amarelo, com as faces cavadas, uma grenha riçada, um bigode a D. Quixote; quando ria tinha uma sombra na boca, porque lhe faltavam quase todos os dentes de diante; e nos seus olhos encovados, de grandes olheiras, errava um sentimentalismo piegas. Trazia uma guitarra na mão.

— Então como vai isso hoje? — perguntaram-lhe logo.

— Mal — respondeu ele com voz triste, sentando-se. — Sempre as dores no peito, a tossezita.

— Então não se dava bem com o óleo de fígados de bacalhau?

— Qual! — fez ele desconsoladamente.

— Uma viagem à Madeira, isso é que era, isso é que era! — disse a Sra. D. Joaquina Gansoso com autoridade.

Ele riu, com uma jovialidade súbita:

— Uma viagem à Madeira! Não está má! A D. Joaquina Gansoso tem-nas boas! Um pobre amanuense de administração com dezoito vinténs por dia, mulher e quatro filhos! Para a Madeira!

— E como vai ela, a Joanita?

— Coitadita, lá vai! Tem saúde, graças a Deus! Gorda, sempre com bom apetite. Os pequenos, os dois mais velhos é que estão doentes; demais a mais agora a criada também caiu de cama! É o

diacho! Paciência! Paciência! — E encolhia os ombros.

Mas voltando-se para a S. Joaneira, dando-lhe uma palmada no joelho:

— E como vai a nossa Madre Abadessa?

Todos riram: e a Sra. D. Joaquina Gansoso informou o pároco que aquele rapaz, o Artur Couceiro, era muito engraçado e tinha uma bela voz. Era a melhor da cidade para modinhas.

A *Ruça* tinha então entrado com o chá; a S. Joaneira, enchendo as chávenas de alto, dizia:

— Cheguem-se, cheguem-se, filhas, que este é do bom! É da loja do Sousa...

E Artur oferecia açúcar com o seu antigo gracejo:

— Se está azedinho é carregar-lhe no

sal!

As velhas sorviam a pequenos goles pelos pires, escolhiam cuidadosamente as torradas; sentia-se o mastigar ruminado dos queixos; e por causa dos pingos da manteiga e das nódoas do chá, estendiam prudentemente os lenços sobre o regaço.

— Vai um docinho, senhor pároco? — disse Amélia, apresentando-lhe o prato. — São da Encarnação, muito fresquinhos.

— Obrigado.

— Aquele ali. É toucinho do Céu.

— Ah! Se é do Céu… — disse ele todo risonho. E olhou para ela, tomando o bolo com a ponta dos dedos.

O Sr. Artur costumava cantar depois do chá. Sobre o piano uma vela alumiava o caderno de música; e Amélia, logo que a

Ruça levou a bandeja, acomodou-se, correu os dedos sobre o teclado amarelo.

— Então hoje que há de ser? — perguntou Artur.

Os pedidos cruzaram-se:

— O guerrilheiro! O noivado do sepulcro. O descrido. O nunca mais!

O cónego Dias disse do seu canto pesadamente:

— Ó Couceiro, vá lá aquela do Tio Cosme, *meu brejeiro!*

As mulheres reprovaram:

— Credo! Por quem é, senhor cónego! Que lembrança!

E a Sra. D. Joaquina Gansoso resumiu:

— Nada: uma coisa de sentimento para o senhor pároco fazer ideia.

— Isso, isso! — disseram. — Uma

coisa de sentimento, ó Artur, uma coisa de sentimento!

Artur pigarreou, cuspilhou; e dando subitamente à face uma expressão dolorosa, ergueu a voz, cantou lugubremente:

Adeus, meu anjo! Eu vou partir sem ti!

Era uma canção dos tempos românticos de 51, o *Adeus!* Dizia uma suprema despedida, num bosque, por uma tarde pálida de outono; depois, o homem solitário e precito, que inspirara um amor funesto, ia errar desgrenhado à beira do mar; havia uma sepultura esquecida num vale distante, brancas virgens vinham chorar à claridade do luar!

— Muito bonito, muito bonito! —

murmuravam.

Artur cantava enternecido, o olhar vago; mas nos intervalos, durante o acompanhamento, sorria em redor — e na sua boca cheia de sombra viam-se os restos de dentes podres. O padre Amaro, ao pé da janela, fumando, contemplava Amélia, enlevado naquela melodia sentimental e mórbida: o seu perfil fino, de encontro à luz, tinha uma linha luminosa; destacava harmoniosamente a curva do seu peito; e ele seguia as suas pálpebras de grandes pestanas, que do teclado para a música se erguiam e se abaixavam com um movimento doce. João Eduardo, junto dela, voltava-lhe as folhas da música.

Mas Artur, com a mão sobre o peito, a outra erguida no ar, num gesto desolado

e veemente, soltou a última estrofe:

E um dia, enfim, deste viver fatal,
Repousarei na escuridão da campa!

— Bravo! Bravo! — exclamaram.

E o cónego Dias comentou baixo ao pároco:

— Ah! Para coisas de sentimento não há outro. — E bocejando enormemente: — Pois, menino, tenho tido toda a noite as lulas a conversar cá por dentro.

Mas chegara a hora do loto. Cada um escolhia os seus cartões habituais; e a Sra. D. Josefa Dias, com o seu olho de avara a luzir, chocalhava já vivamente o grosso saco dos números.

— Aqui tem um lugar, senhor pároco — disse Amélia.

Era junto dela. Ele hesitou; mas tinham aberto espaço, e veio sentar-se um pouco corado, ajeitando timidamente a *volta*.

Fez-se logo um grande silêncio; e, com a voz dormente, o cónego começou a tirar os números. A Sra. D. Ana Gansoso dormitava ao seu canto, ressonando ligeiramente.

Com o abajur as cabeças estavam na penumbra; e a luz crua, caindo sobre o xale escuro que cobria a mesa, fazia destacar os cartões enegrecidos do uso, e as mãos secas das velhas, pousadas em atitudes aduncas, remexendo as marcas de vidro. Sobre o piano aberto a vela derretia-se com uma chama alta e direita.

O cónego rosnava os números com as pilhérias veneráveis da tradição: 1,

cabeça de porco! — 3, figura de entremês!

— Precisa-se o vinte e um — dizia uma voz.

— Temei — murmurava outra com gozo.

E a irmã do cónego, sôfrega:

— Chocalhe esses números, mano Plácido! Vá!

— E traga-me esse quarenta e sete ainda que seja de rastos — dizia o Artur Couceiro, com a cabeça entre os punhos.

Enfim o cónego *quinou*. E Amélia olhando em redor pela sala:

— Então não joga, Sr. João Eduardo? — disse ela. — Onde está?

João Eduardo saiu da sombra da janela, por trás da cortina.

— Tome lá este cartão, ande, jogue.

— E receba as entradas, já que está de pé — disse a S. Joaneira. — Seja o senhor recebedor!

João Eduardo foi em roda com o pires de porcelana. No fim faltavam dez réis.

— Eu já dei, eu já dei! — exclamavam todos, excitados.

Fora a irmã do cónego que não tocara no seu cobre acastelado. João Eduardo disse, curvando-se:

— Parece-me que a Sra. D. Josefa não entrou.

— Eu?! — gritou ela, furiosa. — Olha uma destas! Até fui a primeira! Credo! Duas moedas de cinco réis, por sinal! Que tal está o homem!

— Ah! Bem — disse ele então —, fui eu que me esqueci! Cá ponho. — E

rosnou: — Beata e ladra!

E a irmã do cónego dizia no entanto baixo à Sra. D. Maria da Assunção:

— Queria ver se escapava, o melro! Falta de temor a Deus!

— Só quem não está feliz é o senhor pároco — observaram.

Amaro sorriu. Estava distraído, e fatigado; às vezes mesmo esquecia-se de marcar, e Amélia dizia-lhe, tocando-lhe no cotovelo:

— Olhe que não marcou, senhor pároco.

Tinham já apostado dois ternos; ela ganhara; depois faltou a ambos para *quinarem* o número trinta e seis.

Em roda repararam.

— Ora vamos a ver se *quinam* ambos — disse a Sra. D. Maria da

Assunção, envolvendo-os no mesmo olhar baboso.

Mas o trinta e seis não saía; havia outras quadras nos cartões alheios; Amélia receava que *quinasse* a Sra. D. Joaquina Gansoso, que se mexia muito na cadeira, pedindo o quarenta e oito. Amaro ria, involuntariamente interessado.

O cónego tirava os números com uma pachorra maliciosa.

— Vá! Vá! Ande com isso, senhor cónego! — diziam-lhe.

Amélia, debruçada, os olhos vivos, murmurou:

— Dava tudo para que saísse o trinta e seis!

— Sim? Aí o tem... Trinta e seis! — disse o cónego.

— *Quinamos!* — gritou ela,

triunfante; e, tomando o cartão do pároco e o seu mostrava-os, para conferirem, orgulhosa, muito corada.

— Ora Deus os abençoe — disse o cónego, jovial, entornando-lhes diante o pires cheio de moedas de dez réis.

— Parece milagre! — considerou a Sra. D. Maria da Assunção, piedosamente.

Mas tinham dado onze horas; e depois da *tumba* final as velhas começaram a agasalhar-se. Amélia sentou-se ao piano, tocando ao de leve uma polca. João Eduardo aproximou-se dela, e baixando a voz:

— Muitos parabéns por ter *quinado* com o senhor pároco. Que entusiasmo! — E como ela ia responder: — Boa noite! — disse ele secamente, embrulhando-se no

seu xale-manta com despeito.

A *Ruça* alumiava. As velhas, pela escada, empacotadas nos abafos, iam ganindo *adeusinhos*. O Sr. Artur harpejava a guitarra, cantarolando o *Descrido*.

Amaro foi para o seu quarto, começou a rezar no Breviário; mas distraia-se, lembravam-lhe as figuras das velhas, os dentes podres de Artur, sobretudo o perfil de Amélia. Sentado à beira da cama, com o Breviário aberto, fitando a luz, via o seu penteado, as suas mãos pequenas com os dedos um pouco trigueiros picados da agulha, o seu buçozinho gracioso...

Sentia a cabeça pesada do jantar do cónego e da monotonia do quino, com uma grande sede além disso das lulas e do

vinhito do Porto. Quis beber, mas não tinha água no quarto. Lembrou-se então que na sala de jantar havia uma bilha de Extremoz com água fresca, muito boa, da nascente do Morenal. Calçou as chinelas, tomou o castiçal, subiu devagarinho. Havia luz na sala, estava o reposteiro corrido; ergueu-o e recuou com um *ah!* Vira num relance Amélia, em saia branca a desfazer o atacador do colete; estava junto do candeeiro e as mangas curtas, o decote da camisa deixavam ver os seus braços brancos, o seio delicioso. Ela deu um pequeno grito, correu para o quarto.

Amaro ficou imóvel, com um suor à raiz dos cabelos. Poderiam suspeitar uma ofensa! Palavras indignadas iam sair decerto através do reposteiro do quarto, que ainda se balouçava agitado!

Mas a voz de Amélia, serena, perguntou de dentro:

— Que queria, senhor pároco?

— Vinha buscar água — balbuciou ele.

— Aquela *Ruça!* Aquela desleixada! Desculpe, senhor pároco, desculpe. Olhe aí ao pé da mesa, a bilha. Achou?

— Achei! Achei!

Desceu devagar com o copo cheio: a mão tremia-lhe, a água escorria-lhe pelos dedos.

Deitou-se sem rezar. Alta noite Amélia sentiu por baixo passos nervosos pisarem o soalho: era Amaro que, com o capote aos ombros e em chinelas, fumava, excitado, pelo quarto.

5

Ela, em cima, não dormia também. Sobre a cómoda, dentro de uma bacia, a lamparina extinguia-se, com um mau cheiro de morrão de azeite; brancuras de saias caídas no chão destacavam; e os olhos do gato, que não sossegava, reluziam pela escuridão do quarto com uma claridade fosfórica e verde.

Na casa vizinha, uma criança chorava sem cessar. Amélia sentia a mãe embalar-lhe o berço, cantar-lhe baixo:

Dorme, dorme, meu menino,
Que a tua mãe foi à fonte!

Era a pobre Catarina engomadeira,

que o tenente Sousa deixara com um filho no berço, e grávida de outro — para ir casar a Extremoz! Tão bonita era, tão loura — e mirrada agora, tão chupada!

Dorme, dorme, meu menino,
Que a tua mãe foi à fonte!

Como ela conhecia aquela cantiga! Quando tinha sete anos sua mãe dizia-a, nas longas noites de inverno, ao irmãozinho que morrera!

Lembrava-se bem! Moravam então noutra casa, ao pé da estrada de Lisboa; à janela do seu quarto havia um limoeiro e a mãe punha, na sua ramagem luzidia, os cueiros do Joãozinho, a secarem ao sol. Não conhecera o papá. Fora militar, morrera novo; e a mãe ainda suspirava ao

falar da sua bela figura com o uniforme de cavalaria. Aos oito anos ela foi para a mestra. Como se lembrava! A mestra era uma velhita roliça e branca, que fora tacho das freiras de Santa Joana de Aveiro; com os seus óculos redondos, junto à janela, empurrando a agulha, morria-se por contar histórias do convento: as perrices da escrivã, sempre a escabichar os dentes furados; a madre rodeira, preguiçosa e pacata, com uma pronúncia minhota; a mestra de cantochão, admiradora de Bocage e que se dizia descendente dos Távoras; e a legenda de uma freira que morrera de amor, e cuja alma ainda em certas noites percorria os corredores, soltando gemidos dolorosos e clamando: — Augusto! Augusto!

Amélia ouvia aquelas histórias,

encantada. Gostava então tanto de festas de igreja e da convivência dos santos, que desejava ser uma «freirinha, muito bonita, com um veuzinho muito branco».

A mamã era muito visitada por padres. O chantre Carvalhosa, um homem velho e robusto, que soprava de asma ao subir a escada e tinha uma voz fanhosa, vinha todos os dias, como amigo da casa. Amélia chamava-lhe *padrinho*. Quando ela voltava da mestra, à tarde, encontrava-o sempre a palestrar com a mãe, na sala, de batina desabotoada, deixando ver o longo colete de veludo preto com raminhos bordados a amarelo. O senhor chantre perguntava-lhe pelas lições e fazia-a dizer a tabuada.

À noite havia reuniões: vinha o padre Valente; o cónego Cruz; e um

velhito calvo, de perfil de pássaro, com óculos azuis, que fora frade franciscano e a quem chamavam frei André. Vinham as amigas da mãe, com as suas *meias*; e um capitão Couceiro, de caçadores, que tinha os dedos negros do cigarro e trazia sempre a sua viola. Mas às nove horas mandavam-na deitar; pela frincha do quarto ela via a luz, ouvia as vozes; depois fazia-se um silêncio, e o capitão, repenicando a guitarra, cantava o *lundum da Figueira*.

Foi assim crescendo entre padres. Mas alguns eram-lhe antipáticos: sobretudo o padre Valente, tão gordo, tão suado, com umas mãos papudas e moles, de unhas pequenas! Gostava de a ter entre os joelhos, torcer-lhe devagarinho a orelha, e ela sentia o seu hálito

impregnado de cebola e de cigarro. O seu amiguinho era o cónego Cruz, magro, com o cabelo todo branco, a volta sempre asseada, as fivelas luzidias; entrava devagarinho, cumprimentando com a mão sobre o peito, e uma voz suave cheia de ss. Já então sabia o catecismo e a doutrina: na mestra, em casa, por qualquer «bagatela», falavam-lhe sempre dos castigos do Céu; de tal sorte que Deus aparecia-lhe como um ser que só sabe dar o sofrimento e a morte, e que é necessário abrandar, rezando e jejuando, ouvindo novenas, animando os padres. Por isso, se às vezes ao deitar lhe esquecia uma Salve-Rainha, fazia penitência no outro dia, porque temia que Deus lhe mandasse sezões ou a fizesse cair na escada.

Mas o seu melhor tempo foi quando

começou a tomar lições de música. A mãe tinha na sala de jantar, ao canto, um velho piano, coberto com um pano verde, tão desafinado, que servia de aparador. Amélia costumava cantarolar pela casa; e a sua voz fina e fresca agradava ao senhor chantre, e as amigas da mãe diziam-lhe:

— Tu tens aí um piano, por que não mandas ensinar a rapariga? Sempre é uma prenda! olha que lhe pode servir de muito!

O chantre conhecia um bom mestre, antigo organista da Sé de Évora, extremamente infeliz: a filha única, muito linda, fugira-lhe com um alferes para Lisboa; e, passados dois anos, o Silvestre da Praça, que ia muito à capital, vira-a descer a Rua do Norte, de *garibaldi* escarlate e alvaiade num olho, com um marinheiro inglês. O velho caíra em

grande melancolia e grande miséria; e por piedade tinham-lhe dado um emprego no cartório da câmara eclesiástica. Era uma figura triste de romance picaresco. Muito magro, alto como um pinheiro, deixava crescer até os ombros os seus cabelos brancos e finos; os olhos, cansados, lagrimejavam-lhe sempre; mas o seu sorriso resignado e bom enternecia: e parecia muito transido, no seu capote cor de vinho que só lhe chegava à cintura e que tinha uma gola de astracã. Chamavam-lhe o *Tio Cegonha*, pela sua alta magreza e o seu ar solitário. Amélia um dia tinha-lhe chamado *Tio Cegonha*; mas mordeu logo o beiço, toda envergonhada.

O velho pôs-se a sorrir:

— Ai, chame, minha rica menina, chame! *Tio Cegonha?*... ora, que tem?

Cegonha sou eu, e bem cegonha!

Era então no inverno. As grandes chuvas com os sudoestes não cessavam; a áspera estação oprimia os pobres. Viam-se naquele ano famílias esfomeadas indo à câmara pedir pão. O *Tio Cegonha* vinha sempre ao meio-dia dar a lição; o seu guarda-chuva azul deixava um ribeiro na escada; tiritava; e quando se sentava escondia, na sua vergonha de velho, as botas encharcadas com a sola aberta. Queixava-se sobretudo do frio das mãos, que o impedia de ferir com justeza o teclado, e não o deixava escrever no cartório.

— Prendem-se-me os dedos — dizia tristemente.

Mas quando a S. Joaneira lhe pagou o primeiro mês das lições, o velho

apareceu muito contente, com umas grossas luvas de lã.

— Ah, *Tio Cegonha*, como vem quentinho! — disse-lhe Amélia.

— Foi o seu dinheiro, minha rica menina. Agora ando a juntar para umas meias de lã. Deus a abençoe, minha menina, Deus a abençoe!

E tinham-se-lhe arrasado os olhos de lágrimas. Amélia tomara-se a «sua rica amiguinha». Já lhe fazia confidências: contava-lhe as suas necessidades, as saudades da filha, as suas glórias na Sé de Évora, quando diante do senhor arcebispo, vistoso na sua sobrepeliz escarlate, acompanhava o *Lausperene*. Amélia não se esqueceu das meias de lã do *Tio Cegonha*. Pediu ao chantre que lhe desse umas meias de lã.

— Ora essa! Para quê? Para ti? — disse ele com o seu riso grosso.

— Para mim, sim, senhor.

— Deixe falar, senhor chantre! — disse a S. Joaneira. — Olha a ideia!

— Não deixe falar, não! Dê, sim?!

Lançou-lhe os braços ao pescoço; fez-lhe olhinhos doces.

— Ah, sereia! — dizia o chantre rindo. — Que esperanças! há de ser o diabo!... Pois sim, aí tens. — E deu-lhe dois pintos para umas meias de lã.

No dia seguinte tinha-os ela embrulhados num papel, que dizia por fora em letras garrafais: *Ao meu rico amigo Tio Cegonha, a sua discípula*.

Uma manhã, depois, viu-o mais amarelo, mais chupado:

— *Ó Tio Cegonha* — disse de

repente —, quanto lhe dão lá no cartório?

O velho sorriu-se:

— Ora, minha rica menina, quanto me hão de dar? Uma bagatela. Quatro vinténs por dia. Mas o Sr. Neto faz-me algum bem...

— E chegam-lhe quatro vinténs?

— Ora! Como hão de chegar?

Sentiram-se os passos da mãe; e Amélia, retomando gravemente a atitude de lição, começou a solfejar alto, com um ar profundo.

E desde esse dia tanto pediu, tanto exclamou, que levou a mãe a dar de almoçar e de jantar ao *Tio Cegonha* nos dias de lição. Assim se estabeleceu entre ela e o velho uma grande intimidade. E o pobre *Tio Cegonha*, saindo do seu frio isolamento, acolhia-se àquela amizade

inesperada, como a um conchego tépido. Encontrava nela o elemento feminino que amam os velhos, com as carícias, as suavidades de voz, as delicadezas de enfermeira; achava nela a única admiradora da sua música; e via-a sempre atenta às histórias do seu tempo, às recordações da velha Sé de Évora que ele amava tanto, e que lhe fazia dizer, quando se falava de procissões, ou de festas de igreja:

— Para isso Évora! Em Évora é que é!

Amélia aplicava-se muito ao piano: era a coisa boa e delicada da sua vida; já tocava contradanças e antigas árias de velhos compositores; a Sra. D. Maria da Assunção estranhava que o mestre lhe não ensinasse o Trovador.

— Coisa mais linda! — dizia.

Mas o *Tio Cegonha* só conhecia a música clássica, árias ingénuas e doces de Lully, motivos de minuetes, motetes floridos e piedosos dos doces tempos freiráticos.

Uma manhã o *Tio Cegonha* encontrou Amélia muito amarela e triste. Desde a véspera queixava-se de «mal-estar». Era um dia nublado, muito frio. O velho queria ir-se embora.

— Não, não, *Tio Cegonha* — disse ela —, toque alguma coisa para eu me entreter.

Ele tirou o seu capote, sentou-se, tocou uma melodia simples, mas extremamente melancólica.

— Que lindo! Que lindo! — dizia Amélia, de pé junto ao piano.

E quando o velho deu as últimas notas:

— O que é? — perguntou ela.

O *Tio Cegonha* contou-lhe que era o começo de uma Meditação feita por um frade seu amigo.

— Coitado — disse —, teve bem o seu tormento!

Amélia quis logo saber a história; e sentando-se no mocho do piano, embrulhando-se no seu xale:

— Diga, *Tio Cegonha*, diga!

Era um homem que tivera em novo uma grande paixão por uma freira; ela morrera no convento daquele amor infeliz; e ele, de dor e de saudade, fizera-se frade franciscano...

— Parece que o estou a ver...

— Era bonito?

— Se era! Um rapaz na flor da vida, rico... Um dia veio ter comigo ao órgão: «Olha o que eu fiz», disse-me ele. Era um papel de música. Abria em ré menor. Pôs-se a tocar, a tocar... Ai, minha rica menina, que música! Mas não me lembra o resto!

E o velho, comovido, repetiu no piano as notas plangentes da *Meditação* em ré menor.

Amélia todo o dia pensou naquela história. De noite veio-lhe uma grande febre, com sonhos espessos, em que dominava a figura do frade franciscano, na sombra do órgão da Sé de Évora. Via os seus olhos profundos reluzirem numa face encovada: e, longe, a freira pálida, nos seus hábitos brancos, encostada às grades negras do mosteiro, sacudida pelos

prantos do amor! Depois, no longo claustro, a ala dos frades franciscanos caminhava para o coro: ele ia no fim de todos, curvado, com o capuz sobre o rosto, arrastando as sandálias, enquanto um grande sino, no ar nublado, tocava o dobre dos finados. Então o sonho mudava: era um vasto céu negro, onde duas almas enlaçadas e amantes, com hábitos de convento e um ruído inefável de beijos insaciáveis, giravam, levadas por um vento místico; mas desvaneciam-se como névoas, e na vasta escuridão ela via aparecer um grande coração em carne viva, todo traspassado de espadas, e as gotas de sangue que caíam dele enchiam o céu duma chuva escarlate. Ao outro dia a febre acalmou. O doutor Gouveia tranquilizou a S. Joaneira com uma

simples palavra:

— Nada de sustos, minha rica senhora, são os quinze anos da rapariga. Hão-de-lhe vir amanhã as vertigens e os enjoos... Depois acabou-se. Temo-la mulher.

A S. Joaneira compreendeu.

— Esta rapariga tem o sangue vivo e há de ter as paixões fortes! — acrescentou o velho prático, sorrindo e sorvendo a sua pitada.

Por esse tempo o senhor chantre, uma manhã, depois do seu almoço de açorda, caiu de repente morto com uma apoplexia. Que consternação inesperada, para a S. Joaneira! Durante dois dias, esguedelhada, em saias brancas chorou, gemeu pelos quartos. D. Maria da Assunção, as senhoras Gansosos vieram

acalmar, amansar a sua dor: e a Sra. D. Josefa Dias resumiu as consolações de todos, dizendo:

— Deixa, filha, que te não há de faltar quem te ampare!

Era então no começo de setembro; a Sra. D. Maria da Assunção, que tinha uma casa na praia da Vieira, propôs levar a S. Joaneira e Amélia para a estação dos banhos, para ela espalhar, nos bons ares saudáveis, em lugar diferente, aquela dor.

— É uma esmola que me fazes — dissera a S. Joaneira. — Sempre me lembra que era ali que ele punha o guarda-chuva... Ali que ele se sentava a ver-me costurar!

— Está bom, está bom, deixa-te disso. Come e bebe, toma os teus banhos, e o que lá vai lá vai. Olha que ele tinha

bem os seus sessenta.

— Ah, minha rica! A gente é pela amizade que lhes ganha.

Amélia tinha então quinze anos, mas era já alta e de bonitas formas. Foi uma alegria para ela a estação na Vieira! Nunca vira o mar; e não se fartava de estar sentada na areia, fascinada pela vasta água azul, muito mansa, cheia de sol; às vezes no horizonte passava um fumo delgado de paquete; a monótona e gemente cadência da vaga adormentava-a; e em redor o areal faiscava, a perder de vista, sob o céu azul-ferrete.

Como se lembrava bem! Logo pela manhã estava a pé! Era a hora do banho: as barracas de lona alinhavam-se ao comprido da praia; as senhoras, sentadas em cadeirinhas de pau, de sombrinhas

abertas, olhavam o mar, palrando; os homens, de sapatos brancos estendidos em esteiras, chupavam o cigarro, riscavam emblemas na areia; enquanto o poeta Carlos Alcoforado, muito fatal, muito olhado, passeava só, soturno, junto da vaga, seguido do seu Terra-Nova. Ela saía então da barraca com o seu vestido de flanela azul, a toalha no braço, tiritando de susto e de frio: tinha-se persignado às escondidas e toda trémula, agarrada à mão do banheiro, escorregando na areia, entrava na água, rompendo a custo a maresia esverdeada que fervia em redor. A onda vinha espumando, ela mergulhava, e ficava aos saltos, sufocada e nervosa, cuspindo a água salgada. Mas, quando saía do mar, como vinha satisfeita! Arfava, com a toalha pela cabeça,

arrastando-se para a barraca, mal podendo com o peso do vestido encharcado, risonha, cheia de reação; e em redor vozes amigas perguntavam:

— Então que tal, que tal? Mais fresquinha, hem?

Depois, de tarde, eram os passeios à beira-mar, a apanhar conchinhas; o recolher das redes, onde a sardinha toda viva ferve aos milheiros, luzidia sobre a areia molhada; e que longas perspetivas de ocasos ricamente dourados, sobre a vastidão do mar triste, que escurece e geme!

D. Maria da Assunção tinha sido visitada, logo ao chegar, por um rapaz, filho do Sr. Brito de Alcobaça, seu parente. Chamava-se Agostinho, ia frequentar o quinto ano de direito na

Universidade. Era um moço delgado, de bigode castanho, pera, cabelo comprido deitado para trás, e luneta: recitava versos, sabia tocar guitarra, contava anedotas de caloiros, fazia *partidas*, e era famoso na Vieira, entre os homens, «por saber conversar com senhoras».

— O Agostinho, patife! — diziam. — É chalaça a esta, chalaça àquela. Lá para sociedade não há outro!

Logo desde os primeiros dias Amélia reparou que os olhos do Sr. Agostinho Brito se fitavam constantemente nela, «p'ra namoro». Amélia corava muito, sentia o seio alargar-se-lhe dentro do vestido; e admirava-o, achava-o muito «dengueiro».

Um dia em casa da Sra. D. Maria da Assunção pediram a Agostinho para

recitar.

— Oh, minhas senhoras, isto aqui não é forja de ferreiro! — exclamou ele, jovial.

— Ora vá! Não se faça rogado — disseram, insistindo.

— Bem, bem, por isso não nos havemos de zangar.

— A *Judia*, Brito — lembrou o recebedor de Alcobaça.

— Qual *Judia!* — disse ele. — há de ser mas há de ser a *Morena!* — E olhou para Amélia. — Foi uma poesia que fiz ontem.

— Valeu, valeu!

— E cá o rapaz acompanha — disse um sargento do 6 de Caçadores, tomando logo a guitarra.

Fez-se um silêncio: o Sr. Agostinho

deitou o cabelo para trás, fincou a luneta, apoiou as duas mãos às costas duma cadeira, e fitando Amélia:

— À *Morena de Leiria!* — disse.

Nasceste nos verdes campos
Onde Leiria é famosa,
Tens a frescura da rosa,
E o teu nome sabe a mel...

— Perdão — exclamou o recebedor —, a Sra. D. Juliana não está boa. Era a filha do escrivão de direito de Alcobaça; tinha-se feito muito pálida, e, lentamente, desmaiava na cadeira, com os braços pendentes, o queixo sobre o peito. Borrifaram-na de água, levaram-na para o quarto de Amélia; quando lhe desapertaram o vestido e lhe deram

vinagre a respirar, ergueu-se sobre o cotovelo, olhou em redor, começaram a tremer-lhe os beiços e rompeu a chorar. Fora, os homens em grupo comentavam:

— Foi o calor — diziam.

— O calor que ela tinha sei eu — rosnou o sargento de caçadores. O Sr. Agostinho torcia o bigode, contrariado. Algumas senhoras foram a casa acompanhar a Sra. D. Juliana. D. Maria da Assunção e a S. Joaneira, atabafadas nos seus xales, iam também. Havia vento, um criado levava um lampião, e todos caminhavam na areia, calados.

— Tudo isto é teu proveito — disse a Sra. D. Maria da Assunção baixo à S. Joaneira, demorando-se um pouco atrás.

— Meu!?

— Teu. Pois tu não percebeste? A

Juliana, em Alcobaça, era namoro do Agostinho. Mas o rapaz aqui anda pelo beiço pela Amélia. A Juliana percebeu, viu-o recitar aqueles versos, olhar para ela, zás!

— Ora essa!... — disse a S. Joaneira.

— Deixa lá, o Agostinho tem um par de mil cruzados que lhe deixam as tias. É um partidão!

Ao outro dia, à hora do banho, a S. Joaneira vestia-se na sua barraca, e Amélia, sentada na areia, esperava, pasmada para o mar.

— Olá! Sozinha? — disse uma voz por detrás.

Era Agostinho. Amélia, calada, começou a riscar a areia com a sombrinha. O Sr. Agostinho suspirou,

alisou outro pedaço de areia com o pé, escreveu — AMÉLIA. Ela, muito vermelha, quis apagar com a mão.

— Então! — disse ele. E debruçando-se, baixo: — É o nome da Morena, bem vê. *O seu nome sabe a mel!...*

Ela sorriu:

— Ande, que fez ontem desmaiar aquela pobre Juliana — disse.

— Ora! Importa-me a mim bem com ela! Estou farto daquele estafermo! Então que quer? Eu cá sou assim. Tanto digo que me não importo com ela, como digo que há uma pessoa por quem dava tudo... Eu sei...

— Quem é? É a Sra. D. Bernarda?

Era uma velha hedionda, viúva de um coronel.

— É — disse ele rindo. — É justamente por quem eu ando apaixonado é pela D. Bernarda.

— Ah! O senhor anda apaixonado! — disse ela devagar, com os olhos baixos, riscando a areia.

— Diga-me uma coisa, está a mangar comigo? — exclamou Agostinho puxando por uma cadeirinha, sentando-se junto dela.

Amélia pôs-se de pé.

— Não quer que eu me sente ao pé de si? — perguntou ele ofendido.

— Eu é que estava cansada de estar sentada.

Calaram-se um momento.

— Já tomou banho? — disse ela.

— Já.

— Estava frio hoje?

— Estava.

As palavras de Agostinho eram agora muito secas.

— Zangou-se? — disse ela docemente, pondo-lhe de leve a mão no ombro.

Agostinho ergueu os olhos, e vendo o bonito rosto trigueiro, todo risonho, exclamou com veemência:

— Estou mesmo doido por si!

— Chut!... — disse ela.

A mãe de Amélia, levantando o pano da barraca, saía, muito abafada, de lenço amarrado na cabeça.

— Mais fresquinha, hem? — perguntou logo Agostinho, tirando o chapéu de palha.

— Estava por aqui?

— Vim dar uma vista de olhos. E

agora toca ao almocinho, hem?

— Se é servido... — disse a S. Joaneira.

Agostinho, muito galante, ofereceu o braço à mamã.

E desde então seguia sempre Amélia, de manhã no banho, de tarde à beira-mar; apanhava-lhe conchas; e tinha-lhe feito outros versos — o *Sonho*. Uma estrofe era violenta:

Senti-te contra o meu peito
Tremer, palpitar, ceder...

Ela murmurava-os com grande comoção, de noite, suspirando, abraçando o travesseiro.

Outubro findava, as férias tinham acabado. Uma noite o alegre rancho da

Sra. D. Maria da Assunção e das amigas fora dar um passeio ao luar. À volta, porém, erguera-se vento, nuvens pesadas empastaram o céu, caíram gotas de água. Estavam então junto a um pequeno pinheiral, e as senhoras, aos gritinhos, quiseram abrigar-se. Agostinho, com Amélia pelo braço, rindo alto, foi penetrando longe dos outros na espessura; e então, sob o monótono e gemente rumor das ramas, disse-lhe baixo, cerrando os dentes:

— Estou doido por ti, filha!

— Creio lá nisso! — murmurou ela.

Mas Agostinho, tomando subitamente um tom grave:

— Sabes? Talvez eu tenha de me ir amanhã embora.

— Vai-se?

— Talvez; não sei ainda. Além de amanhã é a matrícula.

— Vai-se... — suspirou Amélia.

Ele então tomou-lhe a mão, apertou-lha com furor:

— Escreve-me! — disse.

— E a mim, escreve-me? — disse ela.

Agostinho agarrou-a pelos ombros e machucou-lhe a boca de beijos vorazes.

— Deixe-me! Deixe-me! — dizia ela sufocada.

De repente teve um gemido doce como um arrulho de ave, e abandonava-se quando a voz aguda de D. Joaquina Gansoso gritou:

— Há uma aberta. É andar! É andar!

E Amélia, desprendendo-se, atarantada, correu a agachar-se sob o

guarda-chuva da mamã.

Ao outro dia, com efeito, o Sr. Agostinho partiu. Vieram as primeiras chuvas, e dentro em pouco também Amélia, a mãe, a Sra. D. Maria da Assunção voltaram para Leiria.

Passou o inverno.

E um dia, em casa da S. Joaneira, D. Maria da Assunção deu parte que o Agostinho Brito, segundo lhe escreviam de Alcobaça, tinha o casamento justo com a menina do Vimeiro.

— Cáspite — exclamou D. Joaquina Gansoso — apanha nada menos que os seus trinta contos! Olha o meco!

E diante de todos Amélia rompeu a chorar.

Amava Agostinho; e não podia esquecer aqueles beijos de noite no

pinheiral cerrado. Pareceu-lhe então que não tornaria a ter alegria! Ainda lembrada daquele moço da história do *Tio Cegonha*, que por amor se escondera na solidão de um convento, começou a pensar em ser freira: deu-se a uma forte devoção, manifestação exagerada das tendências que desde pequenina as convivências de padres tinham lentamente criado na sua natureza sensível; lia todo o dia livros de rezas; encheu as paredes do quarto de litografias coloridas de santos; passava longas horas na igreja, acumulando Salve-Rainhas à Senhora da Encarnação. Ouvia todos os dias missa, quis comungar todas as semanas — e as amigas da mãe achavam-na «um modelo, de dar virtude a incrédulos»!

Foi por esse tempo que o cónego

Dias e sua irmã, a Sra. D. Josefa Dias, começaram a frequentar a casa da S. Joaneira. Dentro em pouco o cónego tornou-se o «amigo da família». Depois do almoço era certo com a sua cadelinha, como outrora o chantre com o seu guarda-chuva.

— Tenho-lhe muita amizade, faz-me muito bem — dizia a S. Joaneira. — Mas o senhor chantre não há dia nenhum que me não lembre dele!

A irmã do cónego tinha então organizado com a S. Joaneira a *Associação das Servas da Senhora da Piedade*. A Sra. D. Maria da Assunção, as Gansosos «filiaram-se»; e a casa da S. Joaneira tornou-se um centro eclesiástico. Foi esse o momento melhor da vida da S. Joaneira; «a Sé, como dizia com tédio o

Carlos da botica, era agora na Rua da Misericórdia». Parte dos cónegos, o novo chantre, vinham todas as sextas-feiras. Havia imagens de santos na sala de jantar e na cozinha. As criadas, por escrúpulo, eram examinadas em doutrina antes de serem aceitas. Ali muito tempo fizeram-se as reputações: se se dizia de um homem: *não é temente a Deus*, havia o dever de o desacreditar santamente. As nomeações de sineiros, coveiros, serventes de sacristia arranjavam-se ali por intrigas sutis e palavras piedosas. Tinham tomado um certo vestuário entre o preto e o roxo; toda a casa cheirava a cera e a incenso; e a S. Joaneira, mesmo, monopolizara o comércio das hóstias.

Assim passaram anos. Pouco a pouco, porém, o grupo devoto dispersou-

se: a ligação do cónego Dias e da S. Joaneira, muito comentada, afastou os padres do cabido; o novo chantre morrera de apoplexia também — como era de tradição naquela diocese, fatal aos chantres; e já não eram divertidos os quinos das sextas-feiras. Amélia mudara muito; crescera: fizera-se uma bela moça de vinte e dois anos, de olhar aveludado, beiços muito frescos — e achava a sua paixão pelo Agostinho uma «tontice de criança». A sua devoção subsistia, mas alterada: o que amava agora na religião e na igreja era o aparato, a festa — as belas missas cantadas ao órgão, as capas recamadas de ouro, reluzindo entre os tocheiros, o altar-mor na glória das flores cheirosas, o roçar das correntes dos incensadores de prata, os uníssonos que

rompem briosamente no coro das aleluias. Tomava a Sé como a sua Ópera: Deus era o seu luxo. Nos domingos de missa gostava de se vestir, de se perfumar com água-de-colónia, de se ir aninhar sobre o tapete do altar-mor, sorrindo ao padre Brito ou ao cónego Saldanha. Mas em certos dias, como dizia a mãe, «murchava»; voltavam então os abatimentos de outrora, que a amarelavam, lhe punham duas rugas velhas ao canto dos lábios: tinha nessas ocasiões horas duma vaga saudade parva e mórbida, em que sò a consolava cantar pela casa o Santíssimo ou as notas lúgubres do toque da Agonia. Com a alegria voltava-lhe o rosto do culto alegre — e lamentava então que a Sé fosse uma ampla estrutura de pedra dum estilo frio e

jesuítico: quereria uma igreja pequenina, muito dourada, tapetada, forrada de papel, iluminada a gás; e padres bonitos oficiando a um altar ornado como uma *étagère*.

Fizera vinte e três anos quando conheceu João Eduardo no dia da procissão de *Corpus-Christi*, em casa do tabelião Nunes Ferral, onde ele era escrevente. Amélia, a mãe, a Sra. D. Josefa Dias tinham ido ver a procissão da bela varanda do tabelião, guarnecida de colchas de damasco amarelo. João Eduardo estava lá, modesto, sério, todo vestido de preto. Havia muito que Amélia o conhecia; mas naquela tarde, reparando na brancura da sua pele e na gravidade com que ajoelhava, pareceu-lhe «muito bom rapaz».

À noite, depois do chá, o gordalhufo Nunes, de colete branco, foi pela sala exclamando, entusiasmado, com a sua voz de grilo: — É tirar pares, é tirar pares! — enquanto a filha mais velha ao piano tocava com brio estridente uma mazurca francesa. João Eduardo aproximou-se de Amélia:

— Ai, eu não danço! — disse ela logo com ar seco.

João Eduardo não dançou também; foi encostar-se a uma ombreira com a mão na abertura do colete, os olhos fitos em Amélia. Ela percebia, desviava o rosto, mas estava contente; e quando João Eduardo, vendo uma cadeira vazia, veio sentar-se ao pé dela, Amélia fez-lhe logo lugar acomodando os folhos de seda, agradada. O escrevente, embaraçado,

torcia o bigode com a mão trémula. Por fim Amélia voltando-se para ele:

— Então o senhor não dança também?

— E a Sra. D. Amélia? — disse ele baixo.

Ela inclinou-se para trás, e batendo nas pregas do vestido:

— Ai! Eu estou velha para estes divertimentos, sou uma pessoa séria.

— Nunca se ri? — perguntou ele, pondo na voz uma intenção fina.

— Às vezes rio quando há de quê — disse ela olhando-o de lado.

— De mim, por exemplo.

— De si!? Ora essa! Está a caçoar comigo? Por que me hei de eu rir do senhor? Boa!... Então o senhor que tem que faça rir? — e agitava o seu leque de

seda preta.

Ele calou-se, procurando as ideias, as delicadezas.

— Então sério, sério, não dança?

— Já lhe disse que não. Ai, que é tão perguntador!

— É porque me interesso por si.

— Ora, deixe lá! — disse ela fazendo um indolente gesto de negativa.

— Palavra!

Mas a Sra. D. Josefa Dias, que os vigiava, aproximou-se, de testa muito franzida, e João Eduardo levantou-se, intimidado.

À saída, quando Amélia no corredor punha os seus agasalhos, João Eduardo veio dizer-lhe, de chapéu na mão:

— Cubra-se bem, não apanhe frio!

— Então continua a interessar-se por

mim? — disse ela apertando em redor do pescoço as pontas da sua manta de lã.

— O mais possível, creia.

Duas semanas depois veio a Leiria uma companhia ambulante de zarzuela. Falava-se muito da contralto, a Gamacho. A Sra. D. Maria da Assunção tinha um camarote, levou a S. Joaneira e Amélia — que duas noites antes estivera costurando, com uma pressa comovida, um vestido de cassa todo florido de laços de seda azul. João Eduardo naplatéia — enquanto a Gamacho, empastada de pó de arroz sob a sua mantilha valenciana, vibrando com uma graça decrépita o leque de lantejoulas, garganteava malaguenhas agudas — não se fartou de contemplar, de desejar Amélia. À saída veio cumprimentá-la, oferecer-lhe o braço até

a Rua da Misericórdia; a S. Joaneira, a Sra. D. Maria da Assunção seguiam atrás com o tabelião Nunes.

— Então gostou da Gamacho, Sr. João Eduardo?

— A falar-lhe a verdade nem sequer reparei nela.

— Então que fez?

— Olhei para si — respondeu ele resolutamente.

Ela parou imediatamente, disse com a voz um pouco alterada:

— Onde vem a mamã?

— Deixe lá a mamã!

E João Eduardo, então, falando-lhe junto do rosto, disse-lhe «a sua grande paixão». Tomou-lhe a mão, repetia todo perturbado:

— Gosto tanto de si! Gosto tanto de

si!

Amélia estava nervosa da música, do teatro; a noite quente de verão, com a sua vasta cintilação de estrelas tomava-a toda lânguida. Abandonou a mão, suspirou baixinho.

— Gosta de mim, não é verdade? — perguntou ele.

— Sim — respondeu ela, e apertou os dedos de João Eduardo com paixão.

Mas, como ela pensou, «fora decerto um fogacho» — porque, dias depois, quando conheceu mais João Eduardo, quando pôde falar livremente com ele, reconheceu que «não tinha nenhuma inclinação pelo rapaz». Estimava-o, achava-o simpático, bom moço; poderia ser um bom marido; mas sentia dentro em si o coração adormecido.

O escrevente porém começou a ir à Rua da Misericórdia quase todas as noites. A S. Joaneira estimava-o pelo seu «propósito» e pela sua honradez. Mas Amélia ia-se mostrando «fria»: esperava-o à janela pela manhã quando ele passava para o cartório, fazia-lhe olhos doces à noite, — mas só para o não descontentar, para ter na sua existência desocupada um interessezinho amoroso.

João Eduardo um dia falou à mãe em casamento:

— Como a Amélia quiser, eu por mim... — disse a S. Joaneira.

E Amélia, consultada, respondeu ambiguamente:

— Mais tarde, por ora não me parece, veremos.

Enfim acordou-se tacitamente em

esperar, até que ele obtivesse o lugar de amanuense do governo civil, rasgadamente prometido pelo doutor Godinho — o temido doutor Godinho!

Assim vivera Amélia até a chegada de Amaro: e, durante a noite, estas recordações vinham-lhe por fragmentos, como pedaços de nuvens que o vento vai trazendo e desmanchando. Adormeceu tarde, acordou já o sol ia alto: e espreguiçava-se, quando ouviu dizer a *Ruça* na sala de jantar:

— É o senhor pároco que vai sair com o senhor cónego; vão à Sé.

Amélia saltou da cama, correu à janela em camisa, ergueu uma pontinha da cortina de cassa, olhou. A manhã resplandecia: e o padre Amaro pelo meio da rua conversando com o cónego,

assoava-se ao seu lenço branco, muito airoso na sua batina de pano fino.

6

Logo desde os primeiros dias, envolvido suavemente em comodidades, Amaro sentiu-se feliz. A S. Joaneira, muito maternal, tomava um grande cuidado na sua roupa branca, preparava-lhe petiscos, e o «quarto do senhor pároco andava que nem um brinco»! Amélia tinha com ele uma familiaridade picante de parenta bonita: «tinham calhado um com o outro», como dissera, encantada, D. Maria da Assunção. Os dias iam assim passando para Amaro, fáceis, com boa mesa, colchões macios e a convivência meiga de mulheres. A estação ia tão linda que até as tílias floresceram no jardim do Paço: «quase milagre!», disse-se: o senhor

chantre, contemplando-as todas as manhãs da janela do seu quarto, em *robe-de-chambre*, citava versos das *Éclogas*. E depois das longas tristezas da casa do tio da Estrela, dos desconsolos do seminário e do áspero inverno na Gralheira — aquela vida em Leiria era para Amaro como uma casa seca e abrigada onde o alegre lume estala e a sopa cheirosa fumega, depois duma noite de jornada na serra, sob trovões e chuveiros.

Ia cedo dizer a missa à Sé, bem embrulhado no seu grande capote, com luvas de casimira, meias de lãs por baixo das botas de alto cano vermelho. As manhãs estavam frias: e àquela hora só algumas devotas, com o mantéu escuro pela cabeça, rezavam aqui e além, ao pé dum altar envernizado de branco. Entrava

logo na sacristia, revestia-se depressa batendo os pés no lajedo, enquanto o sacristão, pachorrento, contava «as novidades do dia».

Depois, com o cálice na mão, de olhos baixos, passava à igreja; e tendo dobrado o joelho rapidamente diante do Santíssimo Sacramento, subia devagar ao altar onde duas velas de cera esmoreciam com uma claridade pálida na larga luz da manhã, juntava as mãos, murmurava, curvado:

— *Introibo ad altare Dei*.

— *Ad Deum qui laetificat juventutem meam* — resmungava, num latim silabado, o sacristão.

Amaro já não celebrava a missa como nos primeiros tempos, com uma devoção enternecida.

«Estava agora habituado», dizia. E como não ceava, e àquela hora em jejum, com a frescura cortante do ar, já sentia apetite, engrolava depressa, monotonamente, as santas leituras da Epístola e dos Evangelhos. Por trás o sacristão, com os braços cruzados, passava vagarosamente a mão pela sua espessa barba bem rapada, olhando de revés para a Casimira França, mulher do carpinteiro da Sé, muito devota, que ele «trazia de olho» desde a Páscoa. Largas réstias de sol caiam das janelas laterais. Um vago aroma de junquilhos secos adocicava o ar.

Amaro, depois de recitar rapidamente o ofertório, limpava o cálice com o purificador; o sacristão, um pouco vergado dos rins, ia buscar as galhetas,

apresentava-as, curvado — e Amaro sentia o cheiro do óleo rançoso que lhe reluzia no cabelo. Naquela parte da missa, por um antigo hábito de emoção mística, Amaro tinha um recolhimento sentido: com os braços abertos, voltava-se para a igreja, clamava, com largueza, a exortação universal à oração — *Orate, fratres!* E as velhas encostadas aos pilares de pedra, com o aspeto idiota, a boca babosa, apertavam mais as mãos contra o peito, de onde pendiam grandes rosários negros. Então o sacristão ia ajoelhar-se por trás dele, sustentando ligeiramente com uma das mãos a capa, erguendo na outra a sineta. Amaro consagrava o vinho, levantava a hóstia — *Hoc est enim corpus meum!* — elevando alto os braços para o Cristo cheio de

chagas roxas sobre a sua cruz de pau preto; a campainha tocava devagar; as mãos batiam concavamente nos peitos; e no silêncio sentiam-se os carros de bois rolando, com solavancos, sobre o largo lajeado da Sé, à volta do mercado.

— *Ite, missa est!* — dizia Amaro enfim.

— *Deo gratias*! — respondia o sacristão respirando alto, com o alívio da obrigação finda.

E quando, depois de ter beijado o altar, Amaro vinha do alto dos degraus dar a bênção, era já pensando na alegria do almoço, na clara sala de jantar da S. Joaneira e nas boas torradas. Àquela hora já Amélia o esperava com o cabelo caído sobre o penteador, tendo na pele fresca um bom cheiro de sabão de amêndoas.

Pelo meio do dia ordinariamente Amaro subia à sala de jantar, onde a S. Joaneira e Amélia costuravam. «Estava aborrecido em baixo, vinha um bocado para o cavaco», dizia. A S. Joaneira, numa cadeira pequena, ao pé da janela, com o gato aninhado na roda do vestido de merino, cosia de luneta na ponta do nariz. Amélia, junto da mesa, trabalhava com o cesto da costura ao lado; a cabeça inclinada sobre o trabalho mostrava a sua risca fina, nítida, um pouco afogada na abundância do cabelo; os seus grandes brincos de ouro, em forma de pingos de cera, oscilavam, faziam tremer e crescer sobre a finura do pescoço uma pequenina sombra; as olheiras leves cor de bistre

esbatiam-se delicadamente sobre a pele de um trigueiro mimoso, que um sangue forte aviventava; e o seu peito cheio respirava devagar. Às vezes, cravando a agulha na fazenda, espreguiçava-se devagarinho, sorria, cansada. Então Amare gracejava:

— Ah preguiçosa, preguiçosa! Olha que mulher de casa!

Ela ria; conversavam. A S. Joaneira sabia as coisas interessantes do dia: o major despedira a criada; ou havia quem oferecesse dez moedas pelo porco do Carlos do correio. De vez em quando a *Ruça* vinha ao armário buscar um prato ou uma colher; então falava-se do preço dos géneros, do que havia para o jantar. A S. Joaneira tirava as lunetas, traçava a perna, e balouçando o pé calçado numa chinela

de ourelo, punha-se a dizer os pratos.

— Hoje temos grão-de-bico. Não sei se o senhor pároco gostará, foi para variar...

Mas Amaro gostava de tudo; e mesmo em certas comidas descobria afinidade de gostos com Amélia.

Depois, animando-se, bulia-lhe no cesto da costura. Um dia encontrara uma carta; perguntou-lhe pelo *derriço;* ela respondeu, picando vivamente o pesponto:

— Ai! A mim ninguém me quer, senhor pároco...

— Não é tanto assim — acudiu ele. Mas suspendeu-se, muito vermelho, afetando tossir.

Amélia às vezes fazia-se muito familiar; um dia mesmo, pediu-lhe para

sustentar nas mãos uma meadinha de retrós que ela ia dobar.

— Deixe falar, senhor pároco! — exclamou a S. Joaneira. — Ora a tolice! Isto, em se lhe dando confiança!...

Mas Amaro prontificou-se, rindo, todo contente: — ele estava ali para o que quisessem, até para dobadoura! Era mandarem, era mandarem!... E as duas mulheres riam, dum riso cálido, enlevadas naquelas maneiras do senhor pároco, «que até tocavam o coração»! Às vezes Amélia pousava a costura e tomava o gato no colo; Amaro chegava-se, corria a mão pela espinha do maltês que se arredondava, fazendo um ronrom de gozo.

— Gostas? — dizia ela ao gato, um pouco corada, com os olhos muito ternos.

E a voz de Amaro murmurava,

perturbada:

— Bichaninho gato! Bichaninho gato!

Depois a S. Joaneira erguia-se para dar o remédio à idiota ou ir palrar à cozinha. Eles ficavam sós; não falavam, mas os seus olhos tinham um longo diálogo mudo, que os ia penetrando da mesma languidez dormente. Então Amélia cantarolava baixo o *Adeus* ou o *Descrente*: Amaro acendia o seu cigarro, e escutava, bamboleando a perna.

— É tão bonito isso! — dizia.

Amélia cantava mais acentuadamente, cosendo depressa; e a espaços, erguendo o busto, mirava o alinhavado ou o pesponto, passando-lhe por cima, para o assentar, a sua unha polida e larga.

Amaro achava aquelas unhas

admiráveis, porque tudo que era *ela* ou vinha *dela* lhe parecia perfeito: gostava da cor dos seus vestidos, do seu andar, do modo de passar os dedos pelos cabelos, e olhava até com ternura para as saias brancas que ela punha a secar à janela do seu quarto, enfiadas numa cana. Nunca estivera assim na intimidade duma mulher. Quando percebia a porta do quarto dela entreaberta, ia resvalar para dentro olhares gulosos, como para perspetivas dum paraíso: um saiote pendurado, uma meia estendida, uma liga que ficara sobre o baú, eram como revelações da sua nudez, que lhe faziam cerrar os dentes, todo pálido. E não se saciava de a ver falar, rir, andar com as saias muito engomadas que batiam as ombreiras das portas estreitas. Ao pé dela, muito fraco,

muito langoroso, não lhe lembrava que era padre; o Sacerdócio, Deus, a Sé, o Pecado ficavam em baixo, longe, via-os muito esbatidos do alto do seu enlevo, como de um monte se veem as casas desaparecer no nevoeiro dos vales; e só pensava então na doçura infinita de lhe dar um beijo na brancura do pescoço, ou mordicar-lhe a orelhinha.

Às vezes revoltava-se contra estes desfalecimentos, batia o pé:

— Que diabo, é necessário ter juízo! É necessário ser homem!

Descia, ia folhear o seu Breviário; mas a voz de Amélia falava em cima, o tique-tique das suas botinas batia o soalho... Adeus! a devoção caia como uma vela a que falta o vento; as boas resoluções fugiam, e lá voltavam as

tentações em bando a apoderar-se do seu cérebro, frementes, arrulhando, roçando-se umas pelas outras como um bando de pombas que recolhem ao pombal. Ficava todo subjugado, sofria. E lamentava então a sua liberdade perdida: como desejaria não a ver, estar longe de Leiria, numa aldeia solitária, entre gente pacifica, com uma criada velha cheia de provérbios e de economia, e passear pela sua horta quando as alfaces verdejam e os galos cacarejam ao sol! Mas Amélia, de cima, chamava-o — e o encanto recomeçava, mais penetrante.

A hora do jantar, sobretudo, era a sua hora perigosa e feliz, a melhor do dia. A S. Joaneira trinchava, enquanto Amaro conversava cuspindo os caroços das azeitonas na palma da mão e enfileirando-

os sobre a toalha. A *Ruça*, cada dia mais ética, servia mal, sempre a tossir; Amélia às vezes erguia-se para ir buscar uma faca, um prato ao aparador. Amaro queria levantar-se logo, atencioso.

— Deixe-se estar, deixe-se estar, senhor pároco! — dizia ela. E punha-lhe a mão no ombro, e os seus olhos encontravam-se.

Amaro, com as pernas estendidas e o guardanapo sobre o estômago, sentia-se regalado, gozava muito no bom calor da sala; depois do segundo copo da Bairrada tornava-se expansivo, tinha gracinhas; às vezes mesmo, com um brilho terno no olho, tocava fugitivamente o pé de Amélia debaixo da mesa; ou, fazendo um ar sentido, dizia «que muito lhe pesava não ter uma irmãzinha assim»!

Amélia gostava de ensopar o miolo do pão no molho do guisado: a mãe dizia-lhe sempre:

— Embirro que faças isso diante do senhor pároco.

E ele então rindo:

— Pois olhe, também eu gosto. Simpatia! Magnetismo!

E molhavam ambos o pão, e sem razão davam grandes risadas. Mas o crepúsculo crescia, a *Ruça* trazia o candeeiro. O brilho dos copos e das louças alegrava Amaro, enternecia-o mais; chamava à S. Joaneira *mamã*; Amélia sorria, de olhos baixos, trincando com a ponta dos dentes cascas de tangerina. Daí a pouco vinha o café; e o padre Amaro ficava muito tempo partindo nozes com as costas da faca, e quebrando

a cinza do cigarro na borda do pires.

Àquela hora aparecia sempre o cónego Dias; sentiam-no subir pesadamente, dizendo da escada:

— Licença para dois!

Era ele e a cadela, a *Trigueira*.

— Ora Nosso Senhor vos dê muito boas-noites! — dizia assomando à porta.

— Vai a gotinha de café, senhor cónego? — perguntava logo a S. Joaneira.

Ele sentava-se, exalando um profundo *uff!* Vá lá a gotinha do café! E batendo no ombro do pároco, olhando para a S. Joaneira:

— Então, como vai cá o seu menino?

Riam; vinham as histórias do dia. O cónego costumava trazer no bolso o Diário Popular; Amélia interessava-se pelo romance, a S. Joaneira pelas

correspondências amorosas nos anúncios.

— Ora vejam que pouca-vergonha!... — dizia ela, deliciando-se.

Amaro então falava de Lisboa, de escândalos que lhe contara a tia: dos fidalgos que conhecera «em casa do Sr. conde de Ribamar». Amélia, enlevada, escutava-o com os cotovelos sobre a mesa, roendo vagarosamente a ponta do palito.

Depois do jantar iam visitar a entrevada. A lamparina esmorecia à cabeceira da cama: e a pobre velha, com uma medonha touca de rendas negras que tornava mais lívida a sua carinha engelhada como uma maçã reineta, fazendo debaixo da roupa uma saliência quase impercetível, fixava em todos, com susto, os seus olhinhos côncavos e

chorosos.

— É o senhor pároco, tia Gertrudes! — gritava-lhe Amélia ao ouvido. — Vem ver como está.

A velha fazia um esforço, e com uma voz gemida:

— Ah! É o menino!

— É o menino, é — diziam rindo.

E a velha ficava a murmurar, espantada:

— É o menino, é o menino!

— Pobre de Cristo! — dizia Amaro. — Pobre de Cristo! Deus lhe dê uma boa morte!

E voltavam para a sala de jantar onde o cónego Dias, todo enterrado na velha poltrona de chita verde, com as mãos cruzadas sobre o ventre, dizia logo:

— Ora vá um bocadinho de música,

pequena!

Amélia ia sentar-se ao piano.

— Ó filha, toca o Adeus! — recomendava a S. Joaneira começando a sua meia.

E Amélia, ferindo o teclado:

Ai! Adeus! Acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado...

A sua voz arrastava-se com melancolia; e Amaro soprando o fumo do cigarro, sentia-se todo enleado num sentimentalismo agradável.

Quando descia para o seu quarto, à noite, ia sempre exaltado. Punha-se então a ler os *Cânticos a Jesus*, tradução do francês publicada pela sociedade das *Escravas de Jesus*. É uma obrazinha

beata, escrita com um lirismo equívoco, quase torpe — que dá à oração a linguagem da luxúria: Jesus é invocado, reclamado com as sofreguidões balbuciantes de uma concupiscência alucinada: «Oh! Vem, amado do meu coração, corpo adorável, minha alma impaciente quer-te! Amo-te com paixão e desespero! Abrasa-me! queima-me! Vem! esmaga-me! possui-me!» E um amor divino, ora grotesco pela intenção, ora obsceno pela materialidade, geme, ruge, declama assim em cem páginas inflamadas onde as palavras *gozo*, *delícia*, *delírio*, *êxtase*, voltam a cada momento, com uma persistência histérica. E depois de monólogos frenéticos de onde se exala um bafo de cio místico, vêm então imbecilidades de sacristia,

notazinhas beatas resolvendo casos difíceis de jejuns, e orações para as dores do parto! Um bispo aprovou aquele livrinho bem impresso; as educandas leem-no no convento. É beato e excitante; tem as eloquências do erotismo, todas as pieguices da devoção; encaderna-se em marroquim e dá-se às confessadas; é a cantárida canónica!

Amaro lia até tarde, um pouco perturbado por aqueles períodos sonoros, túmidos de desejo; e no silêncio, por vezes, sentia em cima ranger o leito de Amélia; o livro escorregava-lhe das mãos, encostava a cabeça às costas da poltrona, cerrava os olhos, e parecia-lhe vê-la em colete diante do toucador desfazendo as tranças; ou, curvada, desapertando as ligas, e o decote da sua

camisa entreaberta descobria os dois seios muito brancos.

Erguia-se, cerrando os dentes, com uma decisão brutal de a possuir.

Começara então a recomendar-lhe a leitura dos *Cânticos a Jesus*.

— Verá, é muito bonito, de muita devoção! — disse ele, deixando-lhe o livrinho uma noite no cesto da costura.

Ao outro dia, ao almoço, Amélia estava pálida, com as olheiras até o meio da face. Queixou-se de insónia, de palpitações.

— E então, gostou dos *Cânticos*?

— Muito. Orações lindas! — respondeu.

Durante todo esse dia não ergueu os olhos para Amaro. Parecia triste — e sem razão, às vezes, o rosto abrasava-se-lhe

de sangue.

Os piores momentos para Amaro eram as segundas e quartas-feiras, quando João Eduardo vinha passar as noites *em família*. Até às nove horas o pároco não saía do quarto; e quando subia para o chá desesperava-se de ver o escrevente embrulhado no seu xale-manta, sentado junto de Amélia.

— Ai o que estes dois têm para aí palrado, senhor pároco! — dizia a S. Joaneira.

Amaro tinha um sorriso lívido, partindo devagar a sua torrada, com os olhos fitos na chávena.

Amélia na presença de João Eduardo, agora, não tinha com o pároco a

mesma familiaridade alegre, mal levantava os olhos da costura; o escrevente, calado, chupava o cigarro; e havia grandes silêncios em que se sentia o vento uivar, encanado na rua.

— Olha quem andar agora nas águas no mar! — dizia a S. Joaneira, fazendo devagar a sua meia.

— Safa! — acrescentava João Eduardo.

As suas palavras, os seus modos irritavam o padre Amaro; detestava-o pela sua pouca devoção, pelo seu bonito bigode preto. E diante dele sentia-se mais enleado no seu acanhamento de padre.

— Toca alguma coisa, filha — dizia a S. Joaneira.

— Estou tão cansada! — respondia Amélia apoiando-se nas costas da

cadeira, com um suspirozinho de fadiga.

A S. Joaneira, então, que não gostava de «ver gente mona», propunha uma *bisca* de três; e o padre Amaro, tomando o seu candeeiro de latão, descia para o quarto, muito infeliz.

Nessas noites quase detestava Amélia; achava-a *casmurra*. A intimidade do escrevente na casa parecia-lhe escandalosa: decidiu mesmo falar à S. Joaneira, dizer-lhe «que aquele namoro de portas adentro não podia ser agradável a Deus». Depois, mais razoável, resolvia esquecê-la, pensava em sair da casa, da paróquia. Representava-se então Amélia com a sua coroa de flores de laranjeira, e João Eduardo, muito vermelho, de casaca, voltando da Sé, casados... Via a cama de noivado com os seus lençóis de renda... E

todas as provas, as certezas do amor dela pelo «idiota do escrevente» cravavam-se-lhe no peito como punhais...

— Pois que casem, e que os leve o diabo!...

Odiava-a então. Fechava violentamente a porta à chave como para impedir que lhe penetrasse no quarto o rumor da sua voz ou o *frufru* das suas saias. Mas daí a pouco, como todas as noites, escutava com o coração aos saltos, imóvel e ansioso, os ruídos que ela fazia em cima ao despir-se, palrando ainda com a mãe.

Um dia Amaro jantara em casa da Sra. D. Maria da Assunção; fora depois passear pela estrada de Marrazes, e à volta, ao fim da tarde, encontrou, ao entrar em casa, a porta da rua aberta; sobre o

capacho, no patamar, estavam os chinelos de ourelo da Ruça.

— Tonta de rapariga! — pensou Amaro, foi à fonte e esqueceu-se de fechar a porta.

Lembrou-se que Amélia tinha ido passar a tarde com a Sra. D. Joaquina Gansoso, numa fazenda ao pé da Piedade, e que a S. Joaneira falara em ir à irmã do cónego. Fechou devagar a cancela, subiu à cozinha a acender o seu candeeiro; como as ruas estavam molhadas da chuva da manhã, trazia ainda galochas de borracha; os seus passos não faziam rumor no soalho; ao passar diante da sala de jantar sentiu no quarto da S. Joaneira, através do reposteiro de chita, uma tosse grossa; surpreendido, afastou sutilmente um lado do reposteiro, e pela porta entreaberta

espreitou. — Oh Deus de Misericórdia! A S. Joaneira, em saia branca, atacava o colete; e, sentado à beira da cama, em mangas de camisa, o cónego Dias resfolegava grosso!

Amaro desceu, colado ao corrimão, fechou muito devagarinho a porta, e foi ao acaso para os lados da Sé. O céu enevoara-se, leves gotas de chuva caíam.

— E esta! E esta! — dizia ele assombrado.

Nunca suspeitara um tal escândalo! A S. Joaneira, a pachorrenta S. Joaneira! O cónego, seu mestre de Moral! E era um velho, sem os ímpetos do sangue novo, já na paz que lhe deveriam ter dado a idade, a nutrição, as dignidades eclesiásticas! Que faria então um homem novo e forte, que sente uma vida abundante no fundo

das suas veias reclamar e arder!... Era, pois, verdade o que se cochichava no seminário, o que lhe dizia o velho padre Sequeira, cinquenta anos padre da Gralheira: — «Todos são do mesmo barro!» Todos são do mesmo barro, — sobem em dignidades, entram nos cabidos, regem os seminários, dirigem as consciências envoltos em Deus como numa absolvição permanente, e têm no entanto, numa viela, uma mulher pacata e gorda, em casa de quem vão repousar das atitudes devotas e da austeridade do ofício, fumando cigarros de estanco e palpando uns braços rechonchudos!

Vinham-lhe então outras reflexões: que gente era aquela, a S. Joaneira e a filha, que viviam assim sustentadas pela lubricidade tardia de um velho cónego? A

S. Joaneira fora decerto bonita, bem-feita, desejável — outrora! Por quantos braços teria passado até chegar, pelos declives da idade, àqueles amores senis e mal pagos? As duas mulherinhas, que diabo, não eram honestas! Recebiam hóspedes, viviam da concubinagem. Amélia ia sozinha à igreja, às compras, à fazenda; e com aqueles olhos tão negros, talvez já tivesse tido um amante! — Resumia, filiava certas recordações: um dia que ela lhe estivera mostrando na janela da cozinha um vaso de rainúnculos, tinham ficado sós, e ela, muito corada, pusera-lhe a mão sobre o ombro e os seus olhos reluziam e pediam; outra ocasião ela roçara-lhe o peito pelo braço! A noite caíra, com uma chuva fina. Amaro não a sentia, caminhando depressa, cheio de

uma só ideia deliciosa que o fazia tremer: ser o amante da rapariga, como o cónego era o amante da mãe! Imaginava já a boa vida escandalosa e regalada; enquanto em cima a grossa S. Joaneira beijocasse o seu cónego cheio de dificuldades asmáticas — Amélia desceria ao seu quarto, pé ante pé, apanhando as saias brancas, com um xale sobre os ombros nus... Com que frenesi a esperaria! E já não sentia por ela o mesmo amor sentimental, quase doloroso: agora a ideia muito maganados dois padres e as duas concubinas, de panelinha, dava àquele homem amarrado pelos votos uma satisfação depravada! Ia aos pulinhos pela rua. — Que pechincha de casa!

A chuva caía, grossa. Quando entrou havia já luz na sala de jantar. Subiu.

— lh, como vem frio! — disse-lhe Amélia sentindo, ao apertar-lhe a mão, a humidade da névoa.

Sentada à mesa, costurava com um xale-manta pelos ombros: João Eduardo, ao pé, jogava a bisca com a S. Joaneira.

Amaro sentou-se um pouco embaraçado; a presença do escrevente dera-lhe de repente, sem saber porquê, o duro choque duma realidade antipática: e todas as esperanças, que lhe tinham vindo a dançar uma sarabanda na imaginação, encolhiam-se uma a uma, murchavam — vendo ali Amélia ao pé do noivo, curvada sobre uma costura honesta, com o seu escuro vestido afogado, junto do candeeiro de família!

E tudo em redor lhe parecia como mais recatado, as paredes com o seu

papel de ramagens verdes, o armário cheio de louça luzidia da Vista Alegre, o simpático e bojudo pote de água, o velho piano mal firme nos seus três pés torneados; o paliteiro tão querido de todos — um Cupido rechonchudo com um guarda-chuva aberto eriçado de palitos, e aquela tranquila bisca jogada com os dichotes clássicos. Tudo tão decente!

Afirmava-se então nas grossas roscas do pescoço da S. Joaneira, como para descobrir nelas as marcas das beijocas do cónego: ah! tu, não há dúvida, és «uma barregã de clérigo». Mas Amélia, com aquelas longas pestanas descidas, o beiço tão fresco!... Ignorava decerto as libertinagens da mãe; ou, experiente, estava bem resolvida a estabelecer-se solidamente na segurança dum amor legal!

— E Amaro, da sombra, examinava-a longamente como para se certificar, na placidez do seu rosto, da virgindade do seu passado.

— Cansadinho, senhor pároco, hem? — disse a S. Joaneira. E para João Eduardo: — Trunfo, faz favor, seu cabeça no ar!

O escrevente, namorado, distraía-se.

— É o senhor a jogar — dizia-lhe a S. Joaneira a cada momento.

Depois ele esquecia-se de *comprar cartas*.

— Ah menino, menino — dizia ela com a sua voz pachorrenta —, que lhe puxo essas orelhas!

Amélia ia cosendo com a cabeça baixa: tinha um pequeno casabeque preto com botões de vidro, que lhe disfarçava a

forma do seio.

E Amaro irritava-se daqueles olhos fixos na costura, daquele casaco amplo escondendo a beleza que mais apetecia nela! E nada a esperar. Nada dela lhe pertenceria, nem a luz daquelas pupilas, nem a brancura daqueles peitos! Queria casar — e guardava *tudo* para o outro, o idiota, que sorria baboso, jogando paus! Odiou-o então, dum ódio complicado de inveja ao seu bigode negro e ao seu direito de amar...

— Está incomodado, senhor pároco? — perguntou Amélia, vendo-o mexer-se bruscamente na cadeira.

— Não — disse ele secamente.

— Ah! — fez ela, com um leve suspiro, picando rapidamente o pesponto.

O escrevente, baralhando as cartas,

começara a falar de uma casa que queria alugar; a conversa caiu sobre arranjos domésticos.

— Traz-me luz! — gritou Amaro à *Ruça*.

Desceu para o seu quarto, desesperado. Pôs a vela sobre a cómoda; o espelho estava defronte, e a sua imagem apareceu-lhe; sentiu-se feio, ridículo com a sua cara rapada, a volta hirta como uma coleira, e por trás a coroa hedionda. Comparou-se instintivamente com o outro que tinha um bigode, o seu cabelo todo, a sua liberdade! *Para que hei de eu estar a ralar-me?*, pensou. O outro era um marido; podia dar-lhe o seu nome, uma casa, a maternidade; ele só poderia dar-lhe sensações criminosas, depois os terrores do pecado! Ela simpatizava

talvez com ele, apesar de padre; mas antes de tudo, acima de tudo, queria casar; nada mais natural! Via-se pobre, bonita, só: cobiçava uma situação legítima e duradoura, o respeito das vizinhas, a consideração dos lojistas, todos os proveitos da honra!

Odiou-a então, e o seu vestido afogado e a sua honestidade! A estúpida, que não percebia que ao pé dela, sob uma negra batina, uma paixão devota a espreitava, a seguia, tremia e morria de impaciência! Desejou que ela fosse como a mãe, — ou pior, toda livre, com vestidos garridos, uma cuia impudente, traçando a perna e fitando os homens, uma fêmea fácil como uma porta aberta...

— Boa! Estou a desejar que a rapariga fosse uma desavergonhada! —

pensou, recaindo em si um pouco envergonhado. — Está claro: não podemos pensar em mulheres decentes, temos que reclamar prostitutas! Bonito dogma!

Abafava. Abriu a janela. O céu estava tenebroso; a chuva cessara; o piar das corujas na Misericórdia cortava só o silêncio.

Enterneceu-se, então, com aquela escuridão, aquela mudez de vila adormecida. E sentiu subir outra vez, das profundidades do seu ser, o amor que sentira ao princípio por ela, muito puro, dum sentimentalismo devoto: via a sua linda cabeça, duma beleza transfigurada e luminosa, destacar da negrura espessa do ar; e toda a sua alma foi para ela num desfalecimento de adoração, como no

culto a Maria e na Saudação Angélica; pediu-lhe perdão ansiosamente de a ter ofendido; disse-lhe alto: És uma santa, perdoa! — Foi um momento muito doce, de renunciamento carnal...

E, espantado quase daquelas delicadezas de sensibilidade que descobria subitamente em si, pôs-se a pensar com saudade — que se fosse um homem livre seria um marido tão bom! Amorável, delicado, dengueiro, sempre de joelhos, todo de adorações! Como amaria o *seu* filho, muito pequerruchinho, a puxar-lhe as barbas! À ideia daquelas felicidades inacessíveis, os olhos arrasaram-se-lhe de lágrimas. Amaldiçoou, num desespero, «a pega da marquesa que o fizera padre», e o bispo que o confirmara!

— Perderam-me! Perderam-me! — dizia, um pouco desvairado.

Sentiu então os passos de João Eduardo que descia, e o rumor das saias de Amélia. Correu a espreitar pela fechadura, cravando os dentes no beiço, de ciúme. A cancela bateu, Amélia subiu cantarolando baixo.

Mas a sensação do amor místico que o penetrara um momento, olhando a noite, passara; e deitou-se, com um desejo furioso dela e dos seus beijos.

7

Dias depois o padre Amaro e o cónego Dias tinham ido jantar com o abade da Cortegassa. — Era um velho jovial, muito caridoso, que vivia há trinta anos naquela freguesia e passava por ser o melhor cozinheiro da diocese. Todo o clero das vizinhanças conhecia a sua famosa *cabidela de caça*. O abade fazia anos, havia outros convidados — o padre Natário e o padre Brito: o padre Natário era uma criaturinha biliosa, seca, com dois olhos encovados, muito malignos, a pele picada das bexigas e extremamente irritável. Chamavam-lhe o *Furão*. Era esperto e questionador; tinha fama de ser grande latinista, e ter uma lógica de ferro;

e dizia-se dele: *é uma língua de víbora!* Vivia com duas sobrinhas órfãs, declarava-se extremoso por elas, gabava-lhes sempre a virtude, e costumava chamar-lhes as *duas rosas do seu canteiro*. O padre Brito era o padre mais estúpido e mais forte da diocese; tinha o aspeto, os modos, a forte vida de um robusto beirão que maneja bem o cajado, emborca um almude de vinho, pega alegremente à rabiça do arado, serve de trolha nos arranjos de um alpendre, e nas sestas quentes de junho atira brutalmente as raparigas para cima das medas de milho. O senhor chantre, sempre correto nas suas comparações mitológicas, chamava-lhe — *o leão de Nemeia*.

A sua cabeça era enorme, de cabelo lanígero que lhe descia até as .

sobrancelhas: a pele curtida tinha um tom azulado, do esforço da navalha de barba; e, nas suas risadas bestiais, mostrava dentinhos muito miúdos e muito brancos do uso da broa.

Quando iam sentar-se à mesa chegou o Libaninho todo azafamado, gingando muito, com a calva suada, exclamando logo em tons agudos:

— Ai, filhos! Desculpem-me, demorei-me mais um bocadinho. Passei pela igreja de Nossa Senhora da Ermida, estava o padre Nunes a dizer uma missa de intenção. Ai, filhos! Papei-a logo, venho mesmo consoladinho!

A Gertrudes, a velha e possante ama do abade, entrou então com a vasta terrina do caldo de galinha: e o Libaninho, saltitando em redor dela, começou os seus

gracejos:

— Ai, Gertrudinhas, quem tu fazias feliz, bem eu sei!

A velha aldeã ria, com o seu espesso riso bondoso, que lhe sacudia a massa do seio.

— Olha que arranjo me aparece agora pela tarde!...

— Ai, filha! As mulheres querem-se como as pêras, maduras e de sete cotovelos. Então é que é chupá-las!

Os padres gargalharam; e, alegremente, acomodaram-se à mesa.

O jantar fora todo cozinhado pelo abade: logo à sopa as exclamações começaram:

— Sim, senhor, famoso! Disto nem no Céu! Bela coisa!

O excelente abade estava escarlate

de satisfação. Era, como dizia o senhor chantre, «um divino artista»! Lera todos os *Cozinheiros completos*, sabia inúmeras receitas; era inventivo — e, como ele afirmava dando marteladinhas no crânio, «tinha-lhe saído muito petisco daquela cachimónia»! Vivia tão absorvido pela sua «arte» que lhe acontecia, nos sermões de domingo, dar aos fiéis ajoelhados para receberem a palavra de Deus, conselhos sobre o bacalhau guisado ou sobre os condimentos do sarrabulho. E ali vivia feliz, com a sua velha Gertrudes, de muito bom paladar também, com o seu quintal de ricos legumes, sentindo uma só ambição na vida — ter um dia a jantar o bispo!

— Oh, senhor pároco — dizia ele a Amaro —, por quem é! Mais um

bocadinho de cabidela, faça favor! Essas codeazinhas de pão ensopadas no molho! Isso! Isso! Que tal, hem? — E com um aspeto modesto: — Não é lá por dizer, mas a cabidela hoje saiu-me boa!

Estava com efeito, como disse o cónego Dias, de tentar Santo Antão no deserto! Todos tinham tirado as capas, e, só com as batinas, as voltas alargadas, comiam devagar, falando pouco. Como no dia seguinte era a festa da Senhora da Alegria, os sinos na capela, ao lado, repicavam; e o bom sol do meio-dia dava tons muito alegres à louça, às bojudas canecas azuis com vinho da Bairrada, aos pires de pimentões escarlates, às frescas malgas de azeitonas pretas — enquanto o bom abade, de olho arregalado, mordendo o beiço, ia cortando com cuidado nacos

brancos do peito do capão recheado.

As janelas abriam para o quintal. Viam-se dois largos pés de camélias vermelhas crescendo junto ao peitoril, e para além das copas das macieiras um pedaço muito vivo de céu azul-ferrete. Uma nora chiava ao longe, lavadeiras batiam a roupa.

Sobre a cómoda, entre *in-folios*, na sua peanha, um Cristo perfilava tristemente contra a parede o seu corpo amarelo, coberto de chagas escarlates: e, aos lados, simpáticos santos sob redomas de vidro, lembravam legendas mais doces de religião amável: o bom gigante S. Cristóvão atravessando o rio com o divino pequerrucho que sorri, e faz saltar o mundo sobre a sua mãozinha como uma pela; o doce pastor S. Joãozinho coberto

com uma pele de ovelha, e guardando os seus rebanhos, não com um cajado, mas com uma cruz; o bom porteiro S. Pedro, tendo na sua mão de barro as duas santas chaves que servem nas fechaduras do Céu! Nas paredes, em litografias de coloridos cruéis, o patriarca S. José apoiava-se ao seu cajado onde florescem lírios brancos; o cavalo empinado do bravo S. Jorge pisava o ventre dum dragão surpreendido; e o bom Santo António, à beira dum regato, sorria, falando a um tubarão. O tlintlim dos copos, o ruído das facas animava a velha sala, de teto de carvalho defumado, duma alegria desusada. E Libaninho devorava, dizendo pilhérias.

— Gertrudinhas, flor do caniço, passa-me as bages. Não me olhes assim,

magana, que me fazes revolver os intestinos!

— O diabo é o homem! — dizia a velha. — Olha para o que lhe deu! Falasse-me aqui há trinta anos, seu perdido!

— Ai, filha — exclamava revirando os olhos —, nem me digas isso que sinto coisas pela espinha acima!

Os padres engasgavam-se de riso. Já duas canecas de vinho estavam vazias: e o padre Brito desabotoara a batina, deixando ver a sua grossa camisola de lã da Covilhã, onde a marca da fábrica, feita de linha azul, era uma cruz sobre o coração.

Um pobre então viera à porta rosnar lamentosamente Padre-Nossos; e enquanto Gertrudes lhe metia no alforje metade

duma broa, os padres falaram dos bandos de mendigos que agora percorriam as freguesias.

— Muita pobreza por aqui, muita pobreza! — dizia o bom abade. — Ó Dias, mais este bocadinho da asa!

— Muita pobreza, mas muita preguiça — considerou duramente o padre Natário. — Em muitas fazendas sabia ele que havia falta de jornaleiros, e viam-se marmanjos, rijos como pinheiros, a choramingar Padre-Nossos pelas portas. Súcia de mariolas — resumiu.

— Deixe lá, padre Natário, deixe lá! — disse o abade. — Olhe que há pobreza deveras. Por aqui há famílias, homem, mulher e cinco filhos, que dormem no chão como porcos e não comem senão ervas.

— Então que diabo querias tu que eles comessem? — exclamou o cónego Dias lambendo os dedos depois de ter esburgado a asa do capão. — Querias que comessem peru? Cada um como quem é!

O bom abade puxou, repoltreando-se, o guardanapo para o estômago, e disse com afeto:

— A pobreza agrada a Deus Nosso Senhor.

— Ai filhos — acudiu o Libaninho num tom choroso —, se houvesse só pobrezinhos isto era o reininho dos Céus!

O padre Amaro considerou com gravidade:

— É bom que haja quem tenha cabedais para legados pios, edificações de capelas...

— A propriedade devia estar na mão

da Igreja — interrompeu Natário com autoridade.

O cónego Dias arrotou com estrondo e acrescentou:

— Para o esplendor do culto e propagação da fé.

— Mas a grande causa da miséria — dizia Natário com uma voz pedante — era a grande imoralidade.

— Ah! Lá isso não falemos! — exclamou o abade com desgosto. — Neste momento há só aqui na freguesia mais de doze raparigas solteiras grávidas! Pois senhores, se as chamo, se as repreendo, põem-se a fungar de riso!

— Lá nos meus sítios — disse o padre Brito —, quando foi pela apanha da azeitona, como há falta de braços, vieram as *maltas* trabalhar. Pois agora o verás!

Que desaforo! — Contou a história das *maltas*, trabalhadores errantes, homens e mulheres, que andam oferecendo os braços pelas fazendas, vivem na promiscuidade e morrem na miséria. — Era necessário andar sempre de cajado em cima deles!

— Ai! — disse o Libaninho para os lados apertando as mãos na cabeça. — Ai, o pecado que vai pelo mundo! Até se me estão a eriçar os cabelos!

Mas a freguesia de Santa Catarina era a pior! As mulheres casadas tinham perdido todo o escrúpulo.

— Piores que cabras — dizia o padre Natário alargando a fivela do colete.

E o padre Brito falou dum caso na freguesia de Amor: raparigas de dezasseis

e dezoito anos que costumavam reunir-se num palheiro — o palheiro do Silvério — e passavam lá a noite com um bando de marmanjos!

Então o padre Natário, que já tinha os olhos luzidios, a língua solta, disse repoltreando-se na cadeira e espaçando as palavras:

— Eu não sei o que se passa lá na tua freguesia, Brito; mas se há alguma coisa, o exemplo vem de alto... A mim têm-me dito que tu e a mulher do regedor...

— É mentira! — exclamou o Brito, fazendo-se todo escarlate.

— Oh, Brito! Oh, Brito! — disseram em redor, repreendendo-o com bondade.

— É mentira! — berrou ele.

— E aqui para nós, meus ricos —

disse o cónego Dias baixando a voz, com o olhinho aceso numa malícia confidencial —, sempre lhes digo que é uma mulher de mão-cheia!

— É mentira! — clamou o Brito. E falando de um jato: — Quem anda a espalhar isso é o morgado da Cumiada, porque o regedor não votou com ele na eleição... Mas tão certo como eu estar aqui, quebro-lhe os ossos! — Tinha os olhos injetados, brandia o punho: — Quebro-lhe os ossos!

— O caso não é para tanto, homem — considerou Natário.

— Quebro-lhe os ossos! Não lhe deixo um inteiro!

— Ai, sossega, leãozinho! — disse o Libaninho com ternura. — Não te percas, filhinho!

Mas recordando a influência do morgado da Cumiada, que era então oposição e que levava duzentos votos à uma, os padres falaram de eleições e dos seus episódios. Todos ali, a não ser o padre Amaro, sabiam, como disse Natário, «cozinhar um deputadozinho». Vieram anedotas; cada um celebrou as suas façanhas.

O padre Natário na última eleição tinha arranjado oitenta votos!

— Cáspite! — disseram.

— Imaginem vocês como? Com um milagre!

— Com um milagre? — repetiram espantados.

— Sim, senhores.

Tinha-se entendido com um missionário, e na véspera da eleição

receberam-se na freguesia cartas vindas do Céu e assinadas pela Virgem Maria, pedindo, com promessas de salvação e ameaças do Inferno, votos para o candidato do governo. De chupeta, hem?

— De mão-cheia! — disseram todos.

Só Amaro parecia surpreendido.

— Homem — disse o abade com ingenuidade —, disso é que eu cá precisava. Eu então tenho de andar aí a estafar-me de porta em porta. — E sorrindo bondosamente: — Com o que se faz ainda alguma coisita é com o relaxe da côngrua!

— E com a confissão — disse o padre Natário. — A coisa então vai pelas mulheres, mas vai segura! Da confissão tira-se grande partido.

O padre Amaro, que estivera calado,

disse gravemente:

— Mas enfim a confissão é um ato muito sério, e servir, assim para eleições...

O padre Natário, que tinha duas rosetas escarlates na face e gestos excitados, soltou uma palavra imprudente:

— Pois o senhor toma a confissão a sério?

Houve uma grande surpresa.

— Se tomo a confissão a sério? — gritou o padre Amaro recuando a cadeira, com os olhos arregalados.

— Ora essa! — exclamaram. — Oh, Natário! Oh, menino!

O padre Natário exaltado queria explicar, atenuar:

— Escutem, criaturas de Deus! Eu não quero dizer que a confissão seja uma

brincadeira! Irra! Eu não sou *pedreiro-livre*! O que eu quero dizer é que um meio de persuasão, de saber o que se passa, de dirigir o rebanho para aqui ou para ali... E quando é para o serviço de Deus, é uma arma. Aí está o que é — a absolvição é uma arma!

— Uma arma! — exclamaram.

O abade protestava, dizendo:

— Oh, Natário! Oh, filho! Isso não!

O Libaninho tinha-se benzido; e, dizia, «tinha já um tal terror que até lhe tremiam as pernas»! Natário irritou-se:

— Então talvez me queiram dizer — gritou — que qualquer de nós, pelo fato de ser padre, porque o bispo lhe impôs três vezes as mãos e porque lhe disse o *accipe*, tem missão direta de Deus, é Deus mesmo para absolver?!

— Decerto! — exclamaram. — Decerto!

E o cónego Dias disse meneando uma garfada de bages:

— *Quorum remiserispeccata, remittuntur eis*. É a fórmula. A fórmula é tudo, menino...

— A confissão é a essência mesma do sacerdócio — soltou o padre Amaro com gestos escolares, fulminando Natário. — Leia Santo Inácio! Leia S. Tomás!

— Anda-me com ele! — gritava o Libaninho pulando na cadeira, apoiando Amaro. — Anda-me com ele, amigo pároco! Salta-me no cachaço do ímpio!

— Oh, senhores — berrou Natário furioso com a contradição —, o que eu quero é que me respondam a isto. — E voltando-se para Amaro: — O senhor, por

exemplo, que acaba de almoçar, que comeu o seu pão torrado, tomou o seu café, fumou o seu cigarro, e que depois se vai sentar no confessionário, às vezes preocupado com negócios de família ou com faltas de dinheiro, ou com dores de cabeça, ou com dores de barriga, imagina o senhor que está ali como um Deus para absolver?

O argumento surpreendeu.

O cónego Dias, pousando o talher, ergueu os braços, e com uma solenidade cómica exclamou:

— *Hereticus est!* É herege!

— *Hereticus est!* também eu digo — rosnou o padre Amaro.

Mas a Gertrudes entrava com a larga travessa do arroz-doce.

— Não falemos nessas coisas, não

falemos nessas coisas — disse logo prudentemente o abade. — Vamos ao arrozinho. Gertrudes, dá cá a garrafinha do Porto!

Natário, debruçado sobre a mesa, ainda arremessava argumentos a Amaro:

— Absolver é exercer a graça. A graça só é atributo de Deus: em nenhum autor encontro que a graça seja transmissível. Logo...

— Ponho duas objeções... — gritou Amaro, com o dedo em riste, em atitude de polêmica.

— Oh filhos! Oh filhos — acudiu o bom abade aflito. — Deixem a sabatina, que até nem lhes sabe o arrozinho!

Serviu o vinho do Porto, para os acalmar, enchendo os copos devagar, com as precauções clássicas:

— Mil oitocentos e quinze! — dizia. — Disto não se bebe todos os dias.

Para o saborear, depois de o fazer reluzir à luz na transparência dos copos, repoltreavam-se nas velhas cadeiras de couro; começaram as *saúdes!* A primeira foi ao abade, que murmurava: Muita honra... muita honra... Tinha os olhos chorosos de satisfação.

— A Sua Santidade Pio IX! — gritou então o Libaninho brandindo o cálice. — Ao mártir!

Todos beberam comovidos. Libaninho entoou em voz de falsete o hino de Pio IX: o abade, prudente, fê-lo calar por causa do hortelão que no quintal aparava o buxo.

A sobremesa foi longa, muito saboreada. Natário tornara-se terno,

falava das suas sobrinhas, «as suas duas rosas», e citava Virgílio, molhando as castanhas em vinho. Amaro, todo deitado para trás na cadeira, as mãos nos bolsos, olhava maquinalmente as árvores do jardim, pensando vagamente em Amélia, nas suas formas; suspirou mesmo com um desejo dela — enquanto o padre Brito, rubro, queria convencer os republicanos a *marmeleiro*.

— Viva o marmeleiro do padre Brito! — gritou entusiasmado o Libaninho.

Mas Natário começara a discutir com o cónego história eclesiástica: e, muito questionador, voltou aos seus argumentos vagos sobre a doutrina da Graça: afirmava que um assassino, um parricida poderia ser canonizado — se se

tivesse revelado o estado de Graça! Divagava, com frases de escola em que se lhe pegava a língua. Citou santos que tinham sido escandalosos; outros que pela sua profissão deviam ter conhecido, praticado, amado o vício. Exclamou com as mãos na cinta:

— Santo Inácio foi militar!

— Militar? — gritou o Libaninho. E erguendo-se, correndo a Natário, lançando-lhe um braço ao pescoço com uma ternura pueril e avinhada: — Militar? E que era ele? Que era ele, o meu devoto Santo Inácio?

Natário repeliu-o:

— Deixe-me, homem! Era sargento de caçadores.

Houve uma enorme risada.

O Libaninho ficara extático.

— Sargento de caçadores! — dizia erguendo as mãos num ímpeto beato. — Meu rico Santo Inácio! Bendito e louvado seja ele por toda a eternidade!

E então o abade propôs que fossem tomar café para debaixo da parreira.

Eram três horas. Ao erguer-se todos cambaleavam um pouco, arrotando formidavelmente, com risadas espessas; só Amaro tinha a cabeça lúcida, as pernas firmes — e sentia-se muito terno.

— Pois agora, colegas — disse o abade sorvendo o último gole de café —, o que está a calhar é um passeio à fazenda.

— Para esmoer — rosnou o cónego erguendo-se com dificuldade. — Vamos lá à fazenda do abade!

Foram pelo atalho da Barroca, um

caminho estreito de carros. O dia estava muito azul, dum sol tépido. A vereda seguia entre valados eriçados de silvas, para além as terras lisas estendiam-se cobertas de restolho; a espaços as oliveiras destacavam, com grande nitidez, na sua folhagem fina; para o horizonte arredondavam-se colinas cobertas da rama verde-negra dos pinheiros; havia um grande silêncio; só às vezes, ao longe, num caminho, um carro chiava. E naquela serenidade da paisagem e da luz, os padres iam caminhando devagar, tropeçando um pouco, de olho aceso, estômago enfartado, chacoteando e achando a vida boa.

O cónego Dias e o abade, de braço dado, caturravam. O Brito, ao lado de Amaro, jurava que havia de beber o

sangue ao morgado da Cumeada.

— Prudência, colega Brito, prudência — dizia Amaro chupando o cigarro.

E o Brito, com passadas de carretão, rosnava.

— hei de comer-lhe os fígados.

O Libaninho atrás, só, cantarolava em falsete:

Passarinho trigueiro,
Salta cá fora...

Adiante de todos ia o padre Natário: levava a capa no braço, arrastando pelo chão; a batinha desabotoada por trás deixava ver o forro imundo do colete; e as suas pernas escanifradas, com as meias pretas de lã cheias de passagens, faziam

bordos que o atiravam contra o silvado.

E no entanto Brito, com grandes bafos de vinho, roncava:

— Eu só me contentava em agarrar num cajado e correr tudo! tudo! — e gesticulava com um gesto imenso que abrangia o mundo!

Tem as asas quebradas,
Não pode agora...
Gania atrás o Libaninho.

Mas pararam de repente: Natário adiante gritava com voz furiosa:

— Seu burro, você não vê? Sua besta!

Era à volta do atalho. Tropeçara com um velho que conduzia uma ovelha; ia caindo; e ameaçava-o com o punho

fechado numa raiva avinhada.

— Queira vossa senhoria perdoar — dizia humildemente o homem.

— Sua besta! — berrava Natário com os olhos chamejantes. — Que o racho!

O homem balbuciava, tinha tirado o chapéu; viam-se os seus cabelos brancos; parecia ser um antigo criado da lavoura envelhecido no trabalho; era talvez avô — e curvado, vermelho de vergonha, encolhia-se com as sebes para deixar passar no estreito caminho de carros os senhores padres joviais e excitados da vinhaça!

Amaro não os quis acompanhar até à fazenda. Ao fim da aldeia, no cruzeiro, tomou pelo caminho de Sobros, voltou para Leiria.

— Olhe que é uma légua à cidade — dizia o abade. — Eu mando-lhe aparelhar a égua, colega.

— Qual história, abade, a perninha é rija! — E, traçando alegremente a capa, partiu cantarolando o *Adeus*...

Ao pé da Cortegassa o atalho de Sobros alarga-se, ao comprido dum muro de quinta coberto de musgos e eriçada no alto de luzidios fundos de garrafas. Quando Amaro chegou próximo ao portão de carros, baixo e pintado de vermelho, encontrou no meio do caminho, parada, uma grande vaca malhada; Amaro divertido espicaçou-a com o guarda-chuva; a vaca trotou balouçando a papeira — e Amaro ao voltar-se viu Amélia, ao portão, que saudava, dizendo toda risonha:

— Então está-me a espantar o gado, senhor pároco?

— É a menina! Que milagre é este?

Ela fez-se um pouco vermelha:

— Vim à quinta com a D. Maria da Assunção. Vim dar uma vista de olhos à fazenda.

Ao pé de Amélia uma rapariga acamava couves numa canastra.

— Então esta é que é a quinta da D. Maria?

E Amaro deu um passo para dentro do portão.

Uma rua larga de velhos sobreiros, dando uma sombra doce, estendia-se até à casa que se entrevia no fundo, branquejando ao sol.

— É. A nossa fazenda fica do outro lado, mas entra-se também por aqui. Vá,

Joana, avia-te!

A rapariga pôs a canastra à cabeça, deu as boas-tardes, meteu pelo caminho de Sobros, batendo muito os quadris.

— Sim, senhor! Sim, senhor! Parece uma boa propriedade — considerava o pároco.

— Venha ver a nossa fazenda! — disse Amélia. — É uma migalhinha de terra, mais para fazer uma ideia. Vai-se por aqui mesmo... Olhe, vamos ter lá baixo com a D. Maria, quer?

— Valeu. Vamos lá à D. Maria — disse Amaro.

Foram subindo a rua dos sobreiros, calados. O chão estava cheio de folhas secas, e, entre os troncos espaçados, moutas de hortênsias pendiam abatidas, amareladas dos chuveiros; ao fundo a

casa baixa, velha, de um andar só, assentava pesadamente. Ao longo da parede grandes abóboras amadureciam ao sol, e no telhado, todo negro do inverno, esvoaçavam pombos. Por trás o laranjal formava uma massa de folhagens verde-escuras; uma nora chiava monotonamente.

Um rapazinho passou com um balde de lavagem.

— Para onde foi a senhora, João? — perguntou Amélia.

— Foi pro olival — disse o rapaz com a sua vozinha arrastada. O olival era longe, no fundo da quinta: havia ainda grandes lamas, não se podia ir lá sem tamancos.

— Vai-se a gente sujar toda — disse Amélia. — Deixar lá a D. Maria, hem? Vamos nós ver a quinta... Por aqui, senhor

pároco...

Estavam defronte dum velho muro onde cresciam clematites. Amélia abriu uma porta verde; e por três degraus de pedra desconjuntados desceram a uma rua toldada por uma larga parreira. Junto do muro cresciam rosas de todo o ano; do outro lado, por entre os pilares de pedra que sustentavam a latada e os pés torcidos das cepas, via-se, batido de luz, com tons amarelados, um grande campo de erva; os tetos baixos do curral coberto de colmo destacavam ao longe em escuro, e desse lado um fumozinho leve e branco perdia-se no ar muito azul.

Amélia a cada momento parava, explicava a quinta. Ali ia semear-se cevada; além havia de ver o cebolinho, estava muito bonito...

— Ah! A D. Maria da Assunção traz isto muito bem tratado!

Amaro ouvia-a falar, com a cabeça baixa, olhando-a de lado; a sua voz naquele silêncio dos campos parecia-lhe mais rica, mais doce; o grande ar dava-lhe uma cor mais picante às faces; o seu olhar rebrilhava. Para saltar umas lamas tinha apanhado o vestido; e a brancura da meia, que ele entreviu, perturbou-o como um começo da sua nudez.

Ao fundo da parreira atravessaram um campo ao comprido dum regueiro. Amélia riu muito do pároco, que tinha medo dos sapos. Ele então exagerou os seus sustos. Ó menina Amélia, haveria víboras? Ele roçava-se por ela, afastando-se das ervas altas.

— Vê aquele valado? Pois para o

lado de lá é a nossa fazenda. Entra-se pela cancela, vê? Mas veja lá se está cansado! Que o senhor parece-me que não é grande caminhador... Ai, um sapo!

Amaro deu um pulinho, tocou-lhe o ombro. Ela empurrou-o docemente, e com um riso cálido:

— Seu medroso! Seu medroso!

Estava toda contente, toda viva. Falava na sua *fazenda* com uma vaidadezinha, satisfeita de entender da lavoura, de ser proprietária.

— A cancela está fechada, parece — disse Amaro.

— Está — fez ela. Apanhou as saias, deu uma carreirinha. Estava fechada! Que pena! E abalava, impaciente, as grades estreitas, entre as duas fortes ombreiras de madeira encravadas na espessura do

silvado.

— Foi o caseiro que levou a chave!

Agachou-se, gritou para o lado do campo, arrastando muito tempo a voz:

— António! António!

Ninguém respondeu.

— Anda lá para o fundo da quinta! — disse ela. — Que seca! Se o senhor pároco quisesse, aqui adiante pode-se passar. Há uma abertura no valado, chamam-lhe o *salto da cabra*. Pode a gente saltar para o outro lado.

E caminhando rente ao silvado, chapinhando a lama, toda alegre:

— Quando eu era pequena nunca passava pela cancela! Saltava sempre por ali. E cada trambolhão, quando o chão estava resvaladiço com a chuva! Era um vivo demónio, aqui onde me vê! Ninguém

há de dizer, senhor pároco, hem? Ai! vou-me a fazer velha! — E voltando-se para ele, com um risinho onde luzia o esmalte dos dentes: — Não é verdade? Estou-me a fazer velha, hem?

Ele sorria. Custava-lhe falar. O sol, batendo-lhe nas costas, depois do vinho do abade, amolecia-o: e a figura dela, os seus ombros, os seus encontros davam-lhe um desejo contínuo e intenso.

— Aqui está o *salto da cabra* — disse Amélia parando.

Era uma abertura estreita no valado: a terra do outro lado, mais baixa, estava toda lamacenta. Via-se dali a fazenda da S. Joaneira: o campo plano estendia-se até um olival, com a erva fina muito estrelada de pequenos malmequeres brancos; uma vaca preta, de grandes

malhas, pastava; e para além viam-se tetos aguçados dos casais, onde voavam revoadas de pardais.

— E agora? — perguntou Amaro.

— Agora saltar — disse ela rindo.

— Cá vai! — exclamou ele.

Traçou a capa, saltou: mas escorregou nas ervas húmidas, e imediatamente Amélia, debruçando-se, rindo muito, com grandes acenos de mãos:

— E agora adeus, senhor pároco, que eu vou ter com a D. Maria. Aí fica preso na fazenda. Para cima não pode o senhor pular, pela cancela não pode o senhor passar! É o senhor pároco que está preso...

— Ó menina Amélia! Ó menina Amélia!

Ela cantarolava-lhe, escarnecendo:

Fico sozinha à varanda,
Que o meu bem está na prisão!

Aquelas maneirinhas excitavam o padre — e com os braços erguidos, a voz cálida:

— Salte, salte!

Ela então fez voz de mimo:

— Ai, tenho medinho! Tenho medinho...

— Salte, menina!

— Lá vai! — gritou ela bruscamente.

Saltou, foi cair-lhe sobre o peito com um gritinho. Amaro resvalou, firmou-se — e sentindo entre os braços o corpo dela, apertou-a brutalmente e beijou-a com furor no pescoço.

Amélia desprendeu-se, ficou diante

dele, sufocada, com a face em brasa, compondo na cabeça e em roda do pescoço, com as mãos trémulas, as pregas da manta de lã. Amaro disse-lhe:

— Ameliazinha!

Mas ela de repente apanhou os vestidos, correu ao comprido do valado. Amaro, com grandes passadas, seguiu-a atarantado. Quando chegou à cancela, Amélia falava ao caseiro, que aparecia com a chave.

Atravessaram o campo junto ao regueiro, depois a rua coberta com a parreira. Amélia adiante palrava com o caseiro; e atrás Amaro, de cabeça baixa, seguia muito murcho. Ao pé da casa Amélia parou, fazendo-se vermelha, compondo sempre a manta em redor do pescoço:

— Ó António — disse — ensine o portão ao senhor pároco. Muito boas tardes, senhor pároco.

E através das terras húmidas correu para o fundo da quinta, para os lados do olival.

A Sra. D. Maria da Assunção ainda lá estava, sentada numa pedra, tagarelando com o tio Patrício; um bando de mulheres, com grandes varas, batiam em redor a ramagem das oliveiras.

— Que é isso, tonta? De onde vens tu a correr, rapariga? Credo! Que doida!

— Vim a correr — disse ela toda vermelha, sufocada.

Sentou-se ao pé da velha; e ficou imóvel, com as mãos caídas no regaço, respirando fortemente, os beiços entreabertos, os olhos fixos numa

abstração. Todo o seu ser se abismava numa só sensação:

— Gosta de mim! Gosta de mim!

Estava há muito namorada do padre Amaro — e às vezes, só, no seu quarto, desesperava-se por imaginar que ele não percebia nos seus olhos a confissão do seu amor! Desde os primeiros dias, apenas o ouvia pela manhã pedir de baixo o almoço, sentia uma alegria penetrar todo o seu ser sem razão, punha-se a cantarolar com uma volubilidade de pássaro. Depois via-o um pouco triste. Porquê? Não conhecia o seu passado; e lembrada do frade de Évora, pensou que ele se fizera padre por um desgosto de amor. Idealizou-o então: supunha-lhe uma

natureza muito terna, parecia-lhe que da sua pessoa airosa e pálida se desprendia uma fascinação. Desejou tê-lo por confessor: como seria estar ajoelhada aos pés dele, no confessionário, vendo de perto os seus olhos negros, sentindo a sua voz suave falar do Paraíso! Gostava muito da frescura da sua boca; fazia-se pálida à ideia de o poder abraçar na sua longa batina preta! Quando Amaro saía, ia ao quarto dele, beijava a travesseirinha, guardava os cabelos curtos que tinham ficado nos dentes do pente. As faces abrasavam-se-lhe quando o ouvia tocar a campainha.

Se Amaro jantava fora com o cónego Dias, estava todo o dia impertinente, ralhava com a *Ruça*, às vezes mesmo dizia mal dele, «que era casmurro, que era

tão novo que nem inspirava respeito». Quando ele falava de alguma nova confessada, amuava, com ciúme pueril. A sua antiga devoção renascia, cheia de um fervor sentimental: sentia um vago amor físico pela Igreja; desejaria abraçar, com pequeninos beijos demorados, o altar, o órgão, o missal, os santos, o Céu, porque não os distinguia bem de Amaro, e pareciam-lhe dependências da sua pessoa. Lia o seu livro de missa pensando nele como no seu Deus particular. E Amaro não sabia, quando passeava agitado pelo quarto, que ela em cima o escutava, regulando as palpitações do seu coração pelas passadas dele, abraçando o travesseiro, toda desfalecida de desejos, dando beijos no ar, onde se lhe representavam os lábios do pàroco!

A tarde caía quando D. Maria e Amélia voltaram para a cidade. Amélia adiante, calada, chibatava a sua burrinha, enquanto D. Maria da Assunção vinha palrando com o moço da quinta, que segurava a arreata. Ao passarem junto à Sé tocou a Ave-Maria. E Amélia, rezando, não podia destacar os olhos das cantarias da igreja tão grandiosamente erguidas, decerto para que ele ali celebrasse! Lembravam-lhe então domingos em que o vira, ao repicar dos sinos, dar a bênção dos degraus do altar-mor: e todos se curvavam, mesmo as senhoras do morgado Carreiro, mesmo a Sra. baronesa da Via-Clara e a mulher do governador civil, tão orgulhosa com o seu nariz de

cavalete! Dobravam-se sob os seus dedos erguidos, e achavam decerto também bonitos os seus olhos negros! E era ele que a tinha apertado nos braços, ao pé do valado! Sentia ainda no pescoço a pressão cálida dos seus beiços: uma paixão flamejou como uma chama por todo o seu ser: largou a arreata do burrinho, apertou as mãos contra o peito, e cerrando os olhos, lançando toda a sua alma numa devoção:

— Oh, Nossa Senhora das Dores, minha madrinha, faz que ele goste de mim!

No adro lajeado cónegos passeavam, conversando. A botica defronte já tinha luz, os bocais reluziam; e por detrás da balança a figura do farmacêutico Carlos, com o seu boné bordado a missanga, movia-se majestosamente.

8

O padre Amaro voltara para casa aterrado.

— E agora? E agora? — dizia ele, encostado ao canto da janela, sentindo o coração encolhido.

Devia sair imediatamente da casa da S. Joaneira! Não podia continuar ali, na mesma familiaridade, depois de ter tido «aquele atrevimento com a pequena».

Que ela não ficara muito indignada — apenas atordoada; contivera-a talvez o respeito eclesiástico, a delicadeza para com o hóspede, a atenção para com o amigo do cónego. Mas podia contar à mãe, ao escrevente... Que escândalo! E via o senhor chantre, traçando a perna e

fitando-o, — que era a sua atitude de repreensão — dizer-lhe com pompa: «São esses desregramentos que desonram o sacerdócio. Não se comportaria de outro modo um Sátiro no monte Olimpo!» Poderiam desterrá-lo outra vez para alguma freguesia da serra!... Que diria a Sra. condessa de Ribamar?

E depois, se persistisse em vê-la na intimidade, ter constantemente presentes aqueles olhos negros, o sorriso cálido que lhe fazia uma covinha no queixo, a curva daquele peito — a sua paixão, crescendo surdamente, irritada a toda a hora, recalcada para dentro, torná-lo-ia doido, «podia fazer alguma asneira»!

Decidiu-se então a ir falar ao cónego Dias: a sua natureza fraca necessitava sempre receber forças duma razão, duma

experiência alheia: costumava consultar ordinariamente o cónego que, pelo hábito da disciplina eclesiástica, ele julgava mais inteligente por ser seu superior na hierarquia; e não perdera, desde o seminário, a sua dependência de discípulo. Depois, se quisesse arranjar uma casa e uma criada para ir viver só, necessitava o auxílio do cónego, que conhecia Leiria como se a tivesse edificado.

Encontrou-o na sala de jantar. O candeeiro de azeite esmorecia com um morrão avermelhado. Os tições da braseira, cobertos duma pulverização de cinza, revermelhavam vagamente. E o cónego, sentado numa cadeira de braços, com o capote pelos ombros, os pés embrulhados num cobertor, amodorrado

no calor do lume, com o Breviário sobre os joelhos, dormitava. Na dobra do cobertor, a *Trigueira* estirada dormitava como ele.

Aos passos de Amaro o cónego abriu muito devagar os olhos, rosnou:

— Ia adormecendo, hem!

— É cedo — disse o padre Amaro. — Ainda não tocou a recolher. Então que preguiça é essa?

— Ah, é você? — disse o cónego com um enorme bocejo. — Cheguei tarde de casa do abade, tomei uma gota de chá, veio o quebranto... Então que é feito?

— Vim por aqui.

— Pois o abade deu-nos um rico jantar. A cabidela estava de mão-cheia! Eu carreguei-me um bocado — disse o cónego rufando com os dedos na capa do

Breviário.

Amaro, sentado ao pé dele, remexia devagar o brasido:

— Sabe você, padre-mestre? — disse ele de repente. Ia acrescentar: «Aconteceu-me um caso!» Mas reteve-se, murmurou: — Estou hoje esquisito; tenho andado ultimamente fora dos eixos...

— Você, com efeito, anda amarelo — disse o cónego, considerando-o. — Purgue-se, homem!

Amaro esteve um momento calado, a olhar o lume.

— Sabe? Estou com ideia de mudar de casa.

O cónego ergueu a cabeça, arregalou os olhinhos sonolentos:

— Mudar de casa! Ora essa! Porquê?

O padre Amaro chegou a cadeira para ele, e falando baixo:

— Você percebe... Tenho estado a pensar, é assim esquisito estar em casa de duas mulheres, com uma rapariga...

— Ora, histórias! Que me vem você contar? Você é hóspede... Deixe-se disso, homem! É como quem está na hospedaria.

— Não, não, padre-mestre, eu cá me entendo...

E suspirou; desejava que o cónego o interrogasse, facilitasse as confidências.

— Então só hoje é que pensa nisso, Amaro?!

— É verdade, tenho estado a pensar hoje nisto. Tenho as minhas razões. — Ia a dizer: «Fiz uma tolice», mas acanhou-se.

O cónego olhou para ele um momento:

— Homem! Seja franco!

— Sou.

— Você acha aquilo caro?

— Não! — disse o outro com uma negação impaciente.

— Bem, então é outra coisa...

— É. Você que quer? — E num tom magano, com que julgou agradar ao cónego: — A gente também gosta do que é bom...

— Bem, bem — disse o cónego rindo —, percebo. Você, como eu sou amigo da casa, quer-me dizer por bons modos que tem nojo de tudo aquilo!

— Tolice! — disse Amaro, erguendo-se, irritado de tanta obtusidade.

— Oh, homem! — exclamou o cónego abrindo os braços. — Você quer sair da casa? Por alguma é! Ora a mim

parece-me que melhor...

— É verdade, é verdade — dizia Amaro que dava agora grandes passadas pela sala. — Mas estou com esta ferrada! Veja você se me arranja uma casita barata com alguma mobília... Você entende melhor dessas coisas...

O cónego ficou calado, muito enterrado na poltrona, coçando devagar o queixo.

— Uma casita barata — rosnou por fim. — Eu verei, eu verei... talvez.

— Você compreende — acudiu vivamente Amaro, chegando-se ao cónego. — A casa da S. Joaneira...

Mas a porta rangeu, D. Josefa Dias entrou: e depois de conversarem sobre o jantar do abade, o catarro da pobre D. Maria da Assunção, a doença de fígado

que ia minando o engraçado cónego Sanches — Amaro saiu, quase contente agora de se não «ter desabotoado com o padre-mestre».

O cónego ficou ainda ao pé do lume, ruminando. Aquela resolução de Amaro de deixar a casa da S. Joaneira era bem-vinda: quando ele o trouxera de hóspede para a Rua da Misericórdia, combinara com a S. Joaneira diminuir-lhe a mesada que havia anos lhe dava, regularmente, no dia 30. Mas arrependeu-se logo: a S. Joaneira, se não tinha hóspede, dormia só no primeiro andar: o cónego podia então saborear livremente os carinhos da sua velhota; e Amélia na sua alcova, em cima, era alheia a este «conchegozinho». Quando veio o padre Amaro, a S. Joaneira cedeu-lhe o quarto, e dormia

numa cama de ferro ao pé da filha: e o cónego então reconheceu, como ele disse, desconsolado — «que aquele arranjo tinha estragado tudo». Para gozar as doçuras da sesta com a sua S. Joaneira, era necessário que Amélia jantasse fora, que a *Ruça* estivesse na fonte, outras combinações importunas: e ele, cónego do cabido, na egoísta velhice, quando precisava ter recato com a sua saúde, via-se obrigado a esperar, a espreitar, a ter nos seus prazeres regulares e higiénicos as dificuldades dum colegial que ama a senhora professora. Ora se Amaro saísse, a S. Joaneira descia ao seu quarto, no primeiro andar; vinham as antigas comodidades, as tranquilas sestas. É verdade que tinha de dar a antiga mesada... Daria a mesada!

— Que diabo! Ao menos está um homem à sua vontade — resumiu ele.

— Que está para aí o mano a falar só? — perguntou a Sra. D. Josefa, despertando do quebranto em que ia caindo, ao pé do lume.

— Estava cá a malucar como hei de castigar a carne na quaresma — disse o cónego com um riso grosso.

A essa hora a *Ruça* chamava o padre Amaro para o chá: e ele subia devagar, com o coração pequenino, receando encontrar a S. Joaneira muito carrancuda, já informada do insulto. Achou só Amélia — que tendo-lhe sentido os passos na escada tomara rapidamente a costura, e, com a cabeça muito baixa, dava grandes

agulhadas, vermelha como o lenço que abainhava para o cónego.

— Muito boa noite, menina Amélia.

— Muito boa noite, senhor pároco.

Amélia costumava sempre ter um *olá!* ou um *ora viva!* muito amável; aquela secura aterrou-o; disse-lhe logo muito perturbado:

— Menina Amélia, eu peço-lhe que me perdoe... Foi um atrevimento... Eu nem soube o que fiz... Mas acredite... Estou resolvido a sair daqui. Até já pedi ao Sr. cónego Dias que me arranjasse casa...

Falava com o rosto baixo — e não via Amélia erguer os olhos para ele, surpreendida e toda desconsolada.

Neste momento a S. Joaneira entrou, e logo da porta, abrindo os braços:

— Viva! Então já sei, já sei! Disse-

me o Sr. padre Natário: grande jantar! Conte lá, conte lá!

Amaro teve de dizer os pratos, as pilhérias do Libaninho, a discussão teológica; depois falaram da fazenda: e Amaro desceu, sem se ter atrevido a dizer à S. Joaneira que ia deixar a casa, — o que era, coitada, para a pobre mulher, uma perda de seis tostões por dia.

Na manhã seguinte o cónego foi a casa de Amaro, pela manhã, antes de ir ao coro. O pároco fazia a barba à janela:

— Olá, padre-mestre! Que há de novo?

— Parece-me que se arranja a coisa! E foi por acaso, esta manhã... Há uma casita lá para os meus lados, que é um achado. Era do major Nunes, que vai mudado para o 5.

Aquela precipitação desagradou a Amaro: perguntou, dando desconsoladamente o fio à navalha:

— Tem mobília?

— Tem mobília, tem louças, tem roupas, tem tudo.

— Então...

— Então é entrar e começar a gozar. E aqui para nós, Amaro, você tem razão. Estive a pensar no caso... É melhor para você viver só. De modo que vista-se, e vamos ver a casita.

Amaro, calado, rapava a cara com desespero.

A casa era na Rua das Sousas, de um andar, muito velha, com a madeira carunchosa: a mobília, como disse o cónego, «podia passar a veteranos»; algumas litografias desbotadas pendiam

lugubremente de grandes pregos negros; e o imundo major Nunes deixara os vidros quebrados, os soalhos todos escarrados, as paredes riscadas de fósforos, e até sobre um poial da janela duas peúgas quase negras. Amaro aceitou a casa. E nessa mesma manhã o cónego ajustou-lhe uma criada, a Sra. Maria Vicência, pessoa muito devota, alta e magra como um pinheiro, antiga cozinheira do doutor Godinho. E (como considerou o cónego Dias) era a própria irmã da famosa Dionísia!

A Dionísia fora outrora a *Dama das Camélias*, a Ninon de Lenclos, a Manon de Leiria: gozara a honra de ser concubina de dois governadores civis e do terrível morgado da Sertejeira; e as paixões frenéticas que inspirara tinham sido para

quase todas as mães de família de Leiria causa de lágrimas e de fanicos. Agora engomava para fora, encarregava-se de empenhar objetos, entendia muito de partos, protegia «o rico adulteriozinho» segundo a singular expressão do velho D. Luís da Barrosa, cognominado o *infame*, fornecia lavradeirinhas aos senhores empregados públicos, sabia toda a história amorosa do distrito. E via-se sempre na rua a Dionísia com o seu xale de xadrez traçado, o pesado seio tremendo dentro dum chambre sujo, o passinho discreto e os antigos sorrisos — mas a que faltavam já os dois dentes de diante.

O cónego logo nessa tarde deu parte à S. Joaneira da resolução de Amaro. Foi um grande espanto para a excelente

senhora! Queixou-se, com amargura, da ingratidão do senhor pároco.

O cónego tossiu grosso e disse:

— Escute, senhora. Fui eu que arranjei a coisa. E eu lhe digo porquê: é que este arranjo do quarto em cima, etc., está-me a arrasar a saúde.

Deu outras razões de prudência higiénica, e acrescentou passando-lhe com bondade os dedos pelo pescoço:

— E o que é perder a conveniência, não se aflija a senhora! Eu darei para a panela como dantes; e como a colheita foi boa porei mais meia moeda para os arrebiques da pequena. Ora venha de lá uma beijoca, Augustinha, sua brejeira! E ouça, como-lhe cá as sopas.

Amaro no entanto em baixo ia emalando a sua roupa. Mas a cada

momento parava, dava um *ai* triste, ficava a olhar em redor o quarto, a cama fofa, a mesa com a sua toalha branca, a larga cadeira forrada de chita onde ele lia o Breviário, ouvindo, por cima, cantarolar Amélia.

Nunca mais!, pensava. *Nunca mais!*

Adeus as boas manhãs passadas ao pé dela, vendo-a costurar! Adeus as alegres sobremesas, que se prolongavam à luz do candeeiro! Adeus os chás, ao pé da braseira, quando o vento uivava fora e cantavam as frias goteiras! Tudo tinha acabado!

A S. Joaneira e o cónego apareceram então à porta do quarto. O cónego resplandecia; e a S. Joaneira disse, muito magoada:

— Já sei, já sei, seu ingrato!

— É verdade, minha senhora — fez Amaro encolhendo os ombros tristemente. — Mas há razões... Eu sinto...

— Olhe, senhor pároco — disse a S. Joaneira —, não se ofenda com o que lhe vou dizer, mas eu já lhe queria como filho... — e levou o lenço aos olhos.

— Tolices — exclamou o cónego. — Pois então ele não pode vir aqui em amizade, passar as noites para o cavaco, tomar o seu café?... O homem não vai para o Brasil, senhora!

— Pois sim, pois sim — dizia a pobre senhora desconsolada —, mas sempre era tê-lo de portas adentro! Enfim, ela bem sabia que a gente na sua casa está muito melhor... — Fez-lhe então grandes recomendações sobre a lavadeira, que mandasse buscar o que quisesse, louças,

lençóis...

— E veja lá, não lhe esqueça alguma coisa, senhor pároco!

— Muito obrigado, minha senhora, muito obrigado.

E continuando a arrumar a sua roupa, o pároco desesperava-se agora contra a resolução que tomara. A pequena evidentemente não tinha aberto bico! Para que sairia então daquela casa tão barata, tão confortável, tão amiga? E odiava o cónego pelo seu zelo tão precipitado.

O jantar foi triste. Amélia, decerto para explicar a sua palidez, queixava-se de dores na cabeça. Ao café o cónego quis a sua «dose de música»; e Amélia, ou maquinalmente ou com intenção, disse a canção querida:

Ai! Adeus! Acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado!
Soa a hora, o momento fadado.
É forçoso deixar-te e partir!

Então, àquela chorosa melodia repassada das tristezas da separação, Amaro sentiu-se tão perturbado que teve de se erguer bruscamente, ir encostar o rosto à vidraça, esconder as duas lágrimas que irreprimivelmente lhe saltavam das pálpebras. Os dedos de Amélia embrulhavam-se também no teclado; até a mesma S. Joaneira disse:

— Oh! Filha, toca outra coisa, credo!

Mas o cónego, erguendo-se pesadamente:

— Pois senhores, vão sendo horas. Vamos lá, Amaro. Eu vou consigo até a

Rua das Sousas... Amaro então quis dizer adeus à idiota; mas depois de um forte acesso de tosse, a velha dormia, muito fraca.

— Deixá-la sossegada — disse Amaro. E apertando a mão à S. Joaneira: — Muito obrigado por tudo, minha senhora, acredite...

Calou-se, com um soluço na garganta.

A S. Joaneira tinha levado aos olhos a ponta do seu avental branco.

— Oh, senhora! — disse o cónego rindo-se. — Já há bocado lhe disse, o homem não vai para as Índias!

— A gente é pela amizade que lhes ganha — choramingou a S. Joaneira.

Amaro tentou gracejar. Amélia, muito branca, mordia o beicinho.

Enfim Amaro desceu: e o João Ruço, que na sua chegada a Leiria lhe trouxera o baú para a Rua da Misericórdia, muito bêbedo, cantarolando o *Bendito*, levava-lho agora para a Rua das Sousas, bêbedo também, mas trauteando o *Rei-chegou*.

Quando Amaro, nessa noite, se viu só naquela casa tristonha, sentiu uma melancolia tão pungente e um tédio tão negro da vida, que, com a sua natureza lassa, teve vontade de se encolher a um canto e ficar ali a morrer!

Parava no meio do quarto, punha-se a olhar em redor: a cama era de ferro, pequena, com um colchão duro e uma coberta vermelha; o espelho com o aço gasto luzia sobre a mesa; como não havia

lavatório, a bacia e o jarro, com um bocadinho de sabonete, estavam sobre o poial da janela; tudo ali cheirava a mofo; e fora, na rua negra, caía sem cessar a chuva triste. Que existência! E seria sempre assim!...

Desesperou-se então contra Amélia: acusou-a, com o punho fechado, das comodidades que perdera, da falta de mobília, da despesa que ia ter, da solidão que o regelava! Se fosse mulher de coração devia ter vindo ao seu quarto, dizer-lhe: «Sr. padre Amaro, para que sai de casa? Eu não estou zangada!» Porque enfim quem irritara o seu desejo? Ela, com as suas maneirinhas temas, os seus olhinhos adocicados! Mas não, deixara-o emalar a roupa, descer a escada, sem uma palavra amiga, indo tocar com estrondo a

valsa do *Beijo!*

Jurou então não voltar a casa da S. Joaneira. E, a grandes passadas pelo quarto, pensava no que havia de fazer para humilhar Amélia. O quê? Desprezá-la como uma cadela! Ganhar influência na sociedade devota de Leiria, ser muito do senhor chantre: afastar da Rua da Misericórdia o cónego e as Gansosos; intrigar com as senhoras da boa roda para que se afastassem dela, com secura, no altar-mor, à missa do domingo; dar a entender que a mãe era uma prostituta... Enterrá-la! Cobri-la de lama! E na Sé, ao sair da missa, regalar-se de a ver passar encolhida no seu mantelete preto, escorraçada de todos, enquanto ele, à porta, de propósito, conversaria com a mulher do governador civil e seria galante

com a baronesa de Via-Clara!... Depois pregaria um grande sermão, na quaresma, e ela ouviria dizer, na arcada, nas lojas: «Grande homem, o padre Amaro!». Tornar-se-ia ambicioso, intrigaria, e, protegido pela Sra. condessa de Ribamar, subiria nas dignidades eclesiásticas: o que pensaria ela quando o visse um dia bispo de Leiria, pálido e interessante na sua mitra toda dourada, passando, seguido dos incensadores, ao longo da nave da Sé, entre um povo ajoelhado e penitente, sob os roucos cantos do órgão? E ela o que seria então? Uma magra criatura murcha, embrulhada num xale barato! E o Sr. João Eduardo, o escolhido de agora, o esposo? Seria um pobre amanuense mal pago, com uma quinzenaroçada, os dedos queimados do cigarro, curvado sobre o seu papel

almaço, impercetível na terra, adulando alto e invejando baixo! E ele, bispo, na vasta escadaria hierárquica que sobe até ao Céu, estaria já muito para cima dos homens, na zona de luz que faz a face de Deus-Padre! E seria par do reino, e os padres da sua diocese tremeriam de o ver franzir a testa!

Na igreja, ao lado, bateram devagar dez horas.

Que faria ela àquela hora?, pensava. Costurava decerto, na sala de jantar: estava o escrevente: jogavam a bisca, riam, ela roçava-lhe talvez com o pé, no escuro, debaixo da mesa. Recordou o seu pé, o bocadinho da meia que vira quando ela saltava as lamas na quinta, e essa curiosidade inflamada subia pela curva da perna até ao seio, percorrendo belezas

que suspeitava... O que ele gostava daquela maldita! E era impossível obtê-la! E todo o homem feio e estúpido podia ir à Rua da Misericórdia, pedi-la à mãe, vir à Sé dizer-lhe: «Senhor pároco, case-me com esta mulher», e beijar, sob a proteção da Igreja e do Estado, aqueles braços e aquele peito! Ele não. Era padre! Fora aquela infernal pega da marquesa de Alegros!...

Abominava então todo o mundo secular por lhe ter perdido para sempre os privilégios: e como o sacerdócio o excluía da participação nos prazeres humanos e sociais, refugiava-se, em compensação, na ideia da superioridade espiritual que lhe dava sobre os homens. Aquele miserável escrevente podia casar e possuir a rapariga, mas que era ele em

comparação dum pároco a quem Deus conferia o poder supremo de distribuir o Céu e o Inferno?... E repastava-se deste sentimento, enchendo o espírito de orgulhos sacerdotais. Mas vinha-lhe bem depressa a desconsoladora ideia que esse domínio só era válido na região abstrata das almas; nunca o poderia manifestar, por atos triunfantes, em plena sociedade. Era um Deus dentro da Sé, mas apenas saía para o largo, era apenas um plebeu obscuro. Um mundo irreligioso reduzira toda a ação sacerdotal a uma mesquinha influência sobre almas de beatas... E era isto que lamentava, esta diminuição social da Igreja, esta mutilação do poder eclesiástico, limitado ao espiritual, sem direito sobre o corpo, a vida e a riqueza dos homens... O que lhe faltava era a

autoridade dos tempos em que a Igreja era a nação e o pároco dono temporal do rebanho. Que lhe importava, no seu caso, o direito místico de abrir ou fechar as portas do Céu? O que ele queria era o velho direito de abrir ou fechar a porta das masmorras! Necessitava que os escreventes e as Amélias tremessem da sombra da sua batina... Desejaria ser um sacerdote da antiga Igreja, gozar das vantagens que dá a denúncia e dos terrores que inspira o carrasco, e ali naquela vila, sob a jurisdição da sua Sé, fazer estremecer, à ideia de castigos torturantes, aqueles que aspirassem a realizar felicidades que lhe eram a ele interditas; e pensando em João Eduardo e em Amélia; lamentava não poder acender as fogueiras da Inquisição! Assim aquele

inofensivo moço tinha durante horas, sob a excitação colérica duma paixão contrariada, ambições grandiosas de tirania católica: porque todo o padre, o mais boçal, tem um momento em que é penetrado pelo espirito da Igreja ou nos seus lances de renunciamento místico ou nas suas ambições de dominação universal: todo o subdiácono se julga uma hora capaz de ser santo ou de ser papa: não há seminarista que não tenha, durante um instante, aspirado com ternura à caverna no deserto em que S. Jerónimo, olhando o céu estrelado, sentia descer-lhe sobre o peito a Graça, como um abundante rio deleite: e o abade pançudo que à tardinha, à varanda, palita o dente furado saboreando o seu café com um ar paterno, traz dentro em si os indistintos restos dum

Torquemada.

A vida de Amaro tornou-se monótona. março ia muito molhado, muito frio; e depois do serviço na Sé, Amaro entrava em casa, tirava as botas enlameadas, ficava em chinelas a aborrecer-se. Às três horas jantava; e nunca levantava a tampa rachada da terrina sem se lembrar, com uma saudade pungente, do jantarinho na Rua da Misericórdia, quando Amélia, com o seu colar muito branco, lhe passava a sopa de grãos-de-bico, sorrindo, toda carinhosa. Ao lado a Vicência servia, tesa e enorme, com o seu corpo de soldado vestido de saias, sempre constipada; e de vez em quando, desviando a cabeça, assoava-se

ao avental com ruído. Era muito suja: as facas tinham o cabo húmido da água gordurosa das lavagens. Amaro, desgostoso e indiferente, não se queixava; comia mal, à pressa; mandava vir o café, e ficava horas esquecidas sentado à mesa, quebrando a cinza do cigarro na borda do prato, perdido num tédio mudo, sentindo os pés e os joelhos frios do vento que entrava pelas frinchas da sala desabrigada.

Às vezes o coadjutor, que nunca o visitara na Rua da Misericórdia, aparecia ao fim do jantar: sentava-se arredado da mesa, e ficava calado com o seu guarda-chuva entre os joelhos. Depois, julgando agradar ao pároco, repetia, invariavelmente:

— Vossa senhoria aqui está melhor,

sempre é estar em sua casa.

— Está claro — rosnava Amaro.

Ao princípio, para consolar o seu despeito, dizia ligeiramente mal da S. Joaneira, provocando, animando o coadjutor (que era de Leiria) a contar os escândalos da Rua da Misericórdia. O coadjutor, por servilismo, tinha sorrisos mudos, repassados de perfídia.

— Ali há podres, hem? — dizia o pároco.

O outro encolhia os ombros, com as mãos muito espalmadas ao pé das orelhas, numa expressão de malícia; mas não pronunciava um som, receando que as suas palavras, repetidas, escandalizassem o senhor cónego. Ficavam então soturnos, trocando, a espaços, frases moles; um batizado que havia; o que dissera o

cónego Campos; um frontal do altar que era necessário limpar. Aquela conversa enfastiava Amaro: sentia-se muito pouco padre, muito distante da panelinha eclesiástica: não o interessavam as intriguinhas do cabido, as parcialidades tão comentadas do senhor chantre, os roubos da Misericórdia, as turras da câmara eclesiástica com o governo civil; e achava-se sempre alheio, mal informado, nas palestras eclesiásticas em que tão femininamente se deleitam os padres, e que têm a puerilidade duma caturrice e a tortuosidade duma conspiração.

— O vento está sul? — perguntava ele enfim, bocejando.

— Sempre! — respondia o coadjutor.

Acendia-se a luz; o coadjutor erguia-se, sacudia o guarda-chuva, e saía com um olhar de revés à Vicência.

Era aquela a pior hora, a da noite, quando ficava só. Procurava ler, mas os livros enfastiavam-no; desabituado da leitura não compreendia «o sentido». Ia olhar à vidraça: a noite estava tenebrosa, o lajedo reluzia vagamente. Quando acabaria aquela vida? Acendia o cigarro, e do lavatório para a janela recomeçava os seus passeios, com as mãos atrás das costas. Deitava-se sem rezar às vezes; e não tinha escrúpulos: julgava que ter renunciado a Amélia era já uma penitência, não necessitava cansar-se a ler orações no livro; celebrara o «seu sacrifício» — sentia-se vagamente quite com o Céu!

E continuava a viver só: o cónego nunca vinha à Rua das Sousas, «porque, dizia, era casa que só o entrar nela até se lhe agoniava o estômago». E Amaro, cada dia mais amuado, não voltara a casa da S. Joaneira. Escandalizara-se muito que ela não lhe tivesse mandado pedir para ir às partidas da sexta-feira; atribuíra «a desfeita» à hostilidade de Amélia; e, mesmo para a não ver, trocara com o padre Silveira a missa do meio-dia onde ela costumava ir, e dizia a das nove horas, furioso com aquele novo sacrifício!

Todas as noites Amélia, ao ouvir tocar a campainha, tinha uma palpitação tão forte no coração que ficava como sufocada um momento. Depois os botins

de João Eduardo rangiam na escada, ou ela conhecia os passos fofos das galochas das Gansosos: apoiava-se então às costas da cadeira, cerrando os olhos, como na fadiga duma desesperança repetida. Esperava o padre Amaro; e às vezes, pelas dez horas, quando já não era possível que ele viesse, a sua melancolia era tão pungente que se lhe intumescia a garganta de soluços, tinha de pousar a costura, dizer:

— Vou-me deitar, estou com umas dores de cabeça que não paro!

Atirava-se para a cama de bruços, murmurava numa agonia:

— Oh Senhora das Dores, minha madrinha! Por que não vem ele, por que não vem ele?

Nos primeiros dias, apenas ele se

fora embora, toda a casa lhe pareceu desabitada e lúgubre! Quando vira no quarto dele os cabides sem a sua roupa, a cómoda sem os seus livros, rompeu a chorar. Foi beijar a travesseirinha onde ele dormia, apertou ao peito com delírio a última toalha a que ele limpara as mãos! Tinha constantemente o seu rosto presente, ele entrara sempre nos seus sonhos. E com a separação o seu amor ardia mais forte e mais alto, como uma fogueira que se isola.

Uma tarde, que fora visitar uma prima enfermeira no hospital, viu ao chegar à Ponte gente parada, embasbacada com gozo para uma rapariga de cuia à banda e *garibaldi* escarlate, que, de punho no ar, já rouca, praguejava contra um soldado: o rapazola, um beirão de cara redonda e lorpa coberta de penugem

loura, virava-lhe as costas, encolhendo os ombros, as mãos muito enterradas nos bolsos, rosnando:

— Não lhe fez mal, não lhe fez mal...

O Sr. Vasques, com loja de panos na Arcada, parara a olhar, descontente daquela «falta de ordem pública».

— Algum barulho? perguntou-lhe Amélia.

— Olá, menina Amélia! Não, uma brincadeira do soldado. Atirou-lhe um rato morto à cara, e a mulher está a fazer aquele espalhafato. Bêbedas!

Mas a rapariga de *garibaldi* vermelho voltara-se — e Amélia aterrada reconheceu a Joaninha Gomes, sua amiga da mestra, que fora amante do padre Abílio! O padre fora suspenso, deixara-a; ela partira para Pombal, depois para o

Porto; de miséria em miséria voltara a Leiria, e aí vivia nalguma viela ao pé do quartel, entisicando, gasta por todo um regimento! — Que exemplo, Santo Deus, que exemplo!...

E também ela gostava dum padre! Também ela, como outrora a Joaninha, chorava sobre a sua costura quando o Sr. padre Amaro não vinha! Onde a levava aquela paixão! À sorte da Joaninha! A ser a *amiga do pároco!* E via-se já apontada a dedo, na rua e na Arcada, mais tarde abandonada por ele, com um filho nas entranhas, sem um pedaço de pão!... E, como uma rajada de vento que limpa num momento um céu enevoado, o terror agudo que lhe dera o encontro de Joaninha varreu-lhe do espírito as névoas amorosas e mórbidas, em que ela se ia perdendo.

Decidiu aproveitar a separação, esquecer Amaro; lembrou-se mesmo de apressar o seu casamento com João Eduardo, para se refugiar num dever dominante; durante alguns dias forçou-se a interessar-se por ele; começou mesmo a bordar-lhe umas chinelas...

Mas pouco a pouco a *ideia má* que, atacada, se encolhera e se fingira morta, — principiou lentamente a desenroscar-se, a subir, a invadi-la! De dia, de noite, costurando e rezando, a ideia do padre Amaro, os seus olhos, a sua voz apareciam-lhe, tentações teimosas, com um encanto crescente. Que faria ele? Porque não vinha? Gostava de outra? Tinha ciúmes indefinidos, mas mordentes, que a queimavam. E aquela paixão ia-a envolvendo como uma atmosfera de onde

não podia sair, que a seguia se ela fugia, e que a fazia viver! As suas resoluções honestas ressequiam-se, morriam como débeis florinhas naquele fogo que a percorria. Se às vezes a lembrança de Joaninha ainda voltava, repelia-a com irritação; e acolhia alvoroçadamente todas as razões insensatas que lhe vinham de amar o padre Amaro! Tinha agora só uma ideia — atirar-lhe os braços ao pescoço e beijá-lo, oh! beijá-lo!... Depois, se fosse necessário, morrer!

Começou então a impacientar-se com o amor de João Eduardo. Achava-o «palerma».

Que maçada!, pensava quando lhe sentia os passos na escada, à noite.

Não o suportava com os seus olhos voltados sempre para ela, a sua quinzena

preta, as suas monótonas conversas sobre o governo civil.

E idealizava Amaro! As suas noites eram sacudidas de sonhos lúbricos; de dia vivia numa inquietação de ciúmes, com melancolias lúgubres, que a tornavam, como dizia a mãe, «uma mona, que até enraivece»!

O génio azedava-se-lhe.

— Credo, rapariga! Que tens tu? — exclamava a mãe.

— Não me sinto boa. Estou para ter alguma!

Andava, com efeito, amarela, perdera o apetite. E enfim uma manhã ficou de cama com febre. A mãe, assustada, chamou o doutor Gouveia. O velho prático, depois de ver Amélia, veio à sala de jantar sorvendo com satisfação a

sua pitada.

— Então, senhor doutor? — disse a S. Joaneira.

— Case-me esta rapariga, S. Joaneira, case-me esta rapariga. Tenho-lho dito tantas vezes, criatura!

— Mas, senhor doutor...

— Mas case-a por uma vez, S. Joaneira, case-a por uma vez! — repetia ele pelas escadas, arrastando um pouco a perna direita que um reumatismo teimoso encolhia.

Amélia enfim melhorou — com grande alegria de João Eduardo, que enquanto ela estivera doente vivera numa aflição, lamentando não poder ser seu enfermeiro, e derramando às vezes no cartório uma lágrima triste sobre os papéis selados do severo Nunes Ferral.

No domingo seguinte, à missa das nove horas na Sé, Amaro, ao subir para o altar, entre as devotas que se arredavam, viu de relance Amélia ao pé da mãe, com o seu vestido de seda preta de largos folhos. Cerrou um momento os olhos; e mal podia sustentar o cálice com as mãos trémulas.

Quando, depois de resmungar o Evangelho, Amaro fez uma cruz sobre o missal, se persignou e se voltou para a igreja dizendo *Dominus vobiscum* — a mulher do Carlos da botica disse baixo a Amélia «que o senhor pároco estava tão amarelo, que devia ter alguma dor». Amélia não respondeu, curvada sobre o livro com todo o sangue nas faces. E durante a missa, sentada sobre os calcanhares, absorta, a face banhada num

êxtase baboso, gozou a sua presença, as suas mãos magras erguendo a hóstia, a sua cabeça bem-feita curvando-se na adoração ritual; uma doçura corria-lhe na pele quando a voz dele, apressada, dizia mais alto algum latim; e quando Amaro, tendo a mão esquerda no peito e a direita estendida, disse para a igreja o *Benedicat vos*, ela, com os olhos muito abertos, arremessou toda a sua alma para o altar, como se ele fosse o próprio Deus a cuja bênção as cabeças se curvavam ao comprido da Sé, até ao fundo, onde os homens do campo com os seus varapaus pasmavam para os dourados do sacrário.

À saída da missa começara a chover; e Amélia e a mãe, à porta com outras senhoras, esperavam uma «aberta».

— Olá! Por aqui? — disse de

repente Amaro, chegando-se, muito branco.

— Estamos à espera que passe a chuva, senhor pároco — disse a S. Joaneira voltando-se. E imediatamente, muito repreensiva: — E por que não tem aparecido, senhor pároco? Realmente! Que lhe fizemos nós? Credo, até dá que falar...

— Muito ocupado, muito ocupado... — balbuciou o pároco.

— Mas um bocadinho à noite. Olhe, pode crer, tem-me causado desgosto... E todos têm reparado. Não, lá isso, senhor pároco, tem sido ingratidão!

Amaro disse, corando:

— Pois acabou-se. Hoje à noite lá apareço, e estão as pazes feitas...

Amélia, muito vermelha, para

encobrir a sua perturbação olhava para todos os pontos o céu carregado, como assustada do temporal.

Amaro então ofereceu-lhe o seu guarda-chuva. E enquanto a S. Joaneira o abria, apanhando com cuidado o vestido de seda, Amélia disse ao pároco:

— Até à noite, sim? — E mais baixo, olhando em redor, com medo: — Oh, vá! Tenho estado tão triste! Tenho estado como doida! Vá, peço-lhe eu!

Amaro, voltando para casa, continha-se para não correr pelas ruas de batina. Entrou no quarto, sentou-se aos pés da cama, e ali ficou saturado de felicidade, como um pardal muito farto num raio de sol muito quente: recordava o rosto de Amélia, a redondeza dos seus ombros, a beleza dos encontros, as palavras que lhe

dissera: *Tenho estado como doida!* A certeza de que «a rapariga gostava dele» entrou-lhe então na alma com a violência de uma rajada, e ficou a sussurrar por todos os recantos do seu ser com um murmúrio melodioso de felicidades agitadas. E passeava pelo quarto com passadas de côvado, estendendo os braços, desejando a posse imediata do seu corpo: sentia um orgulho prodigioso: ia defronte ao espelho altear a arca do peito, como se o mundo fosse um pedestal expresso que só o sustentasse a ele! Mal pôde jantar. Com que impaciência desejava a noite! A tarde clareava; a cada momento tirava o seu «cebolão» de prata, indo olhar à janela, com irritação, a claridade do dia que se arrastava devagar no horizonte. Engraxou ele mesmo os seus

sapatos, lustrou o cabelo de banha. E antes de sair rezou cuidadosamente o seu Breviário — porque, em presença daquele amor adquirido, viera-lhe um susto supersticioso que Deus ou os santos escandalizados o viessem perturbar; e não queria, com desleixos de devoção, *dar-lhes razão de queixa*.

Ao entrar na rua de Amélia o coração bateu-lhe tão forte que teve de parar, sufocado; pareceu-lhe melodioso o piar das corujas na velha Misericórdia, que há tantas semanas não ouvia.

Que admiração quando ela apareceu na sala de jantar!

— Ditosos olhos que o veem! Pensávamos que tinha morrido! Grande milagre!

Estavam a Sra. D. Maria da

Assunção, e as Gansosos. Arredaram as cadeiras com entusiasmo para lhe dar lugar, admirá-lo.

— Então que tem feito, que tem feito? E olhe que está mais magro!

O Libaninho, no meio da sala, imitava foguetes subindo ao ar. O Sr. Artur Couceiro improvisou-lhe um *fadinho* à viola:

Ora já cá temos o senhor pároco
Nos chás da S. Joaneira.
Isto já parece outra coisa,
Volta a bela cavaqueira!

Houve palmas. E a S. Joaneira, toda banhada de riso.

— Ai, tem sido uma ingratidão dele!

— Uma ingratidão, diz a senhora? —

rosnou o cónego. — Uma casmurrice, digo eu!

Amélia não falava, com as faces abrasadas, os olhos húmidos pasmados para o padre Amaro — a quem tinham dado a poltrona do cónego, e que se repoltreava nela, túmido de gozo, fazendo rir as senhoras pelas pilhérias com que contava os desleixos da Vicência.

João Eduardo, isolado a um canto, ia folheando o velho álbum.

9

Assim recomeçou a intimidade de Amaro na Rua da Misericórdia. Jantava cedo, depois lia o seu Breviário; e apenas na igreja batiam as sete horas, embrulhava-se no seu capote e dava volta pela Praça passando rente da botica, onde os frequentadores caturravam, com as mãos moles apoiadas ao cabo dos guarda-chuvas. Mal avistava a janela da sala de jantar alumiada, todos os seus desejos se erguiam; mas ao toque agudo da campainha sentia às vezes um susto indefinido de achar a mãe já desconfiada ou Amélia mais fria!... Mesmo por superstição entrava sempre com o pé direito.

Encontrava já as Gansosos, a D. Josefa Dias; e o cónego, que jantava agora muito com a S. Joaneira e que àquela hora, estirado na poltrona, findava a sua soneca, dizia-lhe bocejando:

— Ora viva o menino bonito!

Amaro ia sentar-se ao pé de Amélia, que costurava à mesa; o olhar penetrante que se trocavam era todos os dias como o mútuo juramento mudo que o seu amor crescera desde a véspera; e às vezes mesmo, debaixo da mesa, roçavam os joelhos com furor. Começava então a cavaqueira. Eram sempre os mesmos interessezinhos, as questões que iam na Misericórdia, o que dissera o senhor chantre, o cónego Campos que despedira a criada, o que se rosnava da mulher do Novais...

— Mais amor do próximo! — resmungava o cónego mexendo-se na poltrona. E com um arroto curto tornava a cerrar as pálpebras.

Então as botas de João Eduardo rangiam na escada, e Amélia imediatamente abria a mesinha para a partida de *manilha:* os parceiros eram a Gansoso, D. Josefa, o pároco; e como Amaro jogava mal, Amélia, que era mestra, sentava-se por detrás dele para o «guiar». Logo às primeiras vasas havia altercações. Então Amaro voltava o rosto para Amélia, tão perto que confundiam os seus hálitos.

— Esta? — perguntava, indicando a carta com olho lânguido.

— Não! Não! Espere, deixe ver — dizia ela, vermelha.

O seu braço roçava o ombro do pároco: Amaro sentia o cheiro da água-de-colónia que ela usava com exagero.

Defronte, ao pé de Joaquina Gansoso, João Eduardo, mordicando o bigode, contemplava-a com paixão; Amélia, para se desembaraçar daqueles dois olhos langorosos fitos nela, tinha-lhe dito, por fim «que até era indecente, diante do pároco que era de cerimónia, estar assim a cocá-la toda a noite».

Às vezes mesmo dizia-lhe, rindo:

— Ó Sr. João Eduardo, vá conversar com a mamã, se não temo-la aqui temo-la a dormir.

E João Eduardo ia sentar-se ao pé da S. Joaneira, que, de lunetas na ponta do nariz, fazia sonolentamente a sua meia.

Depois do chá Amélia sentava-se ao

piano. Causava então entusiasmo em Leiria uma velha canção mexicana, a *Chiquita*. Amaro achava-a de *apetite;* e sorria de gozo, com os seus dentes muito brancos, apenas Amélia começava com muita languidez tropical:

Quando sali de la Habana,
Valga-me Dios! ...

Mas Amaro amava sobretudo a outra estrofe, quando Amélia, com os dedos frouxos no teclado, o busto deitado para trás, rolando os olhos ternos, em movimentos doces de cabeça, dizia, toda voluptuosa, silabando o espanhol:

Si à tua ventana llega
Una paloma,

Trata-la con cariño
Que es mi persona.

E como a achava graciosa, crioula, quando ela gorjeava:

Ay chiquita que si,
Ay chiquita que no-o-o-o!

Mas as velhas reclamavam-no para continuar a *manilha*, e ele ia sentar-se, cantarolando as últimas notas, com o cigarro ao canto da boca, os olhos húmidos de felicidade.

Às sextas-feiras era a grande partida. A Sra. D. Maria da Assunção aparecia sempre com o seu belo vestido de seda preta: e como era rica e tinha parentela fidalga, davam-lhe com deferência o

melhor lugar ao pé da mesa — que ela ia ocupar, meneando pretensiosamente os quadris, com ruge-ruges de seda. Antes do chá, a S. Joaneira levava-a sempre ao seu quarto, onde guardava para ela uma garrafa de jeropiga velha: e ali as duas amigas tagarelavam muito tempo, sentadas em cadeirinhas baixas. Depois Artur Couceiro, cada dia mais chupado e mais tísico, cantava o *fado* novo que compusera, chamado o *Fado da Confissão;* eram quadras feitas para regalar aquela piedosa reunião de saias e de batinas:

Na capelinha do amor,
No fundo da sacristia,
Ao senhor padre Cupido
Confessei-me noutro dia...

Vinha depois a confissão de pecadinhos doces, um ato de contrição de amor, uma penitência terna:

Seis beijinhos de manhã,
De tarde um abraço só...
E pra acalmar doces chamas
Jejuar a pão de ló.

Aquela composição galante e devota fora muito apreciada na sociedade eclesiástica de Leiria. O senhor chantre pedira uma cópia, e perguntara, referindo-se ao poeta:

— Quem é o hábil Anacreonte?

E informado que era o escrevente da administração, falou dele com tanto apreço à esposa do senhor governador

civil, que Artur obteve a gratificação de oito mil-réis, que havia anos implorava. Àquelas reuniões nunca faltava o Libaninho. A sua última pilhéria era furtar beijos à Sra. D. Maria da Assunção; a velha escandalizava-se muito alto, e abanando-se com furor atirava-lhe de revés um olhar guloso. Depois o Libaninho desaparecia um momento, e entrava com uma saia de Amélia vestida, uma touca da S. Joaneira, fingindo uma chama lúbrica por João Eduardo — que, entre as risadas agudas das velhas, recuava, muito escarlate. Brito e Natário vinham às vezes: formava-se então um grande quino. Amaro e Amélia ficavam sempre juntos; e toda a noite, com os joelhos colados, ambos vermelhos, permaneciam vagamente entorpecidos no

mesmo desejo intenso.

Amaro saía sempre de casa da S. Joaneira mais apaixonado por Amélia. Ia pela rua devagar, ruminando com gozo a sensação deliciosa que lhe dava aquele amor — uns certos olhares dela, o arfar desejoso do seu peito, os contatos lascivos dos joelhos e das mãos. Em casa despia-se depressa, porque gostava de pensar nela, às escuras, atabafado nos cobertores; e ia percorrendo em imaginação, uma a uma, as provas sucessivas que ela lhe dera do seu amor, como quem vai aspirando uma e outra flor, até que ficava como embriagado de orgulho: era a rapariga mais bonita da cidade! e escolhera-o a ele, a ele padre, o eterno excluído dos sonhos femininos, o ser melancólico e neutro que ronda como

um ser suspeito à beira do sentimento! À sua paixão misturava-se então um reconhecimento por ela; e com as pálpebras cerradas murmurava:

— Tão boa, coitadinha, tão boa!

Mas na sua paixão havia às vezes grandes impaciências. Quando tinha estado, durante três horas da noite, recebendo o seu olhar, absorvendo a voluptuosidade que se exalava de todos os seus movimentos, — ficava tão carregado de desejos que necessitava conter-se «para não fazer um disparate ali mesmo na sala, ao pé da mãe». Mas depois, em casa, só torcia os braços de desespero: queria-a ali de repente, oferecendo-se ao seu desejo; fazia então combinações — escrever-lhe-ia, arranjariam uma casinha discreta para se

amarem, planeariam um passeio a alguma quinta! Mas todos aqueles meios lhe pareciam incompletos e perigosos, ao recordar o olho finório da irmã do cónego, as Gansosos tão mexeriqueiras! E diante daquelas dificuldades que se erguiam como as muralhas sucessivas duma cidadela, voltavam as antigas lamentações: não ser livre! não poder entrar claramente naquela casa, pedi-la à mãe, possuí-la sem pecado, comodamente! Por que o tinham feito padre? Fora «a velha pega» da marquesa de Alegros! Ele não abdicava voluntariamente a virilidade do seu peito! Tinham-no impelido para o sacerdócio como um boi para o curral!

Então, passeando excitado pelo quarto, levava as suas acusações mais

longe, contra o Celibato e a Igreja: por que proibia ela aos seus sacerdotes, homens vivendo entre homens, a satisfação mais natural, que até têm os animais? Quem imagina que desde que um velho bispo diz — *serás casto* — a um homem novo e forte, o seu sangue vai subitamente esfriar-se? e que uma palavra latina — *accedo* — dita a tremer pelo seminarista assustado, será o bastante para conter para sempre a rebelião formidável do corpo? E quem inventou isto? Um concílio de bispos decrépitos, vindos do fundo dos seus claustros, da paz das suas escolas, mirrados como pergaminhos, inúteis como eunucos! Que sabiam eles da Natureza e das suas tentações? Que viessem ali duas, três horas para o pé da Ameliazinha, e veriam,

sob a sua capa de santidade, começar a revoltar-se-lhe o desejo! Tudo se ilude e se evita, menos o amor! E se ele é fatal, por que impediram então que o padre o sinta, o realize com pureza e com dignidade? É melhor talvez que o vá procurar pelas vielas obscenas! — Porque a carne é fraca!

A carne! Punha-se então a pensar nos três inimigos da alma — MUNDO, DIABO e CARNE. E apareciam à sua imaginação em três figuras vivas: uma mulher muito formosa; uma figura negra de olho de brasa e pé de cabra; e o *mundo*, coisa vaga e maravilhosa (riquezas, cavalos, palacetes) — de que lhe parecia uma personificação suficiente o Sr. conde de Ribamar! Mas que mal tinham eles feito à sua alma? O diabo

nunca o vira; a mulher formosa amava-o e era a única consolação da sua existência; e do mundo, do senhor conde, só recebera proteção, benevolência, tocantes apertos de mão... E como poderia ele evitar as influências da Carne e do Mundo? A não ser que fugisse, como os santos de outrora, para os areais do deserto e para a companhia das feras! Mas não lhe diziam os seus mestres no seminário que ele pertencia a uma Igreja militante? O ascetismo era culpado, sendo a deserção dum serviço santo. — Não compreendia, não compreendia!

Procurava então justificar o seu amor com exemplos dos livros divinos. A Bíblia está cheia de núpcias! Rainhas amorosas adiantam-se nos seus vestidos recamados de pedras; o noivo vem-lhe ao

encontro, com a cabeça coberta de faixas de linho puro, arrastando pelas pontas um cordeiro branco; os levitas batem em discos de prata, gritam o nome de Deus; abrem-se as portas de ferro da cidade para deixar passar a caravana que leva os bem esposados; e as arcas de sândalo onde vão os tesouros do dote rangem, amarradas com cordas de púrpura, sobre o dorso dos camelos! Os mártires no circo casam-se num beijo, sob o bafo dos leões, às aclamações da plebe! Jesus mesmo não vivera sempre na sua santidade inumana; era frio e abstrato nas ruas de Jerusalém, nos mercados do bairro de Davi; mas lá tinha o seu lugar de ternura e de abandono em Betânia, sob os sicómoros do Jardim de Lázaro; ali, enquanto os magros nazarenos seus amigos bebem o leite e

conspiram à parte, ele olha defronte os tetos dourados do templo, os soldados romanos que jogam o disco ao pé da Porta de Ouro, os pares amorosos que passam sob os arvoredos de Getsémani — e pousa a mão sobre os cabelos louros de Marta, que ama e fia a seus pés!

O seu amor era pois uma infração canónica, não um pecado da alma: podia desagradar ao senhor chantre, não a Deus; seria legítimo num sacerdócio de regra mais humana. Lembrava-se de se fazer protestante: mas onde, como? Parecia-lhe mais extraordinariamente impossível que transportar a velha Sé para cima do monte do Castelo.

Encolhia então os ombros, escarnecendo toda aquela vaga argumentação interior. «Filosofia e

palhada!» Estava doido pela rapariga, — era o positivo. Queria-lhe o amor, queria-lhe os beijos, queria-lhe a alma... E o senhor bispo se não fosse velho faria o mesmo, e o papa faria o mesmo!

Eram às vezes três horas da manhã, e ainda passeava no quarto, falando só.

Quantas vezes João Eduardo, passando alta noite pela Rua das Sousas, tinha visto na janela do pároco uma luz amortecida! Porque ultimamente João Eduardo, como todos que têm um desgosto amoroso, tomara o hábito triste de andar até tarde pelas ruas.

O escrevente, logo desde os primeiros tempos, percebera a simpatia de Amélia pelo pároco. Mas conhecendo

a sua educação e os hábitos devotos da casa, atribuía aquelas atenções quase humildes com Amaro ao respeito beato pela sua batina de padre, pelos seus privilégios de confessor.

Instintivamente porém começou a detestar Amaro. Sempre fora inimigo de padres! Achava-os um «perigo para a civilização e para a liberdade»; supunha-os intrigantes, com hábitos de luxúria, e conspirando sempre para restabelecer «as trevas da Meia-Idade»; odiava a confissão que julgava uma arma terrível contra a paz do lar; e tinha uma religião vaga — hostil ao culto, às rezas, aos jejuns, cheia de admiração pelo Jesus poético, revolucionário, amigo dos pobres, e «pelo sublime espirito de Deus que enche todo o Universo»! Só desde que

amava Amélia é que ouvia missa, para agradar à S. Joaneira.

E desejaria sobretudo apressar o casamento, para tirar Amélia daquela sociedade de beatas e padres, receando ter mais tarde uma mulher que tremesse do Inferno, passasse horas a rezar estações na Sé, e se confessasse aos padres «que arrancam às confessadas os segredos de alcova»!

Quando Amaro voltara a frequentar a Rua da Misericórdia, ficou contrariado. «Cá temos outra vez o marmanjo!», pensou. Mas que desgosto, quando reparou que Amélia tratava agora o pároco com uma familiaridade mais terna, que a presença dele lhe dava visivelmente uma animação singular, «e que havia uma espécie de namoro»! Como ela se fazia

vermelha, mal ele entrava! Como o escutava, com uma admiração babosa! Como arranjava sempre a ficar ao pé dele nas partidas de quino!

Uma manhã, mais inquieto, veio à Rua da Misericórdia, — e enquanto a S. Joaneira tagarelava na cozinha, disse bruscamente a Amélia:

— Menina Amélia, sabe? Está-me a dar um grande desgosto com essas maneiras com que trata o Sr. padre Amaro.

Ela ergueu os olhos espantados:

— Que maneiras? Ora essa! Então como quer que o trate? É um amigo da casa, esteve aqui de hóspede...

— Pois sim, pois sim...

— Ah! Mas sossegue. Se isso o quezila, verá. Não me torno a chegar para

ao pé do homem.

João Eduardo, tranquilizado, raciocinou que «não havia nada». Aqueles modos eram excessos de beatério. Entusiasmo pela padraria!

Amélia decidiu então disfarçar o que lhe ia no coração: sempre considerara o escrevente um pouco tapado — e se ele percebera, que fariam as Gansosos tão finas, e a irmã do cónego que era curtida em malícia! Por isso mal sentia Amaro na escada, daí por diante, tomava uma atitude distraída, muito artificial; mas, ai! apenas ele lhe falava com a sua voz suave ou voltava para ela aqueles olhos negros que lhe faziam correr estremeções nos nervos, — como uma ligeira camada de neve que se derrete a um sol muito forte, a sua atitude fria desaparecia, e toda a sua

pessoa era uma expressão contínua de paixão. Às vezes, absorvida no seu enlevo, esquecia que João Eduardo estava ali; e ficava toda surpreendida quando ouvia a um canto da sala a sua voz melancólica.

Ela sentia de resto que as amigas da mãe envolviam a sua «inclinação» pelo pároco numa aprovação muda e afável. Ele era, como dizia o cónego, o menino bonito: e das maneirinhas e dos olhares das velhas exalava-se uma admiração por ele que fazia ao desenvolvimento da paixão de Amélia uma atmosfera favorável. D. Maria da Assunção dizia-lhe às vezes ao ouvido:

— Olha para ele! É de inspirar fervor. É a honra do clero. Não há outro!...

E todas elas achavam em João Eduardo «um presta para nada»! Amélia então já não disfarçava a sua indiferença por ele: as chinelas que lhe andava a bordar tinham há muito desaparecido do cesto do trabalho, e já não vinha à janela vê-lo passar para o cartório.

A certeza agora tinha-se estabelecido na alma de João Eduardo — na alma, que como ele dizia, lhe andava mais negra que a noite.

«A rapariga gosta do padre», tinha ele concluído. E à dor da sua felicidade destruída juntava-se a aflição pela honra dela ameaçada.

Uma tarde, tendo-a visto sair da Sé, esperou-a adiante da botica, e muito decidido:

— Eu quero-lhe falar, menina

Amélia... Isto não pode continuar assim... Eu não posso... A menina traz namoro com o pároco!

Ela mordeu o beiço, toda branca:

— O senhor está a insultar-me! — e queria seguir, toda indignada.

Ele reteve-a pela manga do casabeque:

— Ouça, menina Amélia. Eu não a quero insultar, mas é que não sabe. Tenho andado, que até se me parte o coração. — E perdeu a voz, de comovido.

— Não tem razão... Não tem razão — balbuciava ela.

— Jure-me então que não há nada com o padre!

— Pela minha salvação!... *Não há nada!*... Mas também lhe digo, se tornar a falar em tal, ou a insultar-me, conto tudo à

mamã, e o senhor escusa de nos voltar a casa.

— Oh, menina Amélia...

— Não podemos continuar aqui a falar... Está ali já a D. Micaela a cocar.

Era uma velha, que levantara a cortina de cassa numa janela baixa, e espreita-la com olhinhos reluzentes e gulosos, a face toda ressequida encostada sofregamente à vidraça. Separaram-se então, e a velha desconsolada deixou cair a cortina.

Amélia nessa noite — enquanto as senhoras discutiam com algazarra os missionários que então pregavam na Barrosa — disse baixo a Amaro, picando vivamente a costura:

— Precisamos ter cautela... Não olhe tanto para mim nem esteja tão chegado...

Já houve quem reparasse.

Amaro recuou logo a cadeira para junto de D. Maria da Assunção; e, apesar da recomendação de Amélia, os seus olhos não se despregavam dela, numa interrogação muda e ansiosa, já assustado que as desconfianças da mãe ou a malícia das velhas «andassem armando escândalo». Depois do chá, no rumor das cadeiras que se acomodavam ao quino, perguntou-lhe rapidamente:

— Quem reparou?

— Ninguém. Eu é que tenho medo. É preciso disfarçar.

Desde então cessaram as olhadelas doces, os lugares chegadinhos à mesa, os segredos; e sentiam um gozo picante em afetar maneiras frias, tendo a certeza vaidosa da paixão que os inflamava. Era

para Amélia delicioso — enquanto o padre Amaro afastado tagarelava com as senhoras — adorar a sua presença, a sua voz, as suas graças, com os olhos castamente aplicados às chinelas de João Eduardo que muito astutamente recomeçara a bordar.

Todavia o escrevente vivia ainda inquieto: amargurava-o encontrar o pároco instalado ali todas as noites, com a face próspera, a perna traçada, gozando a veneração das velhas. «A Ameliazinha, sim, agora portava-se bem, e era-lhe fiel, era-lhe fiel...»: mas ele sabia que o pároco a desejava, a «cocava»; e apesar do juramento dela *pela sua salvação*, da certeza que *não havia nada* — temia que ela fosse lentamente penetrada por aquela admiração caturra das velhas, para quem

o senhor pároco *era um anjo:* só se contentaria em arrancar Amélia (já empregado no governo civil) àquela casa beata: mas essa felicidade tardava a chegar — e saía todas as noites da Rua da Misericórdia mais apaixonado, com a vida estragada de ciúmes, odiando os padres, sem coragem para desistir. Era então que se punha a andar pelas ruas até tarde; às vezes voltava ainda ver as janelas fechadas da casa dela; ia depois à alameda ao pé do rio, mas o frio ramalhar das árvores sobre a água negra entristecia-o mais; vinha então ao bilhar, olhava um momento os parceiros carambolando, o marcador, muito esguedelhado, que bocejava encostado ao *reste*. Um cheiro de mau petróleo sufocava. Saía; e dirigia-se, devagar, à

redação da *Voz do Distrito*.

10

O redator da *Voz do Distrito*, o Agostinho Pinheiro, era ainda seu parente. Chamavam-lhe geralmente o *Raquítico*, por ter uma forte corcunda no ombro, e uma figurinha enfezada de ético. Era extremamente sujo; e a sua carita de fêmea, amarelada, de olhos depravados, revelava vícios antigos, muito torpes. Tinha feito (dizia-se em Leiria) toda a sorte de maroteira. E ouvira tantas vezes exclamar: «Se você não fosse um raquítico, quebrava-lhe os ossos» — que, vendo na sua corcunda uma proteção suficiente, ganhara um descaro sereno. Era de Lisboa, o que o tomava mais suspeito aos burgueses sérios: atribuía-se

a sua voz rouca e acre «a faltar-lhe as campainhas»: e os seus dedos queimados terminavam em unhas muito compridas — porque tocava guitarra.

A *Voz do Distrito* fora criada por alguns homens, a quem chamavam em Leiria o *grupo da Maia*, particularmente hostis ao senhor governador civil. O doutor Godinho, que era o chefe e o candidato do *grupo*, tinha encontrado em Agostinho, como ele dizia, *o homem que se precisa*: o que o *grupo* precisava era um patife com ortografia, sem escrúpulos, que redigisse em linguagem sonora os insultos, as calúnias, as alusões que eles traziam informemente à redação, em apontamentos. Agostinho era um estilista de vilezas. Davam-lhe quinze mil-réis por mês e casa de habitação na redação — um

terceiro andar desmantelado numa viela ao pé da Praça.

Agostinho fazia o artigo de fundo, as locais, a *Correspondência* de Lisboa; e o bacharel Prudêncio escrevia o folhetim literário sob o título de *Palestras Leirienses:* era um moço muito honrado, a quem o Sr. Agostinho era repulsivo; mas tinha uma tal gula de publicidade, que se sujeitava a sentar-se todos os sábados fraternalmente à mesma banca, a rever as provas da sua prosa — prosa tão florida de imagens, que se murmurava na cidade, ao lê-la: *Que opulência! Que opulência, Jesus!*

João Eduardo reconhecia também que o Agostinho era «um trastezito»; não se atreveria a passear com ele de dia nas ruas; mas gostava de ir para a redação,

alta noite, fumar cigarros, ouvir o Agostinho falar de Lisboa, do tempo que lá vivera empregado na redação de dois jornais, no teatro da Rua dos Condes, numa casa de penhores, e em outras instituições. Estas visitas eram *segredo*!

Àquela hora da noite a sala da tipografia no primeiro andar estava fechada (o jornal tirava-se aos sábados); e João Eduardo encontrava em cima Agostinho abancado com uma velha jaqueta de peles cujos colchetes de prata tinham sido empenhados — ruminando, curvado, à luz dum medonho candeeiro de petróleo, sobre longas tiras de papel: estava fazendo o jornal, e a sala escura em redor tinha o aspeto duma caverna. João Eduardo estirava-se no canapé de palhinha, ou indo buscar a um canto a

velha guitarra de Agostinho, repenicava o *fado corrido*. O jornalista, no entanto, com a testa apoiada a um punho, produzia laboriosamente: «a coisa não lhe saía catita»: e como nem o *fadinho* o inspirava, erguia-se, ia a um armário engolir um copinho de genebra que gargarejava nas fauces estanhadas, espreguiçava-se escancaradamente, acendia o cigarro, e aproveitando o acompanhamento cantarolava roucamente:

Ora foi o fado tirano
Que me levou à má vida,

E a guitarra: dir-lim, dim, dim, dir-lim, dim, don.

Na vida do negro fado

Ai! que me traz assim perdida...

Isto trazia-lhe sempre as recordações de Lisboa, porque terminava por dizer, com ódio:

— Que pocilga de terra, esta!

Não se podia consolar de viver em Leiria, de não poder beber o seu quartilho na taberna do tio João, à *Mouraria*, com a Ana Alfaiata ou com o Bigodinho — ouvindo o João das Biscas de cigarro ao canto da boca, o olho choroso meio fechado pelo fumo do tabaco, fazer chorar a guitarra dizendo a morte da Sofia!

Depois, para se reconfortar com a certeza do seu talento, lia a João Eduardo os seus artigos, muito alto. E João interessava-se, porque essas «produções», sendo ultimamente sempre

«desandas ao clero», correspondiam às suas preocupações.

Era por esse tempo que, em virtude da famosa questão da Misericórdia, o doutor Godinho se tomara muito hostil ao cabido e à *padraria*. Sempre detestara padres; tinha uma má doença de fígado, e como a Igreja o fazia pensar no cemitério, odiava a sotaina, porque lhe parecia uma ameaça da mortalha. E Agostinho que tinha um profundo depósito de fel a derramar, instigado pelo doutor Godinho, exagerava as suas verrinas: mas, com o seu fraco literário, cobria o vitupério de tão espessas camadas de retórica que, como dizia o cónego Dias, «aquilo era ladrar, não era morder!»

Uma dessas noites João Eduardo encontrou Agostinho todo entusiasmado

com um artigo que compusera de tarde, e que lhe «saíra cheio de piadas à Vítor Hugo!»

— Tu verás! Coisa de sensação!

Como sempre, era uma declamação contra o clero e o elogio do doutor Godinho. Depois de celebrar as virtudes do doutor, *esse tão respeitável chefe de família* e a sua eloquência no tribunal que *arrancara tantos desventurados ao cutelo da lei*, o artigo, tomando um tom roncante, apostrofava Cristo: «Quem te diria a ti (bradava Agostinho), ó imortal Crucificado! quem te diria, quando do alto do Gólgota expiravas exangue, quem te diria que um dia, em teu nome, à tua sombra, seria expulso dum estabelecimento de caridade o doutor Godinho, — a alma mais pura, o talento

mais robusto...» E as virtudes do doutor Godinho voltavam, em passo de procissão, solenes e sublimadas, arrastando caudas de adjetivos nobres.

Depois, deixando por um momento de contemplar o doutor Godinho, Agostinho dirigia-se diretamente a Roma: «É no século XIX que vindes atirar à face de Leiria liberal os ditames do *Syllabus?* Pois bem. Quereis a guerra? Tê-la-eis!»

— Hem, João?! — dizia. — Está forte! Está filosófico!

E retomando a leitura: «Quereis a guerra? Tê-la-eis! Levantaremos bem alto o nosso estandarte, que não é o da demagogia, compreendei-o bem! e arvorando-o, com braço firme, no mais alto baluarte das liberdades públicas,

gritaremos à face de Leiria, à face da Europa: Filhos do século XIX! às armas! Às armas, pelo progresso!»

— Hem? Está de os enterrar!

João Eduardo, que ficara um momento calado, disse então, levantando as suas expressões em harmonia com a prosa sonora do Agostinho:

— O clero quer-nos arrastar aos funestos tempos do obscurantismo!

Uma frase tão literária surpreendeu o jornalista: fitou João Eduardo, disse:

— Por que não escreves tu alguma coisa, também?

O escrevente respondeu, sorrindo:

— E eu, Agostinho, eu é que te escrevia uma desanda aos padres... E eu tocava-lhes os podres. Eu é que os conheço!...

Agostinho instou logo com ele para que escrevesse a *desanda*.

— Vem a calhar, menino!

O doutor Godinho ainda na véspera lhe recomendara: «Em tudo que cheirar a padre, para baixo! Havendo escândalo, conta-se! não havendo, inventa-se!»

E Agostinho acrescentou, com benevolência:

— E não te dê cuidado o estilo, que eu cá o florearei!

— Veremos, veremos — murmurou João Eduardo.

Mas daí por diante Agostinho perguntava-lhe sempre:

— E o artigo, homem? Traz-me o artigo.

Tinha avidez dele, porque sabendo como João Eduardo vivia na intimidade

da «panelinha canónica da S. Joaneira», supunha-o no segredo de infâmias especiais.

João Eduardo, porém, hesitava. Se se viesse a saber?

— Qual! — afirmava Agostinho. — A coisa publica-se como minha. É artigo da redação. Quem diabo vai saber?

Sucedeu na noite seguinte que João Eduardo surpreendeu o padre Amaro resvalando sorrateiramente um segredinho a Amélia — e ao outro dia apareceu de tarde na redação com a palidez de uma noite velada, trazendo cinco largas tiras de papel, miudamente escritas numa letra de cartório. Era o artigo, e intitulava-se: *Os modernos fariseus!* — Depois de algumas considerações, cheias de flores, sobre Jesus e o Gólgota, o artigo de João

Eduardo era, sob alusões tão diáfanas como teias de aranha, um vingativo ataque ao cónego Dias, ao padre Brito, ao padre Amaro e ao padre Natário!... Todos tinham a sua *dose*, como exclamou cheio de júbilo o Agostinho.

— E quando sai? — perguntou João Eduardo.

O Agostinho esfregou as mãos, refletiu, disse:

— É que está forte, diabo! É como se tivesse os nomes próprios! Mas descansa, eu arranjarei.

Foi cautelosamente mostrar o artigo ao doutor Godinho — que o achou «uma catilinária atroz». Entre o doutor Godinho e a Igreja havia apenas um arrufo: ele reconhecia, em geral, a necessidade da religião entre as massas; sua esposa, a

bela D. Cândida, era além disso de inclinações devotas, e começava a dizer que aquela guerra do jornal ao clero lhe causava grandes escrúpulos: e o doutor Godinho não queria provocar ódios desnecessários entre os padres, prevendo que o seu amor da paz doméstica, os interesses da ordem e o seu dever de cristão o forçariam bem cedo a uma reconciliação, «muito contra as suas opiniões, mas...»

Disse por isso a Agostinho secamente:

— Isto não pode ir como artigo da redação, deve aparecer como comunicado. Cumpra estas ordens.

E Agostinho declarou ao escrevente — que a coisa publicava-se como um Comunicado, assinado: *Um liberal*.

Somente João Eduardo terminava o artigo exclamando: — *Alerta, mães de família!* O Agostinho sugeriu que este final alerta podia dar lugar à réplica jocosa — *Alerta está!* E depois de largas combinações decidiram-se por este fecho: — *Cuidado, sotainas negras!*

No domingo seguinte apareceu o comunicado assinado: *Um liberal*.

Durante toda essa manhã de domingo, o padre Amaro, à volta da Sé, estivera ocupado em compor laboriosamente uma carta a Amélia. Impaciente, como ele dizia, «com aquelas relações que não andavam nem desandavam, que era olhar e apertos de mão e dali não passava» — tinha-lhe

dado uma noite, à mesa do quino, um bilhetinho onde escrevera com boa letra, a tinta azul; — *Desejo encontrá-la só, porque tenho muito que lhe falar. Onde pode ser sem inconveniente? Deus proteja o nosso afeto.* Ela não respondera: — E Amaro despeitado, descontente também por não a ter visto nessa manhã à missa das nove, resolveu «pôr tudo a claro numa carta de sentimento»: e preparava os períodos sentidos que lhe deviam ir revolver o coração, passeando pela casa, juncando o chão de pontas de cigarro, a cada momento curvado sobre o «Dicionário de Sinónimos».

> Ameliazinha do meu coração, (escrevia ele) não posso atinar com as razões maiores que a não deixaram responder ao bilhetinho que lhe dei

em casa da senhora sua mamã; pois que era pela muita necessidade que tinha de lhe falar a sós, e as minhas intenções eram puras, e na inocência desta alma que tanto lhe quer e que não medita o pecado.

Deve ter compreendido que lhe voto um fervente afeto, e pela sua parte me parece, (se não me enganam esses olhos que são os faróis da minha vida, e como a estrela do navegante) que também tu, minha Ameliazinha, tens inclinação por quem tanto te adora; pois que até outro dia, quando o Libano quinou com os seis primeiros números, e que todos fizeram tanta algazarra, tu apertaste-me a mão por baixo da mesa com tanta ternura, que até me pareceu que o Céu se abria e que eu sentia os anjos entoarem o Hossana! Por que não respondeste pois? Se pensas que o nosso afeto pode ser desagradável aos nossos anjos da guarda, então te direi que maior pecado cometes trazendo-me nesta incerteza e tortura, que até na celebração da missa estou sempre com o pensar em ti, e nem me deixa elevar a minha alma no divino sacrifício. Se eu visse que este mútuo afeto era obra do tentador, eu mesmo te diria: oh, minha bem amada filha, façamos o sacrifício a Jesus, para lhe pagar parte do sangue

que derramou por nós! Mas eu tenho interrogado a minha alma e vejo nela a brancura dos lírios. E o teu amor também é puro como a tua alma, que um dia se unirá à minha, entre os coros celestes, na bem-aventurança. Se tu soubesses como eu te quero, querida Ameliazinha, que até às vezes me parece que te podia comer aos bocadinhos! Responde pois e dize se não te parece que poderia arranjar-se a vermo-nos no Morenal, pela tarde. Pois eu anseio por te exprimir todo o fogo que me abrasa, bem como falar-te de coisas importantes, e sentir na minha mão a tua que eu desejo que me guie pelo caminho do amor, até aos êxtases duma felicidade celestial. Adeus, anjo feiticeiro, recebe a oferta do coração do teu amante e pai espiritual,

Amaro.

Depois de jantar copiou esta carta a tinta azul, e com ela bem dobrada no bolso da batina foi à Rua da Misericórdia. Logo da escada sentiu em cima a voz aguda de Natário, discutindo.

— Quem está por cá? — perguntou à *Ruça*, que alumiava, encolhida no seu xale.

— As senhoras todas. Está o Sr. padre Brito.

— Olá! Bela sociedade!

Galgou os degraus, e à porta da sala, com o seu capote ainda pelos ombros, tirando alto o chapéu:

— Muito boas noites a todos, começando pelas senhoras.

Natário, imediatamente, plantou-se diante dele e exclamou:

— Então que lhe parece?

— O quê? — perguntou Amaro. E reparando no silêncio, nos olhos cravados nele: — O que é? Alguma coisa de novo?

— Pois não leu, senhor pároco? — exclamaram. — Não leu o *Distrito*!?

Era papel em que ele não pusera os olhos, disse. Então as senhoras indignadas romperam:

— Ai! É um desaforo!

— Ai! É um escândalo, senhor pároco!

Natário com as mãos enterradas nas algibeiras contemplava o pároco com um sorrizinho sarcástico, saltando dentre os dentes:

— Não leu! Não leu! Então que fez?

Amaro reparava, já aterrado, na palidez de Amélia, nos seus olhos muito vermelhos. E enfim o cónego erguendo-se pesadamente:

— Amigo pároco, dão-nos uma desanda...

— Ora essa! — exclamou Amaro.

— Tesa!

O senhor cónego, que trouxera o jornal, devia ler alto, lembraram.

— Leia, Dias, leia — acudiu Natário. Leia, para saborearmos!

A S. Joaneira deu mais luz ao candeeiro: o cónego Dias acomodou-se à mesa, desdobrou o jornal, pôs os óculos cuidadosamente, e, com o lenço do rapé nos joelhos, começou a leitura do *Comunicado* na sua voz pachorrenta.

O princípio não interessava: eram períodos enternecidos em que o *liberal* exprobrava aos fariseus a crucificação de Jesus: «Por que o matásteis? (exclamava ele). Respondei!» E os fariseus respondiam: «Matamo-lo porque ele era a liberdade, a emancipação, a aurora de uma nova era», etc. O *liberal* então esboçava, a largos traços, a noite do

Calvário: «Ei-lo pendente da cruz, traspassado de lanças, a sua túnica jogada aos dados, a plebe infrene», etc. E, voltando a dirigir-se aos fariseus infelizes, o liberal gritava-lhes com ironia: «Contemplai a vossa bela obra!» Depois, por uma gradação hábil, o *liberal* descia de Jerusalém a Leiria: «Mas pensam os leitores que os fariseus morreram? Como se enganam! Vivem! conhecemo-los nós; Leiria está cheia deles, e vamos apresentá-los aos leitores...»

— Agora é que elas começam — disse o cónego olhando para todos em redor, por cima dos óculos.

Com efeito «elas começavam»; era, numa forma brutal, uma galeria de fotografias eclesiásticas: a primeira era a

do padre Brito: «Vede-o, (exclamava o *liberal)* grosso como um touro, montado na sua égua castanha...»

— Até a cor da égua! — murmurou com uma indignação piedosa a Sra. D. Maria da Assunção.

«...Estúpido como um melão, sem sequer saber latim...»

O padre Amaro, assombrado, fazia: Oh! oh! E o padre Brito, escarlate, mexia-se na cadeira, esfregando devagar os joelhos.

«...Espécie de caceteiro», continuava o cónego, que lia aquelas frases cruéis com uma tranquilidade doce, «desabrido de maneiras, mas que não desgosta de se dar à ternura, e, segundo dizem os bem informados, escolheu para Dulcineia a própria e legítima esposa do seu

regedor...»

O padre Brito não se dominou:

— Eu racho-o de meio a meio! — exclamou erguendo-se e recaindo pesadamente na cadeira.

— Escute, homem — disse Natário.

— Qual escute! O que é, é que o racho!

Mas se ele não sabia quem era o *liberal*!

— Qual *liberal!* Quem eu racho é o doutor Godinho. O doutor Godinho é que é o dono do jornal. O doutor Godinho é que eu racho!

A sua voz tinha tons roucos: e atirava furioso grandes palmadas à coxa.

Lembraram-lhe o dever cristão de perdoar as injúrias! A S. Joaneira com unção citou a bofetada que Jesus Cristo

suportou. Devia imitar Cristo.

— Qual Cristo, qual cabaça! — gritou Brito apoplético.

Aquela impiedade criou um terror.

— Credo! Sr. padre Brito, credo! — exclamou a irmã do cónego, recuando a cadeira.

O Libaninho, com as mãos na cabeça, vergado sob o desastre, murmurava:

— Nossa Senhora das Dores, que até pode cair um raio!

E, vendo mesmo Amélia indignada, o padre Amaro disse gravemente:

— Brito, realmente você excedeu-se.

— Pois se estão a puxar por mim!...

— Homem, ninguém puxou por você, disse severamente Amaro. E com um tom pedagogo: — Apenas lhe lembrarei, como

devo, que em tais casos, quando se diz a *blasfémia má*, o reverendo padre Scomelli recomenda confissão geral e dois dias de recolhimento a pão e água.

O padre Brito resmungava.

— Bem, bem — resumiu Natário. — O Brito cometeu uma grande falta, mas saberá pedir perdão a Deus, e a misericórdia de Deus é infinita!

Houve uma pausa comovida, em que se ouviu a Sra. D. Maria da Assunção murmurar «que ficara sem pinga de sangue»: e o cónego, que durante a catástrofe pousara os óculos sobre a mesa, retomou-os, e continuou serenamente a leitura:

«...Conheceis um outro com cara de furão?...»

Olhares de lado fixaram o padre

Natário.

«...Desconfiai dele: se puder trair-vos, não hesita; se puder prejudicar-vos, folga; as suas intrigas trazem o cabido numa confusão porque é a víbora mais daninha da diocese, mas com tudo isso muito dado à jardinagem, porque cultiva com cuidado *duas rosas do seu canteiro*.»

— Homem, essa! — exclamou Amaro.

— É para que você veja — disse Natário erguendo-se lívido. — Que lhe parece? Você sabe que eu, quando falo das minhas sobrinhas, costumo dizer *as duas rosas do meu canteiro. É um gracejo*. Pois, senhores, até vem com isto! — E com um sorriso macilento, de fel: — Mas amanhã hei de saber quem é! Olaré! Eu hei de saber quem é!

— Deite ao desprezo, Sr. padre Natário, deite ao desprezo — disse a S. Joaneira pacificadora.

— Obrigado, minha senhora — acudiu Natário curvando-se com uma ironia rancorosa —, obrigado! Cá recebi!

Mas a voz imperturbável do cónego retomara a leitura. Agora era o retrato dele, traçado com ódio:

«...Cónego bojudo e glutão, antigo caceteiro do Sr. D. Miguel, que foi expulso da freguesia de Ourém, outrora mestre de Moral num seminário e hoje mestre de imoralidade em Leiria...»

— Isso é infame! — exclamou Amaro exaltado.

O cónego pousou o jornal, e com a voz pachorrenta:

— Você pensa que me dá isto

cuidado? — disse ele. — Boa! Tenho que comer e que beber, graças a Deus! Deixar rosnar quem rosna!

— Não, mano — interrompeu a irmã —, mas a gente sempre tem o seu bocadinho de brio!

— Ora, mana! — replicou o cónego Dias com um azedume de raiva concentrada. — Ora, mana! Ninguém lhe pede a sua opinião!

— Nem preciso que ma peçam — gritou ela empertigando-se. — Sei-a dar muito bem quando quero e como quero. Se não tem vergonha, tenho-a eu!

— Então! Então! — disseram em roda, acalmando-a.

— Menos língua, mana, menos língua! — disse o cónego fechando os seus óculos. — Olhe, não lhe caiam os

dentes postiços!

— Seu malcriado!

Ia falar, mas sufocou-se; e começou subitamente a soltar ais.

Recearam logo que lhe desse o *flato;* a S. Joaneira e a D. Joaquina Gansoso levaram-na para o quarto, em baixo, amparando-a, com palavras brandas:

— Estás doida! Por quem és, filha! Olha que escândalo! Nossa Senhora te valha!

Amélia mandava buscar água de flor de laranja.

— Deixe-a lá — rosnou o cónego —, deixe-a lá! Aquilo passa-lhe. São calores!

Amélia deu um olhar triste ao padre Amaro, e desceu ao quarto com a Sra. D. Maria da Assunção e a Gansoso surda,

que iam também «sossegar a D. Josefa, coitadita!» Os padres agora estavam sós e o cónego voltando-se para Amaro:

— Ouça você, que é a sua vez — disse retomando o jornal.

— E verá que dose! — disse Natário.

O cónego escarrou, aproximou mais o candeeiro, e declamou:

«...Mas o perigo são certos padres novos e ajanotados, párocos por influências de condes da capital, vivendo na intimidade das famílias de bem onde há donzelas inexperientes, e aproveitando-se da influência do seu sagrado ministério para lançar na alma da inocente a semente de chamas criminosas!»

— Pouca vergonha! — murmurou Amaro lívido.

«...Diz, sacerdote de Cristo, onde queres arrastar a impoluta virgem? Queres arrastá-la aos lodaçais do vício? Que vens fazer aqui ao seio desta respeitável família? Por que rondas em volta da tua presa, como o milhafre em torno da inocente pomba? Para trás, sacrílego! Murmuras-lhe sedutoras frases, para a desviares do caminho da honra; condenas à desgraça e à viuvez algum honrado moço que lhe queira oferecer a sua mão trabalhadora; e vais-lhe preparando um horroroso futuro de lágrimas. E tudo para quê? Para saciares os torpes impulsos da tua criminosa lascívia...»

— Que infame! — rosnou com os dentes cerrados o padre Amaro.

«...Mas acautela-te, presbítero perverso!» E a voz do cónego tinha tons

cavos ao soltar aquelas apóstrofes. «Já o arcanjo levanta a espada da justiça. E sobre ti, e teus cúmplices, já a opinião da ilustrada Leiria fita seu olho imparcial. E nós cá estamos, nós, filhos do trabalho, para vos marcar na fronte o estigma da infâmia. Tremei, sectários do *Syllabus!* Cuidado, sotainas negras!»

— De escacha! — fez o cónego suado, dobrando a *Voz do Distrito*.

O padre Amaro tinha os olhos enevoados de duas lágrimas de raiva: passou devagar o lenço pela testa, soprou, disse com os beiços a tremer:

— Eu, colegas, nem sei o que hei de dizer! Pelo Deus que me ouve, isto é a calúnia das calúnias.

— Uma calúnia infame... — rosnaram.

— E a mim, o que me parece — continuou Amaro —, é que nos dirijamos à autoridade!

— É o que eu tinha dito — acudiu Natário —, é necessário falar ao secretário-geral...

— Um cacete é que é! — rugiu o padre Brito. — Autoridade! O que é, é rachá-lo! Eu bebia-lhe o sangue!...

O cónego, que meditava coçando o queixo, disse então:

— E você, Natário, é que deve ir ao secretário-geral. Você tem língua, tem lógica...

— Se os colegas decidem — disse Natário curvando-se —, vou. E hei-de-lhas cantar, à autoridade!

Amaro ficara junto da mesa com a cabeça entre as mãos, aniquilado. E o

Libaninho murmurava:

— Ai, filhos, eu não é nada comigo, mas só de ouvir todo esse aranzel, até se me estão a vergar as pernas. Ai, filhos, um desgosto assim...

Mas sentiram a voz da Sra. Joaquina Gansoso subindo a escada; e o cónego imediatamente com uma voz prudente:

— Colegas, o melhor, diante das senhoras, é não se falar mais nisto. Bem basta o que basta.

Daí a momentos, apenas Amélia entrou, Amaro ergueu-se, declarou que estava com uma forte dor de cabeça, e despediu-se das senhoras.

— E sem tomar chá? — acudiu a S. Joaneira.

— Sim, minha senhora — disse ele embrulhando-se no seu capote —, não me

estou a sentir bem. Boas noites... E você, Natário, apareça amanhã pela Sé à uma hora.

Apertou a mão de Amélia, que se lhe abandonou entre os dedos passiva e mole, — e saiu com os ombros vergados.

A S. Joaneira notou, desconsolada:

— O senhor pároco ia muito pálido...

O cónego levantou-se, e com um tom impaciente e quezilado:

— Se ia pálido, amanhã estará corado. E agora quero dizer uma coisa. Esse aranzel do jornal é a calúnia das calúnias! Eu não sei quem o escreveu, nem para que o escreveu. Mas são tolices e são infâmias. É pateta e maroto, quem quer que seja. O que devemos fazer já o sabemos, e como já se tagarelou bastante sobre o caso, a senhora mande vir o chá.

E o que lá vai, lá vai, não se fala mais na questão.

As faces em roda continuavam contristadas. E então o cónego acrescentou:

— Ah! E quero dizer outra coisa: como não morreu ninguém, não há necessidade de estar aqui com cara de pêsames. E tu, pequena, senta-te ao instrumento e repenica-me essa *Chiquita!*

O secretário-geral, o Sr. Gouveia Ledesma, antigo jornalista, e, em anos mais expansivos, autor do livro sentimental *Devaneios de um Sonhador*, estava então dirigindo o distrito na ausência do governador civil.

Era um moço bacharel que passava

por ter talento. Representara de galã no teatro académico, em Coimbra, com muito aplauso; e tomara a esse tempo o hábito de passear à tarde na Sofia, com o ar fatal com que no palco arrepelava os cabelos, ou levava, nos transes de amor, o lenço aos olhos. Depois em Lisboa arruinara um pequeno património com o amor de Lolas e de Carmens, ceias no Mata, muita caça no Xafredo e perniciosas convivências literárias: aos trinta anos estava pobre, saturado de mercúrio e autor de vinte folhetins românticos na Civilização: mas tornara-se tão popular, que era conhecido nos lupanares e nos cafés por um cognome carinhoso — era o *Bibi*. Julgando então que conhecia a fundo a existência, deixou crescer as suíças, começou a citar Bastiat, frequentou as câmaras e entrou na carreira

administrativa; chamava agora à república que tanto exaltara em Coimbra *uma absurda quimera*; e *Bibi* era um pilar das instituições.

Detestava Leiria, onde passava por espirituoso; e dizia às senhoras, nas *soirées* do deputado Novais — «que estava cansado da vida». Rosnava-se que a esposa do bom Novais andava doida por ele: e em verdade Bibi escrevera a um amigo da capital: «enquanto a conquistas, pouco por ora; tenho apenas no papo a Novaisitos».

Levantava-se tarde; e nessa manhã, de *robe-de-chambre* à mesa do almoço, partia os seus ovos quentes, lendo com saudade no jornal a narração apaixonada duma pateada em S. Carlos, quando o criado, — um galego que trouxera de

Lisboa — veio dizer que «estava ali um cura».

— Um cura? Que entre para aqui! — E murmurou para sua satisfação pessoal: — o Estado não deve fazer esperar a Igreja.

Ergueu-se, e estendeu as duas mãos ao padre Natário que entrava, muito composto, na sua longa batina de lustrina.

— Uma cadeira, Trindade! Toma uma chávena de chá, senhor cura? Soberba manhã, hem? Estava justamente pensando em si, — isto é, estava pensando no clero em geral... Acabava de ler as peregrinações que se estão fazendo a Nossa Senhora de Lourdes... Grande exemplo! Milhares de pessoas da melhor roda... É realmente consolador ver renascer a fé... Ainda ontem eu disse em

casa do Novais: «No fim de tudo a fé é a mola real da sociedade». Tome uma chávena de chá... Ah! é um grande bálsamo!...

— Não, obrigado, almocei já.

— Mas não! Quando digo um grande bálsamo refiro-me à fé, não ao chá! Ah! ah! É boa, não?

E prolongou a sua risadinha com complacência. Queria agradar a Natário, pelo princípio que repetia muito, com um sorriso astuto — «que quem está metido na política deve ter por si a padraria».

— E depois — acrescentou —, como eu dizia ontem em casa do Novais, que vantagem para as localidades! Lourdes, por exemplo, era uma aldeola; pois com a afluência dos devotos está uma cidade... Grandes hotéis, bulevares, belas lojas... É

por assim dizer o desenvolvimento económico, correndo parelhas com o renascimento religioso.

E deu com satisfação um puxãozinho grave ao colarinho.

— Pois eu vinha aqui falar a V. Exa. respeito dum comunicado na *Voz do Distrito*.

— Ah — interrompeu o secretário-geral —, perfeitamente, li! Uma famosa verrina... Mas literariamente, como estilo e como imagens, que miséria!

— E que tenciona V. Exa. fazer, senhor secretário-geral?

O Sr. Gouveia Ledesma apoiou-se nas costas da cadeira, perguntou pasmado:

— Eu?

Natário disse, destilando as palavras:

— A autoridade tem o dever de proteger a religião do Estado, e implicitamente os seus sacerdotes... Que tenha V. Exa. em vista, eu não venho aqui em nome do clero...

E acrescentou com a mão sobre o peito:

— Sou apenas um pobre padre sem influência... Venho, como particular, perguntar ao senhor secretário-geral se se pode permitir que carateres respeitáveis da Igreja diocesana sejam assim difamados...

— É certamente lamentável que um jornal...

Natário interrompeu, empertigando o busto com indignação:

— Jornal que já devia estar suspenso, senhor secretário-geral!

— Suspenso! Por quem é, senhor cura! Mas Vossa Senhoria decerto não quer que eu volte ao tempo dos corredores-mores! Suspender o jornal! Mas a liberdade de imprensa é um princípio sagrado! Nem as leis de imprensa o permitem... Mesmo querelar pelo ministério público porque um periódico diz duas ou três pilhérias sobre o cabido, impossível! Tínhamos de querelar toda a imprensa de Portugal, com exceção da *Nação* e do *Bem Público!* Onde iria parar a liberdade de pensamento, trinta anos de progresso, a própria ideia governamental? Mas nós não somos os Cabrais, meu caro senhor! Nós queremos luz, muitíssima luz! Justamente o que nós queremos é luz!

Natário tossiu devagarinho, disse:

— Perfeitamente. Mas então quando pelas eleições, a autoridade nos vier pedir o nosso auxílio, nós vendo que não encontramos nela proteção, diremos simplesmente: *Non possumus!*

— E pensa o senhor cura, que por amor de alguns votos que dão os senhores abades, nós vamos trair a civilização?

E o antigo *Bibi*, tomando uma grande atitude, soltou esta frase:

— Somos filhos da liberdade, não renegaremos nossa mãe!

— Mas o doutor Godinho, que é a alma do jornal, é oposição — observou então Natário —; proteger-lhe o jornal é implicitamente proteger-lhe as manobras...

O secretário-geral teve um sorriso:

— Meu caro senhor cura, Vossa

Senhoria não está no segredo da política. Entre o doutor Godinho e o governo civil não há inimizade, há apenas um arrufo... O doutor Godinho é uma inteligência... Vai reconhecendo que o *grupo da Maia* não produz nada... O doutor Godinho aprecia a política do governo, e o governo aprecia o doutor Godinho.

E, rebuçando-se todo num mistério de Estado, acrescentou:

— Coisas de alta política, meu caro senhor.

Natário ergueu-se:

— De modo que...

— *Impossibilis est* — disse o secretário. — De resto acredite, senhor cura, que, como particular, revolto-me contra o *Comunicado;* mas como autoridade devo respeitar a expressão do

pensamento... Mas creia, e pode dizê-lo a todo o clero diocesano, a Igreja católica não tem um filho mais fervente que eu, Gouveia Ledesma... Quero porém uma religião liberal, de harmonia com o progresso, com a ciência... Foram sempre as minhas ideias; preguei-as bem alto, na imprensa, na universidade e no grémio... Assim, por exemplo, não acho que haja poesia maior que a poesia do cristianismo! E admiro Pio IX, uma grande figura! Somente lamento que ele não arvore a bandeira da civilização! — E o antigo *Bibi*, contente da sua frase, repetia-a: — Sim, lamento que ele não arvore a bandeira da civilização... O *Syllabus* é impossível neste século de eletricidade, senhor cura! E a verdade é que nós não podemos querelar dum jornal,

porque ele diz duas ou três pilhérias sobre o sacerdócio, nem nos convém, por altas razões de política, escandalizar o doutor Godinho. Aqui tem o meu pensamento.

— Senhor secretário-geral — disse Natário curvando-se.

— Um criado de Vossa Senhoria. Sinto que não tome uma chávena de chá. E como vai o nosso chantre?

— S. Exa. nestes últimos dias, segundo creio, tem tornado a sofrer de tonturas.

— Sinto. Uma negligência também! Grande latinista... Tenha cuidado com o degrau!...

Natário correu à Sé, com um passo nervoso, resmungando alto de cólera. Amaro passeava devagar no terraço, com as mãos atrás das costas: tinha as olheiras

batidas e a face envelhecida.

— Então? — disse ele, indo rapidamente ao encontro de Natário.

— Nada!

Amaro mordeu o beiço: e enquanto Natário lhe contava, excitado, a conversação com o secretário-geral, «e como argumentara com ele, e como o homem tagarelara, tagarelara», — a face do pároco cobria-se duma sombra desconsolada, e ia arrancando raivosamente, com a ponta do guarda-sol, a erva que crescia nas fendas do terraço.

— Um patarata! — resumiu o padre Natário com um grande gesto. — Pela autoridade não se faz nada. É escusado... Mas a questão agora é entre mim e o *liberal*, padre Amaro! Eu hei de saber quem é, padre Amaro! E quem o esmaga

sou eu, padre Amaro, sou eu!...

No entanto, João Eduardo desde o domingo triunfava; o artigo fizera escândalo: tinham-se vendido oitenta números avulsos do jornal, e o Agostinho afirmara-lhe que na botica da Praça a opinião era «que o *liberal* conhecia a padraria a fundo e tinha cabeça»!

— És um génio, rapaz — disse o Agostinho. — É trazer-me outro, é trazer-me outro!

João Eduardo gozava prodigiosamente «daquele falatório que ia pela cidade».

Relia então o artigo com uma deleitação paternal; se não receasse escandalizar a S. Joaneira, desejaria ir

pelas lojas dizer bem alto: *fui eu, eu é que o escrevi!* — e já ruminava outro, mais terrível, que se deveria intitular: O *diabo feito eremita*, ou *O sacerdócio de Leiria perante o século XIX!*

O doutor Godinho encontrara-o na Praça, e parara com condescendência, para lhe dizer:

— A coisa tem feito barulho. Você é o diabo! E a piada ao Brito é bem jogada. Que eu não sabia... E diz que é bonita, a mulher do regedor...

— V. Exa. não sabia?

— Não sabia, e saboreei. Você é o diabo! Eu fui que disse ao Agostinho que publicasse a coisa como um comunicado. Você compreende... Eu não me convém ter turras de mais com o clero... E depois lá minha esposa tem seus escrúpulos...

Enfim, é melhor e é conveniente que as mulheres tenham religião... Mas no meu foro interior saboreei... Sobretudo a piada ao Brito. O patife fez-me uma guerra dos diabos na eleição passada... Ah! e outra coisa, o seu negócio arranja-se. Lá para o mês que vem tem o seu emprego no governo civil.

— Oh, senhor doutor, V. Exa...

— Qual história, você é um benemérito!

João Eduardo foi para o cartório, trémulo de alegria. O Sr. Nunes Ferral saíra: o escrevente aparou devagar uma pena, começou a cópia duma procuração, — e de repente, agarrando o chapéu, correu à Rua da Misericórdia.

A S. Joaneira costurava só à janela: Amélia fora ao Morenal: e João Eduardo,

logo da porta:

— Sabe, D. Augusta? Estive agora com o doutor Godinho. Diz que lá para o mês que vem tenho o meu emprego...

A S. Joaneira tirou a luneta, deixou cair as mãos no regaço:

— Que me diz?...

— É verdade, é verdade...

E o escrevente esfregava as palmas, com risinhos nervosos de júbilo.

— Que pechincha! — exclamou. — De modo que agora, se a Ameliazinha estiver de acordo...

— Ai! João Eduardo — fez a S. Joaneira com um grande suspiro — que me tira um peso do coração... Que tenho estado... Olhe, nem tenho dormido!...

João Eduardo pressentiu que ela ia falar do *Comunicado*. Foi pôr o chapéu

numa cadeira ao canto; e voltando à janela, com as mãos nos bolsos:

— Então porquê, porquê?

— Aquela pouca-vergonha no *Distrito*! Que diz você? Aquela calúnia! Ai! tenho-me feito velha!

João Eduardo escrevera o artigo sob as solicitações do ciúme, só para «enterrar» o padre Amaro; não previra o desgosto das duas senhoras; e vendo agora a S. Joaneira com duas lágrimas no branco dos olhos, sentia-se *quase arrependido*. Disse ambiguamente:

— Eu li, é o diabo...

Mas aproveitando o sentimento da S. Joaneira para servir a sua paixão, acrescentou sentando-se, chegando a cadeira para ao pé dela:

— Eu nunca lhe quis falar disso, D.

Augusta, mas... olhe que a Ameliazinha tratava o pároco com muita familiaridade... E pelas Gansosos, pelo Libaninho, mesmo sem quererem, a coisa ia-se sabendo, ia-se rosnando... Eu bem sei que ela, coitada, não via o mal, mas... a D. Augusta sabe o que é Leiria. Que línguas, hem!

A S. Joaneira então declarou que lhe ia falar como a um filho: o artigo afligira-a, sobretudo por causa dele, João Eduardo. Porque enfim ele podia acreditar também, desfazer o casamento, e que desgosto! E ela podia dizer-lhe como mulher de bem, como mãe, que não havia entre a pequena e o senhor pároco, nada, nada, nada! Era a rapariga que tinha aquele génio comunicativo! E o pároco tinha boas palavras, sempre muito

delicado... Que ela sempre o dissera, o Sr. padre Amaro tinha maneiras que tocavam o coração...

— Decerto — disse João Eduardo mordendo o bigode, com a cabeça baixa.

A S. Joaneira então pôs a mão de leve sobre o joelho do escrevente, e fitando-o:

— E olhe, não sei se me fica mal dizer-lho, mas a rapariga quer-lhe deveras, João Eduardo.

O coração do escrevente teve uma palpitação comovida.

— E eu! — disse. — A D. Augusta sabe a paixão que eu tenho por ela... E lá do artigo que me importa a mim?

Então a S. Joaneira limpou os olhos ao avental branco. Ai! era uma alegria para ela! Ela sempre o dissera, como

rapaz de bem, não havia outro na cidade de Leiria!

— Você sabe, quero-lhe como filho!

O escrevente enterneceu-se:

— Pois vamos a isso, e tapam-se as bocas do mundo... — E erguendo-se, com uma solenidade engraçada: — Sra. D. Augusta! Tenho a honra de lhe pedir a mão...

Ela riu-se, e na sua alegria João Eduardo beijou-a na testa, filialmente.

— E fale à noite à Ameliazinha, disse ao sair. Eu venho amanhã, e felicidade não há de faltar...

— Louvado seja Nosso Senhor — acrescentou a S. Joaneira retomando a sua costura, com um suspiro de muito alívio.

Apenas, nessa tarde, Amélia voltou do Morenal, a S. Joaneira, que estava

pondo a mesa, disse-lhe:

— Esteve aí o João Eduardo...

— Ah!...

— Aí esteve a falar, coitado...

Amélia, calada, dobrava a sua manta de lã.

— Aí esteve a queixar-se — continuou a mãe.

— Mas de quê? — perguntou ela muito vermelha.

— Ora de quê! Que se falava muito na cidade do artigo do *Distrito*; que se perguntava a quem aludia o periódico com as *donzelas inexperientes*, e que a resposta era: «Quem há de ser? A Amélia da S. Joaneira, da Rua da Misericórdia!» O pobre João diz que tem andado tão desgostoso!... Não se atrevia, por delicadeza, a falar-te... Enfim...

— Mas que hei de eu fazer, minha mãe? — exclamou Amélia com os olhos subitamente cheios de lágrimas, àquelas palavras que caíam sobre os seus tormentos como gotas de vinagre sobre feridas.

— Eu digo-te isto para seu governo. Faz o que quiseres, filha. Eu bem sei que são calúnias! Mas tu sabes o que são línguas do mundo... O que te posso dizer é que o rapaz não acreditou no periódico. Que era isso que me dava cuidado!... Credo! tirou-me o sono... Mas não, diz que não lhe importa o artigo, que te quer da mesma maneira, e está a arder por que se faça o casamento... E eu por mim o que fazia, para calar toda essa gente, era casar-me já. Eu bem sei que tu não morres por ele, bem sei. Deixa lá! Isso vem

depois. O João é bom rapaz, vai ter o emprego...

— Vai ter o emprego!?

— Pois foi o que ele me veio dizer também... Esteve com o doutor Godinho, diz que lá para o fim do mês está empregado... Enfim tu fazes o que entenderes... Que olha que eu estou velha, filha, posso faltar-te dum momento para o outro!...

Amélia não respondeu, olhando de frente no telhado voarem os pardais — menos desassossegados, naquele instante, que os seus pensamentos.

Desde domingo vivia atordoada. Sabia bem que a *donzela inexperiente* a que aludia o *Comunicado* era ela, Amélia,

e torturava-a o vexame de ver assim o seu amor publicado no jornal. Depois (como ela pensava, mordendo o beiço numa raiva muda, com os olhos afogados de lágrimas), aquilo vinha estragar tudo! Na Praça, na Arcada já se diria com risinhos perversos: «Então a Ameliazita da S. Joaneira metida com o pároco, hem?» Decerto o senhor chantre, tão severo em «coisas de mulheres», repreenderia o padre Amaro... E por alguns olhares, alguns apertos de mão, aí estava a sua reputação estragada, estragado o seu amor!

Na segunda-feira, ao ir ao Morenal, parecera-lhe sentir pelas costas risinhos a escarnecê-la; no aceno que lhe fez da porta da botica o respeitável Carlos julgou ver uma secura repreensível; à

volta encontrara o Marques da loja de ferragens, que não lhe tirou o chapéu, e ao entrar em casa julgava-se desacreditada — esquecendo que o bom Marques era tão curto de vista que usava na loja duas lunetas sobrepostas.

— Que hei de eu fazer? Que hei de eu fazer? — murmurava, às vezes, com as mãos apertadas na cabeça. O seu cérebro de devota apenas lhe fornecia soluções devotas: entrar num recolhimento, fazer uma promessa a Nossa Senhora das Dores «para que a livrasse daquele apuro», ir confessar-se ao padre Silvério... E terminava por se vir sentar resignadamente ao pé da mãe com a sua costura, considerando, muito enternecida, que desde pequena fora sempre bem infeliz!

A mãe não lhe falara claramente sobre o *Comunicado*: tivera apenas palavras ambíguas:

— É uma pouca-vergonha... É deitar ao desprezo... Quando a gente tem a sua consciência sossegada, o mais histórias...

Mas Amélia via-lhe bem o desgosto — na face envelhecida, nos tristes silêncios, nos suspiros repentinos quando fazia meia à janela com a luneta na ponta do nariz: e então mais se convencia que havia «grande falatório na cidade», de que a mãe, coitada, estava informada pelas Gansosos e pela D. Josefa Dias — cuja boca produzia o mexerico mais naturalmente que a saliva. Que vergonha, Jesus!

E então o seu amor pelo pároco, que até ai, naquela reunião de saias e batinas

da Rua da Misericórdia se lhe afigurara natural, agora, julgando-o reprovado pelas pessoas que desde pequena fora acostumada a respeitar — os Guedes, os Marques, os Vaz, — aparecia-lhe já monstruoso: assim as cores dum retrato pintado à luz de azeite, e que à luz de azeite parecem justas, tomam tons falsos e disformes quando lhes cai em cima a luz do sol. E quase estimava que o padre Amaro não tivesse voltado à Rua da Misericórdia.

No entanto, com que ansiedade esperava todas as noites o seu toque de campainha! Mas ele não vinha; e aquela ausência, que a sua razão julgava prudente, dava ao seu coração o desespero de uma traição. Na quarta-feira à noite não se conteve, disse, corando

sobre a sua costura: «Que será feito do senhor pároco?»

O cónego, que na sua poltrona parecia dormitar, tossiu grosso, mexeu-se, rosnou:

— Mas que fazer... E escusam de esperar por ele tão cedo!...

E Amélia, que ficara branca como a cal, teve imediatamente a certeza que o pároco, aterrado com o escândalo do jornal, aconselhado pelos padres timoratos, zelosos «do bom nome do clero» — tratava de se descartar dela! Mas, cautelosa, diante das amigas da mãe, escondeu o seu desespero: foi mesmo sentar-se ao piano, e tocou mazurcas tão estrondosas — que o cónego, tomando a mexer-se na poltrona, grunhiu:

— Menos espalhafato e mais

sentimento, rapariga!

Passou uma noite agoniada, e sem chorar. A sua paixão pelo pároco flamejava mais irritada; e todavia detestava-o pela sua cobardia. Mal uma alusão num jornal o picara, ficara a tremer na sua batina, apavorado, não se atrevendo sequer a visitá-la — sem se lembrar que também ela se via diminuída na sua reputação, sem ser satisfeita no seu amor! E fora ele que a tentara com as suas palavrinhas doces, as suas denguices! Infame!... Desejava violentamente apertá-lo ao coração — e esbofeteá-lo. Teve a ideia insensata de ir ao outro dia à Rua das Sousas atirar-se-lhe aos braços, instalar-se-lhe no quarto, fazer um escândalo que o obrigasse a fugir da diocese... Por que não? Eram novos, eram

robustos, poderiam viver longe, noutra cidade, — e a sua imaginação começou a repastar-se logo histericamente nas perspetivas deliciosas dessa existência, em que se figurava constantemente a dar-lhe beijos! Através da sua intensa excitação, aquele plano parecia-lhe muito prático, muito fácil: fugiriam para o Algarve; lá, ele deixaria crescer o cabelo (que mais bonito seria então!) e ninguém saberia que era um padre; poderia ensinar latim, ela coseria para fora; e viveriam numa casinha — onde o que mais a atraia era o leito com as duas travesseirinhas chegadas... E a única dificuldade que via em todo este plano radiante, era fazer sair de casa, às escondidas da mãe, o baú com a sua roupa! — Mas quando acordou, essas resoluções mórbidas, à luz clara do

dia, desfizeram-se como sombras: tudo aquilo que parecia agora tão impraticável, e ele tão separado dela, como se entre a Rua da Misericórdia e a Rua das Sousas se erguessem inacessivelmente todas as montanhas da Terra. Ai, o senhor pároco abandonara-a, era certo! Não queria perder os lucros da sua paróquia nem a estima dos seus superiores!... Pobre dela! Considerou-se então para sempre infeliz e desinteressada da vida. Guardou, todavia, muito intenso, o desejo de se vingar do padre Amaro.

Foi então que refletiu, pela primeira vez, que João Eduardo desde a publicação do *Comunicado* não aparecera na Rua da Misericórdia. Também me volta as costas — pensou com amargura. Mas que lhe importava? No meio da aflição que lhe

dava o abandono do padre Amaro, a perda do amor do escrevente, piegas e pesado, que lhe não trazia utilidade nem prazer, era uma contrariedade impercetível: uma infelicidade viera que lhe arrebatava bruscamente todas as afeições — a que lhe enchia a alma, e a que apenas lhe acariciava a vaidadezinha; e irritava-a, sim, não sentir já o amor do escrevente colado a suas saias, com a docilidade dum cão — mas todas as suas lágrimas eram para o senhor pároco «que já não queria saber dela»! Só lamentava a deserção de João Eduardo, porque perdia assim um meio sempre pronto de fazer enraivecer o padre Amaro...

Por isso nessa tarde à janela, calada, olhando no telhado defronte voarem os pardais — depois de saber que João

Eduardo certo do emprego, viera falar enfim a mãe — pensava com satisfação no desespero do pároco ao ver publicados na Sé os banhos do seu casamento. Depois as palavras muito práticas da S. Joaneira trabalhavam-lhe silenciosamente na alma: o emprego do governo civil rendia vinte e cinco mil réis mensais; casando, reentrava logo na sua respeitabilidade de senhora; e se a mãe morresse, com o ordenado do homem e com o rendimento do Morenal, podia viver com decência, ir mesmo no verão aos banhos... E via-se já na Vieira, muito cumprimentada pelos cavalheiros, conhecendo talvez a do governador civil.

— Que lhe parece, minha mãe? — perguntou bruscamente. Estava decidida pelas vantagens que entrevia; mas, com a sua natureza lassa, desejava ser

persuadida e forçada.

— Eu ia pelo seguro, filha — foi a resposta da S. Joaneira.

— É sempre o melhor — murmurou Amélia entrando no quarto. E sentou-se muito triste aos pés da cama porque a melancolia que lhe dava o crepúsculo tornava-lhe agora mais pungente a saudade «dos seus bons tempos com o senhor pároco».

Nessa noite choveu muito, as duas senhoras passaram sós. A S. Joaneira, repousada agora das suas inquietações, estava muito sonolenta, a cada momento cabeceava com a meia caída no regaço. Amélia então pousava a costura, e com o cotovelo sobre a mesa, fazendo girar o abajur verde do candeeiro, pensava no seu casamento: o João Eduardo era bom

rapaz, coitado; realizava o tipo de marido tão estimado na pequena burguesia — não era feio e tinha um emprego; decerto o oferecimento da sua mão, apesar das infâmias do jornal, não lhe parecia, como a mãe dissera, «um rasgo de mão-cheia»; mas a sua dedicação lisonjeava-a, depois do abandono tão cobarde de Amaro: e havia dois anos que o pobre João gostava dela... Começou então laboriosamente a lembrar tudo o que nele lhe agradava — o seu ar sério, os seus dentes muito brancos, a sua roupa asseada.

Fora ventava forte, e a chuva, fustigando friamente as vidraças, dava-lhe apetites de confortos, um bom lume, o marido ao lado, o pequerrucho a dormir no berço — porque seria um rapaz, chamar-se-ia Carlos e teria os olhos

negros do padre Amaro. O padre Amaro... Depois de casada, decerto, tornaria a encontrar o Sr. padre Amaro... E então uma ideia atravessou todo o seu ser, fê-la erguer bruscamente, ir por instinto procurar a escuridão da janela para ocultar a vermelhidão do rosto. Oh! isso não, isso não! Era horrível!... Mas a ideia implacavelmente apoderara-se dela como um braço muito forte que a sufocava e lhe dava uma agonia deliciosa. E então o antigo amor, que o despeito e a necessidade tinham recalcado no fundo da sua alma, rompeu, inundou-a: murmurou repetidamente, com paixão, torcendo as mãos, o nome de Amaro: desejou avidamente os seus beijos — oh! adorava-o! E tudo tinha acabado, tudo tinha acabado! E devia casar, pobre

dela!... Então à janela, com a face contra a escuridão da noite, choramingou baixinho.

Ao chá a S. Joaneira disse-lhe, de repente:

— Pois a coisa, a fazer-se, filha, deve ser já... Era começar o enxoval, e se fosse possível casar-te para o fim do mês.

Ela não respondeu, mas a sua imaginação alvoroçou-se àquelas palavras. Casada daí a um mês, ela! Apesar de João Eduardo lhe ser indiferente, a ideia daquele rapaz, novo e apaixonado, que ia viver com ela, dormir com ela, deu uma perturbação a todo o seu ser.

E quando a mãe ia descer ao quarto, disse-lhe:

— Que lhe parece, minha mãe? Eu está-me a custar entrar em explicações

com o João Eduardo, dizer-lhe que sim. O melhor era escrever-lhe...

— Também acho, filha, escreve-lhe... A *Ruça* leva a carta pela manhã... Uma carta bonita, e que agrade ao rapaz.

Amélia ficou na sala de jantar até tarde fazendo o rascunho da carta. Dizia:

Sr. João Eduardo

A mamã cá me pôs ao fato da conversação que teve consigo. E se a sua afeição é verdadeira, como creio e me tem dado muitas provas, eu estou pelo que se decidiu com muito boa vontade, pois conhece os meus sentimentos. E a respeito de enxoval e papéis, amanhã se falará, pois que o esperamos para o chá. A mamã está muito contente e eu desejo que tudo seja para nossa felicidade, como espero há de ser, com a ajuda de Deus. A mamã recomenda-se e eu sou

a que muito lhe quer,

Amélia Caminha.

Apenas fechou a carta, as folhas de papel branco espalhadas diante dela deram-lhe o desejo de escrever ao padre Amaro. Mas o quê? Confessar-lhe o seu amor, com a mesma pena, molhada na mesma tinta, com que aceitava por marido o *outro?*... Acusá-lo da sua cobardia, mostrar o seu desgosto — era humilhar-se! E apesar de não ter motivo para lhe escrever, a sua mão ia traçando com gozo as primeiras palavras: *Meu adorado Amaro*... Deteve-se, considerando que não tinha por quem mandar a carta. Ai! tinham de separar-se assim, em silêncio, para sempre!... Separarem-se porquê? — pensou. Depois de casada podia bem ver o Sr. padre Amaro. E a mesma ideia voltava, sutilmente, mas numa forma tão

honesta agora, que a não repelia: decerto, o Sr. padre Amaro podia ser o seu confessor; era em toda a cristandade a pessoa que melhor guiaria a sua alma, a sua vontade, a sua consciência; haveria então entre eles uma troca deliciosa e constante de confidências, de doces admoestações; todos os sábados iria receber ao confessionário, na luz dos seus olhos e no som das suas palavras, uma provisão de felicidade; e aquilo seria casto, muito picante, e para a glória de Deus.

Sentiu-se quase satisfeita com a impressão, que não definia bem, duma existência em que a carne estaria legitimamente contente, e a sua alma gozaria os encantos duma devoção amorosa. Tudo vinha a calhar bem, por

fim... E daí a pouco dormia serenamente, sonhando que estava na *sua* casa, com o *seu* marido, e que jogava a manilha com as velhas amigas, no meio do contentamento de toda a Sé, sentada nos joelhos do senhor pároco.

Ao outro dia a *Ruça* levou a carta a João Eduardo, e toda a manhã as duas senhoras, costurando à janela, falaram do casamento. Amélia não se queria separar da mãe, e, como a casa tinha acomodações, os noivos viveriam no primeiro andar, e a S. Joaneira dormiria no quarto em cima; decerto o senhor cónego ajudaria para o enxoval; podiam ir passar a lua de mel para a fazenda da D. Maria. E Amélia àquelas perspetivas felizes fazia-se toda escarlate, sob o olhar da mãe que, de luneta na ponta do nariz, a

admirava, babosa.

Às Ave-Marias a S. Joaneira fechou-se em baixo no seu quarto a rezar a sua coroa, e deixou Amélia só «para se entender com o rapaz». — Daí a pouco, com efeito, João Eduardo bateu à campainha. Vinha muito nervoso, de luvas pretas, enfrascado em água-de-colónia. Quando chegou à porta da sala de jantar não havia luz, e a bonita forma de Amélia destacava de pé, junto à claridade da vidraça. Ele pôs o xale-manta a um canto como costumava, e vindo para ela que ficara imóvel, disse-lhe, esfregando muito as mãos:

— Lá recebi a cartinha, menina Amélia.

— Eu mandei-a pela *Ruça* logo pela manhã para o pilhar em casa — disse ela

imediatamente com as faces a arder.

— Eu ia para o cartório, até já ia na escada... Haviam de ser nove horas...

— Haviam de ser... — disse ela.

Calaram-se, muito perturbados. Ele então tomou-lhe delicadamente os pulsos, e baixo:

— Então sempre quer?

— Quero — murmurou Amélia.

— E o mais depressa possível, hem?

— Pois sim...

Ele suspirou, muito feliz.

— Havemos de nos dar muito bem, havemos de nos dar muito bem — dizia. E as suas mãos, com pressões temas, iam-se apoderando dos braços dela, dos pulsos aos cotovelos.

— A mamã diz que podemos viver juntos — disse ela, esforçando-se por

falar tranquilamente.

— Está claro, e eu vou mandar fazer lençóis — acudiu ele, todo alterado.

Atraiu-a então a si, subitamente, beijou-lhe os lábios; ela teve um soluçozinho, abandonou-se-lhe entre os braços, toda fraca, toda lânguida.

— Oh, filha! — murmurava o escrevente.

Mas os sapatos da mãe rangeram na escada, e Amélia foi vivamente para o aparador acender o candeeiro.

A S. Joaneira parou à porta; e para dar a sua primeira aprovação maternal, disse, com bonomia:

— Então vocês estão aqui às escuras, filhos?

Foi o cónego Dias que participou ao padre Amaro o casamento de Amélia, uma manhã na Sé. Falou no «a propósito do enlace», e acrescentou:

— Eu estimo, porque é a contento da rapariga, e é um descanso para a pobre velha...

— Está claro, está claro... — murmurou Amaro, que se fizera muito branco.

O cónego pigarreou grosso, e ajuntou:

— E você agora apareça por lá, agora está tudo na ordem... A patifaria do jornal isso pertence à história... O que lá vai, lá vai!

— Está claro, está claro... — rosnou Amaro. Traçou bruscamente a capa, saiu da igreja.

Ia indignado; e continha-se, para não praguejar alto, pelas ruas. À esquina da viela das Sousas quase esbarrou com Natário, que o agarrou, logo, pela manga, para lhe soprar ao ouvido:

— Ainda não sei nada!

— De quê?

— Do *liberal*, do *Comunicado*. Mas trabalho, trabalho!

Amaro, que ansiava por desabafar, disse logo:

— Então ouviu a novidade? O casamento de Amélia... Que lhe parece?

— Disse-me o animal do Libaninho. Diz que o rapaz apanhou o emprego... Foi o doutor Godinho... E outro que tal!... Veja você esta corja. O doutor Godinho do jornal às bulhas com o governo civil, e o governo civil a atirar postas aos afilhados

do doutor Godinho. Vá lá entendê-los! Isto é um país de biltres!

— Diz que há grande alegrão na casa da S. Joaneira! — disse o pároco, com um azedume negro.

— Que se divirtam! Eu não tenho tempo de lá ir... Eu não tenho tempo para nada!... Eu cá ando no meu fito, saber quem é o *liberal* e escachá-lo! Não posso ver esta gente que leva a chicotada, coça-se, e curva a orelha. Eu cá não! eu guardo-as! — E, com uma contração de rancor, que lhe curvou os dedos em garra, e lhe encolheu o peito magro, disse por entre os dentes cerrados: — Eu, quando odeio, odeio bem!

Esteve um momento calado, gozando o sabor do seu fel.

— Você se for à Rua da Misericórdia

dê lá os parabéns a essa gente... — E acrescentou com os olhinhos em Amaro: — O palerma do escrevente leva a rapariga mais bonita da cidade! Vai encher o papo!

— Até à vista! — exclamou bruscamente Amaro, abalando pela rua furioso.

Depois daquele terrível domingo em que aparecera o *Comunicado*, o padre Amaro, ao princípio, muito egoistamente, apenas se preocupara com as consequências — «consequências fatais, Santo Deus!» — que lhe podia trazer o escândalo. Hem! Se pela cidade se espalhasse que era ele *o padre ajanotado* que o *liberal* apostrofava! Viveu dois dias aterrado, tremendo de ver aparecer o padre Saldanha, com a sua cara

ameninada e voz melíflua, a dizer-lhe «que sua excelência o senhor chantre reclamava a sua presença»! Passava já o tempo preparando explicações, respostas hábeis, lisonjas a sua excelência. Mas quando viu que, apesar da violência do artigo, sua excelência parecia disposto «a fazer a vista grossa», ocupou-se então, mais tranquilo, dos interesses do seu amor tão violentamente perturbados. O medo tornava-o astucioso; e decidiu não voltar algum tempo à Rua da Misericórdia.

Deixar passar o aguaceiro, pensou.

Ao fim de quinze dias, três semanas, quando o artigo estivesse esquecido, apareceria de novo em casa da S. Joaneira: deixaria ver bem à rapariga que a adorava sempre, mas evitaria a antiga familiaridade, as conversazinhas baixas,

os lugarzinhos chegados ao quino; depois, pela D. Maria da Assunção, pela D. Josefa Dias, obteria que Amélia deixasse o padre Silvério e se confessasse a ele: poderiam então entender-se, no segredo do confessionário: combinariam uma conduta discreta, encontros cautelosos aqui e além, cartinhas pela criada: e aquele amor assim conduzido, com prudenciazinha, não teria o perigo de aparecer uma manhã anunciado no periódico! E regozijava-se já da habilidade desta combinação, quando lhe vinha o grande choque — casava-se a rapariga!

Depois dos primeiros desesperos, desabafos em patadas no soalho e blasfémias de que pedia logo perdão a Nosso Senhor Jesus Cristo, quis serenar,

estabelecer a razão das coisas. Aonde o levava aquela paixão? Ao escândalo. E assim, casada ela, cada um entrava no seu destino legítimo e sensato — ela na sua família, ele na sua paróquia. Depois, quando se encontrassem, um cumprimento amável; e ele poderia passear a cidade com a sua cabeça bem direita, sem medo dos apartes da Arcada, das insinuações da gazeta, das severidades de sua excelência e das picadinhas da consciência! E a sua vida seria feliz. — Não, por Deus! a sua vida não poderia ser feliz sem ela! Tirado à sua existência aquele interesse das visitas à Rua da Misericórdia, os apertozinhos de mão, a esperança de delícias melhores — que lhe restava a ele? Vegetar, como um dos tortulhos nos cantos húmidos da Sé! E ela, ela que o

entontecera com os seus olhinhos e as suas maneirinhas, voltava-lhe as costas mal lhe aparecia outro, bom para marido, com vinte e cinco mil réis por mês! Todos aqueles suspiros, aquelas mudanças de cor — chalaça! Mangara com o senhor pároco!

O que a odiava! Menos que ao outro porém, o outro que triunfava porque era um homem, tinha a sua liberdade, o seu cabelo todo, o seu bigode, um braço livre para lhe dar na rua! Repastava então a imaginação rancorosamente nas visões de felicidade do escrevente: via-o trazendo-a da igreja triunfantemente; via-o beijando-lhe o pescoço e o peito... E a estas ideias dava patadas furiosas no soalho — que assustavam a Vicência na cozinha.

Depois procurava sossegar, retomar

a direção das suas faculdades, aplicá-las todas a achar uma vingança, uma boa vingança! E voltava então o antigo desespero de não viver no tempo da Inquisição, e com uma denúncia de irreligião ou de feitiçaria, mandá-los ambos para um cárcere. Ah! Nesse tempo um padre gozava! Mas agora, com os senhores liberais, tinha de ver aquele miserável escrevente a seis vinténs por dia apoderar-se lhe da rapariga — e ele, sacerdote instruído, que podia ser bispo, que podia ser papa, tinha de vergar os ombros e ruminar solitariamente o seu despeito! Ah! se as maldições de Deus tinham algum valor — malditos fossem eles! Queria vê-los cheios de filhos, sem pão na prateleira, com o último cobertor empenhado, ressequidos de fome,

injuriando-se, — e ele a rir-se, ele a regalar-se!...

Na segunda-feira não se conteve, foi à Rua da Misericórdia. A S. Joaneira estava em baixo na saleta com o cónego Dias. E apenas viu Amaro:

— Oh! Senhor pároco, bem aparecido! Estava a falar em Vossa Senhoria! Já estranhava não o vermos, agora que há alegria em casa.

— Já sei, já sei — murmurou Amaro pálido.

— Alguma vez havia de ser — disse o cónego jovialmente. — Deus os faça felizes e lhes dê poucos filhos, que a carne está cara.

Amaro sorriu, escutando em cima o

piano.

Era Amélia que tocava como outrora a valsa dos *Dois Mundos*; e João Eduardo, muito chegado a ela, voltava as folhas da música.

— Quem entrou, *Ruça?* — gritou ela, sentindo os passos da rapariga nas escadas.

— O Sr. padre Amaro.

Um fluxo de sangue abrasou-lhe o rosto e o coração batia-lhe tão forte, que ficou um momento com os dedos imóveis sobre e teclado.

— Não se precisava cá do Sr. padre Amaro — rosnou João Eduardo por entre dentes.

Amélia mordeu o beiço. Teve ódio ao escrevente: num instante repugnou-lhe a sua voz, os seus modos, a sua figura de

pé junto dela: pensou com deleite, como depois de casada (já que tinha de casar) se confessaria toda ao padre Amaro, e não deixaria de o amar! Não sentia naquele momento escrúpulos; e quase desejava que o escrevente lhe visse no rosto a paixão que a revolvia.

— Credo, criatura! — disse-lhe. — Chegue-se um pouco mais para lá, que nem me deixa os braços livres para tocar!

Terminou bruscamente a valsa dos *Dois Mundos*, começou a cantar o Adeus:

Ai! adeus! acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado!

A sua voz elevava-se, com uma modulação ardente, dirigindo o canto, através do soalho, ao coração do pároco,

em baixo.

E o pároco, com a sua bengala entre os joelhos, sentado no canapé, devorava todos os tons da voz dela — enquanto a S. Joaneira tagarelava, contando as peças de algodão que comprara para lençóis, os arranjos que ia fazer no quarto dos noivos, e as vantagens de viverem juntos...

— Uma felicidade por aí além — interrompeu o cónego erguendo-se pesadamente. — E vamos lá para cima, que isto de noivos não se querem sós...

— Ah, lá nisso — disse a S. Joaneira rindo —, fio-me nele, que é um homem de bem às direitas.

Amaro, ao subir a escada, tremia e, mal entrou na sala, o rosto de Amélia, alumiado pelas luzes do piano, deu-lhe um

deslumbramento, como se as vésperas do noivado a tivessem embelezado, e a separação lha tornasse mais apetitosa. Foi dar-lhe gravemente um aperto de mão, outro ao escrevente, disse baixo, sem os olhar:

— Os meus parabéns... Os meus parabéns...

Voltou as costas, e foi conversar com o cónego que se enterrara na sua poltrona, queixando-se de enfastiamento e reclamando o chá.

Amélia ficara como abstrata, correndo inconscientemente os dedos pelo teclado. Aquele modo do padre Amaro confirmava a sua ideia: queria a todo o custo descartar-se dela, o ingrato! fazia «como se nada tivesse havido», o vilão! Na sua cobardia de padre, com o terror do

senhor chantre, do jornal, da Arcada, de tudo — sacudia-a da sua imaginação, do seu coração, da sua vida como se sacode um inseto que tem peçonha!... Então, para o enraivecer, começou a cochichar ternamente com o escrevente; roçava-se lhe pelo ombro, rendida, com risinhos, segredinhos; tentaram, em alarido jovial, tocar uma peça a quatro mãos; depois ela beliscou-o, ele deu um gritinho exagerado. E a S. Joaneira contemplava-os babosa, enquanto o cónego dormitava já, e o padre Amaro, abandonado a um canto como outrora o escrevente, ia folheando o velho álbum.

Mas um brusco repique da campainha veio sobressaltá-los todos: passos rápidos galgaram a escada, pararam em baixo na saleta; e a *Ruça*

apareceu dizendo «que era o Sr. padre Natário, que não desejava subir, e queria dar uma palavra ao senhor cónego».

— Fracas horas para embaixadas — rosnou o cónego, arrancando-se com custo ao fundo confortável da poltrona.

Amélia fechou logo o piano e a S. Joaneira pousando a meia foi em bicos de pés escutar ao alto da escada: fora ventava forte, e para os lados da Praça afastava-se o toque de retreta.

Enfim a voz do cónego chamou, de baixo, da porta da saleta:

— Ó Amaro?

— Padre-mestre?

— Venha cá, homem. E diga à senhora que pode vir também.

A S. Joaneira desceu logo, muito assustada: Amaro imaginava que o padre

Natário enfim descobrira o *liberal*!

A saleta parecia muito fria com a luz pequenina da vela sobre a mesa: e na parede, num velho painel muito escuro — que ultimamente o cónego dera à S. Joaneira — destacava uma face lívida de monge e um osso frontal de caveira.

O cónego Dias acomodara-se ao canto do canapé, sorvendo refletidamente a pitada: e Natário, que se agitava pela sala, exclamou logo:

— Boas noites, senhora! Olá, Amaro! Trago novidades!... Não quis subir porque imaginei que estaria o escrevente, e estas coisas são cá para nós. Estava a começar a dizer ao colega Dias... Tive lá em casa o padre Saldanha. Temo-las boas!

O padre Saldanha era o confidente

do senhor chantre. E o padre Amaro, já inquieto, perguntou:

— Coisa que nos toca?

Natário começou com solenidade erguendo alto o braço:

— *Primo:* o colega Brito mudado da freguesia de Amor para ao pé de Alcobaça, para a serra, para o inferno...

— Que me diz? — exclamou a S. Joaneira.

— Obras do *liberal*, minha senhora! O nosso digno chantre levou-lhe tempo a meditar o *Comunicado* do *Distrito*, mas por fim saiu-se! O pobre Brito lá vai esfogueteado!...

— Sempre é o que se dizia da mulher do regedor — murmurou a boa senhora.

— Olá! — interrompeu severamente o cónego. — Então, senhora, então! Isto

aqui não é casa de murmuração!... Siga com o seu recado, colega Natário.

— *Secundo* — continuou Natário —: é o que eu ia dizer ao colega Dias... O senhor chantre, em vista do *Comunicado* e de outros ataques da imprensa, está decidido a «reformar os costumes do clero diocesano», palavras do padre Saldanha. Que lhe desagradam sumamente os conciliábulos de eclesiásticos e de senhoras... Que quer saber o que é isso de sacerdotes ajanotados tentando meninas bonitas... Enfim, palavras textuais de sua excelência, *está decidido a limpar as cavalariças de Augias!...* O que quer dizer em bom português, minha senhora, que vai andar tudo numa roda-viva.

Houve uma pausa consternada. E Natário, plantado no meio da saleta com

as mãos enterradas nas algibeiras, exclamou:

— Que lhes parece esta à última hora, hem?

O cónego ergueu-se pachorrentamente:

— Olhe, colega — disse —, entre mortos e feridos há de escapar alguém. E a senhora não se fique aí com essa cara de *Mater dolorosa*, e mande servir o chá, que é o importante.

— Eu lá disse ao padre Saldanha... — começou Natário perorando.

Mas o cónego interrompeu-o com força:

— O padre Saldanha é um patarata!... Vamos nós às torradinhas, e lá em cima, diante dos rapazes, caluda.

O chá foi silencioso. O cónego, a

cada bocado de torrada, respirava afrontado, franzia muito o sobrolho: a S. Joaneira, depois de falar da D. Maria da Assunção que estava mal do catarro, ficou toda murcha, com a testa sobre o punho. Natário, a grandes passadas, fazia uma ventania na sala com as abas do casacão.

— E quando vem essa boda? — exclamou ele, estacando subitamente diante de Amélia e do escrevente, que tomavam o chá sobre o piano,

— Um dia cedo — respondeu ela sorrindo.

Amaro então ergueu-se devagar, e tirando o seu *cebolão:*

— São horas de me ir chegando à Rua das Sousas, minhas senhoras — disse com uma voz desalentada.

Mas a S. Joaneira não consentiu.

Credo, estavam todos monos como se estivessem de pêsames!... Que fizessem um quino para espairecer... O cónego porém, saindo do seu torpor, disse com severidade:

— Está a senhora muito enganada, ninguém está mono. Não há razões senão para estar alegre. Pois não é verdade, senhor noivo?

João Eduardo mexeu-se, sorriu:

— Eu cá por mim, senhor cónego, não tenho razão senão para estar feliz.

— Pois está claro — disse o cónego. — E agora Deus lhes dê boas-noites a todos, que eu vou *quinar* para vale de lençóis. E o Amaro também.

Amaro foi apertar silenciosamente a mão de Amélia, e os três padres desceram calados.

Na saleta a vela ainda ardia com um morrão. O cónego entrou a buscar o seu guarda-chuva; e então, chamando os outros, cerrando devagarinho a porta, disse-lhes baixo:

— Eu, colegas, não quis assustar há pouco a pobre senhora, mas essas coisas do chantre, esses falatórios... É o diabo!

— É ter cautelinha, meninos! — aconselhou Natário, abafando a voz.

— É sério, é sério — murmurou lugubremente o padre Amaro.

Estavam de pé no meio da saleta. Fora o vento uivava: a luz da vela agitada fazia alternadamente destacar e reentrar na sombra do quadro o osso frontal da caveira: e em cima Amélia cantarolava a *Chiquita*.

Amaro recordava outras noites

felizes em que ele, triunfante e sem cuidados, fazia rir as senhoras, — e Amélia, gorjeando *Ai chiquita que si*, revirava-lhe olhares rendidos...

— Eu — disse o cónego —, os colegas sabem, tenho que comer e beber, não me importa... Mas é necessário manter a honra da classe!

— E não carece dúvida — acrescentou Natário —, que se há outro artigo e mais falatórios, estala com certeza o raio...

— Olha o padre Brito — murmurou Amaro —, esfogueteado para a serra!

Em cima decerto houve alguma graça, porque sentiram as risadas do escrevente.

Amaro rosnou com rancor:

— Grande galhofa lá em cima!...

Desceram. Ao abrir a porta uma rajada de vento bateu a face de Natário duma chuva miudinha.

— Olha que noite! — exclamou furioso.

Só o cónego tinha guarda-chuva: e abrindo-o devagar:

— Pois meninos, não há que ver, estamos em calças pardas...

Da janela de cima alumiada, saiam os sons do piano, nos acompanhamentos da *Chiquita*. O cónego soprava, agarrando fortemente o guarda-chuva contra o vento; ao lado Natário, cheio de fel, rilhava os dentes, encolhido no seu casacão; Amaro caminhava de cabeça caída, num abatimento de derrota; e enquanto os três padres, assim agachados sob o guarda-chuva do cónego, iam

chapinhando as poças pela rua tenebrosa, por trás a chuva penetrante e sonora ia-os ironicamente fustigando!

11

Daí a dias, os frequentadores da botica, na Praça, viram com espanto o padre Natário e o doutor Godinho conversando em harmonia, à porta da loja de ferragens do Guedes. O recebedor — que era escutado com deferência em questões de política estrangeira, — observou-os com atenção através da porta vidrada da farmácia, e declarou com um tom profundo «que não se admiraria mais se visse Vítor Manuel e Pio IX passearem de braço dado»!

O cirurgião da Câmara porém não estranhava aquele «comércio de amizade». — Segundo ele, o último artigo da *Voz do Distrito*, evidentemente escrito

pelo doutor Godinho (era o seu estilo incisivo, cheio de lógica, atulhado de erudição!), mostrava que a gente da Maia se queria ir aproximando da gente da Misericórdia. O doutor Godinho (na expressão do cirurgião da Câmara) fazia tagatés ao governo civil e ao clero diocesano: a última frase do artigo era significativa: «Não seremos nós que regatearemos ao clero os meios de exercer proficuamente a sua divina missão»!

A verdade era (como observou um indivíduo obeso, o amigo Pimenta), que se não havia ainda paz já havia negociações — porque, na véspera ele vira com aqueles seus olhos que a terra tinha de comer, o padre Natário saindo de manhã muito cedo da redação da *Voz do Distrito!*

— Oh amigo Pimenta, essa é fabricada!

O amigo Pimenta ergueu-se com majestade, deu um puxão grave aos cós das calças, e ia indignar-se quando o recebedor acudiu:

— Não, não, o amigo Pimenta tem razão. A verdade é que eu noutro dia vi o patife do Agostinho fazer grande barretada ao padre Natário. E que o Natário traz intriga na mão, isso é seguro! Eu gosto de observar as pessoas... Pois senhores, o Natário que nunca aparecia aqui na Arcada, agora vejo-o sempre aí com o nariz pelas lojas... Depois a grande amizade com o padre Silvério... hão de reparar que são ambos certos aí na Praça às Ave-Marias... E é negócio com a gente do doutor Godinho... O padre Silvério é o

confessor da mulher do Godinho... Umas coisas pegam com as outras!

Era muito comentada, com efeito, a nova amizade do padre Natário com o padre Silvério. Havia cinco anos, tinha ocorrido na sacristia da Sé, entre os dois eclesiásticos, uma questão escandalosa: Natário correra até de guarda-chuva erguido para o padre Silvério, quando o bom cónego Sarmento, banhado em lágrimas, o reteve pela batina, gritando: «Oh colega, que é a perdição da religião!». Desde então, Natário e Silvério não falavam — com desgosto de Silvério, um bonacheirão, duma obesidade hidrópica, que, segundo diziam as suas confessadas, «era todo afeição e perdão». Mas Natário, seco e pequeno, tinha tenacidade no rancor. Quando o Sr.

chantre Valadares começou a governar o bispado, chamou-os, e, depois de lhes lembrar com eloquência a necessidade «de manter a paz na Igreja», de lhes recordar o exemplo tocante de Castor e Pólux, empurrou Natário com uma brandura grave para os braços do padre Silvério, que o teve um momento sepultado na vastidão do peito e do estômago, murmurando todo comovido:

— Todos somos irmãos, todos somos irmãos!

Mas Natário, cuja natureza dura e grosseira nunca perdia, como o papelão, as dobras que tomava, conservou com o padre Silvério um tom amuado; na Sé ou na rua, resvalando junto dele, com um jeito brusco do pescoço, rosnava apenas: *Sr. padre Silvério, às ordens!*

Havia porém duas semanas, uma tarde de chuva Natário fizera repentinamente uma visita ao padre Silvério sob pretexto que «o pilhara ali uma pancada de água, e que se vinha recolher um instante».

— E também — acrescentou — para lhe pedir a sua receita para a dor de ouvidos, que uma das minhas sobrinhas, coitada, está como doida, colega!

O bom Silvério, esquecendo decerto que ainda nessa manhã vira as duas sobrinhas de Natário sãs e satisfeitas como dois pardais, apressou-se a escrever a receita, todo feliz de utilizar os seus queridos estudos de medicina caseira; e murmurava, banhado de riso:

— Ora que alegria, colega, vê-lo aqui de novo nesta sua casa!

A reconciliação foi tão pública que o cunhado do Sr. barão de Via Clara, bacharel de grandes dotes poéticos, lhe dedicou uma daquelas sátiras que ele intitulava *Ferrões*, que iam manuscritas de casa em casa, muito saboreadas e muito temidas; e chamara à composição, tendo presente decerto a figura dos dois sacerdotes: *Famosa Reconciliação do Macaco e da Baleia!* Era com efeito frequente, agora, ver a pequena figura de Natário gesticulando e saltitando ao lado do vulto enorme e pachorrento do padre Silvério.

Uma manhã mesmo os empregados da administração (que era então no Largo da Sé) gozaram muito, observando da sacada os dois padres que passeavam no terraço ao tépido sol de maio. O senhor

administrador — que passava as horas da repartição namorando com um binóculo, por trás da vidraça do seu gabinete, a esposa do Teles, alfaiate — começara subitamente a dar gargalhadas à janela: o escrivão Borges correu logo, de pena na mão, à varanda, a ver de que ria sua senhoria, e, muito divertido, a fungar, chamou à pressa o Artur Couceiro que estava copiando, para estudar à guitarra, uma canção da *Grinalda;* o amanuense Pires, severo e digno, aproximou-se, carregando para a orelha o seu barretinho de seda, com horror às correntes de ar; e em grupo, de olho arregalado, observavam os dois padres, que tinham parado à esquina da igreja. Natário parecia excitado; procurava decerto persuadir, abalar o padre Silvério; e em

bicos de pés, plantado diante dele, agitava freneticamente as mãos muito magras. Depois, subitamente, apoderou-se-lhe do braço, arrastou-o ao comprido do terraço lajeado: ao fundo parou, recuou, fez um gesto largo e desolado, como atestando a perdição possível dele, da Sé ao lado, da cidade, do universo em redor; o bom Silvério, com os olhos muito abertos, parecia apavorado. E recomeçaram a passear. Mas Natário exaltava-se; dava recuões bruscos, atirava estocadas com um longo dedo ao vasto estômago de Silvério, batia patadas furiosas nas lajes polidas; e de repente, de braços pendentes, mostrava-se acabrunhado. Então o bom Silvério falou um momento com a mão espalmada sobre o peito; imediatamente, a face biliosa de Natário

iluminou-se; pulou, bateu no ombro do colega palmadinhas de muito júbilo, e os dois sacerdotes entraram na Sé, chegados e rindo baixinho.

— Que patuscos! — disse o escrivão Borges, que detestava sotainas.

— Aquilo tudo é a respeito do jornal — disse Artur Couceiro, vindo retomar o seu trabalho lírico. — O Natário não sossega enquanto não souber quem escreveu o *Comunicado;* disse-o ele em casa da S. Joaneira... E a coisa pelo Silvério vai bem, que é o confessor da mulher do Godinho.

— Corja! — rosnou o Borges com nojo. E continuou pachorrentamente o ofício que compunha, remetendo para Alcobaça um preso que ao fundo da saleta, entre dois soldados, esperava

sobre um banco, prostrado e embrutecido, com uma face de fome e as mãos em ferros.

Daí a dias tinha havido na Sé o Ofício de corpo presente pelo rico proprietário Morais, que morrera dum aneurisma, e a quem sua esposa (em penitência decerto dos desgostos que lhe dera com a sua afeição desordenada por tenentes de infantaria), estava fazendo, como se disse, «exéquias de pessoa real». Amaro desvestira-se, e na sacristia, à luz dum velho candeeiro de latão, escrevia assentos atrasados, quando a porta de carvalho rangeu, e a voz agitada de Natário disse:

— Ó Amaro, você está aí?

— Que temos?

O padre Natário fechou a porta, e atirando os braços para o ar:

— Grande novidade, é o escrevente!

— Que escrevente?

— O João Eduardo! É ele! É o *liberal*! Foi ele que escreveu o *Comunicado*!

— Que me diz você? — fez Amaro atónito.

— Tenho provas, meu amigo! Vi o original, escrito pela letra dele. O que se chama ver! Cinco tiras de papel!

Amaro, com os olhos esgazeados, fitava Natário.

— Custou — exclamou Natário. — Custou, mas soube-se tudo! Cinco tiras de papel! E quer escrever outro! O Sr. João Eduardo! O nosso rico amigo Sr. João

Eduardo!

— Você está certo disso?

— Se estou certo! Estou a dizer-lhe que vi, homem!

— E como soube você, Natário?

Natário dobrou-se; e com a cabeça enterrada nos ombros, arrastando as palavras:

— Ah, colega, lá isso... Os *comos* e os *porquês*... Você compreende... *Sigillus magnus!*

E com uma voz aguda de triunfo, a largos passos pela sacristia:

— Mas ainda isto não é nada! O Sr. Eduardo, que nós víamos ali na casa da S. Joaneira, tão bom mocinho, é um patife antigo. É o íntimo do Agostinho, o bandido da *Voz do Distrito!* Está metido na redação até altas horas da noite... Uma

orgia, vinhaça, mulheres... E gaba-se de ser ateu... Há seis anos que se não confessa... Chama-nos a *canalha canónica*... É republicano. Uma fera, meu caro senhor, uma fera!

Amaro, escutando Natário, arrumava atarantadamente, com as mãos trémulas, papéis no gavetão da escrivaninha.

— E agora?... — perguntou.

— Agora? — exclamou Natário. — Agora é esmagá-lo!

Amaro fechou o gavetão, e, muito nervoso, passando o lenço pelos lábios secos:

— Uma assim, uma assim! E a pobre rapariga, coitada... Casar agora com um homem desses... Um perdido!

Os dois padres, então, olharam-se fixamente. No silêncio, o velho relógio da

sacristia punha o seu *tiquetaque* plangente. Natário tirou da algibeira dos calções a caixa do rapé, e com os olhos ainda fixos em Amaro, a pitada nos dedos, disse sorrindo friamente:

— Desmanchar-lhe o casamentozinho, hem?

— Você acha? — perguntou sofregamente Amaro.

— Caro colega, é uma questão de consciência... Para mim era uma questão de dever! Não se pode deixar casar a pobre pequena com um brejeiro, um pedreiro-livre, um ateu...

— Com efeito! Com efeito! — murmurava Amaro.

— Vem a calhar, hem? — fez Natário; e sorveu com gozo a pitada. Mas o sacristão entrou; eram as horas de

fechar a igreja; vinha perguntar a suas senhorias se demoravam.

— Um instante, Sr. Domingos.

E, enquanto o sacristão corria os pesados ferrolhos da porta interior do pátio, os dois padres muito chegados falavam baixo.

— Você vai ter com a S. Joaneira — dizia Natário. — Não, escute, é melhor que lhe fale o Dias; o Dias é que deve falar à S. Joaneira. Vamos pelo seguro. Você fale à pequena e diga-lhe simplesmente que o ponha fora de casa! — E ao ouvido de Amaro: — Diga à rapariga que ele vive aí de casa e pucarinho com uma desavergonhada!

— Homem! — disse Amaro recuando. — Não sei se isso é verdade!

— há de ser. Ele é capaz de tudo. E

depois é um meio de levar a pequena.

E foram descendo a igreja atrás do sacristão, que fazia tilintar o seu molho de chaves, pigarreando grosso.

Nas capelas pendiam as armações de paninho negro agaloadas de prata; ao centro, entre quatro fortes tocheiras de grosso morrão, estava a essa, com o largo pano de veludilho cobrindo o caixão do Morais, recaindo em pregas franjadas; à cabeceira tinha uma larga coroa de perpétuas; e aos pés pendia, dum grande laço de fita escarlate, o seu hábito de cavaleiro de Cristo.

O padre Natário então parou; e tomando o braço de Amaro, com satisfação:

— E depois, meu caro amigo, tenho outra preparada ao cavalheiro...

— O quê?

— Cortar-lhe os víveres!

— Cortar-lhe os víveres?

— O pateta estava para ser empregado no governo civil, primeiro amanuense, hem? Pois vou-lhe desmanchar o arranjinho!... E o Nunes Ferral que é dos meus, homem de boas ideias, vai pô-lo fora do cartório... E que escreva então *Comunicados!*

Amaro teve horror àquela intriga rancorosa:

— Deus me perdoe, Natário, mas isso é perder o rapaz.

— Enquanto o não vir por essas ruas a pedir um bocado de pão, não o largo, padre Amaro, não o largo!

— Oh, Natário! Oh, colega! Isso é de pouca caridade... Isso não é de cristão... E

então aqui que Deus está a ouvi-lo...

— Não lhe dê isso cuidado, meu caro amigo... Deus serve-se assim, não é a resmungar Padre Nossos. Para ímpios não há caridade! A Inquisição atacava-os pelo fogo, não me parece mau atacá-los pela fome. Tudo é permitido a quem serve uma causa santa... Que se não metesse comigo!

Iam a sair; mas Natário deitou um olhar para o caixão do morto, e apontando com o guarda-chuva:

— Quem está ali?

— O Morais — disse Amaro.

— O gordo, picado das bexigas?

— Sim.

— Boa besta!

E depois de um silêncio:

— Foram os Ofícios do Morais... Eu nem dei por isso, ocupado cá na minha

campanha... E a viúva fica rica. É generosa, é presenteadora... Quem a confessa é o Silvério, hem? Tem as melhores pechinchas de Leiria, aquele elefante!

Saíram. A botica do Carlos estava fechada, o céu muito escuro.

No largo, Natário parou:

— Resumindo: o Dias fala à S. Joaneira, e você fala à pequena. Eu por mim me entenderei com a gente do governo civil e com o Nunes Ferral. Encarreguem-se vocês do casamento, que eu me encarrego do emprego! — E batendo no ombro do pároco jovialmente: — É o que se pode dizer atacá-lo pelo coração e pelo estômago! E adeusinho, que as pequenas estão à espera para a ceia! Coitadita, a Rosa tem estado com um

defluxo!... É fraquita, aquela rapariga, dá-me muito cuidado... Que eu em a vendo murcha até perco logo o sono. Que quer você? Quando se tem bom coração... Até amanhã, Amaro.

— Até amanhã, Natário.

E os dois padres separaram-se, quando davam nove horas na Sé.

Amaro entrou em casa ainda um pouco trémulo, mas muito decidido, muito feliz: tinha um dever delicioso a cumprir! E dizia alto, com passos graves pela casa, para se compenetrar bem dessa responsabilidade estimada:

— É do meu dever! É do meu dever!

Como cristão, como pároco, como amigo da S. Joaneira, o *seu dever* era

procurar Amélia, e, com simplicidade, sem paixão interessada, contar-lhe que fora João Eduardo, o seu noivo, que escrevera o *Comunicado*.

Foi ele! Difamou os íntimos da casa, sacerdotes de ciência e de posição; desacreditou-a a ela; passa as noites em deboche na pocilga do Agostinho; insulta o clero, baixamente; gaba-se de irreligião; há seis anos que se não confessa! Como diz o colega Natário, é uma fera! Pobre menina! Não, não podia casar com um homem que lhe impediria a vida perfeita, lhe achincalharia as boas crenças! Não a deixaria rezar, nem jejuar, nem procurar no confessor a direção salutar, e, como diz o santo padre Crisóstomo, «amadureceria a sua alma para o inferno»! Ele não era seu pai, nem seu

tutor; mas era pároco, era pastor: — e se a não subtraísse àquele destino herético pelos seus conselhos graves, pela influência da mãe e das amigas, — seria como aquele que tem a guarda dum rebanho numa herdade, e abre indignamente a cancela ao lobo! Não, a Ameliazinha não havia de casar com o *ateu*!

E o seu coração então batia forte sob a efusão daquela esperança. Não, o outro não a possuiria! Quando viesse a apoderar-se legalmente daquela cinta, daqueles peitos, daqueles olhos, daquela Ameliazinha — ele, pároco, lá estava para dizer alto: *Para trás, seu canalha! Isto aqui é de Deus!*

E tomaria então bem cuidado em guiar a pequena à salvação! Agora o

Comunicado estava esquecido, o senhor chantre tranquilizado: daí a dias poderia voltar sem susto à Rua da Misericórdia, recomeçar os deliciosos serões — apoderar-se de novo daquela alma, formá-la para o Paraíso...

E aquilo, Jesus!, não era uma intriga para a arrancar ao noivo: os seus motivos (e dizia-o alto, para se convencer melhor) eram muito retos, muito puros: aquilo era um trabalho santo para a arrancar ao Inferno: ele não a queira para si, queria-a para Deus!... *Casualmente*, sim, os seus interesses de amante coincidiam com os seus deveres de sacerdote. Mas se ela fosse vesga e feia e tola, ele iria igualmente à Rua da Misericórdia, em serviço do Céu, desmascarar o Sr. João Eduardo, difamador e ateu!

E, sossegado por esta argumentação, deitou-se tranquilamente.

Mas toda a noite sonhou com Amélia. Tinha fugido com ela: e ia-a levando por uma estrada que conduzia ao Céu! O diabo perseguia-o; ele via-o, com as feições de João Eduardo, soprando e rasgando com os cornos os delicados seios das nuvens. E ele escondia Amélia no seu capote de padre, devorando-a por baixo de beijos! Mas a estrada do Céu não findava. «Onde é a porta do paraíso?» perguntava ele a anjos de cabeleiras de ouro que passavam, num doce rumor de asas, levando almas nos braços. E todos lhe respondiam: «Na Rua da Misericórdia, na Rua da Misericórdia número nove!» Amaro sentia-se perdido; um vasto éter cor de leite, penetrável e

macio como uma penugem de ave, envolvia-o; e ele procurava debalde uma tabuleta de hospedaria! Por vezes resvalava junto dele um globo reluzente de onde saía o rumor duma criação; ou um esquadrão de arcanjos, com couraças de diamantes, erguendo alto espadas de fogo, galopavam num ritmo nobre...

Amélia tinha fome, tinha frio. «Paciência, paciência, meu amor!» dizia-lhe ele. Caminhando, vieram a encontrar uma figura branca, que tinha na mão uma palma verde. «Onde está Deus, nosso pai?» perguntou-lhe Amaro, com Amélia conchegada ao peito. A figura disse: «Eu fui um confessor, e sou um santo: os séculos passam, e imutavelmente, sempiternamente sustento na mão esta palma e banha-me um êxtase igual!

Nenhuma tinta modifica esta luz para sempre branca; nenhuma sensação sacode o meu ser para sempre imaculado; e imobilizado na bem-aventurança, sinto a monotonia do Céu pesar-me como uma capa de bronze. Oh! pudesse eu caminhar a passos largos nas torpezas diferentes da Terra — ou bracejar, sob as variedades da dor, nas chamas do purgatório!»

Amaro murmurou: «Bem fazemos nós em pecar!» Mas Amélia desfalecia fatigada... «Durmamos, meu amor!» E, deitados, viam estrelas flutuando numa poeirada como o joio sacudido vivamente do crivo. Então nuvens começaram a dispor-se em torno deles, em pregas de cortinados, dando um perfume de *sachets*: Amaro pousou a sua mão sobre o peito de Amélia: um enleio muito doce enervava-

os: enlaçaram-se, os seus lábios pegavam-se húmidos e quentes: «Oh, Ameliazinha!» murmurava ele. «Amo-te, Amaro, amo-te!» suspirava ela. Mas de repente as nuvens afastaram-se como os cortinados dum leito; e Amaro viu diante o diabo que os alcançara, e que, com as garras na cinta, esgaçava a boca numa risada muda. Com ele estava outro personagem: era velho como a substância; nos anéis dos seus cabelos vegetavam florestas; a sua pupila tinha a vastidão azul dum oceano; e nos dedos abertos com que cofiava a barba infindável, caminhavam, como em estradas, filas de raças humanas. «Aqui estão os dois sujeitos», dizia-lhe o diabo retorcendo a cauda. E por trás Amaro via aglomerarem-se legiões de santos e de

santas. Reconheceu S. Sebastião com as suas setas cravadas; Santa Cecília trazendo na mão o seu órgão; por entre eles sentia balarem os rebanhos de S. João; e no meio erguia-se o bom gigante S. Cristóvão apoiado ao seu pinheiro. Espreitavam, cochichavam! Amaro não se podia desenlaçar de Amélia, que chorava muito baixo; os seus corpos estavam sobrenaturalmente colados; e Amaro, aflito, via que as saias dela levantadas descobriam os seus joelhos brancos. «Aqui estio os dois sujeitos», dizia o diabo ao velho personagem «e repare o meu prezado amigo, porque todos aqui somos apreciadores, que a pequena tem bonitas pernas!» Santos vetustos alçaram-se sofregamente em bicos de pés, estendendo pescoços onde se viam

cicatrizes de martírios: e as onze mil virgens bateram o voo como pombas espavoridas! Então o personagem, esfregando as mãos de onde se esfarelavam universos, disse grave: «Fico inteirado, meu caro amigo, fico inteirado! Com que, senhor pároco, vai-se à Rua da Misericórdia, arruína-se a felicidade do Sr. João Eduardo (um cavalheiro), arranca-se a Ameliazinha à mamã, e vem-se saciar concupiscências reprimidas a um cantinho da Eternidade? Eu estou velho — e está rouca esta voz que outrora tão sabiamente discursava pelos vales. Mas pensa que me assombra o Sr. conde de Ribamar, seu protetor, apesar de ser um pilar da Igreja e uma coluna da Ordem? Faraó era um grande rei — e eu afoguei-o, e os seus príncipes cativos, os

seus tesouros, os seus carros de guerra, e as manadas dos seus escravos! Eu cá sou assim! E se os senhores eclesiásticos continuarem a escandalizar Leiria — eu ainda sei queimar uma cidade como um papel inútil, e ainda me resta água para dilúvios!» E voltando-se para dois anjos armados de espadas e lanças, o personagem bradou: «Chumbem uma grilheta aos pés do padre, e levem-no ao abismo número sete!». E o diabo gania: «Aí estão as consequências, Sr. padre Amaro!» Ele sentiu-se arrebatado de sobre o seio de Amélia por mãos de brasa; e ia lutar, bradar contra o juiz que o julgava — quando um sol prodigioso que vinha nascendo do Oriente bateu no rosto do personagem, e Amaro, com um grito, reconheceu o Padre Eterno!

Acordou banhado em suor. Um raio de sol entrava pela janela.

Nessa noite João Eduardo, indo da Praça para casa da S. Joaneira, ficou assombrado, ao ver aparecer à outra boca da rua, do lado da Sé, o Santíssimo em procissão.

E vinha para casa das senhoras! Por entre as velhas de mantéu pela cabeça, as tochas faziam destacar opas de paninho escarlate; sob o pálio os dourados da estola do pároco reluziam; uma campainha tocava adiante, às vidraças apareciam luzes; e na noite escura o sino da Sé repicava, sem descontinuar.

João Eduardo correu aterrado — e soube logo que era a extrema-unção à

entrevada.

Tinham posto na escada um candeeiro de petróleo sobre uma cadeira. Os serventes encostaram à parede da rua os varais do pálio, e o pároco entrou. João Eduardo, muito nervoso, subiu também: ia pensando que a morte da entrevada, o luto retardariam o seu casamento; contrariava-o a presença do pároco e a influência que ele adquiria naquele momento; e foi quase quezilado que perguntou à *Ruça* na saleta:

— Então como foi isto?

— Foi a pobre de Cristo que esta tarde começou a esmorecer, o senhor doutor veio, diz que estava a acabar e a senhora mandou pelos sacramentos.

João Eduardo, então, julgou delicado ir assistir «à cerimónia».

O quarto da velha era junto à cozinha; e tinha naquele momento uma solenidade lúgubre. Sobre uma mesa coberta de toalha de folhos, estava um prato com cinco bolinhas de algodão entre duas velas de cera. A cabeça da entrevada, toda branca, a sua face cor de cera mal se distinguiam do linho do travesseiro; tinha os olhos estupidamente dilatados; e ia apanhando incessantemente com um gesto lento a dobra do lençol bordado.

A S. Joaneira e Amélia rezavam ajoelhadas à beira da cama; a Sra. D. Maria da Assunção (que casualmente entrara, ao voltar da fazenda) ficara à porta do quarto aterrada, agachada sobre os calcanhares, murmurando Salve-Rainhas. João Eduardo, sem ruído, dobrou

o joelho junto dela.

O padre Amaro, curvado quase ao ouvido da entrevada, exortava-a a que se abandonasse à Misericórdia divina; mas vendo que ela não compreendia, ajoelhou, recitou rapidamente o *Misereatur*; e no silêncio, a sua voz erguendo-se nas sílabas latinas mais agudas, dava uma sensação de enterro que enternecia, fazia soluçar as duas senhoras. Depois ergueu-se, molhou o dedo nos santos óleos; murmurando as expressões penitentes do ritual ungiu os olhos, o peito, a boca, as mãos — que há dez anos só se moviam para chegar a escarradeira, e as plantas dos pés que há dez anos só se aplicavam a buscar o calor da botija. E depois de queimar as bolinhas de algodão húmidas de óleo, ajoelhou-se, ficou imóvel, com

os olhos postos no Breviário.

João Eduardo voltou em pontas de pés à sala, sentou-se no mocho do piano: agora decerto, durante quatro ou cinco semanas, Amélia não tornaria a tocar... E uma melancolia amoleceu-o, vendo no doce progresso do seu amor aquela brusca interrupção da morte e dos seus cerimoniais.

A Sra. D. Maria entrou então, toda transtornada daquela cena, e seguida de Amélia que trazia os olhos muito vermelhos.

— Ah! Ainda bem que aqui está, João Eduardo! — disse logo a velha. — Que quero que me faça um favor, que é acompanhar-me a casa... Estou toda a tremer... Estava desprevenida, e com perdão de Deus seja dito, não posso ver

gente na agonia... Que ela, coitadinha, vai-se como um passarinho... E pecados não os tem... Olhe, vamos pela Praça que é mais perto. E desculpe... Tu, filha, dispensa, mas não posso ficar... É que me dava a dor... Ai! que desgosto... Que para ela até é melhor... Pois olhem, sinto-me a desfalecer...

Foi mesmo necessário que Amélia a levasse a baixo, ao quarto da S. Joaneira, a reconfortá-la caridosamente com um cálice de jeropiga.

— Ameliazinha — disse então João Eduardo —, se eu sou cá necessário para alguma coisa...

— Não, obrigada. Ela está por instantes, coitadinha...

— Não te esqueças, filha — recomendou descendo a Sra. D. Maria da

Assunção —, põe-lhe as duas velas bentas à cabeceira... Alivia muito na agonia... E se tiver muitos arrancos, põe outras duas apagadas, em cruz... Boas noites... Ai, que nem me sinto!

À porta, mal viu o pálio, os homens com as tochas, apoderou-se do braço de João Eduardo, colou-se toda a ele com terror — um pouco também com o acesso de ternura que lhe dava sempre a jeropiga.

Amaro prometera voltar mais tarde, para «as acompanhar, como amigo, naquele transe». E o cónego (que chegara, quando a procissão como o pálio dobrava a esquina para o lado da Sé), informado desta delicadeza do senhor pároco, declarou logo que visto que o colega

Amaro vinha fazer a noitada, ele ia descansar o corpo porque, Deus bem o sabia, aquelas comoções arrasavam-lhe a saúde.

— E a senhora não havia de querer que eu apanhasse alguma, e me visse nos mesmos assados...

— Credo, senhor cónego! — exclamou a S. Joaneira. — Nem diga isso!... — E começou a choramingar, muito abalada.

— Pois então boas noites — disse o cónego —, e nada de afligir. Olhe, a pobre criatura, alegria não a tinha: e como não tem pecados não lhe importa achar-se na presença de Deus. Tudo bem considerado, senhora, é uma pechincha! E adeusinho, que me não estou a sentir bem...

Também a S. Joaneira não se sentia bem. O choque, logo depois do jantar, dera-lhe ameaças de enxaqueca: e quando Amaro voltou, às onze, Amélia que fora abrir a porta, disse-lhe, ao subir à sala de jantar:

— O senhor pároco desculpe... A mamã veio-lhe a enxaqueca, coitada... Estava que nem via... Deitou-se, pôs água sedativa e adormeceu...

— Ah! Deixá-la dormir!

Entraram no quarto da entrevada. Tinha a cabeça virada para a parede; dos seus beiços abertos saía um gemido muito débil e contínuo. Sobre a mesa agora, uma grossa vela benta, de morrão negro, erguia uma luz triste; e ao canto, transida de medo, a *Ruça*, segundo as recomendações da S. Joaneira, ia rezando a coroa.

— O senhor doutor — disse Amélia baixo — diz que morre sem o sentir... Diz que há de gemer, gemer, e de repente acabar como um passarinho...

— Seja feita a vontade de Deus — murmurou gravemente o padre Amaro.

Voltaram à sala de jantar. Toda a casa estava silenciosa: fora ventava forte. Havia muitas semanas que não se encontravam assim sós. Muito embaraçado, Amaro aproximou-se da janela: Amélia encostou-se ao aparador.

— Vamos ter uma noite de água — disse o pároco.

— E está frio — disse ela, encolhendo-se no xale. — Eu tenho estado passada de medo...

— Nunca viu morrer ninguém?

— Nunca.

Calaram-se, ele imóvel ao pé da janela, ela encostada ao aparador, de olhos baixos.

— Pois está frio — disse Amaro, com a voz alterada da perturbação que lhe ia dando a presença dela àquela hora da noite.

— Na cozinha está a braseira acesa — disse Amélia. — É melhor irmos para lá.

— É melhor.

Foram. Amélia levou o candeeiro de latão: e Amaro, indo remexer com as tenazes o brasido vermelho, disse:

— Há que tempo que eu não entro aqui na cozinha... Ainda tem os vasos com os raminhos fora da janela?

— Ainda, é um craveiro...

Sentaram-se em cadeirinhas baixas,

ao lado da braseira. Amélia, inclinada para o lume, sentia os olhos do padre Amaro devorá-la silenciosamente. Ele ia falar-lhe, decerto! Tinha as mãos a tremer; não ousava mover-se, erguer as pálpebras, com medo que lhe rompessem as lágrimas; mas ansiava pelas suas palavras, ou amargas ou doces...

Elas vieram enfim, muito graves.

— Menina Amélia — disse — eu não esperava poder assim falar-lhe a sós. Mas as coisas arranjaram-se... É decerto a vontade de Nosso Senhor! E depois, como as suas maneiras mudaram tanto...

Ela voltou-se bruscamente, toda escarlate, o beicinho trémulo:

— Mas bem sabe porquê! — exclamou quase chorando.

— Sei. Se não fosse aquele infame

Comunicado, e as calúnias... nada se tinha passado, e a nossa amizade seria a mesma, e tudo iria bem... É justamente a esse respeito que eu lhe quero falar.

Chegou a cadeira mais para junto dela, e muito suave, muito tranquilo:

— Lembra-se desse artigo em que todos os amigos da casa eram insultados? Em que eu era arrastado pela rua da amargura? Em que a menina mesma, a sua honra era ofendida?... Lembra-se, hem? Sabe quem o escreveu?

— Quem? — perguntou Amélia toda surpreendida.

— O Sr. João Eduardo! — disse o pároco muito tranquilamente cruzando os braços diante dela.

— Não pode ser!

Tinha-se erguido. Amaro puxou-lhe

devagarinho pelas saias para a fazer sentar; e a sua voz continuou paciente e suave:

— Ouça. Sente-se. Foi ele que o escreveu. Soube ontem tudo. O Natário viu o original escrito pela letra dele. Foi ele que descobriu. Por meios dignos decerto... e porque era a vontade de Deus que a verdade aparecesse. Agora escute. A menina não conhece esse homem. — Então, baixo, contou-lhe o que sabia de João Eduardo, por Natário: as suas noitadas com o Agostinho, as suas injúrias contra os padres, a sua irreligião... — Pergunte-lhe se ele se confessa há seis anos, e peça-lhe os bilhetes da confissão!

Ela murmurava, com as mãos caídas no regaço:

— Jesus, Jesus...

— Eu então entendi que como íntimo da casa, como pároco, como cristão, como seu amigo, menina Amélia... porque acredite que lhe quero... enfim, entendi que era o meu dever avisá-la! Se eu fosse seu irmão, dizia-lhe simplesmente: «Amélia, esse homem fora de casa!». Não o sou, infelizmente. Mas venho, com dedicação de alma, dizer-lhe: «O homem com quem quer casar surpreendeu a sua boa-fé e de sua mamã; vem aqui, sim senhor, com aparências de bom moço, e no fundo é...»

Ergueu-se, como ferido duma indignação irreprimível:

— Menina Amélia, é o homem que escreveu esse *Comunicado!* Que fez ir o pobre Brito para a serra de Alcobaça! Que me chamou a mim *sedutor*! Que

chamou devasso ao Sr. cónego Dias! *Devasso*! Que lançou veneno nas relações de sua mamã com o cónego! E que a acusou à menina, em bom português, de se deixar seduzir! Diga, quer casar com esse homem?

Ela não respondeu, com os olhos cravados no lume, duas lágrimas mudas sobre as faces.

Amaro deu passos irritados pela cozinha; e voltando ao pé dela, com a voz abrandada, gestos muito amigos:

— Mas suponhamos que não era ele o autor do *Comunicado*, que não tinha insultado em letra redonda a sua mamã, o senhor cónego, os seus amigos: resta ainda a sua impiedade! Veja que destino o seu se casasse com ele! Ou teria de condescender com opiniões do homem,

abandonar as suas devoções, romper com os amigos de sua mãe, não pôr os pés na igreja, dar escândalo a toda a gente honesta, ou teria de se pôr em oposição com ele, e a sua casa seria um inferno! Por tudo uma questão! Por jejuar à sexta-feira, por ir à exposição do Santíssimo, por cumprir o domingo... Se se quisesse confessar, que desavenças! Um horror! E sujeitar-se a ouvi-lo escarnecer os mistérios da fé! Ainda me lembro, na primeira noite que aqui passei, com que desacato ele falou da Santa da Arregaça!... E ainda me lembro uma noite que o padre Natário aqui falava dos sofrimentos do nosso santo padre Pio IX, que seria preso, se os liberais entrassem em Roma... Como ele tinha risinhos de escárnio, como disse que eram

exagerações!... Como se não fosse perfeitamente certo que por vontade dos liberais veríamos o chefe da Igreja, o vigário de Cristo, dormir num calabouço em cima dumas poucas de palhas! São as opiniões dele, que ele apregoa por toda parte! O padre Natário diz que ele e o Agostinho estavam no café ao pé do Terreiro, a dizer que o batismo era um abuso, porque cada um devia escolher a religião que quisesse, e não ser forçado, de pequeno, a ser cristão! Hem, que lhe parece? Como seu amigo lho digo... Para bem da sua alma antes a queria ver morta, do que ligada a esse homem! Case com ele, e perde para sempre a graça de Deus!

Amélia levou as mãos às fontes, e deixando-se cair para as costas da cadeira, murmurou, muito desgraçada:

— Oh meu Deus, meu Deus!

Amaro então sentou-se ao pé dela, tocando-lhe quase o vestido com o joelho, pondo na voz uma bondade paternal:

— E depois, minha filha, pensa que um homem assim pode ter bom coração, apreciar a sua virtude, querer-lhe como um marido cristão? Quem não tem religião não tem moral. Quem não crê não ama, diz um dos nossos santos padres. Depois de lhe passar o fogacho da paixão, começaria a ser duro consigo, mal-humorado, voltaria a frequentar o Agostinho e as mulheres da vida e maltratá-la-ia talvez... E que susto constante para si! Quem não respeita a religião não tem escrúpulos: mente, rouba, calunia... Veja o *Comunicado*. Vir aqui apertar a mão ao senhor cónego, e ir para o jornal chamar-

lhe devasso! Que remorsos não sentiria a menina, mas tarde, à hora da morte! É muito bom enquanto se tem saúde e se é nova; mas quando chegasse a sua última hora, quando se achasse, como aquela pobre criatura que está ali, nos últimos arrancos, que terror não sentiria de ter de aparecer diante de Jesus Cristo, depois de ter vivido em pecado ao lado desse homem! Quem sabe se ele não recusaria que lhe dessem a extrema-unção! Morrer sem sacramentos, morrer como um animal!

— Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus, senhor pároco! — exclamou Amélia rompendo num choro nervoso.

— Não chore — disse ele tomando-lhe suavemente a mão entre as suas, muito trémulas. — Escute, abra-se comigo... Vá,

esteja sossegada, tudo se remedeia. Não há banhos publicados... Diga-lhe que não quer casar, que sabe tudo, que o odeia...

Esfregava, apertava devagarinho a mão de Amélia. E subitamente, com voz dum ardor brusco:

— Não se importa com ele, não é verdade?

Ela respondeu muito baixo, com a cabeça caída sobre o peito:

— Não.

— Então, aí tem! — fez excitado. — E diga-me, gosta de outro?

Ela não respondeu, com o peito a arfar fortemente, os olhos dilatados para o lume.

— Gosta? Diga, diga!

Passou-lhe o braço sobre o ombro, atraindo-a docemente. Ela tinha as mãos

abandonadas no regaço; sem se mover voltou devagar para ele os olhos resplandecentes sob uma névoa de lágrimas; e entreabriu devagar os lábios, pálida, toda desfalecida. Ele estendeu os beiços a tremer e ficaram imóveis, colados num só beijo, muito longo, profundo, os dentes contra os dentes.

— Minha senhora! Minha senhora! — gritou de repente, num terror, a voz da *Ruça*, dentro.

Amaro ergueu-se dum salto, correu ao quarto da entrevada. Amélia estava tão trémula, que precisou encostar-se à porta da cozinha um momento, com as pernas vergadas, a mão sobre o coração. Recuperou-se, desceu a acordar a mãe.

Quando entraram no quarto da idiota, Amaro ajoelhado, com a face quase sobre

o leito, rezava: as duas senhoras rojaram-se no chão: uma respiração acelerada sacudia o peito, as ilhargas da velha: e à medida que o arquejo se tornava mais rouco, o pároco precipitava as suas orações. Subitamente o som agonizante cessou: ergueram-se: a velha estava imóvel, com os bugalhos dos olhos saídos e baços. Expirara.

O padre Amaro trouxe logo as senhoras para a sala; e aí a S. Joaneira, curada, pelo choque, da sua enxaqueca, desabafou, em acessos de choro, recordando o tempo em que a pobre mana era nova, e que bonita era! e que bom casamento estivera para fazer com o morgado da Vigareira!...

— E o génio mais dado, senhor pároco! Uma santa! E quando a Amélia

nasceu, e que eu estive tão mal, que não se tirou de ao pé de mim, noite e dia!... E alegre, não havia outra... Ai Deus da minha alma, Deus da minha alma!

Amélia, encostada à vidraça na sombra da janela, olhava entorpecida a noite negra.

Bateram então à campainha. Amaro desceu, com uma vela. Era João Eduardo que, ao ver o pároco àquela hora na casa, ficou petrificado, junto da porta aberta; enfim balbuciou:

— Eu vinha saber se havia novidade...

— A pobre senhora expirou agora mesmo...

— Ah!

Os dois homens olharam-se um instante fixamente.

— Se eu sou preciso para alguma coisa... — disse João Eduardo.

— Não, obrigado. As senhoras vão-se deitar.

João Eduardo fez-se pálido da cólera que lhe davam aqueles modos de dono da casa. Esteve ainda um momento, hesitando, mas vendo o pároco abrigar a luz, com a mão, contra o vento da rua:

— Bem, boa noite, disse.

— Boa noite.

O padre Amaro subiu: e depois de deixar as duas senhoras no quarto da S. Joaneira (porque, cheias de terror, queriam dormir juntas), voltou ao quarto da morta, despertou a vela sobre a mesa, acomodou-se numa cadeira, e começou a ler o Breviário.

Mais tarde, quando toda a casa

estava silenciosa, o pároco, sentindo o sono entorpecê-lo, veio à sala de jantar; reconfortou-se com um cálice de vinho do Porto que achara no aparador; e saboreava regaladamente o cigarro, quando ouviu na rua passos de botas fortes que iam, vinham, por baixo das janelas. Como a noite estava escura não pôde distinguir «o passeante». Era João Eduardo que rondava a casa, furioso.

12

Ao outro dia cedo, a Sra. D. Josefa Dias que entrara, havia pouco, da missa, ficou muito surpreendida, ouvindo a criada que lavava as escadas dizer de baixo:

— Está aqui o Sr. padre Amaro, Sra. D. Josefa!

O pároco ultimamente raras vezes vinha a casa do cónego; e D. Josefa gritou logo lisonjeada e já curiosa:

— Que suba para aqui, não é de cerimónia! É como de família. Que suba!

Estava na sala de jantar, arranjando numa travessa ladrilhos de marmelada, com um vestido de barege preto esgaçado na ilharga e arqueado em redor dos

tornozelos por uma *crinoline* dum só arco; trazia nessa manhã óculos azuis; e foi logo ao patamar, arrastando os seus medonhos chinelos de ourelo, e preparando, por baixo do lenço preto repuxado sobre a testa, um ar agradável para o senhor pároco.

— Ora ditosos olhos — exclamou. — Eu entrei há bocadinho, e já cá tenho a primeira missinha. Fui hoje à capela de Nossa Senhora do Rosário... Disse-a o padre Vicente. Ai! e que virtude que me fez hoje, senhor pároco! Sente-se. Aí não, que lhe vem ar da porta... E então a pobre entrevada lá se foi... Conte lá, senhor pároco...

O pároco teve de descrever a agonia da entrevada, a dor da S. Joaneira; como depois de morta a face da velha parecera

remoçar; o que as senhoras tinham decidido a respeito da mortalha...

— Aqui para nós, D. Josefa, é um grande alívio para a S. Joaneira... — E de repente, puxando-se para a beira da cadeira, assentando as mãos nos joelhos: — E que me diz à do Sr. João Eduardo? Já sabe? Foi ele que escreveu o artigo!

A velha exclamou, levando as mãos à cabeça:

— Ai! Nem me fale nisso, senhor pároco! Nem me fale nisso, que até tenho estado doente!

— Ah, já sabe?

— E mais que sei, senhor pároco! O Sr. padre Natário, devo-lhe esse favor, esteve aqui ontem e contou-me tudo! Ai, que maroto! Ai, que alma perdida!

— E sabe que é o íntimo do

Agostinho, que são bebedeiras na redação até de madrugada, que vai para o bilhar do Terreiro achincalhar a religião...

— Ai, por quem é, senhor pároco, nem me diga, nem mo diga! Que ontem, quando o Sr. padre Natário esteve aí, até tive escrúpulos de ouvir tanto pecado... Que lhe devo esse favor, ao Sr. padre Natário, logo que soube veio-me contar... É de muito delicado... E olhe, senhor pároco, a mim sempre me quis parecer isso mesmo do homem. Eu nunca o disse, nunca o disse! Que lá isso, esta boquinha nunca se pôs em vidas alheias... Mas tinha cá dentro um palpite. Ele ia à missa, cumpria o jejum; mas eu cá tinha a desconfiança que aquilo era para enganar a S. Joaneira e a pequena. Agora se vê! Ele foi criatura que nunca me caiu em

graça! Nunca, senhor pároco! — E de repente, com os olhinhos luzidios duma alegria perversa: — E agora, já se sabe, o casamento desmancha-se?

O padre Amaro recostou-se na cadeira, e muito pausadamente:

— Ora, minha senhora, seria notório que uma rapariga de bons princípios fosse casar com um pedreiro-livre, que não se confessa há seis anos!

— Credo, senhor pároco! Antes vê-la morta! É necessário dizer tudo à rapariga.

O padre Amaro interrompeu, chegando rapidamente a cadeira para ao pé dela:

— Pois foi justamente para isso mesmo que eu a vim procurar, minha senhora. Eu ontem já falei com a

pequena... Mas compreende, no meio daquele desgosto, com a pobre senhora a expirar ao lado, não pude insistir muito. Enfim disse-lhe o que havia, aconselhei-a por bons modos, expus-lhe que ia perder a sua alma, ter uma vida desgraçada, etc. Fiz o que pude, minha senhora, como amigo e como pároco. E como era o meu dever (ainda que me custou, realmente custou-me), lembrei-lhe que, como cristã e como senhora, tinha obrigação de romper com o escrevente.

— E ela?

O padre Amaro fez uma visagem descontente:

— Não disse que *sim* nem que *não*. Pôs-se a fazer biquinho, a choramingar. É verdade que estava muito alterada com a morte em casa. Que a rapariga não morre

por ele, isso é claro; mas quer casar, tem medo que a mãe morra, que se veja só... Enfim sabe o que são raparigas! Que as minhas palavras fizeram-lhe efeito, ficou muito indignada, etc... Mas enfim, eu pensei que o melhor era a senhora falar-lhe. A senhora é a amiga da casa, é madrinha, conheceu-a de pequena... Estou certo que no seu testamento havia de lhe deixar uma boa lembrança... Tudo isto são considerações...

— Ai, fica por minha conta, senhor pároco — exclamou a velha —, hei-de-lhas contar!

— A rapariga o que precisa é quem a dirija. Aqui para nós, precisa quem a confesse! Ela confessa-se ao padre Silvério; mas, sem querer dizer mal, o padre Silvério, coitado, pouco vale.

Muito caridoso, muita virtude; mas o que se chama *jeito*, não tem. Para ele a confissão é a *desobriga*. Pergunta doutrina, depois faz o exame pelos mandamentos da lei de Deus... Veja a senhora!... Está claro que a rapariga não furta, nem mata, nem deseja a mulher do seu próximo! A confissão assim não lhe aproveita: o que ela precisa é um confessor *teso*, que lhe diga *para ali*! E sem réplica. A rapariga é um espírito fraco; como a maior parte das mulheres não se sabe dirigir por si; necessita por isso um confessor que a governe com uma vara de ferro, a quem ela obedeça, a quem conte tudo, a quem tenha medo... É como deve ser um confessor.

— O senhor pároco é que lhe servia...

Amaro sorriu modestamente:

— Não digo que não. Havia de aconselhá-la bem; sou amigo da mãe, acho que ela é boa rapariga e digna da graça de Deus. Que eu, sempre que converso com ela, todos os conselhos que posso, em tudo, dou-lhos... Mas a senhora compreende, há coisas em que se não pode estar a falar na sala, com gente à volta... Só se está à vontade no confessionário. E é o que me falta, são as ocasiões de lhe falar só. Mas enfim eu não posso ir dizer-lhe: «a menina agora há de confessar-se comigo»! Eu nisso sou muito escrupuloso...

— Mas digo-lhe eu, senhor pároco! Ah, digo-lhe eu!...

— Ora isso é que era um grande favor! Era um bem que fazia àquela alma!

Porque se a rapariga me entrega a direção da sua alma, então podemos dizer que lhe acabaram as dificuldades, e temo-la no caminho da graça... E quando lhe vai falar, D. Josefa?

D. Josefa, «como julgava pecado adiar», estava decidida a falar-lhe essa mesma noite.

— Não me parece, D. Josefa. Hoje é noite de pêsames... O escrevente naturalmente está lá...

— Credo, senhor pároco! Pois eu e as outras pequenas havemos de passar a noite debaixo das mesmas telhas com o herege?

— Tem de ser. Enfim, o rapaz por ora é considerado da família... Além disso, D. Josefa, a senhora, a D. Maria e as Gansosinhos são pessoas da maior

virtude... Mas nós não devemos ter orgulho da nossa virtude... Arriscamo-nos a perder-lhe todos os frutos. E é um ato de humildade, que agrada muito a Deus, o misturar-nos às vezes com os maus; é como quando um grande fidalgo tem de estar lado a lado com um trabalhador de enxada... É como se disséssemos: «Eu sou-te superior em virtude, mas comparado com o que devia ser para entrar na glória, quem sabe se não sou tão pecador como tu!...» E esta humilhação da alma é a melhor oferta que podemos fazer a Jesus.

D. Josefa escutava-o, babosa; e numa admiração:

— Ai, senhor pároco, que até dá virtude ouvi-lo!

Amaro curvou-se:

— Deus às vezes, na sua bondade, inspira-me justas palavras... Pois, minha senhora, eu não quero maçar mais. Ficamos entendidos. A senhora fala à pequena amanhã; e se, como é de crer, ela consentir em escutar os meus conselhos, traz-ma à Sé, no sábado, às oito horas. E fale-lhe teso, D. Josefa!

— Deixe-a comigo, senhor pároco!... Então não quer provar da minha marmelada?

— Provarei — disse Amaro, tomando um ladrilho em que cravou os dentes com dignidade.

— É dos marmelos da D. Maria. Saiu-me melhor que a das Gansosinhos...

— Pois adeus, D. Josefa... Ah, é verdade, que diz o nosso cónego deste caso do escrevente?

— O mano?...

Neste momento a campainha em baixo repicou com furor.

— há de ser ele — disse logo D. Josefa. — E vem zangado!

Vinha, com efeito, da fazenda, furioso com o caseiro, o regedor, o governo e a perversidade dos homens. Tinham-lhe roubado uma porção de cebolinho; e, abafado de cólera, aliviava-se repetindo com gozo o nome do Inimigo.

— Credo, mano, que até lhe fica mal! — exclamou D. Josefa tomada de escrúpulos.

— Ora, mana, deixemos essas pieguices para a quaresma! Digo *co'os diabos!* e repito *co'os diabos*! Mas eu lá disse ao caseiro, que se sentir gente na fazenda, carregue a espingarda e faça

fogo!

— Há uma falta de respeito pela propriedade... — disse Amaro.

— Há uma falta de respeito por tudo! — exclamou o cónego. — Um cebolinho que dava saúde só olhar para ele! Pois senhores, lá vai! Isto é o que eu chamo um sacrilégio!... Um desaforado sacrilégio! — acrescentou com convicção; porque o roubo do seu cebolinho, o cebolinho dum cónego, parecia-lhe um ato tão negro de impiedade como se tivessem sido furtados os vasos santos da Sé.

— Falta de temor a Deus, falta de religião — observou D. Josefa.

— Qual falta de religião! — replicou o cónego exasperado. — Falta de cabos de polícia, é o que é! — E voltando-se para Amaro: — Hoje é o enterro da velha,

hem? Inda mais essa! Vá, mana, mande-me lá dentro uma volta lavada e os sapatos de fivela!

O padre Amaro então, retomado pela sua preocupação:

— Estávamos cá a falar do caso do João Eduardo: o *Comunicado*!

— Isso é outra maroteira que tal — fez logo o cónego. — Vejam essa, também! Que quadrilha vai pelo mundo, que quadrilha! — E ficou de braços cruzados, com os olhos arregalados, como contemplando uma legião de monstros, soltos pelo universo, e arremessando-se com impudência contra as reputações, os princípios da Igreja, a honra das famílias e o cebolinho do clero.

Ao sair, o padre Amaro renovou ainda as suas recomendações a D. Josefa,

que o acompanhara ao patamar.

— Então hoje, noite de pêsames, não se faz nada. Amanhã fala à rapariga, e lá para o fim da semana leva-ma à Sé. Bem. E convença a rapariga, D. Josefa, trate de salvar aquela alma! Olhe que Deus tem os olhos em si. Fale-lhe teso, fale-lhe teso!... E o nosso cónego que se entenda com a S. Joaneira.

— Pode ir descansado, senhor pároco. Sou madrinha, e, quer ela queira quer não, hei de pô-la no caminho da salvação...

— Amém — disse o padre Amaro.

Nessa noite, com efeito, D. Josefa «não fez nada». Eram os pêsames na Rua da Misericórdia. Estavam em baixo, na saleta, alumiada lugubremente por uma só vela com um abajur verde-escuro. A S.

Joaneira e Amélia, de luto, ocupavam tristemente o canapé ao centro; e em redor, nas fileiras de cadeiras apoiadas à parede, as amigas, cobertas de negro pesado, conservavam-se funebremente imóveis, de faces contristadas, num torpor mudo: às vezes duas vozes ciciavam, ou dum canto, na sombra, saía um suspiro: depois o Libaninho, ou Artur Couceiro, ia em bicos de pés espevitar o morrão da vela; a D. Maria da Assunção expetorava o seu catarro com um som choroso: e no silêncio ouviam tamancos bater no lajedo da rua, ou os quartos de hora no relógio da Misericórdia.

A intervalos a *Ruça*, toda de negro, entrava com o tabuleiro de doces e copos de chazada; levantava-se então o abajur; e as velhas, que já iam cerrando as

pálpebras, sentindo a sala mais clara, levavam logo os lenços aos olhos, e, com ais, serviam-se de bolinhos da Encarnação.

João Eduardo lá estava, a um canto, ignorado, ao pé da Gansoso surda que dormia com a boca aberta: toda a noite o seu olhar procurara debalde o olhar de Amélia, que não se movia, com o rosto sobre o peito, as mãos no regaço, torcendo e destorcendo o seu lenço de cambraieta. O Sr. padre Amaro e o Sr. cónego Dias vieram às nove horas: o pároco com passos graves foi dizer à S. Joaneira:

— Minha senhora, o golpe é grande. Mas consolemo-nos, pensando que sua excelentíssima mana está a esta hora gozando a companhia de Jesus Cristo.

Houve em redor uma murmuração de soluços; e como não restavam cadeiras, os dois eclesiásticos sentaram-se aos dois cantos do canapé, tendo no meio a S. Joaneira e Amélia em lágrimas. Eram assim reconhecidos pessoas de família; a Sra. D. Maria da Assunção notou baixinho a D. Joaquina Gansoso:

— Ai, até dá gosto vê-los assim todos quatro!

E até às dez horas a noite de pêsames continuou soturna e sonolenta, perturbada apenas pela tosse constante de João Eduardo que estava constipado, e que (na opinião da Sra. D. Josefa Dias que o disse a todos, depois), «tossia só para fazer troça e para achincalhar o respeito aos mortos».

Daí a dois dias, às oito horas da manhã, a Sra. D. Josefa Dias e Amélia entraram na Sé, depois de terem falado no terraço à Amparo, mulher do boticário, que tinha uma criança com sarampo, e, apesar de não ser coisa de cuidado, «viera à cautela fazer uma promessa».

O dia estava enevoado, a igreja tinha luz parda. Amélia, pálida sob a sua mantilha de renda, parou defronte do altar de Nossa Senhora das Dores, deixou-se cair de joelhos, e ficou imóvel, com o rosto sobre o livro de missa. A Sra. D. Josefa Dias, com passos fofos, depois de se ter prostrado diante da capela do Santíssimo e do altar-mor, foi empurrar devagarinho a porta da sacristia: o padre Amaro lá passeava, com os ombros

vergados, as mãos atrás das costas:

— Então? — perguntou logo, erguendo para D. Josefa a sua face muito barbeada, onde os olhos reluziam inquietos.

— Está ali — disse a velha baixinho, numa expressão de triunfo. — Fui eu mesma buscá-la! Ai, falei-lhe teso, senhor pároco, não lhas poupei! Agora é consigo!

— Obrigado, obrigado, D. Josefa! — disse o padre, apertando-lhe as mãos ambas com força. — Deus há-de-lho levar em conta.

Olhou em redor, nervoso; apalpou-se para sentir o lenço, a carteira dos papéis; e, cerrando devagarinho a porta da sacristia, desceu à igreja. Amélia ainda estava ajoelhada, fazendo um vulto negro imóvel contra o pilar branco.

— Pst — fez-lhe D. Josefa.

Ela ergueu-se devagar, muito escarlate, compondo tremulamente com as mãos as pregas da mantilha em roda do pescoço.

— Aqui lha deixo, senhor pároco — disse a velha. — Vou à Amparo da botica, e venho depois por ela. Ora vai filha, vai, Deus te alumie essa alma!

E saiu com mesuras a todos os altares.

O Carlos da botica — que era inquilino do cónego e um pouco ronceiro na renda — desbarretou-se com espalhafato apenas D. Josefa apareceu à porta, e conduziu-a logo acima, à sala de cortinas de cassa, onde a Amparo costurava à janela.

— Ai, não se prenda, Sr. Carlos —

dizia-lhe a velha. — Não largue os seus afazeres. Eu deixei a afilhada na Sé, e venho aqui descansar um bocadinho.

— Então, se me dá licença... E como vai o nosso cónego?

— Não tornou a ter a dor. Mas tem sofrido de tonturas.

— Começos de primavera — disse o Carlos que retomara o seu ar majestoso, de pé no meio da sala, com os dedos nas aberturas do colete. — Também eu me tenho sentido perturbado... Nós, as pessoas sanguíneas, sofremos sempre disto que se pode chamar o renascimento da seiva... Há uma abundância de humores no sangue, que, não sendo eliminados pelos canais próprios, vão, por assim dizer, abrir caminho, aqui e além, pelo corpo, sob a forma de furúnculo, espinha,

nascida, às vezes, em lugares bem incómodos, e, ainda que em si insignificantes, acompanhados sempre, por assim dizer, dum cortejo... Perdão, sinto o praticante a palrar... Se me dá licença... Respeitos ao nosso cónego. Que use a magnésia de James!

D. Josefa então quis ver a menina com o sarampo. Mas não passou da porta do quarto, recomendando à pequena, que arregalava uns olhos de febre, muito abafada na roupa, «não se descuidasse das suas oraçõezinhas de manhã e à noite». Aconselhou à Amparo alguns remédios, que eram milagrosos no sarampo; mas se a promessa fora feita com fé, a menina podia considerar-se curada... Aí, todos os dias dava graças a Deus de se não ter casado! Que filhos

eram só para dar trabalho e canseiras; e com as quezílias que traziam e o tempo que tomavam, eram até causa duma mulher se descuidar das suas práticas e meter a alma no Inferno.

— Tem razão, D. Josefa — disse a Amparo —, é um castigo... E eu com cinco! Às vezes fazem-me tão doida, que me sento aqui na cadeirinha, e ponho-me a chorar só comigo...

Tinham voltado para junto da janela, e gozaram muito, espreitando o senhor administrador do conselho, que, por trás da vidraça da repartição, namorava de binóculo a do Teles alfaiate. Ai, era um escândalo! Que nunca houvera em Leiria autoridades assim! O secretário-geral era um desaforo com a Novais... Que se podia esperar de homens sem religião, educados

em Lisboa, que, segundo D. Josefa, estava predestinada a perecer como Gomorra pelo fogo do Céu! A Amparo cosia com a cabeça baixa, envergonhada talvez diante daquela indignação piedosa, dos desejos culpados que a roíam de ver o Passeio Público e de ouvir os cantores em S. Carlos.

Mas bem depressa a Sra. D. Josefa começou a falar do escrevente. A Amparo não sabia nada; e a velha teve a satisfação de contar prolixamente, «tintim por tintim», a história do *Comunicado*, o desgosto na Rua da Misericórdia, e a campanha de Natário para descobrir o *liberal*. Alargou-se principalmente sobre o caráter de João Eduardo, a sua impiedade, as suas orgias... E, considerando um dever de cristã aniquilar

o ateu, deu mesmo a entender que alguns roubos ultimamente cometidos em Leiria, eram «obra de João Eduardo».

A Amparo declarou-se «banzada». O casamento então, com a Ameliazinha...

— Isso pertence à história — declarou com júbilo D. Josefa Dias. — Vão pô-lo fora de casa! E por muito feliz se deve o homem dar em não ir parar ao banco dos réus... Que a mim o deve, e à prudência do mano e do Sr. padre Amaro. Que havia motivos para o ferrar na cadeia!

— Mas a pequena gostava dele, ao que parece.

D. Josefa indignou-se. Credo, a Amélia era uma rapariga de juízo, de muita virtude! Apenas conheceu os desaforos, foi a primeira a dizer que não,

e que não! Ai! detestava-o... E D. Josefa, baixando a voz em confidência, contou «que era positivo que ele vivia com uma desgraçada para os lados do quartel».

— Disse-o o Sr. padre Natário — afirmou. — E aquilo é homem que da sua boca nunca sai senão a verdade pura... Foi muito delicado comigo, devo-lhe esse favor. Apenas soube veio-me logo dizer a casa, pedir-me conselhos... Enfim, muito atencioso.

Mas o Carlos apareceu de novo. Tinha a botica desembaraçada um momento (que não o tinham deixado respirar toda a manhã!) e vinha fazer companhia às senhoras.

— Então já sabe, Sr. Carlos — exclamou logo D. Josefa —, o caso do *Comunicado* e do João Eduardo? O

farmacêutico arregalou os seus olhos redondos. Que relação havia entre um artigo tão indigno, e esse mancebo que lhe parecia honesto?

— Honesto? — ganiu a Sra. D. Josefa Dias. — Foi ele que o escreveu, Sr. Carlos!

E vendo o Carlos morder o beiço de surpresa, D. Josefa, entusiasmada, repetiu a história da «maroteira».

— Que lhe parece, Sr. Carlos, que lhe parece?

O farmacêutico deu a sua opinião, numa voz vagarosa, sobrecarregada da autoridade dum vasto entendimento:

— Nesse caso digo, e todas as pessoas de bem o dirão comigo, é uma vergonha para Leiria. Eu já tinha observado, quando li o *Comunicado*: a

religião é a base da sociedade, e miná-la é, por assim dizer, querer aluir o edifício... É uma desgraça que haja na cidade desses sectários do materialismo e da república, que, como é sabido, querem destruir tudo o que existe; proclamam que os homens e as mulheres se devem unir com a promiscuidade de cães e cadelas... (Desculpem exprimir-me assim, mas a ciência é a ciência.) Querem ter o direito de entrar em minha casa, levar-me as pratas e o suor do meu rosto; não admitem que haja autoridades, e se os deixassem seriam capazes de cuspir na sagrada hóstia... D. Josefa encolheu-se com um gritinho, muito arrepiada.

— E ousa esta seita falar em liberdade! Eu também sou liberal... Que, francamente o digo, eu não sou fanático...

Nem pelo fato dum homem pertencer ao sacerdócio, o julgo um santo, não... Por exemplo, sempre embirrei com o pároco Miguéis... Era uma jiboia! Desculpe-me a senhora, mas era uma jiboia. Disse-lho na cara, porque a lei das rolhas já lá vai... Derramamos o nosso sangue nas trincheiras do Porto, justamente para não haver lei das rolhas... Disse-lho na cara: «Vossa senhoria é uma jiboia!» Mas, enfim, quando um homem veste uma batina deve ser respeitado... E o *Comunicado*, repito, é uma vergonha para Leiria... E também lhe digo, com esses ateus, esses republicanos, não deve haver consideração!... Eu sou um homem pacífico, aqui a Amparozinho conhece-me bem; pois se eu tivesse de aviar uma receita para um republicano declarado,

não tinha dúvida, em lugar de lhe dar uma dessas composições benéficas que são o orgulho da nossa ciência, de lhe mandar uma dose de ácido prússico... Não, não direi que lhe mandasse ácido prússico... mas se estivesse no banco dos jurados, havia de lhe fazer cair em cima todo o peso da lei!

E balançou-se um momento sobre a ponta das chinelas, lançando um grande gesto em redor, como se esperasse os aplausos dum conselho de distrito ou duma municipalidade em sessão.

Mas na Sé bateram então devagar as onze; e D. Josefa embrulhou-se à pressa no seu mantelete para ir buscar a pequena, coitada, que havia de estar farta de esperar.

O Carlos acompanhou-a,

desbarretando-se, e dizendo-lhe (como um mimo que remetia ao seu senhorio):

— Repita ao nosso cónego quais são as minhas opiniões... Que nessa questão do *Comunicado* e de ataques ao clero, estou de alma e coração com suas senhorias... Criado seu, minha senhora... O tempo vai-se a embrulhar.

Quando D. Josefa entrou na igreja, Amélia estava ainda no confessionário. A velha tossiu alto, ajoelhou, e, com as mãos sobre a face, abismou-se numa devoção à Senhora do Rosário. A igreja ficou numa imobilidade e num silêncio. Depois D. Josefa, voltando-se para o confessionário, espreitou por entre os dedos; Amélia conservava-se imóvel, com a mantilha muito puxada para o rosto, a roda do vestido negro espalhada em

redor; e D. Josefa recaiu na sua reza. Uma chuva fina fustigava agora os vidros duma janela, ao lado. Enfim, houve no confessionário um rangido de madeira, um frufru de vestidos nas lajes, — e D. Josefa, voltando-se, viu de pé diante dela Amélia com a face escarlate e o olhar reluzindo muito.

— Está há muito tempo à espera, madrinha?

— Um bocadinho. Estás prontinha, hem?

Ergueu-se, persignou-se, e as duas senhoras saíram da Sé. Ainda caía uma chuva fina; mas o Sr. Artur Couceiro, que passava no largo com ofícios para o governo civil, foi levá-las à Rua da Misericórdia debaixo do seu guarda-chuva.

13

João Eduardo, à noitinha, ia sair de casa para a Rua da Misericórdia, levando debaixo do braço um rolo de amostras de papel de parede para Amélia escolher, quando à porta encontrou a *Ruça* que ia puxar a campainha.

— Que é, *Ruça*?

— As senhoras foram passar a noite fora de casa, e aqui está esta carta que manda a senhora.

João Eduardo sentiu apertar-se-lhe o coração, e seguia com o olhar pasmado a *Ruça*, que descia a rua, batendo os tamancos. Foi ao pé do candeeiro, defronte, abriu a carta:

Sr. João Eduardo,

O que estava decidido a respeito do nosso casamento era na persuasão que era V. S.ª uma pessoa de bem e que me poderia fazer feliz, mas como se sabe tudo, e que foi o senhor que escreveu o artigo do *Distrito*, e caluniou os amigos da casa e me insultou a mim, e como os seus costumes não me dão garantia de felicidade na vida de casada, deve desde hoje, considerar tudo acabado entre nós, pois não há banhos publicados nem despesas feitas. E eu espero, bem como a mamã, que o senhor seja bastante delicado para não nos voltar a casa, nem perseguir-nos na rua. O que tudo lhe comunico por ordem da mamã, e sou

criada de V. Sr.

Amélia Caminha.

João Eduardo ficou a olhar estupidamente a parede defronte onde batia a claridade do candeeiro, imóvel como uma pedra, com o seu rolo de

papéis pintados debaixo do braço. Maquinalmente, voltou a casa. As mãos tremiam-lhe tanto, que mal podia acender o candeeiro. De pé, junto da mesa, releu a carta. Depois ficou ali, fatigando a vista contra a chama da torcida, com uma sensação arrefecedora de Imobilidade e de Silêncio, como se subitamente, sem choque, toda a vida universal tivesse emudecido e parado. Pensou onde teriam *elas ido* passar a noite. Lembranças de serões felizes na Rua da Misericórdia atravessaram-lhe devagar na memória: Amélia trabalhava, com a cabeça baixa, e entre o cabelo muito preto e o colar muito branco o seu pescoço tinha uma palidez que a luz amaciava... Então a ideia de que a perdera para sempre varou-lhe o coração com um frio de punhalada.

Apertou as fontes entre as mãos, tonto. Que havia de fazer? Que havia de fazer? Resoluções bruscas relampejavam-lhe um momento no espírito, esvaíam-se. Queria escrever-lhe! Tirá-la por justiça! Ir para o Brasil! Saber quem descobrira que ele era o autor do artigo! E como isto era o mais praticável àquela hora, correu à redação da *Voz do Distrito*.

Agostinho, estirado no canapé, com a vela ao pé sobre uma cadeira, saboreava os jornais de Lisboa. A face descomposta de João Eduardo assustou-o.

— Que é?

— É que me perdeste, maroto!

E de um só fôlego acusou furiosamente o corcunda de o ter traído.

Agostinho erguera-se devagar, procurando sem perturbação a bolsa do

tabaco na algibeira da jaqueta.

— Homem — disse — nada de espalhafatos... Eu dou-te a minha palavra de honra que não disse a ninguém do *Comunicado*. É verdade que ninguém me perguntou...

— Mas quem foi, então? — gritou o escrevente.

Agostinho enterrou a cabeça nos ombros.

— Eu o que sei é que os padres andavam numa azáfama para saber quem era. O Natário esteve aí uma manhã, por causa do anúncio de uma viúva que recorre à caridade pública, mas do *Comunicado* não se disse nem palavra... O doutor Godinho é que sabia, entende-te com ele! Mas então fizeram-te alguma?

— Mataram-me! — disse João

Eduardo lugubremente.

Ficou um momento a fixar o soalho, aniquilado, e saiu arremessando a porta. Passeou na Praça; foi ao acaso pelas ruas; depois, atraído pela obscuridade, à estrada de Marrazes. Abafava, sentindo uma intolerável palpitação surda latejar-lhe interiormente contra as fontes; apesar de ventar forte nos campos, parecia-lhe seguir um silêncio universal; por vezes a ideia da sua desgraça rasgava-lhe subitamente o coração, e então imaginava ver toda a paisagem oscilar e o chão da estrada afigurava-se-lhe mole como um lamaçal. Voltou pela Sé quando batiam onze horas; e achou-se na Rua da Misericórdia, com o olhar cravado para a janela da sala de jantar, onde havia ainda luz; a vidraça do quarto de Amélia

alumiou-se também; ela ia deitar-se, decerto... Veio-lhe um desejo furioso da sua beleza, do seu corpo, dos seus beijos. Fugiu para casa; uma fadiga intolerável prostrou-o sobre a cama; depois uma saudade indefinida, profunda, foi-o amolecendo, e chorou muito tempo, enternecendo-se mais com o som dos seus próprios soluços, até que ficou adormecido, de bruços, numa massa inerte.

Ao outro dia, cedo, Amélia vinha da Rua da Misericórdia para a Praça, quando ao pé do Arco, João Eduardo lhe saiu de emboscada.

— Quero falar-lhe, menina Amélia.

Ela recuou assustada, disse a tremer:

— Não tem que me falar...

Mas ele plantara-se diante dela, muito decidido, com os olhos vermelhos como carvões:

— Quero-lhe dizer... Lá do artigo, é verdade, fui eu que o escrevi, foi uma desgraça; mas a menina tinha-me ralado de ciúmes... Mas o que a menina diz de maus costumes é uma calúnia. Eu sempre fui um homem de bem...

— O Sr. padre Amaro é que o conhece! Faz favor de me deixar passar...

Ao nome do pároco, João Eduardo fez-se lívido de raiva:

— Ah! É o Sr. padre Amaro! É o maroto do padre! Pois veremos. Ouça...

— Faz favor de me deixar passar! — disse ela irritada, tão alto, que um sujeito gordo de xale-manta parou olhando.

João Eduardo recuou, tirando o chapéu; e ela, imediatamente, refugiou-se na loja do Fernandes.

Então, num desespero, correu a casa do doutor Godinho. Já na véspera, por entre os seus acessos de choro, sentindo-se tão abandonado, se lembrara do doutor Godinho. Fora outrora seu escrevente; e como por pedido dele entrara no cartório do Nunes Ferral, e por sua influência ia ser acomodado no governo civil, julgava-o uma Providência pródiga e inesgotável! Demais, desde que escrevera o *Comunicado* considerava-se da redação da *Voz do Distrito*, do grupo da Maia; agora, que era atacado pelos padres, devia claramente ir acolher-se à forte proteção do seu chefe, do doutor Godinho, do inimigo da reação, o «Cavour de

Leiria», como dizia, arregalando os olhos, o bacharel Azevedo, autor dos *Ferrões!* E João Eduardo, dirigindo-se ao casarão amarelo, ao pé do Terreiro onde o doutor vivia, ia num alvoroço de esperanças, contente em se refugiar, como um cão escorraçado, entre as pernas daquele colosso!

O doutor Godinho descera já ao escritório, e repoltreado na sua poltrona abacial de pregos amarelos, com os olhos no teto de carvalho escuro, acabava com beatitude o charuto do almoço. Recebeu com majestade os «bons-dias» de João Eduardo.

— E então que temos, amigo?

As altas estantes de in-fólios graves, as resmas de autos, o aparatoso painel representando o marquês de Pomba, de pé

num terraço sobre o Tejo, expulsando com o dedo a esquadra inglesa — acanharam como sempre João Eduardo; e foi com voz embaraçada que disse vinha ali para que sua excelência lhe desse remédio numa desgraça que lhe sucedia.

— Desordens, bordoada?

— Não, senhor, negócios de família.

Contou então, prolixamente, a sua história desde a publicação do *Comunicado*; leu, muito comovido, a carta de Amélia; descreveu a cena ao pé do Arco... Ali estava agora, escorraçado da Rua da Misericórdia por obras do senhor pároco! E parecia-lhe a ele, apesar de não ser formado em Coimbra, que contra um padre que se introduzia numa família, desinquietava uma menina simples, levava por intrigas a romper com

o noivo e ficava de portas adentro senhor dela — devia haver leis!

— Eu não sei, senhor doutor, mas deve haver leis!

O doutor Godinho parecia contrariado.

— Leis! — exclamou traçando vivamente a perna. — Que leis quer você que haja? Quer querelar do pároco?... Porquê? Ele bateu-lhe? Roubou-lhe o relógio? Insultou-o pela imprensa? Não. Então?...

— Oh, senhor doutor, mas intrigou-me com as senhoras! Eu nunca fui homem de maus costumes, senhor doutor! Caluniou-me!

— Tem testemunhas?

— Não, senhor.

— Então?

E o doutor Godinho, assentando os cotovelos sobre a banca, declarou que, como advogado, não tinha nada a fazer. Os tribunais não tomavam conhecimento dessas questões, desses dramas morais por assim dizer, que se passavam nas alcovas domésticas... Como homem, como particular, como Alípio de Vasconcelos Godinho, também não podia intervir porque não conhecia o Sr. padre Amaro, nem essas senhoras da Rua da Misericórdia... Lamentava o fato, porque enfim fora novo, sentira a poesia da mocidade, e sabia (infelizmente sabia!) o que eram esses transes do coração... E aí está tudo o que ele podia fazer: lamentar! Também para que tinha ele dado a sua afeição a uma beata?...

João Eduardo interrompeu-o:

— A culpa não é dela, senhor doutor! A culpa é do padre que a anda a desencaminhar! A culpa é dessa canalha do cabido!

O doutor Godinho estendeu com severidade a mão, e aconselhou o Sr. João Eduardo que tivesse cuidado com semelhantes asserções! Nada provava que o senhor pároco possuísse nessa casa outra influência, que não fosse a dum hábil diretor espiritual... E recomendava ao Sr. João Eduardo, com a autoridade que lhe davam os anos e a sua posição no pais, que não fosse espalhar, por despeito, acusações que só serviam para destruir o prestígio do sacerdócio, indispensável numa sociedade bem constituída! Sem ele, tudo seria anarquia e orgia!

E recostou-se, pensando, satisfeito,

que estava nessa manhã com «o dom da palavra».

Mas a face consternada do escrevente, que não se movia, de pé junto da banca, impacientava-o; e disse com secura, puxando para diante de si um volume de autos:

— Enfim, acabemos, que quer o amigo? Já vê, eu não lhe posso dar remédio.

João Eduardo replicou, com um movimento de coragem desesperada:

— Eu imaginei que o senhor doutor podia fazer alguma coisa por mim... Porque enfim eu fui uma vítima... Tudo isto vem de se saber que eu escrevi o *Comunicado*. E tinha-se combinado que havia de ser segredo. O Agostinho não disse, só o senhor doutor o sabia...

O doutor pulou de indignação na sua cadeira abacial:

— Que quer o senhor insinuar? Quer-me dar a entender que fui eu que o disse? Não disse... Isto é, disse; disse-o a minha mulher, porque numa família bem constituída não deve haver segredos entre esposo e esposa. Ela perguntou-me, disse-lho... Mas suponhamos que fui eu que o espalhei pelas ruas. De duas uma: ou o *Comunicado* era uma calúnia, e então sou eu que devo acusá-lo de ter poluído um jornal honrado com um acervo de difamações; ou era verdade, e então que homem é o senhor que se envergonha das verdades que solta e que não se atreve a manter *à* luz do dia as opiniões que redigiu na escuridão da noite?

Duas lágrimas enevoaram os olhos

de João Eduardo. Então, diante daquela expressão esmorecida, satisfeito de o ter esmagado com uma argumentação tão lógica e tão poderosa, o doutor Godinho abrandou:

— Bem, não nos zanguemos — disse. — Não se fala mais em pontos de honra... O que pode acreditar é que lamento o seu desgosto.

Deu-lhe conselhos duma solicitude paternal. Que não sucumbisse; havia mais meninas em Leiria e meninas de bons princípios que não viviam sob a direção da sotaina. Que fosse forte, e que se consolasse pensando que ele, doutor Godinho — e era ele! — também tivera em moço desgostos do coração. Que evitasse o domínio das paixões que lhe seria prejudicial na carreira pública. E

que se o não fizesse por seu interesse próprio, o fizesse ao menos em atenção a ele, doutor Godinho!

João Eduardo saiu do escritório, indignado, julgando-se *traído* pelo doutor.

— Isto sucede-me a mim — resmungava — porque sou um pobre-diabo, não dou votos nas eleições, não vou às *soirées* do Novais, não subscrevo para o clube. Ah, que mundo! Se eu tivesse um par de contos de réis!...

Veio-lhe então um desejo furioso de se vingar dos padres, dos ricos, e da religião que os justifica. Voltou muito decidido ao escritório, e entreabrindo a porta:

— Vossa excelência ao menos agora dá licença que eu desabafe no jornal?... Queria contar esta maroteira, cascar nessa

canalha...

Esta audácia do escrevente indignou o doutor. Endireitou-se com severidade na poltrona, e cruzando terrivelmente os braços:

— O Sr. João Eduardo está realmente a abusar! Pois o senhor vem-me pedir que transforme um jornal de ideias num jornal de difamações? Vá, não se prenda! Pede-me que insulte os princípios da religião, que achincalhe o Redentor, que repita as baboseiras de Renan, que ataque as leis fundamentais do Estado, que injurie o rei, que vitupere a instituição da família! O senhor está ébrio.

— Oh, senhor doutor!

— O senhor está ébrio! Cuidado, meu caro amigo, cuidado, olhe que vai por um declive! É por esse caminho que

se chega a perder o respeito da autoridade, da lei, das coisas santas e do lar. É por esse caminho que se vai ao crime! Escusa de arregalar os olhos... Ao crime, digo-lho eu! Tenho a experiência de vinte anos de foro. Homem, detenha-se! Refreie essas paixões. Safa! Que idade tem o senhor?

— Vinte e seis anos.

— Pois não há desculpa para um homem de vinte e seis anos ter essas ideias subversivas. Adeus, feche a porta. E escute. Escusa de pensar em mandar outro *Comunicado* para outro qualquer jornal. Não lho consinto, eu que o tenho protegido sempre! Havia de querer fazer espalhafato... Escusa de negar, estou-lho a ler nos olhos. Pois não lho consinto! É para seu bem, para lhe poupar uma má

ação social!

Tomou uma grande atitude na poltrona, repetiu com força:

— Uma péssima ação social! Aonde nos querem os senhores levar com os seus materialismo, os seus ateísmos? Quando tiverem dado cabo da religião de nossos pais, que têm os senhores para a substituir? Que têm? Mostre lá!

A expressão embaraçada de João Eduardo (que não tinha ali, para a mostrar, um religião que substituísse a de nossos pais) fez triunfar o doutor.

— Não têm nada! Têm lama, quando muito têm palavreado! Mas enquanto eu for vivo, pelo menos em Leiria, há de ser respeitada a Fé e o princípio da Ordem! Podem pôr a Europa a fogo e sangue, em Leiria não hão de erguer cabeça. Em

Leiria estou eu alerta, e juro que lhes hei de ser funesto!

João Eduardo recebia de ombros vergados estas ameaças, sem as compreender. Como podia o seu *Comunicado* e as intrigas da Rua da Misericórdia produzirem assim catástrofes sociais e revoluções religiosas? Tanta severidade aniquilava-o. Ia perder decerto a amizade do doutor, o emprego no governo civil... Quis abrandá-lo:

— Oh, senhor doutor, mas vossa excelência bem vê...

O doutor interrompeu-o com um grande gesto:

— Eu vejo perfeitamente. Vejo que as paixões, a vingança o vão levando por um caminho fatal... O que espero é que os

meus conselhos o detenham. Bem, adeus. Feche a porta. Feche a porta, homem!

João Eduardo saiu acabrunhado. Que havia de fazer agora? O doutor Godinho, aquele colosso, repelia-o com palavras tremendas! E que podia ele, pobre escrevente de cartório, contra o padre Amaro que tinha por si o clero, o chantre, o cabido, os bispos, o papa, classe solidária e compacta que lhe aparecia como uma medonha cidadela de bronze erguendo-se até ao céu! Eram eles que tinham causado a resolução de Amélia, a sua carta, a dureza das suas palavras. Era uma intriga de párocos, cónegos e beatas. Se ele pudesse arrancá-la àquela influência, ela tomaria a ser bem depressa a sua Ameliazinha que lhe bordava chinelas, e que vinha toda corada vê-lo

passar à janela! As suspeitas que outrora tivera tinham-se desvanecido naqueles serões felizes, depois de decidido o casamento, quando ela, costurando junto do candeeiro, falava da mobília que havia de comprar e dos arranjos da sua casinha. Ela amava-o, decerto... Mas quê, tinham-lhe dito que ele era o autor do *Comunicado*, que era herege, que tinha costumes devassos; o pároco, na sua voz pedante, ameaçara-a com o Inferno; o cónego, furioso, e todo-poderoso na Rua da Misericórdia porque dava para a panela, falara teso — e a pobre menina, assustada, dominada, com aquele bando tenebroso de padres e de beatas a cochicharem-lhe ao ouvido, coitada, cedera! Estava talvez persuadida, de boa-fé, que ele era uma fera! E àquela hora,

enquanto ele ali andava pelas ruas, escorraçado e desgraçado, o padre Amaro, na saleta da Rua da Misericórdia, enterrado na poltrona, senhor da casa e senhor da rapariga, de perna traçada, palrava de alto! Canalha! E não haver leis que o vingassem! E não poder sequer «fazer escândalo», agora que a *Voz do Distrito* se lhe tomava inacessível!

Vinham-lhe então desejos furiosos de demolir o pároco aos murros, com a força do padre Brito. Mas o que o satisfaria mais seriam artigos tremendos num jornal, que revelassem as intrigas da Rua da Misericórdia, amotinassem a opinião, caíssem sobre o padre como catástrofes, o forçassem a ele, ao cónego e aos outros a desaparecerem corridos da casa da S. Joaneira! Ah, estava certo que a

Ameliazinha, livre daqueles galfarros, correria logo aos seus braços, com lágrimas de reconciliação...

Procurava assim à força convencer-se que «a culpa não era dela»; recordava os meses de felicidade antes da chegada do pároco; arranjava explicações naturais para aquelas maneirinhas ternas que ela outrora tinha para o padre Amaro, e que lhe tinham dado ciúmes desesperados: era o desejo, coitada, de ser agradável ao hóspede, ao amigo do senhor cónego, de o reter para vantagem da mãe e da casa! E além disso, como ela andava contente depois de resolvido o casamento! A sua indignação contra o *Comunicado*, estava certo, não era natural dela — vinha-lhe soprada pelo pároco e belas beatas. E achava uma consolação nesta ideia que

não era repelido como namorado, como marido, mas que era uma vítima das intrigas do torpe padre Amaro, que lhe desejava a noiva e que o odiava como liberal! Isto acumulava-lhe na alma um rancor desordenado contra o padre; descendo a rua procurava ansiosamente uma vingança, atirando a imaginação, aqui e além — mas vinha-lhe sempre a mesma ideia, o artigo do jornal, a verrina, a imprensa! A certeza da sua fraqueza desprotegida revoltava-o. Ah, se tivesse por si um *figurão!*

Um homem do campo, amarelo como uma cidra, que ia caminhando devagar, com o braço ao peito, deteve-o a perguntar-lhe onde morava o doutor Gouveia.

— Na primeira rua, à esquerda, o

portão verde ao pé do lampião — disse João Eduardo.

E uma esperança imensa alumiou-lhe bruscamente a alma: o doutor Gouveia é que o podia salvar! O doutor era seu amigo; tratava-o por *tu* desde que o curara havia três anos da pneumonia; aprovava muito o seu casamento com Amélia; havia ainda semanas perguntara-lhe ao pé da Praça: «Então, quando se faz essa rapariga feliz?» E que respeitado, que temido na Rua da Misericórdia! Era médico de todas as amigas da casa que, apesar de se escandalizarem com a sua irreligião, dependiam humildemente da sua ciência para os achaques, os flatos, os xaropes. Além disso, o doutor Gouveia, inimigo decidido da padraria, decerto se ia indignar com aquela intriga beata: e

João Eduardo via-se já entrando na Rua da Misericórdia atrás do doutor Gouveia, que repreendia a S. Joaneira, arrasava o padre Amaro, convencia as velhas, e a sua felicidade recomeçava, inabalável agora!

— O senhor doutor está? — perguntou ele quase alegre, à criada que no pátio estendia a roupa ao sol.

— Está na consulta, Sr. Joãozinho, faça favor de entrar.

Em dias de mercado os doentes do campo afluíam sempre. Mas àquela hora — quando os vizinhos das freguesias se reúnem nas tabernas — havia só um velho, uma mulher com uma criança ao colo e o homem do braço ao peito, esperando numa saleta baixa com bancos, dois manjericões na janela e uma grande gravura da Coroação da Rainha Vitória.

Apesar do sol claro que entrava no pátio, e de uma fresca folhagem de tília que roçava o peitoril da janela, a saleta dava tristeza, como se as paredes, os bancos, os mesmos manjericões estivessem saturados da melancolia das doenças que ali tinham passado. João Eduardo entrou e sentou-se a um canto.

Tinha batido meio-dia, e a mulher estava-se queixando de ter esperado tanto: era de uma freguesia distante; deixara no mercado a irmã, e havia uma hora que o senhor doutor estava com duas senhoras! A cada momento a criança rabujava, ela sacudia-a nos braços: calavam-se depois: o velho arregaçava a calça, contemplava com satisfação uma chaga na canela envolta em trapos: e o outro homem dava bocejos desconsolados que tomavam mais

lúgubre a sua longa face amarela. Aquela demora enervava, amolecia o escrevente; sentia perder gradualmente o ânimo de ocupar o doutor Gouveia; preparava laboriosamente a sua história, mas ela parecia-lhe agora bem insuficiente para o interessar. Vinha-lhe então um desalento, que as faces insípidas dos doentes tomavam ainda mais intenso. Positivamente era uma coisa bem triste esta vida, cheia só de misérias, de sentimentos traídos, de aflições, de doenças! Erguia-se; e com as mãos atrás das costas ia olhar desconsoladamente a Coroação da Rainha Vitória.

De vez em quando a mulher entreabria a porta, a espreitar se as duas senhoras ainda lá estariam. Lá estavam; e através do batente de baeta verde, que

fechava o gabinete do doutor, sentia-se as suas vozes pachorrentas palrarem.

— Em caindo aqui, é dia perdido! — rosnava o velho.

Também ele deixara a cavalgadura à porta do Fumaça, e a rapariga na Praça... E o que teria a esperar na botica, depois! Com três léguas ainda a fazer para voltar à freguesia!... Ser doente é bom, mas para quem é rico e tem vagares!

A ideia da doença, da solidão que ela traz, faziam agora parecer a João Eduardo mais amarga a perda de Amélia. Se adoecesse, teria de ir para o hospital. O malvado do padre tirara-lhe tudo: mulher, felicidade, confortos de família, doces companhias da vida!

Enfim, sentiram no corredor as duas senhoras que saíam. A mulher com a

criança apanhou o seu cabaz, precipitou-se. E o velho, apoderando-se logo do banco junto da porta, disse com satisfação:

— Agora cá o patrão!

— Vossemecê tem muito que consultar? — perguntou-lhe João Eduardo.

— Não senhor, é só receber a receita.

E imediatamente contou a história da sua chaga: fora uma trave que lhe caíra em cima; não fizera caso; depois a ferida assanhara-se; e agora ali estava, manco e curtidinho de dores.

— E vossa senhoria, é coisa de cuidado? — perguntou ele.

— Eu não estou doente — disse o escrevente. — São negócios com o senhor

doutor.

Os dois homens olharam-se com inveja.

Enfim foi a vez do velho, depois a do homem amarelo de braço ao peito. João Eduardo, só, passeava nervoso pela saleta. Parecia-lhe agora muito difícil ir assim, sem cerimónia, pedir proteção ao doutor. Com que direito?... Lembrou-se de se queixar primeiro de dores do peito ou desarranjos do estômago, e depois, incidentalmente, contar os seus infortúnios...

Mas a porta abriu-se. O doutor estava diante dele, com sua longa barba grisalha que lhe caía sobre a quinzena de veludo preto, o largo chapéu desabado na cabeça, calçando as luvas de fio de Escócia.

— Olá! És tu, rapaz! Há novidade na Rua da Misericórdia?

João Eduardo corou.

— Não senhor, senhor doutor, queria falar-lhe em particular.

Seguiu-o ao gabinete — o conhecido gabinete do doutor Gouveia que, com o seu caos de livros, o seu tom poeirento, uma panóplia de flechas selvagens e duas cegonhas empalhadas, tinha na cidade a reputação duma «Cela de Alquimista».

O doutor puxou o seu *cebolão.*

— Um quarto para as duas. Sê breve.

A face do escrevente exprimiu o embaraço de condensar uma narração tão complicada.

— Está bom — disse o doutor —, explica-te como puderes. Não há nada mais difícil que ser claro e breve; é

necessário ter génio. Que é?

João Eduardo então tartamudeou a sua história, insistindo sobretudo na perfídia do padre, exagerando a inocência de Amélia...

O doutor escutava-o, cofiando a barba.

— Vejo o que é. Tu e o padre — disse ele — quereis ambos a rapariga. Como ele é o mais esperto e o mais decidido, apanhou-a ele. É *lei natural*: o mais forte despoja, elimina o mais fraco; a fêmea e a presa pertencem-lhe.

Aquilo pareceu a João Eduardo um gracejo. Disse, com a voz perturbada:

— Vossa excelência está a caçoar, senhor doutor, mas a mim retalhasse-me o coração!

— Homem — acudiu o doutor com

bondade —, estou a filosofar, não estou a caçoar... Mas enfim, que queres tu que eu te faça?

Era o que o doutor Godinho lhe tinha dito, também, com mais pompa!

— Eu tenho a certeza que se vossa excelência lhe falasse...

O doutor sorriu:

— Eu posso receitar à rapariga *este ou aquele xarope*, mas não lhe posso impor *este ou aquele homem!* Queres que lhe vá dizer: «A menina há de preferir aqui o Sr. João Eduardo?» Queres que vá dizer ao padre, um maganão que eu nunca vi: «O senhor faz favor de não seduzir esta menina?»

— Mas caluniaram-me, senhor doutor, apresentaram-me como um homem de maus costumes, um patife...

— Não, não te caluniaram. Sob o ponto de vista do padre e daquelas senhoras que jogam à noite o quino na Rua da Misericórdia, tu és um patife: um cristão que nos periódicos vitupera abades, cónegos, curas, personagens tão importantes para se comunicar com Deus e para se salvar a alma, é um patife. Não te caluniaram, amigo!

— Mas, senhor doutor...

— Escuta. E a rapariga, descartando-se de ti em obediências às instruções do senhor padre fulano ou sicrano, comporta-se como uma boa católica. É o que te digo. Toda a vida do bom católico, os seus pensamentos, as suas ideias, os seus sentimentos, as suas palavras, o emprego dos seus dias e das suas noites, as suas relações de família e de vizinhança, os

pratos do seu jantar, o seu vestuário e os seus divertimentos — tudo isto é regulado pela autoridade eclesiástica (abade, bispo ou cónego), aprovado ou censurado pelo confessor, aconselhado e ordenado pelo *diretor da consciência*. O bom católico, como a tua pequena, não se pertence; não tem razão, nem vontade, nem arbítrio, nem sentir próprio; o seu cura pensa, quer, determina, sente por ela. O seu único trabalho neste mundo, que é ao mesmo tempo o seu único direito e o seu único dever, é aceitar esta direção; aceitá-la sem a discutir; obedecer-lhe, dê por onde der; se ela contraria as suas ideias, deve pensar que as suas ideias são falsas; se ela fere as suas afeições, deve pensar que as suas afeições são culpadas. Dado isto, se o padre disse à pequena que não devia

nem casar, nem sequer falar contigo, a criatura prova, obedecendo-lhe, que é uma boa católica, uma devota consequente, e que segue na vida, logicamente, a regra moral que escolheu. Aqui está, e desculpa o sermão.

João Eduardo ouvia com respeito, com espanto estas frases, a que a face plácida, a bela barba grisalha do doutor davam uma autoridade maior. Parecia-lhe agora quase impossível recuperar Amélia, se ela pertencia assim tão absolutamente, alma e sentidos, ao padre que a confessava. Mas enfim, por que era ele considerado um marido prejudicial?

— Eu compreenderia — disse ele — se fosse um homem de maus costumes, senhor doutor. Mas eu porto-me bem. Eu não faço senão trabalhar. Eu não frequento

tabernas, nem troças. Eu não bebo, eu não jogo. As minhas noites passo-as na Rua da Misericórdia, ou em casa a fazer serão para o cartório...

— Meu rapaz, tu podes ter socialmente todas as virtudes; mas, segundo a religião de nossos pais, todas as virtudes que não são católicas são inúteis e perniciosas. Ser trabalhador, casto, honrado, justo, verdadeiro, são grandes virtudes; mas para os padres e para a Igreja não contam. Se tu fores um modelo de bondade mas não fores à missa, não jejuares, não te confessares, não te desbarretares para o senhor cura — és simplesmente um maroto. Outros personagens maiores que tu, cuja alma foi perfeita e cuja regra de vida foi impecável, têm sido julgados verdadeiros

canalhas, porque não foram batizados antes de terem sido perfeitos. hás de ter ouvido falar de Sócrates, dum outro chamado Platão, de Catão, etc... Foram sujeitos famosos pelas suas virtudes. Pois um certo Bossuet, que é o grande chavão da doutrina, disse que das virtudes desses homens estava cheio o Inferno... Isto prova que a moral católica é diferente da moral natural e da moral social... Mas são coisas que tu compreendes mal... Queres tu um exemplo? Eu sou, segundo a doutrina católica, um dos grandes desavergonhados que passeiam as ruas da cidade; e o meu vizinho Peixoto, que matou a mulher com pancadas e que vai dando cabo pelo mesmo processo de uma filhita de dez anos, é entre o clero um homem excelente, porque cumpre os seus

deveres de devoto e toca figle nas missas cantadas. Enfim, amigo, estas coisas são assim. E parece que são boas, porque há milhares de pessoas respeitáveis que as consideram boas, o Estado mantém-nas, gasta até um dinheirão para as manter, obriga-nos mesmo a respeitá-las, e eu, que estou aqui a falar, pago todos os anos um quartinho para que elas continuem a ser assim. Tu naturalmente pagas menos...

— Pago sete vinténs, senhor doutor.

— Mas enfim vais às festas, ouves música, sermão, desforras-te dos teus sete vinténs. Eu, o meu quartinho perco-o; consolo-me apenas com a ideia de que vai ajudar a manter o esplendor da Igreja, da Igreja que em vida me considera um bandido, e que para depois de morto me tem preparado um inferno de primeira

classe. Enfim, parece-me que temos cavaqueado bastante... Que queres mais?

João Eduardo estava acabrunhado. Agora que escutava o doutor, parecia-lhe, mais que nunca, que se um homem de palavras tão sábias, de tantas ideias, se interessasse por ele, toda a intriga seria facilmente desfeita e a sua felicidade, o seu lugar na Rua da Misericórdia recobrados para sempre.

— Então vossa excelência não pode fazer nada por mim? — disse muito desconsolado.

— Eu posso talvez curar-te de outra pneumonia. Tens outra pneumonia a curar? Não? Então...

João Eduardo suspirou:

— Sou uma vítima, senhor doutor!

— Fazes mal. Não deve haver

vítimas, quando não seja senão para impedir que haja tiranos — disse o doutor, pondo o seu largo chapéu desabado.

— Porque no fim de tudo — exclamou ainda João Eduardo que se prendia ao doutor com uma sofreguidão de afogado —, no fim de tudo o que o patife do pároco quer, com todos os seus pretextos, é a rapariga! Se ela fosse um camafeu, bem se importava o maroto que eu fosse um ímpio ou não! O que ele quer é a rapariga!

O doutor encolheu os ombros.

— É natural, coitado — disse, já com a mão no fecho da porta. — Que queres tu? Ele tem para as mulheres, como homem, paixões e órgãos; como confessor, a importância dum Deus. É

evidente que há de utilizar essa importância para satisfazer essas paixões; e que há de cobrir essa satisfação natural com as aparências e com os pretextos do serviço divino... É natural.

João Eduardo então, vendo-o abrir a porta, desvanecer-se a esperança que o trouxera ali, furioso, vergastando o ar com o chapéu:

— Canalha de padres! Foi raça que sempre detestei! Queria-a ver varrida da face da Terra, senhor doutor!

— Isso é outra tolice — disse o doutor, resignando-se a escutá-lo ainda, e parando à porta do quarto. — Ouve lá. Tu crês em Deus? No Deus do Céu, no Deus que lá está no alto do Céu, e que é lá de cima o princípio de toda a justiça e de toda a verdade?

João Eduardo, surpreendido, disse:

— Eu creio, sim senhor.

— E no pecado original?

— Também...

— Na vida futura, na redenção, etc.?

— Fui educado nessas crenças...

— Então para que queres varrer os padres da face da Terra? Deves pelo contrário ainda achar que são poucos. És um liberal racionalista nos limites da Carta, ao que vejo... Mas se crês no Deus do Céu, que nos dirige lá de cima, e no pecado original, e na vida futura, precisas duma classe de sacerdotes que te expliquem a doutrina e a moral revelada de Deus, que te ajudem a purificar da mácula original e te preparem o teu lugar no Paraíso! Tu necessitas dos padres. E parece-me mesmo uma terrível falta de

lógica que os desacredites pela imprensa...

João Eduardo, atónito, balbuciou:

— Mas vossa excelência, senhor doutor... Desculpe-me vossa excelência, mas...

— Diz, homem. Eu quê?

— Vossa excelência não precisa dos padres neste mundo...

— Nem no outro. Eu não preciso dos padres no mundo, porque não preciso do Deus do Céu. Isto quer dizer, meu rapaz, que tenho o meu Deus dentro de mim, isto é, o princípio que dirige as minhas ações e os meus juízos. Vulgo Consciência... Talvez não compreendas bem... O fato é que estou aqui a expor doutrinas subversivas... E realmente são três horas...

E mostrou-lhe o *cebolão*.

À porta do pátio, João Eduardo disse-lhe ainda:

— Vossa excelência então desculpe, senhor doutor...

— Não há de quê... Manda a Rua da Misericórdia ao diabo!

João Eduardo interrompeu com calor:

— Isso é bom de dizer, senhor doutor, mas quando a paixão está a roer cá por dentro!...

— Ah! — fez o doutor —, é uma bela e grande coisa a paixão! O amor é uma das grandes forças da civilização. Bem dirigida levanta um mundo e bastava para nos fazer a revolução moral... — E mudando de tom: — Mas escuta. Olha que isso às vezes não é paixão, não está no

coração... O coração é ordinariamente um termo de que nos servimos, por decência, para designar outro órgão. É precisamente esse órgão o único que está interessado, a maior parte das vezes, em questões de sentimento. E nesses casos o desgosto não dura. Adeus, estimo que seja isso!

14

João Eduardo desceu a rua, embrulhando o cigarro. Sentia-se enervado, todo cansado da noite desesperada que passara, daquela manhã cheia de passos inúteis das conversas do doutor Godinho e do doutor Gouveia.

Acabou-se, pensava, *não posso fazer mais nada! É aguentar.*

Tinha a alma extenuada de tantos esforços de paixão, de esperança e de cólera. Desejaria ir estirar-se ao comprido, num sítio isolado, longe de advogados, de mulheres e de padres, e dormir durante meses. Mas como já passava das três horas, apressava-se para o cartório do Nunes. Teria talvez ainda de

ouvir um sermão por ter chegado tão tarde! Triste vida a sua!

Dobrava a esquina no Terreiro, quando ao pé da casa de pasto do Osório se encontrou com um moço de quinzena clara, debruada de uma fita negra muito larga, e com um bigodinho tão preto que parecia postiço sobre as suas feições extremamente pálidas.

— Olé! Que é feito, João Eduardo?

Era um Gustavo, tipógrafo da *Voz do Distrito*, que havia dois meses fora para Lisboa. Segundo dizia o Agostinho, era «rapaz de cabeça e instruidote, mas de ideias do diabo». Escrevia às vezes artigos de política estrangeira, onde introduzia frases poéticas e retumbantes, amaldiçoando Napoleão III, o czar e os opressores do povo, chorando a

escravidão da Polónia e a miséria do proletário. A simpatia entre ele e João Eduardo proviera de conversas sobre religião, em que ambos exalavam o seu ódio ao clero e a sua admiração por Jesus Cristo. A revolução de Espanha entusiasmara-o tanto que aspirara a pertencer à Internacional; e o desejo de viver num centro operário, onde houvesse associações, discursos e fraternidade, levara-o a Lisboa. Encontrara lá bom trabalho e bons camaradas. Mas como sustentava a mãe, velha e doente, e como era mais económico viverem juntos, voltara a Leiria. O *Distrito*, além disso, na perspetiva de eleições, prosperava a ponto de aumentar o salário aos três tipógrafos.

— De modo que lá estou outra vez

com o «raquítico»...

Vinha jantar, e convidou logo João Eduardo a que lhe fizesse companhia. Não havia de acabar o mundo, que diabo, por ele faltar um dia ao cartório!

João Eduardo então lembrou-se que desde a véspera não tinha comido. Era talvez a debilidade que o trouxera assim estonteado, tão pronto a desanimar... Decidiu-se logo, contente, depois das emoções e das fadigas da manhã, de se estirar no banco da taberna, diante dum prato cheio, na intimidade com um camarada de ódios iguais aos seus. Demais, os repelões que sofrera davam-lhe uma necessidade, uma avidez de simpatia; e foi com calor que disse:

— Homem, valeu! Cais-me do céu! Este mundo é uma choldra. Se não fosse

por alguma hora que se passa em amizade, caramba, não valia a pena andar por cá!

Este modo, tão novo no João Eduardo, no *Pacatinho*, espantou Gustavo.

— Porquê? As coisas não correm bem? Turras com a besta do Nunes, hem? — perguntou-lhe.

— Não, um bocado de *spleen*.

— Isso de *spleen* é de inglês! Oh menino, havias de ver o Taborda no *Amor londrino!*... Deixa lá o *spleen*. É deitar lastro para dentro e carregar no líquido!

Travou-lhe do braço, meteu-o pela porta da taberna.

— Viva o tio Osório! Saúde e fraternidade!

O dono da casa de pasto, o tio Osório, personagem obeso e contente da

vida, com as mangas da camisa arregaçadas até aos ombros, os braços nus muito brancos apoiados sobre o balcão, a face balofa e finória, felicitou logo Gustavo de o ver de novo em Leiria. Achava-o mais magrito... Havia de ser das más águas de Lisboa e do muito *paucampeche* nos vinhos... E que havia dele servir aos cavalheiros?

Gustavo, plantando-se diante do contador, de chapéu para nuca, apressou-se a soltar o gracejo, que tanto o entusiasmara em Lisboa:

— Tio Osório, sirva-nos fígado de rei, com rim grelhado de padre! O tio Osório, pronto à réplica, disse logo, dando um raspão de rodilha sobre o zinco do contador:

— Não temos cá disso, Sr. Gustavo.

Isso é petisco da capital.

— Então estão vocês muito atrasados! Em Lisboa era todos os dias o meu almoço... Bem, acabou-se, dê-nos duas iscas com batatas... E bem saltadinho, isso!

— hão de ser servidos como amigos.

Acomodaram-se à «mesa dos envergonhados», entre dois tabiques de pinho fechados por uma cortina de chita. O tio Osório, que apreciava Gustavo, «moço instruído e de pouca troça», veio ele mesmo trazer a garrafa do tinto e as azeitonas; e limpando os copos ao avental enxovalhado:

— Então que há de novo pela capital, Sr. Gustavo? Como vai por lá aquilo?

O tipógrafo deu imediatamente

seriedade ao rosto: passou a mão pelos cabelos, e deixou cair algumas frases enigmáticas:

— Tremidito... Muito pouca-vergonha em política... A classe operária começa a mexer-se... Falta de união, por ora... Está-se à espera de ver como as coisas correm em Espanha... há de havê-las bonitas! Tudo depende de Espanha...

Mas o tio Osório, que juntara alguns vinténs e comprara uma fazenda, tinha horror a tumultos... O que se queria no país era paz... Sobretudo o que lhe desagradava era contar-se com espanhóis... De Espanha, deviam os cavalheiros sabê-lo, «nem bom vento nem bom casamento»!

— Os povos são todos irmãos! — exclamou Gustavo. — Quando se tratar de

atirar abaixo Bourbons e imperadores, camarilhas e fidalguia, não há portugueses nem espanhóis, todos são irmãos! Tudo é fraternidade, tio Osório!

— Pois então é beber-lhe à saúde, e beber-lhe rijo, que isso é que faz andar o negócio — disse o tio Osório tranquilamente, rolando a sua obesidade para fora do cubículo.

— Elefante! — rosnou o tipógrafo, chocado com aquela indiferença pela Fraternidade dos Povos. — Que se podia esperar, de resto dum proprietário e dum agente de eleições?

Trauteou a *Marselhesa*, enchendo os copos do alto, e quis saber o que tinha feito o amigo João Eduardo... Já se não ia pelo *Distrito?* O raquítico dissera-lhe que não havia despegá-lo da Rua da

Misericórdia.

— E quando é esse casamento, por fim?

João Eduardo corou, disse vagamente:

— Nada decidido... Tem havido dificuldades. — E acrescentou com um sorriso desconsolado: — Temos tidos arrufos.

— Pieguices! — soltou o tipógrafo, com um movimento de ombros, que exprimia um desdém de revolucionário pelas frivolidades do sentimento.

— Pieguices... Não sei se são pieguices — disse João Eduardo. — O que sei é que dão desgostos... Arrasam um homem, Gustavo...

Calou-se, mordendo o beiço, para recalcar a emoção que o revolvia.

Mas o tipógrafo achava todas essas histórias de mulheres ridículas. O tempo não estava para amores... O homem do povo, o operário que se agarrava a uma saia para não despegar era um inútil... era um vendido! Em que se devia pensar não era em namoros: era em dar a liberdade ao povo, livrar o trabalho das garras do capital, acabar com os monopólios, trabalhar para a república! Não se queria lamúria, queria-se ação, queria-se a força! — E carregava furiosamente no *r* da palavra — a *forrrça!* — agitando os seus pulsos magríssimos de tísico sobre o grande prato de iscas que o moço trouxera.

João Eduardo, escutando-o, lembrava-se do tempo em que o tipógrafo, doido pela Júlia padeira, aparecia sempre

com os olhos vermelhos como carvões, e atroava a tipografia com suspiros medonhos. A cada *ai* os camaradas, troçando, davam uma tossezinha de garganta. Um dia mesmo, Gustavo e o Medeiros tinham-se esmurrado no pátio...

— Olha quem fala! — disse por fim. — És como os outros... Estás aí a palrar, e quando te chega és como os outros.

O tipógrafo então — que, desde que em Lisboa frequentara um clube democrático de Alcântara e ajudara a redigir um manifesto aos irmãos cigarreiros em *greve*, se considerava exclusivamente votado ao serviço do Proletariado e da República — escandalizou-se. Ele? Ele como os outros? Perder o seu tempo com saias?...

— Está Vossa Senhoria muito

enganado! — e recolheu-se a um silêncio chocado, partindo com furor a sua isca.

João Eduardo receou tê-lo ofendido.

— Ó Gustavo, sejamos razoáveis! Um homem pode ter os seus princípios, trabalhar pela sua causa, mas casar, arranjar o seu conchego, ter uma família.

— Nunca! — exclamou o tipógrafo exaltado. — O homem que casa está perdido! Daí por diante é ganhar a papa, não se mexer do buraco, não ter um momento para os amigos, passear de noite os marmanjos quando eles berram com os dentes. É um inútil! É um vendido! As mulheres não entendem nada de política. Têm medo que o homem se meta em barulhos, tenha turras com a polícia. Está um patriota atado de pés e mãos! E quando há um segredo a guardar? O

homem casado não pode guardar um segredo?... E aí está às vezes uma revolução comprometida... Sebo para a família! Outra de azeitonas, tio Osório!

A pança do tio Osório apareceu entre os tabiques.

— Então que estão os senhores aqui a questionar, que parece que entraram os da Maia no concelho de distrito?

Gustavo atirou-se para o fundo do banco, de perna estirada, e interpelando-o de alto:

— O tio Osório é que vai dizer. Diga lá o amigo. Vossemecê era homem de mudar as suas opiniões políticas para fazer a vontade à sua patroa?

O tio Osório acariciou o cachaço e disse com um tom finório:

— Eu lhe respondo, Sr. Gustavo.

Mulheres são mais espertas que nós... E em política, como em negócio, quem for com o que elas dizem vai pelo seguro... Eu sempre consulto a minha, e se quer que lhe diga, já vai em vinte anos e não me tenho achado mal.

Gustavo pulou no banco:

— Você é um vendido! — gritou.

O tio Osório, acostumado àquela expressão querida do tipógrafo, não se escandalizou: gracejou até com o seu amor às boas réplicas:

— Vendido não direi, mas vendedor pro que quiser... Pois é o que lhe digo, Sr. Gustavo. O senhor casará, e depois mas contará.

— O que hei de contar, é, quando houver uma revolução, entrar-lhe por aqui de espingarda ao ombro, e metê-lo em

conselho de guerra, seu capitalista!

— Pois enquanto isso não chega, é beber-lhe e beber-lhe rijo — disse o tio Osório retirando-se com pachorra.

— Hipopótamo — resmungou o tipógrafo.

E, como adorava discussões, recomeçou logo, sustentando que o homem, embeiçado por uma saia, não tem firmeza nas suas convicções políticas...

João Eduardo sorria tristemente, numa negação muda, pensando consigo que, apesar da sua paixão por Amélia, não se tinha confessado nos dois últimos anos!

— Tem provas! — berrava Gustavo.

Citou um livre-pensador das suas relações que, para manter a paz doméstica, se sujeitava a jejuar às sextas-feiras, e palmilhar aos domingos o

caminho da capela de ripanço debaixo do braço...

— E é o que te há de suceder!... Tu tens ideias menos más a respeito da religião, mas ainda te heide ver de opa vermelha e círio na procissão do Senhor dos Passos... Filosofia e ateísmo não custam nada quando se conversa no bilhar entre rapazes... Mas praticá-los em família, quando se tem uma mulher bonita e devota, é o diabo! É o que te há de suceder, se é que te não vai sucedendo já hás de atirar as tuas convicções liberais para o caixão do cisco, e fazer barretadas ao confessor da casa!

João Eduardo fazia-se escarlate de indignação. Mesmo nos tempos da sua felicidade, quando tinha Amélia certa, aquela acusação (que o tipógrafo fazia só

para questionar, para palrar) tê-lo-ia escandalizado. Mas hoje! Justamente quando ele perdera Amélia por ter dito de alto, num jornal, o seu horror a beatos! Hoje que se achava ali, com o coração partido, roubado de toda a alegria, exatamente pelas suas opiniões liberais!...

— Isso dito a mim tem graça! — disse com uma amargura sombria.

O tipógrafo galhofou:

— Homem, não me constou ainda que fosses um *mártir da liberdade!*

— Por quem és não apoquentes, Gustavo — disse o escrevente muito chocado. — Tu não sabes o que se tem passado. Se soubesses não me dizias isso!

Contou-lhe então a história do *Comunicado* — calando todavia que o escrevera num fogo de ciúmes, e

apresentando-o como uma pura afirmação de princípios... E que notasse esta circunstância, ia então casar com uma rapariga devota, numa casa que era mais frequentada por padres que a sacristia da Sé...

— E assinaste? — perguntou Gustavo, espantado da revelação.

— O doutor Godinho não quis — disse o escrevente corando um pouco.

— E deste-lhes uma desanda, hem?

— A todos, de rachar!

O tipógrafo, entusiasmado, berrou por «outra de tinto»!

Encheu os copos com transporte, bebeu uma grande saúde a João Eduardo.

— Caramba, quero ver isso! Quero mandá-lo à rapaziada em Lisboa!... E que efeito fez?

— Um escândalo, mestre.

— E os padrecas?

— Em brasa!

— Mas como souberam que eras tu?

João Eduardo encolheu os ombros. O Agostinho não o dissera. Desconfiava da mulher do Godinho, que o sabia pelo marido, e que o fora meter no bico do padre Silvério, seu confessor, o padre Silvério da Rua das Teresas...

— Um gordo, que parece hidrópico?

— Sim.

— Que besta! — rugiu o tipógrafo com rancor.

Olhava agora João Eduardo com respeito, aquele João Eduardo que se lhe revelara inesperadamente um paladino do livre pensamento.

— Bebe, amigo, bebe! — dizia-lhe,

enchendo-lhe o copo com afeto, como se aquele esforço heroico de liberalismo necessitasse ainda, depois de tantos dias, reconfortos excecionais.

E que se tinha passado? Que tinha dito a gente da Rua da Misericórdia?

Tanto interesse comoveu João Eduardo: e dum fôlego fez a sua confidência. Mostrou-lhe mesmo a carta de Amélia que ela decerto, coitada, fora levada a escrever num terror do Inferno, sob a pressão dos padres furiosos...

— E aqui tens a vítima que eu sou, Gustavo!

Era-o com efeito; e o tipógrafo considerava-o com uma admiração crescente. Já não era o *Pacatinho*, o escrevente do Nunes, o chichisbéu da Rua da Misericórdia — era uma *vítima das*

perseguições religiosas. Era a primeira que o tipógrafo via; e, apesar de não lhe aparecer na atitude tradicional das estampas de propaganda, amarrado a um poste de fogueira ou fugindo com a família espavorida a soldados que galopam da sombra do último plano, achava-o interessante. Invejava-lhe secretamente aquela honra social. Que *chique* que lhe daria a ele entre a rapaziada de Alcântara! Famosa pechincha, ser uma *vítima da reação*, sem perder o conforto das iscas do tio Osório e os salários inteiros ao sábado! Mas sobretudo o procedimento dos padres enfurecia-o! Para se vingarem dum liberal, intrigarem-no, tirarem-lhe a noiva! Oh, que canalha!... E esquecendo os seus sarcasmos ao Casamento e à

Família, trovejou de alto contra o clero, que é quem sempre destrói essa instituição social, perfeita, de origem divina!

— Isso precisa uma vingança medonha, menino! É necessário arrasá-los! Uma vingança? João Eduardo desejava-a, vorazmente! Mas qual?

— Qual? Contar tudo no *Distrito*, num artigo tremendo!

João Eduardo citou-lhe as palavras do doutor Godinho: dali por diante o *Distrito* estava fechado aos senhores livres-pensadores!

— Cavalgadura! — rugiu o tipógrafo.

Mas tinha uma ideia, caramba! Publicar um folheto! Um folheto de vinte páginas, o que se chama no Brasil uma

mofina, mas num estilo floreado (ele se encarregava disso), caindo sobre o clero com um desabamento de verdades mortais!

João Eduardo entusiasmou-se. E diante daquela simpatia ativa de Gustavo, vendo nele um irmão, soltou as últimas confidências, as mais dolorosas. O que havia no fundo da intriga era a paixão do padre Amaro pela pequena, e era para se apoderar dela que o escorraçava a ele... O inimigo, o malvado, o carrasco — era o pároco!

O tipógrafo apertou as mãos na cabeça: semelhante caso (que todavia era para ele trivial, nas locais que compunha) sucedido a um amigo seu que estava ali bebendo com ele, a um democrata, parecia-lhe monstruoso, alguma coisa

semelhante aos furores de Tibério na velhice, violando, em banhos perfumados, as carnes delicadas de mancebos patrícios.

Não queria acreditar. João Eduardo acumulou as provas. E então Gustavo, que tinha molhado vastamente de tinto as iscas de fígado, ergueu os punhos fechados, e com a face intumescida, dente rilhado, berrou em rouco:

— Abaixo a religião!

Do outro lado do tabique uma voz trocista grasnou em réplica:

— Viva Pio Nono!

Gustavo ergueu-se para ir esbofetear o entremetido. Mas João Eduardo sossegou-o. E o tipógrafo, sentando-se tranquilamente, rechupou o fundo do copo.

Então, com os cotovelos sobre a

mesa, a garrafa entre eles, conversaram baixo, de rosto a rosto, sobre o plano do folheto. A coisa era fácil: escrevê-lo-iam ambos. João Eduardo queria-o em forma de romance, de enredo negro, dando ao personagem do pároco os vícios e as perversidades de Calígula e de Heliogábalo. O tipógrafo porém queria um livro filosófico, de estilo e de princípios, que demolisse de uma vez para sempre o Ultramontanismo! Ele mesmo se encarregava de imprimir a obra aos serões, *grátis*, já se sabe. Mas apareceu-lhes então, bruscamente, uma dificuldade.

— O papel? Como se há de arranjar o papel?

Era uma despesa de nove ou dez mil-réis; nenhum os tinha, nem um amigo que,

por dedicação aos princípios, lhos adiantasse.

— Pede-os ao Nunes por conta do teu ordenado! — lembrou vivamente o tipógrafo.

João Eduardo coçou desconsoladamente a cabeça. Estava justamente pensando no Nunes e na sua indignação de devoto, de membro da junta de paróquia, amigo do chantre, apenas lesse o panfleto! E se soubesse que era o seu escrevente que o compusera, com as penas do cartório, no papel almaço do cartório... Via-o já roxo de cólera, alçando sobre o bico dos sapatos brancos a sua pessoa gordalhufa, e gritando na voz de grilo: «Fora daqui, pedreiro-livre, fora daqui!»

— Ficava eu bem arranjado — disse

João Eduardo muito sério —, nem mulher, nem pão!

Isto fez lembrar também a Gustavo a cólera provável do doutor Godinho, dono da tipografia. O doutor Godinho, que depois da reconciliação com a gente da Rua da Misericórdia, retomara publicamente a sua considerável posição de pilar da Igreja e esteio da Fé...

— É o diabo, pode-nos sair caro — disse ele.

— É impossível! — disse o escrevente.

Então praguejaram de raiva. Perder uma ocasião daquelas para pôr a calva à mostra ao clero!

O plano do folheto, como uma coluna tombada que parece maior, afigurava-se-lhes, agora que estava derrubado, duma

altura, duma importância colossal. Não era já a demolição local dum pároco celerado, era a ruína, ao longe e ao largo, de todo o clero, dos jesuítas, do poder temporal, de outras coisas funestas... Maldição! se não fosse o Nunes, se não fosse o Godinho, se não fossem os nove mil-réis do papel!

Aquele perpétuo obstáculo do pobre, falta de dinheiro e dependência do patrão, que até para um folheto era estorvo, revoltou-os contra a sociedade.

— Positivamente é necessário uma revolução — afirmou o tipógrafo. — É necessário arrasar tudo, tudo! — E o seu largo gesto sobre a mesa indicava, num formidável nivelamento social, uma demolição de igrejas, palácios, bancos, quartéis, e prédios de Godinhos! — Outra

do tinto, tio Osório!...

Mas o tio Osório não aparecia. Gustavo martelou a mesa a toda a força com o cabo da faca. E enfim, furioso, saiu fora ao contador «para arrebentar a pança àquele vendido que fazia assim esperar um cidadão».

Encontrou-o desbarretado, radiante, conversando com o barão de Via-Clara, que, em vésperas de eleições, vinha pelas casas de pasto apertar a mão aos compadres. E ali na taberna, parecia magnífico o barão, com a sua luneta de ouro, os botins de verniz sobre o solo térreo, tossicando ao cheiro acre do azeite fervido e das emanações das borras de vinho.

Gustavo, avistando-o, recolheu discretamente ao cubículo.

— Está com o barão — disse numa surdina respeitosa.

Mas vendo João Eduardo aniquilado, com a cabeça entre os punhos, o tipógrafo exortou-o a não esmorecer. Que diabo! No fim, livrava-se de casar com uma beata...

— Não me pode vingar daquele maroto! — interrompeu João Eduardo com um repelão ao prato.

— Não te aflijas — prometeu o tipógrafo com solenidade — que a vingança não vem longe!

Fez-lhe então, baixo, a confidência «das coisas que se preparavam em Lisboa». Tinham-lhe afiançado que havia um clube republicano a que até pertenciam figurões — e que era para ele uma garantia superior de triunfo. Além disso, a rapaziada do trabalho mexia-se...

Ele mesmo — e murmurava quase contra a face de João Eduardo, estirado sobre a mesa — fora falado para pertencer a uma seção da Internacional, que devia organizar um espanhol de Madrid; nunca vira o espanhol, que se disfarçava por causa da policia; e a coisa falhara porque o *Comité* tinha falta de fundos... Mas era certo haver um homem, que possuía um talho, que prometera cem mil réis... O exército, além disso, estava na coisa: tinha visto numa reunião um sujeito barrigudo que lhe tinham dito que era major, e que tinha cara de major... De modo que, com todos estes elementos, a opinião dele Gustavo, era que dentro de meses, governo, rei, fidalgos, capitalistas, bispos, todos esses monstros iam pelos ares!

— E então somos nós os reizinhos, menino! Godinho, Nunes toda a cambada ferramo-la na enxovia de S. Francisco. Eu a quem me atiro é ao Godinho... Padres, derreamo-los à pancada! E o povo respira, enfim!

— Mas daqui até lá! — suspirou João Eduardo, que pensava com amargura que quando a revolução viesse já seria tarde para recuperar a Ameliazinha...

O tio Osório então apareceu com a garrafa.

— Ora até que enfim, seu *fidalgo!* — disse o tipógrafo a trasbordar de sarcasmo.

— Não se pertence à classe, mas é-se tratado por ela com consideração — replicou logo o tio Osório, que a satisfação fazia parecer mais pançudo.

— Por causa de meia dúzia de votos!

— Dezoito na freguesia, e esperanças de dezanove. E que se há de servir mais aos cavalheiros? Nada mais?... Pois é pena. Então é beber-lhe, é beber-lhe!

E correu a cortina, deixando os dois amigos em frente da garrafa cheia, aspirarem a uma Revolução que lhes permitisse, a um reaver a menina Amélia, a outro espancar o patrão Godinho.

Eram quase cinco horas quando saíram enfim do cubículo. O tio Osório, que se interessava por eles por serem rapazes de instrução, notou logo, examinando-os do canto do balcão onde saboreava o seu *Popular*, que *vinham tocaditos*. João Eduardo, sobretudo, de chapéu carregado e beiço trombudo:

«pessoa de mau vinho», pensou o tio Osório, que o conhecia pouco. Mas o Sr. Gustavo, como sempre, depois dos três litros, resplandecia de júbilo. Grande rapaz! Era ele que pagava a conta; e gingando para o balcão, batendo de alto com as suas duas placas:

— Encafua mais essas na burra, Osório pipa!

— O que é pena é que sejam só duas, Sr. Gustavo.

— Ah bandido! Imaginas que o suor do povo, o dinheiro do trabalho é para encher a pança dos Filistinos? Mas não as perdes! Que no dia do ajuste de contas quem há de ter a honra de te furar esse bandulho há de ser cá o Bibi... E o Bibi sou eu... Eu é que sou o Bibi! Não é verdade, João, quem é o Bibi?

João Eduardo não escutava; muito carrancudo, olhava com desconfiança um borracho, que na mesa do fundo, diante do seu litro vazio, com o queixo na palma da mão e o cachimbo nos dentes, embasbacara, maravilhado, para os dois amigos.

O tipógrafo puxou-o para o balcão:

— Diz aqui ao tio Osório quem é o Bibi! Quem é o Bibi?... Olhe para isto, tio Osório! Rapaz de talento, e dos bons! Veja-me isto! Com duas penadas dá cabo do Ultramontanismo! É cá dos meus! Também entre nós é para a vida e para a morte. Deixa lá a conta, Osório barrigudo, ouve o que te digo! Este é dos bons... E se ele aqui voltar e quiser dois litros a crédito, é dar-lhos... Cá o Bibi responde por tudo.

— Temos pois — começou o tio Osório —, iscas a dois, salada a dois...

Mas o borracho arrancara-se com esforço ao seu banco: de cachimbo espetado, arrotando forte, veio plantar-se diante do tipógrafo, e, tremeleando nas pernas, estendeu-lhe a mão aberta.

Gustavo considerou-o de alto, com nojo:

— Que quer você? Aposto que foi você que berrou há pouco: Viva *Pio Nono!* Seu vendido... Tire para lá a pata!

O borracho, repelido, grunhiu; e, embicando contra João Eduardo, ofereceu-lhe a mão espalmada.

— Arrede para lá, seu animal! — disse-lhe o escrevente desabrido.

— Tudo amizade... Tudo amizade... — resmungava o borracho.

E não se arredava, com os cinco dedos muito espetados, despedindo um hálito fétido.

João Eduardo, furioso, atirou-o de repelão contra o contador.

— Brincadeiras de mãos, não! — exclamou logo severamente o tio Osório. — Brutalidades, não!

— Que se não metesse comigo — rosnou o escrevente. — E a você faço-lhe o mesmo...

— Quem não tem decência vai para a rua — disse muito grave o tio Osório.

— Quem vai para a rua, quem vai para a rua? — rugiu o escrevente, empinando-se, de punho fechado. — Repita lá isso de ir para a rua! Com quem está você a falar?

O tio Osório não replicava, apoiado

sobre as mãos ao balcão, patenteando os seus enormes braços que lhe faziam o estabelecimento respeitado.

Mas Gustavo, com autoridade, pôs-se entre os dois, e declarou que era necessário ser-se cavalheiro! Questões e más palavras, não! Podia-se chalacear e troçar os amigos, mas como cavalheiros! E ali só havia cavalheiros.

Arrastou para um canto o escrevente, que resmungava muito ressentido.

— Oh, João! Oh, João! — dizia-lhe com grandes gestos. — Isso não é dum homem ilustrado!

Que diabo! Era necessário ter-se boas maneiras! Com repentes, com vinho desordeiro, não havia pândega, nem sociedade, nem fraternidade!

Voltou ao tio Osório, falando-lhe

sobre o ombro, excitado:

— Eu respondo por ele, Osório! É um cavalheiro! Mas tem tido desgostos, e não está acostumado a um litro de mais. É o que é! Mas é dos bons... Você desculpe, tio Osório. Que eu respondo por ele...

Foi buscar o escrevente, persuadiu-o a apertar a mão ao tio Osório. O taberneiro declarou com ênfase que não quisera insultar o cavalheiro. Os *shake-hands* então sucederam-se com veemência. Para consolidar a reconciliação, o tipógrafo pagou três *canas brancas*. João Eduardo, por brio, ofereceu também um *giro* de conhaque. E com os copos em fila sobre o balcão, trocavam boas palavras, tratavam-se de cavalheiros, enquanto o borracho, esquecido ao seu canto, derreado para

cima da mesa, a cabeça sobre os punhos e o nariz sobre o litro, se babava silenciosamente, com o cachimbo cravado nos dentes.

— Disto é que eu gosto — dizia o tipógrafo a quem a aguardente aumentara a ternura. — Harmonia! Cá o meu fraco é a harmonia! Harmonia entre a rapaziada e entre a humanidade... O que eu queria era ver uma grande mesa, e toda a humanidade sentada num banquete, e fogo preso, e chalaça, e decidirem-se as questões sociais! E o dia não vem longe em que você o há de ver, tio Osório!... Em Lisboa as coisas vão-se preparando para isso. E o tio Osório é que há de fornecer o vinho... Hem, que negociozinho! Diga que não sou amigo!

— Obrigado, Sr. Gustavo,

obrigado...

— Isto aqui entre nós, hem? Que somos todos cavalheiros! E cá este — abraçava João Eduardo — é como se fosse irmão! Entre nós é pra vida e pra morte! E é mandar a tristeza ao diabo, rapazão! Toca a escrever o folheto... O Godinho, e o Nunes...

— O Nunes racho-o! — soltou com força o escrevente, que, depois das saúdes com cana, parecia mais sombrio.

Dois soldados entraram então na taberna e Gustavo julgou que eram horas de ir para a tipografia. Senão, não se haviam de separar todo o dia, não se haviam de separar toda a vida!... Mas o trabalho é dever, o trabalho é virtude!

Saíram, enfim, depois de mais *shake-hands* com o tio Osório. À porta,

Gustavo jurou ainda ao escrevente uma lealdade de irmão; obrigou-o a aceitar a sua bolsa de tabaco; e desapareceu à esquina da rua, de chapéu para a nuca, trauteando o *Hino do Trabalho*.

João Eduardo, só, abalou logo para a Rua da Misericórdia. Ao chegar à porta da S. Joaneira, apagou com cuidado o cigarro na sola do sapato, e deu um puxão tremendo ao cordão da campainha.

A *Ruça* veio, correndo.

— A Ameliazinha? Quero-lhe falar!

— As senhoras saíram — disse a *Ruça* espantada do modo do Sr. Joãozinho.

— Mente, sua bêbeda! — berrou o escrevente.

A rapariga, aterrada, fechou a porta de estalo.

João Eduardo foi-se encostar à parede defronte, e ficou ali, de braços cruzados, observando a casa: as janelas estavam fechadas, as cortinas de cassa corridas; dois lenços de rapé do cónego secavam em baixo na varanda.

Aproximou-se de novo e bateu devagarinho a aldrava. Depois repicou com furor a campainha. Ninguém apareceu: então, indignado, partiu para os lados da Sé.

Ao desembocar no largo, diante da fachada da igreja, parou, procurando em redor com o sobrolho carregado: mas o largo parecia deserto; à porta da farmácia do Carlos um rapazito, sentado no degrau, guardava pela arreata um burro carregado

de erva; aqui e além, galinhas iam picando o chão vorazmente; o portão da igreja estava fechando; e apenas se ouvia o ruído de marteladas numa casa ao pé em que havia obras.

E João Eduardo ia seguir para os lados da alameda quando apareceram no terraço da igreja, da banda da sacristia, o padre Silvério e o padre Amaro, conversando, devagar.

Batia então um quarto na torre, e o padre Silvério parou a acertar o seu *cebolão*. Depois os dois padres observaram maliciosamente a janela da administração de vidraças abertas, onde se via, no escuro, o vulto do senhor administrador de binóculo cravado para a casa do Teles alfaiate. E desceram enfim a escadaria da Sé, rindo de ombro a

ombro, divertidos com aquela paixão que escandalizava Leiria.

Foi então que o pároco viu João Eduardo que estacara no meio do largo. Parou para voltar à Sé decerto, evitar o encontro; mas viu o portão fechado, e ia seguir de olhos baixos, ao lado do bom Silvério que tirava tranquilamente a sua caixa de rapé, quando João Eduardo, arremessando-se, sem uma palavra, atirou a toda a força um murro no ombro de Amaro.

O pároco, aturdido, ergueu frouxamente o guarda-chuva.

— Acudam! — berrou logo o padre Silvério, recuando de braços no ar. — Acudam!

Da porta da administração um homem correu, agarrou furiosamente o

escrevente pela gola:

— Está preso! — rugia. — Está preso!

— Acudam, acudam! — berrava Silvério a distância.

Janelas no largo abriam-se à pressa. A Amparo da botica, em saia branca, apareceu à varanda, espavorida; o Carlos precipitara-se do laboratório em chinelas; e o senhor administrador, debruçado na sacada, bracejava, com o binóculo na mão.

Enfim o escrivão da administração, o Domingos, compareceu, muito grave, de mangas de lustrina enfiadas; e com o cabo de polícia levou logo para a administração o escrevente, que não resistia, todo pálido...

O Carlos, esse, apressou-se a

conduzir o senhor pároco para a botica; fez preparar, com estrépito, flor de laranja e éter; gritou pela esposa, para arranjar uma cama... Queria examinar o ombro de sua senhoria: haveria intumescência?

— Obrigado, não é nada — dizia o pároco muito branco. — Não é nada. Foi um raspão. Basta-me uma gota de água...

Mas a Amparo achava melhor um cálice de vinho do Porto; e correu acima a buscar-lho, tropeçando nos pequenos que se lhe despenduravam das saias, dando ais, explicando pela escada à criada que tinham querido matar o senhor pároco!

À porta da botica juntara-se gente, que embasbacava para dentro; um dos carpinteiros que trabalhavam nas obras afirmava que «fora uma facada»; e uma velha por trás debatia-se, de pescoço

esticado, para ver o *sangue*. Enfim, a pedido do pároco, que receava escândalo, o Carlos veio majestosamente declarar que não queria motim à porta! O senhor pároco estava melhor. Fora apenas um soco, um raspão de mão... Ele respondia por sua senhoria.

E como o burro ao lado começara a ornear, o farmacêutico voltando-se indignado para o rapazito que o segurava pela arreata:

— E tu não tens vergonha, no meio dum desgosto destes, um desgosto para toda a cidade, de ficar aqui com esse animal, que não faz senão zurrar? Para longe, insolente, para longe!

Aconselhou então os dois sacerdotes a que subissem para a sala, para evitar a «curiosidade da populaça». E a boa

Amparo apareceu logo com dois cálices do Porto, um para o senhor pároco, outro para o Sr. padre Silvério que se deixara cair a um canto do canapé apavorado ainda, extenuado de emoção.

— Tenho cinquenta e cinco anos — disse ele depois de ter chupado a última gota de Porto — e é a primeira vez que me vejo num barulho!

O padre Amaro, mais sossegado agora, afetando bravura, chasqueou o padre Silvério:

— Você tomou o caso muito ao trágico, colega... E lá ser a primeira, vamos lá... Todos sabem que o colega esteve pegado com o Natário...

— Ah, sim — exclamou o Silvério —, mas isso era entre sacerdotes, amigo!

Mas a Amparo, ainda muito trémula,

enchendo outro cálice ao senhor pároco, quis saber «os particulares, todos os particulares...»

— Não há particulares, minha senhora, eu vinha aqui com o colega... Vínhamos cavaqueando... O homem chegou-se a mim, e, como eu estava desprevenido, deu-me um raspão no ombro.

— Mas porquê, porquê? — exclamou a boa senhora, apertando as mãos, num assombro.

O Carlos então deu a sua opinião. Ainda havia dias, ele dissera, diante da Amparozinho e de D. Josefa, a irmã do respeitável cónego Dias, que estas ideias de materialismo e ateísmo estavam levando a mocidade aos mais perniciosos excessos... E mal sabia ele então que

estava profetizando!

— Vejam vossas senhorias este rapaz! Começa por esquecer todos os deveres de cristão (assim no-lo afirmou D. Josefa), associa-se com bandidos, achincalha os dogmas nos botequins... Depois (sigam vossas senhorias a progressão), não contente com estes extravios, publica nos periódicos ataques abjetos contra a religião... E enfim, possuído duma vertigem de ateísmo, atira-se, diante mesmo da catedral, sobre um sacerdote exemplar (não é por vossa senhoria estar presente) e tenta assassiná-lo! Ora, pergunto eu, o que há no fundo de tudo isto? Ódio, puro ódio à religião de nossos pais!

— Infelizmente assim é — suspirou o padre Silvério.

Mas a Amparo, indiferente às causas filosóficas do delito, ardia na curiosidade de saber o que se passaria na administração, o que diria o escrevente, se o teriam posto a ferros... O Carlos prontificou-se logo a ir averiguar.

De resto, disse ele, era o seu dever, como homem de ciência, esclarecer a justiça sobre as consequências que podia ter trazido um murro, à força de braço, na região delicada da clavícula... (ainda que, louvado Deus, não havia fratura, nem inchaço), e sobretudo queria revelar à autoridade, para que ela tomasse as suas providências, que aquela tentativa de espancamento não provinha de vingança pessoal. Que podia ter feito o senhor pároco da Sé ao escrevente do Nunes? Provinha duma vasta conspiração de ateus

e republicanos contra o sacerdócio de Cristo!

— Apoiado, apoiado! — disseram os dois sacerdotes gravemente.

— E é o que eu vou provar cabalmente ao senhor administrador do concelho!

Na sua precipitação zelosa de conservador indignado, ia mesmo de chinelas e quinzena de laboratório: mas Amparo alcançou-os no corredor:

— Oh filho, a sobrecasaca, põe a sobrecasaca ao menos, que o administrador é de cerimónias!

Ela mesmo lha ajudou a enfiar, enquanto o Carlos, com a imaginação trabalhando viva (aquela desgraçada imaginação que, como ele dizia, até às vezes lhe dava dores de cabeça), ia

preparando o seu depoimento, que faria ruído na cidade. Falaria de pé. Na saleta da administração seria um aparato judicial; à sua mesa, o senhor administrador, grave como a personificação da Ordem; em redor os amanuenses, ativos sobre o seu papel selado; e o réu, defronte, na atitude tradicional dos criminosos políticos, os braços cruzados sobre o peito, a fronte alta desafiando a morte. Ele, Carlos, então, entraria e diria: *Senhor administrador, aqui venho espontaneamente pôr-me ao serviço da vindita social!*

— Hei-de-lhes mostrar, com uma lógica de ferro, que é tudo resultado duma conspiração do *racionalismo*. Podes estar certa, Amparozinho, é uma conspiração

do racionalismo! — disse, puxando, com um gemido de esforço, as presilhas dos botins de cano.

— E repara se ele fala da pequena, da S. Joaneira...

— hei de tomar notas. Mas não se trata da S. Joaneira. Isto é um processo político!

Atravessou o largo majestosamente, certo que os vizinhos, pelas portas, murmuravam: *Lá vai o Carlos depor...* Ia depor, sim, mas não sobre o murro no ombro de sua senhoria. Que importava o murro? O grave era o que estava por trás do murro — uma conspiração contra a Ordem, a Igreja, a Carta e a Propriedade! É o que ele provaria de alto ao senhor administrador. Este murro, ilustríssimo senhor, é o primeiro excesso duma grande

revolução social!

E empurrando o batente de baeta que dava acesso para a administração do concelho de Leiria, ficou um momento com a mão no ferrolho, enchendo o vão da porta da pompa da sua pessoa. Não, não havia o aparato judicial que ele concebera. O réu lá estava, sim, o pobre João Eduardo, mas sentado à beira do banco, com as orelhas em brasa, olhando estupidamente o soalho. Artur Couceiro, embaraçado com a presença daquele íntimo dos serões da S. Joaneira, ali no assento dos presos, para o não olhar fixara o nariz sobre o imenso copiador de ofícios, onde desdobrara o *Popular* da véspera. O amanuense Pires, de sobrancelhas muito erguidas e muito sérias, embebia-se na ponta da pena de

pato que aparava sobre a unha. O escrivão Domingos, esse sim, vibrava de atividade! O seu lápis rascunhava com furor; o processo estava-se decerto apressando; era tempo de trazer a sua ideia... E o Carlos então adiantando-se:

— Meus senhores! O senhor administrador?

Justamente, a voz de sua excelência chamou de dentro do seu gabinete:

— Ó Sr. Domingos?

O escrivão perfilou-se, puxando os óculos para a testa.

— Senhor administrador!

— O senhor tem fósforos?

O Domingos procurou ansiosamente pela algibeira, na gaveta, entre os papéis...

— Algum dos senhores tem fósforos?

Houve um rebuscar de mãos sobre a mesa... Não, não havia fósforos.

— Ó Sr. Carlos, o senhor tem fósforos?

— Não tenho, Sr. Domingos. Sinto.

O senhor administrador apareceu então, ajeitando as suas lunetas de tartaruga:

— Ninguém tem fósforos, hem? É extraordinário que não haja aqui nunca fósforos! Uma repartição destas sem um fósforo... Que fazem os senhores aos fósforos? Mande buscar por uma vez meia dúzia de caixas!

Os empregados olhavam-se consternados dessa falta flagrante no material do serviço administrativo. E o Carlos, apoderando-se logo da presença e da atenção de sua excelência:

— Senhor administrador, eu aqui venho... Aqui venho solícito e espontâneo, por assim dizer...

— Diga-me uma coisa, Sr. Carlos — interrompeu a autoridade. — O pároco e o outro ainda estão lá na botica?

— O senhor pároco e o Sr. padre Silvério ficaram com minha esposa a repousar da comoção que...

— Tem a bondade de lhes dizer que são cá precisos...

— Eu estou à disposição da lei.

— Que venham quanto antes... São cinco horas e meia, queremo-nos ir embora! Vejam que maçada tem sido esta aqui, todo o dia! A repartição fecha-se às três!

E sua excelência, rodando, sobre os tacões, foi debruçar-se à sacada do seu

gabinete, àquela sacada de onde ele diariamente, das onze às três, retorcendo o bigode louro e entesando o plastrão azul, depravava a mulher do Teles.

O Carlos abria já o batente verde, quanto um *pst* do Domingos o deteve.

— Ó amigo Carlos — e o sorrisinho do escrivão tinha uma suplicação tocante — desculpe, hem? Mas... Traz-me de lá uma caixita de fósforos?

Neste momento à porta aparecia o padre Amaro; e por trás a massa enorme do Silvério.

— Eu desejava falar ao senhor administrador em particular — disse Amaro.

Todos os empregados se ergueram; João Eduardo também, branco como a cal do muro. O pároco, com as suas passadas

sutis de eclesiástico, atravessou a repartição, seguido do bom Silvério que ao passar diante do escrevente descreveu de esguelha um semicírculo cauteloso, com terror ao réu; o senhor administrador acudira a receber suas senhorias; e a porta do gabinete fechou-se discretamente.

— Temos composição — rosnou o experiente Domingos, piscando o olho aos colegas.

O Carlos sentara-se descontente. Viera ali para esclarecer a autoridade sobre os perigos sociais que ameaçavam Leiria, o Distrito e a Sociedade, para ter o seu papel naquele processo, que, segundo ele, era um processo político — e ali estava calado, esquecido, no mesmo banco ao lado do réu! Nem lhe tinham oferecido uma cadeira! Seria realmente

intolerável que as coisas se arranjassem entre o pároco e o administrador sem o consultarem a ele! Ele, o único que percebera naquele murro dado no ombro do padre — não o punho do escrevente, mas a mão do Racionalismo! Aquele desdém pelas suas luzes parecia-lhe um erro funesto da administração do Estado. Positivamente o administrador não tinha a capacidade necessária para salvar Leiria dos perigos da revolução! Bem se dizia na Arcada — era uma bambocha!

A porta do gabinete entreabriu-se, e as lunetas do administrador reluziram.

— Ó Sr. Domingos, faz favor, vem-nos falar? — disse sua excelência.

O escrivão apressou-se com importância; e a porta cerrou-se de novo, confidencialmente. Ah! aquela porta,

fechada diante dele, deixando-o de fora, indignava o Carlos. Ali ficava, com o Pires, com o Artur, entre as inteligências subalternas, ele que prometera à Amparozinho falar de alto ao administrador! E quem era ouvido, e quem era chamado? O Domingos, um animal notório, que começava *satisfação* com *c* cedilhado! Que se podia de resto esperar duma autoridade que passava as manhãs de binóculo a desonrar uma família? Pobre Teles, seu vizinho, seu amigo!... Não, realmente devia falar ao Teles!

Mas a sua indignação cresceu, quando viu o Artur Couceiro, um empregado da repartição, na ausência do seu chefe, erguer-se da sua escrivaninha, vir familiarmente junto do réu, dizer-lhe com melancolia:

— Ah, João, que rapaziada, que rapaziada!... Mas a coisa arranja-se, verás!

João tinha encolhido tristemente os ombros. Havia meia hora que ali estava, sentado à beira daquele banco, sem se mexer, sem despregar os olhos do soalho, sentindo-se interiormente tão vazio de ideias, como se lhe tivessem tirado os miolos. Todo o vinho, que na taberna do Osório e no Largo da Sé lhe acendia na alma fogachos de cólera, lhe retesava os pulsos num desejo de desordem, parecia subitamente eliminado do seu organismo. Sentia-se agora tão inofensivo como quando no cartório aparava cautelosamente a sua pena de pato. Um grande cansaço entorpecia-o; e ali esperava, sobre o banco, numa inércia de

todo o seu ser, pensando estupidamente que ia viver para uma enxovia em S. Francisco, dormir numa palhoça, comer da Misericórdia... Não tornaria a passear na alameda, não veria mais Amélia... A casita em que vivia seria alugada a outro... Quem tomaria conta do seu canário? Pobre animalzinho, ia morrer de fome, decerto... A não ser que a Eugénia, a vizinha, o recolhesse...

O Domingos de repente saiu do gabinete de sua excelência, e fechando vivamente a porta sobre si, em triunfo:

— Que lhes dizia eu? Composição! Arranjou-se tudo!

E para João Eduardo:

— Seu felizão! Parabéns! Parabéns!

O Carlos pensou que aquele era o maior escândalo administrativo desde o

tempo dos Cabrais! E ia retirar-se enojado (como no quadro clássico o Estoico que se afasta duma orgia Patrícia) quando o senhor administrador abriu a porta do seu gabinete. Todos se ergueram.

Sua excelência deu dois passos na repartição, e revestido de gravidade, destilando as palavras, com as lunetas cravadas no réu:

— O Sr. padre Amaro, que é um sacerdote todo caridade e bondade, veio-me expor... Enfim, veio-me suplicar que não desse mais andamento a este negócio... Sua senhoria com razão não quer ver o seu nome arrastado nos tribunais. Além disso, como sua senhoria disse muito bem, a religião, de que ele é... de que ele é, posso dizê-lo, a honra e o modelo, impõe-lhe o perdão da ofensa...

Sua excelência reconhece que o ataque foi brutal, mas frustrado... Além disso parece que o senhor estava bêbedo...

Todos os olhos se fixaram em João Eduardo, que se fez escarlate. Aquilo pareceu-lhe nesse momento pior que a prisão.

— Enfim — continuou o administrador —, por altas considerações que eu pesei devidamente, tomo a responsabilidade de o soltar. Veja agora como se porta. A autoridade não o perde de olho... Bem, pode ir com Deus!

E sua excelência recolheu-se ao gabinete. João Eduardo ficou imóvel, como parvo.

— Posso ir, hem? — balbuciou.

— Para a China, para onde quiser! *Liberus, libera, liberum!* — exclamou o

Domingos que, interiormente detestando padres, jubilava com aquele final.

João Eduardo olhou um momento em redor os empregados, o carrancudo Carlos; duas lágrimas bailavam-lhe nas pálpebras; de repente agarrou o chapéu e abalou.

— Poupa-se um rico trabalhinho! — resumiu o Domingos, esfregando vivamente as mãos.

Imediatamente a papelada foi arrumada, aqui e além, à pressa. É que era tarde! O Pires recolhia as suas mangas de lustrina e a sua almofadinha de vento. O Artur enrolou os seus papéis de música. E no vão da janela, amuado, esperando ainda, o Carlos olhava sombriamente o largo.

Enfim os dois padres saíram

acompanhados até à porta pelo senhor administrador, que, terminados os deveres públicos, reaparecia homem de sociedade. — Então por que não tinha o amigo Silvério vindo a casa da baronesa de Via-Clara? Houvera um voltarete furibundo. O Peixoto levara dois codilhos. Tinha dito blasfémias medonhas!... Criado de suas excelências. Estimava bem que tudo se tivesse harmonizado. Cuidado com o degrau... Às ordens de suas excelências...

Ao voltar porém ao seu gabinete dignou-se parar diante da mesa do Domingos, e retomando alguma solenidade:

— A coisa passou-se bem. É um bocado irregular, mas sensata! Bem basta já os ataques que há contra o clero nos

jornais... A coisa podia fazer barulho. O rapaz era capaz de dizer que tinham sido ciúmes do padre, que queria desinquietar a rapariga, etc. É mais prudente abafar a coisa. Quanto mais que, segundo o pároco me provou, toda a influência que ele tem exercido. na Rua da Misericórdia ou onde diabo é, tem tido por fim livrar a rapariga de casar com aquele amigo, que, como se vê, é um bêbedo e uma fera!

O Carlos roía-se. Todas aquelas explicações eram dadas ao Domingos! A ele, nada! Ali ficava, esquecido no vão da janela!

Mas não! Sua excelência, de dentro do seu gabinete, chamou-o misteriosamente com o dedo.

Enfim! Precipitou-se, radiante, subitamente reconciliado com a

autoridade.

— Eu estava para passar pela botica — disse-lhe o administrador baixo e sem transição, dando-lhe um papel dobrado — para que me mandasse isto a casa, hoje. É um receita do doutor Gouveia... Mas já que o amigo aqui está...

— Eu tinha vindo para me pôr à disposição da vindita...

— Isso está acabado! — interrompeu vivamente sua excelência. — Não se esqueça, mande-me isso antes das seis. É para tomar ainda esta noite. Adeus. Não se esqueça!

— Não faltarei — disse secamente o Carlos.

Ao entrar na botica, a sua cólera flamejava. Ou ele não se chamava Carlos, ou havia de mandar uma correspondência

tremenda ao *Popular!*... Mas a Amparo, que lhe espreitara a volta da varanda, correu, atirando-lhe as perguntas:

— Então? Que se passou? O rapaz foi para a rua? Que disse ele? Como foi?

O Carlos fixava-a, com as pupilas chamejantes.

— Não foi culpa minha, mas triunfou o materialismo! Eles o pagarão!

— Mas tu que disseste?

Então, vendo os olhos da Amparo e os do praticante abertos para devorar a citação do seu depoimento — o Carlos, tendo de ressalvar a dignidade de esposo e a superioridade de patrão, disse laconicamente:

— Dei a minha opinião, com firmeza!

— E ele que disse, o administrador?

Foi então que o Carlos, recordando-se, leu a receita que amarrotara na mão. A indignação emudeceu-o — vendo que era aquele todo o resultado da sua grande entrevista com a autoridade!

— Que é? — perguntou sofregamente a Amparo.

O que era? E no seu furor, desdenhando o segredo profissional e o bom renome da autoridade, o Carlos exclamou:

— É um frasco de xarope de Gibert para o senhor administrador! Aí tem a receita, Sr. Augusto.

Amparo, que, com alguma prática de farmácia, conhecia os benefícios do mercúrio, fez-se tão escarlate como as fitas flamejantes que lhe enfeitavam a cuia.

Toda essa tarde se falou com excitação pela cidade da «tentativa de assassinato de que estivera para ser vitima o senhor pároco». Algumas pessoas censuravam o administrador por não ter procedido: os cavalheiros da oposição sobretudo, que viram na debilidade daquele funcionário uma prova incontestável de que o governo ia, com os seus desperdícios e as suas corrupções, levando o país a um abismo!

Mas o padre Amaro, esse, era admirado como um santo. Que piedade! que mansidão! O senhor chantre mandou-o chamar à noitinha, recebeu-o paternalmente com um «viva o meu cordeiro pascal!». E depois de escutar a

história do insulto, a generosa intervenção...

— Filho — exclamou —, isso é aliar a mocidade de Telémaco à prudência de Mentor! Padre Amaro, você era digno de ser sacerdote de Minerva na cidade de Salento!

Quando Amaro entrou à noite em casa da S. Joaneira foi como a aparição dum santo escapo às feras do Circo ou à plebe de Diocleciano! Amélia, sem disfarçar a sua exaltação, apertou-lhe ambas as mãos, muito tempo, toda trémula, com os olhos húmidos. Deram-lhe, como nos grandes dias, a poltrona verde do cónego. A Sra. D. Maria da Assunção quis mesmo que se lhe pusesse uma almofada para ele apoiar o ombro dorido. Depois, teve de contar

miudamente toda a cena, desde o momento em que, conversando com o colega Silvério (que se portara muito bem), avistara o escrevente no meio do largo, de bengalão alçado e ar de mata-mouros...

Aqueles detalhes indignavam as senhoras. O escrevente aparecia-lhes pior que Longuinhos e que Pilatos. Que malvado! O senhor pároco devia-o ter calcado aos pés! Ah! era dum santo, ter perdoado!

— Fiz o que me inspirou o coração — disse ele baixando os olhos. — Lembrei-me das palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: ele manda oferecer a face esquerda depois de ter sido esbofeteado na face direita...

O cónego, a isto, escarrou grosso e observou:

— Eu lhe digo. Eu, se me atirarem um bofetão à face direita... Enfim, são ordens de Nosso Senhor Jesus Cristo, ofereço a face esquerda. São ordens de cima!... Mas depois de ter cumprido esse dever de sacerdotes, oh, senhoras, desanco o patife!

— E doeu-lhe muito, senhor pároco? — perguntou do canto uma vozinha expirante e desconhecida.

Acontecimento extraordinário! Era a Sra. D. Ana Gansoso que falara depois de dez longos anos de taciturnidade sonolenta! Aquele torpor que nada sacudira, nem festas, nem lutos, tinha enfim, sob um impulso de simpatia pelo senhor pároco, uma vibração humana! Todas as senhoras lhe sorriram, agradecidas: e Amaro, lisonjeado,

respondeu com bondade:

— Quase nada, Sra. D. Ana, quase nada, minha senhora... Que ele deu de rijo! Mas eu sou de boa carnadura.

— Ai, que monstro! — exclamou D. Josefa Dias, furiosa à ideia do punho do escrevente descarregado sobre aquele ombro santo. — Que monstro! Eu queria-o ver com uma grilheta a trabalhar na estrada! Que eu é que o conhecia! A mim nunca ele me enganou... Sempre lhe achei cara de assassino!

— Estava embriagado, homens com vinho... — arriscou timidamente a S. Joaneira.

Foi um clamor. Ai, que o não desculpasse! Parecia até sacrilégio! Era uma fera, era uma fera!

E a exultação foi grande quando

Artur Couceiro, aparecendo, deu logo da porta a novidade, a última: o Nunes mandara chamar o João Eduardo e dissera-lhe (palavras textuais): «Eu, bandidos e malfeitores não os quero no meu cartório. Rua!»

A S. Joaneira então comoveu-se:

— Pobre rapaz, fica sem ter que comer...

— Que beba! Que beba! — gritou a Sra. D. Maria da Assunção.

Todos riram. Só Amélia, curvada sobre a sua costura, se fizera muito pálida, aterrada àquela ideia que João Eduardo teria talvez fome...

— Pois olhem, não acho caso para rir! — disse a S. Joaneira. — É até coisa que me vai tirar o sono... Pensar que o rapaz há de querer um bocado de pão e

não o há de ter... Credo! Não, isso não! E o Sr. padre Amaro desculpe...

Mas Amaro também não desejava que o rapaz caísse em miséria! Não era homem de rancor, ele! E se o escrevente viesse à sua porta, com necessidade, duas ou três placas (não era rico, não podia mais), mas três ou quatro placas dava-lhas... Dava-lhas de coração.

Tanta santidade fanatizou as velhas. Que anjo! Olhavam-no, babosas, com as mãos vagamente postas. A sua presença, como a dum S. Vicente de Paula, exalando caridade, dava à sala uma suavidade de capela: e a Sra. D, Maria da Assunção suspirou de gozo devoto.

Mas Natário apareceu, radiante. Deu grandes apertos de mãos em redor, rompeu em triunfo:

— Então já sabem? O patife, o assassino, escorraçado de toda a parte como um cão! O Nunes expulsou-o do cartório. O doutor Godinho disse-me agora que no governo civil não punha ele os pés. Enterrado, demolido! É um alívio para a gente de bem!

— E ao Sr. padre Natário se deve! — exclamou D. Josefa Dias.

Todos o reconheciam. Fora ele, com a sua habilidade, a sua lábia, que descobrira a perfídia de João Eduardo, salvara a Ameliazinha, Leiria, a Sociedade.

— E em tudo o que pretender, o maroto, há de encontrar-me pela frente. Enquanto ele estiver em Leiria não o largo! Que lhes disse eu, minha senhoras?... «Eu é que o esmago!» Pois aí

o têm esmagado!

A sua face biliosa resplandecia. Estirou-se na poltrona, regaladamente, no repouso merecido de uma vitória difícil. E voltando-se para Amélia;

— E agora, o que lá vai, lá vai! Livrou-se de uma fera, é o que lhe posso dizer!

Então os louvores — que já lhe tinham repetido prolixamente desde que ela rompera com a fera — recomeçaram, mais vivos:

— Foi a coisa de mais virtude que tens feito em toda a tua, vida!

— É a graça de Deus que te tocou!

— Estás em graça, filha!

— Enfim é Santa Amélia — disse o cónego erguendo-se, enfastiado daquelas glorificações. — Pois parece-me que

temos falado bastante do patife... Mande agora a senhora vir o chá, hem?

Amélia permanecia calada, cosendo à pressa; erguia às vezes rapidamente para Amaro um olhar desassossegado; pensava em João Eduardo, nas ameaças de Natário; e imaginava o escrevente com as faces encovadas de fome, foragido, dormindo pelas portas dos casais... E enquanto as senhoras se acomodavam, palrando, à mesa do chá, ela pôde dizer baixo a Amaro:

— Não posso sossegar com a ideia que o rapaz sofra necessidades... Eu bem sei que é um malvado, mas... É como um espinho cá por dentro. Tira-me toda a alegria.

O padre Amaro disse-lhe então, com muita bondade, mostrando-se superior à

injúria, num alto espirito de caridade cristã:

— Minha rica filha, são tolices... O homem não morre de fome. Ninguém morre de fome em Portugal. É novo, tem saúde, não é tolo, há-de-se arranjar... Não pense nisso... Aquilo é palavreado do padre Natário... O rapaz naturalmente sai de Leiria, não tomamos a ouvir falar dele... E em toda a parte há de ganhar a vida... Eu por mim perdoei-lhe, e Deus há de tomar isso em conta...

Estas palavras tão generosas, ditas baixo, com um olhar amante, tranquilizaram-na inteiramente. A clemência, a caridade do senhor pároco pareceram-lhe melhores que tudo o que ouvira ou lera de santos e de monges piedosos.

Depois do chá, ao quino, ficou junto dele. Uma alegria plena e suave penetrava-a deliciosamente. Tudo o que até aí a importunara e a assustara, João Eduardo, o casamento, os deveres, desaparecera enfim da sua vida: o rapaz iria para longe, empregar-se — e o senhor pároco ali estava, todo dela, todo apaixonado! Por vezes, por baixo da mesa, os seus joelhos tocavam-se, a tremer; num momento em que todos faziam um alarido indignado contra Artur Couceiro que pela terceira vez *quinara* e brandia o cartão triunfante, foram as mãos que se encontraram, se acariciaram; um pequeno suspiro simultâneo, perdido na gralhada das velhas, ergueu o peito de ambos; e até ao fim da noite foram marcando os seus cartões, muitos calados,

com as faces acesas, sob a pressão brutal do mesmo desejo.

Enquanto as senhoras se agasalhavam, Amélia aproximou-se do piano para correr uma escala, e Amaro pôde murmurar-lhe ao ouvido:

— Oh filhinha, que te quero tanto! E não podermos estar sós...

Ela ia responder quando a voz de Natário, que se embrulhava no seu capote ao pé do aparador, exclamou, muito severa:

— Então as senhoras deixam andar por aqui semelhante livro?

Todos se voltaram, na surpresa que dava aquela indignação, a olhar o largo volume encadernado que Natário indicava com a ponta do guarda-chuva, como um objeto abominável. D. Maria da Assunção

aproximou-se logo de olho reluzente, imaginando que seria alguma dessas novelas, tão famosas, em que se passam coisas imorais. E Amélia chegando-se também, disse, admirada de tal reprovação: .

— Mas é o *Panorama*... É um volume do *Panorama*...

— Que é o Panorama vejo eu — disse Natário, com secura. — Mas também vejo isto. — Abriu o volume na primeira página branca, e leu alto: *Pertence-me este volume a mim, João Eduardo Barbosa, e serve-me de recreio nos meus ócios*. Não compreende, hem? Pois é muito simples... Parece incrível que as senhoras não saibam que esse homem, desde que pôs as mãos num sacerdote, está *ipso facto* excomungado, e

excomungados todos os objetos que lhe pertencem!

Todas as senhoras, instintivamente, afastaram-se do aparador onde jazia aberto o *Panorama* fatal, arrebanhando-se, num arrepiamento de medo, àquela ideia da Excomunhão que se lhes representava com um desabamento de catástrofes, um aguaceiro de raios despedidos das mãos do Deus Vingador: e ali ficaram mudas, num semicírculo apavorado, em torno de Natário, que, de capotão pelos ombros e braços cruzados, gozava o efeito da sua revelação.

Então a S. Joaneira, no seu assombro, arriscou-se a perguntar:

— O Sr. padre Natário está a falar sério?

Natário indignou-se:

— Se estou a falar sério!? Essa é forte! Pois eu havia de gracejar sobre um caso de excomunhão, minha senhora? Pergunte aí ao senhor cónego se eu estou a gracejar!

Todos os olhos se voltaram para o cónego, essa inesgotável fonte de saber eclesiástico.

Ele então, tomando logo o ar pedagógico que lhe voltava dos seus antigos hábitos do seminário sempre que se tratava de doutrina, declarou que o colega Natário tinha razão. Quem espanca um sacerdote, sabendo que é um sacerdote, está *ipso facto* excomungado. É doutrina assente. É o que se chama a excomunhão latente; não necessita a declaração do pontífice ou do bispo, nem o cerimonial, para ser válida, e para que

todos os fiéis considerem o ofensor como excomungado. Devem-no tratar portanto como tal... Evitá-lo a ele, e ao que lhe pertence... E este caso de pôr mãos sacrílegas num sacerdote era tão especial, continuava o cónego num tom profundo, que a bula do papa Martinho V, limitando os casos de excomunhão tácita, conserva-a todavia para o que maltrata um sacerdote... Citou ainda mais bulas, as constituições de Inocêncio IX e de Alexandre VII, a Constituição Apostólica, outras legislações temerosas; rosnou latins, aterrou as senhoras.

— Esta é a doutrina — concluiu dizendo —; mas a mim parece-me melhor não se fazer disso espalhafato...

D. Josefa Dias acudiu logo:

— Mas nós é que não podemos

arriscar a nossa alma a encontrar aqui por cima das mesas coisas excomungadas.

— É destruir! — exclamou D. Maria da Assunção. — É queimar, é queimar!

D. Joaquina Gansoso arrastara Amélia para o vão da janela, perguntando-lhe se tinha outros objetos pertencentes ao homem. Amélia, atarantada, confessou que tinhas algures, não sabia onde, um lenço, uma luva desirmanada, e uma cigarreira de palhinha.

— É para o fogo, é para o fogo! — gritava a Gansoso excitada.

A sala vibrava agora com a gralhada das senhoras, arrebatadas num furor santo. D. Josefa Dias,

D. Maria da Assunção falavam com gozo do *fogo*, enchendo a boca com a

palavra, numa delícia inquisitorial de exterminação devota. Amélia e a Gansoso, no quarto, rebuscavam pelas gavetas, por entre a roupa branca, as fitas e as calcinhas, à caça dos «objetos excomungados». E a S. Joaneira assistia, atónita e assustada, àquele alarido de auto de fé que atravessava bruscamente a sua pacata, refugiada ao pé do cónego, que depois de ter rosnado algumas palavras sobre «a Inquisição em casas particulares», se enterrara comodamente na poltrona.

— É para lhes fazer sentir que se não perde impunemente o respeito à batina — dizia Natário baixo a Amaro.

O pároco assentiu, com um gesto mudo de cabeça, contente daquelas cóleras beatas que eram como a afirmação

ruidosa do amor que lhe tinham as senhoras.

Mas D. Josefa impacientava-se. Agarrara já o *Panorama* com as pontas do xale, para evitar o contágio, e gritava para dentro, para o quarto, onde continuava pelos gavetões uma rebusca furiosa:

— Então apareceu?

— Cá está, cá está!

Era a Gansoso que entrava triunfante com a cigarreira, a velha luva e o lenço de algodão.

E as senhoras, com alarido, arremeteram para a cozinha. A mesmas S. Joaneira as seguiu, como boa dona de casa, para fiscalizar a fogueira.

Os três padres então, sós, olharam-se e riram.

— As mulheres têm o diabo no corpo

— disse o cónego filosoficamente.

— Não senhor, padre-mestre, não senhor — acudiu logo Natário fazendo-se sério. — Eu rio, porque a coisa, assim vista, parece patusca. Mas o sentimento é bom. Para a verdadeira devoção ao sacerdócio, horror à impiedade... enfim o sentimento é excelente.

— O sentimento é excelente — confirmou Amaro, também sério.

O cónego ergueu-se:

— E é que se pilhassem o homem eram capazes de o queimar... Não lho digo a brincar, que a mana tem fígados para isso... É um Torquemada de saias...

— Está na verdade, está na verdade — afirmou Natário.

— Eu não resisto a ir ver a execução! — exclamou o cónego. — Eu

quero ver com os meus olhos!

E os três padres então foram até à porta da cozinha. As senhoras lá estavam, em pé diante da lareira, batidas da luz violenta da fogueira que fazia destacar estranhamente as mantas de agasalho de que já se tinham coberto. A *Ruça*, de joelhos, soprava esfalfada. Tinham cortado com o facão a encadernação do *Panorama*; e as folhas retorcidas e negras, com um faiscar de fagulhas, voavam pela chaminé nas línguas de fogo claro. Só a luva de pelica não se consumia. Debalde com as tenazes a punham no vivo da chama: tisnava, reduzida a um caroço engorolado; mas não ardia. E a sua resistência aterrava as senhoras.

— É que é da mão direita com que

cometeu o desacato! — dizia furiosa D. Maria da Assunção.

— Bufa-lhe, rapariga, bufa-lhe — aconselhava da porta o cónego muito divertido.

— O mano faz favor de não troçar com coisas sérias! — gritou D. Josefa.

— Oh, mana! A senhora quer saber melhor que um sacerdote como é que se queima um ímpio? A pretensão não está má! É bufar-lhe, é bufar-lhe!

Então, confiadas na ciência do senhor cónego, a Gansoso e D. Maria da Assunção, acocoradas, bufaram também. As outras olhavam, num sorriso mudo, o olho brilhante e cruel, no gozo daquela exterminação grata a Nosso Senhor. O fogo estalava, pulando com uma força galharda, na glória da sua antiga função de

purificador dos pecados. E por fim sobre as achas em brasa, nada restou do *Panorama*, do lenço e da luva do ímpio.

A essa hora João Eduardo, o ímpio, no seu quarto, sentado aos pés da cama, soluçava, com a face banhada em lágrimas, pensando em Amélia, nos bons serões da Rua da Misericórdia, na cidade para onde iria, na roupa que empenharia e perguntando em vão a si mesmo por que o tratavam assim, ele que era tão trabalhador, que não queria mal a ninguém, e que a adorava tanto, a ela.

15

No domingo seguinte havia missa cantada na Sé, e a S. Joaneira e Amélia atravessaram a Praça para ir buscar D. Maria da Assunção, que em dias de mercado e de «populacho» nunca saia só, receosa que lhe roubassem as joias ou lhe insultassem a castidade.

Nessa manhã, com efeito, a afluência das freguesias enchia a Praça: os homens em grupo, atravancando a rua, muito sérios, muito barbeados, de jaqueta ao ombro; as mulheres aos pares, com uma fortuna de grilhões e de corações de ouro sobre peitos pejados; nas lojas, os caixeiros azafamavam-se por trás dos balcões alastrados de lençaria e de chitas;

nas tabernas apinhadas gralhava-se alto; pelo mercado, entre os sacos de farinha, os montões de louça, os cestos de broa, ia um regatear sem fim; havia multidão ao pé das tendas onde reluzem os espelhinhos redondos e trasbordam os molhos de rosários; velhas faziam pregão por trás dos seus tabuleiros de cavacas; e os pobres, afreguesados à cidade, choramigavam Padre-Nossos pelas esquinas.

Já senhoras passavam para a missa, todas em sedas, de rostinho sisudo; e a Arcada estava cheia de cavalheiros, tesos nos seus fatos de casimira nova, fumando caro, gozando o domingo.

Amélia foi muito olhada: o filho do recebedor, um atrevido, disse mesmo alto dum grupo: *Ai, que me leva o coração*! E

as duas senhoras, apressando-se, dobravam para a Rua do Correio, quando lhes apareceu o Libaninho de luvas pretas e cravo ao peito. Não as tinha visto desde «o desacato do Largo da Sé», e rompeu logo em exclamações. Ai, filhas, que desgosto aquele! O malvado do escrevente! Ele tinha tido tanto que fazer, que só nessa manhã é que pudera ir ao senhor pároco dar-lhe os sentimentos; o santinho recebera-o muito bem, estava-se a vestir; ele quis ver-lhe o braço e felizmente, louvores a Deus, nem uma pisadura... E se elas vissem, que carnadura tão delicada, que pele tão branca... Uma pelinha de arcanjo!

— Mas querem vocês saber, filhas? Encontrei-o numa grande aflição!

As duas senhoras assustaram-se.

Porquê, Libaninho?

A criada, a Vicência, que havia dias se queixava, tinha ido nessa madrugada para o hospital com um febrão...

— E ali está o pobre santo sem criada, sem nada! Vejam vocês! Para hoje bem, que vai jantar com o nosso cónego (também lá estive, ai, que santo!), mas amanhã, mas depois? Que ele já tem em casa a irmã da Vicência, a Dionísia... Mas, oh, filhas, a Dionísia! Foi o que eu lhe disse: a Dionísia pode ser uma santa, mas que reputação!... É que não há pior em Leiria... Uma perdida que não põe os pés na igreja... Tenho a certeza que o senhor chantre até havia de reprovar!

As duas senhoras concordaram logo que a Dionísia (mulher que não cumpria os preceitos, que representara em teatros

de curiosos) não convinha ao senhor pároco...

— Olha, S. Joaneira — disse Libaninho —, sabes o que lhe convinha? Eu lá lho disse, lá lhe fiz a proposta. É ferrar-se outra vez em sua casa. Que é onde está bem, com gente que o acarinha, que lhe trata da roupa, que lhe sabe os gostos, e onde tudo é virtude! Ele não disse que *não*, nem que *sim*. Mas olha que se lhe podia ler na cara que está a morrer por isso... Tu é que lhe devias falar S. Joaneirinha!

Amélia fizera-se tão escarlate como a sua gravata de seda da Índia. E a S. Joaneira disse ambiguamente:

— Falar-lhe, não... Eu nessas coisas sou muito delicada... Bem compreendes...

— Era como teres um santo de portas

adentro, filha! — disse com calor o Libaninho. — Lembra-te disso! E era um gosto para todos... Tenho a certeza que até Nosso Senhor se havia de alegrar... E agora adeus, pequenas, que vou de fugida. Não vos demoreis, que está a missinha a cair.

As duas senhoras continuaram caladas até casa de D. Maria da Assunção. Nenhuma queria arriscar primeiro uma palavra sobre aquela possibilidade tão inesperada, tão grave, do senhor pároco voltar para a Rua da Misericórdia! Foi só quando pararam que a S. Joaneira disse, ao puxar a campainha:

— Ai, o senhor pároco realmente não pode ter a Dionísia de portas adentro...

— Credo, até causa horror!

Foi também a expressão da Sra. D. Maria da Assunção quando lhe contaram, em cima, a doença da Vicência e a instalação da Dionísia: causava horror!

— Que eu não a conheço — disse a excelente senhora. — E tenho até vontade de a conhecer. Que me dizem que é dos pés à cabeça uma crosta de pecado!

A S. Joaneira então falou da «proposta do Libaninho». D. Maria da Assunção declarou logo com ardor que era uma inspiração de Nosso Senhor. Que nunca o senhor pároco devia ter saído da Rua da Misericórdia! Até parece que mal ele se fora embora, Deus retirara a sua graça da casa... Não houvera senão desgostos — o *Comunicado*, a dor de estômago do cónego, a morte da entrevadinha, aquele desgraçado

casamento (que estivera por um *triz*, que horror!), o escândalo do Largo da Sé... A casa tinha parecido enguiçada!... E era até pecado deixar viver o santinho naquele desarranjo, com a suja da Vicência, que nem lhe sabia dar uma passagem nas meias!

— Em parte nenhuma pode estar melhor que em tua casa... Tem tudo o que necessita, de portas adentro... E para ti é uma honra, é estar em graça. Olha, filha, se eu não fosse só, sempre o digo, quem o hospedava era eu! Que aqui é que ele estava bem... Que salinha para ele, hem?

Riam-se-lhe os olhos, contemplando em redor as suas preciosidades.

A sala com efeito era toda ela uma imensa armazenagem de santaria e de *bric-à-brac* devoto; sobre as duas

cómodas de pau-preto com fechaduras de cobre apinhavam-se, sobre redomas, em peanhas, as Nossas Senhoras vestidas de seda azul, os Meninos Jesus frisados com o ventrezinho gordo e a mão abençoadora, os Santos Antónios no seu burel, os S. Sebastiões bem frechados, os S. Josés barbudos. Havia santos exóticos, que eram o seu orgulho, que lhe fabricavam em Alcobaça — S. Pascoal Bailão, S. Didácio, S. Crisolo, S. Gorislano... Depois eram os bentinhos, os rosários de metal e de caroços de azeitonas, contas de cores, rendas amarelas de antigas alvas, corações de vidro escarlate, almofadinhas com J. M, entrelaçados a missanga, ramos bentos, palmas de mártires, cartuchinhos de incenso. As paredes desapareciam forradas de estampas de Virgens de todas

as devoções, — equilibradas sobre o orbe, enrodilhadas aos pés da cruz, traspassadas de espadas. Corações de onde gotejava sangue, corações de onde saia uma fogueira, corações de onde dardejavam raios; orações encaixilhadas para as festas particularmente amadas — o *Casamento de Nossa Senhora*, *a Invenção da Santa Cruz*, *os Estigmas de S. Francisco*, sobretudo o *Parto da Santa Virgem*, a mais devota, que vem pelas quatro têmporas. Sobre as mesas lamparinas acesas, para serem colocadas sem demora aos santos especiais, quando a boa senhora tivesse a sua ciática, ou que o catarro se assanhasse, ou lhe viessem as cãibras. Ela mesma, só ela, arrumava, espanejava, lustrava toda aquela santa população celeste, aquele arsenal beato,

que era apenas suficiente para a salvação da sua alma e o alívio dos seus achaques. O seu grande cuidado era a colocação dos santos; alterava-a constantemente, porque às vezes, por exemplo, sentia que Santo Eleutério não gostava de estar ao pé de S. Justino, e ia então pendurá-lo a distância, numa companhia mais simpática ao santo. E distinguia-os (segundo os preceitos do ritual que o confessor lhe explicava), dando-lhes uma devoção graduada, e não tendo por S. José de segunda classe o respeito que sentia por S. José de primeira classe. Aquela riqueza era a inveja das amigas, a edificação dos curiosos, e fazia sempre dizer ao Libaninho quando a vinha visitar, abrangendo a sala num olhar langoroso: — Ai, filha, é o reininho dos Céus!

— Não é verdade — continuava a excelente senhora radiante —, que ele aqui é que estava bem, o santinho do pároco? É como ter o Céu debaixo da mão!

As duas senhoras concordaram. Ela podia ter a sua casa arranjada com devoção, ela que era rica...

— Não o nego, tenho aqui empregadinhos alguns centos de mil réis. Sem contar o que está no relicário...

Ah, o famoso relicário de sândalo forrado de cetim! Tinha lá uma lascazinha da verdadeira Cruz, um bocado quebrado do espinho da Coroa, um farrapinho do cueiro do Menino Jesus. E murmurava-se com azedume, entre as devotas, que coisas tão preciosas, de origem divina, deviam estar no sacrário da Sé. D. Maria da

Assunção temendo que o senhor chantre soubesse daquele tesouro seráfico, só o mostrava às íntimas, misteriosamente. E o santo sacerdote, Que lho obtivera, fizera-a jurar sobre o Evangelho de não revelar a procedência «para evitar falatórios».

A S. Joaneira, como sempre, admirou sobretudo o farrapinho do cueiro.

— Que relíquia, que relíquia! — murmurava.

E D. Maria da Assunção muito baixo:

— Não há melhor. Trinta mil réis me custou... Mas dava sessenta, mas dava cem! Mas dava tudo! — E babando-se toda, diante do trapinho precioso: — O cueirinho! — dizia quase a chorar. — Meu rico menino, o seu cueirinho...

Deu-lhe um beijo muito repenicado,

e foi fechar o relicário no gavetão.

Mas o meio-dia ia bater e as três senhoras apressaram-se para a Sé, para pilhar lugar no altar-mor.

Já no largo encontraram D. Josefa Dias, que se precipitava para a igreja, sôfrega da missa, com o mantelete descaído sobre o ombro e uma pluma do chapéu a despregar-se. Tinha estado toda a manhã num frenesi com a criada! Fora necessário fazer ela todos os preparos para o jantar... Ai, tinha medo que nem a missinha lhe desse virtude, de nervosa que estava...

— Que temos lá o senhor pároco hoje... Vocês sabem que adoeceu a criada... Ah, já me esquecia, o mano quer que tu lá vás jantar também, Amélia. Diz que é para haverem duas damas e dois

cavalheiros... Amélia riu de alegria.

— E tu vai depois buscá-la, S. Joaneira, à noitinha... Credo, vesti-me tanto à pressa, que até parece que me está a cair o saiote!

Quando as quatro senhoras entraram, a igreja estava já cheia. Era uma missa cantada ao Santíssimo. E apesar de contrário ao rigor do ritual, por um costume diocesano (que o bom Silvério, muito estrito na liturgia, nunca cessava de reprovar) havia, estando presente a Eucaristia, música de rabeca, violoncelo e flauta. O altar, muito ornado, com as relíquias expostas, destacava numa alvura festiva; dossel, frontal, paramentos das missas eram brancos, com relevos de ouro desmaiado; nos vasos erguiam-se ramos piramidais de flores e folhagens brancas;

os veludilhos decorativos, dispostos como velários, punham dos dois lados do tabernáculo a brancura de duas vastas asas desdobradas, lembrando a Pomba Espiritual; e os vinte castiçais erguiam a suas chamas amarelas em trono até ao sacrário aberto, que mostrava de alto, engastada num rebrilhar de ouros vivos, a hóstia redonda e baça. Por toda a igreja apinhada corria uma sussurração lenta; aqui e além um catarro expetorava, uma criança choramingava; o ar adensava-se já dos hálitos juntos e de um cheiro de incenso; e do coro, onde as figuras dos músicos se moviam por trás dos braços dos rabecões e das estantes, vinha a cada momento um afinar gemido de rabeca, ou um pio de flautim. As quatro amigas tinham-se apenas acomodado junto ao

altar-mor, quando os dois acólitos, um teso como um pinheiro, o outro gordalhufo e enxovalhado, entraram do lado da sacristia, sustentando alto e direito nas mãos os dois castiçais consagrados; atrás o Pimenta vesgo, com uma sobrepeliz muito vasta para ele, lançando os seus sapatões em passadas pomposas, trazia o incensador de prata; depois sucessivamente, durante o rumor do ajoelhar pela nave e do folhear dos livrinhos, apareceram os dois diáconos; e enfim, paramentado de branco, de olhos baixos e mãos postas, com aquele recolhimento humilde que pede o ritual e que exprime a mansidão de Jesus marchando ao Calvário, entrou o padre Amaro — ainda vermelho da questão furiosa que tivera na sacristia, antes de se

revestir, por causa da lavagem das alvas.

E o coro imediatamente atacou o *Introito*.

Amélia passou a sua missa embevecida, pasmada para o pároco — que era, como dizia o cónego, «um grande artista para missas cantadas»; todo o cabido, todas as senhoras o reconheciam. Que dignidade, que cavalheirismo nas saudações cerimoniosas aos diáconos! Como se prostrava bem diante do altar, aniquilado e escravizado, sentindo-se cinza, sentindo-se pó diante de Deus, que assiste de perto, cercado da sua corte e da sua família celeste! Mas era sobretudo admirável nas bênçãos; passava devagar as mãos sobre o altar como para apanhar,

recolher a graça que ali caía do Cristo presente, e atirava-a depois com um gesto largo de caridade por toda a nave, por sobre o estendal de lenços brancos de cabeça, até ao fundo onde os homens do campo muito apertados, de varapau na mão, pasmavam para a cintilação do sacrário! Era então que Amélia o amava mais, pensando que aquelas mãos abençoadoras lhas apertava ela core paixão por baixo da mesa do quino: aquela voz, com que ele lhe chamava *filhinha*, recitava agora as orações inefáveis, e parecia-lhe melhor que o gemer das rabecas, revolvia-a mais que os graves do órgão! Imaginava com orgulho que todas as senhoras decerto o admiravam também; mas só tinha ciúmes, um ciúme de devota que sente os encantos

do Céu, quando ele ficava diante do altar, na posição estática que manda o ritual, tão imóvel como se a sua alma se tivesse remontado longe, para as alturas, para o Eterno e para o Insensível. Preferia-o, por o sentir mais humano e mais acessível, quando, durante o *Kyrie* ou a leitura da Epistola, ele se sentava com os diáconos no banco de damasco vermelho; ela queria então atrair-lhe um olhar; mas o senhor pároco permanecia de olhos baixos, numa compostura modesta.

Amélia, sentada sobre os calcanhares, com a face banhada num sorriso, admirava-lhe o perfil, a cabeça bem-feita, os paramentos dourados — e lembrava-se quando o vira a primeira vez descendo a escada da Rua da Misericórdia, com o seu cigarro na mão.

Que romance se passara desde essa noite! Recordava o Morenal, o salto do valado, a cena da morte da titi, aquele beijo ao pé da lareira... Ai, como acabaria tudo aquilo? Queria então rezar; folheava o livro, mas vinha-lhe à ideia o que o Libaninho nessa manhã dissera: «O senhor pároco tinha uma pelezinha tão branca como um arcanjo...» Devia-a ter decerto muito delicada, muito tenra... Um desejo intenso queimava-a: imaginava que era uma tentadora visitação do demónio, — e para a repelir arregalava os olhos para o sacrário e para o trono que o padre Amaro, cercado dos diáconos, incensava em semicírculos significando a Eternidade dos Louvores, enquanto o coro berrava o *Ofertório*... Depois ele mesmo, de pé, no segundo degrau do altar, de mãos postas,

foi incensado; o Pimenta vesgo fazia ranger galhardamente as correntes de prata do turíbulo; um perfume de incenso derramava-se, como uma anunciação celeste; enevoava-se o sacrário sob os rolos alvos de fumo; e o pároco aparecia a Amélia transfigurado, quase divinizado!... Oh, adorava-o então!

A igreja tremia ao clamor do órgão em pleno; de bocas abertas, os coristas solfejavam a toda a força; em cima, alçando-se entre os braços dos rabecões, o mestre da capela, no fogo da execução, brandia desesperadamente a sua batuta feita dum rolo de cantochão.

Amélia saiu da igreja muito fatigada, muito pálida.

Ao jantar, em casa do cónego, a Sra. D. Josefa censurou-a repetidamente de «não dar palavra». Não falava, mas debaixo da mesa o seu pezinho não cessava de roçar, pisar o do padre Amaro. Como escurecera cedo tinham acendido as velas; o cónego abrira uma garrafa, não do seu famoso *duque* de 1815, mas do «1847», para acompanhar a travessa de aletria que enchia o centro da mesa, com as iniciais do pároco desenhadas a canela; era, como explicara o cónego, «uma galantaria da mana ao convidado». Amaro fizera logo uma saúde com o 1847 «à digna dona da casa». Ela resplandecia, medonha no seu vestido de barege verde. O que sentia é que o jantar fosse tão mau... Que aquela Gertrudes estava-se a fazer uma desleixada... Ia-lhe deixando

esturrar o pato com macarrão!

— Oh, minha senhora, estava delicioso! — protestou o pároco.

— São favores do senhor pároco. É porque eu lhe acudi a tempo... Mais uma colherzinha de aletria, senhor pároco.

— Nada mais, minha senhora, tenho a minha conta.

— Então para desgastar, vá mais esse copito do 47 — disse o cónego.

Ele mesmo bebeu pausadamente um bom gole, deu um *ah* de satisfação, e repoltreando-se:

— Boa gota! Assim pode-se viver!

Estava já rubro, e parecia mais obeso, com o seu grosso jaquetão de flanela e o guardanapo atado ao pescoço.

— Boa gota — repetiu —, deste não provou hoje você nas galhetas.

— Credo, mano! — exclamou D. Josefa com a boca cheia de fios de aletria, muito escandalizada da irreverência.

O cónego encolheu os ombros com desprezo.

— O credo é para a missa! Esta pretensão de se meter sempre em questões que não percebe! Pois fique sabendo que é duma grande importância a questão da qualidade do vinho, na missa. É que é necessário que o vinho seja bom...

— Concorre para a dignidade do santo sacrifício — disse o pároco muito sério, fazendo uma carícia de joelho a Amélia.

— E não é só isso — disse o cónego tomando logo o tom de pedagogo. — É que o vinho, quando não é bom ou tem ingredientes, deixa um depósito nas

galhetas; e, se o sacristão não é cuidadoso e não as limpa, as galhetas ganham um cheiro péssimo. E sabe a senhora o que acontece? Acontece que o sacerdote, quando vai a beber o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, não está prevenido e faz-lhe uma careta. Ora aí tem a senhora!

E deu um forte chupão ao cálice. Mas estava falador nessa noite, e depois de arrotar devagar, interpelou de novo D. Josefa, assombrada de tanta ciência.

— E diga-me lá então a senhora, já que é tão doutora. O vinho, no divino sacrifício, deve ser branco ou tinto?

D. Josefa parecia-lhe que devia ser tinto, para se parecer mais com o sangue de Nosso Senhor.

— Emende a menina — mugiu o cónego de dedo em riste para Amélia.

Ela recusou-se, com um risinho. Como não era sacristão, não sabia...

— Emende o senhor pároco!

Amaro galhofou. Se era erro ser tinto, então devia ser branco...

— E porquê?

Amaro ouvira dizer que era o costume em Roma.

— E porquê? — continuava o cónego, pedante e roncão. Não sabia.

— Porque Nosso Senhor Jesus Cristo, quando pela primeira vez consagrou, fê-lo com vinho branco. E a razão é muito simples: é porque na Judeia nesse tempo, como é notório, não se fabricava vinho tinto... Repita-me a senhora a aletria, faça favor.

Então, a propósito do vinho e da limpeza das galhetas, o padre Amaro

queixou-se do Bento sacristão. Nessa manhã antes de se paramentar — justamente quando entrara o senhor cónego na sacristia — acabava de lhe dar uma desanda a respeito das alvas. Em primeiro lugar dava-as a lavar a uma Antónia que vivia amancebada com um carpinteiro, em grande escândalo, e que era indigna de tocar os paramentos santos. Esta era a primeira. Depois, a mulher trazia-as tão enxovalhadas que era um desacato usá-las no divino sacrifício...

— Ai, mande-mas a mim, senhor pároco, mande-mas a mim — acudiu D. Josefa. — Dou-as à minha lavadeira, que é pessoa de muita virtude e traz a roupa escarolada. Ai, até era uma honra para mim! Eu mesmo as passava a ferro, e até se podia benzer o ferro...

Mas o cónego (que positivamente estava naquela noite duma loquacidade copiosa) interrompeu-a, e voltando-se para o padre Amaro, fixando-o profundamente:

— Ora a propósito de eu entrar na sacristia, sempre lhe quero dizer, amigo e colega, que cometeu hoje um erro de palmatória.

Amaro pareceu inquieto.

— Que erro, padre-mestre?

— Depois de se revestir — continuou o cónego pausadamente —, já com os diáconos ao lado, quando fez a cortesia à imagem da sacristia, em lugar de fazer a cortesia profunda, fez só a meia cortesia.

— Alto lá, padre-mestre! — exclamou o padre Amaro. — É o texto da

rubrica. *Facta reverentia cruci*, feita a reverência à cruz; isto é, a reverência simples, abaixar ligeiramente a cabeça...

E, para exemplificar, fez uma cortesia a D. Josefa, que lhe sorriu toda, torcendo-se.

— Nego! — exclamou formidavelmente o cónego que em sua casa, à sua mesa, punha de alto as suas opiniões. — E nego com os meus autores. Eles aí vão! — E deixou-lhe cair em cima, como penedos de autoridade, os nomes venerados de Laboranti, Baldeschi, Merati, Turrino e Pavónio.

Amaro afastara a cadeira, pusera-se em atitude de controvérsia, contente de poder, diante de Amélia, «enterrar» o cónego, mestre de teologia moral e um colosso de liturgia prática.

— Sustento — exclamou —, sustento com Castaldus...

— Alto, ladrão — bramiu o cónego. — Castaldus é meu!

— Castaldus é meu, padre-mestre!

E encarniçaram-se, puxando cada um para si o venerável Castaldus e a autoridade da sua facúndia. D. Josefa pulava de gozo na cadeira, murmurando para Amélia com a cara franzida de riso:

— Ai, que gostinho vê-los! Ai, que santos!

Amaro continuava, com gesto alto:

— E além disso, tenho por mim o bom senso, padre-mestre. *Primo*, a rubrica, como expus. *Segundo*, o sacerdote, tendo na sacristia o barrete na cabeça, não deve fazer cortesia inteira, porque lhe pode cair o barrete e temos

desacato maior. *Tertio*, seguir-se-ia um absurdo, porque então a cortesia antes da missa à cruz da sacristia seria maior que a que se faz depois da missa à cruz do altar!

— Mas a cortesia à cruz do altar... — bradou o cónego.

— É meia cortesia. Leia a rubrica: *Caput inclinat*. Leia Gavantus, leia Garriffaldi. E nem podia deixar de ser assim! Sabe porquê? Porque depois da missa o sacerdote está no auge da dignidade, uma vez que tem dentro em si o corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Logo, o ponto é meu!

E de pé, esfregou vivamente as mãos, triunfando.

O cónego abatera a papeira sobre as pregas do guardanapo, como um boi atordoado. E depois dum momento:

— Você não deixa de ter razão... Eu fui para o ouvir... Faz-me honra cá o discípulo — acrescentou piscando o olho a Amélia. — Pois é beber, é beber! E depois salta o cafezinho bem quente, mana Josefa!

Mas um forte repique à campainha sobressaltou-os.

— É a S. Joaneira — disse D. Josefa.

A Gertrudes entrou com um xale e uma manta de lã:

— Aqui está isto que vem de casa da menina Amélia. A senhora manda muitos recados, que não pode vir, que se achou incomodada.

— Então com quem hei de eu ir? — disse logo Amélia, inquieta.

O cónego estendeu o braço sobre a

mesa, e dando-lhe uma palmadinha na mão:

— Em último caso com este seu criado. E essa virtudezinha podia ir sossegada...

— Tem coisas, mano! — gritou a velha.

— Deixa lá, mana. O que passa pela boca dum santo, santo fica.

O pároco aprovou ruidosamente:

— Tem muita razão o senhor cónego Dias! O que passa pela boca de um santo, santo fica! Para que viva!

— À sua!

E tocaram os copos, com um olho gaiato, reconciliados da controvérsia.

Mas Amélia ficara assustada.

— Jesus, que terá a mamã? Que será?

— Ora que há de ser? Preguiça! — disse-lhe o pároco, rindo.

— Não te agonies, filha — disse D. Josefa. — Vou-te eu levar, vamos todos levar-te...

— Vai a menina em charola — rosnou o cónego descascando a sua pera.

Mas de repente pousou a faca, arregalou os olhos em redor, e passando a mão pelo estômago:

— Pois olhem — disse —, não me estou também a sentir bem...

— Que é? Que é?

— Um ameaçozito da dor. Passou, não vale nada.

D. Josefa, já assustada, não queria que ele comesse a pera. Que a última vez que lhe dera fora por causa da fruta...

Mas ele, obstinado, cravou os dentes

na pera.

— Passou, passou — rosnava.

— Foi simpatia com a mamã — disse o pároco baixo a Amélia.

De repente o cónego afastou a cadeira, e torcendo-se de lado:

— Não estou bem, não estou bem! Jesus! Oh, diabo! Oh, caramba! Ai! Ai! Morro!

Alvoroçaram-se em volta dele. D. Josefa amparou-o pelo braço até o quarto, gritando à criada que fosse buscar o doutor. Amélia correu à cozinha a aquecer uma flanela para lhe pôr no estômago. Mas não aparecia flanela. Gertrudes topava contra as cadeiras, espavorida, à procura do seu xale para sair.

— Vá sem xale, sua estúpida! — gritou-lhe Amaro.

A rapariga abalou. Dentro o cónego dava urros.

Amaro então, realmente assustado, entrou-lhe no quarto. D. Josefa de joelhos diante da cómoda gemia orações a uma grande litografia de Nossa Senhora das Dores; e o pobre padre-mestre, estirado de barriga sobre a cama, rilhava o travesseiro.

— Mas minha senhora — disse o pároco severamente —, não se trata agora de rezar. É necessário fazer-lhe alguma coisa... Que se lhe costuma fazer?

— Ai, senhor pároco, não há nada, não há nada — choramigou a velha. — É uma dor que vem e vai num momento. Não dá tempo pra nada! Um chá de tília alivia-o às vezes... Mas por desgraça hoje nem tília tenho! Ai, Jesus!

Amaro correu a casa a buscar tília. E daí a pouco voltava esbaforido com a Dionísia, que vinha oferecer a sua atividade e a sua experiência.

Mas o senhor cónego, felizmente, sentira-se de repente aliviado!

— Muito agradecida, senhor pároco — dizia D. Josefa. — Rica tília! É de muita caridade. Ele agora naturalmente cai em sonolência. Vem-lhe sempre depois da dor... Eu vou para ao pé dele, desculpem-me... Esta foi pior que as outras... São estas frutas mald... — Reteve a blasfémia, aterrada. — São as frutas de Nosso Senhor. É a sua divina vontade... Desculpem-me, sim?

Amélia e o pároco ficaram sós na sala. Os seus olhares reluziram logo do desejo de se tocar, de se beijar, mas as

portas estavam abertas; e sentiam no quarto ao lado, as chinelas da velha. O padre Amaro disse então alto:

— Pobre padre-mestre! É uma dor terrível.

— Dá-lhe todos os três meses — disse Amélia. — A mamã já andava com o pressentimento. Ainda me tinha dito antes de ontem: é o tempo da dor do senhor cónego, estou com mais cuidado...

O pároco suspirou, e baixinho:

— Eu é que não tenho quem pense nas minhas dores...

Amélia pousou nele longamente os seus belos olhos humedecidos de ternura.

As suas mãos iam apertar-se ardentemente por sobre a mesa; mas D. Josefa apareceu, encolhida no seu xale. O mano tinha adormecido. E ela estava que

não se podia ter nas pernas. Ai, aqueles abalos arrasavam-lhe a saúde! Acendera duas velas a S. Joaquim, e fizera uma promessa a Nossa Senhora da Saúde. Era a segunda aquele ano, por causa da dor do mano. E Nossa Senhora não lhe tinha faltado...

— Nunca falta a quem a implora com fé, minha senhora — disse com unção o padre Amaro.

O alto relógio de armário bateu então cavamente oito horas. Amélia falou outra vez no cuidado em que estava pela mamã... De mais a mais ia-se a fazer tão tarde...

— E é que quando eu saí estava a chuviscar — disse Amaro.

Amélia correu à janela, inquieta. O lajedo defronte, debaixo do candeeiro,

reluzia muito molhado. O céu estava tenebroso.

— Jesus, vamos ter uma noite de água!

D. Josefa estava aflita com o contratempo; mas a Amélia bem via, ela agora não podia despegar de casa; a Gertrudes fora ao doutor; naturalmente não o encontrara; andava a procurá-lo de casa em casa, quem sabe quando viria...

O pároco então lembrou que a Dionísia (que viera com ele e esperava na cozinha) podia ir acompanhar a Sra. D. Amélia. Eram dois passos, não havia ninguém pelas ruas. Ele mesmo iria com elas até à esquina da Praça... Mas deviam apressar-se que ia cair água!

D. Josefa foi logo buscar um guarda-chuva para Amélia. Recomendou-lhe

muito que contasse à mamã o que tinha sucedido. Mas que não se afligisse ela, que o mano estava melhor...

— E olha! — gritou-lhe ainda de cima da escada. — Diz-lhe que se fez tudo o que se pôde, mas que a dor não deu tempo para nada!

— Sim, lá direi. Boa noite.

Ao abrirem a porta a chuva caía grossa. Amélia então quis esperar. Mas o pároco, apressado, puxou-a pelo braço:

— Não vale nada, não vale nada!

Desceram a rua deserta, aconchegados debaixo do guarda-chuva, com a Dionísia ao lado, muito calada, de xale pela cabeça. Todas as janelas estavam apagadas; no silêncio as goteiras cantavam de enxurrão.

— Jesus, que noite! — disse Amélia.

— Vai-se-me a perder o vestido.

Estavam então na Rua das Sousas.

— É que agora cai a cântaros — disse Amaro. — Realmente parece-me que o melhor é entrar no pátio de minha casa e esperar um bocado...

— Não, não! — acudiu Amélia.

— Tolices! — exclamou ele impaciente. — Vai-se-lhe estragar o vestido... É um instante, é um aguaceiro. Para aquele lado, vê, está a aliviar. Vai passar... É uma tolice... A mamã, se a visse aparecer debaixo duma carga de água, zangava-se, e com razão!

— Não, não!

Mas Amaro parou, abriu rapidamente a porta, empurrando Amélia de leve.

— É um instante, vai passar, entre...

E ali ficaram, calados, no pátio

escuro, olhando as cordas de água que reluziam à luz do candeeiro defronte. Amélia estava toda atarantada. A negrura do pátio e o silêncio assustavam-na; mas parecia-lhe delicioso estar assim naquela escuridão, ao pé dele, ignorada de todos... Insensivelmente atraída, roçava-se-lhe pelo ombro; e recuava logo, inquieta de ouvir a sua respiração tão agitada, de o sentir tão junto das saias. Percebia por trás, sem a ver, a escada que levava ao quarto dele; e tinha um desejo imenso de lhe ir ver, acima, os seus móveis, os seus arranjos... A presença da Dionísia, encolhida contra a porta e muito calada, embaraçava-a; todavia a cada momento voltava os olhos para ela, receando que desaparecesse, se sumisse na negrura do pátio ou da noite...

Amaro então começou a bater com os pés no chão, a esfregar as mãos, arrepiado.

— Estamos aqui a apanhar alguma — dizia. — As lajes estão regeladas. Realmente era melhor esperar em cima na sala de jantar...

— Não, não! — disse ela.

— Pieguices! Até a mamã se havia de zangar... Vá, Dionísia, acenda luz em cima.

A matrona imediatamente galgou os degraus.

Ele então, muito baixo, tomando o braço de Amélia:

— Porque não? Que pensas tu? É uma pieguice. É enquanto não passa o aguaceiro. Diz...

Ela não respondia, respirando muito

forte. Amaro pousou-lhe a mão sobre o ombro, sobre o peito, apertando-lho, acariciando a seda. Toda ela estremeceu. E foi-o enfim seguindo pela escada, como tonta, com as orelhas a arder, tropeçando a cada degrau na roda do vestido.

— Entra para aí, é o quarto — disse-lhe ao ouvido.

Correu à cozinha. Dionísia acendia a vela.

— Minha Dionísia, tu percebes... Eu fiquei de confessar aqui a menina Amélia. É um caso muito sério... Volta daqui a meia hora. Toma! Meteu-lhe três placas na mão.

A Dionísia descalçou os sapatos, desceu em pontas de pés e fechou-se na loja do carvão.

Ele voltou ao quarto com a luz.

Amélia lá estava, imóvel, toda pálida. O pároco fechou a porta e foi para ela, calado, com os dentes cerrados, soprando como um touro.

Meia hora depois Dionísia tossiu na escada. Amélia desceu logo, muito embrulhada na manta: ao abrirem a porta do pátio passavam na rua dois borrachos galrando. Amélia recuou rapidamente para o escuro. Mas Dionísia daí a pouco espreitou; e vendo a rua deserta:

— Está a barra livre, minha rica menina...

Amélia embrulhou mais o rosto e apressaram o passo para a Rua da Misericórdia. Já não chovia; havia estrelas; e uma frialdade seca anunciava o

Norte e o bom tempo.

16

Ao outro dia Amaro, vendo no relógio que tinha à cabeceira que ia chegando a hora da missa, saltou alegremente da cama. E, enfiando o velho paletó que lhe servia de *robe-de-chambre*, pensava nessa outra manhã em Feirão em que acordara aterrado, por ter na véspera, pela primeira vez depois de padre, pecado brutalmente sobre a palha da estrebaria da residência com a Joana Vaqueira. E não se atrevera a dizer missa com aquele crime na alma, que o abafava com um peso de penedo. Considerara-se contaminado, imundo, maduro para o inferno, segundo todos os santos padres e o seráfico concilio de Trento. Três vezes

chegara à porta da igreja, três vezes recuara assombrado. Tinha a certeza de que, se ousasse tocar na Eucaristia com aquelas mãos com que repanhara os saiotes da Vaqueira, a capela se aluiria sobre ele, ou ficaria paralisado vendo erguer-se diante do sacrário, de espada alta, a figura rutilante de S. Miguel Vingador! Montara a cavalo e trotara duas horas, pelos barreiros de D. João, para ir à Gralheira confessar-se ao bom abade Sequeira... Ah! Era nos seus tempos de inocência, de exagerações piedosas e de terrores noviços! Agora tinha aberto os olhos em redor à realidade humana. Abades, cónegos, cardeais e monsenhores não pecavam sobre a palha da estrebaria, não — era em alcovas cómodas, com a ceia ao lado. E as igrejas não se aluíam, e

S. Miguel Vingador não abandonava por tão pouco os confortos do Céu!

Não era isso o que o inquietava — o que o inquietava era a Dionísia, que ele ouvia na cozinha, arrumando e tossicando, sem se atrever a pedir-lhe água para a barba. Desagradava-lhe sentir aquela matrona introduzida, instalada no seu segredo. Não duvidava decerto da sua discrição, era o seu *ofício;* e algumas meias libras manteriam a sua fidelidade. Mas repugnava ao seu pudor de padre saber que aquela velha concubina de autoridades civis e militares, que rolara a sua massa de gordura por todas as torpezas seculares da cidade, conhecia as suas fragilidades, as concupiscências que lhe ardiam sob a batina de pároco. Preferiria que fosse o Silvério ou Natário

que o tivesse visto na véspera, todo inflamado: era entre sacerdotes, ao menos!... E o que o incomodava era a ideia de ser observado por aqueles olhinhos cínicos, que não se impressionavam nem com austeridade das batinas nem com a responsabilidade dos uniformes, porque sabiam que por baixo estava igualmente a mesma miséria bestial da carne...

Acabou-se, pensou, *dou-lhe uma libra e imponho-a*.

Nós de dedos bateram discretamente à porta do quarto.

— Entre! — disse Amaro sentando-se logo, curvando-se vivamente sobre a mesa, como absorvido, abismado nos seus papéis.

A Dionísia entrou, pousou o púcaro

da água sobre o lavatório, tossiu, e falando sobre as costas de Amaro:

— Ó senhor pároco, olhe que isto assim não tem jeito. Ontem iam vendo sair daqui a pequena. É muito sério, menino... Para bem de todos é necessário segredo!

Não, não a podia impor! A mulher estabelecia-se, à força, na sua confidência. Aquelas palavras mesmo, murmuradas com medo das paredes, revelando uma prudência de ofício, mostravam-lhe a vantagem duma cumplicidade tão experiente.

Voltou-se na cadeira, muito vermelho.

— Iam vendo, hem?

— Iam vendo. Eram dois bêbedos... Mas podiam ser dois cavalheiros.

— É verdade.

— E na sua posição, senhor pároco, na posição da pequena!... Tudo se deve fazer pelo calado... Nem os móveis do quarto devem saber! Em coisas que eu protejo, exijo tanta cautela como se se tratasse da morte!

Amaro então decidiu-se bruscamente a aceitar a *proteção* da Dionísia.

Rebuscou num canto da gaveta, meteu-lhe meia libra na mão.

— Seja pelo amor de Deus, filho — murmurou ela.

— Bem; e agora, Dionísia, que lhe parece? — perguntou ele, recostado na cadeira, esperando os conselhos da matrona.

Ela disse, muito naturalmente, sem afetação de mistério ou de malícia:

— A mim parece-me que para ver a

pequena não há como a casa do sineiro!

— A casa do sineiro?

Ela recordou-lhe, muito tranquilamente, a excelente disposição do sítio. Um dos quartos ao pé da sacristia, como ele sabia, dava para um pátio onde se tinha feito um barracão no tempo das obras. Pois bem, justamente do outro lado eram as traseiras da casa do sineiro... A porta da cozinha do tio Esguelhas abria para o pátio: era sair da sacristia, atravessá-lo, e o senhor pároco estava no ninho!

— E ela?

— Ela entra pela porta do sineiro, pela porta da rua que dá para o adro. Não passa viva alma, é um ermo. E se alguém visse, nada mais natural, era a menina Amélia que ia dar um recado ao sineiro...

Isto, já se vê, é ainda pelo alto, que o plano pode-se aperfeiçoar...

— Sim, compreendo, é um esboço — disse Amaro que passeava pelo quarto refletindo.

— Eu conheço bem o sítio, senhor pároco, e creia o que lhe digo: para um senhor eclesiástico que tem o seu arranjinho, não há melhor que a casa do sineiro!

Amaro parou diante dela, rindo, familiarizando-se:

— Ó tia Dionísia, diga lá com franqueza: não é a primeira vez que você aconselha a casa do sineiro, hem?

Ela então negou, muito decisivamente. Era homem que nem conhecia, o tio Esguelhas! Mas tinha-lhe vindo aquela ideia de noite, a malucar na

cama. Pela manhã cedo fora examinar o sítio, e reconhecera que estava a calhar.

Tossicou, foi-se aproximando sem ruído da porta: e voltando-se ainda, com um último conselho:

— Tudo está em que vossa senhoria se entenda bem com o sineiro.

Era isso agora o que preocupava o padre Amaro.

O tio Esguelhas passava na Sé, entre os serventes e os sacristães, por um *macambúzio*. Tinha uma perna cortada e usava muleta: e alguns sacerdotes, que desejariam o emprego para os seus protegidos, sustentavam mesmo que aquele defeito o tornava, segundo a Regra, impróprio para o serviço da Igreja. Mas o antigo pároco José Miguéis, em obediência ao senhor bispo, conservara-o

na Sé, argumentando que o trambolhão desastroso que motivara a amputação fora na torre, numa ocasião de festa, colaborando no culto: ergo estava claramente indicada a intenção de Nosso Senhor em não prescindir do tio Esguelhas. E quando Amaro tomara conta da paróquia, o coxo valera-se da influência da S. Joaneira e de Amélia para conservar, como ele dizia, a *corda do sino*. Era além disso (e fora a opinião da Rua da Misericórdia) uma obra de caridade. O tio Esguelhas, viúvo, tinha uma filha de quinze anos paralítica, desde pequena, das pernas. «O diabo embirrou com as pernas da família», costumava dizer o tio Esguelhas. Era decerto esta desgraça que lhe dava uma tristeza taciturna. Contava-se que a rapariga (cujo

nome era Antónia, e que o pai chamava Totó) o torturava com perrices, frenesis, caprichos abomináveis. O doutor Gouveia declarara-a *histérica:* mas era uma certeza, para as pessoas de bons princípios, que a Totó estava *possuída do Demónio*. Houvera mesmo o plano de a exorcismar; o senhor vigário-geral, porém, sempre assustado com a imprensa, hesitara em conceder a permissão ritual, e tinham-lhe feito apenas, sem resultado, as aspersões simples de água benta. De resto não se sabia a natureza do *endemoninhamento* da paralítica: a Sra. D. Maria da Assunção ouvira dizer que consistia em uivar como um lobo; a Gansosinho, em outra versão, assegurava que a desgraçada se dilacerava com as unhas... O tio Esguelhas, esse, quando lhe

perguntavam pela rapariga, respondia secamente:

— Lá está.

Os intervalos do seu serviço da igreja passava-os todos com a filha no casebre. Só atravessava o largo para ir à botica por algum remédio, ou comprar bolos à confeitaria da Teresa. Todo o dia aquele recanto da Sé, o pátio, o barracão, o alto muro ao lado coberto de parietárias, a casa ao fundo com a sua janela de portada negra numa parede lazeirenta, permaneciam num silêncio, numa sombra húmida: e os meninos do coro, que às vezes se arriscavam a ir pé ante pé, pelo pátio, espreitar o tio Esguelhas, viam-no invariavelmente curvado à lareira, com o cachimbo na mão, cuspilhando tristemente para as

cinzas.

Costumava todos os dias respeitosamente ouvir a missa do senhor pároco. E Amaro, nessa manhã, ao revestir-se, sentindo-lhe nas lájeas do pátio a muleta, ia já ruminando a sua história — porque não podia pedir ao tio Esguelhas o uso do seu casebre sem explicar, de algum modo, que o desejava para um serviço religioso... E que serviço, a não ser preparar, em segredo e longe das oposições mundanas, alguma alma terna para o convento e para a santidade?

Ao vê-lo entrar na sacristia, deu-lhe logo um «bons-dias» amáveis. Achou-lhe uma bela cara de saúde! Também não admirava — porque, segundo todos os santos padres, a frequentação dos sinos,

pela virtude particular que lhes comunica a consagração, dá uma alegria e um bem-estar especiais. Contou então com bonomia ao tio Esguelhas e aos dois sacristães que, quando era pequeno, em casa da Sra. marquesa de Alegros, o seu grande desejo era ser um dia sineiro...

Riram muito, extasiando-se com a pilhéria de sua senhoria.

— Não se riam, é verdade. E não me ficava mal... Noutros tempos eram clérigos de ordens menores que tocavam os sinos. Os nossos padres consideravam-nos um dos meios mais eficazes da piedade. Lá disse a glosa, pondo o verso na boca do sino:

Laudo deum, populum voco, congrego clerum,

Defunctumploro, pestem fugo, festa decoro...

O que quer dizer, como sabem: *Louvo a Deus, chamo o povo, congrego o clero, choro os mortos, afugento as pestes, alegro as festas*.

Citava a glosa com respeito, já revestido de amito e alva, no meio da sacristia; e o tio Esguelhas empertigava-se sobre a sua muleta àquelas palavras que lhe davam uma autoridade e uma importância imprevista.

O sacristão tinha-se aproximado com a casula roxa. Mas Amaro não terminara a glorificação dos sinos; — explicou ainda a sua grande virtude em dissipar as tempestades (apesar do que dizem alguns sábios presunçosos), não só porque

comunicam ao ar a unção que recebem da bênção, mas porque dispersam os demónios que erram entre os vendavais e os trovões. O santo concílio de Milão recomenda que se toquem os sinos sempre que haja tormenta...

— Em todo o caso, tio Esguelhas — acrescentou sorrindo com solicitude pelo sineiro —, aconselho-lhe que nesses casos é melhor não se arriscar. Sempre é estar no alto, e perto da trovoada... Vamos a isso, tio Matias.

E recebeu sobre os ombros a casula, murmurando com muita compostura:

— *Domine, qui dixisti jugum meum*... Aperte mais os cordões por trás, tio Matias. *Suave est, et onus meum* leve...

Fez uma cortesia à imagem e entrou

na igreja, na atitude da rubrica, de olhos baixos e corpo direito; enquanto o Matias, depois de ter também saudado com um raspão de pé o Cristo da sacristia, se apressava com as galhetas, tossindo forte para clarear a garganta.

Durante toda a missa, ao voltar-se para a nave, no *Ofertório* e ao *Orate, fratres*, o padre Amaro dirigia-se sempre (por uma benevolência que o ritual permite) para o sineiro, como se o Sacrifício fosse por sua intenção particular; e o tio Esguelhas, com a sua muleta pousada ao lado, abismava-se então numa devoção mais respeitosa. Mesmo ao *Benedicat*, depois de ter começado a bênção voltado para o altar para recolher do Deus vivo o depósito da Misericórdia, terminou-a, virando-se

devagar para o tio Esguelhas especialmente, como para lhe dar a ele só as Graças e Dons de Nosso Senhor!

— E agora, tio Esguelhas — disse-lhe baixo ao entrar na sacristia —, vá-me esperar ao pátio que temos que conversar.

Não tardou a vir ter com ele, com uma face grave que impressionou o sineiro.

— Cubra-se, cubra-se, tio Esguelhas. Pois eu venho falar-lhe dum caso sério... Verdadeiramente pedir-lhe um favor...

— Oh, senhor pároco!

Não, não era um favor... Porque, quando se tratava do serviço de Deus, todos tinham o dever de concorrer na proporção das suas forças... Tratava-se duma menina que se queria fazer freira. Enfim, para lhe provar a confiança que

tinha nele, ia-lhe dizer o nome...

— É a Ameliazinha da S. Joaneira!

— Que me diz, senhor pároco?!

— Uma vocação, tio Esguelhas! Vê-se o dedo de Deus! É extraordinário...

Contou-lhe então uma história difusa que ia forjando laboriosamente, segundo as sensações que imaginava ver na face pasmada do sineiro. A rapariga desgostara-se da vida, com as desavenças que tivera com o noivo. Mas a mãe que estava velha, que a necessitava para o governo da casa, não queria consentir, supondo que era uma veleidade... Mas não, era vocação... Ele sabia-o... Infelizmente, quando havia oposição, a conduta do sacerdote era muito delicada... Todos os dias os jornais ímpios (e infelizmente era a maioria!) gritavam

contra as influências do clero... As autoridades, mais ímpias que os jornais, punham obstáculos... Havia leis terríveis... Se soubessem que ele andava a instruir a menina para professar, ferravam-no na cadeia! Que queria o tio Esguelhas?... Impiedade, ateísmo do tempo!

Ora, ele necessitava ter com a pequena muitas e muitas conferências: para a experimentar, para conhecer as suas disposições, ver bem se é para a Solidão que ela tem jeito, ou para a Penitência, ou para o serviço dos enfermos, ou para a Adoração Perpétua, ou para o Ensino... Enfim, estudá-la por dentro e por fora.

— Mas onde? — exclamou, abrindo os braços como na desolação de um santo

dever contrariado. — Onde? Em casa da mãe não pode ser, já andam desconfiados. Na igreja impossível, era o mesmo que na rua. Em minha casa, já vê, menina nova...

— Está claro.

— De modo que, tio Esguelhas... E estou certo que você mo há de agradecer... pensei na sua casa...

— Oh, senhor pároco — acudiu o sineiro —, eu, a casa, os trastes, está tudo às ordens!

— Bem vê, é no interesse daquela alma, é um regozijo para Nosso Senhor...

— E para mim, senhor pároco, e para mim!

O que o tio Esguelhas receava é que a casa não fosse decente e não tivesse as comodidades...

— Ora! — fez o padre sorrindo, num

renunciamento de todos os confortos humanos. — Contanto que haja duas cadeiras e uma mesa para pôr o livro da oração...

De resto, por outro lado, dizia o sineiro, lá como sítio retirado e casa sossegada estava a preceito. Ficavam ali, ele e a menina, como os monges no deserto. Nos dias em que o senhor pároco viesse, ele saía a dar o seu giro. Na cozinha não poderiam acomodar-se, porque o quartito da pobre Totó era ao pé... Mas tinham o quarto dele, em cima.

O padre Amaro bateu com a mão na testa. Não se lembrara da paralítica!

— Isso estraga-nos o arranjinho, tio Esguelhas! — exclamou.

Mas o sineiro tranquilizou-o, vivamente. Estava agora todo interessado

naquela conquista de uma noiva para Nosso Senhor; queria por força que o seu telhado abrigasse a santa preparação da alma da menina... Talvez lhe atraísse a ele a piedade de Deus! Mostrou com calor as vantagens, as facilidades da casa. A Totó não embaraçava. Não se mexia da cama. O senhor pároco entrava pela cozinha do lado da sacristia, a menina vinha pela porta da rua: subiam, fechavam-se no quarto...

— E ela que faz, a Totó? — perguntou o padre Amaro, hesitando ainda.

Coitadita, para ali estava... Tinha manias: ora fazia bonecas e apaixonava-se por elas a ponto de ter febre; outros dias passava-os num silêncio medonho com os olhos cravados na parede. Mas às

vezes estava alegre, palrava, chalaceava... Uma desgraça!

— Devia-se entreter, devia ler — disse o padre Amaro para mostrar interesse.

O sineiro suspirou. Não sabia ler, a pequena, nunca quisera aprender. Era o que ele lhe dizia — se pudesses ler, já te não pesava tanto a vida! Mas então? Tinha horror a aplicar-se... O Sr. padre Amaro devia ter a caridade de a persuadir, quando viesse a casa...

Mas o pároco não o escutava, todo abismado numa ideia que lhe alumiara a face dum sorriso. Achara subitamente a explicação natural a dar à S. Joaneira e às amigas das visitas de Amélia a casa do sineiro: era a ensinar a ler a paralítica! A educá-la! A abrir-lhe a alma às belezas

dos livros santos, da história dos mártires e da oração!...

— Está decidido, tio Esguelhas — exclamou, esfregando as mãos de júbilo. — É em sua casa que se há de fazer da rapariga uma santa. E disto — e a sua voz deu um grave profundo — um segredo inviolável!

— Oh, senhor pároco! — fez o sineiro, quase ofendido.

— Conto consigo! — disse Amaro.

Veio logo à sacristia escrever um bilhete, que devia passar em segredo a Amélia, em que lhe explicava detalhadamente o «arranjinho que fizera para gozarem novas e divinas felicidades». Prevenia-a que o pretexto para ela vir todas as semanas a casa do sineiro devia ser a educação da

paralítica: ele mesmo o proporia à noite, em casa da mamã. «Que nisto, dizia, há alguma verdade, pois seria grato a Deus que se alumiasse com uma boa instrução religiosa as trevas daquela alma. E matamos assim, querido anjo, dois coelhos com uma só cacheirada!»

Depois, entrou em casa. Como se sentou regaladamente à mesa do almoço, com um contentamento pleno de si, da vida e das doces facilidades que nela encontrava! Ciúmes, dúvidas, torturas do desejo, solidão da carne, tudo o que o consumira meses e meses, além na Rua da Misericórdia e ali na Rua das Sousas, passara. Estava enfim instalado à larga na felicidade! E recordava, abismado num gozo mudo, com o garfo esquecido na mão, toda aquela meia hora da véspera,

prazer por prazer, ressaboreando-os mentalmente um a um, saturando-se da deliciosa certeza da posse — como o lavrador que percorre a leira de terra adquirida que os seus olhos invejaram muitos anos. Ah, não tomaria a olhar de lado, com azedume, os cavalheiros que passeavam na Alameda com as suas mulheres pelo braço! Também ele agora tinha uma, toda sua, alma e carne, linda, que o adorava, que usava boas roupas brancas, e trazia no peito um cheirinho de água-de-colónia! Era padre, é verdade... Mas para isso tinha o seu grande argumento: é que o comportamento do padre, logo que não dê escândalo entre os fiéis, em nada prejudica a eficácia, a utilidade, a grandeza da religião. Todos os teólogos ensinam que a ordem dos

sacerdotes foi instituída para administrar os sacramentos; o essencial é que os homens recebam a santidade interior e sobrenatural que os sacramentos contêm; e contanto que eles sejam dispensados segundo as fórmulas consagradas, que importa que o sacerdote seja santo ou pecador? O sacramento comunica a mesma virtude. Não é pelos méritos do sacerdote que eles operam, mas pelos méritos de Jesus Cristo. O que é batizado ou ungido, ou seja por mãos puras ou por mãos torpes, fica igualmente bem lavado da mácula original, ou bem preparado para a vida eterna. Isto lê-se em todos os santos padres, estabeleceu-o o seráfico concílio de Trento. Os fiéis nada perdem, na sua alma e na sua salvação, com a indignidade do pároco. E se o pároco se

arrepende à hora extrema, também se lhe não fecham as portas do Céu. Logo em definitivo tudo acaba bem, e em paz geral... E o padre Amaro, raciocinando assim, sorvia com prazer o seu café.

A Dionísia, ao fim do almoço, veio saber, muito risonha, se o senhor pároco falara ao tio Esguelhas...

— Falei por alto — disse ele ambiguamente. — Não há nada decidido... Roma não se construiu num dia.

— Ah! — fez ela.

E recolheu-se à cozinha, pensando que o senhor pároco mentia como um herege. Também, não se importava... Nunca gostara de arranjos com os senhores eclesiásticos; pagavam mal, e suspeitavam sempre...

E mesmo ouvindo Amaro que saía,

correu à escada, a dizer-lhe que enfim, ela tinha a olhar pela sua casa, e quando o senhor pároco tivesse arranjado criada. ..

— A Sra. D. Josefa Dias anda-me a tratar disso, Dionísia. Espero ter alguém amanhã. Mas você apareça... Agora que somos amigos...

— Quando o senhor pároco quiser é chamar-me da janela para o quintal — disse ela do alto da escada. — Para tudo o que precisar. De tudo sei um bocadinho; até de desarranjos e de partos... E neste ponto posso até dizer...

Mas o padre não a escutava: atirara com a porta de repelão, fugindo, indignado daquela utilidade torpe assim brutalmente oferecida.

Foi daí a dias que ele falou em casa da S. Joaneira da filha do sineiro.

Na véspera dera o bilhete a Amélia; e nessa noite, enquanto na sala se galrava alto, aproximara-se do piano, onde Amélia, com os dedos preguiçosos, corria escalas, e abaixando-se para acender o cigarro à vela, murmurara.

— Leu?

— Ótimo!

Amaro recolheu logo ao grupo das senhoras, onde a Gansoso estava contando uma catástrofe que lera num jornal, sucedida em Inglaterra: uma mina de carvão que desabara, sepultando cento e vinte trabalhadores. As velhas arrepiavam-se horrorizadas. A Gansoso então, gozando o efeito, acumulou loquazmente os detalhes: a gente que

estava fora esforçara-se por desatulhar os infelizes; ouviam-se-lhes em baixo gemidos e os ais; era ao lusco-fusco; havia uma tormenta de neve...

— Desagradável! — rosnou o cónego, aconchegando-se na sua poltrona, gozando o calor da sala e a segurança dos tetos.

A Sra. D. Maria da Assunção declarou que todas essas minas, essas máquinas estrangeiras lhe causavam medo. Vira uma fábrica ao pé de Alcobaça, e parecera-lhe uma imagem do inferno. Estava certa que Nosso Senhor não as via com bons olhos...

— É como os caminhos de ferro, disse D. Josefa. Tenho a certeza que foram inspirados pelo demónio! Não o digo a rir. Mas vejam aqueles uivos,

aquele fogaracho, aquele fragor! Ai, arrepia!

O padre Amaro galhofou, assegurando à Sra. D. Josefa que eram ricamente cómodos para andar depressa! Mas, tomando-se logo sério, acrescentou:

— Em todo o caso é incontestável que há nessas invenções da ciência moderna muito do demónio. E é por isso que a nossa santa Igreja as abençoa, primeiro com orações e depois com água benta. hão de saber que é o costume. Com água benta, para lhes fazer o exorcismo, expulsar o espírito inimigo: e com orações para as resgatar do pecado original que não só existe no homem, mas nas coisas que ele constrói. É por isso que se benzem e se purificam as locomotivas... Para que o demónio não se

possa servir delas para seu uso.

D. Maria da Assunção quis imediatamente uma explicação. Como em a maneira usual do Inimigo se servir dos caminhos de ferro?

O padre Amaro esclareceu-a, com bondade. O Inimigo tinha muitas maneiras, mas a habitual era esta: fazia descarrilar um trem de modo que morressem passageiros, e como essas almas não estavam preparadas pela Extrema-Unção, o demónio ali mesmo, zás, apoderava-se delas!

— É de velhaco! — rosnou o cónego com uma admiração secreta por aquela manha tão hábil do Inimigo.

Mas D. Maria da Assunção abanou-se langorosamente, com o rosto banhado num sorriso de beatitude:

— Ai, filhas! — dizia pausadamente para os lados. — A nós é que não nos sucedia isso... Que não nos pilhava desprevenidas!

Era verdade; e todas gozaram um momento aquela certeza deliciosa de estarem preparadas, de poderem lograr a malícia do Tentador!

O padre Amaro então tossiu como para preparar as vias, e apoiando as duas mãos sobre a mesa, num tom de prática:

— É necessário muita vigilância para conservar de longe o demónio. Ainda hoje eu estava a pensar nisso (foi mesmo a minha meditação) a respeito de um caso bem triste que tenho lá ao pé da Sé... É a filhita do sineiro.

As senhoras tinham chegado as cadeiras, bebendo-lhe as palavras, numa

curiosidade subitamente excitada, esperando ouvir a história picante de alguma façanha de Satanás. E o pároco continuou com uma voz a que o silêncio em redor dava solenidade:

— Ali está aquela rapariga, todo o santo dia, pregada na cama! Não sabe ler, não tem devoções habituais, não tem o costume da meditação; é por consequência, para empregar a expressão de S. Clemente, *uma alma sem defesa*. O que sucede? Que o demónio, que ronda constantemente e não perde dentada, estabelece-se ali como em sua casa! Por isso, como me dizia hoje o pobre tio Esguelhas, são frenesis, desesperos, furores sem razão... Enfim o pobre homem tem a vida estragada.

— E a dois passos da igreja do

Senhor! — exclamou D. Maria da Assunção, indignada daquela impudência de Satanás, instalando-se num corpo, num leito, que apenas a estreiteza do pátio separava dos contrafortes da Sé.

Amaro acudiu:

— Tem a D. Maria razão. O escândalo é enorme. Mas então? Se a rapariga não sabe ler! Se não sabe uma oração, se não tem quem a instrua, quem lhe leve a palavra de Deus, quem a fortifique, quem lhe ensine o segredo de frustrar o Inimigo!...

Ergueu-se animado, deu alguns passos pela sala, de ombros vergados, numa mágoa de pastor a quem uma força desproporcional arrebata uma ovelha amada. E, exaltado pelas suas palavras, sentia, com efeito, uma piedade que o

invadia, uma compaixão verdadeira por aquela pobre criatura, a quem a falta de consolações devia tornar mais intensa a agonia da imobilidade...

As senhoras olhavam-se, magoadas com aquele caso triste de abandono de alma, sobretudo pela dor que ele parecia trazer ao senhor cónego.

A Sra. D. Maria da Assunção, que percorria em imaginação o abundante arsenal da devoção, lembrara logo que se lhe pusessem alguns santos à cabeceira, como S. Vicente, Nossa Senhora das Sete Chagas... Mas o silêncio das amigas exprimiu bem a insuficiência daquela galeria devota.

— As senhoras dir-me-ão, talvez — disse o padre Amaro sentando-se de novo —, que se trata apenas da filha do sineiro.

Mas é uma alma! É uma alma como as nossas!

— Todos têm direito à graça do Senhor — disse o cónego gravemente, num sentimento de imparcialidade, admitindo a igualdade das classes logo que não se tratava de bens materiais e apenas dos confortos do Céu.

— Para Deus não há pobre nem rico — suspirou a S. Joaneira. — Antes pobre, que dos pobres é o reino do Céu.

— Não, antes rico — acudiu o cónego, estendendo a mão para deter aquela falsa interpretação da lei divina. — Que o Céu também é para os ricos. A senhora não compreende o preceito *Beati pauperes*, benditos os pobres, quer dizer que os pobres devem-se achar felizes na pobreza; não desejarem os bens dos ricos;

não quererem mais que o bocado de pão que têm; não aspirarem a participar das riquezas dos outros, sob pena de não serem benditos. É por isso, saiba a senhora, que essa canalha que prega que os trabalhadores e as classes baixas devem viver melhor do que vivem, vai de encontro à expressa vontade da Igreja e de Nosso Senhor, e não merece senão chicote, como excomungados que são! Ouf!

E estirou-se, extenuado de ter falado tanto. O padre Amaro, esse, permanecia calado, com o cotovelo sobre a mesa, esfregando devagar a testa. Ia lançar a sua ideia, como vinda de uma inspiração divina, propor que fosse Amélia levar uma educação devota à triste paralítica... E hesitava supersticiosamente diante do

seu motivo todo carnal, todo de concupiscência. A filha do sineiro aparecia-lhe agora, exageradamente, abismada numa treva de agonia. Sentia toda a caridade que haveria em consolá-la, entretê-la, fazer-lhe os dias menos amargos... Esta ação redimiria decerto muitas culpas, encantaria Deus, se fosse feita num puro espírito de fraternidade cristã! Vinha-lhe uma compaixão sentimental de bom rapaz por aquele miserável corpo pregado numa cama sem nunca ver o sol nem a rua... E ali estava embaraçado, naquela piedade que o invadia, sem se decidir, coçando a nuca, arrependido quase de ter falado às senhoras da Totó... Mas D. Joaquina Gansoso tivera uma ideia:

— Ó Sr. padre Amaro, se se lhe

mandasse aquele livro com pinturas de vidas dos santos? Eram pinturas que edificavam. A mim tocavam-me a alma... Não és tu que o tens, Amélia?

— Não — disse ela, sem erguer os olhos da costura.

Amaro então olhou-a. Tinha-a quase esquecido. Estava agora do outro lado da mesa, abainhando um esfregão: a risca muito fina desaparecia na abundância espessa do cabelo, onde a luz do candeeiro ao lado punha um traço lustroso; as pestanas pareciam mais longas, mais negras sobre a pele da face, dum trigueiro cálido, que uma tinta rosada aquecia; o vestido justo, que se franzia numa prega sobre o ombro, elevava-se amplamente sobre a forma dos peitos, que ele via arfar no ritmo da respiração

igual... Era aquela a beleza que mais apetecia nela; imaginava-os duma cor de neve, redondos e cheios; tivera-a nos braços, sim, mas vestida, e as suas mãos sôfregas tinham encontrado só a seda fria... Mas na casa do sineiro seriam dele, sem obstáculo, sem vestido, à disposição dos seus lábios. Por Deus! e nada impedia que ao mesmo tempo consolassem a alma da Totó! Não hesitou mais. E erguendo a voz, no meio do palratório das velhas que discutiam agora a desaparição da *Vida dos Santos:*

— Não, minhas senhoras, não é com livros que se vale à rapariga. Sabem a ideia que me veio? Era um de nós, o que estiver menos ocupado, levar-lhe a palavra de Deus e educar aquela alma! — E acrescentou, sorrindo: — E a falar a

verdade, a pessoa mais desocupada aqui de todos nós é a menina Amélia...

Então foi uma surpresa! Pareceu a mesma vontade de Nosso Senhor vinda numa revelação. Os olhos de todas acenderam-se numa excitação devota, à ideia daquela missão de caridade, que partia ali delas, da Rua da Misericórdia... Extasiavam-se, no antegosto guloso dos elogios do senhor chantre e do cabido! Cada uma dava o seu conselho, numa assiduidade de participar da santa obra, de partilharem as recompensas que o Céu certamente prodigalizaria. D. Joaquina Gansoso declarou com calor que invejava Amélia; e chocou-se muito vendo-a de repente rir.

— Imaginas que não o faria com a mesma devoção? Já estás com orgulho da

boa ação... Olha que assim não te aproveita!

Mas Amélia continuava tomada de um riso nervoso, deitada para as costas da cadeira, sufocando-se para se conter.

Os olhinhos de D. Joaquina chamejavam.

— É indecente, é indecente! — gritava.

Calmaram-na: Amélia teve de lhe jurar sob os Santos Evangelhos que fora uma ideia extravagante que tivera, que era nervoso...

— Ai — disse D. Maria da Assunção —, ela tem razão em se orgulhar. Que é uma honra para a casa! Em se sabendo...

O pároco interrompeu com severidade:

— Mas não se deve saber, Sra. D. Maria da Assunção! De que serve, aos olhos do Senhor, uma boa obra de que se tire alarde e vanglória?

D. Maria vergou os ombros, humilhando-se à repreensão. E Amaro, com gravidade:

— Isto não deve sair daqui. É entre Deus e nós. Queremos salvar uma alma, consolar uma enferma, e não ter elogios nos periódicos. Pois não é assim, padre-mestre?

O cónego ergueu-se pesadamente:

— Você esta noite tem falado com a língua de ouro de S. Crisóstomo. Eu estou edificado; e não se me dava agora de ver aparecer as torradas.

Foi então, enquanto a *Ruça* não trazia o chá, que se decidiu que Amélia, todas as

semanas, uma ou duas vezes segundo fosse a sua devoção, iria em segredo, para que a ação fosse mais valiosa aos olhos de Deus, passar uma hora à cabeceira da paralítica, ler-lhe a *Vida dos Santos*, ensinar-lhe rezas e insuflar-lhe a virtude.

— Enfim — resumiu a Sra. D. Maria da Assunção voltando-se para Amélia —, não te digo senão uma coisa: abichaste!

A *Ruça* entrou com o tabuleiro, no meio dos risos que provocara a «tolice de D. Maria», como disse Amélia, que se fizera escarlate. E foi assim que ela e o padre Amaro se puderam ver livremente, para glória do Senhor e humilhação do Inimigo.

Encontravam-se todas as semanas,

ora uma ora duas vezes, de modo que as suas visitas caridosas à paralítica perfizessem ao fim do mês o número simbólico de sete, que devia corresponder, na ideia das devotas, às *Sete Lições de Maria*. Na véspera o padre Amaro tinha prevenido o tio Esguelhas, que deixava a porta da rua apenas cerrada, depois de ter varrido toda a casa e preparado o quarto para a prática do senhor pároco. Amélia nesses dias erguia-se cedo; tinha sempre alguma saia branca a engomar, algum laçarote a compor; a mãe estranhava-lhe aqueles arrebiques, o desperdício de água-de-colónia de que ela se inundava; mas Amélia explicava que «era para inspirar à Totó ideias de asseio e de frescura». E depois de vestida sentava-se, esperando

as onze horas, muito séria, respondendo distraidamente às conversas da mãe, com uma cor nas faces, os olhos cravados nos ponteiros do relógio: enfim a velha matraca gemia cavamente as onze horas, e ela, depois de uma olhadela ao espelho, saía, dando uma beijoca à mamã.

Ia sempre receosa, numa inquietação de ser espreitada. Todas as manhãs pedia a Nossa Senhora da Boa Viagem que a livrasse de maus encontros; e se via um pobre dava-lhe invariavelmente esmola, para lisonjear os gostos de Nosso Senhor, amigo dos mendigos e vagabundos. O que a assustava era o Largo da Sé, sobre o qual a Amparo da botica, costurando por trás da janela, exercia uma vigilância incessante. Fazia-se então pequenina no seu mantelete, e abaixando o guarda-sol

sobre o rosto, entrava enfim na Sé, sempre com o pé direito.

Mas a mudez da igreja, deserta e adormecida numa luz fosca, amedrontava-a; parecia-lhe sentir, na taciturnidade dos santos e das cruzes, uma repreensão ao seu pecado; imaginava que os olhos de vidro das imagens, as pupilas pintadas dos painéis se fixavam nela, com uma insistência cruel, e percebiam o arfar que ao seu seio dava a esperança do prazer. Às vezes mesmo, atravessada duma superstição, para dissipar o descontentamento dos santos, prometia dar-se nessa manhã toda à Totó, ocupar-se caridosamente só dela, e não se deixar tocar sequer no vestido pelo Sr. padre Amaro. Mas se ao entrar na casa do sineiro o não encontrava, ia logo, sem se

deter ao pé da cama da Totó, postar-se à janela da cozinha, vigiando a porta maciça da sacristia, de que ela conhecia uma por uma as chapas negras de ferro.

Ele aparecia, enfim. Era então nos começos de março; já tinham chegado as andorinhas; ouviam-nas chilrear, naquele silêncio melancólico, esvoaçando entre os contrafortes da Sé. Aqui e além, plantas dos lugares húmidos cobriam os cantos de uma verdura escura. Amaro, às vezes muito galante, ia procurar uma florzinha. Amélia impacientava-se, rufava na vidraça da cozinha. Ele apressava-se; ficavam um momento à porta, apertando-se as mãos, com olhos brilhantes que se devoravam; e iam enfim ver a Totó e dar-lhe os bolos que o pároco lhe trazia no bolso da batina.

A cama da Totó era na alcova, ao lado da cozinha; o seu corpinho de tísica quase não fazia saliência enterrado na cova da enxerga, sob os cobertores enxovalhados que ela se entretinha a esfiar. Nesses dias tinha vestido um chambre branco, os cabelos reluziam-lhe de óleo; porque ultimamente, desde as visitas de Amaro, viera-lhe «uma birra de parecer alguém», como dizia encantado o tio Esguelhas, a ponto de se não querer separar dum espelho e dum pente que escondia debaixo do travesseiro e obrigar o pai a encafuar sob a cama, entre a roupa suja, as bonecas que agora desprezava.

Amélia sentava-se um instante aos pés do catre, perguntando-lhe se estudara o ABC, obrigando-a a dizer aqui e além o nome duma letra. Depois queria que ela

repetisse sem errar a oração que lhe andava ensinando; enquanto o padre, sem passar da porta, esperava, com as mãos no bolsos, enfastiado, embaraçado com os olhos reluzentes da paralítica que o não deixavam, penetrando-o, percorrendo-lhe o corpo com pasmo e com ardor, e que pareciam maiores e mais brilhantes no seu rosto trigueiro tão chupado que se lhe via a saliência das maxilas. Não sentia agora nem compaixão nem caridade pela Totó; detestava aquela demora; achava a rapariga selvagem e embirrenta. A Amélia também pesavam aqueles momentos em que, para não escandalizar muito Nosso Senhor, se resignava a falar à paralítica. A Totó parecia odiá-la; respondia-lhe muito carrancuda; outras vezes persistia num silêncio rancoroso, voltada para a parede;

um dia despedaçara o alfabeto; e encolhia-se toda encruada se Amélia lhe queria compor o xale sobre os ombros ou conchegar-lhe a roupa...

Enfim Amaro, impaciente, fazia um sinal a Amélia; ela punha logo diante da Totó o livro com estampas da *Vida dos Santos*.

— Vá, ficas agora a ver as figuras... Olha, este é S. Mateus, esta Santa Virgínia... Adeus, eu vou lá acima com o senhor pároco rezarmos para que Deus te dê saúde e te deixe ir passear... Não estragues o livro, que é pecado.

E subiam a escada, enquanto a paralítica, estendendo o pescoço sofregamente, os seguia, escutando o ranger dos degraus, com os olhos chamejantes que lágrimas de raiva

enevoavam. O quarto, em cima, era muito baixo, sem forro, com um teto de vigas negras sobre que assentavam as telhas. Ao lado da cama pendia a candeia que pusera sobre a parede um penacho negro do fumo. E Amaro ria sempre dos preparativos que fizera o tio Esguelhas — a mesa ao canto com o Novo Testamento, uma caneca de água, e duas cadeiras dispostas ao lado...

— É para a nossa conferência, para te ensinar os deveres de freira — dizia ele, galhofando.

— Ensina, então! — murmurava ela, de braços abertos, pondo-se diante do padre, com um sorriso cálido onde brilhava um branquinho dos dentes, num abandono que se oferecia.

Ele atirava-lhe beijos vorazes pelo

pescoço, pelos cabelos; às vezes mordia-lhe a orelha; ela dava um gritinho; e ficavam então muito quedos, escutando, com medo da paralítica em baixo. O pároco depois fechava as portadas da janela e a porta muito perra que tinha de empurrar com o joelho. Amélia ia-se despindo devagar; e com as saias caídas aos pés ficava um momento imóvel, como uma forma branca na escuridão do quarto. Em redor o padre, preparando-se, respirava forte. Ela então persignava-se depressa, e sempre ao subir para o leito dava um suspirozinho triste.

Amélia só podia demorar-se até ao meio-dia. O padre Amaro por isso pendurava o seu *cebolão* no prego da candeia. Mas quando não ouviam as badaladas da torre, Amélia conhecia a

hora pelo cantar dum galo vizinho.

— Devo ir, filho — murmurava toda cansada.

— Deixa lá... Estás sempre com a pressa...

Ficavam ainda uns momentos calados, numa lassidão doce, muito chegados um ao outro. Pelas vigas separadas do telhado mal junto viam aqui e além fendas de luz: *às* vezes sentiam um gato, com as suas passadas fofas, vadiar, fazendo bulir alguma telha solta; ou um pássaro, pousando, chilreava e ouviam-lhe o frémito das asas.

— Ai, são horas — dizia Amélia.

O padre queria detê-la; não se fartava de lhe beijar a orelhinha.

— Lambão! — murmurava ela. — Deixe-me!

Vestia-se à pressa no escuro do quarto; depois ia abrir a janela, vinha ainda abraçar o pescoço de Amaro, que ficara estatelado sobre o leito; e ia enfim arrastar a mesa e as cadeiras, para a paralítica sentir em baixo, saber que tinham acabado a conferência.

Amaro não findava ainda de a beijocar: ela então, para acabar, fugia-lhe, ia escancarar a porta do quarto; o padre descia, atravessava em duas passadas a cozinha sem olhar para a Totó, e entrava na sacristia.

Amélia, essa, antes de sair, vinha ver a paralítica, saber se gostara das estampas. Encontrava-a às vezes com a cabeça debaixo dos cobertores, que entalava e prendia com as mãos para se esconder; outras vezes, sentada na cama,

examinava Amélia com olhos em que se acendia uma curiosidade viciosa; chegava o rosto para ela, com as narinas dilatadas que pareciam cheirá-la; Amélia recuava, inquieta, corando também; queixava-se então de ser tarde, recolhia a *Vida dos Santos*, e saía, amaldiçoando aquela criatura tão maliciosa na sua mudez.

Ao passar no largo, àquela hora, via sempre a Amparo à janela. Ultimamente mesmo julgara prudente contar-lhe em segredo a sua caridade com a Totó. A Amparo, mal a via, chamava-a; e debruçando-se toda na varanda:

— Então como vai a Totó?

— Lá vai.

— Já lê?

— Já soletra.

— E a oração a Nossa Senhora?

— Já a diz.

— Ai, que devoção a tua, filha!

Amélia baixava os olhos, modesta. E o Carlos, que estava também no segredo, deixava o balcão para vir à porta admirar Amélia.

— Vem da sua grande missão de caridade, hem? — dizia, de olho arregalado, balanceando-se na ponta das chinelas.

— Estive um bocado com a pequena, a entretê-la...

— Grandioso! — murmurava o Carlos. — Um apostolado! Pois vá, minha santa menina, recados à mamã.

Voltava-se então para dentro, para o praticante:

— Veja o Sr. Augusto aquilo... Em lugar de passar o seu tempo, como as outras, em namoros, faz-se anjo da guarda! Passa a flor dos anos com uma entrevada! Veja o senhor se a filosofia, o materialismo, e essas porcarias são capazes de inspirar ações deste jaez... Só a religião, meu caro senhor! Eu queria que os Renans e essa cambada de filósofos vissem isto! Que eu, tenha o senhor em vista, admiro a filosofia, mas quando ela, por assim dizer, vai de mãos dadas com a religião... Sou homem de ciência e admiro um Newton, um Guizot... Mas (e grave o senhor estas palavras) se a filosofia se afasta da religião... (grave bem estas palavras) dentro de dez anos, Sr. Augusto, está a filosofia enterrada!

E continuava a mexer-se pela

farmácia a passos lentos, de mãos atrás das costas, ruminando o fim da filosofia.

17

Foi aquele o período mais feliz da vida de Amaro.

«Ando na graça de Deus», pensava ele às vezes à noite, ao despir-se, quando por um hábito eclesiástico, fazendo o exame dos seus dias, via que eles se seguiam fáceis, tão confortáveis, tão regularmente gozados. Não houvera, nos últimos dois meses, nem atritos nem dificuldades no serviço da paróquia; todo o mundo, como dizia o padre Saldanha, andava dum humor de santo. D. Josefa Dias arranjara-lhe muito barata uma cozinheira excelente, e que se chamava Escolástica. Na Rua da Misericórdia tinha a sua corte admiradora e devota; cada

semana, uma ou duas vezes, vinha aquela hora deliciosa e celeste na casa do tio Esguelhas; e para completar a harmonia até a estação ia tão linda, que já no Morenal começavam a abrir as rosas.

Mas o que o encantava era que nem as velhas, nem os padres, ninguém da sacristia suspeitava os seus *rendez-vous* com Amélia. Aquelas visitas à Totó tinham entrado nos costumes da casa; chamavam-lhe «as devoções da pequena»; e não a interrogavam com particularidades, pelo princípio beato que as devoções são um segredo que se tem com Nosso Senhor. Só às vezes alguma das senhoras perguntava a Amélia — como ia a doente; ela assegurava que estava muito mudada, que começava a abrir os olhos à lei de Deus; então, muito

discretamente, falavam de coisas diferentes. Havia apenas o plano vago de irem um dia, mais tarde, quando a Totó soubesse bem o seu catecismo e pela eficácia da oração se tivesse tomado boa, admirar em romaria a obra santa de Amélia e a humilhação do Inimigo.

Amélia mesmo, perante esta confiança tão larga na sua virtude, propusera um dia a Amaro, como muito hábil, dizer às amigas que o senhor pároco às vezes vinha assistir à prática piedosa que ela fazia à Totó...

— Assim, se alguém te surpreendesse a entrar para a casa do tio Esguelhas, já não havia suspeitas.

— Não me parece necessário — disse ele. — Deus está conosco, filha, é claro. Não queiramos intrometer-nos nos

seus planos. Ele vê mais longe que nós...

Ela concordou logo, como em tudo que saía dos seus lábios. Desde a primeira manhã, na casa do tio Esguelhas, ela abandonara-se-lhe absolutamente, toda inteira, corpo, alma, vontade e sentimento: não havia na sua pele um cabelinho, não corria no seu cérebro uma ideia a mais pequenina, que não pertencesse ao senhor pároco. Aquela possessão de todo o seu ser não a invadira gradualmente; fora completa, no momento que os seus fortes braços se tinham fechado sobre ela. Parecia que os beijos dele lhe tinham sorvido, esgotado a alma: agora era como uma dependência inerte da sua pessoa. E não lho ocultava; gozava em se humilhar, oferecer-se sempre, sentir-se toda dele, toda escrava; queria que ele pensasse por

ela e vivesse por ela; descarregara-se nele, com satisfação, daquele fardo da responsabilidade que sempre lhe pesara na vida; os seus juízos agora vinham-lhe formados do cérebro do pároco, tão naturalmente como se saísse do coração dele o sangue que lhe corria nas veias. «O senhor pároco queria ou o senhor pároco dizia» era para ela uma razão toda suficiente e toda poderosa. Vivia com os olhos nele, numa obediência animal: tinha só a curvar-se quando ele falava, e quando vinha o momento a desapertar o vestido.

Amaro gozava prodigiosamente esta dominação; ela desforrava-o de todo um passado de dependências — a casa do tio, o seminário, a sala branca do Sr. conde de Ribamar... A sua existência de padre era

uma curvatura humilde que lhe fatigava a alma; vivia da obediência ao senhor bispo, à câmara eclesiástica, aos cânones, à Regra que nem lhe permitia ter uma vontade própria nas suas relações com o sacristão. E agora, enfim, tinha ali aos seus pés aquele corpo, aquela alma, aquele ser vivo sobre quem reinava com despotismo. Se passava os seus dias, por profissão, louvando, adorando e incensando Deus, — era ele também agora o Deus duma criatura que o temia e lhe dava uma devoção pontual. Para ela ao menos, era belo, superior aos condes e aos duques, tão digno da mitra como os mais sábios. Ela mesma, um dia, dissera-lhe, depois de ter estado um momento pensativa:

— Tu podias chegar a papa!

— Desta massa se fazem, respondeu ele com seriedade.

Ela acreditava-o com um receio, todavia, que as altas dignidades o afastassem dela, o levassem para longe de Leiria. Aquela paixão, em que estava abismada e que a saturava, tomara-a estúpida e obtusa a tudo o que não respeitava ao senhor pároco ou ao seu amor. Amaro de resto não lhe consentia interesses, curiosidades alheias à sua pessoa. Proibia-lhe até que lesse romances e poesias. Para que se havia de fazer doutora? Que lhe importava o que ia no mundo? Um dia que ela falara, com algum apetite, dum baile que iam dar os Vias-Claras, ofendeu-se como duma traição. Fez-lhe em casa do tio Esguelhas acusações tremendas: era uma vaidosa,

uma perdida, uma filha de Satanás!...

— Mas mato-te! Percebes? Mato-te! — exclamou agarrando-lhe os pulsos, fulminando-a com o olhar aceso.

Tinha um medo, que o pungia, de a ver subtrair-se ao seu império, perder-lhe a adoração muda e absoluta. Pensava às vezes que ela se fatigaria, com o tempo, dum homem que não lhe satisfazia as vaidades e os gostos de mulher, sempre metido na sua batina negra, com a cara rapada e a coroa aberta. Imaginava que as gravatas de cores, os bigodes bem torcidos, um cavalo que trota, um uniforme de lanceiros exercem sobre as mulheres uma fascinação decisiva. E se a ouvia falar de algum oficial do destacamento, de algum cavalheiro da cidade, eram ciúmes desabridos...

— Gostas dele? Hem! É pelos trapos, pelo bigode?...

— Gosto dele! Oh, filho, eu nunca vi o homem!

Mas escusava de falar da criatura, então! Era ter curiosidade, pôr o pensamento noutro! Dessas faltas de vigilância sobre a alma e a vontade é que se aproveitava o demónio!...

Viera assim a ter um ódio a todo o mundo secular — que a poderia atrair, arrastar para fora da sombra da sua batina. Impedia-lhe, com pretextos complicados, toda a comunicação com a cidade. Convenceu mesmo a mãe que a não deixasse ir só à Arcada e às lojas. E não cessava de lhe representar os homens como monstros de impiedade, cobertos de pecados como duma crosta, estúpidos e

falsos, votados ao Inferno! Contava-lhe horrores de quase todos os rapazes de Leiria. Ela perguntava-lhe aterrada, mas curiosa:

— Como sabes tu?

— Não te posso dizer — respondia com uma reticência, indicando que lhe fechava os lábios o segredo da confissão.

E ao mesmo tempo martelava-lhe os ouvidos com a glorificação do sacerdócio. Desenrolava-lhe com pompa a erudição dos seus antigos compêndios, fazendo-lhe o elogio das funções da superioridade do padre. No Egito, grande nação da antiguidade, o homem só podia ser rei se era sacerdote! Na Pérsia, na Etiópia, um simples padre tinha o privilégio de destronar os reis, dispor das coroas! Onde havia uma autoridade igual

à sua? Nem mesmo na corte do Céu. O padre era superior aos anjos e aos serafins — porque a eles não fora dado como ao padre o poder maravilhoso de perdoar os pecados! Mesmo a Virgem Maria, tinha ela um poder maior que ele, padre Amaro? Não: com todo o respeito devido à majestade de Nossa Senhora, ele podia dizer com S. Bernardino de Sena: «O sacerdote excede-te, ó mãe amada!» — porque, se a Virgem tinha encarnado Deus no seu castíssimo seio, fora só uma vez, e o padre, no santo sacrifício da missa, encarnava Deus todos os dias! E isto não era argúcia dele, todos os santos padres o admitiam...

— Hem, que te parece?

— Oh, filho! — murmurava ela pasmada, desfalecida de voluptuosidade.

Então deslumbrava-se com citações venerandas: S. Clemente, que chamou ao padre «o Deus da Terra»; o eloquente S. Crisóstomo, que disse «que o padre é o embaixador que vem dar as ordens de Deus». E Santo Ambrósio que escreveu: «Entre a dignidade do rei e a dignidade do padre há maior diferença que a que existe entre o chumbo e o ouro!»

— E o ouro é cá o menino — dizia Amaro com palmadinhas no peito. — Que te parece?

Ela atirava-se-lhe aos braços, com beijos vorazes, como para tocar, possuir nele o «ouro de Santo Ambrósio», o «embaixador de Deus», tudo o que na Terra havia mais alto e mais nobre, o ser que excede em graça os arcanjos!

Era este poder divino do padre, esta

familiaridade com Deus, tanto ou mais que a influência da sua voz, que a faziam crer na promessa que ele lhe repetia sempre: que ser amada por um padre chamaria sobre ela o interesse, a amizade de Deus; que depois de morta dois anjos viriam tomá-la pela mão para a acompanhar e desfazer todas as dúvidas que pudesse ter S. Pedro, chaveiro do Céu; e que na sua sepultura, como sucedera em França a uma rapariga amada por um cura, nasceriam espontaneamente rosas brancas, como prova celeste de que a virgindade não se estraga nos braços santos dum padre...

Isto encantava-a. Àquela ideia da sua cova perfumada de rosas brancas, ficava toda pensativa, num antegosto de felicidades místicas, com suspirinhos de

gozo. Afirmava, fazendo beicinho, que queria morrer.

Amaro galhofava.

— A falar da morte, com essas carnezinhas...

Engordara com efeito. Estava agora duma beleza ampla e toda igual. Perdera aquela expressão inquieta que lhe punha nos lábios uma secura e lhe afilava o nariz. Nos seus beiços havia um vermelho quente e húmido; o seu olhar tinha risos sob um fluido sereno; toda a sua pessoa uma aparência madura de fecundidade. Fizera-se preguiçosa: em casa, a cada momento suspendia o seu trabalho, ficava a olhar longamente com um sorriso mudo e fixo; e tudo parecia ficar adormecido um momento, a agulha, o pano que ela costurava, toda a sua pessoa. Estava

revendo o quarto do sineiro, o catre, o senhor pároco em mangas de camisa.

Passava os seus dias esperando as oito horas, em que ele aparecia regularmente com o cónego. Mas os serões agora pesavam-lhe. Ele recomendara-lhe muita reserva; ela exagerava-a, por um excesso de obediência, a ponto de nunca se sentar ao pé dele ao chá, e de nem mesmo lhe oferecer bolos. Odiava então a presença das velhas, a gralhada das vozes, as pachorras do quino; tudo lhe parecia intolerável no mundo, exceto estar só com ele... Mas depois, em casa do sineiro, que desforra! Aquele rosto todo alterado, aquelas sufocações de delírio, aqueles ais agonizantes, depois a imobilidade da morte, assustavam às vezes o padre.

Erguia-se no cotovelo, inquieto:

— Estás incomodada?

Ela abria os olhos espantados, como ressurgindo de muito longe; e era realmente bela, cruzando os braços nus sobre o peito descoberto, dizendo lentamente com a cabeça que não...

18

Uma circunstância inesperada veio estragar aquelas manhãs em casa do sineiro. Foi a extravagância da Totó. Como disse o padre Amaro, «a rapariga saia-lhes um monstro»!

Tinha agora por Amélia uma aversão desabrida. Apenas ela se aproximava da cama, atirava a cabeça para debaixo dos cobertores, torcendo-se com frenesi se lhe sentia a mão ou a voz. Amélia fugia, impressionada com a ideia de que o diabo que habitava a Totó, recebendo o cheiro que ela trazia da igreja nos vestidos, impregnados de incenso e salpicados de água benta, se espolinhava de terror dentro do corpo da rapariga...

Amaro quis repreender a Totó, fazer-lhe sentir, em palavras tremendas, a sua ingratidão demoníaca para com a menina Amélia que vinha entretê-la, ensiná-la a conversar com Nosso Senhor... Mas a paralítica rompeu num choro histérico; depois, de repente, ficou imóvel, hirta, esbugalhando os olhos em alvo, com uma escuma branca na boca. Foi um grande susto; inundaram-lhe a cama de água; Amaro, por prudência, recitou os exorcismos... E Amélia desde então resolveu «deixar a fera em paz». Não tentou mais ensinar-lhe o alfabeto, nem orações a Santa Ana.

Mas, por escrúpulo, iam sempre ao entrar vê-la um instante. Não passavam da porta da alcova, perguntando-lhe de alto «como ia». Nunca respondia. E eles

retiravam-se logo aterrados com aqueles olhos selvagens e brilhantes, que os devoravam, indo de um a outro, percorrendo-lhes o corpo, fixando-se com uma faiscação metálica nos vestidos de Amélia e na batina do padre, como para lhe adivinhar o que estava por baixo, numa curiosidade ávida que lhe dilatava desesperadamente as narinas e lhe arreganhava os beiços lívidos. Mas era a mudez, obstinada e rancorosa, que os incomodava sobretudo. Amaro, que não acreditava muito em possessos e endemoninhados, via ali os sintomas de *loucura furiosa*. Os sustos de Amélia aumentaram. Felizmente que as pernas inertes cravavam a Totó ali na enxerga! Senão, Jesus, era capaz de lhes entrar no quarto e mordê-los num acesso!

Declarou a Amaro que nem lhe sabia bem o prazer da manhã, «depois daquele espetáculo»; e decidiu então, daí por diante, subir para o quarto sem falar à Totó.

Foi pior. Quando a via atravessar da porta da rua para a escada, a Totó debruçava-se para fora do leito, agarrada às bordas da enxerga, num esforço ansioso para a seguir, para a ver, com a face toda descomposta do desespero da sua imobilidade. E Amélia ao entrar no quarto sentia vir debaixo uma risadinha seca, ou um «ui!» prolongado e uivado que a gelava...

Andava agora aterrada: viera-lhe a ideia que Deus estabelecera ali, ao lado do seu amor com o pároco, um demónio implacável para a escarnecer e apupar.

Amaro, querendo-a tranquilizar, dizia-lhe que o nosso santo padre Pio IX, ultimamente, declarara pecado crer em *pessoas possessas*...

— Mas para que há rezas, então, e exorcismos?

— Isso é da religião velha. Agora vai-se mudar tudo isso... Enfim a ciência é a ciência...

Ela pressentia que Amaro a enganava e a Totó estragava a sua felicidade. Enfim Amaro achou o meio de escaparem à «maldita rapariga»: era entrarem ambos pela sacristia: tinham apenas a atravessar a cozinha para subir a escada, e a posição da cama da Totó, na alcova, não lhe permitia vê-los, quando eles cautelosamente passassem pé ante pé. Era fácil, de resto, porque à hora do *rendez-*

vous, entre as onze e o meio-dia, nos dias da semana, a sacristia estava deserta.

Mas sucedia que, quando eles entravam em pontas de pés e mordendo a respiração, os seus passos, por mais sutis, faziam ranger os velhos degraus da escada. E então a voz da Totó saía da alcova, uma voz rouca e áspera, berrando:

— Passa fora, cão! Passa fora, cão!

Amaro tinha um desejo furioso de estrangular a paralítica. Amélia tremia, toda branca.

E a criatura uivava de dentro:

— Lá vão os cães! Lá vão os cães!

Eles refugiavam-se no quarto, aferrolhando-se por dentro. Mas aquela voz de um desolamento lúgubre, que lhes parecia vir dos infernos, chegava-lhes ainda, perseguia-os:

— Estão a pegar-se os cães! Estão a pegar-se os cães!

Amélia caía sobre o catre, quase desmaiada de terror. Jurava não voltar àquela casa maldita...

— Mas que diabo queres tu? — dizia-lhe o padre furioso. — Onde nos havemos de ver então? Queres que nos deitemos nos bancos da sacristia?

— Mas que lhe fiz eu? Que lhe fiz eu? — exclamava Amélia, apertando as mãos.

— Nada! É doida... E o pobre tio Esguelhas tem tido um desgosto... Enfim, que queres que lhe faça?

Ela não respondia. Mas em casa, quando se ia aproximando o dia do *rendez-vous*, começava a tremer à ideia daquela voz que lhe atroava sempre nos

ouvidos e que sentia em sonhos. E este terror ia-a despertando lentamente do adormecimento de todo o ser, em que caíra nos braços do pároco. Interrogava-se agora: não andaria cometendo um pecado irremissível? As afirmações de Amaro, assegurando-lhe o perdão do Senhor, já não a tranquilizavam. Ela bem via, quando a Totó uivava, uma palidez cobrir o rosto do pároco, como correr-lhe no corpo um calafrio do inferno entrevisto. E se Deus os desculpava porque deixava assim o demónio atirar-lhes, pela voz da paralítica, a injúria e o escárnio?

Ajoelhava então aos pés da cama, arremessava orações sem fim para Nossa Senhora das Dores, pedindo-lhe que a alumiasse, que lhe dissesse o que era

aquela perseguição da Totó, e se era sua intenção divina mandar-lhe assim um aviso medonho. Mas Nossa Senhora não lhe respondia. Não a sentia como outrora descer do Céu às suas orações, entrar-lhe na alma aquela tranquilidade suave como uma onda de leite que era uma visitação da Senhora. Ficava toda murcha, torcendo as mãos, abandonada da graça. Prometia então não voltar a casa do sineiro; mas quando o dia chegava, à ideia de Amaro, do leito, daqueles beijos que lhe levavam a alma; daquele fogo que a penetrava, sentia-se toda fraca contra a tentação; vestia-se, jurando que era a última vez; e ao toque das onze partia, com as orelhas a arder, o coração tremendo da voz da Totó que ia ouvir, as entranhas abrasando-se no desejo do homem que a ia atirar para cima

da enxerga.

Ao entrar na igreja não rezava, com medo dos santos.

Corria para a sacristia para se refugiar em Amaro, abrigar-se *à* autoridade sagrada da sua batina. Ele então, vendo-a chegar tão pálida e tão transtornada, galhofava para a tranquilizar. Não, era uma tolice, se iam agora estragar o regalozinho daquelas manhãs, porque havia uma doida na casa! Prometera-lhe de resto procurar outro sítio para se verem; e mesmo com o fim de a distrair, aproveitando a solidão da sacristia, mostrava-lhe às vezes os paramentos, os cálices, as vestimentas, procurando interessá-la por um frontal novo ou por uma antiga renda de sobrepeliz, provando-lhe, pela

familiaridade com que tocava nas relíquias, que era ainda o senhor pároco e não perdera o seu crédito no Céu.

Foi assim que uma manhã lhe fez ver uma capa de Nossa Senhora, que havia dias chegara de presente duma devota rica de Ourém. Amélia admirou-a muito. Era de cetim azul, representando um firmamento, com estrelas bordadas, e um centro, de lavor rico, onde flamejava um coração de ouro cercado de rosas de ouro. Amaro desdobrara-a, fazendo cintilar junto da janela os bordados espessos.

— Rica obra, hem? Centos de mil réis... Experimentamo-la ontem na imagem... Vai-lhe como um brinco. Um bocadito comprida, talvez... — E olhando Amélia, numa comparação da sua alta

estatura com a figura atarracada da imagem da Senhora: — A ti é que te havia de ficar bem. Deixa ver...

Ela recuou:

— Não, credo, que pecado!

— Tolice! — disse ele adiantando-se com a capa aberta, mostrando o forro de cetim branco, duma alvura de nuvem matutina. — Não esta benzida... É como se viesse da modista.

— Não, não — dizia ela frouxamente, com os olhos já luzidios de desejo. — Ele então zangou-se. Queria talvez saber melhor do que ele o que era pecado, não? Vinha agora a menina ensinar-lhe o respeito que se deve aos vestuários dos santos?

— Ora não seja tola. Deixe ver.

Pôs-lha aos ombros, apertou-lhe

sobre o peito o fecho de prata lavrada. E afastou-se para a contemplar toda envolvida no manto, assustada e imóvel, com um sorriso cálido de gozo devoto.

— Oh filhinha, que linda que ficas!

Ela então, movendo-se com uma cautela solene, chegou-se ao espelho da sacristia — um antigo espelho de reflexo esverdeado, com um caixilho negro de carvalho lavrado, tendo no topo uma cruz. Mirou-se um momento, naquela seda azul-celeste que a envolvia toda, picada do brilho agudo das estrelas, com uma magnificência sideral. Sentia-lhe o peso rico. A santidade que o manto adquirira no contato com os ombros da imagem penetrava-a duma voluptuosidade beata. Um fluido mais doce que o ar da terra envolvia-a, fazia-lhe passar no corpo a

carícia do éter do Paraíso. Parecia-lhe ser uma santa no andor, ou mais alto, no Céu...

Amaro babava-se para ela:

— Oh filhinha, és mais linda que Nossa Senhoras!

Ela deu uma olhadela viva ao espelho. Era, decerto, linda. Não tanto como Nossa Senhora... Mas cora o seu rosto trigueiro, de lábios rubros, alumiado por aquele rebrilho dos olhos negros, se estivesse sobre o altar, com cantos ao órgão e um culto sussurrando em redor, faria palpitar bem forte o coração dos fiéis...

Amaro então chegou-se por detrás dela, cruzou-lhe os braços sobre o seio, apertou-a toda, e estendendo os lábios por sobre os dela, deu-lhe um beijo mudo, muito longo... Os olhos de Amélia

cerravam-se, a cabeça inclinava-se-lhe para trás, pesada de desejo. Os beiços do padre não se desprendiam, ávidos, sorvendo-lhe a alma. A respiração dela apressava-se, os joelhos tremiam-lhe: e com um gemido desfaleceu sobre o ombro do padre, descorada e morta de gozo.

Mas endireitou-se de repente, fixou Amaro batendo as pálpebras como acordada de muito longe; uma onda de sangue escaldou-lhe o rosto:

— Oh! Amaro, que horror, que pecado!...

— Tolice! — disse ele.

Mas ela desprendia-se do manto, toda aflita:

— Tira-mo, tira-mo! — gritava, como se a seda a queimasse.

Então Amaro fez-se muito sério.

Realmente não se devia brincar com coisas sagradas...

— Mas não está benzida... Não tem dúvida...

Dobrou o manto cuidadosamente, envolveu-o no lençol branco, colocou-o no gavetão, sem uma palavra. Amélia olhava-o petrificada; e só os seus lábios pálidos se moviam numa oração.

Quando ele lhe disse, enfim, que eram horas de irem a casa do sineiro — recuou, como diante do demónio que a chamasse.

— Hoje não! — exclamou, implorando-o.

Ele insistiu. Era levar realmente muito longe a pieguice... Ela bem sabia que não era pecado, quando as coisas não estavam benzidas... Era ser muito pobre

de espirito... Que demónio, só meia hora, ou um quarto de hora!

Ela, sem responder, ia-se aproximando da porta.

— Então não queres?

Ela voltou-se, e com uns olhos suplicantes:

— Hoje não!

Amaro encolheu os ombros. E Amélia atravessou rapidamente a igreja, de cabeça baixa e olhos nas lajes, como se passasse entre as ameaças cruzadas dos santos indignados.

No dia seguinte de manhã, a S. Joaneira, que estava na sala de jantar, sentindo o senhor cónego subir soprando forte, veio encontrá-lo à escada e fechou-

se com ele na saleta.

Queria contar-lhe a aflição que tivera de madrugada. A Amélia acordara de repente aos gritos, que Nossa Senhora lhe estava a pousar o pé no pescoço! que sufocava! que a Totó a queimava por detrás! e que as labaredas do Inferno subiam mais alto que as torres da Sé!... Enfim um horror!... Viera encontrá-la em camisa a correr pelo quarto, como doida. Daí a pouco caíra para o lado com um ataque de nervos. Toda a casa estivera em alvoroço... A pobre pequena lá estava de cama, e em toda a manhã apenas tocara numa colher de caldo.

— Pesadelos — disse o cónego. — Indigestão!

— Ai, senhor cónego, não! — exclamou a S. Joaneira, que parecia

acabrunhada, sentada diante dele na borda duma cadeira. — É outra coisa: são aquelas desgraçadas visitas à filha do sineiro!

E então desabafou, com a efusão labial de quem abre os diques a um descontentamento acumulado. Nunca quisera dizer nada, porque enfim reconhecia que era uma grande obra de caridade. Mas, desde que aquilo começara, a rapariga parecia transtornada. Ultimamente, então, andava de todo. Ora alegrias sem razão, ora umas trombas de dar melancolia aos móveis. De noite sentia-a passear pela casa até tarde, abrir as janelas... Às vezes tinha até medo de lhe ver o olhar tão esquisito: quando vinha de casa do sineiro era sempre branca como a cal, a cair de

fraqueza. Tinha de tomar logo um caldo... Enfim, dizia-se que a Totó tinha o demónio no corpo. E o senhor chantre, o outro que tinha morrido (Deus lhe fale na alma), costumava dizer que, neste mundo, as duas coisas que se pegavam mais às mulheres eram tísicas e demónio no corpo. Parecia-lhe, pois, que não devia consentir que a pequena fosse a casa do sineiro, sem estar certa que aquilo nem lhe prejudicava a saúde, nem lhe prejudicava a alma. Enfim, queria que uma pessoa de juízo, de experiência, fosse examinar a Totó...

— Numa palavra — disse o cónego, que escutara de olhos cerrados aquela verbosidade repassada de lamúria — o que a senhora quer é que eu vá ver a paralítica, e saber à justa o que se passa...

— Era um alívio para mim, riquinho!

Aquela palavra, que a S. Joaneira, na sua gravidade de matrona, reservava para a intimidade das sestas, enterneceu o cónego. Fez uma carícia ao pescoço gordo da sua velhota, e prometeu com bondade ir estudar o caso...

— Amanhã, que a Totó está só — lembrou logo a S. Joaneira.

Mas o cónego preferia que Amélia estivesse presente. Podia assim ver como as duas se davam, se havia influência do espírito maligno...

— Que isto que eu faço é de agradecer... É por ser para quem é... Que bem me bastam os meus achaques, sem me ocupar dos negócios de Satanás.

A S. Joaneira recompensou-o com uma beijoca sonora.

— Ah, sereias, sereias!... — murmurou o cónego filosoficamente.

No fundo aquele encargo desagradava-lhe: era uma perturbação nos seus hábitos, toda uma manhã desarranjada; ia decerto fatigar-se, tendo de exercitar a sua sagacidade; além disso odiava o espetáculo de doenças e de todas as circunstâncias humanas relacionadas com a morte. Mas, enfim, fiel à sua promessa, daí a dias, na manhã em que fora prevenido que Amélia ia à Totó, arrastou-se contrariado para a botica do Carlos; e instalou-se, com um olho no *Popular* e outro na porta, à espera que a rapariga atravessasse para a Sé. O amigo Carlos estava ausente; o Sr. Augusto ocupava os seus vagares sentado à escrivaninha, de testa sobre o punho,

relendo o seu Soares de Passos; fora, o sol já quente dos fins de abril fazia rebrilhar o lajeado do largo; não passava ninguém; e só quebravam o silêncio as marteladas nas obras do doutor Pereira. Amélia tardava. E o cónego, depois de ter considerado longo tempo, com o *Popular* caído nos joelhos, o medonho sacrifício que fazia pela sua velhota, ia cerrando as pálpebras, já tomado da quebreira, naquele repouso calado do meio-dia próximo — quando entrou na botica um eclesiástico.

— Oh, abade Ferrão, você pela cidade! — exclamou o cónego Dias despertando do seu quebranto.

— De fugida, colega, de fugida — disse o outro colocando cuidadosamente sobre uma cadeira dois grossos volumes

que trazia, amarrados num barbante.

Depois voltou-se e tirou, com respeito, o seu chapéu ao praticante.

Tinha o cabelo todo branco; devia passar já dos sessenta anos; mas era robusto, uma alegria bailava sempre nos seus olhinhos vivos, e tinha dentes magníficos a que uma saúde de granito conservava o esmalte; o que o desfigurava era um nariz enorme.

Informou-se logo com bondade se o amigo Dias estava ali de visita ou infelizmente por motivo de doença.

— Não, estou aqui à espera. Uma embaixada de truz, amigo Ferrão!

— Ah — fez o velho discretamente. E enquanto tirava com método duma carteira atulhada de papéis a receita para o praticante, deu ao cónego notícias da

freguesia. Era lá, nos Poiais, que o cónego tinha a fazenda, a Ricoça. O abade Ferrão passara de manhã diante da casa e ficara surpreendido vendo que lhe andavam a pintar a fachada. O amigo Dias tinha algumas ideias de ir lá passar o verão?

Não, não tinha. Mas como trouxera obras dentro e a fachada estava uma vergonha, mandara-lhe dar uma mão de ocre. Enfim, era necessário alguma aparência, sobretudo numa casa que estava à beira da estrada, onde passava todos os dias o morgadelho dos Poiais, um parlapatão que imaginava que só ele tinha um palacete decente em dez léguas à roda... Só para meter ferro, àquele ateu! Pois não lhe parecia, amigo Ferrão?

O abade estava justamente lamentando consigo aquele sentimento de

vaidade num sacerdote; mas, por caridade cristã, para não contrariar o colega, apressou-se a dizer:

— Está claro, está claro. A limpeza é a alegria das coisas...

O cónego então, vendo passar no largo uma saia e um mantelete, foi à porta afirmar-se se era Amélia. Não era. E voltando, retomado agora da sua preocupação, vendo que o praticante fora dentro ao laboratório, disse ao ouvido do Ferrão:

— Uma embaixada da fortuna! Vou ver uma endemoniada!

— Ah — fez o abade, todo sério à ideia daquela responsabilidade.

— Quer você vir comigo, abade? É aqui perto...

O abade desculpou-se polidamente.

Viera falar ao senhor vigário-geral, fora depois ao Silvério para lhe pedir aqueles dois volumes, vinha ali aviar uma receita para um velho da freguesia, e tinha de estar de volta aos Poiais ao toque das duas horas.

O cónego insistiu; era um instante, e o caso parecia curioso...

O abade então confessou ao caro colega que eram coisas que não gostava de examinar. Aproximava-se sempre delas com um espírito rebelde à crença, com desconfianças e suspeitas que lhe diminuíram a imparcialidade.

— Mas enfim há prodígios! — disse o cónego. Apesar das suas próprias dúvidas, não gostava daquela hesitação do abade, a propósito dum fenómeno sobrenatural, em que ele, cónego Dias,

estava interessado. Repetiu com secura: — Tenho alguma experiência, e sei que há prodígios.

— Decerto, decerto há prodígios — disse o abade. — Negar que Deus ou a Rainha do Céu possa aparecer a uma criatura, é contra a doutrina da Igreja... Negar que o demónio possa habitar o corpo de um homem, seria estabelecer um erro funesto... Aconteceu a Jó, sem ir mais longe, e à família de Sara. Está claro, há prodígios. Mas que raríssimos que são, cónego Dias!

Calou-se um momento olhando o cónego, que tapava o nariz com rapé em silêncio e continuou mais baixo, com o olho brilhante e fino:

— E depois não tem o colega notado que é uma coisa que só sucede às

mulheres? É só a elas, cuja malícia é tão grande que o próprio Salomão não lhes pôde resistir, cujo temperamento é tão nervoso, tão contraditório, que os médicos não as compreendem. É só a elas que sucedem prodígios!... O colega já ouviu de ter aparecido a nossa Santa Virgem a um respeitável tabelião? Já ouviu dum digno juiz de direito possuído do espírito maligno? Não. Isto faz refletir... E eu concluo que é malícia nelas, ilusão, imaginação, doença, etc... Não lhe parece? A minha regra nesses casos é ver tudo isso de alto e com muita indiferença.

Mas o cónego, que vigiava a porta, brandiu subitamente o guarda-sol, fazendo pari o largo:

— Pst, pst! Eh lá!

Era Amélia que passava. Parou logo, contrariada daquele encontro que a ia ainda retardar mais. E já o senhor pároco devia estar desesperado...

— De modo que — disse o cónego à porta abrindo o seu guarda-sol —, você, abade, em lhe cheirando a prodígio...

— Suspeito logo escândalo.

O cónego contemplou-o um momento, com respeito:

— Você, Ferrão, é capaz de dar quinaus a Salomão em prudência!

— Oh, colega! Oh, colega! — exclamou o abade, ofendido com aquela injustiça feita à incomparável sabedoria de Salomão.

— Ao próprio Salomão! — afirmou ainda o cónego da rua.

Tinha preparado uma história hábil

para justificar a sua visita à paralítica; mas durante a sua conversação com o abade ela escapara-lhe, como tudo o que deixava um momento nos reservatórios da memória; e foi sem transição que disse simplesmente a Amélia:

— Vamos lá, também quero ir ver essa Totó!

Amélia ficou petrificada. E o senhor pároco, naturalmente, já lá estava! Mas a sua madrinha Nossa Senhora das Dores, que ela invocou logo naquela aflição, não a deixou enleada no embaraço. E o cónego, que caminhava ao lado dela, ficou surpreendido ouvindo-lhe dizer com um risinho:

— Viva, hoje é o dia das visitas à Totó! O senhor pároco disse-me que também talvez hoje aparecesse por lá...

Talvez lá esteja até.

— Ah! O amigo pároco também? Está bom, está bom. Faremos uma consulta à Totó!

Amélia então, contente de sua malícia, tagarelou sobre a Totó. O senhor cónego ia ver... Era uma criatura incompreensível... Ultimamente, ela não tinha querido contar em casa, mas a Totó tomara-lhe birra... E dizia coisas, tinha um modo de falar de cães e de animais, de arrepiar!... Ai, era um encargo que já lhe pesava... Que a rapariga não lhe escutava as lições, nem as orações, nem os conselhos... Era uma fera!

— O cheiro é desagradável! — rosnou o cónego, entrando.

Que queria! A rapariga era uma porca, não havia tê-la arranjado. O pai,

esse, um desleixado também...

— É aqui, senhor cónego — disse, abrindo a porta da alcova que, agora, em obediência às ordens do senhor pároco, o tio Esguelhas deixava sempre fechada.

Encontraram a Totó meio erguida sobre a cama, com a face acesa numa curiosidade, àquela voz do cónego que não conhecia.

— Ora viva lá a Sra. Totó! — disse ele da porta, sem se aproximar.

— Vá, cumprimenta o senhor cónego — disse Amélia, começando logo, com uma caridade desacostumada, a compor a roupa da cama, a arrumar a alcova. — Diz-lhe como estás... Não te faças amuada!

Mas a Totó permaneceu tão muda como a imagem de S. Bento que tinha à

cabeceira, examinando muito aquele sacerdote tão gordo, tão grisalho, tão diferente do senhor pároco... E os seus olhos, mais brilhantes todos os dias à medida que se lhe cavavam as faces, iam, como de costume, do homem para Amélia, numa ansiedade de perceber por que o trazia ela ali, àquele velho obeso, e se ia também subir com ele para o quarto.

Amélia agora tremia. Se o senhor pároco entrasse, e ali, diante do cónego, a Totó, tomada do seu frenesi, rompesse aos gritos, tratando-os de cães!... Com o pretexto de dar uma arrumadela, foi à cozinha vigiar o pátio. Faria um sinal da janela, apenas Amaro aparecesse.

E o cónego, só na alcova da Totó, preparando-se para começar as suas observações, ia perguntar-lhe quantas

eram as pessoas da Santíssima Trindade, quando ela, adiantando a face, lhe disse numa voz sutil como um sopro:

— E o outro?

O cónego não compreendeu. Que falasse alto! Que era?

— O outro, o que vem com ela!

O cónego chegou-se, com a orelha dilatada de curiosidade:

— Que outro?

— O bonito. O que vai com ela para o quarto. O que a belisca...

Mas Amélia entrava; e a paralítica calou-se logo, repousada, com os olhos cerrados e respirando regaladamente, como num alívio repentino de todo o seu sofrimento. O cónego, esse, imobilizado de assombro, permanecia na mesma postura, dobrado sobre a cama como para

auscultar a Totó. Ergueu-se por fim, soprou como numa calma de agosto, sorveu de espaço uma pitada forte; e ficou com a caixa aberta entre os dedos, os olhos muito vermelhos cravados na colcha da Totó.

— Então, senhor cónego, que lhe parece cá a minha doente? — perguntou Amélia.

Ele respondeu, sem a olhar:

— Sim senhor, muito bem... Vai bem... É esquisita... Pois é andar, é andar... Adeus...

Saiu, resmungando que tinha negócios, e voltou imediatamente à botica.

— Um copo de água! — exclamou, caindo em cheio sobre a cadeira.

O Carlos, que voltara, apressou-se, oferecendo flor de laranja, perguntando se

sua excelência estava incomodado...

— Cansadote — disse.

Tomou o *Popular* de sobre a mesa, e ali ficou, sem se mexer, abismado nas colunas do periódico. O Carlos tentou falar da política do pais, depois dos negócios de Espanha, depois dos perigos revolucionários que ameaçavam a Sociedade, depois da deficiência da administração do concelho de que era agora um adversário feroz... Debalde. Sua excelência grunhia apenas monossílabos soturnos. E o Carlos, enfim, recolheu-se a um silêncio chocado, comparando, num desdém interior que lhe vincava de sarcasmo os cantos dos beiços, a obtusidade soturna daquele sacerdote à palavra inspirada dum Lacordaire e dum Malhão! Por isso o Materialismo em

Leiria, em todo o Portugal, erguia a sua cabeça de hidra...

Batia uma hora na torre quando o cónego, que vigiava a Praça pelo canto do olho, vendo passar Amélia, arremessou o jornal, saiu da botica sem dizer uma palavra e estugou o seu passo de obeso para a casa do tio Esguelhas. A Totó estremeceu de medo ao ver de novo aquela figura bojuda aparecer à porta da alcova. Mas o cónego riu-se para ela, chamou-lhe Totozinha, prometeu-lhe um pinto para bolos; e mesmo sentou-se aos pés da cama com um *ah!* regalado, dizendo:

— Ora vamos nós agora conversar, amiguinha... Esta é que é a pernita doente, hem? Coitadita! Deixa que te hás de curar... hei de pedir a Deus... Fica por

minha conta.

Ela fazia-se ora toda branca ora toda vermelha, olhando aqui e além, inquieta, na perturbação que lhe dava aquele homem a sós com ela tão perto que lhe sentia o hálito forte.

— Então, ouve cá — disse ele chegando-se mais para ela, fazendo ranger o catre com o seu peso. — Ouve cá, quem é o outro? Quem é que vem com a Amélia?

Ela respondeu logo, atirando as palavras dum fôlego:

— É o bonito, é o magro, vêm ambos, sobem para o quarto, fecham-se por dentro; são como cães!

Os olhos do cónego injetaram-se para fora das órbitas:

— Mas quem é ele, como se chama?

O teu pai que te disse?

— É o outro, é o pároco, o Amaro! — fez ela impaciente.

— E vão para o quarto, hem? Lá para cima? E tu que ouves, tu que ouves? Diz tudo, pequena, diz tudo!

A paralítica então contou, com um furor que dava tons sibilantes à sua voz de tísica, como ambos entravam, e a vinham ver, e se roçavam um pelo outro, e abalavam para o quarto em cima, e estavam lá uma hora fechados...

Mas o cónego, com uma curiosidade lúbrica que lhe punha uma chama nos olhos mortiços, queria saber os detalhes torpes:

— E ouve lá, Totozinha, tu que ouves? Ouves ranger a cama?

Ela respondeu com a cabeça

afirmativamente, toda pálida, os dentes cerrados.

— E olha, Totozinha, já os viste beijarem-se, abraçarem-se? Anda, diz, que te dou dois pintos.

Ela não descerrava os lábios; e a sua face transtornada parecia ao cónego selvagem.

— Tu embirras com ela, não é verdade?

Ela fez que sim numa afirmação feroz de cabeça.

— E viste-os beliscarem-se?

— São como cães! — soltou ela por entre os dentes.

O cónego então endireitou-se; bufou outra vez com o seu grande sopro de encalmado, e coçou vivamente a coroa.

— Bem — disse, erguendo-se. —

Adeus, pequena... Agasalha-te. Não te constipes...

Saiu; e ao fechar com força a porta exclamou alto:

— Isto é a infâmia das infâmias! Eu mato-o! Eu perco-me!

Esteve um momento considerando, e partiu para a Rua das Sousas, de guarda-sol em riste, apressando a sua obesidade, com a face apoplética de furor. No Largo da Sé, porém, parou a refletir ainda; e rodando sobre os tacões, entrou na igreja. Ia tão levado que, esquecendo um hábito de quarenta anos, não dobrou o joelho ao Santíssimo. E arremessou-se para a sacristia — justamente quando o padre Amaro saía, calçando cuidadosamente as luvas pretas que usava agora sempre para agradar à Ameliazinha.

O aspeto descomposto do cónego assombrou-o.

— Que é isso, padre-mestre?

— O que é — exclamou o cónego de golpe —, é a maroteira das maroteiras! É a sua infâmia! É a sua infâmia!...

E emudeceu, sufocado de cólera.

Amaro, que se fizera muito pálido, balbuciou:

— Que está você a dizer, padre-mestre?

O cónego tomara fôlego:

— Não há padre-mestre! O senhor desencaminhou a rapariga! Isso é que é uma canalhice mestra!

O padre Amaro, então, franziu a testa como descontente dum gracejo:

— Que rapariga!? O senhor está a brincar?

Sorriu mesmo, afetando segurança; e os seus beiços brancos tremiam.

— Homem, eu vi! — berrou o cónego.

O pároco, subitamente aterrado, recuou:

— Viu?

Imaginara, num relance, uma traição, o cónego escondido num recanto da casa do tio Esguelhas...

— Não vi, mas é como se visse! — continuou o cónego num tom tremendo. — Sei tudo. Venha de lá. Disse-mo a Totó. Fecham-se no quarto horas e horas! Até se ouve em baixo ranger a cama! É uma ignomínia!

O pároco, vendo-se pilhado, teve, como um animal acossado e entalado a um canto, uma resistência de desespero.

— Diga-me uma coisa. O que é que o senhor tem com isso?

O cónego pulou.

— O que tenho? O que tenho? Pois o senhor ainda me fala nesse tom? O que tenho é que vou daqui imediatamente dar parte de tudo ao senhor vigário-geral!

O padre Amaro, lívido, foi para ele com o punho fechado:

— Ah, seu maroto!

— Que é lá? Que é lá? — exclamou o cónego de guarda-sol erguido. — Você quer-me pôr as mãos?

O padre Amaro conteve-se; passou a mão sobre a testa em suor, com os olhos cerrados; e depois de um momento, falando com uma serenidade forçada:

— Ouça lá, Sr. cónego Dias. Olhe que eu vi-o ao senhor uma vez na cama

com a S. Joaneira...

— Mente! — mugiu o cónego.

— Vi, vi, vi! — afirmou o outro com furor. — Uma noite ao entrar em casa... O senhor estava em mangas de camisa, ela tinha-se erguido, estava a apertar o colete. Até o senhor perguntou: *Quem está aí?* Vi, como estou a vê-lo agora. O senhor a dizer uma palavra, e eu a provar-lhe que o senhor vive há dez anos amigado com a S. Joaneira, à face de todo o clero! Ora aí tem!

O cónego, já antes esfalfado dos excessos do seu furor, ficou agora, àquelas palavras, como um boi atordoado. Só pôde dizer daí a pouco, muito murcho:

— Que traste você me sai!

O padre Amaro então, quase tranquilo, certo do silêncio do cónego,

disse com bonomia:

— Traste porquê? Diga-me lá! Traste porquê? Temos ambos culpas no cartório, eis aí está. E olhe que eu não fui perguntar, nem peitar a Totó... Foi muito naturalmente ao entrar em casa. E se me vem agora com coisas de moral, isso faz-me rir. A moral é para a escola e para o sermão. Cá na vida eu faço isto, o senhor faz aquilo, os outros fazem o que podem. O padre-mestre que já tem idade agarra-se à velha, eu que sou novo arranjo-me com a pequena. É triste, mas que quer? É a natureza que manda. Somos homens. E como sacerdotes, para honra da classe, o que temos é fazer costas!

O cónego escutava-o, bamboleando a cabeça, na aceitação muda daquelas verdades. Tinha-se deixado cair numa

cadeira, a descansar de tanta cólera inútil; e erguendo os olhos para Amaro:

— Mas você, homem, no começo da carreira!

— E você, padre-mestre, no fim da carreira!

Então riram ambos. Imediatamente cada um declarou retirar as palavras ofensivas que tinham dito; e apertaram-se gravemente a mão. Depois conversaram.

O cónego, o que o tinha enfurecido era ser lá com a pequena da casa. Se fosse com outra... até estimava! Mas a Ameliazinha!... Se a pobre mãe viesse a saber, estourava de desgosto.

— Mas a mãe escusa de saber! — exclamou Amaro. — Isto é entre nós, padre-mestre! Isto é segredo de morte! Nem a mãe sabe de nada, nem eu mesmo

digo à pequena o que se passou hoje entre nós. As coisas ficam como estavam, e o mundo continua a rolar... Mas você, padre-mestre, tenha cuidado!... Nem uma palavra à S. Joaneira... Que não haja agora traição!

O cónego, com a mão sobre o peito, deu gravemente a sua palavra de honra de cavalheiro e de sacerdote que aquele segredo ficava para sempre sepultado no seu coração.

Então apertaram ainda uma outra vez afetuosamente a mão.

Mas a torre gemeu as três badaladas. Era a hora de jantar do cónego.

E ao sair, batendo nas costas de Amaro, fazendo luzir um olho de entendedor:

— Pois seu velhaco, tem dedo!

— Que quer você? Que diabo... Começa-se por brincadeira...

— Homem! — disse o cónego sentenciosamente. — É o que a gente leva de melhor deste mundo.

— É verdade, padre-mestre, é verdade! É o que a gente leva de melhor deste mundo.

Desde esse dia Amaro gozou uma completa tranquilidade de alma. Até aí incomodava-o, por vezes, a ideia de que correspondera ingratamente à confiança, aos carinhos que lhe tinham prodigalizado na Rua da Misericórdia. Mas a tácita aprovação do cónego viera tirar-lhe, como ele dizia, aquele espinho da consciência. Porque enfim, o chefe de

família, o cavalheiro respeitável, o cabeça — era o cónego. A S. Joaneira era apenas uma concubina... E Amaro mesmo, às vezes agora, em tom de galhofa, tratava o Dias de *seu caro sogro*.

Outra circunstância viera alegrá-lo: a Totó adoecera de repente: o dia seguinte ao da visita do cónego, passara-o soltando golfadas de sangue: o doutor Cardoso, chamado à pressa, falara de tísica galopante, questão de semanas, caso decidido...

— É destas, meu amigo — tinha ele dito —, que é trás... trás... — Era a sua maneira de pintar a morte, que, quando tem pressa, conclui o seu trabalho com uma fouçada aqui, outra além.

As manhãs na casa do tio Esguelhas eram agora tranquilas. Amélia e o pároco

já não entravam em pontas de pés, tentando esgueirar-se para o prazer, despercebidos da Totó. Batiam com as portas, palravam forte, certos que a Totó estava bem prostrada de febre, sob os lençóis húmidos dos suores constantes. Mas Amélia, por escrúpulo, não deixava de rezar todas as noites uma Salve-Rainha pelas melhoras da Totó. Às vezes mesmo ao despir-se, no quarto do sineiro, parava de repente, e fazendo um rostinho triste:

— Ai, filho! Até me parece pecado, nós aqui a gozarmos, e a pobre pequena lá em baixo a lutar com a morte...

Amaro encolhia os ombros. Que lhe haviam eles de fazer, se era a vontade de Deus?...

E Amélia, resignando-se à vontade de Deus em tudo, ia deixando cair as

saias.

Tinha agora daquelas pieguices frequentes que impacientavam o padre Amaro. Em certos dias aparecia muito murcha; trazia sempre algum sonho lúgubre a contar, que a torturara toda a noite, e em que ela pretendia descobrir avisos de desgraças...

Perguntava-lhe às vezes:

— Se eu morresse, tinhas muita pena?

Amaro enfurecia-se. Realmente era estúpido! Tinham apenas uma hora para se verem, e haviam de estar a estragá-la com lamúrias?

— É que não imaginas — dizia ela —, trago o coração negro como a noite.

Com efeito as amigas da mãe estranhavam-na. Às vezes, durante serões

inteiros não descerrava os lábios, pendia sobre a sua costura, picando molemente a agulha; ou então, muito cansada mesmo para trabalhar, ficava junto da mesa fazendo girar devagar o abajur verde do candeeiro, com o olhar vazio e a alma muito longe.

— Ó rapariga, deixa esse abajur em paz! — diziam-lhe as senhoras nervosas.

Ela sorria, dava um suspiro fatigado, e retomava muito lentamente a saia branca que havia semanas andava bainhando. A mãe, vendo-a sempre tão pálida, pensara em chamar o doutor Gouveia.

— Não é nada, minha mãe, é nervoso, passa...

O que provava a todos que era nervoso eram os sustos súbitos que a tomavam, a ponto de dar um grito, quase

desmaiar, se de repente uma porta batia. Certas noites mesmo, exigia que a mãe viesse dormir ao pé dela, com medo de pesadelos e de visões.

— É o que diz sempre o Sr. doutor Gouveia — observava a mãe ao cónego —, é uma rapariga que necessita casar...

O cónego pigarreava grosso.

— Não lhe falta nada — resmungava. — Tem tudo o que precisa. Tem de mais, ao que parece...

Era com efeito a ideia do cónego, que a rapariga (como ele dizia só consigo) «andava-se a arrasar de felicidade». Nos dias em que sabia que ela fora ver a Totó, não se fartava de a estudar, cocando-a do fundo da poltrona com um olho pesado e lúbrico. Prodigalizava-lhe agora as familiaridades

paternais. Nunca a encontrava na escada sem a deter, com coceguinhas aqui e ali, palmadinhas na face muito prolongadas. Queria-a em casa repetidas vezes pela manhã; e enquanto Amélia palrava com D. Josefa, o cónego não cessava de rondar em torno dela, arrastando as chinelas com um ar de velho galo. E eram entre Amélia e a mãe conversas sem fim sobre esta amizade do senhor cónego, que decerto lhe deixaria um bom dote.

— Seu maganão, tem dedo! — dizia sempre o cónego quando estava só com Amaro, arregalando os olhos redondos. — Aquilo é um bocado de rei!

Amaro entufava-se:

— Não é mau bocado, padre-mestre, é um bom bocado.

Era este um dos grandes gozos de

Amaro, ouvir gabar aos colegas a beleza de Amélia, que era chamada entre o clero «a flor das devotas». Todos lhe invejavam aquela confessada. Por isso insistia muito com ela em que se ajanotasse aos domingos, à missa; zangara-se mesmo ultimamente de a ver quase sempre entrouxada num vestido de merino escuro, que lhe dava um ar de velha penitente.

Mas Amélia, agora, já não tinha aquela necessidade amorosa de contentar em tudo o senhor pároco. Acordara quase inteiramente daquele adormecimento estúpido da alma e do corpo, em que a lançara o primeiro abraço de Amaro. Vinha-lhe aparecendo distintamente a consciência pungente da sua culpa. Naqueles negrumes dum espírito beato e escravo, fazia-se um amanhecimento de

razão. O que era ela no fim? A concubina do senhor pároco. E esta ideia, posta assim descarnadamente, parecia-lhe terrível. Não que lamentasse a sua virgindade, a sua honra, o seu bom nome perdido. Sacrificaria mais ainda por ele, pelos delírios que ele lhe dava. Mas havia alguma coisa pior a temer que as reprovações do mundo: eram as vinganças de Nosso Senhor. Era da perda possível do Paraíso que ela gemia baixo; ou de mais medonho ainda, de algum castigo de Deus, não das punições transcendentes que acabrunham a alma além da tumba, mas dos tormentos que vêm durante a vida, que a feririam na sua saúde, no seu bem-estar e no seu corpo. Eram vagos medos de doenças, de lepras, de paralisias ou de pobrezas, de dias de

fome, de todas essas penalidades de que ela supunha pródigo o Deus do seu catecismo. Como em pequena, nos dias em que se esquecia de pagar à Virgem o seu tributo regular de Salve-Rainhas, temia que ela a fizesse cair na escada ou levar palmatoadas da mestra, arrefecia de medo agora, à ideia de que Deus, em castigo dela se deitar na cama com um padre, lhe mandasse um mal que a desfigurasse ou a reduzisse a pedir esmola pelas vielas. Estas ideias não a deixavam, desde o dia em que na sacristia pecara de concupiscência dentro do manto de Nossa Senhora. Tinha a certeza que a Santa Virgem a odiava, e que não cessava de reclamar contra ela; debalde procurava abrandá-la, com um fluxo incessante de orações humilhadas; sentia bem Nossa

Senhora, inacessível e desdenhosa, de costas voltadas. Nunca mais aquele divino rosto lhe sorrira; nunca mais aquelas mãos se tinham aberto para receber com agrado as suas orações, como ramos congratulatórios. Era um silêncio seco, uma hostilidade gelada de divindade ofendida. Ela conhecia o crédito que Nossa Senhora tem nos concílios do Céu; desde pequena lho tinham ensinado; tudo o que ela deseja o obtém, como uma recompensa devida aos seus prantos no Calvário; seu Filho sorri-lhe à sua direita, o Deus Padre fala-lhe à esquerda... E compreendia bem que para ela não havia esperança, e que alguma coisa medonha se preparava lá em cima, no Paraíso, que lhe cairia um dia sobre o corpo e sobre a alma, esmagando-a com um desabamento

de catástrofe... Que seria?

Cessaria as suas relações com Amaro, se o ousasse: mas receava quase tanto a sua cólera como a de Deus. Que seria dela se tivesse contra si Nossa Senhora e o senhor pároco? Além disso, amava-o. Nos seus braços, todo o terror do Céu, a mesma ideia do Céu desaparecia; refugiada ali, contra o seu peito, não tinha medo das iras divinas; o desejo, o furor da carne, como um vinho muito alcoólico, davam-lhe uma coragem colérica; era com um brutal desafio ao Céu que se enroscava furiosamente ao seu corpo. Os terrores vinham depois, só no seu quarto. Era esta luta que a empalidecia, lhe punha pregas de envelhecimento ao canto dos lábios secos e ardidos, lhe dava aquele ar murcho de

fadiga que irritava o padre Amaro.

— Mas que tens, tu, que parece te espremeram o suco? — perguntava-lhe ele quando aos primeiros beijos a sentia toda fria, toda inerte.

— Passei mal a noite... Nervoso.

— Maldito nervoso! — rosnava o padre Amaro impaciente.

Depois vinham perguntas singulares que o desesperavam, repetidas agora todos os dias. Se tinha dito a missa com fervor? Se tinha lido o Breviário? Se tinha feito a oração mental?...

— Sabes tu que mais? — disse ele furioso. — Sebo! E esta! Tu pensas que eu sou ainda seminarista, e que tu és o padre examinador, que verifica se cumpri a Regra? Ora a tolice!

— É que é necessário estar bem com

Deus — murmurava ela.

Era com efeito a sua preocupação, agora, que Amaro *fosse um bom padre*. Contava, para se salvar e para se livrar da cólera de Nossa Senhora, com a influência do pároco na corte de Deus: e temia que ele por negligência de devoção a perdesse, e que, diminuindo o seu fervor, diminuíssem os seus méritos aos olhos do Senhor. Queria-o conservar santo e favorito do Céu para colher os proveitos da sua proteção mística.

Amaro chamava a isto «caturrices de freira velha». Detestava-as, por as achar frívolas e porque tomavam um tempo precioso, naquelas manhãs da casa do sineiro...

— Nós não viemos aqui para lamúrias — dizia ele, muito secamente. —

Fecha a porta, se queres.

Ela obedecia, e então aos primeiros beijos na penumbra da janela cerrada, ele reconhecia enfim a sua Amélia, a Amélia dos primeiros dias, o delicioso corpo que lhe tremia todo nos braços, em espasmos de paixão.

E cada dia a desejava mais, dum desejo contínuo e tirânico, que aquelas horas escassas não satisfaziam. Ah! positivamente, como mulher não havia outra!... Desafiava a que houvesse outra, mesmo em Lisboa, mesmo nas fidalgas!... Tinha pieguices, sim, mas era não as tomar a sério, e gozar enquanto era novo!

E gozava. A sua vida por todos os lados tinha confortos e doçuras, como uma destas salas onde tudo é acolchoado, não há móveis duros nem ângulos, e o corpo,

onde quer que pouse, encontra a elasticidade mole duma almofada.

Decerto, o melhor era as suas manhãs em casa do tio Esguelhas. Mas tinha outros regalos. Comia bem: fumava caro numa boquilha de espuma: toda a sua roupa branca era nova e de linho: comprara alguma mobília: e não tinha, como outrora, embaraços de dinheiro porque a Sra. D. Maria da Assunção, a sua melhor confessada, lá estava com a bolsa pronta. Sobretudo, ultimamente, tivera uma pechincha: uma noite em casa da S. Joaneira, a excelente senhora, a propósito duma família de ingleses que vira passar num *char-à-banc* para ir visitar a Batalha, exprimira a opinião que os ingleses eram hereges.

— São batizados como nós —

observara D. Joaquina Gansoso.

— Pois sim, filha, mas é um batismo para rir. Não é o nosso rico batismo, não lhes vale.

O cónego então, que gostava de a torturar, declarou pausadamente que a Sra. D. Maria dissera uma blasfémia. O santo concílio de Trento, no seu cânone IV, sessão VII, lá determinara «que aquele que disser que o batismo dado aos hereges, em nome do Padre, do Filho e do Espírito, não é o verdadeiro batismo, seja excomungado!». E a D. Maria, segundo o santo concílio, estava desde esse momento excomungada!...

A excelente senhora teve um flato. Ao outro dia foi lançar-se aos pés de Amaro, que em penitência da sua injúria feita ao cânone IV, sessão VII do santo

concilio de Trento, lhe ordenou trezentas missas de intenção pelas almas do purgatório que D. Maria lhe estava pagando a cinco tostões cada uma.

Assim, ele podia às vezes entrar na casa do tio Esguelhas com um ar de satisfação misteriosa e um embrulhozinho na mão. Era algum presente para Amélia, um lenço de seda, uma gravatinha de cores, um par de luvas. Ela extasiava-se com aquelas provas da afeição do senhor pároco; e era então no quarto escuro um delírio de amor, enquanto em baixo a tísica, sobre a Totó, ia fazendo «trás... trás...»

19

— O senhor cónego? Quero-lhe falar. Depressa!

A criada dos Dias indicou ao padre Amaro o escritório, e correu a cima contar a D. Josefa que o senhor pároco viera procurar o senhor cónego, e com uma cara tão transtornada que decerto tinha sucedido alguma desgraça!

Amaro abrira abruptamente a porta do escritório, fechou-a de repelão, e sem mesmo dar os bons-dias ao colega, exclamou:

— A rapariga está grávida!

O cónego, que estava escrevendo, caiu como uma massa fulminada para as costas da cadeira:

— Que me diz você?

— Grávida!

E no silêncio que se fez o soalho gemia sob os passeios furiosos do pároco da janela para a estante.

— Está você certo disso? — perguntou enfim o cónego com pavor.

— Certíssimo! A mulher já há dias andava desconfiada. Já não fazia senão chorar... Mas agora é certo... As mulheres conhecem, não se enganam. Há todas as provas... Que hei de eu fazer, padre-mestre?

— Olha que espiga! — ponderou o cónego atordoado.

— Imagine você o escândalo! A mãe, a vizinhança... E se suspeitam de mim?... Estou perdido... Eu não quero saber, eu fujo!

O cónego coçava estupidamente o cachaço, com o beiço caído como uma tromba. Representavam-se-lhe já os gritos em casa, a noite do parto, a S. Joaneira eternamente em lágrimas, toda a sua tranquilidade extinta para sempre...

— Mas diga alguma coisa! — gritou-lhe Amaro desesperado. — Que pensa você? Veja se tem alguma ideia... Eu não sei, eu estou idiota, estou de todo!

— Aí estão as consequências, meu caro colega.

— Vá para o inferno, homem! Não se trata de moral... Está claro que foi uma asneira... Adeus, está feita!

— Mas então que quer você? — disse o cónego. — Não quer decerto que se dê uma droga à rapariga, que a arrase...

Amaro encolheu os ombros,

impaciente com aquela ideia insensata. O padre-mestre, positivamente, estava divagando...

— Mas então que quer você? — repetia o cónego num tom cavo, arrancando as palavras ao abismo do tórax.

— Que quero! Quero que não haja escândalo! Que hei de eu querer?

— De quantos meses está ela?

— De quantos meses? Está de agora, está dum mês...

— Então é casá-la! — exclamou o cónego com explosão. — Então é casá-la com o escrevente!

O padre Amaro deu um pulo:

— Com os diabos, tem você razão! É de mestre!

O cónego afirmou gravemente com a

cabeça que era «de mestre».

— Casá-la já! Enquanto é tempo! *Pater est quem nuptiae demonstrant*... Quem é marido é que é pai.

Mas a porta abriu-se, e apareceram os óculos azuis, a touca negra de D. Josefa. Não se pudera conter em cima, na cozinha, tomada dum frenesi agudo de curiosidade; descera na ponta das chinelas e colara o ouvido à fechadura do escritório; mas o grosso reposteiro de baetão estava cerrado por dentro, um ruído de lenha que se descarregava na rua abafava as vozes. A boa senhora então decidiu-se a entrar, «a dar os bons-dias ao senhor pároco».

Mas debalde, por detrás dos vidros defumados, os seus olhinhos agudos esquadrinharam ansiosamente o carão

espesso do mano e a face pálida de Amaro. Os dois sacerdotes estavam impenetráveis como duas janelas fechadas. O pároco mesmo falou ligeiramente do reumático do senhor chantre, da notícia que corria sobre o casamento do senhor secretário-geral... Ao fim duma pausa ergueu-se, contou que tinha nesse dia uma famosa orelheira para o jantar e a Sra. D. Josefa, roendo-se, viu-o abalar depois de ter dito já por detrás do reposteiro ao cónego:

— Então até à noite em casa da S. Joaneira, padre-mestre, hem?

— Até à noite.

E o cónego, muito grave, continuou a escrever. D. Josefa então não se conteve; e depois de arrastar um momento as chinelas em tomo do banco do mano:

— Há novidade?

— Grande novidade, mana! — disse-lhe o cónego, sacudindo os bicos da pena. — Morreu o senhor D. João VI!

— Malcriado! — rugiu ela rodando sobre os sapatões, cruelmente perseguida por uma risadinha do mano.

Foi à noite, em baixo, na saleta da S. Joaneira, enquanto Amélia em cima, com a morte na alma, martelava a Valsa dos Dois Mundos, que os dois padres, muito chegados no canapé, de cigarro nos dentes, por debaixo do tenebroso painel onde a vaga mão do cenobita se estendia em garra sobre a caveira, cochicharam o seu plano: antes de tudo era necessário achar João Eduardo, que desaparecera de Leiria; a Dionísia, mulher de faro, ia bater todos os recantos da cidade para

descobrir a toca em que a fera se acoutava; depois, imediatamente, porque o tempo urgia, Amélia escrever-lhe-ia... Só quatro palavras simples: que soubera que ele fora vítima duma intriga; que nunca perdera nada da amizade que lhe tinha; que lhe devia uma reparação; e que viesse vê-la... Se o rapaz hesitasse agora, o que não era provável (o cónego afirmava-o), fazia-se-lhe reluzir a esperança do emprego no governo civil, fácil de obter pelo Godinho, inteiramente governado pela mulher, que era uma escravazinha do pobre Natário?...

— Mas o Natário — disse Amaro —, o Natário que detesta o escrevente, que dirá ele a esta revolução?

— Homem — exclamou o cónego com uma grande palmada na coxa —, que

me tinha esquecido! Pois você não sabe o que aconteceu ao pobre Natário?...

Amaro não sabia.

— Quebrou uma perna! Caiu da égua!

— Quando?

— Esta manhã. Eu soube-o agora à noitinha. Eu sempre lho disse: homem, esse animal ferra-lhe alguma! Pois senhores, ferrou-lha. E tesa! Tem para pêras... E eu que me tinha esquecido! Nem as senhoras lá em cima sabem nada.

Foi uma desolação, em cima, quando souberam. Amélia fechou o piano. Todos lembraram logo remédios que se lhe devia mandar, foi uma gralhada de oferecimentos: ligaduras, fios, um unguento das freiras de Alcobaça, meia garrafinha dum licor dos monges do

deserto de ao pé de Córdova... Era necessário também assegurar a intervenção do Céu: e cada uma se prontificou a usar do seu valimento com os santos da sua intimidade; D. Maria da Assunção, que ultimamente praticava com Santo Eleutério, ofereceu a sua influência; D. Josefa Dias encarregava-se de interessar Nossa Senhora da Visitação; D. Joaquina Gansoso afiançou S. Joaquim.

— E lá a menina? — perguntou o cónego a Amélia.

— Eu?...

E fez-se pálida, numa tristeza de toda a sua alma, pensando que ela, com os seus pecados e os seus delírios, perdera a útil amizade de Nossa Senhora das Dores. E não poder ela também concorrer com a sua influência no Céu para restabelecer a

perna de Natário, foi uma das amarguras maiores, talvez a punição mais viva que sentira desde que amava o padre Amaro.

Foi em casa do sineiro, daí a dias, que Amaro participou a Amélia o plano do padre-mestre. Preparou-a, revelando-lhe primeiro que o cónego sabia tudo...

— Sabe tudo em segredo de confissão, acrescentou para a sossegar. Além disso ele e tua mãe têm culpas em cartório... Tudo fica em família...

Depois tomou-lhe a mão, e olhando-a com ternura, como compadecendo-se já das lágrimas aflitas que ela ia chorar:

— E agora, escuta, filha. Não te aflijas com o que te vou dizer, mas é necessário, é a nossa salvação...

Às primeiras palavras, porém, do casamento com o escrevente, Amélia indignou-se com espalhafato.

— Nunca, antes morrer!

O quê? Ele punha-a naquele estado e agora queria descartar-se dela e passá-la a outro? Era ela porventura um trapo que se usa e que se atira a um pobre? Depois de ter posto fora de casa o homem, havia de humilhar-se, chamá-lo e cair-lhe nos braços?... Ah, não! Também ela tinha o seu brio! Os escravos trocavam-se, vendiam-se, mas era no Brasil!

Enterneceu-se então. Ah, ele já não a amava, estava farto dela! Ah, que desgraçada, que desgraçada que era! Atirou-se de bruços para a cama e rompeu num choro estridente.

— Cala-te, mulher, que te podem

ouvir na rua! — dizia Amaro desesperado, sacudindo-a pelo braço.

— Não me importa! Que ouçam! Para a rua vou eu, gritar que estou neste estado, que foi o Sr. padre Amaro, e que me quer agora deixar!...

Amaro fazia-se lívido de raiva, com desejo furioso de lhe bater. Mas conteve-se; e com uma voz que tremia sob a sua serenidade:

— Tu estás fora de ti, filha... Diz lá, posso eu casar contigo? Não! Bem, então que queres? Se se percebe que estás assim, se tens o filho em casa, vê o escândalo!... Por ti, estás perdida, perdida para sempre! E eu, se se souber, que me sucede? Perdido também, suspenso, metido em processo talvez... De que queres tu que eu viva? Queres que morra

de fome?

Enterneceu-se também àquela ideia das privações e das misérias do padre interdito. Ah, era ela, era ela que o não amava, e que depois dele ter sido tão carinhoso e tão dedicado, lhe queria pagar com o escândalo e com a desgraça...

— Não, não — exclamou Amélia em soluços, lançando-se-lhe ao pescoço.

E ficaram abraçados, tremendo no mesmo enternecimento, ela molhando de pranto o ombro do pároco, ele mordendo o beiço com os olhos todos turvos de água.

Desprendeu-se brandamente, enfim, e limpando as lágrimas:

— Não, filha, é uma desgraça que nos sucede, mas tem de ser. Se tu sofres, imagina eu! Ver-te casada, a viver com

outro... Nem falemos nisso... Mas então, é a fatalidade, é Deus que a manda!

Ela ficara aniquilada, à beira do leito, tomada ainda de grandes soluços. Tinha chegado enfim o castigo, a vingança de Nossa Senhora, que ela sentia preparar-se há tempos no fundo dos céus, como uma tormenta complicada. Aí estava, agora, pior que os fogos do Purgatório! Tinha de se separar de Amaro que imaginava amar mais, e ir viver com o outro, com o excomungado! Como poderia ela nunca reentrar na graça de Deus, depois de ter dormido e vivido com um homem que os cânones, o papa, toda a terra, todo o Céu consideravam maldito?... E devia ser esse seu marido, talvez o pai de outros filhos... Ah, Nossa Senhora vingava-se demais!

— E como posso eu casar com ele, Amaro, se o homem está excomungado?!

Amaro então apressou-se a tranquilizá-la, prodigalizando os argumentos. Era necessário não exagerar... O rapaz, verdadeiramente, excomungado não estava... Natário e o cónego tinham interpretado mal os cânones e as bulas... Bater num sacerdote que não estava revestido não era motivo de excomunhão *ipso facto*, segundo certos autores... Ele, Amaro, era dessa opinião... De mais a mais podiam levantar-lhe a excomunhão.

— Tu compreendes... Como disse o santo concílio de Trento, e como sabes, *nós atamos e desatamos*. O moço foi excomungado?... Bem, levantamos-lhe a excomunhão. Fica tão limpo como dantes. Não, isso não te dê cuidado.

— Mas de que havemos de viver, se ele perdeu o emprego?

— Tu não me deixaste dizer... Arranja-se-lhe o emprego. Arranja-lho o padre-mestre. Está tudo combinadinho, filha!

Ela não respondeu, muito quebrada e muito triste, com duas lágrimas persistentes ao comprido das faces.

— Diz cá, tua mãe não desconfia de nada?

— Não, por ora não se percebe — respondeu ela com um grande ai.

Ficaram calados: ela limpando as lágrimas, serenando para sair; ele de cabeça baixa, trilhando lugubremente o soalho do quarto, pensando nas boas manhãs de outrora, quando só havia ali beijos e risadinhas abafadas; tudo mudara

agora, até o tempo que estava todo nublado, um dia de fim de verão, ameaçando chuva.

— Percebe-se que estive a chorar? — perguntou ela, compondo ao espelho o cabelo.

— Não. Vais-te?

— A mamã está à minha espera...

Deram um beijo triste, e ela saiu.

No entanto a Dionísia farejava pela cidade na pista de João Eduardo. A sua atividade desenvolvera-se, sobretudo, mal soubera que o cónego Dias, o ricaço, estava interessado na *pesquisa*. E todos os dias, à noitinha, esgueirava-se cautelosamente pelo portão de Amaro a dar-lhe as novidades: já sabia que o

escrevente estivera ao princípio em Alcobaça com um primo boticário; depois fora para Lisboa; ai, com uma carta de recomendação do doutor Gouveia, empregara-se no cartório dum procurador; mas o procurador, passados dias, por uma fatalidade, morrera de apoplexia; e desde então o rasto de João Eduardo perdia-se no vago, no caos da capital. Havia, sim, uma pessoa que lhe devia saber a morada e os passos: era o tipógrafo, o Gustavo. Mas infelizmente o Gustavo, depois duma questão com o Agostinho, deixara o *Distrito* e desaparecera. Ninguém sabia para onde fora; por desgraça, a mãe do tipógrafo não a podia informar porque morrera também.

— Oh, senhores! — dizia o cónego quando o padre Amaro lhe ia levar estes

fios de informação. — Oh, senhores! Mas então nessa história toda a gente morre! Isso é uma hecatombe!

— Você graceja, padre-mestre, mas é sério. Olhe que um homem em Lisboa é agulha em palheiro. É uma fatalidade!

Então, aflito já, vendo passar os dias, escreveu à tia, pedindo-lhe que esquadrinhasse por toda a Lisboa, a ver se por lá aparecera «um tal João Eduardo Barbosa...» Recebeu uma carta da tia em garatujas de três páginas, queixando-se do Joãozinho, do seu Joãozinho, que lhe fizera a vida um inferno, embebedando-se com genebra a ponto que não lhe paravam hóspedes em casa. Mas estava agora mais tranquila: o pobre Joãozinho havia dias jurara-lhe pela alma da mamã que daí por diante não beberia senão gasosa.

Enquanto ao tal João Eduardo, perguntara na vizinhança e ao Sr. Palma do Ministério das Obras Públicas, que conhecia toda a gente, mas nada averiguara. Havia, sim, um Joaquim Eduardo que tinha uma loja de quinquilharias no bairro... E se fosse o negócio com ele bem ia, que era um homem de bem...

— Lérias! Lérias! — interrompeu o cónego impaciente.

Resolveu-se ele então a escrever. E instado pelo padre Amaro (que não cessava de lhe representar o que a S. Joaneira e ele mesmo, cónego Dias, sofreriam com o escândalo) chegou a autorizar ao seu amigo da capital as despesas necessárias para empregar a polícia. A resposta demorou-se, mas veio

enfim, prometedora e magnifica! O hábil polícia Mendes descobrira João Eduardo! Somente não lhe sabia ainda a morada, avistara-o apenas num café; mas em dois ou três dias o amigo Mendes prometia informações precisas.

O desespero dos dois sacerdotes, porém, foi grande quando, daí a dias, o amigo do cónego escreveu que o indivíduo, que o hábil polícia Mendes tomara por João Eduardo, num café da Baixa, sobre sinais incompletos, era um moço de Santo Tirso que estava na capital a fazer concurso para delegado... E havia três libras e dezassete tostões de despesa.

— Dezassete demónios! — rugiu o cónego, voltando-se para Amaro furioso. — E no fim de contas foi o senhor que gozou, que se refocilou, e sou eu que estou

aqui a arrasar a minha saúde com estas andadas, e a fazer desembolsos desta ordem!

Amaro, dependente do padre-mestre, vergou os ombros à injúria.

Mas não estava nada perdido, graças a Deus. A Dionísia lá andava no faro!

Amélia recebia estas notícias com desconsolação. Depois das primeiras lágrimas, a irremediável necessidade impusera-se-lhe, muito forte. Por fim que lhe restava? Daí a dois ou três meses, com aquele seu desgraçado corpo de cinta fina e quadris estreitos, não poderia esconder o seu estado. E que faria então? Fugir de casa, ir como a filha do tio Cegonha para Lisboa, ser espancada no Bairro Alto

pelos marujos ingleses, ou como a Joaninha Gomes, que fora a amiga do padre Abílio, levar pela cara os ratos mortos que lhe atiravam os soldados? Não. Então, tinha de casar...

Depois vir-lhe-ia um menino ao fim dos sete meses (era tão frequente!), legitimado pelo sacramento, pela lei e por Deus Nosso Senhor... E o seu filho teria um papá, receberia uma educação, não seria um enjeitado...

Desde que o senhor pároco lhe afirmara, em juramento, que o escrevente *não estava realmente excomungado*, que com algumas orações se lhe levantaria a excomunhão, os seus escrúpulos devotos esmoreciam como brasas que se apagam. No fim, em todos os erros do escrevente, ela só podia descobrir a incitação do

ciúme e do amor: fora num despeito de namorado que escrevera o *Comunicado*, fora num furor de paixão traída que espancara o senhor pároco... Ah! Não lhe perdoava esta brutalidade! Mas que castigado fora! Sem emprego, sem casa, sem mulher, tão perdido na miséria anónima de Lisboa que nem a polícia achava! E tudo por ela. Pobre rapaz! No fim não era feio... Falavam da sua impiedade; mas vira-o sempre muito atento à missa, rezava todas as noites uma oração especial a S. João que ela lhe dera impressa num cartão bordado...

Com o emprego no governo civil podiam ter uma casinha e uma criada... Por que não seria feliz, por fim? Ele não era rapaz de botequins, nem de vadiagem. Tinha a certeza de o dominar, de lhe

impor os seus gostos e as suas devoções. E seria agradável sair aos domingos de manhã para a missa, arranjada, de marido ao lado, cumprimentada de todos, podendo, à face da cidade, passear o seu filho muito vistoso na sua touca de rendas e na sua grande capa franjada! Quem sabe se, então, pelos carinhos que desse ao pequerrucho e pelos confortos de que cercasse o homem, o Céu e Nossa Senhora se não abrandariam! Ah! Para isso faria tudo, para ter outra vez no Céu aquela amiga, a sua querida Nossa Senhora, amável e confidente, sempre pronta a curar-lhe as dores, a livrá-la de infortúnios, ocupada a preparar-lhe no Paraíso um luminoso conchego!

Pensava assim horas inteiras, sobre a sua costura; pensava assim, mesmo no

caminho para casa do sineiro; e depois de ter estado um momento com a Totó, muito quieta agora, extenuada da febre lenta, quando subia ao quarto, a primeira pergunta a Amaro era:

— Então, há alguma novidade?

Ele franzia a testa, rosnava:

— A Dionísia lá anda... Porquê, tens muita pressa?

— Tenho muita pressa, tenho — respondia ela muito séria —, que a vergonha é para mim.

Ele calava-se; e havia tanto ódio como amor nos beijos que lhe dava àquela mulher que se resignava assim tão facilmente a ir dormir com outro!

Tinha ciúmes dela — que lhe tinham

vindo ultimamente desde que a vira conformar-se àquele casamento odioso! Agora, que ela já não chorava, começava a enfurecer-se da falta das suas lágrimas; e secretamente desesperava-se dela não preferir a vergonha com ele à reabilitação com o outro. Não lhe custaria tanto se ela continuasse a barafustar, a fazer um alarido de prantos; isso seria uma prova séria de amor, em que a sua vaidade se banharia deliciosamente; mas aquela aceitação do escrevente agora, sem repugnância e sem gestos de horror, indignava-o como uma traição. Viera a suspeitar que a ela no fundo não lhe *desagradava a mudança*. João Eduardo por fim era um homem; tinha a força dos vinte e seis anos, os atrativos dum belo bigode. Ela teria nos braços dele o mesmo

delírio que tinha nos seus... Se o escrevente fosse um velho consumido de reumatismo, ela não mostraria a mesma resignação. Então, por vingança de padre, para «lhe desmanchar o arranjo», desejava que João Eduardo não aparecesse: e muitas vezes, quando a Dionísia lhe vinha dar conta dos seus passos, dizia-lhe com um mau sorriso:

— Não se canse. O homem não aparece. Deixe lá... Não vale a pena ganhar dor de peito...

Mas a Dionísia tinha o peito forte e uma noite veio, triunfante, dizer-lhe que estava na pista do homem! Vira enfim o Gustavo, o tipógrafo, entrar para a casa de pasto do tio Osório. Ao outro dia ia-lhe falar, e havia de se saber tudo...

Foi uma hora amargurada para

Amaro. Aquele casamento, por que ansiara no primeiro momento de terror, agora, que o sentia seguro, parecia-lhe a catástrofe da sua vida.

Perdia Amélia para sempre!... Aquele homem que ele expulsara, que ele suprimira, ali lhe vinha, por uma destas peripécias malignas em que a Providência se compraz, levar-lhe a mulher legitimamente. E a ideia que ele ia tê-la nos braços, que ela lhe daria os beijos fogosos que lhe dava a ele, que balbuciaria *oh, João!* — como agora murmurava oh, Amaro! — enfurecia-o. E não podia evitar o casamento; todos o queriam, ela, o cónego, até a Dionísia com o seu zelo venal!

De que lhe servia ser um homem com sangue nas veias e as paixões fortes dum

corpo são? Tinha de dizer adeus à rapariga, vê-la partir de braço dado com o *outro*, com o marido, irem ambos para casa brincar com o filho, um filho que era seu! E ele assistiria à destruição da sua alegria de braços cruzados, esforçando-se por sorrir, voltaria a viver só, eternamente só, e a reler o Breviário!... Ah! se fosse no tempo em que se suprimia um homem com uma denúncia de heresia!... Que o mundo recuasse duzentos anos, e o Sr. João Eduardo havia de saber o que custa achincalhar um sacerdote e casar com a menina Amélias...

E esta ideia absurda, na exaltação da febre em que estava, apoderou-se tão fortemente da sua imaginação que toda a noite a sonhou — num sonho vívido, que muitas vezes depois contou rindo às

senhoras. Era uma rua estreita batida dum sol ardente; entre as altas portas chapeadas, uma populaça apinhava-se; pelos balcões, fidalgos muito bordados retorciam o bigode cavalheiresco; olhos reluziam, entre as pregas das mantilhas, acesos num furor santo. E pela calçada, a procissão do auto de fé movia-se devagar, num vasto ruído, sob o tremendo dobre a finados de todos os sinos vizinhos. Adiante os flagelantes seminus, de capuz branco sobre o rosto, dilaceravam-se, uivando o *Miserere*, com as costas empastadas de sangue: sobre um jumento ia João Eduardo, idiota de terror, com as pernas pendentes, a camisa alva sarapintada de diabos cor de fogo, tendo no peito um rótulo em que estava escrito *POR HEREGE;* por trás um medonho

servente do Santo Ofício espicaçava furiosamente o jumento; e ao pi um padre, erguendo alto o crucifixo, berrava-lhe aos ouvidos os conselhos do arrependimento. E ele, Amaro, caminhava ao lado cantando o *Requiem*, de Breviário aberto numa mão, com a outra abençoando as velhas, as amigas da Rua da Misericórdia que se agachavam para lhe beijar a alva. Às vezes voltava-se para gozar aquela pompa lúgubre, e via então a longa fila da confraria dos Nobres: aqui era um personagem pançudo e apoplético, além uma face de místico com um bigode feroz e dois olhos chamejantes; cada um levava uma tocha acesa, e na outra mão sustentava o chapéu cuja pluma negra varria o chão. Os capacetes dos arcabuzeiros reluziam; uma cólera devota

contorcia as faces esfomeadas do populacho; e o préstito ondeava nas tortuosidades da rua, entre o clamor do cantochão, os gritos dos fanáticos, o dobrar aterrador dos sinos, o tlintlim das armas, num terror que enchia toda a cidade, aproximando-se da plataforma de tijolo onde já fumegavam as pilhas de lenha.

E o seu desengano foi grande, depois daquela glória eclesiástica do sonho, quando a criada o veio acordar cedo com água quente para a barba.

Era pois nesse dia que se ia saber do Sr. João Eduardo, e escrever-se-lhe!... Devia encontrar-se com Amélia às onze horas; e foi a primeira coisa que lhe disse, atirando a porta do quarto com mau modo:

— O homem apareceu... Pelo menos

apareceu o amigo íntimo, o tipógrafo, que sabe onde a besta para.

Amélia, que estava num dia de desalento e terror, exclamou:

— Ainda bem, que se acaba este tormento!

Amaro teve um risinho repassado de fel:

— Então agrada-te, hem?

— Se te parece, neste susto em que ando...

Amaro teve um gesto desesperado de impaciência. Susto! Não estava má hipocrisia! Susto de quê? Com uma mãe que era uma babosa, que lhe consentia tudo... O que era, era que queria casar... Queria outro! Não lhe agradava aquele divertimento pela manhã, de fugida... Queria a coisa comodamente, em casa.

Imaginava a menina que o iludia a ele, um homem de trinta anos e quatro anos de experiência de confissão? Via bem através dela... Era como as outras, queria mudar de homem. Ela não respondia, muito pálida. E Amaro, furioso com o seu silêncio:

— Calas-te, está claro... Que hás de tu dizer? Se é a verdade pura!... Depois dos meus sacrifícios... Depois do que tenho sofrido por ti... Aparece-te o outro, larga para o outro!

Ela ergueu-se, e batendo o pé, desesperada:

— Foste tu que quiseste, Amaro!

— Pudera! Se imaginas que me havia de perder por tua causal Está claro que quis!... — E olhando-a de alto, fazendo-lhe sentir um desprezo de alma muito reta:

— Mas nem vergonha tens de mostrar a alegria, o furor de ir para o homem!... És uma desavergonhada, é o que é...

Ela, sem uma palavra, branca como a cal, agarrou o mantelete para sair.

Amaro, exasperado, segurou-a violentamente pelo braço:

— Para onde vais? Olha bem para mim. És uma desavergonhada... Estou-te a dizer. Estás morta por dormir com o outro...

— Pois acabou, estou! — disse ela.

Amaro, perdido, atirou-lhe uma bofetada.

— Não me mates! — gritou ela. — É o teu filho!

Ele ficou diante dela, enleado e trémulo: àquela palavra, àquela ideia do seu filho, uma piedade, um amor

desesperado revolveu todo o seu ser: e arremessando-se sobre ela, num abraço que a esmagava, como querendo sepultá-la no peito, absorvê-la toda só para si, atirando-lhe beijos furiosos que a magoavam, pela face e pelos cabelos:

— Perdoa — murmurava —, perdoa, minha Ameliazinha! Perdoa, que estou doido!

Ela soluçava, num pranto nervoso, e toda a manhã foi no quarto do sineiro um delírio de amor a que aquele sentimento da maternidade, ligando-os como um sacramento, dava uma ternura maior, um renascimento incessante de desejo, que os lançava cada vez mais ávidos nos braços um do outro. Esqueceram as horas; e Amélia só se decidiu a saltar do leito quando ouviram em baixo na cozinha a

muleta do tio Esguelhas.

Enquanto ela se arranjava à pressa diante do bocado de espelho que ornava a parede, Amaro diante dela contemplava-a com melancolia, vendo-a passar o pente nos cabelos — nos cabelos que ele dentro em breve não tornaria a ver pentear; deu um grande suspiro, disse-lhe enternecido:

— Estão a acabar os nossos bons dias, Amélia. És tu que queres... Hás-de-te lembrar algumas vezes destas boas manhãs...

— Não diga isso! — fez ela com os olhos arrasados de água.

E atirando-se-lhe de repente ao pescoço, com a antiga paixão dos tempos felizes, murmurou-lhe:

— hei de ser sempre a mesma para ti... Mesmo depois de casada.

Amaro agarrou-lhe as mãos sofregamente:

— Juras?

— Juro.

— Pela hóstia sagrada?

— Juro pela hóstia sagrada, juro por Nossa Senhora!

— Sempre que tenhas ocasião?

— Sempre!

— Oh, Ameliazinha! Oh, filha! Não te trocava por uma rainha!

Ela desceu. O pároco, dando uma arranjadela ao leito, ouvia-a em baixo falar tranquilamente com o tio Esguelhas; e dizia consigo que era uma grande rapariga, capaz de enganar o diabo, e que havia de fazer andar numa roda-viva o pateta do escrevente.

Aquele «pacto», como lhe chamava o

padre Amaro, tornou-se entre eles tão irrevogável que já lhe discutiam tranquilamente os detalhes. O casamento com o escrevente consideravam-no como uma destas necessidades que a sociedade impõe e que sufoca as almas independentes, mas a que a natureza se subtrai pela menor fenda, como um gás irredutível. Diante de Nosso Senhor, o verdadeiro marido de Amélia era o senhor pároco; era o marido da alma, para quem seriam guardados os melhores beijos, a obediência intima, a vontade: o outro teria quando muito o cadáver... Já às vezes mesmo tramavam o plano hábil das correspondências secretas, dos lugares ocultos de *rendez-vous*...

Amélia estava de novo, como nos primeiros tempos, em todo o fogo da

paixão. Diante da certeza que em algumas semanas o casamento ia tornar «tudo branco como a neve», os seus transes tinham desaparecido, o mesmo terror da vingança do Céu calmara-se. Depois, a bofetada que lhe dera Amaro fora como a chicotada que esperta um cavalo que preguiça e se atrasa: e a sua paixão, sacudindo-se e relinchando forte, ia-a de novo levando no ímpeto duma carreira fogosa.

Amaro, esse regozijava-se. Ainda às vezes, decerto, a ideia daquele homem, de dia e de noite com ela, importunava-o... Mas, no fundo, que compensações! Todos os perigos desapareciam magicamente, e as sensações requintavam. Findavam para ele aquelas atrozes responsabilidades da sedução, e ficava-lhe a mulher mais

apetitosa.

Instava agora com a Dionísia para que acabasse enfim aquela fastidiosa campanha. Mas a boa mulher, decerto para se fazer pagar melhor pela multiplicidade de esforços, não podia descobrir o tipógrafo, aquele famoso Gustavo que possuía, como os anões de romance de cavalaria, o segredo da torre maravilhosa onde vive o príncipe encantado.

— Oh, senhor — dizia o cónego —, isso até já cheira mal! Há quase dois meses à busca dum patife!... Homem, escreventes não faltam. Arranje-se outro!

Mas enfim, uma noite em que ele entrara a descansar em casa do pároco, a Dionísia apareceu; e exclamou logo da porta da sala de jantar, onde os dois

padres tomavam o seu café:

— Até que enfim!

— Então, Dionísia?

A mulher, porém, não se apressou: sentou-se mesmo, com licença dos senhores, porque vinha derreada... Não, o senhor cónego não imaginava os passos que se vira obrigada a dar... O maldito tipógrafo lembrava-lhe a história que lhe contavam em pequena, dum veado que estava sempre à vista e que os caçadores a galope nunca alcançavam. Uma perseguição assim!... Mas, finalmente, apanhara-o... E tocadito, por sinal.

— Acabe, mulher! — berrou o cónego.

— Pois aqui está — disse ela. — Nada!

Os dois sacerdotes olharam-na

mistificados.

— Nada quê, criatura?

— Nada. O homem foi para o Brasil!

O Gustavo recebera de João Eduardo duas cartas: na primeira, onde lhe dava a morada, para o lado do Poço do Borratém, anunciava-lhe a resolução de ir para o Brasil; na segunda dizia-lhe que mudara de casa, sem lhe indicar a nova *adresse*, e declarava que pelo próximo paquete embarcava para o Rio; não dizia nem com que dinheiro, nem com que esperanças. Tudo era vago e misterioso. Desde então, havia um mês, o rapaz não tornara a escrever, donde o tipógrafo concluía que ia a essa hora nos altos-mares... «Mas havemos de vingá-lo!» tinha ele dito a Dionísia.

O cónego remexia pausadamente o

seu café, embatocado.

— E esta, padre-mestre? — exclamou Amaro, muito branco.

— Acho-a boa.

— Diabo levem as mulheres, e o inferno as confunda! — disse surdamente Amaro.

— Amém — respondeu gravemente o cónego.

20

Que lágrimas quando Amélia soube a notícia! A sua honra, a paz da sua vida, tantas felicidades combinadas, tudo perdido e sumido nas brumas do mar, a caminho para o Brasil!

Foram as semanas piores da sua vida. Ia para o pároco, banhada em lágrimas, perguntando-lhe todos os dias o que havia de fazer.

Amaro, sucumbido, sem ideia, ia para o padre-mestre.

— Fez-se tudo o que se pôde — dizia o cónego desolado. — É aguentar. Não se metesse nelas!

E Amaro voltava para Amélia com consolações muito murchas:

— Tudo se há de arranjar, é esperar em Deus!

Era bom o momento para contar com Deus, quando Ele, indignado, a acabrunhava de misérias! E aquela indecisão, num homem e num padre, que devia ter a habilidade e a força de a salvar, desesperava-a; a sua ternura por ele sumia-se como a água que a areia absorve; e ficava um sentimento confuso em que sob o desejo persistente já transluzia o ódio.

Espaçava agora de semana a semana os encontros na casa do sineiro. Amaro não se queixava; aquelas boas manhãs do quarto do tio Esguelhas, eram sempre estragadas com queixumes; cada beijo tinha um rastro de soluços; e aquilo enervava-o tanto, que lhe vinham desejos

de se atirar também de bruços para a enxerga e chorar toda a sua amargura.

No fundo acusava-se de exagerar os seus embaraços, de lhe comunicar um terror desproporcionado. Outra mulher, de melhor senso, não faria semelhante espalhafato... Mas que, uma beata histérica, toda nervos, toda medo, toda exaltação!... Ah, não havia dúvida, fora «uma famosa asneira»!

Também Amélia pensava que fora «uma asneira». E não ter nunca imaginado que aquilo lhe poderia suceder! Qual! Como mulher, correra para o amor, toda tonta, certa que escaparia, ela, e agora que sentia nas entranhas o filho, eram as lágrimas e os espantos e as queixas! A sua vida era lúgubre: de dia tinha de se conter diante da mãe, aplicar-se à sua costura,

conversar, afetar felicidade... Era de noite que a imaginação desencadeada a torturava com uma incessante fantasmagoria de castigos, deste e do outro mundo, misérias, abandonos, desprezo da gente honrada e chamas do Purgatório...

Foi então que um acontecimento inesperado veio fazer diversão àquela ansiedade que se ia tomando um hábito mórbido do seu espírito. Uma noite a criada do cónego apareceu, esfalfada de correr, a dizer que a Sra. D. Josefa estava à morte.

Na véspera a excelente senhora sentira-se doente com uma pontada no lado, mas insistira em ir à Senhora da Encarnação rezar a sua coroa; voltou transida, com uma dor maior e uma ponta

de febre; e nessa tarde, quando o doutor Gouveia foi chamado, tinha-se declarado uma pneumonia aguda.

A S. Joaneira correu logo a instalar-se lá como enfermeira. E então, durante semanas, na tranquila casa do cónego, foi um alvoroço de dedicações aflitas: as amigas, quando se não espalhavam pelas igrejas a fazer promessas e a implorar os seus santos devotos, estavam lá em permanência, saindo e entrando no quarto da doente com passos de fantasmas, acendendo aqui e além lamparinas às imagens, torturando o doutor Gouveia com perguntas piegas. À noite na sala, com o candeeiro a meia luz, era pelos cantos um cochichar de vozes lúgubres; e ao chá, entre cada mastigadela de torrada, havia suspiros, lágrimas furtivamente

limpadas...

O cónego lá estava a um canto, aniquilado, sucumbido com aquela brusca aparição da doença e do seu cenário melancólico — as garrafadas de botica enchendo as mesas, as entradas solenes do médico, as faces compungidas que vêm saber se há melhoras, o hálito febril espalhado em toda a casa, o timbre funerário que toma o relógio de parede no abafamento de todo o ruído, as toalhas sujas que ficam dias no lugar em que caíram, o anoitecer de cada dia com a sua ameaça de treva eterna... De resto, um pesar sincero prostrava-o; havia cinquenta anos que vivia com a mana e era animado por ela; o longo hábito tomara-lha cara; e as suas caturrices, as suas toucas negras, o seu espalhafato pela casa faziam como

uma parte mesma do seu ser... Além disso, quem sabe se a morte, entrando-lhe em casa, para poupar passos, o não levaria também!...

Para Amélia aquele tempo foi um alívio; ao menos ninguém pensava, ninguém reparava nela; nem a sua face triste e os vestígios de lágrimas pareceriam estranhos, naquele perigo em que estava a madrinha. Demais, os serviços de enfermeira ocupavam-na: como era a mais forte e a mais nova, agora que a S. Joaneira estava estafada de vigílias, era ela que passava as longas noites à beira de D. Josefa: e não havia então desvelos que não tivesse, para abrandar Nossa Senhora e o Céu com aquela caridade pela doente, para merecer igual piedade quando o seu dia viesse de

estar também prostrada num leito... Vinha-lhe agora, sob a impressão fúnebre que se exalava da casa, o pressentimento repetido que morreria de parto: às vezes só, embrulhada no seu xale aos pés da doente, ouvindo-lhe o gemer monótono, enternecia-se sobre a sua própria morte que julgava certa, e molhavam-se-lhe os olhos de lágrimas, numa saudade vaga de si mesma, da sua mocidade e dos seus amores... lá então ajoelhar-se junto da cómoda, onde uma lamparina bruxuleava diante dum Cristo projetando sobre o papel claro da parede a sua sombra disforme que se quebrava no teto; e ali ficava rezando, pedindo a Nossa Senhora que não lhe recusasse o Paraíso... Mas a velha mexia-se com um ai doloroso; ia então aconchegar-lhe a roupa, falar-lhe

baixo. Vinha depois à sala ver no relógio se era o momento do remédio; e estremecia às vezes, sentindo vir do quarto próximo um pio de flautim ou um som rouco de trombone; era o cónego a ressonar.

Enfim, uma manhã, o doutor Gouveia declarou D. Josefa livre de perigo. Foi um vivo regozijo para as senhoras, certa, cada uma, que aquilo era devido à intervenção particular do seu santo devoto. E daí a duas semanas houve uma festa na casa, quando D. Josefa, pela primeira vez, amparada nos braços de todas as amigas, deu dois passos trémulos no quarto. Pobre D. Josefa, o que dela fizera a doença!

Aquela vozinha irritada em que as palavras eram despedidas como setas

envenenadas, assemelhava-se agora apenas a um som expirante, quando, num esforço ansioso da vontade, pedia a escarradeira ou o xarope. Aquele olhar sempre alerta, escrutador e maligno, estava hoje como refugiado no fundo das órbitas, assustado da luz, das sombras e dos contornos das coisas. E o seu corpo, tão teso outrora, duma secura de ramo de sarmento, agora ao cair no fundo da poltrona, sob a trapalhada dos agasalhos, parecia um trapo também.

Mas enfim o doutor Gouveia, apesar de anunciar uma convalescença longa e delicada, dissera rindo ao cónego, diante das amigas (depois de ter visto D. Josefa manifestar o seu primeiro desejo, o desejo de se chegar à janela) que com muita cautela, tónicos, e as orações de todas

aquelas boas senhoras — a mana estava ainda para amores...

— Ai, doutor — exclamou D. Maria —, as nossas orações não lhe hão de faltar...

— E eu não lhe hei de faltar com os tónicos — disse o doutor. — De modo que, o que resta é congratularmo-nos.

Aquela jovialidade do doutor era para todos como a certeza da saúde próxima.

E daí a dias, o cónego, vendo aproximar-se o fim de agosto, falou de alugar casa na Vieira, como costumava um ano sim outro não, para ir tomar os seus banhos de mar. O ano passado não fora. Este era o ano de praia...

— E a mana lá, naqueles ares saudáveis da beira-mar, é que acaba de

ganhar forças e carnes...

Mas o doutor Gouveia desaprovou a jornada. O ar muito picante e muito rico do mar não convinha à fraqueza de D. Josefa. Era preferível irem para a quinta da Ricoça, nos Poiais, lugar abrigado e muito temperado.

Foi um desgosto para o pobre cónego, que prodigalizou as lamúrias. O quê! ir enterrar-se todo o verão, o melhor tempo do ano, na Ricoça! E os seus banhos, meu Deus, os seus banhos?

— Veja o senhor — dizia ele a Amaro, uma noite no escritório —, veja o que eu tenho sofrido... Durante a doença, que desarranjo, que desordem na casa! Chá fora de horas, jantar esturrado! E os cuidados que tive, que me emagreceram... E agora, quando eu pensava poder ir

refazer-me para a praia, não senhor, vai para a Ricoça, dispensa os teus banhos... Isto é o que eu chamo sofrer! E no fim de tudo não fui eu que estive doente. Mas sou eu que as aguento... Perder dois anos a fio os meus banhos!

Amaro, então, deu de repente uma punhada na mesa, e exclamou:

— Homem, veio-me uma boa ideia!

O cónego olhou-o com dúvida, como se não achasse possível a uma inteligência humana descobrir o fim dos seus males.

— Quando digo uma boa ideia, padre-mestre, devia dizer uma ideia sublime!

— Acabe, criatura...

— Escute. O senhor vai para a Vieira, e a S. Joaneira, está claro, vai também. Naturalmente alugam casa um ao

pé do outro, como ela me disse que tinham feito há dois anos...

— Adiante...

— Bem. Aqui temos a S. Joaneira na Vieira. Agora, a senhora sua mana parte para a Ricoça.

— E então a criatura há de ir só?

— Não! — exclamou Amaro em triunfo. — Vai com a Amélia! A Amélia vai-lhe servir de enfermeira! Vão ambas sós! E lá na Ricoça, naquele buraco onde não vai viva alma, naquele casarão onde pode uma pessoa viver sem que ninguém em roda suspeite, lá é que a rapariga tem o filho! Hem, que lhe parece?

O cónego erguera-se com os olhos redondos de admiração.

— Homem, famosa ideia!

— É que concilia tudo! O senhor

toma os seus banhos. A S. Joaneira, longe, não sabe o que se passa. Sua mana goza os ares... A Amélia tem um sítio escondido para a coisa... À Ricoça ninguém a vai ver... A D. Maria também vai pra Vieira. As Gansosos, idem. A rapariga deve ter o bom sucesso aí pelos princípios de novembro... Da Vieira, e isso fica por sua conta, não volta ninguém dos nossos até princípios de dezembro... E quando nos reunirmos de novo está a rapariga limpa e fresca.

— Pois senhores, por ser a primeira ideia que você tem nestes dois últimos anos, é uma grande ideia!

— Obrigado, padre-mestre.

Mas havia uma dificuldade feia: era o ir à D. Josefa, à rigorista D. Josefa, tão implacável às fraquezas do sentimento, à

D. Josefa que pedia para as mulheres frágeis as antigas penalidades góticas — as letras marcadas na testa com ferro em brasa, os açoutes nas praças públicas, os *in pace* tenebrosos — ir à Josefa e pedir-lhe para ser cúmplice dum parto!

— A mana vai dar urros! — disse o cónego.

— Nós veremos, padre-mestre — replicou Amaro repoltreando-se e balouçando a perna, muito certo do seu prestígio devoto. — Nós veremos... Hei-de-lhe eu falar... E quando lhe tiver contado umas lérias... Quando lhe tiver representado que é para ela um caso de consciência encobrir a pequena... Quando lhe lembrar que nas vésperas da morte é que se deve fazer alguma boa ação, para não se apresentar à porta do Paraíso com

as mãos vazias... Nós veremos!

— Talvez, talvez — disse o cónego. — A ocasião é boa, porque a pobre mana está fraquita do juízo e leva-se como uma criança.

Amaro ergueu-se, esfregando vivamente as mãos:

— Pois é, mãos à obra! É mãos à obra!

— E é necessário não perder tempo, porque o escândalo estala. Olhe que esta manhã, lá em casa, a besta do Libaninho pôs-se a gracejar com a rapariga, a dizer-lhe que tinha a cinta grossa...

— Oh, que patife! — rugiu o pároco.

— Não, não seria por mal. Mas que a rapariga tem engrossado, é fato... Com esta atarantação da doença ninguém tem tido olhos para nada... Mas agora pode-se

reparar... É sério, amigo, é sério!

Por isso, logo na manhã seguinte, Amaro foi, segundo a expressão do cónego, «dar a grande abordagem à mana».

Antes, porém, explicou em baixo no escritório ao padre-mestre o seu plano: primeiro, ia dizer a D. Josefa que o cónego estava na inteira ignorância do desastre da Ameliazinha, e que ele, Amaro, o sabia, não em segredo de confissão (nesse caso não o poderia revelar), mas pelas confidências secretas dos dois — de Amélia e do homem casado que a seduzira!... Do homem casado, sim!... Porque enfim era necessário provar à velha que havia a

impossibilidade duma reparação legítima...

O cónego coçava a cabeça descontente:

— Isso não vai bem arranjado — disse ele. — A mana sabe bem que não iam homens casados à Rua da Misericórdia.

— E o Artur Couceiro? — exclamou Amaro, sem escrúpulo.

O cónego largou a rir, com gosto. O pobre Artur, sem dentes, cheio de filhos, com os seus olhos de carneiro triste, acusado de perder virgens!... Não, essa era boa!

— Não pega, pároco amigo, não pega! Outra, outra...

Mas então subitamente partiu dos lábios de ambos o mesmo nome — o

Fernandes, o Fernandes da loja de panos! Belo homem, que Amélia admirava muito! Sempre que saía ia-lhe à loja: tinha mesmo havido indignação na Rua da Misericórdia, havia dois anos, com a ousadia do Fernandes que acompanhara Amélia pela estrada de Marrazes até ao Morenal!

Já se sabe, não se dizia explicitamente à mana, mas dava-se-lhe a entender que fora o Fernandes.

E Amaro subiu rapidamente para o quarto da velha, que era por cima do escritório. Esteve lá meia hora, uma longa, uma pesada meia hora para o cónego, que apenas podia ouvir em cima, ora rangeres das solas de Amaro, ora tosse cavernosa da velha... E no seu passeio habitual pelo escritório, da

estante para a janela, com as mãos atrás das costas e a caixa do rapé nos dedos, ia considerando quantos incómodos, quantas despesas lhe traria ainda aquele «divertimento do senhor pároco»! Tinha de ter a rapariga na quinta cinco ou seis meses... Depois o médico, a parteira que era ele naturalmente que havia de pagar... Depois algum enxoval para o pequeno... E que se lhe havia de fazer, ao pequeno?... Na cidade, a Roda fora suprimida; em Ourém, como os recursos da Misericórdia eram escassos e a afluência dos enjeitados escandalosa, tinham posto um homem ao pé da sineta da Roda, para interrogar e pôr embaraços; havia indagações de paternidade, restituições de crianças; e a autoridade, finória, combatia o excesso dos enjeitamentos com o terror

dos vexames...

Enfim, o pobre padre-mestre via diante de si todo um eriçamento de dificuldades para lhe sacudir a pachorra e estragar-lhe a digestão... Mas o excelente cónego, no fundo, não se indignava; sempre tivera uma afeição de velho mestre pelo pároco; para a Amélia sempre o inclinara um fraco meio paternal, meio lúbrico; e mesmo já sentia pelo «pequeno» uma vaga condescendência de avô.

A porta abriu-se, e o pároco apareceu triunfante.

— Tudo às mil maravilhas, padre-mestre! Que lhe dizia eu?

— Consentiu?

— Em tudo. Não foi sem dificuldade... Ia-se abespinhado. Falei-lhe

do homem casado... Que a rapariga estava com a cabeça perdida, queria-se matar... Que se ela não consentisse em encobrir a coisa era responsável por uma desgraça... Lembre-se a senhora que está agora com os pés pra cova, que Deus pode chamá-la dum momento a outro, e que se tiver na consciência este peso, não há padre que lhe dê a absolvição!... Lembre-se que morre para aí como um cão!...

— Enfim — disse o cónego aprovando —, falou-lhe com prudência...

— Disse-lhe a verdade. Agora trata-se de falar à S. Joaneira, e de a levar para a Vieira quanto antes...

— Outra coisa, amigo — interrompeu o cónego. — Tem você pensado no destino que se há de dar ao fruto?

O pároco coçou desconsoladamente a cabeça:

— Ah, padre-mestre... Isso é outra dificuldade... Tem-me apoquentado muito... Naturalmente dá-lo a criar a alguma mulher, longe, lá pra Alcobaça ou para Pombal... A felicidade, padre-mestre, era que a criança nascesse morta!

— Era um anjinho mais... — rosnou o cónego sorvendo a sua pitada.

Logo nessa noite ele falou à S. Joaneira da ida para a Vieira, em baixo na saleta onde ela estava arranjando pires de marmelada que andavam a secar para a convalescença da D. Josefa. Começou por dizer que lhe alugara a casa do Ferreiro...

— Mas isso é um nicho! —

exclamou ela logo. — Onde hei de eu meter a pequena?

— Ora aí é que está. É que justamente a Amélia desta vez não vai à Vieira.

— Não vai?

Foi só então que o cónego lhe explicou que a mana não podia ir só para a Ricoça, que ele tinha pensado em mandar com ela Amélia... Era uma ideia que lhe viera nessa manhã.

— Eu não posso ir, tenho de tomar os meus banhos, a senhora bem sabe... A pobre de Cristo não há de estar para lá só, com uma criada. Portanto...

A S. Joaneira teve um silenciozinho desconsolado:

— Isso é verdade. Mas olhe, para lhe dizer com franqueza, custa-me bem

deixar a pequena... Se eu pudesse dispensar os banhos, ia eu.

— Qual ia! A senhora vem para a Vieira. Eu também não hei de estar lá só... Sua ingrata, sua ingrata!... — E tomando um tom muito sério: — A senhora veja bem. A Josefa está com os pés para a cova. Ela sabe que o que eu tenho para mim chega. Ela tem afeição à pequena, sempre é madrinha; se a vir agora a tratá-la na doença, a estar ali só com ela uns meses, fica pelo beiço. Olhe que a mana ainda vale um par de mil cruzados. A pequena pode apanhar um bom dote. Não lhe digo mais nada...

E a S. Joaneira concordou logo, uma vez que era vontade do senhor cónego.

Em cima, Amaro estava contando rapidamente a Amélia «o grande plano», a

cena com a velha: que ela se prontificara logo, coitadinha, já cheia de caridade, desejando até ajudar para o enxoval do pequeno...

— Nela podes ter confiança, é uma santa... De modo que está tudo salvo, filha. É estar metida quatro ou cinco meses na Ricoça.

Era isso o que fazia choramigar Amélia: perder a estação da Vieira, o divertimento dos banhos!... Ir enterrar-se todo um verão naquele sinistro casarão da Ricoça! A única vez que lá fora, já ao fim da tarde, ficara estarrecida de medo. Tudo tão escuro, dum eco tão côncavo... Tinha a certeza que ia lá morrer, naquele degredo.

— Tolice! — fez Amaro. — É dar graças ao Senhor de me ter inspirado esta ideia de salvação. Demais tens a D.

Josefa, tens a Gertrudes, o pomar para passear... E eu vou-te lá ver todos os dias. Até hás de gostar, verás.

— Enfim que lhe hei de eu fazer? É aguentar. — E com duas grossas lágrimas nas pálpebras, amaldiçoava intimamente aquela paixão que só amarguras lhe dava, e que agora, quando toda a Leiria ia para a Vieira, a forçava a ela a ir fechar-se na solidão da Ricoça, ouvindo tossir a velha e os cães uivar na quinta... — E a mamã, que diria a mamã?

— Que há de dizer? A D. Josefa não pode ir para a quinta só, sem uma enfermeira de confiança! Não te dê cuidado. O padre-mestre está lá em baixo a trabalhá-la... E eu vou ter com ela, que já aqui estou só há bocado contido, e nestes últimos dias é necessário ter

cautelinha...

Desceu. Justamente o cónego subia, e encontraram-se na escada.

— Então? — perguntou Amaro ao ouvido do padre-mestre.

— Tudo arranjado. E por lá?

— Idem.

E no escuro da escada os dois padres apertaram-se silenciosamente a mão.

Daí a dias, depois duma cena de prantos, Amélia partiu com D. Josefa para a Ricoça num *char-à-banc*.

Tinham arranjado, com almofadas, um recanto cómodo para a convalescente. O cónego acompanhava-a, furioso com aquele incómodo. E a Gertrudes ia em cima na almofada, à sombra da montanha

que faziam sobre o tope do carro os baús de couro, os cestos, as latas, as trouxas, os sacos de chita, o açafate onde miava o gato, e um fardo amarrado com cordas contendo os painéis dos santos mais queridos de D. Josefa.

Depois, ao fim da semana, foi a jornada da S. Joaneira para a Vieira, de noite, por causa da calma. A Rua da Misericórdia estava atravancada com o carro de bois, que conduzia as louças, os enxergões, o trem de cozinha; e no mesmo *char-à-banc* que fora à Cortegassa, ia agora a S. Joaneira e a Ruça, que levava também no regaço um açafate com o gato.

O cónego fora na véspera, só Amaro assistia à partida da S. Joaneira. E depois de toda uma azáfama de galgarem cem vezes de baixo a cima as escadas por um

cestinho que esquecera ou um embrulho que desaparecia, quando a *Ruça* enfim fechou a porta à chave, a S. Joaneira, já no estribo do *char-à-banc*, rompeu a chorar.

— Então, minha senhora, então! — disse Amaro.

— Ai, senhor pároco, deixar a pequena!... Mal sabe o que me custa... Parece que a não torno a ver. Apareça pela Ricoça, faça-me essa esmola. Veja se ela está contente...

— Vá descansada, minha senhora.

— Adeus, senhor pároco. Muito obrigada por tudo... Ai, os favores que lhe devo!

— Tolices, minha senhora... Boa jornada, dê notícias! Recados ao padre-mestre. Adeus, minha senhora! Adeus,

Ruça...

O *char-à-banc* partiu. E pelo mesmo caminho por onde ele ia rolando, Amaro foi andando devagar até à estrada da Figueira. Eram então nove horas; nascera já o luar duma noite cálida e serena de agosto. Uma ténue névoa luminosa suavizava a paisagem calada. Aqui e além uma fachada saliente de casa rebrilhava, batida da lua, entre as sombras do arvoredo. Ao pé da Ponte, parou ao olhar melancolicamente o rio que corria sobre a areia com uma sussurração monótona; nos lugares em que as árvores se debruçavam, havia escuridões cerradas; e adiante uma claridade tremia sobre a água, como um tecido de filigrana faiscante. Ali esteve, naquele silêncio que o calmava, fumando cigarros e atirando as pontas para o rio,

embebido numa tristeza vaga. Depois, ouvindo as onze, veio voltando para a cidade, passou pela Rua da Misericórdia num enternecimento de recordações: a casa, com as janelas fechadas, sem as cortinas de cassa, parecia abandonada para sempre; os vasos de alecrim tinham ficado esquecidos aos cantos das janelas... Quantas vezes Amélia e ele se tinham encostado àquela varanda! Havia então um craveiro fresco, e conversando, ela cortava uma folha, trincava-a nos dentinhos. Tudo tinha acabado agora! E na Misericórdia, ao lado, o piar das corujas no silêncio dava-lhe uma sensação de ruína, de solidão e de fim eterno.

Foi andando para casa, devagar, com os olhos arrasados de água.

A criada veio logo à escada dizer-

lhe que o tio Esguelhas, numa aflição, viera procurá-lo duas vezes, haviam de ser nove horas. A Totó estava a morrer, e só queria receber os sacramentos da mão do senhor pároco.

Amaro, apesar da sua repugnância supersticiosa em voltar assim nessa noite, para um fim tão triste, no meio das recordações felizes da sua paixão, foi, para obsequiar o tio Esguelhas; mas impressionava-o aquela morte, coincidindo com a partida de Amélia, e como completando a súbita dispersão de quanto até aí o interessara ou estivera misturado à sua vida.

A porta da casa do sineiro estava entreaberta, e na escuridão da entrada topou com duas mulheres que saíam suspirando. Foi logo direito à alcova da

paralítica: duas grandes velas de cera, trazidas da igreja, ardiam sobre uma mesa: um lençol branco cobria o corpo da Totó; e o padre Silvério, que fora decerto chamado por estar de semana, lia o Breviário, com o lenço nos joelhos, os seus grandes óculos na ponta do nariz. Ergueu-se apenas viu Amaro:

— Ah, colega — disse muito baixo —, andaram a procurá-lo por toda a parte... A pobre de Cristo queria-o a você... Eu, quando me foram buscar, ia fazer a partida a casa do Novais. É a partida do sábado... Que cena! Morreu na impenitência, como era dos livros. Quando me viu, e que você não vinha, que espetáculo! Até tive medo que me cuspisse no crucifixo...

Amaro, sem dar uma palavra, ergueu

uma ponta do lençol, mas deixou-o logo recair sobre a face da morta. Depois subia acima, ao quarto onde o sineiro, estirado sobre a cama, voltado para a parede soluçava desesperadamente; estava com ele outra mulher, que se conservava a um canto, muda, e imóvel, com os olhos no chão, no vago aborrecimento que lhe dava aquele pesado dever de vizinha. Amaro tocou no ombro do sineiro, falou-lhe:

— É necessário resignação, tio Esguelhas... São decretos do Senhor... Para ela é até uma felicidade.

O tio Esguelhas voltou-se; e reconhecendo o pároco, por entre o véu das lágrimas que lhe alagavam os olhos, tomou-lhe a mão, quis beijar-lha. Amaro recuou:

— Então, tio Esguelhas?... Deus há

de ser misericordioso, há-de-lhe levar em conta a sua dor...

Ele não o escutava, sacudido dum pranto convulsivo, enquanto a mulher, muito tranquilamente, limpava ora um ora outro canto do olho.

Amaro desceu; e para aliviar o bom Silvério daquele serviço excecional, tomou o seu lugar ao pé da vela, com o Breviário na mão.

Ali ficou até tarde. A vizinha ao sair veio dizer-lhe que o tio Esguelhas tinha pegado a dormir; e ela prometia voltar com a amortalhadeira, mal rompesse a manhã.

Toda a casa então ficou naquele silêncio, que a vizinhança do vasto edifício da Sé fazia parecer mais soturno; só às vezes um mocho piava debilmente

nos contrafortes, ou o grosso bordão batia os quartos. E Amaro, tomado dum indefinido terror, mas preso ali por uma força superior da consciência sobressaltada, ia precipitando as orações... Às vezes o livro caia-lhe sobre os joelhos; e então, imóvel, sentindo por detrás a presença daquele cadáver coberto do lençol, recordava, num contraste amargo, outras horas em que o sol banhava o pátio, as andorinhas esvoaçavam, e ele e Amélia subiam rindo para aquele quarto onde agora, sobre a mesma cama, o tio Esguelhas dormitava com soluços mal acalmados...

21

O cónego Dias recomendara muito a Amaro que ao menos nas primeiras semanas, para evitar as suspeitas da mana e da criada, não fosse à Ricoça. E a vida de Amaro tornou-se então mais triste, mais vazia que outrora, quando pela primeira vez deixando a casa da S. Joaneira viera para a Rua das Sousas. Todos os seus conhecidos estavam fora de Leiria: D. Maria da Assunção na Vieira; as Gansosinhos ao pé de Alcobaça com a tia, a famosa tia que havia dez anos estava para morrer e para lhes deixar uma grande herdade. Depois do serviço da Sé, as horas, todo o longo dia, arrastavam-se pesadas como chumbo. Não estaria mais

separado de toda a comunicação humana, se como Santo António vivesse nos areais do deserto líbico. Só o coadjutor que, coisa singular, nunca lhe aparecia nos tempos felizes, voltara agora, como o companheiro fatídico das horas tristes, a visitá-lo uma, duas vezes por semana, ao fim do jantar, mais magro, mais chupado, mais soturno, com o seu eterno guarda-chuva na mão. Amaro odiava-o; às vezes, para o impor, fingia-se todo ocupado numa leitura; ou precipitando-se para a mesa, mal lhe sentia nos degraus as passadas lentas:

— Amigo coadjutor, desculpe, que estou aqui a rabiscar uma coisa.

Mas o homem instalava-se, com o odioso guarda-chuva entre os joelhos:

— Não se prenda, senhor pároco,

não se prenda.

E Amaro, torturado por aquela figura lúgubre que não se mexia na cadeira, atirava a pena, furioso, agarrava o chapéu:

— Não estou hoje para a coisa, vou espairecer.

E à primeira esquina descartava-se bruscamente do coadjutor.

Às vezes, farto da solidão, ia visitar o Silvério. Mas a felicidade pachorrenta daquele ser obeso, ocupado em colecionar receitas de medicina caseira e em observar as perturbações fantásticas da sua digestão; os seus constantes louvores do doutor Godinho, dos pequenos e da senhora; as chalaças obsoletas que ele repetia havia quarenta anos e a inocente hilaridade, que elas lhe

davam, impacientavam Amaro. Saía, enervado, pensando na sorte inimiga que o fizera tão diferente do Silvério. Aquilo era a felicidade por fim: por que não havia de ele ser também um bom padre caturra, com uma pequenina mania tirânica, parasita regalado duma família respeitável, tendo um destes sangues tranquilos que giram sob camadas de gordura, sem perigo de transbordar e de causar desgraças, como um riacho que corre por baixo duma montanha?...

Outras vezes ia ao colega Natário, cuja fratura, mal tratada ao princípio, o retinha ainda na cama com o aparelho na perna. Mas aí, enjoava-o o aspeto do quarto — impregnado dum cheiro de arnica e de suor, com uma profusão de trapos ensopados em malgas vidradas, e

esquadrões de garrafas sobre a cómoda entre fileiras de santos. Natário, mal o via aparecer, rompia em queixas: as cavalgaduras dos médicos! A sua má sorte habitual! As torturas a que o forçavam! O atraso em que estava a medicina neste maldito país!... E ia salpicando o soalho negro de expetorações e de pontas de cigarro. Desde que estava doente, a saúde dos outros, sobretudo dos amigos, indignava-o como uma ofensa pessoal.

— E você sempre rijo, hem? Pudera! — murmurava com rancor.

E pensar que aquela besta do Brito nunca lhe doera a cabeça! E que o alarve do abade se gabava de nunca ter estado na cama depois das sete da manhã! Animais!

Amaro então dava-lhe as novidades: alguma carta que recebera do cónego, da

Vieira, as melhoras da D. Josefa...

Mas Natário não se interessava pelas pessoas a quem apenas o unia a convivência e a amizade; interessavam-no só os seus inimigos, com quem tinha ligações de ódio. Queria saber do escrevente, se já tinha estourado de fome...

— Esse ao menos pude-lhe ser bom antes de cair aqui nesta maldita cama!...

As sobrinhas apareciam então — duas criaturinhas sardentas, de olhos muito pisados. O seu grande desgosto era que o titi não mandasse vir a *benzedeira* pôr-lhe *virtude* na perna: era o que tinha curado o morgadinho da Barrosa, e o Pimentel de Ourém...

Natário, na presença das *duas rosas do seu canteiro*, calmava-se.

— Coitaditas, não é por falta de cuidados delas que eu ainda não arribei... Mas tenho sofrido, caramba!

E as duas rosas, com o mesmo movimento simultâneo, voltavam-se para o lado limpando os olhos aos lenços.

Amaro saía dali, mais enfastiado.

Para se fatigar tentava dar grandes passeios pela estrada de Lisboa. Mas apenas se afastava do movimento da cidade, a sua tristeza tornava-se mais intensa, concordando com aquela paisagem de colinas tristes e árvores enfezadas: e a sua vida aparecia-lhe como essa mesma estrada monótona e longa, sem um incidente que a alegrasse, estirando-se desoladamente até se perder nas brumas do crepúsculo. Às vezes, ao voltar, entrava no cemitério, ia passeando

entre os renques de ciprestes, sentindo àquela hora do fim da tarde a emanação adocicada das moutas de goivos; lia os epitáfios; encostava-se à grade dourada do jazigo da família Gouveia, contemplando os emblemas em relevo, um chapéu armado e um espadim, seguindo as negras letras da famosa ode que lhe adorna a lápide:

Caminhante, detém-te a contemplar
Estes restos mortais;
E, se sentires a mágoa a trasbordar,
Detém teus ais.
Que João Cabral da Silva Maldonado
Mendonça de Gouveia,

Moço fidalgo, bacharel formado,
Filho da ilustre Ceia,
Ex-administrador deste concelho.
Comendador de Cristo,
Foi de virtudes singular espelho.
Caminhante, crê nisto.

Depois era o rico mausoléu do Morais, onde sua esposa que, agora, rica e quarentona, vivia em concubinagem com o belo capitão Trigueiros, fizera gravar uma piedosa quadra:

Entre os anjos espera, ó esposo,
A metade do teu coração

Que no mundo ficou, tão sozinha,
Toda entregue ao dever da oração...

Algumas vezes, ao fundo do cemitério, junto ao muro, via um homem ajoelhado ao pé duma cruz negra, que um chorão assombreava, ao lado da vala dos pobres. Era o tio Esguelhas, com a sua muleta no chão, rezando sobre a sepultura da Totó. Ia falar-lhe, e mesmo, numa igualdade que aquele lugar justificava, passeavam familiarmente, ombro a ombro, conversando. Amaro, com bondade, consolava o velho: de que servia à desgraçada rapariga a vida para a passar estirada numa cama?

— Sempre era viver, senhor

pároco... E eu, veja agora isto, sozinho de dia e de noite!

— Todos têm as suas solidões, tio Esguelhas — dizia melancolicamente Amaro.

O sineiro então suspirava, perguntava pela Sr. D. Josefa, pela menina Amélia...

— Lá está na quinta.

— Coitadita, não está má estopada...

— Cruzes da vida, tio Esguelhas.

E continuavam calados por entre as ruas de buxo que fecham os canteiros cheios de negrejamento das cruzes e da brancura das lápides novas. Amaro, às vezes, reconhecia alguma sepultura que ele mesmo tinha aspergido e consagrado: onde estariam aquelas almas que ele recomendara a Deus em latim, distraído,

engorolando à pressa as orações para ir ter com Amélia? Eram jazigos de gente da cidade; ele conhecia de vista as pessoas da família; vira-as então lavadas em lágrimas, e agora passeavam em rancho pela alameda ou chalaceavam ao balcão das lojas...

Voltava para casa mais triste, e a sua longa noite começava, infindável. Tentava ler; mas ao fim das dez primeiras linhas bocejava de tédio e de fadiga. Às vezes escrevia ao cónego. Às nove horas, tomava chá; e depois era um passear sem fim pelo quarto fumando maços de cigarros, parando à janela a olhar a negrura da noite, lendo aqui e além uma notícia ou um anúncio do *Popular*, e recomeçando a passear com bocejos tão cavos que a criada os ouvia na cozinha.

Para entreter as noites melancólicas, e por um excesso de sensibilidade ociosa, tentara fazer versos, pondo o seu amor e a história dos dias felizes nas fórmulas conhecidas da saudade lírica:

Lembras-te desse tempo de delícias,
Ó anjo feiticeiro, Amélia amada,
Quando tudo era risos e ventura
E a vida nos corria sossegada?

Lembras-te dessa noite de poesia
Em que a Lua brilhava pelos céus
E nós unindo as almas, ó

Amélia,

Erguemos nossa prece para Deus?...

Mas a despeito de todos os esforços nunca passara destas duas quadras — apesar de as ter produzido com uma facilidade prometedora — como se o seu ser contivesse apenas estas duas gotas isoladas de poesia, e, soltas elas à primeira pressão, nada mais restasse senão a seca prosa do temperamento carnal.

E esta existência vazia relaxara-lhe tão sutilmente todo o maquinismo da vontade e da ação, que qualquer trabalho que lhe pudesse encher a fastidiosa concavidade das horas infindáveis, era-lhe odioso como o peso dum fardo injusto.

Preferia ainda os tédios da ociosidade aos tédios da ocupação. A não serem os deveres estritos que ele não podia desleixar sem escândalo e sem censura — desembaraçara-se, pouco a pouco, de todas as práticas do zelo interior: nem a oração mental, nem as visitas regulares ao Santíssimo, nem as meditações espirituais, nem o rosário à Virgem, nem a leitura à noite do Breviário, nem o exame de consciência — todas estas obras da devoção, estes meios secretos de santificação progressiva substituía-os pelos infindáveis passeios pelo quarto, do lavatório à janela, e por maços de cigarros fumados até ao negro dos dedos. A missa, pela manhã, era rapidamente engorolada; o serviço da paróquia feito com surdas revoltas de impaciência;

tomara-se consumadamente o *Indignus sacerdos* dos ritualistas; e tinha na sua ampla totalidade os trinta e cinco defeitos e os sete meios defeitos que os teólogos atribuem ao *mau padre*.

Só lhe restava, através da sua sentimentalidade, um apetite tremendo. E como a cozinheira era excelente, e a Sra. D. Maria da Assunção, antes da sua partida para a Vieira, lhe deixara um fornecimento de cento e cinquenta missas a cruzado — banqueteava-se, tratando-se a galinha e a geleia, regando-se dum vinho picante da Bairrada que o padre-mestre lhe escolhera. E ali ficava à mesa, horas esquecidas, de perna esticada, fumando sobre o café, e lamentando não ter à mão a sua Ameliazita...

Que fará ela por lá, a pobre

Ameliazita?, pensava, espreguiçando-se com tédio e com langor.

A pobre Ameliazita, na Ricoça amaldiçoava a sua vida.

Logo durante a jornada no *char-à-banc* D. Josefa lhe fizera tacitamente sentir que dela não tinha a esperar nem a antiga amizade, nem o perdão do escândalo... E assim foi, quando se instalaram. A velha tomou-se intratável; era todo um modo cruel de abandonar o *tu*, de a tratar por *menina*; uma recusa ríspida se Amélia lhe queria arranjar a almofada ou aconchegá-la no xale; um silêncio repreensivo quando ela lhe passava o serão no quarto, costurando; e a todo o momento alusões suspiradas ao

triste encargo que Deus lhe mandava no fim dos seus dias...

Amélia, consigo, acusava o pároco: ele prometera-lhe que a madrinha seria toda caridade, toda cumplicidade; e entregava-a por fim a uma semelhante ferocidade de velha virgem devota!...

Quando se viu naquele casarão da Ricoça, num quarto regelado, pintado a cor de canário, lugubremente mobiliado, com uma cama de dossel e duas cadeiras de couro, chorou toda a noite com a cabeça enterrada no travesseiro, torturada por um cão que debaixo das janelas, estranhando sem dúvida as luzes e o movimento na casa, uivou até de madrugada.

Ao outro dia desceu à quinta a ver os caseiros. Era talvez boa gente com quem

podia distrair-se. Encontrou uma mulher, alta e lúgubre como um cipreste, carregada de luto: um grande lenço negro tingido, muito puxado para a testa, dava-lhe um ar de farricoco; e a sua voz gemebunda tinha uma tristeza de dobre a finados. O homem pareceu-lhe ainda pior, semelhante a um orangotango, com duas orelhas enormes muito despegadas do crânio, uma saliência bestial do queixo, as gengivas deslavadas, um corpo desengonçado de tísico, de peito metido para dentro. Abalou bem depressa, foi ver o pomar: andava maltratado; as ruazitas estavam invadidas por um ervaçal húmido; e a sombra das árvores muito juntas, num terreno baixo, cercado de altos muros, dava uma sensação doentia.

Era ainda preferível passar os seus

dias metida no casarão; dias infindáveis em que as horas se iam movendo com o vagar fastidioso dum desfilar funerário.

O seu quarto era na frente; e pelas duas janelas recebia a impressão triste da paisagem que se estendia defronte; uma ondulação monótona de terras estéreis com alguma magra árvore aqui e além, um ar abafado em que parecia errar constantemente a exalação de pauis próximos e de baixas húmidas, e a que nem o sol de setembro dissipava o tom sezonático.

Logo pela manhã ia ajudar a levantar D. Josefa, acomodá-la no canapé; depois vinha costurar para ao pé dela — como outrora na Rua da Misericórdia para ao pé da mãe; mas agora em lugar das boas «cavaqueiras» tinha só o silêncio

intratável da velha e a sua ronqueira incessante. Pensara em fazer vir o seu piano da cidade; mas, apenas em tal falou, a velha exclamou com azedume:

— A menina está doida... Não tenho saúde para tocatas! Ora o despropósito!

A Gertrudes também não lhe fazia companhia; nas horas em que não estava ao pé da velha, ou na cozinha, desaparecia; era justamente daquela freguesia, e passava o seu tempo pelos casais, palrando com as antigas vizinhas.

A pior hora era ao anoitecer. Depois de rezar o seu rosário, ficava junto à janela olhando estupidamente as gradações da luz poente; todos os campos pouco a pouco se perdiam no mesmo tom pardo; um silêncio parecia descer, pousar sobre a Terra; depois uma primeira

estrelinha tremeluzia e brilhava: e diante dela era então só uma massa inerte de sombra muda até ao horizonte, aonde ainda ficava um momento uma delgada tira cor de laranja desbotada. O seu pensamento, sem nenhum tom de luz ou contorno de objeto em redor que o prendesse, ia muito saudoso para longe, para a Vieira; àquela hora a mãe e as amigas recolhiam do passeio na praia; já todas as redes estavam apanhadas; já pelos palheiros começam a aparecer as luzes; é a hora do chá, dos quinos alegres, quando os rapazes da cidade vão em rancho pelas casas amigas, com uma viola e uma flauta, improvisando *soirées*. E ela ali, só!...

Era então necessário deitar a velha, rezar com ela e com a Gertrudes o terço.

Acendiam depois o candeeiro de latão, pondo-lhe diante uma velha chapeleira para dar sombra ao rosto da doente; e todo o serão, no silêncio lúgubre, apenas se ouvia o rumor do fuso da Gertrudes que fiava agachada a um canto.

Antes de se deitarem, iam trancar todas as portas, num medo constante de ladrões; e então começava para Amélia a hora dos terrores supersticiosos. Não podia adormecer, sentindo ao pé a negrura daquelas antigas salas desabitadas e em redor o tenebroso silêncio dos campos. Ouvia ruídos inexplicáveis: era o soalho do corredor que estalava, sob passadas multiplicadas; era a luz da vela que de repente se dobrava como sob um hálito invisível: ou a distância, para os lados da cozinha, o baque surdo dum corpo.

Acumulava então as orações, encolhida debaixo da roupa; mas, se adormecia, as visões do pesadelo continuavam-lhe os terrores da vigília. Uma vez acordara de repente, a uma voz que dizia, gemendo, por trás da alta barra da cama: *Amélia, prepara-te, o teu fim chegou!* Espavorida, em camisa, atravessou correndo a casa, foi refugiar-se na cama da Gertrudes.

Mas na noite seguinte a voz sepulcral voltou quando ela ia adormecer: *Amélia, lembra-te dos teus pecados! Prepara-te, Amélia!* Deu um grito, desmaiou. Felizmente a Gertrudes, que ainda se não deitara, correu àquele ai agudo que cortara o silêncio do casarão. Achou-a estirada ao través do leito, com os cabelos soltos da rede rojando no chão, as

mãos geladas e como mortas. Desceu a acordar a mulher do caseiro, e até de madrugada foi uma azáfama para a chamar à vida. Desde esse dia a Gertrudes dormia ao pé dela, e a voz não tornou a ameaçá-la por trás da barra.

Mas, de noite e de dia, não a deixou mais a ideia da morte e o pavor do Inferno. Por esse tempo, um vendedor ambulante de estampas passou pela Ricoça; e a Sra. D. Josefa comprou-lhe duas litografias — a *Morte do Justo* e a *Morte do Pecador*.

— Que é bom que cada um tenha o exemplo vivo diante dos olhos — disse ela.

Amélia não duvidou ao princípio que a velha, que contava morrer no mesmo aparato de glória com que expirava o

Justo da estampa, lhe quisera mostrar a ela, a *pecadora*, a cena pavorosa que a esperava. Odiou-a por aquela «picardia». Mas a sua imaginação aterrada não tardou a dar à compra da estampa outra explicação: era Nossa Senhora que ali mandara o vendedor de pinturas, para lhe mostrar ao vivo na litografia da *Morte do Pecador* o espetáculo da sua agonia: e estava então certa que tudo seria assim, traço por traço — o seu anjo da guarda fugindo aos soluços; Deus Padre desviando o rosto dela com repugnância; o esqueleto da morte rindo às gargalhadas; e demónios de cores rutilantes, com todo um arsenal de torturas, apoderando-se dela, uns pelas pernas, outros pelos cabelos, arrastando-a com uivos de júbilo para a caverna

chamejante toda abalada da tormenta de rugidos que solta a Eterna Dor... E ela podia ver ainda, no fundo dos Céus, a grande balança com um dos pratos muito alto onde as suas orações não pesavam mais que uma pena de canário, e o outro prato caído, de cordas retesadas, sustentando a enxerga da cama do sineiro e as suas toneladas de pecado.

Caiu então numa melancolia histérica que a envelhecia; passava os dias suja e desarranjada, não querendo dar cuidados ao seu corpo pecador; todo o movimento, todo o esforço lhe repugnava; as mesmas orações lhe custavam, como se as julgasse inúteis; e tinha atirado para o fundo duma arca o enxoval que andava a costurar para o filho — porque o odiava, aquele ser que ela sentia mexer-se-lhe já nas entranhas e

que era a causa da sua perdição. Odiava-o, mas menos que o outro, o pároco que lho fizera, o padre malvado que a tentara, a estragara, a atirara às chamas do Inferno! Que desespero quando pensava nele! Estava em Leiria sossegado, comendo bem, confessando outras, namorando-as talvez, e ela ali sozinha, com o ventre condenado e enfartado do pecado que ele lá depusera, ia-se afundindo na perdição sempiterna!

Decerto esta excitação a teria matado se não fosse o abade Ferrão que começara então a vir ver muito regularmente a irmã do amigo cónego.

Amélia ouvira falar muitas vezes nele na Rua da Misericórdia; dizia-se lá que o Ferrão tinha «ideias esquisitas»; mas não era possível recusar-lhe nem a

virtude da vida nem a ciência de sacerdote. Havia muitos anos que era ali abade; os bispos tinham-se sucedido na diocese, e ele ali ficara esquecido naquela freguesia pobre, de côngrua atrasada, numa residência onde chovia pelos telhados. O último vigário-geral, que nunca dera um passo para o favorecer, dizia-lhe todavia, liberal de palavreado:

— Você é um dos bons teólogos do reino. Você está predestinado por Deus para um bispado. Você ainda apanha a mitra. Você há de ficar na história da Igreja portuguesa como um grande bispo, Ferrão!

— Bispo, senhor vigário-geral! Isso era bom! Mas era necessário que eu tivesse o arrojo dum Afonso de Albuquerque ou dum D. João de Castro,

para aceitar aos olhos de Deus semelhante responsabilidade!

E ali ficara, entre gente pobre, numa aldeia de terra escassa, vivendo de dois pedaços de pão e uma chávena de leite, com uma batina limpa onde os remendos faziam um mapa, precipitando-se a uma meia légua por um temporal desfeito se um paroquiano tinha uma dor de dentes, passando uma hora a consolar uma velha z quem tinha morrido uma cabra... E sempre de bom humor, sempre com um cruzado no fundo do bolso dos calções para uma necessidade do seu vizinho, grande amigo de todos os rapazitos a quem fazia botes de cortiça, e não duvidando parar, se encontrava uma rapariga bonita, o que era raro na freguesia, e exclamar: «Linda moça, Deus a abençoe!»

E todavia, em novo, a pureza dos seus costumes era tão célebre, que lhe chamavam «a donzela».

De resto, padre perfeito no zelo da Igreja; passando horas de estação aos pés do Santíssimo Sacramento; cumprindo com uma felicidade fervente as menores práticas da vida devota; purificando-se para os trabalhos do dia com uma profunda oração mental, uma meditação de fé, de onde a sua alma saía ágil, como dum banho fortificante; preparando-se para o sono com um destes longos e piedosos exames de consciência, tão úteis, que Santo Agostinho e S. Bernardo faziam do mesmo modo que Plutarco e Séneca, e que são a correção laboriosa e sutil dos pequenos defeitos, o aperfeiçoamento meticuloso da virtude

ativa, empreendido com um fervor de poeta que revê um poema querido... E todo o tempo que tinha vago abismava-se num caos de livros.

Tinha só um defeito o abade Ferrão: gostava de caçar! Coibia-se, porque a caça tira muito tempo, e é sanguinário matar uma pobre ave que anda azafamada pelos campos nos seus negócios domésticos. Mas nas claras manhãs de inverno, quando ainda há orvalho nas giestas, se via passar um homem de espingarda ao ombro, o passo vivo, seguido do seu perdigueiro — iam-se-lhe os olhos nele... Às vezes, porém, a tentação vencia; agarrava furtivamente a espingarda, assobiava à *Janota*, e com as abas do casacão ao vento, lá ia o teólogo ilustre, o espelho da piedade, através de

campos e vales... E daí a pouco: pum... pum! Uma codorniz, uma perdiz em terra! E lá voltava o santo homem com a espingarda debaixo do braço, os dois pássaros na algibeira, cosendo-se com os muros, rezando o seu rosário à Virgem, e respondendo aos *bons-dias* da gente pelo caminho com os olhos baixos e o ar muito criminoso. O abade Ferrão, apesar do seu aspeto «gebo» e do seu grande nariz, agradou a Amélia, logo desde a primeira visita à Ricoça; e a sua simpatia cresceu, quando viu que D. Josefa o recebia com pouco alvoroço, apesar do respeito que o mano cónego tinha pela ciência do abade.

A velha, com efeito, depois de ter estado só com ele numa prática de horas, condenara-o com uma única palavra, na sua autoridade de velha devota

experiente:

— É relaxado!

Não se tinham realmente compreendido. O bom Ferrão, tendo vivido tantos anos naquela paróquia de quinhentas almas, as quais caíam todas, de mães e filhas, no mesmo molde de devoção simples a Nosso Senhor, Nossa Senhora e S. Vicente, patrono da freguesia, tendo pouca experiência de confissão, encontrava-se, subitamente, diante duma alma complicada de devota da cidade, dum beatério caturra e atormentado; e ao ouvir aquela extraordinária lista de pecados mortais, murmurava espantado:

— É estranho, é estranho...

Percebera bem ao princípio que tinha diante de si uma dessas degenerações

mórbidas do sentimento religioso, que a teologia chama *Doença dos escrúpulos* e de que na sua generalidade estão afetadas hoje todas as almas católicas; mas depois, a certas revelações da velha, receou estar realmente em presença duma maníaca perigosa; e instintivamente, com o singular horror que os sacerdotes têm pelos doidos, recuou a cadeira.

Pobre D. Josefa! Logo na primeira noite em que chegara à Ricoça (contava ela), ao começar o rosário a Nossa Senhora, lembra-lhe de repente que lhe esquecera o saiote de flanela escarlate, que era tão eficaz nas dores das pernas... Trinta e oito vezes de seguida recomeçara o rosário, e sempre o saiote escarlate se interpunha entre ela e Nossa Senhora!... Então desistira, de exausta, de esfalfada.

E imediatamente sentira dores vivas nas pernas, e tivera como uma voz de dentro a dizer-lhe que era Nossa Senhora por vingança a espetar-lhe alfinetes nas pernas...

O abade pulou:

— Oh, minha senhora!...

— Ai, não é tudo, senhor abade!

Havia outro pecado que a torturava: quando rezava, às vezes, sentia vir expetoração; e, tendo ainda o nome de Deus ou da Virgem na boca, tinha de escarrar; ultimamente engolia o escarro, mas estivera pensando que o nome de Deus ou da Virgem lhe descia de embrulhada para o estômago e se ia misturar com as fezes! Que havia de fazer?

O abade, de olhar esgazeado,

limpava o suor da testa.

Mas isto não era o pior: o grave era, que na noite antecedente, estava toda sossegada, toda em virtude, a rezar a S. Francisco Xavier, e de repente, nem ela soube como, pôs-se a pensar como seria S. Francisco Xavier nu em pelo!

O bom Ferrão não se moveu, atordoado. Enfim, vendo-a olhar ansiosa para ele à espera das suas palavras e dos seus conselhos, disse:

— E há muito que sente esses terrores, essas dúvidas...?

— Sempre, senhor abade, sempre!

— E tem convivido com pessoas que, como a senhora, são sujeitas a essas inquietações?

— Todas as pessoas que conheço, dúzias de amigas, todo o mundo... O

inimigo não me escolheu só a mim... A todos se atira...

— E que remédio dava a essas ansiedades de alma...?

— Ai, senhor abade, aqueles santos da cidade, o senhor pároco, o Sr. Silvério, o Sr. Guedes, todos, todos nos tiravam sempre de embaraços... E com uma habilidade, com uma virtude...

O abade Ferrão ficou calado um momento: sentia-se triste, pensando que por todo o reino tantos centenares de sacerdotes trazem assim voluntariamente o rebanho naquelas trevas de alma, mantendo o mundo dos fiéis num terror abjeto do Céu, representando Deus e os seus santos como uma corte que não é menos corrompida, nem melhor, que a de Calígula e dos seus libertos.

Quis então levar àquele noturno cérebro de devota, povoado de fantasmagorias, uma luz mais alta e mais larga. Disse-lhe que todas as suas inquietações vinham da imaginação torturada pelo terror de ofender a Deus... Que o Senhor não era um amo feroz e furioso, mas um pai indulgente e amigo... Que é por amor que é necessário servi-lo, não por medo... Que todos esses escrúpulos, Nossa Senhora a enterrar alfinetes, o nome de Deus a cair no estômago, eram perturbações da razão doente. Aconselhou-lhe confiança em Deus, bom regime para ganhar forças. Que não se cansasse em orações exageradas...

— E quando eu voltar — disse enfim erguendo-se e despedindo-se —, continuaremos a conversar sobre isto, e

havemos de serenar essa alma.

— Obrigada, senhor abade — respondeu a velha secamente.

E apenas a Gertrudes daí a pouco entrou a trazer-lhe a botija para os pés, D. Josefa exclamou, toda indignada, quase choramigando:

— Ai, não presta para nada, não presta para nada!... Não me percebeu... É um tapado... É um pedreiro-livre, Gertrudes! Que vergonha num sacerdote do Senhor...

Desde esse dia não tornou a revelar ao abade os pecados medonhos que continuava a cometer; e quando ele, por dever, quis recomeçar a educação da sua alma, a velha declarou-lhe sem rodeios que, como se confessava com o Sr. padre Gusmão, não sabia se seria delicado

receber de outro a direção moral...

O abade fez-se vermelho, respondeu:

— Tem razão, minha senhora, tem razão, deve-se ter muita delicadeza nessas coisas...

Saiu. E daí por diante, depois de ter entrado no quarto a saber-lhe da saúde, de ter falado do tempo, da estação, das doenças que iam, de alguma festa na igreja, apressava-se em se despedir e ir para o terraço conversar com Amélia.

Vendo-a sempre tão tristonha, interessara-se por ela; para Amélia, as visitas do abade eram uma distração, naquela solidão da Ricoça; e assim se iam familiarizando, a ponto que nos dias em que ele regularmente vinha, Amélia punha um mantelete e ia pelo caminho dos Poiais esperá-lo até junto da casa do ferrador.

As conversas do abade, falador incansável, entretinham-na, tão diferentes dos mexericos da Rua da Misericórdia, como o espetáculo dum largo vale com árvores, plantações, águas, pomares e rumor de lavouras, recreia os olhos habituados às quatro paredes caiadas duma trapeira da cidade. Tinha com efeito uma destas conversações semelhantes aos *jornais semanais de recreio*, o TESOURO DAS FAMÍLIAS ou as LEITURAS PARA SERÕES, em que há de tudo — doutrina moral, histórias de viagens, anedotas de grandes homens, dissertações sobre a lavoura, citação duma boa chalaça, traços sublimes da vida dum santo, um verso aqui e além, e até receitas, como uma muito útil que deu a Amélia para lavar as flanelas sem

encolherem. Só era monótono quando falava da sua família paroquiana, dos casamentos, batizados, doenças, questões, ou quando começava as suas histórias de caça.

— Uma vez, minha rica senhora, ia eu pelo Córrego das Tristes, quando uma revoada de perdizes...

Amélia sabia que, pelo menos uma hora, tudo seriam façanhas da Janota, pontarias fabulosas contadas em mímica, com imitações de vozes de pássaros, e *pum, pum* de fuzilaria. Ou então era descrições das caçadas selvagens que ele lera com gula — a caça ao tigre do Nepal, ao leão da Argélia e ao elefante, histórias ferozes que arrastavam a imaginação da rapariga para longe, para os países exóticos onde a erva é alta como os

pinheiros, o sol queima como um ferro em brasa, e entre cada ramagem reluzem os olhos duma fera... E depois, a propósito de tigres e de malaios, lembrava-lhe um história curiosa de S. Francisco Xavier, e ei-lo lançado, o terrível palrador, na descrição dos feitos da Ásia, das armadas da Índia e das estocadas famosas do cerco de Dio!

Foi mesmo um desses dias, no pomar, em que o abade, tendo começado por enumerar as vantagens que o cónego tiraria de transformar o pomar em terra de lavoura, acabara por contar perigos e valores dos missionários da Índia e do Japão — que Amélia, então em toda a intensidade dos seus terrores noturnos, falou dos ruídos que ouvia na casa e dos sobressaltos que lhe davam.

— Oh, que vergonha! — disse o abade rindo. — Uma senhora da sua idade ter medo de papões...

Ela então, atraída por aquela bondade do senhor abade, contou-lhe as vozes que ouvia de noite por detrás da barra da cama.

O abade pôs-se sério:

— Minha senhora, isso são imaginações que deve a todo o custo dominar... Decerto tem havido prodígios no mundo, mas Deus não se põe assim a falar a qualquer, por detrás das barras das camas, nem permite ao demónio que o faça... Essas vozes, se as ouve, e se os seus pecados são grandes, não vêm de detrás da cama, vêm-lhe de si mesma, da sua consciência... E pode então fazer dormir ao pé de si a Gertrudes, e sem

Gertrudes, e todo o batalhão de infantaria, que as há de continuar a ouvir... Havia de as ouvir, mesmo que fosse surda. O que é necessário é calmar a consciência que reclama penitência e purificação...

Tinham subido ao terraço, falando assim: e Amélia sentara-se fatigada num dos bancos de pedra que ali havia, e ficara a olhar a quinta ao longe, os tetos dos currais, a longa rua de loureiros, a eira, e a distância os campos que se sucediam planos e avivados do tom húmido que lhes dera a chuva ligeira da manhã: agora a tarde estava de uma placidez clara, sem vento, com grandes nuvens paradas que o sol do poente tocava de vivos cor-de-rosa tenro... Pensava naquelas palavras tão sensatas do abade, no descanso que gozaria se cada

pecado que lhe pesava na alma como um penedo se tomasse ligeiro e se dissipasse sob a ação da penitência. E vinham-lhe desejos de paz, dum repouso igual à quietação dos campos que se estendiam diante dela.

Um pássaro cantou, depois calou-se; e recomeçou daí a um momento com um trinado tão vibrante, tão alegre, que Amélia sorria, escutando-o.

— É um rouxinol...

— Os rouxinóis não cantam a esta hora — disse o abade. — É um melro... Aí está um que não tem medo de fantasmas, nem ouve vozes... Olhe que entusiasmo, o maganão!

Era com efeito um gorjear triunfante, um delírio de melro feliz, que dera de repente a todo o pomar uma sonoridade

festiva.

E Amélia, diante daquele chilrear glorioso dum pássaro contente, subitamente, sem razão, num destes abalos nervosos que vêm às mulheres histéricas, rompeu a chorar.

— Então, que é isso, que é isso? — fez o abade muito surpreendido.

Tomou-lhe a mão, com uma familiaridade de velho e de amigo, calmando-a.

— Que infeliz que sou!... — murmurou ela aos soluços.

Ele então muito paternal:

— Não tem razão para o ser... Sejam quais forem as aflições, as inquietações, uma alma cristã tem sempre a consolação à mão... Não há pecado que Deus não perdoe, nem dor que não calme, lembre-se

disso... O que não deve é guardar em si o seu desgosto... É isso que sufoca, que a faz chorar... Se eu lhe posso valer, sossegá-la, é procurar-me...

— Quando? — disse ela toda desejosa já de se refugiar na proteção daquele santo homem.

— Quando quiser — disse ele rindo. — Eu não tenho horas para consolar... A igreja está sempre aberta, Deus está sempre presente...

Ao outro dia cedo, antes da hora em que a velha se erguia, Amélia foi à residência; e durante duas horas esteve prostrada diante do pequeno confessionário de pinho — que o bom abade por suas mãos pintara de azul-escuro, com extraordinárias cabecinhas de anjos que em lugar de orelhas tinham asas,

uma obra de alta arte de que ele falava com uma secreta vaidade.

22

O padre Amaro acabara de jantar, e fumava, com os olhos no teto, para não ver o carão chupado do coadjutor que havia meia hora ali estava, imóvel e espectral, fazendo cada dez minutos uma pergunta que caía no silêncio da sala como os quartos melancólicos que dá de noite um relógio de catedral.

— O senhor pároco já não é assinante da *Nação?*

— Não senhor, leio o *Popular.*

O coadjutor recaiu num silêncio, começando logo a coligir laboriosamente as palavras para uma nova pergunta. Soltou-a enfim, com lentidão:

— Não se tornou a saber daquele

infame que escreveu o *Comunicado?*

— Não senhor, foi para o Brasil.

A criada entrou, neste momento, dizendo que «estava ali uma pessoa que queria falar ao senhor pároco». Era a sua maneira de anunciar a presença de Dionísia na cozinha.

Havia semanas que ela não aparecia e Amaro, curioso, saiu logo da sala fechando a porta sobre si, e chamou a matrona ao patamar.

— Grande novidade, senhor pároco! E vim a correr, que é sério. Está cá o João Eduardo!

— Ora essa! — exclamou o pároco. — E eu justamente a falar dele! É extraordinário. Olha que coincidência...

— É verdade, vi-o hoje. Fiquei banzada... E já estou informada de tudo. O

homem está mestre dos filhos do Morgadinho.

— Que Morgadinho?

— O Morgadinho dos Poiais... Se vive lá, ou se vai pela manhã e vem à noite, isso não sei. O que sei é que voltou... E janota, fato novo... Eu entendi que devia avisar, porque pode estar certo que ele, mais dia menos dia, dá pela Ameliazinha lá na Ricoça... É no caminho para casa do Morgado... Que lhe parece?...

— Forte besta! — rosnou Amaro com rancor. — Quando não serve é que aparece. Então por fim não foi para o Brasil?

— Pelos modos, não... Que a sombra dele não era, era ele mesmo em carne e osso... A sair da loja do Fernandes por

sinal, e todo peralta... Sempre é bom avisar a rapariga, senhor pároco, que se não vá ela plantar de janela...

Amaro deu-lhe as duas placas que ela esperava e daí a um quarto de hora, desembaraçado do coadjutor, ia no caminho da Ricoça.

Batia-lhe forte o coração quando avistou o casarão amarelo, pintado de novo, o largo terraço lateral em linha com o muro do pomar, ornado de espaço a espaço no parapeito de vasos nobres de pedra. Ia enfim, depois de tão longas semanas, ver a sua Ameliazinha! E já se alvoroçava à ideia das exclamações apaixonadas com que ela lhe cairia nos braços.

Ao rés do chão eram as cavalariças, do tempo da família morgada que outrora ali habitara, agora abandonadas às ratazanas e aos tortulhos, recebendo a luz por estreitas janelas gradeadas que quase desapareciam sob camadas de teias de aranha; entrava-se por um imenso pátio escuro, onde havia longos anos se acastelava a um canto toda uma montanha de pipas vazias; e o lance de escadaria nobre, que levava aos aposentos, era à direita, flanqueado de dois leõezinhos de pedra, benignos e sonolentos.

Amaro subiu até um salão de teto de carvalho apainelado, sem mobília, com a metade do soalho coberta de feijão seco.

E, embaraçado, bateu as palmas.

Uma porta abriu-se. Amélia apareceu um instante, toda despenteada e em saia

branca; deu um gritinho, bateu com a porta — e o pároco sentiu-a fugir para o interior do casarão. Ficou muito desconsolado no meio do salão, com o seu guarda-sol debaixo do braço, pensando na boa familiaridade com que entrava na Rua da Misericórdia, que até pareciam as portas abrir-se de si mesmo e o papel das paredes clarear-se de alegria.

Ia bater as palmas outra vez, já quezilado, quando a Gertrudes apareceu.

— Oh, senhor pároco! Entre, senhor pároco! Ora até que enfim! Minha senhora, é o senhor pároco! — gritava, na alegria de ver enfim uma visita querida, um amigo da cidade, naquele desterro da Ricoça.

Levou-o logo para o quarto de D. Josefa, ao fundo da casa, um quarto

enorme, onde, num pequeno canapé perdido a um canto, a velha passava os dias encolhida no seu xale, com os pés embrulhados num cobertor.

— Oh, D. Josefa! Como está? Como está?

Ela não pôde responder, tomada dum acesso de tosse que lhe dera a comoção da visita.

— Como vê, senhor pároco — murmurou enfim muito fraco. — Para aqui vou, arrastando esta velhice. E vossa senhoria? Por que não tem aparecido?

Amaro desculpou-se vagamente com os afazeres da Sé. E compreendia agora, ao ver aquela face amarela e cavada, com uma medonha touca de rendas negras, que tristes horas Amélia ali devia passar. Perguntou por ela; avistara-a de longe,

mas ela deitara a fugir...

— É que não estava decente para aparecer — disse a velha. — Hoje foi dia da barrela.

Amaro quis então saber em que se entretinham, como passavam os dias naquela solidão...

— Eu para aqui estou. A pequena para aí anda.

Depois de cada palavra, parecia abater-se numa fadiga e a sua ronqueira crescia.

— Então não se tem dado bem com a mudança, minha senhora?

Ela disse que não, num movimento de cabeça.

— Deixe falar, senhor pároco — acudiu a Gertrudes que ficara de pé, ao lado do canapé, gozando a presença do

senhor pároco. — Deixe falar... É que a senhora exagera também... Levanta-se todos os dias, dá o seu passeinho até à sala, come a sua asita de frango... Temo-la aqui, temo-la arribada... É o que diz o Sr. abade Ferrão, a saúde foge a toda a brida e para voltar vem a passo.

A porta abriu-se. Amélia apareceu, muito escarlate, com o seu antigo *robe-de-chambre* de merino roxo, o cabelo arranjado à pressa.

— Desculpe, senhor pároco — balbuciou —, mas hoje tem sido um dia de balbúrdia...

Ele apertou-lhe a mão gravemente; e ficaram calados, como se estivessem separados pela distância dum deserto. Ela não tirava os olhos do chão, enrolando com a mão trémula uma ponta da manta de

lã que trazia solta pelos ombros. Amaro achava-a mudada, um pouco inchada das faces, com uma ruga de velhice aos cantos da boca. Para romper aquele silêncio estranho, perguntou-lhe também se se dava bem...

— Para aqui vou indo... É um pouco triste isto. É como diz o Sr. abade Ferrão, é muito grande para a gente se sentir em família.

— Ninguém veio para aqui para se divertir — disse a velha sem descerrar as pálpebras, com uma voz seca que perdera toda a fadiga.

Amélia baixou a cabeça, fazendo-se pálida.

Amaro então, compreendendo num relance que a velha torturava Amélia, disse com muita severidade:

— É verdade, não foi para se divertirem... Mas também não foi para se entristecerem de propósito... Pôr-se uma pessoa de mau humor e fazer aos outros a vida negra, é uma falta horrível de caridade; não há pecado pior aos olhos do Senhor... É indigno da graça de Deus quem tal pratica...

A velha rompeu a choramigar, muito excitada:

— Ai, o que Deus me guardou para os últimos anos da vida...

Gertrudes animou-a. Então, senhora, que até lhe fazia pior estar a afligir-se assim... Ora o disparate! Tudo se havia de remediar com a ajuda de Deus. Saúde não havia de faltar, nem alegria...

Amélia chegara-se à janela, decerto para esconder também as lágrimas que lhe

saltavam dos olhos. E o pároco, consternado com a cena, começou a dizer que D. Josefa não estava suportando com a verdadeira resignação duma cristã aqueles dias de doença... Nada escandalizava mais Nosso Senhor que ver as criaturas revoltarem-se contra as dores ou os encargos que ele mandava... Era insultar a justiça dos seus decretos...

— Tem razão, senhor pároco, tem razão — murmurou a velha muito contrita. — Eu às vezes nem sei o que digo... São coisas da doença.

— Bem, bem, minha senhora, é resignar-se e tratar de ver tudo cor-de-rosa. É o sentimento que Deus mais aprecia. Eu compreendo que é duro estar para aqui enterrada...

— É o que diz o Sr. abade Ferrão —

acudiu Amélia voltando da janela —, a madrinha estranha... Assim arrancada aos hábitos de tantos anos...

Notando então a citação repetida das palavras do abade Ferrão, Amaro perguntou se ele costumava vir vê-las.

— Ai, tem-nos feito muita companhia — disse Amélia. — Vem quase todos os dias.

— É um santo! — exclamou a Gertrudes.

— Decerto, decerto — murmurou Amaro descontente dum entusiasmo tão vivo. — Pessoa de muita virtude...

— De muita virtude — suspirou a velha. — Mas... — calou-se, não ousando decerto exprimir as suas reservas de devota. E exclamou numa súplica: — Ai, o senhor pároco é que devia vir por aqui,

ajudar-me a levar esta cruz da doença...

— hei de vir, minha senhora, hei de vir. É bom para a distrair, para lhe dar as noticias... E a propósito, tive ontem carta do nosso cónego.

Rebuscou na algibeira, leu alguns períodos da carta. O padre-mestre já tinha quinze banhos. A praia estava cheia de gente. A D. Maria passara doente com um furúnculo. O tempo famoso. Todas as tardes grandes passeatas a ver recolher as redes. A S. Joaneira, boa, mas falando sempre na filha...

— Pobre mamã... — choramigou Amélia.

Mas a velha não se interessava com as novidades, gemendo a sua ronqueira. Foi Amélia que perguntou pelos amigos de Leiria, pelo Sr. padre Natário, pelo Sr.

padre Silvério...

Ia escurecendo já: a Gertrudes fora preparar o candeeiro. Amaro enfim ergueu-se:

— Pois, minha senhora, até outro dia. Esteja certa que hei de aparecer de vez em quando. E nada de afligir... Agasalho, boa dieta, e a misericórdia de Deus não a há de abandonar...

— Não nos falte, senhor pároco, não nos falte!...

Amélia estendera-lhe a mão, para se despedir ali no quarto; mas Amaro gracejando:

— Se não lhe causa incómodo, menina Amélia, sempre é bom vir mostrar-me o caminho, que eu perco-me neste casarão.

Saíram ambos. E apenas no salão, a

que as três largas vidraças davam ainda uma claridade:

— A velha faz-te a vida negra, filha? — disse Amaro parando.

— Que mereço eu mais? — respondeu ela baixando os olhos.

— Desavergonhada, eu lhas cantarei!... Minha Ameliazinha, se soubesses o que me tem custado...

E falando, ia abraçá-la pelo pescoço.

Mas ela recuou, toda perturbada.

— Que é isso? — fez Amaro assombrado.

— O quê?

— Esse modo! Tu não me queres dar um beijo, Amélia? Tu estás doida?

Ela ergueu as mãos para ele, numa suplicação ansiosa, falando toda trémula:

— Não, senhor pároco, deixe-me!

Isso acabou. Bem basta o que pecámos... Quero morrer na graça de Deus... Que nunca mais se fale em semelhante coisa!... Foi uma desgraça... Acabou-se... Agora o que quero é o sossego da minha alma...

— Tu estás tola? Quem te meteu isso na cabeça? Ouve cá...

Foi para ela outra vez, com os abraços abertos.

— Não me toque, pelo amor de Deus — e vivamente recuou até à porta.

Ele olhou-a um momento, numa cólera muda.

— Bem, como queira — disse por fim. — Em todo o caso, quero preveni-la que o João Eduardo voltou, que passa aqui todos os dias, e que é bom não se pôr de janela.

— Que me importa a mim o João

Eduardo e os outros e tudo o que passou?...

Ele acudiu, transbordando dum sarcasmo amargo:

— Está claro, agora o grande homem é o Sr. abade Ferrão!

— Devo-lhe muito, é o que sei...

A Gertrudes neste momento entrava com o candeeiro aceso. E Amaro, sem se despedir de Amélia, abalou, de guarda-chuva em riste, rilhando os dentes de raiva.

Mas a longa caminhada até à cidade calmou-o. Aquilo na rapariga por fim era apenas um acesso de virtude e de escrúpulos! Vira-se ali só naquele casarão, amargurada pela velha,

impressionada pelos palavrões do moralista Ferrão, longe dele, e tinha-lhe vindo aquela reação de devota com os seus terrores do outro mundo e apetites de inocência... Chalaça! Se ele começasse a ir à Ricoça, numa semana reganhava todo o seu domínio... Ah, conhecia-a bem! Era só tocar-lhe, piscar-lhe o olho... Estava logo rendida.

Passou porém uma noite inquieta, desejando-a mais que nunca. E ao outro dia à uma hora marchou para Ricoça, levando-lhe um ramo de rosas.

A velha ficou toda contente ao vê-lo. É que lhe dava saúde a presença do senhor pároco! E se não fosse a distância, havia de lhe pedir esmola de vir todas as manhãs. Até depois daquela visitinha rezava com mais fervor...

Amaro sorria, distraído, com os olhos cravados na porta.

— E a menina Amélia? — perguntou por fim.

— Saiu... Isso agora todas as manhãs é a passeata — disse a velha com azedume. — Vai à residência, é toda do abade...

— Ah! — fez Amaro com um sorriso lívido. — Nova devoção, hem?... é pessoa de muitos méritos, o abade.

— Ai, não presta, não presta! — exclamou D. Josefa. — Não me percebe. Tem ideias muito esquisitas. Não dá virtude...

— Homem de livros... — disse Amaro.

Mas a velha erguera-se sobre o cotovelo, e baixando a voz, com o magro

carão aceso em ódio:

— E aqui para nós, a Amélia tem-se portado muito mal! Nunca lho hei de perdoar... Confessou-se ao abade... É uma indelicadeza, sendo a confessada do senhor pároco, não tendo recebido de vossa senhoria senão favores... É uma ingrata, é uma traiçoeira!...

Amaro fizera-se pálido.

— Que me diz a senhora?

— A verdade! Que ela não o nega. Até se orgulha! É uma perdida, é uma perdida! Depois do favor que lhe estamos a fazer...

Amaro disfarçou a indignação que o revolvia. Riu até. Era necessário não exagerar. Não havia ingratidão. Era uma questão de fé. Se a rapariga pensava que o abade a podia dirigir melhor, tinha razão

em se abrir com ele... O que todos queriam é que ela salvasse a sua alma... Que fosse pela direção de fulano ou sicrano, isso não importava... E nas mãos do abade estava bem.

E chegando vivamente a cadeira para o leito da velha:

— Então agora, todas as manhãs vai à residência?

— Quase todas... Que ela não há de tardar, vai depois de almoço, volta sempre a esta hora... Ai, tem-me causado isto um desgosto!...

Amaro deu um passeiozinho nervoso pelo quarto, e estendendo a mão à velha:

— Pois minha senhora, eu não me posso demorar, que vim de fugida... Até um dia cedo.

E sem escutar a velha, que lhe pedia

com ansiedade que ficasse para jantar, desceu os degraus como uma pedra que rola, meteu furioso pelo caminho da residência, ainda com o seu ramo na mão.

Esperava encontrar Amélia na estrada; e não tardou em a avistar quase ao pé da casa do ferreiro, agachada ao pé do valado, apanhando sentimentalmente florinhas silvestres.

— Que fazes tu aqui? — exclamou, chegando junto dela.

Ela ergueu-se, com um gritinho.

— Que fazes tu aqui? — repetiu.

Àquele *tu*, e àquela voz colérica, ela pôs rapidamente um dedo na boca, assustada. O senhor abade estava dentro da casa com o ferreiro...

— Ouve lá — disse Amaro com os olhos chamejantes, agarrando-lhe o braço

—, tu confessaste-te ao abade?...

— Para que quer saber? Confessei... Não é vergonha nenhuma...

— Mas confessaste *tudo, tudo?* — perguntou ele com os dentes cerrados de raiva.

Ela perturbou-se, e tratando-o ainda por *tu*:

— Foste tu que me disseste muitas vezes... Que era o maior pecado neste mundo esconder alguma coisa ao confessor!

— Bêbeda! — rugiu Amaro.

Os seus olhos devoravam-na. E, através da névoa de cólera que lhe enchia o cérebro e lhe fazia latejar as veias na fronte, achava-a mais bonita, com umas redondezas em todo o corpo que ardia por abraçar, com uns lábios vermelhos

avivados pelo largo ar do campo que ele queria morder até ao sangue.

— Ouve — disse-lhe cedendo a uma invasão brutal do desejo. — Ouve... Acabou-se, não me importa. Confessa-te ao diabo se te agrada... Mas hás de ser a mesma para mim!

— Não, não! — disse ela com força, desprendendo-se, pronta a fugir para casa do ferreiro.

— Tu mas pagarás, maldita! — rosnou o padre por entre dentes, voltando as costas, descendo o caminho com passadas de desesperado.

E não abrandou o passo até à cidade, levado dum impulso de indignação que, sob aquela doce paz dum meio de outono, lhe sugeria planos de vinganças ferozes. Chegou a casa esfalfado, ainda com o

ramo na mão. Mas aí, na solidão do quarto, veio-lhe pouco a pouco o sentimento da sua impotência. Que lhe podia fazer por fim? Ir pela cidade dizer que ela estava grávida? Seria denunciar-se a si. Espalhar que estava amigada com o abade Ferrão? Era absurdo: um velho de quase setenta anos, de uma fealdade de caricatura, com todo um passado de virtude santa!... Mas perdê-la, não tornar a ter nos braços aquele corpo de neve, não ouvir mais aquelas ternuras balbuciadas que lhe arrebatavam a alma para alguma coisa de melhor que o Céu... Isso não!

E era possível que ela, em seis ou sete semanas, tivesse assim esquecido tudo? Naquelas longas noites na Ricoça, só na cama, não lhe viria uma recordação

das manhãs no quarto do tio Esguelhas?... Decerto: ele sabia-o da experiência de tantas confessadas que lhe tinham revelado aflitas a tentação muda e teimosa que não deixa a carne que uma vez pecou...

Não: devia persegui-la, e por todos os modos soprar-lhe aquele desejo que agora ardia nele mais alto e mais ruidoso.

Passou a noite a escrever-lhe uma carta de seis páginas, absurda, cheia de implorações apaixonadas, de argúcias místicas, de pontos de exclamação e de ameaças de suicídio...

Mandou-a ao outro dia cedo, pela Dionísia. A resposta veio só à noite, por um rapazito da quinta. Com que sofreguidão rasgou o sobrescrito! Eram apenas estas palavras: «Peço-lhe que me

deixe em paz com os meus pecados».

Não desistiu: ao outro dia lá estava na Ricoça a visitar a velha. Amélia achava-se no quarto de D. Josefa, quando ele apareceu. Fez-se muito pálida; mas os seus olhos não deixaram a costura durante a meia hora que ele ali ficou, ora num silêncio sombrio acabrunhado para o fundo da poltrona, ora respondendo distraidamente à tagarelice da velha, muito faladora essa manhã.

E na semana seguinte foi o mesmo: se o ouvia entrar fechava-se rapidamente no quarto: só vinha se a velha mandava a Gertrudes dizer-lhe «que estava ali o senhor pároco que a queria ver». Ia, então, estendia-lhe a mão, que ele achava sempre a escaldar — e tomando a sua eterna costura, junto da janela, ia picando

o posponto com uma taciturnidade que desesperava o padre.

Tinha-lhe escrito outra carta. Ela não respondera.

Então jurava não voltar à Ricoça, desprezá-la, mas depois de ter passado a noite, rolando-se pela cama sem poder dormir, com a mesma visão da nudez dela cravada intoleravelmente no cérebro, lá partia de manhã para a Ricoça, corando quando o apontador das obras na estrada, que o via passar todos os dias, lhe tirava o seu boné de oleado.

Numa tarde que chuviscava, ao entrar no casarão, dera com o abade Ferrão que à porta abria o seu guarda-chuva.

— Olá, por aqui, senhor abade? — disse ele.

O abade respondeu naturalmente:

— Em vossa senhoria é que não há que estranhar, que vem por aqui todos os dias...

Amaro não se conteve; e tremendo de cólera:

— E que lhe importa ao senhor abade se eu venho ou não? A casa é sua?

Aquela brutalidade tão injustificável ofendeu o abade:

— Pois era melhor para todos que não viesse...

— E porquê, senhor abade? E porquê? — gritou Amaro, perdido.

Então, o bom homem estremeceu. Cometera, ali, a culpa mais grave do sacerdote católico: o que sabia de Amaro, dos seus amores, era em segredo de confissão; e era trair o mistério do

sacramento, mostrar que desaprovava aquela insistência no pecado. Tirou muito baixo o seu chapéu e disse humildemente:

— Tem vossa senhoria razão. Peço perdão do que disse sem refletir. Muito boas-tardes, senhor pároco.

— Muito boas-tardes, senhor abade.

Amaro não entrou na Ricoça. Voltou para a cidade sob a chuva que batia forte agora. E, apenas em casa, escreveu uma longa carta a Amélia, em que lhe contava a cena com o abade, acabrunhando-o de acusações, sobretudo de lhe trair indiretamente o segredo da confissão. Como das outras, desta carta não veio resposta da Ricoça.

Amaro então começou a acreditar que tanta resistência não podia vir só do arrependimento e do terror do inferno...

«Ali há homem», pensou. E devorado dum ciúme negro principiou a rondar de noite a Ricoça: mas não viu nada; o casarão permanecia adormecido e apagado. Uma ocasião, porém, ao aproximar-se do muro do pomar, sentiu adiante no caminho que desce dos Poiais uma voz cantarolar sentimentalmente a valsa dos *Dois mundos*, e um ponto brilhante de charuto aceso adiantar-se na escuridão. Assustado, refugiou-se num casebre que desmantelava em ruínas do outro lado da estrada. A voz calou-se; e Amaro, espreitando, viu então um vulto que parecia embrulhado num xale-manta claro, parado, contemplando as janelas da Ricoça. Um furor de ciúme apossou-se dele, e ia saltar e atacar o homem quando o viu seguir tranquilamente ao comprido

da estrada, de charuto alto, trauteando:

Ouves ao longe retumbar na serra
O som do bronze que nos causa horror...

Pela voz, pelo xale-manta, pelo andar tinha reconhecido João Eduardo. Mas teve a certeza que se um homem falava de noite a Amélia ou entrava na quinta — não era decerto o escrevente. Todavia, receoso de ser descoberto, não tornou a rondar o casarão.

Era com efeito João Eduardo, que sempre que passava pela Ricoça, de dia ou de noite, parava um momento a olhar melancolicamente as paredes que ela habitava. Porque apesar de tantas desilusões, Amélia permanecera para o pobre rapaz a *ela*, a bem-amada, a coisa

mais preciosa da terra. Nem em Ourém, nem em Alcobaça, nem pelas estalagens onde errara, nem em Lisboa, onde chegara como vem à praia uma quilha de barco naufragado, deixara um momento de a ter presente na alma e de se enternecer com as saudades dela. Durante esses dias tão amargos de Lisboa, os piores da sua vida, em que fora fiel de feitos dum cartório obscuro, perdido naquela cidade que lhe parecia ter a vastidão duma Roma ou duma Babilónia e em que sentia o duro egoísmo das multidões azafamadas, esforçava-se mesmo por desenvolver mais esse amor que lhe dava como a doçura duma companhia. Achava-se menos isolado, tendo sempre no espírito aquela imagem com quem travava diálogos imaginados, nos seus infindáveis

passeios ao longo do Cais do Sodré, acusando-a das tristezas que o envelheciam.

E esta paixão, sendo para ele como a indefinida justificação das suas misérias, tomava-o aos seus próprios olhos interessante. Era «um mártir de amor»; isto consolava-o, como o consolara nas suas primeiras desesperações considerar-se «uma vítima das perseguições religiosas». Não era um pobre-diabo banal a quem o acaso, a preguiça, a falta de amigos, a sorte e os remendos do casaco mantêm fatalmente nas privações da dependência: era um homem de grande coração, a quem uma catástrofe em parte amorosa e em parte política, um drama doméstico e social, forçara assim, depois de lutas heroicas, a viajar de um a outro

cartório com um saco de lustrina cheio de autos. O destino tornara-o igual a tantos heróis que lera nas novelas sentimentais... E o seu paletó coçado, os seus jantares a quatro vinténs, os dias em que não tinha dinheiro para tabaco, tudo atribuía ao amor fatal de Amélia e à perseguição duma classe poderosa, dando assim, por um instinto muito humano, uma origem grandiosa às suas misérias triviais... Quando via passar os que ele chamava *felizes* — indivíduos batendo tipoia, rapazes que encontrava com uma linda mulher pelo braço, gente bem atabafada que se dirigia aos teatros, sentia-se menos desgraçado pensando que também ele possuía um grande luxo interior que era aquele amor infeliz. E quando enfim por um acaso obteve a certeza dum emprego

no Brasil, o dinheiro da passagem, idealizava a sua aventura banal de emigrante, repetindo-se durante todo o dia que ia passar os mares, exilado do seu país por uma tirania combinada de padres e autoridades e por ter amado uma mulher!

Quem lhe diria então, ao emalar o seu fato no baú de lata, que daí a semanas estaria outra vez a meia légua desses padres e dessas autoridades, contemplando de olho temo a janela de Amélia! Fora aquele singular Morgadinho de Poiais, que não era nem Morgadinho nem de Poiais, e apenas um ricaço excêntrico de ao pé de Alcobaça que comprara aquela velha propriedade dos fidalgos de Poiais, e que, com a posse da terra, recebia do povo da freguesia a

honra do título: fora esse santo cavalheiro que o livrara dos enjoos no paquete e dos acasos da emigração. Encontrara-o casualmente no cartório onde ele ainda trabalhava nas vésperas da viagem. O Morgadinho cliente do velho Nunes, conhecia-lhe a história, a façanha do *Comunicado*, o escândalo no Largo da Sé; e já de há muito concebera por ele uma simpatia ardente.

O Morgadinho tinha com efeito por padres um ódio maníaco, a ponto de não ler no jornal a notícia dum crime, sem decidir (ainda mesmo quando o culpado estava já sentenciado) que «no fundo devia de haver na história um sotaina». Dizia-se que este rancor provinha dos desgostos que lhe dera sua primeira mulher, devota célebre de Alcobaça.

Apenas viu João Eduardo em Lisboa e soube da viagem próxima, teve imediatamente a ideia de o trazer para Leiria, instalá-lo nos Poiais, e entregar-lhe a educação das primeiras letras dos seus dois pequenos como um insulto estridente feito a todo o clero diocesano. Imaginava de resto João Eduardo um ímpio; e isto convinha ao seu plano filosófico de educar os rapazitos num «ateísmo desbragado». João Eduardo aceitou, com as lágrimas nos olhos: era um salário magnífico que lhe vinha, uma posição, uma família, uma reabilitação estrondosa...

— Oh, senhor Morgado, nunca hei de esquecer o que faz por mim!...

— É para meu gosto próprio!... É para arreliar a canalha! E partimos

amanhã!

Em Chão de Maçãs, apenas desceu do vagão, exclamou logo para o chefe da estação que não conhecia João Eduardo, nem a sua história:

— Cá o trago, cá o trago um triunfo! Vem para quebrar a cara a toda a padraria... E se houver custas a pagar, sou eu que as pago!

O chefe da estação não estranhou, porque o Morgadinho passava no distrito por maluco.

Foi aí, nos Poiais, logo ao outro dia da sua chegada, que João Eduardo soube que Amélia e D. Josefa estavam na Ricoça. Soube-o pelo bom abade Ferrão, o único sacerdote a quem o Morgado falava, e que recebia em casa, não como padre, mas como cavalheiro.

— Eu como cavalheiro estimo-o, Sr. Ferrão — costumava ele dizer —, mas como padre abomino-o!

E o bom Ferrão sorria, sabendo que, sob aquela ferocidade de ímpio obtuso, havia um santo coração, um pai de pobres na freguesia...

O Morgado era também grande amador de alfarrábios, questionador incansável; às vezes os dois tinham pelejas tremendas sobre história, botânica, sistemas de caça... Quando o abade, no fogo da controvérsia, punha de alto alguma opinião contrária:

— O senhor apresenta-me isso como padre ou como cavalheiro? — exclamava, empinando-se, o Morgado.

— Como cavalheiro, Sr. Morgado.

— Então aceito a objeção. É sensata.

Mas se fosse como padre, quebrava-lhe os ossos.

Às vezes pensando irritar o abade, mostrava-lhe João Eduardo, batendo de alto no ombro do rapaz, numa carícia de amador, como a um cavalo favorito:

— Veja-me isto! Já ia dando cabo de mim. E ainda há de matar dois ou três... E se o prenderem eu hei de livrá-lo da forca!

— Isso não é difícil, Sr. Morgado — dizia o abade tomando tranquilamente a sua pitada. — Que já não há forca em Portugal...

Então era uma indignação do Morgado. Não havia forcas? E por que não? Porque tínhamos um governo livre e um rei constitucional! Que se se seguisse a vontade dos padres, havia uma forca em

cada praça e uma fogueira em cada esquina!

— Diga-me uma coisa, Sr. Ferrão, o senhor vem defender aqui em minha casa a Inquisição?

— Oh, Sr. Morgado, eu nem sequer falei da Inquisição...

— Não falou por medo! Porque sabe perfeitamente que lhe enterrava uma faca no estômago!

E tudo isto aos gritos e aos pulos pela sala, fazendo um vendaval com as abas prodigiosas do seu *robe-de-chambre* amarelo.

— No fundo um anjo — dizia o abade a João Eduardo. — Capaz de dar a camisa mesmo a um padre, se o soubesse em necessidade... E você aqui está bem, João Eduardo... É não lhe reparar nas

manias...

Tinha tomado afeição a João Eduardo, o abade Ferrão: e sabendo por Amélia a famosa legenda do *Comunicado* quisera, segundo a sua expressão querida, «folhear o homem aqui e além». Conversava com ele tardes inteiras na rua de loureiros da quinta, na residência onde João Eduardo se ia fornecer de livros; e sob o «exterminador de padres», como dizia o Morgado, encontrara um pobre moço sensível, com uma religião sentimental, ambições de paz doméstica, e prezando muito o trabalho. Então viera-lhe uma ideia que, sobretudo por lhe ter acudido num dia que saia das suas devoções ao Santíssimo, lhe parecia descida de cima, da vontade do Senhor: era o casá-lo com Amélia. Não seria

difícil levar aquele coração fraco e terno a perdoar o erro dela; e a pobre rapariga, depois de tantos transes, extinta aquela paixão que lhe entrara na alma como um sopro do demónio, levando-lhe a vontade, a paz e o pudor de empurrão para o abismo, encontraria na companhia de João Eduardo todo um resto de vida calmo, e contente, um canto suave de interior, refúgio doce e purificação do passado. Não falou nem a um, nem a outro, nesta ideia que o enternecia. Não era o momento agora, que ela trazia nas entranhas o filho do *outro*. Mas ia preparando com amor aquele resultado, sobretudo quando estava com Amélia, contando-lhe as suas conversas com João Eduardo, algum dito muito sensato que ele tivera, os bons cuidados de precetor que

estava desenvolvendo na educação dos Morgaditos.

— É um bom rapaz — dizia. — Homem de família... Destes a quem uma mulher pode realmente confiar a sua vida e a sua felicidade. Se eu pertencesse ao mundo, se tivesse uma filha, dava-lha...

Amélia não respondia, corando.

Já não podia objetar àqueles elogios persuasivos a antiga, a grande objeção: o *Comunicado*, a impiedade! O abade Ferrão destruíra-lha um dia, com uma palavra:

— Eu li o artigo, minha senhora. O rapaz não escreveu contra os sacerdotes, escreveu contra os fariseus!

E para atenuar este julgamento severo, o menos caridoso que tivera havia muitos anos, acrescentou:

— Enfim, foi uma falta grave... Mas está muito arrependido. Pagou-o com lágrimas, e com fome.

E isto enternecia Amélia.

Fora também por esse tempo que o doutor Gouveia começara a vir à Ricoça, porque D. Josefa tinha piorado com os dias mais frios do outono. Amélia, ao princípio, à hora da visita, fechava-se no seu quarto, tremendo à ideia de ver o seu estado descoberto pelo velho doutor Gouveia, o médico da casa, aquele homem duma severidade legendária. Mas enfim fora necessário aparecer no quarto da velha, para receber as suas instruções de enfermeira sobre as horas dos remédios e as dietas. E um dia que

acompanhara o doutor até à porta, ficou gelada, vendo-o parar, voltar-se para ela cofiando a sua grande barba branca que lhe caía sobre o jaquetão de veludo, e dizer-lhe sorrindo:

— Eu bem tinha dito a tua mãe que te casasse!

Duas lágrimas saltaram-lhe dos olhos.

— Bem, bem, pequena, não te quero mal por isso. Estás na verdade. A natureza manda conceber, não manda casar. O casamento é uma fórmula administrativa...

Amélia olhava-o, sem o compreender, com as duas lágrimas muito redondinhas a correrem-lhe devagar pela face. Ele bateu-lhe com os dedos no queixo, muito paternal:

— Quero dizer que, como

naturalista, regozijo-me. Acho que te tornaste útil à ordem geral das coisas. Vamos ao que importa...

Deu-lhe então conselhos sobre a higiene que devia ter.

— E quando chegar a ocasião, se te vires atrapalhada, manda-me chamar...

Ia descer; Amélia deteve-o, e com uma suplicação assustada:

— Mas o senhor doutor não vai dizer nada na cidade...

O doutor Gouveia parou:

— Então não é estúpida?... Está bom, também to perdoo. Está na lógica do teu temperamento. Não, não digo nada, rapariga. Mas para que diabo, então, não casaste tu com esse pobre João Eduardo? Fazia-te tão feliz como o outro, e já não tinhas de pedir segredo... Enfim, isso para

mim é um detalhe secundário... O essencial é o que te disse... Manda-me chamar. Não te fies muito nos teus santos... Eu entendo mais disso que Santa Brígida ou lá quem é. Que tu és forte, e hás de dar um bom mocetão ao Estado.

Todas estas palavras que em parte não compreendera bem, mas em que sentia uma vaga justificação e uma bondade de avô indulgente, sobretudo aquela ciência que lhe prometia a saúde e a que as barbas grisalhas do doutor, umas barbas de Padre Eterno, davam um ar de infalibilidade, reconfortaram-na, aumentaram a serenidade que havia semanas gozava, desde a sua confissão desesperada na capela dos Poiais.

Ah, fora decerto Nossa Senhora, compadecida enfim dos seus tormentos,

que lhe mandara do Céu aquela inspiração de se ir entregar toda dorida aos cuidados do abade Ferrão! Parecia-lhe que deixara lá, no seu confessionário azul-ferrete, todas as amarguras, os terrores, a negra farrapagem de remorso que lhe abafava a alma. A cada uma das suas consolações tão persuasivas sentira desaparecer o negrume que lhe tapava o Céu; agora via tudo azul; e quando rezava, já Nossa Senhora não desviava o rosto indignado. É que era tão diferente aquela maneira de confessar do abade! Os seus modos não eram os do representante rígido dum Deus carrancudo; havia nele alguma coisa de feminino e de maternal que passava na alma como uma carícia; em lugar de lhe erguer diante dos olhos o sinistro cenário das chamas do Inferno, mostrara-lhe um

vasto Céu misericordioso com as portas largamente abertas, e os caminhos multiplicados que lá conduzem, tão fáceis e tão doces de trilhar que só a obstinação dos rebeldes se recusa a tentá-los. Deus aparecia, naquela suave interpretação da outra vida, como um bom bisavô risonho; Nossa Senhora era uma irmã de caridade; os santos, camaradas hospitaleiros! Era uma religião amável, toda banhada de graça, em que uma lágrima pura basta para remir uma existência de pecado. Que diferente da soturna doutrina que desde pequena a trazia aterrada e trémula! Tão diferente, como aquela pequena capela de aldeia da vasta massa de cantaria da Sé. Lá, na velha Sé, muralhas da espessura de côvados separavam da vida humana e natural: tudo era escuridão, melancolia,

penitência, faces severas de imagens; nada do que faz a alegria do mundo ali entrava, nem o alto azul, nem os pássaros, nem o ar largo dos prados, nem os risos dos lábios vivos; alguma flor que havia era artificial; o enxota-cães lá se postava ao portal para não deixar passar as criancinhas; até o sol estava exilado, e toda a luz que havia vinha dos lampadários fúnebres. E ali, na capelita dos Poiais, que familiaridade da natureza com o bom Deus! Pelas portas abertas penetrava a aragem perfumada das madressilvas; pequerruchos brincando faziam sonoras as paredes caiadas; o altar era como um jardinete e um pomar; pardais atrevidos vinham chilrear até junto aos pedestais das cruzes; às vezes um boi grave metia o focinho pela porta

com a antiga familiaridade do curral de Belém, ou uma ovelha tresmalhada vinha regozijar-se de ver uma da sua raça, o Cordeiro Pascal, dormir regaladamente ao fundo do altar com a santa cruz entre as patas.

Além disso o bom abade, como ele lhe dissera, «não queria impossíveis». Sabia bem que ela não podia arrancar num momento aquele amor culpado, que ganhara raízes até às profundezas do seu ser. Queria apenas que, quando a assaltasse a ideia de Amaro se abrigasse logo na ideia de Jesus. Com a força colossal de Satanás, que tem o poder dum Hércules, uma pobre rapariga não pode lutar braço a braço; pode somente refugiar-se na oração quando o sente, e deixá-lo fatigar-se de rugir e espumar em

tomo desse asilo impenetrável. Ele mesmo cada dia a ia ajudando naquela repurificação da alma, com uma solicitude de enfermeiro: fora ele que lhe marcara, como um ensaiador num teatro, a atitude que devia ter na primeira visita de Amaro à Ricoça; era ele que chegava, com alguma breve palavra reconfortante como um cordial, se a via vacilar naquela lenta reconquista da virtude; se a noite fora agitada das lembranças cálidas dos prazeres passados, era durante toda a manhã uma boa palestra, sem tom pedagógico, em que lhe mostrava familiarmente que o Céu lhe daria alegrias maiores que o quarto enxovalhado do sineiro. Chegara, com uma sutileza de teólogo, a demonstrar-lhe que no amor do pároco não havia senão brutalidade e

furor bestial; que, doce como era o amor do homem, o amor do padre só podia ser uma explosão momentânea do desejo comprimido; quando tinham começado as cartas do pároco, analisara-lhas frase a frase, revelando-lhe o que elas continham de hipocrisia, de egoísmo, de retórica, e de desejo torpe...

Ia-a assim lentamente desgostando do pároco. Mas não a desgostava do amor legítimo, purificado pelo sacramento; conhecia bem que ela era toda de carne e de desejos, e que lançá-la violentamente no misticismo seria apenas torcer-lhe um momento o instinto natural e não criar-lhe uma paz duradoura. Não tentava arrancá-la bruscamente à realidade humana; ele não a queria para freira; só desejava que aquela força amante que sentia nela

servisse à alegria dum esposo e à útil harmonia duma família, e não se gastasse erradamente em concubinagens casuais... No fundo o bom Ferrão preferiria decerto na sua alma de sacerdote que a rapariga se separasse absolutamente de todos os interesses egoístas do amor individual, e se desse, como irmã de caridade, como enfermeira dum recolhimento, ao amor mais largo de toda a humanidade. Mas a pobre Ameliazita tinha a carne muito bonita e muito fraca; não seria prudente assustá-la com sacrifícios tão altos; era toda mulher — toda mulher devia ficar; limitar-lhe a ação era estragar-lhe a utilidade. Cristo não lhe bastava com os seus membros ideais pregados na cruz: era-lhe necessário um homem como todos, de bigode e chapéu alto. Paciência! Que

ao menos ele fosse um esposo sob a legitimação sacramental...

Assim a ia curando daquela paixão mórbida com uma direção de todos os dias, uma destas persistências de missionário que só dá a fé sincera, pondo a sutileza dum casuísta ao serviço da moralidade de um filósofo, paternal e hábil — uma cura maravilhosa de que o bom abade em segredo tirava alguma vaidade.

E foi grande a sua alegria quando lhe pareceu que enfim a paixão por Amaro já não era na alma dela um sentimento vivo; mas estava morto, embalsamado, arrumado no fundo da sua memória como num jazigo, escondido já sob a delicada florescência duma virtude nova. Assim julgava pelo menos o bom Ferrão —

vendo-a agora aludir ao passado com o olhar tranquilo, sem aqueles rubores que outrora lhe escaldavam a face ao simples nome de Amaro.

Ela, com efeito, já não pensava no senhor pároco com a comoção de outrora: o terror do pecado, a influência penetrante do abade, aquela brusca separação do meio devoto em que o seu amor se desenvolvera, o gozo que sentia numa serenidade maior, sem sustos noturnos e sem a inimizade de Nossa Senhora, tudo concorrera para que o fogo ruidoso daquele sentimento se fosse reduzindo a alguma brasa que ainda rebrilhava surdamente. O pároco estivera ao princípio na sua alma com o prestígio dum ídolo coberto de ouro; mas tantas vezes, desde a sua gravidez, sacudira, nas horas

de terror religioso ou de arrependimento histérico, aquele ídolo, que todo o dourado lhe ficara nas mãos, e a forma trivial e escura que aparecia por baixo já a não deslumbrava; viu por isso o abade derrubar-lho inteiramente, sem chorar e sem lutar. Se ainda pensava em Amaro, é porque não podia deixar de pensar na casa do sineiro; mas o que a tentava ainda era o prazer e não o pároco.

E com a sua natureza de boa rapariga tinha um reconhecimento sincero pelo abade. Como dissera a Amaro naquela tarde, «devia-lhe tudo». Era o que sentia agora também pelo doutor Gouveia, que vinha regularmente ver a velha de dois em dois dias. Eram os seus bons amigos, como dois papás que o Céu lhe mandava — um que lhe prometia a saúde, outro a

graça.

Refugiada naquelas duas proteções, gozou uma paz adorável nas últimas semanas de outubro. Os dias iam muito serenos e muito tépidos. Era bom estar no terraço, pelas tardes, naquela serenidade outonal dos campos. O doutor Gouveia às vezes encontrava-se com o abade Ferrão; ambos se estimavam; depois da visita à velha, iam para o terraço, e começavam logo as suas eternas questões sobre Religião e sobre Moral.

Amélia, com a costura caída nos joelhos, sentindo os seus dois amigos ao pé, aqueles dois colossos de ciência e de santidade, abandonava-se ao encanto da hora suave, olhando a quinta onde as árvores jà empalideciam. Pensava no futuro; ele aparecia-lhe agora fácil e

seguro; era forte, e o parto, com a presença do doutor, seria apenas uma hora de dores; depois, livre daquela complicação, voltaria para a cidade e para a mamã... E então uma outra esperança, que nascera das conversas constantes do abade sobre João Eduardo, vinha bailar-lhe na imaginação. Por que não?... Se o pobre rapaz a amasse ainda, e perdoasse!... Ele nunca lhe repugnara como homem, e seria um casamento esplêndido agora que ele tinha a amizade do Morgado. Dizia-se que João Eduardo ia ser o administrador da casa... E entrevia-se vivendo nos Poiais, passeando na caleche do Morgado, chamada para jantar por uma campainha, servida por um escudeiro de libré... Ficava muito tempo imóvel, banhada na doçura desta

perspetiva, enquanto o abade e o doutor ao fundo do terraço pelejavam sobre a doutrina da Graça e da Consciência, e monotonamente a água das regas murmurava no pomar.

Foi por este tempo que D. Josefa, inquieta de não ver aparecer o senhor pároco, mandara expressamente o caseiro a Leiria, pedir a sua senhoria a esmola duma visita. O homem voltara com a espantosa notícia de que o senhor pároco partira para a Vieira, e não viria senão daí a duas semanas. A velha choramigou de desgosto. E Amélia, nessa noite, no seu quarto, não pôde adormecer na irritação que lhe dava aquela ideia do senhor pároco a divertir-se na Vieira, sem pensar nela decerto, chalaceando com as senhoras na praia, e andando de serão em

serão...

Com a primeira semana de novembro vieram as chuvas. A Ricoça parecia agora mais lúgubre naqueles dias curtos, banhados de água, sob um céu de tempestade. O abade Ferrão, tolhido de reumatismo, já não aparecia na quinta. O doutor Gouveia, depois da visita de meia hora, abalava no seu velho *cabriolet*. A única distração de Amélia era estar à janela por dentro dos vidros: três vezes vira passar João Eduardo na estrada; mas ele ao avistá-la baixava os olhos ou refugiava-se mais sob o guarda-chuva.

A Dionísia vinha também frequentemente: devia ser a parteira, apesar do doutor Gouveia ter aconselhado

a Micaela, matrona duma experiência de trinta anos. Mas Amélia «não queria mais gente no segredo», e além disso Dionísia trazia-lhe as notícias de Amaro, que ela sabia pela cozinheira. O senhor pároco tinha-se achado tão bem na Vieira que se ia demorar até dezembro. Aquele «procedimento infame» indignava-a: não duvidava que o pároco queria estar longe quando chegassem os transes, os perigos do parto. Além disso era decidido de há muito que a criança havia de ser entregue a uma ama de ao pé de Ourém, que a criaria na aldeia: e agora o tempo chegava, e a ama não estava falada, e o senhor pároco apanhava conchinhas à beira-mar!...

— É indecente, Dionísia — exclama Amélia furiosa.

— Ah! Não me parece bem, não. Que eu podia falar à ama... Mas bem vê, são coisas muito sérias... O senhor pároco é que se encarregou de tudo...

— É infame!

Além disso ela descuidara-se do enxoval, e ali estava na véspera de ter a criança, sem um trapo para a cobrir, sem dinheiro para lho comprar! A Dionísia tinha-lhe mesmo oferecido algumas peças de enxoval, que uma mulher que ela tivera em casa lhe deixara empenhadas. Mas Amélia recusara-se a que o seu filho usasse cueiros alheios, trazendo-lhe talvez um contágio de doença ou uma sorte infeliz.

E por orgulho não queria escrever a Amaro.

Além disso as impertinências da

velha tornavam-se odiosas. A pobre D. Josefa, privada dos auxílios devotos dum padre, um verdadeiro padre (não um abade Ferrão), sentia a sua velha alma indefesa exposta a todas as audácias de Satanás: a visão singular que tivera de S. Francisco Xavier nu, repetia-se agora com uma insistência pavorosa a respeito de todos os santos: era toda uma corte do Céu, arrojando túnicas e hábitos, e bailando-lhe na imaginação sarabandas em pelo: e a velha estava morrendo da perseguição destes espetáculos dispostos pelo demónio. Reclamara o padre Silvério, mas parecia que um reumatismo geral tolhia todo o clero diocesano; desde o princípio do inverno o Silvério estava também de cama. O abade da Cortegassa, chamado urgentemente, veio — mas para

lhe comunicar a receita nova que descobrira de fazer bacalhau à biscainha... Esta falta dum padre virtuoso dava-lhe um humor feroz, que recaia sobre Amélia numa chuva de impertinências.

E a boa senhora estava pensando seriamente em mandar a Amor pelo padre Brito, quando uma tarde, ao fim do jantar, inesperadamente, o senhor pároco apareceu!

Vinha magnífico, trigueiro do sol e do ar do mar, de casaco novo e botins de verniz. E palrando longamente acerca da Vieira, dos conhecidos que estavam, da pesca que fizera, dos soberbos quinos, fazia passar naquele triste quarto de doente velha todo um sopro vivificante da vida divertida à beira-mar. D. Josefa tinha

duas lágrimas nas pálpebras do gozo de ver o senhor pároco, de o ouvir.

— E a mamã passa bem — disse ele a Amélia. — Já tem os seus trinta banhos. Ganhou outro dia quinze tostões a uma batotinha que se arranjou... E por cá que têm feito?

Então a velha rompeu em queixumes amargos: Uma solidão! Um tempo de chuva! Uma falta de amizades! Ai! Ela estava ali a perder a sua alma naquela quinta fatal...

— Pois eu — disse o padre Amaro traçando a perna — dei-me tão bem que estou com ideias de voltar para a semana.

Amélia, sem se conter, exclamou:

— Ora essa! Outra vez!

— Sim — disse ele. — Se o senhor chantre me der uma licença de um mês,

vou lá passá-lo... Fazem-me uma cama na sala de jantar do padre-mestre, e tomo um par de banhos... Estava farto de Leiria, e daquele aborrecimento... '

A velha parecia desolada. O quê, voltar! Deixá-las ali a estarrecer de tristeza!

Ele galhofou:

— Ora, as senhoras não precisam cá de mim. Estão bem acompanhadas...

— Eu não sei — disse a velha com azedume — se os *outros* — acentuou com rancor a palavra — se os outros não precisam do senhor pároco... Eu é que não estou *bem acompanhada*, estou aqui a perder a minha alma... Que as companhias que aí vêm não dão honra nem proveito.

Mas Amélia acudiu para contrariar a velha:

— E de mais a mais o Sr. abade Ferrão tem estado doente... Está com reumatismo. Sem ele a casa parece uma prisão.

D. Josefa deu um risinho de escárnio. E o padre Amaro, erguendo-se para sair, lamentou o bom abade.

— Coitado! Santo homem... hei de ir vê-lo em tendo vagar. Pois amanhã cá apareço, D. Josefa, e havemos de pôr essa alma em paz... Não se incomode, Sra. D. Amélia, eu sei agora o caminho.

Mas ela insistiu em o acompanhar. Atravessaram o salão sem uma palavra. Amaro calçava as suas luvas novas de pelica preta. E no alto da escada, muito cerimoniosamente, tirando o chapéu:

— Minha senhora...

E Amélia ficou petrificada vendo-o

descer muito tranquilo, como se ela lhe fosse mais indiferente que os dois leões de pedra, que em baixo dormiam com o focinho nas patas.

Foi para o quarto chorar de bruços sobre a cama, de raiva e de humilhação. O infame! E nem uma palavra sobre o filho, sobre a ama, sobre o enxoval! Nem um olhar de interesse para o seu corpo desfigurado por aquela prenhez que ele lhe dera! Nenhuma queixa irritada por todos os desprezos que ela lhe mostrara! Nada! Calçava as luvas, com o chapéu do lado. Que indigno!

Ao outro dia o padre voltou mais cedo. Esteve muito tempo fechado no quarto com a velha.

Amélia, impaciente, rondava no salão com os olhos como carvões. Ele

apareceu enfim, como na véspera, calçando as suas luvas com um ar próspero.

— Então já? — disse ela numa voz que tremia.

— Já, sim, minha senhora. Estive numa praticazinha com a D. Josefa.

Tirou o chapéu, cumprimentando muito profundamente:

— Minha senhora...

Amélia, lívida, murmurou:

— Infame!

Ele olhou-a, como assombrado:

— Minha senhora... — repetiu.

E, como na véspera, desceu vagarosamente a larga escadaria de pedra.

O primeiro pensamento de Amélia foi denunciá-lo ao vigário-geral. Depois passou a noite escrevendo-lhe uma carta

— três páginas de acusações e de lástimas. Mas toda a resposta de Amaro, ao outro dia, mandada verbalmente pelo Joãozito da quinta, foi «que talvez aparecesse por lá na quinta-feira».

Teve outra noite de lágrimas — enquanto na Rua das Sousas o padre Amaro esfregava as mãos, no regozijo do seu «famoso estratagema». E todavia não o concebera ele mesmo; tinha-lhe sido sugerido na Vieira, onde fora para desabafar com o padre-mestre e espalhar a mágoa nos ares da praia; fora lá que ele o aprendera, «o famoso estratagema», numa *soirée*, ouvindo dissertar sobre o amor o brilhante Pinheiro, premiado em direito e glória de Alcobaça.

— Eu nisso, minhas senhoras — dizia o Pinheiro, passando a mão pela

cabeleira de poeta, ao semicírculo de damas que pendiam dos seus lábios de ouro — eu nisso sou da opinião de Lamartine. — Era alternadamente da opinião de Lamartine ou de Pelletan. — Digo como Lamartine: a mulher é igual à sombra: se correis atrás *dela*, foge-vos; se fugis *dela*, corre atrás de vós!

Houve um *muito bem*, exclamado com convicção: mas uma senhora de grandes proporções, mãe de quatro deliciosos anjos todos Marias (como dizia o Pinheiro), quis explicações, porque nunca tinha visto fugir uma sombra.

O Pinheiro deu-as, cientificamente:

— É muito fácil de observar, Sra. D. Catarina. Coloque-se vossa excelência na praia, quando o sol começa a declinar,

com as costas para o astro. Se vossa excelência caminha em frente, perseguindo a sombra, ela vai-lhe adiante, fugindo...

— Física recreativa, muito interessante! — murmurou o escrivão de direito ao ouvido de Amaro.

Mas o pároco não o escutava; bailava-lhe já na imaginação «o famoso estratagema». Ah, mal voltasse a Leiria, havia de tratar Amélia como uma sombra e fugir-lhe para ser seguido... E o resultado delicioso ali estava: três páginas de paixão, com manchas de lágrimas no papel.

Na quinta-feira apareceu, com efeito. Amélia esperava-o no terraço, donde estivera desde manhã vigiando a estrada com um binóculo de teatro. Correu a

abrir-lhe o portãozinho verde no muro do pomar.

— Então, por aqui! — disse-lhe o pároco, subindo atrás dela ao terraço.

— É verdade, como estou sozinha...

— Sozinha?

— A madrinha está a dormir e a Gertrudes foi à cidade... Tenho estado toda a manhã aqui ao sol. Amaro ia penetrando pela casa, sem responder; diante duma porta aberta parou, vendo um grande leito de dossel, e em redor cadeiras de couro de convento.

— É o seu quarto aqui, hem?

— É.

Ele entrou familiarmente, com o chapéu na cabeça.

— Muito melhor que o da Rua da Misericórdia. E boas vistas... São as

terras do Morgado, além...

Amélia cerrara a porta, e indo direita a ele, com os olhos chamejantes:

— Por que não respondeste a minha carta?

Ele riu:

— É boa! E por que não respondeste tu às minhas? Quem começou? Foste tu. Dizes que não queres pecar mais. Também eu não quero pecar mais. Acabou-se...

— Mas não é isso! — exclamou ela pálida de indignação. — É que há a pensar na criança, na ama, no enxoval... Não é abandonar-me para aqui!...

Ele pôs-se sério, e com um tom ressentido:

— Peço perdão... Eu prezo-me de ser um cavalheiro. Tudo isso há de ficar arranjado antes de voltar para a Vieira...

— Tu não voltas para Vieira!

— Quem é que diz isso?

— Eu, que não quero que vás!

Pusera-lhe fortemente as mãos nos ombros, retendo-o, apoderando-se dele: e ali mesmo, sem reparar na porta apenas cerrada, abandonou-se-lhe como outrora.

Daí a dois dias o abade Ferrão apareceu restabelecido do seu ataque de reumatismo. Contou a Amélia a bondade do Morgado, que chegara a mandar-lhe todas as tardes, num aparelho de lata com água quente, uma galinha cozida em arroz. Mas era sobretudo a João Eduardo que devia a caridade melhor; todas as suas horas vagas as passava ao pé da cama, lendo-lhe alto, ajudando-o a voltar,

ficando com ele até à uma hora da noite num zelo de enfermeiro. Que rapaz! Que rapaz!

E de repente, tomando as mãos ambas de Amélia, exclamou:

— Diga-me, dá licença que eu lhe conte tudo, que lhe explique?... Que arranje que ele perdoe, e esqueça... E que se faça este casamento, se faça esta felicidade?

Ela balbuciou espantada, toda escarlate:

— Assim de repente... Não sei... hei de pensar...

— Pense. E Deus a alumie! — disse o velho com fervor.

Era nessa noite que Amaro devia entrar pelo portalzinho do pomar de que Amélia lhe dera a chave. Infelizmente

tinham esquecido a matilha do caseiro. E apenas Amaro pôs o pé dentro do pomar rompeu pelo silêncio da noite escura um tão desabrido ladrar de cães que o senhor pároco abalou pela estrada, batendo o queixo de terror.

23

Amaro nessa manhã mandou à pressa chamar a Dionísia, apenas recebeu o seu correio. Mas a matrona que estava no mercado veio tarde, quando ele à volta da missa acabava de almoçar.

Amaro queria saber *ao certo e imediatamente* para quando estava a *coisa*...

— O bom sucesso da pequena?... Entre quinze a vinte dias... Porquê, há novidade?

Havia; e o pároco leu-lhe então em confidência uma carta que tinha ao lado.

Era do cónego, que escrevia da Vieira, dizendo «que a S. Joaneira tinha já trinta banhos e queria voltar! Eu,

acrescentava, perco quase todas as semanas três, quatro banhos, de propósito para os espaçar e dar tempo, porque cá a minha mulher já sabe que eu sem os meus cinquenta não vai. Ora já tenho quarenta, veja lá você. Demais por aqui começa a fazer frio deveras. Já se tem retirado muita gente. Mande-me pois dizer pela volta do correio em que estado estão as coisas». E num *post-scriptum* dizia: «Tem você pensado que destino se há de dar ao *fruto?*»

— Mais vinte dias, menos vinte dias — repetiu a Dionísia.

E Amaro ali mesmo escreveu a resposta ao cónego, que a Dionísia devia levar ao correio: «A coisa pode estar pronta daqui a vinte dias. Suspenda por todo o modo a volta da mãe! Isso de modo

nenhum! Diga-lhe que a pequena não escreve nem vai, porque a excelentíssima mana passa sempre adoentada».

E traçando a perna:

— E agora, Dionísia, como diz o nosso cónego, que destino se há de dar ao *fruto*?

A matrona arregalou os olhos de surpresa:

— Eu pensei que o senhor pároco tinha arranjado tudo... Que se ia dar a criança a criar fora da terra...

— Está claro, está claro — interrompeu o pároco com impaciência. — Se a criança nascer viva é evidente que se há de dar a criar, e que há de ser fora da terra... Mas aí é que está! Quem há de ser a ama? É isso que eu quero que você me arranje. Vai sendo tempo...

A Dionísia pareceu muito embaraçada. Nunca gostara de inculcar amas. Ela conhecia uma boa, mulher forte e de muito leite, pessoa de confiança; mas infelizmente entrara no hospital, doente... Sabia de outra também, até tivera negócios com ela. Era uma Joana Carreira. Mas não convinha porque vivia justamente nos Poiais, ao pé da Ricoça.

— Qual não convém! — exclamou o pároco. — Que tem que viva na Ricoça?... Em a rapariga convalescendo as senhoras vêm para a cidade, e não se fala mais na Ricoça.

Mas a Dionísia procurava ainda, arranhando devagar o queixo. Também sabia de outra. Essa morava para o lado da Barrosa, a boa distância... Criava em casa, era o seu ofício... Mas nessa nem

falar!

— Mulher fraca, doente?

A Dionísia chegou-se ao pároco, e baixando a voz:

— Ai, menino, eu não gosto de acusar ninguém. Mas, está provado, é uma tecedeira de anjos!

— Uma quê?

— Uma *tecedeira de anjos!*

— O que é isso? Que significa isso? — perguntou o pároco.

A Dionísia gaguejou-lhe uma explicação. Eram mulheres que recebiam crianças a criar em casa. E sem exceção as crianças morriam... Como tinha havido uma muito conhecida que era tecedeira, e as criancinhas iam para o Céu... Daí é que vinha o nome.

— Então as crianças morrem

sempre?

— Sem falhar.

O pároco passeava devagar pelo quarto, enrolando o seu cigarro.

— Diga lá tudo, Dionísia. As mulheres matam-nas?

Então a excelente matrona declarou que não queria acusar ninguém! Ela não fora espreitar. Não sabia o que se passava nas casas alheias. Mas as crianças morriam todas...

— Mas quem vai então entregar uma criança a uma mulher dessas?

A Dionísia sorriu, apiedada daquela inocência de homem.

— Entregam, sim senhor, às dúzias!

Houve um silêncio. O pároco continuava o seu passeio do lavatório para a janela, de cabeça baixa.

— Mas que proveito tira a mulher se as crianças morrem? — perguntou de repente. — Perde as soldadas...

— É que se lhe paga um ano de criação adiantado, senhor pároco. A dez tostões ao mês, ou quartinho, segundo as posses...

O pároco, agora encostado à janela, rufava devagar nos vidros.

— Mas que fazem as autoridades, Dionísia?

A boa Dionísia encolheu silenciosamente os ombros.

O pároco então sentou-se, bocejou, e estirando as pernas disse:

— Bem, Dionísia, vejo que a única coisa a fazer é falar à tal ama que vive ao pé da Ricoça, à Joana Carreira. Eu arranjarei isso...

A Dionísia falou ainda nas peças de enxoval que já tinha comprado por conta do pároco, dum berço muito barato em segunda mão que vira no Zé Carpinteiro — e ia sair com a carta para o correio, quando o pároco erguendo-se e galhofando:

— Ó tia Dionísia, essa coisa da *tecedeira de anjos* é uma história, hem?

Então a Dionísia escandalizou-se. O senhor pároco sabia que ela não era mulher de intrigas. Conhecia a tecedeira de anjos há mais de oito anos, de lhe falar e de a ver na cidade quase todas as semanas. Ainda no sábado passado a vira sair da taberna do Grego... O senhor pároco já tinha ido à Barrosa?

Esperou a resposta do pároco, e continuou:

— Pois bem, sabe o começo da freguesia. Há um muro caído. Depois é um caminho que desce. Ao fundo desse corregozito encontra um poço atulhado. Adiante, retirada, há uma casita que tem um alpendre. É lá que ela vive... Chama-se Carlota... Isto é para lhe mostrar que sei, amiguinho!

O pároco ficou toda a manhã em casa, passeando pelo quarto, alastrando o chão de pontas de cigarros. Ali estava agora diante daquele episódio fatal, que até aí fora apenas um cuidado distante — dispor do filho!

Era bem grave entregá-lo assim a uma ama desconhecida, na aldeia. A mãe, naturalmente, havia de querer ir a todo o momento vê-lo, a ama poderia falar aos vizinhos. O rapaz viria a ser, na freguesia,

o *filho do pároco*... Algum invejoso, que lhe cobiçasse a paróquia, poderia denunciá-lo ao senhor vigário-geral. Escândalo, sermão, devassa: e, se não fosse suspenso, poderia como o pobre Brito ser mandado para longe, para a serra, outra vez para os pastores... Ah, se o *fruto* nascesse morto! Que solução natural e perpétua! E para a criança, uma felicidade! Que destino podia ele ter neste duro mundo? Era o *enjeitado*, era o *filho do padre*. Ele era pobre, a mãe pobre... O rapaz cresceria na miséria, vadiando, apanhando o estrume das bestas, remeloso e tosco... De necessidade em necessidade iria conhecendo todas as formas do inferno humano: os dias sem pão, as noites regeladas, a brutalidade da taberna, a cadeia por fim. Uma enxerga na vida,

uma vala na morte... E se morresse — era um anjinho que Deus recolhia ao Paraíso...

E continuava passeando tristemente pelo quarto. Realmente o nome era bem posto, *tecedeira de anjos*... Com razão. Quem prepara uma criança para a vida com o leite do seu peito, prepara-a para os trabalhos e para as lágrimas... Mais vale torcer-lhe o pescoço, e mandá-la direita para a eternidade bem-aventurada! Olha ele! Que vida a sua, nesses trinta anos atrás! Uma infância melancólica, com aquela pega da marquesa de Alegros; depois a casa na Estrela, com o alarve do tio toucinheiro; e daí as clausuras do seminário, a neve constante de Feirão, e ali em Leiria tantos transes, tantas amarguras... Se lhe tivessem esmagado o

crânio ao nascer, estava agora com duas asas brancas, cantando nos coros eternos. Mas enfim não havia que filosofar: era partir para Poiais e falar à ama, à Sra. Joana Carreira.

Saiu, dirigindo-se para a estrada, sem pressa. Ao pé da ponte veio-lhe porém de repente a ideia, a curiosidade de ir à Barrosa ver a *tecedeira*... Não lhe falaria: examinaria apenas a casa, a figura da mulher, os aspetos sinistros do sítio... Demais como pároco, como autoridade eclesiástica, devia observar aquele pecado organizado num recanto de estrada, impune e rendoso. Podia mesmo denunciá-lo ao senhor vigário-geral ou ao secretário do governo civil...

Tinha ainda tempo, eram apenas quatro horas. Por aquela tarde suave e

lustrosa fazia-lhe bem um passeio a cavalo. Não hesitou, então; foi alugar uma égua à estalagem do Cruz; e daí a pouco, de espora no pé esquerdo, choutava a direito pelo caminho da Barrosa.

Ao chegar ao córrego, de que lhe falara a Dionísia, apeou, foi andando com a égua pela arreata. A tarde estava admirável; muito alto no azul, uma grande ave fazia semicírculos vagarosos.

Encontrou enfim o poço atulhado ao pé de dois castanheiros onde pássaros ainda chilreavam; adiante, num terreno plano, muito isolada, lá estava a casa com o seu alpendre; o sol declinando batia-lhe na única janela do lado, acendendo-a num resplendor de ouro e brasa; e, muito delgado, elevava-se da chaminé um fumo claro no ar sereno.

Uma grande paz estendia-se em redor; no monte, escuro da rama dos pinheiros baixos, a capelinha da Barrosa punha a alvura alegre da sua parede muito caiada.

Amaro ia imaginando então a figura da *tecedeira;* sem saber porquê, supunha-a muito alta, com um carão trigueiro onde dois olhos de bruxa refulgiam.

Defronte da casa prendeu a égua à cancela, e olhou pela porta aberta: era uma cozinha térrea, de grande lareira, com saída para o pátio estradado de mato onde dois bacorinhos fossavam. Na prateleira da chaminé rebrilhava a louça branca. Dos lados pendiam grandes caçarolas de cobre, dum lustro de casa rica. Num velho armário meio aberto branquejavam pilhas de roupa: e havia tanta ordem que uma

claridade parecia sair do asseio e do arranjo das coisas.

Amaro então bateu forte as palmas. Uma rola pulou assustada, dentro da sua gaiola de vime pendurada da parede. Depois chamou alto:

— Sra. Carlota!

Imediatamente do lado do pátio uma mulher apareceu, com um crivo na mão. E Amaro, surpreendido, viu uma agradável criatura de quase quarenta anos, forte de peitos, ampla de encontros, muito branca no pescoço, com duas ricas arrecadas, e uns olhos negros que lhe lembraram os de Amélia ou antes o brilho mais repousado dos da S. Joaneira.

Assombrado, balbuciou:

— Creio que me enganei... Aqui é que mora a Sra. Carlota?

Não se enganara, era ela; mas com a ideia que a figura medonha «que tecia os anjos» devia estar algures, agachada num vão tenebroso da casa, perguntou ainda:

— Vossemecê vive aqui só?

A mulher olhou-o desconfiada:

— Não senhor — disse por fim —, vivo com o meu marido...

Justamente o marido saía do pátio: medonho, esse, quase anão, com a cabeça embrulhada num lenço e muito enterrada nos ombros, a face de uma amarelidão de cera oleosa e lustrosa; no queixo anelavam-se os pelos raros duma barba negra; e sob as arcadas fundas sem sobrancelhas, vermelhejavam dois olhos raiados de sangue, olhos de insónia e de bebedeira.

— Para o seu serviço, vossa

senhoria quer alguma coisa? — disse, muito colado à saia da mulher. Amaro foi entrando pela cozinha, e tartamudeando uma história que ia forjando laboriosamente. Era uma parente que ia ter o seu bom sucesso. O marido não pudera vir falar-lhes porque estava doente... Queria uma ama para lhes ir para casa, e tinham-lhe dito...

— Não, fora de casa, não. Cá em casa — disse o anão que não se despegava das saias da mulher, mirando o pároco de lado com o seu medonho olho injetado.

Ah, então tinham-no informado mal... Sentia; mas o que o parente queria era uma ama para casa.

Veio dirigindo-se para a égua, devagar; parou, e abotoando o casacão:

— Mas em casa recebem crianças para criação?... — perguntou ainda.

— Convindo o ajuste — disse o anão que o seguia.

Amaro arranjou a espora no pé, deu um puxão ao estribo, demorando-se, rondando em tomo da cavalgadura:

— É necessário trazer-lha cá, já se sabe.

O anão voltou-se, trocou um olhar com a mulher que ficara à porta da cozinha.

— Também se lhe vai buscar — disse.

Amaro batia palmadas no pescoço da égua.

— Mas sendo a coisa de noite, agora com esse frio, é matar a criança...

Então os dois, falando ao mesmo

tempo, afirmaram que não lhe fazia mal. Havendo, já se sabe, carinho e agasalho...

Amaro cavalgou vivamente a égua, deu as boas-tardes e trotou pelo córrego.

Amélia agora começava a andar assustada. De dia e de noite só pensava naquelas horas, que se avizinhavam, em que devia sentir chegarem as dores. Sofria mais que durante os primeiros meses; tinha tonturas, perversões de gosto — que o doutor Gouveia observava, franzindo a testa descontente. As noites eram más, numa turbação de pesadelos. Já não eram as alucinações religiosas: isso cessara numa súbita aplacação de todo o terror devoto: não sentiria menos temor de Deus, se já fosse uma santa canonizada. Eram

outros medos, sonhos em que o parto se lhe representava de modos monstruosos: ora era um ser medonho que lhe saltava das entranhas, metade mulher e metade cabra; ora era uma cobra infindável que lhe saía de dentro, durante horas, como uma fita de léguas, enrolando-se no quarto em roscas sucessivas que ganhavam a altura do teto; e acordava em tremuras nervosas que a deixavam prostrada.

Mas ansiava por ter a criança. Estremecia à ideia de ver um dia inesperadamente a mãe aparecer na Ricoça. Ela escrevera-lhe, queixando-se do senhor cónego que a retinha na Vieira, dos temporais que já reinavam, da solidão que se ia fazendo na praia. Além disso D. Maria da Assunção voltara; felizmente, uma noite providencialmente gelada dera-

lhe durante a jornada uma inflamação dos brônquios e estava de cama para semanas, segundo dizia o doutor Gouveia. O Libaninho, esse, também viera à Ricoça; e saíra lastimando-se de não ter visto a Amelinha «que tinha nesse dia enxaqueca».

— Se isto demora mais quinze dias, vem-se a descobrir tudo — dizia ela, choramigando, a Amaro.

— Paciência, filha. Não se pode forçar a natureza...

— O que tu me tens feito sofrer! — suspirava ela. — O que tu me tens feito sofrer!

Ele calava-se resignado, muito bom, muito terno agora com ela. Vinha-a ver quase todas as manhãs, porque não queria pelas tardes encontrar o abade Ferrão.

Tranquilizara-a a respeito da ama, dizendo-lhe que falara à mulher da Ricoça inculcada pela Dionísia. Era uma escolha rica a Sra. Joana Carreira! Mulher forte como um carvalho, com barricas de leite, e dentes de marfim...

— Fica-me tão longe para vir ver depois a criança... — suspirava ela.

Tomavam-na agora pela primeira vez entusiasmos de mãe. Desesperava-se em não poder ela mesma costurar o resto do enxoval. Queria que o rapaz — porque havia de ser um rapaz! — se chamasse Carlos. Cismava-o já homem, e oficial de cavalaria. Enternecia-se com a esperança de o ver gatinhar...

— Ai, eu é que o queria criar, se não fosse a vergonha!...

— Vai muito bem para onde vai —

dizia Amaro.

Mas o que a torturava, a fazia chorar todos os dias era a ideia de ele ser um enjeitadinho!

Um dia veio ao abade com um plano extraordinário «que lhe inspirara Nossa Senhora»: ela casaria já com João Eduardo, mas o rapaz devia por uma escritura adotar o Carlinhos! Que para que o anjinho não fosse um enjeitado, casava até com um calceteiro da estrada! E apertava as mãos do abade, numa suplicação loquaz. Que convencesse João Eduardo, que desse um papá ao Carlinhos! Queria ajoelhar aos pés dele, do senhor abade, que era o seu pai e o seu protetor.

— Oh, minha senhora, sossegue, sossegue. Esse é também o meu desejo,

como lhe disse. E há de arranjar-se, mas mais tarde, disse o bom velho, atarantado daquela excitação.

Depois, daí a dias, foi outra exaltação: descobrira de repente, uma manhã, que não devia trair Amaro, «porque era o papá do seu Carlinhos». E disse-o ao abade; fez corar os sessenta anos do bom velho, palrando muito convencidamente dos seus deveres de esposa para com o pároco.

O abade, que ignorava as visitas do pároco todas as manhãs, assombrou-se.

— Minha senhora, que está a dizer? Que está a dizer? Caia em si... Que vergonha!... Imaginei que lhe tinham passado essas loucuras.

— Mas é o pai do meu filho, senhor abade — disse ela, olhando-o muito séria.

Fatigou então Amaro toda uma semana com uma ternura pueril. Lembrava-lhe cada meia hora que era o «papá do seu Carlinhos».

— Bem sei, filha, bem sei — dizia ele impaciente. — Obrigado. Não me gabo da honra...

Ela chorava, então, aninhada no sofá. Era necessária toda uma complicação de carícias para a calmar. Fazia-o sentar num banquinho junto dela; tinha-o ali como um boneco, contemplando-o, coçando-lhe devagarinho a coroa; queria que se tirasse a fotografia ao Carlinhos para a trazerem ambos numa medalha ao pescoço; e se ela morresse, ele havia de levar o Carlinhos à sepultura, ajoelhá-lo, pôr-lhe as mãozinhas, fazê-lo rezar pela mamã. Atirava-se então para a almofada, tapando

o rosto com as mãos:

— Ai, pobre de mim, meu querido filho, pobre de mim!

— Cala-te, que vem gente! — dizia-lhe Amaro furioso.

Ah, aquelas manhãs na Ricoça! Eram para ele como uma penalidade injusta. Ao entrar tinha de ir à velha escutar-lhe as lamúrias. Depois, era aquela hora com Amélia, que o torturava com as pieguices dum sentimentalismo histérico, estirada no sofá, grossa como um tonel, com a face intumescida, os olhos papudos...

Numa dessas manhãs, Amélia, que se queixava de cãibras, quis dar um passeio pelo quarto apoiada a Amaro: e ia-se arrastando, enorme no seu velho *robe-de-chambre*, quando se sentiram, em baixo no caminho, passos de cavalos; chegaram à

janela — mas Amaro recuou vivamente, deixando Amélia que embasbacara com a face contra a vidraça. Na estrada galhardamente montado numa égua baia, passava João Eduardo de paletó branco e chapéu alto; ao lado trotavam os dois Morgaditos, um num pónei, outro acorreado num burro; e atrás, a distância, num passo de respeito e de cortejo, um criado de farda, de bota de cano e esporões enormes, com uma libré muito larga que lhe fazia na ilharga rugas grotescas, e no chapéu a roseta escarlate. Ela ficara assombrada, seguindo-os até que as costas do lacaio desapareceram à esquina da casa. Sem uma palavra, veio sentar-se no sofá. Amaro, que continuava passeando pelo quarto, teve então um risinho sarcástico:

— O idiota, de lacaio à retaguarda!

Ela não respondeu, muito escarlate. E Amaro, chocado, saiu atirando com a porta, foi para o quarto de D. Josefa contar-lhe a cavalgada, e vituperar o Morgado.

— Um excomungado de criado de farda! — exclamava a boa senhora, com as mãos apertadas na cabeça. — Que vergonha, senhor pároco, que vergonha para a nobreza destes reinos!

Desde esse dia Amélia não tornou a choramigar, se pela manhã o senhor pároco não vinha. Quem esperava agora com impaciência era o Sr. abade Ferrão, pela tarde. Apoderava-se dele, queria-o numa cadeira junto ao canapé. E depois de rodeios demorados de ave que tenteia a presa, caía sobre a pergunta fatal: se

tinha visto o Sr. João Eduardo.

Queria saber o que ele dissera, se falara nela, se a avistara à janela. Torturava-o com curiosidades sobre a casa do Morgado, a mobília da sala, o número de lacaios e de cavalos, se o criado de farda servia à mesa...

E o bom abade respondia com paciência, contente de a ver esquecida do pároco, ocupada de João Eduardo: tinha agora a certeza que aquele casamento se faria: ela evitava, de resto, pronunciar sequer o nome de Amaro, e uma vez mesmo respondeu ao abade que lhe perguntava se o senhor pároco voltara à Ricoça:

— Ai, vem pela manhã ver a madrinha... Mas eu não lhe apareço, que nem estou decente...

Todo o tempo que podia estar de pé, passava-o agora à janela, muito arranjada da cinta para cima que era o que se podia ver da estrada — enxovalhada das saias para baixo. Estava esperando João Eduardo, os Morgados e o lacaio; e tinha de vez em quando, com efeito, o gozo de os ver passar, naquele passo bem lançado de cavalos de preço, sobretudo o da égua baia de João Eduardo, que ele defronte da Ricoça fazia sempre ladear, de chicote atravessado e perna à Marialva, como lhe ensinara o Morgado. Mas era o lacaio, sobretudo, que a encantava: e com o nariz nos vidros seguia-o num olhar guloso, até que à volta da estrada via desaparecer o pobre velho, de dorso corcovado, com a gola da farda até à nuca e as pernas bamboleantes.

E para João Eduardo que delícia aqueles passeios com os Morgaditos, na égua baia! Nunca deixava de ir à cidade: fazia-lhe bater o coração o som das ferraduras sobre o lajedo: ia passar diante da Amparo da botica, diante do cartório do Nunes, que tinha a sua banca ao pé da janela, diante da Arcada, diante do senhor administrador que lá estava na varanda de binóculo para a Teles — e o seu desgosto era não poder entrar com a égua, os Morgaditos e o lacaio pelo escritório do doutor Godinho que era no interior da casa.

Foi um dia, depois dum desses passeios triunfais, que voltando às duas horas da Barrosa, ao chegar ao Poço das Bentas e ao subir para o caminho de carros, viu de repente o Sr. padre Amaro

que descia montado num garrano. Imediatamente João Eduardo fez caracolar a égua. O caminho era tão estreito, que apesar de se chegarem às sebes quase roçaram os joelhos — e João Eduardo pôde então, do alto da sua égua de cinquenta moedas, agitando ameaçadoramente o chicote, esmagar com um olhar o padre Amaro que se encolhia muito pálido, com a barba por fazer, a face biliosa, esporeando ferozmente o garrano ronceiro. No alto do caminho João Eduardo ainda parou, voltou-se sobre a sela, e viu o pároco que apeava à porta do casebre isolado onde há pouco, ao passar, os Morgaditos tinham rido «do anão».

— Quem vive ali? — perguntou João Eduardo ao lacaio.

— Uma Carlota... Má gente, Sr. Joãozinho!

Ao passar na Ricoça, João Eduardo, como sempre, pôs a passo a égua baia. Mas não viu por trás dos vidros a costumada face pálida sob o lenço escarlate. As portadas da janela estavam meio cerradas; e ao portão, desatrelado com os varões em terra, o *cabriolet* do doutor Gouveia.

É que tinha chegado enfim o dial Nessa manhã viera da Ricoça um moço da quinta com um bilhete de Amélia quase ininteligível: *Dionísia depressa, a coisa chegou!* Trazia ordem também de ir chamar o senhor Gouveia. Amaro foi ele mesmo avisar a Dionísia.

Dias antes, tinha-lhe dito que D. Josefa, a própria D. Josefa, lhe inculcara uma ama que ele já ajustara, grande mulher, rija como um castanheiro. E agora combinaram rapidamente que nessa noite Amaro se postaria com a ama à portinha do pomar, e Dionísia viria dar-lhe a criança bem atabafada.

— Às nove da noite, Dionísia. E não nos faça esperar! — recomendou-lhe ainda Amaro vendo-a abalar num espalhafato.

Depois voltou a casa e fechou-se no quarto, face a face com aquela dificuldade que ele sentia como uma coisa viva fixá-lo e interrogá-lo: Que havia de fazer à criança? Tinha ainda tempo de ir aos Poiais ajustar a outra ama, a boa ama que a Dionísia conhecia; ou podia montar a

cavalo e ir à Barrosa falar à Carlota... E ali estava, diante daqueles dois caminhos, hesitando numa agonia. Queria serenar, discutir aquele caso como se fosse um ponto de teologia, pesando-lhe os *prós* e os *contras:* mas tinha temerariamente diante de si, em lugar de dois argumentos, duas visões: a criança a crescer e a viver nos Poiais, ou a criança esganada pela Carlota a um canto da estrada da Barrosa... E, passeando pelo quarto, suava de angústia, quando no patamar a voz inesperada do Libaninho gritou:

— Abre; parocozinho, que sei que estás em casa!

Foi necessário abrir ao Libaninho, apertar-lhe a mão, oferecer-lhe uma cadeira. Mas o Libaninho felizmente não se podia demorar. Passara na rua, e subira

a saber se o amigo pároco tinha notícia daquelas santinhas da Ricoça.

— Vão bem, vão bem — disse Amaro que obrigava a face a sorrir, a prazentear.

— Eu não tenho podido ir lá, que tenho andado mais ocupado!... Estou de serviço no quartel... Não te rias, parocozinho, que estou lá fazendo muita virtude... Meto-me com os soldadinhos, falo-lhes das chagas de Cristo...

— Andas a converter o regimento — disse Amaro que mexia nos papéis da mesa, passeava, numa inquietação de animal preso.

— Não é para as minhas forças, pároco, que se eu pudesse!... Olha, agora vou eu levar a um sargento uns bentinhos... Foram benzidos pelo

Saldanhinha, vão cheios de virtude. Ontem dei outros iguais a um anspeçada, perfeito rapaz, um amor de rapaz. Pus-lhos eu mesmo por baixo da camisola. Perfeito rapaz!...

— Devias deixar esses cuidados pelo regimento ao coronel — disse Amaro abrindo a janela, abafando de impaciência.

— Credo, olha o ímpio! Se o deixassem desbatizava o regimento. Pois adeus, parocozinho. Estás amarelinho, filho... Precisas purga, eu sei o que isso é.

Ia a sair, mas à porta, parando:

— Ai, diz cá, parocozinho, diz cá: tu ouviste alguma coisa?

— De quê?

— Foi o padre Saldanha que mo disse. Diz que o nosso chantre declarara

(palavras do Saldanhinha) que lhe constava que ia na cidade um escândalo com um senhor eclesiástico... Mas não disse *quem* nem o *quê*... O Saldanha qui-lo sondar, mas o chantre diz que recebera só uma denúncia vaga, sem nome... Tenho estado a pensar: quem será?

— Pataratas do Saldanha...

— Ai, filho! Deus queira que sejam. Que quem folga, são os ímpios... Quando fores pela Ricoça dá recados àquelas santinhas...

E pulou pelos degraus a ir levar «a virtude» ao batalhão.

Amaro ficara aterrado. Era ele decerto, eram os seus amores com Amélia que já iam chegando ao vigário-geral em denúncias tortuosas! E ali vinha agora aquele filho, criado a meia légua da

cidade, ficar como uma prova viva!... Parecia-lhe extraordinário, quase sobrenatural, ter o Libaninho, que em dois anos não lhe viera a casa duas vezes, ter o Libaninho entrado com aquela nova terrível, quando ele estava ali numa batalha com a consciência. Era como a Providência, que sob a forma grotesca do Libaninho, vinha trazer-lhe o seu aviso, murmurar-lhe: «Não deixes viver quem te pode trazer o escândalo! Olha que já se suspeita de ti!».

Era decerto Deus apiedado que não queria que houvesse na terra mais um enjeitado, mais um miserável, e que *reclamava o seu anjo!...*

Não hesitou: partiu para a estalagem do Cruz, e daí a cavalo para a casa de Carlota.

Demorou-se lá até às quatro horas.

De volta a casa atirou o chapéu para cima da cama, e sentiu enfim um alívio de todo o seu ser. Estava acabado! Lá falara à Carlota e ao anão; lá lhe pagara um ano adiantado; agora era esperar pela noite!

Mas na solidão do quarto toda a sorte de imaginações mórbidas o assaltavam: via a Carlota a esganar a criancinha roxa; via os cabos de polícia mais tarde a desenterrar o cadáver, o Domingos da administração redigindo sobre um joelho o auto de corpo de delito, e ele, de batina, arrastado para cadeia de S. Francisco, em ferros, ao lado do anão! Tinha quase vontade de montar a cavalo, voltar à Barrosa desfazer o ajuste. Mas uma inércia retinha-o. Depois, nada o forçava à noite a entregar a criança à

Carlota... Podia levá-la bem agasalhada à Joana Carreira, a boa ama dos Poiais...

Para escapar àquelas ideias que lhe faziam sob o crânio um ruído de tormenta, saiu, foi ver Natário que já se erguia e que lhe gritou imediatamente do fundo da poltrona:

— Então você viu, Amaro? O idiota, de lacaio atrás!

João Eduardo passara-lhe na rua, na égua baia, com os Morgadinhos; e Natário desde então rugia de impaciência de estar ali amarrado à cadeira e não poder recomeçar a campanha, expulsá-lo por uma boa intriga da casa do Morgado, arrancar-lhe a égua e o lacaio.

— Mas não as perde, em Deus me dando pernas...

— Deixe lá o homem, Natário —

disse Amaro.

Deixá-lo! Quando tinha uma ideia prodigiosa, que era provar ao Morgado, com documentos, que o João Eduardo era um beato! Que lhe parecia, ao amigo Amaro?

Era engraçado, com efeito. O homem não deixava de o merecer, só pela maneira como olhava para a gente de bem, do alto da égua... E Amaro fazia-se vermelho, ainda indignado do encontro, de manhã, no caminho de carros da Barrosa.

— Está claro! — exclamou Natário. — Para que somos nós sacerdotes de Cristo? Para exaltar os humildes e derrubar os soberbos.

Dali, Amaro foi ver D. Maria da Assunção — que já se erguera também —

que lhe fez a história da sua bronquite e a enumeração dos últimos pecados: o pior era que, para se distrair um bocado na convalescença, recostava-se por trás da vidraça, e um carpinteiro que morava defronte embasbacava para ela; e por influência do maligno, não tinha forças para se retirar para dentro, e vinham-lhe pensamentos maus...

— Mas vossa senhoria não está com atenção, senhor pároco.

— Ora essa, minha senhora!

E apressou-se a pacificar-lhe os escrúpulos, porque a salvação daquela alma idiota era para ele um emprego melhor que a mesma paróquia.

Já escurecia quando entrou em casa. A Escolástica queixou-se da demora que lhe esturrara o jantar. Mas Amaro tomou

apenas um copo de vinho e uma garfada de arroz, que engoliu de pé, olhando com terror pela janela a noite que impassivelmente caia.

Entrava no quarto a ver se os candeeiros já estavam acesos, quando o coadjutor apareceu. Vinha falar-lhe sobre o batizado do filho do Guedes, que estava marcado para o dia seguinte às nove horas.

— Trago luz? — disse de dentro a criada sentindo a visita.

— Não! — gritou logo Amaro.

Temia que o coadjutor visse a alteração que sentia nas faces, ou que se instalasse para toda a noite.

— Diz que vem na Nação de anteontem um artigo muito bom — observou o coadjutor, grave.

— Ah! — fez Amaro.

Passeava no seu trilho costumado, do lavatório para a janela; parava às vezes a rufar nos vidros; já se tinham acendido os candeeiros.

Então o coadjutor, chocado com aquela treva do quarto e aquele passear de fera numa jaula, ergueu-se, e com dignidade:

— Estou a incomodar talvez...

— Não!

E o coadjutor satisfeito sentou-se, com o seu guarda-chuva entre os joelhos.

— Agora anoitece mais cedo — disse.

— Anoitece...

Enfim Amaro desesperado declarou-lhe que tinha uma enxaqueca odiosa, que se ia encostar: e o homem saiu, depois de

lhe lembrar ainda o batizado do menino do seu amigo Guedes.

Amaro partiu logo para a Ricoça. Felizmente a noite estava tenebrosa e quente, anunciando chuva. Ia agora tomado duma esperança que lhe fazia bater o coração: era que a criança nascesse mortal E era bem possível. A S. Joaneira em nova tivera duas crianças mortas; a ansiedade em que vivera Amélia devia ter perturbado a gestação. E se ela morresse também? Então a esta ideia, que nunca lhe acudira, invadiu-o bruscamente uma piedade, uma ternura por aquela boa rapariga que o amava tanto, e que agora, por obra dele, gritava dilacerada de dores. E todavia, se ambos morressem, ela e a criança, era o seu pecado e o seu erro que caíam para sempre nos escuros

abismos da eternidade... Ele ficava, como antes da sua vinda a Leiria, um homem tranquilo, ocupado da sua igreja, duma vida limpa e lavada como uma página branca!

Parou junto ao casebre em ruínas à beira da estrada, onde devia estar a pessoa que da Barrosa vinha buscar a criança: não se tinha decidido se seria o homem ou a Carlota: e Amaro receava encontrar o anão, para lhe levar o filho, com aqueles olhos raiados dum sangue mau. Falou para dentro, para as trevas do casebre.

— Olá!

Foi um alívio quando a clara voz da Carlota disse na negrura:

— Cá está!

— Bem, é esperar, Sra. Carlota.

Estava contente: parecia-lhe que não tinha nada a temer, se o filho partisse aninhado contra aquele robusto seio de quarentona fecunda, tão fresca e tão lavada.

Foi então rondar a casa. Estava apagada e muda, como um empastamento mais denso de sombra naquela lúgubre noite de dezembro. Nem uma fenda de luz saía da janelas do quarto de Amélia. No ar muito pesado nenhuma folhagem ramalhava. E a Dionísia não aparecia.

Aquela demora torturava-o. Podia passar gente e vê-lo rondar na estrada. Mas repugnava-lhe ir ocultar-se no casebre em ruínas ao pé de Carlota. Foi andando ao comprido do muro do pomar, voltou, e viu então na porta envidraçada do terraço uma claridade de luz aparecer.

Correu para a portinha verde do pomar que quase imediatamente se abriu; e a Dionísia, sem uma palavra, pôs-lhe nos braços um embrulho.

— Morta? — perguntou ele.

— Qual! Vivo! Um rapagão!

E fechou a porta devagarinho, quando os cães, farejando rumor, começavam a ladrar.

Então o contato do seu filho, contra o seu peito, desmanchou como um vendaval todas as ideias de Amaro. O quê! Ir dá-lo àquela mulher, à tecedeira de anjos, que na estrada o atiraria a algum valado, ou em casa o arremessaria à latrina? Ah! Não, era o seu filho!

Mas que fazer, então? Não tinha tempo de correr aos Poiais e acordar a outra ama... A Dionísia não tinha leite...

Não o podia levar para a cidade... Oh! Que desejo furioso de bater àquela porta da quinta, precipitar-se para o quarto de Amélia, meter-lhe o pequerruchinho na cama, muito agasalhado, e todos três ficarem ali como no conchego dum céu! Mas quê, era padre! Maldita fosse a religião que assim o esmagava!

De dentro do embrulho saiu um gemido. Correu então para o casebre, quase esbarrou com a Carlota, que se apoderou logo da criança.

— Aí está — disse ele. — Mas ouça lá. Isto agora é sério. Agora é outra coisa. Olhe que o não quero morto... É para o tratar. O que se passou não vale... É para o criar! É para viver. Você tem a sua fortuna... Trate dele!...

— Não tem dúvida, não tem dúvida

— dizia a mulher apressada.

— Escute... A criança não vai bem agasalhada. Ponha-lhe o meu capote.

— Vai bem, senhor, vai bem.

— Não vai, com mil diabos! É o meu filho! há de levar o capote! Não quero que morra de frio! — Atirou-lho aos ombros com força, traçando-lho sobre o peito, agasalhando a criança; e a mulher já enfastiada meteu rapidamente pela estrada.

Amaro ficou ali plantado no meio do caminho, vendo o vulto perder-se na negrura. Então todos os seus nervos, depois daquele choque, se relaxaram numa fraqueza de mulher sensível — e rompeu a chorar.

Muito tempo rondou a casa. Mas ela permanecia na mesma escuridão, naquele

silêncio que o aterrava. Depois, triste e fatigado, veio voltando para a cidade, quando batiam as dez badaladas na Sé.

A essa hora, na sala de jantar da Ricoça, o doutor Gouveia ceava tranquilamente o frango assado que lhe preparara a Gertrudes, para depois das canseiras do dia. O abade Ferrão, sentado junto da mesa, assistia-lhe à ceia; viera munido dos sacramentos para o caso de haver perigo. Mas o doutor estava satisfeito; durante as oito horas de dores a rapariga mostrara-se corajosa; o parto fora feliz, de resto, e saíra um rapagão que fazia muita honra ao papá.

O bom abade Ferrão baixava castamente os olhos àqueles detalhes, no

seu pudor de sacerdote.

— E agora — dizia o doutor trinchando o peito do frango —, agora que eu introduzi a criança no mundo, os senhores (e quando digo os senhores, quero dizer a Igreja) apoderam-se dele e não o largam até a morte. Por outro lado, ainda que menos sofregamente, o Estado não o perde de vista... E aí começa o desgraçado a sua jornada do berço à sepultura, entre um padre e um cabo de polícia!

O abade curvou-se, e tomou uma estrondosa pitada preparando-se para a controvérsia.

— A Igreja — continuava o doutor com serenidade — começa, quando a pobre criatura ainda nem tem sequer consciência da vida, por lhe impor uma

religião...

O abade interrompeu, meio sério, meio rindo:

— Ó doutor, ainda que não seja senão por caridade com a sua alma, devo adverti-lo que o sagrado Concílio de Trento, cânon décimo terceiro, comina a pena de excomunhão contra todo o que disser que o batismo é nulo, por ser imposto sem a aceitação da razão.

— Tomo nota, abade. Eu estou acostumado a essas amabilidades do Concílio de Trento para comigo e outros colegas...

— Era uma assembleia respeitável! — acudiu o abade já escandalizado.

— Sublime, abade. Uma assembleia sublime. O Concílio de Trento e a Convenção foram as duas mais

prodigiosas assembleias de homens que a terra tem presenciado...

O abade fez uma visagem de repugnância àquele cotejo irreverente entre os santos autores da doutrina e os assassinos do bom rei Luís XVI.

Mas o doutor prosseguiu:

— Depois, a Igreja deixa a criança em paz algum tempo enquanto ela faz a sua dentição e tem o seu ataque de lombrigas...

— Vá, vá, doutor! — murmurava o abade, escutando-o pacientemente, de olhos cerrados, como significando «anda, anda, enterra bem essa alma no abismo de fogo e pez»!

— Mas quando se manifestam no pequeno os primeiros sintomas de razão — continuava o doutor —, quando se

torna necessário que ele tenha, para o distinguir dos animais, uma noção de si mesmo e do Universo, então entra-lhe a Igreja em casa e explica-lhe tudo! Tudo! Tão completamente, que um gaiato de seis anos que não sabe ainda o *bê-a-bá* tem uma ciência mais vasta, mais certa, que as reais academias combinadas de Londres, Berlim e Paris! O velhaco não hesita um momento para dizer como se fez o Universo e os seus sistemas planetários; como apareceu na Terra a criação; como se sucederam as raças; como passaram as revoluções geológicas do globo; como se formaram as línguas; como se inventou a escrita... Sabe tudo: possui completa e imutável a regra para dirigir todas as ações e formar todos os juízos; tem mesmo a certeza de todos os mistérios;

ainda que seja míope como uma toupeira vê o que se passa na profundidade dos céus e no interior do globo; conhece, como se não tivesse feito senão assistir a esse espetáculo, o que lhe há de suceder depois de morrer... Não há problema que não decida... E quando a Igreja tem feito deste marmanjo uma tal maravilha de saber, manda-o então aprender a ler... O que eu pergunto é: para quê?

A indignação tinha emudecido o abade.

— Diga lá, abade, para que os mandam os senhores ensinar a ler? Toda a ciência universal, o *res scibilis*, está no Catecismo: é meter-lho na memória, e o rapaz possui logo a ciência e consciência de tudo... Sabe tanto como Deus... De fato, é Deus mesmo.

O abade pulou.

— Isso não é discutir — exclamou —, isso não é discutir!... Isso são chalaças à Voltaire! Essas coisas devem-se tratar mais de alto...

— Como chalaças, abade? Tome um exemplo: a formação das línguas. Como se formaram? Foi Deus, que descontente com a Torre de Babel...

Mas a porta da sala abriu-se, e apareceu a Dionísia. Havia pouco o doutor tinha-lhe dado uma desanda no quarto de Amélia; e agora a matrona falava-lhe sempre encolhida de terror.

— Senhor doutor — disse ela no silêncio que se fez —, a menina acordou e diz que quer o filho.

— E então? A criança levaram-na, não?

— A criança levaram-na... — disse a Dionísia.

— Bem, acabou-se...

Dionísia ia fechar a porta, mas o doutor chamou-a.

— Ouça lá, diga-lhe que a criança vem amanhã... Que amanhã sem falta lha trazem. Minta. Minta como um cão; aqui o senhor abade dá licença... Que durma, que sossegue.

A Dionísia retirou-se. Mas a controvérsia não recomeçou: diante daquela mãe que acordava depois da fadiga do parto e reclamava o seu filho, o filho que lhe tinham levado para longe e para sempre, os dois velhos esqueceram a Torre de Babel e a formação das línguas. O abade, sobretudo, parecia comovido. Mas o doutor não tardou, sem piedade, a

lembrar-lhe que eram aquelas as consequências da situação do padre na sociedade...

O abade baixou os olhos, ocupado na sua pitada, sem responder, como ignorando que houvesse um padre naquela história infeliz.

O doutor, então, segundo a sua ideia, discursou contra a preparação e educação eclesiástica.

— Aí tem o abade uma educação dominada inteiramente pelo absurdo: resistência às mais justas solicitações da natureza, e resistência aos mais elevados movimentos da razão. Preparar um padre é criar um monstro que há de passar a sua desgraçada existência numa batalha desesperada contra os dois fatos irresistíveis do Universo: a força da

Matéria e a força da Razão!

— Que está o senhor a dizer? — exclamou assombrado o abade.

— Estou a dizer a verdade. Em que consiste a educação dum sacerdote? *Primo:* em o preparar para o celibato e para a virgindade; isto é, para a supressão violenta dos sentimentos mais naturais. *Secundo:* em evitar todo o conhecimento e toda a ideia que seja capaz de abalar a fé católica; isto é, a supressão forçada do espírito de indagação e de exame, portanto de toda a ciência real e humana...

O abade erguera-se, ferido duma piedosa indignação:

— Pois o senhor nega à Igreja a ciência?

— Jesus, meu caro abade — continuou tranquilamente o doutor —,

Jesus, os seus primeiros discípulos, o ilustre S. Paulo representaram em parábolas, em epístolas, num prodigioso fluxo labial, que as produções do espírito humano eram inúteis, pueris, e sobretudo perniciosas...

O abade passeava pela sala, indo contra um e outro móvel como um boi espicaçado, apertando as mãos na cabeça na desolação daquelas blasfémias: não se conteve, gritou:

— O senhor não sabe o que diz!... Perdão, doutor, peço-lhe humildemente perdão... O senhor faz-me cair em pecado mortal... Mas isso não é discutir... Isso é falar com a leviandade dum jornalista...

Lançou-se então com calor numa dissertação sobre a sabedoria da Igreja, os seus altos estudos gregos e latinos,

toda uma filosofia criada pelos santos padres...

— Leia S. Basílio! — exclamou. — Lá verá o que ele diz dos estudos dos autores profanos, que são a melhor preparação para os estudos sagrados! Leia a *História dos mosteiros na meia-idade!* Era lá que estava a ciência, a filosofia...

— Mas que filosofia, senhor, mas que ciência! Por filosofia meia dúzia de conceções dum espírito mitológico, em que o misticismo é posto em lugar dos instintos sociais... E que ciência! Ciência de comentadores, ciência de gramáticos... Mas vieram outros tempos, nasceram ciências novas que os antigos tinham ignorado, a que o ensino eclesiástico não oferecia nem base nem método,

estabeleceu-se logo o antagonismo entre elas e a doutrina católica!... Nos primeiros tempos, a Igreja ainda tentou suprimi-las pela perseguição, a masmorra, o fogo! Escusa de se torcer, abade... O fogo, sim, o fogo e a masmorra. Mas agora não o pode fazer e limita-se a vituperá-las em mau latim... E no entanto continua a dar nos seus seminários e nas suas escolas e ensino do passado, o ensino anterior a essas ciências, ignorando-as, e desprezando-as, refugiando-se na escolástica... Escusa de apertar as mãos na cabeça... Estranha ao espírito moderno, hostil nos seus princípios e nos seus métodos ao desenvolvimento espontâneo dos conhecimentos humanos... O senhor não é capaz de negar isso! Veja o *Syllabus* no

seu cânone décimo terceiro...

A porta abriu-se timidamente; era ainda a Dionísia.

— A pequena está a choramigar, diz que quer a criança.

— Mau, mau! — disse o doutor.

E depois dum momento:

— Que tal aspeto tem ela? Está corada? Está inquieta?

— Não senhor, está bem. Só a choramigar, a falar no pequeno... Diz que o quer hoje por força...

— Converse com ela, distraia-a... Veja se ela adormece...

A Dionísia retirou-se; e o abade logo com cuidado:

— Ó doutor, supõe que lhe possa fazer mal o afligir-se?

— Pode-lhe fazer mal, abade, pode

— disse o doutor que rebuscava na sua farmácia portátil. — Mas eu vou-a fazer dormir... Pois é verdade, a Igreja hoje é uma intrusa, abade!

O abade tornou a levar as mãos à cabeça.

— Escusa de ir mais longe, abade. Veja a Igreja em Portugal. É grato observar-lhe o estado de decadência...

Pintou-lho a largos traços, de pé, com o seu frasco na mão. A Igreja fora a Nação; hoje era uma minoria tolerada e protegida pelo Estado. Dominara nos tribunais, nos conselhos da Coroa, na fazenda, na armada, fazia a guerra e a paz; hoje um deputado da maioria tinha mais poder que todo o clero do reino. Fora a ciência no país; hoje tudo o que sabia era algum latim macarrónico. Fora rica, tinha

possuído no campo distritos inteiros e ruas inteiras na cidade; hoje dependia para o seu triste pão diário do ministro da Justiça, e pedia esmola à porta das capelas. Recrutara-se entre a nobreza, entre os melhores do reino; e hoje, para reunir um pessoal, via-se no embaraço e tinha de o ir buscar aos enjeitados da Misericórdia. Fora a depositária da tradição nacional, do ideal coletivo da pátria; e hoje, sem comunicação com o pensamento nacional (se é que o há) era uma estrangeira, uma cidadã de Roma, recebendo de lá a lei e o espírito...

— Pois se está assim tão prostrada, mais uma razão para a amar! — disse o abade, erguendo-se escarlate.

Mas a Dionísia tinha de novo aparecido à porta.

— Que temos mais?

— A menina está-se a queixar dum peso na cabeça. Diz que sente faíscas diante dos olhos...

O doutor então imediatamente, sem uma palavra, seguiu a Dionísia. O abade, só, passeava pela sala ruminando toda uma argumentação erriçada de textos, de nomes formidáveis de teólogos, que ia fazer desabar sobre o doutor Gouveia. Mas, meia hora passou, a luz do candeeiro ia esmorecendo, e o doutor não voltou.

Então aquele silêncio da casa, onde só o som dos seus passos sobre o soalho da sala punha uma nota viva, começou a impressionar o velho. Abriu a porta devagarinho, escutou; mas o quarto de

Amélia era muito afastado, ao fim da casa, ao pé do terraço; não vinha de lá nem rumor nem luz. Recomeçou o seu passeio solitário na sala, numa tristeza indefinida que o ia invadindo. Desejaria bem ir ver também a doente; mas o seu caráter, o pudor sacerdotal não lhe permitiam aproximar-se sequer duma mulher no leito, em trabalho de parto, a não ser que o perigo reclamasse os sacramentos. Outra hora mais longa, mais fúnebre, passou. Então, em pontas de pés, corando na escuridão daquela audácia, foi até ao meio do corredor: agora, aterrado, sentia no quarto de Amélia um ruído confuso e surdo de pés movendo-se vivamente no soalho, como numa luta. Mas nem um ai, nem um grito. Recolheu à sala, e abrindo o seu Breviário começou a

rezar. Sentiu os chinelos da Gertrudes passarem rapidamente, numa carreira. Ouviu uma porta a distância bater. Depois o arrastar no soalho duma bacia de latão. E enfim o doutor apareceu. A sua figura fez empalidecer o abade: vinha sem gravata, com o colarinho espedaçado; os botões do colete tinham saltado; e os punhos da camisa, voltados para trás, estavam todos manchados de sangue.

— Alguma coisa, doutor?

O doutor não respondeu, procurando rapidamente pela sala o seu estojo, com a face animada dum calor de batalha. Ia já sair com o estojo, mas lembrando-lhe a pergunta ansiosa do abade:

— Tem convulsões — disse.

O abade então deteve-o à porta, e muito grave, muito digno:

— Doutor, se há perigo, peço-lhe que se lembre... É uma alma cristã em agonia, e eu estou aqui.

— Certamente, certamente...

O abade tomou a ficar só, esperando. Tudo dormia na Ricoça, D. Josefa, os caseiros, a quinta, os campos em redor. Na sala, um relógio de parede, enorme e sinistro, que tinha no mostrador a carranca do sol e em cima sobre o caixilho a figura esculpida em pau de uma coruja pensativa, um móvel de castelo antigo, bateu meia-noite, depois uma hora. O abade a cada momento ia até ao meio do corredor: era o mesmo rumor de pés numa luta; outras vezes um silêncio tenebroso. Voltava então para o seu Breviário. Meditava naquela pobre rapariga que, além no quarto, estava talvez no momento

que ia decidir da sua eternidade: não tinha ao pé nem a mãe, nem as amigas: na memória apavorada devia passar-lhe a visão do pecado: diante dos olhos turvos aparecia-lhe a face triste do Senhor ofendido: as dores contorciam o seu corpo miserável: e na escuridão em que ia penetrando, sentia já o hálito ardente da aproximação de Satanás. Temeroso fim do tempo e da carne! Então rezava fervorosamente por ela.

Mas depois pensava no outro que fora uma metade do seu pecado, e que agora na cidade, estirado na cama, ressonava tranquilamente. E rezava então também por ele.

Tinha sobre o Breviário um pequeno crucifixo. E contemplava-o com amor, abismava-se enternecido na certeza da sua

força, contra a qual era bem pouca a ciência do doutor e todas as vaidades da razão! Filosofias, ideias, glórias profanas, gerações e impérios passam: são como os suspiros efémeros do esforço humano: só ela permanece e permanecerá, a cruz — esperança dos homens, confiança dos desesperados, amparo dos frágeis, asilo dos vencidos, força maior da humanidade: *crux triumphus adversus demonios, crux oppugnatorum murus...*

Então o doutor entrou, muito escarlate, vibrante daquela tremenda batalha que estava dando lá dentro à morte; vinha buscar outro frasco; mas abriu a janela, sem uma palavra, para respirar um momento uma golfada de ar fresco.

— Como vai ela? — perguntou o

abade.

— Mal — disse o doutor, saindo.

O abade, então, ajoelhou, balbuciou a oração de S. Fulgêncio:

— Senhor, dá-lhe primeiro a paciência, dá-lhe depois a misericórdia...

E ali ficou, com a face nas mãos, apoiado à beira da mesa.

A um rumor de passos na sala ergueu a cabeça. Era a Dionísia, que suspirava, recolhendo todos os guardanapos que encontrava nas gavetas do aparador.

— Então, senhora, então? — perguntou-lhe o abade.

— Ai, senhor abade, está perdidinha... Depois das convulsões que foram de arrepiar, caiu naquele sono, que é o sono da morte...

E olhando para todos os cantos como

para se assegurar da solidão, disse muito excitada:

— Eu não quis dizer nada... Que o senhor doutor tem um génio!... Mas sangrar a rapariga naquele estado é querer matá-la... Que ela tinha perdido pouco sangue, é verdade... Mas nunca se sangra ninguém em semelhante momento. Nunca, nunca!

— O senhor doutor é homem de muita ciência...

— Pode ter a ciência que quiser... Eu também não sou nenhuma tola... Tenho vinte anos de experiência... Nunca me morreu nenhuma nas mãos, senhor abade... Sangrar em convulsões? Até causa horror!...

Estava indignada. O senhor doutor tinha torturado a criaturinha. Até lhe

quisera administrar clorofórmio...

Mas a voz do doutor Gouveia berrou por ela do fundo do corredor e a matrona abalou, com o seu molho de guardanapos.

O medonho relógio, com a sua coruja pensativa, bateu as duas horas, depois as três... O abade, agora, cedia a espaços a uma fadiga de velho, cerrando um momento as pálpebras. Mas resistia bruscamente: ia respirar o ar pesado da noite, olhar aquela treva de toda a aldeia; e voltava a sentar-se, a murmurar, com a cabeça baixa, as mãos postas sobre o Breviário:

— Senhor, volta os teus olhos misericordiosos para aquele leito de agonia...

Foi então Gertrudes que apareceu comovida. O senhor doutor mandara-a

abaixo acordar o moço para pôr a égua ao *cabriolet*.

— Ai, senhor abade, pobre criaturinha! Ia tão bem, e de repente isto... Que foi por lhe tirarem o filho... Eu não sei quem é o pai, mas o que sei é que nisto tudo anda um pecado e um crime!...

O abade não respondeu, orando baixo pelo padre Amaro.

O doutor então entrou com o seu estojo na mão:

— Se quiser, abade, pode ir — disse.

Mas o abade não se apressava, olhando o doutor, com uma pergunta a bailar-lhe nos lábios entreabertos, e retendo-a por timidez: enfim, não se conteve, e num tom de medo:

— Fez-se tudo, não há remédio,

doutor?

— Não.

— É que nós, doutor, não devemos aproximar-nos duma mulher em parto ilegítimo senão num caso extremo...

— Está num caso extremo, senhor abade — disse o doutor, vestindo já o seu grande casacão.

O abade então recolheu o Breviário, a cruz, mas antes de sair, julgando do seu dever de sacerdote pôr diante do médico racionalista a certeza da eternidade mística que se desprende do momento da morte, murmurou ainda:

— É neste instante que se sente o terror de Deus, o vão do orgulho humano...

O doutor não respondeu, ocupado a afivelar o seu estojo.

O abade saiu, mas, já no meio do corredor, voltou ainda, e falando com inquietação:

— O doutor desculpe... Mas tem-se visto, depois dos socorros da religião, os moribundos voltarem a si de repente, por uma graça especial... A presença do médico então pode ser útil...

— Eu ainda não vou, ainda não vou — disse o doutor, sorrindo involuntariamente de ver a presença da Medicina reclamada para auxiliar a eficácia da Graça.

Desceu, a ver se estava pronto o *cabriolet*.

Quando voltou ao quarto de Amélia, a Dionísia e a Gertrudes, de rojos ao lado da cama, rezavam. O leito, todo o quarto estava revolvido como um campo de

batalha. As duas velas consumidas extinguiam-se. Amélia estava imóvel, com os braços hirtos, as mãos crispadas duma dor de púrpura escura — e a mesma cor mais arroxeada cobria-lhe a face rígida.

E debruçado sobre ela, com o crucifixo na mão, o abade dizia ainda, numa voz de angústia:

— *Jesu*, *Jesu*, *Jesu*! Lembra-te da graça de Deus! Tem fé na misericórdia divina! Arrepende-te no seio do Senhor! *Jesu*, *Jesu*, *Jesu!*

Por fim, sentindo-a morta, ajoelhou, murmurando o *Miserere*. O doutor que ficara à porta retirou-se devagarinho, atravessou em bicos de pés o corredor, e desceu à rua, onde o moço segurava a égua atrelada.

— Vamos ter água, senhor doutor —

disse o rapaz bocejando de sono.

O doutor Gouveia ergueu a gola do paletó, acomodou o seu estojo no assento — e daí a um momento o *cabriolet* rodava surdamente pela estrada, sob a primeira pancada de chuva, cortando a escuridão da noite com o darão vermelho das suas lanternas.

24

Ao outro dia desde as sete da manhã, o padre Amaro esperava a Dionísia em casa, postado à janela, com os olhos cravados na esquina da rua, sem reparar na chuva miudinha que lhe fustigava a face. Mas a Dionísia não aparecia: e ele teve de partir para a Sé, amargurado e doente, a batizar o filho do Guedes.

Foi uma pesada tortura para ele ver aquela gente alegre que punha na gravidade da Sé, mais sombria por esse escuro dia de dezembro, todo um rumor mal contido de regozijo doméstico e de festa paterna; o papá Guedes resplandecente de casaca e gravata branca, o padrinho compenetrado com

uma grande camélia ao peito, as senhoras de gala, e sobretudo a parteira rechonchuda, passeando com pompa um montão de rendas engomadas e de laçarotes azuis, onde mal se percebiam duas bochechinhas trigueiras. Ao fundo da igreja, com o pensamento bem longe da Ricoça e na Barrosa, foi engorolando à pressa as cerimónias: soprando em cruz sobre a face do pequerrucho, para expulsar o Demónio que já habitava aquelas carninhas tenras; impondo-lhe o sal sobre a boca, para que ele se desgostasse para sempre do sabor amargo do pecado e tomasse gosto a nutrir-se só da verdade divina; tocando-o com saliva nas orelhas e nas narinas, para que ele não escutasse jamais as solicitações da carne e jamais respirasse os perfumes da terra.

E em roda, com tochas na mão, os padrinhos, os convidados, na fadiga que davam tantos latins rosnados à pressa, só se ocupavam do pequeno, num receio que ele não respondesse com algum desacato impudente às tremendas exortações que lhe fazia a Igreja sua Mãe.

Amaro, então, pondo de leve o dedo sobre a touquinha branca, exigiu do pequerrucho que ele, ali em plena Sé, renunciasse para sempre a Satanás, às suas pompas e às suas obras. O sacristão Matias, que dava em latim as respostas rituais, renunciou por ele enquanto o pobre pequerrucho abria a boquinha a procurar o bico da mama. Enfim o pároco dirigiu-se à pia batismal seguido de toda a família, das velhas devotas que se tinham juntado, de gaiatos que esperavam uma

distribuição de patacos. Mas foi toda uma atrapalhação para fazer as unções: a parteira comovida não atinava a desapertar os laçarotes do chambre, para pôr a nu os ombrozinhos, o peito do pequeno; a madrinha quis ajudá-la; mas deixou escorregar a tocha, alastrou de cera derretida o vestido duma senhora, uma vizinha dos Guedes, que ficou embezerrada de raiva.

— *Franciscus, credis?* — perguntava Amaro.

O Matias apressou-se a afirmar, em nome de Francisco:

— Credo.

— *Franciscus, vis baptisari?*

O Matias:

— *Volo.*

Então a água lustral caiu sobre a

cabecinha redonda como um melão tenro: a criança agora perneava numa perrice.

— *Ego te baptiso, Franciscus, in nomine Patris... et Filiis... et Spiritus Sancti*...

Enfim, acabara! Amaro correu à sacristia a desvestir-se — enquanto a parteira grave, o papá Guedes, as senhoras enternecidas, as velhas devotas e os gaiatos saíam ao repique dos sinos; e agachados sob os guarda-chuvas, chapinhando a lama, lá iam levando em triunfo Francisco, o novo cristão.

Amaro galgou os degraus de casa com o pressentimento que ia encontrar a Dionísia.

Lá estava, com efeito, sentada no quarto, esperando-o, amarrotada, enxovalhada da luta da noite e da lama da

estrada: e apenas o viu começou choramigar.

— Que é, Dionísia?

Ela rompeu em soluços, sem responder.

— Morta! — exclamou Amaro.

— Ai, fez-se-lhe tudo, filho, fez-se-lhe tudo! — gritou enfim a matrona.

Amaro tombou para os pés da cama como morto também.

A Dionísia berrou pela criada. Inundaram-lhe a face de água, de vinagre. Ele recuperou-se um pouco, muito pálido; afastou-as com a mão, sem falar; e atirou-se de bruços para sobre o travesseiro, num choro desesperado, enquanto as duas mulheres consternadas iam recolhendo à cozinha.

— Parece que tinha muita amizade à

menina — começou a Escolástica, falando baixo como na casa dum moribundo.

— Costume de ir por lá. Foi hóspede tanto tempo... Ai, eram como irmãos... — disse a Dionísia, ainda chorosa.

Falaram então de doenças de coração — porque a Dionísia contara à Escolástica que a pobre menina tinha morrido dum aneurisma rebentado. A Escolástica também sofria do coração; mas nela eram flatos, dos maus tratos que lhe dera o marido... Ah, tinha sido bem infeliz também!

— Vossemecê toma uma gotinha de café, Sra. Dionísia?

— Olhe, a falar a verdade, Sra. Escolástica, tomava uma gotinha de jeropiga...

A Escolástica correu à taberna ao

fim da rua, trouxe a jeropiga num copo de quartilho debaixo do avental; e ambas à mesa, uma molhando sopas no café, outra escorropichando o copo, concordavam, com suspiros, que neste mundo tudo eram sustos e lágrimas.

Deram onze horas; e a Escolástica pensava em levar um caldo ao senhor pároco, quando ele chamou de dentro. Estava de chapéu alto, com o casaco abotoado, os olhos vermelhos como carvões...

— Escolástica, vá a correr ao Cruz que me mande um cavalo... Mas depressa.

Chamou então a Dionísia: e sentado ao pé dela, quase contra os joelhos da mulher, com a face rígida e lívida como um mármore, escutou em silêncio a história da noite — as convulsões de

repente, tão fortes que ela, a Gertrudes e o senhor doutor mal a podiam segurar! O sangue, as prostrações em que caía! Depois a ansiedade da asfixia que a fazia tão roxa como a túnica duma imagem...

Mas o moço do Cruz chegara com o cavalo. Amaro tirou duma gaveta, de entre roupa branca, um pequeno crucifixo, e deu-o à Dionísia que ia voltar à Ricoça para ajudar a amortalhar a menina.

— Que lhe ponham este crucifixo no peito, tinha-mo ela dado...

Desceu, montou; e apenas na estrada da Barrosa despediu a galope. Não chovia, agora; e entre as nuvens pardas algum raio fraco do sol de dezembro fazia brilhar a relva, as pedras molhadas.

Quando chegou ao pé do poço entulhado, donde se avistava a casa da

Carlota, teve de parar, para deixar passar um longo rebanho de ovelhas que tomavam o caminho; e o pastor, com uma pele de cobra ao ombro e a borracha a tiracolo, fez-lhe lembrar de repente Feirão, toda a vida passada, que lhe voltava por fragmentos bruscos — aquelas paisagens afogadas nos vapores pardacentos da serra; a Joana rindo estupidamente dependurada da corda do sino; as suas ceias de cabrito assado na Gralheira, com o abade, defronte da chaminé, onde a lenha verde estalava; os longos dias em que se desesperava na tristeza da residência, vendo fora sem cessar cair a neve... E veio-lhe um desejo ansioso dessas solidões da serra, dessa existência de lobo, longe dos homens e das cidades, sepultado lá com a sua

paixão.

A porta de Carlota estava fechada. Bateu, foi de roda chamar, atirando a voz por cima do telhado dos currais, para o pátio, onde sentia cacarejar os galos. Ninguém respondeu. Seguiu então pelo caminho da aldeia, levando a égua pela arreata; parou na taberna, onde uma mulher obesa fazia meia, sentada à porta. Dentro, no escuro da baiúca, dois homens com os seus quartilhos ao lado, batiam as cartas numa bisca renhida; e um rapazola duma amarelidão de sezões, com um lenço amarrado na cabeça, olhava-lhes o jogo tristemente.

A mulher tinha justamente visto passar a Sra. Carlota, que até parara a comprar um quartilho de azeite. Devia estar em casa da Micaela, ao adro.

Chamou para dentro; uma rapariguita vesga apareceu detrás da sombra das pipas.

— Corre, vai à Micaela, diz à Sra. Carlota que está aqui um senhor da cidade.

Amaro voltou para a porta da Carlota, esperou sentado numa pedra, com o seu cavalo pela rédea. Mas aquela casa fechada e muda aterrava-o. Foi pôr o ouvido à fechadura, na esperança de ouvir um choro, uma rabugem de criança. Dentro pesava um silêncio de caverna abandonada. Mas tranquilizava-o a ideia que a Carlota teria levado a criança consigo, para a Micaela. Devia realmente ter perguntado à mulher na taberna, se a Carlota trazia uma criança ao colo... E olhava a casa bem caiada, com a sua

janela em cima que tinha uma cortininha de cassa, um luxo tão raro naquelas freguesias pobres; recordava a boa ordem, o escarolado da louça da cozinha... Decerto, o pequerrucho devia ter também um berço asseado...

Ah, estava doido decerto na véspera, quando pusera ali, na mesa da cozinha, quatro libras de ouro, preço adiantado dum ano de criação, e dissera cruelmente ao anão: «Conto consigo!» Pobre pequerruchinho!... Mas a Carlota compreendera bem, à noite na Ricoça, que ele agora queria-o vivo, o seu filho, e criado com mimo!... Todavia não o deixaria ali, não, sob o olho raiado de sangue do anão... Levá-lo-ia nessa noite à Joana Carreira dos Poiais...

Que as sinistras histórias da

Dionísia, a *tecedeira de anjos*, eram uma legenda insensata. A criança estava muito regalada em casa da Micaela, chupando aquele bom peito de quarentona sã... E vinha-lhe então o mesmo desejo de deixar Leiria, ir enterrar-se em Feirão, levar consigo a Escolástica, educar lá a criança como sobrinho, revivendo nele largamente todas as emoções daquele romance de dois anos; e ali passaria numa paz triste, na saudade de Amélia, até ir como o seu antecessor, o abade Gustavo que também criara um sobrinho em Feirão, repousar para sempre no pequeno cemitério, de verão sob as flores silvestres, de inverno sob a neve branca.

Então a Carlota apareceu; e ficou atónita ao reconhecer Amaro, sem passar da cancela, com a testa franzida, a sua

bela face muito grave.

— A criança? — exclamou Amaro.

Depois dum momento, ela respondeu, sem perturbação:

— Nem me fale nisso, que me tem dado um desgosto... Ontem mesmo, duas horas depois de ter chegado... O pobre anjinho começa a fazer-se roxo, e ali me morreu debaixo dos olhos...

— Mente! — gritou Amaro. — Quero ver.

— Entre, senhor, se quer ver.

— Mas que lhe disse eu ontem, mulher?

— Que quer, senhor? Morreu. Veja...

Tinha aberto a porta, muito simplesmente, sem cólera nem receio. Amaro entreviu num relance, ao pé da chaminé, um berço coberto com um saiote

escarlate.

Sem uma palavra voltou as costas, atirou-se para cima do cavalo. Mas a mulher, muito loquaz subitamente, rompeu a dizer que tinha ido justamente à aldeia para encomendar um caixãozinho decente... Como vira que era filho de pessoa de bem, não o quisera enterrar embrulhado num trapo. Mas enfim, como o senhor ali estava, parecia-lhe razoável que desse algum dinheiro para a despesa... Uns dois mil réis que fossem.

Amaro considerou-a um momento com um desejo brutal de a esganar; por fim meteu-lhe o dinheiro na mão. E ia trotando no carreiro, quando a sentiu ainda correndo, gritando pst! pst! A Carlota queria-lhe restituir o capote que ele emprestara na véspera: tinha feito

muito bom serviço, que a criança chegara quente como um rojãozinho... Infelizmente...

Amaro já a não escutava, esporeando furiosamente a ilharga da cavalgadura.

Na cidade, depois de apear à porta do Cruz, não entrou em casa. Foi direito ao paço do bispo. Tinha agora uma ideia só: era deixar aquela cidade maldita, não ver mais as faces das devotas, nem a fachada odiosa da Sé...

Foi só ao subir a larga escadaria de pedra do paço, que lhe lembrou com inquietação o que o Libaninho dissera na véspera da indignação do senhor vigário-geral, da denúncia obscura... Mas a afabilidade do padre Saldanha, o confidente do paço, que o introduziu logo na livraria de sua excelência,

tranquilizou-o. O senhor vigário-geral foi muito amável. Estranhou o ar pálido e perturbado do senhor pároco!...

— É que tenho um grande desgosto, senhor vigário-geral. Minha irmã está a morrer em Lisboa. E venho pedir a vossa excelência licença para lá ir, por uns dias...

O senhor vigário-geral consternou-se com bondade.

— Decerto, consinto... Ah! Somos todos passageiros forçados da barca de Caronte.

Ipse ratem conto subigit, velisque ministrat
Et ferruginea subvectat corpora cymba.

Ninguém lhe escapa... Sinto, sinto... Não

me esquecerei de a recomendar nas minhas orações...

E muito metódico, sua excelência tomou uma nota a lápis.

Amaro, ao sair do paço, foi direito à Sé. Fechou-se na sacristia, a essa hora deserta: e depois de pensar muito tempo com a cabeça entre os punhos, escreveu ao cónego Dias:

Meu caro padre-mestre.

Treme-me a mão ao escrever estas linhas. A infeliz morreu. Eu não posso, bem vê, e vou-me embora, porque, se aqui ficasse, estalava-me o coração. Sua excelentíssima irmã lá estará tratando do enterro... Eu, como compreende, não posso. Muito lhe agradeço tudo... Até um dia, se Deus quiser que nos tomemos a ver. Por mim conto ir para longe, para alguma pobre paróquia de pastores, acabar meus dias nas lágrimas, na meditação e na penitência. Console como puder a

desgraçada mãe. Nunca me esquecerei do que lhe devo, enquanto tiver um sopro de vida. E adeus, que nem sei onde tenho a cabeça.

Seu amigo do C.

Amaro Vieira.

P.S. — A criança morreu também, já se enterrou.

Fechou a carta com uma obreia preta; e depois de arranjar os seus papéis, foi abrir o grande portão chapeado de ferro, olhar um momento o pátio, o barracão, a casa do sineiro... As névoas, as primeiras chuvas já davam àquele recanto da Sé o seu ar lúgubre de inverno. Adiantou-se devagar, sob o silêncio triste dos altos contrafortes, espreitou à vidraça da cozinha do tio Esguelhas: ele lá estava, sentado à chaminé, com o cachimbo na

boca, cuspilhando tristemente para as cinzas. Amaro bateu de leve nos vidros — e quando o sineiro abriu a porta, aquele interior conhecido, rapidamente entrevisto, a cortina da alcova da Totó, a escada que ia para o quarto, agitaram o pároco de tantas recordações e de saudades tão bruscas, que não pôde falar um momento, com a garganta tomada de soluços.

— Venho-lhe dizer adeus, tio Esguelhas — murmurou por fim. — Vou a Lisboa, tenho minha irmã a morrer...

E acrescentou com os beiços trémulos dum choro que ia romper:

— Todas as desgraças vêm juntas. Sabe, a pobre Ameliazinha lá morreu de repente...

O sineiro emudeceu, assombrado.

— Adeus, tio Esguelhas. Dê cá a mão, tio Esguelhas. Adeus...

— Adeus, senhor pároco, adeus! — disse o velho com os olhos arrasados de água.

Amaro fugiu para casa, contendo-se para não soluçar alto pelas ruas. Disse logo à Escolástica que ia partir nessa noite para Lisboa. O tio Cruz devia mandar-lhe um cavalo, para ir tomar o comboio a Chão de Maçãs.

— Eu não tenho senão o dinheiro que é necessário para a jornada. Mas o que aí me fica em lençóis e toalhas é para você...

A Escolástica, chorando de perder o senhor pároco, quis beijar-lhe a mão por tanta generosidade: ofereceu-se para fazer a mala...

— Eu mesmo a arranjo, Escolástica,

não se incomode.

Fechou-se no quarto. A Escolástica, ainda choramigando, foi logo recolher, examinar as poucas roupas que estavam pelos armários. Mas Amaro daí a pouco gritou por ela: diante da janela uma harpa e uma rabeca, em desafinação, tocavam a valsa dos *Dois mundos*.

— Dê um tostão a esses homens — disse o padre furioso. — E diga-lhes que vão para o inferno... Que está aqui gente doente!

E até às cinco horas a Escolástica não tomou a sentir rumor no quarto.

Quando o moço do Cruz veio com o cavalo, pensando que o senhor pároco adormecera, ela foi-lhe bater devagarinho à porta do quarto, choramigando já da despedida próxima. Ele abriu logo.

Estava de capote aos ombros; no meio do quarto pronta e acorreada a mala de lona que devia ir à garupa da égua. Deu-lhe um maço de cartas para ir entregar nessa noite à Sra. D. Maria da Assunção, ao padre Silvério e a Natário: e ia descer, entre os prantos da mulher, quando sentiu na escada um ruído conhecido de muleta, e o tio Esguelhas apareceu muito comovido.

— Entre, tio Esguelhas, entre.

O sineiro cerrou a porta, e depois de hesitar um momento:

— Vossa senhoria há de desculpar, mas... Tinha-me esquecido de todo, com os desgostos que tenho passado. Já há tempo que achei no quarto isto, e pensei que...

E meteu na mão de Amaro um brinco

de ouro. Ele reconheceu-o logo: era de Amélia. Muito tempo ela o procurara debalde; soltara-se decerto nalguma manhã de amor, sobre a enxerga do sineiro. Amaro então, sufocado, abraçou o tio Esguelhas.

— Adeus! Adeus, Escolástica. Lembrem-se por cá de mim. Dê lembranças ao Matias, tio Esguelhas...

O moço afivelou a maleta ao selim, e Amaro partiu, deixando a Escolástica e o tio Esguelhas a chorar, ambos à porta.

Mas depois de ter passado os açudes, ao pé duma volta da estrada, teve de apear para compor o estribo: e ia montar, quando apareceram dobrando o muro o doutor Godinho, o secretário-geral e o senhor administrador do concelho, muito amigos agora, e que vinham, depois

do passeio, recolhendo para a cidade. Pararam logo a falar ao senhor pároco — admirando-se de o ver ali, de maleta na garupa, com ares de jornada...

— É verdade — disse —, vou para Lisboa!

O antigo Bibi e o administrador suspiraram invejando-lhe a felicidade. Mas quando o pároco falou da irmã moribunda, afligiram-se com polidez: e o senhor administrador disse:

— Deve estar muito sentido, compreendo... De mais a mais essa outra desgraça na casa daquelas senhoras suas amigas... A pobre Ameliazinha, morta assim de repente...

O antigo Bibi exclamou:

— O quê? A Ameliazinha, aquela bonita que morava na Rua da

Misericórdia? Morreu?

O doutor Godinho também o ignorava, e pareceu consternado.

O senhor administrador soubera-o pela sua criada, que o ouvira da Dionísia. Dizia-se que fora um aneurisma.

— Pois, senhor pároco — exclamou Bibi —, desculpe se aflijo as suas crenças respeitáveis, que são as minhas de resto... Mas Deus cometeu um verdadeiro crime... Levar-nos a rapariga mais bonita da cidade! Que olhos, senhores! E depois com aquele picantezinho da virtude...

Então, num tom de pêsames, todos lamentaram aquele golpe que devia ter afetado tanto o senhor pároco.

Ele disse muito grave:

— Senti-o deveras... Conhecia-a bem... E com as suas boas qualidades,

devia fazer, sem dúvida, uma esposa modelo... Senti-o muito!

Apertou silenciosamente as mãos em redor, e enquanto os cavalheiros recolhiam à cidade, o padre Amaro foi trotando pela estrada, que já escurecia, para a estação de Chão de Maçãs.

Ao outro dia, pelas onze horas, o enterro de Amélia saiu da Ricoça. Era uma manhã áspera: o céu e os campos estavam afogados numa névoa pardacenta; e caia muito miúda, uma chuva regelada. Era longe da quinta à capela dos Poiais. O menino do coro adiante, de cruz alçada, apressava. se, chapinhando a lama a grandes pernadas; o abade Ferrão, de estola negra, abrigava-se, murmurando o

Exultabunt Domino, sob o guarda-chuva que sustentava ao lado o sacristão com o hissope; quatro trabalhadores da quinta, abaixando a cabeça contra a chuva oblíqua, levavam numa padiola o esquife que tinha dentro o caixão de chumbo; e, sob o vasto guarda-chuva do caseiro, a Gertrudes de mantéu pela cabeça ia desfiando as suas contas. Ao lado do caminho o vale triste dos Poiais cavava-se, todo pardo na neblina, num grande silêncio; e a voz enorme do vigário, mugindo o *Miserere*, rolava pela quebrada húmida onde murmuravam os riachos muito cheios.

Mas às primeiras casas da aldeia os moços do caixão pararam derreados; e então um homem, que estava esperando debaixo duma árvore sob o seu guarda-

chuva, veio juntar-se silenciosamente ao enterro. Era João Eduardo, de luvas pretas, carregado de luto, com as olheiras cavadas em dois sulcos negros, grossas lágrimas a correrem-lhe nas faces. E imediatamente, por trás dele, vieram colocar-se dois criados de farda, com as calças muito arregaçadas e tochas na mão — dois lacaios que mandara o Morgado, para honrar o enterro duma dessas senhoras da Ricoça, amigas do abade.

Então, vendo estas duas librés que vinham afidalgar o préstito, o menino do coro rompeu logo, erguendo mais alto a cruz; os quatro homens, já sem fadiga, empertigaram-se às varas da padiola: o sacristão bramiu um *Requiem* tremendo. E pelas lamas do íngreme caminho da aldeia foi subindo o enterro, enquanto às portas

as mulheres se ficavam persignando, olhando as sobrepelizes brancas e o caixão de galões de ouro, que se iam afastando seguidos do grupo de guarda-chuvas abertos, sob a chuva triste.

A capela era no alto, num adro de carvalheiras: o sino dobrava: e o enterro sumiu-se para o interior da igreja escura, ao canto do *Subvenite sancti* que o sacristão entoou em ronco. — Mas os dois criados de farda não entraram porque o Sr. Morgado assim o tinha ordenado.

Ficaram à porta, sob o guarda-chuva, escutando, batendo os pés regelados. Dentro seguia o cantochão; depois era um ciciar de orações que se amortecia; e de repente latins fúnebres lançados pela voz grossa do vigário.

Então os dois homens, enfastiados,

desceram do adro, entraram um momento na taberna do tio Serafim. Dois moços de gado da quinta do Morgado, que bebiam em silêncio o seu quartilho, ergueram-se logo vendo aparecer os dois criados de farda.

— À vontade, rapazes, é sentar e beber — disse o velho baixito que acompanhava João Eduardo a cavalo. — Nós lá estamos, na maçada do enterro... Boas-tardes, Sr. Serafim.

Apertaram a mão ao Serafim, que lhes mediu duas aguardentes, e informou-se se a defunta era a noiva do Sr. Joãozinho. Tinham-lhe dito que morrera duma veia rebentada.

O baixito riu:

— Qual veia rebentada! Não lhe rebentou coisa nenhuma. O que lhe

rebentou foi um rapagão pelo ventre...

— Obra do Sr. Joãozinho? — perguntou o Serafim, arregalando o olho brejeiro.

— Não me parece — disse o outro com importância. — O Sr. Joãozinho estava em Lisboa... Obra de algum cavalheiro da cidade. Sabe vossemecê de quem eu desconfio, Sr. Serafim?

Mas a Gertrudes, esbaforida, rompeu pela taberna gritando que o saimento já ia ao pé do cemitério, e que não faltavam senão «aqueles senhores»! Os lacaios abalaram logo, e alcançaram o enterro quando ia passando a pequena grade do cemitério, ao último versículo do *Miserere*. João Eduardo agora levava uma vela na mão, ia logo atrás do caixão de Amélia, tocando-o quase, com os olhos

enevoados de lágrimas fitos no veludilho negro que o cobria. Sem cessar o sino na capela dobrava desoladamente. A chuva caía mais miúda. E todos calados, no silêncio fusco do cemitério, com passos abafados pela terra mole, iam-se dirigindo para o canto do muro onde estava cavada de fresco a cova de Amélia, negra e profunda entre a relva húmida. O menino do coro cravou no chão a haste da cruz prateada, e o abade Ferrão, adiantando-se até à beira do buraco escuro, murmurou o *Deus cujus miseratione*... Então João Eduardo, muito pálido, vacilou de repente, e o guarda-chuva caiu-lhe das mãos; um dos criados de farda correu, segurou-o pela cinta; queriam-no levar, arrancá-lo de ao pé da cova; mas ele resistiu, e ali ficou, com os

dentes cerrados, segurando-se desesperadamente à manga do criado, vendo o coveiro e os dois moços amarrarem as cordas no caixão, fazerem-no resvalar devagar entre a terra esfarelada que rolava, com um ranger de tábuas mal pregadas.

— *Requiem aeternam dona ei, Domine*!

— *Et lux perpetua luceat ei* — mugiu o sacristão.

O caixão bateu no fundo com uma pancada surda: o abade espalhou em cima uma pouca de terra em forma de cruz: e sacudindo lentamente o hissope sobre o veludilho, a terra, a relva em redor:

— *Requiescat in pace*.

— Amém — responderam a voz cava do sacristão e a voz aguda do

menino do coro.

— Amém — disseram todos num murmúrio, que ciciou, se perdeu entre os ciprestes, as ervas, os túmulos e as névoas frias daquele triste dia de dezembro.

25

Nos fins de maio de 1871 havia grande alvoroço na Casa Havanesa, ao Chiado, em Lisboa. Pessoas esbaforidas chegavam, rompiam pelos grupos que atulhavam a porta, e alçando-se em bicos de pés esticavam o pescoço, por entre a massa dos chapéus, para a grade do balcão, onde numa tabuleta suspensa se colavam os telegramas da *Agência Havas;* sujeitos de faces espantadas saíam consternados, exclamando logo para algum amigo mais pacato que os esperava fora:

— Tudo perdido! Tudo a arder!

Dentro, na multidão de grulhas que se apertava contra o balcão, questionava-

se forte; e pelo passeio, no Largo do Loreto, defronte ao pé do estanco, pelo Chiado até ao Magalhães, era, por aquele dia já quente do começo de verão, toda uma gralhada de vozes impressionadas onde as palavras *Comunistas! Versalhes! Petroleiros! Thiers! Crime! Internacional!* voltavam a cada momento, lançadas com furor, entre o ruído das tipoias e os pregões dos garotos gritando *suplementos*.

Com efeito, a cada hora, chegavam telegramas anunciando os episódios sucessivos da insurreição batalhando nas ruas de Paris: telegramas despedidos de Versalhes num terror dizendo os palácios que ardiam, as ruas que se aluíam; fuzilamentos em massa nos pátios dos quartéis e entre os mausoléus dos

cemitérios; a vingança que ia saciar-se até à escuridão dos esgotos; a fatal demência que desvairava as fardas e as blusas; e a resistência que tinha o furor duma agonia com os métodos duma ciência, e fazia saltar uma velha sociedade pelo petróleo, pela dinamite e pela nitroglicerina! Uma convulsão, um fim do mundo que vinte, trinta palavras de repente mostravam, num relance, a um clarão de fogueira.

O Chiado lamentava com indignação aquela ruína de Paris. Recordavam-se com exclamações os edifícios ardidos, o Hotel de Ville, «tão bonito», a Rua Royale, «aquela riqueza». Havia indivíduos tão furiosos com o incêndio das Tulherias como se fosse uma propriedade sua; os que tinham estado em Paris um ou dois meses abriam-se em

invetivas, arrogando-se uma participação de parisienses na riqueza da cidade, escandalizados por a insurreição não ter respeitado os monumentos em que eles tinham posto os seus olhos.

— Vejam vocês! — exclamava um sujeito gordo. — O palácio da Legião de Honra destruído! Ainda não há um mês que eu lá estive com minha mulher... Que infâmia! Que patifaria!

Mas espalhara-se que o ministério recebera outro telegrama mais desolador: toda a linha do *boulevard* da Bastilha à Madalena ardia, e ainda a Praça da Concórdia, e as avenidas dos Campos Elísios até ao Arco do Triunfo. E assim tinha a revolta arrasado, numa demência, todo aquele sistema de restaurantes, cafés-concertos, bailes públicos, casas de

jogo e ninhos de prostitutas! Então houve por todo o Largo do Loreto até ao Magalhães um estremecimento de furor. Tinham pois as chamas aniquilado toda aquela centralização tão cómoda da patuscada! Oh que infâmia! O mundo acabava! Onde se comeria melhor que em Paris? Onde se encontrariam mulheres mais experientes? Onde se tornaria a ver aquele desfilar prodigioso duma volta do Bois, nos dias ásperos e secos de inverno, quando as vitórias das *cocottes* resplandeciam ao pé dos fáetons dos agentes da Bolsa? Que abominação! Esqueciam-se as bibliotecas e os museus: mas a saudade era sincera pela destruição dos cafés e pelo incêndio dos lupanares. Era o fim de Paris, era o fim da França!

Num grupo ao pé da Casa Havanesa

os questionadores politicavam: pronunciava-se o nome de Proudhon que, por esse tempo, se começava a citar vagamente em Lisboa como um monstro sanguinolento; e as invetivas rompiam contra Proudhon. A maior parte imaginava que era ele que tinha incendiado. Mas o poeta estimado das *Flores e Ais* acudiu dizendo «que, à parte as asneiras que Proudhon dizia, era ainda assim um estilista bastante ameno». Então o jogador França berrou:

— Qual estilo, qual cabaça! Se aqui o pilhasse no Chiado rachava-lhe os ossos!

E rachava. Depois do conhaque o França era uma fera.

Alguns moços, porém, a quem o elemento dramático da catástrofe revolvia

o instinto romântico, aplaudiam a heroicidade da Comuna — Vermorel abrindo os braços como o Crucificado, e sob as balas que o traspassavam gritando: Viva a humanidade! O velho Delecluze, com um fanatismo de santo, ditando do seu leito de agonia as violências da resistência...

— São grandes homens! — exclamava um rapaz exaltado.

Em redor as pessoas graves rugiam. Outras afastavam-se pálidas, vendo já as suas casas na Baixa a escorrer de petróleo e a mesma Casa Havanesa presa de chamas socialistas. Então era em todos os grupos um furor de autoridade e repressão: era necessário que a sociedade, atacada pela Internacional, se refugiasse na força dos seus príncipes

conservadores e religiosos, cercando-os bem de baionetas! Burgueses com tendas de capelistas falavam da «canalha» com o desdém imponente dum La Tremouille ou dum Ossuna. Sujeitos, palitando os dentes, decretavam a vingança. Vadios pareciam furiosos «contra o operário que quer viver como príncipe». Falava-se com devoção na propriedade, no capital!

Doutro lado eram moços verbosos, localistas excitados que declaravam contra o velho mundo, a velha ideia, ameaçando-os de alto, propondo-se a derruí-los em artigos tremendos.

E assim uma burguesia entorpecida esperava deter, com alguns polícias, uma evolução social: e uma mocidade, envernizada de literatura, decidia destruir num folhetim uma sociedade de dezoito

séculos. Mas ninguém se mostrava mais exaltado que um guarda-livros de hotel, que do alto do degrau da Casa Havanesa brandia a bengala, aconselhando à França a restauração dos Bourbons.

Então um homem vestido de preto, que saíra do estanco e atravessava por entre os grupos, parou, sentindo uma voz espantada que exclamava ao lado:

— Ó padre Amaro! Ó maganão!

Voltou-se: era o cónego Dias. Abraçaram-se com veemência, e para conversarem mais tranquilamente foram andando até ao Largo de Camões, e ali pararam, junto à estátua:

— Então você quando chegou, padre-mestre?

Tinha chegado na véspera. Trazia uma demanda com os Pimentas da Pojeira

por causa duma servidão na quinta, tinha apelado para a Relação, e vinha seguir de perto a questão na capital.

— E você, Amaro? Na última carta dizia-me que tinha vontade de sair de Santo Tirso.

Era verdade. A paróquia tinha vantagens; mas vagara Vila Franca, e ele, para estar mais perto da capital, viera falar com o Sr. conde de Ribamar, o seu conde, que lá andava obtendo a transferência. Devia-lhe tudo, sobretudo à senhora condessa!

— E de Leiria? A S. Joaneira, vai melhor?

— Não, coitada... Você sabe; ao princípio tivemos um susto dos diabos... Pensávamos que lhe ia suceder como à Amélia. Mas não, era hidropisia... E ali o

que há é anasarca...

— Coitada, santa senhora! E o Natário?

— Avelhado! Tem tido os seus desgostos. Muita língua.

— E diga lá, padre-mestre, o Libaninho?

— Eu escrevi-lhe a esse respeito — disse o cónego rindo.

O padre Amaro riu também: e durante um momento os dois sacerdotes pararam, apertando as ilhargas.

— Pois é verdade — disse o cónego. — A coisa tinha sido realmente escandalosa... Porque enfim, repare o amigo que o pilharam com o sargento, de tal modo que não havia a duvidar... E às dez horas da noite, na alameda! Já é imprudência... Mas enfim a coisa

esqueceu, e quando o Matias morreu, lá lhe demos o lugar de sacristão, que é bem boa posta... Muito melhor que o que ele tinha no cartório... E há de cumprir com zelo!

— há de cumprir com zelo — concordou muito sério o padre Amaro. — E a propósito, a D. Maria da Assunção?

— Homem, rosnam-se coisas... Criado novo. Um carpinteiro que morava defronte... O rapaz anda no trinque.

— Palavra?

— No trinque. Charuto, relógio, luva! Tem pilhéria, hem?

— É divino!

— As Gansosos na mesma — continuou o cónego. — Têm agora a sua criada, a Escolástica.

— E da besta do João Eduardo?

— Eu mandei-lhe dizer, não? Lá está ainda nos Poiais. O Morgado está mal do fígado! E o João Eduardo diz que está tísico... que eu não sei, nunca mais o vi... Quem mo disse foi o Ferrão.

— Como vai ele, o Ferrão?

— Bem. Sabe quem eu vi há dias? A Dionísia.

— E então?

O cónego disse uma palavra baixo ao ouvido do padre Amaro.

— Deveras, padre-mestre?

— Na Rua das Sousas, a dois passos da sua antiga casa. O D. Luís da Barrosa é que lhe deu o dinheiro para montar o estabelecimento. Pois aqui estão as novidades. E você está mais forte, homem! Fez-lhe bem a mudança...

E pondo-se diante, galhofando:

— Ó Amaro, e você a escrever-me que queria retirar-se para a serra, ir para um convento, passar a vida em penitência.

O padre Amaro encolheu os ombros:

— Que quer você, padre-mestre?... Naqueles primeiros momentos... Olhe que me custou! Mas tudo passa...

— Tudo passa — disse o cónego. E depois de uma pausa: — Ah! Mas Leiria já não é Leiria!

Passearam então um momento em silêncio, numa recordação que lhes vinha do passado, os quinos divertidos da S. Joaneira, as palestras ao chá, as passeatas ao Morenal, o *Adeus e o Descrido* cantados pelo Artur Couceiro e acompanhados pela pobre Amélia que, agora, lá dormia no cemitério dos Poiais, sob as flores silvestres...

— E que me diz você a estas coisas da França, Amaro? — exclamou de repente o cónego.

— Um horror, padre-mestre... O arcebispo, uma súcia de padres fuzilados!... Que brincadeira!

— Má brincadeira — rosnou o cónego.

E o padre Amaro:

— E cá pelo nosso canto parece que começam também essas ideias...

O cónego assim o ouvira. Então indignaram-se contra essa turba de mações, de republicanos, de socialistas, gente que quer a destruição de tudo o que é respeitável — o clero, a instrução religiosa, a família, o exército e a riqueza... Ah, a sociedade estava ameaçada por monstros desencadeados!

Eram necessárias as antigas repressões, a masmorra e a forca. Sobretudo inspirar aos homens a fé e o respeito pelo sacerdote.

— Aí é que está o mal — disse Amaro —, é que nos não respeitam! Não fazem senão desacreditar-nos... Destroem no povo a veneração pelo sacerdócio...

— Caluniam-nos infamemente — disse num tom profundo o cónego.

Então junto deles passaram duas senhoras, uma já de cabelos brancos, o ar muito nobre; a outra, uma criaturinha delgada e pálida, de olheiras batidas, os cotovelos agudos colados a uma cinta de esterilidade, *pouff* enorme no vestido, cuia forte, tacões de palmo.

— Cáspite! — disse o cónego baixo, tocando o cotovelo do colega. — Hem,

seu padre Amaro?... Aquilo é que você queria confessar.

— Já lá vai o tempo, padre-mestre — disse o pároco rindo —, já as não confesso senão casadas!

O cónego abandonou-se um momento a uma grande hilaridade; mas retomou o seu ar poderoso de padre obeso, vendo Amaro tirar profundamente o chapéu a um cavalheiro de bigode grisalho e óculos de ouro, que entrava na praça, do lado do Loreto, com o charuto cravado nos dentes e o guarda-sol debaixo do braço.

Era o Sr. conde de Ribamar. Adiantou-se com bonomia para os dois sacerdotes; e Amaro, descoberto e perfilado, apresentou «o seu amigo, o Sr. cónego Dias, da Sé de Leiria». Conversaram um momento da estação, que

já ia quente. Depois o padre Amaro falou dos últimos telegramas.

— Que diz vossa excelência a estas coisas de França, senhor conde?

O estadista agitou as mãos, numa desolação que lhe assombreava a face:

— Nem me fale nisso, Sr. padre Amaro, nem me fale nisso... Ver meia dúzia de bandidos destruir Paris... O meu Paris!... Creiam vossas senhorias que tenho estado doente.

Os dois sacerdotes, com uma expressão consternada, uniram-se à do estadista.

E então o cónego:

— E qual pensa vossa excelência que será o resultado?

O Sr. conde de Ribamar, com pausa, em palavras que saíam devagar,

sobrecarregadas do peso das ideias, disse:

— O resultado?... Não é difícil prevê-lo. Quando se tem alguma experiência da História e da Política, o resultado de tudo isto vê-se distintamente. Tão distintamente como os vejo a vossas senhorias.

Os dois sacerdotes pendiam dos lábios proféticos do homem do governo.

— Sufocada a insurreição — continuou o senhor conde olhando a direito de si com o dedo no ar, como seguindo, apontando os futuros históricos que a sua pupila, ajudada pelos óculos de ouro, penetrava — sufocada a insurreição, dentro de três meses temos de novo o império. Se vossas senhorias tivessem visto como eu uma receção nas Tulherias

ou no Hotel de Ville, nos tempos do império, haviam de dizer, como eu, que a França é profundamente imperialista e só imperialista... Temos pois Napoleão III: ou talvez ele abdique, e a imperatriz tome a regência na menoridade do príncipe imperial... Eu aconselharia antes, e já o fiz saber, que era esta talvez a solução mais prudente. Como consequência imediata temos o papa em Roma, outra vez senhor do poder temporal... Eu, a falar a verdade, e já o fiz saber, não aprovo uma restauração papal. Mas eu não lhes estou aqui a dizer o que aprovo, ou o que reprovo. Felizmente não sou o dono da Europa. Seria um encargo superior à minha idade e às minhas enfermidades. Estou a dizer o que a minha experiência da Política e da História me

aponta como certo. Dizia eu...? Ah! a imperatriz no trono de França, Pio Nono no trono de Roma, aí temos a democracia esmagada entre estas duas forças sublimes, e creiam vossas senhorias um homem que conhece a sua Europa e os elementos de que se compõe a sociedade moderna, creiam que depois deste exemplo da Comuna não se torna a ouvir falar de república, nem de questão social, nem de povo, nestes cem anos mais chegados!...

— Deus Nosso Senhor o ouça, senhor conde — fez com unção o cónego.

Mas Amaro, radiante de se achar ali, numa praça de Lisboa, em conversação íntima com um estadista ilustre, perguntou ainda, pondo nas palavras uma ansiedade de conservador assustado:

— E crê vossa excelência que essas ideias de república, de materialismo, se possam espalhar entre nós?

O conde riu: e dizia, caminhando entre os dois padres, até quase junto das grades que cercam a estátua de Luís de Camões:

— Não lhes dê isso cuidado, meus senhores, não lhes dê isso cuidado! É possível que haja aí um ou dois esturrados que se queixem, digam tolices sobre a decadência de Portugal, e que estamos num marasmo, e que vamos caindo no embrutecimento, e que isto assim não pode durar dez anos, etc., etc. Baboseiras!...

Tinham-se encostado quase às grades da estátua, e tomando uma atitude de confiança:

— A verdade, meus senhores, é que os estrangeiros invejam-nos... E o que vou a dizer não é para lisonjear a vossas senhorias: mas enquanto neste país houver sacerdotes respeitáveis como vossas senhorias, Portugal há de manter com dignidade o seu lugar na Europa! Porque a fé, meus senhores, é a base da ordem!

— Sem dúvida, senhor conde, sem dúvida — disseram com força os dois sacerdotes.

— Senão, vejam vossas senhorias isto! Que paz, que animação, que prosperidade!

E com um grande gesto mostrava-lhes o Largo do Loreto, que àquela hora, num fim de tarde serena, concentrava a vida da cidade. Tipoias vazias rodavam devagar; pares de senhoras passavam, de

cuia cheia e tacão alto, com os movimentos derreados, a palidez clorótica duma degeneração de raça; nalguma magra pileca, ia trotando algum moço de nome histórico, com a face ainda esverdeada da noitada de vinho; pelos bancos de praça gente estirava-se num torpor de vadiagem; um carro de bois, aos solavancos sobre as suas altas rodas, era como o símbolo de agriculturas atrasadas de séculos; fadistas gingavam, de cigarro nos dentes; algum burguês enfastiado lia nos cartazes o anúncio de operetas obsoletas; nas faces enfezadas de operários havia como a personificação das indústrias moribundas... E todo este mundo decrépito se movia lentamente, sob um céu lustroso de clima rico, entre garotos apregoando a lotaria e a batota

pública, e rapazitos de voz plangente oferecendo o *Jornal das pequenas novidades*: e iam, num vagar madraço. Entre o largo onde se erguiam duas fachadas tristes de igreja, e o renque comprido das casarias da praça onde brilhavam três tabuletas de casas de penhores, negrejavam quatro entradas de taberna, e desembocavam, com um tom sujo de esgoto aberto, as vielas de todo um bairro de prostituição e de crime.

— Vejam — ia dizendo o conde —, vejam toda esta paz, esta prosperidade, este contentamento... Meus senhores, não admira realmente que sejamos a inveja da Europa!

E o homem de Estado, os dois homens de religião, todos três em linha, junto às grades do monumento, gozavam de cabeça

alta esta certeza gloriosa da grandeza do seu país, — ali ao pé daquele pedestal, sob o frio olhar de bronze do velho poeta, ereto e nobre, com os seus largos ombros de cavaleiro forte, a epopeia sobre o coração, a espada firme, cercado dos cronistas e dos poetas heroicos da antiga pátria — pátria para sempre passada, memória quase perdida!

A TRAGÉDIA DA RUA DAS FLORES

Primeira edição: 1877

1

Era no Teatro da Trindade. Representava-se o *Barba Azul*.

Tinha começado o segundo ato e o coro dos cortesãos saía, recuando, em semicírculo, com os espinhaços vergados — quando, num camarote, sobre o balcão, à esquerda, o ranger ferrugento de uma fechadura perra, uma cadeira arrastada, fizeram erguer, aqui, além, alguns olhares distraídos. Uma senhora alta, de pé, desapertava devagar os fechos de prata de uma longa capa de seda negra, forrada de peles escuras. Tinha ainda o capuz descido sobre a testa, e os seus olhos negros e grandes, que as olheiras, de um bistre ligeiro, ou desenhadas ou naturais,

faziam parecer mais profundos e mais sérios, destacavam num rosto aquilino e oval, levemente amaciado de pó de arroz. Uma mulher esguia e seca, com um cordão de ouro do relógio caído ao comprido do corpete de seda chato, desembaraçou-a da capa. E ela, com um movimento delicado e leve, sentou-se, e ficou imóvel, de perfil, olhando o palco.

Fez logo *sensação*, no público amodorrado. «Binocularam-na à carga cerrada», como disse o poeta Roma, autor estimado dos *Idílios e Devaneios*. Mesmo um sujeito gordo, por baixo do camarote dela, ao torcer o corpo num movimento brusco de curiosidade, escorregou no degrau do balcão, caiu. Houve risadas. Ela debruçou-se, e — enquanto o sujeito gordo, muito vermelho, esfregava os rins,

furioso — falou, sorrindo, à mulher esguia, que se conservava direita, sentada à beira da cadeira, com um respeito de aia e uma rigidez de devota. Tinha um nariz carnudo e vermelho, o cabelo muito acamado pela escova, e o seu sorriso condescendente mostrava largos dentes carnívoros. Parecia evidentemente uma governanta inglesa. E, para olhar para o palco, assentou cuidadosamente uns óculos.

Murmurou-se logo no balcão que a *estrangeira* devia ser a Princesa Breppo: uma parenta pobre e remota da Casa de Saboia. Mesmo a condessa de Triães, ressequida como um galho murcho, com uma camélia branca nos seus cabelos grisalhos, excogitou logo se «el-rei daria por ela». Mas o rei conservava-se imóvel,

com os braços assentes sobre o rebordo do camarote, de lunetas azuis, e os ombros cobertos por vastas dragonas de almirante. E a rainha, muito graciosa, de roxo, com os dedos, onde reluziam pedrarias, apoiados à face, seguia, sorrindo, as pernadas grotescas do conde Óscar. «Não davam pela princesa.» Ela, todavia, dizia-se, era esperada em Lisboa, de passagem para o Brasil, onde a levava a intratabilidade dos credores, a curiosidade botânica pela flora da América, e o seu tédio da Europa.

Era um benefício: havia enchente.

Num camarote, vestida de cor de lilás, com o cabelo enchumaçado em capacete, estava a viscondessa dos Rosários, branca e gorda, cuja virtude escandalizava Lisboa a ponto de se gritar

dela, com impaciência e cólera: «Que estúpida! Que estúpida, santo Deus!» Ao lado, escondia-se por detrás de um largo leque negro a menina Guiamá, da Baía, cujas meias de seda, muito mostradas, excitavam na população a lubricidade mais indomável. Defronte, no meio da sua família, respeitável e religiosa, sorria a menina Mercês Peduão, a Mercesinhas, que, dizia-se, dava a todos os menores de cinquenta e cinco anos, que se lhe aproximavam, os afagos refinados de uma voluptuosidade prudente. E no camarote do fundo, com diamantes nos peitilhos, estavam dois pretos tristes.

No balcão, via-se o esbelto padre Aguado, de lunetas de ouro, com a coroa disfarçada, muito aplaudido no Martinho quando, às nove horas, bebia *chartreuse*

amarela achincalhando os dogmas; o deputado Carvalhosa, ainda amarelo dos vícios que amara na Universidade; o estimado poeta Roma, que nos seus dias alegres inventava palavras picarescas, nos seus dias «spleenáticos» cantava o luar nos vales e o seu amor por duquesas — e, ou triste ou jovial, não despegava do crânio cheio de caspa as unhas cheias de lodo.

De um camarote a outro, ia o bom Baldomiro, calvo e rapado, com o seu passinho saltitante, um rebolar doce de quadris, dizendo expressões suaves com uma voz de cigarra, muito atento à prática dos jejuns, muito querido da aristocracia devota. As senhoras sorriam ao ilustre pianista Fonseca, que ajeitava constantemente os seus óculos de ouro, e

na véspera publicara uma valsa, *O Trono*, oferecida a Suas Majestades. E era muito observado o social Padilhão, querido pelo seu talento em imitar atores, animais, uma locomotiva silvando, e o som triste de um oboé. Havia um camarote ruidoso apinhado de espanholas caiadas. Na plateia, enterrada em baixo, de um tom neutro e escuro, reluziam charlateiras de alferes.

Abafava-se, na mistura das respirações e na opressão. Os gordos suavam. Corriam palpitações de leques. Mãos calçadas de luvas cor de sangue de boi, fundo de garrafa ou gema de ovo, cofiavam cerimoniosamente enormes peras aguçadas. Nas varandas, uma criança chorava obstinadamente. E a gente anónima, que digere, procria e morre,

anonimamente, fazia errar os olhos muito negros aqui e além, sem ideia.

A estrangeira agora tomara o seu binóculo, e fixara, um momento, a rainha, os penteados enchumaçados e floridos das senhoras, o perfil fino e galante de D. João da Maia, e as meninas espanholas. De vez em quando, sorrindo, falava à governanta magra. Estava vestida de seda cor de pérola, com um pequeno decote quadrado. Era loura ou pintada de louro, e sobre o colo, de uma cor de leite cálido, pousava, preso por uma fita clara, um medalhão de esmalte negro, orvalhado de diamantezinhos.

Dois homens, sobretudo, no balcão, pareciam fascinados por ela: um, muito demonstrativamente, remexendo-se na cadeira, polindo os vidros do binóculo,

fitando-a, de cotovelos no ar. Era um sujeito de trinta anos, baixote e roliço, com um buço negro, num rosto balofo. Chamava-se Dâmaso Mavião. Dizia-se familiarmente «o Dâmaso». Era rico, muito estimado. Seu pai fora agiota, mas ele usava no dedo um anel de armas: eram, quase sem modificação, as armas do conde de Malgueiro, jogador decrépito e borrachão embrutecido, a quem Dâmaso, por chique, dava placas de cinco tostões. Tinha uma calça cor de avela, e o colete aberto deixava ver um peitilho reluzente, cujos botões eram mãozinhas de coral sustentando lapiseiras de ouro.

O outro — um rapaz de vinte e três anos — admirava-a, imóvel, com os braços cruzados, estudando-a com a aplicação que se dá a um quadro ilustre.

Nunca vira decerto, pensava, uma beleza tão atraente e desejável, um esplendor igual ao da sua pele branca e quente, tão belos movimentos de pálpebras, com pestanas tão longas. A linha do pescoço e do seio excedia o que ele observara no peito das estátuas ou de gravuras, e a massa do seu cabelo louro parecia-lhe dever ser pesada e doce, quando se apanhasse nas mãos, e ter o calor macio das coisas vivas. A sua carne devia ter sensibilidades excecionais, elasticidades para fazer tremer um homem, e exalar subtilmente um aroma. Na seda mesmo que a cobria imaginava uma vitalidade, e como outra forma da sua pele. Nunca observara em nenhuma mulher aqueles movimentos de pescoço, tão doces que não se percebia o jogo dos músculos. E

quando ela descalçou a sua luva de dezoito botões, ficou pasmado para a sua pulseira: uma cobra que se lhe enroscava no braço em cinco voltas, e parecia pousar com delícia, sobre a carnação branca, a sua cabeça chata, onde reluziam dois grossos rubis, como olhos ensanguentados.

Dâmaso dissera-lhe, com autoridade, que «positivamente era princesa», e àquela ideia, sentia-a infinitamente distante de si, como perdida num fundo de glória, com a altivez das famílias históricas e a inacessibilidade das rainhas. «Qual seria o seu passado o som da sua voz, a maneira de sentir? Teria amado? Quem?...» E não a concebia noutras atitudes que não fossem cerimoniosas e ricamente vestidas. Não a

podia compreender num fundo de alcova, numa brancura de camisa. «O seu meio eram as altas salas adamascadas, onde pendem estandartes legendários, e semicírculos de pajens se curvam. Porquê estava ali então, num camarote do

Trindade, com uma aia feia? Teria as simplicidades de um coração poético? Poderia amar *um qualquer!* Que formas tomava o seu amor, com que delicados gestos se abandonava, com que palavras finas? Ela devia inspirar fanatismos como uma religião. Quem é que possuía semelhantes criaturas?...»

Pensava assim, vagamente, porque era de temperamento sentimental e melancólico. Chamava-se Vítor da Silva. Era bacharel em Direito, vivia com seu tio Timóteo, e praticava no escritório do

soturno Dr. Caminha. Tinha trazido da Universidade, e das convivências literárias, um vago romantismo, um tédio da atividade e da profissão, e uma tristeza mórbida. Lia muito Musset, Byron, Tennyson. Ele mesmo fazia versos. Publicara, aqui e além, em jornais, em semanários, poesias — *O Sonho de D. João*, *Flores da Neve* —, alguns sonetos. Compusera ultimamente um poemeto sobre o rei Artur, a Távola Redonda, os amores de Lançarote e o Santo Graal. A vida real, em redor, dava-lhe a melancolia de uma imperfeição bruta. Não desesperava de encontrar uma amante como Julieta. Ao contacto de realidades muito fortes, perdera já algumas superstições românticas; mas a falta completa de ironia fazia-o persistir na

veneração do ideal. Levantava-se tarde. Odiava os autos. Era republicano. E era janota.

— Olha que ela percebe o português! — exclamou de repente Dâmaso, com um brusco cotovelão.

— Porquê?

— Está-se a rir, olha. Está-se a rir do Isidoro.

O segundo ato terminava. O regente, aos pulinhos, brandia a batuta; os arcos das rabecas subiam, desciam, com o movimento de serras apressadas; agudezas de flautins sibilavam; e o bombo, de pé, de óculos, com o lenço tabaqueiro deitado sobre o ombro, atirava baquetadas à pele do tambor, com uma mansidão sonolenta. Sobre o palco, Carlota, muito escangalhada, arrastando

aos sacões através da corte a sua cauda enxovalhada, gania:

Aquela gorda varina,
Aposto que é Clementina.

E os coristas, com grenhas desmazeladas, escandalizavam-se, pausadamente, erguendo ora um braço ora outro, com rigidezes de articulações de pau. A rainha gorda, escarlate, suava. El-rei Bobeche babava-se. E as palmas e gargalhadas romperam, quando ele e o conde Óscar, torcendo-se de facécia nas poltronas reais, colaram, um contra o outro, as solas dos sapatos, fazendo as pernas convergentes de um W patusco!

O pano caiu. Um rumor ergueu-se. Saía-se. Pessoas respiravam, encalmadas;

leques batiam. E, pouco a pouco, nos camarotes, no balcão, ficou-se em silêncio, olhando com um cansaço morno, bocejos leves, uma vaga aplicação de binóculos, aqui, além.

A porta do balcão, um grupo examinava a estrangeira. Faziam-se comentários. Seria a princesa? Mas um sujeito afirmou que a princesa era uma velha baixinha, com um chinó. Devia ser talvez, então, a dama nova, que vinha para S. Carlos. E um indivíduo grosso, um pouco gago, que penetrara no grupo, fitou, e disse com autoridade:

— Aquilo é gado.

Como era uma pessoa que tinha ido a Madrid e a Paris, em comissões do Governo, a sua decisão sobre deboche ou sobre cozinha eram muito acatadas. E dois

brasileiros, de dorsos pesados, afastaram-se com tédio, murmurando:

— São destas francesas qu*i* vêm a ver *si* arrecadam. Como há tantas no Rio! Tantas no Rio!...

Mas todos concordavam «que era de apetite»: O seio era muito gabado. Um rapaz macilento, de jaquetão abotoado, chapéu de abas direitas como um prato, e uma bengala de castão homicida, fez luzir os olhos em redor, dizendo, numa frase curta e rouca, «o que faria se a pilhasse a jeito». Discutia-se, em tons altos, se era loura ou pintada de louro. Como eram todos íntimos, diziam-se familiarmente: «seu asno», «seu alarve». Um advogado, irritado, apostou duas libras que era tingida.

Ela, no entanto, fora sentar-se ao

fundo do camarote, falando a espaços com a inglesa, numa atitude fatigada, com pequeninos bocejos que a sua mãozinha comprimia — o que punha, no fundo escuro do camarote, vagas cintilações de pedras finas. Vítor da Silva, que a não podia ver bem assim, ia erguer-se, para se sentar adiante, na extremidade do balcão, quando viu entrar no camarote dela um homem muito conhecido, o Joaquim Marinho.

Marinho era de Trás-os-Montes, mas havia anos vivia em Paris. O seu património tinha sido uma tira de má terra ao pé de Bragança, mas os seus amigos — que diziam dele, com uma voz respeitosa e erguendo as sobrancelhas: «É um *finório*» — afirmavam que ele enriquecera em Paris. E falava-se com

seriedade nos «fundos do Marinho». Era baixo, delgado, com uma calva grave, e bela barba alourada. Tinha o pé pequenino, e andava sem ruído, desapercebido, deslizando. Tinha um sorriso cortesão e, falando, esfregava docemente as mãos. A sua polidez era tão refinada que embaraçava. Tratava todas as pessoas por «meu excelente amigo». Trazia o bolso cheio de pastilhas de chocolate, para as senhoras. Era tão serviçal que se oferecia com júbilo a ir deitar uma carta ao correio, ou despachar um caixote à alfândega. Se, diante dele, um par do Reino, um diretor-geral, falava, ou do tempo ou dos toiros, ele escutava com os olhos arregalados, mordendo o beiço inferior, como na admiração assustada de uma sabedoria sobrenatural.

Oferecia cerveja a capitalistas no Baltreschi. Com os rapazes, tinha palavras paternais, passava-lhes a mão pela cinta, cochichava brejeirices sobre dançarinas. Usava sempre paletós magníficos e, se lho gabavam, tirava-o logo, mostrava o pano a uma luz favorável, o forro, a solidez das costuras, e dizia baixo:

— Uma bagatela. É a primeira vez que o ponho. Cinco libras.

E fazia sempre «o negócio». Dizia-se dele: «O Marinho? O Marinho é a joia de Lisboa!» Jantava quase sempre fora. E queixava-se de nevralgias.

Vítor estava surpreendido da sua familiaridade com a estrangeira: tinha-lhe apertado as mãos muito risonho; apossara-se do seu binóculo; dizia-lhe

segredinhos; ela ria. «Positivamente não era a princesa.» E uma vaga alegria sobressaltou-o. Foi também a opinião de Dâmaso que, da porta do balcão, com outros, olhava, torcendo o buço:

— Com aquela intimidade com o Marinho, não pode ser a princesa.

E decidiu-se que devia ser a dama nova de S. Carlos.

— Então temos mulher — exclamou Dâmaso. — Se se fizer fina, escacha-se com pateada.

E para o rapaz macilento, de bengalão homicida:

— Tu arranchas, visconde?

— Liró! — respondeu o outro com a voz roufenha. Queria dizer «sim».

Mas o ilustre pianista Fonseca, atarracado, com as mãos atrás das costas,

disse que a dama nova era uma magra, baixa, com o cabelo como azeviche.

O Marinho, então, é que havia de dizer. E como ele saía então do camarote da estrangeira, vieram ao corredor, cercaram-no:

— Quem é? Quem é?

Ele sorria, radioso, esfregando as mãos:

— Seus curiosos! Seus curiosos!

— Não te faças tolo, ó Marinho — disseram.

— Largue para aí tudo, sô Marinho!

Ele passava a mão pela barba, com risos mudos, a cabeça de lado. E confidencialmente:

— Uma senhora da primeira sociedade. Da primeira!...

— Francesa?...

— Isso agora... — sorria, defendia-se.

Pessoas em bicos de pés formavam grupo. Um camarista d'el-rei, amável, subtil, estendia a orelha, risonho. E um velho caquético, surdo, com um enorme claque de cetim, fazia repetir as palavras de Marinho por um homenzarrão de pera aguda, que se curvava respeitoso, e dizia: «Senhor Conde»...

Enfim, Marinho, muito solicitado, as costas contra a parede, debaixo de um bico de gás, raspando a cal com uma das solas, «largou tudo»: «Tinha-a conhecido em Paris, em casa da Baronesa de Villecreuse, pessoa muito respeitável, separada de seu marido; que vive nos Campos Elísios, a dois passos de

Madame de Sagan.» E para um sujeito barrigudo, pomposo, de barba grisalha:

— Tu sabes, Vasconcelos...

O sujeito respondeu, com uma áspera voz de grilo:

— E eu que me pelo pelo sítio...

— Pois foi aí que a conheci. Convidou-me, jantei algumas vezes em casa dela. Chama-se Madame de Héronville. É portuguesa, da ilha da Madeira. O velho Héronville, um maganão, era um senador do Império. Comia-se naquela casa!... — e pôs os olhos em alvo, num enlevo — Os Héronville são uma família antiquíssima de Normandia. Quando foi aquela desgraça de Sedan, o velho foi para a Bélgica, e lá morreu. É tudo o que sei dela. Chama-se Genoveva.

Então alguém perguntou:

— E a outra mulher?

— Dama de companhia, espécie de aia. Uma inglesa. Lá vou! Lá vou! — era respondendo a Dâmaso, que se afastava e lhe fazia pst, pst!

A campainha tocava. Dispersaram-se. E Marinho, indo passar o braço pela cinta de Dâmaso:

— Que é? Que é?

— Ó Marinho, aquilo é mulher de...?

O outro abriu os braços, baixando a cabeça:

— *Chi lo sa*?

E Dâmaso, mais baixo, prendendo-o pelo botão do casaco:

— Tu podias-me apresentar, hem?

— Perfeitamente! Perfeitamente!

Ela até me pediu que no outro intervalo lhe levasse alguém... Ele não é da etiqueta apresentar num teatro... Mas aqui... E ela pediu-me, de resto.

A orquestra acompanhava a ária:

Novos amores,
Colher as flores...

— Então logo — disse Dâmaso.

Mas Marinho deteve-o e, levando-o pelo braço ao comprido do corredor, falava-lhe, curvado, urgente.

— Mas para quando? — perguntou Dâmaso.

— Se pudesse ser amanhã — respondia Marinho. — Eu passo por tua casa. Tu desculpa, mas realmente estou atrapalhado... E por uma bagatela, uma

ridicularia! Coisas do país. Quando é que num hotel em França se ia importunar um cavalheiro, uma pessoa conhecida, por uma miséria de sessenta e dois mil réis! Porcarias! Amanhã, hem? E, logo, vamos à mulher, antes do fim do ato. E atira-te! Atira-te!

Esfregou muito as mãos, com um risinho mudo. E foi ao camarote da viscondessa dos Rosários, da «nossa virtuosa beleza», como ele dizia, curvando-se.

Dâmaso entrou no balcão, triunfante. Deitou logo um olhar para Madame de Héronville, como para tomar posse dela. Começou a calçar as luvas, e inclinando-se para o ouvido de Vítor:

— O Marinho vai-me apresentar! — e contou-lhe que era uma condessa,

uma parisiense, de um chique! e portuguesa, quem diria! — Soberba mulher! Dava-lhe o que ela me pedisse!

Estava muito seguro de si. Em geral achavam-no «janota», e diziam dele: «O diabo do Dâmaso nunca está sem mulher!» Uma atriz gorda do Príncipe Real, fada de mágicas, por ele, tomara cabeças de fósforos. Era muito disputado entre as espanholas. E o episódio aristocrático da sua carreira sentimental fora em Sintra, quando o social Padilhão o surpreendeu nos Capuchos com a Condessa de Aguiar. A condessa era, é ainda, como um prato de mesa redonda: o que a recebe do seu vizinho da direita, serve-se e passa-a ao seu vizinho da esquerda. Desde então Dâmaso fitava as mulheres de frente, torcendo o buço. E

quando, às três horas, fazia caracolar o cavalo pelo Largo dos Mártires, sentia Lisboa às suas ordens!

Vítor, calado, agora achava-a mais cativante. «Vivera em Paris», pensava, «num elemento original e superior. Fora às Tulherias, e sobre aquelas belas espáduas pousara, decerto, o olhar abatido e poluinte do velho Imperador taciturno.

Conhecera os autores ilustres, visitara os *ateliers* memoráveis.» E o que ele lera ou ouvira de Paris agrupava-o em torno dela, como uma decoração natural. E via-a vagamente confundida ao espírito de Dumas Filho, às gravuras de Doré, à música de Gounod, aos velhos generais do Jockey Club, e aos requintes do Café Inglês — formação adorável de uma

civilização superior.

No entanto, no palco, cinco mulheres enxovalhadas, de cabelos ignobilmente riçados, com decotes lassos que descobriam clavículas necessitadas, cantavam em linha, com tons agudos, num ritmo pulante:

Mortos desta cova,
Surgi pa-ra a vida,
pa-ra a vida,
pa-ra a vida!...

E, da porta do balcão, Marinho, em bicos de pés, fazia acenos a Dâmaso. Ele reparou, precipitou-se, pisou uma criança que fez beicinho, derrubou o binóculo de uma senhora obesa. Ia pálido. Mesmo uma velha, que se repimpava por

trás de Vítor, disse com satisfação:

— Deu-lhe alguma cólica.

— Poem-se a comer neves... — rosnou a outra, cujo génio parecia amargo.

E as cinco magricelas, em fila, retomando o quinteto, ganiam:

Mortos desta cova,
Surgi pa-ra a vida,
pa-ra a vida!

Marinho entrou com Dâmaso no camarote de Madame de Héronville, apresentou-o, e saiu recuando, subtilmente. Ela teve para Dâmaso um movimento muito ondulado do pescoço e, indicando a inglesa:

— Miss Sarah Swan...

Dâmaso recurvou-se. Estava

vermelho.

— *Do you speak english?* — perguntou-lhe Miss Sarah.

— Aprendi no colégio, mas estou muito esquecido.

Miss Sarah arreganhou os beiços num sorriso, tossiu e, ajeitando os óculos, fixou o palco. Madame de Héronville voltou-se então, de leve, para Dâmaso — que se apressou a perguntar-lhe:

— Vossa Excelência tem gostado?

— Sim. Muito bem. — Afetava um acento arrastado estrangeiro.

— Conhecia a peça?

— Ouvi-a em Paris, nas Variétes, creio.

— Muita diferença, naturalmente!... — sugeriu Dâmaso.

Ela concordou polidamente, com

um sorriso mudo.

Houve um silêncio. Dâmaso, mais vermelho, passava devagar os dedos pelo buço. Tinha um suorzinho na espinha.

Mas o pano desceu, o rumor do entreato recomeçou. Madame de Héronville veio sentar-se ao fundo. E, ao roçar por Dâmaso, a nobre beleza da sua pessoa, o frufru das sedas, a penetração de um aroma, fizeram-no maquinalmente vergar os ombros. Viu então que alguns vidros o observavam. Quis parecer animado, chique; e com a voz muito lançada, o gesto arqueado:

— Vossa Excelência chegou há muito?

Ela verificou com Miss Sarah, em inglês, a data, e disse:

— Há cinco dias.

E Dâmaso, então, com um repentino fluxo labial, acumulou as interrogações: «Se era a primeira vez que vinha a Lisboa. Era: fora da ilha da Madeira para Londres, de lá para Paris... Se gostava de Lisboa. Muito. Se já vira o Passeio, S. Carlos. Sim. Se fora a Sintra. Não.»

Estava um pouco estendida na cadeira, as mãos caídas no regaço, sustentando o leque fechado. Tinha as mãos finas, brancas, mas fortes — como desenvolvidas pelo hábito das rédeas e pela atividade dos costumes.

Dâmaso então ofereceu, no caso que ela quisesse ir a Sintra, a sua casa em Colares. «Era uma casa de estudante...» Mas vendo o seu olhar levemente surpreendido, corou, atalhou:

— Eu agora estou em Lisboa. No inverno vivo sempre em Lisboa.

— Perdão — interrompeu ela —, quem é aquela senhora, de azul-escuro, defronte?

Era a condessa de Val-Moral. Dâmaso deu-se como íntimo. «De resto podia fazer-lhe a biografia de Lisboa, afirmou. Conhecia. Se conhecia!... É conhecido, então!...» Animava-se. Citou outras senhoras. Achou elegante aludir a escândalos. Indicou-lhe «alguns rapazes de sociedade». Falou de toiros. Imitou mesmo o ator Isidoro...

Ela disse vagamente, abrindo o leque com um gesto cansado:

— Tem graça!...

Dâmaso ficou seguro de que lhe estava a fazer «uma impressão dos

diabos». Excitou-se: tirou as luvas; pediu-lhe para examinar os desenhos do leque; e mesmo, para lhe falar, com o cotovelo no rebordo do camarote, voltava um pouco as costas ao balcão.

De todas as senhoras que estavam, dizia ela, a mais senhora, a melhor, a *única*, era a rainha. E pondo dois dedos na testa um pouco franzida:

— De que família é ela?

Dâmaso apressou-se a dizer que era da Casa de Saboia, filha de Vítor Manuel.

— Ah sim, louca que eu sou! É irmã de Humberto... Bravo rapaz, não é verdade?...

— Diz que sim, diz que sim... Todos eles, todos eles...

— Montava muitas vezes a cavalo

com ele, há dois anos, em Paris, de manhã. Não é costume em Lisboa passear-se de manhã a cavalo?

— Oh, pois não!

Citou logo os seus cavalos. Tinha três: o de sela e os do faetonte. E um de serviço para o coupé, à noite.

Falaram de corridas. Ela assistira ao *derby* em Epsom... E Dâmaso gabou logo as corridas de Belém: ouvira dizer a estrangeiros que, como vista de hipódromo, não havia melhor no mundo... De resto, era tal qual como lá fora...

— Até, entre nós, na pesagem, falamos sempre inglês.

E recostando-se cofiou o bigode.

Então Madame de Héronville quis saber quem eram aquelas senhoras que estavam no... no 20 da segunda ordem.

Eram as raparigas espanholas. Tinham camélias em penteados disformes, camadas de pó de arroz nas caritas redondas. A cada momento a porta do camarote batia. E elas cochichavam, agitavam-se, batiam desesperadamente os leques, e, debruçadas, sondavam o balcão, a plateia, com olhares devoradores. E de repente, para parecerem, imobilizavam-se em atitudes de uma rigidez idiota.

Dâmaso olhou, sorriu, fez-se embaraçado, quis ser maligno:

— São... — e com um francês de sílabas escancaradas: — São o *demi monde*.

— Ah! — e Madame de Héronville tomou tranquilamente o binóculo, demorou-o sobre as espanholas.

— Uma não é tão feia — disse.

— A Lola! — exclamou involuntariamente Dâmaso; mas mordeu o beiço, fez-se escarlate.

E Madame de Héronville perguntava:

— Há aqui restaurantes onde se vá cear depois do teatro, alguma coisa no género do Café Inglês, da Maison d'Or?

— Infelizmente, não! O país está muito atrasado. Temos o Mata, temos o Silva.

— E a que missa é costume ir?

Dâmaso aconselhou-lhe a da uma hora, ao Loreto. Havia muito boa roda...

No entanto, a inglesa conservava-se calada. Às vezes, voltando-se para Madame de Héronville, abria sem razão um sorriso humilde; ou, erguendo o

binóculo, fixava-o num homem; e logo retomava uma imobilidade severa, fitando os seus olhos de um azul baço, vagamente, em pontos no ar. Madame de Héronville bocejava, de leve.

— Estou um pouco cansada. — disse. — Levantei-me cedo, para ir acompanhar uma pessoa amiga ao paquete que saiu para o Brasil.

— Ah sim, hoje saiu o paquete...

E, como a orquestra afinava, Dâmaso ergueu-se:

— Um criado de Vossa Excelência...

— No Hotel Central, das duas às quatro — e fez-lhe uma curta inclinação de cabeça.

Dâmaso voltou ao balcão radioso; e, atirando-se para a cadeira, baixo, a

Vítor:

— Tenho mulher.

E logo, recostando-se, começou a «fazer-lhe olho».

Mas Madame de Héronville erguera-se subtilmente, e num instante ficou envolvida na sua peliça de seda, com o capuz sobre o rosto.

Dâmaso ergueu-se, agitado:

— Anda daí — disse ele a Vítor. — Anda daí, homem.

Desceram, colocaram-se em baixo, à porta. As lanternas das carruagens, que esperavam, luziam na rua escura. Garotos, de cigarro ao canto da boca, esperavam. O peristilo estava deserto, com as suas paredes cobertas de anúncios de almanaques e de empresas tradutoras. No café, um criado encostado

a uma coluna, sob o bico de gás, lia um jornal enxovalhado; outro dormitava, estendido sobre o mármore de uma mesa; e do fundo vinha o ruído monótono de carambolas no bilhar. Mas houve um frufru de sedas. Era Madame de Héronville. Era alta, a sua peliça muito longa, e apanhando a cauda do vestido, descobria a renda das saias, e meias de seda preta.

Dâmaso adiantou-se. E ficaram conversando, à porta, enquanto um garoto corria desesperadamente pela rua, ganindo pelo «cocheiro do Hotel Central!». Vítor, ao pé do guarda-vento, com o coração alvoroçado, embrulhava nervosamente um cigarro. A brancura de saias que via, a sua estatura nobre, os ricos bordados da peliça, perturbavam-

no, como uma presença superior. Dâmaso bamboleava o corpo, batendo com a badine nas calças. Pareciam falar do tempo. A noite estava escura, com uma palpitação fria de estrelas.

Mas então Madame de Héronville voltou-se, e pareceu reparar em Vítor. Mesmo os seus olhos negros, que reluziam, pareciam maiores debaixo do capuz, pousaram-se um momento nele. Mas o garoto chegava esbaforido, atrás o coupé da Companhia.

Dâmaso arqueou o braço; e ela, no movimento de apanhar melhor a cauda, tomou a voltar-se, e fitou Vítor, diretamente. Ele ficou todo suspenso, com o coração surpreendido. A portinhola bateu.

— Vamos cear ao Mata, hem? —

disse Dâmaso. E descendo a rua, assobiava, satisfeito, a marcha do Fausto. Vítor ia calado: sentia o sangue correr-lhe nas veias com uma vivacidade imprevista. Carruagens saíam de São Carlos; grupos passavam, onde capas de mulheres alvejavam. E ele achava Lisboa interessante. Quereria publicar um poema, ou ser aplaudido num teatro, e ser na cidade uma pessoa essencial.

Quando entraram no Mata, o criado veio, bocejando, abrir na sala o bico do gás: uma luz crua, um pouco trémula, bateu as paredes, o teto baixo. E com uma voz enfastiada:

— Então que hão de querer os senhores?

Dâmaso, defronte do espelho, examinava-se, torcia o buço. Sentia-se

estroina, vivo, cheio de energias.

— Vá, então que hão de querer? — repetiu a voz sonolenta.

Viram a lista, decidiram-se por dois meios bifes.

Dâmaso sentou-se defronte de Vítor e, com os cotovelos na mesa, fixando-o muito:

— Que soberba mulher! Caramba, menino, olha que eu tenho sorte!

E, desdobrando o guardanapo, gritou, com um movimento estroina:

— E colares branco, ó Manuel!

2

Quando ao outro dia, às onze horas, Vítor desceu para o almoço, já o seu tio Timóteo estava na sala, ao pé da vidraça aberta à manhã luminosa, na sua larga poltrona, lendo os jornais, com uma perna dobrada sob o corpo, à oriental, a outra — que era de pau — pousada sobre o poial da janela. Moravam na Rua de S. Francisco, um pouco adiante do Grémio, no terceiro andar. Era nos princípios de dezembro; o inverno ia muito seco, com um ar fino e são, céus muito azuis, um bom sol para os velhos.

O tio Timóteo tinha sessenta anos. Era pequeno e magro, falador e arrebatado. O seu rosto móbil tinha uma

cor queimada, os ossos faciais salientes, «olhinhos faiscantes». Uma gaforinha branca colocava-se-lhe na cabeça, e as suíças curtas, brancas também, vindo ao centro da face, eram de um corte atrevido. Era um juiz aposentado. Toda a sua carreira fora feita no Ultramar: estivera sobretudo muito tempo na Índia, onde perdera a perna, numa caça aos pássaros — o que o irritava, porque, dizia ele, «devia-a ao menos ter deixado nas goelas de um tigre». Todo o seu temperamento fora sempre mais guerreiro que jurídico. Em Coimbra era desordeiro e jogador de pau; e no seu tribunal, mais tarde, tinha punhadas sobre a mesa que faziam empalidecer as caras acobreadas dos advogados indígenas. Vivera, em todas as comarcas, em conflitos permanentes com

as autoridades: espancara mesmo um secretário-geral da Índia, sujeito pacífico, que compunha odes e sofria dos intestinos. Mas estimavam-no pela sua honradez severa, e porque, sob aqueles ímpetos exteriores, era cheio de bondade, de piedade, com certos tons de sentimento muito finos. Era um grande amante dos fracos, e intervinha por eles com atrevimentos de paladino: uma ama que na rua sacudisse uma criança, um carreiro que tiranizasse um boi, um garoto que escaldasse um gato, tinha logo ao pé a voz trovejante de Timóteo e a sua bengala de castão de prata. Sua mulher, uma excelente senhora macaísta, deixara-lhe oitenta contos; o que o habilitava, dizia ele, «a ter tipoia e sobrinho». A sua afeição real era Vítor; a sua admiração, a

Inglaterra — assinava o *Times* e lia-o todo, devotamente; e o seu companheiro era um cão, um *retriever* inglês chamado *Dick*. Timóteo era um grande madrugador, sectário da água fria, interminável fumador de cachimbos e bebedor de grogues. Detestava os padres, e dizia que «todo o homem que aos vinte e cinco anos nem era casado nem tinha uma amante — era sujo».

— Quem é esta Princesa Breppo? — perguntou ele, com um tom arrenegado, mal Vítor entrou. E fixava severamente o *Diário Popular*, com grandes lunetas de tartaruga.

— Porquê? Que diz?

Timóteo leu:

— «Acabamos de chegar do Teatro da Trindade, onde o benefício»,

etc., etc… Ah! «Num camarote via-se uma formosa senhora estrangeira, que nos afirmaram ser a princesa Breppo.»

— Ah, não! Dizia-se, mas não é. Era uma senhora francesa, uma Madame de Héronville...

— Estes bisbilhoteiros destes jornais!... — rosnou Timóteo.

Vítor aproximara-se da janela, bocejando. Dormira mal.

Tinha saído do Mata às duas horas, e nervoso, pesado da ceia, toda a noite sonhara com Madame de Héronville, com personagens da *História da Revolução Francesa* de Michelet, que andava lendo, e com recordações das poesias de Tennyson. Era numa rua do Bairro Alto — e alguém o queria apresentar a Madame de Héronville. Mas,

quando iam a apertar as mãos, alguma coisa de inesperado passava violentamente entre eles: primeiro fora o Cavaleiro da Távola Redonda, Sir Galahad, com o lírio no escudo, a sua armadura de prata, pluma branca no elmo, que os separou, dizendo: «Eu sou forte porque sou virgem, ando à procura do Santo Graal, e destruo os amores culpados.» Depois fora uma manada de carneiros muito brancos, com os dorsos algodoados muito unidos, balando tristemente, exalando aromas de pastagens; e eles, por cima do rebanho, estendiam os braços, mas não podiam unir as mãos; mas enfim iam enlaçar-se, quando uma carreta a trote fez a rua estreita sonora. Povo cercava-a gritando. E, sacudidos pelos solavancos, com os

rostos altos, três homens iam de pé na carreta. Um era Camilo Desmoulins, que chorava: «Oh, Lucile, Lucile!»; outro era Danton, sorrindo soberbamente; e o terceiro era seu pai — seu pai que apenas conhecia do retrato que ali estava na sala de jantar —, seu pai, vestido como um Convencional, o olhar sepulcral, uma trança de cabelos negros de mulher apertada contra o peito.

E Vítor espreguiçava-se, cansado ainda destes sonhos. Um canário, na gaiola suspensa à janela, pôs-se a cantar estridentemente.

— Cale-se! — berrou o Timóteo.

O canário emudeceu. E Timóteo, erguendo-se, com um ruído seco da sua perna de pau:

— Querem ver que o pobre

animalzinho não tem painço nem água! Clorinda! — berrou.

Uma mulher rechonchuda e fresca, veio.

— Então são onze horas, e estes pássaros não têm água fresca nem comida?! Nada de tolices, Clorinda, hem! E o almoço para nós!

E dirigindo-se à mesa, apoiado à bengala, com o jornal na mão:

— Então não era princesa, hem? Pudera ser. Sabem lá nada! — E revirando o periódico, sacudindo-o: — Se isto é um jornal! Aqui estão os artigos, as informações, as críticas: «Foi aprovada a tarifa especial n.º 1» não sei de quê... «Foi despachado aluno pensionista do instituto o senhor» não sei quem... «Parece que o senhor» fulano de

Tal «não quer ir para Mirandela conservador»... O Sr. Cicrano «vai fazer leilão da sua casa de penhores»... «Foi aceite pela Câmara de Vila Nova de Famalicão a proposta do marchante Fernandes, João»... Etc. Isto é extraordinário... Tudo assim, do princípio ao fim... E duas colunas de: «Partiu», «Chegou», «Faleceu», «Faz anos»... Burros! E há três dias que não recebo o *Times*... E é um país, isto! Clorinda! Estes ovos começavam a estar duros, Clorinda!

Pusera a bengala entre os joelhos, atara o guardanapo ao pescoço e dava torradas a *Dick*, que, sentado ao lado, fitava olhos sôfregos, batendo a cauda no chão. E encarando Vítor:

— Que diabo tens tu, homem? Estás amarelo! A que horas entraste? A

que horas o sentiu você, Clorinda?

A excelente mulher sorria finamente.

— Vim às duas horas, tio Timóteo, e estive ainda a ler.

— E querem ter saúde! — exclamou o tio Timóteo, batendo com o talher na borda do prato. — E não querem ter nada na espinha! Arrasa-te, homem! Arrasa-te! Aos trinta e cinco anos hás de ter pés-de-galinha, corcovar, sofrer dos rins, e olhar para as mulheres... de longe, desinteressado da questão, inteiramente desinteressado.

Vítor riu:

— Estive a ler o que, antes da Revolução, os seus amigos senhores feudais, abades e bispos faziam aos servos: bastonadas, torturas, forcas, um

horror...

— Era mal feito. — rosnou Timóteo — O servo, o trabalhador, é homem: deve merecer os respeitos do homem. Se fossem negros ou índios, não digo...

Vítor protestou, escandalizado:

— O quê? Os índios?! Uma raça nobre!

— Tolices. Quem chama a um índio um homem ou nunca viu homens ou nunca viu índios! É como essa revolta em Goa... Mandar regimentos!... É curioso. Com dois homens e dois paus, varro a Índia. Varro a Índia! Olha os Ingleses. E um punhado de polícias a conter centos de milhões de homens. É uma questão de alimentação, meu rico. Que há de fazer gente que come arroz aguado, contra

sólidos maganões que jantam rosbife? Vergar! Vergar!

Vítor tinha uma vaga política sentimental. Odiava os Espanhóis batendo, em Cuba os insurgentes da *manígua*; o czar governando a Polónia a vergastadas de *knout*, e os Ingleses possuindo a Irlanda, terra céltica, ilha dos bardos. Disse, encolhendo os ombros:

— Tiranos!

— Tiranos?! — exclamou Timóteo com o olhar chamejante. — Mas sabe lá você (quando se exaltava sobre a política colonial, dizia a Vítor «você»), sabe lá você o que eles têm feito na Índia?! Tudo! Cidades, caminhos de ferro, pontes, docas, rios navegáveis, plantações... Antigamente, quando havia uma fome na Índia, morriam aos milhões. Aos milhões!

E agora nunca lhes falta o arroz. Lá está o Inglês para dar arroz.

Mas Vítor considerava os índios mais poéticos que os Ingleses. Falou do idealismo das suas arquiteturas, do maravilhoso dos seus poemas.

— Está a dizer barbaridades. Poemas! Vá ver o negócio do algodão em Calcutá, em Bombaim! Isso é que são poemas! Com os seus poemas, viviam nos campos, e andavam nus. E agora? Bem alojados, bem nutridos... Quando os Ingleses lá foram, acharam-nos cobertos de piolhos. É o piolho índio, então! Que piolho! — e mostrava a cabeça do dedo.

— Oh, tio Timóteo! — exclamou Vítor, repelindo o prato, o rosto franzido de nojo.

— Então que tens, homem? Tens

asco ao que está na natureza? O homem de bem fala de tudo e come de tudo. Sempre te queria ver... Dos vinte e quatro aos vinte e cinco anos, todas as manhãs o meu almoço foi um caldo de cobra. Excelente! Um ano a fio. Quando estive tísico.

Vítor abriu um olhar absorto:

— O quê? O tio Timóteo esteve tísico?

Timóteo resmungou, com os olhos no prato:

— Tive essa fraqueza, quando estive apaixonado.

Vítor riu, alegremente.

— Outra! Mas essa, enorme! Por quem, tio Timóteo?

— Traz o café, Clorinda. E o meu tabaco! — E desapertando devagar o guardanapo: — Quando digo apaixonado,

quero dizer embeiçado. Paixão, não. Dois meses depois estava curado. Mas, enfim, foi o meu único romance: nunca mais os tornei a fazer, nem a ler.

— Mas por quem foi, tio Timóteo? — perguntou Vítor curioso, com os cotovelos sobre a mesa, um sorriso vago.

— Foi por tua mãe.

Vítor ficou atónito. Timóteo metia restos de carne nas goelas sôfregas de *Dick*.

— Tua mãe tinha então catorze anos. Mas era alta, forte, com um cabelo até aos pés: parecia ter vinte e dois. Era formosa, cos diabos! Tu não podes saber: não deixou retrato. Mas... uma beleza! Era nossa vizinha! — E sorrindo: — Como o tempo passa! Tinha na janela dois melros numa gaiola. E justamente então cantava-

se uma cantiga:

A janela, a menina trigueira
Está cuidando dos seus passarinhos.

»Eu, mal a pescava à varanda, logo a cantiguinha... Foi por isso, creio eu, que ela me tomou asco.

Clorinda entrou com o café. E depois de remexer muito tempo o seu açúcar, de acender o cachimbo, o tio Timóteo, recostando-se, disse:

— Eu começo a embirrar, ela começa a embirrar; eu a beber os ares por ela, ela a não me poder tragar: pois, senhores, aí principio a embeiçar-me... Não havia desfeita que me não fizesse! Janela na cara, costas voltadas, sombrinha carregada para o rosto. Uma fera. Que ela

teve sempre um génio desabrido. É muito afoita, cavaleira, o diabo! Uma noite — há de me lembrar sempre — tenho a maldita ideia de lhe dar uma serenata à espanhola. Era o tempo em que estava à moda uma espécie de cachucha:

Señorita, usted que tiene?
Amarilla la color...

»Ponho-me debaixo da janela, de viola — eu tocava viola com um certo descaramento, porque enfim, louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, nunca me faltou o desplante —, e aí começo a perguntar-lhe muito repenicadamente:

Señorita, usted que tiene?
Amarilla la color...

»A janela abre-se, e uma vozinha de cima: «E o senhor Timóteo?» Imagina como eu fiquei! Pus-me logo a calcular como havia de trepar à varanda. Fazia escuro, era de inverno, um frio!... «E o senhor?»... «Sou eu, meu amor, sou eu!» «Bem, aí vai!» E zás! Cai-me em cima um balde de água suja! Oh, com mil raios!... «Para refrescar!», grita a vozinha de cima: a vozinha da desav... de tua mãe. Como diabo se chamava ela? Joaquina.

— E refrescou, tio Timóteo? — perguntou Vítor, muito interessado, muito surpreendido, com os olhos cravados no velho.

— Refresquei. Com uma pleuris! Estive dois meses de cama, e uma convalescença... É daqui que datam os

caldos de cobra. Era o grande remédio para a tísica no meu tempo; e creio que ainda é, lá para Trás-os-Montes. Apenas arribei, pedi para ir para o Ultramar. Fui a bordo da *Santa Quitéria.* O capitão era de Tondela: um baixote, ruivo, valente homem! Logo ao sair a barra, que trabuzana!... Estivemos perdidos. Cada mar! Uh! Parece que o estou a ver, de chapéu embreado, bota até ao joelho, no convés que escorria, a aguentar-se, a berrar. E que pancadas de maresia! Eu estava agarrado a um mastro. Ele avista-me, põe-se a gritar: «Você raspa-se daí, seu filho daquele diabo de cornos que está no altar-mor de Tondela!» Era a sua praga querida. Depois éramos amigos íntimos. E daí a um mês estava curado. Já amainava a bujarrona como um homem! E da

paixão, nem a lembrança. Éramos assim. Já não há disso.

— E depois? — perguntou Vítor, fumando muito, com os cotovelos na mesa.

— E depois? E depois, nada. E depois teu pai veio de Coimbra; viu-a como eu à janela a tratar dos melros; cantou-lhe como eu a cantiga; não sei se lhe deu a serenata. Mas o balde, não apanhou. Apanhou a bênção do padre e lá casaram. E tu fizeste a tua entrada neste vale de lágrimas. Bem vale de lágrimas — acrescentou, com um rosto grave. E ficou calado.

— E daí a um ano morreu a mamã?

Timóteo observou um momento o seu cachimbo, e rosnou, devagar:

— Sim. Daí a um ano nasceste, ela ficou adoentada... Foi com teu pai para os Pirenéus. Foi com teu pai, e... E lá ficou. Lá ficou.

E depois de tossir ruidosamente, ergueu-se sobre a bengala, e foi resmungando grosso:

— E aí está como as coisas se passam... Este mundo é assim. Uma choldra!...

O relógio da sala deu meio-dia.

— Oh, diabo, e eu que prometi estar às onze horas no escritório! — exclamou Vítor.

Ergueu-se e, espreguiçando-se um pouco:

— Pois senhores, isto foi a manhã das novidades! Quantas coisas eu ignoro nas crónicas da família!

E depois de acender outro cigarro, saiu, apertando a fivela do colete, enquanto Timóteo, estendido na poltrona, murmurava:

— Ignoras um par de coisas, ignoras!

***

Timóteo ficou cachimbando, com um ar acabrunhado. Os seus olhos erguiam-se às vezes para a parede onde estava o retrato do pai de Vítor, a óleo. Era uma face pálida e comprida, com um longo bigode preto caído aos cantos da boca, o cabelo comprido, a testa branca, alta, gravata de cetim preto. Fora tirado em 46 ou 47, nos anos das desordens civis, e do seu casamento infeliz. Que

espanto para Timóteo, quando recebeu em Angola a notícia de que o mano Pedro tinha casado com a Joaquina, com a Joaquina dos melros. «Que burro!», exclamou, amarrotando a carta, com uma punhada na mesa. Timóteo tinha uma alta estima por seu irmão: «Era tão inteligente, tão corajoso, tão cavalheiro! E ia casar-se com a filha da Maria Silvéria: a Joaquina, a quem ele, ele Timóteo, dissera: «Em a menina querendo, vem comigo para o Porto e tem casa e duas meias de mesada»! É verdade que lhe atirara um balde de água. Mas não havia gente na Guarda, o Teimo Santeiro entre outros, que tinham visto um alferes de cavalaria a marinhar-lhe à janela, por uma noite de neve? E casava seu irmão com ela! Grandíssimo burro! Um bonito rapaz, que

escrevera aquele belo poemeto *A Noite do Cemitério*. E daí a ano e meio, uma manhã que ele almoçava a sua carne ensopada, a negra vem-lhe dizer: «Sinhô Doutore, é um sinhô.» O «sinhô» era Pedro, seu irmão Pedro, vestido de luto!

— A Joaquina morreu? — exclamara ele.

— Fugiu — disse Pedro, sem uma alteração na voz.

Dois negros entraram com os baús de bordo. Pedro tomou uma grande chávena de café. E contou a sua história. Depois de casado, viera para Lisboa: na Guarda sua mulher seria sempre a filha da Maria Silvéria, em Lisboa estavam como numa cidade estrangeira. Viviam na Rua do Crucifixo, e defronte morava um rapazola espanhol, emigrado. Uma manhã,

dois meses depois do nascimento do pequeno, antes mesmo do seu batizado, Pedro partira para a caça, à Outra Banda, só — e quando voltou, encontrou um bilhete, na letra garrafal da Joaquina: «Adeus, esquece-me, porque o meu destino leva-me para longe.» E mais nada. A criada, a ama, disseram — que a senhora saíra ao meio-dia, com uma trouxazinha.

— Naquela primeira hora, que foi um bocadito amarga — continuou ele — combinei o meu enredo. Levei o pequeno para casa da tia Doroteia, coitada, que chorou ouvindo o meu caso, agarrada aos beijos ao «anjinho», que vinha dar à sua velhice uma maternidade inesperada. Batizei-o. A mãe falara em lhe chamar Caetano. Pus-lhe o nome de Vítor. Era o

nome de nosso pai. À criada, que era uma algarvia aparvalhada, dei doze moedas, que ela levou, em pintos, num lenço, para o marido, em Olhão; nunca compreendeu nada. A ama ficou com o pequeno. E eu daí a dias parti para Madrid. É claro que não era uma jornada de perseguição... Estive em Madrid dias... Outras horas tristes, num quarto triste de La Fonda de la Nobleza. Enfim!... Cada capa à espanhola que me roçava pelo ombro, cada *caramba!* que me passava aos ouvidos, fazia-me bater o pulso!... Enfim! De Madrid escrevi a alguns amigos da Guarda, aos Magalhães, aos Vaz, que partia para os Pirenéus *com minha mulher*, que estava doente, coitada... E fui para os Pirenéus. Lá andei oito meses. Pescava trutas à linha no Gave; é

divertido. Por fim tornei a escrever a Vaz, Magalhães, etc., que minha mulher morrera. De facto, para mim, estava morta. Não creio que dessem grande atenção ao caso, nas preocupações patrióticas da Maria da Fonte! Disseram por certo: «Bom alívio para o Ega.» Voltei a Lisboa. O pequeno tinha um dente; estava desmamado. A ama morrera, santa rapariga, muito calada, forte como um pinheiro. Mas comecei a embirrar com a cidade. Saía uma galera para aqui — e aqui estou. («Para quê?», perguntara Timóteo.) Para tudo. Para as febres, por exemplo. («Ficou-lhe lá dentro a paixão», tinha pensado Timóteo.)

O mano Pedro trouxera um dinheiro. Negociou «por de mais». Ocupou-se de botânica, aprendeu a

empalhar pássaros. E começou a bebericar aguardente. O médico, que vivia em Luanda, assanhado como um gato fechado, avisou-o: «Amigo e Sr. Ega, se se mete pela aguardente, deixa a ossada neste degredo!» Meteu-se deveras pela aguardente. Uma noite, tinha ido passear com Timóteo para fora da cidade. Nunca lhe esquecera aquela noite: as grandes estrelas africanas, tão numerosas, um pó de estrelas; o mar calado, com laivos de fosforescência, e bafos de braseiro no ar; e o cheiro das terras cálidas e húmidas...

— Ouve lá — tinha dito de repente Pedro. — Eu não quero que o rapaz saiba o que a mãe fez... Para me envergonhar, basto eu. Para ele, para todo o mundo, a criatura está num cemitério de Barèges. Bem. A tia Doroteia, a santa, não

é que lho diz. A ama morreu. A outra criada, a parva, está no Algarve, no inferno, perdida. Dá-me tu a tua palavra de honra que não lho dizes.

Timóteo deu a palavra de honra.

— Agora outra coisa — disse Pedro. — Eu não quero que ele e a mãe usem o mesmo nome. Ela é Joaquina da Ega. Há de conservar o nome: é fácil de pronunciar no estrangeiro, é o seu, é fidalgo. Para mim, para meu filho, não há o nome de Ega. Ega é porco. Eu batizei-o com o outro nome da nossa família, desusado, que a Joaquina nunca soube: Corvelo. Vítor Corvelo, filho de Pedro Corvelo.

Parou, pôs a mão no ombro de Timóteo, e disse com a voz baixa, que instava:

— Chama-te tu também Timóteo Corvelo.

Timóteo tossiu duas vezes.

— Ega é o nome de nosso pai! — rosnou.

— Eu pouco vivo, Timóteo — disse Pedro —, faz-me isso!

Timóteo atirou a um coqueiro uma bengalada, que fez ramalhar o arbusto.

— Raios partam a Joaquina dos melros — exclamou. — Está dito. Serei Timóteo Corvelo.

— Obrigado, irmão — disse Pedro. — E agora vamos, que estou a sentir arrepios.

E daí a poucos dias a febre tinha-o levado. As autoridades acompanharam-no às terras de S. Jacinto, que era o cemitério velho. Uma pedra lisa, com uma cruz,

cobriu a sua cova. Tinha então trinta e três anos. Timóteo nessa noite, uma noite de vento, foi visitar a sepultura. Andou-lhe em roda um momento, escarrando grosso, fazendo estalar as juntas dos dedos; e fitando a lousa, disse alto, no silêncio:

— Raios a partam!

Voltou a Lisboa. Vítor tinha quatro anos, era um personagem. A tia Doroteia, quando o via andar, correr já, chorava e babava-se. Esse inverno foi severo: a tia Doroteia morreu do seu catarro.

— Vão-se todos — exclamou Timóteo, furioso. — Olha que espiga de vida!

Como tinha de partir para a Índia, juiz, foi deixar o pequeno em casa do seu velho amigo Gouveia Teles, um velho viúvo, retirado em Almada, onde fazia

caridades e lia Horácio.

Foi por essa ocasião, quando se vendiam os móveis da tia Doroteia, que lhe veio às mãos uma carta de Espanha, dirigida «Ao limo. Sr. Pedro Ega, ao bom cuidado de D. Doroteia de Ataíde, na Rua das Oliveiras, 50 ou 60.» Abriu-a, e encontrou duas linhas num papel azul: «Sua mulher morreu. Enterrou-se esta manhã no cemitério de Oviedo.»

— Bem... — fez ele. — Está feita a barreia. Ponto final, e vida nova.

E embarcou no *Trafalgar* para a Índia.

Voltou. Vítor tinha feito os primeiros preparatórios. Timóteo tinha casado por lá, enviuvado, perdido a perna — «numa caça ao tigre».

— Foi às galinholas — dizia ele

ao Teles —, mas digo «ao tigre» para impor o rapaz.

Foram então viver juntos. Com grande mágoa do velho Gouveia Teles, que murmurou:

— Dás-me o rapaz, tiras-me o rapaz. Valha-te Deus, Timóteo!

Mas estava tão velho, o velho Teles! E morreu daí a um ano, de repente, à janela, ao acabar de ler a ode a Célia.

Foi por esse tempo — estando Vítor em Coimbra — que Timóteo leu, por acaso, na *Revolução de setembro*, este anúncio singular: «Pessoa que saiba ou possa informar sobre Pedro da Ega, se roga como um grande favor, queira deixar no Hotel da Europa o seu nome, morada e hora a que pode ser procurada. Perguntar por Monsieur A. Fornier.» Timóteo,

surpreendido, mandou um bilhete de visita ao Hotel da Europa — e ao outro dia à hora exata, Monsieur Fornier entrava na sua sala. Era um indivíduo nutrido e roliço, de pele próspera e rosada, com um colar de barba loura, com dois caracóis sobre a orelha, e andando subtilmente, nuns pezinhos pequenos, calçados de um verniz tão lustroso que refletia os móveis e parecia esmalte; e trazia polainas de cotim amarelo. Pousou sobre uma cadeira um chapéu alto, branco, de abas muito reviradas, e curvando-se, com um jeitinho dos quadris, disse num português singular, mal pronunciado:

— É a cavalheiro Corvelo que tenho a vantagem de falar?

Timóteo concebeu logo um rancor intenso pelo personagem. Escarrou

grosso, rosnou:

— Eu sou Timóteo Corvelo.

O sujeito roliço sorriu, e esfregando as mãos devagar:

— Perfètamente bem. Pode o cavalheiro informar sobre... — procurou rapidamente nos bolsos, tirou uma carteira, encavalou no nariz uma luneta de ouro, e leu — ...sobre Pedro da Ega, da Guarda, casado, viúvo?

Timóteo cravava nele olhos faiscantes.

— Mas quem manda? Para quê?

O sujeito roliço curvou-se, e com a mão sobre o peito:

— Não estou auto*rr*izado...

— Bem, então adeus, amigo, rua!

O indivíduo fitou o verniz dos sapatos, com as sobrancelhas muito

erguidas, o beiço inferior muito estendido, e murmurou:

— Extrèmamente duro, extrèmamente duro...

Foi tomar o chapéu.

— Ouça lá, senhor francês — rompeu Timóteo —, o Sr. Pedro da Ega morreu, em Luanda. Se quer certidão de óbito, escreva para a freguesia de S. Jacinto.

O indivíduo escrevinhava rapidamente na carteirinha, com júbilo.

— Perfètamente bem, perfètamente bem. Então o cavalheiro pode dar informações sobre uma pequena criança...

Timóteo, que o fitava, de braços cruzados, exclamou:

— A pequena criança também morreu. Toda essa família rebentou.

— Extrèmamente desagradável, extrèmamente desagradável.

— Mas enfim, se eu respondi — disse Timóteo —, creio que me deve dizer donde vem, quem o manda, quem quer saber!...

O sujeito fechou as lunetas, metodicamente, e declarou que Timóteo era amável. Ele era um comprador de louças antigas ou móveis góticos. E o seu amigo, o seu muito particular amigo, Lorde Lovaine, sabendo que ele vinha a Portugal, encarregara-o de se esclarecer sobre Pedro da Ega. Segundo julgava, Lorde Lovaine conhecera-o. Em viagem, decerto.

— Sim, havia de ser nos Pirenéus — resmungou Timóteo; e alto: — É que pensei que a pessoa curiosa é a Joaquina

dos melros.

O sujeito nutrido dilatou olhares pasmados.

— Lorde Lovaine, Lorde Lovaine! — disse sorrindo.

— Bem, adeusinho. Não quer mais nada, hem?

O sujeito deu dois puxões às lapelas do fraque azul, e recitou de um fôlego, num português mais aprendido:

— Se possui jarras da Índia, louças da China ou do Japão, cadeiras de couro, contadores árabes, leitos torneados, marfins, presépios Renascença, arcas, colchas de cetim, panos de rás, que lhe seja grato converter em numerário...

Timóteo, furioso, interrompeu-o:

— Tenho aquela bengala, é o que tenho... Adeusinho.

O sujeito roliço estacou, coçou com uma ponta de unha a barba em diversos sítios, tomou rapidamente o chapéu, e saiu subtilmente, murmurando:

— Extrèmamente duro, extrèmamente duro!

Foi a última vez que Timóteo ouviu falar de Pedro da Ega. Porque lhe voltavam hoje aquelas recordações?

— O que lá vai, lá vai — murmurou, enchendo outra vez o cachimbo.

Apertou o focinho do *Dick*.

3

Tinham passado alguns dias. O tio Timóteo descia as escadas do n.º 18 da Rua de S. Bento. No segundo andar morava o coronel Stephenson, um seu velho amigo inglês que, desde a guerra de D. Miguel, pertencia ao exército português. Era um robusto velho, grande bebedor de conhaque, cheio de anedotas, falando português com grande acento. Timóteo visitava-o amiúde, porque a gota do coronel não o deixava erguer-se da sua enorme poltrona, «a sua concha», como ele dizia. Fumavam grandes cachimbadas, celebravam a política, os costumes, a cozinha de Inglaterra, bebiam um frasco de conhaque, recordavam, repetiam

algumas pragas queridas.

Quando o tio Timóteo descia o último lance de escadas, devagar, com grande ruído da sua perna de pau, uma criança de ano e meio, gorducha, loura, ia atravessando o pátio, só, com passos incertos, guinchinhos de riso, equilibrando-se mal nas suas perninhas gordas, vermelhas, cheias de regueifas, e agitando os braços com os punhozinhos muito fechados.

O pátio abria por uma porta lateral para uma loja de retroseiro, e decerto a mãe, uma boa criatura fresca e alegre, que era a lojista, que Timóteo conhecia, se descuidara um momento, e o pequerruchinho se atrevera pelo pátio fora. E, no mesmo momento, passos de cavalos afastavam-se, e uma mulher alta e

loura, Madame de Molineux, entrara depressa, erguendo no braço a cauda preta da sua amazona. Um véu branco descia-lhe do chapéu, um ramo de violetas estava metido numa casa do corpete.

Quando ela atravessava o pátio, direita à escada, a criança, que ia oscilando e cambaleando, pôs-se diante dela. Madame de Molineux, impaciente, arredou-a de repelão com o pé. A criança caiu sobre as suas mãozinhas estendidas, estirada, com o ventrezinho na laje; e sem se poder levantar rompeu em gritos. Madame de Molineux passara. Uma mulher entrara, a correr, da loja; agarrou a criança nos braços, levou-a a correr, com muitos beijos. E Madame de Molineux subia as escadas, quando Timóteo, que estava afastado dela por dois degraus, lhe

disse, com o sobrolho franzido:

— É necessário ter o coração bem duro, para se dar com o pé numa criança!

Madame de Molineux estacou. Sob o véu, o rosto inflamou-se de um escarlate súbito e, voltando-se, com uma voz seca, cortante:

— Fala comigo?

Timóteo voltara-se também, aprumado.

— Pois com quem hei de falar? São porventura modos de tratar uma criança que mal se tem em pé? Eu, se fosse a mãe, esbofeteava-a!

Por um movimento instintivo, Madame de Molineux ergueu o chicote. Os olhos de Timóteo estavam agora fitos nela, com uma insistência estranha e, todavia, uma cólera crescente.

— Atrevido! — murmurou ela.

Àquela palavra, Timóteo fez-se rubro, e aprumando-se, com a bengala em riste, espaçando as palavras:

— Se tem um homem, que se arme até aos dentes e que venha para cá!

Madame de Molineux olhou-o, encolheu os ombros, e murmurando:

— É doido.

E subiu. Mas Timóteo, erguendo a voz e atirando-lhe as palavras para cima:

— Eu não sei quem a senhora é. O que lhe posso afirmar é que é um traste!

E saiu, furioso. Atirou-se para a carruagem, trémulo, batendo com a bengala no fundo do coupé, repetidamente. E, através da cólera que lhe rugia dentro e que o fazia soprar, dizia a si mesmo:

«Onde diabo vi eu aquelas feições?»

Madame de Molineux, apenas a criadita veio abrir a porta, atravessou a saleta de entrada, e com um pé nervoso, sobre o qual caía a sua calça preta, a cauda da amazona no braço, o chicote ainda apertado colericamente na mão, foi à janela da sala. Queria ver o *insolente*. Mas o coupé afastava-se, e apenas via o dorso do cocheiro, com o seu chapéu enterrado até à nuca. Arremessou o chicote para uma cadeira, desapertou o elástico do chapéu. As suas mãos, calçadas de guantes de camurça tremiam um pouco. Deu alguns passos agitados pela saleta. A amazona preta vestia-lhe o corpo como uma luva, pondo em relevo a linha do seu seio, a cinta estreita, flexível,

redonda, os quadris um pouco descaídos e de mulher lasciva. A sua alta estatura tinha a ereção alta que dá a cólera. Os seus olhos pretos chamejavam, com um brilho seco. E, sob o pó de arroz, a sua pele tinha tons inflamados. Parou, e tirando as luvas:

— Mélanie! — gritou, entrando para o quarto.

Como a casa era alugada com móveis, o quarto tinha uma banalidade mesquinha de hotel. O tapete, diante do toucador, estava esfiado do uso. Os cortinados da cama eram de cassa ordinária, de bambinela pobre. As cortinas, de repes azul, tinham o ar desbotado e comido do sol. O estuque do teto tinha uma racha. Mas, como um artista pode, com traços hábeis de esfuminho, dar

relevo e originalidade a uma banal figura litografada, Genoveva dera ao seu quarto, pondo aqui e além detalhes de um luxo refinado, um vago aspeto rico e interessante. Um belo *plaid* de Ulster cobria a cama. Os lençóis dela, de holanda, tinham o seu largo monograma, bordado a retrós escarlate, sob uma coroa de condessa. A camisinha de dormir, de rendas caras, estava num largo *sachet* de cetim azul. Sobre a cómoda reluziam as tampas de ouro dos seus frascos de cristal. Sobre uma mesa redonda coberta com um feio pano felpudo, de cores azulinas, estava um *buvard* de pele de serpente, de Klein, com o seu brasão a prata, folhas de papel marcado por Wyon, uma faca de papel de malaquite. No toucador, em estojos de veludo cor de

cereja, o aço das tesouras, das pinças, brilhava, entre os tons dourados das tartarugas dos pentes. Luvas de *peau de Suède*, claras, de doze botões, estavam espalhadas. De uma gaveta da cómoda transbordavam meias de seda, tão leves que o vento as levaria, e de rendas abertas. E um aroma vago de sabões ricos, de opopónax e de *tangle-wood*, errava subtilmente, como assinatura dela.

— Mélanie! — gritou com impaciência — Onde estavas tu? Despe-me!

E desapertava os botões da amazona com os dedos ainda vibrantes de cólera.

Mélanie tinha vinte e cinco anos. Era de Plaissan, na Provença; mas apenas conservava daquela quente região, onde o

sangue arde, o olho negro e desejoso, e os movimentos elásticos e ondulosos do corpo alto e magro. Paris, onde ela rolara como um seixo no leito de um rio, tinha desbastado, polido, afinado, apurado, a mocetona que outrora viera da sua província, fugida com um catalão e chorando de ciúme. Tinha agora o nariz delgado, móbil, atrevido, os beicinhos sempre secos, que humedecia com a língua, os quadris de um esguio masculino, o pé rápido, vivo e pronto. A sua vida era complicada. Do catalão passara a um carlista, depois a um brasileiro. Fora criada, muitos anos, no triste Hotel Português do Meio-Dia, e do Pernambuco, na Rua Lafayette. Depois perdera-se no fundo de Paris, onde vivera de trapeira em trapeira, dançando

furiosamente nos bailes públicos, paga por uns, batida com prazer por outros.

Genoveva recebera-a das mãos de Madame de P., uma cocote portuguesa casada com um alemão, que em 1870 governou Metz. Tinha sido educada por Madame de P. Era uma admirável criada de quarto, astuta, asseada, cheia de jeito, e falava o português como se tivesse nascido em Lisboa; somente tinha, das frequências do Hotel de Pernambuco, um acento adocicado do Brasil. Genoveva tomara o hábito de falar sempre com ela português, para contar melhor as suas confidências. Porque não tinha segredos para Mélanie, e tudo o que lhe passava no cérebro de mau, de extravagante, ou de imoral, o desopilava em Mélanie como num balde de águas sujas. Mélanie

adorava-a. Genoveva, com as suas belas formas, inspirava-lhe mesmo uma vaga atração física — porque de homens, com homens, a sensualidade de Mélanie crescia a cada noite, como uma embriaguez a cada copo de vinho. Tinha agora um histerismo ávido que lhe embaciava o olhar. Mas as preocupações luxuriosas não a desviavam do zelo do serviço. Era uma excelente criada do vício. Tinha gosto, e tratava das *toilettes* de Genoveva como um sacristão devoto das alfaias de uma igreja. Tinha o talento subtil da duplicidade, do disfarce: ninguém como ela para «impor» um credor exigente, ou um amante importuno; a sua língua fina e vermelhinha, pródiga de palavras à provençal, sacudia a mentira, naturalmente, como a saliva. Era

avara, qualidade preciosa numa casa desarranjada: examinava as contas da cozinheira, discutia com ela até os últimos reais, ia verificar os preços. Tinha invenções de agente de polícia e astúcias de vendedeira em segunda mão. Com a sua touca, o seu olhar vicioso, o pé pequenino, o andar felino de gata aquecida, mexia-se, agitava-se, mentia, arranjava, com mãos ligeiras, de dedos magros, bebendo grandes copos de água, alimentando-se de quase nada, e usando os homens como as gulosas usam rebuçados: um, outro, outro, outro, às vezes muitos ao mesmo tempo, sem confundir, distinguindo os gozos, querendo este pelos bonitos olhos, aquele pela força dos músculos, outro por suas habilidades de libertinagem, dizendo do

amor: *ça c'est de la fichue blague, et v'là!* Genoveva descobrira com espanto que, no último ano em Paris, Mélanie tinha onze homens! E, pondo-lhe o nome de «Mélanie dos onze gostos», deu-lhe inteiramente, sem reserva, a sua confiança.

Genoveva, com o colo nu, os braços nus, sentada na cama, era de uma brancura adorável. A pele bem tratada, habituada às abluções de leite, de água gelada, de uma finura de tecido igual à da camélia, absorvia a luz, deixando-a apenas resvalar nas redondezas, com o brilho de uma claridade sobre um marfim muito polido. Os seus braços eram fortes, vigorosos, com um ar marmóreo e escultural, tendo no tom uma doçura látea, e na musculatura um vigor sensual. O

pescoço, soberbo, cheio, tinha uma nobreza. E os dois globos do seu seio, que a camisinha descobria, tinham, num desenvolvimento abundante, a firmeza rija de linhas virginais. Estendia os pés a Mélanie, que lhe descalçava as botas, lhe tirava as calças pretas de montar. E, vestindo um longo roupão de seda escura, calçando os pés, vestidos de meias de seda preta, numas chinelas de veludo azul:

— Aqui está o que é não ter nem marido, nem filho, nem irmão, ninguém!

— O que foi, minha senhora? — disse Mélanie, toda admirada, cruzando os seus braços magros.

E contou a Mélanie, estupefacta, o insulto de Timóteo. «Era um velho de perna de pau, com uma carruagem, um cocheiro sebento, o ar de doido... Tinha-

lhe pregado moral, por causa de um pequeno que ela empurrara, por se lhe ter embrulhado nas saias. Um animal, que ia a descer as escadas.»

— Havia de vir de casa do coronel inglês. Já o encontrei outro dia... — De resto o senhor Dâmaso devia conhecer, pela perna, pela carruagem...

— O senhor Dâmaso é um asno — disse ela, de pé, abotoando com os dedos nervosos os botões de seda do roupão. — Dá-me um pouco de gim, Mélanie, com água. Onde está a inglesa?

— Está no quarto, minha senhora.

E arrumava em redor, ligeira, com uns sapatinhos que rangiam ligeiramente no tapete. Genoveva, muito estendida numa poltrona, bebia o seu gim, devagarinho. Parecia acalmar-se pouco a

pouco. Tinha acendido um cigarrinho *Laferme*, e soprava o fumo, muito estirada, os pés cruzados. A sua testa branca, um pouco curta, desfranzia-se, serenava. E espreguiçando-se:

— Um passeio estúpido: por um diabo de uma estrada, entre muros de quintas, sempre.

Ergueu os olhos ao céu, com desespero:

— É aquele maçador do Sr. Dâmaso! Que imbecil! Que idiota!...

E pousando o copo sobre a jardineira, erguendo-se, com o olhar duro, que escurecia:

— Estou com vontade de tomar o paquete, de voltar para Paris. Estúpida terra, estúpida gente, estúpida vida!...

Mélanie ia fazer alguma

observação sobre o clima, sobre a cidade...

— Não palres mais! Basta! Vai-te! Estou-te com ódio. Estou com ódio a todo o mundo. Diz à inglesa que vá à sala, que toque. É para isso que lhe pago. Dá-me mais gim.

Mélanie hesitou. «A senhora ultimamente bebia de mais. Estragava a pele, positivamente.»

— Bem. Basta de morai! — gritou — Já hoje tive bastante! Vai, Mélanie! Avia-te! Chama a inglesa!

Falava com uma vivacidade brusca, impaciente, que contrastava com o rosto aquilino, a sua figura de estátua, que parecia revelar um temperamento frio e sereno. Ficou bebendo aos goles o seu gim. Ganhara aquele hábito em Londres,

quando lá vivera com Lorde Belton. Os nevoeiros húmidos e sebáceos — onde tudo se esbate e afoga numa tinta parda, baça, onde os candeeiros de gás parecem um vago ponto de luz chapinhando na lama mal diáfana — davam-lhe então, à sua natureza meridional, um tédio tão impaciente, que se acostumara a beber gim, para não deixar «ganhar frio à alma». Depois, começara a sentir que o gim aquecia o seu temperamento: dava às excitações sensuais uma vaga loucura violenta, que lhe agradava. Continuara a usá-lo. Mas nunca se embriagava: bebia-o com muita água, o bastante para lhe ter constantemente acesa por todos os músculos uma vitalidade mais cálida e mais intensa.

Mas decerto a observação de

Mélanie acudiu-lhe, porque se ergueu, limpou o rosto a uma toalha humedecida, tomou um espelho de marfim, esteve-se a ver. Não. A pele estava lisa, branca, um bocadinho áspera já, talvez. Nenhuma ruga ainda a engelhava; apenas nas asas do nariz uma granulação impercetível, como a que deixa o pó de arroz ordinário, acusava a idade. As fontes estavam ainda de um tom puro. E, apesar dos seus trinta e nove anos, estava com todo o forte desenvolvimento de uma beleza resistente. Só os beiços necessitavam um pouco de vermelho às vezes, porque secavam, vinham-lhe películas. Seria bela até aos quarenta e cinco anos — «com muita água fria e paz de espírito», pensou, sorrindo.

Mas Mélanie entrou, com um papel na mão. Era o homem da

Companhia, para o aluguel da carruagem... Genoveva enfureceu-se. «Porque o não tinha imposto? Que costume era esse agora? Deixar os credores vir assim, insolentemente...» E como Mélanie lhe estendia o papel:

— Tira para lá! Para que quero eu isso? Queres que lhe pegue? Nem com tenazes!

— Como a senhora tinha recebido dinheiro ontem...

Genoveva bateu o pé. «Decerto que tinha recebido dinheiro.

Mas não queria dar. Estava a estranhá-la, positivamente!... Como se o dinheiro fosse para ir para as algibeiras de ladrões». E acrescentava, com o espelho na mão:

— Não. Mélanie, estou-te a

desconhecer. Desde que saíste de Paris, estás-te a fazer bronca. É o ar de Lisboa. Impõe-mo! Impõe-mo!

E recostou-se tranquilamente na cadeira, ficando como esquecida, como no espetáculo de visões interiores que voltavam a confusamente do seu passado, a colocar-se diante dela como vistas de teatro. Acontecia-lhe agora, desde que chegara a Portugal, ter daquelas horas de recordação, de meditação. E via às vezes naquele hábito nascente de olhar para trás, para a vida, um vago presságio de velhice. A sua existência até aí fora tão cheia, tão embaraçada, tão intensa, tão cruzada de factos, de cuidados, de sensações, que, toda na excitação da hora presente, só se ocupara de viver. Mas no descanso que lhe dava a vida pacata de

Lisboa, punha-se às vezes, como um homem que sobe a uma torre, a examinar, aqui e além, o seu passado.

Via-se numa triste e antiga cidade de Espanha, no Norte, tremendo de febre, num quarto de estalagem — que ficava junto a uma igreja, cujos sinos, badalando a todas as horas, lhe faziam no cérebro como ruídos fúnebres de eternidade. Uma velha, de alto pente de tartaruga, cor de pergaminho, tratava-a e, sentada ao pé dela, entretinha-se, sobre uma mesinha, à luz de um alto candeeiro de latão, a deitar as cartas, para saber a sorte de um filho que embarcara para Manilha. Depois, quando ela estava melhor, e se podia sentar à janela, lembrava a triste rua, de largas lajes, as gelosias esguias das janelas defronte, o almocreve que parava

à porta da estalagem, com o seu lenço de seda amarrado à cabeça, as mulas carregadas de odres. Raparigas de pé nervoso passavam, com as saias tufadas, gestos quebrados da cintura, a mantilha apertada sobre os ombros. Sujeitos, embrulhados em capas de bandas de veludo escarlate, iam, vinham, com o cigarro na boca. E os canónicos dirigiam-se à Sé, com o seu ventre convexo, as abas enormes nos chapéus em forma de telha.

Depois era uma aldeia no Norte de França, ao pé de Rouen; a casa baixa em que vivia com um homem que detestava, mas a que a ligava a miséria, a ignorância da língua, a falta de relações. Era no inverno. Os vidros, pela manhã, estavam cheios de geada. E, sentada ao pé do

fogão, via constantemente as neves pardas, a chuvazinha miúda, cair, e os guarda-sóis abertos que passavam, raros, na rua única da aldeia. A noite, o seu homem voltava, fatigado de ter visto os doentes pelas aldeias, pelos casais; e comia a sua sopa, com a cabeça baixa, triste do seu destino, e olhando-a de revés. Quando o dia estava bonito, abria as janelas. Defronte, um cabeleireiro, de aspeto meridional, passeava, esperando os fregueses, olhando o céu pálido, como abafado num casaco de alamares debruado de astracã — e olhavam-se às vezes, como dois exilados, pondo na sua expressão a mesma saudade do sol e dos países quentes. Ela sentava-se então ao piano, ao escurecer, tocava modas portuguesas ou espanholas — e o mestre-

escola, que recolhia, ouvindo aquelas melodias doces, parava a escutá-la, imóvel na rua, com os seus compêndios na mão.

Depois era a sua partida, nas diligências, pelas estradas, para os Pirenéus, a sua vida em Luz, os seus passeios na estrada para o Saint Sauveur, sobre a ponte do Gave, entre renques de olmos. E ali ficava, a ver a torrente espumar, rasgada das rochas, escurecida, enverdeada pela abrupta vegetação verde-negra que desce das altas margens a pique, de um modo esguedelhado e selvagem. Às vezes, burricadas de estrangeiros passavam rindo, no trote miudinho dos burros, que as mulheres do Béarn tocam com umas vergastas. E encontrara nas sílabas largas e lentas do

patoá das montanhas, alguma da doçura da sua própria língua. E não acabaria nunca aquela vida triste e mesquinha? Porque a alvura das neves, a beleza altiva dos frescos picos verde-negros — davam-lhe o desejo de cidades de ruas bem estreitas, de quartos andares. A natureza enfastiava-a, e suspirava por ver teatros, e ouvir o barulho dos cafés.

Tinha então conhecido Lorde Belton. E via-se depois na sua linda casa de St. John's Wood, em Londres. Ali vivera anos. Pela manhã, a criada, com os braços nus, rechonchudos e vermelhos, pintava a gesso branco os três degraus da porta. Era no verão. As árvores do jardim tinham um verde de um tenro doce. *Cabs* corriam, sem ruído, no macadame branco. E, para além, sentia a enorme Londres,

com um sussurro incessante, monótono e vasto. Depois, as manhãs a cavalo em Hyde-Park, devagar, no chão negro, de terras revolvidas, sentindo ranger os couros novos da sela, e as relvas dos prados verdejar entre os grossos troncos dos castanheiros. Ou então parecia-lhe ver Regent Street, na *season*, coberta de um sol pálido, com as suas longas fachadas, de um cor de creme, onde as letras de ouro das tabuletas negras reluzem como novas. Uma multidão espessa, apressada, viva, brusca, corre sobre o passeio. Na larga rua em cima, em fileiras, as carruagens avançam devagar. Altos landós de velhos de casacos brancos, com os cocheiros gordos e apopléticos, de perucas empoadas, sobre a almofada, cujo manto recai aos lados,

franjado, com coroas de duques. Os coupés estreitos, rápidos, onde se entreveem louros perfis, cor de camélia. Os*cabs*ruidosos. Os grossos ónibus apinhados, com as suas guardas vermelho vigoroso, sobre o qual, em letras enormes, negrejam anúncios. Os faetontes, que conduz negligentemente um moço, com cabelos anelados de um louro de anjo. Os tílburis vivamente lançados, com homens de fisionomia dura, curtida nas preocupações do ouro, que governam com a testa franzida, impacientes, o chicote alto. Tudo para: gente correndo, apanhando as saias, com embrulhos, erguendo os guarda-sóis, atravessa. O *policeman* abaixa o bastão: e as fileiras de carruagens rolam, serenamente, com as cintilações que o sol põe nos arreios, nos

eixos prateados. E dos dois lados, por trás das grandes vi trinas das lojas, joias cintilam sobre tabuletas de veludo preto; cortes de seda, em pregas ricas, põem as suas cores vivas, onde a luz se aninha; caxemiras da Índia pendem de cabides de marfim; as plumas coloridas dos chapéus fazem como a ondeante plumagem de um garboso bando de aves raras; os veludos têm tons mornos e macios; num fundo armado, mobílias prodigiosas arqueiam os seus assentos de cetim bordado; espelhos de Veneza lançam vivos reflexos. E vozes agudas apregoam os jornais, dizendo os telegramas da Índia, as cotações dos fundos, e o eco das guerras distantes.

Ou então parecia-lhe ver Londres à noite. Chove. Um estrondo de trens faz a

cidade sonora. As vi trinas das lojas rutilam alvas de neve. Vultos de *cabs* cortam a escuridão do centro da rua, com a sua lanterna como um olho ensanguentado. As salas do gim e do álcool flamejam: gente sai cambaleando. Esquadras de polícias cortam a multidão, com o seu passo mecânico. A trompa de caça, de um coche que solta a quatro, ressoa por cima do ruído. E então, sob o peristilo da Ópera, ela parece-lhe ver desdobrar-se, com ruído rico, os estribos dos landós. Dentro, sobre o corredor tapetado de veludo, o rugir das sedas tem uma doçura discreta. Os granadeiros dos regimentos de Escócia, as pernas nuas, o alto *shako* de felpo peludo, estão aos cantos, numa imobilidade rígida. E na sala há um silêncio rico. Ombros nus atraem a

luz. Doces pescoços altos voltam. Há um murmúrio tépido. Um perfume erra. E as penas brancas dos senhores, que têm assento na Câmara dos Pares, agitam-se brandamente. A Patti canta. E *gentlemen*, corretos como lordes, oferecem-se o prospeto em redor, atenciosamente, num papel acetinado que cheira bem. Depois era a volta. São onze horas. A cidade enorme está escura. Apenas as lojas de tabaco derramam das vitrinas uma luz crua, onde destacam as cores escuras dos charutos. As lojas de ostras estão abertas, com as lagostas vermelhas, os camarões, humedecidos por cubos de gelo que se derretem docemente. E, através dos vidros do coupé, vê-se interminavelmente uma passagem de mulheres, que arrastam grandes caudas, ou que se embrulham num

xaile escuro, e com um passo decidido e embriagado, se oferecem, agarram os braços dos homens, pedem freneticamente pão.

Mas Londres entristecia-a — e o amor veio. Como se recordava da sua fuga com aquele infame Georges de Lestrolier, da sua passagem do canal por uma noite tempestuosa: — em baixo, no salão, embrulhada num xaile, meia morta, numa agonia de vómito, sentia as pancadas do mar que passava sobre o convés; a máquina apitava; a voz do comandante tinha em cima comandos roucos e serenos; e para avisar no nevoeiro, sem descontinuar, uma campainha lúgubre tocava à proa; e do rolar do vagão, onde, assustada, ainda enjoada, quase adormecida nos braços de

Georges, rolara enfim para Paris.

Os seus primeiros dias no Hotel Mirabeau, na Rue de Pau! Que felicidade! Como o ar lhe parecia doce, as fachadas risonhas, os aspetos felizes, a vida macia! Não era a brutal violência rica da Londres colossal: era um encanto de uma cidade pequena, florida, cinzelada, aromática e envolvida no céu azul como uma joia em algodão.

Depois as horas do abandono, das lágrimas, do ciúme. Ela também, como lera nos romances, tinha de noite olhado invejosamente o Sena, e pensara que o seu corpo seria exposto na morgue, nu, sobre uma pedra lisa, com uma torneira de água escorrendo sem cessar sobre a sua figura esverdeada e inchada. A cidade que lhe parecera até aí tão amável, risonha,

festejadora, convidativa, fácil — parecia-lhe agora medonha, com o seu egoísmo seco. E em todos os rostos onde vira uma serenidade alegre, parecia-lhe ver mais frieza que nas fachadas das casas. E pareciam-lhe atrozes aquelas carruagens forradas de cetim — quando ela chapinhava na lama com o último par de botinas; e tantas frutas ricas nas lojas dos comestíveis, tantos pratos nos restaurantes — quando ela comera um pão de um *sou* e uma salsicha. Mas conservara-se portuguesa: e todas as noites pedia a Nossa Senhora da Alegria que lhe mandasse um homem rico.

Conheceu então as longas noites do bulevar, à caça de uma libra ou de vinte mil réis. Nunca lhe tinham esquecido. Ao princípio saía com uma

esperança. O bulevar flamejava dos dois lados, numa iluminação crua de restaurantes e de cafés. As vitrinas lançavam toda a sorte de reflexos de joias, de sedas. A Petite Brune estava cheia de um tumulto alegre. As mesinhas dos cafés enchiam os passeios. Mil pontos de luz das lanternas das carruagens vinham, correndo, fazendo um rumor surdo. Aqui, além, vinham acordes vagos de uma orquestra de pequeno teatro. Os quiosques reluziam. Todo o mundo parecia alegre, feliz. E era impossível que daquele dinheiro, daquela felicidade, daquela fartura, não batesse na sua pobre mão estendida uma moedita de ouro, uma só. Não se apressava, então. Parecia-lhe que todos aqueles homens lhe viriam falar. E como era tímida, acanhada,

noviça, não se esforçava por combater a timidez: encolhia-se mesmo nela. E sentada numa cadeira, sob os magros galhos de uma árvore, esperava. Depois as mesas dos cafés iam-se esvaziando. Já havia no passeio largos espaços vazios, onde só caía a luz dos cafés. Então erguia-se, mostrava-se. Mas, se um homem a fitava, a vergonha voltava: virava o rosto, fazia-se arisca. Por fim as vitrinas das lojas apagavam-se, uma sombra escura estendia-se. Os moços dos cafés, impassíveis e balofos, começavam a fechar as portas. Vinha-lhe então uma impaciência: ia, corria, mudava, mexia-se. Já as carruagens diminuíam, o último ónibus passava. Tudo estava apagado enfim. Apenas as duas linhas de luzes: como de tochas de uma procissão imóvel.

E por fim, no passeio deserto, só ecoava o passo vagaroso de algum *sergent de ville*.

Ia então encontrar-se com a sua única amiga, uma inglesa, Miss Maggie, alta como um abeto, magra e de uma brancura de cera. Estava tísica: todos os dias pela manhã escarrava sangue, todos se embebedava, e tinha então cóleras, uma necessidade de desordem, de ruído e de deboche. Procurava os homens, oferecia-se de graça, com desespero, as faces com tons lívidos de um verde renitente, as palmas das mãos cheias de um suor frio. Quantas vezes iam as duas, sem terem comido todo o dia, assentar-se, pelas bancadas do Café Kirsch, no Boulevard des Capucines, com as mãos trémulas, um ardor no estômago, um sorriso vago, esperando que alguém as convidasse a

cear — até que algum estrangeiro, amigo das francesas baratas, vinha oferecer, silabando o francês, àquelas esfomeadas, camarões e cerveja!

Enfim Nossa Senhora da Alegria compadecera-se dela. O homem rico tinha aparecido, de repente, rompendo do solo, como numa mágica. Mal se lembrava como o conhecera: a sua pobre cabeça, então, entontecida de necessidades, de embrutecimento, de deboche e de gim — mal conservava as sensações, e as ideias fugiam-lhe através do cérebro como água num cauchu. Conhecera-o, era a verdade, e ele tomara conta da sua vida. Era o conde de Molinard, o senador. Vivera com ele doze anos. Era bem velho, bem repugnante! Comia com um ruído imundo. A pele engelhada das faces caía-lhe

flacidamente. Era desdentado. O seu crânio, calvo, tinha tons amarelados. Mas era riquíssimo, cínico, de uma libertinagem vil. Servira todos os regimes com amor: Luís XVIII, Carlos X, Luís Filipe, a República, o Império. Tinha um amor pela autoridade, que o fazia cair de bruços defronte de quem chegava a instalar-se no Poder, com a língua logo pendente, pronto a lamber — segundo o que o recém-chegado trazia na bota — sangue ou lama. O Império inspirava-lhe um amor desmedido: tinha aperfeiçoado as duas coisas que o faziam viver — a cozinha e o deboche; e amava-o, por todos os gozos que recebia. Amava as instituições, o imperador, o filho do imperador, o cão do imperador. O seu momento querido era a ceia. Serviam-lha

no quarto de cama. Ficava longo tempo, com um grunhido rouco de prazer, a mastigar, a lamber os dedos, com a cabeça oscilando, flácido, a carne toda mole, as mãos pousadas sobre a mesa, as pálpebras descidas, o beiço gorduroso. E imediatamente ela, pobre dela, tinha de estar ao pé, quase despida, fresca, com perfumes quentes, para ele começar a percorrer-lhe as formas, com as mãos ainda gordurosas dos molhos.

Mas que doçuras a sua vida tinha! A melhor, eram as tardes no Bois, pela primavera, na sua caleche, com os seus cavalos ingleses, sorrindo sob o guarda-solinho de seda, sentindo penetrar-se de um bem-estar consolador que a dilatava, recebendo uma felicidade vaga de tudo — da brandura das molas, dos castanheiros

dos Campos Elísios, do macio acetinado do ar, do trotar dos cavalos, da riqueza das *toilettes*, do vago ar de pó de arroz, da água fria e polida do lago —, uma felicidade constante, contínua e doce, que lhe saturava o coração como a água satura a esponja. Morava na Rua de Balzac. Tinha colocado dinheiro no último empréstimo da *Cidade*.Os seus cavalos eram conhecidos. Dava-se a atitude reservada de uma mulher casada. Recebia, com cautelas e recatos aflitos, um empregado do Ministério dos Estrangeiros, o visconde de La Rechantaye — só para pôr na sua vida um interesse romanesco. Ia vê-lo em fiacre, vestido preto, com um livro de missa, como uma devota libertina. Frequentava São Tomás de Aquino. Era imperializante:

nunca deixava de trazer o ramo de violetas de uniforme. Tinha ares satisfeitos de rola bem nutrida. A sua cozinheira era excelente. Tinha orgulho no seu *groom*, um pequeno de dezasseis anos, lindo como um anjo, e tão vicioso, que estava amancebado com uma mulher de cinquenta anos; e que até tivera uma doença obscena, tão medonha, que o Dr. Ricord, lívido, julgou que era uma peste perdida do século XVI, do tempo do Jubileu. E contava aquele detalhe às suas amigas, com risos cantados, de gula satisfeita, toda vaidosa de possuir aquele monstro! E todas lhe invejavam o *groom*.

Depois viera o ano terrível, a guerra! Que momento alegre o seu! No dia em que o Senado votou a guerra, o conde de Molinard deu um jantar. Foi um dia

para ela glorioso. Tinha uma *toilette* de seda cor de creme, toda guarnecida de violetas. O seu amante, o visconde de La Rechantaye, devia acompanhar o secretário dos Estrangeiros, que levava a declaração de guerra a Berlim. E lembrando-se então donde partira, de uma pequena vila de Portugal, obsoleta e esquecida, vinha-lhe um orgulho de se achar ali, naquele dia histórico, tendo à sua mesa diplomatas, dois capitães dignos que se iam bater, dois senadores que de manhã, por aclamação, tinham votado a guerra. O que falara, com o seu mau acento francês, que nunca perdera! Todos confiavam na vitória: e repetiam-se, com sorrisos de deleitação, as palavras do imperador: «É a minha guerrazinha.» «Era a guerrazinha de Sua Majestade.» E havia

uns sorrisos extáticos e devotos.

Mas bem depressa foi necessário fazer as malas para fugir para Bruxelas! Aí passaram o inverno, tristemente, no hotel. Soubera a morte do visconde, na batalha de St. Privat. E quando entraram, depois da Comuna — no dia em que o Senado ia a Versalhes para se prostrar aos pés da República, uma apoplexia atirou, morto, para cima do tapete, com a boca ao lado, o velho infame.

E não fizera testamento. As suas propriedades passavam a sobrinhos distantes, da Normandia. E Genoveva ficava com as suas mobílias, as suas joias, e três mil francos de renda. Pobre! Viveu um ano muito retirada, muito obscura, com uma economia escassa.

E a miséria vinha talvez voltar —

quando Nossa Senhora da Alegria lhe mandou o Gomes brasileiro. Riquíssimo, magro como um esqueleto, com uma pele cor de marroquim colada à caveira, olhos negros, pequeninos, uma barba preta — renovou a Genoveva o seu luxo. Viajaram pela Europa, até São Petersburgo. E ofereceu-lhe levá-la para o Brasil. Num momento de tédio, sentindo-se já cansada para recomeçar a vida, esperando casar, aceitou. Mas detestava-o. Tinha horror à sua pele, onde havia uma doença que fazia malhas vermelhas. E em Lisboa, vendo diante de si o mar atravessar e os seus enjoos, o triste Brasil e o contacto daquele homem odioso — como uma pessoa, que, ao tocar um bocado de carne, sente um vómito subir-lhe à garganta —, recusou. O brasileiro aceitou, quase com

reconhecimento. Deu-lhe trezentas libras, e partiu.

E ali ficara, em Lisboa. Até quando? Encolheu os ombros, e bebeu os últimos goles de gim.

A porta abriu-se devagarinho, e a voz aflautada de Miss Sarah perguntou:

— *My dear*, está visível?

Genoveva exclamou logo, com modo seco, que «não! Era para lhe fazer um bocado de música. Ia já ter à sala com ela!» Miss Sarah deslizou, com a sua alta estatura, pela saleta, foi sentar-se metodicamente ao mocho do piano, limpou os óculos ao lenço, pô-los; e com os seus cotovelos agudos muito saídos, ergueu a voz acre e cantou, batendo o acompanhamento com secura:

Last rose of the Summer!

Mas vendo que Genoveva não vinha, suspendeu-se, olhou em redor, tirou os óculos, e deixando cair no regaço as suas mãos magras de homem, suspirou profundamente.

À luz do dia, a sua pele parecia mais dura, mais seca, com vagas manchas avermelhadas nas maçãs do rosto e no nariz, seco e comprido. Mas a sua testa, alta e convexa, tinha tons lustrosos e pálidos; e o cabelo, arrepiado sobre as fontes um pouco reentrantes e como amassadas para dentro, erguia-se atrás, num rolo fornecido de chumaços. O seu vestido, de seda preta, parecia cobrir um corpo de pau, sem redondezas, sem elasticidades. Os olhos duros, de um azul

frio, tinham um olhar gelado, em que parecia aguçar-se sempre uma vaga acusação. Todo o servilismo que a necessidade lhe impunha, dispensava-o em sorrisos frios que lhe mostravam as dentuças carnívoras. Era triste. Falava pouco, por frases curtas, um pouco sentenciosas. A seu passado, obscuro e misterioso, referia-se sempre com palavras vagas e inspiradas. Às vezes, a certos nomes ingleses da finança ou da aristocracia, tinha gestos, olhares, repassados da saudade dessas convivências ilustres. Quando Genoveva aparecia com *toilettes* mais ricas, Miss Sarah contemplava-a, com certo bamboleamento triste de cabeça, os beiços franzidos, como recordando-se de luxos iguais, para sempre perdidos. E

constantemente a sua conversação se enevoava de melancolias do tempo em que não dependia de ninguém e tinha um interior, uma casa sua, um lar, um *home*. De resto, tinha toda a seca estreiteza das grandes ilhas britânicas, como ela dizia. Ela mesma se isolava numa inacessibilidade áspera, como uma ilha escarpada. Endireitava-se muito; tinha ares de mártir. Um ódio aos países católicos em que vivera acentuava a sua rigidez protestante. A mais inocente litografia de santo ou de Cristo lhe arqueava os beiços secos, num sorriso que escorria desprezo pelos santos, pelos idólatras. Achava todo o mundo para além da Inglaterra, desconfortável: todas as janelas lhe pareciam fechar mal, e todas as comidas estragar o estômago. Em

França e em Portugal, os Franceses, os Portugueses, eram os estrangeiros: ela nunca era estrangeira, porque era inglesa. Tinha o amor secreto do álcool. Devorava novelas inglesas de uma sentimentalidade morna e pueril. E falando dos homens, do amor, com uma reserva desdenhosa, de uma virgem ascética, passavam-lhe às vezes nos olhos duros os clarões turvos de uma luxúria fria.

Detestava Genoveva — pelas *toilettes*, pelas aventuras amorosas, pela palidez que lhe davam os prazeres, pelos trens; e porque recebia dela salários. E o servir mais vezes no *dever*! Genoveva encontrara-a no momento em que, sustentada pelo Gomes e querendo estabelecer a sua vida solidamente, procurava uma governanta séria e grave,

para pôr na sua vida uma tabuleta de moralidade. Miss Sarah fora-lhe recomendada como uma pessoa que tivera *desgraças*, quieta, muito económica, religiosa, e boa pianista. Genoveva bem depressa reconheceu que Miss Sarah não entendia de róis, e muito pouco de música. Sob os seus dedos magros, as melodias mais lânguidas, mais vagas, curtiam-se, tomavam uma andadura seca e brusca, em que as notas caíam como achas que rolam. A sua execução parecia-se com o seu andar: exata, mecânica e hirta. Mas Genoveva conservara-a, porque Miss Sarah, com os seus vestidos de pregas puritanas, as suas lunetas azuis quando o sol era vivo, os seus punhos sempre asseados, o seu nariz severo — fazia pensar numa casa de costumes graves, de

horas regulares, e de contas fielmente pagas; e dava-lhe crédito nas lojas. Aquela figura longa e vestida de preto, na saleta de Genoveva, dava confiança aos homens: assim se põe a imagem de uma santa à entrada de um lupanar.

— Substitui minha pobre mãe — tinha dito um dia Genoveva — e é mais barata.

Apenas Genoveva entrou na sala, Miss Sarah repôs os seus óculos, e batendo com os dedos longos e vermelhos como pernas de lagosta no teclado do piano de aluguer, retomou, com melancolia, a melodia irlandesa:

Last rose of the Summer!...

— Oh não! Não! Nada da «última

rosa do verão»! Basta disso! Basta disso!

Miss Sarah calou-se, e, escolhendo entre os papéis de música espalhados sobre o piano, soltou logo, numa nota plangente:

Dead leaves! Dead leaves!

— Oh não! Também não! — e passeando pela casa, arrastando o murmúrio fresco do seu roupão de seda, Genoveva censurou-lhe aquelas músicas tristes, sempre de um lúgubre!... «Estava farta de sentimentalidade. Queria alguma coisa alegre! Uma música pândega...»

Miss Sarah tirou os óculos, e voltando-se no mocho do piano, declarou que, felizmente, nunca fora seu costume cantar ou estudar essas melodias

perversas.

— Vai para o diabo que te carregue, hipócrita! — disse Genoveva em português. E Miss Sarah, sentindo no acento a vaga vibração de uma praga, ergueu-se com dignidade, dirigiu-se para a porta. Mas voltando-se, disse que via que ela estava com *spleen*!

— Estou — interrompeu Genoveva —, estou com *spleen*.

A inglesa julgou do seu dever de cristã sentar-se e consolar-se: «Também ela estava bem triste. Todos tinham os seus pesares. Recebera bem más cartas de Inglaterra.»

Genoveva interrompeu-a outra vez: «Ai. Não queria ouvir. Bem lhe bastavam os seus pesares; ainda ouvir os dos outros... Não, não.» Ela mesma se

sentou ao piano. Tinha muito tempo estudado, em Paris, mas nunca passara das escalas, com que afligia, de um modo tranquilo e pertinaz, todas as suas relações. Mas sabia o acompanhamento de algumas canções libertinas. Uma, sobretudo, encantava-a — *L'Amant d'Amanda*! —, que durante um verão a França cantara com delícia. E erguendo a voz, mordente e de uma vibração quente, cantou:

Chaque femme a sa toquade,
Sa marotte et son dada.
Amanda me demanda
Un jour, entre deux oeillades:

Miss Sarah tinha-se erguido, e subtilmente saíra. Genoveva recomeçava

as palavras, a cabeça alta, um sorriso garoto, com o francês arrastado e pandilha de café-concerto; e terminando as palavras por tra-la-la-la trauteado, soltava, arrastando as sílabas, numa voz cálida e canalha:

Voyez ce beau garçon-là
C'est l'amant d'A,
C'est l'amant d'A!
Voyez ce beau garçon-là
C'est l'amant d'Amanda!

Fez a sua escala então, duas vezes, rapidamente, embrulhando-se. E ergueu-se, sacudindo as mãos, com um tédio triste.

Aquele estribilho como que lhe trazia a recordação de Paris, de verão —

quando os parques estão cheios de flores; os arbustos raros verdejam; os repuxos cantam nas bacias de mármore; os grandes vidros resplandecem alegremente; e dos vestidos claros saem aromas frescos. E as felicidades do campo, os *cottages* escondidos na verdura; as pescas no Sena, com um largo chapéu de palha. E os casinos, onde se canta, com as janelas abertas, à margem do mar, nas manhãs quentes; onde a areia reluz, e iates envernizados cortam a água serena.

E o aspeto das coisas em redor dava-lhe uma melancolia cheia de bocejos. A sala, com o seu tapete barato, a luz escassa de duas varandas de caixilhinhos miúdos, a banal consola de mármore com dois bonecos da Vista Alegre, o caneco com a sua cobertura de

fustão branco, o lustre vestido com uma gaze vermelha um pouco suja das moscas — entristeciam-na, maços de cigarros fumados, e de mãos nervosas metidas como se se visse coberta com um vestido de merino tingido. A rua, em baixo, tinha um ar triste e lúgubre. Era ao pé do Arco. E constantemente pesados galegos passavam; canecos arrastavam em torno ao chafariz; a água fazia ribeirinhos lamacentos. À porta de uma mercearia, defronte, constantemente um barril de manteiga mostrava a sua cor rançosa; presuntos pendiam, com a cor branca das gorduras frias; molhos de velas de sebo pendiam. E, para além das casas fronteiras, via um pedaço da fachada de São Bento, inexpressiva e lorpa.

E Genoveva bocejava. Os dias

pareciam-lhe enormes, vazios; e o sol arrastava-se com um resplendor monótono. Mas preferia estar só, à companhia de Dâmaso. A sua cara balofa e satisfeita, o seu corpinho gordo e rebolante, a correção do cabelo lustroso de pomadas, as suas luvas de cores garridas, o seu ar ricaço e parlapatão, exasperavam-na. Tinha às vezes vontade de o expulsar a chicotadas. Mas Dâmaso mostrara-se excelente. Ao princípio, habituado às conquistas de espanholas e de matronas amancebadas, ou de alguma burguesa deslumbrada pelo seu faetonte — julgando-se irresistível, tinha falado a Madame de Molineux com um ar vitorioso, à Dom Juan. Genoveva, com um olhar espantado e irónico, alguns ditos secos e picantes, — destruiu-lhe a atitude.

O leão, que entrara com a juba ao vento, saiu com o rabo encolhido de burrinho. Quando voltou, Genoveva, muito tranquilamente, disse-lhe que, para ficar em Lisboa, precisava regular alguns negócios, e necessitava um conto e duzentos mil réis. Dâmaso esteve sem voltar dois dias. Mas a paixão era urgente, a vaidade estava em brasa — e, depois de quarenta e oito horas de reflexão, de maços de cigarros fumados, e de mãos nervosas metidas pela cabeleira, veio, humildemente, com o seu dinheiro na mão. Genoveva pressentiu um *frango a depenar,* e na primeira noite que o recebeu, com uma condescendência altiva, na sua alcova, entonteceu-o, embruteceu-o, pelos processos hábeis de uma sensualidade científica. O excelente

Dâmaso ouviu palavras ardentes, que lhe davam um orgulho quase doloroso, tanto lhe inchavam a pele; recebeu beijos que o deixavam a tremer, com os olhos regalados; viu cuidados de *toilette*, rendas, sedas, que lhe faziam pensar baixo, dando pulinhos: «Hei de lhe dar os últimos cinco réis.»

A sua única contrariedade foi de manhã. Mélanie conduziu-o a uma alcova, onde ele viu, com um calafrio, uma larga banheira chata, com água, e dois grossos pedaços de gelo. Era o *tub*. Mélanie, com uma gravidade sacerdotal, derramou na água meio frasco de *eau de Lubin*, estendeu ao pé um penteador turco, pôs-lhe ao lado as escovas dos pés, deixou-lhe uma taça cheia de espuma de sabão de âmbar, e saiu dizendo:

— Faz favor de chamar, quando quiser a fricção.

Dâmaso ficou de pé, atónito, coçando a cabeça, olhando a bacia. Meteu a medo as pontas dos dedos na água gelada, e recuou, murmurando:

— Olha que partida!

Estava verdadeiramente embaraçado. «Aquilo decerto era um chique parisiense», pensou; e não queria eximir-se a ele. «Mas meter-se vivo naquele horror de água gelada, ah, não!» Molhou a ponta de uma toalha, passou-a de leve pela cara, arrepiado. Fumou dois cigarros junto à banheira, com a melancolia embrutecida de uma cegonha. E saiu, dizendo pelo corredor:

— Venho do banho. Ótimo banho!

Quando, depois de ele sair,

Mélanie veio dizer que «o senhor deixara a água intacta, apenas com duas pontas de cigarro», Genoveva exclamou, furiosa:

— Oh, que bruto! Há de lhe custar mais um par de centos de mil réis.

E custou. Ao fim de quinze dias, Dâmaso tinha *abulado*, como dizia Genoveva, dois contos e quinhentos mil réis; e começava a achar a *graça pesada*. Mas estava estupidamente apaixonado. Todos os seus instintos burgueses: a prudência, a desconfiança, o egoísmo, o cálculo, estavam como cloroformizados. Se algum às vezes se mexia e gemia baixo, os braços nus de Genoveva passados pelo pescoço dele, uma das suas palavras, a que ele achava um encanto estonteador: «meu bichano», «minha vida», «meu ratinho», «cordeirinho

quente», a fraseologia clássica da eloquência libertina — bastavam para que tudo adormecesse dentro dele e só o amor rugisse, com impaciência lusitana.

No entanto, Dâmaso escondia cuidadosamente aos seus amigos aquelas prodigalidades. Fazia-se passar por *amante de coração.* Proclamava-a rica, generosa, desinteressada: fizera comprar em segredo uma abotoadura de coral, que usava, expondo-a como presente dela: «Porque me quer dar tudo! Presentes todos os dias! Está doida por mim! Tenho-a feito doida!» Dizia-o nos cafés, em S. Carlos, ia dizê-lo aos lupanares. Estava a achar um meio como o havia de imprimir no «High Life» do *Jornal Ilustrado.*

O último presente que ela lhe tinha dado, na véspera, era uma velha conta do

Lafferrière, de três mil francos, que ele meteu na carteira, tornando ao outro dia, silenciosamente, com uma letra sobre Marconard et André, os banqueiros da Rua Lafayette, a cinquenta dias de vista, com cem francos para o desconto. E ficou atónito, quando Genoveva a meteu negligentemente dentro de um envelope, dizendo a Mélanie com um bocejo:

— Deita ao correio. É o preço da desonra.

Mas Dâmaso começou a exigir mais publicidade nos seus amores. Aquela felicidade, escondida na Rua de S. Bento, que lhe custava os olhos da cara, se lhe contentava a carne, não lhe satisfazia o orgulho. Queria mostrar-se com ela, ser invejado no Chiado, na Casa Havanesa, olhado em São Carlos, e ouvir dizer: «O

Dâmaso, que felizardo! Aquilo é que é levá-la!»

Madame de Molineux não se opôs muito. Falou ainda no encanto de um amor discreto, todo íntimo. Realmente não a entusiasmava a ideia de se mostrar «com aquele imbecil». Mas aceitou um camarote de 1.ª ordem em São Carlos e mesmo um domingo de Campo Grande. Eram mesmo pretextos para ter enxaquecas. Porque lhe começavam a vir as enxaquecas. E, coisa fatal, era sempre à noite, às onze horas.

— Ah, meu amor, estou terrivelmente doente. Não te posso dar hospitalidade hoje. Tenho de te pôr na rua. Que ferro! Se tu soubesses... Mas vou contigo!...

E quando o sentia em baixo fechar

melancolicamente a cancela, tinha um ai de alívio, chamava Mélanie, pedia o seu gim, e até às duas horas, na cama, bebericava, palrava com Mélanie; ou escrevia às suas amigas de Paris, dizendo que estava em Lisboa, ao pé de África, fazendo sensação na rua, e civilizando um selvagem, rico como um nababo e bronco como um caloirinho.

Naquela manhã estava resolvida a ter a enxaqueca. Dâmaso, ao princípio, objetava a deixá-la «assim só, doente»; lembrava sinapismos; queria ir chamar o Dr. Barbosa. Mas Genoveva «não acreditava nos médicos portugueses. Tinha-lhes horror. Podiam envenená-la ou desfigurá-la». E suspirava pelo Dr. Charmeau. «Ah, se tivesse o Dr. Charmeau!» E uma ocasião, vendo a

repetição obstinada daquele ataque, que perturbava a avidez do seu desejo, Dâmaso, inquieto, lembrou timidamente «uma purga». Mas Genoveva cravou-lhe um olhar tão friamente rancoroso, mostrou um nojo tão elegante daquela lembrança torpe, que Dâmaso diante dela não se atrevia a falar de remédios. Um dia, mesmo, que ia a pronunciar a palavra «magnésia», corou, tossiu, e empregou um circunlóquio.

Por fim aquelas enxaquecas, repetidas três, quatro vezes por semana, pareceram exageradas a Dâmaso. A sua desconfiança burguesa arregalou os olhos. Mas Genoveva tinha atitudes tão quebradas, expressões tão doloridas, queixas tão aflitas sobre o clima de Lisboa, que Dâmaso saía compadecido e

desolado. Quis atrair a seus interesses Mélanie. E a primeira vez que ela lhe foi levar uma carta a casa dele, na Rua da Emenda, Dâmaso, julgando-se «finório», deu-lhe duas libras. Mélanie abriu-se logo às confidências, com a abundância de uma torneira.

«Ai, o Sr. Dâmaso não imaginava! A senhora estava doida por ele. Até estava maçadora! Falava dele constantemente, chorava, não queria voltar a Paris, tinha ciúmes terríveis. Bem podia ter cuidado. Que se ela soubesse que ele olhava para outra mulher, matava-o. Era mulher para isso! Mais arrebatada!»

Dâmaso, encantado, quis saber o passado de Genoveva. Mélanie contou-lho logo, pedindo segredo.

«A senhora tinha casado com o Sr. Conde de Molineux, um velho, mais nojento! Mas coitada, estava então pobre: o primeiro marido, um inglês, tinha-a deixado sem um vintém. Pois, senhor, fora fiel ao velho como uma escrava. E não faltava quem lhe arrastasse a asa! Puh! Duques, príncipes, até o Imperador. Pois nada! Que a verdade devia-se dizer. Ela tinha tido uma inclinação por um rapaz, lindo como um anjo, um tal Raoul de la Chasteraie. Mas nunca houvera nada. Nada! O tal Raoul morrera na guerra, e acabou-se. Não, lá isso era uma pessoa muito amorável. Coitada, infeliz — o patife do velho não lhe tinha deixado nada — tinha-se visto obrigada, depois da morte dele, a pôr no prego as suas joias, e tinha dívidas, dívidas!... Fora a

necessidade que a obrigara a vir com o brasileiro. Mas não o podia sofrer. E não fora superior: um belo dia, zás, deixou-o... Ah, positivamente, servia-a havia dez anos, e era agora a primeira vez, a única, que a via apaixonada.»

— Mas porquê? Porquê? — perguntava o Dâmaso, babado.

Mélanie deitou-lhe um olhar fino:

— O Sr. Dâmaso é tão bonito rapaz.

Dâmaso deu-lhe outras duas libras, e não se conteve: abraçou-a pela cinta, fê-la dar um ai!, beliscando-a de júbilo.

E daí por diante necessitava ouvir a todo o momento, a Mélanie, aquelas afirmações da sua felicidade. A rapariga prodigalizava-lhas. Era uma *pingadeira*.

Estava radiosa. Acostumada a duzentos *sous* dos Parisienses, achava os Portugueses adoráveis. Se todos são assim, pensava, isto é o Paraíso!

Mas as exigências de dinheiro cresciam, e as enxaquecas não cediam. Dâmaso começava a impacientar-se. Além disso achava-a às vezes *esquisita*, de mau humor, taciturna; outras vezes irónica, cheia de pilhérias. Surpreendia-lhe olhares secos, impaciências bruscas. E enfim queixou-se ao seu íntimo, o Manuel Palma, o «Palma Gordo», um sujeito baixote e roliço, de voz grossa e unhas roídas, que vivia um pouco à custa dele. Contou-lhe as somas que lhe dera, os maus humores dela, mostrou-se inquieto, parecia-lhe que ali havia *comidela*.

— Ferra-lhe uma coça! — disse o Palma Gordo.

Era de resto o seu sistema com o *gado* (chamava sempre «gado» às mulheres). Usava sempre um jaquetão e, de verão ou de inverno, o seu colarinho tinha sempre em roda do pescoço uma orla de suor. Comia com voracidade. As calças muito justas quase lhe estalavam nas pernas, gordas e curtas. Admirava Dâmaso, passava o dia a elogiá-lo, a ele, ao seu cavalo, ao seu cão.

— Que diabo, homem! — objetava o Dâmaso. — Não é como qualquer portuguesa. Uma coça! Uma mulher acostumada a Paris!

— Qual Paris! Ferra-lhe uma coça! O gado não vai senão a pau! Ferra-lhe uma coça!

Dâmaso às vezes entrava em casa de Genoveva com tenções de ser enérgico, de lhe falar claramente: «Ou ele era seu amante e tinha o direito de vir quando quisesse, de estar até que horas quisesse, ou então boa noite.» Mas apenas a via, — o espetáculo da sua pessoa, as suas *toilettes*, as suas atitudes, uma carícia leve, deslumbravam-no, como outros tantos aspetos de uma civilização superior e maravilhosa, que o enchia de respeito e de timidez.

Nessa manhã o passeio a cavalo encantara-o. Genoveva era admirável, na sua amazona. Dâmaso fizera-a passar por todas as ruas onde tinha relações. Atravessara o Chiado, tinha caracolado no Rossio, olhando em redor, com a face dilatada, para recolher os olhares de

admiração, as expressões de inveja. Mas, infelizmente, «parece que pelo Diabo», as ruas estavam desertas de conhecidos, as janelas vazias de rostos amigos. Fizera caracolar a sua glória diante de alguns galegos de esquina, e de alguns lojistas preguiçosos aquecendo-se ao sol nas chinelas de tapete.

Aquilo pusera-o de mau humor. Tinha já várias vezes dito a Genoveva que queria que ela aparecesse, saísse!

— Como quer que eu saia, numa carruagem da Companhia? Dê-me uma *vitória*, uma parelha de cavalos ingleses, um *groom* decente, e verá o espalhafato por essas ruas.

E Dâmaso estava quase inclinado a dar-lhe a vitória. Via-a já a descer o Chiado, nalguma das suas *toilettes*

extraordinárias, ao trote estilizado de dois cavalos de raça — e, pela Casa Havanesa, pelo Baltreschi, um murmúrio invejoso correr: «É a do Dâmaso! Que maroto! Que chique!»

Pelas duas horas foi a casa de Genoveva. Mélanie veio dizer em bicos de pés à sala que «estava ali o homem». Genoveva fez logo com a mão um grande gesto que não; e falando ao ouvido de Mélanie:

— Que estou a dormir. Que não recebo. Mas que o espero sem falta, para jantar, às sete.

E quando Mélanie voltou:

— Que disse?

— Fez uma carantonha...

— Que vá para o inferno! Animal!

E dirigindo-se ao quarto:

— Mélanie, traz-me as cartas.

Mélanie foi preparar, no quarto, a mesa, com o baralho. E Genoveva, com uma atitude séria, de uma fé religiosa, começou a deitar as cartas. Baralhava-as gravemente, devagar, com cuidados cabalísticos. Partiu-as com a mão esquerda, dividiu-as em maços. E com a sua mãozinha branca, arrebitando o dedo mínimo onde reluziam pedrarias de anéis, ia-as enfileirando em semicírculos simbólicos. Mélanie, por trás da cadeira, seguia com interesse, como na página de um livro, a revelação do destino. E Genoveva murmurava:

— Uma desordem. Um velho. O rapaz novo, com a mulher loura. Lágrimas. Encontro num lugar com gente, por causa de uma carta.

Baralhou, dispôs, refletiu. E de repente:

— Vem-me ver! Tem de vir ele mesmo: três vezes, vês? — e mostrava a repetição do valete de ouros que se juntava com a dama de copas. — Tem de vir ele mesmo...

E os seus belos olhos pretos iluminados, na fisionomia aquilina e pálida, estavam cheios do vago assombro dos destinos inevitáveis.

— Eu, se fosse a senhora, não pensava mais nisso — disse Mélanie.

Genoveva misturou as cartas, com um ar vago, os olhos muito abertos, prendendo o beiço com os seus dentinhos brancos.

— Ou então — continuava Mélanie, arrumando pelo quarto — pedia

muito simplesmente ao Sr. Dâmaso que o trouxesse. Estar-se a ralar por uma coisa de nada!

— Não. Não quero que o Dâmaso o traga! — e erguendo-se, indo ao espelho, passando o pente nos cabelos: — É ridículo, bem sei. Mas então! Nunca houve ninguém que me fizesse a mesma impressão... Desde que o vi no Teatro da Trindade...

Que o vi! Eu mal vi. Estava à porta, ia apanhar o vestido, volto-me, zás: dou com ele a fumar tranquilamente o seu cigarro. E não me tornou a sair daqui! — bateu com os dedos na testa — Tenho-o aqui, de noite e de dia. Diz que se chama Vítor, que é advogado... — E com piedade amorosa: — Advogado, coitado! Se aquilo nasceu para estar num escritório

a rabiscar papel selado. Pobre bichano! Com aqueles olhos!

Deu um suspiro e, sentando-se aos pés do leito, espreguiçando-se, com os olhos afogados num fluido lascivo:

— Oh, Mélanie! — ergueu-se e, com outra voz, seca, rápida: — Não, palavra, nunca tive semelhante mania por um homem! Não sei o que queria. Queria-o levar, fugir com ele, ir para um sítio que ninguém nos visse, devorá-lo, matá-lo, trincá-lo. É mais lindo! Tão simpático! É um amor. E, não sei, tem o quer que seja: parece-se comigo!

Foi ao espelho afirmar, procurando nas suas próprias feições a vaga semelhança das *dele*.

— Aqui — dizia, mostrando a testa, os olhos. — Se eu não me pintasse

de louro, parecia-se realmente... Deve ter vinte e cinco anos...

— A senhora veste-se para o jantar?

— Hem?

Mélanie repetiu.

— Sim, um vestido preto. Tenho de aturar o outro idiota. Ah, mas quero que ele saiba quem é o velho; que lhe vá pedir uma satisfação...

— *My dear*, está visível? — perguntou Miss Sarah, à porta.

«Ah sim! Podia entrar. Uma gotinha de gim, Miss Sarah?» O rosto da inglesa clareou-se de prazer: «Uma gotinha. Um quase nada. Bastava! Com água. Era *Old Tom*, não? Só mais uma gotazinha. *Just a little drop! That will do. Thanks*.»

Sentara-se, bebia o seu gim, devagar, com concentração. E repetia com devoção a sua máxima, muito inglesa:

— Um estimulantezinho é a saúde da alma.

4

Ao outro dia, pelas onze horas, Vítor estava no escritório. O Dr. Caminha advogava na Boa Hora. E Vítor, com os autos abertos diante de si, os pés estendidos, fumava, olhando o teto. Sentia-se agora num estado de tédio, num vazio de vida, que o enervava. A certeza que Madame de Molinard amava Dâmaso tinha-lhe criado um vago sentimento de ódio por ela. Desprezava-a, julgando-a banal, tola, estúpida: apaixonara-se por aquele imbecil! E, consolando-se com a ideia de que uma mulher de um espírito tão subalterno não o merecia a ele, com tantas belezas de alma, não se podia eximir a desejá-la, de um desejo constante

e crescente. Desprezava o seu espírito, mas adorava o seu corpo. E como a não podia adorar, pusera-se a detestá-la. Não tornara a ver Aninhas. E, perdendo toda a esperança de felicidade amorosa, queria-se entregar às alegrias da literatura. Tentara pôr os seus desprezos pela sociedade e pela vida, em odes, mas depois de noites passadas a triturar o cérebro e a fumar maços de cigarros, desesperado com as rimas, não encontrando ideias — decidira que para poder ser artista devia começar por ser feliz. E como a felicidade não vinha e a arte não o inspirava, pensava vagamente em começar a ser um estroina, embebedar-se, «afogar em orgias» o seu tédio. Mas para isto faltava-lhe o dinheiro. E iludido no seu amor, estéril na

sua literatura, com cotão na algibeira — sentia-se na vida como um homem errante, que só vê diante de si portas fechadas.

De repente, a voz de Dâmaso, fora, na saleta, disse com pressa:

— O Sr. Vítor da Silva? Preciso falar-lhe.

O escrevente ergueu o reposteiro, e metendo parte da sua corpulência, disse baixo, com a voz pigarrosa:

— Sr. Doutor, está ali um sujeito fino.

— Ah! estás só — disse Dâmaso, e tornou a pôr o chapéu. E sem transição, com a voz aflita: — Teu tio fê-la boa! Teu tio fê-la boa!

Vítor abria os olhos muito espantado.

— Encontra a Madame de

Molineux e ferra-lhe uma descompostura!

E Dâmaso deixou-se cair na poltrona respeitada do Dr. Caminha. Mas deu um grito medonho, com um pulo, uma contorção. Tinha-se sentado sobre a ponta de um prego de cabeça amarela e chata. O Dr. Caminha detestava que, quando estava na Boa Hora, alguém se sentasse na sua almofada de veludo verde; mas, na possibilidade do crime, deixara preparada a vingança, e aquele «poderoso orador forense» (como diziam as locais) depunha sempre, antes de sair, um pregozinho na almofada. Era a sua pilhéria querida. Dâmaso tinha corrido, por conselho de Vítor, à cozinha, «onde — disse Vítor — tens um bocadinho de espelho, ao pé da bacia». Voltou mais sereno. Era apenas uma arranhadura. Mas

estava pálido. Chamou «infame» ao Dr. Caminha. Achou a «brincadeira digna de um verdadeiro canalha». O escrevente, à porta, com o reposteiro erguido na sua mão poderosa, olhava por cima dos óculos, a pena na orelha, e exclamava com crueldade:

— Foi o prego! Havia de ser o prego.

Estava contente. Era mal feito a um fidalgo.

Mas toda a exaltação de Dâmaso se tinha acalmado; e foi com uma voz tranquila que contou a Vítor o *caso da véspera*.

— Imagina aqui! Por causa de uma criança, pôr-se na escada, a chamar-lhe toda a sorte! Eu, quando ela me disse que era um homem com uma perna de pau,

uma gaforinha branca, um trem, um bengalão e um casacão comprido, percebi logo que era teu tio. Ele não te disse nada?

— Ele contou-me ao jantar, vagamente. Mas, a falar a verdade, não dei atenção. Todos os dias lhe acontece ralhar a alguém por causa de alguma coisa.

Dâmaso agora passeava no escritório, embaraçado, e levando de vez em quando a mão acariciadora ao sítio ferido.

— Pois sim. Mas a história é que Madame de Molineux quer que eu lhe vá tomar uma satisfação. Vê uma destas!

Vítor riu-se:

— Uma satisfação?

— Uma satisfação, homem;

parece-me que falo português. Diz que foi insultada, que não tem marido, nem irmão, nem filho, nem ninguém, aqui; que só me tem a mim; — e com uma afirmação cheia de fatuidade: — é verdade; que eu a devo desafrontar; sim, enfim...

Vítor agora estava sério.

— Homem, isso é curioso!

— E que, se eu não lhe levasse uma explicação do tio Timóteo, que me não recebia mais! Estava furiosa. Partiu dois vasos, partiu o chicote, ia matando a inglesa. Uma fúria. Queria ir desafiá-lo, matá-lo com um revólver. Enfim, para a conter, suei! E ainda por cima me chamou imbecil! E então saia-se a gente de uma destas: hei de ir desafiar o tio Timóteo! Eu não tenho medo — acrescentou —, eu não tenho medo; mas que diabo! Um

velho! Uma pessoa respeitável! Isto só a mim!

Vítor escutava-o; considerava, vendo-o passear, a sua figura roliça e gordota, a cara balofa, a cabecinha estreita, com um cabelo muito lustroso; e parecia-lhe ver a bengala do tio Timóteo tirar sons baços e fofos daquela nutrição — como quando se batem, na cozinha, untos almofadados de um porco de Natal. Mas Dâmaso estava realmente aflito.

Depois, em tudo aquilo, pareceu-lhe que havia vagamente alguma coisa que o aproximava, por caminhos tortuosos, de Madame de Molineux. E a esta esperança todo o seu despeito desvaneceu, como um nevoeiro à aproximação de um sol forte.

Falou em intervir, expor o caso ao tio Timóteo. Dâmaso apertou-lhe logo as

mãos, com muitas palavras amigas, quase sentimentais. Que o salvava! Que o tirava de uma aflição!

— É falar-lhe hoje, falar-lhe hoje — acrescentava. — Eu contentava-me em que ele fosse deixar-lhe um bilhete. Nada mais. É tão pouco! É tão pouco!

Decidiram então ir logo falar-lhe.

— A esta hora está a ler o *Times* — disse Vítor.

Dâmaso tinha em baixo o seu coupé.

E ao vê-lo passar na saleta:

— Então passou, hem? — perguntou o escrevente, com o cotovelo na mesa, a mão no ar sustentando a pena. — Passou?... É o prego! É o prego do Sr. Doutor!

Dâmaso sorriu. A corpulência e a

voz pigarrosa do escrevente davam-lhe um vago temor. Desde a véspera sonhara com perigos, desordens, duelos. E o escrevente, continuando a escrever lentamente sobre o papel selado:

— Corja de fidalgos! — murmurava.

O tio Timóteo estava com efeito a ler o *Times*. Vítor deixou Dâmaso na sala, a ver um *Álbum de Vistas de Calcutá*, e foi, só, expor ao tio Timóteo o caso, a dificuldade do Dâmaso, amansá-lo, convencê-lo.

— Mas que diabo tem esse tolo com a mulher? É marido? É irmão? É conhecido? É amante?

— Creio que é amante, tio Timóteo.

O tio Timóteo arregalou o olho.

— Olha o alarve! — E com uma palmada no joelho: — Pois apanhou. Ora, ora! É uma mulher soberba! Isto aqui — e indicava o peito — é real!

E pondo-se de pé:

— Bem, como pedir-me satisfações era ridículo; e como deixá-la, sendo amante, é duro; devo eu ceder.

E com um grande gesto:

— Faço-o por Vénus! — e teve um risito. — Diz a esse animal que entre.

Mas o aspeto de Dâmaso, com o seu rosto balofo que suava satisfação, de luvas amarelas, a perna gorda, e o bigodinho muito arranjado, irritou-o. E foi muito bruscamente, sem se levantar, que lhe perguntou:

— Então o senhor estava com ideias de me pedir satisfações?

O Dâmaso curvou-se, pálido.

— Oh, Sr. Conselheiro, pois pode supor? Eu? Ora essa, por quem é...

A sabujice daquele gordalhufo amansou Timóteo. Indicou-lhe uma cadeira; ofereceu-lhe conhaque e água. E pousando ele mesmo o seu copo sobre a mesa:

— Eu já disse ao Vítor. Estou pronto a dar a satisfação. Não quero ir perturbar-lhe o seu arranjinho. — E para Vítor: — Amanhã vai deixar o teu bilhete, com o meu, e escreve-lhe por baixo: «Com os seus cumprimentos.» Mas, já o disse, não o faço por ela, que não me parece boa peça, nem pelo senhor, porque eu não faço favores senão aos meus amigos. Faço-o por Vénus! É tudo por Vénus. Com que então, seu maganão!...

Pois senhores, apanhou boa moça!

Dâmaso, sentado à borda da cadeira, cumprimentava, com uma cor próspera e enfatuada, passando os dedos pelo bigode. O tio Timóteo bebeu outro golo de conhaque, e pondo o cotovelo no joelho:

— E é grátis?

Dâmaso fez-se escarlate. «Ora essa! Era uma senhora! Era a viúva de um senador...»

— São as piores. Na Índia, é a viúva do coronel. A viúva do coronel é terrível. Eu fui vítima. A única letra que assinei na minha vida, três a quatro por cento ao mês, foi por causa da viúva de um coronel. Uma víbora, a viúva do coronel. Mas foi a única. Porque no meu tempo, que diabo, havia desinteresse,

fazia-se amor, tinha-se graça, havia paixões. Agora esta rapaziada, fria, enfezada, com doenças secretas, raquítica — para apanhar o mais pequeno beijo tem de abrir os cordões à bolsa. Um chupismo geral! Puh! Ouço às vezes dizer que as mulheres mudaram, estão interesseiras, especulam com o que Deus lhes deu. Qual! As mulheres são as mesmas. Os homens é que mudaram. No meu tempo éramos valentes, fortes, brutos, atrevidos, com pancada pronta, guitarra para a frente, e uma forçazinha de toiro. Era um regalo para uma pobrezinha de Cristo abrir a porta, de noite, a um destes mocetões... Mas hoje... Vá lá uma mulher ter prazer com uns melquisedeques enfiados, magricelas, com o espinhaço derreado, o queixo caído, sem pilhéria,

sem músculo... Que diabo! Fazem elas muito bem. Para aturar semelhantes bonifrates, é justo que o bonifrate pague. Eu sou por elas, coitadinhas! — e ria-se, com a sua viva fisionomia resplandecente de recordações. — Pois é para a frente! Que é ela? Francesa?

— É portuguesa, Sr. Conselheiro. Mas tem vivido sempre em França. Vive há mais de vinte e cinco anos em França.

Timóteo tirou o charuto da boca, devagar, fitou Dâmaso, perguntou, com a testa franzida:

— Como se chama?

— Genoveva.

E, depois de um silêncio, Timóteo:

— Donde é?

— Da ilha da Madeira.

Timóteo encolheu os ombros. E

repetiu:

— Pois, é divertir-se! Que é o que eu digo cá a este S. Sulpício — e indicou Vítor que, sentado sobre a mesa, cofiava melancolicamente o bigode. — Que diabo, há pais, há tios, que pregam moralidade! São asnos. Eu prego imoralidade. Um rapaz novo quer-se vivo, empreendedor, com dois ou três bastardos, e duas meninas no convento por paixão. Era assim no meu tempo. E seja quem for: criada, costureira, marquesa; tudo o que lhe caia na mão. Um homem é um homem! Os conventos acabaram. Beba uma gota de conhaque, que diabo, não morre por isso.

E retomando o *Times*, repetiu:

— O que lá vai, lá vai. Amanhã, lá vão os bilhetes.

Dâmaso, erguendo-se, agradecia.

— Não tem que agradecer. Faço-o por Vénus — e ria, esfregando vivamente a perna.

No sábado seguinte pela manhã, Dâmaso entrou muito atarefado no escritório de Vítor, e indo sentar-se ao pé da banca, quase ao ouvido:

— É só uma palavra. A Molineux já recebeu os bilhetes. E manda-te pedir para ires lá passar a noite amanhã... Sem cerimónia, hem...

Vítor sentiu o coração bater-lhe alto, e para disfarçar a perturbação:

— E quem vai mais?

Dâmaso fez um gesto desolado:

— Um capricho! Um diabo de um capricho. Imagina tu. Diz que para esta primeira *soirée* — queria ter de todas as

classes. Deu-me uma lista: militares, jornalistas, poetas, membros das academias, diplomatas, cantores. Eu, para reunir toda esta gente, tenho dado em doido. E diz que pessoas de sociedade, não. Quer gente divertida. Queria um ator. Que diabo, não lhe achei nenhum. Enfim, fiz o que pude. Mas olha que é um diabo de um capricho. E adeus, vou a casa do Carvalhosa a ver se ele vem: porque também quer um deputado.

E ia sair, apressado, quando o Dr. Caminha emergiu da contemplação do seu bigode louro, para dizer:

— Este é que foi o seu amigo que se sentou no prego?

Dâmaso voltou-se furioso.

— Sinto imenso — disse, erguendo um pouco, com jeitos derreados,

o seu alto corpo de magricelas, e recaindo languidamente na almofada e veludo verde. — Sinto imenso. E um gracejo patriarcal do escritório. Sinto imenso. É por causa dos intrusos. Foi minha esposa que bordou a almofada. E aqui está o prego! Sinto imenso.

Cumprimentou e repoltreando-se, estendendo o beiço, continuou a catar o longo bigode, pelo a pelo.

Vítor hesitou muito tempo se devia ir à *soirée* de Madame de Molineux — de sobrecasaca ou de casaca. Mas, recordando-se de ter ouvido tantas vezes o tio Timóteo louvar o costume inglês de pôr sempre casaca à noite, «que diabo, mesmo para estar em casa a fumar», decidiu-se a «vestir-se de baile». Era um hábito estrangeiro, que agradaria decerto

a Madame de Molineux. Poria gravata preta? Gravata branca? Resolveu a gravata branca, com uma camélia no peito. E no coupé de praça, muito nervoso, muito agitado, sentia uma sensação semelhante àquela que os estudantes exprimem pelo nome de *cólicas*, que é um vago medo que aperta o estômago e relaxa os intestinos. Que lhe diria? Com que expressões delicadas, espirituosas, lhe falaria? Estaria muita gente? Dançar-se-ia? E estava tão trémulo que mal podia apertar os botões das luvas. Imaginava diálogos, preparava *ditos*, apreciações. E à maneira que o coupé rolava, sentia como um receio de se ver já tão perto da casa, um cuidado que a sua camélia se não desfolhasse. O coupé parou. Vítor viu, no terceiro andar, as

janelas todas iluminadas, que destacavam na noite escura, um pouco húmida de névoa. Era a *soirée*. E foi com uma comoção que bateu à campainha. Um criado, de suíças pretas, casaca, luvas de algodão branco, com um cumprimento que o fez raspar a sola no chão, perguntou-lhe baixo o nome, e erguendo um reposteiro:

— O Sr. Vítor da Silva — atirou, com uma voz grossa.

Na saleta de entrada estavam paletós acomodados, chapéus sobre cadeiras, uma manta de lã, de senhora. As velas sobre as mesas ao lado ardiam. Havia um ar abafado, um murmúrio de vozes na sala.

No primeiro olhar, Vítor viu-a a ela ao fundo, quase deitada num sofá, vestida de seda branca. E logo os seus

olhos pretos e grandes, o seu cabelo louro, o seu decote, e a beleza das suas mãos, de uma cor pálida, com brilho de pedrarias, lhe deram uma impressão tão intensa, que sentiu como dobrarem-se-lhe os ombros. Não reparou no que estava em redor e apenas sentia que estavam velas acesas e que havia reflexos de espelhos.

Dâmaso precipitara-se, e dissera, curvado para Madame de Molineux:

— O meu amigo Vítor da Silva, o sobrinho de — e completou a frase, com um gesto de cabeça, um piscar de olho.

Ela ergueu-se, muito ligeiramente, teve um sorriso, uma ondulação do pescoço, e continuou conversando com um sujeito de barba preta, curta, luneta de ouro, calvo. Tinha ao pé de si uma mesinha e nela um copo de ouro, donde a

espaços bebia, erguendo todo o corpo com ondulações doces e um frémito de seda.

Vítor ficara na sala, de pé, embaraçado. E olhou em redor. Todas as pessoas lhe eram desconhecidas. Mas viu, numa poltrona, um velho cuja cabeça calva, com repas grisalhas repuxadas para as fontes, se enterrava na alta gola de veludo de um enorme casacão escuro. A pele engelhada, muito barbeada, estava sulcada de pregas, e o queixo quase desaparecia numa alta gravata de seda preta. Porquê estava ele ali? Ficou espantado. Era um velho de quase setenta anos. Tinha publicado outrora um livro de fábulas de Esopo, outros de madrigais originais. Vivia de uma pensão do Estado. Pertencia à Academia Real das Ciências.

Já não tinha dentes, e era como uma *ruína*.

— Muito prazer em o ver por aqui, Sr. Couto.

O velho fabulista ergueu a cabeça, e passando a mão espalmada pela cara, sorvendo um pouco:

— Ora viva! Como vai isso?

Tinha a voz arrastada, um pouco fanhosa. E ficou calado.

— Há muito que não tenho o prazer de o ver — disse Vítor, falando alto, porque o velho era um pouco surdo.

O fabulista voltou a cabeça para ele, e em voz baixa:

— A que horas é o chá?

Era muito guloso e esperava naquela casa ter ocasião de comer bolos estrangeiros.

Vítor não sabia, e ia erguer-se,

enfastiado do seu isolamento, quando Dâmaso veio ter com ele. Examinava-o. Havia no seu aspeto um vago ar contraído de inveja.

— Puseste casaca, hem! — disse ele de repente, e depois de uma pausa, muito chegado para ele: — Eu estive para pôr, hem, mas tive medo de parecer que me queria dar ares. Que ferro, hem!

E ficou preocupado, beliscando a asa do nariz.

Vítor olhou então pela sala. Ao pé de uma mesinha de jogo, onde ardiam duas velas, estava um grupo: duas senhoras e um homem. Uma era chamada a Pia de Tolomeu. Não sabia a origem desta alcunha, mas conhecia a pessoa de vista. Era nova, muito alta, com um penteado riçado, erguido, que a fazia parecer mais

esguia. Tinha na *toilette* um ar trapalhão e enxovalhado. O pescoço tinha um tom escuro ao pé do cabelo, do trigueiro sujo que têm certas desleixadas. Estava separada do marido, que era alferes. Tinha olheiras grandes, a cara amarela. E em toda a sua pessoa sentiam-se os hábitos do quartel e a influência do regimento. A outra, não a conhecia. Era uma quarentona, de aspeto solteirão, grossa, quadrada, trigueirada, com um buço, um sinal muito cabeludo no queixo, um enfeite singular na cabeça, em que havia veludo vermelho. Falava pouco, e os seus olhos, que exprimiam muita inveja, muito azedume, uma grande sensualidade, não se desprendiam de Madame de Molineux ou, de revés, às vezes, passavam, com a rapidez fulgurante

de uma chama que lambe um objeto, sobre a figura, efeminada e quebrada dos rins, do Arnaldo, que conversava, sentado ao pé da Pia de Tolomeu, torcendo e retorcendo a mosca com as pontas dos dedos, muito brancos e moles, de colegial vicioso.

Vítor, então, entrou no *fumoir*, donde vinham vozes. À sua entrada, três homens, que conversavam fumando, olharam com curiosidade a sua gravata branca. Era uma sala pequena, com cortinas e o sofá de cretone, um candeeiro de azeite sobre uma mesa redonda, com um pano de veludo escarlate. Um dos sujeitos estendeu-lhe a mão. Era o Carvalhosa, que fora seu contemporâneo em Coimbra, onde era conhecido pela sua porcaria, e ilustre pelos seus vícios.

Passava dias inteiros na cama, e o cheiro do seu quarto estonteava. Agora era deputado, e os jornais celebravam a sua eloquência e citavam os seus trechos. E logo, com a sua voz cantada de papo, um aspeto de superioridade:

— Aqui vem — disse, com o charuto entalado entre dois dedos à altura da boca — quem nos vai elucidar. Ó Silva, quem diabo é esta mulher? Esta espécie de Vénus?

Aquele tom chocou Vítor.

— Tu deves saber melhor que eu. É a primeira vez que venho a casa dela.

— E eu — exclamou ele.

— E nós — exclamaram os dois.

Um, uma cara muito chupada, o cabelo muito chato, de uma cor térrea, cheio de espinhas carnais, sempre a

raspar o queixo com as unhas, muito corcovado, era um jornalista. O outro era um belo moço, com um ar vaidoso, fardado de oficial de lanceiros.

— A mim quem me trouxe foi o Dâmaso — disse o deputado.

— E a nós — disseram todos.

— Pediu-me há dias para me trazer a casa de uma senhora da primeira sociedade de Paris. Diz que é a viúva de um senador. — E tomando um tom declamatório: — No Segundo Império os senadores eram uma coleção caturra de velhos debochados...

— Peço perdão — interrompeu o jornalista —, havia grandes ilustrações: Sainte-Beuve, Merimée...

— Que levaram a França ao abismo — gritou logo o Carvalhosa. —

Pelo amor de Deus, não me fale no Império, meu caro amigo. O Império é a corrupção, é a lei calcada aos pés, é a liberdade agrilhoada, é a orgia nas Tulherias...

Uma voz, à porta, interrompeu, recitando:

Mas ia por diante o monstro horrendo,
Dizendo esses fados...

Carvalhosa voltou-se escandalizado. Mas vendo entrar um sujeito de estatura baixa, com uma barba nascente, que não fora nunca rapada, lunetas defumadas, riu-se e, estendendo-lhe a mão:

— Ora venha de lá o poeta.

— Meus senhores! — disse ele,

cumprimentando. E para Carvalhosa: — Tu desculpa. Eu acudiu-me aquele verso do nosso Camões quando entrei, mas... — e com uma voz compenetrada: — De resto sabes que ninguém aprecia mais do que eu o teu grande talento.

Mas, tendo reparado no jornalista, calou-se, teve um gesto seco de cabeça e, embaraçado, tirou a cigarreira, começou a arranjar um cigarro.

Mas Carvalhosa tinha então continuado:

— Não, meus amigos. Os desastres do Império foram providenciais.

— Acredita então na Providência? — disse o jornalista, raspando mais o queixo, com uma vozinha baixa. E teve um risinho.

Então Carvalhosa, aprumando-se,

atacou a questão religiosa. Deus, segundo ele, estava em tudo: tanto no mais alto feito da história, como no grão de palha que a formiga... «Lá diz Vítor Hugo.»

Mas o jornalista declarou Vítor Hugo um asno, e disse, com um desdém, «que Vítor Hugo estava velho, já não sabia o que dizia».

Carvalhosa perdeu o domínio de si mesmo. Defendeu Vítor Hugo com gestos de possessos, estampidos de voz. Chamou-lhe «o profeta do século XIX», «o inspirado de Hauteville House».

— Isso, isso! — disse o poeta, alçando-se e recaindo.

O jornalista, friamente, coçando-se no fígado, entre o colete e as calças, sorria:

— Os últimos livros de Vítor

Hugo fazem rir.

Carvalhosa berrou:

— Ri-se. Ri-se do génio, ri-se da inspiração, ri-se da poesia, ri-se do sublime!

— Mais baixo — disse uma voz, da porta.

Era Dâmaso, aflito. Fez-se um silêncio. E Dâmaso explicou «que na sala todo o mundo estava inquieto; que se supunha que era alguma altercação; e que Madame de Molineux lhe perguntara se era questão de jogo; e que além disso, os vizinhos em baixo...»

— Bem, se se não pode discutir...

— O Sr. Carvalhosa tem a voz um pouco alta — disse o jornalista, que não cessava de se coçar.

Carvalhosa, que a contradição

azedava, disse com grande altivez:

— Tão alta que o País escuta-a! — e voltou-lhe as costas.

— Por isso se diz que ele dorme — disse friamente o jornalista.

Carvalhosa fitou-o furioso.

— O que quer o senhor dizer com isso?

O outro replicou, coçando febrilmente o queixo:

— Perdão, isto aqui não é lugar...

Dâmaso quis intervir:

— Oh, rapazes, pelo amor de Deus! — e queria arrastar Carvalhosa.

O deputado estava lívido.

— Bem. Nada de tolices! — disse o lanceiro torcendo o bigode. — Agora lá por causa de literatura! E numa casa de fora!

Vítor deixou-os ainda falando, explicando-se, e, envergonhado, tornou a entrar na sala. Madame de Molineux, de pé, conversava com a Pia de Tolomeu, mas vendo-o, dando uma volta que fez ondear a sua longa cauda de seda, aproximou-se dele.

— Eu tinha o maior desejo de o conhecer — disse ela.

Vítor curvou-se, balbuciou algumas palavras vagas. Sentia-a muito perto de si, de pé, direita. E do seu olhar, do seu corpo, dos seus cabelos, saía alguma coisa de tão forte que o fazia instintivamente recuar, como diante de uma fogueira muito forte. Recuou um pouco, inclinando os ombros, como enfraquecido.

— Seu tio tem um génio muito mau

— disse ela sorrindo, abaixando os olhos sobre o leque, que abria e fechava devagarinho.

Era um grande leque negro, onde duas figuras esbranquiçadas passeavam numa vaga floresta azulada.

Vítor dominou um acanhamento que lhe contraía a voz:

— É um pouco arrebatado, mas...

— Oh, eu perdoei-lhe logo — disse. — De resto gosto de gente assim. É uma espécie de D. Quixote: a defesa da viúva e do órfão — e teve um pequeno risinho cantado. — Tem uma bela cabeça. Como se chama?

— Timóteo, minha senhora.

— Parece-se um pouco com Crémieux, não o que faz as óperas cómicas, o outro, o que faz repúblicas —

e teve outro risinho.

Vítor olhava-a enleado. A proximidade da sua carne atraía-o, como um magnete atrai o ferro. Tinha vontade de lhe tocar na carnação esplêndida do seio, de passar de leve a ponta do dedo, para *sentir como era*. Havia numa mesa próxima duas luzes que a alumiavam plenamente. O queixo, o nariz, na saliência, mais batidos da claridade, mostravam o seu desenho puro, macio, que a luz acariciava nas curvas com uma suavidade adorável. Vítor reparou muito nos ligeiros vestígios de pó de arroz. Os seus beiços, cheios, sanguíneos, de uma pele fina e lisa como uma folha de rosa, tinham uma maneira quente, lânguida, de sorrir, abrindo-se devagar, como sob a ação de um crescente calor do sangue. E o

seu peito erguia-se, descia, com um ritmo doce.

— Que idade tem seu tio?

— Sessenta anos, minha senhora.

— Mas estamos aqui a conversar de pé, como duas cegonhas — e foi andando, direita, com um passo lento, sereno, os braços muito junto ao corpo, as mãos unidas, tendo o leque meio aberto: numa atitude de quadro, ou de retrato.

Sentou-se no sofá, muito estendida. Indicou a Vítor uma poltrona ao pé. Naquela posição, o vestido, muito colado, revelava as linhas gerais das formas, e desde o pescoço até aos pés podia-se ter uma ideia da sua nudez.

— Sei que é um íntimo amigo do Sr. Dâmaso — disse ela.

— Conhecemo-nos bastante.

Vítor considerava Dâmaso um imbecil. Queria-se mostrar superior, tendo apenas com ele um contacto social:

— Encontramo-nos muito.

Então, falando devagar, com a sua voz um pouco lenta, dando a certas intenções um cantado parisiense, começou o elogio de Dâmaso: «Era um excelente companheiro. Tinha-lhe feito toda a sorte de obséquios. Saíam a cavalo. Fora ele que lhe arranjara a casa. Fora ele que lhe trouxera as pessoas que estavam.»

E abaixando a voz, com um ar sério:

— E estou muito contente por ter a felicidade de ter um membro da Academia — e olhou com deferência o velho Couto, que, só, na sua poltrona, estava meio adormecido. — De resto contava receber.

Naturalmente demorar-me-ei todo o inverno em Lisboa.

Falava devagar, examinando o leque, outras vezes erguendo, por um movimento lento, os olhos para Vítor. E, de repente:

— Faz versos?

O olhar de Vítor, admirado, quase envergonhado, respondeu.

— Ah, pensei — disse ela. — Pois olhe, foi Dâmaso que me disse.

Dizia «Dâmaso» muito familiarmente.

Disse então as suas opiniões. «Ela adorava os poetas, os literatos. Monsieur de Molineux tinha sempre um ou dois a jantar. Os que podiam receber. Nem todos se podiam receber. Havia alguns tão...» E procurou a frase:

— Tão sebentos! — disse, e com um risinho: — Não sei se a palavra é muito chique. Estou muito esquecida do português.

Vítor, ao contrário «estava pasmado como ela não o esquecera».

— Ah, não seja lisonjeiro! — e os seus olhos, por um movimento lento, lânguido, preguiçoso, envolviam Vítor.

Vítor então declarou que se ele vivesse no estrangeiro, o seu primeiro cuidado seria esquecer o português, Portugal, as portuguesas. Corou mesmo um pouco ao dizer «as portuguesas».

— Nem todas decerto disse Madame de Molineux. E com um sorriso: — Se *ela* ouvisse isso!

— Que *ela*?

— *Ela*, a *ela*, aquela que...

Mas Dâmaso aproximou-se. Esfregava as mãos. Inclinou-se ao ouvido de Madame de Molineux, que se retraiu um pouco, dizendo:

— Bom Deus, hão de imaginar que me está a fazer declarações. Diga alto, meu caro. Que é?

— É que está pronta, hem. É laranja e morango. Está deliciosa. É da melhor neve que tenho tomado este ano.

— Dava um bom intendente, não é verdade? — disse Madame de Molineux para Vítor, mostrando Dâmaso com o leque.

Dâmaso protestou que sim. «Estava pronto a servi-la. Até como trintanário.» E preparando a fisionomia para uma pilhéria mais fina:

— Mesmo como criada de quarto.

Mas tomando um aspeto sério, falando baixo:

— Eu estou realmente envergonhado. Eu estive para pôr casaca, hem, como o Vítor. Mas tive medo de me dar ares. Que ferro, hem!

— Fez muito mal. À noite está-se sempre de casaca. E outra coisa, meu amigo: não se está de botas engraxadas.

Dâmaso olhou para as suas botas de vitela, para os sapatos de verniz de Vítor, fez-se escarlate, enfureceu-se:

— Também tenho sapatos de verniz. Nós também sabemos, minha senhora...

Ia-se fazendo rubro. Mas ela, batendo-lhe com o leque no braço:

— Não seja mau — disse, com um olhar que o acalmou. — E olhe que venha

isso lá de dentro, hem. São quase onze horas.

— Pronto, pronto! — e Dâmaso precipitou-se.

E voltando-se toda para Vítor, com um sorriso:

— Estava eu a dizer-lhe que *ela*...

— Mas, minha senhora — exclamou Vítor, que perdia o seu embaraço, achava facilmente as palavras —, juro-lhe que não há *ela*. Desejava bem que houvesse. Nada mais sublime que... — mas hesitou: vinha-lhe uma frase literária sobre o amor, receou ser pedante.

— Acabe. Quero saber o que acha sublime.

A sua voz era mais abafada. Tinha-se endireitado no sofá. Estava muito chegada a Vítor, que sentia o calor

da sua pessoa, o aroma da sua pele.

— Há muitas coisas que eu acho sublimes — e com uma audácia: — a beleza...

— A beleza é toda relativa. Assim, é possível que haja muita gente que ache aquela senhora com um enfeite escarlate, não me lembra agora o nome dela, muito mais bonita que eu.

— Impossível! — exclamou Vítor.

— Para si talvez não...

— Decerto que não.

Os seus olhos encontraram-se... Mas naquele momento Carvalhosa atravessava a sala, com uma das mãos na abertura do colete, olhando. E dirigindo-se a Madame de Molineux:

— V. Ex.ª está decerto muito fatigada da sua viagem?

— Mas eu cheguei há mais de mês e meio — disse ela, rindo.

— Ah, tem tido tempo de descansar — disse, metendo os dedos pelos cabelos. E aproximou uma cadeira, sentou-se, traçou a perna. E o elástico usado da sua bota aparecia sob a calça arrepanhada.

— E como vai a política em Paris? — disse.

— Bem — disse Madame de Molineux embaraçada, constrangida.

— Os republicanos têm sido admiráveis. O último discurso de Gambetta era bom. Que eu não me entusiasmo. Faltam-lhe as imagens, o brilho, a eloquência, as flores. Mas, enfim, começa uma nova aurora...

— Perdão — interrompeu ela com

um sorriso. E erguendo-se, com um passo muito subtil, um lento ciciar da sua cauda, foi sentar-se ao pé da mulher do alferes, que corou, arredou a cadeira, empertigou-se, tossiu devagarinho, e fez *boquinha*.

Carvalhosa tinha-a seguido com o olhar e, baixo, a Vítor:

— É estúpida esta mulher. Não sabe cavaquear — e erguendo o sobrolho, arremessando os dedos através dos cabelos, foi outra vez através da sala, parou junto do pianista.

— O homem tarda — disse-lhe o ilustre Fonseca.

— Que homem? — perguntou Carvalhosa.

— Para a surpresa — e com um ar desolado, arregalando os olhos, encolhendo os ombros: — É segredo,

ordens superiores.

Mas Dâmaso veio passar o braço pelo do Carvalhosa:

— Ó Carvalhosa, por quem és, menino, vai fazer as pazes com o Pascoal Pimenta.

— Eu não falo a esse asno — gritou o outro, orgulhosamente.

— É bom rapaz, coitado.

— É uma besta.

E o Sr. Reinaldo, que desde que Madame de Molineux se fora sentar junto à Pia errava pela sala, embaraçado, procurando um grupo, uma conversa, não podendo bastar-se a si mesmo, vivendo sempre dos outros, veio logo perguntar:

— Quem é besta? Quem é besta?

Carvalhosa fitou Reinaldo. Dâmaso viu que se não conheciam, fez

logo a apresentação, muito cerimoniosamente.

— Tenho muita honra — disse Reinaldo cumprimentando. — Tive o prazer de o ouvir na Câmara. Eu vou muito à Câmara. Ainda ontem lá estive.

— Interessa-se pelas sessões? — começou Carvalhosa, brincando com os berloques do relógio.

— Não. É que fui acompanhar uma rapariga espanhola, que estava com muita curiosidade. Há de conhecer. É da... — e falou-lhe ao ouvido. — A Lola — disse alto —, a magrita.

— Ah sim, sim — disse Carvalhosa. E afastaram-se, muito unidos, cochichando.

Vítor voltara ao gabinete de cretone azul. No sofá, só, isolado, estava

Pascoal Pimenta. Roía as unhas, bamboleava a perna. Vítor não o conhecia, mas, sentando-se, lançando uma baforada de fumo:

— A questão há pouco ia-se azedando — disse.

— É um asno — disse Pimenta friamente.

Mas então o poeta lírico entrou, acendeu o cigarro, sentou-se noutro canto. Lançava olhares viperinos, por trás das suas lunetas azuis, ao jornalista, com os braços cruzados, os pés cruzados. E todos três, fumando como chaminés, estavam imóveis e calados, como ídolos.

Mas a figura de Madame de Molineux apareceu à porta:

— Cuidei que tinham fugido — e o seu olhar foi direito a Vítor, mas

voltando-se para o poeta: — Sabe que chegou a sua vez? Aqueles senhores estão ansiosos por o ouvir.

O poeta curvava-se, dobrava o espinhaço; mas a um gesto de Madame de Molineux atirou o cigarro, e com um movimento, veio oferecer-lhe o braço.

— Outro asno — murmurou o jornalista.

Mas sentiu-se um prelúdio de piano. Vítor entrou na sala.

O ilustre Fonseca, com a cabeça no ar, o olhar errante, a piscar por trás dos seus óculos que reluziam à luz, passeava as pontas polpudas dos seus dedos de merceeiro, de leve, sobre o teclado sonoro. Uma lenta harmonia velada elevava-se. As duas velas do piano, com um enorme morrão,

vermelhejavam. E ao lado, de pé, o poeta lírico passava, um pouco trémulo, a mão pela barba. Olhou em redor, fincou as lunetas, tossiu. Os seus cabelos, que a luz fazia parecer um pouco castanhos, compridos, confusos, caíam sobre a gola. A barba, atravessada pela claridade das velas, parecia mais fina, como uma penugem algodoada e suja. E nos movimentos do seu rosto pálido, os vidros defumados das lunetas tinham reflexos negros. E de repente disse:

— *Contemplação-Visão.* É o título do poema.

Tossiu, declamou:

Tudo está triste e calado,
Há crepes no horizonte.
A água que cai do monte,

Geme no fundo do vai.

As aves vão emigrando
Prós doces calor's do sul;
Ébrias de luz e d'azul,
Vão fugindo ao vendaval.

Porque fugis, passarinhos,
Ó doces aves do céu?

E o poeta pedia-lhes o segredo do seu voo. O que os fazia fugir? Era a injustiça dos grandes? Era ver o talento humilhado? A poesia tornava-se socialista, amarga: a voz do poeta tornou-se cava, e o ilustre Fonseca, procurando o pedal com o gesto ansioso, bateu os bordões graves do teclado. Aquilo tornava-se lúgubre.

Mas então, de repente, o poeta sorriu, e como uma aberta num céu de inverno, saiu-lhe da boca, com o seu som fanhoso, uma estrofe alegre. A estação mudava: as neves tinham derretido, flores rebentavam:

É primavera, é verdura,
Tudo sorri, céu e terra.
Cansado da invernal guerra,
Canta o espesso arvoredo.
As margaridas, no prado,
Às virgens falam de amor.
E está debruçada a flor,
Dizendo ao lago um segredo.

— Muito bonito, muito bonito! — disseram.

Mas então o poeta, sem razão,

entristeceu-se. A voz escureceu-se. O ilustre Fonseca procurou o pedal. Um acompanhamento semelhante ao dobre de finados ecoou na sala. Os olhos da mulher do alferes alargaram-se numa contemplação piedosa. E o poeta disse as suas amarguras. Naquela festa da natureza, só ele estava triste. Desprezava o mundo. Não via nele senão fel.

Desprezava os potentados, os exércitos, o «brônzeo canhão». Preferia a tudo a singela violeta.

Mas de repente a poesia encheu-se de alegria. Uma felicidade transbordava das estrofes como de taças cheias, escorria pelas rimas. O que o consolara? O quê?

Porque sinto este meu peito,

Que era um campo ressequido,
Tornar-se prado florido?

E todos esperavam ansiosos a explicação daquela fertilidade.

Mas então a porta abriu-se. Dois homens entraram. Dâmaso fez-lhes *chut*, com um olhar ansioso, o dedo sobre o nariz acachapado. E os dois homens ficaram imóveis, encostados à parede. Um, vestido de baile, com o hábito de Cristo, era o Marinho, que se mexia, encostado à parede. O outro era um homem alto, corpulento, de uma palidez de mármore, grandes cabelos luzidios deitados para trás, compridos, um chapéu de pasta, de cetim, o bigode levantado, os movimentos de um cantor e as atitudes de um charlatão. Foi logo muito olhado.

Cochichou-se baixo.

O poeta percebeu que a atenção lhe fugira por entre as estrofes, como uma pouca de água por entre os dedos. E procurou cravar o interesse. O que o consolava? *Ela*.

Vi-a numa noite doce,
Em que o rouxinol cantava,
E todo o céu se estrelava,
Luminoso pavilhão.
Era Sintra! Sinto ainda
O doce correr das fontes,
E a sombra, nas nossas frontes,
Das árvor's do Ramalhão.

A poesia tornava-se indiscreta. Roma contava passeios comprometedores. Apelava para os astros, para os

balseiros?

Não revelem o segredo,
Ó relvas do prado ameno.

Mas a sua voz entristeceu-se. O ilustre Fonseca procurou o pedal. O Roma soltou a estrofe da desilusão:

Tudo findou. Sobre a terra,
Erro, sombra fugitiva.
Tudo odeio. A flor mais viva
É para mim flor do Averno.
Por mais que as fontes murmurem,
Que a aragem brinque no ar,
Que haja na terra verdura,
Para mim é tudo inverno!

— *Bravíssimo sia il poeta* —

disse o homem corpulento.

E logo João Marinho adiantou-se, com ele pela mão, e curvado diante de Madame de Molineux, disse que era o barítono de São Carlos, o Sarrotini.

Havia grupos, um rumor. O criado entrara com os pires da neve. Roma ia recolhendo os elogios. A Pia de Tolomeu pediu-lhe uma cópia. O Sr. Reinaldo achava lindo para pôr no *fado*. Todos eram acordes que era melhor que o Sr. Vidal. E Roma saboreava o seu triunfo, quando, ao entrar no *fumoir*, ouve o Pimenta dizer ao lanceiro:

— É uma série de ninharias imbecis, como tudo o que faz o Roma.

Esteve para fazer um escândalo. Mas conteve-se e saiu, furiosamente. Dâmaso encontrou-o no corredor,

vestindo desesperadamente um gabão de Aveiro.

— Vais-te embora? Que é?

— Não, não me quero perder! Se fico, racho aquele insolente daquele periodiqueiro!

Dâmaso quis calmá-lo:

— Oh menino! Oh menino! — disse. Tirou-lhe o gabão e disse-lhe: — Mas olha que há ceia.

Com aquela certeza, o Roma ficou. Tornou a entrar na sala.

Mas Sarrotini, de pé no meio da sala, fazia *sortes de prestidigitação*, com as mangas da casaca arregaçadas, pedindo a todo o momento um ovo, um limão. Dâmaso precipitava-se, aparecia rindo. Estava radioso. E, de vez em quando, baixo, a Vítor:

— Está uma bonita *soirée*. Um ferro, de não ter trazido casaca!

Havia um círculo de admiração.

Depois o Sarrotini imitou o zumbido de uma mosca. Fingia-se perseguido por ela, angustiado. Batia palmadas no cachaço. Seguia-a pela sala em bicos de pés; ou, com a mão concavada, o braço muito estendido, queria caçá-la no ar. E, no silêncio, o zumbido monótono, áspero, ora fino e assobiado, ora grosso como uma rala, volteava, subia, pousava um momento, soltava o seu ruído impertinente, através da sala. Houve muitos aplausos. Sarrotini tornou-se centro. Ufano, charlatão, falando meio italiano, meio espanhol, com grandes gestos de pantomima e pilhérias de palhaço, as compridas abas da sua

casaca flutuando, um olhar impudente — imitou vozes de animais, torceu um vintém entre os dedos, contou anedotas da campanha da Sicília, fez a paródia de personagens célebres; e como era garibaldino, imitou uma cena entre o papa e Antonelli, um que defendia as mulheres gordas, outro, as magras. Declarou-se republicano.

Em redor estava-se atónito.

Carvalhosa então disse, no silêncio:

— O papado, com efeito, é a chaga da Itália. O papado é a treva.

Sarrotini olhou-o. Pediu a tradução. E reconhecendo naquela apreciação a alma de um patriota, veio abraçá-lo, dar-lhe palmadas no ventre. E declarou-lhe ao ouvido que era

carbonário. Quis então cantar a *Marselhesa*. Soltou:

Allons enfants de la Patrie!

Um entusiasmo romanesco apossara-se do poeta Roma, que gritou, com a sua voz fina:

— *A Marselhesa! A Marselhesa!*

Mas Madame de Molineux interveio:

— *A Marselhesa* não! — Fez-se um silêncio. — *A Marselhesa* não! É uma cantiga que detesto. Lembra-me o povo. Outra coisa, outra coisa!

Parecia muito assustada, como se ouvisse uma fuzilaria insurreta. E veio tomar o braço de Vítor:

— Como estão animados agora,

hem!

E, sempre pelo braço de Vítor, aproximou-se do velho Couto, e com um sorriso, muita deferência, um respeito:

— Foi por sua consideração também que não quis que cantassem *A Marselhesa*. Nada mais desagradável aos ouvidos do conservador.

— Não. Passou — respondeu o Couto, que entendera só «dor». — Hoje estou melhor. O que tenho ainda é um bocadito de lumbago.

Ela calou-se um momento.

— Então tem estado doente? — perguntou-lhe, com a voz muito alta, Vítor.

— Muito, a minha ciática.

Madame de Molineux, inclinando-se para ele:

— Decerto, com os seus trabalhos

literários.

— Hem? — e o surdo fez uma viragem.

— Com o seu trabalho literário — disse Madame de Molineux.

— Ah! — disse o Couto. — Essas tolices já lá vão. A que horas é o chá?

Madame de Molineux sorriu, e afastando-se com Vítor:

— É um grande escritor, creio — disse ela. — É da Academia.

Vítor ia explicar-lhe que a Academia em Lisboa não é a Academia em Paris. Mas ela ia-o levando para o gabinete. O jornalista fumava, só, e quando os viu, ergueu-se, pousou o cigarro num bobeche de um castiçal, e saiu, com um cumprimento, de lado.

— Sinto que o afugentemos —

disse Madame de Molineux.

Ele resmungou, fez-se vermelho, tornou a cumprimentar, de lado.

— Eu já pedi ao Sr. Dâmaso para nos fazer assinar o jornal onde escreve. É *O Povo?*

— *O Povo* — disse ele. Cumprimentou outra vez, mais vermelho, saiu. Abafava.

— Está rindo? — começou logo Madame de Molineux. — Fazer de dona de casa, receber, fatiga-me. Aqui não, que são meia dúzia de pessoas. Mas em Paris... Ah, não imagina! — e tomando uma atitude melancólica: — É tão secante, a vida de sociedade!

Vítor parecia-lhe que, todavia, Paris...

— Oh, Paris! Paris! Visto de

longe, decerto. Mas quando se é obrigado a viver naquele turbilhão...

E depois de uma pausa:

— Estou com vontade de me enterrar aqui em Portugal, numa aldeia — e olhou para Vítor um pouco de lado.

— E há-as muito bonitas — disse Vítor. — Tendo-se uma bonita casinha...

— E sendo dois — disse ela.

Mas João Marinho apareceu à porta, bamboleando, batendo com a claque na perna, todo risonho, sorvendo muito, a cabeça às ondulações:

— O nosso homem vai cantar — e arredondou o braço para Madame de Molineux. Vítor seguiu-os.

Ao pé do piano estava Sarrotini, com a sua alta estatura aprumada; e depois que o ilustre Fonseca bateu alguns

compassos, a voz poderosa, cheia, de Sarrotini encheu a sala, dando a tudo uma vibração sonora. Era a ária de Lucrécia Bórgia. Tinham disposto instintivamente as cadeiras em plateia. E, arqueando os braços, rolando os olhos, o barítono atirava as suas notas fortes, inclinando um pouco a cabeça — o que mostrava um pouco o seu pescoço branco, cheio, forte, que a mulher do alferes olhava francamente, e que a do turbante vermelho olhava de revés.

Foi muito aplaudido. E recomeçou logo: a ária de Dinora. Estava em *veia*. Tinha tomado agora uma atitude séria, romanesca. O charlatão mudara-se herói. E a cada momento, nas pausas, limpava os cantos da boca a um lencinho de cambraia bordado. Teve uma ovação. Ele agradecia

curvando-se, como em São Carlos. E pediu logo a Madame de Molineux que cantasse. Ela recusou-se: «Não, não.». Sarrotini atirou-se de joelhos. Todos riram. E Sarrotini, arrastando no chão, com as mãos erguidas, diante de Madame de Molineux que ria, recusava-se com gestinhos de cabeça — cantava uma velha melopeia napolitana:

Preghiamo la Madona

João Marinho reuniu a sua voz áspera e quebrada àquela suplica cantada. Todos riam. E Dâmaso, triunfante, esfregando as mãos, baixo, a Vítor:

— Isto vai-se tornando uma orgia.

Enfim, Madame de Molineux aproximou-se do piano. Dâmaso bateu

logo as palmas. Todos bateram as palmas. João Marinho acenava com um lenço como numa ovação pública.

— Bem — disse ela. Fez-se um silêncio. — Eu não sei de cor senão a balada de Ofélia, na ópera de Ambroise Thomas, *Hamlet*. Se lhes serve...

— Bravo, bravo! — gritaram.

Carvalhosa curvou-se para Vítor:

— *Hamlet!* Que profunda obra! «*To be or not to be*» — recitou, arregalando os olhos.

Mas a voz de Madame de Molineux elevou-se, forte, vibrante como um cristal, justa, um pouco frouxa nas notas baixas. Cantou:

Pâle et blonde
Dort sous l'onde profonde

La willis au regard de feu.
Que Dieu garde
Celui qui s'attarde
La nuit autour du lac bleu.

Vítor nunca ouvira nada mais delicioso. Aquela música vaga, penetrada do terror poético da legenda, melancólica, suspirada, dava-lhe a visão amada de uma terra legendária. Devia ser no nevoento país escandinavo, de terras baixas, cheio de arvoredos. Ali um lago dorme. E na exalação mística da lagoa balançam as formas indefinidas da *willis* e das ondinas. As paredes de um velho castelo escandinavo esbatem-se na névoa. Um coro triste arrasta -se, uma nota igual, de um canto choroso. Ou então desejava estar longe dali, e viver naqueles países, no

Norte, onde as mulheres são altas e têm os olhares azuis. Devia ser num parque, nobre e triste, onde os abetos das avenidas põem uma sombra húmida. Uma aragem salgada passa no ar. O Báltico azula-se. E no longo terraço edificado por algum velho senhor da Dalecárlia, paira, leve como uma fada, calada, cismando, toda envolvida no ar calado e frio, uma princesa da raça dos Suevos, uma filha de rei, uma Ofélia.

Mas na pausa, antes da segunda estrofe, os olhos de Madame de Molineux vieram pousar-se nele. E de repente, sem motivo, sentiu um orgulho, uma felicidade de viver, uma plenitude de sensações. Teve quase vontade de chorar.

Mas aplaudia-se Madame de Molineux. Havia tumulto quase. Ouviam-

se, apreciações: «divino», «maravilhoso».

— Tem uma fortuna na garganta — dizia em redor, ganindo, com grandes gestos, o Marinho.

E Carvalhosa disse, com autoridade:

— Tem o sentimento.

O alferes afirmava «que era uma mulher de fazer endoidecer».

Ela, no entanto, sorrindo, tossindo um pouco, como cansada, fora sentar-se. Dâmaso veio ao pé dela, e falando-lhe quase ao ouvido:

— Cantaste como um anjo. — Naquele momento Vítor olhava-a devoradoramente.

— Já lhe disse que não quero que me trate por tu.

Dâmaso ficou *picado*.

— Ora essa, mas parece-me que...

— Que durmo consigo? Sim, é verdade! — E encolhendo os ombros: — Pois bem: não é uma razão.

O criado veio bradar que «a ceia estava na mesa». Fez-se um rumor de cadeiras. E Madame de Molineux, com uma grande majestade, foi tomar o braço do ilustre Couto. O velho fabulista dormia. Tiveram de o acordar, avisá-lo. Meio estremunhado, não compreendia. Todos esperavam, de pé, calados. Dâmaso puxava-lhe pelo braço. E depois de gemer, resmungar, tossir, cabecear, o velho fabulista equilibrou-se sobre as suas botas espalmadas, com joanetes decrépitos, e foi, com o passo arrastado, segurar, pelo braço trémulo, Madame de

Molineux. Os outros seguiram. O jornalista foi o último. A sua bílis crescera, estava humilhado, furioso, mas não queria perder a ceia. E escarrando no chão, foi andando, hirto, com as mãos atrás das costas.

***

Às duas horas da manhã, a ceia findava. Madame de Molineux estava esquecida, com uma grande conversação com Vítor. Tornavam-se expansivos. Vítor dizia-lhe as suas ocupações, as suas simpatias, as suas opiniões.

— Sou republicano — disse-lhe ele.

Ela repreendeu-o brandamente: «Devia ser pelo seu rei», disse, «pela

religião. A religião é o primeiro dever de um homem bem-educado. Não era possível ser-se da sociedade, ter chique, sem a religião.» Depois ocuparam-se dos outros. Analisaram certas figuras ridículas: o jornalista que comia, calado, triste, despeitado, levando a faca à boca; o poeta, que devorava com sofreguidão, estendendo o braço por cima da mesa, partindo o pão com a faca; o Sr. Reinaldo, conversando muito ternamente com a mulher do alferes, limpava as unhas com o palito. Riram, cochicharam, beberam.

Marinho ficara ao pé da mulher do turbante. Estava furioso. Cravava em Madame de Molineux olhares desesperados. A velha grunhia, não respondia. Ninguém sabia o seu nome: viera com a mulher do alferes. E durante

toda a noite tivera apenas uma palavra saliente: Madame de Molineux perguntou-lhe se tinha ceado bem:

— Estou entupida — disse com uma voz de papo.

O Couto comia ainda, abatido na cadeira, o braço estendido em cima da mesa, fazendo com os dedos velhos, cartilaginosos, que saíam de uma comprida manga de canhão, bolinhas de pão, que da polpa dos dedos lhe saíam negras. E Dâmaso, atarefado, sempre a levantar-se, falando baixo ao criado, indo à cozinha, aparecendo com garrafas debaixo do braço — estabelecia claramente que era ele, segundo a expressão invejosa da mulher do alferes, «quem pagava a festa» — e entrava com o Sr. Reinaldo numa longa suposição de

«quanto lhe daria por mês».

Mas quem mostrava uma felicidade exuberante era o ilustre Fonseca. O Sarrotini chamara-lhe «Maestro». Todos começaram a chamar-lhe «Maestro». O ilustre Fonseca estava rubro de glória. Disse alto, numa ocasião, a Sarrotini:

— Tu, com o teu grande génio...

Sarrotini respondeu:

— Falando de génio, quem o tem mais vasto que tu?

O ilustre Fonseca inclinou-se, grave. E de uma extremidade da mesa à outra diziam: «o meu génio», «o teu génio», «o nosso génio».

Houve a ideia de cantar uma canção com acompanhamento nos pratos. E logo Sarrotini, já avinhado, mugiu, num

furor garibaldino:

Entreremo in Roma santa,
Monteremo al Campidoglio.

— Não, não — exclamaram. «Não queriam uma canção política.» Desejava-se «alguma coisa de ligeiro».

— Além disso — gritou Vítor, que estava já alegre — a canção não tem razão, já que os Italianos entraram em Roma.

Aquela observação exaltou Sarrotini. Ergueu-se, fazendo no movimento cair a cadeira, veio a Vítor com o olho inflamado, e dobrando-lhe com as suas fortes mãos a cabeça para trás, deu-lhe um beijo sonoro na testa. Houve um alarido.

— Proponho que não se beijem senão as damas! — gritou Marinho.

— Este *signor* é bastante formoso para se poder beijar.

Todos olharam um momento Vítor, com uma cor no rosto, o olhar aceso, pela proximidade de Madame de Molineux, pelo *Viúva Clicquot*, um sorriso voluptuoso nos lábios — estava realmente, como disse baixo o Reinaldo, «um rapaz de fazer furor».

Madame de Molineux olhou-o. E o seu olhar alargou-se, escureceu, o peito arfou-lhe e, como à passagem aguda de um desejo, deu um tremor nervoso às pálpebras.

Ficou calada. Mas tinha um certo sorriso fechado que do lado esquerdo lhe levantava o beiço, deixava ver uma

claridade de dentinho.

Mas Marinho não cessava de gritar:

— Proponho que se não beijem senão as senhoras.

— Tem medo que o ataquem — bradou, rindo muito, o Reinaldo.

— Que comece pela vizinha — disse Dâmaso, cumprimentando-a.

Àquelas palavras, a do turbante vermelho ergueu-se furiosa, ia sair da sala. Dâmaso precipitou-se. Madame de Molineux, a mulher do alferes, e em volta dela, falavam, explicavam:

— Que tontaria! É uma brincadeira.

— Eu sou uma mulher de bem! Eu sou uma mulher de bem! — disse, sufocada. Enfim trouxeram-na de novo,

sentaram-na. Estava apoplética. Os olhos luziam-lhe com laivos sanguíneos.

Mas então Dâmaso ergueu-se, foi falar baixo a Carvalhosa. Carvalhosa teve um sorriso, aceitou. E daí a momentos, Dâmaso, vindo sentar-se, batendo com a faca no prato, fortemente:

— Peço um silêncio, meus senhores.

E com o copo em punho, Carvalhosa, majestoso, ergueu-se. Todos se calaram. O deputado atirou os dedos por entre os cabelos, limpou os beiços com o lenço, que arremessou para cima da mesa, mexeu no prato, na faca, com a vivacidade de quem espalha apontamentos num rebordo de tribuna, e disse:

— Eu não estava preparado para falar, mas o meu ilustre amigo, o Sr.

Dâmaso, veio-me pedir para ser o intérprete dos sentimentos de todos nesta noite festiva, para com a nossa graciosa anfitriã.

Fez uma pausa, olhou em redor, levou à boca a taça de champanhe. Uns escutavam-no com os cotovelos sobre a mesa, roendo os palitos, outros com os olhos baixos, como no sermão. Sarrotini tinha a fisionomia esgazeada. Madame de Molineux sorria imóvel.

— V. Ex.ª vem de Paris — continuou ele na sua apóstrofe. — Decerto não pode encontrar aqui os esplendores do Boulevard, o luxo do Grand-Hotel, a vida infrene do Bosque de Bolonha.

Madame de Molineux, às palavras «o luxo do Grand-Hotel», retomou uma fisionomia pasmada, como o violento

disfarce de um riso.

— Nós somos pobres, mas gloriosos.

— Apoiado — murmurou o ilustre Fonseca.

— Se não podemos rivalizar em luxuosas exibições — disse —, mostramos à Europa o espetáculo de uma paz constante e a persistência num trabalho profícuo. E cuida V. Ex.ª que as nossas glórias são pequenas? Cuida V. Ex.ª?

Madame de Molineux tão diretamente interpelada, corou. Mas Carvalhosa tinha retomado:

— Não! Brilham como faróis, aquecem como chamas.

— Muito bem, muito bem! — disse o poeta. — Que riqueza de

linguagem!

Carvalhosa, escarlate de prazer pela conceção daquela frase, repetiu-a:

— Brilham como faróis, aquecem como chamas.

— Perdão — disse Vítor —, aquela senhora está incomodada!

Todos olharam. A mulher do turbante vermelho parecia ansiada, ofegava, os olhos reviravam-se-lhe; e de repente caiu, com a cabeça pendente, para os braços do Marinho. As senhoras ergueram-se, os homens precipitaram-se. E Carvalhosa, lívido, o copo de champanhe na mão, olhando em redor com o olhar desolado — de pé, o gesto da mão esquerda suspenso e imobilizado no ar —, esperando.

Mas a sala estava vazia. Todos

tinham saído para o salão grande. Já se ouvia o piano. Só o poeta lírico, diante de um pudim, servindo-se brutalmente, urfi pouco bêbado, murmurava:

— E tu, ilustre orador, ficaste reticente?...

Carvalhosa, furioso, atirou-lhe uma obscenidade, foi vestir o paletó e saiu.

O criado, que alumiava, observou:

— Há o café agora.

— Obrigado. Que o bebam — e desceu as escadas, com um passo enraivecido.

No entanto, no quarto de Madame de Molineux, a do turbante vomitava. Tinham-lhe feito chá verde. Mas a indigestão, rebelde, enfartava-se, irrompia pelas goelas em grandes jatos. E

na sala, ao som da valsa que tocava o ilustre Fonseca, Sarrotini e Dâmaso valsavam!

Mas enfim tinham conseguido domar a indigestão da mulher do turbante. Mélanie tinha-a levado para o quarto de Miss Sarah, para descansar um bocado, desapertar.

E Genoveva, diante do espelho, dava um jeito no cabelo, quando Vítor apareceu à porta. Vendo-a só, queria retirar-se: «Vinha saber se a outra senhora estava melhor.»

— Entre, entre — disse Genoveva. — Faz-lhe medo o meu quarto? Não é a caverna dos quarenta salteadores da Calábria.

Vítor entrou devagar, como numa igreja. E logo as cortinas do leito, o

sachet de cetim azul, o faiscar dos frascos, um roupão de seda pendente, as luzes que se derretiam nas bobeches, tudo o prendeu, o imobilizou, e fazia como uma malha, a que a sua vida se prendia. Ficou tão perturbado que apenas pôde dizer:

— Está muito bem instalada aqui.

Ela riu, com o seu riso cantado:

— Que horror! Nem diga isso. É um quarto de aluguel. É um quarto banal. Nem sei como posso dormir. Tive de comprar colchões de penas, um *sommier* de molas. Senão não podia. Aqueles detalhes caíam na alma de Vítor como o calor perturbante de um vinho generoso. E olhava avidamente os menores detalhes, como para surpreender nos móveis, no toucador, vestígios da sua beleza descoberta, das suas atitudes em *robe de*

chambre, alguma coisa da sua nudez, e os seus pensamentos.

Madame de Molineux continuava diante do espelho a arranjar o cabelo, a pôr pó de arroz, a bulir nas pulseiras. O seu peito arfava apressadamente. O seu olhar escuro reluzia. E sobre o seu perfil, que Vítor via, as luzes do espelho faziam resvalar claridades de uma doçura esbatida, que punham nas partes alumiadas da sua pele um esplendor animado.

— Quer-se sentar? Sente-se — disse ela. — Tem ali cigarros. Pode fumar. Eu, não me importa o fumo no quarto. São cigarros de Paris: *Phersali* forte.

Vítor tomou um cigarrinho, e pensou acendê-lo à luz do toucador.

Aproximava-se de Genoveva, quase lhe roçou o cotovelo. Não diziam nada. Fora, na sala sentia-se o ruído do piano, risadas, uma valsa incessante que fazia oscilar o soalho velho. Dentro de um vaso, estavam umas poucas de camélias. Vítor pôs-se a gabar-lhas. Ela, calada, pousou o pente que retomara e, sem se voltar para ele, escolheu uma, vermelha, tirou-a do vaso e, voltando-se, meteu-lha na casa da casaca. Os olhos de Vítor por um momento encontraram-se com os de Genoveva. As mãos dela, ao fixar a flor, tremiam. E disse, com uma voz ligeiramente perturbada:

— Não a vai perder, hem?...

Vítor teve uma audácia, disse, ferindo as palavras, com um mordente apaixonado:

— Vou guardá-la, para sempre.

Ela teve logo um risinho:

— Que tolice! Ah, mas o senhor é poeta, esquecia-me.

E acabando de lhe pregar um alfinete na casaca, afastando-se, acarinhando ainda a flor com os seus dedos:

— Aí está! Condecorado. É a minha ordem. É a Ordem da Camélia Vermelha. É o meu cavaleiro... *Voilà!*

Mas então uma labareda de paixão abrasou Vítor. Sentiu a cabeça voltar-se-lhe, estendeu desesperadamente os braços para ela, exclamou:

— Ouça!

Ela recuou, bateu-lhe de leve com o leque nos dedos, e como surpreendida:

— Que é isso?

Ele ficou petrificado, vermelho. E ela, adiantando-se:

— Vamos valsar. — E tomou-lhe o braço. A porta abriu-se neste momento, e a voz de Dâmaso exclamou:

— Que é isto aqui?

Madame de Molineux, direita, com o peito alto, perguntou-lhe, com uma voz singularmente fria e altiva:

— Isto quê?

— Esta cavaqueira, assim, desaparecem — balbuciava. Ficara à porta, pálido, diante deles.

— *Get out of the way!* — disse ela com desprezo, acenando com o leque, impaciente, como para repelir um cão. Ele afastou-se, com os beiços trémulos.

— Sabe inglês? — foi perguntando Genoveva, tranquilamente, a

Vítor.

Ele teve uma resolução suprema:

— Só uma frase.

— Qual? — perguntou, inclinando a cabeça para o lado.

— *I love you*.

Madame de Molineux voltou o rosto, abriu o leque, abanou-se rapidamente, não respondeu. E erguendo a voz:

— Maestro, a valsa da *Madame Angot*. — E começaram a valsar. Iam, iam, e tão rapidamente, que parecia a Vítor, pouco acostumado, que a casa girava como um disco. Senda o corpo forte dela vergar-lhe nos braços, a sua mão a carregar-lhe no ombro. E com a cabeça um pouco baixa, o leque na mão, volteava, de um modo doce e ondeante, e

a longa cauda do seu vestido varria em volta das espigas, e quando parava, impelida ainda, enrodilhava-se nas pernas de Vítor. Ele ficara a arfar, ela sorria, vermelha, como luminosa. E viam diante o lanceiro, com o corpo muito arqueado, os rins saídos, voltear, voltear, levando nos braços, quase desmaiada, a Pia de Tolomeu. Então o Sarrotini valsava com o Sr. Reinaldo; riam, pulavam. O ilustre Fonseca apressava o compasso. E o poeta Roma, ao pé do piano, avinhado, cantava a valsa, improvisando:

Valsai, valsai,
No delirante giro.

E no *fumoir* o velho fabulista, espapado a um canto, roncava.

No entanto Dâmaso, sentado, seguia Vítor e Genoveva com olhares furiosos. Sorrindo, Genoveva parou um momento junto dele:

— Que fúnebre que está! Dance, distraia-se. Esses desgostos envelhecem-no — e riu. Ele ergueu-se furioso:

— Que graça! — murmurou. E com um olhar de rancor afastou-se.

— Idiota — murmurou Genoveva.

Vítor ouviu, e concebeu daquelas palavras uma esperança imensa, um deleite extraordinário. Arrastou-a a valsar. Mas ela parou, e soltando-lhe o braço, indo com um passo nervoso a Dâmaso, que estava encostado a uma ombreira com o aspeto feroz, disse-lhe rapidamente:

— Está a ser excessivamente

ridículo, percebe? Se não pode dominar esses ares lúgubres de tragédia, agarre o seu paletó e vá-se.

— Mas para que estavas tu?...

— Já lhe disse que me não tratasse por tu.

— Bem. Boas noites! — disse ele furioso. E ia sair.

— Escute! Leve-me aquele académico, aquele sábio, que está a ressonar! Vão, vão!

Dâmaso, que prometera reconduzir o fabulista, foi acordá-lo brutalmente, pô-lo de pé estremunhado, gaguejando, sacudiu-o, agarrou-lhe pelo braço, levou-o para o patamar. Ele e o criado vestiram-lhe uma capa de gola de veludo. E Dâmaso, arrastando-o pela escada, meteu-o para dentro do coupé como um fardo, e

batendo com a portinhola, furioso:

— Para casa deste senhor! — gritou ao cocheiro —, a Jesus.

Em cima, as janelas flamejavam. Acordes de piano ouviam-se. Sentiam-se risadas. E enterrando-se no fundo do coupé, Dâmaso ruminou a sua cólera: «Aquela desavergonhada! Já de namoro com o outro! E que modos! Que tom! Como se fosse uma senhora! Uma reles prostituta! Uma chupista! E ele, asno, a meter-lhe dinheiro no bucho!

— Bonita festa! — disse a voz do Couto, que mascava em seco.

— Muito bonita — disse Dâmaso com rancor.

5

Vítor da Silva voltou da *soirée* de Madame de Molineux a pé, sentindo-se como levado por alguma coisa de profundo e de doce, que vinha da sua alma e que o enchia como o vento faz a uma vela. O nevoeiro desfizera-se, estrelas brilhavam, um ventozinho frio errava. E batendo o passeio com passos nervosos, que levantavam um som nas ruas desertas, Vítor procurava recordar-se de todos os detalhes da *soirée* e continuá-la pelo pensamento, para sentir, como renovar, as sensações que ela lhe dera. Mas tudo se perfilava confusamente, afogado no brilho da figura de Genoveva. Ora toda a sua pessoa reaparecia diante dele, mandando-

lhe a fulguração total da sua beleza, que o fanatizava; ora eram fragmentos dela, que, de repente, resplandeciam na noite escura: o seu ombro cheio, onde o vestido fazia uma prega; o seu busto, tão elástico, cujos movimentos faziam ranger a seda; ou a pele maravilhosa do seu antebraço nu; ou as sombras que corriam no seu queixo redondo e firme. Certas ternuras da sua voz estavam-lhe ainda no ouvido, com uma prolongação melodiosa e suspirante; e ouvia os seus risos, sonoros como repercussões argentinas. Sentia-se feliz. Cantarolava baixo. E parecia-lhe uma abundância de vida correr-lhe no sangue, mil energias erguê-lo, impeli-lo, como se as excelências da sua alma, do seu caráter, adormecidas dentro dele por falta de um impulso e de excitação, tivessem

acordado, à voz de Genoveva e à influência do seu olhar, e se pusessem ao mesmo tempo a reclamar ação e movimento.

Que fora a sua existência até aí? Como o lento atravessar de um subterrâneo infindável, num sonambulismo espesso. Mas agora, de repente, via desenrolar-se diante toda uma outra vida, luminosa, nova, cheia, amaciada de doçuras, que ele atravessaria com Genoveva, de um modo contínuo e delicioso, num encanto crescente. Porque não duvidava que ela o amasse. Resumia todas as provas. A camélia vermelha ali estava. E todas as palavras que ela murmurara, as meias intenções, os olhares, ás alusões. Sentia então um orgulho imenso. Genoveva parecia-lhe

quase divina, embelezada por todas as cidades em que vivera, todas as ilustrações que conhecera, todos os prazeres que gozara. Uma civilização poderosa, rica, completa, refinada, criara-a, aperfeiçoara-a e penetrando-a, enchera-a da sua mesma essência requintada. E aquela criatura perfeita amava-o. Ela que conhecera tantos homens cativantes pela beleza e dominantes pelo génio, amava-o a ele. E sentia-se assim num pedestal, muito alto na vida. Como a cidade em redor lhe parecia mesquinha, e todos aqueles homens nas casas escuras adormecidos nos braços de mulheres triviais, dignos de compaixão e subalternos!

Jurou tornar-se digno dela: ter *toilettes* elegantes, ler todos os romances,

todos os dramas, para se penetrar do espírito, da graça moderna, saber manejá-la como um florete. Escreveria versos, pediria dinheiro ao tio Timóteo. E quando entrou no seu quarto, foi-se contemplar ao espelho. Achou-se formoso. Arranjou o cabelo. Em que teria ela reparado na sua fisionomia? O que lhe agradava? Era o seu cabelo preto anelado? Os seus olhos rasgados e quebrados? O seu buço tão simpático, tão macio? A sua pele que tinha o leve tom de um pálido marmóreo? E não se resolvia a despir-se, a calçar as suas chinelas; como se, tirando a sua casaca e os seus sapatos de verniz, visse o encanto da sua pessoa e da *soirée* desaparecer.

Teve um acordar de namorado, sentindo logo a recordação dela invadir-

lhe a alma de uma doçura de um beijo imaterial. E apertando os braços contra o peito, abraçava a sua imagem, com toda a sorte de pensamentos ternos.

Nunca o dia lhe parecera tão lindo. Tudo tinha uma luz radiosa, e uma sonoridade festiva. Uma vaga languidez errava no ar. Almoçou na cama. E recostado no travesseiro, fumando cigarros, perdia-se em suposições de episódios de felicidade. Via-se passeando com ela em Sintra, muito unidos, sob os arvoredos murmurosos, ao frio som de águas correntes. Ou no seu quarto, ajoelhado aos seus pés, enrolando e desenrolando nos dedos as suas tranças louras. Nada de impuro ou de libertino lhe passava no espírito. A agudez do desejo quase desaparecia sob a doçura do amor.

E mesmo era castamente que se via beijando brancuras da sua nudez com beijos pequeninos, devotos, refletidos, extáticos. Vestiu-se devagar. E quis compor uma poesia, mas, depois de torturar o cérebro, apenas pôde produzir dois versos:

Ontem, nos giros de uma valsa ardente,
Senti teu corpo vacilar, tremer.

E como a manhã lhe parecia adorável, tomou o chapéu e saiu. Tinha uma vaga esperança de a encontrar. Naturalmente, não foi ao escritório. Tinha horror à Rua do Arco do Bandeira, ao Dr. Caminha, às figuras flácidas dos procuradores: «Ah, não! Não lhe faltava mais nada senão ir enterrar-se na caverna

dos autos! Não nascera, para isso! Era um homem todo de literatura, de sensações, de poesia. Ao diabo o papel selado! Ia escrever um livro, é o que ia fazer. Dedicar-lho-ia a ela.»

Mas, depois de ter errado pelo Chiado, pelo Pote das Almas, pela Rua do Alecrim, pelo Aterro, outra vez pelo Pote das Almas, não a viu. O dia pareceu-lhe entristecer-se como um retirar-se das coisas, um vago encanto ambiente.

E ao outro dia não se conteve. Dirigiu-se, muito nervoso, à Rua de São Bento. Genoveva tinha-lhe dito que estava sempre em casa da uma às três. E tremia quando sentiu a campainha retinir no corredor. Foi Mélanie que veio abrir. E o alvoroço dela, correndo logo, dizendo: «Ah, é o senhor!», deu-lhe o sentimento

vaidoso que era esperado.

Encontrou Genoveva languidamente deitada no sofá da sala, com um livro na mão. Ergueu-se sobre o cotovelo, pediu-lhe desculpa de o receber assim, mas estava doente desde a véspera. E deixando cair o livro no tapete, com um gesto desfalecido, indicou-lhe uma cadeira ao pé, perguntando:

— Então que há de novo?

Vítor ficara muito embaraçado. Estava vestida com um roupão de pano azul, amplo, que fazia pregas largas, soltas, sobre o seu corpo, desenhando a perna, a curva cavada da cintura. Os seus pezinhos cruzados, calçados de meias de seda preta, tinham dois sapatinhos de verniz. Parecia pálida. E com a cabeça como pousada sobre um travesseiro de

grandes rendados, os olhos cercados de umas olheirazinhas cor de bistre, com um destaque negro sobre os tons louros e brancos, voltavam-se para Vítor de um modo dolorido e curioso.

Dizia-se fatigada, com um vago mal-estar, um pouco indisposta de estômago. Pediu-lhe que chamasse Mélanie. E quando ela apareceu, com as mãos nos bolsos do seu avental branco engomado, pediu-lhe, com uma voz expirante, o seu caldo. E voltando-se para Vítor:

— Não repara que eu não faça cerimónia, não é verdade? É um amigo de Dâmaso. É como se fosse de casa...

Ao nome de Dâmaso, tão familiarmente trazido como uma justificação da sua intimidade, Vítor teve

uma contrariedade que o fez corar. Respondeu vagamente:

— Ora essa, minha senhora, ora essa...

E sentia como um arrefecimento geral de tudo em torno dele, uma distância imensa, gelada, desolada, interpondo-se repentinamente entre eles. E sentindo evaporar-se a simpatia que o aquecera, ficara na sua cadeira, constrangido e calado. Disse mesmo:

— Eu, se soubesse, não tinha vindo incomodá-la.

Ela fez um gesto, com um sorriso, como para o tranquilizar, e repetiu, agitando-se no sofá:

— Então que há de novo?

«Nada. O dia estava muito bonito. Um bocadinho frio talvez.»

Ela voltou-se no sofá, e deitando a face sobre a mão, voltada para ele, numa atitude atenta, carinhosa:

— E que fez ontem?

O sorriso que abrira mostrava um fio luzidio de brancura de dentes entre os lábios vermelhos e húmidos como uma folha de rosa debaixo de água. Vítor viu como uma solicitação amorosa no seu olhar. Respondeu baixo:

— Pensei em si.

Mas Mélanie entrava com o caldo, e com o seu passo subtil e confidencial pôs uma mesinha ao pé dela, deixou a bandejinha de prata, ajeitou a travesseirinha, saiu, com uma ligeireza de sombra, tendo dardejado para Vítor um olhar de lado, curioso.

— Então que fez? — disse

Genoveva, que se erguera sobre o cotovelo e remexia devagarinho o caldo.

Vítor repetiu:

— Pensei em si.

E então, com uma abundância de palavras, que todas tinham um tom triste e magoado, Genoveva, deixando-se cair sobre o travesseiro, lamentou que ele lhe falasse assim. «Não era verdade. Que nunca se encontrava sinceridade nem bom senso! Porquê havia de ter pensado nela? Tinham-se visto apenas duas vezes, tinham ceado e valsado. Era uma razão para lhe dizer já palavras de amor ou de galanteio? Mas que mulher julgava ele que ela era? Não se devia começar a pensar assim nas pessoas, contra vontade delas. Ele bem via que as suas relações não podiam ser senão de uma boa

camaradagem. Realmente os homens eram bem singulares: apertava-se-lhes a mão, dava-se-lhes uma flor, para rir, sem má intenção; e logo inflamavam-se, faziam logo má ideia, julgavam-se no direito de exigir.

— Mas eu não exijo nada — disse Vítor. Aquela verbosidade, caindo como uma rajada sobre as suas esperanças, dispersava-as dolorosamente.

— Mas havia de exigir, se eu o escutasse, se eu acreditasse. Não, não é bonito o que fez. Sabe que eu tenho tido amantes, julga-me fácil, diz consigo: «É chegar e gozar», e vem-me ver, acha-me doente, e diz-me logo que pensou em mim. Para quê? Com que fim? Com que esperança? Para eu lhe servir de passatempo, para ir dizer aos seus

amigos...

— Oh minha senhora, acredite — balbuciava Vítor. Aquela compreensão tão errada dos seus sentimentos ofendia-o. Mas ela fê-lo calar com um gesto:

— Ouça. Eu já não sou nova. Que idade me supõe? Tenho trinta e dois anos. Sou uma pessoa nervosa, para quem a vida não tem sido senão uma série de infelicidades, doente, caprichosa, difícil de aturar. Tenho mais de dez contos de réis de dívidas. Já vê que sou uma mulher pouco agradável. Não sou uma mulher *em que se pense* — disse, sublinhando. — Simpatizo consigo, venha ver-me, jantar às vezes (janto às sete, sempre), cavaquear. Mas mais nada... O mais seria ridículo. Sou boa rapariga, falo-lhe com franqueza. Não me quer mal, não?

E nos seus olhos havia, ao dizer estas palavras, uma ternura tão suplicante, com uma sinceridade risonha, que ele sentia o desejo de se ajoelhar, de lhe jurar uma submissão infinita, e pedir-lhe para a consolar, apenas para ser o seu confidente, o seu irmão. Desejava poder pagar as suas dívidas — e tocar de leve no pé que por um gesto ela estendera fora do roupão. E via o começo da perna, a que a meia preta dava uma beleza picante e romântica.

— Não se zangou, não é verdade? — repetiu ela.

Estava agora meia erguida, apoiada sobre os braços. A sua cinta dobrava, numa linha quebrada que se erguia sobre a redondeza nervosa dos quadris, dando todo o desenho da perna,

sob a prega do roupão. Cabelos louros, um pouco desfrisados, cobriam-lhe a testa de fios, e com a cabeça um pouco erguida, o seu pescoço branco aparecia de um redondo firme e polido.

— Posso lá zangar-me consigo! — disse ele apaixonadamente.

— Vamos ser bons amigos, não é verdade? Sente-se aqui.

Deu-lhe um lugar no sofá. E Vítor sentia o contacto dos seus pés, via as suas formas estendidas, e sentia um desejo irresistível de cair sobre ela, abraçá-la, devorá-la de beijos.

— Porquê não traz o cabelo apartado ao meio? — perguntou-lhe ela, examinando-o muito.

Vítor levou os dedos à risca da cabeça, disse:

— Não sei. Sempre o trouxe assim.

Aconselhou-lhe então que abrisse a risca ao centro. «Via-se mais a testa. Quando se tinha uma testa bonita...» E disse logo, com volubilidade:

— O Dâmaso tem uma testa de estúpido.

Vítor riu. Ia decerto acabrunhar o seu amigo de injúrias engraçadas — quando ela começou o seu elogio: «Era muito bom rapaz, muito serviçal, tinha bom coração, e não tinha maus dentes. E montava bem a cavalo.»

— Que idade tem?

— Ele? Ah, eu. Tenho vinte e três anos.

«Vinte e três anos! E atrevia-se então a dizer que pensara nela, uma velha,

uma mulher gasta, boa para ser avó?»

Vítor, exaltado, debruçando-se para ela, ia falar-lhe da sua paixão. Mas ela, com muita tranquilidade, perguntou que horas eram. «Eram quase três. E Dâmaso que não vinha! Tinha-lhe prometido.»

Vítor, despeitado, julgando que ela o escarnecia, ergueu-se, ia tomar o chapéu. Mas Genoveva pareceu muito surpreendida: «Porquê? Onde ia?»...

— Não, sente-se.

Cruzou os braços por trás da cabeça, sobre a travesseirinha. As roupas, repuxadas, descobriam vagamente os contornos puros e firmes do seio. Cerrou os olhos. O seu seio arfava um pouco.

Aquele silêncio embaraçava Vítor. Não o compreendia. E torcendo as

pontazinhas do bigode, devorava-a com o olhar. Aquela atitude adormecida, que parecia oferecer-se, fazia-lhe passar no coração desejos frenéticos. E ia decerto falar, abraçá-la, quase louco — quando ela abriu os olhos, fixou-o com uma espécie de angústia, cerrou-os com um vago suspiro, e ficou imóvel, como alheia à presença dele.

Vítor ergueu-se bruscamente, deu alguns passos pelo salão. Sentia as fontes latejarem. Ela tornou a abrir os olhos. Murmurou:

— Não. Sente-se ao pé de mim. Seja bom rapaz. Sinto-me mal.

«Que tinha? Sofria?» E Vítor, a tremer, pousou-lhe de leve os dedos no braço.

— Veja se tenho febre.

E estendeu-lhe a mão, que ele tomou. Prendeu-lhe o pulso com os dedos. Sentia o seu coração bater-lhe alto, e como um zumbido entontecer-lhe a cabeça.

— Não, não tem febre.

Ela riu, com um risinho cantado, estranho:

— Que doutor! Tem graça!

E, sem transição, começou a queixar-se: «A vida era bem triste. Sentia-se tão só. Nunca conhecera a felicidade de uma verdadeira afeição.»

— Todos os que me têm dito que me amavam, eram egoístas. Eu era nova, dava-lhes prazer. Mas reconheci sempre, bem depressa, que não havia amor real, dedicado, puro, cheio de sacrifícios. Nunca ninguém me estimou. Meu marido,

Monsieur de Molineux, era muito bom. Muito bom. Mas egoísta também. Ninguém me tem uma verdadeira dedicação. Mesmo Mélanie, que diz que se morre por mim, se amanhã lhe oferecessem mais soldada, deixava-me logo. A vida é bem triste. Tudo é uma ilusão.

Vítor, numa exaltação, tomou-lhe as mãos:

— E se eu lhe dissesse que a amo, que a adoro, que quero ser tudo para si neste mundo...

Genoveva erguera-se, com um olhar que o devorava, e apertou-lhe as mãos com muita força:

— Não é verdade, não é verdade.

Havia na sua voz como uma exaltação aflita.

— Juro-te — disse Vítor, caindo no sofá ao pé dela.

Mas Genoveva, erguendo-se de pé, com uma voz quase tranquila:

— Não, meu amigo, não. Não se exalte. Os Portugueses são terríveis. Pega-se-lhes fogo com uma facilidade! — riu, com um riso mordente, seco.

Vítor teve-lhe ódio.

Mas a porta abriu-se, a longa figura de Miss Sarah apareceu, e ia a retirar-se discretamente, quando Genoveva gritou:

— Entre, entre! É um amigo de Dâmaso.

E apresentou Vítor. Disse que sabia falar inglês. Miss Sarah, vermelha, cumprimentou, com os seus longos braços caídos ao comprido do corpo. Mas

Genoveva disse logo:

— Ah! São três e meia.

Vítor foi tomar o seu chapéu.

— E venha ver a pobre doente — disse Genoveva, estendendo-lhe a mão.

Vítor curvou-se diante de Miss Sarah, que o olhava com uma fixidez admirada, as maçãs do rosto vermelhas.

— E a camélia? — perguntou Genoveva, rindo.

— Tenho-a guardada — disse ele saindo.

Genoveva aproximou-se da janela, ergueu o transparente. Mas recuou vivamente. E no meio da sala, espreguiçando-se, torcendo os braços:

«Oh, meu Deus!»

Miss Sarah então exprimiu gravemente a ideia que Vítor era formoso.

— É um bonito arranjo para si, Miss Sarah!

A inglesa fez-se escarlate...

***

Quando Vítor entrou em casa para jantar, encontrou uma carta de Aninhas, de quatro folhas de papel. Mas a letra era tão má, que não teve paciência de a ler. E depois de a percorrer com os olhos, e de distinguir, entre o encruzilhamento confuso dos ganchos e das hastes, as vagas palavras «desgraça da minha vida»,... «adoração até à morte»... «forçada pela necessidade»... «arrependimento»... atirou-a para o lado, dizendo consigo:

«Que a leve o diabo!»

E pôs-se a resumir toda a sua manhã com Madame de Molineux: e confessou a si mesmo que a não compreendia. Amava-o ela? Decerto: a julgar por certos olhares, por atitudes do seu corpo, pelos seus silêncios, pela comoção que parecia sentir junto dele. Mas as suas palavras tinham às vezes um ar de tranquilidade amiga, outras vezes de escárnio frio, não poucas vezes de distração, que revelavam, transbordavam de indiferença. Mas por isso mesmo amava-a mais: achava-a caprichosa, complexa, indecifrável. E ao seu amor juntava-se a curiosidade.

E para falar dela, pela necessidade que leva as almas fracas a espalhar, derramar sobre os outros alguma coisa da abundância dos seus sentimentos,

foi passar a noite com um íntimo seu, um pintor chamado Artur Gorjão. Viam-se poucas vezes, mas estimavam-se profundamente. Vítor admirava o talento eloquente e original do pintor. E Artur achava em Vítor um escutador paciente e atento às suas teorias, às suas grandes tiradas, um depósito passivo da exuberância do seu palavreado estético.

Gorjão morava num quarto andar, e tinha convertido em *atelier* uma sala, baixa, com duas janelas para a rua. O soalho, que nunca se lavava, tinha uma negrura de todos os tacões e de todas as solas que o pisavam. Um largo diva velho, gasto, amachucado, servia para os repousos do pintor, para as suas «solidões contemplativas», como ele dizia. Era ali que meditava, que criava. Era o seu

Olimpo. Pelas paredes havia toda a sorte de gravuras, pregadas com alfinetes; alguns quadros, adquiridos nos ferros-velhos; couraças do século XVII, obtidas a quinze tostões no Arsenal da Marinha; e aos cantos cabeças de gesso, reproduções baratas de obras de museu. Uma mesa estava sobrecarregada de papéis, desenhos, aguarelas começadas, tendo em redor quatro velhas cadeiras de couro, dispostas como num capítulo de abadia. Um cavalete, junto da janela, recebia a luz magra que coavam caixilhos estreitos. Caixas de tintas, um pequeno estrado, ocupavam um recanto. Chinelas arrastavam. Uma saia, um *robe de chambre* de mulher, estavam caídos a um canto. Fósforos apagados juncavam o chão. E tudo tinha um ar sujo e íntimo, um

aspeto desordenado, de uma vida brusca e confusa, e de obras começadas com impaciência e abandonadas com desconsolação.

E pelo *atelier,* Gorjão, de chinelas, um jaquetão escarlate, aberto sobre a camisa amarrotada, passeava nervosamente, fumando como uma chaminé, e divagando como um folhetinista. Era baixo, magríssimo, um pouco corcovado. Tinha movimentos desconjuntados de esqueleto pouco firme. A sua cabeça era enorme. Sobre a testa, saliente, convexa, plantava-se uma massa dura e negra de cabelos, uma crineira grossa e dura. O rosto era seco. Tinha o nariz torcido; a boca reentrante, coberta por um bigodito que se arrebitava a um canto; e numas arcadas fundas, dois olhos

esplêndidos fuzilavam vida.

Os seus dias eram ocupados, porque, para viver, fazia cenografia na Rua dos Condes, nas Variedades. À noite, porém, em casa, *fazia Arte*. Gorjão tinha talento. Mas, inteiramente preocupado de sistemas e de teorias, excessivamente falador, cheio de ditos, de máximas e de fragmentos de leituras, dissipava-se numa loquacidade incessante, e não produzia nada. Andava, como ele dizia, «à procura do verdadeiro princípio da Arte»; na certeza que, logo que o achasse, produziria obras consideráveis, renovaria a pintura em Portugal, faria escola, encheria os museus de quadros sublimes, e viveria na posteridade. Para isso lia todas as críticas, todas as estéticas. E, muito impressionável, dominado sempre

pela última leitura, passava de um sistema a outro, como um cometa errante, iluminando-se de todas as opiniões que atravessava.

Entusiasmara-se ao princípio pela ideia de que a pintura, sendo uma arte essencialmente plástica, tinha por objeto a representação das belezas físicas. Por isso só concebia quadros mostrando a imortal divinização dos corpos nus, as nobres atitudes, as glórias da musculatura, os esplendores das carnações perfeitas. Sonhava em pintar vénus prodigiosas. Admirava posições de gladiadores. A Ideia, segundo ele, era nada. «Um quadro não devia ter ideia; devia mostrar corpos belos, atitudes nobres — ser uma escultura que, pela cor, se aproximava mais da vida.» A isto prendia um vago

sistema de transformação do corpo moderno. Achava deplorável que todos os corpos atuais fossem mais ou menos deformados, mal feitos, tortos, magros, feios, ridículos. Atribuía isto à dominação tirânica da Ideia, e ao abandono do culto plástico. Queria por isso criar uma escola de pintores exclusivamente preocupados da beleza plástica. «Dentro em pouco, cada casa possuiria na sua parede um belo quadro, onde uma forma divina destacaria numa luz gloriosa. As mulheres, as esposas grávidas, vendo constantemente estas formas novas, impregnando-se delas, tendo-as sempre presentes nos nove meses da gestação, dariam à luz, como sucedia na Grécia, corpos perfeitos. E dentro em pouco a raça portuguesa seria a mais bela do universo, rivalizaria com a

Grécia antiga. Veriam passar no Chiado costureiras belas como Vénus, e dirigirem-se às secretarias do Terreiro do Paço amanuenses nobres como Apoio. A criação das belas linhas tornar-se-ia o cuidado da cidade. Bem depressa essa influência far-se-ia sentir nos vestuários e nas arquiteturas. E dentro de cem anos Lisboa seria como Atenas, e ver-se-iam corpos esculturais em atitudes harmoniosas, com amplos vestuários artísticos, moverem-se entre pórticos de linhas nobres, num azul igual ao do mar Egeu.»

Depois apaixonara-se subitamente pelo Pitoresco.

— O que é a Arte? — exclamava. — É simplesmente a idealização da vida. É o meio de pôr um interesse ideal na

existência burguesa. A vida atual é chata, trivial, ocupada de questões de dinheiro, de vendas e compras, de preocupações mesquinhas, de plebeísmo. O negociante com os seus fardos, o advogado com os seus autos, o banqueiro com as suas cotações de fundos, o médico com as suas cataplasmas, o empregado com as suas cópias de ofícios, vivem de uma vida subalterna, reles, plebeia, estúpida, monótona, asfixiante. É necessário na vida de toda esta gente pôr um interesse nobre, alto, ideal, alguma coisa que os compense de todos os seus trabalhos estúpidos, e que os distraia das suas preocupações mesquinhas. Aí está para que serve o artista. Aí está para que se dependuram quadros nas paredes, para que se enfileiram nas galerias dos museus: para

que o burguês, o homem positivo, a alma sobrecarregada das tristezas plebeias da vida, possa contemplar alguma coisa de mais belo, de mais nobre, de mais interessante, de mais pitoresco que os balcões das lojas, os cubículos da Boa Hora, a luz magra dos escritórios e o tédio das secretarias. A arte portanto deve ser Pitoresca: representar paisagens doces, suaves, onde se console o homem que é obrigado a viver constantemente na Baixa; onde se mostrem cenas grandiosas, de galas, de cavalgadas triunfais, de festas, aos que apenas veem o movimento trivial dos americanos que rolam ou de cangalheiros que passam; onde apareçam os ricos vestuários, os veludos, as joias, a quem só vê sobrecasacas do Catarro ou más calças do Xafredo. A arte deve ser a

grande consoladora.

Imaginava então enormes telas deslumbrantes, com a abundância de Rubens e o esplendor do Veronês. Concebera um quadro que devia formar uma antítese consoladora à vida moderna. Seria uma larga paisagem, tendo o vago ideal de composição de Turner. Árvores de uma beleza paradisíaca deixariam entrever uma luz forte, como um nimbo de uma glória. Arquiteturas maravilhosas poriam entre a verdura a palidez dos mármores e a transparência dos jaspes. Fontes correriam derramando no quadro uma frescura doce. No primeiro plano, um coro de mulheres, ideal, em largas túnicas de cores nobres, dançariam uma ronda prendendo-se pelas mãos, numa cadência nobre e ampla. Em vasos de pórfiro

haveria frutas acasteladas; em jarros de prata, os vinhos preciosos. Entre as avenidas, pares enlaçados numa intimidade amorosa caminhariam no silêncio extático de felicidades absolutas. Velhos, de olhar luminoso, sábios e serenos, falariam dos poetas e dos filósofos. E moços heroicos fariam jogos atléticos, mostrando o orgulho das suas anatomias perfeitas. Este quadro corresponderia a todas as necessidades da alma. Contemplando-o, sentir-se-ia a consolação das paisagens suaves, a doçura da filosofia, a alegria das terras abundantes, e a sensação dos amores imortais.

Depois achou isto simplesmente idiota. E concebeu uma festa veneziana, ao modo do Tintoreto. Num terraço da

Renascença, damas e cavaleiros formariam grupos de uma nobreza heroica. Sobre as balaustradas, pavões abririam as suas caudas resplandecentes. Em jarras de ouro, vinhos preciosos circulariam. De cofres transbordariam sequins de ouro. Os olhos falariam de amores profundos; os punhais à cintura, de vinganças sanguinárias. Negros, de vestuários resplandecentes, sustentariam galgos atrelados. Um poeta, ao som dos violinos, recitaria tercetos. E o fundo perder-se-ia nas florescências e nos arvoredos de uma paisagem artificial e simbólica. E aquilo serviria para regalar os olhos do luxo que falta às existências modernas.

Mas Gorjão ultimamente desprezara todas essas ideias. Achava-as

imorais. A arte, segundo ele, devia educar pela representação de ações justas — e não pelas exposições de luxos corruptores.

E nestas preocupações, falando, combinando, cheio de imagens, de fragmentos de quadros, ia, na absoluta atenção da Ideia, desprezando o estudo do Processo. De sorte que o seu desenho era incorreto, a sua anatomia falsa, a luz dos seus quadros espessa, o movimento fantasista e errado — e, com ideias para encher um museu, apenas tinha a execução para produzir uma tabuleta.

Vítor encontrou-o desenhando à luz de um candeeiro de petróleo coberto com um *abat-jour* verde, que fazia cair uma luz crua sobre uma larga folha de papel, riscado de grossos traços confusos

de craião. Todo o resto do quarto estava numa sombra silenciosa, onde destacavam algumas brancuras dos gessos, ou as alvuras dos cartões das gravuras. E, num quarto ao pé, sentia-se ranger monotonamente um berço.

Gorjão fez-lhe sinal que se calasse. E Vítor, com receio que os seus passos perturbassem a inspiração — que, na sua retórica, comparava a um pássaro subtil que pousa um momento e qualquer ruído faz fugir — foi-se imobilizar sobre o largo divã forrado de chita. Gorjão desenhava com violência, por traços bruscos, passando a mão pelos cabelos, afastando-se na cadeira, precipitando-se de bruços sobre o cartão, com sopros, grunhidos, fungadelas, mexendo-se, numa conceção dolorosa.

Então Vítor encontrou debaixo da mesa o braço de uma viola. E tomando-a, instintivamente, fez soar os bordões. Gorjão deu um pulo:

— Toca alguma coisa, faz um acompanhamento. É disso que eu necessitava. Em surdina. O fado; um landum.

Vítor fez vibrar baixo a guitarra — e docemente, no quarto, os sons doces, abafados, faziam um murmúrio doce na sombra velada do quarto — enquanto o craião corria sobre o papel, e sem cessar o berço rangia tristemente.

— Vem ver! — gritou Gorjão.

Vítor aproximou-se. E pareceu-lhe descobrir vagamente os contornos arredondados de um cimo de floresta; sobre a qual um disco redondo, ao lado,

parecia elevar-se como um ponto sobre um i, por cima da construção aguçada de um campanário.

— É a lua? — disse ele, indicando o disco traçado.

Gorjão teve um risinho seco. Recuou a cadeira. Enrolou um cigarro. E pondo o dedo sobre o disco redondo:

— É a hóstia — disse.

E imediatamente autoexplicou o quadro, desenvolveu as suas últimas reflexões sobre a Arte. «Tinha andado até aí por um caminho errado. E tinha perdido dez anos na sua vida, os melhores, os mais vigorosos, os mais inventivos, a servir de rastos um princípio imundo, da arte pela Arte. Que idiota, hem! Mas possuía enfim a verdade, e, como S. Paulo no caminho de Damasco, via enfim claro,

graças ao raio divino que lhe luzia em frente. A arte não era senão isto: uma força da natureza; e como tal devia ser aproveitada em proveito da civilização. Por outra, a arte — e era esta a sua verdadeira essência — é uma força de civilização. A grande tendência humana era transformar em utilidades imediatas os grandes fenómenos naturais. O que era o vento? Uma grande deslocação de ar, errante no firmamento. Só por si de que servia?

— De que serve o vento só por si? É um idiota, um palrador, um bruto, um indiscreto. Vê-o aqui a suspirar num arbusto, como um poeta lírico; além a apalpar a perna de uma mulher, como um libertino; adiante a brincar com um chapéu, como idiota; depois a destruir um

pobre barco de pesca, como um assassino. Um vadio, uma besta. Que se lhe fez? Estudou-se, delimitou-se, explorou-se — e escravizou-se. Disse-se-lhe: anda para aqui, vadio, faz-me girar essa vela de moinho, e mói-me a farinha; enche-me essa vela de navio, e traz-me cacau do Brasil. E aí o temos moleiro; aí o temos rebocador. Que se fez da eletricidade? Carteiro, um empregado do correio. Que se fez do vapor? Um cavalo, um puxador de trens! Tudo na natureza está convertido numa utilidade direta. Tudo tem um fim. Nada existe por existir. Não se pode permitir nenhum sentimento, nenhuma força, nenhum movimento — inútil. É necessário que tudo trabalhe, que tudo se empregue, que tudo faça civilização. O Sol é retratista: não queremos vadios no

universo. As estrelas são um mapa celeste de navegação. Tudo isto são banalidades, de resto. Pois bem, o que se fez com as forças da natureza, é necessário que se faça com as forças do espírito. A arte é um grande fenómeno cerebral — que é necessário transformar em utilidade direta. Como? Trabalhando para a Civilização, ou para a Revolução; combatendo o velho mundo, o preconceito, a tirania, a força bruta; e ensinando a justiça, o equilíbrio, o bem. A arte deve ser essencialmente revolucionária. Um quadro deve ser um livro; deve ser um panfleto; deve ser um artigo de jornal. Deve atacar o catolicismo, as monarquias, o burguês podre, o tirano — todo o velho ónus, teimoso e persistente. O pintor deve ser

tribuno, filósofo, panfletário. Tudo o mais é arte de luxo, de decoração, de corrupção, boa para o prazer dos olhos, inútil como a vaidade, infame como a prostituição. Aí está o que eu não tinha percebido, idiota! Tinha estado obtuso, tapado, arrolhado, até aqui. Mas pum! A rolha salta — e aqui estou são, mostro-me, vou produzir. Cada trabalho meu há de valer uma barricada. Hei de tomar à minha conta o velho, destruí-lo a pinceladas. Aqui está. Isto é o primeiro quadro.

— Aqui o tens — mostrava o cartão. — E a Missa! A Missa, que assunto! Aqui os tens na igreja, a igreja moderna, pintada, alumiada a gás, com órgãos que tocam a *Grã-Duquesa*, com tapetes do Gardé no altar-mor, santas

vestidas pela Aline: pela Aline, tenho provas. Com padres que são tudo: batoteiros, chulos, compositores de ópera-cómica, flautistas — tudo menos padres. Aqui está a multidão. O celebrante, pálido da noitada no lupanar, tendo almoçado lombo de porco, com o sapato acalcanhado, erguendo, com os dedos queimados do cigarro, a hóstia: a branca hóstia, a oferta, o Símbolo. Aí tens o culto. Agora vê-me a devoção. Estas mulheres gordas, com lombos de porco no cachaço, a estalar nos vestidos de domingo, mirando-se, examinando as *toilettes*, criticando os chapéus, cochichando. Os homens, ali, às portas laterais, examinando as fêmeas, fazendo olhos, sinais, passando cartinhas, apalpando os braços das raparigas — e o

resto. Estas velhas, que vêm aqui examinar as raparigas novas que poderão alcovitar. Estes sabujos, que vêm à missa para agradar ao seu diretor-geral. Aqueles, que dormem. Estes, que bocejam. Aqueles sujeitos, que vêm para ouvir música. Vê-os erguerem-se, persignarem-se, abaixarem-se, ajoelharem. Nota-lhes as expressões. Um pensa na amante, outro na indigestão que lhe deram os figos ao almoço, outro no ágio que há de levar, outro no empenho que o há de nomear amanuense. Aquele pensa no namoro; o outro, como há de escorregar a carta à amante. Há um sentimento de constrangimento, uma pressa de sair. Puxam às escondidas os relógios, examinam as correntes. Se um cão ladra, há sensação; todo o mundo se

volta, cochicha, funga, satisfeito do incidente, que quebra a monotonia divina. E quando o idiota lá em cima abre os braços e diz: *Ite, missa est*, que vago suspiro de alívio sai de todos os peitos! Acabou a maçada. Vê-os a cumprimentarem-se, a apertarem-se as mãos, felicitando-se na alegria do encargo findo. E aqui está a Religião. Que mimo! Que quadro! Dá cá um cigarro!

Deixou-se cair, extenuado, no divã.

— Enfim, achei! Tenho aqui — batia na testa — quadros para uma revolução. Depois da Missa, hei de fazer o Enterro. Depois hei de fazer a Câmara dos Deputados. Depois hei de fazer a Agiotagem. Depois as Eleições. Uma execução geral!

Vítor ia dizer alguma coisa. Gorjão interrompeu-o:

— E tudo isto, meu amigo, num processo de pintura novo. Nada do acabado, do estudado, do amaneirado, do trabalhado da pintura de luxo, de decoração. Não, não. A pintura não é nada — a ideia é tudo. Traços largos, sombras indicadas, tons sóbrios, que deem a impressão exata da realidade. Pif, paf — e dava grandes pinceladas no ar. — A Expressão! A expressão é tudo! Com três borrões, pinto-te um agiota. Queres um agiota? Tons verdes numa face cavada; um empastamento de ocre na testa; tons metálicos de branco de prata nos olhos; negro de chumbo no traço da boca. E aí o tens, cavado, frio, sentido, infame! É a grande Arte!

Falava numa excitação, deitando os cabelos para trás, por movimentos bruscos, lançando gestos longos, doidos, torcendo-se sobre o divã, num desconjuntamento inspirado. Tomou a guitarra, correu-lhe vivamente as cordas, atirou-a. E agarrando o joelho com as duas mãos cruzadas ficou imóvel, como entorpecido, os olhos parados, vagamente fitos, que reluziam, sob as arcadas cavadas.

Mas Vítor então, passeando no *atelier*, começou a dizer que «a Ideia era sublime — mas quem lhe compraria esses quadros? Porque enfim, não estando no gosto moderno, chocando mesmo os preconceitos, sendo a execução pouco brilhante, não era fácil encontrar colecionadores».

Gorjão ergueu-se, como ferido por uma punhalada. Aquela reflexão entrava como uma machada gelada na maravilhosa ramificação dos seus sonhos.

— Quem os há de comprar? — disse, passeando pelo *atelier* com a cabeça baixa, gestos bruscos dos ombros. — Quem os há de comprar? Ninguém!

E deixando-se cair com desalento no divã, exalou a sua amargura. Tinha vontade de se fazer salsicheiro. Pintaria ele mesmo a sua tabuleta: uma tabuleta extraordinária, simbólica, onde os produtos de mercearia teriam expressões humanas! A brancura dos toucinhos seria como a face balofa de um conservador. Os queijos da serra teriam a espapadez das vaidades burguesas. Mas no vermelho dos salpicões flamejaria toda a prosperidade

rubicunda da agiotagem triunfante. Todas as velas de sebo teriam, como a coluna do Rossio, aspetos de monumentos constitucionais. E as barricas de manteiga afetariam o bojudismo enfartado e rançoso do enorme ventre burguês. E por baixo, em letras escarlates, de um escarlate radical e escaldante: Camilo Gorjão, merceeiro da Casa Real!

E esfregava as mãos, entusiasmado com a sua tabuleta, pensando, com frémitos de júbilo, no que *se diria*, *no escândalo*. Era a única coisa: era fazer-se merceeiro!

— De resto — dizia —, a arte é impossível na Democracia. Sinto dizê-lo, mas é a verdade. Acabadas as casas históricas, acabam as ricas coleções. O burguês, o parlamentar, o constitucional, o

republicano liberal, quer a gravura, a cromo-litografia, uma paisagenzinha bem lavada, carneirinhos, a virgenzinha idiota que desfolha um malmequer com dedos que parecem rolinhos de manteiga rançosa. Ah, quando voltarão os tempos dos Rafaéis, dos Ticianos, dos Veroneses, dos pintores humanos? Quando os artistas tinham uma realeza, eram uma, a mais alta, instituição do Estado; tinham o lugar eminente nas galerias, comandavam a defesa das cidades, davam a imortalidade, e do alto do seu estrado diziam tu ao papa! Tudo acabara. O mundo estava estúpido — E voltava à sua ideia: fazer-se merceeiro.

— Mas a gente rica — exclamava — terá todas as ideias, as mais idiotas, as mais picaras, as mais bestas; antes de ter

esta ideia simples, necessária: encomendar uma obra de arte. Que qualquer desses idiotas tenha amanhã um milhão, tudo lhe lembrará: ser barão; pôr casa a uma dançarina; comprar uma parelha; ter um barco para regatas; dar um baile mascarado; as coisas mais insensatas. Mas nunca, nunca lhe virá esta ideia simples, útil, civilizadora, nobre, moral, de dizer: «Camilo, aos pincéis, e atire-me para cá uma obra sublime.» Nenhum. Nenhuma besta!

E voltando-se para Vítor, furioso:

— Tu, tu és rico; teu tio é rico, tem uma tipoia, tem uma cadeia de relógio. Já me encomendaste um quadro? Nunca! Porquê me não encomendas um quadro? Porque és um asno.

E então, de repente, uma ideia

tinha atravessado o espírito de Vítor: o retrato de Madame de Molineux. Via-o já, maravilhoso, num caixilho, no seu quarto. Ele poria por baixo flores. E seria como o tabernáculo de uma santa.

— Pois vou-te encomendar um quadro — disse ele.

— Queres a missa? — disse logo Camilo, aproximando-se, com a voz ávida, os olhos brilhantes.

— Quero um retrato...

Camilo fez uma careta. E girando sobre os calcanhares:

— Ora sebo! — e abrindo os braços: — Aí está! Queres talvez o teu retrato, de casaca e gravata branca, com a tua idiota face de janota destacando sobre uma cortina escarlate: caixilho do Margoteau, e a admiração das primas! —

E fitando-o: — És indigno de saber ler! O que pode dar a tua cara? Que expressão? Que ideia?

Foi tirar a bandeira do candeeiro. E examinava-o vorazmente. Murmurava:

— Nada de saliente, de acentuado, de nítido. Tons fundidos, sem relevo, num amaciamento de brancura anémica. Que queres tu que faça do teu focinho? Um retrato decerto pode ser uma obra de arte; mas é necessário um modelo. Pinta-se quem tenha uma alma, uma ideia, uma ação grandiosa. Mas pintar um banalão, um burguês!... Fotografa-te! Fotografa-te!

Vítor disse então:

— Não, não é o meu retrato. É o retrato de uma senhora, de uma estrangeira, de uma mulher admirável.

E citou o seu espírito, e sua beleza

loura, a superioridade das suas formas.

Camilo, encruzado no sofá, roía vivamente as unhas. Quis saber a cor dos olhos, do cabelo, a altura. E passeando pelo *atelier*, planeava já uma obra admirável, que faria a sua glória. Pintá-la-ia de corpo inteiro, vestida de veludo azul, com uma alta renda espanhola, fios de pérolas sobre o peito, descendo as largas escadas de um terraço; e, no fundo, a decoração, à Ticiano, de um jardim da Renascença.

— Monta ela a cavalo? — perguntou de repente.

— Perfeitamente.

«Então porque a não pintaria como uma longa amazona de pano preto, luvas de anta, de canhão, e o chapéu à Gainsborough, ou melhor com o chapéu

do tempo da Fronda, e tendo no braço um manto de seda forrado de peles?» O seu amor do pitoresco voltava, com tentações persuasivas.

— Mas não, com mil demónios! Toda a obra de arte deve civilizar! — E exclamou logo: — Podemos fazer um retrato, que seja uma condenação severa do luxo e da futilidade — e com grandes gestos que pareciam dispor numa tela as grandes massas do desenho: — uma porta, burguesa, onde sobe uma trepadeira, que por gradações de luz conduz o olhar ao ponto essencial, ao quadro: a cabeça, a cabeça nua, destacando no negro do corredor; uma cabeça suave, caridosa, com um olhar sério e justo, uma aquilinidade reta das feições, uma serenidade que mostre o equilíbrio da

alma...

Uma voz de criança começou a soltar altos gritos. Camilo foi bruscamente à porta, abriu, gritou:

— Fazes calar esse demónio? — e voltando para Vítor: — Aqui está, se é possível trabalhar, pensar, sentir, com fedelhos a berrar pela mama! Não é possível. Abafa-se, nesta vida estreita, burguesa. Um artista deve viver em palácios, isolado, cercado de todos os luxos da arte, só, com a sua ideia...

— É o teu pequerrucho?

— É — disse ele secamente. — Esqueceu-me deitá-lo à roda. Nem tudo lembra. Que dizia eu? Ah! Um rosto, que seja o símbolo da justiça e da razão; todo vestido de preto, de um modo casto, sóbrio, mangas justas, duas preguinhas no

vestido que revelem a beleza de um seio maternal, de uma fonte de vida; e estendendo nas suas mãos delicadas, tratadas à Van Dyck, fatias de pão.

— A quem?

— A quem? A duas medonhas crianças, piolhosas, ramelosas, cobertas de pústulas, raquíticas, esfomeadas, tiritando de frio e de fome, cheias de opróbrio: o povo, o eterno oprimido!

— Não é má ideia...

— Como «não é má ideia»? É simplesmente... É o retrato tratado filosoficamente. É o retrato socialista. É o retrato panfleto.

E fitava os olhos em Vítor, como assombrado da altura do seu projeto. Que revolução na arte! E erguendo os punhos ao ar:

— O que nós podemos! O que nós podemos!

— Queres o chá? — perguntou uma voz de mulher, da porta entreaberta.

— Traz.

E no fervor da ideia nova, pediu logo informações sobre o modelo, os seus hábitos, as suas ideias, as suas opiniões políticas e sociais; «porque tudo, tudo é importante».

E Vítor, aproveitando avidamente a ocasião, desabafou, descreveu Madame de Molineux, contou a sua paixão. Ouvindo-o, as ideias de Camilo mudavam, bruscamente. «Ah, era uma impura! Uma cocote! Uma Dama das Camélias!» E então entrevia uma outra interpretação, e os quadros de cortesãs do Ticiano. «estenderia sobre um divã um

manto de veludo carmesim. Sobre ele, o modelo estaria meio nu. Uma cortina meio corrida mostraria um fundo de jardim. E ao pé, no primeiro plano, estaria por terra um bandolim para simbolizar a música; um punhal, que lembraria a vingança dos ciúmes; e colares de pérolas, transbordando de uma taça de prata, como os presentes da luxúria! Ou porquê não faria um quadro moderno, um Fortuny? Uma sala forrada de cetim branco; um fogão com uma alta chaminé Renascença; e ela estendida numa *causeuse*, e por trás um guarda-fogo chinês, onde mandarins azuis se surpreendiam num fundo dourado!»

— E então estás apaixonado, hem? — perguntou ele, enrolando um cigarro.

— Loucamente.

— É triste. E estúpido.

Vítor rompeu em declamações líricas: «Que havia de melhor que os estremecimentos do amor, os sonhos, os corações entrelaçados, os beijos?...»

Camilo encolheu os ombros. E expôs a sua teoria sobre o amor, rapidamente, com uma voz seca, falando, como sempre, de si. «A paixão era a maior desgraça para o homem inteligente.»

— Um artista que se apaixona está perdido. O amor introduz-lhe na vida uma tal quantidade de cuidados, de preocupações, de sensações, que todo o trabalho, todo o pensamento, se torna impossível. Vem o ciúme, a exaltação fictícia, a renovação incessante do desejo, as preguiças da languidez, as

subserviências da criatura. O caráter efemina-se, o cérebro amolece, a conceção retrai-se; e o que era ontem uma força na sociedade, é hoje um chulo de bordel. O artista deve eximir-se ao amor, como à mais humilhante tirania. Amar uma mulher é pôr todas as suas forças de vida ao serviço — de um só órgão. É como ser glutão. Como o glutão não pensa, não vive, não trabalha, não se move, senão para o estômago; o amante não existe senão para servir, obedecer, ao coração, para lhe dar um nome decente. Eu dei aos artistas do meu tempo uma grande lição: suprimi o amor. Desta porta para dentro nunca entrou uma mulher. Uma mulher, isto é, um conjunto de caprichos, de fantasias, de nervos, de sensibilidades, de tiranias, de atrações, de mobilidade. Mas,

como a natureza é exigente, e o cérebro precisa estar desembaraçado, tomei uma fêmea.

Aquela palavra aterrou Vítor.

— Escolhi-a. Escolhi-a feita como uma estátua; porque me podia servir de modelo; nesse tempo eu tinha sobre o fim da pintura as ideias mais idiotas. Acreditava no nu. Acreditava em Vénus. Imaginava que uma arte plástica devia só ocupar-se de proporções, atitudes, cor e musculatura. Burro! Tinha esquecido esta pequena coisa: a ideia. Por isso quis tomar: a fêmea. Tomei-a bela. Custou-me a descobrir, porque a maior parte das mulheres são medonhas. Porque hás de notar, menino, que não há meio termo entre o horror e a beleza, na mulher. Tudo o que constitui a mulher, isto é, os seios, o

cabelo e os quadris, quando a não diviniza, degrada-a. Como são acréscimos falsos ao verdadeiro tipo humano, que é o homem, logo que não se salvem pela beleza pura e ideal, são apenas excrescências abjetas, doentias. Que os seios caiam, que os quadris se afilem, que o cabelo seja curto e mau, e a mulher é um monstro. É pior que o hipopótamo e que o macaco.

Mas a porta abriu-se, e Vítor viu entrar, com um tabuleiro, uma criatura esplêndida: branca, com olhos pretos, grandes e ardentes, uma massa forte de cabelos magníficos. A sua cabeça pequena pousava nobremente sobre um corpo de estátua. Sentia-se, debaixo do vestido de chita amarelada, uma magnificência de formas majestosas e de um relevo e de

uma firmeza singulares. Pousou o tabuleiro com as suas mãos grossas e enxovalhadas, e saiu com um passo sereno.

— É esta — disse simplesmente Camilo, sentando-se à mesa e partindo logo uma grande fatia de pão.

— É de Lisboa? — perguntou Vítor.

— Não. Lisboa não pode produzir destes corpos: o tipo está viciado. E de ao pé de Ovar, do campo; e provém de uma combinação particular àqueles sítios, em que entra a raça árabe, e a raça céltica. É um belo produto animal.

E, passeando pelo *atelier*, com a fatia de pão na mão:

— Como fêmea de artista, é completa. É estúpida, e é passiva. Come,

obedece e despe-se. É um corpo às ordens. Não me importuna, não me interrompe, não me dirige a palavra: está ali. Quando necessito a fêmea, chamo a fêmea.

— E casaste?

— Casei: não havia outro meio de a tirar de casa da mãe. Comprei-a; mas em lugar de dar à velha uma bolsa de ouro, atirei-lhe o sacramento. Paguei-lhe em moeda espiritual. Boa pilhéria, hem? E aqui a tenho. Todo o artista deve fazer o mesmo. A verdadeira amante é a arte. Os nossos amores são as nossas criações. É a essas que damos a nossa alma, o nosso sangue, a nossa vida, tudo o que há de bom em nós. A fêmea é para os momentos em que o espírito repousa e a besta reclama.

— De modo que és feliz.

— Profundamente desgraçado! — disse Camilo.

E sentando-se no divã ao pé de Vítor:

— Porquê, imagina tu! Tudo tão inteligentemente combinado! Só me esqueceu uma coisa. Uma só: os filhos. Não me lembraram os filhos. Desprevenido, ao fim de nove meses, zás! um marmanjo, um montezinho de carne, que grita, berra, suja, faz-me da casa um inferno. Caí na família. A família: a morte do artista. Tenho todos os tédios. Ouviste há pouco aquele ranger do berço? É a minha música ordinária. Pela manhã, gritos de atroar; à noite, berros de fugir. E correr pela casa. E a mulher ocupada, e necessidade de tomar uma criada. Um

horror! Um inferno! Corrigi a minha máxima, e agora digo: o artista necessita a fêmea estéril. Chama-se Joana. E, coisa extraordinária, a gravidez, o parto, não lhe alteraram uma linha do corpo: nem uma prega, nem uma ruga, nem um afrouxamento na firmeza dos contornos. Perfeito, perfeito, perfeito. Um soberbo modelo... para as bestas que acreditam na linha e na forma. Joana!

A mulher entrou. O seu olhar, que da primeira vez se conservara baixo, ergueu-se agora para Vítor, alargou-se, como admirado; um clarão passou-lhe pelas pupilas. E tomando a bandeja do chá, saiu, com o seu andar sereno.

— E aí tens como compreendo o amor! — resumiu Camilo, batendo-lhe no ombro.

Vítor tinha tomado o chapéu.

— E então, o retrato?

Vítor havia de falar a Madame de Molineux.

Camilo refletiu, com os dedos no queixo.

— Nada! Positivamente, pinto-a revolucionariamente. Que quadro! Espera que te alumiem. Eu não vou, que não quero apanhar frio — e gritou: — Joana, alumia esse senhor, faz favor.

Vítor desceu, Joana atrás com o candeeiro de petróleo. Mas aquele passo sereno, o roçar do vestido nos degraus, davam uma vaga perturbação a Vítor. A porta quis acender um cigarro — e chupando a chama do candeeiro, os seus olhos encontraram-se com os de Joana. Foi um momento, mas Vítor sentiu um

desejo furioso atravessar-lhe o coração. Tirou o chapéu, agradeceu.

— Muito boas noites, minha senhora.

Ela corou, respondeu:

— Muito boas noites, meu senhor.

6

Vítor no dia seguinte foi saber notícias de Madame de Molineux. Tinha-a ainda presente na ideia como a vira na véspera, estirada na *causeuse*, com gestos doentes, palavras cansadas. E ficou muito contrariado vendo à porta o coupé de Dâmaso. Como o cocheiro o conhecia resistiu à tentação de se retirar discretamente. Subiu. Mas, no último lance de escadas, deu com Dâmaso que descia. Ficaram um pouco embaraçados.

— Saiu — disse logo Dâmaso secamente.

— Eu sabia que tinha estado doente...

— Doente? — fez Dâmaso

surpreendido. — Está ótima. Saiu. Estive toda a noite com ela.

Era mentira. Mas queria mostrar a Vítor a sua felicidade, e humilhá-lo. O pobre rapaz fez-se pálido. E desceram ambos, calados.

— E então que é feito? — perguntou Dâmaso à porta, calçando as luvas.

— Por aqui... — disse, vagamente, Vítor.

Dâmaso entrou no coupé, e depois de um adeus seco a Vítor, com dois dedos, a que quis dar uma intenção triunfante, bateu com força a portinhola, com um ar satisfeito. Ia furioso. Madame de Molineux tinha saído, depois de ter prometido esperá-lo.

Vítor desceu a rua devagar.

Aquela secura brutal de palavra separava os dois amigos. «Melhor», pensou Vítor. «Asno!»

E imediatamente foi percorrer todos os sítios onde a podia encontrar. Estava desesperado com ela. Queria encontrá-la, mas para a cumprimentar com indiferença, sorrir com distração, mostrar-lhe que não se ocupava. Deu uma volta no Aterro, subiu e desceu o Chiado, meteu a cabeça em todas as lojas, comeu bolos nos dois Baltreschis; mas não a viu.

Ao jantar esteve tão sombrio, que o tio Timóteo, impaciente com o silêncio, disse, todo arrenegado:

— Com mil diabos, diz alguma coisa. Estou aqui a arrebentar por falar.

Vítor desculpou-se: estava secado, adoentado.

E depois de algumas palavras vagas, como a sua língua lhe fosse pesada como chumbo, ficou na mesma taciturnidade. Não podia fazer sair do seu cérebro as palavras de Dâmaso: «passei a noite com ela». Cantavam-lhe dentro, como uma espécie de silvo irónico. E via-a despir-se, lançar os braços ao pescoço de Dâmaso, suspirar de amor. Sentia por ela um ódio agudo, um desprezo imenso. Consolava-se pensando na sua superioridade sobre o Dâmaso e, desprezando-o, invejava-o.

— E como vai o teu amigo Dâmaso? — perguntou o tio Timóteo.

Vítor animou-se logo. Não sabia, não o tinha visto. Nem saudades. No fundo era uma besta. E derramou-se em considerações sobre a sua figura tola, a

sua fatuidade idiota, a sua estupidez crassa. Encarniçou-se sobre ele. Contou ditos tolos que lhe ouvira. Ridicularizou as suas *toilettes*. E partia nervosamente a sua vitela assada, como se trinchasse a carne odiada do Dâmaso.

— Que te fez o rapaz?

— A mim? Nada. Digo a verdade: se me fizesse alguma coisa, rachava-lhe a cara. Rachava-lha, tão certo como dois e dois serem quatro. Não lhe deixava osso sobre osso! Espezinhava-o! — falando numa cólera crescente, com uma cor de paixão na sua pele pálida.

O tio Timóteo olhou-o de lado, finamente, e sorriu por dentro.

— É um pobre diabo — murmurou.

Nessa noite Vítor percorreu todos

os teatros. Ao anoitecer começara a cair uma chuva miudinha. E dentro da tipoia, da Rua dos Condes para a Trindade, da Trindade para São Carlos, ia resolvendo a atitude que tomaria se a visse num camarote. Nem a iria visitar! Far-lhe-ia um cumprimento seco! Namoraria outras! Riria com as pilhérias dos atores! Fitaria Dâmaso, bocejando com tédio. E se ele o fitasse ou tivesse um movimento atrevido, cortava-lhe a cara a bengaladas.

Mas não viu Madame de Molineux. E todas as tintas lhe pareceram de uma cor lúgubre, todas as mulheres medonhas, todas as faces inexpressivas, e a cidade, com a sua névoa húmida, a chuva morna, triste como uma prisão, solitária como um subterrâneo.

À porta do D. Maria, encontrou o

Palma Gordo, com as mãos nos bolsos arregaçando o jaquetão, que lhe descobria as formas atoucinhadas das suas ancas gordas.

— O Dâmaso? — perguntou Vítor.

O Palma, com o cigarro entre os dedos de cabeças polpudas e unhas roídas, disse com a voz aguardentada:

— Há de estar com a... — e disse uma obscenidade.

Vítor hesitou se o espancaria, mas voltou-lhe as costas, veio subindo para casa, furioso:

— É uma pega! Uma imbecil! Uma desavergonhada! Os diabos me levem se eu torno a pensar nela.

Entrou em casa, para perguntar se não havia uma carta para ele. Nada! Aquilo fez crescer o seu ódio. «Que

camafeu!», pensou.

E seguindo a tradição romântica, de que as contrariedades dos amores ideais se devem esquecer com os amores libertinos, foi cear ao Mata com uma espanhola, uma Mercedes, bela mulher de Málaga, que se dizia filha de um general e afetava modos aristocráticos, mas comendo tudo com a mão e lambendo os dedos depois. Vítor bebeu uma garrafa de Colares, dois copos de conhaque: julgando-se interessante na sua dor e pensando em Alfred de Musset que, ele também, se embebedava com álcool para esquecer as desilusões do amor humano.

Mas ao outro dia, ao acordar, como um raio de sol que alumia subitamente um quarto escuro, esta simples reflexão encheu-o de luz e

alegria:

— É perfeitamente ridículo enfurecer-me porque ela saiu a passear.

E às duas horas batia à porta de Madame de Molineux. Esperou-a um momento na sala. E viu-a entrar alegre, fresca, com um grande roupão de seda, um sorriso, as mãos estendidas, muito amável. E ao simples aspeto da sua pessoa, todos os seus despeitos se fundiram, como uma neve ao fogo.

«Sabia que ele tinha vindo na véspera, mas ela tinha saído. O dia estava tão bonito! Fora a Belém no vapor. E tinha pena que ele não tivesse vindo. O Tejo estava adorável.»

E então, com uma necessidade de expansão, Vítor contou-lhe que a procurara de manhã nas ruas, à noite nos

teatros...

— Para quê? Para quê? — murmurava ela. Mas todo o seu rosto resplandecia de satisfação, daquela solicitude.

E declarou-se muito alegre.

Vítor, que uma curiosidade mordente torturava, perguntou, corando, por Dâmaso.

— Não sei. Vi-o antes de ontem, de tarde; no dia em que estive doente. Voltou à noite, mas não o recebi. Veio ontem de manhã, à noite também, mas não o recebi...

Vítor sentia como uma doçura de leite correr-lhe nas veias. E para tornar a conversação íntima, para mostrar que pensara nela, disse-lhe a ideia do retrato. Exaltou o génio de Camilo Gorjão. O

único Artista de Portugal. Desconhecido, ignorado, pobre, mas um génio. Mas os projetos de Camilo fizeram dar risadas de horror a Genoveva:

— O quê? Ser representada a dar pão aos pobres? Credo! E porque não a curar os leprosos? Por quem me toma esse homem? Quer talvez, por baixo, o título original de *Ricos e Pobres*, ou *A Caridade*. Está doido!

Mas não se recusava a tirar o retrato. Se o sujeito tinha talento, queria. Porém com um vestido de seda clara, sentada numa cadeira de espaldar gótico, decotada, com os braços nus, o leque meio aberto na mão, ao pé de um vaso de mármore cheio de rosas. Citou outras atitudes célebres: os retratos de Bonnatt, de Carolus Duran, de Mademoiselle

Abbéma.

Falava com volubilidade, um movimento rápido de gestos, uma mobilidade na fisionomia, que lhe dava muitas expressões diferentes, todas de alegria, de felicidade.

E Vítor que a vira, havia dias, mórbida, lânguida, prostrada no sofá, achava-a como uma outra pessoa, com outros encantos. E depois de a ter amado tanto naquele enfraquecimento da doença, adorava-a na vivacidade da saúde.

— Quer beber alguma coisa?

«Ela sentia-se com sede, tomaria curaçau com soda. Estava hoje nos seus *dias felizes*. Tudo lhe parecia cor-de-rosa.»

— Não tem desses dias?

«Tinha», disse ele. E entraram

numa longa conversação de simpatias, de afinidades.

— Parecemo-nos em muita coisa, não é verdade? — disse ela.

E olhava-o muito, como encantada. Mas de repente ergueu-se, foi abrir o piano, quis que ele fizesse música. Ele lamentou não saber. «Às vezes um piano fazia tanta companhia.» Havia certos estados de alma que só a música exprimia. Ao anoitecer, por exemplo, às vezes desejava pôr em melodia uma quantidade de coisas vagas que lhe passavam na alma.

— Poeta — disse ela rindo.

Parecia escutá-lo com avidez, recebendo com alvoroço cada confidência que ele fazia dos seus sentimentos, das suas ideias, dos seus hábitos,

provocando-as. Quis saber a que horas ele se levantava, o que costumava ler, quais eram as óperas de que gostava — abrindo uma a uma as portas fechadas da sua alma, como um comprador que examina uma casa. E os seus olhos percorriam-no, estudavam-no.

— E Miss Sarah? — perguntou ele.

Ela bateu as mãos, riu muito:

— Não sabe? Está apaixonada por si.

— Ora!

— Palavra! Não faz senão falar em si. Diz que o acha formoso, interessante, romântico. E não é verdade — e os seus olhos, abertos numa luz radiosa, fixavam-se nele. — Eu não acho.

Ergueu-se, veio pousar-lhe as

pontas dos dedos nos ombros, examinou-o:

— Não acho — repetiu. — É simpático, mas mais nada.

Vítor quase corava. Ela parecia-lhe ser o homem, o provocador. Ele parecia a mulher, recebendo, com a perturbação de uma feminidade passiva, aquelas provocações de simpatia.

Genoveva então arranjou-lhe o cabelo com as pontas dos dedos, compôs-lhe a gravata; mas não lhe deixou tomar as mãos, fugiu com a cinta, dizendo:

— É o nosso tratado: simples amigos, nada mais — fez estalar a unha nos dentinhos, recusando-se, fazendo uma mesura à antiga. E os seus olhos atiravam-lhe, como um desafio, um olhar radiante.

Foi sentar-se ao piano. E começou

a sua canção favorita:

Chaque femme a sa toquade,
Sa marotte et son dada.

Atirava as notas de um modo petulante, pondo em certas palavras aquele abaixamento de voz, gracioso e canalha, que nos cantores do teatro do *boulevard* tem uma intenção provocante e lasciva.

E soltando o estribilho:

Voyez ce beau garçon-là.
C'est l'amant d'A,
C'est l'amant d'A.

E atirava-lhe olhares que o faziam estremecer de desejo.

Voyez ce beau garçon-là.

E os seus olhos pareciam designá-lo, confessar-se, render-se.

C'est l'amant d'A,
Cest l'amant d'A,
C'est l'amant d'Amanda.

Mas, subitamente, calou-se, e ficando sentada sobre o mocho do piano, tomando uma fisionomia séria, disse-lhe, com uma ironia, um certo desdém, na voz:

— E como vai a Aninhas?

Vítor ficou petrificado.

— Não há de que se envergonhar. Diz que é bonita. Foi cozinheira, creio eu. E entretida, a quinze mil réis por mês, por

um lojista da Baixa. Anda a aprender o francês; já conjuga os verbos. Vê que estou bem informada. Vai bem, essa interessante Madalena?

— É mentira — disse Vítor.

— Não é — e Genoveva ergueu-se. — Disse-me o Dâmaso. O Dâmaso conhece-a...

Vítor jurou matar o Dâmaso. E logo começou, para se justificar, a explicar aquela relação. «Era certo. Tinha estado com ela. Era uma pobre criatura, sem educação, muito tola. Mas tinha-a, como se poderia ter um animal: o seu coração não tomava parte...»

— Pois pode crer que com os meus gostos, os meus sentimentos, eu me iria prender a uma mulher que mal sabe ler? E de resto há mais de um mês que a

não vejo. Aborrecia-me tanto, que a deixei. Ainda antes de ontem me escreveu. Nem li a carta.

— Palavra? — disse ela.

— Juro-lhe.

— De resto ninguém tem direitos sobre si — e passeava pelo quarto com um rumor de seda arrastada. E voltando-se para ele: — Eu também já sabia que estava de mal. Ela encontrou o Dâmaso e queixou-se... Coitada! Faça as pazes, não desole aquele pobre coração.

— Está a escarnecer! — disse Vítor, magoado.

— Não. Um conselho de boa amiga. Que ela naturalmente consola-se com algum côvado de casimira que lhe mande o amante, ou com algum caixeiro suplementar... — e com um riso cantado:

— A Aninhas! Fazia-lhe versos?

— Bem, adeus — disse ele, despeitado.

Ela tirou-lhe o chapéu da mão:

— Perdão, se não falo com respeito da bem-amada... — E vendo o rosto dele contrariado: — Estou a brincar.

E acariciando a seda do chapéu:

— E a mim, faz-me uns versos?

— Decerto.

— Quero que me faça um soneto todos os dias. É muito chique! — E estendendo-lhe o chapéu: — E agora, meu querido amigo, adeus. São três horas.

— Manda-me embora?

— É necessário.

— Está à espera do Dâmaso? — disse ele, com um sorriso de rancor.

Ela pôs o dedo sobre a boca:

— *Chut!* Obedeça. Adeus.

Vítor teve uma raiva de ciúme, de desespero.

— Bem, adeus. Não volto.

— Não volte — disse ela, encolhendo os ombros.

Fixaram-se um momento.

— Porque me faz sofrer? — disse ele, muito desconsolado.

Ela teve um risinho contrafeito, e:

— Sofrer! Mas que homem extraordinário! Vem-me fazer duas visitas, conhece-me apenas, e acha que eu que faço sofrer, porque preciso estar só, às três horas. Realmente, é impostor...

— É porque a adoro — disse ele.

Ela pôs-lhe rapidamente a mão na boca:

— Nada dessas grandes palavras.

Parece mal — e com uma cortesia, sorrindo: — Se mas quer dizer, venha pedir a minha mão à mamã.

Riu muito e, correndo, entrou no quarto, voltou com um raminho de violetas:

— Vá, seja bom rapaz — disse ela, metendo-lho na casa da sobrecasaca. E disse, rindo: — Cuido dele como de um vaso, e ainda se queixa. *Les voilà!* As violetas bonapartistas.

Ele olhou-a com uma suplicação infinita. Estendia o rosto, e os seus lábios pediam tão humildemente um beijo. O rosto de Genoveva perturbou-se e, estendendo a cabeça, recebeu o beijo de Vítor sobre o cabelo.

Ele ficou tão comovido que teve um suspiro soluçado. E ficava no meio da

sala, como idiota, olhando-a, a tremer, sem sair.

— *Addio!* — disse ela, com uma voz séria.

Ele saiu, sentindo o chão oscilar-lhe sob os passos.

Apenas o sentiu fechar a cancela, Genoveva chamou Mélanie:

— Logo que venha o outro, o Dâmaso, manda-o entrar. Preciso falar-lhe. Estou sem dinheiro.

Deu um suspiro. E deixando-se cair no sofá, disse, apertando as mãos por trás da cabeça:

— Mélanie, isto vai mal.

— Ia com uma cara tão desanimada, o pobre rapaz — disse Mélanie.

— Pobre querido! Oh, Mélanie,

que paixão esta, tão absurda, tão repentina. O que é isto? Porque me veio isto? Quem me diria?

— Isso passa, minha senhora.

Ela oscilou com a cabeça, tristemente, os olhos no chão:

— Não. É para sempre. Não sei o que me diz o coração. Mas adivinho desgraça...

***

Vítor não se esqueceu do pedido de Genoveva: «Quero que me faça todos os dias um soneto.» Lembrava-se de um herói de romance, Don Juan de Perúsia, que todas as tardes, depois do seu jantar, fumando tranquilamente o seu charuto no terraço do seu castelo, na orla de um

bosque, fazia um soneto à bem-amada do dia. Os cavaleiros italianos da Renascença, que Ticiano tinha retratado, e que tinham ceado com César Bórgia, faziam o mesmo. E achou muito elegante produzir cada manhã um soneto, que lhe mandaria com um ramo. Depois publicaria a coleção. Chamar-se-ia *As Carícias*. Teria uma notoriedade famosa, e dar-lhe-ia celebridade. Porque, mal se lhe abria uma perspetiva, a sua imaginação lançava-se por ela, com o galope impetuoso de um cavalo de raça; e depois de alguns saltos, ficava a arquejar, estendido sobre os flancos como um sendeiro lazarento.

E na manhã seguinte, depois de almoço, fechou-se no quarto, e em chinelas, com um maço de cigarros sobre

a mesa, um copo de água para clarear as ideias, preparou-se para produzir. Durante horas os seus passos torturaram o soalho. E até ao jantar, tinha produzido as duas primeiras quadras. Quando Clorinda o veio chamar para o jantar, apareceu à mesa com o olhar esgazeado, a face animada, de um homem que emerge do ideal.

— Tens estado a dormir? — perguntou-lhe o tio Timóteo.

— Tenho estado a escrever — disse, com a reserva de um iniciado que fala a um profano.

Depois do jantar, tornou a encerrar-se, e às nove horas da noite tinha enfim terminado os dois tercetos finais. E saiu para tomar ar. Estava uma noite áspera, um pouco lúgubre, com grossas

nuvens errantes, entre as quais, às vezes, aparecia a lividez da Lua. As rajadas uivando dão então um arrepio à alma. As casas estão fechadas. O gás tem oscilações aterradas. E erra como uma sensação de desgraças fatais e de mistérios homicidas. Foi passear para o Aterro. A maré batia tristemente contra os cais. E na extensa escuridão da água tremeluziam luzes acanhadas de barcos, que às vezes, ao súbito clarão de uma Lua gelada, desenhavam mastreações espetrais. Mas aquela decoração não condizia com o estado luminoso da sua alma. E veio para casa copiar cuidadosamente o seu soneto, com uma deleitação paternal.

Deitou-se, com um volume de Alfred de Musset, achando a vida boa.

Tinha enfim aquela paixão ideal, nobre, pitoresca, que ele vira nos livros e nos poemas, e que o encantava tanto. E por um favor da fortuna, vinha-lhe acompanhada de todos os requintes do luxo, todas as seduções do espírito, todas as faíscas da fantasia. Onde havia em Lisboa uma mulher que se pudesse comparar a Madame de Molineux? Qual tinha as suas *toilettes*, os seus adoráveis caprichos, a sua ciência amorosa, tanta experiência de viagens e de sociedades? Decerto tinha tido amantes. Mas o conhecimento dos homens tornava o seu amor mais apreciado. É tão fácil agradar a uma pobre burguesa que não vê senão as chinelas do marido e a rabuge dos filhos! É tão fácil seduzir uma rapariga de dezoito anos, ainda com as imaginações

do colégio, e as ambições de maternidade que lhe deu a boneca! Mas uma mulher que conhece os homens tão profundamente, a quem as desilusões repetidas deram ceticismo, a quem o abuso das sensações trouxe a inércia da saciedade; uma mulher assim, que glória interessá-la! É o mesmo prazer áspero que se deve sentir em tornar católico um ateu. E possuindo-a, não se possui só um corpo belo, mas um ser complexo. Cada um dos seus amantes, das suas relações, formou-a, deixando no seu espírito, nos seus modos, alguma da sua personalidade. E tê-la nos braços, possuí-la, é possuir os refinamentos dos elegantes, o espírito dos dramaturgos, a polidez dos diplomatas, todas as civilizações, de que eles são a flor, a essência, o resumo artificial e

delicioso. Que diferença na sua vida, hem! Ainda há um mês a sua existência era estúpida e banal como um macadame de rua: ia dos tédios do escritório do doutor Caminha para os reles prazeres da alcova de Aninhas. Era um sensabor, um banalão! E agora, o amor de Genoveva idealizava-o, enobrecia-o, forrava a sua alma por dentro de doçura, cobria-a por fora de resplendores. E estirava-se na cama com orgulho, sentindo fora o vento gemer roçando-se pelos muros das casas. Como ela admiraria o seu soneto! Como se veria contente de ser obedecida! Era impossível que não lhe desse um beijo. E, àquela esperança, a sua alma tinha frouxidões expirantes de languidez.

Ao outro dia, com o seu soneto na carteira, dirigiu-se à Rua de São Bento.

Mélanie, que veio abrir, disse-lhe logo:

— Não está. Foi esta manhã para Queluz com o Sr. Dâmaso. Mas está a inglesa. Faz favor de entrar.

E abriu a porta, chamou Miss Sarah. Vítor sentia-se como um homem que caiu de uma altura. Entontecido, com um sorriso vago, o coração frio, entrou na sala. Um rugido de seda forte roçou o tapete. Viu ao pé de si Miss Sarah, corada, direita, que lhe disse logo que Madame e Mister Dâmaso tinham partido para Queluz, muito cedo.

E sentando-se, abrindo e fechando um livro que tinha nas mãos, os seus olhos azulados, com uma esclerótica raiada de amarelo e biliosa, fixavam-se em Vítor com admiração.

Vítor, com o chapéu nos joelhos,

ficou tão embaraçado que não encontrava uma resposta.

A inglesa notou que «o dia estava bonito». Vítor tomou um ar profundo, e concordou, depois de reflexão, que «sim». E então a inglesa disse que os dois «tinham ido de carruagem descoberta, tinham levado um lanche, pareciam muito felizes». E acrescentou algumas palavras de louvor sobre Mister Dâmaso. «Era encantador, um perfeito *gentleman*.»

Vítor, acabrunhado, murmurou:

— Decerto, decerto. E quando voltam? — perguntou.

Miss Sarah disse que talvez passassem a noite em Queluz.

Que não tinha ouvido fazerem projetos. Mas que era mais que natural. Quis saber se Queluz era bonito.

— *Oh, yes*! — disse Vítor, erguendo-se.

Mas Miss Sarah não o queria perder tão cedo. Pôs-se a falar de Portugal, dos Portugueses: achava-os encantadores. Era o Paraíso. E tão delicados com as mulheres! Os Ingleses deviam vir aprender...

E, falando, tinha gestos requebrados, o seu pescoço ondeava. Abria para Vítor sorrisos extáticos; e ora abaixando os olhos como deslumbrada, ora erguendo-os como fascinada, revelou todas as suas sensações de solteirona diante de um rapaz formoso.

Mas Vítor, de pé, batia impacientemente com o chapéu na perna.

Miss Sarah então declarou que o não queria prender: «Ela não tinha

decerto os encantos de Madame de Molineux...»

Vítor, embaraçado, protestou. Mas «tinha tanto que fazer»...

Miss Sarah suspirou: «Decerto alguma paixão, alguma senhora que ia ver. Ah, conhecia os homens: todos levianos, entusiasmando-se pelas aparências»...

Aquela voz, com acentos duros e cantados, os longos olhares baços da inglesa, davam a Vítor como um entorpecimento. Enfim, rompendo por esforço a sua inércia, saudou Miss Sarah, saiu. Ela fez-lhe um cumprimento grave, e pôs num último olhar todas as declarações do seu desejo.

Vítor, ao achar-se na rua, exalou todo o seu furor contra Genoveva num pensamento:

«É uma reles prostituta! Acabou-se!»

E, como uma vela que uma rajada apagou, o seu amor desapareceu. E apertando convulsivamente a bengala, foi-se afastando, com um passo nervoso; com tédio dela, da casa, da rua! O seu ódio, como um gás que se dilata, estendera-se a todas as pessoas, a todos os objetos. Desejava uma questão, dar bengaladas, escrever nos jornais coisas odiosas contra as mulheres, vê-la a ela pobre e pedindo esmola! E não sentia ódio contra Dâmaso; mal pensava nele; achava-o digno dela, o estúpido, a besta! «É um par famoso! Que tenham muitos filhos e que os leve o diabo!» Tudo lhe parecia esbatido numa névoa triste, apesar do esplendor do dia assoalhado. As vozes, os risos,

chegavam-lhe como um zumbido importuno. Entrou em casa, atirou o chapéu ao chão; e veio-lhe de repente uma sensação de abandono, de solidão, de vazio, como se a cidade, os amigos, as casas, as relações, tudo tivesse recuado, deixando-o a ele só, ser martirizado e solitário, num vasto espaço vazio e lúgubre. Sentiu-se fraco, infeliz, incompatível com a vida. E, sentado na cama, rompeu a chorar.

Para não sofrer as perguntas, a conversação, do tio Timóteo, foi jantar só, num gabinete, ao Silva. E quando o criado lhe perguntou o que desejava, oferecendo-lhe a lista, respondeu, com um ar desolado e profundamente abatido:

— O que quiseres. Veneno, se há.

Aquela pilhéria consolou-o.

Consentiu mesmo em ler o *Jornal da Noite*, que o criado lhe trouxe. E não se esqueceu de tomar atitudes tristes, sempre que o moço entrava; porque nada consola os temperamentos efeminados como dar publicidade à sua dor.

Desceu o Chiado devagar, com o abandono fatigado de um convalescente. Sentia na alma, nos olhos, aquela lassidão magoada que deixam as lágrimas. E todavia não lhe desagradava estar triste por um desgosto de amor, porque dá a consolação da vaidade atribuir uma origem nobre às nossas aflições. Entrou no Teatro de D. Maria. Comprara um camarote a um vendedor, para dar ao seu desgosto uma atitude elegante. E com os cotovelos no rebordo de marroquim esgaçado, olhou distraído pela sala,

escutou distraidamente a peça, fazendo por hábito, por distração, olho a uma mulherona bem feita que de uma frisa lhe atirava olhadelas agudas. Mas sofria, realmente. Às vezes a lembrança de Genoveva dava-lhe uma comoção tão grande, que sentia uma dor no coração. E vendo que eram dez e meia, e que àquela hora talvez *eles* se estivessem a deitar em Queluz, veio-lhe um desespero, uma raiva tão intensa, que abriu a porta do camarote, saiu, e foi andando pelas ruas, sem destino. Os seus passos levaram-no às Janelas Verdes. E ia numa agitação de pensamentos, tentando gastar no cansaço do corpo as torturas da alma. Mas um relógio deu uma hora, e voltou para casa.

Ao chegar à porta, tirava tranquilamente o trinco da algibeira,

quando da parede escura de uma porta ao pé, se destacou um vulto de mulher que correu a ele, agarrou-se-lhe, exclamando surdamente:

— Vítor!

Era Aninhas.

— Que queres tu?

— Escuta-me, pelo amor de Deus... Vem, ouve-me. Só umas palavras, por quem és. Estou como doida. Se não me escutas, vou-me atirar ao rio. Vítor, juro-te...

A sua voz, afogada em lágrimas, exaltada, elevava-se...

E para evitar o escândalo, como saía ainda gente do Grémio, Vítor foi andando com ela até ao largo adiante, escuro àquela hora, defronte da Academia das Belas-Artes.

Aninhas agarrava-lhe o braço, prendia-se a ele com uma força ansiosa, soluçava baixo, murmurava:

— Tenho estado como doida. Não me importa. Queria morrer, é que eu queria...

— Mas então que é? Que queres tu?

Aninhas então, num fluxo de palavras, andando, parando, com grandes gestos, pôs-se logo a explicar o *caso do outro dia*. Não era o Policarpo que estava com ela. Era verdade: era outro homem. Mas não era um amante: era um velho, um diabo, um animal, um Lopes, da Travessa da Palha. Fora a necessidade que a impelira. O Policarpo era um forreta. Mal lhe chegava para sustentar casa. Tinha duas pulseiras no prego, o medalhão com

o brilhante. Não sabia como havia de dar com a cabeça. E aquele demónio daquele velho andava a persegui-la. Tinha-lhe desempenhado as joias. E ela, pobre dela, na aflição, aceitara. Mas amaldiçoava-o agora. Tinha-lhe ódio.

— Juro-te que é a verdade. Juro-te pela vida de minha mãe! Ainda eu morra, se isto não é verdade. Pergunta à Rosa. Escrevi-te a explicar-te tudo. E se não te encontrasse hoje, dava cabo de mim.

Tomava-lhe as mãos, apertando-lhas com uma força nervosa. Na escuridão do largo, ele via apenas os seus olhos pretos reluzirem, sobre o vago rosto pálido, cheio de sombra da renda preta que tinha na cabeça. Sentia uma sensação doce amolecê-lo. A expressão tão sincera daquela paixão era como uma

compensação ao desdém de Genoveva. A sua vaidade consolada enchia-o de uma condescendência perdoadora. E foi com uma voz branda que disse:

— Mas se estavas em apuros, porque não disseste? Eu podia dar-te o dinheiro.

Ela acudiu:

— Ah! Não! Nem cinco réis! De ti quero só o teu amor, quero-te a ti. Dos outros tudo: dinheiro, o que puder pilhar. Mas de ti não. Vem. Faz as pazes. Não tenho dormido. Tenho estado doente. Pergunta à Rosa. Hoje não pude, vim-te esperar. Vem. Diz que sim.

Mas os despeitos do seu amor por Genoveva deram a Vítor desejos de vingança sobre Aninhas. Mostrou-se duro. Repeliu-a:

— Não, não, não! — disse. — Já não é a primeira que me fazes. Estou farto. Adeus.

E acrescentou, pondo, para a comover, muita melancolia no acento da voz:

— Sê feliz, Aninhas.

A rapariga chorava baixo. Mas Vítor não se afastava. Sentindo-se fraco, irritado com a sua fraqueza, derramava-se numa verbosidade irritada. Chamava-lhe uma leviana. Não estava para aturar os seus caprichos. Que não lhe faltavam mulheres. E para a fazer chorar mais, acrescentava que a amava decerto, que sempre a amara, mas que tinha refletido. Estava tudo acabado:

— Adeus.

— Vais-te? — disse ela com a voz

seca, reprimindo as lágrimas.

— Adeus.

— Adeus, Vítor.

Aquela aceitação tão pronta da sua separação enfureceu Vítor.

Não se foi. E continuou passeando, dizendo-lhe coisas desagradáveis, com a mão no bolso, repetindo as mesmas queixas, fastidioso, destilando das suas palavras um tédio morno e misantropo, desesperado.

— Mas não te zangues, Vítor — disse ela com resignação lacrimosa. — Eu não te quero forçar. Fiz o que pude. Vim pedir perdão. Adeus.

Então Vítor insultou-a. Atirou-lhe os nomes de todos os seus amantes: o Alves, o Gomes, o Terra Vesgo, o João Patriota...

Aninhas irritou-se:

— Para que me atiras todos esses homens à cara? É verdade, estiveram comigo. Mas não te enganava. Enganava-os a eles por ti. Pedi-te alguma coisa? Diz. Pedi-te jamais cinco réis? Diz.

Erguia a voz, erguendo-se nas pontas dos pés.

— Fala baixo. Olha a sentinela! — disse Vítor, furioso.

Ela encolheu os ombros, impaciente. «Era melhor acabarem», disse. E falando como a sós:

— Vá uma pobre mulher fazer sacrifícios por um homem!

— Que sacrifícios? — exclamou Vítor, muito orgulhosamente.

— Todos. Por tua causa estive para perder o Policarpo umas poucas de

vezes. E que havia de ser de mim? A casa é alugada em nome dele, os móveis estão em nome dele. É homem para me pôr na rua com um xaile e uma camisa. E que havia de eu fazer? Atirada a uma vida desgraçada, ir dar o nome à polícia? É por tua causa! Oh, se minha pobre mãe me visse! — e as lágrimas redobravam.

Vítor estava profundamente humilhado. Aquela discussão rebaixava-o à posição infamante dos *chulos*. E todavia reconhecia a verdade das acusações, e instintivamente sentia nelas uma vaidade dominá-lo, porque provavam um amor desinteressado. Passeavam calados. Então a sua vida com Aninhas reapareceu-lhe. Noites de voluptuosidade, em que ambos riam e brincavam ceando na cama, vieram tentá-lo. Comparou aquela rapariga tão

amorosa a Madame de Molineux tão escarnecedora. E era bonita. Lembrava a perfeição graciosa e nervosa do seu corpo, os seus suspiros voluptuosos, o fresco da sua pele. Sentia-se perturbado. Além disso era um *dever* não ser ingrato: porque tal é a força que na consciência tem o dever, que as ações mais erradas procuram abrigar-se sob aquela justificação sublime. Enfim, parando, perguntou-lhe:

— Mas que queres tu, enfim?

Sentindo na sua voz um acento de condescendência, ela exclamou, com uma ternura infinita:

— Que venhas, que venhas!

Vítor teve um gesto resignado, e perguntou:

— E o Policarpo?

— Está para Almada. Que me importa! Vem, dize que vens! Oh, adoro-te! Oh, que felizes que vamos ser!

Prendia-se a ele, agarrava-o, com uma paixão possessa.

— Está quieta. Pode passar gente.

— Que me importa! Tomara que passasse o mundo inteiro. Meu Vitorzinho. Vem.

— Vais-me enganar outra vez — disse ele já cedendo.

— Nunca. Se te enganar, mata-me. Eu deixo escrito que me matei. Não tens de ir à Boa-Hora.

Dizia-o sinceramente. Tinha lido aquela prova de amor no *Rei da Montanha*, e estava resolvida a praticá-la.

E Vítor foi. Aninhas apossara-se

sofregamente do seu braço e corria quase. Chegaram a casa esfalfados. E enquanto Vítor acendia o fósforo, ela, com a saia apanhada, galgava as escadas, rindo com risinhos nervosos, impaciente, tocou a campainha com uma força que a criada, assustada, veio correndo.

— Vem aí, vem aí, Rosa! Trouxe-o! Cá está!

E arrastou Vítor para a cozinha, depois para a sala. Atirou a manta, a capa. E lançando-se sobre ele, cobria-o de beijos. Batia as mãos. A sua exaltação redobrava o encanto da sua carinha bonita, punha nos seus lindos olhos cor de ferro faíscas de paixão. Ia, vinha, pela casa. Dizia:

— Pergunta à Rosa. Não é verdade, Rosa? O que eu chorei!

— Esteve de todo, esteve de todo — dizia a criada, melancolicamente.

— Vês? Vês?

E quis que Rosa preparasse a ceia logo. Cearíam na cama. Abraçava-o. Fizera-o cair no sofá e, sobre ele, devorava-o de beijos, examinava-o com olhos dilatados e vorazes, como se nunca o tivesse visto: a sua testa branca, o buço delgado, os cabelos encaracolados, todas aquelas belezas efeminadas que a endoideciam. Beijava-o, com suspiros, louca. Mordia-o. Atirou-se aos pés dele, e num ímpeto de sensibilidade rompeu a chorar.

Comovido por tanta paixão, Vítor jurou a si mesmo que a amaria sempre, que esqueceria a *outra desavergonhada*. Ergueu-a, sentou-a sobre os joelhos,

beijou-lhe as lágrimas, disse-lhe:

— Juro-te que te adoro, Aninhas. Mas não me enganes, não?

Ela ergueu-se, com os olhos secos, reluzentes, a mão estendida:

— Ainda que eu morresse de fome! Não. Nunca! Só para ti. Só para ti.

Uma voluptuosidade imensa atirou-a, meia desmaiada, para os braços dele. E os seus lábios beijavam-lhe o pescoço, por uma adesão húmida, chupante, ébria...

***

Ao outro dia Vítor só saiu do quarto de Aninhas à uma hora. E chegava justamente à porta da rua, quando o coupé de Dâmaso passava. Dâmaso, apenas o

viu, fez parar, chamou Vítor, que veio, com uma contrariedade atroz.

— Fizeste as pazes, hem? — disse-lhe logo Dâmaso, radioso. — Eu encontrei a pobre rapariga há dias, que se me queixou. Fizeste bem, homem, fizeste bem...

Vítor quis negar. «Tinha vindo apenas porque soubera que estava doente.»

— Ora histórias! — disse Dâmaso rindo. — E com esse ar estremunhado, e o colarinho amarrotado! Obrigado. Pai Paulino tem olho. Diverte-te... Nós estivemos ontem em Queluz.

— Chegas agora? — perguntou Vítor, pálido.

— Não, chegámos ontem à noite. Passeio delicioso.

Parecia cheio de um júbilo ruidoso. Esfregava as mãos. Mexia-se no assento do coupé, com uma abundância de felicidade que o agitava. E gritava ao cocheiro que andasse.

— Diverte-te. E aparece!

Vítor veio para casa furioso:

«Ia dizer decerto a Madame de Molineux que o tinha visto sair de casa de Aninhas! Que contrariedade! Mas de resto que lhe importaria? Madame de Molineux tinha escarnecido dele. Era uma vingança. Mostrava-lhe que não *morria de paixão*. Acabou-se! Melhor. No fim, a Aninhas era mais nova, mais amorosa, mais fresca! E se a outra tivesse ciúmes, melhor! Que estourasse.»

E não voltou a casa de Genoveva. O Policarpo demorava-se em Tomar, e

Vítor vivia quase sempre com a Aninhas. Era uma *lua de mel*. Levantavam-se às duas da tarde. Tinham ido várias vezes jantar ao Silva. E mesmo uma noite foram ver às Variedades uma *mágica*. Aninhas, que era a primeira vez que ia ao teatro com Vítor, tinha passado desde as quatro horas da tarde a vestir-se. Vítor dera-lhe ultimamente certos conselhos de *toilette*, procurando fazer-lhe usar certas elegâncias de Madame de Molineux. Aninhas penteava o cabelo sem grandes postiços. Já o não riçava em frisados de cãozinho. Usava também opopónax nos lenços e luvas *gris-perle* de oito botões. E nessa noite, com um vestido de seda cor de vinho, muito colado, uma gravata simples de renda, a sua carinha bonita tinha um ar gracioso, simples e nítido, que

fez a Vítor alguma vaidade.

Mas ao sentar-se no camarote com ela, fez-se pálido como cera. Defronte, Dâmaso, de casaca e gravata branca, próspero, dilatado, balofo, triunfante, falava com Madame de Molineux. Vítor ia retirar-se rapidamente para o fundo do camarote, quando acenos muito amigos do Dâmaso o imobilizaram na cadeira. E imediatamente Madame de Molineux também abaixou a cabeça. Estava esplêndida, com um vestido de seda preta, onde se desenrolava um bordado espesso de veludo. Tinha o cabelo à inglesa, num penteado simples, que mostrava uma cabeça pequena e adorável. Duas pérolas negras destacavam sobre a orelhinha; e pendente por uma fita da cor das luvas, tinha no peito um medalhão feito de uma

turquesa.

E, como uma onda que quebra os diques e alastra, o amor antigo encheu o peito de Vítor, sufocou-o. Ao princípio, ficou como idiota, e o palco, as luzes escassas, a cor reles do papel dos camarotes, tudo lhe parecia confundir-se. Mas as maneiras de Madame de Molineux, que ria com Dâmaso, deram-lhe uma grande cólera. E começou a inclinar-se para Aninhas, a dizer-lhe ninharias, rindo alto, arrastando a cadeira.

Aninhas não tirava os olhos de Madame de Molineux. Quis saber quem ela era. Examinou-a com o binóculo. Tomava atitudes escolhidas, imitando instintivamente as de Madame de Molineux. Vítor continuava a afetar com ela uma intimidade expansiva. Mas

Madame de Molineux, muito séria, não tornou a volver os olhos para ele. Vítor estava desesperado. Aquela indiferença esmagava-o. Começou a responder secamente a Aninhas. Não ouvia as tristes pilhérias dos atores. E, no fundo do camarote, não tirava os olhos de Madame de Molineux. Aninhas mesmo notou-o, fez-se pálida: «Porque estava sempre a olhar para aquela mulher?»

— Eu? Que me importa a mim a mulher?! Não sou livre de olhar para quem quero?

Aninhas deitou-lhe um olhar faiscante. Odiava já Madame de Molineux.

Mas Genoveva nem uma só vez tornou a voltar os olhos. Dâmaso, esse, não se fartava de mostrar a Vítor a sua

intimidade, a sua felicidade. Tomava atitudes triunfantes. Torcia altivamente o bigode. Tinha movimentos de ombros piedosos a certos esforços joviais dos atores. Ao fim do segundo ato, Vítor viu Genoveva erguer-se, e Dâmaso pôr-lhe a capa, a mesma capa de peles que ele vira no Trindade. Uma abundância de recordações aniquilou-o. Teve vontade de se lhe ir atirar aos pés, pedir-lhe uma palavra, um olhar. E quando os viu sair do camarote, hesitou um momento, agarrou o chapéu, precipitou-se pelo corredor. Mas chegou apenas à porta: para ver Madame de Molineux entrar para o coupé, com um movimento que levantou brancuras de saias, e Dâmaso, batendo a portinhola triunfantemente, fazer-lhe um aceno compassivo.

Voltou para o camarote com uma raiva no coração. Desejava que o teatro ardesse, que o mundo caísse aos pedaços. E sentado ao pé de Aninhas, não tirava os olhos do camarote em frente, vazio, onde ela se sentara; que devia ter ainda o seu aroma. E as lágrimas que não soltava, acumulavam-se, afogavam-lhe o coração.

7

Vítor não voltou a casa de Madame de Molineux. E retomou os seus antigos hábitos: frequentou mais o escritório; ia muito a casa de Aninhas; recomeçara os seus passeios pelo Chiado, as suas estações melancólicas à porta da Casa Havanesa. Mas todos os seus atos, as suas palavras, mesmo o seu andar, tinham a indiferença abatida e triste de um movimento maquinal. A imagem de Madame de Molineux incrustara-se no seu cérebro, e nenhum atrito da vida a podia apagar. Apenas acordava, ou levantava os olhos do livro que lia, ou terminava uma conversação, imediatamente aquela ideia se lhe erguia no espírito. Eram então

infinitos monólogos, suposições do que lhe diria se a encontrasse, diálogos imaginados, planos; todo um trabalho cerebral, com um só fim: possuí-la. Às vezes vinha-lhe um desejo repentino de a ir ver, de correr a casa dela. Mas retinha-o um orgulho, uma timidez, o receio da sua indiferença. E todavia a vida parecia-lhe inaceitável sem aquelas demonstrações de simpatia que ela lhe dera, que eram a maior doçura que tinha conhecido na existência, e como a afirmação visível do seu valor. Chegava a desesperar-se consigo de não poder dar circunvoluções do seu cérebro àquela ideia que, como um parasita, se instalara na dobra mais profunda, mais inacessível, donde dirigia toda a sua alma, todo o seu corpo.

A indiferença dela parecia-lhe uma infâmia. Nem um recado, nem um convite! Nada! Era como se ele tivesse morrido. E não a tornara a ver, nem na rua, nem nos teatros. Duas vezes passara por casa dela: as janelas estavam abertas, havia um ar habitado. Que fazia? Em que se entretinha? Em que pensava?

Uma manhã, vestia-se para ir ao escritório, quando a porta do seu quarto se abriu bruscamente, e Camilo Serrão entrou. Atirou o chapéu desabado para cima de uma cadeira e, sentando-se na cama de Vítor, começou, sem transição, a falar no retrato de Madame de Molineux.

— Tornaste a pensar nisso? — disse-lhe Vítor.

— Como «se pensei nisso»? Não tenho pensado noutra coisa.

E imediatamente, com grandes passadas pelo quarto, expôs uma teoria:

«Não havia arte mais nobre, mais útil, mais profunda, que a do retrato. Ia abandonar a cenografia, que repugnava ao seu temperamento, a paisagem, que achava um entretenimento pueril, e dedicar-se todo aos retratos.»

— Não há na arte moderna nada que se lhe compare. Porque, enfim, quais são os dois grandes ramos da pintura, os dois ramos nobres, elevados, necessários? A pintura histórica, e o retrato. Mas, não há nada mais absurdo que a pintura histórica: o maior artista não pode fazer dela mais que uma exposição de vestuários e de armas. Para pintar um homem, um herói, um filósofo, pôr na sua fisionomia toda a sua alma, seria

necessário conhecê-lo. Suponhamos que eu quero pintar Carlos Magno. Que sei eu de Carlos Magno, das suas ideias, das suas tristezas, dos seus nervos, se os tinha, das suas paixões, dos seus terrores, de tudo enfim que constitui o homem? Sei alguns dos factos históricos que se passaram no seu tempo, que tinha barbas brancas, que jogava o xadrez com o arcebispo Turpin, e que achava um encanto enfeitiçado em olhar horas e horas para o lago de Aix-la-Chapelle. É tudo. Com estes elementos, posso pintar Carlos Magno? Não. Posso pintar um grosso velho, pôr uma grande exatidão na túnica, no arnês, nas armas. É um manequim, uma figura decorativa. Mas não é Carlos Magno. Por consequência a pintura histórica é absurda. Não pode

passar de uma exposição arqueológica de vestuários, armas e arquiteturas. A alma dos personagens, com quem não convivemos, com quem não temos nada de comum, de que nos separam séculos, escapa-nos; problemas, conjeturas. É uma arte conceptual.

»Agora, por outro lado, vê o retrato. Quem pintamos? Homens como nós, vivendo das nossas ideias, tendo as nossas sensações, alimentando-se com as nossas comidas, pertencentes à nossa raça. Basta interrogarmo-nos, para os explicar. Sabemos-lhes a vida, as obras, os cuidados, a família, os vícios, os ticos. Tudo está diante de nós, a revelar-nos o seu interior: os olhos, o sorriso, os gestos das mãos, a cor da pele.

»Agora nota a importância destes

trabalhos na história. Pelo retrato, o artista lega aos historiadores do futuro os seus contemporâneos, com a sua fisionomia, e portanto com o seu caráter. Retratar é escrever a história: a mais útil, a mais segura. O que é que os grandes homens legam ao futuro? Os seus livros, os seus discursos, os seus trabalhos. Mas nas obras, nas palavras, o homem não se revela todo inteiro. Põe sempre alguma afetação, alguma convenção, alguma reserva, muita reticência. Pelos seus trabalhos, os homens nunca se revelam inteiramente. Portanto, cá estamos nós, que chegamos com os nossos pincéis, tomamos a fisionomia do homem ilustre, pomo-la na tela. E este quadro, que conta a pinceladas o seu temperamento, o seu caráter, os seus defeitos, comenta,

explica, para os historiadores do futuro, o homem ilustre. Depois conta as pessoas importantes, que não deixam livros nem discursos, e que todavia fazem a história íntima ou social de um século: os reis, os banqueiros, as prostitutas ilustres, os criminosos e os revolucionários. Esta gente seria incompreensível sem os retratos: e portanto incompreensível o seu tempo. Os retratistas formam assim uma galeria contemporânea, onde os historiadores do futuro vêm surpreender na fisionomia dos homens a explicação dos seus atos. Vê tu Michelet. Porque é grande? Porque é que a sua história tem alguma coisa de vivo, de animado, de sentido, de ressuscitado, que falta às outras? É que explica os homens sobre os retratos: estuda-os, surpreende-lhes na

fisionomia a alma, as intenções, as sensações. É quase impossível compreender o século XVI, a Renascença italiana, sem os retratos dos papas pagãos de Rafael, dos robustos e altivos personagens de Ticiano, sem as vigorosas cabeças, voluntárias e sensuais, do Tintoreto. Quem compreenderia a gorda Flandres, sensata, trabalhadora, se não fossem os retratos dos burgomestres pançudos, dos bons burgueses de Antuérpia? Velázquez é o melhor historiador de Espanha e da corte, altiva, mística, hirta na etiqueta. O que explica o séculoXVIII, gracioso, fútil, impertinente, filosófico, melhor que os retratos de Wateau?

»E o nosso tempo, o que o há de explicar, no futuro? São os retratos: os

retratos dos nossos contemporâneos, de fisionomias atormentadas, torturadas, com ares de criação e de dúvida, o rosto todo cheio da vaga inquietação nervosa desta época de renovação! Enquanto a mim, estou decidido. Vou fazer a história de Portugal no séculoXIX. Quando tiver deixado cinquenta telas — de homens ou de mulheres, com as suas fisionomias vazias e balofas, o olhar pasmado e turvo, o ar abandalhado e frouxo — terei explicado, melhor que as memórias e as crónicas, o que foi o Constitucionalismo em Portugal, e a sua esterilidade.

Enquanto Camilo falava, Vítor tinha apenas uma ideia: que o retrato de Genoveva era um meio de se aproximar dela. E apenas ele parou ofegante:

— Então achas que o retrato de

Madame de Molineux...

— Exijo-o. Preciso dele. Quero começar a minha galeria. É uma cocote, é uma aventureira, é uma sentimental, é uma voluptuosa? Pois bem: é uma personalidade. Vou simbolizar nela este grande período de prostituição universal, de animalismo, de luxúria, de prazeres vendidos e comprados, de jogo de bolsa do sentimento. Vou pintar nela este grande facto moderno: a prostituição. A minha ideia de outro dia era absurda, perfeitamente ridícula.

E esboçou logo a maneira como trataria Madame de Molineux. «Pô-la-ia deitada num sofá, num *boudoir*, com todos os requintes do luxo e da futilidade, um resumo de tudo o que cria, alimenta, provoca, este grande espírito da

sensualidade moderna. Sobre o piano estaria aberta uma partitura de Offenbach. Volumes de Dumas Filho, de Baudelaire, juncariam o chão. Sobre uma taça de jaspe, transbordariam notas do Banco de Inglaterra. Ver-se-iam sobre uma cómoda números da *Gazeta dos Tribunais*, com a excitação dos debates judiciários. E sentada numa *causeuse* larga como um leito, ela apareceria numa luz crua e sincera, tendo nos olhos a exaltação da bacante, e nos lábios o egoísmo do agiota.»

— Será a minha primeira obra. Tenho-a aqui — batia na testa. — É a fortuna, a glória, o meu destino. É necessário começar, e já. Quando é que ela quer começar?

Vítor disse que seria necessário

falar-lhe, combinarem as horas, o local.

— No meu *atelier*. A luz não é famosa, como tu sabes. Mas não se trata de luz! Ao contrário, o que me convém é uma luz falsa, decaída, civilizada, cidadã, moderna; uma luz de bairro pobre, e de aglomeração de míseros. É uma luz nova. Hei de inventá-la. Esclarece esta fisionomia moderna do tom que lhe convém. É a luz do século. No meu *atelier*! — e tomou o chapéu.

— Espera! Onde vais?

— Andar, mover-me, agitar esta ideia, revolvê-la. E quando lhe vais falar?

— Realmente...

— Vai hoje! Que diabo!, trata-se de uma grande ideia, de uma renovação da arte em Portugal, da história do futuro. Não temos tempo a perder.

Vítor hesitou. Estava encantado. Mas procurava ouvir mais razões de ir a casa de Madame de Molineux.

— Eu precisava ir ao escritório.

— Qual escritório! Deixa lá o escritório! Os advogados! Quando eu começar com os advogados! Que retrato: o Advogado, o palavreador moderno, o verdadeiro herói deste século verboso e astuto! Que tipos! Amarelados, sagazes, ambiciosos, secos, vazios, feitos de frases, de convenções; o verdadeiro elemento do Constitucionalismo. Não: hoje manda à fava o escritório. Vai ter com a mulher...

Ia a sair, e vendo ao pé da cama de Vítor a gravura do beijo de Judas por Ary Scheffer, parou, e com um desprezo imenso:

— Se não é mesmo risível! O beijo de Judas! O Cristo convencional sempre, com a barba bem penteada, o cabelo bem apartado: se não se diria que o Redentor vem do Godefroy! Hei de um dia pintar um Cristo, mas realisticamente tal qual era: miserável, com a cabeça embrulhada num turbante sírio, amarelecido por uma pele de camelo, a barba hirsuta, o olhar doido de tanta visão e inflamado das ideias do deserto, com a face cavada, curtida, enegrecida, requeimada: medonho, tal qual era.

E depois de um silêncio, mostrando o punho à gravura:

— Não tem ideias, nem simbólica. Suponhamos que o Cristo católico é exato. Como deve ser representado então? Diz lá.

— Mas cheio de ideal, de graça...

— Não! — gritou Camilo. — Se ele tinha tomado sobre si todos os crimes dos homens e as disformidades da vida, o seu aspeto devia ser medonho e repulsivo. Hei de pintar um Cristo. É necessário refazer a legenda plástica do cristianismo! Vai ter com a mulher.

E saiu.

Vítor ficou numa grande excitação. O pretexto para voltar a casa de Genoveva estava ali, plausível, justo, exigente. Mas o seu orgulho, a sua timidez talvez, retinham-no ainda. Mas então começou a considerar que aquele quadro podia ser a glória de Camilo, a sua fortuna. Lembrou a sua miséria, obrigado — coitado — a fazer cenografia para viver. Podia recusar-se a concorrer para a

sua riqueza, para a sua celebridade? E como homem inteligente, tinha direito a retardar um tão grande plano de arte? Não devia ir convencer Genoveva que se deixasse retratar? E, dizendo alto que se sacrificava por Camilo, estava, baixo, consigo mesmo, radioso daquele pretexto que ele lhe dava.

Vestiu-se com cuidado. Foi-se florir à Casa Havanesa. E à uma hora batia à porta de Madame de Molineux. Sentiu tocar o piano. E ficou todo contrariado vendo Dâmaso instalado maritalmente num *fauteuil*, fumando. Genoveva cantava-lhe uma cantiga de café-concerto. Miss Sarah bordava. E aquilo tinha um aspeto de família feliz, e de ociosidade conjugal. Genoveva não se ergueu logo. Continuou mesmo, sem se

voltar, o seu estribilho:

Et v'là, v'là mes petits agneaux...

Depois o teclado calou-se, e veio então apertar a mão a Vítor, que Dâmaso, com as maneiras largas de dono de casa, fizera sentar no sofá.

— Pensávamos que tinha morrido. Dizíamos mesmo às vezes que teria sido delicado mandar-nos um convite para o enterro. Tem-nos feito muita falta.

E aquele plural, em que se associava a Dâmaso conjugalmente, era lançado com uma voz alegre, fácil, natural, que torturou Vítor.

Balbuciou algumas desculpas sobre os seus afazeres...

— Espero — disse Genoveva —

que não seja aquela senhora... — E voltando-se para Dâmaso: — Como se chama, meu caro?

— A Aninhas Tendeira — disse o Dâmaso, com um riso espesso.

Madame de Molineux teve um risinho, que sufocou com dois dedos:

— A Aninhas Tendeira, que lhe toma assim todas as horas! Espero que lhe deixe ao menos alguma hora do dia livre. Uma assiduidade assim pode ser prejudicial. Vejo-o mesmo pálido. Esses excessos de amor prejudicam-no.

Dâmaso bamboleava a perna, com superioridade. Sentia um gozo profundo em mostrar o espírito, as *toilettes* da sua amante, ao amante da Aninhas Tendeira.

Madame de Molineux disse então, recostando-se, bocejando vagamente:

— Ah, muito bonita, a Aninhas. Mas, meu amigo, por quem é, diga-lhe que não use aquele penteado em forma de melão.

Dâmaso cascalhava de riso.

— E sobretudo aquela capa com que entrou, escarlate. Uma saída de teatro escarlate! E depois mexe-se muito: parece que tem pulgas!

Dâmaso torcia-se.

Vítor sentia uma cólera congestioná-lo. As suas mãos tremiam. Disse com uma voz mordente:

— Coitada! É uma pobre rapariga que nunca saiu de Lisboa. Nem toda a gente pode ter corrido, de aventura em aventura, pelas quatro partes do mundo.

Genoveva fez-se pálida:

— Tem estado sempre colada ao

seu rochedo. Em lugar de lhe chamarem Aninhas Tendeira, era melhor talvez chamar-lhe Aninhas Ostra!

— Antes ostra que ave de arribação.

Dâmaso tomava um ar sério, ofendido. E voltando-se para Genoveva, disse-lhe com um modo espesso e lorpa:

— Vem hoje com muita chalaça, o nosso amigo!

E Vítor, sorrindo, disse então o fim da sua visita: falou no retrato. Mas Dâmaso, apenas soube que o artista era o Camilo Serrão, declarou logo, com autoridade, «que não podia fazer nada que prestasse».

Vítor exaltou-se. Falou no génio de Camilo. Citou os seus grandes planos, os seus estudos. Todo o mundo em Lisboa

tinha as maiores esperanças nele. Era necessário andar inteiramente alheio às coisas do espírito e da inteligência, para ignorar o lugar que ele ocupava na arte nacional. Era um grande crítico, um grande pintor, um grande coração.

— Um borrador de tabuletas. Um borrador de tabuletas — balbuciava Dâmaso, humilhado.

— Que entendes tu disso? — disse, com grande desprezo, Vítor. E voltando-se para Madame de Molineux: — É um génio. Tem um temperamento de grande artista, um pouco exaltado, à Delacroix. O seu quadro da Missa, um quadro que ele esboçou, é uma obra sublime. É uma crítica profunda do catolicismo.

Fazia frases, citava os

admiradores de Camilo, frases elogiadoras do Senhor D. Fernando. Inventava. Disse os nomes de Courbet, Ary Scheffer, Decamps, Meunier, Carolus-Duran; esmagando Dâmaso com um palavreado literário, que o fazia escarlate. E para o embaraçar, para o humilhar:

— Que tens tu a dizer ao quadro dele, *A Taverna?* Que tens tu a dizer? Todo o mundo concordou que era uma revelação.

Era uma má tela, que Camilo expusera, que alguns amigos tinham celebrado em folhetim. Mas Dâmaso, que não conhecia *A Taverna*, disse apenas, com mau modo:

— Eu cá não gostei. Não gostei, acabou-se.

— Mas porquê? É a ideia? A ideia é cheia de observação, de finura, de fisiologia. É o desenho? É de uma firmeza de mestre! É a luz? Um tom admirável, transparente, em que os personagens vivem! E o colorido? Um colorido nítido, brilhante, firme — e lançou ao acaso: — um colorido à flamenga, o colorido dos mestres!

Dâmaso calava-se, humilhado. Madame de Molineux tinha seguido as palavras de Vítor com avidez. Fazia instintivamente os mesmos movimentos de cabeça, tinha os mesmos olhares: como se aquelas palavras, caindo na sua alma, a agitassem das impressões que traziam. Disse enfim:

— Se é um artista dessa ordem, é uma honra para mim que ele queira fazer o

meu retrato.

Vítor apressou-se logo a dizer o plano de Camilo, calando os detalhes críticos, falando apenas no *boudoir* de seda, na *causeuse*, na túnica, nos ombros decotados...

— Perfeitamente, perfeitamente — disse Madame de Molineux.

Dâmaso interveio:

— Minha senhora, se quer o seu retrato, deixe-me trazer-lhe o espanhol, que tem tirado os retratos a todas as pessoas conhecidas. Tira-os a duas moedas, e muitíssimo parecidos.

Vítor então ergueu-se. E, para Madame de Molineux, encolhendo os ombros e abrindo os braços:

— À vista de uma tal opinião, não tenho mais nada a dizer. Mande vir o

espanhol.

Madame de Molineux ergueu-se também:

— Mas não! Mas não! A ideia do espanhol é tola.

Dâmaso ia falar.

— Por quem me toma? — disse-lhe Genoveva com grande altivez. — Imagina que vou deixar fazer o meu retrato por algum pintor ambulante, a duas moedas por painel?...

— Tem muita habilidade!... — protestou Dâmaso. — É muito barateiro.

Vítor disse, com um ar triunfante:

— Ah! Se é uma questão de dinheiro, escusam de se afligir. O Camilo não fala em dinheiro. Pretende fazer uma obra de arte. Não encontra um modelo, em Lisboa, digno. Viu Madame de Molineux,

e desejava retratá-la pela sua beleza, pela sua figura, esperando fazer alguma coisa de notável. Mas não fala em dinheiro. De modo nenhum.

O peito de Genoveva arfava:

— Traga-mo amanhã, para combinarmos.

— Mas — ia dizer Dâmaso, escandalizado.

Madame de Molineux fitou nele dois olhos agudos como dois golpes de florete:

— Mas quê? Que tem com isso?

Vítor triunfara. Tinha-lhe vindo o sangue-frio, a segurança, a facilidade de palavra. Disse, com ironia:

— Eu sinto vir perturbar-lhes a felicidade, com a minha ideia. Mas, pelo amor de Deus, não se fala mais nisso. Não

se fala mais nisso.

E Genoveva, agitada, trémula, disse:

— Fala. Fala-se nisso. Amanhã às duas horas. Venha com o homem — e abaixou a cabeça.

Vítor saiu, dizendo a Dâmaso:

— Até à vista!

O outro fez-lhe com os dedos um adeus seco. Ficou a passear pela sala, com as mãos nos bolsos, soprando. E apenas sentiu a porta fechar-se, voltando-se para Madame de Molineux:

— Então que querem dizer esses modos, Genoveva?

Ela disse-lhe muito friamente:

— Não me excite, que eu estou nervosa.

Aquela secura, o seu rosto pálido,

assustaram Dâmaso:

— Mas que lhe fiz eu?

Ela ergueu-se violentamente:

— Ouve aquele homem chamar-me ave de arribação, e não tem nada a responder-lhe! Deixa-se, na minha presença, tratar de imbecil! Não disse hoje senão asneiras, cobriu-se de ridículo! Ora eu posso suportar tudo. Sabe Deus o que tenho suportado na minha vida. Posso aturar um homem velho, um malvado, um brutal, um bêbado, um cínico, um monstro. Não posso aturar um tolo!

Dâmaso ficou petrificado. Imóvel, lívido, batia com as pálpebras, como um homem mal acordado. Sentia um zumbido nos ouvidos. E não lhe acudia uma ideia, uma palavra, uma interjeição.

— Bem, adeus — disse ela, impaciente daquela figura imóvel.

— Manda-me embora?

Genoveva teve um gesto de impaciência frenética:

— Mando, mando, mando! Estou farta da sua cara, da sua figura, da sua palermice, de si. Adeus.

Dâmaso bateu com as mãos uma na outra:

— Que grande tolo que eu tenho sido!

Agarrou no chapéu e saiu, soprando, apoplético, furioso.

Durante duas horas Genoveva passeou pelo quarto, numa agitação extraordinária. Miss Sarah veio à sala, mas, vendo-a naquela excitação e conhecendo os seus repentes, retirou-se

prudentemente, cerrando a porta.

Genoveva sentia uma cólera frenética, irracional, contra tudo, contra todos. Odiava Dâmaso, Vítor, a si, o pintor, Lisboa, a vida! E naquela confusão de ideias entrechocadas, uma sobretudo irritava-a: a indiferença de Vítor, a sua serenidade, as suas réplicas, o seu ar de superioridade, de indiferença. Odiava-o sobretudo a ele. Vinham-lhe ideias de partir de Lisboa, ir para Paris. Mas, como estava cheia de dívidas lá, não tinha dinheiro. E além disso, num repente de cólera, ofendera Dâmaso! Mas também não podia suportá-lo, com aquele ar balofo, aquele modo próspero, os ademanes, a perna gordinha. E era no fim contra ele que sentia convergir todas as suas vagas irritações.

Havia dias que vivia numa excitação permanente. A sua situação era cheia de dificuldades, de embaraços. Adorava Vítor. Uma paixão frenética, servil, fanática, apossara-se dela. Tinha trinta e oito anos; e via-se a amar loucamente um rapaz de vinte e três anos. Aquela paixão não se assemelhava a nada do que sentira. Até aí, reconhecia-o agora, não tivera senão caprichos, *toquades*, manias, ilusões, desejos dos sentidos, fogachos do temperamento. E de repente, quase velha, um amor completo, irresistível, fanático, apossava-se dela. Amava-o com todos os entusiasmos da alma, e todas as fibras do corpo. Sentia-se capaz de o servir de joelhos, com a devoção de uma irmã de caridade, e a abnegação de uma mãe. E desejava

devorá-lo de carícias, com todas as alucinações de uma bacante, e as torpezas de uma prostituta.

Tinha conhecido homens mais formosos, outros mais inteligentes. E todavia nunca nenhuma beleza a fizera tremer tanto, e nunca palavras humanas a tinham enlevado tanto. Ele vivia no seu cérebro de um modo absorvente e tirânico. Como um vírus, aquela paixão penetrara na sua carne, nas profundidades do seu temperamento, nas circunvoluções do seu cérebro, de modo que não havia ideia dentro em si que não fosse para ele, desejo no seu sangue que se não voltasse para ele. E o que havia de fazer? O seu desejo era viver só com ele: porque nem por sombras suportava a ideia de pertencer a outro homem, logo que se

tivesse dado a ele. Tinha, como todas as cortesãs, a distinção muito exata entre o *homem* e o *amante*, o *homem*, o que paga os luxos, a casa, a quem se dá um amor mercenário e uma afeição bem-educada; o *amante*, aquele que não paga, recebe mesmo presentes, e a quem se dão todos os entusiasmos do coração e todos os ardores da sensualidade. Mas nem por sombras podia suportar a ideia que Vítor pudesse ser o seu *amante*. Se se desse a ele, nunca se daria a outro. Quereria viver com ele, só, absolutamente. E para ele ser o seu *amigo*, nem ele nem ela tinham dinheiro.

Poderia vender as suas joias, alugar uma pequena casa, desfazer-se dos seus luxos, e viver com ele numa estreiteza medíocre. Ele aceitaria talvez.

Mas quanto tempo? Ela tinha trinta e oito anos. Podia ser ainda bela dez anos. Mas depois? Depois? Ele aborrecer-se-ia dela, gostaria doutra, poderia casar. E o que seria ela então? Achar-se-ia abandonada, pobre, muito velha para recomeçar vida, muito infeliz para a suportar sequer. Lembrara-lhe às vezes de aceitar esta situação — e um dia, quando visse nele os primeiros arrefecimentos da saciedade, entrar num convento, ou matar-se. Teria tido, ao menos, anos de uma felicidade infinita. E depois, acabou-se: daria os restos a Deus, o último amante, tão condescendente, que aceita todos os inválidos do sentimento, ou ao diabo! Mas tudo isto, como ela refletia, era romance. Conhecia-se bem. Não era mulher para se resignar às grades de um recolhimento e

aos caldos de um refeitório. E enquanto a matar-se, olha quem! Ela que, se tinha uma dor de cabeça, chorava de terror, ela tão amiga da sua carne, que se idolatrava, que tinha o culto minucioso de si mesma, destruir-se? Nunca! Sabia bem qual seria o seu futuro, se se ligasse com ele: apenas o visse frio ou menos amante, começaria uma vida de lutas, de ciúmes, de cóleras. Acabaria por se dar ao álcool, ao gim. Acabaria nalgum hospício, velha, miserável e inválida.

Aquela paixão viera no momento mais delicado da sua vida. Tinha apenas dez anos para fazer fortuna. Enquanto fosse bela, com a sua ciência do amor, a sua habilidade de intrigante, poderia ainda achar um homem que lhe organizasse uma independência para a

velhice, ou que se casasse com ela; ou, por um e outro, cem libras aqui, cem libras além, ir fazendo, de economia em economia, a reserva para o tempo dos reumatismos. Mas para isso devia esquecer Vítor, voltar para Paris, ter o espírito sereno, a habilidade aguçada, *tento na bola*, e a mão segura à manobra. E podia fazê-lo? Podia separar-se dele? Já não podia.

— Não, isso não! — murmurava, torcendo os braços de amor e de desejo.

Aceitaria tudo, as dificuldades, as misérias, as amarguras, mas não se separaria dele! Até aí vivera numa espécie de incerteza; adorando-o já, mas não se sentindo ainda pronta aos sacrifícios extremos. Ia-se apressando em *cardar* Dâmaso; e nos últimos tempos,

fazendo-lhe todos os dias a representação ruidosa de um amor exaltado, tinha-lhe subtraído somas consideráveis. Começara a compreender que *era uma mina*, *aquele imbecil*, e explorava-a com entusiasmo e com sagacidade. Mas quando Vítor estivera uma semana sem voltar, depois do passeio a Queluz, a sua paixão exaltara-se. Julgara hábil não lhe escrever, irritá-lo pela representação de uma indiferença completa. Mas cada dia a presença de Dâmaso a *agaçava* mais. Tinha dias em que só o toque da campainha retinindo lhe fazia mal aos nervos:

— Vejo-lhe logo a mão gordinha, a puxar o cordão da campainha — dizia ela a Mélanie.

Depois, no dia em que viu Vítor

com a Aninhas no Teatro das Variedades, reconheceu que estava estupidamente apaixonada. Ao vê-lo com a outra, tudo se lhe confundia diante dos olhos como numa vertigem. Mas com o hábito tenaz da dissimulação, teve a força de lhe sorrir, de fitar o palco, de estar dois atos, de sorrir a Dâmaso, de fazer observações. Mas quando entrou em casa, depois de dizer a Dâmaso que não entrasse, que estava doente — que explosão de cólera, só, no seu quarto, com Mélanie! Rasgou literalmente o vestido, chorou, espedaçou dois frascos de cristal. Queria sair, ir a casa dele, queria matar a criatura. Toda a sorte de ideias torvas, absurdas, lhe ferviam na cabeça. Bebeu meia garrafa de gim, e depois de uma cólera delirante que lhe deu o álcool, em que Mélanie teve

todo o trabalho em a conter, adormeceu bêbeda. Ao outro dia, tinha o aspeto envelhecido. Estava envergonhada de si mesma. Mas o ciúme subsistira, e a paixão crescera.

Depois, esperara todos os dias que Vítor voltasse; fazia planos, que abandonava; escrevia cartas, que rasgava; chorava. E todas estas exaltações eram ocultas, porque, vendo comprometido o interesse do seu coração, queria ao menos assegurar os interesses da sua algibeira, e aparecia sempre a Dâmaso risonha, agradável, com um ar mimoso, mas pálida, e ardendo em ódio.

8

Vítor saiu de casa de Genoveva, com a alegria de um general que deixa, depois de uma vitória, ao anoitecer, o campo de batalha. Muitos sentimentos vinham dar-lhe a doce sensação de uma carícia consoladora. Tivera graça, facilidade de palavras. Mostrara a Genoveva que os seus desdéns eram retribuídos com desprezos maiores. Humilhara Dâmaso, achatara-o, confundira-o. E tinha conseguido o retrato e um pretexto para visitas futuras. Vingara-se, mostrara a sua força, alcançara uma vantagem estratégica. «Sou um Bismarck!», pensava, vergastando o ar com a badine. Nunca a vida lhe parecera

tão boa. E sentia-se com inteligência, força, para combinar outras intrigas, triunfar nas salas, reinar pela habilidade. Sentia-se vagamente um político. Vinham-lhe mesmo baforadas de ambição. No fim de tudo, para que se havia de fazer desgraçado, pondo-se a amar semelhante *pega*? Devia trabalhar, seguir a sua carreira, ser deputado, ministro. E via-se passando o Chiado com um correio, ou pisando os tapetes do Paço, com a sua pasta de estadista sob o braço coberto de uma manga bordada a ouro.

Caminhava tão depressa, que, ao pé do correio, esbarrou com um sujeito atabafado num paletó.

— Oh, João Meirinho!

— Oh, amigo Silva.

E chegando-se para a porta do

correio, conversaram logo de Madame de Molineux. Meirinho não voltara lá desde a *soirée*.

«Estava realmente envergonhado. Mas não tivera um momento de seu.» Imediatamente fez o seu elogio, com a sua vozinha fina, cantada: «Era uma pessoa muito distinta. Não era virtuosa. Mas, que diabo, também se todo o mundo fosse virtuoso, o mundo era muito aborrecido.» E ria da sua própria malícia.

— Não é verdade, amigo Silva, não é verdade?

«Ah», continuava, «mas aqui em Lisboa estava deslocada! Era necessário vê-la em Paris. Tem espírito, tem formas. E recebe muito bem. E veste-se... E entende de carruagens!... Ele mesmo ouvira dizer à Cora Pear, a Cora, aquela

boa Cora, à Marechala do Deboche»...

— Eu chamo-lhe a Marechala do Deboche. Pus-lhe o nome. Tem graça, não é verdade, amigo Silva? A Marechala do Deboche! Uma ocasião até o disse ao príncipe de Orange. Sua Alteza riu. Dignou-se rir.

E ele mesmo cascalhava, erguendo o pé, todo nervoso.

Mas calou-se, arregalou uns olhos quase aflitos. Tinha-se esquecido inteiramente do que estava a dizer. Tinha às vezes daquelas falhas de memória.

— A respeito da Cora.

— Ah! — quase deu um berro. — Ouvi a Cora dizer dela: «*Elle est très forte, cette petite portugaise!*» Eu conhecia-a muito. E Monsieur de Molineux, um velho divertido... Que

ceias!... Ah, já lá vai tudo!... Paris, sem um Império, não vale nada...

E oscilou a cabeça com melancolia, como se visse, estendidas no pátio, as ruínas de França.

Mas Vítor, tomado de uma ideia súbita, disse-lhe familiarmente:

— O Meirinho, quer você vir jantar comigo ao Central?

— Pois sim, meu caro, pois sim. Jantamos num dos gabinetes. Há um *Mouton-Rothschild* delicioso, delicioso. E barato: umas duas libras, a garrafa. Às seis, hem?

— Às seis, na Casa Havanesa.

— *Au revoir!*

E sem razão Meirinho riu, franzindo toda a face. E afastou-se, com as abas do paletó ao vento.

Vítor achava a sua ideia excelente. Meirinho, bem alimentado e bem bebido, diria tudo o que sabia sobre Madame de Molineux. Vítor esclareceria assim certos pontos obscuros, teria enfim ideia de quem era aquela *aventureira*. Queria conhecer o seu passado, os seus amantes, a sociedade de Paris, os seus ditos. E bateria as recordações do Meirinho como quem bate um mato até fazer sair a lebre.

E dirigiu-se logo ao quarto andar de Camilo Serrão, para o prevenir que Madame de Molineux os esperava no dia seguinte, às duas. Foi a bela mulher, a «fêmea» de Camilo, que veio abrir a porta. Fez-se um pouco corada ao vê-lo. E disse que o Camilo não estava...

— Desejava então deixar-lhe escrito um pequeno bilhete.

Joana fê-lo entrar no *atelier*. E enquanto procurava pena e tinteiro, Vítor observava-a. Apesar de ser inverno — ou por pobreza, ou por desdém dos agasalhos — trazia um roupão de chita amarelada, enxovalhado, que, pousado decerto apenas sobre a camisinha, deixava em toda a liberdade de movimentos o seu corpo esplêndido. Sentia-se que não tinha colete, e a elevação do seio revelava contornos de uma firmeza escultural. A vida encerrada naquele quarto andar fizera-lhe perder as cores vivas da aldeia. Era muito branca. Apenas as mãos tinham conservado a dureza avermelhada e calosa dos trabalhos plebeus. E os ombros, as ancas, os braços, tinham a beleza de uma grande estátua, sentindo-se a circulação de um sangue quente, e uma

pele látea e macia. Mas o que perturbava Vítor era aquele roupão amarelado colado ao corpo, revelando, nos movimentos, formas quase nuas. Como o teto era baixo, parecia mais alta. E com o seu perfil aquilino, a testa curta de mulher romana, o queixo redondo e firme, os seus olhos negros, cerrados, aveludados e pasmados, parecia, no meio daquela desordem artística de esboços de pinturas, e de gessos estatuários, uma escultura viva, vestida de cozinheira.

— Não se incomode — disse então Vítor. — Eu escrevo com o lápis.

Ela afastou-se para o pé da janela; e Vítor, voltando a cabeça, viu que ela fixava sobre ele os seus soberbos olhos pretos. O coração bateu-lhe. Sentiu como uma baforada de sensualidade paga

perturbá-lo. O silêncio do *atelier*, o largo divã amarfanhado, davam-lhe ideias de um desejo bruto; e a sua mão, escrevendo, tremia consideravelmente.

— Bem — disse, terminando —, aqui deixo o bilhete para quando ele vier.

Ela baixou a cabeça. E todavia Vítor não saía. Calçava devagar as luvas, um pouco pálido, embaraçado, perturbado, procurando uma palavra.

— Muito bonito dia! — achou por fim.

— Está muito bonito.

Tinha uma voz cantada, cálida. Vítor pôs-se a olhar pelas paredes, como para ver os esboços. Parou defronte do cavalete, onde o esboço grosso e empastado de uma paisagem de ocaso mostrava um tronco caído, ao pé de uma

cabana.

— Muito bonito isto! — disse ele, voltado para ela, indicando a tela.

Ela ficara à janela, onde as suas linhas magníficas destacavam na luz um pouco baça e degradada. Tinha os braços caídos, as mãos enlaçadas. Vítor continha-se para não lhe tocar, não lhe pôr as mãos, tanta era a atração magnética que saía daquelas formas soberbas.

— Então não se esquece de lhe dar o bilhetinho, hem?

— Não, senhor.

Vítor então procurou a badine. Tinha-a atirado para cima do divã, mas não a achava, olhava em redor. Ela procurava também. E ambos ao mesmo tempo viram-na caída entre o divã e a parede. E no movimento de a apanhar, o

peito de Vítor roçou pelo ombro dela. Pareceu-lhe que um calor animal, muito brusco, lhe passava sobre a pele, como a impressão de uma carícia forte. E quando Joana endireitou o busto, estava escarlate, tinha uma expressão tímida, carregada, e o olhar parecia mais sombrio.

Vítor estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Muito boas tardes, minha senhora.

— Adeus.

A sua mão apertou a de Vítor, ficou na dele, mole, inerte, com a sua pele dura de lavradeira.

Vítor, na rua, respirou. Parecia-lhe que saía de um forno, onde circulava um ar pouco são, e uma sensualidade pesada. Aquela mulher perturbava-o, como certas atmosferas quentes, de eletricidade. Jurou

mesmo não se demorar mais com ela só — *porque, enfim, que diabo, é necessário ser homem de bem!*

Mas não podia perder a lembrança daquelas belezas fortes, robustas, pagãs. E sobretudo o que o excitava era o que havia naquele corpo. Dava-lhe a sensação de um calor morno, dissolvente, delicioso ao contacto, estonteador.

— Terrível criatura, safa!

Mas às seis horas tinha-a esquecido, descendo alegremente a Rua do Alecrim, com Meirinho, para o Hotel Central. Meirinho, apenas chegou, chamou o *maître d'hôtel*, teve um conciliábulo com ele, discutiu, refletiu, e veio dizer a Vítor, que na sala de leitura folheava um velho volume das obras de Gavarni:

— Temos um jantarzinho de

apetite. Mas é necessário esperar meia hora — e vendo o volume: — o Gavarni? Ah, o Gavarni, muito pândego, muito pândego!

E para passarem a meia hora, propôs que fossem acima ver o seu especial amigo, o barão de Markstein, um diplomata, que estava adoentado. E para dissipar a hesitação de Vítor:

— Eu apresento-o. Excelente pessoa. Muito fino. Um cavalheiro.

Vítor foi, por indolência, por inércia; deixou-se arrastar até ao salão de repes azul do diplomata. E imediatamente o barão apareceu, com um passo miudinho e dançado, conchegando com o braço esquerdo, ao corpo, um *robe de chambre* de ramagens, e com a mão direita pondo e tirando, em cortesias rápidas, um fez

turco. Tinha os queixos amarrados num lenço de seda preta, e a sua fisionomia, fina e alourada, tinha a expressão difusa de uma melancolia estúpida. Apertou a mão de Meirinho com um afeto profundo, fez sentar Vítor, ofereceu, com a voz desfalecida, charutos. E desculpou-se logo, contando que no último domingo, em casa do Marquês, à saída, tinha apanhado um frio, vira-se obrigado a tirar um dente. Meirinho lamentou, com palavras desoladas. O barão encolheu os ombros, com uma resignação triste. E defronte um do outro, sorriam, diziam-se doçuras.

E Meirinho então começou a falar na retirada, de que se tinha falado, do embaixador de Espanha. O barão exaltou-se, e levantando-se declarou: «Que não havia nada decidido, não havia nada

decidido. Que todavia era possível que houvesse alguma coisa. Mas estava simplesmente em projeto. De positivo, nada. Era arriscado afirmar. Era possível. Mas devia-se abster de toda a opinião muito firmemente expressa. Era assunto excessivamente delicado. Que era possível. E todavia pedia que não tirassem das suas palavras nenhuma ilação. Não, ele era como outro qualquer. Dizia só: era possível. Mas não queria dizer que soubesse, ou lho tivessem dito. Não, de modo nenhum. Naquelas coisas era muito cauteloso. Muito cauteloso...» E levou a mão ao queixo, com uma carantonha, que dissipou num sorriso.

Quis então mostrar a Meirinho o último retrato que tirara. E com o seu passinho miúdo e dançado desapareceu na

alcova.

Meirinho voltou-se para Vítor, arregalou os olhos, e teve um gesto, que exprimia: «Um grande homem! Muito profundo!»

O barão apareceu, com mãos cheias de retratos. Tinha-os: vestido de manhã, fardado, vestido de baile, recostado a uma coluna truncada, vestido para a caça, e o último, encostado à mão numa atitude filosófica, examinando um mapa.

E de pé, com os dedos no queixo, esperava a opinião de Meirinho.

— Admirável! — disse Meirinho.

O barão então contou que oferecera um a Sua Majestade El-Rei. «Tinha hesitado. Era um assunto muito delicado. Tinha meditado muito. Mas

como Sua Majestade lhe tinha um dia, rindo, pedido o seu retrato, julgara poder... Pois não se imaginava a benevolência de Sua Majestade. Aceitara-o, dignara-se aceitá-lo. E até lhe dera um de Sua Majestade mesmo. Era uma honra, uma grande honra. Não teria apreciado mais se lhe tivessem dado uma grã-cruz. Que não supusesse que ele a ambicionava, ou que aquilo era uma maneira de indicar, de lembrar, que a ambicionava. Às vezes uma palavra mal interpretada... Mas realmente a cordialidade de Sua Majestade fora adorável. Não se imaginava um monarca tão benévolo, tão simples, tão afável. Ele participara logo ao seu governo aquela honra. Não recebera a resposta, mas estava certo que faria muito boa impressão, muito boa

impressão.»

E voltando-se para Vítor, disse que «estava encantado com Portugal. O clima era divino. A sociedade perfeita. É uma benevolência, uma benevolência...»

Ofereceu então, como a el-rei, um retrato a Meirinho. Meteu-lho num sobrescrito, que colou, lambendo-o, com esforço do queixo doente, e uma correção burocrática. Entregou-lho com uma cortesia. E quando eles se retiraram, veio acompanhá-los, dizendo ainda: «Que não supusessem que ele sabia nada sobre a retirada do embaixador de Espanha. Exprimira a sua opinião como particular. Era um assunto muito delicado.»

Quis saber onde Vítor morava. Jurou-lhe que raras vezes encontrara um mancebo de tanta ilustração. Perguntou se

o não encontraria, na quinta-feira, em casa do presidente do Conselho. Resvalou algumas palavras sobre a grande fama europeia do presidente do Conselho. E ficou à porta, curvado numa atitude de F, murmurando cumprimentos, que se perdiam nas dobras do lenço.

— Homem muito profundo — veio dizendo Meirinho, que trazia o retrato na mão, com cautela, como um Santo Sacramento.

O jantar dos dois foi longo, delicado, copioso. O *Mouton-Rothschild* era excelente.

Falaram naturalmente muito de Genoveva. Mas Meirinho, que parecia ter adquirido a reserva contagiosa do diplomata, manteve-se em generalidades vagas. Falou sobretudo de Monsieur de

Molineux. Descreveu as suas opiniões políticas, o lindo palacete que tinha na Rua de Lorde Byron, a sua voracidade à mesa, a sua repugnante velhice, os seus vícios...

— Enfim, ela nesse tempo tinha algum amante? — disse Vítor. — Não se podia contentar com o velho...

— O velho... o velho... — e Meirinho cascalhava: — Eh! Eh! Tinha muita experiência, tinha muitas habilidades! — querendo dar a entender que no velho a ciência da libertinagem substituía a sedução da mocidade.

Mas quando o criado entrou com *perdreaux aux choux*, quase se enterneceu. Verificou se tinham posto os bocadinhos de *roquefort* em que ele insistira, e quando reconheceu *que sim*,

que lá estavam, o seu olhar húmido exprimiu em redor, para o criado, para Vítor, um reconhecimento enternecido.

Serviu-se com abundância. Encheu o copo. Viu que não lhe faltava nem o talher nem o pão, que a janela estava bem fechada, o gás firme. E satisfeito com a sua felicidade, atacou a perdiz, dizendo a Vítor:

— Eu não quero dizer mal. O meu amigo conhece-me, sabe que eu não sou homem de mexericos. Vejo, oiço e calo. É a minha filosofia. — Teve, na cadeira, gestozinhos contraídos, como se lhe fizessem cócegas. Repetiu: — É a minha filosofia. Mas a verdade é que, no tempo do pobre Molineux, ia lá um rapaz, um La Chasteneraie, bonito rapaz... Não que eu visse. Não que eu visse!...

Mas, sob a influência da perdiz e do *Mouton-Rothschild*, concordou *que vira*.

«Ele não queria dizer mal. Mas era ali entre eles, não é verdade? Pois vira. Vira-a um dia... Era uma *soirée* em casa do pobre Molineux. Ao pé da sala de jantar havia uma estufa. Estavam todos no salão a jogar. Ele por acaso entrara na estufa, que estava mal alumiada, e ele não queria dizer mal — e chegando-se muito para Vítor —, mas estava deitada nos braços dele, a desfrisar-lhe o cabelo! Isto vi eu!»

Vítor repeliu o copo com um gesto tão brusco, que se entornou vinho. Meirinho precipitou-se a humedecer dois dedos na toalha ensopada, e passava-os pela testa, dizendo:

— É para a boa sorte. É para a boa sorte...

— E que é feito desse rapaz?

— Morreu! Morreu! — E a voz de Meirinho tomou tons lúgubres: — Morreu na guerra! Na guerra!

Vítor sentiu uma satisfação, um vago reconhecimento pelas vitórias alemãs.

— E Madame de Molineux havia de ter um grande desgosto.

Meirinho encolheu discretamente os ombros. Mas vendo o criado entrar com uma garrafa de champanhe, não se conteve, e disse:

— Qual! Mulher sem coração! Aqui para nós, eu não gosto de fazer intriga, mas a falar a verdade, aqui entre nós, é uma aventureira — e acrescentou:

— Da pior espécie. Da pior espécie.

Provou o champanhe. Achou-o excelente. E recostando-se na cadeira, exprimiu grandes suspeitas sobre Madame de Molineux.

— Como? Como?

— Ali há mistério! — E Meirinho tomou um aspeto solene. Disse mesmo, com uma voz cava: — Ali há tragédia.

A curiosidade de Vítor estava excitada. Com os cotovelos na mesa, devorava Meirinho com os olhos. Mas o excelente homem falava a espaços, muito ocupado agora do seu rosbife, comendo com método, fazendo estalar a língua, concentrando-se para saborear. E foi só quando o criado trouxe uma *charlotte-russe*, que Meirinho, depois de ter passado a mão pela testa, como para

classificar e dispor as suas recordações, *largou tudo:*

— Aqui está como eu vim a desconfiar. Eu sabia que ela era portuguesa. De resto é fácil ver-se. Tem um acento, no francês, dos diabos. Agora não tanto. Mas tinha. Abria cada E e cada O! Desagradável, desagradável. Ora, naturalmente, eu não sou metediço, o amigo conhece-me, mas tive curiosidade de saber, é natural, não é verdade? Tive curiosidade de saber donde era: se de Lisboa, se da província. Disse-me que era da ilha da Madeira. Que família? Gomes. Gomes?!, disse eu comigo, não me cheira a ilha da Madeira. Não me cheirava. Eu tenho faro — e mostrava-o farejando por cima da mesa. — Disse comigo: nem tu és da Madeira, nem Gomes! Mas enfim, que

diabo, jantava-se muito bem em casa dela, era muito amável. Que me importava a mim quem ela era? Dos portugueses em Paris, ninguém a conhecia. De resto ela não é nova. Tem trinta e nove ou quarenta anos. Mas muito bem conservada! Ainda a não viu decotada? Ho! — e Meirinho ergueu os braços ao ar. — É um colo, e um seio! É um caso de perder a cabeça! — e os seus olhos dilatavam-se extraordinariamente. — Pois senhores, um dia aparece em casa do Molineux um sujeito, um brasileiro chamado Couceiro, apresentado por, por... Enfim, não lembro. Esta memória, esta memória! Homem ordinário, com um aspeto... — procurou a palavra, hesitou, mas com uma resolução brusca: — Que diabo, nós estamos aqui entre amigos... Com um aspeto de

facínora. E era-o! — ajuntou num tom soturno! — Não se sabia bem a sua história, mas falava-se de um assassinato. O caso é que ele tinha casado com a viúva de um homem em casa de quem era caixeiro. Já rico. E depois fez uma fortuna brutal. Vivia em Paris, com um luxo, um luxo! Enfim, falado. Mau gosto, muito mau gosto, mas à grande. Madame de Molineux sabia perfeitamente o que se dizia do brasileiro, mas recebia-o. Que lhe importava a ela, não é verdade? Era milionário, jogava e perdia. Que tivesse assassinado, ou que não tivesse assassinado, essas coisas em Paris não influem. Tinha dinheiro? Pois bem! Vem cá, meu ai-jesus! Um dia, num jantar, o Couceiro, de repente, pôs-se a dizer, em português, a Madame de Molineux: «A

senhora nunca esteve na Guarda?» Pois, menino, eu estava a olhar para ela, e via-a positivamente...

A porta abriu-se, e o criado entrou, dizendo que «o Sr. Barão de Markstein perguntava se não seria indiscreto, vindo tomar com eles o seu café».

— Não, certamente — disse Vítor, contrariado, olhando para Meirinho. — Que sim, certamente.

— É muito amável, é muito amável — disse logo Meirinho, radioso.

— Mas continue, Meirinho. Ia a dizer que a viu...

— Que a vi, quem?

— A Madame de Molineux, quando o brasileiro lhe disse...

Mas a porta tornou-se a abrir, e o

barão entrou, tirando e pondo o seu fez. Pediu logo que lhe jurassem que não era importuno. «Mas sentia-se em cima tão só. E conhecendo a cordialidade dos Portugueses, de que tinha tantas provas, julgara... Mas realmente, não era importuno? Não vinha interromper nenhuma conversação?...»

E só depois de muitas afirmações «que não!, que não!», se resolveu a sentar-se, com muitos gestos, muitos cumprimentos da sua face amarrada no lenço, pedindo que se não incomodassem, que fizessem de conta que ele não estava ali. E remexendo o seu café, pediu, como um favor, como uma esmola, notícias da sociedade. «Estava, havia dias, em casa, e não sabia nada do que ia, não sabia nada. Quem tinha estado em casa do ministro do

Brasil? Se a receção da rainha tinha estado concorrida? Se tinha estado esta, aquela? Como estava Sua Majestade? O que ia na Ópera? Ele não sabia nada, não sabia nada. Estava inteiramente envergonhado.»

Mas Meirinho sabia tudo, ele. Informou-o miudamente. E Vítor, picando com a faca casquinhas de tangerina, furioso daquela interrupção, escutava aquela conversação sobre pessoas que não conhecia, um pouco humilhado, receando que, interrogado pelo barão, tivesse de revelar a falta de relações aristocráticas.

E mesmo para o evitar, lançou algumas frases sobre a questão do Oriente. Teríamos a guerra?

O barão afundou a fisionomia nas

dobras do lenço e, encolhendo os ombros: «Era difícil dizer. Não era possível avançar uma opinião. Tudo parecia extremamente complicado. Era grave, muito grave. No entanto... Que ele exprimia apenas uma opinião individual. De modo nenhum considerassem as suas palavras como partindo de um homem público. Não. Era grave. Era muito grave. Era tudo o que se podia dizer. Haveria a guerra? Não haveria a guerra? Eis a questão. Era excessivamente grave.»

E com os olhos fitos na chávena, as sobrancelhas erguidas, absorto, remexia devagar o seu café.

Vítor falou no chanceler do Império Russo, o príncipe Gortchacoff...

— Muito profundo! — observou logo, respeitosamente, o barão.

Vítor lançou o nome de Bismarck.

— Excessivamente profundo! — disse o Barão.

E acrescentou que «era grave, muito grave». E convidou-os a passarem a noite com ele. Viria o secretário de França, o adido de Itália, e fariam um whist. Meirinho aceitou logo, com grande júbilo, «contanto que fosse um whistezinho barato. Porque não valia a pena, não é verdade, entre amigos, para passar a noite agradavelmente, porem-se com preços...»

O barão aprovava. «Decerto! Decerto!» E sentia muito que Vítor não quisesse ficar.

— Não, não posso. Tenho uma visita.

O barão curvou-se, e lembrou que

o melhor seria irem para o seu quarto. «Tinha um excelente conhaque, charutos...» Mas Vítor, que não podia falar particularmente a Meirinho e tirar-lhe o resto da história de Madame de Molineux, despediu-se dele no corredor, dizendo:

— Eu por lá apareço, Meirinho.

— Apareça, meu bom amigo. Apareça. Excelente o seu jantar. Ótimo. Fizemos um jantarzinho delicioso.

E foi seguindo, muito contente, o barão, que ainda da escada, saudando Vítor, punha, tirava o seu fez.

Vítor saiu muito contrariado. Tinha agora um desejo profundo de saber o resto da história do brasileiro. Decidiu-se a ir no outro dia ao Hotel Universal procurar Meirinho. E indo ao acaso,

achou-se, insensivelmente, descendo a Rua do Correio, para São Bento. Não resistiu a passar por casa de Madame de Molineux. À porta estava o coupé de Dâmaso. Havia luz na sala, no quarto dela. Aquilo contrariou-o mais. E lamentando alto o pobre tolo do Dâmaso, por estar metido com semelhante aventureira, pisava a rua com um passo irritado, sentindo uma turbulência de temperamento, uma irascibilidade, e vontade de chicotear Madame de Molineux, e de lhe morder aquele colo maravilhoso de que falara Meirinho, e que lhe punha no sangue uma faiscação vibrante.

Genoveva, com efeito, ao anoitecer, tinha mandado a Dâmaso este bilhete:

Meu querido, perdoa. Eu estava nervosa, não sabia o que dizia. Hoje peço-te que venhas. Não tenho feito senão chorar.

E Dâmaso, exaltado, chegara, a galope.

Genoveva, acalmada a sua exaltação da manhã, tinha refletido na inconveniência da sua *cena* com Dâmaso. No fim, aquele imbecil é que tinha o dinheiro. Fossem quais fossem os seus sentimentos, ou as suas resoluções, era necessário não o escandalizar. Se a sua paixão, o seu interesse, o reclamassem, poderia depois expulsá-lo. Mas até lá convinha seduzi-lo, estonteá-lo, sugá-lo, e, nota a nota, espremer-lhe os últimos

sucos de generosidade. Fez uma *toilette* um pouco provocante, e «armada» — como ela dizia — «esperou o bicho».

Apenas ele entrou, esbaforido, estendeu-lhe as duas mãos, fez um gesto cheio de humildade amorosa, dizendo:

— Perdoa. Estava nervosa hoje.

Mas ficou surpreendida vendo que Dâmaso não desenrugava a testa. Conteve a sua cólera. Murmurou, pondo-lhe as mãos nos ombros:

— Mas que posso fazer eu mais? Todas as mulheres têm os seus nervos. Foi um momento de arrebatamento.

Dâmaso, com um aspeto carrancudo, resmungava:

— Foi de mais, foi de mais. Puseste-me fora. Não, não. Eu cá sou pão, pão, queijo, queijo. Dessas cenas não

gosto. Não gosto, acabou-se.

Ela afastou-se, e fez-lhe uma cortesia:

— Bem — disse, muito friamente. — Demonos um bom aperto de mão, e acabou-se. As nossas relações findaram. Seremos apenas dois bons amigos.

E afetando uma voz nervosa, comovida:

— Está frio, não?

Dâmaso devorava-a com o olhar, sensual. E rompendo:

— Tu não tens paixão por mim, Genoveva!

Ela sorriu tristemente, e erguendo os olhos como para invocar o testemunho dos céus, seus confidentes:

— Não tenho paixão por ele! — e irritada: — Por quem me toma? Que

mulher pensa que eu sou? Se não tenho paixão por si, consentiria no que consenti? — suspirou. — Bem, bem, meu amigo. Não falemos mais nisso. Acabou-se. Que vai hoje em São Carlos?

Tinha-se sentado, numa atitude que dava às suas formas um relevo delicioso. Ele veio cair no sofá, junto dela, quase sobre os seus pés.

— Que me magoa! — disse ela, muito doloridamente.

— Foi sem querer! — e pôs-se mais à beira do sofá, tomou-lhe a mão entre as suas mãos gordinhas: — Mas diz que tens paixão por mim!

Ela endireitou-se, e prendendo-lhe o pescoço, com uma voz cálida, de que ele sentia o hálito amoroso:

— E porque estou em Lisboa?

Porquê? Imaginas que não tenho em Paris relações, amigos, que dariam tudo, tudo, dinheiro, honra, vida, para estarem agora comigo, sobre um sofá, nesta posição? Porque estou eu em Lisboa? — E pondo na voz um acento intensamente amoroso: — Por ti! — disse-lhe baixo. E beijou-lhe a outra orelha.

Dâmaso encolheu-se num arrepio de gozo, abraçou-a. Balbuciava:

— Juras? Juras?

— Juro, meu bichano! — E atraía-o, envolvia-o, enlouquecia-o, beijando-o com carícias que o abrasavam, e palavras que enfatuava: — Gosto tanto de ti, deste bochechinhas gordo. Fazes-me tão doida! Ah, monstro, tu bem o sabes, por isso abusas. Diz. Diz que gostas da tua Genovevinha. Diz. Mas diz-lho bem. Diz-

lho ao ouvido. Diz-mo na boca...

E Dâmaso arfava, soprava, sentindo fogo no sangue.

— Mélanie! — gritou Genoveva com uma voz seca e vibrante.

Mélanie correu. Teve um sorriso ao ver Dâmaso. Cumprimentou-o, exprimindo como a alegria geral da casa em o ver de novo, a ele, o amado, o amo, o senhor.

— Traz-me qualquer coisa para beber. — E para Dâmaso: — Que queres tu, amor? Faz-lhe alguma coisa de muito bom, Mélanie, a este monstro. Queres café, feito à turca, com todo o pó?

Dâmaso hesitava, com o seu sorriso espesso, vermelho.

E Genoveva, com um ímpeto, agarrando-lhe a cabeça:

— Oh, querida carantonha! Mas que fizeste tu? Porque te amo eu? Tu não és muito bonito, nem muito brilhante. Mas então? É uma mania. Faz o café à turca, sim, Mélanie.

E Genoveva correu ao piano. Dizia-se alegre, leve:

— Vês? Estou outra. Em tu aparecendo, estou outra.

E cantou:

Chaque femme a sa toquade,
Sa marotte, et son dada.

Interrompeu-se, veio para ele:

— Tu és a minha *toquade*, a minha *marotte*, o meu *dada*.

Mas Dâmaso, com a sua grossa desconfiança burguesa, murmurou:

— Mas porque fazes tu olho àquele idiota do Vítor?

— Olho? — fez Genoveva. E soltou uma risada. E repetia: — Olho? Se se pode dizer! Àquele bonifrate! Porquê? É bonito? — E com um gesto de ombros: — Ai meu rico, tenho visto muito homem bonito! Que importa o Vítor? Deixa lá o Vítor.

Mas Dâmaso disse-lhe então:

— Pois sim. Mas então faz-me uma coisa. Vamos passar quinze dias para Sintra.

Aquela proposta brusca desconcertou Genoveva.

Deu uma volta sobre si mesma, abaixando a cabeça, com um movimento habitual quando queria disfarçar uma sensação, e respondeu:

— Para Sintra, porquê?

— Para estarmos quinze dias. É uma pândega. O tempo está lindo. Vamos para minha casa, se quiseres. Senão, vamos para a Lawrence...

— Mas realmente não sei... — disse Genoveva.

— Ah, vês? — exclamou Dâmaso. — Não queres sair de Lisboa, é o que é! Tu pensas que eu não percebo? Pai Paulino tem olho.

Madame de Molineux deixou fugir entre as pálpebras um olhar que foi como o clarão de um tiro. Odiava Dâmaso naquele momento, ferozmente. Mas abrindo os braços, com um gesto triste:

— Ai está! Estava tão contente, e aí vens tu com cenas, com desconfianças, com ridicularias. Não. É melhor acabar. É

melhor acabar.

E pela sala, arrastando o sussurro das sedas, mordia convulsamente o lenço.

Dâmaso foi passar-lhe o braço pela cinta, e falando-lhe sobre o pescoço:

— Mas que repugnância é essa em vir a Sintra? É uma coisa que te peço. Estamos quinze dias lá, na grande paródia. Leva-se uma caleche, come-se e bebe-se...

Enquanto ele falava, Madame de Molineux tinha visto toda a vantagem daquele isolamento, em que ela o poderia fazer correr, e *cardá-lo* cruelmente.

Voltou o rosto, e com o olhar que o abrasava:

— Mas vamos, meu querido, se queres. Porque não? Estou, tu estás, estou eu bem. Há fogões em tua casa?

— Não. Mas vai-se para a Lawrence. Escrevo-lhe amanhã. Prepara tudo à grande. Está lindo em Sintra. É uma lua de mel. Hem, sua velhaca, sei ou não da coisa?

— És um monstro. E eu adoro-te.

Foi nessa noite que combinaram, definitivamente, mudar da Rua de São Bento. Dâmaso alugaria um andar mobilado da Rua das Flores. Completar-se-ia com alguns móveis do Gardé. Comprar-lhe-ia uma vitória. E instalá-la-ia definitivamente, oficialmente, como a do Dâmaso.

Ao outro dia, Vítor, muito impaciente, esperava Camilo Serrão, para irem a casa de Genoveva. O *rendez-vous* era para as duas horas. Mas era uma hora e três quartos, e Camilo não aparecia.

Esperava-o na sala, nervoso, calçando e descalçando as luvas, passeando, indo-se a todo o momento debruçar na janela. Às duas horas mandou um galego a casa do Serrão. «O senhor não estava.» As duas e meia, furioso, foi ele mesmo. Um rapariguito, esguedelhado, que abriu a porta, disse que «o senhor não aparecera desde pela manhã». Vítor desceu as escadas, amaldiçoando Camilo, voltou a casa saber se ele tinha vindo, mandado algum bilhete. Nada. Foi, ao trote do batedor, às Variedades, onde Camilo pintava. Depois de subir, procurou, indagou. Não estava. Eram três horas. A entrevista estava perdida. Achava Serrão um canalha, indigno de interesse. Far-lhe-ia perder o retrato, ele ficaria obscuro e morreria na miséria.

— Aquele alarve! — disse ele, subindo o Chiado, com desespero.

Foi escrever um bilhete a Genoveva. E depois de rasgar umas poucas de folhas de papel, decidiu-se por uma redação espirituosa e ligeira:

> *O grande artista, com a sua natural distração de homem de génio, esqueceu a honra que V. Ex.ª fazia de o receber. Os artistas são grandes crianças, a quem é necessário perdoar muito, porque sentem muito. Mas logo que o alcance, conduzi-lo-ei, amarrado de pés e mãos, a obter o seu perdão, e contemplar o seu modelo.*

A satisfação que lhe deu a

invenção desta prosa dissipou-lhe um pouco a irritação da entrevista estragada. E, para se distrair, foi ver a Aninhas.

A Rosa disse-lhe logo:

— Ai, a senhora está numa aflição.

Encontrou-a estendida na cama, lavada em lágrimas. E, apenas o viu, com gestos aterrados, os olhos vermelhos, disse-lhe que, pelo amor de Deus, não se demorasse. «Que estava perdida. O Policarpo tinha recebido uma carta anónima, em que lhe contavam os amores dela com Vítor. O Policarpo estava furioso, queria deixá-la, tirar-lhe a mesada. Uma desgraça! Uma desgraça!»

— E que disseste tu? — perguntou Vítor, assustado.

— Eu? Ora, neguei. Neguei a pés

juntos. Mas o bruto, o animal, não quer acreditar. Disse que ia consultar um amigo, e veria. Estou à espera dele. Ai! Ai! — e rolava-se no leito, com prantos dilacerantes.

Vítor estava sucumbido. A honra exigia que, abandonada pelo Policarpo, fosse protegida por ele. E viu logo os embaraços, as despesas, a prisão, a seca. Mas as lágrimas dela afligiam-no. Ia quase consolá-la, dizer-lhe que se encarregaria de a «fazer feliz». Mas receou comprometer-se tão positivamente, e disse-lhe logo:

— Bem, então safo-me, que não venha ele.

Aninhas atirou-se-lhe ao pescoço:

— Que infelicidade a minha! Já acendi uma vela a Nossa Senhora da

Alegria. Mas quem sabe? Diz que vinha às quatro horas. O bruto, o animal! Oh, meu Vitorzinho, diz: se a tua Aininhas ficasse na miséria, que fazias? Diz, amor.

— Ó filha, que pergunta! Tudo se havia de arranjar...

— Vai. Adeus! Eu te mandarei dizer. Oh, que ódio que eu tenho àquele bruto! O que ele disse!

Bateram à campainha.

Aninhas ficou petrificada:

— É ele! Ai, Nossa Senhora me valha! Ai, Vítor! Estou perdida!

Tremia, pálida, agarrada ao braço de Vítor, que olhava ansiosamente, procurando um esconderijo, um buraco, uma saída.

Mas Aninhas respirou. Reconhecera a voz da mulher da fruta. E

levando a mão ao coração:

— Oh, que susto! Estou morta! O que eu sofro por ti, meu amor, o que eu sofro!

Vítor enterneceu-se. Beijou-a muito. Ela foi acompanhá-lo até à porta, gritando à Rosa que não se esquecesse de ir renovar o azeite à lamparina de Nossa Senhora da Alegria.

9

Vítor, no outro dia, procurou por toda a parte Camilo Serrão, sem o encontrar. Nas Variedades, um rapazola de blusa azul, que passeava sobre uma *floresta* de pano de fundo, estendida no soalho, fumando um cigarro, disse-lhe que o Serrão, quando a obra não apertava, desaparecia dois ou três dias. «Tinha telha, o Serrão.» Mas que o melhor era ir procurá-lo ao Botelho, com taverna na Rua dos Retroseiros.

Foi. Frigires de peixe, uma vaga fumaçada, de um cheiro sebento, enchia a taverna. O chão negro parecia de terra calcada. Dois bicos de gás derramavam uma luz crua e dura. E dos seus cubículos,

formados de tapigos e cobertos por cortinas de chita velha, saíam as vozes duras dos fregueses. Num desses recantos, ao anoitecer, Serrão, com os cotovelos sobre uma toalha cheia de nódoas, comia o petisco célebre do estabelecimento, frângão com ervilhas, com um rapazola amarelo, cheio de espinhas carnais, uma carita miúda e triste, que tinha um *cache-nez* azul. O Serrão apresentou-o como «o amigo Tadeu», «o Tadeu». E apenas ouviu as queixas de Vítor, que lhe exprobrava ter faltado à entrevista, ter-lhe causado um desapontamento, trovejou contra a exatidão:

— Se imaginam que um artista deve ser pontual como um tabelião, puh! Não é verdade, amigo Tadeu?

Tadeu tossiu, cuspinhou,

aconchegou o *cache-nez*, bebeu um trago de vinho, e disse:

— Puh!

— Tu não conhecias o amigo Tadeu?

Vítor não tinha «essa honra».

— Mostra lá, ó Tadeu! — disse logo Serrão.

Tadeu tomou, ao pé de si, num banco, um rolo de papel, e, abrindo-o sobre a mesa, expôs um desenho. Era uma composição confusa, tratada a esfuminho, onde se distinguiam, debaixo de umas ramagens de uma altitude secular e violenta, algumas figuras vestidas de altas botas e chapéu à mosqueteiro, bebendo à porta de uma taverna. Pareciam ser soldados ou cavaleiros. E eram todos de constituições obesas, apopléticas,

transbordando de uma força hercúlea, e exibindo uma jovialidade bestial. Os pulsos poderiam ter morto toiros com uma simples pancada. E as arcas dos peitos tinham uma dilatação de força que parecia que as respirações deviam ser fortes como vendavais, e a palavra atroante como morteiros. Um tinha sobre os joelhos uma moça, de formas colossais, transbordantes, com as faces cheias, os peitos enormes, os braços grossos como colunas. Outro, das mesmas proporções, ria, de uma gargalhada estridente, mostrando gorduras amplas, lombos, ancas, músculos, disformemente bestiais. E aquilo intitulava-se *As Raças Fortes*. E a pintura opulenta contrastava comicamente com o pintor esguio. Vítor, interrogado, achou «magnífico,

magnífico!».

— Há força, hem, há poder! — exclamava Serrão. — É a poesia brutal e fulgurante da Carne! Todas estas figuras comem monstruosamente, bebem rabelaisianamente, têm uma jovialidade retumbante, têm a colossal musculatura, o esplendor das cores sãs, a expansão da forte matéria animal. É copioso, rico, opulento, forte, gordo, brutal e são. É a poesia da Carne! O Tadeu é um Rubens! É gigantesco. É uma boa lição à raça moderna, magra, pálida, anémica, clorótica; às raças mal alimentadas, respirando o ar viciado dos cubículos, nutridas nas confeitarias, e bebendo orchata. Não há nada como a força!

Tadeu tornou a tossir, desoladamente, e disse, passando os

dedinhos magros sobre o chupado amarelado do rosto:

— A força é tudo! É necessário pintar a força!

Serrão então lamentou a civilização moderna, sobretudo o que ele chamava a *depressão nacional*:

— A pintura é impossível em presença da raça portuguesa. Não há homens nem mulheres. Há figurinhas de *biscuit*, criaturinhas dessoradas, cheias de humores linfáticos, de um mundo de figuras de missanga, de uma amarelidão de hospital. Nem andam, nem riem, nem se movem, nem pensam. Resvalam, têm um sorrir desfalecido, os rins quebrados, os braços moles, um ar gelatinoso. É uma raça caquética, mirrada, espremida, lassa, cor de pele de galinha.

E lamentava «os tempos heroicos, em que os homens eram colossais, as mulheres como umas estátuas vivas; em que as distrações eram as guerras, e as galas eram matanças. Bebiam-se odres de vinho numa festa. Comia-se um javali sobre um prato de oiro. O sangue que escorria era escarlate, duro, espesso».

— Que sangue!

— Que sangue! — murmurou debilmente Tadeu.

«Os amores eram de pura forma animal. O homem levava a mulher para o bosque, e durante a noite se ouvia o rugido de uma sensualidade franca e heroica.»

— Uma noite — exclamou ele —, que o cavaleiro Ernalton de Espanha estava em casa do conde de Foix, notou

que o fogo da chaminé era escasso. Pudera! Ardia só um tronco de árvore. E imediatamente, descendo ao pátio, onde tinham chegado da floresta burros com grades de lenha, tomou um burro, com a carga a tirar, atirou-o para as costas, subiu com ele os vinte e quatro degraus de pedra que levavam à galeria, e atirou para a chaminé a lenha, a carga, o burro, e tudo! Que homem!

— Que homem! — disse, arregalando os olhos, Tadeu.

— Pinta-me esta cena! Pinta-me esta cena, tu que compreendes a força! Não a vês daí?

— Estou a vê-la — disse Tadeu, com a boca cheia de frango.

— A alta sala de muralhas de pedra, com a chaminé onde cabem os

despojos de uma floresta. Os tonéis de vinho a um canto, que se levam à boca e se emborcam. Espadas e montantes pesando trinta marcos, lançados a um canto. Os gigantescos barões, bárbaros e formidáveis, com cabelos sobre o peito como ouropéis, os olhos sanguíneos, conversando de batalhas e de rapinas. Menestréis tocando na harpa as façanhas do feiticeiro Virgílio. E mulheres, com seios poderosos à mostra, braços nus que poderiam matar um touro, narinas sensuais, por onde sai uma lufada quente e a cheirar, num furor lúbrico, depois de beberem hidromel, onde se lançam especiarias que vêm da Taprobana! Que gente! O Tadeu compreende-os.

— Se compreendo! A força! As idades bárbaras! — e arranjava o *cache-*

nez.

Vítor tinha um vago embaraço. Pareciam-lhe doidos. E não podia tirar os olhos de Tadeu, lívido, com aspeto de doença dos intestinos, mórbido, cheio de tosse, um amarelado oleoso na pele, e comendo uma a uma as ervilhas com a ponta do garfo. Disse então timidamente:

— Ó Serrão, então quando?

— Amanhã. Amanhã às duas.

Mas antes de Vítor sair, quis-lhe fazer beber Colares, e comer amêndoas torradas. Fez-lhe as honras da taverna. E para lhe mostrar uma curiosidade, chamou o Fabião.

O Fabião veio. Era um galego, de cara lorpa, com as mangas da camisa arregaçadas. Serrão pediu-lhe logo que recitasse a lista. O Fabião riu e,

endireitando-se, pôs as mãos na cinta, cerrou os olhos, disse com uma voz sem interrupção, de um jato:

«Canja, sopa de ervas, arroz de marisco, bacalhau de cebolada, pescada frita, frango com ervilhas, salsichas com couve, chispe, mãozinhas de carneiro, vitela estufada, vitela assada, lombo de porco, cabeça de vitela com feijão, pato com azeitonas, orelheira, rim, carne para bifes, tudo pronto, preços sãos, vinho do lavrador, a rica amêndoa torrada! Salte, que é uma ocasião, sem esquecer o Fabião!

Os dois pintores torciam-se.

— Mostra o bíceps!

O galego arregaçou a camisa até ao ombro, e exibiu um braço de músculos salientes e resistentes, disformes.

Fizeram-no beber. Ele, de um trago, esvaziou o copo. E passando devagar as costas da mão pela boca:

— Então não hão de querer mais nada?

— Traz-nos belas ninfas nuas, de formas clássicas — disse Serrão, rindo muito.

O Fabião riu também.

— Traz-nos mulheres bárbaras, cobertas de pedras preciosas, que saibam esganar uma serpente entre os dedos...

Mas no cubículo ao lado ergueu-se uma altercação. Vozes roucas, com punhadas na mesa, injuriavam-se. O Fabião foi tranquilamente ver a *festa*. O Tadeu, aterrado, procurava o chapéu. Mas a altercação acabou, houve risadas, vozes que pediam «tinta», para a reconciliação.

Vítor enfastiado ergueu-se, e depois de obter de Serrão a promessa de ser pontual, saiu, deixando os dois de novo mergulhados num louvor comum da força e da animalidade.

Mas daí a dois dias, pôde obter que Serrão o acompanhasse a casa de Madame de Molineux. Ficou extremamente contrariado quando o viu aparecer com o seu paletó alvadio e o seu chapéu mole desabado. Que ideia faria Madame de Molineux daquele artista tão desleixado, de grandes cabelos riços, feio, com as botas por engraxar? Mas, por timidez, não lhe fez nenhuma observação. E partiram, numa tipoia.

Justamente quando entravam na Rua de São Bento, viu Miss Sarah, seguida pelo seu fiel *Nep*, grave, vestida

de preto, séria, caminhando com os cotovelos unidos ao corpo, o passo certo, o olhar direito. Vítor apeou-se, correu a perguntar-lhe se estava em casa *madame*.

Miss Sarah corou ao vê-lo, sorriu com os seus longos dentes carnívoros, e pareceu muito surpreendida que ele não soubesse que estavam, havia três dias, para Sintra. Vítor ficou sucumbido.

«Sim, tinham ido para Sintra, os dois pombinhos. Ela ficara com Mélanie, para fazerem a mudança.»

— Que mudança?

«Iam mudar de casa», explicou Miss Sarah. «Iam mudar para uma esplêndida casa!»

E, firmemente plantada nos dois largos pés, direita, devorava Vítor com o olhar. Quis-lhe ainda falar do tempo,

prendê-lo um momento, conversar. Mas Vítor despediu-se, atarantado, correu ao coupé, e saltando para dentro:

— Foi-se — disse, dando uma punhada no joelho.

E imediatamente rompeu em acusações amargas a Serrão: «Tinha sido a culpa dele! Tinha-se farto de esperar: tinha partido. Agora naturalmente nem queria o retrato, nem pensava nisso. Tinha perdido uma ocasião! Havia de ser sempre assim, com os seus desleixos. Nunca havia de fazer carreira. Havia de morrer obscuro, pobre, cheio de filhos, uma ruína, um trapo!

— Suspende! Suspende! — exclamava Serrão, querendo suster aquela eloquência irritada. — Suspende, amigo!

— É tua a culpa! É tua a culpa!

— *Mea culpa! Mea maxima culpa!* — disse Serrão, rindo.

Mas Vítor estava desesperado, e exalava sobre o Serrão a cólera que o afogava:

— Se é decente fazer assim esperar uma senhora! Se são maneiras...

Serrão respondia, já exaltado:

— Os artistas são reis. Não estão às ordens dos burgueses. O Papa Júlio humilhava-se diante de Rafael. Francisco I apanhava os pincéis de Ticiano.

— Vai para o diabo! — exclamou Vítor, saltando da carruagem, pagando ao cocheiro.

Serrão desceu atrás, citando Rubens implorado de joelhos por princesas para que ele se dignasse fazer-lhes o retrato, Carlos I de Inglaterra

erguendo-se quando entrava Van Dick: «A arte é uma realeza!»

Vítor atirou-lhe uma obscenidade, e afastou-se.

— E aqui me deixas — exclamava Serrão —, nesta rua inóspita, entregue às feras, sem modelo, sem tipoia, náufrago no bairro das Cortes.

— Para o Inferno! — atirou-lhe, já de longe, Vítor.

E deixando Serrão atónito na rua, com os braços abertos, olhando melancolicamente a tipoia que se afastava, Vítor correu a casa de Madame de Molineux. Queria falar a Mélanie, interrogá-la, saber o que queria dizer aquilo: Sintra, a mudança...

Achou em cima a porta aberta, e entrou em casa. Bateu as palmas.

Levantou o reposteiro da sala, e viu diante de si Mélanie, e pelo lado do quarto de Genoveva, desaparecerem as largas costas de um homem de jaquetão. Mas Mélanie, sem se perturbar, pediu-lhe que se sentasse, festejou-o, perguntou porque não tinha aparecido — com modos familiares de dona de casa, e intenções de confidente. Na sala estavam duas grandes malas abertas, que Mélanie arrumava. Pelas cadeiras havia vestidos, embrulhos em jornais, caixas de chapéus. No chão estavam pilhas de roupa branca, donde escorregavam *sachets*. Viam-se rendas, fitas de camisinhas de noite, toda uma revelação de intimidades femininas, que davam a Vítor toda a vaga perturbação de nudezas entrevistas.

— Então para onde se mudam?

— Para a Rua das Flores. Para o terceiro andar, à esquina. Uma casa linda, arranjada de novo. — E gabava a casa. Mas aqueles elogios irritavam Vítor, e perguntou:

— E onde estão, em Sintra?

— Na Lawrence. Eu vou amanhã, pois fiquei para arranjar as malas. Demoram-se em Sintra quinze dias.

— Sim senhor, sim senhor! — disse Vítor, começando a enrolar um cigarro.

Mélanie correu a buscar um fósforo. E Vítor deu alguns passos pela sala. «Assim, estava definitivamente estabelecida com a besta do Dâmaso!» E Vítor não sentia nem ciúme, nem tristeza. Tinha-lhe ódio. Achava-a reles, estúpida. O que a desprezava, santo Deus! Dizia

consigo: «Podia vir de joelhos, aos seus pés, aquela tola, que lhe não pegava nem com tenazes.» Mas o seu pé, tendo encontrado um chapelinho, deu-lhe um pontapé que o fez estourar contra a parede. E todos aqueles lençóis, saias, o aroma que saía daqueles desarranjos, irritavam-no. «Eram aquelas rendas que Dâmaso amarrotava! Era naqueles lençóis bordados que o animal se refastelava! Não. Realmente esse amigo, o Dâmaso! Só o queria ter ali! Só queria que ele lhe dissesse uma laracha!» E ria só consigo: «Ah, que coça! Como lhe quebraria, com prazer, costela por costela! Não por ciúmes, puh! Mas porque sempre embirrara com ele. Era um burguês, um estabelecido, um janota. Odioso!» E como Mélanie entrava com a caixa de fósforos:

— Então lua de mel em Sintra, hem?

Mélanie teve um gestinho de cabeça, um sorrisinho, encolheu os ombros e, dobrando, arrumando as malas, com os gestos ligeiros, ia dizendo:

— Quando se não tem aquilo de que se gosta, é necessário gostar-se daquilo que se tem.

— Como na *Grã-Duquesa*, bem sei — disse Vítor, estendendo-se numa *voltaire*, familiarmente. — Gosto de a ver tão forte nos clássicos, Mélanie.

Mélanie teve um risinho, repetiu, com um olhar fixo para ele:

— Quando se não tem aquilo de que se gosta...

Vítor ergueu-se bruscamente, e chegando-se a Mélanie:

— Que quer isso dizer, Mélanie? Diga lá.

A sua voz era séria, os olhos brilhavam-lhe. E bastaram aquelas palavras de Mélanie para que o seu desprezo por Genoveva desaparecesse, e lhe viesse uma esperança imensa. Insistia com ela:

— Que é? Diga.

Mélanie recuava, com medozinhos, pondo as mãos diante do rosto, como para evitar um beijo:

— Mas eu não sei nada. Eu ando no meu serviço. A mim ninguém me diz nada.

— Diz, Mélanie. Sê boa rapariga. Diz. Ela tem-te falado de mim?

Tinha-lhe tomado as mãos, que eram secas, e finas, de grandes dedos. E

Mélanie encolhia-se, queria desprender-se. «Não sabia nada, não sabia nada.» E os seus olhos atiravam piscadelas de luz a Vítor, com uma vivacidade fina e uma atenção concupiscente. Mas soltou-se das mãos dele, e correndo a cima de uma jardineira, tomou uma caixa oblonga de marfim, com o monograma de Madame de Molineux em prata. E afirmando sempre que *madame* nunca falava em nada, era muito calada, limpava a caixa, acariciava-a, abria-a, fechava-a. Vítor enfim, com uma desconfiança, disse:

— Deixa ver a caixa, Mélanie.

Ela apertou-a contra o peito, correu para outra extremidade da sala, fingindo-se assustada, como querendo esconder uma revelação, com muitos trejeitos, rindo muito cantadamente. Vítor

perseguia-a, queria apanhá-la. Ela tinha risinhos histéricos, cócegas na alma, pulava. E o seu corpo magro tinha ligeirezas finas de corça, e movimentos quentes de pantera.

— Mélanie, dou-te duas libras, se me deixares ver a caixa.

Era tudo o que tinha na algibeira. Mas a sua curiosidade esperançada dava-lhe uma prodigalidade absurda.

— Duas libras, Mélanie! — Fê-las saltar na mão.

Mélanie, com a caixa atrás das costas, o busto estendido, veio examinar as duas libras, com um olhar guloso.

— E não diz nada a *madame*?

— Juro-te!

— E que me dá mais?

— Que diabo! Não tenho mais

nada. Duas libras e um beijo.

— Palavra?

— De cavalheiro.

Mélanie então, com solenidade, abriu-lhe a caixa ao pé do rosto. Havia um ramo de violetas murchas, e duas luvas amarrotadas.

Vítor ficou furioso:

— Tu roubaste-me, Mélanie.

Mas Mélanie, muito séria, mostrou o ramo seco. «Não se lembrava? Era um que ele um dia tinha trazido, quando a viera ver e ela estava doente. E não se lembrava de ter perdido uma luva? Ali estava.»

Era uma luva dele, e cada um dos dedos estava apertado, num nó, a um dos dedos de uma luva de Genoveva.

Uma cor rubra, de prazer, subiu ao

rosto de Vítor.

Mélanie estendeu a mão e a face.

— Escuta, Mélanie — disse Vítor, perturbado. — Achas que ela gosta de mim?

— *Madame*? — e ergueu os braços ao céu. E então, rapidamente, baixo, com um tom sério: — Eu não o devia dizer, e se ela sabe, mata-me. Mas eu não a posso ver sofrer e chorar e arrepelar-se. E aquele animal do Dâmaso enguiça-me. *Madame* está doida por si. É uma loucura. É a sua primeira paixão.

O coração de Vítor bateu com pancadas precipitadas.

— Quando achou esta luva, sabe o que fez? Não digo. Digo. Atirou-se aos beijos a ela, e agarrou numa luva dela e prendeu assim os dedos como vê. Diz que

era assim que estava unida consigo. Tolices, hem! Eu digo-lhe às vezes: «Ai bem, senhora, é bem tola em se ralar por um homem! Homens não faltam.» Mas ela, não. Para ela não há outro...

— É verdade, Mélanie? — disse Vítor, com a voz profundamente perturbada.

— Então que há de ser senão verdade? — e ria, estendia a mão.

Vítor deu-lhe as duas libras com alegria. Desejava dar-lhe mãos cheias de notas. Toda a casa lhe parecia transfigurada. As malas abriam-se, como vagas brancuras de roupas, num côncavo de leito cálido e amoroso. As rendas das camisinhas enterneciam-no. Os perfumes pareciam-lhe o hálito de Genoveva. Um amor imenso, profundo, enchia-o, batia-

lhe o peito, como as ondas crescentes de uma inundação repentina contra as paredes de um cais.

Uma ideia súbita, brusca, tinha-lhe atravessado o espírito, enchendo-o de um vago rasto doce e luminoso, como um meteoro: ir vê-la, ter com ela.

— Então na Lawrence, hem?

— Na Lawrence. E o beijo?

Vítor riu, agarrou-a pela cinta, e no movimento que fez o rosto dela, beijou-a na boca. Mélanie fez-se um pouco pálida, os seus olhos embaciaram-se:

— Parece que a senhora que tem razão — disse ela finamente.

Vítor tinha tomado o chapéu, e apontando o quarto por onde desaparecera o homem do jaquetão:

— Diverte-te.

— Puh! — fez ela, encolhendo os ombros.

Vítor, ao descer a rua, tinha o seu plano feito: ir a Sintra. Não considerara se ela gostaria daquela perseguição, se Dâmaso se enfureceria de ciúmes. Queria vê-la. Parecia-lhe a vida impossível quinze dias, sem ela. E julgava, agora que se sabia amado, que ela levava consigo o ar respirável e a luz necessária.

De resto, iria por Cascais, de modo que pareceria um encontro casual. As palavras de Mélanie tinham-lhe devolvido a esperança, sem lhe dar uma certeza. E aquela certeza, queria-a. A agitação, as dúvidas, as torturas, em que passara toda aquela última semana, pareciam-lhe agora insuportáveis. E,

como um homem que se resigna diante de uma porta fechada, mas que se arremessa se a porta se entreabre, agora que Mélanie lhe deixara entrever um relance do amor de Genoveva, queria vê-lo inteiro, completo, diante de si. E, se não fosse verdade, então que lho dissesse, que o desprezasse, que lhe voltasse as costas. Ao menos seria uma decisão, o *fim*. Esquecê-la-ia, e consolar-se-ia.

E agora atribuía-se a si mesmo toda a indiferença de Genoveva. Ele não se mostrara nem bastante amante, nem bastante paciente, nem pertinaz. O amor é sobretudo a paciência. Pedira-lhe paixão, à pressa, de repente, logo ao segundo dia, como um credor. E como ela se escabreara, tivera as hesitações naturais da mulher, o retraimento instintivo do

corpo desejado; ele, como um brutal, irritara-se, afastara-se. O que queria ele então? Que ela, como uma mulher do Bairro Alto, mal ele a fitou, se dirigisse logo para a alcova? Que estúpido que fora! E a sua ida a Sintra era como uma reparação delicada desta impaciência grosseira: mostrava a persistência, a humildade, a simpatia tenaz do cão que segue; mostrava ser dependente dela. Uma coisa sua, um satélite. Positivamente, devia ir a Sintra.

Mas não tinha dinheiro. E aquela dificuldadezinha mesquinha, vindo atravancar-se diante da fulgurante marcha dos seus desejos, irritou-o. Que diabo, ia ter com o tio Timóteo. Timóteo dava-lhe uma mesada, e Vítor nunca fazia pedidos excecionais fora daquelas quantias

regulares. Estava por isso um pouco nervoso. Desejaria saber se ele estava de bom humor. Chegou-se à porta do escritório, para ver se o sentia assobiar, o que era indício de uma disposição amável. Havia um profundo silêncio. Mas o desejo deu-lhe a decisão. Entrou. E viu o tio Timóteo adormecido na sua larga poltrona. A um movimento que fez *Dick* vendo Vítor, o tio Timóteo abriu um olho, com a cabeça de lado, como um pássaro, e rosnou vagamente.

«Que ferro! Estava de um humor de cão de fila!» Vítor percebia-o tão bem! Pôs-se a acariciar *Dick*, a brincar com ele, a dar-lhe beijos no focinho:

— Ah, meu famoso *Dick*...

— Que queres tu? — resmungou o tio Timóteo.

— Eu? Nada, tio Timóteo.

Foi à janela, rufou nos vidros, e plantando-se diante dele:

— A dormir a sua soneca, hem?

O tio Timóteo bocejou, como um leão enfastiado.

E endireitando-se na cadeira:

— Encontrei o Dr. Caminha. Diz que tu ultimamente não pões o pé no escritório.

Vítor jurou, mentalmente, espancar o Dr. Caminha.

— Eu? Que tolice! Tenho ido. Não tenho ido muito? Não...

O tio Timóteo, inteiramente despertado, acrescentou logo, com violência:

— E para quê? Para andar a palmilhar o Chiado e o Pote das Almas,

como um basbaque. O prazer de vadiar em Lisboa! Que se vadie em Londres, em Calcutá, enfim, compreende-se. Mas em Lisboa! Admirar o quê? A boneca do Godefroy? As figurinhas do Seixas? A parelha do Anão? Bonito divertimento!...

Vítor disse então:

— Não. Tenho estado adoentado. — E tossiu, tristemente. — Até estou com muita ideia de estar dois ou três dias a Sintra. Não me sinto bem — e passou a mão pela cabeça. E cheio de coragem: — Até desejava que o tio Timóteo me desse algum dinheiro.

O tio Timóteo pulou na poltrona:

— A Sintra? Para quê?

Sintra era justamente um dos seus ódios. Não suportava os elogios clássicos das suas paisagens. Pareciam-lhe ser a

admiração mesquinha e ignorante de quem nunca viu a maravilha dos bosques, as montanhas, da Índia.

Vítor lembrou a vantagem de mudar de ar.

— Muda de vida. O ar é bom. A vida é que é má. Deita-te a horas, come com regularidade, não faças versos, vai higienicamente ao escritório; e verás que saudezinha. Sintra! É uma ideia de rendeiro...

— Não, realmente preciso... — insistiu Vítor, com um tom dolente.

— Aí, anda *saia* — disse Timóteo, ameaçador.

E Vítor, conhecendo o fraco dele pelas aventuras libertinas, confessou, com um sorriso fátuo, que havia *saia*.

— Quem é? — disse

simplesmente Timóteo, tomando uma grande pitada de um pote de rapé.

Vítor hesitou. Viera-lhe a ideia de contar *tudo*. Tinha tanta necessidade de falar *dela*! Demais, o tio Timóteo concorreria com dinheiro para proteger um caso galante. E não era ele o seu bom amigo, o velho e simpático tio? Abriu os braços, numa lassitude de confissão:

— Pois bem, digo, tio Timóteo. É a do Dâmaso.

— A do Dâmaso? Dá-te trela?

— Entendemo-nos.

— Quanto queres tu? — bradou, com um júbilo imenso, o tio Timóteo. E sentando-se no *fauteuil*, abrindo rapidamente uma gaveta da escrivaninha: — A do Dâmaso! Homem, nunca as mãos te doam! Conta comigo. Aquele asno do

Dâmaso! Palavra de honra, que me remoça, isso. A besta é que paga, e tu... Ótimo! Anda, meu rapaz. Queres ir a Sintra? Três dias? É necessário levar dinheiro — e pôs-lhe sobre a mesa um castelinho de quinze libras. Ergueu-se. O olho luzia-lhe. — E é um peixão! É ótimo! Gosto disso, homem. A besta do Dâmaso! E quando vais?

— Depois do jantar.

— Clorinda! — gritou Timóteo. — Apressa o jantar.

Estava radioso. E esfregando as mãos:

— Hás de me contar depois. Contar tudo! Tudo.

E fitava Vítor com amor, com orgulho dele.

***

E às seis horas, Vítor, com a sua pequena maleta aos pés, rolava pela estrada de Benfica, no coupé do Toirão, um batedor.

Ia muito nervoso. Como a encontraria? O que estaria a fazer? Que lhe diria? Imaginava já os diálogos. Naturalmente estariam no fim do jantar. Via-a bem, à mesa da Lawrence, com os seus dois candeeiros de azeite, as duas janelas para o terraçozinho. Fingir-se-ia muito admirado, exclamaria: «Que surpresa!» E que história inventaria? Diria que vinha por causa de uma demanda, ver umas terras. Palavras vagas, e obscurecidas pela nomenclatura forense. Passariam a noite no salão. Jogariam

talvez, ou, se a noite estivesse serena, iriam tranquilamente passear sob a escuridão das árvores. Teria uma ocasião de lhe falar? Poderia resvalar-lhe na mão um bilhete. Referir-se-ia às duas luvas de dedos entrelaçados. Redigiu mesmo, chupando o seu cigarro, um bilhete lacónico, profundo e poético: «Faça à minha alma o que fez à minha luva: enlace-a com a sua!» Pareceu-lhe medíocre. Achou preferível pôr em francês: *Que les deux gants soient le symbole de nos destinées!* Mas decidiu-se, com receio do Dâmaso e com um respeito pelo chique, a escrever em inglês: *I saw the gloves. Might our souls be put together so closely.* Tinha a vaga desconfiança que era mau inglês, mas achava aquele laconismo impressionador.

Na Porcalhota, enquanto os cavalos descansavam e o Toirão bebia um cálice de aguardente, foi andando a pé. Escurecia já, e no ar frio duas estrelinhas luziam. Havia um silêncio, e só à distância se arrastava o ladrar lento de um cão. Parou então. A estrada ia entre dois muros baixos de pedras soltas, e para além os campos magros estendiam-se, perdendo-se na obscuridade difusa, com alguma árvore, que fazia uma sombra mais carregada, com a sua ramagem despida.

E Vítor, andando devagar, pensava nela. Sentia agora um amor enchê-lo que, condizendo com o lugar, tomava alguma coisa do vago da noite e da solenidade do silêncio. Pensou como seria doce viver com ela no campo, nalguma aldeia afastada. Nas noites de inverno, estariam

ao canto do fogão, olhando-se, falando baixo. O vento, fora, passaria em rajadas frias, os cães da quinta ladrariam. E quem passasse na estrada voltaria olhares curiosos para a luz da casa deles e, pensando em família, em amor, em interiores, suspiraria, continuaria o seu caminho na noite desolada. Porque, para certos temperamentos, a inveja que provoca a felicidade é que lhe dá todo o sabor.

As duas lanternas do coupé corriam na estrada. Vítor parou. E saltando para dentro:

— Larga, Toirão!

Porque os mais pequeninos incidentes lhe davam uma felicidade, como tendo o picante do romance e da aventura; só, no seu canto da tipoia, sentia

um orgulho vago dilatá-lo, ao saber-se levado a galope, por uma estrada solitária, para um capítulo de amor.

Às vezes descia os vidros, olhava. A charneca monótona e escura perdia-se, dos dois lados, na escuridão. Um vento frio rolava as suas ondulações lentas por cima dos terrenos lisos. E as mesmas estrelinhas, no ar, pareciam tremer de frio. Vinham-lhe ao cérebro frases de romances, pedaços de árias. Mas a melopeia do fado exprimia melhor o vago sentimentalismo dolente do seu espírito. E pôs-se a cantá-lo, com os olhos cerrados, e sentindo uma saudade infinita, uma ternura transbordante.

Mas a estrada entrava entre dois altos muros paralelos, donde soluçavam ramagens murmurosas. Era o Ramalhão. O

ar parecia mais fino, como refrescado da abundância das águas. Sentia-se uma vaga serenidade de parques e de arvoredos. Alguma coisa de suave e de elegante circulava. Havia o silêncio dos repousos delicados e das existências ociosas. Era o Ramalhão.

Na praça, algumas lojas punham as claridades mortiças de noite de província. Não havia ruídos, e bem depressa o coupé parou à porta da Lawrence. O criado, de jaqueta, que correu à portinhola, fê-lo subir pela escadinha do terraço para a sala de jantar. A toalha não fora levantada. Havia pratos, garrafas de vinho, e dois talheres apenas: *os deles* decerto. E pareceu-lhe que havia na sala alguma coisa do perfume dos seus vestidos.

— O senhor Dâmaso está cá, não?

— Estão em baixo, no salão — disse o criado.

Vítor foi ao seu quarto, penteou-se, lavou as mãos. Através da vidraça via a noite, mas sentia o vago ramalhar das árvores por todo o vale, a beleza adormecida da serra.

E sem escutar o criado que lhe perguntava se não queria tomar nada, desceu abaixo. A porta do salão estava entreaberta. Aproximou-se. Ela estava só, sentada ao fogão. A luz das brasas penetrava a sua pele de uma cor rosada. Estava vestida de preto, preguiçosamente recostada, com os olhos fitos no lume. Vestidos, roupas, arrastavam sobre as cadeiras. Na jardineira, entre duas velas, havia um magnífico ramo de camélias.

Quando Vítor abriu de todo a porta, ela ergueu lentamente os seus belos olhos, e vendo-o, com um gritinho, ergueu-se, direita, vermelha.

— Não pude estar mais tempo — murmurou Vítor. — E aqui venho.

Um suspiro soluçado, de paixão, ergueu-a, os seus braços afastaram-se; Vítor enlaçou-a; apertaram-se num longo beijo.

— Oh, queria morrer — murmurou ela, deixando pender a cabeça, tonta de felicidade, sobre o ombro de Vítor.

O soalho do corredor rangeu. E Dâmaso ficou à porta, petrificado.

Mas quando Vítor explicou o seu caso, complicado de nomenclatura forense, respirou fortemente, e batendo-lhe no ombro:

— Fizeste bem, homem! Vamos amanhã à Peninha?

Pediu logo conhaque, propôs uma partida de cartas. E não parecia afetado pela presença de Vítor: ou porque acreditara na ação, ou porque não duvidava da paixão de Genoveva. E mexendo-se, falando alto, importante, gordinho, parecia a Vítor odioso, e Vítor sentia uma profunda felicidade em enganar aquele imbecil.

Genoveva conservava-se sentada ao lume, como fascinada pelas brasas. Dissera algumas palavras vagas. Um ar de lassidão dava ao seu corpo uma atitude triste.

— Tem estado assim desde que está em Sintra — observou Dâmaso.

— Faz-me triste, isto — e

indicava, com um gesto vago, o vale, a serra em redor, a melancolia que exala aquela natureza verde-negra, vagamente mística, cheia das melancolias do artifício.

— Se estivesses aqui no verão, tu verias: quando está a sociedade, piqueniques, o Vítor cheio, cavalgadas a Cascais, representações. É uma pândega.

— Ainda bem que é inverno — murmurou Genoveva.

Ergueu-se e, sabendo que a noite estava agradável, quis ir dar uma volta. Foram. Genoveva tomara o braço de Vítor; e iam calados, sob as árvores, até Seteais. A noite estava escura, mas serena. Uma vaga humidade fria penetrava o ar. E as grandes massas de verdura, o vale profundo em baixo, a solitária

taciturnidade das quintas, das casas apagadas, davam uma tristeza. Uma melancolia caía das árvores. E para além, tudo se afundava numa vaga treva parda, picada aqui, além, de uma luz de habitação, pálida e doce.

Vítor e Genoveva, muito chegados, apertando os braços de uma pressão ardente e extática, não falavam, na mudez enleada que dá a superabundância de ternura. O vestido longo de Genoveva roçava, num murmúrio, o chão, prendendo às vezes uma folha seca, um galhinho seco. Dâmaso, ao lado, assobiava baixo a marcha do *Fausto*.

Assim passearam um quarto de hora, até que Dâmaso disse:

— Vamos como tumbas! E está

frio, diabo!

Começava a espirrar.

— Vá para casa, não se constipe.

— Não te constipes — lembrou Vítor.

— Vá para casa! — insistiu Genoveva.

Dâmaso disse, meio a rir, meio despeitado:

— Homem, é a cena do Barbeiro de Sevilha: «*Buona sera, buona sera!*» Não vou para casa. Não quero.

Genoveva riu. Vítor também, para o lisonjear. E, contente com a sua pilhéria, Dâmaso confessou que detestava Sintra no inverno.

— Que diabo! Isto é bom quando está gente, quando há boa cavaqueira! No verão é uma pândega.

Vítor era de outra opinião. Gostava do silêncio de Sintra no inverno. Havia em tudo — nas árvores, no ar, na luz — tons de muita melancolia. Fez algumas frases literárias: «O que havia de pior em Sintra era o burguês, o banqueiro, o janota do Vítor, as caleches cheias de espanholas, as inglesas de lunetas azuis, e as *toilettes* por entre a folhagem. A serra tornava-se um suplemento do Chiado! Nada havia como a solidão.» Lembrou os monges da Peninha. Invejou a tranquilidade dos conventos. Citou Lorde Byron.

E Dâmaso, impacientado, rompeu:

— Eu cá não sou poeta!

Genoveva suspirou. E Dâmaso, tocando-lhe no braço:

— Também te dá para a poesia?

Genoveva parou e, com um tom resignado e doce:

— Não, meu amigo, realmente não posso acostumar-me a esse horrível *tu*!

Dâmaso, interdito, não respondeu. Vítor, receando alguma*cena*,apressou-se dizendo:

— Não é verdade que estas árvores, o silêncio, a escuridão, fazem pensar em legendas, em aparições?...

— Fazem — disse Genoveva, e, falando, o seu ombro colava-se ao de Vítor, como no desfalecimento amoroso.

— Acredita em bruxas? — disse, rindo, Vítor.

«Não. Não acreditava. Mas em pequena tinha ouvido casos bem singulares. Tinha uma velha ama, de Trás-os-Montes, que lhos contava.» E vieram-

lhe as recordações. «Era uma velha, que sabia toda a sorte de contos, de romances em verso.»

— Ainda me lembro alguns. Espere! — e citou:

Passava o Conde-Almirante
Na sua galé do mar.
Tantos remos traz por banda,
Que se não podem contar.

»É bonito, não é verdade? Depois havia uma princesa que o via, que se namorava. Não me lembra. Mas o mais lindo era outro, que às vezes eu recito a mim mesma. Acho, tem um chique especial:

Quem me quer a mim servir,

Quem quer o meu pão ganhar,
Me vá levar esta carta
A Dom Claros d'Além-Mar.

»É uma princesa que está numa torre, uma coisa assim... Às vezes a gente fica com estas recordações de pequena, que mesmo através de viagens, de países, nunca esquecem... Não é verdade?

— Sim. Eu lembro-me perfeitamente do que cantava a minha ama. É uma música muito arrastada, muito triste — e cantarolou:

Dorme, dorme, meu menino,
Que a tua mãe foi à fonte...

»É triste, não é verdade?

Genoveva não respondeu. Vítor

sentira o seu braço ter um vago movimento estremecido, e como um débil suspiro passar-lhe nos lábios. Continuavam calados. A terra, que a neblina amolecera, emudecia o ruído dos passos.

E Genoveva disse então:

— Uma cantiga que usam muito as amas. Sua mãe morreu há muito, não é verdade?

Vítor respondeu:

— Tinha eu um ano ou dois. Nunca lhe vi mesmo o retrato. Não deixou retrato; nem sequer um daguerreótipo, que se usava no tempo. Mas creio que era muito linda.

— E seu pai?

— O papá morreu na África.

Dâmaso, que aquela conversação

isolava, ia assobiando desesperadamente o quarteto do *Rigoletto*.

Estavam então junto da Penha Verde. Um ligeiro vento erguera-se, e brandamente as árvores decrépitas ramalhavam, melancolicamente.

— Quantas coisas se passam na vida! — murmurou Genoveva, como pensando alto.

Como a sombra ali era quase tenebrosa, Vítor tomou-lhe a mão, apertou-lha, com uma ternura extática. Nunca a amara tanto. A melancolia taciturna e escura da noite, a vaga sombra difusa, o silêncio dos arvoredos, algum vago murmúrio gotejante de água, davam uma disposição sentimental, quase mística. E nunca Genoveva lhe parecera tão adorável. Achava na sua voz um tom

enternecido que ignorava, e nas suas palavras todo um espírito delicado, sentimental, acessível à poesia das legendas, e às influências da natureza. Parecia-lhe descobrir uma alma poética. E se a desejava tanto pelo esplendor da sua beleza luxuosa, amava-a agora pelos refinamentos do seu espírito sentimental.

— Isto sempre vale mais que o Boulevard — disse ela.

Dâmaso, interrompendo o assobio, apressou-se a protestar:

«Não, isso não! Gostava de Sintra no verão, quando havia gente, boa cavaqueira no Vítor. Mas lá o Boulevard, isso não o trocava por nada: ali pelas nove ou dez horas, com todo aquele mulherio a passear, e tipoias, e janotada, e os cafés cheios...»

— Hem? — disse ele para Genoveva. — Quem me dera lá! O Boulevardinho, hem!

Genoveva respondeu com o mesmo ar doce e resignado (assim se fala aos idiotas mansos):

— Sim, meu amigo, sim. Mas eu não costumo passear no Boulevard.

Dâmaso ia falar.

— E outra coisa — disse ela. — Sinto perfeitamente que, apenas disser a sua frase, vai continuar a assobiar o *Rigoletto*. Pois bem, por quem é, não!... Voltemos, sim?

Vieram calados.

Quando voltaram, as vivas chamas dos carvões alegres, saltavam, pondo no quarto às escuras os reflexos errantes e róseos. Dâmaso acendeu as luzes e,

sentando-se, cansado, bocejou escancaradamente. Genoveva ergueu um pouco o vestido, estendeu ao lume o seu pezinho calçado de verniz, com meia de seda às listas pretas e azuis. Vítor folheava um livro que estava sobre a mesa; e ouvindo Dâmaso repetir, com ruído, o seu bocejo, disse:

— São horas.

Genoveva voltou-se, e deu-lhe um olhar profundo, negro, que tinha a carícia de um beijo, e a solenidade de um juramento.

— *Good night!*

— *Good night!*

Vítor subiu ao seu quarto, tonto de alegria, e pondo a vela no castiçal, ergueu os braços ao céu, e cerrando os olhos murmurou:

— Oh, meu amor!

Deixou-se cair numa cadeira, ficou ali esquecido, com os olhos fitos no chão. A felicidade entorpecia-o, como faz o acabrunhamento de um sol de agosto no campo. Não pensava. Tinha a alma imóvel, como num banho de leite. E diante de si luziam aqueles olhos negros, e destacava, com a nitidez de uma moeda de ouro sobre um pano preto, a forma daquele corpo.

Mas a porta abriu-se, e Dâmaso apareceu, com um castiçal, e logo atrás a figura estremunhada e friorenta do criado. Como havia dois leitos no quarto, vinha dormir ali, ao pé de Vítor. E para que o criado não percebesse, disse-lhe, num francês silabado e de vogais escancaradas, que *madame* tinha um

incómodo. Mas estava contrariado, e fumava um enorme charuto, com um ar espesso e lúgubre.

«Estava mais arrependido de ter vindo para Sintra!», disse, apenas o criado, sonolento, murmurou as boas-noites.

E exalou logo as suas queixas: «Madame de Molineux, desde que tinha vindo para Sintra, estava de um humor de cão! Não se lhe arrancava uma palavra. Ao menos em Lisboa era pândega, ria, cantava. Mas ali! E depois nervos, caprichos... Ainda não saíra, estes três dias, de ao pé do fogão. E ele então uma coisa com que embirrava era uma mulher metida ao pé do fogão.»

— Hoje foi a primeira vez que ela saiu. E à noite! Foi por tu vires...

E receando decerto ter revelado os seus vagos ciúmes, acrescentou:

— Que lá gostar de mim, gosta ela. Está doida! É lá mulher para a coisa, é! Ah, lá isso sim!... — e deu detalhes, contou os juramentos que ela lhe fizera, os nomes doces que lhe dava. — Lá isso, está pelo beiço. Mas é caprichosa! É caprichosa como o diabo!

E despindo-se, falou da casa que lhe ia pôr, da vitória que lhe ia comprar, fumando sempre o seu enorme charuto. E citava a sua beleza, as suas formas, que eram uma coisa de endoidecer. Vítor escutava, com uma indiferença afetada, o coração às palpitações. E com a imprudência de quem mostra os seus tesouros numa estalagem, ia revelando todas as atrações de Genoveva. Vítor não

sentia ciúmes e, sem saber porquê, comparava-o vagamente ao Policarpo. E antes de apagar a luz, voltou as costas. E Vítor viu que ele estava fazendo o sinal da Cruz:

— Que manigâncias são essas? — disse Vítor, estirando-se na cama.

Dâmaso acudiu logo, mentindo, envergonhado das suas devoções:

— Hábito! Hábito de criança. Que eu não acredito em tolices. É hábito.

E estirou-se, exprimindo, sobre Madame de Molineux, algumas opiniões obscenas.

***

Ao outro dia, amanheceu nublado. Um nevoeiro opaco cobria a serra e todo

o vale. Mesmo quando se encontraram, ao almoço, uma chuvazinha miúda caía, toldava o ar; e as poucas árvores que se avistavam tinham o ar encolhido e friorento.

Ao sentarem-se à mesa, Genoveva disse de repente a Dâmaso, com muito carinho:

— *Caro mio*, esqueceu-me um lenço. Vai. Sim? — e estendeu-lhe um olhar terno. — Faz-me uma falta a Mélanie!

Dâmaso desceu. E imediatamente Genoveva estendeu os braços para Vítor. Ele aproximou-se. E ela, tomando-lhe o pescoço, poisou-lhe nos lábios um beijo longo, ávido, que o fez estremecer, como uma faísca elétrica. E dando-lhe uma carta:

— Parta esta manhã. Vá para Lisboa. Leia isso.

Tornou a atraí-lo a si, e com um som soluçado, beijou-o outra vez, murmurando:

— Oh, meu amor! Oh, meu amor!

As passadas de Dâmaso galgavam a escada. E quando ele entrou, Genoveva, que desdobrava o seu guardanapo, tranquilamente, disse:

— Obrigada, meu cavaleiro!

Dâmaso sentou-se ruidosamente, e gritou:

— Salte o belo bifezinho de vitela!

— Toda a noite sonhei com bruxas — disse Genoveva. — Foi da nossa conversação de ontem, decerto.

— Também eu — disse Dâmaso.

— Sonhei toda a noite. Foi do lombo de porco, ontem. Trabalhou-me no estômago... Uma série de trapalhadas... O que eu trouxe! O Peixinho dos toiros, o Taborda. Depois estava a arder o Castelo da Pena... O diabo.

— Ingrato — disse-lhe Genoveva. — E não sonhou comigo?...

— Também me parece que sim...

— Eu — disse Vítor — sonhei com meu pai. Coisa bem esquisita... Que estava à beira de um rio, e de repente vejo um barco a descer, a descer. Vinham duas figuras, de pé: um homem, e uma mulher de branco. Conheci-a logo a si — disse, voltando-se para Genoveva. — E só conheci meu pai num gesto que ele fez, que se desembuçou. Eu atirei-me à água, começo a nadar. Mas meu pai agarra numa

vara, e quer repelir-me do barco! E eu agarrava-me às bordas, queria saltar para dentro. Qual! A vara repelia-me, fazia-me dar reviravoltas na água. Por fim o barco começou a afastar-se, a afastar-se...

— E eu? — perguntou Genoveva, interessada.

— Meu pai tinha-a agarrado pela cintura, parecia desesperado, queria afastá-la da borda do barco. Mas eu via-a estender os braços para mim, e com uma voz muito fina, muito cristalina, dizer:

Quem me quer a mim servir,
Quem quer o meu pão ganhar,
Me vá levar esta carta
A Dom Claros d'Além-Mar.

Todos riram. Era extravagante.

Fora das conversas da noite.

— É um bocadito de indigestão — resumiu Dâmaso, recostando-se.

Vítor, logo depois do almoço, mandou arranjar uma carruagem. Dâmaso, que estava jovial, insistiu para que ele ficasse. Genoveva também disse algumas palavras vagas: «para lhes fazer companhia», «para irem à Pena». Mas Vítor pretextou os seus afazeres: «Ia à conferência com o advogado seu colega», disse a Dâmaso, «levava a tipoia, e de lá seguia para Lisboa.»

Ao entrar no coupé, Genoveva e Dâmaso olhavam-no da janela da sala de jantar. Mesmo Dâmaso acenou, por troça, com um lenço branco. Apenas a carruagem partiu, Vítor abriu a carta. Umas poucas de violetas caíram das

dobras. Apanhou-as, beijou-as, meteu-as no bolso do colete. E leu, na letra fina de Genoveva:

«Meu querido amor:

Pude impor aquele idiota, sob um pretexto decente, e mensal! E apenas ele voltou costas, sento-me a escrever-te. Dizer-te que te amo, que te adoro, que te desejo, é tolice. Tu sabe-lo bem. Ou antes: não o sabes. Os homens nunca sabem estas coisas, porque o amor deles é todo de uma só peça: amam, e aí está, rien de plus. *Mas o nosso amor, de nós outras, pobre género feminino, é composto de tantas coisas, de tantas pequeninas coisas, de tantas pequeninas coisinhas!*

Dizer-te que te amo, é dizer-te apenas o sentimento por grosso e atacado. Mas se tu soubesses o que nele há! Há admiração por ti, pelos teus adorados olhos, pelos teus olhos divinos, que me alumiam, que eu adoro, a que eu queria rezar, se eu soubesse rezar. É desejo do teu amor, dos teus beijos, dos teus braços, de te ter contra mim, como se fosses uma criança pequena. E há muito deste sentimento. Provém isto decerto de termos idades tão diferentes: tu com os teus 23, e eu, pobre de mim, velha, feia, murcha criatura, com os meus 32. Sou por isso uma pessoa experiente, uma mamã. Se tu soubesses o que eu pensei quando tu me disseste que a

tua mamã tinha morrido! Sabes o quê? Ser eu a tua mamã. Não, acredita, meu adorado Vítor, há alguma coisa deste sentimento em mim. Sabes o que eu fazia se fosse rica? Queria levar-te comigo para Paris, fazer de ti o mais elegante, o mais formoso, o mais cativante jeune homme de ton temps. *Queria que jogasses as armas, conduzisses cavalos. Eu mesma te aconselharia, te dirigiria, faria a tua educação, meu adorado. E que orgulho que eu teria em ti! Seria a tua mamã, mas uma mama que amaria com delírio o seu bebé, que o devoraria de beijos, que passaria com ele as noites mais delirantes de amor, de delírio, de êxtase... Ao escrever-te,*

tenho a cabeça em fogo. Para que te vi eu? Porque vim eu a Portugal? E depois, há momentos em que me parece que te não amo: que o amor que tenho por ti é uma admiração de amiga... Mas não, estou a dizer tolices, não creias: tudo o que o amor tem de mais louco, de mais veemente, de mais absurdo, tudo sinto por ti. Que poderia eu fazer por ti? Inventa alguma coisa! Uma exigência, um sacrifício. Mas inventa-o. Juro-te que o executo já, sem discutir. Que felizes são os homens! Quando amam uma mulher, podem arruinar-se por ela, cobri-la de joias, orná-la como um ídolo. Deve ser um delicioso prazer, não é verdade? Atirar para uma mulher

tudo, o que o luxo, a arte, a fantasia, criou; dar-lhe todo o seu dinheiro, a sua saúde, a sua honra. Pois bem, eu amo-te assim. Não te posso dar pulseiras, nem rivières *de diamantes. Mas a minha saúde, a minha vida, o meu sangue, a minha alma, são teus. E tu? Há no teu coração um bocadinho, dinho, dinho, de amor por esta pobre velha que está aqui sentada, à uma da noite, com o seu fogão quase apagado, a pensar no seu adorado bebé? Diz. Amas-me? Se tu soubesses o que eu senti, quando te vi naquele teatro com aquela sirigaita! Como podes tu aparecer com semelhante criatura em público? Sim, é uma mulher*

indecente. Oh, semelhantes mulheres deviam ser açoitadas publicamente! É feia, é estúpida. Mas está tudo acabado, não é verdade? Não a tornaste a ver, não é verdade? E a propósito, lembras-te que me chamaste ave de arribação? Mas, meu pobre querido, bem percebi que estavas furioso comigo, e que o teu despeito era ainda o teu amor. E então também estava implicativa. I was so aggravating darling! *Meu amor, estou aqui a palrar, sem falar do essencial. O essencial é isto: eu demoro-me aqui em Sintra apenas o necessário para concluir certos negócios. Que negócios tenho em Sintra? Grandes*. Grrrandes! *E o*

senhor Dom Vítor, meu amante e meu escravo, escusa de saber. Mas estando tu aqui, não posso tratar os meus negócios. Mas dentro de três ou quatro dias, estou em Lisboa. Mas quero que me escrevas hoje mesmo, em chegando, e que vás dar a carta à Mélanie, dizendo-lhe que ma remeta. A Mélanie dos onze homens sabe tudo. E quando eu chegar a Lisboa, então hablaremos despacio. *Adeus, adorado. É tarde. O fogão está apagado, e estou cansada. Sabes o que eu queria? Subir pé ante pé ao teu quarto, não te despertar, pôr um beijo de leve, muito de leve, na tua boca adorada, e descer sem te acordar. Só um beijo. Mas teria eu valor para*

tanto? Poderia eu resistir a dizer-te ao ouvido: sou eu, a tua Genoveva, a tua escrava; torne-me sua, meu senhor. Meu adorado, quanto te adoro! Às vezes até me parece que me fazes melhor. Espurificante. Sinto com mais nobreza, penso com mais seriedade. Como o amor nos muda! Adeus, meu adorado. Queria ficar a escrever-te toda a vida. Mas a minha pobre mãozinha, pauvre petite menotte, *está tão fatigada! Se eu tivesse aqui o teu ombro para me encostar! Oh que bonito passeio debaixo das árvores, não foi?! Sentiste o calor do meu braço? Foi-te ele ao coração? Meu anjo adorado, vou rezar. Nunca rezo, nem quase sei como é. Mas quero pedir a*

Deus que te faça feliz, que te faça muito apaixonado por mim, que te dê tudo o que glorifica os homens e encanta as mulheres. Não que eu precise: bem enfeitiçada estou eu. Mas, diz, positivamente, aquela sirigaita está posta de lado? Diz-mo. Porque te quero dizer uma coisa: é que esta carta é falsa, não representa o que eu sinto, o que eu penso. Não é com este tom ligeiro que te amo. E profundamente. Mas não to quero deixar ver muito. Quero guardar sempre um recanto do meu coração misterioso para ti, de sorte que o queiras adivinhar, que te interesses e que, todos os dias, pouco a pouco, vás tomando posse de uma alma que desde o

primeiro dia te pertencia. Amo-te, Vítor. Juro-te. Nunca amei, nunca senti, podia dizer: nunca sofri, senão por ti. A minha vida começa agora. Para trás não há nada: sensações, uma vida de animal, ou de árvore. Agora vivo, porque te amo. Adeus. Um beijo, mas profundo, até à alma. Dou-to de joelhos diante de ti, adorando-te, e dizendo-te ainda: meu bebé, meu bebé. Adeus. Ponho aqui neste ponto... os meus lábios. Adeus. Tu esqueceste aqui o teu paletó. Vou pô-lo debaixo do travesseiro, ou dormir com a face sobre ele. Adeus.

Tua

G.

Quando Vítor chegou a Lisboa, o tio Timóteo perguntou-lhe logo:

— Já? Então falhou?

Vítor sorriu. E tinha um aspeto tão radioso, tão próspero, tão enternecido, que o tio Timóteo disse:

— Bem, bem: estás com esse papinho cheio!

E, como Vítor negava:

— Bem, bem — resumiu o tio Timóteo. — A discrição é uma virtude. Não está no catecismo, mas é uma virtude.

Vítor respondeu nessa mesma tarde a Madame de Molineux: uma longa carta, preparada, onde, através da prosa literária, aqui, além, apareciam, como vegetações naturais num jardim artificial, algumas explosões sinceras de paixão instintiva. Pôs no fim da carta uma

infinidade de beijos. Meteu-lhe nas dobras violetas secas. Juntou uma pequena poesia: *Um Sonho*. E era tal a sua vontade de exprimir a sua paixão pelas formas conhecidas, que, se soubesse música, teria decerto juntado uma *Melodia*, ou uma *Meditação*.

Depois começou a esperar a sua resposta. Não tardou em vir: ardente, louca, cheia de gracejos piegas e de interjeições apaixonadas. Escreveu de novo, remeteu mais versos. E passava a sua vida no desejo das cartas dela e na esperança da sua volta.

Tinha inteiramente abandonado o escritório, como incompatível com as suas disposições sentimentais. Ia ver às vezes Aninhas, todavia. Porque as exaltações ideais da sua correspondência

criavam as necessidades físicas do amor. Achava-se um *infame*, mas tinha uma certa vaidade naquela *infâmia*. Desculpava-se, dizendo a si mesmo que não podia «romper com a pobre rapariga, depois dos sacrifícios que ela fizera». Mas sentia-se cada vez mais desprendido dela. Aninhas tinha maneiras vulgares. Embirrava com as velhas que encontrava lá. Detestava aquele constante movimento de coisas empenhadas, compradas, revendidas. Não suportava o seu *prosaísmo*. E não se sentia *compreendido* por ela; porque desejava uma alma que se elevasse às compreensões mais refinadas do idealismo, que compreendesse os poetas, amasse os silêncios da noite, se interessasse pelos personagens do romance, chorasse com as comoções da

música, e conhecesse as elegâncias da vida. Achava todas estas excelências em Genoveva, e desde aquela conversa triste e poética nas sombras escuras da Penha Verde, atribuía-lhe delicadezas excecionais de coração, e comparava-a a certas mulheres de romance: a Madame de Champvallon, de *Monsieur de Camors*, à doce heroína do *Lírio do Vale*, a outras mulheres de Balzac, achando-lhe certas nervosidades vibrantes e incoerentes da *Dama das Camélias*.

Passava então uma vida, que ele achava *distinta* e em harmonia com a sua sensibilidade. Ia a São Carlos escutar, em atitudes melancólicas, as óperas mais amorosas. Não frequentava Serrão, porque as suas teorias estéticas pareciam-lhe de uma secura muito científica. Ia

todas as tardes a casa de um amigo, o Serafim Galvão, que era músico, e, estendido numa poltrona, com o cigarro na boca, pedia-lhe melodias febris, de Chopin, canções de Schubert, onde achava elances místicos, Mendelssohn, que lhe punha nos nervos a vaga doçura de um sonho delicado, Mozart, que o afogava em ternuras vagas, Gounod, que lhe dava os requintes elegantes da paixão moderna. De resto, passeava pelas ruas, com um certo desprezo pelos seus amigos, pelos seus conhecidos, que supunha embaraçados nos cuidados da vida trivial, enquanto ele vivia no esplêndido mundo da paixão partilhada.

Genoveva todavia não voltava. Nas suas cartas dizia apenas, referindo-se a Sintra: «Aqui continuo a tratar os meus

negócios. Sintra é o meu escritório. *Ce que je n'y fais d'affaires!*» E aquilo prolongava-se já havia três semanas. Mélanie tinha feito a mudança para a Rua das Flores, e partira para Sintra, com Miss Sarah, também. Às vezes Vítor tinha horas de impaciência, de ciúme, vendo que Madame de Molineux estava longe, com Dâmaso, que no fim era o seu *amante*. Mas acostumara-se, com Aninhas, a esta posição subalterna, de *amante de coração*. Tinha mesmo nela uma certa vaidade mórbida. O outro era o caixa, o pagador, a bolsa. Ele era o bem-amado. Desprezava tão profundamente Dâmaso, que não tinha ciúmes dele. Genoveva não o podia amar. Suportava-o, como ele, se não tivesse dinheiro, teria de suportar uma profissão antipática e

burguesa. Dava-lhe o seu corpo. Mas que era isso? A sua alma, os seus desejos, a sua devoção, eram para ele, Vítor. Além disso, fazia a distinção, singular mas exata, tão vulgar nos que vivem com as mulheres libertinas: a distinção entre a voluptuosidade fingida e a voluptuosidade sentida. Genoveva, com Dâmaso, decerto *fingia;* com ele, *sentiria.* Assim era a Aninhas com o Policarpo. Achava pontos de contacto entre si e o trivial e baixo personagem de Armando na *Dama das Camélias*. Mas não se julgava ignóbil: considerava-se poético!

Por essa ocasião, uma noite, subindo a Rua do Alecrim, encontrou, e reconheceu à luz de um candeeiro, o Palma Gordo.

O Palma, que brandia uma bengala

enorme, com o chapéu deitado para trás, descobrindo toda a face, mais larga e mais balofa, perguntou, com um bamboleamento sarcástico de cinta:

— Então o Dâmaso ainda está para Sintra com a... — e disse uma palavra obscena.

Vítor fez-se pálido. Replicou, com os lábios trémulos:

— Eu sou relação dessa senhora, e não admito dessas palavras.

O Palma teve um risinho fadista:

— Ora vá dar lições a quem lhas pedir...

Vítor assentou-lhe na face bochechuda uma bofetada sonora. O Palma, furioso, ergueu a bengala. Vítor, a quem a cólera dava uma força nervosa e convulsiva, arrancou-lha, ameaçou-o, com

os dentes cerrados, balbuciando:

— Seu canalha! Seu canalha!

— Largue a bengala! Largue a bengala! — roncava o Palma. — Largue a bengala, ou chamo um polícia.

Um sujeito, que passava no outro lado, correu, separou-os, com tranquilidade:

— Então que tolice essa?... Num lugar público! Uma pendência de honra?

— Que largue a bengala! Que largue a bengala! — rugia o Palma.

Vítor atirou-lha, com tédio, dizendo:

— Aí tem, seu covarde!

E, muito nervoso, afastou-se com o outro sujeito, que era o deputado Carvalhosa, e foi-lhe contando a questão.

O Carvalhosa exprimiu a sua

opinião: «Tinha feito bem em se desafrontar com as mãos. O duelo era uma tradição dos tempos bárbaros. Um bom soco numa bochecha gorda, era uma consolação, e uma desforra decente.»

— À brutalidade da injúria, a brutalidade do pulso — resumiu, com eloquência. — Para onde vai o amigo?

— Sem destino.

— Eu vou ver o Marinho, que está doente, coitado.

— Doente? Com quê?

E lembrando-lhe logo a história interrompida no jantar no Hotel Central, exprimiu o desejo urgente de ir ver «o pobre Marinho, coitado».

Encontraram-no no seu quarto do Hotel Universal, na cama, com um barrete de dormir, a mesa de cabeceira coberta de

garrafas de remédio, as janelas calafetadas, abafado na roupa. O quarto cheirava a cânfora, e havia nele uma ordem meticulosa, desde as botas muito engraxadas, alinhadas como um batalhão, até à roupa dobrada sobre as cadeiras, sem uma prega. Nenhum papel arrastava, nenhuma ponta de charuto caíra. Sentia-se o cuidado estreito de uma prudência sagaz.

Apertou silenciosamente a mão aos dois, com um sorriso triste. Indicou, numa apresentação tácita e cortês, um sujeito com um magnífico paletó debruado de peles, e calças cor de flor de alecrim. Mas tinham-no reconhecido logo: era o Sarrotini. O ilustre cantor ergueu-se, deu *shake-hands* solenes e melancólicos e, estendendo o braço como para soltar uma

nota alta, murmurou, mostrando Marinho:

— *Il poveretto!*

E tornou a sentar-se, fitando-o com piedade.

— Mas então que é isso? — exclamou o Carvalhosa, sentando-se pesadamente no leito.

Marinho indicou a garganta, fazendo com os olhos, com os lábios, a designação: *grave!*

— Doençazita de garganta? Beladona, beladona...

— *La donna è mobile*— murmurou o Sarrotini, com uma recordação do *Rigoletto*. E teve uma risada calada, de hãs, com a boca muito aberta. E para explicar aquela pilhéria, disse baixo a Vítor, num português medonho: — *Per o distraire! Il povero!*

E cruzando os braços sobre o peito alteado, retomou uma atitude solene.

Então Carvalhosa, erguendo-se, enterrando as mãos nos bolsos, declarou que, como orador, interessavam-no muito as doenças de garganta. E voltando-se para Sarrotini, com uma curiosidade condescendente:

— O que bebem ordinariamente os senhores para clarear a voz?

Sarrotini explicou, na sua linguação eriçada de francês e diluída de espanhol, «que ele tomava um caldo de galinha com um ovo batido. A Patti, por exemplo, essa, era um cálice de xerez num copo de soda...»

— Eu, é simplesmente água com açúcar, como José Estêvão. Nós outros, os oradores, usamos sobretudo os

emolientes. Assim, Thiers tomava orchata, Garrett bebia sangria muito doce. Precisamos ter o cérebro límpido, para a dedução. — E para Sarrotini, alteando o corpo: — Porque os senhores soltam notas, e nós ideias. A água com açúcar é excessivamente favorável.

«De resto», acrescentou, «achava excessivamente ridículas as antigas exigências clássicas dos compêndios de retórica, que o orador devia ter a figura imponente e robusta, o peito saliente, a voz retumbante...»

— Tolices... Garrett era uma figurinha de janota. Thiers é anão, e tem uma voz delgada e áspera. A questão são as imagens, a poesia, a inspiração. A questão é esta: é o génio! — e com um gesto rápido dos dedos feria a testa.

— *Il genio!* — aprovou o Sarrotini.

E ergueu-se, foi debruçar-se sobre Marinho e, chamando-lhe nomes ternos: *carino, figlio mio, amato Marino*, aconselhou-lhe sossego, paciência e silêncio:

— *Non parlarei Non parlarei*

E debruçando-se mais, beijou-o na testa. Foi tomar o seu chapéu, de largas abas retorcidas e, depois de apertar a mão de Vítor com uma pressão quase amorosa e expansiva, curvou-se diante de Carvalhosa:

— *Salute a voi, o eggregio oratore!*

— *Salute, cantore!* — disse Carvalhosa, satisfeito.

E apenas o Sarrotini saiu:

— Parece-me um pobre diabo! — disse, com complacência.

Marinho arregalou os olhos, exprimindo uma admiração muda.

Mas Carvalhosa tinha de ir a uma reunião da Maioria e, batendo no ombro de Marinho, despediu-se, com estas palavras:

— Triunfe da fraqueza da natureza, pela energia da vontade! É beladona! Beladona!

E saiu, dizendo a Vítor:

— Adeus, heroico Silva.

Mas, quase imediatamente, um sujeito de *robe de chambre* entrou, com o castiçal na mão. Era um vizinho de quarto, o brasileiro Prudêncio. Deslizava subtilmente sobre o tapete, com as suas chinelas bordadas, e, ao andar, mexia os

quadris. Tinha um colar de barba grisalha e, numa face larga e trigueira, dois olhos vivos e perfurantes. Quis logo saber se tinha vindo o doutor, se tinha tomado o remédio. E aos gestos lentos com que Marinho respondia, o Prudêncio acrescentava:

— Tal qual. Tal qual — e a esta palavra, levantava sempre as maçãs do rosto e franzia os olhinhos.

Com um movimento desfalecido da mão, que tirou cautelosamente de baixo da roupa, apresentou Vítor. E o Prudêncio imediatamente disse, com uma vozinha singular:

— A doença é uma grande tristeza.

— Decerto — disse Vítor.

— Tal qual — concordou Prudêncio.

E explicou que padecia do fígado.

Vítor aconselhou-lhe Vidago.

— Tal qual — disse Prudêncio. «Mas já lá tinha ido. E inutilmente. Bem inutilmente!»

E ficou calado, com o olhar fixo no tapete, coçando devagar a barba dura.

— O senhor faz o comércio? — perguntou bruscamente a Vítor.

— Não senhor.

— Empregado do Estado?

— Não senhor. Advogado.

— Tal qual — e retomou a contemplação do tapete. Mas o rosto fez-se-lhe risonho e, pousando em Vítor os seus olhinhos penetrantes: — Defensor do órfão e da viúva.

Vítor concordou, baixando cortesmente a cabeça.

— Tal qual!

E lamentou que Marinho não tivesse jantado à mesa: «Um jantar delicioso! Delicioso! E uma conversa muito filosófica, muito filosófica!» Tornou a dirigir-se a Vítor:

— Eu gosto de uma conversa filosófica.

— É interessante.

— Tal qual.

Pareceu procurar uma palavra ou ideia pelo tapete. E não a achando decerto, foi retomar o castiçal, e disse a Marinho:

— Faço votos pelo restabelecimento, vizinho.

Apertou a mão de Vítor:

— Sr. Doutor! Quando queira, o Prudêncio. Terei muito gosto em que

venha jantar. É o quarto n.º 20. Tal qual, Sr. Doutor.

E saiu, deslizando subtilmente nas solas ligeiras das chinelas.

Apenas ficou a sós com Marinho, Vítor, sentando-se na cama, perguntou-lhe:

— O Marinho, no doce, não me acabou de contar a história, o outro dia. Estava quando o brasileiro perguntou a Madame de Molineux se era da Guarda.

Mas o Marinho mostrou a garganta, levou o dedo aos lábios, teve um gesto vivamente negativo, e exprimiu, numa pantomima convicta, que nada o obrigaria a soltar um som! E ficou imóvel, com os olhos muito abertos, corado, mudo, atabafado, aterrado, lúgubre!

— Bem, adeus, Marinho. Estimo as melhoras.

No corredor encontrou Sarrotini, que entrava, e que lhe passou logo a mão pela cinta, jovial, faceto, tendo perdido o aspeto lúgubre do quarto de Marinho.

— *E la signora, la signora Genovèffa*?

— Bem, obrigado.

— *L'altra notte, il* baile!... Precioso! Caramba! *Avemo fatto una buona serata... Noche dibertida... Beaucoup!* — e ria, fazia cócegas a Vítor.

— Passou-se bem, passou-se bem! *Addio!*

— *Al rivedere, carino!*

E correndo atrás dele, com um ar confidente:

— E creia a *mi amistad. No he olvidado lo que lei me a detto*, que era republicano. *Anch'io sono reppublicano.*

Tutto per la libertà!

— Tudo!

E Sarrotini, no alto da escada, erguendo a mão, disse ainda sonoramente:

— *Tutto per la libertà*.

Vítor, nessa noite, escrevendo a Madame de Molineux, contou-lhe que se vira obrigado a dar bengaladas «num amigo de Dâmaso, que falara dela pouco respeitosamente». E daí a dois dias Genoveva respondia:

> *Que importa o que outros dizem de mim, se tu me disseres que me amas?! Decerto é bem próprio dos amigos de D. serem, como ele, perfeitos imbecis. Meu amor, agora a grande novidade (possa ela fazer-te feliz): chego aí amanhã à noite.*

Vem ver-me quarta-feira pela manhã. À toi ma vie, mes rêves, mes pensées, mes désirs, mes ardeurs, et le petit coeur, *da*

tua, for ever

G.

10

Vítor, na quarta-feira, acordou na maior exaltação. Era um dia definitivo na sua vida; porque não duvidava, decerto, que naquela mesma manhã a sua felicidade seria perfeita. Ela amava-o. Estavam enfim em Lisboa, livres (a besta do Dâmaso não contava). E decerto, desde o primeiro beijo, ela abandonar-se-ia. E o seu coração batia com pancadas fortes, sob o delírio daquela esperança. Vestiu-se quase com devoção, foi-se florir, e, fumando um charuto caro, dirigiu-se à Rua das Flores. Por um refinamento de voluptuosidade, não se apressava, e ia gozando tudo devagar: o ar, o sol, as fachadas alegres. Porque todo

o seu amor, transbordando, lançava sobre todas as coisas como um reflexo amável.

Genoveva morava no terceiro andar. A casa fora restaurada, pintada, e Madame de Molineux disfarçara aquele andar burguês com alguns toques de elegância. Havia arbustos no patamar, e uma campainha elétrica.

Quando ele entrou, Genoveva estava no quarto. E Vítor esperava na sala, muito nervoso. Não estaria mais agitado se ela tivesse chegado da Índia. A sala tinha uma mobília de um estofo oriental vivamente colorido. Havia dois quadros de flores, que ele vira em casa de Dâmaso. E o polido das madeiras, na frescura do tapete, tinha um ar novo, pouco habitado. Dois vasos, imitando a velha majólica italiana, guarneciam uma

consola de mármore, sob um espelho oval com um caixilho trabalhado à maneira do século XVIII. Era uma instalação apressada, superficial e barata, onde se sentia a economia burguesa e um provisório de aventureiro.

— Faz favor de entrar — veio dizer-lhe Mélanie.

E entrava num pequeno *boudoir*, quando Genoveva, atirando o reposteiro do seu quarto, correu para ele, com um *robe de chambre* solto, deitando-lhe os braços ao pescoço. E ficaram unidos, num beijo ávido. E abraçada nele, foi-o levando para o seu quarto, fê-lo sentar numa poltrona, ajoelhou-se-lhe aos pés e, mergulhando os seus olhos nos dele, como se quisesse penetrá-lo até às profundidades da alma, fez-lhe toda a

sorte de perguntas: «se a amava, se tinha pensado nela, o que tinha feito, se tinha visto outras mulheres, onde tinha estado à noite»; cortando as suas palavras doutros beijos, prendendo-lhe as mãos numa pressão convulsiva e fremente, e percorrendo-lhe o rosto com o olhar, de uma insistência apaixonada e luminosa, para tomar posse do seu cabelo, da sua cor de pele, dos seus lábios.

«Para quê tinha ela estado tanto tempo em Sintra? Para quê se demorara tanto?» — e a voz de Vítor era cheia de repreensões amorosas.

Genoveva ergueu-se logo. E indo ao toucador mexer nos pentes, nos frascos:

— Meu querido, negócios. Eu disse-to nas minhas cartas. Não as lias?

Não foi possível vir mais cedo. E vim, para te ver, porque já não podia estar mais tempo... Quem sabe se a minha pressa não me prejudicou.

Vítor veio enlaçar-lhe a cintura. E com a voz desfalecida:

— Mas agora estás aqui, e amas-me, não é verdade? Diz que sim. Que linda que estás! Eu adoro-te tanto...

Os olhos de Genoveva cerravam-se, empalidecia.

Ele deu-lhe um beijo devagarinho na orelha. Um soluço exuberante de ternura, de voluptuosidade devoradora, levantou o peito de Genoveva. Disse, quase com uma lamentação na voz:

— Fazes-me adormecer.

E julgando-a inteiramente abandonada, arrastou-a para os pés do

leito, com um movimento muito claro. Mas ficou atónito, sentindo Genoveva desprender-se bruscamente dos seus braços, recuar, dizer quase com cólera:

— Vítor! — E falando-lhe baixo, com força: — Não! Não! Não!

— Porquê? — disse ele, ansiosamente.

— Enquanto entrar aqui outro homem, não! — E tomou-lhe as mãos, murmurou-lhe, com uma ternura suplicante: — Quero ser só tua.

— Desembaraça-te desse idiota! — exclamou Vítor, na impaciência do desejo revoltado.

Genoveva franziu a testa, e oscilando a cabeça:

— Não pode ser por ora...

— Mas porquê? Porquê?

— Porque sim.

Houve um silêncio. Vítor sentia uma desconsolação dolorosa arrefecer-lhe o sangue. Ela tomou-lhe as mãos, fê-lo sentar e, ajoelhando outra vez aos pés dele:

— Escuta. Não pode ser. Tu não sabes, não te quero dizer. Não me faças perguntas. Não pode ser. É para teu bem. Tenho um plano... Sofreremos quinze dias, vinte dias. Mas depois... — e os seus olhos brilhavam. — Prometes obedecer-me?

— Mas...

— Não. Diz. Prometes?

E amava-a tanto, que condescendeu, humilhado, infeliz.

— Pois bem — disse ela. — Tu vens ver-me todos os dias à hora a que eu

te disser. Quando eu não puder, encontrar-nos-emos algures... Mas deixas-me a minha liberdade, não fazes perguntas, obedeces em tudo. Dize. Juras?

— Mas...

Ela ergueu-se, impaciente:

— Ah, bem! Não queres. Aí está o teu amor, as tuas promessas...

— Juro, juro! — acudiu ele logo, abandonando-lhe toda a sua vontade, a direção da sua vida, o emprego do seu tempo, fazendo cessão de si mesmo, escravizando-se.

— Bem. E quando eu disser que sou tua, é para sempre.

Uniu a face à dele, murmurou, com a gravidade de um juramento sagrado:

— Nunca mais, com ninguém!

***

Vítor tornou-se então o parante da Rua das Flores. Ia ordinariamente ver Genoveva ao meio-dia. Ao princípio, às vezes, encontrava-a ainda deitada, mas tão fresca, com o cabelo tão bem arranjado, que parecia ter feito já *toilette*, e passado a noite num sono casto e solitário. No entanto, o desarranjo do quarto, o amassado da roupa, os braços nus de Genoveva, perturbavam-no tanto, que não sentia força para falar. Olhava-a, beijava-lhe as mãos, e estava como entorpecido por um desejo quase doloroso. Enfim, um dia Genoveva disse-lhe:

— Meu querido, não, não te torno a receber aqui no quarto...

E aparecia-lhe sempre vestida, espartilhada, como se fosse sair. Parecia recear todas as facilidades, mesmo a largura muito solta dos seus roupões de manhã.

Ordinariamente Vítor falava do seu amor. Mas Genoveva parecia querer dar à conversação, sempre, um tom mais genérico, mais indiferente. Fazia música, cantava-lhe algumas melodias de que ele gostava, às vezes mesmo fazia chamar Miss Sarah.

A inglesa entrava logo. A conversa, naturalmente embaraçada pela presença dela, arrastava-se dificilmente. Vítor falava mal o inglês. A preocupação que lhe dava a presença de Genoveva embrulhava-o mais, faltavam-lhe os termos, e às vezes só podia responder a

Miss Sarah com oh!, ah!, ou sorrisos meio idiotas. A inglesa, no entanto, procurava sempre dirigir-se a ele, vestia-se com muito cuidado, carregava-se de pó de arroz, tomava na presença dele atitudes sentimentais, tinha olhares que o embaraçavam, e chegara mesmo a zangar-se, um dia que Genoveva lhe dissera:

— A pobre Miss Sarah está terrivelmente apaixonada por ti.

E Genoveva parecia gozar aquela paixão desprezada, ou pelo acréscimo de humilhação que ela dava à inglesa, ou por ser mais um efeito da perfeição de Vítor.

Outras vezes encontrava Genoveva bordando. E não abandonava o seu trabalho. Com a cabeça baixa falava, levantando apenas a espaços o rosto para ele, e encontrando sempre os seus olhos

fitos nela com uma adoração devoradora.

— Não te ponhas assim a olhar para mim. Sabes que não pode ser.

— Oh, mas é um suplício...

Era um suplício! Aquela recriminação de Vítor voltava todos os dias. Genoveva mesmo um dia disse, com uma cólera na voz:

— E eu, pensas que estou num leito de rosas? Mas dei a mim mesma a minha palavra de honra. Não! Quando estiver livre, sou tua escrava, a tua coisa, podes matar-me se quiseres. Por ora, não!

No entanto tinham manhãs tranquilas, muito doces. Não faziam alusões à sua paixão. E Genoveva encantava-o, falando-lhe de Paris e de Londres. Era inteligente, contava bem. Sabia pintar com pitoresco uma

fisionomia, um tipo. Das suas frequências com os homens de espírito, com os artistas, tomara alguma da sua linguagem colorida e forte. Sabia anedotas sobre os homens ilustres, repetia-lhe os ditos que lhes ouvira, as apreciações originais. Vítor não se fartava de a ouvir. Era como uma crónica íntima, uma memória contemporânea, onde ele encontrava os pormenores mais humanos, mais detalhados, sobre os personagens da Arte ou da História, que até aí só conhecera na atitude solene e convencional da glória. Com que prazer escutava as anedotas sobre a vida sentimental do príncipe de Gales! Havia naquelas historietas do príncipe voluptuoso como uma porta entreaberta sobre alcovas de duquesas e adultérios de corte. Mas era sobretudo

Paris, os seus políticos, os seus artistas, os seus poetas, as suas cortesãs, que o interessavam. Como saboreava os mais pequenos pormenores sobre Dumas Filho, sobre Gustave Doré, sobre os bailes de máscaras de Arsène Houssaye! Era como um mundo novo em que penetrava. As anedotas sobre Napoleão III encantavam-no. O imperador encerrando-se horas e horas com um empregado da polícia secreta, por gosto da intriga e amor mórbido da mexeriquice! O Imperador fechando-se alta noite no seu gabinete e, enquanto se pensava que ele meditava sobre os destinos da França, o augusto personagem recortava com habilidade figurinhas coloridas, que colava, com um pincel, sobre um papel, formando grupos de fantasia. Ou as noites em que se

encerrava com três, quatro mulheres, e se deixava ir a excessos que o deixavam embrutecido, idiota e taciturno, semanas e semanas, ora desejando a excitação de uma guerra, ora a paz de um convento. O mundo das cortesãs, do Jockey Club, dos estroinas históricos, não o encantava menos. Genoveva pintava a excêntrica personalidade de Cora Pearl, as suas ceias, que custavam milhares de francos, a petulância dos seus ditos, o delírio das suas apostas. Depois, as extravagâncias das damas ilustres. Uma, com um nome histórico, cuja criada de quarto tinha a lista e os retratos dos homens mais lindos de Paris, que sucessivamente introduzia na alcova da sua ama. Outra que, num momento de alucinação, deixava um palácio e corria a um pequeno *rez-de-*

chaussée da Rua dos Campos Elísios, propor ao seu amante fugirem, e abandonar por ele um trono! Ia assim iniciando Vítor num mundo de elegâncias refinadas, de amores dramáticos, de mistérios deliciosos. E todas aquelas recordações que lhe adornavam o espírito seduziam mais Vítor do que as joias e as *toilettes* que lhe via.

Ao mesmo tempo educava-o. Dava-lhe conselhos de *toilette;* aconselhava-lhe cores de gravatas e de meias de seda, iniciava-o no estilo sóbrio do dandismo inglês. Queria que ele aprendesse a jogar as armas. Ensinara-lhe o *whist*, a *bouillotte*. Indicava-lhe livros que ele devia ler. Ornando-o de qualidades que ela julgava eminentes, com a sagacidade de uma amante e a

solicitude de uma mãe. Quando ele tinha passado assim a manhã, tranquilo, escutando-a, recompensava aquela submissão amorosa com um beijo, uma palavra ardente, um olhar mortal e doce.

Vítor vinha às vezes jantar. Mas, como encontrava sempre Dâmaso, era para ele uma hora desagradável. Dâmaso era insuportável, com a sua importância ruidosa, as suas expansões amorosas com Genoveva, o seu ar protetor e insolentemente feliz. Tinha um modo de se repoltrear na cadeira, com o charuto na boca, que dava a Vítor tentações homicidas. E afetava um tom fidalgo, estroina, de alta elegância, o Dâmaso! Achava a cozinheira de Genoveva «atroz». Lia o menu do jantar, silabando medonhamente o francês, e encolhia os

ombros:

— Não estamos no Café Inglês! — suspirava.

E todavia Vítor lembrava-se de o ter visto saborear com gula e gabar com exaltação os bifes de vitela do Hotel Pelicano! Mas Dâmaso transformava-se, ganhava chique! Trazia plastrões azuis, tendo por alfinete uma bota de montar, de prata, com uma enorme espora de ouro. Tornava-se *sportsman*. Dizia às vezes, com um ar profundo e concentrado:

— Quem ganhará o *derby* em Londres, este ano?

E afetava preocupações sobre as grandes corridas de Paris.

Depois do jantar, invariavelmente, exigia a Genoveva cantigas de café-concerto. Extasiava-se. Era a sua opinião

que «a França era o primeiro país do mundo para a brejeirice». Já sabia cantar:

Chaque femme a sa toquade,
Sa marotte et son dada!

Atroava a sala, berrando aquela inépcia. E aparecia sempre à noite de casaca e gravata branca. Achava o país reles, e falava em se ir estabelecer definitivamente em Paris, «naquela grande pândega».

Vítor saía sempre com os nervos tão irritados, que pediu a Genoveva para não vir jantar. Começava agora a ter ciúmes de Dâmaso. As semanas passavam, e continuava a vê-lo instalado, possuindo Genoveva, fazendo arranjos na casa, como uma ligação permanente, e

retardando a sua felicidade.

Genoveva, quando ele se queixava, sorria, calmava-o:

— Meu amor, está por pouco.

Mas Vítor tornava-se sombrio. Diante dela resignava-se, como se os seus desejos encontrassem na contemplação de Genoveva uma satisfação calmante. A certeza do seu amor deleitava-o como uma posse da alma. Sentia-se tão feliz, vendo-a falar, bordar, sorrir-lhe, que quase esquecia as esperanças impacientes de uma felicidade mais absoluta.

Mas longe dela, tinha desejos furiosos que o queimavam. Tornava-se sombrio, nervoso, irritável. Toda a ação lhe causava uma fadiga esmagadora. Abandonara o escritório, os seus amigos. Não ia ao teatro. Ficava noites só no

quarto relendo as cartas dela, reconstruindo pela recordação as menores palavras que ela lhe dissera de manhã. À mesa, fazia esforços para falar, disfarçar diante do tio Timóteo a sua melancolia. Mas dizia cada palavra com a lassitude de quem levantou pesos. E o que o afligia, era que o tio Timóteo não aludia ao seu amor e mesmo tinha também silêncios largos, em que as suas sobrancelhas se franziam terrivelmente.

O tio Timóteo, com efeito, sabia que Vítor ia ver todos os dias Madame de Molineux, e que abandonara o escritório, toda a ocupação, todos os hábitos antigos. Era decerto o seu desejo, como velho libertino e antigo espadachim, que Vítor tivesse uma «pequena». Mas absorver-se assim numa paixão, viver agarrado às

saias de uma mulher, perder a alegria e o apetite, fazer-se um vadio — não. Era de mais!

Depois informara-se de Madame de Molineux. Chegara-lhe aos ouvidos que era uma aventureira, feita de frieza e de rapacidade, que estava arruinando o Dâmaso. E o tio Timóteo julgava indecente que Vítor perdesse a sua carreira, o seu futuro, os seus bons sentimentos, talvez a sua dignidade, na intimidade ignóbil de uma «barregã descarada».

Além disso, tinha a desconfiança, natural aos parentes velhos, dos amores ilegítimos. Genoveva era para ele a sereia, a mulher fatal, que arruína, e impele às letras de câmbio e aos casamentos vis; e que é o susto pavoroso

das mães assustadas, ou das avós devotas.

— Que diabo — pensava —, lá que se divirta, vá! É de lei, é de decência! Mas que deixe a sua carreira, a sua saúde, a sua liberdade e a sua honra, nos saiotes de uma desaforada, caramba, racho-lhe os ossos, a um ou a outro!

Mas com a amizade apaixonada que tinha pelo seu Vítor, não se atrevia a falar-lhe com severidade. Vítor era para ele toda a sua família, a única pessoa que tinha no mundo. Nunca o contrariara, nunca o repreendera. E agora que chegara a ocasião de lhe impor uma grande contrariedade, de pôr obstáculo à sua paixão, aquele homem de palavras bruscas e de pauladas prontas, sentia as timidezes coibitivas de uma mãe fraca.

Mas, como ele dizia, perdia o

sono, afligia-se, se Vítor estava mais concentrado ou com menos apetite. Sentia-o passear horas e horas no quarto. Fazia toda a sorte de conjeturas para imaginar a razão daquelas melancolias. Pensava que Genoveva, sabendo que ele tinha uma fortunita, que Vítor herdaria, «o trazia à corda», para o arrastar ao casamento. Mas raciocinava: se ela quisesse marido rico, tinha a besta do Dâmaso. Teria ela tido um capricho por ele, e, farta, tê-lo-ia despedido, deixando-o apaixonado e desgraçado? Talvez uma viagem o distraísse. Um dia, mesmo, tinha-lhe dito bruscamente:

— Queres tu ir a Paris? Um homem deve ver mundo!

Mas Vítor recusou-se tão decididamente, declarou-se tão bem em

Lisboa, que o tio Timóteo atribuiu a sua tristeza ao embrutecimento da paixão feliz. E consolou-se com esta reflexão:

«Tem o coração do asno do pai e o temperamento da bêbeda da mãe. É um desgraçado!»

E, furioso, não tornou a fazer perguntas intencionais a Vítor. Somente, às vezes, olhava-o de lado, com um olhar faiscante e desesperado; quando o não olhava às escondidas com a vista humedecida.

E a melancolia de Vítor crescia. Às vezes tinha vontade de não ir vê-la; mas, chegada a uma hora, uma força irresistível levava-o para a Rua das Flores. Encontrava agora Genoveva nervosa e irritável. Tinham silêncios longos; depois, olhares que se devoravam.

— Mas porque vivemos nós neste martírio? — disse-lhe um dia Vítor.

Ela não respondeu. E ele, julgando ver naquele silêncio o assentimento de uma resistência expirante, apertou-a loucamente nos braços. Ela cobriu-o de beijos, que quase o magoavam, e em que havia como uma cólera de paixão. Mas, erguendo-se bruscamente:

— Não. O que disse, está dito! Mas ouve: em duas semanas, sou tua.

Vítor achava-a extraordinária, fantástica. Às vezes passavam-lhe, como calafrios, suspeitas de que ela estava «mangando com ele». Matá-la-ia! Porque, agora, ao seu amor começava a misturar-se um vago ódio! Quase desejava saber que ela o iludia, o escarnecia. Porque faria um escândalo, um crime — pensava

—, e acharia na satisfação da vingança o apaziguamento da sua paixão.

Às vezes, quando Genoveva o tinha excitado mais, ou por um vestido mais colado ao corpo, ou por uma pressão da mão mais intensa, a sua exaltação era tão vibrante que, para a acalmar, para a dissipar, para a gastar, ia ver Aninhas. Mas detestava-a. Os seus modos triviais, a sua linguagem de gíria, o cheiro do refogado que havia no corredor, tudo lhe dava um tédio enojado. Que diferença com Genoveva! E todavia gostava de lá ir. Porque ali era o senhor, mandava, falava alto, dispunha. E desforrava-se, torturando Aninhas, das abstenções que lhe impunha Genoveva. Tinha sempre alguma coisa por que a censurar: ou estava mal vestida, ou mal penteada, ou

mal calçada, ou o quarto estava desarrumado, ou as toalhas não estavam limpas.

— Nunca te vi tão impertinente — dizia Aninhas. — Que tens tu? Não estás aqui bem?

Aquela doçura exasperava-o. As suas carícias humilhavam-no. Aquela, que era uma reles rapariga que ele desprezava, prodigalizava-lhe um amor exuberante; e a outra, que ele adorava com um fanatismo frenético, escassamente lhe abandonava as suas mãos. Às vezes repelia Aninhas:

— Não me maces, deixa-me!

A pobre rapariga torturava o seu pequenino cérebro mole, para achar o meio de o prender, de o cativar. Mas, por uma fatalidade, os seus esforços para o

seduzir eram tão *maladroits*, que faziam desesperar Vítor. Se ela, para o seduzir, tomava uma atitude sentimental, Vítor não podia eximir-se a achá-la ridícula. Se, para o atrair com conversas literárias, lhe falava dos livros que lia, era sempre citando *O Rei Bandido*, *A Vingança da Calábria*, *As Casacas Negras*, outros horrores. Se se queria mostrar alegre, libertina, Vítor achava, nos seus abandonos, o desconchavo da libertinagem do Bairro Alto. E a pobre Aninhas só conseguia, com os seus esforços, torná-lo mais sombrio. Mas adorava-o. E, às vezes, a sinceridade da sua paixão arrastava Vítor. Era então que ele, por um processo vulgar de imaginação, lhe dizia a ela as palavras, lhe dava os beijos, que quereria dar a

Genoveva. Aninhas não compreendia aquele capricho de Vítor de querer estar no quarto com a luz apagada; mas era inteiramente feliz, vendo-o então exaltado e louco. Vítor evocava a imagem de Genoveva, e eram as palavras mais exaltadas de amor, as carícias mais devoradoras, e a cada momento, os renascimentos delirantes do desejo insaciável. E daqueles excessos, Vítor saía mais desprendido dela, e a pobre tonta mais louca por ele.

A sensibilidade de Vítor, irritada por aquela paixão, tinha agora suscetibilidades femininas. Uma mudança de tempo, um céu enevoado, um vento agreste, davam-lhe perturbações, como se fosse histérico. Certas árias ou motivos de música traziam-lhe as lágrimas aos olhos.

Vinham-lhe desejos de devoções. Entrara um dia na Igreja dos Mártires. Rezava-se um ofício cantado. E as vozes agudas, os sons do órgão, o incenso, deram-lhe uma tal perturbação mística, que ajoelhou, e formou o plano de se refugiar na paz de um convento. Foi num desses estados que ele disse a Genoveva:

— Escuta. Tenho esperado quase dois meses. Ou isto é sério, ou eu não volto aqui.

— Pois não voltes — disse-lhe ela, que estava também excessivamente nervosa.

Vítor teve um choque e, sob um excesso de tristeza, rompeu a chorar. Genoveva caiu-lhe aos pés, deu-lhe as carícias mais loucas, beijou-lhe as mãos. Torcia os braços e, entre soluços, disse-

lhe:

— Mas tu deves ter compreendido. Eu amo-te, como nunca, nunca, nunca, amei ninguém. Mas quero viver só para ti. Porque te estimo. Quando for tua, não quero ser de mais ninguém. — E com uma voz dilacerante: — Mas não sou rica, meu amor! Tenho dívidas. Preciso pagá-las. Deixa-me tirar daquele estúpido tudo o que eu puder... E depois!...

E deixando-se cair sobre os calcanhares, abrindo os braços, com um sorriso triste:

— Deixa-me ganhar o meu dote.

Aquele sacrifício, tão sinceramente exprimido, pareceu sublime a Vítor. Pediu-lhe perdão. Jurou resignar-se. E saindo, com a obsessão do desejo,

que não lhe deixava compreender a ignomínia da intriga, ia pensando:

«O seu dote, coitadinha! Que anjo!»

Genoveva falava verdade. Andava a apanhar o dote.

Porque idolatrava Vítor. E sob a sua resistência aparente, tinha, mais que ele, todas as ânsias do desejo e todas as torturas da impaciência. Havia dias em que, apenas ele saía, rolava, beijando o encosto do sofá onde ele apoiara a cabeça, o rebordo da mesa a que ele encostara o braço. Mas a esta paixão física juntava-se, para ela, um sentimento ideal. Não suportava a ideia de ter de partilhar o seu leito com outro, quando lhe pertencesse a ele. Queria que o seu amor fosse absoluto, completo, perpétuo; sem

interrupções, sem embaraços, sem reticências, sem intervalos, sem suspeitas, sem astúcias. Não se queria esconder de ninguém, nem sofrer as interrupções de ninguém. Mas não queria diminuir o seu prestígio. Queria ter as mesmas *toilettes*, as mesmas joias, uma carruagem, uma casa bonita. Como não podia contar muito tempo com a sedução da sua beleza, queria aumentá-la pela decoração da sua pessoa. E para isso era necessário dinheiro. Ele não o tinha, pobre querido! Ela também não. Tinha dívidas em Paris, é o que tinha! Precisava pagar as suas dívidas, ter um pequeno capital para os primeiros tempos. E depois seria somente amante de Vítor, viveria sem cuidados, sem estreitezas, sem credores!

Ao princípio, que Dâmaso, ainda

com os hábitos «pingas» de português, se tinha retraído às exigências de dinheiro, ela não contara com ele como um *cofre*, não hesitara em lhe mostrar a sua simpatia por Vítor, pronta a negar-lhe a porta, a despedi-lo. Mas depois, Dâmaso, ferozmente apaixonado, dominado, «baboso», começara a ser mais generoso, a revelar todos os seus meios de fortuna: e ela ganhara por ele o respeito da prostituta pelo ricaço. Era um homem por quem se devia ter consideração. Representara então com ele a comédia refinada do amor físico. Declarara-lhe que o amava: não com o coração talvez, mas com os sentidos. Sabendo que nada prende os imbecis como esta certeza dos prazeres que inspiram. E em Sintra, fingindo-se louca por ele, caindo-lhe aos

pés com os olhos em alvo, representando habilmente delírios ruidosos, prendera-o tão subtilmente, escravizara-o; e, como numa caixa aberta, começara a tirar-lhe de dentro rolos de dinheiro. E nos dois meses, Dâmaso pagara-lhe as suas dívidas (que eram apenas de dez contos de réis), dera-lhe três contos de inscrições. Isto animou-a. De combinação com um agiota de Paris, por intervenção de uma amiga, fez uma letra fictícia, aceite por ele, de cinco contos de réis. Declarou a Dâmaso que, se a não pudesse pagar, devia ir a Paris vender as suas mobílias, os seus dois cavalos (que não tinha). Chorou por ter de o abandonar, a ele, seu amor, seu Dâmaso. Mostrou-lhe uma carta em que um certo Sauvieux, que ela dizia um rapaz muito rico de Paris, agente dos

Oppenheimer, e que a amava, lhe fazia propostas solenes, se ela quisesse ir com ele para Frankfurt. E Dâmaso, comovido pelas lágrimas, receoso de a perder, contente de humilhar um agente dos Oppenheimer, pagou a letra. Tanta imbecilidade animou-a. Tinha agora já um pequeno capital de oito contos. Com ele, iria para Paris com Vítor, e *depois veria*! Mas como Dâmaso continuava a *largar*, queria-o despedir o mais tarde possível: quanto mais ganhasse, mais tranquilidade assegurava à sua vida com Vítor. Venderia tudo em Paris, iria viver com ele em Auteuil, em Neuilly. E como ele tinha do tio Timóteo uma pequena mesada, e uma fortunazinha a herdar, a combinação parecia-lhe excelente, cheia de felicidades futuras, e toda radiosa de

amor.

No entanto, ultimamente, a paixão era mais forte que a prudência; e teria já despedido Dâmaso, se não se aproximassem os seus anos. Esperava dele um bonito presente. Ele falara ao princípio num adereço. Mas ela, mostrando um bom-senso burguês que agradava a Dâmaso, disse-lhe que joia não. Tinha tantas! Que a ajudasse a constituir um pequeno capital. Quando ela o tivesse, não permitiria que ele lhe pagasse as despesas da casa.

— Porque te amo tanto, que realmente vexa-me receber dinheiro de ti. Quero que me dês presentes, vestidos. Isso sim. Mas dinheiro, não. Estou ansiosa por ter um pequenino rendimento. Em Lisboa, com trinta libras podia viver

perfeitamente. Dá-me dinheiro para isso, e nada de joias. As joias depois. Quero que o nosso amor seja desinteressado.

Dâmaso, extático, jurou fazer-lhe uma linda surpresa nesse género. E Genoveva contava que ele lhe daria três ou quatro contos de réis. E no dia seguinte, fechar-lhe-ia para sempre a porta de sua casa. Estava-se então a 10 de março. E os anos dela eram no 1.º de abril.

Vítor costumava às vezes ir passar a noite a casa de Genoveva; raras vezes, porque a presença de Dâmaso «embestava-o», como ele dizia.

Mas por esse tempo, uma ocasião, chegando às oito horas, ficou surpreendido vendo Miss Sarah abrir-lhe a porta. Fê-lo logo entrar na sala. Disse

que *madame* saíra com o Dâmaso, de tarde. Tinham jantado fora, e ido à noite ao teatro. E que Mélanie desaparecera. Tinha decerto ido divertir-se fora. Falava de uma maneira desusadamente excitada. Os olhos brilhavam-lhe. Ria-se sem razão. E Vítor compreendeu, vendo na sala a sua garrafa de gim, que a inglesa estava «picada». Achou-lhe graça, aceitou um pouco de gim, acendeu um cigarro, e preparou-se para a disfrutar.

Miss Sarah estava com efeito loquaz. E imediatamente começou a queixar-se de Madame de Molineux. «Era», segundo ela, «uma pessoa de muito mau génio. Não admirava, porque não tivera educação. Era bem triste que ela, Sarah, bem-educada e pertencendo a uma respeitável família, se visse na

dependência de semelhante criatura.» Suspirou, consolou-se com mais gim. «De resto *madame* não tinha princípios. Nunca a vira frequentar as igrejas. Ela decerto não aprovava as práticas, as horríveis práticas, destes detestáveis católicos. Mas enfim, quando se tinha uma religião, e se era uma senhora, devia-se, por dignidade, ir à igreja e aproveitar com o sermão.» E serviu-se de mais gim.

«Apanha uma piteira famosa!», pensou Vítor, muito divertido.

Miss Sarah então veio sentar-se ao pé dele no sofá. E começou a dissuadi-lo de dar tanta atenção a Madame de Molineux. «A mulher estava doida pelo Dâmaso. Fazia mesmo indecências: sempre a beijá-lo, a apaparicá-lo, até se fecharem no quarto de dia, com todo o

descaro.»

— *It is something shocking! It is something disgusting!*

Vítor, subitamente interessado, e desesperado, pediu mais detalhes. Miss Sarah deu-os, inclusivamente o último domingo não se levantarem senão às três da tarde! «Ela ficara tão enojada, que saíra, para não respirar na casa aquele ar de corrupção e de impiedade.» E, falando, bebia, chegava-se para Vítor. Estavam juntos no canto do sofá, e Vítor via o seu rosto vermelho, manchado, inflamar-se, das palavras, dos goles de gim, aproximar-se do seu.

Queixou-se então da sua própria existência. «Via-se numa terra estrangeira, sem amigos, sem relações, sem ninguém que se interessasse por ela neste vasto

mundo. Ninguém!» E deixava cair as mãos no regaço, fitando Vítor.

Mas ele então lembrou-lhe Madame de Molineux...

«Oh, que não lhe falasse nela. Detestava-a»:

— *I hate her!*

«Era realmente justo que Madame de Molineux, uma mulher sem princípios, sem religião, sem nascimento, tivesse todas as regalias da vida: *toilettes*, uma casa confortável, pessoas que a estimavam; e ela, uma mulher bem-educada, uma mulher moral, se visse obrigada a estar na dependência e na necessidade? Madame de Molineux não era uma senhora.» E alteando o peito, soltando as palavras com um acento duro:

— *No! She is not a lady!*

E pousando a mão sobre o braço de Vítor, perguntou-lhe ternamente porque é que gostava daquela criatura, que o não podia fazer feliz, que o não amava, que só gostava de dinheiro.

Vítor, um pouco embaraçado, mas vagamente divertido pela loquacidade alcoólica da inglesa, disse que não a amava, mas que Madame de Molineux o divertia, simplesmente.

«Era verdade? Era verdade?», perguntava ansiosamente a inglesa.

«Certamente que era verdade», disse ele, repoltreando-se no sofá. «Mas porque tinha ela tanto empenho em saber?»

Miss Sarah, que não cessava de se servir de gim, lançou bruscamente os braços ao pescoço de Vítor e declarou-lhe

que o amava.

Vítor ergueu-se, com um pulo, como ao contacto de um esqueleto. E na sua perturbação, falando português, exclamava:

— Ah, não! Isso não! Então? Faz favor! A senhora faz favor!

Mas a inglesa prendia-se a ele, chamava-lhe nomes doces, *darling*, *pet*, dizia que não podia viver sem ele, que era superior às suas forças, que estava doida...

Vítor sentia as suas mãos magras, secas e macias errarem-lhe pelo ombro, pelo pescoço. Todo o seu rosto avermelhado estava túmido de desejo. Soluços entrecortavam-lhe as palavras. Vítor estava furioso. Sentia-se ridículo. E ao mesmo tempo a excitação sensual

daquela mulher magra e longa, exaltada pelo álcool, dava-lhe um certo desejo brutal, extravagante. Havia alguma coisa de irritante naquela devota puritana ardendo nos furores da carne. Mas, se cedesse, como desembaraçar-se dela depois? Aquela ideia atravessou-lhe o cérebro como um relâmpago. Repeliu-a secamente e, arremessando-lhe a palavra *shocking!*, disse-lhe, no seu inglês quebrado, que se calasse, que fosse decente, que se fosse deitar...

A inglesa ainda tentou, à força de carícias novas. Mas ele tinha tomado o chapéu e, recuando, disse-lhe:

— Não. Escusa de se cansar. Não. É indecente, é indecente! A inglesa, humilhada, fitou-o com rancor, e atirou-lhe:

— *Oh, you blackguard!* (Oh, canalha!)

E Vítor, ao sair, ouviu-a dizer, ameaçadoramente, que se havia de vingar!...

Entrou em casa vivamente contrariado. Aquela súbita explosão de paixão, numa inglesa devota, não deixava de o lisonjear. Sentia-se todavia ligeiramente ridículo, e lembrava José e a sua capa. E receava mesmo que a inglesa não armasse uma intriga. Não disse nada, no outro dia, a Madame de Molineux: Genoveva despediria a inglesa e seria trazer a ruína à pobre criatura, só, num país estrangeiro. Mas daí a dois dias, ficou petrificado, recebendo um bilhete de Madame de Molineux, que lhe dizia:

Meu querido. É forçoso que, pelo menos nestes cinco ou seis dias, nem venhas, nem me escrevas, nem me procures e até que recebas uma carta minha, não dês sinal de ti. Grande parte da nossa felicidade depende da tua discrição. É horroroso isto, mas é necessário.

«É a intriga da inglesa», pensou logo Vítor. «Que teria dito? Que teria feito? Naturalmente era fácil conjeturar. Fizera revelações a Dâmaso? Teria dito invenções, calúnias? A incerteza exasperava Vítor. E não podia ir, nem escrever... Procurou encontrá-la na rua, no Aterro, no teatro. Não a viu. À noite passava por casa dela. Via as janelas com luz. «Dava tudo para saber o que se

passava. Que faria? Com quem estaria? Que *toilette* teria?» Às vezes via o coupé de Dâmaso à porta: e aquilo exasperava-o, dava-lhe todas as cóleras do ciúme. Procurava então relembrar, somar, todas as provas de amor que ela lhe dera, as cartas que lhe escrevera, os seus beijos, as suas perturbações, para ganhar a coragem de esperar, de viver. Às vezes voltavam-lhe as palavras dela: «Estou arranjando o meu dote»; e vendo as janelas do quarto dela alumiadas, representava-a sentada nos joelhos de Dâmaso, abraçando-o, rendendo-se, para o *cardar*. Vinha-lhe então um tédio daquela paixão, como se visse de repente todas as nódoas que a sujavam. «E para quem era aquele *dote*! Para ele também. Ela estava ali com outro, arranjando

dinheiro *para ele!* Não era aquilo vil, indigno? Não era ele verdadeiramente um canalha? Pôr-se de acordo com uma mulher, para *cardarem* um simplório e partilharem os resultados da especulação! E para isso, enquanto o *simplório* estava na alcova, ele rondava, esperava ali, com o coração angustiado, ralado de um ciúme ignóbil, os olhos fitos naquele terceiro andar alumiado! Não era isso que fazem os *chulos?*» Vinham-lhe então resoluções de a deixar, de a esquecer. Mas podia lá?! Pertencia àquela mulher, todo: corpo, sangue, nervos, consciência, juízo. Jurava então nunca viver com ela maritalmente, conservar uma inteira separação de interesses, de modo que só ela aproveitasse com o *dote* sacado.

Uma noite, chovia, e Vítor,

desgraçado, cheio de ciúmes, passou pela porta de Genoveva e viu uma tipoia de praça parada. Os dois cavalos, com a cabeça baixa, recebiam tranquilamente a chuva, e dentro do coupé luzia o cigarro do cocheiro abrigado. Havia luz no quarto de Genoveva. Veio-lhe uma desconfiança de que não era o Dâmaso que lá estava. E imediatamente toda a sorte de suspeitas lhe morderam o coração. «Seria *outro?* Ela, tão bela, tão elegante, devia ser desejada! Para completar o seu *dote*, teria aceitado outro amante? Seria para isso que lhe proibira o visitá-la, para que ele não se encontrasse com *outro* além de Dâmaso?» Dirigiu-se ao cocheiro, como para tomar a carruagem.

— Tenho freguês — disse o cocheiro.

— É o senhor Dâmaso, não é?

— É um freguês. Não conheço. Pode ser que seja o senhor Dâmaso. Não conheço.

— Um sujeito de bigode, gordo.

— Não conheço — disse com mau modo o cocheiro. — Não pertenço à polícia.

Vítor, furioso, resolveu esperar. A chuva caía e, envergonhado do cocheiro, tinha-se refugiado na esquina, na Calçada do Pimenta. Não tirava os olhos das janelas. Mas nenhuma sombra passava sobre as vidraças, e a luz, um pouco fraca, parecia ser das velas sobre o toucador. Jurava a si mesmo que, se descobrisse que havia outro homem, romperia com ela. Meditava já a carta insolente, fria, desprezadora, que lhe escreveria. «E se

não fosse um homem para concorrer para o *dote*, mas um amante, um *capricho*, uma fantasia? Se ela se tivesse querido desembaraçar dele?...»

A chuva caía. Tinha os pés frios, os joelhos molhados. As ruas estavam desertas. O lajedo reluzia, molhado, debaixo dos candeeiros de gás. Algumas biqueiras cantavam. E a luz do quarto não desaparecia. E na névoa chuvosa, as duas lanternas da tipoia punham os dois clarões baços, de uma cor avermelhada. De repente, uma voz, ao pé dele, disse, com uma rouquidão áspera:

— O senhor dá-me uma palavra?

Diante dele estava uma figura magra e alta, com um chapéu desabado, um fraquezito roto, pegado sobre a gola, umas calças maltrapilhas. E à luz do gás

via-se, sob a sombra do chapéu, um rosto macerado, com a barba um pouco crescida e os olhos reluzentes.

— Oh, Silva! Ainda bem! — disse a figura.

Mas Vítor não o reconhecia. Olhava espantado aquele homem moço, que tinha todos os andrajos da miséria, e todo o abandono do vício. O homem levantou a aba do chapéu, rosnou:

— Já se não conhecem os amigos.

Vítor ficou petrificado. Era um seu antigo condiscípulo, que desde o 2.º ano abandonara a Universidade. Pertencia a uma família conhecida. E a batota, o vinho, o deboche, tinham gradualmente, de janota a vadio, de vadio a pulha, de pulha a canalha, de canalha a mendigo, transformado aquele bonito rapaz, que

pela Sofia batia a cavalo, naquele macilento desgraçado, que de noite se abrigava pelas portas e pedia patacos aos conhecidos.

O homem tinha-lhe estendido a mão. Mas Vítor sentia um certo nojo em lha dar.

— Podes tocar. Sarna ainda não tenho — disse o outro, com um tom soturno.

Vítor, envergonhado, deu-lhe a mão, dizendo vagamente:

— Que fazes tu por aqui?

— Estou ali abrigado, e quero dois tostões.

Vítor apressou-se a dar-lhe uma placa. O outro meteu-a no bolso, dizendo com um ar jovial:

— Os tempos vão maus. As

propriedades rendem pouco... Está tudo caro. E que fazes tu por aqui?

— Estou aqui à espera...

— Fêmea! É bem cheinho esse ventre. Aposto que tiveste o teu cozido, assado e sobremesa... — riu, rosnou: — Ora a porca da vida!... Dá cá outros dois tostões.

Tinha um modo meio ameaçador, meio patusco. E bamboleava o corpo, com um gingado de bêbado e um quebrado de fadista:

— E como vão os amigos? Como vai o titi?... Ora a porca da vida!... Tens tu um cigarro?

Vítor deu-lhe um charuto.

— Caramba! Fumo charuto! Viva! É bom paletó! — Mostrou os seus andrajos, disse: — O alfaiate faltou-me

esta semana. E então, não se cai com mais outra placa?

— Ouve lá — disse Vítor —, tu viste quem saiu daquela tipoia?

— Estava à espera do gajo. Não vi. Estava à espera dele, para lhe pedir dez tostões emprestados: numa letra a três meses, juro pacato... Raios o partam... Queres saber quem é?

— Queria — e com uma ideia súbita: — Homem, se tu me fizesses uma coisa. Era ficar aqui a ver quem sai, e ir-me dizer a algures. Repara bem no tipo. Tu conheces o Dâmaso. Vê se é o Dâmaso...

O outro coçava-se, como se tivesse bichos.

— E que pagas tu pelo servicinho? Uma loura?

— Dou-te uma loura.

O outro tirou o chapéu até ao chão:

— Criado de Vossa Excelência. Ora a porca da vida! Vai-me esperar para o café, na Rua do Norte. Sabes. Espera até que eu chegue. Queres que quebre a cara ao gajo? Vê lá! É uma picada, se queres. Eu cá sou assim, para os amigos...

Vítor olhou ainda para as janelas, e dirigiu-se para o café da Rua do Norte. Estava quase vazio. As paredes amareladas, muito sujas, defumadas, comiam a luz do gás. Uma fumaraça de cigarro enchia ainda a saleta. E numa vidraça, ao fundo, reluziam as cores amarelas, os vermelhos, de sortidas garrafas de licor, intactas desde anos. A uma mesa, uma mulher enorme, picada das

bexigas, com o cabelo negro, lustroso, uma saia branca tufada, bebia com três homens: um dormia, com a cabeça enterrada entre os braços cruzados sobre a mesa; o outro, com um cachimbo ao canto da boca, o olhar móbil, e errante, e baço, estava tão bêbado que nem sustentava a cabeça, e na sua boca aparecia uma vaga espécie de baba; e o outro, um rapazola macilento, de gravata vermelha, o chapéu para a nuca, os cotovelos sobre a mesa, falava baixo com a mulher, bebendo, a espaços, café por um copo.

Vítor sentou-se a um canto, pediu um café, esperou. O rapazola tinha-lhe deitado um olhar de revés; e a mulher compôs logo o lenço da cabeça e bateu nas saias, tomando uma posição

requebrada. Fora, a chuva agora caía torrencialmente. Um, outro rodar de carruagem, passava ao longe. E por trás do compartimento envidraçado uma chaleira de água fervia. Vítor sentia um tédio, uma tristeza, invadi-lo. E o seu pensamento perdia-se em imaginações da existência calma que poderia ter: para que havia de amar aquela mulher ignóbil, que o traía, que o aviltava, que o levaria decerto à ociosidade e a ações desonestas? E ali estava, às duas horas da manhã, num café de fadistas, esperando as informações de um canalha sobre o comportamento de uma prostituta. Porque não duvidava que o homem que lá estava não era Dâmaso. Dâmaso não sairia por aquela noite de chuva; ou traria o seu coupé, com o cavalo branco, das noitadas

de inverno. Era outro, decerto. Enganava-o! Que diferença, se ele fosse casado com uma linda rapariga honesta! Estava àquela hora em sua casa, junto de um bom fogo, fechando um livro interessante, sentindo a voz doce de sua mulher dizer-lhe: «É tarde, Vítor. Vem.» E aquela amá-lo-ia! Porque é que a sua vida era assim tão irregular, sempre cheia de tristezas ou de dúvidas? Era talvez de família. O tio Timóteo nunca casara, tivera toda a sorte de aventuras errantes. E seu pai morrera novo na África, sua mãe longe no estrangeiro. Que pensaria ela, a sua alma, se houvesse um Céu, se houvesse almas, e o visse ali, naquele momento tão ignóbil da sua existência sentimental? Como seria sua mãe? Porque não deixara um retrato?

A porta abriu-se bruscamente e, a

escorrer água, cansado de ter corrido, o outro entrou. Sentou-se logo ao pé de Vítor. Exalava um cheiro de humidade, de cavalariça, e de deboche. Vítor via agora as suas mãos enegrecidas, de longas unhas, o seu fraque remendado, sem cor, sem botões, pregado no pescoço com um alfinete, um trapo de camisa, que aparecia na abertura, junto às calças ignóbeis.

— Vi o gajo. É um tipo de barba, homem novo. Salta a loura!

— Não era o Dâmaso?

— Qual Dâmaso! Tinha barbas. Salta a loura!

— Vinha só?

— Meteu-se só na tipoia, o cocheiro bateu, e eu larguei. Barba toda preta, chapéu alto, paletó comprido. Ó João, um café! — gritou, ruidoso.

Vítor deu-lhe a libra, e ia erguer-se, mas o outro, agarrando-o pelo braço:

— Que diabo, toma um café. Tens vergonha? Ora, não sejas asno. Senta-te. Não queres? Vai para o Inferno, e recados ao titi... Dá cá outro charuto... Os diabos te levem, dá cá outro charuto, homem! E quando quiseres algum servicinho, cá estou. A mesma loura. E toda a espécie de serviço. Toda. Que eu cá não sou fidalgo, e quem não trabalha não come! E eu quero comer. Raios me partam se não quero comer! Até é mesmo a única coisa que quero. É bom comer, não é? Se é, homem!

— Adeus!

— Vai para o diabo! E obrigado!

Vítor desceu o Chiado, quase correndo. Não duvidava agora. Era outro, um de barba! Repassava todas as pessoas

de barba preta que conhecia! Seria fulano? Seria sicrano? Mas uns pareciam-lhe muito pobres para que ela os explorasse, outros muito feios para que ela os amasse. Tinha-lhe ódio. Desejava vingar-se. E estava resolvido a romper com ela. E o que sentia sobretudo, mais forte que o seu próprio ciúme, era o desejo de a tornar ciumenta a ela, ou de a fazer arrepender de o ter enganado. Desejaria agora a fortuna, para se mostrar em Lisboa num luxo, num esplendor de trens, de casas, que a fizesse *torcer a orelha* por o ter desprezado; ou ter uma amante, condessa ou marquesa, que fosse a demonstração ruidosa da sua superioridade sentimental. E como estes triunfos eram mais difíceis, preparava outro: escreveria um grande livro, seria

célebre. O seu nome chegar-lhe-ia com todas as seduções da celebridade, e todos os esplendores da popularidade. Seria um livro de versos; e ela, através de páginas ardentes e sublimes, veria que grande, que alto coração teria desprezado.

Passou parte da noite escrevendo-lhe. Mas rasgava os rascunhos. Ora desejava uma carta ardente, com todas as exclamações da cólera e as apóstrofes do desprezo; ora um bilhete seco, frio e correto, alguma coisa como a lâmina lustrosa de um bisturi, que lhe cortasse o coração. Depois decidiu-se por um silêncio desprezador, como se ela não existisse, ou fosse tão vil que não valesse um desdém.

Às vezes, passeando no quarto, em chinelas, vinha-lhe como uma alegria de

ter findado aquela paixão; uma serenidade satisfeita enchia-lhe a alma, como se todos os elementos da sua vida encontrassem um equilíbrio súbito. Onde o levaria semelhante paixão? Ela era uma prostituta, era velha, calculista; perdera numa existência atribulada todas as santas frescuras do coração, a ingenuidade da paixão. Que lhe reservaria aquela ligação? Uma vida de ciúmes humilhantes, de tédios desconfiados! Abandonaria a sua carreira, perderia o fervor do trabalho, viveria obscuro, seria apenas o amante *da do Dâmaso*. Fora uma felicidade *abrir os olhos a tempo*. Ainda bem que se lembrara de ir, naquela noite, rondar a casa. Que pena não saber quem era o homem de barba preta! Procurá-lo-ia, e dir-lhe-ia, apertando-lhe a mão:

«Meu amigo, disponha de mim, porque me fez um serviço colossal.»

Mas de repente via-a a ela, Genoveva, sentada nos joelhos do homem de barba, ou abraçando-o, com aquelas doces ondulações do corpo que o encantavam, ou abandonando-se, no desfalecimento do desejo. E vinha-lhe uma cólera, um desejo de vingança, de mortes, de sangue. E impotente, sentindo-se fraco para tantas dificuldades da vida, atirava-se de bruços sobre a cama, arrepelava-se, chorava. Um resto de orgulho fê-lo serenar. Disse alto:

— Que a leve o diabo, que é uma bêbeda!

Deitou-se e adormeceu profundamente.

E ao outro dia, para recomeçar

uma vida digna, foi ao escritório. Havia um mês que lá não tinha ido; e encontrou, como sempre, o Dr. Caminha repoltreado, agarrando com uma das mãos um pé, a outra catando um a um os longos pelos do bigode louro.

— Viva o vadio! — disse ele a Vítor.

Vítor desculpou-se logo com a sua saúde, afazeres particulares.

— Isto aqui não é obrigatório... É gratuito, mas não é obrigatório.

Riu com â sua pilhéria e, enterrando-se na poltrona, concentrou-se sobre os pelos do bigode.

Mas daí a pouco um sujeito calvo, com um passinho miúdo, entrou e, tendo pousado sobre uma cadeira, com cuidado, um chapéu donde transbordava um lenço

de seda da Índia, começou a expor um caso, com uma voz pausada, e gestos lentos da mão formando um O com o polegar e com o indicador. Tratava-se de uma *ação de manutenção*, complicada com uma *ação de restituição de posse*. O sujeito falava docemente, dizia ao advogado «o amigo Caminha». Folheava maços de papéis. De vez em quando ia buscar o lenço, assoava-se, e tornava a colocá-lo, finamente, no forro do chapéu. Parecia gozar com a consulta, dizendo com voluptuosidade os termos jurídicos. Vítor, folheando melancolicamente uns autos, ouvia aquela voz, doce como um zumbido contínuo.

— Mas pode o esbulhado intentar a ação contra o esbulhador, somente?

— Contra o esbulhador...

— Mas se o esbulhador morreu?

— O esbulhado tem a ação contra os herdeiros ou representantes.

— Somente?

— Ou contra terceiro a quem o esbulhador haja transferido a coisa por qualquer título. É o artigo 504.º do Código Civil.

— O facto do esbulho é recente — disse, com um sorriso —, amigo Caminha.

— Prescreveria passado um ano.

— Mas se o esbulho foi clandestino!

— Quando teve o esbulhado notícia?

— Há seis meses, amigo Caminha.

— Tem seis meses, amigo conselheiro. O § único do artigo 504.º é explícito. — E leu: — «...desde o facto

do esbulho, ou de ter notícia dele o interessado, no caso de ter sido praticado clandestinamente.»

— De sorte que temos o esbulhador na mão.

— Se o esbulhado quiser...

Mas o procurador Gorjão entrou. Apesar de ser inverno, por um hábito, apenas tirou o chapéu, fez menção de secar as repas grisalhas da testa com o lenço. Sentou-se discretamente, esperando. De repente acavalou uma luneta no nariz, cruzou os pés debaixo da cadeira e, fazendo o ventre proeminente, pôs-se a ler, passando os seus dedinhos gordos pelo queixo bem barbeado e, vindo sentar-se subitamente ao pé de Vítor, disse-lhe, olhando-o por cima da luneta, com brandura:

— Se uma inscrição de hipoteca, procedente do mesmo título, tiver sido tomada em diversas conservatórias, e a ação se houver de intentar no julgado onde estiver situada a maior parte dos bens onerados», será onde esses bens pagarem mais contribuição direta, ou no julgado do domicílio do registante? Hem?

Vítor olhou-o com terror. Não tinha percebido absolutamente nada da ideia do Gorjão. Fez-se repetir o caso. Torcia o bigode, com os olhos esgazeados.

— Vossa Excelência não se recorda? — E consultando uma nota: — Código, capítulo 10.º, secção 4.ª, subsecção 7.ª, divisão 5.ª. Deve ser por aí. Vossa Senhoria não se recorda?

— Não tenho agora presente...

— Eu estou que pode ser em ambas as partes, se no domicílio do registante existirem bens mencionados... Hem? — E chegando-se-lhe ao ouvido: — É a questão do Tavares.

Mas o amigo conselheiro tinha-se erguido e saído, com o seu passinho dançado. E o Gorjão foi cochichar com o Dr. Caminha.

Na saleta, fora, uma voz monótona, pausada, que indicava um narrador satisfeito, falava ao escrevente:

— Era uma eguazita pequena, rabã, e que fazia o seu dever... Pois senhores, ali pelas alturas da Golegã...

— Pode, tanto num como no outro lugar — disse o Dr. Caminha, voltando-se para Vítor.

— Perdão?... — disse Vítor.

— Pode intentar a ação tanto no domicílio do registante, como no julgado onde houver maior número de bens onerados...

— Ah!... — fez Vítor.

E a voz na saleta:

— Eu não faço uma nem duas, seu Augusto! Apeio da égua, prendo-a a um galho de sobreiro...

Mas a voz interrompeu-se. Um homem com um paletó comprido tinha entrado. E logo a voz do escrevente, grossa e roncando:

— Faz favor de falar ao Sr. Doutor. Faz favor de falar ao Sr. Doutor.

O homem do paletó entrou. A sua cara amarela, com a barba mal feita, tinha um ar oleoso e macilento. Trazia calças de lustrina, que o uso fazia luzir

sebaceamente e, com um saco preto na mão, explicou que o Sr. Albuquerque, da 2.ª vara queria os autos imediatamente, e lhe tinha dito que se não fosse sem eles.

O Dr. Caminha ergueu-se, e com uma punhada na mesa:

— Diga ao senhor Albuquerque que quem quer negros manda-os vir do Brasil... Diga-lhe que vá...

Sentou-se, molhou violentamente uma pena, repeliu-a.

— Acho graça à exigência!... Não estão prontos, não estão prontos, não estão prontos! Caramba! — outra punhada sobre a mesa. — Pensam que vou agora matar-me para fazer a vontade ao Sr. Albuquerque? Com a faca aos peitos não trabalho. Não trabalho! Bem, acabou-se. Diga ao Sr. Albuquerque que histórias!

E o «poderoso orador forense» sentou-se, furioso.

O homem do paletó saiu, curvado. E por trás viam-se as suas orelhas, tão despegadas do crânio, que pareciam as duas asas de um vaso. E houve um silêncio.

Vítor sentia uma melancolia tão intensa, que lhe vinham suspiros. Fora, o sol caía abundante; carroças rolavam; às vezes um pregão cantava. Um tédio moroso e triste parecia encher como um fumo o escritório. O aspeto do papel selado dava-lhe náuseas. E o dorso dos in-fólios na estante estava uma tristeza calma e lúgubre. E a voz do narrador continuava:

— Quando cheguei à Golegã, não fiz uma nem duas, fui ao regedor...

E o Dr. Caminha, ainda na consulta com o procurador, lia com uma voz monótona: «Os ónus reais com registo anterior ao da hipoteca de que resulta a expropriação...»

Vítor não se conteve. Ergueu-se, tomou o chapéu, disse que voltava já...

«... ou ao da transmissão mencionada no artigo antecedente», continuava o Dr. Caminha.

Ao passar pela saleta, Vítor ouviu o narrador, que era um homem corpulento, cor de tijolo, com esporas em grossas botas de prateleira, dizer, satisfeito:

— E ou o homem há de fazer a alcorca por fora da vala, ou há de saber quem é o Pedro da Golegã!

Vítor bateu com a porta de baeta verde. Desceu a escada. Na rua, respirou

amplamente. Estava resolvido a não voltar ao escritório. Aquele tédio era superior às suas forças. Só ao entrar ali, todas as suas faculdades se entorpeciam. Não compreendia as palavras. A linguagem jurídica era como uma língua estranha e bárbara, que lhe causava melancolia. Aquelas figuras de procuradores, de fiéis de feitos, as preocupações das demandas, as explicações maçadoras das partes, faziam como uma atmosfera espessa, onde mal respirava e se sentia entontecer. E aquela era a sua profissão! Que lhe restava agora? Perdera o amor a Genoveva. A sua vida estava estragada. Odiava a sua profissão, fora enganado no seu amor e, socialmente e sentimentalmente, parecia-lhe que tudo findara para ele. Odiava

Lisboa...

E de repente lembrou-lhe a proposta do tio Timóteo, de ir a Paris. Veio-lhe um entusiasmo súbito. Os planos, as esperanças, precipitaram-se no seu espírito. Iria por terra, veria Madrid. Via-se já no Boulevard, jantando nos cafés históricos, aplaudindo as peças ilustres, vendo passar na rua os génios. Talvez alguma mulher o amasse. Porque não? Não lhe dissera Genoveva que o seu tipo agradaria em Londres? Londres! Veria as corridas, iria visitar, descoberto, o túmulo de Shakespeare, ou passearia nos parques, onde brilha a plumagem dos faisões e gravemente passam os passos dos veados. E logo nesse dia ao jantar expôs, acentuou, a sua tristeza. Falou pouco, suspirou, mostrou-se tão desolado, que o

tio Timóteo disse-lhe:

— Homem, eu se fosse a ti dava um tiro no ouvido.

— Porquê?

— Pois, aos vinte e três anos, essa melancolia, suspiros, ais, cara de frade místico, que diabo! Mata-te, homem! Queres a minha pistola? Mas não te falhes. É ridículo e desfigura.

E Vítor perguntou-lhe então se ele ainda estava na ideia de o deixar ir viajar...

— Ah, queres-te ir? — disse o tio Timóteo, tirando o cachimbo da boca e fitando-o. E sacudiu a cinza. — Bem, o que está dito, está dito. Eu já estou um bocado velho para ficar para aqui só com um cão. Mas vai, vai.

— Três ou quatro meses —

lembrou Vítor.

— O que está dito, está dito. Quando quiseres, fala.

Vítor falou em partir essa semana logo.

— O que está dito, está dito — rosnou o tio Timóteo. — *Quod scripsi, scripsi*, como dizia o amigo Pilatos.

Tossiu, fez estalar a língua e ficou calado, com um aspeto furioso.

Vítor, à noite, no seu quarto, saboreava já toda a alegria da partida. Parecia-lhe ter esquecido Genoveva. Achava-se agora bem tolo em ter dissipado, naquela paixão, uns poucos de meses da sua vida. Mas enfim, se ela lhe trazia uma viagem a Paris! E o que o encantava, e lhe dava uma alegria de vingança, era o ir despedir-se de

Genoveva: entrar, sentar-se, friamente dizer, com o chapéu na mão: «Venho receber as suas ordens para Paris.» «Parte?» «Por um ano ou dois... Aborrecia-me tanto em Lisboa.» E esperava que ela sofreria, teria ciúmes.

Talvez quisesse vir! Aquela ideia, todo o seu sangue se alvoroçava. Ir com ela no mesmo vagão, visitarem ambos os museus, jantarem num restaurante, passarem noites deliciosas pelos quartos de hotel, no imprevisto da aventura e no êxtase da paixão!

Mas qual! Se ela quisesse, recusava. Desprezava-a agora. O senhor de barba preta que a aguentasse! Estafermo! Prostituta vil!

A Clorinda abriu a porta do quarto, e disse:

— Está ali um cocheiro, que diz que há uma pessoa em baixo que lhe quer falar.

— Que pessoa?

— Não disse. Diz que está à espera em baixo.

Vítor desceu, agitado. Um coupé de praça estava parado à porta. Abriu a portinhola. A voz de Genoveva disse:

— Vítor, entra! — e atraiu-o pelo braço.

Achou-se sentado ao pé dela. E o cocheiro imediatamente partiu.

— Querido! — disse Genoveva abafadamente. E lançando-lhe os braços ao pescoço, cobriu-o de beijos ansiosos, com um murmúrio sufocado de palavras ardentes: — Não pude estar mais tempo sem te ver. Estava como louca... Foi

necessário. Se tu soubesses! Escreveram ao Dâmaso. Diz, pensaste em mim? Diz, amas-me? Fala.

Vítor sentira-se tão subitamente nos braços dela, estava tão surpreendido, que apenas instintivamente respondia aos seus beijos. O coupé descia a trote largo a Rua do Alecrim. Ele via a grande roda da sua saia branca enrodilhada aos pés. Tinha um casaco de seda, onde havia peles; na cabeça, uma renda negra. E da sua pessoa saía um frufru de sedas, e um perfume penetrante.

— Vim mesmo como estava em casa. Pude escapar-me um momento. Mas estamos livres. Em três dias estamos livres. Que tens tu?

Vítor afastou-se para o canto da carruagem, e disse:

— Mas perdão, perdão... Realmente não pode haver nada entre nós... Quem era o homem de barba que esteve em tua casa até às três da noite?

Genoveva não respondeu logo. E por fim:

— Que homem? Quando?

— Ontem. Saiu de tua casa às duas horas da madrugada.

— Havia de ser algum amigo do Dâmaso. Ontem — e parecia lembrar-se — ceámos, estivemos a jogar até tarde. Havia dois sujeitos: o Visconde de Tovar, e outro que não me lembro o nome — e acrescentou: — de barba loura.

— Não, não. Um homem de barba preta. E saiu só.

— Mas que sei eu disso? Eu sei lá! Talvez não fosse de minha casa. Há

mais moradores na casa. Podia vir do primeiro, do segundo, do quarto andar. Que pergunta tão ridícula!

Podia vir de outro andar! Como não lhe tinha lembrado logo? Ficou convencido que devia vir de outro andar. Mas o que o persuadia era a voz dela, o calor das suas carícias, o perfume que saía das suas saias. Tinha vontade de a devorar de beijos, mas, por um resto de resistência orgulhosa:

— Não havia luz nos outros andares.

— Que queres tu dizer? — E imediatamente, batendo nos vidros: — Pare! Pare!

— Que é?

— Quero que saias, que te vás — e a voz de Genoveva tinha todas as

vibrações da cólera e do despeito. — Eu venho-te ver, com sacrifício, louca de amor, e tu recebes-me com insolência! Pare!

O cocheiro parara. Genoveva, com força, abriu uma portinhola, acamou as saias, e disse-lhe secamente:

— Adeus. Podes ir.

— Genoveva...

— Pois tu pensas que eu recebo homens, de barba ou sem barba, às duas horas da manhã? Tu tomas-me pela tua Aninhas? Sai. Vai!

— Continue, cocheiro — gritou Vítor, fechando violentamente a porta.

— Não quero! — fez ela.

Mas ele prendeu-a nos braços, devorou-a de beijos, disse-lhe:

— Perdoa! Mas tive tantos

ciúmes! Ia a passar por tua casa, vi uma tipoia parada, havia luz no teu quarto. Genoveva, jura-me, não era ninguém, não?

— Não juro nada! — disse ela com força. — Que direito te dei eu para me insultares?

— Perdoa...

— Conheces-me há dois meses, faço tudo por ti, sacrifico-me por ti, adoro-te, não penso senão em ti, por ti sabe Deus a que repugnante serviço me dou; e porque há um sujeito que sai do meu prédio, dizes-me que recebo homens.

— Eu não disse!...

— Disseste!

— Juro-te...

— Se havemos de começar com desconfianças, questões ridículas, amuos, bem, acabemos por uma vez.

— Não, nunca mais! Mas diz que me perdoas. Estava doido. Queria ir para Paris! Queria ir amanhã despedir-me de ti, dizer-te muito secamente se querias alguma coisa.

— Tu — disse ela, pondo-lhe a mão no ombro; e teve um sorrisinho —, ir para Paris, deixar-me? Nana! — E chegando o rosto ao pé dele: — Matava-te!

Apertou-o contra o seio. Beijava-lhe os olhos, os lábios, a testa. As suas mãos errantes como que tomavam posse dele:

— Meu adorado Vítor! Meu amor! Diz que és meu, só meu, o meu escravo, a minha vida, o meu amante, o meu homem! Oh, querido!

Esteve um momento abraçada a

ele, como desfalecida. E de repente, erguendo o rosto:

— Não me posso demorar! Devo estar em casa às dez horas. Diz-lhe que vá para casa. Tu apeia-te ao começo da rua.

Mas Vítor interrompeu-a logo:

— Mas explica-me agora o que se passa, porque tem sido esta separação.

— Ah! Não imaginas... Escreveram uma carta anónima a Dâmaso: que eu que te recebia, que era tua amante, que tu me ias ver quando ele não estava... E eu, percebes, eu que preciso dele agora, quis afastar toda a suspeita. Estes dias de separação valeram-me um par de contos...

— Foi a inglesa — disse Vítor.

E contou-lhe a cena com Miss Sarah. Era a inglesa que se vingava.

Genoveva estava petrificada:

— Ponho-a na rua além de amanhã. Não digas nada. Ah, a infame! Se não deviam chicotear semelhantes mulheres... E tu resististe?

— Como José do Egito.

Riram. Ela beijou-o mais.

— Quem te não há de adorar, meu amor, com esses olhos. Escuta. O animal do Dâmaso há de ir procurar-te e convidar-te para vir jantar amanhã. São os meus anos. — E disse-lhe ao ouvido: — É o nosso jantar de noivado. Amanhã estou livre.

A carruagem parou ao começo da Rua do Alecrim. Vítor saltou. Ela tomou-lhe ainda a mão pela portinhola, beijou-lha. Aquela carícia humilde deu um enternecimento tão profundo a Vítor, que lhe vieram as lágrimas aos olhos. Viu a

carruagem afastar-se, com o olhar devoto com que seguiria no céu o rasto luminoso da aparição de um anjo. Olhou em roda de si: queria falar a alguém, abraçar alguém, proteger alguém. Uma pobre aproximou-se, coberta com um véu. Vítor deu-lhe tudo o que tinha: quinze tostões!

«Amanhã, amanhã», repetia, subindo a Rua do Alecrim. Parecia levado no ar, suspenso pela dilatação da sua alma, ligeira, subtilizada. E no ímpeto da alegria rompeu pela rua acima, cantando *A Marselhesa!*

11

Quando Vítor, às sete horas da tarde do primeiro de abril, entrou em casa de Genoveva, ficou surpreendido. Não conhecia ninguém. Com efeito, Genoveva tinha dito a Dâmaso:

— Para jantar aqui, tudo menos aquela gente da *soirée*. Nada de académicos caturras, nem de poetas peludos, nem de velhas de turbante. Quero gente lavada, com *toilettes* e com graça.

E Dâmaso, depois de combinações complicadas, tinha submetido a Genoveva uma lista. Ela conhecia algumas das pessoas, outras pareceram-lhe aceitáveis, pelo sonoro do nome, e por excentricidades biográficas. E Dâmaso,

radioso, reunira enfim, uns dias depois, «uma sociedade do primeiro chique».

A sala estava fortemente alumiada pelo lustre de gás. Sobre as mesas, serpentinas douradas punham o clarão elegante das muitas velas de estearina. Havia ramos de camélias e de violetas nos vasos. O piano estava aberto. E as cores dos vestidos, as gravatas brancas dos homens destacavam na decoração um pouco escura do estofo da sala, davam um aspeto rico, completando o murmúrio discreto das conversações e o palpitar brando dos leques.

Genoveva adiantou-se logo para Vítor. Estava maravilhosamente bela. Tinha um vestido de falhe cor de milho, com magníficas rendas. O decote quadrado, mas baixo, mostrava o

esplendor dos ombros, a delicada carnação do peito. A manga descia apenas até ao cotovelo, envolvendo o braço num fofo de rendas. Os seus cabelos louros, penteados simplesmente, à inglesa, ligeiramente ondeados, tinham apenas por enfeite barbelas de milho. E aquela combinação de louros pálidos e de cor de milho tornava a sua beleza infinitamente elegante e aristocrática. Não tinha joias. E no corpete, uma soberba rosa magenta punha na decoração delicada da sua pessoa um ponto de cor vigorosa e atrevida.

E a pressão apaixonada da sua mão deu a Vítor uma sensação deliciosa de orgulho, desses amores misteriosos. Por uma impressão, Vítor curvou-se e beijou-lhe a mão. Madame de Molineux

foi logo apresentá-lo à senhora que ele devia conduzir à mesa: Madame Siralli. Era uma segunda-dama de São Carlos, alta, forte, com um nariz borbónico, o cabelo de azeviche, uns dentes esplêndidos. Tinha feito a sua carreira italiana nos teatros excêntricos da América do Sul. Conhecia o México, o Peru, o Chile, um pouco o Brasil. Fora muito tempo dama em Covent-Garden. Falava com finura todas as línguas, mesmo um pouco o português. E das suas viagens, das suas aventuras, ganhara uma vivacidade original de conversação, uma acumulação pitoresca de anedotas e atrevimentos masculinos. Tinha uma *toilette* um pouco violenta, onde se ressentia o gosto aparatoso e destoante de Havana ou de Valparaíso. E as suas

maneiras tinham o desenvolto do bastidor, combinado com um cerimonial veneziano.

Depois, Dâmaso apresentou-o aos dois homens. Vítor conhecia-os, da rua. Um era o conde de Val-Moral. Conservava-se de pé, imóvel, numa correção palaciana. Já viera uma vez a casa de Genoveva; e ela dizia que, sendo insuportável pela estupidez, era indispensável pela figura. Era com efeito um destes personagens mudos e impassíveis muito apreciados em Londres e Paris e cuja figura bela, decorativa, fica bem nas salas, como um vaso raro ou um quadro moderno. Sendo louro, era todavia útil, quando a guarnição e os estofos tinham um tom escuro. «Em Paris», dizia Madame de Molineux, «este imbecil podia viver, alugando-se a vinte libras

para os jantares de cerimónia.» Era alto, bem proporcionado, tinha uma fisionomia de raça, com certas linhas patrícias, uma bela barba loura, uma correção pura de *toilette*. Educado no estrangeiro, os seus anéis, a sua gravata de pontas quadradas, as suas meias de seda preta, tinham o estilo exato. Passava pela «pessoa mais fina de Lisboa». E, sempre de pé, em atitudes convencionais e formalistas, com uns peitilhos resplandecentes e rijos, exprimia a sua imbecilidade de figurino com a majestade de instituição. E, grande jogador de *whist*, e casado com uma senhora ilustre, que tinha um amante no comércio, seria inteiramente feliz, se não sofresse dos calos.

— Tu conheces o D. João Maia? — perguntou Dâmaso a Vítor.

— De vista.

E Dâmaso apresentou-o. D. João Maia era filho de uma das mais velhas casas de Portugal. Uma velha tia dele, senhora temível pela maneira de perguntar acerca das pessoas: «É peão? É vilão?», dizia ordinariamente: «O nosso avô Egas Moniz.» Mas D. João da Maia era republicano. Era-o pelo menos secretamente, porque, tendo a convicção arraigada de que os republicanos não se lavavam, hesitava em publicar as suas simpatias revolucionárias. Ligava-se, porém, facilmente com gente do povo. Gostava de comidas ordinárias: caldo verde, bacalhau, etc. Era fácil encontrá-lo nas tavernas, e apreciava a conversação dos fadistas. Tinha porém as maneiras mais delicadas, os hábitos mais finos, e

predileções literárias. Pertencendo a uma família devota, era ateu. Não acreditava em Deus e detestava os padres. A música de igreja, porém, comovia-o, e tinha uma certa religião refinada, elegante e romanesca, pelo Cristo poético, com túnica de linho branco, perfumado por Madalena, louro, e dizendo parábolas belas como poemas, à beira dos lagos doces da Galileia. Exaltava-se pela arte. Adorava Alfred de Musset. E a sua moral era esta: procurar o divertimento, fugir da seca. Falava com graça. Tinha de repente ditos que faziam abrir os olhos, e davam o encanto de uma linda luz doce que subitamente luzisse. Era alto, bonito, com o cabelo muito anelado, um ar lânguido. Arrastava-se, meio deitado, pelos sofás. Tinha com as mulheres um ar carinhoso e

íntimo, a que o seu sorriso dava muito encanto. Era de uma generosidade de Nabab, sendo pobre como Job. Os credores, todavia, não o torturavam: tinha com eles denguices sedutoras. Fora educado em Inglaterra. Era recebido em algumas salas aristocráticas de St. James Square. Tinha entrada num dos clubes de Pall-Mall. Mas preferia dançar no Argill, ou jogar o boxe nas docas de Londres. Dizia-se dele: «É um estroina!» Não lho diziam todavia alto. Porque tinha uma felicidade extrema em dar bofetadas, ou quebrar uma cabeça. É verdade que, depois, era o primeiro a levar o ferido e pôr-lhe pontos na primeira botica, a metê-lo num trem e tornar com ele à família. Estava sempre envolvido em dificuldades de dinheiro ou de mulheres. Mas ia aos

amigos, contava, rindo, o seu caso, e achava sempre uma bolsa dedicada, ou uma atividade experiente. Vivia pelos hotéis, gastando muito, com o relógio muitas vezes no prego. Fazia esmolas. E quando não tinha dinheiro, metia-se na cama, com um romance ou um livro de ciência, e uma garrafa de champanhe. Em toda a parte estava *à vontade*. Tinha um ar de *príncipe bom rapaz*. Genoveva admirava-o muito. Dizia: «É impossível ter uma paixão por ele. Mas é difícil não ter um capricho!» Foi uma das personalidades mais simpáticas, e destacou vivamente no fundo banal da Lisboa burguesa. Por isso chamavam-lhe doido.

Mas uma das pessoas que mais impressionavam Vítor, era uma senhora

que no sofá conversava com Genoveva. Ouvira-lhe chamar D. Joana Coutinho. Era extremamente alta, magríssima, vaporosa, débil, aérea. Tinha um vestido azul, com folhos, tules, gazes, que flutuavam incertos, de cores fofas e leves. Os seus olhos pretos tinham um olhar místico e terno. Os gestos dos seus braços tinham a impaciente volubilidade de asas. Estava meia deitada e meia pousada no sofá. E com as suas formas transparentes, os seus tules, as suas gazes, parecia pronta a voar, e desaparecer.

— Quem é? — perguntou ele a D. João da Maia.

— Uma alma! — respondeu o descendente de Egas Moniz.

— E a outra? — e indicava uma mulher bem feita, com um vestido

escarlate e preto, de um louro cor de manteiga; e com os beiços tão finos que a sua boca parecia uma fenda, e o nariz um pouco arrebitado.

— Madalena Gordon. Nada que ver com o duque de Richmond e Gordon. Não. É uma dançarina, ou foi uma dançarina. Está com o Barão de Mainz, um velho de chinó. Não está aqui: a donzela veio só. É bom conhecimento, dá ceias, não se seca a gente. Mas muito virtuosa! Estupidamente virtuosa: com um grande horror aos homens, e um grande fraco pelas mulheres.

Mas deram sete horas no relógio da sala. E imediatamente Genoveva foi tomar o braço do conde de Val-Moral. Dâmaso, gordinho e jubiloso, precipitou-se a arquear o seu para D. Joana

Coutinho. E desfilaram, com uma solenidade de préstito, com o frufru de caudas de seda, pelo corredor tapetado.

— Esta casa tem um estilo chique! — observou Madame Sivalli a Vítor.

A mesa brilhava da luz viva de um lustre de gás. As facas novas reluziam, ao pé dos pratos de ostras. Em torno de dois vasos de flores estavam dispostas as sobremesas. Os vidros delgados e picados de luz dos copos tinham uma doçura atraente. E errava um vago aroma raiado do cheiro de limão. E sobre um alto aparador, dois altos globos carcel punham pontos vivos de luz nas curvas dos pratos e na borda das travessas. Dois criados de Dâmaso serviam, com outro do Hotel Central.

Como a mesa era quadrada, cada

um dos pares ocupava um dos lados. Genoveva, que tinha à sua esquerda o conde de Val-Moral, pôs logo o seu pezinho sobre o pé de Vítor, com uma pressão apaixonada. E cada um dos convidados, ao desdobrar o guardanapo adamascado, achou nas pregas um raminho de violetas.

— Veem-se bem as opiniões bonapartistas da casa — observou João da Maia às suas vizinhas: a alemã Gordon, a vaporosa Coutinho.

— É a minha flor predileta — respondeu a Coutinho. — Nenhuma flor tão poética... — e punha a cabeça de lado, com uma expressão desfalecida.

João bem depressa se voltou para a alemã, pedindo-lhe notícias «daquele excelente barão. Ainda tinha a mesma

sorte ao bacará? Tinha-o delapidado de oito libras, na última vez que ceara em casa dela. Fazia verdadeiramente mentir o provérbio: que a felicidade ao jogo traz a desventura no amor».

A alemã respondia por monossílabos, e os seus olhinhos frios e azuis, de pestanas brancas, não cessavam de admirar Genoveva.

— É adorável, não é verdade? — perguntou-lhe João, seguindo a direção do seu olharzinho, de uma lubricidade seca.

— É perfeita — disse a alemã.

João então quis saber o que ela considerava a mulher perfeita. E como ela hesitava, retraindo-se, franzindo os seus beiços secos, João, erguendo a voz, pediu as outras opiniões, «como se estivéssemos num concílio».

D. Joana Coutinho achava perfeita a mulher com alma, «com uma alma elevada, nobre, entenda-se...»

Dâmaso enterrou o pescoço no colarinho e, com um olhar fátuo para Genoveva, disse, com autoridade:

— A mulher perfeita é cá uma pessoa que eu conheço...

— Não vale! Não vale! Fala-se em geral — disseram.

E Vítor, interrogado, respondeu:

— A que se ama! — e o seu pé indicou a Genoveva em quem ele pensava.

Mas quiseram então conhecer a opinião do conde. Direito, ornando a mesa pela bela solenidade do seu aspeto, conservara-se calado, os cotovelos cerrados ao corpo, pegando no garfo e na faca com delicadezas escrupulosas e

arrebitações de dedos que faziam reluzir os seus anéis. Sorriu, refletiu, respondeu, com uma voz espessa:

— Por exemplo, Sua Majestade.

— Não vale! Não vale! — exclamou logo João da Maia. — Fala-se em geral. E além disso é ferir, sem razão, os meus sentimentos republicanos...

— E os meus! — acudiu Vítor.

— É amargurar-nos a sopa! — resumiu João.

O conde, assustado, disse, pondo as mãos sobre o peito:

— Eu peço perdão, se...

Tranquilizaram-no. Afirmaram-lhe que era uma «brincadeira».

— O meu respeito pela opinião — balbuciava o conde.

— Mas não! Não! — Disseram.

— São ares que se dão! São lá republicanos...

E João da Maia então, para divertir as senhoras, contou uma conspiração, de que tinha feito parte, para proclamar a República. O local era um quinto andar da Rua dos Capelistas. O santo-e-senha dos conspiradores era: *Sic itur ad astra*. O que, segundo João, era excessivamente apropriado, quando se tinha de subir ao quinto andar.

— Era divertidíssimo — disse. — Nunca lá me sequei. O plano era simples. Era reunir seis mil operários, comprar armas, atacar o Castelo de São Jorge, e depois, de lá de cima, dizer para baixo, para a cidade: «Agora ou a República ou a metralha.» Todos os lojistas, todos os proprietários, que têm os seus armazéns e

os seus prédios na Baixa, votavam naturalmente pela República. Depois instituía-se o tribunal revolucionário. Tínhamos já a lista das vítimas: na frente, a família real; depois... lá estavas tu, Dâmaso. Eram duas ou três mil cabeças. Cada um levava todas as noites uma lista das pessoas que deviam ser sacrificadas. O Padre Melo, um tipo, tinha dado os nomes de todos os bispos. Eu dei o nome de todos os meus credores, já se vê. E a coisa gorou-se, porque faltou o dinheiro para as armas. Nunca reunimos mais de 7$200, dos quais eu dei uma libra. Por fim o padre Melo desapareceu com o cofre. E a Ordem prevaleceu. Sim, *chablis* — disse, ao criado que por trás se inclinava com uma garrafa na mão.

E Dâmaso logo chamou a atenção

do conde para o *chablis:* «Que lhe parecia? Que lhe parecia?»

O conde provou, refletiu, concentrou-se, cerrando os olhos, e disse, com um tom profundo:

— *Chablis*.

— Sim, mas que tal? — insistiu Dâmaso, com o ar próspero de dono de casa. Deitava olhares para os criados, sorria, repoltreava-se, contemplava Genoveva. — Que tal, conde, que tal?

O conde, que não cessara de refletir:

— Bom *chablis*.

E retomou o seu silêncio solene.

D. Joana Coutinho dizia a João da Maia:

— Eu, o meu vinho é o *Lacrima-Christi*. Uma gota de *Lacrima Christi*.

De resto, achava muito ridículo beber vinho e comer. «Não se devia comer em público. Ficava sempre mal a uma senhora.»

— A minha ideia tem sempre sido, que as pessoas verdadeiramente delicadas deviam reunir-se para comer morangos e beber leite...

— E depois, na alcova, a portas fechadas — disse João, rindo —, devorar as boas postas de carne!

— Que horror! — fez ela, enojada.

Mas comia apenas com a ponta dos dedos, debicava migalhinhas de pão. Os seus movimentos sobre a cadeira pareciam os de uma ave assustada. E constantemente em volta dela havia uma gaze, uma renda, ou um tule, que punham

sobre a sua pessoa transparências vaporosas e a ideia de asas.

Mas João da Maia tinha perguntado alto, através da mesa, a Vítor:

— Pois não é sua opinião?

E como quiseram saber «a questão», João disse:

— Dizia eu a esta senhora que achava horrível afetar horror pelas coisas sólidas e necessárias. Oh, não falo pela senhora D. Joana. Mas, por exemplo, é o mesmo que com o amor platónico. Há mulheres que não falam senão da alma, que dizem aos seus adoradores: «Ah, meu amigo, os desejos carnais, que horror, que nojo», etc.; e parece que vivem num estado de pureza ideal. Pois bem: ordinariamente são pessoas que têm maridos robustos, que lhes fornecem um...

D. Joana protestou, horrorizada:

— Que conversação!

Genoveva mesmo tomara uma expressão séria. A alemã franzira os beiços, numa desaprovação desdenhosa. E Dâmaso, dobrando-se para João, repreensivamente, quase aflito:

— Oh, menino!

João calou-se, sorriu, e disse baixo à dançarina, num mau alemão de colégio:

— É um convento, isto!

— É uma sala — respondeu pretensiosamente a concubina do barão.

«Súcia de desavergonhadas!», pensou João.

Mas a excelente Sivalli tinha retomado a «questão» com Vítor, e dizia:

— Eu nunca acreditei no amor

platónico. Nos homens, já se entende o que é — e ria, com muita malícia, com o guardanapo sobre o rosto. — Nas mulheres, é desejo que se empregue a força...

— Claro — disse Genoveva, franzindo a testa.

— Ah, bem, não se pode rir um bocado? Deixa-nos conversar. Não há nada melhor do que falar de pecados, a não ser cometê-los.

João, que ouvia, saudou-a de longe com o cálice de Bordéus, confraternizando no amor das conversas libertinas.

Mas algumas palavras altas de D. Joana Coutinho fizeram recair a conversação sobre as peregrinações a Nossa Senhora de Lourdes, e sobre a água

milagrosa. As senhoras extasiaram-se sobre as virtudes sublimes daquela fonte.

— Tem? — perguntou D. Joana a Genoveva.

«Infelizmente não tinha. Em Paris sim, que lha dera o abade Beauvot, da Madeleine.»

— Eu tenho — disse a alemã.

E houve como uma simpatia entre as três, devota e satisfeita. D. Joana disse, chegando o cálice aos lábios, bebendo um golo:

— É um bálsamo celeste.

Dâmaso, que julgou que ela exaltava o bordéus, acudiu:

— Oh, excelente. É *Chateau-Léonville*. Prefiro-o muito ao *Margaux*.

— Impiedades não! Impiedades não! — disse, desolada, D. Joana.

— São do mais detestável gosto — disse imperiosamente Genoveva.

— Minha rica — acudiu Dâmaso aterrado —, eu supus...

Genoveva cortou secamente:

— Basta!

Dâmaso fez-se escarlate. Houve um leve silêncio. E João da Maia perguntou, com seriedade:

— Bebe-se com vinho, a água de Nossa Senhora de Lourdes? — E vendo as expressões escandalizadas: — Oh, perdão. Eu sei perfeitamente o que digo. É uma opinião que ouvi exprimir a altas autoridades eclesiásticas. O ano passado, em Roma, em casa da princesa Babaccini... — e tomando um tom pomposo, de cerimonial: — estava o cardeal Casabianca, monsenhor Berwick,

dois prelados da Câmara, Sua Graça de Norfolk... estava... — e procurava recordar-se doutras ilustrações devotas. As mulheres escutavam-no agora, atentas, atraídas. Havia umas cabeças curvadas, no silêncio simpático, uma reverência elegante por aquela enumeração católica. — Estava... enfim, tudo, o melhor de Roma. E eu ouvi dizer ao abade de La Chermaie, um santo, que em caso de doença, se podia tomar a água de Nossa Senhora de Lourdes com dois dedos de vinho de Espanha.

— Nunca ouvi! — disse D. Joana, admirada.

— Cito opiniões romanas, minha senhora!

Houve um silêncio discreto. Pareciam saborear aquela revelação de

uma verdade santa. E João da Maia pensava baixo:

«Que grandes pândegas! Que patusca espécie de mulheres!»

Mas Dâmaso, então, a quem o jantar dava sempre uma alegria loquaz e um desenvolvimento, deixou cair sobre a Nossa Senhora de Lourdes a sua opinião:

— Carolices!...

D. Joana Coutinho pareceu muito chocada. E Genoveva declarou excessivamente burguesas e de mau tom as afetações de ateísmo.

— Quanto mais — acrescentou Vítor, que queria enterrar a besta do Dâmaso —, quanto mais que essas crenças são as consolações de muitos infelizes, de entrevados, de doentes, que não têm outra esperança, e para quem

Nossa Senhora de Lourdes é uma esperança suprema.

Aquilo pareceu muito bem dito, muito elegante, aristocrático. O conde mesmo apoiou, com a cabeça. Genoveva disse:

— Fala como um homem de coração — e o seu olhar beijou-o, cheio de reconhecimento.

No entanto, o conde torturava o intelecto, para dizer alguma coisa a Genoveva. Enfim, depois de grandes preparativos interiores, perguntou-lhe se ela tencionava ir às corridas, a Belém.

Genoveva «não lhe parecia. Tinha ouvido que era uma sensaboria mortal...»

Dâmaso protestou. Falou na beleza do hipódromo, nos cavalos de raça, em jóqueis ingleses que deviam vir...

E Vítor, interrompendo-o:

— Madame de Molineux tem razão. As corridas fazem dormir. Falta tudo o que constitui a animação das corridas: as mulheres elegantes, os *drags* a quatro, o champanhe bebido no alto dos breques, a excitação das apostas...

E irritou tanto Dâmaso, amesquinhando as pilecas, que o obrigou a exclamar, vermelho:

— Ora, que sabes tu disso?

— E tu? — disse Vítor.

Genoveva declarou logo que Vítor tinha razão. O verdadeiro divertimento nacional era os toiros. Para as corridas nem havia público, nem cavalos, nem jóqueis, nem dinheiro...

João da Maia acrescentou:

— É uma caricatura. São como os

saltos do Campo Grande. Ver sujeitos, em cavalos de aluguel, a tropeçar numa sebe artificial, de raminhos de árvores, sustentada por dois galegos, é grotesco...

— Mas... — disse Dâmaso.

— Basta, meu amigo — disse Genoveva. — Como *sportsman*, não tenho fé em si.

Dâmaso, rubro, humilhado, não achou uma palavra. E bebeu de um trago um grande copo de vinho...

Mas D. Joana Coutinho achava todos esses divertimentos brutais e próprios de gente grosseira. «Touros, corridas, *sports*, lutas atléticas, *croquet*, que significava tudo isso? Um emprego estúpido de força.»

— Pouca delicadeza de alma. Um homem deve ocupar-se doutras coisas...

— De quê? — perguntou João.

— De coisas nobres, de sentimentos elevados, grandes ações.

— Mas uma pessoa não pode estar todo o santo dia a fazer grandes ações.

— Mas deve ler os poetas, entusiasmar-se pelos grandes homens... — e voltando-se para Dâmaso: — Qual é o seu poeta favorito?

Dâmaso tornou a corar, balbuciou:

— Assim de repente, não me lembro...

— Ah — acudiu Genoveva, não lhe perguntem isso. Tem ódio à letra redonda.

— Perdão... — interrompeu ele.

— Um ódio irreconciliável! À letra redonda e à água fria — acrescentou, com um risinho, recostando-se na cadeira.

Todos riram. Dâmaso estava furioso. Porque eram aqueles *ataques?* Dera-lhe nessa manhã três contos de réis de inscrições. E aquela hostilidade revoltava-o como uma ingratidão, assustava-o como um rompimento. E desesperado de não achar uma réplica vingadora, refugiou-se no Bordéus e no *salmis* de perdiz.

Mas D. Joana Coutinho, que se ocupava de literatura, «único emprego de uma alma nobre», e que admirava Vítor pela sua beleza, e pela sua devoção a Nossa Senhora de Lourdes, dizia-lhe, com um sorriso muito afetuoso:

— Sei que faz versos...

Felicitaram-no, pediram logo para recitar depois do jantar.

Vítor, com modéstia, declarou que

era apenas um curioso. Não era poeta lírico de profissão. Achava mesmo a profissão ridícula. Mas havia certas sensações, certos entusiasmos, certas confissões, que só se deveriam pôr em verso, ou em música. E como não sabia música...

— Assim, por exemplo, como se há de contar a uma mulher que se sonhou com ela, senão em verso? Como se lhe hão de exprimir tantos sentimentos delicados, vagos, que o seu amor faz nascer?... A prosa não *dá*. Às mulheres — disse —, devia-se falar de joelhos, ou em verso.

Todos aplaudiram. Vindo de um rapaz tão bonito, aquelas sentimentalidades pareciam deliciosas. D. Joana Coutinho tomava posições e

atitudes de uma melancolia extática. Mesmo a Sivalli, apesar da sua vivacidade irónica, achava aquilo muito *artístico.* E Vítor, animado, dilatado na simpatia quente que o envolvia, um pouco surpreendido de achar em si um desembaraço tão fácil de palavras literárias, disse a Dâmaso:

— É o que tu fazes, penso. É impossível, como um elegante, que não mandes todas as manhãs à pessoa que amas um ramo e um soneto. E o estilo. Qual foi o teu soneto de hoje?

Dâmaso estava tão desesperado, que respondeu brutalmente:

— Ora mete-te com a tua vida...

— Oh, perdão! Perdão!

Genoveva fizera-se pálida. Mordeu nervosamente os beiços. E todos

pareciam surpreendidos daquela grosseria brusca. E João da Maia, que se divertia, disse:

— Não, realmente o amigo Dâmaso tem razão. Não se deve pedir a um amante a confissão das suas expansões...

— São sempre daquele género as suas expansões — disse Genoveva, secamente.

Começava a nascer um certo embaraço. Todos compreendiam que Genoveva queria humilhar Dâmaso. Porquê?

— Não me parece que estes dois estejam na lua de mel — disse João, baixo, à alemã.

— Eu acho-o desagradável — disse a alemã, olhando Dâmaso.

— É um imbecil. Mas tem bons vinhos. — E erguendo a voz: — Mas o Sr. Silva, para poeta, não me parece muito pacífico. Vi-o noutro dia dar algumas bengaladas, na Rua do Alecrim, com um desembaraço respeitável...

Todos o olharam com uma certa admiração.

— Ah — disse Genoveva —, foi no amigo do Dâmaso.

— Os meus amigos não levam assim bengaladas...

— Não — acudiu Vítor. — Com efeito, apenas eu ergui a bengala, gritou logo pela polícia...

Desde esse momento, como disse João da Maia à alemã, «o jantar estava *estragado.* Realmente era absurdo convidarem-se pessoas desprevenidas,

para assistirem a *cenas de família*, não é verdade?» No ânimo de todos estava estabelecida a certeza de que Vítor era amante de Genoveva, e que havia ali uma pequena comédia de ciúmes irritadores. Um embaraço crescente tornara a conversação espessa, pesada. Dâmaso comia calado, e soturno. O conde, que achava tudo aquilo *pulha*, mantinha um silêncio digno. A alemã admirava Genoveva. D. Joana admirava Vítor. E os outros continuavam diálogos preguiçosos: João da Maia e Vítor falavam de duelos; Genoveva e a Sivalli, de Paris e de amigos comuns.

— Não acha que o senhor Silva se parece com Genoveva? — perguntou de repente a alemã a João, baixo.

— Não me parece muito... Com

efeito, há o quer que seja. Se ela não pintasse o cabelo, realmente haveria uma semelhança...

Tinha-se servido o champanhe. E quando, no fim da sobremesa, Madame de Molineux calçou devagar a sua luva e se ergueu, houve em todos um alívio. Porque, como se exprimiu João da Maia, «o jantar tinha estado secante.»

***

Dâmaso, que ficara um pouco atrás, disse a Vítor no corredor, com um risinho amargo:

— Estiveste muito engraçado.

— E tu muito mono, meu amigo.

Dâmaso não achou uma réplica e entrou na sala, mordendo o charuto com

rancor.

O conde tinha-se sentado ao piano, preludiava. E Madame Sivalli estava de pé, ao lado. Trauteava baixo, batendo de leve o compasso com o leque sobre o piano. E, atirando com o calcanhar a sua longa cauda, colocou-se por trás do conde. Os seus lábios entreabriram-se e a sua voz de contralto elevou-se, num ritmo grave e solene. Era uma canção da Campana. Por vezes a melodia balançava longamente, numa oscilação larga, voluptuosa e, elevando-se num crescendo sonoro, multiplicava as notas altas e apaixonadas que tinham a insistência ardente de uma suplicação amorosa. E a Sivalli inclinava a cabeça para trás, mostrando a sua bela garganta branca, de italiana nutrida.

Depois, algumas pessoas chegaram: o Sr. Elmano Macedo, que trazia o seu violoncelo; Sarrotini, jovial, palavroso, enchendo a sala com o espetáculo ruidoso da sua pessoa; Meirinho, todo cheio de sorrisos discretos e *shake-hands* íntimos. Genoveva ia recebê-los, com uma graça cerimoniosa e com palavras simpáticas, mostrando, num sorriso igual, os dentinhos esmaltados. Parecia ter perdido a irritação nervosa do jantar.

E a sua pessoa, a sua *toilette*, a nudez do seu colo, o seu pescoço branco, de movimentos doces, a beleza da figura, davam a Vítor uma exaltação tão profunda, que era quase dolorosa. Os vinhos de Borgonha, além disso, punham-lhe no sangue um vigor amoroso. E errava

pela sala, procurando o momento de lhe dizer baixo toda a adoração da sua alma. E vendo enfim no sofá um lugar ao pé dela, apoderou-se dele sofregamente, e, baixo:

— Genoveva, estás adorável. Queria-te ver só. Pelo amor de Deus, não me mandes hoje embora...

Ela abriu devagar o leque, e recostando-se no sofá, disse devagar:

— Escuta. Às onze horas, sai, põe o teu paletó, e fica em baixo no patamar. E espera. A Mélanie há de ir buscar-te; e metes-te no quarto dela. E não me fales muito durante a noite, nem te mostres muito alegre.

E inclinou-se para Sarrotini que se curvava diante dela, perguntando se não teria a honra de escutar a sua voz divina!

Vítor afastou-se, tão perturbado, que nem pôde responder a Elmano, que lhe perguntava por Serrão.

Sentia o coração bater-lhe no peito com palpitações aflitas. Um orgulho imenso dilatava-o. As luzes, as *toilettes* das mulheres, as gravatas brancas dos homens, a música, eram outras tantas excitações para o seu amor, como combustíveis numa fornalha. E a certeza que ia possuir aquela mulher, e o encanto do mistério, davam-lhe um delírio indominável. Foi para o *fumoir* ao lado, deixou-se cair num sofá, afastou os braços. Um suspiro profundo exalou-se do seu peito, e ficou com os olhos cerrados, imóvel, como num espasmo de felicidade.

Um ranger de botas no tapete: Meirinho estava ao pé dele no sofá.

Começou por se queixar de não ter recebido uma única visita dele durante a sua doença. Tinha estado outra vez de cama ainda, depois. E imediatamente encetou o elogio de Madame de Molineux: «Nunca a vira tão linda! Positivamente, andava na vida como os caranguejos: para trás. Ninguém lhe daria mais de vinte e cinco anos. Que mulher! O maroto do Dâmaso, hem! Estava-se a arruinar, mas que diabo: *il en avait pour son argent!*» Deu uma risadinha. E ia continuar, quando sons de violoncelo se elevaram, plangentemente.

Era o Elmano, que tocava uma composição sobre a *Ave-Maria* de Gounod. Aproximaram-se devagarinho da porta. Com os seus cabelos louros um pouco desmanchados, Elmano, amparando

o violoncelo nas pernas, com o corpo mexendo, passava-lhe o arco sobre as cordas, com a lenta languidez de carícias suaves. Aquilo parecia divino a Vítor. As notas levavam-lhe a alma para regiões sentimentais e vagas, onde se sentia desfalecer, num amor místico e elegante. Todos estavam imóveis, calados. As casacas e as gravatas brancas punham na sala um tom de vida aristocrática, a. que davam o seu relevo festivo os ramos de camélias, as luzes das serpentinas. Aqui e além palpitava um leque. E a *toilette* cor de milho de Genoveva, o seu cabelo louro, destacando na tonalidade escura da sala, pareciam de uma nobreza luminosa, e de uma substância mais fina. Às vezes Vítor encontrava os seus olhos; e, como levantada nas delicadezas do violoncelo,

a sua alma lançava-se para ela por impulsos tão fortes e movimentos tão ávidos, que o esforço que fazia para não se afastar da ombreira da porta, fazia-lhe tremer as mãos como folhas ao vento.

Mas uma última arcada soou. Houveram bravos. E o Elmano limpava o suor, devagar, enquanto um murmúrio de conversações enchia a sala de uma sussurração festiva.

De repente Vítor lembrou-se da história de Meirinho, que ele nunca acabara; e ia perguntar-lhe o final. Mas viu-o muito absorvido numa conversação com Madame Sivalli.

E foi o Sarrotini que lhe veio tomar o braço. O excelente homem aborrecia-se um pouco. «A primeira *soirée* que ali tinham passado é que fora

boa, não é verdade? Tinha sido uma pândega. Mas hoje estava-se muito sério, havia ares. Não gostava daquilo. Para ele, queria franqueza, boa rapaziada, e risadas livres. Mas Madame de Molineux estava realmente deslumbrante! *Una beltà folgorante!*»

Todos lhe diziam o mesmo. E era a sua amada. E dentro em duas horas estaria só com ela na sua alcova. Olhou o relógio, e empalideceu, vendo que eram onze horas!

Veio logo apertar a mão a Madame de Molineux. E vestia no corredor o seu paletó, quando Dâmaso veio dizer-lhe:

— Então já?

— Estou incomodado.

— E tu desculpa aquelas coisas à mesa...

— Oh, menino!

— Está uma bonita festa, hem! — disse Dâmaso. Parecia agora inteiramente satisfeito. Ajudou a vestir-lhe o paletó. Chamou Mélanie para lhe alumiar. E ainda do alto da escada lhe disse:

— E aparece, homem, aparece!

E entrou na sala, radioso. Genoveva chamou-o com um gesto, e:

— Quem saiu?

— O Vítor.

— Ah! Escute. Sente-se aqui. — E começou, falando devagar, a queixar-se de que ele tivesse estado de tão mau humor à mesa.

— Para que estiveste tu a implicar comigo? Parecias estar a mostrar a esta gente toda que me não podes ver!

— E para que disseste

impiedades? Sabes o que detesto os gracejos sobre a religião.

— Mas tu, mesmo, às vezes...

— Bem, quando estamos sós, no quarto... E ainda assim... Mas no mundo, numa sala, a religião é uma questão de boa educação...

Ele ia erguer-se.

— Sente-se. Parece que lhe custa estar ao pé de mim. E além disso, eu desejo que o meu amante converse, tenha espírito, brilhe... Fez um papel peludo...

— Não sou literato — disse ele, com desdém.

— Mesmo sem se ser literato, se conversa e se entretém... Estou com dores de cabeça — acrescentou... — Sabe? Hoje não sei se lhe poderei dar hospitalidade...

Mas Dâmaso indignou-se: «Hoje, nos anos dela, hoje que estava tão linda, que ele a amava tanto...»

— Mas, pelo menos, quero que saia quando os outros saírem...

— Mas volto depois...

Genoveva não respondeu.

— Volto depois, à meia-noite ou à uma hora.

Genoveva abria, fechava, o leque, como distraída.

— Volto, hem?

Ela teve um pequeno movimento de hesitação, e erguendo-se:

— Sim, pode ser...

Deu uma volta pela sala, com uma palavra aqui, um sorriso além e, atravessando o *fumoir*, foi rapidamente ao seu quarto. Tocou a campainha. Duas

velas ardiam no toucador. Um forte cheiro de opopónax errava. Os lençóis estavam entreabertos. Olhou-se ao espelho. Suspirou fortemente.

— Está jogada a carta — disse, falando alto.

Mélanie tinha entrado.

— Pronto?

— Sim, minha senhora. Está no meu quarto, fechado à chave — disse Mélanie, rindo.

— Pobre querido! Leva-lhe uma garrafa de champanhe, um bolo, qualquer coisa. E estás bem certa no resto, não? Logo que esta gente saia, vai à campainha da porta, embrulha-lhe o badalo em algodão, ou corta o cordão. E depois, que batam, que gritem: ninguém se move aqui em casa.

Mélanie disse então:

— Era melhor que não houvesse barulho.

— Aquele animal diz que quer vir à uma hora. Que venha! Assim é melhor. É uma desfeita brusca: evitam-se as explicações.

Ajeitou o cabelo, revirou-se diante do espelho, deu um olhar ao quarto. E entrou na sala.

— Estas senhoras — veio logo dizer João da Maia —, lembram uma valsa.

— Perfeitamente — disse ela, com um sorriso feliz.

Sarrotini e Elmano arrumaram a jardineira. Falava-se alto, ria-se. E o conde, sentando-se gravemente ao piano, bateu os compassos do *Danúbio Azul*.

***

Pela uma hora, Dâmaso, muito abafado no seu paletó, descia pelo Largo do Barão de Quintela. A noite fizera-se muito cerrada. Gotas de chuva tinham caído. Abriu a porta da rua com a sua gazua e, acendendo fósforos, subiu a escada. No segundo andar, um clarão súbito alumiou a escada de uma luz lívida. E logo um trovão, próximo, rolou, estridentemente. Ao chegar ao patamar de Genoveva, puxou rapidamente o cordão da campainha. Não sentiu nenhum som. Esperou. Sacudiu a corda violentamente. Nada tilintou.

«Caiu-lhe o badalo», pensou, furioso.

Agachou-se, colou o ouvido à porta. Havia um silêncio escuro e adormecido.

— E esta?!

Deu um puxão desesperado ao cordão. Nada. Bateu com os nós dos dedos, impaciente. Sentia, no silêncio, bater-lhe o coração. Relâmpagos alumiavam de repente a escada, e trovões estalavam, com um estampido despedaçado, por cima do telhado. Desesperou-se. E com o punho fechado esmurrou a cancela. Sacudiu-a. A lingueta tremia na fechadura, aos sacões frenéticos. Dentro, um silêncio impassível. Pensou que a trovoada impedia que ouvissem. E num intervalo, em que sentia gotas de chuva baterem na claraboia, atirou a ponta do sapato contra

a porta. A violência do ruído assustou-o, e a sua covardia acanhou-se diante do escândalo. Chamou pela fechadura:

— Mélanie! Mélanie!

Um trovão medonho retombou, fazendo toda a casa sonora.

Dâmaso estava frio. Tinha um vago susto, um desespero, uma desconfiança:

— Aqui há maroteira!

E, numa raiva, abalou a porta com pancadas formidáveis dos tacões. Nada.

«Ah, grande bêbeda!», pensou.

E agarrado à cancela, dava-lhe puxões frenéticos, escoicinhava-a. Sentia um suor à raiz dos cabelos. E os relâmpagos sucessivos faziam-no fechar os olhos, enquanto logo o estalar do trovão lhe dava um choque ao corpo.

Então, perdeu o domínio de si e atroou a casa com pancadas dos tacões. De repente, no segundo andar, uma porta abriu-se, e um furioso berrou:

— Que pouca-vergonha é essa aí em cima?

Dâmaso, aterrado, respondeu, de um momento:

— Sou eu. Estou a bater à porta...

— Mas quem é o senhor? — bradou a voz rouca. — Aí mora uma senhora só. Que escândalo é este, de estar a deitar a porta abaixo a estas horas da noite, num prédio respeitável?

A raiva deu a Dâmaso um ímpeto de coragem:

— E que tem você com isso?

— O que tenho?! — rugiu a voz. — Eu já lhe digo o que tenho. Eu já lho

digo com uma bengala.

E a pessoa entrou em casa, berrando.

Dâmaso teve um terror agudo do escândalo, da desordem. E, agarrado ao corrimão, desceu, correndo, as escadas, perseguido pelo clarão vivo dos relâmpagos. Na rua, foi logo olhar as janelas, dos dois lados. A casa estava muda, apagada, morta.

Uma chuva torrencial caía. Dâmaso não tinha guarda-chuva. Os seus sapatos de verniz chapinhavam as poças. Teve um desejo feroz de quebrar as janelas com pedras. Mas receou a patrulha, o alvoroço, a bengala do outro.

— Ah, grande bêbeda! — rosnou, andando, desesperado, aflito, às escuras, em volta da casa.

Às vezes um relâmpago vinha e, na claridade límpida, ardente, ele via com uma nitidez toda a casa, as nódoas da fachada, os caixilhos das janelas, as grades de ferro das varandas, até a cor branca das portadas, por trás das vidraças, com os seus transparentes meio descidos. Depois uma luz amarela levava a uma vaga difusão de cor vermelha. Depois havia um resplendor tão intenso, que tudo parecia de luz, de um fogo branco. E logo uma obscuridade espessa cerrava-se, através da qual rolava surdamente o trovão.

— Ah, bêbeda! Bêbeda!

Pôs-se a correr, sob as cordas de água que caíam, até ao Largo de Camões. Não encontrou nenhuma carruagem. Furioso, meio alucinado de raiva, veio à

Rua de São Francisco. O Grémio estava fechado.

— Tudo se conjuraria contra mim? — rosnou, numa raiva soturna.

Desceu ao Rossio. Nem uma tipoia. E a chuva caía, em torrentes grossas. Os enxurros sussurravam. E as luzes dos candeeiros viam-se através de uma névoa espessa, e com feitios riscados dos fios lustrosos da água. Tinha quase as lágrimas nos olhos.

Foi embora para casa. Tinha as meias de seda molhadas. As abas da claque de cetim, deformadas pela chuva, entornavam-lhe água no pescoço. Arfava, cansado, suando sob a frialdade, enterrando-se em poças ao atravessar o macadame, sentindo as canelas trespassadas do molhado, com lágrimas

na garganta, amaldiçoando Genoveva, chamando-lhe os nomes mais obscenos, imaginando vinganças, num frenesi aflito.

Esteve ainda a dar argoladas na porta, meia hora. E quando o criado, estremunhado, veio abrir, rompeu pela escada, grunhindo injúrias e obscenidades!

12

Ao outro dia, às onze horas, Dâmaso foi a casa de Genoveva. A campainha tinha recuperado o som. Mas Mélanie, através da cancela, disse-lhe que «a senhora estava ainda recolhida».

— Por que diabo não abriram ontem à noite? Estive a bater mais de uma hora!

Mélanie encolheu os ombros, abriu grandes olhos: «Não tinha ouvido senão a trovoada. Que trovoada!»

— Abre a cancela.

— A senhora não recebe antes das três — e fechou a porta. Dâmaso conteve-se, desceu as escadas, furioso, pensando: «Aqui há maroteira!»

Voltou às três horas. Vinha profundamente perturbado. Parecia-lhe entrever vagamente, em tudo aquilo, uma traição. Estava profundamente apaixonado por Genoveva. Além disso, o dinheiro que lhe dera, as despesas que fizera com a sua instalação, tornavam-lha preciosa. A sua vaidade tremia de a perder, ser suplantado. E aqueles sentimentos davam-lhe uma emoção, a mais forte que sentira na sua vida burguesa, e que lhe causava quase terror.

Foi ainda Mélanie que veio abrir. E disse-lhe logo:

— *Madame* saiu, e deixou este bilhete para si.

Mesmo no corredor, abriu. E ficou petrificado, lendo:

Ontem não o pude receber, pela simples razão de que não estava só. Compreende que as nossas relações, desde esta confissão, estão cortadas. Agradeço todos os cuidados que teve comigo e acredite na minha amizade. Remeterei, sem demora, um paletó que aqui está, seu, e alguns lenços... Espero da sua delicadeza que não insistirá em me ver. Seria provocar um conflito desagradável.

Dâmaso, maquinalmente, entrou na sala com o papel na mão. Não achava uma palavra, uma ideia, uma resolução!

Mélanie, de pé, com os olhos no chão, as mãos nos bolsos do avental branco, esperava. Dâmaso, muito pálido,

deu alguns passos pela sala, tornou a ler o bilhete, passou a mão convulsivamente pelos cabelos, e deixando-se cair no sofá:

— Isto só a mim! — murmurou; e voltando-se bruscamente para Mélanie: — Quem é que estava? Quem é o desavergonhado?

Mélanie encolheu os ombros: «Não sabia nada. Ela estava no seu serviço. Não tinha visto ninguém.»

Dâmaso olhou-a com rancor. Parecia-lhe odiosa, com o seu rostinho vicioso e mudo, a cinta fina, o pé lançado para diante, calçado num sapatinho de laço.

— Tão boa és tu como ela. Súcia de bêbedas!

Mas Mélanie declarou que não podia ouvir chamar nomes à senhora. «Ele

não estava em sua casa. Não podia consentir...»

— E quando eu te dava às libras? Então não havia sabujice! — rugiu Dâmaso, lívido. — E quando lhe dava a ela aos centos de mil réis, àquela ladra! Grande asno que eu fui! A minha vontade era pôr tudo isto em pedaços — rugiu, olhando em redor os espelhos, os castiçais.

Mélanie teve um risinho:

— Tinha de o pagar outra vez.

Dâmaso fitou-a com ódio. Mas o olhar imperturbável e atrevido de Mélanie, o seu sorrisinho desdenhoso, assustaram-no. Se não tivesse medo da polícia, do escândalo, tinha-lhe dado bengaladas. Agarrou no chapéu:

— Isto não há de ficar assim! Isto

não há de ficar assim! Eu voltarei.

— A senhora não recebe...

— Vai para o Inferno, e a ladra da tua ama!

Mas à porta, detendo-se, devorado de uma curiosidade:

— Ouve lá, Mélanie, dou-te duas libras, diz-me quem aqui esteve — e tirou da algibeira as duas libras: — Toma.

Ela estendeu a mão logo, fê-las resvalar no bolso do avental, bateu-lhes em cima para as fazer tilintar, e baixando a voz:

— Ai, não era segredo. Era o senhor Vítor.

— Grande pulha! — e desceu as escadas, trémulo de raiva.

Às cinco horas voltou. Mélanie disse que a senhora estava, mas não

recebia. E fechou a porta. Dâmaso, frenético, repicou a campainha com desespero. Mélanie veio dizer, com um ar irritado, que a senhora dizia que, se ele continuasse a fazer barulho, mandava chamar um polícia...

— Ladra! — berrou Dâmaso, quando Mélanie fechou violentamente a porta.

«Expulso! Ameaçado com a polícia! E tinha gasto com ela mais de doze contos de réis! E na véspera tinha-lhe ainda dado uma inscrição de três contos! E mobilara-lhe a casa! Oh, que ladra!» Arfava, em suores, pelo Largo do Quintela fora. O seu cerebrozinho estava numa ebulição frenética. Planeava difamá-la pelos jornais; arranjar quem desse uma sova de pau no Vítor. Sentia por ambos

um ódio feroz, vil, complexo, em que entravam as desesperações da paixão traída, a cólera do amor-próprio humilhado, a raiva do capitalista espoliado. «A ladra! E não haveria leis? Era impossível que não houvesse leis!»

Passou o dia, parte da noite, passeando no seu quarto, rogando pragas, expelindo obscenidades, dando punhadas nas mesas. Quis-lhe escrever uma carta, mas não achou uma palavra. Não ousava contar a sua derrota: receava os sorrisos irónicos, as consolações humilhantes. «Que vergonha! Fora enganado, ludibriado, escarnecido. Tinham feito dele um saco de dinheiro. Tirada a soma, tinham atirado o saco para a roupa suja. Ele, Dâmaso!» Um sono profundo sucedeu àquele desespero grotesco.

E no dia seguinte, correu a casa do seu advogado, o Torres.

O velho rábula escutou o caso e, sorvendo a pitada:

— Não há nada a fazer. Para que se mete o amigo com francesas? É chuchar no dedo. Lamento, lamento... A mim aconteceu-me pior. Muito pior! — E contou longamente o caso dos seus amores com uma amazona do antigo circo do Salitre, uma fera! — Lamento! Lamento!

Dâmaso subiu o Chiado a tremer de raiva. «O que se riria, quando se soubesse! E doze contos perdidos, estragados! Só a mim, só a mim, isto!» A sua vaidade então sugeriu-lhe uma explicação: «Talvez fossem ciúmes! Talvez alguém o tivesse intrigado, contando a Genoveva que ele tinha outra

amante!» Foi logo escrever-lhe uma carta, em que dizia «que não podia explicar aquele rompimento senão por alguma intriga; que lhe jurava que lhe fora fiel; que nunca, nunca...» E acrescentava uma acumulação de provas de fidelidade, citando as horas a que se viam, falando na sua honra, desdobrando, numa letra convulsa, uma prolongação de inépcias. O galego tinha ordem de esperar pela resposta. E ficou num banco da Casa Havanesa, fumando nervosamente um charuto.

O Carvalhosa, que entrou, aproximou-se dele:

— Então como vai a tua mulher?

— Bem — disse Dâmaso, fazendo-se vermelho.

— Continua a lua de mel?

— Pudera! — e tomou um ar satisfeito.

O galego entrou, curvado, com o seu saco ao ombro, uma carta na mão. Dâmaso devorou-a. Era a sua, a que ele escrevera. E tinha nas costas, a lápis:

> *A sua epístola fez-me rir, a ponto de ficar doente. Não, meu caro senhor, ninguém se deu ao trabalho de o intrigar. Sou eu que fiz o firme propósito de não me secar com a sua pessoa. E peço que não me perturbe, nem com as suas cartas, nem com as suas missivas!*

— É a bem-amada que te reclama? — disse Carvalhosa, que comprava charutos ao balcão.

— É para ir lá logo — balbuciou Dâmaso.

— Refastela-te, Romeu! — soltou o outro, saindo com um ar pomposo.

Dâmaso veio para a porta respirar. Via tudo como numa névoa, e o ruído da rua chegava-lhe como um zumbido distante. Procurava avidamente com a ideia uma vingança. Não lhe importava que fosse vil. Lembrava-lhe de lhe mandar pegar fogo à casa, de a ir matricular na polícia. Vinham-lhe recordações de vinganças feitas outrora, em tempos mais violentos, por amantes despeitados: armar uma emboscada; metê-la numa carruagem com uma mordaça, e fazê-la violentar por lacaios ou por fadistas. Mas no fim de todas estas combinações, vinha-lhe o receio da

polícia, de algum perigo pessoal, de bengaladas possíveis; e a sua covardia recuava diante da vingança.

De repente estremeceu. Vítor acabava de entrar na Casa Havanesa. Ao ver Dâmaso, hesitou, fez-se pálido; mas, com uma resolução repentina, fez um movimento, disse-lhe familiarmente:

— Olá!

— Não falo a canalhas! — bradou Dâmaso, com uma voz aflita, agitando a cabeça, pondo-se em bicos de pés. — Não falo a canalhas!

Vítor ergueu a bengala. Dâmaso instintivamente agachou-se. Mas um sujeito corpulento, que acendia o cigarro, precipitou-se, segurou Vítor, disse:

— Então, meus senhores?! Prudência! Por quem são! Escutem, eu

tenho experiência...

Vítor, pálido, sacudiu os braços, puxou os punhos e, olhando Dâmaso colericamente, disse, com desprezo:

— Eu lhe mandarei dois amigos, seu covarde — e saiu, muito nervoso.

Dâmaso ficou lívido. Os caixeiros olhavam-no pasmados. Um sujeito de lunetas de ouro, que passava a língua sobre uma estampilha, aproximou-se, com um olhar esgazeado. E o homem corpulento disse, com um tom profundo, meneando a cabeça:

— É uma pendência de honra...

— É um canalha! Imagina que me bate! Está enganado. Venha para cá. Racho-lhe os ossos!

— Então, então?!

Dâmaso soprava, e tinha os olhos

vermelhos. Mesmo não se conteve, e duas lágrimas rolaram-lhe pelo nariz. Fez-se muito pálido, oscilou.

— Um copo de água — disse o sujeito corpulento.

Um dos caixeiros correu, com um copo de água. Fizeram-no beber.

— Que diabo, homem! Animo!

— Obrigado! Obrigado! — disse Dâmaso. E vindo-lhe uma reação: — Eu não lhe tenho medo. Pilhou-me de surpresa. O canalha! Um amigo! Aí está o que são os amigos! Que quantas vezes lhe emprestei dinheiro. Mas hei de lhe rachar os ossos...

Ouvindo aquela voz excitada, pessoas que passavam, paravam a olhar. Havia uma modista com um embrulho, um sargento aspirante. E vendo aqueles rostos

desconhecidos, pasmados, Dâmaso envergonhou-se. Chamou um trem. O cocheiro bateu. A gente dispersou-se, rindo.

— Questão de mulheres — disse o sujeito robusto.

O que lambia a estampilha disse, com uma vozinha fina, e com o olho aceso de desejo:

— Temos duelo, hem?

O sujeito robusto encolheu desdenhosamente os ombros:

— Duelos?! Em Lisboa?! Uma pulhice! Comédia! É tudo uma comédia...

— Graças à civilização. Graças à civilização — disse o outro, abrindo uma boca enorme e passando a língua noutra estampilha, pondo-se em bicos dos pés, com os olhos arregalados.

O sujeito robusto fez sobre a civilização uma observação obscena, e afastou-se, fazendo girar a bengala.

***

A primeira preocupação de Vítor foi procurar padrinhos. Agradava-lhe a ideia do duelo com Dâmaso. Era como uma desforra das humilhações miúdas e mesquinhas que tinha sofrido. Ganhava uma auréola de bravura, que seduziria mais Genoveva. Se houvesse alguma coisa de menos delicado em ter suplantado Dâmaso e aproveitado as vantagens que ele tinha feito a Genoveva, tudo isso se dissipava, no ruído do duelo, como uma nódoa sob o forte resplendor de um foco de luz. E depois era uma lição

àquela besta!

Mas quem poderiam ser os seus padrinhos? Serrão não era sério. Carvalhosa era muito teatral... Tentou Marinho. Encontrou-o no quarto em *robe de chambre*, arranjando as unhas. As primeiras palavras de Vítor, recuou, fez-se pálido, e exclamou:

— Mas eu sou o melhor amigo do Dâmaso! Sou íntimo amigo do Dâmaso! — Fitou Vítor com olhos espantados, e indo fechar rapidamente a porta do quarto: — Não seria possível arranjar-se esse negócio? — E como Vítor abanava a cabeça: — Vejamos! Vejamos! Que diabo, é necessário prudência. É um escândalo. É um desgosto para seu tio! Pobre Dâmaso! Quer o meu amigo que eu me encarregue de arranjar tudo? Acredite:

tenho experiência, tenho experiência!

Mas Vítor parecia inabalável.

— Mas, meu Vítor, o amigo não quer o sangue do pobre Dâmaso!

— Quero uma satisfação: dois amigos que lá vão, e uma carta dele a pedir perdão; ou batermo-nos.

Tanta ferocidade espantava Marinho. Olhava Vítor quase com terror.

— Safa! Safa! — disse, esfregando as mãos, conchegando-as no *robe de chambre*.

E quando Vítor ia a sair:

— O amigo desculpe. Eu não posso. Não posso! Sou amigo íntimo do Dâmaso há anos. Conhecia-lhe a mãe. Santa senhora! Pessoa de muita devoção! Que desgraça, um duelo!

Vítor, à porta do hotel, lembrou-se

de João da Maia. Caramba, esse é que era o homem! Foi logo ao Hotel Central. Eram quatro horas. E encontrou-o na cama, fumando, com uma limonada à cabeceira, um romance caído no chão, conversando com um rapaz de formas hercúleas, com o cabelo rapado à escovinha, uma fisionomia bondosa e mesmo ingénua.

Apresentou-o a Vítor como «o primo Gonçalo Cabral». Vivia ordinariamente na província. Era morgado, formado em Direito. Vinha passar sempre alguns meses de inverno à capital, que achava corrupta como uma Babilónia, e atraente como um paraíso. Tinha porém uma timidez imperdível, porque achava os lisboetas muito finos, supunha-os desfrutadores. E na rua, nos

teatros, ou nas salas, tinha um modo desconfiado e reservado, preparando-se sempre para esmagar, com os seus grossos punhos da aldeia, quem se atrevesse a *fazer-lhe uma partida*. Muito esmoler, muito honrado, tinha dentro de um peito de gigante um coração de rapariga. E tinha um fraco: o desejo ambicioso de ser conhecido em Lisboa, e o apetite secreto de levar para a província uma espanhola, que ele julgava a mais alta expressão do luxo libertino e da beleza humana.

Vítor hesitara, ao princípio, em contar o seu caso. Mas João da Maia disse-lhe:

— O Gonçalo é como se fosse eu mesmo!

E apenas Vítor fez o seu pedido, João atirou o cigarro, tocou violentamente

a campainha, sentou-se na cama, exclamando:

— Pronto, amigo! Pronto!

E preparando-se para se vestir, declarou-se encantado: «Aquilo caía do céu. Não tinha nada que fazer, e estava mortalmente secado!»

— E quem é o outro padrinho?

Era justamente o que Vítor não tinha.

— O Gonçalo! — exclamou João da Maia. — Vai vestir uma sobrecasaca preta, Gonçalo. Marcha!

E o excelente gigante partiu como uma bala, encantado da ideia que o seu nome apareceria nos jornais, sob uma ata de «Desafio».

Vítor e João da Maia combinaram que se devia era arrancar ao Dâmaso uma

satisfação escrita que o *achatasse*. Senão, pedir-lhe a escolha de dois padrinhos, e baterem-se à espada, na Cruz

Quebrada, ao outro dia de manhã, ao primeiro sangue. E Vítor viria às seis horas ao hotel, para saber a resposta da «besta do Dâmaso».

— O amigo joga a espada? — perguntou João da Maia, quando Vítor ia a sair.

— Alguma coisa, pouco.

— É o que basta. Pode-se dizer ao Dâmaso que a joga como o Petit. *Addio*!

Vítor saiu, e pôs-se a caminhar devagar ao comprido do Aterro. Ia-se bater! Aquilo dava-lhe como um impulso de virilidade, e uma dilatação de orgulho. Depois batia-se por ela! E àquela ideia, julgou-se muito nobre, quase heroico.

Mesmo já saboreava a emoção que lhe daria, aparecendo-lhe com o braço ao peito, pálido, muito interessante. Mas lembraram-lhe então casos que lera, em que num duelo, pessoas que nunca jogaram a espada ou dispararam uma pistola eram mortas por um acaso fatal. E via-se estendido sobre a erva, e fios de sangue correndo. Aquilo fez-lhe bater o coração. Veio-lhe como uma certeza súbita de que a vida era um bem delicioso. Olhou o céu, que lhe pareceu encantador, e a cidade, a que a luz dava a alegria suave dos tons de inverno. Uma nuvem que se avermelhara para os lados do mar fez-lhe de novo pensar no sangue, em lábios roxos de ferida. Teria por acaso medo? E àquela ideia, sentiu todo o sangue fugir-lhe do coração. Mesmo, para

se reconfortar, entrou na Taverna Inglesa e bebeu dois cálices de xerez. O calor do vinho reanimou-o. E saiu, desejando encontrar-se já no campo, em mangas de camisa, brandindo a espada com um furor de leão. E depois os jornais falariam, vir-lhe-ia uma celebridade de valente, as mulheres olhá-lo-iam, os homens temê-lo-iam. E agora quase tinha receio que Dâmaso não aceitasse. E todavia invejava vagamente as pessoas tranquilas que passavam, que não iam decerto a bater-se em duelo ao outro dia de madrugada.

***

Àquela hora, João da Maia e Gonçalo Cabral chegavam, numa carruagem da Companhia, à porta de

Dâmaso. João julgara a carruagem da Companhia necessária para o «efeito moral». E introduzidos numa sala de repes verde, sentaram-se com solenidade. Dâmaso não tardou a aparecer, pálido, com os olhos vermelhos e o ar espantado.

Mas apenas João da Maia, com uma voz um pouco pomposa, tinha explicado «o fim daquela desagradável visita», Dâmaso, erguendo-se, com os beiços muito brancos:

— Então o Vítor manda-me desafiar? Ora essa! Então os senhores pensam que eu que me vou bater? Que grande pouca vergonha!

João da Maia, conservando-se sentado, observou friamente:

— Meu caro senhor, essas palavras constituem uma ofensa para o

nosso amigo, e uma ofensa para nós.

— Oh, João! Oh, João! — e a voz de Dâmaso tinha uma profunda lamentação. — Eu não o quero ofender, homem, nem a este senhor. Longe de mim. Desculpe. Vossa Excelência desculpe também... Mas é que é um abuso. Pois os senhores não sabem? Eu fui que o apresentei em casa daquela desavergonhada. Fui sempre para ele um amigo íntimo. Convidava-o a jantar, trazia-o no meu coupé, e era Vítor isto, Vítor aquilo, tudo o que ele quisesse. E prega-me uma destas! A mim! Uma pessoa conhecida na sociedade, que todo o mundo estima! Tira-me a mulher, e manda-me desafiar...

Passeava, com gestos desordenados, os olhos lacrimosos, um

fluxo labial inesgotável.

— Mas, perdão — disse João da Maia —, não nos afastemos da questão. O Sr. Dâmaso chamou ou não canalha ao nosso amigo?

— E chamo! — bradou o outro, furioso. — É um canalha! Uma mulher que me custou os olhos da cara! E a ele, quantas vezes lhe emprestei dinheiro! Quantas vezes!

E cruzava os braços, no meio da sala, pondo-se em bicos dos pés.

— Perdão — acudiu João da Maia, divertidíssimo —, mas essa é uma nova fase da questão. Existem entre os senhores questões de dinheiro? Deve-lhe ele dinheiro?

Dâmaso hesitou, corou, murmurou:

— Não, pagou sempre...

— Bem, então é uma insinuação injuriosa. E advirto-o que é para nós uma ofensa...

Dâmaso gritou, aflito:

— Oh, rapazes, dou a minha palavra de honra. Oh, rapazes, juro-vos! — punha ansiosamente a mão no peito. — Você não tem melhor amigo que eu, João! E este senhor! Respeito-os. Mas, que diabo: ponham-se no meu lugar.

João da Maia passou devagar o seu lenço sobre os lábios, e deixando cair sentenciosamente as palavras:

— Está o Sr. Dâmaso resolvido a dar uma explicação categórica?

— Mas de quê? Que fiz eu? Que diabo fiz eu? Ele não levantou a bengala para mim? Até um sujeito de bigode, que estava na Casa Havanesa, o segurou...

— Mas então bata-se! — disse violentamente Gonçalo, que aquela verbosidade grotesca enfastiava.

Dâmaso abriu olhos aterrados. E com uma resolução violenta:

— Não me bato! Não me bato! Não me faltava mais nada! Para quê? Para me dar ao desfrute? E duelos então, em Lisboa, que é logo uma chacota! Mas eu não quero perder as minhas relações. E tenho família. Que havia de dizer minha tia? Não me faltava mais nada! Eu não tenho medo. Estou pronto, que venha para cá...

Os dois amigos ergueram-se:

— Bem. Recusando-se a dar explicações e a bater-se, teremos de fazer essa mesma declaração. O nosso amigo fará o que julgar conveniente. — E João

da Maia, tomando outra voz: — Mas, amigo Dâmaso, previno-o de que Vítor está resolvido então a desfeiteá-lo publicamente...

— A desfeitear-me? — e, muito pálido, Dâmaso olhava-os, com um aspeto imbecil. — Isto só a mim! Isto só a mim! — e levava as mãos à cabeça. — Ai Jesus! Mas que hei de eu fazer? Os senhores são meus amigos, você é meu amigo, João. Que hei de fazer?

— Mas estamos a dizer-lho: escreva uma explicação categórica!

— Escrevo tudo! Se se trata de escrever...

— Bem, redija-a, e nós veremos. Mas se quer consultar alguns amigos...

— Não — acudiu Dâmaso. — Que diabo! Eu, o que quero é que isto fique

entre nós. Eu o que quero é evitar o escândalo. Isto só a mim! Isto só a mim!

Foi ele mesmo buscar papel, tinta. Enganou-se na porta, voltou atrás. Olhava, com os olhos esgazeados. E sentando-se à mesa, com a pena, que lhe tremia, na mão, fitava o papel, com um ar petrificado.

— Eu não tenho cabeça. O amigo João da Maia, escreva você.

João cofiou o bigode, deu alguns passos pela casa, refletiu, e apoiando-se à mesa, com uma voz doce:

— Amigo Dâmaso, o caso é difícil. Porque, enfim, se chamou canalha ao Vítor, ou tem de lhe pedir claramente perdão... — e esperou, fitando-o.

Dâmaso coçava desoladamente a cabeça:

— Pedir-lhe perdão? — E com

uma voz melancólica: — Não lhe parece que é mostrar medo?

João teve um sorriso ambíguo:

— Pode também dar uma explicação. Mas qual?

— Sim, qual?! — e Dâmaso olhava um e outro alternadamente, com ânsia.

— A mim lembra-me — disse João — dizer que estava embriagado. Que te parece, Gonçalo?

— Sim, que estava embriagado...

Dâmaso disse:

— Pois sim. Posso dizer que estava embriagado. Mas isto não se publica.

— Ah, perdão. Em todos os jornais.

Dâmaso deu um pulo:

— Mas então os senhores querem que todo o mundo se ria de mim. Então esse malvado quer-me desacreditar...

— Resta-lhe bater-se — disse João, encolhendo os ombros. — Como ofendidos, escolhemos as armas: a espada. Os seus padrinhos marcarão...

Mas Dâmaso ergueu os braços ao céu, e exclamou:

— O que isto tudo é, é uma grande canalhice!

João da Maia zangou-se. Tomou o chapéu, e com severidade:

— Bem. Esperamos os seus padrinhos. Devo dizer-lhe que essa palavra constitui uma ofensa para nós, e que depois do duelo com Vítor, teremos a honra de lhe pedir explicações...

E iam a sair. Mas Dâmaso

agarrou-lhes os braços. Tinha as lágrimas nos olhos:

— Ó rapazes! Ó rapazes! Por quem são! Eu não os quis ofender. Peço perdão. Ih Jesus! Oh meu Deus! Pelas cinco chagas de Cristo! Você conhece-me João; sabe que eu sou incapaz... Estou por tudo. Escrevam, e eu assino.

Deixou-se cair no sofá, e chorou. João escrevia tranquilamente. Consultou baixo com Gonçalo. Ajuntou algumas palavras. E leu o papel a Dâmaso.

— Convém-lhe?

— Que lhe hei de eu fazer? Para evitar os falatórios...

Sentou-se, e assinou.

E ao acompanhá-los à porta, disse-lhes, com a voz em que havia lágrimas ainda:

— E chamei eu àquele homem «meu amigo íntimo»! Obrigado, rapazes. Obrigado.

***

No dia seguinte Vítor e Genoveva almoçavam, ao meio-dia. Vestida com um largo roupão de seda azul-escuro, o cabelo ainda um pouco seco do calor do travesseiro, e desmanchado das voluptuosidades da noite, estava recolhido na nuca. O seu pescoço branco e firme movia-se livremente. Havia alguma coisa de sublime e doce espalhado em toda a sua pessoa. Uma vaga lassidão abandonada dava aos seus movimentos uma graça lânguida. E a paixão feliz punha no seu olhar um enternecimento

húmido, e mesmo dava ao esplendor da sua carnação alguma coisa de suave e de fresco. Do seu corpo saía um aroma doce. E Vítor olhava-a com um êxtase humilde. Falavam pouco. Às vezes, por cima da mesa, apertavam-se a mão. A manga do seu roupão, larga, deixava ver o braço nu, que Vítor, conversando, cobria de beijos, com os olhos banhados num fluido voluptuoso.

— Sentes-te bem? Estás feliz? — disse ele.

Ela suspirou, e inclinando um pouco a cabeça:

— Tanto, que tenho medo!

Mélanie entrou. Trazia o jornal que Vítor mandara comprar. E ele, desdobrou-o logo, percorreu-o rapidamente com os olhos e, com uma

sensação de orgulho, disse a Genoveva:

— Ouve isto. É a declaração do Dâmaso:

Ilmo. e Exmo. Sr. Vítor da Silva. Encarregados por V. Ex.ª de pedir ao Sr. Dâmaso a explicação de uma palavra, que V Ex.ª julgou ofensiva, dirigimo-nos a casa de S. Ex.ª, que imediatamente e espontaneamente, num sentimento de conciliação, nos deu a seguinte declaração:

Ilmo. e Exmo. Sr. Vítor da Silva. Tendo-se V. Ex.ª julgado ofendido com uma palavra descortês que dirigi a V. Ex.ª na

Casa Havanesa, tenho o maior prazer em declarar que ela não continha nenhuma intenção insultante, e que não tive consciência do termo que empreguei, porque nessa ocasião me achava inteiramente embriagado. Renovo a V. Ex.ª os protestos da minha mais alta consideração, e espero me continue a amizade com que até aqui me tenho sempre honrado.

Dâmaso de V.

Em vista de tão categórica explicação, julgamos terminada a

nossa missão, e somos

De V Ex.ª etc.

D. João da Maia

Gonçalo Cabral

Genoveva atirou para o lado o jornal, com nojo:

— E há de haver ainda quem aperte a mão a este homem?! — disse ela, com orgulho.

— O Dâmaso? — disse Vítor. — Estimadíssimo na sociedade! Um dos seus ornamentos! *O nosso Dâmaso!*

Genoveva veio sentar-se nos joelhos de Vítor:

— E querias-te bater? E se fosses ferido? Se me ferissem esta linda cabeça, que é minha?

Ele teve um movimento de orgulho

valoroso:

— Puh! Se nos batêssemos, cortava-lhe uma orelha, e estava tudo acabado.

Ela deixara-se escorregar até ao chão. Ficou de joelhos diante dele. Tomou-lhe as mãos, beijou-lhas:

— Meu Vítor! Meu amor! Sou tão feliz, que desejo morrer... — e com os olhos afogados numa ternura extática, estendeu devagarinho os beiços para ele, com a mansidão lasciva de uma escrava namorada.

— Vamos ver as obras — disse ela dali a um momento.

— Ah, vamos ver as obras!

As *obras* eram agora uma das distrações de Genoveva. Queria transformar uma das janelas da sala em

dois balcões envidraçados: para ter flores num, pássaros noutro. Há dias que trabalhavam carpinteiros. Tinham tirado as grades das varandas. Entraram na sala, muito de braço dado.

— Então, Tio Tomás, isso caminha? — perguntou Vítor.

O velho carpinteiro tirou o chapéu, e disse:

— Saiba Vossa Excelência que sim. Em duas semanas está pronto.

Vítor aproximou-se, debruçou-se mesmo sobre a pedra da varanda, para a rua em baixo. Mas Genoveva reteve-o pelo braço:

— Querido, agora sem a varanda dá vertigens. Tem cuidado!

— Era um saltozinho bonito — disse o velho carpinteiro, rindo.

13

Daí a dias, Vítor da Silva encontrou no Rossio Camilo Serrão. Parecia ter perdido a sua animação habitual. Tinha o ar estremunhado e melancólico. E sem transição começou a queixar-se, com uma fisionomia contraída, deitando olhares irados para os lados: como se estivesse descontente da cidade, dos habitantes, da cor, da luz e do universo. Os negócios iam mal. Tinha tido turras com a gente do Variedades, e não se fazia um vintém. A culpa era do Constitucionalismo, e da Lei dos Morgadios. Extintas as grandes famílias, tinham acabado as coleções ilustres. Os agiotas, que tinham sucedido aos fidalgos,

só compravam litografias. O único freguês era o Estado... Mas o Estado era estúpido. A sua esperança era uma revolução. Mas devia vir amanhã, porque, se tardasse uma semana, via-se sem pão na casa.

Vítor escandalizou-se: «Que tolice, a sua bolsa...»

— Não, não. O que me fazia conta era pensarmos outra vez no retrato dessa senhora estrangeira...

Vítor prometeu falar logo a Madame de Molineux. Tinha a certeza, afirmou, que ela o desejava imenso.

Deram algumas voltas no Rossio. Camilo, que as dificuldades da vida azedavam, insultou a cidade, «dum aspeto tão ignobilmente burguês e chato», as «fisionomias inexpressivas do português moderno», a «fachada idiota do Dona

Maria», a «vergonhosa vela de estearina que tinha por pavio o imortal dador da *Carta*». E consolado com estas pilhérias, declarou que ia estudar o retrato. Tinha uma ideia: pintá-la vestida de preto, sobre o fundo brilhante de uma cortina de damasco amarelo:

— Que efeito! Porque, enfim, que diabo, trata-se de chamar a atenção do burguês. Como? Por meio do estardalhaço das cores berrantes. Ao amarelo, pois!

Genoveva, com efeito, consentiu com alegria. O retrato seria para Vítor, que o poria no seu quarto, tendo constantemente por baixo flores, como na decoração votiva de um altar. «Mas não poderia o artista fazer o retrato, ali mesmo, na sala dela? Era tão secante ir a um *atelier*, todas as semanas. E era num

quarto andar!» Mas Camilo, a esta proposta, fez um trejeito ambíguo: «E a luz? A questão era a luz! Sem contar que os artistas recebiam, não procuravam. A arte era como a religião: esperava os fiéis, não vinha ter com eles. O *atelier* é um templo.» Citou mais uma vez Francisco I apanhando os pincéis de Ticiano, e declarou que *não*! Que só trabalhava no seu *atelier*. E para estudar a luz, para conhecer Genoveva, e combinarem a *toilette*, Vítor levou-o, uma manhã, à Rua das Flores.

— Como vai tua mulher? — perguntou-lhe ele ao subir a escada.

Camilo encolheu os ombros:

— Deu-lhe para estar melancólica e suspirar! Permite-se suspirar! Creio que tem saudades da broa da aldeia, e das

cavaqueiras da fonte. Com efeito a criatura esmorece no quarto andar. Falta-lhe a verdura, o campo, o gado. Está como uma vaca metida numa sala. Como todos os animais, que vivem de instintos, definha longe do seu meio.

Vítor não respondeu. Pensava nas admiráveis formas do animal, e no seu vestido de chita amarelo.

Camilo pareceu admirar muito Genoveva. Teve mesmo um momento acanhado, e com o seu chapéu desabado na mão, os pés cruzados debaixo da cadeira, tinha uma atitude constrangida de plebeu deslumbrado. Mas Genoveva, com muita bondade, falou-lhe do seu génio, das suas obras; citou alguns pintores ilustres que conhecera: Carolus-Duran, Bonnat, Regnault; falou de exposições;

teve mesmo uma frase sobre o claro-escuro. E Camilo, como um peixe que sente de novo a água, recuperava a disposição de movimentos, e a facilidade do discurso.

E daí a pouco, de pé, com as abas do paletó deitadas para trás, os cabelos em confusão, falava, com a sua abundância pitoresca. Começou por censurar a cor dos estofos e das guarnições da sala. Aquele fundo cor de chocolate e amarelo não convinha à beleza dela. Uma loura alta e de perfil aquilino, com majestade nas formas, devia estar cercada de uma decoração severa: uma combinação, sóbria e rica, de carvalho escuro e de veludo cor de cereja; um ou dois quadros de mestres espanhóis enegrecidos do tempo, onde

destaca, no fundo tenebroso, um lampejo da face lívida e mística de um santo; e grandes divãs. Genoveva aprovou muito. Achava talvez melhor aquela ideia para um quarto de cama: devia dar a um amor um caráter religioso e mais profundo, e uns laivos místicos à voluptuosidade.

Serrão olhou-a com espanto:

— Tinha perfeitamente razão. Era uma ideia digna de uma bela italiana do século XVI. Positivamente, como a vou pintar é vestida de veludo preto, estendida num divã, ao modo veneziano, com o estilo do Ticiano!

Combinaram então a *toilette*. Serrão quis ver alguns dos seus vestidos. Mélanie transportou, pouco a pouco, o guarda-roupa para a sala. Estendia os vestidos sobre as cadeiras. Serrão dava

um feitio artístico às pregas. E aquela exposição de sedas e de veludos, de falhe, punha na sala um ar de rico armazém de modista. Estendidos nas cadeiras, com as mangas caídas como braços mortos, os corpetes chatos e flácidos, mostrando os enchumaçados e os espartilhados, alargavam sobre o tapete a riqueza de caudas e pregas fortes. As falhes claras mostravam a rica frescura das sedas alegres. Os veludos desdobravam-se com o peso cerimonioso de pregas doces e ricas. As rendas punham a sua suave filigrana sobre cores sombrias. E Serrão, concentrado, com a mão no queixo, os beiços estendidos, passeava entre os vestidos, amarrotando aqui uma seda, ordenando além a queda de um veludo, estudando os tons, as espiras da luz no

rebordo das pregas, as sombras aninhadas nas dobras fundas, a franca cor dos planos lisos. Um vestido de veludo azul-escuro, sobretudo, atraía-o. Ora plantando-se diante dele com um ar profundo, ora demorando de repente em Genoveva um olhar estudioso, combinava, com as meditações de um filósofo e o cerimonial de um sacerdote, como diabo a havia de atirar para a tela.

— Positivamente, de azul, sobre um fundo de veludo magenta-escuro! É a sua carnação, os seus cabelos louros, destacando nestes tons severos, comendo a luz, monopolizando o olhar, e recebendo, das tonalidades gerais do fundo — e os seus gestos tinham a largueza de quem broxa uma tela —, como um velamento, um adoçamento geral, que

vem enternecer certas securas fortes dos planos duros...

— Percebeste? — disse Vítor, rindo, a Genoveva.

— Há de ser um soberbo trabalho — resumiu Camilo.

E no seu entusiasmo queria que começassem no dia seguinte. Mas Genoveva devia fazer uma visita prometida, à alemã do barão.

— Quando, então?

E combinaram que Vítor iria dizer a Camilo o dia exato.

— E eu, no entanto, disponho os fundos no *atelier. All right!*

***

Daí a três dias, com efeito, Vítor

subia as escadas de Camilo Serrão, para o, avisar que dali a dois dias, quinta-feira, Genoveva viria dar a primeira *pose*.

Ao entrar no *atelier*, viu logo que Camilo tinha feito preparativos. O chão estava lavado, os painéis e os gessos espanejados. Sobre um pequeno estrado coberto de um velho tapete verde, estava uma cadeira de coiro com pregos amarelos, e por trás, suspenso, como num gabinete de fotógrafo, um reposteiro de velho veludo cor de magenta escura. No cavalete havia uma tela nova, e sobre a mesa um ramo de flores, um prato de maçãs, e uma espécie de jarro de vidro cheio de colares. Vítor riu alegremente: na disposição daqueles acessórios reconhecia o desejo de Camilo em imitar no seu *atelier* a decoração conhecida do

atelier de Rubens, popularizada pela gravura, onde se veem frutos acastelados em taças de prata, cristais de Boémia, vasos transbordantes de flores, e a riqueza das altas existências aristocráticas.

Mas a porta abriu-se, e a formosa Joana entrou. Apenas avistou Vítor, uma onda de sangue cobriu a sua face pálida. Cumprimentou, e disse que Camilo tinha saído, e que só voltava à noite...

Àquela certeza de que Camilo não voltava, Vítor, sem saber porquê, sentiu uma perturbação, uma vaga satisfação. Joana tinha o seu terrível vestido de chita amarela. Mas Vítor observou que tinha os cabelos mais bem arranjados, uns punhos de renda.

— Eu vinha dizer-lhe: que vimos além de amanhã à uma hora. Não se

esquece, não?

— Além de amanhã à uma hora — repetiu ela.

Conservara-se de pé, com as pontas dos dedos apoiadas à mesa. Vítor via-a um pouco de perfil; e o seu olhar não se podia desprender da beleza dos ombros, da maravilhosa linha do seio e do pescoço, forte como mármore e branco como o leite. Mas o que o perturbava era aquele vestido de chita, que parecia colado ao corpo, que revelava todas as curvas, todas as reentrâncias, que era mais irritante que a nudez, e tinha com a sua cor amarela, um ar estranho e picante.

Procurava uma palavra. E disse por fim, olhando em redor:

— Aquele mandrião não tem feito nada de novo.

Ela encolheu os ombros.

Era simplesmente ignorância. Mas Vítor julgou ver um desprezo inteligente pelas fantasias contraditórias de Camilo.

— E como vai o seu pequerrucho?

— Bem, muito obrigada — respondeu.

Não se arredava de ao pé da mesa. Mas os seus olhos fixavam-se por vezes em Vítor, com uma franqueza de um animal espontâneo. Aquilo perturbava-o. Sentia alguma coisa de morno, de langoroso, que o amolecia. Levantou-se, foi olhar uma cabeça de mendigo, pintura suja e medíocre, que tinha um rótulo por baixo, com este dístico extraordinário: *Fatalidades Sociais!*

— É bonita, esta cabeça!

Ela aproximou-se, olhou, disse:

— Ah!

— O Camilo nunca fez o seu retrato?

— Não senhor — e sentou-se no diva. O vestido colava-se-lhe ao corpo, de modo que parecia que não tinha camisa. Havia nas suas pregas coladas toda a revelação de uma nudez maravilhosa. Vítor disse:

— É pena!

Mas ela então ergueu-se, aproximou-se da janela. Voltou. E estavam agora no sofá, um junto do outro. Vítor pareceu sentir, como vindo dela, um calor tépido, como de uma fogueira distante. Via-lhe o seio arfando e a redondeza magnífica dos braços nas mangas apertadas. Davam-lhe um desejo absurdo de lhes tocar, como para lhes sentir a

elasticidade. Repetiu:

— É pena!

— Acha? — disse ela.

A sua voz era tão cálida, que Vítor voltou-se, com um ligeiro estremeção. Os olhos de Joana estavam como afogados num fluido, e todo o seu corpo se adiantava, numa atitude de oferta e de passividade. Por um movimento instintivo, pôs-lhe a mão no ombro. Ela cerrou os olhos e, inclinando a cabeça para trás, soltou um gemidozinho suave.

Vítor descia, daí a meia hora, as escadas, perfeitamente contrariado: «Que tolice! Fora evidentemente uma canalhice. Porque, enfim, Camilo era seu amigo. Depois, não tinha por aquela bela lavradeira nem amor nem capricho. Fora o vestido de chita amarelo! Fora a

explosão bestial de um momento sanguíneo. Além disso, as últimas palavras dela: ‘Queria viver consigo’, eram inteiramente insuportáveis! Viver com ela, um animal belo mas estúpido, passivo, uma fêmea!» Estava agora vendo como faria para não se encontrar com ela, quando acompanhasse Genoveva. «Felizmente ela nunca vinha ao *atelier* quando Camilo trabalhava. E além disso, mesmo que visse Genoveva, mesmo que tivesse ciúmes, era tão passiva, tão nula, que não havia a recear nem recriminações nem cenas! Não era também possível que Genoveva soubesse. O mal não era grande. Mas fora estúpido, e sentia-se descontente, apenas, de não poder pensar, sem um estremecimento, na magnífica beleza de Joana, na sua maneira calada

mas profunda de sentir o amor. E Camilo? Camilo desprezava-a. Aconselharia a Genoveva de lhe dar, em lugar de quarenta, sessenta libras.» E parecendo-lhe que estas vinte libras sanavam a traição, contente de si e da vida, correu a ver Genoveva! Positivamente, dava no goto às mulheres.

***

Camilo foi pontual, daí a dois dias. O prato de maçãs estava ainda sobre a mesa, com o jarro de colares. E com um casaco de veludo cheio de nódoas, uma espécie de gorro escarlate, Camilo, muito animado, disse a Genoveva:

— Vamos fazer uma grande obra de arte! E digo vamos, porque o modelo é

o colaborador do artista.

E imediatamente fê-la sentar na cadeira do estrado. Apesar de ser em maio, estava um dia frio e escuro, com uma sensação de chuva próxima. Genoveva tinha um longo paletó de fazenda inteiramente debruado de peles, um regalo muito grande. Em torno do seu pescoço a gola de peles fazia aparecer o seu rosto mais branco e mais delicado, dando-lhe alguma coisa de suave e de friorento. E tinha um chapéu de veludo castanho-escuro, com a aba levantada adiante, sobre a qual desabrochava uma rosa-chá. E, comprimindo uma vontade de rir, um pouco encolhida, porque o *atelier* era frio, parecia adorável.

Camilo teve a ideia de a pintar assim, de chapéu, sobre o fundo amarelo.

Meditou, esboçou algumas massas na tela. Mas de repente:

— Com mil diabos, não! Deveria vir de vestido azul, com algumas pérolas no cabelo. Estas *toilettes* de passeio são indignas de uma obra de arte...

Neste momento Joana entrou no *atelier*. Ao ver Vítor ao pé de Genoveva, abriu os seus grandes olhos negros, fez-se vermelha e imediatamente pálida; e ficara de pé, imóvel, com um vago tremor nas mãos, quando Camilo, reparando nela:

— Que é? Que tens? Estou a trabalhar. Adeus.

Ela baixou um pouco a cabeça, desapareceu.

Quando soube que era a «sua bem-amada», Genoveva deu-lhe os parabéns: «Era uma magnífica beleza.» E olhava de

lado para Vítor, que fora encostar-se à janela, a esconder a vermelhidão das faces.

Nesse primeiro dia, Camilo dispôs as massas. E, trabalhando, dissertou muito sobre a Arte. «Estava ultimamente com vontade de se dedicar à pintura religiosa. Porque, enfim, donde provinha a decadência das sociedades modernas? Da falta de espiritualismo. E o que havia de mais próprio para levantar as almas do seu abaixamento, e distraí-las do seu prosaísmo, que a pintura dos grandes tipos e dos grandes carateres dos santos e dos mártires? Mas sentia que lhe faltava a fé. Para pintar S. Sebastião, é necessário acreditar nele! Ora acredito eu em S. Sebastião? Para fazer pintura de santos, era necessário ser um santo. E

invejava então, disse, a existência recolhida dos velhos pintores ascetas, da raça de Fra Bartolomeu e de Fra Angélico, que na paz seráfica dos claustros, possuídos do amor divino, tinham a visão nítida do Céu, e sabiam pintar uma alma, como hoje se sabe pintar uma árvore...»

Mas, recuando, examinou a sua tela: e enfureceu-se. «Não havia nada mais ridículo, nem mais prejudicial, do que estar a pintar o moderno, preocupado do antigo. Assim, instintivamente, estava a pôr no traço a secura da pintura ascética.»

— Que diabo! Falemos da Renascença, dos Bórgias, dos prelados lascivos, das galas católicas, das festas artísticas! E falou muito tempo dos artistas da Renascença. Até que Genoveva

se declarou cansada.

E Camilo, todo preocupado dos artistas da Renascença e das suas maneiras régias, ofereceu a Genoveva maçãs e colares; como Ticiano poderia ter oferecido as granadas de Tivoli com vinho de *Lacrima-Christi*.

Genoveva, ao voltar para casa, na carruagem, fez muitas perguntas a Vítor sobre aquela bela criatura entrevista: «Se ele a conhecia? Donde era? Se a tinha visto muito?»

Vítor respondeu com um vago embaraço, fazendo-se distraído.

«Se ele ia muito a casa de Camilo? Se ela tinha filhos?»

— Para quê são tantas perguntas? — disse ele, rindo.

— Hum! Não gosto dessas

relações.

— Tens agora ciúmes daquela fêmea?

— Há homens que gostam de fêmeas...

— Mas eu, com os meus gostos de artista, a minha delicadeza de sentimentos...

Genoveva teve um sorrisinho.

— Que estranho vestido de chita amarela! — disse ela. — Mas é bem feita.

— Hum! — fez Vítor.

— Hum, quê?

— Não acho muito.

Genoveva calou-se, olhando-o de lado, com um olhar faiscante.

— É bem secante ter de subir àquele quarto andar! — disse ela.

***

Dâmaso, ao princípio, tinha tido uma ideia vaga de que aquela explicação impressa não era talvez muito honrosa para ele. Fora sobretudo ao vê-la impressa «em letra redonda», que se sentira vexado. Nesse mesmo dia veio vê-lo um parente dele, o senhor Casimiro Valadares. Era um sujeito sério, de sobrancelhas cerradas, de quem se dizia: «O Valadares não é para graças.» Tinha tido, havia quinze anos, um desafio com um emigrado espanhol, em que fora ferido nos dedos ligeiramente. E desde então considerava-se, e era considerado, «um entendido em questões de ponto de honra, e um mestraço nessa história toda de pendências entre cavalheiros». E apenas

entrou no quarto de Dâmaso, atirou o *Diário Popular* para cima da mesa, e disse:

— Isto, é a vergonha das vergonhas!

Dâmaso fez-se escarlate, e abandonando o fluxo labial desordenado, declarou que quisera evitar um escândalo; que, realmente, a verdade é que estava «tocado»; que o Vítor era o seu amigo íntimo, que era indecente bater-se por causa de uma prostituta; que não era medo; que estava pronto a bater-se a tudo: à faca, peito a peito, se fosse necessário.

— Palavreado, palavreado — disse o outro. — O que é, é isto: é que os padrinhos do Silva obrigaram-te simplesmente a uma vergonha. E a minha opinião é que tu devias-te bater com o

João da Maia e com o tal Sr. Gonçalo... Gonçalo de quê? Gonçalo qualquer, Gonçalo Cabral! Devias já mandar-lhes os teus padrinhos. Se tu te tivesses dirigido a mim, as coisas corriam de outro modo: era o Vítor que havia de dar a satisfação. Assim, é indecente. É a minha opinião.

Dâmaso protestou: «Que eles se tinham mostrado seus amigos; que o tinham tirado de uma alhada; que além disso contava quebrar a cara ao Vítor; que, de homem para homem, era homem para ele.» E abria-se numa verbosidade transbordante, quando o Valadares o deteve com estas palavras secas:

— Eu, se fosse a ti, por decência, ia por uns meses para o estrangeiro.

Dâmaso ficou aterrado: «Porquê?

Aquilo desacreditava-o?»

— Declaraste-te simplesmente covarde e bêbedo. É a minha opinião.

Dâmaso, então, prodigalizou as queixas contra João da Maia: «Ele não tinha experiência. Fora o João que lhe dissera. Fiara-se nele. Além disso, jurara-lhe que não se publicava...»

— Desafia o João! É a minha opinião. Queres que eu lá vá?

Mas Dâmaso recusou-se, com violência. Para camisa de onze varas já bastava! Estava farto de complicações. Havia duas noites que não dormia.

E o Valadares saiu, dizendo-lhe, com tédio:

— Homem, devias trazer uma roca à cinta! É a minha opinião.

Dâmaso começou a pensar se

realmente lhe fariam má cara na sociedade. Durante alguns dias, saiu um pouco retirado no fundo do coupé; não foi ao teatro. Depois arriscou-se, uma noite, ao Grémio, passando rapidamente nas salas: recebeu dois «Olá, seu Dâmaso!» muito amigáveis. Animado, mostrou-se, pela tarde, na Casa Havanesa: recolheu, como sempre, os apertos de mão que mereciam os seus contos de réis de renda. Foi a São Carlos: na visita que fez aos camarotes, todas as senhoras tiveram, sem diferença, os mesmos sorrisinhos, as mesmas amabilidades. «Ou ninguém tinha lido, ou achavam natural» — foi a sua reflexão. Achou o Valadares caturra e espadachim. E uma noite, no Grémio, ele mesmo falou violentamente, numa roda, de Madame de Molineux e de Vítor:

«Enquanto a ele, o desavergonhado do Silva estava vivendo simplesmente à custa da bêbeda. De resto, estava farto dela, declarou. Ele mesmo lhe tinha dito, dias antes, que procurasse outro: ele tinha melhor. De resto, a criatura não lhe custara nem um vintém. E depois, tudo era postiço, tudo eram chumaços: despida, não valia nada... E a besta do Vítor acaba por casar com ela. O que ela quer apanhar é os oitenta contos do Timóteo.» Foi também a opinião geral: cada homem acreditando sempre, na sua vaidade, que todos os outros são amados por interesse.

***

Por esse tempo, publicava-se em Lisboa um pequeno jornal intitulado *A*

Corneta do Diabo. O redator e o jornal pareciam-se fisicamente: havia na fisionomia do homem e no papel da gazeta o mesmo tom ordinário e baixo. O estilo dos parágrafos tinha a irregularidade miserável dos hábitos do escritor. E havia no tipo de impressão como o caráter do homem: eram ambos *safados*. O fim do jornal era simplesmente a aquisição, para o seu redator, de alguns mil réis, que lhe pagassem os litros de colares, algumas paradas no valete e nas damas, e a tarifa das prostitutas. Para tudo o mais o dinheiro era-lhe desnecessário: tinha o calote. O meio de obter este rendimento era simples. Era extorquir uma soma aos simples, pela ameaça de uma publicação infamante; ou receber dinheiro dos covardes, pela impressão de alguma

calúnia: o difamador trazia a calúnia e a espórtula, o redator virgulava a calúnia e guardava a espórtula. Quando lhe davam bengaladas, sacudia-se como um cão molhado e, em lugar de um litro, para se restaurar, bebia dois. Quando lhe perdoavam, ou desprezavam, alteava o peito, metia os dedos pela grenha, e exclamava, na batota ou no bordel:

— Teve medo! Que viesse para cá!

Esta profissão era exercida no terceiro andar de uma travessa do Bairro Alto, mobilado de uma cama e de uma banca. Na cama, imunda, o redator cozia o vinho, ou suava os suores de uma tísica no segundo grau. Em cima da banca: *compunha*, e havia artigos; pouco depois expetorava, e havia escarros. E vivia

triste, entre aquelas nódoas, tremendo de medo da polícia.

Uma manhã, Vítor recebeu pelo correio um número do *Corneta do Diabo*, onde, na secção denominada «Cornetadas», um parágrafo estava marcado com um traço de tinta. Vítor, furioso, leu:

> «Ora viva, Sô Vítor! Então deixou-se o escritório do ilustre Dr. C.? Já se não necessita de explorar a viúva e o órfão? Esta pergunta era feita no Chiado a um certo Vítor, ao Vítor bonito. E um Pai Paulino, que passava nessa ocasião e que tem olho, ouviu a seguinte cornetada: é que o Sô Vítor achou emprego mais bem remunerado, e em lugar de

explorar a viúva, explora a *estrangeira*. E o que fará a certa Dulcineia de um certo mercador de panos? Pois Sô Vítor, se assim é, dizemos nós: cautelinha, que o *Diabo* cá tem a sua corneta preparada para cornetear por esse mundo a fama das suas conquistas *RENDOSAS*. Ora viva, Sô Vítor!»

Vítor acabou de ler este parágrafo com lágrimas de raiva. A sua primeira ideia foi sair e chicotear o Dâmaso. Porque não duvidava que fora ele o difamador. Reconhecia o estilo do Alípio, mas a vingança do Dâmaso. «Mas bater-lhe, fazer um escândalo, não era criar em torno do facto uma publicidade terrível? O parágrafo do triste *Diabo*, que poucas

pessoas teriam lido, seria então universalmente conhecido. Muitos diriam: ‘Que infâmia!’ Mas outros diriam: ‘Tocou-lhe na ferida.’ Porque a calúnia é como as nódoas de certos óleos: quando se dissipa a mancha, fica a marca. Felizmente Genoveva não teria lido; ou riria. Mas o tio Timóteo? Tremia que lhe tivessem mandado o jornal.» E foi com o coração acanhado que desceu para a sala de jantar. Dobrado, em cima do aparador, estava *A Corneta do Diabo*.

O tio Timóteo, sentado na sua poltrona, esperava o jantar, com o *Times* caído sobre o joelho. Vítor, num relance, compreendeu que devia ser o primeiro a falar, e por uma indiferença procurar atenuar a importância.

— Ah, também lhe mandaram esta

infamiazinha?...

O tio Timóteo fez um sinal afirmativo. Aquele silêncio desarranjou um pouco a atitude de Vítor, e disse, afetando rir-se:

— É o Dâmaso, furioso...

O tio Timóteo dobrava cuidadosamente o *Times*. E Vítor, já embaraçado, passeando em roda da mesa, começou a dizer:

— Eu bem me importa!... Quem se importa com o que diz *A Corneta do Diabo?*... Felizmente todos me conhecem...

O tio Timóteo ergueu-se, fitou Vítor. Tinha o ar preocupado. Bateu as pálpebras, como embaraçado, catarroou com a garganta e disse:

— Diz à Clorinda que traga o

jantar.

Sentou-se. Desdobrou o seu guardanapo. E falou das probabilidades de guerra no Oriente: «O *Times* trazia um artigo teso. Mas a Inglaterra ultimamente tinha uma política egoísta, de capuchinho, covarde. Covarde! Dizia-o a todo o mundo. Dizia-o na cara a Lorde Beaconsfield, e à rainha. Covarde!...»

Vítor, encantado com ver que as preocupações do tio Timóteo estavam tão longe, no Danúbio e nos Dardanelos, animou-o, levou-o ainda para mais longe, para a Arménia, para a Índia; deitando, de vez em quando, na conversação algumas frases vagas, como achas numa fogueira, para a não deixar apagar. Mostrava-se irritado com os Turcos. Disse mesmo:

— Tenho pensado muito nisto —

como para se mostrar interessado pelas ideias gerais —, e positivamente a Turquia é um cadáver.

— Mas o que é a Rússia?

E o tio Timóteo atacava a Rússia, o czar, a divisão da Polónia, os exílios da Sibéria e a escravidão dos trabalhadores. Traduziu mesmo o artigo do *Times* a Vítor, deu algumas punhadas na mesa, e falou longamente sobre a ideia.

«Ou não leu, o *Corneta*, ou já lhe esqueceu», pensava Vítor.

E depois do café ia a levantar-se, quando o tio Timóteo, enchendo o cachimbo, disse, com uma voz vagarosa, grave:

— Pois eu li a infamiazinha...

Vítor tornara-se a sentar, corado.

— Li — continuou o tio Timóteo,

com seriedade. — É mesmo uma infâmia: porque não creio que uma pessoa da minha família viva à custa de uma mulher...

— Oh, tio Timóteo!... — acudiu Vítor, com um largo gesto, de uma consciência escandalizada...

— Não creio, está claro. Mas não me faz muito feliz ver que te estás a arruinar por ela.

— A arruinar? — disse, impetuosamente, Vítor.

— Senta-te. Falo tranquilamente: escuta-me tranquilamente. A arruinar. Não de dinheiro, está claro, que o não tens... — e acendia o cachimbo, puxava as baforadas, tranquilamente, conchegando o tabaco com o dedo. Vítor, nervoso, devorava-o com os olhos. — Não o tens!

Mas um homem não é só feito de dinheiro. Há outras coisas que se podem arruinar. Arruína-se a saúde, a reputação, a inteligência, o caráter, a profissão...

— Mas então... — começou Vítor.

— *Chut!* — e o tio Timóteo, cerrando as pálpebras, estendeu a mão. — Meu amigo, eu chamo «arruinar» a um homem abandonar as suas relações, a sua carreira, os seus livros, o seu escritório, as suas ambições, os seus planos, e passar a viver nas saias de uma mulher, como um sigisbéu.

— Oh tio Timóteo, mas deixe-me...

— Tem paciência. Eu sou de opinião, e disse-o muitas vezes, que um homem deve ter uma amante. Quem, aos vinte e cinco anos não é casado nem tem

uma amante: tem falta de limpeza. — Tinha falado tranquilamente, mas de repente, animando-se, dando uma punhada na mesa: — Mas, com um milheiro de diabos, uma coisa é ter uma amante e ir vê-la de vez em quando: ou todos os dias umas horas, ou todas as noites, ou um pouco de ambos. E outra coisa é mandar tudo ao diabo: parentes, casa, profissão, carreira; e de dia, de noite, a todas as horas, estar colado à criatura, como um carrapato! É indecente.

— Mas eu...

— Mas tu almoças lá, passas lá a manhã, fazes às vezes a honra de vir jantar aqui à pressa, voltas para lá, passas lá a noite, passeias com ela, vais ao teatro com ela. Não tens outra ideia, nem outra ocupação, nem outro fim de vida! Ora eu

digo que isto é bajoujice, e que um homem que tem os seus membros todos e o seu cerebrozinho dentro do casco, deve realmente fazer alguma coisa de melhor que viver entre as saias de uma mulher! Disse. Isto não é ralhar. Eu não sou tio de ralhos, pobre de mim. É dizer-te a verdade. Consulta a tua consciência. Ora agora, se te achas inteiramente inapto para outra qualquer coisa, que não seja refrescar os ardores dessa senhora, então fazes bem. Mas se te sentes vontade, inteligência, e força nesses braços, então emprega-a noutra coisa! Com franqueza: tenho ou não razão?

— Tem toda a razão, tio Timóteo — balbuciou Vítor, escarlate.

— Bem. Então, ponto na cena íntima...

Ergueu-se e foi sentar-se na poltrona, com o *Times*.

Vítor ficou imóvel na sua cadeira, com o rosto abrasado, torcendo nervosamente o bigode, e quebrando a cinza do cigarro na borda do pires.

Vítor contou a Genoveva a cena com o tio Timóteo.

— Ora manda o velho ao diabo! — exclamou ela. E deitando-lhe os braços ao pescoço, com um modo arrependido: — Perdoa falar assim do nosso titi. Eu até gosto dele. Mas que quer ele que tu faças? Um homem como tu não nasceu para vegetar num escritório de advogado... E de resto que nos importa? A tua obrigação, a tua ocupação, a tua profissão, é amar-me. Diz: não é verdade? Diz-me.

Os seus olhos tinham uma paixão tão profunda, havia uma palidez tão doce na sua face, o seu corpo pesava-lhe nos braços num abandono tão amoroso, que Vítor, pálido, murmurou:

— Sim. É.

— Manda os autos ao diabo! — disse ela com um risinho, um gesto impertinente de quem arremessa um cartapácio tedioso.

Mas no dia seguinte, ao almoço, falou com mais seriedade: «Que não queria de modo nenhum que o tio Timóteo começasse a embirrar com ela e supor que ela estava pervertendo o *menino*. Que era melhor fazer-lhe a vontade. Podia ir todas as manhãs ao escritório, do meio-dia às três. Mais doces pareceriam as horas, à volta. Um homem realmente devia ter uma

ocupação. E a de advogado parecia-lhe bonita: falar numa audiência, defender causas políticas, ou crimes de amor. A toga havia de lhe ficar bem. E quando ele falasse, queria ir ouvi-lo.»

— Arranja a defender um assassino, para eu ver!

Mostrou-se, nos outros dias, muito entusiasmada da profissão de advogado: «Que orgulho salvar um homem que treme, palpita de terror; salvá-lo da prisão, do degredo! Depois a advocacia era a sala de entrada da política: podia ser deputado, seria um orador, e que orgulho para ela, vê-lo, em sessões tumultuosas, pálido, do alto da tribuna, fulminar um ministério atónito e encolhido?» E Vítor começou «a achar-lhe razão». Desde que ela a estimava, a

vida de advogado já lhe não parecia tão burguesa, tão monótona. Começava mesmo a compreender-lhe certa poesia oculta. Começou a ir ao escritório. Mas, como os elementos romanescos da advocacia não lhe apareceram logo, e apenas via os tédios habituais, como não encontrou imediatamente um assassino a salvar, ou um crime de amor a defender, bem depressa lhe veio uma fadiga maior do papel selado e das frequentações dos clientes. Começava a bocejar, a dar-lhe uma sonolência triste. Agarrava o chapéu, corria à Rua das Flores. Encontrava-a vestindo-se, ou lendo, e fumando cigarrinhos *Laferme*. Ela começava por o censurar: «Era mal feito deixar o escritório! Devia trabalhar!» Mas ele jurava-lhe que a lembrança dela não o

deixava, que não podia estar um momento sem a ver. E ela, toda feliz, dizia-lhe, num beijo:

— Tens razão!

Um dia mesmo disse-lhe:

— Deixa lá o escritório! Tenho outro plano.

E interrogada, respondeu com risinho, beijos, toda a sorte de reticências carinhosas.

Achava-se desordenadamente apaixonada por um rapaz pobre, e ela, pobre também. Ter outros amantes, nunca: parecia-lhe mais fácil viver numa trapeira, ou coser para fora, ou pedir pelas esquinas. O plano de Genoveva era este: As suas dívidas estavam pagas. Tinha um capital de vinte contos, a 6%. As suas joias, a sua carruagem em Paris e

as suas mobílias, vendidas, dariam quatro ou cinco contos de réis. Era um rendimento de um e quinhentos. Era possível viverem os dois. Em França, poderiam ter, nos arredores de Paris, nas margens do Sena, uma casinha, um chalé bonito, com doze metros de relva, quatro velhas árvores, todo forrado de cores claras, com trepadeiras nos muros. Iriam a Paris no ónibus. Fariam a vida deliciosa e barata dos estudantes namorados. Tinha escrito mesmo para Paris, ordenando a venda de tudo. Para não «roer» o capital, em Lisboa fazia economias. Tinha mesmo despedido a carruagem da Companhia. Uma noite, depois de jantar, estavam na sala. Vítor, estendido no sofá, fumava. Ela abrira, ao piano, a partitura da *Petite Mariée*, e aqui e além cantava alguns dos

finos, delicados *couplets*. Vítor sentia-se numa hora deliciosa. Aquela música punha-lhe nos nervos alguma coisa de amoroso e de petulante. Via o seu perfil fino, tocado de luz, e a brancura do seu colo, onde a claridade das velas punha brancuras de camélia viva; e bebendo o seu conhaque, aos goles, sentia-se feliz, e a vida, como uma combinação de coxins, por toda a parte lhe oferecia um conforto doce.

— Sabes que despedi a carruagem da Companhia? — disse ela de repente.

E quando Vítor perguntou porquê:

— Porque não sou rica, meu filho. Preciso fazer economias.

Vítor fez-se vermelho. Sentia que era por ele que ela abdicava do seu luxo. E desesperava-se de não lho poder

continuar. E Genoveva, vindo estender-se no sofá, um pouco na sombra, começara a fumar repousadamente um *Laferme*, *Phersali*, *très fort*. E acrescentou:

— É necessária a economia, para realizar o meu *plano*.

Vítor veio sentar-se ao pé dela. E acariciando-lhe a mão, devagarinho, quis saber o *plano*: «Não falava senão no *plano*. Que era? Queria-se proclamar rainha da Ibéria?

Ela esteve um momento calada, soprando o fumo branco do cigarro; ergueu-se, foi bater no teclado alguns compassos; e voltando-se bruscamente, veio ajoelhar-se diante dele. E disse-lhe:

— *Voilà!* Nós vamo-nos embora.

E vendo-o muito surpreendido, disse-lhe a sua ideia de deixarem Lisboa,

irem instalar-se ao pé de Paris, num delicioso chalé; viverem com pobreza, como dois estudantes, e com o egoísmo de noivos.

— E o pobre tio Timóteo? — perguntou Vítor.

Genoveva ergueu-se, devagar, fitando-o, batendo ligeiramente as pálpebras:

— Como, o tio Timóteo?

— O tio Timóteo e Vítor, passeando pela casa, começou a dizer-lhe que «realmente não podia deixar o tio Timóteo. Devia-lhe tudo. Tinha-o educado. A sua fortuna seria para ele. O pobre homem não tinha outra família, tinha-o a ele só. Estava velho, coitado. E achava uma ingratidão abandoná-lo».

— Pois não o abandones. Diverte-

te com ele. Dorme com ele! — exclamou Genoveva.

Vítor achava naquele arrebatamento uma crueldade egoísta. Mas receoso de a desgostar, vendo naquela cólera uma prova de amor, disse, com uma voz quase lamentosa:

— Mas, meu amor...

Ela cruzou violentamente os braços:

— Pois eu estou pronta a fazer por ti todos os sacrifícios, a abandonar a minha casa, os meus hábitos, as minhas relações, enterrar-me, como uma merceeira retirada, num horrível chalé, no campo, todo o ano, e tu não me podes sacrificar nem o tio Timóteo?

Teve uma pausa. E os seus olhos devoravam-no. Vítor, sentado, com os

cotovelos nos joelhos, fitava o chão, com a cabeça baixa, como dobrado sob a pressão daquela verbosidade dominante.

— Se fosse uma senhora — continuava ela —, se fosse tua mãe, tua irmã, que dependesse de ti, compreendo. Se fosse um velho inválido e pobre, vá! Mas um homem na força da idade, com fortuna, que tu vês todos os dias meia hora quando muito... Em que lhe é necessária a tua companhia? Que perde com a tua partida?

Aquelas razões, sobretudo o calor da sua voz, a influência da sua beleza, convenciam-no. E foi com um vago acento de renunciamento, de adoração, que disse:

— Mas não podíamos nós passar, essa mesma vida em Lisboa?

Genoveva encolheu os ombros.

«Era lá possível! Lisboa era tão monótona, tão, tão enfastiadora, tão lúgubre, que a única maneira de viver é a compensação do luxo: um grande chefe de cozinha, uma criadagem numerosa, uma decoração de interior sumptuosa, jantares ricos, uma cocheira completa, etc., etc.

— A vida pobre só em Paris é possível — disse ela.

Vítor reconhecia vagamente a verdade daquela opinião. Vinham-lhe mesmo perspetivas tentadoras de uma existência feliz: Paris, um chalé com ela, visitas ao museu, a vendas célebres, um fundo de camarote num teatro alegre, os jantarzinhos nos restaurantes, uma existência boémia e amorosa. Mas calava-se, torcendo o bigode, soprando o fumo do charuto.

— Mas responde, diz alguma coisa — exclamou ela.

Ele suspirou e, franzindo a testa, como no esforço de uma resolução difícil:

— Minha querida, é que eu não tenho dinheiro para ir para Paris.

Ela ia falar. Mas ele, detendo-a:

— Bem sei. Tens tu, é o que vais dizer. Mas realmente, Genoveva, eu não posso viver à tua custa!...

Houve um ligeiro silêncio. Genoveva passeava pela sala, arrastando sobre o tapete um rumor de sedas.

— Não sabia que eras tão orgulhoso — disse ela, sem o olhar, mexendo nos lírios sobre a jardineira.

Ele aproximou-se dela, passou-lhe o braço pelo ombro:

— Não é orgulho. É uma questão

de decência. Não, realmente achas bonito que eu viva à tua custa?...

Ela ergueu para ele os seus belos olhos luminosos:

— Mas não se vê todos os dias que, quando um homem pobre casa com uma mulher rica, de facto vive à custa dela?

— Ah, bem. Isso é quando se é casado.

Calaram-se. A mesma ideia decerto os agitava. Genoveva veio sentar-se ao piano e, voltando com impaciência as folhas da partitura, bateu alguns compassos, cantou:

Le rossignol chantait,
Et tendrement...

E voltando-se bruscamente para ele:

— Mas isso não é sério, não é verdade?

Vítor aproximou-se do piano:

— É sério, Genoveva. Não, realmente não posso. Que se diria? Todo o mundo sabe que eu vivo de uma mesada que me dá o tio Timóteo. Como podia eu ir para Paris? Era uma vergonha... A minha dignidade...

— Ora deixa-me com a tua dignidade! — exclamou, impacientemente. E erguendo-se: — Boa noite!

— Genoveva!

— O quê? Boa noite! Desde o momento em que a tua *dignidade* te não permite amar-me, fazer um sacrifício por mim, dedicares-te, acompanhar-me, viver

para mim: adeus! Um bom aperto de mão, e está tudo acabado. Boa noite — e estendeu-lhe a mão.

Vítor olhou-a, muito pálido.

— Pensas que não falo sério? — disse ela. — Conheces-me bem mal.

E saiu da sala, rapidamente. Vítor ouviu chamar por Mélanie, e a porta do quarto dela fechar-se violentamente. Ficou muito embaraçado. A ideia de romper com ela nem sequer lhe acudiu. Mas podia realmente aceitar aquela posição subalterna, ir para Paris levado por uma mulher, que lhe pagaria os bilhetes do caminho de ferro, o jantar nas gares, os livros que ele necessitasse, e mesmo cigarros que quisesse fumar? Não seria natural que o tio Timóteo lhe continuasse a mesada, se ele partisse com

Genoveva. E mesmo quando, por uma generosidade sentimental, lha mantivesse, que eram dez libras em Paris? Se ao menos pudesse fazer dívidas! Mas quem confiaria nele? E se ela um dia lhe passasse aquela paixão, ou lhe viesse o capricho por outro, poderia continuar a viver à custa da mulher que o traía? E que faria em Paris, se se separasse dela e da sua bolsa? Teria de voltar a Portugal! E o que encontraria? O descrédito. Ninguém de bem lhe estenderia a mão. Seria para sempre e para todos «o Vítor, o que era mantido pela do Dâmaso». E cada razão caía sobre a sua resolução, fixando-a mais, como uma martelada sobre um prego.

Uma coisa o consolava: é que Genoveva o amava, e que, passado o

primeiro despeito do pedido recusado, se resignaria a viver em Lisboa, ou adiaria indefinidamente a sua partida. E depois, veria!... Bebeu outro cálice de conhaque, e dirigiu-se ao quarto dela. A porta estava fechada por dentro. Bateu. Chamou: «Genoveva!»

Mas Mélanie correu logo do corredor com o paletó dele e o chapéu, e disse, com um ar embaraçado:

— A senhora diz que está incomodada, que amanhã lhe escreverá — e estendia-lhe o paletó.

— Que brincadeira é esta? — exclamou ele.

— A senhora está muito zangada. Fechou-se por dentro. Deitou-se — é oferecia-lhe o chapéu.

Vítor correu à porta, bateu com

força, dizendo:

— Genoveva, estás doida?

O silêncio impassível irritou-o. Deu um encontrão à porta, que abalou a fechadura. Mélanie, pálida, queria afastá-lo: «Ele não conhecia a senhora! Era mulher para fazer um escândalo! Era melhor voltar amanhã. Pelo amor de Deus! Estava tão desesperada.»

— Genoveva — gritou Vítor, sacudindo furiosamente a porta.

Não esperou muito. A porta abriu-se de repente, e ele quase recuou. Diante dele estava Genoveva. Tinha apenas urna longa saia vestida. E a camisinha de seda, decotada, entreaberta, descobria o colo, os braços, o seio. E os seus cabelos louros, deitados para trás, davam à sua beleza um ar desordenado e voluptuoso.

As velas ardiam sobre o toucador. E o leito desfeito tentava prodigiosamente. Vítor precipitou-se para ela. Mas Genoveva, que conservava a mão sobre a chave, disse, com a voz vibrante:

— Juro-te que não entras aqui, sem me dizeres que vens comigo! — e fitando-o, penetrando-o de um olhar ardente, e trespassador, com a voz baixa, onde rugiam todos os desejos da paixão:

— Vens?

— Juro-te que vou — disse ele.

Ela teve como um suspiro de orgulho, e Vítor caiu loucamente nos seus braços.

Ao outro dia, a partida para Paris era uma resolução fixa. Deviam partir em setembro. Iriam por terra. Demorar-se-iam em Madrid quinze dias. Parariam

talvez nos Pirenéus. E Genoveva ria, de uma alegria vibrante e nervosa, com a ideia dos prazeres daquela viagem sentimental. Vítor não estava menos encantado. Os beijos de Genoveva, os seus braços, tinham-lhe dissipado o resto do caráter e da vontade. Sentia-se sem resistência ao pé dela, como uma cera mole. Ela tinha palavras que o entonteciam, e que o faziam servil. E certos beijos levavam-lhe a alma numa delícia tão ardente, que ele, se ela quisesse, seria um ladrão. O amor egoísta e cioso de Genoveva extinguia nele tudo o que não servia a satisfazê-lo, ou a servi-lo. Extinguira-lhe a vontade, a dignidade, o amor do trabalho, a consideração do futuro. Conservara-lhe apenas uma força: o desejo; e uma habilidade: a

versificação. Amava-a, e fazia poesias líricas. E daquele homem apenas restava: um temperamento, e uma retórica. A ideia da viagem correspondia aos seus desejos mais íntimos. Sempre tivera o sonho clássico dos sentimentais: viajar com uma mulher amada; e via-o enfim realizado! Como pensaria mesmo em resistir? De resto, a preocupação do dinheiro passara: «Se se amavam, o que era dela era dele. O amor santificava tudo. E sendo de natureza divina, porque não teria os mesmos efeitos que o casamento, que é apenas de natureza administrativa? E além disso, se a sua consciência não se escandalizasse, que lhe importava a opinião? O que é a opinião? É o julgamento dos Dâmasos, e dos Marinhos e dos Carvalhosas! E depois ele era um

homem de poesia, de ideal, não é verdade? Portanto as leis burguesas da moral trivial não eram feitas para ele!» E enquanto ao tio Timóteo?... Esta ideia embaraçava-o. Não se atrevia a dizer-lhe que ia partir com Genoveva. Respeitava-o, temia-o, e como era de temperamento amorável, a sua longa convivência com aquele velho simpático tornara-lho querido. Que faria? O seu temperamento efeminado sugeriu-lhe logo uma ideia feminina: fazer as suas malas em segredo, safar-se, e deixar-lhe uma carta.

E aplanadas as dificuldades, abandonou-se ao encanto, à esperança daquela grande aventura romanesca. Mandou fazer camisas, um fato de veludo para estar em casa, sapatos de verniz, e uma casaca nova, porque entrava nas

existências em que a casaca é necessária como o uniforme ao soldado.

No entanto às vezes notava em Genoveva a abstração de uma preocupação. Encontrava-a, os seus olhos fitos nele, como a estudá-lo, ou como se estivesse para lhe dizer alguma coisa grave. Outras vezes via-a triste. Certas palavras dela surpreendiam-no, e pareciam revelar o receio de ver findar aqueles amores. Inquietou-se, interrogou-a.

— Não estás contente? Não achas bastante que eu vá contigo?

— Ainda não é bastante... — respondeu ela um dia.

Que desejava ela então? Mas, quando lho perguntava, Genoveva punha no seu sorriso reticências amáveis, dizia:

— Em Paris te direi.

Um dia Vítor teve uma ideia súbita: estaria ela grávida? Ajoelhou-se aos pés dela, perguntou-lhe ao ouvido.

Ela riu muito:

— Não, não! Que tolice! — E depois de um momento, suspirou: — Ah, se assim fosse!

***

Pensava no casamento. Pensava nisso desde que o começara a amar. Mas agora, que conhecia a sua natureza fraca, amante, dominável: a possibilidade aumentava-lhe o desejo. Tinha encontrado enfim, a *paixão*, *a grande paixão* por que suspirara toda a vida, e que se mantivera sempre longe dela, como um pássaro

maravilhoso pairando num céu distante.

E agora que a tinha enfim, queria empregar todos os meios para a não deixar nem diminuir, nem fugir. Vítor correspondera a todos os seus desejos. Era formoso como um anjo, segundo ela, e adorava-o. Era bastante dominável e maleável para se conservar sempre numa atitude obediente. Era bastante inteligente, e bastante elegante, para lhe satisfazer o orgulho. E depois devia herdar 80 contos do tio Timóteo. Onde encontraria outro assim, sobretudo agora que a mocidade ia passando, e já havia na sua pele uma leve ameaça de rugas próximas? Se o não prendesse por alguma coisa de mais forte que a voluptuosidade e o amor, quem sabe se ele lhe escaparia, passado um ano, dois anos? E se não lhe arrancasse um

consentimento agora, que o dominava pela vaidade, pela concupiscência] pelo luxo, pela beleza, seria tarde depois! Com a fortuna dela e dele viveriam felizes em Paris. Mas não queria falar-lhe em casamento, sem que essa ideia tivesse aparecido por si mesma no espírito dele. Era necessário que ele mesmo o tivesse secretamente desejado; num consentimento entusiasmado. Começou, para isso, a fazer tudo o que poderia fazer-lhe nascer essa ideia, desenvolver-lha, tornar-lha cara. Foi muito hábil: disfarçando, sob as solicitudes do amor, as combinações da ambição.

Um sábado à noite, disse-lhe de repente:

— Queres-me acompanhar amanhã à missa? De manhã cedo. Não te quero

comprometer. Às sete horas?... Vem! Para dar felicidade ao nosso amor...

Vítor foi, e achou-a adorável, toda vestida de preto, dobrada sobre o seu livro de missa, na atitude recolhida de uma devoção elegante.

Várias vezes depois, nessa semana, lhe falou de igreja, de religião, de arrependimento. Mas apressava-se a dizer que era o amor que lhe dava aquela moralidade. Ele não imaginava o que ela se achava arrependida dos seus erros passados. O seu martírio era que tinha pertencido a outros homens. Mas fora o seu corpo. A sua alma, o seu coração, era virgem, só dele. Tinha-lhe dito:

— És o esposo do meu coração. Nesse és tu o primeiro homem.

Estes refinamentos eloquentes

exaltavam Vítor. Depois, tinha outros cuidados com ele: «Quem lhe engomava a roupa? Andava sempre tão mal engomado! Pudera, pobre querido, não tinha uma mulher para tratar das suas coisas. Ele veria em Paris como ela tomaria cuidado de tudo.» Começou a bordar-lhe lenços.

Mudara as suas maneiras, a sua *toilette*, as suas expressões. Afetava certos prejuízos de castidade e de alta moralidade. Um dia que ele trauteava a sua canção favorita:

Chaque femme a sa toquade
Sa marotte et son dada

ela pediu-lhe que não cantasse essa infâmia. «Lembra-me tanta vergonha passada!» ajuntou com um ar triste.

Vestia-se com mais sobriedade, fazendo dominar as cores severas. Ele lamentou que ela já não usasse certos vestidos que a faziam tão irritante, tão cativante.

— São *toilettes* de cocote. Eu sou agora uma senhora casada. O chique para mim acabou...

Antes de se deitar mesmo persignava-se.

E ao fim de duas semanas, Vítor, um dia que a via costurar à janela, vestida de escuro, com o seu perfil doce destacando na luz, pôs-se a pensar:

— Que adorável mulher! Que esposa! Que pena que eu a tivesse conhecido tão tarde!

No meio daquelas preocupações, tinha desleixado um pouco o retrato. E

uma manhã Vítor recebeu uma carta de Camilo Serrão, que dizia:

> *Reclamo o meu modelo, que tem faltado a duas sessões consecutivas. O que significa isto? Mudou de ideia? Seria simplesmente atroz. Eu contava com este retrato para me lançar. E não quererão que eu, que tinha enfim debaixo da mão a glória, a fortuna, e uma obra notável, tudo isto me desapareça como bolinhas de sabão. Madame de Molineux será responsável, perante a arte e perante Deus se essa hipótese fosse aceitável, de um artista inutilizado. Trá-la, menino, e que ela se deixe imortalizar pelos pincéis*

do teu dedicado
Camilo

Genoveva achou a pilhéria sobre Deus de mau gosto. Mas Vítor convenceu-a que seria um desapontamento para o pobre Camilo. Quem sabia se aquele retrato não seria o começo da sua fortuna?

— Embirro com a mulher...

— Ora! — disse Vítor, encolhendo os ombros, e sentindo que corava um pouco. — Vais lá hoje às duas horas, sim? Diz que sim.

— Porque tu queres, meu querido maridinho — disse-lhe ela, com um olhar terno e humilde.

E Vítor saiu, para ir prevenir o Camilo. Encontrou a porta aberta. Era hora e meia. Ao entrar no *atelier*, em lugar

de Camilo, viu Joana, que cosia sentada à janela. Ergueu-se, muito vermelha, disse que Camilo voltava às duas horas. Ficaram um pouco embaraçados. E enfim Vítor, por delicadeza, tomou-lhe a mão, e depois, olhando em redor, pousou-lhe friamente um beijo nos lábios. Mas ela passou-lhe os braços pelo pescoço, deixou-lhe cair a cabeça no ombro, e Vítor sentiu-a soluçar baixo.

— Olha que pode vir gente — disse, querendo desembaraçar-se.

— Que me importa? — disse ela, entre as lágrimas.

— Importa-me a mim! — exclamou ele. Mas arrependeu-se daquela brutalidade. Tantas lágrimas lisonjeavam-lhe o orgulho. E a beleza de Joana dava-lhe, contra sua vontade, um

enfraquecimento, e como um renascimento do desejo. Desprendeu-se devagar, disse-lhe com ternura: — Então! Não sejas doida, sossega...

— É a sua amante, aquela mulher? — perguntou ela, com os braços caídos, longas lágrimas rolando-lhe pela face.

— Bem sabes que é...

Ela deixou-se cair no divã. E os seus longos soluços, espaçados, agitavam o seu magnífico seio. Vítor estava desesperado. Se Camilo chegasse, e a visse lavada em lágrimas? Que vergonha! Que horror! Num momento de covardia, agarrou o chapéu. Mas ela prendeu-lhe os braços com força, tirou-lhe o chapéu e, com uma suplicação na voz:

— Um instantinho mais... Eu já não choro — e limpava as lágrimas à

pressa, dominava os soluços.

E ficou no divã, com os olhos fitos no chão, numa desesperação muda. Vítor sentou-se ao pé dela, dizendo-lhe:

— É necessário ter juízo...

Mas uma onda de desejo invadiu-a e, com um soluço, abraçou-se a Vítor, colando os seus lábios sobre o rosto dele, os lábios, os olhos. Ele sentia-se enfraquecer. Mas um rumor fino de sedas ciciou no corredor. Teve apenas tempo para a repelir, e viu à porta, muito pálida, Genoveva.

Ergueu-se logo, corado, com as mãos trémulas.

Genoveva entrou devagar no *atelier*, olhando-o a ele, a ela, com um olhar seco, febril, os lábios brancos.

— A senhora — perguntou ela —

sabe que este homem é o meu amante?

Joana, muito pálida, não respondeu.

Genoveva dardejou, sobre eles, dois olhares cruéis, como estocadas:

— Pois se o torna a esquecer, eu lho lembrarei de outro modo. — E voltando-se para Vítor, imperiosamente: — Vamos! Vens?

Vítor seguiu-a, calado. Um coupé de praça esperava à porta. E até à Rua das Flores não disseram uma palavra, não se olharam. Vítor pagou o cocheiro, e subiu a escada atrás de Genoveva. Apenas entraram na sala, ela desapertou nervosamente o chapéu, arremessou-o sobre uma cadeira, foi-se olhar a um espelho, e voltando-se bruscamente para Vítor, pálida como cera:

— Bem, que quer mais?

— Escuta, Genoveva...

— O quê? Sacrifiquei tudo por si, tudo: riqueza, divertimentos, prazeres, luxo, tudo. Engana-me com uma criada de servir, uma cozinheira, um estafermo. Que quer mais?

Vítor, aflito, quase com as lágrimas nos olhos, tomou-lhe as mãos, procurando abraçá-la, exclamando:

— Mas escuta-me, pelo amor de Deus, ouve!

E contou-lhe precipitadamente que conhecera aquela mulher antes dela. Que nunca a namorara, nem a tentara. Que fora ela! Que uma ocasião, estava no *atelier* só com ela, e fora uma loucura, um movimento do sangue. E fora só uma vez.

— Mentes!

— Juro-te por alma de minha mãe! — disse ele, impetuosamente.

Houve um silêncio.

Ela oscilava tristemente a cabeça:

— Não, Vítor, escuta. Amo-te, como se pode amar neste mundo. Adoro-te, eu sei. Estou decidida a dar-te a minha vida inteira, a ser a tua escrava, a tua esposa, a tua concubina, o que quiseres, meu amor.

Aquelas palavras davam a Vítor uma exaltação delirante. Murmurou:

— Oh, Genoveva, Genoveva!

— Mas a confiança está perdida — disse ela tristemente. — Nunca mais posso confiar em ti... — E batendo com as mãos: — Oh, meu Deus, meu Deus!

Duas lágrimas caíram-lhe pela face. Caiu no sofá, soluçando.

Ele atirou-se-lhe aos pés, e, louco, disse-lhe:

— Mas pede-me o que quiseres: uma prova do meu amor. Também eu te quero dar a minha vida, toda...

— Oh! — disse ela soluçando. — Vou-me embora, vou partir, vou para o inferno! Oh, meu Deus, meu Deus...

— Se tu partes, mato-te.

Tinha-se erguido. Naquele momento a paixão tornava-o sincero. Via a sua vida perdida, sentindo aquele amor diminuído. Ela caminhou para ele. O seu olhar magnetizava-o. Nunca lhe parecera tão bela. As lágrimas davam-lhe como uma pureza ao rosto. Achou-a nobre, digna, perfeita. Repetia:

— Diz o que queres que eu faça, para te mostrar que te adoro, e que me

perdoas.

Ela pousou-lhe devagar as mãos nos ombros, e com a voz baixa, ansiosa:

— Casa comigo.

Vítor fez-se pálido, recuou um pouco.

Genoveva fitou-o. Teve um sorriso de uma tristeza infinita. Murmurou:

— Não queres?... — e levou as mãos ao coração, cerrando os olhos, como para desmaiar.

Ele precipitou-se, abraçou-a:

— Quero! — exclamou. — Quero! Caso contigo, Genoveva. Ouve-me.

Ela prendeu-lhe o pescoço nos braços:

— Casas comigo?

— Juro-te, pelo que há de mais sagrado. Numa semana. Aqui, em Paris,

onde queiras...

***

Toda essa tarde foi deliciosa. Fizeram planos. Casariam em Lisboa. Casariam sem ruído, de manhã cedo; ela vestida de preto, ele de sobrecasaca, à inglesa. Nessa mesma noite partiriam para a sua viagem de noivado. Deixariam todos os móveis, e ela escreveria a Dâmaso para que viesse tomar conta deles... Este traço de generosidade encantou Vítor:

— És uma mulher de bem...

— Tu verás — disse ela, com um sorriso que prometia felicidades sem fim.

Vítor não cessava de a admirar, de a beijar. Parecia que alguma coisa de doce, de digno, de nobre, se espalhava

subtilmente na sua fisionomia. O seu olhar velava-se num enternecimento suave. O seu sorriso tinha bondade. E havia nos seus gestos, nas suas atitudes, como uma moleza de uma felicidade serena.

«Que vida passariam em Paris, escondidos num ninho delicioso! Nos primeiros tempos, era melhor não venderem a mobília: evitavam a despesa de um hotel. A casa estava arrendada até dezembro. Mas não teriam carruagem. Um bom fiacre de praça, não é verdade?» E Genoveva estava radiosa. Tinha agora como um reflorescimento da meninice, como se lhe tivesse vindo uma virgindade súbita: corava, quando ele a fitava; ajoelhava-se aos seus pés, com o renunciamento tímido de uma pomba cansada; não se fartava de dizer «o meu

maridinho»; e mesmo quando entraram no quarto, e Vítor a prendeu nos braços, teve o corar, a resistência assustada de uma virgem medrosa.

***

Daí a dias representava-se em São Carlos o *Roberto, o Diabo*. E as monjas, de saias curtas tufadas e cabelos soltos, bailavam, no claustro de St. Rosalie, quando Dâmaso, com o seu aspeto de satisfação, entrou nas cadeiras. Arremessou a claque para um assento vazio, limpou o binóculo, e examinou os camarotes. Numa frisa, D. Joana Coutinho, que estava só, fez-lhe logo um sorriso muito rendido e um ligeiro sinal. Dâmaso apressou-se a ir ter com ela.

Estava com o Lacerda, um sujeito de cabelo grisalho e ar doente, que se conservava atrás, embrulhado num paletó, expetorando e comendo rebuçados de avença.

D. Joana Coutinho, imediatamente lhe perguntou:

— Então sabe a grande novidade? A Genoveva casa-se!

— Com o Vítor?

— Com o Vítor!

Dâmaso fez-se vermelho, e afetou uma risada grossa. Mas, fixando-a com a sua face balofa, de olhinhos pequeninos:

— Está a brincar!

E D. Joana Coutinho contou que estivera em casa dela toda a tarde; que já tratavam dos papéis; que iam partir para França...

— Uma desgraça! — murmurou, entre dois acessos de tosse, o Lacerda.

— Que grande animal! — exclamou o Dâmaso.

E esfregou as mãos, demonstrando uma satisfação ruidosa: «Ele logo vira! A criatura queria apanhar os oitenta contos ao tio Timóteo. Mas o velho é fino, muito brioso, e era capaz de o deserdar...»

— E ele saberá, o velho? — perguntou.

D. Joana Coutinho ignorava. Mas, em definitivo, estimava o casamento. «Era um ato de moralidade, que todos os bons cristãos deviam aprovar. De resto, se ela tinha erros — e quem os não tinha? — o casamento lavava tudo... Era uma felicidade para ela. Também a pobre criatura estava contente como um cuco.»

— Que ela, aqui para nós, não o merece. Nenhuns modos, senhores...

— Uma desavergonhada — disse o Dâmaso.

— E nenhuma delicadeza de alma — acrescentou D. Joana.

O Lacerda tossiu, escarrou, e perguntou:

— E tem algum dinheiro, ela?

Dâmaso ia dizer «o que eu lhe dei», mas reteve-se. Queria continuar a passar por *amante de coração.* Somente, como D. Joana podia ter recebido confidências de Genoveva, achou prudente não responder, e afetou preocupar-se com a dança.

— Que tal correu a saída da sepultura?

— Hoje, bem — disse D. Joana

Coutinho. — Mas o grande, o espanhol, é que esteve para cair.

Dâmaso esteve um momento a torcer o buço, e levantando-se, despediu-se. Acendeu um charuto no corredor, e saiu do teatro.

14

Vítor não se atrevera a falar no retrato. Foi Genoveva que, logo no dia seguinte, lhe leu uma carta que escrevera a Camilo Serrão, dizendo que ia partir para França, e lamentava ter de interromper o trabalho; e que esperava que ele conservasse os esboços feitos, para quando ela voltasse. E remetia dentro do sobrescrito vinte libras em notas.

— É uma consolação, vinte libras — acrescentou, colando o envelope.

Vítor, que conhecia a natureza desinteressada de Camilo, pensou que a oferta do dinheiro só lhe aumentaria a irritação que lhe ia causar a interrupção

do trabalho. Mas não fez objeções, para não parecer mostrar interesse.

Com efeito, ao outro dia, vestia-se em casa antes de jantar (ia nessa noite ao teatro com Genoveva), quando Camilo Serrão lhe apareceu no quarto. Trazia um aspeto enfastiado, e parecia mais desmazelado e mais desgrenhado. Começou por tirar do fundo da algibeira do paletó as notas de Genoveva, pô-las em cima da cómoda, dizendo:

— Entrega à tua senhora. O que eu fiz não vale vinte libras. Agradeço-lhe, mas... Enfim, quando ela voltar, falaremos.

Vítor, que corara, ainda quis falar da despesa de tela, tintas. Mas Camilo interrompeu-o com um gesto de muita decisão, e atirando-se para uma poltrona,

começou a falar da vida artística: «Chegara à conclusão de que devia mudar de carreira. Em Portugal só havia mercado para a pequenina arte das pinturinhas de género (e ainda assim um mercado estreito), ou para cenografia, ou para as ilustrações de novelas às cadernetas. Todos esses meios os achava uma prostituição do talento. Queria conservar o seu, casto: e estava resolvido a ir para o Brasil.»

— Fazer o quê?

«Tinha lá uma irmã, casada com um sujeito rico, que por um caso quase grotesco era amador de pintura. Era talvez o único caso semelhante em toda a América do Sul. Este amador oferecera-lhe casa e mesa, apresentá-lo a alguns diretores de teatro, e alguns

colecionadores idiotas. Podia fazer uma fortuna: ou pela cenografia, ou obtendo do Governo brasileiro ir em comissão copiar quadros ilustres a Itália. Apenas tivesse feito uma pequena fortuna, vinte ou trinta contos, e diz que é fácil, voltaria a Portugal, abriria um *atelier*, formaria discípulos, e passaria uma existência digna, cercado de obras de arte, e vivendo na pura preocupação do ideal. Senão, que diabo, estourava por lá. Ao menos tinha visto a natureza do Brasil, que era um estudo das grandes forças vegetais.»

Vítor, que se penteava cuidadosamente, tossiu, e com uma voz indiferente:

— E tencionas ir só?

— Só. A Joana está-se tornando insuportável. Passa os dias muda como

uma estátua, e lúgubre como um mausoléu. O pequeno berra: anda na dentição. É impossível trabalhar. Deixo-os com algum dinheiro, e mando-lhes de lá uma mesada. A criatura parece até receber esta combinação com alegria. Mando-a para Ílhavo. E recomeço a vida.

Tinha falado com uma certa melancolia, enterrado na velha poltrona, a cabeça descaída sobre o peito. E Vítor dava muito cuidadosamente o nó na sua gravata branca. A maneira indiferente e desprendida por que Camilo falava da «criatura», diminuía um certo remorso que o oprimia. Disse mesmo, com uma certa desenvoltura:

— Aquela não era a mulher que te convinha.

— Não. Estou agora noutra ideia.

A companheira do artista, a mulher do artista, deve ser uma artista, ter todas as inteligências, todas as compreensões, um gosto fino... Mas o melhor talvez é viver só. Poderoso e solitário, como o Moisés de Alfred de Vigny.

Enrolou devagar um cigarro, e vendo-o vestir a casaca:

— Vais a algum baile?

— Vou ao teatro...

E Camilo, imediatamente, começou o elogio de Madame de Molineux: «Tinha reconhecido nela um tipo superior de beleza moderna, uma grande acumulação de civilização e o verdadeiro génio das grandes prostitutas históricas.»

Vítor, àquela qualificação da que ia ser sua mulher, corou, como a uma

bofetada.

«No entanto», continuava Camilo, «estes tempos mesquinhos e constitucionais não permitiam o desenvolvimento desses grandes tipos de voluptuosidade dramática. Antigamente, no século XVI sobretudo, uma cortesã era um grande centro de vida intelectual, artística e política. Em torno do seu leito, onde estava como sobre um altar, rainha da Graça e deusa da Beleza, agitavam-se todas as altas ideias, ou as grandes poesias do tempo. Os poetas faziam-lhe poemas, os Ticianos imortalizavam-na em quadros. As suas palavras decidiam as discussões dos filósofos. Na sua alcova tramavam-se as conspirações, e declaravam-se as guerras. Eram os príncipes que lhe chegavam as suas

chinelas. Enquanto se vestia, dava audiência a cardeais, que a interrogavam sobre os dogmas dos concílios. Os grandes cinzeladores, os grandes joalheiros inventavam para ela os refinamentos mais subtis da arte. Os papas beijavam o seu pezinho branco. Inspirava vitórias. E era a musa dos cultos pagãos.» E acrescentou:

— Hoje, hoje, tratam de explorar algum merceeiro com temperamento, apaixonam-se por um caixeiro, e terminam por casar com algum pulha, que vai atrás do dinheiro que os outros lhes deram, ou que fica deslumbrado a primeira vez que vê camisinhas com rendas de Malines. Tempos estúpidos...

Vítor estava agora pálido. Aproximara-se da janela, olhava para

fora, para ocultar a sua perturbação. Cada uma daquelas palavras lhe caía nos ouvidos com o desdém de um insulto. Quase receou que Camilo estivesse informado e se vingasse da sua aventura com Joana, pelas palavras de desprezo sobre o seu casamento com Genoveva. Camilo falava com tranquilidade, como desencantado, criticamente. O que pensaria ele, se soubesse? Aquilo era como um fragmento das opiniões dos homens honrados... Deu alguns passos pelo quarto, olhou-se ao espelho e, metendo as mãos nos bolsos, com a cabeça como observando os sapatos de verniz:

— A paixão justifica tudo...

— Pelo menos — disse Camilo — põe nos atos desta vida uma cor de

fatalidade, que os torna interessantes...

Espreguiçou-se, bocejou e, passando a mão pelo rosto, ia erguer-se, quando a porta se abriu e o tio Timóteo apareceu.

— Pensei que estavas só — disso logo a Vítor. — Lá te espero em baixo.

E fechou a porta. E sentia-se no corredor o ruído da sua perna de pau.

Camilo tomou logo o chapéu.

— Mas tu não partes por ora? — disse-lhe Vítor. — E decerto ainda mudas de ideia.

— Não. Estou farto desta choldra. E estou com vontade de ver o mar, as florestas, os grandes rios. No fim de tudo, menino, a paisagem é a parte mais nobre da arte! O homem moderno vive longe da natureza, pela necessidade das profissões.

Uma arte que lhe reduz a natureza, que lha torna portátil, que lha introduz na sala de jantar, na alcova, interpretada, escolhida, faz ao homem o maior serviço: pô-lo em comunicação permanente com a natureza. E a natureza é tudo: calma, consola, eleva, repousa e vivifica. Adeus!

Vítor ainda ficou um momento no quarto, preocupado. Que lhe quereria o tio Timóteo? Nunca viera ao seu quarto, senão quando ele estivera doente. E o coração batia-lhe um pouco, ao descer a escada.

Encontrou-o no escritório, com a fisionomia carregada, os olhos vermelhos, e um ar preocupado e carregado. Estava sentado junto à janela, e apenas Vítor entrou, ergueu-se e dirigiu-se à mesa. O som seco da sua perna de pau tinha uma

solenidade soturna. E Vítor, um pouco envergonhado da sua casaca e da sua gravata branca na presença daquele velho desolado, perguntou, com uma voz pouco firme, «se queria alguma coisa».

Timóteo remexia alguns papéis sobre a mesa, e disse:

— Eu não dou importância a cartas anónimas. Mas, em todo o caso, desejo saber se isto é verdade. Lê. — E deu-lhe um sobrescrito.

Vítor percebeu num relance que se tratava de Genoveva, do seu casamento, ou da sua partida para Paris. E no primeiro movimento, assustado, do seu caráter tímido, resolveu negar. Abriu a carta com as mãos um pouco trémulas, e leu:

Exmo. Senhor.

Uma pessoa que respeita muito o caráter de V Ex.ª, previne-o de que se trama uma pouca-vergonha, que não pode deixar de desonrar para sempre o seu nome e da sua família. Seu sobrinho Vítor está para casar com uma certa aventureira, que se intitula Madame de Molineux, que é nem mais nem menos que uma meretriz, e com quem seu sobrinho tem vivido estes últimos tempos. Procure obstar a este escândalo enquanto é tempo. Quem me avisa, meu amigo é.

— É do maroto do Dâmaso! — disse Vítor. — É para se vingar!

Timóteo olhou muito fixamente

para ele. As rugas da sua face pareciam mais profundas. Tinha uma certa palidez fatigada na sua pele dura. E os beiços estavam brancos. Vítor compreendeu toda a aflição que causava aquela notícia ao tio Timóteo. Repetiu mais baixo, muito embaraçado:

— É do Dâmaso.

— Seja do Dâmaso, ou seja de quem for, o que quero saber é se é verdade — e erguendo a mão, com uma solenidade na voz que Vítor nunca lhe conhecera: — Mas diz-me a verdade! Se eu visse que me tinhas mentido... — suspendeu-se, teve um gesto enérgico do punho fechado. — Como homem de bem, diz a verdade!

Vítor estava pálido como cera, com os olhos no chão. Compreendendo

que a mentira o aviltaria, e confiado na amizade do tio Timóteo, disse, com uma voz um pouco sumida:

— É verdade.

— Queres casar com essa criatura?

Vítor não respondeu. De pé, junto da mesa, abria e fechava maquinalmente um livro.

— Responde, homem! — e os olhos de Timóteo chamejavam.

— Pois bem, tio Timóteo, que quer que lhe diga? É verdade. Dei a minha palavra!

— Idiota! — exclamou o velho. Os seus beiços tremiam de cólera. Deu dois passos pelo quarto, assentando fortemente a bengala no chão. E parando bruscamente: — Então queres casar com

uma desavergonhada, que está mais batida que um baralho de cartas, que dorme com um homem por umas poucas de libras, que o que quer é os contos de réis que eu tenho?!...

— Tio Timóteo! — disse Vítor, lívido, com uma indignação ambígua e assustada.

— O quê? Queres-me negar que ela não veio do estrangeiro com um Gomes, não viveu com o Dâmaso todo o inverno, não foi lá por fora uma aventureira a tanto por noite? Queres-me dizer que é uma pessoa de bem, uma mulher honesta, uma virgem?

Vítor fez um esforço, balbuciou:

— Teve erros...

— Como erros? — gritou o tio Timóteo. — Ser uma meretriz de

profissão é *ter erros?*

Vítor arremessou violentamente o livro sobre a mesa, e com uma voz trémula, mais de sofrimento que de cólera:

— Se foi para a insultar que... — prendeu-se-lhe a voz, voltou as costas, dirigiu-se para a porta.

— Escute-me — bradou o tio Timóteo, com uma voz terrível e uma pancada de bengala no soalho. — Tenho-o educado, tenho-o vestido, tenho-o calçado, tenho cuidado de si, tenho sido o seu pai. Cabe-me o direito de lhe falar, quando o vejo a cometer uma infâmia...

Vítor parou, e com a cabeça baixa, tornou a aproximar-se do canto da mesa. Sentia como uma perturbação de todo o seu ser interno, que não lhe deixava achar

uma palavra, uma resposta. O cérebro pesava-lhe. E sentia um arrefecimento do sangue.

— Feche essa porta — bradou o tio Timóteo. E cruzando os braços: — E agora diga-me o que espera que seja a sua posição, logo que case com essa criatura? — E sem esperar a resposta: — Eu lhe direi: a posição de um pulha! De um pulha, repito. Que outro nome tem um homem que passeia de braço dado pela rua com uma mulher a quem todo o mundo conhece as pernas e o resto? As mesmas saias que ela traz foi outro que lhas deu! O jantar que você come em casa dela é pago com o dinheiro que outro lhe deixou pela manhã em cima da mesa...

Uma onda de sangue cobriu Vítor até à raiz dos cabelos. Por um momento o

olhar faiscou-lhe fixo em Timóteo. E com uma voz estrangulada:

— Eu não admito isso. Se não fosse meu tio e um velho!... Não tem direito de me insultar... Pode-me expulsar de sua casa... Escusa de me expulsar, que eu mesmo saio.

— Saia! — bradou Timóteo. E, com os beiços trémulos, ajuntou: — Vilão!

Vítor saiu, atirando a porta. Subiu ao seu quarto e, no ímpeto da cólera, decidiu-se a sair de casa naquele momento. Arrastou de baixo da cama uma velha mala, e começou a atirar para dentro roupa. Estava numa exaltação violenta de cólera e de despeito. Odiava o tio Timóteo. Achava-o ingrato, duro, tirânico. Certas palavras dele, todavia,

cortavam-lhe a consciência. Tremia da verdade que descobria nelas. Mas a sua paixão falava mais alto. E todo o seu cérebro estava tomado de uma tempestade contraditória.

A porta abriu-se. O tio Timóteo apareceu. Estava extremamente pálido. E sem se adiantar, amparado à bengala, olhou um momento para Vítor, que ficara surpreendido, vagamente envergonhado, com um fraque de pano na mão, e um par de calças no braço.

— Então — disse Timóteo —, realmente tu estás doido por essa mulher, meu pobre rapaz?

Aquelas palavras, ditas com um tom tranquilo, quase amigo, comoveram Vítor. Sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos. Os mesmos sacrifícios que estava

fazendo por Genoveva exaltavam o seu amor por ela. E foi com uma voz sentida, cheia de uma paixão quase desesperada, que disse:

— Estou, juro-lhe que estou. Vamos para Paris. Ninguém nos conhece lá, ninguém ouve falar de nós. É a única maneira de eu ser feliz.

Timóteo entrou. E sentando-se aos pés do leito, esteve um momento calado.

— Mas tens a certeza que ela te sacrificaria tudo, como tu?

— Tenho! — disse Vítor com exaltação.

Timóteo encolheu os ombros, com desdém:

— Meu amigo, se eu amanhã lhe oferecesse quatro ou cinco contos de réis, para te deixar e partir para o estrangeiro,

podes estar certo que a criatura aceitava...

— Pelo amor de Deus! — exclamou Vítor.

Timóteo olhou-o com o ar compassivo de quem escuta as alucinações de um doido.

— Escuta. Eu não duvido que essa mulher goste de ti. És novo, és agradável, etc. Tudo isso é muito bem. Mas além da tua cara, e dos teus vinte e dois anos, o que faz sempre uma certa impressão nas mulheres, acredita que do que ela gosta é dos oitenta contos que dizem que eu tenho, e que te deixo. Acredita-me, que é isto. Naturalmente, dás-lhe muito prazer, e acha-te uma perfeição. Mas agrada-lhe muito que acompanhes os teus lindos olhos com oitenta contos de inscrições... Quero bem acreditar que por ti deixou o

Dâmaso, que lhe dava naturalmente um dinheirão, porque é um asno. Mas tu casas! Tu casas! E é o que essas mulheres querem. Encontra um rapaz novo que lhe agrada, de uma boa família, rico, ou pouco mais ou menos, que está pronto a dar-lhe o seu nome; e como isto não se encontra todos os dias, faz tudo para te armar o laço. E o que tu tomas por paixão, é simplesmente um cálculo. Mas ainda mesmo quando ela esteja apaixonada por ti e pronta a aceitar-te pobre, é porventura o destino de um homem de bem, abandonar tudo, desonrar os seus parentes e a sua família, aviltar-se para sempre, e casar com uma prostituta? E para quê? Para passar toda a vida a corar! Vítor — e na voz do tio Timóteo havia como uma solenidade carinhosa —, se queres ir

viajar, a Espanha, a Itália, sabes que te dou os meios. Divertes-te, esquece-la. Antes de partir, dás-lhe um bonito presente. Estou pronto a dá-lo. Portas-te como um *gentleman*. E verás como ela se consola! Lembra-te de uma coisa: é que, casando, desonras-te a ti e a mim. Ora como eu não quero viver desonrado, não te direi que faça saltar os miolos, não; mas fecho-me no meu buraco, e até estourar não torno a ver alma viva... E de resto espero que Deus, ou o Destino, ou o Diabo, o quer que seja que haja lá em cima, não me hão de deixar muito tempo nesta choldra deste mundo. Basta de sermão. O dinheiro que quiseres está às tuas ordens. Não nos zangamos, damos um bom abraço; e a criatura que a leve o diabo. Vá, que dizes?

Vítor mordeu o beiço, para conter as lágrimas.

— Então? — insistiu o velho.

Vítor balbuciou:

— Eu, neste momento, não sei, tio Timóteo. Verei... Mas assim de repente...

Timóteo ergueu-se, e disse, com tristeza:

As boas resoluções devem ser tomadas imediatamente, meu amigo. Se a tornas a ver, se há cena de lágrimas, tudo se transtorna. Queres tu uma coisa? Deixa-me ir falar com ela!

Vítor olhou o tio Timóteo, passou a mão pelos cabelos:

— Mas não para lhe ser desagradável.

— Para lhe dizer a verdade: que se tu teimas em casar com ela, eu vendo o

que tenho, vou viver para fora: para Inglaterra, para o diabo, e ou gasto ou o deixo aos pobres... E tu verás como a criatura arrefece.

— E se ela não se importar, se ela provar o seu desinteresse? — exclamou Vítor. — Se ela desistir do casamento, se ela quiser só viver comigo?

Timóteo refletiu.

— Se quiser ser só tua amante, não me oponho. Eu te darei o dinheiro para pagar. E arruinamo-nos ambos com ela. Arruinamo-nos ambos...

E ia sair. Mas voltando-se:

— E desfaz as malas, não sejas idiota.

***

— Meu tio vem amanhã falar-te! — foram as primeiras palavras de Vítor, quando nessa noite entrou em casa de Genoveva.

E contou-lhe a sua questão com o tio Timóteo; com atenuações, para a não ofender.

— Vem amanhã? — disse ela. — É a cena da *Dama das Camélias*. Ele verá! Vou-lhe aparecer com uma *toilette* de inocente.

— Ah, tu ris, tu ris, mas...

Ela veio pôr-lhe as mãos sobre os ombros. E vendo o seu rosto ainda preocupado e carregado:

— Mas quê?... Se por minha causa tu não queres zangar-te com teu tio... — afastou-se, fez-lhe uma profunda cortesia —, eu desapareço.

Ele tomou-lhe as mãos:

— Para que és tu cruel? Bem sabes...

Genoveva oscilava tristemente com a cabeça:

— Sei que hesitas. Não digas que não. Leio-te nos olhos. Pois bem, estás perfeitamente livre. Não quero que depois, se teu tio romper contigo, que te voltes contra mim. Pensa bem. Eu não quero que me pertenças por um momento de exaltação ou de fantasia. Quero que venhas para mim espontaneamente, refletidamente: de modo que, suceda o que suceder, tu não me possas acusar de te ter arrastado, e dizer que fiz a tua desgraça...

Ele tapou-lhe a boca com a mão:

— Genoveva! Doida! Meu tio

pode fazer o que quiser. Sou teu para sempre, para sempre...

A porta abriu-se. Mélanie anunciou que estava o jantar na mesa.

— E não te importa teu tio, nem as suas ameaças, nem as suas maldições?

— Não! — disse ele, muito exaltado.

— E és o meu maridinho querido, o meu maridinho da minha alma?

Os seus belos olhos pretos reluziam de uma paixão sincera.

— Sou — murmurou Vítor, beijando-a no pescoço.

— Então deixa o titi comigo, e vamos jantar!...

Era sempre aquela uma hora que tinha seduções extraordinárias para Vítor. Jantavam a uma mesa pequena, onde dois

globos carcel derramavam uma luz doce e elegante. O jantar era sempre excelente. Genoveva fazia sempre uma *toilette*. A luz, punha no seu rosto, no pescoço, na abertura do decote, tons doces, cobria de um tom suave a beleza da carnação. Nada era mais lindo que vê-la sustentar as rendas da sua manga, meia curta, estendendo o braço sobre a mesa, onde reluziam grossos braceletes ingleses. Tinha sempre no corpete uma bela flor. Mélanie, servia, sem ruído sobre o tapete, com o seu boné, o avental branco resplandecente de frescura. Genoveva conversava muito, ria, fazia planos. Às vezes, por cima da mesa, numa abundância de sentimento, apertavam-se ardentemente as mãos. E aquele meio elegante, confortável, quente, amoroso,

enchia Vítor de uma deleitação suave, a que o vinho de Borgonha dava um bem-estar pesado e lânguido.

E era sempre com uma satisfação deliciosa que na sala, quando Mélanie trazia o café, acendia o seu cigarro, estendido no sofá, ouvindo Genoveva tocar um momento, ou a espaços soltar, numa melodia de Gounod ou de Schubert, a sua voz cálida e penetrante.

Nessa noite deviam ir ao Circo Price. A carruagem esperava em baixo. Genoveva veio sentar-se nos joelhos de Vítor, e lançando-lhe os braços em torno do pescoço, disse-lhe baixo:

— É tão bom viver contigo! É tão doce! — Um suspiro de ternura dilatou-lhe o peito, murmurou junto do rosto dele: — Se te perdesse, morria!...

— E eu! — disse ele, muito baixo. E o coração batia-lhe fortemente.

— Vamos! — disse ela, erguendo-se, e puxando-o pelos braços. — Vamos, meu cavaleiro. De pé! E ponha o seu paletó. Estou bonita hoje?

E diante dele, com um magnífico vestido vermelho e preto, mostrava-se, abrindo um pouco os braços, a cabeça estendida para ele, numa atitude de provocação elegante e de humildade lasciva.

— Estás deliciosa! — disse ele, querendo-a prender nos braços.

Ela fugiu-lhe, rindo:

— Não, não! — E correu ao quarto, pôr o chapéu, dar uma olhadela ao espelho, pôr um pouco de pó de arroz...

Vítor bebeu mais um cálice de

conhaque, pensando que não havia tios Timóteos que lhe fizessem deixar aquela mulher.

***

Havia pouca gente no Circo, quando eles entraram no camarote. As cadeiras estavam quase vazias. Apenas aqui, além, alguns sujeitos, meio deitados, com o chapéu sobre os olhos, fumavam soturnamente. Duas espanholas vestidas de verde abanavam-se com frenesi. Marujos ingleses riam, bebiam, boxavam-se, no alto do anfiteatro da geral. E ao som da charanga, um cavalo branco galopava, de um movimento monótono e dormente, sustentando um homem esguio, de uma musculatura melancólica e pobre,

que fazia jogos malabares.

Depois de um momento, Genoveva bocejou, declarou que se aborrecia. Mas ficou logo satisfeita vendo, noutro camarote, a Madame Gordon, a amante do velho barão, só com uma pessoa de idade vestida de preto como uma viúva, e lúgubre. Cumprimentaram-se muito; e Madame de Molineux fez sinal à alemã que viesse vê-la ao seu camarote. A alemã não tardou. Declarou-se também muito aborrecida. «Não estava ninguém conhecido. Era uma seca. De resto a companhia era péssima.»

Agora, sobre um cavalo escuro, uma volteadora tomava atitudes graciosas. Era magra, e o seu cabelo era todo frisado, num *chignon* de aspeto repugnante, donde saíam, sobre as costas,

caracóis penteados com folhas de hera e espigas prateadas. Um decote baixo mostrava as clavículas. As posições clássicas que tomava sobre o largo selim, faziam-lhe sair nas pernas músculos de ginasta. Por vezes a música parava, ela sentava-se, com um movimento afetado, batia as saias, e derramava em redor um sorriso, que mostrava maus dentes. Imediatamente um rapaz de chapéu rompia pateando com desespero, outros aplaudiam. Ela agradecia. E os marinheiros ingleses gritavam «Hurra!» O palhaço então, dirigindo-se a ela, atirava-lhe beijos, contorcia-se, nas atitudes deslocadas de uma paixão grotesca. O homem do pingalim repelia-o, ele caía estatelado no chão. No anfiteatro ria-se. A música recomeçava, e ela, erguendo-se

sobre o selim, recomeçava piruetas sobre um pé só. O gás derramava uma luz crua de taverna. Os pratos da charanga faziam um *tchan-tchan* monótono. Pessoas percorriam, bocejando, o programa. E as patas do cavalo atiravam para as cadeiras pedaços de terra seca.

Genoveva declarou que estava insofrível. «O melhor era irem para casa. Podiam fazer uma partida de dominó ou de loto.»

A alemã não podia: o barão prometera vir buscá-la ao Circo.

— Oh, estas longas noites de Lisboa! — suspirou Genoveva.

Um *deslocado*, vestido de preto, alto, e tomando atitudes satânicas, enfastiou-a tanto, que se ergueu, disse a Vítor:

— Vamos embora, filho. Está-me a fazer mal aos nervos esta seca.

E deixaram a alemã, que durante toda a noite perseguira com o binóculo uma das espanholas de verde, rapariguinha bonita, com dois olhos dormentes e afogados num fluido lânguido.

Ao saírem, encontraram-se com Dâmaso, que entrava. Genoveva fez uma ligeira inclinação de cabeça. E Dâmaso, fazendo-se escarlate, voltou o rosto, com uma afetação de desdém. Ouviram-no mesmo chacotear com um sujeito gordo com quem vinha.

A noite estava adorável. Havia um ar tépido de verão, uma serenidade suave. A lua cheia reluzia como prata. E as ruas tinham o tom melancólico que dá o

contraste da sombra e do luar. Genoveva quis ir a pé. E foram andando devagar, ao comprido do Passeio. Duas lojas ainda derramavam a sua luz escassa. Gente passeava. Aqui, além, uma mulher com um véu, aproximava-se, pedindo lugubremente esmola. As altas fachadas, cobertas de luar, tinham um aspeto abandonado. No Largo do Loreto, ao descerem para casa, Genoveva parou. Ao fim da Rua do Alecrim, o rio reluzia sob uma grande mancha trémula de lua.

— Se fôssemos dar um passeio no rio?

Desceram ao Cais do Sodré. Dois barqueiros que fumavam, sentados num monte de pedregulhos, afirmaram que tinham um barco que era um regalo:

— É baratinho, meu amo. Duas

carinhas. Sou o Manoto — disse um, velho, com satisfação. — *Speak english*.

— Está frio — disse Vítor.

O Manoto protestou: «Frio? A noite estava um beijinho.»

E daí a pouco, sentados no barco, afastavam-se, ao compasso dos remos, na água imóvel.

— Que linda noite! — disse Vítor.

A cidade elevava-se, com as fachadas batidas do luar; e as vidraças por vezes resplandeciam como velhas lâminas de prata. Os bicos de gás esmoreciam sob a abundância da luz pálida. E havia no silêncio daquelas habitações, mudas e brancas, como a tranquilidade de uma contemplação extática. A lua cheia brilhava, de um modo silencioso e sereno. Um rastro

faiscante corria, tremeluzia, sobre a água, como uma malha ou uma filigrana flutuante. Todo o resto da água tinha um vago tom azul-claro, que para o largo, tomava um tom mais espelhado, de um brilho tranquilo. Uma névoa luminosa esbatia o horizonte na Outra Banda. E os costados dos navios, as mastreações, tinham como um ar esbatido e ligeiro.

O silêncio das coisas fazia-os ir calados. Os remos batiam compassados nos toletes de ferro, e um rumor de água cortada e chapinhada seguia docemente o barco. Iam muito chegados, olhavam a Lua. E Genoveva, erguendo a voz, cantarolou docemente o *Lago* de Lamartine:

Un soir, t'en souvient-il? Nous voguions

en silence.

Vítor tinha muitas vezes passeado no rio antes, visto o luar, e a tranquilidade da água clara. Mas, como se o seu amor tivesse dado à natureza uma expressão mais alta, nunca as noites de luar, o Tejo, lhe tinham parecido tão belos. Tinha passado o braço em redor da cinta de Genoveva. O contacto do seu paletó de seda grossa dava-lhe uma sensação de elegância amorosa. Acudiam-lhe frases de romances, e versos de Alfred de Musset. A lua, batendo no rosto dela, dava-lhe uma expressão doce, de uma suavidade poética. As suas mãos, mexendo nas pregas do vestido, faziam reluzir as pedras dos anéis. E a sua voz fresca e baixa, cantando, dava a Vítor como um

adormecimento e um êxtase. Ela encostou a cabeça, ligeiramente, sobre o ombro dele. E Vítor sentia o desejo de ir assim, eternamente, na suavidade inefável daquela languidez poética. Ela calou-se por fim e, muito unidos, esqueceram-se numa contemplação vaga.

— A que horas vem teu tio amanhã? — disse ela, de repente.

— Hem? — fez Vítor, como acordando de um sonho delicioso. E encolhendo os ombros: — Que venha quando quiser, que diga o que quiser, não é verdade? Perde o tempo, não é verdade?

Ela esteve um momento calada. E com a voz leve de quem reza alto:

— Pois não há nada neste mundo que me faça separar de ti. Nada. Enquanto tu me quiseres, sou a tua amante, a tua

esposa, a tua escrava, o que tu quiseres, em toda a parte e sempre...

— E eu? Que pode ele fazer? Não me deixar nada? Romper comigo? Que me importa! Trabalharei, se for necessário. Contanto que te tenha a ti para me consolar, para me abraçar, para me dar coragem...

E apertou-a num sentimento profundo de paixão.

— Hás de ter sempre a mim, meu amor — respondeu ela, muito baixo.

A certeza daquela paixão deu-lhes uma alegria profunda. Mesmo Genoveva disse, sorrindo:

— O mais que pode fazer é amaldiçoar-nos, como no teatro.

— Deus nos abençoará — disse Vítor, quase sério.

— Ámen — respondeu ela, rindo.

Mas, como a noite arrefecia, foram remando para o cais. Davam onze horas, quando subiam a Rua das Flores. Genoveva apoiava-se muito ao braço de Vítor, parando, respirando alto, e olhava as altas janelas do terceiro andar, onde havia luz:

— Como nós moramos alto! É uma verdadeira aventura para a perna de pau do tio Timóteo.

Aquela visita preocupava-a muito. «Que lhe quereria o tio Timóteo? Certamente embaraçar o seu casamento. Como? Com ameaças? Com súplicas? Com promessas?»

— Que te parece? — tinha ela perguntado a Mélanie, para quem não tinha segredos. E acrescentara: — Em

todo o caso: a maior ordem na sala, flores nos vasos, e põe o teu vestido de seda preto, um avental fresco.

Pela manhã, enquanto Vítor se banhava e se vestia, deitara as cartas, mas não obtivera outro relance sobre o futuro, do que prosperidades, dinheiros, e uma carta através do mar. Depois foi ela mesma ver se a sala tinha um ar bastante respeitável e bastante burguês; e completou a decoração, como ela disse, «com alguns acessórios de honestidade». Abriu sobre o piano o *Stabat Mater* de Rossini. Pôs numa cadeira um regalo, e ao pé um livro de missa, como se tivesse ido de manhã à igreja. Atirou negligentemente para cima da mesa o recibo de uma subscrição mensal de quartinho para as escolas de crianças pobres.

— Não tens por lá um esfregão novo, por abainhar? — perguntou a Mélanie. — Trá-lo.

E pôs o esfregão na sua cesta de costura, em lugar do bordado: para revelar preocupações úteis, e não vagares elegantes. Deu, com habilidade de artista, pregas rígidas às bambinelas. E olhando satisfeita em redor:

— É o templo da virtude! — murmurou.

E daí a pouco apareceu a Vítor, que esperava na sala de jantar lendo o jornal, com um vestido de caxemira preto com enfeites de seda muito sóbrios, uma gravata de renda cor de palha, e um botão de rosa na casa do corpete. Tinha um penteado muito simples, com uma toucazinha de renda, à inglesa. E havia

nas suas maneiras, no seu perfil, na reserva das suas atitudes, um ar de regularidade doméstica, e de seriedade maternal.

— Não estou uma mulherzinha de bem?

— É-lo sempre — disse Vítor, encantado.

No entanto, estavam ambos nervosos. Um toque de campainha deu-lhes um sobressalto, olharam-se, com palpitações. Era apenas a mulher da fruta.

— Talvez nem venha hoje — disse Vítor.

A chávena de chá tremia um pouco nas mãos de Genoveva. Quis rir, escarnecer a sua própria excitação:

— Não é o papão, não me há de comer...

Quando vieram para a sala, Vítor notou a disposição inteligente, o ar de tranquilidade e de ordem.

— É um dia de batalha — disse Vítor.

Genoveva pareceu ter uma ideia. Foi ao piano, procurou um livro de melodias de Schubert, e preludiou a canção conhecida: *Salve, salve, última manhã da minha vida!* E como Vítor a olhava, surpreendido do tom quase supersticioso com que ela soltava as palavras melancólicas:

— É de bom agoiro!

E contou-lhe que um amigo dela, um rapaz francês, lhe dissera que no ano da guerra, quando os Prussianos cercaram Paris, no inverno terrível, os rapazes militares do forte do Monte Valeriano

costumavam reunir-se numa das casamatas, onde tinham instalado um piano, e, antes de romper o sol e do primeiro tiro do dia, cantavam em coro, como uma oração protetora, a melodia de Schubert. «Para alguns podia bem ser a última manhã, não é verdade? Pois bem, disse ela, nenhum morreu, nenhum foi ferido. E daí lhe ficara a superstição de cantar, nas vésperas de algum facto decisivo, de algum dos combates da vida, aquela melodia protetora. *Et voilà!*»

E continuou cantando:

Salve, última manhã
Da minha vida, salve!

Vítor foi encostar-se à janela. O dia estava cheio de sol, já um pouco

quente. Um azul vivo, de primavera meridional, resplandecia. E como havia alguma poeira, a carroça da água da Câmara ia regando devagar a Calçada do Alecrim. As altas casas da Rua das Flores punham na rua uma sombra discreta, e faziam ali um recanto da cidade recolhido e silencioso. Debruçado para a rua, sentia as notas melancólicas da canção passarem altas no ar quedo, e davam-lhe uma sensação de vaga opressão sentimental.

Ao meio-dia, tomou o chapéu, e disse a Genoveva:

— Vou para o Chiado, e verei passar a carruagem do tio Timóteo. Ponho-me à espera que ele saia. E venho logo saber as novidades. — E ia a sair. Mas por um impulso estranho, quase melancólico, voltou, apertou-a contra o

peito. Beijaram-se profundamente. E ele saiu, comovido, jurando que, houvesse o que houvesse, seria dela para sempre.

***

Era uma hora, quando a velha parelha do tio Timóteo parou à porta do prédio. Genoveva, no corredor, ouvia, com o coração a bater-lhe, os ruídos secos da perna de pau, que subia devagar.

— Abre logo, Mélanie — murmurou Genoveva. E correu para o quarto.

Quando o tio Timóteo entrou na sala, passou os olhos pela mobília, os quadros, o cesto de costura. E ficou um pouco embaraçado, vendo entrar Genoveva com uma atitude de muito

respeito e de muita dignidade.

— É ao tio de Vítor, creio, que tenho a honra?... — começou, curvando-se profundamente, e repetindo por instinto a frase da Dama das Camélias quando recebia o pai de Armando. Sentou-se com muita nobreza no sofá, murmurando: — A que devo?...

— Antes de tudo — disse o tio Timóteo, muito respeitosamente —, eu devo-lhe apenas as minhas desculpas por um momento de mau humor, que tive aqui há meses, quando tive pela primeira vez a ocasião, a honra...

Embaraçava-se um pouco. O olhar de Genoveva, muito atento, o seu sorriso benévolo, o ar de humildade filial, perturbavam-no. E fitava-a, sentindo vagamente que conhecia aquela

fisionomia, e que já vira aquele olhar. Ela, então, com um gesto de uma bondade doce:

— Pelo amor de Deus! A culpa foi toda minha. Eu adoro as crianças, e acredite que chorei de vergonha, de remorso, de ter feito cair o pobre anjinho... Mas todos temos os nossos maus dias, os nossos *blue devils*. Eu nesse tempo não era feliz.

E, mordendo um pouco o beicinho, desceu as suas grandes pestanas pretas, por um movimento de uma vergonha melancólica. Mas ergueu-as logo, e o seu olhar prendia-se ao tio Timóteo, com uma insistência ansiosa. Ela também lhe parecia que aquela figura não lhe era estranha. Quando o vira? Onde?

Os seus olhos encontraram-se com

os dele, e por um momento penetraram-se, como numa interrogação desesperada. Mas o tio Timóteo, ou para cortar o silêncio, ou por não achar a recordação exata, disse:

— Eu, todos os que me conhecem sabem, sou um homem brusco, que atira para fora tudo o que pensa. Nisso, apesar de magistrado, sou militar. Sou franco.

Ela curvou lisonjeiramente a cabeça:

— É a primeira qualidade num homem, para mim, a franqueza. Depois da coragem, já se sabe.

Aquele aprumo agradou muito a Timóteo. A beleza de Genoveva, o tom velado da sua voz, a sua atitude casta e atenta, começavam a exercer na sua irritabilidade uma ação dissolvente. E,

ainda desconfiado, resolvido a não se deixar *embarrilar*, disse, um pouco bruscamente:

— É por ser franco que vou direito ao que me traz aqui. Decerto sabe o que é.

Ela teve um gesto muito doce, um risinho de dúvida, de hesitação:

— Naturalmente vem-me falar de Vítor.

— Venho falar-lhe de Vítor.

Houve uma pausa. E Genoveva, detalhando as palavras, com uma gravidade digna:

— Vítor tem-me falado tantas vezes do tio Timóteo, como ele lhe chama, e sempre com tanto afeto, com tanto entusiasmo, que eu sinto-me pronta a escutá-lo com dedicação — e sublinhou a

palavra. — Sei que ele que lhe deve tudo, que o estremece...

— Sim — interrompeu Timóteo. — A não ser um monstro, o rapaz deve ter-me amizade.

— Adora-o! — disse ela com força, com um movimento no sofá que a aproximou de Timóteo.

«Ah, sereia!», pensou ele. E depois de esfregar o joelho, refletidamente:

— Portanto não deve estranhar que eu venha aqui defender os interesses dele...

Pareceu muito surpreendida ao ouvir falar de interesses.

— Sim, porque enfim — e teve como um movimento de todo o corpo, que indicava uma decisão —, que ganha ele

com estas relações?...

Genoveva torcia entre os dedos as rendas do lenço. E baixando os olhos:

— O que se ganha em ter relações com a pessoa que se ama — e com um sorriso adorável: — a felicidade, creio eu...

Timóteo encarou-a e disse, com a voz mais alta:

— Minha rica senhora, eu não sou um desses velhos tios de comédia, burguês, que se aterra quando um rapaz tem uma amante. Aos vinte anos, aos trinta, todos os homens têm amantes. É tão necessário como tomar banho. Vou mais longe: digo que é uma felicidade quando é uma amante bonita, inteligente, prendada, senhoril, com uma bonita casa (e olhou em redor), conversação (e saudou-a) e

toilettes... Perfeitamente. Eu seria o primeiro a aplaudir o Vítor: se esta ligação não lhe trouxesse transtornos graves.

Genoveva acudiu:

— Mas engana-se decerto. Eu não exijo nada dele, não o perturbo nos seus afazeres, não sou egoísta. Quero que ele me venha ver...

— E que case consigo — disse secamente o tio Timóteo.

Genoveva fez-se escarlate. Decerto uma cólera invadiu-a; mas, dominando-se, disse:

— Entendemos que seria mais cristão e mais puro legitimar as nossas relações...

Timóteo olhou-a atónito. Não sabia se devia rir da afetação, se

escandalizar-se da hipocrisia. Conteve uma praga que lhe veio aos lábios. E pensando que a fúria a perturbaria, disse tranquilamente, fitando-a, com o sobrolho franzido:

— Mas sabe que, se se der esse casamento, eu não deixo real a esse rapaz?...

Ela curvou-se:

— Será um desgosto para Vítor, porque isso provará que lhe retira a sua estima. Mas não influi em nada a sua decisão. É novo, inteligente, pode trabalhar. Tenho alguma coisa...

— Que outros lhe deram! — exclamou, com voz seca e um movimento de ombros terrível.

Genoveva fez-se pálida. Os beiços tremiam-lhe. Por um movimento rápido,

levou o lenço aos olhos. E quando o retirou, disse, com a cabeça curvada:

— Por maior que seja o seu horror pela minha vida passada, não é maior que o meu. E para a esquecer, para a lavar, que preciso uma afeição pura, nobre. De resto não creio que seja generoso da sua parte humilhar-me...

Timóteo pensou: «É danada!» Curvou-se, murmurou: «Perdão!», e acrescentou:

— Eu vejo que estou a falar com uma pessoa muito inteligente. E então, com os diabos! Deixe-me atacar a questão... Acha que seja amar um homem obrigá-lo a um casamento tão... tão equívoco? Qual será o destino deste pobre rapaz? Corar constantemente da sua mulher? Não poder obter para ela o

respeito necessário? Há de encontrar muitos outros que saibam sobre a sua pessoa tanto como ele mesmo. Deixe-me falar-lhe com franqueza. Sou um velho: conhecemos ambos o mundo. Todas as reservas seriam ridículas. Nunca, de modo nenhum, a pode levar à sociedade. Todas as carreiras, toda a ambição, lhe estão fechadas. Se tiverem filhos, os seus filhos terão um nome terrível. Estão arriscados a que a todo o momento um insolente lhes diga na cara o que foi sua mãe.

Ela teve um gesto ansioso, que vinha da paixão:

— Viveremos tão escondidos, tão retirados...

Timóteo teve um riso:

— Isso é romance! Vive-se

retirado um ano, dois anos! Mas não se pode viver toda a vida num chalé a olhar para a lua, e a dar beijinhos pelos cantos... Mas a senhora, mesmo, pensa a senhora que poderá habituar-se a essa reclusão, a essa vida de convento? Os hábitos de uma vida não se mudam como pares de luvas. Agora decerto está sob a ilusão que lhe dá a paixão. Mas depois? Poderá resignar-se a viver pobremente, sem carruagem, sem festas, sem ceias, sem aventuras?...

— Mas, perdão! — disse ela. — Que ideia é essa? Toda a minha vida vivi sem festas e sem aventuras. Os meus erros provieram — e baixou a voz — da necessidade. Acredite: da necessidade. Eu sou uma burguesa, sempre o fui: de família burguesa, com hábitos burgueses...

E vendo o espanto de Timóteo, julgando perceber nele um começo de abandono, de simpatia, teve a ideia de jogar a última carta: aproximou-se dele, quase à beira do sofá, com as mãos erguidas, e exclamou:

— Escute. Vou-lhe contar toda a minha vida. Tenho essa confiança em si. Vejo em si um homem de bem, um homem de coração, de inteligência, que me compreenderá... Nunca revelei estas coisas. Vítor não sabe nada. Julga-me, como todo o mundo, uma senhora da ilha da Madeira, que fugiu com um inglês, e que em Paris, depois, se fez... o que eles dizem cocote!

E teve um riso amargo. Uma aragem mais forte entrou, e, maquinalmente, Timóteo, que estava do

lado da porta, fez o movimento de se retirar da corrente de ar. Genoveva viu, e correu a fechar a janela. E correndo o fecho perro, reuniu, num relance, os vagos detalhes da história que ia contar. Quando se voltou, Timóteo estava de pé. O andar dela tinha-o ferido, e uma vaga recordação condensara-se-lhe no espírito. Os seus olhos devoravam-na.

— E então donde é? — perguntou, quase com dificuldade.

— Casei em Portugal — hesitou. Mas, como se a confissão lhe rompesse irresistivelmente, com um acento de vergonha: — Fugi a meu marido.

— Donde é? Donde? — perguntou Timóteo. Respirava com aflição e a bengala tremia-lhe na mão, extraordinariamente.

— Sou da Guarda — disse ela.

Timóteo estacou imóvel, com os olhos dilatados. Murmurou duas vezes:

— Santo nome de Deus! Santo nome de Deus!

— O que é? — fez ela, lívida.

— Seu marido, quem era?

Ela respondeu ansiosamente, com as mãos sobre o peito, toda inclinada para ele:

— Porquê? Meu marido chamava-se Pedro da Ega.

— Oh, maldita! Maldita! Maldita! — bradou Timóteo. E os seus braços erguidos tinham um tremor, o olhar alucinado. E com uma voz estrangulada, medonha:

— Mas esse homem é Vítor da Ega! É seu filho! Eu sou Timóteo da Ega.

Ela levou as mãos à cabeça, com um gesto medonho. Os olhos saíam-lhe das órbitas. A boca aberta queria gritar. Começou a torcer as mãos. Uma trança soltou-se. Levou os dedos convulsivamente ao colar. A mola despedaçou-se. E dando passos vagos pela sala, com sons roucos e terríveis, os braços altos batendo o ar, foi cair sobre o tapete, com os braços abertos.

Timóteo berrou: «Olá olá!» Mélanie correu, precipitou-se, com gritos, sobre Genoveva. Foi abrir a janela. Correu a desapertá-la. E Timóteo, alucinado, encostando-se às paredes, desceu as escadas, atirou-se para a carruagem. O cocheiro, ao voltar-se, ficou pasmado de lhe ver as lágrimas a rolar pelos olhos.

***

Vítor, depois de ter visto o tio Timóteo entrar para casa de Genoveva, desceu a Rua do Alecrim, foi dar uma volta no Aterro. Estava muito nervoso, muito agitado. Encontrou o Carvalhosa, que lhe perguntou por Genoveva.

«Ia bem, obrigado.» E como já tinha passado quase uma hora, pensou que seria tempo de voltar, e veio subindo com ele a Rua do Alecrim. Carvalhosa falou de política, de literatura. «Que lhe parecia o livro de poesias da besta do Roma? Nem ideal, nem imagem: uma banalidade pretensiosa.» Vítor respondia com monossílabos, sorrisos vagos. Deu esmola a todos os pobres que encontrou: *para*

trazer a felicidade. Ao chegar ao Largo do Quintela, não viu a carruagem. «Bem, tinha-se ido, o tio.»

— A literatura está num marasmo — disse o Carvalhosa.

— Está o diabo, está — repetiu Vítor, com os olhos fitos nas janelas de Genoveva. E disse bruscamente adeus ao Carvalhosa. Mas pensando que teria sido seco, chamou-o, e pediu-lhe que viesse jantar com Genoveva.

— Quando?

— Amanhã.

— Às seis?

— Às sete.

E correu a casa. Subiu as escadas, aos quatro. Achou a porta aberta, entrou. Mas veio-lhe a ideia que talvez Timóteo ainda estivesse, e a carruagem devesse

voltar. Foi em bicos de pés até à sala, entreabriu o reposteiro. Yiu Genoveva sentada numa cadeira, os braços caídos, o rosto pendido sobre o peito.

— Genoveva! — disse baixo.

Notou então que estava toda esguedelhada, com o colete aberto, lívida, velha. Entrou bruscamente. Ela ergueu o rosto, viu-o, ergueu-se num pulo, e ficou com os braços estendidos, inteiriçados, para ele, os dedos muito abertos.

— Que é, Genoveva? — gritou aflito, correndo para ela.

Ela recuou, com os olhos dilatados, o corpo inteiriçado, uma espuma na boca, medonha. E os seus braços faziam ansiosamente sinal que não! não! Respirava tragicamente, com um hã-hã ansioso, de agonia. E os olhos

terríveis, pasmados, como mortos, saídos das órbitas, fixavam-se nele com uma persistência pavorosa.

Vítor ficou petrificado, num suor frio. Balbuciou:

— Genoveva, meu amor, que é? — e deu um passo.

Mas ela, possuída de um terror alucinado, recuou. E de repente, encolhida, procurou, com os olhos ferozmente esgazeados, uma porta, um canto, uma saída.

— Ai meu Deus, que endoideceu! — exclamou ele, com uma voz chorosa e dilacerada. — Minha Genoveva, sou eu!

E ia para ela. Mas ela, abrindo a boca, com uma ânsia terrível, soltou, num arfar supremo, um grito:

— Malditos! Malditos!

E voltando-se, num relance, correu à janela, e, lançando o corpo sobre o peitoril, atirou-se, com um grito estridente. Vítor sentiu ainda o seu corpo fazer, na rua, como o som baço e mole de um fardo de roupa.

***

Quando as pessoas que conduziam o cadáver de Genoveva entraram na sala, entre os clamores de Mélanie, encontraram Vítor estendido no chão. Tinha batido com a cabeça na esquina de uma consola; e da sua testa lívida corria um fio de sangue, que fazia uma poça escura no tapete.

15

Os jornais falaram, durante alguns dias, no *suicídio da Rua das Flores*. A polícia fez algumas investigações preguiçosas. E o caso, considerado de alta-roda com mulheres, lentamente esqueceu.

Dâmaso, ao princípio, esteve, segundo diziam os amigos, *embatucado*. Esteve em casa alguns dias. Mas não tardou em reaparecer, gordinho e risonho. E dizia, com importância:

— Eu sempre lho profetizei. Era doida. Havia de acabar mal.

Durante esse tempo, Vítor jazia com uma febre cerebral. Durante vinte e cinco noites, Timóteo e Clorinda não se

deitaram. E no dia em que Vítor pôde dar o seu primeiro passeio em volta do quarto, apoiado à enfermeira, e comer a sua primeira asa de galinha, o tio Timóteo abraçou-se a ele a chorar.

— Mas porque foi, porque foi? — disse Vítor, soluçando.

O tio Timóteo disse simplesmente:

— Não sei. Estava-me contando a sua vida passada, e de repente desmaiou. Só Deus o sabe. Só Deus o deve saber.

Estava agora mais envelhecido. Passava os dias ao pé da poltrona onde Vítor ia ganhando as forças, a fumar cachimbos consecutivos, calado, com os olhos fitos no chão, o seu fiel *Dick* deitado aos pés.

Um dia Vítor disse, de repente, depois de um grande silêncio:

— Como eu estava para casar com essa senhora, acha que devo deitar luto, quando sair?

Timóteo ergueu-se violentamente, deu alguns passos pelo quarto, foi rufar nos vidros da janela, e voltando-se, pálido, disse:

— Sim. Um fumo no chapéu.

Mas Vítor tomou o luto de viúvo. Quis viajar. Partiu. Demorou-se em Madrid. E em Paris, como achasse a casa de Genoveva, todos os dias, todas as noites, por lá passava, demorando-se a olhar as quatro varandas, e procurando achar, naquele lugar onde ela vivera, alguma coisa da sua vida passada. A pessoa que a alugara e comprara a mobília passava uma vida jovial. Às três horas da manhã, às vezes, lá, havia sons

de piano. O criado de um café vizinho disse-lhe que morava lá uma chamada d'Arcy. E vendo que era um estrangeiro, aconselhou-lha: era bonita, e custava apenas quatro libras.

Um dia, na Praça da Bolsa, deu de repente com Mélanie. Abraçaram-se longamente. Mélanie, com o dinheiro que Timóteo lhe dera, comprara uma pequena confeitaria no bairro da Villette. Prosperava. E Vítor ia muitas vezes visitá-la. Era no inverno. E sentados ambos sobre o tapete ao pé do fogo, tomavam café à luz vaga que dava a lenha na chaminé, na saleta escura. Fora, a chuva, ou caía silenciosamente a neve. E falavam dela, longamente, até que Vítor, com os olhos fitos no lume, ficava calado, perdido numa saudade infinita, com os

olhos cheios de lágrimas. Mas às onze horas tinha de sair, porque o amante de Mélanie, que era claque num teatro, entrava à meia-noite.

Voltou. Encontrou o tio Timóteo mais silencioso, mais velho, mais lúgubre. E daí a duas semanas, o tio Timóteo adoeceu, com uma pleurisia. Teve uma morte tranquila e grave. Como Clorinda falava dos sacramentos, disse, com uma voz fraca:

— Não. Nada de padres. Não me amargurem este último momento. E o melhor da vida.

Deixou a Vítor, no seu testamento, setenta contos.

Passados dois meses, Vítor voltava do Cemitério dos Prazeres, onde fora ver a sepultura de Genoveva, e a do

tio Timóteo, quando, ao passar a pé numa rua, sentiu uma rapariguita correr atrás dele:

— Meu senhor, meu senhor!

— Que é?

— É a senhora, a grande, que diz que venha. Diz que venha! É no segundo andar.

Surpreendido, seguiu a rapariga. E num pobre segundo andar encontrou Joana, que se lhe atirou aos braços e contou a sua história. Depois da partida de Serrão para o Brasil, recebera no primeiro paquete algum dinheiro. Mas havia seis meses que não recebia nada. Tinha tudo no prego. Já não trazia o vestido de chita amarela. Mas, um pouco abatida pela melancolia, a sua beleza ganhara delicadeza.

Vítor pôs-lhe casa, e vive em concubinagem com ela, educando o filho de Serrão. Dizem que vai casar com ela. Dedica-se, já mais consolado, a trabalhos literários. E há tempos publicava no *Almanaque das Senhoras* esta poesia, imitada de um poema de Richepin:

A GENOVEVA

Tão profundamente amada
Tu foste, que a minha vida,
Da tua lembrança qu'rida,
Pra sempre está perfumada.

Tive outros amor's talvez,
Mas sem fé e sem coragem:
Quartos francos de estalagem,
Onde se dorme uma vez.

Nos olhos mais cativantes,
É ‘inda a ti que te vejo;
E as asas do meu desejo
Vão para ti como dantes.

Nos planos de Jericó,
Assim o Rei Mago ia,
Em cada estrela que via,
Seguindo uma estrela só.

E na posse mais demente,
Do corpo mais desejado,
Basta voltar-me pró lado,
Pra te ver a ti presente.

D. Joana Cominho, que leu estes versos e os admirou, perguntava-lhe há dias na casa do Sr. Seixas, onde Vítor

recita às vezes:

— E sua mulher não tem ciúmes?

Vítor sorriu, não respondeu. Mas corou um pouco. Joana, sua mulher, não sabe ler.

O PRIMO BASÍLIO

Primeira edição: 1878

1

Tinham dado onze horas no «cuco» da sala de jantar. Jorge fechou o volume de Luís Figuier que estivera folheando devagar, estirado na velha *voltaire* de marroquim escuro, espreguiçou-se, bocejou e disse:

— Tu não te vais vestir, Luísa?

— Logo.

Ficara sentada à mesa, a ler o «Diário de Notícias». Roupão de manhã de fazenda preta, bordado a *soutache*, com largos botões de madrepérola; o cabelo louro um pouco desmanchado, com um tom seco do calor do travesseiro, enrolava-se, torcido no alto da cabeça pequenina, de perfil bonito; a sua pele

tinha a brancura tenra e láctea das louras: com o cotovelo encostado à mesa acariciava a orelha, e, no movimento lento e suave dos seus dedos, dois anéis de rubis miudinhos davam cintilações escarlates.

Tinham acabado de almoçar.

A sala esteirada alegrava, com o seu teto de madeira pintado a branco, o seu papel claro de ramagens verdes. Era em julho, um domingo; fazia um grande calor; as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças, escaldar a pedra da varanda; havia o silêncio recolhido e sonolento de manhã de missa; uma vaga quebreira amolentava, trazia desejos de sestas, ou de sombras fofas debaixo de arvoredos, no campo, ao pé da água; nas duas

gaiolas, entre as bambinelas de cretone azulado, os canários dormiam; um zumbido monótono de moscas arrastava-se por cima da mesa, pousava no fundo das chávenas sobre o açúcar mal derretido, enchia toda a sala de um rumor dormente.

Jorge enrolou um cigarro, e muito repousado, muito fresco na sua camisa de chita, sem colete, o jaquetão de flanela azul aberto, os olhos no teto, pôs-se a pensar na sua jornada ao Alentejo. Era engenheiro de minas, no dia seguinte devia partir para Beja, para Évora, mais para o sul, até S. Domingos; e aquela jornada, em julho, contrariava-o como uma interrupção, afligia-o como uma injustiça. Que maçada por um verão daqueles! Ir dias e dias sacudido pelo

chouto de um cavalo de aluguel, por esses descampados do Alentejo que não acabam nunca, cobertos de um restolho escuro, abafados num sol baço, onde os moscardos zumbem! Dormir nos montados, em quartos que cheiram a tijolo cozido, ouvindo em redor, na escuridão da noite tórrida, grunhir as varas dos porcos! A todo o momento sentir entrar pelas janelas, passar no ar o bafo quente das queimadas! E só!

Tinha estado até então no Ministério, em comissão. Era a primeira vez que se separava de Luísa; e perdia-se já em saudades daquela salinha, que ele mesmo ajudara a forrar de papel novo nas vésperas do seu casamento, e onde, depois das felicidades da noite, os seus almoços se prolongavam em tão suaves

preguiças!

E cofiando a barba curta e fina, muito frisada, os seus olhos iam-se demorando, com uma ternura, naqueles móveis íntimos, que eram do tempo da mamã: o velho guarda-louça envidraçado, com as pratas muito tratadas a gesso-cré, resplandecendo decorativamente; o velho painel a óleo, tão querido, que vira desde pequeno, onde apenas se percebiam, num fundo lascado, os tons avermelhados de cobre de um bojo de caçarola e os rosados desbotados de um molho de rabanetes! Defronte, na outra parede, era o retrato de seu pai: estava vestido à moda de 1830, tinha a fisionomia redonda, o olho luzidio, o beiço sensual; e sobre a sua casaca abotoada reluzia a comenda de Nossa Senhora da Conceição.

Fora um antigo empregado do Ministério da Fazenda, muito divertido, grande tocador de flauta. Nunca o conhecera, mas a mamã afirmava-lhe «que o retrato só lhe faltava falar». Vivera sempre naquela casa com sua mãe. Chamava-se Isaura: era uma senhora alta, de nariz afilado, muito apreensiva; bebia ao jantar água quente; e ao voltar um dia do Lausperene da Graça, morrera de repente, sem um ai!

Fisicamente Jorge nunca se parecera com ela. Fora sempre robusto, de hábitos viris. Tinha os dentes admiráveis de seu pai, os seus ombros fortes.

De sua mãe herdara a placidez, o génio manso. Quando era estudante na Politécnica, às oito horas recolhia-se, acendia o seu candeeiro de latão, abria os

seus compêndios. Não frequentava botequins, nem fazia noitadas. Só duas vezes por semana, regularmente, ia ver uma rapariguita costureira, a Eufrásia, que vivia ao Borratém, e nos dias em que o brasileiro, o seu homem, ia jogar o *boston* ao clube, recebia Jorge com grandes cautelas e palavras muito exaltadas; era enjeitada, e no seu corpinho fino e magro havia sempre o cheiro relentado de uma pontinha de febre. Jorge achava-a romanesca, e censurava-lho. Ele nunca fora sentimental: os seus condiscípulos, que liam Alfred de Musset suspirando e desejavam ter amado Margarida Gautier, chamavam-lhe «proseirão», «burguês»: Jorge ria; não lhe faltava um botão nas camisas, era muito escarolado, admirava Luiz Figuier, Bastiat e Castilho, tinha

horror a dívidas, e sentia-se feliz.

Quando sua mãe morreu, porém, começou a achar-se só: era no inverno, e o seu quarto nas traseiras da casa, ao sul, um pouco desamparado, recebia as rajadas do vento na sua prolongação uivada e triste; sobretudo à noite, quando estava debruçado sobre o compêndio, os pés no capacho, vinham-lhe melancolias lânguidas; estirava os braços, com o peito cheio de um desejo; quereria enlaçar uma cinta fina e doce, ouvir na casa o frufru de um vestido! Decidiu casar. Conheceu Luísa, no verão, à noite, no Passeio. Apaixonou-se pelos seus cabelos louros, pela sua maneira de andar, pelos seus olhos castanhos muito grandes. No inverno seguinte foi despachado, e casou. Sebastião, o seu íntimo, o bom Sebastião,

o Sebastiarrão, tinha dito, com uma oscilação grave da cabeça, esfregando vagarosamente as mãos:

— Casou no ar! Casou um bocado no ar!

Mas Luísa, a Luisinha, saiu muito boa dona de casa: tinha cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre como um passarinho, como um passarinho amiga do ninho e das carícias do macho: e aquele serzinho louro e meigo veio dar à sua casa um encanto sério.

— É um anjinho cheio de dignidade! — dizia então Sebastião, o bom Sebastião, com a sua voz profunda de *basso*.

Estavam casados havia três anos. Que bom que tinha sido! Ele próprio

melhorara; achava-se mais inteligente, mais alegre... E recordando aquela existência fácil e doce, soprava o fumo do cigarro, a perna traçada, a alma dilatada, sentindo-se tão bem na vida como no seu jaquetão de flanela!

— Ah! — fez Luísa de repente, toda admirada para o jornal, sorrindo.

— Que é?

— É o primo Basílio que chega!

E leu alto, logo:

«Deve chegar por estes dias a Lisboa, vindo de Bordéus, o Sr. Basílio de Brito, bem conhecido da nossa sociedade. Sua Excelência, que, como é sabido, tinha partido para o Brasil, onde se diz reconstituíra a sua fortuna com um honrado trabalho, anda viajando pela Europa desde o começo do ano passado.

A sua volta à capital é um verdadeiro júbilo para os amigos de Sua Excelência, que são numerosos.»

— E são! — disse Luísa, muito convencida.

— Estimo, coitado! — fez Jorge, fumando, anediando a barba com a palma da mão. — E vem com fortuna, hem?

— Parece.

Olhou os anúncios, bebeu um gole de chá, levantou-se, foi abrir uma das portadas da janela.

— Oh, Jorge, que calor que lá vai fora, santo Deus! — Batia as pálpebras sob a radiação da luz crua e branca.

A sala, nas traseiras da casa, dava para um terreno vago, cercado de um tabuado baixo, cheio de ervas altas e de uma vegetação de acaso; aqui, ali, naquela

verdura crestada do verão, largas pedras faiscavam, batidas do sol perpendicular; e uma velha figueira brava, isolada no meio do terreno, estendia a sua grossa folhagem imóvel, que, na brancura da luz, tinha os tons escuros do bronze. Para além eram as traseiras de outras casas, com varandas, roupas secando em canas, muros brancos de quintais, árvores esguias. Uma vaga poeira embaciava, tornava espesso o ar luminoso.

— Caem os pássaros! — disse ela cerrando a janela. — Olha tu pelo Alentejo, agora!

Veio encostar-se à *voltaire* de Jorge, passou-lhe lentamente a mão sobre o cabelo preto e anelado. Jorge olhou-a, triste já da separação: os dois primeiros botões do seu roupão estavam

desapertados; via-se o começo do peito de uma brancura muito tenra, a rendinha da camisa: muito castamente Jorge abotoou-lhos.

— E os meus coletes brancos? — disse.

— Devem estar prontos.

Para se certificar chamou Juliana.

Houve um ruído domingueiro de saias engomadas, Juliana entrou, arranjando nervosamente o colar e o broche. Devia ter quarenta anos, era muitíssimo magra. As feições, miúdas, espremidas, tinham a amarelidão de tons baços das doenças de coração. Os olhos grandes, encovados, rolavam numa inquietação, numa curiosidade, raiados de sangue, entre pálpebras sempre debruadas de vermelho. Usava uma cuia de retrós

imitando tranças, que lhe fazia a cabeça enorme. Tinha um tique nas asas do nariz. E o vestido chato sobre o peito, curto da roda, tufado pela goma das saias — mostrava um pé pequeno, bonito, muito apertado em botinas de duraque com ponteiras de verniz.

Os coletes não estavam prontos, disse com uma voz muito lisboeta, não tivera tempo de os meter em goma.

— Tanto lhe recomendei, Juliana! — disse Luísa. — Bem, vá. Veja como se arranja! Os coletes hão de ficar à noite na mala!

E apenas ela saiu:

— Estou a tomar ódio a esta criatura, Jorge!

Há dois meses que a tinha em casa, e não se pudera acostumar à sua

fealdade, aos seus trejeitos, à maneira aflautada de dizer *Chapieu*, *tisoiras*, de arrastar um pouco os *rr*, ao ruído dos seus tacões que tinham laminazinhas de metal: ao domingo, a cuia, o pretensioso do pé, as luvas de pelica preta arrepiavam-lhe os nervos.

— Que antipática!

Jorge riu:

— Coitada, é uma pobre de Cristo! E depois que engomadeira admirável! — No Ministério examinavam com espanto os seus peitilhos. — O Julião diz bem, eu não ando engomado, ando esmaltado! Não é simpática, não, mas é asseada, é apropositada...

E levantando-se, com as mãos nos bolsos das suas largas calças de flanela:

— E, enfim, minha filha, a maneira

como ela se portou na doença da tia Virgínia... Foi um anjo para ela! — Repetiu com solenidade: — De dia, de noite, foi um anjo para ela! Estamos-lhe em dívida, minha filha! — E começou a enrolar outro cigarro, com a fisionomia muito séria.

Luísa, calada, fazia saltar com a pontinha da chinela a orla do roupão; e examinando fixamente as unhas, a testa um pouco franzida, pôs-se a dizer:

— Mas enfim, se eu embirro com ela, não me importa, posso bem mandá-la embora.

Jorge parou, e raspando um fósforo na sola do sapato:

— Se eu consentir, minha rica. É que é uma questão de gratidão, para mim!

Ficaram calados. O «cuco» cantou

meio-dia.

— Bem, vou à vida — disse Jorge. Chegou-se ao pé dela, tomou-lhe a cabeça entre as mãos.

— Viborazinha! — murmurou, fitando-a muito meigamente.

Ela riu. Ergueu para ele os seus magníficos olhos castanhos, luminosos e meigos. Jorge enterneceu-se, pôs-lhe sobre as pálpebras dois beijos chilreados. E torcendo-lhe o beicinho, com uma meiguice:

— Queres alguma coisa de fora, amor?

Que não viesse muito tarde.

Ia deixar uns bilhetes, ia numa tipoia, era um pulo...

E saiu, feliz, cantando com a sua boa voz de barítono:

Dio del oro,
Del mundo signor
La la ra, la ra.

Luísa espreguiçou-se. Que seca ter de se ir vestir! Desejaria estar numa banheira de mármore cor-de-rosa, em água tépida, perfumada, e adormecer! Ou numa rede de seda, com as janelas cerradas, embalar-se, ouvindo música! Sacudiu a chinelinha; esteve a olhar muito amorosamente o seu pé pequeno, branco como leite, com veias azuis, pensando numa infinidade de coisinhas: em meias de seda que queria comprar, no farnel que faria a Jorge para a jornada, em três guardanapos que a lavadeira perdera...

Tornou a espreguiçar-se. E

saltando na ponta do pé descalço, foi buscar ao aparador por detrás de uma compota um livro um pouco enxovalhado, veio estender-se na *voltaire*, quase deitada, e, com o gesto acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a ler, toda interessada.

Era «A Dama das Camélias». Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês. Em solteira, aos dezoito anos, entusiasmara-se por Walter Scott e pela Escócia; desejara então viver num daqueles castelos escoceses, que têm sobre as ogivas os brasões do clã, mobilados com arcas góticas e troféus de armas, forrados de largas tapeçarias, onde estão bordadas legendas heroicas, que o vento do lago agita e faz viver; e amara Ervandalo, Morton e Ivanhoe, ternos e

graves, tendo sobre o gorro a pena de águia, presa ao lado pelo cardo da Escócia de esmeraldas e diamantes. Mas agora era o *moderno* que a cativava: Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades: ria-se dos trovadores, exaltara-se por Mr. de Camors; e os homens ideais apareciam-lhe de gravata branca, nas umbreiras das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes. Havia uma semana que se interessava por Margarida Gautier: o seu amor infeliz dava-lhe uma melancolia enevoada: via-a alta e magra, com o seu longo xaile de caxemira, os olhos negros cheios de avidez da paixão e dos ardores da tísica; nos nomes mesmo do livro — Júlia Duprat, Armando, Prudência, achava o

sabor poético de uma vida intensamente amorosa; e todo aquele destino se agitava, como numa música triste, com ceias, noites delirantes, aflições de dinheiro, e dias de melancolia no fundo de um *coupé*, quando nas avenidas do Bois, sob um céu pardo e elegante, silenciosamente caem as primeiras neves.

— Até logo, Zizi — gritou Jorge do corredor, ao sair.

— Olha!

Ele veio, com a bengala debaixo do braço, apertando as luvas.

— Não apareças muito tarde, hem? Escuta-me, traz-me uns bolos do Baltreschi para a D. Felicidade. Ouve. Vê se passas pela Madame François que me mande o chapéu. Escuta.

— Que mais, bom Deus?

— Ah! não! Era para ires pelo livreiro que me mande mais romances... Mas está fechado!

Foi com duas lágrimas a tremer-lhe nas pálpebras que acabou as páginas da «Dama das Camélias». E estendida na *voltaire*, com o livro caído no regaço, fazendo recuar a película das unhas, pôs-se a cantar baixinho, com ternura, a ária final da «Traviata»:

Addio, del passato...

Lembrou-lhe de repente a notícia do jornal, a chegada do primo Basílio...

Um sorriso vagaroso dilatou-lhe os beicinhos vermelhos e cheios. — Fora o seu primeiro namoro, o primo Basílio! Tinha ela então dezoito anos! Ninguém o

sabia, nem Jorge, nem Sebastião...

De resto fora uma criancice: ela mesmo, às vezes, ria, recordando as pieguices ternas de então, certas lágrimas exageradas! Devia estar mudado o primo Basílio. Lembrava-se bem dele — alto, delgado, um ar fidalgo, o pequenino bigode preto levantado, o olhar atrevido, e um jeito de meter as mãos nos bolsos das calças fazendo tilintar o dinheiro e as chaves! *Aquilo* começara em Sintra, por grandes partidas de bilhar muito alegres, na quinta do tio João de Brito, em Colares. Basílio tinha chegado então de Inglaterra: vinha muito *bife*, usava gravatas escarlates passadas num anel de ouro, fatos de flanela branca, espantava Sintra! Era na sala de baixo pintada a oca, que tinha um ar antigo e morgado; uma

grande porta envidraçada abria para o jardim, sobre três degraus de pedra. Em roda do repuxo havia romãzeiras, onde ele apanhava flores escarlates. A folhagem verde-escura e polida dos arbustos de camélias fazia ruazinhas sombrias; pedaços de sol faiscavam, tremiam na água do tanque; duas rolas, numa gaiola de vime, arrulhavam docemente; e, no silêncio aldeão da quinta, o ruído seco das bolas de bilhar tinha um tom aristocrático.

Depois vieram todos os episódios clássicos dos amores lisboetas passados em Sintra: os passeios em Seteais ao luar, devagar, sobre a relva pálida, com grandes descansos calados no Penedo da Saudade, vendo o vale, as areias ao longe, cheias de uma luz saudosa, idealizadora e

branca; as sestas quentes, nas sombras da Penha Verde, ouvindo o rumor fresco e gotejante das águas que vão de pedra em pedra; as tardes na várzea de Colares, remando num velho bote, sobre a água escura da sombra dos freixos — e que risadas quando iam encalhar nas ervagens altas, e o seu chapéu de palha se prendia aos ramos baixos dos choupos!

Sempre gostara muito de Sintra! Logo ao entrar os arvoredos escuros e murmurosos do Ramalhão lhe davam uma melancolia feliz!

Tinham muita liberdade, ela e o primo Basílio. A mamã, coitadinha, toda cismática, com reumatismo, egoísta, deixava-os, sorria, dormitava: Basílio era rico, então, chamava-lhe tia Jojó, trazia-lhe cartuchos de doce...

Veio o inverno, e aquele amor foi-se abrigar na velha sala forrada de papel sangue-de-boi da Rua da Madalena. Que bons serões ali! A mamã ressonava baixo, com os pés embrulhados numa manta, o volume da «Biblioteca das Damas» caído sobre o regaço. E eles, muito chegados, muito felizes no sofá! O sofá! Quantas recordações! Era estreito e baixo, estofado de casimira clara, com uma tira ao centro, bordada por ela, amores-perfeitos amarelos e roxos sobre um fundo negro. Um dia veio o *final*. João de Brito, que fazia parte da firma Bastos & Brito, faliu. A casa de Almada, a quinta de Colares foram vendidas.

Basílio estava pobre, partiu para o Brasil. Que saudades! Passou os primeiros dias sentada no sofá querido,

soluçando baixo, com a fotografia dele entre as mãos. Vieram então os sobressaltos das cartas esperadas, os recados impacientes ao escritório da Companhia, quando os paquetes tardavam...

Passou um ano. Uma manhã, depois de um grande silêncio de Basílio, recebeu da Baía uma longa carta, que começava: «Tenho pensado muito e entendo que devemos considerar a nossa inclinação como uma criancice...»

Desmaiou logo. Basílio afetava muita dor em duas laudas cheias de explicações: que estava ainda pobre; que teria de lutar muito antes de ter para dois; o clima era horrível; não a queria sacrificar, pobre anjo; chamava-lhe «minha pomba» e assinava o seu nome

todo, com uma firma complicada.

Viveu triste durante meses. Era no inverno; e sentada à janela por dentro dos vidros, com o seu bordado de lã, julgava-se desiludida, pensava no convento seguindo com um olhar melancólico os guarda-chuvas gotejantes que passavam sob as cordas de água; ou sentando-se ao piano, ao anoitecer, cantava Soares de Passos:

Ai! adeus, acabaram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado...

ou o final da «Traviata», ou o «Fado do Vimioso», muito triste, que ele lhe ensinara.

Mas então o catarro da manhã agravou-se; vieram os sustos, as noites

veladas. Na convalescença foram para Belas: ligou-se ali muito com as Cardosos, duas irmãs magras, estouvadas e esguias, sempre coladas uma à outra, com um passinho trotado e seco, como um casal de galgos. O que riam Jesus! O que falavam dos homens! Um tenente de artilharia tinha-se apaixonado por ela. Era vesgo, mandou-lhe uns versos, «Ao Lírio de Belas»:

Sobre a encosta da colina
Cresce o lírio virginal...

Foi um tempo muito alegre, cheio de consolações.

Quando voltaram no inverno tinha engordado, trazia boas cores. E um dia, tendo achado numa gaveta uma fotografia

que logo ao princípio Basílio lhe mandara da Baía, de calça branca e chapéu panamá, fitou-a, encolhendo os ombros:

— E o que eu me ralei por esta figura! Que tola!

Tinham passado três anos quando conheceu o Jorge. Ao princípio não lhe agradou. Não gostava de homens barbados: depois percebeu que era a primeira barba, fina, rente, muito macia decerto; começou a admirar os seus olhos, a sua frescura. E sem o amar, sentia ao pé dele como uma fraqueza, uma dependência e uma quebreira, uma vontade de adormecer encostada ao seu ombro, e de ficar assim muitos anos, confortável, sem receio de nada. Que sensação quando ele lhe disse: «Vamos casar, hem!» Viu de repente o rosto

barbado, com os olhos muito luzidios, sobre o mesmo travesseiro, ao pé do seu! Fez-se escarlate. Jorge tinha-lhe tomado a mão: ela sentiu o calor daquela palma larga penetrá-la, tomar posse dela; disse que sim, ficou como idiota, e sentia debaixo do vestido de merino dilatarem-se docemente os seus seios. Estava noiva, enfim! Que alegria, que descanso para a mamã!

Casaram às oito horas, numa manhã de nevoeiro. Foi necessário acender luz para lhe pôr a coroa e o véu de tule. Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo — onde destacava a cara balofa e amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma

sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos. Os sapatos de cetim apertavam-na. Sentira-se enjoada da madrugada, fora necessário fazer-lhe chá verde muito forte. E tão cansada à noite naquela casa nova, depois de desfazer os seus baús! — Quando Jorge apagou a vela, com um sopro trémulo, SS luminosos faiscavam, corriam-lhe diante dos olhos.

Mas era o seu marido, era novo, era forte, era alegre: pôs-se a adorá-lo. Tinha uma curiosidade constante da sua pessoa e das suas coisas, mexia-lhe no cabelo, na roupa, nas pistolas, nos papéis. Olhava muito para os maridos das outras, comparava, tinha orgulho nele. Jorge envolvia-a em delicadezas de amante,

ajoelhava-se aos seus pés, era muito dengueiro. E sempre de bom humor, com muita graça: mas nas coisas da sua profissão ou do seu brio tinha severidades exageradas, e punha então nas palavras, nos modos uma solenidade carrancuda. Uma amiga dela, romanesca, que via em tudo dramas, tinha-lhe dito: «É homem para te dar uma punhalada.» Ela que não conhecia ainda o temperamento plácido de Jorge acreditou, e isso mesmo criou uma exaltação no seu amor por ele. Era *o seu tudo* — a sua força, o seu fim, o seu destino, a sua religião, o seu homem! Pôs-se a pensar o que teria sucedido se tivesse casado com o primo Basílio. Que desgraça, hem! Onde estaria? Perdia-se em suposições de outros destinos, que se desenrolavam, como panos de teatro: via-

se no Brasil, entre coqueiros, embalada numa rede, cercada de negrinhos, vendo voar papagaios!

— Está ali a Sr.ª D. Leopoldina — veio dizer Juliana.

Luísa ergueu-se surpreendida.

— Hem? A Sr.ª D. Leopoldina? Para que mandou entrar?

Pôs-se a abotoar à pressa o roupão. Jesus! Olha se Jorge soubesse! Ele que tinha dito tantas vezes «que a não queria em casa!» Mas se já estava na sala, agora, coitada!

— Está bom, diga-lhe que já vou.

Era a sua íntima amiga, Tinham sido vizinhas, em solteiras, na Rua da Madalena, e estudado no mesmo colégio, à Patriarcal, na Rita Pessoa, a coxa. Leopoldina era a filha única do visconde

de Quebrais, o devasso, o caquético, que fora pajem de D. Miguel. Tinha, feito um casamento infeliz com um João Noronha, empregado da Alfândega. Chamavam-lhe «a Quebrais»; chamavam-lhe também «a Pão e Queijo».

Sabia-se que tinha amantes, dizia-se que tinha vícios. Jorge odiava-a. E dissera muitas vezes a Luísa: «Tudo, menos a Leopoldina!»

Leopoldina tinha então vinte e sete anos. Não era alta, mas passava por ser a mulher mais bem feita de Lisboa. Usava sempre vestidos muito colados, com uma justeza que acusava, modelava o corpo como uma pelica, sem largueza de roda, apanhados atrás. Dizia-se dela, com os olhos em alvo: «É uma estátua, é uma Vénus!» Tinha ombros de modelo, de uma

redondeza descaída e cheia; sentia-se os seus seios, mesmo através do corpete, o desenho rijo e harmonioso de duas belas metades de limão; a linha dos quadris rica e firme, certos quebrados vibrantes de cintura faziam voltar os olhares acesos dos homens. A cara era um pouco grosseira; as asas do nariz tinham uma dilatação carnuda; na pele, muito fina, de um trigueiro quente e corado, havia sinaizinhos desvanecidos de antigas bexigas. A sua beleza eram os olhos, de uma negrura intensa, afogados num fluido, muito *quebrados*, com grandes pestanas.

Luísa veio para ela com os braços abertos, beijaram-se muito. E Leopoldina, sentada no sofá, enrolando devagarinho a seda clara do guarda-sol, começou a queixar-se. Tinha estado adoentada, muito

secada, com tonturas. O calor matava-a. E que tinha ela feito? Achava-a mais gorda.

Como era um pouco curta de vista, para se afirmar piscava ligeiramente os olhos, descerrando os beiços gordinhos, de um vermelho cálido.

— A felicidade dá tudo, até boas cores! — disse, sorrindo.

O que a trazia era perguntar-lhe a morada da francesa que lhe fazia os chapéus. E há tanto tempo que a não via, já tinha saudades, também!

— Mas não imaginas! Que calor! Venho morta.

E deixou-se cair sobre a almofada do sofá, encalmada, com um sorriso aberto, mostrando os dentes brancos e grandes.

Luísa disse-lhe a morada da

francesa, gabou-lha; era barateira e tinha bom gosto. Como a sala estava escura, foi entreabrir um pouco as portadas da janela. Os estofos das cadeiras e as bambinelas eram de repes verde-escuro; o papel e o tapete com desenhos de ramagens tinham o mesmo tom, e naquela decoração sombria destacavam muito as molduras douradas e pesadas de duas gravuras (a «Medeia» de Delacroix e a «Mártir» de Delaroche), as encadernações escarlates dos dois vastos volumes do Dante de G. Doré, e entre janelas o oval de um espelho onde se refletia um napolitano de *biscuit* que, na *console*, dançava a tarantela.

Por cima do sofá pendia o retrato da mãe de Jorge, a óleo. Estava sentada, vestida ricamente de preto, direita no seu

corpete espartilhado e seco: uma das mãos, de um lívido morto, pousava nos joelhos sobrecarregada de anéis; a outra perdia-se entre as rendas muito trabalhadas de um mantelete de cetim, e aquela figura longa, macilenta, com grandes olhos carregados de negro, destacava sobre uma cortina escarlate, corrida em pregas copiosamente quebradas, deixando ver para além céus azulados e redondezas de arvoredos.

— E teu marido? — perguntou Luísa, vindo sentar-se muito junto de Leopoldina.

— Como sempre. Pouco divertido — respondeu, rindo. E, com ar sério, a testa um pouco franzida: — Sabes que acabei com o Mendonça?

Luísa fez-se ligeiramente

vermelha.

— Sim?

Leopoldina deu logo detalhes.

Era muito indiscreta, falava muito de si, das suas sensações, da sua alcova, das suas contas. Nunca tivera segredos para Luísa; e na sua necessidade de fazer confidências, de gozar a admiração dela, descrevia-lhe os seus amantes, as opiniões deles, as maneiras de amar, os tiques, a roupa, com grandes exagerações! Aquilo era sempre muito picante, cochichado ao canto de um sofá, entre risinhos: Luísa costumava escutar, toda interessada, as maçãs do rosto um pouco envergonhadas, pasmada, saboreando, com um arzinho beato. Achava tão curioso!

— Desta vez é que bem posso

dizer que me enganei, minha rica filha! — exclamou Leopoldina erguendo os olhos desoladamente.

Luísa riu.

— Tu enganas-te quase sempre!

Era verdade! Era infeliz!

— Que queres tu? De cada vez imagino que é uma paixão, e de cada vez me sai uma maçada.

E picando o tapete com a ponta da sombrinha:

— Mas se um dia acerto!

— Vê se acertas — disse Luísa. — Já é tempo!

Às vezes na sua consciência achava Leopoldina «indecente»; mas tinha um fraco por ela: sempre admirara muito a beleza do seu corpo, que quase lhe inspirava uma atração física. Depois

desculpava-a: era tão infeliz com o marido! Ia atrás da paixão, coitada! E aquela grande palavra, faiscante e misteriosa, donde a felicidade escorre como a água de uma taça muito cheia, satisfazia Luísa como uma justificação suficiente: quase lhe parecia uma heroína; e olhava-a com espanto como se consideram os que chegam de alguma viagem maravilhosa e difícil, de episódios excitantes. Só não gostava de certo cheiro de tabaco misturado de feno que . trazia sempre nos vestidos. Leopoldina fumava.

— E que fez ele, o Mendonça?

Leopoldina encolheu os ombros, com um grande tédio:

— Escreveu-me uma carta muito tola, que afinal bem considerado era

melhor que acabasse tudo, porque não estava para se meter em camisa de onze varas! Que imbecil! Até devo ter aqui a carta.

Procurou na algibeira do vestido: tirou o lenço, uma carteirinha, chaves, uma caixinha de pó de arroz; mas encontrou apenas um programa do Price.

Falou então do circo. — Uma sensaboria. O melhor era um rapaz que trabalhava no trapézio. Lindo rapaz, bem feito, uma perfeição!

E de repente:

— Então teu primo Basílio chega?

— Assim li hoje no «Diário de Notícias». Fiquei pasmada!

— Ah!, outra coisa que te queria perguntar antes que me esqueça. Com que guarneceste tu aquele vestido de

xadrezinho azul? Vou mandar fazer um assim.

Tinha-o guarnecido de azul também, um azul mais escuro.

— Vem ver. Vem cá dentro.

Entraram no quarto. Luísa foi descerrar a janela, abrir o guarda-vestidos. Era um quarto pequeno, minto fresco, com cretones de azul pálido. Tinha um tapete barato, de fundo branco, com desenhos azulados. O toucador, alto, estava entre as duas janelas, sob um dossel de renda grossa, muito ornado de frascos facetados. Entre as bambinelas, em mesas redondas de pé de galo, plantas espessas, begónias, macoamas, dobravam decorativamente a sua folhagem rica e forte, em vasos de barro vermelho vidrado.

Aqueles arranjos confortáveis lembraram decerto a Leopoldina felicidades tranquilas. Pôs-se a dizer devagar, olhando em roda:

— E tu, sempre muito apaixonada por teu marido, hem? Fazes bem, filha, tu é que fazes bem!

Foi defronte do toucador, aplicar pó de arroz no pescoço, nas faces.

— Tu é que fazes bem! — repetia. — Mas vá lá uma mulher prender-se a um homem como o meu!

Sentou-se na *causeuse* com um ar muito abandonado; vieram as queixas habituais sobre seu marido. Era tão grosseiro! Era tão egoísta!

— Acreditarás que há tempos para cá, se não estou em casa às quatro, não espera, põe-se à mesa, janta, deixa-me os

restos! E depois desleixado, enxovalhado, sempre a cuspir nas esteiras... O quarto dele — nós temos dois quartos, como tu sabes — é um chiqueiro!

Luísa disse com severidade:

— Que horror! A culpa também é tua.

— Minha! — Não me faltava mais nada senão ocupar-me do quarto do homem!

Ah! era muito desgraçada, era a mulher mais desgraçada que havia no mundo!

— Nem ciúmes tem, o bruto!

Mas Juliana entrou, tossiu, e arrastando ainda o colar e o broche:

— A senhora sempre quer que engome os coletes todos?

— Todos, já lhe disse. Hão de

ficar à noite na mala antes de se ir deitar.

— Que mala? Quem parte? — perguntou Leopoldina.

— O Jorge. Vai às minas, ao Alentejo.

— Então estás só, posso vir ver-te! Ainda bem!

E sentou-se logo ao pé dela, com um olhar que se fizera doce.

— É que tenho tanto que contar! Se tu soubesses filha!

— O quê? Outra paixão? — fez Luísa rindo.

A face de Leopoldina tornou-se grave.

Não era para rir. Estava de todo! Era por isso até que tinha vindo. Sentira-se tão só em casa, tão nervosa! — Vou até à Luísa, vou palrar um bocado!

E com voz mais baixa, quase solene:

— Desta vez é sério, Luísa! — Deu os detalhes. Era um rapaz alto, louro, lindo! — E que talento! É poeta! — Dizia a palavra com devoção, prolongando o som das sílabas. — É poeta!

Desapertou devagar dois botões do corpete, tirou do seio um papel dobrado. Eram versos.

E muito chegada para Luísa, com as narinas dilatadas pela delícia da sensação, leu baixo, com orgulho, com pompa:

A TI

Farol da Guia, 5 de junho

Quando cismo à hora do poente

Sobre os rochedos onde brame o mar...

Era uma elegia. O rapaz contava, em quadras, as longas contemplações em que a via a ela, Leopoldina, *visão radiosa que deslizas leve*, nas águas dormentes, nas vermelhidões do ocaso, na brancura das espumas. Era uma composição delambida, de um sentimentalismo reles, com um ar tísico, muito lisboeta, cheia de versos errados. E terminando dizia-lhe que não era «nos esplendores das salas» ou nos «bailes febricitantes» que gostava de a ver: era ali, naqueles rochedos.

Onde todos os dias ao Sol-posto
Eu vejo adormecer o mar gigante.

— Que bonito, hem!

Ficaram caladas, com uma comoçãozinha.

Leopoldina, com os olhos perturbados, repetia a data, amorosamente:

— Farol da Guia, cinco de junho!

Mas o relógio do quarto deu quatro horas. Leopoldina ergueu-se logo, atarantada, meteu o poema no seio.

Tinha de se ir já! Fazia-se tarde, senão o outro punha-se à mesa. Tinha um ruivo assado para o jantar. E peixe frio era a coisa mais estúpida!

— Adeus. Até breve, não? — E agora que Jorge ia para fora, havia de vir muito. — Adeus. Então a francesa. Rua do Ouro, por cima do estanco?

Luísa foi com ela até ao patamar. Leopoldina, já no fundo da escada, ainda

parou, gritou:

— Sempre te parece que guarneça o vestido de azul, hem?

Luísa debruçou-se sobre o corrimão:

— Eu assim fiz, é o melhor...

— Adeus! Rua do Ouro, por cima do estanco.

— Sim. Rua do Ouro. Adeus. — E com um gritinho: — Porta à direita, Madame François.

Jorge voltou às cinco horas, e logo da porta do quarto, pondo a bengala a um canto:

— Já sei que tiveste cá uma visita.

Luísa voltou-se, um pouco corada. Estava diante do toucador, já penteada, com um vestido de linho branco, guarnecido de rendas.

Era verdade, tinha vindo a Leopoldina. Juliana mandara-a entrar... Ficara mais contrariada! Era por causa da *adresse* da francesa dos chapéus. Tinha-se demorado dez minutos. — Quem te disse?

— Foi a Juliana: que a Sr.ª D. Leopoldina tinha estado toda a tarde.

— Toda a tarde! Que tolice, esteve dez minutos, se tanto!

Jorge tirava as luvas, calado. Chegou-se à janela, pôs-se a sacudir as duras folhas de uma begónia malhada de um vermelho doente, com uma baba prateada. Assobiava baixo; e parecia todo ocupado em conchegar um botão de amarílis aninhado entre a sua folhagem luzidia, como um pequenino coração assustado.

Luísa ia passando o seu medalhão

de ouro numa longa fita de veludo preto: tinha uma tremura nas mãos, estava vermelha.

— O calor tem-lhes feito mal — disse.

Jorge não respondeu. Assobiou mais alto, foi à outra janela, bateu com os dedos nas folhas elásticas de uma macoama de tons verdes e sanguíneos, e, alargando impacientemente o colarinho como um homem sufocado:

— Ouve lá, é necessário que deixes por uma vez de receber essa criatura. É necessário acabar por uma vez!

Luísa fez-se escarlate.

— É por causa de ti! É por causa dos vizinhos! É por causa da decência!

— Mas foi a Juliana... —

balbuciou Luísa.

— Mandasse-la sair outra vez. Que estavas fora! Que estavas na China! Que estavas doente!

Parou, com um tom desconsolado, abrindo os braços:

— Minha rica filha, é que todo o mundo a conhece. É a «Quebrais»! É a «Pão e Queijo»! É uma vergonha!

Citava-lhe os seus amantes, exasperado: o Carlos Viegas, o magro, de bigode caído, que escrevia comédias para o Ginásio! o Santos Madeira, o picado das bexigas, com uma gaforinha! o Melchior vadio, um «gingão» desossado, com um olhar de carneiro morto, sempre a fumar numa enorme boquilha! o Pedro Câmara, o bonito! o Mendonça dos calos! *Tutti quanti!*

E encolhendo os ombros, exasperado:

— Como se eu não percebesse que ela esteve aqui! Só pelo cheiro! Este horrível cheiro de feno! Vocês foram criadas juntas, etc., tudo isso é muito bom. Hás de desculpar, mas se a encontro na escada, corro-a! Corro-a!

Parou um momento, e comovido:

— Ora, vamos, Luísa, confessa. Tenho ou não razão?

Luísa punha os brincos, ao espelho, atarantada:

— Tens — disse.

— Ah!, bem!

E saiu, furioso.

Luísa ficou imóvel. Uma lagrimazinha redonda, clara, rolava-lhe pela asa do nariz. Assoou-se muito

doloridamente. Aquela Juliana! Aquela bisbilhoteira! De má! Para fazer cizânia!

Veio-lhe então uma cólera. Foi ao quarto dos engomados, atirou com a porta:

— Para que foi você dizer quem esteve ou quem deixou de estar?

Juliana, muito surpreendida, pousou o ferro:

— Pensei que não era segredo, minha senhora.

— Está claro que não! Tola! Quem lhe diz que era segredo? E para que mandou entrar? Não lhe tenho dito muitas vezes que não recebo a Sr.ª D. Leopoldina?

— A senhora nunca me disse nada — replicou, toda ofendida, cheia de verdade.

— Mente! Cale-se!

Voltou-lhe as costas; veio para o quarto, muito nervosa, foi encostar-se à vidraça.

O sol desaparecera, Na rua estreita havia uma sombra igual, de tarde sem vento; pelas casas, de uma edificação velha, escuras, estavam abertas as varandas onde em vasos vermelhos se mirrava alguma velha planta miserável, manjericão ou cravo; ouvia-se, no teclado melancólico de um piano, a «Oração de Uma Virgem», tocada por alguma menina, no sentimentalismo vadio do domingo; e na sua janela, defronte, as quatro filhas do Teixeira Azevedo, magrinhas, com os cabelos muito riçados, as olheiras pisadas, passavam a sua tarde de dia santo olhando para a rua, para o ar, para as janelas vizinhas, cochichando se viam

passar um homem — ou debruçadas, com uma atenção idiota, faziam pingar saliva sobre as pedras da calçada.

Jorge tinha razão, coitado!, pensava Luísa. Mas, também, que podia ela fazer? Já não ia a casa de Leopoldina, tirara o seu retrato do álbum da sala, vira-se obrigada a confessar-lhe a repugnância de Jorge, tinham corado ambas, até! Coitada! Só a recebia de longe a longe, uma raridade, um momento! E enfim, depois de ela estar na sala, não a havia de ir empurrar pela escada abaixo!

Um homem grosso, de pernas tortas, curvado sob um realejo, apareceu então ao alto da rua; as suas barbas pretas tinham um aspeto feroz; parou, pôs-se a voltear a manivela, levantando em redor, para as janelas, um sorriso triste de dentes

brancos, e a «Casta Diva», com uma sonoridade metálica e seca, muito tremida, espalhou-se pela rua.

Gertrudes, a criada e a concubina do doutor de Matemática, veio encostar logo aos caixilhos estreitos da janela a sua vasta face trigueira de quarentona farta e estabelecida; adiante, na sacada aberta de um segundo andar, debruçou-se a figura do Cunha Rosado, magro e chupado, com um boné de borla, o aspeto desconsolado do doente de intestinos, conchegando com as mãos transparentes o *robe-de-chambre* ao ventre. Outras faces enfastiadas mostraram-se entre as bambinelas de cassa.

Na rua, a estanqueira chegou-se à porta, vestida de luto, estendendo o seu carão viúvo, os braços cruzados sobre o

xale tingido de preto, esguia nas longas saias escoadas. Da loja, por baixo da casa do Azevedo, veio a carvoeira, enorme de gravidez bestial, o cabelo esguedelhado em repas secas, a cara oleosa e enfarruscada, com três pequenos meio nus, quase negros, chorões e hirsutos, que se lhe penduravam da saia de chita. E o Paula, com loja de trastes velhos, adiantou-se até ao meio da rua; a pala de verniz do seu boné de pano preto nunca se erguia de cima dos olhos; escondia sempre as mãos, como para ser mais reservado, por trás das costas, debaixo das abas do seu casaco de cotim branco; o calcanhar sujo da meia saía-lhe para fora da chinela bordada a missanga; e fazia roncar o seu pigarro crónico de um modo despeitado. Detestava os reis e os padres.

O estado das coisas públicas enfurecia-o. Assobiava frequentemente a «Maria da Fonte»; e mostrava-se nas suas palavras, nas suas atitudes, um patriota exasperado.

O homem do realejo tirou o seu largo chapéu desabado e, tocando sempre, ia-o estendendo em redor para as janelas, com um olhar necessitado. As Azevedos tinham logo fechado violentamente a vidraça. A carvoeira deu-lhe uma moeda de cobre; mas interrogou-o; quis decerto saber de que país era, por que estradas tinha vindo, e quantas peças tinha o instrumento.

Gente endomingada começava a recolher, com um ar derreado do longo passeio, as botas empoeiradas: mulheres de xale, vindas das hortas, traziam ao colo as crianças adormecidas da caminhada e

do calor; velhos plácidos, de calça branca, o chapéu na mão, gozavam a frescura, dando um giro no bairro; pelas janelas, bocejava-se; o céu tomava uma cor azulada e polida, como uma porcelana; um sino repicava a distância o fim de alguma festa de igreja; e o domingo terminava, com uma serenidade cansada e triste.

— Luísa — disse a voz de Jorge.

Ela voltou-se, com um vago: «Hem?»

— Vamos jantar, filha; são sete horas.

No meio do quarto, tomou-a pela cinta, e falando-lhe baixo, junto à face:

— Tu zangaste-te há bocado?

— Não! Tu tens razão. Conheço que tens razão.

— Ah! — fez ele com um tom vitorioso, muito satisfeito. — Está claro.

Quem melhor conselheiro e bom amigo
Que o marido que a alma me escolheu?

E com uma ternura grave:

— Minha querida filha, esta nossa casinha é tão honesta, que é uma dor de alma ver entrar essa mulher aqui, com o cheiro do feno, do cigarro e do resto!... *Mà, di questo no parlaremo più, o donna mia!* À sopa!

2

Aos domingos à noite havia em casa de Jorge uma pequena reunião, uma «cavaqueira», na sala, em redor do velho candeeiro de porcelana cor-de-rosa. Vinham apenas os íntimos. «O Engenheiro», como se dizia na rua, vivia muito ao seu canto, sem visitas. Tomava-se chá, palrava-se. Era um pouco «à estudante». Luísa fazia *crochet*, Jorge cachimbava.

O primeiro a chegar era Julião Zuzarte, um parente muito afastado de Jorge, e seu antigo condiscípulo nos primeiros anos da Politécnica. Era um homem seco e nervoso, com lunetas azuis, os cabelos compridos caídos sobre a

gola. Tinha o curso de cirurgião da Escola. Muito inteligente, estudava desesperadamente, mas, como ele dizia, era um «tumba». Aos trinta anos, pobre, com dívidas, sem clientela, começava a estar farto do seu quarto andar na Baixa, dos seus jantares de doze vinténs, do seu paletó coçado de alamares; e entalado na sua vida mesquinha, via os outros, os medíocres, os superficiais, «furar», «subir», instalar-se à larga na prosperidade! «Falta de *chance*», dizia. Podia ter aceitado um partido da câmara numa vila da província, com pulso livre, ter uma casa *sua*, a *sua* criação no quintal. Mas tinha um orgulho resistente, muita fé nas suas faculdades, na sua ciência, e não se queria ir enterrar numa terriola adormecida e lúgubre, com três ruas onde

os porcos foçam. Toda a província o aterrava; via-se lá obscuro, jogando a manilha na Assembleia, morrendo de caquexia. Por isso não «arredava pê»; e esperava, com a tenacidade do plebeu sôfrego, uma clientela rica, uma cadeira na Escola, um *coupé* para as visitas, uma mulher loura com dote. Tinha a certeza do seu direito a estas felicidades, e como elas tardavam a chegar ia-se tornando despeitado e amargo; andava amuado com a vida; cada dia se prolongavam mais os seus silêncios hostis, roendo as unhas: e, nos dias melhores, não cessava de ter ditos secos, tiradas azedas — em que a sua voz desagradável caía como um gume gelado.

Luísa não gostava dele; achava-lhe um ar «nordeste», detestava o seu tom de

pedagogo, os reflexos negros da luneta, as calças curtas que mostravam o elástico roto das botas. Mas disfarçava, sorria-lhe, porque Jorge admirava-o, dizia sempre dele: «Tem muito espírito! Tem muito talento! Grande homem!»

Como vinha mais cedo ia à sala de jantar, tomava a sua chávena de café; e tinha sempre um olhar de lado para as pratas do aparador e para as *toilettes* frescas de Luísa. Aquele parente, um «medíocre», que vivia confortavelmente, bem casado, com a carne contente, estimado no Ministério, com alguns contos de reis em inscrições — parecia-lhe uma injustiça e pesava-lhe como uma humilhação. Mas afetava estimá-lo: ia sempre às noites, aos domingos; escondia então as suas preocupações, cavaqueava,

tinha pilhérias — metendo a cada momento os dedos pelos seus cabelos compridos, secos e cheios de caspa.

Às nove horas, ordinariamente, entrava D. Felicidade de Noronha. Vinha logo da porta com os braços estendidos, o seu bom sorriso dilatado. Tinha cinquenta anos, era muito nutrida, e, como sofria de dispepsia e de gases, àquela hora não se podia espartilhar e as suas formas transbordavam. Já se viam alguns fios brancos nos seus cabelos levemente anelados, mas a cara era lisa e redonda, de uma alvura baça e mole de freira; nos olhos papudos, com a pele já engelhada em redor, luzia uma pupila negra e húmida, muito móbil; e aos cantos da boca uns pelos de buço pareciam traços leves e circunflexos de uma pena muito fina. Fora

a íntima amiga da mãe de Luísa, e tomara aquele hábito de vir ver a «pequena» aos domingos. Era fidalga, dos Noronhas de Redondela, bastante aparentada em Lisboa, um pouco devota, muito da Encarnação.

Mal entrava, ao pôr um beijo muito cantado na face de Luísa, perguntava-lhe baixo, com inquietação:

— Vem?

— O Conselheiro? Vem.

Luísa sabia-o. Porque o conselheiro, o conselheiro Acácio, nunca vinha aos *chás de D. Luísa*, como ele dizia, sem ter ido na véspera ao Ministério das Obras Publicas procurar Jorge, declarar-lhe com gravidade, curvando um pouco a sua alta figura:

— Jorge, meu amigo, amanhã lá

irei pedir a sua boa esposa a minha chávena de chá.

Ordinariamente acrescentava:

— E os seus valiosos trabalhos progridem? Ainda bem! Se vir o ministro, os meus respeitos a Sua Excelência. Os meus respeitos a esse formoso talento!

E saía, pisando com solenidade os corredores enxovalhados.

Havia cinco anos que D. Felicidade o amava. Em casa de Jorge riam-se um pouco com aquela «chama». Luísa dizia: «Ora! é uma caturrice dela!» Viam-na corada e nutrida, e não suspeitavam que aquele sentimento concentrado, irritado semanalmente, queimando em silêncio, a ia devastando como uma doença e desmoralizando como um vício. Todos os seus ardores até aí

tinham sido inutilizados. Amara um oficial de lanceiros que morrera, e apenas conservava o seu daguerreótipo. Depois apaixonara-se muito ocultamente por um rapaz padeiro, da vizinhança, e vira-o casar. Dera-se então toda a um cão, o «Bilro»; uma criada despedida deu-lhe por vingança rolha cozida; o «Bilro» rebentou, e tinha-o agora empalhado na sala de jantar. A pessoa do conselheiro viera de repente, um dia, pegar fogo àqueles desejos, sobrepostos, como combustíveis antigos. Acácio tornara-se a sua *mania*: admirava a sua figura e a sua gravidade, arregalava grandes olhos para a sua eloquência, achava-o numa «linda posição». O conselheiro era a sua ambição e o seu vício! Havia sobretudo nele uma beleza, cuja contemplação

demorada a estonteava como um vinho forte: era a calva. Sempre tivera o gosto perverso de certas mulheres pela calva dos homens, e aquele apetite insatisfeito inflamara-se com a idade. Quando se punha a olhar para a calva do conselheiro, larga, redonda, polida, brilhante às luzes, uma transpiração ansiosa humedecia-lhe as costas, os olhos dardejavam-lhe, tinha uma vontade absurda, ávida, de lhe deitar as mãos, palpá-la, sentir-lhe as formas, amassá-la, penetrar-se dela! Mas disfarçava, punha-se a falar alto com um sorriso parvo, abanava-se convulsivamente, e o suor gotejava-lhe nas roscas anafadas do pescoço. Ia para casa rezar estações, impunha-se penitências de muitas coroas à Virgem; mas apenas as orações findavam,

começava o temperamento a latejar. E a boa, a pobre D. Felicidade tinha agora pesadelos lascivos, e as melancolias do histerismo velho! A indiferença do conselheiro irritava-a mais: nenhum olhar, nenhum suspiro, nenhuma revelação amorosa o comovia! Era para com ela glacial e polido. Tinham-se às vezes encontrado a sós, à parte, no vão favorável de uma janela, no isolamento mal alumiado de um canto do sofá — mas apenas ela fazia uma demonstração sentimental, ele erguia-se bruscamente, afastava-se, severo e pudico. Um dia ela julgara perceber que, por trás das suas lunetas escuras, o conselheiro lhe deitava de revés um olhar apreciador para a abundância do seio; fora mais clara, mais urgente, falara em «paixão», disse-lhe

baixo: — Acácio!... — Mas ele com um gesto gelou-a — e de pé, grave:

— Minha senhora,

As neves que na fronte se acumulam
Terminam por cair no coração...

É inútil, minha senhora!

O martírio de D. Felicidade era muito oculto, muito disfarçado; ninguém o sabia; conheciam-lhe as infelicidades do sentimento, ignoravam-lhe as torturas do desejo. E um dia Luísa ficou atónita, sentindo D. Felicidade agarrar-lhe com a mão húmida, e dizer-lhe baixo, os olhos cravados no conselheiro:

— Que regalo de homem!

Falava-se nessa noite do Alentejo, de Évora e das suas riquezas, da Capela

dos Ossos, quando o conselheiro entrou com o paletó no braço. Foi-o dobrar solicitamente numa cadeira a um canto, e no seu passo aprumado e oficial, veio apertar as mãos ambas de Luísa, dizendo-lhe com uma voz sonora, de papo:

— Minha boa Sr.ª D. Luísa, de perfeita saúde, não? O nosso Jorge tinha-mo dito. Ainda bem! Ainda bem!

Era alto, magro, vestido todo de preto, com o pescoço entalado num colarinho direito. O rosto aguçado no queixo ia-se alargando até à calva, vasta e polida, um pouco amolgada no alto; tingia os cabelos que de uma orelha à outra lhe faziam colar por trás da nuca — e aquele preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho à calva; mas não tingia o bigode: tinha-o grisalho, farto, caído aos cantos da

boca. Era muito pálido; nunca tirava as lunetas escuras. Tinha uma covinha no queixo, e as orelhas grandes muito despegadas do crânio.

Fora, outrora, diretor-geral do Ministério do Reino, e sempre que dizia «El-Rei!» erguia-se um pouco na cadeira. Os seus gestos eram medidos, mesmo a tomar rapé. Nunca usava palavras triviais; não dizia *vomitar*, fazia um gesto indicativo e empregava *restituir*. Dizia sempre «o nosso Garrett, o nosso Herculano». Citava muito. Era autor. E sem família, num terceiro andar da Rua do Ferregial, amancebado com a criada, ocupava-se de economia política: tinha composto os «Elementos Genéricos da Ciência da Riqueza e Sua Distribuição, segundo os Melhores Autores», e como

subtítulo: «Leituras do Serão.» Havia apenas meses publicara a «Relação de Todos os Ministérios de Estado desde o Grande Marquês de Pombal até Nossos Dias, com Datas Cuidadosamente Averiguadas de Seus Nascimentos e Óbitos».

— Já esteve no Alentejo, Conselheiro? — perguntou-lhe Luísa.

— Nunca, minha senhora. — e curvou-se. — Nunca! E tenho pena! Sempre desejei lá ir, porque me dizem que as suas curiosidades são de primeira ordem.

Tomou uma pitada de uma caixa dourada, entre os dedos, delicadamente, e acrescentou com pompa:

— De resto, país de grande riqueza suína!

— Ó Jorge, averigua quanto é o partido da câmara em Évora — disse Julião do canto do sofá.

O conselheiro acudiu, cheio de informações, com a pitada suspensa:

— Devem ser seiscentos mil reis, Sr. Zuzarte, e pulso livre. Tenho-o nos meus apontamentos. Porquê, Sr. Zuzarte, quer deixar Lisboa?

— Talvez!...

Todos desaprovaram.

— Ah! Lisboa sempre é Lisboa! — suspirou D. Felicidade.

— Cidade de mármore e de granito, na fase sublime do nosso grande historiador! — disse solenemente o conselheiro.

E sorveu a pitada com os dedos abertos em leque, magros, bem tratados.

D. Felicidade disse então:

— Quem não era capaz de deixar Lisboa, nem à mão de Deus-Padre, era o conselheiro!

O conselheiro, voltando-se vagarosamente para ela, um pouco curvado, replicou:

— Nasci em Lisboa, D. Felicidade, sou lisboeta de alma!

— O Conselheiro — lembrou Jorge — nasceu na Rua de S. José.

— Número setenta e cinco, meu Jorge. Na casa pegada àquela em que viveu, até casar, o meu prezado Geraldo, o meu pobre Geraldo!

Geraldo, o seu pobre Geraldo, era o pai de Jorge. Acácio fora o seu íntimo. Eram vizinhos. Acácio tocava então rebeca, e, como Geraldo tocava flauta,

faziam duos, pertenciam mesmo à Filarmónica da Rua de S. José. Depois Acácio, quando entrou nas repartições do Estado, por escrúpulo e por dignidade, abandonou a rebeca, os sentimentos ternos, os serões joviais da Filarmónica. Entregou-se todo à estatística. Mas conservou-se muito leal a Geraldo; continuou mesmo a Jorge aquela amizade vigilante; fora padrinho do seu casamento, vinha vê-lo todos os domingos, e, no dia dos seus anos, mandava-lhe pontualmente, com uma carta de felicitações, uma lampreia de ovos.

— Aqui nasci — repetiu, desdobrando o seu belo lenço de seda da Índia — e aqui conto morrer.

E assoou-se discretamente.

— Isso ainda vem longe,

Conselheiro!

Ele disse, com uma melancolia grave:

— Não me arreceio *dela*, meu Jorge. Até já fiz construir, sem vacilar, no Alto de S. João, a minha última morada. Modesta, mas decente. É ao entrar, no arruamento à direita, num lugar abrigado, ao pé da choça dos Veríssimos amigos.

— E já compôs o seu epitáfio, senhor Conselheiro? — perguntou Julião, do canto, irónico.

— Não o quero, Sr. Zuzarte. Na minha sepultura não quero elogios. Se os meus amigos, os meus patrícios entenderem que eu fiz alguns serviços, têm outros meios para os comemorar; lá têm a imprensa, o comunicado, o necrológio, a poesia mesmo! Por minha vontade quero

apenas sobre a lápide lisa, em letras negras, o meu nome — com a minha designação de conselheiro — a data do meu nascimento e a data do meu óbito.

E com um tom demorado, de reflexão:

— Não me oponho todavia a que inscrevam por baixo em letras menores: «Orai por ele».

Houve um silêncio comovido, e à porta uma voz fina, disse:

— Dão licença?

— Oh Ernestinho! — exclamou Jorge.

Com um passo miudinho e rápido, Ernestinho veio abraçá-lo pela cintura:

— Eu soube que tu partias, primo Jorge... Como está, prima Luísa?

Era primo de Jorge. Pequenino,

linfático, os seus membros franzinos, ainda quase tenros, davam-lhe um aspeto débil de colegial; o buço, delgado, empastado em cera-*moustache*, arrebitava-se aos cantos em pontas afiadas como agulhas; e na sua cara chupada, os olhos repolhudos amorteciam-se com um quebrado langoroso. Trazia sapatos de verniz com grandes laços de fita; sobre o colete branco, a cadeia do relógio sustentava um medalhão enorme, de ouro, com frutos e flores esmaltados em relevo. Vivia com uma actrizita do Ginásio, uma magra, cor de melão, com o cabelo muito riçado, o ar tísico — e escrevia para o teatro. Tinha traduções, dois originais num ato, uma comédia, em *calembourgs*. Ultimamente trazia em ensaios nas Variedades uma

obra considerável, um drama em cinco atos, a «Honra e Paixão». Era a sua estreia séria. E desde então, viam-no sempre muito atarefado, os bolsos inchados de manuscritos, com localistas, com atores, muito pródigo de cafés e de conhaques, o chapéu ao lado, descorado e dizendo a todos: «Esta vida mata-me!» Escrevia todavia por paixão entranhada pela Arte — porque era empregado na Alfândega, com bom vencimento, e tinha quinhentos mil reis de renda das suas inscrições. A Arte mesmo, dizia, obrigava-o a desembolsos: para o ato do baile da «Honra e Paixão» mandara fazer, à sua custa, botas de verniz para o galã, botas de verniz para o pai-nobre! O seu nome de família era Ledesma.

Deram-lhe um lugar, e Luísa notou

logo, pousando o bordado, que estava abatido! Queixou-se então das suas fadigas: os ensaios arrasavam-no, tinha turras com o empresário; na véspera, vira-se forçado a refazer todo o final de um ato! Todo!

— E tudo isto — acrescentou muito exaltado — porque é um pelintra, um parvo, e quer que se passe numa sala, o ato que se passava num abismo!

— Num quê? — perguntou surpreendida D. Felicidade.

O conselheiro, muito cortês, explicou:

— Num abismo, D. Felicidade, num despenhadeiro. Também se diz, em bom vernáculo, um *vórtice*. — Citou: — *Num espumoso vórtice se arroja*...

— Num abismo? — perguntaram.

— Porquê?

O conselheiro quis conhecer o lance.

Ernestinho, radioso, esboçou largamente o enredo. — Era uma mulher casada. Em Sintra tinha-se encontrado com um homem fatal, o conde de Monte Redondo. O marido, arruinado, devia cem contos de reis ao jogo! Estava desonrado, ia ser preso. A mulher, louca, corre a umas ruínas acasteladas, onde habita o conde, deixa cair o véu, conta-lhe a catástrofe. O conde lança o seu manto aos ombros, parte, chega no momento em que os beleguins vão levar o homem.

— É uma cena muito comovente — dizia. — É de noite, ao luar! O conde desembuça-se, atira uma bolsa de ouro aos pés dos beleguins, gritando-lhes:

«Saciai-vos, abutres!...»

— Belo final! — murmurou o conselheiro.

— Enfim — acrescentou Ernesto, resumindo — aqui há um enredo complicado: o conde de Monte Redondo e a mulher amam-se, o marido descobre, arremessa todo o seu ouro aos pés do conde, e mata a esposa.

— Como? — perguntaram.

— Atira-a ao abismo. É no quinto ato. O conde vê, corre, atira-se também. O marido cruza os braços, e dá uma gargalhada infernal. Foi assim que eu imaginei a coisa!

Calou-se, ofegante: e, abanando-se com o lenço, rolava em redor os seus olhos langorosos, prateados como os de um peixe morto.

— É uma obra de cunho, embatem-se grandes paixões! — disse o conselheiro, passando as mãos sobre a calva. — Os meus parabéns, Sr. Ledesma!

— Mas que quer o empresário? — perguntou Julião, que escutara de pé, atónito. — Que quer ele? Quer o abismo num primeiro andar, mobilado pelo Gardé?

Ernestinho voltou-se, muito afetuosamente:

— Não, Sr. Zuzarte — a sua voz era quase meiga — quer o desfecho numa sala. De modo que eu — e fazia um gesto resignado — a gente tem de condescender, tive de escrever outro final. Passei a noite em claro. Tomei três chávenas de café!...

O conselheiro acudiu, com a mão espalmada:

— Cuidado, Sr. Ledesma, cuidado! Prudência com esses excitantes! Por quem é, prudência!

— A mim não me faz mal, senhor Conselheiro — disse sorrindo. — Escrevi-o em três horas! Venho de lho mostrar agora. Até o tenho aqui...

— Leia, Sr. Ernesto, leia! — exclamou logo D. Felicidade.

Que lesse! Que lesse! Porque não lia?

Era uma maçada!... Era um rascunho!... Enfim, como queriam!... E radiante desdobrou, no silêncio, uma grande folha de papel azul pautado.

— Eu peço desculpa. Isto é apenas um borrão. A coisa não está ainda com todos os *ff e rr*. — Fez então voz teatral: — Agatha!... É a mulher, isto aqui é a

cena com o marido, o marido já sabe tudo...

AGATHA *(caindo de joelhos aos pés de Júlio)*
«Mas mata-me! Mata-me, por piedade! Antes a morte, que ver, com esses desprezos, o coração rasgado fibra a fibra!»

JÚLIO
«E não me rasgaste tu também o coração? Tiveste tu piedade? Não. Retalhaste-mo! Meu Deus, eu que a julgava pura, nessas horas em que arrebatados...»

O reposteiro franziu-se. Sentiu-se um fino tilintar de chávenas. Era Juliana,

de avental branco, com o chá.

— Que pena! — exclamou Luísa. — Depois do chá se lê. Depois do chá.

Ernesto dobrou o papel e, com um olhar de lado para Juliana, rancoroso:

— Não vale a pena, prima Luísa!

— Ora essa! É lindo! — afirmou D. Felicidade.

Juliana pousava sobre a mesa o prato das fatias, os biscoitos de Oeiras, os bolos do Cocó.

— Aqui tem o seu chá fraco, Conselheiro — dizia Luísa. — Sirva-se, Julião. As torradas ao Sr. Julião! Mais açúcar? Quem quer? Uma torrada, Conselheiro?

— Estou amplamente servido, minha prezada senhora — replicou, curvando-se.

E declarou, voltado para Ernestinho, que achava o diálogo opulento.

— Mas — perguntaram — o que quer o empresário mais agora? Já tem a sala...

Ernestinho, de pé, excitado, com um bolo de ovos na ponta dos dedos, explicou:

— O que o empresário quer é que o marido lhe perdoe...

Foi um espanto:

— Ora essa! É extraordinário! Porquê?

— Então! — exclamou Ernestinho, encolhendo os ombros. — Diz que o público que não gosta! Que não são coisas cá para o nosso país.

— A falar verdade — disse o

conselheiro — a falar a verdade, Sr. Ledesma, o nosso público não é geralmente afeto a cenas de sangue.

— Mas não há sangue, senhor Conselheiro! — protestava Ernestinho, erguendo-se sobre os bicos dos sapatos. — Mas não há sangue! É com um tiro. É com um tiro pelas costas, senhor Conselheiro!

Luísa fez a D. Felicidade «Pst!» e, num aparte, com um sorriso:

— Desses bolinhos de ovos. São muito frescos!

Ela respondeu, com uma voz lamentosa:

— Ai, filha, não!

E indicou o estômago, compungidamente.

No entanto o conselheiro

aconselhava a Ernestinho a clemência: tinha-lhe posto a mão no ombro paternalmente, e com uma voz persuasiva:

— Dá mais alegria à peça, Sr. Ledesma. O espectador sai mais aliviado! Deixe sair o espectador aliviado!

— Mais um bolinho, Conselheiro?

— Estou repleto, minha prezada senhora.

E então invocou a opinião de Jorge. Não lhe parecia que o bom Ernesto devia perdoar?

— Eu, Conselheiro? De modo nenhum. Sou pela morte. Sou inteiramente pela morte! E exijo que a mates, Ernestinho!

D. Felicidade acudiu, toda bondosa:

— Deixe falar, Sr. Ledesma. Está

a brincar. E ele então que é um coração de anjo!

— Está enganada, D. Felicidade — disse Jorge, de pé, diante dela. — Falo sério e sou uma fera! Se enganou o marido, sou pela morte. No abismo, na sala, na rua, mas que a mate. Posso lá consentir que, num caso desses, um primo meu, uma pessoa da minha família, do meu sangue, se ponha a perdoar como um lamecha! Não! Mata-a! É um princípio de família. Mata-a quanto antes!

— Aqui tem um lápis, Sr. Ledesma — gritou Julião, estendendo-lhe uma lapiseira.

O conselheiro, então, interveio, grave:

— Não — disse — não creio que o nosso Jorge fale sério. É muito instruído

para ter ideias tão...

Hesitou, procurou o adjetivo. Juliana pôs-se-lhe diante com uma bandeja, onde um macaco de prata se agachava comicamente, sob um vasto guarda-sol eriçado de palitos. Tomou um, curvou-se, e concluiu:

— Tão anticivilizadoras.

— Pois está enganado, Conselheiro, tenho-as — afirmou Jorge. — São as minhas ideias. E aqui tem, se em lugar de se tratar de um final de ato, fosse um caso da vida real, se o Ernesto viesse dizer-me: «Sabes, encontrei minha mulher...»

— Oh Jorge! — disseram, repreensivamente.

— Bem, suponhamos, se ele mo viesse dizer, eu respondia-lhe o mesmo.

Dou a minha palavra de honra que lhe respondia o mesmo: «Mata-a!»

Protestaram. Chamaram-lhe «tigre», «Otelo», «barba-azul». Ele ria, enchendo muito sossegadamente o seu cachimbo.

Luísa bordava, calada: a luz do candeeiro, abatida pelo *abat-jour*, dava aos seus cabelos tons de um louro quente, resvalava sobre a sua testa branca como um marfim muito polido.

— Que dizes tu a isto? — disse-lhe D. Felicidade.

Ela ergueu o rosto, risonha, encolheu os ombros.

E o conselheiro logo:

— A Sr.ª D. Luísa diz com orgulho o que dizem as verdadeiras mães de família:

Impurezas do mundo não me roçam
Nem a fímbria da túnica sequer.

— Ora muito boas noites — disse, à porta, uma voz grossa.

Voltaram-se.

— Ó Sebastião! Ó Sr. Sebastião! Ó Sebastiarrão!

Era ele, Sebastião, o grande Sebastião, o Sebastiarrão, Sebastião-tronco de árvore — o íntimo, o camarada, o *inseparável* de Jorge, desde o Latim, na aula de frei Libório, aos Paulistas.

Era um homem baixo e grosso, todo vestido de preto, com um chapéu mole desabado na mão. Começava a perder um pouco na frente os seus cabelos castanhos e finos. Tinha a pele muito

branca, a barba alourada e curta.

Veio sentar-se ao pé de Luísa.

— Então donde vem? Donde vem?

Vinha do Price. Rira muito com os palhaços. Houvera a brincadeira da pipa.

O seu rosto, em plena luz, tinha uma expressão honesta, simples, aberta; os olhos pequenos, azuis de um azul-claro, de uma suavidade séria, adoçavam-se muito quando sorria; e os beiços escarlates, sem películas secas, os dentes luzidios, revelavam uma vida saudável e hábitos castos. Falava devagar, baixo, como se tivesse medo de se manifestar ou de fatigar. Juliana trouxera-lhe a sua chávena, e mexendo o açúcar com a colher direita, os olhos ainda a rir, um sorriso bom:

— A pipa tem muita graça. Muita

graça!

Sorveu um gole de chá e depois de um momento:

— E tu, maroto, sempre partes amanhã? Não há umas tentaçõezinhas de ir por aí fora com ele, minha cara amiga?

Luísa sorriu. Tomara ela! Quem dera! Mas era uma jornada tão incómoda! Depois a casa não podia ficar só, não havia que fiar nos criados...

— Está claro, está claro — disse ele.

Jorge, então, que abrira a porta do escritório, chamou-o:

— Ó Sebastião! Fazes favor?

Ele foi logo com o seu andar pesado, o largo dorso curvado: as abas do seu casaco mal feito tinham um comprimento eclesiástico.

Entraram para o escritório.

Era uma saleta pequena, com uma estante alta e envidraçada, tendo em cima a estatueta de gesso, empoeirada e velha, de uma bacante em delírio. A mesa, com um antigo tinteiro de prata que fora de seu avô, estava ao pé da janela; uma coleção empilhada de «Diários do Governo» branquejava a um canto; por cima da cadeira de marroquim escuro, pendia, num caixilho preto, uma larga fotografia de Jorge; e sobre o quadro, duas espadas encruzadas reluziam. Uma porta, no fundo, coberta com um reposteiro de baeta escarlate, abria para o patamar.

— Sabes quem esteve aí de tarde? — disse logo Jorge, acendendo o cachimbo. — Aquela desavergonhada da Leopoldina! Que te parece, hem?

— E entrou? — perguntou Sebastião, baixo, correndo por dentro o pesado reposteiro de fazenda listrada.

— Entrou, sentou-se, esteve, demorou-se! Fez o que quis! A Leopoldina, a «Pão e Queijo»!

E arremessando o fósforo violentamente:

— Quando penso que aquela desavergonhada vem a minha casa! Uma criatura que tem mais amantes que camisas, que anda pelo Dafundo em troças, que passeava nos bailes, este ano, de dominó, com um tenor! A mulher do Zagalão, um devasso que falsificou uma letra!

E quase ao ouvido de Sebastião:

— Uma mulher que dormiu com o Mendonça dos calos! Aquele sebento do

Mendonça dos calos!

Teve um gesto furioso, exclamou:

— E vem aqui, senta-se nas minhas cadeiras, abraça minha mulher, respira o meu ar!... Palavra de honra, Sebastião, se a pilho — procurou mentalmente, com o olhar aceso, um castigo suficiente — dou-lhe açoites!

Sebastião disse devagar:

— E o pior é a vizinhança.

— Está claro que é! — exclamou Jorge. — Toda essa gente aí pela rua abaixo sabe quem ela é! Sabem-lhe os amantes, sabem-lhe os sítios. É a «Pão e Queijo»! Todo o mundo conhece a «Pão e Queijo».

— Má vizinhança — disse Sebastião.

— De tremer.

Mas então! Estava acostumado à casa, era sua, tinha-a arranjado, era uma economia...

— Senão! Não parava aqui um dia!

Era um horror de rua! Pequena, estreita, acavalados uns nos outros! Uma vizinhança a postos, ávida de mexericos! Qualquer bagatela, o trotar de uma tipoia, e aparecia por trás de cada vidro um par de olhos repolhudos a cocar! E era logo um badalar de línguas por aí abaixo, e conciliábulos, e opiniões formadas! fulano é indecente, fulano é bêbedo!

— É o diabo! — disse Sebastião.

— A Luísa é um anjo, coitada — dizia Jorge, passeando pela saleta — mas tem coisas em que é criança! Não vê o mal. É muito boa, deixa-se ir. Com este

caso da Leopoldina, por exemplo: foram criadas de pequenas, eram amigas, não tem coragem agora para a pôr fora. É acanhamento, é bondade. Ele compreende-se! Mas enfim as leis da vida têm as suas exigências!...

E depois de uma pausa:

— Por isso, Sebastião, enquanto eu estiver fora, se te constar que a Leopoldina vem por cá, avisa a Luísa! Porque ela é assim: esquece-se, não reflexiona. É necessário alguém que a advirta, que lhe diga: «Alto lá, isso não pode ser!» Que então cai logo em si, e é a primeira!... Vens por aí, fazes-lhe companhia, fazes-lhe música, e se vires que a Leopoldina aparece ao largo, tu logo: «Minha rica senhora, cuidado, olhe que isso não!» Que ela, sentindo-se

apoiada, tem decisão. Senão, acanha-se, deixa-a vir. Sofre com isso, mas não tem coragem de lhe dizer: «Não te quero ver, vai-te!» Não tem coragem para nada: começam as mãos a tremer-lhe, a secar-se-lhe a boca... É mulher, é muito mulher!... Não te esqueças, hem, Sebastião?

— Então havia de me esquecer, homem?

Sentiram então o piano na sala, e a voz de Luísa ergueu-se, fresca e clara, cantando a «Mandolinata»:

Amici, la notte é bella,
La luna va spontari...

— Fica tão só, coitada... — disse Jorge.

Deu alguns passos pelo escritório, fumando, com a cabeça baixa:

— Todo o casal bem organizado, Sebastião, deve ter dois filhos! Deve ter pelo menos um!...

Sebastião coçou a barba em silêncio — e a voz de Luísa elevando-se com um certo esforço áspero, nos *altos* da melodia:

Di cà, di là, per la città
Andiami a transnottari...

Era uma tristeza secreta de Jorge — não ter um filho! Desejava-o tanto! Ainda em solteiro, nas vésperas do casamento, já sonhava aquela felicidade: o seu filho! Via-o de muitas maneiras: ou gatinhando com as suas perninhas

vermelhas, cheias de roscas, e os cabelos anelados, finos como fios de seda; ou rapaz forte, entrando da escola com os livros, alegre e de olho vivo, vindo mostrar-lhe as boas notas dos mestres: ou, melhor, rapariga crescida, clara e rosada, com um vestido branco, as duas tranças caídas, vindo pousar as mãos nos seus cabelos já grisalhos...

Vinha-lhe, às vezes, um medo, de morrer sem ter tido aquela felicidade completadora!

Agora, na sala, a voz aguda de Ernestinho perorava; depois, no piano, Luísa recomeçou a «Mandolinata», com um *brio* jovial.

A porta do escritório abriu-se, Julião entrou:

— Que estão vocês aqui a

conspirar? Vou-me safar, que é tarde! Até à volta, meu velho, hem? Também ia contigo tomar ar, respirar, ver campos, mas...

E sorriu com amargura. — *Addio! Addio!*

Jorge foi alumiar-lhe ao patamar, abraçá-lo outra vez. Se quisesse alguma coisa do Alentejo...

Julião carregou o chapéu na cabeça:

— Dá cá outro charuto, por despedida! Dá cá dois!

— Leva a caixa! Eu em viagem só fumo cachimbo. Leva a caixa, homem!

Embrulhou-lha num «Diário de Notícias»; Julião meteu-a debaixo do braço, e descendo os degraus:

— Cuidado com as sezões, e

descobre uma mina de ouro!

Jorge e Sebastião entraram na sala. Ernestinho, encostado ao piano, torcia as guias do bigodinho, e Luísa começava uma valsa de Strauss — o «Danúbio Azul».

Jorge disse, rindo, estendendo os braços:

— Uma valsa, D. Felicidade?

Ela voltou-se, com um sorriso. E porque não? Em nova era falada! Citou logo a valsa que dançara com o Sr. D. Fernando, no tempo da Regência, nas Necessidades. Era uma valsa linda, dessa época: «A Pérola de Ofir.»

Estava sentada ao pé do conselheiro, no sofá. E como retomando um diálogo mais querido — continuou, baixo para ele, com uma voz meiga:

— Pois creia, acho-o com ótimas cores.

O conselheiro enrolava vagarosamente o seu lenço de seda da Índia.

— Na estação calmosa passo sempre melhor. E a D. Felicidade?

— Ai! Estou outra, Conselheiro! Muito boas digestões, muito livre de gases... Estou outra!

— Deus o queira, minha senhora, Deus o queira — disse o conselheiro, esfregando lentamente as mãos.

Tossiu, ia levantar-se, mas D. Felicidade pôs-se a dizer:

— Espero que esse interesse seja verdadeiro...

Corou. O corpete flácido do vestido de seda preta enchia-se-lhe com o

arfar do peito.

O conselheiro recaiu lentamente no sofá — e com as mãos nos joelhos:

— D. Felicidade sabe que tem em mim um amigo sincero...

Ela levantou para ele os seus olhos pisados, donde saíam revelações de paixão e súplicas de felicidade:

— E eu, Conselheiro!...

Deu um grande suspiro, pôs o leque sobre o rosto.

O conselheiro ergueu-se secamente. E com a cabeça alta, as mãos atrás das costas, foi ao piano, perguntou a Luísa, curvando-se:

— É alguma canção do Tirol, D. Luísa?

— Uma valsa de Strauss — murmurou-lhe Ernestinho, em bicos de

pés, ao ouvido.

— Ah! Muita fama! Grande autor!

Tirou então o relógio. Eram horas, disse, de ir coordenar alguns apontamentos. Aproximou-se de Jorge, com solenidade:

— Jorge, meu bom Jorge, adeus! Cautela com esse Alentejo! O clima é nocivo, a estação traiçoeira!

E apertou-o nos braços com uma pressão comovida.

D. Felicidade punha a sua manta de renda negra.

— Já, D. Felicidade? — disse Luísa.

Ela explicou-lhe, ao ouvido:

Já, sim, filha, que tenho estado a abarrotar, comi umas bajes e tenho estado!... E aquele homem, aquele gelo! O

Sr. Ernesto vem para os meus sítios, hem?

— Como um fuso, minha senhora!

Tinha vestido o seu paletó de alpaca clara, fumava chupando, com as faces encovadas, por uma boquilha enorme, onde uma Vénus se torcia sobre o dorso de um leão domado.

— Adeus, primo Jorge, saudinha e dinheiro, hem? Adeus. Quando for a «Honra e Paixão» cá mando um camarote à prima Luísa. Adeus! Saudinha!

Iam a sair. Mas o conselheiro, à porta, voltando-se Subitamente, com as abas do paletó deitadas para trás, a mão pomposamente apoiada no castão de prata da bengala que representava uma cabeça de mouro, disse, com gravidade:

— Esquecia-me, Jorge! Tanto em Évora, como em Beja, visite os

governadores civis! E eu lhe digo porquê: deve-lho como primeiros funcionários do distrito, e podem-lhe ser de muita utilidade nas suas peregrinações científicas!

E curvando-se profundamente:

— *Al rivedere*, como se diz em Itália.

***

Sebastião tinha ficado. Para arejar do fumo de tabaco, Luísa foi abrir as janelas; a noite estava quente e imóvel, de luar.

Sebastião pusera-se ao piano, e, com a cabeça curvada, corria devagar o teclado.

Tocava admiravelmente, com uma

compreensão muito fina da música. Outrora, compusera mesmo uma «meditação», duas valsas, uma balada: mas eram estudos muito trabalhados, cheios de reminiscências, sem estilo. — Da cachimónia não me sai nada — costumava ele dizer com bonomia, batendo na testa, sorrindo — mas lá com os dedos!...

Pôs-se a tocar um «noturno» de Chopin. Jorge sentara-se no sofá ao pé de Luísa.

— Já tens pronto o teu farnelzinho! — disse-lhe ela.

— Bastam umas bolachas, filha. O que quero é o cantil com conhaque.

— E não te esqueças de mandar um telegrama logo que chegues!

— Pudera!

— Tu daqui a quinze dias, vens!

— Talvez...

Ela teve um gesto amuado.

— Ah, bem! Se não vieres, vou ter contigo! A culpa é tua.

E olhando em redor:

— Que só que vou ficar!

Mordeu o beicinho, fitou o tapete. E de repente, com a voz ainda triste:

— Pst, Sebastião! A «Malaguenha», faz favor?

Sebastião começou a tocar a «Malaguenha». Aquela melodia cálida, muito arrastada, encantava-a. Parecia-lhe estar em Málaga, ou em Granada, não sabia: era sob as laranjeiras, mil estrelinhas luzem; a noite é quente, o ar cheira bem; por baixo de um lampião suspenso a um ramo, um cantador sentado

na tripeça mourisca faz gemer a guitarra; em redor as mulheres com os seus corpetes de veludilho encarnado batem as mãos em cadência; e ao largo dorme uma Andaluzia de romance e de zarzuela, quente e sensual, onde tudo são braços brancos que se abrem para o amor, capas românticas que roçam as paredes, sombrias vielas onde luz o nicho do santo e se repenica a viola, serenos que invocam a Virgem Santíssima cantando as horas...

— Muito bem, Sebastião! *Gradas!*

Ele sorriu, ergueu-se, fechou cuidadosamente o piano, e indo buscar o seu chapéu desabado:

— Então amanhã às sete? Cá estou, e vou-te acompanhar até ao Barreiro.

Bom Sebastião!

Foram debruçar-se na varanda para o ver sair. A noite fazia um silêncio alto, de uma melancolia plácida; o gás dos candeeiros parecia mortiço; a sombra que se recortava na rua, com uma nitidez brusca, tinha um tom quente e doce; a luz punha nas fachadas brancas claridades vivas, e nas pedras da calçada faiscações vidradas; uma claraboia reluzia, a distância, como uma velha lâmina de prata; nada se movia; e instintivamente os olhos erguiam-se para as alturas, procuravam a Lua branca, muito séria.

— Que linda noite!

A porta bateu, e Sebastião de baixo, na sombra:

— Dá vontade de passear, hem?

— Linda!

Ficaram à varanda preguiçosamente, olhando, detidos pela tranquilidade, pela luz. Puseram-se a falar baixo da jornada. Aquela hora onde estaria ele? Já em Évora, num quarto de estalagem, passeando monotonamente sobre um chão de tijolo. Mas voltaria breve; esperava fazer um bom negócio com o Paco, o espanhol das minas de Portei, trazer alguns centos de mil reis, e teriam então a doçura do mês de setembro; poderiam fazer uma jornada ao Norte, ir ao Buçaco, trepar aos altos, beber a água fresca das rochas, sob a espessura húmida das folhagens; ir a Espinho, e, pelas praias, sentar-se na areia, no bom ar cheio de azote, vendo o mar unido, de um azul metálico e faiscante, o mar do verão, com alguns

fumos de paquete que passa para o sul ao longe muito adelgaçado. Faziam outros planos com os ombros muito chegados: uma felicidade abundante enchia-os deliciosamente. E Jorge disse:

— Se houvesse um pequerrucho, já não ficavas tão só!

Ela suspirou. Também o desejava tanto! Chamar-se-ia Carlos Eduardo. E via-o no seu berço dormindo, ou no colo, nu, agarrando com a mãozinha o dedo do pé, mamando a ponta rosada do seu peito... Um estremecimento de um deleite infinito correu-lhe no corpo. Passou o braço pela cinta de Jorge. Um dia seria, teria um filho decerto! E não compreendia o seu filho homem nem Jorge velho: via-os ambos do mesmo modo: um sempre amante, novo, forte; o outro sempre

dependente do seu peito, da maminha, ou gatinhando e palrando, louro e cor-de-rosa. E a vida aparecia-lhe infindável, de uma doçura igual, atravessada do mesmo enternecimento amoroso, quente, calma e luminosa como a noite que os cobria.

— A que horas quer a senhora que a venha acordar? — disse a voz seca de Juliana.

Luísa voltou-se:

— Às sete, já lhe disse há pouco, criatura.

Fecharam a janela. Em torno das velas uma borboleta branca esvoaçava. Era bom agouro!

Jorge prendeu-a nos braços.

— Vai ficar sem o seu maridinho, hem? — disse tristemente.

Ela deixou pesar o corpo sobre as

mãos dele cruzadas, olhou-o com um longo olhar que se enevoava e escurecia, e envolvendo-lhe o pescoço com o gesto lento, harmonioso e solene dos braços, pousou-lhe um beijo grave e profundo. Um vago soluço levantou-lhe o peito.

— Jorge! Querido! — murmurou.

3

Havia doze dias que Jorge tinha partido e, apesar do calor e da poeira, Luísa vestia-se para ir a casa da Leopoldina.

Se Jorge soubesse, não havia de gostar, não! Mas estava tão farta de estar só! Aborrecia-se tanto! De manhã, ainda tinha os arranjos, a costura, a *toilette*, algum romance... Mas de tarde!

À hora em que Jorge costumava voltar do Ministério, a solidão parecia alargar-se em torno dela. Fazia-lhe tanta falta o *seu* toque da campainha, os *seus* passos no corredor!...

Ao crepúsculo, ao ver cair o dia, entristecia-se sem-razão, caía numa vaga

de sentimentalidade: sentava-se ao piano, e os fados tristes, as cavatinas apaixonadas gemiam instintivamente no teclado, sob os seus dedos preguiçosos, no movimento abandonado dos seus braços moles. O que pensava em tolices então! E à noite, só, na larga cama francesa, sem poder dormir com o calor, vinham-lhe de repente terrores, palpites de viuvez.

Não estava acostumada, não podia estar só. Até se lembrara de chamar a tia Patrocínio, uma velha parenta pobre que vivia em Belém: ao menos era *alguém*, mas receou aborrecer-se mais ao pé da sua longa figura de viúva taciturna, sempre a fazer meia, com enormes óculos de tartaruga sobre o nariz de águia.

Naquela manhã pensara em

Leopoldina, toda contente de ir tagarelar, rir, segredar, passar as horas do calor. Penteava-se em colete e saia branca: a camisinha decotada descobria os ombros alvos de uma redondeza macia, o colo branco e tenro, azulado de veiazinhas finas; e os seus braços redondinhos, um pouco vermelhos no cotovelo, descobriam por baixo, quando se erguiam prendendo as tranças, fiozinhos louros, frisando e fazendo ninho.

A sua pele conservava ainda o rosado húmido da água fria; havia no quarto um cheiro agudo de vinagre de *toilette;* os transparentes de linho branco descidos davam uma luz baça, com tons de leite.

Ah! positivamente devia escrever a Jorge, que voltasse depressa! Que o que

tinha graça era ir surpreendê-lo a Évora, cair-lhe no Tabaquinho, um dia, às três horas! E quando ele entrasse empoeirado e encalmado, de lunetas azuis, atirar-se-lhe ao pescoço! E à tardinha, pelo braço dele, ainda quebrada da jornada, com um vestido fresco, ir ver a cidade. Pelas ruas estreitas e tristes admiravam-na muito. Os homens vinham às portas das lojas. Quem seria? É de Lisboa. É a do engenheiro. — E diante do toucador, apertando o corpete do vestido, sorria àquelas imaginações, e ao seu rosto, no espelho.

A porta do quarto rangeu devagarinho.

— Que é?

A voz de Juliana, plangente, disse:

— A senhora dá licença que eu vá logo ao médico?

— Vá, mas não se demore. Puxe-me essa saia atrás. Mais. O que é que você tem?

— Enjoos, minha senhora, peso no coração. Passei a noite em claro.

Estava mais amarela, o olhar muito pisado, a face envelhecida. Trazia um vestido de merino preto escoado, e a cuia da semana de cabelos velhos.

— Pois sim, vá — disse Luísa. — Mas arranje tudo antes. E não se demore, hem?

Juliana subiu logo à cozinha. Era no segundo andar, com duas janelas de sacada para as traseiras, larga, ladrilhada de tijolo diante do fogão.

— Diz que sim, Sr.ª Joana — disse à cozinheira — que podia ir. Vou-me vestir. Ela também está quase pronta. Fica

vossemecê com a casa por sua!

A cozinheira fez-se vermelha, pôs-se a cantar, foi logo sacudir, estender na varanda um velho tapete esfiado; e os seus olhos não deixavam, defronte, uma casa baixa, pintada de amarelo, com um portal largo — a loja de marceneiro do tio João Galho, onde trabalhava o Pedro, o seu amante. A pobre Joana babava-se por ele. Era um rapazola pálido e afadistado; Joana era minhota, de Avintes, de família de lavrador, e aquela figura delgada de lisboeta anémico seduzia-a com uma violência abrasada. Como não podia sair à semana, metia-o em casa, pela porta de trás, quando estava só; estendia então na varanda para dar sinal o velho tapete desbotado, onde ainda se percebiam os paus de um veado.

Era uma rapariga muito forte, com peitos de ama, o cabelo como azeviche, todo lustroso do óleo de amêndoas doces. Tinha a testa curta de plebeia teimosa. E as sobrancelhas cerradas faziam-lhe parecer o olhar mais negro.

— Ai! — suspirou Juliana. — A Sr.ª Joana é que a leva!

A rapariga ficou escarlate.

Mas Juliana acudiu logo:

— Olha o mal! fosse eu! Boa! faz muito hem!

Juliana lisonjeava sempre a cozinheira: dependia dela; Joana dava-lhe caldinhos às horas da debilidade, ou, quando ela estava mais adoentada, fazia-lhe um bife às escondidas da senhora. Juliana tinha um grande medo de «cair em fraqueza», e a cada momento precisava

tomar a «sustância». Decerto, como feia e solteirona detestava aquele «escândalo do carpinteiro»; mas protegia-o, porque ele valia muitos regalos aos seus fracos de gulosa.

— Fosse eu! — repetiu. — Dava-lhe o melhor da panela!

Se a gente ia a ter escrúpulos por causa dos amos, boa! Olha quem! Veem uma pessoa a morrer, e é como fosse um cão.

E com um risinho amargo:

— Diz que me não demorasse no médico. É como quem diz, cura-te depressa ou espicha depressa!

Foi buscar a vassoura a um canto, e com um suspiro agudo:

— Todas o mesmo, uma récua!

Desceu, começou a varrer o

corredor. — Toda a noite estivera doente: o quarto no sótão, debaixo das telhas, muito abafado, com um cheiro de tijolo cozido, dava-lhe enjoos, faltas de ar, desde o começo do verão; na véspera até vomitara! E já levantada às seis horas, não descansara, limpando, engomando, despejando, com a pontada no lado e todo o estômago embrulhado! — Tinha escancarado a cancela, e, com grandes ais, atirava vassouradas furiosas contra as grades do corrimão.

— A Sr.ª D. Luísa está em casa?

Voltou-se. Nos últimos degraus da escada estava um sujeito, que lhe pareceu «estrangeirado». Era trigueiro, alto, tinha um bigode pequeno levantado, um ramo na sobrecasaca azul, e o verniz dos seus sapatos resplandecia.

— A senhora vai sair — disse ela olhando-o muito. — Faz favor de dizer quem é?

O indivíduo sorriu.

— Diga-lhe que é um sujeito para um negócio. Um negócio de minas.

Luísa, diante do toucador, já de chapéu, metia numa casa do corpete dois botões de rosa-de-chá.

— Um negócio! — disse muito surpreendida. — Deve ser algum recado para o Sr. Jorge, decerto! Mande entrar. Que espécie de homem é?

— Um janota!

Luísa desceu o véu branco, calçou devagar as luvas de *peau de suède* claras, deu duas pancadinhas fofas ao espelho na gravata de renda, e abriu a porta da sala. Mas quase recuou, fez «Ah!», toda

escarlate. Tinha-o reconhecido logo. Era o primo Basílio.

Houve um *shake-hands* demorado, um pouco trémulo. Estavam ambos calados — ela com todo o sangue no rosto, um sorriso vago; ele fitando-a muito, com um olhar admirado. Mas as palavras, as perguntas vieram logo, muito precipitadamente: — Quando tinha ele chegado? Se sabia que ele estava em Lisboa? Como soubera a morada dela?

Chegara na véspera no paquete de Bordéus. Perguntara no Ministério: disseram-lhe que Jorge estava no Alentejo, deram-lhe a *adresse*...

— Como tu estás mudada, santo Deus!

— Velha?

— Bonita!

— Ora!

E ele, que tinha feito? Demorava-se?

Foi abrir uma janela, dar uma luz larga, mais clara. Sentaram-se. Ele no sofá, muito languidamente; ela ao pé, pousada de leve à beira de uma poltrona, toda nervosa.

Tinha deixado o *degredo* — disse ele. — Viera respirar um pouco à velha Europa. Estivera em Constantinopla, na Terra Santa, em Roma. O último ano passara-o em Paris. Vinha de lá, daquela aldeola de Paris! — Falava devagar, recostado, com um ar íntimo, estendendo sobre o tapete, comodamente, os seus sapatos de verniz.

Luísa olhava-o. Achava-o mais varonil, mais trigueiro. No cabelo preto

anelado havia agora alguns fios brancos, mas o bigode pequeno tinha o antigo ar moço, orgulhoso e intrépido; os olhos, quando ria, a mesma doçura amolecida, banhada num fluido. Reparou na ferradura de pérolas da sua gravata de cetim preto, nas pequeninas estrelas brancas bordadas nas suas meias de seda.

A Baía não o vulgarizara. Voltava mais interessante!

— Mas tu, conta-me de ti — dizia ele com um sorriso, inclinado para ela. — És feliz, tens um pequerrucho...

— Não — exclamou Luísa rindo. — Não tenho! Quem te disse?

— Tinham-me dito. E teu marido demora-se?

— Três, quatro semanas, creio.

Quatro semanas! Era uma viuvez!

Ofereceu-se logo para a vir ver mais vezes, palrar um momento, pela manhã...

— Pudera, não! És o único parente que tenho, agora...

Era verdade!... E a conversação tomou uma intimidade melancólica: falaram da mãe de Luísa, a tia Jojó, como lhe chamava Basílio. Luísa contou a sua morte, muito doce, na poltrona, sem um ai...

— Onde está sepultada? — perguntou Basílio com uma voz grave; e acrescentou, puxando o punho da camisa de chita: — Está no nosso jazigo?

— Está.

— Hei de ir lá. Pobre tia Jojó!

Houve um silêncio.

— Mas tu ias sair! — disse Basílio de repente, querendo erguer-se.

— Não! — exclamou. — Não! Estava aborrecida, não tinha nada que fazer. Ia tomar ar. Não saio já.

Ele ainda disse:

— Não te prendas...

— Que tolice! Ia a casa de uma amiga passar um momento.

Tirou logo o chapéu; naquele movimento os braços erguidos repuxaram o corpete justo, as formas do seio acusaram-se suavemente.

Basílio torcia a ponta do bigode devagar; e vendo-a descalçar as luvas:

— Era eu antigamente quem te calçava e descalçava as luvas... Lembras-te?... Ainda tenho esse privilégio exclusivo, creio eu...

Ela riu-se.

— Decerto que não...

Basílio disse então, lentamente, fitando o chão:

— Ah! Outros tempos!

E pôs-se a falar de Colares: a sua primeira ideia, mal chegara, tinha sido tomar uma tipoia e ir lá: queria ver a quinta. Ainda existiria o balouço debaixo do castanheiro? Ainda haveria o caramanchão de rosinhas brancas, ao pé do cupido de gesso que tinha uma asa quebrada?...

Luísa ouvira dizer que a quinta pertencia agora a um brasileiro: sobre a estrada havia um mirante com um teto chinês, ornado de bolas de vidro; e a velha casa morgada fora reconstruída e mobilada pelo Gardé.

— A nossa pobre sala de bilhar, cor de oca, com grinaldas de rosas! —

disse Basílio. E fitando-a: — Lembras-te das nossas partidas de bilhar?

Luísa, um pouco vermelha, torcia os dedos das luvas; ergueu os olhos para ele, disse, sorrindo:

— Éramos duas crianças!

Basílio encolheu tristemente os ombros, fitou as ramagens do tapete: parecia abandonar-se a uma saudade remota. E com uma voz sentida:

— Foi o bom tempo! Foi o meu bom tempo!

Ela via a sua cabeça bem feita, descaída naquela melancolia das felicidades passadas, com uma risca muito fina, e os cabelos brancos — que lhe dera a separação. Sentia também uma vaga saudade encher-lhe o peito: ergueu-se, foi abrir a outra janela, como para

dissipar na luz viva e forte aquela perturbação. Perguntou-lhe então pelas viagens, por Paris, por Constantinopla.

Fora sempre o seu desejo viajar — dizia — ir ao Oriente. Quereria andar em caravanas, balouçada no dorso dos camelos: e não teria medo, nem do deserto, nem das feras...

— Estás muito valente! — dizia Basílio. — Tu eras uma maricas, tinhas medo de tudo... Até da adega, na casa do papá, em Almada!

Ela corou. Lembrava-se bem da adega, com a sua frieldade subterrânea que dava arrepios! A candeia de azeite pendurada na parede alumiava com uma luz avermelhada e fumosa as grossas traves cheias de teias de aranha, e a fileira tenebrosa das pipas bojudas. Havia

ali às vezes, pelos cantos, beijos furtados...

Quis saber então o que tinha feito em Jerusalém, se era bonito.

Era curioso. Ia pela manhã um bocado ao Santo Sepulcro; depois do almoço montava a cavalo... Não se estava mal no hotel, inglesas bonitas... Tinha algumas intimidades ilustres...

Falava delas, devagar, traçando a perna: o seu amigo o patriarca de Jerusalém, a sua velha amiga a princesa de La Tour d'Auvergne! Mas o melhor do dia era de tarde — dizia — no Jardim das Oliveiras, vendo defronte as muralhas do templo de Salomão, ao pé a aldeia escura de Betânia onde Marta fiava aos pés de Jesus, e mais longe, faiscando imóvel sob o sol, o mar Morto! E ali passava sentado

num banco, fumando tranquilamente o seu cachimbo!

Se tinha corrido perigos?

Decerto. Uma tempestade de areia no deserto de Petra! Horrível! Mas que linda viagem, as caravanas, os acampamentos! Descreveu a sua *toilette:* uma manta de pele de camelo às listras vermelhas e pretas, um punhal de Damasco numa cinta de Bagdade, e a lança comprida dos beduínos.

— Devia-te ficar bem!

— Muito bem. Tenho fotografias.

Prometeu dar-lhe uma, e acrescentou:

— Sabes que te trago presentes?

— Trazes? — e os seus olhos brilhavam.

O melhor era um rosário...

— Um rosário!

— Uma relíquia! Foi benzido primeiro pelo patriarca de Jerusalém sobre o túmulo de Cristo, depois pelo Papa...

Ah! Porque tinha estado com o Papa! Um velhinho muito asseado, já todo branquinho, vestido de branco, muito amável!

— Tu dantes não eras muito devota — disse.

— Não, não sou muito caturra nessas coisas — respondeu rindo.

— Lembras-te da capela da nossa casa em Almada?

Tinham passado ali lindas tardes! Ao pé da velha capela morgada havia um adro todo cheio de altas ervas floridas — e as papoulas, quando vinha aragem,

agitavam-se como asas vermelhas de borboletas pousadas...

— E a tília, lembras-te, onde eu fazia ginástica?

— Não falemos no que lá vai!

Em que queria ela então que ele falasse? Era a sua mocidade, o melhor que tivera na vida...

Ela sorriu, perguntou:

— E no Brasil?

Um horror! Até fizera a corte a uma mulata.

— E porque te não casaste?

Estava a mangar! Uma mulata!

— E de resto — acrescentou com a voz de um arrependimento triste — já que me não casei quando devia — encolheu os ombros melancolicamente — acabou-se... Perdi a vez. Ficarei solteiro.

Luísa fez-se escarlate. Houve um silêncio.

— E qual é o outro presente, então, além do rosário?

— Ah! Luvas. Luvas de verão, de *peau de suède*, de oito botões. Luvas decentes. Vocês aqui usam umas luvitas de dois botões, a ver-se o punho, um horror!

De resto, pelo que tinha visto, as mulheres em Lisboa cada dia se vestiam pior! Era atroz! Não dizia por ela; até aquele vestido tinha chique, era simples, era honesto. Mas em geral, era um horror. Em Paris! Que deliciosas, que frescas as *toilettes* daquele verão! Oh! mas em Paris!... Tudo é superior! Por exemplo, desde que chegara ainda não pudera comer. Positivamente não podia comer!

— Só em Paris se come —

resumiu.

Luísa voltava entre os dedos o seu medalhão de ouro, preso ao pescoço por uma fita de veludo preto.

— E estiveste então um ano em Paris?

Um ano divino. Tinha um apartamento lindíssimo, que pertencera a Lorde Falmouth, Rue Saint-Florentin, tinha três cavalos...

E recostando-se muito, com as mãos nos bolsos:

— Enfim, fazer este vale de lágrimas o mais confortável possível!... Diz cá, tens algum retrato nesse medalhão?

— O retrato de meu marido.

— Ah! deixa ver!

Luísa abriu o medalhão. Ele

debruçou-se; tinha o rosto quase sobre o peito dela. Luísa sentia o aroma fino que vinha dos seus cabelos.

— Muito bem, muito bem! — fez Basílio.

Ficaram calados

— Que calor que está! — dizia Luísa. — Abafa-se, hem!

Levantou-se, foi abrir um pouco uma vidraça. O sol deixara a varanda. Uma aragem suave encheu as pregas grossas das bambinelas.

— É o calor do Brasil — disse ele. — Sabes que estás mais crescida?

Luísa estava de pé. O olhar de Basílio corria-lhe as linhas do corpo; e com a voz muito íntima, os cotovelos sobre os joelhos, o rosto erguido para ela:

— Mas francamente, diz cá,

pensaste que eu te viria ver?

— Ora essa! Realmente, se não viesses zangava-me. És o meu único parente... O que tenho pena é que meu marido não esteja...

— Eu — acudiu Basílio — foi justamente por ele não estar...

Luísa fez-se escarlate. Basílio emendou logo, um pouco corado também:

— Quero dizer... talvez ele saiba que houve entre nós...

Ela interrompeu:

— Tolices! Éramos duas crianças. Onde isso vai!

— Eu tinha vinte e sete anos — observou ele, curvando-se.

Ficaram calados, um pouco embaraçados. Basílio cofiava o bigode, olhando vagamente em redor.

— Estás muito bem instalada aqui — disse.

Não estava mal... A casa era pequena, mas muito cómoda. Pertencia-lhes.

— Ah! estás perfeitamente! Quem é esta senhora, com uma luneta de ouro?

E indicava o retrato por cima do sofá.

— A mãe de meu marido.

— Ah! Vive ainda?

— Morreu.

— É o que uma sogra pode fazer de mais amável...

Bocejou ligeiramente, fitou um momento os seus sapatos muito aguçados, e com um movimento brusco ergueu-se, tomou o chapéu.

— Já? Onde estás?

— No Hotel Central. E até quando?

— Até quando quiseres. Não disseste que vinhas amanhã com o rosário?

Ele tomou-lhe a mão, curvou-se:

— Já se não pode dar um beijo na mão de uma velha prima?

— Porque não?

Pousou-lhe um beijo na mão, muito longo, com uma pressão doce.

— Adeus! — disse.

E à porta, com o reposteiro meio erguido, voltando-se:

— Sabes que eu, ao subir as escadas, vinha a perguntar a mim mesmo, como se vai isto passar?

— Isto quê? Vermo-nos outra vez? Mas, perfeitamente. Que imaginaste tu?

Ele hesitou, sorriu:

— Imaginei que não eras tão boa rapariga. Adeus. Amanhã, hem?

No fundo da escada acendeu o charuto, devagar.

«Que bonita que ela está!», pensou.

E arremessando o fósforo, com força:

— E eu pedaço de asno, que estava quase decidido a não a vir ver! Está de apetite! Está muito melhor! E sozinha em casa, aborrecidinha talvez!...

Ao pé da Patriarcal fez parar um *coupé* vazio; e estendido, com o chapéu nos joelhos, enquanto a parelha esfalfada trotava:

— E tem-me o ar de ser muito asseada, coisa rara na terra! As mãos

muito bem tratadas! O pé muito bonito!

Revia a pequenez do pé, pôs-se a fazer por ele o desenho mental de outras belezas, despindo-a, querendo adivinhá-la... A amante que deixara em Paris era muito alta e magra, de uma elegância de tísica; quando se decotava viam-se as saliências das suas primeiras costelas. E as formas redondinhas de Luísa decidiram-no.

— A ela! — exclamou com apetite. — A ela, como Santiago aos mouros!

***

Luísa, quando o sentiu em baixo fechar a porta da rua, entrou no quarto, atirou o chapéu para a *caseuse*, e foi-se

logo ver ao espelho. Que felicidade estar vestida! Se ele a tivesse apanhado em roupão, ou mal penteada!... Achou-se muito afogueada, cobriu-se de pó de arroz. Foi à janela, olhou um momento a rua, o sol que batia ainda nas casas fronteiras. Sentia-se cansada. Aquelas horas, Leopoldina estava a jantar já, decerto... Pensou em escrever a Jorge «para matar o tempo», mas veio-lhe uma preguiça; estava tanto calor! Depois não tinha que lhe dizer! Começou então a despir-se devagar diante do espelho, olhando-se muito, gostando de se ver branca, acariciando a finura da pele, com bocejos lânguidos de um cansaço feliz. — Havia sete anos que não via o primo Basílio! Estava mais trigueiro, mais queimado, mas ia-lhe bem!

E depois de jantar ficou junto à janela, estendida na *voltaire*, com um livro esquecido no regaço. O vento caíra e o ar, de um azul forte nas alturas, estava imóvel; a poeira grossa pousara, a tarde tinha uma transparência calma de luz: pássaros chilreavam na figueira brava; da serralharia próxima saía o martelar contínuo e sonoro de folhas de ferro. Pouco a pouco o azul desbotou; sobre o poente, laivos de cor de laranja desmaiada esbateram-se como grandes pinceladas desleixadas. Depois tudo se cobriu de uma sombra difusa, calada e quente, com uma estrelinha muito viva que luzia e tremia. E Luísa deixara-se ficar na *voltaire* esquecida, absorvida, sem pedir luz.

«Que vida interessante a do primo

Basílio!», pensava. O que ele tinha visto! Se ela pudesse também fazer as suas malas, partir, admirar aspetos novos e desconhecidos, a neve nos montes, cascatas reluzentes! Como desejaria visitar os países que conhecia dos romances — a Escócia e os seus lagos taciturnos, Veneza e os seus palácios trágicos; aportar às baías, onde um mar luminoso e faiscante morre na areia fulva; e das cabanas dos pescadores, de teto chato, onde vivem as Grazielas, ver azularem-se ao longe as ilhas de nomes sonoros! E ir a Paris! Paris sobretudo! Mas qual! Nunca viajaria decerto; eram pobres; Jorge era caseiro, tão lisboeta!

Como seria o patriarca de Jerusalém? Imaginava-o de longas barbas brancas, recamado de ouro, entre

instrumentações solenes e rolos de incenso! E a princesa de La Tour d'Auvergne? Devia ser bela, de uma estatura real, vivia cercada de pajens, enamorara-se de Basílio. — A noite escurecia, outras estrelas luziam. — Mas de que servia viajar, enjoar nos paquetes, bocejar nos vagões, e, numa diligência muito sacudida, cabecear de sono pela serra nas madrugadas frias? Não era melhor viver num bom conforto, com um marido temo, uma casinha abrigada, colchões macios, uma noite de teatro às vezes, e um bom almoço nas manhãs claras quando os canários chalram? Era o que ela tinha. Era bem feliz! Então veio-lhe uma saudade de Jorge; desejaria abraçá-lo, tê-lo ali, ou quando descesse ir encontrá-lo fumando o seu cachimbo no

escritório, com o seu jaquetão de veludo. Tinha tudo, ele, para fazer uma mulher feliz e orgulhosa: era belo, com -uns olhos magníficos, terno, fiel. Não gostaria de um marido com uma vida sedentária e caturra; mas a profissão de Jorge era interessante; descia aos poços tenebrosos das minas, um dia aperrara as pistolas contra uma malta revoltada; era valente, tinha talento! Involuntariamente, porém, o primo Basílio fazendo flutuar o seu *bornous* branco pelas planícies da Terra Santa; ou em Paris, direito na almofada, governando tranquilamente os seus cavalos inquietos — dava-lhe a ideia de uma outra existência mais poética, mais própria para os episódios do sentimento.

Do céu estrelado caía uma luz difusa; janelas alumiadas sobressaíam ao

longe, abertas à noite abafada; voos de morcegos passavam diante da vidraça.

— A senhora não quer luz? — perguntou à porta a voz fatigada de Juliana.

— Ponha-a no quarto.

Desceu. Bocejava muito, sentia-se quebrada.

«É trovoada», pensou.

Foi à sala, sentou-se ao piano, tocou ao acaso bocados da «Lucia», da «Sonambula», o «Fado»; e parando, os dedos pousados de leve sobre o teclado, pôs-se a pensar que Basílio devia vir no dia seguinte: vestiria o roupão novo de *foulard* cor de castanho! Recomeçou o «Fado», mas os olhos cerravam-se-lhe.

Foi para o quarto.

Juliana trouxe o rol e a lamparina.

Vinha arrastando as chinelas, com um casabeque pelos ombros, encolhida e lúgubre. Aquela figura com um ar de enfermaria irritou Luísa:

— Credo, mulher! Você parece a imagem da morte!

Juliana não respondeu. Pousou a lamparina; apanhou, placa a placa, sobre a cómoda, o dinheiro das compras; e com os olhos baixos:

— A senhora não precisa mais nada, não?

— Vá-se, mulher, vá!

***

Juliana foi buscar o candeeiro de petróleo, subiu ao quarto. Dormia em cima, no sótão, ao pé da cozinheira.

— Pareço-te a imagem da morte! — resmungava, furiosa.

O quarto era baixo, muito estreito, com o teto de madeira inclinado; o sol, aquecendo todo o dia as telhas por cima, fazia-o abafado como um forno; havia sempre à noite um cheiro requentado de tijolo escandecido. Dormia num leito de ferro, sobre um colchão de palha mole coberto de uma colcha de chita; da barra da cabeceira pendiam os seus bentinhos e a rede enxovalhada que punha na cabeça; ao pé tinha preciosamente a sua grande arca de pau, pintada de azul, com uma grossa fechadura. Sobre a mesa de pinho estava o espelho de gaveta, a escova de cabelo enegrecida e despelada, um pente de osso, as garrafas de remédio, uma velha pregadeira de cetim amarelo, e,

embrulhada num jornal, a cuia de retrós dos domingos. E o único adorno das paredes sujas, riscadas da cabeça de fósforos, era uma litografia de Nossa Senhora das Dores por cima da cama, e um daguerreótipo onde se percebia vagamente, no reflexo espelhado da lâmina, os bigodes encerados e as divisas de um sargento.

— A senhora já se deitou, Sr.ª Juliana? — perguntou a cozinheira do quarto pegado, donde saía uma barra de luz viva cortando a escuridão do corredor.

— Já se deitou, Sr.ª Joana, já. Está hoje com os azeites. Falta-lhe o homem!

Joana, às voltas, fazia ranger as madeiras velhas da cama. Não podia dormir! Abafava-se! Uf!

— Ai! E aqui! — exclamou

Juliana.

Abriu o postigo que dava para os telhados, para deixar arejar; calçou as chinelas de tapete, e foi ao quarto de Joana. Mas não entrou, ficou à porta; era «criada de dentro», evitava familiaridades. Tinha tirado a cuia, e com um lenço preto e amarelo amarrado na cabeça, o seu rosto parecia mais chupado, e as orelhas mais despegadas do crânio; a camisa decotada descobria as clavículas descarnadas; a saia curta mostrava as canelas muito brancas, muito secas. E com o casabeque pelos ombros, coçando devagarinho os cotovelos agudos:

— Diga-me cá, Sr.ª Joana — disse com a voz discreta — aquele sujeito demorou-se muito? Reparou?

— Tinha saído naquele

instantinho, quando vossemecê entrou. Uf!

Encalmada, quase descoberta, com as pernas muito abertas, Joana coçava-se furiosamente por baixo da grossa camisa com folhos à minhota que lhe descobria os peitos. Não podia parar com os percevejos! O raio do quarto tinha ninhos! Até sentia o estômago embrulhado.

— Ai! é um inferno! — disse com lástima Juliana. — Eu só adormeço com dia. Mas ainda eu agora reparo... Vossemecê tem S. Pedro à cabeceira. É devoção?

— É o santo do meu rapaz — disse a outra. Sentou-se na cama. Uf! E então tinha estado toda a noite com uma sede!...

Saltou para o chão, com passadas rijas que faziam tremer o soalho, foi ao

jarro, pô-lo à boca, bebeu uma tarraçada. A camisa justa, feita de pouca fazenda, mostrava as formas rijas e valentes.

— Pois eu fui ao médico — disse Juliana. E com um grande suspiro: — Ai! isto só Deus, Sr.ª Joana! Isto só Deus!

Mas porque se não resolvia a Sr.ª Juliana a ir à mulher de virtude? Era a saúde certa. Morava ao Poço dos Negros; tinha orações e unguentos para tudo. Levava meia moeda pelo «preparo»...

— Que isso são humores, Sr.ª Juliana. O que vossemecê tem, são humores.

Juliana tinha dado dois passos para dentro do quarto. Quando se tratava de doenças, de remédios, tornava-se mais familiar.

— Eu já me tenho lembrado... eu

já me tenho lembrado de ir à mulher. Mas, meia moeda!

E ficou a olhar, tristemente, refletindo.

— É o que eu tenho junto para umas botinas de gáspea!

Eram o seu vício, as botinas! Arruinava-se com elas: tinha-as de duraque com ponteiras de verniz, de cordovão com laço, de pelica com pespontos de cor, embrulhadas em papéis de seda, na arca, fechadas — guardadas para os domingos!

Joana censurou-a.

— Ai! eu, em se tratando do corpo, do interior, que o Diabo leve os arrebiques!

Queixou-se também da sua miséria. Tinha pedido à senhora um mês

adiantado! Estava sem camisas! As duas que tinha eram uns trapos! Pelo gosto da que trazia, a desfazerem-se!

— Mas, então! — suspirou. — O meu rapaz precisou um dinheiro...

— Vossemecê também, Sr.ª Joana, deixa-se cardar pelo homem!

Joana sorriu.

— Ainda que eu tivesse de roer ossos, Sr.ª Juliana, a última migalha havia de ser pra ele!

Juliana teve um risinho seco, e com a voz arrastada:

— Vale lá a pena!

Mas invejava asperamente a cozinheira pela posse daquele amor, pelas suas delícias. Repetiu, contrafeita:

— Vale lá a pena! Perfeito rapaz — continuou — o que veio hoje ver a

senhora! Melhor que o homem!

E depois de uma pausa:

— Então esteve mais de duas horas?

— Tinha saído quando vossemecê entrou.

Mas o candeeiro de petróleo apagava-se, com um cheiro fétido e uma fumarada negra.

— Boa noite, Sr.ª Joana. Ainda vou rezar a minha coroa.

— Ó Sr.ª Juliana! — disse a outra de entre os lençóis. — Se vossemecê quer rezar três salve-rainhas pela saúde do meu rapaz, que tem estado adoentado, eu cá lhe rezava três pelas melhoras do peito.

— Pois sim, Sr.ª Joana!

Mas refletindo:

— Olhe. Eu do peito vou melhor;

dê-mas antes pra alívio das dores de cabeça. A Santa Engrácia!

— Como vossemecê quiser, Sr.ª Juliana.

— Se faz favor. Boa noite! Fica-lhe aí um cheiro! Credo!

Foi para o quarto. Rezou, apagou a luz. Um calor mole, contínuo, caía do forro; começou a faltar-lhe o ar: tornou a abrir o postigo, mas o bafo quente que vinha dos telhados enjoava-a; e era assim todas as noites, desde o começo do estio! Depois as madeiras velhas fervilhavam de bicharia! Nunca, nunca, nas casas que servira, tinha tido um quarto pior. Nunca!

A cozinheira começou a ressonar ao lado. E acordada, às voltas, com aflições no coração, Juliana sentia a vida pesar-lhe, com uma amargura maior!

***

Nascera em Lisboa. O seu nome era Juliana Couceiro Tavira. Sua mãe fora engomadeira; e desde pequena tinha conhecido em casa um sujeito, a quem chamavam na vizinhança o *fidalgo*, a quem sua mãe chamava o Sr. D. Augusto. Vinha todos os dias, de tarde no verão, no inverno de manhã, para a saleta onde sua mãe engomava, e ali estava horas sentado no poial da janela que dava para um quintalejo, fumando cachimbo, cofiando em silêncio um enorme bigode preto. Como o poial era de pedra, punha-lhe em cima, com muito método, uma almofada de vento, que ele mesmo soprava. Era calvo, e trazia ordinariamente uma

quinzena de veludo castanho e chapéu alto branco. Às seis horas levantava-se, esvaziava a almofada, estava um bocado a esticar as calças para cima, e saía, com a sua grossa bengala de cana da Índia debaixo do braço, gingando da cinta. Ela e sua mãe iam então jantar na mesinha de pinho da cozinha debaixo de um postigo, diante do qual se balouçavam, de verão e de inverno, galhos magros de uma árvore triste.

À noite o Sr. D. Augusto voltava; trazia sempre um jornal: sua mãe fazia-lhe chá e torradas, servia-o, toda enlevada nele. Muitas vezes Juliana a vira chorar de ciúmes.

Um dia uma vizinha má, a quem ela não quisera ajudar a lavar a roupa, enfureceu-se, e atirando-lhe injúrias dos

degraus da porta — gritou-lhe que sua mãe era uma desavergonhada, e que seu pai estava na África por ter morto o «Rei de Copas»!

Pouco tempo depois foi servir. Sua mãe morreu daí a meses, com uma doença de útero. Juliana só uma vez tornou a ver o Sr. D. Augusto — uma tarde, com uma opa roxa, lúgubre, na Procissão de Passos!

Servia, havia vinte anos. Como ela dizia, mudava de amos, mas não mudava de sorte. Vinte anos a dormir em cacifros, a levantar-se de madrugada, a comer os restos, a vestir trapos velhos, a sofrer os repelões das crianças e as más palavras das senhoras, a fazer despejos, a ir para o hospital quando vinha a doença, a esfalfar-se quando voltava a saúde!... Era

de mais! Tinha agora dias em que só de ver o balde das águas sujas e o ferro de engomar se lhe embrulhava o estômago. Nunca se acostumara a servir. Desde rapariga a sua ambição fora ter um negociozito, uma tabacaria, uma loja de capelista ou de quinquilharias, dispor, governar, ser patroa: mas, apesar de economias mesquinhas e de cálculos sôfregos, o mais que conseguira juntar foram sete moedas ao fim de anos: tinha então adoecido; com o horror do hospital fora tratar-se para casa de uma parenta; e o dinheiro, ai!, derretera-se! No dia em que se trocou a última libra, chorou horas com a cabeça debaixo da roupa.

Ficou sempre adoentada desde então, perdeu toda a esperança de se estabelecer. Teria de servir até ser velha,

sempre, de amo em amo! Essa certeza dava-lhe uma desconsolação constante. Começou a azedar-se.

E depois não tinha jeito, não sabia tirar partido das casas: via companheiras divertir-se, vizinhar, janelar, bisbilhotar, sair aos domingos às hortas e aos retiros, levar o dia cantando, e quando as patroas iam ao teatro, abrir a porta aos derriços — e patuscar pelos quartos! Ela não. Sempre fora embezerrada. Fazia a sua obrigação, comia, ia estirar-se sobre a cama; e aos domingos, quando não passeava, encostava-se a uma janela, com o lenço sobre o peitoril para não roçar as mangas, e ali estava imóvel, a olhar, com o seu broche de filigrana e a cuia dos dias santos! Outras companheiras eram muito das amas, faziam-se muito humildes,

sabujavam, traziam de fora as histórias da rua, e cartinhas levadas e recadinhos e pra dentro e pra fora, muito confidentes — muito presenteadas também! Ela não podia. Era *minha senhora isto! minha senhora aquilo!* E cada uma no seu lugar! Era génio!

Desde que servia, apenas entrava numa casa sentia logo, num relance, a hostilidade, a malquerença: a senhora falava-lhe com secura, de longe; as crianças tomavam-lhe birra; as outras criadas, se estavam chalrando, calavam-se, mal a sua figura esguia aparecia; punham-lhe alcunhas — «a Isca Seca», «a Fava Torrada», «o Saca-Rolhas»; imitavam-lhe os trejeitos nervosos; havia risinhos, cochichos pelos cantos; e só tinha encontrado alguma simpatia nos

galegos taciturnos, cheios de uma saudade morrinhenta, que vêm de manhã quando ainda os quartos estão escuros, com as suas grossas passadas, encher os barris, engraxar o calçado.

Lentamente começou a tornar-se desconfiada, cortante como um nordeste; tinha respostadas, questões com as companheiras; não se havia de deixar pôr o pé no pescoço!

As antipatias que a cercavam faziam-na assanhada, como um círculo de espingardas enraivece um lobo. Fez-se má; beliscava crianças até lhes enodoar a pele; e se lhe ralhavam, a sua cólera rompia em rajadas. Começou a ser despedida. Num só ano esteve em três casas. Saía com escândalo, aos gritos, atirando as portas, deixando as amas

todas pálidas, todas nervosas...

A inculcadeira, a sua velha amiga, a tia Vitória, disse-lhe:

— Tu acabas por não ter onde te arrumar, e falta-te o bocado do pão!

O pão! Aquela palavra que é o terror, o sonho, a dificuldade do pobre assustou-a. Era fina, e dominou-se. Começou a fazer-se «uma pobre mulher», com afetações de zelo, um ar de sofrer tudo, os olhos no chão. Mas roía-se por dentro: veio-lhe a inquietação nervosa dos músculos da face, o tique de franzir o nariz: apele esverdeou-se-lhe de bílis.

A necessidade de se constranger trouxe-lhe o hábito de odiar: odiou sobretudo as patroas, com um ódio irracional e pueril. Tivera-as ricas, com palacetes, e pobres, mulheres de

empregados, velhas e raparigas, coléricas e pacientes— odiava-as a todas, sem diferença. É patroa e basta! Pela mais simples palavra, pelo ato mais trivial! Se as via sentadas: «Anda, refastela-te, que a moura trabalha!» Se as via sair: «Vai-te, a negra fica cá no buraco!» Cada riso delas era uma ofensa à sua tristeza doentia; cada vestido novo uma afronta ao seu velho vestido de merino tingido. Detestava-as na alegria dos filhos e nas prosperidades da casa. Rogava-lhes pragas. Se os amos tinham um dia de contrariedade, ou via as caras tristes, cantarolava todo o dia em voz de falsete a «Carta Adorada!» Com que gosto trazia a conta retardada de um credor impaciente, quando pressentia embaraços na casa! «Este papel!», gritava com uma voz estridente, «diz que não se

vai embora sem uma resposta!» Todos os lutos a deleitavam — e sob o xale preto, que lhe tinham comprado, tinha palpitações de regozijo. Tinha visto morrer criancinhas, e nem a aflição das mães a comovera; encolhia os ombros: «Vai dali, vai fazer outro. Cabras!»

As boas palavras mesmo, as condescendências eram perdidas com ela, como gotas de água lançadas no fogo. Resumia as patroas na mesma palavra — *uma récua*. E detestava as boas pelos vexames que sofrera das más. A ama era para ela o inimigo, o Tirano. Tinha visto morrer duas — e de cada vez sentira, sem saber porquê, um vago alívio, como se uma porção do vasto peso que a sufocava na vida se tivesse desprendido e evaporado!

Sempre fora invejosa; com a idade aquele sentimento exagerou-se de um modo áspero. Invejava tudo na casa: as sobremesas que os amos comiam, a roupa branca que vestiam. As noites de *soirée*, de teatro, exasperavam-na. Quando havia passeios projetados, se chovia de repente, que felicidade! O aspeto das senhoras vestidas e de chapéu, olhando por dentro da vidraça com um tédio infeliz, deliciava-a, fazia-a loquaz:

— Ai minha senhora! É um temporal desfeito! É a cântaros, está para todo o dia! Olha o ferro!

E muito curiosa: era fácil encontrá-la, de repente, cosida por detrás de uma porta com a vassoura a prumo, o olhar aguçado. Qualquer carta que vinha era revirada, cheirada... Remexia

subtilmente em todas as gavetas abertas, vasculhava em todos os papéis atirados. Tinha um modo de andar ligeiro e surpreendedor. Examinava as visitas. Andava à busca de um *segredo*, de um *bom segredo!* Se lhe caía um nas mãos!

Era muito gulosa. Nutria o desejo insatisfeito de comer bem, de petiscos, de sobremesas. Nas casas em que servia, ao jantar, o seu olho avermelhado seguia avidamente as porções cortadas à mesa; e qualquer bom apetite que repetia exasperava-a, como uma diminuição da sua parte. De comer sempre os restos ganhara o ar aguado, o seu cabelo tomara tons secos, cor de rato. Era lambareira: gostava de vinho; em certos dias comprava uma garrafa de oitenta reis, e bebia-a só, fechada, repimpada, com

estalos na língua, a orla do vestido um pouco erguida, revendo-se no pé.

E nunca tivera um homem, era virgem. Fora sempre feia, ninguém a tentara: e, por orgulho, por birra, com receio de uma desfeita, não se oferecera, como vira muitas, claramente. O único homem que a olhara com desejo tinha sido um criado de cavalariça, atarracado e imundo, de aspeto facínora: a sua magreza, a sua cuia, o seu ar domingueiro tinham excitado o bruto. Fitava-a com um ar de buldogue. Causara-lhe horror — mas vaidade. E o primeiro homem por quem ela sentira, um criado bonito e alourado, rira-se dela, pusera-lhe o nome de «Isca Seca!» Não contou mais com os homens, por despeito, por desconfiança de si mesma. As rebeliões de natureza,

sufocava-as; eram fogachos, flatos. Passavam. Mas faziam-na mais seca; e a falta daquela grande consolação agravava a miséria da sua vida.

Um dia teve, enfim, uma grande esperança. Entrara para o serviço da Sr.ª D. Virgínia Lemos, uma viúva rica, tia de Jorge, muito doente, quase a morrer com um catarro de bexiga. A tia Vitória, a inculcadeira, preveniu-a:

— Tu trata a velha, apaparica-a, que ela o que quer é uma enfermeira que a sofra. É rica, não é nada apegada ao dinheiro, é capaz de te deixar uma independência!

Durante um ano Juliana, roída de ambição, foi a enfermeira da velha. Que zelos! Que mimos!

Virgínia era muito rabugenta, a

ideia de morrer enfurecia-a; quanto mais ela ralhava com a sua voz gutural, mais Juliana se fazia serviçal. A velha, por fim, estava enternecida: gabava-a às pessoas que a vinham ver, chamava-lhe a sua *providência*. Tinha-a recomendado muito a Jorge.

— Não há outra! Não há outra! — exclamava.

— Pois apanhaste — dizia-lhe a tia Vitória. — Pelo menos deixa-te o teu conto de reis.

Um conto de reis! Juliana, de noite, enquanto a velha gemia no seu antigo leito de pau-santo, via o conto de reis à claridade mórbida que dava a lamparina, reluzir em pilhas de ouro inesgotável e prodigioso. Que faria com o dinheiro? E, à cabeceira da doente, com

um cobertor pelos ombros, os olhos dilatados e fixos, planeava: poria uma loja de capelista! Vinham-lhe logo lampejos vivos de outras felicidades: um conto de reis era um dote, poderia casar, teria um homem!

Estavam acabadas as canseiras. Ia jantar, enfim, o *seu* jantar. Mandar, enfim, a *sua* criada! A *sua* criada! Via-se a chamá-la, a dizer-lhe, de cima para baixo: — Faça, vá, despeje, saia! — Tinha contrações no estômago, de alegria. Havia de ser boa ama. Mas que lhe andassem direitas! Desmazelos, más respostas, não havia de sofrer a criadas! — E, impelida por aquelas imaginações, arrastava subtilmente as chinelas pelo quarto, falando só. — Não, desmazelos, não havia de sofrer! Mantê-las bem, decerto,

porque quem trabalha precisa meter para dentro! Mas havia de lho tirar do corpo. Ah! lá isso, haviam de lhe andar direitas... — A velha tinha então um gemido mais aflito.

«É agora», pensava. «Morre!»

E o seu olhar ansioso ia logo para a gaveta da cómoda, onde estava decerto o dinheiro, os papéis. Mas não! A velha queria beber, ou voltar-se...

— Como se sente? — perguntava Juliana, com uma voz plangente.

— Melhor, Juliana, melhor — murmurava.

Supunha-se sempre melhor.

— Mas a senhora tem estado desinquieta! — dizia Juliana, despeitada da melhora.

— Não — suspirava — dormi

bem!

— Isso não tem dormido... Tenho-a ouvido gemer! Tem estado toda a noite a gemer!

Queria argumentar com ela, convencê-la que estava pior! Convencer-se a si mesma que o alívio era efémero, que ia morrer depressa! E todas as manhãs seguia o Dr. Pinto até à porta, com os braços cruzados, a face triste:

— Então, senhor doutor, não há esperança?

— Está por dias!

Queria saber os dias: dois? cinco?

— Sim, Sr.ª Juliana — dizia o velho, calçando as suas luvas pretas — uns dias, sete, oito.

— Oito dias!

E como a felicidade se

aproximava, já tinha de olho três pares de botinas que vira na vidraça do Manuel Lourenço!

A velha, enfim, morreu. Nem a mencionava no testamento!

Veio-lhe uma febre. Jorge, agradecido pelos cuidados dela com a tia Virgínia, pagou-lhe um quarto no hospital, e prometeu tomá-la para criada de dentro. A que tinha, uma Emília muito bonita, ia casar.

Quando saiu do hospital para casa de Jorge, começava a queixar-se muito do coração. Vinha desiludida de tudo, tinha às vezes vontade de morrer. Ouviam-se todo o dia pela casa os seus ais. Luísa achava-a fúnebre.

Quis despedi-la ao fim de duas semanas. Jorge não consentiu, estava em

dívida com ela, dizia. Mas Luísa não podia disfarçar a sua antipatia — e Juliana começou a detestá-la: pôs-lhe logo um nome: a «piorrinha!» Depois, daí a semanas, viu vir os estofadores: renovava-se a mobília da sala! A tia Virgínia deixara três contos de reis a Jorge — e ela, ela que durante um ano fora a enfermeira, humilde como um cão e fixa como uma sombra, aturando o mostrengo, tinha em paga ido para o hospital, com uma febre, das noitadas, das canseiras! Julgava-se vagamente roubada. Começou a odiar a casa.

Tinha para isso muitas razões, dizia: dormia num cubículo abafado; ao jantar não lhe davam vinho, nem sobremesa; o serviço dos engomados era pesado; Jorge e Luísa tomavam banho

todos os dias, e era um trabalhão encher, despejar todas as manhãs as largas bacias de folha: achava despropositada aquela mania de se porem a chafurdar todos os dias que Deus deitava ao mundo; tinha servido vinte amos e nunca vira semelhante despropósito! A única vantagem — dizia ela à tia Vitória — era não haver pequenos; tinha horror a crianças! Além disso achava que o bairro era saudável; e como tinha a cozinheira «na mão», não é verdade?, havia aquele regalo dos caldinhos, de algum prato melhor de vez em quando! Por isso ficava; senão, não era ela!

Fazia no entanto o seu serviço, ninguém tinha nada que lhe dizer. O olho aberto sempre e o ouvido à escuta, já se vê! E como perdera a esperança de se

estabelecer, não se sujeitava ao rigor de economizar: por isso ia-se consolando com algumas pinguinhas, de vez em quando; e satisfazia o seu vício — trazer o pé catita. O pé era o seu orgulho, a sua mania, a sua despesa. Tinha-o bonito e pequenino.

— Como poucos — dizia ela — Não vai outro ao Passeio!

E apertava-o, aperreava-o; trazia os vestidos curtos, lançava-o muito para fora. A sua alegria era ir aos domingos para o Passeio Público, e ali, com a orla do vestido erguida, a cara sob o guarda-solinho de seda, estar a tarde inteira na poeira, no calor, imóvel, feliz — a mostrar, a expor o pé!

4

Pelas três horas da tarde, Juliana entrou na cozinha e atirou-se para uma cadeira, derreada. Não se tinha nas pernas de debilidade! Desde as duas horas que andava a arrumar a sala! Estava um chiqueiro. O peralta na véspera até deixara cinza de tabaco por cima das mesas! A negra é que as pagava. E que calor! Era de derreter! Uf!

— O caldinho há de estar pronto, hem! — disse adocicando a voz. — Tira-mo, Sr.ª Joana, faz favor?

— Vossemecê hoje está com outra cara — notou a cozinheira.

— Ai! Sinto-me outra, Sr.ª Joana! Pois olhe que adormeci com dia. Já luzia

o dia!

— E eu! — Tinha tido cada sonho! Credo! Uma avantesma cor de fogo a passear-lhe por cima do corpo, e cada pancada na boca do estômago, como quem pisava uvas num lagar!

— Enfartamento — disse sentenciosamente Juliana, e repetiu: — Pois eu sinto-me outra. Há meses que me não sinto tão bem!

Sorriu com os seus dentes amarelados. O caldo que Joana deitava na malga branca, com um vapor cheiroso, cheio de hortaliça, dava-lhe uma alegria gulosa. Estendeu os pés, recostou-se, feliz, na boa sensação da tarde quente e luminosa, entrando largamente pelas duas janelas abertas.

O sol retirara-se da varanda, e

sobre a pedra, em vasos de barro, plantas pobres encolhiam a sua folhagem chupada do calor; sobre uma tábua a um canto, numa velha panela bojuda, verdejava um pé de salsa muito tratado; o gato dormia sobre um esteirão; esfregões secavam numa corda; e para além alargava-se o azul vivo como um metal candente, as árvores dos quintais tinham tons ardentes do sol, os telhados pardos com as suas vegetações esguias coziam no calor, e pedaços de paredes caiadas despediam uma rebrilhação dura.

— Está de apetite, Sr.ª Joana, está de apetite! — dizia Juliana, remexendo o caldo devagarinho, com gula. A cozinheira, de pé, com os braços cruzados sobre o seu peito abundante, regozijava-se:

— O que se quer é que esteja a gosto.

— Está a preceito.

— Sorriam, contentes da intimidade, das boas palavras. — E a campainha da porta, que já tinha tocado, tornou a tilintar discretamente.

Juliana não se mexeu. Bafos de aragem quente entravam: ouvia-se ferver a panela no fogão, e fora o martelar incessante da forja: às vezes o arrulhar triste de duas rolas que viviam na varanda, numa gaiola de vime, punha na tarde abrasada uma sensação de suavidade.

A campainha retilintou, sacudida com impaciência.

— Com a cabeça, burro! — disse Juliana.

Riram. Joana fora sentar-se à janela, numa cadeira baixa; estendia os seus grossos pés, calçados de chinelas de ourelo; coçava-se devagarinho, no sovaco, toda repousada.

A campainha retiniu violentamente.

— Fora, besta! — rosnou Juliana, muito tranquila.

Mas a voz irritada de Luísa chamou de baixo:

— Juliana!

— Que nem uma pessoa pode tomar a sustância sossegada! Raios de casa! Irra!

— Juliana! — gritou Luísa.

A cozinheira voltou-se, já assustada:

— A senhora zanga-se, Sr.ª

Juliana.

— Que a leve o Diabo!

Limpou os beiços gordurosos ao avental, desceu furiosa.

— Você não ouve, mulher? Estão a bater há uma hora!

Juliana arregalou os olhos espantada: Luísa tinha vestido o roupão novo de *foulard* cor de castanho, com pintinhas amarelas!

«Temos novidade! Temo-la grossa!», pensou Juliana pelo corredor.

A campainha repicava. E no patamar, vestido de claro, com uma rosa ao peito, um embrulho debaixo do braço, estava o *sujeito do negócio das minas!*

— Aquele sujeito de ontem! — veio dizer, toda pasmada.

— Mande entrar...

«Viva!», pensou.

Galgou a escada da cozinha, disse logo da porta, com a voz aguda de júbilo:

— Está cá o peralta de ontem! Está cá outra vez! Traz um embrulho! Que lhe parece, Sr.ª Joana? Que lhe parece?

— Visitas... — disse a cozinheira.

Juliana teve um risinho seco. Sentou-se, acabou o seu caldo, à pressa.

Joana indiferente cantarolava pela cozinha; o arrulhar das rolas continuava langoroso e débil.

— Pois, senhores, isto vai rico! — disse Juliana.

Esteve um momento a limpar os dentes com a língua, o olhar fixo, refletindo. Sacudiu o avental e desceu ao quarto de Luísa: o seu olhar esquadrinhador avistou logo sobre o

toucador as chaves esquecidas da despensa: podia subir, beber um trago de bom vinho, engolir dois ladrilhos de marmelada... Mas possuí-a uma curiosidade urgente, e, em bicos de pés, foi agachar-se à porta que dava para a sala, espreitou. O reposteiro estava corrido por dentro: podia apenas sentir a voz grossa e jovial do sujeito. Foi de volta, pelo corredor, à outra porta, ao pé da escada; pôs o olho à fechadura, colou o ouvido à frincha. O reposteiro dentro estava também cerrado.

«Os diabos calafetaram-se!», pensou.

Pareceu-lhe que se arrastava uma cadeira, depois que se fechava uma vidraça. Os olhos faiscavam-lhe. Uma risada de Luísa sobressaiu, em seguida um

silêncio; e as vozes recomeçaram num tom sereno e continuo. De repente o sujeito ergueu a fala, e entre as palavras que dizia, de pé decerto, passeando, Juliana ouviu claramente: «Tu, foste tu!»

— Oh que bêbeda!

Um tlim-tlim tímido da campainha, ao lado, assustou-a. Foi abrir. Era Sebastião, muito vermelho do sol, com as botas cheias de pó.

— Está? — perguntou, limpando a testa suada.

— Está com uma visita, Sr. Sebastião!

E cerrando a porta sobre si, mais baixo:

— Um rapaz novo que já cá esteve ontem, um janota! Quer que vá dizer?

— Não, não obrigado, adeus.

Desceu discretamente, Juliana voltou logo a encostar-se à porta, a orelha contra a madeira, as mãos atrás das costas: mas a conversação, sem saliência de vozes, tinha um rumor tranquilo e indistinto. Subiu à cozinha.

— Tratam-se por tu! — exclamou. — Tratam-se por tu, Sr.ª Joana!

E muito excitada:

— Isto vai à vela! Cáspite! Assim é que eu gosto delas!

O sujeito saiu às cinco horas. Juliana, apenas sentiu abrir-se a porta, veio a correr; viu Luísa no patamar, debruçada no corrimão, dizendo para baixo, com muita intimidade:

— Bem, não falto. Adeus.

Ficou então tomada de uma curiosidade que a alterava como uma

febre. Toda a tarde, na sala de jantar, no quarto, esquadrinhou Luísa com olhares de lado. Mas Luísa, com um roupão de linho mais velho, parecia serena, muito indiferente.

— Que sonsa!

Aquela naturalidade despertava a sua bisbilhotice.

— Eu hei de te apanhar, desavergonhada! — calculava.

Afigurou-se-lhe que Luísa tinha os olhos um pouco pisados! Estudava-lhe as posições, os tons de voz. Viu-a repetir o assado — pensou logo: «Abriu-lhe o apetite!»

E quando Luísa ao fim do jantar se estendeu na *voltaire* com um ar quebrado: «Ficou derreada.»

Luísa, que nunca tomava café, quis

nessa tarde «meia chávena, mas forte, muito forte».

— Quer café! — veio ela dizer à cozinheira, toda excitada. — Tudo à grande! E do forte. Quer do forte! Ora o diabo!

Estava furiosa.

— Todas o mesmo! Uma récua de cabras!

***

Ao outro dia era domingo. Logo pela manhã cedo, quando Juliana ia para a missa, Luísa chamou-a da porta do quarto, deu-lhe uma carta para levar a D. Felicidade. Ordinariamente mandava um recado — e a curiosidade de Juliana acendeu-se logo diante daquele

sobrescrito fechado e lacrado com o sinete de Luísa, um L gótico dentro de uma coroa de rosas.

— Tem resposta?

— Tem.

Quando voltou às dez horas, com um bilhete de D. Felicidade, Luísa quis saber se havia muito calor, se fazia poeira. Sobre a mesa estava um chapéu de palha escuro, que ela estivera a enfeitar com duas rosas de musgo.

Fazia um bocadinho de vento, mas para a tarde abrandava, decerto. E pensou logo: «Temos passeata, vai ter com o gajo!»

Mas durante todo o dia, Luísa em roupão não saiu do seu quarto ou da sala, ora estendida na *causeuse* lendo aos bocados, ora batendo distraidamente no

piano pedaços de valsas. Jantou às quatro horas. A cozinheira saiu, e Juliana pôs-se a passar a sua tarde à janela da sala de jantar. Tinha o vestido novo, as saias muito rijas de goma, a cuia dos dias santos — e pousava solenemente os cotovelos num lenço, estendido sobre o peitoril da varanda. Defronte os pássaros chilreavam na figueira brava. Dos dois lados do tabique que cercava o terreno vago, agachavam-se os tetos escuros das duas ruazitas paralelas: eram casas pobres onde viviam mulheres, que pela tarde, em chambre ou de *garibaldi*, os cabelos muito oleosos, faziam meia à janela, falando aos homens, cantarolando com um tédio triste. Do outro lado do terreno, verduras de quintais, muros brancos davam àquele sítio um ar

adormecido de vila pacata. Quase ninguém passava. Havia um silêncio fatigado; e só às vezes o som distante de um realejo, que tocava a «Norma» ou a «Lucia», punha uma melancolia na tarde. — E Juliana ali estava imóvel, até que os sons quentes da tarde empalideciam, e os morcegos começavam a voar.

Pelas oito horas entrou no quarto de Luísa — ficou pasmada de a ver vestida toda de preto, de chapéu! Tinha acendido as serpentinas na parede, os castiçais no toucador; e sentada à beira da *causeuse* calçava as luvas devagar, com a face muito séria, um pouco esbatida de pó de arroz, o olhar cheio de brilho.

— O vento abrandou? — disse.

— Está a noite muito bonita, minha senhora.

Um pouco antes das nove horas uma carruagem parou à porta. Era D. Felicidade, muito encalmada. Abafara todo o dia! E à noite nem uma aragem! Até tinha mandado buscar uma carruagem descoberta, que num *coupé*, credo, morria-se!

Juliana pelo quarto arrumava, dobrava, toda curiosa. Onde iriam? Onde iriam? D. Felicidade, amplamente sentada, de chapéu, tagarelava: uma indigestão que tivera na véspera com umas bajes; a cozinheira que a tinha querido «comer» em quatro vinténs; uma visita que lhe fizera a condessa de Arruela...

Enfim, Luísa, disse, baixando o seu véu branco:

— Vamos, filha. Faz-se tarde.

Juliana foi-lhes alumiar, furiosa. Olha que propósito, irem duas mulheres sós por aí fora, numa tipoia! E se uma criada então se demorava na rua mais meia hora, credo, que alarido! Que duas bêbedas!

Foi à cozinha desabafar com a Joana. Mas a rapariga, estirada numa cadeira, dormitava.

Fora com o seu Pedro ao Alto de S. João. E toda a tarde tinham passeado no cemitério, muito juntos, admirando os jazigos, soletrando os epitáfios, beijocando-se nos recantos que os chorões escureciam, e regalando-se do ar dos ciprestes e das relvas dos mortos. Voltaram por casa da Serena, entraram a beberricar um quartilho no Espregueira... Tarde cheia! E estava derreada da

soalheira, do pó, da admiração de tanto túmulo rico, do homem, e da pinguita de vinho.

O que ia, era refastelar-se para a cama!

— Credo, Sr.ª Joana, vossemecê está-se a fazer uma dorminhoca! Olha que mulher! Com pouco arreia! Cruzes!

Desceu ao quarto de Luísa, apagou as luzes, abriu as janelas, arrastou a poltrona para a varanda — e, repimpada, os braços cruzados, pôs-se a passar a noite.

O estanco ainda não se fechara, e a sua luzita lúgubre como a estanqueira, estendia-se tristemente sobre a pedra miúda da rua; as janelas ao pé estavam abertas; por algumas, mal alumiadas, viam-se dentro serões melancólicos;

noutras, onde havia vultos imóveis, luzia às vezes a ponta de um cigarro; aqui, além tossia-se; e o moço do padeiro, no silêncio quente da noite, harpejava baixinho a guitarra.

Juliana pusera um vestido de chita claro; dois sujeitos que estavam à porta do estanco riam, erguiam de vez em quando os olhos para a janela, para aquele vulto branco de mulher. Juliana, então, gozou! Tomavam-na decerto pela senhora, pela do engenheiro; faziam-lhe olho, diziam brejeirices... Um tinha calça branca e chapéu alto, eram janotas... E com os pés muito estendidos, os braços cruzados, a cabeça de lado, saboreava, longamente, aquela consideração.

Passos fortes que subiam a rua, pararam à porta; a campainha retiniu de

leve.

— Quem é? — perguntou muito impaciente.

— Está? — disse a voz grossa de Sebastião.

— Saiu com a D. Felicidade, foram de carruagem.

— Ah! — fez ele.

E acrescentou:

— Muito bonita noite!

— De apetite, Sr. Sebastião! De apetite!— exclamou alto. E quando o viu descer a rua, gritou, afectadamente:

— Recados a Joana! Não se esqueça! — mostrando-se íntima, madama, com olho temo para os homens.

***

Àquela hora D. Felicidade e Luísa chegavam ao Passeio.

Era benefício; já de fora se sentia o *bruhaha* lento e monótono, e via-se uma névoa alta de poeira, amarelada e luminosa.

Entraram. Logo ao pé do tanque encontraram Basílio. Fez-se muito surpreendido, exclamou:

— Que feliz acaso!

Luísa corou, apresentou-o a D. Felicidade.

A excelente senhora teve muitos sorrisos. Lembrava-se dele, mas se não lhe dissessem talvez o não conhecesse! Estava muito mudado!

— Os trabalhos, minha senhora... — disse Basílio curvando-se.

E acrescentou rindo, batendo com

a bengala na pedra do tanque:

— É a velhice! sobretudo a velhice!

Na água escura e suja as luzes do gás torciam-se até uma grande profundidade. As folhagens em redor estavam imóveis, no ar parado, com tons de um verde lívido e artificial. Entre os dois longos renques paralelos de árvores mesquinhas, entremeadas de candeeiros de gás, apertava-se, num empoeiramento de macadame, uma multidão compacta e escura; e através do rumor grosso, as saliências metálicas da música faziam passar no ar pesado compassos vivos de valsa.

Tinham ficado parados, conversando.

Que calor, hem? Mas a noite

estava linda! Nem uma aragem! Que enchente!

E olhavam a gente que entrava: moços muito frisados, com calças cor de flor de alecrim, fumando cerimoniosamente os charutos do dia santo; um aspirante com a cinta espartilhada e o peito enchumaçado; duas meninas de cabelo riçado, de movimentos gingados que lhes desenhavam os ossos das omoplatas sob a fazenda do vestido atabalhoado; um eclesiástico cor de cidra, o ar mole, o cigarro na boca, e lunetas defumadas; uma espanhola com dois metros de saia branca muito rija, fazendo ruge-ruge na poeira; o triste Xavier, poeta; um fidalgo de jaquetão e bengalão, de chapéu na nuca, o olho avinhado; e Basílio ria muito de dois pequenos que o

pai conduzia com um ar hílare e compenetrado — vestidos de azul-claro, a cinta ligada numa faixa escarlate, barretinas de lanceiros, botas à húngara, cretinos e sonâmbulos.

Um sujeito alto então passou rente deles, e voltando-se revirou para Luísa dois grandes olhos langorosos e prateados: tinha uma pera longa e aguçada; trazia o colete decotado mostrando um belo peitilho, e fumava por uma boquilha enorme que representava um zuavo.

Luísa quis-se sentar.

Um garoto de blusa, sujo como um esfregão, correu a arranjar cadeiras; e acomodaram-se ao pé de uma família acabrunhada e taciturna.

— Que fizeste tu hoje, Basílio? —

perguntou Luísa.

Tinha ido aos touros.

— E que tal? Gostaste?

— Uma sensaboria. Se não fosse pelo trambolhão do Peixinho, tinha-se morrido de pasmaceira. Gado fraco, cavaleiros infelizes, nenhuma sorte! Touros em Espanha! Isso sim!

D. Felicidade protestou. Que horror! Tinha-os visto em Badajoz, quando estivera de visita em Eivas à tia Francisca de Noronha, e ia desmaiando. O sangue, as tripas dos cavalos... Puh! É muito cruel!

Basílio disse, com um sorriso:

— Que faria se visse os combates de galos, minha senhora!

D. Felicidade tinha ouvido contar — mas achava todos esses divertimentos

bárbaros, contra a religião.

E recordando um gozo que lhe punha um riso na face gorda:

— Pra mim não há nada como uma boa noite de teatro! Nada!

— Mas aqui representam tão mal! — replicou Basílio com uma voz desolada. — Tão mal, minha rica senhora!

D. Felicidade não respondeu; meio erguida na cadeira, o olhar avivado de um brilho húmido, saudava desesperadamente com a mão:

— Não me viu — disse desconsolada.

— Era o Conselheiro? — perguntou Luísa.

— Não. Era a condessa de Alviela. Não me viu! Vai muito à Encarnação, sou muito dela. É um anjo!

Não me viu. Ia com o sogro.

Basílio não tirava os olhos de Luísa. Sob o véu branco, à luz falsa do gás, no ar enevoado da poeira, o seu rosto tinha uma forma alva e suave, onde os olhos que a noite escurecia punham uma expressão apaixonada; os cabelinhos louros, frisados, tornando a testa mais pequena, davam-lhe uma graça ameninada e amorosa; e as luvas *gris-perle* faziam destacar sobre o vestido negro o desenho elegante das mãos, que ela pousara no regaço, sustentando o leque, com uma fofa renda branca em torno dos seus pulsos finos.

— E tu, que fizeste hoje? — perguntou-lhe Basílio.

Tinha-se aborrecido muito. Estivera todo o santo dia a ler.

Também ele passara a manhã deitado no sofá a ler «A Mulher de Fogo» de Belot. Tinha lido, ela?

— Não, que é?

— É um romance, uma novidade.

E acrescentou sorrindo:

— Talvez um pouco picante; não to aconselho!

D. Felicidade andava a ler o «Rocambole». Tanto lho tinham apregoado! Mas era uma tal trapalhada! Embrulhava-se, esquecia-se... E ia deixar, porque tinha percebido que a leitura lhe aumentava a indigestão.

— Sofre? — perguntou Basílio, com um interesse bem-educado.

D. Felicidade contou logo a sua dispepsia. Basílio aconselhou-lhe o uso do gelo. — De resto felicitava-a, porque

as doenças de estômago, ultimamente, tinham muito chique. Interessou-se pela dela, pediu pormenores.

D. Felicidade prodigalizou-os; e, falando, via-se-lhe crescer no olhar, na voz a sua simpatia por Basílio. Havia de usar o gelo!

— Com o vinho, já se sabe?

— Com o vinho, minha senhora!

— E olha que talvez! — exclamou D. Felicidade, batendo com o leque no braço de Luísa, já esperançada.

Luísa sorriu, ia responder — mas viu o sujeito pálido de pera longa que fitava nela os seus olhos langorosos, com obstinação. Voltou o rosto importunada. O sujeito afastou-se, retorcendo a ponta da pera.

Luísa sentia-se mole; o movimento

rumoroso e monótono, a noite cálida, a acumulação da gente, a sensação de verdura em redor davam ao seu corpo de mulher caseira um torpor agradável, um bem-estar de inércia, envolviam-na numa doçura emoliente de banho momo. Olhava com um vago sorriso, o olhar frouxo; quase tinha preguiça de mexer as mãos, de abrir o leque.

Basílio notou o seu silêncio. — Tinha sono?

D. Felicidade sorriu com finura.

— Ora, vê-se sem o seu maridinho! Desde que o não tem está esta mona que se vê.

Luísa respondeu, olhando Basílio instintivamente:

— Que tolice! Até estes dias tenho andado bem alegre!

Mas D. Felicidade insistia:

— Ora, bem sabemos, bem sabemos. Esse coraçãozinho está no Alentejo!

Luísa disse, com impaciência:

— Não hás de querer que me ponha aos pulos e às gargalhadas no Passeio.

— Está bem, não te enfureças! — exclamou D. Felicidade. E para Basílio: — Que geniozinho, hem!

Basílio pôs-se a rir.

— A prima Luísa antigamente era uma víbora. Agora não sei...

D. Felicidade acudiu:

— É uma pomba, coitada, é uma pomba! Não, lá isso, é uma pomba.

E envolvia-a num olhar maternal.

Mas a família taciturna ergueu-se,

sem ruído — e as meninas adiante, os pais atrás, afastaram-se lugubremente, sucumbidos.

Basílio imediatamente apossou-se da cadeira ao pé de Luísa — e vendo D. Felicidade a olhar distraída:

— Estive para te ir ver de manhã — disse baixinho a Luísa.

Ela ergueu a voz, muito naturalmente, com indiferença:

— E porque não foste? Tínhamos feito música. Fizeste mal. Devias ter ido...

D. Felicidade quis então saber as horas. Começava a enfastiar-se. Tinha esperado encontrar o conselheiro: por ele, para lhe parecer bem, fizera o sacrifício de se apertar; Acácio não vinha, os gases começavam a afrontá-la; e o despeito daquela ausência aumentava-lhe a tortura

da digestão. Na sua cadeira, com o corpo mole, ia seguindo a multidão que girava incessantemente, numa névoa empoeirada.

Mas a música, no coreto, bateu de repente, alto, a grande ruído de cobres, os primeiros compassos impulsivos da marcha do «Fausto». Aquilo reanimou-a. Era um *pot-pourri* da ópera — e não havia música de que gostasse mais. Estaria para a abertura de S. Carlos, o Sr. Basílio?

Basílio disse, com uma intenção, voltando-se para Luísa:

— Não sei, minha senhora, depende...

Luísa olhava calada. A multidão crescera. Nas ruas laterais, mais espaçosas, frescas, passeavam apenas, sob a penumbra das árvores, os

acanhados, as pessoas de luto, os que tinham o fato coçado. Toda a burguesia domingueira viera amontoar-se na rua do meio, no corredor formado pelas filas cerradas das cadeiras do asilo: e ali se movia enlatada, com a lentidão espessa de uma massa mal derretida, arrastando os pés, raspando o macadame, num amarfanhamento plebeu, a garganta seca, os braços moles, a palavra rara. Iam, vinham, incessantemente, para cima e para baixo, com um bamboleamento relaxado e um rumor grosso, sem alegria e sem bonomia, no arrebatamento passivo que agrada às raças mandrionas: no meio da abundância das luzes e das festividades da música, um tédio morno circulava, penetrava como uma névoa; a poeirada fina envolvia as figuras, dava-lhes um tom

neutro; e nos rostos que passavam sob os candeeiros, nas zonas mais diretas de luz, viam-se desconsolações de fadiga e aborrecimentos de dia santo.

Defronte as casas da Rua Ocidental tinham na sua fachada o reflexo claro das luzes do Passeio; algumas janelas estavam abertas; as cortinas de fazenda escura destacavam sobre a claridade interior dos candeeiros. Luísa sentia como uma saudade de outras noites de verão, de serões recolhidos. Onde? Não se lembrava. O movimento então retraía-a; e encontrava em face, fitando-a numa atitude lúgubre, o sujeito da pera longa. Debaixo do véu sentia a poeira arder-lhe nos olhos: em redor dela gente bocejava.

D. Felicidade propôs uma volta.

Levantaram-se, foram rompendo devagar: as filas das cadeiras apertavam-se compactamente, e uma infinidade de faces a que a luz do gás dava o mesmo tom amarelado olhavam de um modo fixo e cansado, num abatimento de pasmaceira. Aquele aspeto irritou Basílio, e como era difícil andar lembrou «que se fossem daquela sensaboria».

Saíram. Enquanto ele ia comprar os bilhetes, D. Felicidade, deixando-se quase cair num banco sob a folhagem de um chorão, exclamou aflita:

— Ai, filha! Estou que arrebento!

Passava a mão no estômago, tinha a face envelhecida.

— E o Conselheiro, que me dizes? Olha que já é pouca sorte! Hoje que eu vim ao Passeio...

Suspirou, abanando-se. E com o seu sorriso bondoso:

— É muito simpático, teu primo! E que maneiras! Um verdadeiro fidalgo. Que eles conhecem-se, filha!

Declarou-se muito fatigada, apenas saíram o portão. Era melhor tomarem um trem.

Basílio achava preferível subirem a pé até ao Largo do Loreto. A noite estava tão agradável! E o andar fazia bem à Sr.ª D. Felicidade!

Depois diante do Martinho, falou em irem tomar neve; mas D. Felicidade receava a frialdade, Luísa tinha vergonha. Pelas portas do café abertas, viam-se sobre as mesas jornais enxovalhados; e algum raro indivíduo, de calça branca, tomava placidamente o seu sorvete de

morango.

No Rossio, sob as árvores, passeava-se; pelos bancos, gente imóvel parecia dormitar; aqui e além pontas de cigarro reluziam; sujeitos passavam, com o chapéu na mão, abanando-se, o colete desabotoado; a cada canto se apregoava água fresca «do Arsenal»; em torno do largo, carruagens descobertas rodavam vagarosamente. O céu abafava — e na noite escura, a coluna da estátua de D. Pedro tinha o tom baço e pálido de uma vela de estearina colossal e apagada.

Basílio, ao pé de Luísa, ia calado. «Que horror de cidade!.», pensava. «Que tristeza!» E lembrava-lhe Paris, de verão: subia, à noite, no seu faetonte, os Campos Elísios devagar: centenares de vitórias descem, sobem rapidamente, com um trote

discreto e alegre; e as lanternas fazem em toda a avenida um movimento jovial de pontos de luz; vultos brancos e mimosos de mulheres reclinam-se nas almofadas, balançadas nas molas macias; o ar em redor tem uma doçura aveludada, e os castanheiros espalham um aroma subtil. Dos dois lados, de entre os arvoredos, saltam as claridades violentas dos cafés cantantes, cheios do *bruhaha* das multidões alegres, dos *brios* impulsivos das orquestras; os restaurantes flamejam; há uma intensidade de vida amorosa e feliz; e, para além, sai das janelas dos palacetes, através dos estores de seda, a luz sóbria e velada das existências ricas. Ah! se lá estivesse! — Mas ao passar junto dos candeeiros olhava de lado para Luísa: o seu perfil fino sob o véu branco

tinha uma grande doçura; o vestido prendia bem a curva do seu peito; e havia no seu andar uma lassidão que lhe quebrava a linha da cinta de um modo lânguido e prometedor.

Veio-lhe uma certa ideia, começou a dizer: — Que pena que não houvesse em toda a Lisboa um restaurante onde se pudesse ir tomar uma asa de perdiz e beber uma garrafa de *champagne frapée!*

Luísa não respondeu. «Devia ser delicioso», pensava. Mas D. Felicidade exclamou:

— Perdiz, a esta hora!

— Perdiz ou outra qualquer coisa.

— Fosse o que fosse, era para estourar! Credo!

Subiam pela Rua Nova do Carmo. Os candeeiros davam uma luz mortiça: as

altas casas dos dois lados, apagadas, entalavam, carregavam a sombra; e a patrulha, muito armada, descia passo a passo, sem ruído, sinistra e subtil.

Ao Chiado um garoto de barrete azul perseguiu-os com cautelas de lotaria; a sua voz aguda e chorosa prometia a fortuna, muitos contos de reis. D. Felicidade ainda parou, com uma tentação. Mas uma troça de rapazes bêbedos que desciam de chapéu na nuca, falando alto, aos tropeções, assustou muito as duas senhoras, Luísa encolheu-se logo contra Basílio, D. Felicidade enfiada agarrou-lhe ansiosamente o braço, quis-se meter numa carruagem; e até ao Loreto foi explicando o seu medo aos borrachos, com a voz atarantada, contando casos, facadas, sem largar o braço de Basílio.

Da fileira de tipoias, ao lado das grades da Praça de Camões, um cocheiro lançou logo a sua caleche descoberta, de pé na almofada, apanhando confusamente as rédeas, com grandes chicotadas na parelha, muito excitado, gritando:

— Pronto, meu amo, pronto!

Demoraram-se um momento ainda conversando. Um homem então passou, rondou — e Luísa desesperada reconheceu os olhos acarneirados do sujeito da pera.

Entraram para a caleche, Luísa ainda se voltou para ver Basílio imóvel no largo, com o seu chapéu na mão: depois acomodou-se, pôs os pezinhos no outro assento e balançada pelo trote largo viu passar, calada, as casas apagadas da Rua de S. Roque, as árvores de S. Pedro

de Alcântara, as fachadas estreitas do Moinho de Vento, os jardins adormecidos da Patriarcal. A noite estava imóvel, de um calor mole; e desejava, sem saber porquê, rolar assim sempre, infinitamente, entre ruas, entre grades cheias de folhagem de quintas nobres, sem destino, sem cuidados, para alguma coisa de feliz que não distinguia bem! Um grupo defronte da Escola ia tocando o «Fado do Vimioso»; aqueles sons entraram-lhe na alma como um vento doce, que fazia agitar brandamente muitas sensibilidades passadas: suspirou baixo.

— Um suspirozinho que vai para o Alentejo — disse D. Felicidade, tocando-lhe o braço.

Luísa sentiu todo o sangue abrasar-lhe o rosto. Davam onze horas

quando entrou em casa.

Juliana veio alumiar. — O chá estava pronto, quando a senhora quisesse...

Luísa subiu daí a pouco com um largo roupão branco, muito fatigada, estendeu-se na *voltaire;* sentia vir-lhe uma sonolência, a cabeça pendia-lhe, cerrava as pálpebras... E Juliana tardava tanto com o chá! Chamou-a. Onde estava? Credo!

Tinha descido, pé ante pé, ao quarto de Luísa. E aí tomando o vestido, as saias engomadas que ela despira e atirara para cima da *causeuse*, desdobrou-as, revirou-as, examinou-as, e com uma certa ideia, cheirou-as! Havia o vago aroma de um corpo lavado e quente, com uma pontinha de suor e de água-de-

colónia. Quando a sentiu chamar, impacientar-se em cima, subiu correndo — Fora a baixo dar uma arrumadela. Era o chá? Estava pronto...

E entrando com as torradas:

— Veio aí o Sr. Sebastião, haviam de ser nove horas...

— Que lhe disse?

— Que a senhora tinha saído com a Sr.ª D. Felicidade. Como não sabia, não disse para onde.

E acrescentou:

— Esteve a conversar comigo, o Sr. Sebastião... Esteve a conversar mais de meia hora!...

***

Luísa recebeu, na manhã seguinte,

da parte de Sebastião, um ramo de rosas, magenta-escuro, magníficas. Cultivava-as ele na quinta de Almada, e chamavam-se «rosas D. Sebastião». Mandou-as pôr nos vasos da sala, e como o dia estava encoberto, de um calor baixo e sufocante:

— Olhe — disse a Juliana — abra as janelas.

«Bem», pensou Juliana, «temos cá o melro».

O «melro» veio com efeito às três horas. Luísa estava na sala, ao piano.

— Está ali o sujeito do costume — foi dizer Juliana.

Luísa voltou-se corada, escandalizada da expressão:

— Ah! meu primo Basílio? Mande entrar.

E chamando-a:

— Ouça, se vier o Sr. Sebastião, ou alguém, que entre.

Era o primo! O «sujeito», as suas visitas perderam de repente para ela todo o interesse picante. A sua malícia cheia, enfunada até aí, caiu, engelhou-se como uma vela a que falta o vento. Ora, adeus! Era o primo!

Subiu à cozinha, devagar — lograda.

— Temos grande novidade, Sr.ª Joana! O tal peralta é primo. Diz que é o primo Basílio.

E com um risinho:

— É o Basílio! Ora o Basílio! Sai-nos primo à última hora! O diabo tem graça!

— Então que havia de o homem ser senão parente? — observou Joana.

Juliana não respondeu. Quis saber se estava o ferro pronto, que tinha uma carga de roupa para passar! E sentou-se à janela, esperando. O céu baixo e pardo pesava, carregado de eletricidade; às vezes uma aragem súbita e fina punha nas folhagens dos quintais um arrepio trémulo.

— É o primo! — refletia ela. — E só vem então quando o marido se vai. Boa! E fica-se toda no ar quando ele sai, e é roupa branca e mais roupa branca, e roupão novo, e tipoia para o passeio, e suspiros e olheiras! Boa bêbeda! Tudo fica na família!

Os olhos luziam-lhe. Já se não sentia tão lograda. Havia ali muito «para ver e para escutar». E o ferro estava pronto?

Mas a campainha, em baixo,

tocou.

— Boa! Isto agora é um fadário! Estamos na casa do despacho!

Desceu; e exclamou logo, vendo Julião com um livro debaixo do braço:

— Faz favor de entrar, Sr. Julião! A senhora está com o primo, mas diz que mandasse entrar!

Abriu a porta da sala bruscamente, de surpresa.

— Está aqui o Sr. Julião — disse com satisfação.

Luísa apresentou os dois homens.

Basílio ergueu-se do sofá languidamente, e, num relance, percorreu Julião desde a cabeleira desleixada até às botas mal engraxadas, com um olhar quase horrorizado.

«Que pulha!», pensou.

Luísa, muito fina, percebeu, e corou, envergonhada de Julião.

Aquele homem de colarinho enxovalhado e com um velho casaco de pano preto mal feito — que ideia daria a Basílio das relações, dos amigos da casa! Sentia já o seu chique diminuído. E instintivamente, a sua fisionomia tornou-se muito reservada — como se semelhante visita a surpreendesse, semelhante *toilette* a indignasse!

Julião percebeu o constrangimento dela, disse, já embaraçado, ajeitando a luneta:

— Passei por aqui por acaso, entrei a saber se há algumas notícias de Jorge...

— Obrigada. Sim, tem escrito. Está bem...

Basílio, recostado no sofá, como um parente íntimo, examinava a sua meia de seda bordada de estrelinhas escarlates, e cofiava indolentemente o bigode, arrebitando um pouco o dedo mínimo — onde brilhavam, em dois grossos anéis de ouro, uma safira e um rubi.

A afetação da atitude, o reluzir das joias irritaram Julião.

Quis mostrar também a sua intimidade, os seus direitos, disse:

— Eu não tenho vindo fazer-lhe um bocado de companhia, porque tenho estado muito ocupado...

Luísa acudiu para desautorizar logo aquela familiaridade:

— Eu também não me tenho achado hem. Não tenho recebido ninguém — a não ser meu primo, naturalmente!

Julião sentiu-se renegado! E todo vermelho, de surpresa, de indignação, ficou a balançar a perna, calado, com o livro sobre o joelho; como a calça era curta, via-se o elástico esfiado das botas velhas.

Houve um silêncio difícil.

— Bonitas rosas! — disse enfim Basílio, preguiçosamente.

— Muito bonitas! — respondeu Luísa.

Estava agora compadecida de Julião, procurava uma palavra; disse-lhe enfim muito precipitadamente:

— E que calor! É de morrer! Tem havido muitas doenças?

— Colerinas — respondeu Julião. — Por causa das frutas. Doenças de ventre.

Luísa baixou os olhos. Basílio então começou a falar da viscondessinha de Azeias: tinha-a achado acabada; e que era feito da irmã, da grande?

Aquela conversação sobre fidalgas que ele não conhecia isolava mais Julião: sentia o suor humedecer-lhe o pescoço; procurava um dito, uma ironia, uma agudeza; e maquinalmente ahria e fechava o seu grosso livro de capa amarela.

— É algum romance? — perguntou-lhe Luísa.

— Não. É o tratado doDr. Lee sobre doenças de útero.

Luísa fez-se escarlate: Julião também, furioso da palavra que lhe escapara. E Basílio, depois de sorrir, perguntou por uma certa D. Rafaela Grijó,

que costumava ir à Rua da Madalena, que usava luneta, e tinha um cunhado gago...

— Morreu-lhe o marido. Casou com o cunhado.

— Com o gago?

— Sim. Tem um filhito dele, gago também.

— Que conversação, em família! E a D. Eugénia, a de Braga?

Julião, exasperado, ergueu-se; e com uma voz de garganta seca:

— Estou com pressa, não me posso demorar. Quando escrever a Jorge, os meus recados, hem?

Abaixou bruscamente a cabeça a Basílio. Mas não achava o chapéu, tinha rolado para debaixo de uma cadeira. Embrulhou-se no reposteiro, topou violentamente contra a porta fechada, e

saiu enfim desesperado, desejando vingar-se, odiando Luísa, Jorge, o luxo, a vida — transbordando agora de ironias, de ditos, de réplicas. Devia-os ter achatado, o asno e a tola... E não lhe acudira nada!

Mas apenas ele tinha fechado a cancela, Basílio pôs-se de pé, e cruzando os braços:

— Quem é este pulha?

Luísa corou muito, balbuciou:

— É um rapaz médico...

— É uma criatura impossível, é uma espécie de estudante!

— Coitado, não tem muitos meios...

Mas não era necessário ter meios para escovar o casaco e limpar a caspa! Não devia receber semelhante homem!

Envergonha uma casa. Se seu marido gostava dele, que o recebesse no escritório!...

Passeava pela sala, excitado, com as mãos nos bolsos, fazendo tilintar o dinheiro e as chaves.

— São frescos os amigos da casa!... — continuou. — Que diabo! Tu não foste educada assim. Nunca tiveste gente deste género na Rua da Madalena.

Não tivera: e pareceu-lhe que as ligações do casamento lhe tinham trazido um pouco o plebeísmo das convivências. Mas um respeito pelas opiniões, pelas simpatias de Jorge fez-lhe dizer:

— Diz que tem muito talento...

— Era melhor que tivesse botas.

Luísa, por cobardia, concordou.

— Também o acho esquisito! —

disse.

— Horrível, minha filha!

Aquela palavra fez-lhe bater o coração. Era assim que ele lhe chamava, outrora! Houve um momento de silêncio: — e a campainha da porta retiniu fortemente.

Luísa ficou assustada. Jesus! Se fosse Sebastião! Basílio achá-lo-ia ainda mais reles! Mas Juliana veio dizer:

— O senhor Conselheiro. Mando entrar?

— Decerto — exclamou.

E a alta figura de Acácio adiantou-se, com as bandas do casaco de alpaca deitadas para trás, a calça branca muito engomada caindo sobre os sapatos de entrada abaixo, de laço.

Apenas Luísa lhe apresentou o

primo Basílio, disse logo, respeitoso:

— Já sabia que Vossa Excelência tinha chegado, vi-o nas interessantes notícias do nosso *High Life*. E do nosso Jorge?

Jorge estava em Beja... Diz que se aborrece muito...

Basílio, mais amável, deixou cair:

— Eu realmente não tenho a menor ideia do que se possa fazer em Beja. Deve ser horroroso!

O conselheiro, passando sobre o bigode a sua mão branca onde destacava o anel de armas, observou:

— É todavia a capital do distrito!

Mas se já em Lisboa se não podia fazer nada, e era a capital do Reino! — E Basílio puxava, todo recostado, o punho da camisa. — Morria-se positivamente de

pasmaceira!

Luísa, muito contente da afabilidade de Basílio, pôs-se a rir:

— Não digas isso diante do Conselheiro. É um grande admirador de Lisboa.

Acácio curvou-se.

— Nasci em Lisboa, e aprecio Lisboa, minha rica senhora.

E com muita bonomia:

— Conheço porém que não é para comparar aos Parises, às Londres, às Madrides...

— Decerto — fez Luísa.

E o conselheiro continuou com pompa:

— Lisboa porém tem belezas sem igual! A entrada, ao que me dizem (eu nunca entrei a barra), é um panorama

grandioso, rival das Constantinoplas e das Nápoles. Digno da pena de um Garrett ou de um Lamartine! Próprio para inspirar um grande engenho!...

Luísa, receando citações ou apreciações literárias, interrompeu-o, perguntou-lhe o que tinha feito? Tinham estado domingo no Passeio, ela e D. Felicidade, tinham esperado vê-lo, e nada!

Nunca ia ao Passeio, ao domingo — declarou. — Reconhecia que era muito agradável, mas a multidão entontecia-o. Tinha notado —, e a sua voz tomou o tom espaçado de uma revelação — tinha notado que muita gente, num local, causa vertigens aos homens de estudo. De resto queixou-se da sua saúde e do peso dos seus trabalhos. Andava compilando um

livro e usando as águas de Vichy.

— Podes fumar — disse Luísa de repente, sorrindo a Basílio. — Queres lume?

Ela mesmo lhe foi buscar um fósforo, toda ligeira, feliz. Tinha um vestido claro, um pouco transparente, muito fresco. Os seus cabelos pareciam mais louros, a sua pele mais fina.

Basílio soprou o fumo do charuto, e declarou muito reclinado:

— O Passeio ao domingo é simplesmente idiota!...

O conselheiro refletiu e respondeu:

— Não serei tão severo, Sr. Brito! — Mas parecia-lhe que com efeito antigamente era uma diversão mais agradável. — Em primeiro lugar —

exclamou com muita convicção, endireitando-se — nada, mas nada, absolutamente nada pode substituir a charanga da Armada! — Além disso havia a questão dos preços... Ah! tinha estudado muito o assunto! Os preços diminutos favoreciam a aglomeração das classes subalternas... Que longe do seu pensamento lançar desdouro nessa parte da população... As suas ideias liberais eram bem conhecidas. — Apelo para a Sr.ª D. Luísa! — disse. Mas enfim, sempre era mais agradável encontrar uma roda escolhida! Enquanto a si nunca ia ao Passeio. Talvez não acreditassem, mas nem mesmo quando havia fogo de vistas! Nesses dias, sim, ia ver por fora das grades. Não por economia! Decerto não. Não era rico, mas podia fazer face a essa

contribuição diminuta. Mas é que receava os acidentes! É que os receava muito! Contou a história de um sujeito, cujo nome lhe escapava, a quem uma cana de foguete furara o crânio. — E além disso nada mais fácil que cair uma fagulha acesa na cara, num paletó novo... É conveniente ter prudência — resumiu, compenetrado, limpando os beiços com o lenço de seda da Índia muito enrolado.

Falaram então da estação: muita gente fora para Sintra; de resto, Lisboa no verão era tão secante!... E o conselheiro declarou que Lisboa só era imponente, verdadeiramente imponente, quando estavam abertas as Câmaras e S. Carlos!

— Que estavas tu a tocar quando eu entrei? — perguntou Basílio.

O conselheiro acudiu logo:

— Se estavam fazendo música, por quem são... Sou um velho assinante de S. Carlos, há dezoito anos...

Basílio interrompeu-o:

— Toca?

— Toquei. Não o oculto. Em rapaz fui dado à flauta.

E acrescentou, com um gesto benévolo:

— Rapaziadas!... Alguma novidade, o que estava tocando, D. Luísa?

— Não! Uma música muito conhecida, já antiga: «A Filha do Pescador», de Meyerbeer! Tenho a letra traduzida.

Tinha cerrado as vidraças, sentara-se ao piano.

— O Sebastião é que toca isto bem, não é verdade, Conselheiro?

— O nosso Sebastião — disse o conselheiro com autoridade — é um rival dos Thalbergse dos Liszts. Conhece o nosso Sebastião? — perguntou a Basílio.

— Não, não conheço.

— Uma pérola!

Basílio tinha-se aproximado do piano devagar, frisando o bigode.

— Tu ainda cantas? — perguntou-lhe Luísa, sorrindo.

— Quando estou só.

Mas o conselheiro pediu-lhe logo um trecho. Basílio ria. Tinha medo de escandalizar um velho assinante de S. Carlos.

O conselheiro animou-o; disse mesmo paternalmente:

— Coragem, Sr. Brito, coragem!

Luísa então preludiou.

E Basílio soltou logo a voz, cheia, bem timbrada, de barítono; as suas notas altas faziam a sala sonora. O conselheiro, direito na poltrona, escutava concentrado: a sua testa, franzida num vinco, parecia curvar-se sob uma responsabilidade de juiz; e as lunetas defumadas destacavam, com reflexos escuros, naquela fisionomia de calvo, que o calor tornava mais pálida.

Basílio dizia com uma melancolia grave a primeira frase, tão larga, da canção:

Igual ao mar sombrio
Meu coração profundo...

Um poeta, com uma dedicação obscura, traduzira a letra no «Almanaque das Senhoras». Luísa pela sua própria

mão a tinha copiado nas entrelinhas da música. E Basílio debruçado sobre o papel, sempre torcendo as pontas do bigode:

Tem tempestades, cóleras,
Mas pérolas no fundo!

Os olhos largos de Luísa afirmavam-se para a música — ou a espaços, com um movimento rápido, erguiam-se para Basílio. Quando, na nota final, prolongada como a reclamação de um amor suplicante, Basílio soltou a voz de um modo apelativo:

Vem! vem
Pousar, ó doce amada.
Teu peito contra o meu...

os seus olhos fixaram-se nela com uma significação de tanto desejo, que o peito de Luísa arfou, os seus dedos embrulharam-se no teclado.

O conselheiro bateu as palmas.

— Uma voz admirável! — exclamava. — Uma voz admirável!

Basílio dizia-se envergonhado.

— Não, senhor, não, senhor! — protestou Acácio, levantando-se. — Um excelente órgão! Direi, o melhor órgão da nossa sociedade!

Basílio riu. Uma vez que tinha sucesso, então ia dizer-lhes uma modinha brasileira da Baía. Sentou-se ao piano, e depois de ter preludiado uma melodia muito balançada, de um embalado tropical, cantou:

Sou negrinha, mas meu peito
Sente mais que um peito branco.

E interrompendo-se:

— Isto fazia furor nas reuniões da Baía quando eu parti.

Era a história de uma negrinha nascida na roça, e que contava, com lirismos de almanaque, a sua paixão por um feitor branco.

Basílio parodiava o tom sentimental de alguma menina baiana; e a sua voz tinha uma preciosidade cómica, quando dizia o *ritornello* choroso:

E a negra pra os mares
Seus olhos alonga;
No alto coqueiro

Cantava a araponga.

O conselheiro achou «delicioso»; e, de pé na sala, lamentou a propósito da cantiga a condição dos escravos. Que lhe afirmavam amigos do Brasil que os negros eram muito bem tratados. Mas enfim a civilização era a civilização! e a escravatura era um estigma! Tinha todavia muita confiança no imperador...

— Monarca de rara ilustração... — acrescentou respeitosamente.

Foi buscar o seu chapéu, e colocando-lhe as abas no peito, curvando-se, jurou que havia muito tempo não tinha passado uma manhã tão completa. De resto para ele nada havia como a boa conversação e a boa música...

— Onde está Vossa Excelência

alojado, Sr. Brito?

Pelo amor de Deus! Que não se incomodasse! Estava no Hotel Central.

Não havia considerações que o impedissem de cumprir o seu dever — declarou. — Cumpri-lo-ia! Ele era uma pessoa inútil, a Sr.ª D. Luísa bem o sabia. — Mas se necessitar alguma coisa, uma informação, uma apresentação nas regiões oficiais, licença para visitar algum estabelecimento público, creia que me tem às suas ordens!

E conservando na sua mão, a mão de Basílio:

— Rua do Ferregial de Cima número três, terceiro. O modesto tugúrio de um eremita.

Tornou a curvar-se diante de Luísa:

— E quando escrever ao nosso viajante, que faço sinceros votos pela prosperidade dos seus empreendimentos. Por quem é! Criado de Vossa Excelência!

E direito, grave, saiu.

— Este ao menos é limpo — resmungou Basílio, com o charuto ao canto da boca.

Sentara-se outra vez ao piano, corria os dedos pelo teclado. Luísa aproximou-se:

— Canta alguma coisa, Basílio!

Basílio pôs-se então a olhar muito para ela.

Luísa corou, sorriu; através da fazenda clara e transparente do vestido, entrevia-se a brancura macia e láctea do colo e dos braços; e nos seus olhos, na cor quente do rosto havia uma animação e

como uma vitalidade amorosa.

Basílio disse-lhe, baixo:

— Estás hoje nos teus dias felizes, Luísa.

O olhar dele, tão ávido, perturbava-a: insistiu:

— Canta alguma coisa.

O seu seio arfava.

— Canta tu — murmurou Basílio.

E devagarinho, tomou-lhe a mão. As duas palmas um pouco húmidas, um pouco trémulas, uniram-se.

A campainha, fora, tocou. Luísa desprendeu a mão bruscamente.

— É alguém — disse agitada.

Vozes baixas falavam à cancela.

Basílio teve um movimento de ombros contrariado, foi buscar o chapéu.

— Vais-te? — exclamou ela toda

desconsolada.

— Pudera! Não posso estar só contigo um momento!

A cancela fechou-se com ruído.

— Não é ninguém, foi-se — disse Luísa.

Estavam de pé, no meio da sala.

— Não te vás! Basílio!

Os seus olhos profundos tinham uma suplicação doce. Basílio pousou o chapéu sobre o piano; mordia o bigode um pouco nervoso.

— E para que queres tu estar só comigo? — disse ela. — Que tem que venha gente? — E arrependeu-se logo daquelas palavras.

Mas Basílio, com um movimento brusco, passou-lhe o braço sobre os ombros, prendeu-lhe a cabeça, e beijou-a

na testa, nos olhos, nos cabelos, vorazmente.

Ela soltou-se a tremer, escarlate.

— Perdoa-me — exclamou ele logo, com um ímpeto apaixonado. — Perdoa-me. Foi sem pensar. Mas é porque te adoro, Luísa!

Tomou-lhe as mãos com domínio, quase com direito.

— Não. Hás de ouvir. Desde o primeiro dia que te tornei a ver estou doido por ti, como dantes, a mesma coisa. Nunca deixei de me morrer por ti. Mas não tinha fortuna, tu bem o sabes, e queria-te ver rica, feliz. Não te podia levar para o Brasil. Era matar-te, meu amor! Tu imaginas lá o que aquilo é! Foi por isso que te escrevi aquela carta, mas o que eu sofri, as lágrimas que chorei!

Luísa escutava-o imóvel, a cabeça baixa, o olhar esquecido; aquela voz quente e forte, de que recebia o bafo amoroso, dominava-a, vencia-a; as mãos de Basílio penetravam com o seu calor febril a substância das suas; e, tomada de uma lassidão, sentia-se como adormecer.

— Fala, responde! — disse ele ansiosamente, sacudindo-lhe as mãos, procurando o seu olhar avidamente.

— Que queres que te diga? — murmurou ela.

A sua voz tinha um tom abstrato, mal acordado.

E desprendendo-se devagar, voltando o rosto:

— Falemos noutras coisas!

Ele balbuciava com os braços estendidos:

— Luísa! Luísa!

— Não, Basílio, não!

E na sua voz havia o arrastado de uma lamentação, com a moleza de uma carícia.

Ele então não hesitou, prendeu-a nos braços.

Luísa ficou inerte, os beiços brancos, os olhos cerrados — e Basílio, pousando-lhe a mão sobre a testa, inclinou-lhe a cabeça para trás, beijou-lhe as pálpebras devagar, a face, os lábios depois muito profundamente; os beiços dela entreabriram-se, os seus joelhos dobraram-se.

Mas de repente todo o seu corpo se endireitou, com um pudor indignado, afastou o rosto, exclamou aflita:

— Deixa-me, Deixa-me!

Viera-lhe uma força nervosa; desprendeu-se, empurrou-o; e passando as mãos abertas pela testa, pelos cabelos:

— Oh, meu Deus! É horrível! — murmurou. — Deixa-me! É horrível!

Ele adiantava-se com os dentes cerrados; mas Luísa recuava, dizia:

— Vai-te. Que queres tu? Vai-te! Que fazes tu aqui? Deixa-me!

Ele então tranquilizou-a com a voz subitamente serena e humilde. Não percebia. Porque se zangava? Que tinha um beijo? Ele não pedia mais. Que tinha ela imaginado, então? Adorava-a, decerto, mas puramente.

— Juro-to! — disse com força, batendo no peito.

Fê-la sentar no sofá, sentou-se ao pé dela. Falou-lhe muito sensatamente. —

Via as circunstâncias, e resignar-se-ia. Seria como uma amizade de irmãos, nada mais.

Ela escutava-o, esquecida.

Decerto, dizia ele, aquela paixão era uma tortura imensa. Mas era forte, dominar-se-ia. Só queria vir vê-la, falar-lhe. Seria um sentimento ideal — E os seus olhos devoravam-na.

Voltou-lhe a mão, curvou-se, pôs-lhe um beijo cheio na palma. Ela estremeceu, ergueu-se logo:

— Não! Vai-te!

— Bem, adeus.

Levantou-se com um movimento resignado e infeliz. E limpando devagar a seda do chapéu:

— Bem, adeus — repetiu melancolicamente.

— Adeus.

Basílio disse então com muita ternura:

— Estás zangada?

— Não!

— Escuta — murmurou, adiantando-se.

Luísa bateu com o pé.

— Oh que homem! Deixa-me! Amanhã. Adeus. Vai-te! Amanhã!

— Amanhã! — disse ele, baixinho.

E saiu rapidamente.

Luísa entrou no quarto toda nervosa. E ao passar diante do espelho ficou surpreendida: nunca se vira tão linda! Deu alguns passos calada.

Juliana arrumava roupa branca num gavetão do guarda-vestidos.

— Quem tocou há bocado? — perguntou Luísa.

— Foi o Sr. Sebastião. Não quis entrar; disse que voltava.

Tinha dito com efeito, «que voltava». Mas começava quase a envergonhar-se de vir assim todos os dias, e encontrá-la sempre «com uma visita!»

Logo no primeiro dia ficara muito surpreendido quando Juliana lhe disse: — Está com um sujeito! Um rapaz novo que já cá esteve ontem! — Quem seria? Conhecia todos os amigos da casa... Seria algum empregado da Secretaria ou algum proprietário de minas, o filho do Alonso, talvez, um negócio de Jorge decerto...

Depois no domingo, à noite, trazia-lhe a partitura de «Romeu e

Julieta», de Gounod, que ela desejava tanto ouvir, e quando Juliana lhe disse da varanda «que tinha saído com D. Felicidade de carruagem», ficou embaraçado com o grosso volume debaixo do braço, coçando devagar a barba. Onde teriam ido? Lembrou-se do entusiasmo de D. Felicidade pelo Teatro de D. Maria. Mas irem sós, naquele calor de julho, ao teatro! Enfim, era possível. Foi ao D. Maria.

O teatro, quase vazio, estava lúgubre; aqui e além, nalgum camarote, uma família feia perfilava-se, com cabelos negríssimos carregados de postiços, gozando soturnamente a sua noite de domingo: na plateia, à larga nas bancadas vazias, pessoas avelhadas e inexpressivas escutavam comum ar

encalmado e farto, limpando a espaços, com lenços de seda, o suor dos pescoços; na geral, gente de trabalho arregalava olhos negros em faces trigueiras e oleosas; a luz tinha um tom dormente; bocejava-se. E no palco, que representava uma sala de baile amarela, um velhote condecorado falava a uma magrita de cabelos riçados, sem cessar, com o tom diluído de uma água gordurosa e morna que escorre.

Sebastião saiu. Onde estariam? Soube-o na manhã seguinte. Descia o Moinho de Vento, e um vizinho, o Neto, que subia curvado sob o seu guarda-sol, com o cigarro ao canto do bigode grisalho, deteve-o bruscamente, para lhe dizer:

— Ó amigo Sebastião, ouça cá. Vi

ontem à noite no Passeio a D. Luísa com um rapaz que eu conheço. Mas donde conheço eu aquela cara? Quem diabo é?

Sebastião encolheu os ombros.

— Um rapaz alto, bonito, com um ar estrangeirado. Eu conheço-o. Noutro dia vi-o entrar para lá. Você não sabe?

Não sabia.

— Eu conheço aquela cara. Tenho estado a ver se me recordo... — passava a mão pela testa. — Eu conheço aquela cara! Ele é de Lisboa. De Lisboa é ele!

E depois de um silêncio, fazendo girar o guarda-sol:

— E que há de novo, Sebastião?

Também não sabia.

— Nem eu!

E bocejando muito:

— Isto está uma pasmaceira,

homem!

Nessa tarde, às quatro horas, Sebastião voltou a casa de Luísa. Estava com «o sujeito»! Ficou tão preocupado. Decerto era algum negócio de Jorge; porque não compreendia que ela falasse, sentisse, vivesse, que não fosse no interesse da casa e para maior felicidade de Jorge. Mas devia ser grave então — para reclamar visitas, encontros, tantas relações. Tinham pois interesses importantes que ele não conhecia! E aquilo parecia-lhe uma ingratidão, e como uma diminuição de amizade.

A tia Joana tinha-o achado macambúzio.

Foi ao outro dia que soube que o sujeito era o primo Basílio, o Basílio de Brito. O seu vago desgosto dissipou-se,

mas um receio mais definido veio inquietá-lo.

Sebastião não conhecia Basílio pessoalmente, mas sabia a crónica da sua mocidade. Não havia nela certamente, nem escândalo excecional, nem romance pungente. Basílio tinha sido apenas um «pândego» e, como tal, passara metodicamente por todos os episódios clássicos da estroinice lisboeta: — partidas de monte até de madrugada com ricaços do Alentejo; uma tipoia despedaçada num sábado de touros; ceias repetidas com alguma velha Lola e uma antiga salada de lagosta; algumas pegas aplaudidas em Salvaterra ou na Alhandra; noitadas de bacalhau e Colares nas tabernas fadistas; muita guitarra; socos bem jogados à face atónita de um polícia;

e uma profusão de gemas de ovos nas glórias do Entrudo. As únicas mulheres mesmo que apareciam na sua história, além das Lolas e das Carmens usuais, eram a Pistelli, uma dançarina alemã cujas pernas tinham uma musculatura de atleta, e a condessinha de Alvim, uma doida, grande cavaleira, que se separava de seu marido depois de o ter chicoteado, e que se vestia de homem para bater ela mesmo em trem de praça do Rossio ao Dafundo. Mas isto bastava para que Sebastião o achasse um «debochado», um «perdido»; ouvira que ele tinha ido para o Brasil para fugir aos credores; que enriquecera por acaso, numa especulação, no Paraguai; que mesmo na Baía, com a corda na garganta, nunca fora um trabalhador; e supunha que a posse da

fortuna, para ele, seria apenas um desenvolvimento dos vícios. E este homem agora vinha ver a Luisinha todos os dias, estava horas e horas, seguia-a ao Passeio...

Para quê?... Era claro, para a desinquietar!

Ia justamente descendo a rua, dobrado sob a pesada desconsolação destas ideias, quando uma voz encatarroada disse com respeito:

— Ó Sr. Sebastião!

Era o Paula dos móveis.

— Viva, Sr. João.

O Paula atirou para as pedras da rua um jato escuro de saliva, e com as mãos cruzadas debaixo das abas do comprido casaco de cotim, o tom grave:

— Ó Sr. Sebastião, há doença cá

por casa do senhor engenheiro?

Sebastião, todo surpreendido:

— Não, Porquê?

O Paula fez roncar a garganta, cuspilhou:

— É que tenho visto entrar para cá todos os dias um sujeito. Imaginei que fosse o médico.

E puxando o escarro:

— Desses novos, da homoepatia!

Sebastião tinha corado.

— Nada — disse. — É o primo de D. Luísa.

— Ah! — fez o Paula. — Pois pensei... Queira desculpar, Sr. Sebastião.

E curvou-se, respeitosamente.

«Já temos falatório!», foi pensando Sebastião.

E entrou em casa, descontente.

Morava ao fundo da rua, num prédio seu, de construção antiga, com quintal.

Sebastião era só. Tinha uma fortuna pequena em inscrições, terras de lavoura para o lado do Seixal, e a quinta em Almada — o Rosegal. As duas criadas eram muito antigas na casa. A Vicência, a cozinheira, era uma preta de S. Tomé, já do tempo da mamã. A tia Joana, a governanta, servia-o havia trinta e cinco anos; chamava ainda a Sebastião o «menino»; tinha já as tontices de uma criança, e recebia sempre os respeitos de uma avó. Era do Porto, do *Poârto*, como ela dizia, porque nunca perdera o seu acento minhoto. Era baixinha e gorda, com um sorriso muito bondoso; tinha os cabelos alvos como uma estriga, atados

no alto num rolinho com um antigo pente de tartaruga; trazia sempre um vasto lenço branco muito asseado, traçado sobre o peito. E todo o dia passarinhava pela casa, com o seu passinho arrastado, fazendo tilintar os molhos de chaves, resmungando provérbios, tomando rapé de uma caixa redonda, em cuja tampa se lascava o desenho abonecado da ponte pênsil do Porto.

Em toda a casa havia um tom caturra e doce: na sala de visitas, quase sempre fechada, o vasto canapé, as poltronas tinham o ar empertigado do tempo do senhor D. José I, e os estofos de damasco vermelho desbotado lembravam a pompa de uma corte decrépita; das paredes da casa de jantar pendiam as gravuras das primeiras batalhas de

Napoleão, onde se vê invariavelmente, numa eminência, o cavalo branco, para o qual galopa desenfreadamente do primeiro plano um hussardo, brandindo um sabre. Sebastião dormia os seus sonos de sete horas, sem sonhos, numa velha barra de pau-preto torneado; e numa saleta escura, sobre uma cómoda de fecharias de metal amarelo, conservava-se, havia anos, o padroeiro da casa, S. Sebastião — que se torcia, cravado de setas, nas cordas que o atavam ao tronco, à luz de uma lâmpada, muito cuidada pela tia Joana, sob os ruídos subtis dos ratos pelo forro.

A casa condizia com o dono. Sebastião tinha um génio antiquado. Era solitário e acanhado. Já no Latim lhe chamavam o «peludo»; punham-lhe rabos,

roubavam-lhe impudentemente as merendas. Sebastião, que tinha a força de um ginasta, oferecia a resignação de um mártir.

Foi sempre reprovado nos primeiros exames do liceu. Era inteligente, mas uma pergunta, o reluzir dos óculos de um professor, a grande lousa negra imobilizavam-no; ficava muito embezerrado, a face inchada e rubra, a coçar os joelhos, o olhar vazio.

Sua mãe, que era da aldeia e que fora padeira, muito vaidosa agora das suas inscrições, da sua quinta, da sua mobília de damasco, sempre vestida de seda, carregada de anéis costumava dizer:

— Ora! Tem que comer e beber! Estar a afligir a criança com estudos! Deixa lá, deixa lá!

A inclinação de Sebastião era pela música. Sua mãe, por conselhos da mãe de Jorge, sua vizinha e sua íntima, tomou-lhe um mestre de piano; logo desde as primeiras lições, a que ela assistia com enfeites de veludo vermelho e cheia de joias, o velho professor Aquiles Bentes, de óculos redondos e cara de coruja, exclamou excitado, com a sua voz nasal:

— Minha rica senhora! O seu menino é um génio! É um génio! Há de ser um Rossini! É puxar por ele! È puxar por ele!

Mas era justamente o que ela não queria, era puxar por ele, coitadinho! Por isso não foi um Rossini. E todavia o velho Bentes continuava a dizer, por hábito:

— Há de ser um Rossini! Há de ser um Rossini!

Somente em lugar de o gritar, brandindo papéis de música, murmurava-o, com bocejos enormes de leão enfastiado.

Já então os dois rapazes vizinhos, Jorge e Sebastião, eram íntimos. Jorge mais vivo, mais inventivo, dominava-o. No quintal, a brincar, Sebastião era sempre o «cavalo» nas imitações da diligência, o «vencido» nas guerras. Era Sebastião que carregava os pesos, que oferecia o dorso para Jorge trepar; nas merendas comia todo o pão, deixava a Jorge toda a fruta. Cresceram. E aquela amizade sempre igual, sem amuos, tornou-se na vida de ambos um interesse essencial e permanente.

Quando a mãe de Jorge morreu, pensaram mesmo em viver juntos;

habitariam a casa de Sebastião, mais larga e que tinha quintal; Jorge queria comprar um cavalo; mas conheceu Luísa no Passeio, e daí a dois meses passava quase todo o seu dia na Rua da Madalena.

Todo aquele plano jovial da *Sociedade Sebastião e Jorge* — chamavam-lhe assim, rindo — desabou, como um castelo de cartas. Sebastião teve um grande pesar.

E era ele, depois, que fornecia os ramos de rosas que Jorge levava a Luísa, sem espinhos, com cuidados devotos, embrulhados num papel de seda. Era ele que tratava dos arranjos do «ninho», ia apressar os estofadores, discutir preços de roupas, vigiar o trabalho dos homens que pregavam os tapetes, conferenciar com a inculcadeira, cuidar dos papéis do

casamento!

E à noite, fatigado como um procurador zeloso, tinha ainda de escutar com um sorriso as expansões felizes de Jorge, que passeava pelo quarto até às duas horas da noite em mangas de camisa, namorado, loquaz, brandindo o cachimbo!

Depois do casamento Sebastião sentiu-se muito só. Foi a Portei visitar um tio, um velho esquisito, com um olhar de doido, que passava a existência combinando enxertos no pomar, e lendo, relendo o «Eurico». Quando voltou, passado um mês, Jorge disse-lhe radioso:

— E sabes, hem? Isto agora é que é a tua casa! Aqui é que tu vives!

Mas nunca obteve de Sebastião que fosse a sua casa com uma inteira intimidade. Sebastião batia à porta,

timidamente. Corava diante de Luísa; o antigo «peludo» de Latim reaparecia.

Jorge lutara para que ele cruzasse sem-cerimónia as pernas, fumasse cachimbo diante dela, não lhe dissesse a todo o momento: — Vossa Excelência, Vossa Excelência — meio erguido na cadeira.

Nunca vinha jantar senão arrastado. Quando Jorge não estava, as suas visitas eram curtas, cheias de silêncio. Julgava-se gebo, tinha medo de maçar!

Nessa tarde, quando ele foi para a sala de jantar, a tia Joana veio-lhe perguntar pela Luisinha.

Adorava-a, achava-o um «anjinho», uma «açucena».

— Como está ela? Viu-a?

Sebastião corou, não quis dizer, como na véspera, «que estava gente, que não tinha entrado»; e abaixando-se, pondo-se a brincar com as orelhas do «Trajano», o seu velho perdigueiro:

— Está boa, tia Joana, está boa. Então como há de estar? Está ótima!

***

Àquela hora Luísa recebia uma carta de Jorge. Era de Portei, com muitas queixas sobre o calor, sobre as más estalagens, histórias sobre o extraordinário parente de Sebastião — saudades e mil beijos...

Não a esperava, e aquela folha de papel cheia de uma letra miudinha, que lhe fazia reaparecer vivamente Jorge, a

sua figura, o seu olhar, a sua ternura, deu-lhe uma sensação quase dolorosa. Toda a vergonha dos seus desfalecimentos cobardes, sob os beijos de Basílio, veio abrasar-lhe as faces. Que horror deixar-se abraçar, apertar! No sofá o que ele lhe dissera, com que olhos a devorara!... Recordava tudo — a sua atitude, o calor das suas mãos, a tremura da sua voz... E maquinalmente, pouco e pouco, ia-se esquecendo naquelas recordações, abandonando-se-lhe, até ficar perdida na deliciosa lassidão que elas lhe davam, com o olhar lânguido, os braços frouxos. Mas a ideia de Jorge vinha então outra vez fustigá-la como uma chicotada. Erguia-se bruscamente, passeava pelo quarto toda nervosa, com uma vaga vontade de chorar...

— Ah! Não! É horroroso, é horroroso! — dizia só, falando alto. — É necessário acabar!

Resolveu não receber Basílio, escrever-lhe, pedir-lhe que não voltasse, que partisse! Meditava mesmo as palavras: seria seca e fria, não diria «meu querido primo», mas simplesmente «primo Basílio».

E que faria ele, quando recebesse a carta? Choraria, coitado!

Imaginava-o só, no seu quarto de hotel, infeliz e pálido; e daqui, pelos declives da sensibilidade, passava à recordação da sua pessoa, da sua voz convincente, das turbações do seu olhar dominante, e a memória demorava-se naquelas lembranças com uma sensação de felicidade, como a mão se esquece

acariciando a plumagem doce de um pássaro raro. Sacudia a cabeça com impaciência, como se aquelas imaginações fossem os ferrões de insetos importunos: esforçava-se por pensar só em Jorge; mas as ideias más voltavam, mordiam-na: e achava-se desgraçada, sem saber o que queria, com vontades confusas de estar com Jorge, de consultar Leopoldina, de fugir para longe, ao acaso. Jesus, que infeliz que era! — E do fundo da sua natureza de preguiçosa vinha-lhe uma indefinida indignação contra Jorge, contra Basílio, contra os sentimentos, contra os deveres, contra tudo o que a fazia agitar-se e sofrer. Que a não secassem, santo Deus!

Depois de jantar, à janela da sala, ficou a reler a carta de Jorge. Pôs-se a

recordar de propósito tudo o que a encantava nele, do seu corpo e das suas qualidades. E juntava ao acaso argumentos, uns de honra, outros de sentimento, para o amar, para o respeitar. Tudo era por ele estar fora, na província! Se ele ali estivesse ao pé dela! Mas tão longe, e demorar-se tanto! E ao mesmo tempo, contra a sua vontade, a certeza daquela ausência dava-lhe uma sensação de liberdade; a ideia de se poder mover à vontade nos desejos, nas curiosidades, enchia-lhe o peito de um contentamento largo, como uma lufada de independência.

Mas enfim, vamos, de que lhe servia estar livre, só? E de repente tudo o que poderia fazer, sentir, possuir, lhe aparecia numa perspetiva longa que fulgurava: aquilo era como uma porta,

subitamente aberta e fechada, que deixa entrever, num relance, alguma coisa de indefinido, de maravilhoso, que palpita e faísca. — Oh! Estava doida, decerto!

Escureceu. Foi para a sala, abriu a janela; a noite estava quente e espessa, com um ar de eletricidade e de trovoada. Respirava mal, olhava para o céu, desejando alguma coisa fortemente, sem saber o quê.

O moço do padeiro em baixo, como sempre, tocava o fado; aqueles sons banais entravam-lhe agora na alma, com a brandura de um bafo quente e a melancolia de um gemido.

Encostou a cabeça à mão com uma lassidão. Mil pensamentozinhos corriam-lhe no cérebro como os pontos de luz que correm num papel que se queimou;

lembrava-lhe sua mãe, o chapéu novo que lhe mandara Madame François, o tempo que faria em Sintra, a doçura das noites quentes sob a escuridão das ramagens...

Fechou a janela, espreguiçou-se; e sentada na *causeuse*, no seu quarto, ficou ali, numa imobilidade, pensando em Jorge, em lhe escrever, em lhe pedir que viesse. Mas bem depressa aquele cismar começou a quebrar-se a cada momento como uma tela que esgaça em rasgões largos, e por trás aparecia logo com uma intensidade luminosa e forte a ideia do primo Basílio.

As viagens, os mares atravessados tinham-no tornado mais trigueiro; a melancolia da separação dera-lhe cabelos brancos. Tinha sofrido por ela! — dissera. — E no fim onde estava o mal?

Ele jurara-lhe que aquele amor era casto, passando-se todo na alma. Tinha vindo de Paris, o pobre rapaz, assim lho jurara, para a ver, uma semana, quinze dias. E havia de dizer-lhe: «Não voltes, vai-te...»?

— Quando a senhora quiser o chá... — disse da porta do quarto, Juliana.

Luísa deu um suspiro alto como acordando. Não; que trouxesse a lamparina, mais tarde.

Eram dez horas. Juliana foi tomar o seu chá, à cozinha. O lume ia-se apagando, o candeeiro de petróleo estendia nos cobres dos tachos reflexos avermelhados.

— Hoje houve coisa, Sr.ª Joana — disse Juliana sentando-se. — Está toda no ar! E é cada suspiro! Ali houve-a e

grossa.

Joana, do outro lado, com os cotovelos na mesa e a face sobre os punhos, pestanejava de sono.

— A Sr.ª Juliana, também, deita tudo para o mal — disse.

— É que era necessário ser tola, Sr.ª Joana!

Calou-se, cheirou o açúcar; era um dos seus despeitos; gostava dele bem refinado — e aquele açúcar mascavado e grosso, que punha no chá um gosto de formigas, exasperava-a.

— Este é pior que o do mês passado! Para uma pobre de Cristo tudo é bom! — rosnou muito amargamente.

E depois de uma pausa repetiu:

— É que era necessário ser tola, Sr.ª Joana!

A cozinheira disse preguiçosamente:

— Cada um sabe de si...

— E Deus de todos — suspirou Juliana.

E ficaram caladas.

Luísa tocou a campainha em baixo.

— Que teremos nós agora? Está com as cócegas!

Desceu. Voltou com o regador, muito enfastiada:

— Quer mais água! Olha a mania, pôr-se agora a chafurdar à meia-noite! Sempre a gente as vê...

Foi encher o regador, e enquanto a água da torneira cantava no fundo de lata:

— E diz que lhe faça amanhã ao almoço um bocado de presunto frito, do salgado. Quer picantes!

E com muito escárnio:

— Sempre a gente vê coisas! Quer picantes!

À meia-noite a casa estava adormecida e apagada. Fora, o céu enegrecera mais; relampejou, e um trovão seco estalou, rolou.

Luísa abriu os olhos estremunhada; começara a cair uma chuva grossa e sonora; a trovoada arrastava-se, ao longe. Esteve um momento escutando as goteiras que cantavam sobre o lajedo; a alcova abafava, descobriu-se; o sono tinha fugido, e de costas, o olhar fixo na vaga claridade que vinha de fora, da lamparina, seguia o tiquetaque do relógio. Espreguiçou-se, e uma certa ideia, uma certa visão foi-se formando no seu cérebro, completando-se, tão nítida, quase

tão visível, que se revirou na cama devagar, estirou os braços, lançou-os em roda do travesseiro, adiantando os beiços secos — para beijar uns cabelos negros onde reluziam fios brancos.

Sebastião tinha dormido mal. Acordou às seis horas e desceu ao quintal em chinelas. Uma porta envidraçada da sala de jantar abria para um terraçozinho, largo apenas para três cadeiras de ferro pintado e alguns vasos de cravos; dali, quatro degraus de pedra desciam para o quintal; era uma horta ajardinada, muito cheia, com canteirinhos de flores, saladas muito regadas, pés de roseiras junto dos muros, um poço e um tanque debaixo de uma parreirita, e árvores; terminava por outro terraço assombreado de uma tília, com um parapeito para uma rua baixa e

solitária; defronte corria um muro de quintal muito caiado. Era um sítio recolhido, de uma paz aldeã. Muitas vezes Sebastião, de madrugada, ia para ali fumar o seu cigarro.

Era uma manhã deliciosa. Havia um ar transparente e fino; o céu arredondava-se a uma grande altura com o azulado de certas porcelanas velhas e, aqui e além, uma nuvenzinha algodoada, molemente enrolada, cor de leite; a folhagem tinha um verde lavado, a água do tanque uma cristalinidade fria; pássaros chilreavam de leve com voos rápidos.

Sebastião estava debruçado para a rua, quando a ponteira de uma bengala, passos vagarosos cortaram o silêncio fresco. Era um vizinho de Jorge, o Cunha

Rosado, o doente de intestinos; arrastava-se, curvado, abafado num *cache-nez* e num paletó cor de pinhão, com a barba grisalha desmazelada, acrescer.

— Já a pé, vizinho! — disse Sebastião.

— Oh Sebastião! — disse com uma voz plangente. — Ando a passear os meus leites, homem!

— A pé?

— Ao princípio ia na burrita até fora de portas, mas diz que me fazia bem o passeiozito a pé...

Encolheu os ombros com um gesto triste de dúvida, de desconsolação.

— E como vai isso? — perguntou Sebastião, muito debruçado para a rua, com afeto.

O Cunha teve um sorriso desolado

nos seus beiços brancos:

— A desfazer-se!

Sebastião tossiu, embaraçado, sem achar uma consolação.

Mas o doente, com as duas mãos apoiadas à bengala, uma súbita radiação de interesse no olhar amortecido:

— Ó Sebastião, um rapaz alto, que eu tenho visto todos estes dias entrar para casa do Jorge, é o Basílio de Brito, pois não é? O primo da mulher? O filho do João de Brito?

— É sim, porquê?

O Cunha fez «Ah! ah!», com uma grande satisfação.

— Bem dizia eu! — exclamou. — Bem dizia eu! E aquela teimosa que não! Que não!...

E então explicou com uma

tagarelice súbita, e cansaços de voz:

— O meu quarto é para a rua, e todos os dias, como eu estou quase sempre pela janela para espairecer... tenho visto aquele rapaz, a modo estrangeirado, entrar para lá... todos os dias! «Este é o Basílio de Brito!», disse eu. Mas a minha mulher que hão! Que não!... «Eu tinha quase a certeza... Não conheço eu outra coisa!... Até ele esteve para casar com a D. Luísa. Oh! Eu sei essa história na ponta dos dedos... Morava ela na Rua da Madalena!...

Sebastião disse vagamente:

— Pois é, é o Brito...

— Bem dizia eu!

Ficou um momento imóvel, fitando o chão, e refazendo uma voz dolente:

— Pois, vou-me arrastando até

casa.

Suspirou. E arregalando os olhos:

— Quem me dera a sua saúde, Sebastião!

E dizendo adeus, com um gesto da mão calçada de luva de casimira escura, afastou-se, curvado, rente do muro, conchegando com o braço ao ventre o seu largo paletó cor de pinhão.

Sebastião entrou preocupado. Todo o mundo começava a reparar, hem! Pudera! Um rapaz novo, janota, vir todos os dias de trem, estar duas, três horas! Uma vizinhança tão chegada, tão maligna!...

Ao começo da tarde saiu. Teve vontade de procurar Luísa; mas sem saber porquê, sentia um grande acanhamento; como que receava encontrá-la diferente ou

com outra expressão... E subia a rua devagar, sob o seu guarda-sol, hesitando, quando um *coupé* que descia a trote largo veio parar à porta de Luísa.

Um sujeito saltou rapidamente, atirou o charuto, entrou. Era alto, com um bigode levantado, trazia uma flor no peito; devia ser o primo Basílio, pensou. O cocheiro limpou o suor da testa, e, cruzando as pernas, pôs-se a enrolar o cigarro.

Ao ruído do trem, o Paula postou-se logo à porta, de boné carregado, as mãos enterradas no bolso, com olhares de revés; a carvoeira defronte, imunda, disforme de obesidade e de prenhez, veio embasbacar com um pasmo lorpa na face oleosa; a criada do doutor abriu precipitadamente a vidraça. Então o Paula

atravessou rapidamente a rua faiscante de sol, entrou no estanco; daí a um momento apareceu à porta, com a estanqueira, de carão viúvo; e cochichavam, cravavam olhares pérfidos nas varandas de Luísa, no *coupé*. O Paula, dali, arrastando as chinelas de tapete, foi segredar com a carvoeira, provocou-lhe uma risada que lhe sacudia a massa do seio; e foi enfim estacar à sua porta entre um retrato de D. João VI e duas velhas cadeiras de couro, assobiando com júbilo. No silêncio da rua ouvia-se num piano, a compasso de estudo, «A Oração de Uma Virgem».

Sebastião ao passar olhou maquinalmente para as janelas de Luísa.

— Rico calor, Sr. Sebastião! — observou o Paula curvando-se. — É um regalo estar à fresca!

Luísa e Basílio estavam muito tranquilos, muito felizes na sala, com as portadas meio cerradas, numa penumbra doce. Luísa tinha aparecido de roupão branco, muito fresca, com um bom cheiro de água de alfazema.

— Eu venho assim mesmo — disse ela. — Não faço cerimónias.

Mas assim é que ela estava linda! Assim é que a queria sempre! — exclamava Basílio muito contente, como se aquele roupão de manhã fosse já uma promessa da sua nudez.

Vinha muito tranquilo, afetava um tom de parente. Não a inquietou com palavras veementes, nem com gestos desejosos: falou-lhe do calor, de uma zarzuela que vira na véspera, de velhos amigos que encontrara, e disse-lhe apenas

que tinha sonhado com ela.

O quê? Que estavam longe, numa terra distante, que devia ser a Itália, tantas as estátuas que havia nas praças, tantas as fontes sonoras que cantavam nas bacias de mármore; era num jardim antigo, sobre um terraço clássico; flores raras transbordavam de vasos florentinos; pousando sobre as balaustradas esculpidas, pavões abriam as caudas; e ela arrastava devagar sobre as lajes quadradas a cauda longa do seu vestido de veludo azul. De resto, dizia, era um terraço como o de S. Donato, a *villa* do príncipe Demidoff — porque lembrava sempre as suas intimidades ilustres, e não se descuidava de fazer reluzir a glória das suas viagens.

E ela, tinha sonhado?

Luísa corou. — Não, tinha tido muito medo da trovoada. Tinha ouvido a trovoada, ele?

— Estava a cear no Grémio, quando trovejou.

— Costumas cear?

Ele teve um sorriso infeliz. — Cear! Se se podia chamar cear ir ao Grémio rilhar um bife córneo e tragar um Colares peçonhento!

E fitando-a:

— Por tua causa, ingrata!

Por sua causa?

— Por quem, então? Porque vim eu a Lisboa? Porque deixei Paris?

— Por causa dos teus negócios...

Ele encarou-a severamente.

— Obrigado — disse, curvando-se até ao chão.

E a grandes passadas pela sala soprava violentamente o fumo do seu charuto.

Veio sentar-se bruscamente ao pé dela. — Não, realmente era injusta. Se estava em Lisboa, era por ela. Só por ela!

Fez uma voz meiga, perguntou-lhe se lhe tinha realmente um bocadinho de amor muito pequenino, assim... — Mostrava o comprimento da unha.

Riram.

— Assim, talvez.

E o peito de Luísa arfava.

Ele então examinou-lhe as unhas; admirou-lhas e aconselhou-lhe o verniz que usam as *cocottes*, que lhes dá um lustre polido; ia-se apossando da sua mão, pôs-lhe um beijo na ponta dos dedos; chupou o dedo mínimo, jurou que era

muito doce; arranjou-lhe com um contacto muito tímido uns fios de cabelo que se tinham soltado — e, disse, tinha um pedido a fazer-lhe!

Olhava-a com uma suplicação.

— Que é?

— É que venhas comigo ao campo. Deve estar lindo no campo.

Ela não respondeu; dava pancadinhas leves nas pregas moles do roupão.

— É muito simples — acrescentou ele. — Tu vais-me encontrar a qualquer parte, longe daqui, está claro. Eu estou à espera de ti com uma carruagem, tu saltas para dentro, e *fouette, cocher!*

Luísa hesitava.

— Não digas que não.

— Mas onde?

— Onde tu quiseres. A Paço de Arcos, a Loures, a Queluz. Diz que sim.

A sua voz era muito urgente, quase ajoelhara.

— Que tem? É um passeio de amigos, irmãos.

— Não! Isso não!

Basílio zangou-se, chamou-lhe «beata». Quis sair. Ela veio tirar-lhe o chapéu da mão, muito meiga, quase vencida.

— Talvez, veremos — dizia.

— Diz que sim! — insistia. — Sê boa rapariga!

— Pois sim, amanhã veremos, amanhã falaremos.

Mas no dia seguinte, muito habilmente, Basílio não falou no passeio, nem no campo. Não falou também do seu

amor, nem dos seus desejos. Parecia muito alegre, muito superficial; tinha-lhe trazido o romance de Belot, «A Mulher de Fogo». E sentando-se ao piano, disse-lhe canções de café-concerto, muito picantes; imitava a rouquidão acre e canalha das cantoras; fê-la rir.

Depois falou muito de Paris, contou-lhe a moderna crónica amorosa, anedotas, paixões chiques. Tudo se passava com duquesas, princesas, de um modo dramático e sensibilizador, às vezes jovial, sempre cheio de delícias. E, de todas as mulheres de que falava, dizia recostando-se: «Era uma mulher distintíssima, tinha naturalmente o seu amante...»

O adultério aparecia assim um dever aristocrático. De resto a virtude

parecia ser, pelo que ele contava, o defeito de um espírito pequeno, ou a ocupação reles de um temperamento burguês...

E quando saiu, disse, como recordando-se:

— Sabes que estou com minhas ideias de partir?...

Ela perguntou, um pouco decorada:

— Porquê?

Basílio disse, muito indiferente:

— Que diabo faço eu aqui?...

Esteve um momento a fitar o tapete, deu um suspiro, e como dominando-se:

— Adeus, meu amor...

E saiu.

Quando nessa tarde Luísa entrou

na sala de jantar, levava os olhos vermelhos.

Foi ela no dia seguinte que falou do campo. Queixou-se do contínuo calor, da seca de Lisboa. Como devia estar lindo em Sintra!

— És tu que não queres — acudiu ele. — Podíamos fazer um passeio adorável.

Mas tinha medo, podiam ver...

— O quê! Num *coupé* fechado? Com os estores descidos?

Mas então era pior que estar numa sala, era abafar numa boceta!

Mas não! Iam a uma quinta. Podiam ir às Alegrias, à quinta de um amigo dele que estava em Londres. Só viviam lá os caseiros, era ao pé dos Olivais, era lindo! Belas ruas de

loureiros, sombras adoráveis. Podiam levar gelo, champanhe...

— Vem! — disse bruscamente, tomando-lhe as mãos.

Ela corou. — Talvez. No domingo veria.

Basílio conservava-lhe as mãos presas. Os seus olhos encontraram-se, humedeceram-se. Ela sentiu-se muito perturbada; desprendeu as mãos; foi abrir as vidraças ambas, dar à sala uma claridade larga como uma publicidade; sentou-se numa cadeira ao pé do piano, receando a penumbra, o sofá, todas as cumplicidades; e pediu-lhe que cantasse alguma coisa, porque já temia as palavras, tanto como os silêncios! Basílio cantou a «Medjé», a melodia de Gounod, tão sensual e perturbadora. Aquelas notas

quentes passavam-lhe na alma como bafos de uma noite elétrica. E quando Basílio saiu, ficou sentada, quebrada, como depois de um excesso.

Sebastião tinha estado nos últimos três dias em Almada, na quinta do Rosegal, onde trazia obras. Voltara na segunda-feira cedo, e, pelas dez horas, sentado no poial da janela da sala de jantar que abria para o terraçozinho, esperava o seu almoço, brincando com o «Rolim» — o seu gato, amigo e confidente da ilustre Vicência, médio como um prelado, ingrato como um tirano.

A manhã começava a aquecer; o quintal estava já cheio de sol; na água do tanque, sob a parreira, claridades espelhadas e trémulas faiscavam. Nas duas gaiolas os canários cantavam

estridentemente.

A tia Joana, que andava a arranjar a mesa do almoço muito calada, pôs-se então a dizer com a sua vozinha arrastada e minhota:

— Ora esteve aí ontem a Gertrudes, a do doutor, com uns palratórios, com umas tontices!...

— A respeito de quê, tia Joana? — perguntou Sebastião.

— A respeito de um rapaz, que diz que vai agora todos os dias a casa da Luisinha.

Sebastião ergueu-se logo:

— Que disse ela, tia Joana?

A velha assentava a toalha devagar com a sua mão gorducha espalmada:

— Esteve aí a palrar. Quem seria,

quem não seria? Diz que é um perfeito rapaz. Vem todos os dias. Vem de trem, vai de trem... No sábado que estivera até quase à noitinha! E cantou-se nasala, diz que uma voz que nem no teatro...

Sebastião interrompeu-a, impaciente:

— É o primo, tia Joana. Então quem havia de ser? É o primo que chegou do Brasil.

A tia Joana teve um bom sorriso.

— Eu logo vi que era coisa de parente. Pois diz que é um perfeito rapaz! E todo janota!

E saindo para a cozinha, devagar:

— Eu logo vi que era parente, logo disse!...

Sebastião almoçou inquieto. Positivamente a vizinhança já se punha a

mexericar, a comentar! Estava-se a armar um escândalo! — E, assustado, decidiu-se logo a ir consultar Julião.

Descia a Rua de S. Roque para casa dele, quando o viu, que subia devagar pela sombra, com um rolo de papel debaixo do braço, uma calça branca enxovalhada, o ar suado.

— Ia a tua casa, homem! — disse Sebastião logo.

Julião estranhou a excitação desusada da sua voz.

Havia alguma novidade? Que era?

— Uma do Diabo! — exclamou, baixo, Sebastião.

Estavam parados ao pé da confeitaria. Na vidraça, por trás deles, emprateleirava-se uma exposição de garrafas de malvasia com os seus letreiros

muito coloridos, transparências avermelhadas de gelatinas, amarelidões enjoativas de doces de ovos, e queques de um castanho-escuro tendo espetados cravos tristes de papel branco ou cor-de-rosa. Velhas natas lívidas amolentavam-se no oco dos folhados; ladrilhos grossos de marmelada esbeiçavam-se ao calor; as empadinhas de marisco aglomeravam as suas crostas ressequidas. E no centro, muito proeminente numa travessa, enroscava-se uma lampreia de ovos medonha e bojuda, com o ventre de um amarelo ascoroso, o dorso malhado de arabescos de açúcar, a boca escancarada: na sua cabeça grossa esbugalhavam-se dois horríveis olhos de chocolate; os seus dentes de amêndoa ferravam-se numa tangerina de chila; e em torno do monstro

espapado moscas esvoaçavam.

— Vamos ali para o café — disse Julião. — Aqui na rua arde-se!

— Tenho estado apoquentado — ia dizendo Sebastião. — Muito apoquentado! Quero falar-te.

No café o papel azul-ferrete é as meias portas fechadas abatiam a áspera intensidade da luz, davam uma frescura calada.

Foram-se sentar ao fundo. Do outro lado da rua as fachadas muito caiadas brilhavam com uma radiação faiscante. Por trás do balcão, onde reluziam garrafas de cristal, um criado de jaquetão, estremunhado e esguedelhado, cabeceava de sono. Um pássaro chilreava dentro; sentia-se o bater espaçado das bolas do bilhar através de uma porta de

baeta verde; às vezes o pregão de um cangalheiro na rua sobressaía — e todos estes sons, por momentos, se perdiam no ruído forte do descer de um trem travado.

Defronte deles um sujeito de ar debochado lia um jornal; as suas melenas grisalhas colavam-se a um crânio amarelado; o bigode tinha tons queimados do cigarro; e das noitadas ficara-lhe uma vermelhidão inflamada nas pálpebras. De vez em quando erguia preguiçosamente a cabeça, atirava para o chão areado um jato escuro de saliva, dava uma sacudidela triste ao jornal e tornava a fitá-lo com um olhar infeliz. Quando os dois entraram e pediram carapinhadas, abaixou-lhes gravemente a cabeça.

— Mas o que é então? — perguntou logo Julião.

Sebastião chegou-se mais para ele.

— É por causa lá da nossa gente. Por causa do primo — disse baixo.

E acrescentou:

— Tu viste-lo, hem?

A lembrança repentina da sua humilhação na sala de Luísa trouxe um rubor às faces de Julião. Mas muito orgulhoso, disse secamente:

— Vi.

— E então?

— Pareceu-me um asno! — exclamou, não se contendo.

— É um extravagante — disse com terror Sebastião. — Não te pareceu, hem?

— Pareceu-me um asno — repetiu. — Umas maneiras, uma afetação,

um alambicado, a olhar muito para as meias, umas meias ridículas de mulher...

E com um certo sorriso azedado:

— Eu mostrei-lhe francamente as minhas botas. Estas — disse, apontando para os botins mal engraxados — tenho muita honra nelas, são de quem trabalha...

Porque publicamente costumava gloriar-se de uma pobreza, que intimamente não cessava de o humilhar.

E remexendo devagar a sua carapinhada:

— Uma besta! — resumiu.

— Tu sabes que ele foi namoro da Luísa? — disse Sebastião, baixo, como assustado da gravidade da confidência.

E respondendo logo ao olhar surpreendido de Julião:

— Sim. Ninguém o sabe. Nem

Jorge. Eu soube-o há pouco, há meses. Foi. Estiveram para casar. Depois o pai faliu, ele foi para o Brasil, e de lá escreveu a romper o casamento.

Julião sorriu, e encostando a cabeça à parede:

— Mas isso é o enredo da «Eugénia Grandet», Sebastião! Estás-me a contar o romance de Balzac! Isso é a «Eugénia Grandet!»

Sebastião fitou-o espantado.

— Ora!, não se pode falar sério contigo. Dou-te a minha palavra de honra! — acrescentou vivamente.

— Vá, Sebastião, vá, diz.

Houve um silêncio. O sujeito calvo, agora, contemplava o estuque do teto sujo do fumo dos cigarros e do pousar das moscas; e, com a mão sapuda, de tom

pegajoso, cofiava amorosamente as repas. No bilhar vozes altercavam.

Sebastião então, como tomado de uma resolução, disse bruscamente:

— E agora vai lá todos os dias, não sai de lá!

Julião afastou-se na banqueta e encarou-o:

— Tu queres-me dar a entender algumas coisa, Sebastião?

E com uma vivacidade quase jovial:

— O primo atira-se?

Aquela palavra escandalizou Sebastião.

— Ó Julião! — E severamente: — Com essas coisas não se brinca!

Julião encolheu os ombros.

— Mas está claro que se atira! —

exclamou. — És de bom tempo ainda! Está claro que sim! Namorou-a solteira, agora quere-a casada!

— Fala baixo — acudiu Sebastião.

Mas o criado dormitava, e o sujeito calvo tinha recaído na sua leitura fúnebre.

Julião baixou a voz:

— Mas é sempre assim, Sebastião. O primo Basílio tem razão: quer o prazer sem a responsabilidade!

Riu-se. Estava radioso; as palavras, as pilhérias vinham-lhe com abundância:

— Há um marido que a veste, que a calça, que a alimenta, que a engoma, que a vela se está doente, que a atura se ela está nervosa, que tem todos os encargos,

todos os tédios, todos os filhos, todos, todos os que vivem, sabes a lei... Por consequência o primo não tem mais que chegar, bater ao ferrolho, encontra-a asseada, fresca, apetitosa à custa do marido e...

Teve um risinho, encostou-se com uma grande satisfação, enrolando deliciosamente o cigarro, regozijando-se no escândalo.

— É ótimo! — acrescentou. — Todos os primos raciocinam assim. Basílio é primo, logo... Sabes o silogismo, Sebastião! Sabes o silogismo, menino! — gritou, dando-lhe uma palmada na perna.

— É o diabo — murmurou Sebastião cabisbaixo.

Mas revoltando-se contra a

suspeita que o ia dominando:

— Mas tu supões que uma rapariga de bem...

— Eu não suponho nada! — acudiu Julião.

— Fala baixo, homem!

— Eu não suponho nada — repetiu Julião baixinho. — Eu afirmo o que ele faz. Agora ela...

E acrescentou com secura:

— Como é uma rapariga honesta...

— Se é! — exclamou Sebastião, batendo uma punhada na pedra da mesa.

— Pronto! — cantou arrastadamente o moço.

O velho calvo ergueu-se logo; mas vendo que o criado se recolhia ao balcão bocejando, e que os dois continuavam a remexer a sua carapinhada, encostou os

cotovelos à mesa, salivou para longe, e puxando o jornal deixou-lhe cair em cima um olhar desolado.

Sebastião disse, então, com tristeza:

— A questão não é por ela. A questão é pela vizinhança.

Ficaram um momento calados. A altercação de vozes no bilhar crescia.

— Mas — disse Julião, como saindo de uma reflexão — a vizinhança? Como a vizinhança?

— Sim, homem! Veem entrar para lá o rapaz. Vem de tipoia, faz um escândalo na rua. Já se fala. Já vieram com mexericos à tia Joana. Há dias encontrei o Neto que reparou. O Cunha também. O homem dos trastes, em baixo, não se faz nada que ele não dê fé: são

umas línguas de tremer. Há dias ia eu a passar quando o primo se apeou da carruagem para entrar, e foram logo conciliábulos na rua, olhadelas para a janela, o diabo! Vai lá todos os dias. Sabem que o Jorge está no Alentejo... Está duas e três horas. É muito sério, é muito sério!

— Mas ela então é tola!

— Não vê o mal...

Julião encolheu os ombros, duvidando.

Mas a porta de baeta do bilhar abriu-se; um homem hercúleo, de bigode negro, muito escarlate, saiu bruscamente, e parando, segurando a porta aberta, gritou para dentro:

— E fique sabendo que havia de encontrar homem!

Uma voz grossa, do bilhar, respondeu-lhe uma obscenidade.

O sujeito hercúleo atirou a porta, furioso; atravessou o café resfolgando, apoplético; um rapaz chupado, de jaquetão de inverno e calça branca, seguia-o, com um ar gingado.

— O que eu devia fazer — exclamava o agigantado, brandindo o punho — era quebrar a cara àquele pulha!

O rapaz chupado dizia, com doçura e servilismo, bamboleando-se:

— Questões não servem para nada, Sr. Correia!

— É que sou muito prudente — berrou o hercúleo. — É que me lembro que tenho mulher e filhos! Senão bebia-lhe o sangue!

E saindo, a sua voz roncante

perdeu-se no rumor da rua.

O criado, muito pálido, tremia dentro do balcão; e o sujeito calvo, que erguera a cabeça, teve um sorriso de tédio, e retomou tristemente o jornal.

Sebastião, então, disse refletindo:

— Não te parece que seria bom avisá-la?

Julião encolheu os ombros, soltou uma baforada de fumo.

— Diz alguma coisa! — implorou Sebastião. — Tu não ias falar-lhe, hem?

— Eu? — exclamou Julião com um aspeto que repelia a ideia. — Eu! Estás doido!

— Mas que te parece, enfim?

E a voz de Sebastião tinha quase uma aflição.

Julião hesitou:

— Vai, se queres. Diz-lhe que se tem reparado... Enfim, eu não sei, meu amigo!

E pôs-se a chupar o seu cigarro.

Aquele mutismo afetou Sebastião. Disse com desconsolação:

— Homem, vim-te pedir um conselho...

— Mas que diabo queres tu? — E a voz de Julião irritava-se. — A culpa é dela. É dela! — insistiu, vendo o olhar de Sebastião. — É uma mulher de vinte e cinco anos, casada há quatro, deve saber que se não recebe todos os dias um peralvilho, numa rua pequena, com a vizinhança a postos! Se o faz, é porque lhe agrada.

— Ó Julião! — disse muito severamente Sebastião.

E dominando-se, com a voz comovida:

— Não tens razão, não tens razão!

Calou-se muito magoado.

Julião levantou-se.

— Amigo Sebastião, eu digo o que penso, tu fazes o que entendes.

Chamou o criado.

— Deixa — disse Sebastião precipitadamente, pagando.

Iam sair. Mas então o sujeito calvo, atirando o jornal, arremessou-se para a porta, abriu-a, curvou-se, e estendeu a Sebastião um papel enxovalhado.

Sebastião, surpreendido, leu alto, maquinalmente:

«O abaixo assinado, antigo empregado da nação, reduzido à

miséria...»

— Fui íntimo amigo do nobre Duque de Saldanha! — gemeu chorosamente, com uma rouquidão, o sujeito calvo.

Sebastião corou, cumprimentou, meteu-lhe na mão duas placas de cinco tostões, discretamente.

O sujeito dobrou profundamente o espinhaço e declamou com uma voz cava:

— Mil agradecimentos a Vossa Excelência, senhor conde!

5

A manhã estava abrasadora. Um pouco depois do meio-dia, Joana, estirada numa velha cadeira de vime da ilha da Madeira que havia na cozinha, dormitava a sesta. Como madrugava muito, àquela hora da calma vinha-lhe sempre uma quebreira.

As janelas estavam cerradas ao sol faiscante; as panelas no lume faziam um ronrom dormente; e toda a casa, muito silenciosa, parecia amodorrada no amolecimento do calor tórrido, quando Juliana entrou como uma rajada, atirou para o chão, furiosa, uma braçada de roupa suja, e gritou:

— Raios me partam se não há um

escândalo nesta casa que vai tudo abaixo!

Joana deu um salto, estremunhada.

— Quem quer as coisas em ordem olha por elas! — berrava a outra com os olhos injetados. — Não é estar todo o dia na sala a palrar com as visitas!

A cozinheira foi fechar a porta precipitadamente, já assustada.

— Que foi, Sr.ª Juliana, que foi?

— Está com a mosca! Tem o sangue a ferver! Sangrias! sangrias! Tem peguilhado por tudo! Não estou para a aturar, não estou!

E batia o pé com frenesi.

— Mas que foi? Que foi?

— Diz que os colarinhos tinham pouca goma, pôs-se a despropositar! Estou farta de a aturar! Estou farta! Estou até aqui! — bradava, puxando a pele

engelhada da garganta. — Pois que me não faça sair de mim! Que me vou, e pespego-lhe na cara porquê! Desde que aqui temos homem e pouca-vergonha, boas noites!... Quem quiser que se meta em alhadas...

— Ó Sr.ª Juliana, pelo amor de Deus! Jesus! — E a Joana apertava a cabeça nas mãos. — Ai, se a senhora ouve!

— Que ouça, digo-lhe na cara! Estou farta! Estou farta!

Mas, de repente, fez-se branca como a cal, caiu sobre a cadeira de vime com as duas mãos contra o coração, os olhos em alvo.

— Sr.ª Juliana — gritou Joana. — Sr.ª Juliana! Fale!

Borrifou-a de água; sacudiu-a,

ansiosamente.

— Nossa Senhora nos valha! Nossa Senhora nos valha! Está melhor? Fale!

Juliana deu um suspiro longo, de alívio, cerrou as pálpebras. E arquejava devagarinho, muito prostrada.

— Como se sente? Quer um caldinho? É fraqueza, há de ser fraqueza...

— Foi a pontada — murmurou Juliana.

Ai!, aqueles frenesis matavam-na! — dizia a cozinheira, remexendo-lhe o caldo, muito pálida também. — A gente tinha de aturar os amos! Que tomasse a sustância, que sossegasse!...

Naquele momento Luísa abriu aporta. Vinha em colete e saia branca.

Que barulho era aquele?

A Sr.ª Juliana que lhe tinha dado uma coisa, quase desmaiara...

— Foi apontada — balbuciou Juliana.

E erguendo-se com um esforço:

— Se a senhora não precisa nada, vou ao médico...

— Vá, vá! — disse Luísa logo, E desceu.

Juliana pôs-se a tomar o seu caldo com um vagar moribundo. Joana consolava-a baixo. — Também, a Sr.ª Juliana arrenegava-se por qualquer coisa. E quando a gente tem pouca saúde não há nada pior que enfrenesiar-se...

— É que não imagina! — e abafava a voz arregalando os olhos. — Tem estado de não se poder aturar! Está-se a vestir que nem para uma partida!

Amarfanhou uns poucos de colares, atirou-os para o chão, que eu engomava que era uma porcaria, que não servia pra nada... Ai! Estou farta! — repetia. — Estou farta!

— É ter paciência! Todos têm a sua cruz!

Juliana teve um sorriso lívido, ergueu-se com um grande «Ai!», escabichou os dentes, apanhou a roupa suja, e subiu ao sótão.

Daí a pouco, de luvas pretas, muito amarela, saiu.

Ao dobrar a esquina da rua, defronte do estanco, parou indecisa. Até ao médico era um estirão!... E estava que lhe tremiam as pernas!... Mas também, largar três tostões para trem!...

— Pst, pst! — fez do lado uma voz

doce.

Era a estanqueira, com o seu longo vestido de luto tingido, o seu sorriso desconsolado.

Que era feito da Sr.ª Juliana? A dar o seu passeio, hem?

Gabou-lhe a sombrinha preta de cabo de osso. — De muito gosto — disse. — E como ia de saúde?

Mal. Dera-lhe a pontada. Ia ao médico...

Mas a estanqueira não tinha fé nos médicos. Era dinheiro deitado à rua... Citou a doença do seu homem, os gastos, um ror de moedas. E para quê? Para o ver penar e morrer como se nada fosse! Era um dinheiro que sempre chorava!

E suspirou. Enfim, fosse feita a vontade de Deus! E lá por casa do senhor

engenheiro?

— Tudo sem novidade.

— Ó Sr.ª Juliana, quem é aquele rapaz que vai agora por lá todos os dias?

Juliana respondeu logo:

— É o primo da senhora.

— Dão-se muito!...

— Parece.

Tossiu, e com um cumprimentozinho:

— Pois, muito boas tardes, Sr.ª Helena.

E foi resmungando:

— Ora, fica-te a chuchar no dedo, lesma!

Juliana detestava a vizinhança; sabia que a escarneciam, que a imitavam, que lhe chamavam «a Tripa Velha»!... — Pois também dela não haviam de saber

nada! Podiam rebentar de curiosidade! Vinham de carrinho! Boa! Tudo o que visse ou que lhe cheirasse havia de ficar guardadinho, lá dentro. «Para uma ocasião!», pensava com rancor, sacudindo os quadris.

A estanqueira ficou à porta, despeitada. E o Paula dos móveis, que as vira conversar, veio logo, deslizando subtilmente nas suas chinelas de tapete:

— Então «a Tripa Velha» escorregou-se?

— Ai! não se lhe tira nada!

O Paula enterrou as mãos nos bolsos, com tédio:

— Aquilo, a do engenheiro besunta-lhe as mãos... É ela quem leva a cartinha, quem abre a portita de noite...

— Tanto não direi! Credo!

O Paula fitou-a com superioridade:

— A Sr.ª Helena está aí ao seu balcão... Mas eu é que as conheço, as mulheres da alta sociedade! Conheço-as nas pontas dos dedos. É uma cambada!

Citou logo nomes, alguns ilustres; tinham amantes inumeráveis: até os trintanários! Algumas fumavam, outras «entortavam-se». E pior! E pior!

— E passeiam por aí, muito repimpadas de carrinho, à barba da gente de bem!

— Falta de religião! — suspirou a estanqueira.

O Paula encolheu os ombros:

— A religião é que é, Sr.ª Helena! Cos padres é que é!

E agitando furioso o punho

fechado:

— Cos padres é uma choldra viva!

— Credo, Sr. Paula, que até lhe fica mal!...

E o carão amarelado da estanqueira tinha uma severidade de devota ofendida.

— Ora, histórias, Sr.ª Helena! — exclamou o homem com desprezo.

E bruscamente:

— Por que é que acabaram os conventos? Diga-me! Porque era um desaforo lá dentro!

— Oh, Sr. Paula! Oh Sr. Paula! — balbuciava a Sr.ª Helena, recuando, encolhendo-se.

Mas o Paula atirava-lhe as impiedades como punhaladas.

— Um desaforo! De noite as

freiras vinham por um subterrâneo ter cos frades. E era vinhaça e mais vinhaça. E batiam o fandango em camisa! Anda isso por aí em todos os livros.

E erguendo-se nas chinelas:

— E os jesuítas, se vamos a isso! Sim! Diga!

Mas recuou, e levando a mão à pala do boné:

— Um criado da senhora — disse com respeito.

Era Luísa que passava, vestida de preto, o véu descido. Ficaram calados, a olhá-la.

— Que ela é muito bonita! — murmurou a estanqueira, com admiração.

O Paula franziu a testa:

— Não é mau bocado... — disse. E acrescentou, com desdém: — Pra quem

gosta daquilo!...

Houve um silêncio. E o Paula rosnou:

— Não são as saias que me levam o tempo, nem disto!...

E bateu no bolso do colete, fazendo tilintar dinheiro.

Tossiu, pigarreou, e ainda áspero:

— Venha de lá um pataco de Xabregas.

Foi para a porta do estanco enrolar o cigarro, assobiar; mas os seus olhos arregalaram-se indignados; numa das janelas de cima na casa do engenheiro, tinha avistado, por entre as vidraças abertas, a figura enfezada do Pedro, o carpinteiro.

Voltou-se para a estanqueira, e cruzando dramaticamente os braços:

— E agora, que a patroa vai à vida, lá está o rapazola a entender-se com a criada!

Soltou uma larga baforada de fumo, e com uma voz soturna:

— Aquela casa vai-se tornando um prostíbulo!

— Um quê, Sr. Paula?

— Um prostíbulo, Sr.ª Helena! É como se dissesse um alcouce!

E, com passos escandalizados, o patriota afastou-se.

***

Luísa ia enfim ao campo com Basílio. Consentira na véspera, declarando logo «que era só um passeio de meia hora, de carruagem, sem se

apearem». Basílio ainda insistiu, falando em «sombras de alamedas, uma merendinha, relvas...» Mas ela recusou, muito teimosa, rindo, dizendo: — Nada de relvas!...

E tinham combinado encontrar-se na Praça da Alegria. Chegou tarde, já depois das duas e meia, com o guarda-solinho muito carregado sobre o rosto, toda assustada.

Basílio esperava, fumando, num *coupé*, à esquina, debaixo de uma árvore. Abriu rapidamente a portinhola, e Luísa entrou fechando atrapalhadamente a sombrinha; o vestido prendeu-se ao estribo, esgaçou-se no rufo de seda; e achou-se ao lado dele, muito nervosa, ofegante, com o rosto abrasado, murmurando:

— Que tolice, que tolice esta!

Mal podia falar. O *coupé* partiu logo a trote. O cocheiro era o Pintéus, um batedor.

— Tão cansada, coitadinha! — disse-lhe Basílio muito meigo.

Levantou-lhe o véu; estava suada; os seus largos olhos brilhavam da excitação, da pressa, do medo...

— Que calor, Basílio!

Quis descer um dos vidros do *coupé*.

Não, isso não! Podiam vê-los! Quando passassem as portas...

— Para onde vamos nós?

E espreitava, levantando o estore.

— Vamos para o lado do Lumiar, é o melhor sítio. Não queres?

Encolheu os ombros. Que lhe

importava? Ia sossegando: tinha tirado o véu e as luvas; sorria, abanando-se com o lenço, donde saía um aroma fresco.

Basílio prendeu-lhe o pulso, pôs-lhe muitos beijos longos, delicados, na pele fina, azulada de veiazinhas.

— Tu prometeste ter juízo! — fez ela com um sorriso cálido, olhando-o de lado.

Ora! mas um beijo, no braço! Que mal havia? Também era necessário não ser beata!

E olhava-a avidamente.

Os velhos estores do *coupé* corridos eram de seda vermelha, e a luz que os atravessava envolvia-a num tom igual, cor-de-rosa e quente. Os seus beiços tinham um escarlate molhado, a lisura sã de uma pétala de rosa; e ao canto

do olho um ponto de luz movia-se num fluido doce.

Não se conteve, passou-lhe os dedos um pouco trémulos nas fontes, nos cabelos, com uma carícia fugitiva e assustada; e com a voz humilde:

— Nem um beijo na face, um só?

— Um só?... — fez ela.

Pousou-lho delicadamente ao pé da orelha. Mas aquele contacto exasperou-lhe o desejo brutalmente; teve um som de voz soluçado; agarrou-a com sofreguidão, e atirava-lhe beijos tontos pelo pescoço, pela face, pelo chapéu...

— Não! Não! — balbuciava ela, resistindo. — Quero descer! Diz que pare!

Batia nos vidros; esforçava-se por correr um, desesperada, magoando os

dedos na dura correia suja.

Basílio pôs-se a suplicar que lhe perdoasse! Que doudice, zangar-se por um beijo! Se ela estava tão linda!... Fazia-o doido. Mas jurava ir quieto, muito quieto...

A carruagem, ao pé das portas, rolava sacudida na calçada miúda; nas terras, aos lados, as oliveiras de um verde empoeirado estavam imóveis na luz branca; e sobre a erva crestada o sol batia duramente numa fulguração contínua.

Basílio tinha descido um dos vidros: o estore corrido palpitava brandamente; pôs-se então a falar-lhe ternamente de si, do seu amor, dos seus planos. Estava resolvido a vir estabelecer-se em Lisboa — dizia. — Não tencionava casar-se; amava-a e não

compreendia nada melhor do que viver ao pé dela, sempre. Dizia-se desiludido, enfastiado. Que mais lhe podia oferecer a vida? Tinha tido as sensações dos amores efémeros, as aventuras das longas viagens. Ajuntara alguma coisa de seu — e sentia-se velho.

Repetia, fitando-a, tomando-lhe as mãos:

— Não é verdade que estou velho?

— Não muito. — E os seus olhos humedeciam-se.

Ah! estava! estava! O que lhe apetecia agora era viver para ela, vir descansar nas doçuras da sua intimidade. Ela era a sua única família. Fazia-se muito «parente». — A família no fim de tudo é o que há de melhor ainda. Não te incomoda

que eu fume?

E acrescentou, raspando o fósforo:

— O que há de bom na vida é uma afeição profunda como a nossa. Não é verdade? Contento-me com pouco, de resto. Ver-te todos os dias, conversar muito, saber que me estimas... Por dentro do campo, ó Pintéus! — gritou com força pela portinhola.

O *coupé* entrou a passo no Campo Grande. Basílio ergueu os estores; um ar mais vivo penetrou. O sol caía sobre o arvoredo, trespassando-o de uma luz faiscante, formando no chão poeirento e branco sombras quentes de ramagens. Tudo tinha em redor um aspeto ressequido e exausto. Na terra gretada, a erva curta, crestada, fazia tons cinzentos. Na estrada, ao lado, arrastava-se uma poeira

amarelada. Saloios passavam, amodorrados sobre o albardão, bamboleando as pernas, abrigados sob os vastos guarda-sóis escarlates; e a luz que vinha de um céu azul-ferrete, acabrunhador, fazia reluzir com uma radiação crua as paredes muito caiadas, as águas de algum balde esquecido às portas, todas as brancuras de pedras.

E Basílio continuava:

— Vendo tudo o que tenho lá fora, alugo aqui uma casinha em Lisboa, em Buenos Aires, talvez... Não te agrada? Diz...

Ela calava-se; aquelas palavras, as promessas, a que a voz dele, metálica e velada, dava um vigor mais amoroso, iam-na perturbando como a inebriação de um licor forte. O seu seio arfava.

Basílio baixou a voz, disse:

— Quando estou ao pé de ti sinto-me tão feliz, parece-me tudo tão bom!...

— Se isso fosse verdade! — suspirou ela, encostando-se para o fundo do *coupé*.

Basílio prendeu-lhe logo a cintura; jurou-lhe que sim! Ia pôr a sua fortuna em inscrições. Começou a dar-lhe provas: já falara a um procurador; citou-lhe o nome, um seco, de nariz agudo...

E apertando-a contra si, os olhos muito vorazes:

— E se fosse verdade, diz, que fazias?

— Nem eu sei — murmurou ela.

Iam entrando no Lumiar, e por prudência desceram os estores. Ela afastou um, e, espreitando, via fora passar

rapidamente, ao lado do trem, árvores empoeiradas; um muro de quinta de um cor-de-rosa sujo; fachadas de casas, mesquinhas; um ónibus desatrelado; mulheres sentadas ao portal, à sombra, catando os filhos: e um sujeito vestido de branco, de chapéu de palha, que estacou, arregalou os olhos para as cortinas fechadas do *coupé*. E ia desejando habitar ali numa quinta, longe da estrada: teria uma casinha fresca com trepadeiras em roda das janelas, parreiras sobre pilares de pedra, pés de roseiras, ruazinhas amáveis sob árvores entrelaçadas, um tanque debaixo de uma tília, onde de manhã as criadas ensaboariam, bateriam a roupa, palrando, E ao escurecer, ela e ele, um pouco quebrados das felicidades da sesta, iriam pelos campos, ouvindo

calados, sob o céu que se estrela, o coaxar triste das rãs.

Cerrou os olhos. O movimento muito lançado do *coupé*, o calor, a presença dele, o contacto da sua mão, do seu joelho, amoleciam-na. Sentia um desejo a alargar-se dentro do peito.

— Em que vais tu a pensar? — perguntou-lhe ele baixo, muito terno.

Luísa fez-se vermelha. Não respondeu. Tinha medo de falar, de lhe dizer...

Basílio tomou-lhe a mão devagarinho, com respeito, com cuidado, como uma coisa preciosa e santa; e beijou-lha de leve, com a servilidade de um negro e a unção de um devoto. Aquela carícia tão humilde, tão tocante, quebrou-a; os seus nervos distenderam-se; deixou-

se cair para o canto do *coupé*, rompeu a chorar...

Que era? Que tinha? Prendera-a nos braços, beijava-a, dizia-lhe palavras loucas.

— Queres que fujamos?

As suas lagrimazinhas redondas e luminosas, rolando devagarinho sobre aquela face mimosa, enterneciam-no, e davam aos seus desejos uma vibração quase dolorosa.

— Foge comigo, vem, levo-te! Vamos para o fim do mundo!

Ela soluçou, murmurou muito doridamente:

— Não digas tolices.

Ele calou-se; pôs a mão sobre os olhos com uma atitude melancólica, pensando: «Estou a dizer tolices, não há

que ver!»

Luísa limpava as lágrimas, assoando-se devagarinho.

— É nervoso — disse. — É nervoso. Voltamos, sim? Não me sinto bem. Diz que volte.

Basílio mandou bater para Lisboa.

Ela queixava-se de um ameaço de enxaqueca. Ele tinha-lhe tomado a mão, repetia-lhe as mesmas ternuras: chamava-lhe «sua pomba», «seu ideal». E pensava baixo: «Estás caída!»

Pararam na Praça da Alegria. Luísa espreitou, saltou depressa, dizendo:

— Amanhã, não faltes, hem?

Abriu o guarda-solinho, carregou-o sobre o rosto, subiu rapidamente para a Patriarcal.

Basílio então desceu os vidros, e

respirou com satisfação. Acendeu outro charuto, estendeu as pernas, gritou:

— Ao Grémio, ó Pintéus!

Na sala de leitura, o seu amigo o visconde Reinaldo, que havia anos vivia em Londres, e muito em Paris também, lia o «Times» languidamente, enterrado numa poltrona. Tinham vindo ambos de Paris, com promessa de voltarem juntos por Madrid. Mas o calor desolava Reinaldo; achava a temperatura de Lisboa «reles»; trazia lunetas fumadas; e andava saturado de perfumes, por causa «do cheiro ignóbil de Portugal». Apenas viu Basílio deixou escorregar o «Times» no tapete, e com os braços moles, a voz desfalecida:

— E então essa questão da prima, vai ou não vai? Isto está horrível, menino! Eu morro! Preciso o Norte! Preciso a

Escócia! Vamos embora! Acaba com essa prima. Viola-a. Se ela te resiste, mata-a!

Basílio, que se estendera numa poltrona, disse, estirando muito os braços:

— Oh! Está caidinha!

— Pois avia-te, menino, avia-te!

Apanhou moribundamente o «Times», bocejou, pediu soda — soda inglesa!

— Não havia — veio dizer o criado. Reinaldo fitou Basílio com espanto, com terror, e murmurou soturnamente:

— Que abjeção de país!

Quando Luísa entrou, Juliana, ainda vestida, disse-lhe logo à porta:

— O Sr. Sebastião está na sala. Tem estado um ror de tempo à espera... Já cá estava quando eu cheguei.

Tinha vindo com efeito havia meia hora. Quando a Joana lhe veio abrir, muito encarnada, com ar estremunhado, e resmungou «que a senhora estava para fora», Sebastião ia logo descer, com o alívio delicioso de uma dificuldade adiada. Mas reagiu, retesou a vontade, entrou, pôs-se a esperar... Na véspera tinha decidido falar-lhe, avisá-la que aquelas visitas do primo, tão repetidas, com espalhafato, numa rua maligna, podiam comprometê-la... Era o diabo, dizer-lho!... Mas era um dever! Por ela, pelo marido, pelo respeito da casa! Era forçoso acautelá-la... E não se sentia acanhado. Perante as reclamações do dever, vinham-lhe as energias da decisão. O coração batia-lhe um pouco, sim, e estava pálido... Mas, que diabo, havia de

lho dizer!...

E passeando pela sala com as mãos nos bolsos, ia arranjando as suas frases, procurando-as muito delicadas, bem amigas...

Mas a campainha retiniu, um frufru de vestido roçou o corredor — e a sua coragem engelhou-se como um balão furado. Foi-se logo sentar ao piano, pôs-se a bater vivamente no teclado. Quando Luísa entrou, sem chapéu, descalçando as luvas, ergueu-se, disse embaraçado:

— Tenho estado aqui a trautear um bocado... Estava à espera... Então donde vem?

Ela sentou-se, cansada. Vinha da modista — disse. Fazia um calor! Porque não tinha entrado as outras vezes? Não estava com visitas de cerimónia! Era

família, era seu primo que viera de fora.

— Está bom, seu primo?

— Bom. Tem estado aqui, bastante. Aborrece-se muito em Lisboa, coitado! Ora, quem vive lá fora!

Sebastião repetiu, esfregando devagar os joelhos:

— Está claro, quem vive lá fora!

— E Jorge, tem-lhe escrito? — perguntou Luísa.

— Recebi carta ontem.

Também ela. Falaram de Jorge, dos tédios da jornada, do que contava do fantástico parente de Sebastião, da demora provável...

— Faz-nos uma falta, aquele maroto! — disse Sebastião.

Luísa tossiu. Estava um pouco pálida, agora. Passava às vezes a mão

pela testa, cerrando os olhos.

Sebastião, de repente, teve uma decisão:

— Pois eu vinha, minha rica amiga... — começou.

Mas viu-a ao canto do sofá com a cabeça baixa, a mão sobre os olhos.

— Que tem? Está incomodada?

— É a enxaqueca que me veio de repente. Já tinha tido ameaços na rua. E com uma força!

Sebastião tomou logo o chapéu:

— E eu a maçá-la! É necessário alguma coisa? Quer que vá chamar o médico?

— Não! Vou-me deitar um momento, passa logo.

Sebastião desceu, respirou largamente; e pensava: «Eu não me

atrevo, santo Deus!...» Mas à porta, ao levantar os olhos, viu no fundo escuro da loja de carvão o vulto enorme da carvoeira, de chambre branco, estendendo o olhar, cocando; por cima, três das Azevedos, entre as velhas cortinas de cassa, juntavam as suas cabecinhas riçadas nalgum conciliábulo maligno; por trás dos vidros a criada do doutor costurava, com olhares de lado, a cada momento, que lambiam a rua; e ao lado, na loja de móveis, sentiam-se as expetorações do patriota.

«Não passa um gato que esta gente não dê fé!» — pensou Sebastião. «E que línguas! Que línguas! Devo fazê-lo, ainda que estoure! Se ela amanhã está melhor, digo-lhe tudo!»

***

Estava com efeito já boa, às nove horas, no dia seguinte, quando Juliana a foi acordar, com «uma cartinha da Sr.ª D. Leopoldina».

A criada de Leopoldina, a Justina, uma magrita muito trigueira, de buço e olho vesgo, esperava na sala de jantar. Era amiga de Juliana, beijocavam-se muito, diziam-se sempre finezas. E depois de ter guardado a resposta de Luísa num cabazinho que trazia no braço, traçou o xale, e muito risonha:

— Então que há por cá de novo, Sr.ª Juliana?

— Tudo velho, Sr.ª Justina.

E mais baixo:

— O primo da senhora, agora,

vem todos os dias. Perfeito rapaz!

Tossiram ambas, baixinho, com malícia.

— E por lá, Sr.ª Justina, quem vai por lá?

Justina fez um aceno de desprezo.

— Um rapazola, um estudante. Fraca coisa!...

— Sempre pinga! — disse Juliana com um risinho.

A outra exclamou:

— Olha quem! O pelintra! Nem cheta!

E erguendo o olhar com saudade:

— Ai, como o Gama não há! Quando era no tempo do Gama, isso sim! Nunca ia que me não desse os seus dez tostões, às vezes meia libra. Ai, devo dizê-lo, foi ele que me ajudou para o meu

vestido de seda! Este agora!... É um fedelho. Eu nem sei como a senhora suporta aquilo! E amarelado, enfezado! Aquilo não pode prestar para nada!

Juliana disse então:

— Pois olhe, Sr.ª Justina, eu agora é que começo a considerar: é onde se está bem, é em casas em que há podres! Encontrei ontem a Agostinha, a que está em casa do comendador, ao Rato... Pois senhor, não se imagina. É tudo o que se pode! Tudo! Anel, vestido de seda, sombrinha, chapéu! E de roupa branca diz que é um enxoval. E tudo o Couceiro, o que está com a ama. E pelas festas sua moeda. Diz que é um homem rasgado. Ela também, verdade seja, tem um trabalhão: fá-lo entrar pelo jardim, e para o fazer sair tem de esperar...

— Ah, lá não! — acudiu a Justina. — Lá é pela escada.

Riram baixinho, saboreando o escândalo.

— Génios... — disse Juliana.

— Ai, lá isso, o nosso tem estômago — afirmou Justina. — Encontra-os na escada, e tanto se lhe dá!...

E muito afetuosamente, arranjando o xale:

— E adeusinho, que se faz tarde, Sr.ª Juliana. Ela vem hoje cá jantar, a senhora. Estive toda a manhã a engomar uma saia; desde as sete!

— Também eu por cá — disse Juliana. — Elas é o que tem; quando há amante sempre há mais que engomar.

— Deitam mais roupa branca, deitam — observou a Justina.

— As que deitam! — exclamou Juliana, com desprezo.

Mas Luísa tocou a campainha dentro.

— Adeus, Sr.ª Juliana — disse logo a outra, ajeitando o chapéu.

— Adeus, Sr.ª Justina.

Foi acompanhá-la ao patamar. Beijocaram-se. Juliana voltou muito apressada ao quarto de Luísa; estava já a pé, vestindo-se, muito alegre, cantarolando.

O bilhete de Leopoldina dizia na sua letra torta:

> «Meu marido vai hoje para o campo. Eu vou-te pedir de jantar, mas não posso ir antes das seis. Convém-te?»

Ficou muito contente. Havia semanas que a não via... O que iam rir, palrar! E Basílio devia vir às duas. Era um dia divertido, bem preenchido...

Foi logo à cozinha dar as suas ordens para o jantar. Quando descia, o criadito de Sebastião tocava a campainha, com um ramo de rosas, «a saber se a senhora estava melhor».

— Que sim, que sim! — gritou logo Luísa. E para o tranquilizar, para que ele não viesse: — Que estava boa, que até talvez saísse...

As rosas, sim, é que vinham a propósito. Foi ela mesmo pô-las nos vasos, cantarolando sempre, o olhar vivo, satisfeita de si, da sua vida que se tornava interessante, cheia de incidentes...

E às duas horas, vestida, veio para a sala, pôs-se ao piano a estudar a «Medjé» de Gounod, que Basílio trouxera, e que a encantava agora muito, com os seus acentos suspirados e cálidos.

Às duas e meia, porém, começou a estar impaciente; os dedos embrulhavam-se-lhe no teclado. «Já devia ter vindo, Basílio!», pensava.

Foi abrir as janelas, debruçar-se para a rua; mas a criada do doutor, que costurava por dentro dos vidros, ergueu logo olhos tão sôfregos que Luísa fechou rapidamente as vidraças. Veio recomeçar a melodia, já nervosa.

Uma carruagem rolou. Ergueu-se agitada, batia-lhe o coração. A carruagem passou...

Três horas já! O calor parecia-lhe

maior, insuportável; sentia-se afogueada, foi cobrir-se de pó de arroz. Se Basílio estivesse doente! E num quarto de hotel! Só, com criados desleixados! Mas não, ter-lhe-ia escrito nesse caso!... Não viera, não se importara! Que grosseiro, que egoísta!

Era bem tola em se afligir. Melhor! Mas abafava-se, positivamente! Foi buscar um leque, e as suas mãos enraivecidas sacudiram num frenesi a gaveta, que não se abriu logo, um pouco perra. Pois bem, não o tornaria a receber! E acabava tudo!

E o seu grande amor, de repente, como um fumo que uma rajada dissipa, desapareceu! Sentiu um alívio, um grande desejo de tranquilidade. Era absurdo, realmente, com um marido como Jorge,

pensar noutro homem, um leviano, um estroina!...

Deram quatro horas. Veio-lhe uma desesperação, correu ao escritório de Jorge, agarrou uma folha de papel, escreveu à pressa:

«Querido Basílio.

Porque não vens? Estás doente? Se soubesses os tormentos por que me fazes passar...»

A campainha retiniu. Era ele! Amarrotou o bilhete, meteu-o no bolso do vestido, ficou esperando, palpitante. Passos de homem pisaram o tapete da sala. Entrou, com o olhar faiscante... Era Sebastião.

Sebastião, um pouco pálido, que lhe apertou muito as mãos. Estava melhor? Tinha dormido bem?

Sim, obrigada, estava melhor. Sentara-se no sofá, muito vermelha. Mal sabia que dizer.

Repetiu com um sorriso vago: — Estou muito melhor! — E pensava: «Não me deixa agora a casa, este maçador!»

— Então, não saiu? — perguntou Sebastião, sentado na poltrona, com o chapéu desabado nas mãos.

Não, estava um pouco fatigada ainda.

Sebastião passou devagar a mão pelos cabelos, e com uma voz que o embaraço engrossava:

— Também agora tem sempre companhia de manhã...

— Sim, meu primo Basílio tem aparecido. Há tanto tempo que nos não víamos! Fomos criados de pequenos, quase... Tenho-o visto quase todos os dias.

Sebastião fez logo rolar um pouco a poltrona, e curvando-se, baixando a voz:

— Eu mesmo tinha vindo para lhe falar a esse respeito...

Luísa abriu um olhar surpreendido.

— A respeito de quê?

— É que se repara... A vizinhança é a pior coisa que há, minha rica amiga. Repara em tudo. Já se tem falado. A criada do lente, a Paula. Até já vieram à tia Joana. E como o Jorge não está... O Neto também reparou. Como não sabem o parentesco... E como vem todos os dias...

Luísa ergueu-se bruscamente, com o rosto alterado:

— Então eu não posso receber os meus parentes sem ser insultada? — exclamou.

Sebastião levantou-se também. Aquela cólera súbita nela, uma pessoa tão doce, atarantou-o como um trovão que estala num céu claro de verão.

Pôs-se a dizer, quase ansiosamente:

— Oh minha rica senhora! mas repare, eu não digo... É por causa da vizinhança!...

— Mas que pode dizer a vizinhança?

A sua voz tinha uma vibração aguda. E batendo com as mãos, apertando-as, exaltada:

— Isto é curioso! Tenho um parente único, com quem fui criada, que não vejo há uns poucos de anos, vem-me fazer três ou quatro visitas, está um momento, e já querem deitar maldade!

Falava convencida, esquecendo as palavras de Basílio, os beijos, o *coupé*...

Sebastião, acabrunhado, enrolava o chapéu nas mãos trémulas. E com uma voz abafada:

— Eu tinha-me parecido prudente avisar; o Julião também...

— O Julião! — exclamou ela. — Mas que tem o Julião com isso? Com que direito se metem no que se passa em minha casa? O Julião!

A intervenção, as decisões de Julião pareciam-lhe um acréscimo de afronta. Caiu numa cadeira, com as mãos

contra o peito, os olhos no teto.

— Oh! Se o Jorge aqui estivesse! Oh! Se ele aqui estivesse, santo Deus!

Sebastião balbuciou aniquilado:

— Era para seu bem...

— Mas que mal me pode suceder?

E erguendo-se, indo de um móvel a outro, numa excitação:

— É o meu único parente. Fomos criados ambos, brincávamos juntos. Em casa da mamã, na Rua da Madalena, estava lá sempre. Ia lá jantar todos os dias. É como se fôssemos irmãos. Em pequena trazia-me ao colo...

E amontoava detalhes daquela fraternidade, exagerando uns, inventando outros, ao acaso, na improvisação da cólera.

— Vem aqui — acrescentava —

está um bocado, fazemos música, ele toca admiravelmente, fuma um charuto, vai-se...

Instintivamente justificava-se.

Sebastião estava sem ideia, sem resolução. Parecia-lhe aquela outra Luísa, diferente, que o assustava; e quase curvava os ombros sob a estridência da sua voz, que nunca conhecera tão forte, vibrando numa loquacidade trapalhona.

Erguendo-se enfim, disse com uma dignidade melancólica:

— Eu entendi que era o meu dever, minha senhora.

Fez-se um silêncio grave. Aquele tom sóbrio, quase severo, obrigou-a a corar um pouco dos seus espalhafatos; baixou os olhos; disse embaraçada:

— Perdoe, Sebastião! Mas

realmente!... Não, acredite, juro-lhe, estou-lhe muito obrigada em me avisar. Fez muito bem, Sebastião!

Ele exclamou logo, vivamente:

— Para evitar qualquer calúnia dessas línguas danadas! Pois não é verdade?

Justificou então a sua intervenção, com muita amizade: às vezes por uma palavra, arma-se uma intriga, e quando uma pessoa está prevenida...

— Decerto, Sebastião! — repetiu ela. — Fez perfeitamente bem em me avisar. Decerto!...

Tinha-se sentado; o olhar reluzia-lhe febrilmente; e a cada momento limpava com o lenço os cantos da boca.

— Mas que hei -de eu fazer. Sebastião! Diga!

Ele comovia-se agora de a ver assim ceder, aconselhar-se; quase lamentava vir, com a gravidade das suas advertências, perturbar a alegria das suas intimidades. Disse:

— Está claro que deve ver o seu primo, recebê-lo... Mas enfim, sempre é bom uma certa reserva, com esta vizinhança! Eu se fosse a si contava-lhe... explicava-lhe...

— Mas, por fim, que diz essa gente, Sebastião?

— Repararam. Quem seria? Quem não seria? Que vinha, que estava, o diabo!

Luísa ergueu-se impetuosamente:

— Eu bem tenho dito ao Jorge! Tantas vezes lhe tenho dito! Isto é uma rua impossível! Não se mexe um dedo que não espreitem, que não cochichem!

— Não têm que fazer...

Houve um silêncio. Luísa passeava pela sala, com a cabeça baixa, a testa franzida; e parando, olhando quase ansiosamente para Sebastião:

— O Jorge se soubesse é que tinha um desgosto! Santo Deus!

— Escusa de saber! — exclamou logo Sebastião. — Isto fica entre nós!

— Para o não afligir, não é verdade? — acudiu ela.

— Está claro! Isto fica entre nós.

E Sebastião estendendo-lhe a mão, quase humildemente:

— Então não está zangada comigo, hem?

— Eu, Sebastião! Que tolice!

— Bem, bem. Acredite! — e espalmou a mão sobre o peito. — Eu

entendi que era o meu dever. Porque enfim, a minha rica amiga não sabia nada...

— Estava bem longe!...

— Decerto. Bem, adeus. Não a quero maçar mais. — E com uma voz profunda, comovida: — Cá estou às ordens, hem!

— Adeus, Sebastião... Mas que gente! Por ver entrar o pobre rapaz três ou quatro vezes!...

— Uma canalha, uma canalha! — disse Sebastião, arregalando os olhos.

E saiu.

Apenas ele fechou a porta:

— Que desaforo! — exclamou Luísa. — Isto só a mim.

Porque a intervenção de Sebastião, no fundo, irritava-a mais que

os mexericos da vizinhança! A sua vida, as suas visitas, o interior da sua casa era discutido, resolvido por Sebastião, por Julião, por *tutti quanti!* E porquê, santo Deus? Porque seu primo, o seu único parente, vinha vê-la!...

Mas então, de repente, emudecia interiormente. Lembravam-lhe os olhares de Basílio, as suas palavras exaltadas, aqueles beijos, o passeio ao Lumiar. A sua alma corava baixo, mas o seu despeito seguia declamando alto: — Decerto, havia um sentimento, mas era honesto, ideal, todo platónico!... Nunca seria *outra coisa*! Podia ter lá dentro, no fundo, uma fraqueza... Mas seria sempre uma mulher de bem, fiel, só de um!...

E esta certeza irritava-a então contra os «palratórios» da rua! Que de

resto era lá possível, que só por verem entrar Basílio, quatro ou cinco vezes, às duas horas da tarde, começassem logo a murmurar, a cortar na pele?... Sebastião era um caturra, com terrores de ermitão! E que ideia, ir consultar Julião! Julião! Era ele, decerto, que o instigara a vir pregar, assustá-la, humilhá-la!... Porquê? Azedume, inveja! Porque Basílio tinha beleza, *toilette*, maneiras, dinheiro!... Se tinha!

As qualidades de Basílio apareciam-lhe então magníficas e abundantes com os atributos de um deus. E estava apaixonada por ela! E queria vir viver junto dela! O amor daquele homem, que tinha esgotado tantas sensações, abandonado decerto tantas mulheres, parecia-lhe como a afirmação gloriosa da

sua beleza e a irresistibilidade da sua sedução.

A alegria que lhe dava aquele culto trazia-lhe o receio de o perder. Não o queria ver diminuído; queria-o sempre presente, crescendo, balouçando sem cessar, diante dela, o murmúrio lânguido das ternuras humildes! Podia lá separar-se de Basílio! Mas se a vizinhança, as relações começavam a comentar, a cochichar... Jorge podia saber! Àquela suposição o coração arrefecia-lhe... — Sebastião tinha razão, no fundo, era evidente!

Numa rua pequena, com doze casas, vir todos os dias, aquele lindo rapaz, tão elegante, agora que seu marido não estava... Era terrível! — Que havia de fazer, santo Deus!...

A campainha retiniu com força; Leopoldina entrou.

Vinha furiosa com o cocheiro. Que imaginasse ela, hem! Tinha parado ao Correio, e o homem queria duas corridas. Um canalha assim!...

— E que calor, uf! — atirou a sombrinha, as luvas; agitou as mãos no ar para descer o sangue, dar-lhes palidez; e diante do toucador, compondo ligeiramente os frisados do cabelo, com uma cor na pele, muito espartilhada, admirável no seu corpete couraçado:

— Que tens tu, filha? Estás toda no ar!

Nada. Tinha-se zangado com as criadas...

— Ai! estão insuportáveis! — Contou as exigências da Justina, os seus

desmazelos. — E muito agradecia ainda que ela se me não vá! Quando a gente depende delas!... — E pondo pó de arroz no rosto, com uma voz lenta: — Lá o meu senhor foi para o Campo Grande. Eu estive para ir jantar fora com... — Suspendeu-se, sorriu, e voltada para Luísa, mais baixo, com um tom alegre, muito sincero: — Mas olha, a falar a verdade, nem sabia onde, nem tinha dinheiro... Que ele coitado com a sua mesada mal lhe chega. Disse comigo: «Nada, vou ver a Luísa.» Também os homens sempre, sempre, secam!... Que tens tu para jantar? Não fizeste cerimónia, hem?

E com uma ideia súbita:

— Tens tu bacalhau?

Devia haver, talvez. Que

extravagância! Porquê?

— Ai! — exclamou. — Manda-me assar um bocadinho de bacalhau! Meu marido detesta o bacalhau! Aquele animal! Eu é a minha paixão. Com azeite e alho! — Mas calou-se, contrariada. — Diabo!

— O quê?

— É que hoje não posso comer alho...

E entrou para a sala a rir. Foi tirar uma rosa do ramo de Sebastião, pô-la numa casa do corpete. Desejava ter uma sala assim — pensava, olhando em redor. Queria-a de repes azul, com dois grandes espelhos, um lustre de gás, e o seu retrato a óleo de corpo inteiro, decotada, ao pé de um rico vaso de flores... Sentou-se ao piano, bateu rijamente o teclado, tocou

motivos do «Barba-Azul».

E vendo Luísa entrar:

— Mandaste arranjar o bacalhau?

— Mandei.

— Assado?

— Sim.

— *Gracias!* — E atirou, com a sua voz mordente, a sua canção querida da «Grã-Duquesa»:

Ouvi dizer que meu avô de vinho
Era um tal amador...

Mas Luísa achava aquela música «espalhafatona»; queria alguma coisa triste, doce... O fado! que tocasse o fado!...

Leopoldina exclamou logo:

— Ai, o fado novo! Tu não

ouviste? É lindo! Os versos são divinos!

Preludiou, cantando com um balouçar lânguido da cabeça, o olhar erguido e turvo:

O rapaz que eu ontem vi
Era moreno e bem feito...

— Tu não sabes isto, Luísa? Oh filha! É o último! É de chorar!

Recomeçou, com o tom muito quebrado. Era a história rimada de um amor infeliz. Falava-se nas «raivas do ciúme, nas rochas de Cascais, nas noites de luar, nos suspiros da saudade», todo o palavreado mórbido do sentimentalismo lisboeta. Leopoldina dava tons dolentes à voz, revirava um olhar expirante; uma quadra sobretudo enternecia-a; repetiu-a

com paixão:

Vejo-o nas nuvens do céu,
Nas ondas do mar sem fim,
E por mais longe que esteja
Sinto-o sempre ao pé de mim.

— Lindo! — suspirava Luísa.

E Leopoldina terminava com ais em que a sua voz se arrastava numa extensão desafinada.

Luísa, de pé junto do piano, sentia o cheiro do feno que ela usava; o fado, os versos entristeciam-na um pouco; e com o olhar saudoso seguia sobre o teclado os dedos ágeis e magros de Leopoldina, onde reluziam as pedras dos anéis que lhe tinha dado o Gama.

Mas Juliana entrou, vestida de

passeio, com a sua cuia nova. Estava o jantar na mesa!

Leopoldina declarou que vinha a cair de fome! E a sala de jantar com as vidraças abertas, as verduras dos terrenos vagos defronte, um azul de horizonte onde se algodoavam nuvenzinhas muito brancas — alegrou-a: a sala de jantar dela tirava-lhe até o apetite, era uma tristeza, deitava para o saguão!

Pôs-se a depenicar bagos de uvas, a trincar bocadinhos de conserva — e reparando no retrato do pai de Jorge, desdobrando o guardanapo:

— Havia de ser divertido teu sogro! Tem cara de pândego!..

E há que tempos que não jantavam juntas! Desde quando?

— Desde o meu primeiro ano de

casada — lembrou Luísa.

Leopoldina fez-se um pouco vermelha. Viam-se muito nesse tempo; Jorge deixava-as ir às lojas ambas, aos confeiteiros, à Graça... A lembrança daquela camaradagem levou-a às recordações mais distantes do colégio. Tinha visto, havia dias, a Rita Pessoa, com o sobrinho. — Lembras-te dele?

— O «Espinafre»?

«Espinafre» ou não, era no colégio o homem, o ideal, o herói; todas lhe escreviam bilhetes, desenhavam-lhe corações donde saía uma fogueira, metiam-lhe no boné muito sebento ramos de flores de papel... E quando a Micaela foi apanhada, no cacifro dos baús, a devorá-lo de beijos!...

Luísa disse:

— Que horror!

— Não, que a Micaela era doida!

Coitada! Tinha casado com um alferes, um homem que a espancava. Estava cheia de filhos...

— Isto é um vale de lágrimas! — resumiu Leopoldina, recostando-se.

Estava loquaz. Servia-se muito, com gula; depois picava um bocadinho na ponta do garfo, provava, deixava, punha-se a comer côdeas de pão que barrava de manteiga. E deleitava-se nas recordações do colégio! Que bom tempo!

— Lembras-te quando estivemos de mal?

Luísa não se lembrava.

— Por tu teres dado um beijo na Teresa, que era o meu «sentimento» — disse Leopoldina.

Puseram-se a falar dos «sentimentos». Leopoldina tivera quatro; a mais bonita era a Joaninha, a Freitas. Que olhos! E que bem feita! Tinha-lhe feito a corte um mês!...

— Tolices! — disse Luísa corando um pouco.

— Tolices! Porquê?

Ai! era sempre com saudade que falava dos «sentimentos». Tinham sido as primeiras sensações, as mais intensas. Que agonia de ciúmes! Que delírio de reconciliações! E os beijos furtados! E os olhares! E os bilhetinhos, e todas as palpitações do coração, as primeiras da vida!

— Nunca — exclamou — nunca, depois de mulher, senti por um homem o que senti pela Joaninha!... Pois podes

crer...

— Um olhar de Luísa deteve-a. — A Juliana! Diabo!, tinha-se esquecido! Constrangia-se muito, com o seu sorrisinho torcido, a figura de peito chato, o tiquetaque metálico dos tacões.

— E que foi feito da Joaninha? — perguntou Luísa.

Morrera tísica — e a voz de Leopoldina fez-se saudosa.

Uma doença bem triste, não era? Mas não lhe tinha medo, ela! Batia no seio, bem formado:

— Isto é rijo, isto é são!

Juliana saiu, e Luísa observou logo:

— Vê no que falas, filha! Tem cuidado!

Leopoldina curvou-se:

— Ah! a respeitabilidade da casa! Tens razão! — murmurou.

E como Juliana entrava com o bacalhau assado, fez-lhe uma ovação:

— Bravo! Está soberbo!

Tocou-lhe com a ponta do dedo, gulosa; vinha louro, um pouco tostado, abrindo em lascas.

— Tu verás — dizia ela. — Não te tentas? Fazes mal!

Teve então um movimento decidido de bravura, disse-

— Traga-me um alho, Sr.ª Juliana! Traga-me um bom alho!

E apenas ela saiu:

— Eu vou ter logo com o Fernando, mas não me importa!... Ah! Obrigada, Sr.ª Juliana! Não há nada como o alho!...

Esborrachou-o em roda do prato, regou as lascas do bacalhau de um fio mole de azeite, com gravidade. — Divino! — exclamou. Tornou a encher o copo, achava aquilo «uma pândega».

— Mas que tens tu?

Luísa com efeito parecia preocupada. Tinha suspirado baixo. Duas vezes, endireitando-se na cadeira, dissera a Juliana, inquieta:

— Parece que tocaram a campainha, vá ver.

Não era ninguém.

— Quem havia de ser? Não esperas teu marido, decerto.

— Ah! não!

E então Leopoldina, com os olhos no prato, partindo devagar, muito atenta, lascazinhas de bacalhau:

— E o teu primo veio ver-te?

Luísa fez-se vermelha.

— Sim, tem vindo. Tem vindo várias vezes.

— Ah!

E depois de um silêncio:

— Ainda está bonito?

— Não está feio...

— Ah!

Luísa apressou-se a perguntar se tinha encomendado o vestido de xadrezinho? Não. E começaram a falar de *toilettes*, fazendas, lojas, e preços... Depois, de conhecidas, de outras senhoras, de boatos — perdendo-se numa conversa de mulheres sós, miudinha e divagada, semelhante ao ramalhar de folhagens.

Viera o assado, Leopoldina já ia

tendo uma cor quente nas faces. Pediu a Juliana que lhe fosse buscar o leque; e recostada, abanando-se, declarou que se sentia como um príncipe! E ia beberricando golinhos de vinho. Que boa ideia, jantarem juntas!...

Apenas Juliana dispôs os pratos de fruta, Luísa disse-lhe logo «que chamaria para o café, que podia ir». Foi ela mesmo fechar a porta da sala, correr o reposteiro de cretone.

— Estamos à vontade, agora! Faço-me velha só de olhar para esta criatura! Estou morta pela ver pelas costas!

— Mas porque a não pões na rua?

Era Jorge que não queria, senão...

Leopoldina protestou. Boa! Os maridos não deviam ter vontade!... Era o

que faltava!...

— E o teu, então? — disse Luísa, rindo.

— Obrigado! — exclamou Leopoldina. — Um homem que faz quarto à parte!

De resto detestava os homens que se ocupam de criadas, de róis, de azeites e vinagres...

— Que lá o meu cavalheiro até pesa a carne! — Sorriu, com ódio. — Também é o que vale, senão!... Eu só de ir à cozinha me dão enjoos...

Quis deitar vinho, mas a garrafa estava vazia.

Luísa acudiu:

— Queres tu champanhe? — Tinha-o muito bom, que o mandava a Jorge um espanhol, um proprietário de

minas.

Foi ela mesmo buscar a garrafa, desembrulhando-a do seu papel azul — e com risinhos, sustos, fizeram estalar a rolha. A espuma encantou-as: olhavam os copos, caladas, com um bem-estar feliz. Leopoldina gabou-se de saber abrir muito bem o champanhe; falava vagamente de ceias passadas...

— Em Terça-Feira Gorda, há dois anos!...

E toda recostada na cadeira, com um sorriso cálido, as asas do nariz dilatadas, a pupila húmida, olhava com sensualidade os globulozinhos vivos que subiam, sem cessar, no copo esguio.

— Se fosse rica, bebia sempre champanhe — disse.

Luísa não: ambicionava um *coupé*;

e queria viajar, ir a Paris, a Sevilha, a Roma... Mas os desejos de Leopoldina eram mais vastos: invejava uma larga vida, com carruagens, camarotes de assinatura, uma casa em Sintra, ceias, bailes, *toilettes*, jogo... Porque gostava do monte — dizia — fazia-lhe bater o coração. E. estava convencida que havia de adorar a roleta.

— Ah! — exclamou. — Os homens são bem mais felizes que nós! Eu nasci para homem! O que eu faria!

Levantou-se, foi-se deixar cair muito languidamente na *voltaire*, ao pé da janela. A tarde descia serenamente; por trás das casas, para lá dos terrenos vagos, nuvens arredondavam-se, amareladas, orladas de cores sanguíneas ou de tons alaranjados.

E voltando-lhe a mesma ideia de ação, de independência:

— Um homem pode fazer tudo! Nada lhe fica mal! Pode viajar, correr aventuras... Sabes tu, fumava agora um cigarrito...

O pior é que Juliana podia sentir o cheiro. E parecia tão mal!...

— É um convento, isto! — murmurou Leopoldina. — Não tens má prisão, minha filha!

Luísa não respondeu; tinha encostado a cabeça à mão: e com o olhar vago, como continuando alguma ideia:

— São tolices, no fim, andar, viajar! A única coisa neste mundo é a gente estar na sua casa, com o seu homem, um filho ou dois...

Leopoldina deu um salto na

voltaire. Filhos! Credo, que nem falasse em semelhante coisa! Todos os dias dava graças a Deus em os não ter!

— Que horror! — exclamou com convicção. — O incómodo todo o tempo que se está!... As despesas, os trabalhos, as doenças! Deus me livre! É uma prisão! E depois quando crescem, dão fé de tudo, palram, vão dizer... Uma mulher com filhos está inútil para tudo, está atada de pés e mãos! Não há prazer na vida. É estar ali a aturá-los... Credo! Eu? Que Deus não me castigue, mas se tivesse essa desgraça parece-me que ia ter com a velha da Travessa da Palha!

— Que velha? — perguntou Luísa.

Leopoldina explicou. Luísa achava uma «infâmia». A outra encolheu os ombros, acrescentou:

— E depois, minha rica, é que uma mulher estraga-se: não há beleza de corpo que resista. Perde-se o melhor. Quando se é como a tua amiga, a D. Felicidade, enfim!..

Mas quando se é direitinha e arranjadinha!... Nada, minha rica! Embaraços não faltam!

Por baixo, na rua, o realejo do bairro, no seu giro da tarde, veio tocar o final da «Traviata»; ia escurecendo; já as verduras dos quintais tinham uma igual cor parda; e as casas para além esbatiam-se na sombra.

A «Traviata» lembrou a Luísa «A Dama das Camélias»; falaram do romance; recordaram episódios...

— Que paixão que eu tive por Armando em rapariga! — disse

Leopoldina.

— E eu foi por D'Artagnan — exclamou ingenuamente Luísa.

Riram muito.

— Começámos cedo — observou Leopoldina. — Dá-me uma gotinha mais.

Bebeu, pousou o cálice — e encolhendo os ombros:

— Oh! Começámos cedo? Começam todas! Aos treze anos já a gente vai na sua quarta paixão. Todas são mulheres, todas sentem o mesmo! — E batendo o compasso com o pé, cantou no tom do fado:

O amor é uma doença
Que costuma andar no ar;
Só de ir à janela, às vezes
Se apanha a febre de amar!

— Estou hoje com uma telha! — E espreguiçando-se muito languidamente: — No fim de contas é o que há de melhor neste mundo: o resto é uma sensaboria! Não é verdade? Diz, tu? Não é verdade?

Luísa murmurou:

— Se é! — E acrescentou logo: — Creio eu!

Leopoldina ergueu-se, e escarnecendo-a:

— Crê ela! Pobre inocentinha! Vejam o anjinho!

Foi-se encostar à janela; ficou a olhar pelos vidros o descer do crepúsculo; de repente pôs-se a dizer devagar:

— Realmente vale bem a pena estar uma pobre de Cristo a privar-se, a

passar uma vida de coruja, a mortificar-se, para vir um dia uma febre, um ar, uma soalheira, e boas noites, vai-se para o Alto de S. João! Tó rola!

A sala agora estava um pouco escura.

— Pois não te parece? — perguntou ela.

Aquela conversa embaraçava Luísa: sentia-se corar; mas o crepúsculo, as palavras de Leopoldina davam-lhe como o enfraquecimento de uma tentação. Declarou todavia «imoral» semelhante ideia.

— Imoral, porquê?

Luísa falou vagamente nos «deveres», na «religião». Mas os «deveres» irritavam Leopoldina. Se havia uma coisa que a fizesse sair de si — dizia

— era ouvir falar em deveres!...

— Deveres? Para com quem? Para um maroto como meu marido?

Calou-se, e passeando pela sala, excitada:

— E enquanto a religião, histórias! A mim me dizia o padre Estêvão, o de luneta que tem os dentes bonitos, que me dava todas as absolvições, se eu fosse com ele a Carriche!

— Ah, os padres... — murmurou Luísa.

— Os padres quê? São a religião! Nunca vi outra. Deus, esse, minha rica, está longe, não se ocupa do que fazem as mulheres.

Luísa achava horrível «aquele modo de pensar». A felicidade, a

verdadeira, segundo ela, era ser honesta...

— E a bisca em família! — resmungou Leopoldina, com ódio.

Luísa disse, animada:

— Pois olha que com as tuas paixões, umas atrás das outras...

Leopoldina estacou:

— O quê?

— Não te podem fazer feliz?

— Está claro que não! — exclamou a outra. — Mas... — Procurou a palavra; não a quis empregar decerto; disse apenas com um tom seco: — Divertem-me!

Calaram-se. Luísa pediu o café,

Juliana entrou com a bandeja, trouxe luz; daí a pouco foram para a sala.

— Sabes quem me falou ontem de ti? — disse Leopoldina, indo estender-se

no divã.

— Quem?

— O Castro.

— Que Castro?

— O de óculos, o banqueiro.

— Ah!

— Muito apaixonado por ti sempre.

Luísa riu.

— Doudo, palavra! — afirmou Leopoldina.

A sala estava às escuras, com as janelas abertas; a rua esbatia-se num crepúsculo pardo; um par lânguido e doce amaciava a noite.

Leopoldina esteve um momento calada; mas o champanhe, a meia obscuridade deram-lhe bem depressa a necessidade de cochichar

confidenciazinhas. Estirou-se mais no divã, numa atitude toda abandonada; pôs-se a falar «dele». Era ainda o Fernando, o poeta. Adorava-o.

— Se tu soubesses! — murmurava com um ar de êxtase — É um amor de rapaz!

A sua voz velada tinha inflexões de uma ternura cálida. Luísa sentia-lhe o hálito e o calor do corpo, quase deitada também, enervada; a sua respiração alta tinha por vezes um tom suspirado: e a certos detalhes mais picantes de Leopoldina soltava um risinho quente e curto, como de cócegas... Mas passos fortes de botas de tachas subiram a rua, e no candeeiro defronte o gás saltou com um jato vivo. Uma branda claridade pálida penetrou na sala.

Leopoldina ergueu-se logo. — Tinha de ir já, já, ao acender do gás. Estava à espera, o pobre rapaz! — Entrou no quarto mesmo às escuras, a pôr o chapéu, buscar a sombrinha. — Tinha-lhe prometido, coitado, não podia faltar. Mas realmente embirrava de ir só. Era tão longe! Se a Juliana pudesse vir acompanhá-la...

— Vai, sim, filha! — disse Luísa.

Ergueu-se preguiçosamente com um grande «Ai!», foi abrir a porta, e deu de cara com Juliana, na sombra do corredor.

— Credo, mulher, que susto!

— Vinha saber se queriam luz...

— Não. Vá pôr um xale para acompanhar a Sr.ª D. Leopoldina! Depressa!

Juliana foi correndo.

— E quando apareces tu, Leopoldina? — perguntou Luísa.

Logo que pudesse. Para a semana estava com ideias de ir ao Porto ver a tia Figueiredo, passar quinze dias na Foz...

A porta abriu-se.

— Quando a senhora quiser... — disse Juliana.

Fizeram grandes adeus, beijaram-se muito. Luísa disse rindo ao ouvido de Leopoldina: — Sê feliz

Ficou só. Fechou as janelas, acendeu as velas, começou a passear pela sala, esfregando devagar as mãos. E, sem querer, não podia desprender a ideia de Leopoldina que ia ver o seu amante! O seu amante!...

Seguia-a mentalmente: —

caminhava depressa decerto falando com Juliana; chegava; subia a escada, nervosa; atirava com a porta — e que delicioso, que ávido, que profundo o primeiro beijo! Suspirou. Também ela amava — e *um* mais belo, mais fascinante. Porque não tinha vindo?

Sentou-se ao piano preguiçosamente; pôs-se a cantar baixo, triste, o fado de Leopoldina:

E por mais longe que esteja
Vejo-o sempre ao pé de mim!...

Mas um sentimento de solidão, de abandono, veio impacientá-la. Que seca, estar ali tão sozinha! Aquela noite cálida, bela e doce, atraía-a, chamava-a para fora, para passeios sentimentais, ou para

contemplações do céu, num banco de jardim, com as mãos entrelaçadas. Que vida estúpida, a dela! Oh! aquele Jorge! Que ideia ir para o Alentejo!

As conversas de Leopoldina e a lembrança das suas felicidades voltavam-lhe a cada momento: uma pontinha de champanhe agitava-se-lhe no sangue. O relógio do quarto começou lentamente a dar nove horas — e de repente a campainha retiniu.

Teve um sobressalto: não podia ser ainda Juliana! Pôs-se a escutar, assustada. Vozes falavam à cancela.

— Minha senhora — veio dizer Joana baixo — é o primo da senhora que diz que se vem despedir...

Abafou um grito, balbuciou:

— Que entre!

Os seus olhos dilatados cravavam-se febrilmente na porta. O reposteiro franziu-se, Basílio entrou, pálido, com um sorriso fixo.

— Tu partes! — exclamou ela surdamente, precipitando-se para ele.

— Não! — E prendeu-a nos braços. — Não! Imaginei que me não recebias a esta hora, e tomei este pretexto.

Apertou-a contra si, beijou-a; ela deixava, toda abandonada; os seus lábios prendiam-se aos dele. Basílio deitou um olhar rápido, em redor, pela sala, e foi-a levando abraçada murmurando: — Meu amor! Minha filha! — Mesmo tropeçou na pele de tigre, estendida ao pé do divã.

— Adoro-te!

— Que susto que tive! — suspirou Luísa.

— Tiveste?

Ela não respondeu; ia perdendo a perceção nítida das coisas; sentia-se como adormecer. Balbuciou: — Jesus! Não! Não! — Os seus olhos cerraram-se.

Quando a campainha retiniu fortemente às dez horas, Luísa, havia momentos, sentara-se à beira do divã. Mal teve força de dizer a Basílio:

— Há de ser a Juliana, tinha ido fora...

Basílio cofiou o bigode, deu duas voltas na sala, foi acender um charuto. Para quebrar o silêncio sentou-se ao piano, tocou alguns compassos ao acaso, e, erguendo um pouco a voz, começou a cantarolar a ária do terceiro ato do «Fausto»:

Al pallido chiarore
Dei astri d'oro...

Luísa, através das últimas vibrações dos seus nervos, ia entrando na realidade; os seus joelhos tremiam. E então, ouvindo aquela melodia, uma recordação foi-se formando no seu espírito, ainda estremunhado. Era uma noite, havia anos, em S. Carlos, num camarote com Jorge; uma luz elétrica dava ao jardim, no palco, um tom lívido de luar legendário; e numa altitude estática e suspirante o tenor invocava as estrelas; Jorge tinha-se voltado, dissera-lhe: — Que lindo! — E o seu olhar devorava-a. Era no segundo mês do seu casamento. Ela estava com um vestido azul-escuro. E à volta, na carruagem, Jorge, passando-lhe

a mão pela cintura, repetia:

Al pallido chiarore
Dei astri d'oro...

E apertava-a contra si...

Ficara imóvel à beira do divã, quase a escorregar, os braços frouxos, o olhar fixo, a face envelhecida, o cabelo desmanchado. Basílio então veio sentar-se devagarinho junto dela.

— Em que estava a pensar?

— Nada.

Ele passou-lhe o braço pela cinta, começou a dizer que havia de procurar uma casinha para se verem melhor, estarem mais à vontade; não era mesmo prudente ali em casa dela...

E falando, voltava a cada

momento o rosto, soprava para o lado o fumo do charuto.

— Não te parece que vir eu aqui, todos os dias, pode ser reparado?

Luísa ergueu-se bruscamente, lembrara-lhe Sebastião!... E com uma voz um pouco desvairada:

— Já é tão tarde! — disse.

— Tens razão.

Foi buscar o chapéu em bicos de pés, veio beijá-la muito, saiu.

Luísa sentiu-o acender um fósforo, fechar devagarinho a cancela.

Estava só; pôs-se á olhar em roda, como idiota. O silêncio da sala parecia-lhe enorme. As velas tinham uma chama avermelhada. Piscava os olhos, tinha a boca seca. Uma das almofadas do divã estava caída, apanhou-a.

E com um ar sonâmbulo entrou no quarto. Juliana veio trazer o rol. E já vinha com a lamparina, estava a arranjá-la...

Tinha tirado a cuia; subiu à cozinha quase a correr. A Joana, que estivera dormitando, espreguiçava-se com bocejos enormes.

Juliana pôs-se a arranjar a torcida da lamparina; os dedos tremiam-lhe; tinha no olhar um brilho agudo; e depois de tossir, devagarinho, com um sorriso para Joana:

— E então a que horas veio o primo da senhora?

— Veio logo que vossemecê saiu, estavam a dar as nove.

— Ah!

Desceu com a lamparina; e

sentindo Luísa na alcova a despir-se:

— A senhora não quer chá? — perguntou, com muito interesse.

— Não.

Foi à sala, fechou o piano. Havia um forte cheiro de charuto. Pôs-se a olhar em redor, devagar, andando com um passo subtil... De repente agachou-se, ansiosamente: ao pé do divã uma coisa reluzia. Era uma travessa de Luísa, de tartaruga, com o aro dourado. Tornou a entrar no quarto em pontas de pés, pousou-a no toucador, entre os rolos de cabelo.

— Quem anda aí? — perguntou da alcova a voz sonolenta de Luísa.

— Sou eu, minha senhora, sou eu, estive a fechar a sala. Muito boas noites, minha senhora!

Aquela hora Basílio entrava no Grémio. Procurou pelas salas. Estavam quase desertas. Dois sujeitos, com os rostos entre os punhos, curvados em atitudes lúgubres, ruminavam os jornais: aqui, além, junto a mesinhas redondas, pessoas de calça branca mastigavam torradas com uma satisfação plácida; as janelas estavam fechadas, a noite quente, e o calor mole do gás abafava. Ia descer quando de uma saleta de jogo, de repente, saiu o ruído irritado de uma altercação; trocavam-se injúrias, gritava-se: — Mente! O asno é você!

Basílio estacou, escutando. Mas, subitamente, fez-se um grande silêncio; uma das vozes disse com brandura:

— Paus!

A outra respondeu com

benevolência:

— É o que devia ter feito há pouco.

E imediatamente a questão rebentou de novo, estridente. Praguejavam, diziam obscenidades.

Basílio foi ao bilhar. O visconde Reinaldo, de pé, apoiado ao taco, seguia com uma imobilidade grave o jogo do seu parceiro; mas apenas viu Basílio, veio para ele rapidamente, e muito interessado:

— Então?

— Agora mesmo — disse Basílio mordendo o charuto.

— Enfim, hem? — exclamou Reinaldo, arregalando os olhos, com uma grande alegria.

— Enfim!

— Ainda bem, menino! Ainda

bem!

Batia-lhe no ombro, comovido.

Mas chamaram-no para jogar; e todo estirado sobre o bilhar, com uma perna no ar, para dar com mais segurança o efeito, dizia com a voz constrangida pela atitude:

— Estimo, estimo, porque essa coisa começava a arrastar...

Tac! Falhou a carambola.

— Não dou meia! — murmurou com rancor.

E chegando-se a Basílio, a dar giz no taco:

— Ouve cá...

Falou-lhe ao ouvido.

— Como um anjo, menino! — suspirou Basílio.

6

Foi Juliana que na manhã seguinte veio acordar Luísa, dizendo à porta da alcova com a voz abafada, em confidência:

— Minha senhora! Minha senhora! É um criado com esta carta, diz que vem do hotel.

Foi abrir uma das janelas, em bicos de pés; e voltando à alcova com uma cautela misteriosa:

— E está à espera da resposta, está à porta.

Luísa, estremunhada, abriu o largo envelope azul com um monograma — dois BB, um púrpura, outro ouro, sob uma coroa de conde.

— Bem, não tem resposta.

— Não tem resposta — foi dizer Juliana ao criado, que esperava encostado ao corrimão, fumando um grande charuto, e cofiando as suíças pretas.

— Não tem resposta? Bem, muito bom dia. — Levou o dedo secamente à aba do coco, e desceu, gingando.

«Perfeito homem!», foi pensando Juliana, pela escada da cozinha.

— Quem bateu, Sr.ª Juliana? — perguntou-lhe logo a cozinheira.

Juliana resmungou:

— Ninguém, um recado da modista.

Desde pela manhã a Joana achava-lhe o «ar esquisito». Sentira-a desde as sete horas varrer, espanejar, sacudir, lavar as vidraças da sala de jantar, arrumar as

louças no aparador. E com uma azáfama! Ouvira-a cantar a «Carta Adorada», ao mesmo tempo que os canários, nas varandas abertas, chilreavam estridentemente ao sol. Quando veio tomar o seu café à cozinha não palestrou como de costume; parecia preocupada e ausente.

Joana até lhe perguntou:

— Sente-se pior, Sr.ª Juliana?

— Eu? Graças a Deus, nunca me senti tão bem.

— Como a vejo tão calada...

— A malucar cá por dentro... A gente nem sempre está para grulhar.

Apesar de serem nove horas não quisera acordar a senhora. — Deixá-la descansar, coitada — disse. Foi em pontas de pés encher devagarinho a bacia

grande do banho, no quarto; para não fazer ruído, sacudiu no corredor as saias, o vestido da véspera: e os seus olhos brilharam avidamente quando sentiu na algibeirinha um papel amarrotado! Era o bilhete que Luísa escrevera a Basílio: «Porque não vens?... Se soubesses o que me fazes sofrer!...» Teve-o um momento na mão, mordendo o beiço, o olhar fixo num cálculo agudo; por fim tornou a metê-lo na algibeira de Luísa, dobrou o vestido, foi estendê-lo com muito cuidado na *causeuse*.

Enfim, mais tarde, sentido o «cuco» dar horas, decidiu-se a ir dizer a Luísa, com uma voz meiga:

— São dez e meia, minha senhora!

Luísa, na cama, tinha lido, relido o bilhete de Basílio: «Não pudera»,

escrevia ele, «estar mais tempo sem lhe dizer que a adorava. Mal dormira! Erguera-se de manhã muito cedo para lhe jurar que estava louco, e que punha a sua vida aos pés dela.» Compusera aquela prosa na véspera, no Grémio, às três horas, depois de alguns *robbers* de *whist*, um bife, dois copos de cerveja e uma leitura preguiçosa de «Ilustração». E terminava, exclamando: «Que outros desejem a fortuna, a glória, as honras, eu desejo-te a ti! Só a ti, minha pomba, porque tu és o único laço que me prende à vida, e se amanhã perdesse o teu amor, juro-te que punha um termo, com uma boa bala, a esta existência inútil!» Pedira mais cerveja, e levara a carta para a fechar em casa, num envelope com o seu monograma, «porque sempre fazia mais

efeito».

E Luísa tinha suspirado, tinha beijado o papel devotadamente! Era a primeira vez que lhe escreviam aquelas sentimentalidades, o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saía delas, como um corpo ressequido que se estira num banho tépido: sentia um acréscimo de estima por si mesma, e parecia-lhe que entrava enfim numa existência superiormente interessante, onde cada hora tinha o seu encanto diferente, cada passo conduzia a um êxtase, e a alma se cobria de um luxo radioso de sensações!

Ergueu-se de um salto, passou rapidamente um roupão, veio levantar os transparentes da janela... Que linda manhã! Era um daqueles dias do fim de agosto em que o estio faz uma pausa; há

prematuramente, no calor e na luz, uma certa tranquilidade outonal; o sol cai largo, resplandecente, mas pousa de leve; o ar não tem o embaciado canicular, e o azul muito alto reluz com uma nitidez lavada; respira-se mais livremente; e já se não vê na gente que passa o abatimento mole da calma enfraquecedora. Veio-lhe uma alegria: sentia-se ligeira, tinha dormido a noite de um sono são, contínuo, e todas as agitações, as impaciências dos dias passados pareciam ter-se dissipado naquele repouso. Foi-se ver ao espelho; achou a pele mais clara, mais fresca, e um enternecimento húmido no olhar. Seria verdade então o que dizia Leopoldina, que «não havia como uma maldadezinha para fazer a gente bonita?» Tinha um amante, ela!

E imóvel no meio do quarto, os braços cruzados, o olhar fixo, repetia: «Tenho um amante!» Recordava a sala na véspera, a chama aguçada das velas, e certos silêncios extraordinários em que lhe parecia que a vida parara, enquanto os olhos do retrato da mãe de Jorge, negros na face amarela, lhe estendiam da parede o seu olhar fixo de pintura. Mas Juliana entrou com um tabuleiro de roupa passada. Eram horas de se vestir...

Que requintes teve nessa manhã! Perfumou a água com um cheiro de Lubin, escolheu a camisinha que tinha melhores rendas. E suspirava por ser rica! Queria as bretanhas e as holandas mais caras, as mobílias mais aparatosas, grossas joias inglesas, um *coupé* forrado de cetim... Porque nos temperamentos sensíveis as

alegrias do coração tendem a completar-se com as sensualidades do luxo: o primeiro erro que se instala numa alma até aí defendida facilita logo aos outros entradas tortuosas; — assim, um ladrão que se introduz numa casa vai abrindo subtilmente as portas à sua quadrilha esfomeada.

Subiu para o almoço, muito fresca, com o cabelo em duas tranças, em roupão branco. Juliana precipitou-se logo a fechar as janelas, «porque apesar de não estar calor, as portadas cerradas sempre davam mais frescura!» E, vendo que lhe esquecera o lenço, correu a buscar-lhe um, que perfumou com água-de-colónia. Servia-a com ternura. Viu-a comer muitos figos.

— Não lhe vão fazer mal, minha

senhora! — exclamou quase lacrimosamente.

Andava em redor dela com um sorriso servil, sem ruído; ou defronte da mesa, com os braços cruzados, parecia admirá-la com orgulho, como um ser precioso e querido, todo seu, a *sua ama!* O seu olhar esbugalhado apossava-se dela.

E dizia consigo:

— Grande cabra! Grande bêbeda!

Luísa, depois de almoço, veio para o quarto estender-se na *causeuse*, com o seu «Diário de Notícias». Mas não podia ler.

As recordações da véspera redemoinhavam-lhe na alma a cada momento, como as folhas que um vento de outono levanta a espaços de um chão

tranquilo: certas palavras dele, certos ímpetos, toda a sua maneira de amar... E ficava imóvel, o olhar afogado num fluido, sentindo aquelas reminiscências vibrarem-lhe muito tempo, docemente, nos nervos da memória. Todavia a lembrança de Jorge não a deixava; tivera-a sempre no espírito, desde a véspera; não a assustava, nem a torturava; estava ali, imóvel mas presente, sem lhe fazer medo, nem lhe trazer remorso; era como se ele tivesse morrido, ou estivesse tão longe que não pudesse voltar, ou a tivesse abandonado! Ela mesmo se espantava de se sentir tão tranquila. E todavia impacientava-a ter constantemente aquela ideia no espírito, impassível, como uma obstinação espectral; punha-se instintivamente a acumular as

justificações. Não fora culpa sua. Não abrira os braços a Basílio voluntariamente!... Tinha sido uma «fatalidade»: fora o calor da hora, o crepúsculo, uma pontinha de vinho talvez... Estava doida, decerto. E repetia consigo as atenuações tradicionais: não era a primeira que enganara seu marido; e muitas era apenas por vício, ela fora por paixão...

Quantas mulheres viviam num amor ilegítimo e eram ilustres, admiradas! Rainhas mesmo tinham amantes. E ele amava-a tanto!... Seria tão fiel, tão discreto! As suas palavras eram tão cativantes, os seus beijos tão estonteadores!... E enfim que lhe havia de fazer agora? *Já agora!...*

E resolveu ir responder-lhe. Foi

ao escritório. Logo ao entrar o seu olhar deu com a fotografia de Jorge — a cabeça de tamanho natural — no seu caixilho envernizado de preto. Uma comoção comprimiu-lhe o coração; ficou como tolhida — como uma pessoa encalmada de ter corrido que entra na frieza de um subterrâneo; e examinava o seu cabelo frisado, a barba negra, a gravata de pontas, as duas espadas encruzadas que reluziam por cima. Se ele soubesse matava-a!... Fez-se muito pálida. Olhava vagamente em redor o casaco de veludo de trabalho dependurado num prego, a manta em que ele embrulhava os pés dobrada a um lado, as grandes folhas de papel de desenho na outra mesa ao fundo, e o potezinho do tabaco, e a caixa das pistolas!... Matava-a decerto!

Aquele quarto estava tão penetrado da personalidade de Jorge, que lhe parecia que ele ia voltar, entrar daí a bocado... Se ele viesse de repente!... Havia três dias que não recebia carta — e quando ela estivesse ali a escrever ao seu amante, num momento o *outro* podia aparecer e apanhá-la!... Mas eram tolices, pensou. O vapor do Barreiro só chegava às cinco horas; e depois ele dizia na última carta que ainda se demorava um mês, talvez mais...

Sentou-se, escolheu uma folha de papel, começou a escrever, na sua letra um pouco gorda:

«Meu adorado Basílio».

Mas um terror importuno tolhia-a;

sentia como um palpite de que ele vinha, ia entrar... Era melhor não se pôr a escrever, talvez!... Ergueu-se, foi à sala devagar, sentou-se no divã; e, como se o contacto daquele largo sofá e o ardor das recordações que ele lhe trazia da véspera lhe tivessem dado a coragem das ações amorosas e culpadas, voltou muito decidida ao escritório, escreveu rapidamente:

> «Não imaginas com que alegria recebi esta manhã a tua carta...»

A pena velha escrevia mal; molhou-a mais, e ao sacudida, como lhe tremia um pouco a mão, um borrão negro caiu no papel. Ficou toda contrariada,

pareceu-lhe aquilo um «mau agouro». Hesitou um momento — e coçando a cabeça, com os cotovelos sobre a mesa, sentia Juliana varrer fora o patamar, cantarolando a «Carta Adorada». Enfim, impaciente, rasgou a folha muitas vezes em pedacinhos miúdos — e atirou-os para um caixão de pau envernizado com duas argolas de metal, que estava ao canto junto à mesa, onde Jorge deitava os rascunhos velhos e os papéis inúteis: chamavam-lhe o «sarcófago»; Juliana, decerto, descuidara-se de o esvaziar no lixo, porque transbordava de papelada.

Escolheu outra folha, recomeçou:

«Meu adorado Basílio

Não imaginas como fiquei

quando recebi a tua carta, esta manhã, ao acordar. Cobria-a de beijos...»

Mas o reposteiro franziu-se numa prega mole, a voz de Juliana disse discretamente:

— Está ali a costureira, minha senhora.

Luísa, sobressaltada, tinha tapado a folha de papel com a mão.

— Que espere.

E continuou:

«Que tristeza que fosse a carta e que não fosses tu que ali estivesses! Estou pasmada de mim mesma, como em tão pouco tempo te apossaste do meu coração, mas a

verdade é que nunca deixei de te amar. Não me julgues por isto leviana, nem penses mal de mim, porque eu desejo a tua estima, mas é que nunca deixei de te amar e ao tornar a ver-te, depois daquela estúpida viagem para tão longe, não fui superior ao sentimento que me impelia para ti, meu adorado Basílio. Era mais forte que eu, meu Basílio. Ontem, quando aquela maldita criada me veio dizer que tu te vinhas despedir, Basílio, fiquei como morta; mas quando vi que não, nem eu sei, adorei-te! E se tu me tivesses pedido a vida, dava-ta, porque te amo, que eu mesma me estranho... Mas para que foi aquela mentira, e para que vieste tu? Mau! Tinha vontade de te

dizer adeus para sempre, mas não posso, meu adorado Basílio! É superior a mim. Sempre te amei, e agora que sou tua, que te pertenço corpo e alma, parece-me que te amo mais, se é possível...»

— Onde está ela? Onde está ela? — disse uma voz na sala.

Luísa ergueu-se, com um salto, lívida. Era Jorge! Amarrotou convulsivamente a carta, quis escondê-la no bolso — o roupão não tinha bolso! E desvairada, sem reflexão, arremessou-a para o «sarcófago». Ficou de pé, esperando, as duas mãos apoiadas à mesa, a vida suspensa.

O reposteiro ergueu-se — e reconheceu logo o chapéu de veludo azul

de D. Felicidade.

— Aqui metida, sua brejeira! Que estavas tu aqui a fazer? Que tens tu, filha, estás como a cal...

Luísa deixou-se cair no *fauteuil*, branca e fria, disse com um sorriso cansado:

— Estava a escrever, deu-me uma tontura...

— Ai! Tonturas, eu! — acudiu logo D. Felicidade. — É uma desgraça, a cada momento a agarrar-me aos móveis, até tenho medo de andar só. Falta de purgas!

— Vamos para o quarto! — disse logo Luísa. — Estamos melhor no quarto.

Ao erguer-se, as pernas tremiam-lhe.

Atravessaram a sala: Juliana

começava a arrumar. Luísa, ao passar, viu na pedra da *console*, debaixo do espelho oval, uma pouca de cinza: era da véspera, do charuto *dele*! Sacudiu-a — e ao erguer os olhos, ficou pasmada de se ver tão pálida.

A costureira, vestida de preto, com o chapéu de fitas roxas, esperava sentada à beira da *causeuse*, com um olhar infeliz e o seu embrulho nos joelhos; vinha provar o corpete de um vestido composto; assentou, pregou, alinhavou, falando baixo, com uma humildade triste e uma tossinha seca; e apenas ela saiu, de leve, com o seu andar de sombra, o xale tinto muito cingido às omoplatas magras — D. Felicidade começou logo a falar *dele*, do conselheiro. Tinha-o encontrado no Moinho de Vento. Pois, senhores, nem

lhe viera falar! Fizera-lhe uma cortesia muito seca, por de mais, e tic-tic por ali fora, que se diria que ia fugido! Que te parece? Ai! Aquelas indiferenças matavam-na. E não as compreendia, não, realmente não as compreendia...

— Porque enfim — exclamava — eu bem me conheço, não sou nenhuma criança, mas também não sou nenhum caco! Pois não é verdade?

— Certamente — disse Luísa distraída. Lembrava-lhe a carta.

— Olha que aqui onde me vês com os meus quarenta, decotada, ainda valho! O que são ombros e colo é do melhor!-

Luísa ia erguer-se. Mas D. Felicidade repetiu:

— Do melhor! Tomaram-no muitas novas!

— Creio bem — concordou Luísa, sorrindo vagamente.

— E ele também não é nenhum rapazinho novo...

— Não...

— Mas muito bem conservado! — E os olhos luziam-lhe. — Para fazer ainda uma mulher muito feliz!

— Muito...

— Um honrem de apetecer! — suspirou D. Felicidade.

E Luísa, então:

— Tu esperas um instantinho? Vou lá dentro e volto já.

— Vai, filha, vai.

Luísa correu ao escritório, direita ao «sarcófago». Estava vazio! E a carta dela, santo Deus?

Chamou logo Juliana, aterrada.

— Você despejou o caixão dos papéis?

— Despejei, sim, minha senhora — respondeu muito tranquilamente.

E com interesse:

— Porquê, perdeu-se algum papel?

Luísa fazia-se pálida.

— Foi um papel que eu atirei para o caixão. Onde o despejou você?

— No barril do lixo, como é costume, minha senhora: imaginei que nada servia...

— Ah! Deixe ver!

Subiu rapidamente à cozinha.

Juliana, atrás, ia dizendo:

— Ora esta! Pois ainda não há cinco minutos! O caixão estava meio cheio... Andei a dar uma arrumadela no

escritório... Valha-me Deus, se a senhora tem dito...

Mas o barril do lixo estava vazio. Joana tinha-o ido despejar abaixo naquele instantinho; e vendo a inquietação de Luísa:

— Porquê, perdeu-se alguma coisa?

— Um papel — disse Luísa, que olhava em redor, pelo chão, muito branca.

— Ele iam uns poucos de papéis, minha senhora — disse a rapariga — eu deitei tudo ao despejo.

— Podia ter ficado algum caído por fora, Sr.ª Joana — lembrou timidamente Juliana.

— Vá ver, vá ver, Joana — acudiu Luísa com uma esperança.

Juliana parecia aflita:

— Jesus, senhor! Eu podia lá adivinhar! Mas para que não disse a senhora...?

— Bem, bem, a culpa não é sua, mulher...

— Credo, que até se me está a embrulhar o estômago... E é coisa de importância, minha senhora?

— Não, é uma conta...

— Valha-me Deus!...

Joana voltou, sacudindo um papel enxovalhado. Luísa agarrou-o, leu: «...o diâmetro do primeiro poço de exploração...»

— Não, não é isto! — exclamou toda contrariada.

— Então foi para baixo, para o cano, minha senhora, não está mais nada.

— Viu bem?

— Esquadrinhei tudo...

E Juliana continuava, desolada:

— Antes queria perder dez tostões! Uma assim! Eu, minha senhora, podia lá adivinhar...

— Bem, bem! — murmurou Luísa descendo.

Mas estava assustada, sentia mesmo uma suspeita indefinida... Lembrou-lhe o bilhete que escrevera na véspera a Basílio, e que metera, todo amarrotado, no bolso do vestido... Entrou no quarto, agitada.

D. Felicidade tirara o chapéu, acomodara-se na *causeuse*.

— Tu desculpas, hem? — fez Luísa.

— Anda, filha, andai Que é?

— Perdi uma conta — respondeu.

Foi ao guarda-vestidos, achou logo o bilhete na algibeira... Aquilo serenou-a. A carta tinha ido para o lixo, decerto. Mas que imprudência!

— Bem, acabou-se — disse, sentando-se resignada.

E D. Felicidade imediatamente, baixando a voz muito confidencialmente:

— Ora eu vinha-te falar numa coisa. Mas vê lá! Olha que é segredo.

Luísa ficou logo sobressaltada.

— Tu sabes — continuou D. Felicidade, devagar, com pausas — que a minha criada, a Josefa, está para casar com o galego... O homem é de ao pé de Tui, e diz que na terra dele há uma mulher que tem uma virtude para fazer casamentos que é uma coisa milagrosa... Diz que é o mais que há... Em deitando a

sorte a um homem — o homem entra-lhe uma tal paixão que se arranja logo o casamento, e é a maior felicidade.

Luísa, tranquilizada, sorriu.

— Escuta — acudiu D. Felicidade — não te ponhas já com as tuas coisas...

No seu tom grave havia um respeito supersticioso.

— Diz que tem feito milagres. Homens que tinham desamparado raparigas, outros que não faziam caso delas, maridos que tinham amigas, enfim toda a sorte de ingratidão... Em a mulher deitando o encanto, os homens começam a esmorecer, a arrepender-se, a apaixonar-se, e estão pelo beiço... A rapariga contou-me isto. Eu lembrei-me logo...

— De deitar uma sorte ao Conselheiro! — exclamou Luísa.

— Que te parece?

Luísa deu uma risada sonora. Mas D. Felicidade quase se escandalizou. Contou outros casos: um fidalgo desonrara uma lavadeira; um homem que abandonou a mulher e os filhos, fugira com uma «bêbeda»... Em todos a sorte operara de um modo fulminante, produzindo um amor súbito e fogoso pela pessoa desprezada. Apareciam logo rendidos, se estavam perto; se estavam longe, voltavam ávidos, a pé, a cavalo, na mala-posta, apressando-se, ardendo... E entregavam-se, mansos e humildes como escravos acorrentados...

— Mas o galego — continuava ela muito excitada — diz que para ir à terra, falar à mulher, levar o retrato do Conselheiro, é necessário o retrato dele, o

meu, é necessário o meu, ir falar, voltar — quer sete moedas!...

— Oh D. Felicidade! — fez Luísa repreensivamente.

— Não me digas, não venhas com as tuas! Olha que eu sei de casos...

E erguendo-se:

— Mas são sete moedas! Sete moedas! — exclamou, arregalando os olhos.

Juliana apareceu à porta, e muito baixinho, com um sorriso:

— A senhora faz favor?

Chamou-a para o corredor, em segredo:

— Esta carta. Que vem do hotel.

Luísa fez-se escarlate.

— Credo, mulher! Não é necessário fazer mistérios!

Mas não entrou no quarto, abriu-a logo no corredor; era a lápis, escrita à pressa:

> «Meu amor», dizia Basílio, «por um feliz acaso descobri o que precisávamos, um ninho discreto para nos vermos...» E indicava a rua, o número, os sinais, o caminho mais perto. «Quando vens, meu amor? Vem amanhã. Batizei a casa com o nome de *Paraíso:* para mim, minha adorada, é com efeito o Paraíso. Eu espero-te lá desde o meio-dia: logo que te aviste, desço.»

Aquela precipitação amorosa em arranjar o «ninho» — provando uma paixão impaciente, toda ocupada dela —

produziu-lhe uma dilatação doce do orgulho; ao mesmo tempo que aquele «Paraíso» secreto, como num romance, lhe dava a esperança de felicidades excecionais; e todas as suas inquietações, os sustos da carta perdida se dissiparam de repente sob uma sensação cálida, como flocos de névoa sob o sol que se levanta.

Voltou ao quarto, com o olhar risonho.

— Que te parece, hem? — perguntou logo D. Felicidade, a quem a sua ideia ocupava tiranicamente.

— O quê?

— Achas que mande o homem a Tui?

Luísa encolheu os ombros; veio-lhe um tédio de tais enredos de bruxaria, misturados a amores caturras. Na vaidade

da sua intriga romântica, achava repugnante aquele sentimentalismo senil.

— Tolices! — disse com muito desdém.

— Oh filha! Não me digas, não me digas! — acudiu desolada D. Felicidade.

— Bem, então manda, manda! — fez Luísa, já impaciente.

— Mas são sete moedas! — exclamou D. Felicidade, quase chorosa.

Luísa pôs-se a rir.

— Por um marido? Acho barato...

— E se a sorte falha?

— Então é caro!

D. Felicidade deu um grande «Ai!» Estava muito infeliz, naquela hesitação entre os impulsos da concupiscência e as prudências da economia. Luísa teve pena dela, e, tirando

um vestido do guarda-roupa:

— Deixa lá, filha! Não hão de ser necessárias bruxarias!...

D. Felicidade ergueu os olhos ao céu.

— Vais sair? — perguntou melancolicamente.

— Não.

D. Felicidade propôs-lhe então que viesse com ela à Encarnação. Visitavam a Silveira, coitada, que tinha um furúnculo! E viam a armação da igreja para a festa, estreava-se o frontal novo, um primor!

— E estou também com vontade de ir rezar uma estaçãozinha, para aliviar cá por dentro — ajuntou, suspirando.

Luísa aceitou. Apetecia-lhe ir ver altares alumiados, ouvir o ciciar de rezas

no coro, como se os requintes devotos dissessem bem com as suas disposições sentimentais. Começou a vestir-se depressa.

— Como tu estás gorda, filha! — exclamou D. Felicidade admirada, vendo-lhe os ombros, o colo.

Luísa diante do espelho olhava-se, sorria com o seu sorriso quente, contente das suas linhas, acariciando devagarinho, voluptuosamente, a pele branca e fina.

— Redondinha — disse, namorando-se.

— Redondinha? Vais-te a fazer uma bola!

E acrescentou tristemente:

— Também com a tua vida, um marido como o teu, regaladinha, sem filhos, sem cuidados...

— Vamos lá, minha rica — disse Luísa — que as tristezas não te têm feito emagrecer...

— Pois sim, pois sim! Mas... — e parecia desolada, como curvada sob as suas próprias ruínas — cá por dentro é uma desgraça, estômago, fígado...

— Se a mulher de Tui faz o milagre, põe tudo isso como novo!

D. Felicidade sorriu, com uma dúvida desconsolada.

— Sabes que tenho um chapéu lindo? — exclamou de repente Luísa — Não viste? Lindo!

Foi logo buscá-lo ao guarda-vestidos. Era de palha fina, guarnecido de miosótis.

— Que te parece?

— É um primor!

Luísa mirava-o dando pancadinhas com as pontas dos dedos nas florzinhas azuis.

— Dá frescura — fez D. Felicidade.

— Não é verdade?

Pô-lo com muito cuidado, toda séria. Ficava-lhe bem! Basílio se a visse havia de gostar, pensou. Era bem possível que o encontrassem...

Veio-lhe, sem motivo, uma felicidade exuberante: achava tão delicioso viver, sair, ir à Encarnação, pensar no seu amante!... E toda no ar, procurava pelo quarto as chavinhas do toucador.

Onde tinha deixado as chaves? Na sala de jantar, talvez! Ia ver! Saiu correndo, tontinha, cantarolando:

Amici, la notte è bella...
La ra la la...

Quase topou com Juliana, que varria o corredor.

— Não deixe de engomar a saia bordada para amanhã Juliana!

— Sim, minha senhora. Está em goma!

E seguindo-a com um olhar feroz:

— Canta, piorrinha, canta, cabrazinha, canta bebedazinha!...

E ela mesma, tomada subitamente de um júbilo agudo, atirou vassouradas rápidas, soltando na sua voz rachada:

Além d'amanhã termina a campanha,
P-o-o-or aqui se diz...

Se tal for verdade, se não for patranha...

E com um espremido enfático:

Se-e-rei bem feliz!

Ao outro dia, pelas duas horas da tarde, Sebastião e Julião passeavam em S. Pedro de Alcântara.

Sebastião estivera contando a sua cena com Luísa, e como desde então a sua estima por ela crescera. Ao princípio escabreara-se, sim...

— Mas teve razão! Assim de surpresa, ouvir uma daquelas! E eu levei a coisa mal, fui muito à bruta...

Depois, coitadinha, concordara logo, mostrara-se muito desgostosa, toda zelosa do seu pudor, pedira-lhe

conselhos... Até tinha as lágrimas nos olhos.

— Eu disse-lhe logo que o melhor era falar ao primo, dizer o que se passava... Que te parece?

— Sim — disse vagamente Julião.

Tinha-o escutado distraído, chupando a ponta do cigarro. O seu rosto térreo cavava-se, com uma cor mais biliosa.

— Então achas que fiz bem, hem?

E depois de uma pausa:

— Que ela é uma senhora de bem às direitas! Às direitas, Julião!

Continuaram calados. O dia estava encoberto e abafado, com um ar de trovoada: grossas nuvens pesadas e pardas iam-se acumulando, enegrecendo para o lado da Graça por trás das colinas:

um vento rasteiro passava por vezes, pondo um arrepio nas folhas das árvores.

— De maneira que, agora, estou descansado — resumiu Sebastião. — Não te parece?

Julião encolheu os ombros com um sorriso triste.

— Quem me dera os teus cuidados, homem! — disse.

E falou então com amargura nas suas preocupações. — Havia uma semana que se abrira concurso para uma cadeira de substituto na Escola, e preparava-se para ele. Era a sua tábua de salvação, dizia: se apanhasse a cadeira, ganhava logo nome, a clientela podia vir, e a fortuna... E, que diabo, sempre era estar dentro!... Mas a certeza da sua superioridade não o tranquilizava —

porque enfim em Portugal, não é verdade?, nestas questões a ciência, o estudo, o talento são uma história, o principal são os padrinhos! Ele não os tinha — e o seu concorrente, um sensaborão, era sobrinho de um diretor-geral, tinha parentes na câmara, era um colosso! Por isso ele trabalhava a valer, mas parecia-lhe indispensável meter também as suas cunhas! Mas quem?

— Tu não conheces ninguém, Sebastião?...

Sebastião lembrava-se de um primo seu, deputado pelo

Alentejo, um gordo, da maioria, um pouco fanhoso. Se Julião queria, falava-lhe... Mas sempre ouvira dizer que a Escola não era gente de empenhos e de intriga... De resto tinham o conselheiro

Acácio...

— Uma besta! — fez Julião. — Um parlapatão! Quem faz lá caso daquilo? O teu primo, hem! O teu primo parece-me bom! É necessário alguém que fale, que trabalhe... — Porque acreditava muito nas influências dos empenhos, no domínio dos «personagens», nas docilidades da fortuna quando dirigida pelas habilidades da intriga. E com um orgulho raiado de ameaça: — Que eu hei de lhes mostrar o que é saber as coisas, Sebastião!

Ia explicar-lhe o assunto da tese, mas Sebastião interrompeu-o:

— Ela aí vem.

— Quem?

— A Luísa.

Passava com efeito, por fora do Passeio, toda vestida de preto, só. —

Respondeu à cortesia dos dois homens com um sorriso, adeusinhos da mão, um pouco corada.

E Sebastião imóvel, seguindo-a devotadamente com os olhos:

— Se aquilo não respira mesmo honestidade! Vai às lojas... Santa rapariga!

***

Ia encontrar Basílio no «Paraíso» pela primeira vez. E estava muito nervosa: não pudera dominar, desde pela manhã, um medo indefinido que lhe fizera pôr um véu muito espesso, e bater o coração ao encontrar Sebastião. Mas ao mesmo tempo uma curiosidade intensa, múltipla, impelia-a, com um

estremecimentozinho de prazer. — Ia, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas vezes nos romances amorosos! Era uma forma nova do amor que ia experimentar, sensações excecionais! Havia tudo — a casinha misteriosa, o segredo ilegítimo, todas as palpitações do perigo! Porque o aparato impressionava-a mais que o sentimento; e a *casa* em si interessava-a, atraía-a mais que Basílio! Como seria? Era para os lados de Arroios, adiante do Largo de Santa Bárbara: lembrava-se vagamente que havia ah uma correnteza de casas velhas... Desejaria antes que fosse no campo, numa quinta, com arvoredos murmurosos e relvas fofas; passeariam então, com as mãos enlaçadas, num silêncio poético; e depois o som de água que cai nas bacias

de pedra daria um ritmo lânguido aos sonos amorosos... Mas era num terceiro andar — quem sabe como seria dentro? Lembrava-lhe um romance de Paulo Féval em que o herói, poeta e duque, forra de cetins e tapeçarias o interior de uma choça; encontra ali a sua amante; os que passam, vendo aquele casebre arruinado, dão um pensamento compassivo à miséria que decerto o habita — enquanto dentro, muito secretamente, as flores se esfolham nos vasos de Sèvres e os pés nus pisam Gobelins veneráveis! Conhecia o gosto de Basílio — e o «Paraíso» decerto era como no romance de Paulo Fèval.

Mas no Largo de Camões reparou que o sujeito de pera comprida, o do Passeio, a vinha seguindo, com uma obstinação de galo; tomou logo um *coupé*.

E ao descer o Chiado, sentia uma sensação deliciosa em ser assim levada rapidamente para o seu amante, e mesmo olhava com certo desdém os que passavam, no movimento da vida trivial — enquanto ela ia para uma hora tão romanesca da vida amorosa! Todavia à maneira que se aproximava vinha-lhe uma timidez, uma contração de acanhamento, como um plebeu que tem de subir, entre alabardeiros solenes, a escadaria de um palácio. Imaginava Basílio esperando-a estendido num divã de seda: e quase receava que a sua simplicidade burguesa, pouco experiente, não achasse palavras bastante finas ou carícias bastante exaltadas. Ele devia ter conhecido mulheres tão belas, tão ricas, tão educadas no amor! Desejava chegar num

coupé seu, com rendas de centos de mil reis, e ditos espirituosos como um livro...

A carruagem parou ao pé de uma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um cheiro mole e salobro enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a humidade fizera nódoas. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás de uma portinha, ao lado, sentia-se o ranger de um berço, o chorar doloroso de uma criança.

Mas Basílio desceu logo, com o charuto na boca, dizendo baixo:

— Tão tarde! Sobe! Pensei que

não vinhas. O que foi?

A escada era tão esguia, que não podiam subir juntos. E Basílio, caminhando adiante, de esguelha:

— Estou aqui desde a uma hora, filha! Imaginei que te tinhas esquecido da rua...

Empurrou uma cancela, fê-la entrar num quarto pequeno, forrado de papel às listras azuis e brancas.

Luísa viu logo, ao fundo, uma cama de ferro com uma colcha amarelada, feita de remendos juntos de chitas diferentes; e os lençóis grossos, de um branco encardido e mal lavado, estavam impudicamente entreabertos...

Fez-se escarlate, sentou-se, calada, embaraçada. E os seus olhos, muito abertos, iam-se fixando nos riscos

ignóbeis da cabeça dos fósforos, ao pé da cama; na esteira esfiada, comida, com uma nódoa de tinta entornada; nas bambinelas da janela, de uma fazenda vermelha, onde se viam passagens; numa litografia, onde uma figura, coberta de uma túnica azul flutuante, espalhava flores voando... Sobretudo uma larga fotografia, por cima do velho canapé de palhinha, fascinava-a: era um indivíduo atarracado, de aspeto hílare e alvar, com a barba em colar, o feitio de um piloto ao domingo: sentado, de calças brancas, com as pernas muito afastadas, pousava uma das mãos sobre um joelho, e a outra muito estendida assentava sobre uma coluna truncada: e por baixo do caixilho, como sobre a pedra de um túmulo, pendia, de um prego de cabeça amarela, uma coroa de perpétuas!

— Foi o que se pôde arranjar — disse-lhe Basílio. — E foi um acaso: é muito retirado, é muito discreto... Não é muito luxuoso...

— Não — fez ela, baixo. Levantou-se, foi à janela, ergueu uma ponta da cortininha de cassa fixada à vidraça: defronte eram casas pobres: um sapateiro grisalho batia a sola a uma porta; à entrada de uma lojita balouçava-se um ramo de carqueja ao pé de um maço de cigarros pendentes de um barbante; e, a uma janela, uma rapariga esguedelhada embalava tristemente no colo uma criança doente que tinha crostas grossas de chagas na sua cabecinha cor de melão.

Luísa mordia os beiços, sentia-se entristecer. Então, nós de dedos bateram discretamente à porta. Ela assustou-se,

desceu rapidamente o véu. Basílio foi abrir. Uma voz adocicada, cheia de *ss* melífluos, ciciou baixo. Luísa ouviu vagamente: — Sossegadinhos, suas chavezinhas...

— Bem, bem! — disse Basílio apressado batendo com a porta.

— Quem é?

— É a patroa.

O céu pusera-se a enegrecer; já a espaços grossas gotas de chuva se esmagavam nas pedras da rua; e um tom crepuscular fazia o quarto mais melancólico.

— Como descobriste tu isto? — perguntou Luísa, triste.

— Inculcaram-mo.

Outra gente, então, tinha vindo ali, «amado» ali?, pensou ela. E a cama

pareceu-lhe repugnante.

— Tira o chapéu — disse Basílio, quase impaciente — estás-me a fazer aflição com esse chapéu na cabeça.

Ela soltou devagar o elástico que o prendia, foi pô-lo no canapé de palhinha, desconsoladamente.

Basílio tomou-lhe as mãos, e atraindo-a, sentando-se na cama:

— Estás tão linda! — Beijou-lhe o pescoço, encostou a cabeça ao peito dela. E com a vista muito quebrada: — O que eu sonhei contigo esta noite!

Mas, de repente, uma forte pancada de chuva fustigou os vidros. E imediatamente bateram à porta, com pressa.

— Que é? — bradou Basílio furioso.

A voz cheia de *ss* explicou que esquecera um cobertor na varanda que estava a secar. Se se encharcasse, que perdição!...

— Eu lhe pagarei o cobertor, deixe-me! — berrou Basílio.

— Dá-lhe o cobertor...

— Que a leve o Diabo!

E Luísa, sentindo um arrepio de frio nos seus ombros nus, abandonava-se com uma vaga resignação, entre os joelhos de Basílio — vendo constantemente voltada para si a face alvar do piloto.

Assim um iate que aparelhou nobremente para uma viagem romanesca vai encalhar, ao partir, nos lodaçais do rio baixo: e o mestre aventureiro que sonhava com os incensos e os almíscares das

florestas aromáticas, imóvel sobre o seu tombadilho, tapa o nariz aos cheiros dos esgotos.

***

Apenas Luísa começou a sair todos os dias, Juliana pensou logo: «Bem, vai ter com o gajo!»

E a sua atitude tornou-se ainda mais servil. Era com um sorriso de baixeza que corria a abrir a porta, alvoroçada, quando Luísa voltava às cinco horas. E que zelo! Que exatidões! Um botão que faltasse, uma fita que se extraviava, e eram «mil perdões, minha senhora», «desculpe por esta vez», muitas lamentações humildes. Interessava-se com devoção pela saúde dela, pela sua roupa,

pelo que tinha para jantar...

Todavia, desde as idas ao «Paraíso», o seu trabalho aumentara: todos os dias agora tinha de engomar; muitas vezes era preciso ensaboar à noite colares, rendinhas, punhos, numa bacia de latão, até às onze horas. Às seis da manhã, mais cedo, já estava com o «ferro às voltas». E não se queixava, até dizia a Joana:

— Ai! é um regalo ver assim uma senhora asseada!... Que as há! Credo! Não, não é por dizer, mas até me dá gosto. Depois, graças a Deus, agora tenho saúde, o trabalho não me assusta!

Não tornara a resmungar da «patroa». Afirmava mesmo à Joana repetidamente:

— A senhora! Ai, é uma santa!

Muito boa de aturar... Não a há melhor!

O seu rosto perdera alguma coisa do tom bilioso, da contração amarga. Às vezes, ao jantar ou à noite, costurando calada ao pé de Joana, à luz do petróleo, vinham-lhe sorrisos súbitos, o olhar clareava-se-lhe numa dilatação jovial.

— A Sr.ª Juliana tem o ar de quem está a pensar em coisas boas...

— A malucar cá por dentro, Sr.ª Joana! — respondia com satisfação.

Parecia perder a inveja; ouviu mesmo falar com tranquilidade do vestido de seda que estreou num dia de festa, em setembro, a Gertrudes do doutor. Disse apenas:

— Também um dia hei de estrear vestidos, e dos bons! Dos da modista!

Já outras vezes revelara por

palavras vagas a ideia de uma abundância próxima. Joana até lhe dissera:

— A Sr.ª Juliana espera alguma herança?

— Talvez! — respondeu secamente.

E cada dia detestava mais Luísa. Quando pela manhã a via arrebicar-se, perfurmar-se com água-de-colónia, mirar-se ao toucador cantarolando, saía do quarto porque lhe vinham venetas de ódio, tinha medo de estourar! Odiava-a pelas *toilettes*, pelo ar alegre, pela roupa branca, pelo *homem* que ia ver, por todos os seus regalos de senhora. «A cabra!» Quando ela saía ia espreitar, vê-la subir a rua, e fechando a vidraça com um risinho rancoroso:

— Diverte-te, piorrinha, diverte-

te, que o meu dia há de chegar! Oh se há de!

Luísa com efeito divertia-se. Saía todos os dias às duas horas. Na rua já se dizia que «a do engenheiro tinha agora o seu S. Miguel».

Apenas ela dobrava a esquina o conciliábulo juntava-se logo a cochichar. Tinham a certeza que se ia encontrar com o «peralta». Onde seria? — era a grande curiosidade da carvoeira.

— No hotel? — murmurava o Paula. — Que nos hotéis é escândalo bravio. Ou talvez — acrescentava com tédio — nalguma dessas pocilgas da Baixa!

A estanqueira lamentava-a: uma senhora que era tão apropositada!

— Vaca solta lambe-se toda, Sr.ª

Helena — rosnava o Paula. — São todas o mesmo!

— Menos isso! — protestava a estanqueira. — Que eu sempre fui uma mulher honesta!

— E ela? — reclamava a carvoeira. — Ninguém tinha que lhe dizer!

— Falo da alta sociedade, das fidalgas, das que arrastam sedas! É uma cambada. Eu é que o sei! — E acrescentava gravemente: — No povo há mais moralidade. O povo é outra raça! — E com as mãos enterradas nos bolsos, as pernas muito abertas, ficava absorto, com a cabeça baixa, o olhar cravado no chão. — Se é! — murmurava. — Se é! — Como se estivesse positivamente achando as pedrinhas da calçada menos numerosas

que as virtudes do povo!

Sebastião, que tinha estado na quinta de Almada quase duas semanas, ficou aterrado quando, ao voltar, a Joana lhe deu as grandes «novidades»: que a Luisinha agora saía todos os dias às duas horas, que o primo não voltara; a Gertrudes é que lho dissera: não se falava na rua noutra coisa...

— Então a pobre senhora nem sequer pode ir às lojas, aos seus arranjos! — exclamou Sebastião. — A Gertrudes é uma desavergonhada, e nem sei como a tia Joana consente que ela ponha aqui os pés. Vir com esses mexericos!...

— Cruzes! Olha o destempero! — replicou muito escandalizada a tia Joana. — Oh menino, realmente... A pobre mulher disse o que ouviu na rua! Que ela

até a defende, até ela é que a defende! Até se esteve a queixar que se fala, que se fala! Boa! — E a tia Joana saiu, resmungando: — Olha o destempero, credo!

Sebastião chamou-a, aplacou-a:

— Mas quem fala, tia Joana?

— Quem? — E muito enfaticamente: — Toda a rua! Toda a rua! Toda a rua!

Sebastião ficou aniquilado. Toda a rua! Pudera! Se ela agora se punha a sair todos os dias, uma senhora, que quando estava Jorge não saía do buraco! A vizinhança que murmurara das visitas do outro, naturalmente começava a comentar as saídas dela! Estava-se a desacreditar! E ele não podia fazer nada! Ir adverti-la? Ter outra cena? Não podia.

Procurou-a. Não lhe queria decerto tocar em nada, ia só vê-la. Não estava. Voltou daí a dois dias. Juliana veio-lhe dizer à cancela, com o seu sorriso amarelado: «Foi-se agora mesmo, há um instantinho. Ainda a apanha à Patriarcal.» Enfim, um dia encontrou-a ao princípio da Rua de S. Roque. Luísa pareceu muito contente em o ver: — Porque se tinha demorado tanto em Almada? Que deserção!

Trazia carpinteiros, era necessário vigiar as obras. E ela?

— Bem. Um bocado aborrecida. O Jorge diz que ainda se demora. Tenho estado muito só. Nem Julião, nem Conselheiro, ninguém. A D. Felicidade é que tem aparecido às vezes de fugida. Está agora sempre metida na

Encarnação... Isto gente devota! — E riu.

Então onde ia?

A umas comprazitas, à modista depois... — E apareça agora, Sebastião, hem?

— Hei de aparecer.

— À noite. Estou tão só! Tenho tocado muito, é o que me vale é o piano!

Nessa mesma tarde Sebastião recebeu uma carta de Jorge: «Tens visto a Luísa? Estive quase com cuidado, porque estive mais de cinco dias sem carta dela. De resto está preguiçosa como uma freira; quando escreve são quatro linhas porque está o correio a partir. Vai dizer ao correio que espere, que diabo! Queixa-se de se aborrecer, de estar só, que todos a abandonaram, que tem vivido como num deserto. Vê se lhe vais fazer companhia,

coitada, etc.»

No dia seguinte ao anoitecer foi a casa dela. Apareceu-lhe muito vermelha, com os olhos estremunhados, de roupão branco, tinha chegado muito cansada de fora, tinha-lhe dado o sono depois de jantar, adormecera sobre a *causeuse*... Que havia de novo? E bocejava.

Falaram das obras de Almada, do conselheiro, de Julião; e ficaram calados. Havia um constrangimento.

Luísa então acendeu as velas no piano, mostrou-lhe a nova música que estudava, a «Medjé», de Gounod; mas havia uma passagem em que se embrulhava sempre; pediu a Sebastião que a tocasse, e junto do piano, batendo o compasso com o pé, acompanhava baixo a melodia, a que a execução de Sebastião

dava um encanto penetrante. Quis tentar depois, mas enganou-se, zangou-se, atirou a música para o lado, veio sentar-se no sofá, dizendo:

— Quase nunca toco! Estão-se-me a enferrujar os dedos!...

Sebastião não se atrevia a perguntar pelo primo Basílio. Luísa não lhe pronunciou sequer o nome. E Sebastião, vendo naquela reserva uma diminuição de confiança ou um resto persistente de despeito, disse que tinha de ir à Associação Geral de Agricultura, e saiu muito desconsolado.

Cada dia que se seguiu trouxe-lhe a sua inquietação diferente. Às vezes era a tia Joana que lhe dizia à tarde: «A Luisinha lá saiu hoje outra vez! Por este calor, até pode apanhar alguma! Credo!»

Outras era o conciliábulo dos vizinhos, que avistava de longe, e que decerto «estavam a cortar na pele da pobre senhora!»

Parecia-lhe tudo aquilo exatamente a «Ária da Calúnia» no «Barbeiro de Sevilha»: a calúnia ao princípio leve como o frémito das asas de um pássaro, subindo num crescendo aterrador, até estalar como um trovão!

Dava agora voltas para não passar na rua, diante do Paula e da estanqueira: tinha vergonha deles! Encontrara o Teixeira Azevedo, que lhe perguntara:

— Então o Jorge quando vem? Que diabo! O rapaz fica por lá!

E aquela observação trivial aterrou-o.

Enfim, um dia, mais apoquentado,

foi procurar Julião. Encontrou-o no seu quarto andar, em mangas de camisa e em chinelas, enxovalhado e esguedelhado, rodeado de papelada, com uma chocolateirinha de café ao pé, trabalhando. O soalho negro estava cheio de pontas de cigarros; ao canto estava embrulhada roupa suja; sobre a cama desfeita havia livros abertos — e um cheiro relentado saía do desmazelo das coisas. A janela de peitoril dava para o saguão, donde vinha o cantar estridente de uma criada e o ruído areado do esfregar de tachos.

Julião, apenas ele entrou, ergueu-se, espreguiçou-se, enrolou um cigarro, e declarou que estava a trabalhar desde as sete!... Hem? Era bonito! Para que soubesse o Sr. Sebastião!

— De resto chegaste a propósito. Estava para mandar a tua casa... Devia receber aí um dinheiro e não veio. Dá cá uma libra.

E imediatamente começou a falar da tese. A coisa saía!

Leu-lhe parágrafos do prólogo com uma deleitação paternal, e, muito satisfeito, na abundância de confiança que dá a excitação do trabalho, com grandes passadas pelo quarto:

— Hei de lhes mostrar que ainda há portugueses em Portugal, Sebastião! Hei de os deixar de boca aberta! Tu verás!

Sentou-se, pôs-se a numerar as folhas escritas, assobiando. Sebastião, então, com timidez, quase vexado de perturbar com as suas preocupações

domésticas aqueles interesses científicos, disse baixo:

— Pois eu vim-te falar por causa lá da nossa gente...

Mas a porta abriu-se com força, e um rapaz de barba desleixada, e olhar um pouco doido, entrou; era um estudante da Escola, amigo de Julião; e quase imediatamente os dois recomeçaram uma discussão que tinham travado de manhã, e que fora interrompida às onze horas, quando o rapaz de olhar doido descera a almoçar à Áurea.

— Não, menino! — exclamava o estudante, exaltado. — Estou na minha! A medicina é uma meia ciência, a filosofia é outra meia ciência! São ciências conjeturais, porque nos escapa a base, conhecer o princípio da vida!

E cruzando os braços diante de Sebastião, bradou-lhe:

— Que sabemos nós do princípio da vida?

Sebastião, humilhado, baixou os olhos.

Mas Julião indignava-se:

— Estás desmoralizado pela doutrina vitalista, miserável! — Trovejou contra o vitalismo, que declarou «contrário ao espírito científico». — Uma teoria que pretende que as leis que governam os corpos brutos não são as mesmas que governam os corpos vivos é uma heresia grotesca! — exclamava. — E Bichat, que a proclama, é uma besta!

O estudante, fora de si, bradou que chamar a Bichat uma besta era simplesmente de um alarve.

Mas Julião desprezou a injúria, e continuou, exaltado nas suas ideias:

— Que nos importa a nós o princípio da vida? Importa-me tanto como a primeira camisa que vesti! O princípio da vida é como outro qualquer princípio: um segredo! Havemos de ignorá-lo eternamente! Não podemos saber nenhum princípio. A vida, a morte, as origens, os fins, mistérios! São causas primárias com que não temos nada a fazer, nada! Podemos batalhar séculos, que não avançamos uma polegada. O fisiologista, o químico, não têm nada com os princípios das coisas; o que lhes importa são os fenómenos! Ora os fenómenos e as suas causas imediatas, meu caro amigo, podem ser determinados com tanto rigor nos corpos brutos, como nos corpos vivos

— numa pedra, como num desembargador! E a fisiologia e a medicina são ciências tão exatas como a química! Isto já vem de Descartes!

Travaram então um berreiro sobre Descartes. E imediatamente, sem que Sebastião, atónito, tivesse descoberto a transição, encarniçaram-se sobre a ideia de Deus.

O estudante parecia necessitar Deus para explicar o Universo. Mas Julião atacava Deus com cólera: chamava-lhe «uma hipótese safada», «uma velha caturrice do partido miguelista»! E começaram a assaltar-se sobre a questão social, como dois galos inimigos.

O estudante, com olhos esgazeados, sustentava, dando punhadas sobre a mesa, o princípio da autoridade!

Julião berrava pela «anarquia individual»! E depois de citarem com fúria Proudhon, Bastiat, Jouffroy, romperam em personalidades. Julião, que dominava pela estridência da voz, censurou violentamente ao estudante as suas inscrições a seis por cento, o ridículo de ser filho de um corretor de fundos, e o bife de proprietário que vinha de comer na Áurea!

Olharam-se, então, com rancor.

Mas daí a momentos o estudante deixou cair com desdém algumas palavras sobre Claude Bernard, e a questão recomeçou, furiosa.

Sebastião tomou o chapéu.

— Adeus — disse baixo.

— Adeus, Sebastião, adeus — disse prontamente Julião.

Acompanhou-o ao patamar.

— E quando quiseres que eu fale a meu primo... — murmurou Sebastião.

— Pois sim, veremos, eu pensarei — disse Julião com indiferença, como se o orgulho do trabalho lhe tivesse dissipado o terror da injustiça.

Sebastião foi descendo as escadas, pensando: «Não se lhe pode falar em nada, agora!»

De repente veio-lhe uma ideia: se fosse ter com D. Felicidade, abrir-se com ela! D. Felicidade era espalhafatona, um pouco tonta, mas era uma mulher de idade, íntima de Luísa: tinha mais autoridade, mais habilidade mesmo...

Decidiu-se logo, tomou um trem, foi à Rua de S. Bento.

A criada de D. Felicidade

apareceu-lhe, desolada e lacrimosa:

— Pois não sabe?

— Não.

— Ai! até admira!

— Mas que é?

— A senhora! Uma desgraça assim! Torceu um pé na Encarnação, deu uma queda. Tem estado muito mal, muito mal.

— Aqui?

— Na Encarnação. Nem pôde sair. Está com a Sr.ª D. Ana Silveira. Uma desgraça assim! E está num frenesi!

— Mas quando foi?

— Antes de ontem à noite.

Sebastião saltou para o trem, mandou bater para casa de Luísa.

A D. Felicidade, doente, na Encarnação! Mas então Luísa podia bem

sair todos os dias! Ia vê-la, fazer-lhe companhia, tratar dela!... A vizinhança não tinha que rosnar! Ia ver a pobre doente!...

Eram duas horas quando a parelha estacou à porta de Luísa. Encontrou-a, que descia a escada, vestida de preto, de luvas *gris-perle*, com um véu negro.

— Ah! suba, Sebastião, suba! Quer subir?

Parava nos degraus, com uma corzinha no rosto, um pouco embaraçada.

— Não, obrigado. Vinha dizer-lhe... Não sabe? A D. Felicidade...

— O quê?

— Torceu um pé. Está mal.

— Que me diz?

Sebastião deu os pormenores.

— Vou já lá.

— Deve ir. Eu não posso ir, não entram homens. Coitada! Diz que está mal. — Acompanhou-a até à esquina da rua, ofereceu-lhe mesmo a tipoia. — E muitos recados, que tenho pena de a não ver!... Pobre senhora! E diz que está num frenesi!

Viu-a afastar-se para a Patriarcal, e, admirando a graça da sua figura, esfregava as mãos satisfeito.

Estavam justificadas, santificadas mesmo aquelas passeatas todos os dias! Ia ser a enfermeira da pobre D. Felicidade! Era necessário que todos soubessem, o Paula, a estanqueira, a Gertrudes, as Azevedos, todos, de modo que quando a vissem de manhã subir a rua dissessem: — Lá vai fazer companhia à doente! Santa senhora!

O Paula estava à porta da loja —

Sebastião, com uma ideia súbita, entrou. Estava-se estimando de se sentir tão fecundo em expedientes, tão hábil!

Deitou um pouco o chapéu para a nuca, e mostrando com o guarda-sol o painel que representava D. João VI:

— Quanto quer vossemecê por isto, ó Sr. Paula?

O Paula ficou surpreendido:

— O Sr. Sebastião está a brincar?

Sebastião exclamou:

— A brincar? — Falava muito a sério! Queria uns quadros para a sala de entrada, em Almada; mas velhos, sem caixilho, para dizerem bem sobre um papel escuro. — Como isto! Estou a brincar! Ora essa, homem!

— Desculpe, Sr. Sebastião... Pois nesse caso há por aí alguns painéis a

calhar.

— Este D. João VI agrada-me. Quanto custa isto?

O Paula disse, sem hesitar:

— Sete mil e duzentos. Mas é obra de mestre.

Era uma tela desbotada de tom defumado, onde uns restos de face avermelhada, com uma cabeleira em cachos, sobressaíam vagamente sobre um fundo sombrio. Um vermelhão baço indicava o veludo de uma casaca de corte: a pança saliente e ostentosa enchia o colete esverdeado. E a parte mais conservada da tela era, ao lado, sobre um coxim, a coroa real — que o artista trabalhara com uma minuciosidade entusiasta, ou por preocupação de idiota, ou por adulação de cortesão.

Sebastião achava caro; mas o Paula mostrou-lhe o preço escrito por trás, numa tirinha de papel; espanejou a tela com amor; indicou as belezas, falou na sua honestidade; deprimiu outros vendedores de móveis, «que tinham a consciência nas palmilhas»; jurou que o retrato pertencera ao Paço de Queluz, e ia atacar as questões públicas — quando Sebastião disse resumindo:

— Bem, pois mande-mo logo, fico com ele. E mande a conta.

— Leva uma rica obra!

Sebastião agora olhava em redor. Queria falar do «pé torcido de D. Felicidade», e procurava uma transição. Examinou umas jarras da Índia, um trenó; e avistando uma poltrona de doente:

— Aquilo é que era bom para a D.

Felicidade! — exclamou logo. — Aquela cadeira! Boa cadeira!

O Paula arregalou os olhos.

— Para a D. Felicidade Noronha — repetiu Sebastião. — Para estar deitada... Pois não sabia, homem? Partiu um pé, tem estado muito mal.

— A D. Felicidade, a amiga *de cá?* — E indicou com o polegar a casa do engenheiro.

— Sim, homem! Quebrou um pé na Encarnação. Até lá ficou. A D. Luísa vai para lá fazer-lhe companhia todos os dias. Agora ia ela para lá...

— Ah! — fez o Paula lentamente. E depois de uma pausa: — Mas eu ainda a vi entrar *para cá* há de haver oito dias.

— Foi antes de ontem. — Tossiu e acrescentou, voltando o rosto, olhando

muito umas gravuras: — De resto a D. Luísa já ia todos os dias à Encarnação, mas era para ver a Silveira, a D. Ana Silveira, que esteve mal. Coitada, há três semanas que tem passado uma vida de enfermeira. Não sai da Encarnação! E agora é a D. Felicidade. Não é má maçada!

— Pois não sabia, não sabia — murmurava o Paula, com as mãos enterradas nos bolsos.

— Mande-me o D. João VI, hem?

— Às ordens, Sr. Sebastião.

Sebastião foi para casa. Subiu à sala; e atirando o chapéu para o sofá: «Bem», pensou, «agora ao menos estão salvas as aparências!» Passeou algum tempo com a cabeça baixa; sentia-se triste; porque o ter conseguido, por um

acaso, justificar aqueles passeios para com a vizinhança, fazia-lhe parecer mais cruel a ideia de que os não podia justificar para consigo. Os comentários dos vizinhos iam findar por algum tempo, mas *os seus?*... Queria achá-los falsos, pueris, injustos: e, contra sua vontade, o seu bom senso e a sua retidão estavam sempre a revolvê-los baixo. Enfim, tinha feito o que devia! E com um gesto triste, falando só, no silêncio da sala:

— O resto é com a sua consciência!

Nessa tarde, na rua, sabia-se já que a D. Felicidade Noronha torcera um pé na Encarnação (outros diziam que quebrara uma perna) e que a D. Luísa não lhe saía da cabeceira... O Paula declarara com autoridade:

— É de boa rapariga, é de muito boa rapariga!

A Gertrudes do doutor foi logo, à noitinha, perguntar à tia Joana «se era verdade da perna quebrada». A tia Joana corrigiu: era o pé, torcera o pé! E a Gertrudes veio dizer ao doutor, ao chá, que a Felicidade dera uma queda que ficara em pedaços. — Foi na Encarnação — acrescentou. — Diz que anda tudo lá numa roda-viva. A Luisinha até lá tem dormido...

— Pieguices de beatas! — rosnou com tédio o doutor.

Mas na rua todos a elogiavam. Mesmo, daí a dias, o Teixeira Azevedo (que apenas cumprimentava Luísa), tendo-a encontrado na Rua de S. Roque, parou, e com uma cortesia profunda:

— Desculpe Vossência. Como vai a sua doente?

— Melhor, agradecida.

— Pois, minha senhora, tem sido de muita caridade, ir todos os dias por este calor à Encarnação...

Luísa corou.

— Coitada! Não lhe falta companhia, mas...

— É de muita caridade, minha senhora — exclamou com ênfase. — Tenho-o dito por toda a parte. É de muita caridade. Um criado de Vossência!

E afastou-se comovido.

***

Luísa fora logo, com efeito, ver D. Felicidade. Tinha uma luxação simples; e

deitada nos quartos da Silveira, com o pé em compressas de arnica, cheia de terror de «perder a perna», passava o dia rodeada de amigas, chorando-se, saboreando os mexericos do Recolhimento, e debicando petiscos.

Apenas alguém entrava para a ver, redobrava de exclamações e de queixas; vinha logo a história miúda, incidentada, prolixa da «desgraça»: ia a descer, a pôr o pé no degrau; escorregara; sentiu que ia a cair; ainda se sustentou, e pôde dizer: — Ai Nossa Senhora da Saúde! — Ao princípio a dor não foi grande; mas podia ter morrido; tinha sido um milagre!

Todas as senhoras concordavam «que era realmente um milagre». Olhavam-na compungidas, e iam ao coro alternadamente prostrar-se, e pedir aos

santos especiais o alívio da Noronha!

A primeira visita de Luísa foi para D. Felicidade uma consolação, «deu-lhe melhoras»; porque se ralava de estar ali de cama, sem saber notícias *dele*, sem poder falar *dele!*

E nos dias seguintes, apenas ficava só no quarto com Luísa, chamava-a logo para a cabeceira, e num murmúrio misterioso: — Tinha-o visto? Sabia *dele?* — A sua aflição era que o conselheiro não soubesse que ela estava doente, e não lhe pudesse dar aqueles pensamentos compassivos — a que o seu pé tinha direito, e que seriam um conforto para o seu coração! Mas Luísa não o vira — e D. Felicidade, remexendo a chazada, exalava suspiros agudos.

Às duas horas Luísa saía da

Encarnação — e ia tomar um trem ao Rossio: para não parar à porta do «Paraíso» com espalhafato de tipoia, apeava-se ao Largo de Santa Bárbara; e fazendo-se pequenina, cosida com a sombra das casas, apressava-se, com os olhos baixos e um vago sorriso de prazer.

Basílio esperava-a deitado na cama, em mangas de camisa: para não se enfastiar, só, tinha trazido para o «Paraíso» uma garrafa de conhaque, açúcar, limões; e com a porta entreaberta fumava, fazendo grogues frios. O tempo arrastava-se, via a todo o momento as horas, e sem querer ia escutando, notando todos os ruídos íntimos da família da proprietária, que vivia nos quartos interiores: a rabuge de uma criança, uma voz acatarroada que ralhava, e de repente

uma cadelinha que começava a ladrar furiosa. Basílio achava aquilo burguês e reles, impacientava-se. Mas um frufru de vestido roçava a escada — e os tédios dele, bem como os receios dela, dissipavam-se logo no calor dos primeiros beijos. Luísa vinha sempre com pressa; queria estar em casa às cinco horas, «e era um estirão depois!» Entrava um pouco suada, e Basílio gostava da transpiraçãozinha tépida que havia nos seus ombros nus.

— E teu marido? — perguntava ele. — Quando vem?

— Não fala em nada. — Ou então: — Não recebi carta, não sei nada.

Parecia ser aquela a preocupação de Basílio, na alegria egoísta da posse recente. Tinha então carícias muito

extáticas: ajoelhava-se aos pés dela; fazia voz de criança:

— Lili não ama Bibi...

Ela ria, meio despida, com um riso cantado e libertino.

— Lili adora Bibi!... É doida por Bibi!

E queria saber se pensava nela, o que tinha feito na véspera. Fora ao Grémio, jogara uns *robbers*, viera para casa cedo, sonhara com ela...

— Vivo para ti, meu amor, acredita!

E deixava-lhe cair a cabeça no regaço, como sob uma felicidade excessiva.

Outras vezes, mais sério, dava-lhe certos conselhos de gosto, de *toilette:* pedira-lhe que não trouxesse postiços no

cabelo, que não usasse botinhas de elástico.

Luísa admirava muito a sua experiência do luxo; obedecia-lhe, amoldava-se às suas ideias — até afetar, sem o sentir, um desdém pela gente virtuosa, para imitar as suas opiniões libertinas.

E lentamente, vendo aquela docilidade, Basílio não se dava ao incómodo de se constranger; usava dela, *como se a pagasse*! Acontecera uma manhã escrever-lhe em duas palavras a lápis que «não podia ir ao *Paraíso*», sem outras explicações! Uma ocasião mesmo não foi, sem a avisar — e Luísa achou a porta fechada. Bateu timidamente, olhou pela fechadura, esperou palpitante — e voltou muito desconsolada, quebrada de

calor, com a poeirada nos olhos, e vontade de chorar.

Não aceitava o menor incómodo, nem para lhe causar um contentamento. Luísa tinha-lhe pedido que fosse de vez em quando aos domingos a sua casa, passar a noite: viria Sebastião, o Conselheiro, D. Felicidade quando estivesse melhor: era uma alegria para ela, e depois dava às suas relações um ar mais parente, mais legítimo.

Mas Basílio pulou:

— O quê! ir cabecear de sono com quatro caturras. Ah! não!...

— Mas conversa-se, faz-se música...

— *Merci!* Conheço-a, a música das *soirées* de Lisboa! A «Valsa do Beijo» e o «Trovador». Safa!

Depois duas ou três vezes falara de Jorge com desdém. Aquilo ofendera-a.

Ultimamente mesmo, quando ela entrava no «Paraíso», já não tinha a delicadeza amorosa de se levantar alvoroçado: sentava-se apenas na cama, e tirando preguiçosamente o charuto da boca:

— Ora viva a minha flor! — dizia.

E um ar de superioridade quando lhe falava! Um modo de encolher os ombros, de exclamar: — Tu não percebes nada disso! — Chegava a ter palavras cruas, gestos brutais. E Luísa começou a desconfiar que Basílio não a estimava — apenas a desejava!

Ao princípio chorou. Resolveu explicar-se com ele, romper se fosse necessário. Mas adiou, não se atrevia: a

figura de Basílio, a sua voz, o seu olhar dominavam-na; e acendendo-lhe a paixão tiravam-lhe a coragem de a perturbar com queixas. Porque estava convencida então que o adorava: o que lhe dava tanta exaltação no *desejo*, se não era a grandeza do *sentimento?*... Gozava tanto, é porque o amava muito!... E a sua honestidade natural, os seus pudores refugiavam-se neste raciocínio subtil.

Ele tinha às vezes uma secura áspera de maneiras, era verdade; certos tons de indiferença, era certo... Mas noutros momentos, quantas denguices, que tremuras na voz, que frenesi nas carícias!... Amava-a também, não havia dúvida. Aquela certeza era a sua justificação. E como era o amor que os produzia, não se envergonhava dos

alvoroços voluptuosos com que ia todas as manhãs ao «Paraíso»!

Duas ou três vezes, ao voltar, tinha encontrado Juliana, que subia também apressada o Moinho de Vento.

— Donde vinha você? — perguntara-lhe em casa.

— Do médico, minha senhora, fui ao médico.

Queixava-se de pontadas, palpitações, faltas de ar.

— Flatos! flatos!

***

Com efeito, Juliana agora fazia todos os arranjos pela manhã; depois, apenas Luísa, pela uma hora, dobrava a esquina, ia-se vestir, e muito espartilhada

no seu vestido de merino, de chapéu e sombrinha, vinha dizer a Joana:

— Até logo, vou ao médico.

— Até logo, Sr.ª Juliana — dizia a cozinheira radiante.

E ia logo fazer sinal ao carpinteiro.

Juliana descia por S. Pedro de Alcântara, e tomando para o Largo do Carmo ia à ruazita defronte do quartel. Ali morava num terceiro andar a sua íntima amiga, a tia Vitória.

Era uma velha que fora inculcadeira. Ainda tinha mesmo na cancela, numa placa de metal, com letras negras: VICTORIA SOARES, INCULCADEIRA. Mas nos últimos anos a sua indústria tornou-se mais complicada, muito tortuosa.

Exercia-a numa saleta esteirada, com mosquiteiros de papel pendentes do teto encardido, alumiada por duas tristes janelas de peito. Um vasto sofá ocupava quase a parede do fundo: fora decerto de repes verde, mas o estofo coçado, comido, remendado, tinha agora, sob largas nódoas, uma vaga cor parda; as molas partidas rangiam com estalidos melancólicos; a um dos cantos, numa cova que o uso cavara, dormia todo o dia um gato; e um dos lados da madeira queimada revelava que fora salvo de um incêndio. Sobre o sofá pendia a litografia do senhor D. Pedro IV. Entre as duas janelas havia uma cómoda alta; e em cima, entre um Santo António e um cofre feito de búzios, um macaquinho empalhado, com olhos de vidro, equilibrava-se sobre um galho de

árvore. Ao entrar via-se logo, junto da janela fronteira à porta, a uma mesa coberta de oleado, um dorso magro e curvado e um barretinho de seda com uma borla arrebitada. Era o Sr. Gouveia, o escriturário!

O ar abafado tinha um cheiro complexo, indefinido — em que se sentia a cavalariça, a graxa e o refogado. Havia sempre gente: grossas matronas de capote e lenço, face gordalhufa e buço; cocheiros com o cabelo acamado, muito lustroso de óleo, e blusa de riscadinho; pesados galegos cor de greda, de passadas retumbantes e formas lorpas; criadinhas de dentro, amareladas, de olheiras, sombrinha de cabo de osso, e as luvas de pelica com passagens nas pontas dos dedos.

Defronte da sala abria-se um quarto que deitava para o saguão — por cuja portinha verde se viam às vezes desaparecer dorsos respeitáveis de proprietários, ou caudas espalhafatosas de vestidos suspeitos.

Em certas ocasiões, aos sábados, juntavam-se cinco, seis pessoas: velhas falavam baixo, com gestos misteriosos; uma altercação mal abafada roncava no patamar; rapariguitas de repente desatavam a chorar; e, impassível, o Sr. Gouveia escrevinhava os seus registos, arremessando para o lado jatos melancólicos de saliva.

A tia Vitória, no entanto, com a sua touca de renda negra, um vestido roxo, vinha, cochichava, gesticulava, fazia tilintar dinheiro, tirando a cada momento

da algibeira rebuçados de avença para o catarro.

A tia Vitória era uma grande utilidade, tornara-se um centro! A criadagem reles, mesmo a criadagem fina, tinha ali para tudo o seu «despacho». Emprestava dinheiro aos desempregados; guardava as economias dos poupados; fazia escrever pelo Sr. Gouveia as correspondências amorosas ou domésticas dos que não tinham ido à escola; vendia vestidos em segunda mão; alugava casacas; aconselhava colocações, recebia confidências, dirigia intrigas, entendia de partos. Nenhum criado era inculcado por ela; mas, arranjados ou despedidos, nunca deixavam de subir, descer as escadas da tia Vitória. Tinha além disso muitas relações, infinitas condescendências:

celibatários maduros iam entender-se com ela, para o confortozinho de uma sopeira gordita e nova: era ela quem inculcava as serventes às mulheres policiadas; sabia de certos agiotas discretos. E dizia-se: «A tia Vitória tem mais manhas que cabelos!»

Mas, ultimamente, apesar dos seus «afazeres», apenas Juliana entrava — levava-a para o quarto nas traseiras, fechava a porta, e «havia para meia hora!»

E Juliana saía sempre vermelha, os olhos acesos, feliz! Voltava depressa para casa; e mal entrava:

— A senhora ainda não voltou, Sr.ª Joana?

— Ainda não.

— Está na Encarnação. Coitada! Não tem má cruz, ir aturar a velha! E

depois naturalmente vai dar o seu passeio! Faz ela muito bem! Espairecer!

Joana era decerto espessa e obtusa; além disso a paixão animal pelo rapazola emparvecia-a. Todavia, percebera que a Sr.ª Juliana andava «muito derretida pela senhora»; disse-lho mesmo um dia:

— Vossemecê agora, Sr.ª Juliana, parece mais na bola da senhora!

— Na bola?

— Sim, quero dizer, mais aquela, mais...

— Mais apegada à senhora?

— Mais apegada.

— Sempre o estive. Mas então! às vezes a gente tem os seus repentes... Que olhe, Sr.ª Joana, não se acha melhor que aqui. Senhora de muito bom génio, nada

de esquisitices, nenhumas prisões... Ai, é dar louvores ao Céu de estarmos neste descanso.

— E é!

A casa com efeito tinha um aspeto jovial de felicidade tranquila: Luísa saía todos os dias e achava tudo bom; nunca se impacientava; a sua antipatia por Juliana parecia dissipada, considerava-a uma pobre de Cristo! Juliana tomava os seus caldinhos, dava os seus passeios, ruminava. Joana, muito livre, muito só em casa, regalava-se com o carpinteiro.

Não vinham visitas. D. Felicidade, na Encarnação, inundava-se de arnica. Sebastião fora para Almada vigiar as obras. O conselheiro partira para Sintra, «dar umas férias ao espírito», tinha ele dito a Luísa, «e deliciar-se nas maravilhas

daquele Éden». O Sr. Julião, «o doutor», como dizia a Joana, trabalhava a sua tese. As horas eram muito regulares, havia sempre um silêncio pacato. Juliana, um dia na cozinha, impressionada por aquele recolhimento satisfeito de toda a casa, exclamou para Joana:

— Não se pode estar melhor! A barca vai num mar de rosas!

E acrescentou, com uma risadinha:

— E eu ao leme!

7

Por esse tempo, uma manhã que Luísa ia para o «Paraíso», viu de repente sair de um portal, um pouco adiante do Largo de Santa Bárbara, a figura azafamada de Ernestinho.

— Por aqui, prima Luísa! — exclamou ele logo muito surpreendido. — Por estes bairros! Que faz por aqui? Grande milagre!

Vinha vermelho, trazia as bandas do casaco de alpaca todas deitadas para trás, e agitava com excitação um rolo grosso de papéis.

Luísa ficou um pouco embaraçada; disse que viera fazer uma visita a uma amiga. — Oh! ele não conhecia, tinha

chegado do Porto...

— Ah, bem! bem! E que é feito, como tem passado? Quando vem o Jorge? — Desculpou-se logo de a não ter ido ver; mas é que não tinha uma migalha livre! De manhã a Alfândega, à noite os ensaios...

— Então sempre vai? — perguntou Luísa.

— Vai.

E entusiasmado:

— E como vai! Um primor! Mas que trabalhão, que trabalhão! — Agora vinha ele de casa do ator Pinto, que fazia o papel de amante, de conde de Monte Redondo; tinha-o ouvido dizer as palavras finais do terceiro ato: *Maldição, a sorte funesta esmaga-me! Pois bem, arcarei braço a braço com a sorte. À luta!* Era

uma maravilha! Vinha também de lhe dar parte que alterara o monólogo do segundo ato. O empresário achava-o longo...

— Então continua a implicar, o empresário?

Ernestinho fez uma visagem de hesitação.

— Implica um bocado... — E com um rosto radioso: — Mas está delirante! Estão todos delirantes! Ontem me dizia ele: «Lesminha»... É o nome que me dão por pândega. Tem graça, não é verdade? Dizia-me ele: «Lesminha, na primeira representação cai aí Lisboa em peso! Você enterra-os a todos!» É bom homem! E agora vou-me a casa do Bastos, folhetinista da «Verdade». Não conhece?

Luísa não se lembrava bem.

— O Bastos, o da «Verdade»! —

insistia ele.

E vendo que Luísa, impaciente parecia alheia ao nome, ao indivíduo:

— Ora não conhece outra coisa! — Ia descrever-lhe as feições, citar-lhe as obras...

Mas Luísa, impaciente, para findar:

— Ah! sim, lembro-me agora. Perfeitamente... Bem sei!

— Pois é verdade, vou a casa dele. — Tomou um tom compenetrado. — Somos muito amigos, é muito bom rapaz, e tem um pequerrucho lindo!... — E apertando-lhe muito a mão; — Adeusinho, prima Luísa, que não posso perder um momento. Quer que a vá acompanhar?

— Não, é aqui perto.

— Adeus, recados ao Jorge!

Ia a afastar-se, atarefado, mas voltando-se rapidamente, correu atrás dela.

— Ah! esquecia-me dizer-lhe, sabe que lhe perdoei?

Luísa abriu muito os olhos.

— À condessa, à heroína! — exclamou Ernestinho.

— Ah!

— Sim, o marido perdoa-lhe, obtém uma embaixada, e vão viver no estrangeiro. É mais natural.

— Decerto! — disse vagamente Luísa.

— E a peça acaba, dizendo o amante, o conde de Monte Redondo: *E eu irei para a solidão morrer desta paixão funesta!* É de muito efeito! — Esteve um momento a olhá-la, e bruscamente: —

Adeus, prima Luísa, recadinhos ao Jorge!

E abalou.

Luísa entrou no «Paraíso» muito contrariada. Contou o encontro a Basílio. Ernestinho era tão tolo! Podia mais tarde falar naquilo, citar a hora, perguntarem-lhe quem era a amiga do Porto...

E tirando o véu, o chapéu:

— Não, realmente é imprudente vir assim tantas vezes. Era melhor não vir tanto. Pode-se saber...

Basílio encolheu os ombros, contrariado:

— Se queres não venhas.

Luísa olhou-o um momento, e curvando-se profundamente:

— Obrigado!

Ia pôr o chapéu, mas ele veio prender-lhe as mãos, abraçou-a,

murmurando:

— Pois tu falas em não vir! E eu, então? Eu que estou em Lisboa por tua causa...

— Não, realmente dizes às vezes coisas... tens certos modos...

Basílio abafou-lhe as palavras com beijos.

— Ta, ta, ta! Nada de questões! Perdoa. Estás tão linda...

Luísa, ao voltar para casa, veio a refletir naquela cena. Não — pensava — já não era a primeira vez que ele mostrava um desprendimento muito seco por ela, pela sua reputação, pela sua saúde! Queria-a ali todos os dias, egoisticamente. Que as más-línguas falassem, que as soalheiras a matassem, que lhe importava? E para quê?... Porque

enfim, saltava aos olhos, ele amava-a menos... As suas palavras, os seus beijos arrefeciam cada dia, mais e mais!... Já não tinha aqueles arrebatamentos do desejo em que a envolvia toda numa carícia palpitante, nem aquela abundância de sensação que o fazia cair de joelhos com as mãos trémulas como as de um velho!... Já se não arremessava para ela, mal ela aparecia à porta, como sobre uma presa estremecida!... Já não havia aquelas conversas pueris, cheias de risos, divagadas e tontas, em que se abandonavam, se esqueciam, depois da hora ardente e física, quando ela ficava numa lassitude doce, com o sangue fresco, a cabeça deitada sobre os braços nus! — Agora, trocado o último beijo, acendia o charuto, como num restaurante ao fim do

jantar! E ia logo a um espelho pequeno que havia sobre o lavatório dar uma penteadela no cabelo com um pentezinho de algibeira. (O que ela odiava o pentezinho!). Às vezes até olhava o relógio!... E enquanto ela se arranjava não vinha, como nos primeiros tempos, ajudá-la a pôr o colarinho, picar-se nos seus alfinetes, rir em volta dela, despedir-se com beijos apressados da nudez dos seus ombros antes que o vestido se apertasse. Ia rufar nos vidros — ou sentado, com um ar macambúzio, bamboleava a perna!

E depois positivamente não a respeitava, não a considerava... Tratava-a por cima do ombro, como uma burguesinha, pouco educada e estreita, que apenas conhece o seu bairro. E um modo de passear, fumando, com a cabeça

alta, falando no «espírito de Madame de tal», nas *toilettes* da «condessa de tal»! Como se ela fosse estúpida, e os seus vestidos fossem trapos! Ah, era secante! E parecia, Deus me perdoe, parecia que lhe fazia uma honra, uma grande honra em a possuir... Imediatamente lembrava-lhe Jorge, Jorge que a amava com tanto respeito! Jorge, para quem ela era decerto a mais linda, a mais elegante, a mais inteligente, a mais cativante!... E já pensava um pouco que sacrificara a sua tranquilidade tão feliz a um amor bem incerto!

Enfim, um dia que o viu mais distraído, mais frio, explicou-se abertamente com ele. Direita, sentada no canapé de palhinha, falou com bom senso, devagar, com um ar digno e preparado: —

Que percebia bem que ele se aborrecia, que o seu grande amor tinha passado, que era portanto humilhante para ela verem-se nessas condições, e que julgava mais digno acabarem...

Basílio olhava-a, surpreendido da sua solenidade; sentia um estudo, uma afetação naquelas frases; disse muito tranquilamente, sorrindo:

— Trazias isso decorado!

Luísa ergueu-se bruscamente, encarou-o, teve um movimento desdenhoso dos lábios.

— Tu estás doida, Luísa?

— Estou farta! Faço todos os sacrifícios por ti, venho aqui todos os dias, comprometo-me, e para quê? Para te ver muito indiferente, muito secado...

— Mas, meu amor...

Ela teve um sorriso de escárnio.

— *Meu amor!* Oh! são ridículos esses fingimentos!

Basílio impacientou-se.

— Já isso cá me faltava, essa cena! — exclamou impetuosamente. E cruzando os braços diante dela: — Mas que queres tu? Queres que te ame como no teatro, em S. Carlos? Todas sois assim! Quando um pobre diabo ama naturalmente, como todo o mundo, com o seu coração, mas não tem gestos de tenor, aqui d'el-rei que é frio, que se aborrece, é ingrato... Mas que queres tu? Queres que me atire de joelhos, que declame, que revire os olhos, que faça juras, outras tolices?...

— São tolices que tu fazias...

— Ao princípio! — respondeu ele

brutalmente. — Já nos conhecemos muito para isso, minha rica.

E havia apenas cinco semanas!

— Adeus! — disse Luísa.

— Bem. Vais zangada?

Ela respondeu, com os olhos baixos, calçando nervosamente as luvas:

— Não.

Basílio pôs-se diante da porta, e estendendo os braços:

— Mas sê razoável, minha querida. Uma ligação como a nossa não é o dueto do «Fausto». Eu amo-te; tu, creio, gostas de mim; fazemos os sacrifícios necessários, encontramo-nos, somos felizes... Que diabo queres tu mais? Porque te queixas?

Ela respondeu com um sorriso irónico e triste:

— Não me queixo. Tens razão.

— Mas não vás zangada, então.

— Não...

— Palavrinha?

— Sim...

Basílio tomou-lhe as mãos.

— Dê então um beijinho em Bibi...

Luísa beijou-o de leve na face.

— Na boquinha, na boquinha! — E ameaçando-a com o dedo, fitando-a muito: — Ah geniozinho! Tens bem o sangue do Sr. António de Brito, nosso extremoso tio, que arrepelava as criadas pelos cabelos! — E sacudindo-lhe o queixo: — E vens amanhã?

Luísa hesitou um momento:

— Venho.

Entrou em casa exasperada, humilhada. Eram seis horas. Juliana veio

logo dizer-lhe, muito quezilada, que a Joana tinha saído às quatro horas, não tinha voltado, o jantar estava por acabar...

— Onde foi?

Juliana encolheu os ombros com um sorrisinho.

Luísa percebeu. Tinha ido a algum amante, a algum amor... Teve um gesto de piedade desdenhosa.

— Há de lucrar muito com isso. Boa tola! — disse.

Juliana olhou-a espantada.

«Está bêbeda!», pensou.

— Bem, que se há de fazer? — exclamou Luísa. — esperarei...

E passeando pelo quarto, excitada, revolvendo o seu despeito:

— Que egoísta, que grosseiro, que infame! E é por um homem assim que uma

mulher se perde! É estúpido!

Como ele suplicava, se fazia pequenino, humilde ao princípio! O que são os amores dos homens! Como têm a fadiga fácil!

E imediatamente lhe veio a ideia de Jorge! *Esse* não! Vivia com ela havia três anos — e o seu amor era sempre o mesmo, vivo, meigo, dedicado. Mas o *outro!* Que indigno! *Já a conhecia muito!* Ah! estava bem certa agora, nunca a amara, ele! Quisera-a por vaidade, por capricho, por distração, para ter uma mulher em Lisboa! É o que era! Mas amor? Qual!

E ela mesmo, por fim? Amava-o, ela? Concentrou-se, interrogou-se... Imaginou casos, circunstâncias: se ele a quisesse levar para longe, para França,

iria? Não! Se por um acaso, por uma desgraça enviuvasse, antevia alguma felicidade casando com ele? Não!

Mas então!... E como uma pessoa que destapa um frasco muito guardado, e se admira vendo o perfume evaporado, ficou toda pasmada de encontrar o seu coração vazio. O que a levara então para ele?... Nem ela sabia; não ter nada que fazer, a curiosidade romanesca e mórbida de ter um amante, mil vaidadezinhas inflamadas, um certo desejo físico... E sentira-a, porventura, essa felicidade que dão os amores ilegítimos, de que tanto se fala nos romances e nas óperas, que faz esquecer tudo na vida, afrontar a morte, quase fazê-la amar? Nunca! Todo o prazer que sentira ao princípio, que lhe parecera ser o amor — vinha da novidade, do

saborzinho delicioso de comer a maçã proibida, das condições de mistério do «Paraíso», de outras circunstâncias talvez, que nem queria confessar a si mesma, que a faziam corar por dentro!

Mas que sentia de extraordinário *agora?* Bom Deus, começava a estar menos comovida ao pé do seu amante, do que ao pé do seu marido! Um beijo de Jorge perturbava-a mais, e viviam juntos havia três anos! Nunca se secara ao pé de Jorge, nunca! E secava-se positivamente ao pé de Basílio! Basílio, no fim, o que se tornara para ela? Era como um marido pouco amado, que ia amar fora de casa! Mas então, valia a pena?...

Onde estava o defeito? No amor mesmo talvez! Porque enfim, ela e Basílio estavam nas condições melhores para

obterem uma felicidade excecional: eram novos, cercava-os o mistério, excitava-os a dificuldade... Porque era então que quase bocejavam? É que o amor é essencialmente perecível, e na hora em que nasce começa a morrer. Só os começos são bons. Há então um delírio, um entusiasmo, um bocadinho do Céu. Mas depois!... Seria pois necessário estar sempre a *começar*, para poder sempre *sentir?*... Era o que fazia Leopoldina. E aparecia-lhe então nitidamente a explicação daquela existência de Leopoldina, inconstante, tomando um amante, conservando-o uma semana, abandonando-o como um limão espremido, e renovando assim constantemente a flor da sensação! — E, pela lógica tortuosa dos amores

ilegítimos, o seu primeiro amante fazia-a vagamente pensar no segundo!

Logo no dia seguinte pôs-se a dizer consigo que era bem longe o «Paraíso»! Que maçada, por aquele calor, vestir-se, sair! Mandou saber de D. Felicidade por Juliana, e ficou em casa, de roupão branco, preguiçosa, saboreando a sua preguiça.

Nessa tarde recebeu uma carta de Jorge: «Que ainda se demorava, mas que a sua viuvez começava a pesar-lhe. Quando se veria enfim na sua casinha, na sua alcovinha?...»

Ficou muito comovida. Um sentimento de vergonha, de remorso, uma compaixão terna por Jorge, tão bom, coitado!, um indefinido desejo de o ver e de o beijar, a recordação de felicidades

passadas perturbaram-na até às profundidades do seu ser. Foi logo responder-lhe, jurando-lhe «que também já estava farta de estar só, que viesse, que era estúpida semelhante separação...» E era sincera naquele momento.

Tinha fechado o envelope, quando Juliana lhe veio trazer «uma carta do hotel». Basílio mostrava-se desesperado: «Como não vieste, vejo que estás zangada; mas é decerto o teu orgulho, não o teu amor que te domina: não imaginas o que senti quando vi que não vinhas hoje. Esperei até às cinco horas: que suplício! Fui talvez seco, mas tu também estavas implicativa. Devemos perdoar-nos ambos, ajoelharmos um diante do outro, e esquecer todo o despeito no mesmo amor... Vem amanhã. Adoro-te tanto! Que

outra prova queres, que esta que te dou de abandonar os meus interesses, as minhas relações, os meus gostos, e enterrar-me aqui em Lisboa, etc.»

Ficou muito nervosa, sem saber o que havia de fazer, o que havia de querer. Aquilo era verdade. Porque estava ele em Lisboa? Por ela. Mas se reconhecia agora que o não amava, ou tão pouco! E depois era vil trair assim Jorge, tão bom, tão amoroso, vivendo todo para ela. Mas se Basílio realmente estivesse tão apaixonado!... As suas ideias redemoinhavam, como folhas de outono, violentadas por ventos contraditórios. Desejava estar tranquila, «que a não perseguissem». Para que voltara aquele homem? Jesus! Que havia de fazer? Tinha os seus pensamentos, os seus sentimentos

numa dolorosa trapalhada.

E na manhã seguinte estava na mesma hesitação. Iria, não iria? O calor fora, a poeirada da rua faziam-lhe apetecer mais a casa! Mas que desapontamento, o do pobre rapaz também! Atirou ao ar uma moeda de cinco tostões. Era cunho, devia ir. Vestiu-se, sem vontade, secada — tendo todavia um certo desejo dos refinamentos de prazer que dão as expansões da reconciliação...

Mas que surpresa! Esperava encontrá-lo humilde e de joelhos — achou-o com a testa franzida e muito áspero.

— Luísa, parece incrível, porque não vieste ontem?

Na véspera, Basílio, quando viu que ela faltava, teve um grande despeito e

um medo maior; a sua concupiscência receou perder aquele lindo corpo de rapariga, e o seu orgulho escandalizou-se de ver libertar-se aquela escravazinha dócil. Resolveu portanto, a todo o custo, «chamá-la ao rego». Escreveu-lhe; e mostrando-se submisso para a atrair, decidiu ser severo para a castigar. — E acrescentou:

— É uma criancice ridícula. Porque não vieste?

Aquele modo enraiveceu-a.

— Porque não quis.

Mas emendou logo:

— Não pude.

— Ah! é essa a maneira por que respondes à minha carta, Luísa?

— E tu, é esse o modo com que me recebes?

Olharam-se um momento, detestando-se.

— Bem, queres uma questão? És como as outras.

— Que outras?

E toda escandalizada:

— Ah! é de mais! Adeus!

Ia sair.

— Vais-te, Luísa?

— Vou. É melhor acabarmos por uma vez...

Ele segurou o fecho da porta rapidamente.

— Falas sério, Luísa?

— Decerto. Estou farta!

— Bem. Adeus.

Abriu a porta para a deixar passar, curvou-se silenciosamente.

Ela deu um passo, e Basílio com a

voz um pouco trémula:

— Então, é para sempre? Nunca mais?

Luísa parou, branca. Aquela triste palavra *nunca mais* deu-lhe uma saudade, uma comoção. Rompeu a chorar.

As lágrimas tornavam-na sempre mais linda. Parecia tão dolorida, tão frágil, tão desamparada!...

Basílio caiu-lhe aos pés: tinha também os olhos húmidos.

— Se tu me deixares, morro!

Os seus lábios uniram-se num beijo profundo, longo, penetrante. A excitação dos nervos deu-lhes momentaneamente a sinceridade da paixão; e foi uma manhã deliciosa.

Ela prendia-o nos braços nus, pálida como cera, balbuciava:

— Não me deixes nunca, não?

— Juro-to! Nunca, meu amor!

Mas fazia-se tarde, era necessário ir-se! E a mesma ideia decerto acudiu-lhes — porque se olharam avidamente, e Basílio murmurou:

— Se pudesses aqui passar a noite!

Ela disse aterrada, quase suplicante:

— Oh! não me tentes, não me tentes...

Basílio suspirou, disse:

— Não, é uma tolice. Vai.

Luísa começou a arranjar-se, à pressa. E de repente, parando, com um sorriso:

— Sabes tu uma coisa?

— O quê, meu amor?

— Estou a cair com fome! Não almocei nada, estou a cair!

Ele ficou desolado:

— Coitadinha, minha pobre filha! Se eu soubesse...

— Que horas são, filho?

Basílio viu o relógio, disse quase envergonhado:

— Sete!

— Ai, santo Deus!

Punha o chapéu, o véu, atrapalhadamente:

— Que tarde! Jesus! Que tarde!

— E amanhã, quando?

— À uma.

— Com certeza?

— Com certeza.

Ao outro dia foi muito pontual. Basílio veio esperá-la ao fundo da

escada; e apenas entraram no quarto, devorando-a de beijos:

— Que me fizeste tu? Desde ontem que estou doido!

Mas Luísa estava muito intrigada com um cesto que via em cima da cama.

— Que é aquilo?

Ele sorriu, levou-a pela mão junto da barra de ferro, e destapando o cesto, com uma cortesia grave:

— Provisões, festins, bacanais! Não dirás depois que tens fome!

Era um *lunch*. Havia sanduíches, um *pâté de foie gras*, fruta, uma garrafa de champanhe e, envolto em flanela, gelo.

— É brilhante! — disse ela, com um sorriso quente, rubra de prazer.

— Foi o que se pôde arranjar, minha querida prima! Já vê que pensei em

si!

Pôs o cesto no chão, e vindo para ela com os braços abertos:

— E tu pensaste em mim, meu amor?

Os olhos dela responderam — e a pressão apaixonada dos seus braços.

Às três horas lancharam. Foi delicioso; tinham estendido um guardanapo sobre a cama; a louça tinha a marca do Hotel Central; aquilo parecia a Luísa muito estroina, adorável — e ria de sensualidade, fazendo tilintar os pedacinhos de gelo contra o vidro do copo, cheio de champanhe. Sentia uma felicidade exuberante que transbordava em gritinhos, em beijos, em toda a sorte de gestos buliçosos. Comia com gula; e eram adoráveis os seus braços nus

movendo-se por cima dos pratos.

Nunca achara Basílio tão bonito; o quarto mesmo parecia-lhe muito aconchegado para aquelas intimidades da paixão; quase julgava possível viver ali, naquele cacifro, anos, feliz com ele, num amor permanente, e *lunchs* às três horas... Tinham as pieguices clássicas: metiam-se bocadinhos na boca; ela ria com os seus dentinhos brancos: bebiam pelo mesmo copo, devoravam-se de beijos — e ele quis-lhe ensinar então a verdadeira maneira de beber champanhe. Talvez ela não soubesse!

— Como é? — perguntou Luísa erguendo o copo.

— Não é com o copo! Horror! Ninguém que se preza bebe champanhe por um copo. O copo é bom para o

Colares...

Tomou um gole de champanhe, e num beijo passou-o para a boca dela. Luísa riu muito, achou «divino», quis beber mais assim. Ia-se fazendo vermelha, o olhar luzia-lhe.

Tinham tirado os pratos da cama; e sentada à beira do leito, os seus pezinhos calçados numa meia cor-de-rosa pendiam, agitavam-se, enquanto um pouco dobrada sobre si, os cotovelos sobre o regaço, a cabecinha de lado, tinha em toda a sua pessoa a graça lânguida de uma pomba fatigada.

Basílio achava-a irresistível: quem diria que uma burguesinha podia ter tanto chique, *tanta queda?* Ajoelhou-se, tomou-lhe os pezinhos entre as mãos e beijou-lhos; depois, dizendo muito mal

das ligas «tão feias, com fechos de metal», beijou-lhe respeitosamente os joelhos; e então fez-lhe baixinho um pedido. Ela corou, sorriu, dizia: — Não! Não! — e quando saiu do seu delírio tapou o rosto com as mãos, toda escarlate, murmurou repreensivamente.

— Oh Basílio!

Ele torcia o bigode, muito satisfeito. Ensinara-lhe uma sensação nova: tinha-a na mão?

Só às seis horas se desprendeu dos seus braços. Luísa fez-lhe jurar que havia de pensar nela toda a noite. — Não queria que ele saísse; tinha ciúmes do Grémio, do ar, de tudo! — E já no patamar voltava, beijava-o, louca, repetia:

— E amanhã mais cedo, sim?,

para estarmos todo o dia.

— Não vais ver a D. Felicidade?

— Que me importa a D. Felicidade! Não me importa ninguém! Quero-te a ti! Só a ti!

— Ao meio-dia?

— Ao meio-dia!

Quanto lhe pesou à noite a solidão do seu quarto! Tinha uma impaciência que a impelia de prolongar a excitação da tarde, agitar-se. Ainda quis ler, mas bem depressa arremessou o livro: as duas velas acesas sobre o toucador pareciam-lhe lúgubres; foi ver a noite — estava tépida e serena. Chamou Juliana:

— Vá pôr um xale, vamos a casa da Sr.ª D. Leopoldina.

Quando chegaram foi a Justina que veio abrir, depois de uma grande demora,

esguedelhada, em chambre branco. Pareceu muito espantada:

— A senhora foi pró Porto!

— Pró Porto!

Sim. Demorava-se quinze dias.

Luísa ficou muito desconsolada. Mas não queria voltar, o seu quarto solitário aterrava-a.

— Vamos um bocado até ali abaixo, Juliana. A noite está tão bonita!

— Rica, minha senhora!

Foram pela Rua de S. Roque. E como guiados pelas duas linhas de pontos de gás que desciam a Rua do Alecrim, o seu pensamento, o seu desejo foram logo para o Hotel Central.

Estaria em casa? Pensaria nela? Se pudesse ir surpreendê-lo de repente, atirar-se-lhe aos braços, ver as suas

malas... Aquela ideia fazia-a arfar. Entraram na Praça de Camões. Gente passeava devagar; sob a sombra mais escura que faziam as árvores cochichava-se pelos bancos; bebia-se água fresca; claridades cruas de vidraças, de portas de lojas destacavam em redor no tom escuro da noite: e no rumor lento das ruas em redor sobressaíam as vozes agudas dos vendedores de jornais.

Então um sujeito com um chapéu de palha passou tão rente dela, tão intencionalmente que Luísa teve medo. — Era melhor voltarem — disse.

Mas ao meio da Rua de S. Roque o chapéu de palha reapareceu, roçou quase o ombro de Luísa; dois olhos repolhudos dardejaram sobre ela.

Luísa ia desesperada: o tiquetaque

das suas botinas batia vivamente a laje do passeio: de repente, ao pé de S. Pedro de Alcântara, de sob o chapéu de palha saiu uma voz adocicada e brasileira, dizendo-lhe junto ao pescoço:

— Aonde mora, ó menina?

Agarrou aterrada o braço de Juliana.

A voz repetiu:

— Não se agaste, menina, aonde mora?

— Seu malcriado! — rugiu Juliana.

O chapéu de palha imediatamente desapareceu entre as árvores.

Chegaram a casa a arquejar. Luísa tinha vontade de chorar; deixou-se cair na *causeuse*, esfalfada, infeliz. Que imprudência, pôr-se a passear pelas ruas

de noite, com uma criada! Estava doida, desconhecia-se. Que dia aquele! E recordava-o desde pela manhã: o *lunch*, o champanhe bebido pelos beijos de Basílio, os seus delírios libertinos, que vergonha! E ir a casa de Leopoldina, de noite, e ser tomada na rua por uma mulher do Bairro Alto!... De repente lembrou-lhe Jorge no Alentejo trabalhando por ela, pensando nela... Escondeu o rosto entre as mãos, detestou-se, os seus olhos humedeceram-se.

***

Mas na manhã seguinte acordou muito alegre. Sentia, sim, uma vaga vergonha de todas as suas «tolices» da véspera, e como a sensação indefinida,

palpite ou pressentimento, de que não devia ir ao «Paraíso». O seu desejo, porém, que a impelia para lá vivamente, forneceu-lhe logo razões: era desapontar Basílio, a não ir hoje não devia voltar, e então romper... Além disso, a manhã muito linda atraía para a rua: chovera de noite, o calor cedera; havia nos tons da luz e do azul uma frescura lavada e doce.

E às onze e meia descia o Moinho de Vento, quando viu a figura digna do conselheiro Acácio que subia da Rua da Rosa, devagar, com o guarda-sol fechado, a cabeça alta.

Apenas a avistou apressou-se, curvou-se profundamente:

— Que encontro verdadeiramente feliz!...

— Como está, Conselheiro?

Ditosos olhos que o veem!

— E Vossa Excelência, minha senhora? Vejo-a com excelente aspeto!

Passou-lhe à esquerda com um movimento solene, pôs-se a caminhar ao lado dela.

— Permite-me decerto que a acompanhe na sua excursão?

— Decerto, com o maior prazer. Mas que tem feito? Tenho muito que lhe ralhar...

— Estive em Sintra, minha querida senhora. — E parando: — Não sabia? O «Diário de Notícias» especificou-o!

— Mas depois de vir de Sintra?

Ele acudiu:

— Ah! tenho estado ocupadíssimo! Ocupadíssimo!

Inteiramente absorvido na compilação de certos documentos que me eram indispensáveis para o meu livro... — E depois de uma pausa: — Cujo nome não ignora, creio.

Luísa não se recordava inteiramente. O conselheiro então expôs o título, os fins, alguns nomes de capítulos, a utilidade da obra: era a «Descrição Pitoresca das Principais Cidades de Portugal e Seus mais Famosos Estabelecimentos».

— É um guia, mas um guia científico. Ilustrarei com um exemplo: Vossa Excelência quer ir a Bragança: sem o meu livro é muito natural (direi, é certo) que volta sem ter gozado das curiosidades locais; com o meu livro percorre os edifícios mais notáveis, recolhe um fundo

muito sólido de instrução, e tem ao mesmo tempo o prazer.

Luísa mal o escutava, sorrindo vagamente sob o seu véu branco.

— Está hoje muito agradável! — disse ela.

— Agradabilíssimo! Um dia criador!

— Que bom fresco aqui!

Tinham entrado em S. Pedro de Alcântara; um ar doce circulava entre as árvores mais verdes; o chão compacto, sem pó, tinha ainda uma ligeira humidade; e, apesar do sol vivo, o céu azul parecia leve e muito remoto.

O conselheiro então falou do estio: tinha sido tórrido! Na sua sala de jantar tinha havido quarenta e oito graus à sombra! Quarenta e oito graus! — E com

bonomia, querendo logo desculpar a sala daquela exageração canicular: — Mas é que está exposta ao sul! Façamos essa justiça! Está muito exposta ao sul. Hoje porém está verdadeiramente restaurador.

Convidou-a mesmo a dar uma volta em baixo no jardim. Luísa hesitava. E o conselheiro puxando o relógio, fitando-o de longe, declarou logo que ainda não era meio-dia. Estava certo pelo Arsenal, era um relógio inglês. — Muito preferíveis aos suíços! — acrescentou com ar profundo.

Cobardemente, por inércia, enervada pela voz pomposa do conselheiro, Luísa foi descendo, contrariada, as escadinhas para o jardim. De resto — pensava — tinha tempo, tomaria um trem...

Foram encostar-se às grades. Através dos varões viam, descendo num declive, telhados escuros, intervalos de pátios, cantos de muro com uma ou outra magra verdura de quintal ressequido; depois, no fundo do vale, o Passeio estendia a sua massa de folhagem prolongada e oblonga, onde a espaços branquejavam pedaços da rua areada. Do lado de lá erguiam-se logo as fachadas inexpressivas da Rua Oriental, recebendo uma luz forte que fazia faiscar as vidraças; por trás iam-se elevando no mesmo plano terrenos de um verde crestado fechados por fortes muros sombrios, a cantaria da Encarnação de um amarelo triste, outras construções separadas, até ao alto da Graça, coberta de edifícios eclesiásticos, com renques de

janelinhas conventuais e torres de igrejas, muito brancas sobre o azul; e a Penha de França, mais para além, punha em relevo o vivo do muro caiado, donde sobressaía uma tira verde-negra de arvoredo. À direita, sobre o monte pelado, o Castelo assentava, atarracado, ignobilmente sujo; e a linha muito quebrada de telhados, de esquinas de casas da Mouraria e de Alfama descia com ângulos bruscos até às duas pesadas torres da Sé, de um aspeto abacial e secular. Depois viam um pedaço do rio, batido da luz: duas velas brancas passavam devagar; e na outra banda, à base de uma colina baixa que o ar distante azulava, estendia-se a correnteza de casarias de uma povoaçãozinha de um branco de cré luzidio. Da cidade um rumor grosso e lento subia, onde se

misturavam o rolar dos trens, o pesado rodar dos carros de bois, a vibração metálica das carretas que levam ferraria, e algum grito agudo de pregão.

— Grande panorama! — disse o conselheiro com ênfase. E encetou logo o elogio da cidade. Era uma das mais belas da Europa, decerto, e como entrada, só Constantinopla! Os estrangeiros invejavam-na imenso. Fora outrora um grande empório, e era uma pena que a canalização fosse tão má, e a edilidade tão negligente!

— Isto devia estar na mão dos ingleses, minha rica senhora! — exclamou.

Mas arrependeu-se daquela frase impatriótica. Jurou que «era uma maneira de dizer». Queria a independência do seu

país; morreria por ela, se fosse necessário; nem ingleses nem castelhanos!... — Só nós, minha senhora! — E acrescentou com uma voz respeitosa: — E Deus!

— Que bonito está o rio! — disse Luísa.

Acácio afirmou-se, e murmurou em tom cavo:

— O Tejo!

Quis então dar uma volta pelo jardim. Sobre os canteiros borboletas brancas, amarelas, esvoaçavam; um gotejar de água fazia no tanque um ritmozinho de jardim burguês; um aroma de baunilha predominava; sobre a cabeça dos bustos de mármore, que se elevam de entre os maciços e as moitas de dálias, pássaros pousavam.

Luísa gostava daquele jardinzinho, mas embirrava com as grades tão altas...

— Por causa dos suicídios! — acudiu logo o conselheiro. E todavia, segundo a sua opinião, os suicídios em Lisboa diminuíam consideravelmente: atribuía isso à maneira severa e muito louvável como a imprensa os condenava...

— Porque em Portugal, creia isto, minha senhora, a imprensa é uma força!

— Se fôssemos andando...? — lembrou Luísa.

O conselheiro curvou-se, mas vendo-a ir colher uma flor, reteve-lhe vivamente o braço:

— Ah, minha rica senhora, por quem é! Os regulamentos são muito explícitos! Não os infrinjamos, não os infrinjamos! — E acrescentou: — O

exemplo deve vir de cima.

Foram subindo, e Luísa pensava: «Vai para casa, larga-me ao Loreto.»

Na Rua de S. Roque espreitou o relógio de uma confeitaria: era meia hora depois do meio-dia! Já Basílio esperava!

Apressou o passo, ao Loreto parou. O conselheiro olhou-a, sorrindo, esperando.

— Ah! pensei que ia para casa, Conselheiro!

— Já agora quero acompanhá-la, se Vossa Excelência mo permite. Decerto não sou indiscreto?

— Ora essa! De modo nenhum.

Uma carruagem da Companhia passava, seguida de um correio a trote.

O conselheiro, com um movimento ansioso, tirou profundamente o chapéu.

— É o presidente do Conselho. Não viu? Fez-me um sinal de dentro. — Começou logo o seu elogio: — Era o nosso primeiro parlamentar: vastíssimo talento, uma linguagem muito castigada! — E ia decerto falar das coisas públicas, mas Luísa atravessou para os Mártires, erguendo um pouco o vestido por causa de uns restos de lama. Parou à porta da igreja, e sorrindo:

— Vou aqui fazer uma devoçãozinha. Não o quero fazer esperar. Adeus, Conselheiro, apareça. — Fechou a sombrinha, estendeu-lhe a mão.

— Ora essa, minha rica senhora! Esperarei, se vir que não se demora muito. Esperarei, não tenho pressa. — E com respeito: — Muito louvável esse zelo!

Luísa entrou na igreja desesperada. Ficou de pé debaixo do coro, calculando: «Demoro-me aqui, ele cansa-se de esperar e vai-se!» Por cima reluziam vagamente os pingentes de cristal dos lustres. Havia uma luz velada, igual, um pouco fosca. E as arquiteturas caiadas, a madeira muito lavada do soalho, as balaustradas laterais de pedra davam uma tonalidade clara e alvadia, onde destacavam os dourados da capela, os frontais roxos dos púlpitos, ao fundo dois reposteiros de um roxo mais escuro, e sob o dossel cor de violeta os ouros do trono. Um silêncio fresco e alto repousava. Diante do batistério um rapaz de joelhos, com um balde de zinco ao pé, esfregava o chão com uma rodilha, discretamente: dorsos de beatas,

encapotados ou cobertos de xales tingidos, curvavam-se, aqui e além, diante de um altar; e um velho, de jaqueta de saragoça, prostrado no meio da igreja, rosnava rezas numa melopeia lúgubre; via-se a sua cabeça calva, as tachas enormes dos sapatos, e a cada momento, dobrando-se, batia no peito com desespero.

Luísa subiu ao altar-mor. Basílio impacientava-se, decerto, pobre rapaz! Perguntou então, timidamente, as horas a um sacristão que passava. O homem ergueu a sua face cor de cidra para uma janela na cúpula, e olhando Luísa de lado:

— Vai indo prás duas.

Para as duas! Era capaz de não esperar, Basílio! Veio-lhe um receio de perder a sua manhã amorosa, um desejo

áspero de se achar no «Paraíso», nos braços dele! E olhava vagamente os santos, as virgens trespassadas de espadas, os Cristos chagados — cheia de impaciências voluptuosas, revendo o quarto, a caminha de ferro, o pequeno bigode de Basílio!... Mas demorou-se, queria «fatigar o conselheiro, deixá-lo ir». Quando pensou que ele teria partido, saiu devagarinho. Viu-o logo à porta, direito, com as mãos atrás das costas, lendo a pauta dos jurados.

Começou imediatamente a louvar a sua devoção. Não entrara porque não quisera perturbar o seu recolhimento. Mas aprovava-a muito! A falta de religião era a causa de toda a imoralidade que grassava...

— E além disso é de boa

educação. Vossa Excelência há de reparar que toda a nobreza cumpre...

Calou-se; aprumava a estatura, todo satisfeito de descer o Chiado com aquela linda senhora, tão olhada. Mesmo, ao passar por um grupo, curvou-se para ela misteriosamente, disse-lhe ao ouvido, sorrindo:

— Está um dia apreciável!

E ofereceu-lhe bolos à porta do Baltreschi. Luísa recusou.

— Sinto. Todavia acho muito sensata a regularidade nas comidas.

A sua voz vinha agora a Luísa com a impertinência de um zumbido; apesar de não fazer calor, abafava, picava-lhe o sangue no corpo; tinha vontade de deitar a correr, de repente; e todavia caminhava devagar, infeliz, como sonâmbula, cheia

de necessidade de chorar.

Sem razão, ao acaso, entrou no Valente. Era hora e meia! Depois de hesitar, pediu gravatas de *foulard* a um caixeiro louro e jovial.

— Brancas? de cor? de riscas? com pintinhas?

— Sim, verei, sortidas.

Não lhe agradavam. Desdobrava-as, sacudia-as, punha-as de lado; e olhava em roda vagamente, pálida... O caixeiro perguntou-lhe se estava incomodada: ofereceu-lhe água, qualquer coisa...

Não era nada; o ar é que lhe fazia bem; voltaria. Saiu. O conselheiro, muito solícito, prontificou-se a acompanhá-la a uma boa farmácia tomar água de flor de laranja... Desciam então a Rua Nova do Carmo, e o conselheiro ia afirmando que

o caixeiro fora muito polido: não se admirava, porque no comércio havia filhos de boas famílias: citou exemplos.

Mas vendo-a calada:

— Ainda sofre?

— Não, estou bem.

— Temos dado um delicioso passeio!

Foram ao comprido do Rossio, até ao fim. Voltaram, atravessaram-no em diagonal. E pelo lado do Arco do Bandeira, aproximaram-se da Rua do Ouro. Luísa olhava em redor, aflita, procurava uma ideia de ocasião, um acontecimento — e o conselheiro, grave a seu lado, dissertava. A vista do Teatro de D. Maria levara-o para as questões da arte dramática: tinha achado que a peça do Ernestinho era talvez demasiado forte.

De resto só gostava de comédias. Não que se não entusiasmasse com as belezas de um «Frei Luís de Sousa», mas a sua saúde não lhe permitia as agitações fortes. Assim por exemplo...

Mas Luísa tivera uma ideia, e imediatamente:

— Ah! esquecia-me! Tenho de ir ao Vitry. Vou fazer chumbar um dente.

O conselheiro, interrompido, fitou-a. E Luísa, estendendo-lhe a mão, com voz rápida:

— Adeus, apareça, hem? — E precipitou-se para o portal do Vitry.

Subiu até ao primeiro andar, correndo, com os vestidos apanhados: parou arquejando, esperou: desceu devagar, espreitou à porta... A figura do conselheiro afastava-se direita, digna,

para os lados das Secretarias.

Chamou um trem.

— A quanto puder! — exclamou.

A carruagem entrou quase a galope na ruazinha do «Paraíso». Figuras pasmadas apareceram à janela. Subiu, palpitante. A porta estava fechada — e logo a cancela do lado abriu-se, e a voz doce da patroa segredou:

— Já saiu. Há de haver meia hora.

Desceu. Deu a sua morada ao cocheiro, e atirando-se para o fundo do *coupé*, rompeu num choro histérico. Correu os estores para se esconder: arrancou o véu, rasgou uma luva, sentindo em si violências inesperadas. Então veio-lhe um desejo frenético de ver Basílio? Bateu nos vidros desesperadamente, gritou:

— Ao Hotel Central!

Porque estava num daqueles momentos em que os temperamentos sensíveis têm impulsos indomáveis; há uma delícia colérica em espedaçar os deveres e as conveniências; e a alma procura sofregamente o mal com estremecimentos de sensualidade!

A parelha estacou, resvalando, à porta do hotel. «O Sr. Basílio de Brito não estava, o senhor visconde Reinaldo, sim.»

— Bem, para casa, para onde eu disse!

O cocheiro bateu. E Luísa, sacudida por uma irritabilidade febril, insultava o conselheiro, o estafermo, o imbecil, maldizia a vida que lhos fizera conhecer, a ele e a todos os amigos da

casa! Vinha-lhe uma vontade acre de mandar o casamento ao Diabo, de fazer o que lhe viesse à cabeça!...

À porta não tinha troco para o cocheiro. — Espere! — disse, subindo furiosa. — Eu lhe mandarei pagar!

«Que bicha», pensou o cocheiro.

Foi Joana que veio abrir; e quase recuou, vendo-a tão vermelha, tão excitada.

Luísa foi direita ao quarto: o «cuco» cantava três horas. Estava tudo desarrumado; vasos de plantas no chão, o toucador coberto com um lençol velho, roupa suja pelas cadeiras. E Juliana, com um lenço amarrado à cabeça, varria tranquilamente, cantarolando.

— Então você ainda não arrumou o quarto! — gritou Luísa.

Juliana estremeceu àquela cólera inesperada!

— Estava agora, minha senhora!

— Que estava agora vejo eu! — rompeu Luísa. — São três horas da tarde e ainda o quarto neste estado!

Tinha atirado o chapéu, a sombrinha.

— Como a senhora costuma vir sempre mais tarde... — disse Juliana.

E os seus beiços faziam-se brancos.

— Que lhe importa a que horas eu venho? Que tem você com isso? A sua obrigação é arrumar logo que eu me levante. E não querendo, rua, fazem-se-lhe as contas!

Juliana fez-se escarlate e cravando em Luísa os olhos injetados:

— Olhe, sabe que mais? Não estou para a aturar!

E arremessou violentamente a vassoura.

— Saia! — berrou Luísa. — Saia imediatamente! Nem mais um momento em casa!

Juliana pôs-se diante dela, e com palmadas convulsivas no peito, a voz rouca:

— Hei de sair se eu quiser! Se eu quiser!

— Joana! — bradou Luísa.

Queria chamar a cozinheira, um homem, um polícia, alguém! Mas Juliana, descomposta, com o punho no ar, toda a tremer:

— A senhora não me faça sair de mim! A senhora não me faça perder a

cabeça! — E com a voz estrangulada através dos dentes cerrados: — Olhe que nem todos os papéis foram pró lixo!

Luísa recuou, gritou:

— Que diz você?

— Que as cartas que a senhora escreve aos seus amantes, tenho-as eu aqui — E bateu na algibeira, ferozmente.

Luísa fitou-a um momento com os olhos desvairados, e caiu no chão, junto à *causeuse*, desmaiada.

8

A primeira impressão, mal acordada, de Luísa foi que duas figuras, que não conhecia, estavam debruçadas sobre ela. Uma, a mais forte, afastou-se; o som frio de um frasco de vidro, pousado sobre o mármore do toucador, despertou-a. Sentiu então uma voz dizer abafadamente:

— Está muito melhor. Mas deu-lhe de repente, Sr.ª Juliana?

— De repente.

— Eu vi-a entrar tão afogueada...

Passos subtis pisaram o tapete, a voz de Joana perguntou-lhe junto do rosto:

— Está melhor, minha senhora?

Abriu os olhos, a perceção nítida

das coisas foi-lhe voltando; estava estendida na *causeuse*, tinham-lhe desapertado o vestido, e havia no quarto um forte cheiro a vinagre. Ergueu-se sobre o cotovelo, devagar, com um olhar errante, vago:

— E a outra?...

— A Sr.ª Juliana? Foi-se deitar. Também se não achava bem. Foi de ver a senhora, coitada... Está melhorzinha?

Sentou-se. Sentia uma fadiga em todo o corpo; tudo no quarto lhe parecia oscilar brandamente.

— Pode ir, Joana, pode ir — disse.

— A senhora não precisa mais nada? Talvez um caldinho lhe fizesse bem...

Luísa, só, pôs-se a olhar em roda,

espantada. Estava já tudo arrumado, as janelas cerradas. Uma luva ficara caída no chão: ergueu-se, ainda trôpega, foi apanhá-la, esteve a esticar-lhe os dedos maquinalmente, como sonâmbula, pô-la na gaveta do toucador. Alisou o cabelo; achava-se mudada, com *outra* expressão, como se fosse *outra;* e o silêncio do quarto impressionava-a, como extraordinário.

— Minha senhora — disse a voz tímida de Joana.

— Que é.

— E o cocheiro.

Luísa voltou-se, sem compreender:

— Que cocheiro?

— Um cocheiro; diz que a senhora que não tinha troco, que o mandou

esperar...

— Ah!

E como a uma luz de gás que salta subitamente e alumia uma decoração, viu, num relance, toda a «sua desgraça»!

Ficou tão trémula que mal podia abrir a gavetinha da cómoda.

— Tinha-me esquecido, tinha-me esquecido... — balbuciava.

Deu o dinheiro a Joana; e vindo cair sobre a *causeuse:*

— Estou perdida! — murmurou, apertando as mãos na cabeça.

Tudo descoberto! E representaram-se-lhe logo no espírito com a intensidade de desenhos negros sobre um muro branco, o furor de Jorge, o espanto dos seus amigos, a indignação de uns, o escárnio dos outros; e estas

imagens caindo com ruído na sua alma, como combustíveis numa fogueira, ateavam-lhe desesperadamente o terror.

— Que lhe restava? — Fugir com Basílio!

Aquela ideia, a primeira, a única, apossou-se dela impetuosamente, trespassou-a — como a água de uma inundação que subitamente alaga um campo.

Ele tinha-lhe tantas vezes jurado que seriam tão felizes em Paris, no seu apartamento da Rue Saint-Florentin! Pois bem, iria! Não levaria malas, poria no seu pequeno saco de marroquim alguma roupa branca, as joias da mamã... E os criados? A casa? Deixaria uma carta a Sebastião para que viesse, fechasse tudo!... Levaria na viagem o vestido de riscadinho azul —

ou o preto! Mais nada. O resto comprá-lo-ia longe, noutras cidades...

— A senhora quer vir jantar... — disse Joana à porta do quarto.

Tinha posto um avental branco, e acrescentou:

— A Sr.ª Juliana está deitada, diz que está com a dor, não pode servir à mesa.

— Já vou.

Tomou apenas uma colher de sopa, bebeu um grande gole de água; e erguendo-se:

— Que tem ela?

— Diz que é uma dor muito forte no coração.

Se morresse! Estava salva, ela! Podia ficar, então! E com uma esperança perversa:

— Vá ver, Joana, vá ver como está!

Tinha ouvido de tantas pessoas que morreram de uma dor! Iria logo ao quarto dela rebuscar-lhe a arca, apossar-se da carta! E não teria medo do silêncio da morte, nem da lividez do cadáver...

— Está mais descansada, minha senhora — veio dizer a Joana — diz que logo que se levanta. Então a senhora não come mais nada? Credo!

— Não.

E entrou para o quarto, pensando: «De que serve estar a imaginar coisas? Só me resta fugir.»

Decidiu-se logo a escrever a Sebastião; mas não pôde acertar com outras palavras além do começo, no alto, numa letra muito trémula: «Meu amigo!»

Para que havia de escrever? Quando ao outro dia ela não voltasse, nem à tarde, nem à noite — as criadas, a *outra*, a infame!, iriam logo a Sebastião. Era o íntimo da casa. Que espanto o dele! Imaginaria algum acidente, correria à Encarnação, depois à polícia, esperaria numa angústia até de madrugada! Todo o dia seguinte seriam outras esperanças de a ver chegar, deceções aterradas — até que telegrafaria a Jorge! E a essa hora decerto, ela, encolhida no canto do vagão, rolaria ao ruído ofegante da máquina, para um destino novo!...

Mas porque se afligia, por fim? Quantas invejariam a sua desgraça! O que havia de infeliz em abandonar a sua vida estreita entre quatro paredes, passada a examinar róis de cozinha e a fazer

crochet, e partir com um homem novo e amado, ir para Paris! Para Paris! Viver nas consolações do luxo, em alcovas de seda, com um camarote na Ópera!... Era bem tola em se afligir! Quase fora uma felicidade aquele «desastre»! Sem ele nunca teria tido a coragem de se desembaraçar da sua vida burguesa; mesmo quando um alto desejo a impelisse, haveria sempre uma timidez maior para a reter!

E depois, fugindo, o seu amor tornava-se digno! Seria só de um homem; não teria de amar em casa e amar fora de casa!

Veio-lhe mesmo a ideia de ir ter imediatamente com Basílio, «acabar com aquilo por uma vez». Mas era tarde para ir ao hotel; temia as ruas escuras, a noite,

e os bêbedos...

Foi logo arranjar o saco de marroquim. Meteu lenços, alguma roupa branca, o estojo das unhas, o rosário que lhe dera Basílio, pó de arroz, algumas joias que tinham pertencido à mamã... Quis levar as cartas de Basílio também... Tinha-as guardadas num cofre de sândalo, no gavetão do guarda-vestidos. Espalhou-as no regaço; abriu uma, donde caiu uma florzinha seca; outra que tinha, na dobra, a fotografia de Basílio. De repente, pareceu-lhe que não estavam completas! Tinha *sete: cinco* bilhetes curtos e *duas* cartas — a primeira que ele lhe escrevera, tão terna!, e a última no dia do arrufo! Contou-as... Faltava, com efeito, a *primeira*, e *dois* bilhetes! Tinha-lhas roubado, também!... Ergueu-se lívida. Ah

que infame! Veio-lhe uma raiva de subir ao sótão, lutar com ela, arrancar-lhas, esganá-la!... Que lhe importava, por fim! — E deixou-se cair na *causeuse*, aniquilada. — Que ela tivesse uma, duas, todas — era a mesma desgraça!

E muito excitada, foi preparar o vestido preto que devia levar, o chapéu, um xaile-manta...

O «cuco» cantou dez horas. Entrou então na alcova; pôs o castiçal sobre a mesinha, ficou a olhar o largo leito com o seu cortinado de fustão branco. Era a última vez que ah dormia! Fora ela que bordara aquela coberta de *crochet* no primeiro ano de casada: não havia uma malha que não correspondesse a uma alegria. Jorge às vezes vinha vê-la trabalhar, e, calado, considerava-a com

um sorriso, ou falava-lhe baixo enrolando devagar nos dedos o fio de algodão grosso! Ali dormira com ele três anos: o seu lugar era de lá, do lado da parede... Fora naquela cama que ela estivera doente, com a pneumonia. Durante semanas ele não se deitara — a velá-la, a aconchegar-lhe a roupa, a dar-lhe os caldos, os remédios, com toda a sorte de palavras doces que lhe faziam tão bem!... Falava-lhe como a uma criancinha pequena, dizia-lhe: «Isso vai passar, amanhã estás boa, vamos passear.» Mas o seu olhar ansioso estava marejado de lágrimas! Ou então pedia-lhe: «Melhora, sim? Faz-me a vontade, minha querida, melhora!...» E ela queria tanto melhorar, que sentia como uma ligeira onda de vida que voltava, lhe refrescava o sangue!

Nos primeiros dias da convalescença era ele que a vestia; ajoelhava-se para lhe calçar os sapatos, embrulhava-a no roupão, vinha estendê-la na *causeuse*, sentava-se ao pé dela a ler-lhe romances, desenhar-lhes paisagens, recortar-lhe soldados de papel. E dependia toda dele, não tinha mais ninguém no mundo para a tratar, para sofrer, chorar por ela — senão ele! Adormecia sempre com as mãos nas suas, porque a doença deixava-lhe um vago medo dos pesadelos da febre; e o pobre Jorge, para não a acordar, ali ficava com a mão presa, horas, sem se mover. Deitava-se vestido num colchãozito ao pé dela. Muitas vezes, acordando de noite, o tinha visto a limpar as lágrimas; de alegria, decerto, porque ela então estava

salva! O médico, o bom Dr. Caminha, tinha-o dito: «Está livre de perigo, agora é refazer esse corpinho.» E Jorge, o pobre Jorge, coitado, sem dizer nada, tinha tomado as mãos do velho, tinha-as coberto de beijos!

E agora, quando ele soubesse, quando ele voltasse! Quando ao entrar ali na alcova — visse os dois travesseirinhos, ainda! Ela iria longe, com outro, por caminhos estranhos, ouvindo outra língua. Que horror! E ele ali estaria, naquela casa só, chorando, abraçado a Sebastião. Quantas memórias dela para o torturar! Os seus vestidos, as suas chinelinhas, os seus pentes, toda a casa! Que vida triste, a dele! Dormiria ali só! Já não teria ninguém para o acordar de manhã com um beijinho, passar-lhe o

braço pelo pescoço, dizer-lhe: «É tarde, Jorge!» Tudo acabara para ambos. Nunca mais! — Rompeu a chorar, de bruços sobre a cama.

Mas a voz de Juliana falou alto no corredor com Joana. Ergueu-se aterrada. Viria ter com ela, aquela infame? Os passos achinelados afastaram-se devagar, e Joana entrou com o rol e com a lamparina.

— A Sr.ª Juliana — disse — levantou-se um momento, mas diz que ainda está mal, coitada. Foi-se deitar. A senhora não precisa mais nada?

— Não — disse da alcova.

Despiu-se; e, prostrada, adormeceu profundamente.

***

Juliana em cima não dormia. A dor passara-lhe — e agitava-se sob o enxergão, «com o diabo da espertina», como tantas outras noites, nas últimas semanas. Porque desde que apanhara a carta no «sarcófago» vivia numa febre; mas a alegria era tão aguda, a esperança tão larga que a sustentavam, lhe davam saúde! Deus enfim tinha-se lembrado dela! Desde que Basílio começara a vir a casa, tivera logo um palpite, uma coisa que lhe dizia que tinha chegado enfim a sua vez! A primeira satisfação fora naquela noite em que achara, depois de Basílio sair às dez horas, a travessinha de Luísa caída ao pé do sofá. Mas que explosão de felicidade, quando, depois de tanta espionagem, de tanta canseira,

apanhou enfim a carta no «sarcófago»! Correu ao sótão, leu-a avidamente, e quando viu a importância da «coisa» arrasaram-se-lhe os olhos de lágrimas, arremessou a sua alma perversa para as alturas, bradando em si, num triunfo:

— Bendito seja Deus! Bendito seja Deus!

E que havia de fazer *àquilo?* — foi então a sua inquietação. Ora pensava em a vender a Luísa por uma forte soma... mas onde tinha ela o dinheiro? Não; o melhor era esperar a volta de Jorge, e com ameaças de a publicar, extorquir-lhe um ror de libras por meio de outra pessoa, já se vê, e ela à capa! E em certos dias em que a figura, as *toilettes*, as passeatas de Luísa a irritavam mais, vinham-lhe venetas de sair para a rua, chamar os

vizinhos, ler o papel, pô-la mais rasa que a lama, vingar-se da «cabra»!

Foi a tia Vitória que a calmou, e a dirigiu. Disse-lhe logo «que para a armadilha ser completa era necessário uma carta do janota». Começara então o lento trabalho de lha apanhar! Fora preciso muita finura, muita chave experimentada, duas feitas por moldes de cera, paciência de gato, habilidades de ratoneiro! Mas pilhou-a, e que carta! Tinha-a lido com a tia Vitória — que rira, rira!... Sobretudo o bilhete em que Basílio lhe dizia: «Hoje não posso ir, mas espero-te amanhã às duas: mando-te essa rosinha, e peço-te que faças o que fizeste à outra, trazê-la no seio, porque é tão bom quando vens assim, sentir-te o peitinho perfumado!...) A tia Vitória, sufocada,

qui-la mostrar à sua velha amiga, a Pedra, a Pedra gorda, que estava na saleta.

A Pedra torceu-se! Os seus enormes seios, pendentes como odres mal cheios, tinham sacudidelas furiosas de hilaridade. E com as mãos nas ilhargas, rubra, roncando, com o seu vozeirão de trombone:

— Essa é das boas, tia Vitória! Essa é de mestre. Não, isso merece ir para os papéis! Ai os bêbedos! Raios do diabo!

A tia Vitória, então, disse muito seriamente a Juliana:

— Bem; agora tens a faca e o queijo! Com isso já podes falar de alto. É esperar a ocasião. Muito bons modos, cara prazenteira, sorrisos a fartar para ela não desconfiar, e o olho alerta. Tens o

rato seguro, deixa-o dar ao rabo!

E desde esse dia Juliana saboreava com delícias, com gula, muito consigo — aquele gozo de a ter «na mão», a Luisinha, a senhora, a patroa, a «piorrinha»! Vi-a aperaltar-se, ir ao homem, cantarolar, comer bem — e pensava com uma voluptuosidade felina: «Anda, folga, folga que eu cá ta tenho armada!» Aquilo dava-lhe um orgulho perverso. Sentia-se vagamente *senhora da casa*. Tinha ali fechada na mão a felicidade, o bom nome, a honra, a paz dos patrões! Que desforra!

E o futuro estava certo! *Aquilo* era dinheiro, o pão da velhice. Ah! tinha-lhe chegado o seu dia! Todos os dias rezava uma salve-rainha de graças a Nossa Senhora, mãe dos homens!

Mas agora, depois daquela cena com Luísa — não podia ficar de braços cruzados, com as cartas na algibeira. Devia sair de casa, pôr-se em campo, fazer *alguma coisa*. O quê? A tia Vitória é que havia de dizer...

Logo pela manhã às sete horas, sem tomar o seu café, sem falar a Joana, desceu devagar, saiu.

A tia Vitória não estava em casa. Gente na saleta esperava. O Sr. Gouveia, com a borla do barretinho muito arrebitada, escrevinhava, dobrado, cuspilhando o seu catarro. Juliana deu os bons-dias em redor, e sentou-se a um canto, direita, com a sua sombrinha nos joelhos.

Conservava-se: e uma mulher de trinta anos, picada das bexigas, que estava

sentada no canapé, depois de ter dado um sorriso a Juliana, continuou, voltada para uma gordita com um xale de quadrados vermelhos:

— Pois não imagina, Sr.ª Ana, não faz ideia! É uma desgraça! É todas as noites como um carro. Às vezes até acordo com o barulho que ela faz a falar só, a tropeçar na escada... Eu, do que tenho mais medo, é que o demónio adormeça com a luz e haja um fogo. Ah! é de todo!

— Quem? — perguntou um rapazola bonito, com uma blusa de trintanário, que falava de pé a um criado alto, de suíças e gravata branca enxovalhada.

— O Cunha, o filho do meu patrão. É uma desgraça!

— Piteireiro, hem? — disse o rapazola, enrolando o cigarro.

— Um horror! Eu pela manhã nem posso entrar no quarto, que é um cheiro... A mãe, coitadinha, chora, rala-se; o rapaz já esteve para ser posto fora do emprego. Ai! não estou nada contente, nada contente!

— Pois olhe que por lá também há desgosto grande — disse, baixando a voz, a do xale de quadrados.

— O senhor — continuou ela com gestos aterrados — é um desaforo com a cunhada!... A senhora sabe, e aquilo são questões de dia e de noite! As duas irmãs andam numa bulha pegada. O homem toma as dores da rapariga, a mulher põe-se aos gritos... Ai! aquilo vem a acabar mal!

— E então se a gente tem lá o seu

descuido — disse o da gravata branca com indignação — é aqui-d'el-rei, e daqui e dali.

— Lá a sua gente é sossegada, Sr. João — observou a picada das bexigas.

— É boa gente. As raparigas namoradeiras... Proveito das criadas, apanham o seu vestidito, a sua placa... Mas os velhotes é uma santa gente, a verdade é a verdade! E come-se bem!

E voltando-se para o trintanário, batendo-lhe no ombro com uma voz que o admirava e que o invejava:

— Mas isto sim! Isto é que é levá-la!

O rapazola sorriu com satisfação:

— Ora! São mais as vozes do que as nozes!

— Lá lá, mostra lá — disse o da

gravata branca tocando-lhe com o cotovelo — mostra lá!

O rapaz fez-se rogado, e depois de gingar da cintura, arregaçando a blusa, tirou do bolso do colete de riscadinho um relógio de ouro.

— Muito bonito! Rica prenda! — disseram as duas mulheres.

— Suor do meu rosto — fez ele, acariciando o queixo.

O da gravata branca indignou-se:

— Ora seu maroto! — E baixo para as raparigas: — Suor do seu rosto, hem! É o serafim da patroa, uma senhora da alta que aquilo são tudo sedas, muitíssimo boa mulher, um bocado entradota, mas muitíssimo boa mulher, recebe destas lembranças, um relógio de um par de moedas — e ainda fala!

O rapazola disse então, enterrando as mãos na algibeira:

— E se quiser agora, há de largar a corrente!

— Há de lhe custar muito! — exclamou o da gravata branca. — Uma gente que tem aí pela Baixa correntezas de casas! Metade da Rua dos Retroseiros é dela!

— Mas muito agarrada! — disse o rapazola. E bamboleando o corpo, com o cigarro ao canto da boca: — Estou com ela há dois meses, e ainda se não desabotoou senão com o relógio e três libras em ouro!... Que eu, como quem diz, um dia passo-lhe o pé! — e cofiando o cabelo para a testa: — Não faltam mulheres! E das que têm «dom»!

Mas a tia Vitória entrou, muito

azafamada, com o xale no braço; e vendo Juliana:

— Olá, por cá! Tive que dar umas voltas, estou na rua desde as seis. Bons-dias, Sr.ª Teodósia; bons-dias, Ana. Viva, temos por cá o alfenim! Entra cá pra dentro, Juliana! Eu já venho, meus pombinhos, é um instante!

Levou-a para o outro quarto, para o lado do saguão:

— E então, que há de novo?

Juliana pôs-se a contar longamente a cena da véspera, o desmaio...

— Pois minha rica — disse a tia Vitória — o que está feito, está feito; não há tempo a perder; é mãos à obra! Tu vais ao Brito, ao hotel, e entendes-te com ele.

Juliana recusou-se logo: não se atrevia, tinha medo...

A tia Vitória refletiu, coçando o ouvido; foi dentro, cochichou com o Sr. Gouveia, e voltando, fechando a porta do quarto:

— Arranja-se quem vá. Tens tu as cartas?

Juliana tirou da algibeira uma velha carteirinha de marroquim escarlate. Mas hesitou um momento, olhou a tia Vitória com desconfiança.

— Tens medo de largar os papéis, criatura? — exclamou ofendida a velha. — Arranja-te tu, então arranja-te tu...

Juliana deu-lhas logo. Mas que as guardasse, que tivesse cautela!...

— A pessoa — disse a tia Vitória — vai amanhã à noite falar com o Brito, e pede-lhe um conto de reis!

Juliana teve um deslumbramento.

Um conto de reis! A tia Vitória estava a brincar!

— Ora essa! Que pensas tu? Por uma carta, que quase não tinha mal nenhum, pagou uma pessoa que bate aí o Chiado de carruagem — ainda ontem a vi com uma pequerrucha que tem — pagou trezentos mil reis. E em belas notas. Pagou-os o janota, já se sabe, foi o janota que pagou. Se fosse outro, não digo, mas o Brito! É rico, é um mãos-rotas, cai logo...

Juliana, muito branca, agarrou-lhe o braço, trémula:

— Oh tia Vitória, dava-lhe um corte de seda.

— Azul! Até já te digo a cor!

— Mas o Brito é homem muito teso, tia Vitória, se lhe tira as cartas, se lhe faz alguma!

A tia Vitória fitou-a, com desdém:

— Sais-me uma simplória! Imaginas que eu mando lá algum tolo? Nem as cartas vão, o que vai é uma cópia! Olha quem! O melro que lá há de ir!

E depois de refletir um momento:

— Tu vai-te para casa...

— Não, lá isso não volto...

— Também tens razão. Até ver em que param as modas, vem cá dormir. Jantas cá hoje; tenho uma rica pescada...

— Mas não haverá perigo, tia Vitória, se o Brito vai à polícia...

A tia Vitória encolheu os ombros, e impacientada:

— Olha, vai-te, que me estás a enfrenesiar! Polícia! Qual polícia! Essas coisas levam-se lá à polícia... Deixa a coisa comigo! Adeus — e às quatro para

jantar, hem!

Juliana saiu como levada pelo ar! Um conto de reis! *Era o conto de reis* que voltava, o que já um dia entrevira, que lhe fugira, que lhe vinha agora cair na mão, com um tlim-tlim de libras e um frufru de notas! E o cérebro enchia-se-lhe confusamente de perspetivas diferentes, todas maravilhosas: um mostrador de capelista onde ela venderia! Um marido ao seu lado, às horas da ceia! Pares de botinas das boas, das chiques. Onde poria o dinheiro? No banco? Não; no fundo da arca — para estar mais seguro, mais à mão!

Para passar a sua manhã, comprou uma quarta de rebuçados, e foi-se sentar no Passeio, com a sombrinha aberta, deliciando-se, ruminando já a sua vida

rica, julgando-se já senhora; mesmo fez olho a um proprietário pacífico e rubicundo — que se afastou escandalizado!

Aquela hora Luísa acordava. E sentando-se bruscamente na cama: «É hoje!», foi o seu primeiro pensamento. Um susto, uma tristeza horrível contraíram-lhe o coração. Começou depois a vestir-se, muito nervosa com a ideia de ver Juliana! Estava mesmo imaginando fechar-se, não almoçar, sair pé ante pé às onze horas, ir procurar Basílio ao hotel, quando a voz de Joana disse à porta do quarto:

— A senhora faz favor?

Começou logo a contar, muito espantada, que a Sr.ª Juliana tinha saído de manhã, ainda não voltara, estava tudo por arrumar...

— Bem, arranje-me o almoço, eu já vou... — Que alívio para ela!

Calculou logo que Juliana deixara a casa. Para quê? Para lhe armar alguma, decerto! O melhor era sair imediatamente... Podia esperar Basílio no «Paraíso».

Foi à sala de jantar, bebeu um gole de chá, de pé, à pressa.

— A Sr.ª Juliana ter-lhe-á dado alguma coisa? — veio dizer Joana assombrada.

Luísa encolheu os ombros, respondeu vagamente:

— Depois se saberá...

Era hora e meia, foi pôr o chapéu. O coração batia-lhe alto, e apesar do terror de ver entrar Juliana, não se decidia a sair; sentou-se mesmo, com o saco de

marroquim nos joelhos. «Vamos!», pensou enfim. Ergueu-se; mas parecia que alguma coisa de subtil e de forte a prendia, a enleava... Entrou na alcova devagar: o seu roupão estava caído aos pés da cama, as suas chinelinhas sobre o tapete felpudo... — Que desgraça! — disse alto. Veio ao toucador, mexeu nos pentes, abriu as gavetas; de repente entrou na sala, foi ao álbum, tirou a fotografia de Jorge, meteu-a toda trémula no saco de marroquim, olhou ainda em roda como desvairada, saiu, atirou com a porta, desceu a escada correndo.

À Patriarcal passava um *coupé* de praça. Tomou-o, mandou-o ir ao Hotel Central.

O Sr. Brito saíra logo de manhã cedo, disse o porteiro muito azafamado.

Decerto algum paquete chegara, porque entravam bagagens, fortes malas cobertas de oleado, caixas de madeira debruadas de ferro; passageiros com ar espantado da chegada, ainda entontecidos do balouço do mar, falavam, chamavam. Aquele movimento animou-a: veio-lhe um desejo de viagens, do ruído noturno das gares à claridade do gás, da agitação alegre das partidas nas manhãs frescas, sobre o tombadilho dos paquetes!

Deu ao cocheiro a *adresse* do «Paraíso». E à maneira que o trem trotava parecia-lhe que toda a sua vida passada, Juliana, a casa, se esbatiam, se dissipavam num horizonte abandonado. À porta de um livreiro julgou entrever Julião; debruçou-se pela portinhola, precipitadamente; não o avistou, teve

pena: ia-se sem ver um amigo da casa! Todos agora, Julião, Ernestinho, o conselheiro, D. Felicidade lhe pareciam adoráveis, com qualidades nobres, que nunca percebera, que repentinamente tomavam um grande encanto. E o pobre Sebastião, tão bom! Nunca mais lhe ouviria tocar a sua «Malaguenha»!

Ao fim da Rua do Ouro o *coupé* parou num embaraço de carroças, e Luísa viu no passeio ao lado o Castro, o Castro dos óculos, o banqueiro, o que Leopoldina lhe dizia que «tinha uma paixão por ela»: um rapazito roto oferecia-lhe cautelas; e o Castro nédio, com os dois polegares nas algibeiras do colete branco, dizia graças ao rapaz, com um desdém ricaço, dardejando olhadelas sobre Luísa, através dos seus óculos de

ouro. Ela, pelo canto do olho, observava-o: tinha uma paixão por ela, aquele homem, que horror! Achava-o medonho, com o seu ventre pançudo, a perninha curta. A lembrança de Basílio atravessou-a, a sua linda figura!... — E bateu nos vidros impaciente, com pressa de o ver.

O trem partiu enfim. O Rossio reluzia ao sol: do americano, parado à esquina, gente descia apressada, de calças brancas, vestidos leves, vinda de Belém, de Pedrouços; pregões cantavam. — Todos ali ficavam nas suas famílias, nas suas felicidades, só ela partia!

Na Rua Ocidental, viu vir a D. Camila — uma senhora casada com um velho, ilustre pelos seus amantes. Parecia grávida; e adiantava-se devagar, com a face branca satisfeita, uma lassitude do

corpo arredondado, passeando um marmanjozinho de jaqueta cor de pinhão, uma pequerrucha de saiinhas tufadas, e adiante uma ama, vestida de lavradeira, empurrava um carrinho de mão onde um bebé se babava. E a Camila, feliz, vinha tranquilamente pela rua expondo as suas fecundidades adúlteras! Era muito festejada, ninguém dizia mal dela; era rica, dava *soirées*... «O que é o mundo!», pensava Luísa.

O trem parou à porta do «Paraíso», era meio-dia. A portinha em cima estava fechada: e a patroa apareceu logo, ciciando que «Sentia muitíssimo, mas só o senhor é que tinha a chavezinha, se a senhora quisesse descansar...» Neste momento outra carruagem chegou, e Basílio apareceu galgando os degraus.

— Até que enfim! — exclamou abrindo a porta. — Porque não vieste ontem?...

— Ah! se tu soubesses...

E, agarrando-lhe os braços, cravando os olhos nele:

— Basílio, sabes, estou perdida!

— Que há?

Luísa atirara o saco de marroquim para o canapé, e, de um fôlego, contou-lhe a história da carta apanhada nos papéis, as dele roubadas, a cena no quarto... — O que me resta é fugir. Aqui estou. Leva-me. Tu disseste que podias, tens-lo dito muitas vezes. Estou pronta. Trouxe aquele saco, com o necessário, lenços, luvas... Hem?

Basílio com as mãos nos bolsos, fazendo tilintar o dinheiro e as chaves, seguia atónito os seus gestos, as suas

palavras.

— Isso só a ti! — exclamou. — Que doida! Que mulher! — E muito excitado: — Isso é lá questão de fugir! Que estás tu a falar em fugir? É uma questão de dinheiro. O que ela quer é dinheiro. É ver quanto quer, e pagar-se-lhe!

— Não, não! — fez Luísa. — Não posso ficar! — Tinha uma aflição na voz. A mulher venderia a carta, mas conservava o segredo: a todo o tempo podia falar, Jorge saber: estava perdida, não tinha coragem de voltar para casa! — Não sinto um momento de descanso enquanto estiver em Lisboa. Partimos hoje, sim? Se não podes, amanhã. Eu vou para algum hotel, onde ninguém saiba, escondo-me esta noite. Mas, amanhã

vamos. Se ele sabe, mata-me, Basílio! Sim, diz que sim! — Agarrara-se a ele, procurava avidamente com os seus olhos o consentimento dos dele.

Basílio desprendeu-se brandamente:

— Estás doida, Luísa, tu não estás em ti! Pode lá pensar-se em fugir? Era um escândalo atroz, éramos apanhados decerto, com a polícia, com os telégrafos! É impossível! Fugir é bom nos romances! E depois, minha filha, não é um caso para isso! É uma simples questão de dinheiro...

Luísa fazia-se branca, ouvindo-o.

— E além disso — continuou Basílio, muito agitado, pelo quarto — eu não estou preparado, nem tu! Não se foge assim. Ficas desacreditada para toda a vida, sem remédio, Luísa. Uma mulher

que foge deixa de ser a Sr.ª D. Fulana, é a Fulana, a que fugiu, a desavergonhada, uma concubina! Eu tenho decerto de ir ao Brasil, onde hás de tu ficar? Queres ir também, um mês num beliche, arriscar-te à febre amarela? E se teu marido nos persegue, se formos detidos na fronteira? Achas bonito voltar entre dois polícias, e ir passar um ano ao Limoeiro? O teu caso é simplicíssimo. Entendesse com essa criatura, dá-se-lhe um par de libras, que é o que ela quer, e ficas em tua casa, sossegada, respeitada como dantes — somente mais acautelada! Aqui está!

Aquelas palavras caíam sobre os planos de Luísa como machadadas que derrubam árvores. Às vezes a verdade que elas continham atravessava-a irresistivelmente, viva como um

relâmpago, desagradável como um gume frio. Mas via naquela recusa uma ingratidão, um abandono. Depois de se ter instalado, pela imaginação, numa segurança feliz, longe, em Paris — parecia-lhe intolerável ter de voltar para casa, de cabeça baixa, sofrer Juliana, esperar a morte; e os contentamentos que entrevira naquele outro destino, agora que lhe fugiam de entre as mãos, pareciam-lhe maravilhosos, quase indispensáveis! E depois de que servia resgatar a carta a dinheiro? A criatura saberia o seu segredo! E a vida seria amarga, tendo sempre em volta de si aquele perigo a rondar!

Ficara calada, como perdida numa reflexão vaga; e de repente erguendo a cabeça, com um olhar brilhante:

— Então, diz!...

— Mas estou-te a dizer, filha...

— Não queres?

— Não! — exclamou Basílio com força. — Se tu estás doida, não estou eu!

— Oh! pobre de mim, pobre de mim!

Deixou-se cair no sofá, tapou o rosto com as mãos. Soluços baixos sacudiam-lhe o peito.

Basílio sentou-se ao pé dela. Aquelas lágrimas mortificavam-no, impacientavam-no.

— Mas, santo nome de Deus. Escuta-me!

Ela voltou para ele os olhos que reluziam sob o pranto:

— Para que dizias então, tantas vezes, que seríamos tão felizes, que se eu

quisesse...

Basílio ergueu-se bruscamente:

— Pois tu pensaste em fugir, em te meter comigo num vagão, vir para Paris, viver comigo, ser a minha amante?

— Saí de casa para sempre, aí está o que eu fiz!

— Mas vais voltar pra casa! — exclamou ele, quase com cólera. — Porque havias tu de fugir? Por amor? Então devíamos ter partido há um mês, não há razão agora para nos irmos. Para quê, então? Para evitar um escândalo, com um escândalo maior, não é verdade? Um escândalo irreparável, medonho! Estou-te a falar como um amigo, Luísa! — Tomou-lhe as mãos, com muita ternura. — Tu imaginas que eu não seria feliz em ir viver contigo para Paris? Mas vejo os

resultados, tenho outra experiência. O escândalo todo evita-se com umas poucas de libras. Tu imaginas que a mulher vai-se pôr a falar? O seu interesse é safar-se, desaparecer: sabe perfeitamente o que fez, que te roubou, que usou de chaves falsas. A questão é pagar-lhe.

Ela disse, com uma voz lenta:

— E o dinheiro, onde o tenho eu?

— Está claro que o dinheiro tenho-o eu! — E depois de uma pausa: — Não muito, estou mesmo um pouco atrapalhado, mas enfim... — Hesitou, disse: — Se a criatura quiser duzentos mil reis, dão-se-lhe!

— E se não quiser?

— Que há de ela querer, então? Se roubou a carta é para a vender! Não é para guardar um autógrafo teu!

Vinham-lhe palavras duras, passeava pelo quarto exasperado. Que pretensão querer vir com ele para Paris, embaraçar-lhe para sempre a sua vida! E que despesa tão tola, dar um ror de libras a uma ladra! Depois aquele incidente, a carta de namoro roubada nos papéis sujos, a criada, a chave falsa do gavetão dos vestidos — parecia-lhe soberanamente burguês, um pouco pulha. E parando, para acabar:

— Enfim oferece-lhe trezentos mil reis, se quiseres. Mas pelo amor de Deus, não faças outra; não estou para pagar as tuas distrações a trezentos mil reis cada uma!

Luísa fez-se lívida, como se ele lhe tivesse cuspido no rosto.

— Se é uma questão de dinheiro,

eu o pagarei, Basílio!

Não sabia como. Que lhe importava? Pediria, trabalharia, empenharia... Não o aceitaria dele!

Basílio encolheu os ombros:

— Estás-te a dar ares, onde o tens tu?

— Que te importa? — exclamou.

Basílio coçou a cabeça, desesperado. E tomando-lhe as mãos, com uma impaciência reprimida:

— Estamos a dizer tolices, filha, estamos a irritar-nos... Tu não tens dinheiro.

Ela interrompeu-o, agarrou-lhe violentamente o braço:

— Pois sim, mas fala tu a essa mulher, fala-lhe tu, arranja tudo. Eu não a quero tornar a ver. Se a vejo, morro,

acredita. Fala-lhe tu!

Basílio recuou vivamente, e batendo com o pé:

— Estás doida, mulher! Se eu lhe falo, então pede tudo, então pede-me a pele! Isso é contigo. Eu dou-te o dinheiro, tu arranja-te!

— Nem isso me fazes?

Basílio não se conteve:

— Não! cos diabos, não!

— Adeus!

— Tu estás fora de ti, Luísa!

— Não. A culpa é minha — dizia, descendo o véu com as mãos trémulas — eu é que devo arranjar tudo!

E abriu a porta. Basílio correu a ela, prendeu-a por um braço.

— Luísa, Luísa! O que queres tu fazer? Não podemos romper assim!

Escuta...

— Fujamos então, salva-me de todo! — gritou ela, abraçando-o ansiosamente.

— Caramba! Se te estou a dizer que não é possível!

Ela atirou com a porta, desceu as escadas correndo. O *coupé* esperava-a.

— Para o Rossio — disse.

E deitando-se para o canto da carruagem, rompeu a chorar, convulsivamente.

***

Basílio saiu do «Paraíso» muito agitado. As pretensões de Luísa, os seus terrores burgueses, a trivialidade reles do caso, irritavam-no tanto, que tinha quase

vontade de não voltar ao «Paraíso», calar-se, e *deixar correr o marfim.* Mas tinha pena dela, coitada! E depois, sem a amar, apetecia-a: era tão bem feita, tão amorosa, as revelações do vício davam-lhe um delírio tão adorável! Um conchegozinho tão picante enquanto estivesse em Lisboa... Maldita complicação! Ao entrar no hotel, disse ao seu criado:

— Quando vier o senhor visconde Reinaldo, que vá ao meu quarto.

Estava alojado no segundo andar, com janelas para o rio. Bebeu um cálice de conhaque, e estirou-se no sofá. Ao pé, na jardineira, tinha o seu *buvard* com um largo monograma em prata sob a coroa de conde, caixas de charutos, os seus livros — «Mademoiselle Giraud ma femme»,

«La vierge de Mabille», «Ces Frippones! Memoires secrètes d’une femme de chambre», «Le chien d’arrêt», «Manuel du chasseur», números do «Figaro», a fotografia de Luísa, e a fotografia de um cavalo.

E soprando o fumo do charuto, começou a considerar, com horror, a «situação»! Não lhe faltava mais nada senão partir para Paris com aquele trambolhozinho! Trazer uma pessoa, havia sete anos, a sua vida tão arranjadinha, e patatrás!, embrulhar tudo, porque à menina lhe apanharam a carta de namoro e tem medo do esposo! Ora o descaro! No fim, toda aquela aventura desde o começo fora um erro! Tinha sido uma ideia de burguês inflamado ir desinquietar a prima da Patriarcal. Viera a Lisboa para os seus

negócios, era tratá-los, aturar o calor e o *boeuf à la mode* do Hotel Central, tomar o paquete, e mandar a pátria ao Inferno!... Mas não, idiota! Os seus negócios tinham-se concluído — e ele, burro, ficara ali a torrar em Lisboa, a gastar uma fortuna em tipoias para o Largo de Santa Bárbara, para quê? Para uma daquelas! Antes ter trazido a Alphonsine!

Que, verdade, verdade, enquanto estivesse em Lisboa o romance era agradável, muito excitante; porque era muito completo! Havia o adulteriozinho, o incestozinho. Mas aquele episódio agora estragava tudo! Não, realmente, o mais razoável era safar-se!

A sua fortuna tinha sido feita com negócio de borracha, no Alto do Paraguai: a grandeza da especulação trouxera a

formação de uma companhia, com capitais brasileiros; mas Basílio e alguns engenheiros franceses queriam resgatar as ações brasileiras, «que eram um empecilho», formar em Paris uma outra companhia, e dar ao negócio um movimento mais ousado. Basílio partira para Lisboa entender-se com alguns brasileiros, e comprara as ações habilmente. A prolongação daquele incidente amoroso tornava-se uma perturbação na sua vida prática. E, agora que a aventura tomava um aspeto secante, convinha passar o pé!

A porta abriu-se e o visconde Reinaldo entrou — afogueado, de lunetas azuis, furioso.

Vinha de Benfica! Morto, absolutamente morto com aquele calor, de

um país de negros. Tivera a estúpida ideia de ir visitar uma tia — que o fizera logo membro de uma associação para não sei que diabo de que creche, e que lhe pregara moral! Também, que ideia de colegial — ir visitar a tia! Porque realmente, se havia uma coisa que lhe causasse repugnância, eram as ternuras de família!

— E tu, que queres tu? Eu vou-me meter num banho até ao jantar!

— Sabes o que me sucede? — disse Basílio, erguendo-se.

— O quê?

— Imagina. O caso mais estúpido.

— O marido apanhou-te?

— Não, a criada!

— *Shocking!* — exclamou Reinaldo com nojo.

Basílio contou miudamente o caso. E cruzando os braços diante dele:

— E agora?

— Agora é safar-te!

E levantou-se.

— Onde vais tu?

— Vou ao banho.

Que esperasse, que diabo, queria falar corneie...

— Não posso! — exclamou Reinaldo com um egoísmo frenético. — Vem tu cá abaixo! Posso perfeitamente conversar na água!

Saiu, berrando por William, o seu criado inglês.

Quando Basílio desceu aos banhos, Reinaldo, estirado com voluptuosidade na tina, donde saía um forte cheiro de água de Lubin, exclamou,

deleitando-se no seu conforto:

— Então cartinha apanhada nos papéis sujos!

— Não, Reinaldo, mas francamente estou embaraçado; que achas tu que eu faça?

— As malas, menino!

E sentado na tina, ensaboando devagar o seu corpo magro:

— Aí está o que é fazer amor às primas da Patriarcal Queimada!

— Oh! — fez Basílio, impaciente.

— O quê? — E, coberto de flocos de espuma, com as mãos apoiadas ao rebordo de mármore da tina: — Pois tu achas isso decente, uma mulher que toma a cozinheira por confidente, que lhe está na mão, que perde a carta nos papéis sujos, que chora, que pede duzentos mil

reis, que se quer safar — isso é lá amante, isso é lá nada! Uma mulher que, como tu mesmo disseste, usa meias de tear!

— Meu rico, é uma mulher deliciosa!

O outro encolheu os ombros, descrente.

Basílio deu logo provas: descreveu belezas do corpo de Luísa; citou episódios lascivos.

O teto e os tabiques envernizados de branco refletiam a luz, com tons macios de leite; a exalação da água tépida aumentava o calor morno; e um cheiro fresco de sabão e água de Lubin adoçava o ar.

— Bem, estás pelo beiço — resumiu Reinaldo com tédio, estirando-se.

Basílio teve um movimento de

ombros, que repelia aquela suposição grotesca.

— Mas diz, então, queres ficar-lhe agarrado às saias ou queres desembaraçar-te dela? Mas a verdade, venha a verdade!

— Eu — disse logo Basílio, chegando-se à tina, baixo — se me pudesse desembaraçar decentemente...

— Oh desgraçado! tens uma ocasião divina! Ela saiu como uma bicha dizes tu. Bem; escreve-lhe uma carta, «que vendo que ela deseja romper, não a queres importunar, e partes». Os teus negócios estão concluídos, não é verdade? Escusas de negar, o Lapierre disse-me que sim. Bem, então sê decente: manda fazer as malas, e livra-te da sarna!

E tomando a esponja, deixava cair

grandes golpes de água pela cabeça, pelos ombros, soprando, regalado na frescura aromática.

— Mas também — disse Basílio — deixá-la agora naquela atrapalhação com a criada! No fim é minha prima.

Reinaldo agitou os braços, com hilaridade.

— Esse espírito de família é ótimo! Vai lá, idiota, diz-lhe que és obrigado a partir, os teus negócios, etc., e mete-lhe umas poucas de notas na mão.

— É brutal...

— É caro!

Basílio disse então:

— Olha que também é uma dos diabos, a pobre rapariga apanhada pela criada...

Reinaldo estirou-se mais, e disse

com júbilo:

— Estão a estas horas a esgadanharem-se uma à outra!

Recostou-se, numa beatitude: quis saber as horas; declarou que estava confortável, que se sentia feliz! Contanto que o John se não tivesse esquecido de *fraper* o champanhe!

Basílio torcia o bigode, calado. Revia a sala de Luísa de repes verde, a figura horrível de Juliana com a sua enorme cuia... Estariam com efeito a ralhar, a descompor-se? Que pulhice que era tudo aquilo! Positivamente devia partir.

— Mas que pretexto lhe hei de eu dar para sair de Lisboa?

— Um telegrama! Não há nada como um telegrama! Telegrafa já ao teu

homem em Paris, ao Labachardie, ou Labachardette, ou o que é, que te mande logo este despacho: «Parta, negócios maus, etc.» É o melhor!

— Vou fazê-lo — disse Basílio erguendo-se, muito decidido.

— E partimos amanhã? — gritou Reinaldo.

— Amanhã.

— Por Madrid?

— Por Madrid.

— *Salero*! — Pôs-se de pé, na tina, entusiasmado, a escorrer, e com movimentos aduncos de magricela saltou para fora. Embrulhou-se no roupão turco. O seu criado William entrou logo, subtilmente, ajoelhou-se, tomou-lhe um pé entre as mãos, secou-lho com precauções, pôs-se respeitosamente a calçar-lhe a

meia de seda preta com ferradurinhas bordadas.

***

Na manhã seguinte, um pouco antes do meio-dia, Joana veio bater discretamente à porta do quarto de Luísa, e com a voz baixa — desde o desmaio falava-lhe sempre baixo, como a uma convalescente:

— Está ali o primo da senhora.

Luísa ficou surpreendida. Estava ainda de *robe-de-chambre*, e tinha os olhos vermelhos de chorar; pôs num instante um pouco de pó de arroz, alisou o cabelo, entrou na sala.

Basílio, vestido de claro, sentara-se melancolicamente no mocho do piano.

Trazia um ar grave, e, sem transição, começou a dizer — que apesar de ela se ter zangado na véspera, ele considerava ainda tudo «como dantes». Viera porque naquele momento não se podiam separar sem algumas explicações, sobretudo sem resolver definitivamente o caso da carta... E com um gesto triste, como contendo lágrimas:

— Porque eu vejo-me forçado a sair de Lisboa, minha querida!

Luísa, sem olhar para ele, fez um sorriso mudo, muito desdenhoso, Basílio acrescentou logo:

— Por pouco tempo, naturalmente, três semanas ou um mês... Mas enfim tenho de partir... Se fossem só os meus interesses! — Encolheu os ombros com desdém. — Mas são interesses de

outros... E aqui está o que eu recebi esta manhã.

Estendeu-lhe um telegrama. Ela conservou-o um momento, sem o abrir; a sua mão fazia tremer o papel.

— Lê, peço-te que leias!

— Para quê? — fez ela.

Mas leu baixo: «Venha, graves complicações. Presença absolutamente necessária. Parta já.»

Dobrou o papel, entregou-lho.

— E partes, hem?

— É forçoso.

— Quando?

— Esta noite.

Luísa ergueu-se bruscamente, e estendendo-lhe a mão:

— Bem, adeus.

Basílio murmurou:

— És cruel, Luísa!... Não importa! Em todo o caso há um negócio que é necessário terminar. Falaste à mulher?

— Está tudo arranjado — respondeu ela, franzindo a testa.

Basílio tomou-lhe a mão, e quase com solenidade:

— Minha filha, eu sei que és muito orgulhosa, mas peço-te que digas a verdade. Eu não te quero deixar em dificuldades. Falaste-lhe?

Ela retirou a mão, e com uma impaciência crescente:

— Arranjou-se tudo, arranjou-se tudo!...

Basílio parecia muito embaraçado, estava mesmo um pouco pálido: enfim, tirando uma carteira da algibeira começou:

— Em todo o caso é possível, é natural (nós não sabemos com quem lidamos), é natural que haja outras exigências... — Abriu a carteira, tomou um sobrescrito pequenino e cheio.

Luísa seguia, fazendo-se vermelha, os movimentos de Basílio.

— Por isso, para te poderes entender melhor com ela, sempre me parece bom deixar-te algum dinheiro.

— Tu estás doido? — exclamou ela.

— Mas...

— Tu queres-me dar dinheiro? — A sua voz tremia.

— Mas enfim...

— Adeus! — E ia sair da sala, indignada.

— Luísa, pelo amor de Deus! Tu

não me compreendeste...

Ela parou, disse precipitadamente, como impaciente por acabar:

— Compreendi, Basílio, obrigado. Mas não, não é necessário. Estou nervosa, é o que é... Não prolonguemos mais isto... Adeus...

— Mas sabes que volto, dentro de três semanas...

— Bem, então nos veremos...

Ele atraiu-a, deu-lhe um beijo na boca, encontrou os seus lábios passivos e inertes.

Aquela frieza irritou-lhe a vaidade. Apertou-a contra o peito; disse-lhe baixo, pondo muita paixão na voz:

— Nem um beijo me queres dar?

Nos olhos de Luísa passou um ligeiro clarão; beijou-o rapidamente, e

recuando:

— Adeus.

Basílio esteve um momento a olhá-la, teve como um leve suspiro:

— Adeus! — E da porta voltando-se, com melancolia: — Escreve-me ao menos. Sabes a minha morada: Rue Saint-Florentin, 22.

Luísa chegou-se à janela. Viu-o acender o charuto na rua, falar ao cocheiro, saltar para o *coupé*, fechar com força a portinhola, sem um olhar para as janelas!

O trem rolou. Era o n.º 10... Nunca mais o veria! Tinham palpitado no mesmo amor, tinham cometido a mesma culpa. — Ele partia alegre, levando as recordações romanescas da aventura: ela ficava, nas amarguras permanentes do erro. E assim

era o mundo!

Veio-lhe um sentimento pungente de solidão e de abandono. Estava só, e a vida aparecia-lhe como uma vasta planície desconhecida, coberta da densa noite, eriçada de perigos!

Entrou no quarto devagar, foi-se deixar cair no sofá: viu ao pé o saco de marroquim, que preparara na véspera para fugir: abriu-o, pôs-se a tirar lentamente os lenços, uma camisa bordada — encontrou a fotografia de Jorge! Ficou com ela na mão, contemplando o seu olhar leal, o seu sorriso bom. — Não, não estava no mundo só! Tinha-o a ele!

Amava-a aquele, nunca a trairia, nunca a abandonaria! — E colando os beiços ao retrato, humedecendo-o de beijos convulsivos, atirou-se de bruços,

lavada em lágrimas, dizendo: — Perdoa-me, Jorge, meu Jorge, meu querido Jorge, Jorge da minha alma!

***

Depois de jantar Joana veio dizer-lhe timidamente:

— A senhora não lhe parece que seria bom ir saber da Sr.ª Juliana?

— Mas onde quer você ir saber? — perguntou Luísa.

— Ela às vezes vai a casa de uma amiga, uma inculcadeira, para os lados do Carmo. Talvez lhe tivesse dado alguma, esteja mal. Mas também não mandar recado desde ontem pela manhã... Coisa assim! Eu podia saber...

— Pois bem, vá, vá.

Aquela desaparição brusca inquietava também Luísa. Onde estava, que fazia? Parecia-lhe que alguma coisa se tramava em segredo, longe dela, que viria de repente estalar-lhe sobre a cabeça, terrivelmente...

Anoiteceu. Acendeu as velas. Tinha um certo medo de estar assim só em casa: e, passeando pelo quarto, pensava que àquela hora Basílio em Santa Apolónia comprava alegremente o seu bilhete, instalava-se no vagão, acendia o charuto, e daí a pouco, a máquina arquejando levá-lo-ia para sempre! Porque não acreditava «na demora de três semanas, um mês»! Ia para sempre, safava-se! E apesar de o detestar sentia que alguma coisa dentro em si se partia com aquela separação, e sangrava

dolorosamente!

Eram quase nove horas quando a campainha retiniu com pressa. Julgou que seria Joana de volta, foi abrir com um castiçal — e recuou vendo Juliana, amarela, muito alterada.

— A senhora faz favor de me dar uma palavra?

Entrou no quarto atrás de Luísa, e imediatamente rompeu, gritando, furiosa:

— Então a senhora imagina que isto há de ficar assim? A senhora imagina que por o seu amante se safar, isto há de ficar assim?

— Que é, mulher? — fez Luísa, petrificada.

— Se a senhora pensa que por o seu amante se safar, isto há de ficar em nada? — berrou.

— Oh mulher, pelo amor de Deus!...

A sua voz tinha tanta angústia que Juliana calou-se.

Mas depois de um momento, mais baixo:

— A senhora bem sabe que se eu guardei as cartas, para alguma coisa era! Queria pedir ao primo da senhora que me ajudasse! Estou cansada de trabalhar, e quero o meu descanso. Não ia fazer escândalo, o que desejava é que ele me ajudasse... Mandei ao hotel esta tarde... O primo da senhora tinha desarvorado! Tinha ido para os lados dos Olivais, para o Inferno! E o criado ia à noite com as malas. Mas a senhora pensa que me logram? — E retomada pela sua cólera, batendo com o punho furiosamente na

mesa: — Raios me partam, se não houver uma desgraça nesta casa, que há de ser falada em Portugal!

— Quanto quer você pelas cartas, sua ladra? — disse Luísa, erguendo-se direita, diante dela.

Juliana, ficou um momento interdita.

— A senhora ou me dá seiscentos mil reis, ou eu não largo os papéis! — respondeu, empertigando-se.

— Seiscentos mil reis! Onde quer você que eu vá buscar seiscentos mil reis?

— Ao Inferno! — gritou Juliana. — Ou me dá seiscentos mil reis, ou tão certo como eu estar aqui, o seu marido há de ler as cartas!

Luísa deixou-se cair numa cadeira, aniquilada.

— Que fiz eu para isto, meu Deus, que fiz eu para isto?

Juliana plantou-se-lhe diante, muito insolente.

— A senhora diz bem, sou uma ladra, é verdade, apanhei a carta no cisco, tirei as outras do gavetão. É verdade! E foi para isto, para mas pagarem! — E traçando e destraçando o xale, numa excitação frenética: — Não que a minha vez havia de chegar! Tenho sofrido muito, estou farta! Vá buscar o dinheiro onde quiser. Nem cinco reis de menos! Tenho passado anos e anos a ralar-me! Pra ganhar meia moeda por mês, estafo-me a trabalhar, de madrugada até à noite, enquanto a senhora está de panria! É que eu levanto-me às seis horas da manhã — e é logo engraxar, varrer, arrumar, labutar, e

a senhora está muito regalada em vale de lençóis, sem cuidados, nem canseiras. Há um mês que me ergo com o dia, pra meter em goma, passar, engomar! A senhora suja, suja, quer ir ver quem lhe parece, aparecer-lhe com tafularias por baixo, e cá está a negra, com a pontada no coração, a matar-se, com o ferro na mão! E a senhora, são passeios, tipoias, boas sedas, tudo o que lhe apetece — e a negra? A negra a esfalfar-se!

Luísa, quebrada, sem força de responder, encolhia-se sob aquela cólera como um pássaro sob um chuveiro, Juliana ia-se exaltando com a mesma violência da sua voz. E as lembranças das fadigas, das humilhações, vinham atear-lhe a raiva, como achas numa fogueira.

— Pois que lhe parece? —

exclamava. — Não que eu como os restos e a senhora os bons bocados! Depois de trabalhar todo o dia, se quero uma gota de vinho, quem mo dá? Tenho de o comprar! A senhora já foi ao meu quarto? É uma enxovia! A percevejada é tanta que tenho de dormir quase vestida! E a senhora se sente uma mordedura, tem a negra de desaparafusar a cama, e de a catar frincha por frincha. Uma criada! A criada é o animal. Trabalha se podes, senão rua, para o hospital. Mas chegou-me a minha vez. — E dava palmadas no peito, fulgurante de vingança. — Quem manda agora, sou eu!

Luísa soluçava baixo.

— A senhora chora! Também eu tenho chorado muita lágrima! Ai! eu não lhe quero mal, minha senhora, certamente

que não! Que se divirta, que goze! O que eu quero é o meu dinheiro aqui escarrado, ou o papel há de ser falado! Ainda este teto me rache, se eu não for mostrar a carta ao seu homem, aos seus amigos, à vizinhança toda, que há de andar arrastada pelas ruas da amargura!

Calou-se, exausta; e com a voz entrecortada de cansaços:

— Mas dê-me a senhora o meu dinheiro, o meu rico dinheiro, e aqui tem os papéis, e o que lá vai, lá vai, e até lhe levo outras. Mas o meu dinheiro pra aqui! E também lhe digo, que morta seja eu neste instante com um raio, se depois de eu receber o meu dinheiro esta boca se torna a abrir! — E deu uma palmada na boca.

Luísa erguera-se, devagar, muito

branca.

— Pois bem — disse, quase num murmúrio — eu lhe arranjarei o dinheiro. Espere uns dias.

Fez-se um silêncio — que depois do ruído parecia muito profundo, e tudo no quarto como se tornara mais imóvel. Apenas o relógio batia o seu tiquetaque, e duas velas sobre o toucador consumindo-se davam uma luz avermelhada, e direita.

Juliana tomou a sombrinha, traçou o xale, e depois de fitar Luísa um momento:

— Bem, minha senhora — disse, muito seca.

Voltou as costas, saiu.

Luísa sentiu-abater a cancela com força.

— Que expiação, santo Deus! —

exclamou, caindo numa cadeira, banhada de novo em lágrimas.

Eram quase dez horas quando Joana voltou.

— Não pude saber nada, minha senhora, na inculcadeira ninguém sabe dela.

— Bem, traga a lamparina.

E Joana ao despir-se no seu quarto, rosnava consigo:

— A mulher tem arranjo, está metida por aí com algum súcio!

***

Que noite para Luísa! A cada momento acordava num sobressalto, abria os olhos na penumbra do quarto, e caía-lhe logo na alma, como uma punhalada,

aquele cuidado pungente: — Que havia de fazer? Como havia de arranjar dinheiro? Seiscentos mil reis! As suas joias valiam talvez duzentos mil reis. Mas depois, que diria ao Jorge? Tinha as pratas... Mas era o mesmo!

A noite estava quente, e na sua inquietação a roupa escorregara, apenas lhe restava o lençol sobre o corpo. Às vezes a fadiga readormecia-a de um sono superficial, cortado de sonhos muito vivos. Via montões de libras reluzirem vagamente, maços de notas agitarem-se brandamente no ar. Erguia-se, saltava para as agarrar, mas as libras começavam a rolar, a rolar como infinitas rodinhas sobre o chão liso, e as notas desapareciam, voando muito leves com um frémito de asas irónicas. Ou então era

alguém que entrava na sala, curvava-se respeitosamente, e começava a tirar do chapéu, a deixar-lhe cair no regaço libras, moedas de cinco mil reis, peças, muitas, muitas, profusamente: não conhecia o homem: tinha um chinó vermelho e uma pera impudente. Seria o Diabo? Que lhe importava? Estava rica, estava salva! Punha-se a chamar, a gritar por Juliana, a correr atrás dela, por um corredor que não findava, e que começava a estreitar-se, até que era como uma fenda por onde ela se arrastava de esguelha, respirando mal, e apertando sempre contra si o montão de libras que lhe punha frialdades de metal sobre a pele nua do peito. Acordava assustada: e o contraste da sua miséria real com aquelas riquezas do sonho, era como um acréscimo de amargura. Quem

lhe poderia valer? Sebastião! Sebastião era rico, era bom. Mas mandá-lo chamar, e dizer-lhe ela, ela Luísa, mulher de Jorge: — Empreste-me seiscentos mil reis. — Para quê, minha senhora? — E podia lá responder: — Para resgatar umas cartas que escrevi ao meu amante. — Era lá possível! Não, estava perdida. Restava-lhe ir para um convento.

A cada momento voltava o travesseirinho que lhe escaldava o rosto: atirou a touca, os seus longos cabelos soltaram-se, prendeu-os ao acaso com um gancho; e de costas, com a cabeça sobre os braços nus, pensava amargamente no romance de todo aquele verão — a chegada de Basílio, o passeio ao Campo Grande, a primeira visita ao «Paraíso»...

Onde iria ele, aquele infame?

Dormindo tranquilamente nas almofadas do vagão!

E ela ah, na agonia!

Atirou o lençol, abafava. E descoberta, mal se distinguindo da alvura da roupa, adormeceu quando a madrugada rompia.

Acordou tarde, sucumbida. Mas logo na sala de jantar a beleza da manhã gloriosa reanimou-a. O sol entrava abundante e radioso pela janela aberta; os canários faziam um concerto; da forja ao pé saía um martelar jovial; e o largo azul vigoroso levantava as almas. — Aquela alegria das coisas deu-lhe como uma coragem inesperada. Não se havia de abandonar a uma desesperança inerte... Que diabo! Devia lutar!

Vieram-lhe esperanças, então.

Sebastião era bom, Leopoldina tinha expedientes, havia outras possibilidades, o acaso mesmo: e tudo isto podia, em definitivo, formar seiscentos mil reis, salvá-la! Juliana desapareceria, Jorge voltaria! — E, alvoroçada, via perspetivas de felicidade possíveis reluzirem, no futuro, deliciosamente.

Ao meio-dia veio o criadito de Sebastião: o senhor tinha chegado de Almada, e desejava saber como a senhora estava.

Correu ela mesma à porta: que pedia ao Sr. Sebastião que viesse logo que pudesse!

Acabou-se! Sentia-se resoluta, ia falar a Sebastião... No fim era o que lhe restava: contar ela tudo a Sebastião, ou que a outra contasse tudo ao marido.

Impossível hesitar! E depois podia atenuar, dizer que fora só uma correspondência platónica... A partida de Basílio, além disso, fazia daquele erro um facto passado, quase antigo... E Sebastião era tão amigo dela!

Veio, era uma hora. Luísa, que estava no quarto, sentiu-o entrar, e só o som dos seus passos grossos no tapete da sala deu-lhe uma timidez, quase um terror. Parecia-lhe agora muito difícil, terrível de dizer... Preparara frases, explicações, uma história de galanteio, de cartas trocadas; e estava com a mão no fecho da porta, a tremer. Tinha medo dele! Ouvia-o passear pela sala; e receando que a impaciência lhe desse mau humor, entrou.

Afigurou-se-lhe mais alto, mais digno: nunca o seu olhar lhe parecera tão

reto, e a sua barba tão séria!

— Então que é? Precisa alguma coisa? — perguntou-lhe ele depois das primeiras palavras sobre Almada, sobre o tempo.

Luísa teve uma cobardia indominável, respondeu logo:

É por causa de Jorge!

— Aposto que não lhe tem escrito?

— Não.

— Esteve muito tempo sem me escrever também. — E rindo: — Mas hoje recebi duas cartas por atacado.

Procurou-as entre outros papéis que tirou da algibeira. Luísa fora sentar-se no sofá; olhava-o com o coração aos pulos, e as suas mãos impacientes raspavam devagarinho o estofo.

— É verdade — dizia Sebastião, revolvendo o maço de papéis. — Recebi duas, fala de voltar, diz que está muito secado... — E estendendo uma carta a Luísa: — Pode ver.

Luísa desdobrara-a, e começava a ler; mas Sebastião, estendendo a mão precipitadamente:

— Perdão, não é essa!

— Não, deixe ver...

— Não diz nada, são negócios...

— Não, quero ver!

Sebastião, sentado à beira da cadeira, coçava a barba, olhando-a, muito contrariado. E Luísa de repente, franzindo a testa:

— O quê? — A leitura espalhava-lhe no rosto uma surpresa irritada — Realmente!...

— São tolices, são tolices! — murmurava Sebastião, muito vermelho.

Luísa pôs-se então a ler alto, devagar:

«Saberás, amigo Sebastião, que fiz aqui uma conquista. Não é o que se pode chamar uma princesa, porque é nem mais nem menos que a mulher do estanqueiro. Parece estar abrasada no mais impuro fogo por este seu criado. Deus me perdoe, mas desconfio até que me leva apenas um vintém pelos charutos de pataco, fazendo assim ao esposo, o digno Carlos, a dupla partida de lhe arruinar a felicidade e a tenda!» — Que graça! — murmurou Luísa, furiosa. — «Receio muito que se repita comigo o caso bíblico da mulher de Putifar. Acredita que há um certo mérito em lhe resistir, porque a mulher,

estanqueira como é, é lindíssima. E tenho medo que suceda algum fracasso à minha pobre virtude...»

Luísa interrompeu-se, e olhou Sebastião com um olhar terrível.

— São brincadeiras! — balbuciou ele.

Ela seguiu, lendo: «Olha se a Luísa soubesse desta aventura! De resto, o meu sucesso não para aqui: a mulher do delegado faz-me um olho dos diabos! É de Lisboa, de uma gente Gamacho, que parece que mora para Belém, conheces?, e dá-se ares de morrer de tédio, na tristeza provinciana da localidade. Deu uma *soirée* em minha honra, e em minha honra, creio também, decotou-se. Muito bonito colo...» — Luísa fez-se escarlate — «e uma queda do diabo...»

— Está doido! — exclamou ela. — «E aqui tens o teu amigo feito um Don Juan do Alentejo, e deixando um rasto de chamas sentimentais por essa província fora! O Pimentel recomenda-se...»

Luísa ainda leu baixo algumas linhas, e erguendo-se bruscamente, dando a carta a Sebastião:

— Muito bem, diverte-se! — disse com uma voz sibilante.

— São lá coisas que se tomem a sério! Não deve tomar a sério...

— Eu! — exclamou ela. — Acho muito natural até!

Sentou-se, começou, com volubilidade, a falar de outras coisas, de D. Felicidade, de Julião...

— Trabalha muito agora para o concurso — disse Sebastião. — Quem

não tenho visto é o Conselheiro.

— Mas, quem é essa gente Gamacho, de Belém?

Sebastião encolheu os ombros — e com um ar quase repreensivo:

— Ora realmente tomou a sério...

Luísa interrompeu-o:

— Ah! Sabe? Meu primo Basílio partiu.

Sebastião teve um alvoroço de alegria.

— Sim?

— Foi para Paris, não creio que volte. — E depois de uma pausa, parecendo ter esquecido Jorge e a carta: — Só em Paris está bem... Estava no ar pra partir. — Acrescentou com pancadinhas leves nas pregas do vestido: — Precisava casar, aquele rapaz.

— Pra assentar — disse Sebastião.

Mas Luísa não acreditava que um homem que gostava tanto de viagens, de cavalos, de aventuras, pudesse dar um bom marido.

Sebastião era de opinião que às vezes sossegavam, e eram homens de família...

— Têm mais experiência — disse.

— Mas um fundo leviano — observou ela.

E depois destas palavras vagas calaram-se com embaraço.

— Eu a falar a verdade — disse então Luísa — estimei que meu primo partisse... Como tinha havido essas tolices na vizinhança... Ultimamente mesmo quase que o não vi. Esteve aí ontem, veio

despedir-se, fiquei surpreendida...

Estava tornando impossível a história de um galanteio platónico, cartas trocadas — mas um sentimento mais forte que ela impelia-a a atenuar, distanciar as suas relações com Basílio. Acrescentou mesmo:

— Eu sou amiga dele, mas somos muito diferentes... Basílio é egoísta, pouco afeiçoado... De resto a nossa intimidade nunca foi grande...

Calou-se bruscamente, sentiu que «se enterrava».

Sebastião lembrava-se ouvir-lhe dizer «que tinham sido criados ambos de pequenos»; mas, enfim, aquela maneira de falar do primo parecia-lhe a prova maior de que «não houvera nada». Quase se queria mal pelas dúvidas que tivera, tão

injustas!...

— E volta? — perguntou.

— Não me disse, mas não creio. Em se pilhando em Paris!

E com a ideia da carta, de repente:

— Então o Sebastião é o confidente de Jorge?

Ele riu:

— Oh minha senhora! Pois acredita...

— E a mim quando me escreve, que se aborrece, que está só, que não suporta o Alentejo... — Mas vendo Sebastião olhar o relógio: — O quê, já? É cedo.

Tinha de estar na Baixa antes das três, disse ele.

Luísa quis retê-lo. Não sabia para quê — porque a cada momento sentia a

sua resolução diminuir, desaparecer como a água de um rio que se absorve no seu leito. Pôs-se a falar -lhe das obras de Almada.

Sebastião começara-as pensando que duzentos ou trezentos mil reis fariam as restaurações necessárias: mas depois umas coisas tinham trazido outras. — E — dizia — está-se-me tornando um sorvedouro!

Luísa riu, forçadamente.

— Ora, quando se é proprietário e rico!...

— Isso sim! Parece que não é nada: mas uma pintura numa porta, uma janela nova, uma sala forrada de papel, um soalho, e isto e aquilo, e lá se vão oitocentos mil reis... Enfim!...

Levantou-se, e despedindo-se:

— Eu espero que aquele vadio se não demore muito...

— Se a estanqueira der licença...

Ficou a passear na sala, nervosa, com aquela ideia. Deixar-se namorar pela estanqueira, e a mulher do delegado, e as outras!... Decerto, tinha confiança nele, mas os homens!... De repente representou-se-lhe a estanqueira prendendo-o nos braços detrás do balcão, ou Jorge beijando, nalguma entrevista, de noite, o colo bonito da mulher do delegado!... E tumultuosamente apareceram-lhe todas as razões que provavam irrecusavelmente a traição de Jorge: estava há dois meses fora! Sentia-se cansado da sua viuvez! Encontrava uma mulher bonita! Tomava aquilo como um prazer passageiro, sem importância!... Que infame! Resolveu

escrever-lhe uma carta digna e ofendida, «que viesse imediatamente, ou que partia ela!» — Entrou no quarto, muito excitada. A fotografia de Jorge, que ela tirara na véspera do saco de marroquim, ficara no toucador. Pôs-se a olhá-la: não admirava que o namorassem, era bonito, era amável... Veio-lhe uma onda de ciúme, que lhe obscureceu o olhar: se ele a enganasse, se tivesse a certeza da «mais pequena coisa» — separava-se, recolhia-se a um convento, morria decerto, matava-o!...

— Minha senhora — veio dizer Joana — é um galego com esta carta. Está à espera da resposta.

Que espanto! Era de Juliana!

Escrita em papel pautado, numa letra medonha, eriçada de erros de

ortografia, dizia:

«Minha senhora,

Bem sei que fui imprudente, o que a senhora deve atribuir tanto à minha desgraça como à falta de saúde, o que às vezes faz que se tenham génios repentinos. Mas se a senhora quer que eu volte e faça o serviço como dantes, ao qual creio que a senhora não pode opor-se, terei muito gosto em ser agradável na certeza que nunca mais se falará em tal até que a senhora queira, e cumpra o que prometeu. Prometo fazer o meu serviço, e desejo que a senhora esteja por isto pois que é para bem de todos. Pois que foi

génio e naturalmente todos têm os seus repentes, e com isto não canso mais e sou

Serva muito obediente a criada

Juliana Couceiro Tavira.»

Ficou com a carta na mão, sem resolução. A sua primeira vontade foi dizer — não! Tomar a recebê-la, a vê-la, com a sua face horrível, a cuia enorme! Saber que ela tinha no bolso a sua carta, a sua desonra, e chamá-la, pedir-lhe água, a lamparina, ser servida por ela! Não! Mas veio-lhe um terror; se recusasse irritava a criatura, Deus sabe o que faria! Estava nas mãos dela, devia passar por tudo. Era o seu castigo... Hesitou ainda um

momento:

— Que sim, que venha, é a resposta.

Juliana veio com efeito às oito horas. Subiu pé ante pé para o sótão, pôs o fato de casa e as chinelas, e desceu para o quarto dos engomados, onde Joana sentada num tapete costurava, à luz do petróleo.

Joana, muito curiosa, acabrunhou-a logo de perguntas: — Onde estivera? O que tinha acontecido? Porque não dera notícias? — Juliana contou que fora a uma visita a uma amiga, à Calçada Marquês de Abrantes, e que de repente lhe dera um flato, e a dor... Não quis mandar dizer, porque imaginara que poderia vir. Mas qual! Estivera dia e meio de cama...

Quis saber então o que tinha feito

a senhora, se saíra, quem estivera...

— A senhora tem andado a modo incomodada — disse Joana.

— É do tempo — observou Juliana. Tinha trazido a sua costura, e ambas caladas continuaram o serão.

Às dez horas Luísa ouviu bater devagarinho à porta do quarto. Era *ela*, decerto!

— Entre...

A voz de Juliana disse muito naturalmente:

— Está o chá na mesa.

Mas Luísa não se decidia a ir à sala, com medo, horror de a ver! Deu voltas no quarto, demorou-se; foi enfim, toda trémula. Juliana vinha justamente no corredor; encolheu-se contra a parede, com respeito, disse:

— Quer que vá pôr a lamparina, minha senhora?

Luísa fez que sim com a cabeça, sem a olhar.

Quando voltou ao quarto Juliana enchia o jarro; e depois de ter aberto a cama, cerrado as portas, quase em pontas de pés:

— A senhora não precisa mais nada? — perguntou.

— Não.

— Muito boa noite, minha senhora.

E não houve outra palavra mais.

— Parece um sonho! — pensava Luísa, ao despir-se melancolicamente. — Esta criatura, com as minhas cartas, instalada em minha casa para me torturar, para me roubar!

— Como se achava ela, Luísa, naquela situação? Nem sabia. As coisas tinham vindo tão bruscamente, com a precipitação furiosa de uma borrasca que estala! Não tivera tempo de raciocinar, de se defender: fora embrulhada; e ah estava, quase sem «dar fé», na sua casa sob a dominação da sua criada! Ah! se tivesse falado a Sebastião! Tinha agora o dinheiro, decerto, notas, ouro... Com que frenesi lho arremessaria, a expulsaria, e a arca, e os trapos, e a cuia!... — Jurou a si própria falar a Sebastião, dizer tudo! Iria mesmo a casa dele, para o impressionar mais!

Daí a pouco, quebrada da agitação do dia, adormecera — e sonhava que um estranho pássaro negro lhe entrara no quarto, fazendo uma ventania, com as suas

asas pretas de morcego: era Juliana! Corria aterrada ao escritório, gritando: — Jorge! — Mas não via nem livros, nem estante, nem mesa: havia uma armação reles de loja de tabaco, e por trás do balcão, Jorge acariciava sobre os joelhos uma bela mulher de formas robustas, em camisa de estopa, que perguntava com uma voz desfalecida de voluptuosidade e os olhos afogados em paixão: — Brejeiros ou de Xabregas? — Fugia então de casa indignada, e, através de sucessos confusos, via-se ao lado de Basílio, numa rua sem-fim, onde os palácios tinham fachadas de catedrais, e as carruagens rolavam ricamente com uma pompa de cortejo. Contava soluçando a Basílio a traição de Jorge. E Basílio, saltitando em volta dela com requebros de palhaço,

repenicava uma viola, e cantava:

Escrevi uma carta a Cupido
A mandar-lhe perguntar
Se um coração ofendido
Tem obrigação de amar!

— Não tem! — gania a voz de Ernestinho, brandindo triunfante um rolo de papel. E tudo se obscurecia de repente nos largos voos circulares que fazia Juliana com as suas asas de morcego.

9

Juliana voltara para casa de Luísa por conselhos da tia Vitória.

— Olha, minha rica — tinha-lhe ela dito — não há que ver, o pássaro fugiu-nos! Suspira, bem podes suspirar que o dinheiro grosso foi-se! Quem podia lá adivinhar que o homem desarvorava! Não, lá isso podes tirar daí o sentido! Que dela escusas de esperar nem cheta...

Também me regalo de mandar as cartas ao marido, tia Vitória!

A velha encolheu os ombros:

— Não lucras nada com isso. Ou que eles se desquitem, ou que ele lhe parta os ossos, ou que a mande para um convento — tu não ganhas nada. E se se

acomodarem, mais ficas a chuchar no dedo, porque nem tens a consolação de fazeres a cizânia. E isto é se as coisas correrem pelo melhor, porque podes muito bem ficar mas é em lençóis de vinagre com alguma carga de pau que eles te mandem dar. — E vendo um gesto espantado de Juliana: — Já não era o primeiro caso, minha rica, já não era o primeiro. Olha que em Lisboa passa-se muita coisa, e nem tudo vem nos jornais!

Positivamente o que ela tinha a fazer era voltar para a casa. Porque enfim o que restava de tudo aquilo? O medo de D. Luísa: esse é que lá estava sempre a dar-lhe por dentro a cólica, desse é que era necessário tirar partido...

— Tu voltas para lá — dizia — à espera que ela cumpra o que prometeu. Se

te dá o dinheiro, bem... Senão tem-la em todo o caso na mão, estás de dentro da praça, sabes o que se passa, podes apanhar muita coisa...

Mas Juliana hesitava. — Era difícil viverem debaixo das mesmas telhas sem haver uma questão por dá cá aquela palha.

— Não te diz uma palavra, tu verás...

— Mas tenho medo...

— De quê? — exclamou a tia Vitória. Ela não era mulher para a envenenar, não é verdade? Então? Quem a nada se arriscava nada ganhava. — Isto é se queres — acrescentou — senão trata de arranjar noutra parte, e deita as cartas para o fundo da arca. Que diabo! Tu vais ver, se não te convêm, safas-te...

Juliana decidiu ir, «a ver».

E reconheceu logo que «aquela história da tia Vitória tinha carradas de razão».

Luísa com efeito, parecia resignada. Sebastião tinha ido para Almada, outra vez. Mas como estava decidida, apenas ele voltasse, a ir a casa dele uma manhã, atirar-se-lhe aos pés, contar-lhe *tudo, tudo,* suportava Juliana, refletindo: «É apenas por dias»! Por isso não lhe disse uma palavra. Para quê? O que tinha a fazer era pagar-lhe e pô-la fora, não é verdade? Enquanto o não pudesse fazer, era aguentar e calar. Até que Sebastião voltasse...

No entretanto evitava vê-la. Nunca a chamava. Não saía da alcova de manhã, sem a ter sentido fora no quarto encher o

banho, sacudir os vestidos. Ia para a sala de jantar com um livro, e nos intervalos não levantava os olhos das páginas. E durante todo o dia conservava-se no quarto com a porta fechada, lendo, costurando, pensando em Jorge — às vezes também em Basílio com ódio, desejando a volta de Sebastião, e preparando a sua história.

Juliana, uma manhã, encontrou Luísa no corredor trazendo para o quarto o regador cheio de água.

— Oh minha senhora! Porque não chamou? — exclamou quase escandalizada.

— Não tem dúvida — disse Luísa.

Mas Juliana seguiu-a ao quarto, e cerrando a porta:

— Oh minha senhora! — disse

muito ofendida. — Isto assim não pode continuar. A senhora parece que tem medo de me ver, credo! Eu voltei para fazer o meu serviço como dantes... Verdade, verdade, naturalmente, sempre espero que a senhora faça o que prometeu... E lá largar as cartas não largo, sem ter seguro o pão da velhice. Mas o que se passou foi um repente de génio, e já pedi perdão à senhora. Quero fazer o meu serviço... Agora se a senhora não quer, então saio, e — acrescentou com uma voz seca — talvez seja pior para todos!...

Luísa, muito perturbada, balbuciou:

— Mas...

— Não, minha senhora — cortou Juliana severamente — aqui a criada sou eu.

E saiu empertigada.

Tanta audácia aterrou Luísa. Aquela ladra era capaz de tudo!

Então, para a não irritar, começou, daí por diante, a chamá-la, a dizer: «Traga isto, traga aquilo», sem a olhar.

Mas Juliana fazia-se tão serviçal, era tão calada, que Luísa pouco a pouco, dia a dia, com o seu caráter móbil, inconsistente, cheio de *deixar-se ir*, principiou a perder o sentimento pungente daquela dificuldade. E no fim de três semanas «as coisas tinham entrado nos seus eixos» — dizia Juliana.

Luísa já gritava por ela do quarto, já a mandava a recados fora: Juliana chegava a ter às vezes migalhas de conversação: — Está um calor de morrer... A lavadeira tarda...

— Um dia arriscou esta frase mais íntima: — Encontrei a criada da Sr.ª D. Leopoldina.

Luísa perguntou:

— Ainda está para o Porto?

— Ainda se demora um mês, minha senhora...

De resto havia na casa um aspeto muito tranquilo, e Luísa, depois de tantas agitações, abandonava-se com gozo à satisfação daquele descanso... Ia às vezes ver D. Felicidade à Encarnação, que já se levantava. E esperava sempre Sebastião, mas sem impaciência, quase contente por ver adiado o momento terrível de lhe dizer: «Escrevi a um homem, Sebastião!»

Assim iam passando os dias; estava-se no fim de setembro.

Uma tarde Luísa ficara mais tempo

à janela da sala de jantar; deixara cair o livro no regaço, e olhava, sorrindo, um bando de pombas que de algum quintal vizinho viera pousar sobre o tabique do terreno vago. Pensava vagamente em Basílio, no «Paraíso»... Sentiu passos, era Juliana.

— Que é?

A mulher cerrara aporta, e vindo junto dela, baixo:

— Então a senhora ainda não decidiu nada?

Luísa sentiu como uma pancada no estômago.

— Ainda não pude arranjar nada...

Juliana esteve um momento a olhar para o chão:

— Bem — murmurou, por fim.

E Luísa ouviu-a, no corredor,

dizer alto:

— Isto quando o senhor voltar é que são os ajustes de contas!

***

Quando Jorge voltasse! Imediatamente no seu espírito, que se tinha pouco a pouco serenado, todos os sustos, as angústias estremeceram de novo àquela ameaça — assim uma rajada súbita põe em convulsão um arvoredo. Devia, pois, fazer *alguma coisa* antes que ele chegasse! Justamente Jorge escrevera-lhe, que «não se demoraria, que a avisaria pelo telégrafo...» Desejava, agora, que do Ministério o mandassem fazer uma viagem mais longe, pela Espanha, ou pela África; que alguma catástrofe, sem lhe fazer mal,

o retardasse meses!...

Que faria ele, se soubesse? Matá-la-ia? Lembravam-lhe as suas palavras muito sérias, naquela noite, quando Ernestinho contara o final do seu drama... Metê-la-ia numa carruagem, levá-la-ia a um convento? E via a grossa portaria fechar-se com um ruído funerário de ferrolhos, olhos lúgubres estudá-la curiosamente...

O seu terror irracionado fizera-lhe mesmo perder a ideia nítida de seu marido; imaginava um *outro* Jorge sanguinário e vingativo, esquecendo o seu caráter bom, tão pouco melodramático. Um dia foi ao escritório, tomou a caixa das pistolas, fechou-a num baú de roupa velha e escondeu a chave!...

Uma ideia amparava-a: era que

apenas Sebastião viesse de Almada, estava salva; e apesar daquela agonia miúda de todos os momentos, quase receava saber que *ele tivesse chegado* — tanto a confissão da verdade lhe parecia uma agonia maior! Foi por esse tempo então que lhe veio uma lembrança — escrever a Basílio. O terror permanente amolecera-lhe o orgulho, como a lenta infiltração da água faz a uma parede; e todos os dias começou a achar uma razão, *mais uma*, para se dirigir «àquele infame»; fora seu amante, já sabia todo o caso das cartas, era o seu único parente... E não teria de dizer a Sebastião! Já às vezes pensara que não aceitar dinheiro de Basílio fora uma «fanfarronada bem tola»! Um dia enfim escreveu-lhe. Era uma carta longa, um pouco confusa, pedia-lhe

seiscentos mil reis. Foi ela mesmo levá-la ao correio, sobrecarregando-a de estampilhas.

Nessa tarde, por acaso, Sebastião, que chegara de Almada, veio vê-la. Recebeu-o com alegria, feliz *por não ter de lhe contar*... Falou da volta de Jorge; aludiu mesmo ao primo Basílio, à «pouca-vergonha da vizinhança...»

— Não — disse — é a primeira coisa que hei de contar ao Jorge.

Porque se considerava salva, agora! E todos os dias seguia a carta, no seu caminho para França, como se a sua mesma vida fosse dentro daquele sobrescrito entregue ao acaso dos trens e à confusão das viagens! Chegara a Madrid, depois a Baiona, depois a Paris! Um carteiro corria a entregá-la na Rue

Saint-Florentin. Basílio abria-a tremendo, enchia um sobrescrito de notas, muitas, que cobria de beijos, e o envelope, trazendo a sua salvação e o seu descanso, começava a rolar para baixo, pela França e pela Navarra, soprando como um monstro e apressando-se como um próprio.

No dia em que a resposta *devia* chegar, levantou-se mais cedo, agitada, com o ouvido pregado na porta, esperando o toque do carteiro. Via-se já a expulsar Juliana, a soluçar de alegria!... Mas às dez e meia começou a estar nervosa: às onze chamou Joana, «que fosse saber se o carteiro passara».

— Diz que sim, minha senhora, que já passou.

— Canalha! — murmurou,

pensando em Basílio.

Talvez, todavia, não tivesse respondido no mesmo dia! Esperou ainda, mas desconsolada, já sem fé. Nada! Nem na outra manhã, nem nas seguintes! O infame!

Veio-lhe então a ideia da loteria — porque insensivelmente a esperança tornara-se-lhe necessária. A primeira vez que saiu comprou umas poucas de cautelas. Apesar de não ser religiosa nem supersticiosa, meteu-as debaixo da peanha de um S. Vicente de Paulo que tinha sobre a cómoda, na alcova. *Não se perdia nada!* Examinava-as todos os dias, somava os algarismos a ver se davam *nove*, *noves fora*, *nada*, ou um número par — que é de bom agouro! E àquele contacto diário com a imagem do santo, levando-a a pensar

decerto na proteção inesperada do Céu, fez uma promessa de cinquenta missas se as cautelas fossem premiadas!...

Saíram brancas — e então desesperou de tudo, abandonou-se a uma inação em que sentia quase uma voluptuosidade, passando dias sem se importar, quase sem se vestir, desejando morrer, devorando nos jornais todos os casos de suicídios, de falências, de desgraças — consolando-se com a ideia de que nem só ela sofria, e que a vida em redor, na cidade, fervilhava de aflições.

Às vezes, de repente, vinha-lhe uma pontada de medo. Decidia-se então de novo a «abrir-se» com Sebastião; depois pensava que seria melhor escrever-lhe; mas não achava as palavras, não conseguia arranjar uma história

racional; vinha-lhe uma cobardia; e recaía na sua inércia, pensando: «Amanhã, amanhã...»

Quando, só, no seu quarto, se chegava por acaso à janela, punha-se a imaginar o que «diria a vizinhança, quando se soubesse!» Condená-la-iam? Diriam: «Que desavergonhada?» Diriam: «Coitadinha?» E por dentro da vidraça seguia, com um olhar quase aterrado, as passeatas do Paula pela rua, o embasbacamento obeso da carvoeira, as Azevedos por trás das bambinelas de cassa! Como eles todos gritariam: «Bem dizíamos nós! Bem dizíamos nós!» Que desgraça! Ou então via de repente Jorge, terrível, fora de si, com as *cartas* na mão; e encolhia-se como se já estivesse sob a cólera dos seus punhos fechados.

Mas o que a torturava mais era a tranquilidade de Juliana — espanejando, cantarolando, servindo-a ao jantar de avental branco. Que tencionava ela? Que preparava ela? Às vezes vinha-lhe uma onda de raiva; se fosse forte ou corajosa, decerto atirar-se-lhe-ia ao pescoço, para a esganar, arrancar-lhe a carta! Mas pobre dela, era «uma mosquinha!»

Justamente numa dessas manhãs, Juliana entrou no quarto com o vestido de seda preta no braço. Estendeu-o na *causeuse*, e mostrou a Luísa, na saia, ao pé do último folho, um rasgão largo que parecia feito com um prego; vinha saber se a senhora queria que o mandasse à costureira.

Luísa lembrava-se bem, rasgara-o uma manhã no «Paraíso» a brincar com

Basílio!

— Isto é fácil de arranjar — dizia Juliana, passando de leve a mão espalmada sobre a seda, com a lentidão de uma carícia.

Luísa examinava-o, hesitante:

— Ele também já não está novo... Olhe, guarde-o para você!

Juliana estremeceu, fez-se vermelha:

— Oh minha senhora! — exclamou. — Muito agradecida! É um rico presente. Muito agradecida, minha senhora! Realmente... — E a voz perturbava-se-lhe.

Tomou-o nos braços, com cuidado, correu logo à cozinha. E Luísa que a seguira pé ante pé, ouviu-a dizer toda excitada:

— É um rico presente, é o que há de melhor. E novo! Uma rica seda! — Fazia arrastar a cauda pelo chão, com um frufru. Sempre o invejara: e tinha-o agora, era o *seu* vestido de seda! — É de muito boa senhora, Sr.ª Joana, é de um anjo!

Luísa voltou ao quarto, toda alvoroçada; era como uma pessoa perdida de noite, num descampado — que de repente, ao longe, vê reluzir um clarão de vidraça! Estava salva! Era presenteá-la, era fartá-la, era fartá-la! Começou logo a pensar no que lhe podia dar mais, pouco a pouco: o vestido roxo, roupas brancas, o roupão velho, uma pulseira!

Daí a dois dias — era um domingo — recebeu um telegrama de Jorge: «Parto amanhã do Carregado. Chego pelo comboio do Porto às seis horas.» Que

sobressalto! Voltava, enfim!

Era nova, era amorosa — e no primeiro momento todos os sustos, as inquietações desapareceram sob uma sensação de amor e de desejo, que a inundou. Viria de madrugada, encontrá-la-ia deitada — e já pensava na delícia do seu primeiro beijo!...

Foi-se ver ao espelho: estava um pouco magra, talvez, com a fisionomia um pouco fatigada... E a imagem de Jorge aparecia-lhe então muito nitidamente, mais queimada do sol, com os seus olhos ternos, o cabelo tão anelado! Que estranha coisa! Nunca lhe apetecera tanto vê-lo. Foi logo ocupar-se dele: o escritório estaria bem arranjado? quereria um banho morno, seria necessário aquecer a água na tina grande!... E ia e vinha, cantarolando,

com um brilho exaltado nos olhos.

Mas a voz de Juliana, de repente no corredor, fê-la estremecer. Que faria ela, a mulher? Ao menos que a deixasse naqueles primeiros dias gozar a volta de Jorge, tranquilamente!... Veio-lhe uma audácia, chamou-a.

Juliana entrou, com o vestido de seda novo, movendo-se cuidadosamente:

— Quer alguma coisa, minha senhora?

— O Sr. Jorge volta amanhã... — disse Luísa.

E suspendeu-se; o coração batia-lhe fortemente.

— Ah! — fez Juliana. — Bem, minha senhora.

E ia sair.

— Juliana! — fez Luísa, com a

voz alterada.

A outra voltou-se, surpreendida.

E Luísa batendo com as mãos, num movimento suplicante:

— Mas você ao menos nestes primeiros dias... Eu hei de arranjar, esteja certa!...

Juliana acudiu logo:

— Oh minha senhora! Eu não quero dar desgostos a ninguém. O que eu quero é um bocadinho de pão para a velhice. Da minha boca não há de vir mal a ninguém. O que peço à senhora é que se for da sua vontade e me quiser ir ajudando.

— Lá isso sim... O que você quiser...

— Pois pode estar certa que esta boca... — E fechou os lábios com os

dedos.

Que alegria para Luísa! Tinha uns dias, umas semanas, enfim, sem tormentos, com o *seu* Jorge! Abandonou-se então toda à deliciosa impaciência de o ver. Era singular — mas parecia-lhe que o amava mais!... E depois pensaria, veria, daria outros presentes a Juliana, poderia pouco a pouco preparar Sebastião... Quase se sentia feliz.

De tarde Juliana veio dizer-lhe, muito risonha:

— A Sr.ª Joana saiu, que era hoje o seu dia, mas eu tinha tanta precisão de sair, também! Se a senhora lhe não custasse ficar só...

— Não! Fico, que tem? Vá, vá!

E daí a pouco, sentiu-a bater os tacões no corredor, fechar com ruído a

cancela.

Então de repente uma ideia deslumbrou-a, como a fulguração de um relâmpago: ir ao quarto dela, rebuscar-lhe a arca, roubar-lhe as cartas!

Viu-a da janela dobrar a esquina. Subiu logo ao sótão, devagar, escutando, com o coração aos saltos. A porta do quarto de Juliana estava aberta; vinha de lá um cheiro a mofo, de ratos e de roupa enxovalhada que a enjoou, pelo postigo entrava uma luz triste, de tarde escura; e por baixo, encostada à parede, ficava a arca! Mas estava fechada! Decerto! Desceu correndo, veio buscar o seu molho de chaves... Sentia uma vergonha — mas se achasse as cartas! Aquela esperança dava-lhe todos os atrevimentos, como um vinho alcoólico. Começou a experimentar

as chaves; a mão tremia-lhe; de repente a lingueta, com um estalinho seco, cedeu! Ergueu a tampa, estavam ali, talvez! E então, com cautela, muito femininamente, pôs-se a tirar as coisas uma por uma, pondo-as em cima do colchão: o vestido de merino: um leque com figuras douradas, embrulhado em papel de seda; velhas fitas roxas e azuis, passadas a ferro; uma pregadeira de cetim cor-de-rosa, com um coração bordado a matiz; dois frasquinhos de cheiro, intactos, tendo colados ao vidro raminhos de rosas de papel recortado; três pares de botinas embrulhadas em jornais; a roupa branca, donde se exalava um cheiro de madeira e de folhas de maçã camoesa. Entre duas camisas estava um maço de cartas atadas com um nastro... Nenhuma era dela! Nem

de Basílio! Eram de uma letra de aldeia, ininteligível e amarelada! Que raiva! E ficou a olhar para a arca vazia, de pé, com os braços tristemente caídos.

Uma sombra de repente passou diante do postigo. Estremeceu, aterrada. Era um gato que, com passos leves, vadiava pelo telhado. — Tornou a repor tudo com as mesmas dobras, fechou a arca, ia a sair, mas lembrou-se de procurar na gaveta da mesa e debaixo do travesseiro. Nada! Impacientou-se então; não se queria ir sem ter gasto toda a esperança; desmanchou a roupa da cama, remexeu a palha amolentada do enxergão, sacudiu as velhas botinas, esgaravatou os cantos... Nada! Nada!

Subitamente, a campainha tocou. Desceu a correr. Que surpresa! Era D.

Felicidade.

— És tu! Como estás tu? Entra.

Estava melhor, veio logo contando pelo corredor. Saíra na véspera da Encarnação; o pé às vezes ainda lhe fazia mal, mas graças a Deus estava escapa! E que lhe agradecesse, era a sua primeira visita!

Entraram no quarto.

Escurecia, Luísa acendeu as velas.

— E como me achas tu, hem? — perguntou D. Felicidade, pondo-se diante dela.

— Um bocadito mais pálida.

Ai! tinha sofrido muito! Ergueu a saia, mostrou o pé calçado num sapato largo, obrigou Luísa a apalpá-lo... Que uma consolação lhe restava: é que toda a Lisboa a fora ver! Graças a Deus! Toda a

Lisboa, o que há de melhor em Lisboa!

— E tu esta semana — acrescentou — nem apareceste! Pois olha que te cortaram na pele...

— Não pude, filha. O Jorge chega amanhã, sabias?

— Ah sua brejeira! Viva! Está esse coraçãozinho aos pulos! — E disse-lhe um segredinho.

Riram muito.

— Pois eu — continuou D. Felicidade sentando-se — arranjei-te hoje a partida. Encontrei esta manhã o Conselheiro, que me disse que vinha. Encontrei-o nos Mártires! Olha que foi sorte, logo no primeiro dia que saí! E um bocado adiante dou com o Julião: diz que também vinha!... — E com a voz desfalecida: — Sabes? tomava uma

colherzinha de doce...

Foi Luísa que abriu a porta ao conselheiro e a Julião, que se tinham encontrado na escada, dizendo-lhes a rir:

— Hoje sou eu o guarda-portão!

D. Felicidade, na sala, para disfarçar a perturbação que lhe deu o espetáculo amado da pessoa de Acácio, começou, falando muito, á censura-la «por deixar assim sair no mesmo dia as duas criadas...»

— E se te achares incomodada, filha, se te der alguma coisa?

Luísa riu. Não era afeta a fanicos...

Todavia achavam-na abatida. E o conselheiro, com interesse:

— Tem continuado a sofrer dos dentes, D. Luísa?

Dos dentes? Era a primeira vez que tal ouvia! — exclamou D. Felicidade. Julião declarou que raras vezes vira uma dentição tão perfeita.

O conselheiro apressou-se a citar:

Em lábios de coral, pérolas finas...

E acrescentou:

— É verdade, mas a última vez que tive a honra de estar com D. Luísa, viu-se tão repentinamente aflita com um dente, que teve de ir a correr chumbá-lo ao Vitry!

Luísa fez-se muito vermelha. Felizmente a campainha tocou. Devia ser a Joana, ia abrir...

— É verdade — continuou o conselheiro — tínhamos feito um

delicioso passeio, quando de repente D. Luísa empalidece, e parece que a dor era tão urgente, que se precipitou para a escada do dentista, como louca...

A propósito de dores, D. Felicidade, que estava ansiosa por interessar, comover o conselheiro, começou a história do seu pé: disse a queda, o milagre de não ter morrido, as visitas assíduas de condessas e viscondessas, o susto em toda a Encarnação, os cuidados do bom Dr. Caminha...

— Ai! Sofri muito! — suspirou, com os olhos no conselheiro, para provocar uma palavra simpática.

Acácio, então, disse com autoridade:

— É sempre um erro, ao descer

uma escada íngreme, não procurar o apoio do corrimão.

— Mas podia ter morrido! — exclamou ela. E voltando-se para Julião: — Pois não é verdade?

— Neste mundo morre-se por qualquer coisa — disse ele enterrado numa poltrona, fumando voluptuosamente. Ele mesmo estivera naquela tarde para ser atropelado por um trem: destinara o domingo para se dar *um feriado*, e fizera um grande passeio pela circunvalação... — Há mais de um mês vivo no meu cubículo, como um frade beneditino na livraria do seu convento! — acrescentou, rindo, quebrando complacentemente a cinza do cigarro sobre o tapete.

O conselheiro quis saber então o assunto da tese: decerto muito

momentoso!... E apenas Julião lhe disse: «sobre fisiologia, senhor conselheiro», Acácio observou logo, com uma voz profunda:

— Ah! Fisiologia! Deve ser então de grande magnitude! E presta-se mais ao estilo ameno.

Queixou-se, também, de «vergar ao peso dos seus trabalhos literários...»

— Esperemos todavia, Sr. Zuzarte, que não sejam infrutíferas as nossas vigílias!

— As suas, senhor conselheiro, as suas! — E com interesse: — Quando nos dá o seu novo trabalho? Há sofreguidão em o ver!

— Há alguma sofreguidão — concordou o conselheiro com seriedade. — Há dias me dizia o senhor ministro da

Justiça, esse robustíssimo talento, há dias me dizia, me fazia a honra de me dizer: «Dê-nos depressa o seu livro, Acácio, estamos precisados de luz, de muita luz!» Foi assim que ele disse. Eu inclinei-me, naturalmente, e respondi: «Senhor ministro, não serei eu que a negue ao meu país, quando a necessitar!»

— Muito bem, muito bem, Conselheiro!

— E — acrescentou — dir-lhes-ei, aqui em família, que o nosso ministro do Reino me deixou entrever, num futuro não remoto, a Comenda de Sant'Iago!

— Já lha deviam ter dado, Conselheiro! — exclamou Julião, divertindo-se. — Mas neste desgraçado país... Já a devia ter ao peito, Conselheiro!

— Há que tempos! — exclamou com força D. Felicidade.

— Obrigado, obrigado! — balbuciou o conselheiro, rubro. E na expansão do seu júbilo ofereceu com uma familiaridade agradecida a sua caixa de rapé a Julião.

— Tomarei para espirrar — disse ele.

Sentia-se naquela tarde numa disposição benévola: o trabalho e as altas esperanças que ele lhe dava tinham decerto dissipado o seu azedume: parecia até ter esquecido a sua humilhação, quando encontrara ali, naquela sala, o primo Basílio, porque apenas Luísa entrou, perguntou-lhe por ele.

— Partiu para Paris, não sabiam? Há que tempos!

D. Felicidade e o conselheiro fizeram logo o elogio de Basílio. Tinha ido deixar bilhetes de visita a ambos — o que encantara D. Felicidade e ensoberbecera o conselheiro. — Era um verdadeiro fidalgo! — exclamava ela. E Acácio afirmou com autoridade:

— E uma voz de barítono, digna de S. Carlos.

— E muito elegante! — disse D. Felicidade.

— Um *gentleman!* — resumiu o conselheiro.

Julião, calado, bamboleava a perna. Agora, àqueles elogios, o seu despeito renascia: lembrava a secura cortante de Luísa, naquela manhã, as poses do outro. Não resistiu a dizer:

— Um pouco sobrecarregado nas

joias e nos bordados das meias. De resto é moda no Brasil, creio...

Luísa corou; teve-lhe ódio. E, vagamente, veio-lhe uma saudade de Basílio.

D. Felicidade, então, perguntou por Sebastião: não o via havia um século; e lamentava, porque era uma pessoa que lhe dava saúde, só vê-la.

— É uma grande alma — disse com ênfase o conselheiro. Todavia censurava-o um pouco por não se ocupar, não se tornar útil ao seu país. — Porque enfim — declarou — o piano é uma bonita habilidade, mas não dá uma posição na sociedade. — Citou então Ernestinho, que, posto que dando-se à arte dramática, era todavia (e a sua voz tornou-se grave), segundo todas as

informações, um excelente empregado aduaneiro...

Que fazia ele, Ernestinho? — perguntaram.

Julião tinha-o encontrado. Dissera-lhe que a «Honra e Paixão» ia daí a duas semanas, já se estavam a imprimir os cartazes, e na Rua dos Condes já lhe não chamavam senão o Dumas filho português! E o pobre rapaz crê-se realmente um Dumas filho!

— Não conheço esse autor — disse com gravidade o conselheiro — posto que me pareça, pelo nome, ser filho do escritor que se tornou famoso pelos «Três Mosqueteiros» e outras obras de imaginação!... Mas, de resto, o nosso Ledesma é um esmerado cultor da arte dos Corneilles! Não lhe parece, D. Luísa?

— Sim — disse ela com um sorriso vago.

Parecia preocupada. Fora já duas vezes ao relógio do quarto ver as horas: quase dez, e Juliana sem voltar! Quem havia de servir o chá? Ela mesmo foi pôr as chávenas no tabuleiro, armar o paliteiro. Quando voltou à sala notou um silêncio enfastiado... — Queriam que fosse tocar? — perguntou.

Mas D. Felicidade, que olhava, ao pé de Julião, as gravuras do Dante, ilustrado por G. Doré, que ele folheava, com o volume sobre os joelhos, exclamou, de repente:

— Ai que bonito! Que é? Muito bonito! Viste Luísa?

Luísa aproximou-se.

— É um caso de amor infeliz, Sr.ª

D. Felicidade — disse Julião. — É a história triste de Paulo e Francesca de Rimini. — E explicando o desenho: — Aquela senhora sentada é Francesca; este moço de guedelha, ajoelhado aos pés dela, e que a abraça, é seu cunhado, e, lamento ter de o dizer, seu amante. E aquele barbaças, que lá ao fundo levanta o reposteiro e saca da espada, é o marido que vem, e zás! — E fez o gesto de enterrar o ferro.

— Safa! — fez D. Felicidade, arrepiada — E aquele livro caído o que é? Estavam a ler?...

Julião disse discretamente:

— Sim... Tinham começado por ler, mas depois...

Quel giorno più no vi leggiemi avante,

o que quer dizer: *E nós não lemos mais em todo o dia!*

— Puseram-se a derriçar — disse D. Felicidade com um sorriso.

— Pior, minha rica senhora, pior! Porque segundo a mesma confissão de Francesca, este moço, o da guedelha, o cunhado,

La bocca me bacciò tutto tremante,

o que significa: *A boca me beijou tremendo todo...*

— Ah! — fez D. Felicidade, com um olhar rápido para o conselheiro. — É uma novela?

— É o Dante, D. Felicidade — acudiu com severidade o conselheiro —

um poema épico classificado entre os melhores. Inferior, porém, ao nosso Camões! Mas rival do famoso Milton!

— Que nessas histórias estrangeiras os maridos matam sempre as mulheres! — exclamou ela. E voltando-se para o conselheiro: — Pois não é verdade?

— Sim, D. Felicidade, repetem-se lá fora com frequência essas tragédias domésticas. O desenfreamento das paixões é maior. Mas entre nós, digamo-lo com orgulho, o lar é muito respeitado. Assim eu, por exemplo, em todas as minhas relações em Lisboa, que são numerosas, graças a Deus, não conheço senão esposas-modelos. — E com um sorriso cortesão: — De que é decerto a flor a dona da casa.

D. Felicidade revirou os olhos para Luísa, que estava encostada à cadeira dela, e batendo-lhe no braço:

— Isto é uma joia! — disse com amor.

— E de resto — acudiu o conselheiro — o nosso Jorge merece-o. Porque, como diz o poeta:

Seu coração é nobre, e a fronte altiva
Revela-lhe da alma a pura essência.

Aquela conversação impacientava Luísa. Ia sentar-se ao piano, quando D. Felicidade exclamou: — Diz cá, então não se toma hoje chá nesta casa?

Luísa foi outra vez à cozinha. Disse a Joana que viesse ela mesmo com o chá. — E daí apouco, Joana, de avental

branco, vermelha, muito atarantada, entrou com o tabuleiro.

— E a Juliana? — perguntou logo D. Felicidade.

— Saiu, coitada — explicou Luísa — tem andado doente...

— E anda-te então por fora até estas horas?... Boa! Até desacredita uma casa...

O conselheiro também achava imprudente:

— Porque enfim as tentações são grandes numa capital, minha senhora!

Julião exclamou, rindo:

— Não, se aquela é tentada, descreio para sempre e totalmente dos meus contemporâneos.

— Oh Sr. Zuzarte! — acudiu o conselheiro, quase severamente —

referia-me a outras tentações: entrar, por exemplo, numa loja de bebidas, apetecer-lhe ir ao circo e desleixar os seus deveres...

Mas D. Felicidade não podia sofrer a Juliana: achava-lhe cara de Judas, tinha ar de ser capaz de tudo...

Luísa defendeu-a: era muito serviçal, muito boa engomadeira, muito honesta...

— E anda-te pela rua até às onze da noite!... Credo! Fosse comigo!

— E creio — observou o conselheiro — que tem uma doença mortal. Não é verdade, Sr. Zuzarte?

— Mortal. Um aneurisma — respondeu Julião, sem levantar os olhos do Dante.

— Ainda para mais! — exclamou

D. Felicidade. E abaixando a voz: — Tu o que deves fazer é descartar-te dela! Uma criada com uma doença dessas! Que até lhe pode arrebentar a vir dar um copo de água à gente. Cruzes!

O conselheiro apoiava:

— E às vezes, que embaraços com a autoridade!

Julião fechou o Dante, e disse:

— Eu tem-me esquecido de avisar o Jorge; mas um dia a criatura cai-lhes redonda no chão. — E sorveu um gole de chá.

Luísa estava aflita. Parecia-lhe que uma nova complicação se formava para a torturar... Pôs-se a dizer que era tão difícil arranjar criadas...

Lá isso era, concordaram.

Falaram de criados, das suas

exigências. Estavam cada vez mais atrevidos! E em lhes dando confiança! E que imoralidade!...

— Muitas vezes é culpa das amas — disse D. Felicidade. — Fazem das criadas confidentes, e isto, em elas apanhando um segredo, tornam-se as donas da casa...

As mãos trémulas de Luísa faziam-lhe tilintar a chávena. Disse, com uma voz afectadamente risonha:

— E o Conselheiro, que tal de criados?

Acácio tossiu:

— Bem. Tenho uma pessoa respeitável, com bom paladar, muito escrupulosa em contas...

— E que não é feia — acudiu Julião. — Assim me pareceu uma vez que

fui à Rua do Ferregial...

Uma vermelhidão espalhara-se pela calva do conselheiro. D. Felicidade fitava-o ansiosamente, com a pupila chamejante. Acácio, então, disse com severidade:

— Nunca reparo para a fisionomia dos subalternos, Sr. Zuzarte.

Julião ergueu-se e enterrando as mãos nos bolsos, jovialmente:

— Foi um grande erro abolir a escravatura!...

— E o princípio da liberdade? — acudiu logo o conselheiro. — E o princípio da liberdade? Que os pretos eram grandes cozinheiros, concordo... Mas a liberdade é um bem maior.

Alargou-se então em considerações; fulminou os horrores do

tráfico, lançou suspeitas sobre a filantropia dos ingleses, foi severo com os plantadores da Nova Orleães, contou o caso da «Charles et Georges»: dirigia-se exclusivamente a Julião, que fumava, cabisbaixo.

D. Felicidade fora-se sentar ao pé de Luísa, e muito inquieta, falando-lhe ao ouvido:

— Tu conheces a criada do Conselheiro?

— Não.

— Será bonita?

Luísa encolheu os ombros.

— Não sei o que me diz o coração, Luísa! Estou a abafar!

E enquanto Acácio, de pé, perorava para Julião, D. Felicidade ia murmurando a Luísa as queixas da sua

paixão.

Que alívio para Luísa quando eles saíram! O que ela sofrera, lá por dentro, toda aquela noite! Que maçadores, que idiotas! — E a outra sem vir! Oh que vida a sua!

Foi à cozinha dizer a Joana:

— Espere pela Juliana, tenha paciência. Que ela não pode tardar; aquilo a mulher achou-se pior!

Mas já passava da meia-noite, já Luísa estava deitada, quando a campainha tocou de leve; depois mais forte; enfim, com impaciência.

«A rapariga adormeceu», pensou Luísa. Saltou da cama, subiu descalça à cozinha, Joana estirada para cima da mesa, ressonava ao pé do candeeiro de petróleo, que fumegava fetidamente.

Sacudiu-a, fê-la pôr de pé, estremunhada; voltou, correndo, deitar-se; e sentiu daí a pouco no corredor, a voz de Juliana dizer com satisfação:

— Já está tudo acomodado, hem! Pois estive no teatro. Muito bonito! Do melhor, Sr.ª Joana, do melhor!

Luísa adormeceu tarde, e durante toda a noite um sonho inquieto agitou-a. — Estavam num teatro imenso, dourado como uma igreja. Era uma gala: joias faiscavam sobre seios mimosos, condecorações reluziam sobre fardas palacianas. Na tribuna, um rei triste e moço, imóvel numa atitude rígida e hierática, sustentava na mão a esfera armilar, e o seu manto de veludo escuro, constelado de pedrarias como um firmamento, espalhava-se em redor em

pregas de escultura, fazendo tropeçar a multidão dos cortesãos vestidos como valetes de paus.

Ela estava no palco; era atriz; debutava no drama de Ernestinho: e toda nervosa via diante de si, na vasta plateia sussurrante, fileiras de olhos negros e acesos, cravados nela com furor; no meio a calva do conselheiro, de uma redondeza nevada e nobre, sobressaía, rodeada como uma flor de um voo amoroso de abelhas. No palco oscilava a vasta decoração de uma floresta; ela notava sobretudo, à esquerda, sobretudo, um carvalho secular, de uma arrogância heroica — cujo tronco tinha a vaga configuração de uma fisionomia, e se parecia com Sebastião.

— Mas o contrarregra bateu as palmas: era esguio, parecia-se com D.

Quixote, trazia óculos redondos com aros de lata, brandia o «Jornal do Comércio» torcido em saca-rolhas, e gania: — Salta a cenazinha de amor! Salta-me essa maravilha! — Então a orquestra, onde os olhos dos músicos reluziam como granadas e as suas cabeleiras se eriçavam como montões de estopa, tocou com uma lentidão melancólica o fado de Leopoldina; e uma voz áspera e canalha cantava em falsete:

Vejo-o nas nuvens da tarde,
Nas ondas do mar sem fim,
E por mais longe que esteja
Sinto-o sempre ao pé de mim.

Luísa achava-se nos braços de Basílio que a enlaçavam, a queimavam:

toda desfalecida, sentia-se perder, fundir-se num elemento quente como o sol e doce como o mel: gozava prodigiosamente; mas, por entre os seus soluços, sentia-se envergonhada, porque Basílio repetia no palco, sem pudor, os delírios libertinos do «Paraíso»! Como consentia ela?

O teatro, numa aclamação imensa bradava: — Bravo! Bis! Bis! — Lenços aos milhares esvoaçavam como borboletas brancas num campo de trevo; os braços nus das mulheres lançavam com um gesto ondeado ramos de violetas dobradas: o rei erguera-se espectralmente, e, triste, arremessou como um *bouquet* a sua esfera armilar; e o conselheiro logo, num frenesi, para seguir o exemplo de Sua Majestade, desaparafusando rapidamente a calva,

atirou-lha, com um berro de dor e de glória! O contrarregra gania: — Agradeçam! Agradeçam! — ela curvava-se, os seus cabelos de Madalena rojavam pelo tablado: e Basílio, a seu lado, seguia com olhos vivos os charutos que lhe atiravam, apanhando-os com a graça de um toureiro e a destreza de um *clown*!

Subitamente, porém, todo o teatro teve um «Ah!» de espanto. Fez-se um silêncio ansioso e trágico; e todos os olhos, milhares de olhos atónitos se fitavam no pano de fundo, onde um caramanchão arqueava a sua estrutura toda estrelada de rosinhas brancas. Ela voltou-se também como magnetizada, e viu Jorge, Jorge que se adiantava, vestido de luto, de luvas pretas, com um punhal na mão; e a lâmina reluzia — menos que os

olhos dele! Aproximou-se da rampa e, curvando-se, disse com uma voz graciosa:

— Real Majestade, senhor infante, senhor governador civil, minhas senhoras, meus senhores — agora é comigo! Reparem neste trabalhinho!

Caminhou então para ela com passos marmóreos que faziam oscilar o tablado; agarrou-lhe os cabelos, como um molho de erva que se quer arrancar; curvou-lhe a cabeça para trás, ergueu de um modo clássico o punhal; fez a pontaria ao seio esquerdo: e balançando o corpo, piscando o olho, cravou-lhe o ferro!

— Muito bonito! — disse uma voz. — Rico trabalho!

Era Basílio que fizera entrar nobremente na plateia o seu faetone! Direito na almofada, com o chapéu ao

lado, uma rosa na sobrecasaca, continha com a mão negligente a inquietação soberba dos seus cavalos ingleses; e ao seu lado, sentado como um trintanário, coberto das suas vestes sacerdotais, vinha o patriarca de Jerusalém! — Mas Jorge arrancara o punhal todo escarlate; as gotas de sangue corriam até à ponta, coalhavam; caíam depois com um som cristalino, punham-se a rolar pelo tablado como continhas de vidro vermelho. Ela deitara-se, expirante, sob o carvalho que se parecia com Sebastião: então, como a terra era dura, a árvore estendeu por baixo dela as suas raízes, macias como coxins de penas; como o sol a mordia, a árvore desdobrou sobre ela as suas ramagens, como os panos de uma tenda: e das folhas deixava-lhe escorrer sobre os

lábios gotas de vinho da Madeira! Ela via no entanto com terror o seu sangue sair da ferida, vermelho e forte, correr, alastrar-se, fazendo poças aqui, ribeirinhos tortuosos além. E ouvia a plateia berrar:

— O autor! Fora o autor!

Ernestinho, muito frisado, pálido, apareceu; agradecia soluçando; e, às cortesias, saltava aqui, acolá — para não sujar no sangue da prima Luísa os seus sapatinhos de verniz...

Sentiu que ia morrer! Uma voz disse vagamente: — Olá, como vai isso? — Parecia-lhe de Jorge. Donde vinha? Do Céu? da plateia? do corredor? Um ruído forte, como de uma mala que se deixa cair, acordou-a. Sentou-se na cama.

— Bem, deixe aí — disse a voz de Jorge.

Saltou em camisa. Ele entrava. E ficaram enlaçados, num longo abraço, os beiços colados, sem uma palavra. O relógio do quarto dava sete horas.

10

Nesse dia pela uma hora Jorge e Luísa acabavam de almoçar, como na véspera da partida dele. Mas agora não pesava a faiscante inclemência da calma, as janelas estavam abertas ao sol amável de outubro; já passavam no ar certas frescuras outonais; havia uma palidez meiga na luz; à tardinha já «sabiam bem» os paletós; e tons amarelados começavam a envelhecer as verduras.

— Que bom achar-se a gente outra vez no seu ninho! — disse Jorge, estirando-se na *voltaire*.

Estivera contando a Luísa a sua viagem. Tinha trabalhado como um mouro, e tinha ganho dinheiro! Trazia os

elementos de um belo relatório; criara amigos naquela boa gente do Alentejo; estavam acabadas as soalheiras, as cavalgadas pelos montados, os quartos de hospedaria; e ali estava enfim na sua casinha. E como na véspera da sua partida, soprava o fumo do cigarro, cofiando com delícias o bigode — porque tinha cortado a barba! Fora a grande admiração de Luísa, quando o viu. Ele explicara, com humilhação e melancolia, que tivera um furúnculo no queixo, com o calor...

— Mas que bem que te fica! — Tinha ela dito. — Que bem que te fica!

Jorge trouxera-lhe como presente seis pratos de louça da China, muito antigos, com mandarins bojudos, de túnicas esmaltadas, suspensos

majestosamente no ar azulado: uma preciosidade que descobrira em casa de umas velhas miguelistas, em Mértola. Luísa dispunha-os muito decorativamente nas prateleiras do guarda-louça: e em bicos de pés, com a larga cauda do seu roupão estendida por trás, a massa loura do cabelo pesado, um pouco desmanchado sobre as costas — parecia a Jorge mais esbelta, mais irresistível, e nunca a sua cinta fina lhe atraíra tanto os braços.

— A última vez que aqui almocei, antes de partir, foi um domingo, lembras-te?

— Lembro — disse Luísa sem se voltar, colocando muito delicadamente um prato.

— E é verdade — perguntou Jorge de repente — teu primo? Viste-lo? Veio

ver-te?

O prato escorregou, houve um tlim-tlim de copos.

— Sim, veio — disse Luísa, depois de um silêncio — esteve aí umas poucas de vezes. Demorou-se pouco...

Abaixou-se, abriu o gavetão do guarda-loiça, esteve a remexer nas colheres de prata; ergueu-se, enfim, voltou-se com um sorriso, vermelha, sacudindo as mãos:

— Pronto!

E foi sentar-se nos joelhos de Jorge.

— Como te fica bem! — dizia, torcendo-lhe o bigode. Admirava-o, de um modo ardente. Quando se atirara aos seus braços naquela madrugada, sentira como abrir-se-lhe o coração, e um amor

repentino revolver-lho deliciosamente; viera-lhe um desejo de o adorar perpetuamente, de o servir, de o apertar nos braços até lhe fazer mal, de lhe obedecer com humildade; era uma sensação múltipla, de uma doçura infinita, que a trespassara até às profundidades do seu ser. E passando-lhe um braço pelo pescoço, murmurava com um movimento de uma adulação quase lasciva:

— Estás contente? Sentes-te bem? Diz!

Nunca lhe parecera tão bonito, tão bom; a sua pessoa depois daquela separação dava-lhe as admirações, os enlevos de uma paixão nova.

— É o Sr. Sebastião — veio dizer Juliana toda risonha para Jorge.

Jorge deu um pulo, afastou Luísa

bruscamente, atirou-se pelo corredor, gritando:

— Aos meus braços! Aos meus braços, celerado!

***

Daí a dias, uma manhã que Jorge saíra para o Ministério, Juliana entrou no quarto de Luísa, e fechando a porta devagarinho, com uma voz muito amável:

— Eu desejava falar à senhora numa coisa.

E começou a dizer que o seu quarto em cima no sótão era pior que uma enxovia; que não podia lá continuar; o calor, o mau cheiro, os percevejos, a falta de ar, e no inverno a humidade, matavam-na! Enfim, desejava mudar pra baixo, pró

quarto dos baús.

O quarto dos baús tinha uma janela nas traseiras; era alto e espaçoso; guardavam-se ah os oleados de Jorge, as suas malas, os paletós velhos e veneráveis baús do tempo da avó, de couro vermelho com pregos amarelos.

— Ficava ali como no Céu, minha senhora!

E... onde se haviam de pôr os baús?

— No meu quarto, em cima. — E com um risinho: — Os baús não são gente, não sofrem...

Luísa disse um pouco embaraçada:

— Bem, eu verei, eu falarei ao Sr. Jorge.

— Conto com a senhora.

Mas apenas nessa tarde Luísa

explicou a Jorge «a ambição da pobre de Cristo», ele deu um salto:

— O quê? Mudar os baús? Está doida!

Luísa então insistiu: era o sonho da pobre criatura desde que viera para a casa! Enterneceu-o. Não, ele não imaginava, ninguém imaginava o que era o quarto da pobre mulher! O cheiro empestava, os ratos passeavam-lhe pelo corpo, o forro estava roto, chovia dentro; fora lá há dias, e ia tombando para o lado...

— Santo Deus! Mas isso é o que minha avó contava das enxovias de Almeida! Muda-a, muda-a depressa, filha!... Porei os meus ricos baús no sótão.

Quando Juliana soube o *favor*:

— Ai, minha senhora, é a vida que

me dá! Deus lho pague! Que eu não tinha saúde para viver num cacifro daqueles.

Ultimamente queixava-se mais: andava amarela, trazia os beiços um pouco arroxeados; tinha dias de uma tristeza negra, ou de uma irritabilidade mórbida: os pés nunca lhe aqueciam. Ah! Precisava muitos cuidados, muitos cuidados!...

Foi por isso que daí a dois dias veio pedir a Luísa, «se fazia o favor de ir ao quarto dos baús». E lá, mostrando-lhe o soalho velho e carunchoso:

— Isto não pode ficar assim, minha senhora, isto precisa uma esteira, senão não vale a pena mudar. Eu se tivesse dinheiro não importunava a senhora, mas...

— Bem, bem, eu arranjarei —

disse Luísa com uma voz paciente.

E pagou a esteira, sem dizer nada a Jorge. Mas na manhã em que os esteireiros a pregavam, Jorge veio perguntar atónito a Luísa o que era aquilo, «rolos de esteira no corredor?»

Ela pôs-se a rir, pousou-lhe as mãos sobre os ombros:

— Foi a pobre Juliana que pediu como uma esmola a esteira, que o soalho estava podre. Até a queria pagar, e que eu lha descontasse nas soldadas. Ora por uma ridicularia... — E com um gesto compassivo: — Também são criaturas de Deus, não são escravas, filho!

— Magnífico! E que não tardem os espelhos e os bronzes! Mas que mudança foi essa, tu que a não podias ver?

— Coitada! — fez Luísa. — Reconheci que era boa mulher. E como estive tão só dei-me mais com ela. Não tinha com quem falar, fez-me muita companhia. Até quando estive doente...

— Estiveste doente? — exclamou Jorge espantado.

— Oh! três dias, só — acudiu ela — uma constipação. Pois olha que dia e noite não se tirou de ao pé de mim.

Luísa ficou logo com receio que Jorge falasse *na doença*, e Juliana desprevenida negasse; por isso, nessa tarde, ao escurecer, chamou-a ao quarto:

— Eu disse ao Sr. Jorge que você me tinha feito muito boa companhia numa doença... — E o seu rosto abrasava-se de vergonha.

Juliana logo, risonha, contente da

cumplicidade:

— Fico entendida, minha senhora! Pode estar sossegada!

Com efeito Jorge, ao outro dia, depois do café, voltou-se para Juliana, e com bondade:

— Parece que você fez boa companhia à Sr.ª D. Luísa.

— Fiz o meu dever — exclamou, curvando-se com a mão no peito.

— Bem, bem — fez Jorge, remexendo no bolso. E ao sair da sala meteu-lhe na mão meia libra.

— Palerma! — rosnou ela.

Foi nessa semana que começou a queixar-se a Luísa «que a roupa e os vestidos, na arca, se lhe amarfanhavam...» Estava-se-lhe a estragar tudo! Se ela tivesse dinheiro, não vinha com aqueles

pedidos à senhora, mas... Enfim uma manhã declarou terminantemente que precisava uma cómoda.

Luísa sentiu uma raiva acender-lhe o sangue, e sem levantar os olhos do bordado:

— Uma meia cómoda?

— Se a senhora quer fazer o favor, então uma cómoda inteira...

— Mas você tem pouca roupa — disse Luísa. Começava a instalar-se na humilhação e já regateava as condescendências.

— Tenho sim, minha senhora — replicou Juliana — mas vou agora completar-me!

A cómoda foi comprada em segredo, e introduzida ocultamente. Que dia de felicidade para Juliana! Não se

fartava de lhe saborear o cheiro da madeira nova! Passava a mão, com a tremura de uma carícia, sobre o polimento luzidio!... Forrou-lhe as gavetas de papel de seda, e *começou a completar-se*.

***

Foram semanas de amargura para Luísa.

Juliana entrava no quarto todas as manhãs, muito cumprimentadeira, começava a arrumar, e de repente, com uma voz lamentosa:

— Ai! Estou tão falta de camisas! Se a senhora me pudesse ajudar...

Luísa ia às suas gavetas cheias, cheirosas, e começava melancolicamente a pôr à parte as peças mais usadas.

Adorava a sua roupa branca: tinha tudo às dúzias, com lindas marcas, *sachets* para perfumar; e aquelas dádivas dilaceravam-na como mutilações! Juliana por fim já pedia com secura, com direito:

— Que bonita que é esta camisinha! — dizia simplesmente. — A senhora não a quer, não?

— Leve, leve! — dizia Luísa sorrindo, por orgulho, para não se mostrar violentada.

E todas as noites Juliana fechada no seu quarto, encruzada na esteira, inchada de alegria, com o candeeiro sobre uma cadeira, desmarcava roupa, desfazendo as duas letras de Luísa, marcando regaladamente nas suas, a linha vermelha, enormes — *J. C. T.* — Juliana Couceiro Tavira!

Mas enfim cessou, porque, como ela dizia, «de roupa branca estava como um ovo».

— Agora, se a senhora me quiser ajudar com alguma coisa para sair...

E Luísa começou a *vesti-la*.

Deu-lhe um vestido roxo.de seda, um casaco de casimira preta, com bordados a *soutache*. E receando que Jorge estranhasse as generosidades, transformava-as para ele as não reconhecer: mandou tingir de castanho o vestido, ela mesmo por sua mão pôs uma guarnição de veludo no casaco. Trabalhava para ela, agora! — Como acabaria tudo aquilo, santo Deus?

Todavia Jorge um domingo disse ao jantar, rindo:

— Esta Juliana anda uma janota!

Prospera a olhos vistos.

D. Felicidade, à noite, também notou:

— Que chique! Nem uma criada do Paço!

— Coitada! Coisas que ela aproveita...

Prosperava, com efeito! Não punha na cama senão lençóis de linho. Reclamara colchões novos, um tapete para os pés da cama, felpudo! Os *sachets* que perfumavam a roupa de Luísa iam passando para a dobra das suas calcinhas. Tinha cortinas de cassa na janela, apanhadas com velhas fitas de seda azul; e sobre a cómoda dois vasos da Vista Alegre dourados! Enfim um dia santo, em lugar da cuia de retrós, apareceu com um *chignon* de cabelo!

Joana pasmava daquelas tafularias. Atribuía-as à bondade da senhora, e ressentia-se de ser «esquecida». Um dia mesmo, que Juliana estreara uma sombrinha, disse diante de Luísa, com uma voz de despeito:

— Para umas tudo, para outras nada!...

Luísa riu, acudiu:

— Tolices! Eu sou a mesma pra todas.

Mas refletiu: Joana podia ter desconfianças também, ter ouvido *alguma coisa* a Juliana... E logo ao outro dia, para a conservar contente e amiga, deu-lhe dois lenços de seda, depois dois mil reis para um vestido; e daí por diante nunca lhe recusou licença para sair à noitinha *a casa de uma tia*...

A Joana ia por toda a parte falando da «senhora, que era um anjo». Na rua, de resto, tinha-se notado o luxo de Juliana. Sabia-se do «quarto novo», dizia-se baixo que tinha alcatifa! O Paula decidira, com indignação, «que ali positivamente havia marosca». Mas Juliana uma tarde, diante do Paula e da estanqueira, explicou, acalmou as suspeitas.

— Ora! Dizem que tenho isto e aquilo. Não é tanto! Tenho as minhas comodidades. Mas também a maneira como eu lhes tratei a tia, de dia e de noite, sem arredar pé... Por mais que façam não me pagam, que arruinei a minha saúde!

Assim se justificou a prosperidade de Juliana. Era a família agradecida, dizia-se; tratavam-na como parenta!

E, pouco a pouco, a casa do engenheiro teve para os criados da vizinhança a vaga sedução de um paraíso: dizia-se que as soldadas eram enormes, havia vinho à discrição, recebiam-se presentes todas as semanas, ceava-se todas as noites caldo de galinha! Cada um invejava aquela «pechincha». Pela inculcadeira, a fama da «casa do engenheiro» alargou-se. Criou-se uma legenda.

Jorge, atónito, recebia todos os dias cartas de pessoas oferecendo-se para criados de quarto, criadas de dentro, cozinheiros, escudeiros, governantas, cocheiros, guarda-portões, ajudantes de cozinha... Citavam as casas titulares de que tinham saído; pediam audiência; suspeitando certas coisas, uma bonita

criada de quarto juntou a sua fotografia; um cozinheiro trouxe uma carta de empenho do diretor-geral do Ministério.

— Estranho caso! — dizia Jorge, pasmado. — Disputam-se a honra de me servir! Imaginarão que me saiu a sorte grande?

Mas não dava muita atenção àquela singularidade. Vivia então muito ocupado: andava escrevendo o seu relatório; e todos os dias saía ao meio-dia, voltava às seis, com rolos de papéis, mapas, brochuras, fatigado, berrando pelo jantar, radiante.

Contou o caso, todavia, rindo, um domingo à noite. O conselheiro observou logo:

— Com o bom génio de D. Luísa com o seu, Jorge, neste bairro saudável,

numa casa sem escândalos, sem questões de família, toda virtude, é natural que a criadagem menos favorecida aspire a uma posição tão agradável.

— Somos os amos ideais! — disse Jorge, batendo muito alegre no ombro de Luísa.

A casa, com efeito, tornava-se «agradável». Juliana exigira que o jantar fosse mais largo (para ter uma parte sua, sem sobejos), e como era boa cozinheira vigiava os fogões, provava, ensinava pratos à Joana.

— Esta Joana é uma revelação — dizia Jorge — vê-se-lhe crescer o talento!...

Juliana, bem alojada, bem alimentada, com roupa fina sobre a pele, colchões macios, saboreava a vida: o seu

temperamento adoçara-se naquelas abundâncias; depois, bem aconselhada pela tia Vitória, fazia o seu serviço com um zelo minucioso e hábil. Os vestidos de Luísa andavam cuidados, como relíquias. Nunca os peitilhos de Jorge tinham resplandecido tanto! O sol de outubro alegrava a casa, muito asseada, de uma pacatez de abadia. Até o gato engordava.

***

E no meio daquela prosperidade — Luísa definhava-se. Até onde iria a tirania de Juliana? — era agora o seu terror. E como a odiava! Seguia-a por vezes com um olhar tão intensamente rancoroso, que receava que ela se voltasse subitamente, como ferida pelas

costas. E via-a satisfeita, cantarolando a «Carta Adorada», dormindo em colchões tão bons como os seus, pavoneando-se na *sua* roupa, reinando na *sua* casa! Era justo, justos céus?

Às vezes vinha-lhe uma revolta, torcia os braços, blasfemava, debatia-se na sua desgraça, como nas malhas de uma rede; mas, não encontrando nenhuma solução, recaía numa melancolia áspera — em que o seu génio se pervertia. Seguia com satisfação a amarelidão crescente das feições de Juliana; tinha esperanças no aneurisma; não rebentaria um dia, o demónio?

E diante de Jorge tinha de a elogiar.

A vida pesava-lhe. Apenas ele pela manhã saía e fechava a cancela, logo

as suas tristezas, os seus receios lhe desciam sobre a alma, devagar, como grandes véus espessos que se abatem lugubremente; não se vestia então até às quatro, cinco horas, e com o roupão solto, em chinelas, despenteada, arrastava o seu aborrecimento pelo quarto. Vinham-lhe, por momentos, de repente, desejos de fugir, ir meter-se num convento! A sua sensibilidade muito exaltada, impeli-la-ia decerto a alguma resolução melodramática — se a não retivesse, com a força de uma sedução permanente, o seu amor por Jorge. Porque o amava agora, imensamente! Amava-o com cuidados de mãe, com ímpetos de concubina... Tinha ciúmes de tudo, até do Ministério, até do relatório! Ia interrompê-lo a cada momento, tirar-lhe a pena da mão,

reclamar o seu olhar, a sua voz; e os passos dele no corredor davam-lhe o alvoroço dos amores ilegítimos...

De resto ela mesma se esforçava por desenvolver aquela paixão, achando nela a compensação inefável das suas humilhações. Como lhe viera *aquilo?* Porque sempre o amara, decerto, reconhecia-o agora — mas não tanto, não tão exclusivamente! Nem ela sabia. Envergonhava-se mesmo, sentindo vagamente naquela violência amorosa pouca dignidade conjugal: suspeitava que o que tinha era apenas um *capricho.* Um capricho por seu marido! Não lhe parecia rigorosamente casto... Que lhe importava, de resto? Aquilo fazia-a feliz, prodigiosamente. Fosse o que fosse, era delicioso!

Ao princípio a ideia do *outro* pairava constantemente sobre este amor, pondo um gosto infeliz em cada beijo, um remorso em cada noite. Mas pouco a pouco esquecera-o tanto, o *outro* — que a sua recordação, quando por acaso voltava, não dava mais amargor à nova paixão, que um torrão de sal pode dar às águas de uma torrente. Que feliz que seria — se não fosse a *infame*!

***

Era a *infame* que se sentia feliz! Às vezes só no seu quarto, punha-se a olhar em redor com um riso de avaro: desdobrava, batia os vestidos de seda; punha as botinas em fileira, contemplando-as de longe, extática; e

debruçada sobre as gavetas abertas da cómoda contava, recontava a roupa branca, acariciando-a com o olhar de posse satisfeita. — Como a da «piorrinha»! — murmurava, afogada em júbilo.

— Ai! Estou muito bem! — dizia ela à tia Vitória.

— Quem duvida que estás! A carta não te rendeu um conto de reis, mas olha que te trouxe um par de regalos. E é que há de ser uma pingadeira: há de ser a boa peça de linho, o bom adereço, boas moedas... E ainda muito obrigada por cima. Carda-a, filha, carda-a!

Mas já havia pouco que *cardar*. E lentamente Juliana começou apensar que, agora, o que devia era *gozar*. Se tinha bons colchões — para que se havia de

levantar cedo? Se tinha bons vestidos — porque não havia de ir espairecer para a rua? Toca a tirar partido!

Uma manhã que estava mais frio deixou-se ficar na cama até às nove horas, com as janelas entreabertas, um bom raio de sol na esteira. Depois explicou, secamente, que tinha estado com a dor. Daí a dois dias Joana, às dez horas, veio dizer baixo a Luísa:

— A Sr.ª Juliana ainda está na cama, está tudo por arrumar.

Luísa ficou aterrada. O quê? Teria de sofrer os seus desmazelos, como sofrera as suas exigências?

Foi ao quarto dela:

— Então você levanta-se a estas horas?

— Foi o que me recomendou o

médico — replicou a outra, muito insolente.

E daí por diante Juliana poucas vezes se erguia antes da hora de servir o almoço. Luísa pediu logo a Joana que fizesse «o serviço por ela»: era por pouco tempo, a pobre criatura andava tão adoentada! E para acomodar a cozinheira deu-lhe meia moeda, para a ajuda de um vestido.

Juliana depois, sem pedir licença, começou a sair. Quando voltava tarde, para o jantar, não se desculpava!

Um dia Luísa não se conteve, disse-lhe, vendo-a passar no corredor a calçar as luvas pretas:

— Você vai sair?

Ela respondeu, muito atrevidamente.

— É como vê. Fica tudo arrumado, tudo o que é minha obrigação. — E abalou, batendo os tacões.

Ora, não lhe faltava mais nada senão estar a constranger-se por causa da «piorrinha»!

Joana começava a resmungar: — Passa a sua vida na rua a Sr.ª Juliana, e eu é que aguento...

— Se você estivesse doente, também ninguém lhe ia à mão — acudia Luísa, aflita, quando percebia estas revoltas. E presenteava-a. Dava-lhe mesmo vinho e sobremesa.

Havia agora um desperdício na casa. Os róis cresciam. Luísa andava sucumbida. — Como acabaria tudo aquilo?

Os desleixos de Juliana iam-se

tornando graves.

Para sair mais cedo fazia apenas o essencial. Era Luísa que acabava de encher os jarros, que levantava muitas vezes a mesa do almoço, que levava para o sótão roupa suja que ficava pelos cantos...

Um dia Jorge, que entrara às quatro horas, viu por acaso a cama por fazer. Luísa apressou-se a dizer que «Juliana saíra, mandara-a ela à modista».

Daí a dias, eram seis horas, ainda não tinha voltado para servir o jantar. «Tinha ido à modista...», explicou Luísa.

— Mas se a Juliana é unicamente para ir à modista, então toma-se outra criada para fazer o serviço da casa — disse ele.

Àquelas palavras secas Luísa fez-

se pálida, duas lágrimas rolaram-lhe pela face.

Jorge ficou pasmado. Que era? Que tinha? Luísa não se dominou, rompeu num choro nervoso, histérico.

— Mas que é, minha filha, que tens? Zangaste-te?...

Ela não podia responder, sufocada. Jorge fez-lhe respirar vinagre de *toilette*, beijou-a muito.

Só quando o choro acalmou é que ela pôde dizer, com voz soluçada:

— Falaste-me tão secamente, e eu estou tão nervosa...

Ele riu, chamou-lhe tontinha, limpou-lhe as lágrimas — mas ficou inquieto.

Já então lhe notara certas tristezas, abatimentos inexplicáveis, uma

irritabilidade nervosa... Que seria?

Para que Jorge não tornasse a surpreender os desleixos. Luísa começou a completar todas as manhãs os arranjos. Juliana percebeu logo; e muito tranquilamente decidiu-se a «deixar-lhe de cada vez mais com que se entreter». Ora não varria, depois não fazia a cama; enfim, uma manhã não vazou as águas sujas. Luísa foi espreitar no corredor que Joana não descesse, não a visse, e fez ela mesmo os despejos! Quando veio ensaboar as mãos, as lágrimas corriam-lhe pelo rosto. Desejava morrer!... A que tinha chegado!...

D. Felicidade, um dia, tendo entrado de repente, surpreendera-a a varrer a sala.

— Que eu o faça — exclamou —

que tenho só uma criada, mas tu!...

A Juliana tinha tanto que engomar...

— Ai! Não lhe tires serviço do corpo, que não to agradece, E ainda se ri por cima! Se a pões em maus costumes!... Que aguente, que aguente!

Luísa sorriu, disse:

— Ora, por uma vez na vida!

***

A sua tristeza aumentava cada dia.

Refugiava-se então no amor de Jorge como na sua única consolação. A noite trazia-lhe a sua desforra: Juliana a essa hora dormia; não via a sua cara medonha; não a receava; não tinha de a elogiar; não trabalhava por ela! Era *ela*

mesma, era Luísa, como dantes! Estava na sua alcova, com o seu marido, fechada por dentro, livre! Podia viver, rir, conversar, ter até apetite! E trazia com efeito às vezes marmelada e pão para o quarto — para fazer uma ceiazinha!

Jorge estranhava-a. — Tu de noite és outra — dizia. Chamava-lhe «ave noturna». Ela ria em saia branca pelo quarto, com os braços nus, o colo nu, o cabelo num rolo; e passarinhava, cantarolava, chalrava — até que Jorge lhe dizia:

— Passa da uma hora, filha!

Despia-se então rapidamente, caía-lhe nos braços.

Mas que acordar! Por mais clara que estivesse a manhã, tudo lhe parecia vagamente pardo. A vida sabia-lhe mal.

Vestia-se devagar, com repugnância — entrando no seu dia como numa prisão.

Perdera agora toda a esperança de se libertar! Às vezes ainda lhe vinha, como um relâmpago, a vontade «de contar tudo a Sebastião, tudo». Mas quando o via, com o seu olhar honesto, abraçar Jorge, rirem ambos, e irem fumar o seu cachimbo, e ele tão cheio sempre de admiração por ela, parecia-lhe mais fácil sair para a rua, pedir dinheiro ao primeiro homem que encontrasse — que ir a Sebastião, ao íntimo de Jorge, ao melhor amigo da casa, dizer-lhe: — Escrevi uma carta a um homem, a criada roubou-ma! — Não, antes morrer naquela agonia de todos os dias, e ter ela mesma, de rastos, de lavar as escadas! Às vezes refletia, pensava: «Mas com que conto eu?» Não

sabia. Com o acaso, com a morte de Juliana... E deixava-se viver, gozando como um favor cada dia que vinha, sentindo vagamente, a distância, alguma coisa de indefinido e de tenebroso onde se afundaria!

Por esse tempo Jorge começou a queixar-se que as suas camisas andavam mal engomadas. A Juliana positivamente «perdia a mão». Um dia mesmo zangou-se: chamou-a, e atirando-lhe uma camisa toda amarrotada:

— Isto não se pode vestir, está indecente!

Juliana fez-se amarela, cravou em Luísa um olhar chamejante; mas, com os beiços trémulos, desculpou-se: «A goma era má, fora já trocá-la», etc.

Apenas, porém, Jorge saiu, veio

como uma rajada ao quarto, fechou a porta e pôs-se a gritar — que a senhora sujava um ror de roupa, o senhor um ror de camisas, que se não tivesse alguém que a ajudasse não podia dar aviamento!... Quem queria negras trazia-as do Brasil!

— E não estou para aturar o génio de seu marido, percebe a senhora? Se quer é arranjar quem me ajude.

Luísa disse simplesmente:

— Eu a ajudarei.

Tinha agora uma resignação muda, sombria, aceitava tudo!

Logo no fim da semana houve uma grande trouxa de roupa: e Juliana veio dizer que se a senhora passasse, ela engomava. Senão, não!

Estava um dia adorável, Luísa tencionava sair... Pôs um roupão, e, sem

uma palavra, foi buscar o ferro.

Joana ficou atónita.

— Então a senhora vai engomar?

— Há uma carga, e a Juliana só não pode aviar tudo, coitada!

Instalou-se no quarto dos engomados — e estava laboriosamente passando a roupa branca de Jorge, quando Juliana apareceu, de chapéu.

— Você vai sair? — exclamou Luísa.

— É o que eu vinha dizer à senhora. Não posso deixar de sair. — E abotoava as luvas pretas.

— Mas as camisas, quem as engoma?

— Eu vou sair — disse a outra secamente.

— Mas, cos diabos, quem engoma

as camisas?

— Engome-as a senhora! Olha a sarna!

— Infame! — gritou Luísa. Atirou o ferro para o chão, saiu impetuosamente.

Juliana sentiu-a ir pelo corredor aos soluços.

Pôs-se logo a tirar o chapéu e as luvas, assustada. Daí a um momento ouviu a cancela da rua bater com força. Veio ao quarto, viu o roupão de Luísa arremessado, a chapeleira tombada. Onde teria ido? Queixar-se à polícia? Procurar o marido? Cos diabos! Fora estúpida, com o génio! Arrumou depressa o quarto, foi-se pôr a engomar, com o ouvido à escuta, muito arrependida. Onde diabo teria ido? Devia ter cuidado! Se a impelisse a fazer algum despropósito, quem perdia? Ela,

que teria de sair de casa, deixar o seu quarto, os seus regalos, a sua posição! Safa!

***

Luísa saíra, como louca. Na rua da Escola um *coupé* passava, vazio: atirou-se para dentro, deu ao cocheiro a morada de Leopoldina. Leopoldina devia ter voltado do Porto, queria vê-la, precisava dela, sem saber para quê... Para desabafar! Pedir-lhe uma ideia, um meio de se vingar! Porque a vontade de se libertar daquela tirania era agora menor que o desejo de se vingar daquelas humilhações. Vinham-lhe ideias insensatas! Se a envenenasse! Parecia-lhe que sentiria um prazer delicioso em a ver

torcer-se com vómitos dilacerantes, uivando de agonia, largando a alma!

Galgou as escadas de Leopoldina; a campainha ficou a retinir muito tempo do puxão da sua mão febril.

A Justina apenas a viu foi a gritar pelo corredor:

— É a Sr.ª D. Luísa, minha senhora, é a Sr.ª D. Luísa!

E Leopoldina, despenteada, com um roupão escarlate de grande cauda, correu estendendo os braços:

— És tu! Que milagre é este? Eu levantei-me agora! Entra cá pró quarto. Está tudo desarranjado, mas não importa. Mas que é isto, que é isto?

Abriu as janelas, que estavam ainda cerradas. Havia um forte cheiro de vinagre de *toilette;* a Justina tirava à

pressa uma bacia de latão, com água ensaboada; toalhas sujas arrastavam; sobre uma jardineira tinham ficado da véspera os rolos de cabelo, o colete, uma chávena com um fundo de chá cheio de pontas de cigarro. E Leopoldina corria o transparente, dizendo:

— Ora graças a Deus que honras esta casa, minha fidalga!...

Mas vendo o rosto perturbado de Luísa, os seus olhos vermelhos de lágrimas:

— Que é? Que tens tu? Que sucedeu?

— Um horror, Leopoldina! — exclamou, apertando as mãos.

A outra foi fechar a porta, rapidamente.

— Então?

Mas Luísa chorava sem responder. Leopoldina olhava-a, petrificada.

— A Juliana apanhou-me umas cartas! — disse enfim por entre soluços. — Quer seiscentos mil reis! Estou perdida... Tem-me martirizado... Quero que me digas, vê se te lembras... Estou como doida. Sou eu que faço tudo em casa... Morro, não posso! — E as lágrimas redobravam.

— E as tuas joias?

— Valem duzentos mil reis. E Jorge, que lhe havia eu de dizer?

Leopoldina ficou um momento calada, e olhando em roda de si, abrindo os braços:

— Tudo o que eu tenho, no prego, minha filha, dá vinte libras!...

Luísa murmurava, limpando os

olhos:

— Que expiação esta, santo Deus, que expiação!

— Que diz a carta?

— Horrores! Estava doida... É uma minha, duas dele.

— De teu primo?

Luísa disse «sim», com a cabeça, lentamente.

— E ele?

— Não sei! Está em França, nunca me respondeu.

— Pulha! Como tas apanhou, a mulher?

Luísa contou rapidamente a história do «sarcófago» e do cofre.

— Mas tu também, Luísa, atirar uma carta dessas! Oh mulher, isso é medonho!

E Leopoldina pôs-se a passear pelo quarto, arrastando a longa cauda do roupão escarlate: os seus grandes olhos negros, excitados, pareciam procurar um meio, um expediente... Murmurava:

— A questão é de dinheiro...

Luísa prostrada no sofá, repetia:

— A questão é de dinheiro!

Então Leopoldina, parando bruscamente diante dela:

— Eu sei quem te dava o dinheiro!...

— Quem?

— Um homem.

Luísa ergueu-se, espantada:

— Quem?

— O Castro.

— O de óculos?

— O de óculos.

Luísa fez-se muito corada.

— Oh Leopoldina! — murmurou. E depois de um silêncio, rapidamente: — Quem to disse?

— Sei-o eu. Disse-o ele ao Mendonça. Sabes que eram unha e carne. Que te dava tudo o que tu lhe pedisses! Disse-lho mais de uma vez.

— Que horror! — exclamou Luísa subitamente indignada. — E tu propões-me semelhante coisa? — o seu olhar, sob as sobrancelhas franzidas, dardejava de cólera. Ir com um homem por dinheiro! Tirou o chapéu, violentamente, com as mãos trémulas, arremessou-o para a jardineira, e com passos rápidos pelo quarto: — Antes fugir, ir para um convento, ser criada, apanhar a lama das ruas!

— Não te exaltes, criatura! Quem te diz isso? Talvez o homem te emprestasse o dinheiro, desinteressadamente...

— Acreditas tu?

Leopoldina não respondeu: com a cabeça baixa, fazia girar os anéis nos dedos.

— E quando fosse outra coisa? — exclamou de repente. — Era um conto de reis, eram dois, estavas salva, estavas feliz!

Luísa sacudia os ombros, indignada daquelas palavras — dos seus próprios pensamentos, talvez!

— É indecente! É horrível! — dizia.

Ficaram caladas.

— Ah! fosse eu!... — disse

Leopoldina.

— Que fazias?

— Escrevia ao Castro, que viesse e com dinheiro!

— Isso és tu! — exclamou Luísa, arrebatadamente.

Leopoldina fez-se escarlate sob a camada de pó de arroz.

Mas Luísa atirou-lhe os braços ao pescoço:

— Perdoa-me, perdoa-me! Estou doida, não sei o que digo!...

Começaram ambas a chorar, muito nervosas.

— Tu zangaste-te! — dizia Leopoldina cortada de soluços. — Mas é pra teu bem. É o que me parece melhor. Se eu pudesse dava-te o dinheiro... Fazia tudo. Acredita!

E abrindo os braços, indicando o seu corpo com um impudor sublime:

— Seiscentos mil reis! Se eu valesse tanto dinheiro, tinha-lo amanhã!

Nós de dedos bateram à porta.

— Quem é?

— Eu — disse uma voz rouca.

— É meu marido. O animal ainda hoje não despegou de casa... Não posso abrir. Logo.

Luísa limpava os olhos, à pressa, punha o chapéu.

— Quando voltas? — perguntou Leopoldina.

— Quando puder, senão escrevo-te.

— Bem. Eu vou pensar, vou esquadrinhar...

Luísa agarrou-lhe o braço:

— E disto, nem palavra.

— Doida!

***

Saiu. Foi subindo devagar até ao Largo de S. Roque. A porta da Igreja da Misericórdia estava aberta, com o seu largo reposteiro vermelho de armas bordadas que o vento agitava brandamente. Veio-lhe um desejo de entrar. Não sabia para quê; mas parecia-lhe que depois da excitação apaixonada em que vibrara, o fresco silêncio da igreja a acalmaria. E depois sentia-se tão infeliz que se lembrou de Deus! Necessitava alguma coisa de superior, de forte a que se amparar. Foi-se ajoelhar ao pé de um altar, persignou-se, rezou o padre-nosso,

depois a salve-rainha. Mas aquelas orações, que ela recitava em pequena, não a consolavam; sentia que eram sons inertes que não iam mais alto no caminho do Céu que a sua mesma respiração; não as compreendia bem, nem se aplicavam ao seu caso: Deus por elas, nunca poderia saber o que ela pedia, ali, prostrada na aflição. Quereria falar a Deus, abrir-se toda a Ele: mas com que linguagem? Com as palavras triviais, como se falasse a Leopoldina! Iriam as suas confidências tão longe, que O alcançassem? Estaria Ele tão perto, que a ouvisse? E ficou ajoelhada, os braços moles, as mãos cruzadas no regaço, olhando as velas de cera tristes, os bordados desbotados do frontal, a carinha rosada e redonda de um Menino Jesus!

Lentamente perdeu-se num cismar que ela não dirigia, que se formava e se movia no seu cérebro, com a flutuação de um fumo que se eleva. Pensava no tempo tão distante, em que, por melancolia e por sentimentalidade, frequentava mais as igrejas. Ainda a mamã vivia então; e ela, com o coração quebrado, quando o *outro*, Basílio, lhe escrevera, rompendo, procurava dissipar a sua tristeza nas consolações da devoção. Uma amiga sua, a Joana Silveira, fora por esse tempo professar a França: e ela às vezes lembrava-se de partir também, ser irmã de caridade, levantar os feridos nos campos de batalha, ou viver na paz de uma cela mística! Que diferente a sua vida teria sido — desta agora tão alvoroçada de cólera, e tão carregada de pecado!... Onde

estaria? Longe, nalgum mosteiro antigo, entre arvoredos escuros, num vale solitário e contemplativo: na Escócia, talvez, país que ela sempre amara desde as suas leituras de Walter Scott. Podia ser nas verde-negras terras de Lamermoor ou de Glencoe, nalguma velha abadia saxónica. Em redor os montes cobertos de abetos, esbatidos nas névoas, isolam aqueles retiros numa paz funerária: num céu saudoso, as nuvens passam devagar, com recolhimento: nenhum som festivo quebra a meiga taciturnidade das coisas: revoadas de corvos cortam à tarde o ar num voo triangular. Ali viveria entre as monjas de alta estatura e olhar céltico, filhas de duques normandos, ou de lordes de clãs convertidos a Roma; leria livros doces e cheios das coisas do Céu; sentada

na estreita janela da sua cela, veria passar nas matas baixas os altos paus dos veados, ou pelas tardes vaporosas escutaria o som distante da *bagpipe*, que vai tristemente tocando o pastor que vem dos vales de Calendar: e todo o ar estaria cheio do murmúrio choroso e gotejante dos fios de água, que por entre as relvas escuras caem de rocha em rocha!

Ou então seria outra existência mais regalada, no convento pacato de uma boa província portuguesa. Ali os tetos são baixos; as paredes caiadas faíscam ao sol, com as suas gradezinhas devotadas; os sinos repicam no vivo ar azul; em roda, nos campos de oliveiras que dão azeite para o convento, raparigas varejam a azeitona cantando; no pátio lajeado de uma pedra miudinha as mulas do

almocreve, sacudindo a mosca, batem com a ferradura; matronas cochicham ao pé da roda; um carro chia na estrada empoeirada e branca; galos cacarejam, brilhando ao sol; e freiras gordinhas, de olho negro, chalram nos frescos corredores.

Ali viveria, engordando, com uma quebrazinha de sono à hora do coro, bebendo copinhos de licor de rosa no quarto da madre-escrivã, copiando receitas de doces com uma letra garrafal; morreria velha, ouvindo as andorinhas cantar à beira da sua grade; e o senhor bispo na sua visita, com a pitada nos seus dedos brancos, ouviria sorrindo da boca da madre-abadessa a história edificante da sua santa morte...

Um sacristão que passava

escarrou fortemente; e, como um bando de pássaros que se calam a um ruído brusco, todos os seus sonhos fugiram. Suspirou, ergueu-se devagar, foi indo para casa, triste.

Foi Juliana quem veio abrir, e logo no corredor, com a voz suplicante e baixa:

— A senhora por quem é perdoe, que depois estava doida! Estava com a cabeça perdida, não tinha dormido nada toda a noite. Fiquei muito aflita...

Luísa não respondeu, entrou na sala. Sebastião, que vinha jantar, tocava a «Serenata de Don Juan» — e apenas ela apareceu:

— Donde vem, tão pálida?

— Debilidade, Sebastião, venho da igreja...

Jorge entrava no escritório com uns papéis na mão.

— Da igreja! — exclamou. — Que horror!

11

Foi por esse tempo que, num sábado, o «Diário do Governo» publicou a nomeação do conselheiro Acácio ao Grau de Cavaleiro da Ordem de Sant'Iago, atendendo aos seus grandes merecimentos literários, às obras publicadas de reconhecida utilidade, e mais partes...

Na noite seguinte, ao entrar em casa de Jorge, todos o cercaram, felicitando-o com alarido; o conselheiro, depois de os abraçar um por um, numa pressão nervosa e comovida, caiu no sofá, exausto, e murmurou:

— Não o esperava tão cedo da real munificência! Não o esperava tão

cedo! — E acrescentou, pondo a mão espalmada sobre o peito: — Direi como o filósofo: esta condecoração é o melhor dia da minha vida!

E convidou logo Jorge, Sebastião e Julião para um jantar na quinta-feira, «um. modesto jantar de rapazes, no seu humilde tugúrio, para festejarem a régia graça».

— Às cinco e meia, meus bons amigos!

Na quinta-feira, os três, que se tinham encontrado na Casa Havanesa, eram introduzidos por uma rapariguita vesga, suja como um esfregão, na sala do conselheiro. Um vasto canapé de damasco amarelo ocupava a parede do fundo, tendo aos pés um tapete onde um chileno roxo caçava ao laço um búfalo cor de

chocolate; por cima uma pintura tratada de tons cor de carne e cheia de corpos nus cobertos de capacetes representava o valente Aquiles arrastando Heitor em torno dos muros de Troia. Um piano de cauda, mudo e triste sob a sua capa de baeta verde, enchia o intervalo das duas janelas. Sobre uma mesa de jogo, entre dois castiçais de prata, uma galguinha de vidro transparente galopava; e o objeto em que se sentia mais o calor do uso era uma caixa de música de dezoito peças!

O conselheiro recebeu-os, com o hábito de Sant'lago sobre a lapela do fraque preto. Havia outro sujeito na sala, o Sr. Alves Coutinho. Era picado das bexigas, tinha a cabeça muito enterrada nos ombros; quando o seu olhar parvo se fixava nas pessoas, com pasmo, o seu

bigode pelado arreganhava-se logo por hábito, num sorriso alvar que mostrava uma boca medonha cheia de dentes podres; falava pouco, esfregava sempre as mãos, concordava em tudo; havia nele o ar de um deboche banal e de um embrutecimento antigo. Era um empregado do Ministério do Reino, ilustre pela sua boa letra.

Daí a pouco entrou a figura conhecida do Savedra, redator do «Século». A sua face branca parecia mais balofa; o bigode muito preto reluzia de brilhantina; as lunetas de ouro acentuavam o seu tom oficial: trazia ainda no queixo o pó de arroz que lhe pusera momentos antes o barbeiro; e a mão, que escrevia tanta banalidade e tanta mentira, vinha aperreada numa luva nova, cor de gema

de ovo!

— Estamos todos! — disse com júbilo o conselheiro. E curvando-se: — Bem-vindos, meus amigos! Estamos talvez mais à vontade no meu quarto de estudo! Por aqui. Há um degrau, cuidado! Eis o meu *sanctum sanctorum*!

Numa saleta muito espanejada, a que as cortinas de cassa, a luz de duas janelas de peitoril e o papel claro davam um aspeto alvadio estava a larga escrivaninha de trabalho, com um tinteiro de prata, os lápis muito aparados, as réguas bem dispostas. Via-se o sinete de armas do conselheiro, pousado sobre a Carta Constitucional ricamente encadernada. Encaixilhada, na parede, pendia a carta régia que o nomeara conselheiro; defronte uma litografia de el-

rei; e sobre uma mesa, era eminente o busto em gesso de Rodrigo da Fonseca Magalhães, tendo no alto da cabeça uma coroa de perpétuas — que ao mesmo tempo o glorificava e o chorava.

Julião pusera-se logo a examinar a livraria.

— Prezo-me de ter os autores mais ilustres, amigo Zuzarte! — disse com orgulho o conselheiro.

Mostrou-lhe a «História do Consulado e do Império», as obras de Delille, o «Dicionário da Conversação», a ediçãozinha bojuda da «Enciclopédia Roret», o «Parnaso Lusitano». Falou dos seus trabalhos; e acrescentou que, vendo ali reunidas pessoas de tão subida ilustração, desejaria muito ler-lhes algumas das provas que estava revendo

do seu novo livro — «Descrição das Principais Cidades do Reino e Seus Estabelecimentos», para ouvir a opinião deles, desassombrada e severa!

— Se não acham maçada...

— Prazer, Conselheiro, prazer!

Escolheu então, «como mais própria para dar ideia da importância do trabalho», a página relativa a Coimbra. Assoou-se, colocou-se no meio da saleta, de pé, com as folhas na mão, e, com uma voz cheia, gestos pousados, leu:

— «Reclinada molemente na sua verdejante colina, como odalisca em seus aposentos, está a sábia Coimbra, a Lusa Atenas. Beija-lhe os pés, segredando-lhe de amor, o saudoso Mondego. E em seus bosques, no bem conhecido salgueiral, o rouxinol e outras aves canoras soltam seus

melancólicos trilos. Quando vos aproximais pela estrada de Lisboa, onde outrora uma bem organizada mala-posta fazia o serviço que o progresso hoje encarregou à fumegante locomotiva, vede-la branquejando, coroada do edifício imponente da Universidade, asilo da sabedoria. Lá campeia a torre com o sino, que em sua folgazã linguagem a mocidade estudiosa chama a *cabra*. Para além logo uma copada árvore vos atrai as vistas: é a celebrada *árvore dos Dórias*, que dilata seus seculares ramos no jardim de um dos membros desta respeitável família. E avistais logo sentados nos parapeitos da antiga ponte, em seus inocentes recreios, os briosos moços, esperança da pátria, ou requebrando galanteios com as ternas camponesas que passam reflorindo de

mocidade e frescura, ou revolvendo em suas mentes os problemas mais árduos de seus bem elaborados compêndios...»

— Está a sopa na mesa — veio dizer uma criada, de avental branco, muito nutrida.

— Muito bem, Conselheiro, muito bem! — disse logo o Savedra do «Século», erguendo-se. — É admirável!

Declarou para os lados com autoridade «que o estilo era digno de um Rebelo ou de um Latino, e que realmente estava-se precisando muito em Portugal de uma obra daquele quilate...» E pensava baixo: «Grandíssima cavalgadura!...» O que era a sua apreciação genérica de todas as obras contemporâneas — excetuando os seus artigos no «Século».

— Que lhe pareceu, meu bom

amigo? — perguntou baixo o conselheiro a Julião, passando-lhe a mão sobre o ombro. — Mas uma opinião desafrontada, meu Zuzarte!

— Senhor Conselheiro — disse Julião com uma voz profunda — tenho-lhe inveja! — E as suas lunetas escuras fixavam-se com uma preocupação crescente num xaile-manta pardo, que a um canto cobria cuidadosamente, a julgar pelas saliências, altas pilhas de livros. Que seria? — Tenho-lhe inveja! — repetiu. — E outra coisa, Conselheiro, não se me dava de lavar as mãos.

Acácio levou-o ao seu quarto, e retirou-se discretamente. Julião, sempre curioso, observou, surpreendido, duas grandes litografias aos lados da cama — um «Ecce Homo» e a «Virgem das Sete

Dores». O quarto era esteirado, o leito baixo e largo. Abriu então a gavetinha da mesa de cabeceira, e viu, espantado, uma touca e o volume brochado das poesias obscenas de Bocage! Entreabriu os cortinados fechados, e teve a consolação de verificar que havia sobre o travesseiro duas fronhazinhas chegadas de um modo conjugal e terno!

Apenas ele saiu do quarto, limpando as unhas com o lenço, o conselheiro conduziu-os à sala de jantar, dizendo, jovialmente:

— Não esperem o festim de Lúculo: é apenas o modesto passadio de um humilde filósofo!

Mas o Alves Coutinho extasiou-se sobre a abundância das travessas de doce; havia creme crestado a ferro de engomar,

um prato de ovos queimados, aletria com as iniciais do conselheiro desenhadas a canela.

— É um grande dia para Sebastião! — disse Jorge.

O Alves Coutinho voltou-se para Sebastião, esfregando as mãos, com um riso na face amarela:

— É cá dos meus, hem? Gosta do belo doce! Também me pelo, também me pelo!...

Houve então um silêncio. As colheres de prata, remexendo devagar a sopa muito quente, agitavam os longos canudos brancos e moles do macarrão.

O conselheiro disse:

— Não sei se gostarão da sopa. Eu adoro o macarrão!

— Gosta do macarrão? — acudiu

o Alves.

— Muito, meu Alves. Lembra-me a Itália! — E acrescentou: — País que sempre desejei ver. Dizem-me que as suas ruínas são de primeira ordem. Pode ir trazendo o cozido, Sr.ª Filomena... — Mas detendo-a, com um gesto grave: — Perdão, com franqueza, preferem o cozido ou o peixe? É um pargo.

Houve uma hesitação, Jorge disse:

— O cozido talvez.

E o conselheiro com afeto:

— O nosso Jorge opina pelo cozido.

— Também estou pela sua! — exclamou o Alves Coutinho, voltado para Jorge, com o olho afogado em reconhecimento: — O cozidinho!

E o conselheiro, que julgava do

seu dever dar à conversação nobreza e interesse, disse, limpando devagar o bigode da gordura da sopa:

— Dizem-me que é muito liberal a Constituição da Itália!

Liberal! Segundo Julião, se a Itália fosse liberal, devia ter há muito expulso a coronhadas o Papa, o Sacro Colégio e a Sociedade de Jesus!

O conselheiro pediu, com bondade, a benevolência do amigo Zuzarte para o «chefe da Igreja».

— Não — explicou — que eu seja um sectário do *Syllabus*. Não que eu queira ver os Jesuítas entronizados no seio da família! Mas — e a sua voz tornou-se profunda — o respeitável prisioneiro do Vaticano é o vigário de Cristo! Meu Sebastião, sirva o arroz!

Não havia que estranhar aquelas opiniões católicas do conselheiro, ia observando Julião, porque tinha duas imagens de santos pendentes à cabeceira da cama...

A calva de Acácio fez-se rubra. O Savedra do «Século» exclamou com aboca cheia:

— Não o sabia carola, Conselheiro!

Acácio, aflito, suspendeu o trinchador sobre o paio escarlate, e acudiu:

— Eu peço ao meu Savedra que não tire desse facto ilações erradas. Os meus princípios são bem conhecidos. Não sou ultramontano, nem faço votos pelo restabelecimento da perseguição religiosa. Sou liberal. Creio em Deus.

Mas reconheço que a religião é um freio...

— Para os que o precisam — interrompeu Julião.

Riram; o Alves Coutinho torcia-se. O conselheiro interdito respondeu, devagar, dispondo na travessa as rodelas do paio:

— Não o precisamos nós decerto, que somos as classes ilustradas. Mas precisa-o a massa do povo, Sr. Zuzarte. Senão veríamos aumentar a estatística dos crimes.

E o Savedra do «Século», erguendo as sobrancelhas, com a fisionomia muito séria:

— Pois olhe que diz uma grandíssima verdade. — Repetiu a máxima, modificando-a: — A religião é um bridão! — Fazia com o gesto o

esforço de conter uma mula. E pediu mais arroz. Devorava.

O conselheiro continuava, explicando:

— Como dizia, sou liberal, mas entendo que algumas litografias ou gravuras, alusivas ao mistério da Paixão, têm o seu lugar num quarto de cama, e inspiram de certo modo sentimentos cristãos. Não é verdade, meu Jorge?

Mas o Savedra interrompeu ruidosamente, com a face acesa numa jovialidade libertina:

— Eu, num quarto de dormir, as únicas pinturas que admito são uma bela ninfa nua, ou uma bacante desenfreada!

— Isso, isso! — bradou o Alves Coutinho. A boca dilatava-se-lhe numa admiração sensual. — Este Savedra! Este

Savedra! — E baixo para Sebastião: — Tem um talento! Tem um talento!

O conselheiro voltou-se para Julião, e puxando o guardanapo para o estômago:

— Espero que não sejam esses os painéis imorais que se veem no seu gabinete de estudo.

Julião emendou:

— No meu cubículo. Ah! não, Conselheiro! Tenho apenas duas litografias — uma é um homem sem pele para representar o sistema arterial, â outra é o mesmo indivíduo igualmente sem pele para se ver o sistema nervoso...

O conselheiro teve com a sua mão branca um vago gesto enojado, e exprimiu a opinião, que na medicina, aliás uma grande ciência!, havia coisas bastante

asquerosas. Assim, ouvira dizer que nos teatros anatómicos, os estudantes de ideias mais avançadas levavam o seu desprezo pela moral até atirarem uns aos outros, brincando, pedaços de membros humanos, pés, coxas, narizes...

— Mas é como quem mexe em terra, Conselheiro! — disse Julião, enchendo o copo. — É matéria inerte!

— E a alma, Sr. Zuzarte?... — exclamou o conselheiro. Fez um gesto de vaga reticência; e julgando tê-lo aniquilado com aquela palavra suprema, abriu para Sebastião um sorriso cortês e protetor:

— E que diz o nosso bondoso Sebastião?

— Estou a ouvir, senhor Conselheiro.

— Não dê ouvidos a estas doutrinas! — Com o garfo mostrava a figura biliosa de Julião. — Mantenha a sua alma pura. São perniciosas. Que o nosso Jorge (o que é de lamentar num homem estabelecido e empregado do Estado) também vai um pouco para estas exagerações materialistas!

Jorge riu; afirmou que sim, que tinha essa honra...

— Então o Conselheiro quer que eu, um engenheiro, um estudante de matemática, acredite que há almas que vivem no Céu, com asinhas brancas, túnicas azuis, e tocando instrumentos?

O conselheiro acudiu:

— Não, instrumentos não! — E como apelando para todos: — Não creio que tivesse falado em instrumentos. Os

instrumentos são uma exageração. São, podemos dizê-lo, táticas do partido reacionário...

Ia fulminar a doutrina ultramontana — mas a Sr.ª Filomena colocou-lhe diante a travessa com a perna de vitela assada. Compenetrou-se logo do seu dever, afiou o trinchador com solenidade, foi cortando fatias finas, com a testa muito franzida como na aplicação de uma função grave. Então Julião, pousando os cotovelos sobre a mesa, e escabichando os dentes com a unha, perguntou:

— E o Ministério, cai ou não cai?

Sebastião ouvira dizer no vapor de Almada, de tarde, que «a situação estava firme».

Mas o Savedra esvaziou o copo, limpou os beiços e declarou que em duas

semanas «estavam em terra». Nem aquele escândalo podia continuar! Não tinham a mais pequena ideia de governo. Nem a mais leve! Assim, por exemplo, ele... — E meteu as mãos nos bolsos, firmando-se nas costas da cadeira. — Ele tinha-os apoiado, não é verdade? E com lealdade. Porque era leal! Sempre o fora em política! Pois bem, não lhe tinham despachado o primo recebedor de Aljustrel, tendo-lhe prometido!, e nem lhe tinham dado uma satisfação. Assim não era possível fazer política! Era uma coleção de idiotas!

Jorge alegrava-se que viessem outros; talvez lhe dessem de novo a sua comissão no Ministério; e ele o que queria era estar quieto ao seu cantinho...

O Alves Coutinho calava-se, com

prudência, engolindo buchas de pão.

— Eu que caiam, ou que fiquem — disse Julião — que venham estes, ou que venham aqueles... Obrigado, Conselheiro — e recebeu o seu prato de vitela -— ... é-me inteiramente indiferente. É tudo a mesma podridão! — O país inspirava-lhe nojo; de cima a baixo era uma choldra: e esperava breve que, pela lógica das coisas, uma revolução varresse a porcaria...

— Uma revolução! — fez o Alves Coutinho, assustado, com olhares inquietos para os lados, coçando nervosamente o queixo.

O conselheiro sentara-se, e disse então:

— Eu não quero entrar em discussões políticas, só servem para

dividir as famílias mais unidas, mas só lhe lembrarei, Sr. Zuzarte, uma coisa, os excessos da Comuna...

Julião recostou-se, e com uma voz muito tranquila:

— Mas onde está o mal, senhor Conselheiro, se fuzilarmos alguns banqueiros, alguns padres, alguns proprietários obesos e alguns marqueses caquéticos! Era uma limpezazinha!... — E fazia o gesto de afiar a faca.

O conselheiro sorriu, cortesmente; tomava como um gracejo aquela saída sanguinária.

O Savedra porém interpôs-se, com autoridade:

— Eu no fundo sou republicano...

— E eu — disse Jorge.

— E eu — fez o Alves Coutinho,

já inquieto. — Contem-me a mim também!

— Mas — continuou Savedra — sou-o em princípio. Porque o princípio é belo, o princípio é ideal! Mas a prática? Sim, a prática? — E voltava para todos os lados a sua face balofa.

— Sim, na prática! — exclamava o Alves Coutinho, em eco admirativo.

— A prática é impossível! — declarou o Savedra. E encheu a boca de vitela.

O conselheiro então resumiu:

— A verdade é esta: o país está sinceramente abraçado à família real... Não acha, meu bom Sebastião? — Dirigia-se a ele, como proprietário e possuidor de inscrições.

Sebastião, interpelado, corou, declarou que não entendia nada de

política; havia todavia factos que o afligiam; parecia-lhe que os operários eram mal pagos; a miséria crescia; os cigarreiros, por exemplo, tinham apenas de nove a onze vinténs por dia, e, com família, era triste...

— É uma infâmia — disse Julião, encolhendo os ombros.

— E há poucas escolas — observou timidamente Sebastião.

— É uma torpeza! — insistiu Julião.

O Savedra calava-se, ocupado com o alimento; tinha desabotoado a fivela do colete; espalhava-se-lhe no rosto gordo uma cor de enfartação, e sorria vagamente, inchado.

— E os idiotas de S. Bento?... — exclamou Julião.

Mas o conselheiro interrompeu-o:

— Meus bons amigos, falemos de outra coisa. É mais digno de portugueses e de súbditos fiéis.

E voltando-se logo para Jorge, quis saber como ficara a interessante D. Luísa.

Estava um pouco adoentada havia dias — disse Jorge. — Mas não era nada, mudança de estação, um bocadito de anemia...

O Savedra pousando o copo, e cumprimentando:

— Tive o prazer de a ver este verão quase todas as manhãs por minha casa — disse. — Ia para os lados de Arroios. Às vezes de trem, às vezes a pé...

Jorge pareceu um pouco surpreendido; mas o conselheiro ia

dizendo quanto lhe pesava não ter o prazer de a ver partilhar daquele modesto repasto; como celibatário porém... não tendo uma esposa para fazer as honras...

— E é o que eu admiro, Conselheiro — observou Julião — é que tendo uma casa tão confortável, não se tenha casado, não se tenha dado o conchego de uma senhora...

Todos apoiaram. Era verdade! O conselheiro devia-se ter casado.

— São graves, perante Deus e perante a sociedade, as responsabilidades de um chefe de família — considerou ele.

Mas enfim — disseram — é o estado mais natural. E depois, que diabo, às vezes havia de se sentir só! E numa doença! Sem contar a alegria que dão os filhos!...

O conselheiro objetou: «Os anos, as neves da fronte...».

Também ninguém lhe dizia que fosse casar com uma rapariga de quinze anos! Não, era arriscado. Mas com uma pessoa de certa idade que tivesse atrativos, cuidados de interior... Era mesmo moral.

— Porque enfim, Conselheiro, a Natureza é a Natureza! — disse Julião com malícia.

— Há muito, meu amigo, que se apagou dentro em mim o fogo das paixões.

Ora qual! Era um fogo que nunca se extinguia! Que diabo! era impossível que o conselheiro, apesar dos seus cinquenta e cinco, fosse indiferente a uns belos olhos pretos, a umas formas redondas!...

O conselheiro corava. E o Savedra declarou, com um circunlóquio pudico, que nenhuma idade se eximia à influência de Vénus. — Toda a questão é nos gostos — disse. — Aos quinze anos gosta-se de uma matrona cheia, aos cinquenta de um frutozinho tenro... Pois não é verdade, amigo Alves?

O Alves arregalou os olhos concupiscentes, e fez estalar a língua.

E o Savedra continuou:

— Eu, a minha primeira paixão foi uma vizinha, mulher de um capitão de navios, mãe de seis filhos, e que não cabia por aquela porta. Pois senhores, fiz-lhe versos, e a excelente criatura ensinou-me um par de coisas agradáveis... Deve-se começar cedo, não é verdade? — E voltou-se para Sebastião.

Quiseram então saber as opiniões de Sebastião — que se fez escarlate.

Por fim, muito solicitado, disse com timidez:

— Eu acho que se deve casar com uma rapariga de bem, e estimá-la toda a vida...

Aquelas palavras simples produziram um curto silêncio. Mas o Savedra, reclinando-se, classificou uma tal opinião de «burguesa»; o casamento era um fardo; não havia nada como a variedade...

E Julião expôs dogmaticamente:

— O casamento é uma fórmula administrativa, que há de um dia acabar... — De resto, segundo ele, a fêmea era um ente subalterno; o homem deveria aproximar-se dela em certas épocas do

ano (como fazem os animais, que compreendem estas coisas melhor que nós), fecundá-la, e afastar-se com tédio.

Aquela opinião escandalizou a todos, sobretudo o conselheiro, que a achou «de um materialismo repugnante».

— Essas fêmeas para quem é tão severo, Sr. Zuzarte — exclamava ele — essas fêmeas são nossas mães, nossas carinhosas irmãs, a esposa do Chefe de Estado, as damas ilustres da nobreza...

— São o melhor bocadinho deste vale de lágrimas — interrompeu com fatuidade o Savedra, dando palmadinhas sobre o estômago. Dissertou então sobre as mulheres. O que sobretudo lhes exigia era um bonito pé; não havia nada como um pezinho catita! E a todas preferia a mulher espanhola!

O Alves votava pelas francesas: citava algumas do café-concerto, criaturas de fazer perder a cabeça!... E injetavam-se-lhe os olhos.

O Savedra disse com um trejeito hostil:

— Sim, para um bocado de cancã... Para o cancã não há como as francesas... Mas muito chupistas!

O conselheiro afirmou, ajeitando as lunetas:

— Viajantes instruídos têm-me afiançado que as inglesas são notáveis mães de família...

— Mas frias como esta madeira — disse o Savedra, batendo na mesa. — Mulheres de gelo! — e reclamava espanholas! Queria fogo! Queria *salero!* Tinha o olho brilhante do vinho: a comida

acendia-lhe o sentimento!

— Uma bela *gaditana*, hem, amigo Alves?

Mas em presença dos doces que a Sr.ª Filomena dispôs sobre a mesa, o Alves Coutinho esquecera as mulheres, e, voltado para Sebastião, discutia gulodices. Indicava as especialidades: para os folhados, o Cocó! para as natas, o Baltreschi! para as gelatinas, o Largo de S. Domingos! Dava receitas; contava proezas de lambarice, revirando os olhos.

— Porque — dizia — o docinho e a mulherzinha é o que me toca cá por dentro a alma!

Era: todo o tempo que não dedicava ao serviço do Estado, dividia-o, com solicitude, entre as confeitarias e os lupanares.

Savedra e Julião discutiam a imprensa. O redator do «Século» gabava a profissão de jornalista — quando a gente, já se sabe, tem alguma coisa de seu; mais tarde ou mais cedo apanha-se um nicho, não é verdade? Depois as entradas nos teatros, a influência nas cantoras. Sempre se é um bocado temido...

E o conselheiro, cortando os ovos queimados, saboreando as alegrias da convivência, dizia a Jorge:

— Que maior prazer, meu Jorge, que passar assim as horas entre amigos, todos de reconhecida ilustração, discutir as questões mais importantes, e ver travada uma conversação erudita?... Parecem excelentes os ovos.

A Sr.ª Filomena, então, com solenidade, veio colocar-lhe ao pé uma

garrafa de champanhe.

O Savedra pediu logo para a abrir, porque o fazia com muito chique. E apenas a rolha saltou, e, no silêncio que criou a cerimónia, se encheram os copos, o Savedra, que ficara de pé, disse:

— Conselheiro!

Acácio curvou-se pálido.

— Conselheiro, é com o maior prazer que bebo, que todos bebemos, à saúde de um homem que — e arremessando o braço, deu um puxão ao punho da camisa com eloquência — pela sua respeitabilidade, a sua posição, os seus vastos conhecimentos, é um dos vultos deste país. À sua saúde, Conselheiro!

— Conselheiro! Conselheiro! Amigo Conselheiro!

Beberam com ruído. Acácio, depois de limpar os beiços, passou a mão trémula pela calva, levantou-se comovido, e começou:

— Meus bons amigos! Eu não me preparei para esta circunstância. Se o soubesse de antemão, teria tomado algumas notas. Não tenho a verbosidade dos Rodrigues ou dos Garretts, E sinto que as lágrimas me vão embargar a voz...

Falou então de si, com modéstia: reconhecia, quando via na capital tão ilustres parlamentares, oradores tão sublimes, tão consumados estilistas, reconhecia que era um zero! — E com a mão erguida formava no ar, pela junção do polegar e do indicador, um 0: um zero! Proclamou o seu amor à pátria: que amanhã as instituições ou a família real

precisassem dele — e o seu corpo, a sua pena, o seu modesto pecúlio, tudo oferecia de bom grado! Queria derramar todo o seu sangue pelo Trono! — E, prolixo, citou o «Eurico», as instituições da Bélgica, Bocage e passagens dos seus prólogos. Honrou-se de pertencer à Sociedade Primeiro de dezembro... — Nesse dia memorável — exclamou — eu mesmo ilumino as minhas janelas, sem o luxo dos grandes estabelecimentos do Chiado, mas com uma alma sincera!

E terminou dizendo: — Não esqueçamos, meus amigos, como portugueses, de fazer votos pelo ilustre monarca, que deu às neves da minha fronte, antes de descerem ao túmulo, a consolação de se poderem revestir com o honroso hábito de Sant’lago! Meus

amigos, à família real! — E ergueu o copo. — À família-modelo, que, sentada ao leme do Estado, dirige, cercada dos grandes vultos da nossa política, dirige... — procurou o fecho; havia um silêncio ansioso — dirige... — através das lunetas negras, os seus olhos cravavam-se, à busca da inspiração, na travessa da aletria — dirige... — coçou a calva, aflito; mas um sorriso clareou-lhe o aspeto, encontrara a frase; e estendendo o braço: — dirige abarca da governação pública com inveja das nações vizinhas! À família real!

— À família real! — disseram com respeito.

O café foi servido na sala. As velas de estearina punham uma luz triste naquela habitação fria; o conselheiro foi

dar corda à caixa de música; e, ao som do coro nupcial da «Lucia», ofereceu em redor charutos.

— E a Sr.ª Adelaide pode trazer os licores — disse à Filomena.

Viram então aparecer uma bela mulher de trinta anos, muito branca, de olhos negros e formas ricas, com um vestido de merino azul, trazendo numa bandeja de prata, onde tremelicavam copinhos, a garrafa de conhaque e o frasco de curaçao.

— Boa moça! — rosnou com o rosto aceso o Alves Coutinho.

Julião quase lhe tapou a boca com a mão. E falando-lhe ao ouvido, olhando o conselheiro, recitou:

Não ouses, temerário, erguer teus olhos

Para a mulher de César!

E enquanto se bebia o curaçao, Julião pé ante pé dirigiu-se ao escritório, e foi erguer a ponta do xaile-manta pardo que tanto o preocupava; eram rumas de livros brochados, atadas com guitas — as obras do conselheiro intactas!

Quando Jorge entrou, às onze horas, Luísa já deitada lia, esperando-o.

Quis saber do jantar do conselheiro.

Excelente, contou Jorge, começando a despir-se. Gabou muito os vinhos. Tinha havido *speechs*... E de repente:

É verdade, onde ias tu a Arroios?

Luísa passou devagar as mãos sobre o rosto para lhe cobrir a alteração.

Disse bocejando ligeiramente:

— A Arroios?

— Sim. O Savedra, um sujeito que estava em casa do Conselheiro, diz que te via passar todos os dias por lá, de trem e a pé.

— Ah! — fez Luísa, depois de tossir — ia ver a Guedes, uma rapariga que andou comigo no colégio, que tinha chegado do Porto. A Silva Guedes!

— Silva Guedes!... — disse Jorge refletindo. — Imaginei que estava secretário-geral em Cabo Verde!

— Não sei. Estiveram aí um mês no verão. Moravam a Arroios. Ela estava doente, coitada: eu ia lá às vezes. Mandava-me pedir para ir lá. Põe essa luz fora, está-me a fazer impressão.

Queixou-se então que toda a tarde

estivera esquisita. Sentia-se fraca, e com uma pontinha de febre...

***

E nos dias seguintes não se achou melhor. Queixava-se ainda vagamente de peso na cabeça, mal-estar... Uma manhã mesmo ficou de cama. Jorge não saiu, inquieto, querendo já mandar chamar Julião. Mas Luísa insistiu que «não era nada, um bocadito de fraqueza, talvez...»

Foi também a opinião de Juliana, em cima na cozinha.

— Que aquela senhora é fraca; ah há coisa do peito — disse com importância.

Joana, que estava debruçada sobre o fogão, acudiu logo:

— O que ela é, é uma santa!...

Juliana cravou-lhe nas costas um olhar rancoroso. E com um risinho:

— A Sr.ª Joana diz isso como se as outras fossem uma peste.

— Que outras?

— Eu, vossemecê, e mais gente...

Joana sempre remexendo nas panelas sem se voltar:

— Olhe, outra não encontra vossemecê, Sr.ª Juliana! Uma senhora que lhe deixa fazer tudo o que quer, e faz ela mesmo o serviço! Noutro dia andava a despejar as águas. É uma santa!

Aquele tom hostil de Joana exasperou-a; mas conteve-se; apesar da sua *posição* na casa, dependia dela para os caldinhos, os bifes, os petiscos; tinha diante dela a vaga timidez respeitosa das

constituições franzinas pelos corpos possantes; pôs-se a dizer com uma voz tortuosa, ambígua:

— Ora! são génios! Gosta de arrumar. Ah, lá isso deve-se dizer, é senhora de muita ordem. Mas gosta, gosta de trabalhar. Às vezes basta-lhe ver um bocadinho de pó, agarra logo no espanador... É génio. Tenho visto outras assim... — E punha a cabeça de lado, franzindo os beiços.

— O que ela é, é uma santa — repetiu a Joana.

— É gênio! Está sempre numa labutação. Eu nunca saio sem deixar tudo num brinco. Pois senhores, nunca está satisfeita. Até noutro dia, lá em baixo a passar a roupa... Eu ia a sair, pois tirei logo p chapéu, e não consenti... Olhe, quer

que lhe diga? falta de cuidados, não ter filhos... Que ela não lhe falta nada...

Calou-se, remirou o pé, e com satisfação:

— Nem a mim — disse reclinando-se na cadeira.

A Joana pôs-se a cantarolar. Não queria «questões». Mas ultimamente achava «tudo aquilo fora dos eixos», a Juliana sempre na rua, ou metida no quarto a trabalhar para si, sem se importar, deixando tudo ao deus-dará, e a pobre senhora a varrer, a passar, a emagrecer! Não, ali havia coisa! Mas o seu Pedro, que ela consultara, disse-lhe com finura, retorcendo o buço: — Elas lá se entendem! Trata tu de gozar, e não te importes com a vida dos outros. A casa é boa, toca a tirar partido!

Mas Joana sentia «lá por dentro» a crescer-lhe uma embirração pela Sr.ª Juliana. Tinha-lhe asca pelas tafularias, pelos luxos do quarto, pelas passeatas todo o dia, pelos modos de madama; não se recusava a fazer-lhe o serviço, porque isso lhe rendia presentinhos da senhora; mas, quê, tinha-lhe birra! O que a consolava era a ideia de que um piparote desfazia aquela magrizela, e ia tirando partido da casa, também. O Pedro tinha razão...

Juliana com efeito, agora, não se constrangia. Depois da «cena da roupa» assustara-se, porque, enfim, o escândalo podia-lhe fazer perder a *posição*, durante alguns dias não saiu, foi cuidadosa: mas quando viu Luísa resignar-se, abandonou-se logo, quase com fervor, às satisfações

da preguiça e às alegriazinhas da vingança. Passeava, costurava fechada no seu quarto, e a «piorrinha» que se arranjasse! Diante de Jorge ainda se continha: temia-o. Mas apenas ele saía! Que desforra! Às vezes estava varrendo ou arrumando — e, mal o sentia fechar a cancela, atirava o ferro, a vassoura, punha-se a panriar. Lá estava a «piorrinha», para acabar!

Luísa, no entanto, passava pior: tinha de repente, sem razão, febres efémeras: emagrecia, e as suas melancolias torturavam Jorge.

Ela explicava tudo pelo nervoso.

— Que será, Sebastião? — era a pergunta incessante de Jorge. E lembrava-se com terror que a mãe de Luísa morrera de uma doença de coração!

Na rua, pela cozinheira, pela tia Joana, sabia-se que a do engenheiro «ia mal». A tia Joana jurava que era solitária. Porque enfim, uma pessoa a quem não faltava nada, com um marido que era um anjo, uma boa casa, todos os seus cómodos — e a esmorecer, a esmorecer... Era a bicha! Não podia ser senão abicha! E todos os dias lembrava a Sebastião que se devia mandar chamar o homem de Vila Nova de Famalicão, que tinha remédio «para a bicha».

O Paula explicava de outro modo.

— Ali anda coisa de cabeça — dizia, franzindo a testa, com o ar profundo. — Sabe o que ela tem, Sr.ª Helena? É muita dose de novelas naquela cachimónia. Eu vejo-a de pela manhã até à noite de livro na mão. Põe-se a ler

romances e mais romances... Aí têm o resultado: arrasada!

Um dia Luísa de repente, sem razão, desmaiou; e quando voltou a si ficou muito fraca, com o pulso sumido, os olhos cavados. Jorge foi logo buscar Julião: encontrou-o muito agitado, porque o concurso era para o dia seguinte, e «sentia cólicas».

Durante todo o caminho não deixou de falar excitadamente da sua tese, do escândalo dos patrocinatos, do barulho que faria se fossem injustos — arrependido agora de não ter «metido mais cunhas»!

Depois de ter examinado Luísa veio dizer, furioso, a Jorge:

— Não tem nada! E vais-me buscar pra isto! Tem anemia, o que todos

temos. Que passeie, que se distraia. Distrações e ferro, muito ferro... E água fria, água fria para cima daquela espinha!

Como eram cinco horas, convidou-se para jantar, deblaterando toda a tarde contra o país, amaldiçoando a carreira médica, injuriando o seu concorrente, e fumando com desespero os charutos de Jorge.

Luísa tomava o ferro, mas recusava as distrações; fatigava-a vestir-se, aborrecia-lhe ir ao teatro... Depois, logo que viu Jorge preocupar-se do seu estado, quis afetar força, alegria, bom humor; e aquele esforço abatia-a extraordinariamente.

— Vamos para o campo, queres tu? — dizia-lhe Jorge desolado, vendo-a esmorecida.

Ela, receando complicações possíveis, não aceitava; não se sentia bastante forte, dizia: onde estava mais confortável que em casa? Depois as despesas, os incómodos...

Uma manhã, que Jorge voltara a casa inesperadamente, encontrou-a em *robe-de-chambre*, com um lenço amarrado na cabeça, varrendo lugubremente.

Ficou à porta atónito:

— Que andas tu a fazer? Andas a varrer?

Ela corou muito, atirou logo a vassoura, veio abraçá-lo.

— Não tinha que fazer... Deu-me a mania da limpeza... Estava aborrecida, além disso faz-me bem, é um exercício.

Jorge, à noite, contou a Sebastião

aquela «tolice de se andar a esfalfar...»

— Uma pessoa que está tão fraca, minha senhora... — observou repreensivamente Sebastião.

Mas não! dizia ela, achava-se bem melhor! Até agora andava muito melhor...

Todavia, quase não falou nessa noite, curvada sobre o seu *crochet*, um pouco pálida: e os seus olhos às vezes erguiam-se com uma fadiga triste, sorrindo silenciosamente, de um modo desconsolado.

Pediu a Sebastião que tocasse alguma coisa do «Requiem» de Mozart. Achava tão lindo! Gostava que lho cantassem na igreja quando ela morresse...

Jorge zangou-se. Que mania de falar em coisas ridículas!

— Mas então, não é possível que eu morra?

— Pois bem, morre e deixa-nos em paz! — exclamou ele furioso.

— Que bom marido! — dizia ela sorrindo a Sebastião. Deixou cair o *crochet* no regaço, pediu-lhe então os «Dezasseis Compassos da Africana». Escutava, com a cabeça apoiada à mão: aqueles sons entravam-lhe na alma com a doçura de vozes místicas que a chamavam: parecia-lhe que ia levada por elas, se desprendia de tudo o que era terrestre e agitado, se achava numa praia deserta, junto ao mar triste, sob um frio luar — e ali, puro espírito, livre das misérias carnais, rolava nas ondulações do ar, tremia nos raios luminosos, passava sobre as urzes nos sopros salgados...

A melancólica atitude do seu corpo abatido enfureceu Jorge.

— Ó Sebastião, fazes-me favor de tocar o fandango, o «Barba-Azul», o «Pirolito», o diabo? Senão, se querem melancolia, eu começo com o cantochão!

E cantou, com um tom fúnebre:

Dies iroe, dies illa,
Solvet soeculum in favilla!...

Luísa riu-se:

— Que doido! Nem pode a gente estar triste...

— Pode! — exclamou Jorge. — Mas então venha a bela tristeza, venha a tristeza completa. — E com uma voz medonha entoou o «Bendito»!

— Os vizinhos hão de dizer que

estamos doidos, Jorge — acudiu ela.

— É justamente o que nós estamos! — E entrou no escritório, atirando com a porta.

Sebastião bateu alguns compassos, e voltando-se para ela, baixo:

— Então que ideias são essas? Que melancolia é essa?

Luísa ergueu os olhos para ele; viu a sua face boa e amiga, cheia de simpatia; ia talvez dizer-lhe tudo numa explosão de dor, mas Jorge saía do escritório. Sorriu, encolheu os ombros, retomou devagar o seu *crochet*.

***

No domingo seguinte, à noite, conversava-se na sala. Julião contara o

seu concurso. Em resumo, estava contente: tinha falado duas horas hem, com precisão, com lucidez.

O Dr. Figueiredo dissera-lhe que «devia ter amenizado um bocado mais...»

— Literatos! — fazia Julião, encolhendo os ombros, com desprezo. — Não podem falar cinco minutos sobre o osso do tornozelo sem trazerem as «flores da primavera» e «o facho da civilização»!

— O português tem a mania da retórica... — disse Jorge.

Nesse momento Juliana entrou na sala, com uma carta.

— Oh! É do Conselheiro!

Ficaram inquietos. Mas Acácio apenas se desculpava de «não poder vir, como prometera na véspera, partilhar do excelente chá de D. Luísa; um trabalho

urgente retinha-o à banca do dever; pedia lembranças aos nossos Sebastião e Julião, e afetuosos respeitos à interessante D. Felicidade».

Uma onda de sangue abrasou o rosto da excelente senhora. Ficou a arfar, toda alterada; mudou duas vezes de cadeira, foi tocar no teclado com um dedo a «Pérola de Ofir»; e enfim, não se dominando, pediu baixo a Luísa «que fossem para o quarto, tinha um segredo...»

Apenas entraram, fechando a porta da sala:

— Que me dizes à carta dele?

— Os meus parabéns — disse Luísa rindo.

— É o milagre! — exclamou D. Felicidade. — Já é o milagre a fazer-se! — E mais baixo: — Mandei o homem, o

que eu te disse, o galego!

Luísa não compreendia.

— O homem a Tui, à mulher de virtude! Levou o meu retrato e o dele. Partiu há uma semana: a mulher naturalmente já começou a enterrar-lhe as agulhas no coração...

— Que agulhas? — perguntou Luísa atónita.

Estavam de pé, junto ao toucador. E D. Felicidade com uma voz misteriosa:

— A mulher faz um coração de cera, cola-o ao retrato do Conselheiro, e durante uma semana à meia-noite crava-lhe uma agulha benta com o preparo que ela tem, e faz as orações...

— E deste o dinheiro ao homem?

— Oito moedas.

— Oh D. Felicidade!

— Ai! não me digas. Que já vês! Que mudança! Daqui a uns dias, baba-se! Ai! Nossa Senhora da Alegria o permita. Nossa Senhora o permita! Que aquele homem traz-me doida. De noite, é cada sonho! Até ando em pecado mortal! E são suores! Mudo de camisa três e quatro vezes!

E ia-se olhando ao espelho: queria convencer-se que as belezas da sua pessoa ajudariam as agulhas da bruxa: alisou o cabelo.

— Não me achas mais magra?

— Não.

— Ai estou, filha, estou! — e mostrou o corpete lasso.

Já fazia planos. Iria passar a lua de mel a Sintra... Os olhos afogavam-se-lhe num fluido lúbrico.

— Nossa Senhora da Alegria o permita. Tenho-lhe duas velas acesas, de dia e de noite...

Mas de repente a voz aflita de Joana bradou da escada da cozinha:

— Minha senhora! Minha senhora, acuda!

Luísa correu, Jorge também, que ouvira na sala o grito. Juliana estava estendida no soalho da cozinha, desmaiada!

— Deu-lhe de repente, deu-lhe de repente! — exclamava Joana, muito branca, a tremer. — Tombou pró lado de repente...

Julião tranquilizou-os logo: era uma síncope, simples. Transportaram-na para a cama. Julião fez-lhe esfregar violentamente com uma flanela quente as

extremidades — e, mesmo antes de Joana atarantada, em cabelo, corresse à botica por um antiespasmódico, Juliana voltava a si, muito fraca. Quando desceram à sala, Julião disse, enrolando o cigarro:

— Não vale nada. São muito frequentes, estas síncopes, nas doenças de coração. Esta é simples. Mas é o diabo, às vezes têm um caráter apoplético, e vem a paralisia; pouco duradoura, sim, porque a efusão de sangue no cérebro é muito pequena, mas enfim, sempre desagradável. — E acendendo o cigarro: — Esta mulher um dia morre-lhes em casa.

Jorge, preocupado, passeava pela sala com as mãos nos bolsos.

— Sempre o tenho dito — acudiu a D. Felicidade, baixando a voz,

assustada. — Sempre o tenho dito. É desfazerem-se dela.

— Além disso o tratamento é incompatível com o serviço — disse Julião. — Enfim, mesmo a engomar roupa se pode tomar digitalis ou quinino; mas é que o verdadeiro tratamento é o repouso, é a absoluta exclusão da fadiga. Que ela um dia se zangue ou que tenha uma manhã de canseira, e pode ir-se!

— E vai adiantada a doença? — perguntou Jorge.

— Pelo que ela diz já tem dificuldade asmática, opressões, uma dor aguda na região cardíaca, flatulência, humidade nas extremidades — o diabo!

— Olha que espiga! — murmurou Jorge, olhando em roda.

— É pô-la na rua! — resumiu D.

Felicidade.

Quando ficaram sós, às onze horas, Jorge disse logo a Luísa:

— Que te parece esta, hem? É necessário descartarmo-nos da criatura. Não quero que me morra em casa!

Ela, sem se voltar, diante do toucador, tirando os brincos, começou a dizer que não se podia mandar também a pobre criatura morrer para a rua... Lembrou vagamente o que ela tinha feito pela tia Virgínia... Ia colocando devagar as suas palavras com a cautela com que se pousa o pé num terreno traiçoeiro. — Podia-se talvez dar-lhe algum dinheiro, que ela fosse viver algures...

Jorge, depois de um silêncio, respondeu:

— Não tenho dúvida em lhe dar

dez ou doze libras, e que se vá, que se arranje!

«Dez ou doze libras!», pensou Luísa com um sorriso infeliz. E à beira do toucador olhava para o seu rosto, ao espelho, com uma indefinida saudade, como se as suas faces devessem dentro em pouco estar cavadas pela aflição, e os seus olhos fatigados pelas lágrimas...

Porque, enfim a *crise* tinha chegado. Se Jorge insistisse em despedir a criatura, ela não podia, sem provocar um espanto e uma explicação, dizer a Jorge: — Não quero que ela saia, quero que ela aqui morra! — E Juliana vendo-se expulsa, desesperada, doente, percebendo que Luísa não a defendia, não a reclamava, vingar-se-ia! Que havia de fazer?

Ergueu-se ao outro dia numa grande agitação, Juliana, muito fatigada, ainda estava na cama. E enquanto Joana punha a mesa, Luísa sentada na *voltaire*, à janela da sala de jantar, lia maquinalmente o «Diário de Notícias», quase sem compreender, quando uma notícia, no alto da página, lhe deu um sobressalto: «Parte além de amanhã para França o nosso amigo e conhecido banqueiro Castro, da firma Castro, Miranda & C.ª. Sua Excelência retira-se dos negócios da praça e vai estabelecer-se definitivamente em França, perto de Bordéus, onde comprou ultimamente uma valiosa propriedade.»

O Castro! O homem que lhe dava dinheiro, o que ela quisesse!, dizia Leopoldina. Partia!... E apesar de ter

achado, desde o primeiro momento, aquele recurso infame, vinha-lhe a seu pesar como uma desconsolação de o ver desaparecer! Porque nunca mais voltaria a Portugal, o Castro!... E de repente uma ideia atravessou-a, que a fez vibrar toda, erguer-se direita, muito pálida. — Se na véspera da partida dele, santo Deus!, se na véspera ela consentisse!... Oh! era horrível! Nem pensar em tal...

Mas pensou — e sentia-se toda fraca contra uma tentação crescente, que se lhe enroscava na alma com carícias persuasivas. É que então estava salva! Dava seiscentos mil reis a Juliana! E o demónio iria morrer para longe!

E ele, o homem, tomaria o paquete! Não teria de corar diante dele; o seu segredo ia para o estrangeiro, tão

perdido como se fosse para o túmulo! — E, além disso, se o Castro tinha uma paixão por ela, era bem possível que lhe emprestasse, sem condições!...

Bom Deus! No dia seguinte podia ter ali na algibeira do seu roupão as notas, o ouro... Porque não? — Porque não? E vinha-lhe um desejo ansioso de se libertar, de viver feliz, sem agonias, sem martírios...

Voltou ao quarto. Pôs-se a remexer no toucador, olhando de lado Jorge que se vestia... A presença dele deu-lhe logo um remorso; ir pedir a um homem dinheiro, consentir nos seus olhares lascivos, nas suas palavras intencionais!... Que horror! — Mas já subtilizava. Era por Jorge, era por ele! Era para lhe poupar o desgosto de saber! Era para o poder amar

livremente, toda a vida, sem receios, sem reservas...

Durante todo o almoço esteve calada. O rosto simpático de Jorge enternecia-a; o *outro* parecia-lhe medonho, odiava-o já!...

Quando Jorge saiu ficou muito nervosa. Ia à janela; o sol parecia-lhe adorável, a rua atraía-a. — Porque não? Porque não?

A voz de Juliana, muito áspera, falou então nas escadas da cozinha; e aquele cantado odioso decidiu-a bruscamente.

Vestiu-se com cuidado: era mulher, quis parecer bonita. — E chegou toda esbaforida a casa de Leopoldina, quando dava meio-dia a S. Roque.

Encontrou-a vestida, esperando o

almoço. E tirando imediatamente o chapéu, instalando-se no sofá, explicou muito claramente a Leopoldina a sua resolução. Queria o dinheiro do Castro. Emprestado ou dado, queria o dinheiro!... Estava numa aflição, devia valer-se de tudo!... Jorge queria despedir a mulher... Tinha medo de uma vingança dela... Queria dinheiro, ali estava!

— Mas assim de repente, filha! — disse Leopoldina, pasmada do seu olhar decidido.

— O Castro vai-se amanhã. Vai para Bordéus, para o Inferno! É necessário fazer alguma coisa, já!

Leopoldina lembrou escrever-lhe.

— O que quiseres... Eu aqui estou!

A outra sentou-se devagar à mesa, escolheu uma folha de papel, e, com o

dedinho no ar, a cabeça de lado, começou a escrevinhar.

Luísa passeava pelo quarto, nervosa. Tinha agora uma resolução teimosa, que a presença de Leopoldina fortificava! Divertia-se, aquela, dançava, ia ao campo, gozava, vivia, sem ter como ela uma tortura a minar-lhe, a estragar-lhe a vida! Ah! não voltaria para casa sem levar na algibeira em boas libras o resgate, a salvação! Ainda que tivesse de servil como as do Bairro Alto! Estava farta das humilhações, dos sustos, das noites cortadas de pesadelos!... Queria saborear, a vida, que diabo!, o seu amor, o seu jantar, sem cuidados, com o coração contente!

— Vê lá — disse Leopoldina, lendo:

«Meu caro amigo

Desejo absolutamente falar-lhe. É um negócio grave. Venha logo que possa. Talvez me agradeça. Espero-o até às três horas, o mais tardar.

Com toda a estima,

Sua amiga
Leopoldina.»

— Que te parece?

— Horrível! Mas está bem... Está muito bem! Risca-lhe o «talvez me agradeça». É melhor.

Leopoldina copiou o bilhete, mandou-o pela Justina, num trem.

— E agora vou almoçar, que me

não tenho nas pernas.

A sala de jantar dava para um saguão estreito. As paredes estavam cobertas de uma pintura medonha, em que grandes manchas verdes semelhavam colinas, e linhas azul-ferrete representavam lagos. Um armário, no ângulo da parede, servia de guarda-louça. As cadeiras de palhinha tinham almofadinhas de paninho vermelho; e na toalha havia nódoas de café da véspera.

— De uma coisa podes tu ter a certeza — dizia Leopoldina, bebendo grandes goles de chá — é que o Castro é um homem pra um segredo!... Se te emprestar o dinheiro, que empresta, daquela boca não sai uma palavra. Lá nisso é perfeito... Olha que foi o amante da Videira, anos!, e nem ao Mendonça,

que é o seu íntimo, disse uma palavra. Nem uma alusão! É um poço.

— Que Videira? — perguntou Luísa.

— Uma alta, de nariz grande, que tem um *landau*.

— Mas passa por uma mulher tão séria...

— Já tu vês! — E com um risinho: — Ai elas passam, passam. Lá passar, passam. A questão é conhecer-lhes os podres, minha fidalga!

E barrando de manteiga grandes fatias de pão, pôs-se a falar complacentemente dos escândalos de Lisboa, a desdobrar o sudário: citava nomes, especialidades, as que, depois de terem «feito o diabo», gastam, numa devoção tardia, o resto de uma velha

sensibilidade; que é por onde elas acabam, algumas é pelas sacristias! As que, cansadas decerto de uma virtude monótona, preparam habilmente o seu «fracasso» numa estação em Sintra ou em Cascais. E as meninas solteiras! Muito pequerrucho por essas amas dos arredores tem o direito de lhes chamar mamã! Outras mais prudentes, receando os resultados do amor, refugiam-se nas precauções da libertinagem... Sem contar as senhoras que, em vista dos pequenos ordenados, completam o marido com um sujeito suplementar! — Exagerava muito; mas odiava-as tanto! Porque todas tinham, mais ou menos, sabido conservar a exterioridade decente que ela perdera, e manobravam com habilidade, onde ela, a tola, tivera só a sinceridade! E enquanto

elas conservavam as suas relações, convites para *soirées*, a estima da corte — ela perdera tudo, era apenas «a Quebrais»!...

Aquela conversação enervava Luísa; numa tal generalidade do vício parecia-lhe que o seu caso, como um edifício num nevoeiro, perdia o seu relevo cruel, se esbatia; e sentindo-o tão pouco visível quase o julgava já justificado.

Ficaram caladas, vagamente entorpecidas por aquele sentimento de uma forte imoralidade geral, onde as resistências, os orgulhos se amolecem, se enlanguescem — como os músculos numa estufa fortemente saturada de exalações mornas.

— Este mundo é uma história —

disse Leopoldina erguendo-se e espreguiçando-se.

— E teu marido onde está? — perguntou Luísa no corredor.

Fora para o Porto. Estavam à vontade, podiam cometer crimes!

E Leopoldina, no quarto, estirando-se no canapé, com o cigarrinho «Laferme» na boca, começou também a queixar -se.

Andava aborrecida há tempos; enfastiava-se, achava tudo secante; queria alguma coisa de novo, de desusado! Sentia-se bocejar por todos os poros do seu corpo...

— E o Fernando, então? — disse distraidamente Luísa, que a cada momento se aproximava da janela.

— Um idiota! — respondeu

Leopoldina com um movimento de ombros, cheio de saciedade e de desprezo.

Não, realmente tinha vontade de outra coisa, não sabia bem de quê! Às vezes lembrava-se fazer-se freira! (E estirava os braços com um tédio mole.) Eram tão sensaborões todos os homens que conhecia!, tão corriqueiros todos os prazeres que encontrara! Queria uma outra vida, forte, aventurosa, perigosa, que a fizesse palpitar — ser mulher de um salteador, andar no mar, num navio pirata... Enquanto ao Fernando, o amado Fernando dava-lhe náuseas! E outro que viesse seria o mesmo. Sentia-se farta dos homens! Estava capaz de tentar Deus!

E, depois de escancarar a boca, num bocejo de fera engaiolada:

— Aborreço-me! Aborreço-me!... Oh Céus!

Ficaram um momento caladas.

— Mas que se lhe há de dizer, a esse homem? — perguntou de repente Luísa.

Leopoldina, soprando o fumo do cigarro, com voz muito preguiçosa:

— Diz-lhe que se precisa um conto de reis, ou seiscentos mil reis... Que se lhe há de então dizer? Que se lhe paga.

— Como?

Leopoldina disse, deitada, com os olhos no teto:

— Em afeto.

— Oh! És horrível! — exclamou Luísa, exasperada. — Vês-me aqui desgraçada, meio doida, dizes que és minha amiga, e estás a rir, a escarnecer...

— A sua voz tremia, quase chorava.

— Mas também que pergunta tão tola! Como se lhe há de pagar?... Tu não sabes?

Olharam-se um momento.

— Não, eu vou-me embora, Leopoldina! — exclamou Luísa.

— Não sejas criança!

Um trem parou na rua. A Justina apareceu. Não encontrara o Sr. Castro em casa, estava no escritório. Fora lá, disse que vinha imediatamente.

Mas Luísa, muito pálida, tinha o chapéu na mão.

— Não — disse Leopoldina, quase escandalizada — tu agora não me deixas aqui com o homem! Que lhe hei de eu dizer?

— É horrível! — murmurou Luísa

com uma lágrima nas pálpebras, deixando cair os braços, solicitada pelo interesse, eneleada pela vergonha, muito infeliz!

— É como quem toma óleo de rícino — disse a outra com um gesto cínico. E acrescentou, vendo o horror de Luísa: — Que diabo! Onde é que está a desonra em pedir dinheiro emprestado? Todo o mundo pede...

Naquele momento outra carruagem, a largo trote, parou.

— Entra tu primeiro! Fala-lhe tu primeiro! — suplicou Luísa, erguendo as mãos para ela.

A campainha retiniu. Luísa, muito trémula, muito branca, olhava para todos os lados com um olhar muito aberto, de susto, de ânsia, como procurando uma ideia, uma resolução ou um recanto para

se esconder! Botas de homem rangeram na esteira da sala ao lado. Leopoldina então disse-lhe baixo, devagar, como para lhe cravar as palavras na alma, uma a uma:

— Lembra-te que daqui a uma hora podes estar salva, com as tuas cartas na algibeira, feliz, livre!

Luísa pôs-se de pé com uma decisão brusca. Foi pôr pó de arroz, alisou o cabelo — e entraram na sala.

Ao ver Luísa, o Castro teve um movimento surpreendido. Curvou-se, com os pés pequeninos muito juntos, inclinando a cabeça grossa, onde os cabelos muito finos e alourados já rareavam.

Sobre o seu ventrezinho redondo, que a perna curta fazia parecer quase pançudo, o medalhão do relógio pousava

com opulência. Trazia na mão um chicote, cujo cabo de prata representava uma Vénus retorcendo os braços. A pele tinha um rubor próspero; o bigode farto terminava em pontas agudas, empastadas em cera-*moustache*, de um aspeto napoleónico. E os seus óculos de ouro tinham um ar autoritário, bancário, amigo da ordem. Parecia contente da vida como um pardal muito farto.

Com que! Era necessário mandá-lo chamar, para que se lhe pusesse a vista em cima — começou logo Leopoldina. E depois de o apresentar a Luísa, «sua íntima, sua amiga de colégio»:

— Que tem feito, porque não tem aparecido?

O Castro repoltreou-se numa cadeira de braços, e batendo com o

chicote nas botas, desculpou-se com os preparativos da partida...

— Sempre é verdade? Deixa-nos?

O Castro curvou-se:

— Além de amanhã. No «Orenoque».

— Então desta vez os jornais não mentiram. E com demora?

— *Per amnia soecula soeculorum.*

Leopoldina pasmava. Deixar Lisboa! Um homem tão estimado, que se podia divertir tanto! — Pois não é verdade? — disse voltando-se para Luísa, para a tirar do seu silêncio embaraçado.

— Com certeza — murmurou ela.

Estava sentada à beira da cadeira, como assustada, pronta a fugir. E os olhares do Castro, insistentes por trás do

reflexo dos óculos, incomodavam-na.

Leopoldina reclinara-se no sofá e ameaçando-o com o dedo erguido:

— Ah! Aí nessa ida pra França anda história de saias!

Ele negou frouxamente, com um sorriso fátuo.

Mas Leopoldina não achava as francesas bonitas — o que era é que tinham muito chique, muita animação...

O Castro declarou-as adoráveis. Sobretudo para a estroinice! Ah! Conhecia-as bem! Enfim, lá como mães de família não dizia. Mas para uma ceia, para um bocado de cancã, não havia outras... — Afirmava-o com convicção, pois, como os burgueses «da sua roda», avaliava doze milhões de francesas por seis prostitutas de café-concerto — que

tinha pago caro e enfastiado imenso!

Leopoldina, para o lisonjear, chamou-lhe estroina!

Ele sorria, deliciando-se, afiando as pontas do bigode.

— Calúnias, calúnias... — murmurava.

E Leopoldina voltando-se para Luísa:

— Comprou uma quinta magnífica em Bordéus, um palácio!...

— Uma choupana, uma choupana...

— E naturalmente vai dar festas magníficas!...

— Modestos chás, modestos chás... — dizia, repoltreando-se.

E riam ambos de um modo muito afetado.

O Castro curvou-se então para

Luísa:

— Tive o gosto de ver Vossa Excelência há tempos na Rua do Ouro...

— Creio que também me lembro — respondeu ela.

E ficaram calados. Leopoldina tossiu, sentou-se mais à beira do sofá, e depois de sorrir:

— Pois eu mandei-o chamar porque temos uma coisa a dizer-lhe.

Castro inclinou-se. O seu olhar não deixava Luísa, percorria-a com atrevimento, palpava-a.

— Aqui está o que é. Eu vou direita às coisas, sem preâmbulos. — E teve outro risinho. — Aqui a minha amiga está num grande apuro, e precisa um conto de reis.

Luísa acudiu com a voz quase

sumida:

— Seiscentos mil reis...

— Isso não importa — disse Leopoldina com uma indiferença opulenta — estamos a falar com um milionário! A questão é esta: quer o meu amigo fazer o favor?

O Castro endireitou-se na cadeira, devagar, e com uma voz arrastada, ambígua:

— Certamente, certamente...

Leopoldina ergueu-se logo:

— Bem. Eu tenho ali no quarto a costureira à espera. Deixo-os falar do negócio.

E à porta do quarto, voltando-se para o Castro, ameaçando-o com o dedo, a voz muito alegre:

— Que o juro seja pequeno, hem?

E saiu, rindo.

O Castro disse logo a Luísa, curvando-se:

— Pois minha senhora, eu...

— A Leopoldina contou-lhe a verdade, estou numa grande aflição de dinheiro. E dirijo-me a si... São seiscentos mil reis... Procurarei pagar o mais depressa...

— Oh minha senhora! — fez o Castro com um gesto generoso. Começou então a dizer que compreendia perfeitamente, todo o mundo tinha os seus embaraços... Lamentava que a não tivesse conhecido há mais tempo... Sempre tivera uma grande simpatia por ela... Uma grande simpatia!...

Luísa calava-se, com os olhos baixos. Ele foi pousar o chicote na

jardineira, veio sentar-se no sofá junto dela. Vendo o seu ar embaraçado, pediu-lhe que não se afligisse. Valia lá a pena por questões de dinheiro! Tinha o maior prazer em servir uma senhora nova, tão interessante... Fizera perfeitamente em se dirigir a ele. Conhecia casos em que senhoras se dirigiam a agiotas que as exploravam, eram indiscretos... — E falando tinha-lhe tomado a mão; o contacto daquela pele apetecida, exaltando-lhe o desejo brutalmente, fazia-o respirar alto; Luísa, toda constrangida, nem retirara a mão; e Castro abrasado, com uma verbosidade um pouco rouca, prometia *tudo, tudo o que ela quisesse!...* Os seus olhinhos arregalados devoravam-lhe o pescoço muito branco.

— Seiscentos mil reis... o que

quiser!...

— E quando? — disse Luísa muito perturbada.

Ele via-lhe o seio arfar — e sob a irrupção de um desejo brutal:

— Já!

Agarrou-a pela cinta, atirou-lhe um beijo voraz, quase lhe mordeu a face.

Luísa ergueu-se com o salto de uma mola de aço.

Mas o Castro escorregara sobre o tapete, de joelhos; e, prendendo-lhe sofregamente os vestidos:

— Dou-lhe o que quiser, mas sente-se! Há anos que tenho uma paixão por si. Escute! — Os seus braços trémulos subiam; envolviam-na, e o que sentia das suas formas inflamava-o.

Luísa, sem ruído, repelia-lhe as

mãos, recusava-se.

— O que quiser! Mas ouça! — balbuciava ele puxando-a violentamente para si. A concupiscência brutal dava-lhe uma respiração de touro.

Então, com um puxão desesperado às saias, ela soltou-se, e recuando aflita:

— Deixe-me! Deixe-me!

O Castro ergueu-se, a bufar, e com os dentes cerrados, os braços abertos, rompeu para ela.

Diante daquela luxúria bestial, Luísa, indignada, agarrou instintivamente de sobre a jardineira o chicote e deu-lhe uma forte chicotada na mão.

A dor, a raiva, o desejo enfureceram-no.

— Seu diabo! — rosnou, rangendo os dentes.

Ia-se arremessar. Mas Luísa então, erguendo o braço, revolvida por uma cólera frenética, atirou-lhe chicotadas rapidamente pelos braços, pelos ombros — muito pálida, muito séria, com uma crueldade a reluzir-lhe nos olhos, gozando uma alegria de desforra em fustigar aquela carne gorda.

O Castro, assombrado, defendia-se vagamente, com os braços diante da cara, recuando; de repente, topou contra a jardineira; o candeeiro de porcelana oscilou, desequilibrou-se, rolou no chão, com estilhaços de louça, e uma nódoa escura de azeite alastrou-se na esteira.

— Aí está! Vê? — disse Luísa toda a tremer, apertando ainda convulsivamente o chicote.

Leopoldina, ao barulho, correu do

quarto.

— Que foi? Que foi?

— Nada, estávamos a brincar — disse Luísa.

Atirou o chicote para o chão, saiu da sala.

O Castro, lívido de raiva, tinha agarrado o chapéu; e fixando terrivelmente Leopoldina:

— Agradecido! Conte comigo quando quiser!

— Mas que foi? Que foi?

— Até à vista! — rugiu o Castro. E indo apanhar o chicote, sacudindo-o ameaçadoramente para o quarto onde Luísa entrara:

— Grande bêbeda! — murmurou com rancor.

E saiu, atirando com as portas.

Leopoldina, atónita, veio encontrar Luísa no quarto a pôr o chapéu, com as mãos ainda trémulas, os olhos muito brilhantes, satisfeita.

— Chegou-me cá uma coisa, e enchi-lhe a cara de chicotadas — disse ela.

Leopoldina esteve um momento a olhá-la petrificada.

— Bateste-lhe?... — E de repente desatou a rir, convulsivamente. — O Castro de óculos, o Castro coberto de chicotadas! O Castro a levar uma coça! — Atirou-se para cima da *chaise-longue*, rolou-se; sufocava. Até já tinha uma pontada. Jesus! O Castro!... Vir a uma casa amiga, levar o tiro de seiscentos mil reis e ser corrido a chicote!... Com o seu próprio chicote!... Oh! Era para

estourar!...

— O pior foi o candeeiro — disse Luísa.

Leopoldina ergueu-se, de salto.

— E o azeite! Ai que agouro! — Correu à sala. Luísa veio encontrá-la diante da nódoa escura, com os braços cruzados, como se visse, toda pálida, catástrofes avizinharem-se. — Que agouro, santo Deus!

— Deita-lhe sal depressa.

— Faz bem?

— Quebra o agouro.

Leopoldina correu a buscar sal; e de joelhos, salgando a nódoa:

— Ai! Nossa Senhora permita que não haja nada mau! Mas que caso este, que caso este! E agora, filha?

Luísa encolheu os ombros.

— Eu sei cá! Sofrer!...

12

Nessa semana, uma manhã, Jorge, que se não recordava que era dia de gala, encontrou a Secretaria fechada, e voltou para casa ao meio-dia. Joana à porta conversava com a velha que comprava os ossos; a cancela em cima estava aberta; e Jorge, chegando despercebido ao quarto, surpreendeu Juliana comodamente deitada na *chaise-longue*, lendo tranquilamente o jornal.

Ergueu-se, muito vermelha, mal o viu, balbuciou:

— Peço desculpa, tinha-me dado uma palpitação tão forte...

— Que se pôs a ler o jornal, hem?... — disse Jorge, apertando

instintivamente o castão da bangala. — Onde está a senhora?

— Deve estar prá sala de jantar — disse Juliana, que se pôs logo a varrer, muito apressada.

Jorge não encontrou Luísa na sala de jantar; foi dar com ela no quarto dos engomados, despenteada, em roupão de manhã, passando roupa, muito aplicada e muito desconsolada.

— Tu estás a engomar? — exclamou.

Luísa corou um pouco, pousou o ferro. — A Juliana estava adoentada, juntara-se uma carga de roupa...

— Diz-me cá: quem é aqui a criada e quem é aqui a senhora?

A sua voz era tão áspera, que Luísa fez-se pálida, murmurou:

— Que queres tu dizer?

— Quero dizer que te venho encontrar a ti a engomar, e que a encontrei a ela lá em baixo muito repimpada na tua cadeira, a ler o jornal!

Luísa, atarantada, abaixou-se sobre o cesto da roupa lavada, começou a remexer, a desdobrar, a sacudir com a mão trémula.

— Tu não podes fazer ideia do que aqui vai por fazer — ia dizendo. — É a limpeza, são os engomados, é um servição. A pobre de Cristo tem estado doente...

— Pois se está doente que vá pró hospital!

— Não, também não tens razão!

Aquela insistência em defender a outra, que se repoltreava em baixo na sua

chaise-longue, exasperou-o:

— Diz cá, tu dependes dela? Havia de dizer que tens medo dela!

— Ah! Se estás com esse génio!... — fez Luísa com os beiços trémulos, uma lágrima já nas pálpebras.

Mas Jorge continuava, muito zangado:

— Não, essas condescendências hão de acabar por uma vez! Ver aquele estafermo, com os pés prá cova, a prosperar em minha casa, a deitar-se nas minhas cadeiras, a passear, e tu a defendê-la, a fazer-lhe o serviço! Ah, não! É necessário acabar com isso. Sempre desculpas! Sempre desculpas! Se não pode que arreie. Que vá pró hospital, que vá pró Inferno!

Luísa lavada em lágrimas

assoava-se, soluçando.

— Bem! Agora choras. Que tens tu? Porque choras?

Ela não respondia, num grande pranto.

— Porque choras, filha? — perguntou ele, com uma impaciência comovida, chegando-se a ela.

— Para que me falas tu assim? — dizia, toda soluçante, limpando os olhos. — Sabes que estou doente, nervosa, e tens mau génio pra mim! O que me sabes dizer são coisas desagradáveis!

— Coisas desagradáveis! Minha filha, eu disse-te lá nada desagradável! — E abraçou-a ternamente.

Mas ela desprendeu-se, e com a voz cortada de soluços:

— Então é algum crime estar a

engomar? Porque trabalho, porque trato das minhas coisas, zangas-te? Querias que eu fosse uma desarranjada? A mulher tem estado doente! Enquanto se não arranja outra, é necessário fazer as coisas... Mas tu falas, falas! Pra me afligir!...

— Estás a dizer tolices, filha. Não estás em ti. Eu o que não quero é que te canses!

— Pra que dizes então que tenho medo dela? — E as lágrimas recomeçavam. — Medo de quê? Porque hei de eu ter medo dela? Que despropósito!

— Pois bem, não digo. Não se fala mais na criatura. Mas não chores... Vá, acabou-se! — Beijou-a. E tomando-a pela cinta, levando-a docemente: — Vá, deixa o ferro agora. Vem! Que criança que tu és!

***

Por bondade, por consideração com os nervos de Luísa, Jorge durante alguns dias não falou na «criatura». Mas pensava nela; e aquele estafermo, com os pés para a cova, em sua casa, exasperava-o. Depois as madracices que lhe percebera, os confortos do quarto que vira na noite em que ela desmaiara, aquela bondade ridícula de Luísa!... Achava aquilo estranho, irritante!... Como estava fora de casa todo o dia, e diante dele Juliana só tinha sorrisos para Luísa, muitas atitudes de afeto, imaginava que ela se soubera insinuar, e, pelas pequenas intimidades de ama a criada, se tornara necessária e estimada. Isso aumentava a

sua antipatia. E não a disfarçava.

Luísa, vendo-o às vezes seguir Juliana com um olhar rancoroso, tremia! Mas o que a torturava era a maneira que Jorge adotara de falar dela com uma veneração irónica: chamava-lhe *a ilustre D. Juliana, a minha ama e senhora.* Se faltava um guardanapo ou um copo, fingia-se espantado: «Como! A D. Juliana esqueceu-se! Uma pessoa tão perfeita!» Tinha gracejos que gelavam Luísa.

— A que sabia o filtro que ela te deu? Era bom?

Luísa agora, diante dele, já nem se atrevia a falar a Juliana com um modo natural; temia os sorrisos malignos, os apartes: — Anda, atira-lhe um beijo, conhece-se na cara que estás com vontade de lho atirar! — E, receando as suspeitas

dele, querendo mostrar-se *independente*, começou, na sua presença, a falar a Juliana com uma dureza brusca, muito afetada. A pedir-lhe água, uma faca, dava à voz inflexões de um rancor postiço.

Juliana, muito fina, tinha percebido tudo, e suportava, calada.

Queria evitar toda a questão que a perturbasse no seu conchego. Sentia-se agora muito mal, e nas noites em que não podia dormir com aflições asmáticas, punha-se a pensar com terror: «Se fosse expulsa daquela casa, para onde iria? Para o hospital!»

Tinha por isso medo de Jorge.

— Ele está morto por me pilhar em desleixo grosso, e descartar-se de mim — dizia ela à tia Vitória — mas não lhe hei de dar esse gosto, ao boi manso!

E Luísa, pasmada, vira-a pouco a pouco recomeçar a fazer todo o serviço, com zelo, aparentemente; e todavia às vezes não podia, vencida pela doença; tinha flatos que a faziam cair numa cadeira, arquejando, com as mãos no coração. Mas reagia. Uma ocasião mesmo vendo Luísa a passar um espanejador pelas *consoles* da sala, zangou-se:

— A senhora faz favor de se não meter no meu serviço! Eu ainda posso! Ainda não estou na cova!

Consolava-se então com regalos de gulodice. Durante todo o dia debicava sopinhas, croquetes, pudinzinhos de batata. Tinha no quarto gelatina e vinho do Porto. Em certos dias mesmo queria caldos de galinha à noite.

— Com o meu corpo o pago —

dizia ela a Joana — que trabalho como uma negra! Arraso-me!

Um dia, porém, que Jorge se irritara mais com a figura amarelada de Juliana, e que estava nervoso, ao achar à noite o jarro vazio e o lavatório sem toalha, enfureceu-se desproporcionadamente.

— Não estou para aturar estes desleixos! Irra! — gritou.

Luísa veio logo, inquieta, desculpar Juliana.

Jorge mordeu o beiço, curvou-se profundamente, e com a voz um pouco trémula:

— Perdão! Esquecia-me que a pessoa de Juliana é sagrada! Eu mesmo vou buscar água!

Luísa então zangou-se: se havia de

estar sempre com aqueles remoques, era mandar a criada embora por uma vez! Imaginava talvez que ela amava de paixão a Juliana? Se a conservava é porque era uma boa criada. Mas se ela se tornava a causa de maus humores, de questões, se ele ganhara tamanho ódio, bem, então que se fosse! Era uma seca aquela ironia constante...

Jorge não respondeu.

E durante a noite Luísa, sem dormir, pensava que aquilo não podia durar! Estava farta! Aturar a mulher, a sua tirania, e ouvir a todo o momento ditinhos, alusões, ah, não!, era de mais! Bastava! Ele começava a desconfiar, a bomba ia estalar! Pois bem, ela mesma chegaria o lume ao rastilho! Ia mandar a Juliana embora! E que mostrasse as cartas,

acabou-se! Se ele a metesse num convento, se se separasse dela, bem! Sofreria, morreria! Tudo, menos aquele martírio reles, às picadinhas, medonho e grotesco!

— Que tens tu? — perguntou Jorge, meio a dormir, sentindo-a inquieta.

— Espertina.

— Coitada! Conta cento e cinquenta pra trás! — e voltou-se enrolando-se comodamente na roupa.

***

Ao outro dia Jorge levantara-se cedo. Devia encontrar-se com o Alonso, o espanhol das minas, e jantar com ele no Gibraltar. Depois de vestido foi à sala de jantar — eram dez horas — e voltou a

dizer a Luísa, com uma cortesia profunda, espaçando as palavras: — Que não estava a mesa posta, que as chávenas do chá da véspera estavam ainda por lavar e que a Sr.ª D. Juliana, a ilustre Sr.ª D. Juliana, tinha saído, a seu passeio!

— Eu disse-lhe ontem à noite que me fosse ao sapateiro... — começou Luísa, que vestia o seu roupão.

— Ah, perdão! — interrompeu Jorge muito cerimoniosamente. — Esquecia-me outra vez que se trata de Juliana, tua ama e senhora! Perdão!

Luísa acudiu logo:

— Não. Tens razão. Tu verás! É preciso pôr um cobro...

Subiu logo à cozinha, desesperada:

— Você porque não pôs a mesa,

Joana, se a outra saiu?

Mas a rapariga não ouvira sair a Sr.ª Juliana! Imaginara que estava pra baixo, prá sala! Como ela agora é que queria fazer tudo!...

Quando Joana trouxe o almoço daí a pouco, Jorge veio sentar-se à mesa, torcendo muito nervosamente o bigode. Levantou-se duas vezes com um sorriso mudo para ir buscar uma colher, o açucareiro. Luísa via-lhe os músculos da face contraídos: mal podia comer, atarantada; a chávena, quando a erguia, tremia-lhe na mão; com os olhos baixos espreitava Jorge às furtadelas, e o seu silêncio torturava-a.

— Tu falaste ontem que ias jantar fora hoje...

— Vou — disse secamente. E

acrescentou: — Graças a Deus!

— Estás de bom humor... — murmurou ela.

— Comoves!

Luísa fez-se pálida, pousou o talher: tomou o jornal para disfarçar uma lagrimazinha que lhe tremia na pálpebra; mas as letras confundiam-se, sentia pular o coração. De repente a campainha tocou. Era a outra, decerto!

Jorge, que se ia a erguer, disse logo:

— Há de ser essa senhora. Ora, vou-lhe dizer duas palavras...

E ficou de pé, junto à mesa, aguçando devagar um palito.

Luísa, a tremer, levantou-se também:

— Eu vou-lhe falar...

Jorge reteve-a pelo braço, e tranquilamente:

— Não, deixa-a vir. Deixa-me gozar!...

Luísa recaiu na cadeira, muito pálida.

Os tacões de Juliana soaram no corredor, Jorge aguçava tranquilamente o seu palito.

Luísa então voltou-se para ele, e batendo as mãos, aflita:

— Não lhe digas nada!...

Ele fixou-a, assombrado:

— Porquê?

Juliana neste momento abriu o reposteiro.

— Então que desaforo é este, sair e deixar tudo por arrumar? — disse-lhe Luísa logo, erguendo-se.

Juliana, que vinha sorrindo, estacou à porta, petrificada: apesar da sua amarelidão, uma vaga cor de sangue espalhou-se-lhe nas feições.

— Não lhe torne a acontecer semelhante coisa, ouviu? A sua obrigação é estar em casa pela manhã... — Mas o olhar de Juliana, que se cravava nela terrivelmente, emudeceu-a. Agarrou no bule com as mãos trémulas. — Deite água neste bule, vá.

Juliana não se mexeu.

— Você não ouviu? — berrou de repente Jorge. E atirou uma punhada à mesa, que fez saltar a louça.

— Jorge! — gritou Luísa, agarrando-lhe no braço.

Mas Juliana fugira da sala, correndo.

— E logo, na rua! — exclamou Jorge. — Faz-lhe as contas, e que se vá. Ah! estou farto! Nem mais um dia! Se a torno a ver, desfaço-a! Até que enfim! Chegou-me a minha vez!

Foi buscar o paletó, muito excitado, e antes de sair, voltando à sala:

— E que se vá hoje mesmo, ouviste? Nem uma hora mais! Há quinze dias que a trago aqui atravessada. Prá rua!

***

Luísa veio para o quarto quase sem se poder suster. Estava perdida! Estava perdida! Uma multidão de ideias, todas extremas e insensatas, redemoinhavam no seu cérebro como um montão de folhas secas numa ventania:

queria fugir, atirar-se ao rio, de noite; arrependia-se de não ter cedido ao Castro... De repente imaginou Jorge abrindo as cartas que Juliana lhe entregava, lendo: «Meu adorado Basílio!» Então uma cobardia imensa amoleceu-lhe a alma. Correu ao quarto de Juliana. Ia suplicar-lhe que lhe perdoasse, que ficasse, que a martirizasse!... E Jorge depois? Diria que a Juliana chorara, se atirara de joelhos! Mentiria, cobri-lo-ia de beijos... Era nova, era bonita, era ardente — convencê-lo-ia!

Juliana não estava no quarto. Subiu à cozinha; estava lá, sentada, com os olhos chamejantes, os braços nervosamente cruzados, numa raiva muda. Apenas viu Luísa, deu um salto sobre os calcanhares, e mostrando-lhe o punho

berrou:

— Olhe que a primeira vez que você me torne a falar como hoje, vai aqui tudo raso nesta casa!

— Cale-se, sua infame! — gritou Luísa.

— Você manda-me calar, sua p...! — E Juliana disse a palavra.

— Mas a Joana correu, atirou-lhe pelo queixo uma bofetada que a fez cair, com um gemido sobre os joelhos.

— Mulher! — bradou Luísa, arremessando-se sobre a Joana agarrando-a pelos braços.

Juliana, assombrada, fugiu.

— Ó Joana! ó mulher! que desgraça, que escândalo! — exclamava Luísa com as mãos apertadas na cabeça.

— Racho-a! — dizia a rapariga

com os dentes cerrados, os olhos como brasas. — Racho-a!

Luísa andava em volta da mesa da cozinha, automaticamente, pálida como a cal, repetindo, toda a tremer:

— O que você foi fazer, mulher! O que você foi fazer!

Joana, ainda toda revolvida da sua cólera, com o rosto manchado de vermelho, remexia furiosamente as panelas.

— E se ela me diz uma palavra, acabo-a, aquela bêbeda! Acabo-a!

Luísa desceu ao quarto. No corredor saiu-lhe Juliana, com a cuia à banda, as dedadas escarlates na face, medonha.

— Ou aquela desavergonhada vai já prá rua — gritou ela — ou eu vou-me

pôr lá em baixo na escada, e quando o seu homem vier, mostro-lhe tudo!...

— Pois mostre, faça o que quiser! — disse Luísa, passando, sem a olhar.

Fora uma desesperação, um ódio que a tinham decidido. Mais valia acabar por uma vez!...

Sentia então como um alívio doloroso, em ver o fim do seu longo martírio! Havia meses que ele durava. E pensando em tudo o que tinha feito e que tinha sofrido, as infâmias em que chafurdava e as humilhações a que descera, vinha-lhe um tédio de si mesma, um nojo imenso da vida. Parecia-lhe que a tinham sujado e espezinhado; que nela nem havia orgulho intacto, nem sentimento limpo; que tudo em si, no seu corpo e na sua alma, estava enxovalhado, como um

trapo que foi pisado por uma multidão, sobre a lama. Não valia a pena lutar por uma vida tão vil. O convento seria já uma purificação, a morte uma purificação maior... — E onde estava ele, o homem que a desgraçara? Em Paris, retorcendo a guia dos bigodes, chalaceando, governando os seus cavalos, dormindo com outras! E ela morreria ali, estupidamente! E quando lhe escrevera a pedir-lhe que a salvasse, nem uma palavra de resposta; nem a julgara digna do meio tostão da estampilha! O que ele lhe dizia pelas Terras da Pólvora, acima, naquele *coupé*: «Dar-lhe-ia toda a sua vida, viveria à sombra das suas saias!» O infame! Já tinha talvez no bolso o bilhete da passagem! Enquanto ela fora a mulher alegre, que vem, despe o corpete, mostra

um lindo colo — então bem, pronto! Mas teve uma dificuldade, chorou, sofreu. — Ah!, não, isso não! És um belo animal que me dás um grande prazer — perfeitamente, tudo o que quiseres: mas tornas-te uma criatura dolorida que precisa de consolações, talvez uns poucos de centos de mil reis — então boas-noites, cá vou no paquete! — Oh que estúpida que é a vida! Ainda bem que a deixava!

Foi-se encostar à janela. Estava um dia muito azul, muito doce. O sol punha grandes claridades de um dourado ligeiro sobre as paredes brancas, sobre a calçada. E havia no ar uma suavidade aveludada. O Paula, em chinelas de tapete, aquecia-se à porta do estanco. Então, diante do lindo ar de inverno,

enterneceu-se. Todos eram felizes naquela manhã de rosas, só ela sofria, pobre dela! E ficou a olhar, como esquecida numa vaga saudade, com uma lágrima na pálpebra... De repente viu Juliana atravessar a rua, dobrar a esquina — e daí a pouco voltar com um galego, velho e pesado, que trazia o seu saco ao ombro.

«Ia-se embora!», pensou Luísa. «Mandava pôr fora os baús! E depois? Remetia as cartas a Jorge, ou entregava-lhas ela mesma, no portal! Santo Deus!» E parecia-lhe ver Jorge aparecer no quarto, lívido, com as cartas na mão!...

Veio-lhe um terror alucinado: não queria perder o seu marido, o seu Jorge, o seu amor, a sua casa, o seu homem! Apossou-se dela a revolta da fêmea contra a viuvez: aos vinte e cinco anos ir

murchar para um convento! Não, c’os diabos!

Foi direita ao quarto de Juliana.

— Vem ver se lhe levo alguma coisa? — gritou logo a outra, furiosa.

Sobre a cama estava roupa branca espalhada, pelo chão botinas embrulhadas em jornais velhos.

— E ainda cá me ficam quatro camisas, dois pares de calcinhas, três pares de meias, seis punhos na lavadeira. Fica aí o rol. E quero as minhas contas!...

— Escute, Juliana, não se vá. — Mas a voz desapareceu-lhe, as lágrimas saltaram-lhe dos olhos.

Juliana pôs-se a olhar para ela de alto, triunfando, com uma botina de duraque em cada mão.

— É mandar aquela

desavergonhada embora, e está tudo acabado! — E com uma voz aguda, batendo as solas das botinas: — Fica tudo como dantes, na paz do Senhor!

Uma alegria extraordinária acendia-lhe o olhar. Vingava-se! Fazia-a chorar! Expulsava *a outra!* E não perdia os seus cómodos!

— É pôr a bêbeda na rua! É pô-la na rua!

Luísa curvou os ombros, foi à cozinha devagar; os degraus da escada pareciam-lhe imensos, infindáveis. Deixou-se cair num banco, e limpando os olhos:

— Joana, venha cá, escute, você não pode continuar na casa...

A rapariga ficou a olhar para ela, espantada.

— O que a Juliana disse foi num repente... Tem estado a chorar, a arrepender-se. É a criada mais antiga. O senhor estima-a muito...

— Então a senhora manda-me embora? Então a senhora manda-me embora?

Luísa insistiu, baixo, envergonhada:

— Foi um repente, tem estado a pedir perdão...

— Eu foi pra defender a senhora! — exclamou a rapariga, abrindo os braços, aflita.

Luísa sentiu-se indignada; e impaciente, para acabar:

— Bem, Joana, não estejamos com mais. Eu é que sou a dona da casa... Vou-lhe fazer as contas.

— Olha que pago este! — gritou Joana, então, desesperada. E com uma resolução, batendo o pé: — Pois o senhor é que há de dizer! Eu vou dizer tudo ao senhor! Hei de lhe contar tudo o que se passou! A senhora não tem razão!...

Luísa olhava-a, estúpida. Agora era aquela! Era daquela rapariga, teimosa na sua justiça, que vinha o desastre! Era de mais! Veio-lhe um terror sobrenatural, como um espanto da consciência, e apertando as fontes nas mãos abertas:

— Que expiação! Que expiação, santo Deus!

De repente, como desvairada, agarrou Joana pelos braços, e falando-lhe junto do rosto:

— Joana, vá-se, pelo amor de Deus, vá-se! Não diga nada! Despeça-se

você! — E perdendo inteiramente todo o respeito próprio, caiu de joelhos, diante da cozinheira, soluçando: — Pelas cinco chagas de Cristo, vá, Joana, minha rica Joana, vá! Peço-lhe eu, Joana! Pelo amor de Deus!

A rapariga, assombrada, rompeu num choro estridente.

— Vou, sim, minha senhora!... Vou, sim, minha rica senhora!...

— Sim, Joana, sim. Eu dou-lhe alguma coisa. Você bem vê... Não chore... Espere... — Desceu ao quarto correndo, tirou da gaveta duas libras das suas economias, voltou, galgando os degraus, meteu-lhas na mão, dizendo-lhe baixo:

— Faça uma trouxa, eu amanhã lhe mandarei o baú.

— Sim, minha senhora —

soluçava a rapariga, babada de dor — sim, minha rica senhora!

Luísa veio deixar-se cair de bruços sobre a sua *chaise-longue*, num choro convulsivo também, desejando a morte, pedindo, num terror, piedade a Deus!

Mas a voz áspera de Juliana disse bruscamente à porta:

— Então em que ficamos?

— A Joana vai-se. Que quer mais?

— Que saia já! — disse a outra imperiosamente. — Que o jantar o faço eu. Por hoje, já se vê!

As lágrimas de Luísa secavam-se, de raiva.

— E a senhora agora ouça!

O tom de Juliana era tão insultante, que Luísa ergueu-se, como

ferida.

E Juliana, ameaçando-a, de alto, com o dedo erguido:

— E a senhora agora é andar-me direita, senão eu lhas cantarei!...

E voltou as costas, batendo os tacões.

***

Luísa olhou em roda, como se um raio tivesse atravessado o quarto; mas tudo estava imóvel e correto; nem uma prega das cortinas se movera, e os dois pastorinhos de porcelana sobre o toucador sorriam pretensiosamente.

Então tirou o roupão violentamente, passou um vestido sem apertar o corpete, vestiu por cima um

casaco largo de inverno, atirou o chapéu para a cabeça despenteada, saiu, desceu a rua tropeçando nas saias, quase a correr.

O Paula saltou para o meio da rua para a seguir: viu-a parar à porta de Sebastião, e veio dizer à estanqueira:

— Em casa do Engenheiro há novidade!

E ficou plantado à porta com os olhos cravados para as janelas abertas, onde as bambinelas de repes verde caíam com as suas pregas imóveis.

— O Sr. Sebastião? — perguntava Luísa à rapariguita sardenta, que correra a abrir a porta.

E ia entrando pelo corredor.

— Na sala — disse a pequena.

Luísa subiu; sentia sons de piano; abriu violentamente a porta, e correndo

para ele, apertando as mãos contra o peito, numa voz angustiosa e sumida:

— Sebastião, escrevi uma carta a um homem, a Juliana apanhou-ma. Estou perdida!

Ele ergueu-se devagar, assombrado, muito branco; viu-lhe o rosto manchado, o chapéu mal posto, a aflição do olhar.

— Que é? Que é?

— Escrevi a meu primo — repetiu, com os olhos cravados nele, ansiosamente — a mulher apanhou-me a carta... Estou perdida!

Fez-se muito pálida, os olhos cerraram-se-lhe.

Sebastião amparou-a, levou-a meio desmaiada para o sofá de damasco amarelo. E ficou de pé, mais descorado

que ela, com as mãos nos bolsos do seu jaquetão azul, imóvel, estúpido.

De repente correu fora, trouxe um copo de água, borrifou-lhe o rosto ao acaso. Ela abriu os olhos, as suas mãos errantes apalparam em redor, fitou-o espantada, e deixando-se cair sobre o braço do canapé, com o rosto escondido nas mãos, rompeu num choro histérico.

O seu chapéu caíra. Sebastião apanhou-o, sacudiu-lhe delicadamente as flores, pô-lo sobre a jardineira com cuidado; e vindo nas pontas dos pés debruçar-se junto dela:

— Então! Então! — murmurava. E as suas mãos, tocando-lhe de leve o braço, tremiam como folhas.

Quis dar-lhe água para a sossegar: ela recusou com a mão, endireitou-se

devagar no sofá, limpando os olhos, assoando-se com grandes soluços.

— Desculpe, Sebastião, desculpe — dizia. Bebeu então um gole de água, ficou com as mãos no regaço, quebrada; e, uma a uma, as suas lágrimas silenciosas caíam sem cessar.

Sebastião foi fechar a porta — e vindo ao pé dela, com muita doçura:

— Mas então? Que foi?

Ela ergueu para ele a sua face chorosa, onde os olhos brilhavam febrilmente; olhou-o um momento, e deixando pender a cabeça, toda humilhada:

— Uma desgraça, Sebastião, uma vergonha! — murmurou.

— Não se aflija! Não se aflija!

Sentou-se ao pé dela, e baixo, com

solenidade:

— Tudo o que eu puder, tudo o que for necessário, aqui me tem!

— Oh Sebastião!... — exclamou num impulso de reconhecimento humilde; e acrescentou: — Acredite, tenho sido bem castigada! O que eu tenho sofrido, Sebastião!

Esteve um momento com os olhos cravados no chão; e agarrando-lhe o braço de repente, com força, as palavras romperam abundantes e precipitadas, como os borbulhões de uma água comprimida que rebenta.

— Apanhou-me a carta, não sei como, por um descuido meu! Ao princípio pediu-me seiscentos mil reis. Depois começou a martirizar-me... Tive de lhe dar vestidos, roupa, tudo! Mudou de

quarto, servia-se dos meus lençóis, dos finos, era a dona da casa. O serviço quem o faz sou eu!... Ameaça-me todos os dias, é um monstro. Tudo tem sido baldado, boas palavras, bons modos... E onde tenho eu dinheiro? Pois não é verdade? Ela bem via... O que eu tenho sofrido! Dizem que estou mais magra, até o Sebastião reparou. A minha vida é um inferno. Se o Jorge soubesse!... Aquela infame queria hoje dizer-lhe tudo!... E trabalho como uma negra. Logo pela manhã a limpar e varrer. Às vezes tenho de lavar as xícaras do almoço. Tenha piedade de mim, Sebastião, por quem é, Sebastião! Coitada de mim, não tenho ninguém neste mundo!

E chorava, com as mãos sobre o rosto.

Sebastião, calado, mordia o beiço;

duas lágrimas rolavam-lhe também pela face, sobre a barba. E levantando-se devagar:

— Mas santo nome de Deus, minha senhora!, porque me não disse há mais tempo?

— Ó Sebastião, podia lá! Uma vez estive para lho dizer... Mas não pude, não pude!

— Fez mal!...

— Esta manhã o Jorge quis pô-la fora. Embirra com ela, percebe os desmazelos. Mas não desconfia de nada, Sebastião!... — E desviou os olhos, muito escarlate. — Escarnecia-me às vezes por eu parecer tão apaixonada por ela... Mas esta manhã zangou-se, mandou-a embora. Apenas ele saiu, veio como uma fúria, insultou-me...

— Santo Deus! — murmurava Sebastião assombrado, com a mão sobre a testa.

— Talvez não acredite, Sebastião, sou eu que faço os despejos!...

— Mas merece a morte, essa infame! — exclamou batendo com o pé no chão.

Deu alguns passos pesados pela sala, devagar, as mãos nos bolsos, os seus largos ombros curvados. Voltou a sentar-se ao pé dela, e tocando-lhe timidamente no braço, muito baixo:

— É necessário tirar-lhe as cartas...

— Mas como?

Sebastião coçava a barba, a testa.

— Há de se arranjar — disse por fim.

Ela agarrou-lhe na mão:

— Oh Sebastião, se fizesse isso!

— Há de se arranjar.

Esteve um momento calculando — e com o seu tom grave:

— Eu vou-me entender com ela... É necessário que ela esteja só em casa... Podiam ir ao teatro, esta noite.

Levantou-se lentamente, foi buscar o «Jornal do Comércio», sobre a mesa olhou os anúncios:

— Podiam ir a S. Carlos, que acaba mais tarde... É o «Fausto»... Podiam ir ver o «Fausto»...

— Podíamos ir ver o «Fausto» — repetiu Luísa suspirando.

E então, muito chegados, ao canto do sofá, Sebastião foi-lhe dizendo um plano, em palavras baixas, que ela

devorava, ansiosa.

Devia escrever a D. Felicidade, para a acompanhar ao teatro... Mandar um recado a Jorge, prevenindo-o que o iriam buscar ao Hotel Gibraltar... E a Joana? A Joana deixara a casa. Bem. Às nove horas, então, Juliana estaria só.

— Vê como tudo se arranja? — disse ele, sorrindo.

Era verdade... Mas daria a mulher as cartas?

Sebastião tornou a coçar a barba, a testa.

— Há de dar — disse.

Luísa olhava-o quase com ternura; parecia-lhe ver na sua face honesta uma alta beleza moral. E de pé diante dele, com uma melancolia na voz:

— E vai fazer isso por mim,

Sebastião, por mim, que fui tão má mulher...

Sebastião corou, respondeu encolhendo os ombros:

— Não há más mulheres, minha rica senhora, há maus homens, é que há!

E acrescentou logo:

— Eu vou buscar o camarote. Uma boa frisa, hem?... Uma frisazinha ao pé do palco...

Sorria, para a tranquilizar. Ela punha o chapéu, descia o véu com pequeninos soluços tristes, que voltavam a espaços.

No corredor encontraram a tia Joana com os braços abertos; beijou muito Luísa; aquela visita era um milagre! E que bonita que estava! era a flor do bairro!

— Está bom, tia Joana, está bom

— disse Sebastião, afastando-a brandamente.

Ora que não fosse metediço! Já lá a tinha tido mais de meia hora, também ela agora a queria um bocadinho! Assim é que ele devia ter uma mulherzinha! Uma rapariga de bem! Uma açucena!

Luísa corava, embaraçada.

E o Sr. Jorge? Que era feito dele? Ninguém o via. E a D. Felicidade?

— Está bom, basta, tia Joana! — fez Sebastião impaciente.

— Olha o sôfrego!... Ninguém lhe come a menina!... Cruzes!...

Luísa sorriu; lembrou-se então de repente que não tinha por quem mandar os bilhetes a D. Felicidade e a Jorge, ao hotel.

Sebastião fê-la entrar logo em

baixo no escritório: que escrevesse, ele os mandaria; escolheu-lhe o papel, molhando-lhe a pena — mais pronto, mais delicado desde que a sabia infeliz. Luísa fez o bilhete para Jorge: e como, apesar das suas aflições, se lembrou com terror de certo vestido verde decotado de D. Felicidade, acrescentou num P. S., no bilhete para ela: «o melhor é vires de preto, e não fazeres grande *toilette*. Nada de decotes nem de cores claras.»

Quando entrou em casa, viu um galego saindo com a trouxazita de Joana. E logo no corredor sentiu a voz grossa da rapariga, que das escadas da cozinha dizia para cima ameaçadoramente:

— Tome-a eu a apanhá-la, que não me sai viva das mãos, sua bêbeda!

— Bufa! bufa! — gritou de cima

Juliana — mas vai-te indo para o olho da rua!

Luísa escutava mordendo os beiços. Em que se convertera a sua casa! Uma praça! Uma taberna!

— Se eu t'apanho! — rosnava a Joana descendo.

— Rua! rua, sua porca! — gania a Juliana.

Luísa então chamou a rapariga.

— Joana, não procure casa, venha por aqui além de amanhã — disse-lhe baixo.

Juliana em cima cantava a «Carta Adorada», com um júbilo estridente.

E daí a pouco desceu, veio dizer, muito secamente, «que estava o jantar na mesa».

Luísa não respondeu. Esperou que

ela subisse à cozinha, correu à sala de jantar, trouxe pão, um prato de marmelada, uma faca, veio fechar-se no quarto — e ali *jantou*, a um canto da jardineira.

Às seis horas um trem parou à porta. Devia ser Sebastião! Foi ela mesmo abrir, em bicos de pés. Era ele, animado, vermelho, com o chapéu na mão: trazia-lhe a chave da frisa número dezoito...

— E isto...

Era um ramo de camélias vermelhas, rodeadas de violetas dobradas.

— Oh Sebastião! — murmurou ela, com um reconhecimento comovido.

— E carruagem, tem?

— Não.

— Eu cá mando. Às oito, hem?

E desceu, todo feliz de a servir. Ela seguiu-o com o olhar que se humedecia. Foi à janela do quarto vê-lo sair. «Que homem!», pensava. E cheirava as violetas, voltava o ramo na mão, sentia também um prazer doce na proteção dele, nos seus cuidados.

Nós de dedos bateram à porta do quarto.

— Então a senhora não quer jantar? — disse a voz impaciente de Juliana, de fora.

— Não.

— Mais fica!

***

D. Felicidade veio um pouco antes

das oito. Luísa ficou tranquila, vendo-a com um vestido preto afogado e o seu adereço de esmeraldas.

— Então que é isto? Que estroinice é esta, vamos a saber? — disse logo, muito alegre, a excelente senhora.

Um capricho! O Jorge tinha jantado fora, ela sentira-se tão só!... Dera-lhe o apetite de ir ao teatro. Não pudera resistir... Tinham de o ir buscar pelo Hotel Gibraltar.

— Eu tinha acabado de jantar quando recebi o teu bilhete. Fiquei!... E estive para não vir — disse, sentando-se, com pancadinhas muito satisfeitas nas pregas do vestido. — Apertar-me depois de jantar! Felizmente, não tinha comido quase nada!

Quis então saber o que ia. O

«Fausto»? Ainda bem! De que lado era a frisa? Dezoito. Perdiam a vista da família real, era pena!... Pois estava muito longe daquela noitada de teatro!... — E erguendo-se passeava diante do toucador com olhares de lado, alisando os bandós, ajeitando as pulseiras, entalada nos espartilhos, a pupila luzidia.

Uma carruagem parou à porta.

— O trem! — disse, toda risonha.

Luísa, calçando as luvas, já com a capa, olhava em redor: o coração batia-lhe alto; nos seus olhos havia uma febre. Não lhe faltava nada?, perguntou D. Felicidade. A chave da frisa? O lenço?

— Ai! o meu ramo! — exclamou Luísa.

Juliana ficou espantada quando a viu vestida *pra teatro*. Foi alumiar,

calada: e atirando a cancela com uma pancada insolente:

— Não tem mesmo vergonha naquela cara! — rosnou.

O trem já rodava, quando D. Felicidade rompeu a gritar, batendo nos vidros:

— Espere, pare! Que ferro, esqueceu-me o leque! Não posso ir sem leque! Pare, cocheiro!

— Faz-se tarde, filha, dou-te o meu. Toma! — fez Luísa impaciente.

Aquelas agitações abalavam a digestão comprimida de D. Felicidade; felizmente, como ela dizia, arrotava! Graças a Deus, louvada seja Nossa Senhora, que podia arrotar!

Mas a descida do Chiado alegrou-a muito. Grupos escuros, onde se

gesticulava, destacavam às portas vivamente alumiadas da Casa Havanesa; os trens passavam para o lado do Picadeiro, com um rápido reluzir de lanternas ricas, que alumiavam as bandas brancas dos capotes dos criados. D. Felicidade, com a sua face jubilosa à portinhola, gozava a claridade do gás nas vitrines, o ar de inverno; e foi com uma satisfação que viu o guarda-portão do Gibraltar, de calções vermelhos, vir com o boné na mão, à portinhola.

Perguntaram por Jorge.

E, caladas, olhavam a escada de lance decorativo onde globos foscos derramavam uma luz doce. D. Felicidade, muito curiosa da «vida de hotel», reparou na engomadeira que entrou com um cesto de roupa; depois numa senhora que lhe

pareceu «estabanada», e que descia, vestida de *soirée*, mostrando o pé calçado num sapato redondo de cetim branco; e sorria de ver sujeitos roçarem-se pelo trem, lançando para dentro olhares gulosos.

— Estão a arder por saber quem somos.

Luísa calada apertava nas mãos o seu ramo. Enfim Jorge apareceu no alto da escada, conversando muito interessadamente com um sujeito magríssimo, de chapéu ao lado, as mãos nos bolsos de umas calças muito estreitas, e um enorme charuto enristado ao canto da boca. Paravam, gesticulavam, cochichavam. Por fim o sujeito apertou a mão de Jorge, falou-lhe ao ouvido, riu baixo, torcendo-se, bateu-lhe no ombro,

obrigou-o muito seriamente a aceitar outro charuto — e pondo o chapéu mais ao lado foi conversar com o guarda-portão.

Jorge correu à portinhola do trem, rindo:

— Então que extravagância é esta? Teatro, tipoias!... Eu reclamo o divórcio!

Parecia muito jovial. Somente tinha pena de não estar vestido... Ficaria atrás no camarote. — E para as não amarrotar subiu para a almofada.

13

Passava das oito horas quando o trem parou em S. Carlos.

Um gaiato, que tossia muito, com o casaco pregado sobre o peito por um alfinete, precipitou-se a abrir a portinhola; e D. Felicidade sorria de contentamento, sentindo a cauda do vestido de seda arrastar sobre o tapete esfiado do corredor das frisas.

O pano já estava levantado. Era à luz diminuída da rampa, a decoração clássica de uma cela de alquimista; embrulhado num roupão monástico, com uma abundância hirsuta de barbas grisalhas, tremuras senis, Fausto cantava, desiludido das ciências, pousando sobre o

coração a mão onde reluzia um brilhante. Um cheiro vago de gás extravasado errava subtilmente. Aqui e além tosses expetoravam. Havia ainda pouca gente. Entrava-se.

Na frisa, para se colocarem, D. Felicidade e Luísa cochichavam, com gestozinhos de recusa, olhares suplicantes:

— Oh D. Felicidade, por quem é!

— Se estou aqui muito bem...

— Não consinto...

Enfim D. Felicidade sentou-se no lugar superior, alteando o peito. Luísa ficara atrás calçando as luvas, enquanto Jorge arrumava os agasalhos, furioso com o chapéu que já duas vezes rolara.

— Tem banquinho, D. Felicidade?

— Obrigado, cá o sinto. — E

remexeu os pés. — Que pena não se ver a família real!

Nos camarotes de assinantes iam aparecendo os altos penteados medonhos, enchumaçados de postiços; peitilhos de camisas branquejavam. Sujeitos entravam para as cadeiras devagar, com um ar gasto e íntimo, compondo o cabelo. Conversava-se baixo. Ao fundo da plateia havia um rumor desinquieto entre moços de jaquetão; e à entrada, sob a tribuna, viam-se, num aparato militar, correames polidos de municipais, bonés carregados de polícias; e reluzindo à luz, punhos de sabres.

Mas na orquestra correram fortes estremecimentos metálicos, dando um pavor sobrenatural; Fausto tremia como um arbusto ao vento; um ruído de folhas

de lata, fortemente sacudidas, estalou; e Mefistófeles ergueu-se ao fundo, escarlate, lançando a perna com um ar charlatão, as duas sobrancelhas arrebitadas, uma barbilha insolente, *un bel cavalier;* e enquanto a sua voz poderosa saudava o doutor, as duas plumas vermelhas do gorro oscilavam sem cessar de um modo fanfarrão.

Luísa chegara-se para a frente; ao ruído da cadeira, cabeças na plateia voltaram-se, languidamente; pareceu decerto bonita, examinaram-na; ela, embaraçada, pôs-se a olhar para o palco muito séria: — por trás de véus sobrepostos que se levantavam, numa afetação de visão, Margarida apareceu fiando o linho, toda vestida de branco; a luz elétrica, envolvendo-a num tom cru,

fazia-a parecer de gesso muito caiado; e D. Felicidade achou-a tão linda que a comparou a uma santa!

A visão desapareceu num trémulo de rebecas. E depois de uma ária, Fausto, que ficara imóvel ao fundo do palco, debateu-se um momento dentro da túnica e das barbas, e emergiu jovem, gordinho, vestido cor de lilás, coberto de pó de arroz, compondo o frisado do cabelo. As luzes da rampa subiram; uma instrumentação alegre e expansiva ressoou; Mefistófeles, apossando-se dele, arrastou-o sôfrego através da decoração. E o pano desceu rapidamente.

As plateias ergueram-se com um rumor grosso e lento, D. Felicidade um pouco afrontada abanava-se. Examinaram então as famílias, algumas *toilettes;* e

sorrindo concordaram que estava «do mais fino».

Nos camarotes conversava-se sobriamente; às vezes uma joia brilhava, ou a luz punha tons lustrosos de asa de corvo nos cabelos pretos onde alvejavam camélias ou reluzia o aro de metal de um pente; os vidros redondos dos binóculos moviam-se devagar, picados de pontos luminosos.

Na plateia, nas bancadas clareadas, sujeitos quase deitados namoravam com languidez; ou de pé, taciturnos, acariciavam as luvas; velhos *dilettanti*, de lenço de seda, tomavam rapé, caturravam; e D. Felicidade interessava-se por duas espanholas de verde, que na superior imobilizavam, numa afetação casta, os seus corpos de

lupanar.

Um colega de Jorge, magrinho e janota, entrou então no camarote; parecia animado, e perguntou logo se não sabiam o grande escândalo. Não! E o engenheiro, com gestos vivos das suas mãozinhas calçadas numas luvas esverdeadas, contou que a mulher do Palma, o deputado, sabiam, tinham fugido!...

— Pró estrangeiro?

— Qual! — E a voz do engenheiro tinha agudos triunfantes. — Aí é que estava o bonito. Pra casa de um espanhol que morava defronte!... — Era divino! De resto — e a sua voz tornou-se grave — estava entusiasmado com o baixo!

E depois de ter sorrido, olhado pelo binóculo, ficou calado, extenuado do que dissera, batendo apenas de vez em

quando no joelho de Jorge, com um «Sim, senhor!» familiar, ou um «Então que é feito?» amigável.

Mas a campainha retinia finalmente. O engenheiro saiu, em bicos de pés. E o pano ergueu-se devagar na alegria da quermesse, cheia de uma luz branca e dura. Casas acasteladas branquejavam no pano de fundo, nalguma colina do Reno amiga das vinhas. Escarranchado sobre uma pipa, o barrigudo e folgazão rei Cambrinus ria enormemente, erguendo, na sua atitude de tabuleta gótica, a vasta caneca emblemática da cerveja germânica. E estudantes judeus, reitres e donzelas, nas suas cores vivas de paninho, moviam-se de um modo automático e sonâmbulo, aos compassos largos da instrumentação

festiva.

A valsa então desenrolou-se languidamente, como um fio de melodia, em espirais suaves que ondeavam e fugiam: Luísa seguia os pezinhos das dançarinas, as pernas musculosas volteando no tablado; e as saias tufadas e curtas faziam como o girar multiplicado e reproduzido de vagos discos de cambraia.

— Que bonito! — murmurava ela, com uma felicidade no rosto.

— De apetite — afirmava D. Felicidade, revirando os olhos.

Certas agudezas delicadas de flautins enterneciam Luísa; e a casa, Juliana, as suas misérias, tudo lhe parecia recuado, no fundo de uma noite esquecida.

Mas o jovial Diabo adiantava-se por entre os grupos, e logo, com gestos

aduncos e rapaces, cantou o «Dio del Oro». A sua voz arremessada afirmava, num tom brutal, o poder do dinheiro; nas massas da instrumentação passavam sonoridades claras e tilintantes de um remexer sôfrego de tesouros; e as notas altas finais caíam, de um modo curto e seco como marteladas triunfantes cunhando o divino ouro!

Luísa então viu D. Felicidade perturbar-se; e seguindo o seu olhar negro, subitamente avivado, descobriu na geral a calva polida do conselheiro Acácio — que cumprimentava, prometendo generosamente, com a mão espalmada, a sua visita próxima.

Veio, apenas o pano desceu, e felicitou-as imediatamente por terem escolhido aquela noite: a ópera era das

melhores e estava gente muito fina. Lamentou ter perdido o primeiro ato; — ainda que não gostasse extremamente da música, apreciava-o por ser muito filosófico. E, tomando da mão de Luísa o binóculo, explicou os camarotes, disse os títulos, citou as herdeiras ricas, nomeou os deputados, apontou os literatos. — Ah! conhecia bem S. Carlos! Havia dezoito anos!

D Felicidade, rubra, admirava-o. O conselheiro sentia que não pudessem ver o camarote real: a rainha, como sempre estava adorável.

Sim? Como estava?

De veludo. Não sabia se roxo, se azul-escuro. Afirmar-se-ia, e viria dizer...

Mas quando o pano subiu, ficou sentado por trás de Luísa começando logo

a explicar que aquela (Siebel, colhendo flores no jardim de Margarida), posto que segunda dama, ganhava quinhentos mil reis por mês...

— Mas apesar destes ordenadões morrem quase sempre na miséria — disse com reprovação. — Vícios, ceias, orgias, cavalgadas...

A portinha verde do jardim abriu-se, e Margarida entrou devagar, desfolhando o malmequer da legenda, caracterizada de virgem, com as duas longas tranças louras. Cismava, falava só, amava: a doce criatura sente em volta de si o ar pesado, e quereria hem que sua mãe voltasse!

Os olhos de Luísa encheram-se então de melancolia, com a saudosa balada do rei de Thule; aquela melodia

dava-lhe a vaga sensação de um pálido país de amores espirituais, banhado de luares frios, longe, no Norte, junto a um mar gemente — ou de tristezas aristocráticas, cismadas num terraço, sob a sombra de um parque...

Mas o conselheiro preveniu-as, dizendo:

— Agora é que é! Reparem. Agora é o ponto capital.

De joelhos, diante do cofre das joias, a dama requebrava-se, garganteando; apertava nas mãos o colar, extasiada; punha os brincos com denguices delirantes; e da sua boca muito aberta saía um canto trinado, de uma cristalinidade aguda — entre o vago sussurro da admiração burguesa.

O conselheiro disse

discretamente:

— Bravo! Bravo!

E, excitado, dissertou: aquilo era o melhor da ópera! Era ah que se via a força das cantoras...

D. Felicidade quase tinha medo que lhe estalasse alguma coisa na garganta. Preocupava-se também com as joias. Seriam falsas? Seriam dela?

— É pra tentar, não é verdade?

— É um drama alemão — disse-lhe baixo o conselheiro.

Mas Mefistófeles ia arrastando a boa Marta; Fausto e Margarida perdiam-se nas sombras cúmplices do jardim afrodisíaco — e o conselheiro observou que todo aquele ato era um pouco fresco.

D. Felicidade murmurou-lhe — entre repreensiva e extática:

— Quantas cenas não terá tido assim, maganão!

O conselheiro fitou-a, indignado:

— O quê, minha senhora? levar a desonra ao seio de uma família!

Luísa fez-lhe «chut», sorrindo. Interessava-se agora. Tinha escurecido; uma faixa de luz elétrica enchia o jardim de um vago luar azulado, onde os maciços arredondados se recortavam em pastas escuras; e Fausto e Margarida enlaçados, quase desfalecidos, soltavam de um modo expirante o seu dueto: uma sensualidade delicada e moderna, com enlaces de um requinte devoto, arrastava-se na orquestra gemente; o tenor esforçava-se, agarrando o peito, com um jeito mórbido dos quadris, o olhar anuviado; e desprendendo-se da lânguida arcada dos

violoncelos, o canto subia para as estrelas...

Al pallido chiarore
Dei astri d'oro.

Mas o coração de Luísa batia precipitadamente; vira-se de repente sentada no diva, na sua sala, ainda tomada dos soluços do adultério, e Basílio, com o charuto ao canto da boca, batia distraído no piano aquela ária — *Al pallido chiarore dei astri d'oro*. Dessa noite tinha vindo toda a sua miséria! — E subitamente, como longos véus fúnebres que descem e abafam, as recordações de Juliana, da casa, de Sebastião, vieram escurecer-lhe a alma.

Olhou o relógio. Eram dez horas.

Que se passaria?

— Estás incomodada? — perguntou-lhe Jorge.

— Um pouco.

Margarida apoiava-se, expirante de voluptuosidade, ao rebordo da sua janelinha. Fausto corre. Enlaçam-se. E entre as gargalhadas do Diabo e o roncar dos rabecões — o pano desceu, pondo uma reticência pudica...

D. Felicidade, abrasada, quis água. Jorge apressou-se: queria bolos? Neve? A excelente senhora hesitou: o chique da neve atraía-a, mas coibiu-se com terror da cólica. Veio sentar-se ao fundo ao pé de Luísa, e ficou a olhar, vagamente cansada; havia um sussurro lento; bocejava-se discretamente; e o fumo dos cigarros, entrando, de fora, fazia

uma névoa apenas percetível que enchia a sala, ia prender-se ao lustre, embaciando ligeiramente as luzes. Quando Jorge saiu o conselheiro acompanhou-o: ia a cima tomar o seu copo de gelatina...

— É a minha ceia em dia de S. Carlos — disse.

Voltou daí a pouco, limpando os beiços ao lenço de seda, ter com Jorge que fumava no pequeno patamar junto à entrada das cadeiras.

— Veja isto, Conselheiro — disse-lhe logo Jorge, indignado, mostrando a parede — que escândalo!

Tinham desenhado, com o charuto apagado sobre a parede caiada, enormes figuras obscenas: e alguém, prudente e amigo da clareza, ajuntara por baixo as designações sexuais com uma letra

cursiva.

E Jorge, revoltado:

— E passam por aqui senhoras! Veem, leem! Isto só em Portugal!...

O conselheiro disse:

— A autoridade devia intervir decerto... — Acrescentou com bonomia: — São rapazes, com o charuto. Apreciam muito esta distração... — E sorrindo, recordando-se: — Uma ocasião mesmo, o conde de Vila Rica, que tem graça, muita graça, insistiu comigo, dando-me o charuto, para que eu fizesse um desenho... — E mais baixo: — Eu dei-lhe uma lição severa. Tomei o charuto...

— E fumou-o?

— Escrevi.

— Uma obscenidade?

O conselheiro, recuando,

exclamou com severidade:

— Jorge, conhece o meu caráter! Pois supõe...? — E acalmando-se: — Não, tomei o charuto e escrevi com mão firme: HONRA AO MÉRITO!

Mas a campainha retiniu, entraram no camarote. Luísa incomodada não quis sentar-se à frente. E o conselheiro, grave, tomou o seu lugar — defronte de D. Felicidade. Foi para a nutrida senhora um momento feliz, de um gozo requintado. Estavam *ambos*, ali, como noivos! O seu peito abundante arfava: via-se a saírem, mais tarde, de braço dado, entrarem num *coupé* estreito, pararem aporta da casa conjugal, pisarem o tapete da alcova... Tinha um suor à raiz dos cabelos — e vendo o conselheiro sorrir-lhe, amável, com a sua calva toda luzidia ao gás, sentia

um reconhecimento apaixonado pela mulher de virtude que, àquela hora, no fundo da Galiza, estava cravando agulhas num coração de cera!...

Mas de repente o conselheiro bateu na testa, arremessou-se sobre o chapéu, saiu impetuosamente. Olharam-se inquietos. D. Felicidade empalideceu: seria alguma dor? Santo Deus! Já murmurava baixo uma reza.

Mas viram-no entrar logo, e dizer com uma voz triunfante:

— De azul-escuro!

Abriram grandes olhos, sem compreender.

— Sua Majestade, a Rainha! Tinha prometido verificá-lo, cumpri-o!

E sentou-se com solenidade, dizendo a Luísa:

— Lamento que se esconda nesse recanto, D. Luísa! Na sua idade! Na flor dos anos! Quando tudo na vida é cor-de-rosa!

Ela sorriu. Estava agora muito sobressaltada. A cada momento olhava o relógio. Sentia-se doente: os pés arrefeciam-lhe, uma vaga febre fazia-lhe a cabeça pesada. O seu pensamento estava na casa, em Juliana, em Sebastião, cortado de palpites, de esperanças, de terrores... E via, sem compreender, a multidão de soldados vestidos de cores bipartidas, com armas obsoletas, que marchavam, paravam numa cadência afetada, erguendo uma poeira subtil no tablado mal regado. Um coro vigoroso ressoava: era a marcha arrogante e festiva dos reitres alemães, celebrando a alegria

das excursões vitoriosas pelos países do vinho, e a posse das bolsas mercenárias cheias de sonoros rixdales! E os seus olhos seguiam um barbaças corpulento, que, por cima dos gorros quadrados dos besteiros, balançava monotonamente um largo quadrado de paninho — a bandeira do Santo Império, negra, vermelha e de ouro!

Mas então ergueu-se um rumor no fundo da plateia. Vozes duras altercavam. «Ordem! Ordem!», dizia-se. Localistas na superior puseram-se rapidamente em bicos de pés na palhinha das cadeiras. Quatro polícias e dois municipais apareceram à porta do fundo; e depois de uma troça, de risadas, foram levando um moço lívido, que cambaleava — e o lado esquerdo do seu jaquetão de pelúcia

estava todo vomitado!

Mas fez-se logo silêncio: o pano de fundo oscilava um pouco, acotovelado pela saída festiva dos reitres e dos populares; e no palco deserto, tendo à direita um pórtico oscilante de catedral e à esquerda a portinha triste de uma casa burguesa, Valentim, com uma longa pera, à beira da rampa, beijava sofregamente uma medalha. — Mas Luísa não o escutava. Pensava com o coração confrangido: «Que fará a esta hora Sebastião?»

***

Sebastião, às nove horas, por um nordeste agudo que torcia as luzes do gás dentro dos candeeiros, dirigia-se devagar a casa de um comissário de polícia, seu

primo afastado, o Vicente Azurara. Uma velha servente, engelhada, como uma maçã reineta, levou-o ao quarto escolástico, «onde o senhor comissário estava a cozer uma grande constipação»: encontrou-o com um gabão pelos ombros, os pés embrulhados num cobertor, tomando grogues quentes, e lendo o «Homem dos Três Calções». Apenas Sebastião entrou tirou do nariz adunco as grandes lunetas, e erguendo para ele os olhos pequeninos, chorosos do defluxo, exclamou:

— Estou com um diabo de uma constipação há três dias, que me não quer largar... — E rosnou algumas pragas, passando a mão magra e nodosa sobre uma face trigueira, de linhas duras, a que um espesso bigode grisalho dava

ferocidade.

Sebastião lamentou-o muito: não admirava com a estação que ia!... Aconselhou-lhe água sulfúrica com leite fervido.

— Eu, se isto não despega — disse o comissário rancorosamente — atiro-lhe amanhã pra dentro com meia garrafa de genebra: e se não for por bem, há de ir à força... E que há de novo?

Sebastião tossiu, queixou-se de andar também adoentado, e chegando a cadeira para ao pé do primo Vicente, pondo-lhe a mão sobre o joelho:

— Ó Vicente, tu, se eu te pedisse um polícia pra me acompanhar cá pra uma coisa, só pra meter medo, só pra fazer que uma pessoa restitua o que tirou, tu davas ordem, hem?

— Ordem pra quê? — perguntou lentamente o Vicente com a cabeça baixa, os olhinhos avermelhados em Sebastião.

— Ordem pra me acompanhar, pra se mostrar. É só pra se mostrar. É um caso esquisito... Pra meter medo... Tu sabes que eu não sou capaz... É pra que uma pessoa restitua o que tirou. Sem fazer escândalo...

— Roupas? Dinheiro?

E o comissário cofiava reflectidamente o bigode com os seus longos dedos magros, muito queimados do cigarro.

Sebastião hesitou:

— Sim. Roupas, coisas... É pra não haver escândalo... Tu percebes...

O Vicente murmurou com um ar profundo, fixando-o:

— Um polícia pra se mostrar...

Escarrou ruidosamente. E franzindo a testa:

— Não é coisa de política?

— Não! — fez Sebastião.

O comissário embrulhou mais os pês no cobertor, rolou em redor os olhos, ferozmente:

— Nem toca com gente graúda?

— Qual!

— Um polícia pra se mostrar... — ruminava o Vicente. — Tu és um homem de bem... Dá cá aquela pasta de cima da cómoda.

Tirou um papel pautado, examinou, acavalando a luneta no nariz, meditou com a mão em garra sobre a testa:

— O Mendes... Serve-te o

Mendes?

Sebastião, que não conhecia o Mendes, acudiu logo:

— Sim, quem quiseres. É só pra se mostrar...

— O Mendes. É um homenzarrão. É sério, foi da Guarda.

Fez-lhe aproximar o tinteiro; escreveu devagar a ordem; releu-a duas vezes; cortou os *tt*, secou-a à chaminé do candeeiro; e dobrando-a com solenidade:

— À segunda divisão!

— Obrigado, Vicente! É um grande favor... Obrigado. E agasalha-te, homem! E não te esqueça: água sulfúrica da Farmácia Azevedo na Rua de S. Roque: meia chávena de leite fervido... E obrigado. Não queres nada, hem?

— Não. Dá uma placa ao Mendes.

É sério, foi da Guarda!

E acavalando as lunetas retomou o «Homem dos Três Calções».

Sebastião daí a meia hora, seguido do robusto Mendes, que marchava militarmente, com os braços um pouco arqueados, encaminhava-se para casa de Jorge. Não tinha ainda um plano definido. Calculava naturalmente que Juliana, vendo, àquela hora da noite, o polícia com o seu terçado, se aterraria, imaginaria logo a Boa Hora, o Limoeiro, a costa de África, entregaria as cartas, pediria misericórdia! E depois? Pensava vagamente em lhe pagar a passagem para o Brasil, ou dar-lhe quinhentos mil reis para ela se estabelecer longe, na província... Veria. O essencial era aterrá-la!

***

Juliana, com efeito, depois de abrir a porta, apenas viu subir, atrás de Sebastião, o polícia, fez-se muito amarela, exclamou:

— Credo! Que temos nós?

Estava embrulhada num xale preto, e o candeeiro de petróleo, que ela erguia, prolongava na parede a sombra disforme da cuia.

— Ó Sr.ª Juliana, faça favor de acender luz na sala — disse Sebastião, tranquilamente.

Ela fixava no polícia um olhar faiscante e inquieto.

— Ó senhor, que aconteceu? Credo! Os senhores não estão em casa. Eu

se soubesse nem tinha aberto... Há alguma novidade? Olha o propósito!

— Não é nada — disse Sebastião, abrindo a porta da sala — tudo em paz!

Ele mesmo acendeu com um fósforo uma vela na serpentina — que fez sair vagamente da sombra os dourados dos caixilhos das gravuras, a pálida face de retrato da mãe de Jorge, um reflexo de espelho.

— Ó Sr. Mendes, sente-se, sente-se!

O Mendes colocou-se à beira da cadeira com a mão na cinta, o terçado entre os joelhos, muito soturno.

— Esta é que é a pessoa — disse Sebastião, indicando Juliana, que ficara à porta da sala, atónita.

A mulher recuou, lívida:

— Ó Sr. Sebastião, que brincadeira é esta?

— Não é nada, não é nada...

Tomou-lhe o candeeiro da mão, e tocando-lhe no braço:

— Vamos lá dentro à sala de jantar.

— Mas que é? É alguma coisa comigo? Credo! E esta! Olha que desconchavo!

Sebastião fechou a porta da sala de jantar, pousou o candeeiro sobre a mesa, onde havia um prato com côdeas de queijo e um fundo de vinho num copo, deu alguns passos, fazendo estalar nervosamente os dedos, e parando bruscamente diante de Juliana:

— Dê cá umas cartas que roubou à senhora...

Juliana teve um movimento para correr à janela, gritar.

Sebastião agarrou-lhe o braço, e fazendo-a sentar com força sobre uma cadeira:

— Escusa de ir à janela gritar, a polícia já está dentro de casa. Dê cá as cartas, ou prá enxovia!

Juliana entreviu num relance um quarto tenebroso no Limoeiro, o caldo do rancho, a enxerga nas lajes frias...

— Mas que fiz eu? — balbuciava. — Que fiz eu?

— Roubou as cartas. Dê-as pra cá, avie-se.

Juliana sentada à beira da cadeira, apertando desesperadamente as mãos, rosnava por entre os dentes cerrados:

— A bêbeda! A bêbeda!

Sebastião, impaciente, pôs a mão no fecho da porta.

— Espere, seu diabo! — gritou ela, erguendo-se com um salto. Fixou-o rancorosamente, desabotoou o corpete, enterrou a mão no peito, tirou uma carteirinha. Mas de repente batendo com o pé num frenesi:

— Não! não! não!

— Diabos me levem se você não for dormir à enxovia! — Entreabriu a porta: — Ó Sr. Mendes!

— Aí tem! — gritou ela atirando-lhe a carteira. E brandindo para ele os punhos: — Raios te partam, malvado!

Sebastião apanhou a carteira. Havia três cartas: uma muito dobrada era de Luísa; leu a primeira linha: «Meu adorado Basílio»; e muito pálido guardou

logo tudo na algibeira interior do casaco. Abriu então a porta: a possante figura do Mendes estava na sombra.

— Está tudo arranjado, Sr. Mendes — a voz tremia-lhe um pouco — não lhe quero tomar mais tempo.

O homem fez uma continência, calado: quando Sebastião, no patamar, lhe resvalou na mão uma libra, o Mendes curvou-se respeitosamente e disse, com uma voz pegajosa:

— E para o que quiser, o sessenta e quatro, o Mendes, que foi da Guarda. Não se incomode Vossa Senhoria. Às ordens de Vossa Senhoria. Minha mulher e filhos agradecem. Não se incomode Vossa Senhoria. O sessenta e quatro, o Mendes, que foi da Guarda!

Sebastião fechou a cancela, voltou

à sala de jantar.

Juliana ficara numa cadeira, aniquilada; mas apenas o viu, erguendo-se furiosamente:

— A bêbeda foi-lhe contar tudo! Foi você que arranjou a armadilha! Também você dormiu com ela!...

Sebastião, muito branco, dominava-se.

— Vá pôr o chapéu, mulher. O Sr. Jorge despediu-a. Amanhã mandará buscar os baús...

— Mas o homem há de saber tudo! — berrou ela. — Este teto me rache se eu não lhe disser tudo tim-tim por tim-tim. Tudo! As cartas que recebia, onde ia ver o homem. Deitava-se com ele na sala, até os pentes lhe caíam na balbúrdia. Até a cozinheira lhes sentia o alarido!

— Cale-se! — bradou Sebastião com uma punhada na mesa, que fez tremer toda a louça do aparador e esvoaçar os canários. E com a voz toda trémula, os beiços brancos: — A polícia tem o seu nome, sua ladra! À menor palavra que você diga vai para o Limoeiro, e pela barra fora. Você não roubou só as cartas; roubou roupas, camisas, lençóis, vestidos... — Juliana ia falar, gritar. — Bem sei — continuou ele violentamente — deu-lhos ela, mas à força, porque você a ameaçava. Você arrancou-lhe tudo. É roubo. É de África! E o que ia dizer ao Sr. Jorge, pode ir dizer. Vá. Veja se ele a acredita. Diga! São algumas bengaladas que leva por esses ombros, ladra!

Ela rangia os dentes. Estava apanhada! *Eles* tinham tudo por si, a

polícia, a Boa Hora, a cadeia, a África!... E ela — nada!

Todo o seu ódio contra a «piorrinha» fez explosão. Chamou-lhe os nomes mais obscenos. Inventou infâmias.

— É que nem as do Bairro Alto! E eu — gritava — sou uma mulher de bem, nunca um homem se pôde gabar de tocar neste corpo. Nunca houve raio nenhum que me visse a cor da pele. E a bêbeda!... — Tinha arremessado o xale, alargou ansiosamente o colar do vestido. — Era um desaforo por essa casa! E o que eu passei com a bruxa da tia! É o pago que me dão! Os diabos me levem se eu não for para os jornais. Vi-a eu abraçada ao janota, como uma cabra!

Sebastião a seu pesar escutava-a, com uma curiosidade dolorosa por

aqueles pormenores; sentia desejos agudos de a esganar, e os seus olhos devoravam-lhe as palavras. Quando ela se calou arquejante:

— Vá, ponha o chapéu, e prá rua!

Juliana então alucinada de raiva, com os olhos saídos das órbitas, veio para ele e cuspiu-lhe na cara!

Mas de repente a boca abriu-se-lhe desmedidamente, arqueou-se para trás, levou com ânsia as mãos ambas ao coração, e caiu para o lado, com um som mole, como um fardo de roupa.

Sebastião abaixou-se, sacudiu-a; estava hirta, uma escuma roxa aparecia-lhe aos cantos da boca.

Agarrou no chapéu, desceu as escadas, correu até à Patriarcal. Um *coupé* vazio passava; atirou-se para

dentro, mandou «a todo o que der», para casa de Julião; e obrigou-o a vir imediatamente, mesmo em chinelas, sem colarinho.

— É caso de morte, é a Juliana — balbuciava muito pálido.

E pelo caminho, entre o ruído das rodas e o tilintar dos caixilhos, contava confusamente que entrara em casa de Luísa, que achara Juliana muito despeitada por ter sido despedida, e que a falar, a esbracejar, de repente, tombara pró lado!

— Foi o coração. Estava pra dias — disse Julião, chupando a ponta do cigarro.

Pararam. Mas Sebastião desorientado, ao sair, fechara a porta! E dentro só a morta! O cocheiro ofereceu a

sua gazua, que serviu.

— Então nem se vai a uma passeadinha ao Dafundo, meus fidalgos? — disse o homem, metendo a gorjeta na algibeira.

Mas vendo-os atirar com a porta:

— Também não é gente disso — rosnou com desprezo, batendo a parelha.

Entraram.

No pequeno pátio o silêncio da casa pareceu a Sebastião pavoroso. Subia, aterrado, os degraus, que se afiguravam infindáveis; e, com fortes pancadas do coração, esperava ainda que ela estivesse apenas adormecida num desmaio simples, ou já de pé, pálida e respirando!

Não. Lá estava como a deixara, estendida na esteira, com os braços

abertos, os dedos retorcidos como garras. A convulsão das pernas arregaçara-lhe as saias, viam-se as suas canelas magras com meias de riscadinho cor-de-rosa e as chinelas de tapete; o candeeiro de petróleo, que Sebastião esquecera ao pé sobre uma cadeira, punha tons lívidos na testa, nas faces rígidas; a boca torcida fazia uma sombra; e os olhos medonhamente abertos, imobilizados na agonia repentina, tinham uma vaga névoa, como cobertos de uma teia de aranha diáfana. Em redor tudo parecia mais imóvel, de um hirto morto. Vagos reflexos de prata reluziam no aparador; e o tiquetaque do «cuco» palpitava sem descontinuar.

Julião palpou-a, ergueu-se sacudindo as mãos, disse:

— Está morta com todas as regras. É necessário tirá-la daqui. Onde é o quarto?

Sebastião, pálido, fez sinal com o dedo que era por cima.

— Bem. Arrasta-a tu, que eu levo o candeeiro. — E como Sebastião não se movia: — Tens medo? — perguntou rindo.

Escarneceu-o: que diabo, era matéria inerte, era como quem agarrava uma boneca! Sebastião, com um suor à raiz dos cabelos, levantou o cadáver por debaixo dos braços, começou a arrastá-lo, devagar. Julião adiante erguia o candeeiro; e por fanfarronada cantou os primeiros compassos da marcha do «Fausto». Mas Sebastião escandalizou-se, e com uma voz que tremia:

— Largo tudo, e vou-me...

— Respeitarei os nervos da menina! — disse Julião curvando-se.

Continuaram calados. Aquele corpo magro parecia a Sebastião de um peso de chumbo. Arquejava. Nas escadas uma das chinelas do cadáver soltou-se, rolou. E Sebastião sentia aterrado alguma coisa que lhe batia contra os joelhos: era a cuia caída, suspensa por um atilho.

Estenderam-na na cama; Julião, dizendo que se deviam seguir as tradições, pôs-lhe os braços em cruz e fechou-lhe os olhos.

Esteve um momento a olhá-la.

— Feia besta! — murmurou, estendendo-lhe sobre o rosto uma toalha enxovalhada.

Ao sair, examinou, admirado, o

quarto:

— Estava mais bem alojada que eu, o estafermo!

Fechou a porta, deu volta à chave:

— *Requiescat in pace* — disse.

E desceram, calados.

Ao entrar na sala, Sebastião, muito pálido, pôs a mão no ombro de Julião:

— Então achas que foi o aneurisma?

— Foi. Enfureceu-se, estourou. É dos livros...

— Se não se tivesse zangado hoje...

— Estourava amanhã. Estava nas últimas... Deixa em paz a criatura. Está começando a esta hora a apodrecer, não a perturbemos.

Declarou então, esfregando as

mãos com frio, que «comia alguma coisa». Achou no armário um pedaço de vitela fria, uma garrafa meia de Colares. Instalou-se e, com a boca cheia, deitando o vinho de alto:

— Então sabes a novidade, Sebastião?

— Não.

— O meu concorrente foi despachado!

Sebastião murmurou:

— Que ferro!

— Era previsto — disse Julião com um grande gesto. — Eu ia fazer um escândalo, mas... — e teve um risinho — amansaram-me! Estou num posto médico, deram-me um posto médico! Atiraram-me um osso!

— Sim? — fez Sebastião. —

Homem, ainda bem, parabéns. E agora?

— Agora, roê-lo.

De resto, tinham-lhe prometido a primeira vagatura. O posto médico não era mau... Em definitivo, a situação melhorara...

Mas mesquinha, mesquinha! Não saio do atoleiro...

Estava farto de medicina, disse depois de um silêncio. Era um beco sem saída. Devia-se ter feito advogado, político, intrigante. Tinha nascido para isso!

Ergueu-se, e com grandes passadas pela sala, o cigarro na mão, a voz cortante, expôs um plano de ambição:

— O país está a preceito para um intrigante com vontade! Esta gente toda está velha, cheia de doenças, de catarros

de bexiga, de antiga sífilis! Tudo isto está podre por dentro e por fora! O velho mundo constitucional vai a cair aos pedaços... Necessitam-se homens!

E plantando-se diante de Sebastião:

— Este país, meu caro amigo, tem-se governado até aqui com expedientes. Quando vier a revolução contra os expedientes, o país há de procurar quem tenha os princípios. Mas quem tem aí princípios? Quem tem aí quatro princípios? Ninguém; têm dívidas, vícios secretos, dentes postiços; mas princípios, nem meio! Por consequência, se houver três patuscos que se deem ao trabalho de estabelecer meia dúzia de princípios sérios, racionais, modernos, positivos, o país tem de se atirar de

joelhos, e suplicar-lhes: «Senhores, fazei-me a honra insigne de me pôr o freio nos dentes!» Ora eu devia ser um destes. Nasci pra isso! E seca-me a ideia de que enquanto outros idiotas, mais astutos e mais previdentes, hão de estar no poleiro a reluzir ao sol, *al hermoso sol portugués*, como se diz nas zarzuelas, eu hei de estar a receitar cataplasmas a velhas devotas, ou a ligar as ruturas de algum desembargador caduco.

Sebastião calado pensava na outra, morta em cima.

— Estúpido país, estúpida vida! — rosnou Julião.

Mas uma carruagem entrou na rua, parou à porta.

Chegam os príncipes! — disse Julião. Desceram logo.

Jorge ajudava Luísa a sair do trem, quando Sebastião, abrindo a porta, bruscamente:

— Houve cá grande novidade!

— Fogo? — gritou Jorge voltando-se aterrado.

— A Juliana, que lhe rebentou o aneurisma — disse a voz de Julião da sombra da porta.

— Oh cos diabos! — E Jorge atarantado procurava à pressa na algibeira troco para o cocheiro.

— Ai, eu já não entro! — exclamou logo D. Felicidade, mostrando à portinhola a sua larga face envolvida numa manta branca. — Eu já não entro!

— Nem eu! — fez Luísa, toda trémula.

— Mas para onde queres que

vamos, filha? — exclamou Jorge.

Sebastião lembrou que podiam ir para casa dele. Tinha o quarto da mamã, era só pôr lençóis na cama.

— Vamos, sim! Vamos, Jorge! É o melhor! — suplicou Luísa.

Jorge hesitava. A patrulha que ia passando ao alto da rua, ao ver aquele grupo junto à lanterna do trem, parou. E Jorge enfim, instado, muito contrariado, consentiu.

— Diabo da mulher, morrer a semelhante hora! A carruagem vai-a levar, D. Felicidade...

— E a mim, que estou em chinelas! — acudiu Julião.

D. Felicidade lembrou então, como cristã, que era necessário alguém, para velar a morta...

— Ora, pelo amor de Deus, D. Felicidade! — exclamou Julião, entrando logo para a carruagem, batendo com a portinhola.

Mas D. Felicidade insistia: era uma falta de religião! Ao menos pôr duas velas, mandar chamar um padre!...

— Largue, cocheiro! — berrou Julião, impaciente.

A carruagem deu a volta. E D. Felicidade à portinhola, apesar de Julião que a puxava pelos vestidos, gritava:

— É um pecado mortal! É uma irreverência! Ao menos duas velas!

O trem partiu a trote.

Luísa agora tinha escrúpulos: realmente podia-se mandar chamar alguém...

Mas Jorge enfureceu-se. Chamar

quem, àquela hora? Que beatice! Estava morta, acabou-se! Enterrava-se... Velar o estafermo! Fazer-lhe talvez câmara-ardente também? Queria ela ir velá-la?...

— Então, Jorge, então!... — murmurava Sebastião.

— Não, é de mais! É vontade de criar embaraços, que diabo!

Luísa baixava a cabeça: e, enquanto Jorge, praguejando, ficou atrás a fechar a porta da casa, ela foi descendo a rua pelo braço de Sebastião.

— Estourou de raiva — disse-lhe ele baixinho.

Toda a rua Jorge resmungou. Que ideia, irem dormir agora fora de casa! Realmente era levar muito longe as mariquices...!

Até que Luísa lhe disse, quase

chorando:

— Vê se me queres torturar mais, e fazer-me mais doente, Jorge!

Ele calou-se, mordendo furioso o charuto. E Sebastião, para a sossegar, propôs que viesse a tia Vicência, a preta, velar a Juliana.

— Era talvez melhor — murmurou Luísa.

Chegaram à porta de Sebastião. O frufru do vestido de seda de Luísa, àquela hora, na sua casa, dava uma comoção a Sebastião: a mão tremia-lhe ao acender as velas da sala. Foi acordar a tia Vicência para fazer chá; tirou ele mesmo os lençóis dos baús, apressado, feliz daquela hospitalidade. Quando voltou à sala, Luísa estava só, muito pálida, ao canto do sofá.

— Jorge? — perguntou ele.

— Foi ao seu escritório, Sebastião, escrever ao pároco para o enterro... — E com os olhos brilhantes, numa voz sumida e assustada: — Então?

Sebastião tirou da algibeira a carteirinha de Juliana. Ela agarrou-a sofregamente — e com um movimento brusco tomou-lhe a mão e beijou-lha.

Mas Jorge entrava, sorrindo.

— Então agora está mais descansada, a menina?

— Inteiramente — disse ela com um suspiro de alívio.

Foram tomar chá. Sebastião contou a Jorge, corando um pouco, a maneira como entrara em casa, a Juliana lhe estivera a dizer que fora despedida, e falando, exaltando-se, zás, de repente,

caíra para o lado morta...

E acrescentou:

— Coitada!

Luísa via-o mentir, olhando-o com adoração.

— E a Joana? — perguntou Jorge, de repente.

Luísa, sem se perturbar, respondeu:

— Ah, esqueci-me dizer-te... Tinha pedido licença para ir ver uma tia que está muito mal, prós lados de Belas... Diz que volta amanhã... Mais uma gota de chá, Sebastião...

Esqueceram-se depois de mandar a Vicência — e ninguém velou a morta.

14

Luísa passou a noite às voltas, com febre, Jorge de madrugada ficou assustado da frequência do seu pulso e do calor seco da pele.

Ele mesmo, muito nervoso, não pudera dormir. O quarto, onde se não acendera luz havia muito, tinha uma frialdade desabitada: na parede, junto ao teto, havia manchas de humidade: e a cama antiga de colunas torneadas sem cortinados, o velho trenó do século passado com o seu espelho embaciado davam, à luz bruxuleante da lamparina, um sentimento triste de convivências extintas. O achar-se ali com sua mulher, numa cama alheia, trazia-lhe, sem saber porquê, uma

vaga saudade: parecia-lhe que se dera na sua vida uma alteração brusca — e que, semelhante a um rio a que se muda o leito, a sua existência, desde essa noite, começaria a correr entre aspetos diferentes. O nordeste fazia bater os caixilhos da vidraça e uivava encanado na rua.

Pela manhã, Luísa não se pôde levantar.

Julião, chamado à pressa, tranquilizou-os:

— É uma febrezita nervosa. Quer sossego, não vale nada. Foi o medozinho de ontem, hem?

— Sonhei toda a noite com ela — disse Luísa. — Que tinha ressuscitado... Que horror!

— Ah! pode estar sossegada... E

já a aviaram, a mulher.

— O Sebastião lá anda com a maçada — disse Jorge. — E eu vou dar uma vista de olhos.

Na rua já se sabia da morte da «Tripa Velha».

A mulher que a veio amortalhar, uma matrona muito picada das bexigas, com os olhos avermelhados da paixão da aguardente, era conhecida da Sr.ª Helena. Estiveram um momento a palrar ao sol, à porta do estanco:

— Muito que fazer agora, Sr.ª Margarida, hem?

— Bastante, bastante, Sr.ª Helena — disse a amortalhadeira com a voz um pouco rouca. — No inverno sempre há mais obra. Mas tudo gente velha, com os frios. Nem um corpinho bonito para

vestir...

A Sr.ª Margarida tinha predileções artísticas. Gostava de um bonito corpo de dezoito anos, uma mocinha fresca para lavar, escarolar, enfeitar... Entrouxava à má cara a gente velha. Mas com as raparigas novas esmerava-se: acatitava as pregas da mortalha; calculava o chique de uma flor, de um laço; trabalhava com os requintes ajanotados de uma modista do sepulcro.

A estanqueira contou-lhe muitas particularidades sobre a Juliana, os favores dos patrões, as tafularias dela, os luxos do quarto tapetado... A Sr.ª Margarida dizia-se «banzada». — E para quem iria agora tudo aquilo? — perguntavam. — A «Tripa Velha» não tinha parentes...

— Era uma riqueza prá minha Antoninha! — disse a amortalhadeira, traçando o xale com tristeza.

— Como vai ela, a pequena?...

— Aquilo vai mal, Sr.ª Helena. Aquela cabeça doida! — E exalando a sua dor com loquacidade: — Deixar o brasileiro que a trazia nas palminhas... E por quem? Por aquele desalmado, que lhe come tudo, que já lhe arranjou um filho, e que a derreia com pau... Mas então, as raparigas são assim... Vão atrás do palmo de cara... Que ele é bonito rapaz! Mas um bêbedo!... Coitada!... Pois vou vestir aboneca, Sr.ª Helena. — E entrou na casa compungidamente.

O padre já chegara também. Estava na sala com Sebastião, que conhecia de Almada, e falava de lavoura,

de enxertos, das regas, numa voz grossa — passando, com um gesto lento da sua mão cabeluda, o lenço enrolado por debaixo do nariz. As janelas em toda a casa estavam abertas ao sol muito doce. Os canários chilreavam.

— Estava há muito tempo na casa, a defunta? — perguntou o padre a Jorge, que passeava pela sala, fumando.

— Há quase um ano.

O padre desdobrou lentamente o lenço, e sacudindo-o, antes de se assoar:

— A sua senhora há de sentir muito... É um tributo universal!...

E assoou-se, com estrondo.

A Joana, então, de xale e lenço, apareceu, em bicos de pés. Soubera pelos vizinhos que a Juliana «arrebentara», que os senhores estavam em casa do Sr.

Sebastião. Vinha de lá. Luísa mandara-a entrar no quarto. Quando a viu doente, a sua rica senhora, lagrimejou muito. Luísa disse-lhe «que agora estava tudo como dantes, podia voltar...»

— E ouça Joana, se o Sr. Jorge lhe perguntar... que esteve em Belas, com a tia...

A rapariga fora logo buscar a trouxa e vinha instalar-se — um pouco assustada da morte em casa.

Daí a pouco o Paula bateu discretamente à porta.

Ali vinha oferecer-se para o que fosse necessário naquele transe! E tirando e pondo rapidamente o boné, raspando o pé, dizia com a sua voz catarrosa:

— Lamento a desgraça, lamento a desgraça! Todos somos mortais...

— Bem, bem, Sr. Paula, não é necessário nada — disse Jorge. — Obrigado!

E fechou bruscamente a cancela.

Estava impaciente por se desembaraçar «daquela estopada»: e mesmo como o enfastiavam as marteladas espaçadas dos homens pregando o caixão, em cima, chamou a Joana:

— Diga a essa gente que se avie. Não vamos ficar aqui toda a vida!

A Joana foi logo dizer que o senhor estava num frenesi! Tinha-se feito já íntima da Sr.ª Margarida. A amortalhadeira fora mesmo com ela à cozinha para tomar uma «sustanciazinha». Como o lume estava apagado, contentou-se com sopas de pão em vinho.

— Sopinha de burro — dizia,

fazendo estalar a língua.

Mas estava enojada com a defunta! Nunca vira bicho mais feio. Um corpo de sardinha seca! E pondo um olhar complacente nas belas formas de Joana: — A menina, não. A menina tem-me o ar de ter muito bom corpo... — E parecia calcular como talharia a mortalha para aquelas linhas robustas.

Joana disse, escandalizada:

— Longe vá o agouro, cruzes!

A outra sorriu; faltavam-lhe dois dentes. E aflautando a voz:

— Tem-me passado pela mão muita gente fina, minha menina. Mais uma gotinha de vinho, se faz favor? É do Cartaxo, não? É muito aveludado! rica gota!

Enfim, com grande satisfação de

Jorge, às quatro horas os homens desceram o caixão. A vizinhança estava pelas portas. O Paula mesmo, por fanfarronada, disse com dois dedos adeus ao esquife, murmurando:

— Boa viagem!

Jorge em cima, ao sair, perguntou a Joana:

— E você não tem medo de ficar aqui só?

— Eu não, meu senhor. Quem vai não volta!

Tinha medo, com efeito; mas preparava-se a passar a noite com o Pedro, e batia-lhe o coração de alegria de «terem a casa por sua» até de manhã, e de se poderem rolar amorosamente como fidalgos, por cima do divã da sala.

Jorge voltou com Sebastião para

casa, e apenas entrou no quarto, onde Luísa estava deitada:

— Tudo pronto — disse, esfregando as mãos. — Lá vai pra o Alto de S. João, devidamente acondicionada. *Per omnia soecula soeculorum!*

A tia Joana, que estava à cabeceira de Luísa, acudiu:

— Ai, quem lá vai, lá vai... Mas boa mulher, não era ela!

— Era um bom estafermo — disse Jorge. — Esperemos que a esta hora esteja a ferver na caldeira de Pero Botelho. Não é verdade, tia Joana?

— Jorge! — fez Luísa repreensivamente. E julgou dever rezar-lhe baixo dois padre-nossos por alma.

Foi tudo o que a terra deu na sua morte àquela que ia rolando a essa hora,

ao trote de duas velhas éguas, para a vala dos pobres, e que fora na vida Juliana Couceiro Tavira!

***

No dia seguinte Luísa estava melhor: falaram mesmo, com grande desconsolação da tia Joana, em voltar para casa. Sebastião não dizia nada, mas quase desejava secretamente que uma convalescença a retivesse ali semanas indefinidas. Ela parecia tão agradecida! Tinha olhares tão reconhecidos, que só ele compreendia! E era tão feliz tendo-a ali e a Jorge na sua casa! Conferenciava com a tia Vicência sobre o jantar; andava pelos corredores e pela sala, com respeito, quase em bicos de pés, como se a

presença dela santificasse a casa; enchia os vasos de camélias e de violetas; sorria beatamente ao ver Jorge, à sobremesa, saborear e gabar o seu velho conhaque; sentia alguma coisa de bom acalentá-lo como um manto acolchoado e macio; e já pensava que quando ela partisse tudo lhe pareceria mais frio, e com uma tristeza de ruína!

Mas daí a dois dias voltaram para casa.

Luísa ficou muito agradada com a criada nova. Fora Sebastião que a arranjara. Era uma rapariguita asseadinha e branca, com grandes olhos bonitos e pasmados, um ar amorável: chamava-se Mariana; e foi logo correndo dizer a Joana «que morria pela senhora! tinha uma carinha de anjo! que linda que era!»

Jorge logo nessa manhã mandou os dois baús de Juliana à tia Vitória.

Luísa, quando ele saiu à tardinha, fechou-se no quarto, com a carteirinha de Juliana, correu os transparentes por precaução, acendeu uma vela, e queimou as cartas. As mãos tremiam-lhe; e via, com os olhos marejados de lágrimas, a sua vergonha, a sua escravidão irem-se, dissiparem-se num fumo alvadio! Respirou completamente! Enfim! E fora Sebastião, aquele querido Sebastião!

Foi então à sala, à cozinha, ver a casa: tudo lhe pareceu novo, a sua vida cheia de doçura: abriu todas as janelas; experimentou o piano; rasgou mesmo em pedaços, por superstição, a música da «Médjé», que lhe dera Basílio; conversou muito com a Mariana; e saboreando o seu

caldo de galinha de convalescente, com a face alumiada da felicidade:

«Que bem que vou passar agora!», pensava.

Quando sentiu no corredor os passos de Jorge que entrava, correu, deitou-lhe os braços ao pescoço, e com a cabeça no ombro dele:

— Estou tão contente hoje! E se tu soubesses, é tão boa rapariga a Mariana!

***

Mas nessa noite a febre voltou, Julião, de manhã, achou-a pior.

— Crescimentos... — disse descontente.

Estava receitando, quando D. Felicidade entrou, muito excitada. Ficou

toda surpreendida de ver Luísa doente; e debruçando-se sobre ela, disse-lhe logo ao ouvido:

— Tenho que te contar!

Apenas Jorge e Julião saíram, desabafou, sentada aos pés da cama — com uma voz ora baixa pela gravidade da confidência, ora aguda pelo ímpeto da indignação.

Tinha sido roubada! Indignamente roubada! O homem que mandara a Tui, o grande ladrão, tinha escrito à Gertrudes, à criada, que não estava resolvido a voltar a Lisboa; que a mulher de virtude mudara de povoação; que ele não queria saber mais desse negócio e que até o achava esquisito; que oferecia o seu préstimo em Tui — tudo isto numa boa letra de escrevente público, num português

horrível — e do dinheiro nem palavra!

— Que te parece o mariola? Oito moedas! Eu se não fosse pela vergonha, ia direita à polícia... Ai! os galegos pra mim acabaram! Por isso o Conselheiro não se chegava ao rego! Pudera! A mulher nunca lançou a sorte!... — Porque se já não acreditava na honestidade dos galegos, não perdera a fé no poder das bruxas.

Que ela não era pelas oito moedas! Era pelo ferro! E depois, quem sabe onde estaria agora a mulher! Ai, era de endoudecer!... Que te parece, hem?

Luísa encolheu os ombros: muito abafada na roupa, as faces escarlates, cerravam-se-lhe os olhos numa sonolência pesada: D. Felicidade aconselhou-lhe vagamente um suadouro, suspirando; e como Luísa não lhe podia dar

consolações, saiu para ir à Encarnação desabafar com a Silveira.

Nessa madrugada Luísa piorou. A febre recrudescera. Jorge inquieto, vestiu-se à pressa, às nove horas da manhã, foi buscar Julião. Descia a escada rapidamente, abotoando ainda o paletó, quando o carteiro subia, tossindo o seu catarro.

— Cartas? — perguntou Jorge.

— Uma prá senhora — disse o homem. — Há de ser prá senhora...

Jorge olhou o envelope: tinha o nome de Luísa, vinha de França.

«De quem diabo é isto?», pensou. Meteu-a no bolso do paletó, e saiu.

Daí a meia hora voltava com Julião, num trem.

Luísa dormitava, amodorrada.

— É preciso cautela... Vamos ver... — murmurou Julião, coçando devagar a cabeça, enquanto do outro lado do leito Jorge o olhava ansiosamente.

Receitou e ficou para almoçar com Jorge. Estava um dia frio e pardo. A Mariana, abafada num casabeque, servia, com os dedos vermelhos, inchados de frieiras. E Jorge sentia-se entristecer, como se toda a névoa do ar se lhe fosse lentamente depositando e condensando na alma.

— A que se podia atribuir semelhante febre? — dizia, muito desconsolado. — Tão extraordinário! Havia seis dias, ora melhor, ora pior...

— Estas febres vêm por tudo — replicou Julião, partindo tranquilamente uma torrada. — Às vezes por uma

corrente de ar, às vezes por um desgosto. Tenho eu, por exemplo, um caso curioso: um sujeito, um Alves, que esteve para falir, e que viveu, coitado, durante dois meses em torturas. Há duas semanas, por um golpe de fortuna — a velhaca às vezes tem destes caprichos — arranjou todos os seus negócios, viu-se livre. Pois senhor, desde então tem uma febre assim, tortuosa, complexa, com sintomas disparatados... O que é? É que a excitação nervosa abateu, e a felicidade trouxe-lhe uma revolução no sangue. Pode muito bem dar à casca. Faz então a falência geral, a grande, aquela em que o credor é implacável, saca à vista, e... *per omnia soecula!*

Ergueu-se, e acendendo o cigarro:

— Em todo o caso um repouso

absoluto. É necessário ter-lhe o espírito em algodão em rama. Nada de palestra, nada de frases, e se tiver sede, limonada. Até logo!

E saiu, calçando as luvas pretas que usava agora desde que pertencia ao posto médico.

Jorge voltou à alcova: Luísa ainda dormitava. Mariana, sentada ao pé numa cadeirinha baixa, com o rostinho muito, triste, não tirava de Luísa os seus grandes olhos vagamente espantados.

— Tem estado muito inquieta — murmurou.

Jorge apalpou a mão de Luísa, que ardia, aconchegou-lhe a roupa. Beijou-a devagarinho na festa, foi cerrar as portas da janela, defronte da alcova. E passeando no escritório, voltavam-lhe as

palavras de Julião: são febres que vêm por um desgosto! Pensava na história do negociante, recordava aquele estado de abatimento e da fraqueza de Luísa que o preocupara tanto, ultimamente, tão inexplicável! Ora, tolices! Desgosto de quê? Em casa de Sebastião estivera tão animada! Nem a morte da outra lhe fizera abalo! — De resto acreditava pouco nas *febres de desgosto*. Julião tinha uma medicina literária. Pensou mesmo que seria mais prudente chamar o velho Dr. Caminha...

Ao meter a mão no bolso, então, os seus dedos encontraram uma carta; era a que o carteiro lhe dera, de manhã, para Luísa. Tornou a examiná-la com curiosidade; o sobrescrito era banal, como os que há nos cafés ou nos

restaurantes; não conhecia a letra; era de homem, vinha de França...

Atravessou-o um desejo rápido de a abrir. Mas conteve-se, atirou-a para cima da mesa, embrulhou devagar um cigarro.

Voltou à alcova. Luísa permanecia na sua modorra: a manga do chambre arregaçada descobria o braço mimoso, com a sua penugem loura; a face escarlate reluzia; as pestanas longas pousavam pesadamente, no adormecimento das pálpebras finas; um anel do cabelo caíra-lhe sobre a testa, e pareceu a Jorge adorável e tocante com aquela cor, a expressão da febre. Pensou, sem saber porquê, que outros a deviam achar linda, desejá-la, dizer-lho, se pudessem... Para que lhe escreviam de França, quem?

Voltou ao escritório, mas aquela carta sobre a mesa irritava-o: quis ler um livro, atirou-o logo impaciente; e pôs-se a passear, torcendo muito nervoso o forro das algibeiras.

Agarrou então a carta, quis ver, através do papel delgado do envelope: os seus dedos, mesmo irresistivelmente, começaram a rasgar um ângulo do sobrescrito. Ah! não era delicado aquilo!... Mas a curiosidade, que governava o seu cérebro, sugeriu-lhe toda a sorte de raciocínios, com uma tentação persuasiva: — Ela estava doente, e podia ser alguma coisa urgente; se fosse uma herança? Depois ela não tinha segredos, e então em França! Os seus escrúpulos eram pueris! Dir-lhe-ia que a abrira por engano. E se a carta contivesse o segredo

daquele desgosto, do *desgosto* das teorias de Julião!... Devia abri-la então para a curar melhor!

Sem querer achou-se com a carta desdobrada na mão. Num relance ávido devorou-a. Mas não compreendeu bem; as letras embrulhavam-se; chegou-se à janela, releu devagar:

«Minha querida Luísa.

Seria longo explicar-te como só antes de ontem em Nice — donde cheguei esta madrugada a Paris — recebi a tua carta, que pelos carimbos vejo que percorreu toda a Europa atrás de mim. Como já lá vão dois meses e meio que a escreveste, imagino que te arranjaste com a

mulher, e que não precisas do dinheiro. De resto se por acaso o queres, manda um telegrama e tens-lo aí em dois dias. Vejo pela tua carta que não acreditaste nunca que a minha partida fosse motivada por negócios. És bem injusta. A minha partida não te devia ter tirado, como tu dizes, *todas as ilusões sobre o amor*, porque foi realmente quando saí de Lisboa que percebi quanto te amava, e não há dia, acredita, em que me não lembre do *Paraíso*. Que boas manhãs! Passaste por lá por acaso alguma outra vez? Lembras-te do nosso *lunch?* Não tenho tempo para mais. Talvez em breve volte a Lisboa. Espero ver-te, porque sem ti Lisboa é para mim um deserto.

Um longo beijo do

Teu do C.
Basílio.»

Jorge dobrou o papel, lentamente, em duas, em quatro dobras, atirou-o para cima da mesa, disse alto:

— Sim, senhor! Bonito!

Encheu o cachimbo de tabaco maquinalmente, com os olhos vagos, os beiços a tremer, deu alguns passos incertos pelo escritório. — De repente arremessou o cachimbo que despedaçou um vidro da janela, bateu com as mãos desvairado, e atirando-se de bruços para cima da mesa, rompeu a chorar, rolando a cabeça entre os braços, mordendo as mangas, batendo com os pés, louco!

Ergueu-se subitamente, agarrou a carta, ia com ela à alcova de Luísa. Mas a lembrança das palavras de Julião imobilizou-o: que esteja sossegada, nada de frases, nenhuma excitação! Fechou a carta numa gaveta, meteu a chave na algibeira. E de pé, a tremer, com os olhos raiados de sangue, sentia ideias insensatas alumiarem-lhe bruscamente o cérebro, como relâmpagos numa tormenta — matá-la, sair de casa, abandoná-la, fazer saltar os miolos...

Mariana bateu ligeiramente à porta, disse-lhe que a senhora o chamava.

Uma onda de sangue subiu-lhe à cabeça; fitava Mariana, estúpido, batendo as pálpebras.

— Já vou — disse com a voz rouca.

Ao passar na sala, diante do espelho oval, ficou pasmado do seu rosto manchado, envelhecido. Foi correr uma toalha molhada pela face, alisou o cabelo: e ao entrar na alcova, ao vê-la, com os seus grandes olhos dilatados onde a febre reluzia, teve de se agarrar à barra do leito, porque sentiu, em redor, as paredes oscilarem como lonas ao vento.

Mas sorriu-lhe:

— Como estás?

— Mal — murmurou ela debilmente.

Chamou-o para ao pé de si com um gesto muito fatigado.

Ele veio, sentou-se sem a olhar.

— Que tens? — disse ela chegando o rosto para ele. — Não te aflijas. — E tomou a mão que ele pousara

à beira do leito.

Jorge, com um repelão seco, sacudiu a mão dela, ergueu-se bruscamente com os dentes cerrados; sentia uma cólera brutal; ia-se, com medo de si, de um crime, quando ouviu a voz de Luísa, arrastando-se, numa lamentação:

— Porquê, Jorge? Que tens?...

Voltou-se; viu-a meio erguida com os olhos abertos para ele, uma angústia no rosto; e duas lágrimas caíam-lhe, silenciosamente.

Atirou-se de joelhos, agarrou-lhe as mãos, aos soluços.

— Que é isto? — exclamou a voz de Julião à porta da alcova.

Jorge, muito pálido, ergueu-se devagar.

Julião levou-o para a sala,

cruzando terrivelmente os braços diante dele:

— Tu estás doido? Pois tu sabes que ela está num estado daqueles, e vais-te pôr a fazer-lhe cenas de lágrimas?

— Não me pude conter...

— Estoura. Eu estou a cortar-lhe a febre por um lado, e tu a dar-lha por outro? Estás doido!

Estava realmente indignado. Interessava-se por Luísa como doente. Desejava muito curá-la; e sentia uma satisfação em exercer o domínio de pessoa necessária naquela casa, onde as suas visitas tinham tido sempre uma atitude dependente; mesmo agora, ao sair, não se esquecia de oferecer negligentemente um charuto a Jorge.

***

Jorge foi heroico durante toda essa tarde. Não podia estar muito tempo na alcova de Luísa, a desesperação trazia-o num movimento contraditório; mas ia lá a cada momento, sorria-lhe, aconchegava-lhe a roupa com as mãos trémulas; e como ela dormitava, ficava imóvel a olhá-la feição por feição, com uma curiosidade dolorosa e imoral, como para lhe surpreender no rosto vestígios de beijos alheios, esperando ouvir-lhe nalgum sonho da febre murmurar um nome ou uma data; e amava-a mais desde que a supunha infiel, mas de um outro amor, carnal e perverso. Depois ia-se fechar no escritório, e movia-se ali entre as paredes estreitas, como um animal numa jaula.

Releu a carta infinitas vezes, e a mesma curiosidade roedora, baixa, vil, torturava-o sem cessar. — Como tinha sido? Onde era o «Paraíso»? Havia uma cama? Que vestido levava ela? O que lhe dizia? Que beijos lhe dava?

Foi reler todas as cartas que ela lhe escrevera para o Alentejo, procurando descobrir nas palavras sintomas de frieza, a data da traição! Tinha-lhe ódio então, voltavam-lhe ao cérebro ideias homicidas — esganá-la, dar-lhe clorofórmio, fazer-lhe beber láudano! E depois imóvel, encostado à janela, ficava esquecido num cismar espesso, revendo o passado, o dia do seu casamento, certos passeios que dera com ela, palavras que ela dissera...

Às vezes pensava — seria a carta uma mistificação? Algum inimigo dele

podia tê-la escrito, remetido para França. Ou talvez Basílio tivesse *outra* Luísa em Lisboa, e por engano ao sobrescritar o envelope tivesse escrito o nome da prima; e a alegria momentânea que lhe davam aquelas fantasias fazia-lhe parecer a realidade mais cruel. Mas como fora? como fora? Se pudesse saber a verdade! Tinha a certeza que sossegaria, então! Arrancaria decerto do seu peito aquele amor como um parasita imundo; apenas ela melhorasse, levá-la-ia a um convento, e ele iria morrer longe, na África, ou algures... Mas quem saberia?... JULIANA!

Era ela que sabia! Decerto! E todas as condescendências dela por Juliana, os móveis, o quarto, as roupas, compreendeu tudo! Era a pagar a cumplicidade! Era a sua confidente!

Levava as cartas, sabia tudo. E estava na vala, morta, sem poder falar, a maldita!

Sebastião, como costumava, veio à noitinha. Não havia ainda luzes, e, apenas ele entrou, Jorge chamou-o ao escritório, calado, acendeu uma vela, tirou a carta da gaveta.

— Lê isto.

Sebastião ficara assombrado ao ver o rosto de Jorge. Olhava a carta fechada, e tremia. Apenas viu a assinatura, uma palidez de agonia cobriu-lhe o rosto. Parecia-lhe que o soalho tinha uma vibração onde ele se firmava mal. Mas dominou-se, leu devagar, pousou a carta sobre a mesa, sem uma palavra.

Jorge disse então:

— Sebastião, isto pra mim é a morte. Sebastião, tu sabes alguma coisa.

Tu vinhas aqui. Tu sabes. Diz-me a verdade!

Sebastião abriu devagar os braços e respondeu:

— Que te hei de eu dizer? Não sei nada!

Jorge agarrou-lhe as mãos, sacudiu-lhas, e procurando o seu olhar ansiosamente:

— Sebastião, pela nossa amizade, pela alma de tua mãe, por tantos anos que temos passado juntos, Sebastião, diz-me a verdade!...

— Não sei nada. Que hei de eu saber?

— Mentes!

Sebastião disse apenas:

— Podem ouvir, homem!

Houve um silêncio: Jorge apertava

as fontes nas mãos, com passadas pelo escritório, que faziam vibrar o soalho; e de repente pondo-se diante de Sebastião, quase suplicante:

— Mas diz-me ao menos o que fazia ela! Saía? Vinha aqui alguém?

Sebastião respondeu devagar, os olhos fixos na luz:

— Vinha o primo às vezes, ao princípio. Quando a D. Felicidade esteve doente, ela ia vê-la... O primo depois partiu... Não sei mais nada.

Jorge esteve um momento a olhar Sebastião, com uma fixidez abstrata.

— Mas que lhe fiz eu, Sebastião? Que lhe fiz eu? Adorava-a! Que lhe fiz eu pra isto? Eu, que a adorava, àquela mulher!

Rompeu a chorar.

Sebastião ficara de pé junto à mesa, estúpido, aniquilado.

— Foi talvez uma brincadeira, apenas... — murmurou.

— E o que diz a carta? — gritou Jorge, voltando-se numa cólera, sacudindo o papel. — Este «Paraíso»! *As boas manhãs* lá passadas! É uma infame!...

— Está doente, Jorge — disse apenas Sebastião.

Jorge não respondeu. Passeou calado algum tempo. Sebastião, imóvel, fatigava a vista contra a chama da luz. Jorge então fechou a carta na gaveta, e tomando o castiçal com um tom de lassidão lúgubre e resignado:

— Queres vir tomar chá, Sebastião?

E não tornaram mais a falar na carta.

***

Nessa noite Jorge dormiu profundamente. Ao outro dia o seu rosto estava impassível, de uma serenidade lívida.

Foi daí por diante o enfermeiro de Luísa.

A doença, depois de uma marcha incerta durante três dias, definiu-se: eram crescimentos; enfraquecia muito, mas Julião estava tranquilo.

Jorge passava os seus dias ao pé dela. D. Felicidade vinha ordinariamente pelas manhãs; sentava-se aos pés da cama, e ficava calada, com uma face

envelhecida; aquela esperança na mulher de Tui tão subitamente destruída abalara-a como um velho edifício a que se tira subitamente um pilar; ia-se tornando uma ruína; e só se animava quando o conselheiro aparecia pelas três horas a saber da «nossa formosa enferma». Trazia sempre alguma palavra grave que dizia com um tom profundo, conservando o chapéu na mão, sem querer entrar na alcova por pudor:

— A saúde é um bem que só apreciamos quando nos foge!

Ou:

— A doença serve para aquilatarmos os amigos.

E terminava sempre:

— Meu Jorge, as rosas da saúde bem cedo reflorirão nas faces de sua

virtuosa esposa!...

De noite Jorge dormia vestido, num enxergão sobre o chão; mas apenas cerrava os olhos uma ou duas horas. O resto da noite procurava ler: começava um romance, mas nunca ia além das primeiras linhas; esquecia o livro, e com a cabeça entre as mãos punha-se a pensar: era sempre a mesma ideia — como tinha sido? Conseguira reconstruir aproximadamente, com lógica, certos factos; via bem Basílio chegando, vindo visitá-la, desejando-a, mandando-lhe ramos, perseguindo-a, indo-a ver aqui e além, escrevendo-lhe. Mas depois? Viera já a compreender que o dinheiro era para Juliana. A criatura tivera alguma exigência. Tinha-os surpreendido? possuía cartas?... E encontrava, naquela

reconstrução dolorosa, falhas, vazios, como buracos escuros, onde a sua alma se arremessava sofregamente. Então começava a recordar os últimos meses desde a sua volta do Alentejo, e como ela se mostrava amante, e que ardor punha nas suas carícias... Para que o enganara então?

Uma noite, com precauções de ladrão, rebuscou todas as gavetas dela, esquadrinhou os vestidos, até as dobras da roupa branca, as caixas de colares, de rendas; viu bem o cofre de sândalo; estava vazio; nem o pó de uma flor seca! Às vezes punha-se a fitar os móveis no quarto, na sala, a sondá-los como se quisesse descobrir neles o vestígio do adultério. Ter-se-iam sentado ali? Ele teria ajoelhado aos pés dela, acolá, sobre

o tapete? Sobretudo o divã tão largo, tão cómodo, desesperava-o; tomou-lhe ódio. Veio a detestar mesmo a casa, como se os tetos que os tinham coberto, os soalhos que os tinham sustentado tivessem uma cumplicidade consciente. Mas o que o torturava sobretudo eram aquelas palavras — o «Paraíso», *as boas manhãs*...

Luísa então dormia tranquilamente. Ao fim de uma semana os crescimentos desapareceram. Mas estava muito fraca: no dia em que pela primeira vez se levantou, desmaiou duas vezes: era necessário vesti-la, trazê-la amparada para a *chaise-longue:* e não dispensava Jorge, queria-o ali, ao pé, com exigências de criança! Parecia receber a vida dos seus olhos, a saúde do contacto das suas mãos. Fazia-lhe ler o jornal pela manhã, e

vir escrever para o pé dela. Ele obedecia, e mesmo aquelas instâncias eram para a sua dor como carícias consoladoras. É porque o amava decerto!

Sentia então, maquinalmente, abertas de felicidade. Surpreendia-se a dizer-lhe ternuras, a rir com ela, esquecido, como dantes! E, estendida na *chaise-longue*, Luísa, contente, percorria antigos volumes da «Ilustração Francesa» que lhe mandara o conselheiro — «onde», segundo ele dissera, «podia, ao mesmo tempo que se divertia com os desenhos, adquirir noções úteis sobre importantes acontecimentos históricos»; ou, com a cabeça reclinada, saboreava a felicidade de melhorar, de estar livre das tiranias da *outra*, das amarguras do *passado*.

Uma das suas alegrias era ver

entrar a Mariana com o seu jantarzinho disposto num guardanapo sobre o tabuleiro; tinha apetite, saboreava muito o cálice de vinho do Porto, que Julião recomendara; quando Jorge não estava, fazia, longas conversações com Mariana, palrando baixo, consolada, e lambendo colherinhas de gelatina.

Às vezes, calada, com os olhos no teto, fazia planos. Dizia-os depois a Jorge: iria estar duas semanas no campo, para ganhar forças; à volta começaria a bordar tiras de casimira para cobrir as cadeiras da sala; porque queria ocupar-se muito da casa, viver recolhida; ele não voltaria ao Alentejo, não sairia de Lisboa, não é verdade? E a sua vida seria daí por diante de uma doçura contínua e fácil.

Mas Luísa às vezes achava-o

macambúzio. Que tinha? Ele explicava pela fadiga, pelas noites mal dormidas... Se adoecesse, ao menos, dizia ela, que fosse quando ela estivesse forte para o tratar, para o velar!... Mas não adoeceria, não? E fazia-o sentar ao pé de si, passava-lhe a mão pelos cabelos, com o olhar quebrado, porque com as forças que renasciam vinham os impulsos do seu temperamento amoroso. Jorge sentia que a adorava, e era mais desgraçado!

Luísa, só consigo, tinha outras resoluções. Não tornaria a ver Leopoldina, e frequentaria as igrejas. Saía da doença com uma vaga sentimentalidade devota. Durante a febre, em certos pesadelos de que lhe ficara uma indistinta ideia aterrada, vira-se às vezes num lugar pavoroso, onde corpos se erguiam,

torcendo os braços, no meio de chamas escarlates: formas negras giravam com espetos em brasa, um rugido de agonia subia para a mudez do Céu: e já lhe tocavam o peito línguas de fogueiras, quando alguma coisa de doce e de inefável de repente a refrescava; eram as asas de um anjo luminoso e sereno, que a tomava nos braços; e ela sentia-se elevar, apoiando a cabeça contra o seio divino, que a penetrava de uma felicidade sobrenatural; via as estrelas de perto, ouvia frémitos de asas. Aquela sensação deixara-lhe como uma recordação saudosa do Céu. E aspirava a ela, nas debilidades da convalescença, esperando ganhá-la pela pontualidade à missa e pela repetição de coroas à Virgem.

Enfim uma manhã veio à sala, e

abriu pela primeira vez o piano; Jorge, à janela, olhava para a rua — quando ela o chamou, e sorrindo:

— Estou a detestar, há tempos, aquele divã — disse. — Podia-se tirar, não te parece?

Jorge sentiu uma pancada no coração: não pôde responder logo; disse, enfim, com esforço:

— Sim, parece...

— Estou com vontade de o tirar — disse ela saindo da sala, arrastando tranquilamente a longa cauda do seu roupão.

Jorge não pôde destacar os olhos do divã. Veio mesmo sentar-se nele; passava a mão sobre o estofo às listras; e sentia um prazer doloroso em verificar *que fora ali!*

Principiara a vir-lhe agora uma espécie de resignação sombria; quando a ouvia gozar tanto as melhoras, falar com felicidade de futuros tranquilos, decidia-se a aniquilar a carta, esquecer tudo. Ela tinha-se arrependido decerto, amava-o: para que havia de criar a sangue-frio uma infelicidade perpétua? Mas quando a via com os seus movimentos lânguidos estender-se na *chaise-longue*, ou ao despir-se mostrava a brancura do seu colo — e pensava que aqueles braços tinham enlaçado outro homem, aquela boca gemido de amor numa cama alheia — vinha-lhe uma onda de cólera bruta, precisava sair para a não esganar!

Para explicar os seus maus humores, os seus silêncios, começou a queixar-se, a dizer-se doente. E as

solicitudes dela, então, as interrogações mudas do seu olhar inquieto faziam-no mais infeliz — por se sentir amado, agora que se sabia traído!

Um domingo enfim Julião deu licença a Luísa para se deitar mais tarde e fazer à noite as honras da casa. Foi uma alegria para todos vê-la na sala, ainda um pouco pálida e fraca — mas, como disse o conselheiro, restituída aos deveres domésticos e aos prazeres da sociedade!

Julião que veio às nove horas achou-a *como nova*. E abrindo os braços, no meio da sala:

— E que me dizem à novidade? — exclamou. — A peça do Ernesto teve um triunfo!...

Assim tinham lido nos jornais. «O Diário de Notícias» dizia mesmo que o

«autor chamado ao proscénio, no meio do mais vivo entusiasmo, recebera uma formosa coroa de louros». Luísa declarou logo que queria ir ver!

— Mais tarde, D. Luísa, mais tarde — acudiu com prudência o conselheiro. — Por ora é conveniente evitar toda a comoção forte. As lágrimas que não deixaria de derramar, conheço o seu bom coração, podiam produzir uma recaída. Não é verdade, amigo Julião?

— Decerto, Conselheiro, decerto. Eu também quero ir. Quero convencer-me por meus olhos...

Mas o ruído de uma carruagem, lançada a trote largo, que parou à porta, interrompeu-o. A campainha retiniu fortemente.

— Aposto que é o autor! —

exclamou ele.

E quase imediatamente a figura radiante de Ernestinho, de casaca, precipitou-se na sala: ergueram-se com ruído, abraçaram-no: mil parabéns! mil parabéns! E a voz do conselheiro, dominando as outras:

— Bem-vindo o festejado autor! Bem-vindo!

Ernesto sufocava de júbilo. Tinha o sorriso imobilizado; as asas do nariz dilatavam-se-lhe, como para respirar os incensos; trazia o peito alto, enfunado de orgulho; e movia a cabeça, sem cessar, como num agradecimento instintivo a multidões aplaudidoras.

— Aqui estou! aqui estou! — disse.

Sentou-se ofegante; e, com um

modo amável de deus-bom-rapaz, declarou que os últimos ensaios de apuro não lhe tinham deixado um momento para vir ver a prima Luísa. Tinha tido naquela noite um instante de seu, mas devia voltar às dez horas para o teatro: até nem mandara a tipoia embora...

Contou então largamente o triunfo. Ao princípio tivera «grandes cólicas». Todos as tinham, os mais acostumados, os mais ilustres! Mas apenas o Campos disse o monólogo do primeiro ato — e como o disse!, haviam de ver, uma coisa sublime! — os aplausos romperam. Tinha agradado tudo. No fim era um barulho, gritos pelo autor, salva de palmas... Ele viera ao palco, arrastado; não queria, mas obrigaram-no, a Jesuína por um lado, a Maria Adelaide por outro! Um delírio! O

Savedra do «Século» tinha-lhe dito: o amigo é o nosso Shakespeare! O Bastos da «Verdade» tinha afirmado: és o nosso Scribe! Houve uma ceia. E tinham-lhe dado uma coroa.

— E serve-lhe? — acudiu Julião.

— Perfeitamente; um bocadinho larga...

O conselheiro disse com autoridade:

— Os grandes autores, o famigerado Tasso, o nosso Camões são sempre representados com as suas respetivas coroas.

— É o que eu lhe aconselho, Sr. Ledesma — acudiu Julião, erguendo-se e batendo-lhe no ombro — é que se faça retratar de coroa!...

Riram.

E Ernestinho, um pouco despeitado, desdobrando o seu lenço perfumado:

— O Sr. Zuzarte não dispensa o seu epigramazinho...

— É a prova da glória, meu amigo. Nos triunfos dos generais vitoriosos, em Roma, havia um bobo no préstito!

— Eu não sei! — disse Luísa muito risonha. — É uma honra prá família!...

Jorge concordou. Passeava pela sala fumando: e disse que gozava tanto a coroa, como se tivesse direito a usá-la...

E Ernestinho voltando-se logo para ele:

— Sabes que lhe perdoei, primo Jorge? Perdoei à esposa...

— Como Cristo...

— Como Cristo — confirmou Ernestinho, com satisfação.

D. Felicidade aprovou logo:

— Fez muito bem! Até é mais moral!

— O Jorge é que queria que eu desse cabo dela — disse Ernestinho, rindo totalmente. — Não se lembra, naquela noite...

— Sim, sim — fez Jorge, rindo também, nervosamente.

— O nosso Jorge — disse com solenidade o conselheiro — não podia conservar ideias tão extremas. E decerto a reflexão, a experiência da vida...

— Mudei, Conselheiro, mudei — interrompeu Jorge.

E entrou bruscamente no

escritório.

Sebastião inquieto, foi devagar ter com ele. Estava às escuras.

— Aqueles idiotas não se calarão? Não se irão? — disse ele abafadamente, agarrando o braço de Sebastião.

— Sossega!

— Oh Sebastião! Sebastião! — E a sua voz tremia, com lágrimas.

Mas Luísa, da sala, gritou:

— Que conspiração é essa aí dentro às escuras?

Sebastião apareceu logo, dizendo:

— Nada, nada. Estávamos lá dentro... — E acrescentou baixo: — O Jorge está fatigado. Está adoentado, coitado!

Notaram, quando ele voltou —

que tinha com efeito o ar esquisito.

— Não, realmente não me sinto bom, estou incomodado!

— E a débil D. Luísa precisa o repouso do seu leito — disse o conselheiro erguendo-se.

Ernestinho, que não se podia demorar, ofereceu logo ao conselheiro e a Julião — «a sua carruagem, que era uma caleche, se iam para a Baixa...»

— Que honra — exclamou Julião olhando Acácio — irmos na tipoia do Grande Homem!

E enquanto D. Felicidade se agasalhava, os três desceram.

No meio da escada Julião parou, e cruzando os braços:

— Ora aqui vou eu entre os representantes dos dois grandes

movimentos de Portugal desde 1820. A Literatura — e cumprimentou Ernestinho — e o Constitucionalismo — e curvou-se para o conselheiro.

Os dois riram, lisonjeados.

— E o amigo Zuzarte?

— Eu? — E baixando a voz: — Até há dias um revolucionário terrível. Mas agora...

— O quê?

— Um amigo da Ordem — gritou com júbilo.

E desceram, contentes de si e do seu país, para se meterem na tipoia do Grande Homem!

15

Ao outro dia Jorge foi ao Ministério, onde não tinha aparecido nos últimos tempos. Mas demorou-se pouco. A rua, a presença dos conhecidos ou dos estranhos torturava-o; parecia-lhe que *todo o mundo sabia;* nos olhares mais naturais via uma intenção maligna, e nos apertos de mão mais sinceros uma irónica pressão de pêsames; as carruagens mesmo que passavam davam-lhe a suspeita de a terem conduzido ao *rendez-vous*, e todas as casas lhe pareciam a fachada infame do «Paraíso». Voltou mais sombrio, infeliz, sentindo a vida estragada. E logo no corredor ao entrar ouviu Luísa cantarolando, como outrora, a

«Mandolinata»!

Estava-se a vestir.

— Como estás tu? — perguntou, pondo a um canto a sua bengala.

— Estou boa. Hoje estou melhor. Um bocado fraca ainda...

Jorge deu alguns passos pelo quarto, taciturno.

— E tu? — perguntou-lhe ela.

— Pr'aqui ando — disse tão desconsoladamente que Luísa pousou o pente, e com os cabelos soltos veio pôr-lhe as mãos nos ombros, muito carinhosa.

— Que tens tu? Tu tens alguma coisa. Estranho-te tanto há dias! Não és o mesmo! Às vezes estás com uma cara de réu... Que é? Diz.

E os seus olhos procuravam os dele, que se desviavam perturbados.

Abraçou-o. Insistia, queria que dissesse tudo à «sua mulherzinha».

— Diz. Que tens?

Ele olhou-a muito, e de repente, com uma resolução violenta:

— Pois bem, digo-te. Tu agora estás boa, podes ouvir... Luísa! Vivo num Inferno há duas semanas. Não posso mais... Tu estás boa, não é verdade? Pois bem, que quer dizer isto? Diz a verdade!

E estendeu-lhe a carta de Basílio.

— O que é? — fez ela muito branca. E o papel dobrado tremia-lhe na mão.

Abriu-a devagar, viu a letra de Basílio, num relance adivinhou-o. Fixou Jorge um momento de um modo desvairado, estendeu os braços sem poder falar, levou as mãos à cabeça com um

gesto ansioso como se se sentisse ferida, e oscilando, com um grito rouco, caiu sobre os joelhos, ficou estirada no tapete.

Jorge gritou. As criadas acudiram. Estenderam-na na cama. Ele quis que Joana corresse a chamar Sebastião; e ficou, como petrificado, junto ao leito, olhando-a, enquanto Mariana toda trémula desatacava o espartilho da senhora.

Sebastião veio logo. Felizmente havia éter, fizeram-lho respirar; apenas abriu lentamente os olhos, Jorge precipitou-se sobre ela:

— Luísa, ouve, fala! Não, não tem dúvida. Mas fala. Diz, que tens?

Ao ouvir a voz dele desmaiou outra vez. Movimentos convulsivos sacudiam-lhe o corpo. Sebastião correu a buscar Julião.

Luísa parecia adormecida agora, imóvel, branca como cera, as mãos pousadas sobre a colcha; e duas lágrimas corriam-lhe devagar pelas faces.

Um trem parou. Julião apareceu esbaforido.

— Achou-se mal de repente... Vê, Julião. Está muito mal! — disse Jorge.

Fizeram-lhe respirar mais éter; despertou outra vez. Julião falou-lhe, tomando-lhe o pulso.

— Não, não, ninguém! — murmurou ela retirando a mão. Repetiu com impaciência: — Não, vão-se, não quero... — As suas lágrimas redobravam. E como eles saíam da alcova para a não excitar contrariando-a, ouviram-na chamar: — Jorge!

Ele ajoelhou-se ao pé da cama, e

falando-lhe junto do rosto:

— Que tens tu? Não se fala mais em tal. Acabou-se. Não estejas doente. Juro-te, amo-te... Fosse o que fosse, não me importa. Não quero saber, não.

E como ela ia falar, ele pousou-lhe a mão na boca:

— Não, não quero ouvir. Quero que estejas boa, que não sofras! Diz que estás boa! Que tens? Vamos amanhã para o campo, e esquece-se tudo. Foi uma coisa que passou...

Ela disse apenas com a voz sumida:

— Oh! Jorge! Jorge!

— Bem sei... Mas agora vais ser feliz outra vez... Diz que sentes?

— Aqui — disse ela, e levava as mãos à cabeça. — Dói-me!

Ele ergueu-se para chamar Julião, mas ela reteve-o; atraiu-o; e devorando-o com os olhos onde a febre se acendia, adiantando o rosto, estendia-lhe os lábios. Ele deu-lhe um beijo inteiro, sincero, cheio de perdão.

— Oh! minha pobre cabeça! — gritou ela.

As fontes latejavam-lhe, e uma cor ardente, seca, esbraseava-lhe o rosto.

Como era habituada a enxaquecas, Julião tranquilizou-os; recomendou um sossego imóvel e sinapismos de mostarda aos pés — até que ele voltasse.

Jorge ficou junto do leito, taciturno, cortado de pressentimentos, de sustos, suspirando às vezes.

Eram então quatro horas; caía uma chuva miudinha, enevoada; a alcova tinha

uma luz lúgubre.

— Não há de ser nada... — dizia Sebastião.

Luísa agitava-se no leito, apertando as mãos na cabeça, torturada pela dor crescente, cheia de sede.

Mariana acabava de arrumar em pontas de pés, vagamente assombrada daquela casa, onde só vira desgosto e doença: mas só o pousar subtil dos seus passos fazia sofrer Luísa, como se fossem marteladas sobre o crânio.

Julião não tardou; logo da porta do quarto, o aspeto dela inquietou-o. Acendeu um fósforo, aproximou-lho do rosto; e aquela luz fez-lhe dar um grito como se um ferro frio lhe trespassasse a cabeça.

Os olhos dilatados tinham um

reluzir metálico. Conservava-se muito quieta, porque o gesto mais lento lhe dava na nuca dores penetrantes que a dilaceravam. Só de vez em quando sorria para Jorge com uma expressão de aflição serena e muda.

Julião fez logo pôr três travesseiros, para lhe conservar a cabeça alta. Fora caía o crepúsculo húmido. Andavam em bicos de pés, com cuidado; e mesmo tiraram o relógio da parede para afastar o tiquetaque monótono. Ela começava agora a murmurar sons cansados, e a voltar-se com movimentos bruscos que lhe arrancavam gritos; ou imóvel gemia de um modo contínuo e angustioso. Tinham-lhe envolvido as pernas num longo sinapismo; mas não o sentia. Pelas nove horas começou a

delirar; a língua tornara-se-lhe branca e dura, como de gesso sujo.

Julião fez logo aplicar na cabeça compressas de água fria. Mas o delírio exacerbava-se.

Ora tinha um murmúrio espesso, um vago rosnar modorrento — onde os nomes de Leopoldina, de Jorge, de Basílio voltavam incessantemente: depois debatia-se, esgaçava a camisa com as mãos; e, arqueando-se, os seus olhos rolavam, como largos bugalhos prateados onde a pupila se sumia.

Sossegava mais; dava risadinhas de uma doçura idiota; tinha gestos lentos sobre o lençol, que aconchegavam e acariciavam, como num gozo tépido: depois começava a respirar ansiosamente, vinham-lhe expressões torturadas de

terror, queria enterrar-se nos travesseiros e nos colchões, fugindo a aspetos pavorosos: punha-se então a apertar a cabeça freneticamente, pedia que lha abrissem, que a tinha cheia de pedras, que tivessem piedade dela — e fios de lágrimas corriam-lhe pelo rosto. Não sentia os sinapismos; expunham-lhe agora os pés nus ao vapor da água a ferver, carregada de mostarda; um cheiro acre adstringia o ar do quarto. Jorge falava-lhe com toda a sorte de palavras consoladoras e suplicantes: pedia-lhe que sossegasse, que o conhecesse; mas de repente ela desesperava-se, gritava pela carta, maldizia Juliana — ou então dizia palavras de amor, enumerava somas de dinheiro... Jorge temia que aquele delírio revelasse tudo a Julião, às criadas: tinha

um suor à raiz dos cabelos — e quando ela, um momento, julgando-se no «Paraíso» e nas exaltações do adultério, chamou Basílio, pediu champanhe, teve palavras libertinas, Jorge fugiu da alcova alucinado, foi para a sala às escuras, atirou-se para o divã a soluçar, arrepelou-se, blasfemou.

— Está em perigo? — perguntou Sebastião.

— Está — disse Julião. — Se sentisse os sinapismos, ao menos! Mas estas malditas febres cerebrais...

Calaram-se vendo Jorge entrar na alcova, com o rosto manchado, esguedelhado.

E Julião tomando-o pelo braço, levando-o para fora:

— Ouve lá, é necessário cortar-

lhe o cabelo, rapar-lhe a cabeça.

Jorge olhou-o com um ar estúpido:

— O cabelo? — E agarrando-lhe os braços: — Não, Julião, não, hem? Pode-se fazer outra coisa. Tu deves saber. O cabelo não! Não! Isso não, pelo amor de Deus! Ela não está em perigo. Pra quê?

Mas aquela massa de cabelo era o diabo, impedia a ação da água!

— Amanhã, se for necessário. Amanhã! Espera até amanhã... Obrigado, Julião, obrigado!

Julião consentiu, contrariado. Fazia então humedecer constantemente as compressas da cabeça, e como Mariana trémula, desjeitosa, molhava muito o travesseiro, foi Sebastião que se colocou à cabeceira da cama, toda a noite, espremendo sem cessar uma esponja,

donde a água gotejava lentamente; tinham jarros fora da varanda, na sala, para dar à água uma frialdade gelada. O delírio alta noite acalmara um pouco. Mas o seu olhar injetado tinha um aspeto selvagem: as pupilas pareciam apenas um ponto negro.

Jorge, sentado aos pés da cama, com a cabeça entre as mãos, olhava para ela: lembravam-lhe vagamente outras noites de doença assim, quando ela tivera a pneumonia: e melhorara! Até ficara mais linda, com tons de palidez que lhe adoçavam a expressão! Iriam para o campo quando ela convalescesse: alugaria uma casinha: voltaria à noite no ónibus, e vê-la-ia de longe na estrada vindo ao seu encontro, com um vestido claro, na tarde suave!... Mal ela gemia, ele erguia os olhos sobressaltado: e não lhe parecia a

mesma: afigurava-se-lhe que se ia dissipando, desaparecendo naquele ar de febre que enchia a alcova, no silêncio mórbido da noite, e no cheiro da mostarda. Um soluço sacudiu-o, e recaía na sua imobilidade.

Joana, em cima, rezava. As velas, com uma chama alta e direita, extinguiam-se.

Enfim uma vaga claridade desenhou nos transparentes brancos os caixilhos da vidraça. Amanhecia. Jorge ergueu-se, foi olhar para a rua. Não chovia; a calçada secava. O ar tinha uma vaga cor de aço. Tudo dormia: e uma toalha aquecida à janela das Azevedos, agitava-se ao vento frio, silenciosamente.

Quando entrou na alcova Luísa falava com uma voz extinta: sentia muito

vagamente os sinapismos, mas a dor de cabeça não cessava. Começou a agitar-se — e o delírio daí a pouco voltou. Julião então, determinou que se lhe rapasse o cabelo.

Sebastião foi acordar um barbeiro na Rua da Escola — que veio logo, com um ar transido, a gola do casaco levantada; e batendo o queixo começou a tirar imediatamente de um saco de couro as navalhas, as tesouras, devagar, com as mãos moles da gordura das pomadas.

Jorge foi refugiar-se na sala: parecia-lhe que grandes pedaços mutilados da sua felicidade caíam com aquelas lindas tranças, destruídas às tesouradas; e com a cabeça nas mãos recordava certos penteados que ela usava, noites em que os seus cabelos se tinham

desmanchado nas alegrias da paixão, tons com que brilhavam à luz... Voltou ao quarto, atraído irresistivelmente; sentiu o ruído seco e metálico das tesouras; sobre a mesa, numa caixa de sabão, estava um velho pincel de barba, entre flocos de espuma... Chamou Sebastião baixo:

— Diz-lhe que se avie! Estão-me a matar a fogo lento! É de mais. Que ande depressa!

Foi à sala de jantar, errou pela casa: a manhã fria clareava; erguera-se vento, que ia levando, aos pedaços, nuvens de um tom alvadio.

Quando tornou a entrar no quarto, o barbeiro guardava as navalhas com a mesma lentidão mole; e tomando o seu chapéu desabado, saiu em bicos de pés, murmurando num tom funerário:

— Estimo as melhoras. Deus há de permitir que não seja nada...

O delírio com efeito daí a uma hora acalmou — e Luísa caiu numa sonolência prostrada, com gemidos fracos, que saíam de seus lábios como a lamentação interior da vida vencida.

Jorge tinha então dito a Sebastião que desejava chamar o Dr. Caminha. Era um médico velho que tratara sua mãe, e que curara Luísa da pneumonia, no segundo ano de casada. Jorge conservava uma admiração agradecida por aquela reputação antiquada; e agora a sua esperança voltava-se sofregamente para ele, ansiando pela sua presença como pela aparição de um santo.

Julião condescendeu logo. Até estimava! E Sebastião desceu correndo,

para ir a casa do Dr. Caminha.

Luísa, que saíra um momento do seu torpor, sentiu-os falar baixo. A sua voz extinta chamou Jorge:

— Cortaram-me o cabelo... — murmurou tristemente.

— É para te fazer bem — disse-lhe Jorge, quase tão agonizante como ela. — Cresce logo. Até te vem melhor...

Ela não respondeu; duas lágrimas silenciosas correram-lhe pelos cantos dos olhos.

Devia ser a sua última sensação: a prostração comatosa ia-a imobilizando, apenas a sua cabeça rolava num movimento doce e vagaroso sobre o travesseiro, gemendo sempre com um cansaço triste; a pele empalidecia como um vidro de janela por trás do qual

lentamente uma luz se apaga; e mesmo os ruídos da rua que começavam não a impressionava, como se fossem muito distantes e abafados em algodão.

Ao meio-dia D. Felicidade apareceu. Ficou petrificada quando a viu tão mal: e ela que a vinha buscar para irem à Encarnação, talvez às lojas! Tirou logo o chapéu, instalou-se; fez arranjar a alcova, tirar as bacias, os velhos sinapismos que arrastavam, compor a cama — «porque não havia pior pra um doente que desarranjo no quarto». E muito corajosamente animava Jorge.

Uma carruagem parou à porta. Era o Dr. Caminha, enfim!... Entrou atabafado no *seu cache-nez* de quadrados verdes e pretos, queixando-se muito do frio — e, tirando devagar as grossas luvas de

casimira, que pôs dentro do chapéu metodicamente, adiantou-se para a alcova com um passo cadenciado, acamando com a mão as suas repas grisalhas já muito coladas ao crânio pela escova.

Julião e ele ficaram sós na alcova.

No quarto os outros esperavam calados, ao pé de Jorge, pálido como cera, com os olhos vermelhos como carvões.

— Vai-se-lhe pôr um cáustico na nuca — veio dizer Julião.

Jorge devorava com o olhar ansioso o Dr. Caminha, que se pusera a calçar tranquilamente as suas luvas de casimira, dizendo:

— Vamos a ver com o cáustico. Não está bem... Mas há ainda pior. E eu volto, meu amigo, eu volto.

O cáustico foi inútil. Não o sentia, imóvel e branca, com as feições crispadas; e tremuras passavam-lhe de repente nos nervos da face como vibrações fugitivas.

— Está perdida — disse Julião baixo a Sebastião.

D. Felicidade ficou muito aterrada, falou logo nos sacramentos.

— Pra quê? — resmungou Julião impaciente.

Mas D. Felicidade declarou que tinha escrúpulos, que era um pecado mortal; e chamando Jorge para o vão da janela, toda trémula:

— Jorge, não se assuste, mas seria bom pensar nos sacramentos...

Ele murmurava como assombrado:

— Os sacramentos!

Julião chegou-se bruscamente, e quase zangado:

— Nada de tolices! Qual sacramentos! Pra quê? Ela nem ouve, nem compreende, nem sente. É necessário deitar-lhe outro cáustico, talvez ventosas, e é o que é! Isso é que são os sacramentos!

Mas D. Felicidade escandalizada, muito abalada, começou a chorar. Esqueciam Deus, e em Deus é que está o remédio! — dizia, assoando-se com estrondo.

— Pelo que Deus faz por mim... — exclamou Jorge, saindo do seu torpor. E batendo as mãos, como revoltado por uma injustiça: — Porque realmente, que fiz eu pra isto? Que fiz eu?...

Julião ordenara outro cáustico.

Havia agora na casa um movimento alucinado. Joana entrava de repente com um caldo inútil que ninguém pedira, os olhos muito vermelhos de chorar. Mariana soluçava pelos cantos. D. Felicidade ia, vinha pelo quarto, refugiando-se na sala para rezar, fazendo promessas, lembrando que se chamasse o Dr. Barbosa, o Dr. Barral.

E Luísa no entanto estava imóvel: uma cor macilenta ia-lhe dando às faces tons cavados e rígidos.

Julião extenuado pediu um cálice de vinho, uma fatia de pão. Lembraram-se então que desde a véspera não tinham comido, e foram à sala de jantar, onde Joana, sempre lavada em lágrimas, serviu uma sopa e ovos. Mas não achava as colheres, nem os guardanapos; murmurava

rezas, pedia desculpa; enquanto Jorge, com os olhos inchados, fitos na borda da mesa, a face contraída, fazia dobras na toalha.

Depois de um momento pousou devagarinho a colher, desceu ao quarto. Mariana estava sentada aos pés do leito: Jorge disse-lhe que fosse servir os senhores: e apenas ela saiu, deixou-se cair de joelhos, tomou uma das mãos de Luísa, chamou-a baixo; depois mais forte:

— Escuta-me. Ouve, pelo amor de Deus. Não estejas assim, faz por melhorar. Não me deixes neste mundo, não tenho mais ninguém! Perdoa-me. Diz que sim. Faz sinal que sim ao menos. Não me ouve, meu Deus!

E olhava-a ansiosamente. Ela não se movia.

Ergueu então os braços ao ar numa desesperação alucinada.

— Sabes que creio em Ti, meu Deus. Salva-a! Salva-a! — E arremessava a sua alma para as alturas: — Ouve, meu Deus! Escuta-me! Sê bom!

Olhava em roda, esperando um movimento, uma voz, um acaso, um milagre! Mas tudo lhe pareceu mais imóvel. A face lívida cavava-se; o lenço que lhe envolvia a cabeça desarranjara-se, via-se o crânio rapado, de uma cor ligeiramente amarelada. Pôs-lhe então a mão na testa, hesitando, com medo; pareceu-lhe que estava fria! Abafou um grito, correu para fora do quarto, e deu com o Dr. Caminha que entrava, tirando pausadamente as luvas.

— Doutor! Está morta! Veja. Não

fala, está fria...

— Então! Então! — disse ele. — Nada de barulho, nada de barulho!

Tomou o pulso de Luísa, sentiu-o fugir sob os dedos, como a vibração expirante de uma corda.

Julião veio logo. E concordou com o Dr. Caminha que as ventosas eram inúteis.

— Já as não sente — disse o doutor, sacudindo o tabaco dos dedos.

— Se se lhe desse um copo de conhaque?... — lembrou de repente Julião. E vendo o olhar espantado do doutor: — Às vezes estes sintomas de coma não querem dizer que o cérebro esteja desorganizado: podem ser apenas a inação da força nervosa exausta. Se a morte é irremediável, não se perde nada:

se é apenas uma depressão do sistema nervoso, pode-se salvar...

O Dr. Caminha, com o beiço descaído, oscilava incredulamente a cabeça.

— Teorias! — murmurou.

— Nos hospitais ingleses... — começou Julião.

O Dr. Caminha encolheu os ombros com desprezo.

— Mas se o doutor lesse... — insistiu Julião.

— Não leio nada! — disse o Dr. Caminha com força. — Tenho lido de mais! Os livros são os doentes... — E curvando-se, com ironia: — Mas se o meu talentoso colega quer fazer a experiência...

— Um copo de conhaque ou de

aguardente! — pediu Julião à porta.

E o Dr. Caminha sentou-se comodamente «para gozar o fracasso do talentoso colega».

Levantaram Luísa; Julião fez-lhe engolir o conhaque: quando a deitaram ficou na mesma imobilidade comatosa; o Dr. Caminha tirou o relógio, viu as horas, esperou; havia um silêncio ansioso; enfim o doutor ergueu-se, tomou-lhe o pulso, palpou a frialdade crescente das extremidades; e indo buscar silenciosamente o chapéu, começou a calçar as luvas.

Jorge foi com ele até à porta.

— Então, doutor? — disse, agarrando-lhe com uma força desvairada o braço.

— Fez-se o que se pôde — disse

o velho, encolhendo os ombros.

Jorge ficou estúpido no patamar, vendo-o descer. As suas passadas vagarosas nos degraus caíam-lhe com uma percussão medonha no coração. Debruçou-se no corrimão, chamou-o baixo. O doutor parou, levantou os olhos; Jorge pôs as mãos para ele, com uma ansiedade humilde:

— Então não é possível mais nada?

O doutor fez um gesto vago, indicou o Céu.

Jorge voltou para o quarto, encostando-se às paredes. Entrou na alcova, atirou-se de joelhos aos pés da cama, e ali ficou com a cabeça entre as mãos num soluçar baixo e contínuo.

Luísa morria: os seus braços tão

bonitos, que ela costumava acariciar diante do espelho, estavam já paralisados; os seus olhos, a que a paixão dera chamas e a voluptuosidade lágrimas, embaciavam-se como sob a camada ligeira de uma pulverização muito fina.

D. Felicidade e Mariana tinham acendido uma lamparina a uma gravura de Nossa Senhora das Dores, e de joelhos rezavam.

O crepúsculo triste descia, parecia trazer um silêncio funerário.

A campainha, então, tocou discretamente; e daí a momentos apareceu a figura do conselheiro Acácio. D. Felicidade ergueu-se logo; e vendo as suas lágrimas, o conselheiro disse lugubremente:

— Venho cumprir o meu dever,

ajudar-lhes a passar este transe!

Explicou «que encontrara por acaso o bom do Dr. Caminha, que lhe contara a fatal ocorrência»! Mas muito discretamente não quis entrar na alcova. Sentou-se numa cadeira, colocou melancolicamente o cotovelo sobre o joelho, a testa sobre a mão, dizendo baixo a D. Felicidade:

— Continue as suas orações. Deus é imperscrutável em seus decretos.

Na alcova, Julião estivera tomando o pulso de Luísa; olhou então Sebastião, fez-lhe um gesto de alguma coisa que voa e desaparece, com a face enterrada no leito.

— Jorge — disse baixinho Sebastião.

Ele levantou o rosto desfigurado,

envelhecido, os cabelos nos olhos, as olheiras escuras.

— Vá, vem — disse Julião. E vendo o espanto do seu olhar: — Não, não está morta, está naquela sonolência... Mas vem.

Ele ergueu-se, dizendo com mansidão:

— Pois sim, eu vou. Estou bem... Obrigado.

Saiu da alcova.

O conselheiro levantou-se, foi abraçá-lo com solenidade:

— Aqui estou, meu Jorge!

— Obrigado, Conselheiro, obrigado.

Deu alguns passos pelo quarto; os seus olhos pareciam preocupar-se com um embrulho que estava sobre a mesa; foi

apalpá-lo; desapertou as pontas, e viu os cabelos de Luísa. Ficou a olhá-los, erguendo-os, passando-os de uma das mãos para a outra, e disse com os beiços a tremer:

— Fazia tanto gosto neles, coitadinha!

Tomou a entrar na alcova. Mas Julião tomou-lhe o braço, queria-o afastar do leito. Ele debatia-se docemente; e, como uma vela ardia sobre a mesinha ao pé da cabeceira, disse, mostrando-a:

— Talvez a incomode a luz...

Julião respondeu comovido:

— Já não a vê, Jorge!

Ele soltou-se da mão de Julião, foi debruçar-se sobre ela; tomou-lhe a cabeça entre as mãos com cuidado para a não magoar, esteve a olhá-la um momento;

depois pousou-lhe sobre os lábios frios um beijo, outro, outro, e murmurava:

— Adeus! Adeus!

Endireitou-se, abriu os braços, caiu no chão.

Todos correram. Levaram-no para a *chaise-longue*.

E enquanto D. Felicidade num pranto aflito fechava os olhos de Luísa, o conselheiro, com o chapéu sempre na mão, cruzava os braços, e oscilando a sua calva respeitável, dizia a Sebastião:

— Que profundo desgosto de família!

16

Depois do enterro de Luísa, Jorge despediu as criadas, foi para casa de Sebastião.

Nessa noite pelas nove horas o conselheiro Acácio, muito abafado, descia o Moinho de Vento, quando encontrou Julião, que vinha de ver um doente na Rua da Rosa. Foram andando juntos, conversando de Luísa, do enterro, da aflição de Jorge.

— Pobre rapaz! Aquilo é que é sofrer! — disse Julião compadecido.

— Era uma esposa-modelo!... — murmurou o conselheiro.

De resto, disse, vinha justamente de casa do bom Sebastião, mas não

pudera ver o seu Jorge; tinha-se estirado sobre a cama, e dormia profundamente. E acrescentou:

— Ultimamente li eu que aos grandes golpes sucedem sempre sonos prolongados. Assim, por exemplo, Napoleão depois de Waterloo, depois do grande desastre de Waterloo!

E passado um momento, continuou:

— É verdade. Fui ver o nosso Sebastião... Fui mostrar-lhe... — E interrompendo-se, parando: — Porque eu entendi que era meu dever dedicar um tributo à memória da infeliz senhora. Era o meu dever, e não me eximi a ele! E estimo tê-lo encontrado, porque quero saber a sua opinião conscienciosa e desassombrada.

Julião tossiu, e perguntou:

— É um necrológio?

— É um necrológio.

E o conselheiro, apesar de «não achar próprio, na sua posição, o entrar em cafés públicos», lembrou a Julião que poderiam descansar um momento no Tavares, se não estivesse muita gente, e ele poderia ler-lhe «a produção».

Espreitaram.

Estava apenas, a uma mesa, dois velhos calados defronte dos seus cafés, com os chapéus na cabeça, apoiados a bengalas de cana da Índia. O moço dormitava ao fundo. Uma luz crua e intensa enchia a sala estreita.

— Há um silêncio propício — disse o conselheiro.

Ofereceu um café a Julião; e

tirando então do bolso uma folha de papel pautado, murmurou: — infeliz senhora! — Inclinou-se para Julião, e leu:

NECROLÓGIO

À MEMÓRIA DA SR.ª D. LUÍSA MENDONÇA DE BRITO CARVALHO

Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou na campa?

— É do imortal Garrett! — E continuou com uma voz lenta e lúgubre:

— «...Mais um anjo que subiu ao Céu! Mais uma flor pendida na tenra haste que o vendaval da morte, em sua inclemente fúria, arremessou mal desabrochada para as trevas do túmulo...»

Olhou Julião para solicitar a sua

admiração, e vendo-o curvado a remexer o seu café, prosseguiu com entonações mais funerárias:

— «Detende-vos, e olhai a terra fria! Ali jaz a casta esposa tão cedo arrancada às carícias do seu talentoso cônjuge. Ali soçobrou, como baixel no escarcéu da costa, a virtuosa senhora, que em sua folgazã natureza era o encanto de quantos tinham a honra de se aproximar do seu lar! Porque soluçais?»

— Um café, ó António! — bradou a voz rouca de um sujeito grosso, de jaquetão, que se sentou ao pé, pondo com ruído a bengala sobre a mesa e deitando o chapéu para o cachaço.

O conselheiro olhou-o de lado, com rancor. E baixando a voz:

— «Não soluceis! Que o anjo se

não pertence à Terra pertence ao Céu!...»

— O sô Guedes esteve já por aí? — perguntou a voz rouca.

O criado disse de trás do balcão, limpando com uma rodilha as travessas de metal:

— Ainda não, Sr. D. José!

— «Ali», continuou o conselheiro, «seu espírito, librando-se nas cândidas asas, entoa louvores ao Eterno! E não cessa de pedir ao Omnipotente mercês e favores para derramar sobre a cabeça do dileto esposo, que um dia, não duvideis, a encontrará nas regiões celestes, pátria das almas de tão subido quilate...» — E a voz do conselheiro aflautava-se para indicar aquela ascensão paradisíaca.

— E ontem à noite esteve cá, o sô Guedes? — insistiu o sujeito de jaquetão

com os cotovelos sobre a mesa, fumando como uma chaminé.

— Esteve tarde. Lá pelas duas horas.

O conselheiro sacudiu o papel com um desespero mudo. Por trás dos vidros da luneta escura fuzilavam-lhe nos olhos os despeitos homicidas de autor interrompido. Mas prosseguiu:

— «E vós, ó almas sensíveis, vertei as lágrimas, mas vertendo-as, não percais de vista que o homem deve curvar-se aos decretos da Providência...»

E interrompendo-se:

— Isto é para dar coragem ao nosso pobre Jorge! — Continuou: — «...da Providência. Deus conta mais um anjo, e a sua alma brilha pura...»

— Esteve com a pequena, o sô

Guedes? — fez o sujeito, quebrando no mármore da mesa a cinza do charuto.

O conselheiro suspendeu-se, pálido de raiva.

— Deve ser pessoa da mais baixa extração — rosnou com ódio.

E o criado erguendo a vozinha fina de trás do balcão:

— Nada, não; tem vindo agora com uma espanhola daí de cima da rua. Uma magrinha, com o cabelo riçado, uma capa vermelha...

— A Lola! — acudiu o outro com satisfação. E espreguiçou-se com voluptuosidade à recordação da Lola.

O conselheiro agora apressava-se:

«E de resto, o que é a vida? Uma rápida passagem sobre o orbe, e um vão sonho de que acordamos no seio do Deus

dos Exércitos, de que todos somos indignos vassalos.»

E com esta frase monárquica o conselheiro terminou.

— Que lhe parece, com franqueza?

Julião sorveu o fundo da chávena, e colocando-a no pires, lambendo os beiços:

— É para imprimir?

— Na «Voz Popular», com tarjeta preta.

Julião coçou convulsivamente a caspa, e erguendo-se:

— Está muito bom. Muito bom, Conselheiro!

E Acácio procurando o troco para o moço:

— Creio que está digno dela, e de

mim!

E saíram calados.

A noite estava muito escura: erguera-se um nordeste frio: gotas de chuva tinham caído. Ao Loreto, Julião parou subitamente, e exclamou:

— Ai, esquecia-me! Sabe a novidade, Conselheiro? A D. Felicidade recolhe-se à Encarnação.

— Ah!

— Disse-mo agora. Eu fui justamente vê-la antes de ir ver um doente à Rua da Rosa. Estava com uma febrezita. Coisa de nada... A comoção, o susto! E deu-me parte: recolhe-se amanhã à Encarnação.

O conselheiro disse:

— Sempre conheci naquela senhora ideias retrógradas. É o resultado

das manobras jesuíticas, meu amigo! — E ajuntou com a melancolia do liberal descontente: — A reação levanta a cabeça!

Julião tomou familiarmente o braço do conselheiro, e sorrindo:

— Qual reação! É por sua causa, ingrato...

O conselheiro estacou:

— Que quer o meu nobre amigo insinuar?

— Sim, homem! Não sei como diabo descobriu uma coisa grave...

— O quê? Acredite...

— O que eu também descobri, seu maganão! Que o Conselheiro tem duas travesseirinhas na cama, tendo só uma cabeça... Disse-mo ela! — E rindo muito, dizendo-lhe «Adeus! adeus!», desceu

rapidamente a Rua do Alecrim. O conselheiro ficou imóvel, no largo, de braços cruzados, como petrificado.

— Que infeliz senhora! Que funesta paixão! — murmurou enfim. E acariciou o bigode, com satisfação.

Como tinha de passar a limpo o «necrológio» apressou-se a entrar em casa. Abancou com uma manta sobre os joelhos; bem depressa as responsabilidades de prosador distraíram-no das preocupações de homem; e até às onze horas a sua bela letra cursiva e burocrática desenrolou-se nobremente sobre uma larga folha de papel inglês, no silêncio do seu *sanctum sanctorum*. Terminava quando a porta rangeu, e a Adelaide, com um xale forte pelos ombros, veio dizer, numa voz

constipada:

— Então hoje não se faz nené?

— Não tardo, minha Adelaide, não tardo!

E releu baixo, enlevado. Pareceu-lhe então que o final não era comovente: queria terminar por uma exclamação dolorosa, prolongada como um ai! Meditou, com os cotovelos sobre a mesa, a cabeça entre os dedos muito abertos:

Adelaide então, chegando-se devagar, passou-lhe a mão pela calva: aquele doce roçar amoroso fez decerto saltar a ideia como uma faísca, porque tomou rapidamente a pena, e acrescentou: «Chorai! Chorai! Enquanto a mim, a dor sufoca-me!»

Esfregou as mãos com orgulho. Repetiu alto num tom plangente:

— Chorai, chorai, enquanto a mim, a dor sufoca-me! — E passando o braço concupiscente pela cinta de Adelaide, exclamou:

— Está de sensação, minha Adelaide!

Ergueu-se. Tinha terminado o seu dia. Fora bem preenchido e digno: de manhã certificara-se com regozijo no «Diário do Governo» que a família real «passava sem novidade»; cumprira o dever de amigo, acompanhando Luísa aos Prazeres numa carruagem da Companhia; a alta das inscrições assegurava-lhe a paz da sua pátria; compusera uma prosa notável; a sua Adelaide amava-o! E decerto se deliciou na certeza destas infelicidades, que contrastavam tanto com as imagens sepulcrais que a sua pena

revolvera, porque Adelaide ouviu-o murmurar:

— A vida é um bem inestimável! — E acrescentar como bom cidadão: — Sobretudo nesta era de grande prosperidade pública!

E entrou no quarto com a cabeça ereta, o peito cheio, os passos firmes, erguendo alto o castiçal.

A sua Adelaide seguia-o, bocejando; estava cansada da constipação — e de uma hora de ternuras, que tivera à tardinha com o louro e meigo Arnaldo, caixeiro da Loja da América.

***

Àquela hora dois homens desciam de uma carruagem à porta do Hotel

Central: um trazia uma *ulster* de xadrez, o outro uma longa peliça. Um ónibus quase ao mesmo tempo parou, carregado de bagagens.

Um criado alemão, que conversava em baixo com o porteiro, reconheceu-os logo, e tirando o coco:

— Oh Sr. D. Basílio! Oh senhor Visconde!

O visconde Reinaldo, que batia os pés nas lajes, rosnou de dentro da sua peliça:

— É verdade, aqui estamos outra vez na pocilga!

Mas àquela hora?

— A que horas queria você que chegássemos? Às horas da tabela, talvez! Doze horas de atraso, essa bagatela! Em Portugal é quase nada...

— Houve algum transtorno? — perguntava o criado com solicitude, seguindo-os pela escada.

E Reinaldo, pisando com um pé nervoso o esparto do corredor:

— O transtorno nacional! Descarrilou tudo! Estamos aqui por milagre! Abjeto país!... — E desabafava a sua cólera com o criado: tê-la-ia desabafado com as pedras da rua, tanto era o excesso da bílis: — Há um ano que a minha oração é esta: «Meu Deus, manda-lhe outra vez o terramoto!» Pois todos os dias leio os telegramas a ver se o terramoto chegou... e nada! Algum ministro que cai, ou algum barão que surge. E de terramoto nada! O Omnipotente faz ouvidos de mercador às minhas preces... Protege o país! Tão bom

é um como outro! — E sorria, vagamente reconhecido a uma nação cujos defeitos lhe forneciam tantas pilhérias.

Mas quando o criado, muito consternado, lhe declarou que não havia senão um salão e uma alcova com duas camas, no terceiro andar — a cólera de Reinaldo não conheceu restrições:

— Então havemos de dormir no mesmo quarto? Você pensa que o Sr. D. Basílio é meu amante, seu devasso? Está tudo cheio? Mas quem diabo se lembra de vir a Portugal? Estrangeiros? É justamente o que me espanta! — E encolhendo os ombros com rancor: — É o clima, é o clima que os atrai! O clima, este prodigioso engodo nacional! Um clima pestífero. Não há nada mais reles do que um bom clima!...

E não cessou de invetivar o seu país, enquanto o criado à pressa, sorrindo servilmente, punha sobre a jardineira pratos, fiambre, um frango frio e Borgonha.

Reinaldo vinha vender a última propriedade, e acompanhara Basílio, que voltava a terminar «o secante negócio da borracha». E não cessava de rosnar soturnamente de dentro da peliça:

— Aqui estamos! Aqui estamos no chiqueiro!

Basílio não respondia. Desde que chegara a Santa Apolónia, recordações do «Paraíso», da casa de Luísa, de todo aquele romance do verão passado, começavam a voltar, a atraí-lo, com um encanto picante. Fora encostar-se à vidraça. Uma lua fria, lívida, corria agora

entre grossas nuvens cor de chumbo: às vezes uma grande malha luminosa caía sobre a água, faiscava: depois tudo escurecia: vagas mastreações desenhavam-se na obscuridade difusa: e algum fanal de navio tremeluzia friamente.

«Que fará ela a esta hora», pensava Basílio. — Naturalmente, deitava-se... Mal sabia que ele estava ali, num quarto do Hotel Central...

Cearam.

Basílio levou a garrafinha de conhaque para a cabeceira da cama: e com a cara coberta de pó de arroz, os folhos da sua camisa de dormir abertos sobre o peito, muito estendido, soprando o fumo do charuto, gozava uma lassidão confortável.

— E amanhã estou-te daqui a ver

— disse Reinaldo. — Vais-te logo meter com a prima!

Basílio sorriu, o seu olhar errou um pouco pelo teto; certas recordações das belezas dela, do seu temperamento amoroso, trouxeram-lhe uma vaga voluptuosidade: espreguiçou-se.

— Que diabo! — disse. — É uma linda rapariga! Vale imenso a pena! — Bebeu mais um cálice de conhaque, e daí a pouco dormia profundamente. Era meia-noite.

Àquela hora Jorge acordava, e sentado numa cadeira, imóvel, com soluços cansados que ainda o sacudiam, pensava nela. Sebastião, no seu quarto, chorava baixo. Julião, no posto médico, estendido num sofá, lia a «Revista dos Dois Mundos». Leopoldina dançava numa

soirée da Cunha. Os outros dormiam. E o vento frio que varria as nuvens e agitava o gás dos candeeiros ia fazer ramalhar tristemente uma árvore sobre a sepultura de Luísa.

***

Daí a dois dias, pela manhã, Basílio, no Rossio, procurava com o olhar em redor um *coupé* decente. Mas o Pintéus, avistando-o de longe, lançou a parelha. — Cá está o Pintéus, meu amo! — Parecia encantado de tornar a ver o Sr. D. Basílio. E apenas ele lhe disse:

— Lá acima, à Patriarcal, ó Pintéus!

— A casa da senhora? Pronto, meu amo. — E, endireitando-se na almofada,

bateu.

Quando a tipoia parou à porta de Jorge — o Paula saiu para a rua, a estanqueira correu de dentro do balcão, a criada do doutor debruçou-se logo na janela. E, imóveis, arregalavam os olhos.

Basílio tocara a campainha, um pouco nervoso: esperou, arremessou o charuto, tornou a puxar o cordão com força.

— As janelas estão trancadas, meu amo — disse o Pintéus.

Basílio recuou ao meio da rua: as portadas verdes estavam fechadas, a casa tinha um aspeto mudo.

Basílio dirigiu-se ao Paula:

— Os senhores que ali moram, estão pra fora?

— Já não moram — disse o Paula

soturnamente, passando a mão sobre o bigode.

Basílio fixou-o, surpreendido daquela entonação fúnebre.

— Onde vivem agora então?

O Paula escarrou, e cravando em Basílio um olhar de soldado:

— Vossa Senhoria é o parente?

Basílio disse sorrindo:

— Sou o parente, sou.

— Então não sabe?

— O quê, homem de Deus?

O Paula esfregou o queixo, e bamboleando a cabeça:

— Pois sinto dizer-lho. A senhora morreu.

— Que senhora? — perguntou Basílio. E fez-se muito branco.

— A senhora! A senhora D. Luísa,

a mulher do Sr. Carvalho, o engenheiro... E o Sr. Jorge está em casa do Sr. Sebastião. Ali ao fim da rua. Se Vossa Senhoria lá quer ir...

— Não! — fez Basílio com um gesto rápido de mão. Os beiços tremiam-lhe um pouco. — Mas que foi?

— Uma febre! Rapou-a em dois dias!

Basílio dirigiu-se ao *coupé* devagar, com a cabeça baixa. Olhou mais uma vez para a casa; fechou com força a portinhola. O Pintéus bateu para a Baixa.

O Paula então aproximou-se do estanco:

— Não lhe fez muita mossa! Fidalgos! Canalha! — murmurou.

A estanqueira disse lentamente:

— Pois eu não sou parenta, e

todas as noites lhe rezo dois padre-nossos por alma...

— E eu! — suspirou a carvoeira.

— Há de lhe isso servir de muito! — rosnou o Paula, afastando-se.

Estava ultimamente mais amargo. Vendia pouco. Aquelas mortes na rua traziam-no desconfiado da vida. Cada dia detestava mais os padres e todas as noites lia a «Nação» que lhe emprestava o Azevedo, repastando-se com rancor de artigos devotos, que o exasperavam, o impeliam para o ateísmo; e o descontentamento das coisas públicas inclinava-o para a Comuna. Como ele dizia, achava tudo uma *porcaria*.

Foi decerto sobre este sentimento que, voltando à porta do estanco, disse às vizinhas com um ar lúgubre:

— Sabem o que isto é? Sabem o que tudo isto é? — Fazia um gesto que abrangia o universo. Fitou-as de um modo irado, e rosnou esta palavra suprema: — Um monte de estrume!

***

Ao descer a Rua do Alecrim, Basílio viu o visconde Reinaldo à porta do Hotel Street. Mandou parar o Pintéus, e saltando do *coupé:*

— Sabes?

— O quê?

— Minha prima morreu.

O visconde Reinaldo murmurou polidamente:

— Coitada!...

E foram descendo a rua, de braço

dado, até ao Aterro. O dia estava glorioso; um friozinho subtil errava; no ar luminoso, leve, trespassado de sol, as casas, os galhos das árvores, os mastros das flautas, as mastreações dos navios tinham uma nitidez muito desenhada; os sons sobressaíam com uma tonalidade cantada e alegre; o rio reluzia como um metal azul; o vapor de Cacilhas ia soltando rolos de fumo que tomavam a cor do leite; e ao fundo as colinas faziam na pulverização da luz uma sombra azulada, onde as casarias caiadas rebrilhavam.

E os dois passeando devagar, iam falando de Luísa.

O visconde Reinaldo, delicado, lamentava a pobre senhora, coitada, que se tinha deixado morrer por um tempo tão lindo! — Mas, em resumo, sempre achara

aquela ligação absurda...

Porque enfim fossem francos: que tinha ela? Não queria dizer mal «da pobre senhora que estava naquele horror dos Prazeres», mas a verdade é que não era uma amante chique; andava em tipoias de praça: usava meias de tear; casara com um reles indivíduo de secretária; vivia numa casinhola, não possuía relações decentes; jogava naturalmente o quino, e andava por casa de sapatos de ourelo; não tinha espírito, não tinha *toilette*... Que diabo! Era um trambolho!

— Para um ou dois meses que eu estivesse em Lisboa... — resmungou Basílio com a cabeça baixa.

— Sim, pra isso talvez. Como higiene! — disse Reinaldo com desdém.

E continuaram calados, devagar.

Riram-se muito de um sujeito que passava governando atarantadamente dois cavalos pretos: — Que faetonte! Que arreios! Que estilo! Só em Lisboa!...

Ao fundo do Aterro voltaram; e o visconde Reinaldo passando os dedos pelas suíças:

— De modo que estás sem mulher...

Basílio teve um sorriso resignado. E, depois de um silêncio, dando um forte raspão no chão com a bengala:

— Que ferro! Podia ter trazido a Alphonsine!

E foram tomar xerez à Taverna Inglesa.

O MANDARIM

Primeira edição: 1880

Prólogo

1.º AMIGO

{bebendo conhaque e soda, debaixo de árvores, num terraço, à beira-d'água)

Camarada, por estes calores do estio que embotam a ponta da sagacidade, repousemos do áspero estudo da Realidade humana... Partamos para os campos do Sonho, vaguear por essas azuladas colinas românticas onde se ergue a torre abandonada do Sobrenatural, e musgos frescos recobrem as ruínas do Idealismo... Façamos fantasia!...

2.º AMIGO

Mas sobriamente, camarada, parcamente!... E como nas sábias e amáveis alegorias da Renascença, misturando-lhe sempre uma Moralidade discreta...

(Comédia Inédita)

1

Eu chamo-me Teodoro — e fui amanuense do Ministério do Reino.

Nesse tempo vivia eu à Travessa da Conceição n.º 106, na casa de hóspedes da D. Augusta, a esplêndida D. Augusta, viúva do major Marques. Tinha dois companheiros: o Cabrita, empregado na Administração do Bairro Central, esguio e amarelo como uma tocha de enterro; e o possante, o exuberante tenente Couceiro, grande tocador de viola francesa.

A minha existência era bem equilibrada e suave. Toda a semana, de mangas de lustrina à carteira da minha repartição, ia lançando, numa formosa

letra cursiva, sobre o papel «Tojal» do Estado, estas frases fáceis: «*Ilmo. e Exmo. Sr. — Tenho a honra de comunicar a V. Exa... Tenho a honra de passar às mãos de V. Exa., Ilmo. e Exmo. Sr...*»

Aos domingos repousava: instalava-me então no canapé da sala de jantar, de cachimbo nos dentes, e admirava a D. Augusta, que, em dias de missa, costumava limpar com clara de ovo a caspa do tenente Couceiro. Esta hora, sobretudo no verão, era deliciosa: pelas janelas meio cerradas penetrava o bafo da soalheira, algum repique distante dos sinos da Conceição Nova e o arrulhar das rolas na varanda; a monótona sussurração das moscas balançava-se sobre a velha cambraia, antigo véu

nupcial da Madame Marques, que cobria agora no aparador os pratos de cerejas bicais; pouco a pouco o tenente, envolvido num lençol como um ídolo no seu manto, ia adormecendo, sob a fricção mole das carinhosas mãos da D. Augusta; e ela, arrebitando o dedo mínimo branquinho e papudo, sulcava-lhe as repas lustrosas com o pentezinho dos bichos... Eu então, enternecido, dizia à deleitosa senhora:

— Ai D. Augusta, que anjo que é!

Ela ria; chamava-me *enguiço*! Eu sorria, sem me escandalizar. «Enguiço» era com efeito o nome que me davam na casa — por eu ser magro, entrar sempre as portas com o pé direito, tremer de ratos, ter à cabeceira da cama uma litografia de Nossa Senhora das Dores

que pertencera à mamã, e corcovar. Infelizmente corcovo — do muito que verguei o espinhaço, na Universidade, recuando como uma pega assustada diante dos senhores lentes; na repartição, dobrando a fronte ao pó perante os meus diretores-gerais. Esta atitude de resto convém ao bacharel; ela mantém a disciplina num Estado bem organizado; e a mim garantia-me a tranquilidade dos domingos, o uso de alguma roupa branca, e vinte mil reis mensais.

Não posso negar, porém, que nesse tempo eu era ambicioso — como o reconheciam sagazmente a Madame Marques e o lépido Couceiro. Não que me revolvesse o peito o apetite heroico de dirigir, do alto de um trono, vastos rebanhos humanos; não que a minha louca

alma jamais aspirasse a rodar pela Baixa em trem da Companhia, seguida de um correio choutando; — mas pungia-me o desejo de poder jantar no Hotel Central com champanhe, apertar a mão mimosa de viscondessas, e, pelo menos duas vezes por semana, adormecer, num êxtase mudo, sobre o seio fresco de Vénus. Oh! moços que vos dirigíeis vivamente a S. Carlos, atabafados em paletós caros onde alvejava a gravata de *soirée*! Oh! tipoias, apinhadas de andaluzas, batendo galhardamente para os touros — quantas vezes me fizestes suspirar! Porque a certeza de que os meus vinte mil reis por mês e o meu jeito encolhido de enguiço, me excluíam para sempre dessas alegrias sociais, vinha-me então ferir o peito — como uma frecha que se crava num tronco,

e fica muito tempo vibrando!

Ainda assim, eu não me considerava sombriamente um «pária». A vida humilde tem doçuras: é grato, numa manhã de sol alegre, com o guardanapo ao pescoço, diante do bife de grelha, desdobrar o «Diário de Notícias»; pelas tardes de verão, nos bancos gratuitos do Passeio, gozam-se suavidades de idílio; é saboroso à noite no Martinho, sorvendo aos goles um café, ouvir os verbosos injuriar a pátria... Depois, nunca fui excessivamente infeliz — porque não tenho imaginação: não me consumia, rondando e almejando em torno de paraísos fictícios, nascidos da minha própria alma desejosa como nuvens da evaporação de um lago; não suspirava, olhando as lúcidas estrelas, por um amor

à Romeu ou por uma glória social à Camors. Sou um positivo. Só aspirava ao racional, ao tangível, ao que já fora alcançado por outros no meu bairro, ao que é acessível ao bacharel. E ia-me resignando, como quem a uma *table d'hôte* mastiga a bucha de pão seco à espera que lhe chegue o prato rico da *charlotte russe*. As felicidades haviam de vir: e para as apressar eu fazia tudo o que devia como português e como constitucional: — pedia-as todas as noites a Nossa Senhora das Dores, e comprava décimos da loteria.

No entanto procurava distrair-me. E como as circunvoluções do meu cérebro me não habilitavam a compor odes, à maneira de tantos outros ao meu lado que se desforravam assim do tédio da

profissão; como o meu ordenado, paga a casa e o tabaco, me não permitia um vício — tinha tomado o hábito discreto de comprar na Feira da Ladra antigos volumes desirmanados, e à noite, no meu quarto, repastava-nie dessas leituras curiosas. Eram sempre obras de títulos ponderosos: «Galera da Inocência», «Espelho Milagroso», Tristeza dos Mal-Deserdados»... O tipo venerando, o papel amarelado com picadas de traça, a grave encadernação freirática, a fitinha verde marcando a página — encantavam-me! Depois, aqueles dizeres ingénuos em letra gorda davam uma pacificação a todo o meu ser, sensação comparável à paz penetrante de uma velha cerca de mosteiro, na quebrada de um vale, por um fim suave de tarde, ouvindo o correr da

água triste...

Uma noite, há anos, eu começara a ler, num desses in-fólios vetustos, um capítulo intitulado «Brecha das Almas»; e ia saindo numa sonolência grata, quando este período singular se me destacou do tom neutro e apagado da página, com o relevo de uma medalha de ouro nova brilhando sobre um tapete escuro: copio textualmente:

«No fundo da China existe um mandarim mais rico que todos os reis de que a fábula ou a história contam. Dele nada conheces, nem o nome, nem o semblante, nem a seda de que se veste. Para que tu herdes os seus cabedais infindáveis, basta que toques essa campainha, posta a teu lado, sobre um livro. Ele soltará apenas um suspiro,

nesses confins da Mongólia. Será então um cadáver: e tu verás a teus pés mais ouro do que pode sonhar a ambição de um avaro. Tu, que me lês e és um homem mortal, tocarás tu a campainha?»

Estaquei, assombrado, diante da página aberta: aquela interrogação «homem mortal, tocarás tu a campainha?» parecia-me faceta, picaresca, e todavia perturbava-me prodigiosamente. Quis ler mais; mas as linhas fugiam, ondeando como cobras assustadas, e no vazio que deixavam, de uma lividez de pergaminho, lá ficava, rebrilhando em negro, a interpelação estranha — «tocarás tu a campainha?»

Se o volume fosse de uma honesta edição Michel-Levy, de capa amarela, eu, que por fim não me achava perdido numa

floresta de balada alemã, e podia da minha sacada ver branquejar à luz do gás o correame da patrulha — teria simplesmente fechado o livro, e estava dissipada a alucinação nervosa. Mas aquele sombrio in-fólio parecia exalar magia; cada letra afetava a inquietadora configuração desses sinais da velha cabala, que encerram um atributo fatídico; as vírgulas tinham o retorcido petulante de rabos de diabinhos, entrevistos numa alvura de luar; no ponto de interrogação final eu via o pavoroso gancho com que o Tentador vai fisgando as almas que adormeceram sem se refugiar na inviolável cidadela da Oração!... Uma influência sobrenatural apoderando-se de mim, arrebatava-me devagar para fora da realidade, do raciocínio: e no meu

espírito foram-se formando duas visões — de um lado um mandarim decrépito, morrendo sem dor, longe, longe, num quiosque chinês, a um ti-li-tim de campainha; do outro toda uma montanha de ouro cintilando aos meus pês! Isto era tão nítido, que eu via os olhos oblíquos do velho personagem embaciarem-se, como cobertos de uma ténue camada de pó; e sentia o fino tinir de libras rolando juntas. E imóvel, arrepiado, cravava os olhos ardentes na campainha, pousada pacatamente diante de mim sobre um dicionário francês — a campainha prevista, citada no mirífico in-fólio...

Foi então que, do outro lado da mesa, uma voz insinuante e metálica me disse, no silêncio:

— Vamos, Teodoro, meu amigo,

estenda a mão, toque a campainha, seja um forte!

O *abat-jour* verde da vela punha uma penumbra em redor. Ergui-o, a tremer. E vi, muito pacificamente sentado, um indivíduo corpulento, todo vestido de preto, de chapéu alto, com as duas mãos calçadas de luvas negras gravemente apoiadas ao cabo de um guarda-chuva. Não tinha nada de fantástico. Parecia tão contemporâneo, tão regular, tão classe média como se viesse da minha repartição...

Toda a sua originalidade estava no rosto, sem barba, de linhas fortes e duras; o nariz brusco, de um aquilino formidável, apresentava a expressão rapace e atacante de um bico de águia; o corte dos lábios, muito firme, fazia-lhe como uma boca de

bronze; os olhos, ao fixar-se, assemelhavam dois clarões de tiro, partindo subitamente de entre as sarças tenebrosas das sobrancelhas unidas; era lívido — mas, aqui e além na pele, corriam-lhe raiações sanguíneas como num velho mármore fenício.

Veio-me à ideia de repente que tinha diante de mim o Diabo: mas logo todo o meu raciocínio se insurgiu resolutamente contra esta imaginação. Eu nunca acreditei no Diabo — como nunca acreditei em Deus. Jamais o disse alto, ou o escrevi nas gazetas, para não descontentar os poderes públicos; encarregados de manter o respeito por tais entidades: mas que existam estes dois personagens, velhos como a Substância, rivais bonacheirões, fazendo-se

mutuamente pirraças amáveis —, um de barbas nevadas e túnica azul, na *toilette* do antigo Jove, habitando os altos luminosos, entre uma corte mais complicada que a de Luís XIV; e o outro enfarruscado e manhoso, ornado de cornos, vivendo nas chamas inferiores, numa imitação burguesa do pitoresco Plutão — não acredito. Não, não acredito! Céu e Inferno são conceções sociais para uso da plebe — e eu pertenço à classe média. Rezo, é verdade, a Nossa Senhora das Dores: porque, assim como pedi o favor do senhor doutor para passar no meu ato; assim como, para obter os meus vinte mil reis, implorei a benevolência do senhor deputado; igualmente para me subtrair à tísica, à angina, à navalha de ponta, à febre que vem da sarjeta, à casca

da laranja escorregadia onde se quebra a perna, a outros males públicos, necessito ter uma proteção extra-humana. Ou pelo rapapé ou pelo incensador, o homem prudente deve ir fazendo assim uma série de sábias adulações, desde a Arcada até ao Paraíso. Com um compadre no bairro, e uma comadre mística nas alturas — o destino do bacharel está seguro.

Por isso, livre de torpes superstições, disse familiarmente ao indivíduo vestido de negro:

— Então, realmente, aconselha-me que toque a campainha?

Ele ergueu um pouco o chapéu, descobrindo a fronte estreita, enfeitada de uma gaforinha crespa e negrejante como a do fabuloso Alcides, e respondeu, palavra a palavra:

— Aqui está o seu caso, estimável Teodoro. Vinte mil reis mensais são uma vergonha social! Por outro lado, há sobre este globo coisas prodigiosas: há vinhos de Borgonha, como por exemplo o *Romanée-Conti* de 58 e o *Chambertin* de 61, que custam, cada garrafa, de dez a onze mil reis; e quem bebe o primeiro cálice, não hesitará, para beber o segundo, em assassinar seu pai... Fabricam-se em Paris e em Londres carruagens de tão suaves molas, de tão mimosos estofos, que é preferível percorrer nelas o Campo Grande, a viajar, como os antigos deuses, pelos céus, sobre os fofos coxins das nuvens... Não farei à sua instrução a ofensa de o informar que se mobilam hoje casas, de um estilo e de um conforto, que são elas que realizam

superiormente esse regalo fictício, chamado outrora a «bem-aventurança». Não lhe falarei, Teodoro, de outros gozos terrestres: como, por exemplo, o Teatro do Palais Royal, o baile Laborde, o Café Anglais... Só chamarei a sua atenção para este facto: existem seres que se chamam Mulheres — diferentes daqueles que conhece, e que se denominam Fêmeas. Estes seres, Teodoro, no meu tempo, a páginas 3 da Bíblia, apenas usavam exteriormente uma *folha de vinha*. Hoje, Teodoro, é toda uma sinfonia, todo um engenhoso e delicado poema de rendas, *baptistes*, cetins, flores, joias, caxemiras, gazes e veludos... Compreende a satisfação inenarrável que haverá, para os cinco dedos de um cristão, em percorrer, palpar estas maravilhas macias; — mas

também percebe que não é com o troco de uma placa honesta de cinco tostões que se pagam as contas destes querubins... Mas elas possuem melhor, Teodoro: são os cabelos cor do ouro ou cor da treva, tendo assim nas suas tranças a aparência emblemática das duas grandes tentações humanas — a fome do metal precioso e o conhecimento do absoluto transcendente. E ainda têm mais: são os braços cor de mármore, de uma frescura de lírio orvalhado; são os seios, sobre os quais o grande Praxíteles modelou a sua Taça, que é a linha mais pura e mais ideal da Antiguidade... Os seios, outrora (na ideia desse ingénuo Ancião que os formou, que fabricou o mundo, e de quem uma inimizade secular me veda de pronunciar o nome), eram destinados à nutrição

augusta da humanidade; sossegue porém, Teodoro; hoje nenhuma mamã racional os expõe a essa função deterioradora e severa; servem só para resplandecer, aninhados em rendas, ao gás das *soirées* —, e para outros usos secretos. As conveniências impedem-me de prosseguir nesta exposição radiosa das belezas que constituem o *fatal feminino*... De resto as suas pupilas já rebrilham... Ora todas estas coisas, Teodoro, estão para além, infinitamente para além dos seus vinte mil reis por mês... Confesse, ao menos, que estas palavras têm o venerável selo da verdade!...

Eu murmurei, com as faces abrasadas:

— Têm.

E a sua voz prosseguiu, paciente e

suave:

— Que me diz a cento e cinco, ou cento e seis mil contos? Bem sei, é uma bagatela... Mas enfim, constituem um começo; são uma ligeira habilitação para conquistar a felicidade. Agora pondere estes factos: o Mandarim, esse Mandarim do fundo da China, está decrépito e está gotoso: como homem, como funcionário do Celeste Império, é mais inútil em Pequim e na humanidade, que um seixo na boca de um cão esfomeado. Mas a transformação da Substância existe: garanto-lha eu, que sei o segredo das coisas... Porque a terra é assim: recolhe aqui um homem apodrecido, e restitui-o além ao conjunto das formas como vegetal viçoso. Bem pode ser que ele, inútil como mandarim no Império do Meio, vá ser útil

noutra terra como rosa perfumada ou saboroso repolho. Matar, meu filho, é quase sempre equilibrar as necessidades universais. É eliminar aqui a excrescência para ir além suprir a falta. Penetre-se destas sólidas filosofias. Uma pobre costureira de Londres anseia por ver florir, na sua trapeira, um vaso cheio de terra negra: uma flor consolaria aquela deserdada; mas na disposição dos seres, infelizmente, nesse momento, a Substância que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem de Estado... Vem então o fadista de navalha aberta, e fende o estadista; o enxurro leva-lhe os intestinos; enterram-no, com tipoias atrás; a matéria começa a desorganizar-se, mistura-se à vasta evolução dos átomos — e o supérfluo homem de governo vai alegrar, sob a

forma de amor-perfeito, a água-furtada da loura costureira. O assassino é um filantropo! Deixe-me resumir, Teodoro: a morte desse velho Mandarim idiota traz-lhe à algibeira alguns milhares de contos. Pode desde esse momento dar pontapés nos poderes públicos: medite na intensidade deste gozo! É desde logo citado nos jornais: reveja-se nesse máximo da glória humana! E agora note: é só agarrar a campainha, e fazer ti-li-tim. Eu não sou um bárbaro! compreendo a repugnância de um *gentleman* em assassinar um contemporâneo: o espirrar do sangue suja vergonhosamente os punhos, e é repulsivo o agonizar de um corpo humano. Mas aqui, nenhum desses espetáculos torpes... É como quem chama um criado... E são cento e cinco ou cento

e seis mil contos; não me lembro, mas tenho-os nos meus apontamentos... O Teodoro não duvida de mim. Sou um cavalheiro: — provei-o, quando, fazendo a guerra a um tirano na primeira insurreição da justiça, me vi precipitado de alturas que nem Vossa Senhoria concebe... Um trambolhão considerável, meu caro senhor! Grandes desgostos! O que me consola é que o OUTRO está também muito abalado: porque, meu amigo, quando um Jeová tem apenas contra si um Satanás, tira-se bem de dificuldades mandando carregar mais uma legião de arcanjos; mas quando o inimigo é um homem, armado de uma pena de pato e de um caderno de papel branco — está perdido... Enfim são cento e seis mil contos. Vamos, Teodoro, aí tem a

campainha, seja um homem.

Eu sei o que deve a si mesmo um cristão. Se este personagem me tivesse levado ao cume de uma montanha na Palestina, por uma noite de lua cheia, e aí, mostrando-me cidades, raças e impérios adormecidos, sombriamente me dissesse: «Mata o mandarim, e tudo o que vês em vale e colina será teu», eu saberia replicar-lhe, seguindo um exemplo ilustre, e erguendo o dedo às profundidades consteladas: «O meu reino não é deste mundo!» Eu conheço os meus autores. Mas eram cento e tantos mil contos, oferecidos à luz de uma vela de estearina, na Travessa da Conceição, por um sujeito de chapéu alto, apoiado a um guarda-chuva...

Então não hesitei. E, de mão firme,

repeniquei a campainha. Foi talvez uma ilusão; mas pareceu-me que um sino, de boca tão vasta como o mesmo céu, badalava na escuridão, através do universo, num tom temeroso que decerto foi acordar sóis que faziam nené e planetas pançudos ressonando sobre os seus eixos...

O indivíduo levou um dedo à pálpebra, e limpando a lágrima que enevoara um instante o seu olho rutilante:

— Pobre Ti Chin-Fu!...

— Morreu?

— Estava no seu jardim, sossegado, armando, para o lançar ao ar, um papagaio de papel, no passatempo honesto de um mandarim retirado —, quando o surpreendeu este ti-li-tim da campainha. Agora jaz à beira de um

arroio cantante, todo vestido de seda amarela, morto, de pança ao ar, sobre a relva verde: e nos braços frios tem o seu papagaio de papel, que parece tão morto como ele. Amanhã são os funerais. Que a sabedoria de Confúcio, penetrando-o, ajude a bem emigrar a sua alma!

E o sujeito, erguendo-se, tirou respeitosamente o chapéu, saiu, com o seu guarda-chuva debaixo do braço.

Então, ao sentir bater a porta, afigurou-se-me que emergia de um pesadelo. Saltei ao corredor. Uma voz jovial falava com a Madame Marques; e a cancela da escada cerrou-se subtilmente.

— Quem é que saiu agora, ó D. Augusta? — perguntei, num suor?

— Foi o Cabritinha que vai um bocadinho à batota...

Voltei ao quarto: tudo lá repousava tranquilo, idêntico, real. O in-fólio ainda estava aberto na página temerosa. Reli-a: agora parecia-me apenas a prosa antiquada de um moralista caturra; cada palavra se tornara como um carvão apagado...

Deitei-me: — e sonhei que estava longe, para além de Pequim, nas fronteiras da Tartária, no quiosque de um convento de lamas, ouvindo máximas prudentes e suaves que escorriam, com um aroma fino de chá, dos lábios de um Buda vivo.

2

Decorreu um mês.

Eu, no entanto, rotineiro e triste, lá ia pondo o meu cursivo ao serviço dos poderes públicos, e admirando aos domingos a perícia tocante com que a D. Augusta lavava a caspa do Couceiro. Era agora evidente para mim que, nessa noite, eu adormecera sobre o in-fólio, e sonhara com uma «Tentação da Montanha» sob formas familiares. Instintivamente, porém, comecei a preocupar-me com a China. Ia ler os telegramas à Havanesa; e o que o meu interesse lá buscava, eram sempre as notícias do Império do Meio; parece porém que, a esse tempo, nada se passava na região das raças amarelas... A Agência

Havas só tagarelava sobre a Herzegovina, a Bósnia, a Bulgária e outras curiosidades bárbaras...

Pouco a pouco fui esquecendo o meu episódio fantasmagórico: e ao mesmo tempo, como gradualmente o meu espírito resserenava, voltaram de novo a mover-se as antigas ambições que lá habitavam — um ordenado de diretor-geral, um seio amoroso de Lola, bifes mais tenros que os da D. Augusta. Mas tais regalos pareciam-me tão inacessíveis, tão nascidos dos sonhos — como os próprios milhões do Mandarim. E pelo monótono deserto da vida, lá foi seguindo, lá foi marchando a lenta caravana das minhas melancolias...

Um domingo de agosto, de manhã, estirado na cama em mangas de camisa, eu dormitava, com o cigarro apagado no

lábio — quando a porta rangeu devagarinho e, entreabrindo a pálpebra dormente, vi curvar-se ao meu lado uma calva respeitosa. E logo uma voz perturbada murmurou:

— O Sr. Teodoro?... O Sr. Teodoro do Ministério do Reino?

Ergui-me lentamente sobre o cotovelo e respondi num bocejo:

— Sou eu, cavalheiro.

O indivíduo recurvou o espinhaço: assim na presença augusta de el-rei Bobeche se arqueia o cortesão... Era pequenino e obeso: a ponta das suíças brancas roçava-lhe as lapelas do fraque de alpaca: veneráveis óculos de ouro reluziam na sua face bochechuda, que parecia uma próspera personificação da Ordem: e todo ele tremia desde a calva

lustrosa até aos botins de bezerro. Pigarreou, cuspilhou, balbuciou:

— São notícias para Vossa Senhorial Consideráveis notícias! O meu nome é Silvestre... Silvestre, Juliano & C.ª... Um serviçal criado de Vossa Excelência... Chegaram justamente pelo paquete de Southampton... Nós somos correspondentes, de Brito, Alves & C.ª, de Macau... Correspondentes de Craig and Co., de Hong-Kong... As letras vêm de Hong-Kong...

O sujeito engasgava-se; e a sua mão gordinha agitava em tremuras um envelope repleto, com um selo de lacre negro.

— Vossa Excelência — prosseguiu — estava decerto prevenido... Nós é que o não estávamos... A

atrapalhação é natural... O que esperamos é que Vossa Excelência nos conserve a sua benevolência... Nós sempre respeitámos muito o caráter de Vossa Excelência... Vossa Excelência é nesta terra uma flor de virtude, e espelho de bons! Aqui estão, os primeiros saques sobre Bhering and Brothers, de Londres... Letras a trinta dias sobre Rothschild...

A este nome, ressoante como o mesmo ouro, saltei vorazmente do leito:

— O que é isso, senhor? — gritei.

E ele, gritando mais, brandindo o envelope, todo alçado no bico dos botins:

— São cento e seis mil contos, senhor! Cento e seis mil contos sobre Londres, Paris, Hamburgo e Amesterdão, sacados a seu favor, excelentíssimo senhor!... A seu favor, excelentíssimo

senhor!... A seu favor, excelentíssimo, senhor! Pelas casas de Hong-Kong, de Xangai e de Cantão... da herança depositada do mandarim Ti Chin-Eu!

Senti tremer o globo sob os meus pés e cerrei um momento os olhos. Mas compreendi, num relance, que eu era, desde essa hora, como uma encarnação do Sobrenatural, recebendo dele a minha força e possuindo os seus atributos. Não podia comportar-me como um homem, nem desconsiderar-me em expansões humanas. Até, para não quebrar a linha hierática — abstive-me de ir soluçar, como mo pedia a alma, sobre o vasto seio da Madame Marques...

De ora em diante cabia-me a impassibilidade de um deus — ou de um demónio: dei, com naturalidade, um puxão

às calças, e disse a Silvestre, Juliano & C.ª estas palavras:

— Está bem! O Mandarim... esse Mandarim que disse, portou-se com cavalheirismo. Eu sei do que se trata: é uma questão de família. Deixe aí os papéis... Bons dias.

Silvestre, Juliano & C.ª retirou-se, às arrecuas, de dorso vergado e fronte voltada ao chão.

Eu então fui abrir, toda larga, a janela: e, dobrando para trás a cabeça, respirei o ar cálido, consoladamente, como uma corça cansada...

Depois olhei para baixo, para a rua, onde toda uma burguesia se escoava, numa pacata saída de missa, entre duas filas de trens. Fixei, aqui e além, inconscientemente, algumas cuias de

senhoras, alguns metais brilhantes de arreios. E de repente veio-me esta ideia, esta triunfante certeza — que todas aquelas tipoias as podia eu tomar à hora ou ao ano! Que nenhuma das mulheres que via deixaria de me oferecer o seu seio nu a um aceno do meu desejo! Que todos esses homens, de sobrecasaca de domingo, se prostrariam diante de mim como diante de um Cristo, de um Maomé ou de um Buda, se eu lhes sacudisse junto à face cento e seis mil contos sobre as praças da Europa!...

Apoiei-me à varanda: e ri, com tédio, vendo a agitação efémera daquela humanidade subalterna — que se considerava livre e forte, enquanto por cima, numa sacada de quarto andar, eu tinha na mão, num envelope lacrado de

negro, o princípio mesmo da sua fraqueza e da sua escravidão! Então, satisfações do Luxo, regalos do Amor, orgulhos do Poder, tudo gozei, pela imaginação, num instante, e de um só sorvo. Mas logo uma grande saciedade me foi invadindo a alma: e, sentindo o mundo aos meus pés — bocejei como um leão farto.

De que me serviam por fim tantos milhões senão para me trazerem, dia a dia, a afirmação desoladora da vileza humana?... E assim, ao choque de tanto ouro, ia desaparecer a meus olhos, como um fumo, a beleza moral do universo! Tomou-me uma tristeza mística. Abati-me sobre uma cadeira; e, com a face entre as mãos, chorei abundantemente.

Daí a pouco Madame Marques abria a porta, toda vistosa nas suas sedas

pretas.

— Está-se à sua espera para jantar, enguiço!

Emergi da minha amargura para lhe responder secamente:

— Não janto!

— Mais fica!

Nesse momento estalavam foguetes ao longe. Lembrei-me que era domingo, dia de touros: de repente uma visão rebrilhou, flamejou, atraindo-me deliciosamente: — era a tourada vista de um camarote; depois um jantar com champanhe; à noite a orgia, como uma iniciação! Corri à mesa. Atulhei as algibeiras de letras sobre Londres. Desci à rua com um furor de abutre fendendo o ar contra a presa. Uma caleche passava, vazia. Detive-a, berrei:

— Aos touros!

— São dez tostões, meu amo!

Encarei com repulsão aquele reles pedaço de matéria organizada — que falava em placas de prata a um colosso de ouro! Enterrei a mão na algibeira ajoujada de milhões e tirei o meu metal: tinha setecentos e vinte!

O cocheiro bateu a anca da égua e seguiu, resmungando. Eu balbuciei:

— Mas tenho letras!... Aqui estão! Sobre Londres! Sobre Hamburgo!...

— Não pega.

Setecentos e vinte!... E touros, jantar de lorde, andaluzas nuas, todo esse sonho expirou como uma bola de sabão que bate a ponta de um prego.

Odiei a humanidade, abominei o numerário. Outra tipoia, lançada a trote,

apinhada de gente festiva, quase me atropelou naquela abstração em que eu ficara com os meus setecentos e vinte na palma da mão suada.

Cabisbaixo, enchumaçado de milhões sobre Rothschild, voltei ao meu quarto andar: humilhei-me à Madame Marques, aceitei-lhe o bife córneo; e passei essa primeira noite de riqueza bocejando sobre o leito solitário — enquanto fora o alegre Couceiro, o mesquinho tenente de quinze mil reis de soldo, ria com a D. Augusta, repenicando à viola o «Fado da Cotovia».

Foi só na manhã seguinte, ao fazer a barba, que refleti sobre a origem dos meus milhões. Ela era evidentemente sobrenatural e suspeita.

Mas como o meu racionalismo me

impedia de atribuir estes tesouros imprevistos à generosidade caprichosa de Deus ou do Diabo, ficções puramente escolásticas; como os fragmentos de positivismo, que constituem o fundo da minha filosofia, não me permitiam a indagação *das causas primárias*, *das origens essenciais* — bem depressa me decidi a aceitar secamente este fenómeno e a utilizado com largueza. Portanto corri de quinzena ao vento para o London and Brazilian Bank...

Aí, arremessei para cima do balcão um papel sobre o Banco de Inglaterra de mil libras, e soltei esta deliciosa palavra:

— Ouro!

Um caixeiro sugeriu-me com doçura:

— Talvez lhe fosse mais cómodo em notas...

Repeti secamente:

— Ouro!

Atulhei as algibeiras, devagar, aos punhados: e na rua, ajoujado, icei-me para uma caleche. Sentia-me gordo, sentia-me obeso; tinha na boca um sabor de ouro, uma secura de pó de ouro na pele das mãos: as paredes das casas pareciam-me faiscar como longas lâminas de ouro: e dentro do cérebro ia-me um rumor surdo onde retilintavam metais — como o movimento de um oceano que nas vagas rolasse barras de ouro.

Abandonando-me à oscilação das molas, rebolante como um odre mal firme, deixava cair sobre a rua, sobre a gente, o olhar turvo e tedioso do ser repleto.

Enfim, atuando o chapéu para a nuca, estirando a perna, empinando o ventre, arrotei formidavelmente de flatulência ricaça...

Muito tempo rolei assim pela cidade, bestializado num gozo de nababo.

Subitamente um brusco apetite de gastar, de dissipar ouro, veio-me enfunar o peito como uma rajada que incha uma vela.

— Para, animal! — berrei, ao cocheiro.

A parelha estacou. Procurei em redor com a pálpebra meio cerrada alguma coisa cara a comprar — joia de rainha ou consciência de estadista: nada vi; precipitei-me então para um estanco:

— Charutos! de tostão! de cruzado! Mais caros! de dez tostões!

— Quantos?... — perguntou servilmente o homem.

— Todos! — respondi com brutalidade.

À porta, uma pobre toda de luto, com o filho encolhido ao seio, estendeu-me a mão transparente. Incomodava-me procurar os trocos de cobre por entre os meus punhados de ouro. Repeli-a, impaciente: e, de chapéu sobre o olho, encarei friamente a turba.

Foi então que avistei, adiantando-se, o vulto ponderoso do meu diretor-geral: imediatamente achei-me com o dorso curvado em arco e o chapéu cumprimentador roçando as lajes. Era o hábito da dependência: os meus milhões não me tinham dado ainda a verticalidade à espinha...

Em casa despejei o ouro sobre o leito, e rolei-me por cima dele, muito tempo, grunhindo num gozo surdo. A torre, ao lado, bateu três horas; e o sol apressado já descia, levando consigo o meu primeiro dia de opulência... Então, couraçado de libras, corri a saciar-me!

Ah, que dia! Jantei num gabinete do Hotel Central, solitário e egoísta, com a mesa alastrada de Bordéus, Borgonha, Champagne, Reno, licores de todas as comunidades religiosas — como para matar uma sede de trinta anos! Mas só me fartei de Colares. Depois, cambaleando, arrastei-me para o lupanar! Que noite! A alvorada clareou por trás das persianas; e achei-me estatelado no tapete, exausto e seminu, sentindo o corpo e a alma como esvaírem-se, dissolverem-se naquele

ambiente abafado onde errava um cheiro de pó de arroz, de fêmea e de *punch*...

Quando voltei à Travessa da Conceição, as janelas do meu quarto estavam fechadas, e a vela expirava, com fogachos lívidos, no castiçal de latão. Então, ao chegar junto à cama, vi isto: estirada de través, sobre a coberta, jazia uma figura bojuda de mandarim fulminado, vestida de seda amarela, com um grande rabicho solto; e entre os braços, como morto também, tinha um papagaio de papel!

Abri desesperadamente a janela; tudo desapareceu; — o que estava agora sobre o leito era um velho paletó alvadio.

3

Então começou a minha vida de milionário. Deixei bem depressa a casa de Madame Marques — que, desde que me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce, e ela mesma me servia, com o seu vestido de seda dos domingos. Comprei, habitei o palacete amarelo, ao Loreto; as magnificências da minha instalação são bem conhecidas pelas gravuras indiscretas da «Ilustração Francesa». Tornou-se famoso na Europa o meu leito, de um gosto exuberante e bárbaro, com a barra recoberta de lâminas de ouro lavrado, e cortinados de um raro brocado negro onde ondeiam, bordados a pérolas, versos eróticos de Catulo; uma

lâmpada, suspensa no interior, derrama ali a claridade láctea e amorosa de um luar de verão.

Os meus primeiros meses ricos, não o oculto, passei-os a amar — a amar com o sincero bater de coração de um pajem inexperiente. Tinha-a visto, como numa página de novela, regando os seus craveiros à varanda: chamava-se Cândida; era pequenina, era loura; morava a Buenos Aires, numa casinha casta recoberta de trepadeiras; e lembrava-me, pela graça e pelo airoso da cinta, tudo o que a Arte tem criado de mais fino e frágil — Mimi, Virgínia, a Joaninha do Vale de Santarém.

Todas as noites eu caía, em êxtases de místico, aos seus pés cor de jaspe. Todas as manhãs lhe alastrava o

regaço de notas de vinte mil reis: ela repelia-as primeiro com um rubor —, depois, ao guardá-las na gaveta, chamava-me o seu *anjo Totó*.

Um dia que eu me introduzira, a passos subtis, por sobre o espesso tapete sírio, até ao seu *boudoir* — ela estava escrevendo, muito enlevada, de dedinho no ar: ao ver-me, toda trémula, toda pálida, escondeu o papel que tinha o seu monograma. Eu arranquei-lho, num ciúme insensato. Era a carta, a carta costumada, a carta necessária, a carta que desde a velha Antiguidade a mulher sempre escreve; começava por «Meu idolatrado» — e era para um alferes da vizinhança...

Desarraiguei logo esse sentimento do meu peito como uma planta venenosa. Descri para sempre dos anjos louros, que

conservam no olhar azul o reflexo dos céus atravessados; de cima do meu ouro deixei cair sobre a Inocência, o Pudor, e outras idealizações funestas, a ácida gargalhada de Mefistófeles: e organizei friamente uma existência animal, grandiosa e cínica.

Ao bater do meio-dia, entrava na minha tina de mármore cor-de-rosa, onde os perfumes derramados davam à água um tom opaco de leite: depois pajens tenros, de mão macia, friccionavam-me com o cerimonial de quem celebra um culto: e embrulhado num *robe-de-chambre* de seda da Índia, através da galeria, dando aqui e além um olhar aos meus Fortunys e aos meus Corots, entre alas silenciosas de lacaios, dirigia-me ao bife à inglesa, servido em Sèvres azul e ouro.

O resto da manhã, se havia calor, passava-o sobre coxins de cetim cor de pérola, num *boudoir* em que a mobília era de porcelana fina de Dresden e as flores faziam um jardim de Armida; aí, saboreava o «Diário de Notícias», enquanto lindas raparigas vestidas à japonesa refrescavam o ar, agitando leques de plumas.

De tarde ia dar uma volta a pé, até ao Pote das Almas: era a hora mais pesada do dia: encostado à bengala, arrastando as pernas moles, abria bocejos de fera saciada — e a turba abjeta parava a contemplar, em êxtases, o nababo enfastiado!

Às vezes vinha-me como uma saudade dos meus tempos ocupados da repartição. Entrava em casa; e encerrado

na livraria, onde o Pensamento da Humanidade repousava esquecido e encadernado em marroquim, aparava uma pena de pato, e ficava horas lançando sobre folhas do meu querido «Tojal» de outrora: *«Ilmo. e Exmo. Sr. — Tenho a honra de participar a V. Exa... Tenho a honra de passar às mãos de V. Exa.!...»*

Ao começo da noite um criado, para anunciar o jantar, fazia soar pelos corredores na sua tuba de prata, à moda gótica, uma harmonia solene. Eu erguia-me e ia comer, majestoso e solitário. Uma populaça de lacaios, de librés de seda negra, servia, num silêncio de sombras que resvalam, as vitualhas raras, vinhos do preço de joias: toda a mesa era um esplendor de flores, luzes, cristais, cintilações de ouro: — e enrolando-se

pelas pirâmides de frutos, misturando-se ao vapor dos pratos, errava, como uma névoa subtil, um tédio inenarrável...

Depois, apoplético, atirava-me para o fundo do *coupé* — e lá ia às Janelas Verdes, onde nutria, num jardim de serralho, entre requintes muçulmanos, um viveiro de fêmeas: revestiam-me de uma túnica de seda fresca e perfumada —, e eu abandonava-me a delírios abomináveis... Traziam-me semimorto para casa, ao primeiro alvor da manhã: fazia maquinalmente o meu sinal-da-cruz, e daí a pouco roncava de ventre ao ar, lívido e com um suor frio, como um Tibério exausto.

Entretanto Lisboa rojava-se aos meus pés. O pátio do palacete estava constantemente invadido por uma turba:

olhando-a enfastiado das janelas da galeria, eu via lá branquejar os peitilhos da Aristocracia, negrejar a sotaina do Clero, e luzir o suor da Plebe: todos vinham suplicar, de lábio abjeto, a honra do meu sorriso e uma participação no meu ouro. Às vezes consentia em receber algum velho de título histórico: — ele adiantava-se pela sala, quase roçando o tapete com os cabelos brancos, tartamudeando adulações; e imediatamente, espalmando sobre o peito a mão de fortes veias onde corria um sangue de três séculos, oferecia-me uma filha bem-amada para esposa ou para concubina.

Todos os cidadãos me traziam presentes como a um ídolo sobre o altar — uns odes votivas, outros o meu

monograma bordado a cabelo, alguns chinelas ou boquilhas, cada um a sua consciência. Se o meu olhar amortecido fixava, por acaso, na rua, uma mulher — era logo ao outro dia uma carta em que a criatura, esposa ou prostituta, me ofertava a sua nudez, o seu amor, e todas as complacências da lascívia.

Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjetivos dignos da minha grandeza; fui o *sublime Sr. Teodoro*, cheguei a ser o *celeste Sr. Teodoro;* então, desvairada, a «Gazeta das Locais» chamou-me o *extraceleste Sr. Teodoro!* Diante de mim nenhuma cabeça ficou jamais coberta — ou usasse a coroa ou o coco. Todos os dias me era oferecida uma presidência de Ministério ou uma direção de confraria. Recusei sempre,

com nojo.

Pouco a pouco o rumor das minhas riquezas foi passando os confins da Monarquia. O «Figaro», cortesão, em cada número falou de mim, preferindo-me a Henrique V; o grotesco imortal que assina «Saint-Genest» dirigiu-me apóstrofes convulsivas, pedindo-me para salvar a França; e foi então que as «Ilustrações» estrangeiras publicaram, a cores, as cenas do meu viver. Recebi de todas as princesas da Europa envelopes, com selos heráldicos, expondo-me, por fotografias, por documentos, a forma dos seus corpos e a antiguidade das suas genealogias. Duas pilhérias que soltei durante esse ano foram telegrafadas ao universo pelos fios da Agência Havas; e fui considerado mais espirituoso que

Voltaire, que Rochefort, e que esse fino entendimento que se chama «Todo-o-Mundo». Quando o meu intestino se aliviava com estampido — a humanidade sabia-o pelas gazetas. Fiz empréstimos aos reis, subsidiei guerras civis — e fui caloteado por todas as repúblicas latinas que orlam o golfo do México.

E eu, no entanto, vivia triste...

Todas as vezes que entrava em casa estacava, arrepiado, diante da mesma visão: ou estirada no limiar da porta, ou atravessada sobre o leito de ouro — lá jazia a figura bojuda, de rabicho negro e túnica amarela, com o seu papagaio nos braços... Era o mandarim Ti Chin-Fu! Eu precipitava-me, de punho erguido: e tudo se dissipava.

Então caía aniquilado, todo em

suor, sobre uma poltrona, e murmurava no silêncio do quarto, onde as velas dos candelabros davam tons ensanguentados aos damascos vermelhos:

— *Preciso matar este morto!*

E, todavia, não era esta impertinência de um velho fantasma pançudo, acomodando-se nos meus móveis, sobre as minhas colchas, que me fazia saber mal a vida.

O horror supremo consistia na ideia, que se me cravara então no espírito como um ferro inarrancável — *que eu tinha assassinado um velho!*

Não fora com uma corda em torno da garganta, à moda muçulmana; nem com veneno num cálice de vinho de Siracusa, à maneira italiana da Renascença; nem com algum dos métodos clássicos, que na

história das monarquias têm recebido consagrações augustas — a punhal como D. João II, à clavina como Carlos IX...

Tinha eliminado a criatura, de longe, com uma campainha. Era absurdo, fantástico, faceto. Mas não diminuía a trágica negrura do facto: *eu assassinara um velho!*

Pouco a pouco esta certeza ergueu-se, petrificou-se na minha alma, e como uma coluna num descampado dominou toda a minha vida interior: de sorte que, por mais desviado caminho que tomassem, os meus pensamentos viam sempre negrejar no horizonte aquela memória acusadora; por mais alto que se levantasse o voo das minhas imaginações, elas terminavam por ir fatalmente ferir as asas nesse monumento de miséria moral.

Ah! por mais que se considere Vida e Morte como banais transformações da Substância, é pavoroso o pensamento — que se fez regelar um sangue quente, que se imobilizou um músculo vivo! Quando, depois de jantar, sentindo ao lado o aroma do café, eu me estirava no sofá, enlanguescido, numa sensação de plenitude, elevava-se logo dentro em mim, melancólico como o coro que vem de um ergástulo, todo um sussurro de acusações:

— E todavia tu fizeste que esse bem-estar em que te regalas, nunca mais fosse gozado pelo venerável Ti Chin-Fu!...

Debalde eu replicava à Consciência, lembrando-lhe a decrepitude do Mandarim, a sua gota incurável... Facunda em argumentos, gulosa de

controvérsia, ela retorquia logo com furor:

— Mas, ainda na sua atividade mais resumida, a vida é um bem supremo: porque o encanto dela reside no seu princípio mesmo, e não na abundância das suas manifestações!

Eu revoltava-me contra este pedantismo retórico de pedagogo rígido: erguia alto a fronte, gritava-lhe numa arrogância desesperada:

— Pois bem! Matei-o! Melhor! Que queres tu? O teu grande nome de Consciência não me assusta! És apenas uma perversão da sensibilidade nervosa. Posso eliminar-te com flor de laranja!

E imediatamente sentia passar-me na alma, com uma lentidão de brisa, um rumor humilde de murmurações irónicas:

— Bem, então come, dorme, banha-te e ama...

Eu assim fazia. Mas logo os próprios lençóis de bretanha do meu leito tomavam aos meus olhos apavorados os tons lívidos de uma mortalha; a água perfumada em que me mergulhava arrefecia-me sobre a pele, com a sensação espessa de um sangue que coalha: e os peitos nus das minhas amantes entristeciam-me, como lápides de mármore que encerram um corpo morto.

Depois assaltou-me uma amargura maior: comecei a pensar que Ti Chin-Fu tinha decerto uma vasta família, netos, bisnetos tenros, que, despojados da herança que eu comia à farta em pratos de Sèvres, numa pompa de sultão perdulário, iam atravessando na China todos os

infernos tradicionais da miséria humana — os dias sem arroz, o corpo sem agasalho, a esmola recusada, a rua lamacenta por morada...

Compreendi então porque me perseguia a figura obesa do velho letrado; e dos seus lábios recobertos pelos longos pelos brancos do seu bigode de sombra, parecia-me sair agora esta acusação desolada: «Eu não me lamento a mim, forma meio morta que era; choro os tristes que arruinaste, e que a estas horas, quando tu vens do seio fresco das tuas amorosas, gemem de fome, regelam na frialdade, apinhados num grupo expirante, entre leprosos e ladrões, na Ponte dos Mendigos, ao pé dos terraços do Tempo do Céu!»

Oh tortura engenhosa! Tortura

realmente chinesa! Não podia levar á boca um pedaço de pão sem imaginar imediatamente o bando faminto de criancinhas, a descendência de Ti Chin-Fu, penando, como passarinhos implumes que abrem debalde o bico e piam em ninho abandonado; se me abafava no meu paletó, era logo a visão de desgraçadas senhoras, mimosas outrora de tépido conforto chinês, hoje roxas de frio, sob andrajos de velhas sedas, por uma manhã de neve; o teto de ébano do meu palacete lembrava-me a família do Mandarim, dormindo à beira dos canais, farejada pelos cães; e o meu *coupé* bem forrado fazia-me arrepiar à ideia das longas caminhadas errantes, por estradas encharcadas, sob um duro inverno asiático...

O que eu sofria! — E era o tempo em que a populaça invejosa vinha pasmar para o meu palacete, comentando as felicidades inacessíveis que lá deviam habitar!

Enfim, reconhecendo que a Consciência era dentro em mim como uma serpente irritada — decidi implorar o auxílio d'Aquele que dizem ser superior à Consciência porque dispõe da Graça.

Infelizmente eu não acreditava n'Ele... Recorri pois à minha antiga divindade particular, ao meu dileto ídolo, padroeira da minha família, Nossa Senhora das Dores. E, regiamente pago, um povo de curas e cónegos, pelas catedrais de cidades e pelas capelas de aldeia, foi pedindo a Nossa Senhora das Dores que voltasse os seus olhos

piedosos para o meu mal interior... Mas nenhum alívio desceu desses Céus inclementes, para onde há milhares de anos debalde sobe o calor da miséria humana.

Então eu próprio me abismei em práticas piedosas — e Lisboa assistiu a este espetáculo extraordinário: um ricaço, um nababo, prostrando-se humildemente ao pé dos altares, balbuciando de mãos postas frases da salve-rainha, como se visse na Oração e no Reino do Céu, que ela conquista, outra coisa mais que uma consolação fictícia que os que possuem tudo inventaram para contentar os que não possuem nada... Eu pertenço à burguesia; e sei que se ela mostra à plebe desprovida um Paraíso distante, gozos inefáveis a alcançar — é para lhe afastar a atenção

dos seus cofres repletos e da abundância das suas searas.

Depois, mais inquieto, fiz dizer milhares de missas, simples e cantadas, para satisfazer a alma errante de Ti Chin-Fu. Pueril desvario de um cérebro peninsular! O velho Mandarim, na sua classe de letrado, de membro da Academia dos Han-Lin, colaborador provável do grande tratado «Khu Tsuane-Chu», que já tem setenta e oito mil e setecentos e trinta volumes, era certamente um sectário da doutrina, da moral positiva de Confúcio... Nunca ele, sequer, queimara mechas perfumadas em honra de Buda: e os cerimoniais do sacrifício místico deviam parecer à sua abominável alma de gramático e de cético como as pantomimas dos palhaços no

teatro de Hong-Tung!

Então prelados astutos, com experiência católica, deram-lhe um conselho subtil — captar a benevolência de Nossa Senhora das Dores com presentes, flores, brocados e joias, como se quisesse alcançar os favores de Aspásia: e à maneira de um banqueiro obeso, que obtém as complacências de uma dançarina dando-lhe um *cottage* entre árvores — eu, por uma sugestão sacerdotal, tentei peitar a doce Mãe dos Homens, erguendo-lhe uma catedral toda de mármore branco. A abundância das flores punha entre os pilares lavrados perspetivas de paraísos: a multiplicidade dos lumes lembrava uma magnificência sideral... Despesas vãs! O fino e erudito cardeal Nani veio de Roma consagrar a

igreja; mas, quando eu nesse dia entrei a visitar a minha hospeda divina, o que vi, para além das calvas dos celebrantes, entre a mística névoa dos incensos, não foi a Rainha da Graça, loura, na sua túnica azul — foi o velho malandro com o seu olho oblíquo e o seu papagaio nos braços! Era a *ele*, ao seu branco bigode tártaro, à sua pança cor de oca, que todo um sacerdócio recamado de ouro estava oferecendo, ao roncar do órgão, a Eternidade dos louvores!...

Então, pensando que Lisboa, o meio dormente em que me movia, era favorável ao desenvolvimento destas imaginações — parti, viajei sobriamente, sem pompa, com um baú e um lacaio.

Visitei, na sua ordem clássica, Paris, a banal Suíça, Londres, os lagos

taciturnos da Escócia; ergui a minha tenda diante das muralhas evangélicas de Jerusalém; e de Alexandria a Tebas, fui ao comprido desse longo Egito monumental e triste como o corredor de um mausoléu. Conheci o enjoo dos paquetes, a monotonia das ruínas, a melancolia das multidões desconhecidas, as desilusões do bulevar: e o meu mal interior ia crescendo.

Agora já não era só a amargura de ter despojado uma família venerável: assaltava-me o remorso mais vasto de ter privado toda uma sociedade de um personagem fundamental, um letrado experiente, coluna da Ordem, esteio de instituições. Não se pode arrancar assim a um Estado uma personalidade do valor de cento e seis mil contos, sem lhe perturbar

o equilíbrio... Esta ideia pungia-me acerbamente. Ansiei por saber se na verdade a desaparição de Ti Chin-Fu fora funesta à decrépita China: li todos os jornais de Hong-Kong e de Xangai, velei a noite sobre histórias de viagens, consultei sábios missionários: — e artigos, homens, livros, tudo me falava da decadência do Império do Meio, províncias arruinadas, cidades moribundas, plebes esfomeadas, pestes e rebeliões, templos aluindo-se, leis perdendo a autoridade, a decomposição de um mundo, como uma nau encalhada que a vaga desfaz tábua a tábua!...

E eu atribuía-me estas desgraças da sociedade chinesa! No meu espírito doente Ti Chin-Fu tomara então o valor desproporcionado de um César, um

Moisés, um desses seres providenciais que são a força de uma raça. Eu matara-o; e com ele desaparecera a vitalidade da sua pátria! O seu vasto cérebro poderia talvez ter salvado, a rasgos geniais, aquela velha monarquia asiática — e eu imobilizara-lhe a ação criadora! A sua fortuna concorreria a refazer a grandeza do Erário — e eu estava-a dissipando a oferecer pêssegos em janeiro às messalinas do Helder!... — Amigos, conheci o remorso colossal de ter arruinado um império!

Para esquecer este tormento complicado, entreguei-me à orgia. Instalei-me num palacete da Avenida dos Campos Elísios — e foi medonho. Dava festas à Trimalcião: e, nas horas mais ásperas de fúria libertina, quando das

charangas, na estridência brutal dos cobres, rompiam os cancãs; quando prostitutas, de seio desbragado, ganiam coplas canalhas; quando os meus convidados boémios, ateus de cervejaria, injuriavam Deus, com a taça de champanhe erguida — eu, tomado subitamente como Heliogábalo de um furor de bestialidade, de um ódio contra o Pensante e o Consciente, atirava-me ao chão a quatro patas e zurrava formidavelmente de burro...

Depois quis ir mais baixo, ao deboche da plebe, às torpezas alcoólicas do «Assommoir»: e quantas vezes, vestido de blusa, com o casquete para a nuca, de braço dado com «Mes-Bottes» ou «Bibi-la-Gaillarde», num tropel avinhado, fui cambaleando pelos

bulevares exteriores, a uivar, entre arrotos:

Allons, enfants de la patrie-e-e!...
Le jour de gloire est arrivé...

Foi uma manhã, depois de um destes excessos, à hora em que nas trevas da alma do debochado se ergue uma vaga aurora espiritual — que me nasceu, de repente, a ideia de partir para a China! E, como soldados em acampamento adormecido, que ao som do clarim se erguem, e um a um se vão juntando e formando coluna — outras ideias se foram reunindo no meu espírito, alinhando-se, completando um plano formidável... Partiria para Pequim; descobriria a família de Ti Chin-Fu; esposando uma das

senhoras, legitimaria a posse dos meus milhões; daria àquela casa letrada a antiga prosperidade; celebraria funerais pomposos ao Mandarim, para lhe acalmar o espírito irritado; iria pelas províncias miseráveis fazendo colossais distribuições de arroz; e, obtendo do imperador o botão de cristal de mandarim, acesso fácil a um bacharel, substituir-me-ia à personalidade desaparecida de Ti Chin-Fu — e poderia assim restituir legalmente à sua pátria, se não a autoridade do seu saber, ao menos a força do seu ouro.

Tudo isto, por vezes, me aparecia como um programa indefinido, nevoento, pueril e idealista. Mas já o desejo desta aventura original e épica me envolvera; e eu ia, arrebatado por ele, como uma folha

seca numa rajada.

Anelei, suspirei por pisar a terra da China! — Depois de altos preparativos, apressados a punhados de ouro, uma noite parti enfim para Marselha. Tinha alugado todo um paquete, o «Ceilão». E na manhã seguinte, por um mar azul-ferrete, sob o voo branco das gaivotas, quando os primeiros raios do sol ruborizavam as torres de Nossa Senhora da Guarda, sobre o seu rochedo escuro — pus a proa ao Oriente.

4

O «Ceilão» teve uma viagem calma e monótona até Xangai.

Daí subimos pelo rio Azul a Tien-Tsin num pequeno *steamer* da Companhia Russel. Eu não vinha visitar a China numa curiosidade ociosa de *touriste:* toda a paisagem dessa província, que se assemelha à dos vasos de porcelana, de um tom azulado e vaporoso, com colinazinhas calvas e de longe a longe um arbusto bracejante, me deixou sombriamente indiferente.

Quando o capitão do *steamer, um yankee* impudente de focinho de chibo, ao passarmos à altura de Nanquim, me propôs parar, ir percorrer as ruínas

monumentais da velha cidade de porcelana —, eu recusei, com um movimento seco de cabeça, sem mesmo desviar os olhos tristes da corrente barrenta do rio.

Que pesados e soturnos me pareceram os dias de navegação de Tien-Tsin a Tung-Chu, em barcos chatos que o cheiro dos remadores chineses empestava; ora através de terras baixas inundadas pelo Pei-Hó, ora ao longo de pálidos e infindáveis arrozais; passando aqui uma lúgubre aldeia de lama negra, além um campo coberto de esquifes amarelos; topando a cada momento com cadáveres de mendigos, inchados e esverdeados, que desciam ao fio de água, sob um céu fusco e baixo!

Em Tung-Chu fiquei surpreendido,

ao dar com uma escolta de cossacos que mandava ao meu encontro o velho general Camilloff, heroico oficial das campanhas da Ásia Central, e então embaixador da Rússia em Pequim. Eu vinha-lhe recomendado como um ser precioso e raro: e o verboso intérprete Sá-Tó, que ele punha ao meu serviço, explicou-me que as cartas de selo imperial, avisando-o da minha chegada, recebera-as ele, havia semanas, pelos correios da Chancelaria que atravessam a Sibéria em trenó, descem a dorso de camelo até à Grande Muralha tártara, e entregam aí a mala a esses corredores mongólicos, vestidos de couro escarlate, que dia e noite galopam sobre Pequim.

Camilloff enviava-me um pónei da Manchúria, ajaezado de seda, e um cartão

de visita, com estas palavras traçadas a lápis sob o seu nome: «Saúde! O animal é doce de boca!»

Montei o pónei: e a um hurra dos cossacos, num agitar heroico de lanças, partimos à desfilada pela poeirenta planície — porque já a tarde declinava, e as portas de Pequim fecham-se mal o último raio de sol deixa as torres do Templo do Céu. Ao princípio seguimos uma estrada, caminho batido do trânsito das caravanas, atravancado de enormes lajes de mármore dessoldadas da antiga Via Imperial. Depois passámos a ponte de Pa Li-Kao, toda de mármore branco, flanqueada de dragões arrogantes. Vamos correndo então à beira de canais de água negra: começam a aparecer pomares, aqui e além uma aldeia de cor azulada,

aninhada ao pé de um pagode: — de repente, a um cotovelo do caminho, paro assombrado...

Pequim está diante de mim! É uma vasta muralha, monumental e bárbara, de um negro baço, estendendo-se a perder de vista, e destacando, com as arquiteturas babilónicas das suas portas de tetos recurvos, sobre um fundo de poente de púrpura ensanguentada...

Ao longe, para o norte, num vago de vapor roxo, esbatem-se, como suspensas no ar, as montanhas da Mongólia...

Uma rica liteira esperava-me à Porta de Tung Tsen-Men, para eu atravessar Pequim até à residência militar de Camilloff. A Muralha agora, ao perto, parecia erguer-se até aos céus com o

horror de uma construção bíblica: à sua base apinhava-se uma confusão de barracas, feira exótica, onde rumorejava uma multidão, e a luz de lanternas oscilantes cortava já o crepúsculo de vagas manchas cor de sangue; os toldos brancos faziam ao pé do negro muro como um bando de borboletas pousadas.

Senti-me triste; subi à liteira, cerrei as cortinas de seda escarlate todas bordadas a ouro; e cercado dos cossacos, eis-me entrando a velha Pequim, por essa porta babélica, na turba tumultuosa, entre carretas, cadeirinhas de xarão, cavaleiros mongólicos armados de flechas, bonzos de túnica alvejante marchando um a um, e longas filas de lentos dromedários balançando a sua carga em cadência...

Daí a pouco a liteira parou. O

respeitoso Sá-Tó correu as cortinas, e vi-me num jardim, escurecido e calado, onde, por entre sicómoros seculares, quiosques alumiados brilhavam com uma luz doce, como colossais lanternas pousadas sobre a relva: e toda a sorte de águas correntes murmuravam na sombra. Sob um peristilo feito de madeiros pintados a vermelhão, aclarado por fios de lâmpadas de papel transparente, esperava-me um membrudo figurão, de bigodes brancos, apoiado a um grosso espadão. Era o general Camilloff. Ao adiantar-me para ele, eu sentia o passo inquieto das gazelas fugindo de leve sob as árvores.

O velho herói apertou-me um momento ao peito, e conduziu-me logo, segundo os usos chineses, ao banho da

hospitalidade, uma vasta tina de porcelana onde entre rodelas finas de limão sobrenadavam esponjas brancas, num perfume forte de lilás...

Pouco depois a lua banhava deliciosamente os jardins: e eu, muito fresco, de gravata branca, entrava pelo braço de Camilloff no *boudoir* da generala. Era alta e loura; tinha os olhos verdes das sereias de Homero; no decote baixo do seu vestido de seda branca pousava uma rosa escarlate; e nos dedos, que lhe beijei, errava um aroma fino de sândalo e de chá.

Conversámos muito da Europa, do niilismo, de Zola, de Leão XIII, e da magreza de Sarah Bernhardt...

Pela galeria aberta penetrava um ar cálido que rescendia a heliotrópio.

Depois ela sentou-se ao piano — e a sua voz de contralto quebrou até tarde os silêncios melancólicos da Cidade Tártara, com as picantes árias de «Madame Favart» e com as melodias afagantes do «Rei de Lahore».

Ao outro dia cedo, encerrado com o general num dos quiosques do jardim, contei-lhe a minha lamentável história e os motivos fabulosos que me traziam a Pequim. O herói escutava, cofiando sombriamente o seu espesso bigode cossaco.

— O meu prezado hóspede sabe o chinês? — perguntou-me de repente, fixando em mim a pupila sagaz.

— Sei duas palavras importantes, General: «mandarim» e «chá».

Ele passou a sua mão de fortes

cordoveias sobre a medonha cicatriz que lhe sulcava a calva:

— «Mandarim», meu amigo, não é uma palavra chinesa, e ninguém a entende na China. É o nome que no século XVI os navegadores do seu país, do seu belo país...

— Quando nós tínhamos navegadores... — murmurei, suspirando.

Ele suspirou também, por polidez, e continuou:

— Que os seus navegadores deram aos funcionários chineses. Vem do seu verbo, do seu lindo verbo...

— Quando tínhamos verbos... — rosnei, no hábito instintivo de deprimir a Pátria.

Ele esgazeou um momento o seu olho redondo de velho mocho — e

prosseguiu paciente e grave:

— Do seu lindo verbo «mandar»... Resta-lhe portanto «chá». É um vocábulo que tem um vasto papel na vida chinesa, mas julgo-o insuficiente para servir a todas as relações sociais. O meu estimável hóspede pretende esposar uma senhora da família Ti Chin-Fu, continuar a grossa influência que exercia o Mandarim, substituir, doméstica e socialmente, esse chorado defunto... Para tudo isto dispõe da palavra «chá». É pouco.

Não pude negar — que era pouco. O venerando russo, franzindo o seu nariz adunco de milhafre, pôs-me ainda outras objeções que eu via erguerem-se diante do meu desejo como as muralhas mesmas de Pequim: nenhuma senhora da família Ti Chin-Fu consentiria jamais em casar com

um bárbaro; e seria impossível, terrivelmente impossível que o imperador, o Filho do Sol, concedesse a um estrangeiro as honras privilegiadas de um mandarim...

— Mas porque mas recusaria? — exclamei. — Eu pertenço a uma boa família da província do Minho. Sou bacharel formado; portanto na China, como em Coimbra, sou um letrado! Já fiz parte de uma repartição pública... Possuo milhões... Tenho a experiência do estilo administrativo...

O general ia-se curvando com respeito a esta abundância dos meus atributos.

— Não é — disse ele enfim — que o imperador realmente o recusasse: é que o indivíduo que lho propusesse seria

imediatamente decapitado. A lei chinesa, neste ponto, é explícita e seca.

Baixei a cabeça, acabrunhado.

— Mas, General — murmurei — eu quero livrar-me da presença odiosa do velho Ti Chin-Fu e do seu papagaio!... Se eu entregasse metade dos meus milhões ao Tesouro chinês, já que não me é dado pessoalmente aplicá-los, como mandarim, à prosperidade do Estado...? Talvez Ti Chin-Fu se calmasse...

O general pousou-me paternalmente a vasta mão sobre o ombro:

— Erro, considerável erro, mancebo! Esses milhões nunca chegariam ao Tesouro imperial. Ficariam nas algibeiras insondáveis das classes dirigentes: seriam dissipados em plantar jardins, colecionar porcelanas, tapetar de

peles os soalhos, fornecer sedas às concubinas: não aliviariam a fome de um só chinês, nem repararíam uma só pedra das estradas públicas... Iriam enriquecer a orgia asiática. A alma de Ti Chin-Fu deve conhecer bem o Império: e isso não a satisfaria.

— E se eu empregasse parte da fortuna do velho malandro em fazer particularmente, como filantropo, largas distribuições de arroz à populaça faminta? É uma ideia...

— Funesta — disse o general, franzindo medonhamente o sobrolho. — A corte imperial veria aí imediatamente uma ambição política, o tortuoso plano de ganhar os favores da plebe, um perigo para a Dinastia... O meu bom amigo seria decapitado... É grave...

— Maldição! — berrei. — Então para que vim eu à China?

O diplomata encolheu vagarosamente os ombros; mas logo, mostrando num sorriso astuto os seus dentes amarelos de cossaco:

— Faça uma coisa. Procure a família de Ti Chin-Fu... Eu indagarei do primeiro-ministro, Sua Excelência o Príncipe Tong, onde para essa prole interessante... Reúna-os, atire-lhes uma ou duas dúzias de milhões... Depois prepare ao defunto funerais régios. Funerais de alto cerimonial, com um préstito de uma légua, filas de bonzos, todo um mundo de estandartes, palaquins, lanças, plumas, andores escarlates, legiões de carpideiras ululando sinistramente, etc., etc. Se depois de tudo isto a sua consciência não

adormecer e o fantasma insistir...

— Então?

— Corte as goelas.

— Obrigado, General.

Uma coisa porém era evidente, e nela concordaram Camilloff, o respeitoso Sá-Tó e a generala: — que, para frequentar a família Ti Chin-Fu, seguir os funerais, misturar-me à vida de Pequim, eu devia desde já vestir-me como um chinês opulento, da classe letrada, para me ir habituando ao traje, às maneiras, ao cerimonial mandarim...

A minha face amarelada, o meu longo bigode pendente favoreciam a caracterização — e quando na manhã seguinte, depois de arranjado pelos costureiros engenhosos da Rua Chá-Cua, entrei na sala forrada de seda escarlate,

onde já rebrilhavam as porcelanas do almoço sobre a mesa de xarão negro —, a generala recuou como à aparição do próprio Tong-Tché, Filho do Céu!

Eu trazia uma túnica de brocado azul-escuro abotoada ao lado, com o peitilho ricamente bordado de dragões e flores de ouro: por cima um casabeque de seda de um tom azul mais claro, curto, amplo e fofo: as calças de cetim cor de avelã descobriam ricas *babouches* amarelas pespontadas a pérolas, e um pouco da meia picada de estrelinhas negras: e à cinta, numa linda faixa franjada de prata, tinha metido um leque de bambu, dos que têm o retrato do filósofo Lao-Tsé e são fabricados em Swa-Ton.

E, pelas misteriosas correlações

com que o vestuário influencia o caráter, eu sentia já em mim ideias, instintos chineses: — o amor dos cerimoniais meticulosos, o respeito burocrático das fórmulas, uma ponta de ceticismo letrado; e também um abjeto terror do imperador, o ódio ao estrangeiro, o culto dos antepassados, o fanatismo da tradição, o gosto das coisas açucaradas...

Alma e ventre eram já totalmente um mandarim. Não disse à generala: — *Bonjour, Madame*.— Dobrado ao meio, fazendo girar os punhos fechados sobre a fronte abaixada, fiz gravemente o *chin-chin*...

— É adorável, é precioso! — dizia ela, com o seu lindo riso, batendo as mãozinhas pálidas.

Nessa manhã, em honra da minha

nova encarnação, havia um almoço chinês. Que gentis guardanapos de papel de seda escarlate, com monstros fabulosos desenhados a negro! O serviço começou por ostras de Ning-Pó. Exímias! Absorvi duas dúzias com um intenso regalo chinês. Depois vieram deliciosas febras de barbatana de tubarão, olhos de carneiro com picado de olho, um prato de nenúfares em caída de açúcar, laranjas de Cantão, e enfim o arroz sacramental, o arroz dos Avós...

Delicado repasto, regado largamente de excelente vinho de Chão-Chigne! E, por fim, com que gozo recebi a minha taça de água a ferver, onde deitei uma pitada de folhas de chá imperial, da primeira colheita de março, colheita única, que é celebrada com um rito santo

pelas mãos puras de virgens!...

Duas cantadeiras entraram, enquanto nós fumávamos; e muito tempo, numa modulação gutural, disseram velhas cantigas dos tempos da Dinastia Ming, ao som de guitarras recobertas de peles de serpente, que dois tártaros agachados repenicavam, numa cadência melancólica e bárbara. A China tem encantos de um raro gosto...

Depois a loura generala cantou-nos, com chiste, a «Femme à Barbe»; e quando o general saiu com a sua escolta cossaca para o *yamen* do príncipe Tong, a informar-se da residência da família Ti Chin-Fu — eu, repleto e bem disposto, saí com Sá-Tó a ver Pequim.

A habitação de Camilloff ficava na Cidade Tártara, nos bairros militares è

nobres. Há aqui uma tranquilidade austera. As ruas assemelham-se a largos caminhos de aldeia sulcados pelas rodas dos carros; e quase sempre se caminha ao comprido de um muro, donde saem ramos horizontais de sicómoros.

Por vezes uma carreta passa rapidamente, ao trote de um pónei mongol, com altas rodas cravejadas de pregos dourados; tudo nela oscila: o toldo, as cortinas pendentes de seda, os ramos de plumas aos ângulos; e dentro entrevê-se alguma linda dama chinesa, coberta de brocados claros, a cabeça toda cheia de flores, fazendo girar nos pulsos dois aros de prata, com um ar de tédio cerimonioso. Depois é alguma aristocrática cadeirinha de mandarim, que *coolies* vestidos de azul, de rabicho solto, vão levando a um

trote arquejante para os *yamens* do Estado; precede-os uma criadagem maltrapilha que ergue ao alto rolos de seda com inscrições bordadas, insígnias de autoridade; e dentro o personagem bojudo, com enormes óculos redondos, folheia a sua papelada ou dormita de beiço caído...

A cada momento parávamos a olhar as lojas ricas, com as suas tabuletas verticais de letras douradas sobre fundo escarlate: os fregueses, num silêncio de igreja, subtis como sombras, vão examinando as preciosidades — porcelanas da Dinastia Ming, bronzes, esmaltes, marfins, sedas, armas marchetadas, os leques maravilhosos de Swa-Ton: por vezes, uma fresca rapariga de olho oblíquo, túnica azul, e papoulas

de papel nas tranças, desdobra algum raro brocado diante de um grosso chinês que o contempla beatamente, com os dedos cruzados na pança: ao fundo o mercador, aparatoso e imóvel, escreve com um pincel, sobre longas tabuinhas de sândalo: e um perfume adocicado, que sai das coisas, perturba e entristece...

Eis aqui a muralha que cerca a Cidade Interdita, morada santa do imperador! Moços nobres vêm descendo do terraço de um templo onde se estiveram adestrando à frecha. Sá-Tó disse-me os seus nomes: eram da guarda seleta, que nas cerimónias escolta o guarda-sol de seda amarela, com o dragão bordado, que é o emblema sagrado do imperador. Todos eles cumprimentaram profundamente um velho que ia passando,

de barbas venerandas, com o casabeque amarelo que é o privilégio do ancião; vinha falando só, e trazia na mão uma vara sobre que pousavam cotovias domesticadas... Era um príncipe do Império.

Estranhos bairros! Mas nada me divertia como ver a cada instante, a uma porta de jardim, dois mandarins pançudos que para entrar se trocavam indefinidamente salamalés, cortesias, recusas, risinhos agudos de etiqueta, todo um cerimonial dogmático — que lhes fazia oscilar de um modo picaresco, sobre as costas, as longas penas de pavão. Depois, se erguia os olhos para o ar, lá via sempre pairar enormes papagaios de papel, ora em forma de dragões, ora de cetáceos, ora de aves fabulosas —

enchendo o espaço de uma inverosímil legião de monstros transparentes e ondeantes...

— Sá-Tó, basta de Cidade Tártara! Vamos ver os bairros chineses...

E lá fomos penetrando na Cidade Chinesa, pela porta monstruosa de Tchin-Men. Aqui habita a burguesia, o mercador, a populaça. As ruas alinham-se como uma pauta; e no solo vetusto e lamacento, feito da imundície de gerações recalcada desde séculos, ainda aqui e além jaz alguma das lajes de mármore cor-de-rosa que outrora o calcavam, no tempo da grandeza dos Ming.

Dos dois lados são — ora terrenos vagos onde uivam manadas de cães famintos, ora filas de casebres fuscos, ora pobres lojas com as suas tabuletas esguias

e sarapintadas, balouçando-se de uma haste de ferro. À distância erguem-se os arcos triunfais feitos de barrotes cor de púrpura, ligados no alto por um telhado oblongo de telhas azuis envernizadas, que rebrilham como esmaltes. Uma multidão rumorosa e espessa, onde domina o tom pardo e azulado dos trajes, circula sem cessar; a poeira envolve tudo de uma névoa amarelada; um fedor acre exala-se dos enxurros negros; e a cada momento uma longa caravana de camelos fende lentamente a turba, conduzida por mongóis sombrios vestidos de pele de carneiro.

Fomos até às entradas das pontes sobre os canais, onde saltimbancos seminus, com máscaras simulando demónios pavorosos, fazem destrezas de um picaresco bárbaro e subtil; e muito

tempo estive a admirar os astrólogos de longas túnicas, com dragões de papel colados às costas, vendendo ruidosamente horóscopos e consultas de astros. Oh cidade fabulosa e singular!

De repente ergue-se uma gritaria! Corremos: era um bando de presos, que um soldado, de grandes óculos, ia impelindo com o guarda-sol, amarrados uns aos outros pelo rabicho! Foi aí, nessa avenida, que eu vi o estrepitoso cortejo de um funeral de mandarim, todo ornado de auriflamas e de bandeirolas; grupos de sujeitos fúnebres vinham queimando papéis em fogareiros portáteis; mulheres esfarrapadas uivavam de dor espojando-se sobre tapetes; depois erguiam-se, galhofavam, e um *cooly* vestido de luto branco servia-lhes logo chá, de um grande

bule em forma de ave.

Ao passar junto ao Templo do Céu, vejo apinhada num largo uma legião de mendigos; tinham por vestuário um tijolo preso à cinta num cordel; as mulheres, com os cabelos entremeados de velhas flores de papel, roíam ossos tranquilamente; e cadáveres de crianças apodreciam ao lado, sob o voo dos moscardos. Adiante topámos com uma jaula de traves, onde um condenado estendia, através das grades, as mãos descarnadas, à esmola... Depois Sá-Tó mostrou-me respeitosamente uma praça estreita: aí, sobre pilares de pedra, pousavam pequenas gaiolas contendo cabeças de decapitados: e gota a gota ia pingando delas um sangue espesso e negro...

— Uf! — exclamei, fatigado e aturdido. — Sá-Tó, agora quero o repouso, o silêncio, e um charuto caro...

Ele curvou-se: e, por uma escadaria de granito, levou-me às altas muralhas da cidade, formando uma esplanada que quatro carros de guerra a par podem percorrer durante léguas.

E enquanto Sá-Tó, sentado num vão de ameia, bocejava, num desafogo de cicerone enfastiado, eu fumando contemplei muito tempo aos meus pés a vasta Pequim...

É como uma formidável cidade da Bíblia, Babel ou Nínive, que o profeta Jonas levou três dias a atravessar. O grandioso muro quadrado limita os quatro pontos do horizonte, com as suas portas de torres monumentais, que o ar azulado,

àquela distância, faz parecer transparentes. E na imensidão do seu recinto aglomeram-se confusamente verduras de bosques, lagos artificiais, canais cintilantes como aço, pontes de mármore, terrenos alastrados de ruínas, telhados envernizados reluzindo ao sol; por toda a parte são pagodes heráldicos, brancos terraços de templos, arcos triunfais, milhares de quiosques saindo de entre as folhagens dos jardins; depois espaços que parecem um montão de porcelanas, outros que se assemelham a monturos de lama; e sempre a intervalos regulares o olhar encontra algum dos bastiões, de um aspeto heroico e fabuloso...

A multidão, junto a essas edificações grandiosas, é apenas como

grãos de areia negra que um vento brando vai trazendo e levando...

Aqui está o vasto palácio imperial, entre arvoredos misteriosos, com os seus telhados de um amarelo de ouro vivo! Como eu desejaria penetrar-lhe os segredos, e ver desenrolar-se, pelas galerias sobrepostas, a magnificência bárbara dessas dinastias seculares!

Além ergue-se a torre do Templo do Céu, semelhando três guarda-sóis sobrepostos: depois a grande Coluna dos Princípios, hierática e seca como o génio mesmo da raça: e adiante branquejam numa meia-tinta sobrenatural os terraços de jaspe do Santuário da Purificação...

Então interrogo Sá-Tó: e o seu dedo respeitoso vai-me mostrando o

Templo dos Antepassados, o Palácio da Soberana Concórdia, o Pavilhão das Flores das Letras, o Quiosque dos Historiadores, fazendo brilhar, entre os bosques sagrados que os cercam, os seus telhados lustrosos de faianças azuis, verdes, escarlates e cor de limão. Eu devorava, de olho ávido, esses monumentos da Antiguidade asiática, numa curiosidade de conhecer as impenetráveis classes que os habitam, o princípio das instituições, a significação dos cultos, o espírito das suas letras, a gramática, o dogma, a estranha vida interior de um cérebro de letrado chinês... Mas esse mundo é inviolável como um santuário...

Sentei-me na muralha, e os meus olhos perderam-se pela planície arenosa

que se estira para além das portas até aos contrafortes dos montes mongólicos; aí incessantemente redemoinham ondas infindáveis de poeira; a toda a hora negrejam filas vagarosas de caravanas... Então invadiu-me a alma uma melancolia, que o silêncio daquelas alturas, envolvendo Pequim, tornava de um vago mais desolado: era como uma saudade de mim mesmo, um longo pesar de me sentir ali isolado, absorvido naquele mundo duro e bárbaro: lembrei-me, com os olhos humedecidos, da minha aldeia do Minho, do seu adro assombreado de carvalheiras, a venda com um ramo de louro à porta, o alpendre do ferrador, e os ribeiros tão frescos quando verdejam os linhos...

Aquela era a época em que as pombas emigram de Pequim para o Sul.

Eu via-as reunirem-se em bandos por cima de mim, partindo dos bosques, dos templos e dos pavilhões imperiais; cada uma traz, para a livrar dos milhafres, um leve tubo de bambu que o ar faz silvar; e aquelas nuvens brancas passavam como impelidas de uma aragem mole, deixando no silêncio um lento e melancólico suspiro, uma ondulação eólica, que se perdia nos ares pálidos...

Voltei para casa, pesado e pensativo.

Ao jantar, Camilloff, desdobrando o seu guardanapo, pediu-me com bonomia as minhas impressões de Pequim.

— Pequim faz-me sentir bem, General, os versos de um poeta nosso:

Sôbolos rios que vão

Por Babilónia me achei...

— Pequim é um monstro! — disse Camilloff oscilando reflectidamente a calva. — E agora considere que a esta capital, à classe tártara e conquistadora que a possui, obedecem trezentos milhões de homens, uma raça subtil, laboriosa, sofredora, prolífica, invasora... Estudam as nossas ciências... Um cálice de Médoc, Teodoro?... Têm uma marinha formidável! O exército, que outrora julgava destroçar o estrangeiro com dragões de papelão donde saíam bichas de fogo, tem agora tática prussiana e espingarda de agulha! Grave!

— E todavia, General, no meu país, quando, a propósito de Macau, se fala do Império Celeste, os patriotas

passam os dedos pela grenha, e dizem negligentemente: «Mandamos lá cinquenta homens, e varremos a China...»

A esta sandice — fez-se um silêncio. E o general, depois de tossir formidavelmente, murmurou, com condescendência:

— Portugal é um belo país...

Eu exclamei com secura e firmeza:

— É uma choldra, General.

A generala, colocando delicadamente à horda do prato uma asa de frango, e limpando o dedinho, disse:

— É o país da canção de Mignon. É lá que floresce a laranjeira...

O gordo Meriskoff, doutor alemão pela Universidade de Bona, chanceler da Legação, homem de poesia e de comentário, observou com respeito:

— Generala, o doce país de Mignon é a Itália: *Conheces tu a terra privilegiada onde a laranjeira dá flor?* O divino Goethe referia-se à Itália, *Italia mater*... A Itália será o eterno amor da humanidade sensível!

— Eu prefiro a França! — suspirou a esposa do primeiro-secretário, uma bonecazinha sardenta, de cabelo arruivascado.

— Ah! a França!... — murmurou um adido, revirando um bugalho de olho terníssimo.

O gordo Meriskoff ajeitou os óculos de ouro:

— A França tem um mal, que é a Questão Social...

— Oh! a Questão Social! — rosnou sombriamente Camilloff.

— Ah! a Questão Social!... — considerou ponderosamente o adido.

E discreteando com tanta sapiência, chegámos por fim ao café.

Ao descer ao jardim, a generala, apoiando-se sentimentalmente ao meu braço, murmurou-me junto à face:

— Ai, quem me dera viver nesses países apaixonados, onde verdejam os laranjais!...

— É lá que se ama, Generala — segredei-lhe eu, levando-a docemente para a escuridão dos sicómoros...

5

Foi necessário todo um longo verão para descobrir a província onde residira o defunto Ti Chin-Fu!

Que episódio administrativo tão pitoresco, tão chinês! O serviçal Camilloff, que passava o dia inteiro a percorrer os *yamens* do Estado, teve de provar primeiro que o desejo de conhecer a morada de um velho mandarim não encobria uma conspiração contra a segurança do Império; e depois foi-lhe ainda preciso jurar que não havia nesta curiosidade um atentado contra os ritos sagrados! Então, satisfeito, o príncipe Tong permitiu que se fizesse o inquérito imperial: centenares de escribas

empalideceram noite e dia, de pincel na mão, desenhando relatórios sobre papel de arroz; misteriosas conferências sussurraram incessantemente por todas as repartições da Cidade Imperial, desde o Tribunal Astronómico até ao Palácio da Bondade Preferida; e uma população de *coolies* transportava da Legação russa para os quiosques da Cidade Interdita, e daí para o Pátio dos Arquivos, padiolas estalando ao peso de maços de documentos vetustos...

Quando Camilloff perguntava *pelo resultado*, vinha-lhe a resposta satisfatória que se estavam consultando os Livros Santos de Lao-Tsé, ou que se iam explorar velhos textos do tempo de Nor Ha-Chu. E para calmar a impaciência bélica do russo, o príncipe Tong remetia,

com estes recados subtis, algum substancial presente de confeitos recheados, ou de gomos de bambu em calda de açúcar...

Ora enquanto o general trabalhava com fervor para encontrar a família Ti Chin-Fu — eu ia tecendo horas de seda e ouro (assim diz um poeta japonês) aos pés pequeninos da generala...

Havia um quiosque no jardim sob os sicómoros, que se denominava, à maneira chinesa, do Repouso Discreto: — ao lado um arroio fresco ia cantando docemente sob uma pontezinha rústica pintada de cor-de-rosa. As paredes eram apenas um cadeado de bambu fino forrado de seda cor de ganga; o sol, passando através delas, fazia uma luz sobrenatural de opala desmaiada. Ao centro afofava-se

um divã de seda branca, de uma poesia de nuvem matutina, atraente como um leito nupcial. Aos cantos, em ricas jarras transparentes da época de Yeng, erguiam-se, na sua gentileza aristocrática, lírios escarlates do Japão. Todo o soalho estava recoberto de esteiras finas de Nanquim; e junto à janela rendilhada, sobre um airoso pedestal de sândalo, pousava aberto ao alto um leque formado de lâminas de cristal separadas, que a aragem entrando fazia vibrar, numa modulação melancólica e terna.

As manhãs do fim de agosto em Pequim são muito suaves; já erra no ar um enternecimento outonal. A essa hora o conselheiro Meriskoff, os oficiais da Legação, estavam sempre na Chancelaria *fazendo a mala* para São Petersburgo.

Eu então, de leque na mão, pisando subtilmente na ponta das *babouches* de cetim as ruazinhas areadas do jardim, ia entreabrir a porta do Repouso Discreto:

— Mimi?

E a voz da generala respondia, suave como um beijo:

— All right...

Como ela era linda vestida de dama chinesa! Nos seus cabelos levantados alvejavam flores de pessegueiro; e as sobrancelhas pareciam mais puras e negras avivadas a tinta de Nanquim. A camisinha de gaze, bordada a *soutache* de filigrana de ouro, colava-se aos seus seios pequeninos e direitos: vastas, fofas calças de *foulard* de cor *coxa de ninfa*, que lhe davam uma graça

de serralho, recaíam sobre o tornozelo fino, coberto de meia de seda amarela: — e apenas três dedos da minha mão cabiam na sua chinelinha...

Chamava-se Vladimira; nascera ao pé de Nidji-Novgorod; e fora educada por uma tia velha que admirava Rousseau, lia Faublas, usava o cabelo empoado, e parecia a grossa litografia cossaca de uma galante de Versalhes...

O sonho de Vladimira era habitar Paris; e fazendo ferver delicadamente as folhas de chá, pedia-me histórias ladinas de *cocottes*, e dizia-me o seu culto por Dumas filho...

Eu arregaçava-lhe a larga manga do casabeque de seda cor de folha morta, e ia fazendo viajar os meus lábios devotos pela pele fresca dos seus belos braços; —

e depois sobre o divã, enlaçados, peito contra peito, num êxtase mudo, sentíamos as lâminas de cristal ressoar eolicamente, as pegas azuis esvoaçarem pelos plátanos, o fugitivo ritmo do arroio corrente...

Os nossos olhos humedecidos encontravam às vezes um quadro de cetim preto, por cima do divã, onde em carateres chineses se desenrolavam sentenças do Livro Sagrado de Li-Nun «sobre os deveres das esposas». Mas nenhum de nós percebia o chinês... E no silêncio os nossos beijos recomeçavam, espaçados, soando docemente, e comparáveis (na língua florida daqueles países) a pérolas que caem uma a uma sobre uma bacia de prata... — Oh suaves sestas dos jardins de Pequim, onde estais vós? Onde estais, folhas mortas dos lírios

escarlates do Japão?...

Uma manhã, Camilloff, entrando na Chancelaria, onde eu fumava o cachimbo da amizade de companhia com Meriskoff, atirou o seu enorme sabre para um canapé, e contou-nos radiante as notícias que lhe dera o penetrante príncipe Tong. — Descobrira-se enfim que um opulento mandarim, de nome Ti Chin-Fu, vivera outrora nos confins da Mongólia, na vila de Tien-Hó! Tinha morrido subitamente: e a sua larga descendência residia lá, em miséria, num casebre vil...

Esta descoberta, é certo, não fora devida à sagacidade da burocracia imperial — mas fizera-a um astrólogo do templo de Faqua, que durante vinte noites folheara no céu o luminoso arquivo dos astros...

— Teodoro, há de ser o seu homem! — exclamou Camilloff.

E Meriskoff repetiu, sacudindo a cinza do cachimbo:

— Há de ser o seu homem, Teodoro!

— O meu homem... — murmurei sombriamente.

Era talvez o *meu homem*, sim! Mas não me seduzia ir procurar o *meu homem* ou a sua família, na monotonia de uma caravana, por essas desoladas extremidades da China!... Depois, desde que chegara a Pequim, eu não tornara a avistar a forma odiosa de Ti Chin-Fu e do seu papagaio. A Consciência era dentro em mim como uma pomba adormecida. Certamente, o alto esforço de me ter arrancado às doçuras do bulevar e do

Loreto, de ter sulcado os mares até ao Império do Meio, parecera à Eterna Equidade uma expiação suficiente e uma peregrinação reparadora. Certamente Ti Chin-Fu, acalmado, recolhera-se com o seu papagaio à sempiterna Imobilidade... Para que iria eu, pois, a Tien-Hó? Porque não ficaria ali, naquela amável Pequim, comendo nenúfares em calda de açúcar, abandonando-me às sonolências amorosas do Repouso Discreto, e pelas tardes azuladas, dando o meu passeio pelo braço do bom Meriskoff, nos terraços de jaspe da Purificação ou sob os cedros do Templo do Céu?...

Mas já o zeloso Camilloff, de lápis na mão, ia marcando no mapa o meu itinerário para Tien-Hó! E mostrando-me, num desagradável entrelaçamento,

sombras de montes, linhas tortuosas de rios, esfumados de lagoas:

— Aqui está! O meu hóspede sobe até Ni Ku-Hé, na margem do Pei-Hó... Daí, em barcos chatos, vai a My-Yun. Boa cidade, há lá um Buda vivo... Daí, a cavalo, segue até à fortaleza de Ché-Hia. Passa a Grande Muralha, famoso espetáculo!... Descansa no forte de Ku Pi-Hó. Pode lá caçar a gazela. Soberbas gazelas... E com dois dias de caminhada está em Tien-Hó... Brilhante, hem?... Quando quer partir? Amanhã?...

— Amanhã — rosnei, tristonho.

Pobre generala! Nessa noite, enquanto Meriskoff, ao fundo da sala, fazia com três oficiais da Embaixada o seu *whist* sacramental, e Camilloff, ao canto do sofá, de braços cruzados, solene

como numa poltrona do Congresso de Viena, dormia de boca aberta — ela sentou-se ao piano. Eu ao lado, na atitude de um Lara, devastado pela fatalidade, retorcia lugubremente o bigode. E a doce criatura, entre dois gemidos do teclado, de uma saudade penetrante, cantou revirando para mim os seus olhos rebrilhantes e húmidos:

L'oiseau s'envole,
Là bas, là bas!...
L'oiseau s'envole...
Ne revient pas...

— A ave há de voltar ao ninho — murmurei eu enternecido.

E, afastando-me a esconder uma lágrima, ia resmungando furioso:

— Canalha de Ti Chin-Fu! Por tua causa! Velho malandro! Velho garoto!...

Ao outro dia lá vou para Tien-Hó — com o respeitoso intérprete Sá-Tó, uma longa fila de carretas, dois cossacos, toda uma populaça de *coolies*.

Ao deixar a muralha da Cidade Tártara, seguimos muito tempo ao comprido dos jardins sagrados que orlam o templo de Confúcio.

Era no fim do outono; já as folhas tinham amarelecido; uma doçura tocante errava no ar...

Dos quiosques santos saía uma sussurração de cânticos, de nota monótona e triste. Pelos terraços, enormes serpentes, venerandas como deuses, iam-se arrastando, já entorpecidas da friagem. E aqui e além, ao passar, avistávamos

budistas decrépitos, secos como pergaminhos e nodosos como raízes, encruzados no chão sob os sicómoros, numa imobilidade de ídolos, contemplando incessantemente o umbigo, à espera da perfeição do Nirvana...

E eu ia pensando, com uma tristeza tão pálida como aquele mesmo céu de outubro asiático, nas duas lágrimas redondinhas que vira brilhar, à despedida, nos olhos verdes da generala!...

6

Já a tarde declinava, e o sol descia vermelho como um escudo de metal candente, quando chegámos a Tien-Hó.

As muralhas negras da vila erguem-se, do lado do sul, ao pé de uma torrente que ruge entre rochas: para o nascente, a planície lívida e poeirenta estende-se até a um grupo escuro de colinas onde branqueja um vasto edifício — que é uma missão católica. E para além, para o extremo norte, são as eternas montanhas roxas da Mongólia, suspensas sempre no ar como nuvens.

Alojámo-nos num barracão fétido, intitulado Estalagem da Consolação

Terrestre. Foi-me reservado o quarto nobre, que abria sobre uma galeria fixada em estacas; era ornado estranhamente de dragões de papel recortado, suspensos por cordéis do travejamento do teto; à menor aragem aquela legião de monstros fabulosos oscilava em cadência, com um rumor seco de folhagem, como tomada de vida sobrenatural e grotesca.

Antes que escurecesse fui ver com Sá-Tó a vila: mas bem depressa fugi ao fedor abominável das vielas: tudo se me afigurou ser negro — os casebres, o chão barrento, os enxurros, os cães famintos, a populaça abjeta... Recolhi ao albergue — onde arrieiros mongóis e crianças piolhosas me miravam com assombro.

— Toda esta gente me parece suspeita, Sá-Tó — disse eu, franzindo a

testa.

— Tem Vossa Honra razão. É uma ralé! Mas não há perigo: eu matei, antes de partirmos, um galo negro, e a deusa Kaonine deve estar contente. Pode Vossa Honra dormir ao abrigo dos maus espíritos... Quer Vossa Honra o chá?...

— Traz, Sá-Tó.

Bebido o chá, conversámos do *grande plano:* na manhã seguinte eu ia levar a alegria à triste choupana da viúva de Ti Chin-Fu, anunciando-lhe os milhões que lhe dava, depositados já em Pequim: depois, de acordo com o mandarim governador, faríamos uma copiosa distribuição de arroz pela populaça: e à noite iluminações, danças, como numa gala pública...

— Que te parece, Sá-Tó?

— Nos lábios de Vossa Honra habita a sabedoria de Confúcio... Vai ser grande! Vai ser grande!

Como vinha cansado, bem cedo comecei a bocejar, e estirei-me sobre o estrado de tijolo aquecido que serve de leito nas estalagens da China; enrolado na minha peliça, fiz o sinal-da-cruz, e adormeci pensando nos braços brancos da generala, nos seus olhos verdes de sereia...

Era talvez já meia-noite quando despertei a um rumor lento e surdo que envolvia o barracão — como de forte vento num arvoredo, ou uma maresia grossa batendo um paredão. Pela galeria aberta, o luar entrava no quarto, um luar triste de outono asiático, dando aos dragões suspensos do teto formas,

semelhanças quiméricas...

Ergui-me, já nervoso — quando um vulto, alto e inquieto, apareceu na faixa luminosa do luar...

— Sou eu, Vossa Honra! — murmurou a voz apavorada de Sá-Tó.

E logo, agachando-se ao pé de mim, contou-me num fluxo de palavras roucas a sua aflição: — enquanto eu dormia, espalhara-se pela vila que um estrangeiro, o *Diabo estrangeiro*, chegara com bagagens carregadas de tesouros... Já desde o começo da noite ele tinha entrevisto faces agudas, de olho voraz, rondando o barracão, como chacais impacientes... E ordenara logo aos *coolies* que entrincheirassem a porta com os carros das bagagens, formados em semicírculo à velha maneira tártara... Mas

pouco a pouco a malta crescera... Agora vinha de espreitar por um postigo: e era em roda da estalagem toda a populaça de Tien-Hó, rosnando sinistramente... A deusa Kaonine não sé satisfizera com o sangue do galo preto!... Além disso ele vira à porta de um pagode uma cabra negra recuar!... A noite seria de terrores!... E a sua pobre mulher, o osso do seu osso, que estava tão longe, em Pequim!...

— E agora, Sá-Tó? — perguntei eu.

— Agora... Vossa Honra! Agora...

Calou-se: e a sua magra figura tremia, acaçapada como um cão que se roja sob o açoite.

Eu afastei o cobarde, e adiantei-me para a galeria. Em baixo, o muro

fronteiro, coberto de um alpendre, projetava uma funda sombra. Aí com efeito estava uma turba negra apinhada. Às vezes uma figura, rastejando, adiantava-se no espaço alumiado, espreitava, farejava as carretas e, sentindo a lua sobre a face, recuava vivamente, fundindo-se na escuridão: e como o teto do alpendre era baixo, faiscava um momento à luz algum ferro de lança inclinada...

— Que querem vocês, canalha? — bradei eu em português.

A esta voz estrangeira um grunhido saiu da treva; imediatamente uma pedra veio ao meu lado furar o papel encerado da gelosia; depois uma flecha silvou, cravou-se por cima da minha cabeça, num barrote...

Desci rapidamente à cozinha da estalagem. Os meus *coolies*, acocorados sobre os calcanhares, batiam o queixo num terror; e os dois cossacos que me acompanhavam, impassíveis à lareira, cachimbavam, com o sabre nu nos joelhos.

O velho estalajadeiro de óculos, uma avó andrajosa que eu vira no pátio deitando ao ar um papagaio de papel, os arrieiros mongóis, as crianças piolhosas, esses tinham desaparecido; só ficara um velho, bêbedo de ópio, caído a um canto como um fardo. Fora ouvia-se já a multidão vociferar.

Interpelei então Sá-Tó, que quase desmaiava, arrimado a uma viga: nós estávamos sem armas; os dois cossacos, sós, não podiam repelir o assalto: era

necessário pois ir acordar o mandarim governador, revelar-lhe que eu era um amigo de Camilloff, um conviva do príncipe Tong, intimá-lo a que viesse dispersar a turba, manter a lei santa da hospitalidade!...

Mas Sá-Tó confessou-me, numa voz débil como um sopro, que o governador decerto é quem estava dirigindo o assalto! Desde as autoridades até aos mendigos, a fama da minha riqueza, a legenda das carretas carregadas de ouro inflamara todos os apetites!... A prudência ordenava, como um mandamento santo, que abandonássemos parte dos tesouros, mulas, caixas de comestíveis...

— E ficar aqui, nesta aldeia maldita, sem camisas, sem dinheiro e sem

mantimentos?...

— Mas com a rica vida, Vossa Honra!

Cedi. E ordenei a Sá-Tó que fosse propor à turba uma copiosa distribuição de sapeques — se ela consentisse em recolher aos seus casebres, e respeitar em nós os hóspedes enviados por Buda...

Sá-Tó subiu à sacada da galeria, a tremer; e rompeu logo a arengar à malta, bracejando, atirando as palavras com a violência de um cão que ladra. Eu abrira já uma maleta, e ia-lhe passando cartuchos, sacos de sapeques — que ele arremessava aos punhados com um gesto de semeador... Em baixo havia por momentos um tumulto furioso ao chover dos metais; depois um lento suspiro de gula satisfeita; e logo um silêncio, numa

suspensão *de quem espera mais*...

— Mais! — murmurava Sá-Tó, voltando-se para mim ansioso.

Eu, indignado, lá lhe dava outros cartuchos, mais rolos, molhos de moedas de meio real enfiadas em cordéis... Já a maleta estava vazia. A turba rugia, insaciada.

— Mais, Vossa Honra! — suplicou Sá-Tó.

— Não tenho mais, criatura! O resto está em Pequim!

— Oh Buda santo! Perdidos! Perdidos! — clamou Sá-Tó, abatendo-se sobre os joelhos.

A populaça, calada, esperava ainda. De repente, uma ululação selvagem rasgou o ar. E eu senti aquela massa ávida arremessar-se sobre as carretas que

defendiam a porta em semicírculo: ao choque todo o madeiramento da Estalagem da Consolação Terrestre rangeu e oscilou...

Corri à varanda. Em baixo era um tropel desesperado em torno dos carros derrubados: os machados reluziam caindo sobre a tampa dos caixotes: o coiro das malas abria-se fendido à faca por mãos inumeráveis: no alpendre, os cossacos debatiam-se, aos urros, sob o cutelo. Apesar da lua, eu via em roda do barracão errarem tochas, numa dispersão de fagulhas: um alarido rouco elevava-se, fazendo ao longe uivar os cães; e de todas as vielas desembocava, corria populaça, sombras ligeiras, agitando chuços e foices recurvas...

Subitamente, na loja térrea, ouvi o

tumulto da turba que a invadia pelas portas despedaçadas: decerto me procuravam, supondo que eu teria comigo o melhor do tesouro, pedras preciosas ou ouros... O terror desvairou-me. Corri a uma grade de bambus para o lado do pátio. Demoli-a, saltei sobre uma camada de mato grosso, num cheiro acre de imundícies. O meu pónei, preso a uma trave, relinchava, puxando furiosamente o cabresto: arremessei-me sobre ele, empolguei-lhe as crinas...

Nesse momento, do portão da cozinha arrombada rompia uma horda com lanternas, lanças, num clamor de delírio. O pónei, espantado, salta um regueiro; uma flecha silva a meu lado; depois um tijolo bate-me no ombro, outro nos rins, outro na anca do pónei, outro mais grosso

rasga-me a orelha! Agarrado desesperadamente às crinas, arquejando, com a língua de fora, o sangue a gotejar da orelha, vou despedido numa desfilada furiosa ao longo de uma rua negra... De repente vejo diante de mim a muralha, um bastião, a porta da vila fechada!

Então, alucinado, sentindo atrás rugir a turba, abandonado de todo o socorro humano — *precisei de Deus!* Acreditei n'Ele, gritei-Lhe que me salvasse; e o meu espírito ia tumultuosamente arrebatando, para lhe oferecer, fragmentos de orações, de salve-rainhas, que ainda me jaziam no fundo da memória... Voltei-me sobre a anca do potro: de uma esquina ao longe surgiu um fogacho de tochas: era a corja!... Larguei de golpe ao comprido da alta muralha que

corria ao meu lado como uma vasta fita negra furiosamente desenrolada: de súbito avisto uma brecha, um boqueirão eriçado de esgalhos de sarças, e fora a planície que sob alua parecia como uma vasta água dormente! Lancei-me para lá, desesperadamente, sacudido aos galões do potro... E muito tempo galopei no descampado.

De repente o pónei, eu, rolámos com um baque surdo. Era uma lagoa. Entrou-me pela boca água pútrida, e os pés enlaçaram-se-me nas raízes moles dos nenúfares... Quando me ergui, me firmei no solo —, vi o pónei, correndo, muito longe, como uma sombra, com os estribos ao vento...

Então comecei a caminhar por aquela solidão, enterrando-me nas terras

lodosas, cortando através do mato espinhoso. O sangue da orelha ia-me pingando sobre o ombro; à frialdade agreste, o fato encharcado regelava-se-me sobre a pele: e por vezes, na sombra, parecia-me ver luzir olhos de feras.

Enfim, encontrei um recinto de pedras soltas onde jazia, sob um arbusto negro, um daqueles montões de esquifes amarelos que os chineses abandonam nos campos, e onde apodrecem corpos. Abati-me sobre um caixão, prostrado: mas um cheiro abominável pesava no ar: e ao apoiar-me senti o viscoso de um líquido que escorria pelas fendas das tábuas... Quis fugir. Mas os joelhos negavam-se, tremiam-me: e árvores, rochas, ervas altas, todo o horizonte começou a girar em torno de mim como um disco muito

rápido. Faíscas sanguíneas vibravam-me diante dos olhos: e senti-me como caindo de muito alto, devagar, à maneira de uma pena que desce...

Quando recuperei a consciência estava estirado num banco de pedra, no pátio de um vasto edifício semelhante a um convento, que um alto silêncio envolvia. Dois padres lazaristas lavavam-me devagar a orelha. Um ar fresco circulava; a roldana de um poço rangia lentamente; um sino tocava a matinas. Ergui os olhos, avistei uma fachada branca com janelinhas gradeadas e uma cruz no topo: então, vendo naquela paz de claustro católico como um recanto da pátria recuperada, o abrigo e a consolação, rolaram-me das pálpebras duas lágrimas mudas.

7

De madrugada, dois padres lazaristas, dirigindo-se a Tien-Hó, tinham-me encontrado desmaiado no caminho. E, como disse o alegre padre Loriot, «era já tempo»; porque em redor do meu corpo imóvel, um negro semicírculo desses grossos e soturnos corvos da Tartária, já me estava contemplando com gula...

Trouxeram-me sem demora para o convento numa padiola — e grande foi o regozijo da comunidade quando soube que eu era um latino, um cristão e um súbdito dos Reis Fidelíssimos. O convento forma ali o centro de um pequeno burgo católico, apinhado em torno da maciça residência como uma casaria de servos à

base de um castelo feudal. Existe desde os primeiros missionários que percorreram a Manchúria. Porque nós estamos aqui nos confins da China: para além já é a Mongólia, a Terra das Ervas, imenso prado verde-escuro, lezírias sem fim, colorido aqui e além do vivo das flores silvestres...

Aí jaz a vasta planície dos nómadas. Da minha janela eu via negrejar os círculos de tendas cobertas de feltro ou de peles de carneiro; e por vezes assistia à partida de uma tribo, em filas de longas caravanas, levando os seus rebanhos para o oeste...

O superior lazarista era o excelente padre Giulio. A longa permanência entre as raças amarelas tornara-o quase um chinês: quando eu o

encontrava no claustro com a sua túnica roxa, o rabicho longo, a barba venerável, agitando devagar um enorme leque — parecia-me algum sábio letrado mandarim comentando mentalmente, na paz de um templo, o Livro Sacro de Chu. Era um santo: mas o cheiro de alho que exalava — afastaria as almas mais doloridas e precisadas de consolação.

Conservo suave a memória dos dias ali passados! O meu quarto, caiado de branco, com uma cruz negra, tinha um recolhimento de cela. Acordava sempre ao toque de matinas. Em respeito aos velhos missionários, vinha ouvir a missa à capela: e enternecia-me, ali, tão longe da pátria católica, naquelas terras mongólicas, ver à clara luz da manhã a casula do padre, com a sua cruz bordada,

curvando-se diante do altar, e sentir ciciar no fresco silêncio os *Dominus vobiscum* e os *Cum spiritu tuo*...

De tarde ia à escola, admirar os pequenos chineses declinando *hora*, *horae*... E depois do refeitório, passeando no claustro, escutava histórias de longínquas missões, de viagens apostólicas ao País das Ervagens, as prisões suportadas, as marchas, os perigos, as crónicas heroicas da Fé...

Eu por mim não contei no convento as minhas aventuras fantásticas: dei-me como um *touriste* curioso, tomando apontamentos pelo universo. E esperando que a minha orelha cicatrizasse, abandonava-me, numa lassidão de alma, àquela paz de mosteiro...

Mas estava decidido a deixar bem depressa a China, esse império bárbaro que eu odiava agora prodigiosamente!

Quando me punha a pensar que viera desde os confins do Ocidente para trazer a uma província chinesa a abundância dos meus milhões, e que apenas lá chegara fora logo saqueado, apedrejado, frechado — enchia-me um rancor surdo, gastava horas agitando-me pelo quarto, a revolver coisas feras que tentaria para me vingar do Império do Meio!

Retirar-me com os meus milhões era a desforra mais prática, mais fácil! Demais, a minha ideia de ressuscitar artificialmente, para bem da China, a personalidade de Ti Chin-Fu, parecia-me agora absurda, de uma insensatez de

sonho. Eu não compreendia a língua, nem os costumes, nem os ritos, nem as leis, nem os sábios daquela raça: que vinha pois fazer ali senão expor-me, pelo aparato da minha riqueza, aos assaltos de um povo que há quarenta e quatro séculos é pirata nos mares e traz as terras varridas de rapina?...

Além disso, Ti Chin-Fu e o seu papagaio continuavam invisíveis, remontados decerto ao Céu chinês dos Avós: e já o aplacamento do remorso visível diminuíra em mim singularmente o desejo da expiação...

Sem dúvida o velho letrado estava fatigado de deixar essas regiões inefáveis para se vir estirar pelos meus móveis. Vira os meus esforços, o meu desejo de ser útil à sua prole, à sua província, à sua

raça — e, satisfeito, acomodara-se regaladamente para a sua sesta eterna. Eu nunca mais avistaria a sua pança amarela!...

E então mordia-me o apetite de me achar já tranquilo e livre, no pacífico gozo do meu ouro, ao Loreto ou no bulevar, sorvendo o mel às flores da Civilização...

Mas a viúva de Ti Chin-Fu, as mimosas senhoras da sua descendência, os netos pequeninos?... Iria eu deixá-los barbaramente, na fome e no frio, pelas vielas negras de Tien-Hó? Não. Esses não eram culpados das pedradas que me atirara a populaça. E eu, cristão, asilado num convento cristão, tendo à cabeceira da cama o Evangelho, cercado de existências que eram encarnações de

Caridade — não podia partir do Império sem restituir àqueles que despojara a abundância, esse conforto honesto que recomenda o Clássico da Piedade Filial.

Então escrevi a Camilloff. Contava-lhe a minha abjeta fuga, sob as pedras da turba chinesa; o abrigo cristão que me dera a missão; o vivaz desejo de partir do Império do Meio. Pedia-lhe que remetesse ele à viúva de Ti Chin-Fu os milhões depositados por mim em casa do mercador Tsing-Fó, na Avenida de Chá-Cua, ao lado do arco triunfal de Tong, junto ao templo da deusa Kaonine.

O alegre padre Loriot, que ia a Pequim em missão, levou esta carta, que eu lacrara com o selo do convento — uma cruz saindo de um coração em chamas...

Os dias passaram. As primeiras

neves alvejaram nas montanhas setentrionais da Manchúria: e eu ocupava-me a caçar a gazela pela Terra das Ervas... Horas enérgicas e fortemente vividas, as dessas manhãs, quando eu largava à desfilada, no grande ar agreste da planície, entre os monteadores mongólicos que, com um grito ululado e vibrante, batiam o matagal à lançada! Por vezes, uma gazela saltava: e, de orelha baixa, estirada e fina, partia no fio do vento... Soltávamos o falcão, que voava sobre ela, de asa serena, dando-lhe a espaços regulares, com toda a força do bico recurvo, uma picada viva no crânio. E íamo-la abater, por fim, à beira de alguma água morta, coberta de nenúfares... Então os cães negros da Tartária amontoavam-se-lhe sobre o ventre, e, com

as patas no sangue, iam-lhe, a ponta de dente, desfiando devagar as entranhas...

Uma manhã o leigo da portaria avistou enfim o alegre padre Loriot, galgando à lufa-lufa pelo caminho íngreme do burgo, de volta de Pequim, com a sua mochila ao ombro e uma criancinha nos braços: tinha-a encontrado abandonada, nuazinha, morrendo à beira de um caminho: batizara-a logo num regato com o nome de Bem-Achado: e ali a trazia, todo enternecido, arquejando de tanto que estugara o passo, para dar depressa à criaturinha esfomeada o bom leite da cabra do convento...

Depois de abraçar os religiosos, de enxugar as grossas bagas de suor, tirou da algibeira dos calções um envelope com o selo da águia russa:

— É isto que manda o papá Camilloff, amigo Teodoro. Ficou ótimo. E a senhora também... Tudo rijo.

Corri a um recanto do claustro a ler as duas folhas de prosa. Meu bom Camilloff, de calva severa e olho de mocho! Como ele aliava tão originalmente ao senso fino de um hábil de chancelaria as caturrices picarescas de diplomata bufo! A carta dizia assim:

Amigo, hóspede, e caríssimo Teodoro:

Às primeiras linhas da sua carta ficámos consternados! Mas logo as seguintes nos deram um grato alívio, por nos certificar que estava com esses santos padres da

missão cristã... Eu partia para o yamen *imperial a fazer uma severa reclamação ao príncipe Tong, sobre o escândalo de Tien-Hó. Sua Excelência mostrou um júbilo desordenado! Porque, se lamenta como particular a ofensa, o roubo e as pedradas que o meu hóspede sofreu, como ministro do Império vê aí a doce oportunidade de extorquir à vila de Tien-Hó, em multa, em castigo da injúria feita a um estrangeiro, a vantajosa soma de trezentos mil francos, ou, segundo os cálculos do nosso sagaz Meriskoff, cinquenta e quatro contos de reis na moeda do seu belo país! Ê, como disse Meriskoff, um excelente resultado para o Erário*

imperial, e fica assim a sua orelha copiosamente vingada... Aqui, começam a picar os primeiros frios, e já estamos usando peles. O bom Meriskoff lá vai sofrendo do fígado, mas a dor não lhe altera o critério filosófico nem a sábia verbosidade... Tivemos um grande desgosto: o lindo cãozinho da boa Madame Tagarieff, a esposa do nosso amado secretário, o adorável «Tu-Tu», desapareceu na manhã de 15... Fiz, na polícia, instâncias urgentes: mas o «Tu-Tu» não nos foi restituído— e o sentimento é tanto maior, quanto é sabido que a populaça de Pequim aprecia extremamente esses cãezinhos, guisados em calda de açúcar... Deu-

se aqui um facto abominável e de consequências funestas: a ministra de França, essa petulante Madame Grijon, esse «galho seco» (como diz o nosso Meriskoff), no último jantar da Legação, deu, em desprezo de todas as regras internacionais, o braço, o seu descamado braço, e a sua direita à mesa a um simples adido inglês, Lorde Gordon! Que me diz a isto? É crível? É racional? E destruir a ordem social! O braço, a direita, a um adido, um escocês cor de tijolo, de vidro entalado no olho, quando havia presentes todos os embaixadores, os ministros, e eu! Isto tem causado, no corpo diplomático, uma sensação inenarrável... Esperamos instruções

dos nossos governos. Como diz Meriskoff, oscilando tristemente a cabeça — é grave... é muito grave! — O que prova (e ninguém o duvida) que Lorde Gordon é o benjamim do «galho seco». Que podridão! Que lodo!... A generala não tem passado bem desde a sua partida para a malfadada Tien-Hó; o doutor Pagloff não lhe percebe o mal; é uma languidez, um murchar, uma saudosa indolência que a conserva horas e horas imóvel sobre o sofá, no Pavilhão do Repouso Discreto, com o olhar vago e o lábio cheio de suspiros... Eu não me iludo: sei perfeitamente o que a mina: é a desgraçada doença de bexiga, que lhe veio das más águas,

quando estivemos na Legação de Madrid... Seja feita a vontade do Senhor!... Ela pede-me para lhe mandar un petit bonjour, *e deseja que o meu hóspede apenas chegue a Paris, se for a Paris, lhe remeta pela mala da Embaixada para São Petersburgo (daí virá a Pequim), duas dúzias de luvas de doze botões, número cinco e três quartos, da marca «Sol», dos Armazéns do Louvre; assim como os últimos romances de Zola, «Mademoiselle de Maupin», de Gautier, e uma caixa de frascos de «Opoponax»... Esquecia-me dizer-lhe que mudámos de padeiro: fornecemo-nos agora da padaria da Embaixada inglesa: deixámos a da Embaixada*

francesa, para não ter comunicações com o «galho seco»... Aí estão os inconvenientes de não termos aqui na Embaixada russa uma padaria — apesar de tantos relatórios, tantas reclamações que, sobre esse ponto, tenho feito para a Chancelaria de São Petersburgo! Eles sabem bem que em Pequim não há padarias, que cada legação tem a sua própria, como um elemento de instalação e de influência. Mas quê! Na corte imperial desatendem-se os mais sérios interesses da civilização russa! Creio que é tudo o que há de novo em Pequim e nas legações. Meriskoff recomenda-se, e todos desta Embaixada; e também o condezinho Arthur, o Zizi da

Legação espanhola, o «Focinho Caído», e o Lulu; enfim todos; eu mais que ninguém, que me assino com saudade e afeição

General Camilloff

P.S. — Enquanto à viúva e família de Ti Chin-Fu, houve um engano: o astrólogo do templo de Faqua equivocou-se na interpretação sideral: não ê realmente em Tien-Hó que reside essa família... É no Sul da China, na província de Cantão. Mas também há uma família Ti Chin-Fu para além da Grande Muralha, quase na fronteira russa, no distrito de Kao-Li. A ambas morreu o chefe, a

ambas assaltou a pobreza... Portanto, esperando novas ordens, não levantei os dinheiros da casa de Tsing-Fó. Esta recente informação mandou-ma hoje Sua Excelência o Príncipe Tong, com uma deliciosa compota de calombro... Devo anunciar-lhe que o nosso bom Sá-Tó aqui apareceu, de volta de Tien-Hó, com um beiço rachado e leves contusões no ombro, tendo apenas salvado da bagagem saqueada uma litografia de Nossa Senhora das Dores, que, pela inscrição a tinta, vejo que pertencera a sua respeitável mamã... Os meus valentes cossacos, esses, lá ficaram numa poça de sangue. Sua Excelência o Príncipe Tong

condescende em mos pagar a dez mil francos cada um, das somas extorquidas à vila de Tien-Hó... Sá-Tó diz-me que se o meu hóspede, como é natural, recomeçar as suas viagens através do Império em busca dos Ti Chin-Fu — ele considerar-se-ia honrado e venturoso em o acompanhar, com uma fidelidade canina e uma docilidade cossaca...

Camilloff

— Não! nunca! — rugi com furor, amarrotando a carta, monologando a largas passadas pelo melancólico claustro. — Não, por Deus ou pelo Demónio! Ir de novo bater as estradas da

China? Jamais! Oh sorte grotesca e desastrosa! Deixo os meus regalos ao Loreto, o meu ninho amoroso de Paris, venho rolado pela vaga enjoadora de Marselha a Xangai, sofro as pulgas das bateiras chinesas, o fedor das vielas, a poeirada dos caminhos áridos — e para quê? Tinha um plano, que se erguia até aos Céus, grandioso e ornamentado como um troféu: por sobre ele cintilavam, de alto a baixo, toda a sorte de ações boas: e eis que o vejo tombar ao chão, peça a peça, numa ruína! Queria dar o meu nome, os meus milhões e metade do meu leito de ouro a uma senhora Ti Chin-Fu — e não mo permitem os prejuízos sociais de uma raça bárbara! Pretendo, com o botão de cristal de mandarim, remodelar os destinos da China, trazer-lhe a

prosperidade civil — e veda-mo a lei imperial! Aspiro a derramar uma esmola sem fim por esta populaça faminta — e corro o perigo ingrato de ser decapitado como instigador de rebeliões! Venho enriquecer uma vila — e a turba tumultuosa apedreja-me! Ia enfim dar a abundância, o conforto que louva Confúcio, à família Ti Chin-Fu — e essa família some-se, evapora-se como um fumo, e outras famílias Ti Chin-Fu surgem, aqui e além, vagamente, ao sul, a oeste, como clarões enganadores... E havia de ir a Cantão, a Kao-Li, expor a outra orelha a tijolos brutais, fugir ainda pelos descampados, agarrado às crinas de um potro? Jamais!

Parei: e de braços erguidos, falando às arcadas do claustro, às

árvores, ao ar silencioso e fino que me envolvia:

— Ti Chin-Fu! — bradei. — Ti Chin-Fu! Para te aplacar, fiz o que era racional, generoso e lógico! Estás enfim satisfeito, letrado venerável, tu, o teu gentil papagaio, a tua pança oficial? Fala-me! Fala-me!...

Escutei, olhei: a roldana do poço, àquela hora do meio-dia, rangia devagar, no pátio: sob as amoreiras, ao longo da arcaria do claustro, secavam em papel de seda as folhas de chá da colheita de outubro: da porta meio cerrada da aula vinha um sussurro lento de declinações latinas: era uma paz severa, feita da simplicidade das ocupações, da honestidade dos estudos, do ar pastoril daquela colina, onde dormia, sob um sol

branco de inverno, o burgo religioso... E com aquela serenidade ambiente, pareceu-me receber na alma, de repente, uma pacificação absoluta!

Acendi com os dedos ainda trémulos um charuto, e disse, limpando na testa uma baga de suor, esta palavra, resumo de um destino:

— Bem, Ti Chin-Fu está contente.

Fui logo à cela do excelente padre Giulio. Ele lia o seu Breviário à janela, debicando confeitos de açúcar, com o gato do convento no colo.

— Reverendíssimo, volto à Europa... Algum dos nossos bons padres vai por acaso em missão, para os lados de Xangai?...

O venerável superior pôs os seus óculos redondos: e folheando com unção

um vasto registo em letra chinesa, ia assim murmurando:

— Quinto dia da décima Lua... Sim, há o padre Anacleto para Tien-Tsin, para a novena dos Irmãos da Santa Creche. Duodécima Lua, o padre Sanchez para Tien-Tsin também, para a obra do Catecismo aos Órfãos... Sim, caro hóspede, tem companheiros para leste...

— Amanhã?

— Amanhã. É dolorosa a separação nestes confins do mundo, quando as almas se compreendem bem em Jesus... O nosso padre Gutierrez que lhe faça um bom farnel... Nós já o amávamos como irmão, Teodoro... Coma um confeito, são deliciosos... As coisas estão em feliz repouso quando se acham no seu lugar e elemento natural: o lugar do

coração do homem é o coração de Deus: e o seu está nesse asilo seguro... Coma um confeito... Que é isso, meu filho, que é isso?

Eu estava colocando sobre o seu Breviário, aberto numa página do Evangelho de Pobreza, um rolo de notas do Banco de Inglaterra; e balbuciei:

— Meu reverendíssimo, para os seus pobres...

— Excelente, excelente... O nosso bom Gutierrez que lhe faça um farnel copioso... *Amen*, meu filho... *In Deo omnia spes*...

Ao outro dia, entre o padre Anacleto e o padre Sanchez, montado na mula branca do convento, desci o burgo, ao repique dos sinos. E aí vamos para Hiang-Hiam, vila negra e murada, onde

atracam os barcos que descem a Tien-Tsin. Já as terras ao longo do Pei-Hó estavam todas brancas de neve: nas enseadas baixas já a água ia gelando: e embrulhados em peles de carneiro, em roda do fogareiro, à popa do barco, os bons padres e eu íamos conversando de trabalhos de missionários, de coisas da China, por vezes dos interesses do Céu — passando em redor sem cessar o grosso frasco da genebra...

Em Tien-Tsin separei-me daqueles santos camaradas. E daí a duas semanas, por um meio-dia de sol tépido, passeava, fumando o meu charuto e olhando a azáfama dos cais de Hong-Kong, no tombadilho do «Java», que ia levantar ferro para a Europa.

Foi um momento comovente para

mim, aquele em que vi, às primeiras voltas do hélice, afastar-se a terra da China.

Desde que acordara, nessa manhã, uma inquietação surda recomeçava a pesar-me na alma. Agora, punha-me a pensar que viera àquele vasto império para acalmar pela expiação um protesto temeroso da Consciência: e por fim, impelido por uma impaciência nervosa, aí partia, sem ter feito mais que desonrar os bigodes brancos de um general heroico, e ter recebido pedradas pela orelha numa vila dos confins da Mongólia.

Estranho destino, o meu!...

Até ao anoitecer estive encostado sombriamente à borda do paquete, vendo o mar liso, como uma vasta peça de seda azul, dobrar-se aos lados em duas pregas

moles: pouco a pouco grandes estrelas palpitaram na concavidade negra, e o hélice na sombra ia trabalhando em ritmo. Então, tomado de uma fadiga mole, fui errando pelo paquete, olhando, aqui e além, a bússola alumiada; os montões de cabrestantes; as peças da máquina, numa claridade ardente, batendo em cadência; as fagulhas que fugiam do cano, num rolo de fumaraça negra; os marinheiros de barba ruiva, imóveis à roda do leme; e as formas dos pilotos, sobre o pontal, altas e vagas na noite. Na cabina do capitão, um inglês de capacete de cortiça, cercado de damas que bebiam conhaque, ia tocando melancolicamente na flauta a ária de «Bonnie Dundee»...

Eram onze horas quando desci ao meu beliche. As luzes já estavam

apagadas: mas a Lua que se erguia ao nível da água, redonda e branca, batia o vidro da cabina com um raio de claridade: e então, a essa meia-tinta pálida, lá vi, estirada sobre a maca, a figura pançuda, vestida de seda amarela, com o seu papagaio nos braços!

Era *ele*, outra vez!

E foi *ele*, perpetuamente! Foi ele em Singapura e em Ceilão. Foi *ele* erguendo-se dos areais do deserto ao passarmos no canal de Suez; adiantando-se à proa de um barco de provisões quando parámos em Malta; resvalando sobre as rosadas montanhas da Sicília; emergindo dos nevoeiros que cercam o morro de Gibraltar! Quando desembarquei em Lisboa, no Cais das Colunas, a sua figura bojuda enchia todo o

arco da Rua Augusta; o seu olho oblíquo fixava-me — e os dois olhos pintados do seu papagaio pareciam fixar-me também...

8

Então, certo que não poderia jamais aplacar Ti Chin-Fu, toda essa noite no meu quarto ao Loreto, onde como outrora as velas inumeráveis das serpentinas davam aos damascos tons de sangue fresco, meditei sacudir de mim, como um adorno de pecado, esses milhões sobrenaturais. E assim me libertaria talvez daquela pança e daquele papagaio abominável!

Abandonei o palacete ao Loreto, a existência de nababo. Fui, com uma quinzena coçada, realugar o meu quarto na casa da Madame Marques: e voltei à repartição, de espinhaço curvo, a implorar os meus vinte mil reis mensais, e

a minha doce pena de amanuense!...

Mas um sofrimento maior veio amargurar os meus dias. Julgando-me arruinado — todos aqueles que a minha opulência humilhara cobriram-me de ofensas, como se alastra de lixo uma estátua derrubada de príncipe decaído. Os jornais, num triunfo de ironia, achincalharam a minha miséria. A Aristocracia, que balbuciara adulações aos pés do nababo, ordenava agora aos seus cocheiros que atropelassem nas ruas o corpo encolhido do plumitivo de secretaria. O Clero, que eu enriquecera, acusava-me de «feiticeiro»; o Povo atirou-me pedras; e a Madame Marques, quando eu me queixava humildemente da dureza granítica dos bifes, plantava as duas mãos à cinta, e gritava:

— Ora o enguiço! Então que quer você mais? Aguente! Olha o pelintra!...

E apesar desta expiação, o velho Ti Chin-Fu lá estava sempre à minha ilharga, obeso e cor de oca — porque os seus milhões, que jaziam agora estéreis e intactos nos bancos, ainda de facto eram meus! Desgraçadamente meus!

Então, indignado, um dia subitamente reentrei com estrondo no meu palacete e no meu luxo. Nessa noite, de novo o resplendor das minhas janelas alumiou o Loreto: e pelo portão aberto, viram-se como outrora negrejar, nas suas fardas de seda negra, as longas filas de lacaios decorativos.

Logo, Lisboa, sem hesitar, se rojou aos meus pés. A Madame Marques chamou-me, chorando, «filho do seu

coração». Os jornais deram-me os qualificativos que, de antiga tradição, pertencem à Divindade: fui o Omnipotente, fui o Omnisciente! A Aristocracia beijou-me os dedos como a um tirano: e o Clero incensou-me como a um ídolo. E o meu desprezo pela humanidade foi tão largo — que se estendeu ao Deus que a criou.

Desde então uma saciedade enervante mantêm-me semanas inteiras num sofá, mudo e soturno, pensando na felicidade do não-ser...

Uma noite, recolhendo só por uma rua deserta, vi diante de mim o Personagem vestido de preto com o guarda-chuva debaixo do braço, o mesmo que no meu quarto feliz da Travessa da Conceição me fizera, a um ti-li-tim de

campainha, herdar tantos milhões detestáveis. Corri para ele, agarrei-me às abas da sua sobrecasaca burguesa, bradei:

— Livra-me das minhas riquezas! Ressuscita o Mandarim! Restitui-me a paz da miséria!

Ele passou gravemente o seu guarda-chuva para debaixo do outro braço, e respondeu com bondade:

— Não pode ser, meu prezado senhor, não pode ser...

Eu atirei-me aos seus pés numa suplicação abjeta: mas só vi diante de mim, sob uma luz mortiça de gás, a forma magra de um cão farejando o lixo.

Nunca mais encontrei este indivíduo. — E agora o mundo parece-me um imenso montão de ruínas onde a minha alma solitária, como um exilado que erra

por entre colunas tombadas, geme, sem descontinuar...

As flores dos meus aposentos murcham e ninguém as renova: toda a luz me parece uma tocha: e quando as minhas amantes vêm, na brancura dos seus penteadores, encostar-se ao meu leito, eu choro — como se avistasse a legião amortalhada das minhas alegrias defuntas...

Sinto-me morrer. Tenho o meu testamento feito. Nele lego os meus milhões ao Demónio; pertencem-lhe; ele que os reclame e que os reparta...

E a vós, homens, lego-vos apenas, sem comentários, estas palavras: «Só sabe bem o pão que dia a dia ganham as nossas mãos: nunca mates o Mandarim!»

E todavia, ao expirar, consola-me

prodigiosamente esta ideia: que do norte ao sul e do oeste a leste, desde a Grande Muralha da Tartária até às ondas do mar Amarelo, em todo o vasto Império da China, nenhum mandarim ficaria vivo, se tu, tão facilmente como eu, o pudesses suprimir e herdar-lhe os milhões, ó leitor, criatura improvisada por Deus, obra má de má argila, meu semelhante e meu irmão!

Junho de 1880.

A RELÍQUIA

Primeira edição: 1887

Prefácio

Decidi compor, nos vagares deste verão, na minha Quinta do Mosteiro (antigo solar dos condes de Lindoso), as memórias da minha vida — que neste século, tão consumido pelas incertezas da Inteligência e tão angustiado pelos tormentos do Dinheiro, encerra, penso eu e pensa meu cunhado Crispim, uma lição lúcida e forte.

Em 1875, nas vésperas de Santo António, uma desilusão de incomparável amargura abalou o meu ser: por esse tempo minha tia, D. Patrocínio das Neves, mandou-me do Campo de Santana, onde morávamos, em romagem a Jerusalém: dentro dessas santas

muralhas, num dia abrasado do mês de Nizão, sendo Pôncio Pilatos procurador da Judeia, Élio Lama legado imperial da Síria e J. Caiafa sumo pontífice, testemunhei, miraculosamente, escandalosos sucessos: depois voltei — e uma grande mudança se fez nos meus bens e na minha moral.

São estes casos — espaçados e altos numa existência de bacharel como, em campo de erva ceifada, fortes e ramalhosos sobreiros cheios de sol e murmúrio— que quero traçar, com sobriedade e com sinceridade, enquanto no meu telhado voam as andorinhas, e as moitas de cravos vermelhos perfumam o meu pomar.

Esta jornada à terra do Egito e à Palestina permanecerá sempre como a

glória superior da minha carreira; e bem desejaria que dela ficasse nas Letras, para a Posteridade, um monumento airoso e maciço. Mas hoje, escrevendo por motivos peculiarmente espirituais, pretendi que as páginas íntimas em que a relembro se não assemelhassem a um Guia Pitoresco do Oriente. Por isso (apesar das solicitações da vaidade), suprimi neste manuscrito suculentas, resplandecentes narrativas de ruínas e de costumes...

De resto, esse país do Evangelho, que tanto fascina a humanidade sensível, é bem menos interessante que o meu seco e paterno Alentejo: nem me parece que as terras favorecidas por uma presença messiânica ganhem jamais em graça ou esplendor. Nunca me foi dado percorrer

os Lugares Santos da índia em que o Buda viveu — arvoredos de Migadaia, outeiros de Veluvana, ou esse doce vale de Rajagria por onde se alongavam os olhos adoráveis do Mestre perfeito quando um fogo rebentou nos juncais, e Ele ensinou, em singela parábola, como a ignorância é uma fogueira que devora o homem — alimentada pelas enganosas sensações da Vida, que os sentidos recebem das enganosas aparências do Mundo. Também não visitei a caverna de Hira, nem os devotos areais entre Meca e Medina que tantas vezes trilhou Maomé, o Profeta Excelente, lento e pensativo sobre o seu dromedário. Mas, desde as figueiras de Betânia até às águas caladas de Galileia, conheço bem os sítios onde habitou esse outro

intermediário divino, cheio de enternecimento e de sonhos, a quem chamamos Jesus Nosso Senhor — e só neles achei bruteza, secura, sordidez, soledade e entulho.

Jerusalém é uma vila turca, com vielas andrajosas, acaçapada entre muralhas cor de lodo, e fedendo ao sol sob o badalar de sinos tristes.

O Jordão, fio de água barrento e peco que se arrasta entre areais, nem pode ser comparado a esse claro e suave Lima que lá baixo, ao fundo do Mosteiro, banha as raízes dos meus amieiros: e todavia, vede!, estas meigas águas portuguesas não correram jamais entre os joelhos de um Messias, nem jamais as roçaram as asas dos anjos, armados e rutilantes, trazendo do Céu à Terra as

ameaças do Altíssimo!

Entretanto como há espíritos insaciáveis que, lendo de uma jornada pelas terras da Escritura, anelam conhecer desde o tamanho das pedras até ao preço da cerveja — eu recomendo a obra copiosa e luminosa do meu companheiro de romagem, o alemão Topsius, doutor pela Universidade de Bona e membro do Instituto Imperial de Escavações Históricas. São sete volumes in-quarto, atochados, impressos em Leipzig, com este título fino e profundo — Jerusalém Passeada e Comentada. Em cada página desse sólido Itinerário o douto Topsius fala de mim, com admiração e com saudade. Denomina-me sempre o «ilustre fidalgo lusitano»; e a fidalguia do seu camarada, que ele faz

remontar aos Barças, enche manifestamente o erudito plebeu de delicioso orgulho. Além disso o esclarecido Topsius aproveita-me, através desses repletos volumes, para pendurar, ficticiamente, nos meus lábios e no meu crânio, dizeres e juízos ensopados de beata e babosa credulidade — que ele logo rebate e derroca com sagacidade e facúndia! Diz, por exemplo: «Diante de tal ruína, do tempo da Cruzada de Godofredo, o ilustre fidalgo lusitano pretendia que Nosso Senhor, indo um dia com a Santa Verónica...» E logo alastra a tremenda, túrgida argumentação com que me deliu. Como, porém, as arengas que me atribui não são inferiores em sábio chorume e arrogância teológica às de Bossuet, eu

não denunciei, numa nota à Gazeta de Colónia, por que tortuoso artifício a afiada razão da Germânia se enfeita assim de triunfos sobre a romba fé do Meio-Dia.

Há, porém, um ponto de Jerusalém Passeada que não posso deixar sem enérgica contestação. É quando o doutíssimo Topsius alude a dois embrulhos de papel, que me acompanharam e me ocuparam, na minha peregrinação, desde as vielas de Alexandria até às quebradas do Carmelo. Naquela forma rotunda que caracteriza a sua eloquência universitária, o Dr. Topsius diz: «O ilustre fidalgo lusitano transportava ali restos dos seus antepassados, recolhidos por ele, antes de deixar o solo sacro da

pátria, no seu velho solar torreado!...» Maneira de dizer singularmente falaz e censurável! Porque faz supor à Alemanha erudita que eu viajava pelas terras do Evangelho — trazendo embrulhados num papel pardo os ossos dos meus avós!

Nenhuma outra imputação me poderia tanto desaprazer e desconvir. Não por me denunciar à Igreja como um profanador leviano de sepulturas domésticas: menos me pesam a mim, comendador e proprietário, as fulminações da Igreja — que as folhas secas que às vezes caem sobre o meu guarda-sol de cima de um ramo morto: nem realmente a Igreja, depois de ter embolsado os seus emolumentos por enterrar um molho de ossos, se importa

que eles para sempre jazam resguardados sob a rígida paz de um mármore eterno, ou que andem chocalhados nas dobras moles de um papel pardo. Mas a afirmação de Topsius desacredita-me perante a Burguesia Liberal: — e só da Burguesia Liberal, omnipresente e omnipotente, se alcançam, nestes tempos de semitismo e de capitalismo, as coisas boas da vida, desde os empregos nos bancos até às Comendas da Conceição. Eu tenho filhos, tenho ambições. Ora a Burguesia Liberal aprecia, recolhe, assimila com alacridade um cavalheiro ornado de avoengos e solares: é o vinho precioso e velho que vai apurar o vinho novo e cru; mas com razão detesta o bacharel, filho de algo, que passeie por diante dela,

enfunado e teso, com as mãos carregadas de ossos de antepassados — como um sarcasmo mudo aos antepassados e aos ossos que a ela lhe faltam.

Por isso intimo o meu douto Topsius (que com os seus penetrantes óculos viu formar os meus embrulhos, já na terra do Egito, já na terra de Canaã) a que na edição segunda de Jerusalém Passeada, sacudindo pudicos escrúpulos de Académico e estreitos desdéns de Filósofo, divulgue à Alemanha científica e à Alemanha sentimental qual era o recheio que continham esses papéis pardos — tão francamente como eu o revelo aos meus concidadãos nestas páginas de repouso e de férias, onde a Realidade sempre vive, ora embaraçada e tropeçando nas pesadas roupagens da

História, ora mais livre e saltando sob a caraça vistosa da Farsa!

1

Meu avô foi o padre Rufino da Conceição, licenciado em Teologia, autor de uma devota *Vida de Santa Filomena* e prior da Amendoeirinha. Meu pai, afilhado de Nossa Senhora da Assunção, chamava-se Rufino da Assunção Raposo — e vivia em Évora com minha avó, Filomena Raposo, por alcunha a *Repolhuda*, doceira na Rua do Lagar dos Dízimos. O papá tinha um emprego no Correio, e escrevia por gosto no *Farol do Alentejo*.

Em 1853, um eclesiástico ilustre, D. Gaspar de Lorena, bispo de Corozim (que é em Galileia), veio passar o S. João

a Évora, a casa do cónego Pita, onde o papá muitas vezes à noite costumava ir tocar violão. Por cortesia com os dois sacerdotes, o papá publicou no *Farol* uma crónica, laboriosamente respigada no *Pecúlio de Pregadores*, felicitando Évora «pela dita de abrigar em seus muros o insigne prelado D. Gaspar, lume fulgente da Igreja e preclaríssima torre de santidade». O bispo de Corozim recortou este pedaço do *Farol*, para o meter entre as folhas do seu Breviário; e tudo no papá lhe começou a agradar, até o asseio da sua roupa branca, até a graça chorosa com que ele cantava, acompanhando-se no violão, a xácara do conde Ordonho. Mas quando soube que este Rufino da Assunção, tão moreno e simpático, era o afilhado carnal do seu velho Rufino da Conceição,

camarada de estudos no bom Seminário de S. José e nas veredas teológicas da Universidade, a sua afeição pelo papá tornou-se extremosa. Antes de partir de Évora deu-lhe um relógio de prata; e, por influência dele, o papá, depois de arrastar alguns meses a sua madraçaria pela Alfândega do Porto, como aspirante, foi nomeado, escandalosamente, diretor da Alfândega de Viana.

As macieiras cobriam-se de flor quando o papá chegou às veigas suaves de Entre Minho e Lima; e logo nesse julho conheceu um cavalheiro de Lisboa, o comendador G. Godinho, que estava passando o verão com duas sobrinhas, junto ao rio, numa quinta chamada o *Mosteiro*, antigo solar dos condes de Lindoso. A mais velha destas senhoras, D.

Maria do Patrocínio, usava óculos escuros, e vinha todas as manhãs da quinta à cidade, num burrinho, com o criado de farda, ouvir missa a Santana. A outra, D. Rosa, gordinha e trigueira, tocava harpa, sabia de cor os versos do *Amor e Melancolia*, e passava horas, à beira da água, entre a sombra dos amieiros, rojando o vestido branco pelas relvas, a fazer raminhos silvestres.

O papá começou a frequentar o *Mosteiro*. Um guarda da Alfândega levava-lhe o violão; e enquanto o comendador e outro amigo da casa, o Margaride, doutor delegado, se embebiam numa partida de gamão, e D. Maria do Patrocínio rezava em cima o terço — o papá, na varanda, ao lado de D. Rosa, defronte da Lua, redonda e branca sobre o

rio, fazia gemer no silêncio os bordões e dizia as tristezas do conde Ordonho. Outras vezes jogava ele a partida de gamão: D. Rosa sentava-se então ao pé da titi, com uma flor nos cabelos, um livro caído no regaço; e o papá, chocalhando os dados, sentia a carícia prometedora dos seus olhos pestanudos.

Casaram. Eu nasci numa tarde de Sexta-Feira de Paixão; e a mamã morreu, ao estalarem, na manhã alegre, os foguetes da Aleluia. Jaz, coberta de goivos, no cemitério de Viana, numa rua junto ao muro, húmida da sombra dos chorões, onde ela gostava de ir passear nas tardes de verão, vestida de branco, com a sua cadelinha felpuda que se chamava *Traviata*.

O comendador e D. Maria não

voltaram ao *Mosteiro*. Eu cresci, tive o sarampo; o papá engordava; e o seu violão dormia, esquecido ao canto da sala, dentro de um saco de baeta verde. Num julho de grande calor, a minha criada Gervásia vestiu-me o fato pesado de veludilho preto; o papá pôs um fumo no chapéu de palha; era o luto do comendador G. Godinho, a quem o papá muitas vezes chamava, por entre dentes, «malandro».

Depois, numa noite de Entrudo, o papá morreu de repente, com uma apoplexia, ao descer a escadaria de pedra da nossa casa, mascarado de urso, para ir ao baile das senhoras Macedos.

Eu fazia então sete anos; e lembro-me de ter visto, ao outro dia, no nosso pátio, uma senhora alta e gorda, com uma

mantilha rica de renda negra, a soluçar diante das manchas de sangue do papá, que ninguém lavara, e já tinham secado nas lajes. À porta uma velha esperava, rezando, encolhida no seu mantéu de baetilha.

As janelas da frente da casa foram fechadas; no corredor escuro, sobre um banco, um candeeiro de latão ficou dando a sua luzinha de capela, fumarenta e mortal. Ventava e chovia. Pela vidraça da cozinha, enquanto a Mariana, choramingando, abanava o fogareiro, eu vi passar, no Largo da Senhora da Agonia, o homem que trazia às costas o caixão do papá. No alto frio do monte a capelinha da Senhora, com a sua cruz negra, parecia mais triste ainda, branca e nua entre os pinheiros, quase a sumir-se na névoa; e

adiante, onde estão as rochas, gemia e rolava, sem descontinuar, um grande mar de inverno.

À noite, no quarto de engomar, a minha criada Gervásia sentou-me no chão, embrulhado num saiote. De quando em quando, rangiam no corredor as botas do João, guarda da Alfândega, que andava a defumar com alfazema. A cozinheira trouxe-me uma fatia de pão de ló. Adormeci: e logo achei-me a caminhar à beira de um rio claro, onde os choupos, já muito velhos, pareciam ter uma alma e suspiravam; e ao meu lado ia andando um homem nu, com duas chagas nos pés, e duas chagas nas mãos, que era Jesus Nosso Senhor.

Passados dias, acordaram-me, numa madrugada em que a janela do meu

quarto, batida do sol, resplandecia prodigiosamente como um prenúncio de coisa santa. Ao lado da cama, um sujeito risonho e gordo fazia-me cócegas nos pés com ternura e chamava-me *brejeirote*. A Gervásia disse-me que era o Sr. Matias, que me ia levar para muito longe, para casa da tia Patrocínio: e o Sr. Matias, com a sua pitada suspensa, olhava espantado para as meias rotas que me calçara a Gervásia. Embrulharam-me no xaile-manta cinzento do papá; o João, guarda da Alfândega, trouxe-me ao colo até à porta da rua, onde estava uma liteira com cortinas de oleado.

Começámos então a caminhar por compridas estradas. Mesmo adormecido, eu sentia as lentas campainhas dos machos: e o Sr. Matias, defronte de mim,

fazia-me de vez em quando uma festinha na cara, e dizia: «Ora cá vamos.» Uma tarde, ao escurecer, parámos de repente num sítio ermo, onde havia um lamaçal; o liteireiro, furioso, praguejava, sacudindo o archote aceso. Em redor, dolente e negro, rumorejava um pinheiral. O Sr. Matias, enfiado, tirou o relógio da algibeira e escondeu-o no cano da bota.

Uma noite, atravessámos uma cidade onde os candeeiros da rua tinham uma luz jovial, rara e brilhante como eu nunca vira, da forma de uma túlipa aberta. Na estalagem em que apeámos, o criado, chamado Gonçalves, conhecia o Sr. Matias: e depois de nos trazer os bifes, ficou familiarmente encostado à mesa, de guardanapo no ombro, contando coisas do senhor barão e da inglesa do senhor

barão. Quando recolhíamos ao quarto, alumiados pelo Gonçalves, passou por nós, bruscamente, no corredor, uma senhora, grande e branca, com um rumor forte de sedas claras, espalhando um aroma de almíscar. Era a inglesa do senhor barão. No meu leito de ferro, desperto pelo barulho das seges, eu pensava nela, rezando ave-marias. Nunca roçara corpo tão belo, de um perfume tão penetrante; ela era cheia de graça, o Senhor estava com ela, e passava, bendita entre as mulheres, com um rumor de sedas claras...

Depois, partimos num grande coche, que tinha as armas do rei e rolava a direito por uma estrada lisa, ao trote farto e pesado de quatro cavalos gordos. O Sr. Matias, de chinelas nos pés e

tomando a sua pitada, dizia-me, aqui e além, o nome de uma povoação aninhada em torno de uma velha igreja, na frescura de um vale. Ao entardecer, por vezes, numa encosta, as janelas de uma calma vivenda faiscavam com um fulgor de ouro novo. O coche passava; a casa ficava adormecendo entre as árvores; através dos vidros embaciados, eu via luzir a estrela de Vénus. Alta noite tocava uma corneta; e entrávamos, atroando as calçadas, numa vila adormecida. Defronte do portão da estalagem moviam-se silenciosamente lanternas mortiças. Em cima, numa sala aconchegada, com a mesa cheia de talheres, fumegavam as terrinas; os passageiros, arrepiados, bocejavam, tirando as luvas grossas de lã; e eu comia o meu caldo de galinha, estremunhado e

sem vontade, ao lado do Sr. Matias, que conhecia sempre algum moço, perguntava pelo doutor delegado ou queria saber como iam as obras da câmara.

Enfim, num domingo de manhã, estando a chuviscar, chegámos a um casarão, num largo cheio de lama. O Sr. Matias disse-me que era Lisboa; e, abafando-me no meu xaile-manta, sentou-me num banco, ao fundo de uma sala húmida, onde havia bagagens e grandes balanças de ferro. Um sino lento tocava à missa; diante da porta passou uma companhia de soldados, com as armas sob as capas de oleado. Um homem carregou os nossos baús, entrámos numa sege, eu adormeci sobre o ombro do Sr. Matias. Quando ele me pôs no chão, estávamos num pátio triste, lajeado de pedrinha

miúda, com assentos pintados de preto: e na escada uma moça gorda cochichava com um homem de opa escarlate, que trazia ao colo o mealheiro das Almas.

Era a Vicência, a criada da tia Patrocínio. O Sr. Matias subiu os degraus conversando com ela, e levando-me ternamente pela mão. Numa sala forrada de papel escuro, encontrámos uma senhora muito alta, muito seca, vestida de preto, com um grilhão de ouro ao peito; um lenço roxo, amarrado no queixo, caía-lhe num bioco lúgubre sobre a testa; e no fundo dessa sombra, negrejavam dois óculos defumados. Por trás dela, na parede, uma imagem de Nossa Senhora das Dores olhava para mim, com o peito traspassado de espadas.

— Esta é a titi — disse-me o Sr.

Matias. — É necessário gostar muito da titi... É necessário dizer sempre que sim à titi!

Lentamente, a custo, ela baixou o carão chupado e esverdinhado. Eu senti um beijo vago, de uma frialdade de pedra: e logo a titi recuou, enojada.

— Credo, Vicência! Que horror! Acho que lhe puseram azeite no cabelo!

Assustado, com o beicinho já a tremer, ergui os olhos para ela, murmurei:

— Sim, titi.

Então o Sr. Matias gabou o meu génio, o meu propósito na liteira, a limpeza com que eu comia a minha sopa à mesa das estalagens.

— Está bem — rosnou a titi secamente. — Era o que faltava, portar-se mal, sabendo o que eu faço por ele... Vá,

Vicência, leve-o lá para dentro... lave-lhe essa ramela, veja se ele sabe fazer o sinal da Cruz...

O Sr. Matias deu-me dois beijos repenicados. A Vicência levou-me para a cozinha.

À noite vestiram-me o meu fato de veludilho; e a Vicência, séria, de avental lavado, trouxe-me pela mão a uma sala em que pendiam cortinas de damasco escarlate e os pés das mesas eram dourados como as colunas de um altar. A titi estava sentada no meio do canapé, vestida de seda preta, toucada de rendas pretas, com os dedos resplandecentes de anéis. Ao lado, em cadeiras também douradas, conversavam dois eclesiásticos. Um, risonho e nédio, de cabelinho encaracolado e já branco, abriu

os braços para mim, paternalmente. O outro, moreno e triste, rosnou só «boas-noites». E da mesa, onde folheava um grande livro de estampas, um homenzinho, de cara rapada e colarinhos enormes, cumprimentou, atarantado, deixando escorregar a luneta do nariz.

Cada um deles vagarosamente me deu um beijo. O padre triste perguntou-me o meu nome, que eu pronunciava *Tedrico*. O outro, amorável, mostrando os dentes frescos, aconselhou-me que separasse as sílabas e dissesse *Te-o-do-ri-co*. Depois acharam-me parecido com a mamã, nos olhos. A titi suspirou, deu louvores a Nosso Senhor de que eu não tinha nada do Raposo. E o sujeito dos grandes colarinhos fechou o livro, fechou a luneta, e timidamente quis saber se eu trazia

saudades de Viana. Eu murmurei, atordoado:

— Sim, titi.

Então o padre mais idoso e nédio chegou-me para os joelhos, recomendou-me que fosse temente a Deus, quietinho em casa, sempre obediente à titi...

— O Teodorico não tem ninguém senão a titi... É necessário dizer sempre sim à titi...

Eu repeti, encolhido:

— Sim, titi.

A titi, severamente, mandou-me tirar o dedo da boca. Depois disse-me que voltasse para a cozinha, para a Vicência, sempre a seguir pelo corredor...

— E quando passar pelo oratório, onde está a luz e a cortina verde, ajoelhe, faça o seu sinalzinho da Cruz...

Não fiz o sinal da Cruz. Mas entreabri a cortina; e o oratório da titi deslumbrou-me, prodigiosamente. Era todo revestido de seda roxa, com painéis enternecedores em caixilhos floridos, contando os trabalhos do Senhor; as rendas da toalha do altar roçavam o chão tapetado; os santos de marfim e de madeira, com auréolas lustrosas, viviam num bosque de violetas e de camélias vermelhas. A luz das velas de cera fazia brilhar duas salvas nobres de prata, encostadas à parede, em repouso, como broquéis de santidade; e erguido na sua cruz de pau-preto, sob um dossel, Nosso Senhor Jesus Cristo era todo de ouro, e reluzia.

Cheguei-me devagar até junto da almofada de veludo verde, pousada diante

do altar, cavada pelos piedosos joelhos da titi. Ergui para Jesus crucificado os meus lindos olhos negros. E fiquei pensando que no Céu os anjos, os santos, Nossa Senhora e o Pai de todos deviam ser assim, de ouro, cravejados talvez de pedras: o seu brilho formava a luz do dia; e as estrelas eram os pontos mais vivos do metal precioso, transparecendo através dos véus negros em que os embrulhava à noite, para dormirem, o carinho beato dos homens. Depois do chá, a Vicência foi-me deitar numa alcovinha pegada ao seu quarto. Fez-me ajoelhar em camisa, juntou-me as mãos e ergueu-me a face para o Céu. E ditou os padre-nossos que me cumpria rezar pela saúde da titi, pelo repouso da mamã, e por alma de um comendador que fora muito bom, muito

santo, e muito rico, e que se chamava Godinho.

***

Apenas completei nove anos, a titi mandou-me fazer camisas, um fato de pano preto, e colocou-me, como interno, no Colégio dos Isidoros, então em Santa Isabel.

Logo nas primeiras semanas liguei-me ternamente com um rapaz Crispim, mais crescido que eu, filho da firma Teles, Crispim & C.ª, donos da fábrica de fiação à Pampulha. O Crispim ajudava à missa aos domingos; e, de joelhos, com os seus cabelos compridos e louros, lembrava a suavidade de um anjo. Às vezes agarrava-me no corredor e

marcava-me a face, que eu tinha feminina e macia, com beijos devoradores; à noite, na sala de estudo, à mesa onde folheávamos os sonolentos dicionários, passava-me bilhetinhos a lápis, chamando-me *seu idolatrado* e prometendo-me caixinhas de penas de aço...

À quinta-feira era o desagradável dia de lavarmos os pés. E três vezes por semana o sebento padre Soares vinha, de palito na boca, interrogar-nos em doutrina e contar-nos a vida do Senhor.

— Ora depois pegaram, e levaram-no de rastos a casa de Caifás... Olá, o da pontinha do banco, quem era Caifás?... Emende! Emende adiante!... Também não! Irra, cabeçudos! Era um judeu e dos piores... Ora diz que, lá num

sítio muito feio da Judeia, há uma árvore toda de espinhos, que é mesmo de arrepiar...

A sineta do recreio tocava; todos, a um tempo e de estalo, fechávamos a cartilha.

O tristonho pátio de recreio, areado com saibro, cheirava mal por causa da vizinhança das latrinas; e o regalo para os mais crescidos era tirar uma fumaça do cigarro, às escondidas, numa sala térrea onde aos domingos o mestre de dança, o velho Cavinetti, frisado e de sapatinhos decotados, nos ensinava mazurcas.

Cada mês a Vicência, de capote e lenço, me vinha buscar depois da missa, para ir passar um domingo com a titi. Isidoro Júnior, antes de eu sair,

examinava-me sempre os ouvidos e as unhas; muitas vezes, mesmo na bacia dele, dava-me uma ensaboadela furiosa, chamando-me baixo *sebento.* Depois trazia-me até à porta, fazia-me uma carícia, tratava-me de *seu querido amiguinho* e mandava pela Vicência os seus respeitos à Sr.ª D. Patrocínio das Neves.

Nós morávamos no Campo de Santana. Ao descer o Chiado, eu parava numa loja de estampas, diante do lânguido quadro de uma mulher loura, com os peitos nus, recostada numa pele de tigre, e sustentando na ponta dos dedos, mais finos que os do Crispim, um pesado fio de pérolas. A claridade daquela nudez fazia-me pensar na inglesa do senhor barão: e esse aroma, que tanto me perturbara no

corredor da estalagem, respirava-o outra vez, finamente espalhado, na rua cheia de sol, pelas sedas das senhoras que subiam para a missa do Loreto, espartilhadas e graves.

A titi, em casa, estendia-me a mão a beijar: e toda a manhã eu ficava folheando volumes do *Panorama Universal* na saleta dela, onde havia um sofá de riscadinho, um armário rico de pau-preto, e litografias coloridas, com ternas passagens da vida puríssima do seu favorito santo, o patriarca S. José. A titi, de lenço roxo carregado para a testa, sentada à janela por dentro dos vidros, com os pés embrulhados numa manta, examinava solicitamente um grande caderno de contas.

Às três horas enrolava o caderno;

e de dentro da sombra do lenço, começava a perguntar-me doutrina. Dizendo o Credo, desfiando os Mandamentos, com os olhos baixos, eu sentia o seu cheiro acre e adocicado a rapé e a formiga.

Aos domingos vinham jantar connosco os dois eclesiásticos. O de cabelinho encaracolado era o padre Casimiro, procurador da titi: dava-me abraços risonhos; convidava-me a declinar *arbor/arboris, curms/curri;* proclamava-me com afeto *talentaço.* E o outro eclesiástico elogiava o Colégio dos Isidoros, formosíssimo estabelecimento de educação, como não havia nem na Bélgica. Esse chamava-se padre Pinheiro. Cada vez me parecia mais moreno, mais triste. Sempre que passava por diante de

um espelho, deitava a língua de fora, e ali se esquecia a esticá-la, a estudá-la, desconfiado e aterrado.

Ao jantar, o padre Casimiro gostava de ver o meu apetite.

— Vai mais um bocadinho de vitelinha guisada? Rapazes querem-se alegres e bem comidos!...

E padre Pinheiro, palpando o estômago:

— Felizes idades! Felizes idades em que se repete a vitela!

Ele e a titi falavam então de doenças. Padre Casimiro, coradinho, com o guardanapo atado ao pescoço, o prato cheio, o copo cheio, sorria beatificamente.

Quando, na praça, entre as árvores, começavam a luzir os candeeiros

de gás, a Vicência punha o seu xaile velho de xadrez e ia levar-me ao colégio. A essa hora, nos domingos, chegava o sujeitinho de cara rapada e vastos colarinhos, que era o Sr. José Justino, secretário da Confraria de S. José, e tabelião da titi, com cartório a S. Paulo. No pátio, tirando já o seu paletó, fazia-me uma festa no queixo, e perguntava à Vicência pela saúde da Sr.ª D. Patrocínio. Subia; nós fechávamos o pesado portão. E eu respirava consoladamente — porque me entristecia aquele casarão com os seus damascos vermelhos, os santos inumeráveis e o cheirinho a capela.

Pelo caminho a Vicência falava-me da titi, que a trouxera, havia seis anos, da Misericórdia. Assim eu fui sabendo que ela padecia do fígado; tinha sempre

muito dinheiro em ouro numa bolsa de seda verde; e o comendador Godinho, tio dela e da minha mamã, deixara-lhe duzentos contos em prédios, em papéis, e a Quinta do Mosteiro, ao pé de Viana, e pratas, e louças da índia... Que rica que era a titi! Era necessário ser bom, agradar sempre à titi!

À porta do colégio, a Vicência dizia «adeus, amorzinho», e dava-me um grande beijo. Muitas vezes, de noite, abraçado ao travesseiro, eu pensava na Vicência, e nos braços que lhe vira arregaçados, gordos e brancos como leite. E assim foi nascendo no meu coração, pudicamente, uma paixão pela Vicência.

Um dia, um rapaz já de buço chamou-me no recreio *lambisgoia*. Desafiei-o para as latrinas, ensanguentei-

lhe lá a face toda, com um murro bestial. Fui temido. Fumei cigarros. O Crispim saíra dos Isidoros; eu ambicionava saber jogar a espada. E o meu alto amor pela Vicência desapareceu um dia, insensivelmente, como uma flor que se perde na rua.

E os anos assim foram passando: pelas vésperas de Natal acendia-se um braseiro no refeitório, eu envergava o meu casacão forrado de baeta e ornado de uma gola de astracã; depois chegavam as andorinhas aos beirais do nosso telhado, e no oratório da titi, em lugar de camélias, vinham braçadas dos primeiros cravos vermelhos perfumar os pés de ouro de Jesus; depois era o tempo dos banhos de mar, e o padre Casimiro mandava à titi um gigo de uvas da sua quinta de Torres... Eu

comecei a estudar Retórica.

Um dia, o nosso bom procurador disse-me que eu não voltaria mais para os Isidoros, indo acabar os meus preparatórios em Coimbra, na casa do Dr. Roxo, lente de Teologia. Fizeram-me roupa branca. A titi deu-me num papel a oração que eu diariamente devia rezar a S. Luís Gonzaga, padroeiro da mocidade estudiosa, para que ele conservasse em meu corpo a frescura da castidade e na minha alma o medo do Senhor. O padre Casimiro foi-me levar à cidade graciosa, onde dormita Minerva.

Detestei logo o Dr. Roxo. Em sua casa sofri vida dura e claustral; e foi um inefável gosto quando, no meu primeiro ano de Direito, o desagradável eclesiástico morreu miseravelmente de um

antraz. Passei então para a divertida hospedagem das Pimentas — e conheci logo, sem moderação, todas as independências e as fortes delícias da vida. Nunca mais rosnei a delambida oração a S. Luís Gonzaga, nem dobrei o meu joelho viril diante da imagem benta que usasse auréola na nuca; embebedei-me com alarido nas Camelas; afirmei a minha robustez esmurrando sanguinolentamente um marcador do Trony; fartei a carne com saborosos amores no Terreiro da Erva; vadiei ao luar, ganindo fados; usava moca; e como a barba me vinha, basta e negra, aceitei com orgulho a alcunha de *Raposão*. Todos os quinze dias, porém, escrevia à titi, na minha boa letra, uma carta humilde e piedosa, onde lhe contava a severidade

dos meus estudos, o recato dos meus hábitos, as copiosas rezas e os rígidos jejuns, os sermões de que me nutria, os doces desagravos ao Coração de Jesus à tarde, na Sé, e as novenas com que consolava a minha alma em Santa Cruz no remanso dos dias feriados...

Os meses de verão em Lisboa eram depois dolorosos. Não podia sair, mesmo a espontar o cabelo, sem implorar da titi uma licença servil. Não ousava fumar ao café. Devia recolher virginalmente, à noitinha: e, antes de me deitar, tinha de rezar com a velha um longo terço no oratório. Eu próprio me condenara a esta detestável devoção!

— Tu lá nos estudos costumas fazer o teu terço? — perguntara-me, com secura, a titi.

E eu, sorrindo abjetamente:

— Ora essa! É que nem posso adormecer sem ter rezado o meu rico terço!...

Aos domingos continuavam as partidas. O padre Pinheiro, mais triste, queixava-se agora do coração, e um pouco também da bexiga. E havia outro comensal, velho amigo do comendador Godinho, fiel visita das Neves, o Margaride, o que fora delegado em Viana, depois juiz em Mangualde. Rico por morte de seu mano Abel, secretário da Câmara Patriarcal, o doutor aposentara-se, farto dos autos, e vivia em ócio, lendo os periódicos, num prédio seu na Praça da Figueira. Como conhecera o papá, e muitas vezes o acompanhara ao *Mosteiro*, tratou-me logo com autoridade e por *você*.

Era um homem corpulento e solene, já calvo, com um carão lívido, onde destacavam as sobrancelhas cerradas, densas e negras como carvão. Raras vezes penetrava na sala da titi sem atirar, logo da porta, uma notícia pavorosa: «Então, não sabem? Um incêndio medonho, na Baixa!» Apenas uma fumaraça numa chaminé. Mas o bom Margaride, em novo, num sombrio acesso de imaginação, compusera duas tragédias; e daí lhe ficara este gosto mórbido de exagerar e de impressionar. «Ninguém como eu», dizia ele, «saboreia o grandioso...»

E, sempre que aterrava a titi e os sacerdotes, sorvia gravemente uma pitada.

Eu gostava do Dr. Margaride. Camarada do papá em Viana, muitas vezes

lhe ouvira cantar, ao violão, a xácara do conde Ordonho. Tardes inteiras vagueara com ele poeticamente, pela beira da água, no *Mosteiro*, quando a mamã fazia raminhos silvestres à sombra dos amieiros. E mandou-me as amêndoas mal eu nasci, à noitinha, em Sexta-Feira da Paixão. Além disso, mesmo na minha presença, ele gabava francamente à titi o meu intelecto e a circunspeção dos meus modos.

— O nosso Teodorico, D. Patrocínio, é moço para deleitar uma tia... Vossa Excelência, minha rica senhora, tem aqui um Telémaco!

Eu corava, modesto.

Ora foi justamente passeando com ele no Rossio, num dia de agosto, que eu conheci um parente nosso, afastado, primo

do comendador G. Godinho. O Dr. Margaride apresentou-mo, dizendo apenas: «O Xavier, teu primo, moço de grandes dotes.» Era um homem enxovalhado, de bigode louro, que fora galante e desbaratara furiosamente trinta contos, herdados de seu pai, dono de uma cordoaria em Alcântara. O comendador G. Godinho, meses antes de morrer da sua pneumonia, tinha-o recolhido por caridade à Secretaria da Justiça, com vinte mil réis por mês. E o Xavier agora vivia com uma espanhola chamada Cármen, e três filhos dela, num casebre da Rua da Fé.

Eu fui lá num domingo. Quase não havia móveis; a bacia da cara, a única, estava entalada no fundo roto da palhinha de uma cadeira. O Xavier toda a manhã

deitara escarros de sangue pela boca. E a Cármen, despenteada, em chinelas, arrastando uma bata de fustão manchada de vinho, embalava sorumbaticamente pelo quarto uma criança embrulhada num trapo e com a cabecinha coberta de feridas.

Imediatamente o Xavier, tratando-me por *tu*, falou-me da tia Patrocínio... Era a sua esperança, naquela sombria miséria, a tia Patrocínio! Serva de Jesus, proprietária de tantos prédios, ela não podia deixar um parente, um Godinho, definhar-se ali naquele casebre, sem lençóis, sem tabaco, com os filhos em redor, esfarrapados, a chorar por pão. Que custava à tia Patrocínio estabelecer-lhe, como já fizera o Estado, uma mesadinha de vinte mil réis?

— Tu é que lhe devias falar, Teodorico! Tu é que lhe devias dizer... Olha para essas crianças. Nem meias têm... Anda cá, Rodrigo, diz aqui ao tio Teodorico. Que comeste hoje ao almoço?... Um bocado de pão de ontem! E sem manteiga, sem mais nada! E aqui está a nossa vida, Teodorico! Olha que é duro, menino!

Enternecido, prometi falar à titi.

Falar à titi! Eu nem ousaria contar à titi que conhecia o Xavier e que entrara nesse casebre impuro onde havia uma espanhola, emagrecida no pecado.

E para que eles não percebessem o meu ignóbil terror da titi, não voltei à Rua da Fé.

No meado de setembro, no dia da Natividade de Nossa Senhora, soube pelo

Dr. Barroso que o primo Xavier, quase a morrer, me queria falar em segredo.

Fui lá, de tarde, contrariado. Na escada cheirava a febre. A Cármen, na cozinha, conversava por entre soluços com outra espanhola, magrita, de mantilha preta e corpetezinho triste de cetim cor de cereja. Os pequenos, no chão, rapavam um tacho de açorda. E na alcova o Xavier, enrodilhado num cobertor, com a bacia da cara ao lado, cheia de escarros de sangue, tossia despedaçadamente:

— És tu, rapaz?

— Então que é isso, Xavier?

Ele exprimiu, num termo obsceno, que estava perdido. E estirando-se de costas, com um brilho seco nos olhos, falou-me logo da titi. Escrevera-lhe uma carta linda, de rachar o coração: a fera

não respondera. E, agora, ia mandar para o *Jornal de Notícias* um anúncio, a pedir uma esmola, assinado «Xavier Godinho, primo do rico comendador G. Godinho». Queria ver se D. Patrocínio das Neves deixaria um parente, um Godinho, mendigar assim, publicamente, na página de um jornal.

— Mas é necessário que tu me ajudes, rapaz, que a enterneças! Quando ela ler o anúncio, conta-lhe esta miséria! Desperta-lhe o brio. Diz-lhe que é uma vergonha ver morrer ao abandono um parente, um Godinho. Diz-lhe que já se rosna! Olha, se hoje pude tomar um caldo, é que essa rapariga, a Lolita, que está em casa da Benta Bexigosa, nos trouxe aí quatro coroas... Vê tu a que eu cheguei!

Ergui-me, comovido.

— Conta comigo, Xavier.

— Olha, se tens aí cinco tostões que te não façam falta, dá-os à Cármen.

Dei-lhos a ele: e saí, jurando que ia falar à titi, solenemente, em nome dos Godinhos e em nome de Jesus!

Depois do almoço, ao outro dia, a titi, de palito na boca, e vagarosa, desdobrou o *Jornal de Notícias*. E decerto achou logo o anúncio do Xavier, porque ficou longo tempo fitando o canto da terceira página onde ele negrejava, aflitivo, vergonhoso, medonho.

Então pareceu-me ver, voltados para mim, lá do fundo nu do casebre, os olhos aflitos do Xavier; a face amarela da Cármen, lavada de lágrimas; as pobres mãozinhas dos pequenos, magras, à espera da côdea de pão... E todos aqueles

desgraçados ansiavam pelas palavras que eu ia lançar à titi, fortes, tocantes, que os deviam salvar, e dar-lhes o primeiro pedaço de carne daquele verão de miséria. Abri os lábios. Mas já a titi, recostando-se na cadeira, rosnava com um sorrisinho feroz:

— Que se aguente... É o que sucede a quem não tem temor de Deus e se mete com bêbedas... Não tivesse comido tudo em relaxações... Cá para mim, homem perdido com saias, homem que anda atrás de saias, acabou... Não tem o perdão de Deus, nem tem o meu! Que padeça, que padeça, que também Nosso Senhor Jesus Cristo padeceu!

Baixei a cabeça, murmurei:

— E ainda nós não padecemos bastante... Tem a titi razão. Que se não

metesse com saias!

Ela ergueu-se, deu as graças ao Senhor. Eu fui para o meu quarto, fechei-me lá, a tremer, sentindo ainda, regeladas e ameaçadoras, as palavras da titi, para quem os homens «acabavam quando se metiam com saias». Também eu me metera com saias, em Coimbra, no Terreiro da Erva! Ali, no meu baú, tinha um documento do meu pecado, a fotografia da Teresa dos Quinze, uma fita de seda, e uma carta dela, a mais doce, em que me chamava «único afeto da sua alma» e me pedia dezoito tostões! Eu cosera essas relíquias dentro do forro de um colete de pano, receando as incessantes rebuscas da titi, por entre a minha roupa íntima. Mas lá estavam, no baú de que ela guardava a chave, dentro do colete, fazendo uma

dureza de cartão que qualquer dia poderiam palpar os seus dedos desconfiados... E eu acabava logo para a titi!

Abri devagarinho o baú, descosi o forro, tirei a carta deliciosa da Teresa, a fita que conservara o aroma da sua pele, e a sua fotografia, de mantilha. Na pedra da varanda, sem piedade, queimei tudo, amabilidades e feições; e sacudi desesperadamente para o saguão as cinzas da minha ternura.

Nessa semana não ousei voltar à Rua da Fé. Depois, um dia que chuviscava, fui lá, ao escurecer, encolhido sob o meu guarda-chuva. Um vizinho, vendo-me espreitar de longe as janelas negras e mortas do casebre, disse-me que o Sr. Godinho, coitado, fora para o

hospital numa maca.

Desci, triste, ao comprido das grades do Passeio. E, no crepúsculo húmido, tendo roçado bruscamente por outro guarda-chuva, ouvi de repente o meu nome de Coimbra, lançado com alegria:

— Oh, *Raposão*!

Era o Silvério, por alcunha o *Rinchão*, meu condiscípulo e companheiro de casa das Pimentas. Estivera passando esse mês no Alentejo, com seu tio, ricaço ilustre, o barão de Alconchel. E agora, de volta, ia ver uma Ernestina, rapariguita loura, que morava no Salitre, numa casa cor-de-rosa, com roseirinhas à varanda.

— Queres tu vir cá um bocado, ó *Raposão*! Está lá outra rapariga bonita, a Adélia... Tu não conheces a Adélia?

Então, que diabo, vem ver a Adélia... É um mulherão!

Era um domingo, noite de partida da titi; eu devia recolher religiosamente às oito horas. Cocei a barba, indeciso. O *Rinchão* falou da brancura dos braços da Adélia: e eu comecei a caminhar ao lado do *Rinchão*, enfiando as luvas pretas.

Munidos de um cartucho de pastéis e de uma garrafa de Madeira, encontrámos a Ernestina a coser um elástico nas suas botinas de duraque. E a Adélia, estendida num sofá, de chambre e em saia branca, com os chinelos caídos no tapete, fumava um cigarro lânguido. Eu sentei-me ao lado dela, comovido e mono, com o meu guarda-chuva entre os joelhos. Só quando o Silvério e a Ernestina correram dentro à cozinha, abraçados, a

buscar copos para o Madeira, ousei perguntar à Adélia, corando:

— Então a menina donde é?

Era de Lamego. E eu, novamente acanhado, só pude gaguejar que era tristonho aquele tempo de chuva. Ela pediu-me outro cigarro, cortesmente, dizendo-me — o *cavalheiro.* Apreciei estes modos. As mangas largas do seu roupão, escorregando, descobriam braços tão brancos e macios, que entre eles a morte mesmo deveria ser deleitosa.

Fui eu que lhe ofereci o prato onde a Ernestina colocara os pastéis. Ela quis saber o meu nome. Tinha um sobrinho que também se chamava Teodorico; e isto foi como um fio subtil e forte que veio, do seu coração, enrodilhar-se no meu.

— Porque é que o cavalheiro não

põe o guarda-chuva ali a um canto? — disse-me ela, rindo.

O brilho picante dos seus olhinhos fez desabrochar, dentro em mim, uma flor de madrigal.

— É para não me tirar daqui de ao pé da menina nem um instantinho que seja.

Ela fez-me uma cócega lenta no pescoço. Eu, aboborado de gozo, bebi o resto do Madeira que ela deixara no cálice.

A Ernestina, poética, e cantando o fado, aninhou-se nos joelhos do *Rinchão*. Então a Adélia, revirando-se languidamente, puxou-me a face — e os meus lábios encontraram os seus no beijo mais sério, mais sentido, mais profundo que até aí abalara o meu ser.

Nesse doce instante, um relógio

medonho, com o mostrador fingindo uma face de Lua, e que parecia espreitar-me de sobre o mármore de uma mesa de mogno, de entre dois vasos sem flores, começou a dar dez horas, fanhoso, irónico, pachorrento.

Jesus! era a hora do chá em casa da titi! Com que terror eu trepei, esbaforido, sem mesmo abrir o guarda-chuva, as vielas escuras e infindáveis que levam ao Campo de Santana! Em casa, nem tirei as botas enlameadas. Enfiei pela sala; e vi logo, lá ao fundo, no sofá de damasco, os óculos da titi, mais negros, assanhados, esperando por mim e fuzilando. Ainda balbuciei:

— Titi...

Mas já ela gritava, esverdinhada de cólera, sacudindo os punhos:

— Relaxações em minha casa não admito! Quem quiser viver aqui há de estar às horas que eu marco! Lá deboches e porcarias, não, enquanto eu for viva! E quem não lhe agradar, rua!

Sob a rajada estridente da indignação da Sr.ª D. Patrocínio, padre Pinheiro e o tabelião Justino tinham dobrado a cabeça, embaçados. O Dr. Margaride, para apreciar conscienciosamente a minha culpa, puxou o seu pesado relógio de ouro. E foi o bom Casimiro que interveio, como sacerdote, como procurador, influente e suave.

— D. Patrocínio tem razão, tem muita razão em querer ordem em casa... Mas talvez o nosso Teodorico se tivesse demorado um pouco mais no Martinho, a ouvir falar de estudos, de compêndios...

Exclamei amargamente:

— Nem isso, padre Casimiro! Nem no Martinho estive! Sabe onde estive? No Convento da Encarnação! É verdade, encontrei um condiscípulo meu, que ia lá buscar a irmã. Hoje era festa, a irmã tinha ido passar o dia com uma tia, uma comendadeira... Estivemos à espera, a passear no pátio... A irmã vai casar, ele andou a contar-me do noivo, e do enxoval, e do apaixonada que ela está... Eu morto por me safar, mas com cerimónia do rapaz, que é sobrinho do barão de Alconchel... E ele zás, zás, a falar da irmã, e do namoro, e das cartas...

A tia Patrocínio uivou de furor.

— Olha que conversa! Que porcaria de conversa! Que indecente conversa para o pátio de uma casa de

religião! Cala-te, alma perdida, que até devias ter vergonha!... E fique entendido! Para outra vez que venha a estas horas, não me entra em casa! Fica na rua, como um cão...

Então o Dr. Margaride estendeu a mão pacificadora e solene:

— Está tudo explicado! O nosso Teodorico foi imprudente, mas o sítio onde esteve é respeitável... E eu conheço o barão de Alconchel. É um cavalheiro da maior circunspeção, e um dos mais abastados do Alentejo... Talvez mesmo um dos mais ricos proprietários de Portugal... O mais rico, direi!... Mesmo lá fora não haverá fortuna territorial que lhe exceda. Nem que se lhe compare!... Só em porcos! Só em cortiça! Centenares de contos! Milhões!

Erguera-se; o seu vozeirão empolado rolava serras de ouro. E o bom Casimiro murmurava, ao meu lado, com brandura:

— Tome o seu chazinho, Teodorico, vá tomando o seu chazinho. E creia que a tia não deseja senão o seu bem...

Puxei, com a mão a tremer, a minha chávena de chá; e, remexendo desfalecidamente o fundo do açúcar, pensava em abandonar para sempre a casa daquela velha medonha, que assim me ultrajava diante da Magistratura e da Igreja, sem consideração pela barba que me começava a nascer, forte, respeitável e negra.

Mas, aos domingos, o chá era servido nas pratas do comendador G.

Godinho. Eu via-as, maciças e resplandecentes, diante de mim: o grande bule terminando em bico de pato; o açucareiro, cuja asa tinha a forma de uma cobra assanhada; e o paliteiro gentil, em figura de macho trotando sob os seus alforges. E tudo pertencia à titi. Que rica que era a titi! Era necessário ser bom, agradar sempre à titi!...

Por isso, mais tarde, quando ela penetrou no oratório para cumprir o terço, já eu lá estava, de rojos, gemendo, martelando o peito e suplicando ao Cristo de ouro que me perdoasse ter ofendido a titi.

***

Um dia enfim cheguei a Lisboa

com as minhas cartas de doutor metidas num canudo de lata. A titi examinou-as reverente, achando um sabor eclesiástico às linhas em latim, às paramentosas fitas vermelhas e ao selo dentro do seu relicário. — Está bom — disse ela — estás doutor. A Deus Nosso Senhor o deves, vê não Lhe faltes...

Corri logo ao oratório, com o canudo na mão, agradecer ao Cristo de ouro o meu glorioso grau de bacharel.

Na manhã seguinte, estando ao espelho, a espontar a barba que, agora, tinha cerrada e negra, o padre Casimiro entrou-me pelo quarto, risonho e a esfregar as mãos.

— Boa nova vos trago aqui, senhor doutor Teodorico!...

E depois de me acariciar, segundo

o seu afetuoso costume, com palmadinhas doces nos rins, o santo procurador revelou-me que a titi, satisfeita comigo, decidira comprar-me um cavalo para eu dar honestos passeios e espairecer por Lisboa.

— Um cavalo! Oh, padre Casimiro!

Um cavalo. E além disso, não querendo que seu sobrinho, já barbado, já letrado, sofresse um vexame, por lhe faltar às vezes um troco para deitar na salva de Nossa Senhora do Rosário, a titi estabelecia-me uma mesada de três moedas.

Abracei com calor o padre Casimiro. E desejei saber se a amorável intenção da titi era que eu não tivesse outra ocupação, além de cavalgar por

Lisboa e lançar pratinhas na salva de Nossa Senhora.

— Olhe, Teodorico, eu parece-me que a titi não quer que você tenha outro mister, senão temer a Deus... O que lhe digo é que o amigo vai passá-la boa e regalada... E agora, ande, vá-lhe lá dentro agradecer, e diga-lhe uma coisinha mimosa.

Na saleta, onde brilhavam pelas paredes os feitos piedosos do patriarca S. José, a titi, sentada a um canto do sofá de riscadinho, fazia meia, com um xaile de Tonquim pelos ombros.

— Titi — murmurei eu encolhido — venho aqui agradecer...

— Está bem, vai com Deus.

Então, devotadamente, beijei-lhe a franja do xaile. A titi gostou. Eu fui com

Deus.

Começou daí, farta e regalada, a minha existência de sobrinho da Sr.ª D. Patrocínio das Neves. Às oito horas, pontualmente, vestido de preto, ia com a titi à Igreja de Santana, ouvir a missa do padre Pinheiro. Depois do almoço, tendo pedido licença à titi e rezadas no oratório três *Gloria Patri* contra as tentações, saía a cavalo, de calça clara. Quase sempre a titi me dava alguma incumbência beata: passar em S. Domingos, e dizer a oração pelos três santos mártires do Japão; entrar na Conceição Velha, e fazer o ato de desagravo pelo Sagrado Coração de Jesus...

E eu receava tanto desagradar-lhe, que nunca deixava de dar estes ternos recados, que ela mandava a casa do

Senhor.

Mas era este o momento desagradável do meu dia: às vezes, ao sair, sorrateiro, do portão da igreja, topava com algum condiscípulo republicano, dos que me acompanhavam em Coimbra, nas tardes de procissão, chasqueando o Senhor da Cana Verde.

— Oh, *Raposão*! pois tu agora...

Eu negava, vexado:

— Ora essa! Não me faltava mais nada! Sou mesmo lá de carolices... Qual! entrei aqui por causa de uma rapariga... Adeus, tenho a égua à espera.

Montava — e de luva preta, a perna bem colada à sela, um botãozinho de camélia no peito, ia caracolando, em ócio e luxo, até ao Largo do Loreto. Outras vezes deixava a égua no Arco do

Bandeira, e gozava uma manhã regalada no bilhar do Montanha.

Antes do jantar, em chinelas, no oratório com a titi, eu fazia a jaculatória a S. José, aio de Jesus, custódio de Maria e amorosíssimo patriarca. À mesa, adornada apenas por compoteiras de doce de calda em torno de uma travessa de aletria, eu contava à titi o meu passeio, as igrejas em que me deleitara e quais os altares alumiados. A Vicência escutava com devoção, perfilada no seu lugar costumado, entre as duas janelas, onde um retrato do nosso Santo Padre Pio IX enchia a tira de parede verde, tendo por baixo, pendente de um cordão, um velho óculo de alcance, relíquia do comendador G. Godinho. Depois do café a titi, lentamente, cruzava os braços; e o seu

carão sumia-se, dormente e pesado, na sombra do lenço roxo.

Eu ia enfiar as botas; e, autorizado agora por ela a recrear-me fora de casa até às nove e meia, corria ao fim da Rua da Madalena, ao pé do Largo dos Caídas. Aí, com resguardo, encolhido na gola do meu sobretudo, cosido com o muro, como se o candeeiro a gás que ali havia fosse o olho inexorável da titi — penetrava sofregamente na escadinha da Adélia...

Sim, da Adélia! Porque nunca mais me esquecera, desde a noite em que o *Rinchão* me levou ao Salitre, o beijo que ela me dera, lânguida e branca, sobre o sofá. Em Coimbra procurara mesmo fazer-lhe versos: e esse amor dentro do meu peito foi, no último ano da Universidade, no ano de Direito

Eclesiástico, como um maravilhoso lírio que ninguém via e que perfumava a minha vida... Apenas a titi me estabeleceu a mesada das três moedas, corri em triunfo ao Salitre; lá havia as roseirinhas à janela, mas a Adélia já lá não estava. E foi ainda o prestante *Rinchão* que me mostrou esse primeiro andar, junto ao Largo dos Caídas, onde ela agora vivia patrocinada por Eleutério Serra, da firma Serra, Brito & C.ª, com loja de fazendas e modas na Conceição Velha. Mandei-lhe uma carta ardente e séria, pondo reverentemente no alto: «Minha senhora». Ela respondeu, com dignidade: «O cavalheiro pode vir aqui ao meio-dia.» Levei-lhe uma caixinha de pastilhas de chocolate, atada com uma fita de seda azul: pisando comovido a esteira nova da

sala, eu antevia, pela engomada brancura das bambinelas, a frescura das suas saias; e o rígido alinho dos móveis revelava-me a retidão dos seus sentimentos. Ela entrou, um pouco constipada, com um xaile vermelho pelos ombros. Reconheceu logo o amigo do *Rinchão*; falou da Ernestina com severidade, chamando-lhe «porcalhona». E a sua voz enrouquecida, o seu defluxo, davam-me o desejo de a curar nos meus braços, de um longo dia de agasalho e sonolência, sob o peso dos cobertores, na penumbra mole da sua alcova. Depois ela quis saber se eu era empregado ou estava no comércio... Eu contei-lhe com orgulho a riqueza da titi, os seus prédios, as suas pratas. Disse-lhe, com as suas mãos grossas presas nas minhas:

— Se a titi agora rebentasse, eu é que lhe punha à menina uma casa chique!

Ela murmurou, banhando-me todo na negra doçura do seu olhar:

— Ora! o cavalheiro, se apanhasse o bago, não se importava mais comigo!

Ajoelhei sobre a esteira, trémulo, esmagando o peito contra os seus joelhos, ofertando-me como uma rês: ela abriu o seu xaile, aceitou misericordiosamente.

Agora, à noitinha (enquanto Eleutério, no clube da Rua Nova do Carmo, jogava a manilha), eu tinha ali na alcova da Adélia a radiante festa da minha vida. Levara para lá um par de chinelas — era o eleito do seu seio. Às nove e meia, despenteada, envolta à pressa num roupão de flanela, com os pés

nus, acompanhava-me pela escadinha de trás, colhendo em cada degrau, nos meus lábios, um beijo lento e saudoso.

— Adeus, Delinha!

— Agasalha-te, riquinho!

E eu recolhia devagar ao Campo de Santana, ruminando o meu gozo!

O verão passou, languidamente. Os primeiros ventos do outono levaram as andorinhas e as folhagens do Campo de Santana: e logo nesse outubro, de repente, a minha vida se tornou mais fácil, mais larga. A titi mandara-me fazer uma casaca; e eu estreei-a, com permissão dela, indo ouvir a S. Carlos o *Poliuto* — ópera que o Dr. Margaride recomendara, como «repassada de sentimentos religiosos e cheia de elevada lição. Fui com ele, de luvas brancas, frisado. Depois, no outro

dia, ao almoço, contei à titi o devoto enredo, os ídolos derrubados, os cânticos, as fidalgas que estavam nos camarotes, e de que lindo veludo vestia a rainha.

— E sabe quem me veio falar, titi? O barão de Alconchel, o ricaço, tio daquele rapaz que foi meu condiscípulo. Veio apertar-me a mão, esteve um bocado comigo no salão... Tratou-me com muita consideração.

A titi gostou desta consideração.

Depois, tristemente, como um moralista magoado, queixei-me do nédio decote de uma senhora imodesta, nua nos braços, nua no peito, mostrando toda essa carne esplêndida e irreligiosa, que é a desolação do justo e a angústia da Igreja.

— Jesus, Senhor, que vexame! Acredite a titi, estava com nojo!

A titi gostou deste nojo.

E passados dias, depois do café, quando eu me dirigia, ainda de chinelas, ao oratório, a fazer uma curta petição às chagas do nosso Cristo de ouro — a titi, já de braços cruzados e sonolenta, disse-me de entre a sombra do lenço:

— Está bom, se queres, volta hoje a S. Carlos... E lá quando te apetecer, não te acanhes, tens licença, podes ir gozar um bocado de música... Agora que estás um homem, e que parece que tens propósito, não me importa que fiques por fora, até às onze ou onze e meia... Em todo o caso, a essa hora quero estar já de porta fechada, e tudo pronto, para começarmos o terço.

Ela não viu o triunfante lampejar dos meus olhos. Eu murmurei, requebrado, a babar-me de gosto devoto:

— Lá o terço, titi, lá o meu querido terço não perdia eu, nem pelo maior divertimento... Nem que el-rei me convidasse para um chazinho no Paço!

Corri, delirante, a enfiar a casaca. E este foi o começo dessa anelada liberdade que eu conquistara laboriosamente, vergando o espinhaço diante da titi, macerando o peito diante de Jesus! Liberdade bem-vinda, agora que Eleutério Serra partira para Paris, fazer os seus fornecimentos, e deixara a Adélia só, solta, bela, mais jovial, mais fogosa!

Sim, decerto, eu ganhara a confiança da titi com os meus modos pontuais, sisudos, servis e beatos! Mas o que a levara a alargar assim, com generosidade, as minhas horas de honesto recreio, fora (como ela disse

confidencialmente ao padre Casimiro) a certeza de que eu «me portava com religião e não andava atrás de saias».

Porque para a tia Patrocínio todas as ações humanas, passadas por fora dos portais das igrejas, consistiam em *andar atrás de calças* ou *andar atrás de saias* — e ambos estes doces impulsos naturais lhe eram igualmente odiosos!

Donzela, e velha, e ressequida como um galho de sarmento; não tendo jamais provado na lívida pele senão os bigodes do comendador G. Godinho, paternais e grisalhos; resmungando incessantemente, diante de Cristo nu, essas jaculatórias das *Horas de Piedade*, soluçantes de amor divino — a titi entranhara-se, pouco a pouco, de um rancor invejoso e amargo a todas as

formas e a todas as graças do amor humano.

E não lhe bastava reprovar o amor como coisa profana: a Sr.ª D. Patrocínio das Neves fazia uma carantonha, e varria-o como coisa suja.' Um moço grave, amando seriamente, era para ela «uma porcaria»! Quando sabia de uma senhora que tivera um filho, cuspia para o lado, rosnava — «que nojo!» E quase achava a Natureza obscena por ter criado dois sexos.

Rica, apreciando o conforto, nunca quisera em casa um escudeiro — para que não houvesse na cozinha, nos corredores, *saias a roçar com calças*. E apesar de irem embranquecendo os cabelos da Vicência, de ser decrépita e gaga a cozinheira, de não ter dentes a outra

criada chamada Eusébia, andava-lhes sempre remexendo desesperadamente nos baús, e até na palha dos enxergões, a ver se descobria fotografia de homem, carta de homem, rasto de homem, cheiro de homem.

Todas as recreações moças: um passeio gentil com as senhoras, em burrinhos; um botão de rosa orvalhado oferecido na ponta dos dedos; uma decorosa contradança em jucundo dia de Páscoa; outras alegrias, ainda mais cândidas, pareciam à titi perversas, cheias de sujidade, e chamava-lhes *relaxações*. Diante dela já os sisudos amigos da casa não ousavam mencionar dessas comoventes histórias, lidas nas gazetas, e em que transparecem motivos de amor — porque isso a escandalizava como o

desbragamento de uma nudez.

— Padre Pinheiro! — gritou ela um dia furiosa, com os óculos chamejantes para o desventuroso eclesiástico, ao ouvi-lo narrar de uma criada que em França atirara o filho à sentina. — Padre Pinheiro! Faça favor de me respeitar... Não é lá pela latrina! É pela outra porcaria!

Mas era ela própria que sem cessar aludia a desvarios e a pecados da carne — para os vituperar, com ódio: atirava então o novelo de linha para cima da mesa, espetando-lhe raivosamente as agulhas de meia — como se traspassasse ali, tornando-o para sempre frio, o vasto e inquieto coração dos homens. E quase todos os dias, com os dentes rilhados, repetia (referindo-se a mim) que se uma

pessoa do seu sangue, e que comesse o seu pão, andasse atrás de saias, ou se desse a relaxações, havia de ir para a rua, escorraçado a vassoura, como um cão.

Por isso agora as minhas precauções eram tão apuradas que, para evitar me ficasse na roupa ou na pele o delicioso cheiro de Adélia, eu trazia na algibeira bocados soltos de incenso. Antes de galgar a triste escadaria da casa, penetrava subtilmente na cavalariça deserta, ao fundo do pátio; queimava no tampo de uma barrica vazia um pedaço da devota resina; e ali me demorava, expondo ao aroma purificador as abas do jaquetão e as minhas barbas viris... Depois subia; e tinha a satisfação de ver logo a titi farejar, regalada:

— Jesus, que rico cheirinho a

igreja!

Modesto, e com um suspiro, eu murmurava:

— Sou eu, titi...

Além disso, para melhor a persuadir «da minha indiferença por saias», coloquei um dia, no soalho do corredor, como perdida, uma carta com selo — certo que a religiosa D. Patrocínio, minha senhora e tia, a abriria logo, vorazmente. E abriu, e gostou. Era escrita por mim a um condiscípulo de Arraiolos; e dizia, em letra nobre, estas coisas edificantes: «Saberás que fiquei de mal com o Simões, o de Filosofia, por ele me ter convidado a ir a uma casa desonesta. Não admito destas ofensas. Tu lembras-te bem como já em Coimbra eu detestava tais relaxações. E parece-me ser

uma grandíssima cavalgadura aquele que, por causa de uma distração que é *fogo-viste-linguiça*, se arrisca a penar, por todos os séculos e séculos, ámen, nas fogueiras de Satanás, salvo seja! Ora, numa dessas refinadíssimas asneiras não é capaz de cair o teu do C. — *Raposo*.»

A titi leu, a titi gostou. E agora eu vestia a minha casaca, dizia-lhe que ia ouvir a *Norma*, beijava com unção os ossos dos seus dedos — e corria, ao Largo dos Caídas, à alcova da Adélia, a afundar-me perdidamente nas beatitudes do pecado. Ali, à meia luz que dava através da porta envidraçada o candeeiro de petrolina da sala, os cortinados de cambraia e as saias dependuradas tomavam brancuras celestes de nuvem; o cheiro dos pós de arroz excedia em

doçura o olor dos junquilhos místicos; eu estava no Céu, eu era S. Teodorico; e sobre os ombros nus da minha amada desenrolavam-se as madeixas do seu cabelo negro, forte e duro como a cauda de um corcel de guerra.

Numa dessas noites, eu saía de uma confeitaria do Rossio, de comprar trouxas de ovos para levar à minha Adélia — quando encontrei o Dr. Margaride, que me anunciou, depois do seu abraço paternal, que ia a S. Carlos ver *O Profeta*.

— E você, vejo-o de casaca, naturalmente também vem...

Fiquei varado. Com efeito, vestira a casaca, dissera à titi que ia gozar *O Profeta*, ópera de tanta virtude como uma santa instrumental de igreja... E agora tinha de sofrer *O Profeta*, deveras,

entalado numa cadeira da geral, roçando o joelho do douto magistrado — em vez de preguiçar num colchão amoroso, vendo a minha deusa, em camisa, comer o seu docinho de ovos.

— Sim, com efeito, também eu ia daqui para *O Profeta* — murmurei aniquilado. — Diz que é uma musicazinha de muita virtude... A titi gostou muito que eu viesse.

Com o meu inútil cartucho de trouxas de ovos, lá fui subindo, melancolicamente, ao lado do Dr. Margaride, a Rua Nova do Carmo.

Ocupámos as nossas cadeiras. E na sala resplandecente, branca com tons de ouro, eu pensava saudosamente na alcova sombria da Adéliam no desalinho das suas saias — quando reparei que de

uma frisa ao lado uma senhora loura e madura, uma Ceres outonal, vestida de seda cor de palha, voltava para mim, a cada doce arcada das rabecas, os seus olhos claros e sérios.

Perguntei logo ao Dr. Margaride se conhecia aquela dama «que eu costumava encontrar às sextas na Igreja da Graça, visitando o Senhor dos Passos com uma devoção, um fervor...»

— O sujeito que está por trás, a abrir a boca, é o visconde de Souto Santos. E ela ou é a mulher, a viscondessa de Souto Santos, ou a cunhada, a viscondessa de Vilar-o-Velho...

À saída, a viscondessa (de Souto Santos ou de Vilar-o-Velho) ficou um momento à porta esperando a sua carruagem, embrulhada numa capa branca

que uma penugem orlava delicadamente; a sua cabeça pareceu-me mais altiva, incapaz de rolar, tonta e pálida, num travesseiro de amor; a cauda cor de palha alastrava-se sobre as lajes; era esplêndida, era viscondessa; e outra vez me procuraram, me traspassaram os seus olhos claros e sérios.

A noite estava estrelada. E, descendo o Chiado em silêncio ao lado do Dr. Margaride, eu pensava que, quando todo o ouro da titi fosse meu e dourasse a minha pessoa, eu poderia então conhecer uma viscondessa de Souto Santos ou de Vilar-o-Velho, não na sua frisa, mas na minha alcova, já caída a grande capa branca, despidas já as sedas cor de palha, alva só do brilho da sua nudez, e fazendo-se pequenina entre os meus braços... Ai,

quando chegaria a hora, doce entre todas, de morrer a titi?

— Quer você vir tomar o seu chá ao Maitinho? — perguntou-me o Dr. Margaride ao desembocarmos no Rossio. — Não sei se você conhece a torrada do Martinho... É a melhor torrada de Lisboa.

No Martinho, já silencioso, o gás ia adormecendo entre os espelhos baços; e havia apenas numa mesa do fundo um moço triste, com a cabeça enterrada entre os punhos, diante de um capilé.

O Margaride encomendou o chá — e vendo-me olhar com inquietação os ponteiros do relógio, afirmou-me que eu chegaria a casa ainda a horas de fazer a minha tocante devoção com a titi.

— A titi agora — disse eu — não se importa que eu esteja até mais tarde...

A titi agora, louvado seja Deus, tem mais confiança em mim.

— E você merece-o... Faz-lhe a vontade, é sisudo... Ela pouco a pouco tem-lhe ganho amizade, segundo me diz Casimiro...

Então lembrei-me da velha afeição que ligava o Dr. Margaride ao padre Casimiro, procurador da tia Patrocínio e seu zeloso confessor. E, arrebatando a oportunidade, dei um leve suspiro, abri o meu coração ao magistrado, largamente, como a um pai.

— É verdade, a titi tem-me amizade... Mas acredite Vossa Excelência, Dr. Margaride, que o meu futuro inquieta-me às vezes... Olhe que tenho pensado mesmo em ir a um concurso para delegado. Até já indaguei se seria difícil

entrar como despachante na Alfândega. Porque enfim a titi é rica, é muito rica; eu sou seu sobrinho, único parente, único herdeiro; mas...

E olhei ansiosamente para o Dr. Margaride, que, pelo loquaz padre Casimiro, conhecia talvez o testamento da titi... O silêncio grave em que ele ficou, com as mãos cruzadas sobre a mesa, pareceu-me sinistro: e nesse instante o criado trouxe a bandeja do chá, sorrindo e felicitando o magistrado por o ver melhor do seu catarro.

— Deliciosa torrada! — murmurou o doutor.

— Excelente torrada! — suspirei eu cortesmente.

De vez em quando o Dr. Margaride esfuracava um queixai; depois

limpava a face, os dedos; e recomeçava a mastigar devagar, com delicadeza e com religião.

Eu arrisquei outra palavra tímida:

— A titi, é verdade, tem-me amizade...

— A titi tem-lhe amizade — atalhou com a boca cheia o magistrado — e você é o seu único parente... Mas a questão é outra, Teodorico. É que você tem um rival.

— Rebento-o! — gritei eu, irresistivelmente, com os olhos em chamas, esmurrando o mármore da mesa.

O moço triste, lá ao fundo, ergueu a face de cima do seu capilé. E o Dr. Margaride reprovou com severidade a minha violência.

— Essa expressão é imprópria de

um cavalheiro, e de um moço comedido. Em geral não se rebenta ninguém... E além disso o seu rival não é outro, Teodorico, senão Nosso Senhor Jesus Cristo!

Nosso Senhor Jesus Cristo? E só compreendi quando o esclarecido jurisconsulto, já mais calmo, me revelou que a titi, ainda no último ano da minha formatura, tencionava deixar a sua fortuna, terras e prédios, a irmandades da sua simpatia e a padres da sua devoção.

— Estou perdido! — murmurei.

Os meus olhos, casualmente, encontraram, lá ao fundo, o moço triste diante do seu capilé. E pareceu-me que ele se assemelhava a mim como um irmão, que era eu próprio, Teodorico, já deserdado, sórdido, com as botas cambadas, vindo ali ruminar as dores da

minha vida, à noite, diante de um capilé.

Mas o Dr. Margaride acabara a torrada. E, estendendo regaladamente as pernas, consolou-me, de palito na boca, afável e perspicaz.

— Nem tudo está perdido, Teodorico. Não me parece que esteja tudo perdido... É possível que a senhora sua tia tenha mudado de ideia... Você é bem comportado, amima-a, lê-lhe o jornal, reza o terço com ela... Tudo isto influi. Que é necessário dizê-lo, o rival é forte!

Eu gemi:

— É de arromba!

— É forte. E devo acrescentar, digno de todo o respeito... Jesus Cristo padeceu por nós, é religião do Estado, não há senão curvar a cabeça... Olhe, quer você a minha opinião? Pois aí a tem,

franca e sem rebuço, para lhe servir de guia... Você vem a herdar tudo, se D. Patrocínio, sua tia e minha senhora, se convencer que deixar-lhe a fortuna a você é como deixá-la à Santa Madre Igreja...

O magistrado pagou o chá, nobremente. Depois, na rua, já abafado no seu paletó, ainda me disse baixinho.

— Com franqueza, que tal-, a torrada?

— Não há melhor torrada em Lisboa, Dr. Margaride.

Ele apertou-me a mão com afeto — e separámo-nos, quando estava dando a meia-noite no velho relógio do Carmo.

Estugando o passo pela Rua Nova da Palma, eu sentia agora bem claramente, bem amargamente, o erro da minha vida... Sim, o erro! Porque até aí, essa minha

devoção complicada, com que eu procurara agradar à titi e ao seu ouro, fora sempre regular, mas nunca fora fervente. Que importava murmurar com correção o terço diante de Nossa Senhora do Rosário? Diante de Nossa Senhora em todas as suas encarnações, e bem em evidência para comover a titi, eu devia mostrar habilmente uma alma ardendo em labaredas de amor beato, e um corpo pisado, penitente, ferido pelos picos dos cilícios... Até aí a titi podia dizer com aprovação: «É exemplar.» Era-me preciso, para herdar, que ela exclamasse um dia, babada, de mãos postas: «É santo!»

Sim! eu devia identificar-me tanto com as coisas eclesiásticas e submergir-me nelas de tal sorte, que a titi, pouco a

pouco, não pudesse distinguir-me claramente desse conjunto rançoso de cruzes, imagens, ripanços, opas, tochas, bentinhos, palmitos, andores, que era para ela a Religião e o Céu; e tomasse a minha voz pelo santo ciciar dos latins de missa; e a minha sobrecasaca preta lhe parecesse já salpicada de estrelas e diáfana como a túnica de Bem-Aventurança. Então, evidentemente, ela testaria em meu favor — certa que testava em favor de Cristo e da sua doce Madre Igreja!

Porque, agora, eu estava bem decidido a não deixar ir para Jesus, filho de Maria, a aprazível fortuna do comendador G. Godinho. Pois quê! Não bastavam ao Senhor os seus tesouros incontáveis; as sombrias catedrais de mármore, que atulham a Terra e a

entristecem; as inscrições, os papéis de crédito que a piedade humana constantemente averba em seu nome; as pás de ouro que os estados, reverentes, lhe depositam aos pés traspassados de pregos; as alfaias, os cálices, os botões de punho de diamantes que ele usa na camisa, na sua Igreja da Graça? E ainda voltava, do alto do madeiro, os olhos vorazes para um bule de prata e uns insípidos prédios da Baixa! Pois bem! Disputaremos esses mesquinhos, fugitivos haveres — tu, ó filho do Carpinteiro, mostrando à titi a chaga que por ela recebeste, uma tarde, numa cidade bárbara da Ásia, e eu adorando essa chaga, com tanto ruído e tanto fausto, que a titi não possa saber onde está o mérito, se em ti que morreste por nos amar de mais, se em mim que

quero morrer por não te saber amar bastante!... Assim pensava, olhando de través o céu, no silêncio da Rua de S. Lázaro.

Quando cheguei a casa, senti que a titi estava no oratório, sozinha, a rezar. Enfiei para o meu quarto, sorrateiramente; descalcei-me; despi a casaca; esguedelhei o cabelo; atirei-me de joelhos para o soalho — e fui assim, de rastos, pelo corredor, gemendo, carpindo, esmurrando o peito, clamando desoladamente por Jesus, meu Senhor...

Ao ouvir, no silêncio da casa, estas lúgubres lamentações de arrastada penitência, a titi veio à porta do oratório, espavorida.

— Que é isso, Teodorico, filho, que tens tu?...

Abati-me sobre o soalho, aos soluços, desfalecido de paixão divina.

— Desculpe, titi... Estava no teatro com o Dr. Margaride, estivemos ambos a tomar chá, a conversar da titi... E vai de repente, ao voltai: para casa, ali na Rua Nova da Palma, começo a pensar que havia de morrer, e na salvação da minha alma, e em tudo o que Nosso Senhor padeceu por nós, e dá-me uma vontade de chorar... Enfim, a titi faz favor, deixa-me aqui um bocadinho só, no oratório, para aliviar...

Muda, impressionada, ela acendeu reverentemente, uma a uma, todas as velas do altar. Chegou mais para a borda uma imagem de S. José, favorito da sua alma, para que fosse ele o primeiro a receber a ardente rajada de preces que ia escapar-

se, em tumulto, do meu coração cheio e ansioso. Deixou-me entrar, de rastos. Depois, em silêncio, desapareceu, cerrando o reposteiro com recato. E eu ali fiquei, sentado na almofada da titi, coçando os joelhos, suspirando alto — e pensando na viscondessa de Souto Santos ou de Vilar-o-Velho, e nos beijos vorazes que lhe atiraria por aqueles ombros maduros e suculentos, se a pudesse ter só um instante, ali mesmo que fosse, no oratório, aos pés de ouro de Jesus, meu Salvador!

Corrigi então a minha devoção e tornei-a perfeita. Pensando que o bacalhau das sextas-feiras não fosse uma suficiente mortificação, nesses dias, diante da titi, bebia asceticamente um copo de água e trincava uma côdea de pão: o bacalhau,

comia-o à noite, de cebolada, com bifes à inglesa, em casa da minha Adélia. No meu guarda-roupa, nesse duro inverno, houve apenas um paletó velho, tão renunciado me quis mostrar aos culpados regalos da carne; mas orgulhava-me de ter lá, purificando os cheviotes profanos, a minha opa roxa de irmão do Senhor dos Passos e o devoto hábito cinzento da Ordem Terceira de S. Francisco. Sobre a cómoda ardia uma lamparina perenal, diante da litografia colorida de Nossa Senhora do Patrocínio: eu punha todos os dias rosas dentro de um copo, para lhe perfumar o ar em redor; e a titi, quando vinha remexer nas minhas gavetas, ficava a olhar a sua padroeira, desvanecida, sem saber se era à Virgem, ou se era a ela, indiretamente, que eu dedicava aquele

preito da luz e o louvor dos aromas. Nas paredes dependurei as imagens dos santos mais excelsos, como galeria de antepassados espirituais de quem tirava o constante exemplo nas difíceis virtudes; mas não houve de resto no Céu santo, por mais obscuro, a quem eu não ofertasse um cheiroso ramalhete de padre-nossos em flor. Fui eu que fiz conhecer à titi S. Telésforo, Santa Secundina, o beato António Estroncónio, Santa Restituta, Santa Umbelina, irmã do grão S. Bernardo, e a nossa dileta e suavíssima patrícia Santa Basilissa, que é solenizada, juntamente com Santo Hipácio, nesse festivo dia de agosto em que embarcam os círios para a Atalaia.

Prodigiosa foi então a minha atividade devota! Ia a matinas, ia a

vésperas. Jamais falhei a igreja ou ermida onde se fizesse a adoração ao Sagrado Coração de Jesus. Em todas as exposições do Santíssimo eu lá estava, de rojos. Partilhava sofregamente de todos os desagravos ao Sacramento. Novenas em que eu rezei, contam-se pelos lumes do céu. E o Septenário das Dores era um dos meus doces cuidados.

Havia dias em que, sem repousar, correndo pelas ruas, esbaforido, eu ia à missa das sete em Santana, e à missa das nove da Igreja de S. José, e à missa do meio-dia na ermida da Oliveirinha. Descansava um instante a uma esquina, de ripanço debaixo do braço, chupando à pressa o cigarro; depois voava ao Santíssimo exposto na paroquial de Santa Engrácia, à devoção do terço no Convento

de Santa Joana, à bênção do Sacramento na Capela de Nossa Senhora às Picoas, à novena das Chagas de Cristo, na sua igreja, com música. Tomava então a tipoia do *Pingalho*, e ainda visitava, ao acaso, de fugida, os Mártires e S. Domingos, a Igreja do Convento do Desagravo e a Igreja da Visitação das Salésias, a Capela de Monserrate às Amoreiras e a Glória ao Cardai da Graça, as Flamengas e as Albertas, a Pena, o Rato, a Sé!

À noite, em casa da Adélia, estava tão derreado, mono e mole ao canto do sofá — que ela atirava-me murros pelos ombros, e gritava, furiosa:

— Esperta, morcão!

Ai de mim! Um dia veio, porém, em que a Adélia — em vez de me chamar *morcão*, quando, esfalfado no serviço do

Senhor, eu mal podia ajudá-la a desatacar o colete — passou, sempre que os meus lábios insaciáveis se colavam de mais ao seu colo, a empurrar-me, a chamar-me *carraça*...Foi isto pelas alegres vésperas de Santo António, ao aparecerem os primeiros manjericões, no quinto mês da minha devoção perfeita.

A Adélia começara a andar pensativa e distraída. Tinha às vezes, quando eu lhe falava, um modo de dizer «Hem?», com o olhar incerto e disperso, que era um tormento para o meu coração. Depois um dia deixou de me fazer a carícia melhor, que eu mais apetecia — a penetrante e regaladora beijoca na orelha.

Sim, decerto permanecia tema... Ainda dobrava maternalmente o meu paletó; ainda me chamava *riquinho;* ainda

me acompanhava ao patamar em camisa, dando, ao descolar do nosso abraço, esse lento suspiro que era para mim a mais preciosa evidência da sua paixão — mas já me não favorecia com a beijoquinha na orelha.

Quando eu entrava abrasado — encontrava-a por vestir, por pentear, mole, estremunhada e com olheiras. Estendia-me a mãozinha desamorável, bocejava, colhia preguiçosamente a viola: enquanto eu, a um canto, chupando cigarros mudos, esperava que se abrisse a portinhola envidraçada da alcova que dava para o Céu — a desumana Adélia, estirada no sofá, de chinelas caídas, beliscava os bordões, murmurando, por entre longos *ais*, cantigas de estranha saudade...

Num arranco de ternura, eu ia

ajoelhar-me à beira do seu peito. E lá vinha logo a dura, a regelada palavra:

— Está quieto, carcaça!

E recusava-me sempre o seu carinho. Dizia-me: «Não posso, estou com azia.» Dizia-me: «Adeus, tenho a dor na ilharga.»

Eu sacudia os joelhos, recolhia ao Campo de Santana — espoliado, misérrimo, chorando na escuridão da minha alma pelos tempos inefáveis em que ela me chamava *morcão*!

Uma noite de julho, macia como um veludo preto e pespontada de estrelas, chegando mais cedo a casa dela, encontrei a portinhola aberta. O candeeiro de petrolina, pousado no soalho do patamar, enchia a escada de luz — e dei com a Adélia, em saia branca, falando a um

rapaz de bigodinho louro, embrulhado pelintramente numa capa à espanhola. Ela empalideceu, ele encolheu — quando eu surgi, grande e barbudo, com a minha bengala na mão. Depois a Adélia, sorrindo, sem perturbação, vera e límpida, apresentou-me «seu sobrinho Adelino». Era filho da mana Ricardina, a que vivia em Viseu, e irmão do Teodoriquinho... Tirando o chapéu, apertei na palma larga e leal os dedos fugidios do Sr. Adelino.

— Estimo muito conhecê-lo, cavalheiro. Sua mamã, seu mano, bons?

Nessa noite a Adélia, resplandecente, tornou a chamar-me *morcão*, restituiu-me o beijinho na orelha. E toda essa semana foi deliciosa como a de um noivado. O verão ardia; e começara

na Conceição Velha a novena de S. Joaquim. Eu saía de casa à hora repousante em que se regam as ruas, mais contente que os pássaros chalrando nas árvores do Campo de Santana. Na salinha clara, com todas as cadeiras cobertas de fustão branco, encontrava a minha Adélia de chambre, fresca de se ter lavado, cheirando a água-de-colónia e aos lindos cravos vermelhos que a tocavam; e depois das manhãs calorosas, nada havia mais idílico, mais doce que as nossas merendas de morangos na cozinha, ao ar da janela, contemplando bocadinhos verdes de quintais e ceroulas humildes a secar em cordas... Ora uma tarde que assim nos aprazíamos, ela pediu-me oito libras.

Oito libras!... Descendo à noite a Rua da Madalena, eu ruminava quem mas

poderia emprestar sem juro e rasgadamente. O bom Casimiro estava em Torres, o prestante *Rinchão* estava em Paris... E pensava já no padre Pinheiro (cujas dores de rins eu lamentava sempre com afeto), quando avistei a escapar-se, todo encolhido, todo sorrateiro, de uma dessas vielas impuras — onde Vénus Mercenária arrasta os seus chinelos — o José Justino, o nosso José Justino, o piedoso secretário da Confraria de S. José, o virtuosíssimo tabelião da titi!...

Gritei logo: «Boas-noites, Justininho!» E regressei ao Campo de Santana, tranquilo, gozando já a repenicada beijoca que me daria a Delinha, quando eu risonho lhe estendesse na mão as oito rodelas de ouro. Ao outro dia, cedo, corri ao cartório do Justino, a

S. Paulo, contei-lhe a pranteada história de um condiscípulo meu, tísico, miserável, arquejando sobre uma enxerga, numa fétida casa de hóspedes, ao pé do Largo dos Caídas.

— É uma desgraça, Justino! Nem dinheiro tem para um caldinho... Eu é que o ajudo: mas, que diabo, estou a tinir... Faço-lhe companhia, é o que posso; leio-lhe orações e *Exercícios da Vida Cristã*. Ontem à noite vinha eu de lá... E acredite você, Justino, que nem gosto de andar por aquelas ruas tão tarde... Jesus, que ruas, que indecência, que imoralidade!... Aqueles becos de escadinhas, hem?... Eu ontem bem percebi que você ia horrorizado: eu também... De sorte que esta manhã estava no oratório da titi, a rezar pelo meu condiscípulo, a pedir a

Nosso Senhor que o ajudasse e que lhe desse algum dinheiro, e vai, pareceu-me ouvir uma voz lá de cima da cruz a dizer: «Entende-te com o Justino, fala ao nosso Justininho, ele que te dê oito libras para o rapaz...» Fiquei tão agradecido a Nosso Senhor! De modo que aqui venho, Justino, por ordem d'Ele.

O Justino escutava-me, branco como os seus colarinhos, dando estalinhos tristes nos dedos; — depois, em silêncio, estendeu-me uma a uma, sobre a carteira, as oito moedas de ouro. Assim eu servi a minha Adélia.

Fugaz foi porém a minha glória!

Daí a dias, estando no Montanha, regalado, a gozar uma carapinhada — o criado veio avisar-me que uma mocinha trigueira e de xaile, a Sr.ª Mariana,

esperava por mim à esquina... Santo Deus! A Mariana era a criada da Adélia. E corri, a tremer, certo de que a minha bem-amada ficara sofrendo da sua abominável dor na sua branca ilharga. Pensei mesmo em começar o rosário das dezoito aparições de Nossa Senhora de Lurdes, que a titi considera eficacíssimo em casos de pontada ou de touros tresmalhados...

— Há novidade, Mariana?

Ela levou-me para dentro de um pátio onde cheirava mal; e aí, com os olhos vermelhos, destraçando furiosamente o xaile, rouca ainda da bulha que tivera com a Adélia, rompeu a contar-me coisas torpes, execrandas, sórdidas. A Adélia enganava-me. O Sr. Adelino não era sobrinho: era o querido, o *chulo*. Apenas eu saía, ele entrava: a Adélia

dependurava-se-lhe do pescoço, num delírio: e chamavam-me então o *carraça*, o *carola*, o *bode*, vitupérios mais negros, cuspindo sobre o meu retrato. As oito libras tinham sido para o Adelino comprar fato de verão; e ainda sobrara para irem à feira de Belém, em tipoia descoberta, e de guitarra... A Adélia adorava-o com pieguice e com furor: cortava-lhe os calos; e os suspiros da sua impaciência, quando ele tardava, lembravam o bramar das cervas, nos matos quentes, em maio!... Duvidava eu? Queria uma evidência? Que fosse nessa noite, tarde, depois da uma hora, bater à portinha da Adélia!

Lívido, apoiado ao muro, eu mal sabia se o cheiro que me sufocava vinha do canto escuro do pátio — se das

imundícies que borbulhavam da boca da Mariana, como de um cano de esgoto rebentado. Limpei o suor, murmurei, a desfalecer:

— Está bom, Mariana, obrigadinho, eu verei, vá com Deus...

Cheguei a casa tão sombrio, tão murcho, que a titi perguntou-me, com um risinho, se eu «malhara abaixo da égua».

— Da égua... Não, titi, credo! Estive na Igreja da Graça...

— É que vens tão enfiado, assim com as pernas moles... E então o Senhor hoje estava bonito?

— Ai, titi, estava rico!... Mas não sei porquê, pareceu-me tão tristinho, tão tristinho... Até eu disse ao padre Eugênio: «Ó Eugeninho, o Senhor hoje tem desgosto!» E disse-me ele: «Que quer

você, amigo? É que vê por esse mundo tanta patifaria!» E olhe que vê, titi! Vê muita ingratidão, muita falsidade, muita traição!

Rugia, enfurecido: e cerrara o punho como para o deixar cair, punidor e terrível, sobre a vasta perfídia humana. Mas contive-me, abotoei' devagar a quinzena, recalquei um soluço.

— Pois é verdade, titi... Fez-me tanta impressão aquela tristeza do Senhor, que fiquei assim um bocado amarfanhado... E demais a mais tenho tido um desgosto: está um condiscípulo meu muito mal, coitadinho, a espichar...

E outra vez, como diante de Justino (aproveitando reminiscências do Xavier e da Rua da Fé), estirei a carcaça de um condiscípulo sobre a podridão de

uma enxerga. Disse as bacias de sangue, disse a falta de caldos... Que miséria, titi, que miséria! E então um moço tão respeitador das coisas santas que escrevia tão bem n'*A Nação!*...

— Desgraças — murmurou a tia Patrocínio, meneando as agulhas da meia.

— É verdade, desgraças, titi. Ora como ele não tem família e a gente da casa é desleixada, nós os condiscípulos é que vamos por turnos servir-lhe de enfermeiros. Hoje toca-me a mim. E queria então que a titi me desse licença para eu ficar fora, até cerca das duas horas... Depois vem outro rapaz, muito instruído, que é deputado.

A tia Patrocínio permitiu: — e até se ofereceu para pedir ao patriarca S. José que fosse preparando ao meu

condiscípulo uma morte sonolenta e ditosa...

— Isso é que era um grande favor, titi! Ele chama-se Macieira... O Macieira vesgo. É para S. José saber.

Toda a noite vagueei pela cidade, adormecida na moleza do luar de julho. E por cada rua me acompanharam sempre, flutuantes e transparentes, duas figuras, uma em camisa, outra de capa à espanhola, enroscadas, beijando-se furiosamente — e só desligando os beiços pisados para rirem alto de mim e para me chamarem *carola*.

Cheguei ao Rossio quando batia uma hora no relógio do Carmo. Ainda fumei um cigarro, indeciso, por debaixo das árvores. Depois voltei os passos para a casa da Adélia, vagaroso, e com medo.

Na sua janela vi uma luz enlanguescida e dormente. Agarrei a grossa aldraba da porta — mas hesitei com terror da certeza que vinha buscar, terminante e irreparável... Meu Deus! Talvez a Mariana, por vingança, caluniasse a minha Adélia! Ainda na véspera ela me chamara *riquinho*, com tanto ardor! Não seria mais sensato e mais proveitoso acreditar nela, tolerar-lhe um fugitivo transporte pelo Sr. Adelino e continuar a receber egoistamente o meu beijinho na orelha?

Mas então à ideia lacerante de que ela também beijava na orelha o Sr. Adelino, e que o Sr. Adelino também dizia *Ai! ai!* como eu — assaltou-me o desejo ferino de a matar, com desprezo e a murros, ali, nesses degraus onde tantas vezes arrulhara a suavidade dos nossos

adeuses. E bati na porta com um punho bestial como se fosse já sobre o seu frágil, ingrato peito.

Senti correr desabridamente o fecho da vidraça. Ela surgiu em camisa, com os seus belos cabelos revoltos:

— Quem é o bruto?

— Sou eu, abre.

Reconheceu-me — a luz dentro desapareceu; e foi como se aquela torcida de candeeiro, apagando-se, deixasse também a minha alma em escuridão, fria para sempre e vazia. Senti-me regeladamente só, viúvo, sem ocupação e sem lar. Do meio da rua olhava as janelas negras, e murmurava: «Ai, que eu rebento!»

Outra vez a camisa da Adélia alvejou na varanda.

— Não posso abrir, que ceei tarde e estou com sono!

— Abre! — gritei erguendo os braços desesperados. — Abre ou nunca mais cá volto!...

— Pois à fava, e recados à tia.

— Fica-te, bêbeda!

Tendo-lhe atirado, como uma pedrada, este urro severo, desci a rua, muito teso, muito digno. Mas à esquina aluí de dor, para cima de um portal, a soluçar, escoado em pranto, delido.

Pesada foi então ao meu coração a lenta melancolia dos dias de estio... Tendo contado à titi que andava a escrever dois artigos, piamente destinados ao *Almanaque da Imaculada Conceição* para 1878, encerrava-me no quarto, toda a manhã, enquanto faiscavam ao sol as

pedras da minha varanda. Aí, arrastando as chinelas sobre o soalho regado, remoía, entre suspiros, recordações da Adélia; ou diante do espelho contemplava o lugar macio da orelha em que ela costumava dar-me o beijo... Depois sentia um ruído de vidraça — e o seu pérfido, o seu afrontoso brado: «À fava!» Então, perdido, esguedelhado, machucava o travesseiro com os murros que não podia vibrar ao peito magro do Sr. Adelino.

À tardinha, quando refrescava, ia espalhar para a Baixa. Mas cada janela aberta às aragens da tarde, cada cortina de cassa engomada me lembrava a intimidade da alcovinha da Adélia; num simples par de meias, esticado na vitrina de uma loja, eu revia com saudade a perfeição da sua perna; tudo o que era

luminoso me sugeria o seu olhar; e até o sorvete de morango, no Martinho, me fazia repassar nos lábios o adocicado e gostoso sabor dos seus beijos.

À noite, depois do chá, refugiava-me no oratório, como numa fortaleza de santidade, embebia os meus olhos no corpo de ouro de Jesus, pregado na sua linda cruz de pau-preto. Mas então o brilho fulvo do metal precioso ia, pouco a pouco, embaciando, tomava uma alva cor de carne, quente e tenra; a magreza de Messias triste, mostrando os ossos, arredondava-se em formas divinamente cheias e belas; por entre a coroa de espinhos, desenrolavam-se lascivos anéis de cabelos crespos e negros; no peito, sobre as duas chagas, levantavam-se, rijos, direitos, dois esplêndidos seios de

mulher, com um botãozinho de rosa na ponta; — e era ela, a minha Adélia, que assim estava no alto da cruz, nua, soberba, risonha, virtuosa, profanando o altar, com os braços abertos para mim!

Eu não via nisto uma tentação do Demónio — antes me parecia uma graça do Senhor. Comecei mesmo a misturar aos textos das minhas rezas as queixas do meu amor. O Céu é talvez grato: e esses inumeráveis santos, a quem eu prodigalizara novenas e coroinhas, desejariam talvez recompensar a minha amabilidade restituindo-me as carícias que me roubara o homem cruel da capa à espanhola. Pus mais flores sobre a cómoda diante de Nossa Senhora do Patrocínio, contei-lhe as angústias do meu coração. Por trás do límpido vidro do seu

caixilho, com os olhos baixos e magoados, ela foi a confidente do tormento da minha carne; e todas as noites, em ceroulas, antes de me deitar, eu lhe segredava, com ardor:

— Ó minha querida Senhora do Patrocínio, faz que a Adelinha goste outra vez de mim!

Depois utilizei o valimento da titi com os santos seus amigos — o amorosíssimo e perdoador S. José, S. Luís Gonzaga, tão benévolo para a juventude. Pedia-lhe que fizesse uma petição por certa necessidade minha, secreta e toda pura. Ela acedia, com alacridade; e eu, espreitando pelo reposteiro do oratório, regalava-me de ver a rígida senhora, de joelhos, de contas na mão, em suplicas aos patriarcas

castíssimos, para que a Adélia me desse outra vez a beijoquinha na orelha.

Uma noite, cedo, fui experimentar se o Céu escutara tão valiosas preces. Cheguei à porta da Adélia; e bati, tremendo todo, uma argoladinha humilde. O Sr. Adelino assomou à janela, em mangas de camisa.

— Sou eu, Sr. Adelino — murmurei abjetamente e tirando o chapéu. — Queria falar à Adeliazinha.

Ele rosnou para dentro, para a alcova, o meu nome. Creio mesmo que disse o *carola*. E lá do fundo, de entre os cortinados, onde eu a pressentia toda desalinhada e formosa, a minha Adélia gritou com furor:

— Atira-lhe para cima dos lombos o balde da água suja!

Fugi.

***

No fim de setembro, o *Rinchão* chegou de Paris: e um domingo, à noitinha, à volta da novena de S. Caetano, entrando no Martinho, encontrei-o, rodeado de rapazes, contando ruidosamente os seus feitos de amor e de gentil audácia em Paris. Tristonho, puxei um banco e fiquei a ouvir o *Rinchão*. Com uma ferradura de rubis na gravata, o monóculo pendente de uma fita larga, uma rosa amarela no peito, o *Rinchão* impressionava, quando por entre o fumo do charuto esboçava traços do seu prestígio: «Uma noite no Café de La Paix, estando eu a cear com a Cora, com a

Valtesse, e com um rapaz muito chique, um príncipe...» O que o *Rinchão* tinha visto! O que o *Rinchão* tinha gozado! Uma condessa italiana, delirante, parente do papa, e chamada *Popotte*, amara-o, levara-o aos Campos Elísios na sua vitória — cujo velho brasão eram dois chavelhos encruzados. Jantara em restaurantes onde a luz vinha de serpentinas de ouro, e os criados, macilentos e graves, lhe chamavam respeitosamente *Mr. le Comte*. E o Alcazar, com festões de gás entre as árvores, e a Paulina cantando, de braços nus, o *Chouriço de Marselha* — revelara-lhe a verdade, a grandeza da civilização.

— Viste Vítor Hugo? — perguntou um rapaz de lunetas pretas, que roía as

unhas.

— Não, nunca andava cá na roda chique!

Toda essa semana, então, a ideia de ver Paris brilhou incessantemente no meu espírito, tentadora e cheia de suaves promessas... E era menos o apetite desses gozos do orgulho e da carne, com que se abarrotara o *Rinchão*, que a ansiedade de deixar Lisboa, onde igrejas e lojas, claro rio e claro céu, só me lembravam a Adélia, o homem amargo de capa à espanhola, o beijo na orelha perdido para sempre... Ah! se a titi abrisse a sua bolsa de seda verde, me deixasse mergulhar dentro as mãos, colher ouro, e partir para Paris!...

Mas, para a Sr.ª D. Patrocínio, Paris era uma região ascorosa, cheia de

mentira, cheia de gula — onde um povo sem santos, com as mãos maculadas do sangue dos seus arcebispos, está perpetuamente, ou brilhe o Sol, ou luza o gás, cometendo uma *relaxação*. Como ousaria eu mostrar à titi o desejo imodesto de visitar esse lugar de sujidade e de treva moral?...

Logo no domingo, porém, jantando no Campo de Santana os amigos diletos, aconteceu falar-se, ao cozido, de um sábio condiscípulo do padre Casimiro que recentemente deixara a quietação da sua cela no Varatojo, para ir esposar, entre foguetes, a trabalhosa Sé de Lamego. O nosso modesto Casimiro não compreendia esta cobiça de uma mitra, cravejada de pedras vãs: para ele, a plenitude de uma vida eclesiástica era estar assim aos

sessenta anos, são e sereno, sem saudades e sem temores, comendo o arrozinho do forno da Sr.ª D. Patrocínio das Neves...

— Porque deixe-me dizer-lhe, minha respeitável senhora, que este seu arroz está um primor!... E a ambição de ter sempre um arroz destes, e amigos que o apreciem, parece-me a mais legítima e a melhor para uma alma justa...

E assim se veio a discursar das acertadas ambições que, sem agravo do Senhor, cada um podia nutrir no seu coração.

A do tabelião Justino era uma quintazinha no Minho, com roseiras e com parreiras, onde ele pudesse acabar a velhice, em mangas de camisa, e quietinho.

— Olhe, Justino — disse a titi —

uma coisa que lhe havia de fazer falta era a sua missa na Conceição Velha... Quando a gente se acostuma a uma missinha, não há outra que console... A mim, se me tirassem a de Santana, parece-me que começava a definhar...

Era o padre Pinheiro que a celebrava; a titi, enternecida, colocou-lhe no prato outra asa de galinha — e padre Pinheiro revelou também a ambição que o pungia. Era elevada e santa. Queria ver o papa restaurado nesse trono forte e fecundo em que resplandecera Leão X...

— Se ao menos houvesse mais caridade com ele! — exclamou a titi. — Mas o Santíssimo Padre, o vigariozinho de Nosso Senhor, assim numa masmorra, em farrapos, sobre palha... É de Caifases, é de judeus!

Bebeu um gole da sua água morna, e recolheu-se ao retiro da sua alma — a rezar a ave-maria que sempre ofertava pela saúde do Pontífice e pelo termo do seu cativeiro.

O Dr. Margaride consolou-a. Não acreditava que o Pontífice dormisse sobre palhas. Viajantes esclarecidos afiançavam-lhe até que o Santo Padre, querendo, podia ter carruagem.

— Não é tudo; está longe de ser tudo o que compete a quem usa a tiara; mas uma carruagem, minha senhora, é uma grandíssima comodidade...

Então o nosso Casimiro, risonho, desejou saber (já que todos patenteavam as suas ambições) qual era a do douto, do eminente Dr. Margaride.

— Diga lá a sua, Dr. Margaride,

diga lá a sua! — clamaram todos, com afeto.

Ele sorria, grave.

— Deixe-me Vossa Excelência primeiro, D. Patrocínio, minha senhora, servir-me dessa língua guisada, que marcha para nós e que me parece preciosa.

Depois de fornecido, o venerável magistrado confessou que apetecia ser par do reino. Não por alarde de honras, nem pelo luxo da farda; mas para defender o princípio sacro da autoridade...

— Só por isto — acrescentou com energia. — Porque desejava também, antes de morrer, poder dar, se Vossa Excelência, D. Patrocínio, me permite a expressão, uma cacheirada mortal no ateísmo e na anarquia. E dava-lha!

Todos declararam fervorosamente o Dr. Margaride digno desses fastígios sociais. Ele agradeceu, seriíssimo. Depois volveu para mim a face majestosa e lívida:

— E o nosso Teodorico? O nosso Teodorico ainda não nos disse qual era a sua ambição.

Corei: e Paris logo rebrilhou ao fundo do meu desejo, com as suas serpentinas de ouro, as suas condessas primas dos papas, as espumas do seu champanhe — fascinante, embriagante, e adormentando toda a dor... Mas baixei os olhos; e afirmei que só aspirava a rezar minhas coroas, ao lado da titi, com proveito e com descanso...

O Dr. Margaride, porém, pousara o talher, insistia. Não lhe parecia um

desapego de Deus, nem uma ingratidão com a titi, que eu, inteligente, saudável, bom cavaleiro e bacharel, nutrisse uma honesta cobiça...

— Nutro! — exclamei então decidido como aquele que arremessa um dardo. — Nutro, Dr. Margaride. Gostava muito de ver Paris.

— Cruzes! — gritou a Sr.ª D. Patrocínio, horrorizada. — Ir a Paris!...

— Para ver as igrejas, titi!

— Não é necessário ir tão longe para ver bonitas igrejas — replicou ela, rispidamente. — E lá em festas com órgão, e um Santíssimo armado com luxo, e uma rica procissão na rua, e boas vozes, e respeito, e imagens de dar gosto, ninguém bate cá os nossos portugueses!...

Calei-me, esmagado. E o

esclarecido Dr. Margaride aplaudiu o patriotismo eclesiástico da titi. Decerto, não era numa república sem Deus que se deviam procurar as magnificências do culto...

— Não, minha senhora, lá para saborear coisas grandiosas da nossa santa religião, se eu tivesse vagares, não era a Paris que ia... Sabe Vossa Excelência onde eu ia, Sr.ª D. Maria do Patrocínio?

— O nosso doutor — lembrou o padre Pinheiro — corria direito a Roma...

— Upa, padre Pinheiro! Upa, minha cara senhora!

Upa? Nem o bom Pinheiro nem a titi compreendiam o que houvesse de superior a Roma pontifical! O Dr. Margaride então ergueu solenemente as sobrancelhas, densas e negras como

ébano.

— Ia à Terra Santa, D. Patrocínio! Ia à Palestina, minha senhora! Ia ver Jerusalém e o Jordão! Queria eu também estar um momento, de pé, sobre o Gólgota, como Chateaubriand, com o meu chapéu na mão, a meditar, a embeber-me, a dizer: «Salve!» E havia de trazer apontamentos, minha senhora, havia de publicar impressões históricas. Ora aí tem Vossa Excelência onde eu ia... Ia a Sião!

Servira-se o lombo assado; e houve, por sobre os pratos, um recolhimento reverente a esta evocação da terra sagrada onde padeceu o Senhor. Eu parecia-me ver lá muito longe, na Arábia, ao fim de arquejantes dias de jornada, sobre o dorso de um camelo, um montão de ruínas em torno de uma cruz; um rio

sinistro corre ao lado entre oliveiras; o céu arqueia-se mudo e triste como a abóbada de um túmulo. Assim devia ser Jerusalém.

— Linda viagem! — murmurou o nosso Casimiro pensativo.

— Sem contar — rosnou padre Pinheiro, baixo e como ciciando uma oração — que Nosso Senhor Jesus Cristo vê com grande apreço, e muito agradece, essas visitas ao seu Santo Sepulcro.

— Até quem lá vai — disse o Justino — tem perdão de pecados. Não é verdade, Pinheiro? Eu assim li no *Panorama*... Vem-se de lá limpinho de tudo!

Padre Pinheiro (tendo recusado, com mágoa, a couve-flor, que considerava indigesta) deu esclarecimentos. Quem ia à

Terra Santa, numa devota peregrinação, recebia sobre o mármore do Santo Sepulcro, das mãos do patriarca de Jerusalém, e pagando os rituais emolumentos, as suas indulgências plenárias...

— Não só para si, segundo tenho ouvido dizer — acrescentou o instruído eclesiástico — mas para uma pessoa querida de família, piedosa, e comprovadamente impedida de fazer a jornada... Pagando, já se vê, emolumentos dobrados.

— Por exemplo! — exclamou o Dr. Margaride inspirado, batendo-me com força nas costas. — Assim para uma boa titi, uma titi adorada, uma titi que tem sido um anjo, toda virtude, toda generosidade!...

— Pagando, já se vê — insistiu padre Pinheiro — os emolumentos dobrados!

A titi não dizia nada; os seus óculos, girando do sacerdote para o magistrado, pareciam estranhamente dilatados, e brilhando mais com o clarão interior de uma ideia: um pouco de sangue subira à sua face esverdinhada. A Vicência ofereceu o arroz-doce. Nós rezámos as graças.

Mais tarde no meu quarto, despindo-me, senti-me triste, infinitamente. Nunca a titi me deixaria visitar a terra imunda de França: e aqui ficaria enclausurado nesta Lisboa onde tudo me era tortura, e as mais rumorosas ruas me agravavam o ermo do meu coração, e até a pureza do fino céu de

estio me recordava a torva perfídia dessa que fora para mim estrela e rainha da Graça... Depois, nesse dia, ao jantar, a titi parecera-me mais rija, sólida ainda, duradoura, e por longos anos dona da bolsa de seda verde, dos prédios e dos contos do comendador G. Godinho... Ai de mim! Quanto tempo mais teria de rezar com a odiosa velha o fastiento terço, de beijar o pé do Senhor dos Passos, sujo de tanta boca fidalga, de palmilhar novenas e de magoar os joelhos diante do corpo de um Deus, magro e cheio de feridas? Oh vida entre todas amargurosa! E já não tinha, para me consolar do enfadonho serviço de Jesus, os macios braços da Adélia...

***

De manhã, aparelhada a égua, e já de esporas, fui saber se minha titi tinha algum pio recado para S. Roque, por ser esse o seu milagroso dia. Na saleta votada às glórias de S. José, a titi, ao canto do sofá, com o xaile de Tonquim caído dos ombros, examinava o seu grande caderno de contas, aberto sobre os joelhos; e, defronte, calado, com as mãos cruzadas atrás das costas, o bom Casimiro sorria pensativamente às flores do tapete.

— Ora venha cá, venha cá! — disse ele, mal eu assomei curvando o espinhaço. — Ouça lá a novidade! Que você é uma joia, respeitador de velhos, e tudo merece de Deus e da senhora sua tia. Chegue-se cá, venha de lá esse abraço!

Sorri, inquieto. A titi enrolava o

seu caderno.

— Teodorico! — começou ela, cruzando os braços, empertigada. — Teodorico! Tenho estado aqui a consultar com o senhor padre Casimiro. E estou decidida a que alguém que me pertença, e que seja do meu sangue, vá fazer por minha intenção uma peregrinação à Terra Santa...

— Hem, felizão! — murmurou Casimiro, resplandecendo.

— Assim — prosseguiu a titi — está entendido e ficas sabendo que vais a Jerusalém e a todos os divinos lugares. Escusas de me agradecer, é. para meu gosto, e para honrar o túmulo de Jesus Cristo, já que eu lá não posso ir... Como, louvado seja Nosso Senhor, não me faltam os meios, hás de fazer a viagem com todas

as comodidades; e para não estar com mais dúvidas, e pela pressa de agradar a Nosso Senhor, ainda hás de partir neste mês... Bem, agora vai, que eu preciso conversar com o senhor padre Casimiro. Obrigado, não quero nada para o senhor S. Roque: já me entendi com ele.

Balbuciei: «Muito agradecido, titi; adeusinho, padre Casimiro.» E segui pelo corredor, atordoado.

No meu quarto corri ao espelho a contemplar, pasmado, este rosto e estas barbas, onde em breve pousaria o pó de Jerusalém... Depois, caí sobre o leito.

— Olha que tremenda espiga!

Ir a Jerusalém! E onde era Jerusalém? Recorri ao baú que continha os meus compêndios e a minha roupa velha; tirei o atlas, e com ele aberto sobre

a cómoda, diante da Senhora do Patrocínio, comecei a procurar Jerusalém lá para o lado onde vivem os Infiéis, ondulam as escuras caravanas e uma pouca de água num poço é como um dom precioso do Senhor.

O meu dedo errante sentia já o cansaço de uma longa jornada: e parei à beira tortuosa de um rio, que devia ser o devoto Jordão. Era o Danúbio. E de repente o nome de Jerusalém surgiu, negro, numa vasta solidão branca, sem nomes, sem linhas, toda de areias, nua, junto ao mar. Ali estava Jerusalém. Meu Deus! Que remoto, que ermo, que triste!

Mas então comecei a considerar que, para chegar a esse solo de penitência, tinha de atravessar regiões amáveis, femininas e cheias de festa. Era

primeiro essa bela Andaluzia, terra de Maria Santíssima, perfumada de flor de laranjeira, onde as mulheres só com meter dois cravos no cabelo, e traçando um xaile escarlate, amansam o coração mais rebelde, *bendita sea su grada!* Era adiante Nápoles — e as suas ruas escuras, quentes, com retábulos da Virgem, e cheirando a mulher, como os corredores de um lupanar. Era depois mais longe ainda a Grécia: desde a aula de Retórica ela aparecera-me sempre como um bosque sacro de loureiros onde alvejam frontões de templos e, nos lugares de sombra em que arrulham as pombas, Vénus de repente surge, cor de luz e cor-de-rosa, oferecendo a todo o lábio, ou bestial ou divino, o mimo dos seus seios imortais. Vénus já não vivia na Grécia; mas as

mulheres tinham conservado lá o esplendor da sua forma e o encanto do seu impudor... Jesus! o que eu podia gozar! Um clarão sulcou-me a alma. E gritei, com um murro sobre o atlas, que fez estremecer a castíssima Senhora do Patrocínio e todas as estrelas da sua coroa:

— Caramba, vou fartar o bandulho!

Sim, fartá-lo! E mesmo, receando que a titi, por avareza do seu ouro ou desconfiança da minha piedade, renunciasse à ideia desta peregrinação tão prometedora de gozos — resolvi ligá-la supernaturalmente por uma ordem divina. Fui ao oratório; desmanchei o cabelo, como se por entre ele tivesse passado um sopro celeste; e corri ao quarto da titi,

esgazeado, com os braços a tremer no ar.

— Ó titi! pois não quer saber? Estava agora no oratório, a rezar de satisfação, e vai de repente pareceu-me ouvir a voz de Nosso Senhor, de cima da cruz, a dizer-me baixinho, sem se mexer: «Fazes bem, Teodorico, fazes bem em ir visitar o meu Santo Sepulcro... E estou muito contente com a tua tia... Tua tia é das minhas!...»

Ela juntou as mãos, num fogoso transporte de amor:

— Louvado seja o Seu santíssimo nome!... Pois disse isso? Ai, era bem capaz, que Nosso Senhor sabe que é para O honrar que eu lá te mando... Louvado seja outra vez o Seu santíssimo nome! Louvado seja em Terra e Céu! Anda, filho, vai, reza-Lhe... Não te fartes, não te

fartes!

Eu ia, murmurando uma ave-maria. Ela correu ainda à porta, numa efusão de simpatia:

— E olha, Teodorico, vê lá a respeito de roupa branca... Talvez te sejam necessárias mais ceroulas... Encomenda, filho, encomenda, que graças a Nossa Senhora do Rosário tenho posses, e quero que vás com decência e te apresentes bem lá na sepulturazinha de Deus!...

Encomendei: e, tendo comprado um *Guia do Oriente* e um capacete de cortiça, informei-me, sobre o modo mais deleitoso de chegar a Jerusalém, com Benjamim Sarrosa & C.ª, judeu sagaz, que ia todos os anos, de turbante, comprar bois a Marrocos. Benjamim marcou-me,

miudamente, num papel, o meu grandioso itinerário. Embarcaria no *Málaga*, vapor da casa Jadley que, por Gibraltar, e depois por Malta, me levaria, num mar sempre azul, à velha terra do Egito. Aí um repouso sensual na festiva Alexandria. Depois no paquete do Levante, que sobe a costa religiosa da Síria, aportaria a Jafa, a de verdejantes pomares; e de lá, seguindo uma estrada macadamizada, ao chouto de uma égua doce, veria, ao fim de um dia e ao fim de uma noite, surgirem, negras entre colinas tristes, as muralhas de Jerusalém!

— Diabo, Benjamim... Parece-me muito mar, muito paquete. Então nem um bocadinho de Espanha? Ó menino, olhe que eu quero refastelar-me.

— Refastela-se em Alexandria.

Tem lá tudo. Tem o bilhar, tem a tipoia, tem a batota, tem a mulherinha... Tudo do bom. É lá que você se refastela!

No entanto, já no Montanha e na tabacaria do Brito se falava da minha santa empresa. Uma manhã, li, escarlate de orgulho, no *Jornal das Novidades*, estas linhas honoríficas: «Parte brevemente a visitar Jerusalém, e todos os sacros lugares em que padeceu por nós o Redentor, o nosso amigo Teodorico Raposo, sobrinho da Ex.ma D. Patrocínio das Neves, opulenta proprietária e modelo de virtudes cristãs. Boa viagem!» A titi, desvanecida, guardou o jornal no oratório, debaixo da peanha de S. José: e eu jubilei, por imaginar o despeito da Adélia (leitora fiel do *Jornal)* ao ver-me assim abalar desprendido dela, atestado

de ouro, para essas terras muçulmanas — onde a cada passo se topa um serralho, mudo e cheirando a rosa entre sicómoros...

A véspera da partida, na sala dos damascos, teve elevação e solenidade. O Justino contemplava-me — como se contempla uma figura histórica.

— O nosso Teodorico... Que viagem!... O que se vai falar nisto!

E padre Pinheiro murmurava com unção:

— Foi uma inspiração do Senhor! E que bem que lhe há de fazer à saúde!

Depois mostrei o meu capacete de cortiça. Todos o admiraram. O nosso Casimiro, todavia, depois de coçar pensativamente o queixo, observou que me daria talvez mais seriedade um chapéu

alto...

A titi acudiu, aflita:

— É o que eu lhe disse! Acho de pouca cerimónia, para a cidade em que morreu Nosso Senhor...

— Ó titi, mas já lhe expliquei! Isto é só para o deserto!... Em Jerusalém, está claro, em todos aqueles santos lugares, ando de chapéu alto...

— Sempre é mais de cavalheiro — afirmou o Dr. Margaride.

Padre Pinheiro quis saber, solicitamente, se eu ia prevenido com remédios, para o caso de um contratempo intestinal nesses descampados bíblicos...

— Levo tudo. O Benjamim deu-me a lista... Até linhaça, até arnica!...

O pachorrento relógio do corredor começou a gemer as dez: eu devia

madrugar; e o Dr. Margaride, comovido, agasalhava já o pescoço no seu lenço de seda. Então, antes dos abraços, perguntei aos meus leais amigos que «lembrançazinha» desejavam dessas terras remotas onde vivera o Senhor. Padre Pinheiro queria um frasquinho de água do Jordão. Justino (que já me pedira no vão da janela um pacote de tabaco turco), diante da titi só apetecia um raminho de oliveira, do Monte Olivete. O Dr. Margaride contentava-se com uma boa fotografia do sepulcro de Jesus Cristo, para encaixilhar...

Com a carteira aberta, depois de alistar estas piedosas incumbências — voltei-me para a titi, risonho, carinhoso, humilde...

— Cá por mim — disse ela do

meio do sofá como de um altar, tesa nos seus cetins de domingo — o que desejo é que faças essa viagem com toda a devoção, sem deixar pedra por beijar, nem perder novena, nem ficar lugarzinho em que não rezes o terço ou a coroa... Além disso, também estimo que tenhas saúde.

Eu ia depor na sua mão, brilhante de anéis, um beijo gratíssimo. Ela deteve-me — mais aprumada e seca:

— Até aqui tens sido apropositado, não tens faltado aos preceitos, nem te tens dado a relaxações... Por isso te vais regalar de ver as oliveiras onde Nosso Senhor suou sangue, e de beber no Jordãozinho... Mas se eu soubesse que nesta passeata tinhas tido maus pensamentos, e praticado uma

relaxação, ou andado atrás de saias, fica certo que, apesar de seres a única pessoa do meu sangue, e teres visitado Jerusalém, e gozar indulgências, havias de ir para a rua, sem uma côdea, como um cão!

Curvei a cabeça, apavorado. E a titi, depois de roçar o lenço de rendas pelos beiços sumidos, prosseguiu com mais autoridade, e uma emoção crescente que lhe punha, sob o corpete raso, como o fugitivo arfar de um peito humano:

— E agora quero dizer-te, para teu governo, uma só coisa!...

Todos de pé, e reverentes, logo percebemos que a titi se preparava a proferir uma palavra suprema. Nessa hora de separação, rodeada dos seus sacerdotes, rodeada dos seus magistrados, D. Patrocínio das Neves ia decerto

revelar qual fora o seu íntimo motivo em me mandar, como sobrinho e como romeiro, à cidade de Jerusalém. Eu ia saber enfim, e tão indubitavelmente como se ela mo escrevesse num pergaminho, qual deveria ser o mais precioso dos meus cuidados, velando ou dormindo, nas terras do Evangelho!

— Aqui está! — declarou a titi. — Se entendes que mereço alguma coisa pelo que tenho feito por ti, desde que morreu tua mãe, já educando-te, já vestindo-te, já dando-te égua para passeares, já cuidando da tua alma, então traz-me desses santos lugares uma santa relíquia, uma relíquia milagrosa que eu guarde, com que me fique sempre apegando nas minhas aflições e que cure as minhas doenças.

E pela primeira vez, depois de cinquenta anos de aridez, uma lágrima breve escorregou no carão da titi, por sob os seus óculos sombrios.

O Dr. Margaride rompeu para mim, arrebatadamente:

— Teodorico, que amor que lhe tem a titi! Rebusque essas minas, esquadrinhe esses sepulcros! Traga uma relíquia à titi!

Eu bradei, exaltado:

— Titi, palavra de *Raposão* que lhe hei de trazer uma tremenda relíquia!

Pela severa sala de damascos trasbordou, ruidosa e tocante, a comoção dos nossos corações. Eu achei-me com os beiços do Justino, ainda moles da torrada, colados à minha barba...

Cedo, na manhã de domingo, 6 de

setembro e dia de Santa Libânia, fui bater, devagar, ao quarto da titi, ainda adormecida no seu leito castíssimo. Senti, por sobre o tapete, aproximar-se o som mole dos seus chinelos. Entreabriu pudicamente a porta; e, decerto em camisa, estendeu-me, através da fenda, a sua mão escarnada, lívida, cheirando a rapé. Apeteceu-me mordê-la; depus nela um beijo baboso; a titi murmurou:

— Adeus, menino... Dá muitas saudades ao Senhor!

Desci a escadaria, já de capacete, sobraçando o meu *Guia do Oriente*. Atrás, a Vicência soluçava.

A minha mala nova de couro, o meu repleto saco de lona, enchiam o *coupé* do *Pingalho*. Ainda as andorinhas retardadas cantavam no beiral dos

telhados; na Capela de Santana tocava para a missa. E um raio de sol, vindo do Oriente, vindo lá da Palestina ao meu encontro, banhou-me a face, acolhedor e risonho, como uma caricia do Senhor.

Fechei a tipoia, estirei-me, gritei: «Larga, *Pingalho*!»

E, romeiro abastado, soprando à brisa o fumo do meu cigarro — assim deixei o portão de minha tia, em caminho para Jerusalém!

2

Foi num domingo e dia de S. Jerónimo que meus pés latinos pisaram, enfim, no cais de Alexandria, a terra do Oriente, sensual e religiosa. Agradeci ao Senhor da Boa Viagem. E o meu companheiro, o ilustre Topsius, doutor alemão pela Universidade de Bona, sócio do Instituto Imperial de Escavações Históricas, murmurou, grave como numa invocação, desdobrando o seu vastíssimo guarda-sol verde:

— Egito! Egito! Eu te saúdo, negro Egito! E que me seja em ti propício o teu deus Ftá, deus das Letras, deus da História, inspirador da obra de Arte e da obra de Verdade!...

Através deste zumbido científico, eu sentia-me envolvido num bafo momo como o de uma estufa, amolecedormente tocado de aromas de sândalo e rosa. No cais faiscante, entre fardos de lã, estirava-se, banal e sujo, o barracão da Alfândega. Mas além as pombas brancas voavam em torno aos minaretes brancos-, o céu deslumbrava. Cercado de severas palmeiras, um lânguido palácio dormia à beira da água; e ao longe perdiam-se os areais da antiga Líbia, esbatidos numa poeirada quente, livre, da cor de um leão.

Amei logo esta terra de indolência, de sonho e de luz. E saltando para a caleche forrada de chita, que nos ia levar ao Hotel das Pirâmides, invoquei as divindades, como o ilustrado doutor de Bona:

— Egito, Egito! Eu te saúdo, negro Egito! E que me seja propício...

— Não! que vos seja propícia, D. Raposo, Ísis, a vaca amorosa! — acudiu o eruditíssimo homem, risonho e abraçado à minha chapeleira.

Não compreendi, mas venerei. Eu conhecera Topsius em Malta, uma fresca manhã, estando a comprar violetas a uma ramalheteira que tinha já nos olhos grandes um langor muçulmano: ele andava medindo consideradamente com o seu guarda-sol as paredes marciais e monásticas do palácio do Grão-Mestre.

Persuadido que era um dever espiritual e doutoral, nestas terras do Levante, cheias de história, medir os monumentos da Antiguidade, tirei o meu lenço e fui-o gravemente passeando,

esticado como um côvado, sobre as austeras cantarias. Topsius dardejou-me logo, por cima dos óculos de ouro, um olhar desconfiado e ciumento. Mas tranquilizado, decerto, pela minha face jucunda e material, pelas minhas luvas almiscaradas, pelo meu fútil raminho de violetas — ergueu cortesmente de sobre o longo cabelo, corredio e cor de milho, o seu bonezinho de seda preta. Eu saudei com o meu capacete de cortiça; e comunicámos. Disse-lhe o meu nome, a minha pátria, os santos motivos que me levavam a Jerusalém. Ele contou-me que nascera na gloriosa Alemanha; e ia também à Judeia, depois à Galileia, numa peregrinação científica, colher notas para a sua formidável obra, a *História dos Herodes*. Mas demorava-se em

Alexandria a amontoar os pesados materiais de outro livro monumental, a *História dos Lágidas*... Porque estas duas turbulentas famílias, os Herodes e os Lágidas, eram propriedade histórica do doutíssimo Topsius.

— Então, ambos com o mesmo roteiro, podíamos acamaradar, Dr. Topsius!

Ele, espigado, magríssimo e pernudo, com uma rabona curta de lustrina, enchumaçada de manuscritos, cortejou gostosamente:

— Pois acamarademos, D. Raposo! Será uma deleitosa economia!

Encovado na gola, de guedelha caída, o nariz agudo e pensativo, a calça esguia — o meu erudito amigo parecia-me uma cegonha, risível e cheia de letras,

com óculos de ouro na ponta do bico. Mas já a minha animalidade reverenciava a sua intelectualidade: e fomos beber cerveja.

A sabedoria neste moço era dom hereditário. Seu avô materno, o naturalista Shlock, escreveu um famoso tratado em oito volumes sobre a *Expressão Fisionómica dos Lagartos*, que assombrou a Alemanha. E seu tio, o decrépito Topsius, o memorável egiptólogo, aos setenta e sete anos, ditou da poltrona, onde o prendia a gota, esse livro genial e fácil — a *Síntese Monoteísta da Teogonia Egípcia, considerada nas Relações do Deus Ftá e do Deus Imhotep com as Tríades dos Nomos*.

O pai de Topsius, desgraçadamente, através desta alta

ciência doméstica, permanecia figle numa charanga, em Munique: mas o meu camarada, reatando a tradição, logo aos vinte e dois anos tinha esclarecido, radiantemente, em dezanove artigos publicados no *Boletim Hebdomadário de Escavações Históricas*, a questão, vital para a Civilização, de uma parede de tijolo erguida pelo rei Pi-Sibkmé, da vigésima primeira dinastia, em torno do templo de Ramsés II, na lendária cidade de Tânis. Em toda a Alemanha científica, hoje, a opinião de Topsius, acerca desta parede, brilha com a irrefutabilidade do Sol.

Só conservo de Topsius recordações suaves ou elevadas. Já sobre as águas bravias do mar de Tiro; já nas ruas fuscas de Jerusalém; já dormindo

lado a lado, sob a tenda, junto aos destroços de Jericó; já pelas estradas verdes de Galileia — encontrei-o sempre instrutivo, serviçal, paciente e discreto. Raramente compreendia as suas sentenças, sonoras e bem cunhadas, tendo a preciosidade de medalhas de ouro; mas, como diante da porta impenetrável de um santuário, eu reverenciava, por saber que lá dentro, na sombra, refulgia a essência pura da Ideia. Por vezes também o Dr. Topsius rosnava uma praga imunda; e então uma grata comunhão se estabelecia entre ele e o meu singelo intelecto de bacharel em leis. Ficou-me a dever seis moedas — mas esta diminuta migalha de pecúnia desaparece na copiosa onda de saber histórico com que fecundou o meu espírito. Uma coisa apenas, além do seu

pigarro de erudito, me desagradava nele — o hábito de se servir da minha escova de dentes.

Era também intoleravelmente vaidoso da sua pátria. Sem cessar, erguendo o bico, sublimava a Alemanha, mãe espiritual dos povos; depois ameaçava-me com a irresistibilidade das suas armas. A omnisciência da Alemanha! A omnipotência da Alemanha! Ela imperava, vasto acampamento entrincheirado de in-fólios, onde ronda e fala de alto a Metafísica armada! Eu, brioso, não gostava destas jactâncias. Assim, quando no Hotel das Pirâmides nos apresentaram um livro, para nele registarmos nossos nomes e nossas terras, o meu douto amigo traçou o seu «TOPSIUS», ajuntando por baixo,

altivamente, em letras tesas e disciplinadas como galuchos: «DA IMPERIAL ALEMANHA». Arrebatei a pena; e recordando o barbudo João de Castro, Ormuz em chamas, Adamastor, a Capela de S. Roque, o Tejo e outras glórias, escrevi largamente, em curvas mais enfunadas que velas de galeões: «RAPOSO, PORTUGUÊS, DE AQUÉM E DE ALÉM-MAR». E logo, do canto, um moço magro e murcho murmurou, suspirando e a desfalecer:

— Em o cavalheiro necessitando alguma coisa, chame pelo Alpedrinha.

Um patrício! Ele contou-me a sua sombria história, desafivelando a minha maleta. Era de Trancoso e desgraçado. Tivera estudos, compusera um necrológio, sabia ainda mesmo de cor os versos mais

doloridos do «nosso Soares de Passos». Mas apenas sua mamãzinha morrera, tendo herdado terras, correra ^ fatal Lisboa, a gozar; conheceu logo na Travessa da Conceição uma espanhola deleitosíssima, do adocicado nome de Dulce; e largou com ela para Madrid, num idílio. Aí o jogo empobreceu-o, a Dulce traiu-o, um *chulo* esfaqueou-o. Curado e macilento, passou a Marselha; e durante anos arrastou-se, como um frangalho social, através de misérias inenarráveis. Foi sacristão em Roma. Foi barbeiro em Atenas. Na Moreia, habitando uma choça junto a um pântano, empregara-se na pavorosa pesca das sanguessugas; e de turbante, com odres negros ao ombro, apregoou água pelas vielas de Esmirna. O fecundo Egito atraíra-o sempre,

irresistivelmente... E ali estava no Hotel das Pirâmides, moço de bagagens e triste.

— E se o cavalheiro trouxesse por aí algum jornal da nossa Lisboa, eu gostava de saber como vai a política.

Concedi-lhe generosamente todos os *Jornais de Notícias* que embrulhavam os meus botins.

O dono do hotel era um grego de Lacedemónia, de bigodes ferozes, e que *hablaba un poquito el castellano*. Respeitosamente ele próprio, teso na sua sobrecasaca preta ornada de uma condecoração, nos conduziu à sala do almoço — *la más preciosa, sin duda, de todo el Oriente, caballeros!*

Sobre a mesa murchava um ramo grosso de flores escarlates; no frasco do azeite flutuavam familiarmente cadáveres

de moscas; as chinelas do criado topavam a cada instante um velho *Jornal dos Debates*, manchado de vinho, rojando ali desde a véspera, pisado por outras chinelas indolentes; e no teto, a fumaraça fétida dos candeeiros de latão juntara nuvens pretas às nuvens cor-de-rosa onde esvoaçavam anjos e andorinhas. Por baixo da varanda uma rabeca e uma harpa tocavam a *Mandolinata*. E enquanto Topsius se alagava de cerveja, eu sentia, estranhamente, crescer o meu amor por esta terra de preguiça e de luz.

Depois do café, o meu sapientíssimo amigo, com o lápis dos apontamentos na algibeira da rabona, abalou a rebuscar antigualhas e pedras do tempo dos Ptolomeus. Eu, acendendo um charuto, reclamei Alpedrinha; e confiei-

lhe que desejava sem tardança ir rezar, e ir amar. Rezar era por intenção da tia Patrocínio, que me recomendara uma jaculatória a S. José, apenas pisasse esse solo do Egito, tornado, desde a fuga da Santa Família em cima do seu burrinho, chão devoto como o de uma Sé. Amar era por necessidade do meu coração, ansioso e ardido. Alpedrinha, em silêncio, ergueu as persianas, e mostrou-me uma clara praça, ornamentada ao centro por um herói de bronze, cavalgando um corcel de bronze: uma aragem quente levantava poeiradas lentas por sobre dois tanques secos; e em redor perfilavam-se no azul altos prédios, hasteando cada um a bandeira da sua pátria, como cidadelas rivais sobre um solo vencido. Depois o triste Alpedrinha indicou-me, a uma

esquina, onde uma velha vendia canas-de-açúcar, a tranquila Rua das Duas Irmãs. Aí (murmurou ele) eu veria, pendurada sobre a porta de uma lojinha discreta, uma pesada mão de pau, tosca e roxa — e por cima, em tabuleta negra, estes dizeres convidativos a ouro: «MISS MARY, LUVAS E FLORES DE CERA». Era esse o refúgio que ele aconselhava ao meu coração. Ao fundo da rua, junto de uma fonte chorando entre árvores, havia uma capela nova, onde a minha alma acharia consolação e frescura.

— E diga o cavalheiro a Miss Mary que vai de mandado do Hotel das Pirâmides.

Pus uma rosa ao peito — e saí ovante. Logo da entrada das Duas Irmãs avistei a ermidinha virginal, dormindo

castamente sob os plátanos, ao rumor meigo da rua. Mas o amantíssimo patriarca S. José estava certamente, a essa hora, ocupado em receber jaculatórias mais instantes e evoladas de lábios mais nobres: não quis importunar o bondosíssimo santo — e parei diante da mão de pau, pintada de roxo, que parecia estar ali esperando, alongada e aberta, para empolgar o meu coração.

Entrei, comovido. Por trás do balcão envernizado, junto a um vaso de rosas e magnólias, ela estava lendo o seu *Times*, com um gato branco no colo. O que me prendeu logo foram os seus olhos azuis-claros, de um azul que só há nas porcelanas, simples, celestes, como eu nunca vira na morena Lisboa. Mas encanto maior ainda tinham os seus cabelos,

crespos, frisadinhos como uma carapinha de ouro, tão doces e finos que apetecia ficar eternamente, devotamente, a mexer-lhes com os dedos trémulos; e era irresistível o profano nimbo luminoso que eles punham em torno da sua face gordinha, de uma brancura de leite onde se desfez carmesim, toda tema e suculenta. Sorrindo, e baixando com sentimento as pestanas escuras, perguntou-me se eu queria *pelica* ou *suécia*.

Eu murmurei, roçando-me sofregamente pelo balcão:

— Trago-lhe recadinhos do Alpedrinha.

Ela escolheu entre o ramo um tímido botão de rosa, e deu-mo na ponta dos dedos. Eu trinquei-o, com furor. E a voracidade desta carícia pareceu agradar-

lhe, porque um sangue mais quente veio afoguear-lhe a face — e chamou-me, baixo, «mauzinho». Esqueci S. José e a sua jaculatória — e as nossas mãos, um momento unidas para ela me calçar a luva clara, não se desenlaçaram mais, nessas semanas que passei, na cidade dos Lágidas, em festivas delícias muçulmanas!

Ela era de Iorque, esse heroico condado da velha Inglaterra, onde as mulheres crescem fortes e bem desabrochadas, como as rosas dos seus jardins reais. Por causa da sua meiguice e do seu riso de ouro quando lhe fazia cócegas, eu pusera-lhe o nome galante e cacarejante de *Maricoquinhas*. Topsius, que a apreciava, chamava-lhe «a nossa simbólica Cleópatra». Ela amava a minha barba negra e potente; e, só para não me

afastar do calor das suas saias, eu renunciei a ver o Cairo, o Nilo, e a eterna Esfinge, deitada à porta do deserto, sorrindo da Humanidade vã...

Vestido de branco como um lírio, eu gozava manhãs inefáveis, encostado ao balcão da Mary, amaciando respeitosamente a espinha do gato. Ela era silenciosa: mas o seu simples sorrir com os braços cruzados, ou o seu modo gentil de dobrar o *Times*, saturava o meu coração de luminosa alegria. Nem precisava chamar-me «seu portuguesinho valente, seu bichinho». Bastava que o seu peito arfasse — só para ver aquela doce onda lânguida, e saber que a levantava assim a saudade dos meus beijos, eu teria vindo de tão longe a Alexandria, iria mais longe, a pé, sem repouso, até onde as

águas do Nilo são brancas! De tarde, na caleche de chita com o nosso doutíssimo Topsius, dávamos lentos, amorosos passeios, à beira do canal Mamudié. Sob as frondosas árvores, rente aos muros de jardins de serralho, eu sentia o aroma perturbador de magnólias, e outros cálidos perfumes que não conhecia. Por vezes uma leve flor roxa ou branca caía-me sobre o regaço: com um suspiro eu roçava a barba pelo rosto macio da minha Maricoquinhas; ela, sensível, estremecia. Na água jaziam as barças pesadas que sobem o Nilo, sagrado e benfazejo, ancorando junto às ruínas dos templos, costeando as ilhas verdes onde dormem os crocodilos. Pouco a pouco a tarde caía. Vagarosamente rolávamos na sombra olorosa. Topsius murmurava versos de

Goethe. E as palmeiras da margem fronteira recortavam-se no poente amarelo — como feitas em relevo de bronze sobre uma lâmina de ouro.

Maricocas jantava sempre connosco no Hotel das Pirâmides: e diante dela Topsius desabrochava todo em flores de erudição amável. Contava-nos as tardes de festa da velha Alexandria dos Ptolomeus, no canal que levava a Canopia: ambas as margens resplandeciam de palácios e de jardins; as barças, com toldos de seda, vogavam ao som dos alaúdes; os sacerdotes de Osíris, cobertos de peles de leopardo, dançavam sob os laranjais; e nos terraços, abrindo os véus, as damas de Alexandria bebiam à Vénus Assíria, pelo cálice da flor do lótus. Uma voluptuosidade esparsa

amolecia as almas. Os filósofos mesmo eram frascários.

— E — dizia Topsius requebrando o olho — em toda a Alexandria só havia uma dama honesta, que comentava Homero e era tia de Séneca. Só uma!

Maricoquinhas suspirava. Que encanto, viver nessa Alexandria, e navegar para Canopia, numa barca toldada de seda!

— Sem mim? — gritava eu, ciumento.

Ela jurava que sem o seu portuguesinho valente não queria habitar nem o Céu!

Eu, regalado, pagava o champanhe.

E os dias assim foram passando,

leves, flácidos, gostosos, repicados de beijos — até que chegou a véspera sombria de partirmos para Jerusalém.

— O cavalheiro — dizia-me nessa manhã Alpedrinha engraxando os meus botins — o que devia era ficar aqui na Alexandriazinha, a refocilar...

Ah! se pudesse! Mas irrecusáveis eram os mandados da titi! E, por amor do seu ouro, lá tinha de ir à negra Jerusalém, ajoelhar diante das oliveiras secas, desfiar rosários piedosos ao pé de frios sepulcros...

— Tu já estiveste em Jerusalém, Alpedrinha? — perguntei, enfiando desconsoladamente as ceroulas.

— Não, senhor, mas sei... Pior que Braga!

— Irra!

A nossa ceia com Maricocas, à noite, no meu quarto, foi cortada de silêncios, de suspiros: as velas tinham a melancolia de tochas: o vinho anuviava-nos como aquele que se bebe nos funerais. Topsius ofertava consolações generosas.

— Bela dama, bela dama, o nosso Raposo há de voltar... Estou mesmo certo que trará da ardente terra da Síria, da terra da Vénus e da Esposa dos Cantares, uma chama no seu coração mais fogosa e mais moça...

Eu mordia o beiço, sufocado.

— Pois está visto! Ainda havemos de andar de caleche pelo Mamudié... Isto é só ir rezar uns padre-nossos ao Calvário... Até me faz bem... Volto como um touro.

Depois do café fomos encostar-

nos à varanda a olhar, calados, aquela sumptuosa noite do Egito. As estrelas eram como uma grossa poeirada de luz que o bom Deus levantava lá em cima, passeando sozinho pelas estradas do Céu. O silêncio tinha uma solenidade de sacrário. Nos escuros terraços, em baixo, uma forma branca movendo-se por vezes, de leve, mostrava que outras criaturas estavam ali, como nós, deixando a alma embeber-se mudamente no esplendor sideral: e nesta difusa religiosidade, igual à de uma multidão pasmando para os lumes de um altar-mor, eu sentia subir aos lábios, irresistivelmente, a doçura de uma ave-maria...

Ao longe o mar dormia. E, à quente irradiação dos astros, eu podia distinguir, num pontal de areia,

mergulhando quase na água, uma casa deserta, pequenina, toda branca e poética entre duas palmeiras... Então comecei a pensar que, mal a titi morresse e fosse meu o seu ouro, eu poderia comprar esse doce retiro, forrá-lo de lindas sedas, e viver ao lado da minha luveira, vestido de turco, fresco, sereno, livre de todas as inquietações da civilização. Desagravos ao Sagrado Coração de Jesus ser-me-iam tão indiferentes como as guerras que entre si travassem os reis. Do Céu só me importaria a luz anilada, que banhasse a minha vidraça; da Terra só me importariam as flores abertas no meu jardim, para aromatizar a minha alegria. E passaria os dias numa fofa preguiça oriental, fumando o puro *Lataquié*, tocando viola francesa, e recebendo

perpetuamente essa impressão de felicidade perfeita, que a Mary me dava só com deixar arfar o seio e chamar-me «seu portuguesinho valente».

Apertei-a contra mim num desejo de a sorver. Junto à sua orelha, de uma brancura de concha branca, balbuciei nomes inefáveis: disse-lhe *rechonchudinha*, disse-lhe *riquiquitinha*. Ela estremeceu, ergueu os olhos magoados para a poeirada de ouro.

— Que de estrelas! Deus queira que amanhã o mar esteja manso!

Então à ideia dessas longas ondas que me iam levar à ríspida terra do Evangelho, tão longe da minha Mary, um pesar infinito afogou-me o peito — e irrepreensivelmente se me escapou dos lábios, em gemidos entoados, queixosos e

requebrados... Cantei. Por sobre os terraços adormecidos da muçulmana Alexandria soltei a voz dolorida, voltado para as estrelas; e roçando os dedos pelo peito do jaquetão onde deviam estar os bordões da viola, fazendo os meus ais bem chorosos — suspirei o fado mais sentido da saudade portuguesa:

Co’a minh'alma aqui te ficas,
Eu parto só com os meus ais.
E tudo me diz, Maricas,
Que não te verei nunca mais.

Parei, abafado de paixão. O erudito Topsius quis saber se estes doces versos eram de Luís de Camões. Eu, choramingando, disse-lhes que estes — ouvira-os no Dafundo ao *Calcinhas*.

Topsius recolheu a tomar uma nota do grande poeta *Calcinhas*. Eu fechei a vidraça: e depois de ir ao comedor fazer às escondidas um rápido sinal da Cruz, vim desapertar sofregamente, e pela vez derradeira, os atacadores do colete da minha saborosa bem-amada.

Breve, avaramente breve, foi essa noite estrelada do Egito!

Cedo, amargamente cedo, veio o grego da Lacedemónia avisar-me que já fumegava na baía, áspera e cheia de vento, *el paquete*, ferozmente chamado o *Caimão*, que me devia levar para as tristezas de Israel.

El señor D. Topsius, madrugador, já estava em baixo a almoçar pachorrentamente os seus ovos com presunto, a sua vasta caneca de cerveja.

Eu tomei apenas um gole de café, no quarto, a um canto da cómoda, em mangas de camisa, com os olhos vermelhos sob a névoa das lágrimas. A minha sólida mala de couro atravancava o corredor, fechada e afivelada; mas Alpedrinha estava ainda acomodando, à pressa, a roupa suja dentro do saco de lona. E Maricoquinhas, sentada desoladamente à borda do leito, com o seu gentil chapéu enfeitado de papoulas e as olheirinhas pisadas — contemplava aquele enfardelar de flanelas, como se fossem bocados do seu coração atirados para o fundo do saco, para partirem e não voltarem mais!

— Levas tanta roupa suja, Teodorico!

Balbuciei, dilacerado:

— Manda-se lavar em Jerusalém,

com a ajuda de Nosso Senhor!

Deitei os meus bentinhos ao pescoço. Nesse instante Topsius assomava à porta, cachimbando, com a barraca do seu guarda-sol fechada sob o braço, de galochas anchas para a humidade do tombadilho — e um volume da Bíblia enchumaçando-lhe a rabona de alpaca. Ao ver-me sem colete, repreendeu a minha amorosa preguiça.

— Mas compreendo, bela dama, compreendo! — acudiu ele, às cortesias a Mary, esgrouviado e onduloso, de óculos na ponta do bico. — É doloroso deixar os braços de Cleópatra... Já António por eles perdeu Roma e o mundo... Eu mesmo, todo absorvido na minha missão, com recantos crepusculares da História a alumiar, levo gratas memórias destes dias

de Alexandria!... Deliciosíssimos os nossos passeios pelo Mamudié!... Permita-me que apanhe a sua luva, bela dama!... E se voltar jamais a esta terra dos Ptolomeus, não me esquecerá a Rua das Duas Irmãs... «Miss Mary, luvas e flores de cera». Perfeitamente. Consentirá que lhe mande, quando completa, a minha *História dos Lágidas*... Há detalhes muito picantes... Quando Cleópatra se apaixonou por Herodes, o rei da Judeia...

Mas Alpedrinha, da beira do leito, gritava, alvoroçado:

— Cavalheiro! Ainda há aqui roupa suja!

Rebuscando, entre os cobertores revoltos, descobrira uma longa camisa de rendas, com laços de seda clara. Sacudia-a; e espalhava-se um aroma saudoso de

violeta e de amor... Ai! era a camisa de dormir da Mary, quente ainda dos meus abraços!

— Pertence à Sr.ª D. Mary! É a tua camisinha, amor! — gemi eu, cruzando os suspensórios.

A minha luveirinha ergueu-se, trémula, descorada — e teve um poético rasgo de paixão. Enrolou a sua camisinha, atirou-ma para os braços, tão ardentemente como se entre as dobras viesse também o seu coração.

— Dou-ta, Teodorico! Leva-a, Teodorico! Ainda está amarrotada da nossa ternura!... Leva-a para dormires com ela a teu lado, como se fosse comigo... Espera, espera ainda, amor! Quero pôr-lhe uma palavra, uma dedicatória!

Correu à mesa, onde jaziam restos do papel sisudo em que eu escrevia à titi a história edificativa dos meus jejuns em Alexandria, das noites consumidas a embeber-me do Evangelho... E eu, com a camisinha perfumada nos braços, sentindo duas bagas de pranto rolarem-me pelas barbas, procurava angustiosamente em redor onde guardar aquela preciosa relíquia de amor. As malas estavam fechadas. O saco de lona estalava, repleto.

Topsius, impaciente, tirara das profundezas do seio o seu relógio de prata. O nosso lacedemónio, à porta, rosnava:

— *D. Teodorico, es tarde, es mui tarde...*

Mas a minha bem-amada já

sacudia o papel, coberto das letras que ela traçara, largas, impetuosas e francas como o seu amor: «Ao meu Teodorico, meu portuguesinho possante, em lembrança do muito que gozámos!»

— Oh, riquinha! E onde hei de eu meter isto? Eu não hei de levar a camisa nos braços, assim nua e ao léu!

Já Alpedrinha, de joelhos, desafivelava desesperadamente o saco. Então Maricoquinhas, com uma inspiração delicada, agarrou uma folha de papel pardo; apanhou do chão um nastro vermelho; e as suas habilidosas mãos de luveira fizeram da camisinha um embrulho redondo, cómodo e gracioso — que eu meti debaixo do braço, apertando-o com avara, inflamada paixão.

Depois foi um murmúrio

arrebatado de soluços, de beijos, de doçuras...

— Mary, anjo querido!

— Teodorico, amor!...

— Escreve-me para Jerusalém...

— Lembra-te da tua bichaninha bonita...

Rolei pela escada, tonto. E a caleche que tantas vezes me passeara, enlaçado com Maiy, por sob os arvoredos aromáticos do Mamudié — lá partiu, ao trote da parelha branca, arrancando-me a uma felicidade onde o meu coração deitara raízes, agora despedaçadas e gotejando sangue no silêncio do meu peito. O douto Topsius, abarracado sob o seu guarda-sol verde, recomeçara, impassível, a murmurar coisas de velha erudição. Sabia eu por onde íamos

rodando? Por sobre a nobre Calçada dos Sete Estados, que o primeiro dos Lágidas construíra para comunicar com a ilha de Faros, louvada nos versos de Homero! Nem o escutava, debruçado para trás na caleche, agitando o lenço molhado da minha saudade. A doce Maricoquinhas, à porta do hotel, ao lado de Alpedrinha, linda sob o chapéu florido de papoulas, fazia esvoaçar também o seu lenço amoroso e acariciador: e um momento estas duas cambraias brancas sacudiram uma para a outra, no ar quente, o ardor dos nossos corações. Depois eu caí sobre a almofada de chita, como cai um corpo morto...

Apenas embarcado no Caimão, corri a esconder no beliche a minha dor. Topsius ainda me agarrou pela manga

para me mostrar sítios das grandezas dos Ptolomeus, o porto de Eunotos, a enseada de mármore onde ancoravam as galeras de Cleópatra. Fugi; na escada esbarrei, quase rolei sobre uma irmã da caridade, que subia timidamente, com as suas contas na mão. Rosnei um «desculpe, minha santinha». E tombando enfim no catre, deixei escapar o pranto à larga, por cima do embrulho de papel pardo: ele era tudo que me restava dessa paixão de incomparável esplendor, passada na terra do Egito.

Dois dias e duas noites o Caimão arquejou e rolou nos vagalhões do mar de Tiro. Enrodilhado num cobertor, sem largar do peito o embrulhinho de Mary, eu recusava com ódio as bolachas que de vez em quando me trazia o humaníssimo

Topsius; e desatento às coisas eruditas que ele imperturbavelmente me contava destas águas chamadas pelos Egípcios o Grande Verde, rebuscava, debalde, na memória, bocados soltos de uma oração que ouvira à titi, para amansar as vagas iradas.

Mas uma tarde, ao escurecer, tendo cerrado os olhos, pareceu-me sentir sob as chinelas um chão firme, chão de rocha, onde cheirava a rosmaninho: e achei-me incompreensivelmente a subir uma colina agreste de companhia com a Adélia e com a minha loura Mary — que saíra de dentro do embrulho, fresca, nítida, sem ter sequer amarrotado as papoulas do seu chapéu! Depois, por trás de um penedo, surgiu-nos um homem nu, colossal, tisnado, de cornos; os seus olhos

reluziam, vermelhos como vidros redondos de lanternas; e, com o rabo infindável, ia fazendo no chão o rumor de uma cobra irritada que roja por folhas secas. Sem nos cortejar, impudentemente, pôs-se a marchar ao nosso lado. Eu percebi bem que era o Diabo; mas não senti escrúpulo, nem terror. A insaciável Adélia atirava olhadelas oblíquas à potência dos seus músculos. Eu dizia-lhe, indignado: «Porca, até te serve o Diabo?»

Assim marchando, chegámos ao alto do monte — onde uma palmeira se desgrenhava sobre um abismo cheio de mudez e de treva. Defronte de nós, muito longe, o céu desdobrava-se como um vasto estofo amarelo: e sobre esse fundo vivo, cor de gema de ovo, destacava um negríssimo outeiro, tendo cravadas no alto

três cruzinhas em linha, finas e de um só traço. O Diabo, depois de escarrar, murmurou, travando-me da manga: «A do meio é a de Jesus, filho de José, a quem também chamam o Cristo; e chegámos a tempo para saborear a Ascensão.» Com efeito! A cruz do meio, a do Cristo, desarraigada do outeiro, como um arbusto que o vento arranca, começou a elevar-se, lentamente, engrossando, atravancando o céu. E logo de todo o espaço voaram bandos de anjos, a sustê-la, apressados como as pombas quando acodem ao grão; uns puxavam-na de cima, tendo-lhe amarrado ao meio longas cordas de seda; outros, de baixo, empurravam-na — e nós víamos o esforço entumecido dos seus braços azulados. Por vezes do madeiro desprendia-se, como uma cereja muito

madura, uma grossa gota de sangue: um serafim recolhia-a nas mãos e ia colocá-la sobre a parte mais alta do céu, onde ela ficava suspensa e brilhando com o resplendor de uma estrela. Um ancião enorme de túnica branca, a que mal distinguíamos as feições, entre a abundância da coma revolta e os flocos de barbas nevadas, comandava, estirado entre nuvens, estas manobras da Ascensão, numa língua semelhante ao latim e forte como o rolar de cem carros de guerra. Subitamente tudo desapareceu. E o Diabo, olhando para mim, pensativo: «*Consummatum est*, amigo! Mais outro deus! Mais outra religião! E esta vai espalhar em Terra e Céu um inenarrável tédio.»

E logo, levando-me pela colina

abaixo, o Diabo rompeu a contar-me animadamente os cultos, as festas, as religiões que floresciam na sua mocidade. Toda esta costa do Grande Verde, então, desde Biblos até Cartago, desde Elêusis até Mênfis, estava atulhada de deuses. Uns deslumbravam pela perfeição da sua beleza, outros pela complicação da sua ferocidade. Mas todos se misturavam à vida humana, divinizando-a: viajavam em carros triunfais, respiravam as flores, bebiam os vinhos, defloravam as virgens adormecidas. Por isso eram amados com um amor que não mais voltará: e os povos, emigrando, podiam abandonar os seus gados ou esquecer os rios onde tinham bebido — mas levavam carinhosamente os seus deuses ao colo, «O amigo», perguntou ele, «nunca esteve

em Babilónia?» Aí, todas as mulheres, matronas ou donzelas, se vinham um dia a prostituir nos bosques sagrados, em honra da deusa Milita. As mais ricas chegavam em carros marchetados de prata, puxados a búfalos, e escoltadas de escravas; as mais pobres traziam uma corda ao pescoço. Umas, estendendo um tapete na erva, agachavam-se como reses pacientes; outras, erguidas, nuas, brancas, com a cabeça escondida num véu preto, eram como esplêndidos mármores entre os troncos dos álamos. E todas assim esperavam que qualquer, atirando-lhes uma moeda de prata, lhes dissesse: «Em nome de Vénus!» Seguiam-no então, fosse um príncipe vindo de Susa com tiara de pérolas, ou o mercador que desce o Eufrates no seu barco de couro: e toda a

noite rugia, na escuridão das ramagens, o delírio da luxúria ritual. Depois o Diabo disse-me das fogueiras humanas de Moloch, os mistérios da boa deusa em que os lírios se regavam com sangue e os ardentes funerais de Adónis...

E parando, risonhamente: «O amigo nunca esteve no Egito?» Eu disse-lhe que estivera e conhecera lá Maricocas. E o Diabo, cortês: «Não era Maricocas, era Ísis!» Quando a inundação chegava até Mênfis, as águas cobriam-se de barças sagradas. Uma alegria heroica, subindo para o Sol, fazia os homens iguais aos deuses. Osíris, com os seus cornos de boi, montava Ísis; e, entre o estridor das harpas de bronze, ouvia-se por todo o Nilo o rugido amoroso da vaca divina.

Depois o Diabo contava-me como

brilhavam, doces e belas, na Grécia, as religiões da Natureza. Aí tudo era branco, polido, puro, luminoso e sereno: uma harmonia saía das formas dos mármores, da constituição das cidades, da eloquência das academias e das destrezas dos atletas: por entre as ilhas da Iónia, flutuando na moleza do mar mudo como cestas de flores, as Nereidas dependuravam-se da borda dos navios para ouvir as histórias dos viajantes; as Musas, de pé, cantavam pelos vales: e a beleza de Vénus era como uma condensação da beleza da Helénia.

Mas aparecera este carpinteiro da Galileia — e logo tudo acabara! A face humana tornava-se para sempre pálida, cheia de mortificação: uma cruz escura, esmagando a Terra, secava o esplendor

das rosas, tirava o sabor dos beijos — e era grata ao deus novo a fealdade das formas.

Julgando Lúcifer entristecido, eu procurava consolá-lo: «Deixe estar, ainda há de haver no mundo muito orgulho, muita prostituição, muito sangue, muito furor! Não lamente as fogueiras de Moloch. Há de ter fogueiras de judeus.» E ele, espantado: «Eu? Uns ou outros, que me importa, Raposo? Eles passam, eu fico!»

Assim, despercebido, a conversar com Satanás, achei-me no Campo de Santana. E tendo parado, enquanto ele desenvencilhava os cornos dos ramos de uma das árvores — ouvi de repente ao meu lado um berro: «Olha o Teodorico com o porco-sujo!» Voltei-me. Era a titi!

A titi, lívida, terrível, erguendo, para me espancar, o seu livro de missa! Coberto de suor — acordei.

Topsius gritava, à porta do beliche, alegremente:

— Levante-se, Raposo! Estamos à vista da Palestina!

O *Caimão* parara; e no silêncio eu sentia a água roçando-lhe o costado, de leve, num murmúrio de mansa carícia. Porque sonhara eu assim, ao avizinhar-me de Jerusalém, com os deuses falsos, Jesus seu vencedor, e o Demónio a todos rebelde? Que suprema revelação me preparava o Senhor?...

***

Desenrodilhei-me da manta;

atordoado, sujo, sem largar o precioso embrulho da Mary, subi ao tombadilho, encolhido no meu jaquetão. Um ar fino e forte banhou-me deliciosamente, trazendo um aroma de serra e de flor de laranjeira. O mar emudecera, todo azul, na frescura da manhã. E ante meus olhos pecadores estendia-se a terra da Palestina, arenosa e baixa — com uma cidade escura, rodeada de pomares, toucada no alto de flechas de sol irradiando como os raios de um resplendor de santo.

— Jafa! — gritou-me Topsius, sacudindo o seu cachimbo de louça. — Aí tem o D. Raposo a mais antiga cidade da Ásia, a velhíssima Jope, anterior ao Dilúvio! Tire o barrete, saúde essa anciã dos tempos, cheia de lenda e de história... Foi aqui que o borrachíssimo Noé

construiu a sua arca!

Cortejei, assombrado.

— Caramba! Ainda agora a gente chega, já lhe começam a aparecer coisas de religião!

E conservei-me descoberto — porque o *Caimão*, ao ancorar diante da Terra Santa, tomara o recolhimento de uma capela, cheia de piedosas ocupações e de unção. Um lazarista, de longa sotaina, passeava, com os olhos baixos, meditando o seu Breviário. Sumidas dentro dos capuzes negros de lustrina, duas religiosas corriam os dedos pálidos pelas contas dos seus rosários. Ao longo da amurada húmida, peregrinos da Abissínia, hirsutos padres gregos de Alexandria, pasmavam para o casario de Jafa, aureolado de sol, como para a iluminação de um sacrário. E

a sineta à popa tilintava, na brisa salgada, com uma doçura devota de toque de missa...

Mas, vendo uma barcaça escura remar para o*Caimão*— baixei depressa ao beliche a pôr o meu capacete de cortiça, calçar luvas pretas, para pisar decorosamente a terra do meu Salvador. Ao voltar, bem escovado, bem perfumado, achei a lancha atulhada. E descia, com alvoroço, atrás de um franciscano barbudo — quando o amado embrulhinho da Mary escapou dos meus braços carinhosos, rolou em saltos pela escada como uma pela, raspou a borda do bote... Ia sumir-se nas águas amargas! Dei um berro. Uma das religiosas apanhou-o, ligeira e cheia de misericórdia.

— Agradecido, minha senhora! —

gritei, enfiado. — É um pacotezinho de roupa! Seja pelo sagrado amor de Maria!

Ela refugiou-se modestamente na sombra do seu capuz; e como eu me acomodara, mais longe, entre Topsius e o franciscano barbudo que cheirava a alho — a santa criatura guardou o embrulho sobre o seu puro regaço, deitou-lhe mesmo por cima as contas do seu rosário.

O arrais, empunhando o leme, bradou: «Alá é grande, larga!» Os árabes remaram cantando. O Sol surgiu por trás de Jafa. E eu, encostado ao meu guarda-chuva, contemplava a pudica religiosa que assim levava, ao colo, para a terra de castidade, a camisinha da Mary.

Era nova: e entre o bioco triste de lustrina preta parecia de marfim o seu rosto oval, onde as pestanas longas

punham a sombra de uma dolente melancolia. Os beiços tinham perdido toda a cor e todo o calor, para sempre inúteis, destinados somente a beijar os pés arroxeados do cadáver de um deus. Comparada com Mary, rosa de Iorque aberta e sensual, perfumando Alexandria — esta pendia como um lírio ainda fechado e já murcho na humidade de uma capela. Ia certamente para algum hospício da Terra Santa. A vida para ela devia ser uma sucessão de chagas a cobrir de fios e de lençóis a estender por cima de faces mortas. E era decerto o medo do Senhor que a tornava assim tão pálida.

— Bem tola! — murmurei eu.

Pobre e estéril criatura! Percebeu ela por acaso o que continha aquele embrulho pardo? Sentiu ela subir de lá, e

espalhar-se no escuro do seu capuz, um perfume estranho e enlanguescedor de baunilha e de pele amorosa? A quentura do leito revolto, que ficara nas rendas da camisa, atravessou por acaso o papel e veio aquecer-lhe brandamente os joelhos? Quem sabe! Durante um momento pareceu-me que uma gota de sangue novo lhe roseou a face desmaiada e que debaixo do hábito, onde brilhava uma cruz, o seu seio arfou, perturbado: mesmo julguei ver lampejar, por entre as suas pestanas, um raio fugitivo e assustado procurando as minhas barbas cerradas e pretas... Mas foi só um relance. Outra vez, sob o capuz, o rosto recaiu na sua frialdade de *mármore* santo; e sobre o seio submetido, a cruz pesou, ciumenta e de ferro. Ao seu lado, a outra religiosa,

rechonchuda e de lunetas, sorria para o verde-mar, sorria para o sábio Topsius — com um sorriso claro que saía da paz do seu coração e lhe punha uma covinha no queixo.

Apenas saltámos na areia da Palestina, corri a agradecer, de capacete na mão, garboso e palaciano.

— Minha irmã, estou muito penhorado... Grande desgosto se se perdesse o pacotezinho!... É de minha tia, uma encomenda para Jerusalém... Lá lhe contarei... A titi é muito respeitadora de coisas santas, pela-se pela caridade...

Muda, no refolho do seu capuz, ela estendeu-me o embrulhinho com a ponta dos dedos, débeis e mais transparentes que os de uma Senhora da Agonia. E os dois hábitos negros sumiram-se, entre

muros faiscantes de cal nova, numa viela em escadas onde apodrecia o cadáver de um cão sob o voo dos moscardos. Eu murmurei ainda: «Bem tola!»

Quando me voltei, Topsius, à sombra do seu guarda-sol, conversava com o homem prestante que foi nosso guia através das terras da Escritura. Era moço, moreno, espigado, com longos bigodes esvoaçando ao vento; usava jaqueta de veludilho e botas brancas de montar; as coronhas prateadas de duas pistolas, emergindo de uma faixa de lã negra, armavam-lhe heroicamente o peito forte: e trazia amarrado na cabeça, com as pontas e as franjas atiradas para trás, um lenço rutilante de seda amarela. O seu nome era Paulo Potte, a sua pátria o Montenegro: e toda a costa da Síria o conhecia pelo

alegre Potte. Jesus, que alegre matalote! A alegria faiscava-lhe na pupila azul-clara; a alegria cantava-lhe nos dentes incomparáveis; a alegria estremecia-lhe nas mãos buliçosas; a alegria ressoava-lhe no bater dos tacões. Desde Ascalão até aos bazares de Damasco, desde o Carmelo até aos pomares de Engadi — ele era o *alegre Potte*. Estendeu-me rasgadamente a bolsa de tabaco perfumado. Topsius maravilhou-se do seu saber bíblico. Eu, com palmadas pelo ventre, gritei-lhe logo: «Meu gajo!» E, depois de valentes apertos de mão, fomos para o Hotel de Josafat firmar o nosso contrato, bebendo vasta cerveja:

O alegríssimo Potte depressa organizou a nossa caravana para a cidade do Senhor. Um macho levava as bagagens;

o arrieiro árabe, embrulhado num farrapo azul, era tão airoso e lindo que eu, irresistivelmente e sem cessar, procurava o negro afago do seu olhar de veludo; e, por luxo oriental, como escolta, seguia-nos um beduíno, velho, catarroso, com o albornoz de lã de camelo listrado de cinzento e uma forte lança ferrugenta toda enfeitada de borlas.

Guardei num alforge, desveladamente, o embrulhinho mimoso da camisinha da Mary: depois, já na sela, alongados os loros do pernudo Topsius, o festivo Potte, floreando o chicote, lançou o antigo grito das Cruzadas e de Ricardo, Coração de Leão: «Avante, a Jerusalém, Deus o quer!» E a trote, com os charutos em brasa, saímos de Jafa pela Porta do Mercado — à hora em que suavemente

tocava a vésperas no Hospício dos Padres Latinos.

Na luminosa meiguice da tarde, a estrada alongava-se através de jardins, hortas, pomares, laranjais, palmeirais, terra da Promissão, resplandecente e amável. Por entre as sebes de mirtos perdia-se o fugidio cantar das águas. O ar todo, de uma doçura inefável, como para nele respirar melhor o povo eleito de Deus, era um derramado perfume de jasmins e limoeiros. O grave e pacífico chiar das noras ia adormecendo, ao fim do dia de rega, entre as romãzeiras em flor. Alta e serena no azul, voava uma grande águia.

Consolados, parámos numa fonte de mármore vermelho e negro, abrigada à sombra de sicômoros onde arrulhavam

rolas: ao lado erguia-se uma tenda, com um tapete na relva coberto de uvas e de malgas de leite; e o velho de barbas brancas que a ocupava saudou-nos em nome de Alá, com a nobreza de um patriarca. A cerveja tinha-me feito sede: foi uma rapariga, bela como a antiga Raquel, que me deu a beber do seu cântaro de forma bíblica, sorrindo, com o seio descoberto, duas longas argolas de ouro batendo-lhe a face morena — e um cordeirinho branco e familiar preso da ponta da túnica.

A tarde descia, muda e dourada, quando penetrámos na planície de Sáron, que a Bíblia outrora encheu de rosas. No silêncio tilintavam os chocalhos de um rebanho de cabras negras, que um árabe ia pastoreando, nu como um S. João. Lá ao

fundo, os montes sinistros da Judeia, tocados pelo Sol oblíquo que se afundava sobre o mar de Tiro, pareciam ainda formosos, azuis e cheios de doçura de longe, como as ilusões do pecado. Depois tudo escureceu. Duas estrelas de um resplendor infinito apareceram — e começaram a caminhar adiante de nós para os lados de Jerusalém.

***

O nosso quarto, no Hotel do Mediterrâneo, em Jerusalém, com a sua abóbada caiada de branco, o chão de tijolo, semelhava uma rígida cela de rude mosteiro. Mas, fronteiro à janela, um tabique delgado, revestido de papel de ramagens azuis, dividia-o de outro quarto,

onde nós sentíamos uma voz fresca cantarolar a *Balada do Rei de Tule*; e aí, exalando conforto e civilização, brilhava um guarda-roupa de mogno, que eu abri, como se abre um relicário, para encerrar o meu embrulhinho bendito.

Os dois leitozinhos de ferro desapareciam sob as pregas virginais dos cortinados de cambraia branca; e ao meio havia uma mesa de pinho, onde Topsius estudava o mapa da Palestina, enquanto eu, de chinelos, passeava, limando as unhas. Era a devota sexta-feira em que a cristandade comemora, enternecida, os Santos Mártires de Évora. Nós tínhamos chegado nessa tarde, sob uma chuva triste e miúda, à cidade do Senhor: e de vez em quando Topsius, erguendo os óculos de cima das estradas de Galileia,

contemplava-me de braços cruzados e murmurava com amizade:

— Ora está o amigo Raposo em Jerusalém!

Eu, parando ao espelho, dava um olhar às barbas crescidas, à face crestada, e murmurava também, agradado:

— É verdade, cá está o belo Raposo em Jerusalém!

E voltava, insaciado, a admirar através dos vidros baços a divina Sião. Sob a chuva melancólica erguiam-se defronte as paredes brancas de um convento silencioso, com as persianas verdes corridas, e duas enormes goteiras de zinco a cada esquina, uma escoando-se ruidosamente sobre uma viela deserta — a outra caindo no chão mole de uma horta plantada de couves, onde orneava um

jumento. Desse lado, era uma vastidão infindável de telhados em terraço, lúgubres e cor de lodo, com uma cupulazinha de tijolo em forma de forno, e longas varas para secar farrapos; e quase todos decrépitos, desmantelados, misérrimos, pareciam desfazer-se na água lenta que os alagava. Do outro, elevava-se uma encosta atulhada de casebres sórdidos, com verduras de quintal, esfumadas, arrepiadas na névoa húmida; por entre eles, torcia-se uma viela esgalgada, em escadinhas, onde constantemente se cruzavam frades de alpercatas sob os seus guarda-chuvas, sombrios judeus de melenas caídas ou algum vagaroso beduíno arregaçando o seu albornoz... Por cima pesava o céu pardacento. E assim da minha janela me

aparecia a velha Sião, a bem-edificada, brilhante de claridade, alegria da Terra, formosa entre as cidades.

— Isto é um horror, Topsius! Bem dizia o Alpedrinha! Isto é pior que Braga, Topsius! E nem um passeio, nem um bilhar, nem um teatro! Nada! Olha que cidade para viver Nosso Senhor!

— Sim! No tempo dele era mais divertida — resmungou o meu sapiente amigo.

E logo me propôs que no domingo partíssemos para as margens do Jordão — onde o reclamavam os seus estudos sobre os Herodes. Aí eu poderia ter deleites campestres — banhando-me nas águas santas, atirando às perdizes, entre as palmeiras de Jericó. Acedi com gosto. E descemos a comer, chamados por uma

sineta de convento, funerária e badalando na sombra do corredor.

O refeitório era também abobadado, com uma esteira de esparto sobre o chão de ladrilho: e estávamos sós, o erudito investigador dos Herodes e eu, na mesa tristonha, adornada com flores de papel em vasinhos rachados. Remexendo o macarrão de uma sopa dessaborida, murmurei, sucumbido: «Jesus, Topsius, que grande maçada!» Mas uma porta de vidraça ao fundo abriu-se de leve; e logo exclamei, arrebatado: «Caramba, Topsius, que grande mulher!»

Grande, em verdade! Sólida e saudável como eu; branca, da alvura do linho muito lavado, e picada de sardas; coroada por uma massa ardente de cabelo ondeado e castanho; presa num vestido de

sarja azul que os seios rijos quase faziam estalar — ela entrou, derramando um fresco cheiro de sabão *Windsor*e de água-de-colónia, e logo alumiou todo o refeitório com o esplendor da sua carne e da sua mocidade... O facundo Topsius comparou-a à fortíssima deusa Cibele.

Cibele sentou-se no topo da mesa, serena e soberba. Ao lado, fazendo ranger a cadeira com o peso dos seus amplos membros, acomodou-se um hércules tranquilo, calvo, de espessas barbas grisalhas — que, no mero gesto de desdobrar o guardanapo, revelou a omnipotência do dinheiro e o envelhecido hábito de mandar. Por um *yes* que ela murmurou, compreendi que era da terra de Maricocas. E lembrava-me a inglesa do senhor barão.

Ela colocara junto ao prato um livro aberto que me pareceu ser de versos: o barbaças, mastigando com o vagar majestoso de um leão, folheava também em silêncio o seu *Guia do Oriente*. E eu esquecia o meu carneiro guisado, para contemplar devoradoramente cada uma das suas perfeições. De vez em quando ela erguia a franja cerrada das suas pestanas: eu esperava com ânsia o dom desse claro e suave olhar; mas ela derramava-o pelos muros caiados, pelas flores de papel, e deixava-o recair, desinteressado e frio, sobre as páginas do seu poema.

Depois do café beijou a mão cabeluda do barbaças, e desapareceu pela porta envidraçada, levando consigo o aroma, a luz, e a alegria de Jerusalém. O

hércules acendeu morosamente o cachimbo; disse ao moço «que lhe mandasse o Ibraim, o guia»; levantou-se, pesado e membrudo. Junto à porta derrubou o guarda-chuva de Topsius, do venerabilíssimo Topsius, glória da Alemanha, membro do Instituto Imperial de Escavações Históricas; e passou — sem o erguer, nem sequer baixar o olho altivo.

— Irra, bruto! — rosnei, a borbulhar de furor.

O meu douto amigo, com a sua cobardia social de alemão disciplinado, apanhou o seu guarda-chuva e escovou-lhe o paninho, murmurando, já trémulo, que talvez «o barbaças fosse um duque...»

— Qual duque! Para mim não há duques! Eu sou Raposo, dos Raposos do

Alentejo... Rachava-o!

Mas a tarde descia — e devíamos fazer a nossa visita reverente ao sepulcro do nosso Deus. Corri ao quarto, a ornar-me com o meu chapéu alto, como prometera à titi; e penetrava no corredor quando vi Cibele abrir a porta, *junto da nossa porta*, e sair envolta numa capa cinzenta, com uma gorra onde alvejavam duas penas de gaivota. O coração bateu-me no delírio de uma grande esperança. Assim, era ela que cantarolava a *Balada do Rei de Tule*! Assim, os nossos leitos estavam apenas separados pelo fino, frágil tabique coberto de ramarias azuis! Nem procurei as luvas pretas: desci num alvoroço, certo de que a ia encontrar no sepulcro de Jesus: e planeava já verrumar no tabique um buraco, por onde o meu

olho namorado pudesse ir saciar-se nas belezas do seu desalinho.

Ainda chovia, lugubremente. Apenas começámos a atolar-nos no enxurro da Via Dolorosa, entalada entre muros cor de lodo — chamei Potte para debaixo do meu guarda-chuva, perguntei-lhe se vira no hotel a minha forte e sardenta Cibele. O jucundo Potte já a admirara. E pelo Ibraim, seu compadre dileto, sabia que o barbaças era um escocês, negociante de curtumes...

— Aí está, Topsius! — gritei eu. — Negociante de curtumes... Qual duque! É uma besta! Eu rachava-o! Em coisas de dignidade sou uma fera. Rachava-o!

A filha, a das bastas tranças, dizia Potte, tinha um nome radiante de pedra preciosa: chamava-se Ruby, rubi. Amava

os cavalos, era arrojada; na Alta Galileia, de onde vinham, matara uma águia negra...

— Ora aqui têm os cavalheiros a casa de Pilatos...

— Deixa lá a casa de Pilatos, homem! Importa-me bem com Pilatos! E então que diz mais o Ibraim? Desembucha, Potte!

Ali a Via Dolorosa estreitava-se, abobadada, como um corredor de catacumba. Dois mendigos chaguentos roíam cascas de melões, assapados na lama e grunhindo. Um cão uivava. E o risonho Potte contava-me que o Ibraim vira muitas vezes Miss Ruby enlevada na beleza dos homens da Síria: de noite, à porta da tenda, enquanto o papá cervejava, ela dizia versos baixinho, olhando para a palpitação das estrelas. Eu

pensava: «Caramba! tenho mulher!»

— Ora aqui estão os cavalheiros diante do Santo Sepulcro...

Fechei o meu guarda-chuva. Ao fundo de um adro, de lajes descoladas, erguia-se a fachada de uma igreja, caduca, triste, abatida, com duas portas em arco: uma tapada já a pedregulho e cal, como supérflua; a outra timidamente, medrosamente entreaberta. E aos flancos débeis deste templo, soturno, manchado de tons de ruína, colavam-se duas construções desmanteladas, do rito latino e do rito grego — como filhas apavoradas que a morte alcançou e que se refugiam ao seio da mãe, meio morta também e já fria.

Calcei então as minhas luvas pretas. E imediatamente, um bando voraz de homens sórdidos envolveu-nos com

alarido, oferecendo relíquias, rosários, cruzes, escapulários, bocadinhos de tábuas aplainadas por S. José, medalhas, bentinhos, frasquinhos de água do Jordão, círios, *agnus Dei*, litografias da Paixão, flores de papel feitas em Nazaré, pedras benzidas, caroços de azeitona do Monte Olivete e túnicas «como usava a Virgem Maria!» E à porta do sepulcro de Cristo, onde a titi me recomendara que entrasse de rastos, gemendo e rezando a coroa — tive de esmurrar um malandrão de barbas de eremita, que se dependurara na minha rabona, faminto, rábido, ganindo que lhe comprássemos boquilhas feitas de um pedaço da arca de Noé!

— Irra, caramba, larga-me, animal!

E foi assim, praguejando, que me

precipitei, com o guarda-chuva a pingar, dentro do santuário sublime onde a cristandade guarda o túmulo do seu Cristo. Mas logo estaquei, surpreendido, sentindo um delicioso e grato aroma de tabaco da Síria. Num amplo estrado, afofado em divã, com tapetes da Caramânia e velhas almofadas de seda, reclinavam-se três turcos, barbudos e graves, fumando longos cachimbos de cerejeira. Tinham dependurado na parede as suas armas. O chão estava negro dos seus escarros. E, diante, um servo em farrapos esperava, com uma taça fumegante de café na palma de cada mão.

Pensei que o catolicismo, previdente, estabelecera à porta do lugar divino uma «loja de bebidas e aguardentes», para conforto dos seus

romeiros. Disse baixo a Potte:

— Grande ideia! Parece-me que também vou tomar um cafezinho!

Mas logo o festivo Potte me explicou que esses homens sérios, de cachimbo, eram soldados muçulmanos policiando os altares cristãos, para impedir que em torno ao mausoléu de Jesus se dilacerem, por superstição, por fanatismo, por inveja de alfaias, os sacerdócios rivais que ali celebram os seus ritos rivais — católicos como o padre Pinheiro, gregos ortodoxos para quem a cruz tem quatro braços, abissínios e arménios, coptas que descendem dos que outrora em Mênfis adoravam o boi Ápis, nestorianos que vêm da Caldeia, georgianos que vêm do mar Cáspio, maronitas que vêm do Líbano — todos

cristãos, todos intolerantes, todos ferozes!... Então saudei com gratidão esses soldados de Maomet que, para manter o recolhimento piedoso em torno do Cristo morto, serenos e armados velam à porta, fumando.

Logo à entrada parámos diante de uma lápide quadrada, incrustada nas lajes escuras, tão polida e reluzindo com um tão doce brilho de nácar que parecia a água quieta de um tanque onde se refletiam as luzes das lâmpadas. Potte puxou-me a manga, lembrou-me que era costume beijar aquele pedaço de rocha, santa entre todas, que outrora, no jardim de José de Arimateia...

— Bem sei, bem sei... Beijo, Topsius?

— Vá beijando sempre — disse-

me o prudente historiógrafo dos Herodes. — Não se lhe pega nada, e agrada à senhora sua tia.

Não beijei. Em fila e calados, penetrámos numa vasta cúpula, tão esfumada no crepúsculo que o círculo de frestas redondas na cimalha brilhava apenas, palidamente, como um aro de pérolas em torno de uma tiara: as colunas que a sustentavam, finas e juntas como as lanças de uma grade, riscavam a sombra em redor — cada uma picada pela mancha vermelha e mortal de uma lâmpada de bronze. Ao centro do lajedo sonoro elevava-se, espelhado e branco, um mausoléu de mármore — com lavores e com florões: um velho pano de damasco cobria-o como um toldo, recamado de bordados de ouro esvaído: e duas alas de

tocheiros faziam-lhe uma avenida de lumes funerários até à porta, estreita como uma fenda, tapada por um trapo cor de sangue. Um padre arménio que desaparecia sob o seu amplo manto negro, sob o capuz descido, incensava-o, dormente e mudamente.

Potte puxou-me outra vez pela manga:

— O túmulo!

Oh minha alma piedosa! Oh titi! Aí estava pois, ao alcance dos meus lábios, o túmulo do meu Senhor! — E imediatamente rompi como um rafeiro, por entre a turba ruidosa de frades e peregrinos, a buscar um rosto gordinho e sardento e uma gorra com penas de gaivota! Longamente, errei estonteado... Ora esbarrava num franciscano cingido na

sua corda de esparto; ora me arredava diante de um padre copta, deslizando como uma sombra ténue, precedido por serventes que tangiam as pandeiretas sagradas do tempo de Osíris. Aqui topava num montão de roupagens brancas, caído nas lajes como um fardo, donde se escapavam gemidos de contrição; adiante tropeçava num negro, todo nu, estirado ao pé de uma coluna, dormindo placidamente. Por vezes o clamor sacro de um órgão ressoava, rolava pelos mármores da nave, morria com um sussurro de vaga espraiada: e logo mais longe um canto arménio, trémulo e ansioso, batia os muros austeros como a palpitação das asas de uma ave presa que quer fugir para a luz. Junto de um altar apartei dois gordos sacristães, um grego,

outro latino, que se tratavam furiosamente de *birbantes*, esbraseados, cheirando a cebola; e fui de encontro a um bando de romeiros russos de grenhas hirsutas, vindos decerto do Cáspio, com os pés doloridos embrulhados em trapos, que não ousavam mover-se, enleados de temor divino, torcendo o barrete de feltro entre as mãos, donde lhes pendiam grossos rosários de vidro. Crianças, em farrapos, brincavam na escuridão das arcarias; outras pediam esmola. O aroma do incenso sufocava; e padres de cultos rivais puxavam-me pela rabona para me mostrarem relíquias rivais, heroicas ou divinas — uns as esporas de Godofredo, outros um pedaço da cana verde.

Atordoado, enfileirei-me numa procissão penitente — onde eu julgara

entrever, brancas, altivas, entre véus pretos de arrependimento, as duas penas de gaivota. Uma carmelita, à frente, resmungava a ladainha, detendo-nos a cada passo, arrebanhados num assombro devoto, à porta de capelas cavernosas, dedicadas à Paixão: a do Impropério, onde o Senhor foi flagelado; a da Túnica, onde o Senhor foi despido. Depois subimos, de tochas na mão, uma escadaria tenebrosa, escavada na rocha... E subitamente todo o tropel devoto se atirou de rojo, ululando, carpindo, gemendo, flagelando os peitos, clamando pelo Senhor, lúgubre e delirante. Estávamos sobre a pedra do Calvário.

Em torno, a capela que a abriga resplandecia com um luxo sensual e pagão. No teto azul-ferrete brilhavam sóis

de prata, signos do Zodíaco, estrelas, asas de anjos, flores de púrpura: e, de entre este fausto sideral, pendiam de correntes de pérolas os velhos símbolos da fecundidade, os ovos de avestruz, ovos sacros de Astarte e de Baco de ouro. Sobre o altar elevava-se uma cruz vermelha com um Cristo tosco pintado a ouro — que parecia vibrar, viver através do fulgor difuso dos molhos de lumes, da faiscação das alfaias, do fumo dos aromáticos ardendo em taças de bronze. Globos espelhados, pousando sobre peanhas de ébano, refletiam as joias dos retábulos, a refulgência das paredes revestidas de jaspe, de nácar e de ágata. E no chão, em meio deste clarão precioso de pedraria e luz, emergindo de entre as lajes de mármore branco — destacava um

bocado de rocha bruta e brava, com uma fenda alargada e polida por longos séculos de beijos e de afagos beatos. Um arquidiácono grego, de barbas esquálidas, gritou: «Nesta rocha foi cravada a Cruz! A Cruz! A Cruz! *Miserere! Kyrie Eleison!* Cristo! Cristo!» As rezas precipitaram-se, mais ardentes, entre soluços. Um cântico dolente balançava-se, ao ranger dos incensadores. *Kyrie Eleison! Kyrie Eleison!* E os diáconos perpassavam rapidamente, sofregamente, com vastos sacos de veludo, onde tilintavam, se afundavam, se sumiam, as oferendas dos simples.

Fugi, aturdido e confuso. O sábio historiador dos Herodes passeava no adro, sob o seu guarda-chuva, respirando o ar húmido. De novo nos acometeu o

bando esfaimado dos vendilhões de relíquias. Repeli-os rudemente: e saí do santo lugar como entrara — em pecado e praguejando.

No hotel, Topsius recolheu logo ao quarto a registar as suas impressões do sepulcro de Jesus; eu fiquei no pátio cervejando e cachimbando com o aprazível Potte. Quando subi, tarde, o meu esclarecido amigo já ressonava, com a vela acesa — e com um livro aberto sobre o leito, um livro meu, trazido de Lisboa para me recrear no país do Evangelho, O *Homem dos Três Calções*. Descalçando os botins, sujos da lama venerável da Via Dolorosa — eu pensava na minha-Cibele. Em que sacratíssimas ruínas, sob que árvores divinizadas por terem dado sombra ao Senhor, passara ela essa tarde

nevoenta de Jerusalém? Fora ao vale do Cédron? Fora ao branco túmulo de Raquel?...

Suspirei, amoroso e moído: e abria os lençóis bocejando — quando distintamente, através do tabique fino, senti um ruído de água despejada numa banheira. Escutei, alvoroçado: e logo nesse silêncio negro e magoado que sempre envolve Jerusalém, me chegou, percetível, o som leve de uma esponja arremessada na água. Corri, colei a face contra o papel de ramagens azuis. Passos brandos e nus pisavam a esteira que recobria o ladrilho de tijolo; e a água rumorejou, como agitada por um doce braço despido que lhe experimentava o calor. Então, abrasado, fui ouvindo todos os rumores íntimos de um longo, lento,

lânguido banho: o espremer da esponja; o fofo esfregar da mão cheia de espuma de sabão; o suspiro lasso e consolado do corpo que se estira sob a carícia da água tépida, tocada de uma gota de perfume... A testa, túmida de sangue, latejava-me: e percorria desesperadamente o tabique, procurando um buraco, uma fenda. Tentei verrumá-lo com a tesoura; as pontas finas quebravam-se na espessura da caliça... Outra vez a água cantou, escoando da esponja — e eu, tremendo todo, julgava ver as gotas vagarosas a escorrer entre o rego desses seios duros e brancos que faziam estalar o vestido de sarja...

Não resisti: descalço, em ceroulas, saí ao corredor adormecido; e cravei à fechadura da sua porta um olho tão esbugalhado, tão ardente — que quase

receava feri-la com a devorante chama do seu raio sanguíneo... Enxerguei num círculo de claridade uma toalha caída na esteira, um roupão vermelho, uma nesga do alvo cortinado do seu leito. E assim agachado, com bagas de suor no pescoço, esperava que ela atravessasse, nua e esplêndida, esse disco escasso de luz — quando senti de repente, por trás, uma porta ranger, um clarão banhar a parede. Era o barbaças, em mangas de camisa, com o seu castiçal na mão! E eu, misérrimo Raposo, não podia escapar. De um lado, estava ele, enorme. Do outro, o topo do corredor, maciço.

Vagarosamente, calado, com método, o hércules pousou a vela no chão, ergueu a sua rude bota de duas solas, e desmantelou-me as ilhargas... Eu rugi:

«Bruto!» Ele ciciou: «Silêncio!» E outra vez, tendo-me ali acercado contra o muro, a sua bota bestial e de bronze me malhou tremendamente quadris, nádegas, canelas, a minha carne toda, bem cuidada e preciosa! Depois, tranquilamente, apanhou o seu castiçal. Então eu, lívido, em ceroulas, disse-lhe com imensa dignidade:

— Sabe o que lhe vale, seu bife? É estarmos aqui ao pé do túmulo do Senhor, e eu não querer dar escândalos por causa da minha tia... Mas se estivéssemos em Lisboa, fora de portas, num sítio que eu cá sei, comia-lhe os fígados! Nem você sabe de que se livrou. Vá com esta, comia-lhe os fígados!

E muito digno, coxeando, voltei ao quarto a fazer pacientes fricções de

arnica. Assim eu passei a minha primeira noite em Sião.

***

Ao outro dia cedo o profundo Topsius foi peregrinar ao Monte das Oliveiras, à fonte clara de Siloé. Eu, dorido, não podendo montar a cavalo, fiquei no sofá de riscadinho com O *Homem dos Três Calções*. E até para evitar o afrontoso barbaças não desci ao refeitório, pretextando tristeza e langor. Mas ao mergulhar o Sol no mar de Tiro — estava restabelecido e vivaz. Potte preparara para essa noite uma festividade sensual em casa de Fatmé, matrona bem acolhedora, que tinha no Bairro dos Arménios um doce pombal de pombas: e

nós íamos lá contemplar a gloriosa bailadeira da Palestina, a *Flor de Jericó*, a saracotear essa *Dança da Abelha*, que esbraseia os mais frios e deprava os mais puros...

A recatada portinha da Fatmé, ornada de um pé de vinha seca, abria-se ao canto de um muro negro junto à Torre de David. Fatmé esperava-nos, majestosa e obesa, envolta em véus brancos, com fios de corais entre as tranças, os braços nus — tendo cada um a cicatriz escura de um bubão de peste. Tomou-me submissamente a mão, levou-a à testa oleosa, levou-a aos lábios empastados de escarlate, e conduziu-me em cerimónia defronte de uma cortina preta, franjada de ouro como o pano de um esquife. E eu estremeci, ao penetrar enfim nos segredos

deslumbradores de um serralho mudo e cheirando a rosa.

Era uma sala caiada de fresco, com sanefas de algodão vermelho encimando a gelosia; e ao longo das paredes corria um divã amassado, revestido de seda amarela, com remendos de seda mais clara. Num bocado de tapete da Pérsia pousava um braseiro de latão, apagado, sob o montão de cinzas; aí ficara esquecido um pantufo de veludo, estrelado de lantejoulas. Do teto de madeira alvadia, onde se alastrava uma nódoa de humidade, pendia, de duas correntes enfeitadas de borlas, um candeeiro de petrolina. Um bandolim dormia a um canto, entre almofadas. No ar morno errava um cheiro adocicado e mole a mofo e a benjoim. Pelos ladrilhos, por

baixo dos poiais da gelosia, corriam carochas.

Sentei-me sisudamente ao lado do historiador dos Herodes. Uma negra de Dongola, encamisada de escarlate, com braceletes de prata a tilintar nos braços, veio oferecer-nos um café aromático: e quase imediatamente Potte apareceu, descorçoado, dizendo que não podíamos saborear a famosa *Dança da Abelha*! A *Rosa de Jericó* fora bailar diante de um príncipe da Alemanha, chegado nessa manhã a Sião, a adorar o túmulo do Senhor. E Fatmé apertava com humildade o coração, invocava Alá, dizia-se nossa escrava! Mas era uma fatalidade! A *Rosa de Jericó* fora para o príncipe louro que viera, com cavalos e com plumas, do país dos Germanos!...

Eu, despeitado, observei que não era um príncipe: mas minha tia tinha luzidas riquezas: os Raposos primavam pelo sangue no fidalgo Alentejo. Se a *Flor de Jericó* estava ajustada para regozijar meus olhos católicos, era uma desconsideração tê-la cedido ao romeiro couraçado que viera da herege Alemanha...

O erudito Topsius resmungou, alçando o bico com petulância, que a Alemanha era a mãe espiritual dos povos...

— O brilho que sai do capacete alemão, D. Raposo, é a luz que guia a humanidade!

— Sebo para o capacete! A mim ninguém me guia! Eu sou Raposo, dos Raposos do Alentejo!... Ninguém me guia

senão Nosso Senhor Jesus Cristo... E em Portugal há grandes homens! Há Afonso Henriques, há o Herculano... Sebo!

Ergui-me, medonho. O sapientíssimo Topsius tremia, encolhido. Potte acudiu:

— Paz, cristãos e amigos, paz!

Topsius e eu recruzámo-nos logo no divã — tendo apertado as mãos, galhardamente e com honra.

Fatmé, no entanto, jurava que Alá era grande e que ela era a nossa escrava. E, se nós a quiséssemos mimosear com sete piastras de ouro, ela, em compensação da *Rosa de Jericó*, oferecia-nos uma joia inapreciável, uma circassiana, mais branca que a Lua cheia, mais airosa que os lírios que nascem em Galgalá.

— Venha a circassiana! — gritei, excitado. — Caramba, eu vim aos Santos Lugares para me refocilar... Venha a circassiana! Larga as piastras, Potte! Irra! Quero regalar a carne!

Fatmé saiu, recuando: o festivo Potte reclinou-se entre nós, abrindo a sua bolsa perfumada de tabaco de Alepo. Então, uma portinha branca, sumida no muro caiado, rangeu a um canto, de leve: e uma figura entrou, velada, vaga, vaporosa. Amplos calções turcos de seda carmesim tufavam com languidez, desde a sua cinta ondeante até aos tornozelos, onde franziam, fixos por uma liga de ouro; os seus pezinhos mal pousavam, alvos e alados, nos chinelos de marroquim amarelo; e através dó véu de gaze que enrodilhava a cabeça, o peito e os braços

— brilhavam recamos de ouro, centelhas de joias e as duas estrelas negras dos seus olhos. Espreguicei-me, túmido de desejo.

Por trás dela, Fatmé, com a ponta dos dedos, ergueu-lhe o véu devagar, devagar — e de entre a nuvem de gaze surgiu um carão cor de gesso, escaveirado e narigudo, com um olho vesgo, e dentes podres que negrejavam no langor néscio do sorriso... Potte pulou do divã, injuriando Fatmé: ela gritava por Alá, batendo nos seios, que soavam molemente como odres mal cheios.

E desapareceram, assanhados, levados numa rajada de ira. A circassiana, requebrando-se, com o seu sorriso pútrido, veio estender-nos a mão suja, a pedir «presentinhos» num tom rouco de aguardente. Repeli-a com nojo. Ela coçou

um braço, depois a ilharga; apanhou tranquilamente o seu véu, e saiu arrastando as chinelas.

— Oh, Topsius! — rosnei eu. — Isto parece-me uma grande infâmia!

O sábio fez considerações sobre a voluptuosidade. Ela é sempre enganadora. Debaixo do sorriso luminoso está o dente cariado. Dos beijos humanos só resta o amargor. Quando o corpo se extasia, a alma entristece...

— Qual alma! Não há alma! O que há é um eminentíssimo desaforo! Na Rua do Arco do Bandeira, esta Fatmé tinha já dois murros na bochecha... Irra!

Sentia-me feroz, com desejos de escavacar o bandolim... Mas Potte reapareceu, cofiando os bigodões, dizendo que, por mais nove piastras de

ouro, Fatmé consentia em mostrar a sua secreta maravilha, uma virgem das margens do Nilo, da Alta Núbia, bela como a noite mais bela do Oriente. E ele vira-a, afiançava-a, valia o tributo de uma fértil província.

Frágil e liberal, cedi. Uma a uma, as nove piastras de ouro tiniram na mão gordufa de Fatmé.

De novo a porta caiada rangeu, ficou cerrada — e, sobre o tom alvaiado, destacou, na sua nudez cor de bronze, uma esplêndida fêmea, feita como uma Vénus. Durante um momento parou, muda, assustada pela luz e pelos homens, roçando os joelhos lentamente. Uma tanga branca cobria-lhe os flancos possantes e ágeis: os cabelos hirsutos, lustrosos de óleo, com cequins de ouro entrelaçados,

caíam-lhe sobre o dorso, como uma juba selvagem; um fio solto de contas de vidro azul enroscava-se-lhe em torno do pescoço e vinha escorregar por entre o rego dos seios rijos, perfeitos e de ébano. De repente soltou convulsamente, repicando a língua, uma ululação desolada: *Lu! lu! lu! lu! lu!* Atirou-se de bruços para o divã: e estirada, na atitude de uma esfinge, ficou dardejando sobre nós, séria e imóvel, os seus grandes olhos tenebrosos.

— Hem? — dizia Potte, acotovelando-me. — Veja-lhe o corpo... Olhe os braços! Olhe a espinha como arqueia! É uma pantera!

E Fatmé, de olhos em alvo, chilreava beijos na ponta dos dedos — exprimindo os deleites transcendentes que

devia dar o amor daquela núbia... Certo, pela persistência do seu olhar, que as minhas barbas fortes a tinham cativado, desenrosquei-me do divã, fui-me acercando, devagar, como para uma presa certa. Os seus olhos alargavam-se, inquietos e faiscantes. Gentilmente, chamando-lhe «minha lindinha», acariciei-lhe o ombro frio: e logo ao contacto da minha pele branca a núbia recuou, arrepiada, com um grito abafado de gazela ferida. Não gostei. Mas quis ser amável. Disse-lhe paternalmente:

— Ah! se tu conhecesses a minha pátria!... E olha que sou capaz de te levar! Em Lisboa é que é! Vai-se ao Dafundo, ceia-se no Silva... Isto aqui é uma choldra! E as raparigas como tu são bem tratadas, dá-se-lhes consideração, os

jornais falam delas, casam com proprietários...

Murmurava-lhe ainda outras coisas profundas e doces. Ela não compreendia o meu falar: e nos seus olhos esgazeados flutuava a longa saudade da sua aldeia da Núbia, dos rebanhos de búfalos que dormem à sombra das tamareiras, do grande rio que corre eterno e sereno entre as ruínas das religiões e os túmulos das dinastias...

Imaginando então despertar o seu coração com a chama do meu, puxei-a para mim, lascivamente. Ela fugiu; encolheu-se toda a um canto, a tremer; e deixando cair a cabeça entre as mãos, começou a chorar, longamente.

— Olha que maçada! — gritei, embaçado.

E agarrei o capacete, abalei, esgaçando quase no meu furor o pano preto franjado de ouro. Parámos numa cela ladrilhada onde cheirava mal. E aí bruscamente foi entre Potte e a nédia matrona uma bulha ferina sobre a paga daquela radiante festa do Oriente: ela reclamava mais sete piastras de ouro: Potte, de bigode eriçado, cuspia-lhe injúrias em árabe, rudes e chocando-se como calhaus que se despenham num vale. E saímos daquele lugar de deleite perseguidos pelos gritos de Fatmé, que se babava de furor, agitava os braços marcados da peste e nos amaldiçoava, e a nossos pais, e aos ossos de nossos avós, e a terra que nos gerara, e o pão que comíamos, e as sombras que nos cobrissem! Depois na rua negra dois cães

seguiram-nos muito tempo, ladrando lugubremente.

Entrei no Hotel do Mediterrâneo, afogado em saudades da minha terra risonha: os gozos de que me via privado nesta lôbrega, inimiga Sião, faziam-me ansiar mais inflamadamente pelos que me daria a fácil, amorável Lisboa, quando, morta a titi, eu herdasse a bolsa sonora de seda verde!... Lá não encontraria, nos corredores adormecidos, uma bota severa e bestial! Lá nenhum corpo bárbaro fugiria, com lágrimas, à carícia dos meus dedos. Dourado pelo ouro da titi, o meu amor não seria jamais ultrajado, nem a minha concupiscência jamais repelida. Ah! meu Deus! Assim eu lograsse, pela minha santidade, cativar a titi!... — E logo, abancando, escrevi à hedionda

senhora esta carta terníssima:

Querida titi do meu coração! Cada vez me sinto com mais virtude. E atribuo-a ao agrado com que o Senhor está vendo esta minha visita ao Seu santo túmulo. De dia e de noite passo o tempo a meditar a Sua divina Paixão e a pensar na titi. Agora mesmo venho da Via Dolorosa. Ai, que enternecedora que estava! É uma rua tão benta, tão benta, que até tenho escrúpulo de a pisar com os botins; e noutro dia não me contive, agachei-me, beijei-lhe as ricas pedrinhas! Esta noite passei-a quase toda a rezar à Senhora do Patrocínio, que todo o mundo aqui em Jerusalém respeita

muitíssimo. Tem um altar muito lindo; ainda que a este respeito bem razão tinha a minha boa tia (como tem razão em tudo) quando dizia que lã para festas e procissões não há como os nossos portugueses. Pois esta noite, assim que ajoelhei diante da capela da Senhora, depois de seis salve-rainhas, voltei-me para a bela imagem e disse-lhe: «Ai, quem me dera saber como está a minha tia Patrocínio!» E quer a titi acreditar? Pois olhe, a Senhora, com a sua divina boca, disse-me, palavras textuais, que até, para não me esquecerem, as escrevi no punho da camisa: «A minha querida afilhada vai bem, Raposo, e espera fazer-te feliz!» E isto não é milagre

extraordinário, porque me contam aqui todas as famílias respeitáveis com quem vou tomar chá que a Senhora e Seu divino Filho dirigem sempre algumas palavras bonitas a quem Os vem visitar. Saberá que já lhe obtive certas relíquias, uma palhinha do presépio e uma tabuinha aplainada por S. José. O meu companheiro alemão, que, como mencionei à titi na minha carta de Alexandria, é de muita religião e muito sábio, consultou os livros que traz e afirmou-me que a tabuinha era das mesmas que, segundo está provado, S. José costumava aplainar nas horas vagas. Enquanto à grande relíquia, aquela que lhe quero levar para a

curar de todos os seus males e dar a salvação à sua alma e pagar-lhe assim tudo o que lhe devo, essa espero em breve obtê-la. Mas por ora não posso dizer nada... Recados aos nossos amigos, em quem penso muito e por quem tenho rezado constantemente; sobretudo ao nosso virtuoso Casimiro. E a titi deite a sua bênção ao seu sobrinho fiel e que muito a venera e está chupadinho de saudades e deseja a sua saúde — Teodorico. P. S. *Ai, titi, que asco que me fez hoje a casa de Pilatos! Até lhe escarrei! E cã disse à Santa Verónica que a titi tinha muita devoção com ela. Pareceu-me que a senhora santa ficou muito regalada... É o que eu*

digo aqui a todos estes eclesiásticos e aos patriarcas: «É necessário conhecer-se a titi, para se saber o que é virtude!»

Antes de me despir, fui escutar, colada a orelha ao tabique de ramagens. A inglesa dormia serena, insensível: eu resmunguei, brandindo para lá o punho fechado:

— Besta!

Depois abri o guarda-roupa, tirei o dileto embrulho da camisinha da Mary, depus nele o meu beijo repenicado e grato.

Cedo, ao alvorar do outro dia, partimos para o devoto Jordão.

***

Fastidiosa, modorrenta, foi a nossa marcha entre as colinas de Judá! Elas sucedem-se, lívidas, redondas como crânios, ressequidas, escalvadas por um vento de maldição: só a espaços nalguma encosta rasteja um tojo escasso, que na vibração inexorável da luz parece de longe um bolor de velhice e de abandono. O chão faísca, cor de cal. O silêncio radiante entristece como o que cai da abóbada de um jazigo. No fulgor duro do céu rondava em torno a nós, lento e negro, um abutre... Ao declinar do Sol erguemos as nossas tendas nas ruínas de Jericó.

Saboroso foi então descansar sobre macios tapetes, bebendo devagar limonada, na doçura da tarde. A frescura de um riacho alegre, que chalrava junto ao

nosso acampamento por entre arbustos silvestres, misturava-se ao aroma da flor que eles davam, amarela como a da giesta; adiante verdejava um prado de ervas altas, avivado pela brancura de vaidosos, lânguidos lírios; junto da água passeavam aos pares pensativas cegonhas. Do lado de Judá, erguia-se o Monte da Quarentena, torvo, fusco na sua tristeza de eterna penitência; e para-as bandas de Moab os meus olhos perdiam-se na velha, sagrada terra de Canaã, areal cinzento e desolado que se estende, como a alva mortalha de uma raça esquecida, até às solidões do mar Morto.

Fomos, ao alvorecer, com os alforges fornidos, fazer essa votiva romaria. Era então em dezembro; esse inverno da Síria ia transparentemente

doce; e trotando pela areia fina ao meu lado, o erudito Topsius contava-me como esta planície de Canaã fora outrora toda coberta de rumorosas cidades, de brancos caminhos entre vinhedos, de águas de rega refrescando os muros das eiras; as mulheres, toucadas de anémonas, pisavam a uva cantando; o perfume dos jardins era mais grato ao Céu que o incenso; as caravanas que entravam no vale pelo lado de Segor achavam aqui a abundância do rico Egito — e diziam que era este em verdade o vergel do Senhor.

— Depois — acrescentava Topsius, sorrindo com infinito sarcasmo — um dia o Altíssimo aborreceu-se e arrasou tudo!

— Mas porquê? porquê?

— Birra; mau humor; ferocidade...

Os cavalos relincharam sentindo a vizinhança das águas malditas — e bem depressa elas apareceram, estendidas até às montanhas de Moab, imóveis, mudas, faiscando solitárias sob o céu solitário. Oh tristeza incomparável! E compreende-se que pesa ainda sobre elas a cólera do Senhor, quando se considera que ali jazem, há tantos séculos — sem uma recriável vila como Cascais; sem claras barracas de lona alinhadas à sua beira; sem regatas, sem pescas; sem que senhoras, meigas e de galochas, lhe recolham poeticamente as conchinhas na areia; sem que as alegrem, à hora das estrelas, as rabecas de uma assembleia toda festiva e com gás — ali mortas, enterradas entre duas serras como entre as cantarias de um túmulo.

— Além era a cidadela de Makeros — disse gravemente o erudito Topsius, alçado sobre os estribos, alongando o guarda-sol para a costa azulada do mar. — Ali viveu um dos meus Herodes, Antipas, o tetrarca da Galileia, filho de Herodes, «o Grande»: ali, D. Raposo, foi degolado o Batista.

E seguindo a passo para o Jordão (enquanto o alegre Potte nos fazia cigarros do bom tabaco de Alepo), Topsius contou-me essa lamentável história. Makeros, a mais altiva fortaleza da Ásia, erguia-se sobre pavorosos rochedos de basalto. As suas muralhas tinham cento e cinquenta côvados de altura; as águias mal podiam chegar até onde subiam as suas torres. Por fora era toda negra e soturna: mas dentro resplandecia de marfins, de

jaspes, de alabastros; e nos profundos tetos de cedro os largos broquéis de ouro suspensos faziam como as constelações de um céu de verão. No centro da montanha, num subterrâneo, viviam as duzentas éguas de Herodes, as mais belas da Terra, brancas como o leite, com clinas negras como o ébano, alimentadas a bolos de mel, e tão ligeiras que podiam correr, sem lhes macular a pureza, por sobre um prado de açucenas. Depois, mais fundo ainda, num cárcere, jazia Iokanan — que a Igreja chama o Batista.

— Mas então, esclarecido amigo, como foi essa desgraça?

— Pois foi assim, D. Raposo... O meu Herodes conhecera em Roma Herodíade, sua sobrinha, esposa de seu irmão Filipe, que vivia na Itália, indolente

e esquecido da Judeia, gozando o luxo latino. Era esplendidamente, sombriamente bela, Herodíade!... Antipas Herodes arrebata-a numa galera para a Síria; repudia sua mulher, uma moabita nobre, filha do rei Aretas, que governava o deserto e as caravanas; e fecha-se incestuosamente com Herodíade nessa cidadela de Makeros. Cólera em toda a devota Judeia, contra este ultraje à lei do Senhor! E então Antipas Herodes, arteiro, manda buscar o Batista, que pregava no vale do Jordão...

— Mas para quê, Topsius?

— Pois para isto, D. Raposo... A ver se o rude profeta acariciado, amimado, amolecido pelo louvor e pelo bom vinho de Siquém, aprovava estes negros amores, e pela persuasão da sua

voz, dominante em Judeia e Galileia, os tomava aos olhos dos fiéis brancos como a neve do Caimelo. Mas, desgraçadamente, D. Raposo, o Batista não tinha originalidade. Santo respeitável, sim; mas nenhuma originalidade... O Batista imitava em tudo servilmente o grande profeta Elias: vivia num buraco como Elias; cobria-se de peles de feras como Elias; nutria-se de gafanhotos como Elias; repetia as imprecações clássicas de Elias — e como Elias clamara contra o incesto de Acab, logo o Batista trovejou contra o incesto de Herodíade. Por imitação, D. Raposo!

— E emudeceram-no com a masmorra!

— Qual! Rugiu pior, mais terrivelmente! E Herodíade escondia a

cabeça no manto para não ouvir esse clamor de maldição, saído do fundo da montanha.

Eu balbuciei, com uma lágrima a amolentar-me a pálpebra:

— E Herodes mandou então degolar o nosso bom S. João!

— Não! Antipas Herodes era um frouxo, um tíbio... Muito lúbrico, D. Raposo, infinitamente lúbrico, D. Raposo! Mas que indecisão!... Além disso, como todos os galileus, tinha uma secreta fraqueza, uma irremediável simpatia por profetas. E depois receava a vingança de Elias, o patrono, o amigo de Iokanan... Porque Elias não morreu, D. Raposo. Habita o Céu, vivo, em carne, ainda coberto de farrapos, implacável, vociferador e medonho...

— Safa! — murmurei, arrepiado.

— Pois aí está... Iokanan ia vivendo, ia rugindo. Mas sinuoso e subtil é o ódio da mulher, D. Raposo. Chega, no mês de Schebat, o dia dos anos de Herodes. Há um vasto festim em Makeros, a que assistia Vitélio, então viajando na Síria. D. Raposo lembra-se do crasso Vitélio que depois foi senhor do mundo... Pois à hora em que, pelo cerimonial das províncias tributárias, se bebia à saúde de César e de Roma, entra subitamente na sala, ao som dos tamborinos e dançando à maneira de Babilónia, uma virgem maravilhosa. Era Salomé, a filha de Herodíade e de seu marido Filipe, que ela educara secretamente em Cesareia, num bosque, junto do Templo de Hércules. Salomé dançou, nua e deslumbrante.

Antipas Herodes, inflamado, estonteado de desejo, promete dar tudo o que ela pedisse pelo beijo dos seus lábios... Ela toma um prato de ouro, e, tendo olhado a mãe, pede a cabeça do Batista. Antipas, aterrado, oferece-lhe a cidade de Tiberíade, tesouros, as cem aldeias de Genesaré... Ela sorriu, olhou a mãe: e outra vez, incerta e gaguejando, pediu a cabeça de Iokanan... Então todos os convivas, saduceus, escribas, homens ricos da Decápole, mesmo Vitélio e os romanos, gritaram alegremente: «Tu prometeste, tetrarca, tu juraste, tetrarca!» Momentos depois, D. Raposo, um negro de Idumeia entrou, trazendo numa das mãos um alfange, na outra, presa pelos cabelos, a cabeça do profeta. E assim acabou S. João, por quem se canta e se

queimam fogueiras numa doce noite de junho...

Escutando, embevecidos e a passo, estas coisas tão antigas — avistámos ao longe, na areia fulva, uma sebe de verdura triste e da cor do bronze. Potte gritou: «O Jordão! o Jordão!» E arrebatadamente galopámos para o rio da Escritura.

O festivo Potte conhecia, à beira da corrente batismal, um sítio deleitosíssimo para uma sesta cristã; e aí passámos as horas quentes, recostados num tapete, lânguidos, e bebendo cerveja, depois de bem esfriada nas águas do rio santo. Ele faz ali um claro, suave remanso, a repousar da lenta, abrasada jornada que traz, através do deserto, desde o lago de Galileia: e antes de

mergulhar para sempre no amargor do mar Morto — ali preguiça, espraiado sobre a areia fina; canta baixo e cheio de transparência, rolando os seixos lustrosos do seu leito; e dorme nos sítios mais frescos, imóvel e verde, à sombra dos tamarindos... Por sobre nós rumorejavam as folhas dos altos choupos da Pérsia: entre as eivas balançavam-se flores desconhecidas, das que toucavam outrora as tranças das virgens de Canaã em manhãs de vindima; e na escuridão fofa das ramagens, onde já as não vinha assustar a voz terrível de Jeová, gorjeavam pacificamente as toutinegras. Defronte elevavam-se, azuis e sem mancha, como feitas de um só bloco de pedra preciosa, as montanhas do Moab. O céu branco, mudo, recolhido, parecia

descansar deliciosamente do duro tumulto que o agitou quando ali vivia, entre preces e mortandades, o sombrio povo de Deus: e onde constantemente batiam as asas dos serafins e flutuavam as roupagens dos profetas arrebatados pelo Altíssimo, era calmante ver agora passar apenas uma revoada de pombos bravos, voando para os pomares de Engadi.

Obedecendo à recomendação da titi, despi-me, e banhei-me nas águas do Batista. Ao princípio, enleado de emoção beata, pisei a areia reverentemente como se fosse o tapete de um altar-mor: e de braços cruzados, nu, com a corrente lenta a bater-me nos joelhos, pensei em S. Joãozinho, sussurrei um padre-nosso. Depois ri, aproveitei aquela bucólica banheira entre árvores; Potte atirou-me a

minha esponja; e ensaboei-me nas águas sagradas, trauteando o fado da Adélia.

Ao refrescar, quando montávamos a cavalo, uma tribo de beduínos, descendo das colinas de Galgalá, trouxe os seus rebanhos de camelos a beber ao Jordão; as crias brancas e felpudas corriam, balando; os pastores, de lança alta, soltando gritos de batalha, galopavam, num amplo esvoaçar de albornozes; e era como se ressurgisse em todo o vale, no esplendor da tarde, uma pastoral da idade bíblica, quando Agar era moça! Teso na sela, com as rédeas bem colhidas, eu senti um curto arrepio de heroísmo; ambicionava uma espada, uma lei, um deus por quem combater... Lentamente alargara-se pela planície sacra um silêncio enlevado. E o mais alto cerro de

Moab cobriu-se de um fulgor raro, cor-de-rosa e cor de ouro, como se nele de novo, fugitivamente, ao passar, se refletisse a face do Senhor! Topsius alçou a mão sapiente:

— Aquele cimo iluminado, D. Raposo, é o Moriah, onde morreu Moisés!

Estremeci. E penetrado pelas emanações divinas dessas águas, desses montes, sentia-me forte — e igual aos homens fortes do xodo. Pareceu-me ser um deles, familiar de Jeová, e tendo chegado do negro Egito com as minhas sandálias na mão... Esse aliviado suspiro que trazia a brisa vinha das tribos de Israel, emergindo enfim do deserto! Pelas encostas além, seguida de uma escolta de anjos, a arca dourada descia balançada sobre os ombros dos levitas vestidos de

linho e cantando. Outra vez, nas secas areias reverdecia a Terra da Promissão, Jericó branquejava entre as searas: e através dos palmares cerrados já ressoavam, em marcha, os clarins de Josué!

Não me contive, arranquei o capacete, soltei por sobre Canaã este urro piedoso:

— Viva Nosso Senhor Jesus Cristo! Viva toda a corte do Céu!

***

Cedo, ao outro dia, domingo, o incansável Topsius partiu, bem enlapisado e bem enguarda-solado, a estudar as minas de Jericó, essa velha cidade das palmeiras que Herodes cobrira de termas,

de templos, de jardins, de estátuas, e onde passaram os seus tortuosos amores com Cleópatra... E eu, à porta da tenda, escarranchado num caixote, fiquei a tomar o meu café, olhando os pacíficos aspetos do nosso acampamento. O cozinheiro depenava frangos; o beduíno triste areava à beira da água o seu pacato alfange; o nosso lindo arrieiro esquecia a ração às éguas para seguir no céu, de um brilho de safira, a branca passagem das cegonhas voando aos pares para a Samaria.

Depois pus o capacete, fui vadiar na doçura da manhã, de mãos nos bolsos, cantarolando um fado meigo. E ia pensando na Adélia e no Sr. Adelino... Enroscados na alcova, beijando-se furiosamente, estavam-me talvez chamando *carola*, enquanto eu passeava

ali, nos retiros da Escritura! Àquela hora a titi, de mantelete preto, com o seu ripanço, saía para a missa de Santana: os criados do Montanha, esguedelhados, assobiando, escovavam o pano dos bilhares: e o Dr. Margaride, à janela, na Praça da Figueira, pondo os óculos, abria o *Diário de Notícias*. Ó minha doce Lisboa! Mas ainda mais perto, para além do deserto de Gaza, no verde Egito, a minha Maricoquinhas nesse instante estava enchendo o vaso do balcão com magnólias e rosas; o seu gato dormia no veludo da cadeira; ela suspirava pelo «seu portuguesinho valente...» Suspirei também: mais triste nos lábios se me fez o fado triste.

E de repente, olhando, achei-me, como perdido, num sítio de grande

solidão e de grande melancolia. Era longe do regato e dos aromáticos arbustos de flor amarela; já não via as nossas tendas brancas; e diante de mim arredondava-se um ermo árido, lívido, de areia, fechado todo por penedos lisos, direitos como os muros de um poço — tão lúgubres que a luz loura da quente manhã de Oriente desmaiava ali, mortalmente, desbotada e magoada. Eu lembrava-me de gravuras, assim desoladas, onde um eremita de longas barbas medita um in-fólio junto de uma caveira. Mas nenhum solitário aniquilava ali a carne em heroica penitência. Somente, ao meio do fero recinto, isolada, orgulhosa, com um ar de raridade e de relíquia, como se as penedias se tivessem amontoado para lhe arranjarem um resguardo de sacrário —

erguia-se uma árvore tão repelente, que logo me fez morrer nos lábios o resto do fado triste...

Era um tronco grosso, curto, atochado, e sem nós de raízes, semelhante a uma enorme moca bruscamente cravada na areia: a casca corredia tinha o lustre oleoso de uma pele negra: e da sua cabeça entumecida, de um tom de tição apagado, rompiam, como longas pernas de aranha, oito galhos que contei, pretos, moles, lanugentos, viscosos, armados de espinhos... Depois de olhar em silêncio para aquele monstro, tirei devagar o meu capacete e murmurei:

— Para que viva!

É que me encontrava certamente diante de uma árvore ilustre! Fora um galho igual (o nono talvez) que, arranjado

outrora em forma de coroa por um centurião romano da guarnição de Jerusalém, ornara sarcasticamente, no dia do suplício, a cabeça de um carpinteiro de Galileia, condenado... Sim, condenado por andar, entre quietas aldeias e nos santos pátios do Templo, dizendo-se filho de David e dizendo-se filho de Deus, a pregar contra a velha religião, contra as velhas instituições, contra a velha ordem, contra as velhas formas! E eis que esse galho, por ter tocado os cabelos incultos do rebelde, torna-se divino, sobe aos altares, e do alto enfeitado dos andores faz prostrar no lajedo, à sua passagem, as multidões enternecidas...

No Colégio dos Isidoros, às terças e sábados, o sebento padre Soares dizia, esfuracando os dentes, «que havia,

meninos, lá um sítio na Judeia...» Era ali! «...uma árvore que segundo dizem os autores é mesmo de arrepiar...» Era aquela! Eu tinha, ante meus frívolos olhos de bacharel, a sacratíssima árvore de espinhos!

E logo uma ideia sulcou-me o espírito, com um brilho de visitação celeste... Levar à titi um desses galhos, o mais penugento, o mais espinhoso, como sendo a relíquia, fecunda em milagres, a que ela poderia consagrar seus ardores de devota e confiadamente pedir as mercês celestiais! «Se entendes que mereço alguma coisa pelo que tenho feito por ti, traz-me então desses santos lugares uma santa relíquia...» Assim dissera a Sr.ª D. Patrocínio das Neves na véspera da minha jornada piedosa, entronada nos seus

damascos vermelhos, diante da Magistratura e da Igreja, deixando escapar uma baga de pranto sob seus óculos austeros. Que lhe podia eu oferecer mais sagrado, mais enternecedor, mais eficaz, que um ramo da árvore de espinhos, colhido no vale do Jordão, numa clara, rosada manhã de missa?

Mas de repente assaltou-me uma áspera inquietação... E se realmente uma virtude transcendente circulasse nas fibras daquele tronco? E se a titi começasse a melhorar do fígado, a reverdecer, mal eu instalasse no seu oratório, entre lumes e flores, um desses galhos eriçados de espinhos? Ó misérrimo logro! Era eu pois que lhe levava nesciamente o princípio milagroso da saúde, e a tornava rija, indestrutível, inenterrável, com os contos

de G. Godinho firmes na mão avara! Eu! Eu que só começaria a viver — quando ela começasse a morrer!

Rondando então em tomo à árvore de espinhos, interroguei-a, sombrio e rouco: «Anda, monstro, diz! És tu uma relíquia divina com poderes sobrenaturais — ou és apenas um arbusto grotesco com um nome latino nas classificações de Lineu? Fala! Tens tu, como aquele cuja cabeça coroaste por escárnio, o dom de sarar? Vê lá... Se te levo comigo para um lindo oratório português, livrando-te do tormento da solidão e das melancolias da obscuridade, e dando-te lá os regalos de um altar, o incenso vivo das rosas, a chama louvadora das velas, o respeito das mãos postas, todas as carícias da oração — não é para que tu, prolongando

indulgentemente uma existência estorvadora, me prives da rápida herança e dos gozos a que a minha carne moça tem direito! Vê lá! Se, por teres atravessado o Evangelho, te embebeste de ideias pueris de caridade e misericórdia, e vais com tenção de curar a titi — então fica-te aí, entre essas penedias, fustigado pelo pó do deserto, recebendo o excremento das aves de rapina, enfastiado no silêncio eterno!... Mas se prometes permanecer surdo às preces da titi, comportar-te como um pobre galho seco e sem influência, e não interromperes a apetecida decomposição dos seus tecidos — então vais ter em Lisboa o macio agasalho de uma capela afofada de damascos, o calor dos beijos devotos, todas as satisfações de um ídolo, e eu hei de cercar-te de tanta adoração

que não hás de invejar o Deus que os teus espinhos feriram... Fala, monstro!»

O monstro não falou. Mas logo senti perpassar-me na alma, aquietadoramente, com a consolante fresquidão de brisa de estio, o pressentimento de que breve a titi ia morrer e apodrecer na sua cova. A árvore de espinhos mandava, pela comunicação esparsa da Natureza, da sua seiva ao meu sangue, aquele palpite suave da morte da Sr.ª D. Patrocínio — como uma promessa suficiente de que, transportado para o oratório, nenhum dos seus galhos impediria que o fígado dessa hedionda senhora inchasse e se desfizesse... E isto foi, entre nós, nesse ermo, como um pacto taciturno, profundo e mortal.

Mas era esta realmente a árvore

de espinhos? A rapidez da sua condescendência fazia-me suspeitar a excelência da sua divindade. Resolvi consultar o sólido, sapientíssimo Topsius.

Corri à fonte de Eliseu, onde ele rebuscava pedras, lascas, lixos, restos da orgulhosa cidade das palmeiras. Avistei logo o luminoso historiógrafo acocorado junto a uma poça de água, com os óculos sôfregos, esgarafunhando um pedaço de pilastra negra, meia enterrada no lodo. Ao lado, um burro, esquecido da erva tenra, contemplava filosoficamente e com melancolia o afã, a paixão daquele sábio, de rastos no chão, à procura das termas de Herodes.

Contei a Topsius o meu achado, a minha incerteza... Ele ergueu-se logo, serviçal, zeloso, presto às lides do saber.

— Um arbusto de espinhos? — murmurava, estancando o suor. — Há de ser o *Nabka*... Banalíssimo em toda a Síria! Hasselquist, o botânico, pretende que daí se fez a coroa de espinhos... Tem umas folhinhas verdes, muito tocantes, em forma de coração, como as da hera... Ah, não tem? Perfeitamente, então é o *Lycium Spinosum*. Foi o que serviu, segundo a tradição latina, para a coroa da injúria... Que, quanto a mim, a tradição é fútil; e Hasselquist ignaro, infinitamente ignaro... Mas eu vou já aclarar isso, D. Raposo. Aclarar irrefutavelmente e para sempre!

Abalámos. No ermo, ante a árvore medonha, Topsius, alçando catedraticamente o bico, recolheu um momento aos depósitos interiores do seu saber — e depois declarou que eu não

podia levar a minha tia devotíssima nada mais precioso. E a sua demonstração foi faiscante. Todos os instrumentos da Crucificação (disse ele, floreando o guarda-sol), os pregos, a esponja, a cana verde, um momento divinizados como materiais da Divina Tragédia, reentraram pouco a pouco, pelas urgências da civilização, nos usos grosseiros da vida... Assim, o prego não ficou *per aeternum* na ociosidade dos altares, memorando as chagas sacratíssimas: a humanidade, católica e comerciante, foi gradualmente levada a utilizar o prego como uma valiosa ferragem: e tendo traspassado as mãos do Messias, ele hoje segura, laborioso e modesto, as tampas de caixões impuríssimos... Os mais reverentes irmãos do Senhor dos Passos

empregam a cana para pescar; ela entra na folgante composição do foguete; e o Estado mesmo (tão escrupuloso em matéria religiosa) assim a usa em noites alegres de nova Constituição ou em festivos delírios pelas bodas de príncipes... A esponja, outrora embebida no vinagre de sarcasmo e oferecida numa lança, é hoje aproveitada nesses irreligiosos cerimoniais da limpeza — que a Igreja sempre reprovou com ódio... Até a cruz, a forma suprema, tem perdido entre os homens a sua divina significação. A cristandade, depois de a ter usado como lábaro, usa-a como enfeite. A cruz é broche, a cruz é berloque; pende nos colares, tilinta nas pulseiras; é gravada em sinetes de lacre, é incrustada em botões de punho — e a cruz realmente,

neste soberbo século, pertence mais à ourivesaria do que pertence à religião...

— Mas a coroa de espinhos, D. Raposo, essa não *tornou a servir para mais nada!*

Sim, *para mais nada!* A Igreja recebeu-a das mãos de um procônsul romano — e ela ficou isoladamente e para toda a eternidade na Igreja, comemorando o grande ultraje. Em todo este vário Universo ela só encontra um lugar congénere na penumbra das capelas; o seu único préstimo é persuadir à contrição. Nenhum joalheiro jamais a imitou em ouro, cravejada de rubis, para ornar um penteado louro; ela é só instrumento de martírio; e com salpicos de sangue, sobre os caracóis frisados das imagens, inspira infinitamente as lágrimas... O mais astuto

industrial, depois de a retorcer pensativamente nas mãos, restitui-la-ia aos altares como coisa inútil na vida, no comércio, na civilização; ela é só atributo da Paixão, recurso de tristes, enternecedora de fracos. Só ela, entre os acessórios da Escritura, provoca sinceramente a oração. Quem, por mais adorabundo, se prostraria, a borbulhar de padre-nossos, diante de uma esponja caída numa tina ou de uma cana à beira de um regato?... Mas para a coroa de espinhos erguem-se sempre as mãos crentes; e a sensação da sua desumanidade passa ainda na melancolia dos *Misereresl*

Que maior maravilha podia eu levar à titi?...

— Sim, Topsius, meu catita... Os

teus dizeres são de ouro puro... Mas a outra, a verdadeira, *a que serviu*, teria sido tirada daqui, deste tronco? Hem, amiguinho?

O erudito Topsius desdobrou lentamente o seu lenço de quadrados: e declarou (contra a fútil tradição latina e contra o ignaríssimo Hasselquist) que a coroa de espinhos fora arranjada de uma silva, fina e flexível, que abunda nos vales de Jerusalém, com que se acende o lume, com que se eriçam as sebes, e que dá uma florzinha roxa, triste e sem cheiro...

Eu murmurei, sucumbido:

— Que pena! A titi fazia tanto gosto que fosse daqui, Topsius! A titi é tão rica!...

Então este sagaz filósofo

compreendeu que há razões de família como há razões de Estado — e foi sublime. Estendeu a mão por cima da árvore, cobrindo-a assim largamente com a garantia da sua ciência — e disse estas palavras memoráveis:

— D. Raposo, nós temos sido bons amigos... Pode pois afiançar à senhora sua tia, da parte de um homem que a Alemanha escuta em questões de crítica arqueológica, que o galho que lhe levar daqui, arranjado em coroa, foi...

— Foi? — berrei, ansioso.

— Foi o mesmo que ensanguentou a fronte do rabi Jeschoua Natzarieh, a quem os Latinos chamam Jesus de Nazaré, e outros também chamam o Cristo!...

Falara o alto saber germânico! Puxei o meu navalhão sevilhano, decepei

um dos galhos. E enquanto Topsius voltava a procurar pelas eivas húmidas a cidadela de Cipro e outras pedras de Herodes — eu recolhi às tendas, em triunfo, com a minha preciosidade. O prazenteiro Potte, sentado num selim, estava moendo café.

— Soberbo galho! — gritou ele. — Quer-se arranjadinho em coroa... Fica uma devoção!

E logo, com a sua rara destreza de mãos, o jucundo homem entrelaçou o galho rude em forma de coroa santa. E tão parecida! tão tocante!...

— Só lhe faltam as pinguinhas de sangue! — murmurava eu, enternecido. — Jesus! o que a titi se vai babar!

Mas como levaríamos para Jerusalém, através dos cerros de Judá,

aqueles incómodos espinhos — que, apenas armados na sua forma passional, pareciam já ávidos de rasgar carne inocente? Para o alegre Potte não havia dificuldades; tirou do fundo do seu provido alforge uma fofa nuvem de algodão em rama; envolveu nela delicadamente a coroa de agravo, como uma joia frágil; depois, com uma folha de papel pardo e um nastro escarlate — fez um embrulho redondo, sólido, ligeiro e nítido... E eu, sorrindo, enrolando o cigarro, pensava nesse outro embrulho de rendas e laços de seda, cheirando a violeta e a amor, que ficara em Jerusalém, esperando por mim e pelo favor dos meus beijos.

— Potte, Potte! — gritei, radiante. — Nem tu sabes que grossa moeda me vai

render esse galhinho, dentro desse pacotinho!

Apenas Topsius voltou da sacra fonte de Eliseu — eu ofereci, para celebrar o encontro providencial da grande relíquia, uma das garrafas de champanhe que Potte trazia nos alforges, encarapuçadas de ouro. Topsius bebeu «à Ciência!» Eu bebi «à Religião!» E largamente a espuma do *Moed et Chandon* regou a terra de Canaã.

À noite, para maior festividade, acendemos uma fogueira: e as mulheres árabes de Jericó vieram dançar diante das nossas tendas. Recolhemos tarde, quando por sobre Moab, para os lados de Makeros, a Lua aparecia, fina e recurva, como esse alfange de ouro que decepou a cabeça ardente de Iokanan.

O embrulho da coroa de espinhos estava à beira do meu catre. O lume apagara-se, o nosso acampamento dormia no infinito silêncio do vale da Escritura... Tranquilo, regalado, adormeci também.

3

Havia certamente duas horas que assim dormia, denso e estirado no catre, quando me pareceu que uma claridade trémula, como a de uma tocha fumegante, penetrava na tenda — e através dela uma voz me chamava, lamentosa e dolente:

— Teodorico, Teodorico, ergue-te, e parte para Jerusalém!

Arrojei a manta, assustado: — e vi o doutíssimo Topsius, que, à luz mortal de uma vela, bruxuleando sobre a mesa onde jaziam as garrafas de champanhe, afivelava no pé rapidamente uma velha espora de feiro. Era ele que me despertava, açodado, fervoroso:

— A pé, Teodorico, a pé! As

éguas estão seladas! Amanhã é Páscoa! Ao alvorecer devemos chegar às portas de Jerusalém!

Arredando os cabelos, considerei com pasmo o sisudo, ponderado doutor:

— Oh, Topsius! Pois nós partimos assim, bruscamente, sem os nossos alforges, e deixando as tendas adormecidas, como quem foge espavorido?

O erudito homem alçou os seus óculos de ouro, que resplandeciam com uma desusada, irresistível intelectualidade. Uma capa branca, que eu nunca lhe vira, envolvia-lhe a douta magreza em pregas graves e puras de toga latina: e lento, esguio, abrindo os braços, disse, com lábios que pareciam clássicos e de mármore:

— D. Raposo! Esta aurora que vai nascer, e em pouco tocar os cimos do Hebron, é a de quinze do mês do Nizão; e não houve em toda a história de Israel, desde que as tribos voltaram da Babilónia, nem haverá, até que Tito venha pôr o último cerco ao Templo, um dia mais interessante! Eu preciso estar em Jerusalém para ver, viva e rumorejando, esta página do Evangelho! Vamos pois fazer a santa Páscoa a casa de Gamaliel, que é um amigo de Hillel, e um amigo meu, um conhecedor das letras gregas, patriota forte e membro do Sanedrim. Foi ele que disse: «Para te livrares do tormento da dúvida, impõe-te uma autoridade.» Portanto, a pé, D. Raposo!

Assim murmurou o meu amigo, ereto e lento. E eu, submissamente, como

perante um mandamento celeste, comecei a enfiar em silêncio as minhas grossas botas de montar. Depois, apenas me agasalhei no albornoz, ele empurrou-me com impaciência para fora da tenda — sem mesmo me deixar recolher o relógio e a faca sevilhana, que todas as noites, cauteloso, eu guardava debaixo do travesseiro. A luz da vela esmorecia, fumarenta e vermelha...

Devia ser meia-noite. Dois cães ladravam ao longe, surdamente, como entre frondosos muros de quintas. Ó ar macio e ermo cheirava a rosas de vergel e à flor da laranjeira. O céu de Israel faiscava com desacostumado esplendor: e em cima do monte Nebo, um belo astro mais branco, de uma refulgência divina, olhava para mim, palpitando

ansiosamente, como se procurasse, cativo na sua mudez, dizer um segredo à minha alma!

As éguas esperavam, imóveis sob as longas clinas. Montei. E então, enquanto Topsius arranjava laboriosamente os loros, avistei, para os lados da fonte de Eliseu, uma forma maravilhosa que me arrepiou de terror transcendente.

Era, ao clarão diamantino das estrelas da Síria, como a branca muralha de uma cidade nova! Frontões de templos alvejavam palidamente, entre a espessura de bosques sagrados; para as colinas distantes, fugiam esbatidos os arcos ligeiros de um aqueduto. Uma chama fumegava no alto de uma torre; mais baixo, movendo-se, faiscavam pontas de

lanças; um som longo de buzina morria na sombra... E, abrigada junto aos bastiões, uma aldeia dormia entre palmeiras.

Topsius, na sela, pronto a marchar, embrulhara a mão nas clinas da égua.

— Aquilo, branco, além? — murmurei sufocado.

Ele disse simplesmente:

— Jericó.

Rompeu galopando. Não sei quanto tempo segui, emudecido, o nobre historiador dos Herodes: era por uma estrada direita, feita de lajes negras de basalto. Ala! que diferente do áspero caminho por onde tínhamos descido a Canaã, faiscante e cor de cal, através de colinas onde o tojo escasso semelhava, na irradiação da luz, um bolor de velhice e de abandono! E tudo em redor me parecia

diferente também, a forma das rochas, o cheiro da terra quente, até a palpitação das estrelas... Que mudança se fizera em mim, que mudança se fizera no Universo? Por vezes uma faísca dura saltava das ferraduras das éguas. E sem descontinuar, Topsius galopava, agarrado às clinas, com as duas bandas da capa branca batendo como os dois panos de uma bandeira...

Mas subitamente parou. Era junto de uma casa quadrada, entre árvores, toda apagada e muda, tendo no topo uma haste sobre que pousava estranhamente, como/recortada numa lâmina de ferro, a figura de uma cegonha. À entrada esmorecia uma fogueira: remexi as achas: e a curta chama que ressaltou compreendi que era uma antiga, estalagem à beira de uma antiga estrada. Por baixo da cegonha,

encimando a porta estreita e eriçada de pregos, brilhava em negro, numa lápide branca, a tabuleta latina *Ad Gruem Majorem*; e ao lado, enchendo parte da fachada, desenrolava-se uma inscrição rudemente entalhada na pedra, que eu decifrei a custo, e em que Apoio prometia a saúde ao hóspede, e Septimanus, o hospedeiro, lhe garantia risonha acolhida, o banho reparador, vinho forte da Campânia, frescos palhetes de Engadi e «todas as comodidades à maneira de Roma».

Murmurei, desconfiado:

— À maneira de Roma!

Que estranhos caminhos ia eu então trilhando? Que outros homens, dissemelhantes a mim, no falar e no traje, bebiam ali, sob a proteção de outros

deuses, o vinho em ânforas do tempo de Horácio?...

Mas de novo Topsius marchou, esguio e vago, na noite. Agora findara a estrada de basalto sonoro: e subíamos a passo um brusco caminho, cavado entre rochas, onde grossos pedregulhos ressoavam, rolavam sob as patas das éguas, como no leito de uma torrente que um lento agosto secou. O erudito doutor, sacudido na sela, praguejava roucamente contra o Sanedrim, contra a hirta lei judaica, oposta indobravelmente a toda a obra culta que quer fazer o procônsul... Sempre o fariseu via com rancor o aqueduto romano que lhe trazia a água, a estrada romana que o levava às cidades, a terma romana que lhe curava as pústulas...

— Maldito seja o fariseu!

Sonolento, rememorando velhas imprecações do Evangelho, eu rosnava, encolhido no meu albornoz:

— Fariseu, sepulcro caiado... Maldito seja!

Era a hora calada em que os lobos dos montes vão beber. Cerrei os olhos; as estrelas desmaiavam.

Breves faz o Senhor as noites macias do mês do Nizão, quando se come em Jerusalém o anho branco de Páscoa: e bem cedo o céu se vestiu de alvo do lado do país de Moab.

Despeitei. Já os gados balavam nos cerros. O ar fresco cheirava a rosmaninho.

E então avistei, errando por cima dos penedos sobranceiros ao caminho, um homem estranho, bravio, coberto com uma

pele de carneiro, que me recordou Elias e todas as cóleras da Escritura; o peito, as pernas pareciam de granito vermelho; por entre a grenha e a barba, rudes, emaranhadas, fazendo-lhe como uma juba feroz, os olhos refulgiam-lhe desvairadamente... Descobriu-nos; e logo, estendendo os braços como quem arremessa pedras, despediu sobre nós todas as maldições do Senhor! Chamou-nos «pagãos», chamou-nos «cães». Gritava: «Malditas sejam as vossas mães, secos sejam os peitos que vos criaram!» Cruéis e cheios de presságios caíam os seus brados do alto das rochas: e, retardado pelos passos lentos da égua, Topsius encolhia-se na capa, como sob uma saraiva inclemente. Até que me enfureci; voltei-me na anca da

cavalgadura, chamei-lhe *bêbedo*, atirei-lhe obscenidades; e via no entanto, sob a chama selvagem dos seus olhos, a boca clamorosa e negra torcer-se-lhe, babar-se de furor devoto...

Mas, desembocando da ravina, encontrámos, larga e lajeada, a estrada romana que vai a Siquém: e trotando por ela, sentimos o alívio de penetrar enfim numa região culta, piedosa, humana e legal. A água abundava: sobre as colinas erguiam-se fortalezas novas: pedras sagradas delimitavam os campos. Nas eiras brancas, os bois enfeitados de anémonas pisavam o trigo da colheita de Páscoa: e em vergéis, onde a figueira já tinha enfolhado, o servo na sua torre caiada, cantando com uma vara na mão, afugentava os pombos bravos. Por vezes

avistávamos um homem, de pé, junto da sua vinha, ou à beira dos canais de rega, direito, com a ponta do manto atirada para cima da cabeça, e os olhos baixos, dizendo a santa oração do *Schema*. Um oleiro, que espicaçava o seu burro, carregado de cântaros de barro amarelo, gritou-nos: «Benditas sejam as vossas mães, boa vos seja a Páscoa!» E um leproso, que descansava à sombra, nos olivedos, perguntou-nos, gemendo e mostrando as chagas, qual era em Jerusalém o rabi que curava e onde se apanhava a raiz do baraz.

Já nos aproximávamos de Betânia. Para dar de beber às éguas parámos numa linda fonte que um cedro assombreava. E o douto Topsius, arranjando um loro, admirava-se de não termos encontrado a

caravana que vem de Galileia celebrar a Páscoa a Jerusalém — quando soou, adiante, na estrada, um rumor lento de armas em marcha... E eu vi, assombrado, aparecerem soldados romanos, desses que tantas vezes amaldiçoara em estampas da Paixão!

Barbudos, tostados pelo sol da Síria, marchavam solidamente, em cadência, com um passo bovino, fazendo ressoar sobre as lajes as sandálias ferradas: todos traziam às costas os escudos envoltos em sacos de lona: e cada um erguia ao ombro uma alta forquilha, donde pendiam trouxas encordeladas, pratos de bronze, ferramentas e cachos de tâmaras. Algumas filas, descobertas, seguravam o capacete como um balde: outras, nas mãos

cabeludas, balançavam um dardo curto. O decurião, gordo e louro, seguido de uma gazela familiar, enfeitada com corais, dormitava, ao passo miúdo da égua, embrulhado num manto escarlate. E atrás, ao lado das mulas carregadas de sacos de trigo e molhos de lenha, os arrieiros cantavam ao som de uma flauta de baixo, tocada por um negro quase nu, que tinha no peito, em traços vermelhos, o número da legião.

Eu recuara para o escuro do cedro. Mas Topsius, logo, como um germano servil, desmontara, ajoelhando quase no pó, ante as armas de Roma: e não se conteve, berrou, agitando os braços e a capa:

— Longa vida a Caio Tibério, três vezes cônsul, ilírico, panónico,

germânico, imperador, pacificador e augusto!...

Alguns legionários riram, crassamente. E passaram, cerrados, com um rumor de ferro — enquanto um pegureiro, ao longe, arrebanhando as cabras aos brados, fugia para o cimo dos cerros.

De novo galopámos. A estrada de basalto findou; e penetrámos entre arvoredos, num aroma de pomares, através de abundância e frescura.

Oh, que diferentes se mostravam estes caminhos, estas colinas, que eu vira dias antes, em torno à Cidade Santa, dessecadas por um vento de abstração, e brancas, da cor das ossadas... Agora tudo era verde, regado, murmuroso, e com sombras. A mesma luz perdera o tom

magoado, a cor dorida, com que eu sempre a vira, cobrindo Jerusalém: as folhas dos ramos de abril desabrochavam num azul moço, tenro, cheio de esperança como elas. E a cada instante se me iam os olhos longamente nesses vergéis da Escritura, que são feitos da oliveira, da figueira e da vinha, e onde crescem silvestres, e mais esplêndidos que o rei Salomão, os lírios vermelhos dos campos!

Enlevado e cantarolando, eu trotava ao comprido de uma sebe toda entrelaçada de rosas. Mas Topsius deteve-me, mostrou-me no alto de um outeiro, sobre um fundo sombrio de ciprestes e cedros, uma casa abrindo, para o lado do oriente e da luz, o seu pórtico branco. Pertencia, disse ele, a um romano, parente de Valério Grácio, antigo legado

imperial da Síria: e tudo ali parecia penetrado de paz amável e de graça latina. Um tapete viçoso, de relva bem lisa, estendia-se em declive até a uma álea de alfazema, tendo ao meio, sobre o verde, desenhadas com linhas de flores escarlates, as iniciais de Valério Grácio: em redor, entre canteiros de rosas, de açucenas, orladas de mirto, resplandeciam nobres vasos de mármore coríntico, onde se enrolavam folhas de acanto: um servo, de capuz cinzento, talhava um teixo em forma de urna, ao lado de um buxo alto já talhado sabiamente em feitio de lira; aves domésticas picavam o chão, coberto de areia escarlate, numa rua de plátanos onde os braços de hera faziam, de tronco a tronco, festões como os que ornam um templo: a rama dos loureiros velava de

sombras a nudez das estátuas. E sob um caramanchão de vinha, ao rumor da água lenta cantando numa bacia de bronze, um velho de toga, sereno, risonho, ditoso, lia junto a uma imagem de Esculápio um longo rolo de papiro — enquanto uma rapariga, com uma flecha de ouro nas tranças, toda vestida de linho alvo, fazia uma grinalda com as flores que lhe enchiam o regaço... Ao passo dos nossos cavalos, ela ergueu os olhos claros. Topsius gritou: «*Oh, salve, pulquérrima*!» Eu gritei: «*Viva la gracia!*» Os melros cantavam nas romãzeiras em flor.

Mais adiante, o facundo Topsius deteve-me ainda, apontando-me outra vivenda de campo, escura e severa entre ciprestes: e disse-me baixo que era de

Osanias, um rico saduceu de Jerusalém, da família pontifical de Beoto, e membro do Sanedrim. Nenhum ornato pagão lhe profanava os muros. Quadrada, fechada, hirta, ela reproduzia a austeridade da Lei. Mas os largos celeiros, cobertos de colmo, os lagares, os vinhedos, diziam as riquezas feitas de duros tributos: no pátio dez escravos não bastavam a guardar os sacos de trigo, odres, carneiros marcados de vermelho, recolhidos em pagamento do dízimo nesse dia de Páscoa. Junto à estrada, com uma piedade ostentosa, caiada de fresco, reluzia, ao sol, entre roseiras, a sepultura doméstica.

Assim caminhando, chegámos aos palmares onde se aninha Betfagé. E por um atalho virente que Topsius conhecia, começámos a subir o Monte das

Oliveiras, até o Lagar da Moabita — que é uma paragem de caravanas nessa infinita, vetusta via real que vem do Egito, seguindo até Damasco, a bem-regada.

E foi como um deslumbramento, ao encontrarmos sobre todo o monte, por entre os olivedos da encosta até ao Cédron, por entre os pomares do vale até Siloé, em meio dos túmulos novos dos sacrificadores, e mesmo para os lados onde se empoeira a estrada de Hebron — o despertar rumoroso de todo um povo acampado! Tendas negras do deserto, feitas de peles de carneiro e rodeadas de pedras: barracas de lona, da gente da Idumeia, alvejando ao sol entre as verduras; cabanas armadas com ramos, onde se abrigam os pastores de Ascalão; toldos de tapetes que os peregrinos de

Neftali suspendem em varas de cedro — era toda a Judeia, às portas de Jerusalém, a celebrar a Páscoa sagrada! E havia ainda, em volta ao casal onde velava um posto de legionários, os mercadores negros da Decápole, tecelões fenícios de Tiberíade, e a gente pagã que, através de Samaria, vem dos lados de Cesareia e do mar.

Fomos marchando, lentos e cautelosos. À sombra das oliveiras os camelos descarregados ruminavam placidamente; e as éguas da Pereia, com as patas entravadas, pendiam a cabeça sob a espessura das longas clinas. Junto às tendas, cujos panos meio levantados nos deixavam entrever brilhos de armas penduradas ou o esmalte de um grande prato, raparigas, com os braços reluzindo

de braceletes, pisavam entre duas pedras o grão do centeio; outras mungiam as cabras; por toda a parte se acendiam fogos claros; e com os filhos pela mão, o cântaro esguio ao ombro, uma fila de mulheres descia cantando para a fonte de Siloé.

As patas dos nossos cavalos prendiam-se nas cordas retesadas das barracas dos Idumeus. Depois estacávamos diante de tapetes alastrados, onde um mercador de Cesareia, com um manto à cartaginesa, vistoso e bordado de flores, expunha peças de linho do Egito, estendia sedas de Cós, fazia reluzir armas marchetadas; ou com um frasco na palma de cada mão, celebrava as perfeições do nardo da Assíria e dos óleos doces da Pártia... Os homens em redor, arredando-

se, demoravam em nós os seus olhos lânguidos e altivos; por vezes murmuravam uma injúria surda; ou por causa dos óculos do douto Topsius, um riso de escárnio mostrava dentes agudos de fera, entre rudes barbas negras.

Sob as árvores, encostados aos muros, filas de mendigos ganiam, mostrando o caco com que rapavam as chagas. Diante de uma cabana feita de ramos de loureiro, um velho obeso, rubro como um sileno, apregoava o vinho fresco de Siquém, as favas novas de abril. Os homens fuscos do deserto apinhavam-se em tomo dos gigos de fruta. Um pastor de Ascalão, em andas, no meio de um rebanho de cordeiros brancos, tocava buzina, chamando os devotos a comprar o anho puro da Páscoa. E por entre a

multidão onde constantemente se erguiam paus, em rixas bruscas, soldados romanos rondavam aos pares, com um ramo de oliveira no capacete, benignos e paternais.

Assim chegámos junto de dois altos, frondosos cedros — tão cobertos de pombas brancas voando, que eram como duas grandes macieiras, na primavera, que um vento estivesse destoucando das flores. Subitamente, Topsius parara, abria os braços; eu também: e com o coração suspenso ali ficámos imóveis, deslumbrados, vendo lá em baixo, na luz, resplandecer Jerusalém.

O Sol banhava-a, sumptuosamente! Uma severa, altiva muralha, guarnecida de torres novas, com portas onde as cantarias se entremeavam de lavores de ouro,

erguia-se sobre a ribanceira escarpada do Cédron, já seco pelos calores do Nizão, e ia correndo, cingindo Sião, para o lado do Hinom e até aos cerros de Gareb. E, dentro, em face aos cedros que nos assombreavam, o Templo, sobre os seus alicerces eternos, parecia dominar toda a Judeia, soberbo em esplendor, murado de granitos polidos, armado de bastiões de mármore, como a refulgente cidadela de um deus!...

Debruçado sobre as clinas, o sapiente Topsius apontava-me o adro primordial, chamado o Pátio dos Gentílicos, vasto bastante para receber todas as multidões de Israel, todas as da terra pagã: o chão liso rebrilhava como a água límpida de uma piscina: e as colunas de mármore de Paros que o ladeavam,

formando os Pórticos de Salomão, profundos e cheios de frescura, eram mais bastas que os troncos nos cerrados palmares de Jericó. Em meio desta área, cheia de ar e de luz, elevava-se em escadarias lustrosas como se fossem de alabastro, com portas chapeadas de prata, arcarias, torreões donde voavam pombas, um nobre teixaço, só acessível aos fiéis da Lei, ao povo eleito de Deus, o orgulhoso Átrio de Israel. Daí erguia-se ainda, com outras claras escadarias, outro branco terraço, o Átrio dos Sacerdotes: no brilho difuso que o enchia, negrejava um enorme altar de pedras brutas, enristando a cada ângulo um sombrio corno de bronze: aos lados, dois longos fumos direitos subiam devagar, mergulhavam no azul com a serenidade de

uma prece perenal. E ao fundo, mais alto, ofuscante, com os seus recamos de ouro sobre a alvura dos mármores, níveo e fulvo, como feito de ouro puro e neve pura, refulgia maravilhosamente, lançando o seu clarão aos montes em redor, o Híeron, o Santuário dos santuários, a morada de Jeová: sobre a porta pendia o véu místico, tecido em Babilónia, cor do fogo e cor dos mares: pelas paredes trepava a folhagem de uma vinha de esmeralda, com cachos de outras pedrarias: da cúpula irradiavam longas lanças de ouro que o aureolavam de raios como um sol: e assim, resplandecente, triunfante, augusto, precioso, ele elevava-se para aquele céu de festa pascal, ofertando-se todo, como o dom mais belo, o dom mais raro da Terra!

Mas ao lado do Templo, mais alto que ele, dominando-o com a severidade de um amo orgulhoso, Topsius mostrou-me a Tome Antónia, negra, maciça, impenetrável, cidadela de forças romanas... Na plataforma, entre as ameias, movia-se gente armada: sobre um bastião, uma figura forte, envolta num manto vermelho de centurião, estendia o braço; e toques lentos de buzina pareciam falar, dar ordens, para outras torres que ao longe se azulavam no ar límpido, algemando a Cidade Santa. César pareceu-me mais forte que Jeová!

E mostrou-me ainda, para além da Antónia, o velho burgo de David. Era um tropel de casas cerradas, caiadas de fresco sobre o azul, descendo como um rebanho de cabras brancas para um vale

ainda em sombra, onde uma praça monumental se abria entre arcarias: depois trepava, fendido em mas tortuosas, a espalhar-se sobre a colina fronteira e Acra, rica, com palácios, e cisternas redondas que luziam à luz semelhantes a broquéis de aço. Mais longe ainda, para além de velhos muros derrocados, era o bairro novo de Bezeta, em construção; o Circo de Herodes arredondava aí as suas arcarias; e os jardins de Antipas estiravam-se por um último outeiro, até junto ao túmulo de Helena, assoalhados, frescos, regados pelas águas doces do Enrogel.

— Ah Topsius, que cidade! — murmurei maravilhado.

— Rabi Eliezer diz que não viu jamais cidade bela quem não viu

Jerusalém!

Mas ao nosso lado passava gente alegre, correndo para os lados da verde estrada que sobe de Betânia: e um velho que puxava à pressa a arreata do seu burro, carregado de molhos de palmas, gritou-nos que se avistara e vinha chegando a caravana de Galileia! Então, curiosos, trotámos até um cômoro, junto a uma sebe de catos, onde já se apinhavam mulheres com os filhos ao colo, sacudindo véus claros, soltando palavras de bênção e de boa acolhida: — e logo vimos, numa poeirada lenta que o Sol dourava, a densa fila dos peregrinos que são os derradeiros a chegar a Jerusalém, vindos de longe, da Alta Galileia, desde Gescala e dos montes. Um rumor de cânticos enchia a estrada festiva: em tomo a um estandarte

verde agitavam-se palmas e ramos floridos de amendoeira; e os grandes fardos, carregando o dorso dos camelos, balanceavam em cadência por entre os turbantes brancos cerrados e movendo-se em marcha.

Seis cavaleiros da guarda babilónica de Antipas Herodes, tetrarca de Galileia, escoltavam a caravana desde Tiberíade: traziam mitras de felpo, as longas barbas separadas em tranças, as pernas ligadas em tiras de couro amarelo: e caracolavam à frente, fazendo estalar numa das mãos açoites de corda, com a outra atirando ao ar e aparando alfanges que faiscavam. Logo atrás era uma colegiada de levitas, em coro, a passos largos, apoiados a bordões enfeitados de flores, com os rolos da Lei apertados

sobre o peito, salmodiando rijo os louvores de Sião. E em tomo moços robustos, com as faces infladas e rubras, sopravam para o céu furiosamente em trompas recurvas de bronze.

Mas, de entre a gente apertada à beira da estrada, rompeu uma aclamação. Era um velho, sem turbante, de cabelos soltos, recuando e dançando freneticamente: das mãos cabeludas que ele agitava no ar saía um repique de castanholas: ora arremessava uma perna, ora outra: e toda a sua face barbuda de rei David ardia com um fulgor inspirado. Atrás dele, raparigas, pulando compassadamente sobre a ponta ligeira das sandálias, feriam com dolência harpas leves; outras, rodando sobre si, batiam de alto os tamborinos — e as suas manilhas

de prata brilhavam no pó que os seus pés levantavam, sob a roda das túnicas enfunadas... Então, arrebatada, a turba entoou o velho canto das jornadas rituais e os salmos de peregrinação.

— Meus passos vão todos para ti, ó Jerusalém! Tu és perfeita! Quem te ama conhece a abundância!

E eu bradava também, transportado:

— Tu és o palácio do Senhor, ó Jerusalém, e o repouso do meu coração!

Lenta e rumorosa a caravana passava. As mulheres dos levitas, em burros, veladas e rebuçadas, semelhavam grandes sacos moles: as mais pobres, a pé, traziam nas pontas dobradas do manto frutas e o grão da aveia. Os previdentes, já com a sua oferenda ao Senhor,

arrastavam preso do cinto um cordeiro branco; os mais fortes seguravam às costas, presos pelos braços, os doentes — cujos olhos dilatados, nas faces maceradas, procuravam ansiosamente as muralhas da Cidade Santa, onde todo o mal se cura.

Entre os peregrinos e a alegre multidão que os acolhia, as bênçãos cruzavam-se, ruidosas e ardentes; alguns perguntavam pelos vizinhos, pelas searas ou pelos avós que tinham ficado na aldeia à sombra da sua vinha: e ouvindo que lhe fora roubada a pedra do seu moinho, um velho, ao meu lado, com as barbas de um Abraão, arremessou-se a terra a arrepelar-se e a esfarrapar a túnica. Mas já, fechando a marcha, passavam as mulas com guizos carregadas de lenha e de

odres de azeite: e atrás uma turba de fanáticos que nos arredores, em Betfagé e em Efraim, se tinham juntado à caravana, apareceu, atirando para os lados cabaças de vinho já vazias, brandindo facas, pedindo a morte dos Samaritanos e ameaçando a gente pagã...

Então seguindo Topsius, trotei de novo através do monte, para junto dos cedros cobertos do voo alvo das pombas: e nesse instante também os peregrinos, emergindo da estrada, avistavam enfim Jerusalém, que resplandecia lá em baixo formosa, toda branca na luz... Então foi um santo, tumultuoso, inflamado delírio! Prostrada, a turba batia as faces na terra dura: um clamor de orações subia ao céu puro, por entre o estridor das tubas: as mulheres erguiam os filhos nos braços,

ofertando-os arrebatadamente ao Senhor! Alguns permaneciam imóveis, como assombrados, ante os esplendores de Sião: e quentes lágrimas de fé, de amor piedoso, rolavam sobre barbas incultas e feras. Os velhos mostravam com o dedo os terraços do Templo, as ruas antigas, os sacros lugares da história de Israel: «Ali é a Porta de Efraim, acolá era a Torre das Fornalhas; aquelas pedras brancas, além, são do túmulo de Raquel...» E os que escutavam em redor, apinhados, batiam as mãos, gritavam: «Bendita sejas, Sião!» Outros, estonteados, com o cinto desapertado, corriam tropeçando nas cordas das tendas, nos gigos de fruta, a trocar a moeda romana, a comprar o anho da oferta. Por vezes, de entre as árvores, um canto subia, claro, fino, cândido, e que

ficava tremendo no ar: a terra um momento parecia escutar, como o céu: serenamente, Sião rebrilhava, do Templo os dois fumos lentos ascendiam, com uma continuidade de prece eterna... Depois o canto morria: de novo as bênçãos rompiam, clamorosas: a alma inteira de Judá abismava-se no resplendor do santuário: e braços magros erguiam-se freneticamente para estreitar Jeová.

De repente Topsius colheu-me as rédeas da égua: e quase ao meu lado um homem, com uma túnica cor de açafrão, surgindo esgazeado de trás de uma oliveira e brandindo uma espada, saltou para cima de uma pedra e gritou desesperadamente:

— Homens de Galileia, acudi, e vós, homens de Neftali!...

Peregrinos correram, erguendo os bastões: e as mulheres saíam das tendas, pálidas, apertando os filhos ao colo. O homem fazia tremer a espada no ar, todo ele tremia também: e outra vez bradou, desoladamente:

— Homens de Galileia, Rabi Jeschoua foi preso! Rabi Jeschoua foi levado a casa de Hannan, homens de Neftali!

— D. Raposo — disse Topsius então, com os olhos faiscantes — o homem foi preso, e compareceu já diante do Sanedrim!... Depressa, depressa, amigo, a Jerusalém, a casa de Gamaliel!

***

E à hora em que no Templo se

fazia a oferta do perfume, quando o Sol já ia alto sobre o Hebron, Topsius e eu penetrámos, pela Porta do Pescado, a passo, numa rua da antiga Jerusalém. Era íngreme, tortuosa, poeirenta, com casas baixas e pobres de tijolo; sobre as portas, fechadas por uma correia, sobre as janelas esguias como fendas gradeadas, havia verduras e palmas entretecidas, fazendo ornatos de Páscoa. Nos terraços, rodeados de balaustradas, mulheres diligentes sacudiam os tapetes, joeiravam o trigo; outras, chalrando, penduravam lâmpadas de barro em festões para as iluminações rituais.

Ao nosso lado ia marchando fatigado um harpista egípcio, com uma pluma escarlate presa na peruca frisada, um pano branco envolvendo-lhe a cinta

fina, os braços pesados de braceletes, e a harpa às costas, recurva como uma foice e lavrada em flores de lótus. Topsius perguntou-lhe se ele vinha de Alexandria. E ainda se cantavam, nas tabernas do Eunotos, as cantigas da batalha de Ácio? O homem, logo mostrando num riso triste os dentes longos, pousou a harpa, ia ferir os bordões... Picámos as éguas — e assustámos duas mulheres cobertas de véus amarelos, com casais de pombas enroladas na ponta do manto, que se apressavam decerto para o Templo, airosas, ligeiras, fazendo retinir os guizos das suas sandálias.

Aqui e além um lume caseiro ardia no meio da rua, com trempes, caçarolas, donde saía um cheiro acre de alho: crianças de ventre enorme que rolavam

nuas pela poeira, roendo vorazmente cascas de abóbora crua, ficavam pasmadas para nós, com grandes olhos ramelosos onde fervilhavam moscas. Diante de uma forja, um bando hirsuto de pastores de Moab esperavam, enquanto dentro, martelando num nimbo de chispas, os ferreiros lhes batiam fenos novos para as lanças. Um negro, com um pente em forma de sol toucando-lhe a carapinha, apregoava, num grito lúgubre, bolos de centeio de feitios obscenos.

Calados, atravessámos uma praça, clara e lajeada, que andava em obras. Ao fundo, uma casa de banhos, moderna, uma terma romana, estendia com ar de luxo e de ociosidade a longa arcada do seu pórtico de granito: no pátio interior, por entre os plátanos que o refrescavam, cujos

ramos suspendiam velários de linho alvo, corriam escravos nus, reluzentes de suor, levando vasos de essências e braçadas de flores; das aberturas gradeadas, ao rés das lajes, saía um bafo mole de estufa que cheirava a rosa. E sob uma das colunas vestibulares, onde uma lápide de ónix indicava a entrada das mulheres, estava de pé, imóvel, ofertando-se aos votos como um ídolo, uma criatura maravilhosa: sobre a sua face redonda, de uma brancura de Lua cheia, com lábios grossos, rubros de sangue, erguia-se a mitra amarela das prostitutas da Babilónia; dos ombros fortes, por cima da túmida rijeza dos seios direitos, caía em pregas duras de brocado uma dalmática negra radiantemente recamada de ramagens cor de ouro. Na mão tinha uma flor de cato: e as suas

pálpebras pesadas, as pestanas densas, abriam-se e fechavam-se em ritmo, ao mover onduloso de um leque que uma escrava preta, agachada a seus pés, balançava cantando. Quando os seus olhos se cerravam, tudo em redor parecia escurecer; e quando se levantava a negra cortina das suas pestanas, vinha dessa larga pupila um clarão, uma influência, como a do sol do meio-dia no deserto que abrasa e vagamente entristece. E assim se ofertava, magnífica, com os seus grandes membros de mármore, a sua mitra fulva, lembrando os ritos de Astarte e de Adónis, lasciva e pontifical...

Toquei no braço de Topsius, murmurei, pálido:

— Caramba! Vou aos banhos!

Seco, empertigado na sua capa

branca, ele volveu asperamente:

— Espera-nos Gamaliel, filho de Simeão. E a sabedoria dos rabis lá disse que a mulher é o caminho da iniquidade!

E bruscamente penetrou numa lôbrega viela, toda abobadada: as patas das éguas, ferindo as lajes, acirraram contra nós uivos de cães, maldições de mendigos amontoados juntos no escuro. Depois saltámos por uma brecha da antiga muralha de Ezekiah, passámos uma velha cisterna seca onde os lagartos dormiam: e trotando pela poeira solta de uma longa rua, entre muros caiados que reluziam e portas besuntadas de alcatrão, parámos no alto diante de uma entrada mais nobre, em arco, com uma grade baixa de arame que a defendia dos escorpiões. Era a casa de Gamaliel.

No meio de um vasto pátio ladrilhado, escaldando ao sol, um limoeiro toldava a água clara de um tanque. Em volta, sobre pilastras de mármore verde, corria uma varanda, silenciosa e fresca, donde pendia aqui e além um tapete da Assíria com flores bordadas. Um puro azul brilhava no alto — e ao canto, sob um alpendre, um negro, atrelado por cordas como uma alimária a uma barra de pau, calçado de ferraduras, vincado de cicatrizes, ia fazendo gemer e girar, lentamente, a grande mó de pedra do moinho doméstico.

No escuro de uma porta apareceu um homem obeso, sem barba, quase tão amarelo como a túnica lassa que o envolvia todo: tinha na mão uma vara de marfim e mal podia erguer as pálpebras

moles.

— Teu amo? — gritou-lhe Topsius, desmontando.

— Entra — disse o homem numa voz fugidia e fina como silvo de cobra.

Por uma escadaria rica de granito negro chegámos a um patamar — onde pousavam dois candelabros, espigados como os arbustos de que reproduziam, em bronze, o tronco sem folhas: e entre eles estava de pé, diante de nós, Gamaliel, filho de Simeão. Era muito alto, muito magro; e a barba solta, lustrosa, perfumada, enchia-lhe o peito, onde brilhava um sinete de coral pendurado de uma fita escarlate. O seu turbante branco, entremeado de fios de pérolas, descobria uma tira de pergaminho colada sobre a testa e cheia de textos sagrados: sob

aquela alvura, os seus olhos encovados tinham um fulgor frio e duro. Uma longa túnica azul cobria-o até às sandálias, orlada de compridas franjas que arrastavam: e cosidas às mangas, enroladas nos pulsos, tinha ainda outras tiras de pergaminho, onde negrejavam outras escrituras rituais.

Topsius saudou-o à moda do Egito, deixando cair lentamente a mão até à joelheira da sua calça de lustrina. Gamaliel alargou os braços e murmurou, como salmodiando:

— Entrai, sede bem-vindos, comei e regozijai-vos...

E atrás de Gamaliel, pisando um chão sonoro de mosaico, penetrámos numa sala onde se achavam três homens. Um, que se afastou da janela para nos

acolher, era magnificamente belo, com longos cabelos castanhos, pendendo em anéis doces em tomo do pescoço forte, macio e branco como um mármore coríntio: na faixa negra que lhe apertava a túnica brilhava, com pedrarias, o punho de ouro de uma espada curta. O outro, calvo, gordo, com uma face balofa sem sobrancelhas, e tão lívida que parecia coberta de farinha, ficara encruzado, embrulhado no seu manto cor de vinho, sobre um divã feito de correias — tendo uma almofada de púrpura debaixo de cada braço; e o seu gesto de acolhida foi mais distraído e desdenhoso do que a esmola que se atira ao estrangeiro. Mas Topsius quase se prostrara, a beijar os seus sapatos redondos de couro amarelo, atados por fios de ouro — porque aquele

era o venerando Osanias, da família pontifical de Beoto, ainda do sangue real de Aristóbulo! O outro homem não o saudámos, nem ele também nos viu; estava agachado a um canto, com a face sumida no capuz de uma túnica de linho mais alvo que a neve fresca, como mergulhado numa oração; e só de vez em quando se movia, para limpar as mãos lentamente a uma toalha da fina brancura da túnica, que lhe pendia de uma corda, apertada à cintura, grossa e cheia de nós, como as que cingem os monges.

No entanto, descalçando as luvas, eu examinava o teto da sala, todo de cedro, com lavores retocados de escarlate.

O azul liso e lustroso das paredes era como a continuação daquele céu de

Oriente, quente e puro, que resplandecia através da janela, onde se destacava, pendido do muro, na plena luz, um ramo solitário de madressilva. Sobre uma tripeça, incrustada de nácar, num incensador de bronze, fumegava uma resina aromática.

Mas Gamaliel aproximara-se — e depois de ter olhado duramente as minhas botas de montar disse com lentidão:

— A jornada do Jordão é longa, deveis vir esfomeados...

Murmurei polidamente uma recusa... E ele, grave como se recitasse um texto:

— A hora do meio-dia é a mais grata ao Senhor. José disse a Benjamim: «Tu comerás comigo ao meio-dia.» Mas a alegria do hóspede é também doce ao

Muito Alto, ao Muito Forte... Estais fracos, ide comer, para que a vossa alma me abençoe.

Bateu as palmas — um servo, com os cabelos apertados num diadema de metal, entrou trazendo um jarro cheio de água tépida que cheirava a rosa, onde eu purifiquei as mãos; outro ofereceu bolos de mel sobre viçosas folhas de parra; outro verteu, em taças de louça brilhante, um vinho forte e negro de Emaús. E para que o hóspede não comesse só, Gamaliel partiu um gomo de romã, e com as pálpebras cerradas levou à beira dos lábios uma malga, onde boiavam pedaços de gelo entre flores de laranjeira.

— Pois agora — disse eu lambendo os dedos — tenho lastro até ao meio-dia...

— Que a tua alma se regozije!

Acendi um cigarro, debrucei-me da janela. A casa de Gamaliel ficava num alto, decerto por trás do Templo, sobre a colina de Ofel: ali o ar era tão doce e macio, que só o sentir a sua caricia enchia de paz o coração. Por baixo corria a muralha nova erguida por Herodes, «o Grande»; e para além floriam jardins e pomares dando sombra ao Vale da Fonte, e subindo até à colina, em que branquejava, calada e fresca, a aldeia de Siloé. Por uma fenda, entre o Monte do Escândalo e a Colina dos Túmulos, eu via resplandecer o mar Morto como uma chapa de prata: as montanhas de Moab ondulavam depois, suaves, de um azul apenas mais denso que o do céu: e uma forma branca, que parecia tremer na

vibração da luz, devia ser a cidadela de Makeros sobre o seu rochedo, nos confins da Idumeia. No terraço relvoso de uma casa, ao pé das muralhas, uma figura imóvel, abrigada sob um alto guarda-sol franjado de guizos, olhava como eu para esses longes da Arábia: e ao lado uma rapariga, ligeira e delgada, com os braços nus erguidos, chamava um bando de pombas que esvoaçavam em redor. A túnica aberta descobria-lhe o seiozinho cheio de seiva: e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo... Mas recolhi, ouvindo Gamaliel, que dizia, como o homem do manto cor de açafrão no Monte das Oliveiras: «Sim, esta noite, em Betânia, Rabi Jeschoua foi preso...»

Depois ajuntou, lento, com os

olhos semicerrados, erguendo por entre os dedos os longos fios da barba:

— Mas Pôncio teve um escrúpulo... Não quis julgar um homem de Galileia que é súbdito de Antipas Herodes...

E como o Tetrarca veio à Páscoa a Jerusalém, Pôncio mandou o Rabi à sua morada, a Bezeta...

Os doutos óculos de Topsius rebrilharam de espanto.

— Coisa estranha! — exclamou, abrindo os braços magros. — Pôncio escrupuloso, Pôncio formalista! E desde quando respeita Pôncio a judicatura do Tetrarca? Quantos pobres galileus não fez ele matar sem licença do Tetrarca, quando foi da revolta do aqueduto, quando espadas romanas, por ordem de Pôncio,

misturaram nos pátios do Templo o sangue dos homens de Neftali ao sangue dos bois do sacrifício!

Gamaliel murmurou sombriamente:

— O Romano é cruel, mas escravo da legalidade.

Então Osanias, filho de Beoto, disse com um sorriso mole e sem dentes, agitando de leve, sobre a púrpura das almofadas, as mãos resplandecentes de anéis:

— Ou talvez seja que a mulher de Pôncio proteja o Rabi.

Gamaliel, surdamente, amaldiçoou o impudor da romana.

E como os óculos de Topsius interrogavam o venerando Osanias, ele admirou-se que o doutor ignorasse coisas

tão conversadas no Templo, até pelos pastores que vêm da Idumeia vender os cordeiros da Oferenda. Sempre que o Rabi pregava nos Pórticos de Salomão, do lado da Porta Susa, Cláudia vinha vê-lo do alto do terraço da Torre Antónia, só, envolta num véu negro... Menaém, que guardava no mês de Tebete a Escadaria dos Gentios, vira a mulher de Pôncio acenar com o véu ao Rabi. E talvez Cláudia, saciada de Capreia, de todos os cocheiros do Circo, de todos os histriões de Suburra, e dos brinquedos de Atalanta que fizeram perder a voz ao cantor Ácio, quisesse provar, vindo à Síria, a que sabiam os beijos de um profeta da Galileia...

O homem vestido de linho alvo ergueu bruscamente a face, sacudindo o

capuz de sobre os cabelos revoltos: o seu largo olhar azul fulgurou por toda a sala, num relâmpago, e apagou-se logo, sob a humildade grave das pestanas que se baixaram... Depois murmurou, lento e severo:

— Osanias, o Rabi é casto!

O velho riu, pesadamente. Casto, o Rabi! E então essa galileia de Magdala, que vivera no bairro de Bezeta, e nas festas do Prurim se misturava com as prostitutas gregas às portas do teatro de Herodes?... E Joana, a mulher de Khosna, um dos cozinheiros de Antipas? E outra de Efraim, Susana, que uma noite, a um gesto do Rabi, a um aceno do seu desejo, deixara o tear, deixara os filhos, e, com o pecúlio doméstico escondido na ponta do manto, o seguira até Cesareia?...

— Oh Osanias! — gritou, batendo palmas folgazãs, o homem formoso que tinha uma espada com pedrarias. — Oh filho de Beoto, como tu conheces, uma a uma, as incontinências de um rabi galileu, filho das ervas do chão e mais miserável que elas! Nem que se tratasse de Élio Lama, *nosso* legado imperial, que o Senhor cubra de males!

Os olhos de Osanias, miudinhos como duas contas de vidro negro, reluziram de agudeza e malícia.

— Oh Manassés! É para que vós outros, os patriotas, os puros herdeiros de Judas de Galaunitida, não nos acuseis sempre, a nós, saduceus, de saber só o que se passa no Átrio dos Sacerdotes e nos eirados da casa de Hanão...

Uma tosse rouca reteve-o um

espaço, sufocando, sob a ponta do manto em que vivamente se embuçara. Depois, mais quebrado, com laivos roxos na face farinhenta:

— Que em verdade foi justamente na casa de Hanão que ouvimos isto a Menaém, passeando todos debaixo da vinha... E mesmo nos contou ele que esse Rabi de Galileia chegava, no seu impudor, a tocar fêmeas pagãs, e outras mais impuras que o porco... Um levita viu-o, na estrada de Siquém, erguer-se afogueado, de trás da borda de um poço, com uma mulher de Samaria!

O homem coberto de alvo linho ergueu-se de um salto, todo direito e trémulo; e no grito que lhe escapou havia o horror de quem surpreende a profanação de um altar!

Mas Gamaliel, com uma seca autoridade, cravou nele os olhos duros:

— Oh Gad, aos trinta anos o Rabi não é casado! Qual é o seu trabalho? Onde está o campo que lavra? Alguém jamais conheceu a sua vinha? Vagabundeia pelos caminhos, e vive do que lhe ofertam essas mulheres dissolutas! E que outra coisa fazem esses moços sem barba de Síbaris e de Lesbos, que passeiam todo o dia na Via Judiciária, e que vós outros, Essénios, abominais de tal sorte, que correis a lavar as vestes numa cisterna se um deles roça por vós?... Tu ouviste Osanias, filho de Beoto... Só Jeová é grande! e em verdade te digo que quando Rabi Jeschoua, desprezando a Lei, dá à mulher adúltera um perdão que tanto cativa os simples, cede à frouxidão da sua

moral e não à abundância da sua misericórdia!

Com a face abrasada, e atirando os braços ao ar, Gad bradou:

— Mas o Rabi faz milagres!

E foi o famoso Manassés, com um sereno desdém, que respondeu ao essénio:

— Sossega, Gad, outros têm feito milagres! Simão de Samaria fez milagres. Fê-los Apolónio, e fê-los Gabieno... E que são os prodígios do teu galileu comparados aos das filhas do grão-sacerdote Ânio e aos do sábio rabi Chequiná?

E Osanias escarnecia a simpleza de Gad:

— Em verdade, que aprendeis vós outros, Essénios, no vosso oásis de Engadi? Milagres! Milagres até os pagãos

os fazem! Vai a Alexandria, ao porto de Eunotos, para a direita, onde estão as fábricas de papiros, e vês lá magos fazendo milagres por um dracma, que é o preço de um dia de trabalho.

Se o milagre prova a divindade, então é divino o peixe Oanes, que tem barbatanas de nácar e prega nas margens do Eufrates, em noites de Lua cheia!

Gad sorria com altivez e doçura. A sua indignação expirara sob a imensidão do seu desdém. Deu um passo vagaroso, depois outro — e considerando, apiedadamente, aqueles homens enfatuados, endurecidos e cheios de irrisão:

— Vós dizeis, vós dizeis, vãos à maneira de moscardos que zumbem! Vós dizeis, e vós não o ouvistes! Em Galileia,

que é bem fértil, bem verde, quando ele falava era como se corresse uma fonte de leite em terra de fome e secura: até a luz parecia um bem maior! As águas, no lago de Tiberíade, amansavam para o escutar; e aos olhos das crianças que o rodeavam subia a gravidade de uma fé já madura... Ele falava: e como pombas que desdobram as asas e voam da porta de um santuário, nós víamos desprender-se dos seus lábios, irem voar por sobre as nações do mundo toda a sorte de coisas nobres e santas, a Caridade, a Fraternidade, a Justiça, a Misericórdia, e as formas novas, belas, divinamente belas, do Amor!

A sua face resplandecia, enlevada para os céus, como seguindo o voo dessas novas divinas. Mas já do lado, Gamaliel,

doutor da Lei, o rebatia com uma dura autoridade:

— Que há de original e de individual em todas essas ideias, homem? Pensas que o Rabi as tirou da abundância do seu coração? Está cheia delas a nossa doutrina!... Queres ouvir falar de Amor, de Caridade, de Igualdade? Lê o livro de Jesus, filho de Sidra... Tudo isso o pregou Hillel, tudo isso o disse Schemaia! Coisas tão justas se encontram nos livros pagãos, que são, ao pé dos nossos, como o lodo ao pé da água pura de Siloé!... Vós mesmos, os Essénios, tendes preceitos melhores!... Os rabis da Babilónia, de Alexandria, ensinaram sempre leis puras de Justiça e de Igualdade! E ensinou-as o teu amigo Iokanan, a quem chamais o Batista, que lá acabou tão miseravelmente

num ergástulo de Makeros...

— Iokanan! — exclamou Gad, estremecendo, como rudemente acordado da suavidade de um sonho.

Os seus olhos brilhantes humedeceram. Três vezes, curvado para o chão, com os braços abertos, repetiu o nome de Iokanan, como chamando alguém de entre os mortos. Depois, com duas lágrimas rolando pela barba, murmurou muito baixo, numa confidência que o enchia de terror e de fé:

— Fui eu que subi a Makeros a buscar a cabeça do Batista! E quando descia o caminho, com ela embrulhada no meu manto, ainda a outra, Herodíade, estirada por sobre a muralha como a fêmea lasciva do tigre, rugia e me gritava injúrias!... Três dias e três noites segui

pelas estradas de Galileia, levando a cabeça do justo pendurada pelos cabelos... Às vezes, de trás de um rochedo, um anjo surgia todo coberto de negro, abria as asas e punha-se a caminhar a meu lado...

De novo a cabeça lhe pendeu, os seus duros joelhos ressoaram nas lajes-, e ficou prostrado, orando ansiosamente, com os braços estendidos em cruz.

Então Gamaliel adiantou-se para o sábio Topsius: e, mais direito que uma coluna do Templo, com os cotovelos colados à cinta, as mãos magras espalmadas para fora:

— Nós temos uma Lei, a nossa Lei é clara. Ela é a palavra do Senhor; e o Senhor disse: «Eu sou Jeová, o eterno, o primeiro e o último, o que não transmite a

outros nem o seu nome, nem a sua glória: antes de mim não houve deus algum, não existe deus algum ao meu lado, não haverá deus algum depois de mim...» Esta é a voz do Senhor. E o Senhor disse ainda: «Se pois entre vós aparecer um profeta, um visionário que faça milagres e queira introduzir outro deus e chame os simples ao culto desse deus — esse profeta e visionário morrerá!» Esta é a Lei, esta é a voz do Senhor. Ora o Rabi de Nazaré proclamou-se Deus em Galileia, nas sinagogas, nas ruas de Jerusalém, nos pátios santos do Templo... O Rabi deve morrer.

Mas o famoso Manassés, cujo lânguido olhar entenebrecia como um céu onde vai trovejar, interpôs-se entre o doutor da Lei e o historiador dos

Herodes. E nobremente repeliu a letra cruel da doutrina:

— Não, não! Que importa que a lâmpada de um sepulcro diga que é o Sol? Que importa que um homem abra os braços e grite que é um deus? As nossas leis são suaves: por tão pouco não se vai buscar o carrasco ao seu covil a Gareb...

Eu, caridoso, ia louvar Manassés. Mas já ele bradava, com violência e fervor:

— Todavia, esse Rabi de Galileia deve decerto morrer, porque é um mau cidadão e um mau judeu! Não o ouvimos nós aconselhar que se pague o tributo a César? O Rabi estende a mão a Roma, o Romano não é seu inimigo. Há três anos que prega, e ninguém jamais lhe ouviu proclamar a necessidade santa de

expulsar o estrangeiro. Nós esperamos um Messias que traga uma espada e liberte Israel, e este, néscio e verboso, declara que traz só o *pão da verdade*! Quando há um pretor romano em Jerusalém, quando são lanças romanas que velam às portas do nosso Deus, a que vem esse visionário falar do pão do Céu e do vinho da verdade? A única verdade útil é que não deve haver romanos em Jerusalém!...

Osanias, inquieto, olhou a janela cheia de luz, por onde as ameaças de Manassés se evolavam, vibrantes e livres. Gamaliel sorria friamente. E o discípulo ardente de Judas de Gamala clamava, arrebatado na sua paixão:

— Oh! Em verdade vos digo, embalar as almas na esperança do Reino do Céu é fazer-lhes esquecer o dever forte

para com o Reino da Terra, para esta terra de Israel que está em ferros, e chora e não quer ser consolada! O Rabi é traidor à pátria! O Rabi deve morrer!

Trémulo, agarrara a espada: e o seu olhar alargava-se, com uma fulguração de revolta, como chamando avidamente os combates e a glória dos suplícios.

Então Osanias ergueu-se apoiado a um bastão que rematava numa pinha de ouro. Um penoso cuidado parecia agora anuviar a sua velhice leviana. E começou a dizer, de manso e tristemente, como quem através do entusiasmo e da doutrina aponta o mandato iniludível da necessidade:

— Decerto, decerto, pouco importa que um visionário se diga

Messias e filho de Deus, ameace destruir a Lei e destruir o Templo. O Templo e a Lei podem bem sorrir e perdoar, certos da sua eternidade... Mas, ó Manassés, as nossas leis são suaves; e não creio que se deva ir acordar o carrasco a Gareb, porque um rabi de Galileia, que se lembra dos filhos de Judas de Gamala pregados na cruz, aconselha prudência e malícia nas relações com o Romano! Ó Manassés, robustas são as tuas mãos: mas podes tu, com elas, desviar a corrente do Jordão da terra de Canaã para a terra da Trakaunitida? Não. Nem podes também impedir que as legiões de César, que cobriram as cidades da Grécia, venham cobrir o país de Judá! Sábio e forte era Judas Macabeu, e fez amizade com Roma... Porque Roma é sobre a Terra

como um grande vento da Natureza; quando ele vem, o insensato oferece-lhe o peito e é derrubado; mas o homem prudente recolhe à sua morada e está quieto. Indomável era a Galácia; Filipe e Perseu tinham exércitos na planície; Antíoco, «o Grande», comandava cento e vinte elefantes e carros de guerra inumeráveis... Roma passou; deles que resta? Escravos, pagando tributos...

Curvara-se, pesadamente, como um boi sob o jugo. Depois, fixando sobre nós os olhos miúdos que dardejavam um brilho inexorável e frio, prosseguiu, sempre de manso e subtil:

— Mas em verdade vos digo que esse Rabi de Galileia deve morrer! Porque é o dever do homem que tem bens na Terra e searas apagar depressa com a

sandália, sobre as lajes da eira, a fagulha que ameaça inflamar-lhe a meda... Com o Romano em Jerusalém, todo aquele que venha e se proclame Messias, como o de Galileia, é nocivo e perigoso para Israel. O Romano não compreende o Reino do Céu que ele promete: mas vê que essas prédicas, essas exaltações divinas, agitam sombriamente o povo dentro dos pórticos do Templo... E então diz: «Na verdade este Templo, com o seu ouro, as suas multidões, e tanto zelo, é um perigo para a autoridade de César na Judeia...»

E logo, lentamente, anula a força do Templo diminuindo a riqueza, os privilégios do seu sacerdócio. Já para nossa humilhação, as vestes pontificais são guardadas no erário da Torre Antónia: amanhã será o candelabro de ouro! Já o

Pretor usou, para nos empobrecer, o dinheiro do Corban! Amanhã os dízimos da colheita, o dos gados, o dinheiro da Oferenda, o óbolo das trombetas, os tributos rituais, todos os haveres do sacerdócio, até as viandas dos sacrifícios, nada será nosso, tudo será do Romano! E só nos ficará o bordão para irmos mendigar nas estradas de Samaria, à espera dos mercadores ricos da Decápole... Em verdade vos digo, se quisermos conservar as honras e os tesouros, que são nossos pela antiga Lei, e que fazem o esplendor de Israel, devemos mostrar ao Romano, que nos vigia, um Templo quieto, policiado, submisso, contente, sem fervores e sem Messias!... O Rabi deve morrer!

Assim diante de mim falou

Osanias, filho de Beoto, e membro do Sanedrim.

Então o magro historiador dos Herodes, cruzando com reverência as mãos sobre o peito, saudou três vezes aqueles homens facundos. Gad, imóvel, orava. No azul da janela uma abelha cor de ouro zumbia em torno da flor de madressilva.

E Topsius dizia com pompa:

— Homens que me haveis acolhido, a verdade abunda nos vossos espíritos, como a uva abunda nas videiras! Vós sois três tomes que guardais Israel entre as nações: uma defende a unidade da religião, outra mantém o entusiasmo da pátria; e a terceira, que és tu, venerando filho de Beoto, cauto e ondeante como a serpente que amava

Salomão, protege uma coisa mais preciosa, que é a ordem!... Vós sois três torres: e contra cada uma o Rabi de Galileia ergue o braço e lança a primeira pedrada! Mas vós guardais Israel e o seu deus e os seus bens, e não vos deveis deixar derrocar!... Em verdade, agora o reconheço, Jesus e o judaísmo nunca poderiam viver juntos.

E Gamaliel, com o gesto de quem quebra uma vara frágil, disse, mostrando os dentes brancos:

— Por isso o crucificámos!

Foi como uma faca acerada, que, lampejando e silvando, se viesse cravar no meu peito! Arrebatei, sufocado, a manga do douto historiador:

— Topsius! Topsius! Quem é esse Rabi que pregava em Galileia, e faz

milagres, e vai ser crucificado?

O sábio doutor arregalou os olhos com tanto pasmo, como se eu lhe perguntasse qual era o astro que, além dos montes, traz a luz da manhã. Depois, secamente:

— Rabi Jeschoua bar Joseph, que veio de Nazaré em Galileia, a quem alguns chamam Jesus e outros também chamam o Cristo.

— O nosso! — gritei, vacilando, como um homem atordoado.

E os meus joelhos católicos quase bateram as lajes, num impulso de ficar ali caído, enrodilhado no meu pavor, rezando desesperadamente e para sempre. Mas logo como uma labareda chamejou por todo o meu ser o desejo de correr ao seu encontro e pôr os meus olhos mortais no

corpo do meu Senhor, no seu corpo humano e real, vestido do linho de que os homens se vestem, coberto com o pó que levantam os caminhos humanos!... E ao mesmo tempo, mais do que treme a folha num áspero vento, tremia a minha alma num terror sombrio — o terror do servo negligente diante do amo justo! Estava eu bastante purificado, com jejuns e terços, para afrontar a face fulgurante do meu Deus? Não! Oh mesquinha e amarga deficiência da minha devoção! Eu não beijara jamais, com suficiente amor, o seu pé dorido e roxo na sua Igreja da Graça! Ai de mim! Quantos domingos, nesses tempos carnais em que a Adélia, sol da minha vida, me esperava na Travessa dos Caídas, fumando e em camisa — não maldissera eu a lentidão das missas e a

monotonia dos septenários! E sendo assim, do crânio à sola dos pés, uma crosta de pecado, como poderia meu corpo não tombar, já réprobo, já tisnado, quando os dois globos dos olhos do Senhor, como duas metades do céu, se voltassem vagarosamente para mim?

Mas *ver* Jesus! Ver como eram os seus cabelos, que pregas fazia a sua túnica, e o que acontecia na Terra quando os seus lábios se abriam!... Para além desses eirados onde as mulheres atiravam grão às pombas; numa dessas ruas donde me chegava claro e cantado o pregão dos vendedores de pães ázimos — ia passando talvez, nesse temeroso instante, entre barbudos, graves soldados romanos, Jesus, meu Salvador, com uma corda amarrada nas mãos. A lenta aragem que

balançava na janela o ramo de madressilva, e lhe avivava o aroma, acabava talvez de roçar a fronte do meu Deus, já ensanguentada de espinhos! Era só empurrar aquela porta de cedro, atravessar o pátio onde gemia a mó do moinho doméstico — e logo, na rua, eu poderia *ver*, presente e corpóreo, o meu Senhor Jesus tão realmente e tão bem como o viram S. João e S. Mateus. Seguiria a sua sacra sombra no muro branco — onde cairia também a minha sombra. Na mesma poeira que as minhas solas pisassem — beijaria a pegada ainda quente dos seus pés! E abafando com ambas as mãos o barulho do meu coração — eu poderia surpreender, saído da sua boca inefável, um ai, um soluço, um queixume, uma promessa! Eu saberia

então uma palavra nova do Cristo, não escrita no Evangelho — e só eu teria o direito pontifical de a repetir às multidões prostradas. A minha autoridade surgia, na Igreja, como a de um Testamento Novíssimo. Eu era uma testemunha inédita da Paixão. Tomava-me S. Teodorico Evangelista!

Então, com uma desesperada ansiedade que espantou aqueles orientais de maneiras mesuradas, eu gritei:

— Onde o posso ver? Onde está Jesus de Nazaré, meu Senhor?

Nesse momento um escravo, correndo na ponta leve das sandálias, veio cair de bruços nas lajes, diante de Gamaliel; beijava-lhe as franjas da túnica, as suas costelas magras arquejavam; por fim murmurou, exausto:

— Amo, o Rabi está no Pretório!

Gad emergiu da sua oração com um salto de fera, apertou em torno dos rins a corda de nós, e correu arrebatadamente, com o capuz solto, espalhando em redor o sulco louro dos seus cabelos revoltos. Topsius traçara a sua capa branca, com essas pregas de toga latina que lhe davam a solenidade de um mármore; e tendo comparado a hospitalidade de Gamaliel à de Abraão, bradou-me triunfantemente:

— Ao Pretório!

***

Muito tempo segui Topsius através da antiga Jerusalém, numa caminhada ofegante, todo perdido no tumulto dos

meus pensamentos. Passámos junto a um jardim de rosas, do tempo dos profetas, esplêndido e silencioso, que dois levitas guardavam com lanças douradas. Depois foi uma rua fresca, toda aromatizada pelas lojas dos perfumistas, ornadas de tabuletas em forma de flores e de almofarizes: um toldo de esteiras finas assombreava as portas, o chão estava regado e juncado de erva-doce e de folhas de anémonas: e pela sombra preguiçavam moços lânguidos, de cabelos frisados em cachos, de olheiras pintadas, mal podendo erguer, nas mãos pesadas de anéis, as sedas roçagantes das túnicas cor de cereja e cor de ouro. Além dessa rua indolente abria-se uma praça, que escaldava ao sol, com uma poeira grossa e branca, onde os pés se enterravam: solitária, no meio, uma

vetusta palmeira arqueava o seu penacho, imóvel e como de bronze: e ao fundo, negrejavam na luz as colunatas de granito do velho palácio de Herodes. Aí era o Pretório.

Defronte do arco de entrada, onde rondavam, com plumas pretas no elmo reluzente, dois legionários da Síria — um bando de raparigas, tendo detrás da orelha uma rosa e no regaço coifas de esparto, apregoavam os pães ázimos. Sob um enorme guarda-sol de penas, cravado no chão, homens de mitra de feltro, com tábuas sobre os joelhos e balanças, trocavam a moeda romana. E os vendedores de água, com os seus odres felpudos, lançavam um grito trémulo. Entrámos: e logo um terror me envolveu.

Era um claro pátio, aberto sob o

azul, lajeado de mármore, tendo de cada lado uma arcada, elevada em terraço, com parapeito, fresca e sonora como um claustro de mosteiro. Da arcaria ao fundo, encimada pela frontaria austera do palácio, estendia-se um velário, de um estofo escarlate franjado de ouro, fazendo uma sombra quadrada e dura: dois mastros de pau de sicômoro sustentavam-no, rematados por uma flor de lótus.

Aí apertava-se um magote de gente — onde se confundiam as túnicas dos fariseus orladas de azul, o rude saião de estamenha dos obreiros apertado com um cinto de couro, os vastos albornozes listrados de cinzento e branco dos homens de Galileia, e a capa carmesim de grande capuz dos mercadores de Tiberíade; algumas mulheres, já fora do abrigo do

velário, alçavam-se na ponta das chinelas amarelas, estendendo por cima do rosto, contra o sol, uma dobra do manto ligeiro; daquela multidão saía um cheiro morno de suor e de mirra. Para além, por cima dos turbantes alvos apinhados, brilhavam pontas de lança. E ao fundo, sobre um sólio, um homem, um magistrado, envolto nas pregas nobres de uma toga pretexta, e mais imóvel que um mármore, apoiava sobre o punho forte a barba densa e grisalha: os seus olhos encovados pareciam indolentemente adormecidos: uma fita escarlate prendia-lhe os cabelos: e por trás, sobre um pedestal que fazia espaldar à sua cadeira curul, a figura de bronze da Loba Romana abria de través a goela voraz. Perguntei a Topsius quem era aquele magistrado melancólico.

— Um certo Pôncio, chamado Pilatos, que foi prefeito em Batávia.

Lentamente caminhei pelo pátio, procurando, como num templo, fazer mais subtil e respeitoso o ruído das minhas solas. Um grave silêncio caía do céu rutilante: só, por vezes, rompia do lado dos jardins, áspero e triste, o gritar dos pavões. Estendidos no chão, junto à balaustrada do claustro, negros dormitavam com a barriga ao sol. Uma velha contava moedas de cobre, acocorada diante do seu gigo de fruta. Em andaimes, postos contra uma coluna, havia trabalhadores compondo o telhado. E crianças, a um canto, jogavam com discos de ferro que tiniam de leve nas lajes.

Subitamente, alguém familiar tocou no ombro do historiador dos

Herodes. Era o formoso Manassés; e com ele vinha um velho magnífico, de uma nobreza de pontífice, a quem Topsius beijou filialmente a manga da simarra branca, bordada de verdes folhas de parra. Uma barba de neve, lustrosa de óleo, caía-lhe até à faixa que o cingia; e os ombros largos desapareciam sob a esparsa abundância dos cabelos alvos, saindo do turbante como uma pura romeira de arminhos reais. Uma das mãos, cheia de anéis, apoiava-se a um forte bastão de marfim; e a outra conduzia uma criança pálida, que tinha os olhos mais belos que estrelas, e semelhava, junto ao ancião, um lírio à sombra de um cedro.

— Subi à galeria — disse-nos Manassés. — Tereis lá repouso e frescura...

Seguimos o patriota; e eu perguntei cautelosamente a Topsius quem era o outro tão velho, tão augusto.

— Rabi Robão — murmurou com veneração o meu douto amigo. — Uma luz do Sanedrim, facundo e subtil entre todos, e confidente de Caifa...

Reverente, saudei três vezes rabi Robão — que se sentara num banco de mármore, pensativo, aconchegando, sobre o seu vasto peito ancestral, a cabeça da criança mais loura que os milhos de Jope. Depois continuámos devagar pela galeria sonora e clara: na sua extremidade brilhava uma porta sumptuosa de cedro com chapas de prata lavradas: um pretoriano de Cesareia guardava-a, sonolento, encostado ao seu alto escudo de vime. Aí, comovido, caminhei para o

parapeito: e logo os meus olhos mortais encontraram lá em baixo — a forma encarnada do meu Deus!

Mas, oh rara surpresa da alma variável, não senti êxtase nem terror! Era como se de repente me tivessem fugido da memória longos, laboriosos séculos de história e de religião. Nem pensei que aquele homem seco e moreno fosse o remidor da humanidade... Achei-me inexplicavelmente anterior nos tempos. Eu já não era o Teodorico Raposo, cristão e bacharel: a minha individualidade como que a perdera, à maneira de um manto que escorrega, nessa carreira ansiosa desde a casa de Gamaliel. Toda a antiguidade das coisas ambientes me penetrara, me refizera um *ser*, eu era também um antigo. Era Teodoricus, um lusitano, que viera

numa galera das praias ressoantes do Promontório Magno, e viajava, sendo Tibério imperador, em terras tributárias de Roma. E aquele homem não era Jesus, nem Cristo, nem Messias — mas apenas um moço de Galileia que, cheio de um grande sonho, desce da sua verde aldeia para transfigurar todo um mundo e renovar todo um céu, e encontra a uma esquina um *nethenin* do Templo que o amarra e o traz ao Pretor, numa manhã de audiência, entre um ladrão que roubara na estrada de Siquém e outro que atirara facadas numa rixa em Emátia!

Num espaço ladrilhado de mosaico, em face do sólio onde se erguia o assento curai do Pretor sob a Loba Romana — Jesus estava de pé, com as mãos cruzadas e frouxamente ligadas por

uma corda que rojava no chão. Um largo albornoz de lã grossa, em riscas pardas, orlado de franjas azuis, cobria-o até aos pés, calçados de sandálias já gastas pelos caminhos do deserto e atadas com correias. Não lhe ensanguentava a cabeça essa coroa inumana de espinhos, de que eu lera nos Evangelhos; tinha um turbante branco, feito de uma longa faixa de linho enrolada, cujas pontas lhe pendiam de cada lado sobre os ombros; um cordel amarrava-lho por baixo da barba encaracolada e aguda. Os cabelos secos, passados por trás das orelhas, caíam-lhe em anéis pelas costas; e no rosto magro, requeimado, sob sobrancelhas densas, unidas num só traço, negrejava com uma profundidade infinita o resplendor dos seus olhos. Não se movia, forte e sereno

diante do Pretor.

Só algum estremecimento das mãos presas traía o tumulto do seu coração; e às vezes respirava longamente, como se o seu peito, acostumado aos livres e claros ares dos montes e dos lagos de Galileia, sufocasse entre aqueles mármores, sob o pesado velário romano, na estreiteza formalista da Lei.

A um lado, Sareias, o vogal do Sanedrim, tendo deposto no chão o seu manto e o seu báculo dourado, ia desenrolando e lendo uma tira escura de pergaminho, num murmúrio cantado e dormente. Sentado num escabelo, o assessor romano, sufocado pelo calor já áspero do mês do Nizão, refrescava com um leque de folhas de heras secas a face rapada e branca como um gesso; um

escriba, velho e nédio, numa mesa de pedra cheia de tabulários e de regras de chumbo, aguçava miudamente os seus cálamos: e entre ambos o intérprete, um fenício imberbe, sorria com a face no ar, com as mãos na cinta, arqueando o peito, onde trazia pintado, sobre a jaqueta de linho, um papagaio vermelho. Em torno ao velário, constantemente voavam pombas. E foi assim que eu vi Jesus de Galileia preso, diante do Pretor de Roma...

No entanto Sareias, tendo enrolado em torno à haste de ferro o pergaminho escuro, saudou Pilatos, beijou um sinete sobre o dedo, para marcar nos seus lábios o selo da verdade — e imediatamente encetou uma arenga em grego, com textos, verbosa e aduladora. Falava do Tretarca de Galileia, o nobre

Antipas; louvava a sua prudência; celebrava seu pai, Herodes, «o Grande», restaurador do Templo... A glória de Herodes enchia a Terra; fora terrível, sempre fiel aos seus Césares; seu filho Antipas era engenhoso e forte!... Mas, reconhecendo a sua sabedoria, ele estranhava que o Tetrarca se recusasse a confirmar a sentença do Sanedrim que condenava Jesus à morte... Não fora essa sentença fundada nas leis que dera o Senhor?

O justo Hanão interrogara o Rabi, que emudecera, num silêncio ultrajante. Era essa a maneira de responder ao sábio, ao puro, ao piedoso Hanão? Por isso um zeloso, sem se conter, atirara a mão violenta à face do Rabi... Onde estava o respeito dos antigos tempos e a veneração

do pontificado?

A sua voz cava e larga rolava infindavelmente. Eu, cansado, bocejava. Por baixo de nós, dois homens encruzados nas lajes, comiam tâmaras de Betabara, que traziam no saião, bebendo de uma cabaça. Pilatos, com o punho sob a barba, olhava sonolentamente os seus borzeguins escarlates, picados de estrelas de ouro.

E Sareias agora proclamava os direitos do Templo. Ele era o orgulho da nação, a morada eleita do Senhor! César Augusto ofertara-lhe escudos e vasos de ouro... E esse Templo, como o respeitara o Rabi? Ameaçando destruí-lo! «Eu derrocarei o templo de Jeová e edificá-lo-ei em três dias!» Testemunhas puras, ouvindo esta rude impiedade, tinham coberto a cabeça de cinza, para afastar a

cólera do Senhor... Ora a blasfémia atirada ao santuário ressaltava até ao seio de Deus!...

Sob o velário, os fariseus, os escribas, os *nethenins* do Templo, escravos sórdidos, sussurravam como arbustos agrestes que um vento começa a agitar. E Jesus permanecia imóvel, abstraidamente indiferente, com os olhos cerrados, como para isolar melhor o seu sonho contínuo e formoso, longe das coisas duras e vãs que o maculavam. Então o assessor romano ergueu-se, depôs no escabelo o seu leque de folhas, traçou com arte o manto forense, orlado de azul, saudou três vezes o Pretor — e a sua mão delicada começou a ondear no ar, fazendo cintilar uma joia.

— Que diz ele?...

— Coisas infinitamente hábeis — murmurou Topsius. — É um pedante, mas tem razão. Diz que o Pretor não é um judeu; que nada sabe de Jeová, nem lhe importam os profetas que se erguem contra Jeová; e que a espada de César não vinga deuses que não protegem César!... O Romano é engenhoso!...

Ofegando, o assessor recaiu languidamente no escabelo.

E logo Sareias volveu a arengar, sacudindo os braços para a multidão dos fariseus, como a evocar os seus protestos, e refugiando-se na sua força. Agora, mais retumbante, acusava Jesus, não da sua revolta contra Jeová e o Templo, mas das suas pretensões como príncipe da Casa de David! Toda a gente em Jerusalém o tinha visto, havia quatro dias, entrar pela Porta

de Ouro, num falso triunfo, entre palmas verdes, cercado de uma multidão de galileus, que gritavam: «Hossana ao filho de David, Hossana ao rei de Israel!...»

— Ele é o filho de David, que vem para nos tornar melhores! — gritou ao longe a voz de Gad, cheia de persuasão e de amor.

Mas de repente Sareias colou ao corpo as mangas franjadas, mudo e mais teso que um conto de lança: o escriba romano, de pé, com os punhos fincados na mesa, vergava o cachaço reverente e nédio: o assessor sorria, atento. Era o Pretor que ia interrogar o Rabi: e eu, tremendo, vi um legionário empurrar Jesus, que ergueu a face...

Debruçado de leve para o Rabi, com as mãos abertas que pareciam soltar,

deixar cair todo o interesse por esse pleito ritual de sectários arguciosos, Pôncio murmurou, enfastiado e incerto:

— És tu então o rei dos judeus?... Os da tua nação trazem-te aqui!... Que fizeste tu?... Onde é o teu reino?

O intérprete, enfatuado, perfilado junto ao sólio de mármore, repetiu muito alto estas coisas na antiga língua hebraica dos livros santos: e, como o Rabi permanecia silencioso, gritou-as na fala caldaica que se usa em Galileia.

Então Jesus deu um passo. Eu ouvi a sua voz. Era clara, segura, dominadora e serena:

— O meu reino não é daqui! Se por vontade de meu Pai eu fosse rei de Israel, não estaria diante de ti com esta corda nas mãos... Mas o meu reino não é

deste mundo!

Um grito estrugiu, desesperado:

— Tirai-o então deste mundo!

E logo como lenha preparada que uma faísca inflama, o furor dos fariseus e dos serventes do Templo irrompeu, crepitando, em clamores impacientes:

— Crucificai-o! Crucificai-o!

Pomposamente o intérprete redizia em grego ao Pretor os brados tumultuosos, lançados na língua siríaca que fala o povo em Judeia... Pôncio bateu o borzeguim sobre o mármore.

Os dois lictores ergueram ao ar as varas rematadas numa figura de águia: o escriba gritou o nome de Caio Tibério: e logo os braços frementes se abaixaram, e foi como um terror diante da majestade do povo romano.

De novo Pôncio falou, lento e vago:

— Dizes então que és rei... E que vens tu fazer aqui?

Jesus deu outro passo para o Pretor. A sua sandália pousou fortemente sobre as lajes, como se tomasse posse suprema da Terra. E o que saiu dos seus lábios trémulos pareceu-me fulgurar, vivo no ar, como o resplendor que dos seus olhos negros saiu.

— Eu vim a este mundo testemunhar a verdade! Quem desejar a verdade, quem quiser pertencer à verdade, tem de escutar a minha voz!

Pilatos considerou-o um momento, pensativo: depois, encolhendo os ombros:

— Mas, homem, o que é a verdade?

Jesus de Nazaré emudeceu — e no Pretório espalhou-se um silêncio, como se todos os corações tivessem parado, cheios subitamente de incerteza...

Então, apanhando devagar a sua vasta toga, Pilatos desceu os quatro degraus de bronze — e precedido dos lictores, seguido do assessor, penetrou no palácio, por entre o rumor de armas dos legionários que o saudavam, batendo o ferro das lanças sobre o bronze dos escudos.

Imediatamente elevou-se por todo o pátio um áspero e ardente sussurro, como de abelhas irritadas. Sareias perorava, brandindo o báculo, entre os fariseus que apertavam as mãos num terror. Outros, afastados, cochichavam sombriamente. Um grande velho, com um

manto negro que esvoaçava, corria numa ânsia o Pretório, por entre os que dormiam ao sol, por entre os vendedores de pães ázimos, gritando: «Israel está perdido!» E eu vi levitas fanáticos arrancarem as borlas das túnicas, como numa calamidade pública.

Gad surgiu diante de nós, erguendo os braços triunfantes:

— O Pretor é justo e liberta o Rabi!...

E, com a face cheia de brilho, revelava-nos a doçura da sua esperança! O Rabi, apenas solto, deixaria Jerusalém — onde as pedras eram menos duras que os corações. Os seus amigos armados esperavam-no em Betânia: e partiriam ao romper da Lua para o oásis de Engadi! Lá estavam aqueles que o amavam. Não era

Jesus o irmão dos Essénios? Como eles, o Rabi pregava o desprezo dos bens terrestres, a ternura pelos que são pobres, a incomparável beleza do Reino de Deus...

Eu, crédulo, regozijava-me — quando um tumulto invadiu a galeria, que um escravo viera regar. Era o bando escuro dos fariseus, em marcha para o banco de pedra onde rabi Robão conversava com Manassés, enrolando docemente nos dedos os cabelos da criança, mais louros que os milhos. Topsius e eu corremos para a turba intolerante. Já Sareias, no meio, curvado, mas com firmeza de quem intima, dizia:

— Rabi Robão, é necessário que vás falar ao Pretor e salvar a nossa Lei!

E logo, de todos os lados, foi um

suplicar ansioso:

— Rabi, fala ao Pretor! Rabi, salva Israel!

Lentamente o velho erguia-se, majestoso como um grande Moisés. E diante dele um levita, muito pálido, vergava os joelhos, murmurava a tremer:

— Rabi, tu és justo, sábio, perfeito e forte diante do Senhor!

Rabi Robão levantou as duas mãos abertas para o Céu: e todos se curvaram como se o espírito de Jeová, obedecendo à muda invocação, tivesse descido para encher aquele coração justo. Depois, com a mão da criança na sua, pôs-se a caminhar em silêncio; atrás a turba fazia um rumor de sandálias lassas, sobre as lajes de mármore.

Parámos, amontoados, diante da

porta de cedro — onde o pretoriano cruzara a lança, depois de bater as argolas de prata. Os pesados gonzos rangeram; um tribuno do palácio acudiu, tendo na mão um longo galho de vide. Dentro era uma fria sala, mal alumiada, severa, com os muros forrados de estuques escuros. Ao centro erguia-se palidamente uma estátua de Augusto, com o pedestal juncado de coroas de louro e de ramos votivos: dois grandes tocheiros de bronze dourado reluziam aos cantos, na sombra.

Nenhum dos judeus entrou — porque pisar em dia pascal um solo pagão era coisa impura diante do Senhor. Sareias anunciou altivamente ao tribuno que «alguns da nação de Israel, à porta do palácio de seus pais, estavam esperando o Pretor». Depois pesou um silêncio, cheio

de ansiedade...

Mas dois lictores avançaram: e logo atrás, caminhando a passos largos, com a vasta toga apanhada contra o peito, Pilatos apareceu.

Todos os turbantes se curvaram, saudando o procurador da Judeia. Ele parara junto à estátua de Augusto. E, como repetindo o gesto nobre da figura de mármore, estendeu a mão, que segurava um pergaminho enrolado, e disse:

— Que a paz seja convosco e com as vossas palavras... Falai!

Sareias, vogal do Sanedrim, adiantando-se, declarou que os seus corações vinham em verdade cheios de paz... Mas, tendo o Pretor deixado o Pretório sem confirmar nem anular a sentença do Sanedrim que condenava

Jesus ben José — eles se achavam como o homem que vê a uva na vinha, suspensa, sem secar e sem amadurecer!

Pôncio pareceu-me penetrado de equidade e clemência.

— Eu interroguei o vosso preso — disse ele — e não lhe achei culpa que deva punir o procurador da Judeia... Antipas Herodes, que é prudente e forte, que pratica a vossa Lei e ora no vosso Templo, interrogou-o também e nenhuma culpa nele encontrou... Esse homem diz apenas coisas incoerentes como os que falam em sonhos... Mas as suas mãos estão puras de sangue; nem ouvi que ele escalasse o muro do seu vizinho... César não é um amo inexorável... Esse homem é apenas um visionário.

Então, com um sombrio murmúrio,

todos recuaram, deixando rabi Robão só no limiar da sala romana. Um brilho de joia tremia na ponta da sua tiara: as suas cãs, caindo sobre os vastos ombros, coroavam-no de majestade como a neve faz aos montes; as franjas azuis do seu manto solto rojavam nas lajes, em redor. Devagar, sereno, como se explicasse a Lei aos seus discípulos, ergueu a mão e disse:

— Oficial de César, Pôncio, muito justo e muito sábio! O homem que tu chamas visionário, há anos que ofende todas as nossas leis e blasfema o nosso Deus. Mas quando o prendemos nós, quando to trouxemos nós? Somente quando o vimos entrar em triunfo pela Porta de Ouro, aclamado como rei da Judeia. Porque a Judeia não tem outro rei senão Tibério: e apenas um sedicioso se

proclama em revolta contra César, apressamo-nos a castigá-lo. Assim fazemos nós, que não temos mandado de César, nem cobramos do seu erário; e tu, oficial de César, não queres que seja castigado o rebelde a teu amo?...

A face larga de Pôncio, que uma sonolência amolecia, relampeou, raiada vivamente de sangue. Aquela tortuosidade de judeus que, execrando Roma, apregoavam agora um zelo ruidoso por César para poderem, em nome da sua autoridade, saciar um ódio sacerdotal — revoltou a retidão do romano: e a audaciosa admoestação foi intolerável ao seu orgulho. Desabridamente exclamou, com um gesto que os sacudia:

— Cessai! Os procuradores de César não vêm aprender a uma colónia

bárbara da Ásia os seus deveres para com César!

Manassés, que ao meu lado, já impaciente, puxava a barba, afastou-se com indignação. Eu tremi. Mas o soberbo rabi prosseguiu, mais indiferente à ira de Pôncio do que ao balar de um anho que arrastasse às aras:

— Que faria o procurador de César, em Alexandria, se um visionário descesse de Bubástis, proclamando-se rei do Egito? O que tu não queres fazer nesta terra bárbara da Ásia! Teu amo dá-te a guardar uma vinha, e tu deixas que entrem nela e que a vindimem? Para que estás então na Judeia, para que está a sexta legião na Torre Antónia? Mas o nosso espírito é claro, e a nossa voz é clara e alta bastante, Pôncio, para que César a

ouça!...

Pôncio deu um passo lento para a porta. E com os olhos faiscantes, cravados naqueles judeus que astutamente o iam enlaçando na trama subtil dos seus rancores religiosos:

— Eu não receio as vossas intrigas! — murmurou surdamente. — Élio Lama é meu amigo!... E César conhece-me bem!

— Tu vês o que não está nos nossos corações! — disse rabi Robão, calmo como se conversasse à sombra do seu vergel. — Mas nós vemos bem o que está no teu, Pôncio! Que te importa a ti a vida ou a morte de um vagabundo de Galileia?... Se tu não queres, como dizes, vingar deuses cuja divindade não respeitas, como podes querer salvar um

profeta cujas profecias não crês?... A tua malícia é outra, romano! Tu queres a destruição de Judá!

Um estremecimento de cólera, de paixão devota, passou entre os fariseus: alguns palpavam o seio da túnica, como procurando uma arma. E rabi Robão continuava, denunciando o Pretor, com serenidade e lentidão:

— Tu queres deixar impune o homem que pregou a insurreição, declarando-se rei numa província de César, para tentar, pela impunidade, outras ambições mais fortes e levar, outro Judas de Gamala, a atacar as guarnições de Samaria! Assim preparas um pretexto para abater sobre nós a espada imperial, e inteiramente apagar a vida nacional da Judeia. Tu queres uma revolta para

afogares em sangue, e apresentar-te depois a César como soldado vitorioso, administrador sábio, digno de um proconsulado ou de um governo na Itália! É isso que chamais a fé romana? Eu não estive em Roma, mas sei que a isso se chama lá a fé púnica... Não nos suponhas porém tão simples como um pastor de Idumeia! Nós estamos em paz com César, e cumprimos o nosso dever condenando o homem que se revoltou contra César... Tu não queres cumprir o teu, confirmando essa condenação? Bem! Mandaremos emissários a Roma, levando a nossa sentença e a tua recusa, e, tendo salvaguardado perante César a nossa responsabilidade, mostraremos a César como procede na Judeia aquele que representa a lei do Império!... E agora,

Pretor, podes voltar ao Pretório.

— E lembra-te dos escudos votivos — gritou Sareias. — Talvez novamente vejas a quem César dá razão!

Pôncio baixara a face, perturbado. Decerto imaginava já ver além, num claro terraço junto ao mar de Capreia, Sejano, Cesónio, todos os seus inimigos, falando ao ouvido de Tibério e mostrando-lhe os emissários do Templo... César, desconfiado e sempre inquieto, suspeitaria logo um pacto dele com esse «rei dos Judeus» para sublevarem uma rica província imperial... E assim a sua justiça e o orgulho em a manter podiam custar-lhe o proconsulado da Judeia! Orgulho e justiça foram então, na sua alma frouxa, como ondas um momento altas que uma sobre outra se abatem, se desfazem.

Veio até ao limiar da porta, devagar, abrindo os braços, como trazido por um impulso magnânimo de conciliação — e começou a dizer, mais branco que a sua toga:

— Há sete anos que governo a Judeia. Encontrastes-me jamais injusto, ou infiel às promessas juradas?... Decerto as vossas ameaças não me movem... César conhece-me bem... Mas entre nós, para proveito de César, não deve haver desacordo. Sempre vos fiz concessões! Mais que nenhum outro procurador, desde Copónio, tenho respeitado as vossas leis... Quando vieram os dois homens de Samaria poluir o vosso Templo, não os fiz eu supliciar? Entre nós não deve haver dissensões, nem palavras amargas...

Um momento hesitou; depois,

esfregando lentamente as mãos, e sacudindo-as, como molhadas numa água impura:

— Quereis a vida desse visionário? Que me importa? Tomai-a... Não vos basta a flagelação! Quereis a cruz? Crucificai-o... Mas não sou eu que derramo esse sangue!

O levita macilento bradou com paixão:

— Somos nós, e que esse sangue caia sobre as nossas cabeças!

E alguns estremeceram — crentes de que todas as palavras têm um poder sobrenatural e tornam vivas as coisas pensadas.

Pôncio deixara a sala: o decurião, saudando, cerrou a porta de cedro. Então rabi Robão voltou-se, sereno,

resplandecente como um justo: e adiantando-se por entre os fariseus, que se baixaram a beijar-lhe as franjas da túnica — murmurava com uma grave doçura:

— Antes sofra um só homem, do que sofra um povo inteiro!

Limpando as bagas de suor de que a emoção me alagara a testa, caí, trémulo, sobre um banco. E, através da minha lassidão, confusamente distinguia no Pretório dois legionários, de cinturão desapertado, bebendo numa grande malga de ferro que um negro ia enchendo com o odre suspenso aos ombros; adiante uma mulher bela e forte, sentada ao sol, com os filhos pendurados dos dois peitos nus; mais longe um pegureiro envolto em peles, rindo e mostrando o braço manchado de sangue. Depois cerrei os

olhos; um momento pensei na vela que deixara na tenda, ardendo junto ao meu catre, fumarenta e vermelha; por fim roçou-me um sono ligeiro... Quando despeitei, a cadeira curul permanecia vazia — com a almofada de púrpura em frente, sobre o mármore, gasta, cavada pelos pés do Pretor; e uma multidão mais densa enchia, num longo rumor de arraial, o velho Átrio de Herodes. Eram homens rudes, com capas curtas de estamenha, sujas de pó, como se tivessem servido de tapetes sobre as lajes de uma praça. Alguns traziam balanças na mão, gaiolas de rolas; e as mulheres que os seguiam, sórdidas e macilentas, atiravam de longe, com o braço fremente, maldições ao Rabi. Outros, no entanto, caminhando na ponta das sandálias, apregoavam baixo coisas

ínfimas e ricas, metidas no seio entre as dobras dos saiões — grãos de aveia torrada, potes de unguentos, corais, braceletes de filigrana de Sidro. Interroguei Topsius: e o meu douto amigo, limpando os óculos, explicou-me que eram decerto os mercadores contra quem Jesus, na véspera de Páscoa, erguendo um bastão, reclamara a estreita aplicação da lei que interdiz tráficos profanos no Templo, fora dos Pórticos de Salomão...

— Outra imprudência do Rabi, D. Raposo! — murmurou com ironia o fino historiador.

Entretanto, como caíra a sexta hora judaica e findara o trabalho, vinham entrando obreiros das tinturarias vizinhas, enodoados de escarlate ou azul; escribas das sinagogas, apertando debaixo dos

braços os seus tabulários; jardineiros com a fouce a tiracolo, o ramo de murta no turbante; alfaiates com uma longa agulha de ferro pendendo da orelha... Tocadores fenícios a um canto afinavam as harpas, tiravam suspiros das flautas de barro: e diante de nós, rondavam duas prostitutas gregas de Tiberíade, com perucas amarelas, mostrando a ponta da língua e sacudindo a roda da túnica, donde voava um cheiro de manjerona. Os legionários, com as lanças atravessadas no peito, apertavam uma cercadura de ferro em torno de Jesus: e eu, agora, mal podia distinguir o Rabi através dessa multidão sussurrante, em que as consoantes ásperas de Moab e do deserto se chocavam por sobre a moleza grave da fala caldaica.

Por baixo da galeria veio

tilintando uma sineta triste. Era um hortelão que oferecia num cabaz de esparto, acamados sobre folhas de parra, figos rachados de Betfagé. Debilitado pelas emoções, perguntei-lhe, debruçado no parapeito, o preço daquele mimo dos vergéis que os Evangelhos tanto louvam.

E o homem, rindo, alargou os braços, como se encontrasse o esperado do seu coração:

— Entre mim e ti, ó criatura de abundância que vens de além do mar, que são estes poucos figos? Jeová manda que os irmãos troquem presentes e bênçãos! Estes frutos colhi-os no horto, um a um, à hora em que o dia nasce no Hebron; são suculentos e consoladores; poderiam ser postos na mesa de Hanão!... Mas que valem vãs palavras entre mim e ti, se os

nossos peitos se entendem? Toma estes figos, os melhores da Síria, e que o Senhor cubra de bens aquela que te criou!

Eu sabia que esta oferta era uma cortesia consagrada, em compras e vendas, desde o tempo dos patriarcas. Cumpri também o cerimonial: declarei que Jeová, o muito forte, me ordenava que, com o dinheiro cunhado pelos príncipes, eu pagasse os frutos da terra... Então o hortelão baixou a cabeça, cedeu ao mandamento divino; e pousando o cesto nas lajes, tomando um figo em cada uma das mãos negras e cheias de terra:

— Em verdade — exclamou — Jeová é o mais forte! Se ele o manda, eu devo pôr um preço a estes frutos da sua bondade, mais doces que os lábios da esposa! Justo é, pois, ó homem abundante,

que por estes dois que me enchem as palmas, tão perfumados e frescos, tu me dês um bom *traphik*.

Oh deus magnífico de Judá! O facundo hebreu reclamava por cada figo um tostão da moeda real da minha pátria! Bradei-lhe: «Irra, ladrão!» Depois, guloso e tentado, ofereci-lhe um dracma por todos os figos que coubessem no forro largo de um turbante. O homem levou as mãos ao seio da túnica, para a despedaçar na imensidade da sua humilhação. E ia invocar Jeová, Elias, todos os profetas seus patronos — quando o sapiente Topsius, enojado, interveio secamente, mostrando-lhe uma miúda rodela de ferro que tinha por cunho um lírio aberto:

— Na verdade, Jeová é grande! E tu és ruidoso e vazio como o odre cheio

de vento! Pois pelos figos do cesto inteiro te dou eu este *meah*. E se não queres, conheço o caminho dos hortos tão bem como o do Templo, e sei onde as águas doces do Enrogel banham os melhores pomares... Vai-te!

O homem logo, trepando ansiosamente até ao parapeito de mármore, atulhou de figos a ponta do albornoz que eu lhe estendera, carrancudo e digno. Depois, descobrindo os dentes brancos, murmurou risonhamente que nós éramos mais benéficos que o orvalho do Carmelo!

Saborosa e rara me parecia aquela merenda de figos de Betfagé, no palácio de Herodes. Mas apenas nos acomodáramos com a fruta no regaço, reparei em baixo num velhito magro, que

cravava em nós humildemente uns olhos enevoados, queixosos, cheios de cansaço. Compadecido, ia arremessar-lhe figos e uma moeda de prata dos Ptolomeus — quando ele, mergulhando a mão trémula nos farrapos que mal lhe velavam o peito cabeludo, estendeu-me, com um sorriso macerado, uma pedra que reluzia. Era uma placa oval de alabastro, tendo gravada uma imagem do Templo. E enquanto Topsius doutamente a examinava, o velho foi tirando do seio outras pedras de mármore, de ónix, de jaspe, com representações do Tabernáculo no deserto, os nomes das tribos entalhados, e figuras confusas em relevo, simulando as batalhas dos Macabeus. Depois ficou com os braços cruzados; e no seu nobre rosto, escavado pelos cuidados, luzia uma

ansiedade, como se de nós somente esperasse misericórdia e descanso.

Topsius deduziu que ele era um desses Guebros, adoradores do fogo e hábeis nas artes, que vão descalços até ao Egito, com fachos acesos, salpicar sobre a Esfinge o sangue de um galo negro. Mas o velho negou, horrorizado — e tristemente murmurou a sua história. Era um pedreiro de Naim, que trabalhara no Templo e nas construções que Antipas Herodes erguia em Bezeta. O açoute dos intendentes rasgara-lhe a carne; depois a doença levara-lhe a força, como a geada seca a macieira. E agora, sem trabalho, com os filhos de sua filha a alimentar, procurava pedras raras nos montes — e gravava nelas nomes santos, sítios santos, para vender no Templo aos fiéis. Em véspera

de Páscoa, porém, viera um rabi de Galileia cheio de cólera que lhe arrancara o seu pão!...

— Aquele! — balbuciou sufocado, sacudindo a mão para o lado de Jesus.

Eu protestei. Como lhe poderia ter vindo a injustiça e a dor desse Rabi, de coração divino, que era o melhor amigo dos pobres?

— Então vendias no Templo? — perguntou o terso historiador dos Herodes.

— Sim — suspirou o velho — era lá, pelas festas, que eu ganhava o pão do longo ano! Nesses dias subia ao Templo, ofertava a minha prece ao Senhor, e junto à Porta de Susa, diante do Pórtico do Rei, estendia a minha esteira e dispunha as

minhas pedras que brilhavam ao sol... Decerto, eu não tinha direito de pôr ali a tenda: mas como poderia eu pagar ao Templo o aluguer de um côvado de lajedo, para vender o trabalho das minhas mãos! Todos os que apregoam à sombra, debaixo do pórtico, sobre tabuleiros de cedro, são mercadores ricos que podem satisfazer a licença: alguns pagam um ciclo de ouro.

Eu não podia, com crianças em casa sem pão... Por isso ficava a um canto, fora do pórtico, no pior sítio. Ali estava bem encolhido, bem calado; nem mesmo me queixava quando homens duros me empurravam, ou me davam com os bastões na cabeça. E ao pé de mim havia outros, pobres como eu: Eboim, de Jope, que oferecia um óleo para fazer crescer os

cabelos, e Oseias, de Rama, que vendia flautas de barro...

Os soldados da Torre Antónia que fazem a ronda passavam por nós e desviavam os olhos. Até Menaém, que estava quase sempre de guarda pela Páscoa, nos dizia: «Está bem, ficai, contanto que não apregoeis alto.» Porque todos sabiam que éramos pobres, não podíamos pagar o côvado de laje, e tínhamos nas nossas moradas crianças com fome... Na Páscoa e nos Tabernáculos, vêm da terra distante peregrinos a Jerusalém; e todos me compravam uma imagem do Templo para mostrar na sua aldeia, ou uma das pedras da Lua que afugentam o Demónio... Às vezes, ao fim do dia, tinha feito três dracmas; enchia o saião de lentilha e

descia ao meu casebre, alegre, cantando os louvores do Senhor!...

Eu, de enternecido, esquecera a merenda. E o velho desafogava o seu longo queixume:

— Mas eis que há dias esse Rabi de Galileia aparece no Templo, cheio de palavras de cólera, ergue o bastão e arremessa-se sobre nós, bradando que aquela «era a casa de seu pai, e que nós a poluíamos!...» E dispersou todas as minhas pedras, que nunca mais vi, que eram o meu pão! Quebrou nas lajes os vasos de óleo de Eboim de Jope, que nem gritava, espantado. Acudiram os guardas do Templo. Menaém acudiu também; até, indignado, disse ao Rabi: «És bem duro com os pobres. Que autoridade tens tu?» E o Rabi falou «de seu pai» e reclamou

contra nós a lei severa do Templo. Menaém baixou a cabeça... E nós tivemos de fugir, apupados pelos mercadores ricos, que, bem encruzados nos seus tapetes de Babilónia e com o seu lajedo bem pago, batiam palmas ao Rabi... Ah! contra esses o Rabi nada podia dizer: eram ricos, tinham pago!... E agora aqui ando! Minha filha, viúva e doente, não pode trabalhar, embrulhada a um canto nos seus trapos; e os filhos de minha filha, pequeninos, têm fome, olham para mim, veem-me tão triste e nem choram. E que fiz eu? Sempre fui humilde, cumpro o *Sabat*, vou à sinagoga de Naim que é a minha, e as raras migalhas que sobravam do meu pão juntava-as para aqueles que nem migalhas têm na Terra... Que mal fazia eu vendendo? Em que ofendia o

Senhor? Sempre, antes de estender a esteira, beijava as lajes do Templo: cada pedra era purificada pelas águas lustrais... Em verdade, Jeová é grande, e sabe... Mas eu fui expulso pelo Rabi, somente porque sou pobre!

Calou-se — e as suas mãos magras, tatuadas de linhas mágicas, tremiam, limpando as longas lágrimas que o alagavam.

Bati no peito, desesperado. E a minha angústia toda era por Jesus ignorar esta desgraça, que, na violência do seu espiritualismo, suas mãos misericordiosas tinham involuntariamente criado, como a chuva benéfica por vezes, fazendo nascer a sementeira, quebra e mata uma flor isolada. Então, para que não houvesse nada imperfeito na sua vida, nem dela

ficasse uma queixa na Terra — paguei a dívida de Jesus (assim seu Pai perdoe a minha!) atirando para o saião do velho moedas consideráveis, dracmas, crisos gregos de Filipe, áureos romanos de Augusto, até uma grossa peça da Cirenaica, que eu estimava por ter uma cabeça de Zeus Amnon que parecia a minha imagem. Topsius juntou a este tesouro um lepta de cobre — que tem em Judeia o valor de um grão de milho...

O velho pedreiro de Naim empalidecia, sufocado. Depois, com o dinheiro numa dobra do saião, bem apertado contra o peito, murmurou tímida e religiosamente, erguendo os olhos ainda molhados para as alturas:

— Pai, que estás nos Céus, lembra-te da face deste homem, que me

deu o pão de longos dias!...

E soluçando sumiu-se entre a turba — que agora de todo o átrio rumorosamente afluía, se apinhava em torno aos mastros altos do velário. O escriba aparecera, mais vermelho e limpando os beiços. Ao lado do Rabi e dos guardas do Templo, Sareias viera perfilar-se encostado ao seu báculo. Depois, entre um brilho de armas, surgiram as varas brancas dos lictores: e novamente Pôncio, pálido e pesado, na sua vasta toga, subiu os degraus de bronze, retomou o assento curul.

Um silêncio caiu, tão atento, que se ouviam as buzinas tocando ao longe na Torre Mariana. Sareias desenrolou o seu escuro pergaminho, estendeu-o sobre a mesa de pedra entre os tabulários; e eu vi

as mãos gordas e morosas do escriba traçarem uma rubrica, estamparem um selo sob as linhas vermelhas que condenavam à morte Jesus-de Galileia, meu Senhor... Depois Pôncio Pilatos, com uma dignidade indolente, erguendo apenas de leve o braço nu, confirmou em nome de César a «sentença do Sanedrim, que julga em Jerusalém...»

Imediatamente Sareias atirou sobre o turbante uma ponta do manto, ficou orando, com as mãos abertas para o Céu. E os fariseus triunfavam: junto a nós, dois muito velhos beijavam-se em silêncio nas barbas brancas: outros sacudiam no ar os bastões, ou lançavam sarcasticamente a aclamação forense dos romanos: *Bene et belle! Nonpotest melius!*

Mas, de súbito, o intérprete apareceu em cima de um escabelo, alteando sobre o peito o seu papagaio flamante. A turba emudecera, surpreendida. E o fenício, depois de ter consultado com o escriba, sorriu, gritou em caldaico, alargando os braços cercados de manilhas de coral:

— Escutai! Nesta festa de Páscoa, o Pretor de Jerusalém costuma, desde que Valério Graco assim o determinou, e com assenso de César, perdoar a um criminoso... O Pretor propõe-vos o perdão deste... Escutai ainda! Vós tendes também o direito de escolher, vós mesmos, entre os condenados... O Pretor tem em seu poder, nos ergástulos de Herodes, outro sentenciado à morte...

Hesitou — e debruçado do

escabelo, interrogava de novo o escriba, que remexia numa atarantação os papiros e os tabulários. Sareias, sacudindo a ponta do manto que escondia a sua oração, ficara assombrado para o Pretor, com as mãos abertas no ar. Mas já o intérprete bradava, erguendo mais a face risonha:

— Um dos condenados é Rabi Jeschoua, que aí tendes, e que se disse filho de David... É esse que propõe o Pretor.

O outro, endurecido no mal, foi preso por ter morto um legionário traiçoeiramente, numa rixa, ao pé de Xisto. O seu nome é Barrabás... Escolhei!

Um grito brusco e roufenho partiu de entre os fariseus:

— Barrabás!

Aqui e além, pelo átrio, confusamente ressoou o nome de Barrabás. E um escravo do Templo, de saião amarelo, pulando até aos degraus do sólio, rompeu a berrar, em face de Pôncio, com palmadas furiosas nas coxas:

— Barrabás! Ouve bem! Barrabás! O povo só quer Barrabás!

A haste de um legionário fê-lo rolar nas lajes. Mas já toda a multidão, mais leve e fácil de inflamar do que a palha na meda, clamava por Barrabás: uns, com furor, batendo as sandálias e os cajados ferrados como para aluir o Pretório; outros de longe, encruzados ao sol, indolentes e erguendo um dedo.

Os vendilhões do Templo, rancorosos, sacudindo as balanças de ferro e repicando sinetas, berravam, por

entre maldições ao Rabi: «Barrabás é o melhor!» E até as prostitutas de Tiberíade, pintadas de vermelhão como ídolos, feriam o ar de gritos silvantes:

— Barrabás! Barrabás!

Raros ali conheciam Barrabás; muitos, decerto, não odiavam o Rabi — mas todos engrossavam o tumulto prontamente, sentindo, nessa reclamação do preso que atacara legionários, um ultraje ao Pretor romano, togado e augusto no seu tribunal. Pôncio, no entanto, indiferente, traçava letras numa vasta lauda de pergaminho pousada sobre os joelhos. E em torno os clamores disciplinados retumbavam em cadência, como malhos numa eira:

— Barrabás! Barrabás! Barrabás!

Então Jesus, vagarosamente,

voltou-se para aquele mundo duro e revoltoso que o condenava: e nos seus refulgentes olhos humedecidos, no fugitivo tremor dos seus lábios, só transpareceu nesse instante uma mágoa misericordiosa pela opaca inconsciência dos homens, que assim empurravam para a morte o melhor amigo dos homens... Com os pulsos presos, limpou uma gota de suor: depois ficou diante do Pretor, tão imperturbado e quedo como se já não pertencesse à Terra.

O escriba, batendo com uma régua de ferro na pedra da mesa, três vezes bradara o nome de César. O tumulto ardente esmorecia. Pôncio ergueu-se: e grave, sem trair impaciência ou cólera, lançou, sacudindo a mão, o mandado final:

— Ide e crucificai-o!

Desceu o estrado; a turba batia ferozmente as palmas.

Oito soldados da coorte siríaca apareceram, apetrechados em marcha, com os escudos revestidos de lona, as ferramentas entrouxadas e o largo cantil da *posca*. Sareias, vogal do Sanedrim, tocando no ombro de Jesus, entregou-o ao decurião: um soldado desapertou-lhe as cordas, outro tirou-lhe o albornoz de lã: e eu vi o doce Rabi de Galileia dar o seu primeiro passo para a morte.

Apressados, enrolando o cigarro, deixámos logo o palácio de Herodes por uma passagem que o douto Topsius conhecia, lôbrega e húmida, com fendas gradeadas donde vinha um canto triste de escravos encarcerados... Saímos a um

terreiro, abrigado pelo muro de um jardim todo plantado de ciprestes. Dois dromedários deitados no pó ruminavam, junto de um montão de ervas cortadas. E o alto historiador tomava já o caminho do Templo, quando, sob as ruínas de um arco que a hera cobria, vimos povo apinhado em torno de um essénio, cujas mangas de alvo linho batiam o ar como as asas de um pássaro irritado.

Era Gad, rouco de indignação, clamando contra um homem esgrouviado, de barba rala e ruiva, com grossas argolas de ouro nas orelhas, que tremia e balbuciava:

— Não fui eu, não fui eu...

— Foste tu! — bradava o essénio, estampando a sandália na terra. — Conheço-te bem. Tua mãe é cardadeira em

Cafarnaum, e maldita seja pelo leite que te deu!...

O homem recuava, baixando a cabeça, como um animal encurralado à força:

— Não fui eu! Eu sou Refraim, filho de Eliezer, de Rama! Sempre todos me conheceram são e forte como a palmeira nova!

— Torto e inútil eras tu como um sarmento velho de vide, cão e filho de um cão! — gritou Gad. — Vi-te bem... Foi em Cafarnaum, na viela onde está a fonte, ao pé da sinagoga, que tu apareceste a Jesus, Rabi de Nazaré! Beijavas-lhe as sandálias, dizias: «Rabi, cura-me! Rabi, vê esta mão que não pode trabalhar!» E mostravas-lhe a mão, essa, a direita, seca, mirrada e negra, como o ramo que

definhou sobre o tronco! Era no *Sabat*: estavam os três chefes da sinagoga, e Elzear, e Simeão. E todos olhavam Jesus para ver se ele ousaria curar no dia do Senhor... Tu choravas, de rojo no chão. E por acaso o Rabi repeliu-te? Mandou-te procurar a raiz do baraz? Ah cão, filho de um cão! O Rabi, indiferente às acusações da sinagoga, e só escutando a sua misericórdia, disse-te: «Estende a mão!» Tocou-a, e ela reverdeceu logo como a planta regada pelo orvalho do céu! Estava sã, forte, firme; e tu movias ora um dedo, ora outro, espantado e tremendo.

Um murmúrio de enlevo correu entre a multidão, maravilhada pelo doce milagre. E o essénio exclamava, com os braços trémulos no ar:

— Assim foi a caridade do Rabi!

E estendeu-te ele a ponta do manto, como fazem os rabis de Jerusalém, para que lhe deitasses dentro um ciclo de prata? Não. Disse aos seus amigos que te dessem da provisão de lentilha... E tu largaste a correr pelo caminho, refeito e ágil, gritando para o lado da tua casa: «Oh mãe, oh mãe, estou curado!...» E foste tu, porco e filho de porco, que há pouco no Pretório pedias a cruz para o Rabi e gritavas por Barrabás! Não negues, boca imunda: eu ouvi-te; estava por trás de ti, e via incharem-te as cordoveias do pescoço com o furor da tua ingratidão!

Alguns, escandalizados, gritavam: «Maldito! Maldito!» Um velho, com justiceira gravidade, apanhara duas grossas pedras. E o homem de Cafarnaum, encolhido, esmagado, ainda rosnou

surdamente:

— Não fui eu, não fui eu... Eu sou de Rama!

Gad, furioso, agarrou-o pelas barbas:

— Nesse braço, quando o arregaçaste diante do Rabi, todos te viram duas cicatrizes curvas, como de dois golpes de foice!... E tu vais mostrá-las agora, cão e filho de um cão!

Despedaçou-lhe a manga da túnica nova; arrastou-o em redor, apertado nas suas mãos de bronze, como um bode teimoso; mostrou bem as duas cicatrizes, lívidas no pelo ruivo; e assim o arremessou desprezivelmente para entre o povo — que, levantando o pó do caminho, perseguiu o homem de Cafarnaum com apupos e com pedradas...

Acercámo-nos de Gad sorrindo, louvando a sua fidelidade a Jesus. Ele, acalmado, estendera as mãos a um vendedor de água, que lhas purificava com um-largo jorro do seu odre felpudo; depois, limpando-as à toalha de linho que lhe pendia do cinto:

— Escutai! José de Ramata reclamou o corpo do Rabi, o Pretor concedeu-lho... Esperai-me à nona hora romana no pátio de Gamaliel... Onde ides?

Topsius confessou que íamos ao Templo, por motivos intelectuais de arte, de arqueologia...

— Vão é aquele que admira pedras! — rosnou o altivo idealista.

E afastou-se, puxando o capuz sobre a face, por entre as bênçãos do

povo que crê e ama os Essénios.

Para poupar, até ao Templo, a rude caminhada pelo Tiropeu e pela ponte do Xisto, tomámos duas liteiras — das que um liberto de Pôncio ultimamente alugava, junto ao Pretório, «à moda de Roma».

Cansado, estirei-me, com as mãos sob a nuca, no colchão de folhas secas que cheirava a murta: e lentamente começou a invadir-me a alma uma inquietação estranha, temerosa, que já no Pretório me roçara de leve como a asa arrepiada de uma ave agourenta... Ia eu ficar para sempre nesta cidade-forte dos Judeus? Perdera eu irremediavelmente a minha individualidade de Raposo, de católico, de bacharel, contemporâneo do *Times* e do gás — para me tornar um homem da antiguidade clássica, coevo de

Tibério? E, dado este mirífico retrogresso nos tempos, se voltasse à minha pátria, que iria eu encontrar à beira do rio claro...?

Decerto encontraria uma colónia romana: na encosta da colina mais fresca, uma edificação de pedra onde vive o procônsul; ao lado, um templo pequeno de Apoio ou de Marte coberto de lousa; nos altos, um campo entrincheirado, onde estão os legionários; e em redor a vila lusitana, esparsa, com os seus caminhos agrestes, cabanas de pedra solta, alpendres para recolher o gado e estacadas no lodo onde se amarram jangadas... Assim encontraria a minha pátria. E que faria lá, pobre, solitário? Seria pastor nos montes? Varreria as escadarias do Templo, racharia a lenha

das coortes para ganhar um salário romano?... Miséria incomparável!

Mas se ficasse em Jerusalém? Que carreira tomaria nesta sombria, devota cidade da Ásia? Tornar-me-ia um judeu, rezando o Schema, cumprindo o *Sabat*, perfumando a barba de nardo, indo preguiçar nos átrios do Templo, seguindo as lições de um rabi e passeando às tardes, com um bastão dourado, nos jardins de Gareb entre os túmulos?... E esta existência igualmente me parecia pavorosa!... Não! A ficar encarcerado no mundo antigo com o doutíssimo Topsius, então deveríamos galopar nessa mesma noite, ao erguer da Lua, para Jope; de lá embarcar em qualquer trirreme fenícia que partisse para Itália; e ir habitar Roma, ainda que fosse numa das escuras vielas

do Velabro, numa dessas altas, fumarentas trapeiras, com duzentas escadas a subir, empestadas pelos guisados de alho e tripa, que escassamente atravessam duas calendas sem desabar ou arder.

Assim me inquietava quando a liteira parou; descerrei as cortinas: vi ante mim os vastos granitos da muralha do Templo. Penetrámos sob a abóbada da Porta de Hulda; e fomos logo detidos enquanto os guardas do Templo arrancavam a um pegureiro, teimoso e rude, a clava armada de pregos com que ele queria atravessar o Santuário. O rolante rumor que vinha de longe, dos átrios, já me atemorizava, semelhante ao de uma selva ou de um grande mar irritado...

E ao emergir enfim da abóbada

estreita agarrei o braço magro do historiador dos Herodes, no deslumbramento que me tomou, intenso e repassado de terror! Um brilho de neve e ouro vibrava profusamente no ar mole, irradiado dos claros mármores, dos granitos brunidos, dos recamos preciosos banhados pelo divino Sol do Nizão. Os lisos pátios que eu de manhã vira desertos, alvejando como a água quieta de um lago, desapareciam agora sob o povo que os atulhava, adornado e festivo. Os cheiros estonteavam, acres, emanados dos estofos tingidos, das resinas aromáticas, da gordura frigindo em brasas. Sobre o denso ruído passavam roucos mugidos de bois. E perenemente os fumos votivos se sumiam na refulgência do céu...

— Caramba! — murmurei,

enfiado. — Isto são magnificências de entupir!

Fomos penetrando sob os Pórticos de Salomão, onde ressoava o profano tumulto de um mercado. Por trás de grossas caixas gradeadas encruzavam-se os cambistas, com uma moeda de ouro pendente da orelha entre as melenas sórdidas, trocando o dinheiro sacerdotal do Templo pelas moedas pagãs de todas as regiões, de todas as idades, desde as maciças rodelas do velho Lácio, mais pesadas que broquéis, até aos tijolos gravados que circulam como «notas» nas feiras da Assíria. Adiante, brilhava a frescura e abundância de um pomar: as romãs, estaladas de maduras, trasbordavam dos gigos: hortelões, com um ramo de amendoeira preso ao

carapuço, apregoavam grinaldas de anémonas ou ervas amargas de Páscoa: jarras de leite puro pousavam sobre sacos de lentilhas: e os cordeiros, deitados nas lajes, amarrados pelas patas às colunas, balavam tristemente de sede.

Mas a multidão sobretudo apinhava-se, com suspiros de cobiça, em tomo aos tecidos e às joias. Mercadores das colónias fenícias, das ilhas gregas, de Tardis, da Mesopotâmia, de Tadmor, uns com soberbas simarras de lã bordada, outros com toscos tabardos de couro pintado, desdobravam os panos azuis de Tiro, que reproduzem o brilho ardente dos céus do Oriente, as sedas impudicas de Sheba, de uma transparência verde que voa na aragem, e esses estofos solenes de Babilónia que sempre me extasiavam,

negros com largas flores cor de sangue...

Dentro de cofres de cedro, espalhados sobre tapetes da Galácia, reluziam espelhos de prata simulando a Lua e os seus raios, sinetes de turmalina que os Hebreus usam no peito, manilhas de pedrarias enfiadas em cornos de antílopes, diademas de sal-gema com que se enfeitam os noivos; e, resguardados mais preciosamente, talismãs e amuletos que me pareciam pueris, pedaços de raízes, pedregulhos negros, couros tisnados e ossos com letras.

Topsius ainda parou entre as tendas dos perfumistas, apreçando um esplêndido bastão de Tilos, de uma rara madeira mosqueada como a pele do tigre, mas logo fugimos ao ardente cheiro que ali sufocava, vindo das resinas, das gomas

dos países dos Negros, dos molhos de plumas de avestruz, da mirra de Oronte, das ceras de Cirenaica, dos óleos rosados de Cízico, e das grandes coifas de pele de hipopótamo cheias de violetas secas e de folhas de bácaris...

Entrámos então na galeria chamada Real, toda votada à Doutrina e à Lei. Aí, cada dia, tumultuam rancorosamente as controvérsias entre saduceus, escribas, soforins, fariseus, sectários de Esquemaia, sectários de Hillel, juristas, gramáticos, fanáticos de toda a terra judaica. Junto às colunas de mármore instalavam-se os mestres da Lei, sobre altos escabelos, tendo ao lado um prato de metal onde caíam os óbolos dos fiéis: e em torno, encruzados no chão, com as sandálias ao pescoço, as pelicas

cobertas de letras vermelhas desdobradas nos joelhos, os discípulos, imberbes ou decrépitos, resmoneavam os ditames balançando os ombros lentos. Aqui e além, no meio de devotos embebidos, dois doutores disputavam, com as faces assanhadas, sobre temerosos pontos da doutrina. «Pode-se comer um ovo de galinha posto no dia de *Sabat?* Por que osso da espinha dorsal começa a Ressurreição?» O filosófico Topsius ria, disfarçado numa prega da capa: mas eu tremia quando os doutores, escaveirados e barbudos, se ameaçavam, gritavam «Racca! Racca!», mergulhando a mão no seio da túnica, à procura de um ferro escondido.

A cada momento cruzávamos esses fariseus, ressoantes e vazios como

tambores, que vêm ao Templo assoalhar a sua piedade — uns com as costas vergadas, esmagadas pela vastidão do pecado humano; outros, tropeçando e apalpando o ar, de olhos fechados, para não ver as formas impuras das mulheres; alguns mascarrados de cinza, gemendo, com as mãos apertadas sobre o estômago — em testemunho dos seus duros jejuns! Depois Topsius mostrou-me um rabi, interpretador de sonhos: num carão lívido e chupado, os seus olhos fundos luziam com a tristeza de lâmpadas de sepulcro; e, sentado sobre sacos de lã, estendia por cima de cada devoto, que vinha ajoelhar aos seus pés nus, a ponta de um vasto manto negro com signos brancos pintados. Eu, curioso, pensava em o consultar — quando de repente gritos aflitos ressoaram

no átrio. Corremos. Eram levitas, com cordas e vergas, chibatando furiosamente um leproso que, em estado de impureza, penetrara no Átrio de Israel. O sangue salpicava as lajes. Em tomo crianças riam.

Ia caindo a sexta hora judaica, a mais grata ao Senhor, quando o Sol, na sua marcha para o mar, para sobre Jerusalém a contemplá-la com paixão: e, para nos acercarmos do Átrio de Israel, fomos penosamente fendendo a multidão que ali remoinhava, vinda de toda a Terra culta e bárbara...

O rude saião de peles dos pegureiros das Idumeias roçava a clâmide curta dos gregos de face rapada e mais brancos que mármores. Havia homens solenes da planície de Babilónia, com as

barbas metidas dentro de sacos azuis que uma corrente de prata lhes prendia às mitras de couro pintado: e havia gauleses ruivos, de bigodes pendentes como as ervas das suas lagoas, que riam e parolavam, devorando com a casca os limões doces da Síria. Por vezes um romano togado passava, tão grave como se descesse de um pedestal. Gente da Dácia e da Mísia, com as pernas enfaixadas em ligaduras de feltro, tropeçava deslumbrada pelo claro esplendor dos mármores.

E não era menos estranho ir eu, Teodorico Raposo, arrastando ali as minhas botas de montar, atrás de um sacerdote de Moloch, enorme e sensual na sua simarra de púrpura, que, em meio de um bando de mercadores de Serepta,

desdenhava daquele templo sem imagens, sem bosques, e mais ruidoso que uma feira fenícia.

Assim lentamente nos fomos chegando à porta chamada a Bela, que dava acesso para o Átrio sagrado de Israel. Bela em verdade, preciosa e triunfal, sobre os catorze degraus de mármore verde de Numídia, mosqueado de amarelo: os seus largos batentes, revestidos de chapas de prata, faiscavam como os de um relicário: e os dois umbrais, semelhantes a grossos molhos de palmas, sustentavam uma torre, redonda e branca, guarnecida de escudos tomados aos inimigos de Judá, brilhantes no sol como um colar de glória sobre o pescoço forte de um herói! Mas diante deste ádito maravilhoso erguia-se severamente um

pilar, encimado por uma placa negra com letras de ouro, onde se desenrolava esta ameaça em grego, em latim, em aramaico, em caldaico: «Que nenhum estrangeiro aqui penetre, sob pena de morrer!»

Afortunadamente avistámos o magro Gamaliel que se encaminhava ao santo pátio, descalço, apertando ao peito um molho de espigas votivas: com ele vinha um homem nédio e risonho, de face cor de papoula, coroado por uma enorme mitra de lã negra enfeitada de fios de coral... Curvados até às lajes, saudámos o austero doutor da Lei. Ele salmodiou logo, de pálpebras cerradas:

— Sede bem-vindos... Esta é a hora melhor para receber a bênção do Senhor. O Senhor disse: «Saí das vossas habitações, vinde a mim com as primícias

dos vossos frutos, eu vos abençoarei em todas as obras das vossas mãos...» Vós hoje pertenceis miraculosamente a Israel. Subi à morada do Eterno! Este que vem a meu lado é Eliezer de Silo, benéfico e sábio entre todos nas coisas da Natureza.

Deu-nos duas espigas de milho: e atrás dele pisámos com as nossas solas gentílicas o adro interdito de Judá.

Caminhando a meu lado, Eliezer de Silo, cortês e suave, perguntou-me se era remota a minha pátria e perigosos os seus caminhos...

Eu rosnei, vaga e recatadamente:

— Sim... Chegámos de Jericó.

— Boa, por lá, a colheita do bálsamo?

— Rica! — afiancei, com calor. — Louvado seja o Eterno, que neste seu

ano de graça estamos lá abarrotadinhos de bálsamos!

Ele pareceu regozijado. E revelou-me então que era um dos médicos que residem no Templo — onde os sacerdotes e os sacrificadores sofrem perenemente «dissabores intestinais», por pisarem suados e descalços as lajes frias dos adros.

— Por isso — murmurou com uma faísca alegre no olho benigno — o povo em Sião nos chama *doutores da tripa*!

Torci-me de riso, de gozo, com aquela jocosidade assim sussurrada na austera morada do Eterno... Depois, recordando os meus dissabores intestinais em Jericó, por muito amar os divinos e pérfidos melões da Síria — perguntei ao amável físico se nessas ocorrências ele

preconizava o bismuto...

O homem magistral abanou cautamente a sua mitra bojuda. Depois, espetando um dedo no ar, segredou-me esta receita incomparável:

— Tomai goma de Alexandria, açafrão de jardim, uma cebola da Pérsia e vinho negro de Emaús... Misturai, cozei... Deixai esfriar num vaso de prata... Colocai-vos numa encruzilhada, ao nascer do Sol...

Mas emudeceu subitamente com os braços abertos e a face pendida para as lajes. Penetrámos no soberbo adro chamado Pátio das Mulheres: e nesse instante terminavam as bênçãos que à sexta hora um sacerdote vem ali derramar, do alto da Porta de Nicanor.

Severa, toda de bronze — ela

deixava entrever, lá ao fundo, os ouros, a neve, as pedrarias do Santuário refulgindo com serenidade... Nos largos degraus, mais lustrosos que alabastro, desenrolavam-se duas colegiadas de levitas, ajoelhados e vestindo de branco — uns com a trompa recurva, outros pousando os dedos sobre as cordas mudas de liras. E, por entre estas alas de homens prostrados, um grande velho emaciado vinha descendo devagar os degraus, com um incensador de ouro na mão...

A sua túnica justa de bissos tinha a fímbria orlada de pinhas de esmeralda, alternando com guizos que tiniam finamente; os pés sem sandálias e tingidos de *heneh* pareciam de coral; e ao meio da faixa que lhe cingia as costelas magras brilhava, bordado a ouro, um grande Sol.

Os fiéis ajoelhados, quedos, sem um murmúrio, quase pousavam nas lajes a cabeça escondida sob os mantos e sob os véus: e com as cores festivas, onde dominava o vermelho da anémona e o verde da figueira, era como se o adro estivesse juncado de flores e folhagens, numa manhã de triunfo, para passar Salomão!

Com a barba aguda e dura levantada aos céus — o velho incensou o lado do Oriente e das areias, depois o lado do Ocidente e dos mares; e o recolhimento era tão enlevado que se ouviam no fundo do Santuário os mugidos lentos dos bois. Desceu ainda, alçou mais a mitra salpicada de joias, atirou o incensador que rangeu faiscando ao sol — e com o fumo branco veio rolando, ténue e

cheirosa, sobre Israel, a bênção do Muito Forte. Então os levitas, unissonamente, feriram as cordas das liras: das trombetas curvas subiu um grito de bronze: e todo o povo erguido, com os braços ao céu, entoou um salmo celebrando a eternidade de Judá... E subitamente tudo cessou: os levitas recolhiam pela escadaria de mármore sem um rumor dos pés nus; Eliezer de Silo e o rígido Gamaliel tinham desaparecido sob os pórticos: e o claro pátio em redor resplandecia sumptuoso e cheio de mulheres.

Os revestimentos de alabastro eram tão lustrosos, que Topsius mirava neles como num espelho as pregas nobres da sua capa: todos os frutos da Ásia e as flores dos vergéis se entrelaçavam, em copiosos lavores de prata, nas portas das

câmaras rituais onde se perfuma o óleo, se consagra a lenha, se purifica a lepra: entre as colunas pendiam em festões fios grossos de pérolas e de contas de ónix, mais numerosos que no peito de uma noiva: e nos mealheiros de bronze, semelhantes a trombetas de guerra colossais, pousadas nas lajes, enrolavam-se, cintilando e reclamando as dádivas, inscrições em relevo de ouro, graciosas como versos de cânticos: «Queimai incensos e nardos, ofertai pombas e rolas.»

Mas o santo adro resplandecia de mulheres: e meus olhos bem depressa deixaram metais e mármores, para cativadamente se prenderem àquelas filhas de Jerusalém, cheias de graça e morenas como as tendas do Cedar! Todas

traziam no Templo o rosto descoberto: ou apenas um fofo véu, de uma musselina leve como o ar, à moda romana, enrodilhado finamente no turbante, punha em torno das faces uma alvura de espuma, onde os olhos negros tomavam um quebranto mais húmido, enlanguescidos pelas densas pestanas, alongados pela tintura de cipro. A abundância bárbara dos ouros, das pedrarias, envolvia-as numa radiância trémula desde os peitos fortes até aos cabelos mais crespos que a lã das cabras de Galaad. As sandálias, ornadas de guizos e de correntes, arrastavam sobre as lajes uma melodia argentina, tanta era a graça concertada dos seus movimentos ondulados e graves: e os tecidos bordados, os algodões de Galácia, os finos linhos de cores que as cingiam,

ensopados nas essências ardentes de âmbar, de malóbatro e de bácaris, enchiam o ar de fragrância e de moleza a alma dos homens. As mais ricas caminhavam solenemente entre escravas vestidas de panos amarelos, que lhes traziam o para-sol de penas de pavão, os rolos devotos em que está escrita a Lei, sacos de tâmaras doces, espelhos ligeiros de prata. As mais pobres, com uma simples camisa de algodão de riscadinho multicolor, e sem mais joias que um rude talismã de coral, corriam, chalravam, mostrando nus os braços e o colo cor de medronho mal maduro... E sobre todas o meu desejo zumbia — como uma abelha que hesita entre flores de igual doçura!

— Ai, Topsius, Topsius! — rosnava eu. — Que mulheres! Que

mulheres! Eu estouro, esclarecido amigo!

O sábio afirmava com desdém que elas não tinham mais intelectualidade que os pavões dos jardins de Antipas; e que nenhuma decerto ali lera Aristóteles ou Sófocles!... Eu encolhia os ombros. Oh esplendor dos céus! por qual destas mulheres, que não lera Sófocles, não daria eu, se fosse César, uma cidade de Itália e toda a Ibéria! Umas entonteciam-me pela sua graça dolente e macerada de virgens de devoção, vivendo na penumbra constante dos quartos de cedro, com o corpo saturado de perfumes, a alma esmagada de orações. Outras deslumbravam-me pela sumptuosidade - sólida e suculenta da sua beleza. Que largos, escuros olhos de ídolos! Que claros, macios membros de mármore! Que

sombria moleza! Que nudezas magníficas, quando à beira do leito baixo se lhes desenrolassem os cabelos pesados, e fossem docemente escorregando os véus e os linhos de Galácia!...

Foi necessário que Topsius me arrastasse pelo albornoz para a Escadaria de Nicanor. E ainda estacava a cada degrau, alongando para trás os olhos esbraseados, resfolgando como um touro em maio nas lezírias.

— Ai, filhinhas de Sião! Que sois de vos deixar aqui os miolos!

Ao voltar-me, puxado pelo douto historiador, bati no focinho de um cordeiro branco que um velho conduzia às costas, amarrado pelas patas e enfeitado de rosas. Em frente corria uma longa balaustrada de cedro lavrado — onde uma

cancela toda de prata, aberta e lassa nos seus gonzos, se movia em silêncio, faiscando.

— É aqui — disse o erudito Topsius — que se dão a beber as águas amargas às mulheres adúlteras... E agora, D. Raposo, aí tem Israel adorando o seu Deus.

Era enfim o Adro Sacerdotal! E eu estremeci diante daquele santuário, entre todos monstruoso e deslumbrante. Ao meio do vasto e claro terrado erguia-se, feito de enormes pedras negras, o Altar dos Holocaustos: aos seus cantos enristavam-se quatro cornos de bronze; de um pendiam grinaldas de lírios; de outros fios de corais; o outro pingava sangue. Da imensa grelha do altar subia uma fumaça avermelhada e lenta: e em redor

apinhavam-se os sacrificadores, descalços, todos de branco — com forquilhas de bronze nas mãos pálidas, espetos de prata, facas passadas nos cintos cor do céu... No afanoso, severo rumor do cerimonial sacrossanto, confundia-se o balar de cordeiros, o som argentino de pratos, o crepitar das lenhas, as pancadas surdas de malho, o cantar lento da água em bacias de mármore, o estridor das buzinas. Apesar dos aromáticos que ardiam em caçoilas, das longas ventarolas de folhas de palmeira com que os serventes agitavam o ar, eu pus o lenço na face, enjoado com esse cheiro mole de carne crua, de sangue, de gordura frita e de açafrão, que o Senhor reclamou a Moisés, como o dom melhor a receber da Terra...

Ao fundo, bois enfeitados de flores, vitelas brancas com os cornos dourados, sacudiam, mugindo e marrando, as cordas que os prendiam a fortes argolas de bronze: mais longe, sobre mesas de mármore, entre pedaços de gelo, pousavam, vermelhas e sangrentas, grossas peças de carne, sobre que os levitas balançavam leques de penas, para afugentar os moscardos. De colunas rematadas por faiscantes globos de cristal, pendiam cordeiros mortos, que os *nethenins*, resguardados por aventais de couro cobertos de textos sagrados, esfolavam com cutelos de prata, enquanto os vitimários, de saião azul, retesando os braços, conduziam baldes donde trasbordavam e iam arrastando entranhas. Coroados por uma mitra redonda de

metal, escravos idumeus constantemente limpavam as lajes com esponjas: alguns vergavam sob molhos de lenha; outros, agachados, sopravam fogareiros de pedra.

A cada momento algum velho sacrificador, descalço, marchava para o altar, trazendo ao colo um anho temo que não balava, contente e quente entre os dois braços nus: um tocador de lira precedia-o: levitas atrás transportavam os jarros de óleos aromáticos. Em frente à ara, rodeado de acólitos, o sacrificador lançava sobre o cordeiro um punhado de sal; depois, salmodiando, cortava-lhe uma pouca de lã entre os cornos. As buzinas ressoavam; um grito de animal ferido perdia-se no tumulto sacro; por cima das tiaras brancas duas mãos vermelhas erguiam-se ao ar sacudindo sangue; da

grelha do altar ressaltava, avivada pelos óleos e pela gordura, uma chama de alegria e de oferta; e o fumo avermelhado e lento ascendia serenamente ao azul, levando nos seus rolos o cheiro que deleita o Eterno.

— É um talho! — murmurei eu, aturdido. — É um talho! Topsius, doutor, vamos outra vez lá baixo às mulherinhas...

O sábio olhou para o Sol. Depois, gravemente, pousando-me no ombro a mão amiga:

— É quase a nona hora, D. Raposo!... E temos de ir fora da Porta Judiciária, para além do Gareb, a um sítio agreste que se chama o Calvário.

Empalideci. E pareceu-me que nenhuma vantagem espiritual obteria minha alma, nenhuma inesperada

aquisição enriqueceria o saber de Topsius — por irmos contemplar no alto de um morro, entre urzes, Jesus atado a um madeiro e sofrendo: era apenas um tormento para a nossa sensibilidade! Mas, submisso, segui o meu sapiente amigo pela Escadaria das Águas, que leva ao largo lajeado de basalto onde começam as primeiras casas de Acra. Vizinhas do Santuário, habitadas por sacerdotes, elas ostentavam uma profusa devoção pascal, em palmas, lâmpadas, alcatifas penduradas dos eirados: e algumas tinham os umbrais salpicados com sangue fresco de um anho.

Antes de penetrar numa sórdida, andrajosa rua que se ia torcendo sob velhos toldos de esparto, voltei-me para o Templo: agora só via a imensa muralha de

granito, com bastiões no alto, sombria e inderrubável: e a arrogância da sua força e da sua eternidade encheu de cólera o meu coração. Enquanto sobre uma colina de morte, destinada aos escravos, o homem de Galileia, incomparável amigo dos homens, arrefecia na sua cruz, e para sempre se apagava aquela pura voz de amor e de espiritualidade — ali ficava o Templo que o matava, rutilante e triunfal, com o balar dos seus gados, o estridor dos seus sofismas, a usura sob os pórticos, o sangue sobre as aras, a iniquidade do seu duro orgulho, a importunidade do seu perene incenso... Então, com os dentes cerrados, mostrei o punho a Jeová e à sua cidadela, e bradei:

— Arrasados sejais!

***

Não descerrei mais os lábios secos até chegarmos à estreita porta nas muralhas de Ezekiah, que os Romanos denominavam a Judiciária. E logo aí estremeci, vendo colado num pilar de pedra um pergaminho com três sentenças transcritas — «a de um ladrão de Betebara, a de um assassino de Emátia e a de Jesus de Galileia»! O escriba do Sanedrim, que conforme à Lei ali vigiara para recolher, até que os condenados passassem, algum inesperado testemunho de inculpabilidade, ia partir, com os seus tabulários debaixo do braço, depois de traçar sobre cada sentença um grosso risco vermelho. E aquele corte final, cor de sangue, passado à pressa por um

escriturário que recolhia contente à sua morada, a comer o seu anho, comoveu-me mais que a melancolia dos Livros Santos.

Sebes de catos em flor bordavam a estrada; e para além eram verdes outeiros onde os muros baixos de pedra solta, vestidos de rosas bravas, delimitavam os hortos. Tudo ali resplandecia, festivo e pacífico. À sombra das figueiras, debaixo dos pilares das parreiras, as mulheres, encruzadas em tapetes, fiavam o linho ou atavam os ramos de alfazema e manjerona que se oferecem na Páscoa: e crianças em redor, com o pescoço carregado de amuletos de coral, balouçavam-se em cordas, atiravam à seta... Pela estrada descia uma fila de lentos dromedários levando mercadorias para Jope: dois homens robustos

recolhiam da caça, com altos coturnos vermelhos cobertos de pó, a aljava batendo-lhes a coxa, uma rede atirada para as costas, e os braços carregados de perdizes e de abutres amarrados pelas patas: e diante de nós caminhava devagar, apoiado ao ombro de uma criança que o conduzia, um velho pobre, de longas barbas, trazendo presa ao cinto como um bardo a lira grega de cinco cordas, e sobre a fronte uma coroa de louro...

Ao fundo de um muro, coberto de ramos de amendoeiras, diante de uma cancela pintada de vermelho, dois servos esperavam, sentados num tronco caído, com os olhos baixos e as mãos sobre os joelhos. Topsius parou, puxou-me o albornoz:

— É este o horto de José de

Ramata, um amigo de Jesus, membro do Sanedrim, homem de espírito inquieto, que se inclina para os Essénios... E justamente, aí vem Gad!

Do fundo do horto, com efeito, por uma rua de murta e rosas, Gad descia correndo com uma trouxa de linho e um cabaz de vimes enfiados num pau. Parámos.

— O Rabi? — gritou-lhe o alto historiador, transpondo a cancela.

O essénio entregou a um dos escravos a trouxa e o cesto, que estava cheio de mirra e de ervas aromáticas, e ficou diante de nós um momento, trémulo, sufocado, com a mão fortemente pousada sobre o coração para lhe serenar a ansiedade.

— Sofreu muito! — murmurou,

por fim. — Sofreu quando lhe traspassaram as mãos.:. Mais ainda ao erguer da cruz...

E repeliu primeiro o vinho de misericórdia, que lhe daria a inconsciência... O Rabi queria entrar com a alma clara na morte por que chamara!... Mas José de Ramata, Nicodemos, estavam lá vigiando. Ambos lhe lembraram as coisas prometidas uma noite em Betânia... O Rabi então tomou a malga das mãos da mulher de Rosmofim, e bebeu.

E o essénio, pregados em Topsius os olhos reluzentes, como para cravar bem seguramente na sua alma uma recomendação suprema, recuou um passo e disse com uma grave lentidão:

— À noite, depois da ceia, no eirado de Gamaliel...

E outra vez desapareceu na rua fresca do horto, entre a murta e as roseiras. Topsius deixou logo a estrada de Jope: e estugando o passo por um atalho agreste, onde o meu largo albornoz se prendia aos espinhos das piteiras, explicava-me que a bebida de misericórdia era um vinho forte de Társis, com suco de papoulas e especiarias, fornecido por uma confraria de mulheres devotas, para insensibilizar os supliciados... Mas eu mal escutava aquele copioso espírito. No alto de um áspero outeiro, todo de rocha e urze, avistara, destacando duramente no claro-azul do céu liso, um montão de gente parada: e em meio dela sobrelevavam-se três pontas grossas de madeiros e moviam-se, faiscando ao sol, elmos polidos de

legionários. Turbado, encostei-me à beira do caminho, num penedo branco que escaldava. Mas vendo Topsius marchar, com a sábia serenidade de quem considera a morte uma purificadora libertação das formas imperfeitas — não quis ser menos forte nem menos espiritual: arranquei o albornoz que me abafava, galguei intrepidamente a colina temerosa.

De um lado cavava-se o vale de Hinom, abrasado e lívido, sem uma erva, sem uma sombra, juncado de ossos, de carcaças, de cinzas. E diante de nós o morro ascendia, com manchas leprosas de tojo negro, a espaços furado por uma ponta de rocha polida e branca como um osso. O córrego, onde os nossos passos espantavam os lagartos, ia perder-se entre

as minas de um casebre de adobe: duas amendoeiras, mais tristes que plantas crescidas na fenda de um sepulcro, erguiam ao lado a sua rama rala e sem flor, onde cantavam asperamente cigarras. E na sombra ténue, quatro mulheres descalças, desgrenhadas, com rasgões de luto nas túnicas pobres, choravam como num funeral.

Uma, sem se mover, hirta contra um tronco, gemia surdamente sob a ponta do manto negro: outra, exausta de lágrimas, jazia numa pedra, com a cabeça caída nos joelhos, e os esplêndidos cabelos louros desmanchados, alastrados até ao chão. Mas as outras duas deliravam, arranhadas, ensanguentadas, batendo desesperadamente nos peitos, cobrindo a face de terra; depois, lançando

ao céu os braços nus, abalavam o morro com gritos: «Oh meu encanto, oh meu tesouro, oh meu sol!» E um cão, que farejava entre as ruínas, abria a goela, uivava também, sinistramente.

Espavorido, puxei a capa do douto Topsius — e cortámos pelas urzes até ao alto, onde se apinhavam, olhando e galrando, obreiros das oficinas de Gareb, serventes do Templo, vendilhões, e alguns desses sacerdotes miseráveis e em farrapos, que vivem de nigromancia e de esmolas. Diante da branca capa em que Topsius se togava, dois cambistas, com moedas de ouro pendentes das orelhas, arredaram-se, murmurando bênçãos servis. Uma corda de esparto deteve-nos, presa a postes cravados no chão para isolar o alto do morro, e, no sítio em que

ficáramos, enrolada a uma velha oliveira que tinha pendurados dos ramos escudos de legionários e um manto vermelho.

Então, ansioso, ergui os olhos... Ergui os olhos para a cruz mais alta, cravada com cunhas numa fenda de rocha.

O Rabi agonizava. E aquele corpo que não era de marfim nem de prata, e que arquejava, vivo, quente, atado e pregado a um madeiro, com um pano velho na cinta, um travessão passado entre as pernas — encheu-me de terror e de espanto... O sangue que manchara a madeira nova enegrecia-lhe as mãos, coalhado em torno aos cravos: os pés quase tocavam o chão, amarrados numa grossa corda, roxos e torcidos de dor. A cabeça, ora escurecida por uma onda de sangue, ora mais lívida que um mármore, rolava de um ombro a

outro docemente; e por entre os cabelos emaranhados, que o suor empastara, os olhos esmoreciam, sumidos, apagados — parecendo levar com a sua luz, para sempre, toda a luz e toda a esperança da Terra...

O centurião, sem manto, com os braços cruzados sobre a couraça de escamas, rondava gravemente junto à cruz do Rabi, cravando por vezes os olhos duros na gente do Templo, cheia de rumores e de risos. E Topsius mostrou-me defronte, rente à corda, um homem cuja face, amarela e triste, quase desaparecia entre as duas longas mechas negras de cabelo que lhe desciam sobre o peito — e que abria e enrolava com impaciência um pergaminho, ora espiando a marcha lenta do Sol, ora falando baixo a um escravo ao

seu lado.

— É José de Ramata — segredou-me o douto historiador. — Vamos ter com ele, ouvir as coisas que convém saber...

Mas nesse instante, de entre o bando sórdido dos servos do Templo e dos sacerdotes miseráveis que são nutridos pelos sobejos dos holocaustos, rompeu um ruído mais forte, como o grasnar de corvos num alto. E um deles, colossal, esquálido, com costuras de facadas através da barba rala, atirou os braços para a cruz do Rabi e gritou numa baforada de vinho:

— Tu que és forte, e querias destruir o Templo e as suas muralhas, porque não quebras ao menos o pau dessa cruz?

Em torno estalaram risadas

alvares. E outro, espalmando as mãos sobre o peito, curvado com infinito escárnio, saudava o Rabi:

— Herdeiro de David, oh meu príncipe, que te parece esse trono?

— Filho de Deus! Chama teu pai, vê se teu pai te vem salvar! — rouquejava a meu lado um magro velho, que tremia e sacudia a barba, apoiado ao seu bordão.

Alguns vendilhões bestiais apanhavam torrões secos a que misturavam cuspo, para arremessar ao Rabi: uma pedra por fim passou, ressoou cavamente no madeiro. Então o centurião correu, indignado; a folha da sua larga espada lampejou no ar; e o bando recuou blasfemando — enquanto alguns embrulhavam na ponta do saião os dedos que escorriam sangue.

Nós acercámo-nos de José de Ramata. Mas o sombrio homem abalou bruscamente, esquivando a importunidade do sábio Topsius. E, magoados com a sua rudeza, ali ficámos junto de um tronco de oliveira seca, defronte das outras cruzes.

Os dois condenados tinham acordado do primeiro desmaio, sob a frescura da aragem da tarde. Um, grosso, peludo, com os olhos esbugalhados, o peito atirado para diante e as costelas a estalar, como se num esforço desesperado quisesse arrancar-se do madeiro — urrava sem descontinuar, medonhamente: o sangue pingava-lhe em gotas lentas dos pés negros, das mãos esgaçadas: e abandonado, sem afeição ou piedade que o assistissem, era como um lobo ferido que uiva e morre num brejo. O outro,

delgado e louro, pendia sem um gemido, como uma haste de planta meio quebrada. Defronte dele uma mulher, macilenta e em farrapos, passando a cada instante o joelho sobre a corda, estendia-lhe nos braços uma criancinha nua, e gritava, já rouca: «Olha ainda, olha ainda!» As pálpebras lívidas não se moviam: um negro, que entrouxava as ferramentas da crucificação, ia empurrá-la com brandura: ela emudecia, apertava desesperadamente o filho para que lho não levassem também, batendo os dentes, tremendo toda: e a criancinha entre os farrapos procurava o seio magro.

Soldados, sentados no chão, desdobravam as túnicas dos supliciados: outros, com o elmo enfiado no braço, limpavam o suor — ou por uma malga de

ferro, a goles lentos, bebiam a *posca*. E em baixo, na poeira da estrada, sob o sol mais doce, passava gente recolhendo pacificamente dos campos e dos hortos. Um velho picava, as suas vacas para o lado da Porta de Genath: mulheres, cantando, carregavam lenha: um cavaleiro trotava, embrulhado num manto branco. Às vezes, os que atravessavam o caminho ou voltavam dos pomares de Gareb avistavam as três cruzes erguidas: arregaçavam a túnica, subiam a colina devagar através das urzes. O rótulo da cruz do Rabi, escrito em grego e em latim, causava logo assombro. «Rei dos Judeus!» Quem era esse? Dois moços, patrícios e saduceus, com brincos de pérolas nas orelhas e bordaduras de ouro nos borzeguins, interpelaram o centurião,

escandalizados. Porque escrevera o Pretor — «Rei dos Judeus»? Era aquele, ali pregado na cruz, Caio Tibério? Só Tibério era rei da Judeia! O Pretor quisera ofender Israel! Mas em verdade só ultrajava César!...

Impassível o centurião falava a dois legionários que remexiam no chão em grossas barras de ferro. E a mulher que acompanhava os saduceus, uma romana miudinha e morena, com fitas de púrpura nos cabelos empoados de azul, contemplava suavemente o Rabi e aspirava o seu frasco de essências — lamentando decerto aquele moço, rei vencido, rei bárbaro, que morria no poste dos escravos.

Cansado, fui sentar-me com Topsius numa pedra. Era perto da oitava

hora judaica: o Sol, sereno como um herói que envelhece, descia para o mar por sobre as palmeiras de Betânia. Diante de nós o Gareb verdejava, coberto de jardins. Junto às muralhas, no bairro novo de Bezeta, grandes panos vermelhos e azuis secavam em cordas às portas das tinturarias; um lume vermelhejava no fundo de uma forja; crianças corriam brincando sobre a borda de uma piscina. Adiante, no alto da Torre Hípica, que estendia já a sua sombra sobre o vale de Hinom, soldados de pé na amurada apontavam a seta aos abutres voando no azul. E para além, entre arvoredos, surgiam, frescos e rosados pela tarde, os eirados do palácio de Herodes.

Triste, com o espírito disperso, eu pensava no Egito, nas nossas tendas, na

vela que lá me esquecera ardendo, fumarenta e vermelha — quando avistei, subindo a colina devagar, apoiado ao ombro da criança que o conduzia, o velho que já cruzáramos na estrada de Jope, com uma lira presa à cintura. Os seus passos arrastavam-se mais incertos, na fadiga de uma jornada penosa; uma tristeza abatia-lhe sobre o peito a clara barba ondeante; e debaixo do manto cor de vinho, que lhe cobria a cabeça, as folhas da coroa de louro pendiam raras e murchas.

Topsius gritou-lhe: «Eh, rapsodo!» E quando ele, tenteando as urzes do caminho, se acercou — o douto historiador perguntou-lhe se das doces ilhas do mar trazia algum canto novo. O velho ergueu a face entristecida; e muito

nobremente, murmurou que uma mocidade imperecível sorri nos mais antigos cantos da Helénia. Depois, tendo assentado a sandália sobre uma pedra, tomou a lira entre as mãos vagarosas; a criança, direita, com as pestanas baixas, pôs à boca uma flauta de cana; e, no resplendor da tarde que envolvia e dourava Sião, o rapsodo soltou um canto já trémulo, mas glorioso e repassado de adoração, como ante a ara de um templo, numa praia da Iónia... E eu percebi que ele cantava aos deuses, a sua beleza, a sua atividade heroica. Dizia o délfico, imberbe e cor de ouro, afinando os pensamentos humanos pelo ritmo da sua cítara; Ateneia, armada e industriosa, guiando as mãos dos homens sobre os teares; Zeus, ancestral e sereno, dando a beleza às raças, a ordem

às cidades; e acima de todos, sem forma e esparso, o Fado, mais forte que todos!

Mas subitamente um grito varou o céu no alto da colina, supremo e arrebatado como o de uma libertação! Os dedos frouxos do velho emudeceram entre as cordas de metal: com a cabeça descaída, a coroa do louro épico meio desfolhada, parecia chorar sobre a lira helénica, de ora em diante e para longas idades silenciosa e inútil. E ao lado a criança, tirando a flauta dos lábios, erguia para as cruzes negras os olhos claros — onde subia a curiosidade e a paixão de um mundo novo.

Topsius pediu ao velho a sua história. Ele contou-a, com amargura. Viera de Samnos a Cesareia, e tocava o *konnor* junto ao Templo de Hércules. Mas

a gente abandonava o puro culto dos heróis; e só havia festas e oferendas para a boa deusa da Síria! Acompanhara depois uns mercadores a Tiberíade: os homens aí não respeitavam a velhice, e tinham corações interesseiros como escravos. Seguira então pelas longas estradas, parando nos postos romanos onde os soldados o escutavam; nas aldeias de Samaria batia às portas dos lagares; e para ganhar o pão duro, tocara a cítara grega nos funerais dos bárbaros. Agora errava ali, nessa cidade onde havia um grande templo, e um deus feroz e sem forma que detestava as gentes. E o seu desejo era voltar a Mileto, sua pátria, sentir o fino murmúrio das águas do Meandro, poder palpar os mármores santos do templo de Febo Didimeu —

onde ele em criança levara num cesto, e cantando, os primeiros anéis dos seus cabelos...

As lágrimas rolavam pela sua face, tristes como a chuva por um muro em ruínas. E a minha piedade foi grande por aquele rapsodo das ilhas da Grécia, perdido também na dura cidade dos judeus, envolto pela influência sinistra de um deus alheio! Dei-lhe a minha derradeira moeda de prata. Ele desceu a colina, apoiado ao ombro da criança, lento e curvado, com a orla esfarrapada do manto trapejando nas pernas nuas, e muda e mal segura do cinto a lira heroica de cinco cordas.

No entanto, em torno às cruzes no alto, crescera um rumor de revolta. E fomos encontrar a gente do Templo, com

as mãos no ar, mostrando o Sol que descia como um escudo de ouro para o lado do mar de Tiro, intimando o centurião a que baixasse os condenados da cruz antes de soar a hora santa da Páscoa! Os mais devotos reclamavam que se aplicasse aos crucificados, se ainda viviam, o *crurifrágio* romano, quebrando-lhes os ossos com barras de ferro, arrojando-os ao despenhadeiro de Hinom. E a indiferença do centurião exasperava o zelo piedoso. Ousaria ele macular o *Sabat*, deixando um corpo morto no ar? Alguns enrolavam a ponta do manto para correr e ir a Acra avisar o Pretor.

— O Sol declina! O Sol vai deixar o Hebron! — gritou de cima de uma pedra um levita, aterrado.

— Acabai-os, acabai-os!

E ao nosso lado, um formoso moço exclamava, requebrando os olhos lânguidos, movendo os braços cheios de manilhas de ouro:

— Atirai o Rabi aos corvos! Dai às aves de rapina a sua Páscoa!

O centurião que espreitava o alto da Torre Mariana, onde os escudos suspensos luziam batidos pelo sol derradeiro, acenou devagar com a espada. Dois legionários, lançando pesadamente ao ombro as barras de feno, marcharam com ele para as cruzes. Eu, arrepiado, agarrei o braço de Topsius. Mas diante do madeiro de Jesus, o centurião parou, erguendo a mão...

O corpo branco e forte do Rabi tinha a serenidade de um adormecimento: os pés empoeirados, que há pouco a dor

torcia dentro das cordas, pendiam agora direitos para o chão, como se o fossem em breve pisar: e a face não se via, tombada para trás molemente por sobre um dos braços da cruz, toda voltada para o céu onde ele pusera o seu desejo e o seu reino... Eu olhei também o céu: rebrilhava, sem uma sombra, sem uma nuvem, liso, claro, mudo, muito alto, e cheio de impassibilidade...

— Quem reclamou o corpo deste homem? — gritou, procurando para os lados, o centurião.

— Eu, que o amei em vida! — acudiu José de Ramata, estendendo por cima da corda o seu pergaminho.

O escravo que esperava junto dele depôs no chão a trouxa de linho e correu para as minas do casebre, onde as

mulheres choravam entre as amendoeiras.

E por trás de nós, fariseus e saduceus que se tinham juntado estranhavam com azedume que José de Ramata, um membro do Sanedrim, assim solicitasse o corpo do Rabi para o perfumar e lhe fazer soar em torno as flautas e os prantos de um funeral... Um deles, corcovado, com esfiadas melenas luzidias de óleo, afirmava que sempre conhecera José de Ramata inclinado para todos os inovadores, todos os sediciosos... Mais de uma vez o vira falar com esse Rabi junto ao campo dos Tintureiros... E com eles estava Nicodemos, homem rico que tem gados, que tem vinhas, e todas as casas que estão de ambos os lados da sinagoga de Cirenaica...

Outro, rubicundo e mole, gemeu:

— Que será da nação, se os mais considerados se juntam aos que adulam o pobre e lhe ensinam que os frutos da terra devem ser igualmente para todos!...

— Raça de Messias! — bradou o mais moço com furor, atirando o bastão contra as urzes. — Raça de Messias, perdição de Israel!

Mas o saduceu de melenas oleosas ergueu devagar a mão, ligada em tiras sagradas:

— Sossegai: Jeová é grande: e tudo em verdade determina para melhor... No Templo e no Conselho não faltarão jamais homens fortes que mantenham a velha ordem; e em cima dos calvários, felizmente, hão de sempre erguer-se as cruzes!...

E todos sussurraram:

— Ámen!

No entanto o centurião, com os soldados atrás levando ao ombro as barras de ferro, marchava para os outros madeiros, onde os condenados, vivos e cheios de agonia, pediam água — um pendido e gemendo, outro torcido, com as mãos rasgadas, rugindo terrivelmente. Topsius, que sorria friamente, murmurou: «É tempo, vamos.»

Com os olhos alagados de água amarga, tropeçando nas pedras, desci ao lado do fecundo crítico a colina de Imolação. E sentia uma densa melancolia entenebrecer a minha alma, pensando nessas cruzes vindouras, anunciadas pelo conservador de guedelha oleosa... Assim seria, oh dura miséria! Sim! Doravante,

por todos os séculos a vir, iria sempre recomeçando em torno à lenha das fogueiras, sob a frialdade das masmorras, junto às escadas das forcas — este afrontoso escândalo de se juntarem sacerdotes, patrícios, magistrados, soldados, doutores e mercadores para matarem ferozmente, no alto de um morro, o justo que, penetrado do esplendor de Deus, ensine a adoração em espírito ou cheio do amor dos homens, proclame o reino da Igualdade!

Com estes pensamentos recolhi a Jerusalém — enquanto as aves, mais felizes que os homens, cantavam nos cedros do Gareb...

***

Escurecera e era a hora da ceia pascal, quando chegámos a casa de Gamaliel: no pátio, preso a uma argola, estava o burro, albardado de panos pretos, que trouxera o amável físico Eliezer de Silo.

Na sala azul, de teto de cedro, perfumada de malóbatro, o austero doutor já nos aguardava estendido no divã de correias brancas, com os pés nus, as largas mangas arregaçadas e pregadas ao ombro — e ao lado um bordão de viagem, uma cabaça de água e uma trouxa, emblemas rituais da saída do Egito. Defronte dele, numa mesa incrustada de madrepérola, entre vasos de barro com flores pintadas, açafates de filigrana de prata, trasbordando de fruta e pedaços cintilantes de gelo, erguia-se um

candelabro em forma de arbusto, tendo na ponta de cada galho uma pálida chama azul: e, com os olhos perdidos no seu brilho trémulo, as mãos cruzadas no ventre, Eliezer, o benigno *doutor da tripa*, sorria beatificamente encostado a almofadas de couro vermelho. Junto dele dois escabelos, recobertos com tapetes da Assíria, esperavam por mim e pelo sagaz historiador.

— Sede bem-vindos — rosnou Gamaliel. — Grandes são as maravilhas de Sião, deveis vir esfomeados...

Bateu de leve as palmas. Os escravos, caminhando sem ruído nas sandálias de feltro, precedidos majestosamente pelo homem obeso de túnica amarela, entraram, erguendo muito alto largos pratos de cobre que

fumegavam.

A um lado tiníramos, para limpar os dedos, um bolo de farinha branca, fino e mole como um pano de linho; do outro um prato largo, com cercadura de pérolas, onde negrejava, entre ramos de salsa, um montão de cigarras fritas; no chão jarros com água de rosa. Cumprimos as abluções: e Gamaliel, tendo purificado a boca com um pedaço de gelo, murmurou a oração ritual sobre a vasta travessa de prata, onde o cabrito assado fazia trasbordar o molho de açafrão e saumura.

Topsius, bom sabedor das maneiras orientais, arrotou fortemente, por cortesia, demonstrando fartura e deleite: depois, com uma febra de anho entre os dedos, afirmou, sorrindo aos doutores, que Jerusalém lhe parecera

magnífica, formosa de claridade, é bendita entre as cidades...

Eliezer de Silo acudiu, com os olhos cerrados de gozo, como se o acariciassem:

— Ela é uma joia melhor que o diamante, e o Senhor engastou-a no centro da Terra, para que irradiasse igualmente o seu brilho em redor...

— No centro da Tema!... — murmurou o historiador, com douto espanto.

Sim! E, ensopando um pedaço de bolo no molho de açafrão, o profundo físico explicou a Terra. Ela é chata e mais redonda que um disco; no meio está Jerusalém, a santa, como um coração cheio de amor do Altíssimo; em redor a Judeia, rica em bálsamos e palmeiras,

cerca-a de sombra e de aromas; para além ficam os pagãos, em regiões duras, onde nem o mel nem o leite abundam; depois são os mares tenebrosos... E por cima, o céu, sonoro e sólido.

— Sólido!... — balbuciou o meu sapiente amigo, esgazeado.

Os escravos serviam em taças de prata cerveja amarela da Média. Com solicitude, Gamaliel aconselhou-me que, para lhe avivar o sabor, trincasse uma cigarra frita. E rabi Eliezer, sábio entre todos nas coisas da Natureza, revelava a Topsius a divina construção do céu.

Ele é feito de sete duras, maravilhosas, rutilantes camadas de cristal; por cima delas constantemente rolam as grandes águas; sobre as águas flutua, num fulgor, o espírito de Jeová...

Estas lâminas de cristal, furadas como um crivo, resvalam umas sobre as outras com uma música doce e lenta, que os profetas mais queridos por vezes ouviam... Ele mesmo, uma noite que orava no eirado da sua casa em Silo, sentira por um raro favor do Altíssimo essa harmonia, tão penetrante e suave que as lágrimas uma a uma lhe caíam nas mãos abertas... Ora nos meses de Quisleve e de Tebete os furos das lâminas coincidem, e por eles caem sobre a Terra as gotas das águas eternas, que fazem crescer as searas!

— A chuva? — perguntou Topsius, com acatamento.

— A chuva! — respondeu Eliezer, com serenidade.

Topsius, mordendo um sorriso, ergueu para Gamaliel os seus óculos de

ouro, que faiscavam de sábia ironia: mas o piedoso filho de Simeão conservava sobre a face, emagrecida no estudo da Lei, uma seriedade impenetrável. Então o historiador, remexendo as azeitonas, desejou saber, do esclarecido físico, por que tiniram os cristais do céu essa cor azul que enleva a alma...

Eliezer de Silo elucidou-o:

— Uma grande montanha azul, invisível até hoje aos homens, ergue-se a ocidente: ora, quando o Sol abate, a sua reverberação banha o cristal do céu e anila-o. É talvez nessa montanha que vivem as almas dos justos!...

Gamaliel tossiu brandamente e murmurou: «Bebamos, louvando o Senhor!»

Ergueu uma taça cheia de vinho de

Siquém, pronunciou sobre ela uma bênção — e passou-ma, chamando a paz sobre o meu coração. Eu rosnei: «À sua, muitos e felizes!» E Topsius, recebendo a taça com veneração, bebeu «à prosperidade de Israel, à sua força, ao seu saber!»

Depois os servos, precedidos pelo homem obeso de túnica amarela, que fazia ressoar sobre as lajes com pompa a sua vara de marfim, trouxeram a mais devota comida pascal — as ervas amargas.

Era uma travessa repleta de alface, agriões, chicória, macela, com vinagre e grossas pedras de sal. Gamaliel mastigava-as solenemente, como cumprindo um rito. Elas representavam as amarguras de Israel no cativeiro do Egito. E Eliezer, chupando os dedos, declarou-as deliciosas, fortificadoras e repassadas de

alta lição espiritual.

Mas Topsius lembrou, fundado nos autores gregos, que todos os legumes amolecem no homem a virilidade, lhe descoram a eloquência, lhe enervam o heroísmo: e com torrencial erudição citou logo Teofrasto, Eubulo, Nicandro na segunda parte do seu *Dicionário*, Féneas no seu *Tratado das Plantas*, Défilo e Epicarmo!...

Gamaliel, secamente, condenou a inanidade dessa ciência — porque Hecateu de Mileto, só no primeiro livro da sua *Descrição da Ásia*, encerra cinquenta e três erros, catorze blasfémias e cento e nove omissões... Assim, dizia o leviano grego que a tâmara, maravilhoso dom do Altíssimo, enfraquece o intelecto!...

— Mas — exclamou Topsius com ardor — a mesma doutrina estabelece Xenofonte no livro segundo do *Anábase!*

E Xenofonte...

Gamaliel rejeitou a autoridade de Xenofonte. Então Topsius, vermelho, batendo com uma colher de ouro na borda da mesa, exaltou a eloquência de Xenofonte, a forte nobreza do seu sentimento, a sua terna reverência por Sócrates!...

E enquanto eu partia um empadão de Comagena, os dois facundos doutores, asperamente, romperam debatendo Sócrates. Gamaliel afirmava que as *vozes secretas* ouvidas por Sócrates, e que tão divina e puramente o governavam, eram murmúrios distantes que lhe chegavam da Judeia, repercussões miraculosas da voz

do Senhor... Topsius pulava, encolhia os ombros, com desesperado sarcasmo. Sócrates inspirado por Jeová! Ora lérias!

No entanto era certo (insistia Gamaliel, já lívido) que os gentílicos iam emergindo da sua treva, atraídos pela luz forte e pura que derramava Jerusalém: — porque a reverência pelos deuses aparecia em Esquilo, profunda e cheia de terror; em Sófocles, amável e cheia de serenidade; em Eurípides, superficial e cheia de dúvida... E cada um dos trágicos dava assim, largamente, um passo para o Deus verdadeiro!

— Oh Gamaliel, filho de Simeão — murmurou Eliezer de Silo — tu, que possuis a verdade, para que dás acesso no teu espírito aos pagãos?

Gamaliel respondeu:

— Para os desprezar melhor dentro em mim!

Farto de tão clássica controvérsia, acheguei a Eliezer um covilhete de mel do Hebron — e contei-lhe quanto me agradara o caminho do Gareb entre jardins. Ele concordou que Jerusalém, cercada de vergéis, era doce à vista como a fronte da noiva toucada de anémonas. Depois estranhou que eu escolhesse, para me recrear, esses arredores de Gihon, cheios de açougues, junto ao morro escalvado onde se erguem as cruzes. Mais suave me teria sido a fragrância de Siloé...

— Fui ver Jesus — atalhei severamente. — Fui ver Jesus, crucificado esta tarde por mandado do Sanedrim...

Eliezer, com oriental cortesia, bateu no peito demonstrando mágoa. E quis saber se pertencia ao meu sangue, ou partilhara comigo o pão de aliança, esse Jesus que eu fora assistir na sua morte de escravo.

Eu considerei-o, assombrado:

— É o Messias!

E ele considerou-me mais assombrado ainda, com um fio de mel a escorrer-lhe na barba.

Oh raridade! Eliezer, doutor do Templo, físico do Sanedrim, não conhecia Jesus de Galileia! Atarefado com os enfermos que, pela Páscoa, atulham Jerusalém (confessou ele) não fora ao Xisto, nem à loja do perfumista Cleos, nem aos eirados de Hanão, onde as novas voam mais numerosas que as pombas: por

isso nada ouvira da aparição de um Messias...

De resto, acrescentou, não podia ser o Messias! Esse deveria chamar-se Menaém «o Consolador», porque traria a consolação a Israel. E haveria dois Messias: o primeiro, da tribo de José, seria vencido por Gog; o segundo, filho de David e cheio de força, venceria Magog. Antes de ele nascer começariam sete anos de maravilhas: haveria mares evaporados, estrelas despregadas do céu, fomes e tais farturas que até as rochas dariam fruto: no último ano correria sangue entre as nações: enfim ressoaria uma voz portentosa: e, sobre o Hebron, com uma espada de fogo, surgiria o Messias!...

Dizia estas coisas peregrinas,

fendendo a casca de um figo. Depois, com um suspiro:

— Ora ainda nenhuma dessas maravilhas, meu filho, anunciou a consolação!...

E atolou os dentes no figo.

Então fui eu, Teodorico, ibero, de um remoto município romano, que contei a um físico de Jerusalém, criado entre os mármores do Templo, a vida do Senhor! Disse as coisas doces e as coisas fortes: as três claras estrelas sobre o seu berço; a sua palavra amansando as águas de Galileia; o coração dos simples palpitando por ele; o reino do Céu que prometia; e a sua face augusta brilhando diante do Pretor de Roma...

— Depois os padres, os patrícios e os ricos crucificaram-no!

Doutor Eliezer, volvendo a remexer o açafate de figos, murmurou pensativamente:

— Triste, triste!... Todavia, meu filho, o Sanedrim é misericordioso. Em sete anos, desde que o sirvo, apenas tem lançado três sentenças de morte... Sim, decerto o mundo necessita bem escutar uma palavra de amor e de justiça: mas Israel tem sofrido tanto com inovadores, com profetas!... Enfim, nunca se deveria derramar o sangue do homem... E a verdade é que estes figos, de Betfagé, não valem os meus de Silo!

Calado, enrolei um cigano. E' nesse instante o douto Topsius, debatendo ainda com Gamaliel o helenismo e as escolas socráticas, empinado, de óculos na ponta do bico, soltava este resumo

forte:

— Sócrates é a semente; Platão a flor; Aristóteles o fruto... E desta árvore, assim completa, se tem nutrido o espírito humano!

Mas Gamaliel subitamente ergueu-se: doutor Eliezer também, arrotando com efusão. Ambos tomaram os cajados, ambos gritaram:

— Aleluia! Louvai o Senhor que nos tirou da terra do Egito!

Findara a ceia pascal. O esclarecido historiador, que limpava o suor da controvérsia, olhou logo vivamente o relógio e rogou a Gamaliel permissão de subir ao terraço, a refrescar a sua emoção no ar macio de Ofel... O doutor da Lei conduziu-nos à varanda, alumiada palidamente por lâmpadas de

mica, mostrou-nos a íngreme escada de ébano que levava aos eirados; e chamando sobre nós a graça do Senhor, penetrou com Eliezer num aposento cerrado por cortinas de Mesopotâmia — donde saiu um aroma, um fino rumor de risos e sons lentos de lira.

Que doce ar no terraço! E que alegre essa noite de Páscoa em Jerusalém! No céu, mudo e fechado como um palácio onde há luto, nenhum astro brilhava: mas o burgo de David e a colina de Acra, com as suas iluminações rituais, pareciam salpicadas de ouro. Em cada eirado, vasos com estopa ardendo em óleo lançavam uma chama ondeante e vermelha. Aqui e além, nalguma casa mais alta, os fios de luzes, na parede escura, reluziam como um colar de joias no

pescoço de uma negra. O ar estava docemente cortado dos gemidos de flauta, da dolente vibração das cordas do *konnor* e em ruas alumiadas por grandes fogueiras de lenha, víamos esvoaçar, claras e curtas, as túnicas de gregos dançando a *callabida*. Só as torres, mais vastas na noite, a Hípica, a Mariana, a Farsala, se conservavam escuras: e o mugido das suas buzinas passava por vezes, rouco e rude, como uma ameaça sobre a santa cidade em festa.

Mas para além das muralhas recomeçava a alegria da noite pascal. Havia luzes em Siloé. Nos acampamentos, sobre o Monte das Oliveiras, ardiam fogos claros: e como as portas ficavam abertas, filas de tochas fumegavam pelos caminhos, por entre um rumor de cantares.

Só uma colina, além do Gareb, permanecera em treva. Nessa hora, por baixo dela, numa ravina entre rochas, alvejavam dois corpos despedaçados, onde os bicos dos abutres, com um ruído seco de ferros entrechocados, faziam a sua ceia pascal. Ao menos outro corpo, precioso invólucro de um espírito perfeito, jazia resguardado num túmulo novo, envolto em linho fino, ungido, perfumado de canela e de nardo. Assim o tinham deixado nessa noite, a mais santa de Israel, aqueles que o amavam — e que desde então, para todo o sempre, mais entranhadamente o amariam... Assim o tinham deixado com uma pedra lisa por cima: e agora entre as casas de Jerusalém, cheias de luzes e cheias de cantos — alguma havia, escura e fechada, onde

corriam lágrimas sem consolação. Aí o lar esfriara, apagado: a lâmpada triste esmorecia sobre o alqueire: na bilha não havia água, porque ninguém fora à fonte; e sentadas na esteira, com os cabelos caídos, aquelas que o tinham seguido de Galileia falavam dele, das primeiras esperanças, das parábolas contadas por entre os trigais, dos tempos suaves à beira do lago...

Assim eu pensava, debruçado sobre o muro, olhando Jerusalém — quando no terraço surgiu, sem rumor, uma forma envolta em linhos brancos, espalhando um aroma de canela e de nardo. Pareceu-me que dela irradiava um clarão, que os seus pés não pisavam as lajes — e o meu coração tremeu! Mas de entre os pálidos panos uma bênção saiu,

grave e familiar:

— Que a paz seja convosco!

Ah! que alívio! Era Gad.

— Que a paz seja contigo!

O essénio parou diante de nós, calado; e eu sentia os seus olhos procurarem o fundo da minha alma, para lhe sondar bem a grandeza e a força. Por fim murmurou, imóvel como uma imagem tumular nas suas grandes vestes brancas:

— A Lua vai nascer... Todas as coisas esperadas se estão cumprindo... Agora, dizei! Sentis o coração forte para acompanhar Jesus, e guardá-lo até ao oásis de Engadi?

Ergui-me, atirando os braços ao ar, num terror!... Acompanhar o Rabi! Ele não jazia pois morto, ligado e perfumado, sob uma pedra, num horto do Gareb?...

Vivia! Ao nascer da Lua, entre os seus amigos, ia partir para Engadi! Agarrei ansiosamente o ombro de Topsius, amparando-me ao seu saber forte e à sua autoridade...

O meu douto amigo parecia enleado numa pesada incerteza:

— Sim, talvez... O nosso coração é forte, mas... Além disso não temos armas!

— Vinde comigo! — acudiu Gad, ardentemente. — Passaremos por casa de alguém que nos dirá as coisas que convém saber e que vos dará armas!...

Ainda trémulo, sem me desamparar do sapiente historiador, ousei balbuciar:

— E Jesus?... Onde está?

— Em casa de José de Ramata —

segredou o essénio, espreitando em roda como o avaro que fala de um tesouro. — Para que nada suspeitasse a gente do Templo, mesmo na presença deles depositámos o Rabi no túmulo novo, que está no horto de José. Três vezes as mulheres choraram sobre a pedra que, segundo os ritos, como sabeis, não fechava inteiramente o túmulo, deixando uma larga fenda por onde se via o rosto do Rabi. Alguns serventes do Templo olharam, e disseram: «Está bem.» Cada um recolheu à sua morada... Eu entrei pela Porta de Genath, nada mais vi. Mas, apenas anoitecesse, José e outro, fiel inteiramente, deviam ir buscar o corpo de Jesus, e com as receitas que vêm no livro de Salomão, fazê-lo reviver do desmaio em que o deixou o vinho narcotizado e o

sofrimento... Vinde pois, vós que o amais também e credes nele!...

Impressionado, decidido, Topsius traçou a sua farta capa: e descemos, num cauto silêncio, pela escada que, do terraço, levava a um caminho de pedra miúda colado à muralha nova de Herodes.

Longo tempo marchámos na escuridão, guiados pelas roupagens brancas do essénio. De entre casebres em ruínas, por vezes um cão saltava uivando. Sobre as altas ameias passavam mortiças lanternas de ronda. Depois uma sombra que tossia ergueu-se de sob uma árvore, triste e mole como se saísse da sua sepultura; e roçando o meu braço, puxando a capa de Topsius, rogava-nos através de gemidos e baforadas de alho que fôssemos dormir ao seu leito que ela

perfumara de nardo.

Parámos finalmente diante de um muro, a que uma esteira grossa de esparto cerrava a entrada. Um corredor que ressumbrava água levou-nos a um pátio rodeado por uma varanda, assente sobre rudes vigas de madeira: o chão mole como lodo abafava o rumor das nossas solas.

Gad, três vezes espaçadas, soltou o grito dos chacais. Nós esperávamos no meio do pátio, à borda de um poço, coberto com tábuas: o céu, por cima, guardava a escuridão dura e impenetrável de um bronze. A um canto, enfim, sob a varanda, um clarão vivo de lâmpada surgiu — alumiando a barba negra do homem que a trazia e que lançara sobre a cabeça a ponta de um albornoz pardo de

galileu. Mas a luz morreu sob um sopro forte. E o homem, lentamente, na treva, caminhou para nós.

Gad cortou a desolada mudez:

— Que a paz seja contigo, irmão! Estamos prontos.

O homem pousou devagar a lâmpada sobre a tampa do poço, e disse:

— Tudo está consumado.

Gad, estremecendo, gritou:

— O Rabi...

O homem atirou a mão para abafar o grito do essénio. Depois, tendo sondado a sombra em redor com olhos inquietos, que reluziam como os de um animal do deserto:

— São coisas mais altas do que podemos entender. Tudo parecia certo. O vinho narcotizado fora bem preparado

pela mulher de Rosmofim, que é hábil e conhece os simples... Eu tinha falado ao centurião, Um camarada a quem salvei a vida na Germânia, na campanha de Públio. E, quando rolámos a pedra sobre o túmulo de José de Ramata, o corpo do Rabi estava quente!

Mas calou-se: e, como se o pátio fechado sob o céu negro não fosse bastante secreto e seguro, tocou no ombro de Gad, e sem um rumor dos pés nus recolheu à escuridão mais densa sob a varanda, até às pedras do muro. Nós, rente a ele e mudos, tremíamos de ansiedade — e eu senti que uma revelação ia passar, suprema e prodigiosa, alumiando os mistérios.

— Ao anoitecer — segredou o homem por fim, com um murmúrio triste

de água correndo na sombra — voltámos ao túmulo. Olhámos pela fenda: a face do Rabi estava serena e cheia de majestade. Levantámos a pedra, tirámos o corpo. Parecia adormecido, tão belo, como divino, nos panos que o envolviam... José tinha uma lanterna: e levámo-lo pelo Gareb, correndo através do arvoredo. Ao pé da fonte encontrámos uma ronda da coorte auxiliar. Dissemos: «É um homem de Jope que adoeceu, e que nós levamos à sua sinagoga.» A ronda disse: «Passai.» Em casa de José estava Simeão, o essénio, que viveu em Alexandria e sabe a natureza das plantas: e tudo fora preparado, até a raiz do baraz... Estendemos Jesus na esteira. Demos-lhe a beber os cordiais, chamámo-lo, esperámos, orámos... Mas ai! Sentíamos,

sob as nossas mãos, arrefecer-lhe o corpo!... Um instante abriu lentamente os olhos, uma palavra saiu-lhe dos lábios. Era vaga, não a compreendemos... Parecia que invocava seu pai, e que se queixava de um abandono... Depois estremeceu: um pouco de sangue apareceu-lhe ao canto da boca... E, com a cabeça sobre o peito de Nicodemos, o Rabi ficou morto!

Gad caiu pesadamente de joelhos, soluçando: e o homem, como se todas as coisas tivessem sido ditas, deu um passo para buscar a sua lâmpada ao poço. Topsius deteve-o, com avidez:

— Escuta! Preciso toda a verdade. Que fizestes depois?

O homem parou junto a um dos pilares de madeira. Depois, alargando os braços na escuridão e tão perto das nossas

faces, que eu sentia o seu bafo quente:

— Era necessário, para bem da Terra, que se cumprissem as profecias! Durante duas horas José de Ramata orou, prostrado. Não sei se o Senhor lhe falou em segredo; mas, quando se ergueu, resplandecia todo e gritou: «Elias veio! Elias veio! Os tempos chegaram!» Depois, por sua ordem, enterrámos o Rabi numa caverna que ele tem, talhada na rocha, por trás do moinho...

Atravessou o pátio, tomou a sua lâmpada. E recolhia lentamente, sem um rumor, quando Gad, erguendo a face, o chamou através dos seus soluços:

— Escuta ainda! Grande é o Senhor, na verdade!... E o outro túmulo, onde as mulheres de Galileia o deixaram, ligado e envolto em panos, com aloés e

com nardo?

O homem, sem parar, murmurou, já sumido na treva:

— Lá ficou aberto, lá ficou vazio!...

Então Topsius arrastou-me pelo braço, tão arrebatadamente que tropeçávamos no escuro contra os pilares da varanda. Uma porta ao fundo abriu-se, com um brusco estrondo de ferros caídos... E vi uma praça, rodeada de pálidos arcos, triste e fria, com erva entre as fendas das lajes dessoldadas, como numa cidade abandonada. Topsius estacou, os seus óculos faiscavam:

— Teodorico, a noite termina, vamos partir de Jerusalém!... A nossa jornada ao passado acabou... A lenda inicial do cristianismo está feita, vai

findar o mundo antigo!

Eu considerei, assombrado e arrepiado, o douto historiador. Os seus cabelos ondeavam agitados por um vento de inspiração. E o que levemente saía dos seus finos lábios retumbava, terrível e enorme, caindo sobre o meu coração:

— Depois de amanhã, quando acabar o *Sabat*, as mulheres de Galileia voltarão ao sepulcro de José de Ramata, onde deixaram Jesus sepultado... E encontram-no aberto, encontram-no vazio!... «Desapareceu, não está aqui!...» Então, Maria de Magdala, crente e apaixonada, irá gritar por Jerusalém: «Ressuscitou, ressuscitou!» E assim o amor de uma mulher muda a face do mundo e dá uma religião mais à humanidade!

E, atirando os braços ao ar, correu através da praça — onde os pilares de mármore começavam a tombar, sem ruído e molemente. Arquejando, parámos no portão de Gamaliel. Um escravo, tendo ainda nos pulsos pedaços de cadeias partidas, segurava os nossos cavalos. Montámos. Com um fragor de pedras levadas numa torrente, varámos a Porta de Ouro: e galopámos para Jericó, pela estrada romana de Siquém, tão vertiginosamente que não sentíamos as ferraduras ferir as lajes negras de basalto. Adiante, a capa branca de Topsius torcia-se, açoitada por uma rajada furiosa. Os montes corriam aos lados, como fardos sobre dorsos de camelos na debandada de um povo. As ventas da minha égua dardejavam jatos de fumo avermelhado —

e eu agarrava-me às clinas, tonto, como se rolasse entre nuvens...

De repente avistámos, alargada, cavada até às serras de Moab, a planície de Canaã. O nosso acampamento alvejava junto às brasas dormentes da fogueira. Os cavalos estacaram, tremendo. Corremos às tendas: sobre a mesa, a vela que Topsius acendera para se vestir, havia mil e oitocentos anos, morria num fogacho lívido... E derreado da infinita jornada atirei-me para o catre, sem mesmo descalçar as botas brancas de pó...

Imediatamente me pareceu que uma tocha fumegante penetrara na tenda, esparzindo um brilho de ouro.:. Ergui-me, assustado. Num largo raio de sol, vindo dos montes de Moab, o jucundo Potte entrava, em mangas de camisa, com as

minhas botas na mão!

Arrojei a manta, arredei os cabelos, para verificar melhor a mudança terrível que desde a véspera se fizera no Universo! Sobre a mesa jaziam as garrafas do champanhe com que brindáramos à Ciência e à Religião. O embrulho da coroa de espinhos pousava à minha cabeceira. Topsius, no seu catre, em camisola e com um lenço amarrado na testa, bocejava, pondo os óculos de ouro no bico. E o risonho Potte, censurando a nossa preguiça, queria saber se apetecíamos nessa manhã «tapioca ou café».

Deixei sair deliciosamente do peito um ruidoso, consolado suspiro. E no júbilo triunfal de me sentir reentrado na minha individualidade e no meu século,

pulei sobre o colchão com a fralda ao vento, bradei:

— Tapioca, meu Potte! Uma tapioca bem docinha e molezinha, que saiba bem ao meu Portugal!...

4

Ao outro dia, que fora o mais radioso domingo, levantámos de Jericó as nossas tendas; e caminhando com o Sol para ocidente, pelo vale de Cherith, começámos a romagem de Galileia.

Mas ou fosse que a consoladora fonte da admiração houvesse secado dentro em mim, ou que a minha alma, arrebatada um momento aos cimos da história e batida aí por ásperas rajadas de emoção, não se pudesse já aprazer nestes quietos e ermos caminhos da Síria — senti sempre indiferença e cansaço, do país de Efraim ao país de Zebelon.

Quando nessa noite acampámos em Betei, vinha a Lua cheia saindo por

trás dos montes negros de Gilead... O festivo Potte mostrou-me logo o chão sagrado em que Jacob, pastor de Bersabé, tendo adormecido sobre uma rocha, vira uma escada que faiscava, fincada a seus pés e arrimada às estrelas, por onde ascendiam e baixavam, entre Terra e Céu, anjos calados, com as asas fechadas... Eu bocejei formidavelmente e rosnei: «Tem seu chique!...»

E assim rosnando e bocejando, atravessei a terra dos prodígios. A graça dos vales foi-me tão fastidiosa como a santidade das ruínas. No poço de Jacob, sentado nas mesmas pedras em que Jesus, cansado como eu da calma destas estradas e como eu bebendo do cântaro de uma samaritana, ensinara a nova e pura maneira de adorar; nas encostas do

Carmelo, numa cela de mosteiro, ouvindo de noite ramalhar os cedros que abrigaram Elias e gemer em baixo as ondas, vassalas de Hirão, rei de Tiro; galopando com o albornoz ao vento pela planície de Esdrélon; remando docemente no lago de Genesaré, coberto de silêncio e de luz — sempre o tédio marchou a meu (lado como companheiro fiel, que a cada passo me apertava ao seu peito mole, debaixo do seu manto pardo...

Às vezes, porém, uma saudade fina e gostosa, vinda do remoto passado, levantava de leve a minha alma, como uma aragem lenta faz a uma cortina muito pesada... E então, fumando diante das tendas, trotando pelo leito seco das torrentes, eu *revia*, com deleite, pedaços soltos dessa antiguidade que me

apaixonara — a terma romana, onde uma criatura maravilhosa de mitra amarela se ofertava, lasciva e pontifical; o formoso Manassés, levando a mão à espada cheia de pedrarias; mercadores, no Templo, desdobrando os brocados de Babilónia; a sentença do Rabi com um traço vermelho, num pilar de pedra, à Porta Judiciária; ruas iluminadas, gregos dançando a *callabida*... E era logo um desejo angustioso de remergulhar nesse mundo irrecuperável. Coisa risível! Eu, Raposo e bacharel, no farto gozo de todos os confortos da civilização — tinha saudade dessa bárbara Jerusalém, que habitara num dia do mês do Nizão, sendo Pôncio Pilatos procurador da Judeia!

Depois estas memórias esmoreciam, como fogos a que falta a

lenha. Na minha alma só restavam cinzas — e, diante das ruínas do monte Ebal, ou sob os pomares que perfumam Siquém, a levítica, recomeçava a bocejar.

Quando chegámos a Nazaré, que aparece na desolação da Palestina como um ramalhete pousado na pedra de uma sepultura — nem me interessaram as lindas judias, por quem se banhou de ternura o coração de Santo Antonino. Com a sua cântara vermelha ao ombro, elas subiam por entre os sicómoros à fonte onde Maria, mãe de Jesus, ia todas as tardes, cantando como estas e como estas vestida de branco... O jucundo Potte, torcendo os bigodes, murmurava-lhes madrigais; elas sorriam, baixando as pestanas pesadas e meigas. Era diante desta suave modéstia que Santo Antonino,

apoiado ao seu bordão, sacudindo a sua longa barba, suspirava: «Oh virtudes claras, herdadas de Maria cheia de graça!» Eu, por mim, rosnava secamente: «Lambisgoias!»

Através de vielas onde a vinha e a figueira abrigam casas humildes, como convém à doce aldeia daquele que ensinou a humildade, trepámos ao cimo de Nazaré, batido sempre do largo vento que sopra das Idumeias. Aí Topsius tirou o barrete saudando essas planícies, esses longes, que decerto Jesus vinha contemplar, concebendo diante da sua luz e da sua graça as incomparáveis belezas do reino de Deus... O dedo do douto historiador ia-me apontando todos os lugares religiosos — cujos nomes sonoros caem na alma com uma solenidade de

profecia, ou com um fragor de batalha: Esdrélon, Endor, Sulem, Tabor... Eu olhava, enrolando um cigarro. Sobre o Carmelo sorria uma brancura de neve; as planícies da Pereia fulguravam, rolando uma poeira de ouro; o golfo de Caifa era todo azul; uma tristeza cobria ao longe as montanhas de Samaria; grandes águias torneavam sobre os vales... Bocejando, rosnei:

— Vistazinha catita!

Uma madrugada, enfim, recomeçámos a descer para Jerusalém. Desde Samaria a Rama fomos alagados por esses vastos e negros chuveiros da Síria, que armam logo torrentes rugindo entre as rochas, sob os aloendros em flor: depois, junto à colina de Gibeah, onde outrora no seu jardim, entre o louro e o

cipreste, David tangia harpa olhando Sião — tudo se vestiu de serenidade e de azul. E uma inquietação engolfou-se em minha alma, como um vento triste numa ruína... Eu ia avistar Jerusalém! Mas — *qual*? Seria a mesma que vira um dia, resplandecendo sumptuosamente ao sol do Nizão, com as torres formidáveis, o templo cor de ouro e cor de neve, Acra cheia de palácios, Bezeta regada pelas águas do Enrogel?...

— El-Kurds! El-Kurds! — gritou o velho beduíno, com a lança no ar, anunciando pela sua alcunha muçulmana a cidade do Senhor.

Galopei, a tremer... E logo a vi, lá em baixo, junto à ravina do Cédron, sombria, atulhada de conventos e agachada nas suas muralhas caducas —

como uma pobre, coberta de piolhos, que para morrer se embrulha a um canto nos farrapos do. seu mantéu.

Bem depressa, traspassada a Porta de Damasco, as patas dos nossos cavalos atroaram o lajedo da rua cristã: rente ao muro, um frade gordo, com o Breviário e o guarda-sol de paninho entalados sob o braço, ia sorvendo uma pitada estrondosa. Apeámos no Hotel do Mediterrâneo: no esguio pátio, sob um anúncio das Pílulas Holloway, um inglês, com um quadrado de vidro colado ao olho claro, os sapatões atirados para cima do divã de chita, lia o *Times;* por trás de uma varanda aberta, onde secavam ceroulas brancas com nódoas de café, uma goela roufenha vozeava: *C'est le beau Nicolas, holá!*... Ah! era esta, era esta, a Jerusalém

católica!... Depois, ao penetrar no nosso quarto, claro e alegrado pelo tabique de ramagens azuis, ainda um instante me rebrilhou na memória certa sala, com candelabros de ouro e uma estátua de Augusto, onde um homem togado estendia o braço e dizia: «César conhece-me bem!»

Corri logo à janela a sorver o ar vivo da moderna Sião.

Lá estava o convento com as suas persianas verdes fechadas, e as goteiras agora mudas nesta tarde de sol e doçura... Entre socalcos de jardins, lá se torciam as escadinhas, cruzadas por franciscanos de alpercatas, por judeus magros de sujas melenas... E que repouso na frescura destas paredes de cela, depois das estradas abrasadas de Samaria! Fui

apalpar a cama fofa. Abri o guarda-roupa de mogno. Fiz uma carícia leve ao embrulhinho da camisa da Mary, redondo e gracioso com o seu nastro vermelho, aninhado entre peúgas.

Neste instante o jucundo Potte entrou a trazer-me o precioso embrulho da coroa de espinhos, redondo e nítido com o seu nastro vermelho; e alegremente deu-me as novas de Jerusalém. Colhera-as do barbeiro da Via Dolorosa e eram consideráveis. De Constantinopla viera um *firman* exilando o patriarca grego, pobre velho evangélico, com uma doença de fígado, que socorria os pobres. O senhor cônsul Damiani afirmara na loja de relíquias da Rua Arménia, batendo o pé, que antes do Dia de Reis, por causa da birra do murro entre os franciscanos e a

missão protestante, a Itália tomaria armas contra a Alemanha. Em Belém, na Igreja da Natividade, um padre latino numa bulha, ao benzer hóstias, rachara a cabeça de um padre copta com uma tocha de cera... E enfim, novidade mais jubilosa, abrira-se para alegria de Sião, ao pé da Porta de Herodes, deitando sobre o vale de Josafá, um café com bilhares, chamado o *Retiro do Sinai*!

Subitamente, saudades dolentes do passado, cinzas que me cobriam a alma, foram varridas por um fresco vento de mocidade e de modernidade... Pulei sobre o ladrilho sonoro:

— Viva o belo Retiro! A ele! às iscas! à carambola! Irra, que estava morto por me refastelar! E depois às mulherinhas!... Põe aí o embrulho da

coroa, belo Potte... Isso significa muito bago! Jesus, o que a titi se vai babar!.. Planta-o em cima da cómoda, entre os castiçais... E logo, depois da comidinha, Pottezinho, para o Retiro do Sinai!

Justamente o sábio Topsius entrava esbaforido, com uma formosa nova histórica! Durante a nossa romagem a Galileia, a Comissão de Escavações Bíblicas encontrara, sob lixos seculares, uma das lápides de mármore que, segundo Josefo e Fílon e os Talmudes, se erguiam no Templo, junto à Porta Bela, com uma inscrição proibindo a entrada aos gentílicos... E ele instava que marchássemos, engolida a sopa, a pasmar para essa maravilha... Um momento ainda me rebrilhou na memória uma porta, bela em verdade, preciosa e triunfal, sobre os

seus catorze degraus de mármore verde de Numídia...

Mas sacudi desabridamente os braços, numa revolta:

— Não quero! — gritei. — Estou farto!... Irra! E aqui lho declaro, Topsius, solenemente: de hoje em diante não torno a ver nem mais um pedregulho, nem mais um sítio de religião... Irra! Tenho a minha dose: e forte, muito forte, doutor!

O sábio, enfiado, abalou com a rabona colada às nádegas!

***

Nessa semana ocupei-me em documentar e empacotar as relíquias menores que destinava à tia Patrocínio. Copiosas e bem preciosas eram elas — e

com devotíssimo lustre brilhariam no tesouro da mais orgulhosa Sé! Além das que Sião importa de Marselha em caixotes — rosários, bentinhos, medalhas, escapulários; além das que fornecem no Santo Sepulcro os vendilhões — frascos de água do Jordão, pedrinhas da Via Dolorosa, azeitonas do Monte Olivete, conchas do lago de Genesaré — eu levava-lhe outras raras, peregrinas, inéditas... Era uma tabuinha aplainada por S. José; duas palhinhas do curral onde nasceu o Senhor; um bocadinho do cântaro com que a Virgem ia à fonte; uma ferradura do burrinho em que fugiu a Santa Família para a terra do Egito; e um prego torto e ferrugento...

Estas preciosidades, embrulhadas em papéis de cor, atadas com fitinhas de

seda, guarnecidas de tocantes dísticos — foram acondicionadas num forte caixote, que a minha prudência fez revestir de chapas de ferro. Depois cuidei da relíquia maior, a coroa de espinhos, fonte de celestiais mercês para a titi — e de sonora pecúnia para mim, seu cavaleiro e seu romeiro.

Para a encaixotar, ambicionei uma madeira preclara e santa. Topsius aconselhava o cedro do Líbano — tão belo que, por ele, Salomão fez aliança com Hirão, rei de Tiro. O jucundo Potte, porém, menos arqueológico, lembrou o honesto pinho de Flandres benzido pelo patriarca de Jerusalém. Eu diria à titi que os pregos para o pregar tinham pertencido à arca de Noé: que um ermitão os achara miraculosamente no monte Ararat; que a

ferrugem que neles deixara o lodo primitivo, dissolvida em água benta, curava catarros... Tramámos estas coisas consideráveis, cervejando no Sinai.

Durante esta atarefada semana, o embrulho da coroa de espinhos permanecera na cómoda entre os dois castiçais de vidro: foi só na véspera de deixarmos Jerusalém que o encaixotei com carinho. Forrei a madeira de chita azul comprada na Via Dolorosa; fiz fofo e doce o fundo do caixote com uma camada de algodão mais branco que a neve do Carmelo; e coloquei dentro o adorável embrulho, sem o remexer, como Potte o arranjara, no seu papel pardo e no seu nastro vermelho — porque estas mesmas dobras do papel vincadas em Jericó, este mesmo nó do nastro atado junto ao

Jordão, teriam para a Sr.ª D. Patrocínio um insubstituível sabor de devoção... O esguio Topsius considerava estes piedosos aprestos, fumando o seu cachimbo de louça.

— Oh Topsius, que chelpa isto me vai render! E diga lá, amiguinho, diga lá! Então acha que eu posso afirmar à titi que *esta coroa de espinhos foi a mesma que*...

O doutíssimo homem, por entre o fumo leve, soltou uma solidíssima máxima:

— As relíquias, D. Raposo, não valem pela autenticidade que possuem, mas pela fé que inspiram. Pode dizer à titi que foi a mesma!

— Bendito sejas, doutor!

Nessa tarde, o erudito homem acompanhara aos túmulos dos reis a

Comissão de Escavações. Eu parti, só, para o Horto das Oliveiras — porque não havia, em torno a Jerusalém, lugar de sombra onde mais gratamente, em tardes serenas, gozasse um pachorrento cachimbo.

Saí pela Porta de Santo Estêvão; trotei pela ponte do Cédron; galguei o atalho entre piteiras até ao murozinho, caiado e aldeão, que cerra o jardim de Getsémani. Empurrei a portinha verde, pintada de fresco, com a sua aldrava de cobre: e penetrei no pomar onde Jesus ajoelhou e gemeu sob a folhagem das oliveiras. Ali vivem ainda essas árvores santas que ramalharam embaladoramente sobre a sua cabeça fatigada do mundo! São oito, negras, carcomidas pela decrepitude, escoradas com estacas de

madeira, amodorradas, já esquecidas dessa noite do Nizão em que os anjos, voando sem rumor, espreitavam através dos seus ramos as desconsolações humanas do filho de Deus... Nos buracos dos seus troncos estão guardados enxós e podões: nas pontas dos galhos raras e ténues folhinhas, de um verde sem seiva, tremem e mal vivem como os sorrisos de um moribundo.

E em redor que hortazinha caridosamente regada, estrumada com devoção! Em canteiros, com sebes de alfena, verdejam frescas alfaces: as ruazinhas areadas não têm uma folha murcha que lhes macule o asseio de capela: rente aos muros, onde rebrilham em nichos doze apóstolos de louça, correm alfobres de cebolinho e cenoura,

fechados por cheirosa alfazema... Porque não floria aqui, em tempos de Jesus, tão suave quintal? Talvez a plácida ordem destes úteis legumes calmasse a tormenta do seu coração!

Sentei-me debaixo da mais velha oliveira. O frade guardião, risonho santo de barbas sem fim, regava, com o hábito arregaçado, os seus vasos de rainúnculos. A tarde caía com melancólico esplendor.

E, enchendo o cachimbo, eu sorria aos meus pensamentos. Sim! Ao outro dia deixaria essa cinzenta cidade que lá em baixo se agachava entre os seus muros fúnebres, como viúva que não quer ser consolada... Depois uma manhã, cortando a vaga azul, avistaria a serra fresca de Sintra: as gaivotas da pátria vinham dar-me o grito de boa acolhida, esvoaçando

em torno aos mastros; Lisboa pouco a pouco surgia, com as suas brancas caliças, a erva nos seus telhados, indolente e doce aos meus olhos... Berrando: «Oh titi, oh titi!», eu trepava as escadas de pedra da nossa casa em Santana: e a titi, com fios de baba no queixo, punha-se a tremer diante da grande relíquia que eu lhe oferecia, modesto. Então, na presença de testemunhas celestes, de S. Pedro, de Nossa Senhora do Patrocínio, de S. Casimiro e de S. José, ela chamava-me «Seu filho, seu herdeiro!» E ao outro dia começava a amarelecer, a definhar, a gemer... Oh delícia!

De leve, sobre o muro, entre as madressilvas, um pássaro cantou: e mais alegre que ele cantou uma esperança no

meu coração! E a titi na cama, com o lenço negro amarrado na cabeça, apalpando angustiosamente as dobras do lençol suado, arquejando com terror do Diabo... Era a titi a espichar, retesando as canelas. Num dia macio de maio metiam-na, já fria e cheirando mal, dentro de um caixão bem pregado e bem seguro. Com tipoias atrás, lá marchava D. Patrocínio para a sua cova, para os bichos. Depois quebrava-se o lacre do testamento na sala dos damascos, onde eu preparara, para o tabelião Justino, pastéis e vinho do Porto: carregado de luto, amparado ao mármore da mesa, eu afogava, num lenço amarfanhado, o escandaloso brilho da minha face: e de entre as folhas de papel selado sentia, rolando com um tinir de ouro, rolando com um sussurro de searas,

rolando, rolando para mim, os contos de G. Godinho!... Oh! êxtase!

O santo frade pousara o regador e passeava com o Breviário aberto numa ruazinha de murta. Que faria eu, na minha casa em Santana, apenas levassem a fétida velha, amortalhada num hábito de Nossa Senhora? Uma alta justiça: correr ao oratório, apagar as luzes, desfolhar os ramos, abandonar os santos à escuridão e ao bolor! Sim, todo eu, Raposo e liberal, necessitava a desforra de me ter prostrado diante das suas figuras pintadas como um sórdido sacrista, de me ter recomendado à sua influência de calendário como um escravo crédulo! Eu servira os santos para servir a titi. Mas agora, inefável deleite, ela na sua cova apodrecia: naqueles olhos, onde nunca escorrera uma

lágrima caridosa, fervilhavam gulosamente os vermes: sob aqueles beiços, desfeitos em lodo, surgiam enfim, sorrindo, os seus velhos dentes furados que jamais tinham sorrido... Os contos de G. Godinho eram meus; e libertado da ascorosa senhora, eu já não devia aos seus santos nem rezas, nem rosas! Depois, cumprida esta obra de justiça filosófica, corria a Paris, às mulherinhas!

O bom frade, risonho na sua barba de neve, bateu-me no ombro, chamou-me seu filho, lembrou-me que se fechava o Santo Horto e que lhe seria grata a minha esmola... Dei-lhe uma placa: e recolhi regalado a Jerusalém, devagar, pelo vale Josafat, cantarolando um fado meigo.

Ao outro dia de tarde, tocava o sino a novena na Igreja da Flagelação

quando a nossa caravana se formou à porta do Hotel do Mediterrâneo, para partirmos de Jerusalém. Os caixões das relíquias iam sobre o macho, entre os fardos. O beduíno, mais encatarroado, abafara-se num ignóbil *cache-nez* de sacristão. Topsius montava outra égua, séria e pachorrenta. E eu, que por alegria pusera uma rosa vermelha ao peito, resmunguei, ao pisarmos pela vez derradeira a Via Dolorosa: «Fica-te, pocilga de Sião!»

Já chegávamos à Porta de Damasco quando um grito esbaforido ressoou, no alto da rua, à esquina do Convento dos Abissínios:

— Amigo Potte, doutor, cavalheiros!... Um embrulho! Esqueceu um embrulho...

Era o negro do hotel, em cabelo, agitando um embrulho que logo reconheci pelo papel pardo e pelo nastro vermelho. A camisinha de dormir da Mary! E recordei que, com efeito, ao emalar, eu não o vira no guarda-roupa, no seu ninho de peúgas.

Esfalfado, o servo contou que depois de partirmos, varrendo o quarto, descobrira o embrulhinho entre pó e aranhas, detrás da cómoda; limpara-o carinhosamente; e como fora sempre seu afã servir o fidalgo lusitano, abalara, mesmo sem a jaleca...

— Basta! — rosnei eu, seco e carrancudo.

Dei-lhe as moedas de cobre que me atulhavam as algibeiras. E pensava: «Como rolou ele para trás da cómoda?»

Talvez o negro atabalhoado que, arrumando, o tirara do seu ninho de peúgas... Pois antes lá permanecesse para sempre, entre o pó e as aranhas! Porque em verdade este pacote era agora audazmente impertinente.

Decerto eu amava a Mary. A esperança que em breve na terra do Egito seria apertado pelos seus braços gordinhos ainda me fazia espreguiçar com langor. Mas guardando fielmente a sua imagem no coração, não necessitava trazer perenemente à garupa a sua camisinha de dormir. Com que direito pois corria esta bretanha atrás de mim, pelas ruas de Jerusalém, querendo instalar-se violentamente nas minhas malas e acompanhar-me à minha pátria?

E era essa ideia de pátria que me

torturava, enquanto nos afastávamos das muralhas da Cidade Santa... Como poderia eu jamais penetrar com este pacote lúbrico na casa eclesiástica da tia Patrocínio? Constantemente a titi se encafuava no meu quarto, munida de chaves falsas, áspera e ávida, rebuscando pelos cantos, nas minhas cartas e nas minhas ceroulas... Que cólera a esverdearia se numa noite de pesquisas ela encontrasse estas rendas babujadas pelos meus lábios, fedendo a pecado, com a oferta em letra cursiva: «Ao meu portuguesinho valente!»

«Se soubesse que nesta santa viagem te tinhas metido com saias, escorraçava-te como um cão!» Assim o dissera a titi, em vésperas da minha romagem, diante da Magistratura e da

Igreja. E iria eu, pelo luxo sentimental de conservar a relíquia de uma luveira, perder a amizade da velha que tão caramente conquistara com terços, pingos de água benta e humilhações da razão liberal? Jamais!... E, se não afoguei logo o embrulho funesto na água de um charco, ao atravessarmos as choças de Kolonieh, foi para não revelar ao penetrante Topsius as cobardias do meu coração. Mas decidi que mal penetrássemos com a noite nas montanhas de Judá, retardaria o passo à égua, e longe dos óculos do historiador, longe das solicitudes de Potte, arrojaria a um barranco a terrível camisa de Mary, evidência do meu pecado e dano da minha fortuna. E que bem depressa os dentes dos chacais a rasgassem! Bem depressa os chuveiros do Senhor a apodrecessem!

Já passáramos o túmulo de Samuel por trás dos rochedos de Emaús, já para sempre Jerusalém desaparecera aos meus olhos, quando a égua de Topsius, avistando uma fonte, num vale cavado junto à estrada, deixou a caravana, deixou o dever — e trotou para a água, com imprudência e com alacridade. Estaquei, indignado:

— Puxe-lhe a rédea, doutor! Olhe que descaro de égua! Ainda agora bebeu... Não lhe ceda! Puxe mais! Não lhe toque, homem!

Mas debalde o filósofo, com os cotovelos saídos, as pernas esticadas, lhe repuxava bridões e clinas. A cavalgadura abalou com o filósofo.

Corri também à fonte, para não abandonar naquele ermo o precioso

homem. Era um fio de água turva, escorrendo de uma quelha, sobre um tanque escavado na rocha. Ao pé branquejava, já partida, a grande carcaça de um dromedário.

Os ramos de uma mimosa, ali solitária, tinham sido queimados por um fogo de caravana. Longe, na espinha escarnada de uma colina, um pastor, negro no céu opalino, ia caminhando devagar entre as suas ovelhas, com a lança pousada ao ombro. E na sombria mudez de tudo a fonte chorava.

Aquela quebrada era tão deserta, que me lembrou deixar ali a desfazer-se, como a ossada do dromedário, o embrulhinho da Mary... A égua do historiador beberava com pachorra. E eu procurava aqui, além, um barranco ou um

charco — quando me pareceu que junto da fonte, e misturado ao pranto dela, corria também um pranto humano.

Torneei um penedo que avançava soberbamente, como a proa de uma galera — e descobri, agachada e refugiada entre as pedras e os cardos, uma mulher que chorava, com uma criancinha no regaço: os seus cabelos crespos espalhavam-se pelos ombros e pelos braços, que os trapos negros mal cobriam: e sobre o filho, que dormia no calor do colo, o seu choro corria, mais contínuo, mais triste que o da fonte, e como se não devesse findar jamais.

Gritei pelo jucundo Potte. Quando ele trotou para nós, agarrando a coronha prateada da sua pistola, supliquei que perguntasse à mulher a causa dessas

longas lágrimas. Mas ela parecia entontecida pela miséria: falou surdamente de um casebre queimado, de cavaleiros turcos que tinham passado, do leite que lhe secava... Depois apertou a criança contra a face — e sufocada, sob os cabelos esguedelhados, recomeçou a chorar.

O festivo Potte deitou-lhe uma moeda de prata; Topsius tomou, para a sua severa conferência sobre a Judeia Muçulmana, um apontamento daquele infortúnio. E eu, comovido, procurava na algibeira o meu cobre — quando me recordei que o dera num punhado ao negro do Hotel do Mediterrâneo. Mas tive uma útil inspiração. Atirei-lhe o perigoso embrulho da camisinha da Mary; e a meu pedido o risonho Potte explicou à

desventurada que qualquer das pecadoras que habitam junto à Torre de David, a gorda Fatmé ou Palmira, a *samaritana*, lhe daria duas piastras de ouro por esse vestido de luxo, de amor e de civilização.

Trotámos para a estrada. Atrás de nós a mulher lançava-nos, por entre soluços e beijos ao filho, todas as bênçãos do seu coração: e a nossa caravana retomou a marcha — enquanto o arrieiro adiante, escarranchado sobre as bagagens, cantava à estrela de Vénus, que se erguera, esse canto da Síria, áspero, alongado e dolente, em que se fala de amor, de Alá, de uma batalha com lanças e dos rosais de Damasco...

Ao apearmos de manhã no Hotel de Josafat, na vetusta Jafa — prodigiosa foi a minha surpresa vendo,

pensativamente sentado no pátio, com um bojudo turbante branco, o mofino Alpedrinha!... Fiz-lhe ranger os ossos num abraço voraz.

E quando Topsius e o jucundo Potte partiram, debaixo do guarda-sol de paninho, a colher novas do paquete que nos devia levar à terra do Egito — Alpedrinha contou-me a sua história, escovando o meu albornoz.

Fora por tristeza que deixara a «Alexandriazinha». O Hotel das Pirâmides, as maletas carregadas, tinham já saturado a sua alma de um tédio insondável: e o nosso embarque no *Caimão* para Jerusalém dera-lhe a saudade dos mares, das cidades cheias de história, das multidões desconhecidas...

Um judeu de Kesham, que ia

fundar uma estalagem em Bagdade com bilhar, aliciara-o para marcador. E ele, metendo num saco as piastras juntas nas amarguras do Egito, ia tentar essa aventura do progresso junto às águas lentas do Eufrates, na terra de Babilónia. Mas, cansado de acarretar fardos alheios, buscava primeiro Jerusalém, insensivelmente, levado talvez pelo espírito como o apóstolo, para descansar com as mãos quietas a uma esquina da Via Dolorosa...

— E o cavalheiro recebeu alguns jornais da nossa Lisboa? Gostava de saber como vai por lá a rapaziada...

Enquanto ele assim balbuciava, triste e com o turbante à banda, eu revia risonhamente a terra quente do Egito, a rua clara das Duas Irmãs, a capelinha

entre plátanos, as papoulas do chapéu da Mary... E mais agudo me picava outra vez o desejo da minha loura luveira. Que doce grito de paixão nos seus beiços gordinhos, quando uma tarde, queimado pelo sol da Síria e mais forte, eu surgisse diante do seu balcão espantando o gato branco! E a camisinha?... Bem! Contaria que uma noite, junto de uma fonte, ma tinham roubado cavaleiros turcos com lanças.

— Diz lá, Alpedrinha! Tem-la visto, a Maricoquinhas? Que tal está? hem? Rechonchudinha?

Ele baixou o rosto murcho, onde um estranho mbor lhe avivara duas rosas.

— Já não está... Foi para Tebas!

— Para Tebas? Onde há umas minas?... Mas isso é no Alto Egito! Isso é em cascos de Núbia! Ora essa!... Que foi

ela lá fazer?

— Alindar as vistas — murmurou Alpedrinha com desolação.

Alindar as vistas! Só compreendi quando o patrício me contou que a ingrata rosa de Iorque, adorno de Alexandria, fora levada por um italiano de cabelos compridos, que ia a Tebas fotografar as minas desses palácios onde viviam face a face Ramsés, rei dos homens, e Amnon, rei dos deuses... E Maricoquinhas ia amenizar «as vistas», aparecendo nelas à sombra austera dos granitos sacerdotais, com a graça moderna do seu guarda-solinho fechado e do seu chapéu de papoulas...

— Que descarada! — gritei eu, varado. — Então com um italiano? E gostando dele? Ou só negócio?... Hem,

gostando?

— Babadinha — balbuciou Alpedrinha.

E, com um suspiro, atroou o Hotel de Josafat. Perante este *ai*, repassado de tormento e de paixão, relampejou-me na alma uma suspeita abominável.

— Alpedrinha, tu suspiraste! Aqui há perfídia, Alpedrinha!

Ele baixou a fronte tão contritamente que o turbante lasso rolou nos ladrilhos. E antes que ele o levantasse já eu lhe empolgara com sanha o braço mole.

— Alpedrinha, escarra a verdade! A Maricoquinhas, hem? Também petiscaste?

A minha face barbuda chamejava... Mas Alpedrinha era meridional, das

nossas terras palreiras da vanglória e do vinho. O medo cedeu à vaidade — e revirando para mim o bugalho branco do olho:

— Também petisquei!

Sacudi-lhe o braço para longe, cheio de furor e de nojo. Também aquela — com aquele! Oh, a Terra! a Terra! que é ela senão um montão de coisas podres, rolando pelos céus com bazófias de astro?

— E diz lá, Alpedrinha, diz lá, também te deu uma camisa?

— A mim um chambrezinho...

Também a ele — roupa branca! Ri, acerbamente, com as mãos nas ilhargas.

— E ouve lá... Também te chamava «seu portuguesinho valente»?

— Como eu servia com turcos,

chamava-me seu «mourozinho catita».

Ia rebolar-me no divã, rasgá-lo com as unhas, rir sempre, num desesperado desprezo de tudo... Mas Topsius e o risonho Potte apareceram alvoroçados...

— Então?...

Sim, chegara de Esmirna um paquete que levantava nessa tarde ferro para o Egito, e que era o nosso dileto *Caimão*!

— Ainda bem! — gritei, atirando patadas ao ladrilho. — Ainda bem, que estava farto de Oriente!... Irra! que não apanhei aqui senão soalheiras, traições, sonhos medonhos e botas pelos quadris! Estava farto!

Assim eu bramava, sanhudo. Mas nessa tarde, na praia, diante da barcaça

negra que nos devia levar ao *Caimão*, entrou-me na alma uma longa saudade da Palestina, e das nossas tendas erguidas sob o esplendor das estrelas, e da caravana marchando e cantando por entre ruínas de nomes sonoros.

O lábio tremeu-me quando Potte, comovido, me estendeu a sua bolsa de tabaco de Alepo:

— D. Raposo, é o último cigarro que lhe dá o alegre Potte.

E a lágrima rolou por fim quando Alpedrinha, em silêncio, me estendeu os braços magros.

Da barcaça, acocorado sobre os caixões das relíquias, ainda o vi na praia, sacudindo para mim um lenço triste de quadrados — ao lado de Potte que nos atirava beijos, com as grossas botas

metidas na água. E já no *Caimão*, debruçado na amurada, ainda o avistei imóvel sobre as pedras do molhe, segurando com as mãos, contra a brisa salgada, o seu vasto turbante branco.

Desventuroso Alpedrinha! Só eu, em verdade, compreendi a tua grandeza! Tu eras o derradeiro lusíada, da raça dos Albuquerques, dos Castros, dos varões fortes que iam nas armadas à índia! A mesma sede divina do desconhecido te levara, como eles, para essa terra de Oriente, donde sobem ao céu os astros que espalham a luz e os deuses que ensinam a Lei. Somente não tendo já, como os velhos Lusíadas, crenças heroicas concebendo empresas heroicas, tu não vais como eles, com um grande rosário e com uma grande espada, impor

às gentes estranhas o teu rei e o teu Deus. Já não tens Deus por quem se combata, Alpedrinha! nem rei por quem se navegue, Alpedrinha!... Por isso, entre os povos do Oriente, te gastas nas ocupações únicas que comportam a fé, o ideal, o valor dos modernos Lusíadas — descansar encostado às esquinas, ou tristemente carregar fardos alheios...

As rodas do *Caimão* bateram a água. Topsius ergueu o seu boné de seda — e gravemente gritou para o lado de Jafa, que escurecia na palidez da tarde, sobre os seus tristes rochedos, entre os seus pomares verde-negros:

— Adeus, adeus para sempre, terra da Palestina!

Eu acenei também com o capacete:

— Adeusinho, adeusinho, coisas

de religião!

Afastava-me devagar da amurada, quando roçou por mim a longa capa de lustrina de uma religiosa; e de entre a sombra pudica do capuz, que se voltou de leve, um fulgor de olhos negros procurou as minhas barbas potentes. Oh maravilha! Era a mesma santa irmã que levara nos seus castos joelhos, através destas águas da Escritura, a camisa imunda da Mary!

Era a mesma! Porque colocava novamente o destino junto a mim, no estreito tombadilho do *Caimão*, este lírio de capela, ainda fechado e já murcho? Quem sabe! Talvez para que ao calor do meu desejo ele reverdecesse, desse flor, e não ficasse para sempre estéril e inútil, tombado aos pés do cadáver de um Deus!... E não vinha agora guardada pela

outra religiosa, rechonchuda e de luneta! A sorte abandonava-a indefesa, como a pombinha no ermo.

Rompeu-me então na alma a fulgurante esperança de um amor de monja mais forte que o medo de Deus, de um seio magoado pela estamenha de penitência caindo, todo a tremer e vencido, entre os meus braços valentes!... Decidi segredar-lhe logo ali: «Oh minha irmãzinha, estou todo lamecha por si!» E inflamado, torcendo os bigodes, caminhei para a doce religiosa, que se refugiara num banco, passando os dedos pálidos pelas contas do seu rosário...

Mas, bruscamente, o tabuado do *Caimão* fugiu sob meus pés ovantes. Estaquei, enfiado. Oh miséria! humilhação! Era a vaga enjoadora... Corri

à borda; sujei imundamente o azul do mar de Tiro; depois rolei para o beliche — e só ergui do travesseiro a face mortal quando senti as correntes do *Caimão* mergulharem nas calmas águas onde outrora, fugindo de Ácio, caíram à pressa as âncoras douradas das galeras de Cleópatra!

E outra vez, estremunhado e esguedelhado, te avistei, terra baixa do Egito, quente e da cor de um leão! Em torno aos finos minaretes voavam as pombas serenas. O lânguido palácio dormia à beira da água entre palmeiras. Topsius sobraçava a minha chapeleira, serrazinando coisas doutíssimas sobre o antigo farol. E a pálida religiosa já deixara o *Caimão*, pomba do ermo escapada ao milhafre — porque o

milhafre no seu voo fechara a asa, sordidamente enjoado!

Nessa mesma tarde, no Hotel das Pirâmides, soube com júbilo que um vapor de gado, *El Cid Campeador*, partia de madrugada para as terras benditas de Portugal! Na caleche de riscadinho, só com o douto Topsius, dei o derradeiro passeio nas sombras olorosas de Mamoudieh. E passei a curta noite numa rua deleitosa. Oh meus concidadãos, ide lá, se apeteceis conhecer os deleites ásperos do Oriente... Os bicos de gás sem globo assobiam largamente, torcidos ao vento: as casas baixas, de pau, são apenas fechadas por uma cortina branca, atravessada de claridade: tudo cheira a sândalo e alho: e mulheres sentadas sobre esteiras, em camisa, com flores nas

tranças, murmuram suavemente: «*Eh môssiu! Eh milord!*...» Recolhi tarde, exausto. Ao passar na Rua das Duas Irmãs, avistei sobre a porta de uma loja cerrada a mão de pau, pintada de roxo, que empolgara o meu coração. Atirei-lhe uma bengalada. Este foi o último feito das minhas longas jornadas.

De manhã, o fiel e douto Topsius veio, de galochas, acompanhar-me ao barracão da alfândega. Enlacei-o longamente nos braços trémulos:

— Adeus, companheiro, adeus! Escreva... Campo de Santana, 47...

Ele murmurou, estreitado comigo:

— Aqueles trinta mil réis, lá mandarei...

Apertei-o generosamente, para abafar essa explicação de pecúnia.

Depois, já com a bota na proa do bote que. me ia levar ao *Cid Campeador*.

— Então, posso dizer à titi que a coroazinha de espinhos é a mesma...

Ele ergueu as mãos, solene como um pontífice do saber:

— Pode dizer-lhe em meu nome que foi a *mesmíssima*, espinho por espinho...

Baixou o bico de cegonha ornado de óculos — e beijámo-nos na face como dois irmãos.

Os negros remaram. Eu levava, pousado sobre os joelhos, o caixote da suprema relíquia. Mas quando o meu bote, à vela, fendia a água azul — passou rente de outro bote lento, levado a remos para o lado do palácio que dormia entre palmeiras. E num relance vi o hábito

negro, o capuz descido... Um largo, sequioso olhar, pela vez derradeira, procurou as minhas barbas. De pé, ainda gritei: «Oh! filhinha, oh magana!» Mas já o vento me levara. Ela, no seu bote, sumia a face contrita — e sobre o delicado peito que ousara arfar, decerto a cruz pesou mais forte, ciumenta e de ferro!

Fiquei mono... Quem sabe? Era aquele, talvez, em toda a vasta Terra, o único coração em que o meu poderia repousar, como num asilo seguro... Mas quê! Ela era só monja, eu só sobrinho. Ela ia para o seu Deus, eu ia para a minha tia.

E quando nestas águas os nossos peitos se cruzavam e, sentindo a sua concordância, batiam mudamente um para o outro — o meu barco corria com vela alegre para ocidente, e o barco que a

levava, lento e negro, ia a remos para oriente... Desencontro contínuo das almas congéneres — neste mundo de eterno esforço e de eterna imperfeição!

5

Duas semanas depois, rolando na tipoia do *Pingalho* pelo Campo de Santana, com a portinhola entreaberta e a bota estendida para o estribo, avistei entre as árvores sem folhas o portão negro da casa da titi! E, dentro desse duro calhambeque, eu resplandecia mais que um gordo César, coroado de folhagens de ouro, sobre o seu vasto carro, voltando de domar povos e deuses.

Era decerto em mim o deleite de rever, sob aquele céu de janeiro, tão azul e tão fino, a minha Lisboa, com as suas quietas ruas cor de caliça suja, e aqui e além as tabuinhas verdes descidas nas janelas, como pálpebras pesadas de

langor e de sono. Mas era sobretudo a certeza da gloriosa mudança que se fizera na minha fortuna doméstica e na minha influência social.

Até aí, que fora eu em casa da senhora D. Patrocínio? O menino Teodorico que, apesar da sua carta de doutor e das suas barbas de «Raposão», não podia mandar selar a égua para ir espontar o cabelo à Baixa, sem implorar licença à titi... E agora? O nosso Dr. Teodorico, que ganhara, no contacto santo com os lugares do Evangelho, uma autoridade quase pontifical! Que fora eu até aí no Chiado, entre os meus concidadãos? O Raposito, que tinha um cavalo. E agora? O grande Raposo, que peregrinara poeticamente na Terra Santa, como Chateaubriand, e que, pelas remotas

estalagens em que pousara, pelas roliças circassianas que beijocara, podia parolar com superioridade na Sociedade de Geografia ou em casa da Benta Bexigosa...

O *Pingalho* estacou as pilecas. Saltei, com o caixote da relíquia estreitado ao coração... E, ao fundo do pátio triste, lajeado de pedrinha, vi a Sr.ª D. Patrocínio das Neves, vestida de sedas negras, toucada de rendas negras, arreganhando no carão lívido, sob os óculos defumados, as dentuças risonhas para mim!

— Oh, titi!

— Oh, menino!

Larguei o caixote santo, caí no seu peito seco; e o cheirinho que vinha dela a rapé, a capela e a formiga era como a

alma esparsa das coisas domésticas que me envolvia, para me fazer reentrar na piedosa rotina do lar.

— Ai filho, que queimadinho que vens!...

— Titi, trago-lhe muitas saudades do Senhor...

— Dá-mas todas, dá-mas todas!...

E retendo-me, cingido à dura tábua do seu peito, roçou os beiços frios pelas minhas barbas — tão respeitosamente como se fossem as barbas de pau da imagem de S. Teodorico. Ao lado, a Vicência limpava o olho com a ponta do avental novo. O *Pingalho* descarregara a minha mala de couro. Então, erguendo o precioso caixote de pinho de Flandres benzido, murmurei, com uma modéstia cheia de unção:

— Aqui está ela, titi, aqui está ela! Aqui a tem, aí lha dou, a sua divina relíquia, que pertenceu ao Senhor!

As emaciadas, lívidas mãos da hedionda senhora, tremeram ao tocar aquelas tábuas que continham o princípio miraculoso da sua saúde e o amparo das suas aflições. Muda, tesa, estreitando sofregamente o caixote, galgou os degraus de pedra, atravessou a sala de Nossa Senhora das Sete Dores, enfiou para o oratório. Eu atrás, magnífico, de capacete, ia rosnando: «Ora vivam! ora vivam!» — à cozinheira, à desdentada Eusébia, que se curvavam no corredor como à passagem do Santíssimo.

Depois, no oratório, diante do altar juncado de camélias brancas, fui perfeito. Não ajoelhei, não me persignei:

de longe, com dois dedos, fiz ao Jesus de ouro, pregado na sua cruz, um aceno familiar — e atirei-lhe um olhar, muito risonho e muito fino, como a um velho amigo com quem se tem velhos segredos. A titi surpreendeu esta intimidade com o Senhor — e quando se rojou sobre o tapete (deixando-me a almofada de veludo verde) foi tanto para o seu Salvador como para o seu sobrinho que levantou as mãos adorabundas.

Findos os padre-nossos de graças pelo meu regresso, ela, ainda prostrada, lembrou com humildade:

— Filho, seria bom que eu soubesse que relíquia é, para as velas, para o respeito...

Acudi, sacudindo os joelhos:

— Logo se verá. À noite é que se

desencaixotam as relíquias... Foi o que me recomendou o patriarca de Jerusalém... Em todo o caso, acenda a titi mais quatro luzes, que até a madeirinha é santa!

Acendeu-as, submissa: colocou, com beato cuidado, o caixote sobre o altar: depôs-lhe um beijo chilreado e longo: estendeu-lhe por cima uma esplêndida toalha de rendas... Eu então, episcopalmente, tracei sobre a toalha, com dois dedos, uma bênção em cruz.

Ela esperava, com os óculos negros postos em mim, embaciados de ternura:

— E agora, filho, agora?

— Agora o jantarinho, titi, que tenho a tripa a tinir...

A Sr.ª D. Patrocínio logo, apanhando as saias, correu a apressar a

Vicência. Eu fui desafivelar a maleta para o meu quarto — que a titi esteirara de novo: as cortinas de cassa tufavam, tesas de goma; um ramo de violetas perfumava a cómoda.

Longas horas nos detivemos à mesa — onde a travessa de arroz-doce ostentava as minhas iniciais, debaixo de um coração e de uma cruz, desenhadas a canela pela titi. E, inesgotavelmente, narrei a minha santa jornada. Disse os devotos dias do Egito, passados a beijar uma por uma as pegadas que lá deixara a Santa Família na sua fuga; disse o desembarque em Jafa com o meu amigo Topsius, um sábio alemão, doutor em Teologia, e a deliciosa missa que lá saboreáramos; disse as colinas de Judá cobertas de presepes onde eu, com a

minha égua pela rédea, ia ajoelhar, transmitindo às imagens e às custódias os recados da tia Patrocínio... Disse Jerusalém, pedra a pedra! E a titi, sem comer, apertando as mãos, suspirava com devotíssimo pasmo:

— Ai que santo! Ai que santo ouvir estas coisas! Jesus, até dá uns gostinhos por dentro!...

Eu sorria, humilde. E cada vez que a considerava de soslaio, ela me parecia outra Patrocínio das Neves. Os seus fundos óculos negros, que outrora reluziam tão asperamente, conservavam um contínuo embaciamento de ternura húmida. Na voz, que perdera a rispidez silvante, errava, amolecendo-a, um suspiro acariciador e fanhoso. Emagrecera: mas nos seus secos ossos

parecia correr enfim um calor de medula humana!

Eu pensava: «Ainda a hei de pôr como um veludo.»

E, sem moderação, prodigalizava as provas da minha intimidade com o Céu.

Dizia: «Uma tarde, no Monte das Oliveiras, estando a rezar, passou de repente um anjo...» Dizia: «Tirei-me dos meus cuidados, fui ao túmulo de Nosso Senhor, abri a tampa, gritei para dentro...»

Ela pendia a cabeça, esmagada, ante estes privilégios prodigiosos, só comparáveis aos de Santo Antão ou de S. Brás.

Depois enumerava as minhas tremendas rezas, os meus terríficos jejuns. Em Nazaré, ao pé da fonte onde Nossa Senhora enchia o cântaro, rezara mil ave-

marias, de joelhos, à chuva... No deserto onde vivera S. João sustentara-me como ele de gafanhotos...

E a titi, com baba no queixo:

— Ai que ternura, ai que ternura, os gafanhotinhos!... E que gosto para o nosso rico S. João!... Como ele havia de ficar! E olha, filho, não te fizeram mal?

— Se até engordei, titi! Nada, era o que eu dizia ao meu amigo alemão: «Já que a gente veio a uma pechincha destas, é aproveitar, e salvar a nossa alminha...»

Ela virava-se para a Vicência — que sorria, pasmada, no seu pouso tradicional entre as duas janelas, sob o retrato de Pio IX e o velho óculo do comendador G. Godinho:

— Ai Vicência, que ele vem cheiinho de virtude! Ai que vem mesmo

atochadinho dela!

— Parece-me que Nosso Senhor Jesus Cristo não ficou descontente comigo! — murmurava eu, estendendo a colher para o doce de marmelo.

E todos os meus movimentos (até o lamber da calda) os contemplava a odiosa senhora, venerandamente, como preciosas ações de santidade.

Depois, com um suspiro:

— E outra coisa, filho... Trazes de lá algumas orações, das boas, das que te ensinassem por lá os patriarcas, os fradezinhos?...

— Trago-as de chupeta, titi!

E numerosas, copiadas das carteiras dos santos, eficazes para todos os achaques! Tinha-as para tosses, para quando os gavetões das cómodas

emperram, para vésperas de lotaria...

— E terás alguma para cãibras? Que eu às vezes, de noite, filho...

— Trago uma que não falha em cãibras. Deu-ma um monge meu amigo a quem costuma aparecer o Menino Jesus...

Disse — e acendi um cigarro.

Nunca eu ousara fumar diante da titi! Ela detestara sempre o tabaco, mais que nenhuma outra emanação do pecado. Mas agora arrastou gulosamente a sua cadeira para mim — como para um milagroso cofre, repleto dessas rezas que dominam a hostilidade das coisas, vencem toda a enfermidade, eternizam as velhas sobre a Terra.

— Hás de ma dar, filho... É uma caridade que fazes!

— Oh, titi, ora essa! Todas! E

diga, diga lá... Como vai a titi dos seus padecimentos?

Ela deu um ai, de infinito desalento. Ia mal, ia mal... Cada dia se sentia mais fraca, como se se fosse a desfazer... Enfim já não morria sem aquele gostinho de me ter mandado a Jerusalém visitar o Senhor; e esperava que Ele lho levasse em conta, e as despesas que fizera, e o que lhe custara a separação... Mas ia mal, ia mal!

Eu desviara a face, a esconder o vivo e escandaloso lampejo de júbilo que a iluminara. Depois animei-a, com generosidade. Que podia a titi recear? Não tinha ela agora, «para se apegar», vencer as leis da decomposição natural, aquela relíquia de Nosso Senhor?...

— E outra coisa, titi... Os

amiguinhos, como vão?

Ela anunciou-me a desconsoladora nova. O melhor e mais grato, o delicioso Casimiro, recolhera à cama no domingo com as «perninhas inchadas...». Os doutores afirmavam que era uma anasarca... Ela desconfiava de uma praga que lhe rogara um galego...

— Seja como for, o santinho lá está! Tem-me feito uma falta, uma falta... Ai filho, nem tu imaginas!... O que me tem valido é o sobrinho, o padre Negrão...

— O Negrão? — murmurei, estranho ao nome.

Ah! eu não conhecia... Padre Negrão vivia ao pé de Torres. Nunca vinha a Lisboa, que lhe fazia nojo, com tanta relaxação... Só por ela, e para a ajudar nos seus negócios, é que o santinho

condescendera em deixar a sua aldeia. E tão delicado, tão serviçal... Ai! era uma perfeição!

— Tem-me feito uma virtude que nem calculas, filho... Só o que ele tem rezado por ti, para que Deus te protegesse nessas terras de turcos... E a companhia que me faz! Que todos os dias o tenho cá a jantar... Hoje não quis ele vir. Até me disse uma coisa muito linda: «Não quero, minha senhora, atalhar expansões.» Que lá isso, falar bem, e assim coisas que tocam... Ai, não há outro... Nem imaginas, até regala... É de apetite!

Sacudi o cigarro, secado. Porque vinha aquele padre de Torres, contra os costumes domésticos, comer *todos os dias* o cozido da titi? Resmunguei com autoridade:

— Lá em Jerusalém os padres e os patriarcas só vêm jantar aos domingos... Faz mais virtude.

Escurecera. A Vicência acendeu o gás no corredor: e como breve chegariam os diletos amigos, avisados pela titi para saudar o peregrino, recolhi ao meu quarto a enfiar a sobrecasaca preta.

Aí, considerando ao espelho a face requeimada, sorri gloriosamente e pensei: «Ah Teodorico, venceste!»

Sim, vencera! Como a titi me tinha acolhido! com que veneração! com que devoção!... — E iã mal, ia mal!... Bem depressa eu sentiria, com o coração sufocado de gozo, as marteladas sobre o seu caixão, e nada podia desalojar-me do testamento da Sr.ª D. Patrocínio! Eu tornara-me para ela S. Teodorico! A

hedionda velha estava enfim convencida que deixar-me o seu ouro — era como doá-lo a Jesus e aos Apóstolos e a toda a Santa Madre Igreja!

Mas a porta rangeu — a titi entrou, com o seu antigo xaile de Tonquim pelos ombros. E, caso estranho, pareceu-me ser a D. Patrocínio das Neves de outro tempo, hirta, agreste, esverdeada, odiando o amor como coisa suja, e sacudindo de si para sempre os homens que se tinham metido com saias! Com efeito! Os seus óculos, outra vez secos, reluziam, cravavam-se desconfiadamente na minha mala... Justos Céus! Era a antiga D. Patrocínio. Lá vinham as suas lívidas, aduncas mãos, cruzadas sobre o xaile, arrepanhando-lhe as franjas, sôfregas de esquadrinhar a minha roupa branca! Lá se cavava, aos

cantos dos seus lábios sumidos, um rígido sulco de azedume!... Tremi. Mas visitou-me logo uma inspiração do Senhor. Diante da mala, abri os braços, com candura:

— Pois é verdade!... Aqui tem a titi a maleta que lá andou por Jerusalém... Aqui está, bem aberta, para todo o mundo ver que é a mala de um homem de religião! Que é o que dizia o meu amigo alemão, pessoa que sabia tudo: «Lá isso, Raposo, meu santinho, quando numa viagem se pecou, e se fizeram relaxações, e se andou atrás de saias, trazem-se sempre provas na mala. Por mais que se escondam, que se deitem fora, sempre lá esquece coisa que cheire a pecado!...» Assim mo disse muitas vezes, até uma ocasião diante de um patriarca... E o patriarca aprovou. Por isso, eu cá, é

malinha aberta, sem receio... Pode-se esquadrinhar, pode-se cheirar... A que cheira é a religião! Olhe, titi, olhe... Aqui estão as ceroulinhas e as peuguinhas. Isso não pode deixar de ser, porque é pecado andar nu... Mas o resto, tudo santo! O meu rosário, o livrinho de missa, os bentinhos, tudo do melhor, tudo do Santo Sepulcro...

— Tens ali uns embrulhos! — rosnou a asquerosa senhora, estendendo um grande dedo descarnado.

Abri-os logo, com alacridade. Eram dois frascos lacrados de água do Jordão! E muito sério, muito digno, fiquei diante da Sr.ª D. Patrocínio com uma garrafinha do líquido divino na palma de cada mão... Então ela, com os óculos de novo embaciados, beijou penitentemente os frascos: uma pouca da baba do beijo

escorreu nas minhas unhas. Depois, à porta, suspirando, já rendida:

— Olha, filho, até estou a tremer... E é destes gostinhos todos!

Saiu. Eu fiquei coçando o queixo. Sim, ainda havia uma circunstância que me escorraçaria do testamento da titi! Seria aparecer diante dela, material e tangível, uma evidência das minhas relaxações... Mas como surgira ela jamais neste lógico Universo? Todas as passadas fragilidades da minha carne eram como os fundos esparsos de uma fogueira apagada, que nenhum esforço pode novamente condensar. E o meu derradeiro pecado — saboreado tão longe, no velho Egito, como chegaria jamais à notícia da titi? Nenhuma combinação humana lograria trazer, ao Campo de Santana, as duas

únicas testemunhas dele — uma luveira ocupada agora a encostar as papoulas do seu chapéu aos granitos de Ramsés, em Tebas, e um doutor encafuado numa rua escolástica, à sombra de uma vetusta Universidade da Alemanha, escarafunchando o cisco histórico dos Herodes... E, a não ser essa flor de deboche e essa coluna de ciência, ninguém mais na Terra conhecia os meus culpados delírios na cidade amorosa dos Lágidas.

Demais, o terrível documento da minha junção com a sórdida Mary, a camisa de dormir aromatizada de violeta, lá cobria agora em Sião uma lânguida cinta de circassiana ou os seios cor de bronze de uma núbia de Koskoro: a comprometedora oferta «ao meu

portuguesinho valente» fora despregada, queimada no braseiro: já as rendas se iriam esgaçando no serviço forte do amor; e rota, suja, gasta, ela bem depressa seria arremessada ao lixo secular de Jerusalém! Sim, nada se poderia interpor entre a minha justa sofreguidão e a bolsa verde da titi. Nada, a não ser a carne mesma da velha, a sua carcaça rangente, habitada por uma teimosa chama vital, que se não quisesse extinguir!... Oh fado horrível! Se a titi, obstinada, renitente, vivesse ainda quando abrissem os cravos do outro ano! E então não me contive. Atirei a alma para as alturas, gritei desesperadamente, em toda a ânsia do meu desejo:

— Oh Santa Virgem Maria, faz que ela rebente depressa!

Nesse momento soou a grossa

sineta do pátio. E foi-me grato reconhecer, depois da longa separação, as duas badaladas curtas e tímidas do nosso modesto Justino: mais grato ainda sentir, logo após, o repique majestoso do Dr. Margaride. Imediatamente a titi escancarou a porta do meu quarto, numa penosa atarantação:

— Teodorico, filho, ouve! Tem-me estado a lembrar... Parece-me que para destapar a relíquia é melhor esperar até que se vão logo embora o Justino e o Margaride! Ai, eu sou muito amiga deles, são pessoas de muita virtude... Mas acho que para uma cerimónia destas é melhor que estejam só pessoas de Igreja...

Ela, pela sua devoção, considerava-se pessoa de Igreja. Eu, pela minha jornada, era quase pessoa do Céu.

— Não, titi... O patriarca de Jerusalém recomendou-me que fosse diante de todos os amigos da casa, na capela, com velas... É mais eficaz... E olhe, diga à Vicência que me venha buscar as botas para limpar.

— Ai, eu lhas dou!... São estas? Estão sujinhas, estão! Já cá te vêm, filho, já cá te vêm!

E a Sr.ª D. Patrocínio das Neves agarrou as botas! E a Sr.ª D. Patrocínio das Neves levou as botas!

Ah, estava mudada, estava bem mudada!... E ao espelho, cravando no cetim da gravata uma cruz de coral de Malta, eu pensava que desde esse dia ia reinar ali, no Campo de Santana, de cima da minha santidade, e que para apressar a obra lenta da morte — talvez viesse a

espancar aquela velha.

Foi-me doce, ao penetrar na sala, encontrar os diletos amigos, com casacos sérios, de pé, alargando para mim os braços extremosos. A titi pousava no sofá, tesa, desvanecida, com cetins de festa e com joias. E ao lado um padre muito magro vergava a espinha com os dedos enclavinhados no peito — mostrando numa face chupada dentes afiados e famintos. Era o Negrão. Dei-lhe dois dedos, secamente:

— Estimo vê-lo por cá...

— Grandíssima honra para este seu servo! — ciciou ele, puxando os meus dedos para o coração.

E, mais vergado o dorso servil, correu a erguer o *abat-jour* do candeeiro — para que a luz me banhasse, e se

pudesse ver, na madureza do meu semblante, a eficácia da minha peregrinação.

Padre Pinheiro decidiu, com um sorriso de doente:

— Mais magro!

Justino hesitou, fez estalar os dedos:

— Mais queimado!

E o Margaride, carinhosamente:

— Mais homem!

O onduloso padre Negrão revirou-se, arqueado para a titi como para um Sacramento entre os seus molhos de luzes:

— E com um todo de inspirar respeito! Inteiramente digno de ser o sobrinho da virtuosíssima D. Patrocínio!...

No entanto em torno tumultuavam as curiosidades amigas: «E a saudinha?»

«Então, Jerusalém?» «Que tal as comidas?...»

Mas a titi bateu com o leque no joelho, num receio que tão familiar alvoroço importunasse S. Teodorico. E o Negrão acudiu, com zelo melífluo:

— Método, meus senhores, método!... Assim todos à uma não se goza... É melhor deixarmos falar o nosso interessante Teodorico!...

Detestei aquele *nosso*, odiei aquele padre. Porque corria tanto mel no seu falar? Porque se privilegiava ele no sofá, roçando a sórdida joelheira da calça pelos castos cetins da titi?

Mas o Dr. Margaride, abrindo a caixa de rapé, concordou que o método seria mais profícuo...

— Aqui nos sentamos todos,

fazemos roda, e o nosso Teodorico conta por ordem todas as maravilhas que viu!

O esgalgado Negrão, com uma escandalosa privança, correu dentro a colher um copo de água e açúcar para me lubrificar as vias. Estendi o lenço sobre o joelho. Tossi — e comecei a esboçar a soberba jornada. Disse o luxo do *Málaga*; Gibraltar e o seu morro encarapuçado de nuvens; a abundância das mesas redondas com pudins e águas gasosas...

— Tudo à grande, à francesa! — suspirou padre Pinheiro, com um brilho de gula no olho amortecido. — Mas naturalmente, tudo muito indigesto...

— Eu lhe digo, padre Pinheiro... Sim, tudo à grande, tudo à francesa: mas coisas saudáveis, que não esquentavam os intestinos... Belo rosbife, belo carneiro...

— Que não valiam decerto o seu franguinho de cabidela, excelentíssima senhora! — atalhou untuosamente o Negrão, junto do ombro agudo da titi.

Execrei aquele padre! E, remexendo a água com açúcar, decidi em meu espírito que, mal eu começasse a governar ferreamente o Campo de Santana — não mais a cabidela da minha família escorregaria na goela aduladora daquele servo de Deus.

No entanto o bom Justino, repuxando o colarinho, sorria para mim, embevecido. E como passava eu as noites em Alexandria? Havia uma assembleia, onde espairecesse? Conhecia eu alguma família considerada, com quem tomasse uma chávena de chá?...

— Eu lhe digo, Justino...

Conhecia. Mas a falar verdade, tinha repugnância em frequentar casas de turcos... Sempre é gente que não acredita senão em Mafoma!... Olhe, sabe o que fazia à noite? Depois de jantar ia a uma igrejinha cá da nossa bela religião, sem estrangeirices, onde havia sempre um Santíssimo de apetite... Fazia as minhas devoções: depois ia-me encontrar com o alemão, o meu amigo, o lente, numa grande praça que dizem lá os de Alexandria que é muito melhor que o Rossio... Maior e mais abrutada talvez seja. Mas não é esta lindeza do nosso Rossio, o ladrilhinho, as árvores, a estátua, o teatro... Enfim, para o meu gosto, e para um regalinho de verão prefiro o Rossio... E lá o disse aos turcos!

— E fica-lhe bem ter levantado

assim as coisas portuguesas! — observou o Dr. Margaride, contente e rufando na tabaqueira. — Direi mais... É ato de patriota... Nem de outra maneira procediam os Gamas e os Albuquerques!

— Pois é verdade... Ia-me encontrar com o alemão; e então para espairecer um bocado, porque enfim uma distração sempre é necessária quando se anda a viajar, íamos tomar um café... Que lá isso, sim! Lá café fazem-no os turcos que é uma perfeição!

— Bom cafezinho, hem? — acudiu padre Pinheiro, chegando a cadeira para mim com interesse sôfrego. — E forte, forte? Bom aroma?

— Sim, padre Pinheiro, de consolar!... Pois tomávamos o nosso cafezinho, depois vínhamos para o hotel, e

aí no quarto, com os santos Evangelhos, púnhamo-nos a estudar todos aqueles divinos lugares da Judeia onde tiníramos de ir rezar...

E como o alemão era lente e sabia tudo, eu era instruir-me, instruir-me!... Até ele às vezes dizia: «Você, Raposo, com estas noitadas, vai daqui um chavão...» E lá isso, o que é de coisas santas e de Cristo, sei tudo... Pois senhores, assim passávamos à luz do candeeiro até às dez, onze horas... Depois, chazinho, terço e cama...

— Sim senhor, noites muito bem gozadas, noites muito frutuosas! — declarou, sorrindo para a titi, o estimável Dr. Margaride.

— Ai, isso fez-lhe muita virtude! — suspirava a horrenda senhora. — Foi

como se subisse um bocadinho ao Céu... Até o que ele diz cheira bem... Cheira a santo.

Modestissimamente, baixei a pálpebra lenta.

Mas Negrão, com sinuosa perfídia, notou que mais proveitoso seria e de maior unção repassaria as almas — escutar coisas de festas, de milagres, de penitências...

— Estou seguindo o meu itinerário, senhor padre Negrão — repliquei asperamente.

— Como fez Chateaubriand, como fazem todos os famosos autores! — confirmou Margaride, aprovando.

E foi com os olhos nele, como no mais douto, que eu disse a partida de Alexandria numa tarde de tormenta: o

tocante momento em que uma santa irmã de caridade (que estivera já em Lisboa e que ouvira falar da virtude da titi) me salvara das águas salgadas um embrulho em que eu trazia terra do Egito, da que pisara a Santa Família; a nossa chegada a Jafa, que, por um prodígio, apenas eu subira ao tombadilho, de chapéu alto e pensando na titi, se coroara de raios de sol...

— Magnífico! — exclamou o Dr. Margaride. — E diga, meu Teodorico... Não tinham consigo um sábio guia, que lhes fosse apontando as ruínas, lhes fosse comentando...

— Ora essa, Dr. Margaride! Tínhamos um grande latinista, o padre Potte!

Remolhei o lábio. E disse as

emoções da gloriosa noite em que acampáramos junto a Ramleh, com a Lua no céu alumiando coisas da religião, beduínos velando de lança ao ombro, e em redor leões a rugir...

— Que cena! — bradou o Dr. Margaride, erguendo-se arrebatadamente. — Que enorme cena! Não estar eu lá! Parece uma destas coisas grandiosas da Bíblia, do *Eurico*! É de inspirar! Eu por mim, se tal visse, não me continha!... Não me continha, fazia uma ode sublime!

O Negrão puxou a aba do casaco ao facundo magistrado:

— É melhor deixar falar o nosso Teodorico, para podermos todos saborear...

Margaride, abespinhado, franziu as sobrancelhas temerosas e mais negras

que o ébano:

— Ninguém nesta sala, melhor que eu, senhor padre Negrão, saboreia o grandioso!

E a titi, insaciável, batendo com o leque:

— Está bem, está bem... Conta, filho, não te fartes! Olha, conta assim uma coisa que te acontecesse com Nosso Senhor, que nos faça ternura...

Todos emudeceram, reverentes. Eu então disse a marcha para Jerusalém com duas estrelas na frente a guiar-nos, como acontece sempre aos peregrinos mais finos e de boa família: as lágrimas que derramara, ao avistar, numa manhã de chuva, as muralhas de Jerusalém: e na minha visita ao Santo Sepulcro, de casaca, com padre Potte, as palavras que

balbuciara diante do Túmulo, por entre soluços e no meio de acólitos: «Oh meu Jesus, oh meu Senhor, aqui estou, aqui venho da parte da titi!...»

E a medonha senhora, sufocada:

— Que ternura que faz!... Diante do tumulozinho!...

Então passei o lenço pela face excitada, e disse:

— Nessa noite recolhi ao hotel para rezar... E agora, meus senhores, há aqui um pontozinho desagradável...

E contritamente confessei que, forçado pela religião, pelo nome honrado de Raposo e pela dignidade de Portugal — tivera um conflito no hotel com um grande inglês de barbas.

— Uma bulha! — acudiu com perversidade o vil Negrão, ansioso por

empanar o brilho de santidade com que eu deslumbrava a titi. — Uma bulha na cidade de Jesus Cristo! Ora essa! Que desacato!

Com os dentes cerrados, encarei o torpíssimo padre:

— Sim, senhor! um chinfrim! Mas fique Vossa Senhoria sabendo que o senhor Patriarca de Jerusalém me deu toda a razão, até me bateu no ombro e me disse: «Pois Teodorico, parabéns, você portou-se como um pimpão!» Que tem agora Vossa Senhoria a piar?

Negrão curvou a cabeça, onde a coroa punha uma lividez azulada de lua em tempo de peste:

— Se Sua Eminência aprovou...

— Sim, senhor! E aqui tem a titi porque foi a bulha!... No quarto ao lado

do meu havia uma inglesa, uma herege, que mal eu me punha a rezar, aí começava ela a tocar piano, e a cantar fados e tolices e coisas imorais do *Barba-Azul* dos teatros... Ora imagine a titi, estar uma pessoa a dizer com todo o fervor e de joelhos: «Oh Santa Maria do Patrocínio, faz que a minha boa titi tenha muitos anos de vida» — e vir lá de trás do tabique uma voz de excomungada a ganir: «Sou o Barba-Azul, olé! ser viúvo é o meu filé!...» É de encavacar!... De modo que uma noite, desesperado, não me tenho em mim, saio ao corredor, atiro-lhe um murro à porta, e grito-lhe para dentro: «Faz favor de estar calada, que está aqui um cristão que quer rezar!...»

— E com todo o direito — afirmou o Dr. Margaride. — Você tinha

por si a lei!

— Assim me disse o patriarca! Pois senhores, como ia contando, grito isto para dentro à mulher, e ia recolher muito sério ao meu quarto, quando me sai de lá o pai, um grande barbaças, de bengalório na mão... Eu fui muito prudente: cruzei os braços e, com bons modos, disse-lhe que não queria ali escândalos ao pé do túmulo de Nosso Senhor, e o que desejava era rezar em sossego... E vai, que me há de ele responder? Que se estava a... Enfim, nem eu posso repetir! Uma coisa indecente contra o túmulo de Nosso Senhor... E eu, titi, passa-me uma oura pela cabeça, agarro-o pelo cachaço...

— E magoaste-o, filho?

— Escavaquei-o, titi!

Todos aclamaram a minha ferocidade. Padre Pinheiro citou leis canónicas autorizando a Fé a desancar a Impiedade.

Justino, aos pulos, celebrou esse John Buli desmantelado a sólida murraça lusitana. E eu, excitado pelos louvores como por clarins de ataque, bradava de pé, medonho:

— Lá impiedades diante de mim, não! Arrombo tudo, esborracho tudo! Em coisas de religião sou uma fera!

E aproveitei esta santa cólera para brandir, como um aviso, diante do queixo sumido do Negrão, o meu punho cabeludo e pavoroso. O macilento e esgrouviado servo de Deus encolheu. Mas nesse instante a Vicência entrava com o chá, nas pratas ricas de G. Godinho.

Então os diletos amigos, com a torrada na mão, romperam em ardentes encómios:

— Que instrutiva viagem! É como ter um curso!

— E que belo bocadinho de noite aqui se tem passado! Qual S. Carlos! Isto é que é gozar!

— E como ele conta! Que fervor, que memória!...

Lentamente, o bom Justino, com a sua chávena fornecida de bolos, acercara-se da janela, como a espreitar o céu estrelado: e de entre as franjas das cortinas os seus olhinhos luzidios e gulosos chamavam-me confidencialmente. Fui, trauteando o *Bendito;* ambos mergulhámos na sombra dos damascos; e o virtuoso tabelião, roçando o lábio pelas

minhas barbas:

— Oh amiguinho, e de mulheres?

Eu confiava no Justino. Segredei para dentro do seu colarinho:

— De se deixarem lá os miolos, Justininho!

As suas pupilas faiscaram como as de um gato em janeiro; a xícara ficou-lhe tremelicando na mão.

E eu, pensativo, repenetrando na luz:

— Sim, bonita noite... Mas não são aquelas estrelinhas santinhas que nós víamos lá no Jordão!...

Então padre Pinheiro, tomando aos goles cautelosos a sua chalada, veio timidamente bater-me no ombro... Lembrara-me eu, nessas santas terras, com tantas distrações, do seu frasquinho de

água do Jordão?...

— Oh padre Pinheiro, pois está claro!... Trago tudo! E o raminho do Monte Olivete para o nosso Justino... E a fotografia para o nosso Margaride... Tudo!

Corri ao quarto, a buscar essas doces «lembrancinhas» da Palestina. E ao regressar, sustentando pelas pontas um lenço repleto de devotas preciosidades, estaquei por trás do reposteiro ao sentir dentro o meu nome... Suave gozo! Era o inestimável Dr. Margaride que afiançava à titi, com a sua tremenda autoridade:

— D. Patrocínio, eu não lho quis dizer diante dele... Mas isto agora é mais do que ter um sobrinho e um cavalheiro!

Isto é ter, de casa e pucarinho, um amigo íntimo de Nosso Senhor Jesus Cristo!...

Tossi, entrei. Mas a Sr.ª D. Patrocínio ruminava um escrúpulo ciumento. Não lhe parecia delicado para Nosso Senhor (nem para ela) que se repartissem estas relíquias mínimas antes de lhe ser entregue a ela, como senhora e como tia, na capela, a grande relíquia...

— Porque saibam os meus amigos — anunciou ela com o seu chatíssimo peito impando de satisfação — que o meu Teodorico trouxe-me uma santa relíquia, com que eu me vou apegar nas minhas aflições, e que me vai curar dos meus males!

— Bravíssimo! — gritou o impetuoso Dr. Margaride. — Com quê, Teodorico, seguiu-se o meu conselho? Esgaravataram-se esses sepulcros?... Bravíssimo! É de generoso romeiro!

— É de sobrinho, como já o não há no nosso Portugal! — acudiu o padre Pinheiro junto ao espelho, onde estudava a língua saburrenta...

— É de filho, é de filho! — proclamava o Justino, alçado na ponta dos botins.

Então o Negrão, mostrando os dentes famintos, babujou esta coisa vilíssima:

— Resta saber, cavalheiros, de que relíquia se trata.

Tive sede, ardente sede do sangue daquele padre! Traspassei-o com dois olhares mais agudos e faiscantes do que espetos em brasa:

— Talvez Vossa Senhoria, se é um verdadeiro sacerdote, se atire de focinho para baixo a rezar, quando aparecer

aquela maravilha!...

E voltei-me para a Sr.ª D. Patrocínio, com a impaciência de uma nobre alma ofendida que carece reparação:

— É já, titi! Vamos ao oratório! Quero que fique tudo aqui assombrado! Foi o que disse o meu amigo alemão: «Essa relíquia, ao destapar-se, é de ficar uma família inteira azabumbada!...»

Deslumbrada, a titi ergueu-se de mãos postas. Eu corri a prover-me de um martelo. Quando voltei, o Dr. Margaride, grave, calçava as suas luvas pretas... E atrás da Sr.ª D. Patrocínio, cujos cetins faziam no sobrado um ruge-ruge de vestes de prelado, penetrámos no corredor onde o grande bico de gás silvava dentro do seu vidro fosco. Ao fundo a Vicência e a

cozinheira espreitavam com os seus rosários na mão.

O oratório resplandecia. As velhas salvas de prata, batidas pelas chamas das velas de cera, punham no fundo do altar um brilho branco de glória. Sobre a candidez das rendas lavadas, entre a neve fresca das camélias — as túnicas dos santos, azuis e vermelhas, com o seu lustre de seda, pareciam novas, especialmente talhadas nos guarda-roupas do Céu para aquela rara noite de festa... Por vezes o raio de uma auréola tremia, despedia um fulgor, como se na madeira das imagens corressem estremecimentos de júbilo. E na sua cruz de pau-preto, o Cristo, riquíssimo, maciço, todo de ouro, suando ouro, sangrando ouro, reluzia preciosamente.

— Tudo com muito gosto! Que divina cena! — murmurou o Dr. Margaride, deliciado na sua paixão do grandioso.

Com piedosos cuidados, coloquei o caixote na almofada de veludo: vergado, rosnei sobre ele uma *ave*: depois, ergui a toalha que o cobria, e com ela no braço, tendo escarrado solenemente, falei:

— Titi, meus senhores... Eu não quis revelar ainda a relíquia que vem aqui no caixotinho, porque assim mo recomendou o senhor Patriarca de Jerusalém... Agora é que vou dizer... Mas antes de tudo parece-me bem a pelo explicar que tudo cá nesta relíquia, papel, nastro, caixotinho, pregos, tudo é santo! Assim por exemplo os preguinhos... são da Arca de Noé... Pode ver, senhor padre

Negrão, pode apalpar! são os da Arca, até ainda enferrujados... É tudo do melhor, tudo a escorrer virtude! Além disso, quero declarar diante de todos que esta relíquia pertence aqui à titi, e que lha trago para lhe provar que em Jerusalém não pensei senão nela, e no que Nosso Senhor padeceu, e em lhe arranjar esta pechincha...

— Comigo te hás de ver sempre, filho! — tartamudeou a horrenda senhora, enlevada.

Beijei-lhe a mão, selando este pacto de que a Magistratura e a Igreja eram verídicas testemunhas. Depois, retomando o martelo:

— E agora, para que cada um esteja prevenido e possa fazer as orações que mais lhe calharem, devo dizer o que é

a relíquia...

Tossi, cerrei os olhos.

— É a coroa de espinhos!

Esmagada, com um rouco gemido, a titi aluiu sobre o caixote, enlaçando-o nos braços trémulos... Mas o Margaride coçava pensativamente o queixo austero; Justino sumira-se na profundidade dos seus colarinhos; e o ladino Negrão escancarava para mim uma bocaça negra, donde saía assombro e indignação! Justos Céus! Magistrados e sacerdotes evidenciavam uma incredulidade — terrível para a minha fortuna!

Eu tremia, com suores — quando o padre Pinheiro, muito sério, convicto, se debruçou, apertou a mão da titi a felicitá-la pela posição religiosa á que a elevava a posse daquela relíquia. Então, cedendo

à forte autoridade litúrgica de padre Pinheiro, todos, em fila, numa muda congratulação, estreitaram os dedos da babosa senhora.

Estava salvo! Rapidamente, ajoelhei à beira do caixote, cravei o formão na fenda da tampa, alcei o martelo em triunfo...

— Teodorico! Filho! — berrou a titi, arrepiada, como se eu fosse martelar a carne viva do Senhor.

— Não há receio, titi! Aprendi em Jerusalém a manejar estas coisinhas de Deus!...

Despregada a tábua fina, alvejou a camada de algodão. Ergui-a com terna reverência: e ante os olhos extáticos surgiu o sacratíssimo embrulho de papel pardo, com o seu nastrinho vermelho.

— Ai que perfume! Ai! ai, que eu morro! — suspirou a titi a esvair-se de gosto beato, com o branco do olho aparecendo por sobre o negro dos óculos.

Ergui-me, rubro de orgulho:

— É à minha querida titi, só a ela, que compete, pela sua muita virtude, desembrulhar o pacotinho!...

Acordando do seu langor, trémula e pálida, mas com a gravidade de um pontífice, a titi tomou o embrulho, fez mesura aos santos, colocou-o sobre o altar; devotamente desatou o nó do nastro vermelho; depois, com o cuidado de quem teme magoar um corpo divino, foi desfazendo uma a uma as dobras do papel pardo... Uma brancura de linho apareceu... A titi segurou-a nas pontas dos dedos, repuxou-a bruscamente — e sobre a ara,

por entre os santos, em cima das camélias, aos pés da cruz, espalhou-se, com laços e rendas, a camisa de dormir da Mary!

A camisa de dormir da Mary! Em todo o seu luxo, todo o seu impudor, enxovalhada pelos meus abraços, com cada prega fedendo a pecado! A camisa de dormir da Mary! E pregado nela por um alfinete, bem evidente ao clarão das velas, o cartão com a oferta em letra encorpada: «Ao meu Teodorico, meu portuguesinho possante, em lembrança do muito que gozámos!» Assinado, «M. M.» A camisa de dormir da Mary!

Mal sei o que ocorreu no florido oratório! Achei-me à porta, enrodilhado na cortina verde, com as pernas a vergar, num desmaio. Estalando, como achas atiradas a uma fogueira, eu sentia as

acusações do Negrão bradadas contra mim junto à touca da titi: «Deboche! escárnio! camisa de prostituta! achincalho à Sr.ª D. Patrocínio! profanação do oratório!» Distingui a sua bota arrojando furiosamente para o corredor o trapo branco. Um a um, entrevi os amigos perpassarem, como longas sombras levadas por um vento de terror. As luzes das velas arquejavam, aflitas. E, ensopado em suor, entre as pregas da cortina, percebi a titi caminhando para mim, lenta, lívida, hirta, medonha... Estacou. Os seus frios e ferozes óculos traspassaram-me. E através dos dentes cerrados cuspiu esta palavra:

— Porcalhão!

E saiu.

Rolei para o quarto, tombei no

leito, esbarrondado. Um rumor de escândalo acordara o casarão severo. E a Vicência surgiu diante de mim, enfiada, com o seu avental branco na mão:

— Menino! Menino! A senhora manda dizer que saia imediatamente para o meio da rua, que o não quer nem mais um instante em casa... E diz que pode levar a sua roupa branca e todas as suas porcarias!

Despedido!

Ergui a face mole da travesseira de rendas. E a Vicência, atontada, torcendo o avental:

— Ai, menino! Ai, menino! se não sai já para a rua, a senhora diz que manda chamar um polícia!

Escorraçado!

Atirei os pés incertos para o

soalho. Mergulhei na algibeira uma escova de dentes-, topando nos móveis, procurei as chinelas, que embrulhei num número d'*A Nação.* Sem reparo, agarrei de entre as malas um caixote com bandas de ferro — e em ponta de botins desci a escada da titi, encolhido e rasteiro, como um cão tinhoso vexado da sua tinha.

Mal transpus o pátio, a Vicência, cumprindo as ordens sanhudas da titi, bateu-me nas costas com o portão chapeado de ferro — desprezivelmente e para sempre!

Estava só na rua e na vida! À luz dos frios astros contei na palma da mão o meu dinheiro. Tinha duas libras, dezoito tostões, um duro espanhol e cobres... E então descobri que a caixa, apanhada tontamente entre as malas, era a das

relíquias menores. Complicado sarcasmo do destino! Para cobrir meu corpo desabrigado — nada mais tinha que tabuinhas aplainadas por S. José e cacos de baixo do cântaro da Virgem! Meti no bolso o embrulho das chinelas; e, sem voltar os olhos turvos à casa de minha tia, marchei a pé, com o caixote às costas, na noite cheia de silêncio e de estrelas, para a Baixa, para o Hotel da Pomba de Ouro.

***

Ao outro dia, descorado e misérrimo à mesa da Pomba, remexia uma sombria sopa de grão e nabo — quando um cavalheiro, de colete de veludo negro, veio ocupar o talher fronteiro, junto de uma garrafa de água de Vidago, de uma

caixa de pílulas e de um número d'*A Nação*. Na sua testa, imensa e arqueada como um frontão de capela, torciam-se duas veias grossas: e sob as ventas largas, enegrecidas de rapé, o bigode era um tufo curto de pelos grisalhos, duros como cerdas de escova. O galego, ao servir-lhe o nabo e grão, rosnou com estima: «Ora seja bem aparecidinho o Sr. Lino!»

Ao cozido, este cavalheiro, abandonando *A Nação*, onde percorrera miudamente os anúncios, pousou em mim os olhos amarelentos de bílis e baços e observou que estávamos gozando desde os Reis um tempinho de apetite...

— De rosas — murmurei com reserva.

O Sr. Lino entalou mais o guardanapo para dentro do colarinho

lasso:

— E Vossa Senhoria, se não é curiosidade, vem das províncias do Norte?

Passei vagarosamente a mão pelos cabelos:

— Não, senhor... Venho de Jerusalém!

De assombrado, o Sr. Lino perdeu a garfada de arroz.

E, depois de ter ruminado mudamente a sua emoção, confessou que lhe interessavam muito todos esses lugares santos porque tinha religião, graças a Deus! E tinha um emprego, graças também a Deus, na Câmara Patriarcal...

— Ah, na Câmara Patriarcal! — acudi eu. — Sim, muito respeitável... Eu

conheci muito um patriarca... Conheci muito o senhor Patriarca de Jerusalém. Cavalheiro muito santo, muito catita... Até nos ficámos tratando de *tu*!

O Sr. Lino ofereceu-me da sua água de Vidago — e conversámos das terras da Escritura.

— Que tal Jerusalém, como lojas?...

— Como lojas?... Lojas de modas?

— Não, não! — atalhou o Sr. Lino. — Quero dizer lojas de santidade, de reliquiarias, de coisinhas divinas...

— Sim... Menos mau. Há o Damiani na Via Dolorosa que tem tudo, até ossos de mártires... Mas o melhor é cada um esquadrinhar, escavar... Eu nessas coisas trouxe maravilhas!

Uma chama de singular cobiça avivou as pupilas amareladas do Sr. Lino, da Câmara Patriarcal. E de repente, com uma decisão de inspirado:

— Andrezinho, a pinguinha de Porto... Hoje é bródio!

Quando o galego pousou a garrafa, com a sua data traçada à mão num velho rótulo de papel almaço — o Sr. Lino ofertou-me um cálice cheio.

— À sua!

— Com a ajuda do Senhor!... À sua!

Por cortesia, rilhado o queijo, convidei aquele homem, que graças a Deus tinha religião, a entrar no meu quarto e admirar as fotografias de Jerusalém. Ele aceitou, com alvoroço: mas, apenas _ transpôs a porta, correu sem etiqueta e

gulosamente ao meu leito — onde jaziam espalhadas algumas das relíquias que eu desencaixotara essa manhã.

— O cavalheiro aprecia? — indaguei, desenrolando uma vista do Monte Olivete e pensando em lhe ofertar um rosário.

Ele revirava em silêncio, nas mãos gordas e de unhas roídas, um frasco de água do Jordão. Cheirou-o, pesou-o, chocalhou-o. Depois muito sério, com as veias entumecidas na vastíssima fronte:

— Tem atestado?

Estendi-lhe a certidão do frade franciscano, garantindo como autêntica e sem mistura a água do rio batismal. Ele saboreou o venerando papel. E entusiasmado:

— Dou quinze tostões pelo

frasquinho!

Foi, no meu intelecto de bacharel, como se uma janela se abrisse e por ela entrasse o sol! Vi inesperadamente, ao seu clarão forte, a natureza real dessas medalhas, bentinhos, águas, lascas, pedrinhas, palhas, que eu considerara até então um lixo eclesiástico esquecido pela vassoura da Filosofia! As relíquias eram *valores*! Tinham a qualidade omnipotente de *valores*! Dava-se um caco de barro — e recebia-se uma rodela de ouro!... E, iluminado, comecei insensivelmente a sorrir, com as mãos encostadas à mesa como a um balcão de armazém:

— Quinze tostões por água pura do Jordão! Boa! Em pouca conta tem Vossa Senhoria o nosso S. João Batista...

Quinze tostões! Chega a ser

impiedade!... Vossa Senhoria imagina que a água do Jordão é como a água do Arsenal? Ora essa!... Três mil réis recusei eu a um padre de Santa Justa, esta manhã, aí, ao pé dessa cama...

Ele fez saltar o frasco na palma gorda, considerou, calculou:

— Dou quatro mil réis.

— Vá lá, por sermos companheiros na Pomba!

E quando o Sr. Lino saiu do meu quarto, com o frasco do Jordão embrulhado n'*A Nação*, eu, Teodorico Raposo, achava-me fatalmente, providencialmente, estabelecido vendilhão de relíquias!

Delas comi, delas fumei, delas amei, durante dois meses, quieto e aprazido na Pomba de Ouro. Quase

sempre o Sr. Lino surdia de manhã no meu quarto, de chinelos, escolhia um caco do cântaro da Virgem ou uma palhinha do Presépio, empacotava n'*A Nação*, largava a pecúnia e abalava assobiando o *De Profundis*. E evidentemente o digno homem revendia as minhas preciosidades com gordo provento — porque bem depressa, sobre o seu colete de veludo preto, rebrilhou uma corrente de ouro.

No entanto, muito hábil e fino, eu não tentara (nem com súplicas, nem com explicações, nem com patrocínios) amansar as beatas iras da titi e repenetrar na sua estima. Contentava-me em ir à Igreja de Santana, todo de negro, com um ripanço. Não encontrava a titi, que tinha agora de manhã no oratório missa do torpíssimo Negrão. Mas lá me prostrava,

batendo contritamente no peito, suspirando para o Sacrário — certo que, pelo Melchior sacristão, as novas da minha devoção inalterável chegariam à hedionda senhora.

Muito manhoso, também não procurara os amigos da titi — que deviam prudentemente partilhar as paixões da sua alma para lograrem os favores do seu testamento: assim poupava embaraços angustiosos a esses beneméritos da Magistratura e da Igreja. Sempre que encontrava padre Pinheiro ou Dr. Margaride, cruzava as mãos dentro das mangas, baixava os olhos, evidenciando humildade e compunção. E este retraimento era decerto grato aos amigos, porque uma noite, topando o Justino perto da casa da Benta Bexigosa, o digno

homem segredou junto da minha barba, depois de se ter assegurado da solidão da ma:

— Ande-me assim, amiguinho!... Tudo se há de arranjar... Que ela por ora está uma fera... Oh diabo, aí vem gente!

E abalou.

No entanto, por intermédio do Lino, eu vendilhava relíquias. Bem depressa, porém, recordado dos compêndios de *Economia Política*, refleti que os meus proventos engordariam se, eliminando o Lino, eu mesmo me dirigisse ousadamente ao consumidor pio.

Escrevi então a fidalgas, servas do Senhor dos Passos da Graça, cartas com listas e preços de relíquias. Mandei propostas de ossos de mártires a igrejas de província. Paguei copinhos de

aguardente a sacristães, para que eles segredassem a velhas com achaques: «Pra coisas de santidade, não há como o Sr. Dr. Raposo, que vem fresquinho de Jerusalém!...» E bafejou-me a sorte. A minha especialidade foi a água do Jordão, em frascos de zinco, lacrados e carimbados com um coração em chamas: vendi desta água para batizados, para comidas, para banhos: e durante um momento houve um outro Jordão, mais caudaloso e límpido que o da Palestina, correndo por Lisboa, com a sua nascente num quarto da Pomba de Ouro. Imaginativo, introduzi *novidades* rendosas e poéticas: lancei no comércio com eficácia «o pedacinho da bilha com que Nossa Senhora ia à fonte»: fui eu que acreditei na piedade nacional «uma das

ferraduras do burrinho em que fugira a Santa Família». Agora quando o Lino, de chinelos, batia à porta do meu quarto, onde as medas de palhinhas do Presépio alternavam com as pilhas de tabuinhas de S. José, eu entreabria uma fenda avara e ciciava:

— Foi-se... Esgotadinho!... Só para a semana... Vem-me aí um caixotinho da Terra Santa.

As veias frontais do capacíssimo homem inchavam, numa indignação de intermediário espoliado.

Todas as minhas relíquias eram acolhidas com o mais forte fervor — porque provinham «do Raposo, fresquinho de Jerusalém». Os outros reliquistas não tinham esta esplêndida garantia de uma jornada à Terra Santa. Só

eu, Raposo, percorrera esse vastíssimo depósito de santidade. Só eu de resto sabia lançar na folha sebácea de papel que autenticava a relíquia a firma floreada do senhor Patriarca de Jerusalém.

Mas bem cedo reconheci que esta profusão de reliquilharia saturara a devoção do meu país! Atochado, empanturrado de relíquias, este católico Portugal já não tinha capacidade — nem para receber um desses raminhos secos de flores de Nazaré, que eu cedia a cinco tostões!

Inquieto, baixei melancolicamente os preços. Prodigalizei, no *Diário de Notícias*, anúncios tentadores — «Preciosidades da Terra Santa, em conta, na Tabacaria Rego se diz...»

Muitas manhãs, com um casacão

eclesiástico e um *cache-nez* de seda disfarçando a minha barba, assaltei à porta das igrejas velhas beatas: oferecia pedaços da túnica da Virgem Maria, cordéis das sandálias de S. Pedro: e rosnava com ânsia, roçando-me pelos manteletes e pelas toucas: «Baratinhos, minha senhora, baratinhos... Excelentes para catarros!...»

Já devia uma carregada conta na Pomba de Ouro; descia as escadas sorrateiramente, para não encontrar o patrão; chamava com sabujice ao galego «meu André, meu catitinha...»

E punha toda a minha esperança num renovamento da Fé! A menor notícia de festa de igreja me regozijava como um acréscimo de devoção no povo. Odiava ferozmente os republicanos e os filósofos

que abalam o catolicismo — e portanto diminuem o valor das relíquias que ele instituiu. Escrevi artigos para *A Nação*, em que bradava: «Se vos não apegais aos ossos dos mártires, como quereis que prospere este país?» No café do Montanha dava murros sobre as mesas: «É necessário religião, caramba! Sem religião nem o bifezinho sabe!» Em casa da Benta Bexigosa ameaçava as raparigas, se elas não usassem os seus bentinhos e os seus escapulários, de não voltar ali, de ir a casa da D. Adelaide!... A minha inquietação pelo «pão de cada dia» foi mesmo tão áspera, que de novo solicitei a intervenção do Lino — homem de vastas relações eclesiásticas, parente de capelães de convento. Outra vez lhe mostrei o meu leito juncado de relíquias.

Outra vez lhe disse, esfregando as mãos: «Vamos a mais negócio, amiguinho! Aqui tenho sortimento fresco, chegadinho de Sião!»

Mas do digno homem da Câmara Patriarcal só recolhi recriminações acerbas...

— Essa léria não pega, senhor! — gritou ele, com as veias a estalar de cólera na fronte esbraseada. — Foi Vossa Senhoria que estragou o comércio!... Está o mercado abarrotado, já não há maneira de vender nem um cueirinho do Menino Jesus, uma relíquia que se vendia tão bem! O seu negócio com as ferraduras é perfeitamente indecente... Perfeitamente indecente! É o que me dizia noutro dia um capelão, primo meu: «São ferraduras de mais para um país tão pequeno!...»

Catorze ferraduras, senhor! É abusar! Sabe Vossa Senhoria quantos pregos, dos que pregaram Cristo na cruz, Vossa Senhoria tem impingido, todos com documentos? Setenta e cinco, senhor!... Não lhe digo mais nada... Setenta e cinco!

E saiu, atirando a porta com furor, deixando-me aniquilado.

Venturosamente, nessa noite, encontrei o *Rinchão* em casa da Benta Bexigosa, e recebi dele uma considerável encomenda de relíquias. O *Rinchão* ia desposar uma menina Nogueira, filha da Sr.ª Nogueira, rica beata de Beja e rica proprietária de porcos: e ele «queria dar um presente catita à carola da velha, tudo coisinhas da Cartilha e do Santo Sepulcro». Arranjei-lhe um lindo cofre de relíquias (aí coloquei o meu septuagésimo

sexto prego), ornado das minhas graciosas flores secas de Galileia. Com a generosa pecúnia que me deu o *Rinchão*, paguei à Pomba de Ouro; e tomei prudentemente um quarto na casa de hóspedes do Pita, à Travessa da Palha.

Assim diminuía a minha prosperidade. O meu quarto agora era nos altos, no quinto andar, com um catre de ferro, e uma poltrona vetusta cujo miolo de estopa fétida rompia entre a chita esgaçada. Como único ornato pendia sobre a cómoda, num caixilho enfeitado de borlas, uma litografia de Cristo crucificado, amores; nuvens negras de tormenta rolavam-lhe aos pés; e os seus olhos claros, arregalados, seguiam e miravam todos os meus atos, os mais íntimos, mesmo o delicado aparar dos

calos.

Havia uma semana que, assim instalado, farejava Lisboa à busca do pão incerto, com botas a que se começava a romper a sola, quando uma manhã o André da Pomba de Ouro me trouxe uma carta que lá fora deixada na véspera, com a marca «urgente». O papel tinha tarja preta: o sinete era de lacre negro. Abri, tremendo. E vi a assinatura do Justino.

«Meu querido amigo. É meu penoso dever, que cumpro com lágrimas, participar-lhe que sua respeitável tia e minha senhora inesperadamente sucumbiu...»

Caramba! A velha rebentara!

Ansiosamente saltei através das linhas, tropeçando sobre os detalhes — «Congestão dos pulmões... Sacramentos

recebidos... Todos a chorar... O nosso Negrão!...» E empalidecendo, num suor que me alagava, avistei, ao fim da lauda, a nova medonha: «Do testamento da virtuosa senhora, consta que deixa a seu sobrinho Teodorico o óculo que se acha pendurado na sala de jantar...»

Deserdado!

Agarrei o chapéu, corri aos encontrões pelas ruas até ao cartório do Justino, a S. Paulo. Achei-o à banca, com uma gravata de luto e a pena atrás da orelha, comendo fatias de vitela sobre um velho *Diário de Notícias*.

— Com que, o óculo...? — balbuciei, esfalfado, arrimado à esquina de uma estante.

— É verdade. O óculo! — murmurou ele, com a boca atulhada.

Fui tombar, quase desmaiado, sobre o canapé de couro. Ele ofereceu-me vinho de Bucelas. Bebi um cálice. E passando a mão trémula sobre a face lívida:

— Então diz lá, conta lá tudo, Justininho...

O Justino suspirou. A santa senhora, coitadinha, deixara-lhe duas inscrições de conto. E, de resto, dispersara no seu testamento as riquezas de G. Godinho do modo mais incoerente e mais perverso. O prédio do Campo de Santana e quarenta contos de inscrições, para o Senhor dos Passos da Graça. As ações da Companhia do Gás, as melhores pratas, a casa de Linda-a-Pastora, para o Casimiro, que já se não mexia, moribundo. Padre Pinheiro recebia um

prédio na Rua do Arsenal. A deliciosa Quinta do Mosteiro, com o seu pitoresco portão de entrada, onde se viam ainda as armas dos condes de Lindoso, as inscrições do Crédito Público, a mobília do Campo de Santana, o Cristo de ouro — para o padre Negrão. Três contos de réis e o relógio para o Margaride. A Vicência tivera as roupas de cama. Eu — o óculo.

— Para ver o resto de longe! — considerou filosoficamente o Justino, dando estalinhos nos dedos.

Recolhi à Travessa da Palha. E durante horas, em chinelas, com os olhos chamejantes, revolvi o desejo desesperado de ultrajar o cadáver da titi — cuspindo-lhe sobre o carão lívido, esfuracando, com uma bengala, a podridão do seu ventre. Chamei contra ela

todas as cóleras da Natureza. Pedi às árvores que recusassem sombra à sua sepultura! Pedi aos ventos que sobre ela soprassem todos os lixos da Terra! Invoquei o Demónio: «Dou-te a minha alma se torturares incansavelmente a velha!» Gritei com os braços para as alturas: «Deus, se tens um Céu, escorraça-a de lá!» Planeei quebrar a pedradas o mausoléu que lhe erguessem... E decidi escrever comunicados nos jornais, contando que ela se prostituía a um galego, todas as tardes, no sótão, de óculos negros e em fralda!

Esfalfado de a odiar — adormeci densamente.

Foi o Pita que me acordou, ao anoitecer, entrando com um longo embrulho. Era o óculo. Mandava-mo o

Justino, com estas palavras amigas: «Aí vai a modesta herança!»

Acendi uma vela. Com áspera amargura tomei o óculo, abri a vidraça — e olhei por ele, como da borda de uma nau que vai perdida nas águas. Sim, muito sagazmente o afirmara Justino, a asquerosa Patrocínio deixava-me o óculo com rancoroso sarcasmo — para eu ver através dele o resto da herança! E eu via, apesar da escura noite, nitidamente via o Senhor dos Passos, sumindo os maços de inscrições dentro da sua túnica roxa; o Casimiro, tocando com as mãos moribundas os lavores das pratas, espalhadas sobre o seu leito; e o vilíssimo Negrão, de casaco de cotim e galochas, passeando regalado à beira da água, sob os olmos do Mosteiro! E eu ali, com o

óculo!

Eu ali para sempre, na Travessa da Palha, possuindo na algibeira de umas calças com fundilhos setecentos e vinte — para me debater através da cidade e da vida! Com um urro atirei o óculo, que foi rolando até junto da chapeleira onde eu guardava o capacete de cortiça da minha jornada em Terra Santa. Ali estavam, esse capacete e esse óculo, emblemas das minhas duas existências — a de esplendor e a de penúria! Havia meses, com aquele capacete na nuca, eu era o triunfante Raposo, herdeiro da Sr.ª D. Patrocínio das Neves, remexendo ouro nas algibeiras, e sentindo em torno, perfumadas e à espera de que eu as colhesse, todas as flores da civilização! E agora, com o óculo, eu era o pelintríssimo Raposo de botas

cambadas, sentindo em roda, negros e prontos a ferirem-me, todos os cardos da vida... E tudo isto, porquê? Porque um dia, na estalagem de uma cidade da Ásia, se tinham trocado dois embrulhos de papel pardo!

Não houvera jamais zombaria igual da sorte! A uma tia beata, que odiava o amor como coisa suja e só esperava, para me deixar prédios e pratas, que eu, desdenhando saias, lhe rebuscasse em Jerusalém uma relíquia — trazia a camisa de dormir de uma luveira! E num impulso de caridade, destinado a cativar o Céu, atirava como pingue esmola a uma pobre em farrapos, com o filho faminto chorando ao colo — um galho cheio de espinhos!... Oh Deus, diz-me tu! Diz-me tu, oh Demónio, como se fez, como se fez

esta troca de embrulhos — que é a tragédia da minha vida?

Eles eram semelhantes no papel, no formato, no nastro!... O da camisa jazia no fundo escuro do guarda-fatos; o da relíquia campeava sobre a cómoda, glorioso, entre dois castiçais. E ninguém lhes tocara: nem o jucundo Potte; nem o erudito Topsius; nem eu! Ninguém com mãos humanas, mãos mortais, ousara mover os dois embrulhos. Quem os movera então? Só alguém, com mãos invisíveis!

Sim, havia alguém, incorpóreo, todo-poderoso — que por ódio trocara miraculosamente os espinhos em rendas, para que a titi me deserdasse e eu fosse precipitado para sempre nas profundas sociais!

E quando assim esbravejava, esguedelhado — encontrei frigidamente cravados em mim e mais abertos, como gozando a derrota da minha vida, os olhos claros do Cristo crucificado, dentro do seu caixilho com borlas...

— Foste tu! — gritei, de repente iluminado e compreendendo o prodígio. — Foste tu! Foste tu!

E, com os punhos fechados para ele, desafoguei fartamente os queixumes, os agravos do meu coração:

— Sim, foste tu que transformaste ante os olhos devotos da titi a coroa de dor da tua lenda — na camisa suja da Mary!... E porquê? Que te fiz eu? Deus ingrato e variável! Onde, quando, gozaste tu devoção mais perfeita? Não acudia eu todos os domingos, vestido de preto, a

ouvir as missas melhores que te oferta Lisboa? Não me atochava eu todas as sextas-feiras, para te agradar, de bacalhau e de azeite? Não gastava eu dias, no oratório da titi, com os joelhos doridos, rosnando os terços da tua predileção? Em que cartilhas houve rezas que eu não decorasse para ti? Em que jardins desabrocharam flores com que eu não enfeitasse os teus altares?

E arrebatado, arrepiando os cabelos, repuxando as barbas, eu clamava ainda, tão perto da imagem que as baforadas da minha cólera lhe embaciavam o vidro:

— Olha bem para mim!... Não te recordas de ter visto este rosto, estes pelos, há séculos, num átrio de mármore, sob um velário, onde julgava um pretor de

Roma? Talvez te não lembres! Tanto dista de um deus vitorioso sobre o seu andor a um rabi de província amarrado com cordas!... Pois bem! Nesse dia do Nizão, em que não tinhas ainda confortáveis lugares no Céu e na Bem-Aventurança a distribuir aos teus fiéis; nesse dia, em que ainda te não tornaras para ninguém fonte de riqueza e esteio de poder; nesse dia, em que a titi, e todos os que hoje se prostram a teus pés, te teriam apupado como os vendilhões do Templo, os fariseus e a populaça de Acra; nesse dia, em que os soldados que hoje te escoltam com charangas, os magistrados que hoje encarceram quem te desacate ou te renegue, os proprietários que hoje te prodigalizam ouro e festas de igreja — se teriam juntado com as suas armas e os

seus códigos e as suas bolsas, para obterem a tua morte como revolucionário, inimigo da ordem, terror da propriedade; nesse dia, em que tu eras apenas uma inteligência criadora e uma bondade ativa, e portanto considerado pelos homens sérios como um perigo social — houve em Jerusalém um coração que espontaneamente, sem engodo no Céu, nem terror do Inferno, estremeceu por ti. Foi o meu!... E agora persegues-me. Porquê?...

Subitamente, oh maravilha!, do tosco caixilho com borlas irradiaram trémulos raios, cor de neve e cor de ouro. O vidro abriu-se ao meio com o fragor faiscante de uma porta do Céu. E de dentro o Cristo no seu madeiro, sem despregar os braços, deslizou para mim

serenamente, crescendo até ao estuque do teto, mais belo em majestade e brilho que o Sol ao sair dos montes.

Com um berro caí sobre os joelhos; bati a fronte, apavorado, no soalho. E então senti esparsamente pelo quarto, com um rumor manso de brisa entre jasmins, uma voz repousada e suave:

— Quando tu ias ao Alto da Graça beijar no pé uma imagem — era para contar servilmente à titi a piedade com que deras o beijo: porque jamais houve oração nos teus lábios, humildade no teu olhar — que não fosse para que a titi ficasse agradada no seu fervor de beata. O Deus a que te prostravas era o dinheiro de G. Godinho; e o Céu para que teus braços trementes se erguiam — o testamento da titi... Para lograres nele o lugar melhor,

fingiste-te devoto sendo incrédulo; casto sendo devasso; caridoso sendo mesquinho; e simulaste a ternura de filho tendo só a rapacidade de herdeiro... Tu foste ilimitadamente o *hipócrita*! Tinhas duas existências: uma ostentada diante dos olhos da titi, toda de rosários, de jejuns, de novenas; e longe da titi, sorrateiramente, outra, toda de gula, cheia da Adélia e da Benta... Mentiste sempre — e só eras verdadeiro para o Céu, verdadeiro para o mundo, quando rogavas a Jesus e à Virgem que rebentassem depressa a titi. Depois resumiste esse laborioso dolo de uma vida inteira num embrulho — onde acomodaras um galho, tão falso como o teu coração; e com ele contavas empolgar definitivamente as pratas e os prédios de D. Patrocínio! Mas

noutro embrulho parecido trazias pela Palestina, com rendas e laços, a irrecusável evidência do teu fingimento... Ora justiceiramente aconteceu que o embrulho que ofertaste à titi e que a titi abriu — foi aquele que lhe revelava a tua perversidade! E isto prova-te, Teodorico, a *inutilidade da hipocrisia*.

Eu gemia sobre as tábuas. A voz sussurrou, mais larga, como o vento da tarde entre as ramas:

— Eu não sei quem fez essa troca dos teus embrulhos, picaresca e terrível; talvez ninguém; talvez tu mesmo! Os teus tédios de deserdado não provêm dessa mudança de espinhos em rendas — mas de viveres duas vidas, uma verdadeira e de iniquidade, outra fingida e de santidade. Desde que contraditoriamente

eras do lado direito o devoto Raposo e do lado esquerdo o obsceno Raposo — não poderias seguir muito tempo, junto da titi, mostrando só o lado, vestido de casimiras de domingo, onde resplandecia a virtude; um dia fatalmente chegaria em que ela, espantada, visse o lado despido e natural onde negrejavam as máculas do vício... E aí está porque eu aludo, Teodorico, à inutilidade da hipocrisia.

De rojo, eu estendia abjetamente os lábios para os pés do Cristo, transparentes, suspensos no ar, com pregos que despediam trémulas radiâncias de joia. E a voz passou sobre mim, cheia e rumorosa, como a rajada que curva os ciprestes:

— Tu dizes que eu te persigo! Não. O óculo, isso a que chamas

«profundas sociais», são obra das tuas mãos — não obra minha. Eu não construo os episódios da tua vida; assisto a eles e julgo-os placidamente... Sem que eu me mova, nem intervenha influência sobrenatural — tu podes ainda descer a misérias mais torvas, ou elevar-te aos rendosos paraísos da Terra e ser diretor de um banco... Isso depende meramente de ti e do teu esforço de homem... Escuta ainda! Perguntavas-me, há pouco, se eu me não lembrava do teu rosto... Eu pergunto-te agora se não te lembras da minha voz... Eu não sou Jesus de Nazaré, nem outro Deus criado pelos homens... Sou anterior aos deuses transitórios: eles dentro em mim nascem; dentro em mim duram; dentro em mim se transformam; dentro em mim se dissolvem: e

eternamente permaneço em torno deles e superior a eles, concebendo-os e desfazendo-os, no perpétuo esforço de realizar fora de mim o Deus absoluto que em mim sinto. Chamo-me a Consciência; sou neste instante a tua própria consciência refletida fora de ti, no ar e na luz, e tomando ante teus olhos a forma familiar, sob a qual, tu, mal-educado e pouco filosófico, estás habituado a compreender-me... Mas basta que te ergas e me fites, para que esta imagem resplandecente de todo se desvaneça.

E ainda eu não levantara os olhos — já tudo desaparecera!

Então, transportado como perante uma evidência do sobrenatural, atirei as mãos ao Céu e bradei:

— Oh meu Senhor Jesus, Deus e

filho de Deus, que te encarnaste e padeceste por nós...

Mas emudeci... Aquela inefável voz ressoava ainda em minha alma, mostrando-me a inutilidade da hipocrisia. Consultei a minha consciência, que reentrara dentro de mim — e bem certo de não acreditar que Jesus fosse filho de Deus e de uma mulher casada de Galileia (como Hércules era filho de Júpiter e de uma mulher casada da Argólida) — cuspi dos meus lábios, tornados para sempre verdadeiros, o resto inútil da oração.

Ao outro dia, casualmente, entrei no jardim de S. Pedro de Alcântara — sítio que não pisara desde os meus anos de latim. E mal dera alguns passos, entre os canteiros, encontrei o meu antigo Crispim, filho de Teles, Crispim & C.ª,

com fábrica de fiação à Pampulha — camarada que não avistara desde o meu grau de bacharel. Era este o louro Crispim, que outrora no Colégio dos Isidoros me dava beijos vorazes no corredor e me escrevia à noite bilhetinhos prometendo-me caixas com penas de aço. Crispim velho morrera: Teles, rico e obeso, passara a visconde de S. Teles: e este meu Crispim agora era a firma.

Trocado um ruidoso abraço, Crispim & C.ª notou pensativamente que eu estava «muitíssimo feio». Depois invejou a minha jornada à Terra Santa (que ele soubera pelo *Jornal das Novidades*) e aludiu, com amigável regozijo, à «grossa maquia que me devia ter deixado a Sr.ª D. Patrocínio das Neves...»

Amargamente, mostrei-lhe as minhas botas cambadas. Parámos num banco, junto de uma trepadeira de rosas; e aí, no silêncio e no perfume, narrei a camisa funesta da Mary, a relíquia no seu embrulho, o desastre no oratório, o óculo, o meu quarto miserável na Travessa da Palha...

— De modo, Crispinzinho da minha alma, que aqui me encontro sem pão!

Crispim & C.ª, impressionado, torcendo os bigodes louros, murmurou que em Portugal, graças à Carta e à Religião, todo o mundo tinha uma fatia de pão: o que a alguns faltava era o queijo.

— Ora o queijo dou-to eu, meu velho! — ajuntou alegremente a firma, atirando-me uma palmada ao joelho. —

Um dos empregados do escritório lá na Pampulha começou a fazer versos, a meter-se com atrizes... E muito republicano, achincalhando as coisas santas. Enfim, um horror, desembaracei-me dele! Ora tu tinhas boa letra. Uma conta de somar sempre saberás fazer... Lá está a carteira do homem, vai lá, são vinte e cinco mil réis, sempre é o queijo!...

Com duas lágrimas a tremerem-me nas pestanas, abracei a firma. Crispim & C.ª murmurou outra vez, com uma careta de quem sente um gosto azedo:

— Irra! que estás muitíssimo feio!

Comecei então a servir com desvelo a fábrica de fiação à Pampulha: e todos os dias à carteira, com mangas de lustrina, copiava cartas na minha letra de belas curvas e alinhava algarismos num

vasto Livro de Caixa... A firma ensinara-me a «regra de três», e outras habilidades. E, como de sementes trazidas por um vento casual a um torrão desaproveitado rompem inesperadamente plantas úteis que prosperam — das lições da firma brotaram, na minha inculta natureza de bacharel em leis, aptidões consideráveis para o negócio da fiação. Já a firma dizia, compenetrada, na Assembleia do Carmo:

— Lá o meu Raposo, apesar de Coimbra e dos compêndios que lhe meteram no caco, tem dedo para as coisas sérias!

Ora num sábado de agosto, à tarde, quando eu ia fechar o Livro de Caixa, Crispim & C.ª parou diante da minha carteira, risonho e acendendo o charuto:

— Ouve lá, ó *Raposão*, tu a que missa costumas ir?

Silenciosamente, tirei a minha manga de lustrina.

— Eu pergunto isto — ajuntou logo a firma — porque amanhã vou com minha irmã à outra banda, a uma quinta nossa, à Ribeira. Ora se tu não estás muito apegado a outra missa, vinhas à de Santos, às nove, íamos almoçar ao Hotel Central, e embarcávamos de lá para Cacilhas. Estou com vontade que conheças minha irmã!...

Crispim & C.ª era um cavalheiro religioso que considerava a religião indispensável à sua saúde, à sua prosperidade comercial e à boa ordem do país. Visitava com sinceridade o Senhor dos Passos da Graça e pertencia à

Irmandade de S. José. O empregado cuja carteira eu ocupava tornara-se-lhe sobretudo intolerável por escrever n'*O Futuro*, gazeta republicana, folhetins louvando Renan e ultrajando a Eucaristia. Eu ia dizer a Crispim & C.ª que estava tão apegado à missa da Conceição Nova, que outra não me podia saber bem... Mas lembrei a voz austera e salutar da Travessa da Palha! Recalquei a mentira beata que já me sujava os lábios — e disse, muito pálido e muito firme:

— Olha, Crispim, eu nunca vou à missa... Tudo isso são patranhas... Eu não posso acreditar que o corpo de Deus esteja todos os domingos num pedaço de hóstia feita de farinha. Deus não tem corpo, nunca teve... Tudo isso são idolatrias, são carolices... Digo-te isto

rasgadamente... Podes fazer agora comigo o que quiseres. Paciência!

A firma considerou-me um momento mordendo o beiço:

— Pois olha, Raposo, calha-me essa franqueza!... Eu gosto de gente lisa... O outro velhaco, que estava aí a essa carteira, diante de mim, dizia: «Grande homem, o Papa!»

E depois ia para os botequins e punha o Santo Padre de rastos... Pois acabou-se! Não tens religião, mas tens cavalheirismo... Em todo o caso, às dez no Central para o almocinho, e à vela depois para a Ribeira!

Assim eu conheci a irmã da firma. Chamava-se D. Jesuína, tinha trinta e dois anos e era zarolha. Mas, desde esse domingo de rio e de campo, a riqueza dos

seus cabelos ruivos como os de Eva, o seu peito sólido e suculento, a sua pele cor de maçã madura, o riso são dos seus dentes claros — tornavam-me pensativo, quando à tardinha, com o meu charuto, eu recolhia à Baixa pelo Aterro, olhando os mastros das faluas...

Fora educada nas Salésias; sabia geografia e todos os rios da China, sabia história e todos os reis de França; e chamava-me Teodorico, Coração de Leão, por eu ter ido à Palestina. Aos domingos agora eu jantava na Pampulha: D. Jesuína fazia um prato de ovos queimados: e o seu olho vesgo pousava, com incessante agrado, na minha face potente e barbuda de Raposão. Uma tarde, ao café, Crispim & C.ª louvou a família real, a sua moderação constitucional, a graça

caridosa da rainha. Depois descemos ao jardim-, e andando D. Jesuína a regar, e eu ao lado enrolando um cigarro, suspirei e murmurei junto ao seu ombro. «Vossa Excelência, D, Jesuína, é que estava a calhar para rainha, se cá o Raposinho fosse rei!» Ela, corando, deu-me a última rosa do verão.

Em véspera de Natal, Crispim & C.ª chegou à minha carteira, pousou galhofeiramente o chapéu sobre a página do Livro de Caixa, que eu enegrecia de cifras, e cruzando os braços, com um riso de lealdade e de estima:

— Então com que, rainha, se o Raposinho fosse rei?...

Ora diga lá o Sr. Raposo. -Há aí dentro desse peito amor verdadeiro à mana Jesuína?

Crispim & C.ª admirava a paixão e o ideal. Eu ia já dizer que adorava a Sr.ª D. Jesuína como a uma estrela remota... Mas recordei a voz altiva e pura da Travessa da Palha! Recalquei a mentira sentimental que já me enlanguescia o lábio — e disse corajosamente:

— Amor, amor, não... Mas acho-a um belo mulherão; gosto-lhe muito do dote; e havia de ser um bom marido.

— Dá cá essa mão honrada! — gritou a firma.

Casei. Sou pai. Tenho carruagem, a consideração do meu bairro, a Comenda de Cristo. E o Dr. Margaride, que janta comigo todos os domingos, de casaca, afirma que o Estado, pela minha ilustração, as minhas consideráveis viagens e o meu patriotismo — me deve o

título de barão do Mosteiro. Porque eu comprei o Mosteiro. O digno magistrado, uma tarde, à mesa, anunciou que o horrendo Negrão, desejando arredondar as suas propriedades em Torres, decidira vender o velho solar dos condes de Lindoso.

— Ora aquelas árvores, Teodorico — lembrou o benemérito homem — deram sombra à senhora sua mamã. Direi mais: as mesmas sombras cobriram seu respeitabilíssimo pai, Teodorico!... Eu por mim, se tivesse a honra de ser um Raposo, não me continha, comprava o Mosteiro, erguia lá um torreão com ameias!

Crispim & C.ª disse, pousando o copo:

— Compra, é coisa de família,

fica-te bem.

E, numa véspera de Páscoa, assinei no cartório do Justino, com o procurador do Negrão, a escritura que me tornava enfim, depois de tantas esperanças e de tantos desalentos, o senhor do Mosteiro!

— Que faz agora esse maroto desse Negrão? — indaguei eu do bom Justino, apenas saiu o agente do sórdido sacerdote.

O dileto e fiel amigo deu estalinhos nos dedos. O Negrão pechinchava! Herdara tudo do padre Casimiro, que lá tinha o seu corpo no Alto de S. João e a sua alma no seio de Deus.

E agora era o íntimo do padre Pinheiro, que não tinha herdeiros, e que ele levara para Torres, «para o curar». O

pobre Pinheiro lá andava, mais chupado, empanturrando-se com os tremendos jantares do Negrão, deitando a língua de fora diante de cada espelho. E não durava, coitado! De sorte que o Negrão vinha a reunir (com exceção do que fora para o Senhor dos Passos, que não podia tornar a morrer, esse!) o melhor da fortuna de G. Godinho.

Eu rosnei, pálido:

— Que besta!

— Chame-lhe besta, amiguinho!... Tem carruagem, tem casa em Lisboa, tomou a Adélia por conta...

— Que Adélia?

— Uma de boas carnes, que esteve com o Eleutério... Depois esteve muito em segredo com um basbaque, um bacharel, não sei quem...

— Sei eu.

— Pois essa! Tem-na por conta o Negrão, com luxo, tapete na escada, cortinas de damasco, tudo... E está mais gordo. Vi-o ontem, vinha de pregar... Pelo menos disse-me que «saía de S. Roque esfalfado de dizer amabilidades a um diabo de um santo!» Que o Negrão às vezes é engraçado. E tem bons amigos, lábia, influência em Torres... Ainda o vemos bispo!

Recolhi à minha família, pensativo. Tudo o que eu esperara e amara (até a Adélia!) o possuía agora legitimamente o horrendo Negrão!... Perda pavorosa. E que não proviera da troca dos meus embrulhos, nem dos erros da minha hipocrisia.

Agora, pai, comendador,

proprietário, eu tinha uma compreensão mais positiva da vida: e sentia bem que fora esbulhado dos contos de G. Godinho simplesmente por me ter faltado no oratório da titi — a coragem de afirmar!

Sim! Quando, em vez de uma coroa de martírio, aparecera sobre o altar da titi uma camisa de pecado — eu deveria ter gritado, com segurança: «Eis aí a relíquia! Quis fazer a surpresa... Não é a coroa de espinhos. É melhor! É a camisa de Santa Maria Madalena!... Deu-ma ela no deserto...»

E logo o provava com esse papel, escrito em letra perfeita: «Ao meu portuguesinho valente, pelo muito que gozámos...» Era essa a carta em que a santa me ofertava a sua camisa. Lá brilhavam as suas iniciais — *M. M.* Lá

destacava essa clara, evidente confissão — *o muito que gozámos*; o muito que eu gozara em mandar à santa as minhas orações para o Céu, o muito que a santa gozara no Céu em receber as minhas orações!

E quem o duvidaria? Não mostram os santos missionários de Braga, nos seus sermões, bilhetes remetidos do Céu pela Virgem Maria, sem selo? E não garante *A Nação* a divina autenticidade dessas missivas, que têm nas dobras a fragrância do paraíso? Os dois sacerdotes, Negrão e Pinheiro, cônscios do seu dever, e na sua natural sofreguidão de procurar esteios para a fé oscilante — aclamariam logo na camisa, na carta e nas iniciais um miraculoso triunfo da Igreja! A tia Patrocínio cairia sobre o meu peito,

chamando-me «seu filho e seu herdeiro». E eis-me rico! Eis-me beatificado! O meu retrato seria pendurado na sacristia da Sé. O Papa enviar-me-ia uma bênção apostólica, pelos fios do telégrafo.

Assim ficavam saciadas as minhas ambições sociais.

E quem sabe? Bem poderiam ficar também satisfeitas as ambições intelectuais que me pegara o douto Topsius. Porque talvez a Ciência, invejosa do triunfo da Fé, reclamasse para si esta camisa de Maria de Magdala, como documento arqueológico... Ela poderia alumiar escuros pontos na história dos costumes contemporâneos do Novo Testamento — o feitio das camisas na Judeia no primeiro século, o estado industrial das rendas da Síria sob a

administração romana, a maneira de abainhar entre as raças semíticas... Eu surgiria, na consideração da Europa, igual aos Champollions, aos Topsius, aos Lepsius, e outros sagazes ressuscitadores do Passado. A Academia logo gritaria: «A mim, o Raposo!» Renan, esse heresiarca sentimental, murmuraria: «Que suave colega, o Raposo!» Sem demora se escreveriam sobre a camisa da Mary sábios, ponderosos livros em alemão, com mapas da minha romagem em Galileia... E eis-me aí benquisto pela Igreja, celebrado pelas Universidades, com o meu cantinho certo na Bem-Aventurança, a minha página retida na História, começando a engordar pacificamente dentro dos contos de G. Godinho!

E tudo isto perdera! Porquê? Porque houve um momento em que me faltou esse *descarado heroísmo de afirmar*, que, batendo na Terra com pé forte, ou palidamente elevando os olhos ao Céu — cria, através da universal ilusão, ciências e religiões.

OS MAIAS

Primeira edição: 1888

1

A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no outono de 1875, era conhecida na vizinhança da *Rua de S. Francisco de Paula*, e em todo o bairro das Janelas Verdes, pela *Casa do Ramalhete*, ou simplesmente o *Ramalhete*. Apesar deste fresco nome de vivenda campestre, o *Ramalhete*, sombrio casarão de paredes severas, com um renque de estreitas varandas de ferro no primeiro andar, e por cima uma tímida fila de janelinhas abrigadas à beira do telhado, tinha o aspeto tristonho de residência eclesiástica que competia a uma edificação do reinado da senhora D. Maria I: com uma sineta e com uma cruz

no topo, assemelhar-se-ia a um colégio de Jesuítas. O nome de Ramalhete provinha decerto de um revestimento quadrado de azulejos fazendo painel no lugar heráldico do Escudo de Armas, que nunca chegara a ser colocado, e representando um grande ramo de girassóis atado por uma fita onde se distinguiam letras e números de uma data.

Longos anos o *Ramalhete* permanecera desabitado, com teias de aranha pelas grades dos postigos térreos, e cobrindo-se de tons de ruína. Em 1858, Monsenhor Buccarini, Núncio de Sua Santidade, visitara-o com ideia de instalar lá a Nunciatura, seduzido pela gravidade clerical do edifício e pela paz dormente do bairro: e o interior do casarão agradara-lhe também, com a sua

disposição apalaçada, os tetos apainelados, as paredes cobertas de frescos onde já desmaiavam as rosas das grinaldas e as faces dos Cupidinhos. Mas Monsenhor, com os seus hábitos de rico prelado romano, necessitava na sua vivenda os arvoredos e as águas de um jardim de luxo e o *Ramalhete* possuía apenas, ao fundo de um terraço de tijolo, um pobre quintal inculto, abandonado às ervas bravas, com um cipreste, um cedro, uma cascatazinha seca, um tanque entulhado, e uma estátua de mármore (onde Monsenhor reconheceu logo Vénus Citereia) enegrecendo a um canto na lenta humidade das ramagens silvestres. Além disso, a renda que pediu o velho Vilaça, procurador dos Maias, pareceu tão exagerada a Monsenhor, que lhe perguntou

sorrindo se ainda julgava a Igreja nos tempos de Leão X. Vilaça respondeu — que também a nobreza não estava nos tempos do senhor D. João V. E o *Ramalhete* continuou desabitado. Este inútil pardieiro (como lhe chamava Vilaça Júnior, agora, por morte de seu pai, administrador dos Maias) só veio a servir, nos fins de 1870, para lá se arrecadarem as mobílias e as louças provenientes do palacete de família em Benfica, morada quase histórica, que, depois de andar anos em praça, fora então comprada por um comendador brasileiro. Nessa ocasião vendera-se outra propriedade dos Maias, a *Tojeira*; e algumas raras pessoas que em Lisboa ainda se lembravam dos Maias, e sabiam que desde a Regeneração eles viviam

retirados na sua quinta de Santa Olávia, nas margens do Douro, tinham perguntado a Vilaça se essa gente estava atrapalhada.

— Ainda têm um pedaço de pão — disse Vilaça sorrindo — e a manteiga para lhe barrar por cima.

Os Maias eram uma antiga família da Beira, sempre pouco numerosa, sem linhas colaterais, sem parentelas — e agora reduzida a dois varões, o senhor da casa, Afonso da Maia, um velho já, quase um antepassado, mais idoso que o século, e seu neto Carlos que estudava medicina em Coimbra. Quando Afonso se retirara definitivamente para Santa Olávia, o rendimento da casa excedia já cinquenta mil cruzados: mas desde então tinham-se acumulado as economias de vinte anos de aldeia; viera também a herança de um

último parente, Sebastião da Maia, que desde 1830 vivia em Nápoles, só ocupando-se de numismática: — e o procurador podia certamente sorrir com segurança quando falava dos Maias e da sua fatia de pão. A venda da *Tojeira* fora realmente aconselhada por Vilaça: mas nunca ele aprovara que Afonso se desfizesse de Benfica — só pela razão de aqueles muros terem visto tantos desgostos domésticos. Isso, como dizia Vilaça, acontecia a todos os muros. O resultado era que os Maias, o *Ramalhete* inabitável, não possuíam agora uma casa em Lisboa; e se Afonso naquela idade amava o sossego de Santa Olávia, seu neto, rapaz de gosto e de luxo que passava as férias em Paris e Londres, não quereria, depois de formado, ir

sepultar-se nos penhascos do Douro. E com efeito, meses antes de ele deixar Coimbra, Afonso assombrou Vilaça anunciando-lhe que decidira vir habitar o *Ramalhete*! O procurador compôs logo um relatório a enumerar os inconvenientes do casarão: o maior era necessitar tantas obras e tantas despesas; depois, a falta de um jardim devia ser muito sensível a quem saía dos arvoredos de Santa Olávia; e por fim aludia mesmo a uma lenda, segundo a qual eram sempre fatais aos Maias as paredes do *Ramalhete*, «ainda que (acrescentava ele numa frase meditada) até me envergonho de mencionar tais frioleiras neste século de Voltaire, Guizot e outros filósofos liberais...» Afonso riu muito da frase, e respondeu que aquelas razões eram

excelentes — mas ele desejava habitar sob tetos tradicionalmente seus; se eram necessárias obras, que se fizessem e largamente; e enquanto a lendas e agouros, bastaria abrir de par em par as janelas e deixar entrar o sol.

Sua Excelência mandava: — e, como esse inverno ia seco, as obras começaram logo, sob a direção de um Esteves, arquiteto, político, e compadre de Vilaça. Este artista entusiasmara o procurador com um projeto de escada aparatosa, flanqueada por duas figuras simbolizando as conquistas da Guiné e da Índia. E estava ideando também uma cascata de louça na sala de jantar — quando, inesperadamente, Carlos apareceu em Lisboa com um arquiteto-decorador de Londres, e, depois de

estudar com ele à pressa algumas ornamentações e alguns tons de estofos, entregou-lhe as quatro paredes do *Ramalhete*, para ele ali criar, exercendo o seu gosto, um interior confortável, de luxo inteligente e sóbrio.

Vilaça ressentiu amargamente esta desconsideração pelo artista nacional; Esteves foi berrar ao seu Centro político que isto era um país perdido. E Afonso lamentou também que se tivesse despedido o Esteves, exigiu mesmo que o encarregassem da construção das cocheiras. O artista ia aceitar — quando foi nomeado governador civil.

Ao fim de um ano, durante o qual Carlos viera frequentemente a Lisboa colaborar nos trabalhos, «dar os seus retoques estéticos» — do

antigo *Ramalhete* só restava a fachada tristonha, que Afonso não quisera alterada por constituir a fisionomia da casa. E Vilaça não duvidou declarar que Jones Bule (como ele chamava ao inglês) sem despender despropositadamente, aproveitando até as antigualhas de Benfica, fizera do *Ramalhete* «um museu».

O que surpreendia logo era o pátio, outrora tão lôbrego, nu, lajeado de pedregulhos — agora resplandecente, com um pavimento quadrilhado de mármores brancos e vermelhos, plantas decorativas, vasos de Quimper, e dois longos bancos feudais que Carlos trouxera de Espanha, trabalhados em talha, solenes como coros de catedral. Em cima, na antecâmara, revestida como uma tenda de estofos do

Oriente, todo o rumor de passos morria: e ornavam-na divãs cobertos de tapetes persas, largos pratos mouriscos com reflexos metálicos de cobre, uma harmonia de tons severos, onde destacava, na brancura imaculada do mármore, uma figura de rapariga friorenta, arrepiando-se, rindo, ao meter o pezinho na água. Daí partia um amplo corredor, ornado com as peças ricas de Benfica, arcas góticas, jarrões da Índia, e antigos quadros devotos. As melhores salas do *Ramalhete* abriam para essa galeria. No salão nobre, raramente usado, todo em brocados de veludo cor de musgo de outono, havia uma bela tela de Constable, o retrato da sogra de Afonso, a condessa de Runa, de tricorne de plumas e vestido escarlate de caçadora inglesa, sobre um

fundo de paisagem enevoada. Uma sala mais pequena, ao lado, onde se fazia música, tinha um ar de século XVIII com seus móveis enramalhetados de ouro, as suas sedas de ramagens brilhantes: duas tapeçarias de Gobelins desmaiadas, em tons cinzentos, cobriam as paredes de pastores e de arvoredos.

Defronte era o bilhar, forrado de um couro moderno trazido por Jones Bule, onde, por entre a desordem de ramagens verde-garrafa, esvoaçavam cegonhas prateadas. E, ao lado, achava-se o *fumoir*, a sala mais cómoda do *Ramalhete*: as otomanas tinham a fofa vastidão de leitos; e o conchego quente e um pouco sombrio dos estofos escarlates e pretos era alegrado pelas cores cantantes de velhas faianças holandesas.

Ao fundo do corredor ficava o escritório de Afonso, revestido de damascos vermelhos com uma velha câmara de prelado. A maciça mesa de pau-preto, as estantes baixas de carvalho lavrado, o solene luxo das encadernações, tudo tinha ali uma feição austera de paz estudiosa — realçada ainda por um quadro atribuído a Rubens, antiga relíquia da casa, um Cristo na Cruz, destacando a sua nudez de atleta sobre um céu de poente revolto e rubro. Ao lado do fogão, Carlos arranjara um canto para o avô com um biombo japonês bordado a ouro, uma pele de urso branco, e uma venerável cadeira de braços, cuja tapeçaria mostrava ainda as armas dos Maias no desmaio da trama de seda.

No corredor do segundo andar

guarnecido com retratos de família, estavam os quartos de Afonso. Carlos dispusera os seus, num ângulo da casa, com uma entrada particular, e janelas sobre o jardim: eram três gabinetes a seguir, sem portas, unidos pelo mesmo tapete: e os recostos acolchoados, a seda que forrava as paredes, faziam dizer ao Vilaça que aquilo não eram aposentos de médico — mas de dançarina!

A casa, depois de arranjada, ficou vazia enquanto Carlos, já formado, fazia uma longa viagem pela Europa; — e foi só nas vésperas da sua chegada, nesse lindo outono de 1875, que Afonso se resolveu enfim a deixar Santa Olávia e vir instalar-se no *Ramalhete*. Havia vinte e cinco anos que ele não via Lisboa; e, ao fim de alguns curtos dias, confessou ao

Vilaça que estava suspirando outra vez pelas suas sombras de Santa Olávia. Mas, que remédio! Não queria viver muito separado do neto; e Carlos agora, com ideias sérias de carreira ativa, devia necessariamente habitar Lisboa... De resto, não desgostava do *Ramalhete*, apesar de Carlos, com o seu fervor pelo luxo dos climas frios, ter prodigalizado de mais as tapeçarias, os pesados reposteiros e os veludos. Agradava-lhe também muito a vizinhança, aquela doce quietação de subúrbio adormecido ao sol. E gostava até do seu quintalejo. Não era decerto o jardim de Santa Olávia: mas tinha o ar simpático, com os seus girassóis perfilados ao pé dos degraus do terraço, o cipreste e o cedro envelhecendo juntos como dois amigos tristes, e a Vénus

Citereia parecendo agora, no seu tom claro de estátua de parque, ter chegado de Versalhes, do fundo do Grande Século... E desde que a água abundava, a cascatazinha era deliciosa, dentro do nicho de conchas, com os seus três pedregulhos arranjados em despenhadeiro bucólico, melancolizando aquele fundo de quintal soalheiro com um pranto de náiade doméstica, esfiado gota a gota na bacia de mármore.

O que desconsolara Afonso, ao princípio, fora a vista do terraço — donde outrora, decerto, se abrangia até ao mar. Mas as casas edificadas em redor, nos últimos anos, tinham tapado esse horizonte esplêndido. Agora, uma estreita tira de água e monte que se avistava entre dois prédios de cinco andares, separados por

um corte de rua, formava toda a paisagem defronte do *Ramalhete*. E, todavia, Afonso terminou por lhe descobrir um encanto íntimo. Era como uma tela marinha, encaixilhada em cantarias brancas, suspensa do céu azul em face do terraço, mostrando, nas variedades infinitas de cor e luz, os episódios fugitivos de uma pacata vida de rio: às vezes uma vela de barco da Trafaria fugindo airosamente à bolina; outras vezes uma galera toda em pano, entrando num favor da aragem, vagarosa, no vermelho da tarde; ou então a melancolia de um grande paquete, descendo, fechado e preparado para a vaga, entrevisto um momento, desaparecendo logo, como já devorado pelo mar incerto; ou ainda durante dias, no pó de ouro das sestas

silenciosas, o vulto negro de um couraçado inglês... E sempre ao fundo o pedaço de monte verde-negro, com um moinho parado no alto, e duas casas brancas ao rés da água, cheias de expressão — ora faiscantes e despedindo raios das vidraças acesas em brasa; ora tomando aos fins de tarde um ar pensativo, cobertas dos rosados tenros do poente, quase semelhantes a um rubor humano; e de uma tristeza arrepiada nos dias de chuva, tão sós, tão brancas, como nuas, sob o tempo agreste.

O terraço comunicava por três portas envidraçadas com o escritório — e foi nessa bela câmara de prelado que Afonso se acostumou logo a passar os seus dias, no recanto aconchegado que o neto lhe preparara ternamente, ao lado do

fogão. A sua longa residência em Inglaterra dera-lhe o amor dos suaves vagares junto do lume. Em Santa Olávia as chaminés ficavam acesas até abril; depois ornavam-se de braçadas de flores, como um altar doméstico; e era ainda aí, nesse aroma e nessa frescura, que ele gozava melhor o seu cachimbo, o seu Tácito, ou o seu querido Rabelais.

Todavia, Afonso ainda ia longe, como ele dizia, de ser um velho borralheiro. Naquela idade, de verão ou de inverno, ao romper do Sol, estava a pé, saindo logo para a quinta, depois da sua boa oração da manhã que era um grande mergulho na água fria. Sempre tivera o amor supersticioso da água; e costumava dizer que nada havia melhor para o homem — que sabor de água, som de água

e vista de água. O que o prendera mais a Santa Olávia fora a sua grande riqueza de águas vivas, nascentes, repuxos, tranquilo espelhar de águas paradas, fresco murmúrio de águas regantes... E a esta viva tonificação da água atribuía ele o ter vindo assim, desde o começo do século, sem uma dor e sem uma doença, mantendo a rica tradição de saúde da sua família, duro, resistente aos desgostos e anos — que passavam por ele, tão em vão, como passavam em vão, pelos seus robles de Santa Olávia, anos e vendavais.

Afonso era um pouco baixo, maciço, de ombros quadrados e fortes: e com a sua face larga de nariz aquilino, a pele corada, quase vermelha, o cabelo branco todo cortado à escovinha, e a barba de neve aguda e longa — lembrava,

como dizia Carlos, um varão esforçado das idades heroicas, um D. Duarte de Meneses ou um Afonso de Albuquerque. E isto fazia sorrir o velho, recordar ao neto, gracejando, quanto as aparências iludem!

Não, não era Meneses, nem Albuquerque, apenas um antepassado bonacheirão que amava os seus livros, o conchego da sua poltrona, o seu *whist* ao canto do fogão. Ele mesmo costumava dizer que era simplesmente um egoísta: — mas nunca, como agora na velhice, as generosidades do seu coração tinham sido tão profundas e largas. Parte do seu rendimento ia-se-lhe por entre os dedos, esparsamente, numa caridade enternecida. Cada vez amava mais o que é pobre e o que é fraco. Em Santa Olávia, as crianças corriam para ele, dos portais, sentindo-o

acariciador e paciente. Tudo o que vive lhe merecia amor — e era dos que não pisam um formigueiro e se compadecem da sede de uma planta.

Vilaça costumava dizer que lhe lembrava sempre o que se conta dos patriarcas, quando o vinha encontrar ao canto da chaminé, na sua coçada quinzena de veludilho, sereno, risonho, com um livro na mão, o seu velho gato aos pés. Este pesado e enorme angorá, branco com malhas louras, era agora (desde a morte de Tobias, o soberbo cão são-bernardo) o fiel companheiro de Afonso. Tinha nascido em Santa Olávia, e recebera então o nome de *Bonifácio*: depois, ao chegar à idade do amor e da caça, fora-lhe dado o apelido mais cavalheiresco de «D. Bonifácio de Calatrava»: agora,

dorminhoco e obeso, entrara definitivamente no remanso das dignidades eclesiásticas, e era o «Reverendo Bonifácio»...

Esta existência nem sempre assim correra com a tranquilidade larga e clara de um belo rio de verão. O antepassado, cujos olhos se enchiam agora de uma luz de ternura diante das suas rosas, e que ao canto do lume relia com gosto o seu Guizot, fora, na opinião de seu pai, algum tempo, o mais feroz jacobino de Portugal! E todavia, o furor revolucionário do pobre moço consistira em ler Rousseau, Volney, Helvécio, e a «Enciclopédia»; em atirar foguetes de lágrimas à Constituição; e ir, de chapéu à liberal e alta gravata azul, recitando pelas lojas maçónicas odes abomináveis ao Supremo Arquiteto

do Universo. Isto, porém, bastara para indignar o pai. Caetano da Maia era um português antigo e fiel que se benzia ao nome de Robespierre, e que, na sua apatia de fidalgo beato e doente, tinha só um sentimento vivo — o horror, o ódio ao jacobino, a quem atribuía todos os males, os da pátria e os seus, desde a perda das colónias até às crises da sua gota. Para extirpar da nação o jacobino, dera ele o seu amor ao senhor infante D. Miguel, messias forte e restaurador providencial... E ter justamente por filho um jacobino, parecia-lhe uma provação comparável só às de Job!

Ao princípio, na esperança que o menino se emendasse, contentou-se em lhe mostrar um carão severo e chamar-lhe com sarcasmo — *cidadão*! Mas quando

soube que seu filho, o seu herdeiro, se misturara à turba que, numa noite de festa cívica e de Luminárias, tinha apedrejado as vidraças apagadas do senhor legado de Áustria, enviado da Santa Aliança — considerou o rapaz um Marat e toda a sua cólera rompeu. A gota cruel, cravando-o na poltrona, não lhe deixou espancar o mação, com a sua bengala da Índia, à lei de bom pai português: mas decidiu expulsá-lo de sua casa, sem mesada e sem bênção, renegado como um bastardo! Que aquele pedreiro-livre não podia ser do seu sangue!

As lágrimas da mamã amoleceram-no; sobretudo as razões de uma cunhada de sua mulher, que vivia com eles em Benfica, senhora irlandesa de alta instrução, Minerva respeitada e tutelar,

que ensinara inglês ao menino e o adorava como um bebé. Caetano da Maia limitou-se a desterrar o filho para a Quinta de Santa Olávia; mas não cessou de chorar no seio dos padres que vinham a Benfica a desgraça da sua casa. E esses santos lá o consolavam, afirmando-lhe que Deus, o velho Deus de Ourique, não permitiria jamais que um Maia pactuasse com Belzebu e com a Revolução! E, à falta de Deus-Padre, lá estava Nossa Senhora da Soledade, padroeira da casa e madrinha do menino, para fazer o bom milagre. E o milagre fez-se. Meses depois, o jacobino, o Marat, voltava de Santa Olávia um pouco contrito, enfastiado sobretudo daquela solidão, onde os chás do brigadeiro Sena eram ainda mais tristes que o terço das primas Cunhas. Vinha

pedir ao pai a bênção, e alguns mil cruzados, para ir a Inglaterra, esse país de vivos prados e de cabelos de ouro, de que lhe falara tanto a tia Fanny. O pai beijou-o, todo em lágrimas, acedeu a tudo fervorosamente, vendo ali a evidente, a gloriosa intercessão de Nossa Senhora da Soledade! E o mesmo frei Jerónimo da Conceição, seu confessor, declarou este milagre — não inferior ao de Carnaxide.

Afonso partiu. Era na primavera — e a Inglaterra toda verde, os seus parques de luxo, os copiosos confortos, a harmonia penetrante dos seus nobres costumes, aquela raça tão séria e tão forte — encantaram-no. Bem depressa esqueceu o seu ódio aos sorumbáticos padres da Congregação, as horas ardentes passadas no café dos Remolares a recitar

Mirabeau, e a República que quisera fundar, clássica e voltairiana, com um triunvirato de Cipiões e festas ao Ente Supremo. Durante os dias da *Abrilada* estava ele nas corridas de Epsom, no alto de uma sege de posta, com um grande nariz postiço, dando hurras medonhos — bem indiferente aos seus irmãos de Maçonaria, que a essas horas o senhor infante espicaçava a chuço, pelas vielas do Bairro Alto, no seu rijo cavalo de Alter.

Seu pai morreu de súbito, ele teve de regressar a Lisboa. Foi então que conheceu D. Maria Eduarda Runa, filha do conde de Runa, uma linda morena, mimosa e um pouco adoentada. Ao fim do luto casou com ela. Teve um filho, desejou outros; e começou logo, com

belas ideias de patriarca moço, a fazer obras no palacete de Benfica, a plantar em redor arvoredos, preparando tetos e sombras à descendência amada que lhe encantaria a velhice.

Mas não esquecia a Inglaterra: — e tornava-lha mais apetecida essa Lisboa miguelista que ele via, desordenada como uma Tunes barbaresca; essa rude conjuração apostólica de frades e boleeiros, atroando tabernas e capelas; essa plebe beata, suja e feroz, rolando do *lausperene* para o curro, e ansiando tumultuosamente pelo príncipe que lhe encarnava tão bem os vícios e as paixões...

Este espetáculo indignava Afonso da Maia; e muitas vezes, na paz do serão, entre amigos, com o pequeno nos joelhos,

exprimiu a indignação da sua alma honesta. Já não exigia decerto, como em rapaz, uma Lisboa de Catões e de Múcios Cévolas. Já admitia mesmo o esforço de uma nobreza para manter o seu privilégio histórico; mas então queria uma nobreza inteligente e digna, como a aristocracia *tory* (que o seu amor pela Inglaterra lhe fazia idealizar), dando em tudo a direção moral, formando os costumes e inspirando a literatura, vivendo com fausto e falando com gosto, exemplo de ideias altas e espelho de maneiras patrícias... O que não tolerava era o mundo de Queluz, bestial e sórdido.

Tais palavras, apenas soltas, voavam a Queluz. E quando se reuniram as Cortes Gerais, a polícia invadiu Benfica, «a procurar papéis e armas

escondidas».

Afonso da Maia, com o seu filho nos braços e a mulher tremendo ao lado — viu, impassivelmente e sem uma palavra, a busca, as gavetas arrombadas pela coronha das escopetas, as mãos sujas do malsim rebuscando os colchões do seu leito. O senhor juiz de fora não descobriu nada; aceitou mesmo na copa um cálice de vinho, e confessou ao mordomo «que os tempos iam bem duros...». Desde essa manhã as janelas do palacete conservaram-se cerradas; não se abriu mais o portão nobre para sair o coche da senhora; e daí a semanas, com a mulher e com o filho, Afonso da Maia partia para Inglaterra e para o exílio.

Aí instalou-se, com luxo, para uma longa demora, nos arredores de Londres,

junto a Richmond, ao fundo de um parque, entre as suaves e calmas paisagens de Surrey.

Os seus bens, graças ao crédito do conde de Runa, antigo mimoso de D. Carlota Joaquina, hoje conselheiro ríspido do senhor D. Miguel, não tinham sido confiscados; e Afonso da Maia podia viver largamente.

Ao princípio os emigrados liberais, Palmela e a gente do *Belfast*, ainda o vieram desassossegar e consumir. A sua alma reta não tardou a protestar vendo a separação de castas, de jerarquias, mantidas ali na terra estranha entre os vencidos da mesma ideia — os fidalgos e os desembargadores vivendo no luxo de Londres à forra, e plebe, o exército, depois dos padecimentos da

Galiza, sucumbindo agora à fome, à vérmina, à febre nos barracões de Plymouth. Teve logo conflitos com os chefes liberais; foi acusado de vintista e demagogo; descreu por fim do liberalismo. Isolou-se então — sem fechar todavia a sua bolsa, donde saíam às cinquenta, às cem moedas... Mas quando a primeira expedição partiu, e pouco a pouco se foram vazando os depósitos de emigrados, respirou enfim — e, como ele disse, pela primeira vez lhe soube bem o ar de Inglaterra!

Meses depois, sua mãe, que ficara em Benfica, morria de uma apoplexia: e a tia Fanny veio para Richmond completar a felicidade de Afonso, com o seu claro juízo, os seus caracóis brancos, os seus modos de discreta Minerva. Ali estava ele

pois no seu sonho, numa digna residência inglesa, entre árvores seculares, vendo em redor nas vastas relvas dormirem ou pastarem os gados de luxo, e sentindo em torno de si tudo tão são, forte, livre e sólido — como o amava o seu coração.

Teve relações; estudou a nobre e rica literatura inglesa; interessou-se, como convinha a um fidalgo em Inglaterra, pela cultura, pela cria dos cavalos, pela prática da caridade; — e pensava com prazer em ficar ali para sempre naquela paz e naquela ordem. Somente Afonso sentia que sua mulher não era feliz. Pensativa e triste, tossia sempre pelas salas. À noite sentava-se ao fogão, suspirava e ficava calada...

Pobre senhora! A nostalgia do País, da parentela, das igrejas, ia-a

minando. Verdadeira lisboeta, pequenina e trigueira, sem se queixar e sorrindo palidamente, tinha vivido desde que chegara num ódio surdo àquela terra de hereges e ao seu idioma bárbaro: sempre arrepiada, abafada em peles, olhando com pavor os céus fuscos ou a neve nas árvores, o seu coração não estivera nunca ali, mas longe, em Lisboa, nos adros, nos bairros batidos do sol. A sua devoção (a devoção dos Runas!) sempre grande, exaltara-se, exacerbara-se àquela hostilidade ambiente que ela sentia em redor contra os «papistas». E só se satisfazia à noite, indo refugiar-se no sótão com as criadas portuguesas, para rezar o *terço* agachada numa esteira — gozando ali, nesse murmúrio de *ave-marias* em país protestante, o encanto de

uma conjuração católica!

Odiando tudo o que era inglês, não consentira que seu filho, o Pedrinho, fosse estudar ao colégio de Richmond. Debalde Afonso lhe provou que era um colégio católico. Não queria: aquele catolicismo sem romarias, sem fogueiras pelo S. João, sem imagens do Senhor dos Passos, sem frades nas ruas — não lhe parecia a religião. A alma do seu Pedrinho não abandonaria ela à heresia; — e para o educar mandou vir de Lisboa o padre Vasques, capelão do conde de Runa.

O Vasques ensinava-lhe as declinações latinas, sobretudo a cartilha: e a face de Afonso da Maia cobria-se de tristeza, quando ao voltar de alguma caçada ou das ruas de Londres, de entre o forte rumor da vida livre — ouvia no

quarto dos estudos a voz dormente do reverendo, perguntando como do fundo de uma treva:

— Quantos são os inimigos da alma?

E o pequeno, mais dormente, lá ia murmurando:

— Três. Mundo, Diabo e Carne...

Pobre Pedrinho! Inimigo da sua alma só havia ali o reverendo Vasques, obeso e sórdido, arrotando do fundo da sua poltrona, com o lenço do rapé sobre o joelho...

Às vezes Afonso, indignado, vinha ao quarto, interrompia a doutrina, agarrava a mão do Pedrinho — para o levar, correr com ele sob as árvores do Tamisa, dissipar-lhe na grande luz do rio o pesadume crasso da cartilha. Mas a

mamã acudia de dentro, em terror, a abafá-lo numa grande manta: depois, lá fora, o menino, acostumado ao colo das criadas e aos recantos estofados, tinha medo do vento e das árvores: e pouco a pouco, num passo desconsolado, os dois iam pisando em silêncio as folhas secas — o filho todo acobardado das sombras do bosque vivo, o pai vergando os ombros, pensativo, triste daquela fraqueza do filho...

Mas o menor esforço dele para arrancar o rapaz àqueles braços de mãe que o amoleciam, àquela cartilha mortal do padre Vasques — trazia logo à delicada senhora acessos de febre. E Afonso não se atrevia já a contrariar a pobre doente, tão virtuosa, e que o amava tanto! Ia então lamentar-se para o pé da tia

Fanny: a sábia irlandesa metia os óculos entre as folhas do seu livro, tratado de Addison ou poema de Pope, e encolhia melancolicamente os ombros. Que podia ela fazer!... Por fim a tosse de Maria Eduarda foi aumentando — como a tristeza das suas palavras. Já falava da «sua ambição derradeira», que era ver o sol uma vez mais! Porque não voltariam a Benfica, ao seu lar, agora que o senhor Infante estava também desterrado e que havia uma grande paz? Mas a isso Afonso não cedeu: não queria ver outra vez as suas gavetas arrombadas a coronhadas — e os soldados do senhor D. Pedro não lhe davam mais garantias que os malsins do senhor D. Miguel.

Por esse tempo veio um grave desgosto à casa: a tia Fanny morreu, de

uma pneumonia, nos frios de março; e isto enegreceu mais a melancolia de Maria Eduarda, que a amava muito também — por ser irlandesa e católica.

Para a distrair, Afonso levou-a para a Itália, para uma deliciosa *villa* ao pé de Roma. Aí não lhe faltava o sol: tinha-o pontual e generoso todas as manhãs, banhando largamente os terraços, dourando loureirais e mirtos. E depois, lá em baixo, entre mármores, estava a coisa preciosa e santa — o Papa!

Mas a triste senhora continuava a choramingar. O que realmente apetecia era Lisboa, as suas novenas, os santos devotos do seu bairro, as procissões passando num rumor de pachorrenta penitência por tardes de sol e de poeira...

Foi necessário calmá-la, voltar a

Benfica.

Aí começou uma vida desconsolada. Maria Eduarda definhava lentamente, todos os dias mais pálida, levando semanas imóvel sobre o canapé, com as mãos transparentes cruzadas sobre as suas grossas peles de Inglaterra. O padre Vasques, apoderando-se daquela alma aterrada para quem Deus era um amo feroz, tornara-se o grande homem da casa. De resto Afonso encontrava a cada momento pelos corredores outras figuras canónicas, de capote e solidéu, em que reconhecia antigos franciscanos, ou algum magro capuchinho parasitando no bairro; a casa tinha um bafio de sacristia; e dos quartos da senhora vinha constantemente, dolente e vago, um rumor de ladainha.

Todos aqueles santos varões

comiam, bebiam o seu vinho do Porto na copa. As contas do administrador apareciam sobrecarregadas com as mesadas piedosas que dava a senhora: um frei Patrício surripiaralhe duzentas missas de cruzado por alma do senhor D. José I... Esta carolice que o cercava ia lançando Afonso num ateísmo rancoroso: quereria as igrejas fechadas como os mosteiros, as imagens escavacadas a machado, uma matança de reverendos...

Quando sentia na casa a voz das rezas, fugia, ia para o fundo da quinta, sob as trepadeiras do mirante, ler o seu Voltaire: ou então partia a desabafar com o seu velho amigo, o coronel Sequeira, que vivia numa quinta a Queluz.

O Pedrinho no entanto estava quase um homem. Ficara pequenino e

nervoso como Maria Eduarda, tendo pouco da raça, da força dos Maias; a sua linda face oval de um trigueiro cálido, dois olhos maravilhosos e irresistíveis, prontos sempre a humedecer-se, faziam-no assemelhar a um belo árabe. Desenvolvera-se lentamente, sem curiosidades, indiferente a brinquedos, a animais, a flores, a livros. Nenhum desejo forte parecera jamais vibrar naquela alma meio adormecida e passiva: só às vezes dizia que gostaria muito de voltar para a Itália. Tomara birra ao padre Vasques, mas não ousava desobedecer-lhe. Era em tudo um fraco; e esse abatimento contínuo de todo o seu ser resolvia-se a espaços em crises de melancolia negra, que o traziam dias e dias mudo, murcho, amarelo, com as olheiras fundas e já

velho. O seu único sentimento vivo, intenso, até aí, fora a paixão pela mãe.

Afonso quisera-o mandar para Coimbra. Mas, à ideia de se separar do seu Pedro, a pobre senhora caíra de joelhos diante de Afonso, balbuciando e tremendo: e ele, naturalmente, lá cedeu perante essas mãos suplicantes, essas lágrimas que caíam quatro a quatro pela pobre face de cera. O menino continuou em Benfica, dando os seus lentos passeios a cavalo, de criado de farda atrás, começando já a ir beber a sua genebra aos botequins de Lisboa... Depois foi despontando naquela organização uma grande tendência amorosa: aos dezanove anos teve o seu bastardozinho.

Afonso da Maia consolava-se pensando que, apesar de tão desgraçados

mimos, não faltavam ao rapaz qualidades: era muito esperto, são e, como todos os Maias, valente: não havia muito que ele só, com um chicote, dispersara na estrada três saloios de varapau que lhe tinham chamado *palmito*.

Quando a mãe morreu, numa agonia terrível de devota, debatendo-se dias nos pavores do Inferno, Pedro teve na sua dor os arrebatamentos de uma loucura. Fizera a promessa histérica, se ela escapasse, de dormir durante um ano sobre as lajes do pátio: e levado o caixão, saídos os padres, caiu numa angústia soturna, obtusa, sem lágrimas, de que não queria emergir, estirado de bruços sobre a cama numa obstinação de penitente. Muitos meses ainda não o deixou uma tristeza vaga: e Afonso da Maia já se

desesperava de ver aquele rapaz, seu filho e seu herdeiro, sair todos os dias a passos de monge, lúgubre no seu luto pesado, para ir visitar a sepultura da mamã...

Esta dor exagerada e mórbida cessou por fim; e sucedeu-lhe, quase sem transição, um período de vida dissipada e turbulenta, estroinice banal, em que Pedro, levado por um romantismo torpe, procurava afogar em lupanares e botequins as saudades da mamã. Mas essa exuberância ansiosa que se desencadeara tão subitamente, tão tumultuosamente, na sua natureza desequilibrada, gastou-se depressa também.

Ao fim de um ano de distúrbios no Marrare, de façanhas nas esperas de toiros, de cavalos esfalfados, de pateadas em S. Carlos, começaram a reaparecer as

antigas crises de melancolia nervosa; voltavam esses dias taciturnos, longos como desertos, passados em casa a bocejar pelas salas, ou sob alguma árvore da quinta todo estirado de bruços, como despenhado num fundo de amargura. Nesses períodos tornava-se também devoto: lia *Vidas de Santos*, visitava o *lausperene*: eram desses bruscos abatimentos de alma que outrora levavam os fracos aos mosteiros.

Isto penalizava Afonso da Maia: preferia saber que ele recolhera de Lisboa, de madrugada, exausto e bêbedo, — do que vê-lo, de ripanço debaixo do braço, com um ar velho, marchando para a igreja de Benfica.

E havia agora uma ideia que, a seu pesar, às vezes o torturava: descobrira a

grande parecença de Pedro com um avô de sua mulher, um Runa, de quem existia um retrato em Benfica: este homem extraordinário, com que na casa se metia medo às crianças, enlouquecera — e julgando-se Judas enforcara-se numa figueira... Mas um dia, excessos e crises findaram. Pedro da Maia amava! Era um amor à Romeu, vindo de repente numa troca de olhares fatal e deslumbradora, uma dessas paixões que assaltam uma existência, a assolam como um furacão, arrancando a vontade, a razão, os respeitos humanos e empurrando-os de roldão aos abismos. Numa tarde, estando no Marrare, vira parar defronte, à porta de Madame Levaillant, uma caleche azul onde vinha um velho de chapéu branco, e uma senhora loura, embrulhada num xale

de Caxemira. O velho, baixote e reforçado, de barba muito grisalha talhada por baixo do queixo, uma face tisnada de antigo embarcadiço e o ar goche, desceu todo encostado ao trintanário como se um reumatismo o tolhesse, entrou arrastando a perna o portal da modista; e ela voltando devagar a cabeça olhou um momento o Marrare. Sob as rosinhas que ornavam o seu chapéu preto, os cabelos loiros, de um oiro fulvo, ondeavam de leve sobre a testa curta e clássica: os olhos maravilhosos iluminavam-na toda; a friagem fazia-lhe mais pálida a carnação de mármore: e com o seu perfil grave de estátua, o modelado nobre dos ombros e dos braços que o xale cingia — pareceu a Pedro nesse instante alguma coisa de imortal e superior à Terra.

Não a conhecia. Mas um rapaz alto, macilento, de bigodes negros, vestido de negro, que fumava encostado à outra ombreira, numa *pose* de tédio — vendo o violento interesse de Pedro, o olhar aceso e perturbado com que seguia a caleche trotando Chiado acima, veio tomar-lhe o braço, murmurou-lhe junto à face na sua voz grossa e lenta:

— Queres que te diga o nome, meu Pedro? O nome, as origens, as datas e os feitos principais? E pagas ao teu amigo Alencar, ao teu sequioso Alencar, uma garrafa de champanhe?

Veio o champanhe. E o Alencar, depois de passar os dedos magros pelos anéis da cabeleira e pelas pontas do bigode, começou, todo recostado e dando um puxão aos punhos:

— Por uma doirada tarde de outono...

— André — gritou Pedro ao criado, martelando o mármore da mesa — retira o champanhe!

O Alencar bradou, imitando o ator Epifânio:

— O quê! Sem saciar a avidez do meu lábio?...

Pois bem, o champanhe ficaria: mas o amigo Alencar, esquecendo que era o poeta das *Vozes de Aurora*, explicaria aquela gente da caleche azul numa linguagem cristã e prática!...

— Aí vai, meu Pedro, aí vai!

Havia dois anos, justamente quando Pedro perdera a mamã, aquele velho, o papá Monforte, uma manhã rompera subitamente pelas ruas e pela

sociedade de Lisboa naquela mesma caleche com essa bela filha ao seu lado. Ninguém os conhecia. Tinham alugado a Arroios um primeiro andar no palacete dos Vargas; e a rapariga principiou a aparecer em S. Carlos, fazendo uma impressão — uma impressão de causar aneurismas, dizia o Alencar! Quando ela atravessava o salão, os ombros vergavam-se no deslumbramento de auréola que vinha daquela magnífica criatura, arrastando com um passo de deusa a sua cauda de corte, sempre decotada como em noites de gala, e, apesar de solteira, resplandecente de joias. O papá nunca lhe dava o braço: seguia atrás, entalado numa grande gravata branca de mordomo, parecendo mais tisnado e mais embarcadiço na claridade loira que saía

da filha, encolhido e quase apavorado, trazendo nas mãos o óculo, o *libreto*, um saco de *bombons*, o leque e o seu próprio guarda-chuva. Mas era no camarote, quando a luz caía sobre o seu colo ebúrneo e as suas tranças de oiro, que ela oferecia verdadeiramente a encarnação de um ideal da Renascença, um modelo de Ticiano... Ele, Alencar, na primeira noite em que a vira, exclamara, mostrando-a a ela e às outras, as trigueirotas de assinatura:

— Rapazes! É como um ducado de oiro novo entre velhos patacos do tempo do senhor D. João VI!

O Magalhães, esse torpe pirata, pusera o dito num folhetim do *Português*. Mas o dito era dele, Alencar!

Os rapazes, naturalmente,

começaram logo a rondar o palacete de Arroios. Mas nunca naquela casa se abria uma janela. Os criados interrogados disseram apenas que a menina se chamava Maria, e que o senhor se chamava Manuel. Enfim uma criada, amaciada com seis pintos, soltou mais: o homem era taciturno, tremia diante da filha, e dormia numa rede; a senhora, essa, vivia num ninho de sedas todo azul-ferrete, e passava o seu dia a ler novelas. Isto não podia satisfazer a sofreguidão de Lisboa. Fez-se uma devassa metódica, hábil, paciente... Ele, Alencar, pertencera à devassa.

E souberam-se horrores. O papá Monforte era dos Açores; muito moço, uma facada numa rixa, um cadáver a uma esquina tinham-no forçado a fugir a bordo

de um brigue americano. Tempos depois um certo Silva, procurador da Casa de Taveira, que o conhecera nos Açores, estando na Havana a estudar a cultura do tabaco que os Taveiras queriam implantar nas Ilhas encontrara lá o Monforte (que verdadeiramente se chamava Forte) rondando pelo cais, de chinelas de esparto, à procura de embarque para a Nova Orleães. Aqui havia uma treva na história do Monforte. Parece que servira algum tempo de feitor numa plantação da Virgínia... Enfim, quando reapareceu à face dos céus, comandava o brigue Nova Linda, e levava cargas de pretos para o Brasil, para a Havana e para a Nova Orleães.

Escapara aos cruzeiros ingleses, arrancara uma fortuna da pele do africano,

e agora rico, homem de bem, proprietário, ia ouvir a Corelli a S. Carlos. Todavia esta terrível crónica, como dizia o Alencar, obscura e mal provada, claudicava aqui e além...

— E a filha? — perguntou Pedro, que o escutara, sério e pálido. Mas isso não o sabia o amigo Alencar. Onde a arranjara assim tão loira e bela? Quem fora a mamã? Onde estava? Quem a ensinara a embrulhar-se com aquele gesto real no seu xale de Caxemira?...

— Isso, meu Pedro, são

mistérios que jamais pôde Lisboa astuta devassar e só Deus sabe!

Em todo o caso quando Lisboa descobriu aquela legenda de sangue e negros, o entusiasmo pela Monforte calmou. Que diabo! Juno tinha sangue de

assassino, a *beltà* do Ticiano era filha de negreiro! As senhoras, deliciando-se em vilipendiar uma mulher tão loira, tão linda e com tantas joias, chamaram-lhe logo a *negreira*! Quando ela aparecia agora no teatro, D. Maria da Gama afetava esconder a face detrás do leque, porque lhe parecia ver na rapariga (sobretudo quando ela usava os seus belos rubis) o sangue das facadas que dera o papazinho! E tinham-na caluniado abominavelmente. Assim, depois de passarem em Lisboa o primeiro inverno, os Monfortes sumiram-se: pois disse-se logo, com furor, que estavam arruinados, que a polícia perseguia o velho, mil perversidades... O excelente Monforte, que sofria de reumatismos articulares, achava-se tranquilamente, ricamente, tomando as

águas dos Pirenéus... Fora lá que o Melo os conhecera...

— Ah! o Melo conhece-os? — exclamou Pedro.

— Sim, meu Pedro, o Melo os conhece.

Pedro daí a um momento deixou o Marrare; e nessa noite, antes de recolher, apesar da chuva fria e miúda, andou rondando uma hora, com a imaginação toda acesa, o palacete dos Vargas, apagado e mudo. Depois, daí a duas semanas o Alencar, entrando em S. Carlos ao fim do primeiro ato do *Barbeiro*, ficou assombrado ao ver Pedro da Maia instalado na frisa do Monforte, à frente, ao lado de Maria, com uma camélia escarlate na casaca — igual às de um ramo pousado no rebordo de veludo.

Nunca Maria Monforte aparecera mais bela: tinha uma dessas *toilettes* excessivas e teatrais que ofendiam Lisboa, e faziam dizer às senhoras que ela se vestia «como uma cómica ». Estava de seda cor de trigo, com duas rosas amarelas e uma espiga nas tranças, opalas sobre o colo e nos braços; e estes tons de seara madura batida do sol, fundindo-se com o ouro dos cabelos, iluminando-lhe a carnação ebúrnea, banhando as suas formas de estátua, davam-lhe o esplendor de uma Ceres. Ao fundo entreviam-se os grandes bigodes loiros do Melo, que conversava de pé com o papá Monforte — escondido como sempre no canto negro da frisa.

O Alencar foi observar «o caso» do camarote dos Gamas. Pedro voltara à

sua cadeira, e de braços cruzados contemplava Maria. Ela conservou algum tempo a sua atitude de deusa insensível; mas depois, no dueto de Rosina e Lindor, duas vezes os seus olhos azuis e profundos se fixaram nele, gravemente e muito tempo. O Alencar correu ao Marrare, de braços ao ar, a berrar a novidade.

Não tardou de resto a falar-se em toda a Lisboa da paixão de Pedro da Maia pela *negreira*. Ele também namorou-a publicamente, à antiga, plantado a uma esquina, defronte do palacete dos Vargas, com os olhos cravados na janela dela, imóvel e pálido de êxtase. Escrevia-lhe todos os dias duas cartas em seis folhas de papel — poemas desordenados que ia compor para o Marrare: e ninguém lá

ignorava o destino daquelas páginas de linhas encruzadas que se acumulavam diante dele sobre o tabuleiro da genebra. Se algum amigo vinha à porta do café perguntar por Pedro da Maia, os criados já respondiam muito naturalmente:

— O sr. D. Pedro? Está a escrever à menina.

E ele mesmo, se o amigo se acercava, estendia-lhe a mão, exclamava radiante, com o seu belo e franco sorriso:

— Espera aí um bocado, rapaz, estou a escrever à Maria! Os velhos amigos de Afonso da Maia que vinham fazer o seu *whist* a Benfica, sobretudo o Vilaça, o administrador dos Maias, muito zeloso da dignidade da casa, não tardaram em lhe trazer a nova daqueles amores do Pedrinho. Afonso já os suspeitava: via

todos os dias um criado da quinta partir com um grande ramo das melhores camélias do jardim; todas as manhãs cedo encontrava no corredor o escudeiro, dirigindo-se ao quarto do menino, a cheirar regaladamente o perfume de um envelope com sinete de lacre dourado; e não lhe desagradava que um sentimento qualquer, humano e forte, lhe fosse arrancando o filho à estroinice bulhenta, ao jogo, às melancolias sem razão em que reaparecia o negro ripanço... Mas ignorava o nome, a existência sequer dos Monfortes; e as particularidades que os amigos lhe revelaram, aquela facada nos Açores, o chicote de feitor na Virgínia, o brigue *Nova Linda*, toda a sinistra legenda do velho contrariou muito Afonso da Maia. Uma noite que o coronel Sequeira,

à mesa do *whist*, contava que vira Maria Monforte e Pedro passeando a cavalo, ambos muito bem e muito *distingués*, Afonso, depois de um silêncio, disse com um ar enfastiado:

— Enfim, todos os rapazes têm as suas amantes... Os costumes são assim, a vida é assim, e seria absurdo querer reprimir tais coisas. Mas essa mulher com um pai desses, mesmo para amante acho má. O Vilaça suspendeu o baralhar das cartas, e ajeitando os óculos de oiro exclamou com espanto:

— Amante! Mas a rapariga é solteira, meu senhor, é uma menina honesta!...

Afonso da Maia enchia o seu cachimbo; as mãos começaram a tremer-lhe; e voltando-se para o administrador,

numa voz que tremia um pouco também:

— O Vilaça decerto não supõe que meu filho queira casar com essa criatura...

O outro emudeceu. E foi o Sequeira que murmurou:

— Isso não, está claro que não...

E o jogo continuou algum tempo em silêncio.

Mas Afonso da Maia principiou a andar descontente. Passavam-se semanas que Pedro não jantava em Benfica. De manhã, se o via, era um momento, quando ele descia ao almoço, já com uma luva calçada, apressado e radiante, gritando para dentro se estava selado o cavalo; depois, mesmo de pé, bebia um gole de chá, perguntava a correr «se o papá queria alguma coisa», dava um jeito ao bigode diante do grande espelho de Veneza sobre

o fogão, e lá partia, enlevado. Outras vezes todo o dia não saía do quarto: a tarde descia, acendiam-se as luzes; até que o pai, inquieto, subia, ia encontrá-lo estirado sobre o leito, com a cabeça enterrada nos braços.

— Que tens tu? — perguntava-lhe.

— Enxaqueca — respondia num tom surdo e rouco.

E Afonso descia indignado, vendo em toda aquela angústia cobarde alguma carta que não viera, ou talvez uma rosa oferecida que não fora posta nos cabelos...

Depois, por vezes, entre dois *robbers* ou conversando em volta da bandeja do chá, os seus amigos tinham observações que o inquietavam, partindo daqueles homens que habitavam Lisboa,

lhe conheciam os rumores — enquanto ele passava ali, inverno e verão, entre os seus livros e as suas rosas. Era o excelente Sequeira que perguntava porque não faria Pedro uma viagem longa, para se instruir, à Alemanha, ao Oriente? Ou o velho Luís Runa, o primo de Afonso, que a propósito de coisas indiferentes, rompia lamentando os tempos em que o Intendente da polícia podia livremente expulsar de Lisboa as pessoas importunas... Evidentemente aludiam à Monforte, evidentemente julgavam-na perigosa. No verão, Pedro partiu para Sintra; Afonso soube que os Monfortes tinham lá alugado uma casa. Dias depois o Vilaça apareceu em Benfica, muito preocupado: na véspera Pedro visitara-o no cartório, pedira-lhe informações sobre as suas propriedades,

sobre o meio de levantar dinheiro. Ele lá lhe dissera que em setembro, chegando à sua maioridade, tinha a legítima da mamã...

— Mas não gostei disto, meu senhor, não gostei disto...

— E porquê, Vilaça? O rapaz quererá dinheiro, quererá dar presentes à criatura... O amor é um luxo caro, Vilaça.

— Deus queira que seja isso, meu senhor, Deus o ouça! E aquela confiança tão nobre de Afonso da Maia no orgulho patrício, nos brios de raça de seu filho, chegava a tranquilizar Vilaça. Daí a dias, Afonso da Maia viu enfim Maria Monforte. Tinha jantado na quinta do Sequeira ao pé de Queluz, e tomavam ambos o seu café no mirante, quando entrou pelo caminho estreito que seguia o

muro a caleche azul com os cavalos cobertos de redes. Maria, abrigada sob uma sombrinha escarlate, trazia um vestido cor-de-rosa cuja roda, toda em folhos, quase cobria os joelhos de Pedro, sentado ao seu lado: as fitas do seu chapéu, apertadas num grande laço que lhe enchia o peito, eram também cor-de-rosa: e a sua face, grave e pura como um mármore grego, aparecia realmente adorável, iluminada pelos olhos de um azul sombrio, entre aqueles tons rosados. No assento defronte, quase todo tomado por cartões de modista, encolhia-se o Monforte, de grande chapéu panamá, calça de ganga, o mantelete da filha no braço, o guarda-sol entre os joelhos. Iam calados, não viram o mirante; e, no caminho verde e fresco, a caleche passou

com balanços lentos, sob os ramos que roçavam a sombrinha de Maria. O Sequeira ficara com a chávena de café junto aos lábios, de olho esgazeado, murmurando:

— Caramba! É bonita!

Afonso não respondeu: olhava cabisbaixo aquela sombrinha escarlate que agora se inclinava sobre Pedro, quase o escondia, parecia envolvê-lo todo — como uma larga mancha de sangue alastrando a caleche sob o verde triste das ramas.

O outono passou, chegou o inverno, frigidíssimo. Uma manhã, Pedro entrou na livraria onde o pai estava lendo junto ao fogão; recebeu-lhe a bênção, passou um momento os olhos por um jornal aberto, e voltando-se bruscamente

para ele:

— Meu pai — disse, esforçando-se por ser claro e decidido — venho pedir-lhe licença para casar com uma senhora que se chama Maria Monforte.

Afonso pousou o livro aberto sobre os joelhos, e numa voz grave e lenta:

— Não me tinhas falado disso... Creio que é a filha de um assassino, de um negreiro, a quem chamam também a *negreira*...

— Meu pai!...

Afonso ergueu-se diante dele, rígido e inexorável como a encarnação mesma da honra doméstica.

— Que tens a dizer-me mais? Fazes-me corar de vergonha. Pedro, mais branco que o lenço que tinha na mão,

exclamou todo a tremer, quase em soluços:

— Pois pode estar certo, meu pai, que hei de casar!

Saiu, atirando furiosamente com a porta. No corredor gritou pelo escudeiro, muito alto para que o pai ouvisse, e deu-lhe ordem para levar as suas malas ao Hotel Europa.

Dois dias depois Vilaça entrou em Benfica, com as lágrimas nos olhos, contando que o menino casara nessa madrugada — e segundo lhe dissera o Sérgio, procurador do Monforte, ia partir com a noiva para a Itália.

Afonso da Maia sentara-se nesse instante à mesa do almoço, posta ao pé do fogão: ao centro, um ramo esfolhava-se num vaso do Japão, à chama forte da

lenha: e junto ao talher de Pedro estava o número da *Grinalda*, jornal de versos que ele costumava receber... Afonso ouviu o procurador, grave e mudo, continuando a desdobrar lentamente o seu guardanapo.

— Já almoçou, Vilaça?

O procurador, assombrado daquela serenidade, balbuciou:

— Já almocei, meu senhor...

Então Afonso, apontando para o talher de Pedro, disse ao escudeiro:

— Pode tirar dali esse talher, Teixeira. Daqui por diante há só um talher à mesa... Sente-se, Vilaça, sente-se.

O Teixeira, ainda novo na casa, levantou com indiferença o talher do menino. Vilaça sentara-se. Tudo em redor era correto e calmo como nas outras manhãs em que almoçara em Benfica. Os

passos do escudeiro não faziam ruído no tapete fofo; o lume estalava alegremente, pondo retoques de oiro nas pratas polidas; o sol discreto que brilhava fora no azul de inverno fazia cintilar cristais de geada nas ramas secas; e à janela o papagaio, muito patuleia e educado por Pedro, rosnava injúrias aos Cabrais.

Por fim Afonso ergueu-se; esteve olhando abstraidamente a quinta, os pavões no terraço; depois ao sair da sala tomou o braço de Vilaça, apoiou-se nele com força, como se lhe tivesse chegado a primeira tremura da velhice, e no seu abandono sentisse ali uma amizade segura. Seguiram o corredor, calados. Na livraria Afonso foi ocupar a sua poltrona ao pé da janela, começou a encher devagar o seu cachimbo. Vilaça, de

cabeça baixa, passeava ao comprido das altas estantes, nas pontas dos pés, como no quarto de um doente. Um bando de pardais veio gralhar um momento nos ramos de uma alta árvore que roçava a varanda. Depois houve um silêncio, e Afonso da Maia disse:

— Então, Vilaça, o Saldanha lá foi demitido do Paço?... O outro respondeu vaga e maquinalmente:

— É verdade, meu senhor, é verdade...

E não se falou mais de Pedro da Maia.

2

Pedro e Maria, no entanto, numa felicidade de novela, iam descendo a Itália, a pequenas jornadas, de cidade em cidade, nessa via sagrada que vai desde as flores e das messes da planície lombarda até ao mole país de romanza, Nápoles, branca sob o azul. Era lá que tencionavam passar o inverno, nesse ar sempre tépido junto a um mar sempre manso, onde as preguiças de noivado têm uma suavidade mais longa... Mas um dia, em Roma, Maria sentiu o apetite de Paris. Parecia-lhe fatigante o viajar, assim, aos baloiços das caleças, só para ir ver *lazzaroni* engolir fios de macarrão. Quanto melhor seria habitar um ninho

acolchoado nos Campos Elísios, e gozarem ali um lindo inverno de amor! Paris estava seguro, agora, com o príncipe Luís Napoleão... Além disso, aquela velha Itália clássica enfastiava-a já: tantos mármores eternos, tantas *Madonas* começavam (como ela dizia pendurada languidamente do pescoço de Pedro) a dar tonturas à sua pobre cabeça! Suspirava por uma boa loja de modas, sob as chamas do gás, ao rumor do Boulevard... Depois tinha medo da Itália, onde todo o mundo conspirava. Foram para França.

Mas por fim aquele Paris ainda agitado, onde parecia restar um vago cheiro de pólvora pelas ruas, onde cada face conservava um calor de batalha, desagradou a Maria. De noite acordava

com a*Marselhesa*; achava um ar feroz à polícia; tudo permanecia triste; e as duquesas, pobres anjos, ainda não ousavam vir ao *Bois*, com medo dos operários, corja insaciável! Enfim demoraram-se lá até à primavera, no ninho que ela sonhara, todo de veludo azul, abrindo sobre os Campos Elísios.

Depois principiou a falar-se de novo em revolução, em golpe de estado. A admiração absurda de Maria pelos novos uniformes da *Garde Mobile* fazia Pedro nervoso. E quando ela apareceu grávida, ansiou por a tirar daquele Paris batalhador e fascinante, vir abrigá-la na pacata Lisboa adormecida ao sol.

Antes de partir, porém, escreveu ao pai.

Fora um conselho, quase uma

exigência de Maria. A recusa de Afonso da Maia ao princípio desesperara-a. Não a afligia a desunião doméstica: mas aquele *não* afrontoso de fidalgo puritano marcara muito publicamente, muito brutalmente, a sua origem suspeita! Odiou o velho: e tinha apressado o casamento, aquela partida triunfante para Itália, para lhe mostrar bem que nada valiam genealogias, avós godos, brios de família — diante dos seus braços nus... Agora, porém, que ia voltar a Lisboa, dar *soirées*, criar corte, a reconciliação tornava-se indispensável; aquele pai retirado em Benfica, com o rígido orgulho de outras idades, faria lembrar constantemente, mesmo entre os seus espelhos e os seus estofos, o brigue *Nova Linda* carregado de negros... E queria

mostrar-se a Lisboa pelo braço desse sogro tão nobre e tão ornamental, com as suas barbas de vizo-rei.

— Diz-lhe que já o adoro — murmurava ela curvada sobre a escrivaninha acariciando os cabelos de Pedro. — Diz-lhe que se tiver um pequeno lhe hei de pôr o nome dele... Escreve-lhe uma carta bonita, hem!

E foi bonita, foi terna a carta de Pedro ao papá. O pobre rapaz amava-o. Falou-lhe comovido da esperança de ter um filho varão; as desinteligências deviam findar em torno do berço daquele pequeno Maia que ali vinha, morgado e herdeiro do nome... Contava-lhe a sua felicidade com uma efusão de namorado indiscreto: a história da bondade de Maria, das suas graças, da sua instrução,

enchia duas páginas: e jurava-lhe que apenas chegasse não tardaria uma hora em ir atirar-se aos seus pés...

Com efeito, apenas desembarcou, correu num trem a Benfica. Dois dias antes o pai partira para Santa Olávia: isto pareceu-lhe uma desfeita — e feriu-o acerbamente.

Fez-se então entre o pai e o filho uma grande separação.

Quando lhe nasceu uma filha Pedro não lho participou — dizendo dramaticamente ao Vilaça «que já não tinha pai!» Era uma linda bebé, muito gorda, loura e cor-de-rosa, com os belos olhos negros dos Maias. Apesar dos desejos de Pedro, Maria não a quis criar; mas adorava-a com frenesi; passava dias de joelhos ao pé do berço, em êxtase,

correndo as suas mãos cheias de pedrarias pelas carninhas tenras, pondo-lhe beijos de devota nos pezinhos, nas rosquinhas das coxas, balbuciando-lhe num enlevo nomes de grande amor, e perfumando-a já, enchendo-a já de laçarotes.

E nestes delírios pela filha, brotava, mais amarga, a sua cólera contra Afonso da Maia. Considerava-se então insultada em si mesma e naquele querubim que lhe nascera. Injuriava o velho grosseiramente, chamava-lhe o *D. Fuas*, o *Barbatanas*...

Pedro um dia ouviu isto, e escandalizou-se: ela replicou desabridamente: e diante daquela face abrasada, onde entre lágrimas os olhos azuis pareciam negros de cólera, ele só

pôde balbuciar timidamente:

— É meu pai, Maria...

Seu pai! E à face de toda a Lisboa tratava-a então como uma concubina! Podia ser um fidalgo, as maneiras eram de vilão. Um *D. Fuas*, um *Barbatanas*, nada mais!...

Arrebatou a filha, e abraçada nela, romperam as queixas por entre os prantos:

— Ninguém nos ama, meu anjo! Ninguém te quer! Tens só a tua mãe! Tratam-te como se fosses bastarda!

A bebé, sacudida nos braços da mãe, desatou a gritar. Pedro correu, envolveu-as ambas no mesmo abraço, já enternecido, já humilde; e tudo terminou num longo beijo.

E ele, por fim, no seu coração, justificava aquela cólera de mãe que vê

desprezado o seu anjo. De resto, mesmo alguns amigos de Pedro, o Alencar, o D. João da Cunha, que começavam agora a frequentar Arroios, riam daquela obstinação de pai gótico, amuado na província, porque sua nora não tivera avós mortos em Aljubarrota! E onde havia outra em Lisboa, com aquelas *toilettes*, aquela graça, recebendo tão bem? Que diabo, o mundo marchara, saíra-se já das atitudes empertigadas do século XVI!

E o próprio Vilaça, um dia que Pedro lhe fora mostrar a pequerruchinha adormecida entre as rendas do seu berço, sensibilizou-se, veio-lhe uma das suas fáceis lágrimas, declarou, com a mão no coração, que aquilo era uma caturrice do Sr. Afonso da Maia!

— Pois pior para ele! Não querer

ver um anjo destes! — disse Maria, dando diante do espelho um lindo jeito às flores do cabelo.

— Também não faz cá falta...

E não fazia falta. Nesse outubro, quando a pequena completou o seu primeiro ano, houve um grande baile na casa de Arroios, que eles agora ocupavam toda, e que fora ricamente remobilada. E as senhoras que outrora tinham horror à *negreira*, a D. Maria da Gama que escondia a face por trás do leque, lá vieram todas, amáveis e decotadas, com o beijinho pronto, chamando-lhe «querida», admirando as grinaldas de camélias que emolduravam os espelhos de quatrocentos mil réis, e gozando muito os gelados.

Começara então uma existência festiva e luxuosa, que, segundo dizia o

Alencar, o íntimo da casa, o cortesão de Madame, «tinha um saborzinho de orgia *distinguée* como os poemas de Byron». Eram realmente as *soirées* mais alegres de Lisboa: ceava-se à uma hora com champanhe; talhava-se até tarde um *monte* forte; inventavam-se quadros vivos, em que Maria se mostrava soberanamente bela sob as roupagens clássicas de Helena ou no luxo sombrio do luto oriental de Judite. Nas noites mais íntimas, ela costumava vir fumar com os homens uma cigarrilha perfumada. Muitas vezes, na sala de bilhar, as palmas estalaram, vendo-a bater à carambola francesa D. João da Cunha, o grande taco da época. E no meio desta festança, atravessada pelo sopro romântico da Regeneração, lá se via sempre, taciturno e

encolhido, o papá Monforte, de alta gravata branca, com as mãos atrás das costas rondando pelos cantos, refugiado pelos vãos das janelas, mostrando-se só para salvar alguma bobeche que ia estalar — e não desprendendo nunca da filha o olho embevecido e senil.

Nunca Maria fora tão formosa. A maternidade dera-lhe um esplendor mais copioso; e enchia verdadeiramente, dava luz àquelas altas salas de Arroios, com a sua radiante figura de Juno loira, os diamantes das tranças, o ebúrneo e o lácteo do colo nu, e o rumor das grandes sedas. Com razão, querendo ter, à maneira das damas da Renascença, uma flor que a simbolizasse, escolhera a túlipa real, opulenta e ardente.

Citavam-se os requintes do seu

luxo, roupas brancas, rendas do valor de propriedades!... Podia fazê-lo! O marido era rico, e ela sem escrúpulo arruiná-lo-ia, a ele e ao papá Monforte...

Todos os amigos de Pedro, naturalmente, a amavam. O Alencar, esse proclamava-se com alarido «seu cavaleiro e seu poeta». Estava sempre em Arroios, tinha lá o seu talher: por aquelas salas soltava as suas frases ressoantes, por esses sofás arrastava as suas *poses* de melancolia. Ia dedicar a Maria (e nada havia mais extraordinário que o tom langoroso e plangente, o olho turvo, fatal, com que ele pronunciava este nome — MARIA!), ia dedicar-lhe o seu poema, tão anunciado, tão esperado — FLOR DE MARTÍRIO! E citavam-se estrofes que lhe fizera ao gosto cantante do tempo:

Vi-te essa noite no esplendor das salas Com as loiras tranças volteando louca...

A paixão do Alencar era inocente: mas, dos outros íntimos da casa, mais de um, decerto, balbuciara já a sua declaração no *boudoir* azul em que ela recebia às três horas, entre os seus vasos de túlipas; as suas amigas, porém, mesmo as piores, afirmavam que os seus favores nunca teriam passado de alguma rosa dada num vão de janela, ou de algum longo e suave olhar por trás do leque. Pedro todavia começava a ter horas sombrias. Sem sentir ciúmes, vinha-lhe às vezes, de repente, um tédio daquela existência de luxo e de festa, um desejo violento de sacudir da sala esses homens, os seus íntimos, que se atropelavam assim tão

ardentemente em volta dos ombros decotados de Maria.

Refugiava-se então nalgum canto, trincando com furor o charuto: e aí, era em toda a sua alma um tropel de coisas dolorosas e sem nome...

Maria sabia perceber bem na face do marido «estas nuvens», como ela dizia. Corria para ele, tomava-lhe ambas as mãos, com força, com domínio:

— Que tens tu, amor? Estás amuado!

— Não, não estou amuado...

— Olha então para mim!...

Colava o seu belo seio contra o peito dele; as suas mãos corriam-lhe os braços numa carícia lenta e quente, dos pulsos aos ombros; depois, com um lindo olhar, estendia-lhe os lábios. Pedro colhia

neles um longo beijo, e ficava consolado de tudo.

Durante esse tempo Afonso da Maia não saía das sombras de Santa Olávia, tão esquecido para lá como se estivesse no seu jazigo. Já se não falava dele em Arroios, *D. Fuas* estava roendo a teima. Só Pedro às vezes perguntava a Vilaça «como ia o papá». E as notícias do administrador enfureciam sempre Maria: o papá estava ótimo; tinha agora um cozinheiro francês esplêndido; Santa Olávia enchera-se de hóspedes, o Sequeira, André da Ega, D. Diogo Coutinho...

— O *Barbatanas* trata-se! — ia ela dizer ao pai com rancor. E o velho negreiro esfregava as mãos, satisfeito de o saber assim feliz em Santa Olávia; porque

nunca cessara de tremer à ideia de ver em Arroios, diante de si, aquele fidalgo tão severo e de vida tão pura. Quando, porém, Maria teve outro filho, um pequeno, o sossego que então se fez em Arroios trouxe de novo muito vivamente, ao coração de Pedro, a imagem do pai abandonado naquela tristeza do Douro. Falou a Maria de reconciliação, a medo, aproveitando a fraqueza da convalescença. E a sua alegria foi grande quando Maria, depois de ficar um momento pensativa, respondeu:

— Creio que me havia de fazer feliz tê-lo aqui...

Pedro, entusiasmado com um assentimento tão inesperado, pensou em abalar para Santa Olávia. Mas ela tinha um plano melhor: Afonso, segundo dizia o

Vilaça, devia recolher em breve a Benfica; pois bem, ela iria lá com o pequeno, toda vestida de preto, e de repente, atirando-se-lhe aos pés, pedir-lhe-ia a bênção para o seu neto! Não podia falhar! Não podia, realmente; e Pedro viu ali uma alta inspiração de maternidade...

Para abrandar desde já o papá, Pedro quis dar ao pequeno o nome de Afonso. Mas nisso Maria não consentiu. Andava lendo uma novela de que era herói o último Stuart, o romanesco príncipe Carlos Eduardo; e, namorada dele, das suas aventuras e desgraças, queria dar esse nome a seu filho... Carlos Eduardo da Maia! Um tal nome parecia-lhe conter todo um destino de amores e façanhas. O batizado teve de ser

retardado; Maria adoecera com uma angina. Foi muito benigna porém; e daí a duas semanas Pedro podia já sair para uma caçada na sua quinta da *Tojeira*, adiante de Almada. Devia demorar-se dois dias. A partida arranjara-se unicamente para obsequiar um italiano, chegado por então a Lisboa, distinto rapaz que lhe fora apresentado pelo secretário da Legação inglesa, e com quem Pedro simpatizara vivamente; dizia-se sobrinho dos príncipes de Sória; e vinha fugido de Nápoles, onde conspirara contra os Bourbons e fora condenado à morte. O Alencar e D. João Coutinho iam também à caçada — e a partida foi de madrugada. Nessa tarde, Maria jantava só no seu quarto, quando sentiu carruagens parando à porta, um grande rumor encher a escada;

quase imediatamente Pedro aparecia-lhe trémulo e enfiado:

— Uma grande desgraça, Maria!

— Jesus!

— Feri o rapaz, feri o napolitano!...

— Como?

Um desastre estúpido!... Ao saltar um barranco, a espingarda disparara-se-lhe, e a carga, zás, vai cravar-se no napolitano! Não era possível fazer curativos na *Tojeira*, e voltaram logo a Lisboa. Ele naturalmente não consentira que o homem que tinha ferido recolhesse ao hotel: trouxera-o para Arroios, para o quarto verde por cima, mandara chamar o médico, duas enfermeiras para o velar, e ele mesmo lá ia passar a noite...

— E ele?

— Um herói!... Sorri, diz que não é nada, mas eu vejo-o pálido como um morto. Um rapaz adorável! Isto só a mim, Senhor! E então o Alencar, que ia mesmo ao pé dele... Podia antes ter ferido o Alencar, um rapaz íntimo, de confiança! Até a gente se ria. Mas não, zás, logo o outro, o de cerimónia...

Uma sege, nesse instante, entrava o pátio.

— É o médico!

E Pedro abalou.

Voltou daí a pouco, mais tranquilo. O Dr. Guedes quase rira daquela bagatela, uma chumbada no braço, e alguns grãos perdidos nas costas. Prometera-lhe que daí a duas semanas podia caçar outra vez na *Tojeira*; e o príncipe estava já fumando o seu charuto. Belo rapaz! Parecia

simpatizar com o papá Monforte.

Toda essa noite Maria dormiu mal, na excitação vaga que lhe dava aquela ideia de um príncipe entusiasta, conspirador, condenado à morte, ferido agora, por cima do seu quarto.

Logo de manhã cedo — apenas Pedro saíra a fazer transportar, ele mesmo, do hotel, as bagagens do napolitano — Maria mandou a sua criada francesa de quarto, uma bela moça de Arles, acima, saber da parte dela como Sua Alteza passara, e «ver que figura tinha». A arlesiana apareceu, com os olhos brilhantes, a dizer à senhora, nos seus grandes gestos de provençal, que nunca vira um homem tão formoso! Era uma pintura de Nosso Senhor Jesus Cristo! Que pescoço, que brancura de

mármore! Estava muito pálido ainda; agradecia enternecido os cuidados de Madame Maia; e ficara a ler o jornal encostado aos travesseiros...

Maria, desde então, não pareceu interessar-se mais pelo ferido. Era Pedro que vinha, a cada instante, falar-lhe dele, entusiasmado por aquela existência patética de príncipe conspirador, partilhando já o seu ódio aos Bourbons, encantado com a similitude de gostos que encontrava nele, o mesmo amor da caça, dos cavalos, das armas. Agora logo de manhã, subia para o quarto do príncipe, de *robe-de-chambre* e cachimbo na boca, e passava lá horas numa camaradagem, fazendo grogues quentes — permitidos pelo Dr. Guedes. Levava mesmo para lá os seus amigos, o Alencar, o D. João da

Cunha. Maria sentia-lhes por cima as risadas. Às vezes tocava-se viola. E o velho Monforte, pasmado para o herói, não cessava de lhe rondar o leito.

A arlesiana, essa, também a cada momento aparecia lá a levar toalhas de rendas, um açucareiro que ninguém reclamara, ou algum vaso com flores para alegrar a alcova... Maria, por fim, perguntou a Pedro, muito séria, se além de todos os amigos da casa, duas enfermeiras, dois escudeiros, o papá e ele Pedro — era necessária também constantemente a sua própria criada no quarto de Sua Alteza! Não era. Mas Pedro riu muito à ideia de que a arlesiana se tivesse namorado do príncipe. Nesse caso Vénus era-lhe propícia! O napolitano também a achava picante: *un très joli brin*

de femme, tinha ele dito.

A bela face de Maria empalideceu de cólera. Julgava tudo isso de mau gosto, grosseiro, impudente! Pedro fora realmente um doido em trazer assim para a intimidade de Arroios um estrangeiro, um fugido, um aventureiro! Demais, aquela troça em cima, entre grogues quentes, com guitarra, sem respeito por ela, ainda toda nervosa, toda fraca da convalescença, indignava-a! Apenas Sua Alteza pudesse acomodar-se com almofadas numa sege, queria-o fora, na estalagem...

— O que aí vai! Jesus! O que aí vai!... — disse Pedro.

— É assim.

E decerto foi muito severa também com a arlesiana, porque nessa tarde Pedro

encontrou a moça aos ais no corredor, limpando ao avental os olhos afogueados.

Daí a dias, porém, o napolitano, já convalescente, quis recolher ao seu hotel. Não vira Maria: mas em agradecimento da sua hospitalidade, mandou-lhe um admirável ramo, e, com uma galanteria de príncipe artista da Renascença, um soneto em italiano enrolado entre as flores e tão perfumado como elas: comparava-a a uma nobre dama da Síria, dando a gota de água da sua bilha ao cavaleiro árabe, ferido na estrada ardente; comparava-a à Beatriz do Dante. Isto afigurou-se a todos de uma rara distinção, e, como disse o Alencar, um rasgo à Byron.

Depois, na *soirée* do batizado Carlos Eduardo, dada daí a uma semana, o napolitano mostrou-se, e impressionou

tudo. Era um homem esplêndido, feito como um Apolo, de uma palidez de mármore rico: a sua barba curta e frisada, os seus longos cabelos castanhos, cabelos de mulher, ondeados e com reflexos de oiro, apartados à nazarena — davam-lhe realmente, como dizia a arlesiana, uma fisionomia de belo Cristo.

Dançou apenas uma contradança com Maria, e pareceu, na verdade, um pouco taciturno e orgulhoso: mas tudo nele fascinava, a sua figura, o seu mistério, até o seu nome de Tancredo. Muitos corações de mulher palpitavam quando ele encostado a uma ombreira, de claque na mão, uma melancolia na face, exalando o encanto patético de um condenado à morte, derramava lentamente pela sala o langor sombrio do seu olhar

de veludo. A marquesa de Alvenga, para o examinar de perto, pediu o braço a Pedro, e foi aplicar-lhe, como a um mármore de museu, a sua luneta de oiro.

— É de apetite! — exclamou ela. — É uma imagem!... E são amigos, são amigos, Pedro?

— Somos como dois irmãos de armas, minha senhora.

Nessa mesma *soirée*, o Vilaça informara Pedro que o pai era esperado no dia seguinte em Benfica. E Pedro, logo que se recolheram, falou a Maria em «irem fazer a grande cena ao papá». Ela, porém, recusou, e com as razões mais imprevistas, as mais sensatas. Tinha cogitado muito! Reconhecia agora que um dos motivos daquela teima do papá — ultimamente chamava-lhe sempre o papá

— era essa extraordinária existência de Arroios...

— Mas, filha — disse Pedro — escuta, nós não vivemos também em plena orgia... Alguns amigos que vêm...

Pois sim, pois sim... Mas, realmente, estava decidida a ter um interior mais calmo e mais doméstico. Era mesmo melhor para os bebés. Pois bem, queria que o papá estivesse convencido dessa transformação, para que as pazes fossem mais fáceis e eternas.

— Deixa passar dois ou três meses... Quando ele souber como nós vivemos quietinhos, eu o trarei, sossega... É bom também que seja quando meu pai partir para as águas, para os Pirenéus. Que o pobre papá, coitado, tem medo do teu... Filho, não achas assim melhor?

— És um anjo — foi a resposta de Pedro, beijando-lhe ambas as mãos.

Toda a antiga maneira de Maria pareceu com efeito ir mudando. Suspendera as *soirées*. Começou a passar as noites muito recolhidas, com alguns íntimos, no seu *boudoir* azul. Já não fumava; abandonara o bilhar; e vestida de preto, com uma flor nos cabelos, fazia *crochet* ao pé do candeeiro. Estudava-se música clássica quando vinha o velho Cazoti. O Alencar, que, imitando a sua dama, entrara também na gravidade, recitava traduções de Klopstock. Falava-se com sisudez de política; Maria era muito regeneradora.

E todas essas noites, Tancredo lá estava, indolente e belo, desenhando alguma flor para ela bordar, ou tangendo à

guitarra canções populares de Nápoles. Todos ali o adoravam; mas ninguém mais que o velho Monforte, que passava horas, enterrado na sua alta gravata, contemplando o príncipe com enternecimento. Depois, de repente, erguia-se, atravessava a sala, ia-se debruçar sobre ele, palpá-lo, senti-lo, respirá-lo, murmurando no seu francês de embarcadiço:

— *Ça aller bien... Hein? Beaucoup bien...* Ora estimo... E estas correntes bruscas de afeto comunicavam-se decerto, porque nesse momento Maria tinha sempre um dos seus lindos sorrisos para o papá ou vinha beijá-lo na testa.

De dia ocupava-se de coisas sérias. Organizara uma útil associação de caridade, a *Obra Pia dos Cobertores*,

com o fim de fazer no inverno às famílias necessitadas distribuições de agasalhos; e presidia no salão de Arroios, com uma campainha, às reuniões em que se elaboravam os estatutos. Visitava os pobres. Ia também amiudadas vezes a uma devoção às igrejas, toda vestida de preto, a pé, com um véu muito espesso no rosto.

O esplendor da sua beleza aparecia agora velado por uma sombra tocante de ternura grave: a Deusa idealizava-se em Madona; e não era raro ouvi-la de repente suspirar sem razão.

Ao mesmo tempo a sua paixão pela filha crescia. Tinha então dois anos e estava realmente adorável; vinha todas as noites um momento à sala, vestida com um luxo de princesa; e as exclamações, os êxtases de Tancredo não findavam!

Fizera-lhe o retrato a carvão, a esfuminho, a aguarela; ajoelhava-se para lhe beijar a mãozinha cor-de-rosa, como ao *bambino* sagrado. E Maria, agora, apesar dos protestos de Pedro, dormia sempre com ela entre os braços. Ao começo desse setembro o velho Monforte partiu para os Pirenéus. Maria chorou, dependurada do pescoço do velho, como se ele largasse de novo para as travessias de África.

Ao jantar, porém, chegou já consolada e radiante; e Pedro voltou a falar da reconciliação, parecendo-lhe bom o momento de ir a Benfica recuperar para sempre aquele papá tão teimoso...

— Ainda não — disse ela refletindo, olhando o seu cálice de Bordéus. — Teu pai é uma espécie de

santo, ainda o não merecemos... Mais para o inverno.

Uma sombria tarde de dezembro, de grande chuva, Afonso da Maia estava no seu escritório lendo, quando a porta se abriu violentamente, e, alçando os olhos do livro, viu Pedro diante de si. Vinha todo enlameado, desalinhado, e na sua face lívida, sob os cabelos revoltos, luzia um olhar de loucura. O velho ergueu-se aterrado. E Pedro sem uma palavra atirou-se aos braços do pai, rompeu a chorar perdidamente.

— Pedro! Que sucedeu, filho?

Maria morrera, talvez! Uma alegria cruel invadiu-o, à ideia do filho livre para sempre dos Monfortes, voltando-lhe, trazendo à sua solidão os dois netos, toda uma descendência para

amar! E repetia, trémulo também, desprendendo-o de si com grande amor:

— Sossega, filho, que foi?

Pedro então caiu para o canapé, como cai um corpo morto; e levantando para o pai um rosto devastado, envelhecido, disse, palavra a palavra, numa voz surda:

— Estive fora de Lisboa dois dias... Voltei esta manhã... A Maria tinha fugido de casa com a pequena... Partiu com um homem, um italiano... E aqui estou!

Afonso da Maia ficou diante do filho, quedo, mudo, como uma figura de pedra; e a sua bela face, onde todo o sangue subira, enchia-se, pouco a pouco, de uma grande cólera. Viu, num relance, o escândalo, a cidade galhofando, as

compaixões, o seu nome pela lama. E era aquele filho que, desprezando a sua autoridade, ligando-se a essa criatura, estragara o sangue da raça, cobria agora a sua casa de vexame. E ali estava, ali jazia sem um grito, sem um furor, um arranque brutal de homem traído! Vinha atirar-se para um sofá, chorando miseravelmente! Isto indignou-o, e rompeu a passear pela sala, rígido e áspero, cerrando os lábios para que não lhe escapassem as palavras de ira e de injúria que lhe enchiam o peito em tumulto... — Mas era pai: ouvia, ali ao seu lado, aquele soluçar de funda dor; via tremer aquele pobre corpo desgraçado que ele outrora embalara nos braços... Parou junto de Pedro, tomou-lhe gravemente a cabeça entre as mãos, e beijou-o na testa, uma vez, outra vez,

como se ele fosse ainda criança, restituindo-lhe ali e para sempre a sua ternura inteira.

— Tinha razão, meu pai, tinha razão — murmurava Pedro entre lágrimas.

Depois ficaram calados. Fora, as pancadas sucessivas da chuva batiam a casa, a quinta, num clamor prolongado; e as árvores, sob as janelas, ramalhavam num vasto vento de inverno.

Foi Afonso que quebrou o silêncio:

— Mas para onde fugiram, Pedro? Que sabes tu, filho? Não é só chorar...

— Não sei nada — respondeu Pedro num longo esforço. — Sei que fugiu. Eu saí de Lisboa na segunda-feira. Nessa mesma noite, ela partiu de casa numa carruagem, com uma maleta, o cofre

de joias, uma criada italiana que tinha agora, e a pequena. Disse à governanta e à ama do pequeno que ia ter comigo. Elas estranharam, mas que haviam de dizer?... Quando voltei, achei esta carta. Era um papel já sujo, e desde essa manhã decerto muitas vezes relido, amarrotado com fúria. Continha estas palavras:

«É uma fatalidade, parto para sempre com Tancredo, esquece-me, que não sou digna de ti, e levo a Maria, que me não posso separar dela.» — E o pequeno, onde está o pequeno? — exclamou Afonso. Pedro pareceu recordar-se:

— Está lá dentro com a ama, trouxe-o na sege.

— O velho correu, logo; e daí a pouco aparecia, erguendo nos braços o

pequeno, na sua longa capa branca de franjas e a sua touca de rendas. Era gordo, de olhos muito negros, com uma adorável bochecha fresca e cor-de-rosa. Todo ele ria, grulhando, agitando o seu guizo de prata. A ama não passou da porta, tristonha, com os olhos no tapete e uma trouxazinha na mão.

Afonso sentou-se lentamente na sua poltrona, e acomodou o neto no colo. Os olhos enchiam-se-lhe de uma bela luz de ternura; parecia esquecer a agonia do filho, a vergonha doméstica; agora só havia ali aquela facezinha tenra, que se lhe babava nos braços...

— Como se chama ele?

— Carlos Eduardo — murmurou a ama.

— Carlos Eduardo, hem?

Ficou a olhá-lo muito tempo, como procurando nele os sinais da sua raça: depois tomou-lhe na sua as duas mãozinhas vermelhas que não largavam o guizo, e muito grave, como se a criança o percebesse, disse-lhe:

— Olha bem para mim. Eu sou o avô. É necessário amar o avô! E àquela forte voz, o pequeno, com efeito, abriu os seus lindos olhos para ele, sérios de repente, muito fixos, sem medo das barbas grisalhas: depois rompeu a pular-lhe nos braços, desprendeu a mãozinha, e martelou-lhe furiosamente a cabeça com o guizo. Toda a face do velho sorria àquela viçosa alegria; apertou-o ao seu largo peito muito tempo, pôs-lhe na face um beijo longo, consolado, enternecido, o seu primeiro beijo de avô; depois, com todo o

cuidado, foi colocá-lo nos braços da ama.

— Vá, ama, vá... A Gertrudes já lá anda a arranjar-lhe o quarto, vá ver o que é necessário.

Fechou a porta, e veio sentar-se junto do filho, que se não movera do canto do sofá nem despregara os olhos do chão.

— Agora desabafa, Pedro, conta-me tudo... Olha que nos não vemos há três anos, filho...

— Há mais de três anos — murmurou Pedro.

Ergueu-se, alongou a vista à quinta, tão triste sob a chuva; depois, derramando-a morosamente pela livraria, considerou um momento o seu próprio retrato, feito em Roma aos doze anos, todo de veludo azul, com uma rosa na mão. E repetia ainda amargamente:

— Tinha razão, meu pai, tinha razão...

E pouco a pouco, passeando e suspirando, começou a falar daqueles últimos anos, o inverno passado em Paris, a vida em Arroios, a intimidade do italiano na casa, os planos de reconciliação, por fim aquela carta infame, sem pudor, invocando a fatalidade, arremessando-lhe o nome do outro!... No primeiro momento tivera só ideias de sangue e quisera persegui-los. Mas conservara um clarão de razão. Seria ridículo, não é verdade? Decerto a fuga fora de antemão preparada, e não havia de ir correndo as estalagens da Europa à busca de sua mulher... Ir lamentar-se à polícia, fazê-los prender? Uma imbecilidade; nem impedia que ela fosse

já por esses caminhos fora dormindo com outro... Restava-lhe somente o desprezo. Era uma bonita amante que tivera alguns anos, e fugira com um homem. Adeus! Ficava-lhe um filho, sem mãe, com um mau nome. Paciência! Necessitava esquecer, partir para uma longa viagem, para a América talvez; e o pai veria, havia de voltar consolado e forte.

Dizia estas coisas sensatas, passeando devagar, com o charuto apagado nos dedos, numa voz que se calmava. Mas de repente parou diante do pai, com um riso seco, um brilho feroz nos olhos.

— Sempre desejei ver a América, e é boa ocasião agora... É uma ocasião famosa, hem? Posso até naturalizar-me, chegar a presidente, ou rebentar... Ah! Ah!

— Sim, mais tarde, depois pensarás nisso, filho — acudiu o velho assustado.

Nesse momento a sineta do jantar começou a tocar lentamente, ao fundo do corredor.

— Ainda janta cedo, hem? — disse Pedro.

Teve um suspiro cansado e lento, murmurou:

— Nós jantávamos às sete...

Quis então que o pai fosse para a mesa. Não havia motivo para que se não jantasse. Ele ia um bocado acima, ao seu antigo quarto de solteiro... Ainda lá tinha a cama, não é verdade? Não, não queria tomar nada...

— O Teixeira que me leve um cálice de genebra... Ainda cá está o

Teixeira, coitado!

E vendo Afonso sentado, repetiu, já impaciente:

— Vá jantar, meu pai, vá jantar, pelo amor de Deus... Saiu. O pai ouviu-lhe os passos por cima, e o ruído de janelas desabridamente abertas. Foi então andando para a sala de jantar, onde os criados, que, pela ama, sabiam decerto o desgosto, se moviam em pontas de pés, com a lentidão contristada de uma casa onde há morte. Afonso sentou-se à mesa só; mas já lá estava outra vez o talher de Pedro; rosas de inverno esfolhavam-se num vaso do Japão; e o velho papagaio agitado com a chuva mexia-se furiosamente no poleiro.

Afonso tomou uma colher de sopa, depois rolou a sua poltrona para junto do

fogão; e ali ficou envolvido pouco a pouco naquele melancólico crepúsculo de dezembro, com os olhos no lume, escutando o sudoeste contra as vidraças, pensando em todas as coisas terríveis que assim invadiam num tropel patético a sua paz de velho. Mas no meio da sua dor, funda como era, ele percebia um ponto, um recanto do seu coração onde alguma coisa de muito doce, de muito novo, palpitava com uma frescura de renascimento, como se algures no seu ser estivesse rompendo, borbulhando, uma nascente rica de alegrias futuras; e toda a sua face sorria à chama alegre, revendo a bochechinha rosada, sob as rendas brancas da touca...

Pela casa no entanto tinham-se acendido as luzes. Já inquieto, subiu ao

quarto do filho; estava tudo escuro, tão húmido e frio como se a chuva caísse dentro. Um arrepio confrangeu o velho, e quando chamou, a voz de Pedro veio do negro da janela; estava lá, com a vidraça aberta, sentado fora na varanda, voltado para a noite brava, para o sombrio rumor das ramagens, recebendo na face o vento, a água, toda a invernia agreste.

— Pois estás aqui, filho! — exclamou Afonso. — Os criados hão de querer arranjar o quarto, desce um momento... Estás todo molhado, Pedro.

Apalpava-lhe os joelhos, as mãos regeladas. Pedro ergueu-se com um estremeção, desprendeu-se, impaciente daquela ternura do velho.

— Querem arranjar o quarto, hem? Faz-me bem o ar, faz-me tão bem!

O Teixeira trouxe luzes, e atrás dele apareceu o criado de Pedro, que chegara nesse momento de Arroios, com um largo estojo de viagem recoberto de oleado. As malas tinha-as deixado em baixo; e o cocheiro viera também, como nenhum dos senhores estava em casa...

— Bem, bem — interrompeu Afonso. — O Sr. Vilaça lá irá amanhã, e ele dará as ordens.

O criado então, em bicos de pés, foi depor o estojo sobre o mármore da cómoda: ainda lá restavam antigos frascos de *toilette* de Pedro: e os castiçais sobre a mesa alumiavam o grande leito triste de solteiro com os colchões dobrados ao meio.

A Gertrudes, toda atarefada, entrara com os braços carregados de

roupa de cama; o Teixeira bateu vivamente os travesseiros; o criado de Arroios, pousando o chapéu a um canto, e sempre em pontas de pés, veio ajudá-los também. Pedro, no entanto, como sonâmbulo, voltara para a varanda, com a cabeça à chuva, atraído por aquela treva da quinta que se cavava em baixo com um rumor de mar bravo.

Afonso, então, puxou-lhe o braço quase com aspereza.

— Pedro! Deixa arranjar o quarto! Desce um momento.

Ele seguiu maquinalmente o pai à livraria, mordendo o charuto apagado que desde tarde conservava na mão. Sentou-se longe da luz, ao canto do sofá, ali ficou mudo e entorpecido. Muito tempo só os passos lentos do velho, ao comprido das

altas estantes, quebraram o silêncio em que toda a sala ia adormecendo. Uma brasa morria no fogão. A noite parecia mais áspera. Eram de repente vergastadas de água contra as vidraças, trazidas numa rajada, que longamente, num clamor teimoso, faziam escoar um dilúvio dos telhados; depois havia uma calma tenebrosa, com uma sussurração distante de vento fugindo entre ramagens; nesse silêncio as goteiras punham um pranto lento; e logo uma corda de vendaval corria mais furiosa, envolvia a casa num bater de janelas, redemoinhava, partia com silvos desolados.

— Está uma noite de Inglaterra — disse Afonso, debruçando-se a espertar o lume.

Mas a esta palavra Pedro erguera-

se, impetuosamente. Decerto o ferira a ideia de Maria, longe, num quarto alheio, agasalhando-se no leito do adultério entre os braços do outro. Apertou um instante a cabeça nas mãos, depois veio junto do pai, com o passo mal firme, mas a voz muito calma:

— Estou realmente cansado, meu pai, vou-me deitar. Boa noite... Amanhã conversaremos mais.

Beijou-lhe a mão e saiu devagar.

Afonso demorou-se ainda ali, com um livro na mão, sem ler, atento só a algum rumor que viesse de cima; mas tudo jazia em silêncio.

Deram dez horas. Antes de se recolher foi ao quarto onde se fizera a cama da ama. A Gertrudes, o criado de Arroios, o Teixeira, estavam lá

cochichando ao pé da cómoda, na penumbra que dava um fólio posto diante do candeeiro; todos se esquivaram em pontas de pés quando lhe sentiram os passos, e a ama continuou a arrumar em silêncio os gavetões. No vasto leito o pequeno dormia como um Menino Jesus cansado, com o seu guizo apertado na mão. Afonso não ousou beijá-lo, para o não acordar com as barbas ásperas; mas tocou-lhe na rendinha da camisa, entalou a roupa contra a parede, deu um jeito ao cortinado, enternecido, sentindo toda a sua dor calmar-se naquela sombra de alcova onde o seu neto dormia.

— É necessário alguma coisa, ama? — perguntou abafando a voz.

— Não, meu senhor...

Então, sem ruído, subiu ao quarto

de Pedro. Havia uma fenda clara, entreabriu a porta. O filho escrevia, à luz de duas velas, com o estojo aberto ao lado. Pareceu espantado de ver o pai: e na face que ergueu, envelhecida e lívida, dois sulcos negros faziam-lhe os olhos mais refulgentes e duros.

— Estou a escrever — disse ele.

Esfregou as mãos, como arrepiado da friagem do quarto, e acrescentou:

— Amanhã cedo é necessário que o Vilaça vá a Arroios... Estão lá os criados, tenho lá dois cavalos meus, enfim, uma porção de arranjos. Eu estou-lhe a escrever. É número 32 a casa dele, não é? O Teixeira há de saber... Boas noites, papá, boas noites. No seu quarto, ao lado da livraria, Afonso não pôde sossegar, numa opressão, uma inquietação

que a cada momento o fazia erguer sobre o travesseiro, escutar: agora, no silêncio da casa e do vento que calmara, ressoavam por cima, lentos e contínuos, os passos de Pedro.

A madrugada clareava, Afonso ia adormecendo — quando de repente um tiro atroou a casa. Precipitou-se do leito, despido e gritando: um criado acudia também com uma lanterna. Do quarto de Pedro, ainda entreaberto, vinha um cheiro de pólvora; e aos pés da cama, caído de bruços, numa poça de sangue que se ensopava no tapete, Afonso encontrou o seu filho morto, apertando uma pistola na mão.

Entre as duas velas que se extinguiam, com fogachos lívidos, deixara-lhe uma carta lacrada com estas

palavras sobre o envelope, numa letra firme: *Para o papá*.

Daí a dias fechou-se a casa de Benfica. Afonso da Maia partia com o neto e com todos os criados para a Quinta de Santa Olávia. Quando Vilaça, em fevereiro, foi lá acompanhar o corpo de Pedro, que ia ser depositado no jazigo de família, não pôde conter as lágrimas ao avistar aquela vivenda onde passara tão alegres Natais. Um baetão preto recobria o brasão de armas, e esse pano de esquife parecia ter destingido todo o seu negrume sobre a fachada muda, sobre os castanheiros que ornavam o pátio; dentro os criados abafavam a voz, carregados de luto; não havia uma flor nas jarras; o próprio encanto de Santa Olávia, o fresco cantar das águas vivas por tanques e

repuxos, vinha agora com a cadência saudosa de um choro. E Vilaça foi encontrar Afonso na livraria, com as janelas cerradas ao lindo sol de inverno, caído para uma poltrona, a face cavada sob os cabelos crescidos e brancos, as mãos magras e ociosas sobre os joelhos.

O procurador veio dizer para Lisboa que o velho não durava um ano.

3

Mas esse ano passou, outros anos passaram.

Por uma manhã de abril, nas vésperas de Páscoa, Vilaça chegava de novo a Santa Olávia.

Não o esperavam tão cedo; e como era o primeiro dia bonito dessa primavera chuvosa, os senhores andavam para a quinta. O mordomo, o Teixeira, que ia já embranquecendo, mostrou-se todo satisfeito de ver o senhor administrador, com quem às vezes se correspondia, e conduziu-o à sala de jantar, onde a velha governanta, a Gertrudes, tomada de surpresa, deixou cair uma pilha de guardanapos, para lhe saltar ao pescoço.

As três portas envidraçadas estavam abertas para o terraço, que se estendia ao sol, com a sua balaustrada de mármore coberta de trepadeiras: e Vilaça, adiantando-se para os degraus que desciam ao jardim, mal pôde reconhecer Afonso da Maia naquele velho de barba de neve, mas tão robusto e corado, que vinha subindo a rua de romãzeiras com o seu neto pela mão.

Carlos, ao avistar no terraço um desconhecido, de chapéu alto, abafado num *cache-nez* de pelúcia, correu a mirá-lo, curioso — e achou-se arrebatado nos braços do bom Vilaça, que largara o guarda-sol, o beijava pelo cabelo, pela face, balbuciando:

— Oh! meu menino, meu querido menino! Que lindo que está! que crescido

que está...

— Então, sem avisar, Vilaça? — exclamava Afonso da Maia, chegando de braços abertos. — Nós só o esperávamos para a semana, criatura!

Os dois velhos abraçaram-se; depois um momento os seus olhos encontraram-se, vivos e húmidos, e tornaram a apertar-se comovidos.

Carlos ao lado, muito sério, todo esbelto, com as mãos enterradas nos bolsos das suas largas bragas de flanela branca, o casquete da mesma flanela posto de lado sobre os belos anéis do cabelo negro — continuava a mirar o Vilaça, que, com o beiço trémulo, tendo tirado a luva, limpava os olhos por baixo dos óculos.

— E ninguém a esperá-lo, nem um criado lá em baixo no rio! — dizia

Afonso. — Enfim, cá o temos, é o essencial... E como você está rijo, Vilaça!

— E Vossa Excelência, meu senhor! — balbuciou o administrador, engolindo um soluço. — Nem uma ruga! Branco sim, mas uma cara de moço... Eu nem o conhecia!... Quando me lembro, a última vez que o vi... E cá isto! cá esta linda flor!...

Ia abraçar Carlos outra vez entusiasmado, mas o rapaz fugiu-lhe com uma bela risada, saltou do terraço, foi pendurar-se de um trapézio armado entre as árvores, e ficou lá, balançando-se em cadência, forte e airoso, gritando: «Tu és o Vilaça!» O Vilaça, de guarda-sol debaixo do braço, contemplava-o embevecido.

— Está uma linda criança! Faz

gosto! E parece-se com o pai. Os mesmos olhos, olhos dos Maias, o cabelo encaracolado... Mas há de ser muito mais homem!

— É são, é rijo — dizia o velho risonho, anediando as barbas. — E como ficou o seu rapaz, o Manuel? Quando é esse casamento? Venha você cá para dentro, Vilaça, que há muito que conversar... Tinham entrado na sala de jantar, onde um lume de lenha na chaminé de azulejo esmorecia na fina e larga luz de abril; porcelanas e pratas resplandeciam nos aparadores de pau-santo; os canários pareciam doidos de alegria.

A Gertrudes, que ficara a observar, acercou-se, com as mãos cruzadas sob o avental branco, familiar, terna.

— Então, meu senhor, aqui está um regalo, ver outra vez este ingrato em Santa Olávia!

E, com um clarão de simpatia na face, alva e redonda como uma velha Lua, ornada já de um buço branco:

— Ah! Sr. Vilaça, isto agora é outra coisa! Até os canários cantam! E também eu cantava, se ainda pudesse...

E foi saindo, subitamente comovida, já com vontade de chorar. O Teixeira esperava, com um riso superior e mudo que lhe ia de uma a outra ponta dos seus altos colarinhos de mordomo.

— Eu creio que prepararam o quarto azul ao Sr. Vilaça, hem?

— disse Afonso. — No quarto em que você costumava ficar dorme agora a viscondessa...

Então o Vilaça apressou-se a perguntar pela senhora viscondessa. Era uma Runa, uma prima da mulher de Afonso, que no tempo em que os poetas de Caminha a cantavam, casara com um fidalgote galego, o senhor visconde de Urigo de La Sierra, um borracho, um brutal que lhe batia: depois, viúva e pobre, Afonso recolhera-a por dever de parentela, e para haver uma senhora em Santa Olávia.

Ultimamente passara mal... Mas, olhando o relógio, Afonso interrompeu a relação desses achaques.

— Vilaça, vá-se arranjar, depressa, que daqui a pouco é o jantar.

O administrador, surpreendido, olhou também o relógio, depois a mesa já posta, os seis talheres, o cesto de flores,

as garrafas de Porto.

— Então Vossa Excelência agora janta de manhã? Eu pensei que era o almoço...

— Eu lhe digo. O Carlos necessita ter um regime. De madrugada está já na quinta; almoça às sete; e janta à uma hora. E eu, enfim, para vigiar as maneiras do rapaz...

— E o senhor Afonso da Maia — exclamou Vilaça — a mudar de hábitos, nessa idade! O que é ser avô, meu senhor!

— Tolice! não é isso... É que me faz bem. Olhe que me faz bem!... Mas avie-se, Vilaça, avie-se que Carlos não gosta de esperar... Talvez tenhamos o abade.

— O Custódio? Rica coisa! Então, se Vossa Excelência me dá licença...

Apenas no corredor, o mordomo, ansioso por conversar com o senhor administrador, perguntou-lhe, desembaraçando-o do guarda-sol e do xale-manta:

— Com franqueza, como nos acha por cá, pela quinta, Sr. Vilaça?

— Estou contente, Teixeira, estou contente. Pode-se vir por gosto a Santa Olávia.

E, pousando familiarmente a mão no ombro do escudeiro, piscando o olho ainda húmido:

— Tudo isto é o menino. Fez reviver o patrão!

O Teixeira riu respeitosamente. O menino realmente era a alegria da casa...

— Olá! Quem toca por cá? — exclamou Vilaça, parando nos degraus da

escada, ao ouvir em cima um afinar gemente de rabeca.

— É o Sr. Brown, o inglês, o precetor do menino... Muito habilidoso, é um regalo ouvi-lo; toca às vezes à noite na sala, o senhor juiz de direito acompanha-o na concertina... Aqui, Sr. Vilaça, o quarto de Vossa Senhoria...

— Muito bonito, sim senhor!

O verniz dos móveis novos brilhava na luz da duas janelas, sobre o tapete alvadio semeado de florzinhas azuis: e as bambinelas, os reposteiros de cretone, repetiam as mesmas folhagens azuladas sobre fundo claro. Este conforto fresco e campestre deleitou o bom Vilaça.

Foi logo apalpar os cretones, esfregou o mármore da cómoda, provou a solidez das cadeiras. Eram as mobílias

compradas no Porto, hem? Pois, elegantes. E, realmente, não tinham sido caras. Nem ele fazia ideia! Ficou ainda em bicos de pés a examinar duas aguarelas inglesas representando vacas de luxo deitadas na relva, à sombra de ruínas românticas. O Teixeira observou-lhe, com o relógio na mão:

— Olhe que Vossa Senhoria tem só dez minutos... O menino não gosta de esperar.

Então Vilaça decidiu-se a desenrolar o *cache-nez*; depois tirou o seu pesado colete de malha de lã; e pela camisa entreaberta via-se ainda uma flanela escarlate, por causa dos reumatismos, e os bentinhos de seda bordada. O Teixeira desapertava as correias da maleta; ao fundo do corredor,

a rabeca atacara o *Carnaval de Veneza*; e através das janelas fechadas sentia-se o grande ar, a frescura, a paz dos campos, todo o verde de abril.

Vilaça, sem óculos, um pouco arrepiado, passava a ponta da toalha molhada pelo pescoço, por trás da orelha, e ia dizendo:

— Então o nosso Carlinhos não gosta de esperar, hem? Já se sabe, é ele quem governa... Mimos e mais mimos, naturalmente... Mas o Teixeira, muito grave, muito sério, desiludiu o senhor administrador. Mimos e mais mimos, dizia Sua Senhoria? Coitadinho dele, que tinha sido educado com uma vara de ferro! Se ele fosse a contar ao Sr. Vilaça! Não tinha a criança cinco anos já dormia num quarto só, sem lamparina; e todas as manhãs, zás,

para dentro de uma tina de água fria, às vezes a gear lá fora... E outras barbaridades. Se não se soubesse a grande paixão do avô pela criança, havia de se dizer que a queria morta. Deus lhe perdoe, ele, Teixeira, chegara a pensá-lo... Mas não, parece que era sistema inglês! Deixava-o correr, cair, trepar às árvores, molhar-se, apanhar soalheiras, como um filho de caseiro. E depois o rigor com as comidas! Só a certas horas e de certas coisas... E às vezes a criancinha, com os olhos abertos, a aguar! Muita, muita dureza.

E o Teixeira acrescentou:

— Enfim era a vontade de Deus, saiu forte. Mas que nós aprovássemos a educação que tem levado, isso nunca aprovámos, nem eu, nem a Gertrudes.

Olhou outra vez o relógio, preso por uma fita negra sobre o colete branco, deu alguns passos lentos pelo quarto: depois, tomando de sobre a cama a sobrecasaca do procurador, foi-lhe passando a escova pela gola, de leve e por amabilidade, enquanto dizia, junto ao toucador onde o Vilaça acamava as duas longas repas sobre a calva:

— Sabe Vossa Senhoria, apenas veio o mestre inglês, o que lhe ensinou? A remar! A remar, Sr. Vilaça, como um barqueiro! Sem contar o trapézio, e as habilidades de palhaço; eu nisso nem gosto de falar... Que eu sou o primeiro a dizê-lo: o Brown é boa pessoa, calado, asseado, excelente músico. Mas é o que eu tenho repetido à Gertrudes: pode ser muito bom para inglês, não é para ensinar

um fidalgo português... Não é. Vá Vossa Senhoria falar a esse respeito com a Sr. a D. Ana Silveira...

Bateram de manso à porta, o Teixeira emudeceu. Um escudeiro entrou, fez um sinal ao mordomo, tirou-lhe do braço respeitosamente a sobrecasaca, e ficou com ela junto do toucador, onde o Vilaça, vermelho e apressado, lutava ainda com as repas rebeldes. O Teixeira, da porta, disse com o relógio na mão:

— É o jantar. Tem Vossa Senhoria dois minutos, Sr. Vilaça. E o administrador daí a um momento abalava também, abotoando ainda o casaco pelas escadas.

Os senhores já estavam todos na sala. Junto do fogão, onde as achas consumidas morriam na cinza branca, o

Brown percorria o *Times*. Carlos, a cavalo nos joelhos do avô, contava-lhe uma grande história de rapazes e de bulhas; e ao pé o bom abade Custódio, com o lenço de rapé esquecido nas mãos, escutava, de boca aberta, num riso paternal e terno.

— Olhe quem ali vem, abade — disse-lhe Afonso.

O abade voltou-se, e deu uma grande palmada na coxa:

— Esta é nova! Então é o nosso Vilaça! E não me tinham dito nada! Venham de lá esses ossos, homem!...

Carlos pulava nos joelhos do avô, muito divertido com aqueles longos abraços que juntavam as duas cabeças dos velhos — uma com as repas achatadas sobre a calva, outra com uma grande

coroa aberta numa mata de cabelo branco. E como eles, de mãos dadas, continuavam a admirar-se, a estudarem um no outro as rugas dos anos, Afonso disse:

— Vilaça! A senhora viscondessa...

O administrador, porém, procurou-a debalde, com os olhos abertos, pela sala. Carlos ria, batendo as mãos: — e Vilaça descobriu-a enfim a um canto, entre o aparador e a janela, sentada numa cadeirinha baixa, vestida de preto, tímida e queda, com os braços rechonchudos pousados sobre a obesidade da cinta. O rosto anafado e mole, branco como papel, as roscas do pescoço cobriam-se-lhe subitamente de rubor; não achou uma palavra para dizer ao Vilaça, e estendeu-lhe a mão papuda e pálida, com um dedo

embrulhado num pedaço de seda negra. Depois ficou a abanar-se com um grande leque de lantejoulas, o seio a arfar, os olhos no regaço, como exausta daquele esforço.

Dois escudeiros tinham começado a servir a sopa, o Teixeira esperava, perfilado por trás do alto espaldar da cadeira de Afonso. Mas Carlos cavalgava ainda o avô, querendo acabar outra história. Era o Manuel, trazia uma pedra na mão... Ele primeiro pensara ir às boas; mas os dois rapazes começaram a rir... De maneira que os correu a todos...

— E maiores que tu?

— Três rapagões, vovô, pode perguntar à tia Pedra... Ela viu, que estava na eira. Um deles trazia uma foice...

— Está bom, senhor, está bom,

ficamos inteirados... Vá, desmonte, que está a sopa a esfriar. Upa! upa!

E o velho, com o seu aspeto resplandecente de patriarca feliz, veio sentar-se ao alto da mesa, sorrindo e dizendo:

— Já se vai fazendo pesado, já não está para colo... Mas então reparou no Brown, e tornando a erguer-se, fez a apresentação do procurador:

— O Sr. Brown, o amigo Vilaça... Peço perdão, descuidei-me, foi culpa daquele cavalheiro lá ao fundo da mesa, o Sr. D. Carlos de Mata-Sete!

O precetor, solidamente abotoado na sua longa sobrecasaca militar, deu toda a volta à mesa, rígido e teso, para vir sacudir o Vilaça num tremendo *shake-hands*; depois, sem uma palavra,

reocupou o seu lugar, desdobrou o guardanapo, cofiou os formidáveis bigodes, e foi então que disse ao Vilaça, com o seu forte acento inglês:

— Muito belo dia... glorioso!

— Tempo de rosas — respondeu o Vilaça, cumprimentando, intimidado diante daquele atleta.

Naturalmente, nesse dia, falou-se da jornada de Lisboa, do bom serviço da mala-posta, do caminho de ferro que se ia abrir... O Vilaça já viera no comboio até ao Carregado.

— De causar horror, hem? — perguntou o abade, suspendendo a colher que ia levar à boca.

O excelente homem nunca saíra de Resende; e todo o largo mundo que ficava para além da penumbra da sua sacristia e

das árvores do seu passal lhe dava o terror de uma Babel. Sobretudo essa estrada de ferro, de que tanto se falava...

— Faz arrepiar um bocado — afirmou com experiência Vilaça.

— Digam o que disserem, faz arrepiar!

Mas o abade assustava-se sobretudo com as inevitáveis desgraças dessas máquinas!

O Vilaça então lembrou os desastres da mala-posta. No de Alcobaça, quando tudo se virou, ficaram esmagadas duas irmãs de caridade! Enfim, de todos os modos havia perigos. Podia-se quebrar uma perna a passear no quarto...

O abade gostava do progresso... Achava até necessário o progresso. Mas parecia-lhe que se queria fazer tudo à

lufa-lufa... O País não estava para essas invenções; o que precisava eram boas estradinhas...

— E economia! — disse o Vilaça, puxando para si os pimentões.

— Bucelas? — murmurou-lhe sobre o ombro o escudeiro. O administrador ergueu o copo, depois de cheio, admirou-lhe à luz a cor rica, provou-o com a ponta do lábio, e piscando o olho para Afonso:

— É do nosso!

— Do velho — disse Afonso. — Pergunte ao Brown... Hem, Brown, um bom néctar?

— Magnificente! — exclamou o precetor com uma energia fogosa.

Então Carlos, estendendo o braço por cima da mesa, reclamou também

Bucelas. E a sua razão era haver festa por ter chegado o Vilaça. O avô não consentiu; o menino teria o seu cálice de Colares, como de costume, e um só. Carlos cruzou os braços sobre o guardanapo que lhe pendia do pescoço, espantado de tanta injustiça! Então nem para festejar o Vilaça poderia apanhar uma gotinha de Bucelas? Aí estava uma linda maneira de receber os hóspedes na quinta... A Gertrudes dissera-lhe que, como viera o senhor administrador, havia de pôr à noite para o chá o fato novo de veludo. Agora observavam-lhe que não era festa, nem caso para Bucelas... Então não entendia. O avô, que lhe bebia as palavras, enlevado, fez subitamente um carão severo.

— Parece-me que o senhor está

palrando de mais. As pessoas grandes é que palram à mesa.

Carlos recolheu-se logo ao seu prato, murmurando muito mansamente:

— Está bom, vovô, não te zangues. Esperarei para quando for grande...

Houve um sorriso em volta da mesa. A própria viscondessa, deleitada, agitou preguiçosamente o leque: o abade, com a sua boa face banhada em êxtase para o menino, apertava as mãos cabeludas contra o peito, tanto aquilo lhe parecia engraçado: e Afonso tossia por trás do guardanapo, como limpando as barbas — a esconder o riso, a admiração que lhe brilhava nos olhos.

Tanta vivacidade surpreendeu também Vilaça. Quis ouvir mais o menino, e pousando o seu talher:

— E diga-me, Carlinhos, já vai adiantado nos seus estudos? O rapaz, sem olhar, repoltreou-se, mergulhou as mãos pelos cós das flanelas, e respondeu com um tom superior:

— Já faço ladear a *Brígida*.

Então o avô, sem se conter, largou a rir, caído para o espaldar da cadeira:

— Essa é boa! Eh! Eh! Já faz ladear a *Brígida*! E é verdade, Vilaça, já a faz ladear... Pergunte ao Brown; não é verdade, Brown? E a eguazita é uma piorrita, mas fina...

— Ó vovô — gritou Carlos já excitado — diz ao Vilaça, anda. Não é verdade que eu era capaz de governar o *dog-cart*?

Afonso reassumiu um ar severo.

— Não nego... Talvez o

governasse, se lho consentissem. Mas faça-me o favor de se não gabar das suas façanhas, porque um bom cavaleiro deve ser modesto... E sobretudo não enterrar assim as mãos pela barriga abaixo...

O bom Vilaça, no entanto, dando estalinhos aos dedos, preparava uma observação. Não se podia decerto ter melhor prenda que montar a cavalo com as regras... Mas ele queria dizer se o Carlinhos já entrava com o seu Fedro, o seu Tito Liviozinho...

— Vilaça, Vilaça — advertiu o abade, de garfo no ar e um sorriso de santa malícia — não se deve falar em latim aqui ao nosso nobre amigo... Não admite, acha que é antigo... Ele, antigo é...

— Ora sirva-se desse fricassé, ande, abade — disse Afonso — que eu sei

que é o seu fraco, e deixe lá o latim...

O abade obedeceu com deleite; e escolhendo no molho rico os bons pedaços de ave, ia murmurando:

— Deve-se começar pelo latinzinho, deve-se começar por lá... É a base; é a basezinha!

— Não! latim mais tarde! — exclamou o Brown, com um gesto possante. Prrimeiro forrça! Forrça! Músculo...

E repetiu, duas vezes, agitando os formidáveis punhos:

— Prrimeiro músculo, músculo!...

Afonso apoiava-o, gravemente. O Brown estava na verdade. O latim era um luxo de erudito... Nada mais absurdo que começar a ensinar a uma criança numa língua morta quem foi Fábio, rei dos

Sabinos, o caso dos Gracos, e outros negócios de uma nação extinta, deixando-o ao mesmo tempo sem saber o que é a chuva que o molha, como se faz o pão que come, e todas as outras coisas do universo em que vive...

— Mas enfim os clássicos — arriscou timidamente o abade.

— Qual clássicos! O primeiro dever do homem é viver. E para isso é necessário ser são, e ser forte. Toda a educação sensata consiste nisto: criar a saúde, a força e os seus hábitos, desenvolver exclusivamente o animal, armá-lo de uma grande superioridade física. Tal qual como se não tivesse alma. A alma vem depois... A alma é outro luxo. É um luxo de gente grande...

O abade coçava a cabeça, com o

ar arrepiado.

— A instruçãozinha é necessária — disse ele. — Você não acha, Vilaça? Que Vossa Excelência, Sr. Afonso da Maia, tem visto mais mundo do que eu... Mas enfim a instruçãozinha...

— A instrução para uma criança não é recitar *Tityre, tu patulae recubans*... É saber factos, noções, coisas úteis, coisas práticas... Mas suspendeu-se: e, com o olho brilhante, num sinal ao Vilaça, mostrou-lhe o neto que palrava inglês com o Brown. Eram decerto feitos de força, uma história de briga com rapazes que ele lhe estava a contar, animado e jogando com os punhos. O precetor aprovava, retorcendo os bigodes. E à mesa os senhores, com os garfos suspensos, por trás os escudeiros de pé e guardanapo no

braço, todos, num silêncio reverente, admiravam o menino a falar inglês.

— Grande prenda, grande prenda — murmurou Vilaça, inclinando-se para a viscondessa.

A excelente senhora corou, através de um sorriso. Parecia assim mais gorda, toda acaçapada na cadeira, silenciosa, comendo sempre; e, a cada gole de Bucelas, refrescava-se languidamente com o seu grande leque negro e lantejoulado.

Quando o Teixeira serviu o vinho do Porto, Afonso fez uma saúde ao Vilaça. Todos os copos se ergueram num rumor de amizade. Carlos quis gritar *hurra*! O avô, com um gesto repreensivo, imobilizou-o; e na pausa satisfeita que se fez, o pequeno disse com uma grande convicção:

— Ó avô, eu gosto do Vilaça. O Vilaça é nosso amigo.

— Muito, e há muitos anos, meu senhor! — exclamou o velho procurador, tão comovido que mal podia erguer o cálice na mão. O jantar findava. Fora, o Sol deixara o terraço e a quinta verdejava na grande doçura do ar tranquilo, sob o azul-ferrete. Na chaminé só restava uma cinza branca: os lilases das jarras exalavam um aroma vivo, a que se misturava o do creme queimado, tocado de um fio de limão: os criados, de coletes brancos, moviam o serviço donde se escapava algum som argentino: e toda a alva toalha adamascada desaparecia sob a confusão da sobremesa, onde os tons dourados do vinho do Porto brilhavam entre as compoteiras de cristal. A

viscondessa, afogueada, abanava-se. Padre Custódio enrolava devagar o guardanapo, a sua batina coçada luzia nas pregas das mangas. Então Afonso, sorrindo ternamente, fez a última saúde.

— Viva Vossa Senhoria, Sr. Carlos de Mata-Sete!

— Sr. Vovô! — dizia o pequeno escorropichando o copo. A cabecinha de cabelos negros, a velha face de barbas de neve, saudavam-se das extremidades da mesa — enquanto todos sorriam, no enternecimento daquela cerimónia. Depois o abade, de palito na boca, murmurou as *graças*. A viscondessa, cerrando os olhos, juntou também as mãos. E Vilaça, que tinha crenças religiosas, não gostou de ver Carlos, sem se importar com as graças, saltar da

cadeira, vir atirar-se ao pescoço do avô, falar-lhe ao ouvido.

— Não senhor! não senhor! — dizia o velho.

Mas o rapaz, abraçando-o mais forte, dava-lhe grandes razões, num murmúrio de mimo doce como um beijo, que ia pondo na face do velho uma fraqueza indulgente.

— É por ser festa — disse ele enfim vencido. — Mas veja lá, veja lá...

O rapaz pulou, bateu as palmas, agarrou Vilaça pelos braços, fê-lo redemoinhar, e foi cantando num ritmo seu:

— Fizeste bem em vir, bem, bem, bem!... Vou buscar a Teresinha, inha, inha, inha!

— É a noiva — disse o avô,

erguendo-se da mesa. — Já tem amores, é a pequena das Silveiras... O café para o terraço, Teixeira. O dia fora convidava, adorável, de um azul suave, muito puro e muito alto, sem uma nuvem. Defronte do terraço os gerânios vermelhos estavam já abertos; as verduras dos arbustos, muito tenras ainda, de uma delicadeza de renda, pareciam tremer ao menor sopro; vinha por vezes um vago cheiro de violetas, misturado ao perfume adocicado das flores do campo; o alto repuxo cantava; e nas ruas do jardim, bordadas de buxos baixos, a areia fina faiscava de leve àquele Sol tímido de primavera tardia, que ao longe envolvia os verdes da quinta, adormecida a essa hora de sesta numa luz fresca e loira. Os três homens sentaram-se à mesa do café. Defronte do

terraço, o Brown, de boné escocês posto ao lado e grande cachimbo na boca, puxava ao alto a barra do trapézio para Carlos se balouçar. Então o bom Vilaça pediu para voltar as costas. Não gostava de ver ginásticas; bem sabia que não havia perigo; mas mesmo nos cavalinhos, as cabriolas, os arcos atordoavam-no; saía sempre com o estômago embrulhado...

— E parece-me imprudente, sobre o jantar...

— Qual! é só balouçar-se... Olhe para aquilo!

Mas Vilaça não se moveu, com a face sobre a chávena.

O abade, esse, admirava, de lábios entreabertos, e o pires cheio de café esquecido na mão.

— Olhe para aquilo, Vilaça — repetiu Afonso. — Não lhe faz mal, homem!

O bom Vilaça voltou-se, com esforço. O pequeno, muito alto no ar, com as pernas retesadas contra a barra do trapézio, as mãos às cordas, descia sobre o terraço, cavando o espaço largamente, com os cabelos ao vento; depois elevava-se, serenamente, crescendo em pleno sol; todo ele sorria; a sua blusa, os calções enfunavam-se à aragem; e via-se passar, fugir, o brilho dos seus olhos muito negros e muito abertos.

— Não está mais na minha mão, não gosto! — disse o Vilaça. — Acho imprudente!

Então Afonso bateu as palmas, o abade gritou: *Bravo, bravo*! Vilaça

voltou-se para aplaudir, mas Carlos tinha já desaparecido; o trapézio parava, em oscilações lentas; e o Brown, retomando o *Times*que pusera ao lado sobre o pedestal de um busto, foi descendo para a quinta envolvido numa nuvem de fumo do cachimbo.

— Bela coisa, a ginástica! — exclamou Afonso da Maia, acendendo com satisfação outro charuto.

Vilaça já ouvira que enfraquecia muito o peito. E o abade, depois de dar um sorvo ao café, de lamber os beiços, soltou a sua bela frase, arranjada em máxima:

— Esta educação faz atletas mas não faz cristãos. Já o tenho dito...

— Já o tem dito, abade, já! — exclamou Afonso alegremente. — Diz-mo

todas as semanas... Quer você saber, Vilaça? O nosso Custódio mata-me o bicho do ouvido para que eu ensine a cartilha ao rapaz. A cartilha!...

Custódio ficou um momento a olhar Afonso, com uma face desconsolada e a caixa de rapé aberta na mão; a irreligião daquele velho fidalgo, senhor de quase toda a freguesia, era uma das suas dores.

— A cartilha, sim, meu senhor, ainda que Vossa Excelência o diga assim com esse modo escarnica... A cartilha. Mas já não quero falar da cartilha... Há outras coisas. E se o digo tantas vezes, Sr. Afonso da Maia, é pelo amor que tenho ao menino.

E recomeçou a discussão, que voltava sempre ao café, quando Custódio

jantava na quinta.

O bom homem achava horroroso que naquela idade um tão lindo moço, herdeiro de uma casa tão grande, com futuras responsabilidades na sociedade, não soubesse a sua doutrina. E narrou logo ao Vilaça a história da D. Cecília Macedo: esta virtuosa senhora, mulher do escrivão, tendo passado diante do portão da quinta, avistara o Carlinhos, chamara-o, carinhosa e amiga de crianças como era, e pedira-lhe que lhe dissesse o Ato de Contrição. E que respondeu o menino? *Que nunca em tal ouvira falar*! Estas coisas entristeciam. E o Sr. Afonso da Maia achava-lhe graça, ria-se! Ora ali estava o amigo Vilaça que podia dizer se era caso para jubilar. Não, o Sr. Afonso da Maia tinha muito saber, e correra muito

mundo; mas de uma coisa não o podia convencer, a ele pobre padre que nem mesmo o Porto vira ainda, é que houvesse felicidade e bom comportamento na vida sem a moral do catecismo.

E Afonso da Maia respondia com bom humor:

— Então que lhe ensinava você, abade, se eu lhe entregasse o rapaz? Que se não deve roubar o dinheiro das algibeiras, nem mentir, nem maltratar os inferiores, porque isso é contra os mandamentos da lei de Deus, e leva ao Inferno, hem? É isso?...

— Há mais alguma coisa...

— Bem sei. Mas tudo isso que você lhe ensinaria que se não deve fazer, por ser um pecado que ofende a Deus, já ele sabe que se não deve praticar, porque

é indigno de um cavalheiro e de um homem de bem...

— Mas, meu senhor...

— Ouça, abade. Toda a diferença é essa. Eu quero que o rapaz seja virtuoso por amor da virtude e honrado por amor da honra; mas não por medo às caldeiras de Pero Botelho, nem com o engodo de ir para o Reino do Céu...

E acrescentou, erguendo-se e sorrindo:

— Mas o verdadeiro dever de homens de bem, abade, é quando vem, depois de semanas de chuva, um dia destes, ir respirar pelos campos e não estar aqui a discutir moral. Portanto arriba! E se o Vilaça não está muito cansado, vamos dar aí um giro pelas fazendas... O abade suspirou como um

santo que vê a negra impiedade dos tempos de Belzebu arrebatando as melhores reses do rebanho; depois olhou a chávena e sorveu com delícias o resto do seu café. Quando Afonso da Maia, Vilaça e o abade recolheram do seu passeio pela freguesia, escurecera, havia luzes pelas salas, e tinham chegado já as Silveiras, senhoras ricas da Quinta da *Lagoaça*.

D. Ana Silveira, a solteira e mais velha, passava pela talentosa da família, e era em pontos de doutrina e etiqueta uma grande autoridade em Resende. A viúva, D. Eugénia, limitava-se a ser uma excelente e pachorrenta senhora, de agradável nutrição, trigueirota e pestanuda; tinha dois filhos, a Teresinha, a *noiva* de Carlos, uma rapariguinha

magra e viva com cabelos negros como tinta, e o morgadinho, o Eusebiozinho, uma maravilha muito falada naqueles sítios. Quase desde o berço este notável menino revelara um edificante amor por alfarrábios e por todas as coisas do saber. Ainda gatinhava e já a sua alegria era estar a um canto, sobre uma esteira, embrulhado num cobertor, folheando *in-fólios* com o craniozinho calvo de sábio curvado sobre as letras garrafais da boa doutrina; e depois de crescidinho tinha tal propósito que permanecia horas imóvel numa cadeira, de perninhas bambas, esfuracando o nariz: nunca apetecera um tambor ou uma arma: mas cosiam-lhe cadernos de papel, onde o precoce letrado, entre o pasmo da mamã e da titi, passava dias a traçar algarismos, com a

linguazinha de fora.

Assim na família tinha a sua carreira destinada: era rico, havia de ser primeiro bacharel, e depois desembargador. Quando vinha a Santa Olávia, a tia Anica instalava-o logo à mesa, ao pé do candeeiro, a admirar as pinturas de um enorme e rico volume, *Os Costumes de Todos os Povos do Universo*. Já lá estava nessa noite, vestido como sempre de escocês, com o *plaid* de flamejante xadrez vermelho e negro posto a tiracolo e preso ao ombro por uma dragona; para que conservasse o ar nobre de um Stuart, de um valoroso cavaleiro de Walter Scott, nunca lhe tiravam o boné onde se arqueava com heroísmo uma rutilante pena de galo; e nada havia mais melancólico que a sua facezinha

trombuda, a que o excesso de lombrigas dava uma moleza e uma amarelidão de manteiga, os seus olhinhos vagos e azulados, sem pestanas como se a ciência lhas tivesse já consumido, pasmando com sisudez para as camponesas da Sicília, e para os guerreiros ferozes do Montenegro apoiados a escopetas, em píncaros de serranias.

Diante do canapé das senhoras lá se achava também o fiel amigo, o doutor delegado, grave e digno homem, que havia cinco anos andava ponderando e meditando o casamento com a Silveira viúva, sem se decidir — contentando-se em comprar todos os anos mais meia dúzia de lençóis, ou uma peça mais de bretanha, para arredondar o bragal. Estas compras eram discutidas em casa das

Silveiras, à braseira: e as alusões recatadas, mas inevitáveis, às duas fronhazinhas, ao tamanho dos lençóis, aos cobertores de papa para os conchegos de janeiro — em lugar de inflamar o magistrado, inquietavam-no. Nos dias seguintes aparecia preocupado — como se a perspetiva da santa consumação do matrimónio lhe desse o arrepio de uma façanha a empreender, o ter de agarrar um toiro, ou nadar nos cachões do Douro. Então, por qualquer razão especiosa, adiava-se o casamento até ao S. Miguel seguinte. E aliviado, tranquilo, o respeitável doutor continuava a acompanhar as Silveiras a chás, festas de igreja ou pêsames, vestido de preto, afável, serviçal, sorrindo a D. Eugénia, não desejando mais prazeres que os dessa

convivência paternal.

Apenas Afonso entrou na sala deram-lhe logo notícia do contratempo: o doutor juiz de direito e a senhora não podiam vir, porque o magistrado tivera a dor; e as Brancos tinham mandado recado a desculpar-se, coitadas, que era dia de tristeza em casa, por fazer dezassete anos que morrera o mano Manuel...

— Bem — disse Afonso — bem. A dor, a tristeza, o mano Manuel... Fazemos nós um voltaretezinho de quatro. Que diz o nosso doutor delegado?

O excelente homem dobrou a sua fronte calva, murmurando que «estava às ordens».

— Então ao dever, ao dever! — exclamou logo o abade, esfregando as mãos, no ardor já da partida.

Os parceiros dirigiram-se à saleta do jogo — que um reposteiro de damasco separava da sala, franzido agora, deixando ver a mesa verde e, nos círculos de luz que caíam dos *abat-jours*, os baralhos abertos em leque. Daí a um momento o doutor delegado voltou, risonho, dizendo que «os deixara para um roquezinho de três»; e retomou o seu lugar ao lado de D. Eugénia, cruzando os pés debaixo da cadeira e as mãos em cima do ventre. As senhoras estavam falando da dor do doutor juiz de direito. Costumava dar-lhe todos os três meses: e era condenável a sua teima em não querer consultar médicos. Quanto mais que ele andava acabado, ressequindo, amarelando — e a D. Augusta, a mulher, a nutrir à larga, a ganhar cores!... A viscondessa,

enterrada em toda a sua gordura ao canto do canapé, com o leque aberto sobre o peito, contou que em Espanha vira um caso igual: o homem chegara a parecer um esqueleto, e a mulher uma pipa; e ao princípio fora o contrário; até sobre isso se tinham feito uns versos...

— Humores — disse com melancolia o doutor delegado. Depois falou-se nas Brancos; recordou-se a morte de Manuel Branco, coitadinho, na flor da idade! E que perfeição de rapaz! E que rapaz de juízo! D. Ana Silveira não se esquecera, como todos os anos, de lhe acender uma lamparina por alma, e de lhe rezar três padre-nossos. A viscondessa pareceu toda aflita por se não ter lembrado... E ela que tinha o propósito feito!

— Pois estive para to mandar dizer! — exclamou D. Ana. — E as Brancos que tanto o agradecem, filha!

— Ainda está a tempo — observou o magistrado.

D. Eugénia deu uma malha indolente no *crochet* de que nunca se separava, e murmurou com um suspiro:

— Cada um tem os seus mortos.

E no silêncio que se fez, saiu do canto do canapé outro suspiro, o da viscondessa, que decerto se recordara do fidalgo de Urigo de La Sierra, e murmurava:

— Cada um tem os seus mortos...

E o digno doutor delegado terminou por dizer igualmente, depois de passar reflectidamente a mão pela calva:

— Cada um tem os seus mortos!

Uma sonolência ia pesando. Nas serpentinas douradas, sobre as *consoles*, as chamas das velas erguiam-se altas e tristes. Eusebiozinho voltava com cautela e arte as estampas de *Os Costumes de Todos os Povos*. E na saleta de jogo, através do reposteiro aberto, sentia-se a voz já arrenegada do abade, rosnando com um rancor tranquilo: «Passo, que é o que tenho feito toda a santa noite!» Nesse momento Carlos arremetia pela sala dentro arrastando a sua noiva, a Teresinha, toda no ar e vermelha de brincar; e logo a grulhada das suas vozes reanimou o canapé dormente.

Os noivos tinham chegado de uma pitoresca e perigosa viagem, e Carlos parecia descontente de sua mulher; comportara-se de uma maneira atroz;

quando ele ia governando a mala-posta, ela quisera empoleirar-se ao pé dele na almofada... Ora senhoras não viajam na almofada.

— E ele atirou-me ao chão, titi!

— Não é verdade! Demais a mais é mentirosa! Foi como quando chegámos à estalagem... Ela quis-se deitar, e eu não quis... A gente, quando se apeia de viagem, a primeira coisa que faz é tratar do gado... E os cavalos vinham a escorrer...

A voz de D. Ana interrompeu, muito severa:

— Está bom, está bom, basta de tolices! Já cavalaram bastante. Senta-te aí ao pé da senhora viscondessa, Teresa... Olha essa travessa do cabelo... Que despropósito!

Sempre destestara ver a sobrinha, uma menina delicada de dez anos, a brincar assim com o Carlinhos. Aquele belo e impetuoso rapaz, sem doutrina e sem propósito, aterrava-a; e pela sua imaginação de solteirona passavam sem cessar ideias, suspeitas de ultrajes que ele poderia fazer à menina. Em casa, ao agasalhá-la antes de vir para Santa Olávia, recomendava-lhe com força que não fosse com o Carlos para os recantos escuros, que o não deixasse mexer-lhe nos vestidos!... A menina, que tinha os olhos muito langorosos, dizia: «Sim, titi.» Mas, apenas na quinta, gostava de abraçar o seu maridinho. Se eram casados, porque não haviam de fazer nené, ou ter uma loja e ganharem a sua vida aos beijinhos? Mas o violento rapaz só queria guerras, quatro

cadeiras lançadas a galope, viagens a terras de nomes bárbaros que o Brown lhe ensinava. Ela, despeitada, vendo o seu coração mal compreendido, chamava-lhe *arrieiro*; ele ameaçava boxá-la à inglesa; — e separavam-se sempre arrenegados.

Mas quando ela se acomodou ao lado da viscondessa, gravezinha e com as mãos no regaço — Carlos veio logo estirar-se ao pé dela, meio deitado para as costas do canapé, bamboleando as pernas.

— Vamos, filho, tem maneiras — rosnou-lhe muito seca D. Ana.

— Estou cansado, governei quatro cavalos — replicou ele, insolente e sem a olhar.

De repente, porém, de um salto,

precipitou-se sobre o Eusebiozinho. Queria-o levar à África, a combater os selvagens; e puxava-o já pelo seu belo *plaid* de cavaleiro da Escócia , quando a mamã acudiu aterrada:

— Não, com o Eusebiozinho não, filho! Não tem saúde para essas cavaladas... Carlinhos, olhe que eu chamo o avô!

Mas o Eusebiozinho, a um repelão mais forte, rolara no chão, soltando gritos medonhos. Foi um alvoroço, um levantamento. A mãe, trémula, agachada junto dele, punha-o de pé sobre as perninhas moles, limpando-lhe as grossas lágrimas, já com o lenço, já com beijos, quase a chorar também. O delegado, consternado, apanhara o boné escocês, e cofiava melancolicamente a bela pena de

galo. E a viscondessa apertava às mãos ambas o enorme seio, como se as palpitações a sufocassem.

O Eusebiozinho foi então preciosamente colocado ao lado da titi; e a severa senhora, com um fulgor de cólera na face magra, apertando o leque fechado como uma arma, preparava-se a repelir o Carlinhos, que, de mãos atrás das costas e aos pulos em roda do canapé, ria, arreganhando para o Eusebiozinho um lábio feroz. Mas nesse momento davam nove horas, e a desempenada figura do Brown apareceu à porta.

Apenas o avistou, Carlos correu a refugiar-se por detrás da viscondessa, gritando:

— Ainda é muito cedo, Brown, hoje é festa, não me vou deitar! Então

Afonso da Maia, que se não movera aos uivos lancinantes do Silveirinha, disse de dentro, da mesa do voltarete, com severidade:

— Carlos, tenha a bondade de marchar já para a cama.

— Ó vovô, é festa, que está cá o Vilaça!

Afonso da Maia pousou as cartas, atravessou a sala sem uma palavra, agarrou o rapaz pelo braço, e arrastou-o pelo corredor — enquanto ele, de calcanhares fincados no soalho, resistia, protestando com desespero:

— É festa, vovô... É uma maldade!... O Vilaça pode-se escandalizar... Ó vovô, eu não tenho sono!

Uma porta fechando-se abafou-lhe o clamor. As senhoras censuraram logo

aquela rigidez: aí estava uma coisa incompreensível; o avô deixava-lhe fazer todos os horrores, e recusava-lhe então o bocadinho da *soirée*...

— Ó Sr. Afonso da Maia, porque não deixou estar a criança?

— É necessário método, é necessário método — balbuciou ele, entrando, todo pálido do seu rigor.

E à mesa do voltarete, apanhando as cartas com as mãos trémulas, repetia ainda:

— É necessário método. Crianças à noite dormem.

D. Ana Silveira, voltando-se para o Vilaça — que cedera o seu lugar ao doutor delegado e vinha palestrar com as senhoras — teve aquele sorriso mudo que lhe franzia os lábios, sempre que Afonso

da Maia falava em «métodos».

Depois, reclinando-se para as costas da cadeira e abrindo o leque, declarou, a trasbordar de ironia, que, talvez por ter a inteligência curta, nunca compreendera a vantagem dos «métodos»... Era à inglesa, segundo diziam: talvez provassem bem em Inglaterra; mas ou ela estava enganada, ou Santa Olávia era no reino de Portugal. E como Vilaça inclinava timidamente a cabeça, com a sua pitada nos dedos, a esperta senhora, baixo para que Afonso dentro não ouvisse, desabafou. O Sr. Vilaça naturalmente não sabia, mas aquela educação do Carlinhos nunca fora aprovada pelos amigos da casa. Já a presença do Brown, um herético, um protestante, como precetor na família dos

Maias, causara desgosto em Resende. Sobretudo quando o Sr. Afonso tinha aquele santo do abade Custódio, tão estimado, homem de tanto saber... Não ensinaria à criança habilidades de acrobata; mas havia de lhe dar uma educação de fidalgo, prepará-lo para fazer boa figura em Coimbra.

Nesse momento, o abade, suspeitando uma corrente de ar, erguera-se da mesa do jogo a fechar o reposteiro: então, como Afonso já não podia ouvir, D. Ana ergueu a voz:

— E olhe que o Custódio teve desgosto, Sr. Vilaça. Que o Carlinhos, coitadinho, nem uma palavra sabe de doutrina... Sempre lhe quero contar o que sucedeu com a Macedo.

Vilaça já sabia.

— Ah! já sabe? Lembras-te, viscondessa? Com a Macedo, do Ato de Contrição...

A viscondessa suspirou, erguendo um olhar mudo ao Céu através do teto.

— Horroroso! — continuou D. Ana. — A pobre mulher chegou lá a nossa casa embuchada... E eu fez-me impressão. Até sonhei com aquilo três noites a fio...

Calou-se um momento. Vilaça, embaraçado, acanhado, fazia girar a caixa de rapé nos dedos, com os olhos postos no tapete. Outro langor de sonolência passou na sala; D. Eugénia, com as pálpebras pesadas, fazia de vez em quando uma malha mole no *crochet*; e a noiva de Carlos, estirada para o canto do sofá, já dormia, com a boquinha aberta, os seus lindos cabelos negros caindo-lhe

pelo pescoço.

D. Ana, depois de bocejar de leve, retomou a sua ideia:

— Sem contar que o pequeno está muito atrasado. A não ser um bocado de inglês, não sabe nada... Não tem prenda nenhuma!

— Mas é muito esperto, minha rica senhora! — acudiu Vilaça.

— É possível — respondeu secamente a inteligente Silveira. E, voltando-se para o Eusebiozinho, que se conservava ao lado dela, quieto como se fosse de gesso:

— Ó filho, diz tu aqui ao Sr. Vilaça aqueles lindos versos que sabes... Não sejas atado, anda!... Vá, Eusébio, filho, sê bonito... Mas o menino, molengão e tristonho, não se descolava das saias da

titi: teve ela de o pôr de pé, ampará-lo, para que o tenro prodígio não aluísse sobre as perninhas flácidas; e a mamã prometeu-lhe que, se dissesse os versinhos, dormia essa noite com ela... Isto decidiu-o: abriu a boca, e como de uma torneira lassa veio de lá escorrendo, num fio de voz, um recitativo lento e babujado:

É noite, o astro saudoso
Rompe a custo um plúmbeo céu,
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, húmido véu...

Disse-a toda — sem se mexer, com as mãozinhas pendentes, os olhos mortiços pregados na titi. A mamã fazia o compasso com a agulha do *crochet*; e a viscondessa, pouco a pouco, com um sorriso de quebranto, banhada no langor

da melopeia, ia cerrando as pálpebras.

— Muito bem, muito bem! — exclamou o Vilaça, impressionado, quando o Eusebiozinho findou coberto de suor. — Que memória! Que memória!... É um prodígio!...

Os criados entravam com o chá. Os parceiros tinham findado a partida; e o bom Custódio, de pé, com a sua chávena na mão, queixava-se amargamente da maneira por que aqueles senhores o tinham esfolado.

Como ao outro dia era domingo, e havia missa cedo, as senhoras retiraram-se às nove e meia. O serviçal doutor delegado dava o braço a D. Eugénia; um criado da quinta alumiava adiante com o lampião; e o moço das Silveiras levava ao colo o Eusebiozinho, que parecia um

fardo escuro, abafado em mantas, com um xale amarrado na cabeça.

Depois da ceia, Vilaça acompanhou ainda um momento Afonso da Maia à livraria, onde, antes de recolher, ele tomava sempre à inglesa o seu conhaque e soda.

O aposento, a que as velhas estantes de pau-preto davam um ar severo, estava adormecido tepidamente, na penumbra suave, com as cortinas bem fechadas, um resto de lume na chaminé, e o globo do candeeiro pondo a sua claridade serena na mesa coberta de livros. Em baixo, os repuxos cantavam alto no silêncio da noite.

Enquanto o escudeiro rolava para o pé da poltrona de Afonso, numa mesa baixa, os cristais e as garrafas de soda,

Vilaça, com as mãos nos bolsos, de pé e pensativo, olhava a brasa da acha que morria na cinza branca. Depois ergueu a cabeça, para murmurar, como ao acaso:

— Aquele rapazito é esperto...

— Quem? o Eusebiozinho? — disse Afonso, que se acomodava junto ao fogão, enchendo alegremente o cachimbo. — Eu tremo de o ver cá, Vilaça! O Carlos não gosta dele, e tivemos aí um desgosto horroroso... Foi já há meses. Havia uma procissão e o Eusebiozinho ia de anjo... As Silveiras, excelentes mulheres, coitadas, mandaram-no cá para o mostrar à viscondessa, já vestido de anjo. Pois senhores, distraímo-nos, e o Carlos, que o andava a rondar, apodera-se dele, leva-o para o sótão, e, meu caro Vilaça... Em primeiro lugar ia-o matando porque

embirra com anjos... Mas o pior não foi isso. Imagine você o nosso terror, quando nos aparece o Eusebiozinho aos berros pela titi, todo desfrisado, sem uma asa, com a outra a bater-lhe os calcanhares dependurada de um barbante, a coroa de rosas enterrada até ao pescoço, e os galões de ouro, os tules, as lantejoulas, toda a vestimenta celeste em frangalhos!... Enfim, um anjo depenado e sovado... Eu ia dando cabo do Carlos.

Bebeu metade da sua soda, e passando a mão pelas barbas, acrescentou, com uma satisfação profunda:

— É levado do Diabo, Vilaça!

O administrador, sentado agora à borda de uma cadeira, esboçou uma risadinha muda; depois ficou calado,

olhando Afonso, com as mãos nos joelhos, como esquecido e vago, Ia abrir os lábios, hesitou ainda, tossiu de leve; e continuou a seguir pensativamente as faíscas que erravam sobre as achas.

Afonso da Maia, no entanto, com as pernas estiradas para o lume, recomeçara a falar do Silveirinha. Tinha três ou quatro meses mais que Carlos, mas estava enfezado, estiolado, por uma educação à portuguesa: daquela idade ainda dormia no choco com as criadas, nunca o lavavam para o não constiparem, andava couraçado de rolos de flanelas! Passava os dias nas saias da titi a decorar versos, paginas inteiras do *Catecismo de Perseverança*. Ele por curiosidade um dia abrira este livreco e vira lá «que, o Sol é que anda em volta da Terra (como antes

de Galileu), e que Nosso Senhor todas as manhãs dá as ordens ao Sol, para onde há de ir e onde há de parar, etc., etc.». E assim lhe estavam arranjando uma almazinha de bacharel...

Vilaça teve outra risadinha silenciosa. Depois, como subitamente decidido, ergueu-se, fez estalar os dedos, disse estas palavras:

— Vossa Excelência sabe que apareceu a Monforte?

Afonso, sem mover a cabeça, reclinado para as costas da poltrona, perguntou tranquilamente, envolvido no fumo do cachimbo:

— Em Lisboa?

— Não senhor, em Paris. Viu-a lá o Alencar, esse rapaz que escreve, e que era muito de Arroios... Esteve até em casa

dela. E ficaram calados. Havia anos que entre eles se não pronunciara o nome de Maria Monforte. Ao princípio, quando se retirara para Santa Olávia, a preocupação ardente de Afonso da Maia fora tirar-lhe a filha que ela levara. Mas a esse tempo ninguém sabia onde Maria se refugiara com o seu príncipe: nem pela influência das legações, nem pagando regiamente a polícia secreta de Paris, de Londres, de Madrid, se pôde descobrir a «toca da fera», como dizia então o Vilaça. Ambos decerto tinham mudado de nome; e, dadas essas naturezas boémias, quem sabe se não errariam agora pela América, pela Índia, em regiões mais exóticas? Depois, pouco a pouco, Afonso da Maia, descoroçoado com aqueles esforços vãos, todo ocupado do neto que crescia belo e

forte ao seu lado, no enternecimento contínuo que ele lhe dava, foi esquecendo a Monforte e a sua outra neta, tão distante, tão vaga, a quem ignorava as feições, de quem mal sabia o nome. E agora, de repente, a Monforte aparecia outra vez em Paris! e o seu pobre Pedro estava morto! e aquela criança que dormia ao fundo do corredor nunca vira sua mãe... Erguera-se, passeava na livraria, pesado e lento, com a cabeça baixa. Junto à mesa, ao pé do candeeiro, o Vilaça ia percorrendo um a um os papéis da sua carteira.

— E está em Paris com o italiano? — perguntou Afonso do fundo sombrio do aposento.

O Vilaça ergueu a cabeça de sobre a carteira, e disse:

— Não senhor, está com quem lhe

paga.

E como Afonso se aproximava da mesa, sem uma palavra, Vilaça, dando-lhe um papel dobrado, acrescentou:

— Todas estas coisas são muito graves, Sr. Afonso da Maia, e eu não quis fiar-me só na minha memória. Por isso pedi ao Alencar, que é um excelente rapaz, que me escrevesse numa carta tudo o que me contou. Assim, temos um documento. Eu não sei mais do que está escrito. Pode Vossa Excelência ler...

Afonso desdobrou as duas folhas de papel. Era uma história simples, que o Alencar, o poeta da *Vozes de Aurora*, o estilista de *Elvira*, ornara de flores e de galões dourados como uma capela em dia de festa. Uma noite, ao sair da *Maison d'Or*, ele vira a Monforte saltar de

um *coupé* com dois homens de gravata branca; tinham-se logo reconhecido; e um momento ficaram hesitando, um defronte do outro, debaixo do candeeiro de gás, no *trottoir*. Foi ela que, muito decidida, rindo, estendeu a mão ao Alencar, pediu-lhe que a visitasse, deu-lhe a adresse, o nome por que devia perguntar: Madame de l'Estorade. E no seu *boudoir*, na manhã seguinte, a Monforte falou largamente de si: vivera três anos em Viena de Áustria com Tancredo, e com o papá que se lhes fora reunir — e que lá continuava decerto como em Arroios, refugiando-se pelos cantos das salas, pagando as *toilettes* da filha, e dando palmadinhas ternas no ombro do amante como outrora no ombro do marido. Depois tinham estado em Mónaco; e aí, dizia o Alencar, «num

drama sombrio de paixão que ela me fez entrever», o napolitano fora morto em duelo. O papá morrera também nesse ano, deixando apenas da sua fortuna uns magros contos de réis, e a mobília da casa em Viena: o velho arruinara-se com o luxo da filha, com as viagens, com as perdas de Tancredo ao bacará. Passara então um tempo em Londres: e daí viera habitar Paris, com Mr. de l'Estorade, um jogador, um espadachim, que acabou de a arrasar, e que a abandonou legando-lhe esse nome de l'Estorade, que lhe era a ele de ora em diante inútil porque passava a adotar outro mais sonoro de *Vicomte de Manderville*. Enfim, pobre, formosa, doida, excessiva, lançara-se na existência daquelas mulheres de quem, dizia o Alencar, «a pálida Margarida Gautier, a

gentil *Dama das Camélias*, é o tipo sublime, o símbolo poético, a quem muito será perdoado porque muito amaram». E o poeta terminava: «Ela está ainda no esplendor da beleza, mas as rugas virão, e então que avistará em redor de si? As rosas secas e ensanguentadas da sua coroa de esposa. Saí daquele *boudoir* perfumado com a alma dilacerada, meu Vilaça! Pensava no meu pobre Pedro, que lá jaz sob o raio de luar, entre as raízes dos ciprestes. E, desiludido desta cruel vida, vim pedir ao absinto, no Boulevard, uma hora de esquecimento.» Afonso da Maia deu um repelão à carta, menos enojado das torpezas da história, que daqueles lirismos relambidos.

E começou a passear, enquanto o

Vilaça recolhia religiosamente o documento que tinha relido muitas vezes, na admiração do sentimento, do estilo, do ideal daquela página.

— E a pequena? — perguntou Afonso.

— Isso não sei. O Alencar não lhe falaria na filha, nem ele mesmo sabe que ela a levou. Ninguém o sabe em Lisboa. Foi um detalhe que passou despercebido no grande escândalo. Mas enquanto a mim, a pequena morreu. Senão, siga Vossa Excelência o meu raciocínio... Se a menina fosse viva, a mãe podia reclamar a legítima que cabe à criança... Ela sabe a casa que Vossa Excelência tem; há de haver dias, e são frequentes na vida dessas mulheres, em que lhe falte uma libra... Com o pretexto da educação da

menina, ou de alimentos, já nos tinha importunado... Escrúpulos não tem ela. Se o não faz, é que a filha morreu. Não lhe parece a Vossa Excelência?

— Talvez — disse Afonso.

E acrescentou, parando diante de Vilaça — que olhava outra vez a brasa morta tirando estalinhos dos dedos:

— Talvez... Suponhamos que morreram ambas, e não se fale mais nisso.

Estava dando meia-noite, os dois homens recolheram-se. E durante os dias que Vilaça passou em Santa Olávia, não se proferiu mais o nome de Maria Monforte.

Mas, na véspera da partida do administrador para Lisboa, Afonso subiu ao quarto dele, a entregar-lhe as amêndoas da Páscoa que Carlos mandava

a Vilaça Júnior, um alfinete de peito com uma magnífica safira — e disse-lhe, enquanto o outro, sensibilizado, balbuciava os agradecimentos:

— Agora outra coisa, Vilaça. Tenho estado a pensar. Vou escrever a meu primo Noronha, ao André, que vive em Paris como você sabe, pedir-lhe que procure essa criatura, e que lhe ofereça dez ou quinze contos de réis, se ela me quiser entregar a filha... No caso, está claro, que esteja viva... E quero que você saiba desse Alencar a morada da mulher em Paris.

O Vilaça não respondeu, ocupado a meter entre as camisas, bem no fundo da maleta, a caixinha com o alfinete. Depois, erguendo-se, ficou diante de Afonso, a coçar reflectidamente o queixo.

— Então que lhe parece, Vilaça?

— Parece-me arriscado.

E deu as suas razões. A menina devia ir nos seus treze anos. Estava uma mulher, com o seu temperamento formado, o caráter feito, talvez os seus hábitos... Nem falaria o português. As saudades da mãe haviam de ser terríveis... Enfim, o Sr. Afonso da Maia trazia uma estranha para casa...

— Você tem razão, Vilaça. Mas a mulher é uma prostituta, e a pequena é do meu sangue.

Nesse momento Carlos, cuja voz gritava no corredor pelo vovô, precipitou-se no quarto, esguedelhado, escarlate como uma romã.

— O Brown tinha achado um corujazinha pequena! Queria que o vovô

viesse ver, andara a buscá-lo por toda a casa... Era de morrer a rir... Muito pequena, muito feia, toda pelada, e com dois olhos de gente grande! E sabiam onde havia o ninho...

— Vem depressa, ó vovô! Depressa, que é necessário ir pô-la no ninho, por causa da coruja velha que se pode afligir... O Brown está-lhe a dar azeite. Ó Vilaça, vem ver! Ó vovô, pelo amor de Deus! Tem uma cara tão engraçada! Mas depressa, que a coruja velha pode dar pela falta!...

E impaciente com a lentidão risonha do vovô, tanta indiferença pela inquietação da coruja velha, abalou atirando com a porta.

— Que bom coração! — exclamou o Vilaça comovido. — A pensar nas

saudades da coruja... A mãe dele é que não tem saudades! Sempre o disse, é uma fera!

Afonso encolheu tristemente os ombros. Iam já no corredor quando ele, parando um momento, baixando a voz:

— Tem-me esquecido de lhe contar, Vilaça, o Carlos sabe que o pai se matou...

Vilaça arredondou os olhos de espanto. Era verdade. Uma manhã entrara-lhe pela livraria, e dissera-lhe: — Ó vovô, o papá matou-se com uma pistola! — Naturalmente algum criado que lho contara...

— E Vossa Excelência?

— Eu... que havia de fazer? Disse-lhe que sim. Em tudo tenho obedecido ao que Pedro me pediu, nessas quatro ou

cinco linhas da carta que me deixou. Quis ser enterrado em Santa Olávia, aí está. Não queria que o filho jamais soubesse da fuga da mãe; e por mim, decerto, nunca o saberá. Quis que dois retratos que havia dela em Arroios fossem destruídos; como você sabe, obtiveram-se e destruíram-se. Mas não me pediu que ocultasse ao rapaz o seu fim. E por isso, disse ao pequeno a verdade: disse-lhe que num momento de loucura, o papá tinha dada um tiro em si...

— E ele?

— E ele — replicou Afonso sorrindo — perguntou-me quem lhe tinha dado a pistola, e torturou-me toda a manhã para lhe dar também uma pistola... E aí está o resultado dessa revelação: é que tive de mandar vir do Porto uma pistola de vento...

Mas, sentindo Carlos em baixo, aos berros ainda pelo avô, os dois apressaram-se a ir admirar a corujazinha.

Vilaça ao outro dia partiu para Lisboa.

Passadas duas semanas, Afonso recebia uma carta do administrador, trazendo-lhe, com a adresse da Monforte, uma revelação imprevista. Tinha voltado a casa do Alencar; e o poeta, recordando outros incidentes da sua visita a Madame de l'Estorade, contara-lhe que no *boudoir* dela havia um adorável retrato de criança, de olhos negros, cabelo de azeviche, e uma palidez de nácar. Esta pintura ferira-o, não só por ser de um grande pintor inglês, mas por ter, pendente sob o caixilho, como um voto funerário, uma linda coroa de flores de cera brancas

e roxas. Não havia outro quadro no *boudoir*: e ele perguntara à Monforte se era um retrato ou uma fantasia. Ela respondera que era o retrato da filha que lhe morrera em Londres.

«Estão assim dissipadas todas as dúvidas», acrescentava o Vilaça. «O pobre anjinho está numa pátria melhor. E para ela, *bem melhor*!» Afonso, todavia, escreveu a André de Noronha. A resposta tardou. Quando o primo André procurara Madame de l'Estorade, havia semanas que ela partira para a Alemanha, depois de vender mobília e cavalos. E no Clube Imperial, a que ele pertencia, um amigo, que conhecia bem Madame de l'Estorade e a vida galante de Paris, contara-lhe que a doida fugira com um certo Catanni, acrobata do Circo de inverno nos Campos

Elísios, homem de formas magníficas, um Apolo de feira, que todas as *cocottes* se disputavam e que a Monforte empolgara. Naturalmente corria agora a Alemanha com a companhia de cavalinhos.

Afonso da Maia, enojado, remeteu esta carta ao Vilaça sem um comentário. E o honrado homem respondeu: «Tem Vossa Excelência razão, é atroz: e mais vale supor que todos morreram, e não gastar mais cera com tão ruins defuntos...» E depois num pós-escrito acrescentava: «Parece certo abrir-se em breve o caminho de ferro até ao Porto: em tal caso, com permissão de Vossa Excelência, aí irei e o meu rapaz a pedirmos-lhe alguns dias de hospitalidade.» Esta carta foi recebida em Santa Olávia um domingo, ao jantar. Afonso lera alto o P.

S. Todos se alegraram, na esperança de ver o bom Vilaça em breve na quinta; e falou-se mesmo em arranjar um grande piquenique, rio acima.

Mas, terça-feira à noite, chegava um telegrama de Manuel Vilaça anunciando que o pai morrera, nessa manhã, de uma apoplexia: dois dias depois vinham mais longos e tristes pormenores. Fora depois do almoço que, de repente, Vilaça se sentira muito sufocado, e com tonturas: ainda tivera forças de ir ao quarto respirar um pouco de éter: mas ao voltar à sala cambaleava, queixava-se de ver tudo amarelo, e caiu de bruços, como um fardo, sobre o canapé. O seu pensamento, que se extinguia para sempre, ainda nesse momento se ocupou da casa que há trinta

anos administrava: balbuciou, a respeito de uma venda de cortiça, recomendações que o filho já não pôde perceber: depois deu um grande ai; e só tornou a abrir os olhos para murmurar no derradeiro sopro estas derradeiras palavras:*Saudades ao patrão*!

Afonso da Maia ficou profundamente afetado, e em Santa Olávia, mesmo entre os criados, a morte de Vilaça foi como um luto doméstico. Uma dessas tardes, o velho, muito melancólico, estava na livraria com um jornal esquecido nas mãos, os olhos cerrados — quando Carlos, que ao lado rabiscava carantonhas num papel, veio passar-lhe um braço pelo pescoço, e como compreendendo os seus pensamentos, perguntou-lhe se o Vilaça

não voltaria a vê-los à quinta.

— Não, filho, nunca mais. Nunca mais o tornamos a ver. O pequeno, entre os joelhos e os braços do velho, olhava o tapete, e, como recordando-se, murmurou tristemente:

— O Vilaça, coitado... Dava estalinhos com os dedos... Ó vovô, para onde o levaram?

— Para o cemitério, filho, para debaixo da terra.

Então Carlos desprendeu-se devagar do abraço do avô, e muito sério, com os olhos nele:

— Ó vovô! porque não lhe mandas fazer uma capelinha bonita, toda de pedra, com uma figura, como tem o papá?

O velho achegou-o ao peito, beijou-o, comovido:

— Tens razão, filho. Tens mais coração que eu!

Assim o bom Vilaça teve no Cemitério dos Prazeres o seu jazigo — que fora a alta ambição da sua existência modesta. Outros anos tranquilos passaram sobre Santa Olávia.

Depois uma manhã de julho, em Coimbra, Manuel Vilaça (agora administrador da casa) trepava as escadas do Hotel Mondego, onde Afonso se hospedara com o neto, e entrava-lhe pela sala, vermelho, suando, berrando:

— *Neminè! Neminè!*

Fizera Carlos o seu primeiro exame! E que exame! Teixeira, que tinha acompanhado os senhores de Santa Olávia correu à porta, abraçou-se quase chorando ao menino, agora mais alto que ele, e

muito formoso na sua batina nova.

Em cima no quarto, Manuel Vilaça, soprando ainda, limpando as bagas de suor, exclamava:

— Ficou tudo espantado, Sr. Afonso da Maia! Os lentes até estavam comovidos. Ih! Jesus! que talento! Vem a ser um grande homem, é o que todo o mundo disse... E que Faculdade vai ele seguir, meu senhor?

Afonso, que passeava, todo trémulo, respondeu com um sorriso:

— Não sei, Vilaça... Talvez nos formemos ambos em Direito. Carlos assomou à porta, radiante, seguido do Teixeira e do outro escudeiro — que trazia champanhe numa salva.

— Então venha cá, seu maroto — disse Afonso muito branco, com os braços

abertos. — Bom exame, hem?... Eu...

Mas não pôde prosseguir: as lágrimas, duas a duas, corriam-lhe pela barba branca.

4

Carlos ia formar-se em Medicina. E como dizia o Dr. Trigueiros houvera sempre naquele menino realmente uma «vocação para Esculápio».

A «vocação» revelara-se bruscamente um dia que descobriu no sótão, entre rumas de velhos alfarrábios, um rolo manchado e antiquado de estampas anatómicas; tinha passado dias a recortá-las, pregando pelas paredes do quarto fígados, liaças de intestinos, cabeças de perfil «com o recheio à mostra». Uma noite mesmo rompera pela sala em triunfo, a mostrar às Silveiras, ao Eusébio, a pavorosa litogradia de um feto de seis meses no útero materno. D. Ana

recuou, com um grito, colando o leque à face: e o doutor delegado, escarlate também, arrebatou prudentemente Eusebiozinho para entre os joelhos, tapou-lhe a face com a mão. Mas o que escandalizou mais as senhoras foi a indulgência de Afonso.

— Então que tem, então que tem? — dizia ele sorrindo.

— Que tem, Sr. Afonso da Maia!? — exclamou D. Ana. São indecências!

— Não há nada indecente na Natureza, minha rica senhora. Indecente é a ignorância... Deixar lá o rapaz. Tem curiosidade de saber como é esta pobre máquina por dentro, não há nada mais louvável. D. Ana abanava-se, sufocada. Consentir tais horrores nas mãos da criança!... Carlos começou a aparecer-lhe

como um libertino «que já sabia coisas»; e não consentiu mais que a Teresinha brincasse só com ele pelos corredores de Santa Olávia.

As pessoas sérias, porém, o doutor juiz de direito, o próprio abade, lamentando, sim, que não houvesse mais recato, concordavam que aquilo mostrava no pequeno uma grande queda para a medicina.

— Se pega — dizia então com um gesto profético o Dr. Trigueiros — temos dali coisa grande!

E parecia pegar.

Em Coimbra, estudante do Liceu, Carlos deixava os seus compêndios de lógica e retórica, para se ocupar de anatomia: numas férias, ao abrir das malas, a Gertrudes fugiu espavorida

vendo alvejar entre as dobras de um casaco o riso de uma caveira: e se algum criado da quinta adoecia, lá estava Carlos logo revolvendo o caso em velhos livros de medicina da livraria, sem lhe largar a beira do catre, fazendo diagnósticos que o bom Dr. Trigueiros escutava respeitoso e pensativo. Diante do avô já chamava mesmo ao menino «o seu talentoso colega».

Esta inesperada carreira de Carlos (pensara-se sempre que ele tomaria capelo em Direito) era pouco aprovada entre os fiéis amigos de Santa Olávia. As senhoras sobretudo lamentavam que um rapaz que ia crescendo tão formoso, tão bom cavaleiro, viesse a estragar a vida receitando emplastros, e sujando as mãos no jorro das sangrias. O doutor juiz de

direito confessou mesmo um dia a sua descrença de que o Sr. Carlos da Maia quisesse «ser médico a sério».

— Ora essa! — exclamou Afonso. — E porque não há de ser médico a sério? Se escolhe uma profissão é para a exercer com sinceridade e com ambição, como os outros. Eu não o educo para vadio, muito menos para amador; educo-o para ser útil ao seu país...

— Todavia — arriscou o doutor juiz de direito com um sorriso fino — não lhe parece a Vossa Excelência que há outras coisas, importantes também, e mais próprias talvez, em que seu neto se poderia tornar útil?...

— Não vejo — replicou Afonso da Maia. — Num país em que a ocupação geral é estar doente, o maior serviço

patriótico é incontestavelmente saber curar.

— Vossa Excelência tem resposta para tudo — murmurou respeitosamente o magistrado.

E o que justamente seduzia Carlos na medicina era essa vida «a sério», prática e útil, as escadas de doentes galgadas à pressa no fogo de uma vasta clínica, as existências que se salvam com um golpe de bisturi, as noites veladas à beira de um leito, entre o terror de uma família, dando grandes batalhas à morte. Como em pequeno o tinham encantado as formas pitorescas das vísceras — atraíam-no agora estes lados militantes e heroicos da ciência. Matriculou-se realmente com entusiasmo. Para esses longos anos de quieto estudo o avô

preparara-lhe uma linda casa em Celas, isolada, com graças de *cottage* inglês, ornada de persianas verdes, toda fresca entre as árvores. Um amigo de Carlos (um certo João da Ega) pôs-lhe o nome de «Paços de Celas», por causa de luxos então raros na Academia, um tapete na sala, poltronas de marroquim, panóplias de armas, e um escudeiro de libré.

Ao princípio este esplendor tornou Carlos venerado dos fidalgotes, mas suspeito aos democratas; quando se soube, porém, que o dono destes confortos lia Proudhon, Augusto Comte, Herbert Spencer, e considerava também o país uma *choldra ignóbil* — os mais rígidos revolucionários começaram a vir aos Paços de Celas tão familiarmente como ao quarto do Trovão, o poeta boémio, o duro

socialista, que tinha apenas por mobília uma enxerga e uma Bíblia. Ao fim de alguns meses, Carlos, simpático a todos, conciliara *dandies* e filósofos: e trazia muitas vezes no seu *break*, lado a lado, o Serra Torres, um monstro que já era adido honorário em Berlim e todas as noites punha casaca, e o famoso Craveiro que meditava a *Morte de Satanás*, encolhido no seu gabão de Aveiro, com o seu grande barrete de lontra.

Os Paços de Celas, sob a sua aparência preguiçosa e campestre, tornaram-se uma fornalha de atividades. No quintal fazia-se uma ginástica científica. Uma velha cozinha fora convertida em sala de armas — porque naquele grupo a esgrima passava como uma necessidade social. À noite, na sala

de jantar, moços sérios faziam um *whist* sério: e no salão, sob o lustre de cristal, com o *Figaro*, o *Times* e as revistas de Paris e de Londres espalhadas pelas mesas, o Gamacho ao piano tocando Chopin ou Mozart, os literatos estirados pelas poltronas — havia ruidosos e ardentes cavacos, em que a Democracia, a Arte, o Positivismo, o Realismo, o Papado, Bismarck, o Amor, Hugo e a Evolução, tudo por seu turno flamejava no fumo do tabaco, tudo tão ligeiro e vago como o fumo. E as discussões metafísicas, as próprias certezas revolucionárias adquiriam um sabor mais requintado com a presença do criado de farda desarrolhando a cerveja, ou servindo croquetes.

Carlos, naturalmente, não tardou a

deixar pelas mesas, com as folhas intactas, os seus expositores de medicina. A Literatura e a Arte, sob todas as formas, absorveram-no deliciosamente. Publicou sonetos no *Instituto* — e um artigo sobre o Pártenon: tentou, num *atelier* improvisado, a pintura a óleo: e compôs contos arqueológicos, sob a influência da *Salammbô*. Além disso todas as tardes passeava os seus dois cavalos. No segundo ano levaria um R se não fosse tão conhecido e rico. Tremeu, pensando no desgosto do avô: moderou a dissipação intelectual, acantoou-se mais na ciência que escolhera: imediatamente lhe deram um *accessit*. Mas tinha nas veias o veneno do diletantismo: e estava destinado, como dizia João da Ega, a ser um desses médicos literários que

inventam doenças de que a humanidade papalva se presta logo a morrer!

O avô, às vezes, vinha passar uma, duas semanas a Celas. Nos primeiros tempos a sua presença, agradável aos cavalheiros da partida de *whist*, desorganizou o cavaco literário. Os rapazes mal ousavam estender o braço para o copo da cerveja; e os *vossa excelência* isto, *vossa excelência* aquilo, regelavam a sala. Pouco a pouco, porém, vendo-o aparecer em chinelas e de cachimbo na boca, estirar-se na poltrona com ares simpáticos de patriarca boémio, discutir arte e literatura, contar anedotas do seu tempo de Inglaterra e de Itália, começaram a considerá-lo como um camarada de barbas brancas. Diante dele já se falava de mulheres e de estroinices.

Aquele velho fidalgo, tão rico, que lera Michelet e o admirava — chegou mesmo a entusiasmar os democratas. E Afonso gozava ali também horas felizes, vendo o seu Carlos centro daqueles moços de estudo, de ideal e de veia.

Carlos passava as férias grandes em Lisboa, às vezes em Paris ou Londres; mas por Natais e Páscoas vinha sempre a Santa Olávia, que o avô, mais só, se entretinha a embelezar com amor. As salas tinham agora soberbos panos de Arrás, paisagens de Rousseau e Daubigny, alguns móveis de luxo e de arte. Das janelas a quinta oferecia aspetos nobres de parque inglês: através dos macios tabuleiros de relva, davam curvas airosas as ruas areadas: havia mármores entre as verduras; e gordos carneiros de luxo

dormiam sob os castanheiros. Mas a existência neste meio rico não era agora tão alegre: a viscondessa, cada dia mais nutrida, caía em sonos congestivos logo depois do jantar; o Teixeira primeiro, a Gertrudes depois, tinham morrido, ambos de pleurises, ambos no Entrudo: e já se não via também à mesa a bondosa face do abade, que lá jazia sob uma cruz de pedra, entre os goivos e as rosas de todo o ano. O doutor juiz de direito com a sua concertina passara para a Relação do Porto; D. Ana Silveira, muito doente, nunca saía; a Teresinha fizera-se uma rapariguinha feia, amarela como uma cidra; o Eusebiozinho, molengão e tristonho, já sem vestígios sequer do seu primeiro amor aos alfarrábios e às letras, ia casar na Régua. Só o doutor delegado,

esquecido naquela comarca, estava o mesmo, mais calvo talvez, sempre afável, amando sempre a pachorrenta D. Eugénia. E quase todas as tardes, o velho Trigueiros se apeava da sua égua branca ao portão, para vir cavaquear com o colega.

As férias, realmente, só eram divertidas para Carlos quando trazia para a quinta o seu íntimo, o grande João da Ega, a quem Afonso da Maia se afeiçoara muito, por ele e pela sua originalidade, e por ser sobrinho de André da Ega, velho amigo da sua mocidade e, muitas vezes outrora, hóspede também em Santa Olávia.

Ega andava-se formando em Direito, mas devagar, muito pausadamente — ora reprovado, ora perdendo o ano.

Sua mãe, rica, viúva e beata, retirada numa quinta ao pé de Celorico de Basto com uma filha, beata, viúva e rica também, tinha apenas uma noção vaga do que o Joãozinho fizera, todo esse tempo, em Coimbra. O capelão afirmava-lhe que tudo havia de acabar a contento, e que o menino seria um dia doutor como o papá e como o titi: e esta promessa bastava à boa senhora, que se ocupava sobretudo da sua doença de entranhas e dos confortos desse padre Serafim. Estimava mesmo que o filho estivesse em Coimbra, ou algures, longe da quinta, que ele escandalizava com a sua irreligião e as suas facécias heréticas.

João da Ega, com efeito, era considerado não só em Celorico, mas também na Academia, que ele espantava

pela audácia e pelos ditos, como o maior ateu, o maior demagogo, que jamais aparecera nas sociedades humanas. Isto lisonjeava-o: por sistema exagerou o seu ódio à Divindade, e a toda a Ordem social: queria o massacre das classes médias, o amor livre das ficções do matrimónio, a repartição das terras, o culto de Satanás. O esforço da inteligência neste sentido terminou por lhe influenciar as maneiras e a fisionomia; e, com a sua figura esgrouviada e seca, os pelos do bigode arrebitados sob o nariz adunco, um quadrado de vidro entalado no olho direito — tinha realmente alguma coisa de rebelde e de satânico. Desde a sua entrada na Universidade, renovara as tradições da antiga boémia: trazia os rasgões da batina cosidos a linha branca;

embebedava-se com carrascão; à noite, na Ponte, com o braço erguido, atirava injúrias a Deus. E no fundo muito sentimental, enleado sempre em amores por meninas de quinze anos, filhas de empregados, com quem às vezes ia passar a *soirée*, levando-lhes cartuchinhos de doce. A sua fama de fidalgote rico tornava-o apetecido nas famílias.

Carlos escarnecia estes idílios futricas; mas também ele terminou por se enredar num episódio romântico com a mulher de um empregado do Governo Civil, uma lisboetazinha, que o seduziu pela graça de um corpo de boneca e por uns lindos olhos verdes. A ela o que a fanatizara fora o luxo, o *groom*, a égua inglesa de Carlos. Trocaram-se cartas; e ele viveu semanas banhado na poesia

áspera e tumultuosa do primeiro amor adúltero. Infelizmente a rapariga tinha o nome bárbaro de Hermengarda; e os amigos de Carlos, descoberto o segredo, chamavam-lhe já *Eurico, o Presbítero*, dirigiam para Celas missivas pelo correio com este nome odioso.

Um dia, Carlos andava tomando o Sol na feira, quando o empregado do Governo Civil passou junto dele com o filhinho pela mão. Pela primeira vez via tão de perto o marido de Hermengarda. Achou-o enxovalhado e macilento. Mas o pequerrucho era adorável, muito gordo, parecendo mais roliço por aquele dia de janeiro sob os agasalhos de lã azul, tremelicando nas pobres perninhas roxas de frio, e rindo na clara luz — rindo todo ele, pelos olhos, pelas covinhas do

queixo, pelas duas rosas das faces. O pai amparava-o; e o encanto, o cuidado com que o rapaz ia assim guiando os passos do seu filho, impressionou Carlos. Era no momento em que ele lia Michelet — e enchia-lhe a alma a veneração literária da santidade doméstica. Sentiu-se canalha em andar ali de cima do seu *dog-cart*, a preparar friamente a vergonha, e as lágrimas daquele pobre pai tão inofensivo no seu paletó coçado! Nunca mais respondeu às cartas em que Hermengarda lhe chamava *seu ideal*. Decerto a rapariga se vingou, intrigando-o; porque o empregado do Governo Civil, daí por diante, dardejava sobre ele olhares sangrentos.

Mas a grande «topada sentimental de Carlos», como disse o Ega, foi quando

ele, ao fim de umas férias, trouxe de Lisboa uma soberba rapariga espanhola, e a instalou numa casa ao pé de Celas. Chamava-se Encarnación. Carlos alugou-lhe ao mês uma vitória com um cavalo branco e Encarnación fanatizou Coimbra como a aparição de uma *Dama das Camélias*, uma flor de luxo das civilizações superiores. Pela Calçada, pela estrada da Beira, os rapazes paravam, pálidos de emoção, quando ela passava, reclinada na vitória, mostrando o sapato de cetim, um pouco da meia de seda, lânguida e desdenhosa, com um cãozinho branco no regaço.

Os poetas da Academia fizeram-lhe versos em que Encarnación foi chamada *Lírio de Israel*, *Pomba da Arca* e *Nuvem da Manhã*. Um estudante

de teologia, rude e sebento transmontano, quis casar com ela. Apesar das instâncias de Carlos, Encarnación recusou; e o teólogo começou a rondar Celas, com um navalhão, para «beber o sangue» ao Maia. Carlos teve de lhe dar bengaladas.

Mas a criatura, desvanecida, tornou-se intolerável, falando sem cessar de outras paixões que inspirara em Madrid e em Lisboa, do muito que lhe dera o conde de tal, o marquês sicrano, da grande posição da sua família ainda aparentada com os Medina-Coeli: os seus sapatos de cetim verde eram tão antipáticos como a sua voz estrídula: e quando tentava elevar-se às conversações que ouvia, rompia a chamar ladrões aos republicanos, a celebrar os tempos de D. Isabel, a sua *gracia*, o seu *salero* —

sendo muito conservadora como todas as prostitutas. João da Ega odiava-a. E Craveiro declarou que não voltava aos Paços de Celas enquanto por lá aparecesse aquele montão de carne, pago ao arrátel, como a de vaca.

Enfim, uma tarde, Batista, o famoso criado de quarto de Carlos, surpreendeu-a com um Juca que fazia de dama no Teatro Académico. Aí estava, enfim, um pretexto! E, convenientemente paga, a parenta dos Medina-Coeli, o *Lírio de Israel*, a admiradora dos Bourbons, foi recambiada a Lisboa, e à Rua de S. Roque, seu elemento natural.

Em agosto, no ato da formatura de Carlos, houve uma alegre festa em Celas. Afonso viera de Santa Olávia, Vilaça de Lisboa; toda a tarde no quintal, de entre as

acácias e as belas sombras, subiram ao ar molhos de foguetes; e João da Ega, que levara o seu último **R** no seu último ano, não descansou, em mangas de camisa, pendurando lanternas venezianas pelos ramos, no trapézio e em roda do poço, para a iluminação da noite. Ao jantar, a que assistiam lentes, Vilaça, enfiado e trémulo, fez um *speech*; ia citar o nosso *imortal Castilho* quando sob as janelas rompeu, a grande ruído de tambor e pratos, o *Hino Académico*. Era uma serenata. — Ega, vermelho, de batina desabotoada, a luneta para trás das costas, correu à sacada, a perorar:

— Aí temos o nosso Maia, Carolus Eduardus ab Maia, começando a sua gloriosa carreira, preparado para salvar a humanidade enferma — ou

acabar de a matar, segundo as circunstâncias! A que parte remota destes reinos não chegou já a fama do seu génio, do seu *dog-cart*, do sebáceo *accessit* que lhe enodoa o passado, e deste vinho do Porto contemporâneo dos heróis de 20, que eu, homem de revolução e homem de carraspana, eu, João da Ega, Joahanes ab Ega... O grupo escuro em baixo desatou aos vivas. A filarmónica, outros estudantes, invadiram os Paços. Até tarde, sob as árvores do quintal, na sala atulhada de pilhas de pratos, os criados correram com salvas de doce, não cessou de estalar o champanhe. E Vilaça, limpando a testa, o pescoço, abafado de calor, ia dizendo a um, a outro, a si mesmo também:

— Grande coisa, ter um curso!

E então Carlos Eduardo partira

para a sua longa viagem pela Europa. Um ano passou. Chegara esse outono de 1875: e o avô, instalado enfim no *Ramalhete*, esperava por ele ansiosamente. A última carta de Carlos viera de Inglaterra, onde andava, dizia ele, a estudar a admirável organização dos hospitais de crianças. Assim era: mas passeava também por Brighton, apostava nas corridas de Goodwood, fazia um idílio errante pelos lagos da Escócia, com uma senhora holandesa, separada de seu marido, venerável magistrado da Haia, uma Madame Rughel, soberba criatura de cabelos de oiro fulvo, grande e branca como uma ninfa de Rubens.

Depois começaram a chegar, dirigidas ao *Ramalhete*, caixas sucessivas de livros, outras de instrumentos e

aparelhos, toda uma biblioteca e todo um laboratório — que trazia o Vilaça, manhãs inteiras, aturdido pelos armazéns da Alfândega.

— O meu rapaz vem com grandes ideias de trabalho — dizia Afonso aos amigos.

Havia catorze meses que ele o não via, o «seu rapaz», a não ser numa fotografia mandada de Milão, em que todos o acharam magro e triste. E o coração batia-lhe forte, na linda manhã de outono, quando do terraço do *Ramalhete*, de binóculo na mão, viu assomar vagarosamente, por trás do alto prédio fronteiro, um grande paquete da *Royal Mail* que lhe trazia o seu neto.

À noite os amigos da casa, o velho Sequeira, D. Diogo Coutinho, o Vilaça —

não se fartavam de admirar «o bem que a viagem fizera a Carlos». Que diferença da fotografia! Que forte, que saudável! Era decerto um formoso e magnífico moço, alto, bem feito, de ombros largos, com uma testa de mármore sob os anéis dos cabelos pretos, e os olhos dos Maias, aqueles irresistíveis olhos do pai, de um negro líquido, ternos como os dele e mais graves. Trazia a barba toda, muito fina, castanho-escura, rente na face, aguçada no queixo — o que lhe dava, com o bonito bigode arqueado aos cantos da boca, uma fisionomia de belo cavaleiro da Renascença. E o avô, cujo olhar risonho e húmido trasbordava de emoção, todo se orgulhava de o ver, de o ouvir, numa larga veia, falando da viagem, dos belos dias de Roma, do seu mau humor na Prússia,

da originalidade de Moscovo, das paisagens da Holanda...

— E agora? — perguntou-lhe o Sequeira, depois de um momento de silêncio em que Carlos estivera bebendo o seu conhaque e soda. — Agora que tencionas tu fazer?

— Agora, general? — respondeu Carlos, sorrindo e pousando o copo. — Descansar primeiro e depois passar a ser uma glória nacional! Ao outro dia, com efeito, Afonso veio encontrá-lo na sala de bilhar — onde tinham sido colocados os caixotes — a despregar, a desempacotar, em mangas de camisa e assobiando com entusiasmo. Pelo chão, pelos sofás, alastrava-se toda uma literatura em rumas de volumes graves; e aqui e além, por entre a palha, através das lonas

descosidas, a luz faiscava num cristal, ou reluziam os vernizes, os metais polidos dos aparelhos. Afonso pasmava em silêncio para aquele pomposo aparato do saber.

— E onde vais tu acomodar este museu?

Carlos pensara em arranjar um vasto laboratório ali perto no bairro, com fornos para trabalhos químicos, uma sala disposta para estudos anatómicos e fisiológicos, a sua biblioteca, os seus aparelhos, uma concentração metódica de todos os instrumentos de estudo... Os olhos do avô iluminavam-se ouvindo este plano grandioso.

— E que não te prendam questões de dinheiro, Carlos! Nós fizemos nestes últimos anos de Santa Olávia algumas

economias...

— Boas e grandes palavras, avô! Repita-as ao Vilaça. As semanas foram passando nestes planos de instalação. Carlos trazia realmente resoluções sinceras de trabalho: a ciência como mera ornamentação interior do espírito, mais inútil para os outros que as próprias tapeçarias do seu quarto, parecia-lhe apenas um luxo de solitário: desejava ser útil. Mas as suas ambições flutuavam, intensas e vagas; ora pensava numa larga clínica; ora na composição maciça de um livro iniciador; algumas vezes em experiências fisiológicas, pacientes e reveladoras... Sentia em si, ou supunha sentir, o tumulto de uma força, sem lhe discernir a linha de aplicação. «Alguma coisa de brilhante», como ele dizia: e isto

para ele, homem de luxo e homem de estudo, significava um conjunto de representação social e de atividade científica; o remexer profundo de ideias entre as influências delicadas da riqueza; os elevados vagares da filosofia entremeados com requintes de *sport* e de gosto; um Claude Bernard que fosse também um Morny... No fundo era um *diletante*.

Vilaça fora consultado sobre a localidade própria para o laboratório; e o procurador, muito lisonjeado, jurou uma diligência incansável. Primeira coisa a saber, o nosso doutor tencionava fazer clínica?...

Carlos não decidira fazer *exclusivamente* clínica: mas desejava decerto dar consultas, mesmo

gratuitas, como caridade e como prática. Então Vilaça sugeriu que o consultório estivesse separado do laboratório.

— E a minha razão é esta: a vista de aparelhos, máquinas, coisas, faz esmorecer os doentes...

— Tem você razão, Vilaça! — exclamou Afonso. — Já meu pai dizia: poupe-se ao boi a vista do malho.

— Separados, separados, meu senhor — afirmou o procurador num tom profundo.

Carlos concordou. E Vilaça bem depressa descobriu, para o laboratório, um antigo armazém, vasto e retirado, ao fundo de um pátio, junto ao Largo das Necessidades.

— E o consultório, meu senhor, não é aqui, nem acolá; é no Rossio, ali em

pleno Rossio!

Esta ideia do Vilaça não era desinteressada. Grande entusiasta da *Fusão*, membro do Centro Progressista, Vilaça Júnior aspirava a ser vereador da Câmara, e mesmo em dias de satisfação superior (como quando o seu aniversário natalício vinha anunciado no *Ilustrado*, ou quando no Centro citava com aplauso a Bélgica), parecia-lhe que tantas aptidões mereciam do seu partido uma cadeira em S. Bento. Um consultório gratuito, no Rossio, o consultório do Dr. Maia, «do seu Maia» reluziu-lhe logo vagamente como um elemento de influência. E tanto se agitou, que daí a dois dias tinha alugado um primeiro andar de esquina.

Carlos mobilou-o com luxo. Numa

antecâmara, guarnecida de banquetas de marroquim, devia estacionar, à francesa, um criado de libré. A sala de espera dos doentes alegrava com o seu papel verde de ramagens prateadas, a plantas em vasos de Ruão, quadros de muita cor, e ricas poltronas cercando a jardineira coberta de coleções do *Charivari*, de vistas estereoscópicas, de álbuns de atrizes seminuas, para tirar inteiramente o ar triste de consultório, até um piano mostrava o seu teclado branco.

O gabinete de Carlos ao lado era mais simples, quase austero, todo em veludo verde-negro, com estantes de pau-preto. Alguns amigos que começavam a cercar Carlos, Taveira, seu contemporâneo e agora vizinho do *Ramalhete*, o Cruges, o marquês de

Souselas, com quem percorrera a Itália — vieram ver estas maravilhas. O Cruges correu uma escala no piano e achou-o abominável; Taveira absorveu-se nas fotografias de atrizes; e a única aprovação franca veio do marquês, que depois de contemplar o divã do gabinete, verdadeiro móvel de serralho, vasto, voluptuoso, fofo, experimentou-lhe a doçura das molas e disse, piscando o olho a Carlos:

— A calhar.

Não pareciam acreditar nestes preparativos. E todavia eram sinceros. Carlos até fizera anunciar o consultório nos jornais; quando viu, porém, o seu nome em letras grossas, entre o de uma engomadeira à Boa Hora e um reclamo de casa de hóspedes — encarregou Vilaça de retirar o anúncio.

Ocupava-se então mais do laboratório, que decidira instalar no armazém, às Necessidades. Todas as manhãs, antes de almoço, ia visitar as obras. Entrava-se por um grande pátio, onde uma bela sombra cobria um poço, e uma trepadeira se mirrava nos ganchos de ferro que a prendiam ao muro. Carlos já decidira transformar aquele espaço em fresco jardinete inglês; e a porta do casarão encantava-o, ogival e nobre, resto de fachada de ermida, fazendo um acesso vulnerável para o seu santuário de ciência. Mas dentro os trabalhos arrastavam-se sem fim; sempre um vago martelar preguiçoso numa poeira alvadia; sempre as mesmas coifas de ferramentas jazendo nas mesmas camadas de aparas! Um carpinteiro esgrouviado e triste

parecia estar ali desde séculos, aplainando uma tábua eterna com uma fadiga langorosa; e no telhado os trabalhadores, que andavam alargando a claraboia, não cessavam de assobiar, no sol de inverno, alguma lamúria de fado.

Carlos queixava-se ao Sr. Vicente, o mestre de obras, que lhe asseverava invariavelmente «como daí a dois dias havia de Sua Excelência ver a diferença». Era um homem de meia-idade, risonho, de falar doce, muito barbeado, muito lavado, que morava ao pé de *Ramalhete*, e tinha no bairro fama de republicano. Carlos, por simpatia, como vizinho, apertava-lhe sempre a mão: e o Sr. Vicente, considerando-o por isso um «avançado», um democrata, confiava-lhe as suas esperanças. O que ele desejava primeiro

que tudo era um 93, como em França...

— O quê, sangue? — dizia Carlos, olhando a fresca, honrada e roliça face do demagogo.

— Não, senhor, um navio, um simples navio...

— Um navio?

— Sim, senhor, um navio fretado à custa da nação, em que se mandasse pela barra fora o rei, a família real, a cambada dos ministros, dos políticos, dos deputados, dos intrigantes, etc. e etc. Carlos sorria, às vezes argumentava com ele.

— Mas está o Sr. Vicente bem certo, que apenas a cambada, como tão exatamente diz, desaparecesse pela barra fora, ficavam resolvidas todas as coisas e tudo atolado em felicidade?

Não, o Sr. Vicente não era «burro» que assim pensasse. Mas, suprimida a cambada, não via Sua Excelência? Ficava o país desatravancado; e podiam então começar a governar os homens de saber e de progresso...

— Sabe Vossa Excelência qual é o nosso mal? Não é má vontade dessa gente; é muita soma de ignorância. Não sabem. Não sabem nada. Eles não são maus, mas são umas cavalgaduras!

— Bem, então essas obras, amigo Vicente — dizia-lhe Carlos, tirando o relógio e despedindo-se dele com um valente *shake-hands* — veja se me andam. Não lho peço como proprietário, é como correligionário.

— Daqui a dois dias há de Vossa Excelência ver a diferença — respondia o

mestre de obras, desbarretando-se.

No *Ramalhete*, pontualmente ao meio-dia, tocava a sineta do almoço. Carlos encontrava quase sempre o avô já na sala de jantar, acabando de percorrer algum jornal junto ao fogão, onde a tépida suavidade daquele fim de outono não permitia acender lume, mas verdejando todo de plantas de estufa.

Em redor, nos aparadores de carvalho lavrado, rebrilhavam suavemente, no seu luxo maciço e sóbrio, as baixelas antigas; pelas tapeçarias ovais dos muros apainelados corriam cenas de balada, caçadores medievais soltando o falcão, uma dama entre pajens alimentando os cisnes de um lago, um cavaleiro de viseira calada seguindo ao longo de um rio; e contrastando com o teto

escuro de castanho entalhado, a mesa resplandecia com as flores entre os cristais. O «Reverendo Bonifácio», que desde que se tornara dignitário da Igreja comia com os senhores, lá estava já majestosamente sentado sobre a alvura nevada da toalha, à sombra de algum grande ramo. Era ali, no aroma das rosas, que o venerável gato gostava de lamber, com o seu vagar estúpido, as sopas de leite, servidas num covilhete de Estrasburgo. Depois agachava-se, traçava por diante do peito a fofa pluma da sua cauda, e de olhos cerrados, os bigodes tesos, todo ele uma bola entufada de pelo branco malhado de oiro, gozava de leve uma sesta macia.

Afonso — como confessava, sorrindo e humilhado — ia-se tornando

com a velhice um *gourmet* exigente; e acolhia, com uma concentração de crítico, as obras de arte do *chef* francês que tinham agora, um cavalheiro de mau génio, todo bonapartista, muito parecido com o imperador, e que se chamava Mr. Théodore. Os almoços no *Ramalhete* eram sempre delicados e longos; depois, ao café, ficavam ainda conversando; e passava da uma hora, da hora e meia, quando Carlos, com uma exclamação, precipitando-se sobre o relógio, se lembrava do seu consultório. Bebia um cálice de *chartreuse*, acendia à pressa um charuto.

— Ao trabalho, ao trabalho! — exclamava.

E o avô, enchendo devagar o seu cachimbo, invejava-lhe aquela ocupação,

enquanto ele ficava ali a vadiar toda a manhã...

— Quando esse eterno laboratório estiver acabado, talvez vá para lá passar um bocado, ocupar-me de química.

— E ser talvez um grande químico. O avô tem já o feitio. O velho sorria.

— Esta carcaça já não dá nada, filho. Está pedindo Eternidade!

— Quer alguma coisa da Baixa, de Babilónia? — perguntava Carlos, abotoando à pressa as suas luvas de governar.

— Bom dia de trabalho.

— Pouco provável...

E no *dog-cart*, com aquela linda égua, a *Tunante*, ou no faetonte com que maravilhava Lisboa, Carlos lá partia em

grande estilo para a Baixa, para «o trabalho».

O seu gabinete, no consultório, dormia numa paz tépida entre os espessos veludos escuros, na penumbra que faziam os estores de seda verde corridos. Na sala, porém, as três janelas abertas bebiam à farta a luz; tudo ali parecia festivo; as poltronas em torno da jardineira estendiam os seus braços, amáveis e convidativos; o teclado branco do piano ria e esperava, tendo abertas por cima as*Canções* de Gounod; mas não aparecia jamais um doente. E Carlos — exatamente como o criado que, na ociosidade da antecâmara, dormitava sob o *Diário de Notícias*, acaçapado na banqueta — acendia um cigarro «Laferme», tomava uma revista, e

estendia-se no divã. A prosa, porém, dos artigos estava como embebida do tédio moroso do gabinete: bem depressa bocejava, deixava cair o volume. Do Rossio, o ruído das carroças, os gritos errantes de pregões, o rolar dos americanos, subiam, numa vibração mais clara, por aquele ar fino de novembro: uma luz macia, escorregando docemente do azul-ferrete, vinha dourar as fachadas enxovalhadas, as copas mesquinhas das árvores do município, a gente vadiando pelos bancos: e essa sussurração lenta de cidade preguiçosa, esse ar aveludado de clima rico, pareciam ir penetrando pouco a pouco naquele abafado gabinete e resvalando pelos veludos pesados, pelo verniz dos móveis, envolver Carlos numa indolência e numa dormência... Com a

cabeça na almofada, fumando, ali ficava, nessa quietação de sesta, num cismar que se ia desprendendo, vago e ténue, como o ténue e leve fumo que se eleva de uma braseira meio apagada; até que, com um esforço, sacudia este torpor, passeava na sala, abria aqui e além pelas estantes um livro, tocava no piano dois compassos de valsa, espreguiçava-se — e, com os olhos nas flores do tapete, terminava por decidir que aquelas duas horas de consultório eram estúpidas!

— Está aí o carro? — ia perguntar ao criado.

Acendia bem depressa outro charuto, calçava as luvas, descia, bebia um largo sorvo de luz e ar, tomava as guias e largava, murmurando consigo:

— Dia perdido!

Foi uma dessas manhãs que preguiçando assim no sofá com a *Revista dos Dois Mundos* na mão, ele ouviu um rumor na antecâmara, e logo uma voz bem conhecida, bem querida, que dizia por trás do reposteiro:

— Sua Alteza Real está visível?

— Oh! Ega! — gritou Carlos, dando um salto do sofá. E caíram nos braços um do outro, beijando-se na face, enternecidos.

— Quando chegaste tu?

— Esta manhã. Caramba! — exclamava Ega, procurando pelo peito, pelos ombros, o seu quadrado de vidro, e entalando-o enfim no olho. — Caramba! Tu vens esplêndido desses Londres, dessas civilizações superiores. Estás com um ar Renascença, um ar Valois... Não há

nada como a barba toda!

Carlos ria, abraçando-o outra vez.

— E donde vens tu, de Celorico?

— Qual Celorico! Da Foz. Mas doente, menino, doente... O fígado, o baço, uma infinidade de vísceras comprometidas. Enfim, doze anos de vinhos e aguardentes.

Depois falaram das viagens de Carlos, do *Ramalhete*, da demora do Ega em Lisboa... Ega vinha para sempre. Tinha dito do alto da diligência, às várzeas de Celorico, o adeus de eternidade.

— Imagina tu, Carlos amigo, a história deliciosa que me sucede com a minha mãe... Depois de Coimbra, naturalmente, sondei-a a respeito de vir viver para Lisboa, confortavelmente, com uns dinheiros largos. Qual, não caiu!

Fiquei na quinta, fazendo epigramas ao padre Serafim e a toda a Corte do Céu. Chega julho, e aparece nos arredores uma epidemia de anginas. Um horror, creio que vocês lhe chamam diftéricas... A mamã salta imediatamente à conclusão que é a minha presença, a presença do ateu, do demagogo, sem jejuns e sem missa, que ofendeu Nosso Senhor e atraiu o flagelo. Minha irmã concorda. Consultam o padre Serafim. O homem, que não gosta de me ver na quinta, diz que é possível que haja indignação do Senhor — e minha mãe vem pedir-me quase de joelhos, com a bolsa aberta, que venha para Lisboa, que a arruíne, mas que não esteja ali chamando a ira divina. No dia seguinte bati para a Foz...

— E a epidemia...

— Desapareceu logo — disse o Ega, começando a puxar devagar dos dedos magros uma longa luva cor de canário.

Carlos mirava aquelas luvas do Ega; e as polainas de casimira; e o cabelo que ele trazia crescido com uma mecha frisada na testa; e na gravata de cetim uma ferradura de opalas! Era outro Ega, um Ega *dandy*, vistoso, paramentado, artificial e com pó de arroz — e Carlos deixou enfim escapar a exclamação impaciente que lhe bailava nos lábios:

— Ega, que extraordinário casaco!

Por aquele Sol macio e morno de um fim de outono português, o Ega, o antigo boémio de batina esfarrapada, trazia uma peliça, uma sumptuosa peliça de príncipe russo, agasalho de trenó e de

neve, ampla, longa, com alamares trespassados à Brandeburgo, e pondo-lhe em torno do pescoço esganiçado e dos pulsos de tísico uma rica e fofa espessura de peles de marta.

— É uma boa peliça, hem? — disse ele logo, erguendo-se abrindo-a, exibindo a opulência do forro. — Mandei-a vir pelo Strauss... Benefícios da epidemia.

— Como podes tu suportar isso?

— É um bocado pesada, mas tenho andado constipado.

Tornou a recostar-se no sofá, adiantando o sapato de verniz muito bicudo, e, de monóculo no olho, examinou o gabinete.

— E tu que fazes? Conta-me lá... Tens isto esplêndido! Carlos falou dos

seus planos, de altas ideias de trabalho, das obras do laboratório...

— Um momento, quanto te custou tudo isto? — exclamou o Ega interrompendo-o, erguendo-se para ir apalpar o veludo dos reposteiros, mirar os torneados da secretária de pau-preto.

— Não sei. O Vilaça é que deve saber...

E Ega, com as mãos enterradas nos vastos bolsos da peliça, inventariando o gabinete, fazia considerações:

— O veludo dá seriedade... E o verde-escuro é a cor suprema, é a cor estética... Tem a sua expressão própria, enternece e faz pensar... Gosto deste divã. Móvel de amor...

Foi entrando para a sala dos doentes, devagar, de luneta no olho,

estudando os ornatos.

— Tu és o grandioso Salomão, Carlos! O papel é bonito... E o cretonezinho agrada-me.

Apalpou-o também. Uma begónia, manchada da sua ferrugem de prata, num vaso de Ruão, interessou-o. Queria saber o preço de tudo; e diante do piano, olhando o livro da música aberto, as*Canções* de Gounod, teve uma surpresa enternecida:

— Homem, é curioso... Cá me aparece! A *Barcarola*! É deliciosa, hem?...

Dites, la jeune belle,
Où voulez-vous aller?
La voile...

— Estou um bocado rouco... Era a nossa canção na Foz! Carlos teve outra

exclamação, e cruzando os braços diante dele:

— Tu estás extraordinário, Ega! Tu és outro Ega!... A propósito da Foz... Quem é essa Madame Cohen, que estava também na Foz, de quem tu, em cartas sucessivas, verdadeiros poemas, que recebi em Berlim, na Haia, em Londres, me falavas com os arroubos do *Cântico dos Cânticos*?

Um leve rubor subiu às faces do Ega. E limpando negligentemente o monóculo ao lenço de seda branca:

— Uma judia. Por isso usei o lirismo bíblico. É a mulher do Cohen, hás de conhecer, um que é diretor do Banco Nacional... Demonos bastante. É simpática... Mas o marido é uma besta... Foi uma*flirtation* de praia. *Voilà tout*.

Isto era dito aos bocados, passeando, puxando o lume ao charuto, e ainda corado.

— Mas conta-me tu, que diabo, que fazem vocês no *Ramalhete*? O avô Afonso? Quem vai por lá?...

No *Ramalhete*, o avô fazia o seu *whist* com os velhos parceiros. Ia o D. Diogo, o decrépito leão, sempre de rosa ao peito, e frisando ainda os bigodes... Ia o Sequeira, cada vez mais atarracado, a estoirar de sangue, à espera da sua apoplexia... Ia o conde de Steinbroken...

— Não conheço. Refugiado?... Polaco?...

— Não, ministro da Finlândia... Queria-nos alugar umas cocheiras e complicou esta simples transação com tantas finuras diplomáticas, tantos

documentos, tantas coisas com o selo real da Finlândia, que o pobre Vilaça, aturdido, para se desembaraçar, remeteu-o ao avô. O avô, desnorteado também, ofereceu-lhe as cocheiras de graça. Steinbroken considera isto um serviço feito ao rei da Finlândia, à Finlândia, vai visitar o avô, em grande estado, com o secretário da Legação, o cônsul, o vice-cônsul...

— Isso é sublime!

— O avô convida-o a jantar... E como o homem é muito fino, um *gentleman*, entusiasta da Inglaterra, grande entendedor de vinhos, uma autoridade no *whist*, o avô adota-o. Não sai do *Ramalhete*.

— E de rapazes?

De rapazes, aparecia Taveira,

sempre muito correto, empregado agora no Tribunal de Contas; um Cruges, que o Ega não conhecia, um diabo adoidado, maestro, pianista, com uma pontinha de génio; o marquês de Souselas...

— Não há mulheres?

— Não há quem as receba. É um covil de solteirões. A viscondessa, coitada...

— Bem sei. Um apoplecté...

— Sim, uma hemorragia cerebral. Ah, temos também o Silveirinha, chegou-nos ultimamente o Silveirinha...

— O de Resende, o cretino?

— O cretino. Enviuvou, vem da Madeira, ainda um bocado tísico, todo carregado de luto... Um fúnebre.

O Ega, repoltreado, com aquele ar de tranquila e sólida felicidade que

Carlos já notara, disse, puxando lentamente os punhos:

— É necessário reorganizar essa vida. Precisamos arranjar um cenáculo, uma boemiazinha doirada, umas *soirées* de inverno, com arte, com literatura... Tu conheces o Craft?

— Sim, creio que tenho ouvido falar...

Ega teve um grande gesto. Era indispensável conhecer o Craft! O Craft era simplesmente a melhor coisa que havia em Portugal...

— É um inglês, uma espécie de doido?...

Ega encolheu os ombros. Um doido!... Sim, era essa a opinião da Rua dos Fanqueiros; o indígena, vendo uma originalidade tão forte como a de Craft,

não podia explicá-la senão pela doidice. O Craft era um rapaz extraordinário!... Agora tinha ele chegado da Suécia, de passar três meses com os estudantes de Upsala. Estava também na Foz... Uma individualidade de primeira ordem!

— É um negociante do Porto, não é?

— Qual negociante do Porto! — exclamou o Ega erguendo-se, franzindo a face, enojado de tanta ignorância. — O Craft é filho de um *clergyman* da igreja inglesa do Porto. Foi um tio, um negociante de Calcutá ou da Austrália, um nababo, que lhe deixou a fortuna. Uma grande fortuna. Mas não negoceia, nem sabe o que isso é. Dá largas ao seu temperamento byroniano, é o que faz. Tem viajado por todo o universo, coleciona

obras de arte, bateu-se como voluntário na Abissínia e em Marrocos, enfim vive, *vive* na grande, na forte, na heroica aceção da palavra. É necessário conhecer o Craft. Vais-te babar por ele... Tens razão, caramba, está calor. Desembaraçou-se da opulenta peliça, e apareceu em peitilho de camisa.

— O quê! tu não trazias nada por baixo? — exclamou Carlos. — Nem colete?

— Não; então não a podia aguentar... Isto é para o efeito moral, para impressionar o indígena... Mas, não há negá-lo, é pesada! E imediatamente voltou à sua ideia: apenas o Craft chegasse do Porto relacionavam-se, organizava-se um cenáculo, um Decâmeron de arte e diletantismo, rapazes e mulheres, três ou

quatro mulheres para cortarem, com a graça dos decotes, a severidade das filosofias... Carlos ria-se desta ideia do Ega. Três mulheres de gosto e de luxo, em Lisboa, para adornar um cenáculo! Lamentável ilusão de um homem de Celorico! O marquês de Souselas tinha tentado, e para uma vez só, uma coisa bem mais simples — um jantar no campo com atrizes. Pois fora o escândalo mais engraçado e mais característico: uma não tinha criada e queria levar consigo para a festa uma tia e cinco filhos; outra temia que, aceitando, o brasileiro lhe tirasse a mesada; uma consentiu, mas o amante, quando soube, deu-lhe uma coça. Esta não tinha vestido para ir; aquela pretendia que lhe garantissem uma libra; houve uma que se escandalizou com o convite como com

um insulto. Depois, os chulos, os queridos, os polhos, complicaram medonhamente a questão; uns exigiam ser convidados, outros tentavam desmanchar a festa; houve partidos, fizeram-se intrigas — enfim esta coisa banal, um jantar com atrizes, resultou em o Tarquínio do Ginásio levar uma facada...

— E aqui tens tu Lisboa.

— Enfim — exclamou o Ega — se não aparecerem mulheres, importam-se, que é em Portugal para tudo recurso natural. Aqui importa-se tudo. Leis, ideias, filosofias, teorias, assuntos, estéticas, ciências, estilo, indústrias, modas, maneiras, pilhérias, tudo nos vem em caixotes pelo paquete. A civilização custa-nos caríssima, com os direitos da Alfândega: e é em segunda mão, não foi

feita para nós, fica-nos curta nas mangas... Nós julgamo-nos civilizados como os negros de São Tomé se supõem cavalheiros, se supõem mesmo *brancos*, por usarem com a tanga uma casaca velha do patrão... Isto é uma choldra torpe. Onde pus eu a charuteira? Desembaraçado da majestade que lhe dava a peliça, o antigo Ega reaparecia, perorando com os seus gestos aduncos de Mefistófeles em *verve*, lançando-se pela sala como se fosse voar ao vibrar as suas grandes frases, numa luta constante com o monóculo, que lhe caía do olho, que ele procurava pelo peito, pelos ombros, pelos rins, retorcendo-se, deslocando-se, como mordido por bichos. Carlos animava-se também, a fria sala aquecia; discutiam o Naturalismo, Gambetta, o Niilismo;

depois, com ferocidade e à uma, malharam sobre o país...

Mas o relógio ao lado bateu quatro horas; imediatamente Ega saltou sobre a peliça, sepultou-se nela, aguçou o bigode ao espelho, verificou a *pose* e, encouraçado nos seus alamares, saiu com um arzinho de luxo e de aventura.

— John — disse Carlos que o achava esplêndido e o ia seguindo ao patamar — onde estás tu?

— No *Universal*, esse santuário!

Carlos abominava o *Universal*, queria que ele viesse para o *Ramalhete*.

— Não me convém...

— Em todo o caso vais hoje lá jantar, ver o avô.

— Não posso. Estou comprometido com a besta do Cohen...

Mas vou lá amanhã almoçar.

Já nos degraus da escada, voltou-se, entalou o monóculo, gritou para cima:

— Tinha-me esquecido dizer-te, vou publicar o meu livro!

— O quê! está pronto? — exclamou Carlos, espantado.

— Está esboçado, à broxa larga...

O *livro do Ega*! Fora em Coimbra, nos dois últimos anos, que ele começara a falar do seu livro, contando o plano, soltando títulos de capítulos, citando pelos cafés frases de grande sonoridade. E entre os amigos do Ega discutia-se já o livro do Ega como devendo iniciar, pela forma e pela ideia, uma evolução literária. Em Lisboa (onde ele vinha passar as férias e dava ceias no Silva) o livro fora anunciado como um

acontecimento. Bacharéis, contemporâneos ou seus condiscípulos, tinham levado de Coimbra, espalhado pelas províncias e pelas ilhas, a fama do livro do Ega. Já de qualquer modo essa notícia chegara ao Brasil. E sentindo esta ansiosa expectativa em torno do seu livro — o Ega decidira-se enfim a escrevê-lo. Devia ser uma epopeia em prosa, como ele dizia, dando, sob episódios simbólicos, a história das grandes fases do Universo e da Humanidade. Intitulava-se *Memórias de Um Átomo*, e tinha a forma de uma autobiografia. Este átomo (o átomo do Ega, como se lhe chamava a sério em Coimbra) aparecia no primeiro capítulo, rolando ainda no vago das nebulosas primitivas: depois vinha embrulhado, faísca candente, planta que

surgiu da crosta ainda mole do globo. Desde então, viajando nas incessantes transformações da substância, o átomo do Ega entrava na rude estrutura do Orango, pai da Humanidade — e mais tarde vivia nos lábios de Platão. Negrejava no burel dos santos, refulgia na espada dos heróis, palpitava no coração dos poetas. Gota de água nos lagos de Galileia, ouvira o falar de Jesus, aos fins da tarde, quando os apóstolos recolhiam as redes; nó de madeira na tribuna da Convenção, sentira o frio da mão de Robespierre. Errara nos vastos anéis de Saturno; e as madrugadas da Terra tinham-no orvalhado, pétala resplandecente de um dormente e lânguido lírio. Fora omnipresente, era omnisciente. Achando-se finalmente no bico da pena do Ega, e cansado desta jornada através do

Ser, repousava — escrevendo as suas *Memórias*... Tal era este formidável trabalho — de que os admiradores do Ega, em Coimbra, diziam, pensativos e como esmagados de respeito:

— É uma Bíblia!

5

No escritório de Afonso da Maia ainda durava, apesar de ser tarde, a partida de *whist*. A mesa estava ao lado da chaminé, onde a chama morria nos carvões escarlates, no seu recanto costumado, abrigada pelo biombo japonês, por causa da bronquite de D. Diogo e do seu horror ao ar.

Esse velho *dandy* — a quem as damas de outras eras chamavam o «Lindo Diogo», gentil toureiro que dormira num leito real — acabava justamente de ter um dos seus acessos de tosse, cavernosa, áspera, dolorosa, que o sacudiam como uma ruína, que ele abafava no lenço, com as veias inchadas, roxo até à raiz dos

cabelos. Mas passara. Com a mão ainda trémula, o decrépito leão limpou as lágrimas que lhe embaciavam os olhos avermelhados, compôs a rosa-de-musgo na botoeira da sobrecasaca, tomou um gole da sua água chazada, e perguntou a Afonso, seu parceiro, numa voz rouca e surda:

— Paus, hem?

E de novo, sobre o pano verde, as cartas foram caindo num daqueles silêncios que se seguiam às tosses de D. Diogo. Sentia-se só a respiração assobiada, quase silvante, do general Sequeira, muito infeliz essa noite, desesperado com o Vilaça, seu parceiro, rezingão e com todo o sangue na face.

Um tom fino retiniu, o relógio Luís XV foi ferindo alegremente, vivamente, a

meia-noite; — depois a toada argentina do seu minuete vibrou um momento e morreu. Houve de novo um silêncio. Uma renda vermelha recobria os globos de dois grandes candeeiros Carcel; e a luz assim coada, caindo sobre os damascos vermelhos das paredes, dos assentos, fazia como uma doce refração cor-de-rosa, um vaporoso de nuvem em que a sala se banhava e dormia: só aqui e além, sobre os carvalhos sombrios das estantes, rebrilhava em silêncio o ouro de um Sèvres, uma palidez de marfim, ou algum tom esmaltado de velha majólica.

— O quê! ainda encarniçados! — exclamou Carlos, que abrira o reposteiro, entrava, e com ele o rumor distante de bolas de bilhar. Afonso, que recolhia a sua vaza, voltou logo a cabeça, a

perguntar com interesse:

— Como vai ela? Está sossegada?

— Está muito melhor!

Era a primeira doente grave de Carlos, uma rapariga de origem alsaciana, casada com o Marcelino padeiro, muito conhecida no bairro pelos seus belos cabelos, loiros e penteados sempre em tranças soltas. Tinha estado à morte com uma pneumonia; e apesar de melhor, como a padaria ficava defronte, Carlos ainda às vezes à noite atravessava a rua para a ir ver, tranquilizar o Marcelino, que, defronte do leito e de gabão pelos ombros, sufocava soluços de amante, escrevinhando no livro de contas.

Afonso interessara-se ansiosamente por aquela pneumonia; e agora estava realmente agradecido à

Marcelina, por ter sido salva por Carlos. Falava dela comovido; gabava-lhe a linda figura, o asseio alsaciano, a prosperidade que trouxera à padaria... Para a convalescença, que se aproximava, já lhe mandara até seis garrafas de *Château-Margaux*.

— Então fora de perigo, inteiramente fora de perigo? — perguntou Vilaça, com os dedos na caixa do rapé, sublinhando muito a sua solicitude.

— Sim, quase rija — disse Carlos, que se aproximara da chaminé, esfregando as mãos, arrepiado.

É que a noite, fora, estava regelada! Desde o anoitecer geava, de um céu fino e duro, trasbordando de estrelas que rebrilhavam como pontas afiadas de aço; e nenhum daqueles cavalheiros,

desde que se entendia, conhecera jamais o termómetro tão baixo. Sim, Vilaça lembrava-se de um janeiro pior no inverno de 64...

— É necessário carregar no ponche, hem, general! — exclamou Carlos, batendo galhofeiramente nos ombros maciços do Sequeira.

— Não me oponho — rosnou o outro, que fixava com concentração e rancor um valete de copas sobre a mesa.

Carlos, ainda com frio, remexeu, esfuracou os carvões: uma chuva de ouro caiu por baixo, uma chama mais forte ressaltou, rugiu, alegrando tudo, avermelhando em redor as peles de urso onde o «Reverendo Bonifácio», espapado, torrava ao calor, ronronava de gozo.

— O Ega deve estar radiante — dizia Carlos com os pés à chama. — Tem, enfim, justificada a peliça. A propósito, algum dos senhores tem visto o Ega estes últimos dias?

Ninguém respondeu, no interesse súbito que causava a cartada. A longa mão de D. Diogo recolhia devagar a vaza — e languidamente, no mesmo silêncio, soltou uma carta de paus.

— Oh! Diogo! Oh! Diogo! — gritou Afonso, estorcendo-se, como se o traspassasse um ferro.

Mas conteve-se. O general, cujos olhos despediam faíscas, colocou o seu valete; Afonso, profundamente infeliz, separou-se do rei de paus; Vilaça bateu de estalo com os ás. E imediatamente foi em redor uma discussão tremenda sobre a

puxada de D. Diogo — enquanto Carlos, a quem as cartas sempre enfastiavam, se debruçava a coçar o ventre fofo do venerável «Reverendo».

— Que perguntavas tu, filho? — disse enfim Afonso, erguendo-se, ainda irritado, a buscar tabaco para o cachimbo, sua consolação nas derrotas. — O Ega? Não, ninguém o viu, não tornou a aparecer! Está também um bom ingrato, esse John...

Ao nome do Ega, Vilaça, parando de baralhar as cartas, erguera a face curiosa:

— Então sempre é certo que ele vai montar casa?

Foi Afonso que respondeu, sorrindo e acendendo o cachimbo:

— Montar casa, comprar *coupé*,

deitar libré, dar *soirées* literárias, publicar um poema, o diabo!

— Ele esteve lá no escritório — dizia o Vilaça recomeçando a baralhar. — Esteve lá a indagar o que tinha custado o consultório, a mobília de veludo, etc. O veludo verde deu-lhe no goto... Eu, como é um amigo da casa, lá lhe prestei informações, até lhe mostrei as contas. — E respondendo a uma pergunta do Sequeira: — Sim, a mãe tem dinheiro, e creio que lhe dá o bastante. Que enquanto a mim, ele vem-se meter na política. Tem talento, fala bem, o pai já era muito regenerador... Ali há ambição.

— Ali há mulher — disse D. Diogo, colocando com peso esta decisão e acentuando-a com uma carícia lânguida à ponta frisada dos bigodes brancos. —

Lê-se-lhe na cara, basta ver-lhe a cara... Ali há mulher.

Carlos sorria, gabando a penetração de D. Diogo, o seu fino olho à Balzac; e Sequeira, logo, franco como velho soldado, quis saber quem era a Dulcineia. Mas o velho *dandy* declarou, da profundidade da sua experiência, que essas coisas nunca se sabiam, e era preferível não se saberem. Depois, passando os dedos magros e lentos pela face, deixou cair de alto e com condescendência este juízo:

— Eu gosto do Ega, tem apresentação; sobretudo tem *dégagé*... Tinham recebido as cartas, fez-se um silêncio na mesa. O general, vendo o seu jogo, soltou um grunhido surdo, arrebatou o cigarro do cinzeiro, e puxou-lhe uma

fumaça furiosa.

— Os senhores são muito viciosos, vou ver a gente do bilhar — disse Carlos. — Deixei o Steinbroken engalfinhado com o marquês, a perder já quatro mil réis. Querem o ponche aqui?

Nenhum dos parceiros respondeu.

E em torno do bilhar Carlos encontrou o mesmo silêncio de solenidade. O marquês, estirado sobre a tabela, com a perna meio no ar, o começo de calva alvejando à luz crua que caía dos *abat-jours* de porcelana, preparava a carambola decisiva. Cruges, que apostara por ele, deixara o divã, o cachimbo turco, e, coçando com um gesto nervoso a grenha crespa que lhe ondeava até à gola do jaquetão, vigiava a bola inquieto, com os olhinhos piscos, o nariz espetado. Do

fundo da sala, destacando em preto, o Silveirinha, o Eusebiozinho de Santa Olávia, estendia também o pescoço, afogado numa gravata de viúvo, de merino negro e sem colarinho, sempre macambúzio, mais molengo que outrora, com as mãos enterradas nos bolsos — tão fúnebre que tudo nele parecia completamente de luto pesado, até o preto do cabelo chato, até o preto das lunetas de fumo. Junto ao bilhar, o parceiro do marquês, o conde Steinbroken esperava: e apesar do susto, da emoção de homem do Norte aferrado ao dinheiro, conservava-se correto, encostado ao taco, sorrindo, sem desmanchar a sua linha britânica — vestido como um inglês, inglês tradicional de estampa, com uma sobrecasaca justa de manga um pouco curta, e largas calças de

xadrez sobre sapatões de tacão raso.

— *Hurra*! — gritou de repente Cruges. — Os dez tostõezinhos para cá, Silveirinha!

O marquês carambolara, ganhando a partida, e triunfava também:

— Você trouxe-me a sorte, Carlos!

Steinbroken depusera logo o taco, e alinhava já sobre a tabela, lentamente, uma a uma, as quatro placas perdidas.

Mas o marquês, de giz na mão, reclamava-o para outras refregas, esfaimado de ouro finlandês.

— Nada mach!... Você hoje `stá têrrívêl! — dizia o diplomata, no seu português fluente, mas de acento bárbaro.

O marquês insistia, plantado diante dele, de taco ao ombro como uma vara de campino, dominando-o com a sua

maciça, desempenada estatura. E ameaçava-o de destinos medonhos numa voz possante habituada a ressoar nas lezírias; queria-o arruinar ao bilhar, forçá-lo a empenhar aqueles belos anéis, levá-lo a ele, ministro da Finlândia e representante de uma raça de reis fortes, a vender senhas à porta da Rua dos Condes!

Todos riam; e Steinbroken também, mas com um riso franzino e difícil, fixando no marquês o olhar azul-claro, claro e frio, que tinha no fundo da sua miopia a dureza de um metal. Apesar da sua simpatia pela ilustre Casa de Souselas, achava estas familiaridades, estas tremendas chalaças, incompatíveis com a sua dignidade e com a dignidade da Finlândia. O marquês, porém, coração de ouro, abraçava-o já pela cinta, com

expansão:

— Então se não quereis mais bilhar, um bocadinho de canto, Steinbroken amigo!

A isto o ministro acedeu, afável, preparando-se logo, dando carícias ligeiras às suíças, e aos anéis do cabelo de um loiro de espiga desbotada.

Todos os Steinbrokens, de pais a filhos (como ele dissera a Afonso) eram bons barítonos: e isso trouxera à família não poucos proventos sociais. Pela voz cativara seu pai o velho rei Rodolfo III, que o fizera chefe das caudelarias, e o tinha noites inteiras nos seus quartos, ao piano, cantando salmos luteranos, corais escolares, sagas da Dalecárlia — enquanto o taciturno monarca cachimbava e bebia, até que, saturado de emoção

religiosa, saturado de cerveja preta, tombava do sofá, soluçando e babando-se. Ele mesmo, Steinbroken, levara parte da sua carreira ao piano, já como adido, já como segundo-secretário. Feito chefe de missão, absteve-se: foi só quando viu o *Figaro* celebrar repetidamente as valsas do príncipe Artoff, embaixador da Rússia em Paris, e a voz de *basso* do conde de Baspt, embaixador da Áustria em Londres, que ele, seguindo tão altos exemplos, arriscou, aqui e além, em *soirées* mais íntimas, algumas melodias finlandesas. Enfim cantou no Paço. E desde então exerceu com zelo, com formalidades, com praxes, o seu cargo de «barítono plenipotenciário», como dizia o Ega. Entre homens, e com os reposteiros corridos, Steinbroken não

duvidava todavia cantarolar o que ele chamava cançonetas brejêras! — o *Amant d'Amanda*, ou uma certa balada inglesa:

On the Serpentine,
Oh my Caroline...
Oh!

Este *Oh*! como ele o expelia, gemido, bem puxado, num movimento de batuque, expressivo e todavia digno... Isto entre rapazes e com os reposteiros fechados.

Nessa noite, porém, o marquês, que o conduzia pelo braço à sala do piano, exigia uma daquelas canções da Finlândia, de tanto sentimento e que lhe faziam tão bem à alma...

— Uma que tem umas palavrinhas de que eu gosto, *frisk*, *gluzk*... Lá ra lá, lá, lá!

— *A primavera* — disse o diplomata sorrindo.

Mas antes de entrar na sala, o marquês soltou o braço de Steinbroken, fez um sinal ao Silveirinha para o fundo do corredor — e aí, sob um sombrio painel de *Santa Madalena* no deserto penitenciando-se e mostrando nudezas ricas de ninfa lúbrica, interpelou-o quase com aspereza:

— Vamos nós a saber. Então, decide-se ou não?

Era uma negociação que havia semanas se arrastava entre eles, a respeito de uma parelha de éguas. Silveirinha nutria o desejo de montar carruagem; e o marquês procurava vender-lhe umas éguas brancas, a que ele dizia «ter tomado enguiço, apesar de serem dois nobres

animais». Pedia por elas um conto e quinhentos mil réis. Silveirinha fora avisado pelo Sequeira, por Travassos, por outros entendedores, que era uma espiga: o marquês tinha a sua moral própria para negócios de gado, e exultaria em *intrujar um pexote*. Apesar de advertido, Eusébio, cedendo à influência da grossa voz do marquês, da robustez do seu físico, da antiguidade do seu título, não ousava recusar. Mas hesitava: e nessa noite deu a resposta usual ao forreta, coçando o queixo, cosido ao muro:

— Eu verei, marquês... Um conto e quinhentos é dinheiro... O marquês ergueu dois braços ameaçadores como duas trancas:

— Homem, sim ou não! Que diabo! Dois animais que são duas

estampas! Irra! Sim ou não!

Eusébio ajeitou as lunetas, rosnou:

— Eu verei... Ele é dinheiro. Sempre é dinheiro...

— Queria você, talvez, pagá-las com feijões? Você leva-me a cometer um excesso!

O piano ressoou, em dois acordes cheios, sob os dedos do Cruges; e o marquês, baboso por música, imediatamente largou a questão das éguas, recolheu em pontas de pés. Eusebiozinho ainda ficou a remoer, a coçar o queixo; enfim, às primeiras notas de Steinbroken veio pousar como uma sombra silenciosa entre a ombreira e o reposteiro.

Afastado do piano segundo o seu costume, curvado, com a cabeleira como pousada às costas, Cruges feria o

acompanhamento, de olhos cravados no livro de *Melodias Finlandesas*. Ao lado, empertigado, quase oficial, com o lenço de seda na mão, a mão fincada contra o peito, Steinbroken soltava um canto festivo, num movimento de tarantela triunfante, em que passavam, como um entrechocar de seixos, esses bocados de palavras de que o marquês gostava, *frisk*, *slécht*, *clikst*, *glukst*. Era *A primavera* — fresca e silvestre, primavera do Norte em país de montanhas, quando toda uma aldeia dança em coros sob os fuscos abetos, a neve se derrete em cascatas, um sol pálido aveluda os musgos, e a brisa traz o aroma das resinas... Nos graves e cheios, as cantoneiras de Steinbroken ruborizavam-se, inchavam. Nos tons agudos todo ele se

ia alçando sobre a ponta dos pés, como levado no compasso vivo; despegava então a mão do peito, alargava um gesto, as belas joias dos seus anéis faiscavam.

O marquês, com as mãos esquecidas nos joelhos, parecia beber o canto. Na face de Carlos passava um sorriso enternecido pensando em Madame Rughel que viajara na Finlândia, e cantava às vezes aquela *primavera* nas suas horas de sentimentalismo flamengo...

Steinbroken soltou um *stacato* agudo, isolado como uma voz num alto — e imediatamente, afastando-se do piano, passou o lenço sobre as fontes, sobre o pescoço, retificou com um puxão a linha da sobrecasaca, e agradeceu o acompanhamento ao Cruges num silencioso *shake-hands*.

— Bravo! bravo! — berrava o marquês, batendo as mãos como malhos.

E outros aplausos ressoaram à porta, dos parceiros do *whist*, que tinham findado a partida. Quase imediatamente os escudeiros entraram com um serviço frio de croquetes e sanduíches, oferecendo St. Emilion ou Porto; e sobre uma mesa, entre os renques de cálices, a poncheira fumegou num aroma doce e quente de conhaque e limão.

— Então, meu pobre Steinbroken — exclamou Afonso, vindo-lhe bater amavelmente no ombro — ainda dá desses belos cantos a estes bandidos, que o maltratam assim ao bilhar?

— Fui essfôladito, si essfôladito. Agradecido, nô, prefiro um copita Porto...

— Hoje fomos nós as vítimas —

disse-lhe o general, respirando com delícia o seu ponche.

— Você tãbem, meu genêral?

— Sim, senhor, também me cascaram...

E que dizia o amigo Steinbroken às notícias da manhã? — perguntava Afonso. — A queda de Mac-Mahon, a eleição de Grevy... O que o alegrava nisto era o desaparecimento definitivo do antipático senhor de Broglie e da sua *clique*. A impertinência daquele académico estreito, querendo impor a opinião de dois ou três salões doutrinários à França inteira, a toda uma Democracia! Ah, o *Times* cantava-lhas!

— E o *Punch*? Não viu o *Punch*? Oh, delicioso!...

O ministro pousara o cálice, e,

esfregando cautelosamente as mãos, disse numa meia voz grave a sua frase, a frase definitiva com que julgava todos os acontecimentos que aparecem em telegramas:

— É gràve... É eqsessivemente gràve...

Depois falou-se de Gambetta; e como Afonso lhe atribuía uma ditadura próxima, o diplomata tomou misteriosamente o braço de Sequeira, murmurou a palavra suprema com que definia todas as personalidades superiores, homens de estado, poetas, viajantes ou tenores.

— É um homê mûto forte. É um homê eqsessivemente forte!

— O que ele é, é um ronha! — exclamou o general, escorropichando o

seu cálice.

E todos três deixaram a sala, discutindo ainda a república — enquanto Cruges continuava ao piano, vagueando por Mendelssohn e por Chopin, depois de ter devorado um prato de croquetes. O marquês e D. Diogo, sentados no mesmo sofá, um com a sua chazada de inválido, outro com um copo de St. Emilion, a que aspirava o bouquet, falavam também de Gambetta. O marquês gostava de Gambetta: fora o único que durante a guerra mostrara ventas de homem; lá que tivesse «comido» ou que «quisesse comer» como diziam — não sabia nem lhe importava. Mas era teso! E o Sr. Grevy também lhe parecia um cidadão sério, ótimo para chefe de Estado...

— Homem de sala? — perguntou

languidamente o velho leão. O marquês só o vira na Assembleia, presidindo e muito digno... D. Diogo murmurou, com um melancólico desdém na voz, no gesto, no olhar:

— O que eu queria a toda essa canalha era a saúde, marquês! O marquês consolou-o, galhofeiro e amável. Toda essa gente, parecendo forte por se ocupar de coisas fortes, no fundo tinha asma, tinha pedra, tinha gota... E o Dioguinho era um hércules...

— Um hércules! O que é, é que você apaparica-se muito... A doença é um mau hábito em que a gente se põe. É necessário reagir... Você devia fazer ginástica, e muita água fria por essa espinha. Você, na realidade, é de ferro!

— Enferrujadote, enferrujadote...

— replicou o outro, sorrindo e desvanecido.

— Qual enferrujadote! Se eu fosse cavalo ou mulher antes o queria a você que a esses badamecos que por aí andam meio podres... Já não há homens da sua têmpera, Dioguinho!

— Já não há nada — disse o outro grave e convencido, e como o derradeiro homem nas ruínas de um mundo.

Mas era tarde, ia-se agasalhar, recolher, depois de acabar a sua chazada. O marquês ainda se demorou, preguiçando no sofá, enchendo lentamente o cachimbo, dando um olhar àquela sala que o encantava com o seu luxo Luís XV, os seus floridos e os seus dourados, as cerimoniosas poltronas de Beauvais feitas para a amplidão das anquinhas, as

tapeçarias de Gobelins de tons desmaiados, cheias de galantes pastoras, longes de parques, laços e lãs de cordeiros, sombras de idílios mortos, transparecendo numa trama de seda... Àquela hora, no adormecimento que ia pesando, sob a luz suave e quente das velas que findavam, havia ali a harmonia e o ar de um outro século: e o marquês reclamou do Cruges um minuete, uma gavota, alguma coisa que evocasse Versalhes, Maria Antonieta, o ritmo das belas maneiras e o aroma dos empoados. Cruges deixou morrer sob os dedos a melodia vaga que estava diluindo em suspiros, preparou-se, alargou os braços — e atacou, com um pedal solene, o *Hino da Carta*. O marquês fugiu.

Vilaça e Eusebiozinho

conversavam no corredor, sentados numa das arcas baixas de carvalho lavrado.

— A fazer política? — perguntou-lhes o marquês ao passar. Ambos sorriram; Vilaça respondeu jocosamente:

— É necessário salvar a pátria!

Eusébio pertencia também ao Centro Progressista, aspirava a influência eleitoral no círculo de Resende, e ali às noites no *Ramalhete* faziam conciliábulos. Nesse momento, porém, falavam dos Maias: Vilaça não duvidava confiar ao Silveirinha, homem de propriedade, vizinho de Santa Olávia, quase criado com Carlos, certas coisas que lhe desagradavam na casa, onde a autoridade da sua palavra parecia diminuir; assim, por exemplo, não podia aprovar o ter Carlos tomado uma frisa de assinatura.

— Para quê — exclamava o digno procurador — para quê, meu caro senhor? Para lá não pôr os pés, para passar aqui as noites... Hoje diz que há entusiasmo, e ele aí esteve. Tem ido lá, eu sei? duas ou três vezes... E para isto dá cá uns poucos de centos de mil réis. Podia fazer o mesmo com meia dúzia de libras! Não, não é governo. No fim a frisa é para o Ega, para o Taveira, para o Cruges... Olhe, eu não me utilizo dela; nem o amigo. É verdade que o amigo está de luto.

Eusébio pensou, com despeito, que se podia meter para o fundo da frisa — se tivesse sido convidado. E murmurou, sem conter um sorriso mole:

— Indo assim, até se podem encalacrar...

Uma tal palavra, tão humilhante,

aplicada aos Maias, à casa que ele administrava, escandalizou Vilaça. Encalacrar! Ora essa!

— O amigo não me compreendeu... Há despesas inúteis, sim, mas, louvado Deus, a casa pode bem com elas! É verdade que o rendimento gasta-se todo, até o último ceitil; os cheques voam, voam, como folhas secas; e até aqui o costume da casa foi pôr de lado, fazer bolo, fazer reserva. Agora o dinheiro derrete-se... Eusébio rosnou algumas palavras sobre os trens de Carlos, os nove cavalos, o cocheiro inglês, os *grooms*... O procurador acudiu:

— Isso, amigo, é de razão. Uma gente destas deve ter a sua representação, as suas coisas bem montadas. Há deveres na sociedade... É como o Sr. Afonso...

Gasta muito, sim, come dinheiro. Não é com ele, que lhe conheço aquele casaco há vinte anos... Mas são esmolas, são pensões, são empréstimos que nunca mais vê...

— Desperdícios...

— Não lho censuro... É o costume da casa; nunca da porta dos Maias, já meu pai dizia, saiu ninguém descontente... Mas uma frisa, de que ninguém usa, só para o Cruges, só para o Taveira!... Teve de se calar. Justamente ao fundo do corredor assomava o Taveira, abafado até aos olhos na gola de uma *ulster* donde saíam as pontas de um *cache-nez* de seda clara. O escudeiro desembaraçou-o dos agasalhos; e ele, de casaca e colete branco, limpando o bonito bigode húmido da geada, veio apertar a mão ao caro

Vilaça, ao amigo Eusébio, arrepiado, mas achando o frio elegante, desejando a neve e o seu chique...

— Nada, nada — dizia Vilaça todo amável — cá o nosso solzinho português sempre é melhor...

E foram entrando no fumoir, onde se ouviam as vozes do marquês, de Carlos, numa das suas sábias e prolixas cavaqueiras sobre cavalos e *sport*.

— Então? Que tal? A mulher? — foi a interrogação que acolheu o Taveira.

Mas antes de dar notícia da estreia da Morelli, a dama nova, Taveira reclamou alguma coisa quente. E enterrado numa poltrona junto do fogão, com os sapatos de verniz estendidos para as brasas, respirando o aroma do ponche, saboreando uma *cigarette*, declarou enfim

que não tinha sido um fiasco.

— Que ela, a meu ver, é uma insignificância, não tem nada, nem voz, nem escola. Mas, coitada, estava tão atrapalhada, que nos fez pena. Houve indulgência, deram-se-lhe umas palmas... Quando fui ao palco, ela estava contente...

— Vamos a saber, Taveira, que tal é ela? — inquiria o marquês.

— Cheia — dizia o Taveira, colocando as palavras como pinceladas. — Alta, muito branca; bons olhos; bons dentes...

— E o pezinho? — E o marquês, já com os olhos acesos, passava devagar a mão pela calva.

Taveira não reparara no pé. Não era amador de pés...

— Quem estava? — perguntou

Carlos, indolente e bocejando.

— A gente do costume... É verdade, sabes quem tomou a frisa ao lado da tua? Os Gouvarinhos. Lá apareceram hoje...

Carlos não conhecia os Gouvarinhos. Em redor explicaram-lhe: o conde de Gouvarinho, o par do Reino, um homem alto, de lunetas, *poseur*... E a condessa, uma senhora inglesada, de cabelo cor de cenoura, muito bem-feita... Enfim, Carlos não conhecia.

Vilaça encontrava o conde no Centro Progressista, onde ele era uma coluna do partido. Rapaz de talento, segundo o Vilaça. O que o espantava é que ele pudesse ter assim frisa de assinatura, atrapalhado como estava: ainda não havia três meses lhe tinham

protestado uma letra de oitocentos mil réis, no Tribunal do Comércio...

— Um asno, um caloteiro! — diz o marquês com nojo.

— Passa-se lá bem, às terças-feiras!... — disse Taveira, mirando a sua meia de seda.

Depois falou-se do duelo do Azevedo da *Opinião* com o Sá Nunes, autor de *El-Rei Bolacha*, a grande mágica da Rua dos Condes, e ultimamente ministro da Marinha: tinham-se tratado furiosamente nos jornais de *pulhas* e de *ladrões*: e havia dez intermináveis dias que estavam desafiados e que Lisboa, em pasmaceira, esperava o sangue. Cruges ouvira que Sá Nunes não se queria bater, por estar de luto por uma tia; dizia-se também que o Azevedo partira

precipitadamente para o Algarve. Mas a verdade, segundo Vilaça, era que o ministro do Reino, primo do Azevedo, para evitar o recontro, conservava a casa dos dois cavalheiros bloqueada pela polícia...

— Uma canalha! — exclamou o marquês com um dos seus resumos brutais que varriam tudo.

— O ministro não deixa de ter razão — observou Vilaça. — Isto às vezes, em duelos, pode bem suceder uma desgraça...

Houve um curto silêncio. Carlos, que caía de sono, perguntou ao Taveira, através de outro bocejo, se vira o Ega no teatro.

— Pudera! Lá estava de serviço, no seu posto, na frisa dos Cohens, todo

puxado...

— Então essa coisa do Ega com a mulher do Cohen — disse o marquês — parece clara...

— Transparente, diáfana! um cristal!...

Carlos, que se erguera a acender uma *cigarette* para despertar, lembrou logo a grande máxima de D. Diogo: essas coisas nunca se sabiam, e era preferível não se saberem! Mas o marquês, a isto, lançou-se em considerações pesadas. Estimava que o Ega se atirasse; e via aí um facto de represália social, por o Cohen ser judeu e *banqueiro*. Em geral não gostava de judeus; mas nada lhe ofendia tanto o gosto e a razão como a espécie banqueiro. Compreendia o salteador de clavina, num pinheiral; admitia o

comunista, arriscando a pele sobre uma barricada. Mas os argentários, os *Fulanos e C.* as faziam-no encavacar... E achava que destruir-lhes a paz doméstica era ato meritório!

— Duas horas e um quarto! — exclamou Taveira, que olhara o relógio. — E eu aqui, empregado público, tendo deveres para com o Estado, logo às dez horas da manhã.

— Que diabo se faz no Tribunal de Contas? — perguntou Carlos. — Joga-se? Cavaqueia-se?

— Faz-se um bocado de tudo, para matar tempo... Até contas! Afonso da Maia já estava recolhido. Sequeira e Steinbroken tinham partido; e D. Diogo, no fundo da sua velha traquitana, lá fora também a tomar ainda gemada, a pôr

ainda o emplastro, sob o olho solícito da Margarida, sua cozinheira e seu derradeiro amor. E os outros não tardaram a deixar o *Ramalhete*. Taveira, de novo sepultado na *ulster*, trotou até casa, uma vivendazinha perto com um bonito jardim. O marquês conseguiu levar Cruges no *coupé* para lhe ir fazer música a casa, no órgão, até às três ou quatro horas, música religiosa e triste, que o fazia chorar, pensando nos seus amores e comendo frango frio com fatias de salame. E o viúvo, o Eusebiozinho, esse, batendo o queixo, tão morosa e soturnamente como se caminhasse para a sua própria sepultura, lá se dirigiu ao lupanar onde tinha uma *paixão*.

O laboratório de Carlos estava pronto — e muito convidativo, com o seu

soalho novo, fornos de tijolo fresco, uma vasta mesa de mármore, um amplo divã de crina para o repouso depois das grandes descobertas, e em redor, por sobre peanhas e prateleiras, um rico brilho de metais e cristais; mas as semanas passavam, e todo esse belo material de experimentação, sob a luz branca da claraboia, jazia virgem e ocioso. Só pela manhã um servente ia ganhar o seu tostão diário, dando lá uma volta preguiçosa com um espanador na mão. Carlos realmente não tinha tempo de se ocupar do laboratório; e deixaria a Deus mais algumas semanas o privilégio exclusivo de saber o segredo das coisas — como ele dizia rindo ao avô. Logo pela manhã cedo ia fazer as suas duas horas de armas com o velho Randon; depois via alguns

doentes no bairro, onde se espalhara, com um brilho de legenda, a cura da Marcelina — e as garrafas de Bordéus que lhe mandara Afonso. Começava a ser conhecido como médico. Tinha visitas no consultório — ordinariamente bacharéis, seus contemporâneos, que sabendo-o rico o consideravam gratuito, e lá entravam, murchos e com má cara, a contar a velha e mal disfarçada história de ternuras funestas. Salvara de um garrotilho a filha de um brasileiro, ao Aterro — e ganhara aí a sua primeira libra, a primeira que pelo seu trabalho ganhava um homem da sua família. O Dr. Barbedo convidara-o a assistir a uma operação ovariotómica. E enfim (mas esta consagração não a esperava realmente Carlos tão cedo) alguns dos seus bons colegas, que até aí,

vendo-o só a governar os seus cavalos ingleses, falavam do «talento do Maia» — agora, percebendo-lhe estas migalhas de clientela, começavam a dizer «que o Maia era um asno». Carlos já falava a sério da sua carreira. Escrevera, com laboriosos requintes de estilista, dois artigos para a *Gazeta Médica*, e pensava em fazer um livro de ideias gerais que se devia chamar *Medicina Antiga e Moderna*. De resto ocupava-se sempre dos seus cavalos, do seu luxo, do seu bricabraque. E através de tudo isto, em virtude dessa fatal dispersão de curiosidade que, no meio do caso mais interessante de patologia, lhe fazia voltar a cabeça, se ouvia falar de uma estátua ou de um poeta, atraía-o singularmente a antiga ideia do Ega, a criação de uma revista, que

dirigisse o gosto, pesasse na política, regulasse a sociedade, fosse a força pensante de Lisboa... Era porém inútil lembrar ao Ega este belo plano. Abria um olho vago, respondia:

— Ah, a revista... Sim, está claro, pensar nisso! Havemos de falar, eu aparecerei...

Mas não aparecia no *Ramalhete*, nem no consultório; apenas se avistavam, às vezes, em S. Carlos, onde o Ega, todo o tempo que não passava no camarote dos Cohens, vinha invariavelmente refugiar-se no fundo da frisa de Carlos, por trás de Taveira ou do Cruges, donde pudesse olhar de vez em quando Raquel Cohen — e ali ficava, silencioso, com a cabeça apoiada ao tabique, repousando e como saturado de felicidade...

O dia (dizia ele) tinha-o todo tomado: andava procurando casa, andava estudando mobílias... Mas era fácil encontrá-lo pelo Chiado e pelo Loreto, a rondar e a farejar — ou então no fundo de tipoias de praça, batendo a meio galope, num espalhafato de aventura. O seu dandismo requintava; arvorara, com o desplante soberbo de um Brummel, casaca de botões amarelos sobre colete de cetim branco; e Carlos, entrando uma manhã cedo no *Universal*, deu com ele pálido de cólera, a despropositar com um criado, por causa de uns sapatos mal envernizados. Os seus companheiros constantes, agora, eram um Dâmaso Salcede, amigo do Cohen, e um primo da Raquel Cohen, mocinho imberbe, de olho esperto e duro, já com ares de emprestar a

trinta por cento.

Entre os amigos, no *Ramalhete*, sobretudo na frisa, discutia-se às vezes Raquel, e as opiniões discordavam. Taveira achava-a «deliciosa!» — e dizia-o rilhando o dente: ao marquês não deixava de parecer apetitosa, para uma vez, aquela carnezinha *faisandée* de mulher de trinta anos: Cruges chamava-lhe uma «lambisgoia relambória» Nos jornais, na secção do *High Life*, ela era «uma das nossas primeiras elegantes»: e toda a Lisboa a conhecia, e a sua luneta de oiro presa por um fio de oiro, e a sua caleche azul com cavalos pretos. Era alta, muito pálida, sobretudo às luzes, delicada de saúde, com um quebranto nos olhos pisados, uma infinita languidez em toda a sua pessoa, um ar de romance e de lírio

meio murcho: a sua maior beleza estava nos cabelos, magnificamente negros, ondeados, muito pesados, rebeldes aos ganchos, e que ela deixava habilmente cair numa massa meio solta sobre as costas, como num desalinho de nudez. Dizia-se que tinha literatura, e fazia frases. O seu sorriso lasso, pálido, constante, dava-lhe um ar de insignificância. O pobre Ega adorava-a.

Conhecera-a na Foz, na Assembleia; nessa noite, cervejando com os rapazes, ainda lhe chamou *camélia melada*; dias depois já adulava o marido; e agora esse demagogo, que queria o massacre em massa das classes médias, soluçava muita vez por causa dela, horas inteiras, caído para cima da cama.

Em Lisboa, entre o Grémio e a

Casa Havanesa, já se começava a falar do «arranjinho do Ega». Ele todavia procurava pôr a sua felicidade ao abrigo de todas as suspeitas humanas. Havia nas suas complicadas precauções tanta sinceridade como prazer romântico do mistério; e era nos sítios mais desajeitados, fora de portas, para os lados do Matadouro, que ia furtivamente encontrar a criada que lhe trazia as cartas dela... Mas em todos os seus modos (mesmo no disfarce afetado com que espreitava as horas), transbordava a imensa vaidade daquele adultério elegante. De resto sentia bem que os seus amigos conheciam a gloriosa aventura, o sabiam em pleno drama: era mesmo talvez por isso que, diante de Carlos e dos outros, nunca até aí mencionara o nome

dela, nem deixara jamais escapar um lampejo de exaltação.

Uma noite, porém, acompanhando Carlos até ao *Ramalhete*, noite de Lua calma e branca, em que caminhavam ambos calados, Ega, invadido decerto por uma onda interior de paixão, soltou desabafadamente um suspiro, alargou os braços, declamou com os olhos no astro, um tremor na voz:

Oh! laisse-toi donc aimer, oh! l'amour c'est la vie!

Isto fugira-lhe dos lábios como um começo de confissão; Carlos ao lado não disse nada, soprou ao ar o fumo do charuto.

Mas Ega sentiu-se decerto ridículo, porque se calmou, refugiou-se imediatamente no puro interesse literário.

— No fim de contas, menino, digam lá o que disserem, não há senão o velho Hugo...

Carlos, consigo, lembrava furores naturalistas do Ega, rugindo contra Hugo, chamando-lhe «saco-roto de espiritualismo», «boca-aberta de sombra», «avozinho lírico», injúrias piores. Mas nessa noite o grande fraseador continuou:

— Ah, o velho Hugo! o velho Hugo é o campeão heroico de verdades eternas... É necessário um bocado de ideal, que diabo!... De resto o ideal pode ser real...

E foi, com esta palinódia, acordando os silêncios do Aterro. Dias depois, Carlos, no consultório, acabava de despedir um doente, um Viegas, que

todas as semanas vinha ali fazer a fastidiosa crónica da sua dispepsia — quando do reposteiro da sala de espera lhe surgiu o Ega, de sobrecasaca azul, luva *gris-perle* e um rolo de papel na mão.

— Tens que fazer, doutor?

— Não, ia a sair, janota!

— Bem. Venho-te impingir prosa... Um bocado do *Átomo*... Senta-te aí. Ouve lá.

Imediatamente abancou, afastou papéis e livros, desenrolou o manuscrito, espalmou-o, deu um puxão ao colarinho — e Carlos, que se pousara à borda do divã, com a face espantada e as mãos nos joelhos, achou-se quase sem transição transportado dos rugidos do ventre do Viegas para um rumor de populaça, num

bairro de judeus, na velha cidade de Heidelberga.

— Mas espera lá! — exclamou ele. — Deixa-me respirar. Isso não é o começo do livro! Isso não é o Caos...

Ega então recostou-se, desabotoou a sobrecasaca, respirou também.

— Não, não é o primeiro episódio... Não é o Caos. É já no séc. XV... Mas num livro destes pode-se começar pelo fim... Conveio-me fazer este episódio: chama-se *A Hebreia*.

A Cohen! — pensou Carlos.

Ega tornou a alargar o colarinho — e foi lendo, animando-se, ferindo as palavras para as fazer viver, soltando grandes cheios de voz nas sonoridades finais dos períodos. Depois da sombria pintura de um bairro medieval de

Heidelberga, o famoso *Átomo*, o *Átomo do Ega*, aparecia alojado no coração do esplêndido príncipe Franck, poeta, cavaleiro, e bastardo do imperador Maximiliano. E todo esse coração de herói palpitava pela judia Ester, pérola maravilhosa do Oriente, filha do velho rabino Salomão, um grande doutor da Lei, perseguido pelo ódio teológico do Geral dos Dominicanos.

Isto contava-o o *Átomo* num monólogo, tão recamado de imagens como um manto da Virgem está recamado de estrelas — e que era uma declaração dele, Ega, à mulher do Cohen. Depois abria-se um intermédio panteísta: rompiam coros de flores, coros de astros, cantando, na linguagem da luz ou na eloquência dos perfumes, a beleza, a graça, a pureza, a

alma celeste de Ester — e de Raquel... Enfim, chegava o negro drama da perseguição: a fuga da família hebraica, através de bosques de bruxas e brutas aldeias feudais; a aparição, numa encruzilhada, do príncipe Franck que vem proteger Ester, de lança alta, no seu grande corcel; o tropel da turba fanática, correndo a queimar o rabino e os seus livros hereges; a batalha, e o príncipe atravessado pelo chuço de um reitre, indo morrer no peito de Ester, que morre com ele num beijo. Tudo isto se precipitava como um sonoro e tumultuoso soluço; e era tratado com as maneiras modernas de estilo, o esforço atormentado inchando a expressão, as camadas de cor atiradas à larga para fazer ressaltar o tom de vida... Ao findar, o *Átomo* exclamava, com a

vasta solenidade de um cheio de órgão: «Assim arrefeceu, parou, aquele coração de herói que eu habitava; e evaporado o princípio de vida, eu, agora livre, remontei aos astros, levando comigo a essência pura desse amor imortal.» — Então?... — disse Ega, esfalfado, quase trémulo. Carlos só pôde responder:

— Está ardente.

Depois elogiou a sério alguns lances, o coro das florestas, a leitura do *Ecclesiastes*, de noite, entre as ruínas da torre de Othon, certas imagens de um grande voo lírico.

Ega, que tinha pressa, como sempre, enrolou o manuscrito, reabotoou a sobrecasaca, e já de chapéu na mão:

— Então, parece-te apresentável?...

— Vais publicar?

— Não, mas enfim... — E ficou nesta reticência, fazendo-se corado.

Carlos compreendeu tudo dias depois, encontrando na *Gazeta do Chiado* uma descrição «da leitura feita em casa do Ex. mo Sr. Jacob Cohen, pelo nosso amigo João da Ega, de um dos mais brilhantes episódios do seu livro — As *Memórias de Um Átomo*». E o jornalista acrescentava, dando a sua impressão pessoal: «É uma pintura dos sofrimentos por que passaram, nos tempos da intolerância religiosa, aqueles que seguem a Lei de Israel. Que poder de imaginação! Que fluência de estilo! O efeito foi extraordinário, e quando o nosso amigo fechou o manuscrito ao sucumbir da protagonista — vimos lágrimas em todos

os olhos da numerosa e estimável colónia hebraica!» Oh, furor do Ega! Rompeu nessa tarde pelo consultório, pálido, desorientado...

— Estas bestas! Estas bestas destes jornalistas! Leste? *Lágrimas em todos os olhos da numerosa e estimável colónia hebraica*! Faz cair a coisa em ridículo... E depois a *fluência do estilo*. Que burros! Que idiotas!

Carlos, que cortava as folhas de um livro, consolou-o. Aquela era a maneira nacional de falar de obras de arte... Não valia a pena bramar...

— Não, palavra, tinha vontade de quebrar a cara àquele foliculário!

— E porque lha não quebras?

— É um amigo dos Cohens.

E foi grunhindo impropérios

contra a imprensa, a passos de tigre pelo gabinete. Por fim, irritado com a indiferença de Carlos:

— Que diabo estás tu aí a ler? *Nature parasitaire des accidents de l'impaludisme*... Que *blague*, a medicina! Dize-me uma coisa. Que diabo serão umas picadas que me vêm aos braços, sempre que vou a adormecer?...

— Pulgas, bichos, vérmina... — murmurou Carlos com os olhos no livro.

— Animal! — rosnou Ega, arrebatando o chapéu.

— Vais-te, John?

— Vou, tenho que fazer! — E junto do reposteiro, ameaçando o céu com o guarda-chuva, chorando quase de raiva: — Estes burros destes jornalistas! São a escória da sociedade!

Daí a dez minutos reapareceu, bruscamente: e já com outra voz, num tom de caso sério:

— Ouve cá. Tinha-me esquecido. Tu queres ser apresentado aos Gouvarinhos?

— Não tenho um interesse especial — respondeu Carlos, erguendo os olhos do livro, depois de um silêncio. — Mas não tenho também uma repugnância especial.

— Bem — disse Ega. — Eles desejam conhecer-te, sobretudo a condessa faz empenho... Gente inteligente, passa-se lá bem... Então, decidido! Terça-feira vou-te buscar ao *Ramalhete*, e vamo-nos*gouvarinhar*.

Carlos ficou pensando naquela proposta do Ega, na maneira como ele

sublinhara o *empenho* da condessa. Lembrava-se agora que ela era muito íntima da Cohen: e ultimamente, em S. Carlos, naquela fácil vizinhança de frisa, surpreendera certos olhares dela... Mesmo, segundo o Taveira, ela realmente *fazia-lhe um olhão*. E Carlos achava-a picante, com os seus cabelos crespos e ruivos, o narizinho petulante, e os olhos escuros, de um grande brilho, dizendo mil coisas. Era deliciosamente bem-feita — e tinha uma pele muito clara, fina e doce à vista, a que se sentia mesmo de longe o cetim.

Depois daquele dia tristonho de aguaceiros, ele resolvera passar um bom serão de trabalho, ao canto do fogão, no conforto do seu *robe-de-chambre*. Mas, ao café, os olhos da Gouvarinho

começaram a faiscar-lhe por entre o fumo do charuto, a fazer-lhe um *olhão*, colocando-se tentadoramente entre ele e a sua noite de estudo, pondo-lhe nas veias um vivo calor de mocidade... Tudo culpa do Ega, esse Mefistófeles de Celorico!

Vestiu-se, foi a S. Carlos. Ao sentar-se, porém, à boca da frisa, preparado, de colete branco e pérola negra na camisa — em lugar dos cabelos crespos e ruivos, avistou a carapinha retinta de um preto, um preto de doze anos, trombudo e luzidio, de grande colarinho à mamã sobre uma jaqueta de botões amarelos; ao lado outro preto, mais pequeno, com o mesmo uniforme de colégio, enterrava pela venta aberta o dedo calçado de pelica branca. Ambos eles lhe relancearam os olhos bugalhudos,

cor de prata embaciada. A pessoa que os acompanhava, escondida para o fundo, parecia ter um catarro ascoroso. Dava-se a *Lúcia* em benefício, com a segunda dama. Os Cohens não tinham vindo — nem o Ega. Muitos camarotes estavam desertos, em toda a tristeza do seu velho papel vermelho. A noite chuviscosa, com um bafo de sudoeste, parecia penetrar ali, derramando o seu pesadume, a morna sensação da sua humidade. Nas cadeiras, vazias, havia uma mulher solitária, vestida de cetim claro; Edgardo e Lúcia desafinavam; o gás dormia, e os arcos das rabecas, sobre as cordas, pareciam ir adormecendo também.

— Isto está lúgubre — disse Carlos ao amigo Cruges, que ocupava o escuro da frisa.

Cruges, amodorrado num acesso de *spleen*, com o cotovelo sobre as costas da cadeira, os dedos por entre a cabeleira, todo ele embrulhado em crepes sobrepostos de melancolia, respondeu, como do fundo de um sepulcro:

— Pesadote.

Por indolência, Carlos ficou. E pouco a pouco, aquele preto de que os seus olhos se não podiam despegar, ali entronizado na poltrona de repes verde da Gouvarinho, com a manga da jaqueta plantada no rebordo onde costumava alvejar um lindo braço — foi-lhe arrastando, a seu pesar, a imaginação para a pessoa dela; relembrou *toilettes* com que ela ali estivera; e nunca lhe pareceram tão picantes, como agora que os não via, os seus cabelos ruivos, cor de

brasa às luzes, de um encrespado forte, como crestados da chama interna. A carapinha do preto, essa, em lugar de risca tinha um sulco cavado à tesoura na massa de lã espessa. Quem seriam, porque estavam ali, aqueles africanos de perfil trombudo?

— Tu já reparaste nesta extraordinária carapinha, Cruges? O outro, que se não mexera da sua atitude de estátua tumular, grunhiu da sombra um monossílabo surdo.

Carlos respeitou-lhe os nervos.

De repente, ao desafinar mais áspero de um coro, Cruges deu um salto.

— Isto só a pontapé... Que empresa esta! — rugiu ele, envergando furiosamente o paletó.

Carlos foi levá-lo no *coupé* à Rua

das Flores, onde ele morava com a mãe e uma irmã; e até ao *Ramalhete* não cessou de lamentar consigo o seu serão de estudo perdido.

O criado de Carlos, o Batista (familiarmente o *Tista*) esperava-o lendo o jornal, na confortável antecâmara dos «quartos do menino», forrada de veludo cor de cereja, ornada de retratos de cavalos e panóplias de velhas armas, com divãs do mesmo veludo, e muito alumiada a essa hora por dois candeeiros de globo pousados sobre colunas de carvalho, onde se enrolavam lavores de ramos de vide.

Carlos tinha desde os onze anos este criado de quarto, que viera com o Brown para Santa Olávia, depois ter servido em Lisboa, na Legação inglesa, e ter acompanhado o ministro, Sir Hercules

Morrisson, várias vezes a Londres. Foi em Coimbra, nos Paços de Celas, que Batista começou a ser um personagem: Afonso correspondia-se com ele de Santa Olávia. Depois viajou com Carlos; enjoaram nos mesmos paquetes, partilharam das mesmas sanduíches no bufete das gares; *Tista* tornou-se um confidente. Era hoje um homem de cinquenta anos, desempenado, robusto, com um colar de barba grisalha por baixo do queixo, e o ar excessivamente *gentleman*. Na rua, muito direito na sua sobrecasaca, com o par de luvas amarelas espetado na mão, a sua bengala de cana-da-índia, os sapatos bem envernizados, tinha a considerável aparência de um alto funcionário. Mas conservava-se tão fino e tão

desembaraçado como quando em Londres aprendera a valsar e a boxar na rude balbúrdia dos salões dançantes, ou como quando mais tarde, durante as férias de Coimbra, acompanhava Carlos a Lamego e o ajudava a saltar o muro do quintal do senhor escrivão de Fazenda — aquele que tinha uma mulher tão garota.

Carlos foi buscar um livro ao gabinete de estudo, entrou no quarto, estendeu-se, cansado, numa poltrona. À luz opalina dos globos, o leito entreaberto mostrava, sob a seda dos cortinados, um luxo efeminado de bretanhas, bordados e rendas.

— Que há hoje no *Jornal da Noite*? — perguntou ele bocejando, enquanto Batista o descalçava.

— Eu li-o todo, meu senhor, e não

me pareceu que houvesse coisa alguma. Em França continua sossego... Mas a gente nunca pode saber, porque estes jornais portugueses imprimem sempre os nomes estrangeiros errados.

— São uma bestas. O Sr. Ega hoje estava furioso com eles... Depois, enquanto Batista preparava com esmero um grogue quente, Carlos já deitado, aconchegado, abriu preguiçosamente o livro, voltou duas folhas, fechou-o, tomou uma *cigarette*, e ficou fumando com as pálpebras cerradas, numa imensa beatitude. Através das cortinas pesadas sentia-se o sudoeste que batia o arvoredo, e os aguaceiros alagando os vidros.

— Tu conheces os senhores condes de Gouvarinho, *Tista*?

— Conheço o Pimenta, meu

senhor, que é criado de quarto do senhor conde... Criado de quarto e serve à mesa.

— E que diz então esse Tormenta? — perguntou Carlos, numa voz indolente, depois de um silêncio.

— Pimenta, meu senhor! O Manuel é Pimenta. O Sr. Gouvarinho chama-lhe Romão, porque estava acostumado ao outro criado que era Romão. E já isto não é bonito, porque cada um tem o seu nome. O Manuel é Pimenta. O Pimenta não está contente...

E Batista, depois de colocar junto da cabeceira a salva com o grogue, o açucareiro, as *cigarettes*, transmitiu as revelações do Pimenta. O conde de Gouvarinho, além de muito maçador e muito peguinhento, não tinha nada de cavalheiro: dera um fato de cheviote claro

ao Romão (ao Pimenta), mas tão coçado e tão cheio de riscas de tinta, de limpar a pena à perna e ao ombro, que o Pimenta deitou o presente fora. O conde e a senhora não se davam bem: já no tempo do Pimenta, uma ocasião, à mesa, tinham-se pegado de tal modo que ela agarrou do copo e do prato, e esmigalhou-os no chão. E outra qualquer teria feito o mesmo; porque o senhor conde, quando começava a repisar, a remoer, não se podia aturar. As questões eram sempre por causa de dinheiro. O Tompson velho estava farto de abrir os cordões à bolsa...

— Quem é esse Tompson velho, que nos aparece agora, a esta hora da noite? — perguntou Carlos, a seu pesar interessado.

— O Tompson velho é o pai da

senhora condessa. A senhora condessa era uma Miss Tompson, dos Tompson do Porto. O Sr. Tompson não tem querido ultimamente emprestar nem mais um real ao genro: de sorte que, uma vez, já no tempo do Pimenta também, o senhor conde, furioso, disse à senhora que ela e o pai se deviam lembrar que eram gente de comércio e que fora ele que fizera dela uma condessa; e com perdão de Vossa Excelência, a senhora condessa ali mesmo à mesa mandou o condado à tábua... Estas coisas não estão no género do Pimenta.

Carlos bebeu um gole do grogue. Bailava-lhe nos lábios uma pergunta, mas hesitava. Depois refletiu na puerilidade de tão rígidos escrúpulos a respeito de uma gente que, ao jantar, diante do escudeiro, quebrava a porcelana,

mandava à tábua o título dos antepassados. E perguntou:

— Que diz o Sr. Pimenta da senhora condessa, Batista? Ela diverte-se?

— Creio que não, meu senhor. Mas a criada de confiança dela, uma escocesa, essa é desobstinada. E não fica bem à senhora condessa ser assim tão íntima com ela...

Houve um silêncio no quarto, a chuva cantou mais forte nos vidros.

— Passando a outro assunto, Batista. Vamos a saber, há quanto tempo não escrevo eu a Madame Rughel?

Batista tirou do bolso interior da sua casaca um livro de apontamentos, aproximou-se da luz, encavalou a luneta no nariz, e verificou, com método, estas

datas: «Dia 1 de janeiro, telegrama expedido com felicitações do começo de ano a Madame Rughel, Hôtel d'Albe, Champs Elysées, Paris. Dia 3, telegrama recebido de Madame Rughel, reciprocando cumprimentos, exprimindo amizade, anunciando partida para Hamburgo. Dia 15, carta lançada ao correio, para Madame Rughel, William-Strasse, Hamburgo, Allemagne.» Depois — mais nada. De modo que havia já cinco semanas que o menino não escrevia a Madame Rughel...

— É necessário escrever amanhã — disse Carlos.

Batista tomou uma nota.

Depois, entre uma fumaça lânguida, a voz de Carlos ergueu-se de novo na paz dormente do quarto:

— Madame Rughel era muito bonita, não é verdade, Batista? É a mulher mais bonita que tu tens visto na tua vida!

O velho criado meteu o livro no bolso da casaca, e respondeu, sem hesitar, muito certo de si:

— Madame Rughel era uma senhora de muita vista. Mas a mulher mais linda em que tenho posto os olhos, se o menino dá licença, era aquela senhora do coronel de hussardos que vinha ao quarto do hotel em Viena.

Carlos atirou a *cigarette* para a salva — e escorregando pela roupa abaixo, todo invadido por uma onda de recordações alegres, exclamou da profundidade do seu conforto, no antigo tom de ênfase boémia dos Paços de Celas:

— O Sr. Batista não tem gosto

nenhum! Madame Rughel era uma ninfa de Rubens, senhor! Madame Rughel tinha o esplendor de uma deusa da Renascença, senhor! Madame Rughel devia ter dormido no leito imperial de Carlos Quinto... Retire-se, senhor! Batista entalou mais o *couvre-pieds*, relanceou pelo quarto um olhar solícito, e, contente da ordem em que as coisas adormeciam, saiu, levando o candeeiro. Carlos não dormia: e não pensava na coronela de hussardos, nem em Madame Rughel. A figura que no escuro dos cortinados lhe aparecia, num vago dourado que provinha do reflexo dos seus cabelos soltos, era a Gouvarinho — a Gouvarinho que não tinha o esplendor de uma deusa da Renascença como Madame Rughel, nem era a mulher mais linda em que Batista

pusera os seus olhos como a coronela de hussardos: mas, com o seu nariz petulante e a sua boca grande, brilhava mais e melhor que todas na imaginação de Carlos — porque ele esperara-a essa noite e ela não tinha aparecido.

Na terça-feira prometida Ega não veio buscar Carlos para se irem *gouvarinhar*. E foi Carlos que daí a dias, entrando como por acaso no *Universal*, perguntou rindo ao Ega:

— Então quando nos *gouvarinhamos*?

Nessa noite, em S. Carlos, num entreato dos Huguenotes, Ega apresentou-o ao senhor conde de Gouvarinho, no corredor das frisas. O conde, muito amável, lembrou logo que já tivera, mais de uma vez, o prazer de passar pela porta

de Santa Olávia, quando ia ver os seus velhos amigos, os Tedins, a Entre Rios — uma formosa vivenda também. Falaram então do Douro, da Beira, compararam outras paisagens. Para o conde, nada havia, no nosso Portugal, como os campos do Mondego: mas a sua parcialidade era perdoável, pois nesses férteis vales nascera e se criara: e falou um momento de Formoselha, onde tinha casa, onde vivia idosa e doente sua mãe, a senhora condessa viúva...

Ega, que afetara beber as palavras do conde, começou então uma controvérsia, sustentando, como se se tratasse dos dogmas de uma fé, a beleza superior do Minho, «esse paraíso idílico». O conde sorria: via ali, como ele observou a Carlos, batendo amavelmente

no ombro do Ega, a rivalidade das duas províncias. Emulação fecunda, de resto, no seu pensar...

— Aí está, por exemplo — dizia ele — o ciúme entre Lisboa e Porto. É uma verdadeira dualidade como a que existe entre a Hungria e a Áustria... Ouço por ali lamentá-la. Pois bem, eu, se fosse poder, instigá-la-ia, acirrá-la-ia, se Vossas Excelências me permitem a expressão. Nesta luta das duas grandes cidades do reino, podem outros ver despeitos mesquinhos, eu vejo elementos de progresso. Vejo civilização!

Proferia estas coisas como do alto de um pedestal, muito acima dos homens, deixando-as providamente cair dos tesouros do seu intelecto à maneira de dons inestimáveis. A voz era lenta e

rotunda; os cristais da sua luneta de oiro faiscavam vistosamente; e no bigode encerado, na pera curta, havia ao mesmo tempo alguma coisa de doutoral e de casquilho.

Carlos dizia: «Tem Vossa Excelência razão, senhor conde.» O Ega dizia: «Você vê essas coisas de alto, Gouvarinho.» Ele cruzara as mãos por baixo das abas da casaca — e estavam todos três muito sérios.

Depois o conde abriu a porta da frisa, Ega desapareceu. E daí a um momento, Carlos, apresentado como «vizinho de camarote», recebia da senhora condessa um grande *shake-hands*, em que tilintaram uma infinidade de aros de prata e de *blangles* índios sobre a sua luva preta de doze botões.

A senhora condessa, um pouco corada, ligeiramente nervosa, lembrou logo a Carlos que o vira no verão passado em Paris, no salão baixo do Café Inglês: até por sinal estava nessa noite um velho abominável com duas garrafas vazias diante de si, e contando alto, para uma mesa defronte, histórias horrorosas do Sr. Gambetta: um sujeito ao lado protestou; o outro não fez caso, era o velho duque de Grammont. O conde passou os dedos lentos pela testa, com um ar quase angustioso: não se lembrava de nada disso! Queixou-se logo amargamente da sua falta de memória. Uma coisa tão indispensável em quem segue a vida pública, a memória!, e ele, desgraçadamente, não possuía nem um átomo. Por exemplo, lera (como todo o

homem devia ler) os vinte volumes da *História Universal* de César Cantu; lera-os com atenção, fechado no seu gabinete, absorvendo-se na obra. Pois, senhores, escapara-lhe tudo — e ali estava sem saber história!

— Vossa Excelência tem boa memória, Sr. Maia?

— Tenho uma razoável memória.

— Inapreciável bem de que goza!

A condessa voltara-se para a plateia, coberta com o leque, com o ar constrangido, como se aquelas palavras pueris do marido a diminuíssem, a desfeassem... Carlos então falou da ópera. Que belo escudeiro huguenote fazia o Pandolli! A condessa não aturava o Corcelli, o tenor, com as suas notas ásperas e aquela obesidade que o

tornava *bufo*. Mas também (lembrava Carlos) onde havia hoje tenores? Passara essa grande raça dos Mários, homens de beleza, de inspiração, realizando os grandes tipos líricos. Nicolini era já uma degeneração... Isto fez lembrar a Patti. A condessa adorava-a, e a sua graça de fada, e a sua voz semelhante a uma chuva de oiro!...

Os olhos brilhavam-lhe, diziam mil coisas; em certos movimentos, o cabelo, crespamente ondeado, tomava tons de oiro vermelho: e em torno dela errava, no calor do gás e da enchente, um aroma exagerado de verbena. Estava de preto, com uma gargantilha de rendas negras, à Valois, afogando-lhe o pescoço onde pousavam duas rosas escarlates. E toda a sua pessoa tinha um arzinho de

provocação e de ataque. De pé, calado, grave, o conde batia a coxa com a claque fechada.

O quarto ato começara, Carlos ergueu-se; e os seus olhos encontraram defronte, na frisa do Cohen, o Ega, de binóculo, observando-o, mirando a condessa e falando a Raquel, que sorria, movia o leque com um ar dolente e vago.

— Nós recebemos às terças-feiras — disse a condessa a Carlos. E o resto da frase perdeu-se num murmúrio e num sorriso.

O conde acompanhou-o fora, ao corredor.

— É sempre uma honra para mim — dizia ele caminhando ao lado de Carlos — fazer o conhecimento das pessoas que valem alguma coisa neste

país... Vossa Excelência é desse número, bem raro infelizmente.

Carlos protestou, risonho. E o outro, na sua voz lenta e rotunda:

— Não lisonjeio. Eu nunca lisonjeio... Mas a Vossa Excelência podem-se dizer estas coisas, porque pertence à *élite*: a desgraça de Portugal é a falta de gente. Isto é um país sem pessoal. Quer-se um bispo? Não há um bispo. Quer-se um economista? Não há um economista. Tudo assim! Veja Vossa Excelência mesmo nas profissões subalternas. Quer-se um bom estofador? Não há um bom estofador...

Um cheio de instrumentos e vozes, de um tom sublime, passando pela porta da frisa entreaberta, cortou-lhe umas últimas palavras sobre a deficiência dos

fotógrafos... Escutou com a mão no ar:

— É o *Coro dos Punhais*, não? Ah! vamos a ouvir... Ouve-se sempre isto com proveito. Há filosofia nesta música... É pena que lembre tão vivamente os tempos da intolerância religiosa, mas há ali incontestavelmente filosofia!

6

Carlos, nessa manhã, ia visitar de surpresa a casa do Ega, a famosa «Vila Balzac», que esse fantasista andara meditando e dispondo desde a sua chegada a Lisboa, e onde se tinha enfim instalado.

Ega dera-lhe esta denominação literária, pelos mesmos motivos por que a alugara num subúrbio longínquo, na solidão da Penha de França — para que o nome de Balzac, seu padroeiro, o silêncio campestre, os ares limpos, tudo ali fosse favorável ao estudo, às horas de arte e de ideal. Porque ia fechar-se lá, como num claustro de letras, a findar as *Memórias de Um Átomo*! Somente, por causa das

distâncias, tinha tomado ao mês um *coupé* da Companhia. Carlos teve dificuldades em encontrar a «Vila Balzac»: não era, como tinha dito Ega no *Ramalhete*, logo adiante do Largo da Graça um chalezinho retirado, fresco, assombreado, sorrindo entre árvores. Passava-se primeiro a Cruz dos Quatro Caminhos; depois penetrava-se numa vereda larga, entre quintais, descendo pelo pendor da colina, mas acessível a carruagens; e aí, num recanto, ladeada de muros, aparecia enfim uma casota de paredes enxovalhadas, com dois degraus de pedra à porta e transparentes novos de um escarlate estridente.

Nessa manhã, porém, debalde Carlos deu puxões desesperados à corda da campainha, martelou a aldrava da

porta, gritou a toda a voz por cima do muro do quintal e das copas das árvores o nome do Ega: — a «Vila Balzac» permaneceu muda, como desabitada, no seu retiro rústico. E todavia pareceu a Carlos que, justamente antes de bater, ouvira o estalar de rolhas de champanhe.

Quando Ega soube esta tentativa, mostrou-se indignado com os criados, que assim abandonavam a casa, lhe davam um ar suspeito de Torre de Nesle...

— Vai lá amanhã; se ninguém responder, escala as janelas pega fogo ao prédio, como se fossem apenas as Tulherias.

Mas no dia seguinte, quando Carlos chegou, já a «Vila Balzac» o esperava, toda em festa: à porta «o pajem», um garoto de feições

horrivelmente viciosas, perfilava-se na sua jaqueta azul de botões de metal, com uma gravata muito branca e muito tesa; as duas janelas em cima, abertas, mostrando o repes verde das bambinelas, bebiam à larga todo o ar do campo e o Sol de inverno: e no topo da estreita escada, tapetada de vermelho, Ega, num prodigioso *robe-de-chambre*, de um estofo adamascado do século XVIII, vestido de corte de alguma das suas avós, exclamou dobrando a fronte ao chão:

— Bem-vindo, meu príncipe, ao humilde tugúrio do filósofo! Ergueu, com um gesto rasgado, um reposteiro de repes verde, de um verde feio e triste, e introduziu o «príncipe» na sala onde tudo era verde também: o repes que recobria uma mobília de nogueira, o teto de

tabuado, as listras verticais do papel da parede, o pano franjado da mesa e o reflexo de um espelho redondo, inclinado sobre o sofá.

Não havia um quadro, uma flor, um ornato, um livro — apenas sobre a jardineira uma estatueta de Napoleão I, de pé, equilibrado sobre o orbe terrestre, nessa conhecida atitude em que o herói, com um ar pançudo e fatal, esconde uma das mãos por trás das costas e enterra a outra nas profundidades do seu colete. Ao lado uma garrafa de champanhe, encarapuçada de papel dourado, esperava entre dois copos esguios.

— Para que tens tu aqui Napoleão, John?

— Como alvo de injúrias — disse Ega. — Exercito-me sobre ele a falar dos

tiranos....

Esfregou as mãos radiante. Estava nessa manhã em alegria e em *verve*. E quis imediatamente mostrar a Carlos o seu quarto de cama; aí reinava um cretone de ramagens alvadias, sobre fundo vermelho; e o leito enchia, esmagava tudo. Parecia ser o motivo, o centro da «Vila Balzac»; e nele se esgotara a imaginação artística do Ega. Era de madeira, baixo como um divã, com a barra alta, um rodapé de renda, e de ambos os lados um luxo de tapetes de felpo escarlate; um largo cortinado de seda da Índia avermelhada envolvia-o num aparato de tabernáculo; e dentro, à cabeceira, como num lupanar, reluzia um espelho.

Carlos, muito seriamente, aconselhou-lhe que tirasse o espelho. Ega

deu a todo o leito um olhar silencioso e doce, e disse, depois de passar uma pontinha de língua pelo beiço:

— Tem seu chique...

Sobre a mesinha de cabeceira erguia-se um montão de livros: a *Educação* de Spencer ao lado de Baudelaire, a *Lógica* de Stuart Mill por cima do *Cavaleiro da Casa Vermelha*. No mármore da cómoda havia outra garrafa de champanhe entre dois copos; o toucador, um pouco em desordem, mostrava uma enorme caixa de pó de arroz no meio de plastrões e gravatas brancas do Ega, e um maço de ganchos do cabelo ao lado de ferros de frisar.

— E onde trabalhas tu, Ega, onde fazes tu a grande arte?

— Ali — disse o Ega,

alegremente, apontando para o leito. Mas foi mostrar logo o seu recantozinho estudioso, formado por um biombo, ao lado da janela, e tomado todo por uma mesa de pé-de-galo, onde Carlos, assombrado, descobriu, entre o belo papel de cartas do Ega, um *Dicionário de Rimas*...

E a visita à casa continuou.

Na sala de jantar, quase nua, caiada de amarelo, um armário de pinho envidraçado abrigava melancolicamente um serviço barato de louça nova; e do fecho da janela pendia um vestuário vermelho, que parecia roupão de mulher.

— É sóbrio e simples — exclamou Ega — como compete àquele que se alimenta de uma côdea de Ideal e duas garfadas de Filosofia. Agora, à

cozinha!...

Abriu uma porta. Uma frescura de campos entrava pelas janelas abertas; e entreviam-se árvores de quintal, um verde de terrenos vagos, depois lá em baixo o branco de casarias rebrilhando ao sol; uma rapariga muito sardenta e muito forte sacudiu o gato do colo, ergueu-se, com o *Jornal de Notícias* na mão. Ega apresentou-a, num tom de farsa:

— A Sr. a Josefa, solteira, de temperamento sanguíneo, artista culinária da «Vila Balzac», e, como se pode observar pelo papel que lhe pende das garras, cultora das boas letras!

A moça sorria, sem embaraço, habituada decerto a estas familiaridades boémias.

— Eu hoje não janto cá, Sr. a

Josefa — continuava o Ega no mesmo tom. — Este formoso mancebo que me acompanha, duque do *Ramalhete* e príncipe de Santa Olávia, dá hoje de papar ao seu amigo filósofo... E, como quando eu recolher, talvez a Sr. a Josefa esteja entregue ao sono da inocência, ou à vigília da devassidão, aqui lhe ordeno que me tenha amanhã para o meu *lunch* duas formosas perdizes.

E subitamente, numa outra voz, com um olhar que ela devia perceber:

— Duas perdizezinhas bem assadas e bem coradinhas. Frias, está claro... O costume.

Travou do braço de Carlos, voltaram à sala.

— Com franqueza, Carlos, que te parece a «Vila Balzac»? Carlos

respondeu como a respeito do episódio da *Hebreia*:

— Está ardente.

Mas elogiou o asseio, a vista da casa e a frescura dos cretones. De resto, para um rapaz, para uma cela de trabalho...

— Eu — dizia o Ega, passeando pela sala, com as mãos enterradas nos bolsos do seu prodigioso *robe-de-chambre* — eu não tolero o *bibelot*, o bricabraque, a cadeira arqueológica, essas mobílias de arte... Que diabo, móvel deve estar em harmonia com a ideia e o sentir do homem que o usa! Eu não penso, nem sinto como um cavaleiro do século XVI, para que me hei de cercar de coisas do século XVI? Não há nada que me faça tanta melancolia, como ver numa sala um

venerável contador do tempo de Francisco I, recebendo pela face conversas sobre eleições e altas de fundos. Faz-me o efeito de um belo herói de armadura de aço, viseira caída e crenças profundas no peito, sentado a uma mesa de voltarete a jogar copas. Cada século tem o seu génio próprio e a sua atitude própria. O século XIX concebeu a Democracia e a sua atitude é esta... — E enterrando-se de estalo numa poltrona, espetou as pernas magras para o ar. — Ora esta atitude é impossível num escabelo do tempo do Prior do Crato. Menino, toca a beber o champanhe.

E como Carlos olhava a garrafa desconfiado, Ega acudiu:

— É excelente, que pensas tu? Vem diretamente da melhor casa de

Épernay, arranjou-mo o Jacob.

— Que Jacob?

— O Jacob Cohen, o Jacob.

Ia cortar as guitas da rolha, quando o atravessou uma súbita recordação, e pousando a garrafa outra vez, entalando o monóculo no olho:

— É verdade! Então, noutro dia, que tal, em casa dos Gouvarinhos? Eu infelizmente não pude ir.

Carlos contou a *soirée*. Havia dez pessoas, espalhadas pelas duas salas, num zunzum dormente, à meia luz dos candeeiros. O conde maçara-o indiscretamente com a política, admirações idiotas por um grande orador, um deputado de Mesão Frio, e explicações sem fim sobre a reforma da instrução. A condessa, que estava muito

constipada, horrorizou-o, dando sobre a Inglaterra, apesar de inglesa, as opiniões da Rua de Cedofeita. Imaginava que a Inglaterra é um país sem poetas, sem artistas, sem ideais, ocupando-se só de amontoar libras... Enfim, secara-se.

— Que diabo! — murmurou o Ega num tom de viva desconsolação.

A rolha estalou, ele encheu os copos em silêncio; e numa saúde muda os dois amigos beberam o champanhe — que Jacob arranjara ao Ega, para o Ega se regalar com Raquel.

Depois, de pé, com os olhos no tapete, agitando devagar o copo novamente cheio onde a espuma morria, Ega tornou a murmurar, naquela entoação triste de inesperado desapontamento:

— Que ferro!...

E após um momento:

— Pois menino, pensei que a Gouvarinho te apetecia... Carlos confessou que nos primeiros dias, quando Ega lhe falara dela, tivera um caprichozinho, interessara-se por aqueles cabelos cor de brasa...

— Mas agora, mal a conheci, o capricho foi-se...

Ega sentara-se, com o copo na mão; e depois de contemplar algum tempo as suas meias de seda, escarlates como as de um prelado, deixou cair, muito sério, estas palavras:

— É uma mulher deliciosa, Carlinhos.

E, como Carlos encolhia os ombros, Ega insistiu: a Gouvarinho era uma senhora de inteligência e de gosto;

tinha originalidade, tinha audácia, uma pontinha de romantismo muito picante...

— E, como corpinho de mulher, não há melhor que aquilo de Badajoz para cá!

— Vai-te daí, Mefistófeles de Celorico!

E Ega, divertido, cantarolou:

Je suis Mephisto...

Je suis Mephisto...

Carlos, no entanto, fumando preguiçosamente, continuava a falar na Gouvarinho e nessa brusca saciedade que o invadira, mal trocara com ela três palavras numa sala. E não era a primeira vez que tinha destes falsos arranques de desejo, vindo quase com as formas de amor, ameaçando absorver, pelo menos por algum tempo, todo o seu ser, e

resolvendo-se em tédio, em «seca». Eram como os fogachos de pólvora sobre uma pedra; uma fagulha ateia-os, num momento tornam-se chama veemente que parece que vai consumir o Universo, e por fim fazem apenas um rastro negro que suja a pedra. Seria o seu um desses corações de fraco, moles e flácidos, que não podem conservar um sentimento, o deixam fugir, escoar-se pelas malhas lassas do tecido reles?

— Sou um ressequido! — disse ele sorrindo. — Sou um impotente de sentimento, como Satanás... Segundo os padres da Igreja, a grande tortura de Satanás é que não pode amar.

— Que frases essas, menino! — murmurou Ega.

Como frases? Era uma atroz

realidade! Passava a vida a ver as paixões falharem-lhe nas mãos como fósforos. Por exemplo, com a coronela de hussardos em Viena! Quando ela faltou ao primeiro*rendez-vous*, chorara lágrimas como punhos, com a cabeça enterrada no travesseiro e aos coices à roupa. E daí a duas semanas, mandava postar o Batista à janela do *hotel*, para ele se safar, mal a pobre coronela dobrasse a esquina! E com a holandesa, com Madame Rughel, pior ainda. Nos primeiros dias foi uma insensatez: queria-se estabelecer para sempre na Holanda, casar com ela (apenas ela se divorciasse), outras loucuras; depois os braços que ela lhe deitava ao pescoço, e que lindos braços, pareciam-lhe pesados como chumbo...

— Passa fora, pedante! E ainda

lhe escreves! — gritou Ega.

— Isso é outra coisa. Ficámos amigos, puras relações de inteligência. Madame Rughel é uma mulher de muito espírito. Escreveu um romance, um desses estudos íntimos e delicados, como os de Miss Broughton: chama-se as *Rosas Murchas*. Eu nunca li, é em holandês...

— As *Rosas Murchas*... em holandês! — exclamou Ega apertando as mãos na cabeça.

Depois vindo plantar-se diante de Carlos, de monóculo no olho:

— Tu és extraordinário, menino!... Mas o teu caso é simples, é o caso de Don Juan. Don Juan também tinha essas alternações de chama e cinza. Andava à busca do seu ideal, da *sua mulher*, procurando-a principalmente, como de

justiça, entre as mulheres dos outros. E *après avoir couché*, declarava que se tinha enganado, que não era aquela. Pedia desculpa e retirava-se. Em Espanha experimentou assim mil e três. Tu és simplesmente, como ele, um devasso; e hás de vir a acabar desgraçadamente como ele, numa tragédia infernal!

Esvaziou outro copo de champanhe, e a grandes passadas pela sala:

— Carlinhos da minha alma, é inútil que ninguém ande à busca da *sua mulher*. Ela virá. Cada um tem a *sua mulher* e necessariamente tem de a encontrar. Tu estás aqui, na Cruz dos Quatro Caminhos, ela está talvez em Pequim: mas tu, aí a raspar o meu repes com o verniz dos sapatos, e ela a orar no

templo de Confúcio, estais ambos insensivelmente, irresistivelmente, fatalmente, marchando um para o outro!... Estou eloquentíssimo hoje, e temos dito coisas idiotas. Toca a vestir. E, enquanto eu adorno a carcaça, prepara mais frases sobre Satanás!

Carlos ficou na sala verde, acabando o charuto — enquanto dentro o Ega batia com as gavetas, lançando, a todo o desafinado da sua voz roufenha, a *Barcarola* de Gounod. Quando apareceu, vinha de casaca, gravata branca, enfiando o paletó — com o olho brilhante do champanhe.

Desceram. O pajem lá estava à porta perfilado, ao pé do *coupé* de Carlos, que esperara. E a sua fardeta azul de botões amarelos, a magnífica parelha

baia reluzindo como um cetim vivo, as pratas dos arreios, a majestade do cocheiro loiro com o seu ramo na libré, tudo ali fazia, junto da «Vila Balzac», um quadro rico que deleitou o Ega.

— A vida é agradável — disse ele.

O *coupé* partiu, ia entrar no Largo da Graça, quando uma caleche de praça, aberta, o cruzou a largo trote. Dentro um sujeito de chapéu baixo ia lendo um grande jornal.

— É o Craft! — gritou Ega, debruçando-se pela portinhola. O *coupé* parou. Ega de um pulo estava na calçada, correndo, bradando:

— Ó Craft! Ó Craft!

Quando, daí a um momento, sentiu duas vozes aproximarem-se, Carlos

desceu também do *coupé*, achou-se em face de um homem baixo, loiro, de pele rosada e fresca, e aparência fria. Sob o fraque correto percebia-se uma musculatura de atleta.

— O Carlos, o Craft — gritou o Ega, lançando esta apresentação com uma simplicidade clássica.

Os dois homens, sorrindo, tinham-se apertado a mão. E Ega insistia para que voltassem todos à «Vila Balzac», fossem beber outra garrafa de champanhe, a celebrar o *advento do Justo*! Craft recusou, com o seu modo calmo e plácido; chegara na véspera do Porto, abraçara já o nobre Ega, e aproveitava agora a viagem àquele bairro longínquo para ir ver o velho Shelgen, um alemão que vivia à Penha de França.

— Então outra coisa! — exclamou Ega. — Para conversarmos, para que vocês se conheçam mais, venham vocês jantar comigo amanhã ao *Hotel Central*. Dito, hem? Perfeitamente. Às seis. Apenas o*coupé* partiu de novo, Ega rompeu nas costumadas admirações pelo Craft, encantado com aquele encontro que dava mais um retoque luminoso à sua alegria. O que o entusiasmava no Craft era aquele ar imperturbável de *gentleman* correto, com que ele igualmente jogaria uma partida de bilhar, entraria numa batalha, arremeteria com uma mulher ou partiria para a Patagónia...

— É das melhores coisas que tem Lisboa. Vais-te morrer por ele... E que casa que ele tem nos Olivais, que sublime bricabraque! Subitamente estacou, e com

um olhar inquieto, uma ruga na testa:

— Como diabo soube ele da «Vila Balzac»?

— Tu não fazes segredo dela, hem?

— Não... Mas também não a pus nos anúncios! E o Craft chegou ontem, ainda não esteve com ninguém que eu conheça... É curioso!

— Em Lisboa sabe-se tudo...

— Canalha de terra! murmurou Ega.

O jantar no Central foi adiado, porque o Ega, alargando pouco a pouco a ideia, convertera-o agora numa festa de cerimónia em honra do Cohen.

— Janto lá muitas vezes — disse ele a Carlos — estou lá todas as noites... É necessário repagar a hospitalidade...

Um jantar no Central é o que basta. E para o efeito moral, pespego-lhe à mesa o marquês e a besta do Steinbroken. O Cohen gosta de gente assim... Mas o plano teve ainda de ser alterado: o marquês partira para a Golegã, e o pobre Steinbroken estava sofrendo de um incómodo de entranhas. Ega pensou no Cruges e no Taveira — mas receou a cabeleira desleixada do Cruges, e alguns dos seus ataques de amargo *spleen* que estragariam o jantar. Terminou por convidar dois íntimos do Cohen; mas teve então de suprimir o Taveira, que estava de mal com um desses cavalheiros por palavras que tinham trocado em casa da «Lola gorda».

Decididos os convidados, fixado o jantar para uma segunda-feira, Ega teve

uma conferência com o *maître d'hôtel* do Central, em que lhe recomendou muita flor, dois ananases para enfeitar a mesa, e exigiu que um dos pratos do menu, qualquer deles, fosse *à la Cohen*; e ele mesmo sugeriu uma ideia: *tomates farcies à la Cohen*...

Nessa tarde, às seis horas, Carlos, ao descer a Rua do Alecrim para o Hotel Central, avistou Craft dentro da loja de bricabraque do tio Abraão.

Entrou. O velho judeu, que estava mostrando a Craft uma falsa faiança do Rato, arrancou logo da cabeça o sujo barrete de borla, e ficou curvado em dois, diante de Carlos, com as duas mãos sobre o coração.

Depois, numa linguagem exótica, misturada de inglês, pediu ao seu bom

senhor D. Carlos da Maia, ao seu digno senhor, ao seu *beautiful gentleman*, que se dignasse examinar uma maravilhazinha que lhe tinha reservada; e o seu muito *generous gentleman* tinha só a voltar os olhos, a maravilhazinha estava ali ao lado, numa cadeira. Era um retrato de espanhola, apanhado a fortes broxadelas de primeira impressão, e pondo, sobre um fundo audaz de cor-de-rosa murcho, uma face gasta de velha garça, picada das bexigas, caiada, ressudando vício, com um sorriso bestial que prometia tudo.

Carlos, tranquilamente, ofereceu dez tostões. Craft pasmou de uma tal prodigalidade; e o bom Abraão, num riso mudo que lhe abria entre a barba grisalha uma grande boca de um só dente,

saboreou muito a «chalaça dos seus ricos senhores». Dez tostõezinhos! Se o quadrinho tivesse por baixo o nomezinho de Fortuny, valia dez continhos de réis. Mas não tinha esse nomezinho bendito... Ainda assim valia dez notazinhas de vinte mil réis...

— Dez cordas para te enforcar, hebreu sem alma! — exclamou Carlos.

E saíram, deixando o velho intrujão à porta, curvado em dois, com as mãos sobre o coração, desejando mil felicidades aos seus generosos fidalgos...

— Não tem uma única coisa boa, este velho Abraão — disse Carlos.

— Tem a filha — disse o Craft.

Carlos achava-a bonita, mas horrivelmente suja. Então a propósito do Abraão, falou a Craft dessas belas

coleções dos Olivais, que o Ega, apesar do desdém que afetava pelo *bibelot* e pelo móvel de arte, lhe descrevera como sublimes.

Craft encolheu os ombros.

— O Ega não entende nada. Mesmo em Lisboa, não se pode chamar ao que eu tenho uma coleção. É um bricabraque de acaso... De que, de resto, me vou desfazer!

Isto surpreendeu Carlos. Compreendera das palavras do Ega ser essa uma coleção formada com amor, no laborioso decurso de anos, orgulho e cuidado de uma existência de homem...

Craft sorriu daquela legenda. A verdade era que só em 1872 ele começara a interessar-se pelo bricabraque; chegava então da América do Sul; e o que fora

comprando, descobrindo aqui e além, acumulara-o nessa casa dos Olivais, alugada então por fantasia, uma manhã que aquele pardieiro, com o seu bocado de quintal em redor, lhe parecera pitoresco, sob o sol de abril. Mas agora, se pudesse desfazer-se do que tinha, ia dedicar-se então a formar uma coleção homogénea e compacta de arte do século XVIII.

— Aqui nos Olivais?

— Não. Numa quinta que tenho ao pé do Porto, junto mesmo ao rio.

Entravam então no peristilo do Hotel Central — e nesse momento um *coupé* da Companhia, chegando a largo trote do lado da Rua do Arsenal, veio estacar à porta.

Um esplêndido preto, já grisalho, de casaca e calção, correu logo à

portinhola; de dentro um rapaz muito magro, de barba muito negra, passou-lhe para os braços uma deliciosa cadelinha escocesa, de pelos esguedelhados, finos como seda e cor de prata; depois apeando-se, indolente e *poseur*, ofereceu a mão a uma senhora alta, loira, com um meio véu muito apertado e muito escuro que realçava o esplendor da sua carnação ebúrnea. Craft e Carlos afastaram-se, ela passou diante deles, com um passo soberano de deusa, maravilhosamente bem feita, deixando atrás de si como uma claridade, um reflexo de cabelos de oiro, e um aroma no ar. Trazia um casaco colante de veludo branco de Génova, e um momento sobre as lajes do peristilo brilhou o verniz da suas botinas. O rapaz ao lado, esticado num fato de xadrezinho

inglês, abria negligentemente um telegrama; o preto seguia com a cadelinha nos braços. E no silêncio a voz de Craft murmurou:

— *Très chic*.

Em cima, no gabinete que o criado lhes indicou, Ega esperava, sentado no divã de marroquim, e conversando com um rapaz baixote, gordo, frisado como um noivo de província, de camélia ao peito e plastrão azul-celeste. O Craft conhecia-o; Ega apresentou a Carlos o Sr. Dâmaso Salcede, e mandou servir vermute, por ser tarde, segundo lhe parecia, para esse requinte literário e satânico do absinto... Fora um dia de inverno suave e luminoso, as duas janelas estavam ainda abertas. Sobre o rio, no céu largo, a tarde morria, sem uma aragem, numa paz elísia, com

nuvenzinhas muito altas, paradas, tocadas de cor-de-rosa; as terras, os longes da outra banda já se iam afogando num vapor aveludado, do tom de violeta; a água jazia lisa e luzidia como uma bela chapa de aço novo; e aqui e além, pelo vasto ancoradouro, grossos navios de carga, longos paquetes estrangeiros, dois couraçados ingleses, dormiam, com as mastreações imóveis, como tomados de preguiça, cedendo ao afago do clima doce...

— Vimos agora lá em baixo — disse Craft indo sentar-se no divã — uma esplêndida mulher, com uma esplêndida cadelinha *griffon*, e servida por um esplêndido preto!

O Sr. Dâmaso Salcede, que não despregava os olhos de Carlos, acudiu

logo:

— Bem sei! Os Castro Gomes... Conheço-os muito... Vim com eles de Bordéus... Uma gente muito chique que vive em Paris. Carlos voltou-se, reparou mais nele, perguntou-lhe, afável e interessando-se:

— O Sr. Salcede chegou agora de Bordéus?

Estas palavras pareceram deleitar Dâmaso como um favor celeste: ergueu-se imediatamente, aproximou-se do Maia, banhado num sorriso:

— Vim aqui há quinze dias, no *Orenoque*. Vim de Paris... Que eu em podendo é lá que me pilham! Esta gente conheci-a em Bordéus. Isto é, verdadeiramente, conheci-a a bordo. Mas estávamos todos no *Hotel de Nantes*.

Gente muito chique: criado de quarto, governanta inglesa para a filhita, *femme de chambre*, mais de vinte malas... Chique a valer! Parece incrível, uns brasileiros... Que ela na voz não tem *sutaque* nenhum, fala como nós. Ele sim, ele muito *sutaque*... Mas elegante também, Vossa Excelência não lhe pareceu?

— Vermute? — perguntou-lhe o criado, oferecendo a salva.

— Sim, uma gotinha para o apetite. Vossa Excelência não toma, Sr. Maia? Pois eu, assim que posso, é direitinho para Paris! Aquilo é que é terra! Isto aqui é um chiqueiro... Eu, em não indo lá todos os anos, acredite Vossa Excelência, até começo a andar doente. Aquele Boulevarzinho, hem!... Ai, eu gozo aquilo! E sei gozar, sei gozar, que eu

conheço aquilo a palmo... Tenho até um tio em Paris.

— E que tio! — exclamou Ega, aproximando-se. — Íntimo de Gambetta, governa a França... O tio do Dâmaso governa a França, menino!

Dâmaso, escarlate, estoirava de gozo.

— Ah, lá isso influência tem. Íntimo do Gambetta, tratam-se por tu, até vivem quase juntos... E não é só com o Gambetta; é com o Mac-Mahon, com o Rochefort, com o outro de que me esquece agora o nome, com todos os republicanos, enfim!... É tudo quanto ele queira. Vossa Excelência não o conhece? É um homem de barbas brancas... Era irmão de minha mãe, chama-se Guimarães. Mas em Paris chamam-lhe Mr. de Guimaran...

Nesse momento a porta envidraçada abriu-se de golpe. Ega exclamou: «Saúde ao poeta!» E apareceu um indivíduo muito alto, todo abotoado numa sobrecasaca preta, com uma face escaveirada, olhos encovados, e sob o nariz aquilino, longos, espessos, românticos bigodes grisalhos: já todo calvo na frente, os anéis fofos de uma grenha muito seca caíam-lhe inspiradamente sobre a gola: e em toda a sua pessoa havia alguma coisa de antiquado, de artificial e de lúgubre. Estendeu silenciosamente dois dedos ao Dâmaso, e abrindo os braços lentos para Craft, disse numa voz arrastada, cavernosa, ateatrada:

— Então és tu, meu Craft! Quando chegaste tu, rapaz? Dá-me cá esses ossos

honrados, honrado inglês!

Nem um olhar dera a Carlos. Ega adiantou-se, apresentou-os:

— Não sei se são relações. Carlos da Maia... Tomás de Alencar, o nosso poeta...

Era ele! o ilustre cantor das *Vozes de Aurora*, o estilista de *Elvira*, o dramaturgo do *Segredo do Comendador*. Deu dois passos graves para Carlos, esteve-lhe apertando muito tempo a mão em silêncio — e sensibilizado, mais cavernoso:

— Vossa Excelência, já que as etiquetas sociais querem que eu lhe dê excelência, mal sabe a quem apertou agora a mão... Carlos, surpreendido, murmurou:

— Eu conheço muito de nome...

E o outro com o olho cavo, o lábio trémulo:

— Ao camarada, ao inseparável, ao íntimo de Pedro da Maia, do meu pobre, do meu valente Pedro!

— Então, que diabo, abracem-se! — gritou Ega. — Abracem-se, com um berro, segundo as regras...

Alencar já tinha Carlos estreitado ao peito, e quando o soltou, retomando-lhe as mãos, sacudindo-lhas, com uma ternura ruidosa:

— E deixemo-nos já de excelências! que eu vi-te nascer, meu rapaz! trouxe-te muito ao colo! sujaste-me muita calça! Cos diabos, dá cá outro abraço!

Craft olhava estas coisas veementes, impassível; Dâmaso parecia

impressionado; Ega apresentou um copo de vermute ao poeta.

— Que grande cena, Alencar! Jesus, Senhor! Bebe, para te recuperares da emoção...

Alencar esgotou-o de um trago, e declarou aos amigos que não era a primeira vez que via Carlos. Já o admirara no seu faetonte, muitas vezes, e aos seus belos cavalos ingleses. Mas não se quisera dar a conhecer. Ele nunca se atirava aos braços de ninguém, a não ser das mulheres... Foi encher outro cálice de vermute, e com ele na mão, plantado diante de Carlos, começou, num tom patético:

— A primeira vez que te vi, filho, foi no Pote das Almas! Estava eu no Rodrigues, esquadrinhando alguma dessa

velha literatura, hoje tão desprezada... Lembro-me até que era um volume das *Éclogas*do nosso delicioso Rodrigues Lobo, esse verdadeiro poeta da Natureza, esse rouxinol tão português, hoje, está claro, metido a um canto, desde que para aí apareceu o Satanismo, o Naturalismo e o Bandalhismo, e outros esterquilínios em *ismo*... Nesse momento passaste, disseram-me quem eras, e caiu-me o livro da mão... Fiquei ali uma hora, acredita, a pensar, a rever o passado... E atirou o vermute às goelas. Ega, impaciente, olhava o relógio. Um criado, entrando, acendeu o gás; a mesa surgiu da penumbra, com um brilho de cristais e louças, um luxo de camélias em ramos. No entanto Alencar (que à luz viva parecia mais gasto e mais velho)

começara uma grande história, e como fora ele o primeiro que vira Carlos depois de nascer, e como fora ele que lhe dera o nome.

— Teu pai — dizia ele — o meu Pedro, queria-te pôr o nome de Afonso, desse santo, desse varão de outras idades, Afonso da Maia! Mas tua mãe, que tinha lá as suas ideias, teimou em que havias de ser Carlos. E justamente por causa de um romance que eu lhe emprestara; nesses tempos podia-se emprestar romances a senhoras, ainda não havia a pústula e o pus... Era um romance sobre o último Stuart, aquele belo tipo do príncipe Carlos Eduardo, que vocês, filhos, conhecem todos bem, e que na Escócia, no tempo de Luís XIV... Enfim, adiante! Tua mãe, devo dizê-lo, tinha literatura e da

melhor. Consultou-me, consultava-me sempre, nesse tempo eu era alguém, e lembro-me de lhe ter respondido... (Lembro-me apesar de já lá irem vinte e cinco anos... Que digo eu? Vinte e sete! Vejam vocês isto, filhos, vinte e sete anos!). Enfim, voltei-me para tua mãe, e disse-lhe, palavras textuais: «Ponha-lhe o nome de Carlos Eduardo, minha rica senhora, Carlos Eduardo, que é o verdadeiro nome para o frontispício de um poema, para a fama de um heroísmo ou para o lábio de uma mulher!» Dâmaso, que continuava a admirar Carlos, deu bravos estrondosos; Craft bateu ligeiramente os dedos; e o Ega, que rondava a porta, nervoso, de relógio na mão, soltou de lá um *muito bem* desenxabido.

Alencar, radiante com o seu efeito, derramava em roda um sorriso que lhe mostrava os dentes estragados. Abraçou outra vez Carlos, atirou uma palmada ao coração, exclamou:

— Caramba!, filhos, sinto uma luz cá dentro!

A porta abriu-se, o Cohen entrou, todo apressado, desculpando-se logo da sua demora — enquanto Ega, que se precipitara para ele, lhe ajudava a despir o paletó. Depois apresentou-o a Carlos — a única pessoa ali de quem o Cohen não era íntimo. E dizia, tocando o botão da campainha elétrica:

— O marquês não pôde vir, menino, e o pobre Steinbroken, coitado, está com a sua gota, a gota de diplomata, de lorde e de banqueiro... A gota que tu

hás de ter, velhaco!

Cohen, um homem baixo, apurado, de olhos bonitos, e suíças tão pretas e luzidias que pareciam ensopadas em verniz, sorria, descalçando as luvas, dizendo que, segundo os ingleses, havia também a gota da gente pobre; e era essa naturalmente a que lhe competia a ele...

Ega, no entanto, travara-lhe do braço, colocara-o preciosamente à mesa, à sua direita: depois ofereceu-lhe um botão de camélia de um ramo: o Alencar floriu-se também — e os criados serviram as ostras.

Falou-se logo do crime da Mouraria, drama fadista que impressionava Lisboa, uma rapariga com o ventre rasgado à navalha por uma companheira, vindo morrer na rua em

camisa, dois faias esfaqueando-se, toda uma viela em sangue — uma *sarrabulhada* como disse o Cohen, sorrindo e provando o Bucelas.

Dâmaso teve a satisfação de poder dar detalhes; conhecera a rapariga, a que dera as facadas, quando ela era amante do visconde da Ermidinha... Se era bonita? Muito bonita. Umas mãos de duquesa... E como aquilo cantava o fado! O pior era que mesmo no tempo do visconde, quando ela era chique, já se empiteirava... E o visconde, honra lhe seja, nunca lhe perdera a amizade; respeitava-a, mesmo depois de casado ia vê-la, e tinha-lhe prometido que se ela quisesse deixar o fado lhe punha uma confeitaria para os lados da Sé. Mas ela não queria. Gostava daquilo, do Bairro Alto, dos cafés

de*lepes*, dos chulos...

Esse mundo de fadistas, de faias, parecia a Carlos merecer um estudo, um romance... Isto levou logo a falar-se do *Assommoir*, de Zola e do realismo: — e o Alencar imediatamente, limpando os bigodes dos pingos de sopa, suplicou que se não discutisse, à hora asseada do jantar, essa literatura *latrinária*. Ali todos eram homens de asseio, de sala, hem? Então, que se não mencionasse o*excremento*!

Pobre Alencar! O naturalismo; esses livros poderosos e vivazes, tirados a milhares de edições; essas rudes análises, apoderando-se da Igreja, da Realeza, da Burocracia, da Finança, de todas as coisas santas, dissecando-as brutalmente e mostrando-lhes a lesão,

como a cadáveres num anfiteatro; esses estilos novos, tão preciosos e tão dúcteis, apanhando em flagrante a linha, a cor, a palpitação mesma da vida; tudo isso (que ele, na sua confusão mental, chamava a *Ideia Nova*), caindo assim de chofre e escangalhando a catedral romântica, sob a qual tantos anos ele tivera altar e celebrara missa, tinha desnorteado o pobre Alencar e tornara-se o desgosto literário da sua velhice. Ao princípio reagiu. «Para pôr um dique definitivo à torpe maré», como ele disse em plena Academia, escreveu dois folhetins cruéis; ninguém os leu; a «maré torpe» alastrou-se, mais profunda, mais larga. Então Alencar refugiou-se na *moralidade* como numa rocha sólida. O naturalismo, com as suas aluviões de obscenidade, ameaçava

corromper o pudor social? Pois bem. Ele, Alencar, seria o paladino da Moral, o gendarme dos bons costumes. Então o poeta das *Vozes de Aurora*, que durante vinte anos, em cançoneta e ode, propusera comércios lúbricos a todas as damas da capital; então o romancista de *Elvira* que, em novela e drama, fizera a propaganda do amor ilegítimo, representando os deveres conjugais como montanhas de tédio, dando a todos os maridos formas gordurosas e bestiais, e a todos os amantes a beleza, o esplendor e o génio dos antigos Apolos; então Tomás Alencar, que (a acreditarem-se as confissões autobiográficas da *Flor do Martírio*) passava ele próprio uma existência medonha de adultérios, lubricidades, orgias, entre veludos e vinhos de Chipre

— de ora em diante austero, incorruptível, todo ele uma torre de pudicícia, passou a vigiar atentamente o jornal, o livro, o teatro. E mal lobrigava sintomas nascentes de realismo num beijo que estalava mais alto, numa brancura de saia que se arregaçava de mais — eis o nosso Alencar que soltava por sobre o país um grande grito de alarme, corria à pena, e as suas imprecações lembravam (a académicos fáceis de contentar) o rugir de Isaías. Um dia, porém, Alencar teve uma destas revelações que prostram os mais fortes: quanto mais ele denunciava um livro como imoral, mais o livro se vendia como agradável! O Universo pareceu-lhe coisa torpe, e o autor de *Elvira* encavacou... Desde então reduziu a expressão do seu rancor ao

mínimo, a essa frase curta, lançada com nojo:

— Rapazes, não se mencione o *excremento*!

Mas nessa noite teve o regozijo de encontrar aliados. Craft não admitia também o naturalismo, a realidade feia das coisas e da sociedade estatelada nua num livro. A arte era uma idealização! Bem: então que mostrasse os tipos superiores de uma humanidade aperfeiçoada, as formas mais belas do viver e do sentir... Ega, horrorizado, apertava as mãos na cabeça — quando do outro lado Carlos declarou que o mais intolerável no realismo eram os seus grandes ares científicos, a sua pretensiosa estética deduzida de uma filosofia alheia, e a invocação de Claude Bernard, do

experimentalismo, do positivismo, de Stuart Mill e de Darwin, a propósito de uma lavadeira que dorme com um carpinteiro!

Assim atacado, entre dois fogos, Ega trovejou: justamente o fraco do realismo estava em ser ainda pouco científico, inventar enredos, criar dramas, abandonar-se à fantasia literária! A forma pura da arte naturalista devia ser a monografia, o estudo seco de um tipo, de um vício, de uma paixão, tal qual como se se tratasse de um caso patológico, sem pitoresco e sem estilo...

— Isso é absurdo — dizia Carlos — , os carateres só se podem manifestar pela ação...

— E a obra de arte — acrescentou Craft — vive apenas pela forma...

Alencar interrompeu-os, exclamando que não eram necessárias tantas filosofias.

— Vocês estão gastando cera com ruins defuntos, filhos. O realismo critica-se deste modo: mão no nariz! Eu quando vejo um desses livros, enfrasco-me logo em água-de-colónia. Não discutamos o*excremento*.

— *Sole normande*? — perguntou-lhe o criado, adiantando a travessa.

Ega ia fulminá-lo. Mas, vendo que o Cohen dava um sorriso enfastiado e superior a estas controvérsias de literaturas, calou-se; ocupou-se só dele, quis saber que tal ele achava aquele St. Emilion; e, quando o viu confortavelmente servido de *sole normande*, lançou com grande alarde de interesse esta pergunta:

— Então, Cohen, diga-nos você, conte-nos cá... O empréstimo faz-se ou não se faz?

E acirrou a curiosidade, dizendo para os lados que aquela questão do empréstimo era grave. Uma operação tremenda, um verdadeiro episódio histórico!...

O Cohen colocou uma pitada de sal à beira do prato, e respondeu, com autoridade, que o empréstimo tinha de se realizar *absolutamente*. Os empréstimos em Portugal constituíam hoje uma das fontes de receita, tão regular, tão indispensável, tão sabida como o imposto. A única ocupação mesmo dos ministérios era esta — *cobrar o imposto e fazer o empréstimo*. E assim se havia de continuar...

Carlos não entendia de finanças: mas parecia-lhe que, desse modo, o país ia alegremente e lindamente para a bancarrota.

— Num galopezinho muito seguro e muito a direito — disse o Cohen, sorrindo. — Ah! sobre isso, ninguém tem ilusões, meu caro senhor. Nem os próprios ministros da Fazenda!... A bancarrota é inevitável; é como quem faz uma soma...

Ega mostrou-se impressionado. Olha que brincadeira, hem! E todos escutavam o Cohen. Ega, depois de lhe encher o cálice de novo, fincara os cotovelos na mesa para lhe beber melhor as palavras.

— A bancarrota é tão certa, as coisas estão tão dispostas para ela —

continuava o Cohen — que seria mesmo fácil a qualquer, em dois ou três anos, fazer falir o país...

Ega gritou sofregamente pela *receita*. Simplesmente isto: manter uma agitação revolucionária constante; nas vésperas de se lançarem os empréstimos haver duzentos maganões decididos que caíssem à pancada na municipal e quebrassem os candeeiros com vivas à República; telegrafar isto em letras bem gordas para os jornais de Paris, de Londres e do Rio de Janeiro; assustar os mercados, assustar o brasileiro, e a bancarrota estalava. Somente, como ele disse, isto não convinha a ninguém.

Então Ega protestou com veemência. Como não convinha a

ninguém? Ora essa! Era justamente o que convinha a todos! À bancarrota seguia-se uma revolução, evidentemente. Um país que vive da*inscrição*, em não lha pagando, agarra no cacete; e procedendo por princípio, ou procedendo apenas por vingança — o primeiro cuidado que tem é varrer a monarquia que lhe representa o *calote*, e com ela o crasso pessoal do constitucionalismo. E passada a crise, Portugal, livre da velha dívida, da velha gente, dessa coleção grotesca de bestas...

A voz do Ega sibilava... Mas, vendo assim tratados de *grotescos*, de bestas, os homens de ordem que fazem prosperar os bancos, Cohen pousou a mão no braço do seu amigo e chamou-o ao bom senso. Evidentemente, ele era o primeiro a dizê-lo, em toda essa gente que

figurava desde 46 havia medíocres e patetas — mas também homens de grande valor!

— Há talento, há saber — dizia ele com um tom de experiência.

— Você deve reconhecê-lo, Ega... Você é muito exagerado! Não senhor, há talento, há saber.

E, lembrando-se que algumas dessas *bestas* eram amigos do Cohen, Ega reconheceu-lhes talento e saber. O Alencar, porém, cofiava sombriamente o bigode. Ultimamente pendia para ideias radicais, para a democracia humanitária de 1848: por instinto, vendo o romantismo desacreditado nas letras, refugiava-se no romantismo político, como num asilo paralelo: queria uma república governada por génios, a fraternização dos povos, os

Estados Unidos da Europa... Além disso, tinha longas queixas desses politicotes, agora gente do Poder, outrora seus camaradas de redação, de café e de batota...

— Isso — disse ele — lá a respeito de talento e de saber, histórias... Eu conheço-os bem, meu Cohen...

O Cohen acudiu:

— Não senhor, Alencar, não senhor! Você também é dos tais... Até lhe fica mal dizer isso... É exageração. Não senhor, há talento, há saber.

E o Alencar, perante esta intimação do Cohen, o respeitado diretor do *Banco Nacional*, o marido da divina Raquel, o dono dessa hospitaleira casa da Rua do Ferregial onde se jantava tão bem, recalcou o despeito — admitiu que não

deixava de haver talento e saber.

Então, tendo assim, pela influência do seu banco, dos belos olhos da sua mulher e da excelência do seu cozinheiro, chamado estes espíritos rebeldes ao respeito dos parlamentares e à veneração da Ordem, Cohen condescendeu em dizer, no tom mais suave da sua voz, que o país necessitava reformas...

Ega, porém, incorrigível nesse dia, soltou outra enormidade:

— Portugal não necessita reformas, Cohen, Portugal o que precisa é a invasão espanhola.

Alencar, patriota à antiga, indignou-se. O Cohen, com aquele sorriso indulgente de homem superior que lhe mostrava os bonitos dentes, viu ali apenas «um dos paradoxos do nosso Ega». Mas o

Ega falava com seriedade, cheio de razões. Evidentemente, dizia ele, invasão não significa perda absoluta de independência. Um receio tão estúpido é digno só de uma sociedade tão estúpida como a do*Primeiro de dezembro*. Não havia exemplo de seis milhões de habitantes serem engolidos, de um só trago, por um país que tem apenas quinze milhões de homens. Depois ninguém consentiria em deixar cair nas mãos de Espanha, nação militar e marítima, esta bela linha de costa de Portugal. Sem contar as alianças que teríamos a troco das colónias — das colónias que só nos servem, como a prata de família aos morgados arruinados, para ir empenhando em casos de crise... Não havia perigo; o que nos aconteceria, dada uma invasão,

num momento de guerra europeia, seria levarmos uma sova tremenda, pagarmos uma grossa indemnização, perdermos uma ou duas províncias, ver talvez a Galiza estendida até ao Douro...

— *Poulet aux champignons* — murmurou o criado, apresentando-lhe a travessa.

E enquanto ele se servia, perguntavam-lhe dos lados onde via ele a *salvação do país* nessa catástrofe que tornaria povoação espanhola Celorico de Basto, a nobre Celorico, berço de heróis, berço dos Egas...

— Nisto: no ressuscitar do espírito público e do génio português! Sovados, humilhados, arrasados, escalavrados, tínhamos de fazer um esforço desesperado para viver. E em que

bela situação nos achávamos! Sem monarquia, sem essa caterva de políticos, sem esse tortulho da *inscrição*, porque tudo desaparecia, estávamos novos em folha, limpos, escarolados, como se nunca tivéssemos servido. E recomeçava-se uma história nova, um outro Portugal, um Portugal sério e inteligente, forte e decente, estudando, pensando, fazendo civilização como outrora... Meninos, nada regenera uma nação como uma medonha tareia... Oh! Deus de Ourique, manda-nos o castelhano! E você, Cohen, passe-me o St. Emilion. Agora, num rumor animado, discutia-se a invasão. Ah!, podia-se fazer uma bela resistência! Cohen afiançava o dinheiro. Armas, artilharia, iam comprar-se à América — e Craft ofereceu logo a sua coleção de espadas do século XVI.

Mas generais? Alugavam-se. Mac-Mahon, por exemplo, devia estar barato...

— O Craft e eu organizamos uma guerrilha — gritou o Ega.

— Às ordens, meu coronel!

— O Alencar — continuava Ega — é encarregado de ir despertar pela província o patriotismo, com cantos e com odes!

Então o poeta, pousando o cálice, teve um movimento de leão que sacode a juba:

— Isto é uma velha carcaça, meu rapaz, mas não está só para odes! Ainda se agarra uma espingarda, e como a pontaria é boa, ainda vão a terra um par de galegos... Caramba, rapazes, só a ideia dessas coisas me põe o coração negro! E como vocês podem falar nisso, a rir,

quando se trata do país, desta terra onde nascemos, que diabo! Talvez seja má, de acordo, mas, caramba!, é a única que temos, não temos outra! É aqui que vivemos, é aqui que rebentamos... Irra! falemos de outra coisa, falemos de mulheres! Dera um repelão ao prato, os olhos humedeciam-se-lhe de paixão patriótica...

E no silêncio que se fez, Dâmaso, que desde as informações sobre a rapariga do Ermidinha emudecera, ocupado a observar Carlos com religião, ergueu a voz pausadamente, disse, com ar de bom senso e de finura:

— Se as coisas chegassem a esse ponto, se se pusessem assim feias, eu cá, à cautela, ia-me raspando para Paris...

Ega triunfou, pulou de gosto na

cadeira. Eis ali, no lábio sintético de Dâmaso, o grito espontâneo e genuíno do brio português! Raspar-se, pirar-se!... Era assim que de alto a baixo pensava a sociedade de Lisboa, a malta constitucional, desde el-rei nosso senhor até aos cretinos de secretaria!...

— Meninos, ao primeiro soldado espanhol que apareça à fronteira, o país em massa foge como uma lebre! Vai ser uma debandada única na história!

Houve uma indignação, Alencar gritou:

— Abaixo o traidor!

Cohen interveio, declarou que o soldado português era valente, à maneira dos turcos — sem disciplina, mas teso. O próprio Carlos disse, muito sério:

— Não senhor... Ninguém há de

fugir, e há-de-se morrer bem. Ega rugiu. Para que estavam eles fazendo essa *pose* heroica? Então ignoravam que esta raça, depois de cinquenta anos de constitucionalismo, criada por esses saguões da Baixa, educada na piolhice dos liceus, roída de sífilis, apodrecida no bolor das secretarias, arejada apenas ao domingo pela poeira do Passeio, perdera o músculo como perdera o caráter, e era a mais fraca, a mais cobarde raça da Europa?...

— Isso são os lisboetas — disse Craft.

— Lisboa é Portugal — gritou o outro. — Fora de Lisboa não há nada. O país está todo entre a Arcada e S. Bento!...

— A mais miserável raça da

Europa! — continuava ele a berrar.

— E que exército! Um regimento, depois de dois dias de marcha, dava entrada em massa num hospital! Com seus olhos tinha ele visto, no dia da abertura das Cortes, um marujo sueco, um rapagão do Norte, fazer debandar, a socos, uma companhia de soldados; as praças tinham literalmente largado a fugir, com a patrona a bater-lhes os rins; e o oficial, enfiando de terror, meteu-se para uma escada, a vomitar!...

Todos protestaram. Não, não era possível... Mas se ele tinha visto, que diabo!... Pois sim, talvez, mas com os olhos falazes da fantasia...

— Juro pela saúde da mamã! — gritou Ega furioso. Mas emudeceu. O Cohen tocara-lhe no braço. O Cohen ia

falar. O Cohen queria dizer que o futuro pertence a Deus. Que os Espanhóis, porém, pensassem na invasão, isso parecia-lhe certo — sobretudo se viessem, como era natural, a perder Cuba. Em Madrid todo o mundo lho dissera. Já havia mesmo negócios de fornecimentos entabulados...

— Espanholadas, galegadas! — rosnou Alencar, por entre dentes, sombrio e torcendo os bigodes.

— No *Hotel de Paris* — continuou Cohen — em Madrid, conheci eu um magistrado, que me disse com um certo ar que não perdia a esperança de se vir estabelecer de todo em Lisboa, tinha-lhe agradado muito Lisboa, quando cá estivera a banhos. E enquanto a mim, estou que há muitos espanhóis que estão à

espera deste aumento de território para se empregarem!

Então Ega caiu em êxtase, apertou as mãos contra o peito. Oh! que delicioso traço! Oh! que admiravelmente observado!

— Este Cohen! — exclamava ele para os lados. — Que finamente observado! Que traço adorável! Hem!, Craft? Hem!, Carlos? Delicioso! Todos cortesmente admiraram a finura do Cohen. Ele agradecia, com o olho enternecido, passando pelas suíças a mão onde reluzia um diamante. E nesse momento os criados serviam um prato de ervilhas num molho branco, murmurando:

— *Petits pois à la Cohen*.

À la Cohen? Cada um verificou o seu menu mais atentamente. E lá estava,

era o legume: *Petits pois à la Cohen*. Dâmaso, entusiasmado, declarou isto «chique a valer». E fez-se, com o champanhe que se abria, a primeira saúde ao Cohen.

Esquecera-se a bancarrota, a invasão, a pátria — o jantar terminava alegremente. Outras saúdes cruzaram-se, ardentes e loquazes: o próprio Cohen, com o sorriso de quem cede a um capricho de criança, bebeu à Revolução e à Anarquia, brinde complicado, que o Ega erguera, já com o olho muito brilhante. Sobre a toalha, a sobremesa alastrava-se, destroçada; no prato do Alencar as pontas de cigarros misturavam-se a bocados de ananás mastigado.

Dâmaso, todo debruçado sobre Carlos, fazia-lhe o elogio da parelha

inglesa e daquele faetonte que era a coisa mais linda que passeava Lisboa. E logo depois do seu brinde de demagogo, sem razão, Ega arremetera contra Craft, injuriando a Inglaterra, querendo excluí-la de entre as nações pensantes, ameaçando-a de uma revolução social que a ensoparia em sangue: o outro respondia com acenos de cabeça, imperturbável, partindo nozes.

Os criados serviram o café. E como havia já três longas horas que estavam à mesa, todos se ergueram, acabando os charutos, conversando, na animação viva que dera o champanhe. A sala, de teto baixo, com os cinco bicos de gás ardendo largamente, enchera-se de um calor pesado, onde se ia espalhando agora o aroma forte das *chartreuses* e dos licores por entre a névoa alvadia do fumo.

Carlos e Craft, que abafavam, foram respirar para a varanda; e aí recomeçou logo, naquela comunidade de gostos que os começava a ligar, a conversa da Rua do Alecrim sobre a bela coleção dos Olivais. Craft dava detalhes; a coisa rica e rara que tinha era um armário holandês do século XVI; de resto, alguns bronzes, faianças e boas armas...

Mas ambos se voltaram ouvindo, no grupo dos outros, junto à mesa, estridências de voz, e como um conflito que rompia: Alencar, sacudindo a grenha, gritava contra a *palhada filosófica*; e do outro lado, com o cálice de conhaque na mão, Ega, pálido e afetando uma tranquilidade superior, declarava toda essa babugem lírica que por aí se publica digna da polícia correcional...

— Pegaram-se outra vez — veio dizer Dâmaso a Carlos, aproximando-se da varanda. — É por causa do Craveiro. Estão ambos divinos!

Era com efeito a propósito de poesia moderna, de Simão Craveiro, do seu poema A *Morte de Satanás*. Ega estivera citando, com entusiasmo, estrofes do episódio da Morte, quando o grande esqueleto simbólico passa em pleno sol no Boulevard, vestido como uma *cocotte* arrastando sedas rumorosas:

E entre duas costeletas, no decote,
Tinha um «bouquet» de rosas!

E o Alencar, que detestava o Craveiro, o homem da *Ideia Nova*, o paladino do Realismo, triunfara, cascalhara, denunciando logo nessa simples estrofe dois erros de gramática,

um verso errado, e uma imagem roubada a Baudelaire!

Então Ega, que bebera um sobre outro dois cálices de conhaque, tornou-se muito provocante, muito pessoal.

— Eu bem sei porque tu falas, Alencar — dizia ele agora. — E o motivo não é nobre. É por causa do epigrama que ele te fez:

O Alencar d'Alenquer,
Aceso com a primavera...

— Ah!, vocês nunca ouviram isto? — continuou ele voltando-se, chamando os outros. — É delicioso, é das melhores coisas do Craveiro. Nunca ouviste, Carlos? É sublime, sobretudo esta estrofe:

O Alencar d'Alenquer
Que quer? Na verde campina
Não colhe a tenra bonina

Nem consulta o malmequer...
Que quer? Na verde campina
O Alencar d'Alenquer
Quer menina!

Eu não me lembro do resto, mas termina com um grito de bom senso, que é a verdadeira crítica de todo esse lirismo pandilha:

O Alencar d'Alenquer
Quer cacete!

Alencar passou a mão pela testa lívida, e com o olho cavo fito no outro, a voz rouca e lenta:

— Olha, João da Ega, deixa-me dizer-te uma coisa, meu rapaz... Todos esses epigramas, esses dichotes lorpas do raquítico e dos que o admiram, passam-me pelos pés como um enxurro de cloaca... O que faço é arregaçar as calças!

Arregaço as calças... Mais nada, meu Ega. Arregaço as calças!

E arregaçou-as realmente, mostrando a ceroula, num gesto brusco e de delírio.

— Pois quando encontrares enxurros desses — gritou-lhe o Ega — agacha-te e bebe-os! Dão-te sangue e força ao lirismo! Mas Alencar, sem o ouvir, berrava para os outros, esmurrando o ar:

— Eu, se esse Craveirote não fosse um raquítico, talvez me entretivesse a rolá-lo aos pontapés por esse Chiado abaixo, a ele e à versalhada, a essa lambisgonhice excrementícia com que seringou Satanás! E depois de o besuntar bem de lama, esborrachava-lhe o crânio!

— Não se esborracham assim

crânios — disse de lá o Ega num tom frio de troça.

Alencar voltou para ele uma face medonha. A cólera e o conhaque incendiavam-lhe o olhar; todo ele tremia:

— Esborrachava-lho, sim, esborrachava, João da Ega! Esborrachava-lho assim, olha, assim mesmo! — Rompeu a atirar patadas ao soalho, abalando a sala, fazendo tilintar cristais e louças. — Mas não quero, rapazes! Dentro daquele crânio só há excremento, vómito, pus, matéria verde, e se lho esborrachasse, porque lho esborrachava, rapazes, todo o miolo podre saía, empestava a cidade, tínhamos o cólera! Irra! Tínhamos a peste!

Carlos, vendo-o tão excitado, tomou-lhe o braço, quis calmá-lo:

— Então, Alencar! Que tolice... Isso vale lá a pena!... O outro desprendeu-se, arquejante, desabotoou a sobrecasaca, soltou o último desabafo:

— Com efeito, não vale a pena ninguém zangar-se por causa desse Craveirote da *Ideia Nova*, esse caloteiro, que se não lembra que a porca da irmã é uma meretriz de doze vinténs em Marco de Canaveses!

— Não, isso agora é de mais, pulha! — gritou Ega, arremessando-se, de punhos fechados.

Cohen e Dâmaso, assustados, agarraram-no. Carlos puxara logo para o vão da janela o Alencar, que se debatia, com os olhos chamejantes, a gravata solta. Tinha caído uma cadeira; a correta sala, com os seus divãs de marroquim, os seus

ramos de camélias, tomava um ar de taverna, numa bulha de faias, entre a fumaraça de cigarros. Dâmaso, muito pálido, quase sem voz, ia de um a outro:

— Oh! meninos, oh! meninos, aqui, no Hotel Central! Jesus!... Aqui, no Hotel Central!...

E, de entre os braços de Cohen, Ega berrava, já rouco:

— Esse pulha, esse cobarde... Deixe-me, Cohen! Não, isso hei de esbofeteá-lo!... A D. Ana Craveiro, uma santa!... Esse caluniador... Não, isso hei de esganá-lo!...

Craft, no entanto, impassível, bebia aos goles a sua *chartreuse*. Já presenciara, mais vezes, duas literaturas rivais engalfinhando-se, rolando no chão, num latir de injúrias: a torpeza do Alencar

sobre a irmã do outro fazia parte dos costumes de crítica em Portugal: tudo isso o deixava indiferente, com um sorriso de desdém. Além disso sabia que a reconciliação não tardaria, ardente e com abraços. E não tardou. Alencar saiu do vão da janela, atrás de Carlos, abotoando a sobrecasaca, grave e como arrependido. A um canto da sala, Cohen falava ao Ega com autoridade, severo, à maneira de um pai: depois voltou-se, ergueu a mão, ergueu a voz, disse que ali todos eram cavalheiros: e como homens de talento e de coração fidalgo os dois deviam abraçar-se...

— Vá, um *shake-hands*, Ega, faça isso por mim!... Alencar, vamos, peço-lho eu!

O autor de Elvira deu um passo, o

autor das Memórias de Um Átomo estendeu a mão: mas o primeiro aperto foi goche e mole. Então Alencar, generoso e rasgado, exclamou que entre ele e o Ega não devia ficar *uma nuvem*! Tinha-se excedido... Fora o seu desgraçado génio, esse calor de sangue, que durante toda a existência só lhe trouxera lágrimas! E ali declarava bem alto que D. Ana Craveiro era uma santa! Tinha-a conhecido em Marco de Canaveses, em casa dos Peixotos... Como esposa, como mãe, D. Ana Craveiro era impecável. E reconhecia, do fundo da alma, que o Craveiro tinha carradas de talento!... Encheu um copo de champanhe, ergueu-o alto, diante do Ega, como um cálice de altar:

— À tua, João!

Ega, generoso, também respondeu:

— À tua, Tomás!

Abraçaram-se. Alencar jurou que ainda na véspera, em casa de D. Joana Coutinho, ele dissera que não conhecia ninguém mais cintilante que o Ega! Ega afirmou logo que em poemas nenhuns corria, como nos do Alencar, uma tão bela veia lírica. Apertaram-se outra vez, com palmadas pelos ombros. Trataram-se de *irmãos na arte*, trataram-se de *génios*!...

— São extraordinários — disse Craft baixo a Carlos, procurando o chapéu. — Desorganizam-me, preciso ar!...

A noite alongava-se, eram onze horas. Ainda se bebeu mais conhaque. Depois Cohen saiu levando o Ega.

Dâmaso e Alencar desceram com Carlos — que ia recolher a pé pelo Aterro. À porta, o poeta parou com solenidade.

— Filhos — exclamou ele tirando o chapéu e refrescando largamente a fronte — então? Parece-me que me portei como um *gentleman*! Carlos concordou, gabou-lhe a generosidade...

— Estimo bem que me digas isso, filho, porque tu sabes o que é ser *gentleman*! E agora vamos lá por esse Aterro fora... Mas deixa-me ir ali primeiro comprar um pacote de tabaco...

— Que tipo! — exclamou Dâmaso, vendo-o afastar-se. — E a coisa ia-se pondo feia...

E imediatamente, sem transição, começou a fazer elogios a Carlos. O Sr. Maia não imaginava há quanto tempo ele

desejava conhecê-lo!

— Oh! senhor...

— Creia Vossa Excelência... Eu não sou de sabujices... Mas pode Vossa Excelência perguntar ao Ega, quantas vezes o tenho dito: Vossa Excelência é a coisa melhor que há em Lisboa! Carlos baixava a cabeça, mordendo o riso. Dâmaso repetia, do fundo do peito:

— Olhe que isto é sincero, Sr. Maia! Acredite Vossa Excelência que isto é do coração!

Era realmente sincero. Desde que Carlos habitava Lisboa, tivera ali, naquele moço gordo e bochechudo, sem o saber, uma adoração muda e profunda; o próprio verniz dos seus sapatos, a cor das suas luvas eram para o Dâmaso motivo de veneração, e tão importantes como

princípios. Considerava Carlos um tipo supremo de *chique*, do seu querido *chique*, um Brummel, um D'Orsay, um Morny — uma «destas coisas que só se veem lá fora», como ele dizia arregalando os olhos. Nessa tarde, sabendo que vinha jantar com o Maia, conhecer o Maia, estivera duas horas ao espelho experimentando gravatas, perfumara-se como para os braços de uma mulher — e por causa de Carlos mandara estacionar ali o *coupé*, às dez horas, com o cocheiro de ramo ao peito.

— Então essa senhora brasileira vive aqui? — perguntou Carlos, que dera dois passos, olhava uma janela alumiada no segundo andar. Dâmaso seguiu-lhe o olhar.

— Vive lá do outro lado. Estão

aqui há quinze dias... Gente *chique*... E ela é de apetecer, Vossa Excelência reparou? Eu a bordo atirei-me... E ela dava cavaco! Mas tenho andado muito preso desde que cheguei, jantar aqui, *soirée* acolá, umas aventurazitas... Não tenho podido cá vir, deixei-lhe só bilhetes; mas trago-a de olho, que ela demora-se... Talvez venha cá amanhã, estou cá agora a sentir umas cócegas... E se me pilho só com ela, zás, ferro-lhe logo um beijo! Que eu cá, não sei se Vossa Excelência é a mesma coisa, mas eu cá, com mulheres, a minha teoria é esta: atracão! Eu cá, é logo: atracão!

Nesse momento Alencar voltava do estanco, de charuto na boca. Dâmaso despediu-se, atirando muito alto ao cocheiro, para que Carlos ouvisse,

a *adresse* da Morelli, a segunda dama de S. Carlos.

— Bom rapaz, este Dâmaso — dizia Alencar, travando do braço de Carlos, ao seguirem ambos pelo Aterro. — É lá muito dos Cohens, muito querido na sociedade. Rapaz de fortuna, filho do velho Silva, o agiota, que esfolou muito teu pai; e a mim também. Mas ele assina Salcede; talvez nome da mãe; ou talvez inventado. Bom rapaz. O pai era um velhaco! Parece que estou a ouvir o Pedro dizer-lhe com o seu ar de fidalgo, que o tinha e do grande: «Silva judeu, dinheiro, e a rodo!...» Outros tempos, meu Carlos, grandes tempos! Tempos de gente!

E então por esse longo Aterro, triste no ar escuro, com as luzes do gás dormente luzindo em fila de enterro,

Alencar foi falando desses «grandes tempos» da sua mocidade e da mocidade de Pedro; e, através das suas frases de lírico, Carlos sentia vir como um aroma antiquado desse mundo defunto... Era quando os rapazes ainda tinham um resto de calor das guerras civis, e o calmavam indo em bando varrer botequins ou rebentando pilecas de seges em galopadas para Sintra. Sintra era então um ninho de amores, e sob as suas românticas ramagens as fidalgas abandonavam-se aos braços dos poetas. Elas eram Elviras, eles eram Antonis. O dinheiro abundava; a corte era alegre; a Regeneração literata e galante ia engrandecer o país, belo jardim da Europa; os bacharéis chegavam de Coimbra, frementes de eloquência; os ministros da Coroa recitavam ao piano; o

mesmo sopro lírico inchava as odes e os projetos de lei...

— Lisboa era bem mais divertida — disse Carlos.

— Era outra coisa, meu Carlos! Vivia-se! Não existiriam esses ares científicos, toda essa palhada filosófica, esses badamecos positivistas... Mas havia coração, rapaz! Tinha-se faísca! Mesmo nessas coisas da política... Vê esse chiqueiro agora aí, essa malta de bandalhos... Nesse tempo ia-se ali à Câmara e sentia-se a inspiração, sentia-se o rasgo!... Via-se luz nas cabeças!... E depois, menino, havia muitíssimo boas mulheres.

Os ombros descaíam-lhe na saudade desse mundo perdido. E parecia mais lúgubre, com a sua grenha de

inspirado saindo-lhe de sob as abas largas do chapéu velho, a sobrecasaca coçada e mal feita colando-se-lhe lamentavelmente às ilhargas.

Um momento caminharam em silêncio. Depois, na Rua das Janelas Verdes, o Alencar *quis refrescar*. Entraram numa pequena venda, onde a mancha amarela de um candeeiro de petróleo destacava numa penumbra de subterrâneo, alumiando o zinco húmido do balcão, garrafas nas prateleiras, e o vulto triste da patroa com um lenço amarrado nos queixos. Alencar parecia íntimo no estabelecimento: apenas soube que a Sr. a Cândida estava com dores de dentes, aconselhou logo remédios, familiar, descido das nuvens românticas, com os cotovelos sobre o balcão. E quando

Carlos quis pagar a cana branca zangou-se, bateu a sua placa de dois tostões sobre o zinco polido, exclamou com nobreza:

— Eu é que faço a honra da bodega, meu Carlos! Nos palácios os outros pagarão... Cá na taberna pago eu!

À porta tomou o braço de Carlos. Depois de alguns passos lentos no silêncio da rua, parou de novo, e murmurou numa voz vaga, contemplativa, como repassada da vasta solenidade da noite:

— Aquela Raquel Cohen é divinamente bela, menino! Tu conhece-la?

— De vista.

— Não te faz lembrar uma mulher da Bíblia? Não digo lá uma dessas viragos, uma Judite, uma Dalila... Mas um desses lírios poéticos da Bíblia... É

seráfica!

Era agora a paixão platónica do Alencar, a sua dama, a sua Beatriz...

— Tu viste há tempos, no *Diário Nacional*, os versos que eu lhe fiz?

«abril chegou! Sê minha.»

Dizia o vento à rosa.

Não me saiu mau! Aqui há uma maliciazinha: *abril chegou, sê minha*... Mas logo: *Dizia o vento à rosa*. Compreendes? Calhou bem este efeito. Mas não imagines lá outras coisas, ou que lhe faço a corte... Basta ser a mulher do Cohen, um amigo, um irmão... E a Raquel, para mim, coitadinha, é como uma irmã... Mas é divina. Aqueles olhos, filho, um veludo líquido!...

Tirou o chapéu, refrescou a fronte vasta. Depois noutro tom, e como a custo:

— Aquele Ega tem muito talento... Vai lá muito aos Cohens... A Raquel acha-lhe graça...

Carlos parara, estavam defronte do *Ramalhete*. Alencar deu um olhar à severa frontaria de convento, adormecida, sem um ponto de luz.

— Tem bom ar esta vossa casa... Pois entra tu, meu rapaz, que eu vou andando por aqui para a minha toca. E quando quiseres, filho, lá me tens na Rua do Carvalho, 52, terceiro andar. O prédio é meu, mas eu ocupo o terceiro andar. Comecei por habitar no primeiro, mas tenho ido trepando... A única coisa mesmo que tenho trepado, meu Carlos, é de andares...

Teve um gesto, como desdenhando essas misérias.

— E hás de ir lá jantar um dia. Não te posso dar um banquete, mas hás de ter uma sopa e um assado... O meu Mateus, um preto (um amigo!), que me serve há muito ano, quando há que cozinhar, sabe cozinhar! Fez muito jantar a teu pai, ao meu pobre Pedro... Que aquilo foi casa de alegria, meu rapaz. Dei lá cama e mesa, e dinheiro para a algibeira, a muita dessa canalha que hoje por aí trota em*coupé* da Companhia e de correio atrás... E agora, quando me avistam, voltam para o lado o focinho...

— Isso são imaginações — disse Carlos com amizade.

— Não são, Carlos — respondeu o poeta, muito grave, muito amargo. — Não são. Tu não sabes a minha vida. Tenho sofrido muito repelão, rapaz. E não

o merecia! Palavra, que o não merecia...

Agarrou o braço de Carlos, e com voz abalada:

— Olha que esses homens que por aí figuram embebedavam-se comigo, emprestei-lhes muito pinto, dei-lhes muita ceia... E agora são ministros, são embaixadores, são personagens, são o Diabo. Pois ofereceram-te eles um bocado do bolo agora que o têm na mão? Não. Nem a mim. Isto é duro, Carlos, isto é muito duro, meu Carlos. E que diabo, eu não queria que me fizessem conde, nem que me dessem uma embaixada... Mas aí alguma coisa numa secretaria... Nem um chavelho! Enfim, ainda há para o bocado do pão, e para a meia onça de tabaco... Mas esta ingratidão tem-me feito cabelos brancos... Pois não te quero maçar mais, e

que Deus te faça feliz como tu mereces, meu Carlos!

— Tu não queres subir um bocado, Alencar?

Tanta franqueza enterneceu o poeta.

— Obrigado, rapaz — disse ele, abraçando Carlos. — E agradeço-te isso, porque sei que vem do coração... Todos vocês têm coração... Já teu pai o tinha, e largo, e grande como o de um leão! E agora crê uma coisa: é que tens aqui um amigo. Isto não é palavreado, isto vem de dentro... Pois adeus, meu rapaz. Queres tu um charuto? Carlos aceitou logo, como um presente do Céu.

— Então aí tens um charuto, filho! — exclamou Alencar com entusiasmo.

E aquele charuto dado a um

homem tão rico, ao dono do *Ramalhete*, fazia-o por um momento voltar aos tempos em que nesse Marrare ele estendia em redor a charuteira cheia, com o seu grande ar de Manfredo triste. Interessou-se então pelo charuto. Acendeu ele mesmo um fósforo. Verificou se ficava bem aceso. E que tal, charuto razoável? Carlos achava um excelente charuto!

— Pois ainda bem que te dei um bom charuto!

Abraçou-o outra vez; e estava batendo uma hora, quando ele enfim se afastou, mais ligeiro, mais contente de si, trauteando um trecho de *fado*.

Carlos no seu quarto, antes de se deitar, acabando o péssimo charuto do Alencar estirado numa *chaise-longue*, enquanto Batista lhe fazia uma chávena de

chá, ficou pensando nesse estranho passado que lhe evocara o velho lírico...

E era simpático o pobre Alencar! Com que cuidado exagerado, ao falar de Pedro, de Arroios, dos amigos e dos amores de então, ele evitara pronunciar sequer o nome de Maria Monforte! Mais de uma vez, pelo Aterro fora, estivera para lhe dizer: — Podes falar da mamã, amigo Alencar, que eu sei perfeitamente que ela fugiu com um italiano!

E isto fê-lo insensivelmente recordar da maneira como essa lamentável história lhe fora revelada, em Coimbra, numa noite de troça, quase grotescamente. Porque o avô, obedecendo à carta testamentária de Pedro, contara-lhe um romance decente: um casamento de paixão, incompatibilidades de naturezas,

uma separação cortês, depois a retirada da mamã com a filha para a França, onde tinham morrido ambas. Mais nada. A morte de seu pai fora-lhe apresentada sempre como brusco remate de uma longa nevrose... Mas Ega sabia tudo, pelos tios... Ora uma noite tinham ceado ambos; Ega muito bêbado, e num acesso de idealismo, lançara-se num paradoxo tremendo, condenando a honestidade das mulheres como origem da decadência das raças: e dava por prova os bastardos, sempre inteligentes, bravos, gloriosos! Ele, Ega, teria orgulho se sua mãe, sua própria mãe, em lugar de ser a santa burguesa que rezava o terço à lareira, fosse como a mãe de Carlos, uma inspirada, que por amor de um exilado abandonara fortuna, respeitos, honra,

vida! Carlos, ao ouvir isto, ficara petrificado, no meio da ponte, sob o calmo luar. Mas não pôde interrogar o Ega, que já taramelava, agoniado, e que não tardou a vomitar-lhe ignobilmente nos braços. Teve de o arrastar à casa das Seixas, despi-lo, aturar-lhe os beijos e a ternura borracha, até que o deixou abraçado ao travesseiro, babando-se, balbuciando «que queria ser bastardo, que queria que a mamã fosse uma marafona!...» E ele mal pudera dormir essa noite, com a ideia daquela mãe, tão outra do que lhe haviam contado, fugindo nos braços de um desterrado — um polaco talvez! Ao outro dia, cedo, entrava pelo quarto do Ega, a pedir-lhe, pela sua grande amizade, a verdade toda... Pobre Ega! Estava doente: fez-se branco como o

lenço que tinha amarrado na cabeça com panos de água sedativa: e não achava uma palavra, coitado! Carlos, sentado na cama, como nas noites de cavaco, tranquilizou-o. Não vinha ali ofendido, vinha ali curioso! Tinham-lhe ocultado um episódio extraordinário da sua gente, que diabo, queria sabê-lo! Havia romance! Para ali o romance! Ega, então, lá ganhou ânimo, lá balbuciou a sua história — a que ouvira ao tio Ega — a paixão de Maria por um príncipe, a fuga, o longo silêncio de anos que se fizera sobre ela...

Justamente as férias chegavam. Apenas em Santa Olávia, Carlos contou ao avô a bebedeira do Ega, os seus discursos doidos, aquela revelação vinda entre arrotos. Pobre avô! Um momento nem pôde falar — e a voz por fim veio-

lhe tão débil e dolente como se dentro do peito lhe estivesse morrendo o coração. Mas narrou-lhe, detalhe a detalhe, o feio romance todo até àquela tarde em que Pedro lhe aparecera lívido, coberto de lama, a cair-lhe nos braços, chorando a sua dor com a fraqueza de uma criança. E o desfecho desse amor culpado, acrescentara o avô, fora a morte da mãe em Viena de Áustria, e a morte da pequenita, da neta que ele nunca vira, e que a Monforte levara... E eis aí tudo. E assim, aquela vergonha doméstica estava agora enterrada, ali, no jazigo de Santa Olávia, e em duas sepulturas distantes, em país estrangeiro... Carlos recordava-se bem que nessa tarde, depois da melancólica conversa com o avô, devia ele experimentar uma égua inglesa: e ao

jantar não se falou senão da égua, que se chamava *Sultana*. E a verdade era que daí a dias tinha esquecido a mamã. Nem lhe era possível sentir por esta tragédia senão um interesse vago e como literário. Isto passara-se havia vinte e tantos anos, numa sociedade quase desaparecida. Era como o episódio histórico de uma velha crónica de família, um antepassado morto em Alcácer Quibir, ou uma das suas avós dormindo num leito real. Aquilo não lhe dera uma lágrima, não lhe pusera um rubor na face. Decerto, preferiria poder orgulhar-se de sua mãe, como de uma rara e nobre flor de honra: mas não podia ficar toda a vida a amargurar-se com os seus erros. E porquê? A honra dele não dependia dos impulsos falsos ou torpes que tivera o coração dela. Pecara,

morrera, acabou-se. Restava, sim, aquela ideia do pai, findando numa poça de sangue, no desespero dessa traição. Mas não conhecera seu pai: tudo o que possuía dele e da sua memória, para amar, era uma fria tela mal pintada, pendurada no quarto de vestir, representando um moço moreno, de grandes olhos, com luvas de camurça amarelas e um chicote na mão... De sua mãe não ficara nem um daguerreótipo, nem sequer um contorno a lápis. O avô tinha-lhe dito que era loira. Não sabia mais nada. Não os conhecera; não lhes dormira nos braços; nunca recebera o calor da sua ternura. Pai, mãe, eram para ele como símbolos de um culto convencional. O papá, a mamã, os seres amados, estavam ali todos — no avô.

Batista trouxera o chá, o charuto

do Alencar acabara; e ele continuava na *chaise-longue*, como amolecido nestas recordações, e cedendo já, num meio adormecimento, à fadiga do longo jantar... E então, pouco a pouco, diante das suas pálpebras cerradas, uma visão surgiu, tomou cor, encheu todo o aposento. Sobre o rio, a tarde morria numa paz elísia. O peristilo do Hotel Central alargava-se, claro ainda. Um preto grisalho vinha, com uma cadelinha no colo. Uma mulher passava, alta, com uma carnação ebúrnea, bela como uma deusa, num casaco de veludo branco de Génova. O Craft dizia ao seu lado: *Très chic*. E ele sorria, no encanto que lhe davam estas imagens, tomando o relevo, a linha ondeante, e a coloração de coisas vivas.

Eram três horas quando se deitou.

E apenas adormecera na escuridão dos cortinados de seda, outra vez um belo dia de inverno morria sem uma aragem, banhado de cor-de-rosa; banal peristilo do hotel alargava-se, claro ainda na tarde; o escudeiro preto voltava, com a cadelinha nos braços; uma mulher passava, com um casaco de veludo branco de Génova, mais alta que uma criatura humana, caminhando sobre nuvens, com um grande ar de Juno que remonta ao Olimpo: a ponta dos seus sapatos de verniz enterrava-se na luz do azul, por trás as saias batiam-lhe como bandeiras ao vento. E passava sempre... O Craft dizia: *Très chic*. Depois tudo se confundia, e era só o Alencar, um Alencar colossal, enchendo todo o céu, tapando o brilho das estrelas com a sua sobrecasaca

negra e mal feita, os bigodes esvoaçando ao vendaval das paixões, alçando os braços, clamando no espaço:

Abril chegou, sê minha!

7

No *Ramalhete*, depois do almoço, com as três janelas do escritório abertas bebendo a tépida luz do belo dia de março, Afonso da Maia e Craft jogavam uma partida de xadrez ao pé da chaminé já sem lume, agora cheia de plantas, fresca e festiva como um altar doméstico. Numa faixa oblíqua de sol, sobre o tapete, o «Reverendo Bonifácio», enorme e fofo, dormia de leve a sua sesta. Craft tornara-se, em poucas semanas, íntimo no *Ramalhete*, Carlos e ele, tendo muitas similitudes de gosto e de ideias, o mesmo fervor pelo bricabraque e pelo *bibelot*, o uso apaixonado da esgrima, igual diletantismo de espírito, uniram-se

imediatamente em relações de superfície, fáceis e amáveis. Afonso, por seu lado, começara logo a sentir uma estima elevada por aquele *gentleman* de boa raça inglesa, como ele os admirava, cultivado e forte, de maneiras graves, de hábitos rijos, sentindo finamente e pensando com retidão. Tinham-se encontrado ambos entusiastas de Tácito, de Macaulay, de Burke, e até dos poetas laquistas; Craft era grande no xadrez; o seu caráter ganhara nas longas e trabalhadas viagens a rica solidez de um bronze; para Afonso da Maia «aquilo era deveras um homem». Craft, madrugador, saía cedo dos Olivais a cavalo, e vinha assim às vezes almoçar de surpresa com os Maias; por vontade de Afonso jantaria lá sempre; — mas ao menos as noites

passava-as invariavelmente no *Ramalhete*, tendo enfim, como ele dizia, encontrado em Lisboa um recanto onde se podia conversar bem sentado, no meio de ideias, e com boa educação.

Carlos saía pouco de casa. Trabalhava no seu livro. Aquela revoada de clientela que lhe dera esperanças de uma carreira cheia, ativa, tinha passado miseravelmente, sem se fixar; restavam-lhe três doentes no bairro; e sentia agora que as suas carruagens, os cavalos, o *Ramalhete*, os hábitos de luxo, o condenavam irremediavelmente ao diletantismo. Já o fino Dr. Teodósio lhe dissera um dia, francamente: «Você é muito elegante para médico! As suas doentes, fatalmente, fazem-lhe olho! Quem é o burguês que lhe vai confiar a esposa

dentro de uma alcova?... Você aterra o pater-famílias!» O laboratório mesmo prejudicara-o. Os colegas diziam que o Maia, rico, inteligente, ávido de inovações, de modernismos, fazia sobre os doentes experiências fatais. Tinha-se troçado muito a sua ideia, apresentada na *Gazeta Médica*, a prevenção das epidemias pela inoculação dos vírus. Consideravam-no um fantasista. E ele, então, refugiava-se todo nesse livro sobre a medicina antiga e moderna, o seu livro, trabalhado com vagares de artista rico, tornando-se o interesse intelectual de um ou dois anos. Nessa manhã, enquanto dentro prosseguia grave e silenciosa a partida de xadrez, Carlos, no terraço, estendido numa vasta cadeira índia de bambu, à sombra do toldo, acabava o seu

charuto, lendo uma revista inglesa, banhado pela carícia tépida daquele bafo de primavera que aveludava o ar, fazia já desejar árvores e relvas...

Ao lado dele, numa outra cadeira de bambu, também de charuto na boca, o Sr. Dâmaso Salcede percorria o *Figaro*. De perna estirada, numa indolência familiar, tendo o amigo Carlos ao seu lado, vendo junto ao terraço as rosas das roseiras de Afonso, sentindo por trás, através das janelas abertas, o rico e nobre interior do *Ramalhete* — o filho do agiota saboreava ali uma dessas horas deliciosas que ultimamente encontrava na intimidade dos Maias. Logo na manhã seguinte ao jantar do Central, o Sr. Salcede fora ao *Ramalhete* deixar os seus bilhetes, objetos complicados e vistosos, tendo ao

ângulo, numa dobra simulada, o seu retratozinho em fotografia, um capacete com plumas por cima do nome — DÂMASO CÂNDIDO DE SALCEDE, por baixo as suas honras — COMENDADOR DE CRISTO, ao fundo a sua *adresse* — Rua de S. Domingos, à Lapa; mas esta indicação estava riscada, e ao lado, a tinta azul, esta outra mais aparatosa — GRAND HÔTEL, BOULEVARD DES CAPUCINES, CHAMBRE N.° 103. Em seguida procurou Carlos no consultório, confiou ao criado outro cartão. Enfim, uma tarde, no Aterro, vendo passar Carlos a pé, correu para ele, pendurou-se dele, conseguiu acompanhá-lo ao*Ramalhete*.

Aí, logo desde o pátio, rompeu em admirações extáticas, como dentro de um

museu, lançando, diante dos tapetes, das faianças e dos quadros, a sua grande frase: «Chique a valer!» Carlos levou-o para o fumoir, ele aceitou um charuto; e começou a explicar, de perna traçada, algumas das suas opiniões e alguns dos seus gostos. Considerava Lisboa chinfrim, e só estava bem em Paris — sobretudo por causa do género «fêmea» de que em Lisboa se passavam fomes: ainda que nesse ponto a Providência não o tratava mal. Gostava também do bricabraque; mas apanhava-se muita espiga, e as cadeiras antigas, por exemplo, não lhe pareciam cómodas para a gente se sentar. A leitura entretinha-o, e ninguém o pilhava sem livros à cabeceira da cama; ultimamente andava às voltas com Daudet, que lhe diziam ser muito chique, mas ele achava-o

confusote. Em rapaz perdia sempre as noites, até às quatro ou cinco da madrugada, no delírio! Agora não, estava mudado e pacato; enfim, não dizia que de vez em quando não se abandonasse a um excessozinho; mas só em dias duples... E as suas perguntas foram terríveis. O Sr. Maia achava chique ter um cab inglês? Qual era mais elegante, assim para um rapaz da sociedade que quisesse ir passar o verão lá fora, Nice ou Trouville?... Depois ao sair, muito sério, quase comovido, perguntou ao Sr. Maia (se o Sr. Maia não fazia segredo) quem era o seu alfaiate.

E desde esse dia, não o deixou mais. Se Carlos aparecia no teatro, Dâmaso imediatamente arrancava-se da sua cadeira, às vezes na solenidade de

uma bela ária, e pisando os botins dos cavalheiros, amarrotando a compostura das damas, abalava, abria de estalo a claque, vinha-se instalar na frisa, ao lado de Carlos, com a bochecha corada, camélia na casaca, exibindo os botões de punho que eram duas enormes bolas. Uma ou duas vezes que Carlos entrara casualmente no Grémio, Dâmaso abandonou logo a partida, indiferente à indignação dos parceiros, para se vir colar à ilharga do Maia, oferecer-lhe marrasquino ou charutos, segui-lo de sala em sala como um rafeiro. Numa dessas ocasiões, tendo Carlos soltado um trivial gracejo, eis o Dâmaso rompendo em risadas soluçantes, rebolando-se pelos sofás, com as mãos nas ilhargas, a gritar que rebentava! Juntaram-se sócios; ele,

sufocado, repetia a pilhéria; Carlos fugiu vexado. Chegou a odiá-lo; respondia-lhe só com monossílabos; dava voltas perigosas com o *dog-cart*, se lhe avistava de longe a bochecha, a coxa roliça. Debalde: Dâmaso Cândido de Salcede filara-o, e para sempre.

Depois, um dia, Taveira apareceu no *Ramalhete* com uma extraordinária história. Na véspera, no Grémio (tinham-lhe contado, ele não presenciara) um sujeito, um Gomes, num grupo onde se comentavam os Maias, erguera a voz, exclamara que Carlos era um asno! Dâmaso, que estava ao lado mergulhado na Ilustração, levantou-se, muito pálido, declarou que, tendo a honra de ser amigo do Sr. Carlos da Maia, quebrava a cara com a bengala ao Sr. Gomes se ele

ousasse babujar outra vez esse cavalheiro; e o Sr. Gomes tragou, com os olhos no chão, a afronta, por ser raquítico de nascença — e porque era inquilino de Dâmaso e andava muito atrasado na renda. Afonso da Maia achou este feito brilhante: e foi por desejo seu que Carlos trouxe o Sr. Salcede uma tarde a jantar ao *Ramalhete*.

Este dia pareceu belo a Dâmaso, como se fosse feito de azul e ouro. Mas melhor ainda foi a manhã em que Carlos, um pouco incomodado e ainda deitado, o recebeu no quarto, como entre rapazes... Daí datava a sua intimidade: começou a tratar Carlos por você. Depois, nessa semana, revelou aptidões úteis. Foi despachar à Alfândega (Vilaça achava-se no Alentejo) um caixote de roupa para

Carlos. Tendo aparecido num momento em que Carlos copiava um artigo para a *Gazeta Médica*, ofereceu a sua boa letra, letra prodigiosa, de uma beleza litográfica; e daí por diante passava horas à banca de Carlos, aplicado e vermelho, com a ponta da língua de fora, o olho redondo, copiando apontamentos, transcrições de revistas, materiais para o livro... Tanta dedicação merecia um tu de familiaridade. Carlos deu-lho.

Dâmaso, no entanto, imitava o Maia com uma minuciosidade inquieta, desde a barba, que começava agora a deixar crescer, até à forma dos sapatos. Lançara-se no bricabraque. Trazia sempre o*coupé* cheio de lixos arqueológicos, ferragens velhas, um bocado de tijolo, a asa rachada de um bule... E se avistava

um conhecido, fazia parar, entreabria a portinhola como um ádito de sacrário, exibia a preciosidade:

— Que te parece? Chique a valer!... Vou mostrá-la ao Maia. Olha-me isto, hem! Pura Meia Idade, do reinado de Luís XIV. O Carlos vai-se roer de inveja!

Nesta intimidade de rosas havia todavia para Dâmaso horas pesadas. Não era divertido assistir em silêncio, do fundo de uma poltrona, às infindáveis discussões de Carlos e de Craft sobre arte e sobre ciência. E, como ele confessou depois, chegara a encavacar um pouco quando o levaram ao laboratório para fazer no seu corpo experiências de eletricidade... «Pareciam dois demónios engalfinhados em mim», disse ele à senhora condessa de Gouvarinho; «e eu

então que embirro com o espiritismo!...» Mas tudo isto ficava regiamente compensado, quando à noite, num sofá do Grémio, ou ao chá numa casa amiga, ele podia dizer, correndo a mão pelo cabelo:

— Passei hoje um dia divino com o Maia. Fizemos armas, bricabraque, discutimos... Um dia chique! Amanhã tenho uma manhã de trabalho com o Maia... Vamos às colchas.

Nesse domingo, justamente, deviam ir às colchas, ao Lumiar. Carlos concebera um *boudoir*, todo revestido de colchas antigas de cetim, bordadas a dois tons especiais, pérola e botão-de-ouro. O tio Abraão esquadrinhava-as por toda a Lisboa e pelos subúrbios; e nessa manhã viera anunciar a Carlos a existência de duas preciosidades, so beautiful! oh! so

lovely! em casa de umas senhoras Medeiros que esperavam o Sr. Maia às duas horas...

Já três vezes Dâmaso tossira, olhara o relógio — mas, vendo Carlos confortavelmente mergulhado na Revista, recaía também na sua indolência de homem chique, investigando o *Figaro*. Enfim, dentro, o relógio Luís XV cantou argentinamente as duas...

— Esta é boa! — exclamou Dâmaso ao mesmo tempo com uma palmada na coxa. Olha quem aqui me aparece! A Susana! A minha Susana!

Carlos não despegara os olhos da página.

— Ó Carlos — acrescentou ele — fazes favor? Ouve. Ouve esta que é boa. Esta Susana é uma pequena que eu tive em

Paris... Um romance! Apaixonou-se por mim, quis-se envenenar, o diabo!... Pois diz aqui o *Figaro* que debutou nas *Folies-Bergères*. Fala nela... É boa, hem? E era rapariguita chique... E o *Figaro* diz que ela teve aventuras, naturalmente sabia o que se passou comigo... Todo o mundo sabia em Paris. Ora a Susana! Tinha bonitas pernas. E custou-me a ver livre dela!

— Mulheres! — murmurou Carlos, refugiando-se mais no fundo da Revista.

Dâmaso era interminável, torrencial, inundante a falar das «suas conquistas», naquela sólida satisfação em que vivia de que todas as mulheres, desgraçadas delas, sofriam a fascinação da sua pessoa e da sua *toilette*. E em

Lisboa, realmente, era exato. Rico, estimado na sociedade, com *coupé* e parelha, todas as meninas tinham para ele um olhar doce. E no demi-monde, como ele dizia, «tinha prestígio a valer». Desde moço fora célebre, na capital, por pôr casas a espanholas; a uma mesmo dera carruagem ao mês; e este fausto excecional tornara-o bem depressa o D. João V dos prostíbulos. Conhecia-se também a sua ligação com a viscondessa da Gafanha, uma carcaça esgalgada, caiada, rebocada, gasta por todos os homens válidos do país: ia nos cinquenta anos, quando chegou a vez do Dâmaso — e não era decerto uma delícia ter nos braços aquele esqueleto rangente e lúbrico; mas dizia-se que em nova dormira num leito real, e que augustos

bigodes a tinham lambuzado; tanta honra fascinou Dâmaso, e colou-se-lhe às saias com uma fidelidade tão sabuja, que a decrépita criatura, farta, enojada já, teve de o enxotar à força e com desfeitas. Depois gozou uma tragédia: uma atriz do Príncipe Real, uma montanha de carne, apaixonada por ele, numa noite de ciúme e de genebra, engoliu uma caixa de fósforos; naturalmente daí a horas estava boa, tendo vomitado abominavelmente sobre o colete do Dâmaso, que chorava ao lado — mas desde então este homem de amor julgou-se fatal! Como ele dizia a Carlos, depois de tanto drama na sua vida, quase tremia, tremia verdadeiramente de fitar uma mulher...

— Passaram-se cenas com esta Susana! — murmurou ele, depois de um

silêncio em que estivera catando películas nos beiços. E, com um suspiro, retomou o *Figaro*. Houve outra vez um silêncio no terraço. Dentro, a partida continuava. Para lá da sombra do toldo, agora, o Sol ia aquecendo, batendo a pedra, os vasos de louça branca, numa refração de ouro-claro em que palpitavam as asas das primeiras borboletas voando em redor dos craveiros em flor: em baixo, o jardim verde-java, imóvel na luz, sem um bulir de ramo, refrescado pelo cantar do repuxo, pelo brilho líquido da água do tanque, avivado, aqui e além, pelo vermelho ou o amarelo das rosas, pela carnação das últimas camélias... O bocado de rio que se avistava entre os prédios era azul-ferrete como o céu: e entre rio e céu, o monte punha uma grossa barra verde-escura,

quase negra no resplendor do dia, com os dois moinhos parados no alto, as duas casinhas alvejando em baixo, tão luminosas e cantantes que pareciam viver. Um repouso dormente de domingo envolvia o bairro: e, muito alto, no ar, passava o claro repique de um sino.

— O duque de Norfolk chegou a Paris — disse Dâmaso num tom entendido e traçando a perna. — O duque de Norfolk é chique, não é verdade, ó Carlos?

Carlos, sem erguer os olhos, lançou para os céus um gesto, como exprimindo o infinito do chique!

Dâmaso largara o *Figaro* para meter um charuto na boquilha; depois desapertou os últimos botões do colete, deu um puxão à camisa para mostrar

melhor a marca que era um S enorme sob uma coroa de conde, e de pálpebra cerrada, com o beiço trombudo, ficou mamando gravemente a boquilha...

— Tu estás hoje em beleza, Dâmaso — disse-lhe Carlos, que deixara também a Revista e o contemplava com melancolia.

Salcede corou de gozo. Escorregou um olhar ao verniz dos sapatos, à meia cor de carne, e revirando para Carlos o bugalho azulado da órbita:

— Eu agora ando bem... Mas, muito blasé.

E foi realmente com um ar blasé que se ergueu a ir buscar a uma mesa de jardim, ao lado, onde estavam jornais e charutos, a *Gazeta Ilustrada*, «para ver o que ia pela pátria». Apenas lhe deitou os

olhos soltou uma exclamação.

— Outro debute? — perguntou Carlos.

— Não, é a besta do Castro Gomes!

A *Gazeta Ilustrada* anunciava que «o Sr. Castro Gomes, o cavalheiro brasileiro que no Porto fora vítima da sua dedicação por ocasião da desgraça ocorrida na Praça Nova, e de que o nosso correspondente J. T. nos deu uma descrição tão opulenta de colorido realista, acha-se restabelecido e é hoje esperado no Hotel Central. Os nossos parabéns ao arrojado *gentleman*».

— Ora está Sua Excelência restabelecida! — exclamou Dâmaso, atirando para o lado o jornal. — Pois deixa estar que, agora, é a ocasião de lhe

dizer na cara o que penso... Aquele pulha!

— Tu exageras — murmurou Carlos, que se apoderara vivamente do jornal, e relia a notícia.

— Ora essa! — exclamou Dâmaso, erguendo-se. — Ora essa! Queria ver, se fosse contigo... É uma besta! É um selvagem! E repetiu mais uma vez a Carlos essa história que o magoava. Desde a sua chegada de Bordéus, logo que o Castro Gomes se instalara no Hotel Central, ele fora deixar-lhe bilhetes duas vezes — a última na manhã seguinte ao jantar do Ega. Pois bem, Sua Excelência não se dignara agradecer a visita! Depois eles tinham partido para o Porto; fora aí que, passeando só na Praça Nova, vendo a parelha de uma caleche desbocada, duas senhoras em gritos, Castro Gomes se

lançara ao freio dos cavalos — e, cuspido contra as grades, tinha deslocado um braço. Teve de ficar no Porto, no hotel, cinco semanas. E ele imediatamente (sempre com o olho na mulher) mandara-lhe dois telegramas: um de sentimento, lamentando; outro de interesse, pedindo notícias. Nem a um, nem a outro, o animal respondeu!

— Não, isso — exclamava Salcede, passeando pelo terraço, e recordando estas injúrias — hei-de-lhe fazer uma desfeita!... Não pensei ainda o quê, mas há de amargar-lhe... Lá isso, desconsiderações não admito a ninguém! A ninguém!

Arredondava o olho, ameaçador. Desde o seu feito no Grémio, quando o raquítico apavorado emudecera diante

dele, Dâmaso ia-se tornando feroz. Pela menor coisa falava em «quebrar caras».

— A ninguém! — repetia ele, com puxões ao colete. — Desconsiderações, a ninguém!

Nesse momento ouviu-se dentro, no escritório, a voz rápida do Ega — e quase imediatamente ele apareceu, com um ar de pressa, e atarantado.

— Olá, Damasozinho!... Carlos, dás-me aqui em baixo uma palavra?

Desceram do terraço, penetraram no jardim, até junto de duas olaias em flor.

— Tu tens dinheiro? — foi aí logo a exclamação ansiosa do Ega. E contou a sua terrível atrapalhação. Tinha uma letra de noventa libras que se vencia no dia seguinte. Além disso, vinte e cinco libras

que devia ao Eusebiozinho, e que ele lhe reclamara numa carta indecente: e era isto que desesperava o Ega...

— Quero pagar a esse canalha, e quando o vir colar-lhe a carta à cara com um escarro. Além disso, a letra! E tenho para tudo isto quinze tostões...

— O Eusebiozinho é homem de ordem... Enfim, queres cento e quinze libras disse Carlos.

Ega hesitou, com uma cor no rosto. Já devia dinheiro a Carlos. Estava-se sempre dirigindo àquela amizade, como a um cofre inesgotável...

— Não, bastam-me oitenta. Ponho o relógio no prego, e a peliça, que já não faz frio...

Carlos sorriu, subiu logo ao quarto a escrever um cheque — enquanto Ega

procurava cuidadosamente um bonito botão de rosa para florir a sobrecasaca. Carlos não tardou, trazendo na mão o cheque, que alargara até cento e vinte libras, para o Ega ficar armado...

— Seja pelo amor de Deus, menino! — disse o outro, embolsando o papel, com um belo suspiro de alívio.

Imediatamente trovejou contra o Eusebiozinho, esse vilão! Mas tinha já uma vingança. Ia remeter-lhe a soma toda em cobre, num saco de carvão, com um rato morto dentro, e um bilhete, começando assim: Ascorosa lombriga e imunda osga, aí te atiro ao focinho, etc.

— Como tu podes consentir aqui, usando as tuas cadeiras respirando o teu ar, aquele ser repulsivo!...

Mas era até sujo mencionar o

Eusebiozinho!... Quis saber dos trabalhos de Carlos, do grande livro. Falou também do seu Átomo — e, por fim, numa voz diferente, aplicando o monóculo a Carlos:

— Diz-me outra coisa. Porque não tens tu voltado aos Gouvarinhos?

Carlos tinha só esta razão: não se divertia lá.

Ega encolheu os ombros. Parecia-lhe aquilo uma puerilidade...

— Tu não percebeste nada — exclamou ele. — Aquela mulher tem uma paixão por ti... Basta que se pronuncie o teu nome, sobe-lhe todo o sangue à cara.

E como Carlos ria, incrédulo, Ega, muito grave, deu a sua palavra de honra. Ainda na véspera, estava-se falando de Carlos, e ele espreitara-a. Sem ser um Balzac, nem uma broca de observação,

tinha a visão correta; pois bem, lá lhe vira na face, nos olhos, toda a expressão de um sentimento sincero...

— Não estou a fazer romance, menino... Gosta de ti, palavra! Tem-la quando quiseres.

Carlos achava deliciosa aquela naturalidade mefistofélica com que o Ega o induzia a quebrar uma infinidade de leis religiosas, morais, sociais, domésticas...

— Ah! bem exclamou Ega — se tu me vens com essa *blague* da cartilha e do código, então não falemos mais nisso! Se apanhaste a sarna da virtude, com comichões por qualquer coisa, então era uma vez um homem, vai para a Trapa comentar o Ecclesiastes...

— Não — disse Carlos, sentando-se num banco sob as árvores, ainda com

uns restos da preguiça do terraço — o meu motivo não é tão nobre. Não vou lá, porque acho o Gouvarinho um maçador. Ega teve um sorriso mudo.

— Se a gente fosse a fugir das mulheres que têm maridos maçadores...

Sentou-se ao lado de Carlos, começou a riscar em silêncio o chão areado; e sem erguer os olhos, deixando cair as palavras, uma a uma, com melancolia:

— Anteontem, toda a noite, a pé firme, das dez à uma, estive a ouvir a história da demanda do Banco Nacional!

Era quase uma confidência, e como o desabafo dos tédios secretos em que se debatia, naquele mundo dos Cohens, o seu temperamento de artista. Carlos enterneceu-se.

— Meu pobre Ega, então toda a demanda?

— Toda! E a leitura do relatório da Assembleia geral! E interessei-me! E tive opiniões!... A vida é um inferno.

Subiram ao terraço. Dâmaso reocupara a sua cadeira de vime, e, com um canivetezinho de madrepérola, estava tratando das unhas.

— Então decidiu-se? — perguntou ele logo ao Ega.

— Decidiu-se ontem! Não há cotillon.

Tratava-se de uma grande *soirée* mascarada que iam dar os Cohens, no dia dos anos de Raquel. A ideia desta festa sugerira-a o Ega, ao princípio com grandes proporções de gala artística, a ressurreição histórica de um

sarau no tempo de D. Manuel. Depois viu-se que uma tal festa era irrealizável em Lisboa — e desceu-se a um plano mais sóbrio, um simples baile costumé a capricho...

— Tu, Carlos, já decidiste como vais?

— De dominó, um severo dominó preto, como convém a um homem de ciência...

— Então — exclamou Ega — se se trata de ciência, vai de rabona e chinelas de ourelo!... A ciência faz-se em casa e de chinelas... Nunca ninguém descobriu uma lei do Universo metido dentro de um dominó... Que sensaboria, um dominó!...

Justamente a Sr. a D. Raquel desejava evitar, no seu baile, essa

monotonia dos dominós. E em Carlos não havia desculpa. Não o prendiam vinte ou trinta libras; e, com aquele esplêndido físico de cavaleiro da Renascença, devia ornar a sala pelo menos com um soberbo Francisco I.

— É nisto — ajuntava ele com fogo — que está a beleza de uma *soirée* de máscaras! Não lhe parece, a você, Dâmaso? Cada um deve aproveitar a sua figura... Por exemplo, a Gouvarinho vai muito bem. Teve uma inspiração: com aquele cabelo ruivo, o nariz curto, as maçãs do rosto salientes, é Margarida de Navarra...

— Quem é Margarida de Navarra? — perguntou Afonso da Maia, aparecendo no terraço com Craft.

— Margarida, a duquesa de

Angoulême, a irmã de Francisco I, a Margarida das Margaridas, a pérola dos Valois, a padroeira da Renascença, a senhora condessa de Gouvarinho!...

Riu muito, foi abraçar Afonso, explicou-lhe que se discutia o baile dos Cohens. E apelou logo para ele, para o Craft, acerca do nefando dominó de Carlos. Não estava aquele mocetão, com os seus ares de homem de armas, talhado para um soberbo Francisco I, em toda a glória de Marignam?

O velho deu um olhar enternecido à beleza do neto.

— Eu te digo, John, talvez tenhas razão; mas Francisco I, rei de França, não se pode apear de uma tipoia e entrar numa sala, só. Precisa de corte, arautos, cavaleiros, damas, bobos, poetas... Tudo

isso é difícil.

Ega curvou-se. Sim senhor, de acordo! Ali estava uma maneira inteligente de compreender o baile dos Cohens!

— E tu, de que vais? — perguntou Afonso.

Era um segredo. Tinha a teoria de que, naquelas festas, um dos encantos consistia na surpresa: dois sujeitos por exemplo que tendo jantado juntos, de jaquetão, no Bragança, se encontram à noite, um na púrpura imperial de Carlos V, outro com a escopeta de bandido da Calábria...

— Eu cá não faço segredo — disse ruidosamente Dâmaso. — Eu cá vou de selvagem.

— Nu?

— Não. De Nelusko na Africana. Ó Sr. Afonso da Maia, que lhe parece? Acha chique?

— Chique não exprime bem — disse Afonso sorrindo. — Mas grandioso, é, decerto.

Quiseram então saber como ia Craft. Craft não ia de coisa nenhuma; Craft ficava nos Olivais, de *robe-de-chambre*.

Ega encolheu os ombros com tédio, quase com cólera. Aquelas indiferenças pelo baile dos Cohens feriam-no como injúrias pessoais. Ele estava dando a essa festa o seu tempo, estudos na biblioteca, um trabalho fumegante de imaginação; e pouco a pouco ela tomava aos seus olhos a importância de uma celebração de arte,

provando o génio de uma cidade. Os dominós, as abstenções, pareciam-lhe evidências de inferioridade de espírito. Citou então o exemplo do Gouvarinho: ali estava um homem de ocupações, de posição política, nas vésperas de ser ministro, que não só ia ao baile, mas estudara o seu costume: estudara, e ia muito bem, ia de Marquês de Pombal!

— Reclamo para ser ministro — disse Carlos.

— Não o precisa — exclamou Ega. — Tem todas as condições para ser ministro: tem voz sonora, leu Maurício Block, está encalacrado, e é um asno!...

E no meio das risadas dos outros, ele, arrependido de demolir assim um cavalheiro que se interessava pelo baile dos Cohens, acudiu logo:

— Mas é muito bom rapaz, e não se dá ares nenhuns! É um anjo!

Afonso repreendia-o, risonho e paternal:

— Ora tu, John, que não respeitas nada...

— O desacato é a condição do progresso, Sr. Afonso da Maia. Quem respeita decai. Começa-se por admirar o Gouvarinho, vai-se a gente esquecendo, chega a reverenciar o monarca, e quando mal se precata tem descido a venerar o Todo-Poderoso!... É necessário cautela!

— Vai-te embora, John, vai-te embora! Tu és o próprio Anticristo...

Ega ia responder, exuberante e em veia — mas dentro o tinir argentino do relógio Luís XV, com o seu gentil minuete, emudeceu-o.

— O quê? Quatro horas!

Ficou aterrado, verificou no seu próprio relógio, deu em redor rápidos, silenciosos apertos de mão, desapareceu como um sopro. Todos de resto estavam pasmados de ser tão tarde! E assim passara a hora de ir ao Lumiar ver as colchas antigas das senhoras Medeiros...

— Quer você então meia hora de florete, Craft? — perguntou Carlos.

— Seja: e é necessário dar a lição ao Dâmaso...

— É verdade, a lição... — murmurou Dâmaso, sem entusiasmo, com um sorriso murcho.

A sala de esgrima era uma casa térrea, debaixo dos quartos de Carlos, com janelas gradeadas para o jardim, por onde resvalava, através das árvores, uma

luz esverdinhada. Em dias enevoados era necessário acender os quatro bicos de gás. Dâmaso seguiu, atrás dos dois, com uma lentidão de rês desconfiada.

Aquelas lições, que ele solicitara por amor do chique, iam-se-lhe tornando odiosas. E nessa tarde, como sempre, apenas se enchumaçou com o plastrão de anta, se cobriu com a caraça de arame, começou a transpirar, a fazer-se branco. Diante dele Craft, de florete na mão, parecia-lhe cruel e bestial, com aqueles seus ombros de hércules sereno, o olhar claro e frio. Os dois ferros rasparam. Dâmaso estremeceu todo.

— Firme! — gritou-lhe Carlos.

O desgraçado equilibrava-se sobre a perna roliça; o florete de Craft vibrou, rebrilhou, voou sobre ele; Dâmaso

recuou, sufocado, cambaleando e com o braço frouxo...

— Firme! — berrava-lhe Carlos.

Dâmaso, exausto, abaixou a arma.

— Então que querem vocês, é nervos! É por ser a brincar... Se fosse a valer, vocês veriam.

Assim acabava sempre a lição; e ficava depois abatido sobre uma banqueta de marroquim, arejando-se com o lenço, pálido como a cal dos muros.

— Vou-me até casa — disse ele daí a pouco, fatigado de tanto cruzar o ferro. Queres alguma coisa, Carlinhos?

— Quero que venhas cá jantar amanhã... Tens o marquês.

— Chique a valer... Não faltarei.

Mas faltou. E, como toda essa semana aquele moço pontual não apareceu

no *Ramalhete*, Carlos, sinceramente inquieto, julgando-o moribundo, foi uma manhã a casa dele, à Lapa. Mas aí, o criado (um galego achavascado e triste, que, desde as suas relações com os Maias, Dâmaso trazia entalado numa casaca e mortalmente aperreado em sapatos de verniz) afirmou-lhe que o Sr. Damasozinho estava de boa saúde, e até saíra a cavalo. Carlos veio então ao tio Abraão; o tio Abraão também não avistara, havia dias, aquele bom Sr. Salcede, *that beautiful gentleman*! A curiosidade de Carlos levou-o ao Grémio: no Grémio nenhum criado vira ultimamente o Sr. Salcede. «Está por aí de lua de mel com alguma bela andaluza», pensou Carlos.

Chegara ao fim da Rua do Alecrim

quando viu o conde de Steinbroken, que se dirigia ao Aterro, a pé, seguido da sua vitória a passo. Era a segunda vez que o diplomata fazia exercício depois do seu desgraçado ataque de entranhas. Mas não tinha já vestígios da doença: vinha todo rosado e louro, muito sólido na sua sobrecasaca, e com uma bela rosa de chá na botoeira. Declarou mesmo a Carlos que estava «más forrte». E não lamentava os sofrimentos, porque eles lhe tinham dado o meio de apreciar as simpatias que gozava em Lisboa. Estava enternecido. Sobretudo o cuidado de S. M. — o augusto cuidado de S. M. — fizera-lhe melhor que «todos os drogues de botique»! Realmente nunca as relações entre esses dois países, tão estreitamente aliados, Portugal e a Finlândia, tinham

sido «más firmes, pur assi dizerre, más intimes, que durrante seu ataque de intestinais»!

Depois, travando do braço de Carlos, aludiu comovido ao oferecimento de Afonso da Maia, que pusera à sua disposição Santa Olávia, para ele se restabelecer nesses ares fortes e limpos do Douro. Oh! esse convite tocara-o au plus profond de son coeur. Mas, infelizmente, Santa Olávia era longe, tão longe!... Tinha de se contentar com Sintra, donde podia vir todas as semanas, uma, duas vezes, vigiar a Legação. C'était ennuyeux, mais... A Europa estava num desses momentos de crise, em que homens de Estado, diplomatas, não podiam afastar-se, gozar as menores férias. Precisavam estar ali, na brecha,

observando, informando...

— C'est très grave — murmurou ele, parando, com um pavor vago no olhar azulado. — C'est excessivement grave!

Pediu a Carlos que olhasse em torno de si para a Europa. Por toda a parte uma confusão, um gâchis. Aqui a questão do Oriente... além o socialismo; por cima o Papa, a complicar tudo... Oh!, très grave! très grave!...

— Tenez, la France, par exemple... D'abord Gambetta. Oh! je ne dis pas non, il est très fort, il est excessivement fort... Mais... Voilà! C'est très grave...

Por outro lado os radicais, les nouvelles couches... Era excessivamente grave...

— Tenez, je vais vous dire une

chose, entre nous!

Mas Carlos não escutava, nem sorria já. Do fim do Aterro aproximava-se, caminhando depressa, uma senhora — que ele reconheceu logo, por esse andar que lhe parecia de uma deusa pisando a Terra, pela cadelinha cor de prata que lhe trotava junto às saias, e por aquele corpo maravilhoso onde vibrava, sob linhas ricas de mármore antigo, uma graça quente, ondeante e nervosa. Vinha toda vestida de escuro, numa *toilette* de serge muito simples que era como o complemento natural da sua pessoa, colando-se bem sobre ela, dando-lhe, na sua correção, um ar casto e forte; trazia na mão um guarda-sol inglês, apertado e fino como uma cana; e toda ela, adiantando-se assim no luminoso da tarde, tinha, naquele

cais triste de cidade antiquada, um destaque estrangeiro, como o requinte claro de civilizações superiores. Nenhum véu, nessa tarde, lhe assombreava o rosto. Mas Carlos não pôde detalhar-lhe as feições; apenas de entre o esplendor ebúrneo da carnação, sentiu o negro profundo de dois olhos que se fixaram nos seus. Insensivelmente deu um passo para a seguir. Ao seu lado Steinbroken, sem ver nada, estava achando Bismarck assustador. À maneira que ela se afastava, parecia-lhe maior, mais bela: e aquela imagem falsa e literária de uma deusa marchando pela Terra prendia-se-lhe à imaginação. Steinbroken ficara aterrado com o discurso do chanceler no Reichstag... Sim, era bem uma deusa. Sob o chapéu, numa forma de trança enrolada,

aparecia o tom do seu cabelo castanho, quase loiro à luz; a cadelinha trotava ao lado, com as orelhas direitas.

— Evidentemente — disse Carlos — Bismarck é inquietador... Steinbroken, porém, já deixara Bismarck. Steinbroken agora atacava Lord Beaconsfield.

— Il est très fort... Oui, je vous l'accorde, il est excessivement fort... Mais voilà... Où va-t-il?

Carlos olhava para o Cais do Sodré. Mas tudo lhe parecia deserto. Steinbroken, antes de adoecer, justamente, tinha dito ao ministro dos Negócios Estrangeiros aquilo mesmo: Lord Beaconsfield era muito forte, mas para onde ia ele? O que queria ele?... E Sua Excelência tinha encolhido os ombros... Sua Excelência não sabia...

— Eh, oui! Beaconsfield est très fort... Vous avez lu son speech chez le Lord-Maire? Épatant, mon cher, épatant!... Mais voilà... Où va-t-il?

— Steinbroken, não me parece que seja prudente deixar-se aqui estar a arrefecer no Aterro...

— Deverras? — exclamou o diplomata, passando logo a mão rapidamente pelo estômago e pelo ventre.

E não se quis demorar um instante mais. Como Carlos ia recolher também, ofereceu-lhe um lugar na vitória até ao *Ramalhete*.

— Venha então jantar connosco, Steinbroken.

— Charmé, mon cher, charmé...

A vitória partiu. E o diplomata, agasalhando as pernas e o estômago num

grande *plaid* escocês:

— Pôs, Maia, fezemos um belo passêo... Mas este Aterro no é deverrtido.

Não era divertido o Aterro!... Carlos achara-o nessa tarde o mais delicioso lugar da Terra!

Ao outro dia, voltou mais cedo; e, apenas dera alguns passos entre as árvores, viu-a logo. Mas não vinha só; ao seu lado o marido, esticado, apurado numa jaqueta de casimira quase branca, com uma ferradura de diamantes no cetim negro da gravata, fumava, indolente e lânguido, e trazia a cadelinha debaixo do braço. Ao passar, deu um olhar surpreendido a Carlos — como descobrindo enfim entre os bárbaros um ser de linha civilizada, e disse-lhe algumas palavras baixo, a ela. Carlos

encontrara outra vez os seus olhos, profundos e sérios: mas não lhe parecera tão bela; trazia uma outra*toilette* menos simples, de dois tons, cor de chumbo e cor de creme, e no chapéu, de abas grandes à inglesa, vermelhava alguma coisa, flor ou pena. Nessa tarde não era a deusa descendo das nuvens de oiro que se enrolavam além sobre o mar; era uma bonita senhora estrangeira que recolhia ao seu hotel. Voltou ainda três vezes ao Aterro, não a tornou a ver; e então envergonhou-se, sentiu-se humilhado com este interesse romanesco que o trazia assim, numa inquietação de rafeiro perdido, farejando o Aterro, da Rampa de Santos ao Cais do Sodré, à espera de uns olhos negros e de uns cabelos loiros de passagem em Lisboa, e que um paquete da

Royal Mail levaria uma dessas manhãs...

E pensar que toda essa semana deixara o seu trabalho abandonado sobre a mesa! E que todas as tardes, antes de sair, se demorava ao espelho, estudando a gravata! Ah!, miserável, miserável natureza... Ao fim dessa semana, Carlos estava no consultório, já para sair, calçando as luvas, quando o criado entreabriu o reposteiro, e murmurou com alvoroço:

— Uma senhora!

Apareceu um menino muito pálido, de caracóis loiros, vestido de veludo preto — e atrás uma mulher, toda de negro, com um véu justo e espesso como uma máscara.

— Creio que vim tarde — disse ela, hesitando, junto da porta.

— O Sr. Carlos da Maia ia sair...

Carlos reconheceu a Gouvarinho.

— Oh! senhora condessa!

Desembaraçou logo o divã dos jornais e das brochuras; ela olhou um momento, como indecisa, aquele amplo e mole assento de serralho; depois sentou-se à borda e de leve, com o pequeno junto de si.

— Venho trazer-lhe um doente — disse ela sem erguer o véu, como falando do fundo daquela *toilette* negra que a dissimulava. — Não o mandei chamar, porque realmente pouco é, e tinha hoje de passar por aqui... Além disso, o meu pequeno é muito nervoso; se vê entrar o médico, parece-lhe que vai morrer. Assim é como uma visita que se faz... E não tens medo, não é verdade, Charlie? O pequeno

não respondeu; de pé, quedo ao lado da mamã, mimoso e débil sob os caracóis de anjo que lhe caíam até aos ombros, devorava Carlos com uns grandes olhos tristes.

Carlos pôs um interesse quase terno na sua pergunta:

— Que tem ele?

Havia dias, aparecera-lhe uma impigem no pescoço. Além disso, por trás da orelha, tinha como uma dureza de caroço. Aquilo inquietava-a. Ela era forte, de uma boa raça, que dera atletas e velhos de grande idade. Mas na família do marido, em todos os Gouvarinhos, havia uma anemia hereditária. O conde mesmo, com aquela sólida aparência, era um achacado. E ela, receando que a influência debilitante de Lisboa não

conviesse a Charlie, estava com o vago projeto de lhe fazer ir passar algum tempo ao campo, em Formoselha, a casa da avó.

Carlos, aproximando ligeiramente a cadeira, estendeu os braços a Charlie:

— Ora venha cá o meu lindo amigo, para vermos isso. Que magnífico cabelo ele tem, senhora condessa!...

Ela sorriu. E Charlie, seriozinho, bem ensinado, sem aquele terror do médico de que falara a mamã, veio logo, desapertou delicadamente o seu grande colarinho, e, quase entre os joelhos de Carlos, dobrou o pescoço macio e alvo como um lírio.

Carlos viu apenas uma pequena mancha cor-de-rosa desvanecendo-se; do caroço não havia vestígio; e então uma ligeira vermelhidão subiu-lhe ao rosto,

procurou vivamente os olhos da condessa, como compreendendo tudo, querendo ver neles a confissão do sentimento que a trouxera ali com um pretexto pueril, sob aquela *toilette* negra, aqueles véus que a mascaravam...

Mas ela permaneceu impenetrável, sentada à borda do divã, com as mãos cruzadas, atenta, como esperando as suas palavras, num vago susto de mãe.

Carlos abotoou o colarinho do pequeno, e disse:

— Não é absolutamente nada, minha senhora.

No entanto, fez perguntas de médico sobre o regime e a natureza de Charlie. A condessa, num tom pesaroso, queixou-se de que a educação da criança não fosse, como ela desejava, mais forte e

mais viril; mas o pai opunha-se ao que ele chamava «a aberração inglesa», a água fria, os exercícios a todo o ar, a ginástica...

— A água fria e a ginástica — disse Carlos sorrindo — têm melhor reputação do que merecem... É o seu único filho, senhora condessa?

— É, tem os mimos de morgado — disse ela, passando a mão pelos cabelos loiros do pequeno.

Carlos assegurou-lhe que, apesar do seu aspeto nervoso e delicado, Charlie não devia dar-lhe cuidado; nem havia necessidade de o exilar para os ares de Formoselha... Depois ficaram um momento calados.

— Não imagina como me tranquilizou — disse ela, erguendo-se,

dando um jeito ao véu. — Demais a mais é um gosto vir consultá-lo... Não há aqui o menor ar de doença, nem de remédios... E realmente tem isto muito bonito... acrescentou, dando um olhar lento em redor aos veludos do gabinete.

— Tem justamente esse defeito — exclamou Carlos rindo. — Não inspira nenhum respeito pela minha ciência... Eu estou com ideias de alterar tudo, pôr aqui um crocodilo empalhado, corujas, retortas, um esqueleto, pilhas de *in-fólios*...

— A cela de Fausto.

— Justamente, a cela de Fausto.

— Falta-lhe Mefistófeles — disse ela alegremente, com um olhar que brilhou sob o véu.

— O que me falta é Margarida!

A senhora condessa, com um lindo movimento, encolheu os ombros, como duvidando discretamente; depois tomou a mão de Charlie, e deu um passo lento para a porta, puxando outra vez o véu.

— Como Vossa Excelência se interessa pela minha instalação — acudiu Carlos querendo retê-la — deixe-me mostrar-lhe a outra sala. Correu o reposteiro. Ela aproximou-se, murmurou algumas palavras, aprovando a frescura dos cretones, a harmonia dos tons claros; depois o piano fê-la sorrir.

— Os seus doentes dançam quadrilhas?

— Os meus doentes, senhora condessa — respondeu lentamente Carlos — não são bastante numerosos para formar uma quadrilha. Raras vezes mesmo

tenho dois para uma valsa... O piano está simplesmente ali para dar ideias alegres; é como uma promessa tácita de saúde, de futuras *soirées*, de bonitas árias do Trovador, em família...

— É engenhoso — disse ela dando familiarmente alguns passos na sala, com Charlie colado aos vestidos.

E Carlos, caminhando ao lado dela:

— Vossa Excelência não imagina como eu sou engenhoso!

— Já noutro dia me disse... Como foi que disse? Ah! que era muito inventivo quando odiava.

— Muito mais quando amo — disse ele rindo.

Mas ela não respondeu: parara junto ao piano, remexeu um momento as

músicas espalhadas, feriu duas notas no teclado.

— É um chocalho.

— Oh!, senhora condessa!

Ela seguiu, foi examinar um quadro a óleo, copiado de Landseer — um focinho de cão são-bernardo, maciço e bonacheirão, adormecido sobre as patas. Quase roçando-lhe o vestido, Carlos sentia o fino perfume de verbena que ela usava sempre exageradamente; e, entre aqueles tons negros que a cobriam, a sua pele parecia mais clara, mais doce à vista, e atraindo como um cetim.

— Este é um horror — murmurou ela, voltando-se. — Mas disse-me o Ega que há quadros lindos no *Ramalhete*... Falou-me sobretudo de um Greuze e de um Rubens... É pena que se não possam

ver essas maravilhas.

Carlos lamentava também que uma existência de solteirões lhes impedisse, a ele e ao avô, de receberem senhoras. O *Ramalhete* estava tomando uma melancolia de mosteiro. Se assim continuassem mais alguns meses, sem que se sentisse ali um calor de vestido, um aroma de mulher, vinha a nascer a erva pelos tapetes.

— É por isso — acrescentou ele muito sério — que eu vou obrigar o avô a casar-se.

A condessa riu, os seus lindos dentes miudinhos alvejaram na sombra do véu.

— Gosto da sua alegria — disse ela.

— É uma questão de regime.

Vossa Excelência não é alegre? Ela encolheu os ombros, sem saber... Depois, batendo com a ponta do guarda-sol na sua botina de verniz, que brilhava sobre o tapete claro, murmurou com os olhos baixos, deixando ir as palavras, num tom de intimidade e de confidência:

— Dizem que não, que sou triste, que tenho *spleen*... O olhar de Carlos seguira o dela, pousara-se na botina de verniz que calçava delicadamente um pé fino e comprido: Charlie, entretido, mexia nas teclas do piano — e ele baixou a voz para lhe dizer:

— É que a senhora condessa tem um mau regime. É necessário tratar-se, voltar aqui, consultar-me... Tenho talvez muito que lhe dizer!

Ela interrompeu-o vivamente,

erguendo para ele os olhos, donde se escapou um clarão de ternura e de triunfo:

— Venha-mo antes dizer um destes dias, tomar chá comigo, às cinco horas... Charlie!

O pequeno veio logo dependurar-se-lhe do braço.

Carlos, acompanhando-a abaixo à rua, lamentava a fealdade da sua escada de pedra:

— Mas vou mandar tapetar tudo para quando a senhora condessa volte a dar-me a honra de me vir consultar...

Ela gracejou, toda risonha:

— Ah! não! O Sr. Carlos da Maia prometeu-nos a todos a saúde... E naturalmente não espera que seja eu que venha cá tomar chá consigo...

— Oh!, minha senhora, eu quando

começo a esperar, não ponho limites nenhuns às minhas esperanças...

Ela parou, com o pequeno pela mão, olhou para ele, como pasmada, encantada com aquela grandiosa certeza de si mesmo.

— Então vai por aí além, por aí além...?

— Vou por aí além, por aí além, minha senhora!

Estavam no último degrau, diante da claridade e do rumor da rua.

— Mande-me chegar um *coupé*.

Um cocheiro, ao aceno de Carlos, lançou logo a tipoia.

— E agora disse ela sorrindo — mande-o ir à Igreja da Graça.

— A senhora condessa vai beijar o pé do Senhor dos Passos? Ela corou de

leve, murmurou:

— Ando fazendo as minhas devoções...

Depois saltou ligeiramente para o *coupé* — deixando Charlie, que Carlos ergueu nos braços e lhe colocou ao lado, paternalmente.

— Que Deus a leve em Sua santa guarda, senhora condessa! Ela agradeceu com um olhar, um movimento de cabeça — ambos tão doces como carícias.

Carlos subiu: e, sem tirar o chapéu, ficou ainda enrolando uma *cigarette*, passeando naquela sala sempre deserta, sempre fria, onde ela deixara agora alguma coisa do seu calor e do seu aroma... Realmente gostava daquela audácia dela — ter vindo assim ao consultório, toda escondida, quase

mascarada numa grande *toilette* negra, inventando um caroço no pescocinho são de Charlie, para o ver, para dar um nó brusco e mais apertado naquele leve fio de relações que ele tão negligentemente deixara cair e quebrar... O Ega desta vez não fantasiara: aquele bonito corpo oferecia-se, tão claramente como se se despisse. Ah! se ela fosse de sentimentos errantes e fáceis — que bela flor a colher, a respirar, a deitar fora depois! Mas não: como dizia o Batista, a senhora condessa nunca se tinha divertido. E o que ele não queria era achar-se envolvido numa paixão ciosa, uma dessas ternuras tumultuosas de mulher de trinta anos, de que depois se desembaraçaria dificilmente... Nos braços dela o seu coração ficaria mudo: e apenas esgotada a

primeira curiosidade, começaria o tédio dos beijos que se não desejam, a horrível maçada do prazer a frio. Depois, teria de ser íntimo da casa, receber pelo ombro as palmadas do senhor conde, ouvir-lhe a voz morosa destilando doutrina... Tudo isto o assustava... E, todavia, gostara daquela audácia! Havia ali uma pontinha de romantismo, muito irregular, e picante... E devia ser deliciosamente bem feita... A sua imaginação despia-a, enrolava-se-lhe no cetim das formas, onde sentia ao mesmo tempo alguma coisa de maduro e de virginal... E outra vez, como nas primeiras noites que os vira em S. Carlos, aqueles cabelos tentavam-no, assim avermelhados, tão crespos e quentes...

Saiu. E dera apenas alguns passos

na Rua Nova do Almada, quando avistou o Dâmaso, num *coupé* lançado a grande trote, que o chamava, mandava parar, com a face à portinhola, vermelho e radiante.

— Não tenho podido lá ir — exclamou ele, apoderando-se-lhe da mão, apenas Carlos se aproximou, e apertando-lha com entusiasmo. Tenho andado num turbilhão! Eu te contarei! Um romance divino... Mas eu te contarei!... Tem cuidado com a roda! Bate lá, ó Calção! A parelha abalou; ele ainda se debruçou da portinhola agitou a mão, gritou no rumor da rua:

— Um romance divino, chique a valer!

Justamente, dias depois, no *Ramalhete*, na sala de bilhar, Craft, que acabava de bater o marquês,

perguntou, pousando o taco e acendendo o cachimbo:

— E notícias do nosso Dâmaso? Já se esclareceu esse lamentável desaparecimento?...

Carlos então contou como o encontrara, afogueado e triunfante, atirando-lhe da portinhola do *coupé*, em plena Rua Nova do Almada, a notícia de um romance divino!

— Bem sei — disse o Taveira.

— Como sabes?... — exclamou Carlos.

Taveira vira-o na véspera, num grande landau da Companhia, com uma esplêndida mulher, muito elegante e que parecia estrangeira...

— Ora essa! — gritou Carlos. — E com uma cadelinha escocesa?

— Exatamente, uma cadelinha escocesa, uma *griffon* cor de prata... Quem são?

— E um rapaz magro, de barba muito preta, com um ar inglesado?

— Justamente... Muito correto, um ar *sport*... Que gente é?

— Uma gente brasileira, penso eu.

Eram os Castro Gomes, decerto! Isto parecia-lhe espantoso. Havia apenas duas semanas que no terraço o Dâmaso, de punhos fechados, bramara contra os Castro Gomes e as suas «desconsiderações»! Ia pedir outros pormenores ao Taveira — mas o marquês ergueu a voz do fundo da poltrona onde se estirara, e quis saber a opinião de Carlos sobre o grande acontecimento dessa manhã na *Gazeta Ilustrada*. — Na *Gazeta*

Ilustrada?... Carlos não sabia, essa manhã não vira jornal nenhum.

— Então não lhe digam nada — gritou o marquês. — Venha a surpresa! Cá há a Gazeta? Manda buscar a Gazeta!

Taveira puxou o cordão da campainha — e quando o escudeiro trouxe a Gazeta, ele apoderou-se dela, quis fazer uma leitura solene.

— Deixa-lhe ver primeiro o retrato — berrou o marquês, erguendo-se.

— Primeiro o artigo! — exclamava o Taveira, defendendo-se, com o jornal atrás das costas.

Mas cedeu, e pôs o papel diante dos olhos de Carlos, largamente, como um sudário desdobrado. Carlos reconheceu logo o retrato do Cohen... E a prosa que se alastrava em redor, encaixilhando a

face escura de suíças retintas, era um trabalho de seis colunas, em estilo emplumado e cantante, celebrando até aos céus as virtudes domésticas do Cohen, o génio financeiro do Cohen, os ditos de espírito do Cohen, a mobília das salas do Cohen; havia ainda um parágrafo aludindo à festa próxima, ao grande sarau de máscaras do Cohen. E tudo isto vinha assinado — J. da E. — as iniciais de João da Ega!

— Que tolice! — exclamou Carlos, com tédio, atirando o jornal para cima do bilhar.

— É mais que tolice — observou Craft —; é uma falta de senso moral.

O marquês protestou. Gostava do artigo. Achava-o brilhante, e de velhaco!... E de resto em Lisboa quem

dava por uma falta de senso moral?...

— Você, Craft, não conhece Lisboa! Todo o mundo acha isto muito natural. É íntimo da casa, celebra os donos. É admirador da mulher, lisonjeia o marido. Está na lógica cá da terra... Você verá que sucesso isto vai ter... E lá que o artigo está lindo, isso está! Tomou-o de cima do bilhar, leu alto o trecho sobre o *boudoir* cor-de-rosa de Madame Cohen: «Respira-se ali (dizia o Ega) alguma coisa de perfumado, íntimo e casto, como se todo aquele cor-de-rosa exalasse de si o aroma que a rosa tem!».

— Isto, caramba, é lindo em toda a parte! — exclamou o marquês. — Tem muito talento, aquele diabo! Tomara eu ter o talento que ele tem!...

— Nada disso impede — repetiu

Craft, cachimbando tranquilamente — que seja uma extraordinária falta de senso moral.

— Pura e simplesmente insensato! — disse Cruges, desenroscando-se do canto de um sofá, para deixar cair às sílabas esta pesada opinião.

O marquês investiu com ele.

— Que entende você disso, seu maestro? O artigo é sublime! E saiba mais: é de finório!

O maestro, com preguiça de argumentar, foi-se enroscar em silêncio ao outro canto do sofá.

E então o marquês, de pé e bracejando, apelou para Carlos, e quis saber o que é que Craft em princípio entendia por senso moral. Carlos, que dava pela sala passos impacientes, não

respondeu, tomou o braço do Taveira, levou-o para o corredor.

— Dize-me uma coisa: onde viste tu o Dâmaso, com essa gente? Para que lado iam?

— Iam pelo Chiado abaixo; anteontem, às duas horas... Estou convencido que iam para Sintra. Levavam uma maleta no landau, e atrás ia uma criada num *coupé* com uma mala maior... Aquilo cheirava a ida a Sintra. E a mulher é divina! Que *toilette*, que ar, que chique! É uma Vénus, menino!... Como conheceria ele aquilo?...

— Em Bordéus, num paquete, não sei onde!

— Eu do que gostei foi dos ares que ele se ia dando por aquele Chiado! Cumprimento para a direita, cumprimento

para a esquerda... A debruçar-se, a falar muito baixo para a mulher, com olho terno, alardeando conquista...

— Que besta! — exclamou Carlos, batendo com o pé no tapete.

— Chama-lhe besta — disse o Taveira. — Vem a Lisboa, por acaso, uma mulher civilizada e decente, e é ele que a conhece, e é ele que vai com ela para Sintra! Chama-lhe besta!... Anda daí, vamos à partidinha do dominó.

Taveira ultimamente introduzira o dominó no *Ramalhete* — e havia agora ali, às vezes, partidas ardentes, sobretudo quando aparecia o marquês. Porque a paixão do Taveira era bater o marquês. Mas foi necessário que o marquês acabasse de bracejar, de desenrolar o arrazoado com que estava acabrunhando o

Craft — que do fundo da poltrona, de cachimbo na mão e com ar de sono, respondia por monossílabos. Era ainda a propósito do artigo do Ega, da definição de senso moral. Já tinha falado de Deus, de Garibaldi, até do seu famoso perdigueiro Finório; e agora definia a consciência... Segundo ele, era o medo da polícia. Tinha o amigo Craft visto já alguém com remorsos? Não, a não ser no teatro da Rua dos Condes, em dramalhões...

— Acredite você uma coisa, Craft — terminou ele por dizer, cedendo ao Taveira, que o puxava para a mesa — isto de consciência é uma questão de educação. Adquire-se como as boas maneiras; sofrer em silêncio por ter traído um amigo, aprende-se exatamente como se

aprende a não meter os dedos no nariz. Questão de educação... No resto da gente é apenas medo da cadeia, ou da bengala... Ah! vocês querem levar outra sova no dominó como a de sábado passado? Perfeitamente, sou todo vosso...

Carlos, que estivera passando de novo os olhos pelo artigo do Ega, aproximou-se também da mesa. E estavam sentados, remexiam as pedras quando à porta da sala apareceu o conde de Steinbroken, de casaca e crachat, grã-cruz sobre o colete branco, louro como uma espiga, esticado e resplandecente. Tinha jantado no Paço, e vinha acabar no *Ramalhete* a sua *soirée*, em família... Então o marquês, que o não via desde o famoso ataque de intestinos, abandonou o dominó, correu a abraçá-lo ruidosamente

e sem o deixar sequer sentar, nem estender a mão aos outros, implorou-lhe logo uma das suas belas canções finlandesas, uma só, daquelas que lhe faziam tão bem à alma!...

— Só a Balada, Steinbroken... Eu também não me posso demorar, que tenho aqui a partida à espera. Só a Balada! Vá, salta lá para dentro para o piano, Cruges...

O diplomata sorria, dizia-se cansado, tendo já feito música deliciosa no Paço com Sua Majestade. Mas nunca sabia resistir àquele modo folgazão do marquês — e lá foram para a sala do piano, de braço dado, seguidos pelo Cruges, que levara uma eternidade a desenroscar-se do canto do sofá. E daí a um momento, através dos reposteiros meio corridos, a bela voz de barítono do

diplomata espalhava pelas salas, entre os suspiros do piano, a embaladora melancolia da Balada, com a sua letra traduzida em francês, que o marquês adorava, e em que se falava das névoas tristes do Norte, de lagos frios e de fadas loiras...

Taveira e Carlos, no entanto, tinham começado uma grande partida de dominó, a tostão o ponto. Mas Carlos nessa noite não se interessava, jogando distraído, a cantarolar também baixo bocados tristes da Balada; depois, quando já Taveira tinha só uma pedra diante de si, e ele estava comprando interminavelmente as que restavam, voltou-se para o lado, para o Craft, a perguntar se o hotel da Lawrence, em Sintra, estava aberto todo o ano...

— A ida do Dâmaso para Sintra deu-te no goto — rosnou Taveira impaciente. Anda, joga!

Carlos, sem responder, pousou molemente uma pedra.

— Dominó! — gritou Taveira.

E em triunfo, aos pulos, contou ele mesmo os sessenta e oito pontos que Carlos perdia.

Justamente o marquês entrava, e a vitória de Taveira indignou-o.

— Agora nós — exclamou ele, puxando vivamente uma cadeira.

— Ó Carlos, deixe-me você dar aqui uma sova neste ladrão. Depois jogamos de três... Como queres tu isto, Taveirete? A dois tostões o ponto? Ah!, queres só a tostão... Muito bem, eu te ensinarei. Anda, desembaraça-te já desse

doble-seis, miserável...

Carlos ficou ainda um momento olhando o jogo, com uma *cigarette* apagada nos dedos, o mesmo ar distraído: de repente, pareceu tomar uma decisão, atravessou o corredor, entrou na sala de música. Steinbroken fora ao escritório ver Afonso da Maia, e a partida de *whist*; e Cruges só, entre as duas velas do piano, com os olhos errantes pelo teto, improvisava para si, melancolicamente.

— Dize cá, Cruges — perguntou-lhe Carlos — queres vir amanhã a Sintra?

O teclado calou-se, o maestro ergueu um olhar espantado. Carlos nem o deixou falar.

— Está claro que queres, não te faz senão bem vir a Sintra... Amanhã lá

estou à porta, com o *break*. Mete sempre uma camisa numa maleta, que talvez passemos lá a noite... Às oito em ponto, hem?... E não digas nada lá dentro.

Carlos voltou para a sala, ficou a olhar a partida de dominó. Agora havia um largo silêncio. O marquês e Taveira moviam lentamente as pedras, sem uma palavra, com um ar de rancor surdo. Em cima do pano verde do bilhar as bolas brancas dormiam juntas, sob a luz que caía dos *abat-jours* de porcelana. Um som de piano, dolente e vago, passava por vezes. E Craft, com o braço descaído ao longo da poltrona, dormitava beatificamente.

8

Na manhã seguinte, às oito horas pontualmente, Carlos parava o *break* na Rua das Flores, diante do conhecido portão da casa do Cruges. Mas o trintanário, que ele mandara acima bater à campainha do terceiro andar, desceu com a estranha nova de que o Sr. Cruges já não morava ali. Onde diabo morava então o Sr. Cruges? A criada dissera que o Sr. Cruges vivia agora na Rua de S. Francisco, quatro portas adiante do Grémio. Durante um momento, Carlos, desesperado, pensou em partir só para Sintra. Depois lá largou para a Rua de S. Francisco, amaldiçoando o maestro, que mudara de casa sem avisar, sempre vago,

sempre tenebroso!... E era em tudo assim, Carlos nada sabia do seu passado, do seu interior, das suas afeições, dos seus hábitos. O marquês, uma noite, levara-o ao *Ramalhete*, dizendo ao ouvido de Carlos que estava ali um génio. Ele encantara logo todo o mundo pela modéstia das suas maneiras e a sua arte maravilhosa ao piano: e todo o mundo no *Ramalhete*começou a tratar Cruges por maestro, a falar também do Cruges como de um génio, a declarar que Chopin nunca fizera obra igual à *Meditação de outono* do Cruges. E ninguém sabia mais nada. Fora pelo Dâmaso que Carlos conhecera a casa do Cruges e soubera que ele vivia lá com a mãe, uma senhora viúva, ainda fresca, e dona de prédios na Baixa.

Ao portão da Rua de S. Francisco, Carlos teve de esperar um quarto de hora. Primeiro apareceu furtivamente ao fundo da escada uma criada em cabelo, que espreitou o *break*, os criados de farda, e fugiu pelos degraus acima. Depois veio um criado em mangas de camisa trazer a maleta do senhor e um xale-manta. Enfim, o maestro desceu, a correr, quase aos trambolhões, com um *cache-nez* de seda na mão, o guarda-chuva debaixo do braço, abotoando atarantadamente o paletó.

Quando vinha pulando os últimos degraus, uma voz esganiçada de mulher gritou-lhe de cima:

— Olha não te esqueçam as queijadas!

E Cruges subiu precipitadamente para a almofada, para o lado de Carlos,

rosnando que, com a preocupação de se levantar tão cedo, tivera uma insónia abominável...

— Mas que diabo de ideia é essa de mudar de casa, sem avisar a gente, homem? — exclamou Carlos, atirando-lhe para cima dos joelhos um bocado do *plaid* que o agasalhava, porque o maestro parecia arrepiado.

— É que esta casa também é nossa — disse simplesmente Cruges.

— Está claro, aí está uma razão! — murmurou Carlos rindo e encolhendo os ombros.

Partiram.

Era uma manhã muito fresca, toda azul e branca, sem uma nuvem, com um lindo sol que não aquecia, e punha nas ruas, nas fachadas das casas, barras

alegres de claridade dourada. Lisboa acordava lentamente: as saloias ainda andavam pelas portas com os seirões de hortaliças: varria-se devagar a testada das lojas: no ar macio morria a distância um toque fino de missa.

Cruges, tendo acabado de arranjar o *cache-nez* e de abotoar as luvas, estendeu um olhar à esplêndida parelha baia reluzindo como um cetim sob o faiscar de prata dos arreios, aos criados com os seus ramos nas librés, a todo aquele luxo correto e rolando em cadência — onde fazia mancha o seu paletó: mas o que o impressionou foi o aspeto resplandecente de Carlos, o olhar aceso, as belas cores, o belo riso, o que quer que fosse de vibrante e de luminoso, que, sob o seu simples *veston* de xadrezinho

castanho, naquela almofada burguesa de *break*, lhe dava um arranque de herói jovial, lançando o seu carro de guerra... Cruges farejou uma aventura, soltou logo a pergunta que desde a véspera lhe ficara nos lábios.

— Com franqueza, aqui para nós, que ideia foi esta de ir a Sintra?

Carlos gracejou. O maestro jurava o segredo pela alma melodiosa de Mozart e pelas *fugas* de Bach? Pois bem, a ideia era vir a Sintra, respirar o ar de Sintra, passar o dia em Sintra... Mas, pelo amor de Deus, que o não revelasse a ninguém!

E acrescentou rindo:

— Deixa-te levar, que não te hás de arrepender...

Não, Cruges não se arrependia. Até achava delicioso o passeio, gostara

sempre muito de Sintra... Todavia não se lembrava bem, tinha apenas uma vaga ideia de grandes rochas e de nascentes de águas vivas... E terminou por confessar que desde os nove anos não voltara a Sintra.

O quê! o maestro não conhecia Sintra?... Então era necessário ficarem lá, fazer as peregrinações clássicas, subir à Pena, ir beber água à Fonte dos Amores, barquejar na Várzea...

— A mim o que me está a apetecer muito é Seteais; e a manteiga fresca.

— Sim, muita manteiga — disse Carlos. — E burros, muitos burros... Enfim, uma écloga!

O *break* rodava na estrada de Benfica: iam passando muros enramados de quintas, casarões tristonhos de

vidraças quebradas, vendas com o seu maço de cigarros à porta dependurado de uma guita: e a menor árvore, qualquer bocado de relva com papoulas, um fugitivo longe de colina verde, encantavam Cruges. Há que tempos ele não via o campo!

Pouco a pouco o Sol elevara-se. O maestro desembaraçou-se do seu grande *cache-nez*. Depois, encalmado, despiu o paletó — e declarou-se morto de fome.

Felizmente estavam chegando à Porcalhota.

O seu vivo desejo seria comer o famoso coelho guisado — mas como era cedo para esse acepipe, decidiu-se, depois de pensar muito, por uma bela pratada de ovos com chouriço. Era uma

coisa que não provava havia anos e que lhe daria a sensação de estar na aldeia... Quando o patrão, com um ar importante e como fazendo um favor, pousou sobre a mesa sem toalha a enorme travessa com o petisco, Cruges esfregou as mãos, achando aquilo deliciosamente campestre.

— A gente em Lisboa estraga a saúde! — disse ele, puxando para o prato uma montanha de ovo e chouriço. — Tu não tomas nada?...

Carlos, para lhe fazer companhia, aceitou uma chávena de café. Daí a pouco Cruges, que devorava, exclamou com a boca cheia:

— O Reno também deve ser magnífico! Carlos olhou-o espantado e rindo. A que vinha agora ali o Reno?... É que o maestro, desde que saíra as portas,

estava cheio de ideias de viagens e de paisagens; queria ver as grandes montanhas onde há neve, os rios de que se fala na história. O seu ideal seria ir à Alemanha, percorrer a pé, com uma mochila, aquela pátria sagrada dos seus deuses, de Beethoven, de Mozart, de Wagner...

— Não te apetecia mais ir à Itália? — perguntou Carlos acendendo o charuto.

O maestro esboçou um gesto de desdém, teve uma das suas frases sibilinas:

— Tudo contradanças!

Carlos então falou de um certo plano de ir à Itália, com o Ega, no inverno. Ir à Itália, para o Ega, era uma higiene intelectual: precisava calmar

aquela imaginação tumultuosa de nervoso peninsular entre a plácida majestade dos mármores...

— O que ele precisava antes de tudo era chicote — rosnou o Cruges. E voltou a falar do caso da véspera, do famoso artigo da *Gazeta*. Achava aquilo, como ele dissera, pura e simplesmente insensato, e de uma sabujice indecorosa. E o que o afligia é que o Ega, com aquele talento, aquela *verve* fumegante, não fizesse nada...

— Ninguém faz nada — disse Carlos espreguiçando-se. — Tu, por exemplo, que fazes? Cruges, depois de um silêncio, rosnou encolhendo os ombros: — Se eu fizesse uma boa ópera, quem é que ma representava?

— E se o Ega fizesse um belo

livro, quem é que lho lia? O maestro terminou por dizer:

— Isto é um país impossível... Parece-me que também vou tomar café.

Os cavalos tinham descansado, Cruges pagou a conta, partiram. Daí a pouco entravam na charneca, que lhes pareceu infindável. De ambos os lados, a perder de vista, era um chão escuro e triste; e por cima um azul sem fim, que naquela solidão parecia triste também. O trote compassado dos cavalos batia monotonamente a estrada. Não havia um rumor: por vezes um pássaro cortava o ar, num voo brusco, fugindo do ermo agreste. Dentro do *break* um dos criados dormia; Cruges, pesado dos ovos com chouriço, olhava, vaga e melancolicamente, as ancas lustrosas dos cavalos. Carlos, no

entanto, pensava no motivo que o trazia a Sintra. E realmente não sabia bem porque vinha: mas havia duas semanas que ele não avistava certa figura que tinha um passo de deusa pisando a Terra, e que não encontrava o negro profundo de dois olhos que se tinham fixado nos seus: agora supunha que ela estava em Sintra, corria a Sintra. Não esperava nada, não desejava nada. Não sabia se a veria, talvez ela tivesse já partido. Mas vinha: e era já delicioso o pensar nela assim por aquela estrada fora, penetrar, com essa doçura no coração, sob as belas árvores de Sintra... Depois, era possível que daí a pouco, na velha Lawrence, ele a cruzasse de repente no corredor, roçasse talvez o seu vestido, ouvisse talvez a sua voz. Se ela lá estivesse, decerto viria jantar à sala,

aquela sala que ele conhecia tão bem, que já lhe estava apetecendo tanto, com as suas pobres cortininhas de cassa, os ramos toscos sobre a mesa, e os dois grandes candeeiros de latão antigo... Ela entraria ali, com o seu belo ar claro de Diana loira; o bom Dâmaso apresentaria o seu amigo Maia; aqueles olhos negros, que ele vira passar de longe como duas estrelas, pousariam mais devagar nos seus; e, muito simplesmente, à inglesa, ela estender-lhe-ia a mão...

— Ora até que finalmente! — exclamou Cruges, com um suspiro de alívio e respirando melhor.

Chegavam às primeiras casas de Sintra, havia já verduras na estrada, e batia-lhes no rosto o primeiro sopro forte e fresco da serra. E a passo, o *break* foi

penetrando sob as árvores do Ramalhão. Com a paz das grandes sombras, envolvia-os pouco a pouco uma lenta e embaladora sussurração de ramagens e como o difuso e vago murmúrio de águas correntes. Os muros estavam cobertos de heras e de musgos: através da folhagem, faiscavam longas flechas de sol. Um ar subtil e aveludado circulava, rescendendo às verduras novas; aqui e além, nos ramos mais sombrios, pássaros chilreavam de leve; e naquele simples bocado de estrada, todo salpicado de manchas do sol, sentia-se já, sem se ver, a religiosa solenidade dos espessos arvoredos, a frescura distante das nascentes vivas, a tristeza que cai das penedias e o repouso fidalgo das quintas de verão... Cruges respirava largamente, voluptuosamente.

— A Lawrence onde é? Na serra? — perguntou ele, com a ideia repentina de ficar ali um mês naquele paraíso.

— Nós não vamos para a Lawrence — disse Carlos, saindo bruscamente do seu silêncio e espertando os cavalos. — Vamos para o Nunes, estamos lá muito melhor!

Era uma ideia que lhe viera de repente, apenas passara as primeiras casas de São Pedro e o *break* começara a rolar naquelas estradas onde a cada momento ele a poderia encontrar. Tomara-o uma timidez, a que se misturava um laivo de orgulho, o receio melindrado de ser indiscreto, seguindo-a assim a Sintra, ainda que ela o não reconhecesse, indo instalar-se sob as mesmas telhas, apoderando-se de um lugar à mesma

mesa... E ao mesmo tempo repugnou-lhe a ideia de lhe ser apresentado pelo Dâmaso: via-o já, bochechudo e vestido de campo, a esboçar um gesto de cerimónia, a mostrar o *seu amigo Maia*, a tratá-lo por tu, afetando intimidades com ela, cocando-a com um olho terno... Isto seria intolerável.

— Vamos para o Nunes, que se come melhor!

Cruges não respondeu, mudo, enlevado, recebendo como uma impressão religiosa de todo aquele esplendor sombrio de arvoredo, dos altos fragosos da serra entrevistos um instante lá em cima nas nuvens, desse aroma que ele sorvia deliciosamente, e do sussurro doce de águas descendo para os vales...

Só ao avistar o Paço descerrou os

lábios:

— Sim senhor, tem *cachet*!

E foi o que mais lhe agradou — este maciço e silencioso palácio, sem florões e sem torres, patriarcalmente assentado entre o casario da vila, com as suas belas janelas manuelinas que lhe fazem um nobre semblante real, o vale aos pés, frondoso e fresco, e no alto as duas chaminés colossais, disformes, resumindo tudo, como se essa residência fosse toda ela uma cozinha talhada às proporções de uma gula de rei que cada dia come todo um reino...

E apenas o *break* parou à porta do Nunes, foi-lhe ainda dar um olhar, tímido e de longe — receando alguma palavra rude da sentinela. Carlos, no entanto, saltando logo da almofada, tomou à parte

o criado do hotel, que descera a recolher as maletas.

— Você conhece o Sr. Dâmaso Salcede? Sabe se ele está em Sintra?

O criado conhecia muito bem o Sr. Dâmaso Salcede. Ainda na véspera pela manhã o vira entrar defronte, no bilhar, com um sujeito de barbas pretas... Devia estar na Lawrence, porque só com raparigas e em pândega é que o Sr. Dâmaso vinha para o Nunes.

— Então, depressa, dois quartos! — exclamou Carlos, com uma alegria de criança, certo agora que *ela* estava em Sintra. — E uma sala particular, só para nós, para almoçarmos.

Cruges, que se aproximara, protestou contra esta sala solitária. Preferia a mesa redonda. Ordinariamente

na mesa redonda encontram-se tipos...

— Bem — exclamou Carlos, rindo e esfregando as mãos — põe o almoço na sala de jantar, põe-no até na praça... E muita manteiga fresca para o Sr. Cruges!

O cocheiro levou o *break*, o criado sobraçou as maletas. Cruges, entusiasmado com Sintra, rompeu pela escada acima, a assobiar — conservando aos ombros o xale-manta, de que se não queria separar, porque lho emprestara a mamã. E apenas chegou à porta da sala de jantar, estacou, ergueu os braços, teve um grito.

— Oh! Eusebiozinho!

Carlos correu, olhou... Era ele, o viúvo, acabando de almoçar, com duas raparigas espanholas. Estava no topo da mesa, como presidindo, diante de uns

restos de pudim e de pratos de fruta, amarelado, despenteado, carregado de luto, com a larga fita das lunetas pretas passada por trás da orelha, e uma rodela de tafetá negro sobre o pescoço, tapando alguma espinha rebentada.

Uma das espanholas era um mulherão trigueiro, com sinais de bexigas na cara; a outra, muito franzina, de olhos meigos, tinha uma roseta de febre, que o pó de arroz não disfarçava. Ambas vestiam de cetim preto, e fumavam cigarro. E na luz e na frescura que entrava pela janela, pareciam mais gastas, mais moles, ainda pegajosas da lentura morna dos colchões, e cheirando a bafio de alcova. Pertencendo à súcia havia um outro sujeito, gordo, baixo, sem pescoço, com as costas para a porta e a cabeça

sobre o prato, babujando uma metade de laranja.

Durante um momento, Eusebiozinho ficou interdito, com o garfo no ar; depois lá se ergueu, de guardanapo na mão, veio apertar os dedos aos amigos, balbuciando logo uma justificação embrulhada, a ordem do médico para mudar de ares, aquele rapaz que o acompanhara, e que quisera trazer raparigas... E nunca parecera tão fúnebre, tão reles, como resmungando estas coisas hipócritas, encolhido à sombra de Carlos.

— Fizeste muito bem, Eusebiozinho — disse Carlos por fim, batendo-lhe no ombro. — Lisboa está um horror, e o amor é coisa doce. O outro continuava a justificar-se. Então a espanhola magrita que fumava, afastada

da mesa e com a perna traçada, elevou a voz, perguntou ao Cruges se ele não lhe falava. O maestro afirmou-se um momento, e partiu de braços abertos para a sua amiga Lola. E foi, nesse canto da mesa, uma grulhada em espanhol, grandes apertos de mão, e *hombre, que no se le ha visto! e mira, que me he acordado de ti! e caramba, que reguapa estás*... Depois, a Lola, tomando um arzinho espremido, apresentou o outro mulherão, *la señorita Concha*...

Vendo isto, impressionado com tanta familiaridade — o sujeito obeso, que apenas levantara um instante a cabeça do prato, decidiu-se a examinar mais atentamente os amigos do Eusébio: cruzou o talher, limpou com o guardanapo a boca, a testa e o pescoço, encavalou

laboriosamente no nariz uma grande luneta de vidros grossos, e erguendo a face larga, balofa e cor de cidra, examinou detidamente Cruges, e depois Carlos com uma impudência tranquila.

Eusebiozinho apresentou o seu amigo Palma: e o seu amigo Palma, ouvindo o nome conhecido de Carlos da Maia, quis logo mostrar, diante de um *gentleman*, que era um *gentleman* também. Arrojou para longe o guardanapo, arredou para fora a cadeira; e de pé, estendendo a Carlos os dedos moles e de unhas roídas, exclamou, com um gesto para os restos da sobremesa:

— Se Vossa Excelência é servido, é sem cerimónia... Que isto quando a gente vem a Sintra, é para abrir o apetite e

fazer bem à barriga...

Carlos agradeceu, e ia retirar-se. Mas Cruges, que se animava e gracejava com a Lola, fez também do outro lado da mesa a sua apresentação:

— Carlos, quero que conheças aqui a lindíssima Lola, relações antigas, e a *senõrita* Concha, que eu tive agora o prazer... Carlos saudou respeitosamente as damas. O mulherão da Concha rosnou secamente os *buenos dias*: parecia de mau humor, pesada do almoço, amodorrada para ali, sem dizer uma palavra, com os cotovelos fincados na mesa, os olhos pestanudos meio cerrados, ora fumando, ora palitando os dentes. Mas a Lola foi amável, fez de senhora, ergueu-se, ofereceu a Carlos a mãozita suada. Depois retomando o cigarro, dando um

jeito às pulseiras de ouro, declarou, com um requebro de olhos, que conhecia de há muito Carlos...

— No ha estado usted con Encarnación?

Sim, Carlos tivera essa honra... que era feito dela, dessa bela Encarnación?

A Lola sorriu com finura, tocou no cotovelo do maestro. Não acreditava que Carlos ignorasse o que era feito da Encarnación... Enfim, terminou por dizer que a Encarnación estava agora com o Saldanha.

— Mas olhe que não é com o duque de Saldanha! — exclamou Palma, que se conservara de pé, com a bolsa do tabaco aberta sobre a mesa, fazendo um grande cigarro.

A Lolita, com um modo seco, replicou que o Saldanha não seria duque, mas era um *chico muy decente*...

— Olha — disse o Palma lentamente, de cigarro na boca e tirando a isca da algibeira — duas boas bofetadas na cara lhe dei eu ainda não há três semanas... Pergunta ao Gaspar, o Gaspar assistiu... Foi até no Montanha... Duas bofetadas que lhe foi logo o chapéu parar ao meio da rua... O Sr. Maia há de conhecer o Saldanha... há de conhecer, que ele também tem um carrito e um cavalo. Carlos fez um gesto indicando que não; e despedia-se de novo, saudando as damas, quando Cruges o chamou ainda, retendo-o mais um instante, enquanto satisfazia uma curiosidade: queria saber qual daquelas meninas era a *esposa do*

amigo Eusébio. Assim interpelado, o viúvo encordoou, rosnou com uma voz morosa, sem erguer as lunetas da laranja que descascava, que estava ali de passeio, não tinha esposa, e ambas aquelas meninas pertenciam ao amigo Palma...

E ainda ele mascava as últimas palavras, quando Concha, que digeria de perna estendida, se endireitou bruscamente como se fosse saltar, atirou um murro à borda da mesa e, com os olhos chamejantes, desafiou o Eusébio a que repetisse aquilo! Queria que ele repetisse! Queria que dissesse se tinha vergonha dela, e de dizer que a tinha trazido a Sintra... E como o Eusébio, já enfiado, tentava gracejar, fazer-lhe uma festa — ela despropositou, atirou-lhe os piores nomes, dando sempre punhadas na

mesa, com uma fúria que lhe torcia a boca, lhe punha duas manchas de sangue no carão trigueiro. A Lolita, vexada, puxava-lhe pelo braço; a outra deu-lhe um repelão; e, mais excitada com a estridência da própria voz, esvaziou-se de toda a bílis, chamou-lhe porco, acusou-o de forreta, usou-o como um trapo vil.

Palma, aflito, debruçado sobre a mesa, exclamava num tom ansioso.

— Ó Concha, escuta lá!... Ouve lá!... Concha, eu te explico... De repente, ela ergueu-se, a cadeira tombou para o lado: e o mulherão abalou pela sala fora, a grande cauda de cetim varreu desabridamente o soalho, ouviu-se dentro estalar uma porta. No chão ficara caído um pedaço da mantilha de renda.

O criado, que entrava do outro

lado com a cafeteira, estacou, afiando o olho curioso, farejando o escândalo; depois, calado e secamente, foi servindo em roda o café.

Durante um momento houve um silêncio. Apenas, porém, o criado saiu — a Lolita e o Palma, agitados mas abafando a voz, atacaram o Eusebiozinho. Ele portara-se muito mal! Aquilo não fora de cavalheiro! Tinha trazido a rapariga a Sintra, devia-a respeitar, não a ter renegado assim, à bruta, diante de todos...

— *Esto no se hace* — dizia a Lolita, de pé, gesticulando, com os olhos brilhantes, voltada para Carlos — *ha sido una cosa muy fea*!... E como o Cruges lamentava, sorrindo, ter sido a causa involuntária da catástrofe — ela baixou a voz, contou que a Concha era uma fúria,

viera a Sintra com pouca vontade, e desde manhã estava de *muy malo humor... Pero lo de Silbeira habia sido una gran pulhice...*

Ele, coitado, com a cabeça caída e as orelhas em brasa, remexia desoladamente o seu café; não se lhe viam os olhos escondidos pelas lunetas pretas, mas percebia-se-lhe o grosso soluço que lhe afogava a garganta. Então Palma pousou a chávena, lambeu os beiços, e de pé no meio da sala, com a face luzidia, o colete desabotoado, fez, num tom entendido, o resumo daquele desgosto.

— Tudo provém disto, e desculpe-me você dizê-lo, Silveira: é que você não sabe tratar com espanholas!

A esta cruel palavra o viúvo sucumbiu. A colher caiu-lhe dos dedos.

Ergueu-se, acercou-se de Carlos e de Cruges, como refugiando-se neles, vindo reconfortar-se ao calor da sua amizade — e desabafou, estas palavras angustiosas escaparam-se-lhe dos lábios:

— Vejam vocês! Vem a gente a um sítio destes para gozar um bocado de poesia, e no fim é uma destas!...

Carlos bateu-lhe melancolicamente no ombro:

— A vida é assim, Eusebiozinho.

Cruges fez-lhe uma festa nas costas:

— Não se pode contar com prazeres, Silveirinha.

Mas Palma, mais prático, declarou que era forçoso arranjarem-se as coisas. Virem a Sintra, para questões e amuos, isso não! Naquelas pândegas queria-se

harmonia, chalaça, e gozar. Coices, não. Então ficava-se em Lisboa, que era mais barato.

Chegou-se a Lola, passou-lhe os dedos pela face, com amor:

— Anda, Lolita, vai tu lá dentro à Concha, dize-lhe que se não faça tola, que venha tomar café... Anda, que tu sabe-la levar... Diz-lhe que peço eu!

Lolita esteve um momento escolhendo duas boas laranjas, foi dar um jeito ao cabelo diante do espelho, apanhou a cauda — e saiu, atirando a Carlos, ao passar, um olhar e um sorrisinho. Apenas ficaram sós, Palma voltou-se para o Eusébio, e deu-lhe conselhos muito sérios sobre o sistema de tratar espanholas. Era necessário levá-las por bons modos; por isso é que elas se

pelavam por portugueses, porque lá em Espanha era à bordoada... Enfim, ele não dizia que em certos casos, duas boas bolachas, mesmo um bom par de bengaladas, não fossem úteis... Sabiam, por exemplo, os amigos, quando se devia bater? Quando elas não gostavam da gente, e se faziam ariscas. Então sim. Então, zás, tapona, que elas ficavam logo pelo beiço... Mas depois bons modos, delicadeza, tal qual como com francesas...

— Acredite você isto, Silveira. Olhe que eu tenho experiência. E o Sr. Maia que lhe diga se isto não é verdade, ele que tem também experiência e sabe viver com espanholas!

E isto foi dito com tanto calor, tanto respeito — que Cruges desatou a rir, fez rir Carlos também.

O Sr. Palma, um pouco chocado, compôs mais as lunetas, e olhou para eles — Os senhores riem-se? Imaginam que eu estou a mangar? Olhem que eu comecei a lidar com espanholas aos quinze anos! Não, escusam de rir, que nisso ninguém me ganha! Lá o que se chama ter jeito para espanholas, cá o meco! E vamos lá, que não é fácil! É necessário ter um certo talento!... Olhem, o Herculano é capaz de fazer belos artigos e estilo catita... Agora tragam-no cá para lidar com espanholas e veremos! Não dá meia...

Eusebiozinho, no entanto, fora duas vezes escutar à porta. Todo o hotel caíra num grande silêncio, a Lolita não voltava. Então Palma aconselhou um grande passo.

— Vá você lá dentro, Silveira,

entre pelo quarto, e assim sem mais nem menos, chegue-se ao pé dela...

— E tapona? — perguntou Cruges, muito seriamente, gozando o Palma.

— Qual tapona! Ajoelhe e peça perdão... Neste caso é pedir perdão... E como pretexto, Silveira, leve-lhe você mesmo o café. Eusebiozinho, com um olhar ansioso e mudo, consultou os seus amigos. Mas o seu coração já decidira: e daí a um momento, com o pedaço de mantilha numa das mãos, a chávena do café na outra, enfiado e comovido, lá partia a passos lentos pelo corredor a pedir perdão à Concha.

E, logo atrás dele, Carlos e Cruges deixaram a sala, sem se despedirem do Sr. Palma — que de resto, indiferente também, já se acomodara à mesa a

preparar regaladamente o seu grogue.

Eram duas horas quando os dois amigos saíram enfim do hotel, a fazer esse passeio a Seteais — que desde Lisboa tentava tanto o maestro. Na praça, por defronte das lojas vazias e silenciosas, cães vadios dormiam ao sol: através das grades da cadeia, os presos pediam esmola. Crianças, enxovalhadas e em farrapos, garotavam pelos cantos; e as melhores casas tinham ainda as janelas fechadas, continuando o seu sono de inverno, entre as árvores já verdes. De vez em quando aparecia um bocado da serra, com a sua muralha de ameias correndo sobre as penedias, ou via-se o Castelo da Pena, solitário, lá no alto. E por toda a parte o luminoso ar de abril punha a doçura do seu veludo.

Defronte do hotel da Lawrence, Carlos retardou o passo, mostrou-o ao Cruges.

— Tem o ar mais simpático — disse o maestro. — Mas valeu muito a pena ir para o Nunes, só para ver aquela cena... E então com quê o Sr. Carlos da Maia tem experiência de espanholas? Carlos não respondeu, os seus olhos não se despegavam daquela fachada banal, onde só uma janela estava aberta com um par de botinas de duraque secando ao ar. À porta, dois rapazes ingleses, ambos de*knicker-bokers*, cachimbavam em silêncio; e defronte, sentados sobre um banco de pedra, dois burriqueiros, ao lado dos burros, não lhes tiravam o olho de cima, sorrindo-lhes, cocando-os como uma presa.

Carlos ia seguir, mas pareceu-lhe ouvir, distante e melancólico, saindo do silêncio do hotel, um vago som de flauta: e parou ainda, remexendo as suas recordações, quase certo de Dâmaso lhe ter dito que a bordo Castro Gomes tocava flauta...

— Isto é sublime! — exclamou do lado o Cruges, comovido. Parara diante da grade donde se domina o vale. E dali olhava, enlevadamente, a rica vastidão de arvoredo cerrado, a que só se veem os cimos redondos, vestindo um declive da serra como o musgo veste um muro, e tendo àquela distância, no brilho da luz, a suavidade macia de um grande musgo escuro. E nesta espessura verde-negra havia uma frontaria de casa que o interessava, branquejando, afogada entre a

folhagem, com um ar de nobre repouso, debaixo de sombras seculares... Um momento teve uma ideia de artista: desejou habitá-la com uma mulher, um piano e um cão terra-nova.

Mas o que o encantava era o ar. Abria os braços, respirava a tragos deliciosos.

— Que ar! Isto dá saúde, menino! Isto faz reviver!... Para o gozar mais docemente, sentou-se adiante, num bocado de muro baixo, defronte de um alto terraço gradeado, onde velhas árvores assombreiam bancos de jardim e estendem sobre a estrada a frescura das suas ramagens, cheias do piar das aves. E como Carlos lhe mostrava o relógio, as horas que fugiam para ir ver o palácio, a Pena, as outras belezas de Sintra — o

maestro declarou que preferia estar ali, ouvindo correr a água, a ver monumentos caturras...

— Sintra não são pedras velhas, nem coisas góticas... Sintra é isto, uma pouca de água, um bocado de musgo... Isto é um paraíso!...

E, naquela satisfação que o tornava loquaz, acrescentou, repetindo a sua chalaça:

— E Vossa Excelência deve sabê-lo, Sr. Maia, porque tem experiência de espanholas!...

— Poupa-me, respeita a Natureza — murmurou Carlos, que riscava pensativamente o chão com a bengala.

Ficaram calados. Cruges agora admirava o jardim, por baixo do muro em que estavam sentados. Era um espesso

ninho de verdura, arbustos, flores e árvores, sufocando-se numa prodigalidade de bosque silvestre, deixando apenas espaço para um tanquezinho redondo, onde uma pouca de água, imóvel e gelada, com dois ou três nenúfares, se esverdinhava sob a sombra daquela ramaria profusa. Aqui e além, entre a bela desordem da folhagem, distinguiam-se arranjos de gosto burguês, uma volta de ruazita estreita como uma fita, faiscando ao sol, ou a banal palidez de um gesso. Noutros recantos, aquele jardim de gente rica, exposto às vistas, tinha retoques pretensiosos de estufa rara, aloés e catos, braços aguarda-solados de araucárias erguendo-se de entre as agulhas negras dos pinheiros bravos, lâminas de palmeira, com o seu ar triste de planta

exilada, roçando a rama leve e perfumada das olaias floridas de cor-de-rosa. A espaços, com uma graça discreta, branquejava um grande pé de margaridas; ou em torno de uma rosa, solitária na sua haste, palpitavam borboletas aos pares.

— Que pena que isto não pertença a um artista! — murmurou o maestro. — Só um artista saberia amar estas flores, estas árvores, estes rumores...

Carlos sorriu. Os artistas, dizia ele, só amam na Natureza os efeitos de linha e cor; para se interessar pelo bem-estar de uma túlipa, para cuidar de que um craveiro não sofra sede, para sentir mágoa de que a geada tenha queimado os primeiros rebentões das acácias — para isso só o burguês, o burguês que todas as manhãs desce ao seu quintal com um

chapéu velho e um regador, e vê nas árvores e nas plantas uma outra família muda, por que ele é também responsável...

Cruges, que escutara distraidamente, exclamou:

— Diabo! É necessário que não me esqueçam as queijadas! Um som de rodas interrompeu-os, uma caleche descoberta desembocou a trote do lado de Seteais. Carlos ergueu-se logo, certo de que era*ela*, e que ele ia ver os seus belos olhos brilhar e fulgir como duas estrelas. A caleche passou, levando um ancião de barbas de patriarca, e uma velha inglesa com o regaço cheio de flores e o véu azul flutuando ao ar. E logo atrás, quase no pó que as rodas tinham erguido, apareceu, caminhando pensativamente, de mãos atrás das costas, um homem alto todo de

preto, com um grande chapéu panamá sobre os olhos. Foi Cruges que reconheceu os longos bigodes românticos, que gritou:

— Olha o Alencar! Oh! grande Alencar!...

Durante um momento, o poeta ficou assombrado, com os braços abertos, no meio da estrada. Depois, com a mesma efusão ruidosa, apertou Carlos contra o coração, beijou o Cruges na face — porque conhecia Cruges desde pequeno, Cruges era para ele como um filho. Caramba! Eis aí uma surpresa que ele não trocava pelo título de duque! Ora o alegrão de os ver ali! Como diabo tinham eles vindo ali parar?

E não esperou a resposta, contou ele logo a sua história. Tivera um dos seus

ataques de garganta, com uma ponta de febre, e o Melo, o bom Melo, recomendara-lhe mudança de ares. Ora ele, bons ares, só compreendia os de Sintra: porque ali não eram só os pulmões que lhe respiravam bem, mas também o coração, rapazes!... De sorte que viera na véspera, no ónibus.

— E onde estás tu, Alencar? — perguntou logo Carlos.

— Pois onde queres tu que eu esteja, filho? Lá estou com a minha velha Lawrence. Coitada! Está bem velha, mas para mim é sempre uma amiga, é quase uma irmã!... E vocês, que diabo? Para onde vão vocês com essas flores nas lapelas?

— A Seteais... Vou mostrar Seteais ao maestro.

Então também ele voltava a Seteais! Não tinha nada que fazer senão sorver bom ar, e cismar... Toda a manhã andara ali, vagamente, pendurando sonhos dos ramos das árvores. Mas agora já os não largava; era mesmo um dever ir ele próprio fazer ao maestro as honras de Seteais...

— Que aquilo é sítio muito meu, filhos! Não há ali árvore que me não conheça... Eu não vos quero começar já a impingir versos; mas enfim, vocês lembram-se de uma coisa que eu fiz a Seteais e de que por aí se gostou...

Quantos luares eu lá vi?
Que doces manhãs d'abril?
E os ais que soltei ali
Não foram sete mas mil!

Pois então já vocês veem, rapazes,

que tenho razão para conhecer Seteais...

O poeta lançou no ar um vago suspiro, e durante um instante caminharam todos três calados.

— Diz-me uma coisa, Alencar — perguntou Carlos baixo, parando, e tocando no braço do poeta. — O Dâmaso está na Lawrence?

Não, que ele o tivesse visto. Verdade seja que na véspera, apenas chegara, fora-se deitar, fatigado; e nessa manhã almoçara só com dois rapazes ingleses. O único animal que avistara fora um lindo cãozinho de luxo, ladrando no corredor...

— E vocês onde estão?

— No Nunes.

Então o poeta, parando de novo, contemplando Carlos com simpatia:

— Que bem que fizeste em arrastar cá o maestro, filho!... Quantas vezes eu tenho dito àquele diabo que se metesse no ónibus, viesse passar dois dias a Sintra. Mas ninguém o tira de martelar o piano. E olha tu que mesmo para a música, para compor, para entender um Mozart, um Chopin, é necessário ter visto isto, escutado este rumor, esta melodia da ramagem...

Baixou a voz, apontando para o maestro, que caminhava adiante, enlevado:

— Tem muito talento, tem muita ideia melódica!... Olha que andei com aquilo às cabritas... E a mãe, menino, foi muitíssimo boa mulher.

— Vejam vocês isto! — gritou Cruges, que parara, esperando-os. — Isto

é sublime.

Era apenas um bocadito de estrada, apertada entre dois velhos muros, cobertos de hera, assombreada por grandes árvores entrelaçadas que lhe faziam um toldo de folhagem aberto à luz como uma renda: no chão tremiam manchas de sol: e, na frescura e no silêncio, uma água que se não via ia fugindo e cantando.

— Se tu queres sublime, Cruges — exclamou Alencar — , então tens de subir à serra. Aí tens o espaço, tens a nuvem, tens a arte...

— Não sei, talvez goste mais disto — murmurou o maestro. A sua natureza de tímido preferiria, decerto, estes humildes recantos, feitos de uma pouca de folhagem fresca e de um pedaço de muro musgoso,

lugares de quietação e de sombra, onde se aninha com um conforto maior o cismar dos indolentes...

— De resto, filho — continuou Alencar — , tudo em Sintra é divino. Não há cantinho que não seja um poema... Olha, ali tens tu, por exemplo, aquela linda florinha azul... E, ternamente, apanhou-a.

— Vamos andando, vamos andando — murmurou Carlos impaciente, e agora, desde que o poeta falara do cãozinho de luxo, mais certo de que ela estava na Lawrence, e que a ia brevemente encontrar. Mas, ao chegar a Seteais, Cruges teve uma desilusão diante daquele vasto terreiro coberto de erva, com o palacete ao fundo, enxovalhado, de vidraças partidas, e erguendo

pomposamente sobre o arco, em pleno céu, o seu grande escudo de armas. Ficara-lhe a ideia, de pequeno, que Seteais era um montão pitoresco de rochedos, dominando a profundidade de um vale; e a isto misturava-se vagamente uma recordação de luar e de guitarras... Mas aquilo que ele ali via era um desapontamento.

— A vida é feita de desapontamentos — disse Carlos. — Anda para diante!

E apressou o passo através do terreiro, enquanto o maestro, cada vez mais animado, lhe gritava a chalaça do dia:

— E Vossa Excelência deve sabê-lo, Sr. Maia, porque tem experiência de espanholas!...

Alencar, que se demorara atrás a acender o cigarro, estendeu o ouvido, curioso, quis saber o que era isso de espanholas. O maestro contou-lhe o encontro do Nunes e os furores da Concha.

Iam ambos caminhando por uma das alamedas laterais, verde e fresca, de uma paz religiosa, como um claustro feito de folhagem. O terreiro estava deserto; a erva que o cobria crescia ao abandono, toda estrelada de botões-de-ouro brilhando ao sol e de malmequerzinhos brancos. Nenhuma folha se movia: através da ramaria ligeira o Sol atirava molhos de raios de ouro. O azul parecia recuado a uma distância infinita, repassado do silêncio luminoso; e só se ouvia, às vezes, monótona e dormente, a voz de um cuco

nos castanheiros.

Toda aquela vivenda, com a sua grade enferrujada sobre a estrada, os seus florões de pedra roídos da chuva, o pesado brasão rococó, as janelas cheias de teias de aranha, as telhas todas quebradas, parecia estar-se deixando morrer voluntariamente naquela verde solidão — amuada com a vida, desde que dali tinham desaparecido as últimas graças do tricorne e do espadim, e os derradeiros vestidos de anquinhas tinham roçado essas relvas... Agora Cruges ia descrevendo ao Alencar a figura do Eusebiozinho, com a chávena de café na mão, a ir pedir perdão à Concha; e a cada momento o poeta, com o seu grande chapéu panamá, se agachava a colher florinhas silvestres.

Quando passaram o arco, encontraram Carlos sentado num dos bancos de pedra, fumando pensativamente a sua *cigarette*. O palacete deitava sobre aquele bocado de terraço a sombra dos seus muros tristes; do vale subia uma frescura e um grande ar; e algures, em baixo, sentia-se o prantear de um repuxo. Então o poeta, sentando-se ao lado do seu amigo, falou com nojo do Eusebiozinho.

— Aí está uma torpeza que ele nunca cometera, trazer meretrizes a Sintra! Nem a Sintra, nem a parte nenhuma... Mas muito menos a Sintra! Sempre tivera, todo o mundo devia ter, a religião daquelas árvores e o amor daquelas sombras...

— E esse Palma — acrescentou ele — é um traste! Eu conheço-o; ele teve uma espécie de jornal, e já lhe dei muita

bofetada na Rua do Alecrim. Foi uma história curiosa... Ora eu ta conto, Carlos... Aquele canalha! quando me lembro!... Aquela vil bolinha de matéria pútrida!... Aquele chouricinho de pus! Levantou-se, passando a mão nervosa sobre os bigodes, já excitado pela lembrança daquela velha desordem, vergastando o Palma com nomes ferozes, todo numa dessas fervuras de sangue que eram a sua desgraça.

Cruges, no entanto, encostado ao parapeito, olhava a grande planície de lavoura que se estendia em baixo, rica e bem trabalhada, repartida em quadros verde-claros e verde-escuros, que lhe faziam lembrar um pano feito de remendos assim que ele tinha na mesa do seu quarto. Tiras brancas de estradas serpeavam pelo

meio: aqui e além, numa massa de arvoredo, branquejava um casal: e a cada passo, naquele solo onde as águas abundam, uma fila de pequenos olmos revelava algum fresco ribeiro, correndo e reluzindo entre as ervas. O mar ficava ao fundo, numa linha unida, esbatida na tenuidade difusa da bruma azulada: e por cima arredondava-se um grande azul lustroso como um belo esmalte, tendo apenas, lá no alto, um farrapozinho de névoa, que ficara ali esquecido, e que dormia enovelado e suspenso na luz...

— Tive nojo! — exclamava o Alencar, rematando fogosamente a sua história. — Palavra que tive nojo! Atirei-lhe a bengala aos pés, cruzei os braços e disse-lhe: «Aí tem você a bengala, seu cobarde, a mim bastam-me as mãos!».

— Que diabo, não me hão de esquecer as queijadas! — murmurou Cruges, para si mesmo, afastando-se do parapeito.

Carlos erguera-se também, olhava o relógio. Mas antes de deixar Seteais, Cruges quis explorar o outro terraço ao lado: e, apenas subira os dois velhos degraus de pedra, soltou de lá um grito alegre:

— Bem dizia eu! cá estão eles... E vocês a dizer que não! Foram-no encontrar triunfante, diante de um montão de penedos, polidos pelo uso, já com um vago feitio de assentos deixados ali outrora, poeticamente, para dar ao terraço uma graça agreste de selva brava. Então, não dizia ele? Bem dizia ele que em Seteais havia penedos!

— Se eu me lembrava perfeitamente! *Penedo da Saudade*, não é que se chama, Alencar?

Mas o poeta não respondeu. Diante daquelas pedras cruzara os braços, sorria dolorosamente; e imóvel, sombrio no seu fato negro, com o panamá carregado para a testa, envolveu todo aquele recanto num olhar lento e triste.

Depois, no silêncio, a sua voz ergueu-se, saudosa e dolente:

— Vocês lembram-se, rapazes, nas *Flores e Martírios*, de uma das coisas melhores que lá tenho, em rimas livres, chamada *6 de agosto*? Não se lembram talvez... Pois eu vo-la digo, rapazes! Maquinalmente tirara do bolso um lenço branco. E com ele flutuante na mão, puxando Carlos para junto de si,

chamando do outro lado o Cruges, baixou a voz como numa confidência sagrada, recitou, com um ardor surdo, mordendo as sílabas, trémulo, numa paixão efémera de nervoso:

Vieste! Cingi-te ao peito.
Em redor, que noite escura!
Não tinha rendas o leito,
Não tinha lavores na barra
Que era só a rocha dura...
Muito ao longe uma guitarra
Gemia vagos harpejos...
(Vê tu que não me esqueceu...)
E a rocha dura aqueceu
Ao calor dos nossos beijos!

Esteve um momento embebendo o olhar nas pedras brancas batidas do Sol, atirou para lá um gesto triste, e murmurou:

— Foi ali.

E afastou-se, alquebrado sob o seu grande chapéu panamá, com o lenço branco na mão. Cruges, que aqueles romantismos impressionavam, ficou a olhar para os penedos como para um sítio histórico. Carlos sorria. E quando ambos deixaram esse recanto do terraço — o poeta, agachado junto do arco, estava apertando o atilho da ceroula.

Endireitou-se logo, já toda a emoção o deixara, mostrava os maus dentes num sorriso amigo, e exclamou, apontando para o arco:

— Agora, Cruges, filho, repara tu naquela tela sublime. O maestro embasbacou. No vão do arco, como dentro de uma pesada moldura de pedra, brilhava, à luz rica da tarde, um quadro maravilhoso, de uma composição quase

fantástica, como a ilustração de uma bela lenda de cavalaria e de amor. Era no primeiro plano o terreiro, deserto e verdejando, todo salpicado de botões amarelos; ao fundo, o renque cerrado de antigas árvores, com hera nos troncos, fazendo ao longo da grade uma muralha de folhagem reluzente; e emergindo abruptamente dessa copada linha de bosque assoalhado, subia no pleno resplendor do dia, destacando vigorosamente num relevo nítido sobre o fundo do céu azul-claro, o cume airoso da serra, toda cor de violeta-escura, coroada pelo Palácio da Pena, romântico e solitário no alto, com o seu parque sombrio aos pés, a torre esbelta perdida no ar, e as cúpulas brilhando ao Sol como se fossem feitas de ouro...

Cruges achou aquele quadro digno de Gustavo Doré. Alencar teve uma bela frase sobre a imaginação dos Árabes. Carlos, impaciente, foi-os apressando para diante.

Mas agora Cruges, impressionado, estava com desejo de subir à Pena. Alencar, por si, ia também com prazer. A Pena para ele era outro ninho de recordações. Ninho? Devia antes dizer cemitério... Carlos hesitava, parado junto da grade. Estaria ela na Pena? E olhava a estrada, olhava as árvores, como se pudesse adivinhar pelas pegadas no pó, ou pelo mover das folhas, que direção tinham tomado os passos que ele seguia... Por fim teve uma ideia.

— Vamos indo primeiro à Lawrence. E depois, se quisermos ir à

Pena, arranjam-se lá os burros...

E nem mesmo quis escutar Alencar, que tivera também uma ideia, falava de Colares, de uma visita ao seu amigo Carvalhosa; acelerou o passo para a Lawrence, enquanto o poeta tornava a arranjar o atilho da ceroula, e o maestro, num entusiasmo bucólico, ornava o chapéu de folhas de hera.

Defronte da Lawrence, os dois burriqueiros, de cigarro na boca, não tendo podido apoderar-se dos ingleses, preguiçavam ao Sol.

— Vocês sabem — perguntou-lhes Carlos — se uma família, que está aqui no hotel, foi para a Pena?

Um dos homens pareceu adivinhar, exclamou logo, desbarretando-se:

— Sim, senhor, foram para lá há

bocado, e aqui está o burrinho também para Vossa Excelência, meu amo!

Mas o outro, mais honesto, negou. Não, senhor, a gente que fora para a Pena estava no Nunes...

— A família que o senhor diz foi agora ali para baixo, para o palácio...

— Uma senhora alta?

— Sim, senhor.

— Com um sujeito de barba preta?

— Sim, senhor.

— E uma cadelinha?

— Sim, senhor.

— Tu conheces o Sr. Dâmaso Salcede?

— Não, senhor... É o que tira retratos?

— Não, não tira retratos... Tomai lá.

Deu-lhes uma placa de cinco tostões; e voltou ao encontro dos outros, declarando que realmente era tarde para subirem à Pena.

— Agora o que tu deves ver, Cruges, é o palácio. Isso é que tem originalidade e *cachet*! Não é verdade, Alencar?

— Eu vos digo, filhos — começou o autor de *Elvira* — historicamente falando...

— E eu tenho de comprar as queijadas — murmurou Cruges.

— Justamente! — exclamou Carlos. — Tens ainda as queijadas; é necessário não perder tempo; a caminho!

Deixou os outros ainda indecisos, abalou para o palácio, em quatro largas passadas estava lá. E logo da praça

avistou, saindo já o portão, passando rente da sentinela, a famosa família hospedada na Lawrence e a sua cadelinha de luxo. Era, com efeito, um sujeito de barba preta, e de sapatos de lona branca; e, ao lado dele, uma matrona enorme, com um mantelete de seda, coisas de oiro pelo pescoço e pelo peito, e o cãozinho felpudo ao colo. Vinham ambos rosnando o quer que fosse, com mau modo um para o outro, e em espanhol.

Carlos ficou a olhar para aquele par com a melancolia de quem contempla os pedaços de um belo mármore quebrado. Não esperou mais pelos outros, nem os quis encontrar. Correu à Lawrence por um caminho diferente, ávido de uma certeza: — e aí, o criado que lhe apareceu disse-lhe que o Sr. Salcede e os senhores

Castro Gomes tinham partido na véspera para Mafra...

— E de lá?...

O criado ouvira dizer ao Sr. Dâmaso que de lá voltavam a Lisboa.

— Bem — disse Carlos atirando o chapéu para cima da mesa — , traga-me você um cálice de conhaque, e uma pouca de água fresca. Sintra, de repente, pareceu-lhe intoleravelmente deserta e triste. Não teve ânimo de voltar ao palácio, nem quis sair mais dali; e arrancando as luvas, passeando em volta da mesa de jantar, onde murchavam os ramos da véspera, sentia um desejo desesperado de galopar para Lisboa, correr ao Hotel Central, invadir-lhe o quarto, vê-la, saciar os seus olhos nela!... Porque o que o irritava agora era não

poder encontrar, na pequenez de Lisboa, onde toda a gente se acotovela, aquela mulher que ele procurava ansiosamente! Duas semanas farejara o Aterro como um cão perdido: fizera peregrinações ridículas de teatro em teatro: numa manhã de domingo percorrera as missas! E não a tornara a ver. Agora sabia-a em Sintra, voava a Sintra, e não a via também. Ela cruzava-o uma tarde, bela como uma deusa tansviada no Aterro, deixava-lhe cair na alma por acaso um dos seus olhares negros, e desaparecia, evaporava-se, como se tivesse realmente remontado ao Céu, de ora em diante invisível e sobrenatural: e ele ali ficava, com aquele olhar no coração, perturbando todo o seu ser, orientando surdamente os seus pensamentos, desejos, curiosidades, toda

a sua vida interior, para uma adorável desconhecida, de quem ele nada sabia senão que era alta e loira, e que tinha uma cadelinha escocesa... Assim acontece com as estrelas de acaso! Elas não são de uma essência diferente, nem contêm mais luz que as outras: mas, por isso mesmo que passam fugitivamente e se esvaem, parecem despedir um fulgor mais divino, e o deslumbramento que deixam nos olhos é mais perturbador e mais longo... Ele não a tornara a ver. Outros viam-na. O Taveira vira-a. No Grémio, ouvira um alferes de lanceiros falar dela, perguntar quem era, porque a encontrava todos os dias. O alferes encontrava-a todos os dias. Ele não a via, e não sossegava...

O criado trouxe o conhaque. Então Carlos, preparando vagarosamente o seu

refresco, conversou com ele, falou um momento dos dois rapazes ingleses, depois da espanhola obesa... Enfim, dominando uma timidez, quase corando, fez, através de grandes silêncios, perguntas sobre os Castro Gomes. E cada resposta lhe parecia uma aquisição preciosa. A senhora era muito madrugadora, dizia o criado: às sete horas tinha tomado banho, estava vestida e saía só. O Sr. Castro Gomes, que dormia num quarto separado, nunca se mexia antes do meio-dia; e, à noite, ficava uma eternidade à mesa, fumando *cigarettes* e molhando os beiços em copinhos de conhaque e água. Ele e o Sr. Dâmaso jogavam o dominó. A senhora tinha montões de flores no quarto; e tencionavam ficar até domingo, mas fora

ela que apressara a partida — Ah! — disse Carlos depois de um silêncio — foi a senhora que apressou a partida?...

— Sim, senhor, com cuidado na menina que tinha ficado em Lisboa... Vossa Excelência toma mais conhaque?

Com um gesto Carlos recusou, e veio sentar-se no terraço. A tarde descia, calma, radiosa, sem um estremecer de folhagem, cheia de claridade dourada, numa larga serenidade que penetrava a alma. Ele tê-la-ia pois encontrado, ali mesmo naquele terraço, vendo também cair a tarde — se ela não estivesse impaciente por tornar a ver a filha, algum bebezinho loiro que ficara só com a ama. Assim, a brilhante deusa era também uma boa mamã; e isto dava-lhe um encanto mais profundo, era assim que ele gostava

mais dela, com este terno estremecimento humano nas suas belas formas de mármore. Agora, já ela estava em Lisboa; e imaginava-a nas rendas do seu peignoir, com o cabelo enrolado à pressa, grande e branca, erguendo ao ar o bebé nos seus esplêndidos braços de Juno, e falando-lhe com um riso de oiro. Achava-a assim adorável, todo o seu coração fugia para ela... Ah! poder ter o direito de estar junto dela, nessas horas de intimidade, bem junto, sentindo o aroma da sua pele, e sorrindo também a um bebé. E, pouco a pouco, foi-lhe surgindo na alma um romance, radiante e absurdo: um sopro de paixão, mais forte que as leis humanas, enrolava violentamente, levava juntos o seu destino e o dela; depois, que divina existência, escondida num ninho de flores

e de Sol, longe, nalgum canto da Itália... E toda a sorte de ideias de amor, de devoção absoluta, de sacrifício, invadiam-no deliciosamente — enquanto os seus olhos se esqueciam, se perdiam, enlevados na religiosa solenidade daquele belo fim da tarde. Do lado do mar subia uma maravilhosa cor de ouro pálido, que ia no alto diluir o azul, dava-lhe um branco indeciso e opalino, um tom de desmaio doce; e o arvoredo cobria-se todo de uma tinta loira, delicada e dormente. Todos os rumores tomavam uma suavidade de suspiro perdido. Nenhum contorno se movia como na imobilidade de um êxtase. E as casas, voltadas para o poente, com uma ou outra janela acesa em brasa, os cimos redondos das árvores apinhadas, descendo a serra

numa espessa debandada para o vale, tudo parecera ficar de repente parado num recolhimento melancólico e grave, olhando a partida do Sol, que mergulhava lentamente no mar...

— Ó Carlos, tu estás aí?

Era em baixo, na estrada, a voz grossa do Alencar gritando por ele. Carlos apareceu à varanda do terraço.

— Que diabo estás tu aí a fazer, rapaz? — exclamou Alencar, agitando alegremente o seu panamá. — Nós lá estivemos à espera, no covil real... Fomos ao Nunes... Íamos agora procurar-te à cadeia! E o poeta riu largamente da sua pilhéria — enquanto Cruges, ao lado, de mãos atrás das costas, e a face erguida para o terraço, bocejava desconsoladamente.

— Vim *refrescar*, como tu dizes, tomar um pouco de conhaque, que estava com sede.

Conhaque? Eis aí o mimo por que o pobre Alencar estivera ansiando toda a tarde, desde Seteais. E galgou logo as escadas do terraço — depois de ter gritado para dentro, para a sua velha Lawrence, que lhe mandasse acima *meia da fina*.

— Viste o Paço, hem, Cruges? — perguntou Carlos ao maestro, quando ele apareceu, arrastando os passos. — Então, parece-me que o que nos resta a fazer é jantar, e abalar...

Cruges concordou. Voltava do palácio com um ar murcho, fatigado daquele vasto casarão histórico, da voz monótona do cicerone mostrando a cama

de S. M. El-Rei, as cortinas do quarto de S. M. a Rainha, «melhores que as de Mafra», o tira-botas de S. A.; e trazia de lá uma pouca dessa melancolia que erra, como uma atmosfera própria, nas residências reais.

E aquela natureza de Sintra, ao escurecer, dizia ele, começava a entristecê-lo.

Então concordaram em jantar ali, na Lawrence, para evitar o espetáculo torpe do Palma e das damas, mandar vir à porta o *break*, e partir depois ao nascer do luar. Alencar, aproveitando a carruagem, recolhia também a Lisboa.

— E, para ser festa completa — exclamou ele, limpando os bigodes do conhaque — enquanto vocês vão ao Nunes pagar a conta, e dar ordens para

o *break*, eu vou-me entender lá abaixo à cozinha com a velha Lawrence, e preparar-vos um *bacalhau à Alencar*, récipe meu... E vocês verão o que é um bacalhau! Porque, lá isso, rapazes, versos os farão outros melhor; bacalhau, não! Atravessando a praça, Cruges pedia a Deus que não encontrassem mais o Eusebiozinho. Mas, apenas puseram os pés nos primeiros degraus do Nunes, ouviram em cima o chalrar da súcia. Estavam na antessala, já todos reconciliados, a Concha contente — e instalados aos dois cantos de uma mesa, com cartas. O Palma, munido de uma garrafa de genebra, fazia uma *batotinha* para o Eusébio; e as duas espanholas, de cigarro na boca, jogavam languidamente a bisca.

O viúvo, enfiado, perdia. No monte, que começara miseravelmente com duas coroas, já luzia ouro; e Palma triunfava, chalaceando, dando beijocas na sua moça. Mas, ao mesmo tempo, fazia de cavalheiro, falava de dar a desforra, ficar ali, sendo necessário, até de madrugada.

— Então Vossas Excelências não se tentam? Isto é para passar o tempo... Em Sintra tudo serve... Valete! Perdeu você outro mico no rei. Deve a libra mais quinze tostões, sô Silveira!

Carlos passara, sem responder, seguido pelo criado — no momento em que Eusebiozinho, furioso, já desconfiado, quis verificar, com as lunetas negras sobre o baralho, se lá estavam todos os reis.

Palma alastrou as cartas largamente, sem se zangar. Entre amigos,

que diabo, tudo se admitia! A sua espanhola, essa sim, escandalizou-se, defendendo a honra do seu homem: então Palmita havia de ter empalmado o rei? Mas a Concha zelava o dinheiro do seu viúvo, exclamava que o rei podia estar perdido... Os reis estavam lá.

Palma atirou um cálice de genebra às goelas, e recomeçou a baralhar majestosamente.

— Então Vossa Excelência não se tenta? — repetia ele para o maestro.

Cruges, com efeito, parara, roçando-se pela mesa, com o olho nas cartas e no ouro do monte, já sem força, remexendo o dinheiro nas algibeiras. Subitamente um ás decidiu-o. Com a mão nervosa, escorregou-lhe uma libra por baixo, jogando cinco tostões, e de porta.

Perdeu logo. Quando Carlos voltou do quarto com o criado que descia as malas, o maestro estava em pleno vício, com a libra entalada, os olhos acesos, o ar esguedelhado.

— Então tu?... — exclamou Carlos com severidade.

— Já desço — rosnou o maestro.

E, à pressa, foi à paz da libra, num terno contra o rei. Cartada de cólicas, como disse o Palma: e foi com emoção que ele começou a puxar as cartas, espremendo-as uma a uma, num vagar mortal. A aparição de um bico arrancou-lhe uma praga. Era apenas um duque, Eusebiozinho perdia mais uma placa. Palma teve um suspirinho de alívio; e, escondendo com ambas as mãos o baralho, erguendo as lunetas faiscantes

para o maestro:

— Então, sempre continua toda a libra?...

— Toda.

Palma teve outro suspiro, de ansiedade; e, mais pálido, voltou bruscamente as cartas.

— Rei! — gritou ele, empolgando o ouro.

Era o rei de paus, a espanhola bateu as palmas, o maestro abalou furioso.

Na Lawrence o jantar prolongou-se até às oito horas, com luzes; — e o Alencar falou sempre. Tinha esquecido nesse dia as desilusões da vida, todos os rancores literários, estava numa veia excelente; e foram histórias dos velhos tempos de Sintra, recordações da sua famosa ida a Paris, coisas picantes de

mulheres, bocados da crónica íntima da Regeneração... Tudo isto com estridências de voz, e *filhos isto*! e *rapazes aquilo*! e gestos que faziam oscilar as chamas das velas, e grandes copos de Colares emborcados de um trago. Do outro lado da mesa, os dois ingleses, corretos nos seus fraques negros, de cravos brancos na botoeira, pasmavam, com um ar embaraçado a que se misturava desdém, para esta desordenada exuberância de meridional.

A aparição do bacalhau foi um triunfo: — e a satisfação do poeta tão grande, que desejou mesmo, caramba, rapazes, que ali estivesse o Ega!

— Sempre queria que ele provasse este bacalhau! Já que me não aprecia os versos, havia de me apreciar o

cozinhado, que isto é um bacalhau de artista em toda a parte!... Noutro dia fi-lo lá em casa dos meus Cohens; e a Raquel, coitadinha, veio para mim e abraçou-me... Isto, filhos, a poesia e a cozinhola são irmãs! Vejam vocês Alexandre Dumas... Dirão vocês que o pai Dumas não é um poeta... E então D'Artagnan? D'Artagnan é um poema... é a faísca, é a fantasia, é a inspiração, é o sonho, é o arrobo! Então, poço, já veem vocês, e é poeta!... Pois vocês hão de vir um dia destes jantar comigo, e há de vir o Ega, hei-de-vos arranjar umas perdizes à espanhola, que vos hão de nascer castanholas nos dedos!... Eu, palavra, gosto do Ega! Lá essas coisas de realismo e romantismo, histórias... Um lírio é tão natural como um percevejo... Uns preferem fedor de

sarjeta; perfeitamente, destape-se o cano público... Eu prefiro pós de marechala num seio branco; a mim o seio, e, lá vai à vossa. O que se quer é coração. E o Ega tem-no. E tem faísca, tem rasgo, tem estilo... Pois, assim é que eles se querem, e, lá vai à saúde do Ega!

Pousou o copo, passou a mão pelos bigodes, e rosnou mais baixo:

— E, se aqueles ingleses continuam a embasbacar para mim, vai-lhes um copo na cara, e é aqui um vendaval, que há de a Grã-Bretanha ficar sabendo o que é um poeta português!... Mas não houve vendaval, a Grã-Bretanha ficou sem saber o que é um poeta português, e o jantar terminou num café tranquilo. Eram nove horas, fazia luar, quando Carlos subiu para a almofada

do *break*.

Alencar, embuçado num capote, um verdadeiro capote de padre de aldeia, levava na mão um ramo de rosas: e agora guardara o seu panamá na maleta, trazia um boné de lontra. O maestro, pesado do jantar, com um começo de *spleen*, encolheu-se a um canto do *break*, mudo, enterrado na gola do paletó, com a manta da mamã sobre os joelhos. Partiram. Sintra ficava dormindo ao luar.

Algum tempo o *break* rodou em silêncio, na beleza da noite. A espaços, a estrada aparecia banhada de uma claridade quente que faiscava. Fachadas de casas, caladas e pálidas, surgiam, de entre as árvores, com um ar de melancolia romântica. Murmúrios de águas perdiam-se na sombra; e, junto dos muros

enramados, o ar estava cheio de aroma. Alencar acendera o cachimbo, e olhava a Lua. Mas, quando passaram as casas de São Pedro, e entraram na estrada, silenciosa e triste, Cruges mexeu-se, tossiu, olhou também para a Lua, e murmurou de entre os seus agasalhos:

— Ó Alencar, recita para aí alguma coisa...

O poeta condescendeu logo — apesar de um dos criados ir ali ao lado deles, dentro do *break*. Mas, que havia ele de recitar, sob o encanto da noite clara? Todo o verso parece frouxo, escutado diante da Lua! Enfim, ia dizer-lhe uma história bem verdadeira e bem triste... Veio sentar-se ao pé do Cruges, dentro do seu grande capotão, esvaziou os restos do cachimbo, e, depois de acariciar algum

tempo os bigodes, começou, num tom familiar e simples:

Era o jardim de uma vivenda antiga
Sem arrebiques d'arte ou flores de luxo;
Ruas singelas d'alfazema e buxo,
Cravos, roseiras...

— Com mil raios! — exclamou de repente o Cruges, saltando de dentro da manta, com um berro que emudeceu o poeta, fez voltar Carlos na almofada, assustou o trintanário.

O *break* parara, todos o olhavam suspensos; e, no vasto silêncio da charneca, sob a paz do luar, Cruges, sucumbido, exclamou:

— Esqueceram-me as queijadas!

9

O dia famoso da *soirée* dos Cohens, ao fim dessa semana tão luminosa e tão doce, amanheceu enevoado e triste. Carlos, abrindo cedo a janela sobre o jardim, vira um céu baixo que pesava como se fosse feito de algodão em rama enxovalhado: o arvoredo tinha um tom arrepiado e húmido; ao longe o rio estava turvo, e no ar mole errava um hálito morno de sudoeste. Decidira não sair — e desde as nove horas, sentado à banca, embrulhado no seu vasto *robe-de-chambre* de veludo azul, que lhe dava o belo ar de um príncipe artista da Renascença, tentava trabalhar: mas, apesar de duas chávenas de café,

de *cigarettes* sem fim, o cérebro, como o céu fora, conservava-se-lhe nessa manhã afogado em névoas. Tinha destes dias terríveis; julgava-se então «uma besta»; e a quantidade de folhas de papel, dilaceradas, amarfanhadas, que lhe juncavam o tapete aos pés, davam-lhe a sensação de ser todo ele uma ruína.

Foi realmente um alívio, uma trégua naquela luta com as ideias rebeldes, quando Batista anunciou Vilaça, que lhe vinha falar de uma venda de montados no Alentejo, pertencentes à sua legítima.

— Negociozinho — disse o administrador, pousando o chapéu a um canto da mesa e dentro um rolo de papéis — que lhe mete na algibeira para cima de dois contos de réis... E não é mau

presente, logo assim pela manhã...

Carlos espreguiçou-se, cruzando fortemente as mãos por trás da cabeça:

— Pois olhe, Vilaça, preciso bem de dois contos de réis, mas preferia que me trouxesse aí alguma lucidez de espírito... Estou hoje de uma estupidez!

Vilaça considerou-o um momento, com malícia.

— Quer Vossa Excelência dizer que antes queria escrever uma bonita página do que receber assim perto de quinhentas libras? São gostos, meu senhor, são gostos... Ele é bom sair-se a gente um Herculano ou um Garrett, mas dois contos de réis, são dois contos de réis... Olhe que sempre valem um folhetim. Enfim, o negócio é este. Explicou-lho, sem se sentar, apressado, enquanto Carlos, de

braços cruzados, considerava quanto era medonho o alfinete de peito que Vilaça trazia (um macacão de coral comendo uma pera de ouro) e distinguia vagamente, através da sua neblina mental, que se tratava de um visconde de Torral e de porcos... Quando Vilaça lhe apresentou os papéis, assinou-os com um ar moribundo.

— Então não fica para almoçar, Vilaça? — disse ele, vendo o procurador meter o seu rolo de papéis debaixo do braço.

— Muito agradecido a Vossa Excelência. Tenho de me encontrar com o nosso amigo Eusébio... Vamos ao Ministério do Reino, ele tem lá uma pretensão... Quer a Comenda da Conceição... Mas este Governo está desgostoso com ele.

— Ah! — murmurou Carlos com respeito e através de um bocejo. — O Governo não está contente com o Eusebiozinho?

— Não se portou bem nas eleições. Ainda há dias, o Ministro do Reino me dizia, em confidência: «O Eusébio é rapaz de merecimento, mas atravessado...». Vossa Excelência noutro dia, disse-me o Cruges, encontrou-o em Sintra.

— Sim, lá estava a fazer jus à Comenda da Conceição. Quando Vilaça saiu, Carlos retomou lentamente a pena, e ficou um momento, com os olhos na página meio escrita coçando a barba, desanimado e estéril. Mas quase em seguida apareceu Afonso da Maia, ainda de chapéu, à volta do seu passeio matinal

no bairro, e com uma carta na mão, que era para Carlos, e que ele achara no escritório misturada ao seu correio. Além disso, esperava encontrar ali o Vilaça.

— Esteve aí, mas deitou a correr, para ir arranjar uma comenda para o Eusebiozinho — disse Carlos, abrindo a carta. E teve uma surpresa, vendo no papel — que cheirava a verbena como a condessa de Gouvarinho — um convite do conde para jantar no sábado seguinte, feito em termos de simpatia tão escolhidos que eram quase poéticos; tinha mesmo uma frase sobre a amizade, falava dos átomos em gancho de Descartes. Carlos desatou a rir, contou ao avô que era um par do Reino que o convidava a jantar, citando Descartes...

— São capazes de tudo —

murmurou o velho.

E dando um olhar risonho aos manuscritos espalhados sobre a banca:

— Então, aqui trabalha-se, hem?

Carlos encolheu os ombros:

— Se é que se pode chamar a isto trabalhar... Olhe aí para o chão. Veja esses destroços... Enquanto se trata de tomar notas, coligir documentos, reunir materiais, bem, lá vou indo. Mas quando se trata de pôr as ideias, a observação, numa forma de gosto e de simetria, dar-lhe cor, dar-lhe relevo, então... Então foi-se!

— Preocupação peninsular, filho, — disse Afonso, sentando-se ao pé da mesa, com o seu chapéu desabado na mão. — Desembaraça-te dela. É o que eu dizia noutro dia ao Craft, e ele concordava... O

português nunca pode ser homem de ideias, por causa da paixão da forma. A sua mania é fazer belas frases, ver-lhes o brilho, sentir-lhes a música. Se for necessário falsear a ideia, deixá-la incompleta, exagerá-la, para a frase ganhar em beleza, o desgraçado não hesita... Vá-se pela água abaixo o pensamento, mas salve-se a bela frase.

— Questão de temperamento — disse Carlos. — Há seres inferiores, para quem a sonoridade de um adjetivo é mais importante que a exatidão de um sistema... Eu sou desses monstros.

— Diabo! então és um retórico...

— Quem o não é? E resta saber por fim se o estilo não é uma disciplina do pensamento. Em verso, o avô sabe, é muitas vezes a necessidade de uma rima

que produz a originalidade de uma imagem... E quantas vezes o esforço para completar bem a cadência de uma frase, não poderá trazer desenvolvimentos novos e inesperados de uma ideia... Viva a bela frase!

— O Sr. Ega — anunciou o Batista, erguendo o reposteiro, quando começava justamente a tocar a sineta do almoço.

— Falai na frase... — disse Afonso, rindo.

— Hem? Que frase? O quê?... — exclamou Ega, que rompeu pelo quarto, com o ar estonteado, a barba por fazer, a gola do paletó levantada. — Oh! por aqui a esta hora, Sr. Afonso da Maia! Como está Vossa Excelência? Dize-me cá, Carlos, tu é que me podes tirar de uma

atrapalhação... Tu terás por acaso uma espada que me sirva? E, como Carlos o olhava assombrado, acrescentou, já impaciente:

— Sim, homem, uma espada! Não é para me bater, estou em paz com toda a humanidade... É para esta noite, para o fato de máscara.

O Matos, aquele animal, só na véspera lhe dera o costume para o baile: e, qual é o seu horror, ao ver que lhe arranjara, em lugar de uma espada artística, um sabre da Guarda Municipal! Tivera vontade de lho passar através das entranhas. Correu ao tio Abraão, que só tinha espadins de corte, reles e pelintras como a própria corte! Lembrara-se do Craft e da sua coleção; vinha de lá, mas aí eram uns espadões de ferro, catanas

pesando arrobas, as durindanas tremendas dos brutos que conquistaram a Índia... Nada que lhe servisse. Fora então que lhe tinham vindo à ideia as panóplias antigas do*Ramalhete*.

— Tu é que deves ter... Eu preciso uma espada longa e fina, com os copos em concha, de aço rendilhado, forrados de veludo escarlate. E sem cruz, sobretudo sem cruz!

Afonso, tomando logo um interesse paternal por aquela dificuldade de John, lembrou que havia no corredor, em cima, umas espadas espanholas...

— Em cima, no corredor? — exclamou Ega, já com a mão no reposteiro.

Inútil precipitar-se, o bom John não as poderia encontrar. Não estavam à

vista, arranjadas em panóplia, conservavam-se ainda nos caixões em que tinham vindo de Benfica.

— Eu lá vou, homem fatal, eu lá vou — disse Carlos, erguendo-se com resignação. — Mas olha que elas não têm bainhas. Ega ficou sucumbido. E foi ainda Afonso que achou uma ideia, o salvou.

— Manda fazer uma simples bainha de veludo negro; isso faz-se numa hora. E manda-lhe coser ao comprido rodelas de veludo escarlate...

— Esplêndido! — gritou Ega. — O que é ter gosto! E apenas Carlos saiu, trovejou contra o Matos.

— Veja Vossa Excelência isto, um sabre da Guarda Municipal! E é quem faz aí os fatos para todos os teatros! Que idiota!... E é tudo assim, isto é um país

insensato!...

— Meu bom Ega, tu não queres tornar decerto Portugal inteiro, o Estado, sete milhões de almas, responsáveis por esse comportamento do Matos?

— Sim senhor — exclamava o Ega passeando pelo gabinete, com as mãos enterradas nos bolsos do paletó. — Sim senhor, tudo isso se prende. O costumier com um fato do século XIV manda um sabre da Guarda Municipal; por seu lado o ministro, a propósito de impostos, cita as Meditações de Lamartine; e o literato, essa besta suprema... Mas calou-se, vendo a espada que Carlos trazia na mão, uma folha do século XVI, de grande têmpera, fina e vibrante, com copos trabalhados como uma renda — e tendo gravado no aço o

nome ilustre do espadeiro, Francisco Rui de Toledo.

Embrulhou-a logo num jornal, recusou à pressa o almoço que lhe ofereciam, deu dois vivos *shake-hands*, atirou o chapéu para a nuca, ia abalar, quando a voz de Afonso o deteve:

— Ouve lá, John — dizia o velho alegremente — , isso é uma espada cá da casa, que nunca brilhou sem glória, creio eu... Vê como te serves dela!

Ao pé do reposteiro, Ega voltou-se, exclamou, apertando contra o peito do paletó o ferro, enrolado no Jornal do Comércio:

— Não a sacarei sem justiça, nem a embainharei sem honra. Au revoir!

— Que vida, que mocidade! — murmurou Afonso. — Muito feliz é este

John!... Pois vai-te arranjando, filho, que já tocou a primeira vez para o almoço.

Carlos ainda se demorou uns instante a reler, com um sorriso, a aparatosa carta do Gouvarinho; e ia enfim chamar o Batista para se vestir, quando em baixo, à entrada particular, o timbre elétrico começou a vibrar violentamente. Um passo ansioso ressoou na antecâmara, o Dâmaso apareceu esbaforido, de olho esgazeado, com a face em brasa. E, sem dar tempo a que Carlos exprimisse a surpresa de o ver enfim no *Ramalhete*, exclamou, lançando os braços ao ar:

— Ainda bem que te encontro, caramba! Quero que venhas daí, que me venhas ver um doente... Eu te explicarei... É aquela gente brasileira. Mas, pelo amor de Deus, vem depressa, menino! Carlos

erguera-se, pálido:

— É ela?

— Não, é a pequena, esteve a morrer... Mas veste-te, Carlinhos, veste-te, que a responsabilidade é minha!

— É um bebé, não é?

— Qual bebé!... É uma pequena crescida, de seis anos... Anda daí!

Carlos, já em mangas de camisa, estendia o pé ao Batista, que, com um joelho em terra, apressado também, quase fez saltar os botões da bota. E Dâmaso, de chapéu na cabeça, agitava-se, exagerando a sua impaciência, a estalar de importância.

— Sempre a gente se vê em coisas!... Olha que responsabilidade a minha! Vou visitá-los, como costumo às vezes, de manhã... E vai, tinham partido

para Queluz.

Carlos voltou-se, com a sobrecasaca meio vestida:

— Mas então?...

— Escuta, homem! Foram para Queluz, mas a pequena ficou com a governanta... Depois do almoço deu-lhe uma dor. A governanta queria um médico inglês, porque não fala senão inglês... Do hotel foram procurar o Smith, que não apareceu... E a pequena a morrer!... Felizmente, cheguei eu, e lembrei-me logo de ti... Foi sorte encontrar-te, caramba!

E acrescentou, dando um olhar ao jardim:

— Também, irem a Queluz com um dia destes! Hão-de-se divertir... Estás pronto, hem? Eu tenho lá em baixo o *coupé*... Deixa as luvas, vais muito bem

sem luvas!

— O avô que não me espere para almoçar — gritou Carlos ao Batista, já no fundo da escada.

Dentro do *coupé*, um ramo enorme enchia quase o assento.

— Era para ela — disse o Dâmaso, pondo-o sobre os joelhos. — Pela-se por flores.

Apenas o *coupé* partiu, Carlos, cerrando a vidraça, fez a pergunta que desde a aparição do Dâmaso lhe faiscava nos lábios.

— Mas então tu, que querias quebrar a cara a esse Castro Gomes?...

O Dâmaso contou logo tudo, triunfante. Fora tudo um equívoco! Ah!, as explicações do Castro Gomes tinham sido de um *gentleman*. Senão, quebrava-lhe a

cara. Isso não, desconsiderações, a ninguém! A ninguém! Mas fora assim: os bilhetes de visita que ele lhe deixara conservavam a sua *adresse* do Grand Hôtel de Paris. E o Castro Gomes, supondo que ele vivia lá, obedecendo à indicação, mandara para lá os seus cartões! Curioso, hem? É de estúpido... E a falta de resposta aos telegramas fora culpa de madame, descuido, naquele momento de aflição, vendo o marido com o braço escavacado... Ah!, tinham-lhe dado satisfações humildes. E agora eram íntimos, estava lá quase sempre...

— Enfim, menino, um romance... Mas isso é para mais tarde! O *coupé* parara à porta do Hotel Central. Dâmaso saltou, correu ao guarda-portão.

— Mandou o telegrama, António?

— Já lá vai...

— Tu compreendes — dizia ele a Carlos, galgando as escadas — mandei-lhes logo um telegrama para o hotel em Queluz. Não estou para ter mais responsabilidades!..

No corredor, defronte do escritório, um criado passava, com um guardanapo debaixo do braço.

— Como está a menina? — gritou-lhe o Dâmaso.

O criado encolheu os ombros, sem compreender.

Mas Dâmaso já trepava o outro lanço de escada, soprando, gritando:

— Por aqui, Carlos, eu conheço isto a palmos! Número 26! Abriu com estrondo a porta do número 26. Uma criada, que estava à janela, voltou-se.

— Ah! Bonjour, Melanie! — exclamava Dâmaso, no seu extraordinário francês. — A criança estava melhor? L'enfant était meilleur? Ali lhe trazia o doutor, monsieur le docteur Maia. Melanie, uma rapariga magra e sardenta, disse que mademoiselle estava mais sossegada, e ela ia avisar Miss Sara, a governanta. Passou o espanador pelo mármore de uma console, ajeitou os livros sobre a mesa, e saiu, dardejando a Carlos um olhar vivo como uma faísca.

A sala era espaçosa, com uma mobília de repes azul, e um grande espelho sobre a console dourada, entre as duas janelas: a mesa estava coberta de jornais, de caixas de charutos, e de romances de Cappendu; sobre uma cadeira, ao lado, ficara enrolado um

bordado.

— Esta Melanie, esta desleixada — murmurava o Dâmaso, fechando a janela com um esforço sobre o fecho perro. — Deixar assim tudo aberto! Jesus, que gente!

— Este cavalheiro é bonapartista — disse Carlos, vendo sobre a mesa os números do Pays.

— Isso, temos questões terríveis! — exclamou o Dâmaso. — E eu enterro-o sempre... É bom rapaz, mas tem pouco fundo.

Melanie voltou, pedindo a monsieur le docteur para entrar um instante no gabinete de *toilette*. E aí, depois de apanhar uma toalha caída, de dardejar a Carlos outro olharzinho petulante, disse que Miss Sara vinha

imediatamente, e retirou-se na ponta dos sapatos. Fora, na sala, ergueu-se logo a voz do Dâmaso, falando a Melanie de sa responsabilité, et qu'il était très affligé. Carlos ficou só, na intimidade daquele gabinete de *toilette*, que nessa manhã ainda não fora arrumado. Duas malas, pertencentes decerto a madame, enormes, magníficas, com fecharias e cantos de aço polido, estavam abertas: de uma trasbordava uma cauda rica, de seda forte cor de vinho: e na outra era um delicado alvejar de roupa branca, todo um luxo secreto e raro de rendas e baptistes, de um brilho de neve, macio pelo uso e cheirando bem. Sobre uma cadeira alastrava-se um monte de meias de seda, de todos os tons, unidas, bordadas, abertas em renda, e tão leves que uma

aragem as faria voar; e no chão corria uma fila de sapatinhos de verniz, todos do mesmo estilo, longos, com o tacão baixo, e grandes fitas de laçar. A um canto estava um cesto acolchoado de seda cor-de-rosa, onde decerto viajara a cadelinha.

Mas o olhar de Carlos prendia-se sobretudo a um sofá onde ficara estendido, com as duas mangas abertas, à maneira de dois braços que se oferecem, o casaco branco de veludo lavrado de Génova com que ele a vira, a primeira vez, apear-se à porta do hotel. O forro, de cetim branco, não tinha o menor acolchoado, tão perfeito devia ser o corpo que vestia: e assim, deitado sobre o sofá, nessa atitude viva, num desabotoado de seminudez, adiantando em vago relevo o cheio de dois seios, com os braços

alargando-se, dando-se todos, aquele estofo parecia exalar um calor humano, e punha ali a forma de um corpo amoroso, desfalecendo num silêncio de alcova. Carlos sentiu bater o coração. Um perfume indefinido e forte de jasmim, de marechala, de tanglewood elevava-se de todas aquelas coisas íntimas, passava-lhe pela face como um bafo suave de carícia...

Então desviou os olhos, aproximou-se da janela, que tinha por perspetiva a fachada enxovalhada do Hotel Shneid. Quando se voltou, Miss Sara estava diante dele, vestida de preto e muito corada: era uma pessoa simpática, redondinha e pequena, com um ar de rola farta, os olhos sentimentais, e uma testa de virgem sob bandós lisos e loiros.

Balbuciava umas palavras em francês, em que Carlos só percebeu docteur.

— Yes, I am the doctor — disse ele.

A face da boa inglesa iluminou-se. Oh! era tão bom ter enfim com quem se entender! A menina estava muito melhor! Oh! o doutor vinha livrá-la de uma responsabilidade!...

Abriu o reposteiro, fê-lo penetrar num quarto com as janelas todas cerradas, onde ele apenas distinguiu a forma de um grande leito e o brilho de cristais num toucador. Perguntou para quem eram aquelas trevas.

Miss Sara pensara que a escuridão faria bem à menina e a adormeceria. E trouxera-a ali para o quarto da mamã, por ser mais largo e mais arejado.

Carlos fez abrir as janelas: e, quando a grande luz entrou, ao avistar a pequena no leito, sob os cortinados abertos, não conteve a sua admiração.

— Que linda criança!

E ficou um instante a contemplá-la, num enlevo de artista, pensando que os brancos mais mimosos, mais ricos, sob a mais sábia combinação de luz, não igualariam a palidez ebúrnea daquela pele maravilhosa: e esta adorável brancura era ainda realçada por um cabelo negro, tenebroso, forte, que reluzia sob a rede. Os seus dois olhos grandes, de um azul profundo e líquido, pareciam nesse instante maiores, muito sérios, e muito abertos para ele.

Estava encostada a um grande travesseiro, toda quieta, com o susto ainda

da dor, perdida naquele vasto leito, e apertando nos braços uma enorme boneca paramentada, de pelo riçado, de olhos também azuis e arregalados também.

Carlos tomou-lhe a mãozinha e beijou-lha — perguntando se a boneca também estava doente.

— Cricri também teve dor — respondeu ela muito séria, sem tirar dele os seus magníficos olhos. — Eu já não tenho... Estava com efeito fresca como uma flor, com a linguazinha muito rosada, e sua vontade já de lanchar.

Carlos tranquilizou Miss Sara. Oh!, ela via bem que mademoiselle estava boa. O que a assustara fora achar-se ali só, sem a mamã, com aquela responsabilidade. Por isso a tinha deitado... Oh!, se fosse uma criança

inglesa saía com ela para o ar... Mas estas meninas estrangeiras, tão débeis, tão delicadas... E o labiozinho gordo da inglesa traía um desdém compassivo por estas raças inferiores e deterioradas.

— Mas a mamã não é doente?

Oh! não ! Madame era muito forte. O senhor, esse sim, parecia mais fraco...

— E, como se chama a minha querida amiga? — perguntou Carlos, sentado à cabeceira do leito.

— Esta é Cricri — disse a pequena, apresentando outra vez a boneca. — Eu chamo-me Rosa, mas o papá diz que sou Rosicler.

— Rosicler? realmente? — disse Carlos sorrindo daquele nome de livro de cavalaria, rescendente a torneios e a bosques de fadas. Então, como colhendo

simplesmente informações de médico, perguntou a Miss Sara se a menina sentira a mudança de clima. Habitavam ordinariamente Paris, não é verdade?

Sim, viviam em Paris no inverno, no Parque Monceaux; de verão iam para uma quinta da Turenne, ao pé mesmo de Tours, onde ficavam até ao começo da caça; e iam sempre passar um mês a Dieppe. Pelo menos fora assim, nos últimos três anos, desde que ela estava com madame.

Enquanto a inglesa falava, Rosa, com a sua boneca nos braços, não cessava de olhar Carlos gravemente e como maravilhada. Ele, de vez em quando, sorria-lhe, ou acariciava-lhe a mãozinha. Os olhos da mãe eram negros: os do pai de azeviche e pequeninos: de quem

herdara ela aquelas maravilhosas pupilas de um azul tão rico, líquido e doce?

Mas a sua visita de médico findara, ergueu-se para receitar um calmante. Enquanto a inglesa preparava muito cuidadosamente o papel e experimentava a pena, ele examinou um momento o quarto. Naquela instalação banal de hotel, certos retoques de uma elegância delicada revelavam a mulher de gosto e de luxo: sobre a cómoda e sobre a mesa havia grandes ramos de flores: os travesseiros e os lençóis não eram do hotel, mas próprios, de bretanha fina, com rendas e largos monogramas bordados a duas cores. Na poltrona que ela usava, uma casimira de Tarnah disfarçava o medonho repes desbotado.

Depois, ao escrever a receita,

Carlos notou ainda sobre a mesa alguns livros de encadernações ricas, romances e poetas ingleses: mas destoava ali, estranhamente, uma brochura singular — o Manual de Interpretação dos Sonhos. E ao lado, em cima do toucador, entre os marfins das escovas, os cristais dos frascos, as tartarugas finas, havia outro objeto extravagante, uma enorme caixa de pó de arroz, toda de prata dourada, com uma magnífica safira engastada na tampa dentro de um círculo de brilhantes miúdos, uma joia exagerada de *cocotte*, pondo ali uma dissonância audaz de esplendor brutal.

Carlos voltou junto do leito, e pediu um beijo a Rosicler; ela estendeu-lhe logo a boquinha fresca como um botão de rosa; ele não ousou beijá-la assim

naquele grande leito da mãe, e tocou-lhe apenas na testa.

— Quando vens tu outra vez? — perguntou ela agarrando-o pela manga do casaco.

— Não é necessário vir outra vez, minha querida. Tu estás boa, e Cricri também.

— Mas eu quero o meu *lunch*... Diz a Sara que eu posso tomar o meu *lunch*... E Cricri também.

— Sim, já podeis ambas petiscar alguma coisa...

Fez as suas recomendações à mestra, e depois, apertando a mãozinha da pequena:

— E agora adeus, minha linda Rosicler, uma vez que és Rosicler...

E não quis ser menos amável com

a boneca, deu-lhe também um *shake-hands*.

Isto pareceu cativar Rosa ainda mais. A inglesa, ao lado, sorria, com duas covinhas na face.

Não era necessário, lembrou Carlos, conservar a criança na cama, nem torturá-la com cautelas exageradas...

— Oh, no, sir!

E se a dor reaparecesse, ainda que ligeira, mandá-lo logo chamar...

— Oh, yes, sir!

E ali deixava o seu bilhete, com a sua *adresse*.

— Oh, thank you, sir!

Ao voltar à sala, o Dâmaso saltou do sofá, onde percorria um jornal, como uma fera a quem se abre a jaula.

— Credo, imaginei que ias lá ficar

toda a vida! Que estiveste tu a fazer? Irra, que estopada!

Carlos, calçando as luvas, sorria sem responder.

— Então, é coisa de cuidado?

— Não tem nada. Tem uns lindos olhos... E um nome extraordinário.

— Ah!, Rosicler — murmurou Dâmaso, agarrando o chapéu com mau modo. — Muito ridículo, não é verdade?

A criada francesa apareceu outra vez a abrir a porta da sala — dardejando para Carlos o mesmo olhar quente e vivo. Dâmaso recomendou-lhe muito que dissesse aos senhores que ele tinha vindo logo com o médico; e que havia de voltar à noite para lhes fazer uma surpresa, para saber se tinham gostado de Queluz — si ils avaient aimé Queluz.

Depois, ao passar diante do escritório, meteu a cabeça, para dizer ao guarda-livros que a menina estava boa, tudo ficava em sossego.

O guarda-livros sorriu e cortejou.

— Queres que te vá levar a casa? — perguntou ele a Carlos, em baixo, abrindo a porta do *coupé*, ainda com um resto de mau humor.

Carlos preferia ir a pé.

— E acompanha-me tu um bocado, Dâmaso, tu agora não tens que fazer.

Dâmaso hesitou, olhando o céu áspero, as nuvens pesadas de chuva. Mas Carlos tomara-lhe o braço, arrastava-o, amável e gracejando.

— Agora que te tenho aqui, velhaco, homem fatal, quero o romance... Tu disseste que tinhas um romance. Não te

largo. És meu. Venha o romance. Eu sei que os tens sempre bons. Quero o romance!

Pouco a pouco Dâmaso sorria, as bochechas esbraseavam-se-lhe de satisfação.

— Vai-se fazendo pela vida — disse ele a estoirar de jactância.

— Vocês estiveram em Sintra?...

— Estivemos, mas isso não foi divertido... O romance é outro! Desprendeu-se do braço de Carlos, fez um sinal ao cocheiro para que os seguisse, e regalou-se pelo Aterro fora de contar o seu romance.

— A coisa é esta... O marido daqui a dias vai para o Brasil, tem lá negócios. E ela fica! Fica com as criadas e com a pequena, à espera, dois ou três

meses. Diz que já andaram até a ver casas mobiladas, que ela não quer estar no hotel... E eu, íntimo, a única pessoa que ela conhece, metido de dentro... Hem, percebes agora?

— Perfeitamente — disse Carlos, arrojando para longe o charuto, com um gesto nervoso. — E decerto a pobre criatura já está fascinada! Já lhe deste, como costumas, um beijo ardente entre duas portas! Já a desgraçada se sortiu da caixa de fósforos, para mais tarde quando a abandonares!

Dâmaso enfiava.

— Não venhas já tu com o espírito e com a chufazinha... Não lhe dei beijos que ainda não houve ocasião... Mas, o que te posso dizer, é que tenho mulher!

— Pois já era tempo — exclamou

Carlos, sem conter um gesto brusco e atirando-lhe as palavras como chicotadas. — Já era tempo! Andavas aí metido com umas criaturas ignóbeis, uma ralé de lupanar... Enfim, agora há progresso. E eu gosto que os meus amigos vivam numa ordem de sentimentos decentes... Mas vê lá... Não sejas o costumado Dâmaso! Não te vás pôr a alardear isso pelo Grémio e pela Casa Havanesa!

Desta vez Dâmaso estacou, sufocado, sem compreender aquele modo, semelhante azedume. E terminou por balbuciar, lívido:

— Tu podes entender muito de medicina e de bricabraque, mas lá a respeito de mulheres, e da maneira de fazer as coisas, não me dás lições...

Carlos olhou-o, com um desejo

brutal de o espancar. E de repente, sentiu-o tão inofensivo, tão insignificante, com o seu ar bochechudo e mole, que se envergonhou do surdo despeito que o atravessara, tomou-lhe o braço, teve duas palavras amáveis.

— Dâmaso, tu não me compreendeste. Eu não te quis fazer zangar... É para teu bem... O que eu receava é que tu, imprudente, arrebatado, apaixonado, fosses perder essa bela aventura por uma indiscrição...

E o outro ficou logo contente, sorrindo já, abandonando-se ao braço do seu amigo, certo que o desejo do Maia era que ele tivesse uma amante chique. Não, ele não se tinha zangado, nunca se zangava com os íntimos... Compreendia bem que o que Carlos dizia era por amizade...

— Mas tu, às vezes, tens essa coisa que te pegou o Ega, gostas do teu bocadinho de espírito...

E então tranquilizou-o. Não, por imprudência não havia ele de «perder a coisa». Aquilo ia com todas as regras. Lá nisso sobrava-lhe experiência. A Melanie, já a tinha na mão; já lhe dera duas libras.

— Isto demais a mais é uma coisa muito séria... Ela conhece meu tio, é íntima dele desde pequena, tratam-se até por tu...

— Que tio?

— Meu tio Joaquim... Meu tio Joaquim Guimarães, Mr. de Guimaran, o que vive em Paris, o amigo de Gambetta...

— Ah! sim, o comunista...

— Qual comunista, até tem carruagem!

Subitamente lembrou-lhe outra coisa, um ponto de *toilette* em que queria consultar Carlos.

— Amanhã vou jantar com eles, e vão também dois brasileiros, amigos dele, que chegaram aí há dias, e que partem pelo mesmo paquete... Um é chique, é da Legação do Brasil em Londres. De maneira que é jantar de cerimónia. O Castro Gomes não me disse nada; mas que te parece, achas que vá de casaca?...

— Sim, atira-lhe casaca, e uma boa rosa na lapela.

O Dâmaso olhou-o, pensativo.

— A mim tinha-me lembrado o hábito de Cristo.

— O hábito de Cristo... Sim, põe o hábito de Cristo ao pescoço, e põe a rosa na botoeira.

— Será talvez de mais, Carlos!

— Não, fica bem ao teu tipo.

Dâmaso fizera parar o *coupé* que os tinha seguido a passo. E no último aperto de mão a Carlos:

— Tu sempre vais à noite, aos Cohens, de dominó? O meu fato de selvagem ficou divino. Eu venho mostrá-lo à noite à brasileira... Entro no hotel embrulhado num capote, e apareço-lhes de repente na sala, de selvagem, de Nelusko, a cantar:

Alerta, marinari, Il vento cangia...

Chique a valer!... Good bye!

Às dez horas Carlos vestia-se para o baile dos Cohens. Fora, a noite fizera-se tenebrosa, com lufadas de vento, pancadas de água, que a cada instante batiam agrestemente o jardim. Ali, no gabinete

de *toilette*, errava no ar tépido um vago aroma de sabonete e de bom charuto. Sobre duas cómodas de pau-preto, marchetadas a marfim, duas serpentinas de velho bronze erguiam os seus molhos de velas acesas, pondo largos reflexos doces sobre a seda castanha das paredes. Ao lado do alto espelho-psyché alastrava-se já, em cima de uma poltrona, o dominó de cetim negro com um grande laço azul-claro.

Batista, com a casaca na mão, esperava que Carlos acabasse a chávena de chá preto que ele estava bebendo aos goles, de pé, em mangas de camisa, e de gravata branca. De repente, o timbre elétrico da porta particular retiniu, apressado e violento.

— Talvez outra surpresa —

murmurou Carlos. — Hoje é o dia das surpresas...

Batista sorriu, ia pousar a casaca para abrir — quando em baixo vibrou outro repique brutal, de uma impaciência frenética. Então Carlos, curioso, saiu à antecâmara: e aí, à meia luz das lâmpadas Carcel, ainda quebrantada pelo tom dos veludos cor de cereja, viu, ao abrir-se a porta por onde entrou um sopro áspero da noite, aparecer vivamente uma forma esguia e vermelha, com um confuso tinir de ferro. Depois, pela escada acima, duas penas negras de galo ondearam, um manto escarlate, esvoaçou — e o Ega estava diante dele, caracterizado, vestido de Mefistófeles! Carlos apenas pôde dizer: bravo! — o aspeto do Ega emudeceu-o. Apesar dos toques de caracterização que

quase o mascaravam — sobrancelhas de Diabo, guias de bigode ferozmente exageradas — , sentia-se bem a aflição em que vinha, com os olhos injetados, perdido, numa terrível palidez. Fez um gesto a Carlos, arremessou-se pelo gabinete dentro. Batista, logo, discretamente, retirou-se, cerrando o reposteiro.

Estavam sós. Então Ega, apertando desesperadamente as mãos, numa voz rouca e de agonia:

— Tu sabes o que me sucedeu, Carlos?

Mas não pôde dizer mais, sufocado, tremendo todo; e diante dele, devorando-o com os olhos, Carlos tremia também, enfiado.

— Cheguei a casa dos Cohens —

continuou Ega por fim com esforço e quase balbuciando — mais cedo, como tínhamos combinado. Ao entrar na sala, já estavam duas ou três pessoas... Ele vem direito a mim, e diz-me: «Você, seu infame, ponha-se já no meio da rua... Já no meio da rua, senão, diante desta gente, corro-o a pontapés!». E eu, Carlos...

Mas a cólera outra vez abafou-lhe a voz. E esteve um momento mordendo os beiços, recalcando os soluços, com os olhos reluzentes de lágrimas.

Quando as palavras voltaram, foi uma explosão selvagem:

— Quero-me bater em duelo com aquele malvado, a cinco passos, meter-lhe uma bala no coração!

Outros sons estrangulados escaparam-se-lhe da garganta; e batendo

furiosamente o pé, esmurrando o ar, berrava, sem cessar, como cevando-se na estridência da própria voz:

— Quero matá-lo! Quero matá-lo! Quero matá-lo!

Depois, alucinado, sem ver Carlos, rompeu a passear desabridamente pelo quarto, às patadas, com o manto deitado para trás, a espada mal afivelada batendo-lhe as canelas escarlates.

— Então descobriu tudo — murmurou Carlos.

— Está claro que descobriu tudo! — exclamou o Ega, no seu passear arrebatado, atirando os braços ao ar. — Como descobriu, não sei. Sei isto, já não é pouco. Pôs-me fora!... Hei-de-lhe meter uma bala no corpo! Pela alma de meu pai, hei-de-lhe varar o coração!... Quero que

vás logo pela manhã com o Craft... E as condições são estas: à pistola, a quinze passos!

Carlos, agora outra vez sereno, acabava a sua chávena de chá. Depois, disse muito simplesmente:

— Meu querido Ega, tu não podes mandar desafiar o Cohen. O outro estacou de repelão, atirando pelos olhos dois relâmpagos de ira — a que as medonhas sobrancelhas de crepe, as duas penas de galo ondeando na gorra, davam uma ferocidade teatral e cómica.

— Não o posso mandar desafiar?

— Não.

— Então põe-me fora de casa...

— Estava no seu direito.

— No seu direito!... Diante de toda a gente?...

— E tu, não eras amante da mulher diante de toda a gente?... O Ega ficou a olhar um momento para Carlos, como atordoado. Depois fez um grande gesto:

— Não se trata da mulher!... Não se falou da mulher! É uma questão de honra para mim, quero mandá-lo desafiar, quero matá-lo...

Carlos encolheu os ombros — Tu não estás em ti. Tens só uma coisa a fazer; é ficar amanhã em casa, a ver se ele te manda desafiar a ti...

— O quê, o Cohen! — exclamou Ega. — É um cobarde, é um canalha!... Ou o mato, ou lhe rasgo a cara com um chicote. Desafiar-me! Olha quem... Tu estás doido...

E recomeçou o seu passear desabalado do espelho para a janela,

soprando, rilhando os dentes, com repelões para trás ao manto que fazia oscilar, nas serpentinas, as chamas altas das velas. Carlos não dizia nada, de pé junto da mesa, enchendo lentamente de novo a sua chávena. Tudo aquilo começava a parecer-lhe pouco sério, pouco digno, as ameaças de pontapés do marido, os furores melodramáticos do Ega: — e mesmo não podia deixar de sorrir diante daquele Mefistófeles esgrouviado, espalhando pelo quarto o brilho escarlate do seu manto de veludo, e a falar furiosamente de honra e de morte, com sobrancelhas postiças, e escarcela de couro à cinta.

— Vamos falar ao Craft! — exclamou de repente Ega, parando, com esta brusca resolução. — Quero ver o que

diz o Craft. Tenho lá em baixo uma tipoia, estamos lá num instante!

— Ir agora à quinta, aos Olivais? — disse Carlos, olhando o relógio.

— Se és meu amigo, Carlos!...

Carlos imediatamente, sem chamar o Batista, acabou de se vestir.

Ega, no entanto, ia preparando uma chávena de chá, deitando-lhe rum, ainda tão nervoso que mal podia segurar a garrafa. Depois, com um grande suspiro, acendeu uma *cigarette*. Carlos entrara na alcova de banho, ao lado, alumiada por um forte jato de gás que assobiava. Fora, a chuva continuava seguida e monótona, as goteiras escoavam-se no chão mole do jardim.

— Achas que a tipoia aguentará? — perguntou Carlos de dentro.

— Aguenta, é o Canhoto — disse Ega.

Agora reparara no dominó, fora erguê-lo, examinava-lhe o cetim rico, o belo laço azul-claro. Depois, tendo encontrado diante de si o grande espelho-psyché, entalou o monóculo no olho, recuou um passo, contemplou-se de alto a baixo — e terminou por pousar uma das mãos na cinta, apoiar a outra galhardamente sobre os copos da espada.

— Eu não estava mal, ó Carlos, hem?

— Estavas esplêndido — respondeu o outro de dentro da alcova. — Foi pena estragar-se tudo... Como estava ela?

— Devia estar de Margarida.

— E ele?

— A besta? De beduíno.

E continuou ao espelho, gozando a sua figura esguia, as penas da gorra, os sapatos bicudos de veludo, e a ponta flamante da espada erguendo o manto por trás, numa prega fidalga.

— Mas então — disse Carlos, aparecendo a enxugar as mãos — tu não fazes ideia do que se passou, o que ele diria à mulher, o escândalo...

— Não faço ideia nenhuma — disse o Ega, agora mais sereno.

— Quando entrei na primeira sala estava ele, de beduíno; estava um outro sujeito de urso, e uma senhora não sei de quê, de tirolesa, creio eu... Ele veio para mim, e disse-me aquilo: «Ponha-se fora!» Não sei mais nada... Nem posso perceber... O canalha, se descobriu,

naturalmente, para não estragar a festa, não disse nada a Raquel... Depois é que elas são!

Ergueu as mãos para o céu, murmurou:

— É horroroso!

Deu ainda uma volta pelo quarto, e depois numa outra voz, franzindo a face:

— Não sei que diabo aquele Godefroy me deu para colar as sobrancelhas, que me picam que tem diabo!

— Tira-as...

Diante do espelho, Ega hesitava em desmanchar o seu semblante feroz de Satanás. Mas arrancou-as por fim — e a gorra emplumada, muito justa, que lhe escaldava a cabeça. Então Carlos lembrou-lhe que, para ir a casa do Craft,

se desembaraçasse do manto e da espada, se agasalhasse num paletó dele. Ega deu ainda um longo e mudo olhar ao seu flamejante traje infernal, e com um profundo suspiro começou a desafivelar o talim. Mas o paletó era muito largo, muito comprido; teve de lhe dar uma dobra nas mangas. Depois Carlos meteu-lhe um boné escocês na cabeça. — E assim arranjado, com as canelas vermelhas de diabo aparecendo sob o paletó, a gargantilha escarlate à Carlos IX emergindo da gola, a velha casqueta de viagem na nuca, o pobre Ega tinha o ar lamentável de um Satanás pelintra, agasalhado pela caridade de um *gentleman*, e usando-lhe o fato velho.

Batista alumiou, grave e discreto. Ega, ao passar por ele, murmurou:

— Isto vai mal, Batista, isto vai mal...

O velho criado teve um movimento triste de ombros, como significando que nada no mundo ia bem.

Na rua negra, a parelha quieta dobrava a cabeça sob a chuva. O Canhoto, ao ouvir falar de uma gorjeta de libra, fez um grande espalhafato, rompeu às chicotadas; e a velha traquitana lá partiu a galope, a escorrer de água, atroando a calçada.

Por vezes um *coupé* particular cruzava-os, os casacos de guta-percha dos criados branquejavam à luz das lanternas. Então a ideia da festa que devia agora resplandecer; Margarida ignorando tudo, valsando nos braços de outros, ansiosa, à espera dele; a ceia depois, o champanhe,

as coisas brilhantes que ele teria dito — todas essas delícias perdidas se vinham cravar no coração do pobre Ega, arrancavam-lhe pragas surdas. Carlos fumava silenciosamente, com o pensamento no Hotel Central.

Depois de Santa Apolónia a estrada começou, infindável, desabrigada, batida pelo ar agreste do rio. Nenhum dizia uma palavra, cada um para o seu canto, arrepiados na friagem que entrava pelas gretas da tipoia. Carlos não cessava de ver o casaco branco de veludo, com as duas mangas abertas, como dois braços que se ofereciam...

Passava da uma hora quando chegaram à quinta: a sineta do portão, aos puxões do cocheiro encharcado, retumbou lúgubre naquele silêncio escuro de aldeia.

Um cão ladrou furiosamente: outros latidos ao longe responderam; e ainda esperaram muito, antes que um criado, sonolento e resmungão, aparecesse com uma lanterna. Uma rua de acácias conduzia à casa: o Ega praguejava, enterrando os seus belos sapatos de veludo no chão lamacento. Craft, surpreendido com aquele tumulto, veio-lhes ao encontro no corredor, de *robe-de-chambre*, e a *Revista dos Dois Mundos* debaixo do braço. Percebeu logo que havia desastre. Levou-os em silêncio para o seu gabinete, onde um bom lume de carvão na chaminé aquecia, alegrava o aposento todo estofado de cretones claros. Ambos foram direitos ao lume.

Ega rompera logo a contar o seu caso — enquanto Craft, sem espanto nem

exclamações, ia preparando metodicamente sobre a mesa três grogues de conhaque e limão. Carlos, sentado ao pé do fogão, aquecia os pés: e Craft veio acabar de ouvir o Ega, acomodando-se também na sua poltrona, do outro lado da chaminé, com o seu cachimbo na boca.

— Enfim — exclamou Ega, de pé, cruzando os braços— que me aconselhas tu agora?

— Tens a fazer só isto — disse Craft — : esperar amanhã em casa que ele te mande os seus padrinhos... Que tenho a certeza que não manda... E depois, se vos baterdes, deixar-te ferir ou matar.

— Perfeitamente o que eu disse — murmurou Carlos, provando o seu grogue.

Ega olhou-os a ambos, sucessivamente, petrificado. E logo, num

fluxo de palavras desordenadas, queixou-se de não ter amigos. Ali estava, naquela crise, a maior da sua vida: e em lugar de encontrar, nos seus camaradas de infância e de Coimbra, apoio, solidariedade, lealdade à tort et à travers, abandonavam-no, pareciam querer enterrá-lo, e expô-lo a irrisões maiores... Ia-se comovendo; os olhos vermelhejavam-lhe sob as lágrimas. E quando algum deles ia interrompê-lo, numa palavra de senso, batia o pé, persistia na sua teima — um desafio, matar o Cohen, vingar-se! Tinha sido insultado. Não existia outra coisa. Não se tinha falado na mulher. Era ele que devia primeiro mandar padrinhos, lavar a sua honra. Havia pessoas na sala, quando o outro o insultou. Havia um urso, e uma tirolesa... E enquanto a deixar-se varar

por uma bala, não! Tinha mais direito a viver que o Cohen, que era um burguês, e um agiota... E ele era um homem de estudo e de arte! Tinha na cabeça livros, ideias, coisas grandes. Devia-se ao país, à civilização!... Se fosse ao campo, era para fazer a sua pontaria, e abater o Cohen, ali, como uma besta imunda...

— Mas o que é, é que não tenho amigos! — gritou ele exausto por fim, caindo para o canto de um sofá.

Craft bebia em silêncio, e aos goles, o seu conhaque.

Foi Carlos que se ergueu, sério e áspero. Ele não tinha direito de duvidar da sua amizade. Quando lhe tinha ela faltado? Mas era necessário não ser pueril, nem teatral... A questão estava simplesmente em que o Cohen o

surpreendera amando-lhe a mulher. Logo, podia matá-lo, podia entregá-lo aos tribunais, podia escavacá-lo na sala a pontapés...

— Ou pior — interrompeu Craft. — Mandar-te a senhora, com este bilhetinho: «Guarde-a.» — Ou isso! — continuava Carlos. — Não, senhor: limita-se a proibir-te a entrada em casa, um pouco asperamente, sim, mas indicando que, depois de ter feito isto, não quer nada mais violento, nem mais dramático. Teve, portanto, um ato de moderação. E tu queres mandá-lo desafiar por isso?...

Mas Ega revoltou-se outra vez, deu um pulo, disparatou pela sala, sem paletó agora, esguedelhado, parecendo mais fantástico naquele simples gibão

escarlate, com os sapatos de veludo enlameados, as longas pernas de cegonha cobertas de malha de seda vermelha. E teimava que se não tratava disso! Não, não se tratava da mulher! A questão era outra...

Carlos então zangou-se.

— Para que diabo te expulsou ele de casa então? Não disparates, homem! Nós estamos-te a dizer o que faz um homem de senso. E é triste que te custe tanto a perceber o que manda o senso. Traíste um amigo teu... Nada de equívocos! Tu declaravas bem alto a tua amizade pelo Cohen. Traíste-lo, tens de aceitar a lei: se ele te quiser matar, tens de morrer. Se ele não quiser fazer nada, tens de ficar de braços cruzados. Se ele te quiser chamar aí por essas ruas um

infame, tens de baixar a cabeça, e reconhecer-te infame...

— Então tenho de engolir a afronta?

Os dois amigos explicaram-lhe que aquele fato de Satanás lhe perturbava a lucidez do critério mundano — e que chegava a ser torpe falar ele, Ega, de afronta.

Ega, outra vez acabrunhado sobre o sofá, conservou um momento a cabeça enterrada nas mãos.

— Eu já nem sei — disse ele por fim. — Vocês devem ter razão... Eu estou-me a sentir idiota... Então, vamos, que hei de eu fazer?

— Vocês têm a tipoia à espera? — perguntou tranquilamente Craft.

Carlos mandara desaparelhar,

recolher o gado esfalfado.

— Excelente! Então, meu caro Ega, tens outra coisa a fazer, antes de morrer amanhã talvez, é cear esta noite. Eu ia cear, e por motivos longos de explicar, há nesta casa um peru frio. E há de haver uma garrafa de Borgonha...

Daí a pouco estavam à mesa — naquela bela sala de jantar do Craft, que encantava sempre Carlos, com as suas tapeçarias ovais representando bocados solitários de arvoredo, as severas faianças da Pérsia, e a sua original chaminé flanqueada por duas figuras negras de núbios com olhos rutilantes de cristal. Carlos, que se declarara esfomeado, trinchava já o peru enquanto Craft desarrolhava, com veneração, duas garrafas do seu velho Chambertin, para

reconfortar Mefistófeles.

Mas Mefistófeles, sombrio e com os olhos avermelhados, repeliu o prato, desviou o copo. Depois, sempre condescendeu em provar o Chambertin.

— Pois eu — dizia Craft empunhando o talher — quando vocês chegaram, estava a ler um artigo interessante sobre a decadência do protestantismo em Inglaterra...

— Que é aquilo, além, naquela lata? — perguntou Ega, com uma voz moribunda.

Um paté de foie gras. Mefistófeles escolheu com tédio uma trufa.

— Bem bom, este teu Chambertin — suspirou ele.

— Anda, come e bebe com franqueza — gritou-lhe Craft. — Não te

romantizes. Tu o que tens é fome. Todas as tuas ideias esta noite se ressentem da debilidade!

Então Ega confessou que devia estar fraco. Com aquela excitação do seu traje de Satanás nem jantara, contando cear bem em casa do outro... Sim, com efeito, tinha apetite! Excelente foie gras... E daí a pouco devorava: foram talhadas de peru, uma porção imensa de língua de Oxford, duas vezes presunto de York, todas aquelas boas coisas inglesas que havia sempre em casa do Craft. E ele só bebeu quase toda uma garrafa de Chambertin.

O escudeiro fora preparar o café: e, no entanto, ia-se discutindo, em todas as hipóteses, a atitude provável do Cohen com a mulher. Que faria ele? Talvez lhe

perdoasse. Ega afirmava que não: era vaidoso, e de rancores longos! Num convento também não a fechava, sendo judia...

— Talvez a mate — disse Craft, com toda a seriedade. Ega, já com os olhos brilhantes do Borgonha, declarou tragicamente que ele então entrava num mosteiro. Os dois gracejaram, sem piedade. Em que mosteiro queria ele entrar? Nenhum era congénere com o Ega! Para dominicano era muito magro, para trapista muito lascivo, muito palrador para jesuíta, e para beneditino muito ignorante... Era necessário criar uma ordem para ele! Craft lembrou a Santa Blague!

— Vocês não têm coração — exclamou Ega, enchendo outro grande

copo. — Vocês não sabem, eu adorava aquela mulher! Então largou a falar de Raquel. E teve ali, decerto, os momentos melhores de toda aquela paixão — porque pôde, sem escrúpulo, fazer reluzir a sua auréola de amante, banhar-se no mar de leite das confidências vaidosas. Começou por contar o encontro com ela na Foz — enquanto Craft, sem perder uma palavra, como quem se instrui, se erguera a abrir uma garrafa de champanhe. Disse depois os passeios na Cantareira; as cartinhas ainda hesitantes e platónicas, trocadas entre folhas de livros emprestados, em que ela se assinava Violeta de Parma; o primeiro beijo, o melhor, surripiado entre duas portas, enquanto o marido correra acima a buscar-lhe charutos especiais; os *rendez-vous* no Porto, no Cemitério do

Repouso, as pressões ardentes de mãos à sombra dos ciprestes, e os planos de voluptuosidade combinados entre as lápides fúnebres...

— Muito curioso! — dizia o Craft.

Mas Ega teve de se calar, o criado entrava com o café.

Enquanto se enchiam as chávenas, e Craft fora buscar uma caixa de charutos, ele acabou a garrafa de champanhe, já pálido, com o nariz afilado.

O criado saiu, correndo o reposteiro de tapeçaria: e logo Ega, com o cálice de conhaque ao lado, recomeçou as confidências, contou a volta a Lisboa, a Vila Balzac, as manhãs deliciosas passadas lá com ela no calor de um ninho de amor...

Mas agora interrompia-se, vago e

com os olhos turvos, enterrando um momento a cabeça entre os punhos. Depois lá vinha outro detalhe, os nomes lúbricos que ela lhe dava, uma certa coberta de seda preta onde ela brilhava como um jaspe... Duas lágrimas embaciaram-lhe os olhos, jurou que queria morrer!

— Se vocês soubessem que corpo de mulher! — gritou ele de repente. — Oh! meninos, que corpo de mulher... Imaginem vocês um peito...

— Não queremos saber — disse Carlos. — Cala-te, tu estás bêbedo, miserável!

Ega ergueu-se, retesando a perna, arrimado de lado à mesa. Bêbedo! Ele? Ora essa!... Era coisa que não podia, era empiteirar-se. Tinha feito o possível,

bebido tudo, até aguarrás. Nunca! Não podia...

— Olha, vou pôr aquela garrafa à boca, tu verás... E fico frio, fico impassível. A discutir filosofia... Queres que te diga o que penso de Darwin? É uma besta... Ora aí tens. Dá cá a garrafa. Mas Craft recusou-lha; e, um momento, Ega ficou oscilando, a olhar para ele, com a face lívida.

— Ou me dás a garrafa... ou me dás a garrafa, ou te meto uma bala no coração... Não, nem vales a bala... Vou dar-te uma bolacha! De repente os olhos cerraram-se-lhe, abateu-se sobre a cadeira, daí sobre o chão, como um fardo.

— Terra! — disse tranquilamente Craft.

Tocou a campainha, o escudeiro

entrou, apanharam João da Ega. E enquanto o levavam para o quarto dos hóspedes e lhe despiam o fato de Satanás, não cessou de choramingar, dando beijos babosos pelas mãos de Carlos, balbuciando:

— Raquelzinha!... Racaquê, minha Raquelzinha! Gostas do teu bibichinho?...

Quando Carlos partiu na tipoia para Lisboa, não chovia, um vento frio ia varrendo o céu, já clareava a alvorada.

Ao outro dia, às dez horas, Carlos voltou aos Olivais. Achou Craft dormindo, e subiu ao quarto do Ega. As janelas tinham ficado abertas, um largo raio de Sol dourava o leito; e ele ressonava ainda, no meio daquela auréola, deitado de lado, com os joelhos contra o estômago, o nariz dentro dos lençóis.

Quando Carlos o sacudiu, o pobre John abriu um olho triste, e bruscamente ergueu-se sobre o cotovelo, espantado para o quarto, para os cortinados de damasco verde, para um retrato de dama empoada que lhe sorria de dentro da sua moldura dourada. Decerto as memórias da véspera o assaltaram, porque se enterrou para baixo, com os lençóis até ao queixo; e a sua face esverdeada, envelhecida, exprimiu a desconsolação de deixar aqueles fofos colchões, a paz confortável da quinta — para ir afrontar a Lisboa toda a sorte de coisas amargas.

— Está frio lá fora? — perguntou ele melancolicamente.

— Não, está um dia adorável. Mas levanta-te, depressa! Se lá for alguém da parte do Cohen, podem imaginar que

fugiste... Ega deu imediatamente um pulo na cama, e atordoado, esguedelhado, procurava a roupa, com as canelas nuas, tropeçando contra os móveis. Só achou o gibão de Satanás. Chamaram o criado, que trouxe umas calças de Craft. Ega enfiou-as à pressa: e sem se lavar, com a barba por fazer, a gola do paletó erguida, enterrou enfim na cabeça o boné escocês, voltou-se para Carlos, disse com ar trágico:

— Vamos a isso!

Craft, que se erguera, foi acompanhá-los ao portão, onde esperava o *coupé* de Carlos. Na alameda de acácias, tão tenebrosa na véspera sob a chuva, cantavam agora os pássaros. A quinta, fresca e lavada, verdejava ao Sol. O grande terra-nova do Craft pulava em roda deles.

— Dói-te a cabeça, Ega? — perguntou Craft.

— Não — respondeu o outro, acabando de abotoar o paletó. — Eu ontem não estava bêbedo... O que estava era fraco.

Mas, ao entrar para o *coupé*, fez, com um ar profundo e filosófico, esta reflexão:

— O que é a gente beber bons vinhos... Estou como se não fosse nada!

Craft recomendou que, se houvesse novidade, lhe mandassem um telegrama; fechou a portinhola, o *coupé* partiu.

Durante a manhã não veio telegrama à quinta; e quando Craft apareceu na Vila Balzac, onde uma carruagem de Carlos esperava à porta, já

escurecera, duas velas ardiam na triste sala verde. Carlos, estirado no sofá, dormitava, com um livro aberto sobre o estômago: e Ega passeava de um lado para o outro, todo vestido de preto, pálido, com uma rosa na botoeira. Tinham estado ali na sala, naquela seca, esperando todo o dia as testemunhas do Cohen.

— Que te dizia eu? Não há nada, nem podia haver — murmurou Craft.

Mas Ega, agora agitado de ideias negras, temia que ele tivesse assassinado a mulher! O sorriso cético de Craft indignou-o. Quem conhecia melhor o Cohen do que ele? Sob a aparência burguesa, era um monstro! Tinha-lhe visto matar um gato, só por capricho de derramar sangue...

— Tenho um pressentimento de desgraça — balbuciou ele aterrado.

E logo nesse momento a campainha retiniu. Ega acordou precipitadamente Carlos, empurrou os dois amigos para o quarto de cama. Craft ainda lhe disse que, àquela hora, não podiam ser os amigos do Cohen. Mas ele queria estar só na sala: e lá ficou, mais pálido, rígido, muito abotoado na sobrecasaca, com os olhos cravados na porta.

— Que maçada! — dizia Carlos dentro, tenteando a escuridão do quarto.

Craft acendeu no toucador um resto de vela. Uma luz triste espalhou-se, tudo apareceu num desarranjo: no meio do chão estava caída uma camisa de dormir; a um canto ficara a bacia de banho com

água de sabão; e, no centro, o enorme leito, envolto nas suas cortinas de seda vermelha, conservava uma majestade de tabernáculo.

Um momento estiveram calados. Craft, metódico, e como quem se instrui, examinava o toucador, onde havia um maço de ganchos de cabelo, uma liga com o fecho quebrado, um ramo de violetas murchas. Depois foi olhar o mármore da cómoda: aí ficara um prato com ossos de frango, e ao lado uma meia folha de papel escrita a lápis, toda emendada, decerto trabalho literário do Ega. Ele achava tudo isto muito curioso.

Da sala, no entanto, vinha um ciciar de vozes subtil e íntimo. Carlos, escutando, julgou sentir uma fala abafada de mulher... Impaciente, foi à cozinha. A

criada estava sentada à mesa, com a mão metida pelos cabelos, sem fazer nada, a olhar para a luz: o pajem, espaparrado numa cadeira, chupava o seu cigarro.

— Quem foi que entrou? — perguntou Carlos.

— Foi a criada do Sr. Cohen — disse o garoto, escondendo o cigarro atrás das costas.

Carlos voltou ao quarto, anunciando:

— É a confidente. As coisas terminam amavelmente.

— E como queria você que terminassem? — disse Craft. — O Cohen tem o seu banco, os seus negócios, as suas letras a vencer, o seu crédito, a sua respeitabilidade, todo um arranjo de coisas a que não convém um escândalo...

É isto que calma os maridos. Além disso, já se satisfez, já lhe ofereceu pontapés...

Nesse instante houve um rumor na sala, Ega abriu violentamente a porta.

— Não há nada — exclamou ele. — Deu-lhe uma coça, e vão amanhã para Inglaterra!

Carlos olhou para o Craft — que movia a cabeça, como vendo todas as suas previsões realizadas, e aprovando plenamente.

— Uma coça — dizia o Ega, com os olhos chamejantes e numa voz que sibilava. — E depois fizeram as pazes... Vem ainda a ser um ménage modelo! A bengala purifica tudo... Que canalha! Estava furioso. Nesse momento odiava Raquel — não perdoando ao seu ídolo ter-se deixado desfazer à paulada.

Lembrava-se justamente da bengala do Cohen, um junco da Índia, com uma cabeça de galgo por castão. E aquilo zurzira as carnes que ele tinha apertado com paixão! Aquilo pusera vergões roxos onde os seus lábios tinham avivado sinais cor-de-rosa! E tinham feito as pazes. E assim terminava, reles e chinfrim, o romance melhor da sua vida! Preferiria sabê-la morta, a sabê-la espancada. Mas não! Levava a sova, deitava-se depois com o marido, e ele mesmo, decerto arrependido, chamando-lhe nomes doces, a ajudava, em ceroulas, a fazer as aplicações de arnica! Aquilo acabava em arnica!

— Entre vossemecê para aqui, Sr. a Adélia — gritou ele para a sala — entre para aqui! Aqui só há amigos. O segredo

acabou, o pudor acabou! Isto são amigos! Somos três, mas somos um! Tem vossemecê diante de si o grande mistério da Santíssima Trindade. Sente-se, Sr. a Adélia, sente-se... Não faça cerimónia... E pode contar... Aqui a Sr. a Adélia, meninos, viu tudo, viu a coça! A Sr. a Adélia, uma moça gordinha e baixa, de bonitos olhos, com um chapéu de flores vermelhas, veio logo da sala retificando. Não, ela não vira... Então o Sr. Ega não tinha percebido bem... Ela só ouvira .

— Aqui está como foi, meus senhores... Eu tinha ficado a pé, naturalmente, até ao fim do baile, que estava que nem me tinha nas pernas. Era já dia claro, quando o senhor, ainda vestido de mouro, se fechou no quarto com a senhora. Eu fiquei na cozinha com o

Domingos à espera que eles tocassem a campainha. De repente ouvimos gritos!... Eu fiquei estarrecida, pensei até que eram ladrões. Corremos, eu e o Domingos, mas a porta do quarto estava fechada, e os dois estavam por dentro, lá para o fundo da alcova. Eu ainda pus o olho à fechadura, mas não pude ver nada... Lá o estalar de bofetadas, e trambolhões, e sons de bengalada, isso sim, isso ouvia-se perfeitamente; e os gritos. Eu disse logo ao Domingos: «Ai que é uma questão, ai que lá se foi tudo.» Mas de repente, silêncio geral! Nós voltámos para a cozinha; daí a pouco o Sr. Cohen apareceu, todo esguedelhado, em mangas de camisa, a dizer que nos podíamos deitar, que eles não precisavam nada, e que amanhã falaríamos!... Depois lá

ficaram toda a noite, e pela manhã parece que estavam muito amiguinhos... Que eu não pus os olhos na senhora. O Sr. Cohen, apenas se levantou, veio à cozinha, fez-me ele as contas, e pôs-me fora; muito malcriado, até me ameaçou com a polícia... Foi pelo Domingos que eu soube agora, quando fui buscar o baú com um galego, que o Sr. Cohen ia com a senhora para Inglaterra. Enfim, um chinfrim... Eu até tenho estado todo o dia com o estômago embrulhado.

A Sr. a Adélia, com um suspiro, pondo os olhos no chão, calou-se. Ega, com os braços cruzados, olhava amargamente para os seus amigos. Que lhes parecia aquilo? Uma coça!... Se um cobarde daqueles não merecia uma bala no coração! Mas ela também, deixar-se

tocar, não ter fugido, consentir ainda depois em dormir com ele!... Tudo uma corja!

— E a Sr. a Adélia — perguntava Craft — não tem ideia de como ele descobriu?...

— Isso é que é prodigioso! — gritou Ega, apertando as mãos na cabeça.

Sim, prodigioso! Não fora carta apanhada: eles não se escreviam. Não podia ter surpreendido as visitas à Vila Balzac: as coisas estavam combinadas com uma arte muito subtil, perfeitamente impenetráveis. Para vir ali, nunca ela cometera a indiscrição de se servir da sua carruagem. Nunca ela claramente entrara pela porta. Os criados dele nunca a tinham visto, não sabiam quem era a senhora que o visitava... Tantos cuidados, e tudo

estragado!

— Estranho, estranho! — murmurava Craft.

Houve um silêncio. A Sr. a Adélia terminara por descansar familiarmente numa cadeira, com a sua trouxazinha no regaço.

— Pois olhe, Sr. Ega — disse ela, depois de refletir — creia então uma coisa, é que foi em sonhos. Já tem acontecido... Foi a senhora que sonhou alto com Vossa Excelência, disse tudo, o Sr. Cohen ouviu, ficou de pedra no sapato, espreitou-a, e descobriu a marosca... E eu sei que ela sonha alto.

Ega, diante da Sr. a Adélia, percorria-a desde as flores do chapéu até à roda das saias, com os olhos faiscantes.

— Como é possível que ele

ouvisse? Se eles tinham quartos separados!... Eu sei que tinham.

A Sr. a Adélia baixou as pálpebras, acariciou com os dedos calçados de luvas pretas a sua trouxazinha redonda, e disse mais baixo estas palavras:

— Não tinham, não senhor. Nem a senhora consentia em tal arranjo... A senhora gosta muito do marido, e tem muitos ciúmes dele. Houve um silêncio embaraçado e desagradável. Sobre o toucador o resto da vela acabava, com uma luz lúgubre. E Ega, que afetara sorrir, encolher os ombros, dava pelo quarto passos lentos e murchos, triturando o bigode com a mão trémula. Então Carlos, enojado, cansado daquele episódio que durava desde a véspera, e onde

constantemente se remexera em lodo, declarou que era necessário findar! Eram oito horas, e ele queria jantar...

— Sim, vamos todos jantar — murmurou o Ega, com o ar confuso e embaçado.

De repente fez um sinal à Sr. a Adélia, arrastou-a para a sala, fechou-se lá outra vez.

— Você não está farto disto, Craft? — exclamou Carlos, desesperado.

— Não. Acho um estudo curioso.

Esperaram ainda dez minutos. Subitamente a vela extinguiu-se. Carlos, furioso, gritou pelo pajem. E o garoto entrava com um imundo candeeiro de petróleo — quando Ega, mais composto, voltou da sala. Tudo acabara, a Sr. a Adélia partira.

— Vamos lá jantar — disse ele. — Mas aonde, a esta hora? E ele mesmo lembrou o André, ao Chiado. Em baixo, além do *coupé* de Carlos, esperava a tipoia do Craft. As duas carruagens partiram. A Vila Balzac ficava apagada, muda, de ora em diante inútil.

No André tiveram de esperar muito tempo, num gabinete triste, com um papel de estrelinhas douradas, cortininhas de cassa barata sob sanefas de repes azul, e dois bicos de gás que silvavam. Ega, enterrado no sofá de molas gastas e lassas, cerrara os olhos, parecia exausto. Carlos ia contemplando as gravuras pela parede, todas relativas a espanholas: uma saindo da igreja; outra saltando uma pocinha de água; outra, de olhos baixos, escutando os conselhos de um canónico.

Craft, já à mesa, com a cabeça entre os punhos, percorria um Diário da Manhã, que o criado oferecera para os senhores se entreterem.

De repente o Ega deu um murro no sofá, que rangeu lamentavelmente.

— Eu o que não percebo — gritou ele — é como aquele malvado descobriu!...

— A hipótese da Sr. a Adélia — disse Craft erguendo os olhos do jornal — parece provável. Ou em sonhos, ou acordada, a pobre senhora descaiu-se. Ou talvez uma denúncia anónima. Ou talvez apenas um acaso... O facto é que o homem desconfiou, espreitou-a, e apanhou-a.

Ega erguera-se.

— Eu não vos quis dizer diante da Adélia, que não estava no segredo todo.

Mas vocês sabem a casa defronte da minha, do outro lado da viela, uma casa com um grande quintal? Aí mora uma tia do Gouvarinho, a D. Maria Lima, uma pessoa respeitável. A Raquel ia vê-la de vez em quando. São íntimas, a D. Maria Lima é íntima de todo o mundo. Depois saía por uma portinha do quintal, atravessava a viela, e estava à porta da minha casa, à porta escusa, à porta da escada que vai ter ao cacifro de banho. Já vocês veem... Os criados nem a avistavam. Quando ela lá lanchava, o *lunch* estava já posto no meu quarto, as portas fechadas. Mesmo se alguém visse, era uma senhora com um véu preto, que vinha de casa da Lima... Como podia o homem apanhá-la?... Além disso, em casa da Lima, ela mudava de chapéu e punha

um *water-proof*...

Craft cumprimentou.

— É brilhante! Parece de Scribe.

— Então — disse Carlos sorrindo — essa respeitável fidalga...

— A D. Maria, coitada... Eu te digo, é uma excelente velha, recebida em toda a parte, mas pobre, e faz destes favores... Às vezes mesmo em casa dela.

— Leva caro por esses serviços? — perguntou tranquilamente Craft, que em todo aquele caso procurava instruir-se.

— Não, coitada — disse o Ega. — Dão-se-lhe de vez em quando cinco libras.

O criado entrava com uma travessa de camarões, os três em silêncio acomodaram-se à mesa.

Depois do jantar recolheram

ao *Ramalhete*. Ega ia lá dormir, receando, com os nervos tão excitados, a solidão da Vila Balzac. Partiram, de charutos acesos, numa caleche descoberta, sob a noite estrelada e doce.

Felizmente não estava ninguém no *Ramalhete*; Ega, cansado, pôde retirar-se logo para o seu quarto, um aposento de hóspedes no segundo andar, onde havia um belo leito antigo de pau-preto. Aí, apenas o criado o deixou, Ega aproximou-se do tremó onde ardiam as luzes, e tirou do pescoço, de sob a camisa, um medalhão de ouro. Tinha dentro uma fotografia de Raquel: — e a sua intenção agora era queimá-la, deitar ao balde das águas sujas as cinzas daquela paixão. Mas, ao abrir o medalhão, a face bonita, banhada num sorriso, sob o vidro oval,

pareceu olhar para ele com uma tristeza no veludo das pupilas lânguidas... A fotografia mostrava apenas a cabeça, com uma abertura de decote no começo do vestido: e as recordações de Ega alargaram aquele decote uma vez mais, revendo o colo, o extraordinário cetim da pele, o sinalzinho sobre o seio esquerdo... O sabor dos seus beijos passou-lhe de novo nos lábios, sentiu na alma outra vez como o eco dos suspiros cansados que ela soltara nos seus braços. E ela ia-se embora, nunca mais a veria! Esta desolada amargura do nunca mais revolveu-o todo — e com a face enterrada no travesseiro, o pobre demagogo, o grande fraseador soluçou muito tempo no segredo da noite.

Toda essa semana foi dolorosa

para o Ega. Logo ao outro dia Dâmaso aparecera no *Ramalhete*, e por ele ouviram os rumores de Lisboa. Já se sabia no Grémio, no Chiado, por toda a parte, que ele fora expulso da casa dos Cohens. O urso, a pastora do Tirol, testemunhas do episódio, tinham-no badalado com entusiasmo. Dizia-se mesmo que o Cohen lhe dera um pontapé. Os amigos da casa, esses, sobretudo o Alencar, pregavam com fervor a inocência da Sr. a D. Raquel. O Alencar contava publicamente que o Ega, provinciano inexperiente e leão de Celorico, tendo tomado por evidências de paixão os sorrisos de amabilidade de uma senhora que recebe — escrevera à Sr. a D. Raquel uma carta quase obscena, que ela, coitadinha, toda em lágrimas, viera mostrar ao marido.

— Então dão-me para baixo, hem, Dâmaso? — murmurou Ega, que, no gabinete de Carlos, embrulhado numa velha *ulster* e encolhido numa poltrona, escutava estas coisas com um ar cansado e doente.

Dâmaso confessou que na sociedade lhe davam para baixo.

Ah, ele sabia-o bem! Tinha antipatias em Lisboa. Ninguém lhe perdoara ainda a peliça. A sua *verve*, toda em sarcasmos, ofendia. E era desagradável para muita gente que um homem, com esse espírito tão perigoso de ferro em brasa, tivesse uma mãe rica, e fosse independente.

Depois, no sábado seguinte, Carlos ao voltar do jantar dos Gouvarinhos — que fora excelente —

contou-lhe a conversa que tivera com a senhora condessa. A condessa falara-lhe muito livremente, como um homem, daquele desastre do Ega. Tinha-se afligido muito, não só pela Raquel, coitada, de quem era amiga, mas pelo Ega, que ela apreciava tanto, tão interessante, tão brilhante, e que saía de tudo aquilo enxovalhado! O Cohen dizia a todos (dissera-o ao Gouvarinho) que ameaçara o Ega de pontapés, por ele ter escrito a sua mulher uma carta imunda. Os que não sabiam nada, como o Gouvarinho, acreditavam, apertavam as mãos na cabeça; e os que sabiam, os que havia seis meses sorriam da intimidade do Ega com os Cohens, afetavam também acreditar, cerravam os punhos de indignação. O Ega era odiado. E a pequena Lisboa que vive

entre o Grémio e a Casa Havanesa folgava em «enterrar» o Ega.

Ega, com efeito, sentia-se «enterrado». E nessa noite declarou a Carlos que decidira recolher-se à quinta da mãe, passar lá um ano a acabar as *Memórias de Um Átomo*, e reaparecer em Lisboa com o seu livro publicado, triunfando sobre a cidade, esmagando os medíocres. Carlos não perturbou esta radiante ilusão.

Mas quando Ega, antes de partir, foi a recapitular os seus negócios de casa, de dinheiro, encontrou-se diante de coisas abomináveis. Devia a todo o mundo, desde o estofador até ao padeiro; tinha três letras a vencer; aquelas dívidas, se as deixasse, soltas e ladrando, juntar-se-iam, na tagarelice pública, ao caso dos Cohens

— e ele seria, além do amante ameaçado de pontapés, o pelintra perseguido pelos credores! Que havia de fazer, senão valer-se de Carlos? Carlos, para regular tudo, emprestou-lhe dois contos de réis.

Depois, tendo despedido os criados da Vila Balzac, surgiram-lhe outras complicações. A mãe do pajem veio daí a dias ao *Ramalhete*, muito insolente, gritando que o filho lhe desaparecera! E era exato: o famoso pajem, pervertido pela cozinheira, sumira-se com ela para as vielas da Mouraria, a começar aí uma divertida carreira de faia.

Ega recusou-se a atender as reclamações da matrona. Que diabo tinha ele com essas torpezas?

Então o amante da criatura

interveio, ameaçadoramente. Era um polícia, um esteio da ordem: e deu a entender que lhe seria fácil provar como na Vila Balzac se passavam «coisas contra a Natureza», e que o pajem não era só para servir à mesa... Nauseado até à morte, Ega pactuou com a intrujice, largou cinco libras ao polícia. Quando nessa noite, uma noite triste de água, Carlos e Craft o acompanharam a Santa Apolónia, ele disse-lhes na carruagem estas palavras, triste resumo de um amor romântico:

— Sinto-me como se a alma me tivesse caído a uma latrina! Preciso um banho por dentro!

Afonso da Maia, ao saber este desastre do Ega, tinha dito a Carlos, com tristeza:

— Má estreia, filho, péssima estreia!

E nessa noite, depois de voltar de Santa Apolónia, Carlos pensava nestas palavras, dizia também consigo: «Péssima estreia!...». E nem só a estreia do Ega era péssima; também a sua. E talvez, por pensar nisso, as palavras do avô tinham tido aquela tristeza. Péssimas estreias! Havia seis meses que o Ega chegara de Celorico, embrulhado na sua grande peliça, preparado a deslumbrar Lisboa com as*Memórias de Um Átomo*, a dominá-la com a influência de uma revista, a ser uma luz, uma força, mil outras coisas... E agora, cheio de dívidas e cheio de ridículo, lá voltava para Celorico, escorraçado. Péssima estreia! Ele, por seu lado, desembarcara em

Lisboa, com ideias colossais de trabalho, armado como um lutador: era o consultório, o laboratório, um livro iniciador, mil coisas fortes... E que tinha feito? Dois artigos de jornal, uma dúzia de receitas, e esse melancólico capítulo da Medicina entre os Gregos. Péssima estreia! Não, a vida não lhe parecia prometedora nesse instante, passeando na sala de bilhar com as mãos nos bolsos, enquanto ao lado os amigos conversavam, e fora uivava o sudoeste. Pobre Ega, que infeliz ele iria, encolhido ao canto do seu vagão! Mas os outros, ali, não estavam mais alegres. Craft e o marquês tinham começado uma conversa sobre a vida, soturna e desconsoladora. De que servia viver, dizia Craft, não se sendo um Livingstone ou um Bismarck? E o

marquês, com um ar filosófico, achava que o mundo se ia tornando estúpido. Depois chegou o Taveira com a história horrível de um colega dele, cujo filho caíra pela escada, se despedaçara, no momento em que a mulher estava a morrer de uma pleurisia. Cruges resmungou o quer que fosse sobre o suicídio. As palavras arrastavam-se, melancólicas. Instintivamente, Carlos, de vez em quando, ia despertar as lâmpadas.

Mas tudo lhe pareceu resplandecer, quando daí a instantes Dâmaso chegou, e lhe disse que o Castro Gomes estava incomodado e de cama.

— Naturalmente — acrescentou o Dâmaso — mandam-te chamar, por teres já visto a pequena...

Carlos ao outro dia não saiu de

casa, esperando um recado, faiscando de impaciência. Nenhum recado veio. E, duas tardes depois, ao descer para o Aterro — o primeiro encontro que teve, às Janelas Verdes, foi o Castro Gomes, de caleche descoberta, com a mulher ao lado, e a cadelinha no colo.

Ela passou, sem o ver. E logo ali Carlos decidiu findar aquela tortura, pedir muito simplesmente ao Dâmaso que o apresentasse ao Castro Gomes, antes de ele partir para o Brasil... Não podia mais, precisava ouvir a voz dela, ver o que os seus olhos diziam quando eram interrogados de perto.

Mas toda essa semana achou-se constantemente, sem saber como, na companhia dos Gouvarinhos. Começou por encontrar o conde, que lhe travou do

braço, arrastou-o à Rua de S. Marçal, instalou-o numa poltrona, no seu escritório, e leu-lhe um artigo que destinava ao Jornal do Comércio sobre a situação dos partidos em Portugal: depois convidou-o a jantar. Na tarde seguinte eles tinham uma partida de croquet. Carlos foi. E, a uma janela, aberta sobre o jardim, teve um momento de intimidade com a condessa, contou-lhe, rindo, como os cabelos dela o tinham encantado, a primeira vez que a vira. Nessa noite, ela falou de um livro de Tennyson, que não lera; Carlos ofereceu-lho, foi-lho levar ao outro dia, de manhã. Encontrou-a só, toda vestida de branco: e riam, baixavam já a voz, as duas cadeiras estavam mais juntas — quando o escudeiro anunciou a Sr. a D. Maria da Cunha. Era uma coisa tão

extraordinária, a D. Maria da Cunha àquela hora! Carlos, de resto, gostava muito da D. Maria da Cunha, uma velha engraçada, toda bondade, cheia de simpatia por todos os pecados — e ela mesmo muito pecadora quando era a linda Cunha. D. Maria era muito faladora, parecia ter que dizer em particular à condessa; e Carlos deixou-as, prometendo voltar uma dessas tardes tomar chá, e falar de Tennyson.

Na tarde em que ele se vestia para lá ir, Dâmaso apareceu-lhe no quarto, a dar-lhe uma novidade que o enchia de desgosto e de ferro. O telhudo do Castro Gomes mudara de ideia, já não ia ao Brasil! Ficava ali, no Central, até ao meado do verão! De sorte que estava tudo estragado...

Carlos pensou logo em falar da sua apresentação ao Castro Gomes. Mas, como em Sintra, sem saber porquê, veio-lhe uma repugnância de a conhecer por meio do Dâmaso. E foi-se vestindo em silêncio.

Dâmaso, no entanto, maldizia a sua chance:

— E eu que tinha mulher, eu que a tinha, se houvesse ocasião. Mas que diabo queres tu, assim?...

Queixou-se então do Castro Gomes. Em resumo, era um telhudo. E a vida daquele homem era misteriosa... Que diabo estava ele a fazer em Lisboa? Ali havia dificuldades de dinheiro... E eles não se davam bem. Na véspera houvera decerto questão. Quando ele entrara, ela estava com os olhos vermelhos, e enfiada;

e ele, nervoso, a passear pela sala, a retorcer a barba... Ambos contrafeitos, uma palavra cada quarto de hora...

— Sabes tu? — exclamou ele. — Tenho minha vontade de os mandar à fava.

Queixou-se também dela. Era sobretudo muito desigual. Ora bom modo, ora regelada; e, às vezes, ele dizia qualquer coisa muito natural, destas coisas de conversa de sociedade, e ela punha-se a rir. Era de encavacar, hem? Enfim, gente muito esquisita.

— Onde vais tu? — disse ele, com um suspiro de aborrecimento, vendo Carlos pôr o chapéu.

Ia tomar chá com a Gouvarinho.

— Pois olha, vou contigo... Estou de uma seca.

Carlos hesitou um instante,

terminou por dizer:

— Vem, fazes-me até favor...

A tarde estava lindíssima. Carlos ia no *dog-cart*.

— Há que tempos que não damos assim um passeio juntos — disse Dâmaso.

— Tu andas lá metido com estrangeiros!...

Dâmaso deu outro suspiro, e não tornou a dizer mais nada. Depois, à porta dos Gouvarinhos, quando soube que a senhora condessa recebia, resolveu subitamente não entrar. Não, não entrava. Estava muito estúpido, incapaz de achar uma palavra...

— Ah!, e outra coisa que me lembrou agora — exclamou ele, demorando ainda Carlos diante do portão. — O Castro Gomes, ontem, perguntou-me

o que te havia de mandar pela visita à pequena... Eu disse que tu tinhas ido lá por favor, como meu amigo. E ele disse que te havia de vir deixar um bilhete... Naturalmente vens a conhecê-los. Não era, pois, necessário que Dâmaso o apresentasse!

— Aparece à noite, Damasozinho, vai lá jantar amanhã!— exclamou Carlos, subitamente radiante, dando um ardente aperto de mão ao seu amigo.

Quando entrou na sala, um escudeiro acabava de servir o chá. A sala, forrada de um papel severo, verde e oiro, com retratos de família em caixilhos pesados, abria por duas varandas sobre a folhagem do jardim. Em cima das mesas havia cestos de flores. No sofá, duas senhoras de chapéu, ambas de preto,

conversavam, com a chávena na mão. A condessa, ao estender os dedos a Carlos, ficara tão cor-de-rosa — como a seda acolchoada da cadeira em que estava recostada, ao pé de um velador de pau-santo. Notou logo, sorrindo, o ar radiante de Carlos. Que lhe tinha acontecido de bom? Carlos sorriu também, disse que não era possível entrar ali com outro ar. Depois perguntou pelo conde...

O conde ainda não aparecera, detido decerto na Câmara dos Pares, onde se discutia o projeto sobre a Reforma da Instrução Pública. Uma das senhoras de preto fazia votos para que se aliviassem os estudos. As pobres crianças sucumbiam verdadeiramente à quantidade exagerada de matérias, de coisas a decorar: o dela, o Joãozinho, andava tão

pálido e tão desfigurado, que ela às vezes tinha vontade de o deixar ficar ignorante de todo. A outra senhora pousou a chávena sobre uma console ao lado, e, passando sobre os lábios a renda do lenço, queixou-se sobretudo dos examinadores. Era um escândalo as exigências e as dificuldades que punham, só para poder deitar RR... Ao pequeno dela tinham feito as perguntas mais estúpidas, as mais reles; assim, por exemplo, o que era o sabão, porque lavava o sabão?...

A outra senhora e a condessa apertaram as mãos contra o peito, consternadas. E Carlos, muito amável, concordou que era uma abominação. O marido dela — continuava a dama de preto — ficara tão desesperado que,

encontrando o examinador no Chiado, o ameaçou de lhe dar bengaladas. Uma imprudência, decerto; mas, enfim, o homem fora malvado!... Não havia verdadeiramente senão uma coisa digna de se estudar, eram as línguas. Parecia insensato que se torturasse uma criança com botânica, astronomia, física... Para quê? Coisas inúteis na sociedade. Assim, o pequeno dela, agora, tinha lições de química... Que absurdo! Era o que o pai dizia — para quê, se ele o não queria para boticário?

Depois de um silêncio, as duas senhoras ergueram-se ao mesmo tempo; e houve um murmúrio de beijos, um frufru de sedas. Carlos ficou só com a senhora condessa, que recuperara a sua cadeira cor-de-rosa.

Imediatamente ela perguntou pelo Ega — Coitado, lá está para Celorico.

Ela protestou, com um lindo riso, contra aquela frase tão feia: «Lá está para Celorico.» Não, não queria... Coitado do Ega! Merecia uma melhor oração fúnebre. Celorico era horrível para um fim de romance...

— Decerto — exclamou Carlos, rindo também — era mais belo dizer-se: lá está para Jerusalém!

Nesse momento o criado anunciou um nome, e apareceu o amigo Teles da Gama, um íntimo da casa. Quando soube que o conde devia estar ainda batalhando sobre a Reforma da Instrução, levou as mãos à cabeça como lamentando um tão feio desperdício de tempo, e não se quis demorar. Não, nem mesmo o excelente chá

da senhora condessa o tentava. A verdade era que estava tão abandonado da graça de Deus, perdera de tal modo o sentimento das coisas belas, que entrara, não para ver a senhora condessa — mas simplesmente falar ao conde. Então ela teve um bonito ar de princesa ofendida, perguntou a Carlos se uma tão rude sinceridade de montanhês não fazia saudades das maneiras polidas do Antigo Regime. E Teles da Gama, gingando de leve, declarava-se democrata, homem da Natureza, com um riso que lhe mostrava dentes magníficos. Depois, ao sair, dando um *shake-hands* ao amigo Maia, quis saber quando o príncipe de Santa Olávia lhe dava enfim a honra de vir jantar com ele. A senhora condessa indignou-se. Não, era realmente de mais! Fazer convites, na

sua sala, diante dela — um homem que falava tanto da sua cozinheira alemã, e nem sequer lhe oferecera jamais um prato de chou-crôute!

Teles da Gama, rindo sempre e gingando, jurou que andava a arranjar a sua sala de jantar para dar à senhora condessa uma festa que havia de ficar nos anais do Reino! Agora com o Maia era diferente: jantavam ambos na cozinha, com os pratos sobre os joelhos. E abalou, gingando sempre, rindo ainda da porta, mostrando os dentes magníficos.

— Muito alegre, este Gama, não é verdade? — disse a condessa.

— Muito alegre — disse Carlos.

Então a condessa olhou o relógio. Eram cinco e meia, àquela hora ela já não recebia: podiam, enfim, conversar um

momento, em boa camaradagem. E, o que houve, foi um silêncio lento, em que os olhos de ambos se encontraram. Depois Carlos perguntou por Charlie, o seu lindo doente. Não estava bem, com uma ligeira tosse apanhada no Passeio da Estrela. Ah!, aquela criança nunca deixava de lhe dar cuidado! Ficou calada, com o olhar esquecido no tapete, movendo languidamente o leque: tinha nessa tarde uma *toilette* exagerada, de um tom de folha de outono amarelada, de uma seda grossa, que ao menor movimento fazia um ruge-ruge de folhas secas.

— Que lindo tempo tem feito! — exclamou ela de repente, como acordando.

— Lindo! — disse Carlos. — Eu estive há dias em Sintra, e não imagina...

Era de uma beleza de idílio.

E imediatamente arrependeu-se, quis-se mal por ter falado da sua ida a Sintra, naquela sala.

Mas a condessa mal o escutara. Tinha-se erguido, falando de algumas canções que essa manhã recebera de Inglaterra, as novidades frescas da season. Depois, sentou-se ao piano, correu os dedos no teclado, perguntou a Carlos se conhecia aquela melodia — The Pale Star. Não, Carlos não conhecia. Mas todas essas canções inglesas se parecem, sempre do mesmo tom dolente, romanesco, e muito miss. E trata-se sempre de um parque melancólico, um regato lento, um beijo sob os castanheiros...

Então a condessa leu alto a letra

da Pale Star. E era a mesma coisa, uma estrelinha de amor palpitando no crepúsculo, um lago pálido, um tímido beijo sob as árvores...

— É sempre o mesmo — disse Carlos — e é sempre delicioso. Mas a condessa atirou o papel para o lado, achando aquilo estúpido. Começou a remexer entre os papéis de música, nervosa, e com um olhar que escurecia. Para quebrar o silêncio, Carlos gabou-lhe as suas lindas flores.

— Ah, vou-lhe dar uma rosa! — exclamou ela logo, deixando as músicas.

Mar a flor que ela lhe queria dar estava no *boudoir*, ao lado. Carlos seguiu a sua grande cauda, onde corria um reflexo dourado de folhagem de outono batida do sol. Era um gabinete forrado de

azul, com um bonito tremó do século XV, e sobre um forte pedestal de carvalho, o busto em barro do conde, na sua expressão de orador, a fronte erguida, a gravata desmanchada, o lábio fremente... A condessa escolheu um botão com duas folhas, e ela mesmo lhe veio florir a sobrecasaca. Carlos sentia o seu aroma de verbena, o calor que subia do seu seio arfando com força. E ela não acabava de prender a flor, com os dedos trémulos, lentos, que pareciam colar-se, deixar-se adormecer sobre o pano...

— Voilà! — murmurou enfim, muito baixo. — Aí está o meu belo cavaleiro da Rosa Vermelha... E agora, não me agradeça! Insensivelmente, irresistivelmente, Carlos achou-se com os lábios nos lábios dela. A seda do vestido

roçava-lhe, com um fino ruge-ruge entre os braços; — e ela pendia para trás a cabeça, branca como uma cera, com as pálpebras docemente cerradas. Ele deu um passo, tendo-a assim enlaçada, e como morta; o seu joelho encontrou um sofá baixo, que rolou e fugiu. Com a cauda de seda enrolada nos pés, Carlos seguiu, tropeçando, o largo sofá, que rolou, fugiu ainda, até que esbarrou contra o pedestal onde o senhor conde erguia a fronte inspirada. E um longo suspiro morreu, num rumor de saias amarrotadas.

Daí a um momento estavam ambos de pé: Carlos, junto do busto, coçando a barba, com o ar embaraçado, e já vagamente arrependido: ela, diante do tremó Luís XV, compondo, com os dedos trémulos, o frisado do cabelo. De repente,

na antecâmara, ouviu-se a voz do conde. Ela, bruscamente, voltou-se, correu a Carlos, e, com os longos dedos cobertos de pedrarias, agarrou-lhe o rosto, atirou-lhe dois beijos faiscantes ao cabelo e aos olhos. Depois, sentou-se largamente no sofá — e estava falando de Sintra, rindo alto, quando o conde entrou, seguido de um velho calvo, que se vinha a assoar a um enorme lenço de seda da Índia.

Ao ver Carlos no *boudoir*, o conde teve uma bela surpresa, esteve-lhe apertando as mãos muito tempo, com calor, assegurando-lhe que ainda nessa manhã, na Câmara, se lembrara dele...

— Então porque vieram tão tarde? — exclamou a condessa, que se apoderara logo do velho, rindo, mexendo-se, animada, amável.

— O nosso conde falou! — disse o velho, ainda com o olho brilhante de entusiasmo.

— Falaste? — exclamou ela, voltando-se com um interesse encantador.

É verdade, falara — e desprevenido! Quando ouvira porém o Torres Valente (homem de literatura, mas um doido, sem senso prático), quando o ouvira defender a ginástica obrigatória nos colégios — erguera-se. Mas não imaginasse o amigo Maia que ele tinha feito um discurso.

— Ora essa! — exclamou o velho, agitando o lenço.— E um dos melhores que eu tenho ouvido na Câmara! Dos de arromba!

O conde, modestamente, protestou. Não: tinha simplesmente lançado uma

palavra de bom senso, e de bom princípio. Perguntara apenas ao seu ilustre amigo, o Sr. Torres Valente, se, na sua ideia, os nossos filhos, os herdeiros das nossas casas, estavam destinados para palhaços!...

— Ah, esta piada, senhora condessa! — exclamou o velho. — Eu só queria que Vossa Excelência ouvisse esta piada... E como ele a disse! com um chique!

O conde sorriu, agradeceu para o lado, ao velho. Sim, dissera-lhe aquilo. E, respondendo a outras reflexões do Torres Valente, que não queria nos liceus, nem nos colégios, um ensino «todo impregnado de catecismo», ele lançara-lhe uma palavra cruel.

— Terrível! — exclamou o velho

num tom cavo, preparando o lenço para se assoar outra vez.

— Sim, terrível... Voltei-me para ele e disse-lhe isto: «Creia o digno par que nunca este país retomará o seu lugar à testa da civilização, se, nos liceus, nos colégios, nos estabelecimentos de instrução, nós outros, os legisladores, formos, com mão ímpia, substituir a cruz pelo trapézio...» — Sublime! — rosnou o velho, dando um ronco medonho dentro do lenço.

Carlos, erguendo-se, declarou aquilo de uma ironia adorável. E o conde, quando ele se despediu, não se contentou com um simples aperto de mão, passou-lhe o braço pela cinta, chamou-lhe o seu querido Maia. A condessa sorria, com o olhar ainda húmido, um resto de palidez,

movendo o leque languidamente, recostada em duas almofadas do sofá — debaixo do busto do marido que erguia a fronte inspirada.

10

Três semanas depois, por uma tarde quente, com um céu triste de trovoada, e no momento em que estavam caindo algumas gotas grossas de chuva — Carlos apeava-se de um *coupé* de praça, que viera parar, devagar, à esquina da Patriarcal, com os estores verdes misteriosamente corridos. Dois sujeitos que passavam sorriram-se, como se o vissem escoar-se desjeitosamente de uma portinha suspeita. E com efeito a velha traquitana de rodas amarelas acabava de ser uma alcova de amor, perfumada de verbena, durante as duas horas que Carlos rolara dentro dela, pela estrada de Queluz, com a senhora condessa de

Gouvarinho.

A condessa tinha descido no Largo das Amoreiras. E Carlos aproveitara a solidão da Patriarcal para se desembaraçar do calhambeque de assento duro, onde durante a última hora sufocara, sem ousar descer as vidraças, com as pernas adormecidas, enfastiado de tantas sedas amarrotadas e dos beijos intermináveis que ela lhe dava na barba...

Até aí, durante essas três semanas, tinham-se encontrado numa casa da Rua de Santa Isabel, pertencente a uma tia da condessa que fora para o Porto com a criada, deixando-lhe a chave da casa e o cuidado do gato. A boa titi, uma velha pequenina, chamada Miss Jones, era uma santa, uma apóstola militante da Igreja Anglicana, missionária da Obra da

Propaganda; e todos os meses fazia assim uma viagem de catequização à província, distribuindo Bíblias, arrancando almas à treva católica, purificando (como ela dizia) o tremedal papista... Já na escada havia um cheirinho adocicado e triste a devoção e a virgem velha: e no patamar pendia um largo cartão, com um dístico em letras de oiro entrelaçadas de lírios roxos, rogando aos que entravam que perseverassem nas vias do Senhor! Carlos entrou, tropeçando logo num montão de Bíblias. O quarto todo era um ninho de Bíblias; havia-as às pilhas por cima dos móveis, trasbordando de velhas chapeleiras, misturadas a pares de galochas, caídas para o fundo da bacia de assento, todas do mesmo formato, entaladas numa encadernação negra como

numa armadura de combate, carrancudas e agressivas! As paredes resplandeciam, forradas de cartonagens impressas em letras de cor, irradiando versículos duros da Bíblia, ásperos conselhos de moral, gritos dos salmos, ameaças insolentes do Inferno... E no meio desta religiosidade anglicana, à cabeceira de um leitozinho de ferro, rígido e virginal, duas garrafas quase vazias de conhaque e de *gin*. Carlos bebeu o *gin* da santa; e o leito rígido ficou revolto como um campo de batalha.

Depois a condessa começou a ter medo de uma vizinha, uma Borges, que visitava a titi, e era viúva de um antigo procurador dos Gouvarinhos. Uma ocasião em que, no casto leito de Miss Jones, eles fumavam languidamente cigarrilhas, três enormes argoladas à

porta atroaram a casa. A pobre condessa quase desmaiou; Carlos, correndo à janela, viu um homem que se afastava, com uma estatueta de gesso na mão, outras dentro de um cesto. Mas a condessa jurava que fora a Borges quem mandara o italiano das imagens atirar-lhes para dentro aquelas aldravadas, como três avisos, três rebates da Moral... Não quisera voltar mais ao beatífico *coté* da titi. E nessa tarde, como não havia ainda outro esconderijo, tinham abrigado os seus amores dentro daquela tipoia de praça.

Mas Carlos vinha de lá enervado, amolecido, sentindo já na alma os primeiros bocejos da saciedade. Havia três semanas apenas que aqueles braços perfumados de verbena se tinham atirado

ao seu pescoço — e agora, pelo passeio de S. Pedro de Alcântara, sob o ligeiro chuvisco que batia as folhagens da alameda, ele ia pensando como se poderia desembaraçar da sua tenacidade, do seu ardor, do seu peso... É que a condessa ia-se tornando absurda com aquela determinação ansiosa e audaz de invadir toda a sua vida, tomar nela o lugar mais largo e mais profundo — como se o primeiro beijo trocado tivesse unido não só os lábios de ambos um momento, mas os seus destinos também e para sempre. Nessa tarde lá tinham voltado as palavras que ela balbuciava, caída sobre o seu peito, com os olhos afogados numa ternura suplicante: *Se tu quisesses! Que felizes que seríamos! que vida adorável! ambos sós!...* E isto era claro — a condessa

concebera a ideia extravagante de fugir com ele, ir viver num sonho eterno de amor lírico, nalgum canto do mundo, o mais longe possível da Rua de S. Marçal! *Se tu quisesses!* Não, com mil demónios, não queria fugir com a senhora condessa de Gouvarinho!...

E não era só isto — mas ainda exigências, egoísmos, explosões tumultuosas de um temperamento cioso: já mais de uma vez, nessas duas curtas semanas, por pieguices, ela despropositara, falara de morrer, debulhada em lágrimas... Ah! nas lágrimas havia ainda uma voluptuosidade, faziam parecer mais tenro o cetim do seu colo! O que o inquietava eram certos clarões que lhe sulcavam o rosto, um dardejar nervoso dos olhos secos, revelando a paixão que

se acendera naqueles nervos de mulher de trinta e três anos, e a queimava até às profundidades do seu ser... Certamente este amor punha na sua vida um luxo mais, e um perfume. Mas o seu encanto estava em conservar-se fácil, sereno, sem penetrar mais fundo que a epiderme. Se ela, por qualquer coisa, tinha os olhos turvos de água, e falava em morrer, e torcia os braços, e queria fugir com ele — então adeus! Tudo estava estragado; e a senhora condessa, com a sua verbena, os seus cabelos cor de brasa e o seu pranto, era apenas um trambolho!

O chuveiro parara, um bocado de azul lavado apareceu entre nuvens. E Carlos descia a Rua de S. Roque — quando encontrou o marquês, saindo de uma confeitaria, tristonho, com um

embrulho na mão, e o pescoço abafado num enorme *cache-nez* de seda branca.

— Que é isso? Constipação? — perguntou Carlos.

— Tudo — disse o marquês, pondo-se a caminhar ao lado dele com uma lentidão de moribundo. — Deitei-me tarde. Cansaço. Opressão no peito. Pigarreira. Dores no lado. Um horror... Levo já aqui rebuçados.

— Não seja piegas, homem! Você o que precisa é rosbife e uma garrafa de Borgonha... Não é hoje que você janta lá no *Ramalhete*?... É, até tem lá o Craft e o Dâmaso... Então descemos por essa Rua do Alecrim, que já não chove, depois pelo Aterro fora, a passo ginástico, e em chegando lá você está curado.

O pobre marquês encolheu os

ombros. Apenas sentia o menor incómodo, uma dor, um arrepio, considerava-se logo, como ele dizia, *liquidado*. O mundo começava a findar para ele: tomavam-no terrores católicos, uma preocupação angustiosa da Eternidade. Nesses dias fechava-se no quarto com o padre capelão — com quem às vezes, todavia, terminava por jogar as damas.

— Em todo o caso — disse ele, tirando cautelosamente o chapéu ao passar pela porta aberta da Igreja dos Mártires — deixe-me você ir primeiro ao Grémio... Quero escrever à Manueleta que não conte comigo esta noite...

Depois, distraída e melancolicamente, perguntou notícias desse devasso do Ega. Esse devasso do Ega lá estava em Celorico, na quinta

materna, ouvindo arrotar o padre Serafim, e refugiando-se, segundo dizia, na grande arte: andava a compor uma comédia em cinco atos, que se devia chamar *O Lodaçal* — escrita para se vingar de Lisboa.

— O pior — murmurou o marquês, depois de um silêncio e abafando-se mais no *cache-nez* — é se eu estou assim no domingo para as corridas!

— O quê! — exclamou Carlos. — Então as corridas são já no domingo?

O marquês foi-lhe explicando, enquanto desciam o Chiado, que as corridas se tinham apressado a pedido do Clifford, o grande *sportman* de Córdova, que devia trazer dois cavalos ingleses... Era um bocado humilhante depender do Clifford. Mas enfim o Clifford era

um *gentleman*, e com os seus cavalos de raça, os seus jóqueis ingleses, constituía a única feição séria do hipódromo de Belém. Sem o Clifford aquilo era uma brincadeira de pilecas e de abas...

— Você não conhece o Clifford?... Belo rapaz! Um pouco *poseur*, mas oiro de lei.

Tinham entrado no pátio do Grémio, o marquês estendeu o braço a Carlos.

— Veja esse pulso!

— O pulso está excelente... Vá você dar lá esse golpe à Manuela, que eu fico à espera.

No domingo, pois, daí a cinco dias, eram as corridas... E ela estaria lá, ele ia conhecê-la, enfim! Durante essas três últimas semanas vira-a duas vezes:

uma ocasião, estando a conversar com o Taveira à porta do Hotel Central, ela chegara a uma das varandas, de chapéu, calçando uma grande luva preta; de outra vez, havia dias, por uma tarde de chuva, ela viera parar à porta do Mourão, ao Chiado, num *coupé* da Companhia, e ficara esperando enquanto o trintanário levava dentro à loja um embrulho que tinha a forma de um cofre, apertado com uma fita vermelha. De ambas as vezes ela vira-o, demorara os olhos nele um momento: e parecera a Carlos que o último olhar se prolongara mais, como abandonando-se, humedecendo-se, numa leve doçura, ao pousar no seu... Era talvez uma ilusão; mas isto decidiu-o, na sua impaciência, a realizar a antiga ideia (ainda que desagradável) de ser

apresentado pelo Dâmaso ao Castro Gomes. O pobre Dâmaso, ao princípio, diante desta exigência, ficou perturbado; e com um ar de cão que defende o seu osso, lembrou logo a Carlos o deplorável comportamento do Castro Gomes, que não viera, como lho anunciara, havia três semanas, deixar o seu cartão ao *Ramalhete*... Mas Carlos desdenhava essas formalidades estreitas entre rapazes: o Castro Gomes parecia-lhe um homem de gosto e de *sport*; nem todos os dias aparecia em Lisboa quem soubesse dar com correção o nó da gravata; e seria agradável, mesmo para ele Dâmaso, reunirem-se todos de vez em quando, com o Craft, com o marquês, a fumar um charuto e a falar de cavalos. Isto decidiu Dâmaso, que terminou por propor a

Carlos o levá-lo uma tarde ao Hotel Central. Carlos, porém, não queria entrar pelo hotel dentro, de chapéu na mão, atrás do Dâmaso. Resolveram então esperar pelas corridas, onde os Castros Gomes tencionavam ir. «Aí, no recinto da pesagem», disse o Dâmaso, «a apresentação é mais chique... É mesmo podre de chique.» — Deus queira com efeito que não chova no domingo — murmurou Carlos quando o marquês desceu, mais tristonho, mais abafado no seu *cache-nez*.

Foram seguindo pelo meio da rua, em direção ao Ferregial. Adiante do Grémio, encostado ao passeio, estava um *coupé* da Companhia, com um trintanário de luvas brancas, esperando junto ao portal. Carlos olhou,

casualmente; e viu, debruçado à portinhola, um rosto de criança, de uma brancura adorável, sorrindo-lhe, com um belo sorriso que lhe punha duas covinhas na face.

Reconheceu-a logo. Era Rosa, era Rosicler: e ela não se contentou em sorrir, com o seu doce olhar azul fugindo todo para ele — deitou a mãozinha de fora, atirou-lhe um grande adeus. No fundo do*coupé*, forrado de negro, destacava um perfil claro de estátua, um tom ondeado de cabelo loiro. Carlos tirou profundamente o chapéu, tão perturbado, que os seus passos hesitaram. *Ela* abaixou a cabeça, de leve; alguma coisa de luminoso, um confuso rubor de emoção, espalhou-se-lhe no rosto. E fugitivamente foi como se, da mãe e da filha, ao mesmo tempo, viesse

para ele uma suave e quente emanação de simpatia.

— Caramba, aquilo pertence-lhe? — perguntou o marquês, que notara a impressão de Madame Gomes.

Carlos corou.

— Não, é uma senhora brasileira a quem eu curei aquela pequerrucha...

— Irra! que gratidão! — rosnou o outro de dentro das dobras do seu *cache-nez*.

Caminhando em silêncio pelo Ferregial, Carlos revolvia uma ideia que lhe viera de repente, ao receber aquele doce olhar. Porque é que Dâmaso não levaria uma manhã o Castro Gomes aos Olivais, a ver as coleções do Craft?... Ele estaria lá, abria-se uma garrafa de champanhe, discutiam bricabraque.

Depois, muito naturalmente, ele convidava Castro Gomes a almoçar no *Ramalhete*, para lhe mostrar o grande Rubens, e as suas velhas colchas da Índia. E assim, já antes das corridas existiria entre eles uma camaradagem, talvez um tratamento de você.

No Aterro, temendo o ar do rio, o marquês quis tomar uma tipoia; e, até ao *Ramalhete*, continuaram calados. O marquês, outra vez inquieto, apalpava a garganta. Carlos discutia complicadamente consigo aquela lenta inclinação de cabeça, o olhar dela, o vivo rubor fugitivo... Ela até aí não o conhecia talvez. Mas, depois de atirar o seu grande *adeus*, Rosa, ainda sorrindo, voltara-se para a mãe, a dizer-lhe decerto que aquele era o médico que a curara, a

ela e à boneca... E então a linda cor que lhe enternecera o rosto tomava uma significação mais profunda — era como a surpresa feliz, o enleio casto, ao saber que o homem que ela notara já de algum modo tinha penetrado na sua intimidade, beijara a sua filha, se tinha mesmo sentado à beira do seu leito...

Depois ia refazendo o plano da visita aos Olivais, mais largo agora, mais brilhante. Porque não iria ela também ver as curiosidades do Craft? Que tarde encantadora, que festa, que lindo idílio! O Craft arranjava um *lunch* delicado no seu velho serviço de Wedgewood. Ele ficava à mesa junto dela, depois iam ver o jardim já em flor; ou tomavam chá no pavilhão japonês, forrado de esteiras. Mas, o que mais lhe apetecia era

percorrer com ela as duas salas de Craft, parando ambos diante de uma bela faiança ou de um móvel raro, e sentindo, através da concordância dos seus gostos, subir, como um perfume, a simpatia dos seus corações... Nunca a vira tão formosa como nessa tarde, dentro do *coupé* forrado de escuro, onde brilhava mais puramente a brancura do seu perfil. Sobre o regaço do vestido negro pousava o tom claro das suas luvas; e no chapéu frisava-se a ponta de uma pena cor de neve.

A tipoia parara ao portão do *Ramalhete*, estavam agora entre as silenciosas tapeçarias da antecâmara.

— Como é que ela conhece o Cruges? — perguntou de repente o marquês, com um tom desconfiado,

desembaraçando-se do *cache-nez*.

Carlos olhou para ele, como mal acordado.

— Ela quem? Aquela senhora? Como conhece o Cruges?... Homem, sim, tem você razão!... Aquela era a casa do Cruges!... A carruagem estava parada à porta do Cruges!... Talvez alguém que more noutro andar.

— Não mora ninguém — disse o marquês, dando um passo para o corredor. — Em todo o caso, é um mulherão.

Carlos achou a palavra odiosa.

Do corredor ouvia-se já no escritório de Afonso, através da porta aberta, a voz petulante do Dâmaso falando alto de *handicap* e de *dead-beat*... E foram-no encontrar discursando sobre as corridas, com convicção, com autoridade,

como membro do Jockey Club. Afonso, na sua velha poltrona, escutava-o, cortês e risonho, com o «Reverendo Bonifácio» no colo. Ao canto do sofá, Craft folheava um livro.

E o Dâmaso apelou logo para o marquês. Não era verdade, como ele estivera dizendo ao Sr. Afonso da Maia, que iam ser as melhores corridas que se tinham feito em Lisboa? Só para o Grande Prémio Nacional, de seiscentos mil réis, havia oito cavalos inscritos! E, além disso, o Clifford trazia a *Mist*.

— Ah, é verdade, ó marquês, é necessário que você apareça sexta-feira à noite no Jockey Club, para acabarmos o *handicap*! O marquês arrastara uma cadeira para o pé de Afonso, para lhe fazer a confidência dos seus achaques;

mas como Dâmaso se metia entre eles, falando ainda da *Mist* , decidindo que a *Mist* era chique, querendo apostar cinco libras pela *Mist* contra o campo — o marquês terminou por se voltar, enfastiado, dizendo que o Sr. Damasozinho se estava a dar ares patuscos... Apostar pela *Mist*! Todo o patriota devia apostar pelo cavalos do visconde de Darque, que era o único criador português!...

— Pois não é verdade, Sr. Afonso da Maia?

O velho sorriu, amaciando o seu gato.

— O verdadeiro patriotismo, talvez — disse ele — seria, em lugar de corridas, fazer uma boa tourada.

Dâmaso levou as mãos à cabeça.

Uma tourada! Então o Sr.

Afonso da Maia preferia toiros a corridas de cavalos? O Sr. Afonso da Maia, um inglês!...

— Um simples beirão, Sr. Salcede, um simples beirão, e que faz gosto nisso; se habitei a Inglaterra é que o meu rei, que era então, me pôs fora do meu país... Pois é verdade, tenho esse fraco português, prefiro toiros. Cada raça possui o seu *sport* próprio, e o nosso é o toiro: o toiro com muito Sol, ar de dia santo, água fresca, e foguetes... Mas sabe o Sr. Salcede qual é a vantagem da tourada? É ser uma grande escola de força, de coragem e de destreza... Em Portugal não há instituição que tenha uma importância igual à tourada de curiosos. E acredite uma coisa: é que se nesta triste

geração moderna ainda há em Lisboa uns rapazes com certo músculo, a espinha direita, e capazes de dar um bom soco, deve-se isso ao toiro e à tourada de curiosos...

O marquês, entusiasmado, bateu as palmas. Aquilo é que era falar! Aquilo é que era dar a filosofia do toiro! Está claro que a tourada era uma grande educação física! E havia imbecis que falavam em acabar com os toiros! Oh! estúpidos, acabais então com a coragem portuguesa!...

— Nós não temos os jogos de destreza das outras nações — exclamava ele, bracejando pela sala e esquecido dos seus males. — Não temos o *cricket*, nem o *foot-ball*, nem o *running*, como os Ingleses: não temos a ginástica como ela

se faz em França; não temos o serviço militar obrigatório que é o que torna o Alemão sólido... Não temos nada capaz de dar a um rapaz um bocado de fibra. Temos só a tourada... Tirem a tourada, e não ficam senão badamecos derreados da espinha, a melarem-se pelo Chiado! Pois você não acha, Craft?

Craft, do canto do sofá, onde Carlos se fora sentar e lhe falava baixo, respondeu, convencido:

— O quê, o toiro? Está claro! o toiro devia ser neste país como o ensino é lá fora: gratuito e obrigatório.

Dâmaso, no entanto, jurava a Afonso compenetradamente que gostava também muito de toiros. Ah, lá nessas coisas de patriotismo ninguém lhe levava a palma... Mas as corridas tinham outro

chique! Aqueles *Bois de Bologne*, num dia de *Grand Prix*, hem!... Era de embatucar!

— Sabes o que é pena? — exclamou ele, voltando-se de repente para Carlos. — É que tu não tenhas um *four-in-hand*, um *mail-coach*. Íamos todos daqui, caía tudo de chique!

Carlos pensou também consigo que era uma pena não ter um *four-in-hand*. Mas gracejou, achando mais em harmonia com o Jockey Club da Travessa da Conceição irem todos dentro de um ónibus. Dâmaso voltou-se para o velho, deixando cair os braços, descoroçoado:

— Aí está, Sr. Afonso da Maia! Aí está porque em Portugal nunca se faz nada em termos! É porque ninguém quer concorrer para que as coisas saiam bem...

Assim não é possível! Eu cá entendo isto: que num país, cada pessoa deve contribuir, quanto possa, para a civilização.

— Muito bem, Sr. Salcede! — disse Afonso da Maia.— Eis aí uma nobre, uma grande palavra!

— Pois não é verdade? — gritou Dâmaso, triunfante, a estoirar de gozo. — Assim eu, por exemplo...

— Tu, o quê? — exclamaram dos lados. — Que fizeste tu pela civilização?...

— Mandei fazer para o dia das corridas uma sobrecasaca branca... E vou de véu azul no chapéu!

Um escudeiro entrou com uma carta para Afonso, numa salva. O velho, sorrindo ainda das ideias de Dâmaso

sobre a civilização, puxou a luneta, leu as primeiras linhas; toda a alegria lhe morreu no rosto, ergueu-se logo, tendo depositado cuidadosamente sobre a sua almofada o pesado «Bonifácio».

— Isto é que é ter gosto, isto é que é compreender as coisas! — exclamava o Dâmaso, agitando os braços para Carlos, quando o velho desapareceu através do reposteiro de damasco. — Este teu avô, menino, é podre de chique!...

— Deixa lá o chique do avô... Anda cá, que te quero dizer uma coisa.

Abriu uma das janelas do terraço, levou para lá o Dâmaso, e disse-lhe aí, à pressa, o seu plano da visita aos Olivais, e a linda tarde que poderiam passar na quinta com os Castros Gomes... Ele já falara ao Craft, que estava de acordo,

achava delicioso, ia encher tudo de flores. E agora só restava que Dâmaso amigo, como amabilidade sua, convidasse os Castros Gomes...

— Caramba! — murmurou Dâmaso desconfiado. — Estás com furor de a conhecer!

Mas enfim concordou que era chique a valer! E via aí uma bela ocasião para ele!... Enquanto Carlos e Craft andassem mostrando as curiosidades ao Castro Gomes e lhe falassem de cavalos, ele, zás, ia para a quinta passear com ela... A calhar!

— Pois vou amanhã já falar-lhes... Estou convencido que aceitam logo. Ela pela-se por bricabraque!

— E vens dizer-me se aceitaram ou não...

— Venho dizer-te... Tu vais gostar dela; tem lido muito, entende também de literatura; e olha que às vezes a conversar atrapalha... O marquês veio chamá-los para dentro, impaciente, querendo fechar a porta envidraçada, outra vez preocupado com a garganta. E desejava antes de jantar ir ao quarto de Carlos gargarejar com água e sal...

— E é isto um português forte — exclamou Carlos, travando-lhe alegremente do braço.

— Eu sou piegas na garganta — replicou logo o marquês, desprendendo-se dele e olhando-o com ferocidade. — E você é-o no sentimento. E o Craft é-o na respeitabilidade. E o Damasozinho é-o na tolice. Em Portugal é tudo Pieguice e Companhia!

Carlos, rindo, arrastou-o pelo corredor. E de repente, ao entrarem na antecâmara, deram com Afonso falando a uma mulher carregada de luto, que lhe beijava a mão, meio de joelhos, sufocada de lágrimas: e ao lado outra mulher, com os olhos turvos de água também, embalava dentro do xale uma criancinha que parecia doente e gemia. Carlos parara embaraçado; o marquês instintivamente levou a mão à algibeira. Mas o velho, assim surpreendido na sua caridade, foi logo empurrando as duas mulheres para a escada: elas desciam, encolhidas, abençoando-o, num murmúrio de soluços; e ele, voltando-se para Carlos, quase se desculpou numa voz que ainda tremia:

— Sempre estes peditórios... Caso bem triste todavia... E o que é pior, é que

por mais que dê nunca se dá bastante. Mundo muito mal feito, marquês.

— Mundo muito mal feito, Sr. Afonso da Maia — respondeu o marquês comovido.

No domingo seguinte, pelas duas horas, Carlos no seu faetonte de oito molas, levando ao lado Craft, que durante os dois dias de corridas se instalara no *Ramalhete*, parou ao fim do Largo de Belém, no momento em que para o lado do hipódromo estavam já estalando foguetes. Um dos criados desceu a comprar o bilhete de pesagem para o Craft, numa tosca guarita de madeira, armada ali de véspera, onde se mexia um homenzinho de grandes barbas grisalhas.

Era um dia já quente, azul-ferrete, com um desses rutilantes sóis de festa que

inflamam as pedras da rua, douram a poeirada baça do ar, põem fulgores de espelho pelas vidraças, dão a toda a cidade essa branca faiscação de cal, de um vivo monótono e implacável, que na lentidão das horas de verão cansa a alma, e vagamente entristece. No Largo dos Jerónimos, silencioso, e a escaldar na luz, um ónibus esperava, desatrelado, junto ao portal da igreja. Um trabalhador com o filho ao colo, e a mulher ao lado no seu xale de ramagens, andava ali, pasmando para a estrada, pasmando para o rio, a gozar ociosamente o seu domingo. Um garoto ia apregoando desconsoladamente programas das corridas que ninguém comprava. A mulher da água fresca, sem fregueses, sentara-se com a sua bilha à sombra, a catar um pequeno. Quatro

pesados municipais a cavalo patrulhavam a passo aquela solidão. E à distância, sem cessar, o estalar alegre de foguetes morria no ar quente. No entanto o trintanário continuava debruçado na guarita, sem poder arranjar lá dentro o troco de uma libra. Foi necessário Craft saltar da almofada, ir lá parlamentar — enquanto Carlos, impaciente, raspando com o chicote as ancas das éguas, luzidias como um cetim castanho, riscava no largo uma volta brusca e nervosa. Desde o *Ramalhete* viera assim governando, irritadamente, sem descerrar os lábios. É que toda aquela semana, desde a tarde em que combinara com o Dâmaso a visita aos Olivais, fora desconsoladora. O Dâmaso tinha desaparecido, sem mandar a resposta dos Castros Gomes. Ele, por

orgulho, não procurara o Dâmaso. Os dias tinham passado, vazios; não se realizara o alegre idílio dos Olivais; ainda não conhecia Madame Gomes; não a tornara a ver; não a esperava nas corridas. E aquele domingo de festa, o grande Sol, a gente pelas ruas, vestida de casimiras e de sedas de missa, enchiam-no de melancolia e de mal-estar.

Uma caleche de praça passou, com dois sujeitos de flores ao peito, acabando de calçar as luvas; depois um *dog-cart*, governado por um homem gordo, de lunetas pretas, quase foi esbarrar contra o arco. Enfim Craft voltou com o seu bilhete, tendo sido descomposto pelo homem de barbas proféticas.

Para além do arco, a poeira sufocava. Pelas janelas havia senhoras

debruçadas, olhando por debaixo de sombrinhas. Outros municipais, a cavalo, atravancavam a rua.

À entrada para o hipódromo, abertura escalavrada num muro de quintarola, o faetonte teve de parar atrás do *dog-cart* do homem gordo — que não podia também avançar porque a porta estava tomada pela caleche de praça, onde um dos sujeitos de flor ao peito berrava furiosamente com um polícia. Queria que se fosse chamar o Sr. Savedra! O Sr. Savedra, que era do Jockey Club, tinha-lhe dito que ele podia entrar sem pagar a carruagem! Ainda lho dissera na véspera, na botica do Azevedo! Queria que se fosse chamar o Sr. Savedra! O polícia bracejava, enfiado. E o cavalheiro, tirando as luvas, ia abrir a

portinhola, esmurrar o homem — quando, trotando na sua grande horsa, um municipal de punho alçado correu, gritou, injuriou o cavalheiro gordo, fez rodar para fora a caleche. Outro municipal intrometeu-se, brutalmente. Duas senhoras, agarrando os vestidos, fugiram para um portal, espavoridas. E através do rebuliço, da poeira, sentia-se adiante, melancolicamente, um realejo tocando a*Traviata*.

O faetonte entrou — atrás do *dog-cart*, onde o homem gordo, a estourar de fúria, voltava ainda para trás a face escarlate, jurando dar parte do municipal.

— Tudo isto está arranjado com decência — murmurou Craft. Diante deles o hipódromo elevava-se suavemente em colina, parecendo, depois da poeirada

quente da calçada e das cruas reverberações de cal, mais fresco, mais vasto, com a sua relva já um pouco crestada pelo Sol de junho, e uma ou outra papoula vermelhejando aqui e além. Uma aragem larga e repousante chegava vagarosamente do rio.

No centro, como perdido no largo espaço verde, negrejava, no brilho do Sol, um magote apertado de gente, com algumas carruagens pelo meio, donde sobressaíam tons claros de sombrinhas, o faiscar de um vidro de lanterna, ou um casaco branco de cocheiro. Para além, dos dois lados da tribuna real forrada de um baetão vermelho de mesa de repartição, erguiam-se as duas tribunas públicas, com o feitio de traves mal pregadas, como palanques de arraial. A

da esquerda, vazia, por pintar, mostrava à luz as fendas do tabuado. Na da direita, besuntada por fora de azul-claro, havia uma fila de senhoras quase todas de escuro encostadas ao rebordo, outras espalhadas pelos primeiros degraus; e o resto das bancadas permanecia deserto e desconsolado, de um tom alvadio de madeira, que abafava as cores alegres dos raros vestidos de verão. Por vezes a brisa lenta agitava no alto dos dois mastros o azul das bandeirolas. Um grande silêncio caía do céu faiscante.

Em volta do recinto da tribuna, fechado por um tapume de madeira, havia mais soldados de infantaria, com as baionetas lampejando ao sol. E no homem triste que estava à entrada, recebendo os bilhetes, metido dentro de um enorme

colete branco, reteso de goma, e que lhe chegava até aos joelhos — Carlos reconheceu o servente do seu laboratório.

Apenas tinham dado alguns passos encontraram Taveira à porta do bufete onde se estivera reconfortando com uma cerveja. Tinha um molho de cravos amarelos ao peito, polainas brancas — e queria animar as corridas. Já vira a *Mist*, a égua do Clifford, e decidira apostar pela *Mist*. Que cabeça de animal, meninos, que finura de pernas...!

— Palavra que me entusiasmou! E está decidido, um dia não são dias, é necessário animar isto! Aposto três mil réis. Quer você, Craft?

— Pois sim, talvez, depois... Vamos primeiro ver o aspeto geral.

No recinto em declive, entre a

tribuna e a pista, havia só homens, a gente do Grémio, das Secretarias e da Casa Havanesa; a maior parte à vontade, com jaquetões claros, e de chapéu-coco; outros mais em estilo, de sobrecasaca e binóculo a tiracolo, pareciam embaraçados e quase arrependidos do seu chique. Falava-se baixo, com passos lentos pela relva, entre leves fumaraças de cigarro. Aqui e além um cavalheiro, parado, de mãos atrás das costas, pasmava languidamente para as senhoras. Ao lado de Carlos dois brasileiros queixavam-se do preço dos bilhetes, achando aquilo uma «sensaboria de rachar».

Defronte a pista estava deserta, com a relva pisada, guardada por soldados: e junto à corda, do outro lado, apinhava-se o magote de gente, com as

carruagens pelo meio, sem um rumor, numa pasmaceira tristonha, sob o peso do Sol de junho. Um rapazote, com uma voz dolente, apregoava água fresca. Lá ao fundo o largo Tejo faiscava, todo azul, tão azul como o céu, numa pulverização fina de luz. O visconde de Darque, com o seu ar plácido de gentlemam loiro que começa a engordar, veio apertar a mão a Carlos e a Craft. E mal eles lhe falaram dos seus cavalos (*Rabino*, o favorito, e o outro potro) encolheu os ombros, cerrou os olhos, como um homem que se sacrifica. Então, que diabo, os rapazes tinham querido!... Mas ele, realmente, não podia apresentar um cavalo decente, com as suas cores, senão daí a quatro anos. De resto não apurava cavalos para aquela melancolia de Belém, não imaginassem os

amigos que ele era tão patriota: o seu fim era ir a Espanha, bater os cavalos de Caldillo...

— Enfim, vamos a ver... Dê você cá lume. Isto está um horror. E depois, que diabo, para corridas é necessário *cocottes* e champanhe. Com esta gente séria, e água fresca, não vai!

Nesse momento um dos comissários das corridas, um rapagão sem barba, vermelho como uma papoula, a pingar de suor sob o chapéu branco deitado para a nuca, veio arrebatar o Darque, «que era muito preciso, lá na pesagem, para uma duvidazinha».

— Eu sou o dicionário — dizia o Darque, tornando a encolher os ombros resignadamente. — De vez em quando vem um destes senhores do Jockey Club, e

folheia-me... Veja você Maia, em que estado eu fico depois das corridas! há de ser necessário encadernar-me de novo...

E lá foi, rindo da sua pilhéria — empurrado para diante pelo comissário, que lhe dava palmadas nas costas, e lhe chamava catita.

— Vamos nós ver as mulheres — disse Carlos.

Seguiram devagar ao comprido da tribuna. Debruçadas no rebordo, numa fila muda, olhando vagamente, como de uma janela em dia de procissão, estavam ali todas as senhoras que vêm no *High Life*dos jornais, as dos camarotes de S. Carlos, as das terças-feiras dos Gouvarinhos. A maior parte tinha vestidos sérios de missa. Aqui e além um desses grandes chapéus emplumados à

Gainsborough, que então se começavam a usar, carregava de uma sombra maior o tom trigueiro de uma carinha miúda. E na luz franca da tarde, no grande ar da colina descoberta, as peles apareciam murchas, gastas, moles, com um baço de pó de arroz.

Carlos cumprimentou as duas irmãs do Taveira, magrinhas, loirinhas, ambas corretamente vestidas de xadrezinho: depois a viscondessa de Alvim, nédia e branca, com o corpete negro reluzente de vidrilhos, tendo ao lado a sua terna inseparável, a Joaninha Vilar, cada vez mais cheia, com um quebranto cada vez mais doce nos olhos pestanudos. Adiante eram as Pedrosos, as banqueiras, de cores claras, interessando-se pelas corridas, uma de programa na

mão, a outra de pé e de binóculo estudando a pista. Ao lado, conversando com Steinbroken, a condessa de Soutal, desarranjada, com um ar de ter lama nas saias. Numa bancada isolada, em silêncio, Vilaça com duas damas de preto.

A condessa de Gouvarinho ainda não viera. E não estava também aquela que os olhos de Carlos procuravam, inquietamente e sem esperança.

— É um canteirinho de camélias meladas — disse o Taveira, repetindo um dito do Ega.

Carlos, no entanto, fora falar à sua velha amiga D. Maria da Cunha que, havia momentos, o chamava com o olhar, com o leque, com o seu sorriso de boa mamã. Era a única senhora que ousara descer do retiro ajanelado da tribuna, e vir sentar-se

em baixo, entre os homens: mas, como ela disse, não aturava a seca de estar lá em cima perfilada, à espera da passagem do Senhor dos Passos. E, bela ainda sob os seus cabelos já grisalhos, só ela parecia divertir-se ali, muito à vontade, com os pés pousados na travessa de uma cadeira, o binóculo no regaço, cumprimentada a cada instante, tratando os rapazes por meninos... Tinha consigo uma parenta que apresentou a Carlos, uma senhora espanhola, que seria bonita se não fossem as olheiras negras, cavadas até ao meio da face. Apenas Carlos se sentou ao pé dela, D. Maria perguntou-lhe logo por esse aventureiro do Ega. Esse aventureiro, disse Carlos, estava em Celorico, compondo uma comédia para se vingar de Lisboa, chamada *O Lodaçal*...

— Entra o Cohen? — perguntou ela, rindo.

— Entramos todos, Sr. a D. Maria. Todos nós somos lodaçal... Nesse momento, por trás do recinto, rompia, com um tarantantã molengão de tambores e pratos, o *Hino da Carta*, a que se misturou uma voz de oficial e o bater de coronhas. E, entre dourados de dragonas, El-rei apareceu na tribuna, sorrindo, de quinzena de veludo, e chapéu branco. Aqui e além, raros sujeitos cumprimentaram, muito de leve: a senhora espanhola, essa, tomou o óculo do regaço de D. Maria, e de pé, muito descansadamente, pôs-se a examinar o rei. D. Maria achava ridícula a música, dando às corridas um ar de arraial... Além disso, que tolice, o hino, como num dia de

parada!

— E este hino, então, que é medonho — dizia Carlos.— A Sr. a D. Maria não sabe a definição do Ega, e a sua teoria dos hinos? Maravilhosa!

— Aquele Ega! — dizia ela sorrindo, já encantada.

— O Ega diz que o hino é a definição pela música do caráter de um povo. Tal é o compasso do hino nacional, diz ele, tal é o movimento moral da nação. Agora veja a Sr. a D. Maria os diferentes hinos, segundo o Ega. A *Marselhesa* avança com uma espada nua. O *God Save the Queen* adianta-se, arrastando um manto real...

— E o *Hino da Carta*?

— O *Hino da Carta* ginga, de rabona.

E D. Maria ria ainda, quando a espanhola, sentando-se e repousando-lhe tranquilamente o binóculo no regaço, murmurou:

— Tiene cara de buena persona.

— Quem, o rei? — exclamaram a um tempo D. Maria e Carlos.

— Excelente!

No entanto uma sineta tocava, perdida no ar. E no quadro indicador subiram os números dos dois cavalos que corriam o primeiro prémio dos *Produtos*. Eram o n.° 1 e o n.° 4. D. Maria da Cunha quis-lhes saber os nomes, com o apetite de apostar e ganhar cinco tostões a Carlos. E como Carlos se erguia para arranjar um programa:

— Deixe estar o menino — disse ela, tocando-lhe no braço. — Aí vem o

nosso Alencar, com o programa... Olhe para aquilo! Veja se ainda hoje os há por aí com aquele ar de sentimento e de poesia... Com um fato novo de cheviote claro que o remoçava, de luvas *gris-perle*, o seu bilhete de pesagem na botoeira, o poeta vinha-se abanando com o programa, e já de longe sorrindo à sua boa amiga D. Maria. Quando chegou junto dela, descoberto, bem penteado nesse dia, com um lustre de óleo na grenha, levou-lhe a mão aos lábios, fidalgamente.

D. Maria fora uma das suas lindas contemporâneas. Tinham dançado muita ardente mazurca nos salões de Arroios. Ela tratava-o por tu. Ele dizia sempre *boa amiga, e querida Maria*.

— Deixa ver os nomes desses cavalos, Alencar... Senta-te aí, anda, faz

companhia.

Ele puxou uma cadeira, rindo do interesse que ela tomava pelas corridas. E ele que a conhecera sempre uma entusiasta de toiros!... Pois os nomes dos cavalos eram *Júpiter* e *Escocês*...

— Nenhum desses nomes me agrada, não aposto. E então que te parece tudo isto, Alencar?... A nossa Lisboa vai-se saindo da concha...

Alencar, pousando o chapéu sobre uma cadeira e passando a mão pela sua vasta fronte de bardo, confessou que aquilo tinha realmente um certo ar de elegância, um perfume de corte... Depois, lá em baixo, aquele maravilhoso Tejo... sem falar na importância do apuramento das raças cavalares...

— Pois não é verdade, meu

Carlos? Tu que entendes superiormente disso, que és um mestre em todos os *sports*, sabes bem que o apuramento...

— Sim, com efeito, o apuramento, muito importante...— disse Carlos, vagamente, erguendo-se a olhar outra vez a tribuna. Eram quase três horas, e agora decerto ela já não vinha: e a condessa de Gouvarinho não aparecia também... Começava a invadi-lo uma grande lassitude. Respondendo, com um leve movimento de cabeça, ao sorriso doce que lhe dava da tribuna a Joaninha Vilar, pensava em voltar para o *Ramalhete*, acabar tranquilamente a tarde, dentro do seu *robe-de-chambre*, com um livro, longe de todo aquele tédio.

No entanto, ainda entravam senhoras. A menina Sá Videira, filha do

rico negociante de sapatos de ourelo, passou pelo braço do irmão, abonecada, com o arzinho petulante e enojado de tudo, falando alto inglês. Depois foi a ministra da Baviera, a baronesa de Craben, enorme, empavoada, com uma face maciça de matrona romana, a pele cheia de manchas cor de tomate, a estalar dentro de um vestido de gorgorão azul com riscas brancas: e atrás o barão, pequenino, amável, aos pulinhos, com um grande chapéu de palha. D. Maria da Cunha erguera-se para lhes falar: e durante um momento ouviu-se, como um gluglu grosso de peru, a voz da baronesa achando que *c'était charmant*, *c'était très beau*. O barão, aos pulinhos, aos risinhos, *trouvait ça ravissant*. E o Alencar, diante daqueles estrangeiros que

o não tinham saudado, apurava a sua atitude de grande homem nacional, retorcendo a ponta dos bigodes, alçando mais a fronte nua.

Quando eles seguiram para a tribuna, e a boa D. Maria se tornou a sentar, o poeta, indignado, declarou que abominava alemães! O ar de sobranceria com que aquela ministra, com feitio de barrica, deixando sair o sebo por todas as costuras do vestido, o olhara, a ele! Ora, a insolente baleia!

D. Maria sorria, olhando com simpatia o poeta. E voltando-se de repente para a senhora espanhola:

— Concha, deja-me presentar-te D. Tomás de Alencar, nuestro gran poeta lírico...

Nesse momento, alguns dos

rapazes mais amadores, dos que traziam binóculos a tiracolo, apressaram o passo para a corda da pista. Dois cavalos passavam num galope sereno, quase juntos, sob as vergastadas estonteadas de dois jóqueis de grandes bigodes. Uma voz erguendo-se disse que tinha ganhado *Escocês*. Outros afirmavam que fora *Júpiter*. E no silêncio que se fez, de lassidão e de desapontamento, ondeou mais viva no ar, lançada pelos flautins da banda, a valsa de *Madame Angot*. Alguns sujeitos tinham-se conservado de costas para a pista, fumando, olhando a tribuna — onde as senhoras continuavam debruçadas no parapeito, à espera do Senhor dos Passos. Ao lado de Carlos, um cavalheiro resumiu as impressões, dizendo que *tudo aquilo era uma*

intrujice.

E quando Carlos se ergueu para ir procurar o Dâmaso, Alencar, muito animado com a espanhola, falava de Sevilha, de malaguenhas e do coração de Espronceda.

O desejo de Carlos agora era achar Dâmaso, saber porque falhara a visita aos Olivais — e depois ir-se embora para o *Ramalhete*, esconder aquela melancolia que o enevoava, estranha e pueril, misturada de irritabilidade, fazendo-lhe detestar as vozes que lhe falavam, o ratatã da música, até a beleza calma da tarde... Mas ao dobrar a esquina da tribuna, topou com Craft, que o deteve, o apresentou a um rapaz loiro e forte com quem estava falando alegremente. Era o famoso

Clifford, o grande *sportman* de Córdova. Em redor sujeitos tinham parado, embasbacados para aquele inglês legendário em Lisboa, dono de cavalos de corridas, amigo do rei de Espanha, homem de todos os chiques. Ele, muito à vontade, um pouco *poseur*, com um simples *veston* de flanela azul como no campo, ria alto com o Craft do tempo em que tinham estado no colégio de Rugby. Depois pareceu-lhe reconhecer Carlos, amavelmente. Não se tinham encontrado havia quase um ano, em Madrid, num jantar, em casa de Pancho Calderón? E assim era. O aperto de mão que repetiram foi mais íntimo — e Craft quis que fossem regar aquela flor de amizade com uma garrafa de mau champanhe. Em roda crescera a pasmaceira.

O bufete estava instalado debaixo da tribuna, sob o tabuado nu, sem sobrado, sem um ornato, sem uma flor. Ao fundo corria uma prateleira de taberna com garrafas e pratos de bolos. E, no balcão tosco, dois criados, estonteados e sujos, achatavam à pressa as fatias de sanduíches com as mãos húmidas da espuma da cerveja. Quando Carlos e os dois amigos entraram, havia junto de um dos barrotes que especavam os degraus da tribuna, num grupo animado, com copos de champanhe na mão, o marquês, o visconde de Darque, o Taveira, um rapaz pálido de barba preta, que tinha debaixo do braço enrolada a bandeira vermelha de *starter*, e o comissário imberbe, com o chapéu branco cada vez mais atirado para a nuca, a face mais esbraseada, o

colarinho já mole de suor. Era ele que oferecia o champanhe; e apenas viu entrar Clifford, rompeu para ele, de taça no ar, fez tremer as vigas, soltando o seu vozeirão:

— À saúde do amigo Clifford! o primeiro *sportman* da Península, e rapaz cá dos nossos!... Hip, hip, hurra!

Os copos ergueram-se, num clamor de hurras, onde destacou, vibrante e entusiasta, a voz do *starter*. Clifford agradecia, risonho, tirando lentamente as luvas — enquanto o marquês, puxando Carlos pelo braço para o lado, lhe apresentava rapidamente o comissário, seu primo D. Pedro Vargas.

— Muito gosto em conhecer...

— Qual história! Eu é que fazia furor! — exclamou o comissário. — Cá a

rapaziada do *sport* deve conhecer-se toda... Porque isto cá é a confraria, e todo o resto é chinfrinada!

E imediatamente arrebatou o copo ao ar, berrou com um ímpeto que lhe trazia mais sangue à face:

— À saúde de Carlos da Maia, o primeiro elegante cá da pátria! a melhor mão de rédea... Hip, hip, hurra...

— Hip, hip, hip... Hurra!

E foi ainda a voz do *starter* que deu o *hurra* mais vibrante e mais entusiasta.

Um empregado assomou à porta do bufete, e chamou o senhor comissário. O Vargas atirou uma libra para o balcão, abalou, gritando já de fora, com o olho aceso:

— Isto vai-se animando, rapazes!

Caramba! É carregar no líquido! E você, ó lá de baixo, ó patrão, sô Manuel, mande vir esse gelo... Está a gente aqui a tomar a bebida quente... Despache um próprio, vá você, rebente! Irra!

No entanto, enquanto se desarrolhava o champanhe de Craft, Carlos tinha convidado Clifford a jantar nessa noite no *Ramalhete*. O outro aceitou, molhando os lábios no copo, achando excelente que se continuasse a tradição de jantarem juntos, sempre que se encontravam.

— Olá! o general por aqui! — exclamou Craft.

Os outros voltaram-se. Era o Sequeira, com a face como um pimentão, entalado numa sobrecasaca curta que o fazia mais atarracado, de chapéu branco

sobre o olho, e grande chicote debaixo do braço.

Aceitou um copo de champanhe, e teve muito prazer em conhecer o Sr. Clifford...

— E que me diz você a esta sensaboria? — exclamou ele logo, voltando-se para Carlos.

Enquanto a si estava contente, pulava... Aquela corrida insípida, sem cavalos, sem jóqueis, com meia dúzia de pessoas a bocejar em roda, dava-lhe a certeza que eram talvez as últimas e que o Jockey Club rebentava... E ainda bem! Via-se a gente livre de um divertimento que não estava nos hábitos do país. Corridas era para se apostar. Tinha-se apostado? Não? Então histórias!... Em Inglaterra e em França, sim! Aí eram um

jogo como a roleta, ou como o monte... Até havia banqueiros, que eram os *bookmakers*... Então já viam!

E como o marquês, pousando o copo, e querendo calmar o general, falava do apuramento das raças, e da remonta — o outro ergueu os ombros, com indignação:

— Que me está você a cantar! Quer você dizer que se apura a raça para a remonta da cavalaria?... Ora vá lá montar o exército com cavalos de corridas!... Em serviço o que se quer não é o cavalo que corra mais, é o cavalo que aguente mais... O resto é uma história... Cavalos de corridas são fenómenos! São como o boi com duas cabeças... Então histórias!... Em França até lhes dão champanhe, homem!... Então veja lá!.. .

E a cada frase, sacudia os ombros, furiosamente. Depois, de um trago, esvaziou o seu copo de champanhe, repetiu que tinha muito prazer em conhecer o Sr. Clifford, rodou sobre os tacões, saiu, bufando, entalando mais debaixo do braço o chicote — que tremia na ponta como ávido de vergastar alguém.

Craft sorria, batia no ombro de Clifford.

— Veja você! Cá nós, velhos portugueses, não gostamos de novidades, e de *sports*... Somos pelo toiro...

— Com razão — dizia o outro, sério e aprumando-se sobre o colarinho. — Ainda há dias me contava na Granja, o Rei de Espanha...

De repente, fora, houve um rebuliço, e vozes sobressaltadas

gritando: *Ordem!* Uma senhora, que atravessava com um pequenito, fugiu para dentro do bufete, enfiada. Um polícia passou, correndo. Era uma desordem!...

Carlos e os outros, saindo à pressa, viram ao pé da tribuna real um magote de homens — onde bracejava o Vargas. Do largo da pesagem, os rapazes corriam com curiosidade, já excitados, apinhando-se, alçando-se em bicos de pés; do recinto das carruagens acudiam outros, saltando as cordas da pista, apesar dos repelões dos polícias — e agora era uma massa tumultuosa de chapéus altos, de fatos claros, empurrando-se contra as escadas da tribuna real, onde um ajudante de el-rei, reluzente de agulhetas e em cabelo, olhava tranquilamente.

E Carlos, furando, pôde enfim

avistar no meio do montão um dos sujeitos que correra no prémio dos *Produtos*, o que montava *Júpiter*, ainda de botas, com paletó alvadio por cima da jaqueta de jóquei, furioso, perdido, injuriando o juiz das corridas, o Mendonça, que arregalava os olhos, aturdido e sem uma palavra. Os amigos do jóquei puxavam-no, queriam que ele fizesse um protesto. Mas ele batia o pé, trémulo, lívido, gritando que não se importava nada com protestos! Perdera a corrida por uma pouca-vergonha! O protesto ali era um arrocho! Porque o que havia naquele hipódromo era compadrice e ladroeira!

Indivíduos, mais sérios, indignaram-se com esta brutalidade.

— Fora! Fora!

Alguns tomavam o partido do

jóquei; já aos lados outras questões surgiam, desabridas. Um sujeito vestido de cinzento berrava que o Mendonça decidira pelo Pinheiro, que montava *Escocês*, por ser íntimo dele; outro cavalheiro, de binóculo a tiracolo, achava aquela insinuação infame; e os dois, frente a frente, com os punhos fechados, tratavam-se furiosamente de *pulhas*.

E, todo este tempo, um homem baixote, de grandes colarinhos de pintinhas, procurava romper, erguia os braços, exclamava, numa voz suplicante e rouca:

— Por quem são, meus senhores... Um momento... Eu tenho experiência... Eu tenho experiência!

De repente o vozeirão do Vargas

dominou tudo, como um urro de toiro. Diante do jóquei, sem chapéu, com a face a estoirar de sangue, gritava-lhe que era indigno de estar ali, entre gente decente! Quando um *gentleman* duvida do juiz da corrida, faz um protesto! Mas vir dizer que há ladrões, era só de um canalha e de um fadista, como ele, que nunca devia ter pertencido ao *Jockey Club!* — O outro, agarrado pelos amigos, esticando o pescoço magro como para lhe morder, atirou-lhe um nome sujo. Então o Vargas, com um encontrão para os lados, abriu espaço, repuxou as mangas, berrou:

— Repita lá isso! Repita lá isso!

E imediatamente aquela massa de gente oscilou, embateu contra o tabuado da tribuna real, remoinhou em tumulto, com vozes de *ordem e morra*, chapéus

pelo ar, baques surdos de murros.

Por entre o alarido vibravam, furiosamente, os apitos da polícia; senhoras, com as saias apanhadas, fugiam através da pista, procurando espavoridamente as carruagens — e um sopro grosseiro de desordem reles passava sobre o hipódromo, desmanchando a linha postiça de civilização e a atitude forçada de decoro... Carlos achou-se ao pé do marquês, que exclamava, pálido:

— Isto é incrível! Isto é incrível!...

Carlos, pelo contrário, achava pitoresco.

— Qual pitoresco, homem! É uma vergonha, com todos esses estrangeiros!

No entanto a massa de gente

dispersava, lentamente, obedecendo ao oficial da Guarda, um moço pequenino mas decidido, que, em bicos de pés, aconselhava para os lados, numa voz de orador, «cavalheirismo» e «prudência»... O jóquei de paletó alvadio afastou-se, apoiado ao braço de um amigo, coxeando, com o nariz a pingar sangue: e o comissário desceu para a pista, com um cortejo atrás, triunfante, sem colarinho, arranjando o chapéu achatado numa pasta. A música tocava a marcha do *Profeta*, enquanto o desgraçado juiz das corridas, o Mendonça, encostado à tribuna real, com os braços caídos, aparvalhado, balbuciava num resto de assombro:

— Isto só a mim! Isto só a mim!

O marquês, num grupo a que se juntara o Clifford, Craft, e Taveira,

continuava a vociferar:

— Então, estão convencidos? Que lhes tenho eu sempre dito? Isto é um país que só suporta hortas e arraiais... Corridas, como muitas outras coisas civilizadas lá de fora, necessitam primeiro gente educada. No fundo todos nós somos fadistas! Do que gostamos é de vinhaça, e viola, e bordoada, e viva lá seu compadre! Aí está o que é!

Ao lado dele, Clifford, que no meio daquele desmancho todo esticava mais corretamente a sua linha de *gentleman*, mordia um sorriso, assegurando, com um ar de consolação, que conflitos iguais sucedem em toda a parte... Mas no fundo parecia achar tudo aquilo ignóbil. Dizia-se mesmo que ele ia retirar a *Mist*. E alguns davam-lhe razão.

Que diabo! Era aviltante para um belo animal de raça correr num hipódromo sem ordem e sem decência, onde a todo o momento podiam reluzir navalhas.

— Ouve cá, tu viste por acaso esse animal do Dâmaso? — perguntou Carlos, chamando para o lado o Taveira. — Há uma hora que ando a farejá-lo...

— Estava ainda há pouco do outro lado, no recinto das carruagens, com a Josefina do Salazar... Anda extraordinário, de sobrecasaca branca, e de véu no chapéu!

Mas, quando daí a pouco Carlos quis atravessar, a pista estava fechada. Ia-se correr o *Grande Prémio Nacional*. Os números já tinham subido no indicador, um tom de sineta morria no ar. Um cavalo do Darque, o *Rabino*, com o seu jóquei de

encarnado e branco, descia, trazido à rédea por um *groom* e acompanhado pelo Darque: alguns sujeitos paravam a examinar-lhe as pernas, com o olho sério, afetando entender. Carlos demorou-se um momento também, admirando-o: era de um bonito castanho-escuro, nervoso e ligeiro, mas com o peito estreito.

Depois, ao voltar-se, viu de repente a Gouvarinho, que acabava decerto de chegar, e conversava de pé com D. Maria da Cunha. Estava com uma *toilette* inglesa, justa e simples, toda de casimira branca, de um branco de creme, onde as grandes luvas negras à mosqueteira punham um contraste audaz: e o chapéu preto também desaparecia sob as pregas finas de um véu branco, enrolado em volta da cabeça, cobrindo-

lhe metade do rosto, com um ar oriental que não ia bem ao seu narizinho curto, ao seu cabelo cor de brasa. Mas em redor os homens olhavam para ela como para um quadro.

Ao avistar Carlos, a condessa não conteve um sorriso, um brilho de olhos que a iluminou. Instintivamente deu um passo para ele: e ficaram um instante isolados, falando baixo, enquanto D. Maria os observava, sorrindo, cheia já de benevolência, pronta já a abençoá-los maternalmente.

— Estive para não vir — dizia a condessa, que parecia nervosa.

— O Gastão fez-se tão desagradável hoje! E naturalmente tenho de ir amanhã para o Porto.

— Para o Porto?...

— O papá quer que eu lá vá, são os anos dele... Coitado, vai-se fazendo velho, escreveu-me uma carta tão triste... Há dois anos que me não vê...

— O conde vai?

— Não.

E a condessa, depois de dar um sorriso ao ministro da Baviera, que a cumprimentava de passagem, aos pulinhos, acrescentou, mergulhando o olhar nos olhos de Carlos:

— E quero uma coisa.

— O quê?

— Que venhas também.

Justamente nesse instante, Teles da Gama, de programa e lápis na mão, parou junto deles:

— Você quer entrar numa *poule* monstro, Maia? Quinze

bilhetes, dez tostões cada um... Lá em cima ao canto da tribuna está-se apostando ferozmente... A desordem fez bem, sacudiu os nervos, todo o mundo acordou... Quer Vossa Excelência também, senhora condessa?

Sim, a condessa entrava na *poule*. Teles da Gama inscreveu-a, e abalou atarefado. Depois foi Steinbroken que se acercou, todo florido, de chapéu branco, ferradura de rubis na gravata, mais esticado, mais loiro, mais inglês, neste dia solene de *sport* oficial.

— Ah, comme vous êtes belle, comtesse!... Voilà une toilette merveilleuse, n'est ce pas, Maia?... Est-ce que nous n'allons pas parier quelque chose?

A condessa, contrariada, querendo

falar a Carlos, risonha todavia, lamentou-se de ter já uma fortuna comprometida... Enfim sempre apostava cinco tostões com a Finlândia. Que cavalo tomava ele?

— Ah, je ne sais pas, je ne connais pas le chevaux... D'abord, quand on parie...

Ela, impaciente, ofereceu-lhe *Vladimiro*. E teve de estender a mão a outro finlandês, o secretário de Steinbroken, um moço loiro, lento, lânguido, que se curvara em silêncio diante dela, deixando escorregar do olho claro e vago o seu monóculo de oiro. Quase imediatamente Taveira excitado veio dizer que Clifford retirara a *Mist*. Vendo-a assim cercada, Carlos afastou-se. Justamente o olhar de D. Maria, que o não deixara, chamava-o agora, mais carinhoso

e vivo. Quando ele se chegou, ela puxou-lhe pela manga, fê-lo debruçar, para lhe murmurar ao ouvido, deliciada: — Está hoje tão galante!

— Quem?

D. Maria encolheu os ombros, impaciente.

— Ora quem! Quem há de ser? O menino sabe perfeitamente. A condessa... Está de apetite.

— Muito galante, com efeito — disse Carlos friamente. De pé, junto de D. Maria, tirando devagar uma *cigarette*, ele ruminava, quase com indignação, as palavras da condessa. Ir com ela para o Porto!... E via ali outra exigência audaz, a mesma tendência impertinente a dispor do seu tempo, dos seus passos, da sua vida! Tinha um desejo de voltar junto dela,

dizer-lhe que não, secamente, desabridamente, sem motivos, sem explicações, como um brutal. Acompanhada em silêncio pelo esguio secretário de Steinbroken, ela vinha agora caminhando lentamente para ele; e o olhar alegre com que o envolvia irritou-o mais, sentindo no seu brilho sereno, no sorrir calmo, quanto ela estava certa da sua submissão. E estava. Apenas o finlandês se afastou languidamente — ela, muito tranquila, ali mesmo junto de D. Maria, falando em inglês, e apontando para a pista como se comentasse os cavalos do Darque, explicou-lhe um plano que imaginara, encantador. Em lugar de partir na terça-feira para o Porto — ia na segunda à noite, só com a criada escocesa, sua confidente, num

compartimento reservado. Carlos tomava o mesmo comboio. Em Santarém, desciam ambos, muito simplesmente, e iam passar a noite ao hotel. No dia seguinte ela seguia para o Porto, ele recolhia a Lisboa...

Carlos abria os olhos para ela, assombrado, emudecido. Não esperava aquela extravagância. Supusera que ela o queria no Porto, escondido no *Francfort*, para passeios românticos à Foz, ou visitas furtivas a algum casebre da Aguardente... Mas a ideia de uma noite, num hotel, em Santarém!

Terminou por encolher os ombros, indignado. Como queria ela, numa linha de caminho de ferro em que se encontra constantemente gente conhecida, apear-se com ele na estação de Santarém, dar-lhe o

braço, maritalmente, e enfiarem para uma estalagem? Ela, porém, pensara em todos os detalhes. Ninguém a conheceria, disfarçada num grande *water-proof*, e com uma cabeleira postiça.

— Com uma cabeleira!?

— O Gastão! — murmurou ela de repente.

Era o conde, por trás dele abraçando-o ternamente pela cintura. E quis logo saber a opinião do amigo Maia sobre as corridas. Bastante animação, não é verdade? E bonitas *toilettes*, certo ar de luxo... Enfim, não envergonhavam. E aí estava provado o que ele sempre dissera, que todos os requintes da civilização se aclimatavam bem em Portugal!...

— O nosso solo moral, Maia, como o nosso solo físico, é um solo

abençoado!

A condessa voltara para o pé de D. Maria. E Teles da Gama, passando de novo, naquela faina ruidosa em que o trazia a formação da sua *poule*, chamou Carlos para a tribuna, para ele tirar o seu bilhete, e apostar com as senhoras...

— Ó Gouvarinho! venha também daí, homem! — exclamou ele.

— Que diabo! É necessário animar isto, é até patriótico. E o conde condescendeu, por patriotismo.

— É bom — dizia ele, travando do braço de Carlos— fomentar os divertimentos elegantes. Já uma vez o disse na Câmara: o luxo é conservador.

Em cima, a um canto, num grupo de senhoras, foram com efeito encontrar uma animação — que quase fazia

escândalo naquela tribuna silenciosa e à espera do Senhor dos Passos. A viscondessa de Alvim dobrava atarefadamente os bilhetes da *poule*: uma secretariazinha da Rússia, de bonitos olhos garços, apostava desesperadamente placas de cinco tostões, estonteada, já embrulhada, rabiscando com frenesi o seu programa. A Pinheiro, a mais magra, com um vestido leve de raminhos Pompadour que lhe fazia covas nas clavículas, dava opiniões pretensiosas sobre os cavalos, em inglês, enquanto o Taveira, de olhos húmidos no meio de todas aquelas saias, falava de arruinar as senhoras, de viver à custa das senhoras... E todos os homens, acotovelando-se, queriam fazer uma aposta com a Joaninha Vilar, que, de costas contra o rebordo da tribuna,

gordinha e lânguida, sorrindo, com a cabeça deitada para trás, as pestanas mortas, parecia oferecer a todas aquelas mãos, que se estendiam gulosamente para ela, o seu apetitoso peito de rola. Teles da Gama, no entanto, ia organizando a confusão alegre. Os bilhetes estavam dobrados, era necessário um chapéu... Então os cavalheiros afetaram um amor desordenado pelos seus chapéus, não os querendo confiar às mãos nervosas das senhoras; um rapaz, todo de luto, excedeu-se mesmo, agarrando as abas do seu, com ambas as mãos, aos gritos.

A secretariazinha da Rússia, impaciente, terminou por oferecer o barrete de marujo do seu pequeno — uma criança obesa, pousada ali para o lado como uma trouxa. Foi a Joaninha Vilar

que levou em roda os bilhetes, rindo e chocalhando-os preguiçosamente, enquanto o secretário de Steinbroken, grave, como exercendo uma função, recolhia no seu grande chapéu as placas caindo uma a uma com um som argentino. E a tiragem foi o lindo divertimento da *poule*. Como estavam só quatro cavalos inscritos, e as entradas eram quinze, havia onze bilhetes brancos que aterravam. Todos ambicionavam tirar o número três, o de *Rabino*, o cavalo de Darque, favorito do *Prémio Nacional*. Assim cada mãozinha sôfrega que se demorava no fundo do barrete, remexendo, tenteando os papéis, causava uma indignação folgazã, num exagero de risos.

— A senhora viscondessa procura

de mais!... E dobrou os números, conhece-os... É necessário probidade, senhora viscondessa!

— Oh, mon Dieu, j'ai *Minhoto*, cette rosse!

— Je vous l'achette, madame!

— Ó Sr. a D. Maria Pinheiro, Vossa Excelência leva dois números!...

— Ah! je suis perdue... Blanc!

— E eu! É necessário fazer outra *poule*! Vamos fazer outra *poule*!

— Isso! Outra *poule*, outra *poule*!

No entanto a enorme baronesa de Craben, num degrau mais elevado, que ela ocupava só, como um trono, erguera-se, com o seu bilhete na mão. Tinha tirado *Rabino*: e afetava superiormente não compreender esta fortuna, perguntava o que era *Rabino*. Quando o conde de

Gouvarinho lhe explicou muito sério a importância de *Rabino*, e que *Rabino* era quase uma glória pública, ela mostrou a dentuça, condescendeu em rosnar do fundo do papo que *c'était charmant*. Todo o mundo a invejava; e a vasta baleia alastrou-se de novo sobre o trono, abanando-se, com majestade.

E subitamente houve uma surpresa: enquanto eles tiravam os bilhetes, os cavalos tinham partido, passavam juntos diante da tribuna. Todos se ergueram, de binóculos na mão. O *starter* ainda estava na pista, com a bandeira vermelha inclinada ao chão: e as ancas dos cavalos fugiam na curva, lustrosos à luz, sob as jaquetas enfunadas dos jóqueis.

Então todo o rumor de vozes caiu;

e no silêncio a bela tarde pareceu alargar-se em redor, mais suave e mais calma. Através do ar sem poeira, sem a vibração dos raios fortes, tudo tomava uma nitidez delicada: defronte da tribuna, na colina, a relva era de um loiro quente: no grupo de carruagens cintilava por vezes o vidro de uma lanterna, o metal de um arreio, ou de pé, sobre uma almofada, destacava em escuro alguma figura de chapéu alto; e pela pista verde, os cavalos corriam, mais pequenos, finalmente recortados na luz. Ao fundo, a cal das casas cobria-se de uma leve aguada cor-de-rosa: e o distante horizonte resplandecia, com dourados de Sol, brilhos de rio vidrado, fundindo-se numa névoa luminosa, onde as colinas, nos seus tons azulados, tinham quase transparência, como feitas de uma

substância preciosa...

— É *Rabino*! — exclamou por trás de Carlos um sujeito, de pé num degrau.

As cores encarnadas e brancas do Darque corriam com efeito na frente. Os dois outros cavalos iam juntos; e o último, num galope que adormecia, era *Vladimiro*, outro potro do Darque, baio-claro, quase loiro à luz.

Então, a secretária da Rússia bateu as palmas, interpelou Carlos que justamente tirara na *poule* o número de *Vladimiro*. A ela coubera *Minhoto*, uma pileca melancólica do Manuel Godinho; e tinham feito sobre os dois cavalos uma aposta complicada de luvas e de amêndoas. Já umas poucas de vezes os seus lindos olhos garços tinham procurado

os de Carlos; e agora tocava-lhe no braço com o leque, gracejava, triunfava...

— Ah, vous avez perdu, vous avez perdu! Mais c'est un vieux cheval de fiacre, vôtre Vladimiro.

Como um cavalo de fiacre? *Vladimiro* era o melhor potro do Darque! Talvez ainda viesse a ser a única glória de Portugal, como outrora o *Gladiador* fora a única glória da França! Talvez ainda substituísse Camões...

— Ah, vous plaisantez...

Não, Carlos não gracejava. Estava até pronto a apostar tudo por *Vladimiro*.

— Você aposta por *Vladimiro*? — gritou Teles da Gama, voltando-se vivamente.

Carlos, por divertimento, sem

mesmo saber porquê, declarou que tomava *Vladimiro*. Então, em roda, foi uma surpresa; e todo o mundo quis apostar, aproveitar-se daquela fantasia de homem rico, que sustentava um potro verde, de três quartos de sangue, a que o próprio Darque chamava *pileca*. Ele sorria, aceitava; terminou até por erguer a voz, proclamar *Vladimiro* contra o campo. E de todos os lados o chamavam, numa sofreguidão de saque.

— Mr. de Maia, dix tostons.

— Parfaitement, madame.

— Ó Maia, você quer meia libra?

— Às ordens!

— Maia, também eu! Ouça lá... Também eu!... Dois mil réis.

— Ó Sr. Maia, eu dou dez tostões...

— Com o maior prazer, minha senhora...

Ao longe os cavalos davam a volta, na subida do terreno.

Rabino já desaparecera — e *Vladimiro*, num galope a que se sentia o cansaço, corria só na pista. Uma voz elevou-se, dizendo que ele manquejava. Então Carlos, que continuava a tomar *Vladimiro*contra o campo, sentiu que lhe puxavam devagar pela manga; voltou-se; era o secretário de Steinbroken, chegando, subtilmente, a tomar também parte no saque à bolsa do Maia, propondo dois soberanos, em seu nome e em nome do seu chefe, como uma aposta coletiva da Legação, a aposta do reino da Finlândia.

— C'est fait, monsieur! —

exclamou Carlos, rindo. Agora começava a divertir-se. Apenas vira de relance *Vladimiro*, e gostara da cabeça ligeira do potro, do seu peito largo e fundo; mas apostava sobretudo para animar mais aquele recanto da tribuna, ver brilhar gulosamente os olhos interesseiros das mulheres. Teles da Gama ao lado aprovava-o, achava aquilo patriótico e chique.

— É *Minhoto*! — gritou de repente Taveira.

Na volta, com efeito, fizera-se uma mudança. Subitamente *Rabino* perdera terreno, resistindo à subida, com o fôlego curto. E agora era *Minhoto*, o cavalicoque obscuro de Manuel Godinho, que se arremessava para a frente, vinha

devorando a pista, num esforço contínuo, admiravelmente montado por um jóquei espanhol. E logo atrás vinham as cores escarlates e brancas de Darque: ao princípio ainda pareceu que era *Rabino*: mas, apanhado de repente num raio oblíquo de Sol, o cavalo cobriu-se de tons lustrosos de baio-claro, e foi uma surpresa ao reconhecer-se que era *Vladimiro*! A corrida travava-se entre ele e *Minhoto*.

Os amigos de Godinho, precipitando-se para a pista, bradavam, de chapéus no ar:

— *Minhoto*! *Minhoto*!

E, em redor de Carlos, os que tinham apostado pelo campo contra *Vladimiro* faziam também votos por *Minhoto*, em bicos de pés, junto do

parapeito da tribuna, estendendo o braço para ele, animando-o:

— Anda *Minhoto*!... Isso, assim!... Aguenta, rapaz!... Bravo!... *Minhoto*! *Minhoto*!

A russa, toda nervosa, na esperança de ganhar a *poule*, batia as palmas. Até a enorme Craben se erguera, dominando a tribuna, enchendo-a com os seus gorgorões azuis e brancos: — enquanto que, ao lado dela, o conde de Gouvarinho, também de pé, sorria, contente no seu peito de patriota, vendo naqueles jóqueis à desfilada, nos chapéus que se agitavam, brilhar civilização... De repente, de baixo, de ao pé da tribuna, de entre os rapazes que cercavam o Darque, uma exclamação partiu.

— *Vladimiro*! *Vladimiro*!

Com um arranque desesperado o potro viera juntar-se a *Minhoto*: e agora chegavam furiosamente, com brilhos vivos de cores claras, os focinhos juntos, os olhos esbugalhados, sob uma chuva de vergastadas.

Teles da Gama, esquecido da sua aposta, todo pelo Darque, seu íntimo, berrava por *Vladimiro*. A russa, de pé num degrau, apoiada sobre o ombro de Carlos, pálida, excitada, animava *Minhoto* com gritinhos, com pancadas de leque. A agitação daquele canto da tribuna estendera-se em baixo ao recinto — onde se via uma linha de homens, contra a corda da pista, bracejando. Do outro lado, era uma fila de rostos pálidos, fixos numa curta ansiedade. Algumas senhoras tinham-se

posto de pé nas carruagens. E através da colina, para ver a chegada, dois cavaleiros, segurando com as mãos os chapéus baixos, corriam à desfilada.

— *Vladimiro*! *Vladimiro*! — foram de novo os gritos isolados, aqui, além.

Os dois cavalos aproximavam-se, com um som surdo das patas, trazendo um ar de rajada.

— *Minhoto*! *Minhoto*!

— *Vladimiro*! *Vladimiro*!

Chegavam... De repente o jóquei inglês de *Vladimiro*, todo em fogo, levantando o potro que lhe parecia fugir de entre as pernas, esticado e lustroso, fez silvar triunfantemente o chicote, e de um arremesso direto lançou-o além da meta, duas cabeças adiante de *Minhoto*, todo

coberto de espuma.

Então em volta de Carlos foi uma desconsolação, um longo murmúrio de lassidão. Todos perdiam; ele apanhava a *poule*, ganhava as apostas, empolgava tudo. Que sorte! Que *chance*! Um adido italiano, tesoureiro da *poule*, empalideceu ao separar-se do lenço cheio de prata: e de todos os lados mãozinhas calçadas de *gris-perle*, ou de castanho, atiravam-lhe com um ar amuado as apostas perdidas, chuva de placas que ele recolhia, rindo, no chapéu.

— Ah, monsieur — exclamou a vasta ministra da Baviera, furiosa — mefiez-vous... Vous connaissez le proverbe: heureux au jeu...

— Helas! madame! — disse Carlos, resignado, estendendo-lhe o

chapéu.

E outra vez um dedo subtil tocou-lhe no braço. Era o secretário de Steinbroken, lento e silencioso, que lhe trazia o seu dinheiro e o dinheiro do seu chefe, a aposta do reino da Finlândia.

— Quanto ganha você? — exclamou Teles da Gama, assombrado.

Carlos não sabia. No fundo do chapéu já reluzia ouro. Teles contou, com o olho brilhante.

— Você ganha doze libras! — disse ele maravilhado, e olhando Carlos com respeito.

Doze libras! Esta soma espalhou-se em redor, num rumor de espanto. Doze libras! Em baixo os amigos de Darque, agitando os chapéus, davam ainda hurras. Mas uma indiferença, um tédio lento, ia

pesando outra vez, desconsoladoramente. Os rapazes vinham-se deixar cair nas cadeiras, bocejando, com um ar exausto. A música, desanimada também, tocava coisas plangentes da *Norma*.

Carlos, no entanto, num degrau da tribuna, com a ideia de descobrir o Dâmaso, sondava de binóculo o recinto das carruagens. A gente, agora, ia dispersando pela colina. As senhoras tinham retomado a imobilidade melancólica, no fundo das caleches, de mãos no regaço. Aqui e além um *dog-cart*, mal arranjado, dava um trote curto pela relva. Numa vitória estavam as duas espanholas do Eusebiozinho, a Concha e a Cármen, de sombrinhas escarlates. E sujeitos, de mãos atrás das costas, pasmavam para um *char-à-bancs* a quatro

atrelado à Daumont, onde, entre uma família triste, uma ama de lenço de lavradeira dava de mamar a uma criança cheia de rendas. Dois garotos esganiçados passeavam bilhas de água fresca.

Carlos descia da tribuna, sem ter descoberto o Dâmaso — quando deu justamente de frente com ele, dirigindo-se para a escada, afogueado, flamante, na sua famosa sobrecasaca branca.

— Onde diabo tens tu estado criatura?

O Dâmaso agarrou-o pelo braço, alçou-se em bicos de pés, para lhe contar ao ouvido que tinha estado do outro lado com uma gaja divina, a Josefina do Salazar... Chique a valer! lindamente vestida! parecia-lhe que tinha mulher!

— Ah, Sardanápalo!...

— Faz-se pela vida... Volta cá acima à tribuna, anda. Eu ainda hoje não pude cavaquear com o *high life*!... Mas estou furioso, sabes? Implicaram com o meu véu azul. Isto é um país de bestas! Logo troça, e *olhe que não creste a pele, e onde mora, ó catitinha*? e chalaça... Uma canalha! Tive de tirar o véu... Mas já resolvi. Para as outras corridas venho nu! Palavra, venho nu! Isto é a vergonha da civilização, esta terra! Não vens daí? Então até já.

Carlos deteve-o.

— Escuta lá, homem, tenho que te dizer... Então, essa visita aos Olivais?... Nunca mais apareceste... Tínhamos combinado que fosses convidar o Castro Gomes, que viesses dar a resposta... Não vens, não mandas... O Craft à espera...

Enfim, um procedimento de selvagem.

Dâmaso atirou os braços ao ar. Então Carlos não sabia? Havia grandes novidades! Ele não voltara ao *Ramalhete*, como estava combinado, porque o Castro Gomes não podia ir aos Olivais. Ia partir para o Brasil. Já partira mesmo, na quarta-feira. A coisa mais extraordinária... Ele chega lá, para fazer o convite, e Sua Excelência declara-lhe que sente muito, mas que parte no dia seguinte para o Rio... E já de mala feita, já alugada uma casa para a mulher ficar aqui à espera três meses, já a passagem no bolso. Tudo de repente, feito de sábado para segunda-feira... Telhudo, aquele Castro Gomes.

— E lá partiu — exclamou ele, voltando-se a cumprimentar a viscondessa

de Alvim e Joaninha Vilar, que desciam das tribunas.

— Lá partiu, e ela já está instalada. Até já antes de ontem a fui visitar, mas não estava em casa... Sabes do que tenho medo? É que ela, nestes primeiros tempos, por causa da vizinhança, como está só, não queira que eu lá vá muito... Que te parece?

— Talvez... E onde mora ela?

Em quatro palavras, Dâmaso explicou a instalação de *madame*. Era muito engraçado, morava no prédio do Cruges! A mamã Cruges, havia já anos, alugava aquele primeiro andar mobilado: o inverno passado estivera lá o Bertonni, o tenor, com a família. Casa bem arranjada, o Castro Gomes tinha tido dedo...

— E para mim, muito cómodo, ali ao pé do Grémio... Então não voltas cá acima, a cavaquear com o femeaço? Até logo... Está hoje chique a valer a Gouvarinho! E está a pedir homem! *Good-bye*. Defronte de Carlos a condessa de Gouvarinho, no grupo de D. Maria, a que se viera juntar a Alvim e Joaninha Vilar, não cessava de o chamar com o olhar inquieto, torturando o seu grande leque negro. Mas ele não obedeceu logo, parado ao pé dos degraus da tribuna, acendendo vagamente uma *cigarette*, perturbado por todas aquelas palavras do Dâmaso, que lhe deixavam na alma um sulco luminoso. Agora que a sabia só em Lisboa, vivendo na mesma casa do Cruges, parecia-lhe que já a conhecia, sentia-se muito perto dela — podendo assim a todo o momento

entrar os umbrais da sua porta, pisar os degraus que ela pisava. Na sua imaginação transluziam já possibilidades de um encontro, alguma palavra trocada, coisas pequeninas, subtis como fios, mas por onde os seus destinos se começariam a prender... E imediatamente veio-lhe a tentação pueril de ir lá, logo nessa mesma tarde, nesse instante, gozar como amigo do Cruges o direito de subir a escada dela, parar diante da porta dela — e surpreender uma voz, um som de piano, um rumor qualquer da sua vida.

O olhar da condessa não o deixava. Ele aproximou-se, enfim, contrariado: ela ergueu-se logo, deixou o seu grupo, e dando alguns passos com ele pela relva, recomeçou a falar na ida a Santarém. Carlos, então, muito secamente,

declarou toda essa invenção insensata.

— Porquê?...

Ora porquê! Por tudo. Pelo perigo, pelos desconfortos, pelo ridículo... Enfim, a ela, como mulher, ficava-lhe bem ter fantasias pitorescas de romance; mas a ele competia-lhe ter bom senso.

Ela mordia o beiço, com todo o sangue na face. E não havia ali bom senso. Via só frieza. Quando ela arriscava tanto, ele podia bem, por uma noite, afrontar os desconfortos da estalagem...

— Mas não é isso!...

Então que era? Tinha medo? Não havia mais perigo do que nas idas a casa da titi. Ninguém a podia conhecer, com outra cor de cabelo, toda a sorte de véus, disfarçada num grande *water-proof*. Chegavam de noite, entravam para o

quarto, donde não saíam mais, servidos apenas pela escocesa. No dia seguinte, no comboio da noite, ela seguia para o Porto, tudo acabava... E naquela insistência ela era o homem, o sedutor, com a sua veemência de paixão ativa, tentando-o, soprando-lhe o desejo; enquanto ele parecia a mulher, hesitante e assustada. E Carlos sentia isto. A sua resistência a uma noite de amor, prolongando-se assim, ameaçava ser grotesca: ao mesmo tempo o calor da voluptuosidade que emanava daquele seio, arfando junto dele e por ele, ia-o amolecendo lentamente. Terminou por a olhar de certo modo; e, como se o desejo se lhe acendesse enfim de repente à curta chama que faiscava nas pupilas dela, negras, húmidas, ávidas, prometendo mil coisas, disse, um pouco pálido:

— Pois bem, perfeitamente... Amanhã à noite, na estação. Nesse momento, em redor, romperam exclamações de troça: era um cavalo solitário que chegava, num galope pacato, passava a meta sem se apressar, como se descesse uma avenida do Campo Grande numa tarde de domingo. E em redor perguntava-se que corrida era aquela de um cavalo só — quando ao longe, como saindo da claridade loura do sol que descia sobre o rio, apareceu uma pobre pileca branca, empurrando-se, arquejando, num esforço doloroso, sob as chicotadas atarantadas de um jóquei de roxo e preto. Quando ela chegou, enfim, já o outro *gentleman-rider* voltara da meta, a passo, pachorrentamente — e estava conversando com os amigos, encostado à

corda da pista.

Todo o mundo ria. E a corrida do Prémio de El-Rei terminou assim, grotescamente.

Ainda havia o Prémio de Consolação — mas agora desaparecera todo o interesse fictício pelos cavalos. Perante a calma e radiante beleza da tarde, algumas senhoras, imitando a Alvim, tinham descido para a pesagem, cansadas da imobilidade da tribuna. Arranjaram-se mais cadeiras: aqui e além, sobre a relva pisada, formavam-se grupos alegrados por algum vestido claro ou por uma pluma viva de chapéu: e palrava-se, como numa sala de inverno, fumando-se familiarmente. Em redor de D. Maria e da Alvim projetava-se um grande piquenique a Queluz. Alencar e o Gouvarinho

discutiam a reforma da instrução. A horrível Craben, entre outros diplomatas e moços de binóculo a tiracolo, dava do fundo grosso do papo opiniões sobre Daudet, que ela achava *très agréable*. E, quando Carlos enfim abalou, o recinto, esquecidas as corridas, tomava um tom de *soirée*, no ar claro e fresco da colina, com o murmúrio de vozes, um mover de leques, e ao fundo a música tocando uma valsa de Strauss.

Carlos, depois de procurar muito Craft, encontrou-o no bufete com o Darque, com outros, bebendo mais champanhe.

— Eu tenho de ir ainda a Lisboa — disse-lhe ele — e vou no faetonte. Abandono-o torpemente. Você vá para o *Ramalhete* como puder...

— Eu o levo — gritou logo o Vargas, que tinha já a gravata toda desmanchada. — Levo-o no *dog-cart*. Eu me encarrego dele... O Craft fica por minha conta... É necessário recibo? À saúde do Craft, inglês cá dos meus... *Hurra*!

— *Hurra*! Hip, hip, hurra!

Daí a pouco, a trote largo no faetonte, Carlos descia o Chiado, dava a volta para a Rua de S. Francisco. Ia numa perturbação deliciosa e singular, com aquela certeza de que ela estava só na casa do Cruges: o último olhar que ela lhe dera parecia ir adiante dele, chamando-o: e um despertar tumultuoso de esperanças sem nome atirava-lhe a alma para o azul.

Quando parou diante do portão — alguém, por dentro das janelas dela, ia

correndo lentamente os estores. Na rua silenciosa caía já uma sombra de crepúsculo. Atirou as rédeas ao cocheiro, atravessou o pátio. Nunca viera visitar o Cruges, nunca subira esta escada; e pareceu-lhe horrorosa, com os seus frios degraus de pedra, sem tapete, as paredes nuas e enxovalhadas alvejando tristemente no começo da escuridão. No patamar do primeiro andar parou. Era ali que ela vivia. E ficou olhando, com uma devoção ingénua, para as três portas pintadas de azul: a do centro estava inutilizada por um banco comprido de palhinha, e na do lado direito pendia, com uma enorme bola, o cordão da campainha. De dentro não vinha um rumor: — e este pesado silêncio, juntando-se ao movimento de estores que ele vira fechar-se, parecia

cercar as pessoas que ali viviam de solidão e de impenetrabilidade. Uma desconsolação passou-lhe na alma. Se ela agora, só, sem o marido, começasse uma vida reclusa e solitária? Se ele não tornasse mais a encontrar os seus olhos?

Foi subindo devagar até ao andar do Cruges. E mal sabia o que havia de dizer ao maestro para explicar aquela visita estranha, deslocada... Foi um alívio quando a criadita lhe veio dizer que o menino Vitorino tinha saído.

Em baixo, Carlos tomou as rédeas, e foi levando lentamente o faetonte até ao Largo da Biblioteca. Depois retrocedeu, a passo. Agora, por trás do estore branco, ia uma vaga claridade de luz. Ele olhou-a como se olha uma estrela.

Voltou ao *Ramalhete*. Craft,

coberto de pó, estava-se justamente apeando de uma caleche de praça. Um momento ficaram ali à porta, enquanto Craft, procurando troco para o cocheiro, contava o final das corridas. No Prémio de Consolação, um dos cavaleiros tinha caído, quase ao pé da meta, sem se magoar: e, por último, já à partida, o Vargas, que ia na sua terceira garrafa de champanhe, esmurrara um criado de bufete, com ferocidade.

— Assim — disse Craft completando o seu troco — estas corridas foram boas pelo velho princípio shakespeariano de que *tudo é bom quando acaba bem*.

— Um murro — disse Carlos rindo — é com efeito um belo ponto final.

No peristilo, o velho guarda-

portão esperava, descoberto, com uma carta na mão para Carlos. Um criado tinha-a trazido, instantes antes de Sua Excelência chegar.

Era uma letra inglesa de mulher, num envelope largo, lacrado com um sinete de armas. Carlos ali mesmo abriu-a, e, logo à primeira linha, teve um movimento tão vivo, de tão bela surpresa, iluminando-se-lhe tanto o rosto, que Craft do lado perguntou sorrindo:

— Aventura? Herança?

Carlos, vermelho, meteu a carta no bolso, e murmurou:

— Um bilhete apenas, um doente...

Era apenas um doente, era apenas um bilhete, mas começava assim: «Madame Castro Gomes apresenta os seus respeitos ao Sr. Carlos da Maia, e

roga-lhe o obséquio...». Depois, em duas breves palavras, pedia-lhe para ir ver na manhã seguinte, o mais cedo possível, uma pessoa de família, que se achava incomodada.

— Bem, eu vou-me vestir — disse Craft. — Jantar às sete e meia, hem?

— Sim, o jantar... — respondeu Carlos, sem saber o quê, banhado todo num sorriso, como em êxtase.

Correu aos seus aposentos: e junto da janela, sem mesmo tirar o chapéu, leu uma vez mais o bilhete, outra vez ainda, contemplando enlevadamente a forma da letra, procurando voluptuosamente o perfume do papel.

Era datada desse mesmo dia à tarde. Assim, quando ele passara defronte da sua porta, já ela o escrevera, já o seu

pensamento se demorara nele — quanto mais não fosse senão ao traçar as letras simples do seu nome. Não era ela que estava doente. Se fosse Rosa, ela não diria tão friamente «uma pessoa de família». Era talvez o esplêndido preto de carapinha grisalha. Talvez Miss Sara, abençoada fosse ela para sempre, que queria um médico que entendesse inglês... Enfim, havia lá uma pessoa na cama, junto da qual ela mesmo o conduziria, através dos corredores interiores daquela casa — que havia apenas instantes sentira tão fechada, e como impenetrável para sempre!... E depois este adorado bilhete, este delicioso pedido para ir a sua casa, agora que ela o conhecia, que vira Rosa atirar-lhe um grande adeus — tomava uma significação profunda, perturbadora...

Se ela não quisesse compreender, nem aceitar o distante amor que os seus olhos lhe tinham oferecido claramente, o mais luminosamente que tinham podido, nesses fugitivos instantes que se tinham cruzado com os dela — então poderia ter mandado chamar outro médico, um clínico qualquer, um estranho. Mas não: o seu olhar respondera ao dele, e ela abria-lhe a sua porta... — E o que sentia a esta ideia era uma gratidão inefável, um impulso tumultuoso de todo o seu ser a cair-lhe aos pés, ficar-lhe beijando a orla do vestido, devotamente, eternamente, sem querer mais nada, sem pedir mais nada...

Quando Craft dali a pouco desceu, de casaca, fresco, alvo, engomado, correto — achou Carlos, ainda com toda a poeira da estrada, de chapéu na cabeça,

passeando o quarto, nesta agitação radiante.

— Você está a faiscar, homem! — disse Craft, parando diante dele, com as mãos nos bolsos, e contemplando-o um instante do alto do seu resplandecente colarinho. — Você flameja!... Você parece que tem uma auréola na nuca!... Você sucedeu-lhe o que quer que seja de muito bom!

Carlos espreguiçou-se, sorrindo. Depois olhou para Craft um momento, em silêncio, encolheu os ombros, e murmurou:

— A gente, Craft, nunca sabe se o que lhe sucede é, em definitivo, bom ou mau.

— Ordinariamente é mau — disse o outro friamente, aproximando-se do

espelho a retocar com mais correção o nó da gravata branca.

11

Na manhã seguinte, Carlos, que se erguera cedo, veio a pé do *Ramalhete* até à Rua de S. Francisco, a casa de Madame Gomes. No patamar, onde morria em penumbra a luz distante da claraboia, uma velha de lenço na cabeça, encolhida num xalezinho preto, esperava, sentada melancolicamente ao canto do banco de palhinha. A porta aberta mostrava uma parede feia de corredor forrada de papel amarelo. Dentro um relógio ronceiro estava batendo dez horas.

— A senhora já tocou? — perguntou Carlos, erguendo o chapéu. A velha murmurou, de entre a sombra do lenço que lhe caía para os olhos, num tom

cansado e doente:

— Já, sim, meu senhor. Já fizeram o favor de me falar. O criado, o Sr. Domingos, não tarda...

Carlos esperou, passeando lentamente no patamar. Do segundo andar vinha um barulho alegre de crianças brincando; por cima, o moço do Cruges esfregava a escada com estrondo, assobiando desesperadamente o fado. Um longo minuto arrastou-se, depois outro, infindável. A velha, de entre a negrura do lenço, deu um suspirozinho abatido. Lá ao fundo um canário rompera a cantar; e então Carlos, impaciente, puxou o cordão da campainha.

Um criado de suíças ruivas, corretamente abotoado num jaquetão de flanela, apareceu correndo, com uma

travessa na mão, abafada num guardanapo; e ao ver Carlos ficou tão atarantado, bamboleando à porta, que um pouco de molho de assado escorregou, caiu sobre o soalho.

— Oh! Sr. D. Carlos Eduardo, faz favor de entrar!... Ora esta! Tem a bondade de esperar um instantinho, que eu abro já a sala... Tome lá, Sr. a Augusta, tome lá, olhe não entorne mais! A senhora diz que lá manda logo o vinho do Porto... Desculpe Vossa Excelência, Sr. D. Carlos... Por aqui, meu senhor...

Correu um reposteiro de repes vermelho, introduziu Carlos numa sala alta, espaçosa, com papel de ramagens azuis, e duas varandas para a Rua de S. Francisco; e erguendo à pressa os dois transparentes de paninho branco,

perguntava a Carlos se Sua Excelência não se lembrava já do Domingos. Quando ele se voltou, risonho, descendo precipitadamente os canhões das mangas, Carlos reconheceu-o pelas suíças ruivas. Era com efeito o Domingos, escudeiro excelente, que no começo do inverno estivera no *Ramalhete*, e se despedira por birras patrióticas, birras ciumentas, com o cozinheiro francês.

— Não o tinha visto bem, Domingos — disse Carlos. — O patamar é um pouco escuro... Lembro-me perfeitamente... E então você agora aqui, hem? E está contente?

— Eu parece-me que estou muito contente, meu senhor... O Sr. Cruges também mora cá por cima...

— Bem sei, bem sei...

— Tenha Vossa Excelência a paciência de esperar um instantinho que eu vou dar parte à Sr. a D. Maria Eduarda...

Maria Eduarda! Era a primeira vez que Carlos ouvia o nome dela; e pareceu-lhe perfeito, condizendo bem com a sua beleza serena. Maria Eduarda, Carlos Eduardo... Havia uma similitude nos seus nomes. Quem sabe se não pressagiava a concordância dos seus destinos!

Domingos, no entanto, já à porta da sala, com a mão no reposteiro, parou ainda, para dizer num tom de confidência e sorrindo:

— É a governanta inglesa que está doente...

— Ah! é a governanta?

— Sim, meu senhor, tem uma febrezita desde ontem, peso no peito.

— Ah!...

O Domingos deu outro movimento lento ao reposteiro, sem se apressar, contemplando Carlos com admiração:

— E o avozinho de Vossa Excelência passa bem?

— Obrigado, Domingos, passa bem.

— Aquilo é que é um grande senhor!... Não há, não há outro assim em Lisboa!

— Obrigado, Domingos, obrigado...

Quando ele finalmente saiu, Carlos, tirando as luvas, deu uma volta curiosa e lenta pela sala. O soalho fora esteirado de novo. Ao pé da porta havia

um piano antigo de cauda, coberto com um pano alvadio; sobre uma estante ao lado, cheia de partituras, de músicas, de jornais ilustrados, pousava um vaso do Japão onde murchavam três belos lírios brancos; todas as cadeiras eram forradas de repes vermelhos; e aos pés do sofá estirava-se uma velha pele de tigre. Como no Hotel Central, esta instalação sumária de casa alugada recebera retoques de conforto e de gosto: cortinas novas de cretone, combinando com o papel azul da parede, tinham substituído as clássicas bambinelas de cassa: um pequeno contador árabe, que Carlos se lembrava de ter visto havia dias no tio Abraão, viera encher um lado mais desguarnecido da parede: o tapete de pelúcia de uma mesa oval, colocada ao centro,

desaparecia sob lindas encadernações de livros, álbuns, duas taças japonesas de bronze, um cesto para flores de porcelana de Dresda, objetos delicados de arte que não pertenciam decerto à mãe Cruges. E parecia errar ali, acariciando a ordem das coisas e marcando-as com um encanto particular, aquele indefinido perfume que Carlos já sentira nos quartos do Hotel Central, e em que dominava o jasmim.

Mas o que atraiu Carlos foi um bonito biombo de linho cru, com ramalhetes bordados, desdobrado ao pé da janela, fazendo um recanto mais resguardado e mais íntimo. Havia lá uma cadeirinha baixa de cetim escarlate, uma grande almofada para os pés, uma mesa de costura com todo o trabalho de mulher interrompido, números de jornais de

modas, um bordado enrolado, molhos de lã de cores trasbordando de um açafate. E, confortavelmente enroscada no macio da cadeira, achava-se aí, nesse momento, a famosa cadelinha escocesa, que tantas vezes passara nos sonhos de Carlos, trotando ligeiramente atrás de uma radiante figura pelo Aterro fora, ou aninhada e adormecida num doce regaço...

— Bonjour, mademoiselle — disse-lhe ele, baixinho, querendo captar-lhe as simpatias.

A cadelinha erguera-se logo bruscamente na cadeira, de orelhas fitas, dardejando para aquele estranho, por entre as repas esguedelhadas, dois belos olhos de azeviche, desconfiados, de uma penetração quase humana. Um instante Carlos receou que ela rompesse a ladrar.

Mas a cadelinha, de repente, namorara-se dele, deitada já na cadeira, de patas ao ar, descomposta, abandonando o ventrezinho às suas carícias. Carlos ia coçá-la e amimá-la, quando um passo leve pisou a esteira. Voltou-se, viu Maria Eduarda diante de si.

Foi como uma inesperada aparição — e vergou profundamente os ombros, menos a saudá-la que a esconder a tumultuosa onda de sangue que sentia abrasar-lhe o rosto. Ela, com um vestido simples e justo de sarja preta, um colarinho direito de homem, um botão de rosa e duas folhas verdes no peito, alta e branca, sentou-se logo junto da mesa oval, acabando de desdobrar um pequeno lenço de renda. Obedecendo ao seu gesto risonho, Carlos pousou-se

embaraçadamente à borda do sofá de repes. E depois de um instante de silêncio, que lhe pareceu profundo, quase solene, a voz de Maria Eduarda ergueu-se, uma voz rica e lenta, de um tom de ouro que acariciava.

Através do seu enleio, Carlos percebia vagamente que ela lhe agradecia os cuidados que ele tivera com Rosa: e, de cada vez que o seu olhar se demorava nela um instante mais, descobria logo um encanto novo e outra forma da sua perfeição. Os cabelos não eram loiros, como julgava de longe à claridade do Sol, mas de dois tons, castanho-claro e castanho-escuro, espessos e ondeando ligeiramente sobre a testa. Na grande luz escura dos seus olhos havia ao mesmo tempo alguma coisa de muito grave e de

muito doce. Por um jeito familiar cruzava às vezes, ao falar, as mãos sobre os joelhos. E através da manga justa de sarja, terminando num punho branco, ele sentia a beleza, a brancura, o macio, quase o calor dos seus braços.

Ela calara-se. Carlos, ao levantar a voz, sentiu outra vez o sangue abrasar-lhe o rosto. E, apesar de saber já pelo Domingos que a doente era a governanta, só achou, na sua perturbação, esta pergunta tímida:

— Não é a sua filha que está doente, minha senhora?

— Oh! não! graças a Deus!

E Maria Eduarda contou-lhe, justamente como o Domingos, que a governanta inglesa havia dois dias se achava incomodada, com dificuldade de

respirar, tosse, uma ponta de febre...

— Imaginámos ao princípio que era uma constipação passageira; mas ontem à tarde estava pior, e estou agora impaciente que a veja...

Ergueu-se, foi puxar um enorme cordão de campainha que pendia ao lado do piano. O seu cabelo, por trás, repuxado para o alto da cabeça, deixava uma penugem de oiro frisar-se delicadamente sobre a brancura láctea do pescoço. Entre aqueles móveis de repes, sob o teto banal de estuque enxovalhado, toda a sua pessoa parecia a Carlos mais radiante, de uma beleza mais nobre, e quase inacessível; e pensava que nunca ali ousaria olhá-la tão francamente, com uma tão clara adoração, como quando a encontrava na rua.

— Que linda cadelinha Vossa

Excelência tem, minha senhora!

— disse ele, quando Maria Eduarda se tornou a sentar, e pondo já nestas palavras simples, ditas a sorrir, um acento de ternura. Ela sorriu também com um lindo sorriso, que lhe fazia uma covinha no queixo, dava uma doçura mais mimosa às suas feições sérias. E alegremente, batendo as palmas, chamando para dentro do biombo:

— Niniche! estão-te a fazer elogios, vem agradecer!

Niniche apareceu a bocejar. Carlos achava lindo este nome de *Niniche*. E era curioso, tinha tido também uma galguinha italiana que se chamava *Niniche*...

Nesse instante a criada entrou — a rapariga magra e sardenta, de olhar

petulante, que Carlos vira no Hotel Central.

— Melanie vai-lhe ensinar o quarto de Miss Sara — disse Maria Eduarda. — Eu não o acompanho, porque ela é tão tímida, tem tanto escrúpulo em incomodar, que diante de mim é capaz de negar tudo, dizer que não tem nada...

— Perfeitamente, perfeitamente — murmurava Carlos, sorrindo, num encanto de tudo.

E pareceu-lhe então que no olhar dela alguma coisa brilhara, fugira para ele, de mais vivo, de mais doce.

Com o seu chapéu na mão, pisando familiarmente aquele corredor íntimo, surpreendendo detalhes de vida doméstica, Carlos sentia como a alegria de uma posse. Por uma porta meio aberta

pôde entrever uma banheira, e ao lado dependurados grandes roupões turcos de banho. Adiante, sobre uma mesa, estavam alinhadas, e como desencaixotadas recentemente, garrafas de águas minerais de Saint-Galmier e de Vals. Ele deduzia logo destas coisas tão simples, tão banais, evidências de vida delicada.

Melanie correu um reposteiro de linho cru, fê-lo entrar num quarto claro e fresco: aí fora encontrar a pobre Miss Sara num leitozinho de ferro, sentada, com um laço de seda azul ao pescoço, e os bandós tão lisos, tão acamados pela escova, como se fosse sair num domingo para a capela presbiteriana. Na mesinha de cabeceira os seus jornais ingleses estavam escrupulosamente dobrados, junto de um copo com duas belas rosas; e

tudo no quarto resplandecia de severo arranjo, desde os retratos da família real da Inglaterra, expostos sobre a toalha de renda que cobria a cómoda, até às suas botinas bem engraxadas, classificadas, perfiladas numa prateleira de pinho. Apenas Carlos se sentou, ela imediatamente, com duas rosetas de vergonha na face, entre frouxos de tosse, declarou que não tinha nada. Era a senhora, tão boa, tão cautelosa, que a forçara a meter-se na cama... E para ela era um desgosto ver-se ali ociosa, inútil, agora que *madame* estava tão só, numa casa sem jardim. Onde havia a menina de brincar? Quem havia de sair com ela? Ah! Era uma prisão para *madame*!...

Carlos consolava-a, tomando-lhe o pulso. Depois, quando se ergueu para a

auscultar, a pobre *miss* cobriu-se toda de um rubor aflito, apertando mais a roupa contra o peito, querendo saber se era absolutamente necessário... Sim, decerto, era necessário... Achou-lhe o pulmão direito um pouco tomado; e, enquanto a agasalhava, fez-lhe algumas perguntas sobre a sua família. Ela contou que era de York, filha de um *clergyman*, e tinha catorze irmãos: os rapazes estavam na Nova Zelândia, e todos eram de uma robustez de atletas. Ela saíra a mais fraca; tanto que o pai, vendo que ela aos dezassete anos pesava só oito arrobas, ensinou-lhe logo latim, destinando-a para governanta.

Em todo o caso, dizia Carlos, nunca houvera na sua família doenças de peito? Ela sorriu. Oh! nunca! A mamã

ainda vivia. O papá, já muito velho, morrera de um coice de uma égua.

Carlos, no entanto, já de pé, com o chapéu na mão, continuava a observá-la, refletindo. Então, de repente, sem motivo, ela enterneceu-se, os seus olhos pequeninos enevoaram-se de água. E quando ouviu que eram precisos tantos agasalhos, que teria de estar ali no quarto ainda quinze dias, perturbou-se mais, duas lagrimazinhas tímidas quase lhe fugiram das pestanas. Carlos terminou por lhe afagar paternalmente a mão.

— *Oh! Thank you, sir!* — murmurou ela, comovida de todo. Na sala, Carlos veio encontrar Maria Eduarda sentada junto da mesa, arranjando ramos, com uma grande cesta de flores pousada ao lado numa cadeira, e o regaço cheio de

cravos. Uma bela réstea de Sol, estendida na esteira, vinha morrer-lhe aos pés; e *Niniche*, deitada ali, reluzia como se fosse feita de fios de prata. Na rua, sob as janelas, um realejo ia tocando, na alegria da linda manhã de Sol, a valsa da *Madame Angot*. Pelo andar de cima tinham recomeçado as correrias de crianças brincando.

— Então? — exclamou ela, voltando-se logo, com um molho de cravos na mão.

Carlos tranquilizou-a. A pobre Miss Sara tinha uma bronquite ligeira, com pouco febre. Em todo o caso necessitava resguardo, toda a cautela...

— Certamente! E há de tomar algum remédio, não é verdade? Atirou logo o resto dos cravos do regaço para o

cesto, foi abrir uma secretariazinha de pau-preto colocada entre as janelas. Ela mesmo arranjou o papel para ele receitar, meteu um bico novo na pena. E estes cuidados perturbavam Carlos como carícias...

— Oh! minha senhora!... — murmurava ele — um lápis basta... Quando se sentou, os seus olhos demoraram-se com uma curiosidade enternecida nesse objetos familiares, onde pousava a doçura das mãos dela — um sinete de ágata sobre um velho livro de contas, uma faca de marfim com monograma de prata, ao lado de uma taçazinha de Saxe cheia de estampilhas; e em tudo havia a ordem clara que tão bem condizia com o seu puro perfil. Na rua o realejo calara-se, por cima do teto já não

cavalavam as crianças. E, enquanto escrevia devagar, Carlos sentia-a abafar sobre a esteira o som dos seus passos, mover os seus vasos mais de leve.

— Que bonitas flores Vossa Excelência tem, minha senhora! — disse ele, voltando a cabeça, enquanto ia secando distraída e lentamente a receita.

De pé, junto do contador árabe, onde pousava um vaso amarelo da Índia, ela arranjava folhas em volta de duas rosas.

— Dão frescura — disse ela. — Mas imaginei que em Lisboa havia mais bonitas flores. Não há nada que se compare às flores de França... Pois não é verdade?

Ele não respondeu logo, esquecido a olhar para ela, pensando na doçura de

ficar ali eternamente naquela sala de repes vermelho, cheia de claridade e cheia de silêncio, a vê-la pôr flores verdes em torno de pés de rosas!

— Em Sintra há lindas flores — murmurou por fim.

— Oh, Sintra é um encanto! — disse ela, sem erguer os olhos do seu ramo. — Vale a pena vir a Portugal só por causa de Sintra. Nesse momento, o reposteiro de repes esvoaçou, e Rosa entrou de dentro, correndo, vestida de branco, com meiazinhas de seda preta, uma onda negra de cabelo a bater-lhe nas costas, e trazendo ao colo a sua grande boneca. Ao ver Carlos, parou bruscamente, com os belos olhos muito abertos para ele, toda encantada, e apertando mais nos braços Cricri, que

vinha em camisa.

— Não conheces? — perguntou-lhe a mãe, indo sentar-se outra vez diante do seu cesto de flores.

Rosa começava já a sorrir, o seu rostozinho cobria-se de uma linda cor. E assim, toda de alvo e negro como uma andorinha, tinha um encanto raro, com o seu doce mimo de forma, a sua graça ligeira, os seus grandes olhos cheios de azul, e um ruborzinho de mulher na face. Quando Carlos se adiantou com a mão estendida para renovar o antigo conhecimento — ela ergueu-se na ponta dos pés, estendeu-lhe vivamente a boquinha, fresca como um botão de rosa. Carlos ousou apenas tocar-lhe de leve na testa.

Depois quis apertar a mão à sua

velha amiga Cricri. E então, de repente, Rosa recordou-se do que a trouxera ali a correr.

— É o *robe-de-chambre*, mamã! Não posso achar o *robe-de-chambre* de Cricri... Ainda a não pude vestir... Dize, sabes onde é que está o *robe-de-chambre*?

— Vejam esta desarranjada! — murmurava a mãe, olhando-a com um sorriso lento e terno. — Se Cricri tem uma cómoda particular, o seu guarda-vestidos, não se lhe deviam perder as coisas... Pois não é verdade, Sr. Carlos da Maia?

Ele, ainda com a sua receita na mão, sorria também, sem dizer nada, todo no enternecimento daquela intimidade em que se sentia penetrar docemente.

A pequena então veio encostar-se à mãe, roçando-se pelo seu braço, com uma vozinha lânguida, lenta e de mimo:

— Anda, dize... Não sejas má... Anda... Onde está o *robe-de-chambre*? Dize...

Levemente, com a ponta dos dedos, Maria Eduarda arranjou-lhe o pequenino laço de seda branca que lhe prendia no alto o cabelo. Depois ficou mais séria:

— Está bem, está quieta... Tu sabes que não sou eu que trato dos arranjos da Cricri. Devias ter mais ordem... Vai perguntar a Melanie.

E Rosa obedeceu logo, séria também, cumprimentando agora Carlos ao passar, com um arzinho senhoril:

— Bonjour, monsieur...

— É encantadora! — murmurou ele.

A mãe sorriu. Tinha acabado de compor o seu ramo de cravos; — imediatamente atendeu a Carlos, que pousara a receita sobre a mesa, e sem se apressar, instalando-se numa poltrona, lhe foi falando da dieta que devia ter Miss Sara, das colheres de xarope de codeína que se lhe deviam dar de três em três horas...

— Pobre Sara! — dizia ela. — E é curioso, não é verdade? Veio com o pressentimento, quase com a certeza, que havia de adoecer em Portugal...

— Então vem a detestar Portugal!

— Oh! tem-lhe já horror! Acha muito calor, por toda a parte maus cheiros, a gente hedionda... Tem medo de

ser insultada na rua... Enfim é infelicíssima, está ardendo por se ir embora... Carlos ria daquelas antipatias saxónias. De resto em muitas coisas a boa Miss Sara tinha talvez razão...

— E Vossa Excelência tem-se dado bem em Portugal, minha senhora?

Ela encolheu os ombros, indecisa.

— Sim... devo dar-me bem... É o meu país.

O seu país!... E ele que a julgava brasileira!

— Não, sou portuguesa.

E, durante um momento, houve um silêncio. Ela tomara de sobre a mesa, abria lentamente um grande leque negro pintado de flores vermelhas. E Carlos sentia, sem saber porquê, uma doçura nova penetrar-lhe no coração. Depois ela

falou da sua viagem, que fora muito agradável; adorava andar no mar; tinha sido um encanto a manhã da chegada a Lisboa, com um céu azul-ferrete, o mar todo azul também, e já um calorzinho de clima doce... Mas depois, apenas desembarcados, tudo correra desagradavelmente. Tinham ficado mal alojados no Central. *Niniche*, uma noite, assustara-os muito com uma indigestão. Em seguida no Porto viera aquele desastre...

— Sim — disse Carlos — o marido de Vossa Excelência, na Praça Nova...

Ela pareceu surpreendida. Como sabia ele? Ah! sim, sabia decerto pelo Dâmaso...

— São muito amigos, creio eu.

Depois de uma leve hesitação, que ela compreendeu, Carlos murmurou:

— Sim... O Dâmaso vai bastante ao *Ramalhete*... É de resto um rapaz que eu conheço apenas há meses...

Ela abriu os olhos, pasmada.

— O Dâmaso? Mas ele disse-me que se conheciam desde pequeninos, que eram até parentes...

Carlos encolheu simplesmente os ombros, sorrindo.

— É uma bela ilusão... E se isso o faz feliz!...

Ela sorriu também, encolhendo também ligeiramente os ombros.

— E Vossa Excelência, minha senhora — continuou logo Carlos, não querendo falar do Dâmaso — como acha Lisboa?

Gostava bastante, achava muito bonito este tom azul e branco de cidade meridional... Mas, havia tão poucos confortos!... A vida tinha aqui um ar que ela não pudera perceber ainda — se era de simplicidade ou de pobreza.

— Simplicidade, minha senhora. Temos a simplicidade dos selvagens...

Ela riu.

— Não direi isso. Mas suponho que são como os Gregos: contentam-se em comer uma azeitona, olhando o céu, que é bonito... Isto pareceu adorável a Carlos, todo o seu coração fugiu para ela.

Maria Eduarda queixava-se sobretudo das casas, tão faltas de comodidade, tão despidas de gosto, tão desleixadas. Aquela em que vivia fazia a sua desgraça. A cozinha era atroz, as

portas não fechavam. Na sala de jantar havia sobre as paredes umas pinturas de barquinhos e colinas que lhe tiravam o apetite...

— Além disso — acrescentou — é um horror não ter um quintal, um jardim, onde a pequena possa correr, ir brincar...

— Não é fácil encontrar assim uma casa nas condições desta e com jardim — disse Carlos.

Deu um olhar às paredes, ao estuque enxovalhado do teto — e lembrou-lhe de repente a quinta do Craft, com a sua vista de rio, o ar largo, as frescas ruas de acácias.

Felizmente, Maria Eduarda tomara a casa apenas ao mês, e estava pensando em ir passar à beira-mar o tempo que tivesse de ficar ainda em Portugal.

— De resto — disse ela — foi o que me aconselhou o meu médico em Paris, o Dr. Chaplain.

O Dr. Chaplain? Justamente, Carlos conhecia muito o Dr. Chaplain. Ouvira-lhe as lições, visitara-o até intimamente na sua propriedade de Maisonnettes, ao pé de Saint-Germain. Era um grande mestre, era um espírito bem superior!

— E tão bom coração! — disse ela com um claro sorriso, um olhar que brilhou.

E este sentimento comum pareceu de repente aproximá-los mais docemente: cada um nesse instante adorou o Dr. Chaplain: e continuaram ainda falando dele prolongadamente, gozando, através dessa trivial simpatia por um velho

clínico, a nascente concordância dos seus corações.

O bom Dr. Chaplain! Que fisionomia tão amável, tão fina!... Sempre com o seu barretinho de seda... E sempre com a sua grande flor na casaca... De resto, o prático maior que saíra da geração de Trousseau:

— E Madame Chaplain — acrescentou Carlos — é uma pessoa encantadora... Não é verdade?

Mas Maria Eduarda não conhecia Madame Chaplain.

Dentro o relógio ronceiro começara a bater onze horas. E Carlos então ergueu-se, findando a sua fugitiva, inolvidável, deliciosa visita...

Quando ela lhe estendeu a mão, um pouco de sangue subiu-lhe de novo à

face ao tocar aquela palma tão macia e tão fresca. Pediu os seus cumprimentos para Mademoiselle Rosa. Depois, à porta, já com o reposteiro na mão, voltou-se ainda, uma vez mais, numa última saudação, a receber o olhar suave com que ela o seguia...

— Até amanhã, está claro! — exclamou ela de repente, com o seu lindo sorriso.

— Até amanhã, decerto!

O Domingos estava já no patamar, de casaca, risonho e bem penteado.

— É coisa de cuidado, meu senhor?

— Não é nada, Domingos... Estimei vê-lo por aqui.

— E eu muito a Vossa Excelência. Até amanhã, meu senhor.

— Até amanhã.

Niniche apareceu também no patamar. Ele abaixou-se ternamente a afagá-la, e disse-lhe também, radiante:

— Até amanhã, *Niniche*!

Até amanhã! Voltando para o *Ramalhete*, era esta a única ideia que ele sentia distintamente através da névoa luminosa que lhe afogava a alma. Agora o seu dia estava findo: — mas, passadas as longas horas, terminada a longa noite, ele penetraria outra vez naquela sala de repes vermelho, onde ela o esperava, com o mesmo vestido de sarja, enrolando ainda as folhas verdes em torno de pés de rosa...

Pelo Aterro, por entre a poeira de verão e o ruído das carroças, o que ele via era essa sala, esteirada de novo, fresca, silenciosa e clara: por vezes uma

frase que ela dissera cantava-lhe na memória, com o tom de oiro da sua voz; ou luziam-lhe diante dos olhos as pedras dos seus anéis, entremetidos pelos pelos de *Niniche*. Parecia-lhe mais linda, agora que conhecia o seu sorriso de uma graça tão delicada; era cheia de inteligência, era cheia de gosto; e a pobre velha à porta, essa doente a quem ela mandava vinho do Porto, revelavam a sua bondade... E o que o encantava é que não tornaria mais a farejar a cidade como um rafeiro perdido, à busca dos seus olhos negros; agora bastava-lhe subir alguns degraus, abria-se diante dele a porta da sua casa: e tudo de repente na vida parecia tornar-se fácil, equilibrado, sem dúvidas e sem impaciências.

No seu quarto, no *Ramalhete*,

Batista entregou-lhe uma carta.

— Trouxe-a a escocesa, já Vossa Excelência tinha saído. Era da Gouvarinho! Meia folha de papel, tendo simplesmente escrito a lápis: *All right*. Carlos amarrotou-a, furioso. A Gouvarinho!... Não se tornara quase a lembrar dela, desde a véspera, no radiante tumulto em que andara o seu coração. E era no comboio dessa noite, daí a horas, que deviam ambos partir para Santarém, a amarem-se, escondidos numa estalagem! Ele prometera-lho, a sério; já ela se preparara, decerto, com a atroz cabeleira postiça, com o *water-proof* de grande roda; tudo estava *all right*... Achou-a nesse instante ridícula, reles, estúpida... Oh, era claro como a luz que não ia, que nunca iria, jamais! Mas tinha de aparecer

na estação de Santa Apolónia, balbuciar uma desculpa tosca, assistir à sua desconsolação, ver-lhe os olhos marejados de lágrimas. Que maçada!... Teve-lhe ódio.

Quando chegou à mesa do almoço, Craft e Afonso, já sentados, falavam justamente do Gouvarinho, e dos artigos que ele continuava gravemente a publicar no *Jornal do Comércio*.

— Que besta essa! — exclamou Carlos numa voz que sibilava, desabafando sobre a literatura política do marido a cólera que lhe davam as importunidades amorosas da mulher.

Afonso e Craft olharam-no, pasmados de tanta violência. E Craft censurou-lhe a ingratidão. Porque, realmente, não havia em toda a Terra um

entusiasmo como o que aquele desventuroso homem de Estado tinha por Carlos...

— Vossa Excelência não faz ideia, Sr. Afonso da Maia. É um culto. É uma idolatria.

Carlos encolhia os ombros, impaciente. E Afonso, já bem disposto para com o homem que assim admirava tão prodigamente o seu neto, murmurou com bondade:

— Coitado, suponho que é inofensivo...

Craft fez uma ovação ao velho:

— *Inofensivo*! Admirável, Sr. Afonso da Maia! *Inofensivo*, aplicado a um homem de Estado, a um par, a um ministro, a um legislador, é um achado! E é com efeito o que ele é, *inofensivo*... E é

o que eles são...

— Chablis? — murmurou o escudeiro.

— Não, tomo chá.

E acrescentou:

— Aquele champanhe que ontem bebemos nas corridas, por patriotismo, arrasou-me... Tenho de me pôr uma semana a regime de leite.

Então falou-se ainda das corridas, dos ganhos de Carlos, do Clifford, e do véu azul do Dâmaso.

— Ora quem estava ontem muito bem vestida era a Gouvarinho — disse Craft remexendo o seu chá. — Ficava-lhe admiravelmente aquele branco-creme, tocado de tons negros. Uma verdadeira*toilette* de corridas... *C'était un oeillet blanc panaché de noir*... Você

não achou, Carlos?

— Sim — rosnou Carlos — estava bem.

Outra vez a Gouvarinho! Parecia-lhe agora que não haveria na sua vida conversa em que não surgisse à Gouvarinho, e que não haveria caminho na sua vida que o não atravancasse a Gouvarinho! E ali mesmo, à mesa, decidiu consigo não a tornar a ver, escrever-lhe um bilhete curto, polido, recusando-se a ir a Santarém, sem razões... Mas no seu quarto, diante da folha de papel, fumou uma longa*cigarette*, sem achar frase que não fosse pueril ou brutal. Nem tinha a simpatia precisa para lhe dar o banal tratamento de querida. Vinha-lhe até por ela uma indefinida repulsão física: devia ser intolerável toda uma noite o seu cheiro

exagerado de verbena — e lembrava-se que aquela pele do seu pescoço, que se lhe afigurava outrora um cetim, tinha um tom pegajoso, um tom amarelado, para além da linha de pós de arroz. Decidiu não lhe escrever. Iria à noite a Santa Apolónia, e no momento de o comboio partir correria à portinhola, a balbuciar fugitivamente uma desculpa; não lhe daria tempo de choramingar, nem de recriminar; um rápido aperto de mão, e adeus, para nunca mais...

À noite, porém, à hora de ir à estação, que sacrifício em se arrancar aos confortos da sua poltrona, e do seu charuto!... Atirou-se para o *coupé* desesperado, maldizendo essa tarde no *boudoir* azul em que, por causa de uma rosa e de um certo vestido cor de

folha morta que lhe ficava bem, ele se achara caído com ela num sofá...

Ao chegar a Santa Apolónia faltavam, para a partida do expresso, dois minutos. Precipitou-se para a extremidade da sala, já quase vazia àquela hora, a comprar uma *admissão*; e ainda aí esperou uma eternidade, vendo dentro do postigo duas mãos lentas e moles arranjar laboriosamente os patacos de um troco.

Penetrava enfim na sala de espera — quando esbarrou com o Dâmaso, de chapéu desabado e sacola de viagem a tiracolo. Dâmaso agarrou-lhe as mãos, enternecido:

— Ó menino! pois tiveste o incómodo?... E como soubeste tu que eu partia?

Carlos não o desiludiu,

balbuciando que lho dissera o Taveira, que encontrara o Taveira...

— Pois eu estava mais longe de uma destas! — exclamou o Dâmaso. — Esta manhã, muito regalado na cama, quando me vem o telegrama... Fiquei furioso! Isto é, imagina tu como eu fiquei, um desgosto assim!...

Foi então que Carlos reparou que ele estava carregado de luto, com fumo no chapéu, luvas pretas, polainas pretas, barra preta no lenço... Murmurou, embaraçado:

— O Taveira disse-me que ias, mas não me disse mais nada... Morreu-te alguém?

— Meu tio Guimarães.

— O comunista? o de Paris?

— Não, o irmão dele, o mais

velho, o de Penafiel... Espera aí que eu volto já, vou ali ao café encher o frasco de conhaque. Com a aflição esquecia-me o conhaque...

Ainda estavam chegando passageiros, esbaforidos, de guarda-pó, com chapeleiras na mão. Os guardas rolavam pachorrentamente as bagagens. De uma portinhola, onde se exibia um cavalheiro barrigudo, com um boné bordado a retrós, pendia todo um cacho de amigos políticos, respeitosamente e em silêncio. A um canto uma senhora soluçava por baixo do véu.

Carlos, vendo um vagão com a papeleta de reservado, imaginou lá a condessa. Um guarda precipitou-se, furioso, como se visse a profanação de um santuário. Que queria ele, que queria ele

dali? Não sabia que era o *reservado* do Sr. Carneiro?

— Não sabia.

— Perguntasse, devia saber! — ficou o outro a resmungar, ainda trémulo.

Carlos correu ainda outros vagões, onde a gente se apinhava, atabafadamente, na amontoação dos embrulhos; num, dois sujeitos, a propósito de lugares, tratavam-se de *malcriados*; adiante, uma criança esperneava no colo da ama, aos gritos.

— Ó menino, quem diabo andas tu a procurar? — exclamou Dâmaso alegremente, surgindo por trás dele, e passando-lhe o braço pela cinta.

— Ninguém... Imaginei que tinha visto o marquês.

Imediatamente Dâmaso queixou-se daquela lúgubre maçada de ter de ir a

Penafiel!

— E então agora que eu precisava tanto estar em Lisboa! Que tenho andado com uma sorte para mulheres, menino!... Uma sorte danada!

Uma sineta badalou. Dâmaso deu logo um abraço terno a Carlos, saltou para o seu vagão, enterrou na cabeça um barretinho de seda — e depois, debruçado da portinhola, continuou ainda as confidências. O que mais o contrariava era deixar aquele arranjinho da Rua de S. Francisco. Que ferro! agora que aquilo ia tão bem, o gajo no Brasil, e ela ali, à mão, a dois passos do Grémio!... Carlos mal o escutava, distraído, olhando o grande relógio transparente. De repente Dâmaso, à portinhola, deu um salto de surpresa:

— Olha os Gouvarinhos!

Carlos deu um salto também. O conde, de coco de viagem, de paletó alvadio, sem se apressar, como competia a um diretor da Companhia, vinha conversando com um empregado superior da estação, agaloado de ouro, que se encarregara da chapeleira de papelão de Sua Excelência. E a condessa, com um rico guarda-pó de *foulard* cor de castanho, um véu cinzento que lhe cobria a face e o chapéu, seguia atrás, com a criada escocesa, trazendo na mão um ramo de rosas.

Carlos correu para eles, foi todo um assombro.

— Por aqui, Maia?

— De viagem, conde?

Era verdade. Decidira acompanhar a condessa ao Porto, aos anos

do papá... Resolução da última hora, quase iam perdendo o comboio.

— Então temo-lo por companheiro, Maia? Teremos esse grande prazer, Maia?

Carlos contou rapidamente que viera apenas apertar a mão ao pobre Dâmaso, de jornada para Penafiel, por causa da morte do tio. Debruçado da portinhola, com as mãos de fora, calçadas de negro, o pobre Dâmaso estava saudando a senhora condessa, gravemente, funebremente. E o bom Gouvarinho não quis deixar de lhe ir dar logo o seu *shake-hands* e o seu pêsame.

Sozinho nesse curto instante com a condessa, Carlos murmurou apenas:

— Que ferro!

— Este maldito homem! —

exclamou ela, entre dentes, com um olhar que fuzilou através do véu. — Tudo tão bem arranjado, e à última hora teima em vir!...

Carlos acompanhou-os até ao *reservado*, num outro vagão que se estivera metendo de novo para Sua Excelência. A condessa tomou o lugar do canto junto da portinhola. E como o conde, num tom de polidez ácida, a aconselhava a que se sentasse antes com o rosto para a máquina, ela teve um gesto de aborrecimento, atirou o ramo para o lado desabridamente, enterrou-se com mais força na almofada; e um duro olhar de cólera passou entre ambos. Carlos, embaraçado, perguntava:

— Então vão com demora?

O conde respondeu, sorrindo,

disfarçando o seu mau humor:

— Sim, talvez duas semanas, umas pequeninas férias.

— Três dias, o mais — replicou ela numa voz fria e afiada como uma navalha.

O conde não respondeu, lívido.

Todas as portinholas agora estavam fechadas, um silêncio caíra sobre a plataforma. O apito da máquina varou o ar; e o comprido trem, num ruído seco de freios retesados, começou a rolar, com gente às portinholas, que ainda se debruçava, estendendo a mão para um último aperto. Aqui e além esvoaçava um lenço branco. O olhar da condessa para o lado de Carlos teve a doçura de um beijo. O Dâmaso gritou saudades para o *Ramalhete*. O compartimento do correio

resvalou, alumiado; e com outro dilacerante silvo, o comboio mergulhou na noite... Carlos, só, dentro do *coupé*, voltando à Baixa, sentia uma alegria triunfante com aquela partida da condessa, e a inesperada jornada do Dâmaso. Era como uma dispersão providencial de todos os importunos: e assim se fazia em torno da Rua de S. Francisco uma solidão — com todos os seus encantos, e todas as suas cumplicidades. No Cais do Sodré deixou a carruagem, subiu a pé pelo Ferregial, veio passar diante das janelas na Rua de S. Francisco. Só pôde ver uma vaga tira de claridade entre as portadas meio cerradas. Mas isto bastava-lhe. Podia agora imaginar com precisão o serão calmo que ela estava passando na larga sala de repes vermelho. Sabia o

nome dos livros que ela lia, e as partituras que tinha sobre o piano; e as flores que espalhavam ali o seu aroma vira-as ele arranjar nessa manhã. Poria ela um instante o seu pensamento nele? Decerto; a doença em casa forçava-a a lembrar as horas do remédio, as explicações que ele lhe dera, e o som da sua voz; e falando com Miss Sara pronunciaria decerto o seu nome. Duas vezes percorreu a Rua de S. Francisco; e recolheu para casa, sob a noite estrelada, devagar, ruminando a doçura daquele grande amor.

Então todos os dias, durante semanas, teve essa hora deliciosa, esplêndida, perfeita, «a visita à inglesa».

Saltava do leito, cantando como um canário, e penetrava no seu dia como numa ação triunfal. O correio chegava; e

invariavelmente lhe trazia uma carta da Gouvarinho, três folhas de papel donde caía sempre alguma pequena flor meio murcha. Ele deixava ficar a flor no tapete; e mal podia dizer o que havia naquelas longas linhas cruzadas. Sabia apenas vagamente que, três dias depois de ela chegar ao Porto, o pai, o velho Thompson, tivera uma apoplexia. Ela lá estava, de enfermeira. Depois, levando duas ou três belas flores do jardim embrulhadas num papel de seda, partia para a Rua de S. Francisco, sempre no seu *coupé* — porque o tempo mudara, e os dias seguiam-se, tristonhos, cheios de sudoeste e de chuva.

À porta o Domingos acolhia-o com um sorriso cada vez mais enternecido. *Niniche* corria de dentro, a

pular de amizade; ele erguia-a nos braços para a beijar. Esperava um instante na sala, de pé, saudando com o olhar os móveis, os ramos, a clara ordem das coisas; ia examinar no piano a música que ela tocara essa manhã, ou o livro que deixara interrompido, com a faca de marfim entre as folhas.

Ela entrava. O seu sorriso ao dar-lhe os bons-dias, a sua voz de oiro, tinham cada dia para Carlos um encanto novo e mais penetrante. Trazia ordinariamente um vestido escuro e simples: apenas às vezes uma gravata de rica renda antiga, ou um cinto cuja fivela era cravejada de pedras, avivavam este traje sóbrio, quase severo, que parecia a Carlos o mais belo, e como expressão do seu espírito. Começavam por falar de Miss Sara, daquele tempo

agreste e húmido que lhe era desfavorável. Conversando, ainda de pé, ela dava aqui e além um arranjo melhor a um livro, ou ia mover uma cadeira que não estava no seu alinho; tinha o hábito inquieto de recompor constantemente a simetria das coisas; — e, maquinalmente, ao passar, sacudia a superfície de móveis já perfeitamente espanejados com as magníficas rendas do seu lenço.

Agora acompanhava-o sempre ao quarto de Miss Sara. Pelo corredor amarelo, caminhando ao seu lado, Carlos perturbava-se sentindo a carícia desse íntimo perfume em que havia jasmim, e que parecia sair do movimento das suas saias. Ela às vezes abria familiarmente a porta de um quarto, apenas mobilado com um velho sofá: era ali que Rosa brincava,

e que tinha os arranjos de Cricri, as carruagens de Cricri, a cozinha de Cricri. Encontravam-na vestindo e conversando profundamente com a boneca; ou então, ao canto do sofá, com os pezinhos cruzados, imóvel, perdida na admiração de algum livro de estampas aberto sobre os joelhos. Ela corria, estendia a boquinha a Carlos; e toda a sua pessoa tinha a frescura de uma linda flor.

No quarto da governanta, Maria Eduarda sentava-se aos pés do leito branco; e logo a pobre Miss Sara, ainda cheia de tosse, confusa, verificando a cada instante se o lenço de seda lhe cobria corretamente o pescoço, afirmava que estava boa. Carlos gracejava como ela, provando-lhe que nesse feio tempo de inverno, a felicidade era estar ali na

cama, com bons cuidados em redor, alguns romances patéticos, e apetitosa dieta portuguesa. Ela voltava os olhos gratos para *madame*, com um suspiro. Depois murmurava:

— *Oh yes, I am very confortable!*

E enternecia-se.

Logo nos primeiros dias, ao voltar à sala, Maria Eduarda tinha-se sentado na sua cadeira escarlate, e, conversando com Carlos, retomara muito naturalmente o seu bordado, como na presença familiar de um velho amigo. Com que felicidade profunda ele viu desdobrar-se essa talagarça! Devia ser um faisão de plumagens rutilantes: mas por ora só estava bordado o galho de macieira em que ele pousava, galho fresco de primavera, coberto de florzinhas brancas,

como num pomar da Normandia.

Carlos, junto da linda secretariazinha de pau-preto, ocupava a mais velha, a mais cómoda das poltronas de repes vermelho, cujas molas rangiam de leve. Entre eles ficava a mesa de costura com as*Ilustrações* ou algum jornal de modas; às vezes, um instante calado, ele folheava as gravuras, enquanto as lindas mãos de Maria, com brilhos de joias, iam puxando os fios de lã. Aos pés dela *Ninichе*dormitava, espreitando-os a espaços, através das repas do focinho, com o seu belo olho grave e negro. E nesse escuros dias de chuva, cheios de friagem lá fora e do rumor das goteiras, aquele canto da janela, com a paz do vagaroso trabalho na talagarça, as vozes lentas e amigas, e às vezes um doce

silêncio, tinha um ar íntimo e carinhoso...

Mas no que diziam não havia intimidades. Falavam de Paris e do seu encanto, de Londres, onde ela estivera durante quatro lúgubres meses de inverno, da Itália, que era o seu sonho ver, de livros, de coisas de arte. Os romances que preferia eram os de Dickens; e agradava-lhe menos Feuillet, por cobrir tudo de pó de arroz, mesmo as feridas do coração. Apesar de educada num convento severo de Orléans, lera Michelet e lera Renan. De resto não era católica praticante; as igrejas apenas a atraíam pelos lados graciosos e artísticos do culto, a música, as luzes, ou os lindos meses de Maria, em França, na doçura das flores de maio. Tinha um pensar muito reto e muito são — com um fundo de ternura que a inclinava

para tudo o que sofre e é fraco. Assim, gostava da República, por lhe parecer o regime em que há mais solicitude pelos humildes. Carlos provava-lhe rindo que ela era socialista.

— Socialista, legitimista, orleanista — dizia ela — qualquer coisa, contanto que não haja gente que tenha fome!

Mas era isso possível? Já Jesus, mesmo, que tinha tão doces ilusões, declarara que pobres sempre os haveria...

— Jesus viveu há muito tempo, Jesus não sabia tudo... Hoje sabe-se mais, os senhores sabem muito mais... É necessário arranjar-se outra sociedade, e depressa, em que não haja miséria. Em Londres, às vezes, por aquelas grandes neves, há criancinhas pelos portais a

tiritar, a gemer de fome... É um horror! E em Paris então! É que se não vê senão o *boulevard*; mas quanta pobreza, quanta necessidade...

Os seus belos olhos quase se enchiam de lágrimas. E cada uma destas palavras trazia todas as complexas bondades da sua alma — como num só sopro podem vir todos os aromas esparsos de um jardim. Foi um encanto para Carlos quando Maria o associou às suas caridades, pedindo-lhe para ir ver a irmã da sua engomadeira, que tinha reumatismo, e o filho da Sr. a Augusta, a velha do patamar, que estava tísico. Carlos cumpria esses encargos com o fervor de ações religiosas. E nestas piedades achava-lhe semelhanças com o avô. Como Afonso, todo o sofrimento dos

animais a consternava. Um dia viera indignada da Praça da Figueira, quase com ideias de vingança, por ter visto nas tendas dos galinheiros aves e coelhos apinhados em cestos, sofrendo durante dias as torturas da imobilidade e a ansiedade da fome. Carlos levava esta belas cóleras para o *Ramalhete*, increpava violentamente o marquês, que era membro da *Sociedade Protetora dos Animais*. O marquês, indignado também, jurara justiça, falava em cadeias, em costa de África... E Carlos, comovido, ficava a pensar quanta larga e distante influência pode ter, mesmo isolado de tudo, um coração que é justo.

Uma tarde falaram do Dâmaso. Ela achava-o insuportável, com a sua petulância, os olhos bugalhudos, as

perguntas néscias. Vossa Excelência acha Nice elegante? Vossa Excelência prefere a capela de S. João Batista a *Notre-Dame*?

— E então a insistência de falar de pessoas que eu não conheço! A senhora condessa de Gouvarinho, e os chás da senhora condessa de Gouvarinho, e a frisa da senhora condessa de Gouvarinho, e a preferência que a senhora condessa de Gouvarinho tem por ele... E isto horas! Eu às vezes tinha medo de adormecer...

Carlos fez-se escarlate. Porque trouxera ela, entre todos, o nome da Gouvarinho? Tranquilizou-se, vendo-a rir simples e limpidamente. Decerto não sabia quem era a Gouvarinho. Mas, para sacudir logo entre eles esse nome, começou a falar de Mr. Guimarães, o famoso tio do Dâmaso, o amigo de

Gambetta, o influente da República...

— O Dâmaso tem-me dito que Vossa Excelência o conhece muito...

Ela erguera os olhos, com um fugitivo rubor no rosto.

— Mr. Guimarães... Sim, conheço muito... Ultimamente víamo-nos menos, mas ele era muito amigo da mamã.

E depois de um silêncio, de um curto sorriso, recomeçando a puxar o seu longo fio de lã:

— Pobre Guimarães, coitado! A sua influência na República é traduzir notícias dos jornais espanhóis e italianos para o *Rappel*, que disso é que vive... Se é amigo de Gambetta, não sei, Gambetta tem amigos tão extraordinários... Mas o Guimarães, aliás bom homem e homem honrado, é um grotesco, uma espécie de

Calino republicano. E tão pobre, coitado! O Dâmaso, que é rico, se tivesse decência, ou o menor sentimento, não o deixava viver assim tão miseravelmente...

— Mas então essas carruagens do tio, esse luxo do tio, de que fala o Dâmaso?

Ela encolheu mudamente os ombros; e Carlos sentiu pelo Dâmaso um asco intolerável.

Pouco a pouco nas suas conversas foi havendo uma intimidade mais penetrante. Ela quis saber a idade de Carlos, ele falou-lhe do avô. E durante essas horas suaves em que ela, silenciosa, ia picando a talagarça, ele contou-lhe a sua vida passada, os planos de carreira, os amigos, as viagens... Agora ela conhecia a paisagem de Santa Olávia, o

«Reverendo Bonifácio», as excentricidades do Ega. Um dia quis que Carlos lhe explicasse longamente a ideia do seu livro *A Medicina Antiga e Moderna*. Aprovou, com simpatia, que ele pintasse as figuras dos grandes médicos, benfeitores da humanidade. Porque se glorificariam só os guerreiros e os fortes? A vida salva a uma criança, parecia-lhe coisa bem mais bela que a batalha de Austerlitz. E estas palavras, que dizia com simplicidade, sem mesmo erguer os olhos do seu bordado, caíam no coração de Carlos e ficavam lá muito tempo, palpitando e brilhando... Ele tinha-lhe feito assim largamente todas as confissões — e ainda não sabia nada do seu passado, nem mesmo a terra em que nascera, nem sequer a rua que habitava em Paris. Não

lhe ouvira murmurar jamais o nome do marido, nem falar de um amigo ou de uma alegria da sua casa. Parecia não ter em França, onde vivia, nem interesses, nem lar — e era realmente como a deusa que ele ideara, sem contactos anteriores com a Terra, descida da sua nuvem de oiro, para vir ter ali, naquele andar alugado da Rua de S. Francisco, o seu primeiro estremecimento humano.

Logo na primeira semana das visitas de Carlos tinham falado de afeições. Ela acreditava candidamente que pudesse haver, entre uma mulher e um homem, uma amizade pura, imaterial, feita da concordância amável de dois espíritos delicados. Carlos jurou que também tinha fé nessas belas uniões, todas de estima, todas de razão — contanto que se lhes

misturasse, ao de leve que fosse, uma ponta de ternura... Isso perfumava-as de um grande encanto — e não lhes diminuía a sinceridade. E, sob estas palavras um pouco difusas, murmuradas por entre as malhas do bordado e com lentos sorrisos, ficara subtilmente estabelecido que entre eles só deveria haver um sentimento assim, casto, legítimo, cheio de suavidade e sem tormentos.

Que importava a Carlos? Contanto que pudesse passar aquela hora na poltrona de cretone, contemplando-a a bordar, e conversando em coisas interessantes, ou tornadas interessantes pela graça da sua pessoa; contanto que visse o seu rosto, ligeiramente corado, baixar-se, com a lenta atração de uma carícia, sobre as flores que lhe trazia;

contanto que lhe afagasse a alma a certeza de que o pensamento dela o ficava seguindo simpaticamente através do seu dia, mal ele deixava aquela adorada sala de repes vermelho — o seu coração estava satisfeito, esplendidamente.

Não pensava mesmo que aquela ideal amizade, de intenção casta, era o caminho mais seguro para a trazer, brandamente enganada, aos seus braços ardentes de homem. No deslumbramento que o tomara, ao ver-se de repente admitido a uma intimidade que julgara impenetrável — os seus desejos desapareciam: longe dela, às vezes, ainda ousavam ir temerariamente até à esperança de um beijo, ou de uma fugitiva carícia com a ponta dos dedos; mas apenas transpunha a sua porta, e recebia o

calmo raio do seu olhar negro, caía em devoção, e julgaria um ultraje bestial roçar sequer as pregas do seu vestido.

Foi aquele decerto o período mais delicado da sua vida. Sentia em si mil coisas finas, novas, de uma tocante frescura. Nunca imaginara que houvesse tanta felicidade em olhar para as estrelas, quando o céu está limpo; ou em descer de manhã ao jardim, para escolher uma rosa mais aberta. Tinha na alma um constante sorriso — que os seus lábios repetiam. O marquês achava-lhe o ar baboso e abençoador... Às vezes, passeando só no seu quarto, perguntava a si mesmo onde o levaria aquele grande amor. Não sabia. Tinha diante de si os três meses em que ela estaria em Lisboa, e em que ninguém mais senão ele ocuparia a velha cadeira

ao lado do seu bordado. O marido andava longe, separado por léguas de mar incerto. Depois ele era rico, e o mundo era largo...

Conservava sempre as suas grandes ideias de trabalho, querendo que no seu dia só houvesse horas nobres — e que aquelas que não pertenciam às puras felicidades do amor, pertencessem às alegrias fortes do estudo. Ia ao laboratório, ajuntava algumas linhas ao seu manuscrito. Mas, antes da visita à Rua de S. Francisco, não podia disciplinar o espírito, inquieto, num tumulto de esperanças; e depois de voltar de lá, passava o dia a recapitular o que ela dissera, o que ele respondera, os seus gestos, a graça de certo sorriso... Fumava então *cigarettes*, lia os poetas.

Todas as noites, no escritório de

Afonso, se formava a partida de *whist*. O marquês batia-se ao dominó com o Taveira, enfronhados ambos naquele vício, com um rancor crescente que os levava a injúrias. Depois das corridas, o secretário de Steinbroken começara a vir ao *Ramalhete*; mas era um inútil, nem cantava sequer como o seu chefe as baladas da Finlândia; caído no fundo de uma poltrona, de casaca, de vidro no olho, bamboleando a perna, cofiava silenciosamente os seus longos bigodes tristes.

O amigo que Carlos gostava de ver entrar era o Cruges — que vinha da Rua de S. Francisco, trazia alguma coisa do ar que Maria Eduarda respirava. O maestro sabia que Carlos ia todas as manhãs ao prédio, ver a «*miss* inglesa»; e

muitas vezes, inocentemente, ignorando o interesse de coração com que Carlos o escutava, dava-lhe as últimas notícias da vizinha...

— A vizinha lá ficou agora a tocar Mendelssohn... Tem execução, tem expressão, a vizinha... Há ali estofo... E entende o seu Chopin. Se ele não aparecia no *Ramalhete*, Carlos ia a casa buscá-lo: entravam no Grémio, fumavam um charuto nalguma sala isolada, falando da vizinha: Cruges achava-lhe «um verdadeiro tipo de *grande dame*».

Quase sempre encontravam o conde de Gouvarinho, que vinha ver (como ele dizia a faiscar de ironia) o que se passava «no país do Sr. Gambetta». Parecera remoçar ultimamente, mais ligeiro nos modos, com uma claridade de

esperança nas lunetas, na fronte erguida. Carlos perguntava-lhe pela condessa. Lá estava no Porto, nos seus deveres de filha...

— E seu sogro?

O conde baixava a face radiante, para murmurar cava e resignadamente:

— Mal.

Uma tarde, Carlos conversava com Maria Eduarda, acariciando *Niniche*, que se viera sentar nos joelhos, quando Romão entreabriu discretamente o reposteiro, e baixando a voz, com um ar embaraçado, um ar de cumplicidade, murmurou:

— É o Sr. Dâmaso!...

Ela olhou o Romão, surpreendida daqueles modos, e quase escandalizada.

— Pois bem, mande entrar!

E Dâmaso rompeu pela sala, carregado de luto, de flor ao peito, gorducho, risonho, familiar, com o chapéu na mão, trazendo dependurado por um barbante um grande embrulho de papel pardo... Mas ao ver Carlos ali, intimamente, de cadelinha no colo, estacou assombrado, com o olho esbugalhado, como tonto. Enfim desembaraçou as mãos, veio cumprimentar Maria Eduarda quase de leve — e voltando-se logo para Carlos, de braços abertos, todo o seu espanto trasbordou ruidosamente:

— Então tu aqui, homem? Isto é que é uma surpresa! Ora quem me diria!... Eu estava mais longe...

Maria Eduarda, incomodada com aquele alarido, indicou-lhe vivamente

uma cadeira, interrompeu um instante o bordado, quis saber como ele tinha chegado.

— Perfeitamente, minha senhora... Um bocado cansado, como é natural... Venho direitinho de Penafiel... Como Vossa Excelência vê — e mostrou o seu luto pesado — acabo de passar por um grande desgosto.

Maria Eduarda murmurou uma palavra de sentimento, vaga, fria. Dâmaso pousara os olhos no tapete. Vinha da província cheio de cor, cheio de sangue; e como cortara a barba (que havia meses deixara crescer para imitar Carlos), parecia agora mais bochechudo e mais nédio. As coxas roliças estalavam-lhe de gordura dentro da calça de casimira preta.

— E então — perguntou Maria

Eduarda — temo-lo por cá algum tempo?

Ele deu um puxãozinho à cadeira, mais para junto dela, e outra vez risonho:

— Agora, minha senhora, ninguém me arranca de Lisboa! Podem-me morrer... Isto é, credo! teria grande ferro se me morresse alguém. O que quero dizer é que há de custar a arrancar-me daqui! Carlos continuava muito sossegadamente a acariciar os pelos de *Niniche*. E houve então um pequeno silêncio. Maria Eduarda retomara o bordado. E Dâmaso, depois de sorrir, de tossir, de dar um jeito ao bigode, estendeu a mão para acariciar também *Niniche* sobre os joelhos de Carlos. Mas a cadelinha, que havia momentos o espreitava com o olho desconfiado, ergueu-se, rompeu a ladrar furiosa.

— C'est moi, *Niniche*! — dizia Dâmaso, recuando a cadeira. — *C'est moi, ami... Alors, Niniche...*

Foi necessário que Maria Eduarda repreendesse severamente *Niniche*. E, aninhada de novo no colo de Carlos, ela continuou a espreitar Dâmaso, rosnando, e com rancor.

— Já me não conhece — dizia ele embaçado — é curioso...

— Conhece-o perfeitamente — acudiu Maria Eduarda muito séria. — Mas não sei o que o Sr. Dâmaso lhe fez, que ela tem-lhe ódio. É sempre este escândalo.

Dâmaso balbuciava, escarlate:

— Ora essa minha senhora! O que lhe fiz?... Carícias, sempre carícias...

E então não se conteve, falou com

ironia, amargamente, das amizades novas de *mademoiselle Niniche*. Ali estava nos braços de outro, enquanto que ele, o amigo velho, era deitado ao canto... Carlos ria.

— Ó Dâmaso, não a acuses de ingratidão... Pois se a Sr. a D. Maria Eduarda está a dizer que ela sempre te teve ódio...

— Sempre! — exclamou Maria.

Dâmaso sorria também, lividamente. Depois, tirando um lenço de barra negra, limpando os beiços e mesmo o suor do pescoço, lembrou a Maria Eduarda como ela o tinha desapontado no dia das corridas... Ele toda a tarde à espera...

— Eram vésperas de partida — disse ela.

— Sim, bem sei, o marido de Vossa Excelência... E como vai o Sr. Castro Gomes? Vossa Excelência já recebeu notícias?

— Não — respondeu ela com o rosto sobre o bordado. Dâmaso cumpriu ainda outros deveres. Perguntou por Mademoiselle Rosa. Depois por Cricri. Era necessário não esquecer Cricri...

— Pois Vossa Excelência — continuou ele, cheio subitamente de loquacidade — perdeu, que as corridas estiveram esplêndidas... Nós ainda não nos vimos depois das corridas, Carlos. Ah, sim, vimo-nos na estação... Pois não é verdade que estiveram muito chiques? Olhe, minha senhora, de uma coisa pode Vossa Excelência estar certa, é que hipódromo mais bonito não há lá fora.

Uma vista até à barra, que é de apetite... Até se veem entrar os navios... Pois não é assim, Carlos?

— Sim — disse Carlos, sorrindo — não é propriamente um campo de corridas... É verdade que não há também propriamente cavalos de corridas... Verdade seja que não há jóqueis... Ora é verdade que não há apostas... Mas é verdade também que não há público...

Maria Eduarda ria, alegremente.

— Mas então?

— Veem-se entrar os navios, minha senhora...

Dâmaso protestava, com as orelhas vermelhas. Era realmente querer dizer mal à força... Não senhor, não senhor!... Eram muito boas corridas. Tal qual como lá fora, as mesmas regras, tudo.

— Até na pesagem — acrescentou ele muito sério — falamos sempre inglês!

Repetiu ainda que as corridas eram chiques. Depois não achou mais nada — e falou de Penafiel, onde chovera sempre tanto que vira-se forçado a ficar em casa, estupidamente, a ler...

— Uma maçada! Ainda se houvesse ali umas mulheres para ir dar um bocado de cavaco... Mas qual! Uns monstros. E eu, lavradeiras, raparigas de pé descalço, não tolero... Há gente que gosta... Mas eu, acredite Vossa Excelência, não tolero...

Carlos corara; mas Maria Eduarda parecia não ter ouvido, ocupada a contar atentamente as malhas do seu bordado.

De repente Dâmaso recordou-se que tinha ali um presentinho para a Sr. a

D. Maria Eduarda. Mas não imaginasse que era alguma preciosidade... Verdadeiramente até o presente era para Mademoiselle Rosa.

— Olhe, para não estar com mistérios, sabe o que é? Tenho-o ali no embrulhozinho de papel pardo... São seis barrilinhos de ovos moles de Aveiro. É um doce muito célebre, mesmo lá fora. Só o de Aveiro é que tem chique... Pergunte Vossa Excelência ao Carlos. Pois não é verdade, Carlos, que é uma delícia, até conhecido lá fora?

— Ah, certamente — murmurou Carlos — certamente... Pousara *Niniche* no chão, erguera-se, fora buscar o seu chapéu.

— Já?... — perguntou-lhe Maria Eduarda, com um sorriso que era só para

ele. — Até amanhã, então!

E voltou-se logo para o Dâmaso, esperando vê-lo erguer-se também. Ele conservou-se instalado, com um ar de demora, familiar, e bamboleando a perna. Carlos estendeu-lhe dois dedos.

— *Au revoir* — disse o outro. — Recados lá no *Ramalhete*, hei de aparecer!...

Carlos desceu as escadas, furioso.

Ali ficava, pois, aquele imbecil, impondo a sua pessoa, grosseiramente, tão obtuso que não percebia o enfado dela, a sua regelada secura! E para que ficava? Que outras crassas banalidades tinha ainda a soltar, em calão, e de perna traçada? E de repente lembrou-lhe o que ele lhe dissera na noite do jantar do Ega, à porta do Hotel Central, a respeito da

própria Maria Eduarda, e do seu sistema com mulheres «que era o *atracão*». Se aquele idiota, de repente, abrasado e bestial, ousasse um ultraje? A suposição era insensata, talvez — mas reteve-o no pátio, aplicando o ouvido para cima, com ideias ferozes de esperar ali o Dâmaso, proibir-lhe de tornar a subir aquela escada, e à menor reflexão dele, esmagar-lhe o crânio nas lajes...

Mas sentiu em cima a porta a abrir-se, e saiu vivamente, no receio de ser assim surpreendido à escuta. O *coupé* do Dâmaso estacionava na rua. Então veio-lhe uma curiosidade mordente de saber quanto tempo ele ficaria ali com Maria Eduarda. Correu ao Grémio; e apenas abrira uma vidraça — viu logo o Dâmaso sair do portão, saltar para

o *coupé*, bater com força a portinhola. Pareceu-lhe que trazia o ar escorraçado, e subitamente teve dó daquele grotesco.

Nessa noite, depois de jantar, Carlos, só no seu quarto, fumava, enterrado numa poltrona, relendo uma carta do Ega recebida nessa manhã — quando apareceu o Dâmaso. E, sem pousar mesmo o chapéu, logo da porta, exclamou, com o mesmo espanto da manhã:

— Então dize-me cá! Como diabo te vou eu encontrar hoje com a brasileira?... Como a conheceste tu? Como foi isso?

Sem mover a cabeça do espaldar da poltrona, cruzando as mãos sobre os joelhos em cima da carta do Ega, Carlos, agora cheio de bom humor, disse, com

uma doce repreensão paternal:

— Pois então tu vais expor a uma senhora as tuas opiniões lúbricas sobre as lavradeiras de Penafiel!

— Não se trata disso, sei muito bem o que hei de expor!— exclamou o outro, vermelho. — Conta lá, anda... Que diabo! Parece-me que tenho direito a saber... Como a conheceste tu? Carlos imperturbável, cerrando os olhos como para se recordar, começou, num tom lento e solene de recitativo:

— Por uma tépida tarde de primavera, quando o Sol se afundava em nuvens de oiro, um mensageiro esfalfado pendurava-se da campainha do *Ramalhete*. Via-se-lhe na mão uma carta, lacrada com selo heráldico; e a expressão do seu semblante...

Dâmaso, já zangado, atirou com o chapéu para cima da mesa.

— Parece-me que era mais decente deixares-te desses mistérios!

— Mistérios? Tu vens obtuso, Dâmaso. Pois tu entras numa casa onde existe há quase um mês uma pessoa gravemente doente, e ficas assombrado, petrificado, ao encontrar lá o médico! Que esperavas tu ver lá? Um fotógrafo?

— Então quem está doente?

Carlos, em poucas palavras, disse-lhe a bronquite da inglesa — enquanto Dâmaso, sentado à beira do sofá, mordendo o charuto sem lume, olhava para ele desconfiado.

— E como soube ela onde tu moravas?

— Como se sabe onde mora o rei;

onde é a Alfândega; de que lado luz a estrela da tarde; os campos onde foi Troia... Estas coisas que se aprendem nas aulas de instrução primária...

O pobre Dâmaso deu alguns passos pela sala, embezerrado, com as mãos nos bolsos.

— Ela tem agora lá o Romão, o que foi meu criado — murmurou depois de um silêncio. — Eu tinha-lho recomendado... Ela leva-se muito pelo que eu lhe digo...

— Sim, tem, por uns dias, enquanto o Domingos foi à terra. Vai mandá-lo embora, é um imbecil, e tu tinhas-lhe ensinado más maneiras...

Então Dâmaso atirou-se para o canto do sofá e confessou que ao entrar na sala, quando dera com os olhos em

Carlos, de cadelinha no colo, ficara furioso... Enfim, agora que sabia que era por doença, bem, tudo se explicava... Mas primeiro parecera-lhe que andava ali tramoia... Só com ela, ainda pensou em lhe perguntar: depois receou que não fosse delicado; e além disso ela estava de mau humor...

E acrescentou logo, acendendo o charuto:

— Que apenas tu saíste, pôs-se melhor, mais à vontade... Rimos muito... Eu fiquei ainda até tarde, quase duas horas mais; era perto das cinco quando saí. Outra coisa, ela falou-te alguma vez de mim?

— Não. É uma pessoa de bom gosto; e sabendo que nos conhecemos, não se atreveria a dizer-me mal de ti.

Dâmaso olhou-o, esgazeado:

— Ora essa!... Mas podia ter dito bem!

— Não; é uma pessoa de bom senso, não se atreveria também. E erguendo-se vivamente, Carlos abraçou Dâmaso pela cinta, acariciando-o, perguntando-lhe pela herança do titi, e em que amores, em que viagens, em que cavalos de luxo ia gastar os milhões... Dâmaso, sob aquelas festas alegres, permanecia frio, amuado, olhando-o de revés.

— Olha que tu — disse ele — parece-me que me vais saindo também um traste... Não há a gente fiar-se em ninguém!

— Tudo na Terra, meu Dâmaso, é aparência e engano!

Seguiram dali à sala do bilhar fazer «a partida de reconciliação». E pouco a pouco, sob a influência que exercia sempre sobre ele o *Ramalhete*, Dâmaso foi sossegando, risonho já, gozando de novo a sua intimidade com Carlos no meio daquele luxo sério, e tratando-o outra vez por «menino». Perguntou pelo Sr. Afonso da Maia. Quis saber se o belo marquês tinha aparecido. E o Ega, o grande Ega?...

— Recebi carta dele — disse Carlos. — Vem aí, temo-lo talvez cá no sábado.

Foi um espanto para o Dâmaso.

— Homem! essa é curiosa! E eu encontrei os Cohens, hoje!... Vieram há dois dias de Southampton... Jogo eu?

Jogou, falhou a carambola.

— Pois é verdade, encontrei-os hoje, falei-lhes um instante... E a Raquel vem melhor, vem mais gorda... Trazia uma *toilette* inglesa com coisas brancas, coisas cor-de-rosa... Chique a valer, parecia um moranguinho! E então o Ega de volta?... Pois, menino, ainda temos escândalo!

12

No sábado, com efeito, Carlos, recolhendo ao *Ramalhete* de volta da Rua de S. Francisco, encontrou o Ega no seu quarto, metido num fato de cheviote claro, e com o cabelo muito crescido.

— Não faças espalhafato — gritou-lhe ele — que eu estou em Lisboa *incógnito*!

E em seguida aos primeiros abraços declarou que vinha a Lisboa, só por alguns dias, unicamente para comer bem e para conversar bem. E contava com Carlos para lhe fornecer esses requintes, ali, no *Ramalhete*...

— Há cá quarto para mim? Eu por ora estou no *Hotel Espanhol*, mas ainda

nem mesmo abri a mala... Basta-me uma alcova, com uma mesa de pinho, larga bastante para se escrever uma obra sublime.

Decerto! Havia o quarto em cima, onde ele estivera depois de deixar a Vila Balzac. E mais sumptuoso agora, com um belo leito da Renascença, e uma cópia dos *Borrachos* de Velázquez.

— Ótimo covil para a arte! Velázquez é um dos santos padres do naturalismo... A propósito, sabes com quem eu vim? Com a Gouvarinho. O pai Thompson esteve à morte, arribou, depois o conde foi buscá-la. Achei-a magra, mas com um ar ardente; e falou-me constantemente de ti.

— Ah! — murmurou Carlos.

Ega, de monóculo no olho e mãos

nos bolsos, contemplava Carlos.

— É verdade. Falou de ti constantemente, irresistivelmente, imoderadamente! Não me tinhas mandado contar isso... Sempre seguiste o meu conselho, hem? Muito bem feita de corpo, não é verdade? E que tal, no ato de amor?

Carlos corou, chamou-lhe grosseiro, jurou que nunca tivera com a Gouvarinho senão relações superficiais. Ia lá às vezes tomar uma chávena de chá; e à hora do Chiado acontecia-lhe, como a todo o mundo, conversar com o conde sobre as misérias públicas, à esquina do Loreto. Nada mais.

— Tu estás-me a mentir, devasso! — dizia o Ega. — Mas não importa. Eu hei de descobrir tudo isso com o meu olho de Balzac, na segunda-feira... Porque nós

vamos lá jantar na segunda-feira.

— Nós... Nós, quem?

— Nós. Eu e tu, tu e eu. A condessa convidou-me no comboio. E o Gouvarinho, como compete ao indivíduo daquela espécie, acrescentou logo que havíamos de ter também «o nosso Maia». O Maia dele, e o Maia dela... Santo acordo! Suavíssimo arranjo!

Carlos olhou-o com severidade.

— Tu vens obsceno de Celorico, Ega.

— É o que se aprende no seio da Santa Madre Igreja.

Mas também Carlos tinha uma novidade que o devia fazer estremer. O Ega, porém, já sabia. A chegada dos Cohens, não é verdade? Lera-o logo nessa manhã, na *Gazeta Ilustrada*, no *High Life*.

Lá se dizia respeitosamente que Suas Excelências tinham regressado do seu passeio pelo estrangeiro.

— E que impressão te fez? — perguntou Carlos rindo. O outro encolheu brutalmente os ombros:

— Fez-me o efeito de haver um cabrão mais na cidade. E, como Carlos o acusava outra vez de trazer de Celorico uma língua imunda, o Ega, um pouco corado, arrependido talvez, lançou-se em considerações críticas, clamando pela necessidade social de dar às coisas o nome exato. Para que servia então o grande movimento naturalista do século? Se o vício se perpetuava, é porque a sociedade, indulgente e romanesca, lhe dava nomes que o embelezavam, que o idealizavam... Que escrúpulo pode ter

uma mulher em beijocar um terceiro entre os lençóis conjugais, se o mundo chama a isso sentimentalmente um romance, e os poetas o cantam em estrofes de oiro?

— E a propósito, a tua comédia, o *Lodaçal*? — perguntou Carlos, que entrara um instante para a alcova de banho.

— Abandonei-a — disse o Ega. — Era feroz de mais... E além disso fazia-me remexer na podridão lisboeta, mergulhar outra vez na sarjeta humana... Afligia-me...

Parou diante do grande espelho, deu um olhar descontente ao seu jaquetão claro e às botas com mau verniz.

— Preciso enfarpelar-me de novo, Carlinhos... O Poole naturalmente mandou-te fato de verão, hei de querer

examinar esses cortes da alta civilização... Não há negá-lo, diabo, esta minha linha está chinfrim!

Passou uma escova pelo bigode, e continuou falando para dentro, para a alcova de banho:

— Pois, menino, eu agora o que necessito é o regime da Quimera. Vou-me atirar outra vez às *Memórias*. Há-de-se fazer aí uma quantidade de arte colossal, nesse quarto que me destinas, diante de Velázquez... E a propósito, é necessário ir cumprimentar o velho Afonso, uma vez que ele me vai dar o pão, o teto, e a enxerga. Foram encontrar Afonso da Maia no escritório, na sua velha poltrona, com um antigo volume da *Ilustração Francesa* aberto sobre os joelhos, mostrando as estampas a um pequeno

bonito, muito moreno, de olho vivo, e cabelo encarapinhado. O velho ficou contentíssimo ao saber que o Ega vinha, por algum tempo, alegrar o *Ramalhete* com a sua bela fantasia.

— Já não tenho fantasia, Sr. Afonso da Maia!

— Então esclarecê-lo com a tua clara razão — disse o velho rindo. — Estamos cá precisando de ambas as coisas, John. Depois apresentou-lhe aquele pequeno cavalheiro, o Sr. Manuelinho, rapazinho amável da vizinhança, filho do Vicente, mestre de obras; o Manuelinho vinha às vezes animar a solidão de Afonso — e ali folheavam ambos livros de estampas e tinham conversas filosóficas. Agora, justamente, estava ele muito embaraçado

por não lhe saber explicar como é que o general Canrobert (de quem estavam admirando o garbo sobre o seu cavalo empinado) tendo mandado matar gente, muita gente, em batalhas, não era metido na cadeia...

— Está visto! — exclamou o pequeno, esperto e desembaraçado, com as mãos cruzadas atrás das costas. — Se mandou matar gente deviam-no ferrar na cadeia!

— Hem, amigo Ega! — dizia Afonso rindo. — Que se há de responder a esta bela lógica? Olha, filho, agora que estão aqui estes dois senhores que são formados em Coimbra, eu vou estudar esse caso... Vai tu ver os bonecos ali para cima da mesa... E depois vão sendo horas de ires lá dentro à Joana, para

merendares.

Carlos, ajudando o pequeno a acomodar-se à mesa com o seu grande volume de estampas, pensava quanto o avô, com aquele seu amor por crianças, gostaria de conhecer Rosa!

Afonso, no entanto, perguntava também ao Ega pela comédia. O quê! Já abandonada? Quando acabaria então o bravo John de fazer bocados incompletos de obras-primas?... — Ega queixou-se do país, da sua indiferença pela arte. Que espírito original não esmoreceria, vendo em torno de si esta espessa massa de burgueses, amodorrada e crassa, desdenhando a inteligência, incapaz de se interessar por uma ideia nobre, por uma frase bem feita?

— Não vale a pena, Sr. Afonso da

Maia. Neste país, no meio desta prodigiosa imbecilidade nacional, o homem de senso e de gosto deve limitar-se a plantar com cuidado os seus legumes. Olhe o Herculano...

— Pois então — acudiu o velho — planta os teus legumes. É um serviço à alimentação pública. Mas tu nem isso fazes.

Carlos, muito sério, apoiava o Ega.

— A única coisa a fazer em Portugal — dizia ele — é plantar legumes, enquanto não há uma revolução que faça subir à superfície alguns dos elementos originais, fortes, vivos, que isto ainda encerre lá no fundo. E se se vir então que não encerra nada, demitamo-nos logo voluntariamente da nossa posição de

país para que não temos elementos, passemos a ser uma fértil e estúpida província espanhola, e plantemos mais legumes!

O velho escutava com melancolia estas palavras do neto em que sentia como uma decomposição da vontade, e que lhe pareciam ser apenas a glorificação da sua inércia. Terminou por dizer:

— Pois então façam vocês essa revolução. Mas pelo amor de Deus, façam alguma coisa!

— O Carlos já não faz pouco — exclamou Ega, rindo. — Passeia a sua pessoa, a sua *toilette* e o seu faetonte, e por esse facto educa o gosto!

O relógio Luís XV interrompeu-os — lembrando ao Ega que devia ainda, antes de jantar, ir buscar a sua mala

ao *Hotel Espanhol*. Depois, no corredor, confessou a Carlos que, antes de ir ao*Espanhol*, queria correr ao Fillon, ao fotógrafo, ver se podia tirar um bonito retrato.

— Um retrato?

— Uma surpresa que tem de ir daqui a três dias para Celorico, para o dia de anos de uma criaturinha que me adoçou o exílio.

— Oh, Ega!

— É horroroso, mas então? É a filha do padre Correia, filha conhecida como tal; além disso casada com um proprietário rico da vizinhança, reacionário odioso... De modo que, bem vês, esta dupla peça a pregar à Religião e à Propriedade...

— Ah! nesse caso...

— Ninguém se deve eximir, amigo, aos seus grandes deveres democráticos!

Na segunda-feira seguinte chuviscava quando Carlos e Ega, no *coupé* fechado, partiram para o jantar dos Gouvarinhos. Desde a chegada da condessa, Carlos vira-a só uma vez, em casa dela; e fora uma meia hora desagradável, cheia de mal-estar, com um ou outro beijo frio, e recriminações infindáveis. Ela queixara-se das cartas dele, tão raras, tão secas. Não se puderam entender sobre os planos desse verão, ela devendo ir para Sintra, onde já alugara casa, Carlos falando no dever de acompanhar o avô a Santa Olávia. A condessa achava-o distraído: ele achou-a exigente. Depois ela sentou-se um instante

sobre os seus joelhos — e aquele leve e delicado corpo pareceu a Carlos de um fastidioso peso de bronze.

Por fim a condessa arrancara-lhe a promessa de a ir encontrar, justamente nessa segunda-feira de manhã, a casa da titi, que estava em Santarém — porque tinha sempre o apetite perverso e requintado de o apertar nos braços nus, em dias que o devesse receber na sua sala, mais tarde, e com cerimónia. Mas Carlos faltara — e agora, rodando para casa dela, impacientavam-no já as queixas que teria de ouvir nos vãos de janela, e as mentiras chochas que teria de balbuciar...

De repente o Ega, que fumava em silêncio, abotoado no seu paletó de verão, bateu no joelho de Carlos, e entre risonho e sério:

— Dize-me uma coisa, se não é segredo sacrossanto... Quem é essa brasileira com quem tu agora passas todas as tuas manhãs? Carlos ficou um instante aturdido, com os olhos no Ega.

— Quem te falou nisso?

— Foi o Dâmaso que mo disse. Isto é, o Dâmaso que mo rugiu... Porque foi de dentes rilhados, a dar murros surdos num sofá do Grémio, e com uma cor de apoplexia, que ele me contou tudo...

— Tudo o quê?

— Tudo. Que te apresentara a uma brasileira a quem se atirava, e que tu, aproveitando a sua ausência, te meteras lá, não saías de lá...

— Tudo isso é mentira! — exclamou o outro, já impaciente. E Ega,

sempre risonho:

— Então «que é a verdade», como perguntava o velho Pilatos ao chamado Jesus Cristo?

— É que há uma senhora a quem Dâmaso supunha ter inspirado uma paixão, como supõe sempre, e que, tendo-lhe adoecido a governanta inglesa com uma bronquite, me mandou chamar para eu a tratar. Ainda não está melhor, eu vou vê-la todos os dias. E Madame Gomes, que é o nome da senhora, que nem brasileira é, não podendo tolerar o Dâmaso, como ninguém o tolera, tem-lhe fechado a sua porta. Esta é a verdade; mas talvez eu arranque as orelhas ao Dâmaso!

Ega contentou-se em murmurar:

— E aí está como se escreve a história... Vá-se lá a gente fiar em Guizot!

Em silêncio, até casa da Gouvarinho, Carlos foi ruminando a sua cólera contra o Dâmaso. Aí estava pois rasgada por aquele imbecil a penumbra suave e favorável em que se abrigara o seu amor! Agora já se pronunciava o nome de Maria Eduarda no Grémio: o que o Dâmaso dissera ao Ega, repeti-lo-ia a outros, na Casa Havanesa, no Restaurante Silva, talvez nos lupanares: e assim o interessante supremo da sua vida seria daí por diante constantemente perturbado, estragado, sujo pela tagarelice reles do Dâmaso!

— Parece-me que temos cá mais gente — disse o Ega, ao penetrarem na antecâmara dos Gouvarinhos, vendo sobre o canapé um paletó cinzento e capas de senhora.

A condessa esperava-os na salinha ao fundo, chamada «do busto», vestida de preto, com uma tira de veludo em volta do pescoço, picada de três estrelas de diamantes. Uma cesta de esplêndidas flores quase enchia a mesa, onde se acumulavam também romances ingleses, e uma *Revista dos Dois Mundos* em evidência, com a faca de marfim entre as folhas. Além da boa D. Maria da Cunha e da baronesa de Alvim, havia uma outra senhora, que nem Carlos nem Ega conheciam, gorda e vestida de escarlate; e de pé, conversando baixo com o conde, de mãos atrás das costas, um cavalheiro alto, escaveirado, grave, com uma barba rala, e a Comenda da Conceição.

A condessa, um pouco corada, estendeu a Carlos a mão amuada e frouxa:

todos o seus sorrisos foram para o Ega. E o conde apoderou-se logo do querido Maia, para o apresentar ao seu amigo, o Sr. Sousa Neto. O Sr. Sousa Neto já tinha o prazer de conhecer muito Carlos da Maia, como um médico distinto, uma honra da Universidade... E era esta a vantagem de Lisboa, disse logo o conde, o conhecerem-se todos de reputação, o poder-se ter assim uma apreciação mais justa dos carateres. Em Paris, por exemplo, era impossível; por isso havia tanta imoralidade, tanta relaxação...

— Nunca sabe a gente quem mete em casa.

O Ega, entre a condessa e D. Maria, enterrado no divã, mostrando as estrelinhas bordadas das meias, fazia-as rir com a história do seu exílio em

Celorico, onde se distraía compondo sermões para o abade: o abade recitava-os; e os sermões, sob uma forma mística, eram de facto afirmações revolucionárias que o santo varão lançava com fervor, esmurrando o púlpito... A senhora de vermelho, sentada defronte, de mãos no regaço, escutava o Ega, com o olhar espantado.

— Imaginei que Vossa Excelência tinha ido já para Sintra — veio dizer Carlos à baronesa, sentando-se junto dela. — Vossa Excelência é sempre a primeira...

— Como quer o senhor que se vá para Sintra com um tempo destes?

— Com efeito, está infernal...

— E que conta de novo? — perguntou ela, abrindo lentamente o seu

grande leque preto.

— Creio que não há nada de novo em Lisboa, minha senhora, desde a morte do senhor D. João VI.

— Agora há o seu amigo Ega, por exemplo.

— É verdade, há o Ega... Como o acha Vossa Excelência, senhora baronesa?

Ela nem baixou a voz para dizer:

— Olhe, eu como o achei sempre um grande presumido e não gosto dele, não posso dizer nada...

— Oh! senhora baronesa, que falta de caridade!

O escudeiro anunciara o jantar. A condessa tomou o braço de Carlos — e, ao atravessar o salão, entre o frouxo murmúrio de vozes e o rumor lento das caudas de seda, pôde dizer-lhe

asperamente:

— Esperei meia hora; mas compreendi logo que estaria entretido com a brasileira...

Na sala de jantar, um pouco sombria, forrada de papel cor de vinho, escurecida ainda por dois antigos painéis de paisagem tristonha, a mesa oval, cercada de cadeiras de carvalho lavrado, ressaltava alva e fresca, com um esplêndido cesto de rosas entre duas serpentinas douradas. Carlos ficou à direita da condessa, tendo ao lado D. Maria da Cunha, que nesse dia parecia um pouco mais velha, e sorria com um ar cansado.

— Que tem feito todo este tempo, que ninguém o tem visto? — perguntou-lhe ela, desdobrando o guardanapo.

— Por esse mundo, minha senhora, vagamente...

Defronte de Carlos, o Sr. Sousa Neto, que tinha três enormes corais no peitilho da camisa, estava já observando, enquanto remexia a sopa, que a senhora condessa, na sua viagem ao Porto, devia ter encontrado nas ruas e nos edifícios grandes mudanças... A condessa, infelizmente, mal tinha saído durante o tempo que estivera no Porto. O conde, esse, é que admirara os progressos da cidade. E especificou-os: elogiou a vista do Palácio de Cristal; lembrou o fecundo antagonismo que existe entre Lisboa e Porto; mais uma vez o comparou ao dualismo da Áustria e da Hungria. E através destas coisas graves, lançadas de alto, com superioridade e com peso, a

baronesa e a senhora de escarlate, aos dois lados dele, falavam do Convento das Salésias.

Carlos, no entanto, comendo em silêncio a sua sopa, ruminava as palavras da condessa. Também ela conhecia já a sua intimidade com a «brasileira». Era evidente pois que já andava ali, difamante e torpe, a tagarelice do Dâmaso. E quando o criado lhe ofereceu Sauterne, estava decidido a bater no Dâmaso.

De repente ouviu o seu nome. Do fim da mesa uma voz dizia, pachorrenta e cantada:

— O Sr. Maia é que deve saber... O Sr. Maia já lá esteve. Carlos pousou vivamente o copo. Era a senhora de escarlate que lhe falava, sorrindo, mostrando uns bonitos dentes sob o buço

forte de quarentona pálida. Ninguém lha apresentara, ele não sabia quem era. Sorriu também, perguntou:

— Onde, minha senhora?

— Na Rússia.

— Na Rússia?... Não, minha senhora, nunca estive na Rússia. Ela pareceu um pouco desapontada.

— Ah, é que me tinham dito... Não sei já quem me disse, mas era pessoa que sabia...

O conde, ao fundo, explicava-lhe amavelmente que o amigo Maia estivera apenas na Holanda.

— País de grande prosperidade, a Holanda!... Em nada inferior ao nosso... Já conheci mesmo um holandês que era excessivamente instruído...

A condessa baixara os olhos,

partindo vagamente um bocadinho de pão, mais séria de repente, mais seca, como se a voz de Carlos, erguendo-se tão tranquila ao seu lado, tivesse avivado os seus despeitos. Ele, então, depois de provar devagar o seu Sauterne, voltou-se para ela muito naturalmente e risonho:

— Veja a senhora condessa! Eu nem tive mesmo ideia de ir à Rússia. Há assim uma infinidade de coisas que se dizem e que não são exatas... E se se faz uma alusão irónica a elas, ninguém compreende a alusão, nem a ironia...

A condessa não respondeu logo, dando com o olhar uma ordem muda ao escudeiro. Depois, com um sorriso pálido:

— No fundo de tudo que se diz há sempre um facto, ou um bocado de facto

que é verdadeiro. E isso basta... Pelo menos a mim basta-me...

— A senhora condessa tem então uma credulidade infantil. Estou vendo que acredita que era uma vez uma filha de um rei que tinha uma estrela na testa...

Mas o conde interpelava-o, o conde queria a opinião do seu amigo Maia. Tratava-se do livro de um inglês, o major Bratt, que atravessara a África, e dizia coisas perfidamente desagradáveis para Portugal. O conde via ali só inveja — a inveja que nos têm todas as nações por causa da importância das nossas colónias, e da nossa vasta influência na África...

— Está claro — dizia o conde — que não temos nem os milhões, nem a marinha dos Ingleses. Mas temos grandes

glórias; o infante D. Henrique é de primeira ordem; e a tomada de Ormuz é um primor... E eu que conheço alguma coisa de sistemas coloniais, posso afirmar que não há hoje colónias nem mais suscetíveis de riqueza, nem mais crentes no progresso, nem mais liberais que as nossas! Não lhe parece, Maia?

— Sim, talvez, é possível... Há muita verdade nisso... Mas Ega, que estivera um pouco silencioso, entalando de vez em quando o monóculo no olho e sorrindo para a baronesa, pronunciou-se alegremente contra todas essas explorações da África, e essas longas missões geográficas... Porque não se deixaria o preto sossegado, na calma posse dos seus manipansos? Que mal fazia à ordem das coisas que houvesse

selvagens? Pelo contrário, davam ao Universo uma deliciosa quantidade de pitoresco! Com a mania francesa e burguesa de reduzir todas as regiões e todas as raças ao mesmo tipo de civilização, o mundo ia tornar-se de uma monotonia abominável. Dentro em breve um *touriste* faria enormes sacrifícios, despesas sem fim, para ir a Tombuctu — para quê? Para encontrar lá pretos de chapéu alto, a ler o *Jornal dos Debates*.

O conde sorria com superioridade. E a boa D. Maria, saindo do seu vago abatimento, movia o leque, dizia a Carlos, deleitada:

— Este Ega! Este Ega! Que graça! Que chique!

Então Sousa Neto, pousando gravemente o talher, fez ao Ega esta

pergunta grave:

— Vossa Excelência pois é em favor da escravatura?

Ega declarou muito decididamente ao Sr. Sousa Neto que era pela escravatura. Os desconfortos da vida, segundo ele, tinham começado com a libertação dos negros. Só podia ser seriamente obedecido, quem era seriamente temido... Por isso ninguém agora lograva ter os seus sapatos bem envernizados, o seu arroz bem cozido, a sua escada bem lavada, desde que não tinha criados pretos em quem fosse lícito dar vergastadas... Só houvera duas civilizações em que o homem conseguira viver com razoável comodidade: a civilização romana e a civilização especial dos plantadores da Nova

Orleães. Porquê? Porque numa e noutra existira a escravatura absoluta, a sério, com o direito de morte!...

Durante um momento o Sr. Sousa Neto ficou como desorganizado. Depois passou o guardanapo sobre os beiços, preparou-se, encarou o Ega.

— Então Vossa Excelência, nessa idade, com a sua inteligência, não acredita no progresso?

— Eu não, senhor.

O conde interveio, afável e risonho:

— O nosso Ega quer fazer simplesmente um paradoxo. E tem razão, tem realmente razão, porque os faz brilhantes...

Estava-se servindo *jambon aux épinards*. Durante um momento falou-se

de paradoxos. Segundo o conde, quem os fazia também brilhantes e difíceis de sustentar, excessivamente difíceis, era o Barros, o ministro do Reino...

— Talento robusto — murmurou respeitosamente Sousa Neto.

— Sim, pujante — disse o conde.

Mas ele agora não falava tanto do talento do Barros como parlamentar, como homem de Estado. Falava do seu espírito de sociedade, do seu *esprit*...

— Ainda este inverno nós lhe ouvimos um paradoxo brilhante! Até foi em casa da Sr. a D. Maria da Cunha... Vossa Excelência não se lembra, Sr. a D. Maria? Esta minha desgraçada memória! Ó Teresa, lembras-te daquele paradoxo do Barros? Ora sobre que era, meu Deus?... Enfim, um paradoxo muito difícil

de sustentar... Esta minha memória!... Pois não te lembras, Teresa?

A condessa não se lembrava. E enquanto o conde ficava remexendo ansiosamente, com a mão na testa, as recordações — a senhora de escarlate voltou a falar de pretos, e de escudeiros pretos, e de uma cozinheira preta que tivera uma tia dela, a tia Vilar... Depois queixou-se amargamente dos criados modernos: desde que lhe morrera a Joana, que estava em casa havia quinze anos, não sabia que fazer, andava como tonta, tinha só desgostos. Em seis meses já vira quatro caras novas. E umas desleixadas, umas pretensiosas, uma imoralidade! Quase lhe fugiu um suspiro do peito, e trincando desconsoladamente uma migalhinha de pão:

— Ó baronesa, ainda tens a Vicenta?

— Pois então não havia de ter a Vicenta?... Sempre a Vicenta... A Sr. a D. Vicenta, se faz favor.

A outra contemplou-a um instante, com inveja daquela felicidade.

— E é a Vicenta que te penteia?

Sim, era a Vicenta que a penteava. Ia-se fazendo velha, coitada... Mas sempre caturra. Agora andava com a mania de aprender francês. Já sabia verbos. Era de morrer, a Vicenta a dizer *j'aime*, *tu aimes*...

— E a senhora baronesa — acudiu o Ega — começou por lhe mandar ensinar os verbos mais necessários.

Está claro, dizia a baronesa, que aquele era o mais necessário. Mas na

idade da Vicenta já de pouco lhe poderia servir!

— Ah! — gritou de repente o conde, deixando quase cair o talher. — Agora me lembro.

Tinha-se lembrado enfim do soberbo paradoxo do Barros. Dizia o Barros que os cães, quanto mais ensinados... Pois, não, não era isto!

— Esta minha desgraçada memória!... E era sobre cães. Uma coisa brilhante, filosófica até!

E, por se falar de cães, a baronesa lembrou-se do *Tommy*, o galgo da condessa; perguntou por *Tommy*. Já o não via há que tempos, esse bravo *Tommy*! A condessa nem queria que se falasse no*Tommy*, coitado! Tinham-lhe nascido umas coisas nos ouvidos, um horror...

Mandara-o para o Instituto, lá morrera.

— Está deliciosa esta *galantine* — disse D. Maria da Cunha, inclinando-se para Carlos.

— Deliciosa.

E a baronesa, do lado, declarou também a *galantine* uma perfeição. Com um olhar ao escudeiro, a condessa fez servir de novo a *galantine*: e apressou-se a responder ao Sr. Sousa Neto, que, a propósito de cães, lhe estava falando da *Sociedade Protetora dos Animais*. O Sr. Sousa Neto aprovava-a, considerava-a como um progresso... E, segundo ele, não seria mesmo de mais que o Governo lhe desse um subsídio.

— Que eu creio que ela vai prosperando... E merece-o, acredite a senhora condessa que o merece... Estudei

essa questão, e de todas as sociedades que ultimamente se têm fundado entre nós, à imitação do que se faz lá fora, como a *Sociedade de Geografia* e outras, a *Protetora dos Animais* parece-me decerto uma das mais úteis. Voltou-se para o lado, para o Ega:

— Vossa Excelência pertence?

— À *Sociedade Protetora dos Animais*?... Não, senhor pertenço a outra, à de *Geografia*. Sou dos protegidos.

A baronesa teve uma das suas alegres risadas. E o conde fez-se extremamente sério: pertencia à *Sociedade de Geografia*, considerava-a um pilar do Estado, acreditava na sua missão civilizadora, detestava aquelas irreverências. Mas a condessa e Carlos tinham rido também: — e de repente a

frialdade que até aí os conservara ao lado um do outro reservados, numa cerimónia afetada, pareceu dissipar-se ao calor desse riso trocado, no brilho dos dois olhares encontrando-se irresistivelmente. Servira-se o champanhe, ela tinha uma corzinha no rosto. O seu pé, sem ela saber como, roçou pelo pé de Carlos; sorriram ainda outra vez — e, como no resto da mesa se conversava sobre uns concertos clássicos que ia haver no Price, Carlos perguntou-lhe, baixo, com uma repreensão amável:

— Que tolice foi essa da *brasileira*?... Quem lhe disse isso? Ela confessou-lhe logo que fora o Dâmaso... O Dâmaso viera contar-lhe o entusiasmo de Carlos por essa senhora, e as manhãs inteiras que lá passava, todos os dias, à

mesma hora... Enfim, o Dâmaso fizera-lhe claramente entrever uma *liaison*.

Carlos encolheu os ombros. Como podia ela acreditar no Dâmaso? Devia conhecer-lhe bem a tagarelice, a imbecilidade...

— É perfeitamente verdade que eu vou a casa dessa senhora, que nem brasileira é, que é tão portuguesa como eu; mas é porque ela tem a governanta muito doente com uma bronquite, e eu sou o médico da casa. Foi até o Dâmaso, ele próprio, que lá me levou como médico!

No rosto da condessa espalhava-se um riso, uma claridade vinda do doce alívio que se fazia no seu coração.

— Mas o Dâmaso disse-me que era tão linda!...

Sim, era muito linda. E então? Um

médico, por fidelidade às suas afeições, e para as não inquietar, não podia realmente, antes de penetrar na casa de uma doente, exigir-lhe um certificado de hediondez!

— Mas que está ela cá a fazer?...

— Está à espera do marido, que foi a negócios ao Brasil, e vem aí... É uma gente muito distinta, e creio que muito rica... Vão-se brevemente embora, de resto, e eu pouco sei deles. As minhas visitas são de médico; tenho apenas conversado com ela sobre Paris, sobre Londres, sobre as suas impressões de Portugal...

A condessa bebia estas palavras, deliciosamente, dominada pelo belo olhar com que ele lhas murmurava: e o seu pé apertava o de Carlos numa reconciliação

apaixonada, com a força que desejaria pôr num abraço — se ali lho pudesse dar.

A senhora de escarlate, no entanto, recomeçara a falar da Rússia. O que a assustava é que era tão caro, corriam-se tantos perigos por causa da dinamite, e uma constituição fraca devia sofrer muito com a neve nas ruas. E foi então que Carlos percebeu que ela era a esposa de Sousa Neto, e que se tratava de um filho deles, filho único, despachado segundo-secretário para a legação de São Petersburgo.

— O menino conhece-o? — perguntou D. Maria ao ouvido de Carlos, por trás do leque. — É um horror de estupidez... Nem francês sabe! De resto não é pior que os outros... Que a quantidade de monos, de sensaborões e de

tolos que nos representam lá fora, até nos faz chorar... Pois o menino não acha? Isto é um país desgraçado.

— Pior, minha cara senhora, muito pior. Isto é um país *cursi*. Tinha findado a sobremesa. D. Maria olhou para a condessa com o seu sorriso cansado; a senhora de escarlate calara-se, já preparada, tendo mesmo afastado um pouco a cadeira; e as senhoras ergueram-se, no momento em que o Ega, ainda acerca da Rússia, acabava de contar uma história ouvida a um polaco, e em que se provava que o czar era um estúpido...

— Liberal todavia, gostando bastante do progresso! — murmurou ainda o conde, já de pé.

Os homens, sós, acenderam os seus charutos; o escudeiro serviu o café.

Então o Sr. Sousa Neto, com a sua chávena na mão, aproximou-se de Carlos para lhe exprimir de novo o prazer que tivera em fazer o seu conhecimento...

— Eu tive também em tempos o prazer de conhecer o pai de Vossa Excelência... Pedro, creio que era justamente o Sr. Pedro da Maia. Começava eu então a minha carreira pública... E o avô de Vossa Excelência, bom?

— Muito agradecido a Vossa Excelência.

— Pessoa muito respeitável... O pai de Vossa Excelência era... enfim, era o que se chama «um elegante». Tive também o prazer de conhecer a mãe de Vossa Excelência.

E de repente calou-se,

embaraçado, levando a chávena aos lábios. Depois, lentamente, voltou-se para escutar melhor o Ega, que ao lado discutia com o Gouvarinho sobre mulheres. Era a propósito da secretária da Legação da Rússia, com quem ele encontrara nessa manhã o conde conversando ao Calhariz. O Ega achava-a deliciosa, com o seu corpinho nervoso e ondeado, os seus grandes olhos garços... E o conde, que a admirava também, gabava-lhe sobretudo o espírito, a instrução. Isso, segundo o Ega, prejudicava-a: porque o dever da mulher era primeiro ser bela, e depois ser estúpida... O conde afirmou logo com exuberância que não gostava também de literatas; sim, decerto o lugar da mulher era junto do berço, não na biblioteca...

— No entanto é agradável que

uma senhora possa conversar sobre coisas amenas, sobre o artigo de uma revista, sobre... Por exemplo, quando se publica um livro... Enfim, não direi quando se trata de Guizot, ou de um Jules Simon... Mas, por exemplo, quando se trata de um Feuillet, de um... Enfim, uma senhora deve ser prendada. Não lhe parece, Neto?

Neto, grave, murmurou:

— Uma senhora, sobretudo quando ainda é nova, deve ter algumas prendas...

Ega protestou, com calor. Uma mulher com prendas, sobretudo com prendas literárias, sabendo dizer coisas sobre o Sr. Thiers, ou sobre o Sr. Zola, é um monstro, um fenómeno que cumpria recolher a uma companhia de cavalinhos, como se soubesse trabalhar nas argolas. A

mulher só devia ter duas prendas: cozinhar bem e amar bem.

— Vossa Excelência decerto, Sr. Sousa Neto, sabe o que diz Proudhon?

— Não me recordo textualmente, mas...

— Em todo o caso Vossa Excelência conhece perfeitamente o seu Proudhon?

O outro, muito secamente, não gostando decerto daquele interrogatório, murmurou que Proudhon era um autor de muita nomeada. Mas o Ega insistia, com uma impertinência pérfida:

— Vossa Excelência leu evidentemente, como nós todos, as grandes páginas de Proudhon sobre o amor?

O Sr. Neto, já vermelho, pousou a

chávena sobre a mesa. E quis ser sarcástico, esmagar aquele moço tão literário, tão audaz.

— Não sabia — disse ele com um sorriso infinitamente superior — que esse filósofo tivesse escrito sobre assuntos escabrosos! Ega atirou os braços ao ar, consternado:

— Oh! Sr. Sousa Neto! Então Vossa Excelência, um chefe de família, acha o amor um assunto escabroso?!

O Sr. Neto encordoou. E muito direito, muito digno, falando do alto da sua considerável posição burocrática:

— É meu costume, Sr. Ega, não entrar nunca em discussões, e acatar todas as opiniões alheias, mesmo quando elas sejam absurdas... E quase voltou as costas ao Ega, dirigindo-se outra vez a Carlos,

desejando saber, numa voz ainda um pouco alterada, se ele agora se fixava algum tempo mais em Portugal. Então, durante um momento, acabando os charutos, os dois falaram de viagens. O Sr. Neto lamentava que os seus muitos deveres não lhe permitissem percorrer a Europa. Em pequeno fora esse o seu ideal; mas agora, com tantas ocupações públicas, via-se forçado a não deixar a carteira. E ali estava, sem ter visto sequer Badajoz...

— E Vossa Excelência de que gostou mais, de Paris ou de Londres?

Carlos realmente não sabia, nem se podia comparar... Duas cidades tão diferentes, duas civilizações tão originais...

— Em Londres — observou o

conselheiro — tudo carvão... Sim, dizia Carlos sorrindo, bastante carvão, sobretudo nos fogões, quando havia frio...

O Sr. Sousa Neto murmurou:

— E o frio ali deve ser sempre considerável... Clima tão ao norte!...

Esteve um momento mamando o charuto, de pálpebra cerrada. Depois, fez esta observação sagaz e profunda:

— Povo prático, povo essencialmente prático.

— Sim, bastante prático — disse vagamente Carlos, dando um passo para a sala, onde se sentiam as risadas cantantes da baronesa.

— E diga-me outra coisa — prosseguiu o Sr. Sousa Neto, com interesse, cheio de curiosidade inteligente. — Encontra-se por lá, em

Inglaterra, desta literatura amena, como entre nós, folhetinistas, poetas de pulso?...

Carlos deitou a ponta do charuto para o cinzeiro, e respondeu, com descaro:

— Não, não há disso.

— Logo vi — murmurou Sousa Neto. — Tudo gente de negócio. E penetraram na sala. Era o Ega que assim fazia rir a baronesa, sentado defronte dela, falando outra vez de Celorico, contando-lhe uma *soirée* de Celorico, com detalhes picarescos sobre as autoridades, e sobre um abade que tinha morto um homem e cantava fados sentimentais ao piano. A senhora de escarlate, no sofá ao lado, com os braços caídos no regaço, pasmava para aquela veia do Ega como para as destrezas de um palhaço. D.

Maria, junto da mesa, folheava com o seu ar cansado uma *Ilustração*; e vendo que Carlos ao entrar procurara com o olhar a condessa, chamou-o, disse-lhe baixo que ela fora dentro ver Charlie, o pequeno...

— É verdade — perguntou Carlos, sentando-se ao lado dela — que é feito dele, desse lindo Charlie?

— Diz que tem estado hoje constipado, e um pouco murcho...

— A Sr. a D. Maria também me parece hoje um pouco murcha.

— É do tempo. Eu já estou na idade em que o bom humor ou o aborrecimento vêm só das influências do tempo... Na sua idade vêm de outras coisas. E a propósito de outras coisas: então a Cohen também chegou?

— Chegou — disse Carlos — mas

não *também*. O *também* implica combinação... E a Cohen e o Ega chegaram realmente ambos por acaso... De resto isso é história antiga, é como os amores de Helena e de Páris.

Nesse instante a condessa voltava de dentro, um pouco afogueada, e trazendo aberto um grande leque negro. Sem se sentar, falando sobretudo para a mulher do Sr. Sousa Neto, queixou-se logo de não ter achado Charlie bem... Estava tão quente, tão inquieto... Tinha quase medo que fosse sarampo. E voltando-se vivamente para Carlos, com um sorriso:

— Eu estou com vergonha... Mas se o Sr. Carlos da Maia quisesse ter o incómodo de o vir ver um instante... É odioso, realmente, pedir-lhe logo depois de jantar para examinar um doente...

— Oh! senhora condessa! — exclamou ele, já de pé. Seguiu-a. Numa saleta, ao lado, o conde e o Sr. Sousa Neto, enterrados num sofá, conversavam fumando.

— Levo o Sr. Carlos da Maia para ver o pequeno...

O conde erguera-se um pouco do sofá, sem compreender bem. Já ela passara. Carlos seguiu em silêncio a sua longa cauda de seda preta através do bilhar, deserto, com o gás aceso, ornado de quatro retratos de damas, da família dos Gouvarinhos, empoadas e sorumbáticas. Ao lado, por trás de um pesado reposteiro de fazenda verde, era um gabinete, com uma velha poltrona, alguns livros numa estante envidraçada, e uma escrivaninha onde pousava um

candeeiro sob o *abat-jour* de renda cor-de-rosa. E aí, bruscamente, ela parou, atirou os braços ao pescoço de Carlos, os seus lábios prenderam-se aos dele num beijo sôfrego, penetrante, completo, findando num soluço de desmaio... Ele sentia aquele lindo corpo estremecer, escorregar-lhe entre os braços, sobre os joelhos sem força.

— Amanhã, em casa da titi, às onze — murmurou ela quando pôde falar.

— Pois sim.

Desprendida dele, a condessa ficou um momento com as mãos sobre os olhos, deixando desvanecer aquela lânguida vertigem que a fizera cor de cera. Depois, cansada e sorrindo:

— Que doida que eu sou... Vamos ver Charlie.

O quarto do pequeno era ao fundo do corredor. E aí, numa caminha de ferro, junto do leito maior da criada, Charlie dormia, sereno, fresco, com um bracinho caído para o lado, os seus lindos caracóis loiros espalhados no travesseiro como uma auréola de anjo. Carlos tocou-lhe apenas no pulso; e a criada escocesa, que trouxera uma luz de sobre a cómoda, disse, sorrindo tranquilamente:

— O menino neste últimos dias tem andado muitíssimo bem... Voltaram. No gabinete, antes de penetrar no bilhar, a condessa, já com a mão no reposteiro, estendeu ainda a Carlos os seus lábios insaciáveis. Ele colheu um rápido beijo. E, ao passar na antecâmara, onde Sousa Neto e o conde continuavam enfronhados numa conversa grave, ela disse ao

marido:

— O pequeno está a dormir... O Sr. Carlos da Maia achou-o bem.

O conde de Gouvarinho bateu no ombro de Carlos, carinhosamente. E durante um momento a condessa ficou ali conversando, de pé, a deixar-se serenar, pouco a pouco, naquela penumbra favorável, antes de afrontar a luz forte da sala. Depois, por se falar em higiene, convidou o Sr. Sousa Neto para uma partida de bilhar; mas o Sr. Neto, desde Coimbra, desde a Universidade, não pegara num taco. E ia-se chamar o Ega quando apareceu Teles da Gama, que chegava do Price. Logo atrás dele entrou o conde de Steinbroken. Então o resto da noite passou-se no salão, em redor do piano. O ministro cantou melodias da

Finlândia. Teles da Gama tocou *fados*.

Carlos e Ega foram os derradeiros a sair, depois de um *brandy and soda*, de que a condessa partilhou, como inglesa forte. E em baixo, no pátio, acabando de abotoar o paletó, Carlos pôde enfim soltar a pergunta que lhe faiscara nos lábios toda a noite:

— Ó Ega, quem é aquele homem, aquele Sousa Neto, que quis saber se em Inglaterra havia também literatura?

Ega olhou-o com espanto:

— Pois não adivinhaste? Não deduziste logo? Não viste imediatamente quem neste país é capaz de fazer essa pergunta?

— Não sei... Há tanta gente capaz...

E o Ega radiante:

— Oficial superior de uma grande repartição do Estado!

— De qual?

— Ora de qual! De qual há-ser?... Da Instrução Pública! Na tarde seguinte, às cinco horas, Carlos, que se demorara de mais em casa da titi com a condessa, retido pelos seus beijos intermináveis, fez voar o *coupé* até à Rua de S. Francisco, olhando a cada momento o relógio, num receio de que Maria Eduarda tivesse saído por aquele lindo dia de verão, luminoso e sem calor. Com efeito, à porta dela estava a carruagem da Companhia; e Carlos galgou as escadas, desesperado com a condessa, sobretudo consigo mesmo, tão fraco, tão passivo, que assim se deixara retomar por aqueles braços exigentes, cada vez mais pesados, e já

incapazes de o comover...

— A senhora chegou agora mesmo — disse-lhe o Domingos, que voltara da terra havia três dias, e ainda não cessara de lhe sorrir. Sentada no sofá, de chapéu, tirando as luvas, ela acolheu-o com uma doce cor no rosto, e uma carinhosa repreensão:

— Estive à espera mais de meia hora antes de sair... É uma ingratidão! Imaginei que nos tinha abandonado!

— Porquê? Está pior, Miss Sara?

Ela olhou-o, risonhamente escandalizada. Ora, Miss Sara! Miss Sara ia seguindo perfeitamente na sua convalescença... Mas agora já não eram as visitas de médico que se esperavam, eram as de amigo; e essa tinha-lhe faltado.

Carlos, sem responder,

perturbado, voltou-se para Rosa, que folheava junto da mesa um livro novo de estampas; e a ternura, a gratidão infinita do seu coração, que não ousava mostrar à mãe, pô-la toda na longa carícia em que envolveu a filha.

— São histórias que a mamã agora comprou — dizia Rosa, séria e presa ao seu livro. — Hei-de-tas contar depois... São histórias de bichos.

Maria Eduarda erguera-se desapertando lentamente as fitas do chapéu.

— Quer tomar uma chávena de chá connosco, Sr. Carlos da Maia? Eu vinha morrendo por uma chávena de chá... Que lindo dia, não é verdade? Rosa, fica tu a contar o nosso passeio enquanto eu vou tirar o chapéu...

Carlos, só com Rosa, sentou-se junto dela, desviando-a do livro, tomando-lhe ambas as mãos.

— Fomos ao passeio da Estrela — dizia a pequena. — Mas a mamã não se queria demorar, porque tu podias ter vindo!

Carlos beijou, uma depois da outra, as mãozinhas de Rosa.

— E então que fizeste no Passeio? — perguntou ele, depois de um leve suspiro de felicidade que lhe fugira do peito.

— Andei a correr, havia uns patinhos novos...

— Bonitos?...

A pequena encolheu os ombros:

— Chinfrinzitos.

Chinfrinzitos! Quem lhe tinha

ensinado a dizer uma coisa tão feia? Rosa sorriu. Fora o Domingos. E o Domingos dizia ainda outras coisas assim, engraçadas... Dizia que a Melanie era uma *gaja*... O Domingos tinha muita graça.

Então Carlos advertiu-a que uma menina bonita, com tão bonitos vestidos, não devia dizer aquelas palavras... Assim falava a gente rota.

— O Domingos não anda roto — disse Rosa muito séria . E subitamente, com outra ideia, bateu as palmas, pulou-lhe entre os joelhos, radiante:

— E trouxe-me uns grilos da praça! O Domingos trouxe-me uns grilos... Se tu soubesses! *Niniche* tem medo dos grilos! Parece incrível, hem? Eu nunca vi ninguém mais medrosa...

Esteve um momento a olhar

Carlos, e acrescentou, com um ar grave:

— É a mamã que lhe dá tanto mimo. É uma pena!

Maria Eduarda entrava, ajeitando ainda de leve o ondeado do cabelo: e, ouvindo assim falar de mimo, quis saber quem é que ela estragava com mimo... *Niniche*? Pobre *Niniche*, coitada, ainda essa manhã fora castigada!

Então Rosa rompeu a rir, batendo outra vez as mãos.

— Sabes como a mamã a castiga? — exclamava ela, puxando a manga de Carlos. — Sabes?... Faz-lhe voz grossa... Diz-lhe em inglês: «*Bad dog! Dreadful dog!*» Era encantadora assim, imitando a voz severa da mamã, com o dedinho erguido, a ameaçar *Niniche*. A pobre *Niniche*, imaginando com efeito que

a estavam a repreender, arrastou-se, vexada, para debaixo do sofá. E foi necessário que Rosa a tranquilizasse, de joelhos sobre a pele de tigre, jurando-lhe, por entre abraços, que ela nem era mau cão, nem feio cão; fora só para contar como fazia a mamã...

— Vai-lhe dar água, que ela deve estar com sede — disse então Maria Eduarda, indo sentar-se na sua cadeira escarlate. — E diz ao Domingos que nos traga o chá.

Rosa e *Niniche* partiram correndo. Carlos veio ocupar, junto da janela, a costumada poltrona de repes. Mas pela primeira vez, desde a sua intimidade, houve entre eles um silêncio difícil. Depois ela queixou-se de calor, desenrolando distraidamente o bordado; e

Carlos permanecia mudo, como se para ele, nesse dia, apenas houvesse encanto, apenas houvesse significação numa certa palavra de que os seus lábios estavam cheios e que não ousavam murmurar, que quase receava que fosse adivinhada, apesar de ela sufocar o seu coração.

— Parece que nunca se acaba, esse bordado! — disse ele por fim, impaciente de a ver, tão serena, a ocupar-se das suas lãs. Com a talagarça desdobrada sobre os joelhos, ela respondeu, sem erguer os olhos:

— E para que se há de acabar? O grande prazer é andá-lo a fazer, pois não acha? Uma malha hoje, outra malha amanhã, torna-se assim uma companhia... Para que se há de querer chegar logo ao fim das coisas?

Uma sombra passou no rosto de Carlos. Nestas palavras, ditas de leve acerca do bordado, ele sentia uma desanimadora alusão ao seu amor — esse amor que lhe fora enchendo o coração à maneira que a lã cobria aquela talagarça, e que era obra simultânea das mesmas brancas mãos. Queria ela pois conservá-lo ali, arrastado como o bordado, sempre acrescentado e sempre incompleto, guardado também no cesto da costura, para ser o desafogo da sua solidão? Disse-lhe então, comovido:

— Não é assim. Há coisas que só existem quando se completam, e que só então dão a felicidade que se procurava nelas.

— É muito complicado isso — murmurou ela, corando. — É muito

subtil...

— Quer que lho diga mais claramente?

— Nesse instante Domingos, erguendo o reposteiro, anunciou que estava ali o Sr. Dâmaso...

Maria Eduarda teve um movimento brusco de impaciência:

— Diga que não recebo!

Fora, no silêncio, sentiram bater a porta. E Carlos ficou inquieto, lembrando-se que o Dâmaso devia ter visto, em baixo, passeando na rua, o seu *coupé*. Santo Deus! O que ele iria tagarelar agora, com os seus pequeninos rancores, assim humilhado! Quase lhe pareceu nesse instante a existência do Dâmaso incompatível com a tranquilidade do seu amor.

— Aí está outro inconveniente desta casa — dizia no entanto Maria Eduarda. — Aqui ao lado desse Grémio, a dois passos do Chiado, é demasidamente acessível aos importunos. Tenho agora de repelir quase todos os dias este assalto à minha porta! É intolerável. E com uma súbita ideia, atirando o bordado para o açafate, cruzando as mãos sobre os joelhos:

— Diga-me uma coisa que lhe tenho querido perguntar... Não me seria possível arranjar por aí uma casinhola, um *cottage*, onde eu fosse passar os meses de verão?... Era tão bom para a pequena! Mas não conheço ninguém, não sei a quem me hei de dirigir... Carlos lembrou-se logo da bonita casa do Craft, nos Olivais — como já noutra ocasião em

que ela mostrara desejos de ir para o campo. Justamente, nesses últimos tempos Craft voltara a falar, e mais decidido, no antigo plano de vender a quinta, e desfazer-se das suas coleções. Que deliciosa vivenda para ela, artística e campestre, condizendo tão bem com os seus gostos! Uma tentação atravessou-lhe, irresistível.

— Eu sei com efeito de uma casa... E tão bem situada, que lhe convinha tanto!...

— Que se aluga?

Carlos não hesitou:

— Sim, é possível arranjar-se...

— Isso era um encanto!

Ela tinha dito — «era um encanto». E isto decidiu-o logo, parecendo-lhe desamorável e mesquinho

o ter-lhe sugerido uma esperança, e não lha realizar com fervor.

O Domingos entrara com o tabuleiro do chá. E enquanto o colocava sobre uma pequena mesa, defronte de Maria Eduarda, ao pé da janela, Carlos, erguendo-se, dando alguns passos pela sala, pensava em começar imediatamente negociações com o Craft, comprar-lhe as coleções, alugar-lhe a casa por um ano, e oferecê-la a Maria Eduarda para os meses de verão. E não considerava, nesse instante, nem as dificuldades, nem o dinheiro. Via só a alegria dela passeando com a pequena entre as belas árvores do jardim. E como Maria Eduarda deveria ser mais grandemente formosa no meio desses móveis da Renascença, severos e nobres!

— Muito açúcar? — perguntou ela.

— Não... Perfeitamente, basta.

Viera sentar-se na sua velha poltrona; e, recebendo a chávena de porcelana ordinária com um filetezinho azul, recordava o magnífico serviço que tinha o Craft, de velho Wedgewood, oiro e cor de fogo. Pobre senhora! Tão delicada, e ali enterrada entre aqueles repes, maculando a graça das suas mãos nas coisas reles da mãe Cruges!

— E onde é essa casa? — perguntou Maria Eduarda.

— Nos Olivais, muito perto daqui, vai-se lá numa hora de carruagem...

Explicou-lhe detalhadamente o sítio — acrescentando, com os olhos nela, e com um sorriso inquieto:

— Estou aqui a preparar lenha para me queimar!... Porque se for para lá instalar-se, e depois vier o calor, quem é que a torna a ver? Ela pareceu surpreendida:

— Mas que lhe custa, a si, que tem cavalos, que tem carruagens, que não tem quase nada que fazer?...

Assim ela achava natural que ele continuasse nos Olivais as suas visitas de Lisboa! E pareceu-lhe logo impossível renunciar ao encanto desta intimidade, tão largamente oferecida, e decerto mais doce na solidão de aldeia. Quando acabou a sua chávena de chá — era como se a casa, os móveis, as árvores fossem já seus, fossem já dela. E teve ali um momento delicioso, descrevendo-lhe a quietação da quinta, a entrada por uma rua de acácias, e

a beleza da sala de jantar com duas janelas abrindo sobre o rio...

Ela escutava-o, encantada:

— Oh! isso era o meu sonho! Vou ficar agora toda alterada, cheia de esperanças... Quando poderei ter uma resposta?

Carlos olhou o relógio. Era já tarde para ir aos Olivais. Mas logo na manhã seguinte, cedo, ia falar com o dono da casa, seu amigo...

— Quanto incómodo por minha causa! — disse ela. — Realmente! como lhe hei de eu agradecer?...

Calou-se; mas os seus belos olhos ficaram um instante pousados nos de Carlos, como esquecidos, e deixando fugir irresistivelmente um pouco do segredo que ela retinha no seu coração.

Ele murmurou:

— Por mais que eu fizesse, ficaria bem pago de tudo se me olhasse outra vez assim.

Uma onda de sangue cobriu toda a face de Maria Eduarda.

— Não diga isso...

— E que necessidade há que eu lho diga? Pois não sabe perfeitamente que a adoro, que a adoro, que a adoro!

Ela ergueu-se bruscamente, ele também — e assim ficaram, mudos, cheios de ansiedade, traspassando-se com os olhos, como se se tivesse feito uma grande alteração no Universo, e eles esperassem, suspensos, o desfecho supremo dos seus destinos... E foi ela que falou a custo, quase desfalecida, estendendo para ele, como se o quisesse

afastar, as mãos inquietas e trémulas:

— Escute! Sabe bem o que o que eu sinto por si, mas escute... Antes que seja tarde, há uma coisa que lhe quero dizer... Carlos via-a assim tremer, via-a toda pálida... E nem a escutara, nem a compreendera. Sentia apenas, num deslumbramento, que o amor comprimido até aí no seu coração irrompera por fim, triunfante, e embatendo no coração dela, através do aparente mármore do seu peito, fizera de lá ressaltar uma chama igual... Só via que ela tremia, só via que ela o amava... E, com a gravidade forte de um ato de posse, tomou-lhe lentamente as mãos, que ela lhe abandonou submissa de repente, já sem força, e vencida. E beijava-lhas ora uma, ora outra, e as palmas, e os dedos, devagar, murmurando

apenas:

— Meu amor! meu amor! meu amor!

Maria Eduarda caíra pouco a pouco sobre a cadeira; e, sem retirar as mãos, erguendo para ele os olhos cheios de paixão, enevoados de lágrimas, balbuciou ainda, debilmente, numa derradeira suplicação:

— Há uma coisa que eu lhe queria dizer!...

Carlos estava já ajoelhado aos seus pés.

— Eu sei o que é! — exclamou, ardentemente, junto do rosto dela, sem a deixar falar mais, certo de que adivinhara o seu pensamento. — Escusa de dizer, sei perfeitamente. É o que eu tenho pensado tantas vezes! É que um amor como o nosso

não pode viver nas condições em que vivem outros amores vulgares... É que desde que eu lhe digo que a amo, é como se lhe pedisse para ser minha esposa diante de Deus...

Ela recuava o rosto, olhando-o angustiosamente e como se não compreendesse. E Carlos continuava mais baixo, com as mãos dela presas, penetrando-a toda da emoção que o fazia tremer:

— Sempre que pensava em si, era já com esta esperança de uma existência toda nossa, longe daqui, longe de todos, tendo quebrado todos os laços presentes, pondo a nossa paixão acima de todas as ficções humanas, indo ser felizes para algum canto do mundo, solitariamente e para sempre... Levamos Rosa, está claro,

sei que se não pode separar dela... E assim viveríamos sós, todos três, num encanto!

— Meu Deus! Fugirmos? — murmurou ela, assombrada. Carlos erguera-se.

— E que podemos fazer? Que outra coisa podemos nós fazer, digna do nosso amor?

Maria não respondeu, imóvel, a face erguida para ele, branca de cera. E pouco a pouco uma ideia parecia surgir nela, inesperada e perturbadora, revolvendo todo o seu ser. Os seus olhos alargavam-se, ansiosos e refulgentes.

Carlos ia falar-lhe... Um leve rumor de passos na esteira da sala deteve-o. Era o Domingos que vinha recolher a bandeja do chá: e durante um momento,

quase interminável, houve entre aqueles dois seres, sacudidos por um ardente vendaval de paixão, a caseira passagem de um criado arrumando chávenas vazias. Maria Eduarda, bruscamente, refugiou-se detrás das bambinelas de cretone com o rosto contra a vidraça. Carlos foi sentar-se no sofá, a folhear ao acaso uma *Ilustração*, que lhe tremia nas mãos. E não pensava em nada, nem sabia onde estava... Assim na véspera, havia ainda instantes, conversando com ela, dizia cerimoniosamente: «Minha cara senhora...» Depois houvera um olhar; e agora deviam fugir ambos, e ela tornara-se o cuidado supremo da sua vida, a esposa secreta do seu coração.

— Vossa Excelência quer mais alguma coisa? — perguntou o Domingos.

Maria Eduarda respondeu sem se voltar:

— Não.

O Domingos saiu, a porta ficou cerrada. Ela então atravessou a sala, veio para Carlos, que a esperava no sofá, com os braços estendidos. E era como se obedecesse só ao impulso da sua ternura, calmadas já todas as incertezas. Mas hesitou de novo diante daquela paixão, tão pronta a apoderar-se de todo o seu ser, e murmurou, quase triste:

— Mas conhece-me tão pouco!... Conhece-me tão pouco, para irmos assim ambos, quebrando por tudo, criar um destino que é irreparável...

Carlos tomou-lhe as mãos, fazendo-a sentar ao seu lado, brandamente:

— O bastante para a adorar acima de tudo, e sem querer mais nada na vida!

Um instante Maria Eduarda ficou pensativa, como recolhida no fundo do seu coração, escutando-lhe as derradeiras agitações. Depois soltou um longo suspiro.

— Pois seja assim! Seja assim... Havia uma coisa que eu lhe queria dizer, mas não importa... É melhor assim!...

E que outra coisa podiam fazer? — perguntava Carlos, radiante. Era a única solução digna, séria... E nada os podia embaraçar; amavam-se, confiavam absolutamente um no outro; ele era rico, o mundo era largo...

E ela repetia, mais firme agora, já decidida, e como se aquela resolução a cada momento se cravasse mais fundo na

sua alma, penetrando-a toda e para sempre:

— Pois seja assim! É melhor assim!

Um momento ficaram calados, olhando-se arrebatadamente.

— Diz-me ao menos que és feliz — murmurou Carlos. Ela lançou-lhe os braços ao pescoço: e os seus lábios uniram-se num beijo profundo, infinito, quase imaterial pelo seu êxtase. Depois Maria Eduarda descerrou lentamente as pálpebras, e disse-lhe, muito baixo:

— Adeus, deixa-me só, vai.

Ele tomou o chapéu, e saiu.

No dia seguinte Craft, que havia uma semana não ia ao *Ramalhete*, passeava na quinta antes do almoço — quando apareceu Carlos. Apertaram as

mãos, falaram um instante do Ega, da chegada dos Cohens. Depois, Carlos, fazendo um gesto largo que abrangia a quinta, a casa, todo o horizonte, perguntou rindo:

— Você quer-me vender tudo isto, Craft?

O outro respondeu, sem pestanejar, e com as mãos nas algibeiras:

— A la disposición de usted...

E ali mesmo concluíram a negociação, passeando numa ruazinha de buxo por entre os gerânios em flor.

Craft cedia a Carlos todos os seus móveis antigos e modernos por duas mil e quinhentas libras, pagas em prestações: só reservava algumas raras peças do tempo de Luís XV, que deviam fazer parte dessa nova coleção que planeava, homogénea, e

toda do século XVIII. E como Carlos não tinha no *Ramalhete* lugar para este vasto bricabraque, Craft alugava-lhe por um ano a casa dos Olivais, com a quinta.

Depois foram almoçar. Carlos nem por um momento pensou na larga despesa que fazia, só para oferecer uma residência de verão, por dois curtos meses, a quem se contentaria com um simples*cottage*, entre árvores de quintal. Pelo contrário! Quando repercorreu as salas do Craft, já com olhos de dono, achou tudo mesquinho, pensou em obras, em retoques de gosto.

Com que alegria, ao deixar os Olivais, correu à Rua de S. Francisco, anunciar a Maria Eduarda que lhe arranjara enfim definitivamente uma linda casa no campo! Rosa, que da varanda o

vira apear-se, veio ao seu encontro ao patamar: ele ergueu-a nos braços, entrou assim na sala, com ela ao colo, em triunfo. E não se conteve; foi à pequena que deu logo «a grande novidade», anunciando-lhe que ia ter duas vacas, e uma cabra, e flores, e árvores para se balouçar...

— Onde é? Dize, onde é? — exclamava Rosa, com os lindos olhos resplandecentes, e a facezinha cheia de riso.

— Daqui muito longe... Vai-se numa carruagem... Veem-se passar os barcos no rio... E entra-se por um grande portão, onde há um cão de fila.

Maria Eduarda apareceu, com *Niniche* ao colo.

— Mamã, mamã! — gritou Rosa correndo para ela, dependurando-se-lhe

do vestido. — Diz que vou ter duas cabrinhas, e um balouço... É verdade? Dize, deixa ver, onde é? Dize... E vamos já para lá?

Maria e Carlos apertaram a mão, com um longo olhar, sem uma palavra. E logo junto da mesa, com Rosa encostada aos seus joelhos, Carlos contou a sua ida aos Olivais... O dono da casa estava pronto a alugar, já, numa semana... E assim se achava ela de repente com uma vivenda pitoresca, mobilada num belo estilo, deliciosamente saudável...

Maria Eduarda parecia surpreendida, quase desconfiada.

— há de ser necessário levar roupas de cama, roupas de mesa...

— Mas há tudo! — exclamou Carlos alegremente. — Há quase tudo! É

tal qual como num conto de fadas... As luzes estão acesas, as jarras estão cheias de flores... É só tomar uma carruagem e chegar.

— Somente, é necessário saber o que esse paraíso me vai custar... Carlos fez-se vermelho. Não previra que se falasse em dinheiro — e que ela quereria decerto pagar a casa que habitasse... Então preferiu confessar-lhe tudo. Disse-lhe como o Craft, havia quase um ano, andava desejando desfazer-se das suas coleções, e alugar a quinta: o avô e ele tinham repetidamente pensado em adquirir grande parte dos móveis e das faianças, para acabar de mobilar o *Ramalhete*, e ornamentar mais Santa Olávia; e ele enfim decidira-se a fazer essa compra desde que entrevira a felicidade de lhe poder

oferecer, por alguns meses de verão, uma residência tão graciosa, e tão confortável...

— Rosa, vai lá para dentro — disse Maria Eduarda, depois de um momento de silêncio. — Miss Sara está à tua espera. Depois, olhando para Carlos, muito séria:

— De sorte que, se eu não mostrasse desejos de ir para o campo, não tinha feito essa despesa...

— Tinha feito a mesma despesa... Tinha também alugado a casa por seis meses ou por ano... Onde possuía eu agora de repente um sítio para meter as coisas do Craft? O que não fazia talvez era comprar conjuntamente roupas de cama, roupas de mesa, mobílias dos quartos dos criados, etc.

E acrescentou, rindo:

— Ora se me quiser indemnizar disso, podemos debater esse negócio...

Ela baixou os olhos, refletindo, lentamente.

— Em todo o caso o seu avô e os seus amigos devem saber daqui a dias que me vou instalar nessa casa... E devem compreender que a comprou para que eu lá me instalasse...

Carlos procurou o seu olhar, que permanecia pensativo, desviado dele. E isto inquietou-o — vê-la assim retrair-se àquela absoluta comunhão de interesses em que a queria envolver, como esposa do seu coração.

— Não aprova então o que fiz? Seja franca...

— Decerto... Como não hei de eu

aprovar tudo quanto faz, tudo quanto vem de si? Mas...

Ele acudiu, apoderando-se das suas mãos, sentindo-se triunfar:

— Não há *mas*! O avô e os meus amigos sabem que eu tenho uma casa no campo, inútil por algum tempo, e que a aluguei a uma senhora. De resto, se quiser, meteremos nisto tudo o meu procurador... Minha cara amiga, se fosse possível que a nossa afeição se passasse fora do mundo, distante de todos os olhares, ao abrigo de todas as suspeitas, seria delicioso... Mas não pode ser!... Alguém tem de saber sempre alguma coisa; quando não seja senão o cocheiro que me leva todos os dias a sua casa, quando não seja senão o criado que me abre todos os dias a sua porta... Há sempre alguém que surpreende

o encontro de dois olhares; há sempre alguém que adivinha donde se vem a certas horas... Os deuses antigamente arranjavam essas coisas melhor, tinham uma nuvem que os tornava invisíveis. Nós não somos deuses, felizmente... Ela sorriu.

— Quantas palavras para converter uma convertida!

E tudo ficou harmonizado num grande beijo.

Afonso da Maia aprovou plenamente a compra das coleções do Craft. «É um valor», disse ele ao Vilaça, «e acabamos de encher com boa arte Santa Olávia e o *Ramalhete*.» Mas o Ega indignou-se, chegou a falar em «desvario» — despeitado por essa transação secreta para que não fora consultado. O que o irritava sobretudo era ver, nesta aquisição

inesperada de uma casa de campo, outro sintoma do grave e do fundo do segredo que pressentia na vida de Carlos: e havia já duas semanas que ele habitava o *Ramalhete* e Carlos ainda não lhe fizera uma confidência!... Desde a sua ligação de rapazes em Coimbra, nos Paços de Celas, fora ele o confessor secular de Carlos; mesmo em viagem, Carlos não tinha uma aventura banal de hotel, de que não mandasse ao Ega «um relatório». O romance com a Gouvarinho, de que Carlos ao princípio tentara, frouxamente, guardar um mistério delicado, já o conhecia todo, já lera as cartas da Gouvarinho, já passara pela casa da titi... Mas do outro segredo não sabia nada — e considerava-se ultrajado. Via todas as manhãs Carlos partir para a Rua de S.

Francisco, levando flores; via-o chegar de lá, como ele dizia, «besuntado de êxtase»; via-lhe os silêncios repassados de felicidade, e esse indefinido ar, ao mesmo tempo sério e ligeiro, risonho e superior, do homem profundamente amado... E não sabia nada.

Justamente alguns dias depois, estando ambos sós, a falar de planos de verão, Carlos aludiu aos Olivais, com entusiasmo, relembrando algumas das preciosidades do Craft, o doce sossego da casa, a clara vista do Tejo... Aquilo realmente fora obter por uma mão-cheia de libras um pedaço do Paraíso...

Era à noite, no quarto de Carlos, já tarde. E o Ega, que passeava com as mãos nas algibeiras do *robe-de-chambre*, encolheu os ombros, impaciente, farto

daqueles louvores eternos à casinhola do Craft.

— Essa conceção do Paraíso — exclamou ele — parece-me de um estofador da Rua Augusta! Como Natureza, couves galegas; como decoração, os velhos cretones do gabinete, desbotados já por três barrelas... Um quarto de dormir lúgubre como uma capela de santuário... Um salão confuso como o armazém de um cara de pau, e onde não é possível conversar... A não ser o armário holandês, e um ou outro prato, tudo aquilo é um lixo arqueológico... Jesus! o que eu odeio bricabraque!

Carlos, no fundo da sua poltrona, disse tranquilamente e como refletindo:

— Com efeito, esses cretones são medonhos... Mas eu vou remobilar, tornar

aquilo habitável.

Ega estacou no meio do quarto, com o monóculo a faiscar sobre Carlos.

— Habitável? Vais ter hóspedes?

— Vou alugar.

— Vais alugar! A quem?

E o silêncio de Carlos, que soprava o fumo da *cigarette* com os olhos no teto, enfureceu o Ega. Cumprimentou quase até ao chão, disse sarcasticamente:

— Peço perdão. A pergunta foi brutal. Tive agora o ar de querer arrombar uma gaveta fechada... O aluguel de um prédio é sempre um desses delicados segredos de sentimento e de honra em que não deve roçar nem a asa da imaginação... Fui rude... Irra! Fui bestialmente rude!

Carlos continuava calado. Compreendia bem o Ega — e quase sentia

um remorso daquela sua rígida reserva. Mas era como um pudor que o enleava, lhe impedia de pronunciar sequer o nome de Maria Eduarda. Todas as suas outras aventuras as contara ao Ega; e essas confidências constituíam talvez mesmo o prazer mais sólido que elas lhe davam. Isto, porém, não era «uma aventura». Ao seu amor misturava-se alguma coisa de religioso; e, como os verdadeiros devotos, repugnava-lhe conversar sobre a sua fé... Todavia, ao mesmo tempo, sentia uma tentação de falar *dela* ao Ega, e de tornar vivas, e como visíveis aos seus próprios olhos, dando-lhes o contorno das palavras e o seu relevo, as coisas divinas e confusas que lhe enchiam o coração. Além disso, Ega não saberia tudo, mais tarde ou mais cedo, pela tagarelice

alheia? Antes lho dissesse ele, fraternalmente. Mas hesitou ainda, acendeu outra *cigarette*. Justamente o Ega tomara o seu castiçal, e começava a acendê-lo a uma serpentina, devagar e com um ar amuado.

— Não sejas tolo, não te vás deitar, senta-te aí — disse Carlos. Contou-lhe tudo miudamente, difusamente, desde o primeiro encontro, à entrada do Hotel Central, no dia do jantar ao Cohen. Ega escutava-o, sem uma palavra, enterrado no fundo do sofá. Supusera um romancezinho, desses que nascem e morrem entre um beijo e um bocejo: e agora, só pelo modo como Carlos falava daquele grande amor, ele sentia-o profundo, absorvente, eterno, e para bem ou para mal tornando-se daí por diante, e

para sempre, o seu irreparável destino. Imaginara uma brasileira polida por Paris, bonita e fútil, que tendo o marido longe, no Brasil, e um formoso rapaz ao lado, no sofá, obedecia simplesmente e alegremente à disposição das coisas: e saía-lhe uma criatura cheia de caráter, cheia de paixão, capaz de sacrifícios, capaz de heroísmos. Como sempre, diante destas coisas patéticas, murchava-lhe a veia, faltava-lhe a frase; e quando Carlos se calou, o bom Ega teve esta pergunta chocha:

— Então estás decidido a safar-te com ela?

— A *safar-me*, não; a ir viver com ela longe daqui, decididíssimo!

Ega ficou um momento a olhar para Carlos como para um fenómeno

prodigioso, e murmurou:

— É de arromba!

Mas que outra coisa podiam fazer? Daí a três meses talvez, Castro Gomes chegava do Brasil. Ora nem Carlos, nem ela, aceitariam nunca uma dessas situações atrozes e reles em que a mulher é do amante e do marido, a horas diversas... Só lhes restava uma solução digna, decente, séria — fugir.

Ega, depois de um silêncio, disse pensativamente:

— Para o marido é que não é talvez divertido perder assim, de uma vez, a mulher, a filha, e a cadelinha...

Carlos ergueu-se, deu alguns passos pelo quarto. Sim, também ele já pensara nisso... E não sentia remorsos — mesmo quando os pudesse haver no

absoluto egoísmo da paixão... Ele não conhecia intimamente Castro Gomes: mas tinha podido adivinhar o tipo, reconstruí-lo, pelo que lhe dissera o Dâmaso, e por algumas conversas com Miss Sara. Castro Gomes não era um esposo a sério: era um*dandy*, um fútil, um *gommeux*, um homem de *sport* e de *cocottes*... Casara com uma mulher bela, saciara a paixão, e recomeçara a sua vida de clube e de bastidores... Bastava olhar para ele, para a sua*toilette*, para os seus modos — e compreendia-se logo a trivialidade daquele caráter...

— Que tal é como homem? — perguntou Ega.

— Um brasileiro trigueiro, com um ar espartilhado... Um *rastaquoère*, o verdadeiro tipozinho do *Café de la Paix*...

É possível que sinta, quando isto vier a suceder, um certo ardor na vaidade ferida... Mas é um coração que se há de consolar facilmente nas *Folies Bergères*.

Ega não dizia nada. Mas pensava que um homem de clube, e mesmo consolável nas Folies Bergères, pode não se importar muito com sua mulher, mas pode todavia amar muito sua filha... Depois, atravessado por uma ideia, acrescentou:

— E teu avô?

Carlos encolheu os ombros.

— O avô tem de se afligir um pouco para eu poder ser profundamente feliz; como eu teria de ser desgraçado toda a minha vida se quisesse poupar ao avô essa contrariedade... O mundo é assim, Ega... E eu, nesse ponto, não estou

decidido a fazer sacrifícios. Ega esfregou lentamente as mãos, com os olhos no chão, repetindo a mesma palavra, a única que lhe sugeria todo o seu espírito, perante aquelas coisas veementes:

— É de arromba!

13

Carlos, que almoçara cedo, estava para sair no *coupé*, e já de chapéu — quando Batista veio dizer que o Sr. Ega, desejando falar-lhe numa coisa grave, lhe pedia para esperar um instante. O Sr. Ega ficara a fazer a barba.

Carlos pensou logo que se tratava da Cohen. Havia duas semanas que ela chegara a Lisboa, Ega ainda a não vira, e falava dela raramente. Mas Carlos sentia-o nervoso e desassossegado. Todas as manhãs o pobre Ega mostrava um desapontamento ao receber o correio, que só lhe trazia algum jornal cintado, ou cartas de Celorico. À noite percorria dois, três teatros, já quase vazios naquele

começo de verão; e ao recolher era outra desconsolação, quando os criados lhe afirmavam, com certeza, que não viera carta alguma para Sua Excelência. Decerto Ega não se resignava a perder Raquel, ansiava por a encontrar; e roía-o o despeito de que ela, de qualquer modo, lhe não tivesse mostrado que no seu coração permanecia, ao menos, a saudade das antigas felicidades... Justamente na véspera Ega aparecera à hora do jantar, transtornado: cruzara-se com o Cohen na Rua do Ouro, e parecera-lhe que «esse canalha» lhe atirara de lado um olhar atrevido, sacudindo a bengala; o Ega jurava que se «esse canalha» ousasse outra vez fitá-lo, espedaçava-o, sem piedade, publicamente, a uma esquina da Baixa. Na antecâmara o relógio bateu dez

horas. Carlos, impaciente, ia a subir ao quarto do Ega. Mas nesse instante o correio chegava, com a *Revista dos Dois Mundos*, e uma carta para Carlos. Era da Gouvarinho. Carlos acabava de a ler — quando Ega apareceu, de jaquetão, e em chinelas.

— Tenho a falar-te numa coisa grave, menino.

— Lê isto primeiro — disse o outro, passando-lhe a carta da Gouvarinho.

A Gouvarinho, num tom amargo, queixava-se que, já por duas vezes, Carlos faltara ao *rendez-vous* em casa da titi, sem lhe ter sequer escrito uma palavra; ela vira nisto uma ofensa, uma brutalidade; e vinha agora intimá-lo, «em nome de todos os sacrifícios que por ele

fizera», a que aparecesse na Rua de S. Marçal, domingo ao meio-dia, para terem uma explicação definitiva antes de ela partir para Sintra.

— Excelente ocasião de acabar! — exclamou Ega, entregando a carta a Carlos, depois de respirar o perfume do papel. — Não vás, nem respondas... Ela parte para Sintra, tu para Santa Olávia, não vos vedes mais, e assim finda o romance. Finda como todas as coisas grandes, como o Império Romano, e como o Reno, por dispersão, insensivelmente...

— É o que eu vou fazer — disse Carlos, começando a calçar as luvas. — Jesus! Que mulher maçadora!

— E que desavergonhada! Chamar a essas coisas «sacrifícios»! Arrasta-te duas vezes por semana a casa da titi,

regala-se lá de extravagâncias, bebe champanhe, fuma *cigarettes*, sobe ao sétimo céu, delira, e depois põe dolorosamente os olhos no chão, e chama a isso «sacrifícios»... Só com um chicote!...

Carlos encolheu os ombros, com resignação, como se nas condessas de Gouvarinho, e no mundo, só houvesse incoerência e dolo.

— E que é isso que tu me tinhas a dizer?

Ega então tomou um ar grave. Escolheu lentamente na caixa uma *cigarette*, abotoou devagar o jaquetão.

— Tu não tens visto o Dâmaso?

— Nunca mais me apareceu — disse Carlos. — Creio que está amuado...

Eu sempre que o encontro, aceno-lhe de longe amigavelmente com dois dedos...

— Devia ser antes com a bengala. O Dâmaso anda aí, por toda a parte, falando de ti e dessa senhora, tua amiga... A ti, chama-te *pulha*, a ela pior ainda. É a velha história; diz que te apresentou, que te meteste de dentro, e como para essa senhora é uma questão de dinheiro, e tu és o mais rico, ela lhe passou o pé... Vês daí a infamiazinha. E isto tagarelado pelo Grémio, pela Casa Havanesa, com detalhes torpes, envolvendo sempre a questão de dinheiro. Tudo isto é atroz. Trata de lhe pôr cobro.

Carlos, muito pálido, disse simplesmente:

— Há-de-se fazer justiça.

Desceu indignado. Aquela torpe

insinuação sobre «dinheiro» parecia-lhe poder ser castigada só com a morte. E um instante mesmo, com a mão no fecho da portinhola do *coupé*, pensou em correr a casa do Dâmaso, tomar um desforço brutal.

Mas eram quase onze horas, e ele tinha de ir aos Olivais. No dia seguinte, sábado, dia belo entre todos e solene para o seu coração, Maria Eduarda devia enfim visitar a quinta do Craft: e ficara combinado, na véspera, que passariam lá as horas do calor, até tarde, sós, naquela casa solitária e sem criados, escondida entre as árvores. Ele pedira-lho assim, hesitante e a tremer: ela consentira logo, sorrindo e naturalmente. Nessa manhã ele mandara aos Olivais dois criados para arejar as salas, espanejar, encher tudo de

flores. Agora ia lá, como um devoto, ver se estava bem enfeitado o sacrário da sua deusa... E era através destes deliciosos cuidados, em plena ventura, que lhe aparecia outra vez, suja e empanando o brilho do seu amor, a tagarelice do Dâmaso!

Até aos Olivais, não cessou de arruinar coisas vagas e violentas que faria para aniquilar o Dâmaso. No seu amor não haveria paz, enquanto aquele vilão o andasse comentando sordidamente pelas esquinas das ruas. Era necessário enxovalhá-lo de tal modo, com tal publicidade, que ele não ousasse mais mostrar em Lisboa a face bochechuda, a face vil... Quando o *coupé* parou à porta da quinta, Carlos decidira dar bengaladas no Dâmaso, uma tarde, no Chiado, com

aparato...

Mas depois, ao regressar da quinta, vinha já mais calmo.

Pisara a linda rua de acácias que os pés dela pisariam na manhã seguinte: dera um longo olhar ao leito que seria o leito dela, rico, alçado sobre um estrado, envolto em cortinados de brocatel cor de oiro, com um esplendor sério de altar profano... Daí a poucas horas, encontrar-se-iam sós naquela casa muda e ignorada do mundo; depois, todo o verão os seus amores viveriam escondidos nesse fresco retiro de aldeia; e daí a três meses estariam longe, na Itália, à beira de um claro lago, entre as flores de Isola Bela... No meio destas voluptuosidades magníficas, que lhe podia implorar o Dâmaso, gorducho e reles, palrando em

calão nos bilhares do Grémio! Quando chegou à Rua de S. Francisco, resolvera, se visse o Dâmaso, continuar a acenar-lhe, de leve, com a ponta dos dedos. Maria Eduarda fora passear a Belém com Rosa, deixando-lhe um bilhete, em que lhe pedia para vir à noite *faire un bout de causerie*. Carlos desceu as escadas, devagar, guardando esse bocadinho de papel na carteira, como uma doce relíquia; e saía o portão, no momento em que o Alencar desembocava defronte, da Travessa da Parreirinha, todo de preto, moroso e pensativo. Ao avistar Carlos, parou de braços abertos; depois vivamente, como recordando-se, ergueu os olhos para o primeiro andar.

Não se tinham visto desde as corridas, o poeta abraçou com efusão o

seu Carlos. E falou logo de si, copiosamente. Estivera outra vez em Sintra, em Colares com o seu velho Carvalhosa: e o que se lembrara do rico dia passado com Carlos e com o maestro em Seteais!... Sintra, uma beleza. Ele, um pouco constipado. E apesar da companhia do Carvalhosa, tão erudito e tão profundo, apesar da excelente música da mulher, da Julinha (que para ele era como uma irmã), tinha-se aborrecido. Questão de velhice...

— Com efeito — disse Carlos — pareces-me um pouco murcho... Falta-te o teu ar aureolado.

O poeta encolheu os ombros.

— O Evangelho lá o diz bem claro... Ou é a Bíblia que o diz?... Não; é S. Paulo... S. Paulo ou Santo Agostinho?... Enfim a autoridade não faz ao caso. Num

desses santos livros se afirma que este mundo é um vale de lágrimas...

— Em que a gente se ri bastante — disse Carlos alegremente. O poeta tornou a encolher os ombros. Lágrimas ou risos, que importava?... Tudo era sentir, tudo era viver! Ainda na véspera ele dissera isso mesmo em casa dos Cohens...

E de repente, estacando no meio da rua, tocando no braço de Carlos:

— E agora por falar nos Cohens, diz-me uma coisa com franqueza, meu rapaz. Eu sei que tu és íntimo do Ega, e, que diabo, ninguém lhe admira mais o talento do que eu!... Mas, realmente, tu aprovas que ele, apenas soube da chegada dos Cohens, se viesse meter em Lisboa? Depois do que houve!...

Carlos afiançou ao poeta que o

Ega só no dia mesmo da chegada, horas depois, soubera pela *Gazeta Ilustrada* a vinda dos Cohens... E de resto, se não pudessem habitar, conjuntas na mesma cidade, as pessoas entre as quais tivesse havido atritos desagradáveis, as sociedades humanas tinham de se desfazer...

Alencar não respondeu, caminhando ao lado de Carlos, com a cabeça baixa. Depois parou de novo, franzindo a testa:

— Outra coisa em que te quero falar. Houve entre ti e o Dâmaso alguma pega? Eu pergunto-te isto porque noutro dia, lá em casa dos Cohens, ele veio com uns ditos, umas insinuações... Eu declarei-lhe logo: «Dâmaso: Carlos da Maia, filho de Pedro da Maia, é como se fosse meu

irmão.» E o Dâmaso calou-se... calou-se, porque me conhece, e sabe que eu nestas coisas de lealdade e de coração sou uma fera!

Carlos disse simplesmente:

— Não, não há nada, não sei nada... Nem sequer tenho visto o Dâmaso.

— Pois é verdade — continuou Alencar tomando o braço de Carlos — lembrei-me muito de ti em Sintra. Até fiz lá uma coisita que me não saiu má, e que te dediquei... Um simples soneto, uma paisagem, um quadrozinho de Sintra ao pôr do Sol. Quis provar aí a esses da «Ideia Nova», que, sendo necessário, também por cá se sabe cinzelar o verso moderno e dar o traço realista. Ora espera aí, eu te digo, se me lembrar. A coisa chama-se: *Na Estrada dos Capuchos*...

Tinham parado à esquina do Seixas; e o poeta tossira já de leve, antes de recitar — quando justamente lhe apareceu o Ega, vindo de baixo, vestido de campo, com uma bela rosa branca no jaquetão de flanela azul.

Alencar e ele não se encontravam desde a fatal *soirée* dos Cohens. E ao passo que o Ega conservava um ressentimento feroz contra o poeta, vendo nele o inventor dessa pérfida lenda da «carta obscena» — Alencar odiava-o pela certeza secreta de que ele fora o amante amado da sua divina Raquel. Ambos se fizeram pálidos; o aperto de mão que deram foi incerto e regelado; e ficaram calados, todos três, enquanto Ega, nervoso, levava uma eternidade a acender o charuto no lume de Carlos. Mas foi ele

que falou, por entre uma fumaça, afetando uma superioridade amável:

— Acho-te com boa cor, Alencar!

O poeta foi amável também, um pouco de alto, passando os dedos no bigode:

— Vai-se andando. E tu que fazes? Quando nos dás essas *Memórias*, homem?

— Estou à espera que o país aprenda a ler.

— Tens que esperar! Pede ao teu amigo Gouvarinho que apresse isso, ele ocupa-se da Instrução pública... Olha, ali o tens tu, grave e oco como uma coluna do *Diário do Governo*...

O poeta apontava com a bengala para o outro lado da rua, por onde o Gouvarinho descia, muito devagar, a conversar com o Cohen; e ao lado deles,

de chapéu branco, de colete branco, o Dâmaso deitava olhares pelo Chiado, risonho, ovante, barrigudo, como um conquistador nos seus domínios. Já aquele arzinho gordo de tranquilo triunfo irritou Carlos. Mas quando o Dâmaso parou defronte, no outro passeio, todo de costas para ele, ostentando rir alto com o Gouvarinho, não se conteve, atravessou a rua.

Foi breve, e foi cruel: sacudiu a mão do Gouvarinho, saudou de leve o Cohen: e sem baixar a voz, disse ao Dâmaso friamante:

— Ouve lá. Se continuas a falar de mim e de pessoas das minhas relações do modo como tens falado, e que não me convém, arranco-te as orelhas.

O conde acudiu, metendo-se entre

eles:

— Maia, por quem é! Aqui no Chiado...

— Não é nada, Gouvarinho — disse Carlos detendo-o, muito sério e muito sereno. — É apenas um aviso a este imbecil.

— Eu não quero questões, eu não quero questões!... — balbuciou o Dâmaso, lívido, enfiando para dentro de uma tabacaria. E Carlos voltou, com sossego, para junto dos seus amigos, depois de ter saudado o Cohen e sacudir a mão ao Gouvarinho. Vinha apenas um pouco pálido: mais perturbado estava o Ega, que julgara ver de novo, num olhar do Cohen, uma provocação intolerável. Só o Alencar não reparara em nada: continuava a discursar sobre coisas literárias,

explicando ao Ega as concessões que se podiam fazer ao naturalismo...

— Fiquei aqui a dizer ao Ega... É evidente que, quando se trata de paisagem, é necessário copiar a realidade... Não se pode descrever um castanheiro *a priori*, como se descreveria uma alma... E lá isso faço eu... Aí está esse soneto de Sintra que eu te dediquei, Carlos. É realista, está claro que é realista... Pudera, se é paisagem! Ora, eu vo-lo digo... Ia justamente dizê-lo, quando tu apareceste, Ega... Mas vejam lá vocês se isto os maça...

Qual maçava! E até, para o escutarem melhor, penetraram na Rua de S. Francisco, mais silenciosa. Aí, dando um passo lento, depois outro, o poeta murmurou a sua écloga. Era em Sintra, ao

pôr do Sol: uma inglesa, de cabelos soltos, toda de branco, desce num burrinho por uma vereda que domina um vale; as aves cantam de leve, há borboletas em torno das madressilvas; então a inglesa para, deixa o burrinho, olha enlevada o céu, os arvoredos, a paz das casas — e aí, no último terceto, vinha «a nota realista» de que se ufanava o Alencar:

Ela olha a flor dormente, a nuvem casta,
Enquanto o fumo dos casais se eleva
E ao lado, o burro, pensativo, pasta.

— Aí têm vocês o traço, a nota naturalista... *E ao lado, o burro, pensativo, pasta*... Eis aí a realidade, está-se a ver o burro pensativo... Não há nada mais pensativo que um burro... E são estas pequeninas coisas da Natureza que é

necessário observar... Já veem vocês que se pode fazer realismo, e do bom, sem vir logo com obscenidades... Vocês que lhes parece o sonetito?

Ambos o elogiaram profundamente — Carlos arrependido de não ter completado a humilhação do Dâmaso dando-lhe bengaladas; Ega pensando que, decerto, numa dessas tardes, no Chiado, teria de esbofetear o Cohen. Como eles recolhiam ao *Ramalhete*, Alencar, já desanuviado, foi acompanhá-los pelo Aterro. E falou sempre, contando o plano de um romance histórico, em que ele queria pintar a grande figura de Afonso de Albuquerque, mas por um lado mais humano, mais íntimo: Afonso de Albuquerque namorado: Afonso de Albuquerque, só, de noite, na popa do seu

galeão, diante de Ormuz incendiada, beijando uma flor seca, entre soluços. Alencar achava isto sublime.

Depois de jantar, Carlos vestia-se para ir à Rua de S. Francisco — quando o Batista veio dizer que o Sr. Teles da Gama lhe desejava falar com urgência. Não o querendo receber, ali, em mangas de camisa, mandou-o entrar para o gabinete escarlate e preto. E veio daí a um instante encontrar Teles da Gama admirando as belas faianças holandesas.

— Você, Maia, tem isto lindíssimo — exclamou ele logo. — Eu pelo-me por porcelanas... hei de voltar um dia destes, com mais vagar, ver tudo isto, de dia... Mas hoje venho com pressa, venho com uma missão... Você não adivinha?

Carlos não adivinhava.

E o outro, recuando um passo, com uma gravidade em que transparecia um sorriso:

— Eu venho aqui perguntar-lhe, da parte do Dâmaso, se você hoje, naquilo que lhe disse, tinha intenção de o ofender. É só isto... A minha missão é apenas esta: perguntar-lhe se você tinha intenção de o ofender.

Carlos olhou-o, muito sério.

— O quê!? Se tinha intenção de ofender o Dâmaso, quando o ameacei de lhe arrancar as orelhas? De modo nenhum: tinha só intenção de lhe arrancar as orelhas!

Teles da Gama saudou, rasgadamente:

— Foi isso mesmo o que eu respondi ao Dâmaso: que você não tinha

senão essa intenção. Em todo o caso, desde este momento, a minha missão está finda... Como você tem isto bonito!... O que é aquele prato grande, majólica?

— Não, um velho Nevers. Veja você ao pé... É Tétis conduzindo as armas de Aquiles... É esplêndido; e é muito raro... Veja você esse Delft, com as duas túlipas amarelas... — é um encanto! Teles da Gama dava um olhar lento a todas estas preciosidades, tomando o chapéu de sobre o sofá.

— Lindíssimo tudo isto!... Então só intenção de lhe arrancar as orelhas? nenhuma de o ofender?...

— Nenhuma de o ofender, toda de lhe arrancar as orelhas... Fume você um charuto.

— Não, obrigado...

— Cálice de conhaque?

— Não! abstenção total de bebidas e aguardentes...

— Adeus, meu bom Teles...

Ao outro dia, por uma radiante manhã de julho, Carlos saltava do *coupé*, com um molho de chaves, diante do portão da quinta do Craft. Maria Eduarda devia chegar às dez horas, só, na sua carruagem da Companhia. O hortelão, dispensado por dois dias, fora a Vila Franca; não havia ainda criados na casa; as janelas estavam fechadas. E pesava ali, envolvendo a estrada e a vivenda, um desses altos e graves silêncios de aldeia, em que se sente, dormente no ar, o zumbir dos moscardos. Logo depois do portão, penetrava-se numa fresca rua de acácias, onde cheirava bem. A um lado, por entre a

ramagem, aparecia o quiosque, com teto de madeira, pintado de vermelho, que fora o capricho de Craft, e que ele mobilara à japonesa. E ao fundo era a casa, caiada de novo, com janelas de peitoril, persianas verdes, e a portinha ao centro sobre três degraus, flanqueados por vasos de louça azul cheios de cravos.

Só o meter a chave devagar e com uma inútil cautela na fechadura daquela morada discreta foi para Carlos um prazer. Abriu as janelas: e a larga luz que entrava pareceu-lhe trazer uma doçura rara, e uma alegria maior que a dos outros dias, como preparada especialmente pelo bom Deus para alumiar a festa do seu coração. Correu logo à sala de jantar, a verificar se, na mesa posta para o *lunch*, se conservavam ainda viçosas as flores

que lá deixara na véspera. Depois voltou ao *coupé*, a tirar o caixote de gelo que trouxera de Lisboa, embrulhado em flanela, entre serradura. Na estrada, silenciosa por ora, ia só passando uma saloia montada na sua égua. Mas apenas acomodara o gelo — sentiu fora o ruído lento da carruagem. Veio para o gabinete forrado de cretones, que abria sobre o corredor; e ficou ali, espreitando da porta, mas escondido, por causa do cocheiro da Companhia. Daí a um instante viu-a enfim chegar, pela rua de acácias, alta e bela, vestida de preto, e com um meio véu espesso como uma máscara. Os seus pezinhos subiram os três degraus de pedra. Ele sentiu a sua voz inquieta perguntar de leve:

— *Êtes-vous là?*

Apareceu — e ficaram um instante, à porta do gabinete, apertando sofregamente as mãos, sem falar, comovidos, deslumbrados.

— Que linda manhã! — disse ela por fim, rindo e toda vermelha.

— Linda manhã, linda! — repetia Carlos, contemplando-a, enlevado.

Maria Eduarda resvalara sobre uma cadeira, junto da porta, num cansaço delicioso, deixando calmar o alvoroço do seu coração.

— É muito confortável, é encantador tudo isto — dizia ela olhando lentamente em redor os cretones do gabinete, o divã turco coberto com um tapete de Brousse, a estante envidraçada cheia de livros. — Vou ficar aqui adoravelmente...

— Mas ainda nem lhe agradeci o ter vindo — murmurou Carlos, esquecido a olhar para ela. — Ainda nem lhe beijei a mão... Maria Eduarda começou a tirar o véu, depois as luvas, falando da estrada. Achara-a longa, fatigante. Mas que lhe importava? Apenas se acomodasse naquele fresco ninho, nunca mais voltava a Lisboa! Atirou o chapéu para cima do divã — ergueu-se, toda alegre e luminosa.

— Vamos ver a casa, estou morta por ver essas maravilhas do seu amigo Craft!... É Craft que se chama? *Craft* quer dizer indústria!

— Mas ainda nem sequer lhe beijei a mão! — tornou Carlos, sorrindo e suplicante.

Ela estendeu-lhe os lábios, e ficou presa nos seus braços. E Carlos,

beijando-lhe devagar os olhos, o cabelo, dizia-lhe quanto era feliz e quanto a sentia agora mais sua entre estes velhos muros de quinta, que a separavam do resto do mundo... Ela deixava-se beijar, séria e grave:

— E é verdade isso? É realmente verdade?...

Se era verdade! Carlos teve um suspiro quase triste:

— Que lhe hei de eu responder? Tenho de lhe repetir essa coisa antiga que já Hamlet disse: que duvide de tudo, que duvide do Sol, mas que não duvide de mim...

Maria Eduarda desprendeu-se, lentamente e perturbada.

— Vamos ver a casa — disse ela.

Começaram pelo segundo andar. A

escada era escura e feia: mas os quartos em cima, alegres, esteirados de novo, forrados de papéis claros, abriam sobre o rio e sobre os campos.

— Os seus aposentos — disse Carlos — hão de ser em baixo, está visto, entre as coisas ricas... Mas Rosa e Miss Sara ficam aqui esplendidamente. Não lhe parece?

E ela percorria os quartos, devagar, examinando a acomodação dos armários, palpando a elasticidade dos colchões, atenta, cuidadosa, toda no desvelo de alojar bem a sua gente. Por vezes mesmo exigia uma alteração. E era realmente como se aquele homem que a seguia, enternecido e radiante, fosse apenas um velho senhorio.

— O quarto com as duas janelas,

ao fundo do corredor, seria o melhor para Rosa. Mas a pequena não pode dormir naquele enorme leito de pau-preto...

— Muda-se!

— Sim, pode mudar-se... E falta uma sala larga para ela brincar, às horas do calor... Se não houvesse o tabique entre os dois quartos pequenos...

— Deita-se abaixo!

Ele esfregava as mãos, encantado, pronto a refundir toda a casa; e ela não recusava nada, para conforto mais perfeito dos seus. Desceram à sala de jantar. E aí, diante da famosa chaminé de carvalho lavrado, flanqueada, à maneira de cariátides, pelas duas negras figuras de núbios, com os olhos rutilantes de cristal, Maria Eduarda começou a achar o gosto do Craft excêntrico, quase exótico...

Também Carlos não lhe dizia que Craft tivesse o gosto correto de um ateniense. Era um saxónio batido de um raio de sol meridional: mas havia muito talento na sua excentricidade...

— Oh, a vista é que é deliciosa! — exclamou ela, chegando-se à janela.

Junto do peitoril crescia um pé de margaridas, e ao lado outro de baunilha que perfumava o ar. Adiante estendia-se um tapete de relva, mal aparada, um pouco amarelada já pelo calor de julho; e entre duas grandes árvores que lhe faziam sombra, havia ali, para os vagares da sesta, um largo banco de cortiça. Um renque de arbustos cerrados parecia fechar a quinta, daquele lado, como uma sebe. Depois a colina descia, com outras quintarolas, casas que se não viam, e uma

chaminé de fábrica; e lá no fundo o rio rebrilhava, vidrado de azul, mudo e cheio de Sol, até às montanhas de além-Tejo, azuladas também, na faiscação clara do céu de verão.

— Isto é encantador! — repetia ela.

— É um paraíso! Pois não lhe dizia eu? É necessário pôr um nome a esta casa... Como se há de chamar? *Vila Marie*? Não. *Château Rose*... Também não, credo! Parece o nome de um vinho. O melhor é batizá-la definitivamente com o nome que nós lhe dávamos. Nós chamávamos-lhe a *Toca*.

Maria Eduarda achou originalíssimo o nome de *Toca*. Devia-se até pintar em letras vermelhas sobre o portão.

— Justamente, e com uma divisa de bicho — disse Carlos rindo. — Uma divisa de bicho egoísta na sua felicidade e no seu buraco: *Não me mexam*!

Mas ela parara, com um lindo riso de surpresa, diante da mesa posta, cheia de fruta, com as duas cadeiras já chegadas, e os cristais brilhando entre as flores.

— São as bodas de Canaã!

Os olhos de Carlos resplandeceram.

— São as nossas!

Maria Eduarda fez-se muito vermelha; e baixou o rosto a escolher um morango, depois a escolher uma rosa.

— Quer uma gota de champanhe? — exclamou Carlos. — Com um pouco de gelo? Nós temos gelo, temos tudo! Não

nos falta nada, nem a bênção de Deus... Uma gotinha de champanhe, vá!

Ela aceitou: beberam pelo mesmo copo; outra vez os seus lábios se encontraram, apaixonadamente.

Carlos acendeu uma *cigarette*, continuaram a percorrer a casa. A cozinha agradou-lhe muito, arranjada à inglesa, toda em azulejos. No corredor Maria Eduarda demorou-se diante de uma panóplia de tourada, com uma cabeça negra de touro, espadas e garrochas, mantos de seda vermelha, conservando nas suas pregas uma graça ligeira, e ao lado o cartaz amarelo *de la corrida*, com o nome de Lagartijo. Isto encantou-a, como um quente lampejo de festa e de sol peninsular...

Mas depois o quarto que devia ser

o seu, quando Carlos lho foi mostrar, desagradou-lhe com o seu luxo estridente e sensual. Era uma alcova recebendo a claridade de uma sala forrada de tapeçarias, onde desmaiavam, na trama de lã, os amores de Vénus e Marte: da porta de comunicação, arredondada em arco de capela, pendia uma pesada lâmpada da Renascença, de ferro forjado: e, àquela hora, batida por uma larga faixa de Sol, a alcova resplandecia como o interior de um tabernáculo profanado, convertido em retiro lascivo de serralho... Era toda forrada, paredes e teto, de um brocado amarelo, cor de botão-de-oiro; um tapete de veludo, do mesmo tom rico, fazia um pavimento de oiro vivo sobre que poderiam correr nus os pés ardentes de uma deusa amorosa — e o leito de dossel,

alçado sobre um estrado, coberto com uma colcha de cetim amarelo, bordada a flores de oiro, envolto em solenes cortinas também amarelas de velho brocatel, enchia a alcova, esplêndido e severo, e como erguido para as voluptuosidades grandiosas de uma paixão trágica do tempo de Lucrécia ou de Romeu. E era ali que o bom Craft, com um lenço de seda da Índia amarrado na cabeça, ressonava as suas sete horas, pacata e solitariamente. Mas Maria Eduarda não gostou destes amarelos excessivos.

Depois impressionou-se, ao reparar num painel antigo, defumado, ressaltando em negro do fundo de todo aquele oiro — onde apenas se distinguia uma cabeça degolada, lívida, gelada no

seu sangue, dentro de um prato de cobre. E para maior excentricidade, a um canto, de cima de uma coluna de carvalho, uma enorme coruja empalhada fixava no leito de amor, com um ar de meditação sinistra, os seus dois olhos redondos e agoirentos... Maria Eduarda achava impossível ter ali sonhos suaves.

Carlos agarrou logo na coluna e no mocho, atirou-os para um canto do corredor; e propôs-lhe mudar aqueles brocados, forrar a alcova de um cetim cor-de-rosa e risonho.

— Não, venho-me a acostumar a todos esses oiros... Somente aquele quadro, com a cabeça, e com o sangue... Jesus, que horror!

— Reparando bem — disse Carlos — creio que é o nosso velho

amigo S. João Batista.

Para desfazer essa impressão desconsolada levou-a ao salão nobre, onde Craft concentrara as suas preciosidades. Maria Eduarda, porém, ainda descontente, achou-lhe um ar atulhado e frio de museu.

— É para ver de pé, e de passagem... Não se pode ficar aqui sentado, a conversar.

— Mas esta é a matéria-prima! — exclamou Carlos. — Com isto, depois, faz-se uma sala adorável... Para que serve o nosso génio decorativo?... Olhe o armário, veja que centro! Que beleza! Enchendo quase a parede do fundo, o famoso armário, o «móvel divino» do Craft, obra de talha do tempo da Liga Hanseática, luxuoso e sombrio, tinha uma

majestade arquitetural: na base quatro guerreiros, armados como Marte, flanqueavam as portas, mostrando cada um em baixo-relevo o assalto de uma cidade ou as tendas de um acampamento; a peça superior era guardada aos quatro cantos pelos quatro evangelistas, João, Marcos, Lucas e Mateus, imagens rígidas, envolvidas nessas roupagens violentas que um vento de profecia parece agitar: depois, na cornija, erguia-se um troféu agrícola com molhos de espigas, foices, cachos de uvas e rabiças de arados; e, à sombra destas coisas de labor e fartura, dois faunos, recostados em simetria, indiferentes aos heróis e aos santos, tocavam, num desafio bucólico, a frauta de quatro tubos.

— Então, hem? — dizia Carlos.

— Que móvel! É todo um poema da Renascença, faunos e apóstolos, guerras e geórgicas... Que se pode meter dentro deste armário? Eu, se tivesse cartas suas, era aqui que eu as depositava, como num altar-mor.

Ela não respondeu, sorrindo, caminhando devagar entre essas coisas do passado, de uma beleza fria, e exalando a indefinida tristeza de um luxo morto: finos móveis da Renascença italiana, exibindo os seus palácios de mármore, com embutidos de cornalina e ágata, que punham um brilho suave, de joia, sobre a negrura dos ébanos ou o cetim das madeiras cor-de-rosa; cofres nupciais, longos como baús, onde se guardavam os presentes dos Papas e dos Príncipes, pintados a púrpura e oiro, com graças de

miniatura; contadores espanhóis empertigados, revestidos de ferro brunido e de veludo vermelho, e com interiores misteriosos, em forma de capela, cheios de nichos, de claustros de tartaruga... Aqui e além, sobre a pintura verde-escura das paredes, resplandecia uma colcha de cetim, toda recamada de flores e de aves de oiro; ou sobre um bocado de tapete do Oriente, de tons severos, com versículos do Alcorão, desdobrava-se a pastoral gentil de um minuete em Citera sobre a seda de um leque aberto...

Maria Eduarda terminou por se sentar, cansada, numa poltrona Luís XV, ampla e nobre, feita para a majestade das anquinhas, recoberta de tapeçarias de Beauvais, donde parecia exalar-se ainda um vago aroma de empoado.

Carlos triunfava, vendo a admiração de Maria. Então, ainda considerava uma extravagância aquela compra, feita num rasgo de entusiasmo?

— Não, há aqui coisas adoráveis... Nem eu sei se me atreveria a viver uma vida pacata de aldeia, no meio de todas estas raridades...

— Não diga isso — exclamava Carlos rindo — que eu pego fogo a tudo!

Mas o que lhe agradou mais foram as belas faianças, toda uma arte imortal e frágil espalhada por sobre o mármore das consoles. Uma sobretudo atraiu-a, uma esplêndida taça persa, de desenho raro, com um renque de negros ciprestes, cada um abrigando uma flor de cor viva: e aquilo fazia lembrar breves sorrisos, reaparecendo entre longas tristezas.

Depois eram as aparatosas majólicas, de tons estridentes e desencontrados, cheias de grandes personagens, Carlos V passando o Elba, Alexandre coroando Roxane; os lindos Nevers, ingénuos e sérios; os Marselhas, onde se abre voluptuosamente, como uma nudez que se mostra, uma grossa rosa vermelha; os Derby, com as suas rendas de oiro sobre o azul-ferrete de céu tropical; os Wedgewood, cor de leite e cor-de-rosa, com transparências fugitivas de concha na água...

— Só um instante mais — exclamou Carlos vendo-a outra vez sentar-se — é necessário saudar o génio tutelar da casa! Era ao centro, sobre uma larga peanha, um ídolo japonês de bronze, um deus bestial, nu, pelado, obeso, de

papeira, faceto e banhado de riso, com o ventre ovante, distendido na indigestão de todo um universo — e as duas perninhas bambas, moles e flácidas como as peles mortas de um feto. E este monstro triunfava, enganchado sobre um animal fabuloso, de pés humanos, que dobrava para a terra o pescoço submisso, mostrando no focinho e no olho oblíquo todo o surdo ressentimento da sua humilhação...

— E pensarmos — dizia Carlos — que gerações inteiras vieram ajoelhar-se diante deste ratão, rezar-lhe, beijar-lhe o umbigo, oferecer-lhe riquezas, morrer por ele...

— O amor que se tem por um monstro — disse Maria — é mais meritório, não é verdade?

— Por isso não acha talvez meritório o amor que se tem por si... Sentaram-se ao pé da janela, num divã baixo e largo, cheio de almofadas, cercado por um biombo de seda branca, que fazia entre aquele luxo do passado um fofo recanto de conforto moderno: e como ela se queixava um pouco de calor, Carlos abriu a janela. Junto do peitoril crescia também um grande pé de margaridas; adiante, num velho vaso de pedra, pousado sobre a relva, vermelhejava a flor de um cato; e dos ramos de uma nogueira caía uma fina frescura. Maria Eduarda veio encostar-se à janela, Carlos seguiu-a; e ficaram ali juntos, calados, profundamente felizes, penetrados pela doçura daquela solidão. Um pássaro cantou de leve no ramo da árvore; depois

calou-se. Ela quis saber o nome de uma povoação que branquejava ao longe, ao Sol, na colina azulada. Carlos não se lembrava. Depois, brincando, colheu uma margarida, para a interrogar: *Elle m'aime*, *un peu*, *beaucoup*... Ela arrancou-lha das mãos.

— Para que precisa perguntar às flores?

— Porque ainda não mo disse claramente, absolutamente, como eu quero que mo diga...

Abraçou-a pela cinta, sorriam um ao outro. Então Carlos, com os olhos mergulhados nos dela, disse-lhe baixinho, e implorando:

— Ainda não vimos a saleta de banho...

Maria Eduarda deixou-se levar

assim enlaçada pelo salão, depois através da sala de tapeçarias, onde Marte e Vénus se amavam entre os bosques. Os banhos eram ao lado, com um pavimento de azulejo, avivado por um velho tapete vermelho da Caramânia. Ele, tendo-a sempre abraçada, pousou-lhe no pescoço um beijo longo e lento. Ela abandonou-se mais, os seus olhos cerraram-se, pesados e vencidos. Penetraram na alcova quente e cor de oiro: Carlos, ao passar, desprendeu as cortinas do arco de capela, feitas de uma seda leve que coava para dentro uma claridade loira: e um instante ficaram imóveis, sós enfim, desatado o abraço, sem se tocarem, como suspensos e sufocados pela abundância da sua felicidade.

— Aquela horrível cabeça! —

murmurou ela.

Carlos arrancou a coberta do leito, escondeu a tela sinistra. E então todo o rumor se extinguiu, a solitária casa ficou adormecida entre as árvores, numa demorada sesta, sob a calma de julho... Os anos de Afonso da Maia foram justamente no dia seguinte, domingo. Quase todos os amigos da casa tinham jantado no *Ramalhete*; e tomara-se o café no escritório de Afonso, onde as janelas se conservavam abertas. A noite estava tépida, estrelada e sereníssima. Craft, Sequeira e o Taveira passeavam fumando no terraço. Ao canto de um sofá Cruges escutava religiosamente Steinbroken, que lhe contava, com gravidade, os progressos da música na Finlândia. E em redor de Afonso, estendido na sua velha poltrona,

de cachimbo na mão, falava-se do campo.

Ao jantar, Afonso anunciara a intenção de ir visitar, para o meado do mês, as velhas árvores de Santa Olávia; e combinara-se logo uma grande romaria de amizade às margens do Douro. Craft e Sequeira acompanhavam Afonso. O marquês prometera uma visita para agosto «na companhia melodiosa», dizia ele, do amigo Steinbroken. D. Diogo hesitava, com receio da longa jornada, da humidade da aldeia. E agora tratava-se de persuadir Ega a ir também, com Carlos — quando Carlos acabasse enfim de reunir esses materiais do seu livro, que o retinham em Lisboa «à banca do labor...». Mas o Ega resistia. O campo, dizia ele, era bom para os selvagens. O homem, à maneira que se civiliza, afasta-se da Natureza; e a

realização do progresso, o Paraíso na Terra, que pressagiam os Idealistas, concebia-o ele como uma vasta cidade ocupando totalmente o globo, toda de casas, toda de pedra, e tendo apenas aqui e além um bosquezinho sagrado de roseiras, onde se fossem colher os ramalhetes para perfumar o altar da Justiça...

— E o milho? A bela fruta? A hortaliçazinha? — perguntava Vilaça, rindo com malícia.

Imaginava então o Vilaça, replicava o outro, que daqui a séculos ainda se comeriam hortaliças? O hábito dos vegetais era um resto de rude animalidade do homem. Com os tempos, o ser civilizado e completo vinha a alimentar-se unicamente de produtos

artificiais, em frasquinhos e em pílulas, feitos nos laboratórios do Estado...

— O campo — disse então D. Diogo, passando gravemente os dedos pelos bigodes — tem certa vantagem para a sociedade, para se fazer um bonito piquenique, para uma burricada, para uma partida de *croquet*... Sem campo não há sociedade.

— Sim — rosnou Ega — como uma sala em que também há árvores ainda se admite...

Enterrado numa poltrona, fumando languidamente, Carlos sorria em silêncio. Todo o jantar estivera assim calado, sorrindo esparsamente a tudo, com um ar luminoso e de deliciosa lassidão. E então o marquês, que já duas vezes, dirigindo-se a ele, encontrara a mesma abstração

radiosa, impacientou-se:

— Homem, fale, diga alguma coisa!... Você está hoje com um ar extraordinário, um arzinho de beato que se regalou de papar o Santíssimo!

Todos em redor, com simpatia, se afirmaram em Carlos: Vilaça achava-lhe agora melhor cara, cor de alegria: D. Diogo, com um ar entendido, sentindo mulher, invejou-lhe os anos, invejou-lhe o vigor. E Afonso, reenchendo o cachimbo, olhava o neto, enternecido. Carlos ergueu-se imediatamente, fugindo àquele exame afetuoso.

— Com efeito — disse ele, espreguiçando-se de leve — tenho estado hoje lânguido e mono... É o começo do verão... Mas é necessário sacudir-me... Quer você fazer uma partida de bilhar, ó

marquês?

— Vá lá, homem. Se isso o ressuscita...

Foram. Ega seguiu-os. E apenas no corredor o marquês parando, e como recordando-se, perguntou sem rebuço ao Ega notícias dos Cohens. Tinham-se encontrado? Estava tudo acabado? Para o marquês, uma flor de lealdade, não havia segredos: Ega contou-lhe que o romance findara, e agora o Cohen, quando o cruzava, baixava prudentemente os olhos...

— Eu perguntei isto — disse o marquês — porque já vi a Cohen duas vezes...

— Onde? — foi a exclamação sôfrega do Ega.

— No Price, e sempre com o

Dâmaso. A última vez foi já esta semana. E lá estava Dâmaso, muito chegadinho, palrando muito... Depois veio sentar-se um bocado ao pé de mim, e sempre de olho nela... E ela de lá, com aquele ar de lambisgoia, de luneta nele... Não havia que duvidar, era um namoro... Aquele Cohen é um predestinado. Ega fez-se lívido, torceu nervosamente o bigode, terminou por dizer:

— O Dâmaso é muito íntimo deles... Mas talvez se atire, não duvido... São dignos um do outro.

No bilhar, enquanto os dois carambolavam preguiçosamente, ele não cessou de passear, numa agitação, trincando o charuto apagado. De repente estacou em frente do marquês, com os olhos chamejantes:

— Quando é que você a viu ultimamente no Price, essa torpe filha de Israel?

— Terça-feira, creio eu.

O Ega recomeçou a passear, sombrio.

Neste instante Batista, aparecendo à porta do bilhar, chamou Carlos em silêncio, com um leve olhar. Carlos veio, surpreendido.

— É um cocheiro de praça — murmurou Batista. — Diz que está ali uma senhora dentro de uma carruagem que lhe quer falar.

— Que senhora?

Batista encolheu os ombros. Carlos, de taco na mão, olhava para ele aterrado. Uma senhora! Era decerto Maria... Que teria sucedido, santo Deus,

para ela vir numa tipoia, às nove da noite, ao*Ramalhete*! Mandou Batista, a correr, buscar-lhe um chapéu baixo; e assim mesmo de casaca, sem paletó, desceu numa grande ansiedade. No peristilo topou com o Eusebiozinho que chegava e sacudia cuidadosamente com o lenço a poeira dos botins. Nem falou ao Eusebiozinho. Correu ao *coupé*, parado à porta particular dos seus quartos, mudo, fechado, misterioso, aterrador...

Abriu a portinhola. Do canto da velha traquitana, um vulto negro, abafado numa mantilha de renda, debruçou-se, perturbado, balbuciou:

— É só um instante! Quero-lhe falar!

Que alívio! Era a Gouvarinho! Então, na sua indignação, Carlos foi

brutal.

— Que diabo de tolice é esta? Que quer?

Ia bater com a portinhola; ela empurrou-a para fora, desesperada: e não se conteve, desabafou logo ali diante do cocheiro, que mexia tranquilamente na fivela de um tirante.

— De quem é a culpa? Para que me trata deste modo?... É só um instante, entre, tenho de lhe falar!...

Carlos saltou para dentro, furioso:

— Dá uma volta pelo Aterro — gritou ao cocheiro. — Devagar! O velho calhambeque desceu a calçada; e durante um momento, na escuridão, recuando um do outro no assento estreito, tiveram as mesmas palavras, bruscas e coléricas, através do barulho das vidraças.

— Que imprudência! Que tolice!...

— E de quem é a culpa? De quem é a culpa?

Depois, na Rampa de Santos, o *coupé* rolou mais silenciosamente no macadame. Carlos então, arrependido da sua dureza, voltou-se para ela, e com brandura, quase no tom carinhoso de outrora, repreendeu-a por aquela imprudência... Pois não era melhor ter-lhe escrito?

— Para quê? — exclamou ela. — Para não me responder? Para não fazer caso das minhas cartas, como se fossem as de um importuno a pedir-lhe uma esmola!...

Sufocava, arrancou a mantilha da cabeça. No vagaroso rolar do *coupé*, sem ruído, ao longo do rio, Carlos sentiu a

respiração dela, tumultuosa e cheia de angústia. E não dizia nada, imóvel, num infinito mal-estar, entrevendo confusamente, através do vidro embaciado, na sombra triste do rio adormecido, as mastreações vagas de faluas. A parelha parecia ir adormecendo; e as queixas dela desenrolavam-se, profundas, mordentes, repassadas de amargura.

— Peço-lhe que venha a Santa Isabel, não vem... Escrevo-lhe, não me responde... Quero ter uma explicação franca consigo, não aparece... Nada, nem um bilhete, nem uma palavra, nem um aceno... Um desprezo brutal, um desprezo grosseiro... Eu nem devia ter vindo... Mas não pude, não pude!... Quis saber o que lhe tinha feito. O que é isto? Que lhe fiz

eu?

Carlos percebia os olhos dela, faiscantes sob a névoa de lágrimas retidas, suplicando e procurando os seus. E sem coragem sequer de a fitar, murmurou, torturado:

— Realmente, minha amiga... As coisas falam bem por si, não são necessárias explicações.

— São! É necessário saber se isto é uma coisa passageira, um amuo, ou se é uma coisa definitiva, um rompimento!

Ele agitava-se no seu canto, sem achar uma maneira suave, afetuosa ainda, de lhe dizer que todo o seu desejo dela findara. Terminou por afirmar que não era um amuo. Os seus sentimentos tinham sido sempre elevados, não cairia agora na pieguice de ter um amuo...

— Então é um rompimento?...

— Não, também não... Um rompimento absoluto, para sempre, não...

— Então é um amuo? Porquê?

Carlos não respondeu. Ela, perdida, sacudiu-o pelo braço.

— Mas fale! Diga alguma coisa, santo Deus! Não seja cobarde, tenha a coragem de dizer o que é!

Sim, ela tinha razão... Era uma cobardia, era uma indignidade, continuar ali, gochemente, dissimulado na sombra, a balbuciar coisas mesquinhas. Quis ser claro, quis ser forte.

— Pois bem, aí está. Eu entendi que as nossas relações deviam ser alteradas...

E outra vez hesitou, a verdade amoleceu-lhe nos lábios, sentindo aquela

mulher ao seu lado a tremer de agonia.

— Alteradas, quero dizer... podíamos transformar um capricho apaixonado, que não podia durar, numa amizade agradável e mais nobre...

E pouco a pouco as palavras voltavam-lhe fáceis, hábeis, persuasivas, através do rumor lento das rodas. Onde os podia levar aquela ligação? Ao resultado costumado. A que um dia se descobrisse tudo, e o seu belo romance acabasse no escândalo e na vergonha; ou a que, envolvendo-os por muito tempo o segredo, ele viesse a descair na banalidade de uma união quase conjugal, sem interesse e sem requinte. De resto, era certo que, continuando a encontrarem-se, aqui, em Sintra, noutros sítios, a sociedadezinha curiosa e mexeriqueira

viria a perceber a sua afeição. E havia por acaso nada mais horroroso, para quem tem orgulho e delicadeza de alma, do que uns amores que todo o público conhece, até os cocheiros de praça? Não... O bom senso, o bom gosto mesmo, tudo indicava a necessidade de uma separação. Ela mesmo mais tarde lhe seria grata... Decerto, esta primeira interrupção de um hábito doce era desagradável, e ele estava bem longe de se sentir feliz. Fora por isso que não tivera a coragem de lhe escrever... Enfim, deviam ser fortes, e não se verem, pelo menos, durante alguns meses. Depois, pouco a pouco, o que era capricho frágil, cheio de inquietação, tornar-se-ia uma boa amizade, bem segura e bem duradoira.

Calou-se; e então, no silêncio,

sentiu que ela, caída para o canto do *coupé*, como uma coisa miserável e meio morta, encolhida no seu véu, estava chorando baixo.

Foi um momento intolerável. Ela chorava sem violência, mansamente, com um choro lento, que parecia não dever findar. E Carlos só achava esta palavra banal e desenxabida:

— Que tolice, que tolice!

Vinham rodando ao comprido das casas, por diante da fábrica do gás. Um americano passou alumiado, com senhoras vestidas de claro. Naquela noite, de verão e de estrelas, havia gente vagueando tranquilamente entre as árvores. Ela continuava a chorar. Aquele pranto triste, lento, correndo a seu lado, começou a comovê-lo; e ao mesmo tempo quase lhe

queria mal por ela não reter essas lágrimas infindáveis, que laceravam o seu coração... E ele que estava tão tranquilo, no *Ramalhete*, na sua poltrona, sorrindo a tudo, numa deliciosa lassidão!

Tomou-lhe a mão, querendo calmá-la, apiedado, e já impaciente.

— Realmente não tem razão. É absurdo... Tudo isto é para seu bem...

Ela teve enfim um movimento, enxugou os olhos, assoou-se doloridamente por entre os seus longos soluços... E de repente, num arranque de paixão, atirou-lhe os braços ao pescoço, prendendo-se a ele com desespero, esmagando-o contra o seu seio.

— Oh! meu amor, não me deixes, não me deixes! Se tu soubesses! És a única felicidade que eu tenho na vida... Eu

morro, eu mato-me!... Que te fiz eu? Ninguém sabe do nosso amor... E que soubesse! Por ti sacrifico tudo, vida, honra, tudo! tudo!... Molhava-lhe a face com o resto das suas lágrimas; e ele abandonava-se, sentindo aquele corpo sem colete, quente e como nu, subir-lhe para os joelhos, colar-se ao seu, num furor de o repossuir, com beijos sôfregos, furiosos, que o sufocavam... Subitamente a tipoia parou. E um momento ficaram assim — Carlos imóvel, ela caída sobre ele e arquejando.

Mas a tipoia não continuava. Então Carlos desprendeu um braço, desceu o vidro; e viu que estavam defronte do *Ramalhete*. O homem, obedecendo à ordem, dera a volta pelo Aterro, devagar, subira a rampa,

retrocedera à porta da casa. Durante um instante Carlos teve a tentação de descer, acabar ali bruscamente aquele longo tormento. Mas pareceu-lhe uma brutalidade. E desesperado, destestando-a, berrou ao cocheiro:

— Outra vez ao Aterro, anda sempre!...

A tipoia deu na rua estreita uma volta resignada, tornou a rolar; de novo as pedras da calçada fizeram tilintar os vidros; de novo, mais suavemente, desceram a Rampa de Santos.

Ela recomeçara os seus beijos. Mas tinham perdido a chama que um instante os fizera quase irresistíveis. Agora Carlos sentia só uma fadiga, um desejo infinito de voltar ao seu quarto, ao repouso de que ela o arrancara para o

torturar com estas recriminações, estes ardores entre lágrimas... E de repente, enquanto a condessa balbuciava, como tonta, pendurada do seu pescoço — ele viu surgir na alma, viva e resplandecente, a imagem de Maria Eduarda, tranquila àquela hora na sua sala de repes vermelho, fazendo serão, confiando nele, pensando nele, relembrando as felicidades da véspera, quando a *Toca*, cheia dos seus amores, dormia, branca entre as árvores... Teve então horror à Gouvarinho; brutalmente, sem piedade, repeliu-a para o canto do *coupé*.

— Basta! Tudo isto é absurdo... As nossas relações estão acabadas, não temos mais nada que nos dizer!

Ela ficou um instante como atordoada. Depois estremeceu, teve um

riso nervoso, repeliu-o também, freneticamente, pisando-lhe o braço.

— Pois bem! Vai, deixa-me! Vai para a outra, para a brasileira! Eu conheço-a, é uma aventureira que tem o marido arruinado, e precisa quem lhe pague as modistas!...

Ele voltou-se, com os punhos fechados, como para a espancar; e na tipoia escura, onde já havia um vago cheiro de verbena, os olhos de ambos, sem se verem, dardejavam o ódio que os enchia... Carlos bateu raivosamente no vidro. A tipoia não parou. E a Gouvarinho, do outro lado, furiosa, magoando os dedos, procurava descer a vidraça.

— É melhor que saia! — dizia ela sufocada. — Tenho horror de me achar

aqui, ao seu lado! Tenho horror! Cocheiro! cocheiro! O calhambeque parou. Carlos pulou para fora, fechou de estalo a portinhola; e sem uma palavra, sem erguer o chapéu, virou costas, abalou a grandes passadas para o *Ramalhete*, trémulo ainda, cheio de ideias de rancor, sob a paz da noite estrelada.

14

Foi num sábado que Afonso da Maia partiu para Santa Olávia. Cedo nesse mesmo dia, Maria Eduarda, que o escolhera por ser de boa estreia, instalara-se nos Olivais. E Carlos, voltando de Santa Apolónia, onde fora acompanhar o avô, com o Ega, dizia-lhe alegremente:

— Então aqui ficamos nós sós a torrar, na *cidade de mármore e de lixo*...

— Antes isso — respondeu o Ega — que andar de sapatos brancos, a cismar, por entre a poeirada de Sintra!

Mas no domingo, quando Carlos recolheu ao *Ramalhete* ao anoitecer — Batista anunciou que o Sr. Ega tinha

partido nesse momento para Sintra, levando apenas livros e umas escovas embrulhadas num jornal... O Sr. Ega tinha deixado uma carta. E tinha dito: «Batista, vou pastar.» A carta, a lápis, numa larga folha de almaço, dizia:

Assaltou-me de repente, amigo, juntamente com um horror à caliça de Lisboa, uma saudade infinita da Natureza e do verde. A porção de animalidade que ainda resta no meu ser civilizado e recivilizado precisa urgentemente de espolinhar-se na relva, beber no fio dos regatos, e dormir balançada num ramo de castanheiro. O solícito Batista que me remeta amanhã, pelo ónibus, a mala com que eu não quis sobrecarregar a tipoia do *Mulato*. Eu demoro-me apenas três ou quatro dias. O tempo de cavaquear um

bocado com o Absoluto, no alto dos *Capuchos*, e ver o que estão fazendo as miosótis junto à meiga Fonte dos Amores...» — Pedante! — rosnou Carlos, indignado com o abandono ingrato em que o deixava o Ega.

E atirando a carta:

— Batista! O Sr. Ega diz aí que lhe mandem uma caixa de charutos, dos *Imperiales*. Manda-lhe antes dos *Flor de Cuba*. Os *Imperiales* são um veneno. Esse animal nem fumar sabe!

Depois do jantar Carlos percorreu o *Figaro*, folheou um volume de Byron, bateu carambolas solitárias no bilhar, assobiou malaguenhas no terraço — e terminou por sair, sem destino, para os lados do Aterro. O *Ramalhete* entristecia-o, assim mudo, apagado, todo aberto ao

calor da noite. Mas insensivelmente, fumando, achou-se na Rua de S. Francisco. As janelas de Maria Eduarda estavam também abertas e negras. Subiu ao andar do Cruges. O menino Vitorino não estava em casa...

Amaldiçoando o Ega, entrou no Grémio. Encontrou o Taveira, de paletó ao ombro, lendo os telegramas. Não havia nada novo por essa velha Europa; apenas mais uns Niilistas enforcados; e ele Taveira ia ao Price...

— Vem tu também daí, Carlinhos! Tens lá uma mulher bonita que se mete na água com cobras e crocodilos... Eu pelo-me por estas mulheres de bichos!... Que esta é difícil, traz um *chulo*... Mas eu já lhe escrevi: e ela faz-me um bocado de olho de dentro da tina. Arrastou Carlos: e

pelo Chiado abaixo falou-lhe logo no Dâmaso. Não tornara a ver essa flor? Pois essa flor andava apregoando por toda a parte que o Maia, depois do caso do Chiado, lhe dera por um amigo explicações humildes, cobardes... Terrível, aquele Dâmaso! Tinha figura, interior e natureza de pela! Com quanto mais força se atirava ao chão, mais ele ressaltava para o ar, triunfante...

— Em todo o caso é uma rês traiçoeira, e deves ter cautela com ele...

Carlos encolheu os ombros, rindo.

— Não, não — dizia Taveira muito sério. — Eu conheço o meu Dâmaso. Quando foi da nossa pega, em casa da Lola Gorda, ele portou-se como um poltrão, mas depois ia-me atrapalhando a vida... É capaz de tudo...

Anteontem estava eu a cear no Silva, ele veio sentar-se um bocado ao pé de mim, e começou logo com umas coisas a teu respeito, umas ameaças...

— Ameaças! Que disse ele?

— Diz que te dás ares de espadachim e de valentão, mas hás de encontrar dentro em pouco quem te ensine... Que se está aí preparando um escândalo monumental... Que se não admirará de te ver brevemente com uma boa bala na cabeça...

— Uma bala?

— Assim o disse. Tu ris, mas eu é que sei... Eu, se fosse a ti, ia-me ao Dâmaso e dizia-lhe: «Damasozinho, flor, fique avisado que, de ora em diante, cada vez que me suceder uma coisa desagradável, venho aqui e parto-lhe uma

costela; tome as suas medidas...» Tinham chegado ao Price. Uma multidão de domingo, alegre e pasmada, apinhava-se até às últimas bancadas onde havia rapazes, em mangas de camisa, com litros de vinho; e eram grossas, fartas risadas, com os requebros do palhaço, rebocado de caio e vermelhão, que tocava nos pezinhos de uma *voltigeuse* e lambia os dedos, de olhos em alvo, num gosto de mel... Descansando na sela larga de xairel dourado, a criatura, magrinha e séria, com flores nas tranças, dava a volta devagar, ao passo de um cavalo branco, que mordia o freio, levado à mão por um estribeiro; e pela arena o palhaço lambão e néscio acompanhava-a, com as mãos ambas apertadas ao coração, numa súplica babosa, rebolando languidamente os

quadris dentro das vastas pantalonas, picadas de lantejoulas. Um dos escudeiros, de calça listrada de oiro, empurrava-o, num arremedo de ciúmes; e o palhaço caía, estatelado, com um estouro de nádegas, entre os risos das crianças e os ratatãs da charanga. O calor sufocava; e as fumaraças de charuto, subindo sem cessar, faziam uma névoa onde tremiam as chamas largas do gás. Carlos, incomodado, abalou.

— Espera ao menos para ver a mulher dos crocodilos! — gritou ainda o Taveira.

— Não posso, cheira mal, morro!

Mas à porta, de repente, foi detido pelos braços abertos do Alencar, que chegava — com outro sujeito, velho e alto, de barbas brancas, todo vestido de

luto. O poeta ficou pasmado de ver ali o seu Carlos. Fazia-o no seu solar de Santa Olávia! Vira até nos papéis públicos...

— Não — disse Carlos — o avô é que foi ontem... Eu não me sinto ainda em disposição de ir comunicar com a Natureza... Alencar riu, levemente afogueado, com um brilho de genebra no olho cavo. Ao lado, grave, o ancião de barbas calçava as suas luvas pretas.

— Pois eu é o contrário! — exclamava o poeta. — Estou precisado de um banho de panteísmo! A bela Natureza! O prado! O bosque!... De modo que talvez me mimoseie com Sintra, para a semana. Estão lá os Cohens, alugaram uma casita muito bonita, logo adiante do Vítor...

Os Cohens! Carlos compreendeu então a fuga do Ega e a «sua saudade do

verde».

— Ouve lá — dizia-lhe o poeta baixo, e puxando-o pela manga, para o lado. — Tu não conheces este meu amigo? Pois foi muito de teu pai, fizemos muita troça juntos... Não era nenhum personagem, era apenas um alquilador de cavalos... Mas tu sabes, cá em Portugal, sobretudo nesses tempos, havia muita bonomia, o fidalgo dava-se com o arrieiro... Mas, que diabo, tu deves conhecê-lo! É o tio do Dâmaso! Carlos não se recordava.

— O Guimarães, o que está em Paris!

— Ah, o comunista!

— Sim, muito republicano, homem de ideias humanitárias, amigo do Gambetta, escreve no *Rappel*... Homem

interessante!... Veio aí por causa de umas terras que herdou do irmão, dessoutro tio do Dâmaso que morreu há meses... E demora-se, creio eu... Pois jantámos hoje juntos, beberam-se uns líquidos, e até estivemos a falar do teu pai... Queres tu que eu to apresente?

Carlos hesitou. Seria melhor noutra ocasião mais íntima, quando pudessem fumar um charuto tranquilo, e conversar do passado...

— Valeu! hás de gostar dele. Conhece muito Victor Hugo, detesta a padraria... Espírito largo, espírito muito largo! O poeta sacudiu ardentemente as duas mãos de Carlos. O Sr. Guimarães ergueu de leve o seu chapéu, carregado de crepe. Todo o caminho, até ao *Ramalhete*, Carlos foi pensando em seu pai e nesse

passado, assim rememorado e estranhamente ressurgido pela presença daquele patriarca, antigo alquilador, que fizera com ele tantas troças! E isto trazia conjuntamente outra ideia, que nesses últimos dias já o atravessara, pertinaz e torturante, dando-lhe, no meio da sua radiante felicidade, um sombrio arrepio de dor... Carlos pensava no avô.

Estava agora decidido que Maria Eduarda e ele partiriam para Itália, nos fins de outubro. Castro Gomes, na sua última carta do Brasil, seca e pretensiosa, falava «em aparecer por Lisboa, com as elegâncias do frio, lá para meado de novembro»; — e era necessário antes disso que estivessem já longe, entre as verduras de Isola Bela, escondidos no seu amor e separados por ele do mundo como

pelos muros de um claustro. Tudo isto era fácil, considerado quase legítimo pelo seu coração, e enchia a sua vida de esplendor... Somente havia nisto um espinho — o avô!

Sim, o avô! Ele partia com Maria, ele entrava na ventura absoluta; mas ia destruir de uma vez para sempre a alegria de Afonso, e a nobre paz que lhe tornava tão bela a velhice. Homem de outras eras, austero e puro, como uma dessas fortes almas que nunca desfaleceram — o avô, nesta franca, viril, rasgada solução de um amor indominável, só veria libertinagem! Para ele nada significava o esponsal natural das almas, acima e fora das ficções civis; e nunca compreenderia essa subtil ideologia sentimental, com que eles, como todos os transviados, procuravam

azular o seu erro. Para Afonso haveria apenas um homem que leva a mulher de outro, leva a filha de outro, dispersa uma família, apaga um lar, e se atola para sempre na concubinagem: todas as subtilezas da paixão, por mais finas, por mais fortes, quebrar-se-iam, como bolas de sabão, contra as três ou quatro ideias fundamentais de Dever, de Justiça, de Sociedade, de Família, duras como blocos de mármore, sobre que assentara a sua vida quase durante um século... E seria para ele como o horror de uma fatalidade! Já a mulher de seu filho fugira com um homem, deixando atrás de si um cadáver; seu neto agora fugia também, arrebatando a família de outro — e a história da sua casa tornava-se assim uma repetição de adultérios, de fugas, de

dispersões, sob o bruto aguilhão da carne!... Depois as esperanças que Afonso fundara nele — considerá-las-ia tombadas, mortas no lodo! Ele passava a ser para sempre, na imaginação angustiada do avô, um foragido, um inutilizado, tendo partido todas as raízes que o prendiam ao seu solo, tendo abdicado toda a ação que o elevaria no seu país, vivendo por hotéis de refúgio, falando línguas estranhas, entre uma família equívoca crescida em torno dele, como as plantas de uma ruína... Sombrio tormento, implacável e sempre presente, que consumiria os derradeiros anos do pobre avô!... Mas, que podia ele fazer? Já o dissera ao Ega. A vida é assim! Ele não tinha o heroísmo nem a santidade que tornam fácil o sacrifício... E depois os

dissabores do avô, de que provinham? De preconceitos. E a sua felicidade, justo Deus, tinha direitos mais largos, fundados na Natureza!...

Chegara ao fim do Aterro. O rio silencioso fundia-se na escuridão. Por ali entraria em breve, do Brasil, o outro — que nas suas cartas se esquecia de mandar um beijo a sua filha! Ah, se ele não voltasse! Uma onda providencial podia levá-lo... Tudo se tornaria tão fácil, perfeito e límpido! De que servia na vida esse ressequido? Era como um saco vazio que caísse ao mar! Ah, se ele morresse!... E esquecia-se, enlevado numa visão em que a imagem de Maria o chamava, o esperava, livre, serena, sorrindo e coberta de luto... No seu quarto, Batista, vendo-o atirar-se para uma poltrona com um

suspiro de fadiga, de desconsolação — disse, depois de tossir risonhamente, e dando mais luz ao candeeiro:

— Isto agora, sem o Sr. Ega, parece um bocadinho mais só...

— Está só, está triste — murmurou Carlos. — É necessário sacudirmo-nos... Eu já te disse que talvez fôssemos viajar este inverno...

O menino não lhe tinha dito nada.

— Pois talvez vamos a Itália... Apetece-te voltar à Itália? Batista refletiu.

— Eu, da outra vez não vi o Papa... E antes de morrer não se me dava de ver o Papa...

— Pois sim, há-de-se arranjar isso, hás de ver o Papa. Batista, depois de um silêncio, perguntou, lançando um olhar ao espelho:

— Para ver o Papa vai-se de casaca, creio eu?

— Sim, recomendo-te a casaca... O que tu devias ter, para esses casos, era um hábito de Cristo... hei de ver se te arranjo um hábito de Cristo.

Batista ficou um instante assombrado. Depois fez-se escarlate de emoção:

— Muito agradecido a Vossa Excelência. Há por aí gente que o tem, ainda talvez com menos merecimento que eu... Dizem que até há barbeiros...

— Tens razão — replicou Carlos muito sério. — Era uma vergonha. O que hei de ver se te arranjo, com efeito, é a Comenda da Conceição. Todas as manhãs, agora, Carlos percorria o poeirento caminho dos Olivais. Para poupar aos

seus cavalos a soalheira, ia na tipoia do *Mulato*, o batedor favorito do Ega — que recolhia a parelha na velha cavalariça da Toca, e, até à hora em que Carlos voltava ao*Ramalhete*, vadiava pelas tabernas.

Ordinariamente ao meio-dia, ao acabar de almoçar, Maria Eduarda, ouvindo rodar o trem na estrada silenciosa, vinha esperar Carlos à porta da casa, no topo dos degraus ornados de vasos e resguardados por um fresco toldo de fazenda cor-de-rosa. Na quinta usava sempre vestidos claros; às vezes trazia, à antiga moda espanhola, uma flor entre os cabelos; o forte e fresco ar do campo avivava, com um brilho mais quente, o mate ebúrneo do seu rosto — e assim, simples e radiante, entre sol e verdura, ela

deslumbrava Carlos cada dia com um encanto inesperado e maior. Cerrando o portão de entrada, que rangia nos gonzos, Carlos sentia-se logo envolvido num «extraordinário conforto moral», como ele dizia, em que todo o seu ser se movia mais facilmente, fluidamente, numa permanente impressão de harmonia e doçura... Mas o seu primeiro beijo era para Rosa, que corria pela rua de acácias ao seu encontro, com uma onda de cabelo negro a bater-lhe os ombros, e *Niniche* ao lado, pulando e ladrando de alegria. Ele erguia Rosa ao colo. Maria, de longe, sorria-lhes, sob o toldo cor-de-rosa. Em redor tudo era luminoso, familiar e cheio de paz.

A casa dentro resplandecia com um arranjo mais delicado. Já se podia

usar o salão nobre, que perdera o seu ar rígido de museu, exalando a tristeza de um luxo morto: as flores que Maria punha nos vasos, um jornal esquecido, as lãs de um bordado, o simples roçar dos seus frescos vestidos, tinham comunicado já um subtil calor de vida e de conchego aos mais empertigados contadores do tempo de Carlos V, revestidos de ferro brunido: — e era ali que eles ficavam conversando, enquanto não chegava a hora das lições de Rosa. A essa hora aparecia Miss Sara, séria e recolhida — sempre de preto, com uma ferradura de prata em broche sobre o colarinho direito de homem. Recuperara as suas cores fortes de boneca, e as pestanas baixas tinham uma timidez mais virginal, sob o liso dos bandós puritanos. Gordinha, com o peito de pomba farta

estalando dentro do corpete severo, mostrava-se toda contente da vida calma e lenta de aldeia. Mas aquelas terras trigueiras de olivedo não lhe pareciam campo. «É muito seco, é muito duro», dizia ela, com uma indefinida saudade dos verdes molhados da sua Inglaterra, e dos céus de névoa, cinzentos e vagos.

Davam duas horas; e começavam logo, nos quartos de cima, as longas lições de Rosa. Carlos e Maria iam então refugiar-se, numa intimidade mais livre, no quiosque japonês, que uma fantasia de Craft, o seu amor do Japão, construíra ao pé da rua de acácias, aproveitando a sombra e o retiro bucólico de dois velhos castanheiros. Maria afeiçoara-se àquele recanto, chamava-lhe o seu *pensadoiro*. Era todo de madeira, com uma só

janelinha redonda, e um telhado agudo à japonesa, onde roçavam os ramos — tão leve que através dele, nos momentos de silêncio, se sentiam piar as aves. Craft forrara-o todo de esteiras finas da Índia; uma mesa de charão, algumas faianças do Japão, ornavam-no sobriamente; o teto não se via, oculto por uma colcha de seda amarela, suspensa pelos quatro cantos, em laços, como o rico dossel de uma tenda; — e todo o ligeiro quiosque parecia ter sido armado só com o fim de abrigar um divã baixo e fofo, de uma languidez de serralho, profundo para todos os sonhos, amplo para todas as preguiças...

Eles entravam, Carlos com algum livro que escolhera na presença de Miss Sara, Maria Eduarda com um bordado ou uma costura. Mas bordado e livro caíam

logo no chão — e os seus lábios, os seus braços uniam-se arrebatadamente. Ela escorregava sobre o divã: Carlos ajoelhava numa almofada, trémulo, impaciente, depois da forçada reserva diante de Rosa e diante de Sara — e ali ficava, abraçado à sua cintura, balbuciando mil coisas pueris e ardentes, por entre longos beijos que os deixavam frouxos, com os olhos cerrados, numa doçura de desmaio. Ela queria saber o que ele tinha feito durante a longa, longa noite de separação. E Carlos nada tinha a contar senão que pensara nela, que sonhara com ela... Depois era um silêncio: os pardais piavam, as pombas arrulhavam por cima do leve telhado: e*Niniche*, que os acompanhava sempre, seguia os seus murmúrios, os seus

silêncios, enroscada a um canto, com um olho negro reluzindo desconfiadamente por entre as repas prateadas. Fora, por aqueles dias de calma, sem aragem, a quinta seca, de um verde empoeirado, dormia com as folhagens imóveis, sob o peso do Sol. Da casa branca, através das persianas fechadas, vinha apenas o som amodorrado das escalas que Rosa fazia no piano. E no quiosque havia também um silêncio satisfeito e pleno — somente quebrado por algum doce suspiro de lassidão que saía do divã, de entre as almofadas de seda, ou algum beijo mais longo e de um remate mais profundo... Era *Niniche* que os tirava daquele suave entorpecimento, farta de estar ali quieta, encerrada entre as madeiras quentes, num ar mole já repassado desse aroma

indefinido em que havia jasmim.

Lenta, passando as mãos no rosto, Maria erguia-se — mas para cair logo aos pés de Carlos, no seu reconhecimento infinito... Meu Deus, o que lhe custava então esse momento de separação! Para que havia de ser assim? Parecia tão pouco natural, esposos como eram, que ela ficasse ali toda a noite, sozinha, com o seu desejo dele, e ele fosse, sem as suas carícias, dormir solitariamente ao*Ramalhete*!... E ainda se demorava muito tempo, numa mudez de êxtase, em que os olhos húmidos, traspassando-se, continuavam o beijo insaciado que morrera nos seus lábios cansados. Era *Niniche* que os fazia sair por fim, trotando impacientemente da porta para o divã, rosnando, ameaçando ladrar.

Muitas vezes, ao recolherem, Maria tinha uma inquietação. Que pensaria Miss Sara desta sesta assim enclausurada, sem um rumor, com a janela do pavilhão cerrada? Melanie, desde pequena ao serviço de Maria, era uma confidente: o bom Domingos, um imbecil, não contava. Mas Miss Sara?... Maria confessava sorrindo que se sentia um pouco humilhada, ao encontrar depois à mesa os cândidos olhos da inglesa sob os seus bandós virginais... Está claro... se a boa *miss* tivesse a ousadia de resmungar ou franzir de leve a testa, recebia logo secamente a sua passagem na *Royal Mail* para Southampton! Rosa não a lamentaria, Rosa não lhe tinha afeição. Mas enfim, era tão séria, admirava tanto a senhora! Ela não gostava de perder a

admiração de uma rapariga tão séria. E assim decidiram despedir Miss Sara, regiamente paga, e substituí-la, mais tarde, em Itália, por uma governanta alemã, para quem eles fossem como casados, «monsieur et madame...». Mas pouco a pouco o desejo de uma felicidade mais íntima, mais completa, foi crescendo neles. Não lhes bastava já essa curta manhã no divã com os pássaros cantando por cima, a quinta cheia de Sol, tudo acordado em redor: apeteciam o longo contentamento de uma longa noite, quando os seus braços se pudessem enlaçar sem encontrar o estofo dos vestidos, e tudo dormisse em torno, os campos, a gente e a luz... De resto era bem fácil! A sala de tapeçarias, comunicando com a alcova de Maria, abria sobre o jardim por uma porta

envidraçada; a governanta, os criados, subiam às dez horas para os seus quartos, no andar alto; a casa adormecia profundamente; Carlos tinha uma chave do portão; e o único cão, *Niniche*, era o confidente fiel dos seus beijos... Maria desejava essa noite tão ardentemente como ele. Uma tarde, ao escurecer, voltando de um fresco passeio pelos campos, experimentaram ambos essa dupla chave — que Carlos já prometia mandar dourar: e ele ficou surpreendido ao ver que o velho portão, que ouvira sempre ranger abominavelmente, rolava agora nos gonzos com um silêncio oleoso.

Veio nessa mesma noite — tendo deixado na vila, para o levar ao amanhecer, a caleche do *Mulato*, um batedor discreto, que ele cevava de

gorjetas. O céu, mole e abafado, não tinha uma estrela; e sobre o mar lampejava a espaços, mudamente, a lividez de um relâmpago. Caminhando com inúteis cautelas rente do muro, Carlos sentia, nesta proximidade de uma posse tão desejada, uma melancolia, cortada de ansiedade, que vagamente o acobardava. Abriu quase a tremer o portão: e mal dera alguns passos estacou, ouvindo ao fundo *Niniche* ladrar furiosamente. Mas tudo emudeceu; e da janela do canto, sobre o jardim, surgiu uma claridade que o sossegou. Foi encontrar Maria, com um roupão de rendas, junto da porta envidraçada, sufocando quase entre os braços *Niniche*, que ainda rosnava. Estava toda medrosa, numa impaciência de o sentir ao seu lado: e não quis

recolher logo: um momento ficaram ali, sentados nos degraus, com *Niniche*, que aquietara e lambia Carlos. Tudo em redor era como uma infinita mancha de tinta; só lá em baixo, perdida e mortiça, surgia da treva alguma luzinha vacilante no alto de um mastro. Maria, conchegada a Carlos, refugiada nele, deu um longo suspiro: e os seus olhos mergulhavam inquietos naquela mudez negra, onde os arbustos familiares do jardim, toda a quinta, parecia perder a realidade, sumida, diluída na sombra.

— Porque não havemos de partir já para a Itália? — perguntou ela de repente, procurando a mão de Carlos. — Se tem de ser, porque não há de ser já?... Escusávamos de ter estes segredos, estes sustos!

— Sustos de quê, meu amor?

Estamos aqui tão seguros como na Itália, como na China... De resto podemos partir mais depressa, se quiseres... Dize tu um dia, marca um dia!

Ela não respondeu, deixando cair docemente a cabeça sobre o ombro de Carlos. Ele acrescentou, devagar:

— Em todo o caso, compreendes bem, preciso primeiro ir a Santa Olávia, ver o avô...

Os olhos de Maria perdiam-se outra vez na escuridão — como recebendo dela o presságio de um futuro onde tudo seria confuso e escuro também.

— Tu tens Santa Olávia, tens teu avô, tens os teus amigos... Eu não tenho ninguém!

Carlos estreitou-a a si, enternecido.

— Não tens ninguém! Isso dito a mim! Nem chega a ser injustiça, nem chega a ser ingratidão! É nervoso; e é também o que os ingleses chamam a «impudente adulteração de um facto».

Ela ficara aninhada no peito de Carlos, como desfalecida.

— Não sei porquê, queria morrer...

Um largo brilho de relâmpago alumiou o rio. Maria teve medo, entraram na alcova. Os molhos de velas de duas serpentinas, batendo os damascos e os cetins amarelos, embebiam o ar tépido, onde errava um perfume, numa refulgência ardente de sacrário: e as bretanhas, as rendas do leito já aberto punham uma casta alvura de neve fresca nesse luxo amoroso e cor de chama. Fora, para os

lados do mar, um trovão rolou lento e surdo. Mas Maria já o não ouviu, caída nos braços de Carlos. Nunca o desejara, nunca o adorara tanto! Os seus beijos ansiosos pareciam tender mais longe que a carne, traspassá-lo, querer sorver-lhe a vontade e a alma — e toda a noite, entre esses brocados radiantes, com os cabelos soltos, divina na sua nudez, ela lhe apareceu realmente como a deusa que ele sempre imaginara, que o arrebatava enfim, apertado ao seu seio imortal, e com ele pairava numa celebração de amor, muito alto, sobre nuvens de oiro...

Quando saiu, ao amanhecer, chovia. Foi encontrar o *Mulato* a dormir numa taberna, bêbedo. Teve de o meter dentro do carro: e foi ele que governou até ao *Ramalhete*, embrulhado numa

manta do taberneiro, encharcado, cantarolando, esplendidamente feliz. Passados dias, passeando com Maria nos arredores da *Toca*, Carlos reparou numa casita, à beira da estrada, com escritos: e veio-lhe logo a ideia de a alugar, para evitar aquela desagradável partida de madrugada com o *Mulato* estremunhado, borracho, despedaçando o trem pelas calçadas. Visitaram-na: havia um quarto largo que, com tapete e cortinas, podia dar um refúgio confortável. Tomou-a logo — e Batista veio ao outro dia, com móveis numa carroça, arranjar este novo ninho. Maria disse, quase triste:

— Mais outra casa!

— Esta — exclamou Carlos rindo — é a última! Não, é a penúltima... Temos ainda a outra, a nossa, a verdadeira, lá

longe, não sei onde...

Começaram a encontrar-se todas as noites. — às nove e meia, pontualmente, Carlos deixava a *Toca*, com o seu charuto aceso: e Domingos, adiante, de lanterna, vinha fechar o portão, tirar a chave. Ele recolhia devagar à sua «choupana», onde o servia um criadito, filho do jardineiro do *Ramalhete*. Sobre um tapete solto, deitado no velho soalho, havia apenas, além do leito, uma mesa, um sofá de riscadinho, duas cadeiras de palha; e Carlos entretinha as horas que o separavam ainda de Maria escrevendo para Santa Olávia, e sobretudo ao Ega, que se eternizava em Sintra.

Recebera duas cartas dele, falando quase somente do Dâmaso. O Dâmaso aparecia em toda a parte com a Cohen; o

Dâmaso tornara-se grotesco em Sintra, numa corrida de burros; o Dâmaso arvorara capacete e véu em Seteais; o Dâmaso era uma besta imunda; o Dâmaso, no pátio do Vítor, de perna traçada, dizia familiarmente «a Raquel»; era um dever de moralidade pública dar bengaladas no Dâmaso!... Carlos encolhia os ombros, achando este ciúmes indignos do coração do Ega. E então por quem! Por aquela lambisgoia de Israel, melada e molenga, sovada a bengala! «Se com efeito», escrevera ele ao Ega, «ela desceu de ti até ao Dâmaso, tens só a fazer como se fosse um charuto que te caísse à lama: não o podes naturalmente levantar: deves deixar fumá-lo em paz ao garoto que o apanhou: enfurecer-te com o garoto ou com o charuto, é de imbecil». Mas

ordinariamente, quando respondia, falava só ao Ega dos Olivais, dos seus passeios com Maria, das conversas dela, do encanto dela, da superioridade dela... Ao avô não achava que dizer; nas dez linhas que lhe destinava, descrevia o calor, recomendava-lhe que não se fatigasse, mandava saudades para os hóspedes, e dava-lhe recados do Manuelzinho — que ele nunca via. Quando não tinha que escrever, estirava-se no sofá, com um livro aberto, os olhos no ponteiro do relógio. À meia-noite saía encafuado num gabão de Aveiro, e de varapau. Os seus passos ressoavam, solitários na mudez dos campos, com uma indefinida melancolia de segredo e de culpa...

Numa dessas noites, de grande calor, Carlos, cansado, adormeceu num

sofá: e só despertou, em sobressalto, quando o relógio na parede dava tristemente duas horas. Que desespero! Aí ficava perdida a sua noite de amor! E Maria decerto à espera, angustiada, imaginando desastres!... Agarrou o cajado, abalou, correndo pela estrada. Depois, ao abrir subtilmente o portão da quinta, pensou que Maria teria adormecido: *Niniche* podia ladrar: os seus passos, entre as acácias, abafaram-se, mais cautelosos. E de repente sentiu ao lado, sob as ramagens, vindo do chão, de entre a erva, um resfolgar ardente de homem, a que se misturavam beijos. Parou, varado: e o seu ímpeto logo foi esmagar a cacete aqueles dois animais, enroscados na relva, sujando brutalmente o poético retiro dos seus amores. Uma

alvura de saia moveu-se no escuro; uma voz soluçava, desfalecida: «*Oh yes, oh yes*...». Era a inglesa!

Oh, santo Deus, era a inglesa, era Miss Sara! Apagando os passos, atordoado, Carlos escoou-se pelo portão, cerrou-o mansamente, foi esperar adiante, num recanto do muro, sob as ramarias de uma faia, sumido na sombra. E tremia de indignação. Era preciso contar imediatamente a Maria aquele grande horror! Não queria que ela consentisse um momento mais essa impura fêmea junto de Rosa, roçando a candidez do seu anjo... Oh, era pavorosa uma tal hipocrisia, assim astuta e metódica, sem se desconcertar jamais! Havia dias apenas, vira a criatura desviar os olhos de uma gravura da*Ilustração*, onde dois castos

pastores se beijavam num arvoredo bucólico! E agora rugia, estirada na erva!

Na estrada escura, do lado do portão, brilhou um lume de cigarro. Um homem passou, forte e pesado, com uma manta aos ombros. Parecia um jornaleiro. A boa Miss Sara não escolhera! Bem lavada, toda correta, com os seus bandós puritanos, aceitava *um qualquer*, rude e sujo, desde que era um macho! E assim os embaíra, meses, com aquelas suas duas existências, tão separadas, tão completas! De dia virginal, severa, corando sempre, com a Bíblia no cesto da costura: à noite a pequena adormecia, todos os seus deveres sérios acabavam, a santa transformava-se em cabra, xale aos ombros, e lá ia para a relva, com qualquer!... Que belo romance para o Ega!

Voltou; tornou a abrir devagarinho o portão: de novo subiu, amolecendo os passos, a sombria rua de acácias. Mas agora ia sentindo uma hesitação em contar a Maria *aquele horror*. A seu pesar, pensava que também Maria o esperava, com o leito aberto, no silêncio da casa adormecida; e que também ele penetrava ali, às escondidas, como o homem da manta... Decerto era bem diferente! Toda a imensurável diferença que vai do divino ao bestial... E todavia receava despertar os melindrosos escrúpulos de Maria mostrando-lhe, paralelo ao seu amor cheio de requintes e passado entre brocados cor de oiro, aquele outro rude amor, secreto e ilegítimo como o dela, e arrastado brutamente na relva... Era como mostrar-lhe um reflexo da sua própria

culpa, um pouco esfumada, mais grosseira, mas parecida nos seus contornos, lamentavelmente parecida... Não, não diria nada. E a pequena?... Oh, nas suas relações com Rosa a criatura continuaria a ser, como sempre, a puritana laboriosa, grave e cheia de ordem.

A porta envidraçada sobre o jardim tinha ainda luz: ele atirou aos vidros uma pouca de terra solta, depois bateu de leve. Maria apareceu, mal embrulhada num roupão, juntando os cabelos que se tinham desenrolado, e meio adormecida.

— Porque vieste tão tarde?

Carlos beijou longamente os seus belos olhos pesados, quase cerrados.

— Adormeci estupidamente, a ler... Depois, quando entrei, pareceu-me

ouvir passos na quinta, andei a rebuscar... Era imaginação, tudo deserto.

— Precisávamos ter um cão de fila — murmurou ela, espreguiçando-se.

Sentada à beira do leito, com os braços caídos e adormentados, sorria da sua preguiça.

— Estás tão fatigada, filha! Queres tu que me vá embora?... Ela puxou-o para o seu seio perfumado e quente.

— Je veux que tu m'aimes beaucoup, beaucoup, et longtemps... Ao outro dia Carlos não fora a Lisboa, e apareceu cedo na *Toca*. Melanie, que andava espanejando o quiosque, disse-lhe que *madame*, um pouco cansada, tinha justamente tomado o seu chocolate na cama. Ele entrou no salão: defronte da

janela aberta, sentada no banco de cortiça, Miss Sara costurava, à sombra das árvores.

— *Good morning* — disse-lhe Carlos, chegando-se ao peitoril, todo curioso de a observar.

— *Good morning, sir* — respondeu ela com o seu ar modesto e tímido.

Carlos falou do calor. Miss Sara já àquela hora o achava intolerável. Felizmente a vista do rio, lá em baixo, refrescava... Sobretudo a noite passada, insistiu Carlos, acendendo a *cigarette*, fora tão abafada! Ele mal pudera dormir. E ela?

Oh, ela dormira de um sono só. Carlos quis saber se tivera bonitos sonhos.

— *Oh yes, sir*.

Oh yes! Mas agora um *yes* pudico, sem gemidos, com os olhos baixos. E tão correta, tão pregada, fresca como se nunca tivesse servido!... Positivamente era extraordinária! E Carlos, torcendo o bigode, pensava que ela devia ter um seiozinho bem alvo e bem redondinho!

Assim ia passando o verão nos Olivais. No começo de setembro, Carlos soube por uma carta do avô que Craft devia chegar a Lisboa num sábado, ao Hotel Central: e correu lá cedo, logo nessa manhã, a ouvir as novidades de Santa Olávia. Achou Craft já a pé, diante do espelho, fazendo a barba. A um canto do sofá, Eusebiozinho, que viera na véspera à noite de Sintra e estava também no hotel, limpava as unhas com um

canivete, em silêncio, coberto de negro. Craft vinha encantado com Santa Olávia. Nem compreendia como Afonso, beirão forte, tolerava a Rua de S. Francisco e o quintalejo abafado do *Ramalhete*. Tinha-se passado regiamente! O avô, cheio de saúde, de uma hospitalidade que lembrava Abraão e a Bíblia. O Sequeira, ótimo, comendo tanto que ficava inútil depois de jantar, a estoirar e a gemer no fundo de uma poltrona. Lá conhecera o velho Travassos, que falava sempre com os olhos cheios de lágrimas do «talento do seu caro colega Carlos». E o marquês, esplêndido, com abraços de primo a todos os fidalgotes de Lamego, e apaixonado por uma barqueira... De resto, soberbos jantares, alguns tiros aos coelhos, uma romaria, danças de raparigas no adro,

guitarradas, esfolhadas, todo o doce idílio português...

— Mas a respeito de Santa Olávia temos a falar mais seriamente — disse por fim Craft, entrando na alcova, a ensaboar a cabeça.

— E tu — perguntou então Carlos, voltando-se para o Eusebiozinho. — Tens estado em Sintra, hem? Que se faz lá?...O Ega? O outro ergueu-se guardando o canivete, ajeitando as lunetas.

— Lá está no Vítor, muito engraçado, comprou um burro... Lá está o Dâmaso também... Mas esse pouco se vê, não larga os Cohens... Enfim tem-se passado menos mal, com bastante calor...

— Tu estavas outra vez com a mesma prostituta, a Lola? Eusebiozinho fez-se escarlate. Credo! Estava no Vítor,

muito sério! O Palma é que lá tinha aparecido com uma rapariga portuguesa... Tinha agora um jornal, A *Corneta do Diabo*.

— A *Corneta*?...

— Sim, *do Diabo* — disse o Eusebiozinho. — É um jornal de pilhérias, de picuinhas... Ele já existia, chamava-se o Apito; mas agora passou para o Palma; ele vai-lhe aumentar o formato, e meter-lhe mais chalaça...

— Enfim — disse Carlos — qualquer coisa sebácea e imunda como ele...

Craft reapareceu, enxugando a cabeça. E enquanto se vestia, falou de uma viagem que, agora, o tentava, que estivera planeando em Santa Olávia. Como já não tinha a *Toca*, e a sua casa ao

pé do Porto necessitava longas obras, ia passar o inverno ao Egito, subindo o Nilo, em comunicação espiritual com a antiguidade faraónica. Depois talvez se adiantasse até Bagdade, a ver o Eufrates, e os sítios de Babilónia...

— Por isso eu lhe vi ali, na mesa — exclamou Carlos — um livro, *Nínive e Babilónia*... Que diabo, você gosta disso? Eu tenho horror a raças e a civilizações defuntas... Não me interessa senão a Vida.

— É que você é um sensual — disse Craft. — E a propósito de sensualidade e de Babilónia, quer vir você almoçar ao Bragança? Eu tenho de lá encontrar um inglês, o meu homem das minas... Mas havemos de ir à Rua do Ouro, que quero trepar um instante à caverna do meu procurador... E a

caminho, que é meio-dia! Deixaram o Eusebiozinho, em baixo na sala, ajeitando as suas lúgubres lunetas diante dos telegramas. E apenas saíram o pátio, Craft travou do braço de Carlos, e disse-lhe que as coisas sérias a respeito de Santa Olávia — era o visível, profundo desgosto do avô por ele não ter lá aparecido.

— Seu avô não me disse nada, mas eu sei que ele está muitíssimo magoado com você. Não há desculpa, são umas horas de viagem... Você sabe como ele o adora... Que diabo! *Est modus in rebus*.

— Com efeito — murmurou Carlos. — Eu devia ter lá ido... Que quer você, amigo?... Enfim, acabou-se, é necessário fazer um esforço!... Talvez

parta para a semana com o Ega.

— Sim, homem, dê-lhe esse alegrão... Esteja lá umas semanas...

— *Est modus in rebus*. hei de ver se lá estou uns dias. A caverna do procurador era defronte do Montepio. Carlos esperava, havia momentos, dando por diante das lojas uma volta lenta — quando de repente avistou Melanie, a sair o portão do Montepio, com uma matrona gorda, de chapéu roxo. Surpreendido, atravessou a rua. Ela estacou como apanhada, fazendo-se toda vermelha; e nem deixou vir a pergunta; balbuciou logo que *madame* lhe dera licença para vir a Lisboa, e ela andava acompanhando aquela amiga... Uma velha caleche, de parelha branca, estava encalhada ali, contra o passeio. Melanie saltou para

dentro, à pressa. A traquitana rodou aos solavancos para o Terreiro do Paço.

Carlos via-a desaparecer, pasmado. E Craft, que voltara, olhando também, reconheceu no lamentável calhambeque a caleche do *Torto*, dos Olivais, onde ele às vezes costumava vir «janotar a Lisboa».

— Era alguém lá da *Toca*? — perguntou.

— Uma criada — disse Carlos, ainda espantado daquele estranho embaraço de Melanie.

E mal tinham dado alguns passos, Carlos, parando, baixando a voz no rumor da rua:

— Ouça lá! O Eusebiozinho disse-lhe alguma coisa a meu respeito, Craft?

O outro confessou que o

Eusebiozinho, apenas lhe aparecera no quarto, rompera logo, mascando as palavras, a informá-lo da misteriosa vida de Carlos nos Olivais...

— Mas eu fi-lo calar — acrescentou Craft, declarando-lhe que era tão pouco curioso que nem mesmo quisera ler nunca a *Historia Romana*. — Em todo o caso, você deve ir a Santa Olávia. Carlos, com efeito, logo nessa noite falou a Maria da visita que devia ao avô. Ela, muito séria, aconselhou-lha também, arrependida de o ter retido assim, egoisticamente e tanto tempo, longe dos outros que o amavam.

— Mas ouve, querido, não é por muito tempo, não?

— Pois dois ou três dias, quando muito. E naturalmente trago até o avô. Não

está lá a fazer nada, e eu não estou para a maçada de voltar lá...

Maria então lançou-lhe os braços ao pescoço, e baixo, timidamente, confessou-lhe um grande desejo que tinha... Era ver o *Ramalhete*! Queria visitar os quartos dele, o jardim, todos esses recantos, onde tantas vezes ele pensara nela, e se desesperara, sentindo-a distante e inacessível...

— Dize, queres? Mas é necessário que seja antes de vir teu avô. Queres?

— Acho um encanto! Há só um perigo. É eu não te deixar sair mais e ficar a devorar-te na minha caverna.

— Prouvera a Deus!

Combinaram então que ela fosse jantar ao *Ramalhete* no dia da partida de Carlos para Santa Olávia. À noitinha

levava-o no *coupé* a Santa Apolónia; depois seguia para os Olivais.

Foi no sábado. Carlos veio muito cedo para o *Ramalhete*: e o seu coração batia com a deliciosa perturbação de um primeiro encontro, quando sentiu parar a carruagem de Maria e os seus vestidos escuros roçarem o veludo cor de cereja que forrava a escada discreta dos seus quartos. O beijo que trocaram, na antecâmara, teve a profunda doçura de um primeiro beijo.

Ela foi logo ao toucador tirar o chapéu, dar um jeito ao cabelo. Ele não cessava de a beijar; abraçava-a pela cinta; e com os rostos juntos sorriam para o espelho, enlevados no brilho da sua mocidade. Depois, impaciente, curiosa, ela percorreu os quartos, miudamente, até

à alcova do banho; leu os títulos dos livros, respirou o perfume dos frascos, abriu os cortinados de seda do leito... Sobre uma cómoda Luís XV havia uma salva de prata, trasbordando de retratos que Carlos se esquecera de esconder, a coronela de hussardos de amazona, Madame Rughel decotada, outras ainda. Ela mergulhou as mãos, com um sorriso triste, na profusão daquelas recordações... Carlos, rindo, pediu-lhe que não olhasse «esses enganos do seu coração».

— Porque não? — dizia Maria, séria. Sabia bem que ele não descera das nuvens, puro como um serafim. Havia sempre fotografias no passado de um homem. De resto tinha a certeza que nunca amara as outras como a sabia amar a ela.

— Até é uma profanação falar

em *amor* quando se trata dessas coisas de acaso — murmurou Carlos. — São quartos de estalagem onde se dorme uma vez...

No entanto Maria considerava longamente a fotografia da coronela de hussardos. Parecia-lhe bem linda! Quem era? Uma francesa?

— Não, de Viena. Mulher de um correspondente meu, homem de negócios... Gente tranquila, que vivia no campo...

— Ah, vienense... Dizem que têm um grande encanto as mulheres de Viena!

Carlos tirou-lhe a fotografia da mão. Para que haviam de falar de outras mulheres? Existia em todo o vasto mundo uma mulher única, e ele tinha-a ali abraçada sobre o seu coração.

Foram então percorrer todo o *Ramalhete*, até ao terraço. Ela gostou sobretudo do escritório de Afonso, com os seus damascos de câmara de prelado, a sua feição severa de paz estudiosa.

— Não sei porquê — murmurou dando um olhar lento às estantes pesadas e ao Cristo na cruz — não sei porquê, mas teu avô faz-me medo!

Carlos riu. Que tontaria! O avô, se a conhecesse, fazia-lhe logo a corte rasgadamente... O avô era um santo! E um lindo velho!

— Teve paixões?

— Não sei, talvez... Mas creio que o avô foi sempre um puritano.

Desceram ao jardim, que lhe agradou também, quieto e burguês, com a sua cascatazinha chorando num ritmo

doce.

Sentaram-se um instante sob o velho cedro, junto a uma mesa rústica de pedra, onde estavam entaladas letras mais distintas e uma data antiga; o chalrar das aves nos ramos pareceu a Maria mais doce que o de todas as outras aves que ouvira; depois arranjou um ramo para levar como relíquia.

Mesmo em cabelo foram ver defronte as cocheiras: o guarda-portão ficou de boné na mão, embasbacado para aquela senhora tão linda, tão loira, a primeira que via entrar no *Ramalhete*! Maria acariciou os cavalos, e fez uma festa grata e mais longa à *Tunante*, que tantas vezes levara Carlos à Rua de S. Francisco. Ele via nestas simples coisas as graças incomparáveis de uma esposa

perfeita.

Recolheram pela escada particular de Carlos — que Maria achava «misteriosa» com aqueles veludos grossos cor de cereja, forrando-a como um cofre, e abafando todo o rumor de saias. Carlos jurou que nunca ali passara outro vestido — a não ser o do Ega, uma vez, mascarado de varina.

Depois deixou-a no quarto um momento, para ir dar ordens ao Batista: mas quando voltou encontrou-a a um canto do sofá, tão descaída, tão desanimada, que lhe arrebatou as mãos, cheio de inquietação.

— Que tens, amor? Estás doente?

Ela ergueu lentamente os olhos que brilhavam numa névoa de lágrimas.

— Pensar que tu vais deixar por

mim esta linda casa, o teu conforto, a tua paz, os teus amigos... É uma tristeza, tenho remorsos! Carlos ajoelhara ao seu lado, sorrindo dos seus escrúpulos, chamando-lhe tonta, secando-lhe num beijo as lágrimas que rolavam... Considerava-se ela então valendo menos que a cascata do jardim e alguns tapetes usados?...

— O que tenho pena é de te sacrificar tão pouco, minha querida Maria, quando tu sacrificas tanto!

Ela encolheu os ombros, amargamente.

— Eu!

Passou-lhe as mãos entre os cabelos, puxou-o brandamente para o seu seio — e dizia, baixo, como falando ao seu próprio coração, calmando-lhe as incertezas e as dúvidas:

— Não, com efeito, nada vale no mundo senão o nosso amor! Nada mais vale! Se ele é verdadeiro, se é profundo, tudo o mais é vão, nada mais importa...

A sua voz morreu entre os beijos de Carlos, que a levava abraçada para o leito — onde tantas vezes desesperava dela como de uma deusa intangível.

Às cinco horas pensaram em jantar. A mesa fora posta numa saleta que Carlos quisera, em tempo, revestir de colchas de cetim cor de pérola e botão-de-oiro. Mas não estava ainda arranjada; as paredes conservavam o seu papel verde-escuro; e Carlos pusera ali ultimamente o retrato de seu pai — uma tela banal, representando um moço pálido, de grandes olhos, com luvas de camurça e um chicote na mão.

Era Batista que os servia, já com um fato claro de viagem. A mesa, redonda e pequena, parecia uma cesta de flores; o champanhe gelava dentro dos baldes de prata; no aparador a travessa de arroz-doce tinha as iniciais de Maria.

Aqueles lindos cuidados fizeram-na sorrir, enternecida. Depois reparou no retrato de Pedro da Maia: e interessou-se, ficou a contemplar aquela face descorada, que o tempo fizera lívida, e onde pareciam mais tristes os grandes olhos de árabe, negros e lânguidos.

— Quem é? — perguntou.

— É meu pai.

Ela examinou-o mais de perto, erguendo uma vela. Não achava que Carlos se parecesse com ele. E voltando-se muito séria, enquanto Carlos

desarrolhava com veneração uma garrafa de velho Chambertin:

— Sabes tu com quem te pareces às vezes?... É extraordinário, mas é verdade. Pareces-te com minha mãe!

Carlos riu, encantado de uma parecença que os aproximava mais, e que o lisonjeava.

— Tens razão — disse ela — que a mamã era formosa... Pois é verdade, há um não sei quê na testa, no nariz... Mas sobretudo certos jeitos, uma maneira de sorrir... Outra maneira que tu tens de ficar assim um pouco vago, esquecido... Tenho pensado nisto muitas vezes... Batista entrava com uma terrina de louça do Japão. E Carlos, alegremente, anunciou um jantar à portuguesa. Mr. Antoine, o*chef* francês, fora com o avô. Ficara a

Micaela, outra cozinheira da casa, que ele achava magnífica, e que conservava a tradição da antiga cozinha freirática do tempo do senhor D. João V.

— Assim, para começar, minha querida Maria, aí tens tu um caldo de galinha, como só se comia em Odivelas, na ceia da madre Paula, em noites de noivado místico...

E o jantar foi encantador. Quando Batista se retirava, eles apertavam-se rapidamente a mão por cima das flores. Nunca Carlos a achara tão linda, tão perfeita: os seus olhos pareciam-lhe irradiar uma ternura maior: na singela rosa que lhe ornava o peito, via a superioridade do seu gosto. E o mesmo desejo invadia-os a ambos, de ficarem ali eternamente, naquele quarto de rapaz, com

jantarzinhos portugueses à moda de D. João V, servidos pelo Batista de jaquetão.

— Estou com uma vontade de perder o comboio! — disse Carlos, como implorando a sua aprovação.

— Não, deves ir... É necessário não sermos egoístas... Somente não te descuides, manda-me todos os dias um grande telegrama... Que os telégrafos foram unicamente inventados para quem se ama e está longe, como dizia a mamã.

Então Carlos gracejou de novo sobre a sua parecença com a mãe dela. E baixando-se a remexer a garrafa de champanhe dentro do gelo:

— É curioso não mo teres dito antes... Também tu nunca me falaste de tua mãe...

Um pouco de sangue roseou a face

de Maria Eduarda. Oh, nunca falara da mamã, porque nunca viera a propósito...

— De resto não havia coisas muito interessantes a contar — acrescentou. — A mamã era uma senhora da ilha da Madeira, não tinha fortuna, casou...

— Casou em Paris?

— Não, casou na Madeira com um austríaco que fora lá acompanhar um irmão tísico... Era um homem muito distinto, viu a mamã, que era lindíssima, gostaram um do outro, *et voilà*... Dissera isto sem erguer os olhos do prato, lentamente, cortando uma asa de frango.

— Mas então — exclamou Carlos — se teu pai era austríaco, meu amor, tu és também austríaca... És talvez uma dessas vienenses que tu dizes que têm um

tão grande encanto...

Sim, talvez, segundo essas coisas dos códigos era austríaca. Mas nunca conhecera o pai, vivera sempre com a mamã, falara sempre português, considerava-se portuguesa. Nunca estivera na Áustria, nem sabia mesmo alemão...

— Não tiveste irmãos?

— Sim, tive uma irmãzinha, que morreu em pequena... Mas não me lembra. Tenho em Paris o retrato dela... Bem linda! Nesse momento em baixo, na calçada, uma carruagem, a trote largo, estacou. Carlos, surpreendido, correu à janela com o guardanapo na mão.

— É o Ega! — exclamou. — É aquele velhaco que chega de Sintra!

Maria erguera-se, inquieta. E um

momento, de pé, ambos se olharam, hesitando... Mas o Ega era como um irmão de Carlos. Ele esperava só que o Ega recolhesse de Sintra para o levar à *Toca*. Melhor seria que o encontro se desse ali, natural, franco e simples...

— Batista! — gritou Carlos, sem vacilar mais. — Diz ao Sr. Ega que estou a jantar, que entre para aqui.

Maria sentara-se, vermelha, dando um jeito rápido aos ganchos do cabelo, arranjado à pressa, um pouco desmanchado.

A porta abriu-se — e o Ega parou, assombrado, intimidado, de chapéu branco, de guarda-sol branco, e com um embrulho de papel pardo na mão.

— Maria — disse Carlos — aqui tens enfim o meu grande amigo Ega.

E ao Ega disse simplesmente:

— Maria Eduarda.

Ega ia largar atarantadamente o embrulho, para apertar a mão que Maria Eduarda lhe estendia, corada e sorrindo. Mas o papel pardo, mal atado, desfez-se; e uma provisão fresca de queijadas de Sintra rolou, esmagando-se, sobre as flores do tapete. Então todo o embaraço findou através de uma risada alegre — enquanto o Ega, desolado, abria os braços sobre as ruínas do seu doce.

— Tu já jantaste? — perguntou Carlos.

Não, não tinha jantado. E via já ali uns ovos moles nacionais, que o encantavam, enfastiado como vinha da horrível cozinha do Vítor. Oh! que cozinha! Pratos lúgubres, traduzidos do

francês em calão como as comédias do Ginásio!

— Então avança! — exclamou Carlos. — Depressa, Batista!... Traz o caldo de galinha! Oh! ainda temos tempo!... Tu sabes que vou hoje para Santa Olávia?

Está claro que sabia, recebera a carta dele, e por isso viera... Mas não podia jantar ainda, assim coberto do pó da estrada, e com um jaquetão de bucólica...

— Dize que me guardem o caldo, Batista! Olha, dize que me guardem tudo, que eu trago uma fome de pastor da Arcádia!... O Batista servira o café. E a carruagem da senhora, que os devia levar a Santa Apolónia, esperava já à porta com a maleta. Mas Ega agora queria conversar,

afirmou que tinham tempo, tirou o relógio. Estava parado. E ele declarou logo que no campo se regulava pelo Sol, como as flores e como as aves...

— Fica agora em Lisboa? — perguntou-lhe Maria Eduarda.

— Não, minha senhora, só o tempo de cumprir o meu dever de cidadão, subindo duas ou três vezes o Chiado... Depois volto para a relva. Sintra começa a ser interessante para mim, agora que não está ninguém... Sintra, de verão, com burgueses, parece-me um idílio com nódoas de sebo.

Mas Batista oferecia a Carlos a *chartreuse* — dizendo que Sua Excelência não se devia demorar se não tencionava perder o comboio, de propósito. Maria ergueu-se logo para ir

dentro pôr o chapéu. E os dois amigos, sós, ficaram um momento calados, enquanto Carlos acendia devagar o charuto.

— Tu quanto tempo te demoras? — perguntou por fim o Ega.

— Três ou quatro dias. E tu não voltes para Sintra antes que eu chegue, precisamos comunicar... Que diabo tens tu feito lá? O outro encolheu os ombros.

— Tenho sorvido ar puro, colhido florinhas, murmurado de vez em quando: «Que lindo que isto é!», etc.

Depois, debruçado sobre a mesa, picando com um palito uma azeitona:

— De resto, nada... O Dâmaso lá está! Sempre com a Cohen, como te mandei dizer... Está claro que não há nada entre eles, aquilo é só para mim, para me

irritar... É um canalha, aquele Dâmaso! Eu só quero um pretexto. Esgano-o!

Deu um puxão forte aos punhos, com uma cor de cólera no rosto queimado:

— Eu, está claro, falo-lhe, aperto-lhe a mão, chamo-lhe «amigo Dâmaso», etc. Mas só quero um pretexto! É necessário aniquilar aquele animal. É um dever de moralidade, de asseio público, de gosto, varrer aquela bola de lama humana.

— Quem esteve por lá mais? — perguntou Carlos.

— Que te interesse?... A Gouvarinho. Mas vi-a uma só vez. Aparecia pouco, coitada, agora que andava de luto.

— De luto?

— Por ti.

Calou-se. Maria entrava, com o véu descido, acabando de apertar as luvas. Então Carlos, suspirando, resignado, estendeu os braços ao Batista para ele lhe vestir um casaco leve de jornada. Ega ajudava, pedindo um abraço filial para Afonso, e recados para o gordo Sequeira.

Foi acompanhá-los a baixo, em cabelo: e fechou ele a portinhola, prometendo a Maria Eduarda uma visita à *Toca*, apenas Carlos voltasse desses penhascos do Douro...

— Não vás para Sintra antes de eu voltar! — gritou-lhe ainda Carlos. — E a Micaela que tome conta em ti!

— *All right, all right* — dizia o Ega. — Boa jornada! Criado de Vossa

Excelência, minha senhora... Até à *Toca*!

O *coupé* partiu. Ega subiu ao seu quarto, onde outro criado lhe estava preparando o banho. Na saleta deserta, entre as flores e os restos do jantar, as velas continuavam a arder solitárias, fazendo ressaltar no painel escuro a palidez de Pedro da Maia, e a melancolia dos seus olhos.

No sábado seguinte, perto das duas horas, Carlos e Ega, ainda à mesa do almoço, acabavam os seus charutos, falando de Santa Olávia. Carlos chegara de lá essa madrugada, só. O avô decidira ficar entre as suas velhas árvores até ao fim do outono, que ia tão luminoso e tão macio...

Carlos fora-o encontrar muito alegre, muito forte — apesar de ter sido

obrigado, por causa de um toque de reumatismo, a abandonar enfim o seu culto da água fria. E esta maciça, resplandecente saúde do velho fora um alívio para o coração de Carlos: parecia-lhe assim mais fácil, menos ingrata, a sua partida com Maria para Itália, em outubro. Além disso achara um truque, como ele dizia ao Ega, para realizar o supremo desejo da sua vida sem magoar o avô, sem lhe turbar a paz da velhice. Era um truque simples. Consistia em partir ele só para Madrid, no começo de uma certa «viagem de estudo», para que já preparara o avô em Santa Olávia. Maria ficava na *Toca*, durante um mês. Depois tomava o paquete para Bordéus: e era aí que Carlos se reunia com ela, a começarem essa existência de felicidade e romance que as

flores da Itália deviam perfumar... Na primavera ele voltava a Lisboa, deixando Maria instalada no seu ninho: e então, pouco a pouco, ia revelando ao avô aquela ligação, a que o prendia a honra, e que o forçaria agora a viver regularmente longos meses numa outra terra que se tornara a pátria do seu coração. E que havia de dizer o avô? Aceitar esse romance, a que não veria os lados desagradáveis, esbatido assim pela distância e pela névoa da paixão. Seria para Afonso uma vaga e mal sabida coisa de amor que se passava em Itália... Poderia lamentá-la, apenas, por lhe levar pontualmente todos os anos o neto para longe; e cada ano se consolaria pensando na curta duração dos idílios humanos. De resto Carlos contava com essa larga

benevolência que amolece as almas mais rígidas, quando apenas alguns passos as separam do túmulo... Enfim o seu truque parecia-lhe bom. Ega, em resumo, aprovou o truque.

Depois, mais alegremente, falaram da instalação desse amor. Carlos permanecia na sua ideia romântica — um *cottage* à beira de um lago. Mas Ega não aprovava o lago. Ter todos os dias diante dos olhos uma água sempre mansa e sempre azul, parecia-lhe perigoso para a durabilidade da paixão. Na quietação contínua de uma paisagem igual, dois amantes solitários, dizia ele, não sendo botânicos nem pescando à linha, veem-se forçados a viver exclusivamente do desejo um do outro, e a tirar daí todas as suas ideias, sensações, ocupações,

gracejos e silêncios... E, que diabo, o mais forte sentimento não pode dar para tanto! Dois amantes, cuja única profissão é amarem-se, deviam procurar uma cidade, uma vasta cidade, tumultuosa e criadora, onde o homem tenha durante o dia os clubes, o cavaco, os museus, as ideias, o sorriso de outras mulheres — e a mulher tenha as ruas, as compras, os teatros, a atenção de outros homens; de sorte que à noite, quando se reúnam, não tendo passado o infindável dia a observarem-se um no outro e a si próprios, trazendo cada um a vibração da vida forte que atravessaram — achem um encanto novo e verdadeiro no conchego da sua solidão, e um sabor sempre renovado na repetição dos seus beijos...

— Eu — continuava Ega,

erguendo-se — se levasse para longe uma mulher, não era para um lago, nem para a Suíça, nem para os montes da Sicília; era para Paris, para o Boulevard dos Italianos, ali à esquina do Vaudeville, com janelas deitando para a grande vida, a um passo do *Figaro*, do Louvre, da filosofia e da *blague*... Aqui tens tu a minha doutrina!... E aí temos nós o amigo Batista com o correio.

Não era o correio. Era apenas um bilhete que o Batista trazia numa salva: e vinha tão perturbado que anunciou «um sujeito, ali fora, na antecâmara, numa carruagem, à espera...».

Carlos olhou o bilhete, empalideceu terrivelmente. E ficou a revirá-lo, lento e como atordoado, entre os dedos, que tremiam... Depois, em

silêncio, atirou-o ao Ega para cima da mesa.

— Caramba — murmurou Ega, assombrado.

Era Castro Gomes!

Bruscamente Carlos erguera-se, decidido.

— Manda entrar... Para o salão grande!

Batista apontou para o jaquetão de flanela com que Carlos tinha almoçado, e perguntou baixo se Sua Excelência queria uma sobrecasaca.

— Traz.

Sós, Ega e Carlos olharam-se um instante, ansiosamente.

— Não é um desafio, está claro — balbuciou Ega. Carlos não respondeu. Examinava outra vez o bilhete: o homem

chamava-se Joaquim Álvares de Castro Gomes: por baixo tinha escrito a lápis: «Hotel Bragança»... Batista voltara com a sobrecasaca: e Carlos, abotoando-a devagar, saiu sem outra mais palavra ao Ega, que ficara de pé junto da mesa, limpando estupidamente as mãos ao guardanapo.

No salão nobre, forrado de brocados cor de musgo de outono, Castro Gomes examinava curiosamente, com um joelho apoiado à borda do sofá, a esplêndida tela de Constable, o retrato da condessa de Runa, bela e forte no seu vestido de veludo escarlate de caçadora inglesa. Ao rumor dos passos de Carlos sobre o tapete, voltou-se, de chapéu branco na mão, sorrindo, pedindo perdão de estar assim a pasmar familiarmente

para aquele soberbo Constable... Com um gesto rígido, Carlos, muito pálido, indicou-lhe o sofá. Saudando e risonho, Castro Gomes sentou-se vagarosamente. No peito da sobrecasaca muito justa trazia um botão de rosa; os seus sapatos de verniz resplandeciam sobre as polainas de linho; no rosto chupado, queimado, a barba negra terminava em bico; os cabelos rareavam-lhe na risca; e mesmo a sorrir tinha um ar de secura, fadiga.

— Eu possuo também em Paris um Constable muito chique — disse ele, sem embaraço, num tom arrastado, cheio de rr, que o sotaque brasileiro adocicava. — Mas é apenas uma pequena paisagem, com duas figurinhas. É um pintor que não me diverte, a dizer a verdade... Todavia dá muito tom a uma galeria. É necessário tê-

lo.

Carlos, defronte numa cadeira, com os punhos fortemente fechados sobre os joelhos, conservava a imobilidade de um mármore. E, perante aquele modo afável, uma ideia ia-o atravessando, lacerante, angustiosa, pondo-lhe já nos olhos largos, que não tirava de sobre o outro, uma irreprimível chama de cólera. Castro Gomes decerto *não sabia nada*. Chegara, desembarcara, correra aos Olivais, dormira nos Olivais! Era o marido, era novo, tivera-a já nos braços — a ela! E agora ali estava, tranquilo, de flor ao peito, falando de Constable! O único desejo de Carlos, naquele instante, era que aquele homem o insultasse.

No entanto Castro Gomes, amavelmente, desculpava-se de se

apresentar assim, sem o conhecer, sem ao menos ter pedido por um bilhete uma entrevista...

— O motivo porém que me traz é tão urgente, que cheguei esta manhã às dez horas do Rio de Janeiro, ou antes do Lazareto, e estou aqui!... E esta mesma noite, se puder, parto para Madrid. Fez-se um alívio infinito no coração de Carlos. Ainda não vira então Maria Eduarda, aqueles secos lábios não a tinham tocado! E saiu enfim da sua rigidez de mármore, teve um movimento atento, aproximando de leve a cadeira.

Castro Gomes, no entanto, tendo pousado o chapéu, tirara do bolso interior da sobrecasaca uma carteira com um largo monograma de ouro; e, vagaroso, procurava entre os papéis uma carta...

Depois, com ela na mão, muito tranquilamente:

— Eu recebi no Rio de Janeiro, antes de partir, este escrito anónimo... Mas não creia Vossa Excelência que foi ele que me levou a atravessar à pressa o Atlântico. Seria o maior dos ridículos... E desejo também afirmar-lhe que todo o conteúdo dele me deixou perfeitamente indiferente... Aqui o tem. Quer Vossa Excelência lê-lo, ou quer que eu leia?

Carlos murmurou com um esforço:

— Leia Vossa Excelência.

Castro Gomes desdobrou o papel, e revirou-o um instante entre os dedos.

— Como Vossa Excelência vê, é a carta anónima em todo o seu horror: papel de mercearia, pautadinho de azul; caligrafia reles; tinta reles; cheiro reles:

um documento odioso. E aqui está como ele se exprime:

Um homem que teve a honra de apertar a mão de Vossa Excelência — *eu dispensava a honra*... — que teve a honra de apertar a mão de Vossa Excelência e de apreciar o seu cavalheirismo, julga dever preveni-lo que sua mulher é, à vista de toda a Lisboa, a amante de um rapaz muito conhecido aqui, Carlos Eduardo da Maia, que vive numa casa às Janelas Verdes, chamada o *Ramalhete*. Este herói, que é muito rico, comprou expressamente uma quinta nos Olivais, onde instalou a mulher de Vossa Excelência e onde a vai ver todos os dias, ficando às vezes, com escândalo da vizinhança, até de madrugada. Assim o nome honrado de Vossa Excelência anda pelas lamas da

capital.

— É tudo o que diz a carta; e eu só devo acrescentar, porque o sei, que tudo quanto ela diz é incontestavelmente exato... O Sr. Carlos da Maia é pois, publicamente, com conhecimento de toda a Lisboa, o amante dessa senhora.

Carlos ergueu-se, muito sereno. E abrindo de leve os braços, numa aceitação inteira de todas as responsabilidades:

— Não tenho então nada a dizer a Vossa Excelência senão que estou às suas ordens!...

Uma fugitiva onda de sangue avivou a palidez morena de Castro Gomes. Dobrou a carta, guardou-a com todo o vagar na carteira. Depois, sorrindo friamente:

— Perdão... O Sr. Carlos da Maia

sabe, tão bem como eu, que, se isto tivesse de ter uma solução violenta, eu não viria aqui pessoalmente, a sua casa, ler-lhe este papel... A coisa é inteiramente outra.

Carlos recaíra na cadeira, assombrado. E agora a lentidão adocicada daquela voz ia-se-lhe tornando intolerável. Um confuso terror do que viria desses lábios, que sorriam com uma polidez impertinente, quase fazia estalar o seu pobre coração. E era um desejo brutal de lhe gritar que acabasse, que o matasse, ou que saísse daquela sala, onde a sua presença era uma inutilidade ou uma torpeza!...

O outro passou os dedos no bigode, e prosseguiu, devagar, arranjando as suas palavras com cuidado e com

precisão:

— O meu caso é este, Sr. Carlos da Maia. Há pessoas em Lisboa que me não conhecem decerto, mas que sabem a esta hora que existe algures, em Paris, no Brasil ou no Inferno, um certo Castro Gomes, que tem uma mulher bonita, e que a mulher desse Castro Gomes tem em Lisboa um amante. Isto é desagradável, sobretudo por ser falso. E Vossa Excelência compreende que não devo continuar a arrastar por mais tempo a fama de *marido infeliz*, visto que a não mereço, e que a não posso legalmente ter... É por isso que aqui venho, muito francamente,
de *gentleman* para *gentleman*, dizer-lhe, como tenho tenção de dizer a outros, que aquela senhora não é minha mulher.

Durante um momento Castro Gomes esperou a voz de Carlos da Maia. Mas ele conservava uma face muda, impenetrável, onde apenas os olhos brilhavam angustiosamente na lividez que a cobrira. Por fim, com um esforço, baixou de leve a cabeça, como acolhendo placidamente aquela revelação, que tornava outra qualquer palavra entre eles desnecessária e vã.

Mas Castro Gomes encolhera de leve os ombros, como uma lânguida resignação, como quem atribui tudo à malícia dos Destinos.

— São as ridículas cenas da vida... O Sr. Carlos da Maia está daí a ver as coisas. É a velha, a clássica história... Há três anos que eu vivo com essa senhora; quando tive o inverno passado de

ir ao Brasil, trouxe-a a Lisboa para não vir sozinho. Fomos para o Hotel Central. Vossa Excelência compreende perfeitamente que eu não fui fazer confidências ao gerente do estabelecimento. Aquela senhora vinha comigo, dormia comigo, portanto, para todos os efeitos do hotel, era minha mulher. Como mulher de Castro Gomes ficou no Central; como mulher de Castro Gomes alugou depois uma casa na Rua de S. Francisco; como mulher de Castro Gomes tomou enfim um amante... Deu-se sempre como mulher de Castro Gomes, mesmo nas circunstâncias mais particularmente desagradáveis para Castro Gomes... E, meu Deus!, não podemos realmente condená-la muito... Achava-se por acaso revestida de uma

excelente posição social e de um nome puro, seria mais que humano que o seu amor da verdade a levasse, apenas conhecia alguém, a declarar que posição e nome eram de empréstimo e ela era apenas «Fulana de tal, amigada...». De resto, sejamos justos, ela não era moralmente obrigada a dar semelhantes explicações ao tendeiro que lhe vendia a manteiga, ou à matrona que lhe alugava a casa: nem mesmo, penso eu, a ninguém, a não ser a um pai que lhe quisesse apresentar sua filha, saída do convento... Demais a mais sou eu que tenho um pouco a culpa; muitas vezes, em coisas relativamente delicadas, lhe deixei usar o meu nome. Foi, por exemplo, com o nome de Castro Gomes que ela tomou a governanta inglesa. As inglesas são tão

exigentes!... Aquela, sobretudo, uma rapariga tão séria... Enfim tudo isso passou... O que importa agora é que eu lhe retiro solenemente o nome que lhe emprestara; e ela fica apenas com o seu, que é Madame Mac Gren. Carlos ergueu-se, lívido. E com as mãos fincadas nas costas da cadeira, tão fortemente que quase lhe esgaçava o estofo:

— Mais nada, creio eu?

Castro Gomes mordeu de leve os beiços perante este remate brutal que o despedia.

— Mais nada — disse ele tomando o chapéu e levantando-se muito vagarosamente. — Devo apenas acrescentar, para evitar a Vossa Excelência suspeitas injustas, que aquela senhora não é uma menina que eu tivesse

seduzido, e a quem recuse uma reparação. A pequerruchinha que ali anda não é minha filha... Eu conheço a mãe somente há três anos... Vinha dos braços de um qualquer, passou para os meus... Posso pois dizer, sem injúria, que era uma mulher que eu pagava.

Completara com esta palavra a humilhação do outro. Estava deliciosamente desforrado. Carlos, mudo, abrira o reposteiro da sala, numa sacudidela brusca. E, diante desta nova rudeza que revelava só mortificação, Castro Gomes foi perfeito: saudou, sorriu, murmurou:

— Parto esta noite mesmo para Madrid, e levo o pesar de ter feito o conhecimento de Vossa Excelência por um motivo tão desagradável... Tão

desagradável para mim.

Os seus passos desafogados e leves perderam-se na antecâmara, entre as tapeçarias. Depois, em baixo, uma portinhola bateu, uma carruagem rodou na calçada...

Carlos ficara caído numa cadeira, junto da porta, com a cabeça entre as mãos. E de todas aquelas palavras de Castro Gomes, que ainda lhe ressoavam em redor, adocicadas e lentas, só lhe restava o sentimento atordoado de uma coisa muito bela, resplandecendo muito alto, e que caía de repente, se fazia em pedaços na lama, salpicando-o todo de nódoas intoleráveis... Não sofria: era simplesmente um assombro de todo o seu ser perante este fim imundo de um sonho divino... Unira a sua alma

arrebatadamente a outra alma nobre e perfeita, longe nas alturas, entre nuvens de oiro; de repente uma voz passava, cheia de *rr*; as duas almas rolavam, batiam num charco; e ele achava-se tendo nos braços uma mulher que não conhecia, e que se chamava Mac Gren.

Mac Gren! Era a Mac Gren!

Ergueu-se, com os punhos fechados; e veio-lhe uma revolta furiosa, de todo o seu orgulho, contra essa ingenuidade que o trouxera meses tímido, trémulo, ansioso, seguindo à maneira de uma estrela aquela mulher, que qualquer em Paris, com mil francos no bolso, poderia ter sobre um sofá, fácil e nua! Era horrível! E recordava agora, afogueado de vergonha, a emoção religiosa com que entrava na sala de repes vermelho da Rua

de S. Francisco: o encanto enternecido com que via aquelas mãos, que ele julgava as mais castas da Terra, puxarem os fios de lã no bordado, num constante trabalho de mãe laboriosa e recolhida; a veneração espiritual com que se afastava da orla do seu vestido, igual para ele à túnica de uma Virgem cujas pregas rígidas nem a mais rude bestialidade ousaria desmanchar de leve! Oh! imbecil, imbecil!... E todo esse tempo ela sorria consigo daquela simpleza de provinciano do Douro! Oh! tinha vergonha agora das flores apaixonadas que lhe trouxera! Tinha vergonha das «excelências» que lhe dera!

E seria tão fácil, desde o primeiro dia no Aterro, ter percebido que aquela deusa, descida das nuvens, estava amigada com um brasileiro! Mas quê! A

sua paixão absurda de romântico pusera-lhe logo, entre os olhos e as coisas flagrantes e reveladoras, uma dessas névoas douradas que dão às montanhas mais rugosas e negras um brilho polido de pedra preciosa! Porque escolhera ela precisamente para seu médico, na sua casa e na sua intimidade, o homem que na rua a fitara com um fulgor de desejo na face? Porque é que nas suas longas conversas, nas manhãs da Rua de S. Francisco, não falara jamais de Paris, dos seus amigos e das coisas da sua casa? Porque é que ao fim de dois meses, sem preparação, sem todas essas progressivas evidências do amor que cresce e desabrocha como uma flor, se lhe abandonara de chofre, toda pronta, apenas ele lhe disse o primeiro «amo-te»?...

Porque lhe aceitara uma casa já mobilada, com a facilidade com que lhe aceitava os ramos? E outras coisas ainda, pequeninas, mas que não teriam escapado ao mais simples: joias brutais, de um luxo grosseiro de *cocotte*; o livro da *Explicação de Sonhos*, à cabeceira da cama; a sua familiaridade com Melanie... E agora até o ardor dos seus beijos lhe parecia vir menos da sinceridade e da paixão que da ciência da voluptuosidade!... Mas tudo acabara, providencialmente! A mulher que ele amara e as suas seduções esvaíam-se de repente no ar como um sonho, radiante e impuro, de que aquele brasileiro o viera acordar por caridade! Esta mulher era apenas a Mac Gren... O seu amor fora, desde que a vira, como o próprio sangue

das suas veias; e escoava-se agora todo através da ferida incurável, e que nunca mais fecharia, feita no seu orgulho!

Ega apareceu à porta do salão, ainda pálido:

— Então?

Toda a cólera de Carlos fez explosão:

— Extraordinário, Ega, extraordinário! A coisa mais abjeta, a coisa mais imunda!

— O homem pediu-te dinheiro?

— Pior!

E, passeando arrebatadamente, Carlos desabafou, contou tudo, sem reticências, com as mesmas palavras cruas do outro — que assim, repetidas e avivadas pelos seus lábios, lhe descobriam motivos novos de humilhação

e de nojo.

— Já por acaso sucedeu a alguém coisa mais horrível? — exclamou por fim, cruzando violentamente os braços diante do Ega, que se abatera no sofá, assombrado. — Podes tu conceber um caso mais sórdido? E também mais burlesco? É para estalar o coração. E é para rebentar a rir. Estupendo! Aí nesse sofá, aí onde tu estás, o homenzinho, muito amável, de flor ao peito, a dizer: «Olhe que aquela criatura não é minha mulher, é uma criatura que eu pago...» Compreendes isto bem? Aquele sujeito paga-a... Quanto é o beijo? Cem francos. Aí estão cem francos... É de morrer!

E recomeçou no seu passeio, desvairado, desabafando mais, recontando tudo, sempre com as palavras de Castro

Gomes, que ele deformava ainda numa brutalidade maior...

— Que te parece, Ega? Dize lá. Que fazias tu? É horrível, hem? Ega, que limpava pensativamente o vidro do monóculo, hesitou, terminou por dizer que, considerando as coisas com superioridade, como homens do seu tempo e «do seu mundo», elas não ofereciam nem motivos de cólera, nem motivos de dor.

— Então não compreendes nada! — gritou Carlos. — Não percebes o meu caso!

Sim, sim, Ega compreendia claramente que era horrível para um homem, no momento em que ia ligar com adoração o seu destino ao de uma mulher, saber que os outros a tinham tido a tanto

por noite... Mas isso mesmo simplificava e amenizava as coisas. O que fora um drama complicado tornava-se numa distração bonançosa. Ficava Carlos, desde logo, aliviado do remorso de ter desorganizado uma família: já não tinha de se exilar, a esconder o seu erro, num buraco florido da Itália: já o não prendia a honra para sempre a uma mulher a quem talvez não o prenderia para sempre o amor. Tudo isto, que diabo!, eram vantagens.

— E a dignidade dela! — exclamou Carlos.

Sim, mas a diminuição de dignidade e pureza não era na verdade grande, porque antes da visita de Castro Gomes já ela era uma mulher que foge do seu marido — o que, sem mesmo usar

termos austeros, nem é muito puro nem muito digno... Decerto, tudo isso era uma humilhação irritante — não superior todavia à de um homem que tem uma *Madona* que contempla com religião, supondo-a de Rafael, e que descobre um dia que a tela divina foi fabricada na Baía, por um sujeito chamado Castro Gomes! Mas o resultado íntimo e social parecia-lhe ser este: Carlos até tivera uma bela amante com inconvenientes, e agora tinha sem inconvenientes uma bela amante...

— O que tu deves fazer, meu caro Carlos...

— O que eu vou fazer é escrever-lhe uma carta, remetendo-lhe o preço dos dois meses que dormi com ela...

— Brutalidade romântica! Isso já

vem na *Dama das Camélias*... Sobretudo é não ver com boa filosofia as *nuances*.

O outro atalhou, impaciente:

— Bem, Ega, não falemos mais nisso... Eu estou horrivelmente nervoso!... Até logo. Tu jantas em casa, não é verdade? Bem, até logo. Saía atirando a porta, quando Ega, agora tranquilo, disse, erguendo-se muito lentamente do sofá:

— O homenzinho foi para lá.

Carlos voltou-se, com os olhos chamejantes:

— Foi para os Olivais? Foi ter com ela?

Sim, pelo menos mandara a tipoia à quinta do Craft. Ega, para conhecer esse Sr. Castro Gomes, fora meter-se no cubículo do guarda-portão. E vira-o descer, acender um charuto... Era com

efeito um desses *rastaquouères* que nesse infeliz Paris que tudo tolera vêm ao *Café de la Paix* às duas horas tomar a sua *groseille*, tesos e embrutecidos... E fora o guarda-portão que lhe dissera que o sujeito parecia muito alegre e mandara o cocheiro bater para os Olivais...

Carlos parecia aniquilado:

— Tudo isso é nojento!... No fim talvez até se entendam ambos. Estou como tu dizias aqui há tempos: «Caiu-me a alma a uma latrina, preciso um banho por dentro!».

Ega murmurou melancolicamente:

— Essa necessidade de banhos morais está-se tornando, com efeito, tão frequente... Devia haver na cidade um estabelecimento para eles.

Carlos, no seu quarto, passeava

diante da mesa onde a folha branca de papel, em que ia escrever a Maria Eduarda, já tinha a data desse dia, depois: *Minha senhora*, numa letra que ele se esforçara por traçar bem firme e serena — e não achava outra palavra. Estava bem decidido a mandar-lhe um cheque de duzentas libras, paga esplendidamente ultrajante das semanas que passara no seu leito. Mas queria juntar duas linhas regeladas, impassíveis, que a ferissem mais que o dinheiro: e não encontrava senão frases de grande cólera, revelando um grande amor.

Olhava a folha branca: e a banal expressão *Minha senhora* dava-lhe uma saudade dilacerante por aquela a quem na véspera ainda dizia: *minha adorada*, pela mulher que se não chamava ainda Mac

Gren, que era perfeita, e que uma paixão indomável, superior à razão, entontecera e vencera. E o seu amor por essa Maria Eduarda, nobre e amante, que se transformara na Mac Gren, amigada e falsa, era agora maior infinitamente, desesperado por ser irrealizável como o que se tem por uma morta e que palpita mais ardente junto da frialdade da cova. Oh! se ela pudesse ressurgir outra vez, limpa, clara, do lodo em que afundara, outra vez Maria Eduarda, com o seu casto bordado!... De que amor mais delicado a cercaria para a compensar das afeições domésticas que ela deixasse de merecer! Que veneração maior lhe consagraria — para suprir o respeito que o mundo superficial e afetado lhe retirasse! E ela tinha tudo para reter amor e respeito —

tinha a beleza, a graça, a inteligência, a alegria, a maternidade, a bondade, um incomparável gosto... E com todas estas qualidades doces e fortes — era apenas uma intrujona!

Mas porquê? porquê? Porque entrara ela nesta longa fraude, tramada dia a dia, mentindo em tudo, desde o pudor que fingia até ao nome que usava!

Apertava a cabeça entre as mãos, achava a vida intolerável. Se ela mentia — onde havia então a verdade? Se ela o traía assim, com aqueles olhos claros, o universo podia bem ser todo uma imensa traição muda. Punha-se um molho de rosas num vaso, exalava-se dele a peste! Caminhava-se para uma relva fresca, ela escondia um lamaçal! E para quê, para que mentira ela? Se, desde o primeiro dia

em que o vira, trémulo e rendido, a contemplar o seu bordado como se contempla uma ação de santidade, lhe tivesse dito que não era a esposa do Sr. Castro Gomes, mas só amante do Sr. Castro Gomes, teria a sua paixão sido menos viva, menos profunda? Não era a estola do padre que dava beleza ao seu corpo e valor às suas carícias... Para que fora então essa mentira tenebrosa e descarada que lhe fazia supor agora que eram imposturas os seus mesmos beijos, imposturas os seus mesmos suspiros!... E com este longo embuste o levava a expatriar-se, dando a sua vida inteira por um corpo por que outros davam apenas um punhado de libras! E por esta mulher, tarifada às horas como as caleches da Companhia, ele ia amargurar a velhice do

avô, estragar irreparavelmente o seu destino, cortar a sua livre ação de homem!

Mas porquê? Porque fora esta farsa banal, arrastada por todos os palcos de ópera cómica, da *cocotteque se finge senhora* ? Porque o fizera ela, com aquele falar honesto, o puro perfil e a doçura de mãe? Por interesse? Não. Castro Gomes era mais rico que ele, mais largamente lhe podia satisfazer o apetite mundano de *toilettes*, de carruagens... Sentia ela que Castro Gomes a ia abandonar, e queria ter ao lado, aberta e pronta, outra bolsa rica? Então mais simples teria sido dizer-lhe: «Eu sou livre, gosto de ti, toma-me livremente, como eu me dou.» Não! Havia ali alguma coisa secreta, tortuosa, impenetrável... O que daria por a conhecer!

E então, pouco a pouco, foi surgindo nele o desejo de ir aos Olivais... Sim, não lhe bastaria desforrar-se arrogantemente atirando-lhe ao regaço um cheque embrulhado numa insolência! O que precisava, para sua plena tranquilidade, era arrancar, do fundo daquela turva alma, o segredo daquela torpe farsa... Só isso amansaria o seu incomparável tormento. Queria entrar outra vez na *Toca*, ver como era aquela outra mulher que se chamava Mac Gren, e ouvir as suas palavras. Oh! iria sem violências, sem recriminações, muito calmo, sorrindo! Só para que ela lhe dissesse qual fora a razão daquela mentira tão laboriosa, tão vã... Só para lhe perguntar serenamente: «Minha rica senhora, para que foi toda esta intrujice?»

E depois vê-la chorar... Sim, tinha esta ansiedade cheia de amor de a ver chorar. A agonia que ele sentira no salão cor de musgo do outono, enquanto o outro arrastava os *rr*, queria vê-la repetida nesse seio, onde ele até aí dormira tão docemente, esquecido de tudo, e que era belo, tão divinamente belo!...

Bruscamente, decidido, deu um puxão à campainha. Batista apareceu, todo abotoado na sua sobrecasaca, com um ar resoluto, como armado e pronto a ser útil naquela crise que adivinhava...

— Batista, corre ao Hotel Central e pergunta se já entrou o Sr. Castro Gomes!... Não, escuta... Põe-te à porta do Central, e espera até que entre aquele sujeito que aqui esteve... Não, é melhor perguntar! Enfim, certifica-te de que o

sujeito ou voltou ou está no hotel. E apenas estejas bem certo disso, volta aqui, à desfilada, numa tipoia... Um batedor seguro, que é para me levar depois aos Olivais. Imediatamente, dada esta ordem, serenou. Era já um alívio imenso não ter de escrever a carta e achar as palavras acerbas que a deviam dilacerar. Rasgou o papel devagar. Depois fez o cheque de duzentas libras, ao *portador*. Ele mesmo lho levaria... Oh! decerto não lho atirava romanticamente ao regaço... Deixá-lo-ia sobre a mesa, sobrescritado a Madame Mac Gren... E de repente sentiu uma compaixão por ela. Via-se já, abrindo o envelope com duas grandes lágrimas, lentas, caladas, a rolarem-lhe na face... E os seus próprios olhos se humedeceram.

Nesse momento Ega, de fora, perguntou se era importuno.

— Entra! — gritou.

E continuou passeando, calado, com as mãos nos bolsos: o outro, em silêncio também, foi encostar-se à janela sobre o jardim.

— Preciso escrever ao avô a dizer-lhe que cheguei — murmurou Carlos por fim, parando junto da mesa.

— Dá-lhe recados meus.

Carlos sentara-se, tomara languidamente a pena: mas bem depressa a arremessou: cruzou as mãos por detrás da cabeça, no espaldar da cadeira, cerrou os olhos, como exausto.

— Sabes uma coisa que me parece certa? — disse de repente o Ega da janela. — Quem escreveu a carta anónima

ao Castro Gomes foi o Dâmaso!

Carlos olhou para ele:

— Achas?... Sim, talvez... Com efeito, quem havia de ser?

— Não foi mais ninguém, menino. Foi o Dâmaso!

Carlos então recordou o que lhe contara o Taveira — as alusões misteriosas do Dâmaso a um escândalo que se estava armando, uma bala que ele devia receber na cabeça... O Dâmaso, portanto, tinha como certa a vinda do brasileiro, depois um duelo...

— É necessário esmagar esse infame! — exclamou Ega, subitamente furioso. Não há segurança, não há paz na nossa vida enquanto esse bandido viver!...

Carlos não respondeu. E o outro prosseguia, transtornado, já todo pálido,

deixando transbordar ódios cada dia acumulados:

— Eu não o mato porque não tenho um pretexto!... Se tivesse um pretexto, uma insolência dele, um olhar atrevido, era meu, esborrachava-o!... Mas tu precisas fazer alguma coisa, isto não pode ficar assim! Não pode! É necessário sangue... Vê tu que infâmia, uma carta anónima!... Temos a nossa paz, a nossa felicidade, tudo exposto constantemente aos ataques do Sr. Dâmaso. Não pode ser. Eu o que tenho pena é de não ter um pretexto! Mas tem-lo tu, aproveita, e esmaga-o!

Carlos encolheu os ombros:

— Merecia chicotadas, com efeito... Mas ele, realmente, só tem sido velhaco comigo por causa das minhas

relações com essa senhora; e como isso é um caso acabado, tudo o que se prende com ele finda também. *Parce sepultis*... E no fim era ele que tinha razão, quando dizia que ela era uma intrujona...

Atirou uma punhada à mesa, ergueu-se, e com um sorriso amargo, num tédio infinito de tudo:

— Era ele, era o Sr. Dâmaso Salcede que tinha razão!... Toda a sua cólera revivera, mais áspera, a esta ideia. Olhou o relógio. Tinha pressa de a ver, tinha pressa de a injuriar!...

— Escreveste-lhe? — perguntou o Ega.

— Não, vou lá eu mesmo.

Ega pareceu espantado. Depois recomeçou a passear, calado, com os olhos no tapete.

Ia escurecendo quando Batista voltou. Vira o Sr. Castro Gomes apear-se no hotel e mandar descer as suas bagagens: — e a tipoia, para levar o menino aos Olivais, esperava em baixo.

— Bem, adeus — disse Carlos, procurando atarantadamente um par de luvas.

— Não jantas?

— Não.

Daí a pouco rodava pela estrada dos Olivais. Já se acendera o gás. E inquieto, no estreito assento, acendendo nervosamente *cigarettes* que não fumava, sofria já a perturbação daquele encontro difícil e doloroso... Nem sabia mesmo como a havia de tratar, se por «minha senhora», se por «minha boa amiga», com uma superior indiferença. E ao mesmo

tempo sentia por ela uma compaixão indefinida, que o amolecia. Diante destes seus modos regelados, via-a já toda pálida, a tremer, com os olhos cheios de água. E estas lágrimas que apetecera, agora que estava tão perto de as ver correr, enchiam-no só de comoção e de dó... Durante um momento mesmo pensou em retroceder. Por fim seria muito mais digno escrever-lhe duas linhas altivas, sacudindo-a de si para sempre e secamente! Poderia não lhe mandar o cheque — afronta brutal de homem rico. Apesar de embusteira, era mulher, cheia de nervos, cheia de fantasia, e amara-o talvez com desinteresse... Mas uma carta era mais digno. E agora acudiam-lhe as palavras que lhe deveria ter dirigido, incisivas e precisas. Sim, devia-lhe ter

dito — que se estava pronto a dar a sua vida a uma mulher que se lhe abandonara *por paixão*, estava decidido a não sacrificar nem os seus vagares a uma mulher que lhe cedera *por profissão*. Era mais simples, era terminante... E depois não a via, não teria de suportar a tortura das explicações e das lágrimas.

Então veio-lhe uma fraqueza. Bateu nos vidros para fazer parar, refletir um instante, mais calmamente, no silêncio das rodas. O cocheiro não ouviu: o trote largo da parelha continuou batendo a estrada escura. E Carlos deixou seguir, outra vez hesitante. Depois à maneira que reconhecia, esbatidos na sombra, aqueles sítios onde tantas vezes passara com o coração em festa, quando a sua paixão estava em flor, uma cólera nova voltava

— menos contra a pessoa de Maria Eduarda que contra essa *mentira* que fora obra dela, e que vinha estragar irremediavelmente o encanto divino da sua vida. Era essa *mentira* que, agora, odiava — vendo-a, como uma coisa material e tangível, de um peso enorme, feia e cor de ferro, esmagando-lhe o coração. Oh! Se não fosse *essa coisa* pequenina e inolvidável que estava entre eles, como um indestrutível bloco de granito, poderia abrir-lhe novamente os seus braços, se não com a mesma crença, pelo menos com o mesmo ardor! Esposa do outro ou amante do outro — no fim que importava? Não era por faltar aos beijos que esse homem lhe dera a consagração de um padre, rosnada em latim — que a sua pele estava mais poluída por eles, ou

tinha menos frescura. Mas havia a *mentira*, a mentira inicial, dita no primeiro dia em que fora à Rua de S. Francisco, e que, como um fermento podre, ficava estragando tudo daí por diante: doces conversas, silêncios, passeios, sestas no calor da quinta, murmúrios de beijos morrendo entre os cortinados cor de oiro... Tudo manchado, tudo contaminado por aquela *mentira* primeira que ela dissera sorrindo, com os seus tranquilos olhos límpidos...

Abafava. Ia descer a vidraça, a que faltava a correia — quando a tipoia parou de repente, na estrada solitária... Abriu a portinhola. Uma mulher com xale pela cabeça falava ao cocheiro.

— Melanie!

— Ah, monsieur!

Carlos saltou precipitadamente. Era já próximo da quinta, na volta da estrada, onde o muro fazia um recanto sob uma faia, defronte de sebes de piteiras resguardando campos de olivedo. Carlos gritou ao cocheiro que seguisse e esperasse no portão da quinta. E ficou ali, no escuro, com Melanie encolhida no seu xale. Que estava ela ali a fazer? Melanie parecia transtornada: contou que vinha procurar à vila uma carruagem, porque a senhora queria ir a Lisboa, ao *Ramalhete*... Ela julgara a tipoia vazia. E apertava as mãos, dando graças, com um imenso alívio. Ah! que felicidade, que felicidade ter ele vindo!... A senhora estava aflita, nem jantara, perdida de choro. O Sr. Castro Gomes aparecera lá

inesperadamente... A senhora, coitadinha, queria morrer! Então Carlos, caminhando rente do muro, interrogou Melanie. Como viera o outro? que dissera? como se despedira?... Melanie não ouvira nada. O Sr. Castro Gomes e a senhora tinham conversado sós no pavilhão japonês. À saída é que vira o Sr. Castro Gomes dizer adeus a madame, muito sossegado, muito amável, rindo, falando de *Niniche*... A senhora, essa, parecia como morta, tão pálida! Quando o outro partiu, ia tendo um desmaio.

Estavam próximo do portão da *Toca*. Carlos retrocedeu, respirando fortemente, com o chapéu na mão. E agora todo o seu orgulho se ia sumindo sob a violência da sua ansiedade. Queria saber! E perguntava, deixava entrar Melanie nas

coisas dolorosas da sua paixão... «Dites toujours, Melanie, dites!» Sabia a senhora que Castro Gomes estivera com ele no *Ramalhete*, lhe confessara tudo?... Claramente que sabia, por isso chorava — dizia Melanie. Ah, ela bem repetira à senhora que era melhor contar a verdade! Era muito amiga dela, servia-a desde pequena, vira nascer a menina... E tinha-lho dito, até nos Olivais!

Carlos curvava a cabeça na escuridão do muro. Melanie «tinha-lho dito»! Assim ela e a criada discutiam ambas, acamaradadas, o embuste em que andava presa a sua vida! E aquelas revelações de Melanie, que suspirava com o xale sobre o rosto, abatiam os últimos pedaços desse sonho que ele erguera tão alto, entre nuvens de oiro.

Nada restava. Tudo jazia em estilhaços, no lodo imundo. Um momento, com o coração cheio de fadiga, pensou em voltar a Lisboa. Mas para além daquele negro muro estava ela, perdida de choro, querendo morrer... E lentamente recomeçou a caminhar para o portão.

E agora, sem resistência nenhuma do orgulho, fazia perguntas mais íntimas a Melanie. Porque é que Maria Eduarda não lhe dissera a verdade?

Melanie encolheu os ombros. Não sabia: nem a senhora sabia! Estivera no Central como Madame Gomes; alugara a casa da Rua de S. Francisco como Madame Gomes; recebera-o como Madame Gomes... E assim se deixara ir, insensivelmente, conversando com ele, gostando dele, vindo para os Olivais... E

depois era tarde, já não se atrevera a confessar, toda enterrada assim na mentira, com medo de um desgosto...

Mas, exclamava Carlos, nunca imaginara ela que fatalmente tudo se descobriria um dia?

— Je ne sais pas, monsieur, je ne sais pas — murmurou Melanie quase a chorar.

Depois eram outras curiosidades. Ela não esperava Castro Gomes? não supunha que ele voltasse? não costumava falar dele?...

— Oh non, monsieur, oh non!

Madame, desde que o senhor começara a ir todos os dias à Rua de S. Francisco, considerara-se para sempre desligada do Sr. Castro Gomes, nem falava nele, nem queria que se falasse...

Antes disso a menina chamava ao Sr. Castro Gomes *petit ami*. Agora não lhe chamava nada. Tinham-lhe dito que já não havia *petit ami*...

— Ela escrevia-lhe ainda — dizia Carlos — eu sei que ela lhe escrevia...

Sim, Melanie julgava que sim... Mas cartas indiferentes. A senhora levara o seu escrúpulo a ponto de que, desde que viera para os Olivais, nunca mais gastara um ceitil das quantias que lhe mandava o Sr. Castro Gomes. As letras para receber dinheiro conservava-as intactas, entregara-lhas nessa tarde... Não se lembrava ele de a ter encontrado uma manhã à porta do Montepio? Pois bem, fora lá, com uma amiga francesa, empenhar uma pulseira de brilhantes da senhora. A senhora vivia agora das suas

joias; tinha já outras no prego.

Carlos parara, comovido. Mas então para que tinha ela mentido?

— Je ne sais pas — dizia Melanie — je ne sais pas... Mais elle vous aime bien, allez!

Estavam defronte do portão. A tipoia esperava. E, ao fundo da rua de acácias, a porta da casa aberta deixava passar a luz do corredor, frouxa e triste. Carlos julgou mesmo ver a figura de Maria Eduarda, embrulhada numa capa escura, de chapéu, atravessar nessa claridade... Ouvira decerto rodar a carruagem. Que aflita impaciência seria a sua!

— Vai-lhe dizer que vim, Melanie, vai! — murmurou Carlos. A rapariga correu. E ele, caminhando devagar sob as

acácias, sentia no sombrio silêncio as pancadas desordenadas do seu coração. Subiu os três degraus de pedra que lhe pareciam já de uma casa estranha. Dentro o corredor estava deserto, com a sua lâmpada mourisca alumiando as panóplias de toiros... Ali ficou. Melanie, com o xale na mão, veio dizer-lhe que a senhora estava na sala das tapeçarias... Carlos entrou.

Lá estava, ainda de capa, esperando de pé, pálida, com toda a alma concentrada nos olhos que refulgiam entre as lágrimas. E correu para ele, arrebatou-lhe as mãos, sem poder falar, soluçando, tremendo toda.

Na sua terrível perturbação, Carlos achava só esta palavra, melancolicamente estúpida:

— Não sei porque chora, não sei, não há razão para chorar... Ela pôde enfim balbuciar:

— Escuta-me, pelo amor de Deus! não digas nada, deixa contar-te... Eu ia lá, tinha mandado Melanie por uma carruagem. Ia ver-te... Nunca tive a coragem de te dizer! Fiz mal, foi horrível... Mas escuta, não digas nada ainda, perdoa, que eu não tenho culpa! De novo os soluços a sufocaram. E caiu ao canto do sofá, num choro brusco e nervoso, que a sacudia toda, lhe fazia rolar sobre os ombros os cabelos mal atados.

Carlos ficara diante dela, imóvel. O seu coração parecia parado de surpresa e de dúvida, sem força para desafogar. Apenas agora sentia quanto seria baixo e

brutal deixar-lhe o cheque — que tinha ali na carteira e que o enchia de vergonha... Ela ergueu o rosto, todo molhado, murmurou com um grande esforço:

— Escuta-me!... Nem sei como hei de dizer... Oh, são tantas coisas, são tantas coisas!... Tu não te vais já embora, senta-te, escuta...

Carlos puxou uma cadeira, lentamente.

— Não, aqui ao pé de mim... Para eu ter mais coragem... Por quem és, tem pena, faz-me isso!

Ele cedeu à suplicação humilde e enternecedora dos seus olhos arrasados de água: e sentou-se ao outro canto do sofá, afastado dela, numa desconsolação infinita. Então, muito baixo, enrouquecida pelo choro, sem o olhar, e como num

confessionário — Maria começou a falar do seu passado, desmanchadamente, hesitando, balbuciando, entre grandes soluços que a afogavam, e pudores amargos que lhe faziam enterrar nas mãos a face aflita.

A culpa não fora dela! não fora dela! Ele devia ter perguntado àquele homem que sabia toda a sua vida... Fora sua mãe... Era horroroso dizê-lo, mas fora por causa dela que conhecera e que fugira com o primeiro homem, o outro, um irlandês... E tinha vivido com ele quatro anos, como sua esposa, tão fiel, tão retirada de tudo e só ocupada da sua casa, que ele ia casar com ela! Mas morrera na guerra com os Alemães, na batalha de Saint-Privat. E ela ficara com Rosa, com a mãe já doente, sem recursos, depois de

vender tudo... Ao princípio trabalhara... Em Londres tinha procurado dar lições de piano... Tudo falhara, dois dias vivera sem lume, de peixe salgado, vendo Rosa com fome! A pobre criança com fome! com fome! Ah, ele não podia perceber o que isto era!... Quase fora por caridade que as tinham repatriado para Paris... E aí conhecera Castro Gomes. Era horrível, mas que havia de ela fazer! Estava perdida...

Lentamente escorregara do sofá, caíra aos pés de Carlos. E ele permanecia imóvel, mudo, com o coração rasgado por angústias diferentes: era uma compaixão trémula por todas aquelas misérias sofridas, dor de mãe, trabalho procurado, fome, que lha tornavam confusamente mais querida; e era horror desse outro

homem, o irlandês, que surgia agora, e que lha tornava de repente mais maculada... Ela continuava falando de Castro Gomes. Vivera três anos com ele, honestamente, sem um desvio, sem um pensamento mau. O seu desejo era estar quieta em sua casa. Ele é que a forçava a andar em ceias, em noitadas...

E Carlos não podia ouvir mais, torturado. Repeliu-lhe as mãos, que procuravam as suas. Queria fugir, queria findar!...

— Oh! não, não me mandes embora! — gritou ela, prendendo-se a ele ansiosamente. — Eu sei que não mereço nada! Sou uma desgraçada... Mas não tive coragem, meu amor! Tu és homem, não compreendes estas coisas... Olha para mim! porque não olhas para mim? Um

instante só, não voltes o rosto, tem pena de mim... Não! ele não queria olhar. Temia aquelas lágrimas, o rosto cheio de agonia. Ao calor do seio que arquejava sobre os seus joelhos, já tudo nele começava a oscilar — orgulhos, despeitos, dignidade, ciúme... E então, sem saber, a seu pesar, as suas mãos apertaram as dela. Ela cobriu-lhe logo de beijos os dedos, as mangas, arrebatadamente: e ansiosa implorava do fundo da sua miséria um instante de misericórdia.

— Oh! dize que me perdoas! Tu és tão bom! Uma palavra só... Dize só que não me odeias, e depois deixo-te ir... Mas dize primeiro... Olha ao menos para mim como dantes, uma só vez!... E eram agora os seus lábios que procuravam os dele.

Então a fraqueza em que sentia afundar-se todo o seu ser encheu Carlos de cólera, contra si e contra ela. Sacudiu-a brutalmente, gritou:

— Mas porque não me disseste, porque não me disseste? Para que foi essa longa mentira? Eu tinha-te amado do mesmo modo! Para que mentiste tu?

Largara-a, prostrada no chão. E, de pé, deixava cair sobre ela a sua queixa desesperada:

— É a tua mentira que nos separa, a tua horrível mentira, a tua mentira somente!

Ela ergueu-se pouco a pouco, mal se sustendo, e com uma palidez de desmaio.

— Mas eu queria dizer-to — murmurou muito baixo, muito quebrada

diante dele, deixando cair os braços. — Eu queria dizer-to... Não te lembras, naquele dia em que tu vieste tarde, quando eu falei da casa de campo, e que tu pela primeira vez declaraste que gostavas de mim? Eu disse-te logo: «Há uma coisa que te quero contar...» Tu nem me deixaste acabar. Imaginavas o que era, que eu queria ser só tua, longe de tudo... E disseste então que havíamos de ir, com Rosa, ser felizes para algum canto do mundo... Não te lembras?... Foi então que me veio uma tentação! Era não dizer nada, deixar-me levar, e depois, mais tarde, anos depois, quando te tivesse provado bem que boa mulher eu era, digna da tua estima, confessar-te tudo e dizer-te: «Agora, se queres, manda-me embora.» Oh! foi mal feito, bem sei... Mas foi uma

tentação, não resisti... Se tu não falasses em fugirmos, tinha-te dito tudo... Mas mal falaste em fugirmos, vi uma outra vida, uma grande esperança, nem sei quê! E além disso adiava aquela horrível confissão! Enfim, nem posso explicar, era como o Céu que se abria, via-me contigo numa casa nossa... Foi uma tentação!... E depois era horrível, no momento em que tu me querias tanto, ir dizer-te: «Não faças tudo isso por mim, olha que eu sou uma desgraçada, nem marido tenho...» Que te hei de explicar mais? Não me resignava a perder o teu respeito. Era tão bom ser assim estimada... Enfim, foi um mal, foi um grande mal... E agora aí está, vejo-me perdida, tudo acabou!

Atirou-se para o chão, como uma criatura vencida e finda, escondendo a

face no sofá. E Carlos, indo lentamente ao fundo da sala, voltando bruscamente até junto dela, tinha só a mesma recriminação, a *mentira*, a *mentira*, pertinaz e de cada dia... Só os soluços dela lhe respondiam.

— Porque não me disseste ao menos depois, aqui nos Olivais, quando sabias que tu eras tudo para mim...?

Ela ergueu a cabeça, fatigada:

— Que queres tu? Tive medo que o teu amor mudasse, que fosse de outro modo... Via-te já a tratar-me sem respeito. Via-te a entrar por aí dentro de chapéu na cabeça, a perder a afeição à pequena, a querer pagar as despesas da casa... Depois tinha remorsos, ia adiando. Dizia: «Hoje não, um dia só mais de felicidade, amanhã será...» E assim ia indo! Enfim, nem eu sei, um horror! Houve um silêncio.

E então Carlos sentiu à porta *Niniche*, que queria entrar e gania baixinho e doloridamente. Abriu. A cadelinha correu, pulou para o sofá, onde Maria permanecia soluçando, enrodilhada a um canto: procurava lamber-lhe as mãos, inquieta: depois ficou plantada junto dela, como a guardá-la, desconfiada, seguindo com os seus vivos olhos de azeviche Carlos, que recomeçara a passear sombriamente.

Um ai mais longo e mais triste de Maria fê-lo parar. Esteve um momento olhando para aquela dor humilhada... Todo abalado, com os lábios a tremer, murmurou:

— Mesmo que te pudesse perdoar, como te poderia acreditar agora nunca mais? Há esta mentira horrível sempre entre nós a separar-nos! Não teria um

único dia de confiança e de paz...

— Nunca te menti senão numa coisa, e por amor de ti! — disse ela gravemente do fundo da sua prostração.

— Não, mentiste em tudo! Tudo era falso, falso o teu casamento, falso o teu nome, falsa a tua vida toda... Nunca mais te poderia acreditar... Como havia de ser, se agora mesmo quase que nem acredito no motivo das tuas lágrimas?

Uma indignação ergueu-a, direita e soberba. Os seus olhos de repente secos rebrilharam, revoltados e largos, no mármore da sua palidez.

— Que queres tu dizer? Que estas lágrimas têm outro motivo, estas súplicas são fingidas? Que finjo tudo para te reter, para não te perder, ter outro homem, agora que estou abandonada?... Ele balbuciou:

— Não, não! Não é isso!

— E eu? — exclamou ela, caminhando para ele, dominando-o, magnífica e com esplendor de verdade na face. — E eu? porque hei de eu acreditar nessa grande paixão que me juravas? O que é que tu amavas então em mim? Dize lá! Era a mulher de outro, o nome, o requinte do adultério, as *toilettes*?... Ou era eu própria, o meu corpo, a minha alma e o meu amor por ti?... Eu sou a mesma, olha bem para mim!... Estes braços são os mesmos, este peito é o mesmo... Só uma coisa é diferente: a minha paixão! Essa é maior, desgraçadamente, infinitamente maior.

— Oh! se isso fosse verdade! — gritou Carlos, apertando as mãos. Num instante Maria estava caída a seus pés,

com os braços abertos para ele.

— Juro-te por alma da minha filha, por alma de Rosa! Amo-te, adoro-te doidamente, absurdamente, até à morte!

Carlos tremia. Todo o seu ser pendia para ela; e era um impulso irresistível de se deixar cair sobre aquele seio que arfava a seus pés, ainda que ele fosse o abismo da sua vida inteira... Mas outra vez a ideia da *mentira* passou, regeladora. E afastou-se dela, levando os punhos à cabeça, num desespero, revoltado contra aquela coisa pequenina e indestrutível que não queria sumir-se, e que se interpunha como uma barra de ferro entre ele e a sua felicidade divina!

Ela ficara ajoelhada, imóvel, com os olhos esgazeados para o tapete. Depois, no silêncio estofado da sala, a

sua voz ergueu-se dolente e trémula:

— Tens razão, acabou-se! Tu não me acreditas, tudo se acabou!... É melhor que te vás embora... Ninguém mais me torna a acreditar... Acabou tudo para mim, não tenho ninguém mais no mundo... Amanhã saio daqui, deixo-te tudo... Hás-de-me dar tempo para arranjar... Depois, que hei de fazer, vou-me embora! E não pôde mais, tombou para o chão, com os braços estirados, perdida de choro.

Carlos voltou-se, ferido no coração. Com o seu vestido escuro, para ali caída e abandonada, parecia já uma pobre criatura arremessada para fora de todo o lar, sozinha a um canto, entre a inclemência do mundo... Então respeitos humanos, orgulho, dignidade doméstica, tudo nele foi levado como por um grande

vento de piedade. Viu só, ofuscando todas as fragilidades, a sua beleza, a sua dor, a sua alma sublimemente amante. Um delírio generoso, de grandiosa bondade, misturou-se à sua paixão. E, debruçando-se, disse-lhe baixo, com os braços abertos:

— Maria, queres casar comigo?

Ela ergueu a cabeça, sem compreender, com os olhos desvairados. Mas Carlos tinha os braços abertos; e estava esperando para a fechar dentro deles outra vez, como sua e para sempre... Então levantou-se, tropeçando nos vestidos, veio cair sobre o peito dele, cobrindo-o de beijos, entre soluços e risos tonta, num deslumbramento:

— Casar contigo, contigo? Oh! Carlos... E viver sempre, sempre

contigo?... Oh! meu amor, meu amor! E tratar de ti, e servir-te, e adorar-te, e ser só tua? E a pobre Rosa também... Não, não cases comigo, não é possível, não valho nada! Mas se tu queres, porque não?... Vamos para longe, juntos, e Rosa e eu sobre o teu coração! E hás de ser nosso amigo, meu e dela, que não temos ninguém no mundo... Oh! meu Deus, meu Deus!...

Empalideceu, escorregando pesadamente entre os braços dele, desmaiada: e os seus longos cabelos desprendidos rojavam o chão, tocados pela luz de tons de oiro.

15

Maria Eduarda e Carlos — que ficara essa noite nos Olivais, na sua casinhola — acabavam de almoçar. O Domingos servira o café, e antes de sair deixara ao lado de Carlos a caixa de *cigarettes* e o*Figaro*. As duas janelas estavam abertas. Nem uma folha se movia no ar pesado da manhã encoberta, entristecida ainda por um dobre lento de sinos, que morria ao longe nos campos. No banco de cortiça, sob as árvores, Miss Sara costurava preguiçosamente; Rosa, ao lado, brincava na relva. E Carlos, que viera, numa intimidade conjugal, com uma simples camisa de seda e um jaquetão de flanela, chegou então a cadeira para junto

de Maria, tomou-lhe a mão, brincando-lhe com os anéis, numa lenta carícia:

— Vamos a saber, meu amor... Decidiste, por fim, quando queres partir?

Nessa noite, entre os seus primeiros beijos de noiva, ela mostrara o desejo enternecido de não alterar o plano da Itália e de um ninho romântico entre as flores de Isola Bela: somente agora não iam esconder a inquietação de uma felicidade culpada, mas gozar o repouso de uma felicidade legítima. E depois de todas as incertezas e tormentos que o tinham agitado, desde o dia em que cruzara Maria Eduarda no Aterro, Carlos anelava, também, pelo momento de se instalar enfim no conforto de um amor sem dúvidas e sem sobressaltos.

— Eu por mim abalava amanhã.

Estou sôfrego de paz. Estou até sôfrego de preguiça!... Mas tu, dize, quando queres?

Maria não respondeu; apenas o seu olhar sorriu, reconhecido e apaixonado. Depois, sem retirar a mão que a longa carícia de Carlos ainda prendia, chamou Rosa através da janela.

— Mamã, espera, já vou! Passa-me umas migalhas... Andam aqui uns pardais que ainda não almoçaram...

— Não, vem cá.

Quando ela apareceu à porta, toda de branco, corada, com uma das últimas rosas de verão metida no cinto — Maria qui-la mais perto, entre eles, encostada aos seus joelhos. E, arranjando-lhe a fita solta do cabelo, perguntou, muito séria, muito comovida, se ela gostaria que Carlos viesse viver com elas de todo e

ficar ali na *Toca*... Os olhos da pequena encheram-se de surpresa e de riso:

— O quê! estar sempre, sempre aqui, mesmo de noite, toda a noite?... E ter aqui as suas malas, as suas coisas?

Ambos murmuraram: «Sim.» Rosa então pulou, bateu as palmas, radiante, querendo que Carlos fosse já, já, buscar as suas malas e as suas coisas...

— Escuta — disse-lhe ainda Maria gravemente, retendo-a sobre os joelhos. — E gostavas que ele fosse como o papá, e que andasse sempre connosco, e que lhe obedecêssemos ambas, e que gostássemos muito dele?

Rosa ergueu para a mãe uma facezinha compenetrada, onde todo o sorriso se apagara.

— Mas eu não posso gostar mais

dele do que gosto!... Ambos a beijaram, num enternecimento que lhes humedecia os olhos. — E Maria Eduarda, pela primeira vez diante de Rosa, debruçando-se sobre ela, beijou de leve a testa de Carlos. A pequena ficou pasmada para o seu amigo, depois para a mãe. E pareceu compreender tudo; escorregou dos joelhos de Maria, veio encostar-se a Carlos com uma meiguice humilde:

— Queres que te chame papá, só a ti?

— Só a mim — disse ele, fechando-a toda nos braços. E assim obtiveram o consentimento de Rosa — que fugiu, atirando a porta, com as mãos cheias de bolos para os pardais. Carlos levantou-se, tomou a cabeça de Maria entre as mãos, e contemplando-a

profundamente, até à alma, murmurou num enlevo:

— És perfeita!

Ela desprendeu-se, com melancolia, daquela adoração que a perturbava.

— Escuta... Tenho ainda muito, muito que te dizer, infelizmente. Vamos para o nosso quiosque... Tu não tens nada que fazer, não? E que tenhas, hoje és meu... Vou já ter contigo. Leva as tuas*cigarettes*.

Nos degraus do jardim, Carlos parou a olhar, a sentir a doçura velada do céu cinzento... E a vida pareceu-lhe adorável, de uma poesia fina e triste, assim envolta naquela névoa macia onde nada resplandecia e nada cantava, e que tão favorável era para que dois corações,

desinteressados do mundo e em desarmonia com ele, se abandonassem juntos ao contínuo encanto de estremecerem juntos na mudez e na sombra.

— Vamos ter chuva, tio André — disse ele, passando junto do velho jardineiro que aparava o buxo.

O tio André, atarantado, arrancou o chapéu. Ah! uma gota de água era bem necessária, depois da estiagem! O torrãozinho já estava com sede! E em casa todos bons? A senhora? A menina?

— Tudo bom, tio André, obrigado.

E no seu desejo de ver todos em torno de si felizes como ele e como a terra sequiosa que ia ser consolada — Carlos meteu uma libra na mão do tio André, que ficou deslumbrado, sem ousar fechar os

dedos sobre aquele oiro extraordinário que reluzia.

Quando Maria entrou no quiosque, trazia um cofre de sândalo. Atirou-o para o divã: fez sentar Carlos ao lado, bem confortável, entre almofadas: acendeu-lhe uma *cigarette*. Depois agachou-se aos seus pés, sobre o tapete, como na humildade de uma confissão.

— Estás bem assim? Queres que o Domingos te traga água e conhaque?... Não? Então ouve agora, quero-te contar tudo... Era toda a sua existência que ela desejava contar. Pensara mesmo em lha escrever numa carta interminável, como nos romances. Mas decidira antes tagarelar ali uma manhã inteira, aninhada aos seus pés.

— Estás bem, não estás?

Carlos esperava, comovido. Sabia que aqueles lábios amados iam fazer revelações pungentes para o seu coração — e amargas para o seu orgulho. Mas a confidência da sua vida completava a posse da sua pessoa: quando a conhecesse toda no seu passado, senti-la-ia mais sua inteiramente. E, no fundo, tinha uma curiosidade insaciável dessas coisas que o deviam pungir e que o deviam humilhar.

— Sim, conta... Depois esquecemos tudo e para sempre. Mas agora dize, conta... Onde nasceste tu, por fim?

Nascera em Viena: mas pouco se recordava dos tempos de criança, quase nada sabia do papá, a não ser a sua grande nobreza e a sua grande beleza. Tivera uma irmãzinha que morrera de dois anos e que

se chamava Heloísa. A mamã, mais tarde, quando ela era já rapariga, não tolerava que lhe perguntassem pelo passado; e dizia sempre que remexer a memória das coisas antigas prejudicava tanto como sacudir uma garrafa de vinho velho... De Viena apenas recordava confusamente largos passeios de árvores, militares vestidos de branco, e uma casa espelhada e dourada onde se dançava: às vezes durante tempos ela ficava lá só com o avô, um velhinho triste e tímido, metido pelos cantos, que lhe contava histórias de navios. Depois tinham ido a Inglaterra: mas lembrava-se somente de ter atravessado um grande rumor de ruas, num dia de chuva, embrulhada em peles, sobre os joelhos de um escudeiro. As suas primeiras memórias mais nítidas datavam

de Paris; a mamã, já viúva, andava de luto pelo avô; e ela tinha uma aia italiana que a levava todas as manhãs, com um arco e com uma pela, brincar aos Campos Elísios. À noite costumava ver a mamã decotada, num quarto cheio de cetins e de luzes; e um homem loiro, um pouco brusco, que fumava sempre estirado pelos sofás, trazia-lhe de vez em quando uma boneca, e chamava-lhe *Mademoiselle Triste Coeur* por causa do seu arzinho sisudo. Enfim a mamã metera-a num convento ao pé de Tours — porque nessa idade, apesar de cantar já ao piano as valsas da *Belle Hélène*, ainda não sabia soletrar. Fora nos jardins do convento, onde havia lindos lilases, que a mamã se separara dela numa paixão de lágrimas; e ao lado esperava, para a consolar decerto,

um sujeito muito grave, de bigodes encerados, a quem a Madre Superiora falava com veneração.

A mamã ao princípio vinha vê-la todos os meses, demorando-se em Tours dois, três dias; trazia-lhe uma profusão de presentes, bonecas, bombons, lenços bordados, vestidos ricos, que lhe não permitia usar a regra severa do convento. Davam então passeios de carruagem pelos arredores de Tours: e havia sempre oficiais a cavalo, que escoltavam a caleche — e tratavam a mamã por tu. No convento, as mestras, a Madre Superiora, não gostavam destas saídas — nem mesmo que a mamã viesse acordar os corredores devotos com as suas risadas e o ruído das suas sedas; ao mesmo tempo pareciam temê-la; chamavam-lhe *Madame*

la Comtesse. A mamã era muito amiga do general que comandava em Tours, e visitava o bispo. Monsenhor, quando vinha ao convento, fazia-lhe uma festinha especial na face e aludia risonhamente *à son excellente mère*. Depois a mamã começou a aparecer menos em Tours. Esteve um ano longe, quase sem escrever, viajando na Alemanha; voltou um dia, magra e coberta de luto, e ficou toda a manhã abraçada a ela a chorar. Mas na visita seguinte vinha mais moça, mais brilhante, mais ligeira, com dois grandes galgos brancos, anunciando uma romagem poética à Terra Santa e a todo o remoto Oriente. Ela tinha então quase dezasseis anos: pela sua aplicação, os seus modos doces e graves, ganhara a afeição da Madre Superiora — que às vezes,

olhando-a com tristeza, acariciando-lhe o cabelo caído em duas tranças segundo a regra, lhe mostrava o desejo de a conservar sempre ao seu lado. *Le monde*, dizia ela, *ne vous sera bon*, *à rien*, *mon enfant*!... Um dia, porém, apareceu para a levar para Paris, para a mamã, uma Madame de Chavigny, fidalga pobre, de caracóis brancos, que era como uma estampa de severidade e de virtude. O que ela chorara ao deixar o convento! Mais choraria se soubesse o que ia encontrar em Paris!

A casa da mamã, no Parque Monceaux, era na realidade uma casa de jogo — mas recoberta de um luxo sério e fino. Os escudeiros tinham meias de seda; os convidados, com grandes nomes no Nobiliário de França, conversavam de

corridas, das Tulherias, dos discursos do Senado; e as mesas de jogo armavam-se depois como uma distração mais picante. Ela recolhia sempre ao seu quarto às dez horas: Madame de Chavigny, que ficara como sua dama de companhia, ia com ela cedo ao Bois num *coupé* escuro de *douairière*. Pouco a pouco, porém, este grande verniz começou a estalar. A pobre mamã caíra sob o jugo de um Mr. de Trevernnes, homem perigoso pela sua sedução pessoal e por uma desoladora falta de honra e de senso. A casa descaiu rapidamente numa boémia mal dourada e ruidosa. Quando ela madrugava, com os seus hábitos saudáveis do convento, encontrava paletós de homens por cima dos sofás: no mármore das *consoles* restavam pontas de charuto,

entre nódoas de champanhe; e nalgum quarto mais retirado ainda tinha o dinheiro de um bacará talhado à claridade do sol. Depois, uma noite, estando deitada, sentira de repente gritos, uma debandada brusca na escada: veio encontrar a mamã estirada no tapete, desmaiada; ela dissera-lhe apenas mais tarde, alagada em lágrimas, «que tinha havido uma desgraça»...

Mudaram então para um terceiro andar da Chaussée-d'Antin. Aí começou a aparecer uma gente desconhecida e suspeita. Eram valacos de grandes bigodes, peruanos com diamantes falsos, e condes romanos que escondiam para dentro das mangas os punhos enxovalhados... Por vezes, entre esta malta, vinha algum *gentleman* — que não

tirava o paletó, como num café-concerto. Um desses foi um irlandês, muito moço, Mac Gren... Madame de Chavigny deixara-as desde que faltara o *coupé* severo, acolchoado de cetim; e ela, só com a mãe, insensivelmente, fatalmente, fora-se misturando a essa vida tresnoitada de grogues e de bacará.

A mamã chamava a Mac Gren o «bebé». Era com efeito uma criança estouvada e feliz. Namorara-se dela logo com o ardor, a efusão, o ímpeto de um irlandês; e prometeu-lhe fazê-la sua esposa apenas se emancipasse — porque Mac Gren, menor ainda, vivia sobretudo das liberalidades de uma avó excêntrica e rica que o adorava, e que habitava a Provença numa vasta quinta onde tinha feras em jaulas... E no entanto induzia-a

sem cessar a fugir com ele, desesperado de a ver entre aqueles valacos que cheiravam a genebra. O seu desejo era levá-la para Fontainebleau, para um *cottage* com trepadeiras de que falava sempre, e esperar aí tranquilamente a maioridade, que lhe traria duas mil libras de renda. Decerto, era uma situação falsa: mas preferível a permanecer naquele meio, depravado e brutal, onde ela a cada instante corava... A esse tempo a mamã parecia ir perdendo todo o senso, desarranjada de nervos, quase irresponsável. As dificuldades crescentes estonteavam-na; brigava com as criadas; bebia champanhe *pour s'étourdir*. Para satisfazer as exigências de Mr. de Trevernnes, empenhara as suas joias, e quase todos os dias chorava com ciúmes

dele. Por fim houve uma penhora: uma noite tiveram de enfardelar à pressa roupa num saco, e ir dormir a um hotel. E, pior, pior que tudo, Mr. de Trevernnes começava a olhar para ela de um modo que a assustava...

— Minha pobre Maria! — murmurou Carlos, pálido, agarrando-lhe as mãos.

Ela permaneceu um momento sufocada, com o rosto caído nos joelhos dele. Depois, limpando as lágrimas que a enevoavam:

— Aí estão as cartas de Mac Gren, nesse cofre... Tenho-as guardado sempre para me justificar a mim mesma, se me é possível... Pede-me em todas que vá para Fontainebleau; chama-me sua esposa; jura que, apenas juntos, iremos

ajoelhar-nos diante da avó, obter a sua indulgência... Mil promessas! E era sincero... Que queres que te diga? A mamã, uma manhã, partiu com uma súcia para Baden. Fiquei em Paris só, num hotel... Tinha um palpite, um terror que Trevernnes aparecia... E eu só! Estava tão transtornada que pensei em comprar um revólver... Mas quem veio foi Mac Gren.

E partira com ele, sem precipitação, como sua esposa, levando todas as suas malas. A mamã, de volta de Baden, correu a Fontainebleau, desvairada e trágica, amaldiçoando Mac Gren, ameaçando-o com a prisão de Mazas, querendo esbofeteá-lo; depois rompeu a chorar. Mac Gren, como um bebé, agarrou-se a ela aos beijos, chorando também. A mamã terminou por

os apertar a ambos contra o coração, já rendida, perdoando tudo, chamando-lhes «filhos da sua alma». Passou o dia em Fontainebleau, radiante, contando «a patuscada de Baden», já com o plano de vir instalar-se no *cottage*, viver junto deles numa felicidade calma e nobre de avozinha... Era em maio; Mac Gren, à noite, deitou um fogo preso no jardim.

Começou um ano quieto e fácil. O seu único desejo era que a mamã vivesse com eles sossegadamente. Diante das suas súplicas, ela ficava pensativa, dizia: «Tens razão, veremos!» Depois remergulhava no torvelinho de Paris, donde ressurgia uma manhã, num fiacre, estremunhada e aflita, com uma rica peliça sobre uma velha saia, a pedir-lhe cem francos... Por fim nascera Rosa. Toda

a sua ansiedade desde então fora legitimar a sua união. Mas Mac Gren adiava, levianamente, com um medo pueril da avó. Era um perfeito bebé! Entretinha as manhãs a caçar pássaros com visco! E ao mesmo tempo terrivelmente teimoso: ela pouco a pouco perdera-lhe todo o respeito. No começo da primavera a mamã, um dia, apareceu em Fontainebleau com as suas malas, sucumbida, enojada da vida. Rompera enfim com Trevernnes. Mas quase imediatamente se consolou: e começou daí a adorar Mac Gren com uma tão larga efusão de carícias, e achando-o tão lindo, que era às vezes embaraçadora. Os dois passavam o dia, com copinhos de conhaque, jogando o *besigue*.

De repente rebentou a guerra com a Prússia. Mac Gren, entusiasmado, e

apesar das súplicas delas, correra a alistar-se no batalhão de zuavos de Charette; a avó, de resto, aprovara este rasgo de amor pela França, e fizera-lhe, numa carta em verso, em que celebrava Joana d'Arc, uma larga remessa de dinheiro. Por esse tempo Rosa teve o garrotilho. Ela, sem lhe largar o leito, mal atendia às notícias da guerra. Sabia apenas confusamente das primeiras batalhas perdidas na fronteira. Uma manhã a mamã rompeu-lhe no quarto, estonteada, em camisa; o exército capitulara em Sédan, o imperador estava prisioneiro! «É o fim de tudo, é o fim de tudo!», dizia a mamã espavorida. Ela veio a Paris procurar notícias de Mac Gren; na Rue Royale teve de se refugiar num portão, diante do tumulto de um povo em delírio,

aclamando, cantando a *Marselhesa*, em torno de uma caleche onde ia um homem, pálido como cera, com um *cache-nez* escarlate ao pescoço. E um sujeito ao lado, aterrado, disse-lhe que o povo fora buscar Rochefort à prisão e que estava proclamada a República.

Nada soubera de Mac Gren. Começaram então dias de infinito sobressalto. Felizmente Rosa convalescia. Mas a pobre mamã causava dó, envelhecida de repente, sombria, prostrada numa cadeira, murmurando apenas: «É o fim de tudo, é o fim de tudo!» E parecia na verdade o fim da França. Cada dia uma batalha perdida; regimentos presos, apinhados em vagões de gado, internados a todo o vapor para os presídios da Alemanha; os Prussianos

marchando sobre Paris... Não podiam permanecer em Fontainebleau; o duro inverno começava; e com o que venderam à pressa, com o dinheiro que Mac Gren deixara, partiram para Londres.

Fora uma exigência da mamã. E em Londres ela, desorientada na enorme e estranha cidade, doente também, deixara-se levar pelas tontas ideias da mãe. Tomaram uma casa mobilada, muito cara, nos bairros de luxo, ao pé de Mayfair. A mamã falava em organizar ali o centro de resistência dos bonapartistas refugiados; no fundo, a desgraçada pensava em criar uma casa de jogo em Londres. Mas ai! eram outros tempos... Os imperialistas, sem império, não jogavam já o bacará. E elas em breve, sem rendimentos, gastando sempre, tinham-se achado com aquela

dispendiosa casa, três criados, contas colossais e uma nota de cinco libras no fundo de uma gaveta. E Mac Gren metido dentro de Paris, com meio milhão de prussianos em redor. Foi necessário vender todas as joias, vestidos, até as peliças. Alugaram então, no bairro pobre de Soho, três quartos mal mobilados. Era o *lodging* de Londres em toda a sua suja, solitária tristeza; uma criadita única, enfarruscada como um trapo; alguns carvões húmidos fumegando mal na chaminé; e para jantar um pouco de carneiro frio e cerveja da esquina. Por fim faltara mesmo o escasso xelim para pagar o *lodging*. A mamã não saía do catre, doente, sucumbida, chorando. Ela às vezes, ao anoitecer, escondida num *water-proof*, levava ao *prego* embrulhos de

roupa (até roupa branca, até camisas!) para que ao menos não faltasse a Rosa a sua xícara de leite. As cartas que a mamã escrevia a alguns antigos companheiros de ceias na *Maison d'Or* ficavam sem resposta: outras traziam, embrulhada num bocado de papel, alguma meia libra que tinha o pavoroso sabor de uma esmola. Uma noite, um sábado de grande nevoeiro, indo empenhar um chambre de rendas da mamã, perdera-se, errara na vasta Londres numa treva amarelada, a tiritar de frio, quase com fome, perseguida por dois brutos que empestavam a álcool. Para lhes fugir atirou-se para dentro de um *cab* que a levou a casa. Mas não tinha um *penny* para pagar ao cocheiro; e a patroa roncava no seu cacifro, bêbeda. O homem resmungou; ela, sucumbida, ali

mesmo na porta rompeu a chorar. Então o cocheiro desceu da almofada, comovido, ofereceu-se para a levar de graça ao *prego*, onde ajustariam as suas contas. Foi; o pobre homem só aceitou um xelim; até mesmo supondo-a francesa grunhiu blasfémias contra os Prussianos, e teimou em lhe oferecer uma bebida.

Ela no entanto procurava uma ocupação qualquer — costura, bordados, traduções, cópias de manuscritos... Não achava nada. Naquele duro inverno o trabalho escasseava em Londres; surgira uma multidão de franceses, pobres como ela, lutando pelo pão... A mamã não cessava de chorar; e havia alguma coisa mais terrível que as suas lágrimas — eram as suas alusões constantes à facilidade de se ter em Londres dinheiro,

conforto e luxo, quando se é nova e se é bonita.

— Que te parece esta vida, meu amor? — exclamou ela, apertando as mãos amargamente.

Carlos beijou-a em silêncio, com os olhos humedecidos.

— Enfim tudo passou — continuou Maria Eduarda. — Fez-se a paz, o cerco acabou. Paris estava de novo aberto... Somente a dificuldade era voltar.

— Como voltaste?

Um dia, por acaso, em Regent Street, encontrara um amigo de Mac Gren, outro irlandês, que muitas vezes jantara com eles em Fontainebleau. Veio vê-las ao Soho; diante daquela miséria, do bule de chá aguado, os ossos de carneiro requentado sobre três brasas mortas,

começou, como bom irlandês, por acusar o governo de Inglaterra e jurar uma desforra de sangue. Depois ofereceu, com os beiços já a tremer, toda a sua dedicação. O pobre rapaz batia também o lajedo numa luta tormentosa pela vida. Mas era irlandês; e partiu logo generosamente, armado de todos os seus ardis, a conquistar, através de Londres, o pouco que elas necessitavam para recolher a França. Com efeito, apareceu nessa mesma noite, derreado e triunfante, brandindo três notas de banco e uma garrafa de champanhe. A mamã ao ver, depois de tantos meses de chá preto, a garrafa de *Clicquot* encarapuçada de ouro — quase desmaiou, de enternecimento. Enfardelaram os trapos. Ao partirem, na estação de *Charing Cross*, o irlandês

levou-a para um canto, e engasgado, torcendo os bigodes, disse-lhe que Mac Gren tinha morrido na batalha de Saint-Privat.

— Para que te hei de contar o resto? Em Paris recomecei a procurar trabalho. Mas tudo estava ainda em confusão... Quase imediatamente veio a Comuna... Podes acreditar que muitas vezes tivemos fome. Mas enfim já não era Londres, nem o inverno, nem o exílio. Estávamos em Paris, sofríamos de companhia com amigos de outros tempos. Já não parecia tão terrível... Com todas estas privações, a pobre Rosa começava a definhar... Era um suplício vê-la perder as cores, tristinha, mal vestida, metida numa trapeira... A mamã já se queixava da doença de coração que a matou... O

trabalho que eu encontrava, mal pago, dava-nos apenas para a renda da casa, e para não morrer absolutamente de necessidade... Principiei a adoecer, de ansiedade, de desespero. Lutei ainda. A mamã fazia dó. E Rosa morria se não tivesse outro regime, bom ar, algum conforto... Conheci então Castro Gomes em casa de uma antiga amiga da mamã, que não perdera nada com a guerra, nem com os Prussianos, e que me dava trabalhos de costura... E o resto sabe-lo... Nem eu me lembro... Fui levada... Via às vezes Rosa, coitadinha, embrulhada num xale, muito quietinha ao seu canto, depois de rapada a sua magra tigela de sopas, e ainda com fome...

Não pôde continuar; rompeu a chorar, caída sobre os joelhos de Carlos.

E ele, na sua emoção, só lhe podia dizer, passando-lhe as mãos trémulas pelos cabelos, que a havia de desforrar bem de todas as misérias passadas...

— Escuta ainda — murmurou ela, limpando as lágrimas. — Há só uma coisa mais que te quero dizer. E é a santa verdade, juro-te pela alma de Rosa! É que nestas duas relações que tive, o meu coração conservou-se adormecido... Dormiu sempre, sempre, sem sentir nada, sem desejar nada, até que te vi... E ainda te quero dizer outra coisa...

Um momento hesitou, coberta de rubor. Passara os braços em torno de Carlos, pendurada toda dele, com os olhos mergulhados nos seus. E foi mais baixo que balbuciou na derradeira, na absoluta confissão de todo o seu ser:

— Além de ter o coração adormecido, o meu corpo permaneceu sempre frio, frio como mármore...

Ele estreitou-a a si arrebatadamente: e os seus lábios ficaram colados muito tempo, em silêncio, completando, numa emoção nova e quase virginal, a comunhão perfeita das suas almas.

Daí a dias Carlos e Ega vinham numa vitória, pela estrada dos Olivais, em caminho da *Toca*.

Toda essa manhã, no *Ramalhete*, Carlos estivera enfim contando ao Ega o impulso de paixão que o lançara de novo e para sempre, como esposo, nos braços de Maria; e, na confiança absoluta que o prendia ao Ega, revelara-lhe mesmo miudamente a história dela, dolorosa e

justificadora. Depois, ao acalmar o calor, propôs que fossem comer as sopas à *Toca*, Ega deu uma volta pelo quarto, hesitando. Por fim começou a passar devagar a escova pelo paletó, murmurando, como durante as longas confidências de Carlos: «É prodigioso!... Que estranha coisa, a vida!» E agora pela estrada, na aragem doce do rio, Carlos falava ainda de Maria, da vida na *Toca*, deixando escapar do coração muito cheio o interminável cântico da sua felicidade.

— É facto, Egazinho, conheço quase a felicidade perfeita!

— E cá na *Toca* ainda ninguém sabe nada?

Ninguém — a não ser Melanie, a confidente — suspeitava a profunda alteração que se fizera nas suas relações:

e tinham assentado que Miss Sara e o Domingos, primeiras testemunhas da sua amizade, seriam regiamente recompensados e despedidos quando em fins de outubro eles partissem para Itália.

— E ides então casar a Roma?...

— Sim... Em qualquer lugar onde haja um altar e uma estola. Isso não falta em Itália... E é então, Ega, que reaparece o espinho de toda esta felicidade. É por isso que eu disse «quase». O terrível espinho, o avô!

— É verdade, o velho Afonso. Tu não tens ideia como lhe hás de fazer conhecer esse caso?

Carlos não tinha ideia nenhuma. Sentia só que lhe faltava absolutamente a coragem de dizer ao avô: «Esta mulher, com quem vou casar, teve na sua vida

estes erros...» E além disso, já refletira, era inútil. O avô nunca compreenderia os motivos complicados, fatais, iniludíveis, que tinham arrastado Maria. Se lhos contasse miudamente — o avô veria ali um romance confuso e frágil, antipático à sua natureza forte e cândida. A fealdade das culpas feri-lo-ia, exclusivamente; e não lhe deixaria apreciar, com serenidade, a irresistibilidade das causas. Para perceber este caso, de um caráter nobre apanhado dentro de uma implacável rede de fatalidades, seria necessário um espírito mais dúctil, mais mundano que o do avô... O velho Afonso era um bloco de granito: não se podiam esperar dele as subtis discriminações de um casuísta moderno. Da existência de Maria só veria o facto tangível: caíra sucessivamente nos

braços de dois homens. E daí decorreria toda a sua atitude de chefe de família. Para que havia ele, pois, de fazer ao velho uma confissão, que necessariamente originaria um conflito de sentimentos e uma irreparável separação doméstica?...

— Pois não te parece, Ega?

— Fala mais baixo, olha o cocheiro.

— Não percebe bem o português, sobretudo o nosso estilo... Pois não te parece?

Ega raspava fósforos na sola para acender o charuto. E resmungava:

— Sim, o velho Afonso é granítico...

Por isso Carlos concebera outro plano, mais sagaz: consistia em esconder ao avô o passado de Maria e fazer-lhe

conhecer a pessoa de Maria. Casavam secretamente em Itália. Regressavam: ela para a Rua de S. Francisco, ele filialmente para o *Ramalhete*. Depois Carlos levava o avô a casa da sua boa amiga, que conhecera em Itália, Madame de Mac Gren. Para o prender logo, lá estavam os encantos de Maria, todas as graças de um interior delicado e sério, jantarinhos perfeitos, ideias justas, Chopin, Beethoven, etc. E, para completar a conquista de quem tão enternecidamente adorava crianças, lá estava Rosa... Enfim, quando o avô estivesse namorado de Maria, da pequena, de tudo — ele, uma manhã, dizia-lhe francamente: «Esta criatura superior e adorável teve uma queda no seu passado; mas eu casei com ela; e, sendo tal como é, não fiz bem,

apesar de tudo, em a escolher para minha esposa?» E o avô, perante esta terrível irremediabilidade do facto consumado, com toda a sua indulgência de velho enternecido a defender Maria — seria o primeiro a pensar que, se esse casamento não era o melhor segundo as regras do mundo, era decerto o melhor segundo os interesses do coração...

— Pois não te parece, Ega?

Ega, absorvido, sacudia a cinza do charuto. E pensava que Carlos, em resumo, adotara para com o avô a complicada combinação que Maria Eduarda tentara para com ele — e imitava sem o sentir os subtis raciocínios dela.

— E acabou-se — continuava Carlos. — Se ele na sua indulgência aceitar tudo, bravo!, dá-se uma grande

festa no *Ramalhete*... Senão, foi-se! Passaremos a viver cada um para seu lado, fazendo ambos prevalecer a superioridade de duas coisas excelentes: o avô as tradições do sangue, eu os direitos do coração.

E, vendo o Ega ainda silencioso:

— Que te parece? Dize lá. Tu andas tão falto de ideias, homem! O outro sacudiu a cabeça, como despertando.

— Queres que te diga o que me parece, com franqueza? Que diabo, nós somos dois homens falando como homens!... Então aqui está: teu avô tem quase oitenta anos, tu tens vinte e sete ou o quer que seja... É doloroso dizê-lo, ninguém o diz com mais dor que eu, mas teu avô há de morrer... Pois bem, espera até lá. Não cases. Supõe que ela tem um

pai muito velho, teimoso e caturra, que detesta o Sr. Carlos da Maia e a sua barba em bico. Espera: continua a vir à *Toca*, na tipoia do *Mulato*; e deixa o teu avô acabar a sua velhice calma, sem desilusões e sem desgostos...

Carlos torcia o bigode, mudo, enterrado no fundo da vitória. Nunca, nesses dias de inquietação, lhe acudira ideia tão sensata, tão fácil! Sim, era isso, esperar! Que melhor dever do que poupar ao pobre avô toda a dor?... Maria, decerto, como mulher, estava desejando, ansiosamente, a conversão do amante no marido, pelo laço de estola que tudo purifica e nenhuma força desata. Mas ela mesma preferia uma consagração legal — que não fosse assim precipitada, dissimulada... Depois, tão reta e generosa,

compreenderia bem a obrigação suprema de não mortificar aquele santo velho. De resto, não conhecia ela a sua lealdade sólida e pura como um diamante? Recebera a sua palavra: desde esse momento estavam casados, não diante do sacrário e nos registos da sacristia mas diante da honra e na inabalável comunhão dos seus corações...

— Tens razão! gritou por fim, batendo no joelho do Ega. — Tens imensamente razão! Essa ideia é genial! Devo esperar... E enquanto espero?...

— Como, enquanto esperas? — acudiu Ega, rindo. — Que diabo! Isso não é comigo!

E mais sério:

— Enquanto esperas, tens esse metal vil que faz a existência nobre.

Instalas tua mulher, porque desde hoje é tua mulher, aqui nos Olivais ou noutro sítio, com o gosto, o conforto e a dignidade que competem a tua mulher... E deixas-te ir! Nada impede que façais essa viagem nupcial à Itália... Voltas, continuas a fumar a tua *cigarette* e a deixar-te ir. Este é o bom senso: é assim que pensaria o grande Sancho Pança... Que diabo tens tu naquele embrulho que cheira tão bem?

— Um ananás... Pois é isso, querido: esperar, deixar-me ir. É uma ideia!

Uma ideia! E a mais grata ao temperamento de Carlos. Para que iria com efeito enredar-se numa meada de amarguras domésticas, por um excesso de cavalheirismo romântico? Maria confiava nele; era rico, era moço; o mundo abria-se

ante eles, fácil e cheio de indulgências. Não tinha senão a deixar-se ir.

— Tens razão, Ega! E Maria é a primeira a achar isto cheio de senso e de *oportunismo*. Eu tenho uma certa pena em adiar a instalação da minha vida e do meu *home*. Mas, acabou-se! Antes de tudo que o avô seja feliz... E para celebrar o advento desta ideia, Deus queira que Maria nos tenha um bom jantar!

Agora, ao aproximar-se da *Toca*, Ega ia receando o primeiro encontro com Maria Eduarda. Incomodava-o esse enleio, esse rubor que ela não poderia ocultar — certa que, como confidente de Carlos, ele conhecia a sua vida, as suas misérias, as suas relações com Castro Gomes. Por isso hesitara em vir à *Toca*. Mas também, não aparecer mais a Maria

Eduarda, seria marcar com um relevo quase ofensivo o desejo caridoso de não molestar o seu pudor... Por isso decidira «dar o mergulho de uma vez». Quem, senão ele, deveria ser o mais apressado em estender a mão à noiva de Carlos?... Além disso, tinha uma infinita curiosidade de ver no seu interior, à sua mesa, essa criatura tão bela, com a sua graça nobre de deusa moderna! Mas saltou da vitória muito embaraçado.

Por fim tudo se passou com uma facilidade risonha. Maria bordava, sentada nos degraus do jardim. Teve um sobressalto, corou toda, com efeito, ao avistar o Ega, que procurava atarantadamente o monóculo: o aperto de mão que trocaram foi mudo e tímido: mas Carlos, alegremente, desembrulhara o

ananás — e na admiração dele todo o constrangimento se dissipou.

— Oh! é magnífico!

— Que cor, que luxo de tons!

— E que aroma! Veio perfumando toda a estrada.

Ega não voltara à *Toca* desde a noite fatal da *soirée* dos Cohens, em que ele ali tanto bebera e delirara tanto. E lembrou logo a Carlos a jornada na velha traquitana, debaixo de um temporal, o grogue do Craft, a ceia de peru...

— Já aqui sofri muito, minha senhora, vestido de Mefistófeles!...

— Por causa de Margarida?

— Por quem se há de sofrer neste apaixonado mundo, minha senhora, senão por Margarida ou por Fausto?

Mas Carlos quis que ele

admirasse os esplendores novos da *Toca*. E foi já com familiaridade que Maria o levou pelas salas, lamentando que só viesse assim à *Toca* no fim do verão e no fim das flores. Ega extasiou-se ruidosamente. Enfim, perdera a *Toca* o seu ar regelado e triste de museu! Já ali se podia palrar livremente!

— Isto é um bárbaro, Maria! exclamava Carlos radiante. — Tem horror à arte! É um Ibero, é um Semita!...

Semita? Ega prezava-se de ser um luminoso Ariano! E por isso mesmo não podia viver numa casa em que cada cadeira tinha a solenidade sorumbática de antepassados com cabeleira...

— Mas — dizia Maria rindo — todas estas lindas coisas do século dezoito lembram antes a ligeireza, o

espírito, a graça de maneiras...

— Vossa Excelência acha? — acudiu Ega. A mim todos esses dourados, esses enramalhetados, esses rococós lembram-me uma vivacidade estouvada e sirigaita... Nada! nós vivemos numa democracia! E não há para exprimir a alegria simples, sólida e bonacheirona da democracia, como largas poltronas de marroquim, e o mogno envernizado!...

Assim numa risonha, ligeira discussão sobre bricabraque, desceram ao jardim.

Miss Sara passeava entre o buxo, de olhos baixos, com um livro fechado na mão. Ega, que conhecia já os seus ardores noturnos, cravou-lhe sofregamente o monóculo; e enquanto Maria se abaixara a cortar um gerânio, exprimiu a Carlos, num

gesto mudo, a sua admiração por aquele beicinho escarlate, aquele seiozinho redondo de rola farta... Depois, ao fundo, junto do caramanchão, encontraram Rosa, que se balouçava. Ega pareceu deslumbrado com a sua beleza, a sua frescura mate de camélia branca. Pediu-lhe um beijo. Ela exigiu primeiro, muito séria, que ele tirasse o vidro do olho.

— Mas é para te ver melhor! é para te ver melhor!...

— Então porque não trazes um em cada olho? Assim só me vês metade...

— Encantadora! encantadora! — murmurava Ega. No fundo achava a pequena espevitada e impudente. Maria resplandecia. E o jantar alargou mais esta intimidade risonha. Carlos, logo à sopa, falando-se de campo e de um chalé que

ele desejava construir em Sintra, nos Capuchos, dissera — «quando nos casarmos». E Ega aludiu a esse futuro do modo mais grato ao coração de Maria. Agora que Carlos se instalava para sempre numa felicidade estável (dizia ele) era necessário trabalhar! E relembrou então a sua velha ideia do Cenáculo, representado por uma Revista que dirigisse a literatura, educasse o gosto, elevasse a política, fizesse a civilização, remoçasse o carunchoso Portugal... Carlos, pelo seu espírito, pela sua fortuna (até pela sua figura, ajuntava o Ega rindo) devia tomar a direção deste movimento. E que profunda alegria para o velho Afonso da Maia!

Maria escutava, presa e séria. Sentia bem quanto Carlos, com uma vida

toda de inteligência e atividade, reabilitaria supremamente aquela união, mostrando-lhe a influência fecunda e purificadora.

— Tem razão, tem bem razão! — exclamava ela com ardor.

— Sem contar — acrescentava o Ega — que o país precisa de nós! Como muito bem diz o nosso querido e imbecilíssimo Gouvarinho, o país não tem pessoal... Como há de tê-lo, se nós, que possuímos as aptidões, nos contentamos em governar os nossos *dog-carts* e escrever a vida íntima dos átomos? Sou eu, minha senhora, sou eu que ando a escrever essa biografia de um átomo!... No fim, este diletantismo é absurdo. Clamamos por aí, em botequins e livros, «que o país é uma choldra». Mas que

diabo! Porque é que não trabalhamos para o refundir, o refazer ao nosso gosto e pelo molde perfeito das nossas ideias?... Vossa Excelência não conhece este país, minha senhora. É admirável! É uma pouca de cera inerte de primeira qualidade. A questão toda está em quem a trabalha. Até aqui, a cera tem estado em mãos brutas, banais, toscas, reles, rotineiras... É necessário pô-la em mãos de artistas, nas nossas. Vamos fazer disto um *bijou*!...

Carlos ria, preparando numa travessa o ananás com sumo de laranja e vinho da Madeira. Mas Maria não queria que ele risse. A ideia do Ega parecia-lhe superior, inspirada num alto dever. Quase tinha remorsos, dizia ela, daquela preguiça de Carlos. E agora, que ia ser cercado de afeição serena, queria-o ver

trabalhar, mostrar-se, dominar...

— Com efeito — disse o Ega recostado e sorrindo — a era do romance findou. E agora...

Mas o Domingos servia o ananás. E o Ega provou e rompeu em clamores de entusiasmo. Oh! que maravilha! Oh! que delícia!

— Como fazes tu isto? Com Madeira...

— E génio! — exclamou Carlos. — Delicioso, não é verdade? Ora digam-me se tudo o que eu pudesse fazer pela civilização valeria este prato de ananás! É para estas coisas que eu vivo! Eu não nasci para fazer civilização...

— Nasceste — acudiu o Ega — para colher as flores dessa planta da civilização, que a multidão rega com o

seu suor! No fundo também eu, menino!

Não, não! Maria não queria que falassem assim!

— Esses ditos estragam tudo. E o Sr. Ega, em lugar de corromper Carlos, devia inspirá-lo...

Ega protestou, requebrando o olho, já lânguido. Se Carlos necessitava uma musa inspiradora e benéfica — não podia ser ele, bicho com barbas e bacharel em leis... A musa estava *toute trouvée*!

— Ah, com efeito!... Quantas páginas belas, quantas nobres ideias se não podem produzir num paraíso destes!...

E o seu gesto mole e acariciador indicava a *Toca*, a quietação dos arvoredos, a beleza de Maria. Depois, na sala, enquanto Maria tocava um «noturno»

de Chopin e Carlos e ele acabavam os charutos à porta do jardim, vendo nascer a Lua — Ega declarou que, desde o começo do jantar, estava com ideias de casar!... Realmente não havia nada como o casamento, o interior, o ninho...

— Quando penso, menino — murmurou ele, mordendo sombriamente o charuto — que quase todo o ano da minha vida foi dado àquela israelita devassa que gosta de levar bordoada...

— Que faz ela em Sintra? — perguntou Carlos.

— Ensopa-se na crápula. Não há a menor dúvida que dá todo o seu coração ao Dâmaso... Tu sabes o que nestes casos significa o termo *coração*... Viste já imundície igual? É simplesmente obscena!

— E tu adora-la — disse Carlos.

O outro não respondeu. Depois, dentro, num ódio repentino da boémia e do romantismo, entoou louvores sonoros à família, ao trabalho, aos altos deveres humanos — bebendo copinhos de conhaque. À meia-noite, ao sair, tropeçou duas vezes na rua de acácias, já vago, citando Proudhon. E quando Carlos o ajudou a subir para a vitória, que ele quis descoberta para ir comunicando com a Lua, Ega ainda lhe agarrou o braço para lhe falar da Revista, de um forte vento de espiritualidade e de virtude viril que se devia fazer soprar sobre o país... Por fim, já estirado no assento, tirando o chapéu à aragem da noite:

— E outra coisa, Carlinhos. Vê se me arranjas a inglesa... Há vícios deliciosos naquelas pestanas baixas... Vê

se ma arranjas... Vá lá, bate lá, cocheiro! Caramba, que beleza de noite!

Carlos ficara encantado com este primeiro jantar de amizade na *Toca*. Ele tencionava não apresentar Maria aos seus íntimos senão depois de casado e à volta de Itália. Mas agora a «união legal» estava já no seu pensamento adiada, remota, quase dispersa no vago. Como dizia o Ega, devia esperar deixar-se ir... E no entanto Maria e ele não poderiam isolar-se ali todo um longo inverno, sem o calor sociável de alguns amigos em redor. Por isso uma manhã, encontrando o Cruges, que fora o vizinho de Maria e outrora lhe dava notícias da «*lady* inglesa», pediu-lhe para vir jantar à *Toca* no domingo.

O maestro apareceu numa tipoia, à

tardinha, de laço branco e de casaca: e os fatos claros de campo, com que encontrou Carlos e Ega, começaram logo a enchê-lo de mal-estar. Toda a mulher, além das Lolas e Conchas, o atarantava, o emudecia: Maria, «com o seu porte de *grande dame*», como ele dizia, intimidou-o a tal ponto que ficou diante dela, sem uma palavra, escarlate, torcendo o forro das algibeiras. Antes de jantar, por lembrança de Carlos, foram-lhe mostrar a quinta. O pobre maestro, roçando a casaca mal feita pela folhagem dos arbustos, fazia esforços ansiosos por murmurar algum elogio «à beleza do sítio»; mas escapavam-lhe então inexplicavelmente coisas reles, em calão: «Vista catita»! «É pitada»! Depois ficava furioso, coberto de suor, sem

compreender como se lhe babavam dos lábios esses ditos abomináveis, tão contrários ao seu gosto fino de artista. Quando se sentou à mesa sofria um negríssimo acesso de *spleen* e mudez! Nem uma controvérsia, que Maria arranjara caridosamente para ele sobre Wagner e Verdi, pôde descerrar-lhe os lábios empedernidos. Carlos ainda tentou envolvê-lo na alegria da mesa — contando a ida a Sintra, quando ele procurava Maria na Lawrence, e em vez dela achara uma matrona obesa, de bigode, de cãozinho ao colo, ralhando com o homem em espanhol. Mas a cada exclamação de Carlos — «Lembras-te, Cruges?», «Não é verdade, Cruges?» — o maestro, rubro, grunhia apenas um *sim* avaro. Terminou por estar ali, ao

lado de Maria, como um trambolho fúnebre. Estragou o jantar.

Combinara-se para depois do café um passeio pelos arredores, num *break*. E Carlos já tomara as guias, Maria na almofada acabava de abotoar as luvas — quando Ega, que receava a friagem da tarde, saltou do *break*, correu a buscar o paletó. Nesse mesmo momento sentiram um trote de cavalo na estrada — e apareceu o marquês.

Foi uma surpresa para Carlos, que o não vira durante esse verão. O marquês parou logo, tirando profundamente, ao ver Maria, o seu largo chapéu desabado.

— Imaginava-o pela Golegã! — exclamou Carlos. — Foi até o Cruges que me disse... Quando chegou você?

Chegara na véspera. Lá fora

ao *Ramalhete*; tudo deserto. Agora vinha aos Olivais ver um dos Vargas que tinha casado, se instalara ali perto, a passar o noivado...

— Quem, o gordo, o das corridas?

— Não, o magro, o das regatas.

Carlos, debruçado da almofada, examinava a eguazita do marquês, pequena, bem estampada, de um baio escuro e bonito.

— Isso é novo?

— Uma facazita do Darque... Quer-ma você comprar? Sou já um pouco pesado para ela, e isto mete-se a um *dog-cart*...

— Dê lá uma volta...

O marquês deu a volta, bem posto na sela, avantajando a égua. Carlos achou-lhe «boas ações». Maria murmurou:

«Muito bonita, uma cabeça fina...» Então Carlos apresentou o marquês de Sousela a Madame Mac Gren. Ele chegou a égua à roda, descoberto, para apertar a mão a Maria: e à espera do Ega que se eternizava lá dentro, ficaram falando do verão, de Santa Olávia, dos Olivais, da *Toca*... Há que tempos o marquês ali não passava! A última vez fora vítima da excentricidade do Craft...

— Imagine Vossa Excelência — disse ele a Maria Eduarda — que esse Craft me convida a almoçar. Venho, e o hortelão diz-me que o Sr. Craft, criado e cozinheiro, tudo partira para o Porto; mas que o Sr. Craft deixara um cartaz na sala... Vou à sala, e vejo dependurada ao pescoço de um ídolo japonês uma folha de papel com estas palavras pouco mais ou

menos: «O deus Tchi tem a honra de convidar o senhor marquês, em nome de seu amo ausente, a passar à sala de jantar, onde encontrará, num aparador, queijo e vinho, que é o almoço que basta ao homem forte.» E foi com efeito o meu almoço... Para não estar só, partilhei-o com o hortelão.

— Espero que se tivesse vingado! — exclamou Maria rindo.

— Pode crer, minha senhora... Convidei-o a jantar, e quando ele apareceu, vindo daqui da *Toca*, o meu guarda-portão disse-lhe que o senhor marquês fora para longe, e que não havia nem pão nem queijo... Resultado: o Craft mandou-me uma dúzia de magníficas garrafas de Chambertin. Esse deus Tchi nunca mais o tornei a ver... O deus Tchi lá

estava, obeso e medonho. E, muito naturalmente, Carlos convidou o marquês a revisitar nessa noite, à volta da casa do Vargas, o seu velho amigo Tchi.

O marquês veio, às dez horas — e foi um serão encantador. Conseguiu sacudir logo a melancolia do Cruges, arrastando-o com mão de ferro para o piano; Maria cantou; palrou-se com graça; e aquele esconderijo de amor ficou alumiado até tarde, na sua primeira festa de amizade.

Estas reuniões alegres foram ao princípio, como dizia o Ega, *dominicais*: mas o outono arrefecia, bem depressa se despiriam as árvores da *Toca*, e Carlos acumulou-as duas vezes por semana, nos velhos dias feriados da Universidade, domingos e quintas. Tinha descoberto uma

admirável cozinheira alsaciana, educada nas grandes tradições, que servira o bispo de Estrasburgo, e a quem as extravagâncias de um filho e outras desgraças tinham arrojado a Lisboa. Maria, de resto, punha na composição dos seus jantares uma ciência delicada: o dia de vir à *Toca* era considerado pelo marquês «dia de civilização».

A mesa resplandecia; e as tapeçarias, representando massas de arvoredos, punham em redor como a sombra escura de um retiro silvestre onde, por um capricho, se tivessem acendido candelabros de prata. Os vinhos saíam da frasqueira preciosa do *Ramalhete*. De todas as coisas da Terra e do Céu se grulhava com fantasia — menos de «política portuguesa», considerada

conversa indecorosa entre pessoas de gosto.

Rosa aparecia ao café, exalando do seu sorriso, dos bracinhos nus, dos vestidos brancos tufados sobre as meias de seda preta, um bom aroma de flor. O marquês adorava-a, disputando-a ao Ega, que a pedira a Maria em casamento e lhe andava compondo havia tempo um soneto. Ela preferia o marquês: achava o Ega «muito...» — e completava o seu pensamento com um gestozinho do dedo ondeando no ar, como a exprimir que o Ega «era muito retorcido».

— Aí está! — exclamava ele. — Porque eu sou mais civilizado que o outro! É a simplicidade não compreendendo o requinte.

— Não, desgraçado! —

exclamavam do lado. — É porque és impresso!... É a Natureza repelindo a convenção!...

Bebia-se à saúde de Maria: ela sorria, feliz entre os seus novos amigos, divinamente bela, quase sempre de escuro, com um curto decote onde resplandecia o incomparável esplendor do seu colo. Depois organizaram-se solenidades. Num domingo, em que os sinos repicavam e à distância foguetes esfuziavam no ar — Ega lamentou que os seus austeros princípios filosóficos o impedissem de festejar, também, aquele santo de aldeia, que fora decerto em vida um caturra encantador, cheio de ilusões e doçura... Mas de resto, acrescentou, não teria sido num dia assim, fino e seco, sob um grande céu cheio de sol, que se feriu a

batalha das Termópilas? Porque não se atiraria uma girândola de foguetes em honra de Leónidas e dos Trezentos? E atirou-se a girândola pela eterna glória de Esparta. Depois celebraram-se outras datas históricas. O aniversário da descoberta da Vénus de Milo foi comemorado com um balão que ardeu. Noutra ocasião o marquês trouxe de Lisboa, apinhados numa tipoia, fadistas famosos, o *Pintado*, o *Vira-Vira* e o *Gago*: e depois de jantar, até tarde, com o luar sobre o rio, cinco guitarras choraram os ais mais tristes dos fados de Portugal.

Quando estavam sós, Carlos e Maria passavam as suas manhãs no quiosque japonês — afeiçoados àquele primeiro retiro dos seus amores, pequeno

e apertado, onde os seus corações batiam mais perto um do outro. Em lugar das esteiras de palha, Carlos revestira-o com as suas formosas colchas da Índia, cor de palha e cor de pérola. Um dos maiores cuidados dele, agora, era embelezar a *Toca*: nunca voltava de Lisboa sem trazer alguma figurinha de Saxe, um marfim, uma faiança, como noivo feliz que aperfeiçoa o seu ninho. Maria, no entanto, não cessava de lembrar os planos intelectuais do Ega: queria que ele trabalhasse, ganhasse um nome: seria isso o orgulho íntimo dela, e sobretudo a alegria suprema do avô. Para a contentar (mais que para satisfazer as suas necessidades de espírito), Carlos recomeçara a compor alguns dos seus artigos de medicina literária, para

a *Gazeta Médica*. Trabalhava no quiosque, de manhã. Trouxera para lá rascunhos, livros, o seu famoso manuscrito da*Medicina Antiga e Moderna*. E por fim achara um grande encanto em estar ali, com um leve casaco de seda, as suas *cigarettes* ao lado, um fresco murmúrio de arvoredo em redor cinzelando as suas frases, enquanto ela ao lado bordava silenciosa. As suas ideias surgiam com mais originalidade, a sua forma ganhava em colorido naquele estreito quiosque acetinado que ela perfumava com a sua presença. Maria respeitava este trabalho, como coisa nobre e sagrada. De manhã, ela mesma espanejava os livros do leve pó que a aragem soprava pela janela; dispunha o papel branco, punha cuidadosamente

penas novas; e andava bordando numa almofada de penas e cetim, para que o trabalhador estivesse mais confortável na sua vasta cadeira de couro lavrado.

Um dia oferecera-se a passar a limpo um artigo. Carlos, entusiasmado com a letra dela, quase comparável à lendária letra do Dâmaso, ocupava-a agora incessantemente como copista, sentindo mais amor por um trabalho a que ela se associava. Quantos cuidados se dava a doce criatura! Tinha para isso um papel especial, de um tom macio de marfim: e, com o dedinho no ar, ia desenrolando as pesadas considerações de Carlos sobre o Vitalismo e o Transformismo na graça delicada de uma renda... Um beijo pagava-a de tudo.

Às vezes Carlos dava lições a

Rosa — ora de história, contando-lha familiarmente como um conto de fadas, ora de geografia, interessando-a pelas terras onde vivem gentes negras, e pelos velhos rios que correm entre as ruínas dos santuários. Isto era o prazer mais alto de Maria. Séria, muda, cheia de religião, escutava aquele ser bem-amado ensinando sua filha. Deixava escapar das mãos o trabalho — e o interesse de Carlos, a enlevada atenção de Rosa sentada aos pés dele, bebendo aquelas belas histórias de Joana d'Arc ou das caravelas que foram à Índia, fazia resplandecer nos seus olhos uma névoa de lágrimas felizes...

Desde o meado de outubro, Afonso da Maia falava da sua partida de Santa Olávia, retardada apenas por algumas obras, que começara na parte

velha da casa e nas cocheiras: porque ultimamente invadira-o a paixão de edificar — sentindo-se remoçar, como ele dizia, no contacto das madeiras novas e no cheiro vivo das tintas. Carlos e Maria pensavam também em abandonar os Olivais. Carlos não poderia, por dever doméstico, permanecer ali instalado desde que o avô recolhesse ao *Ramalhete*. Além disso, aquele fim de outono ia escuro e agreste; e a *Toca* era agora pouco bucólica, com a quinta desfolhada e alagada, uma névoa sobre o rio, e um fogão único no gabinete de cretones — além da sumptuosa chaminé da sala de jantar, que, por entre os seus núbios de olhos de cristal, soltava uma fumaraça odiosa, quando o Domingos a tentava acender. Numa dessas manhãs,

Carlos, que ficara até tarde com Maria, e depois no seu delgado casebre mal pudera dormir com um temporal, de vento e água, desencadeado de madrugada, ergueu-se às nove horas, veio à *Toca*. As janelas do quarto de Maria conservavam-se ainda cerradas; a manhã clareara; a quinta lavada, meio despida, no ar fino e azul, tinha uma linda e silenciosa graça de inverno. Carlos passeava, olhando os vasos onde os crisântemos floriam, quando retiniu a sineta do portão. Era o toque do carteiro. Justamente ele escrevera dias antes ao Cruges, perguntando se estaria desocupado, para os primeiros frios de dezembro, o andar da Rua de S. Francisco: e, esperando carta do maestro, foi abrir, acompanhado por *Niniche*. Mas o correio, nessa manhã,

consistia apenas numa carta do Ega e dois números de jornal cintados — um para ele, outro para «Madame Castro Gomes, na quinta do Sr. Craft, aos Olivais».

Caminhando sob as acácias, Carlos abriu a carta do Ega. Era da véspera, com a data: «À noite, à pressa.» E dizia: «Lê, nesse trapo que te mando, esse superior pedaço de prosa que lembra Tácito. Mas não te assustes; eu suprimi, mediante pecúnia, toda a tiragem, com exceção de dois números mais que foram, um para a *Toca*, outro (oh! lógica suprema dos hábitos constitucionais!) para o Paço, para o Chefe do Estado!... Mas esse mesmo não chegará ao seu destino. Em todo o caso desconfio de que esgoto saiu esse enxurro e precisamos providenciar! Vem já! Espero-te às duas. E, como Iago

dizia a Cássio, *mete dinheiro na bolsa*.» Inquieto, Carlos descintou o jornal. Chamava-se a *Corneta do Diabo*: e na impressão, no papel, na abundância dos itálicos, no tipo gasto, todo ele revelava imundície e malandrice. Logo na primeira página duas cruzes a lápis marcavam um artigo que Carlos, num relance, viu salpicado com o seu nome. E leu isto: «Ora viva, sô Maia! Então já se não vai ao consultório, nem se veem os doentes do bairro, *sô janota*? — Esta piada era botada no Chiado, à porta da Havanesa, ao Maia, ao Maia dos cavalos ingleses, um tal Maia do *Ramalhete*, que abarrota por aí de *catita*; e o pai Paulino *que tem olho* e que passava nessa ocasião ouviu a seguinte *cornetada*: — É que o sô Maia acha que *é mais quente* viver nas fraldas

de uma *brasileira casada*, que nem é brasileira nem é casada, e a quem o papalvo pôs casa, aí para o lado dos Olivais, para *estar ao fresco*! Sempre os há neste mundo!... Pensa o homem que botou conquista; e cá a rapaziada de gosto ri-se, porque o que a gaja lhe quer não são os lindos olhos, são as lindas *louras*... O simplório, que bate aí pilecas *bifes*, que nem que fosse o *marquês*, o verdadeiro marquês, imaginava que se estava abiscoitando com uma senhora do chique, e do *boulevard* de Paris, e casada, e titular!... E no fim (não, esta é para a gente deixar estourar o bandulho a rir!) no fim descobre-se que a tipa era uma *cocotte* safada, que trouxe para aí um brasileiro já farto dela para a passar cá aos belos lusitanos... E caiu a espiga ao

Maia! Pobre palerma! Ainda assim o sô Maia só apanhou os restos de outro, porque a tipa, já antes de ele se enfeitar, tinha*pandegado* à larga, aí para a Rua de S. Francisco, com um rapaz da fina, que safou também, porque cá como nós só *aprecia a bela espanhola*. Mas não obsta a que o sô Maia seja traste! — Pois se assim é, dissemos nós, cautelinha, porque o Diabo cá tem a sua *Corneta* preparada para cornetear por esse mundo as façanhas do *Maia das conquistas*. Ora viva, sô Maia!» Carlos ficou imóvel entre as acácias, com o jornal na mão, no espanto furioso e mudo de um homem que subitamente recebe na face uma grossa chapada de lodo! Não era a cólera de ver o seu amor assim aviltado na publicidade chula de um jornal

sórdido: era o horror de sentir aquelas frases em calão, pandilhas, afadistadas, como só Lisboa as pode criar, pingando fetidamente, à maneira de sebo, sobre si, Maria, sobre o esplendor da sua paixão... Sentia-se todo emporcalhado. E uma única ideia surgia através da sua confusão — matar o bruto que escrevera aquilo.

Matá-lo! Ega sustera a tiragem da folha, Ega pois conhecia o foliculário. Nada importava que aqueles números que tinha na mão fossem os únicos impressos. Recebera lama na face. Que a injúria fosse espalhada nas praças numa profusa publicidade ou lhe fosse atirada só a ele escondidamente num papel único, era igual... Quem tanto ousara tinha de cair, esmagado!

Decidiu ir logo ao *Ramalhete*. O

Domingos, à janela da cozinha, areava pratas, assobiando. Mas quando Carlos lhe falou de ir buscar um calhambeque aos Olivais, o bom Domingos consultou o relógio:

— Vossa Excelência tem às onze horas a caleche do *Torto*, que a senhora mandou cá estar para ir a Lisboa...

Carlos, com efeito, recordou-se que Maria, na véspera, planeara ir à Aline e aos livreiros. Uma contrariedade, justamente nesse dia em que ele precisava ficar livre — ele e a sua bengala! Mas Melanie, passando então com um jarro de água quente, disse que a senhora ainda se não vestira, que talvez nem fosse a Lisboa... E Carlos recomeçou a passear, no tapete de relva, entre as nogueiras. Sentou-se por fim no banco de cortiça;

descintou a *Corneta* sobrescritada para Maria, releu lentamente a prosa imunda: e, nesse número que lhe fora destinado a ela, todo aquele calão lhe pareceu mais ultrajante, intolerável, punível só com sangue. Era monstruoso, na verdade, que sobre uma mulher, quieta, inofensiva no silêncio da sua casa, alguém ousasse tão brutalmente arremessar esse lodo às mãos-cheias! E a sua indignação alargava-se, do foliculário que babara aquilo — até à sociedade que, na sua decomposição, produzira o foliculário. Decerto toda a cidade sofria a sua vérmina... Mas só Lisboa, só a horrível Lisboa, com o seu apodrecimento moral, o seu rebaixamento social, a perda inteira de bom senso, o desvio profundo do bom gosto, a sua pulhice e o seu calão, podia

produzir uma*Corneta do Diabo*.

E, no meio desta alta cólera de moralista, uma dor perpassava, precisa e dilacerante. Sim, toda a sociedade de Lisboa fazia um monturo sórdido neste canto do mundo — mas, em suma, havia no artigo da *Corneta* uma calúnia? Não. Era o passado de Maria, que ela arrancara de si como um vestido roto e sujo, que ele mesmo enterrara muito fundo, deitando-lhe por cima o seu amor e o seu nome — e que alguém desenterrava para o mostrar bem alto ao sol, com as suas manchas e os seus rasgões... E isto agora ameaçava para sempre a sua vida, como um terror sobre ela suspenso. Debalde ele perdoara, debalde ele esquecera. O mundo em redor sabia. E a todo o tempo, o interesse ou a perversidade poderiam refazer o artigo

da *Corneta*.

Ergueu-se, abalado. E então ali, sob essas árvores desfolhadas, onde durante o verão, quando elas se enchiam de sombra e de murmúrio, ele passeara com Maria, esposa eleita da sua vida — Carlos perguntou, pela primeira vez a si mesmo, se a honra doméstica, a honra social, a pureza dos homens de quem descendia, a dignidade dos homens que dele descendessem, lhe permitiam em verdade casar com ela...

Dedicar-lhe toda a sua afeição, toda a sua fortuna, certamente! Mas casar... E se tivesse um filho? O seu filho, já homem, altivo e puro, poderia um dia ler numa *Corneta do Diabo* que sua mãe fora amante de um brasileiro, depois de ser amante de um irlandês. E se seu filho

lhe viesse gritar, numa bela indignação: «É uma calúnia?» — ele teria de baixar a cabeça, murmurar: «É uma verdade!» E seu filho veria para sempre colada a si aquela mãe de quem o mundo ignorava os martírios e os encantos — mas de quem conhecia cruelmente os erros.

E ela mesma! Se ele apelasse para a sua razão, alta e tão reta, mostrando-lhe as zombarias e as afrontas de que uma vil *Corneta do Diabo* poderia um dia traspassar o filho que deles nascesse — ela mesma o desligaria alegremente do seu voto, contente em entrar no *Ramalhete* pela escadinha secreta, forrada de veludo cor de cereja, contanto que em cima a esperasse um amor constante e forte... Nunca ela tornara, em todo o verão, a aludir a uma união

diferente dessa em que os seus corações viviam tão lealmente, tão confortavelmente. Não, Maria não era uma devota, preocupada «do pecado mortal»! Que lhe podia importar a estola banal do padre?... Sim; mas ele, que lhe pedira essa consagração, na hora mais comovida do seu longo amor, iria dizer-lhe agora — «foi uma criancice, não pensemos mais nisso, desculpa»? Não; nem o seu coração o desejava! Antes pendia todo para ela... Pendia todo para ela, num enternecimento mais generoso e mais quente — enquanto a sua razão assim arengava, cautelosa e austera. Ele tinha naquela alma o seu culto perfeito, naqueles braços a sua voluptuosidade magnífica; fora dali não havia felicidade; a única sabedoria era prender-se a ela

pelo derradeiro elo, o mais forte, o seu nome, embora as *Cornetas do Diabo* atroassem todo o ar. E assim afrontaria o mundo numa soberba revolta, afirmando a omnipotência, o reino único da Paixão... Mas primeiro mataria o foliculário! — Passeava, esmagava a relva. E todos os seus pensamentos se resolviam, por fim, em fúria contra o infame que babara sobre o seu amor, e durante um instante introduzia na sua vida tanta incerteza e tanto tormento!

Maria ao lado abriu a janela. Estava vestida de escuro para sair; e bastou o brilho terno do seu sorriso, aqueles ombros a que o estofo justo modelava a beleza cheia e quente — para que Carlos detestasse logo as dúvidas desleais e cobardes, a que se abandonara

um momento sob as árvores desfolhadas... Correu para ela. O beijo que lhe deu, lento e mudo, teve a humildade de um perdão que se implora.

— Que tens tu, que estás tão sério?

Ele sorriu. Sério, no sentido de solene, não estava. Talvez secado. Recebera uma carta do Ega, uma das eternas complicações do Ega. E precisava ir a Lisboa, ficar lá naturalmente toda a noite...

— Toda a noite? — exclamou ela com um desapontamento, pousando-lhe as mãos sobre os ombros.

— Sim, é bem possível, um horror! Nos negócios do Ega há fatalmente o inesperado... Tu, com efeito, vais a Lisboa?

— Agora, com mais razão... Se me queres.

— O dia está bonito... Mas há de fazer frio na estrada. Maria justamente gostava desses dias de inverno, cheios de sol, com um arzinho vivo e arrepiado. Tornavam-na mais leve, mais esperta.

— Bem, bem — disse Carlos atirando o cigarro. — Vamos ao almoço, minha filha... O pobre Ega deve estar a uivar de impaciência. Enquanto Maria correra a apressar o Domingos — Carlos, através da relva húmida, foi ainda lentamente até ao renque baixo de arbustos que daquele lado fechava a *Toca* como uma sebe. Aí a colina descia, com quintarolas, muros brancos, olivedos, uma grande chaminé de fábrica que fumegava: para além era o azul fino e

frio do rio: depois os montes, de um azul mais carregado, com a casaria branca da povoação aninhada à beira da água, nítida e suave na transparência do ar macio. Parou um momento, olhando. E aquela aldeia de que nunca soubera o nome, tão quieta e feliz na luz, deu a Carlos um desejo repentino de sossego e de obscuridade, num canto assim do mundo, à beira de água, onde ninguém o conhecesse nem houvesse *Cornetas do Diabo*, e ele pudesse ter a paz de um simples e de um pobre debaixo de quatro telhas, no seio de quem amava...

Maria gritou por ele da janela da sala de jantar, onde se debruçara a apanhar uma das últimas rosas trepadeiras que ainda floriam.

— Que lindo tempo para viajar,

Maria! — disse Carlos chegando, através da relva.

— Lisboa é também muito linda, agora, havendo sol...

— Pois sim, mas o Chiado, a coscuvilhice, os politiquetes, as gazetas, todos os horrores... A mim está-me positivamente a apetecer uma cubata na África!

O almoço, por fim, foi demorado. Ia bater uma hora, quando a caleche do *Torto* começou a rolar na estrada, ainda encharcada da chuva da noite. Logo adiante da vila, na descida, cruzaram um *coupé*que trepava num trote esfalfado. Maria julgou avistar nele de relance o chapéu branco e o monóculo do Ega... Pararam. E era com efeito o Ega, que reconhecera também a caleche da *Toca*,

vinha já saltitando as lamas com longas pernadas de cegonha, chamando por Carlos. Ao ver Maria, ficou atrapalhado:

— Que bela surpresa! Eu ia para lá... Vi o dia tão bonito, disse comigo...

— Bem, paga a tua tipoia, vem connosco! — atalhou Carlos, que traspassava o Ega com os olhos inquietos, querendo adivinhar o motivo daquela brusca chegada aos Olivais.

Quando entrou para a caleche, tendo pago o batedor, Ega, embaraçado, sem poder desabafar diante de Maria sobre o caso da Corneta, começou, sob os olhos de Carlos que o não deixavam, a falar do inverno, das inundações do Ribatejo... Maria lera. Uma desgraça, duas crianças afogadas nos berços, gados perdidos, uma grande miséria! Por fim

Carlos não se conteve:

— Eu lá recebi a tua carta...

Ega acudiu:

— Arranja-se tudo! Está tudo combinado! E com efeito eu não vim senão por um sentimento bucólico...

Muito discretamente Maria olhara para o rio. Ega fez então um gesto rápido com os dedos, significando «dinheiro, só questão de dinheiro». Carlos sossegou: e Ega voltou a falar dos inundados do Ribatejo e do sarau literário e artístico que, em benefício deles, se «ia cometer» no salão da Trindade... Era uma vasta solenidade oficial. Tenores do Parlamento, rouxinóis da literatura, pianistas ornados com o hábito de Sant'Iago, todo o pessoal canoro e sentimental do constitucionalismo *ia*

entrar em fogo. Os reis assistiam, já se teciam grinaldas de camélias para pendurar na sala. Ele, apesar de demagogo, fora convidado para ler um episódio das *Memórias de Um Átomo*: recusara-se, por modéstia, por não encontrar, nas *Memórias*, nada tão suficientemente palerma que agradasse à capital. Mas lembrara o Cruges; e o *maestro* ia ribombar ou arrulhar uma das suas *Meditações*. Além disso, havia uma poesia social pelo Alencar. Enfim, tudo prenunciava uma imensa orgia...

— E a Sr. a D. Maria — acrescentou ele — devia ir!... É sumamente pitoresco. Tinha Vossa Excelência ocasião de ver todo o Portugal romântico e liberal, *à la besogne*, engravatado de branco, dando tudo que

tem na alma!

— Com efeito devias ir — disse Carlos, rindo. — Demais a mais se o Cruges toca, se o Alencar recita, é uma festa nossa...

— Pois está claro! — gritou Ega, procurando o monóculo, já excitado. — Há duas coisas que é necessário ver em Lisboa... Uma procissão do Senhor dos Passos e um sarau poético!

Rolavam então pelo Largo do Pelourinho. Carlos gritou ao cocheiro que parasse no começo da Rua do Alecrim: eles apeavam-se e tomavam de lá o americano para o *Ramalhete*.

Mas a tipoia estacou antes da calçada, rente ao passeio, em frente de uma loja de alfaiate. E nesse instante achava-se aí parado, calçando as suas

luvas pretas, um velho alto, de longas barbas de apóstolo, todo vestido de luto. Ao ver Maria, que se inclinara à portinhola, o homem pareceu assombrado; depois, com uma leve cor na face larga e pálida, tirou gravemente o chapéu, um imenso chapéu de abas recurvas, à moda de 1830, carregado de crepe.

— Quem é? — perguntou Carlos.

— É o tio do Dâmaso, o Guimarães — disse Maria, que corara também. — É curioso, ele aqui!

Ah, sim! o famoso Mr. Guimarães, o do *Rappel*, o íntimo de Gambetta! Carlos recordava-se de ter já encontrado aquele patriarca no Price com o Alencar. Cumprimentou-o também; o outro ergueu de novo, com uma gravidade maior, o seu sombrio chapéu de carbonário. Ega

entalara vivamente o monóculo para examinar esse lendário tio do Dâmaso, que ajudava a governar a França: e depois de se despedirem de Maria, quando a caleche já subia a Rua do Alecrim e eles atravessavam para o Hotel Central, ainda se voltou, seduzido por aqueles modos, aquelas barbas austeras de revolucionário...

— Bom tipo! E que magnífico chapéu, hem! Donde diabo o conhece a Sr. a D. Maria?

— De Paris... Este Mr. Guimarães era muito da mãe dela. A Maria já me tinha falado nele. É um pobre diabo. Nem amigo de Gambetta, nem coisa nenhuma... Traduz notícias dos jornais espanhóis para o *Rappel*, e morre de fome...

— Mas então, o Dâmaso?

— O Dâmaso é um trapalhão. Vamos nós ao nosso caso... Essa imundície que me mandaste, a *Corneta*? Dize lá.

Seguindo devagar pelo Aterro, Ega contou a história da imundície. Fora na véspera à tarde que recebera no *Ramalhete* a *Corneta*. Ele já conhecia o papelucho, já privara mesmo com o proprietário e redator — o Palma, chamado Palma *Cavalão* para se distinguir de outro benemérito chamado Palma *Cavalinho*. Compreendeu logo que, se a prosa era do Palma, a inspiração era alheia. O Palma nada sabia de Carlos, nem de Maria, nem da casa da Rua de S. Francisco, nem da *Toca*... Não era natural que escrevesse por deleite intelectual um documento que só lhe podia render

desgostos e bengaladas. O artigo, pois, fora-lhe simplesmente encomendado e pago. No terreno do dinheiro vence sempre quem tem mais dinheiro. Por este sólido princípio correra a procurar o Palma *Cavalão* no seu antro.

— Também lhe conheces o antro? — perguntou Carlos, com horror.

— Tanto não... Fui perguntar à Secretaria da Justiça, a um sujeito que esteve associado com ele num negócio de *almanaques religiosos*...

Fora pois ao antro. E encontrara as coisas dispostas pelas mãos hábeis de uma Providência amiga. Primeiramente, depois de imprimir cinco ou seis números, a máquina, esfalfada na prática daquelas maroteiras, desmanchara-se. Além disso o bom Palma estava furioso com o

cavalheiro que lhe encomendara o artigo, por divergência na seriíssima questão de pecúnia. De sorte que apenas ele propôs comprar a tiragem do jornal — o jornalista estendeu logo a mão larga, de unhas roídas, tremendo de reconhecimento e de esperança. Dera-lhe cinco libras que tinha, e a promessa de mais dez...

— É caro, mas que queres? — continuou o Ega. — Deixei-me atarantar, não regateei bastante... E enquanto a dizer quem é o cavalheiro que encomendou o artigo, o Palma, coitado, afirma que tem uma rapariga espanhola a sustentar, que o senhorio lhe levantou o aluguer da casa, que Lisboa está caríssima, que a literatura neste desgraçado país...

— Quanto quer ele?

— Cem mil réis. Mas, ameaçando-

o com a polícia, talvez desça a quarenta.

— Promete os cem, promete tudo, contanto que eu tenha o nome... Quem te parece que seja?

Ega encolheu os ombros, deu um risco lento no chão com a bengala. E mais lentamente ainda foi considerando que o inspirador da *Corneta* devia ser alguém familiar com Castro Gomes; alguém frequentador da Rua de S. Francisco; alguém conhecedor da *Toca*; alguém que tinha, por ciúme ou vingança, um desejo ferrenho de magoar Carlos; alguém que sabia a história de Maria; e enfim alguém que era um cobarde...

— Estás a descrever o Dâmaso! — exclamou Carlos, pálido e parando.

Ega encolheu de novo os ombros, tornou a riscar o chão:

— Talvez não... Quem sabe! Enfim, nós vamos averiguá-lo com certeza, porque, para terminar a negociação, fiquei de me ir encontrar com o Palma às três horas no *Lisbonense*... E o melhor é vires também. Trazes tu dinheiro?

— Se for o Dâmaso, mato-o! — murmurou Carlos.

E não trazia suficiente dinheiro. Tomaram uma tipoia para correr ao escritório do Vilaça. O procurador fora a Mafra, a um batizado. Carlos teve de ir pedir cem mil réis ao velho Cortês, alfaiate do avô. Quando perto das quatro horas se apearam à entrada do Lisbonense, no Largo de Santa Justa, o Palma no portal, com um jaquetão de veludo coçado e calça de casimira clara

colada à coxa, acendia um cigarro. Estendeu logo rasgadamente a mão a Carlos — que lhe não tocou. E Palma *Cavalão*, sem se ofender, com a mão abandonada no ar, declarou que ia justamente sair; cansado já de esperar em cima diante de um grogue frio. De resto sentia que o Sr. Maia se incomodasse em vir ali...

— Eu arranjava cá o negociozinho com o amigo Ega... Em todo o caso, se os senhores querem, vamos lá para cima para um gabinete, que se está mais à vontade, e toma-se outra bebida. Subindo a escada lôbrega, Carlos recordava-se de ter já visto aquela luneta de vidros grossos, aquela cara balofa cor de cidra... Sim, fora em Sintra, com o Eusebiozinho e duas espanholas, nesse dia em que ele farejara

pelas estradas silenciosas, como um cão abandonado, procurando Maria!... Isto tornou-lhe mais odioso o Sr. Palma. Em cima entraram num cubículo, com uma janela gradeada por onde resvalava uma luz suja de saguão. Na toalha da mesa, salpicada de gordura e vinho, alguns pratos rodeavam um galheteiro que tinha moscas no azeite. O Sr. Palma bateu as palmas, mandou vir genebra. Depois, dando um grande puxão às calças:

— Pois eu espero que me acho aqui entre cavalheiros. Como eu já disse cá ao amigo Ega, em todo este negócio...

Carlos atalhou-o, tocando muito significativamente com a ponteira da bengala na borda da mesa.

— Vamos ao ponto essencial... Quanto quer o Sr. Palma por me dizer

quem lhe encomendou o artigo da *Corneta*?

— Dizer quem o encomendou, e prová-lo! — acudiu o Ega, que examinava na parede uma gravura onde havia mulheres nuas à beira de água. — Não nos basta o nome... O amigo Palma, está claro, é de toda a confiança... Mas enfim, que diabo, não é natural que nós acreditássemos se o amigo nos dissesse que tinha sido o senhor D. Luís de Bragança.

Palma encolheu os ombros. Está visto que havia de dar provas. Ele podia ter outros defeitos, trapalhão não! Em negócios era todo franqueza e lisura... E, se se entendessem, ali lhas entregava logo essas provas que lhe estavam enchendo o bolsinho, pimponas e de escachar! Tinha a

carta do amigo que lhe encomendara a piada: a lista das pessoas a quem se devia mandar a *Corneta*: o rascunho do artigo a lápis...

— Quer cem mil réis por tudo isso? — perguntou Carlos. O Palma ficou um momento indeciso, ajeitando as lunetas com os dedos moles. Mas o criado veio trazer a garrafa da genebra: e então o redator da *Corneta* ofereceu a bebida rasgadamente, puxou mesmo as cadeiras para aqueles cavalheiros abancarem. Ambos recusaram — Carlos de pé junto da mesa onde terminara por pousar a bengala, Ega passando a outra gravura onde dois frades se emborrachavam. Depois, quando o criado saiu, Ega acercou-se, tocou com bonomia no ombro do jornalista:

— Cem mil réis são uma linda soma, Palma amigo! E olhe que se lhe oferecem por delicadeza consigo. Porque artiguinhos como este da *Corneta*, apresentados na Boa Hora, levam à grilheta!... Está claro, este caso é outro, você não teve intenção de ofender; mas levam à grilheta!... Foi assim que o Severino marchou para a África. Ali no porãozinho de um navio, com ração de marujo e chibatadas. Desagradável, muito desagradável. Por isso eu quis que tratássemos isto aqui, entre cavalheiros, e em amizade.

Palma, com a cabeça baixa, desfazia torrões de açúcar dentro do copo de genebra. E suspirou, findou por dizer, um pouco murcho, que era por ser entre cavalheiros, e com amizade, que aceitava

os cem mil réis...

Imediatamente Carlos tirou da algibeira das calças um punhado de libras, que começou a deixar cair em silêncio uma a uma dentro de um prato. E Palma *Cavalão*, agitado com o tinir do ouro, desabotoou logo o jaquetão, sacou uma carteira onde reluzia um pesado monograma de prata sob uma enorme coroa de visconde. Os dedos tremiam-lhe; por fim desdobrou, estendeu três papéis sobre a mesa. Ega, que esperava, com o monóculo sôfrego, teve um brado de triunfo. Reconhecera a letra do Dâmaso!

Carlos examinou os papéis lentamente. Era uma carta do Dâmaso ao Palma, curta e em calão, remetendo o artigo, recomendando-lhe «que o apimentasse». Era o rascunho do artigo,

laboriosamente trabalhado pelo Dâmaso, com entrelinhas. Era a lista, escrita pelo Dâmaso, das pessoas que deviam receber a *Corneta*: vinha lá a Gouvarinho, o ministro do Brasil, D. Maria da Cunha, El-rei, todos os amigos do *Ramalhete*, o Cohen, várias autoridades, e a Fancelli prima-dona...

Palma, no entanto, nervoso, rufava com os dedos sobre a toalha, junto ao prato onde reluziam as libras. E foi o Ega que o animou, depois de relancear os olhos aos documentos por cima do ombro de Carlos:

— Recolha o bago, amigo Palma! Negócios são negócios, e o baguinho está aí a arrefecer!

Então, ao palpar o ouro, Palma Cavalão comoveu-se. Palavra, caramba,

se soubesse que se tratava de um cavalheiro como o Sr. Maia, não tinha aceitado o artigo! Mas então!... Fora o Eusébio Silveira, rapaz amigo, que lhe viera falar. Depois o Salcede. E ambos com muitas lérias e que era uma brincadeira, e que o Maia não se importava, e isto e aquilo, e muita promessa... Enfim deixara-se tentar. E tanto o Salcede como o Silveira se tinham portado pulhamente.

— Foi uma sorte que se escangalhasse a máquina! Senão estava agora entalado, irra! E tinha desgosto, palavra, caramba, tinha desgosto! Mas acabou-se! O mal não foi grande, e sempre se fez alguma coisa pela porca da vida.

Vivamente, com um olhar,

recontara o dinheiro na palma da mão: depois esvaziou a genebra, de um trago consolado e ruidoso. Carlos guardara as cartas do Dâmaso, levantava já o fecho da porta. Mas voltou-se ainda, numa derradeira averiguação:

— Então esse meu amigo Eusébio Silveira também se meteu no negócio?

O Sr. Palma, muito lentamente, afiançou que o Eusébio lhe falara apenas em nome do Dâmaso!

— O Eusébio, coitado, veio só como embaixador... Que o Dâmaso e eu não vamos muito na mesma bola. Ficámos esquisitos, desde uma pega em casa da Biscainha. Aqui para nós, eu prometi-lhe dois estalos na cara, e ele embuchou. Passados tempos tornámos a falar, quando eu fazia o *High Life* na Verdade. Ele veio-

me pedir com bons modos, em nome do conde de Landim, para eu dar umas piadas catitas sobre um baile de anos... Depois, quando o Dâmaso fez também anos, eu dei outra piadita. Ele pagou a ceia, ficámos mais calhados... Mas é traste... E lá o Eusebiozinho, coitado, veio só de embaixador.

Sem uma palavra, sem um aceno ao Palma, Carlos virou as costas, deixou o cubículo. O redator da *Corneta* ainda baixou a cabeça para a porta; depois, sem se ofender, voltou alegremente à genebra, dando outro puxão às calças. Ega, no entanto, acendia devagar o charuto.

— Você agora é que redige o jornal todo, Palma?

— O Silvestre, também...

— Que Silvestre?

— O que está com a *Pingada*. Você não conhece, creio eu. Um rapazola magro, que não é feio... Sensaborão, escreve uma palhada... Mas sabe coisas da sociedade. Esteve um tempo com a viscondessa de Cabelas, que ele chama a sua *cabeluda*... Que o Silvestre às vezes tem graça! E sabe, sabe coisas da sociedade, assim maroteiras de fidalgos, amigações, pulhices... Você nunca leu nada dele? Chocho. Tenho sempre de lhe arranjar o estilo... Neste número é que havia um folhetinzito meu, catita, cá à moderna, como eu gosto, ali com a piadinha realista a bater... Enfim, fica para outra vez. E outra coisa, Ega, olhe que lhe agradeço. Quando quiser, eu e a *Corneta* às ordens!

Ega estendeu-lhe a mão:

— Obrigado, digno Palma! E *adiós*!

— Pues vaya usted con Dios, Don Juanito! — exclamou logo o benemérito homem com infinito *salero*.

Em baixo Carlos esperava, dentro do *coupé*.

— E agora? — perguntou Ega, à portinhola.

— E agora salta para dentro e vamos liquidar com o Dâmaso... Carlos já esboçara sumariamente o plano dessa liquidação. Queria mandar desafiar o Dâmaso, como autor comprovado de um artigo de jornal que o injuriava. O duelo devia ser a espada ou ao florete, um desses ferros cujo lampejo, na sala de armas do *Ramalhete*, fazia empalidecer o Dâmaso. Se, contra toda a

verosimilhança, ele se batesse, Carlos fazia-lhe algures, entre a bochecha e o ventre, um furo que o cravasse meses na cama. Senão, a única explicação que Carlos aceitaria do Sr. Salcede seria um documento em que ele escrevesse esta coisa simples: «Eu, abaixo assinado, declaro que sou um infame.» E para estes serviços Carlos contava com o Ega.

— Agradeço! agradeço! vamos a isso! — exclamava o Ega esfregando as mãos, faiscando de júbilo.

No entanto, dizia ele, a etiqueta fúnebre reclamava outro padrinho; e lembrou o Cruges, moço passivo e maleável. Mas era impossível encontrar o *maestro*, porque invariavelmente a criada afirmava que o menino Vitorino não estava em casa... Decidiram ir ao

Grémio, mandar de lá um bilhete chamando o Cruges — «para um caso urgente de amizade e de arte».

— Com quê — dizia o Ega continuando a esfregar as mãos, enquanto a tipoia trotava para a Rua de S. Francisco — com quê demolir o nosso Dâmaso?

— Sim, é necessário acabar com esta perseguição. Chega a ser ridículo... E com uma estocada, ou com a carta, temos esse biltre aniquilado por algum tempo. Eu preferia a estocada. Senão deixo-te a ti arranjar os termos de uma carta forte...

— hás de ter uma boa carta! — disse o Ega com um sorriso de ferocidade.

No Grémio, depois de redigirem o bilhete ao Cruges, vieram esperar por ele

na sala das *Ilustrações*. O conde de Gouvarinho e Steinbroken conversavam de pé, no vão de uma janela. E foi uma surpresa. O ministro da Finlândia abriu os braços para o *cher Maia*, que ele não vira desde a partida de Afonso para Santa Olávia. Gouvarinho acolheu o Ega risonhamente, reatando uma certa camaradagem que entre eles se formara nesse verão, em Sintra: mas o aperto de mão a Carlos foi seco e curto. Já dias antes, tendo-se encontrado no Loreto, o Gouvarinho murmurara de leve e de passagem um «como está, Maia?» em que se sentia arrefecimento. Ah! já não eram essas efusões, essas palmadas enternecidas pelos ombros, dos tempos em que Carlos e a condessa fumavam *cigarettes*na cama da titi em

Santa Isabel. Agora que Carlos abandonara a senhora condessa de Gouvarinho, a Rua de S. Marçal e o cómodo sofá em que ela caía com um rumor de saias amarrotadas — o marido amuava, como abandonado também.

— Tenho tido saudades das nossas belas discussões em Sintra!

— disse ele, dando ao Ega a palmada carinhosa nas costas que outrora pertencia ao Maia. Tivemo-las de primeira ordem!

Eram realmente «pegas tremendas» no pátio do Vítor sobre literatura, sobre religião, sobre moral... Uma noite mesmo tinham-se zangado por causa da divindade de Jesus.

— É verdade! — acudiu o Ega. — Você nessa noite parecia ter às costas uma

opa de irmão do Senhor dos Passos!

O conde sorriu. Irmão do Senhor dos Passos, não, graças a Deus! Ninguém melhor do que ele sabia que, nesses sublimes episódios do Evangelho, reinava bastante lenda... Mas enfim eram lendas que serviam para consolar a alma humana. É o que ele objetara nessa noite ao amigo Ega... Sentiam-se a filosofia e o racionalismo capazes de consolar a mãe que chora? Não. Então...

— Em todo o caso, tivemo-las brilhantes! — concluiu ele, olhando o relógio. — E, eu confesso, uma discussão elevada sobre religião, sobre metafísica, encanta-me... Se a política me deixasse vagares, dedicava-me à filosofia... Nasci para isso, para aprofundar problemas.

Steinbroken, no entanto, esticado

na sua sobrecasaca azul, com um raminho de alecrim ao peito, tomara as mãos de Carlos:

— Mais vous êtes encore devenu plus fort!... Et Afonso da Maia, toujours dans ses terres?... Est-ce qu'on ne va pas le voir un peu cet hiver?

E imediatamente lamentou não ter visitado Santa Olávia. Mas quê! a família real instalara-se em Sintra; ele fora forçado a acompanhá-la, fazer a sua corte... Depois necessitara ir de fugida a Inglaterra, donde acabava de chegar, havia dias.

Sim, Carlos sabia, vira na *Gazeta Ilustrada*...

— Vous avez lu ça? Oh oui, on a été très aimable, très aimable pour moi à la Gazette...

Tinham-lhe anunciado a partida, depois a chegada, com palavras de amizade particularmente bem escolhidas. Nem podia deixar de ser, dada esta afeição sincera que liga Portugal e a Finlândia... «Mais enfin on avait été charmant, charmant!...» — Seulement — ajuntou ele, sorrindo com finura e voltando-se também para o Gouvarinho — on a fait une petite erreur... On a dit que j'étais venu de Southampton par le *Royal Mail*... Ce n'est pas vrai, non! Je me suis embarqué à Bordeaux, dans les *Messageries*. J'ai même pensé à écrire à Mr. Pinto, redacteur de la *Gazette*, qui est un charmant garçon... Puis, j'ai reflechi, je me suis dit: «Mon Dieu, on va croire que je veux donner une leçon d'exactitude à la Gazette, c'est très

grave...» Alors, voilà, très prudemment, j'ai gardé le silence... Mais enfin c'est une erreur: je me suis embarqué à Bordeaux. Ega murmurou que a História se encarregaria um dia de retificar esse facto. O ministro sorria modestamente, fazendo um gesto em que parecia desejar, por polidez, que a História se não incomodasse. E então o Gouvarinho, que acendera o charuto, espreitara outra vez o relógio, perguntou se os amigos tinham ouvido alguma coisa do Ministério e da crise.

Foi uma surpresa para ambos, que não tinham lido os jornais... Mas, exclamou logo o Ega, crise porquê, assim em pleno remanso, com as câmaras fechadas, tudo contente, um tão lindo tempo de outono? O Gouvarinho encolheu

os ombros com reserva. Houvera na véspera, à noitinha, uma reunião de ministros; nessa manhã o presidente do Conselho fora ao Paço, fardado, determinado a «largar o Poder»... Não sabia mais. Não conferenciara com os seus amigos, nem mesmo fora ao seu Centro. Como noutras ocasiões de crise, conservara-se retirado, calado, esperando... Ali estivera toda a manhã, com o seu charuto, e a *Revista dos Dois Mundos*.

Isto parecia a Carlos uma abstenção pouco patriótica.

— Porque enfim, Gouvarinho, se os seus amigos subirem...

— Exatamente por isso — acudiu o conde com uma cor viva na face — não desejo pôr-me em evidência... Tenho o

meu orgulho, talvez motivos para o ter... Se a minha experiência, a minha palavra, o meu nome são necessários, os meus correligionários sabem onde eu estou, venham pedir-mos...

Calou-se, trincando nervosamente o charuto. E Steinbroken, perante estas coisas políticas, começou logo a retrair-se para o fundo da janela, limpando os vidros da luneta, recolhido, já impenetrável, no grande recato neutral que competia à Finlândia. Ega no entanto não saía do seu espanto. Mas porque caía, porque caía assim um governo com maioria nas câmaras, sossego no país, o apoio do exército, a bênção da Igreja, a proteção do *Comptoir d'Escompte*?

O Gouvarinho correu devagar os dedos pela pera, e murmurou esta razão:

— O Ministério estava gasto.

— Como uma vela de sebo? — exclamou Ega, rindo. O conde hesitou. Como uma vela de sebo não diria... Sebo subentendia obtusidade... Ora neste Ministério sobrava o talento. Incontestavelmente havia lá talentos pujantes...

— Essa é outra! gritou Ega atirando os braços ao ar. — É extraordinário! Neste abençoado país todos os políticos têm *imenso talento*. A oposição confessa sempre que os ministros, que ela cobre de injúrias, têm, à parte os disparates que fazem, um *talento de primeira ordem*! Por outro lado a maioria admite que a oposição, a quem ela constantemente recrimina pelos disparates que fez, está cheia

de*robustíssimos talentos*! De resto todo o mundo concorda que o país é uma choldra. E resulta portanto este facto supracómico: um país governado *com imenso talento*, que é de todos na Europa, segundo o consenso unânime, o mais estupidamente governado! Eu proponho isto, a ver: que, como os talentos sempre falham, se experimentem uma vez os imbecis!

O conde sorria com bonomia e superioridade a estes exageros de fantasista. E Carlos, ansioso por ser amável, atalhou, acendendo o charuto no dele:

— Que pasta preferia você, Gouvarinho, se os seus amigos subissem? A dos Estrangeiros, está claro...

O conde fez um largo gesto de

abnegação. Era pouco natural que os seus amigos necessitassem da sua experiência política. Ele tornara-se sobretudo num homem de estudo e de teoria. Além disso não sabia bem se as ocupações da sua casa, a sua saúde, os seus hábitos lhe permitiriam tomar o fardo do governo. Em todo o caso, decerto a pasta dos Estrangeiros não o tentava...

— Essa nunca! — prosseguiu ele, muito compenetrado. — Para se poder falar de alto na Europa, como ministro dos Estrangeiros, é necessário ter por trás um exército de duzentos mil homens e uma esquadra com torpedos. Nós, infelizmente, somos fracos... E eu, para papéis subalternos, para que venha um Bismarck, um Gladstone, dizer-me «há de ser assim», não estou!... Pois não acha,

Steinbroken?

O ministro tossiu, balbuciou:

— Certainement... C'est très grave... C'est excessivement grave...

Ega então afirmou que o amigo Gouvarinho, com o seu interesse geográfico pela África, faria um ministro da Marinha iniciador, original, rasgado...

Toda a face do conde reluzia, escarlate de prazer.

— Sim, talvez... Mas eu lhe digo, meu querido Ega, nas colónias todas as coisas belas, todas as coisas grandes estão feitas. Libertaram-se já os escravos; deu-se-lhes já uma suficiente noção da moral cristã; organizaram-se já os serviços aduaneiros... Enfim, o melhor está feito. Em todo o caso há ainda detalhes interessantes a terminar... Por

exemplo, em Luanda... Menciono isto apenas como um pormenor, um retoque mais de progresso a dar. Em Luanda precisava-se bem um teatro normal, como elemento civilizador!

Nesse momento um criado veio anunciar a Carlos que o Sr.

Cruges estava em baixo, no portal, à espera. Imediatamente os dois amigos desceram.

— Extraordinário, este Gouvarinho! — dizia o Ega na escada.

— E este — observou Carlos com um imenso desdém de mundano — é um dos melhores que há na política. Pensando mesmo bem, e metendo a roupa branca em linha de conta, este é talvez o melhor!

Acharam o Cruges à porta, de jaquetão claro, embrulhando um cigarro.

E Carlos pediu-lhe logo que voltasse a casa vestir uma sobrecasaca preta. O maestro arregalava os olhos.

— É jantar?

— É enterro.

E rapidamente, sem aludir a Maria, contaram ao maestro que o Dâmaso publicara num jornal, a *Corneta do Diabo* (cuja tiragem eles tinham suprimido, não sendo possível por isso mostrar o número imundo) um artigo em que a coisa mais doce que se chamava a Carlos era *pulha*. Portanto Ega e ele Cruges iam a casa do Dâmaso pedir-lhe a honra ou a vida.

— Bem rosnou o maestro. — Que tenho eu a fazer?... Que eu dessas coisas não entendo.

— Tens — explicou Ega — de ir

vestir uma sobrecasaca preta e franzir o sobrolho. Depois vir comigo; não dizer nada; tratar o Dâmaso por «Vossa Excelência»; assentar em tudo o que eu propuser; e nunca desfranzir o sobrolho nem despir a sobrecasaca... Sem outra observação, Cruges partiu a cobrir-se de cerimónia e de negro. Mas no meio da rua retrocedeu:

— Ó Carlos, olha que eu falei lá em casa. Os quartos do primeiro andar estão livres, e forrados de papel novo...

— Obrigado. Vai-te fazer sombrio, depressa!...

O maestro abalara, quando diante do Grémio estacou a todo o trote uma caleche. De dentro saltou o Teles da Gama que, ainda com a mão no fecho da portinhola, gritou aos dois amigos:

— O Gouvarinho? está lá em cima?

— Está... Novidade fresca?

— Os homens caíram. Foi chamado o Sá Nunes!

E enfiou pelo pátio, correndo. Carlos e Ega continuaram devagar até ao portão do Cruges. As janelas do primeiro andar estavam abertas, sem cortinas. Carlos, erguendo para lá os olhos, pensava nessa tarde das corridas em que ele viera no faetonte, de Belém, para ver aquelas janelas: ia então escurecendo, por trás dos estores fechados surgira uma luz, ele contemplara-a como uma estrela inacessível... Como tudo passa!

Retrocederam para o Grémio. Justamente o Gouvarinho e Teles atiravam-se à pressa para dentro da

caleche que esperara. Ega parou, deixou cair os braços:

— Lá vai o Gouvarinho batendo para o Poder, a mandar representar a *Dama das Camélias* no sertão! Deus se amerceie de nós! Mas o Cruges apareceu enfim de chapéu alto, entalado numa sobrecasaca solene, com botins novos de verniz. Apinharam-se logo na tipoia estreita e dura. Carlos ia levá-los a casa do Dâmaso. E como queria ainda jantar nos Olivais, esperaria por eles, para saber o resultado «do chinfrim», no Jardim da Estrela, junto ao coreto.

— Sede rápidos e medonhos!

A casa do Dâmaso, velha e de um andar só, tinha um enorme portão verde, com um arame pendente que fez ressoar dentro uma sineta triste de convento: e os

dois amigos esperaram muito antes que aparecesse, arrastando as chinelas, o galego achavascado que o Dâmaso (agora livre de Carlos e das suas pompas) já não trazia torturado em botins cruéis de verniz. A um canto do pátio uma portinha abria sobre a luz de um quintal, que parecia ser um depósito de caixotes, de garrafas vazias e de lixo.

O galego, que reconhecera o Sr. Ega, conduziu-os logo, por uma escadinha esteirada, a um corredor largo, escuro, com cheiro a mofo. Depois, batendo o chinelo, correu ao fundo, onde alvejava a claridade de uma porta entreaberta. Quase imediatamente Dâmaso gritou de lá:

— Ó Ega, é você? Entre para aqui, homem! Que diabo!... Eu estou-me a vestir...

Embaraçado com estes brados de intimidade e tanta efusão, Ega ergueu a voz da sombra do corredor, gravemente:

— Não tem dúvida, nós esperamos...

O Dâmaso insistia, à porta, em mangas de camisa, cruzando os suspensórios:

— Venha você, homem! Que diabo, eu não tenho vergonha, já estou de calças!

— Há aqui uma pessoa de cerimónia — gritou o Ega para findar. A porta ao fundo cerrou-se, o galego veio abrir a sala. O tapete era exatamente igual aos dos quartos de Carlos no *Ramalhete*. E em redor abundavam os vestígios da antiga amizade com o Maia: o retrato de Carlos a cavalo, num vistoso caixilho de

flores em faiança: uma das colchas da Índia das senhoras Medeiros, branca e verde, enroupando o piano, arranjada por Carlos com alfinetes: e sobre um contador espanhol, debaixo de redoma, um sapatinho de cetim, de mulher, novo, que o Dâmaso comprara no Serra, por ter ouvido um dia a Carlos que «em todo o quarto de rapaz deve aparecer, discretamente disposta, alguma relíquia de amor...». Sob estes retoques de chique, dados à pressa sob a influência do Maia, empertigava-se a sólida mobília do pai Salcede, de mogno e veludo azul; a *console* de mármore, com um relógio de bronze dourado, onde Diana acariciava um galgo; o grande e dispendioso espelho, tendo entalada no caixilho uma fila de bilhetes de visita, de retratos de cantoras,

de convites para *soirées*. E Cruges ia examinar estes documentos, quando os passos alegres do Dâmaso soaram no corredor. O maestro correu logo a perfilar-se ao lado do Ega, diante do canapé de veludo, teso, cómodo, com o seu chapéu alto na mão. Ao vê-lo, o bom Dâmaso, que se abotoara todo numa sobrecasaca azul, florida por um botão de camélia, atirou risonhamente os braços ao ar:

— Então esta é que é a pessoa de cerimónia? Sempre vocês têm coisas! E eu a pôr a sobrecasaca... Por pouco que não lhe afinfo com o hábito de Cristo!...

Ega atalhou, muito sério:

— O Cruges não é de cerimónia, mas o motivo que aqui nos traz é delicado e grave, Dâmaso.

Dâmaso arregalou os olhos, reparando enfim naquele estranho modo dos seus amigos, ambos de negro, secos, tão solenes. E recuou, todo o sorriso se lhe apagou na face.

— Que diabo é isso? Sentem-se, sentem-se vocês...

A voz apagava-se-lhe também. Pousado à borda de uma poltrona baixa, junto de uma mesa coberta de encadernações ricas, com as mãos nos joelhos, ficou esperando, numa ansiedade.

— Nós vimos aqui — começou Ega — em nome do nosso amigo Carlos da Maia...

Uma brusca onda de sangue cobriu a face rechonchuda do Dâmaso, até à risca do cabelo encaracolado a ferro. E não achou uma palavra, atónito, sufocado,

esfregando estupidamente os joelhos. Ega prosseguiu, lento, direito no canapé:

— O nosso amigo Carlos da Maia queixa-se de que o Dâmaso publicou, ou fez publicar, um artigo extremamente injurioso para ele e para uma senhora das relações dele, na *Corneta do Diabo*...

— Na *Corneta*, eu — acudiu o Dâmaso, balbuciando. — Que *Corneta*? Nunca escrevi em jornais, graças a Deus! Ora essa, a *Corneta*!...

Ega, muito friamente, tirou do bolso um maço de papéis. E veio colocá-los um por um, ao lado do Dâmaso, na mesa, sobre um magnífico volume da *Bíblia* de Doré.

— Aqui está a sua carta remetendo ao Palma *Cavalão* o rascunho do artigo... Aqui está, pela sua letra igualmente, a

lista das pessoas a quem se devia mandar a *Corneta*, desde o Rei até à Fancelli... Além disso nós temos as declarações do Palma. O Dâmaso não é só o inspirador, mas materialmente o autor do artigo... O nosso amigo Carlos da Maia exige, pois, como injuriado, uma reparação pelas armas...

Dâmaso deu um salto da poltrona, tão arrebatado — que involuntariamente Ega recuou, no receio de uma brutalidade. Mas já o Dâmaso estava no meio da sala, esgazeado, com os braços trémulos no ar:

— Então o Carlos manda-me desafiar? A mim?... Que lhe fiz eu? Ele a mim é que me pregou uma partida!... Foi ele, vocês sabem perfeitamente que foi ele!...

E desabafou, num prodigioso fluxo

de loquacidade, atirando palmadas ao peito, com os olhos marejados de lágrimas. Fora Carlos, Carlos, que o desfeiteara a ele, mortalmente! Durante todo o inverno tinha-o perseguido para que ele o apresentasse a uma senhora brasileira muito chique, que vivia em Paris, e que lhe fazia olho... E ele, bondoso como era, prometia, dizia: «Deixa estar, eu te apresento!» Pois, senhores, que faz Carlos? Aproveita uma ocasião sagrada, um momento de luto, quando ele Dâmaso fora ao Norte por causa da morte do tio, e mete-se dentro da casa da brasileira... E tanto intriga, que leva a pobre senhora a fechar-lhe a sua porta, a ele, Dâmaso, que era íntimo do marido, íntimo de tu! Caramba, ele é que devia mandar desafiar Carlos! Mas não!

fora prudente, evitara o escândalo por causa do Sr. Afonso da Maia.. Queixara-se de Carlos, é verdade... Mas no Grémio, na Casa Havanesa, entre rapaziada amiga... E no fim Carlos prega-lhe uma destas!

— Mandar-me desafiar, a mim! A mim, que todo o mundo conhece!...

Calou-se, engasgado. E Ega, estendendo a mão, observou placidamente que se desviavam do ponto vivo da questão. O Dâmaso concebera, rascunhara, pagara o artigo da *Corneta*. Isso não o negava, nem o podia negar: as provas estavam ali, abertas sobre a mesa: eles tinham disso a declaração do Palma...

— Esse desavergonhado! — gritou o Dâmaso, levado noutra rajada de indignação que o fez redemoinhar,

estonteado, tropeçando nos móveis. — Esse descarado do Palma! Com esse é que eu me quero ver!... Lá a questão com o Carlos não vale nada, arranja-se, somos todos rapazes finos... Com o Palma é que é! Esse traidor é que eu quero rachar! Um homem a quem eu tenho dado às meias libras, aos sete mil réis! E ceias, e tipoias! Um ladrão que pediu o relógio ao Zeferino para figurar num batizado, e pô-lo no prego!... E faz-me uma destas!... Mas hei de escavacá-lo! Onde é que você o viu, Ega? Diga lá, homem! Que quero ir procurá-lo, hoje mesmo, corrê-lo a chicotadas... Traições não, não admito a ninguém! Ega, com a tranquilidade paciente de quem sente a presa certa, lembrou de novo a inutilidade daquelas divagações:

— Assim nunca acabamos, Dâmaso... O nosso ponto é este: o Dâmaso injuriou Carlos da Maia: ou se retrata publicamente dessa injúria, ou dá uma reparação pelas armas...

Mas o Dâmaso, sem escutar, apelava desesperadamente para o Cruges, que se não movera do sofá de veludo, esfregando, um contra o outro, com um ar arrepiado e de dor, os dois sapatos novos de verniz.

— Aquele Carlos! Um homem que se dizia meu amigo íntimo! Um homem que fazia de mim tudo! Até lhe copiava coisas... Você bem viu, Cruges. Diga! Fale, homem! Não sejam vocês todos contra mim!... Até às vezes ia à Alfândega despachar-lhe caixotes... O maestro baixava os olhos, vermelho, num infinito

mal-estar. E Ega, por fim, já farto, lançou uma intimidação derradeira:

— Em resumo, Dâmaso, desdiz-se ou bate-se?

— Desdizer-me? — tartamudeou o outro, empertigando-se, num penoso esforço de dignidade, a tremer todo. — E de quê? Ora essa! É boa! Eu sou lá homem que me desdiga!

— Perfeitamente, então bate-se...

Dâmaso cambaleou para trás, desvairado:

— Qual bater-me! Eu sou lá homem que me bata! Eu cá é a soco. Que venha para cá, não tenho medo dele, arrombo-o... Dava pulinhos curtos de gordo, através do tapete, com os punhos fechados e em riste. E queria Carlos ali, para o escavacar! Não lhe faltava mais

senão bater-se... E então duelos em Portugal, que acabavam sempre por troça!

Ega, no entanto, como se a sua missão estivesse finda, abotoara a sobrecasaca e recolhia os papéis espalhados sobre a Bíblia. Depois, serenamente, fez a última declaração de que fora incumbido. Como o Sr. Dâmaso Salcede recusava retratar-se e rejeitava também uma reparação pelas armas, Carlos da Maia prevenia-o de que em qualquer parte que o encontrasse, daí por diante, fosse uma rua, fosse um teatro, lhe escarraria na face...

— Escarrar-me! — berrou o outro, lívido, recuando, como se o escarro já viesse no ar.

E de repente, espavorido, coberto de bagas de suor, precipitou-se sobre o

Ega, agarrando-lhe as mãos, numa agonia:

— Ó João, ó João, tu que és meu amigo, por quem és, livra-me desta entaladela!

Ega foi generoso. Desprendeu-se dele, empurrou-o brandamente para a poltrona, calmando-o com palmadinhas fraternais pelo ombro. E declarou que, desde que Dâmaso apelava para a sua amizade, desaparecia o enviado de Carlos, necessariamente exigente, ficava só o camarada, como no tempo dos Cohens e da Vila Balzac. Queria pois o amigo Dâmaso um conselho? Era assinar uma carta afirmando que tudo o que fizera publicar na *Corneta*, sobre o Sr. Carlos da Maia e certa senhora, fora invenção falsa e gratuita. Só isto o salvava. De outro modo, Carlos um dia, no Chiado, em

S. Carlos, escarrava-lhe na cara. E, dado esse desastre, Damasozinho, a não querer ser apontado em Lisboa como um incomparável cobarde, tinha de se bater à espada ou à pistola...

— Ora, em qualquer desses casos, você era um homem morto. O outro escutava, esbarrondado no fundo do assento de veludo, com a face emparvecida para o Ega. Alargou molemente os braços, murmurou da profundidade do seu terror:

— Pois sim, eu assino, João, eu assino...

— É o que lhe convém... Arranje então papel. Você está perturbado, eu mesmo redijo.

Dâmaso ergueu-se, com as pernas frouxas, atirando um olhar tonto e vago

por sobre os móveis:

— Papel de carta? É para carta?

— Sim, está claro, uma carta ao Carlos!

Os passos do desgraçado perderam-se enfim no corredor, pesados e sucumbidos.

— Coitado! — suspirou o Cruges levando de novo, com um ar de arrepio, a mão aos sapatos.

Ega lançou-lhe um *psiu* severo. Dâmaso voltava com o seu sumptuoso papel de monograma e coroa. Para envolver em silêncio e segredo aquele transe amargo, cerrou o reposteiro; e o vasto pano de veludo, desdobrando-se, mostrou o brasão de Salcede, onde havia um leão, uma torre, um braço armado, e por baixo, a letras de ouro, a sua

formidável divisa: SOU FORTE! Imediatamente Ega afastou os livros na mesa, abancou, atirou largamente ao papel a data e a *adresse* do Dâmaso...

— Eu faço o rascunho, você depois copia...

— Pois sim! — gemeu o outro, de novo aluído na poltrona, passando o lenço pelo pescoço e pela face.

Ega, no entanto, escrevia muito lentamente, com amor. E naquele silêncio, que o embaraçava, Cruges terminou por se erguer, foi coxeando até ao espelho onde se desenrolavam, entalados na frincha do caixilho, bilhetes e fotografias. Eram as glórias sociais do Dâmaso, os documentos do *chique a valer* que era a paixão da sua vida: bilhetes com títulos, retratos de cantoras, convites para bailes, cartas de

entrada no hipódromo, diplomas de membro do Clube Naval, de membro do Jockey Club, de membro do Tiro aos Pombos: — até pedaços cortados de jornais anunciando os anos, as partidas, as chegadas do Sr. Salcede, «um dos nossos mais distintos *sportmen*».

Desventuroso *sportman*! Aquela folha de papel, onde o Ega rascunhava, ia-o enchendo pouco a pouco de um terror angustioso. Santo Deus! Para que eram tantos apuros numa carta ao Carlos, um rapaz íntimo? Uma linha bastaria: «Meu querido Carlos, não te zangues, desculpa, foi brincadeira.» Mas não! Toda uma página de letra miúda, com entrelinhas! Já mesmo Ega voltava a folha, molhava a pena, como se dela devessem escorrer, sem cessar, coisas humilhadoras! Não se

conteve, estendeu a face por sobre a mesa, até ao papel:

— Ó Ega, isso não é para publicar, pois não é verdade? Ega refletiu, com a pena no ar:

— Talvez não... Estou certo que não. Naturalmente Carlos, vendo o seu arrependimento, deixa isto esquecido no fundo de uma gaveta.

Dâmaso respirou com alívio. Ah, bem! Isso parecia-lhe mais decente entre amigos! Que lá isso, mostrar o seu arrependimento, até ele desejava! Com efeito, o artigo fora uma tolice... Mas então! Em questões de mulheres era assim, assomado, um leão...

Abanou-se com o lenço, desanuviado, recomeçando a achar sabor à vida. Findou mesmo por acender um

charuto, levantar-se sem rumor, acercar-se do Cruges que, coxeando através das curiosidades da sala, encalhara sobre o piano e sobre os livros de música, com o pé dorido no ar.

— Então tem-se feito alguma coisa de novo, Cruges?

Cruges, muito vermelho, resmungou que não tinha feito nada. Dâmaso ficou ali um momento, a mascar o charuto. Depois, atirando um olhar inquieto à mesa onde o Ega rascunhava interminavelmente, murmurou, sobre o ombro do maestro:

— Uma entaladela assim! Eu é por causa da gente conhecida... Senão não me importava! Mas veja você também se arranja as coisas e se o Carlos deixa aquilo na gaveta...

Justamente Ega erguera-se com o papel na mão e caminhava para o piano, devagar, relendo baixo.

— Ficou ótimo, salva tudo! exclamou por fim. — Vai em forma de carta ao Carlos, é mais correto. Você depois copia e assina. Ouça lá: «Ex. mo Sr...» Está claro, você dá-lhe «excelência» porque é um documento de honra... «Ex. mo Sr. — Tendo-me Vossa Excelência, por intermédio dos seus amigos João da Ega e Vitorino Cruges, manifestado a indignação que lhe causara um certo artigo da *Corneta do Diabo*, de que eu escrevi o rascunho e de que promovi a publicação, venho declarar francamente a Vossa Excelência que esse artigo, como agora reconheço, não continha senão falsidades e incoerências:

e a minha desculpa única está em que o compus e enviei à redação da *Corneta* no momento de me achar no mais completo estado de embriaguez...» Parou. E nem se voltou para o Dâmaso, que deixara pender os braços, rolar o charuto no tapete, varado. Foi ao Cruges que se dirigiu, entalando o monóculo:

— Achas talvez forte?... Pois eu redigi assim, por ser justamente a única maneira de ressalvar a dignidade do nosso Dâmaso. E desenvolveu a sua ideia, mostrando quanto era generosa e hábil — enquanto o Dâmaso, aparvalhado, apanhava o charuto. Nem Carlos nem ele queriam que o Dâmaso, numa carta (que se podia tornar pública), declarasse «que caluniara por ser caluniador». Era necessário, pois, dar à calúnia uma dessas

causas fortuitas e ingovernáveis que tiram a responsabilidade às ações. E que melhor, tratando-se de um rapaz mundano e femeeiro, do que estar bêbedo?... Não era vergonha para ninguém embebedar-se... O próprio Carlos, todos eles ali, homens de gosto e de honra, se tinham embebedado. Sem remontar aos Romanos, onde isso era uma higiene e um luxo, muitos grandes homens na História bebiam de mais. Em Inglaterra era tão chique, que Pitt, Fox e outros nunca falavam na Câmara dos Comuns senão aos bordos. Musset, por exemplo, que bêbedo! Enfim a História, a Literatura, a Política, tudo fervilhava de piteiras... Ora, desde que o Dâmaso se declarava borracho, a sua honra ficava salva. Era um homem de bem que apanhara uma

carraspana e que cometera uma indiscrição... Nada mais!

— Pois não te parece, Cruges?

— Sim, talvez, que estava bêbedo — murmurou o maestro timidamente.

— Pois não lhe parece a você, francamente, Dâmaso?

— Sim, que estava bêbedo — balbuciou o desgraçado. Imediatamente Ega retomou a leitura: «Agora que voltei a mim, reconheço, como sempre reconheci e proclamei, que é Vossa Excelência um caráter absolutamente nobre; e as outras pessoas que nesse momento de embriaguez ousei salpicar de lama são-me só merecedoras de veneração e louvor. Mais declaro que se por acaso tornasse a suceder soltar eu alguma palavra ofensiva para Vossa Excelência, não lhe devia dar

Vossa Excelência ou aqueles que a escutassem mais importância do que a que se dá a uma involuntária baforada de álcool — pois que, por um hábito hereditário que reaparece frequentemente na minha família, me acho repetidas vezes em estado de embriaguez... De Vossa Excelência, com toda a estima, etc.». Rodou sobre os tacões, pousou o rascunho na mesa — e, acendendo o charuto ao lume do Dâmaso, explicou com amizade, com bonomia, o que o determinara àquela confissão de bebedeira incorrigível e palreira. Fora ainda o desejo de garantir a tranquilidade do «nosso Dâmaso». Atribuindo todas as imprudências em que pudesse cair a um hábito de intemperança hereditária, de que tinha tão pouca culpa como de ser baixo e gordo, o Dâmaso

punha-se, *para sempre*, ao abrigo das provocações de Carlos...

— Você, Dâmaso, tem génio, tem língua... Um dia esquece-se, e no Grémio, sem querer, na cavaqueira depois do teatro, lá lhe escapa uma palavra contra Carlos... Sem esta precaução, aí recomeça a questão, o escarro, o duelo... Assim já Carlos não se pode queixar. Lá tem a explicação que tudo cobre, uma gota de mais, a gota tomada por impulso de borrachice hereditária... Você alcança deste modo a coisa que mais se apetece neste nosso século XIX — a irresponsabilidade!... E depois para a sua família não é vergonha, porque você não tem família. Em resumo, convém-lhe?

O pobre Dâmaso escutava-o, esmagado, enervado, sem compreender

aquelas roncantes frases sobre «a hereditariedade», sobre «o século XIX». E um único sentimento vivo o dominava: acabar, reentrar na sua paz pachorrenta, livre de floretes e de escarros. Encolheu os ombros, sem forças:

— Que lhe hei de eu fazer?... Para evitar falatórios. E abancou, meteu um bico novo na pena, escolheu uma folha de papel em que o monograma luzia mais largo, começou a copiar a carta na sua maravilhosa letra, com finos e grossos, de uma nitidez de gravura em aço.

Ega, no entanto, de sobrecasaca desabotoada e charuto fumegante, rondava em torno da mesa, seguindo sofregamente as linhas que traçava a mão aplicada do Dâmaso, ornada de um grosso anel de armas. E durante um momento atravessou-

o um susto...

Dâmaso parara, com a pena indecisa. Diabo! Acordaria enfim, no fundo de toda aquela gordura balofa, um resto escondido de dignidade, de revolta?... Dâmaso alçou para ele os olhos embaciados:

— Embriaguez é com *n* ou com *m*?

— Com um *m*, um *m* só, Dâmaso! — acudiu Ega afetuosamente. — Vai muito bem... Que linda letra você tem, caramba! E o infeliz sorriu à sua própria letra — pondo a cabeça de lado, no orgulho sincero daquela soberba prenda.

Quando findou a cópia, foi Ega que conferiu, pôs a pontuação. Era necessário que o documento fosse chique e perfeito.

— Quem é o seu tabelião,

Dâmaso?

— O Nunes, na Rua do Ouro... Porquê?

Oh! nada. É um detalhe que nestes casos se pergunta sempre. Mera cerimónia... Pois amigos, como papel, como letra, como estilo, está de apetite a cartinha!

Meteu-a logo num envelope onde rebrilhava a divisa «Sou Forte», sepultou-a preciosamente no interior da sobrecasaca. Depois, agarrando o chapéu, batendo no ombro do Dâmaso com uma familiaridade folgazã e leve:

— Pois, Dâmaso, felicitemo-nos todos! Isto podia acabar fora de portas, numa poça de sangue! Assim é uma delícia. E adeus... Não se incomode você. Então o grande sarau sempre é na

segunda-feira? Vai lá tudo, hem! Não venha cá, homem... Adeus!

Mas o Dâmaso acompanhou-os pelo corredor, mudo, murcho, cabisbaixo. E no patamar reteve o Ega, desafogou outra inquietação que o assaltara:

— Isso não se mostra a ninguém, não é verdade, Ega?

Ega encolheu os ombros. O documento pertencia a Carlos... Mas enfim, Carlos era tão bom rapaz, tão generoso!

Esta incerteza, que o ficava minando, arrancou um suspiro ao Dâmaso:

— E chamei eu àquele homem *meu amigo*!

— Tudo na vida são desapontamentos, meu Dâmaso! — foi a observação do Ega, saltando alegremente

os degraus.

Quando o calhambeque parou no Jardim da Estrela, Carlos já esperava ao portão de ferro, numa impaciência, por causa do jantar na *Toca*. Enfiou logo para dentro, atropelando o maestro, bradou ao cocheiro que voasse ao Loreto.

— Então, meus senhores, temos sangue?

— Temos melhor! — exclamou Ega no barulho das rodas, floreando o envelope.

Carlos leu a carta do Dâmaso. E foi um imenso assombro:

— Isto é incrível... Chega a ser humilhante para a natureza humana!

— O Dâmaso não é o género humano — acudiu Ega. — Que diabo esperavas tu? Que ele se batesse?

— Não sei, corta o coração... Que se há de fazer a isto? Segundo o Ega, não se devia publicar; seria criar curiosidade e escândalo em torno do artigo da *Corneta*, que custara trinta libras a sufocar. Mas convinha conservar aquilo como uma ameaça pairando sobre o Dâmaso, tornando-o para longos anos nulo e inofensivo.

— Eu estou mais que vingado — concluiu Carlos. — Guarda o papel: é obra tua, usa-o como quiseres...

Ega guardou-o com prazer, enquanto Carlos, batendo no joelho do maestro, queria saber como ele se portara naquele lance de honra...

— Pessimamente! — gritou Ega. — Com expressões de compaixão; sem linha nenhuma; estendido por cima do

piano; agarrando com a mão no sapato...

— Pudera! — exclamou Cruges desafogando enfim. — Vocês dizem-me que me ponha de cerimónia, calço uns sapatos novos de verniz, estive toda a tarde num tormento!

E não se conteve mais, arrancou o sapato, pálido, com um medonho suspiro de consolação.

No dia seguinte, depois do almoço, enquanto uma chuva grossa alagava os vidros sob as lufadas de sudoeste, Ega, no fumoir, enterrado numa poltrona, com os pés para o lume, relia a carta do Dâmaso: e pouco a pouco subia nele a mágoa de que esse colossal documento de cobardia humana, tão interessante para a fisiologia e para a arte, ficasse para sempre inaproveitado no

escuro de uma gaveta!... Que efeito, que soberbo efeito se aquela confissão do «nosso distinto *sportman*» surgisse um dia na *Gazeta Ilustrada* ou no novo jornal A *Tarde*, nas colunas do *High Life*, sob este título: «PENDÊNCIA DE HONRA!» E que lição, que meritório ato de justiça social! Todo esse verão, Ega detestara o Dâmaso, certo, desde Sintra, de que ele era o amante da Cohen e de que, por esse imbecil de grossas nádegas, esquecera ela para sempre a Vila Balzac, as manhãs na colcha de cetim preto, os seus beijos delicados, os versos de Musset que lhe lia, os *lunchezinhos* de perdiz, tantos encantos poéticos. Mas o que lhe tornara o Dâmaso intolerável — fora a sua farófia radiante de homem preferido; o ar de posse com que passeava ao lado de

Raquel pelas estradas de Sintra, vestido de flanela branca; os segredinhos que tinha sempre a cochichar-lhe sobre o ombro; e o acenozinho desdenhoso, com um dedo, que lhe atirava de lado, ao passar, a ele próprio, Ega... Era odioso! Odiava-o: e através desse ódio ruminara sempre o desejo de uma vingança — pancada, desonra ou ridículo que tornasse o Sr. Salcede, aos olhos de Raquel, desprezível, grotesco, chato como um balão furado... E agora ali tinha essa carta providencial, em que o homem solenemente se declarava bêbedo. «Sou um bêbedo, estou sempre bêbedo!» Assim o dizia, no seu papel de monograma de ouro, o Sr. Salcede, num medo vil de cão goso, rastejando com o rabo entre as pernas diante de qualquer pau!... Nenhuma

mulher resistiria a isto... E havia de encafuar tão decisivo documento no fundo de um gavetão? Publicá-lo na*Gazeta Ilustrada* ou n'*A Tarde* não podia, infelizmente, por interesse de Carlos. Mas porque o não mostraria «em segredo», como uma curiosidade psicológica, ao Craft, ao marquês, ao Teles, ao Gouvarinho, ao primo do Cohen? Podia mesmo confiar uma cópia ao Taveira, que, ressentido eternamente da questão com o Dâmaso em casa da Lola Gorda, correria a lê-la *em segredo* na Casa Havanesa, no bilhar do Grémio, no Silva, nos camarins de cantoras. E ao fim de uma semana a Sr. a D. Raquel saberia, inevitavelmente, que o escolhido do seu coração era, por confissão própria, um caluniador e um bêbedo!... Delicioso!

Tão delicioso que não hesitou mais, subiu ao quarto para copiar a carta do Dâmaso. Mas quase imediatamente, um criado trouxe-lhe um telegrama de Afonso da Maia, anunciando que chegava no dia seguinte ao *Ramalhete*. Ega teve de sair, telegrafar para os Olivais, avisar Carlos.

Carlos apareceu nessa noite, já tarde, transido de frio, com um monte de bagagens — porque abandonara definitivamente os Olivais. Maria Eduarda regressava também a Lisboa, para o primeiro andar da Rua de S. Francisco, tomado agora por seis meses, tapetado de novo pela mãe Cruges. E Carlos vinha muito impressionado, com profundas saudades da *Toca*. Depois de cear, ao fogão, acabando o charuto, relembrou infindavelmente esses dias

alegres, a sua casinhola, o banho da manhã tomado dentro de uma dorna, a festa do deus Tchi, as guitarradas do marquês, as longas cavaqueiras ao café com as janelas abertas e as borboletas voando em torno dos candeeiros... Fora as cordas de água, sob o vento de inverno, batiam os vidros na mudez da noite negra. Ambos terminaram por ficar calados, pensativos, com os olhos no lume.

— Quando esta tarde dei pela última vez uma volta na quinta — disse por fim Carlos — já não havia uma única folha nas árvores... Tu não sentes sempre uma grande melancolia, nestes fins de outono?...

— Imensa! — murmurou Ega lugubremente.

Ao outro dia a manhã clareava,

limpa e branca, quando Ega e Carlos, ainda estremunhados e tiritando, se apearam em Santa Apolónia. O comboio acabava justamente de chegar; e viram logo, entre o rumor de gente que se escoava das portinholas abertas, Afonso, com o seu velho capote de gola de veludo, apegado a uma bengala, debatendo-se entre homens de boné agaloado que lhe ofereciam o *Hotel Terreirense* e a *Pomba d'Oiro*. Atrás Mr. Antoine, o *chef* francês, grave, de chapéu alto, trazia o cesto em que viajara o «Reverendo Bonifácio».

Carlos e Ega acharam Afonso mais acabado, mais pesado. Todavia gabaram-lhe muito, entre os primeiros abraços, a sua robustez de patriarca. Ele encolheu os ombros, queixando-se de ter sentido, desde o fim do verão, vertigens,

um cansaço vago...

— Vocês é que estão excelentes — acrescentou abraçando outra vez Carlos e sorrindo ao Ega. — E que ingratidão foi essa tua, John, metido aqui todo o verão sem me ir visitar?... Que tens tu feito? Que têm vocês feito?

— Mil coisas! — acudiu Ega alegremente. — Planos, ideias, títulos... Temos sobretudo o projeto de uma *Revista*, um aparelho de educação superior, que vamos montar com uma força de mil cavalos!... Enfim, logo se lhe conta tudo ao almoço.

E ao almoço, com efeito, para justificar as suas ocupações em Lisboa, falaram da *Revista* como se ela já estivesse organizada e os artigos a imprimir na oficina — tanta foi a precisão

com que lhe descreveram as tendências, a feição crítica, as linhas de pensamento sobre que ela devia rolar... Ega já preparara um trabalho para o primeiro número: A *Capital dos Portugueses*. Carlos meditava uma série de ensaios à inglesa, sob este título: *Porque Falhou entre Nós o Sistema Constitucional*. E Afonso escutava, encantado com aquelas belas ambições de luta, querendo partilhar da grande obra, como sócio capitalista... Mas Ega entendia que o Sr. Afonso da Maia devia descer à arena, lançar também a palavra do seu saber e da sua experiência. Então o velho riu. O quê! compor prosa, ele, que hesitava para traçar uma carta ao feitor? De resto, o que teria a dizer ao seu país, como fruto da sua experiência, reduzia-se pobremente a

três conselhos, em três frases — aos políticos: «menos liberalismo e mais caráter»; aos homens de letras: «menos eloquência e mais ideia»; aos cidadãos em geral: — «menos progresso e mais moral». Isto entusiasmou o Ega! Justamente, aí estavam as verdadeiras feições da reforma espiritual que a *Revista* devia pregar! Era necessário tomá-las como moto simbólico, inscrevê-las em letras góticas no frontispício porque Ega queria que a *Revista* fosse original logo na capa. E então a conversação desviou para o exterior da *Revista* — Carlos pretendendo que fosse azul-claro com tipo Renascença, Ega exigindo uma cópia exata da *Revista dos Dois Mundos*, numa nuance mais cor de canário. E, levados pela sua

imaginação de meridionais, já não era só para agradar a Afonso da Maia que iam levantando e dando forma àquele confuso plano.

Carlos exclamava para o Ega, com os olhos já apaixonados:

— Isto agora é sério. Precisamos arranjar imediatamente a casa para a redação!

Ega bravejava:

— Pudera! E móveis! E máquinas!

Toda a manhã, no escritório de Afonso, azafamados, com papel e lápis, se ocuparam em fixar uma lista de colaboradores. Mas já as dificuldades surgiam. Quase todos os escritores sugeridos desagradavam ao Ega, por lhes faltar, no estilo, aquele requinte plástico e parnasiano de que ele desejava que

a *Revista* fosse o impecável modelo. E a Carlos alguns homens de letras pareciam *impossíveis*— sem querer confessar que neles lhe repugnava exclusivamente a falta de linha e o fato mal feito...

Uma coisa porém ficou decidida: a casa da redação. Devia ser mobilada luxuosamente, com sofás do consultório de Carlos e algum bricabraque da *Toca*: e sobre a porta (ornada de um guarda-portão de libré) a tabuleta de verniz preto, com *Revista de Portugal* em altas letras a ouro. Carlos sorria, esfregava as mãos, pensando na alegria de Maria ao saber esta decisão que o lançava, como era desejo dela, na atividade, numa luta interessante de ideias. Ega, esse, via já a brochura cor de canário aos montões nas

vitrinas dos livreiros, discutida nas *soirées* do Gouvarinho, folheada na Câmara, com espanto, pelos políticos...

— Vai-se remexer Lisboa este inverno, Sr. Afonso da Maia! — gritou ele atirando um gesto imenso até ao teto.

E o mais contente era o velho.

Depois de jantar, Carlos pediu ao Ega para ir com ele à Rua de S. Francisco (onde Maria se instalara nessa manhã), levarem a nova da grande obra. Mas encontraram à porta uma carroça descarregando malas; e a senhora, contou o Domingos, que ajudava os carroceiros, estava ainda jantando a um canto da mesa e sem toalha. Com tanta confusão na casa, Ega não quis subir.

— Até logo — disse ele. — Vou talvez procurar o Simão Craveiro e falar-

lhe da *Revista*.

Subiu lentamente o Chiado, leu os telegramas na Casa Havanesa. Depois, à esquina da Rua Nova da Trindade, um homem rouco, sumido num paletó, ofereceu-lhe uma «senhazinha». Outros, em volta, gritavam na sombra do *Hotel Aliança*:

— Bilhete para o Ginásio! Mais barato... Bilhete para o Ginásio! Quem vende?...

Havia um cruzar animado de carruagens com librés. Os bicos de gás do Ginásio tinham um fulgor de festa. E Ega deu de rosto com o Craft que atravessava do lado do Loreto, de gravata branca e flor no paletó.

— Que é isto?

— Festa de beneficência, não sei

— disse o Craft. — Uma coisa promovida por senhoras, a baronesa de Alvim mandou-me um bilhete... Venha você daí ajudar-me a levar esta caridade ao Calvário.

E na esperança de *flirtar* com a Alvim, Ega comprou logo uma senha. No peristilo do Ginásio encontraram Taveira passeando e fumando solitariamente, à espera que findasse a primeira comédia, *O Fruto Proibido*. Então Craft propôs «botequim e genebra».

— E que há do Ministério — perguntou ele, apenas abancaram a um canto.

O Taveira não sabia. Todos esses dois longos dias se intrigara desesperadamente. O Gouvarinho queria as Obras Públicas: o Videira também. E

falava-se de uma cena terrível por causa de sindicatos, em casa do presidente do Conselho, o Sá Nunes, que terminara por dar um murro na mesa, gritar: «Irra que isto não é o pinhal de Azambuja!».

— Canalha! — rosnou Ega com ódio.

Depois falaram do *Ramalhete*, da volta de Afonso, da reaparição de Carlos. Craft louvou Deus por haver outra vez, nesse inverno, uma casa com fogões, onde se passasse uma hora civilizada e inteligente.

Taveira acudiu com o olho brilhante:

— Diz que vamos ter um centrozinho muito mais interessante ainda, na Rua de S. Francisco! Foi o marquês que me disse. Madame Mac Gren vai

receber.

Craft não sabia mesmo que ela já tivesse recolhido da *Toca*.

— Voltou hoje — disse o Ega. — Você ainda não a conhece?... Encantadora.

— Creio que sim.

O Taveira vira-a de relance no Chiado. Parecera-lhe uma beleza! E um ar tão simpático!

— Encantadora! — repetiu Ega.

Mas *O Fruto Proibido* findara, os homens enchiam o peristilo, num rumor lento, acendendo os cigarros. E Ega, deixando o Craft e Taveira com a genebra, correu à plateia para descobrir o camarote da Alvim.

Mal erguera, porém, a cortina e assestara o monóculo — avistou defronte, na primeira ordem, a Cohen, toda de

preto, com um grande leque de rendas brancas; por trás negrejavam as suíças fortes do marido; e em face dela, recostado no veludo da grade, de casaca, com a bochecha risonha, uma grossa pérola no peitilho da camisa, o Dâmaso, o bêbedo!

Ega caiu ao acaso, molemente, na borda de uma cadeira: e perturbado, já esquecido da Alvim, ali ficou a olhar o pano coberto de anúncios, correndo os dedos trémulos pelo bigode.

No entanto a campainha retinia, a gente vagarosamente reentrava na plateia. Um cavalheiro, gordo e carrancudo, tropeçou no joelho do Ega: outro, de luvas claras, com uma polidez adocicada, pediu permissão a Sua Excelência. Ele não escutava, não percebia: os seus olhos, um

momento errantes, tinham-se enfim cravado no camarote da Cohen e não se desviaram de lá, numa emoção que o empalidecia. Não a tornara a encontrar desde Sintra, onde só a via de longe, com vestidos claros sob o verde das árvores; e agora ali, toda de preto, em cabelo, com um decote curto onde brilhava a perfeita brancura do seu colo, ela era outra vez a sua Raquel, dos tempos divinos da Vila Balzac. Era assim que ele, todas as noites em S. Carlos, a contemplava do fundo da frisa de Carlos, com a cabeça encostada ao tabique, saturado de felicidade. Lá tinha a sua luneta de ouro, presa por um fio de ouro. Parecia mais pálida, mais delicada, com o longo quebranto dos olhos pisados, o seu ar de romance e de lírio meio murcho; e, como então, os seus

cabelos magníficos e pesados caíam habilmente numa massa meio solta sobre as costas, num desalinho de nudez. Pouco a pouco, entre o afinar de rabecas e o rumor das cadeiras, Ega revia, numa onda de recordações que o sufocava, o grande leito da Vila Balzac, certos beijos e certos risos, as perdizes comidas em camisa à borda do sofá, e a melancolia deliciosa das tardes, quando ela saía furtivamente, coberta de véus, e ele ficava, cansado, no crepúsculo poético do quarto, cantarolando a *Traviata*.

— Vossa Excelência dá licença, Sr. Ega?

Era um sujeito escaveirado, de barba rala, que reclamava a sua cadeira. Ega ergueu-se, confusamente, sem reconhecer o Sr. Sousa Neto. O pano

subira. À borda da rampa um lacaio, piscando o olho à plateia, fazia confidências sobre a patroa, de espanejador debaixo do braço. E Cohen, agora de pé, enchia o meio do camarote, cofiando as suíças com um correr lento da mão bem tratada, onde reluzia um diamante.

Ega então, num soberbo alarde de indiferença, cravou o monóculo no palco. O lacaio abalara espavorido, a um repique furioso de sineta; e uma megera azeda, de roupão verde e touca à banda, rompera de dentro, meneando desesperadamente o leque, ralhando com uma mocinha delambida que batia o tacão, se esganiçava: «Pois hei de amá-lo sempre! hei de amá-lo sempre!».

Irresistivelmente, Ega revirou o

canto do olho para o camarote: Raquel e o Dâmaso, com as cabeças chegadas como em Sintra, cochichavam num sorriso. E tudo logo dentro do Ega se resumiu num imenso ódio ao Dâmaso! Colado à ombreira da porta, rilhava os dentes, num desejo de subir, escarrar-lhe na bochecha gorda. E não desviava dele os olhos, que dardejavam. Na cena, um velho general, gotoso e resmungão, sacudia um jornal, gritava pela sua tapioca. A plateia ria, o Cohen ria. E nesse momento Dâmaso, que se debruçara no camarote, com as mãos de fora, calçadas de *gris-perle*, descobriu o Ega, sorriu, atirou-lhe como em Sintra um acenozinho petulante, muito de alto, na ponta dos dedos. Isto feriu o Ega como um insulto. E ainda na véspera aquele cobarde se lhe agarrara às mãos,

tremendo todo, a gritar «que o salvasse»! Subitamente, com uma ideia, palpou por sobre o bolso a carteira onde na véspera guardara a carta do Dâmaso... «Eu t'arranjo!», murmurou ele. E abalou, desceu a Rua da Trindade, cortou pelo Loreto como uma pedra que rola, enfiou, ao fundo da Praça de Camões, num grande portão que uma lanterna alumiava. Era a redação da *Tarde*.

Dentro do pátio desse jornal elegante fedia. Na escadaria de pedra, sem luz, cruzou um sujeito encatarroado que lhe disse que o Neves estava em cima ao cavaco. O Neves, deputado, político, diretor da *Tarde*, fora, havia anos, numas férias, seu companheiro de casa no Largo do Carmo; e desde esse verão alegre em que o Neves lhe ficara sempre devendo

três moedas, os dois tratavam-se por tu. Foi encontrá-lo numa vasta sala alumiada por bicos de gás sem globo, sentado na borda de uma mesa atulhada de jornais, com o chapéu para a nuca, discursando a alguns cavalheiros de província que o escutavam de pé, num respeito de crentes. Num vão de janela, com dois homens de idade, um rapaz esgalgado, de jaquetão de cheviote claro e uma cabeleira crespa que parecia erguida numa rajada de vento, bracejava como um moinho na crista de um monte. E, abancado, outro sujeito já calvo rascunhava laboriosamente uma tira de papel. Ao ver o Ega (um íntimo do Gouvarinho) ali na redação, naquela noite de intriga e de crise, Neves cravou nele os olhos tão curiosos, tão inquietos, que o Ega apressou-se a dizer:

— Nada de política, negócio particular... Não te interrompas. Depois falaremos.

O outro findou a injúria que estava lançando ao José Bento, «essa grande besta que fora meter tudo no bico da amiga do Sousa e Sá, o par do Reino» — e na sua impaciência saltou da mesa, travou do braço do Ega, arrastando-o para um canto:

— Então que é?

— É isto, em quatro palavras. O Carlos da Maia foi ofendido aí por um sujeito muito conhecido. Nada de interessante. Um parágrafo imundo na *Corneta do Diabo*, por uma questão de cavalos... O Maia pediu-lhe explicações. O outro deu-as, chatas, medonhas, numa carta que quero que vocês publiquem.

A curiosidade do Neves flamejou:

— Quem é?

— O Dâmaso.

O Neves recuou de assombro:

— O Dâmaso!? Ora essa! Isso é extraordinário! Ainda esta tarde jantei com ele! Que diz a carta?

— Tudo. Pede perdão, declara que estava bêbedo, que é de profissão um bêbedo...

O Neves agitou as mãos com indignação:

— E tu querias que eu publicasse isso, homem? O Dâmaso, nosso amigo político!... E que não fosse, não é questão de partido, é de decência! Eu faço lá isso!...; Se fosse uma ata de duelo, uma coisa honrosa, explicações dignas... Mas uma carta em que um homem se declara

bêbedo! Tu estás a mangar!

Ega, já furioso, franzia a testa. Mas o Neves, com todo o sangue na face, teve ainda uma revolta àquela ideia de o Dâmaso se declarar bêbedo!

— Isso não pode ser! É absurdo! Aí há história... Deixa ver a carta.

E, mal relanceara os olhos ao papel, à larga assinatura floreada, rompeu num alarido:

— Isto não é o Dâmaso nem é a letra do Dâmaso!... Salcede! Quem diabo é Salcede? Nunca foi o *meu* Dâmaso!

— É o *meu* Dâmaso — disse o Ega. — o Dâmaso Salcede, um gordo...

O outro atirou os braços ao ar:

— O meu é o Guedes, homem, o Dâmaso Guedes! Não há outro! Que diabo, quando se diz o Dâmaso é o

Guedes!...

Respirou com grande alívio:

— Irra, que me assustaste! Olha agora neste momento, com estas coisas de Ministério, uma carta dessas escrita pelo Guedes... Se é o Salcede, bem, acabou-se! Espera lá... Não é um gordalhufo, um janota que tem uma propriedade em Sintra? Isso! Um maganão que nos entalou na eleição passada, fez gastar ao Silvério mais de trezentos mil réis... Perfeitamente, às ordens... Ó Pereirinha, olhe aqui o Sr. Ega. Tem aí uma carta para sair amanhã, na primeira página, tipo largo...

O Sr. Pereirinha lembrou o artigo do Sr. Vieira da Costa sobre a reforma das pautas.

— Vai depois! — gritou o Neves. — As questões de honra antes de tudo!

E voltou ao seu grupo, onde agora se falava do conde de Gouvarinho, saltou para a borda da mesa, lançou logo o seu vozeirão de chefe, afirmando no Gouvarinho enormes dotes de parlamentar! Ega acendeu o charuto, ficou um momento considerando aqueles sujeitos que pasmavam para o verbo do Neves. Eram decerto deputados que a crise arrastara a Lisboa, arrancara à quietação das vilas e das quintas. O mais novo parecia um pote, vestido de casimira fina, com uma enorme face a estourar de sangue, jucundo, crasso, lembrando ares sadios e lombo de porco. Outro, esguio, com o paletó solto sobre as costas em arco, tinha um queixo duro e maciço de cavalo: e dois padres muito rapados, muito morenos, fumavam pontas de

cigarro. Em todos havia esse ar, conjuntamente apagado e desconfiado, que marca os homens de província, perdidos entre as tipoias e as intrigas da capital. Vinham ali às noites, àquele jornal do partido, saber as novas, *beber do fino*, uns com esperanças de empregos, outros por interesses de terriola, alguns por ociosidade. Para todos o Neves era um «robusto talento»; admiravam-lhe a verbosidade e a tática; decerto gostavam de citar nas lojas das suas vilas o amigo Neves, o jornalista, o da *Tarde*... Mas, através dessa admiração e do prazer de roçar por ele, percebia-se-lhes um vago medo que aquele «robusto talento» lhes pedisse, num vão de janela, duas ou três moedas. O Neves, no entanto, celebrava o Gouvarinho como orador. Não que tivesse

os rasgos, a pureza, as belas sínteses históricas do José Clemente! Nem a poesia do Rufino! Mas não havia outro para as piadas que ferem e que ficam cravadas, ali a arder, na pele do touro! E era a grande coisa na Câmara — ter a farpa, sabê-la ferrar!

— Ó Gonçalo, tu lembras-te da piada do Gouvarinho, a do trapézio? — gritou ele virando-se para a janela, para o rapaz de jaquetão claro.

O Gonçalo, cujos olhos pretos refulgiam de agudeza e malícia, estendeu o pescoço magro num colarinho muito decotado, lançou de lá:

— A do trapézio? Divina! Conta à rapaziada!

A rapaziada arregalou os olhos para o Neves, à espera da «do trapézio».

Fora na Câmara dos Pares, na reforma da instrução. Estava falando o Torres Valente, esse maluco que defendia a ginástica dos colégios e queria as meninas a fazerem a prancha. Gouvarinho ergue-se e atira-lhe esta: «Sr. Presidente, direi uma palavra só. Portugal sairá para sempre da senda do progresso, em que tanto se tem ilustrado, no dia em que nós formos ao ensino, com mão ímpia, substituir a cruz pelo trapézio!».

— Muito bem! — rosnou um dos padres, profundamente satisfeito.

E no murmúrio de admiração que se ergueu destacou um ganido — o do rapaz mais grosso que um pote, que mexia os ombros, chasqueava com uma risota na bochecha cor de tomate:

— Pois, senhores, o que esse

conde de Gouvarinho me sai é um grandíssimo carola!

E em redor correram sorrisos entre os cavalheiros de província, liberais e finórios, que achavam aquele fidalgo excessivamente apegado à cruz. Mas já o Neves, de pé, bravejava:

— Carola! Vem-nos agora o menino gordo com carola!... O Gouvarinho carola! Está claro que tem toda a orientação mental do século, é um racionalista, um positivista... Mas a questão aqui é a réplica, a tática parlamentar! Desde que o tipo da maioria vem de lá com a descoberta do trapézio, Gouvarinho amigo, ainda que fosse tão ateu como Renan, zás!, atira-lhe logo para cima com a cruz!... Isto é que é a estratégia parlamentar! Pois não é assim,

Ega? Ega murmurou, através do fumo do charuto:

— Sim, com efeito, a cruz para isso ainda serve...

Mas nesse momento o sujeito calvo, que repelira a tira de papel e se espreguiçava, caído para as costas da cadeira, exausto, pediu ao Sr. João da Ega «que falasse à gente e guardasse o seu dinheiro...». Ega acercou-se logo daquele simpático homem, tão engraçado, tão querido de todos:

— Então, na grande faina, Melchior?

— Estou aqui a ver se faço uma coisa sobre o livro do Craveiro, os *Cantos da Serra*, e não me sai nada em termos... Não sei o que hei de dizer!

Ega gracejou, de mãos nos bolsos,

muito risonho, muito camarada com o Melchior:

— Nada! Vocês aqui são simples localistas, noticiaristas, anunciadores. De um livro como o do Craveiro têm só respeitosamente a dizer onde se vende e quanto custa.

O outro considerou o Ega ironicamente, com os dedos cruzados por trás da nuca:

— Então onde queria você que se falasse dos livros?... Nos repertórios?

Não, nas revistas críticas: ou então nos jornais — que fossem jornais, não papeluchos volantes, tendo em cima uma cataplasma de política em estilo mazorro ou em estilo fadista, um romance mal traduzido do francês por baixo e o resto cheio com anos, despachos, parte de

polícia e lotaria da Misericórdia. E como em Portugal não havia nem jornais sérios nem revistas críticas — que se não falasse em parte nenhuma.

— Com efeito — murmurou Melchior — ninguém fala de nada, ninguém parece pensar em nada...

E com toda a razão, afirmou Ega. Certamente muito desse silêncio provinha do natural desejo que têm, os que são medíocres, de que se não aluda muito aos que são grandes. É a invejazinha reles e rastejante! Mas em geral o silêncio dos jornais para com os livros provém sobretudo de eles terem abdicado todas as funções elevadas de estudo e de crítica, de se terem tornado folhas rasteiras de informação caseira, e de sentirem por isso a sua incompetência...

— Está claro, não falo por você, Melchior, que é dos nossos e de primeira ordem! Mas os seus colegas, menino, calam-se por se saberem incompetentes...

O Melchior ergueu os ombros com um ar cansado e descrente:

— Calam-se também porque o público não se importa, ninguém se importa...

Ega protestou, já excitado. O público não se importava!? Essa era curiosa! O público então não se importa que lhe falem de livros que ele compra aos três mil, aos seis mil exemplares? E isto, dada a população de Portugal, caramba, é igual aos grandes sucessos de Paris e de Londres... Não, Melchiorzinho amigo, não! Esse silêncio diz ainda mais claramente e retumbantemente que as

palavras: «Nós somos incompetentes. Nós estamos bestializados pela notícia do senhor conselheiro que chegou, ou do senhor conselheiro que partiu, pelos *High Lifes*, pela amabilidade dos donos da casa, pelo artigo de fundo em descompostura e calão, por toda esta prosa chula em que nos atolamos... Nós não sabemos, não podemos já falar de uma obra de arte ou de uma obra de história, deste belo livro de versos ou deste belo livro de viagens. Não temos nem frases nem ideias. Não somos talvez cretinos — mas estamos cretinizados. A obra de literatura passa muito alto — nós chafurdamos aqui muito em baixo...» — E aqui tem você, Melchior, o que diz, através do silêncio dos jornais, o coro dos jornalistas!

Melchior sorria, enlevado, com a cabeça deitada para trás, como quem goza uma bela ária. Depois, com uma palmada na mesa:

— Caramba, ó Ega, muito bem fala você!.. Você nunca pensou em ser deputado? Eu ainda outro dia dizia ao Neves: «O Ega! O Ega é que era, para atirar ali na Câmara a piadinha à Rochefort. Ardia Troia!».

E imediatamente, enquanto Ega ria, contente, tornando a acender o charuto — Melchior arrebatou a pena:

— Você está em veia! Diga lá, dite lá... Que hei de eu aqui pôr sobre o livro do Craveiro?

Ega quis saber o que escrevera já o amigo Melchior. Apenas três linhas: «Recebemos o novo livro do nosso

glorioso poeta Simão Craveiro. O precioso volume, onde cintilam, em caprichosos relevos, todas as joias deste prestigioso escritor, é publicado pelos ativos editores...» E aqui o Melchior emperrara. Melchior não gostava daquele frouxo termo — *ativos*. Ega então sugeriu — *empreendedores*. Melchior emendou, leu:

— «...publicado pelos empreendedores editores...» Ora sebo, rima!

Arrojou a pena, descoroçoado. Acabou-se! Não estava em *verve*. E além disso era tarde, tinha a rapariga à espera...

— Fica para amanhã... O pior é que já ando nisto há cinco dias! Irra! Você tem razão, a gente bestializa-se. E faz-me raiva! Não é lá pelo livro, não me importa

o livro... É pelo Craveiro, que é bom rapaz, e demais a mais pertence cá ao partido!

Abriu um gavetão, sacou uma escova, rompeu a escovar-se com desespero. E Ega ia ajudá-lo, limpar-lhe as costas cheias de cal — quando entre eles surgiu a face chupada e nervosa do Gonçalo, com a sua gaforinha perpetuamente erguida como por uma rajada de vento.

— Que está o Egazinho a fazer neste covil da notícia?

— Aqui a escovar o Sampaio... Estive também a ouvir o Neves, a grande frase do Gouvarinho...

O Gonçalo pulou, com uma faísca de malícia nos olhos negros de algarvio esperto.

— A da cruz? Espantosa! Mas há melhor, há melhor!

Travou do braço do Ega, puxou-o para um canto da janela:

— É necessário falar baixo por causa da rapaziada de província... Há outra deliciosa. Eu não me lembro bem, o Neves é que sabe! É uma coisa da Liberdade conduzindo à mão o corcel do Progresso... O quer que seja assim, uma imagem equestre! A Liberdade com calções de jóquei, o Progresso com um grande freio... Espantoso! Que besta, aquele Gouvarinho! E os outros, menino, os outros! Você não foi à Câmara quando se discutiu a questão de Tondela? Extraordinário! O que se disse! Foi de morrer! E eu morro! Esta política, este S. Bento, esta eloquência, estes bacharéis

matam-me. Querem dizer agora aí que isto por fim não é pior que a Bulgária. Histórias! Nunca houve uma choldra assim no universo!

— Choldra em que você chafurda! — observou o Ega, rindo. O outro recuou com um grande gesto:

— Distingamos! Chafurdo por necessidade, como político: e troço por gosto, como artista!

Mas Ega, justamente, achava uma desgraça incomparável para o país esse imoral desacordo entre a inteligência e o caráter. Assim, ali estava o amigo Gonçalo, como homem de inteligência, considerando o Gouvarinho um imbecil...

— Uma cavalgadura — corrigiu o outro.

— Perfeitamente! E todavia, como

político, você quer essa cavalgadura para ministro, e vai apoiá-la com votos e com discursos sempre que ela relinche ou escoucinhe.

Gonçalo correu lentamente a mão pela gaforinha, com a face franzida:

— É necessário, homem! Razões de disciplina e de solidariedade partidária... Há uns compromissos... O Paço quer, gosta dele... Espreitou em roda, murmurou, colado ao Ega:

— Há aí umas questões de sindicatos, de banqueiros, de concessões em Moçambique... Dinheiro, menino, o omnipotente dinheiro! E como Ega se curvava, vencido, cheio só de respeito — o outro, faiscando todo de finura e cinismo, atirou-lhe uma palmada ao ombro:

— Meu caro, a política hoje é uma coisa muito diferente! Nós fizemos como vocês, os literatos. Antigamente a literatura era a imaginação, a fantasia, o ideal... Hoje é a realidade, a experiência, o facto positivo, o documento. Pois cá a política em Portugal também se lançou na corrente realista. No tempo da Regeneração e dos Históricos, a política era o progresso, a viação, a liberdade, o palavrório... Nós mudámos tudo isso. Hoje é o facto positivo — o dinheiro, o dinheiro! o bago! a *massa*! A rica *massinha* da nossa alma, menino! O divino dinheiro!

E de repente emudeceu, sentindo na sala um silêncio — onde o seu grito de «dinheiro! dinheiro!» parecera ficar vibrando, no ar quente do gás, com a

prolongação de um toque de rebate acordando as cobiças, chamando ao longe e ao largo todos os hábeis para o saque da Pátria inerte!...

O Neves desaparecera. Os cavalheiros de província dispersavam, uns enfiando o paletó, outros sem pressa, dando um olhar amortecido aos jornais sobre a mesa. E o Gonçalo bruscamente disse adeus ao Ega, rodou nos tacões, desapareceu também, abraçando ao passar um dos padres a quem tratou de «malandro!» Era meia-noite, Ega saiu. E na tipoia que o levava ao *Ramalhete*, já mais calmo, começou logo a refletir que o resultado da publicação da carta seria despertar em toda Lisboa uma curiosidade voraz. A «questão de cavalos» com que o Neves se contentara prontamente,

distraído e absorvido nessa noite pela crise — ninguém mais a acreditaria... O Dâmaso decerto, interrogado, para se desculpar, contaria horrores de Maria e de Carlos: e uma intolerável luz de escândalo ia bater coisas que deviam permanecer na sombra. Eram talvez apoquentações, desesperos que ele assim estivera preparando a Carlos — por causa de um odiozinho ao Dâmaso. Nada mais egoísta e pequeno!... E subindo para o quarto, Ega decidia correr depois de almoço à redação da *Tarde*, suster a publicação da carta. Mas toda essa noite sonhou com Raquel e com Dâmaso. Via-os rolando por uma estrada sem fim, entre pomares e vinhedos, deitados numa carroça de bois, sobre um enxergão onde se desdobrava, lasciva e rica, a sua

colcha de cetim preto da Vila Balzac: os dois beijavam-se, enroscados, sem pudor, sob a fresca sombra que caía dos ramos, ao chiar lento das rodas. E por um requinte do sonho cruel, ele, Ega, sem perder a consciência e o orgulho de homem, era um dos bois que puxava ao carro! Os moscardos picavam-no, a canga pesava-lhe; e, a cada beijo mais cantado que atrás soava no carro, ele erguia o focinho a escorrer de baba, sacudia os cornos, mugia lamentavelmente para os céus!

Acordou nestes urros de agonia: e a sua cólera contra o Dâmaso ressurgiu, mais nutrida pelas incoerências do sonho. Além disso chovia. E decidiu não voltar à *Tarde*, deixar imprimir a carta. Que importava, de resto, o que dissesse o

Dâmaso? O artigo da *Corneta* estava extinto, o Palma bem pago. — E quem jamais acreditaria num homem que nos jornais se declara caluniador e bêbedo? E Carlos assim pensou também — quando, depois de almoço, Ega lhe contou a sua resolução da véspera ao ver o Dâmaso no camarote, de olho trocista posto nele, a segredar com a Cohen...

— Percebi claramente, sem erro possível, que estava a falar de ti, da Sr. a D. Maria, de nós todos, contando horrores... E então acabou-se, não hesitei mais. Era necessário deixar passar a justiça de Deus! Não tínhamos paz enquanto o não aniquilássemos!

Sim, concordou Carlos, talvez. Somente receava que o avô, sabendo o escândalo, se desgostasse de ver o seu

nome misturado a toda aquela sordidez de *Corneta* e de bebedeira...

— Ele não lê a *Tarde* acudiu Ega. — O rumor, se lhe chegar, é já vago e desfigurado.

Com efeito, Afonso soube apenas confusamente que o Dâmaso soltara, no Grémio, algumas palavras desagradáveis para Carlos, e declarara depois num jornal que, nesse momento, estava bêbedo. E a opinião do velho foi que, se o Dâmaso estava embriagado (e de outro modo como teria injuriado Carlos, seu antigo amigo?), a sua declaração revelava extrema lealdade e um amor quase heroico da verdade!

— Por esta não esperávamos nós! — exclamou depois Ega, no quarto de Carlos. — O Dâmaso torna-se um justo!

De resto os amigos da casa, sem conhecer o artigo da *Corneta*, aprovavam a aniquilação do Dâmaso. Só o Craft sustentou que Carlos lhe devia ter antes dado «bengaladas secretas»; e o Taveira achou cruel que se dissesse ao desgraçado, com um florete ao peito: «Ou a dignidade ou a vida!» Mas dias depois não se falava mais nesse escândalo. Outras coisas interessavam o Chiado e a Casa Havanesa. O Ministério fora formado, finalmente! Gouvarinho entrava na Marinha — Neves no Tribunal de Contas. Já os jornais do Governo caído começavam, segundo a prática constitucional, a achar o país irremediavelmente perdido e a aludir ao rei com azedume... E o derradeiro, esvaído eco da carta do Dâmaso foi, na

véspera do sarau da Trindade, um parágrafo da própria *Tarde* onde ela fora publicada, nestas amáveis palavras:

«O nosso amigo e distinto *sportman*, Dâmaso Salcede, parte brevemente para uma viagem de recreio a Itália. Desejamos ao elegante *touriste* todas as prosperidades, na sua bela excursão ao país do canto e das artes.»

16

Ao fim do jantar, na Rua de S. Francisco, Ega, que se demorara no corredor a procurar a charuteira pelos bolsos do paletó, entrou na sala, perguntando a Maria, já sentada ao piano:

— Então, definitivamente, Vossa Excelência não vem ao sarau da Trindade?...

Ela voltou-se para dizer, preguiçosamente, por entre a valsa lenta que lhe cantava entre os dedos:

— Não me interessa, estou muito cansada...

— É uma seca — murmurou Carlos do lado, da vasta poltrona onde se estirara consoladamente, fumando, de

olhos cerrados. Ega protestou. Também era uma maçada subir às pirâmides no Egito. E no entanto sofria-se invariavelmente, porque nem todos os dias pode um cristão trepar a um monumento que tem cinco mil anos de existência... Ora a Sr. a D. Maria, neste sarau, ia ver por dez tostões uma coisa também rara — a alma sentimental de um povo exibindo-se num palco, ao mesmo tempo nua e de casaca.

— Vá, coragem! Um chapéu, um par de luvas, e a caminho! Ela sorria, queixando-se de fadiga e preguiça.

— Bem — exclamou Ega — eu é que não quero perder o Rufino... Vamos lá, Carlos, mexe-te!

Mas Carlos implorou clemência:

— Mais um bocadinho, homem!

Deixa a Maria tocar umas notas do *Hamlet*. Temos tempo... Esse Rufino, e o Alencar, e os bons, só gorjeiam mais tarde...

Então Ega, cedendo também a todo aquele conchego tépido e amável, enterrou-se no sofá com o charuto, para escutar a canção de Ofélia, de que Maria já murmurava baixo as palavras cismadoras e tristes:

Pâle et blonde,
Dort sous l'eau profonde...

Ega adorava esta velha balada escandinava. Mais porém o encantava Maria, que nunca lhe parecera tão bela: o vestido claro que tinha nessa noite modelava-a com a perfeição de um mármore: e entre as velas do piano, que lhe punham um traço de luz no perfil puro

e tons de ouro esfiado no cabelo, o incomparável ebúrneo da sua pele ganhava em esplendor e mimo... Tudo nela era harmonioso, são, perfeito... E quanto aquela serenidade da sua forma devia tornar delicioso o ardor da sua paixão! Carlos era positivamente o homem mais feliz destes reinos! Em torno dele só havia felicidades, doçuras. Era rico, inteligente, de uma saúde de pinheiro novo; passava a vida adorando e adorado; só tinha o número de inimigos que é necessário para confirmar uma superioridade; nunca sofrera de dispepsia; jogava as armas bastante para ser temido; e na sua complacência de forte nem a tolice pública o irritava. Ser verdadeiramente ditoso!

— Quem é por fim esse Rufino?

— perguntou Carlos, alongando mais os pés pelo tapete, quando Maria findou a canção de *Ofélia*. Ega não sabia. Ouvira que era um deputado, um bacharel, um inspirado...

Maria, que procurava os *noturnos* de Chopin, voltou-se:

— É esse grande orador de que falavam na *Toca*?

Não, não! Esse era outro, a sério, um amigo de Coimbra, o José Clemente, homem de eloquência e de pensamento... Este Rufino era um ratão de pera grande, deputado por Monção, e sublime nessa arte, antigamente nacional e hoje mais particularmente provinciana, de arranjar, numa voz de teatro e de papo, combinações sonoras de palavras...

— Detesto isso! — rosnou Carlos.

Maria também achava intolerável um sujeito a chilrear, sem ideias, como um pássaro num galho de árvore...

— É conforme a ocasião — observou Ega, olhando o relógio.

— Uma valsa de Strauss também não tem ideias, e à noite, com mulheres numa sala, é deliciosa...

Não, não! Maria entendia que essa retórica amesquinhava sempre a palavra humana, que, pela sua natureza mesma, só pode servir para dar forma às ideias. A música, essa, fala aos nervos. Se se cantar uma marcha a uma criança, ela ri-se e salta no colo...

— E se lhe leres uma página de Michelet — concluiu Carlos — o anjinho seca-se e berra!

— Sim, talvez — considerou o

Ega. — Tudo isso depende da latitude e dos costumes que ela cria. Não há inglês, por mais culto e espiritualista, que não tenha um fraco pela força, pelos atletas, pelo*sport*, pelos músculos de ferro. E nós, os meridionais, por mais críticos, gostamos do palavreadinho mavioso. Eu cá pelo menos, à noite, com mulheres, luzes, um piano e gente de casaca, pelo-me por um bocado de retórica.

E, com o apetite assim desperto, ergueu-se logo para enfiar o paletó, voar à *Trindade*, num receio de perder o Rufino.

Carlos deteve-o ainda, com uma grande ideia:

— Espera. Descobri melhor, fazemos o sarau aqui! Maria toca Beethoven; nós declamamos Musset,

Hugo, os parnasianos: temos padre Lacordaire, se te apetece a eloquência; e passa-se a noite numa medonha orgia de ideal!...

— E há melhores cadeiras — acudiu Maria.

— Melhores poetas — afirmou Carlos.

— Bons charutos!

— Bom conhaque!

Ega alçou os braços ao ar, desolado. Aí está como se pervertia um cidadão, impedindo-o de proteger as letras pátrias — com promessas pérfidas de tabaco e de bebidas!... Mas de resto ele não tinha só uma razão literária para ir ao sarau. O Cruges tocava uma das suas *Meditações de outono*, e era necessário dar palmas ao Cruges.

— Não digas mais! — gritou Carlos, dando um pulo da poltrona. — Esquecia-me o Cruges!... É um dever de honra! Abalemos. E daí a pouco, tendo beijado a mão de Maria, que ficava ao piano, os dois, surpreendidos com a beleza dessa noite de inverno, tão clara e doce, seguiam devagar pela rua — onde Carlos ainda duas vezes se voltou para olhar as janelas alumiadas.

— Estou bem contente — exclamou ele travando do braço do Ega — em ter deixado os Olivais!... Aqui ao menos podemos reunir-nos para um bocado de cavaco e de literatura...

Tencionava arranjar a sala com mais gosto e conforto, converter o quarto ao lado num fumoir forrado com as suas colchas da Índia, depois ter um dia certo

em que viessem os amigos cear... Assim se realizava o velho sonho, o cenáculo de diletantismo e de arte... Além disso havia a lançar a *Revista*, que era a suprema pândega intelectual. Tudo isto anunciava um inverno *chique a valer*, como dizia o defunto Dâmaso.

— E tudo isto — resumiu o Ega — é dar civilização ao país. Positivamente, menino, vamo-nos tornar grandes cidadãos!...

— Se me quiserem erguer uma estátua — disse Carlos alegremente — que seja aqui na Rua de S. Francisco... Que beleza de noite! Pararam à porta do Teatro da Trindade no momento em que de uma tipoia de praça se apeava um sujeito de barbas de apóstolo, todo de luto, com um chapéu de largas abas recurvas à moda

de 1830. Passou junto dos dois amigos sem os ver, recolhendo um troco à bolsa. Mas Ega reconheceu-o.

— É o tio do Dâmaso, o demagogo! Belo tipo!

— E, segundo o Dâmaso, um dos bêbedos da família — lembrou Carlos rindo.

Por cima, de repente, no salão, estalaram grandes palmas. Carlos que dava o paletó ao porteiro, receou que já fosse o Cruges...

— Qual! — disse o Ega. — Aquilo é aplaudir de retórica! E com efeito, quando pela escada ornada de plantas chegaram ao antessalão, onde dois sujeitos de casaca passeavam em bicos de pés, segredando — sentiram logo um vozeirão túmido, garganteado,

provinciano, de vogais arrastadas em canto, invocando, lá do fundo do estrado, «a alma religiosa de Lamartine!...» — É o Rufino, tem estado soberbo! — murmurou o Teles da Gama, que não passara da porta, com o charuto escondido atrás das costas.

Carlos, sem curiosidade, ficou junto do Teles. Mas Ega, esguio e magro, foi rompendo pela coxia tapetada de vermelho. De ambos os lados se cerravam filas de cabeças, embebidas, enlevadas, atulhando os bancos de palhinha até junto ao tablado, onde dominavam os chapéus de senhoras picados por manchas claras de plumas ou flores. Em volta, de pé, encostados aos pilares ligeiros que sustêm a galeria, refletidos pelos espelhos, estavam os homens, a gente do Grémio, da

Casa Havanesa, das Secretarias, uns de gravata branca, outros de jaquetões. Ega avistou o Sr. Sousa Neto, pensativo, sustentando entre dois dedos a face escaveirada, de barba rala; adiante o Gonçalo, com a sua gaforinha ao vento; depois o marquês, atabafado num *cache-nez* de seda branca; e num grupo, mais longe, rapazes do Jockey Club, os dois Vargas, o Mendonça, o Pinheiro, assistindo àquele *sport* da eloquência com uma mistura de assombro e tédio. Por cima, no parapeito de veludo da galeria, corria outra linha de senhoras com vestidos claros, abanando-se molemente; por trás alçava-se ainda uma fila de cavalheiros onde destacava o Neves, o novo Conselheiro, grave, de braços cruzados, com um botão de camélia na

casaca mal feita.

O gás sufocava, vibrando cruamente naquela sala clara, de um tom desmaiado de canário, raiada de reflexos de espelhos. Aqui e além uma tosse tímida de catarro desmanchava o silêncio, logo abafada no lenço. E na extremidade da galeria, num camarote feito de tabiques, com sanefas de veludo cor de cereja, duas cadeiras de espaldar dourado permaneciam vazias, na solenidade real do seu damasco escarlate.

No entanto, no estrado, o Rufino, um bacharel transmontano, muito trigueiro, de pera, alargava os braços, celebrava um anjo, O Anjo da Esmola que ele entrevira, além no azul, «batendo as asas de cetim...» Ega não compreendia bem — entalado entre um padre muito

gordo, que pingava de suor, e um alferes de lunetas escuras. Por fim não se conteve: — «Sobre que está ele a falar?» — E foi o padre que o informou, com a face luzidia, inflamada de entusiasmo:

— Tudo sobre a caridade, sobre o progresso! Tem estado sublime... Infelizmente está a acabar!

Parecia ser, com efeito, a peroração. O Rufino arrebatara o lenço, limpava a testa lentamente; depois arremeteu para a borda do tablado, voltando-se para as cadeiras reais com um tão ardente gesto de inspiração — que o colete repuxado descobriu o começo da ceroula. Foi então que Ega compreendeu. Rufino — estava exaltando uma princesa que dera seiscentos mil réis para os inundados do Ribatejo e ia, a benefício

deles, organizar um bazar na Tapada. Mas não era só essa soberba esmola que deslumbrava o Rufino porque ele, «como todos os homens educados pela filosofia e que têm a verdadeira orientação mental do seu tempo, via nos grandes factos da História não só a sua beleza poética, mas a sua influência social. A multidão, essa, sorria simplesmente, enlevada, para a incomparável poesia da mão calçada de fina luva que se estende para o pobre. Ele porém, filósofo, antevia já, saindo desses delicados dedos de princesa, um resultado bem profundo e formoso... O quê, meus senhores? O renascimento da Fé!» De repente, um leque que escorregara da galeria, arrancando em baixo um berro a uma senhora gorda, criou um sussurro, uma curta emoção. Um comissário do

sarau, D. José Sequeira, ergueu-se logo nos degraus do tablado, com o seu laçarote de seda vermelha na casaca, dardejando severamente os olhos vesgos para o recanto indisciplinado, onde curtos risos esfuziavam. Outros cavalheiros, indignados, gritavam: *Chut*, *silêncio*, *fora*! E das cadeiras da frente surgiu a face ministerial do Gouvarinho, inquieta pela ordem, com as lunetas brilhando duramente... Então Ega procurou ao lado a condessa; e avistou-a enfim mais longe, com um chapéu azul, entre a Alvim, toda de preto, e umas vastas espáduas cobertas de cetim malva, que eram as da baronesa de Craben. Todo o rumor findava — e o Rufino, que molhara lentamente os lábios no copo, avançou um passo, sorrindo, com o lenço branco na mão:

— Dizia eu, meus senhores, que dada a orientação mental deste século...

Mas o Ega sufocava, esmagado, farto do Rufino, com a impressão de que o padre ao lado cheirava mal. E não aturou mais, furou para trás, para desabafar com Carlos.

— Tu imaginavas uma besta assim?

— Horroroso! — murmurou Carlos. — Quando tocará o Cruges? Ega não sabia, todo o programa fora alterado.

— E tens cá a Gouvarinho! Está lá adiante, de azul... hei de querer ver logo esse encontro!

Mas ambos se voltaram, sentindo por trás alguém ciciar discretamente: *bonsoir, messieurs*... Era Steinbroken e o seu secretário, graves, de

casaca, em pontas de pés, com as claques fechadas. E imediatamente Steinbroken queixou-se da ausência da família real:

— Mr. de Cantanhede, qui est de service, m'avait cependant assuré que la reine viendrait... C'est bien sous sa protection, n'est-ce pas, toute cette musique, ces vers?... Voilà porquoi je suis venu. C'est très ennuyeux... Et Alphonse de Maia, toujours en santé?

— Merci...

Na sala o silêncio impressionava. Rufino, com gestos de quem traça numa tela linhas lentas e nobres, descrevia a doçura de uma aldeia, a aldeia em que ele nascera, ao pôr do Sol. E o seu vozeirão velava-se, enternecido, morrendo num rumor de crepúsculo. Então Steinbroken, subtilmente, tocou no ombro do Ega.

Queria saber se era esse o grande orador de que lhe tinha falado... Ega afirmou com patriotismo que era um dos maiores oradores da Europa!

— Em que género?...

— Género sublime, género de Demóstenes!

Steinbroken alçou as sobrancelhas com admiração, falou em finlandês ao seu secretário, que entalou languidamente o monóculo: e com as claques debaixo do braço, cerrados os olhos, recolhidos como num templo, os dois enviados da Finlândia ficaram escutando, à espera do sublime.

Rufino, no entanto, com as mãos descaídas, confessava uma fragilidade da sua alma! Apesar da poesia ambiente dessa sua aldeia natal, onde a violeta em

cada prado, o rouxinol em cada balseira provavam Deus irrefutavelmente — ele fora dilacerado pelo espinho da descrença! Sim, quantas vezes, ao cair da tarde, quando os sinos da velha torre choravam no ar a Ave-Maria e no vale cantavam as ceifeiras, ele passara junto da cruz do adro e da cruz do cemitério, atirando-lhes de lado, cruelmente, o sorriso frio de Voltaire!...

Um largo frémito de emoção passou. Vozes sufocadas de gozo mal podiam murmurar: *muito bem, muito bem*...

Pois fora nesse estado, devorado pela dúvida, que Rufino ouvira um grito de horror ressoar por sobre o nosso Portugal... Que sucedera? Era a Natureza que atacava seus filhos! — E lançando os

braços, como quem se debate numa catástrofe, Rufino pintou a inundação... Aqui aluía um casal, ninho florido de amores; além, na quebrada, passava o balar choroso dos gados; mais longe as negras águas iam juntamente arrastando um botão de rosa e um berço!... Os bravos partiram profundos e roucos de peitos que arfavam. E em torno de Carlos e do Ega, sujeitos voltavam-se apaixonadamente uns para os outros, com um brilho na face, comungando no mesmo entusiasmo: «Que rajadas!... Caramba!... Sublime!...» Rufino sorria, bebendo esta comoção, que era a obra do seu verbo. Depois, respeitosamente, voltou-se para as cadeiras reais, solenes e vazias...

Vendo que a cólera da Natureza rugia implacável, ele erguera os olhos

para o natural abrigo, para o exaltado lugar donde desce a salvação, para o Trono de Portugal! E de repente, deslumbrado, vira por sobre ele estenderem-se as asas brancas de um anjo! Era o Anjo da Esmola, meus senhores! E donde vinha? donde recebera a inspiração da caridade? donde saía assim, com os seus cabelos de oiro? Dos livros da ciência? dos laboratórios químicos? desses anfiteatros de anatomia onde se nega covardemente a alma? das secas escolas de filosofia que fazem de Jesus um precursor de Robespierre? Não! Ele ousara interrogar o Anjo, submisso, com o joelho em terra. E *o Anjo da Esmola*, apontando o espaço divino, murmurara: «Venho de além!» Então pelos bancos apinhados correu um sussurro de

enlevo. Era como se os estuques do teto se abrissem, os anjos cantassem no alto. Um estremecimento devoto e poético arrepiava as cuias das senhoras.

E Rufino findava, com uma altiva certeza na alma! Sim, meus senhores! Desde esse momento, a dúvida fora nele como a névoa que o Sol, este radiante Sol português, desfaz nos ares... E agora, apesar de todas as ironias da ciência, apesar dos escárnios orgulhosos de um Renan, de um Littré e de um Spencer, ele, que recebera a confidência divina, podia ali, com a mão sobre o coração, afirmar a todos bem alto — havia um Céu!

— Apoiado! — mugiu na coxia o padre sebento.

E por todo o salão, no aperto e no calor do gás, os cavalheiros das

Secretarias, da Arcada, da Casa Havanesa, berrando, batendo as mãos, afirmaram soberbamente o Céu!

O Ega, que ria, divertido, sentiu ao lado um som rouco de cólera. Era o Alencar, de paletó, de gravata branca, cofiando sombriamente os bigodes.

— Que te parece, Tomás?

— Faz nojo! — rugiu surdamente o poeta.

Tremia, revoltado! Numa noite daquelas, toda de poesia, quando os homens de letras se deviam mostrar como são, filhos da Democracia e da Liberdade, vir aquele pulha pôr-se ali a lamber os pés à família real... Era simplesmente ascoroso!

Lá ao fundo, junto aos degraus do tablado, ia um tumulto de abraços, de

cumprimentos, em torno do Rufino, que reluzia todo de orgulho e suor. E pela porta os homens escoavam-se, afogueados, comovidos ainda, puxando das charuteiras. Então o poeta travou do braço do Ega:

— Ouve lá, eu vinha justamente procurar-te. É o Guimarães, o tio do Dâmaso, que me pediu para te ser apresentado... Diz que é uma coisa séria, muito séria... Está lá em baixo no botequim, com um grogue.

Ega pareceu surpreendido... Coisa séria!?

— Bem, vamos nós lá a baixo tomar também um grogue! E que recitas tu logo, Alencar?

— *A Democracia* — foi dizendo o poeta pela escada, com certa reserva. —

Uma coisita nova, tu verás... São algumas verdades duras a toda essa burguesia...

Estavam à porta do botequim — e precisamente o Sr. Guimarães saía, com o chapéu sobre o olho, de charuto aceso, abotoando a sobrecasaca. Alencar lançou a apresentação, com imensa gravidade:

— O meu amigo João da Ega... O meu velho amigo Guimarães, um bravo cá dos nossos, um veterano da Democracia.

Ega acercou-se de uma mesa, puxou cortesmente um banco para o veterano da Democracia, quis saber se ele preferia conhaque ou cerveja.

— Tomei agora o meu grogue de guerra — disse o Sr. Guimarães com secura — tenho para toda a noite.

Um criado dava uma limpadela lenta sobre o mármore da mesa. Ega

ordenou cerveja. E diretamente, largando o charuto, passando a mão pelas barbas, a retocar a majestade da face, o Sr. Guimarães começou com lentidão e solenidade:

— Eu sou tio do Dâmaso Salcede, e pedi aqui ao meu velho amigo Alencar para me apresentar a Vossa Excelência com o fim de o intimar a que olhe bem para mim e que diga se me acha cara de bêbedo...

Ega compreendeu, atalhou logo, cheio de franqueza e bonomia:

— Vossa Excelência refere-se a uma carta que seu sobrinho escreveu...

— Carta que Vossa Excelência ditou! Carta que Vossa Excelência o forçou a assinar!

— Eu?...

— Afirmou-mo ele, senhor!

Alencar interveio:

— Falem vocês baixo, que diabo!... Isto é terra de curiosos... O Sr. Guimarães tossiu, chegou a cadeira mais para a mesa. Tinha estado, contou ele, havia semanas fora de Lisboa por negócios da herança de seu irmão. Não vira o sobrinho, porque só por necessidade se encontrava com esse imbecil. Na véspera, em casa de um antigo amigo, o Vaz Forte, deitara por acaso os olhos ao *Futuro*, um jornal republicano, bem escrito, mas frouxo de ideias. E avistara logo na primeira página, em tipo enorme, sob esta rubrica, aliás justa, *Coisas do High Life*, a carta do sobrinho... Imagine o Sr. Ega o seu furor! Ali mesmo, em casa do Forte, escrevera

ao Dâmaso pouco mais ou menos nestes termos: «Li a tua infame declaração. Se amanhã não fazes outra, em todos os jornais, dizendo que não tinhas intenção de me incluir entre os bêbedos da tua família, vou aí e quebro-te os ossos um por um. Treme!» Assim lhe escrevera. E sabia o Sr. João da Ega qual fora a resposta do Sr. Dâmaso?

— Tenho-a aqui, é um *documento humano*, como diz o amigo Zola! Aqui está... Grande papel, monograma de ouro, coroa de conde. Aquele asno! Quer Vossa Excelência que eu leia?

A um gesto risonho do Ega, ele mesmo leu, lentamente, e sublinhando:

Meu caro tio! A carta de que fala foi escrita pelo Sr. João da Ega. Eu era incapaz de tal desacato à nossa querida

família. Foi ele que me agarrou na mão, à força, para eu assinar: e eu, naquela atrapalhação, sem saber o que fazia, assinei para evitar falatórios. Foi um laço que me armaram os meus inimigos. O meu querido tio sabe como eu gosto de si, que até estava o ano passado com tenção, se soubesse a sua morada em Paris, de lhe mandar meia pipa de vinho de Colares. Não fique pois zangado comigo. Bem infeliz já eu sou! E se quiser procure esse João da Ega que me perdeu! Mas acredite que hei de tirar uma vingança que há de ser falada! Ainda não decidi qual, nesta atarantação; mas em todo o caso a nossa família há de ficar desenxovalhada, porque eu nunca admiti que ninguém brincasse com a minha dignidade... E se o não fiz antes de partir para Itália, se ainda

não pugnei pela minha honra, é porque há dias, com todos estes abalos, veio-me uma tremenda disenteria, que estou que me não tenho nas pernas. Isto por cima dos meus males morais!...

— Vossa Excelência ri-se, Sr. Ega?

— Pois que quer Vossa Excelência que eu faça? — balbuciou o Ega por fim, sufocado, com os olhos em lágrimas. — Rio-me eu, ri-se o Alencar, ri-se Vossa Excelência. Isso é extraordinário! Essa dignidade, essa disenteria...

O Sr. Guimarães, embaraçado, olhou o Ega, olhou o poeta, que fungava sob os longos bigodes, e terminou por dizer:

— Com efeito, a carta é de uma cavalgadura... Mas o facto permanece...

Então Ega apelou para o bom senso do Sr. Guimarães, para a sua experiência das coisas de honra. Compreendia ele que dois cavalheiros, indo desafiar um homem a sua casa, lhe agarrem no pulso, o forcem violentamente a assinar uma carta em que ele se declara bêbedo?

O Sr. Guimarães, agradado com aquela deferência pelo seu tato e pela sua experiência, confessou que o caso, pelo menos em Paris, seria pouco natural.

— E em Lisboa, senhor! Que diabo, isto não é a Cafraria! E diga-me o Sr. Guimarães outra coisa, de *gentleman* para *gentleman*: como considera seu sobrinho? um homem irrepreensivelmente verídico?

O Sr. Guimarães cofiou as barbas,

declarou lealmente:

— Um refinado mentiroso.

— Então! — gritou Ega em triunfo, atirando os braços ao ar. De novo Alencar interveio. A questão parecia-lhe satisfatoriamente finda. E não restava senão os dois apertarem-se a mão fraternalmente, como bons democratas...

Já de pé, atirou a genebra às goelas. Ega sorria, estendia a mão ao Sr. Guimarães. Mas o velho demagogo, ainda com uma sombra na face enrugada, desejou que o Sr. João da Ega (se nisso não tinha dúvida) declarasse, ali diante do amigo Alencar, que não lhe achava a ele, Guimarães, cara de bêbedo...

— Oh, meu caro senhor! — exclamou Ega, batendo com o dinheiro na mesa para chamar o criado. — Pelo

contrário! O maior prazer em proclamar diante do Alencar, e aos quatro ventos, que lhe acho a cara de um perfeito cavalheiro e de um patriota! Então trocaram um rasgado aperto de mãos — enquanto o Sr. Guimarães afirmava a sua satisfação por conhecer o Sr. João da Ega, moço de tantos dotes e tão liberal. E quando Sua Excelência quisesse qualquer coisa, política ou literária, era escrever este endereço bem conhecido no mundo: *Redaction du RAPPEL*, *Paris*! Alencar abalara. E os dois deixaram o botequim, trocando impressões do sarau. O Sr. Guimarães estava enojado com a carolice, a sabujice desse Rufino. Quando o ouvira palrar das asas da princesa e da cruz do adro, quase lhe gritara cá do fundo: «Quanto te pagam para isso,

miserável?» Mas de repente Ega estacou na escada, tirando o chapéu:

— Oh! senhora baronesa, então já nos abandona?

Era a Alvim que descia devagar, com a Joaninha Vilar, atando as largas fitas de uma capa de pelúcia verde. Queixou-se de uma dor de cabeça que a torturava, apesar de ter gostado loucamente do Rufino... Mas uma noite toda de literatura, que estafa! E agora, para mais, ficara lá um homenzinho a fazer música clássica...

— É o meu amigo Cruges!

— Ah! é seu amigo? Pois olhe, devia ter-lhe dito que tocasse antes o *Pirolito*.

— Vossa Excelência aflige-me com esse desdém pelos grandes mestres...

Não quer que a vá acompanhar à carruagem? Paciência... Muito boa noite, Sr. a D. Joana!... Um servo seu, senhora baronesa! E Deus lhe tire a sua dor de cabeça!

Ela voltou-se, ainda no degrau, para o ameaçar risonhamente com o leque:

— Não seja impostor! O Sr. Ega não acredita em Deus.

— Perdão... Que o Diabo lhe tire a sua dor de cabeça, senhora baronesa!

O velho democrata desaparecera discretamente. E da antessala Ega avistou ao fundo, no tablado, sobre um mocho muito baixo que lhe fazia roçar pelo chão as longas abas da casaca — o Cruges, com o nariz bicudo contra o caderno da sonata, martelando sabiamente o teclado.

Foi então subindo em pontas de pés pela coxia tapetada de vermelho, agora desafogada, quase vazia: um ar mais fresco circulava: as senhoras, cansadas, bocejavam por trás dos leques. Parou junto de D. Maria da Cunha, apertada na mesma fila com todo um rancho íntimo, a marquesa de Soutal, as duas Pedrosos, a Teresa Darque. E a boa D. Maria tocou-lhe logo no braço, para saber quem era aquele músico de cabeleira.

— Um amigo meu — murmurou Ega. — Um grande maestro, o Cruges.

O Cruges... O nome correu entre as senhoras, que o não conheciam. E era composição dele, aquela coisa triste?

— É de Beethoven, Sr. a D. Maria da Cunha, a *Sonata Patética*. Uma das Pedrosos não percebera bem o nome da

sonata. E a marquesa de Soutal, muito séria, muito bela, cheirando devagar um frasquinho de sais, disse que era a *Sonata Pateta*. Por toda a bancada foi um rastilho de risos sufocados. A *Sonata Pateta*! Aquilo parecia divino! Da extremidade o Vargas gordo, o das corridas, estendeu a face enorme, imberbe e cor de papoula:

— Muito bem, senhora marquesa, muito catita!

E passou o gracejo a outras senhoras, que se voltavam, sorriam à marquesa, entre o frufru dos leques. Ela triunfava, bela e séria, com um velho vestido de veludo preto, respirando os sais — enquanto adiante um amador de barba grisalha cravava naquele rancho ruidoso dois grandes óculos de ouro que faiscavam de cólera. No entanto, por toda

a sala, o sussurro crescia. Os encatarroados tossiam livremente. Dois cavalheiros tinham aberto a *Tarde*. E caído sobre o teclado, com a gola da casaca fugida para a nuca, o pobre Cruges, suando, estonteado por aquela desatenção rumorosa, atabalhoava as notas, numa debandada.

— Fiasco completo — declarou Carlos, que se aproximara do Ega e do rancho.

Foi para D. Maria da Cunha uma alegria, uma surpresa! Até que enfim se via o Sr. Carlos da Maia, o Príncipe Tenebroso! Que fizera ele durante esse verão? Todo o mundo a esperá-lo em Sintra, alguém mesmo com ansiedade... Um *chut* furioso do amador de barbas grisalhas emudeceu-a. E justamente

Cruges, depois de bater dois acordes bruscos, arredara o mocho, esgueirava-se do estrado, enxugando as mãos ao lenço. Aqui e além algumas palmas ressoaram, moles e de cortesia, entre um grande murmúrio de alívio. E o Ega e Carlos correram à porta, onde já esperavam o marquês, o Craft, o Taveira — para abraçar, consolar o pobre Cruges que tremia todo, com os olhos esgazeados. E imediatamente, no silêncio atento que predominava, um sujeito muito magro, muito alto, surgiu no tablado, com um manuscrito na mão. Alguém ao lado do Ega disse que era o Prata, que ia falar sobre o *estado agrícola da província do Minho*. Atrás, um criado veio colocar sobre a mesa um candelabro de duas velas: o Prata, de ilharga para a luz,

mergulhou no caderno: e de entre o perfil triste e as folhas largas, um rumor lento foi escorrendo, rumor de reza numa sonolência de novena, onde por vezes destacavam, como gemidos: «riqueza dos gados..., esfacelamento da propriedade..., fértil e desprotegida região...» Começou então uma debandada sorrateira e formigueira, que nem os *chuts* do comissário do sarau, vigilante e de pé sobre um degrau do estrado, podiam conter. Só as senhoras ficavam — e um ou outro burocrata idoso, que se inclinava zelosamente para o murmúrio de reza, com a mão em concha sobre a orelha.

Ega, que fugira também «ao vicejante paraíso do Minho», achou-se em frente do Sr. Guimarães.

— Que maçada, hem?

O democrata concordou que aquele preopinante não lhe parecia divertido... Depois, mais sério, com outra ideia, segurando um botão da casaca do Ega:

— Eu espero que Vossa Excelência, há pouco, não ficasse com a impressão de que eu sou solidário ou me importo com meu sobrinho...

Oh! decerto que não! Ega vira bem que o Sr. Guimarães não tinha pelo Dâmaso nenhum entusiasmo de família.

— Asco, senhor, só asco! Quando ele foi a primeira vez a Paris, e soube que eu morava numa trapeira, nunca me procurou! Porque aquele imbecil dá-se ares de aristocrata... E como Vossa Excelência sabe, é filho de um agiota!

Puxou a charuteira, ajuntou

gravemente:

— A mãe, sim! Minha irmã era de uma boa família. Fez aquele desgraçado casamento, mas era de uma boa família! Que, com os meus princípios, já Vossa Excelência vê que tudo isso de fidalguia, pergaminhos, brasões, são para mim *blague* e mais *blague*! Mas enfim os factos são os factos, a história de Portugal aí está... Os Guimarães da Bairrada eram de sangue azul.

Ega sorriu, num assentimento cortês:

— E Vossa Excelência então parte brevemente para Paris?

— Amanhã mesmo, por Bordéus... Agora que toda essa cambada do marechal de Mac-Mahon, e do duque de Broglie, e do Descazes foi pelos ares, já

se pode lá respirar...

Nesse instante Teles e o Taveira, passando de braço dado, voltaram-se, a observar curiosamente aquele velho austero, todo de preto, que falava alto com o Ega de marechais e de duques. Ega reparou: o democrata, de resto, tinha uma sobrecasaca de casimira nova: o seu altivo chapéu reluzia; e Ega ficou de bom grado a conversar com aquele *gentleman* correto e venerando que impressionava os seus amigos.

— A república, com efeito — observou ele, dando alguns passos ao lado do Sr. Guimarães esteve ali um momento comprometida!

— Perdida! E eu, meu caro senhor, aqui onde me vê, para ser expulso por causa de umas verdadezinhas que soltei

numa reunião anarquista. Até me afirmaram que num conselho de ministros o marechal de Mac-Mahon, que é um tarimbeiro, batera um murro na mesa e dissera: *Ce sacré Guimaran, il nous embête, faut lui donner du pied dans le derrière*! Eu não estava lá, não sei, mas afirmaram-me... Em Paris, como os Franceses não sabem pronunciar Guimarães, e eu embirro que me estropiem o nome, assino Mr. Guimaran. Há dois anos, quando fui a Itália, era Mr. Guimarini. E se for agora à Rússia, cá por coisas, hei de ser Mr. Guimaroff... Embirro que me estropiem o nome!

Tinham voltado à porta do salão. Longas bancadas vazias punham dentro, no brilho pesado do gás, uma tristeza de abandono e tédio; e no estrado o Prata

continuava, de mão no bolso, com o nariz sobre o manuscrito, sem que se sentisse agora surdir um som daquele espantalho esguio. Mas o marquês, que descia do fundo, atabafando-se no seu *cache-nez* de seda, disse ao Ega, ao passar, que o homenzinho era muito prático, sabia da poda, e lá tinha ficado às voltas com Proudhon.

Ega e o democrata recomeçaram então os seus passos lentos na antessala, onde o sussurro de conversas mal abafadas crescia, como num pátio, entre fumaças furtivas de cigarro. E o Sr. Guimarães chasqueava, achando uma boa *bêtise* que se citasse Proudhon, ali naquele teatreco, a propósito de estrumes do Minho...

— Oh, Proudhon entre nós —

acudiu Ega rindo — cita-se muito, é já um monstro clássico. Até os conselheiros de Estado já sabem que para ele a propriedade era um roubo, e Deus era o mal... O democrata encolheu os ombros:

— Grande homem, senhor! Homem imenso! São os três grandes pimpões deste século: Proudhon, Garibaldi, e o compadre!

— O compadre! — exclamou Ega, atónito.

Era o nome de amizade que o Sr. Guimarães dava em Paris a Gambetta. Gambetta nunca o via, que não lhe gritasse de longe em espanhol: «Hombre, compadre!» E ele também, logo: «Compadre, caramba!» Daí ficara a alcunha, e Gambetta ria. Porque lá isso, bom rapaz, e amigo desta franqueza do

Sul, e patriota, até ali!

— Imenso, meu caro senhor! O maior de todos!

Pois Ega imaginaria que o Sr. Guimarães, com as suas relações do *Rappel*, devia ter sobretudo o culto de Victor Hugo...

— Esse, meu caro senhor, não é um homem, é um mundo! E o Sr. Guimarães ergueu mais a face, ajuntou infinitamente grave:

— É um mundo!... E aqui, onde me vê, ainda não há três meses que ele me disse uma coisa que me foi direita ao coração! Vendo com deleite o interesse e a curiosidade do Ega, o democrata contou largamente esse glorioso lance, que ainda o comovia:

— Foi uma noite no *Rappel*. Eu

estava a escrever, ele apareceu, já um pouco trôpego, mas com o olho a luzir, e aquela bondade, aquela majestade!... Eu ergui-me como se entrasse um rei... Isto é, não! que se fosse um rei tinha-lhe dado com a bota no rabiosque. Levantei-me como se ele fosse um deus! Qual deus! não há deus que me fizesse levantar!... Enfim, acabou-se, levantei-me! Ele olhou para mim, fez assim um gesto com a mão, e disse, a sorrir, com aquele ar de génio que tinha sempre: *Bonsoir, mon ami*!

E o Sr. Guimarães deu alguns passos dignos, em silêncio, como se aquele *bonsoir*, aquele *mon ami*, assim recordados, lhe fizessem mais vivamente sentir a sua importância no mundo.

De repente Alencar, que bracejava num grupo, rompeu para eles, pálido, de

olhos chamejantes.

— Que me dizem vocês a esta pouca-vergonha? Aquele infame ali há meia hora, com o in-fólio, a rosnar, a rosnar...

E toda a gente a sair, não fica ninguém! Tenho de recitar aos bancos de palhinha!...

E abalou, rilhando os dentes, a exalar mais longe o seu furor. Mas algumas palmas cansadas, dentro, fizeram voltar o Ega. O estrado ficara novamente vazio, com as duas velas ardendo no candelabro. Um cartão em grossas letras, que um criado colocara no piano, anunciava um «intervalo de dez minutos» como num circo. E nesse instante a senhora condessa de Gouvarinho saíra pelo braço do marido, deixando atrás um

sulco largo de cumprimentos, de espinhas que se vergavam, de chapéu de burocratas rasgadamente erguidos. O comissário do sarau azafamava-se, procurando duas cadeiras para Suas Excelências. A condessa porém foi reunir-se a D. Maria da Cunha, que ela vira, com as Pedrosos e a marquesa de Soutal, refugiada num vão de janela. Ega imediatamente acercou-se do rancho íntimo, esperando que as senhoras se beijocassem.

— Então, senhora condessa, ainda muito comovida com a eloquência do Rufino?

— Muito cansada... E que calor, hem?

— Horrível. A senhora baronesa de Alvim saiu há pouco, com uma dor de cabeça...

A condessa, que tinha os olhos pisados e uma prega de velhice aos cantos da boca, murmurou:

— Não admira, isto não é divertido... Enfim, já agora é necessário levar a cruz ao Calvário.

— Se fosse uma cruz, minha senhora! exclamou o Ega. — Infelizmente é uma lira!

Ela riu. E D. Maria da Cunha, nessa noite mais remoçada e viva, ficou logo toda banhada num sorriso, com aquela carinhosa admiração pelo Ega, que era um dos seus sentimentos.

— Este Ega!... Não há mal que lhe chegue!... E diga-me outra coisa, que é feito do seu amigo Maia?

Ega vira-a momentos antes, no salão, puxar pela manga de Carlos,

cochichar com Carlos. Mas conservou um ar inocente:

— Está aí, anda por aí, assistindo a toda essa literatura. De repente, os olhos sempre bonitos e lânguidos de D. Maria da Cunha rebrilharam com uma faísca de malícia:

— Falai no mau... Neste caso seria falar do bom. Enfim aí nos vem o Príncipe Tenebroso!

E era com efeito Carlos que passava, se encontrara diante dos braços do conde de Gouvarinho, estendidos para ele com uma efusão em que parecia renascer o antigo afeto. Pela primeira vez Carlos via a condessa, desde a noite em que no Aterro, abandonando-a para sempre, fechara com ódio a portinhola da tipoia onde ela ficava chorando. Ambos

baixaram os olhos, ao adiantar a mão um para o outro, lentamente. E foi ela que findou o embaraço, abrindo o seu grande leque de penas de avestruz:

— Que calor, não é verdade?

— Atroz! — disse Carlos. — Não vá Vossa Excelência apanhar ar dessa janela.

Ela forçou os lábios brancos a um sorriso:

— É conselho de médico?

— Oh, minha senhora, não são as horas da minha consulta! É apenas caridade de cristão.

Mas de repente a condessa chamou o Taveira, que ria, derretido, com a marquesa de Soutal, para o repreender por ele não ter aparecido terça-feira na Rua de S. Marçal. Surpreendido com tanto

interesse, tanta familiaridade, o Taveira, muito vermelho, balbuciou que nem sabia, fora o seu infortúnio, tinham-se metido umas coisas...

— Além disso não imaginei que Vossa Excelência começasse a receber tão cedo... Vossa Excelência antigamente era só depois da Serração da Velha. Até me lembro que o ano passado...

Mas emudeceu. O conde de Gouvarinho voltara-se, pousando a mão carinhosa no ombro de Carlos, desejando a sua impressão sobre o «nosso Rufino». Ele, conde, estava encantado! Encantado sobretudo com a *variedade de escala*, aquela arte tão difícil de passar do solene para o ameno, de descer das grandes rajadas para os brincados de linguagem. Extraordinário!

— Tenho ouvido grandes parlamentares, o Rouher, o Gladstone, o Canovas, outros muitos. Mas não são estes voos, esta opulência... É tudo muito seco, ideias e factos. Não entra na alma! Vejam os amigos aquela imagem tão pujante, tão respeitosa, do Anjo da Esmola, descendo devagar, com as asas de cetim... É de primeira ordem. Ega não se conteve:

— Eu acho esse génio um imbecil.

O conde sorriu, como à tontaria de uma criança:

— São opiniões...

E estendeu em redor as mãos ao Sousa Neto, ao Darque, ao Teles da Gama, a outros que se juntavam ao rancho íntimo — enquanto os seus correligionários, os seus colegas do

Centro e da Câmara, o Gonçalo, o Neves, o Vieira da Costa rondavam de longe, sem poder roçar pelo ministro que tinham criado, agora que ele conversava e ria com rapazes e senhoras da «sociedade». O Darque, que era parente do Gouvarinho, quis saber como o amigo Gastão se ia dando com os encargos do Poder... O conde declarou para os lados que não fizera mais, por ora, do que passar em revista os elementos com que contava para atacar os problemas... De resto, em questões de trabalho, o Ministério fora infelicíssimo! O presidente do Conselho, de cama com uma catarreira, inútil para uma semana. Agora o colega da Fazenda com as febres do Aterro...

— Está melhor? Já sai? — foi em torno a pergunta cheia de cuidado.

— Está na mesma, vai amanhã para o Dafundo. Mas realmente esse não se acha de todo inutilizado. Ainda ontem eu lhe dizia: «Você parte para o Dafundo, leva os seus papéis, os seus documentos... Pela manhã dá os seus passeios, respira o bom ar... E à noite, depois de jantar, à luz do candeeiro, entretém-se a resolver a questão da Fazenda!» Uma campainha retiniu. D. José Sequeira, escarlate da azáfama, veio, furando, anunciar a Sua Excelência o fim do intervalo — oferecer o braço à senhora condessa. Ao passar, ela lembrou a Carlos as suas «terças-feiras», com a delicada simplicidade de um dever. Ele curvou-se em silêncio. Era como se todo o passado, o sofá que rolava, a casa da titi em Santa Isabel, as tipoias em que ela deixava o seu cheiro de

verbena — fossem coisas lidas por ambos num livro e por ambos esquecidas. Atrás, o marido seguia, erguendo alto a cabeça e as lunetas, como representante do Poder naquela festa da Inteligência.

— Pois senhores — disse o Ega afastando-se com Carlos — a mulherzinha tem topete!

— Que diabo queres tu? Atravessou a sua hora de tolice e de paixão, e agora continua tranquilamente na rotina da vida.

— E na rotina da vida — concluiu Ega — encontra-se a cada passo contigo, que a viste em camisa!... Bonito mundo!

Mas o Alencar apareceu no alto da escada, voltando do botequim e da genebra, com um brilho maior no olho cavo, de paletó no braço, já preparado

para gorjear. E o marquês juntou-se a eles, abafado no *cache-nez* de seda branca, mais rouco, queixando-se de que a cada minuto a garganta se lhe punha pior... Aquela canalha daquela garganta ainda lhe vinha a pregar uma!...

Depois, muito sério, considerando o Alencar:

— Ouve lá, isso que tu vais recitar, A *Democracia*, é política ou sentimento? Se é política, raspo-me. Mas se é sentimento, e a humanidade, e o santo operário, e a fraternidade, então fico, que disso gosto e até talvez me faça bem.

Os outros afirmaram que era sentimento. O poeta tirou o chapéu, passou os dedos pelos anéis fofos da grelha inspirada:

— Eu vos digo, rapazes... Uma

coisa não vai sem a outra, vejam vocês Danton... Mas já não falo enfim desses leões da Revolução. Vejam vocês o Passos Manuel! Está claro, é necessário lógica... Mas, também, caramba, sebo para uma política sem entranhas e sem um bocado de Infinito!

Subitamente, por sobre o novo silêncio da sala, um vozeirão mais forte do que o do Rufino fez retumbar os grandes nomes de D. João de Castro e de Afonso de Albuquerque... Todos se acercaram da porta, curiosamente. Era um maganão gordo, de barba em bico e camélia na casaca, que, de mão fechada no ar como se agitasse o pendão das Quinas, lamentava aos berros que nós, Portugueses, possuindo este nobre estuário do Tejo e tão formosas tradições

de glória, deixássemos esbanjar, ao vento do indiferentismo, a sublime herança dos avós!...

— É patriotismo — disse o Ega. — Fujamos!

Mas o marquês reteve-os, gostando também de um bocado de Quinas. E foi o pobre marquês que o patriota pareceu interpelar, alçando na ponta dos botins o corpanzil rotundo, aos urros. Quem havia agora aí, que, agarrando numa das mãos a espada e na outra a cruz, saltasse para o convés de uma caravela a ir levar o nome português através dos mares desconhecidos? Quem havia aí, heroico bastante, para imitar o grande João de Castro, que na sua quinta de Sintra arrancara todas as árvores de fruto, tal era a isenção da sua alma de

poeta?...

— Aquele miserável quer-nos privar da sobremesa! — exclamou Ega.

Em torno correram risos alegres. O marquês virou costas, enojado com aquela patriotice reles. Outros bocejavam por trás da mão, num tédio completo de «todas as nossas glórias ». E Carlos, enervado, preso ali pelo dever de aplaudir o Alencar, chamava o Ega para irem a baixo ao botequim espairecer a impaciência — quando viu o Eusebiozinho que descia a escada, enfiando à pressa um paletó alvadio. Não o encontrara mais desde a infâmia da *Corneta*, em que ele fora «embaixador». E a cólera que tivera contra ele, nesse dia, reviveu logo num desejo irresistível de o espancar. Disse ao

Ega:

— Vou aproveitar o tempo, enquanto esperamos pelo Alencar, a arrancar as orelhas àquele maroto!

— Deixa lá — acudiu Ega — é um irresponsável. Mas já Carlos corria pelas escadas: Ega seguiu atrás, inquieto, temendo uma violência. Quando chegaram à porta, Eusébio metera para os lados do Carmo. E alcançaram-no no Largo da Abegoaria, àquela hora deserto, mudo, com dois bicos de gás mortiços. Ao ver Carlos fender assim sobre ele, sem paletó, de peitilho claro na noite escura, o Eusébio, encolhido, balbuciou atarantadamente: «Olá, por aqui...» — Ouve cá, estupor! — rugiu Carlos, baixo. — Então também andaste metido nessa maroteira da *Corneta*? Eu devia rachar-te

os ossos um a um!

Agarrara-lhe o braço, ainda sem ódio. Mas, apenas sentiu na sua mão forte aquela carne molenga e trémula, ressurgiu nele essa aversão nunca apagada — que já em pequeno o fazia saltar sobre o Eusebiozinho, esfrangalhá-lo, sempre que as Silveiras o traziam à quinta. E então abanou-o, como outrora, furiosamente, gozando o seu furor. O pobre viúvo, no meio das lunetas negras que lhe voavam, do chapéu coberto de luto que lhe rolara nas lajes, dançava, escanifrado e desengonçado. Por fim Carlos atirou-o contra a porta de uma cocheira.

— Acudam! Aqui d'el-rei, polícia! — rouquejou o desgraçado! Já a mão de Carlos lhe empolgara as goelas. Mas Ega interveio:

— Alto! Basta! O nosso querido amigo já recebeu a sua dose... Ele mesmo lhe apanhou o chapéu. Tremendo, arquejando, de bruços, Eusebiozinho procurava ainda o guarda-chuva. E, para findar, a bota de Carlos, atirada com nojo, estatelou-o nas pedras, para cima de uma sarjeta onde restavam imundícies e humidade de cavalo. O largo permanecia deserto, com o gás adormecendo nos candeeiros baços. Tranquilamente, os dois recolheram ao sarau. No peristilo, cheio de luz e plantas, cruzaram-se com o patriota de barbas em bico, rodeado de amigos, em caminho para o botequim, limpando ao lenço o pescoço e a face, exclamando com o cansaço radiante de um triunfador:

— Irra! custou, mas sempre lhes

fiz vibrar a corda!

Já o Alencar estaria gorjeando! Os dois amigos galgaram a escada. E com efeito Alencar aparecera no estrado, onde ardia ainda o candelabro de duas velas.

Esguio, mais sombrio naquele fundo cor de canário, o poeta derramou pensativamente pelas cadeiras, pela galeria, um olhar encovado e lento: e um silêncio pesou, mais enlevado, diante de tanta melancolia e de tanta solenidade.

— A *Democracia*! — anunciou o autor de *Elvira*, com a pompa de uma revelação.

Duas vezes passou pelos bigodes o lenço branco, que depois atirou para a mesa. E levantando a mão num gesto demorado e largo:

Era num parque. O luar

Sobre os vastos arvoredos,
Cheios de amor e segredos...

— Que lhe disse eu? — exclamou o Ega, tocando no cotovelo do marquês. — É sentimento... Aposto que é o festim!

E era com efeito o festim, já cantado na *Flor de Martírio*, festim romântico, num vago jardim onde vinhos de Chipre circulam, caudas de brocado rojam entre maciços de magnólias, e das águas do lago sobem cantos ao gemer dos violoncelos... Mas bem depressa transpareceu a severa ideia social da Poesia. Enquanto, sob as árvores radiantes de luar, tudo são «risos, brindes, lascivos murmúrios» — fora, junto às grades douradas do parque, assustada com o latir dos molossos, uma mulher macilenta, em farrapos, chora,

aconchegando ao seio magro o filho que pede pão... E o poeta, sacudindo os cabelos para trás, perguntava porque havia ainda esfomeados neste orgulhoso século XIX? De que servira então, desde Espártaco, o esforço desesperado dos homens para a Justiça e para a Igualdade? De que servira então a cruz do grande Mártir, erguida além na colina, onde, por entre os abetos

Os raios do Sol se somem,
O vento triste se cala...
E as águias revolteando
Dentre as nuvens estão olhando
Morrer o filho do Homem!

A sala permanecia muda e desconfiada. E o Alencar, com as mãos tremendo no ar, desolava-se de que todo o génio das gerações fosse impotente para

esta coisa simples dar pão à criança que chora!

Martírio do coração!
Espanto da consciência!
Que toda a humana ciência
Não solva a negra questão!
Que os tempos passem e rolem
E nenhuma luz assome,
E eu veja de um lado a fome
E do outro a indigestão!

Ega torcia-se, fungando dentro do lenço, jurando que rebentava. «*E do outro a indigestão*!» Nunca, nas alturas líricas, se gritara nada tão extraordinário! E sujeitos graves, em redor, sorriam daquele*realismo* sujo. Um jocoso lembrou que para indigestões já havia o bicarbonato de potassa.

— Quando não são das minhas! —

rosnou um cavalheiro esverdinhado, que alargava a fivela do colete.

Mas tudo emudeceu ante um *chut* terrível do marquês, que desapertara o *cache-nez*, já excitado, no enternecimento que sempre lhe davam estes humanitarismos poéticos. E entretanto, no estrado, o Alencar achara a solução do sofrimento humano! Fora uma voz que lha ensinara! Uma voz saída do fundo dos séculos, e que através deles, sempre sufocada, viera crescendo todavia irresistivelmente desde o Gólgota até à Bastilha! E então, mais solene por trás da mesa, com um arranque de precursor e uma firmeza de soldado, como se aquele honesto móvel de mogno fosse um púlpito e uma barricada — o Alencar, alçando a fronte numa grande audácia à Danton,

soltou o brado temeroso. Alencar queria a República! Sim, a República! Não a do terror e a do ódio, mas a da mansidão e do amor. Aquela em que o milionário, sorrindo, abre os braços ao operário! Aquela que é aurora, consolação, refúgio, estrela mística e pomba.

Pomba da Fraternidade,
Que estendendo as brancas asas
Por sobre os humanos lodos,
Envolve os seus filhos todos
Na mesma santa Igualdade!...

Em cima, na galeria, ressoou um *bravo* ardente. E imediatamente, para o sufocar, sujeitos sérios lançaram, aqui e além: «, silêncio!» Então Ega ergueu as mãos magras, bem alto, berrou com um destaque atrevido:

— Bravo! Muito bem! Bravo!

E todo pálido da sua audácia, entalando o monóculo, declarou para os lados:

— Aquela democracia é absurda... Mas que os burgueses se deem ares intolerantes, isso não! Então aplaudo eu!

E as suas mãos magras de novo se ergueram, bem alto, junto das do marquês, que retumbavam como malhos. Outros em volta, imediatamente, não se querendo mostrar menos democratas que o Ega e aquele fidalgo de tão grande linhagem, reforçaram os *bravos* com calor. Já pela sala se voltavam olhares inquietos para aquele grupo cheio de revolução. Mas um silêncio caiu, mais comovido e grave, quando o Alencar (que inspiradamente previra a intolerância burguesa) perguntou em estrofes iradas o que detestavam, o

que receavam eles, no advento sublime da República? Era o pão carinhoso dado à criança? Era a mão justa estendida ao proletário? Era a esperança? Era a aurora?

Receais a grande luz?
Tendes medo do á-bê-cê?...
Então castigai quem lê,
Voltai à plebe soez!
Recuai sempre na História,
Apagai o gás nas ruas,
Deixai as crianças nuas,
E venha a forca outra vez!

Palmas mais numerosas, já sinceras, estalaram pela sala, que cedia enfim ao repetido encanto daquele lirismo humanitário e sonoro. Já não importava a República, os seus perigos. Os versos rolavam, cantantes e claros; e a sua onda

larga arrastava os espíritos mais positivos. Sob aquele bafo de simpatia, Alencar sorria, com os braços abertos, anunciando uma a uma, como pérolas que se desfiam, todas as dádivas que traria a República. Debaixo da sua bandeira, não vermelha mas branca, ele via a terra coberta de searas, todas as fomes satisfeitas, as nações cantando nos vales sob o olhar risonho de Deus. Sim, porque Alencar não queria uma República sem Deus! A Democracia e o Cristianismo, como um lírio que se abraça a uma espiga, completavam-se, estreitando os seios! A rocha do Gólgota tornava-se a tribuna da Convenção! E para tão doce ideal não se necessitavam cardeais, nem missais, nem novenas, nem igrejas. A República, feita só de pureza e de fé, reza nos campos; a

Lua cheia é hóstia; os rouxinóis entoam o *Tantum Ergo* nos ramos dos loureirais. E tudo prospera, tudo refulge — ao mundo do Conflito substituiu-se o mundo do Amor...

À espada sucede o arado,
A Justiça ri da Morte.
A escola está livre e forte,
E a Bastilha derrocada.
Rola a tiara no lodo,
Brota o lírio da Igualdade,
E uma nova humanidade
Planta a cruz na barricada!

Uma rajada farta e franca de *bravos* fez oscilar as chamas do gás! Era a paixão meridional do verso, da sonoridade, do liberalismo romântico, da imagem que esfuzia no ar com um brilho crepitante de foguete, conquistando enfim

tudo, pondo uma palpitação em cada peito, levando chefes de repartição a berrarem, estirados por cima das damas, no entusiasmo daquela república onde havia rouxinóis! E quando Alencar, alçando os braços ao teto, com modulações de *preghiera* na voz roufenha, chamou para a Terra essa pomba da Democracia, que erguera o voo do Calvário, e vinha com largos sulcos de luz — foi um enternecimento banhando as almas, um fundo arrepio de êxtase. As senhoras amoleciam nas cadeiras, com a face meio voltada ao Céu. No salão abrasado perpassavam frescuras de capela. As rimas fundiam-se num murmúrio de ladainha, como evoladas para uma Imagem que pregas de cetim cobrissem, estrelas de ouro coroassem. E

mal se sabia já se Essa que se invocava e se esperava, era a Deusa da Liberdade — ou Nossa Senhora das Dores. Alencar no entanto via-a descer, espalhando um perfume. Já Ela tocava com os seus pés divinos os vales humanos. Já do seu seio fecundo trasbordava a universal abundância. Tudo reflorescia, tudo rejuvenescia:

As rosas têm mais aroma!
Os frutos têm mais doçura!
Brilha a alma clara e pura,
Solta de sombras e véus...
Foge a dor espavorida,
Foi-se a fome, foi-se a guerra,
O homem canta na Terra,
E Cristo sorri nos Céus!...

Uma aclamação rompeu, imensa e rouca, abalando os muros cor de canário.

Moços exaltados treparam às cadeiras, dois lenços brancos flutuavam. E o poeta, trémulo, exausto, rolou pela escada até aos braços que se lhe estendiam frementes. Ele sufocava, murmurava: «Filhos! rapazes!...» Quando Ega correu do fundo, com Carlos, gritando: «Foste extraordinário, Tomás!» — as lágrimas saltaram dos olhos do Alencar, quebrado todo de emoção.

E ao longo da coxia a ovação continuou, feita de palmadinhas pelos ombros, de *shake-hands* da gente séria, de «muitos parabéns a Vossa Excelência!» Pouco a pouco ele erguia a cabeça num altivo sorriso que lhe mostrava os dentes maus, sentindo-se o poeta da Democracia, consagrado, ungido pelo triunfo, com a inesperada missão de libertar almas! D.

Maria da Cunha puxou-lhe pela manga quando ele passou, para murmurar, encantada, que achara «lindíssimo, lindíssimo». E o poeta, estonteado, exclamou: «Maria, é necessário luz!» Teles da Gama veio bater-lhe nas costas afirmando-lhe que «piara esplendidamente». E Alencar, inteiramente perdido, balbuciou: «*Sursum corda*, meu Teles, *sursum corda*!» Ega, no entanto, através do tumulto, farejava buscando Carlos que desaparecera depois dos abraços ao Alencar. Taveira assegurou-lhe que Carlos passara para o botequim. Depois, em baixo, um garoto jurou que o Sr. D. Carlos tomara uma tipoia e ia já virando o Chiado...

Ega ficou à porta, hesitando se aturaria o resto do sarau. Nesse momento

o Gouvarinho, trazendo a condessa pelo braço, descia rapidamente, com a face toda contrariada e sombria. O trintanário de Suas Excelências correu a chamar o *coupé*. E quando o Ega se acercou, sorrindo, para saber que impressão lhes deixara o grande triunfo democrático do Alencar — a profunda cólera do Gouvarinho escapou-se-lhe, mal contida, por entre os dentes cerrados:

— Versos admiráveis, mas indecentes!

O *coupé* avançou. Ele teve apenas tempo de rosnar ainda, surdamente, apertando a mão ao Ega:

— Numa festa de sociedade, sob a proteção da rainha, diante de um ministro da Coroa, falar de barricadas, prometer mundos e fundos às classes proletárias...

É perfeitamente indecente! Já a condessa enfiara a portinhola, apanhando a larga cauda de seda. O ministro mergulhou também furiosamente na sombra do *coupé*. Junto às rodas passou choutando, numa pileca branca, o correio agaloado.

Ega ia subir. Mas o marquês apareceu, abafado num gabão de Aveiro, fugindo a um poeta de grandes bigodes que ficara em cima, a recitar quadrinhas miudinhas a uns olhinhos galantinhos: e o marquês detestava versos feitos a partes do corpo humano. Depois foi o Cruges que surgiu do botequim, abotoando o paletó. Então, perante essa debandada de todos os amigos, Ega decidiu abalar também, ir tomar o seu grogue ao Grémio com o maestro.

Meteram o marquês numa tipoia e

— ele e Cruges desceram a Rua Nova da Trindade, devagar, no encanto estranho daquela noite de inverno, sem estrelas, mas tão macia que nela parecia andar perdido um bafo de maio.

Passavam à porta do *Hotel Aliança* quando Ega sentiu alguém que se apressava, chamar atrás: «Ó Sr. Ega! Vossa Excelência faz favor, Sr. Ega?...» Parou, reconheceu o chapéu recurvo, as barbas brancas do Sr. Guimarães.

— Vossa Excelência desculpe! — exclamou o demagogo esbaforido. — Mas vi-o descer, queria-lhe dar duas palavras, e como me vou embora amanhã...

— Perfeitamente... Ó Cruges, vai andando, já te apanho! O maestro estacionou à esquina do Chiado. O Sr. Guimarães pedia de novo desculpa. De

resto eram duas curtas palavras...

— Vossa Excelência, segundo me disseram, é o grande amigo do Sr. Carlos da Maia... São como irmãos...

— Sim, muito amigos...

A rua estava deserta, com alguns garotos apenas à porta alumiada da Trindade. Na noite escura, a alta fachada do *Aliança* lançava sobre eles uma sombra maior. Todavia o Sr. Guimarães baixou a voz cautelosa:

— Aqui está o que é... Vossa Excelência sabe, ou talvez não saiba, que eu fui em Paris íntimo da mãe do Sr. Carlos da Maia... Vossa Excelência tem pressa, e não vem agora a propósito essa história. Basta dizer que aqui há anos ela entregou-me, para eu guardar, um cofre que, segundo dizia, continha papéis

importantes... Depois, naturalmente, ambos tivemos muitas outras coisas em que pensar, os anos correram, ela morreu. Numa palavra, porque Vossa Excelência está com pressa: eu conservo ainda em meu poder esse depósito, e trouxe-o por acaso quando vim a Portugal por negócios da herança de meu irmão... Ora hoje justamente, ali no teatro, comecei a refletir que o melhor era entregá-lo à família... O Cruges mexeu-se impaciente:

— Ainda te demoras?

— Um instante! — gritou Ega, já interessado por aqueles papéis e pelo cofre. — Vai andando.

Então o Sr. Guimarães, à pressa, resumiu o pedido. Como sabia a intimidade do Sr. João da Ega e de Carlos da Maia, lembrara-se de lhe entregar o

cofrezinho para que ele o restituísse à família...

— Perfeitamente! — acudiu Ega. — Eu estou mesmo em casa dos Maias, no *Ramalhete*.

— Ah, muito bem! Então Vossa Excelência manda um criado de confiança amanhã buscá-lo... Eu estou no *Hotel Paris*, no Pelourinho. Ou melhor ainda: levo-lho eu, não me dá incómodo nenhum, apesar de ser dia de partida...

— Não, não, eu mando um criado! — insistiu o Ega, estendendo a mão ao democrata.

Ele estreitou-lha com calor.

— Muito agradecido a Vossa Excelência! Eu junto-lhe então um bilhete e Vossa Excelência entrega-o da minha parte ao Carlos da Maia, ou à irmã.

Ega teve um movimento de espanto:

— À irmã... A que irmã?

O Sr. Guimarães considerou Ega também com assombro. E abandonando-lhe lentamente a mão:

— A que irmã!? À irmã dele, à única que tem, à Maria! Cruges, que batia as solas no lajedo, enfastiado, gritou da esquina:

— Bem, eu vou andando para o Grémio.

— Até logo!

O Sr. Guimarães, no entanto, passava os dedos calçados de pelica preta pelos longos fios da barba, fitando o Ega, num esforço de penetração. E quando Ega lhe travou do braço, pedindo-lhe para conversarem um pouco até ao Loreto, o

democrata deu os primeiros passos com uma lentidão desconfiada.

— Eu parece-me — dizia o Ega sorrindo, mas nervoso — que nós estamos aqui a enrodilhar-nos num equívoco... Eu conheço o Maia desde pequeno, vivo até agora em casa dele, posso afiançar-lhe que não tem irmã nenhuma...

Então o Sr. Guimarães começou a rosnar umas desculpas embrulhadas, que mais enervavam, torturavam o Ega. O Sr. Guimarães imaginava que não era segredo, que todas essas coisas da irmã estavam esquecidas, desde que houvera reconciliação.

— Como vi, ainda não há muitos dias, o Sr. Carlos da Maia com a irmã e com Vossa Excelência, na mesma carruagem, no Cais do Sodré...

— O quê! Aquela senhora! A que ia na carruagem?

— Sim! — exclamou o Sr. Guimarães irritado, farto enfim dessa confusão em que se debatiam. — Aquela mesma, a Maria Eduarda Monforte, ou a Maria Eduarda Maia, como quiser, que eu conheci de pequena, com quem andei muitas vezes ao colo, que fugiu com o Mac Gren, que esteve depois com a besta do Castro Gomes... Essa mesma! Era ao meio do Loreto, sob o lampião de gás. E o Sr. Guimarães de repente estacou, vendo os olhos do Ega esgazearem-se de horror, uma terrível palidez cobrir-lhe a face.

— Vossa Excelência não sabia nada disto?

Ega respirou fortemente, arredando o chapéu da testa sem

responder. Então o outro, embaçado, terminou por encolher os ombros. Bem, via que tinha feito uma tolice! A gente nunca se devia intrometer nos negócios alheios! Mas acabou-se! Imaginasse o Sr. Ega que aquilo fora um pesadelo, depois da versalhada do sarau! Pedia desculpa sinceramente — e desejava ao Sr. João da Ega muitíssimo boas noites. Ega, como a um clarão de relâmpago, entrevira toda a catástrofe: e agarrou avidamente o braço do Sr. Guimarães, num terror que ele abalasse, desaparecesse, levando para sempre o seu testamento, esses papéis, o cofre da Monforte, e com eles a certeza — a certeza por que agora ansiava. E através do Loreto, vagamente, foi balbuciando, justificando a sua emoção, para tranquilizar o homem, poder

lentamente arrancar-lhe as coisas que soubesse, as provas, a verdade inteira.

— O Sr. Guimarães compreende... Isto são coisas muito delicadas, que eu supunha absolutamente ignoradas de todos... De modo que fiquei embatucado, fiquei tonto, quando o ouvi assim, de repente, falar delas com essa simplicidade... Porque enfim, aqui para nós, essa senhora não passa em Lisboa por irmã de Carlos. O Sr. Guimarães atirou logo a mão num grande gesto. Ah, bem! Então era jogo com ele? Pois tinha feito o Sr. Ega perfeitamente... Com certeza eram coisas muito sérias, que necessitavam toda a sorte de véus... Ele compreendia, compreendia muito bem!... E realmente, dada a posição dos Maias em Lisboa, na sociedade, aquela senhora

não era irmã que se apresentasse.

— Mas a culpa não a teve ela, meu caro senhor! Foi a mãe, foi aquela extraordinária mãe que o Diabo lhe deu!...

Desciam o Chiado. Ega parou um momento, devorando o velho com olhos de febre:

— O Sr. Guimarães conheceu muito essa senhora, a Monforte? Intimamente! Já a conhecera em Lisboa — mas de longe, como mulher de Pedro da Maia. Depois viera essa tragédia, ela fugira com o italiano. Ele abalara também para Paris nesse ano, com uma Clemence, uma costureira da Levaillant: e, umas coisas enfiando noutras, negócios e desgraças, por lá ficara para sempre! Enfim, não era a sua vida que lhe ia contar... Só mais tarde encontrara a

Monforte, uma noite, no baile Laborde: e daí datavam as suas relações. A esse tempo já o italiano morrera num duelo, e o velho Monforte espichara da bexiga. Ela estava então com um rapaz chamado Trevernnes — numa casa bonita, no Parque Monceaux, em grande chique... Mulher extraordinária! E não se envergonhava de confessar que lhe devia obrigações! Quando essa rapariga, a Clemence, que era um encanto, adoecera do peito, a Monforte trazia-lhe flores, frutas, vinhos, fazia-lhe companhia, velava-a como um anjo... Porque lá isso coração largo e generoso, até ali! Esta, a filha, a D. Maria, tinha então sete ou oito anos, linda como os amores... E houvera uma outra pequena do italiano, muito galantinha também. Oh! muito galantinha

também! Mas morrera em Londres, essa...

— E com esta Maria andei muitas vezes ao colo, meu caro senhor... Não sei se ela ainda se lembra de uma boneca que eu lhe dei, que falava, dizia *Napoléon*... Era no belo tempo do Império, até as desavergonhadas das bonecas eram imperialistas! Depois, quando ela estava em Tours, no convento, fui lá duas vezes com a mãe. Já então os meus princípios me não permitiam entrar nesses covis religiosos: mas enfim, fui acompanhar a mãe... E quando ela fugiu com o irlandês, o Mac Gren, foi comigo que a mãe veio ter, furiosa, a querer que eu chamasse o comissário de polícia, para se prender o irlandês. Por fim meteu-se num fiacre, foi para Fontainebleau, lá fez as pazes, viviam até juntos... Enfim, uma série de

trapalhadas.

Um suspiro cansado escapou-se do peito do Ega, que arrastava os passos, sucumbido:

— E esta senhora, está claro, não sabia então de quem era filha... O Sr. Guimarães encolheu os ombros:

— Nem suspeitava que existissem Maias sobre a face da Terra! A Monforte dissera-lhe sempre que o pai era um fidalgo austríaco, com quem ela casara na Madeira... Uma mixórdia, meu caro senhor, uma mixórdia!

— É horrível — murmurou Ega.

Mas, dizia o Sr. Guimarães, que podia também fazer a Monforte? Que diabo, era duro confessar à filha: «Olha que eu fugi a teu pai, e ele por causa disso matou-se!» Não tanto pela questão de

pudor; a rapariga devia perceber que a mãe tinha amantes, ela mesma aos dezoito anos, coitadinha, já tinha um; mas por causa do tiro, do cadáver, do sangue...

— A mim mesmo! — exclamou o Sr. Guimarães, parando, alargando os braços na rua deserta. — A mim mesmo nunca ela falou do marido, nem de Lisboa, nem de Portugal. Lembra-me até uma ocasião em casa da Clemence, que eu aludi a um cavalo alazão, um cavalo de Pedro da Maia, em que ela costumava montar. Animal soberbo! Mas nem mencionei o marido, falei só do cavalo. Pois senhores, bate com o leque em cima da mesa, grita como uma bicha: *Dites donc, mon cher, vous m'embêtez avec ces histoires de l'autre monde!...* Com efeito, bem o podia dizer, eram histórias do outro

mundo! Para encurtar: estou convencido que nos últimos tempos ela mesmo julgava que Pedro da Maia nunca existira. Uma insensata! Por fim até bebia... Mas acabou-se! Tinha grande coração, e portou-se muito bem com a Clemence. *Parce sepultis*!

— É horrível — murmurou outra vez o Ega, tirando o chapéu, correndo a mão trémula pela testa.

E agora o seu único desejo era a acumulação incessante de provas, de detalhes. Falou então desses papéis, desse cofre da Monforte. O Sr. Guimarães não sabia o que eles continham; e não se admiraria se fossem apenas contas de modista, ou pedaços velhos do *Figaro*, em que se falava dela...

— É uma caixita pequena que a

Monforte me deu, na véspera de partir para Londres com a filha. Era no tempo da guerra... Já a Maria vivia com o irlandês, tinha mesmo uma pequena, a Rosa. Depois veio a Comuna, todos aqueles desastres. Quando a Monforte voltou de Londres, eu estava em Marselha. Foi então que a pobre Maria se meteu com o Castro Gomes, creio que para não morrer de fome... Eu recolhi a Paris, mas não vi mais a Monforte, que já estava muito doente... À Maria, colada então a essa besta do Castro Gomes, um pedante, um *rastaquouère* mesmo a calhar para a guilhotina, não tornei também a falar. Se a encontrava era um cumprimento de longe, como noutro dia, quando a vi na carruagem com Vossa Excelência e com o irmão... De sorte que fui ficando com os

papéis. Nem, a falar a verdade, com estas coisas todas de política, me lembrei mais deles. E agora aí estão, às ordens da família.

— Se isso não fosse incómodo para Vossa Excelência — acudiu Ega — eu passava agora pelo seu hotel e levava-os logo comigo...

— Incómodo nenhum! Estamos em caminho, é negócio que fica feito!

Algum tempo seguiram calados. O sarau decerto acabara. Um bater de carruagens atroava as descidas no Chiado. Junto deles passaram duas senhoras, com um rapaz que bracejava, falando alto do Alencar. O Sr. Guimarães tirara lentamente do bolso a charuteira: depois, parando, para raspar um fósforo:

— Então a D. Maria passa

simplesmente por parenta?... E como soube ela? Como foi isso?

Ega, que caminhava com a cabeça caída, estremeceu como se acordasse. E começou a tartamudear uma história confusa, de que ele mesmo corava na sombra. Sim, Maria Eduarda passava por parenta. Fora o procurador que descobrira. Ela rompera com o Castro Gomes, com todo o passado. Os Maias davam-lhe uma mesada: e vivia nos Olivais, muito retirada, como filha de um Maia que morrera na Itália. Todos gostavam muito dela, Afonso da Maia tinha grande ternura pela pequena...

E de repente indignou-se com estas invenções, por onde arrastava já o nome do nobre velho, exclamou como se abafasse:

— Enfim, nem eu sei, um horror!

— Um drama! — resumiu gravemente o Sr. Guimarães. E como estavam no Pelourinho, rogou ao Ega que esperasse um momento, enquanto ele corria acima buscar os papéis da Monforte. Só, no Largo, Ega ergueu as mãos ao céu, num desabafo mudo daquela angústia em que caminhava, como um sonâmbulo, desde o Loreto. E a sua única sensação, bem clara — era a indestrutível certeza da história do Guimarães, tão compacta, sem uma lacuna, sem uma falha por onde rachasse e se fizesse cair aos pedaços. O homem conhecera Maria Monforte em Lisboa, ainda mulher de Pedro da Maia, brilhando no seu cavalo alazão: encontrara-a em Paris, já fugida, depois da morte do primeiro amante,

vivendo com outros; andara então ao colo com Maria Eduarda, a quem se davam bonecas... E desde então não deixara mais de ver Maria Eduarda, de a seguir: em Paris; no convento de Tours; em Fontainebleau com o irlandês; nos braços de Castro Gomes; numa tipoia de praça, enfim, com ele e com Carlos da Maia, havia dias, no Cais do Sodré! Tudo isto se encadeava, concordando com a história contada por Maria Eduarda. E de tudo ressaltava esta certeza monstruosa: — Carlos amante da irmã!

Guimarães não descia. No segundo andar surgira uma luz viva, numa janela aberta. Ega recomeçou a passear lentamente pelo meio do Largo. E agora, pouco a pouco, subia nele uma incredulidade contra esta catástrofe de

dramalhão. Era acaso verosímil que tal se passasse, com um amigo seu, numa rua de Lisboa, numa casa alugada à mãe Cruges?... Não podia ser! Esses horrores só se produziam na confusão social, no tumulto da Meia Idade! Mas numa sociedade burguesa, bem policiada, bem escriturada, garantida por tantas leis, documentada por tantos papéis, com tanto registo de batismo, com tanta certidão de casamento, não podia ser! Não! Não estava no feitio da vida contemporânea que duas crianças, separadas por uma loucura da mãe, depois de dormirem um instante no mesmo berço, cresçam em terras distantes, se eduquem, descrevam as parábolas remotas dos seus destinos — para quê? Para virem tornar a dormir juntas no mesmo ponto, num leito de

concubinagem! Não era possível. Tais coisas pertencem só aos livros, onde vêm, como invenções subtis da arte, para dar à alma humana um terror novo... Depois levantava os olhos para a janela alumiada — onde o Sr. Guimarães, decerto, rebuscava os papéis na mala. Ali estava porém esse homem com a sua história — em que não havia uma discordância, por onde ela pudesse ser abalada!... E pouco a pouco aquela luz viva, saída do alto, parecia ao Ega penetrar nessa intrincada desgraça, aclará-la toda, mostrar-lhe bem a lenta evolução. Sim, tudo isso era provável no fundo! Essa criança, filha de uma senhora que a levara consigo, cresce, é amante de um brasileiro, vem a Lisboa, habita Lisboa. Num bairro vizinho vive outro filho dessa mulher, por ela deixado,

que cresceu, é um homem. Pela sua figura, o seu luxo, ele destaca nesta cidade provinciana e pelintra. Ela, por seu lado, loira, alta, esplêndida, vestida pela Laferrière, flor de uma civilização superior, faz relevo nesta multidão de mulheres miudinhas e morenas. Na pequenez da Baixa e do Aterro, onde todos se acotovelavam, os dois fatalmente se cruzam: e com o seu brilho pessoal, muito fatalmente se atraem! Há nada mais natural? Se ela fosse feia e trouxesse aos ombros uma confeção barata da Loja da América, se ele fosse um mocinho encolhido de chapéu-coco, nunca se notariam e seguiriam diversamente nos seus destinos diversos. Assim, o conhecerem-se era certo, o amarem-se era provável... E um dia o Sr. Guimarães

passa, a verdade terrível estala!

A porta do hotel rangeu no escuro, o Sr. Guimarães adiantou-se, de boné de seda na cabeça, com o embrulho na mão.

— Não podia dar com a chave da mala, desculpe Vossa Excelência. É sempre assim quando há pressa... E aqui temos o famoso cofre!

— Perfeitamente, perfeitamente...

Era uma caixa que parecia de charutos e que o democrata embrulhara num velho número do *Rappel*. Ega meteu-a no bolso largo do seu paletó: e imediatamente, como se qualquer outra palavra entre eles fosse vã, estendeu a mão ao Sr. Guimarães. Mas o outro insistiu em o acompanhar até à esquina da Rua do Arsenal, apesar de estar de boné. A noite, para quem vinha de Paris, tinha

uma doçura oriental — e ele, com os seus hábitos de jornalista, nunca se deitava senão tarde, às duas, três horas da madrugada... E então, caminhando devagar, com as mãos nos bolsos e o charuto entre os dentes, o Sr. Guimarães voltou à política e ao sarau. A poesia do Alencar (de que esperara muito por causa do título *A Democracia*) saíra-lhe consideravelmente chocha.

— Muita flor, muita farófia, muita liberdade, mas não havia ali um ataque em forma, duas ou três boas estocadas nesta choldra da monarquia e da corte... Pois não é verdade?

— Sim, com efeito... — murmurou Ega, olhando ao longe, na esperança de uma tipoia.

— É como os jornais republicanos

que por aí há... Tudo uma palhada, senhores, tudo uma balofice!... É o que eu lhes digo a eles: «Ó almas do Diabo, atacai as questões sociais!» Felizmente um trem avançava, rolando devagar, do lado do Terreiro do Paço. Ega, precipitadamente, deu um aperto de mão ao democrata, desejou-lhe uma boa viagem, atirou ao cocheiro a *adresse* do *Ramalhete*. Mas o Sr. Guimarães ainda se apoderou da portinhola para aconselhar ao Ega que fosse a Paris. Agora, que tinham feito amizade, havia de o apresentar a toda aquela gente... E o Sr. Ega veria! Não era cá a grande*pose* portuguesa, destes imbecis, destes pelintras a darem-se ares, torcendo os bigodes. Lá, na primeira nação do mundo, tudo era alegria, e

fraternidade, e espírito a rodos...

— E a minha adresse, na redação do *Rappel*! Bem conhecida no mundo! Enquanto ao embrulhozinho, fico descansado...

— Pode Vossa Excelência ficar descansado!

— Criado de Vossa Excelência... Os meus cumprimentos à Sr. a D. Maria!

Na carruagem, através do Aterro, a ansiosa interrogação do Ega a si mesmo foi: «Que hei de fazer?» Que faria, santo Deus, com aquele segredo terrível que possuía, de que só ele era senhor, agora que o Guimarães partia, desaparecia para sempre? E antevendo, com terror, todas as angústias em que essa revelação ia lançar o homem que mais estimava no mundo — a sua instintiva ideia foi guardar para

sempre o segredo, deixá-lo morrer dentro de si. Não diria nada; o Guimarães sumia-se em Paris; e quem se amava continuava a amar-se!... Não criaria assim uma crise atroz na vida de Carlos — nem sofreria ele, como companheiro, a sua parte dessas aflições. Que coisa mais impiedosa, de resto, que estragar a vida de duas inocentes e adoráveis criaturas, atirando-lhes à face uma prova de incesto!...

Mas, a esta ideia de *incesto*, todas as consequências desse silêncio lhe apareceram, como coisas vivas e pavorosas, flamejando no escuro, diante dos seus olhos. Poderia ele, tranquilamente, testemunhar a vida dos dois desde que a sabia *incestuosa*? Ir à Rua de S. Francisco, sentar-se-lhes alegremente à mesa, entrever, através do

reposteiro, a cama em que ambos dormiam — e saber que esta sordidez de pecado era obra do seu silêncio? Não podia ser... Mas teria também coragem de entrar, ao outro dia, no quarto de Carlos, e dizer-lhe em face: «Olha que tu és amante de tua irmã»? A carruagem parara no *Ramalhete*. Ega subiu, como costumava, pela escada particular de Carlos. Tudo estava apagado e mudo. Acendeu a sua palmatória; entreabriu o reposteiro dos aposentos de Carlos; deu alguns passos tímidos no tapete, que pareceram já soar tristemente. Um reflexo de espelho alvejou ao fundo na sombra da alcova. E a luz caiu sobre o leito intacto, com a sua longa colcha lisa, entre os cortinados de seda. Então a ideia que Carlos estava àquela hora na Rua de S.

Francisco, dormindo com uma mulher que era sua irmã, atravessou-o com uma cruel nitidez, numa imagem material, tão viva e real, que ele viu-os claramente, de braços enlaçados, e em camisa... Toda a beleza de Maria, todo o requinte de Carlos, desapareciam. Ficavam só dois animais, nascidos do mesmo ventre, juntando-se a um canto como cães, sob o impulso bruto do cio!

Correu para o seu quarto, fugindo àquela visão a que o escuro do corredor, mal dissipado pela luz trémula, acentuava mais o relevo. Aferrolhou a porta; acendeu à pressa sobre o toucador, uma depois da outra, com a mão agitada, as seis velas dos candelabros. E agora aparecia-lhe mais urgente, inevitável, a necessidade de contar *tudo* a Carlos. Mas

ao mesmo tempo sentia em si, a cada instante, menos ânimo para chegar, encarar Carlos, e destruir-lhe a felicidade e a vida com uma revelação de incesto. Não podia! Outro que lho dissesse! Ele lá estava depois para o consolar, tomar metade da sua dor, carinhoso e fiel. Mas o desgosto supremo da vida de Carlos não viria de palavras caídas da sua boca!... Outro que lho dissesse! Mas quem? Mil ideias passavam na sua pobre cabeça, incoerentes e tontas. Pedir a Maria que fugisse, desaparecesse... Escrever uma carta anónima a Carlos, com a detalhada história do Guimarães... E esta confusão, esta ansiedade, ia-se resolvendo lentamente em ódio ao Sr. Guimarães. Para que falara aquele imbecil? Para que insistira em lhe confiar papéis alheios?

Para que lho apresentara o Alencar? Ah! se não fosse a carta do Dâmaso... Tudo provinha do maldito Dâmaso!

Agitando-se pelo quarto, ainda de chapéu, os seus olhos caíram num sobrescrito pousado sobre a mesa de cabeceira. Reconheceu a letra do Vilaça. E nem o abriu... Uma ideia sulcara-o de repente. Contar tudo ao Vilaça!... Porque não? Era o procurador dos Maias. Nunca para ele houvera segredos naquela casa. E esta complicação singular, de uma senhora da família, considerada morta e que surge inesperadamente — a quem a pertencia aclarar senão ao fiel procurador, ao velho confidente, ao homem que, por herança e por destino, recebera sempre todos os segredos e partilhara todos os interesses domésticos?... E sem pensar, sem

aprofundar mais, fixou-se logo nesta decisão salvadora — que ao menos o sossegava, lhe tirava já do coração um peso de ferro, sufocante e intolerável... Devia acordar cedo, procurar Vilaça em casa. Escreveu numa folha de papel: «Acorda-me às sete.» E desceu a baixo, ao longo corredor de pedra onde dormiam os criados, dependurou este recado na chave do quarto do escudeiro.

Quando subiu, mais calmo — abriu então a carta do Vilaça. Era uma curta linha, lembrando ao amigo Ega que a letrinha de duzentos mil réis, no Banco Popular, se vencia daí a dois dias...

— Sebo, tudo se junta! — exclamou Ega furioso, atirando a carta amarrotada para o chão.

17

Pontual, às sete horas, o escudeiro acordou Ega. Ao rumor da porta ele sentou-se na cama com um salto — e logo todos os negros cuidados da véspera, Carlos, a irmã, a felicidade daquela casa acabada para sempre, se lhe ergueram na alma em sobressalto, como despertando também. A portada da varanda ficara aberta; um ar silencioso e lívido de madrugada clareava através do transparente de fazenda branca. Durante um momento Ega ficou olhando em redor, arrepiado; depois, sem coragem, remergulhou nos lençóis, gozando aquele bocado de calor e de conchego antes de ir afrontar fora as amarguras do dia.

E pouco a pouco, sob o tépido conchego dos cobertores em que se atabafara, começou a afigurar-se-lhe menos urgente, e menos útil, essa correria estremunhada a casa do Vilaça... De que servia procurar o Vilaça? Não se tratava ali de dinheiro, nem de demandas, nem de legalidade de nada que reclamasse a experiência de um procurador. Era apenas introduzir um burguês mais num segredo, tão terrivelmente delicado, que ele mesmo se assustava de o saber. E acochado mais sob a roupa, apenas com o nariz ao frio, murmurava consigo: «É uma tolice ir ao Vilaça!» De resto, não poderia ele ajuntar em si bastante coragem, para contar tudo a Carlos, logo, nessa manhã, claramente, virilmente? Era por fim aquele caso tão pavoroso como lhe parecera na véspera

um irreparável desabamento de uma vida de homem?... Ao pé da quinta da mãe, em Celorico, no lugar de Vouzeias, houvera um sucesso parecido, dois irmãos que inocentemente iam casar. Tudo se aclarou ao reunirem-se os papéis para os*banhos*. Os noivos ficaram uns dias «embatucados», como dizia o padre Serafim; mas por fim já riam, muito amigos, muito divertidos, quando se tratavam de «manos». O noivo, um rapagão bonito, contava depois «que ia havendo uma mixórdia na família». Aqui o engano seguira mais longe, as sensibilidades eram mais requintadas; mas os seus corações permaneciam livres de toda a culpa, inocentes absolutamente. Porque ficaria, pois, a existência de Carlos para sempre estragada? A

inconsciência impedia-lhe o remorso: e passado o primeiro horror, de que lhe podia, na realidade, vir a definitiva dor? Somente de o prazer ter findado. Era então como outro qualquer desgosto de amor. Bem menos atroz do que se Maria o tivesse traído com o Dâmaso.

De repente a porta abriu-se, Carlos apareceu exclamando:

— Então que madrugada foi esta? Disse-me agora lá em baixo o Batista... É aventura, duelo?

Trazia o paletó todo abotoado, com a gola erguida, escondendo ainda a gravata branca da véspera; e, decerto, chegara da Rua de S. Francisco na tipoia que, havia instantes, Ega sentira parar na calçada.

Ele sentara-se bruscamente na

cama; e estendendo a mão para os cigarros, sobre a mesa ao lado, murmurou, bocejando, que na véspera combinara uma ida a Sintra com o Taveira... Por precaução mandara-se chamar... Mas não sabia, acordara cansado...

— Que tal está o dia?

Justamente Carlos fora correr o transparente da janela. Aí, na mesa de trabalho, colocada em plena luz, ficara a caixa da Monforte, embrulhada no *Rappel*. E Ega pensou num relance: «Se ele repara, se pergunta, digo tudo!» — O seu pobre coração pôs-se a bater ansiosamente, no terror daquela decisão. Mas o transparente um pouco perro subiu, uma faixa de Sol banhou a mesa — e Carlos voltou sem reparar no cofre. Foi um imenso alívio para o Ega.

— Então, Sintra? — disse Carlos, sentando-se aos pés da cama.

— Com efeito, não é má ideia... A Maria ainda ontem esteve também a falar de ir a Sintra... Espera! Podíamos fazer a patuscada juntos! Íamos no *break* a quatro!

E olhava já o relógio, calculando o tempo para atrelar, avisar Maria.

— O pior — acudiu o Ega atrapalhado, tomando de sobre a mesa o monóculo — é que o Taveira falou em irmos com umas raparigas...

Carlos encolheu os ombros com horror. Que sordidez, ir com mulheres para Sintra, de dia!... De noite, nas trevas, por bebedeira, vá... Mas à luz do Senhor! Talvez com a Lola Gorda, hem?

Ega embrulhou-se numa

complicada história, limpando o monóculo à ponta do lençol. Não eram espanholas... Pelo contrário, umas costureiras, raparigas sérias... Ele tinha um compromisso antigo de ir a Sintra com uma delas, filha de um Simões, um estofador que falira... Gente muito séria!...

Perante estes compromissos, tanta seriedade, Carlos desistiu logo da ideia de Sintra.

— Bem, acabou-se!... Vou então tomar banho e depois a negócios... E tu, se fores, traz-me umas queijadas para a Rosa, que ela gosta!...

Apenas Carlos saiu, Ega cruzou os braços desanimado, descoroçoado, sentindo bem que não teria coragem nunca de «dizer tudo». Que havia de fazer?... E de novo, insensivelmente, se refugiou na

ideia de procurar o Vilaça, entregar-lhe o cofre da Monforte. Não havia homem mais honesto, nem mais prático; e, pela mesma mediocridade do seu espírito burguês, quem melhor para encarar aquela catástrofe, sem paixão e sem nervos? E esta falta de nervos do Vilaça fixou-o definitivamente.

Saltou então da cama, numa impaciência, repicou a campainha. E enquanto o criado não entrava, foi, com o *robe-de-chambre* aos ombros, examinar o cofre da Monforte. Parecia, com efeito, uma velha caixa de charutos, embrulhada num papel de dobras já sujas e gastas, com marcas de lacre onde se distinguia uma divisa que seria decerto a da Monforte — *Pro Amore*. Na tampa tinha escrito, numa letra de mulher mal

ensinada: *Monsieur Guimaran, à Paris*. Ao sentir os passos do criado, deitou-lhe por cima uma toalha, que pendia ao lado, numa cadeira. E daí e meia hora rolava pelo Aterro numa tipoia descoberta, mais animado, respirando largamente aquele belo ar da manhã, fino e fresco, que ele tão raras vezes gozava. Começou por uma contrariedade. Vilaça já saíra e a criada não sabia bem se ele fora para o escritório, se a uma vistoria ao Alfeite... Ega largou para o escritório, na Rua da Prata. O Sr. Vilaça ainda não viera...

— E a que horas virá?

O escrevente, um rapaz macilento que torcia nervosamente sobre o colete uma corrente de coral, balbuciou que o Sr. Vilaça não devia tardar, se não tivesse atravessado, no vapor das nove, para o

Alfeite... Ega desceu desesperado.

— Bem — gritou ao cocheiro — vai ao Café Tavares... No Tavares, ainda solitário àquela hora, um moço areava o sobrado. E enquanto esperava o almoço, Ega percorreu os jornais. Todos falavam do sarau, em linhas curtas, prometendo detalhes críticos, mais tarde, sobre esse brilhante torneio artístico. Só a *Gazeta Ilustrada* se alargava, com frases sérias, tratando o Rufino de *grandioso*, o Cruges de*esperançoso*; no Alencar a *Gazeta* separava o filósofo do poeta; ao filósofo a *Gazeta* lembrava, com respeito, que nem todas as aspirações ideais da filosofia, belas como miragens de deserto, são realizáveis na prática social; mas ao poeta, ao criador de tão formosas imagens, de tão inspiradas estâncias,

a *Gazeta* desafogadamente bradava: «Bravo! Bravo!» Havia ainda outras abomináveis sandices. Depois seguia-se a lista das pessoas que a *Gazeta* se recordava de ter visto, entre as quais «destacava, com o seu monóculo, o fino perfil de João da Ega, sempre brilhante de *verve*». Ega sorriu, cofiando o bigode. Justamente o bife chegava fumegante, chiando na frigideirinha de barro. Ega pousou a *Gazeta* ao lado, dizendo consigo: «Não é nada mal feito, este jornal!» O bife era excelente: — e depois de uma perdiz fria, de um pouco de doce de ananás, de um café forte, Ega sentiu adelgaçar-se, enfim, aquele negrume que desde a véspera lhe pesava na alma. No fim, pensava ele, acendendo o charuto e lançando os olhos ao relógio, naquele

desastre, praticamente encarado, só havia para Carlos a perda de uma bela amante. E essa perda que, agora, o angustiava, não traria depois compensações? O futuro de Carlos até aí tinha uma sombra — aquela promessa de casamento que, irreparavelmente, o colava pela honra a uma mulher muito interessante, mas com um passado cheio de brasileiros e de irlandeses... A sua beleza poetizava tudo: mas quanto tempo mais duraria esse encanto, o seu brilho de deusa pisando a Terra?... Não seria, por fim, aquela descoberta do Guimarães uma libertação providencial? Daí a anos Carlos estaria consolado, sereno como se nunca tivesse sofrido — e livre, e rico, com o largo mundo diante de si! O relógio do café deu dez horas. «Bem, vamos a isto», pensou

Ega.

De novo a tipoia bateu para a Rua da Prata. O Sr. Vilaça ainda não viera, o escrevente estava realmente pensando que o Sr. Vilaça fora ao Alfeite. E diante desta incerteza, de repente, Ega ficou de novo descoroçoado, sem coragem. Despediu a tipoia: com o embrulho do cofre na mão foi andando pela Rua do Ouro, depois até ao Rossio, parando distraidamente diante de um ourives, lendo aqui e além a capa de um livro na vitrina dos livreiros. Pouco a pouco o negrume da véspera, um momento adelgaçado, recaía-lhe na alma mais denso. Já não via as «libertações», nem as «compensações». Só sentia em torno de si, como flutuando no ar, aquele horror — Carlos a dormir com a irmã.

Voltou pela Rua da Prata, de novo

subiu a suja escadaria de pedra; e logo no patamar, diante da porta de baeta verde, deu com o Vilaça, que saía, atarefado, calçando as luvas.

— Homem, até que enfim!

— Ah! era o amigo que me tinha procurado?... Pois tenha paciência, que está o visconde de Torral à minha espera... Ega quase o empurrou. Qual visconde!... Tratava-se de uma coisa muito urgente, muito séria! Mas o outro não se arredava da porta, acabando de calçar a luva, com o mesmo ar vivo de negócio e de pressa.

— O amigo bem vê... Está o homem à espera! É um *rendez-vous* para as onze!

Ega, já furioso, agarrou-lhe a manga, murmurou-lhe junto à face,

tragicamente, que se tratava de Carlos, de um caso de vida ou de morte! Então o Vilaça, num grande espanto, atravessou bruscamente o escritório, fez entrar Ega num cubículo ao lado, estreito como um corredor, com um canapé de palhinha, uma mesa onde os livros tinham pó, e um armário ao fundo. Fechou a porta, atirou o chapéu para a nuca:

— Então que é?

Ega, com um gesto, indicou fora o escrevente que podia escutar. O procurador abriu a porta, gritou ao rapazola que voasse ao Hotel Pelicano, pedir ao senhor visconde do Torral a fineza de esperar meia hora... Depois, fechada a porta no ferrolho, foi a mesma exclamação ansiosa:

— Então que é?

— É um horror, Vilaça, um grande horror... Nem eu sei por onde hei de começar.

Vilaça, já muito pálido, pousou lentamente o guarda-chuva sobre a mesa.

— É duelo?

— Não... É isto... Você sabia que o Carlos tinha relações com uma Sr. a Mac Gren, que veio o inverno passado a Portugal, ficou aí?... Uma senhora brasileira, mulher de um brasileiro, que passara o verão nos Olivais?... Sim, Vilaça sabia. Falara até nisso com o Eusebiozinho.

— Ah, com o Eusébio?... Pois não é brasileira! É portuguesa, e é irmã dele!

Vilaça caiu para o canapé, batendo as mãos num assombro.

— Irmã do Eusébio!

— Qual do Eusébio, homem!... Irmã de Carlos!

Vilaça ficara mudo, sem compreender, com os olhos terrivelmente arregalados para o outro, que se movia pelo cubículo, repetindo: «Irmã! irmã legítima!» Ega por fim sentou-se no canapé de palhinha; e baixo, muito baixo, apesar da solidão do escritório, contou o seu encontro com o Guimarães no sarau, e como a verdade terrível estalara casualmente, numa palavra, à esquina do Aliança... Mas quando falou dos papéis, entregues pela Monforte ao Guimarães, há tantos anos guardados, nunca reclamados, e que o democrata agora, tão de repente, tão urgentemente, queria restituir à família — Vilaça, até aí esmagado e como emparvecido, despertou, teve uma

explosão:

— Aí há marosca! Tudo isso é para apanhar dinheiro!...

— Apanhar dinheiro! Quem?

— Quem!? — exclamou Vilaça de pé, arrebatadamente. — Essa senhora, esse Guimarães, essa tropa!... É que o amigo não percebe! Se aparecer uma irmã do Maia, legítima e autêntica, são quatrocentos contos e pico que cabem à irmã do Maia!...

Então os dois ficaram-se devorando com os olhos, na forte impressão daquela ideia inesperada que, a seu pesar, abalava o Ega. Mas como o procurador, trémulo, voltava à grande soma de quatrocentos contos, lembrava a *Companhia do Olho Vivo*, Ega terminou por encolher os ombros:

— Isso não tem verosimilhança nenhuma! Ela é incapaz, absolutamente incapaz, de semelhante intriga. Além disso, se é uma questão de dinheiro, que necessidade tinha de se fazer passar como irmã, desde que Carlos lhe prometera casar com ela?

Casar com ela! Vilaça erguia as mãos, não queria acreditar. O quê! o Sr. Carlos da Maia dar a sua mão, o seu nome, a essa criatura amigada com um brasileiro!?... Santíssimo nome de Deus! E através do assombro, recrescia-lhe a desconfiança, via aí um novo feito do *Olho Vivo*.

— Não senhor, Vilaça, não senhor! — insistiu Ega, já impaciente. — Se a questão é de documentos e se ela os tinha, verdadeiros ou falsificados, apresentava-

os logo, não ia primeiro dormir com o irmão!

Vilaça baixou lentamente os olhos para o sobrado. Um terror invadia-o diante daquela grande casa, que era o seu orgulho, partida em metade, empolgada por uma aventureira... Mas como o Ega, muito nervoso, lembrava que de resto a questão não era de documentos, nem de legalidade, nem de fortuna — o procurador teve outro grito, com a face de novo alumiada:

— Espere, homem, há outra coisa!... Talvez ela seja filha do italiano!

— E então?... Vem a dar na mesma.

— Alto lá! — berrou o procurador, batendo com o punho na mesa. — Não tem direito à legítima do

pai, e não apanha um real desta casa!... Irra, aí é que está o ponto!

Ega teve um gesto desolado. Não, nem isso, desgraçadamente! Esta era a filha de Pedro da Maia. O Guimarães conhecia-a de a trazer ao colo, de lhe dar bonecas quando ela tinha sete anos, e quando apenas havia quatro ou cinco anos que o italiano estivera em Arroios, de cama, com uma chumbada. A filha desse morrera em Londres, pequenina.

Vilaça recaiu no canapé, sucumbido.

— Quatrocentos contos, que bolada!

Então Ega resumiu. Se não existia ainda uma certeza legal, havia já uma forte suspeita. E desde logo não se podia deixar o pobre Carlos, inocentemente, a

chafurdar naquela sordidez. Era pois indispensável revelar tudo a Carlos, nessa noite...

— E você, Vilaça, é que tem de lho dizer.

Vilaça deu um salto, que fez bater o canapé contra a parede.

— Eu!?

— Você, que é o procurador da casa!

Que havia ali senão uma questão de filiação, portanto de legítima? A quem pertenciam esses detalhes legais senão ao procurador?

Vilaça murmurou com todo o sangue na face:

— Homem, o amigo mete-me numa!...

Não. Ega metia-o apenas naquilo

em que o Vilaça, como procurador, logicamente e profissionalmente devia estar.

O outro protestou, tão perturbado que gaguejava. Que diabo! Não era esquivar-se aos seus deveres! Mas é que ele não sabia nada! Que podia dizer ao Sr. Carlos da Maia? «O amigo Ega veio-me contar isto, que lhe contou um tal Guimarães ontem à noite no Loreto...» Não tinha a dizer mais nada...

— Pois diga isso.

O outro encarou Ega com os olhos que chamejavam:

— Diga isso, diga isso... Que diabo, senhor, é necessário ter topete!

Deu um puxão desesperado ao colete, foi bufando até ao fundo do cubículo, onde esbarrou com o armário.

Voltou, tornou a encarar o Ega:

— Não se vai a um homem com uma coisa dessas, sem provas... Onde estão as provas?...

— Ó Vilaça, desculpe, você está obtuso... A que vim eu aqui senão trazer-lhe as provas, as que há, boas ou más, a história do Guimarães, essa caixa com os papéis da Monforte?...

Vilaça, que resmungava, foi examinar a caixa, virando-a nas mãos, decifrando o mote do sinete: *Pro Amore*.

— Então abrimo-la?

Já Ega puxara uma cadeira para a mesa. Vilaça cortou o papel, gasto nos cantos, que envolvia o cofre. E apareceu efetivamente uma velha caixa de charutos, pregada com duas tachas, cheia de papéis, alguns em maços apertados por fitas,

outros soltos dentro de sobrescritos abertos, que tinham o monograma da Monforte, sob uma coroa de marquês. Ega desembrulhou o primeiro maço. Eram cartas em alemão, que ele não percebia, datadas de Budapeste e de Carlsruhe.

— Bem, isto não nos diz nada... Adiante!

Outro embrulho, a que Vilaça cuidadosamente desapertou o nó cor-de-rosa, resguardava uma caixa oval, com a miniatura de um homem de bigodes e suíças ruivas, entalado na alta gola dourada de uma farda branca. Vilaça achou a pintura «linda».

— Algum oficial austríaco — rosnou Ega. — Outro amante... — *Ça marche*.

Iam tirando os papéis por ordem,

com a ponta dos dedos, como tocando em relíquias. Um largo envelope atulhado de contas de modistas, algumas pagas, outras sem recibo, interessou profundamente o Vilaça — que percorria os itens, espantado dos preços, das infinitas invenções do luxo. Contas de seis mil francos! Um só vestido, dois mil francos!... Outro maço trouxe uma surpresa. Eram cartas de Maria Eduarda à mãe, escritas do convento, numa letra redonda e trabalhada como um desenho, com frasezinhas cheias de gravidade devota, ditadas decerto pelas boas Irmãs; e nestas composições, virtuosas e frias como temas, o sincero coração da rapariga só transparecia nalguma florzinha, agora seca, pregada no alto do papel com um alfinete.

— Isto põe-se de parte — murmurou Vilaça.

Então Ega, já impaciente, esvaziou toda a caixa sobre a mesa, alastrou os papéis. E entre cartas, outras contas, bilhetes de visita, um grande sobrescrito destacou com esta linha a tinta azul:*Pertence a minha filha Maria Eduarda*. Foi Vilaça que lançou os olhos, rapidamente, à enorme folha de papel que ele continha, luxuosa e documental, com o monograma de oiro sob a coroa de marquês. Quando o passou em silêncio para a mão do Ega, parecia sufocado, com todo o sangue nas orelhas.

Ega leu-o alto, devagar. Dizia:

Como a Maria teve a pequena e anda muito fraca, e eu também me não sinto nada boa com umas pontadas,

parece-me prudente, para o que possa vir a suceder, fazer aqui uma declaração que te pertence a ti, minha querida filha, e que só sabe o padre Talloux (*Mr. l'abbé Talloux, coadjuteur à Saint-Roch*) porque lho disse há dois anos, quando tive a pneumonia. E é o seguinte: Declaro que minha filha Maria Eduarda, que costuma assinar Maria Calzaski, por supor ser esse o nome de seu pai, é portuguesa e filha de meu marido Pedro da Maia, de quem me separei voluntariamente, trazendo-a comigo para Viena, depois para Paris, e que agora vive em companhia de Patrick Mac Gren, em Fontainebleau, com quem vai casar. E o pai de meu marido era meu sogro Afonso da Maia, viúvo, que vivia em Benfica e também em Santa Olávia, ao pé do rio Douro. O que tudo se pode

verificar em Lisboa, pois devem lá estar os papéis; e os meus erros, de que vejo agora as consequências, não devem impedir que tu, minha querida filha, tenhas a posição e fortuna que te pertencem. E por isso aqui declaro tudo isto que assino, no caso que o não possa fazer diante de um tabelião, o que tenciono logo que esteja melhor. E de tudo, se eu vier a morrer, o que Deus não permita, peço perdão a minha filha. E assino com o meu nome de casada — *Maria Monforte da Maia*.

Ega ficou a olhar para o Vilaça. O procurador só pôde murmurar, com as mãos cruzadas sobre a mesa:

— Que bolada! Que bolada!

Então Ega ergueu-se. Bem! Agora tudo se simplificava. Havia unicamente a

entregar aquele documento a Carlos, sem comentários. Mas o Vilaça coçava a cabeça, retomado por uma dúvida:

— Eu não sei se este papelinho faria fé em juízo...

— Qual fé, qual juízo! — exclamou Ega violentamente. — É o bastante para que ele não torne a dormir com ela!...

Uma pancada tímida na porta do cubículo fê-lo estacar, inquieto. Desandou a chave. Era o escrevente, que segredou através da frincha:

— O Sr. Carlos da Maia ficou agora lá em baixo no carrinho, quando eu entrei, perguntou pelo Sr. Vilaça.

Houve um pânico! Ega, atarantado, agarrara o chapéu do Vilaça. O procurador atirava às mãos ambas, para

dentro de uma gaveta, os papéis da Monforte.

— É talvez melhor dizer que não está — lembrou o escrevente.

— Sim, que não está! — foi o grito abafado de ambos. Ficaram à escuta, ainda pálidos. O *dog-cart* de Carlos rolou na calçada: os dois amigos respiraram. Mas agora Ega arrependia-se de não terem mandado subir Carlos — e ali mesmo, sem outras vacilações nem pieguices, corajosamente, contarem tudo, diante daqueles papéis bem abertos. E estava saltado o barranco!

— Homem — dizia o Vilaça passando o lenço pela testa — as coisas querem-se devagar, com método. É necessário preparar-se a gente, respirar para dar bem o mergulho...

Em todo o caso, concluiu o Ega, eram ociosas mais conversas. Os outros papéis da caixa perdiam o interesse, depois daquela confissão da Monforte. Só restava que Vilaça aparecesse à noite no*Ramalhete*, às oito e meia, ou nove horas, antes de Carlos sair para a Rua de S. Francisco.

— Mas o amigo há de lá estar! — exclamou o procurador, já aterrado.

Ega prometeu. Vilaça teve um pequeno suspiro. Depois, no patamar, onde viera acompanhar o outro:

— Uma destas, uma destas!... E eu, ainda tão contente, a jantar no *Ramalhete*...

— E eu, com eles, na Rua de S. Francisco!...

— Enfim, até à noite!

— Até à noite.

Ega não se atreveu nesse dia a voltar ao *Ramalhete*, a jantar diante de Carlos, a ver-lhe a alegria e a paz — sentindo aquela negra desgraça que descia sobre ele à maneira que a noite descia. Foi pedir as sopas ao marquês, que desde o sarau se conservava em casa, de garganta entrapada. Depois, às oito e meia, quando calculou que Vilaça devia estar já no *Ramalhete*, deixou o marquês, que se enfronhara com o capelão numa partida de damas.

Aquele lindo dia, toldado de tarde, findara numa chuvinha miúda que transia as ruas. Ega tomou uma tipoia. E parava no *Ramalhete*, já terrivelmente nervoso, quando avistou Vilaça no portal, de guarda-chuva sob o braço, arregaçando

as calças para sair.

— Então? — gritou-lhe o Ega.

Vilaça abriu o guarda-chuva, para murmurar de baixo, mas em segredo:

— Não foi possível... Disse que tinha muita pressa, que não me podia ouvir.

Ega bateu o pé, desesperado:

— Oh, homem!

— Que quer o amigo? Havia de o agarrar à força? Ficou para amanhã... Tenho de cá estar amanhã às onze horas.

Ega galgou as escadas, rosnando entredentes: «Irra! Não saímos desta!» Foi até ao escritório de Afonso. Mas não entrou. Através de uma fenda larga do reposteiro meio franzido, um canto da sala aparecia, quente e cheio de conchego, no doce tom cor-de-rosa da luz, caindo sobre

os damascos: as cartas esperavam na mesa do *whist*: no sofá bordado a matiz, D. Diogo, murcho e mole, olhava o lume, cofiando os bigodes. E, travadas nalguma questão, a voz do Craft, que perpassou de cachimbo na mão, e a voz mais lenta de Afonso, tranquilo na sua poltrona, misturavam-se, abafadas pela do Sequeira, que berrava furiosamente: «Mas se amanhã houvesse uma bernarda, esse exército com que os senhores querem acabar, por ser uma escola de vadiagem, é que lhes havia de guardar as costas... É bom falar, ter muita filosofia! Mas quando elas chegam, se não há meia dúzia de baionetas prontas, então são as cólicas!...» Ega foi dali aos quartos de Carlos. As velas ardiam ainda nas serpentinas: um aroma errava, de água de

Lubin e charuto: e o Batista disse-lhe que o Sr. D. Carlos «saíra havia dez minutos». Fora para a Rua de S. Francisco! Ia lá dormir! Então enervado, com a longa e triste noite diante de si, Ega teve um apetite de se atordoar, dissipar numa excitação forte as ideias que o torturavam. Não despedira a tipoia, abalou para S. Carlos. E findou por ir cear ao Augusto, com o Taveira e duas raparigas, a Paca e a Cármen Filósofa, prodigalizando o champanhe. Às quatro da manhã estava bêbedo, estatelado sobre o sofá, gemendo sentimentalmente, só para si, as estrofes de Musset à Malibran... O Taveira e a Paca, juntinhos na mesma cadeira, ele com o seu ar terno de chulo, ela *muy caliente* também, debicavam copinhos de gelatina. E a Cármen Filósofa,

empanturrada, desapertada, com o colete embrulhado já num *Diário de Notícias*, repicava a faca na borda do prato, cantarolando de olhos perdidos nos bicos de gás:

Señor alcalde mayor,
No prenda usted los ladrones...

Acordou ao outro dia às nove horas, ao lado da Cármen Filósofa, num quarto de grandes janelas rasgadas, por onde entrava toda a melancolia da escura manhã de chuva. E, enquanto não vinha a tipoia fechada que a servente correra a chamar, o pobre Ega, enojado, vexado, com a língua pastosa, os pés nus sobre o tapete, reunindo o fato espalhado, tinha só uma ideia clara — fugir dali para um grande banho, bem perfumado e bem fresco, onde se purificasse de uma

sensação viscosa de Cármen e de orgia que o arrepiava.

Esse banho lustral, foi tomá-lo ao Hotel Bragança, para se encontrar com Carlos e com Vilaça às onze horas, já lavado e preparado. Mas precisou esperar pela roupa branca que o cocheiro, com um bilhete para o Batista, voara a buscar ao *Ramalhete*: depois almoçou: e já batera meio-dia quando se apeou à porta particular dos quartos de Carlos, com a roupa suja numa trouxa. Justamente Batista atravessava o patamar com camélias num açafate.

— O Vilaça já veio? — perguntou-lhe Ega baixo, andando em pontas de pés.

— O Sr. Vilaça já lá está dentro há bocado. Vossa Excelência recebeu a roupa

branca? Eu também mandei um fato, porque nesses casos sempre dá mais frescura...

— Obrigado, Batista, obrigado!

E Ega pensava: «Bem, Carlos já sabe tudo, o barranco está passado!» Mas demorou-se ainda, tirando as luvas e o paletó com uma lentidão cobarde. Por fim, sentindo bater alto o coração, puxou o reposteiro de veludo. Na antecâmara pesava um silêncio; a chuva grossa fustigava a porta envidraçada, por onde se viam as árvores do jardim esfumadas na névoa. Ega levantou o outro reposteiro, que tinha bordadas as armas dos Maias.

— Ah! és tu? — exclamou Carlos, erguendo-se da mesa de trabalho, com uns papéis na mão.

Parecia ter conservado um ânimo

viril e firme: apenas os olhos lhe rebrilhavam, com um fulgor seco, ansiosos e mais largos na palidez que o cobria. Vilaça, sentado defronte, passava vagarosamente pela testa, num movimento cansado, o lenço de seda da Índia. Sobre a mesa alastravam-se os papéis da Monforte.

— Que diabo de embrulhada é esta, que me vem contar o Vilaça? — rompeu Carlos, cruzando os braços diante do Ega, numa voz que apenas de leve tremia.

Ega balbuciou:

— Eu não tive coragem de te dizer...

— Mas tenho eu para ouvir!... Que diabo te contou esse homem? Vilaça ergueu-se imediatamente. Ergueu-se com a

pressa de um galucho tímido que é rendido num posto arriscado, pediu licença, se não precisavam dele, para voltar ao escritório. Os amigos decerto preferiam conversar mais livremente. De resto, ali ficavam os papéis da Sr. a D. Maria Monforte. E se ele fosse necessário, um recado encontrava-o na Rua da Prata ou em casa...

— E Vossa Excelência compreende — acrescentou ele, enrolando nas mãos o lenço de seda — eu tomei a iniciativa de vir falar, por ser o meu dever, como amigo confidencial da casa... Foi essa também a opinião do nosso Ega...

— Perfeitamente, Vilaça, obrigado! — acudiu Carlos. — Se for necessário lá mando...

O procurador, com o lenço na mão, lançou em redor um olhar lento. Depois espreitou debaixo da mesa. Parecia muito surpreendido. E Carlos seguia com impaciência os passos tímidos que ele dava pelo quarto, procurando...

— Que é, homem?

— O meu chapéu. Imaginei que o tinha posto aqui... Naturalmente ficou lá fora... Bem, se for necessário alguma coisa... Mal ele saiu, atirando ainda os olhos inquietos pelos cantos, Carlos fechou violentamente o reposteiro. E voltando para o Ega, caindo pesadamente numa cadeira:

— Dize lá!

Ega, sentado no sofá, começou por contar o encontro com o Sr. Guimarães, em baixo, no botequim da Trindade,

depois de ter falado o Rufino. O homem queria explicações sobre a carta do Dâmaso, sobre a bebedeira hereditária... Tudo se aclarara, ficando daí entre eles um começo de familiaridade...

Mas o reposteiro mexeu de leve — e surdiu de novo a face do Vilaça:

— Peço desculpa, mas é o meu chapéu... Não o acho, havia de jurar que o deixei aqui...

Carlos conteve uma praga. Então Ega procurou também, por trás do sofá, no vão da janela. Carlos, desesperado, para findar, foi ver entre os cortinados da cama. E Vilaça, escarlate, aflito, esquadrinhava até a alcova do banho...

— Um sumiço assim! Enfim, talvez me esquecesse na antecâmara!... Vou ver outra vez... O que peço é

desculpa.

Os dois ficaram sós. E Ega recomeçou, detalhando como Guimarães, duas ou três vezes nos intervalos, lhe viera falar de coisas indiferentes, do sarau, de política, do papá Hugo, etc. Depois ele procurara Carlos para irem um bocado ao Grémio. Terminara por sair com Cruges. E passavam defronte do Aliança...

Novamente o reposteiro franziu, Batista pediu perdão a Suas Excelências:

— É o Sr. Vilaça que não acha o chapéu, diz que o deixou aqui... Carlos ergueu-se furioso, agarrando a cadeira pelas costas, como para despedaçar o Batista.

— Vai para o Diabo tu e o Sr. Vilaça!... Que saia sem chapéu! Dá-lhe um

chapéu meu! Irra!

Batista recuou, muito grave.

— Vá, acaba lá! —exclamou Carlos, recaindo no assento, mais pálido.

E Ega, miudamente, contou a sua longa, terrível conversa com o Guimarães, desde o momento em que o homem, por acaso, já ao despedir-se, já ao estender-lhe a mão, falara da «irmã do Maia». Depois entregara-lhe os papéis da Monforte à porta do *Hotel Paris*, no Pelourinho...

— E aqui está, não sei mais nada. Imagina tu que noite eu passei! Mas não tive coragem de te dizer. Fui ao Vilaça... Fui ao Vilaça com a esperança sobretudo de ele saber algum facto, ter algum documento que atirasse por terra toda esta história do Guimarães... Não tinha nada,

não sabia nada. Ficou tão aniquilado como eu! No curto silêncio que caiu, um chuveiro mais largo, alagando o arvoredo do jardim, cantou nas vidraças. Carlos ergueu-se arrebatadamente, numa revolta de todo o ser:

— E tu acreditas que isso seja possível? Acreditas que suceda a um homem como eu, como tu, numa rua de Lisboa? Encontro uma mulher, olho para ela, conheço-a, durmo com ela e, entre todas as mulheres do mundo, essa justamente há de ser minha irmã! É impossível... Não há Guimarães, não há papéis, não há documentos que me convençam!

E como Ega permanecia mudo, a um canto do sofá, com os olhos no chão:

— Dize alguma coisa — gritou-

lhe Carlos. Duvida também, homem, duvida comigo!... É extraordinário! Todos vocês acreditam, como se isto fosse a coisa mais natural do mundo, e não houvesse por essa cidade fora senão irmãos a dormir juntos!

Ega murmurou:

— Já ia sucedendo um caso assim, lá ao pé da quinta, em Celorico...

E nesse momento, sem que um rumor os prevenisse, Afonso da Maia apareceu numa abertura do reposteiro, encostado à bengala, sorrindo todo com alguma ideia que decerto o divertia. Era ainda o chapéu do Vilaça.

— Que diabo fizeram vocês ao chapéu do Vilaça? O pobre homem andou por aí aflito... Teve de levar um chapéu meu. Caía-lhe pela cabeça abaixo

enchumaçaram-lho com lenços... Mas subitamente reparou na face transtornada do neto. Reparou na atarantação do Ega, cujos olhos mal se fixavam, fugindo ansiosamente dele para Carlos. Todo o sorriso se lhe apagou, deu no quarto um passo lento:

— Que é isso, que têm vocês... Há alguma coisa?

Então Carlos, no ardente egoísmo da sua paixão, sem pensar no abalo cruel que ia dar ao pobre velho, cheio só de esperança que ele, seu avô, testemunha do passado, soubesse algum facto, possuísse alguma certeza contrária a toda essa história do Guimarães, a todos esses papéis da Monforte — veio para ele, desabafou:

— Há uma coisa extraordinária,

avô! O avô talvez saiba... O avô deve saber alguma coisa que nos tire desta aflição!... Aqui está, em duas palavras. Eu conheço aí uma senhora que chegou há tempos a Lisboa, mora na Rua de S. Francisco. Agora, de repente, descobre-se que é minha irmã legítima!. .. Passou aí um homem que a conhecia, que tinha uns papéis... Os papéis aí estão. São cartas, uma declaração de minha mãe... Enfim, uma trapalhada, um montão de provas... Que significa tudo isto? Essa minha irmã, a que foi levada em pequena, não morreu?... O avô deve saber!

Afonso da Maia, que um tremor tomara, agarrou-se um momento com força à bengala, caiu por fim pesadamente numa poltrona, junto do reposteiro. E ficou devorando o neto, o Ega, com um olhar

esgazeado e mudo.

— Esse homem — exclamou Carlos — é um Guimarães, um tio do Dâmaso... Falou com o Ega, foi ao Ega que entregou os papéis... Conta tu ao avô, Ega, conta tu do começo!

Ega, com um suspiro, resumiu a sua longa história. E findou por dizer que o importante, o decisivo ali era que esse homem, o Guimarães, que não tinha interesse em mentir e só por acaso, puramente por acaso, falara em tais coisas, conhecia essa senhora, desde pequenina, como filha de Pedro da Maia e de Maria Monforte. E nunca a perdera de vista. Vira-a crescer em Paris, andara com ela ao colo, dera-lhe bonecas. Visitara-a com a mãe no convento. Frequentara a casa que ela habitava em Fontainebleau,

como casada...

— Enfim — interrompeu Carlos — viu-a ainda há dias, numa carruagem, comigo e com o Ega... Que lhe parece, avô?

O velho murmurou, num grande esforço, como se as palavras saindo lhe rasgassem o coração:

— Essa senhora, está claro, não sabe nada...

Ega e Carlos, a um tempo, gritaram: «Não sabe nada!» Segundo afirmava o Guimarães, a mãe escondera-lhe sempre a verdade. Ela julgava-se filha de um austríaco. Assinava-se ao princípio Calzaski...

Carlos, que remexera sobre a mesa, adiantou-se com um papel na mão:

— Aqui tem o avô a declaração da

minha mãe.

O velho levou muito tempo a procurar, a tirar a luneta de entre o colete, com os seus pobres dedos que tremiam; leu o papel devagar, empalidecendo mais a cada linha, respirando penosamente; ao findar deixou cair sobre os joelhos as mãos, que ainda agarravam o papel, ficou como esmagado e sem força. As palavras por fim vieram-lhe apagadas, morosas. Ele nada sabia... O que a Monforte ali assegurava, ele não o podia destruir... Essa senhora da Rua de S. Francisco era talvez, na verdade, sua neta... Não sabia mais... E Carlos diante dele vergava os ombros, esmagado também sob a certeza da sua desgraça. O avô, testemunha do passado, nada sabia! Aquela declaração, toda a história do Guimarães aí

permaneciam inteiras, irrefutáveis. Nada havia, nem memória de homem, nem documento escrito, que as pudesse abalar. Maria Eduarda era, pois, sua irmã!... E um defronte do outro, o velho e o neto pareciam dobrados por uma mesma dor — nascida da mesma ideia. Por fim Afonso ergueu-se fortemente encostado à bengala, foi pousar sobre a mesa o papel da Monforte. Deu um olhar, sem lhes tocar, às cartas espalhadas em volta da caixa de charutos. Depois, lentamente, passando a mão pela testa:

— Nada mais sei... Sempre pensámos que essa criança tinha morrido... Fizeram-se todas as pesquisas... Ela mesma disse que lhe tinha morrido a filha, mostrou já não sei a quem um retrato...

— Era outra mais nova, a filha do italiano disse o Ega. — O Guimarães falou-me nisso... Foi esta que viveu. Esta, que tinha já sete a oito anos, quando havia apenas quatro ou cinco que esse sujeito italiano aparecera em Lisboa... Foi esta.

— Foi esta — murmurou o velho.

Teve um gesto vago de resignação, acrescentou, depois de respirar fortemente:

— Bem! Tudo isto tem de ser mais pensado... Parece-me bom tornar a chamar o Vilaça... Talvez seja necessário que ele vá a Paris... E antes de tudo precisamos sossegar. De resto não há aqui morte de homem... Não há aqui morte de homem!

A voz sumia-se-lhe, toda trémula. Estendeu a mão a Carlos, que lha beijou, sufocado; e o velho, puxando o neto para

si, pousou-lhe os lábios na testa. Depois deu dois passos para a porta, tão lentos e incertos que Ega correu para ele:

— Tome Vossa Excelência o meu braço...

Afonso apoiou-se nele, pesadamente. Atravessaram a antecâmara silenciosa, onde a chuva contínua batia os vidros. Por detrás deles caiu o grande reposteiro, com as armas dos Maias. E então Afonso, de repente, soltando o braço do Ega, murmurou-lhe junto à face, no desabafo de toda a sua dor:

— Eu sabia dessa mulher!... Vive na Rua de S. Francisco, passou todo o verão nos Olivais... É a amante dele!

Ega ainda balbuciou: «Não, não, Sr. Afonso da Maia!» Mas o velho pôs o dedo nos lábios, indicou Carlos dentro,

que podia ouvir... E afastou-se, todo dobrado sobre a bengala, vencido enfim por aquele implacável destino que, depois de o ter ferido na idade da força com a desgraça do filho — o esmagava ao fim da velhice com a desgraça do neto.

Ega enervado, exausto, voltou para o quarto — onde Carlos recomeçara naquele agitado passeio que abalava o soalho, fazia tilintar finamente os frascos de cristal sobre o mármore da *console*. Calado, junto da mesa, Ega ficou percorrendo outros papéis da Monforte: cartas, um livrinho de marroquim com *adresses*, bilhetes de visita de membros do Jockey Club e de senadores do Império. Subitamente Carlos parou diante dele, apertando desesperadamente as mãos:

— Estarem duas criaturas em pleno Céu, passar um *quidam*, um idiota, um Guimarães, dizer duas palavras, entregar uns papéis e quebrar para sempre duas existências!... Olha que isto é horrível, Ega!

Ega arriscou uma consolação banal:

— Era pior se ela morresse...

— Pior porquê? — exclamou Carlos. — Se ela morresse, ou eu, acabava o motivo desta paixão, restava a dor e a saudade, era outra coisa... Assim estamos vivos, mas mortos um para o outro, e viva a paixão que nos unia!... Pois tu imaginas que por me virem provar que ela é minha irmã, eu gosto menos dela do que gostava ontem, ou gosto de um modo diferente? Está claro que não! O meu

amor não se vai de uma hora para a outra acomodar a novas circunstâncias, e transformar-se em amizade... Nunca! Nem eu quero! Era uma brutal revolta — o seu amor defendendo-se, não querendo morrer, só porque as revelações de um Guimarães e uma caixa de charutos cheia de papéis velhos o declaravam impossível, e lhe ordenavam que morresse!

Houve outro melancólico silêncio. Ega acendeu uma *cigarette*, foi-se enterrar ao canto do sofá. Uma fadiga ia-o vencendo, feita de toda aquela emoção, da noitada no Augusto, da estremunhada manhã na alcova da Cármen. Todo o quarto ia entristecendo, à luz mais triste da tarde de inverno que descia. Ega terminou por cerrar os olhos. Mas bem

depressa o sacudiu outra exclamação de Carlos, que de novo, diante dele, apertava as mãos com desespero:

— E o pior ainda não é isto, Ega! O pior é que temos de lhe dizer tudo, de lhe contar tudo, a ela!...

Ega já pensara nisso... E era necessário que se lhe dissesse imediatamente, sem hesitações.

— Vou-lhe eu mesmo contar tudo — murmurou Carlos.

— Tu!?

— Pois quem, então? Querias que fosse o Vilaça...

Ega franziu a testa:

— O que tu devias fazer era meter-te esta noite no comboio, e partir para Santa Olávia. De lá contavas-lhe tudo. Estavas assim mais seguro.

Carlos atirou-se para uma poltrona, com um grande suspiro de fadiga:

— Sim, talvez, amanhã, no comboio da noite... Já pensei nisso, era o melhor... Agora o que estou é muito cansado!

— Também eu — disse o Ega espreguiçando-se. — E já não adiantamos nada, atolamo-nos mais na confusão. O melhor é serenar... Eu vou-me estirar um bocado na cama.

— Até logo!

Ega subiu ao quarto, deitou-se por cima da roupa; e no seu imenso cansaço, bem depressa adormeceu. Acordou tarde a um rumor da porta. Era Carlos que entrava, raspando um fósforo. Anoitecera, em baixo tocava a campainha para o

jantar.

— Demais a mais esta maçada do jantar! — dizia Carlos acendendo as velas no toucador. — Não termos um pretexto para irmos fora, a uma taberna, conversar em sossego! Ainda por cima convidei ontem o Steinbroken.

Depois voltando-se:

— Ó Ega, tu achas que o avô sabe tudo?

O outro saltara da cama, e diante do lavatório arregaçava as mangas:

— Eu te digo... Parece-me que teu avô desconfia... O caso fez-lhe a impressão de uma catástrofe... E, se não suspeitasse o que há, devia-lhe causar simplesmente a surpresa de quem descobre uma neta perdida.

Carlos teve um lento suspiro. Daí

a um instante desciam para o jantar.

Em baixo encontraram, além de Steinbroken e de D. Diogo — o Craft, que viera «pedir as sopas». E em torno àquela mesa, sempre alegre, coberta de flores e de luzes, uma melancolia flutuava nessa tarde, através de uma conversa dormente sobre doenças — o Sequeira que tinha reumatismo, o pobre marquês que piorara. De resto Afonso, no escritório, queixara-se de uma forte dor de cabeça, que justificava o seu ar consumido e *pálido*. Carlos, a quem Steinbroken achara «má cara», explicou também que passara uma noite abominável. Então Ega, para desanuviar o jantar, pediu ao amigo Steinbroken as suas impressões sobre o grande orador do sarau da Trindade, o Rufino. O diplomata hesitou.

Surpreendera-o bastante saber que o Rufino era um político, um parlamentar... Aqueles gestos, o bocado da camisa a ver-se-lhe no estômago, a pera, a grenha, as botas, não lhe pareciam realmente de um homem de Estado:

— Mais cependant, cependant... Dans ce genre là, dans le genre sublime, dans le genre de Demosthènes, il m'a paru très fort... Oh, il m'a paru excessivemente fort!

— E você, Craft?

Craft, no sarau, só gostara do Alencar. Ega encolheu violentamente os ombros. Ora histórias! Nada podia haver mais cómico que a Democracia romântica do Alencar, aquela República meiga e loura, vestida de branco como Ofélia, orando no prado, sob o olhar de Deus...

Mas Craft justamente achava tudo isso excelente por ser sincero. O que feria sempre, nas exibições da literatura portuguesa? A escandalosa falta de sinceridade. Ninguém, em verso ou prosa, parecia jamais acreditar naquilo que declamava com ardor, esmurrando o peito. E assim fora na véspera. Nem o Rufino parecia acreditar na influência da religião; nem o homem da barba bicuda, no heroísmo dos Castros e dos Albuquerques; nem mesmo o poeta dos olhinhos bonitos, na bonitice dos olhinhos... Tudo contrafeito e postiço! Com o Alencar, que diferença! Esse tinha uma fé real no que cantava, na fraternidade dos povos, no Cristo republicano, na Democracia devota e coroada de estrelas...

— Já deve ser bem velho esse Alencar — observou D. Diogo, que rolava bolinhas de pão entre os longos dedos pálidos. Carlos, ao lado, emergiu enfim do seu silêncio:

— O Alencar deve ter bons cinquenta anos.

Ega jurou pelo menos sessenta. Já em 1836 o Alencar publicava coisas delirantes, e chamava pela morte, no remorso de tantas virgens que seduzira...

— Há que anos, com efeito — murmurou lentamente Afonso — eu ouvi falar desse homem!

D. Diogo, que levara os lábios ao copo, voltou-se para Carlos:

— O Alencar tem a idade que havia de ter teu pai... Eram íntimos, dessa roda *distinguée* de então. O Alencar ia

muito a Arroios com o pobre D. João da Cunha, que Deus haja, e com os outros. Era tudo uma fina-flor, e regulavam pela mesma idade... Já nada resta, já nada resta!

Carlos baixara os olhos: todos por acaso emudeceram: um ar de tristeza passou entre as flores e as luzes, como vinda do fundo desse passado, cheio de sepulturas e dores.

— E o pobre Cruges, coitado, que fiasco! — exclamou Ega, para sacudir aquela névoa.

Craft achava o fiasco justo. Para que fora ele dar Beethoven a uma gente educada pela chulice de Offenbach? Mas Ega não admitia esse desdém por Offenbach, umas das mais finas manifestações modernas do ceticismo e da

ironia! Steinbroken acusou Offenbach de não saber contraponto. Durante um momento discutiu-se música. Ega acabou por sustentar que nada havia, em arte, tão belo como o *fado*. E apelou para Afonso, para o despertar.

— Pois não é verdade, Sr. Afonso da Maia? Vossa Excelência também é como eu, um dos fiéis ao fado, à nossa grande criação nacional.

— Sim, com efeito — murmurou o velho, levando a mão à testa, como a justificar o seu modo desinteressado e murcho. — Há muita poesia no fado...

Craft, porém, atacava o fado, as *malaguenhas*, as *peteneras*, toda essa música meridional, que lhe parecia apenas um garganteado gemebundo, prolongado infinitamente, em ais de esterilidade e de

preguiça. Ele, por exemplo, ouvira uma noite uma *malaguenha*, umas dessas famosas *malaguenhas*, cantada em perfeito estilo por uma senhora de Málaga. Era em Madrid, em casa dos Villa-Rubia. A senhora põe-se ao piano, rosna uma coisa sobre *piedra e sepultura*, e rompe a gemer num gemido que não findava: *Ã-ã-ã-ã-ã-ah*... Pois senhores, ele aborrece-se, passa para outra sala, vê jogar todo um*robber* de *whist*, folheia um imenso álbum, discute a guerra carlista com o general Jovellos, e quando volta, lá estava ainda a senhora, de cravos na trança e olhos no teto, a gemer o mesmo *Ã-ã-ã-ãã-ah*!...

Todos riram. Ega protestou com ímpeto, já excitado. O Craft era um seco inglês, educado sobre o chato seio da

Economia Política, incapaz de compreender todo o mundo de poesia que podia conter um ai! Mas ele não falava das *malaguenhas*. Não estava encarregado de defender a Espanha. Ela possuía, para convencer Craft e outros britânicos, bastante pilhéria e bastante navalha... A questão era o*fado*!

— Onde é que você tem ouvido o fado? Aí pelas salas, ao piano... Com efeito, assim, concordo, é chocho. Mas ouça-o você por três ou quatro guitarristas, uma noite, no campo, com uma bela Lua no céu... Como nos Olivais este verão, quando o marquês lá levou o *Vira-Vira*! Lembras-te, Carlos?...

E estacou, como entalado, no arrependimento daquela memória da *Toca*, que levianamente evocara. Carlos

permanecera silencioso, com uma sombra na face. Craft ainda rosnou que, numa linda noite de luar, todos os sons no campo eram bonitos, mesmo o chiar dos sapos. E de novo uma estranha desanimação amoleceu a sala; os escudeiros serviam os doces.

Então, no silêncio, D. Diogo disse pensativamente, com a sua majestade de leão saudoso que relembra um grande passado:

— Uma música também muito *distinguée*, antigamente, eram os *Sinos do Mosteiro*. Parecia mesmo que se estavam ouvindo sinos... Já não há disso!

O jantar terminava friamente. Steinbroken voltara àquela falta da família real no sarau, que desde a véspera

o inquietava. Ninguém ali se interessava pelo Paço. Depois, D. Diogo surdiu com uma velha e fastidiosa história sobre a infanta D. Isabel. Foi um alívio quando o escudeiro trouxe, em volta, a larga bacia de prata e o jarro de água perfumada.

Ao fim do café, servido no bilhar, Steinbroken e Craft começaram uma partida «às cinquenta» e a quinze tostões, para interessar. Afonso e D. Diogo tinham recolhido ao escritório. Ega enterrara-se no fundo de uma poltrona, com o *Figaro*. Mas bem depressa deixou escorregar a folha no tapete, cerrou os olhos. Então Carlos, que passeava pensativamente fumando, olhou um momento o Ega adormecido, e sumiu-se por trás do reposteiro.

Ia à Rua de S. Francisco.

Mas não se apressava, a pé pelo Aterro, abafado num paletó de peles, acabando o charuto. A noite clareara, com um crescente de Lua entre farrapos de nuvens brancas, que fugiam sob um norte fino.

Fora nessa tarde, só no seu quarto, que Carlos decidira ir falar a Maria Eduarda — por um motivo supremo de dignidade e de razão, que ele descobrira e que repetia a si mesmo, incessantemente, para se justificar. Nem ela nem ele eram duas crianças frouxas, necessitando que a crise mais temerosa da sua vida lhes fosse resolvida e arranjada pelo Ega ou pelo Vilaça: mas duas pessoas fortes, com o ânimo bastante resoluto, e o juízo bastante seguro, para eles mesmos acharem o caminho da dignidade e da razão naquela

catástrofe que lhes desmantelava a existência. Por isso ele, só ele, devia ir à Rua de S. Francisco.

Decerto era terrível tornar a vê-la naquela sala, quente ainda do seu amor, agora que a sabia sua irmã... Mas porque não? Havia acaso ali dois devotos, possuídos da preocupação do Demónio, espavoridos pelo pecado em que se tinham atolado, ainda que inconscientemente, ansiosos por irem esconder, no fundo de mosteiros distantes, o horror carnal um do outro? Não! Necessitavam eles acaso pôr imediatamente entre si as compridas léguas que vão de Lisboa a Santa Olávia, com receio de cair na antiga fragilidade, se de novo os seus olhos se encontrassem, brilhando com a antiga chama? Não!

Ambos tinham em si bastante força para enterrar o coração sob a razão, como sob uma fria e dura pedra, tão completamente que não lhe sentissem mais nem a revolta nem o choro. E ele podia desafogadamente voltar àquela sala, toda quente ainda do seu amor.

De resto, que precisavam apelar para a razão, para a sua coragem de fortes?... Ele não ia revelar bruscamente *toda* a verdade a Maria Eduarda, dizer-lhe um adeus patético, um adeus de teatro, afrontar uma crise de paixão e dor. Pelo contrário! Toda essa tarde, através do seu próprio tormento, procurara ansiosamente um meio de adoçar e graduar àquela pobre criatura o horror da revelação que lhe devia. E achara um por fim, bem complicado, bem

cobarde! Mas quê! Era o único, o único que, por uma preparação lenta, caridosa, lhe pouparia uma dor fulminante e brutal. E esse meio justamente só era praticável indo ele, com toda a frieza, com todo o ânimo, à Rua de S. Francisco.

Por isso ia — e ao longo do Aterro, retardando os passos, resumia, retocava esse plano, ensaiando mesmo consigo, baixo, palavras que lhe diria. Entraria na sala, com um grande ar de pressa — e contava-lhe que um negócio de casa, uma complicação de feitores, o obrigava a partir para Santa Olávia daí a dias. E imediatamente saía, com o pretexto de correr a casa do procurador. Podia mesmo ajuntar: «É um momento, não tardo, até já.» Uma coisa o inquietava. Se ela lhe desse um beijo?...

Decidia então exagerar a sua pressa, conservando o charuto na boca, sem mesmo pousar o chapéu... E saía. Não voltava. Pobre dela, coitada, que ia esperar até tarde, escutando cada rumor de carruagem na rua!... Na noite seguinte abalava para Santa Olávia com o Ega, deixando-lhe a ela uma carta a anunciar que, infelizmente, por causa de um telegrama, se vira forçado a partir nesse comboio. Podia mesmo ajuntar: «Volto daqui a dois ou três dias...» E aí estava longe dela para sempre. De Santa Olávia escrevia-lhe logo, de um modo incerto e confuso, falando de documentos de família, inesperadamente descobertos, provando entre eles um parentesco chegado. Tudo isto atrapalhado, curto, «à pressa». Por fim, noutra carta, deixava

escapar toda a verdade, mandava-lhe a declaração da mãe; e mostrando a necessidade de uma separação, enquanto se não esclarecessem todas as dúvidas, pedia-lhe que partisse para Paris. Vilaça ficava encarregado da questão de dinheiro, entregando-lhe logo, para a viagem, trezentas ou quatrocentas libras... Ah! tudo isto era bem complicado, bem cobarde! Mas só havia esse meio. E quem, senão ele, o podia tentar com caridade e com tato?

E, entre o tumulto destes pensamentos, de repente achou-se na Travessa da Parreirinha, defronte da casa de Maria. Na sala, através das cortinas, transparecia uma luz dormente. Todo o resto estava apagado — a janela do gabinete estreito onde ela se vestia, a

varanda do quarto dela com os vasos de crisântemos.

E pouco a pouco, aquela fachada muda donde apenas saía, a um canto, uma claridade lânguida de alcova adormecida, foi-o estranhamente penetrando de inquietação e desconfiança. Era um medo dessa penumbra mole que sentia lá dentro, toda cheia de calor e de perfume, em que havia jasmim. Não entrou; seguiu devagar pelo passeio fronteiro, pensando em certos detalhes da casa — o sofá largo e profundo com almofadas de seda, as rendas do toucador, o cortinado branco da cama dela... Depois parou diante da larga barra de claridade que saía do portão do Grémio; e foi para lá, maquinalmente, atraído pela simplicidade e segurança daquela entrada, lajeada de pedra, com

grossos bicos de gás, sem penumbras e sem perfumes.

Na sala, em baixo, ficou percorrendo, sem os compreender, os telegramas soltos sobre a mesa. Um criado passou, ele pediu conhaque. Teles da Gama, que vinha de dentro assobiando, com as mãos nos bolsos do paletó, deteve-se um momento para lhe perguntar se ia na terça-feira aos Gouvarinhos.

— Talvez — murmurou Carlos.

— Então venha!... Eu ando a arrebanhar gente... São os anos do Charlie, demais a mais. Cai lá o peso do mundo, e há ceia! O criado entrou com a bandeja — e Carlos, de pé junto da mesa, remexendo o açúcar no copo, recordava, sem saber porquê, aquela tarde em que a condessa, pondo-lhe uma rosa no casaco,

lhe dera o primeiro beijo; revia o sofá onde ela caíra com um rumor de sedas amarrotadas... Como tudo isto era já vago e remoto. Apenas acabou o conhaque, saiu. Agora, caminhando rente das casas, não via aquela fachada, que o perturbava, com sua claridade de alcova morrendo nos vidros. O portão ficara cerrado, o gás ardia no patamar. E subiu, sentindo mais, pela escada de pedra, as pancadas do coração que o pousar dos seus passos. Melanie, que veio, disse-lhe que a senhora, um pouco cansada, se fora encostar sobre a roupa — e a sala, com efeito, parecia abandonada por essa noite, com as serpentinas apagadas, o bordado ocioso e enrolado no seu cesto, os livros num frio arranjo orlando a mesa, onde o candeeiro espalhava uma luz ténue, sob

o *abat-jour* de renda amarela. Carlos tirava as luvas, lentamente, retomado de novo por uma inquietação ante aquele recolhimento adormecido. E de repente Rosa correu de dentro, rindo, pulando, com os cabelos soltos nos ombros, os braços abertos para ele. Carlos levantou-a ao ar, dizendo como costumava: «Lá vem a cabrita...!» Mas então, quando a tinha assim suspensa, batendo os pezinhos atravessou-o a ideia de que aquela criança era sua sobrinha e tinha o seu nome!... Largou-a, quase a deixou cair — assombrado para ela, como se pela vez primeira visse essa facezinha ebúrnea e fina onde corria o seu sangue...

— Que estás tu a olhar para mim? — murmurou ela, recuando e sorrindo, com as mãozinhas cruzadas atrás das saias

que tufavam.

Ele não sabia, parecia-lhe outra Rosa: e à sua perturbação misturava-se uma saudade pela antiga Rosa, a outra, a que era filha de Madame Mac Gren, a quem ele contava histórias de Joana d'Arc, a quem balouçava na *Toca* sob as acácias em flor. Ela no entanto sorria mais, com um brilho nos dentinhos miúdos, uma ternura nos belos olhos azuis, vendo-o assim tão grave e tão mudo, pensando que ele ia brincar, fazer «voz de Carlos Magno». Tinha o mesmo sorriso da mãe, com a mesma covinha no queixo. Carlos viu nela, de repente, toda a graça de Maria, todo o encanto de Maria. E arrebatou-a de novo nos braços, tão violentamente, com beijos tão bruscos no cabelo e nas faces, que Rosa estrebuchou,

assustada e com um grito. Soltou-a logo, num receio de não ter sido casto... Depois, muito sério:

— Onde está a mamã?

Rosa coçava o braço, com a testazinha franzida:

— Apre!... Magoaste-me.

Carlos passou-lhe pelos cabelos a mão que ainda tremia.

— Vá, não sejas piegas, a mamã não gosta. Onde está ela? A pequena, aplacada, já contente, pulava em redor, agarrando nos pulsos de Carlos, para que ele saltasse também.

— A mamã foi deitar-se... Diz que está muito cansada, depois chama-me a mim preguiçosa... Vá, salta também. Não sejas mono!...

Nesse instante, no corredor, Miss

Sara chamou:

— Mademoiselle!...

Rosa pôs o dedinho na boca cheia de riso:

— Dize-lhe que não estou aqui! A ver... Para a fazer zangar!... Dize!

Miss Sara erguera o reposteiro; e descobriu-a logo escondida, sumida por trás de Carlos, na pontinha dos pés, fazendo-se pequenina. Teve um sorriso benévolo, murmurou: «Good night, sir.» Depois lembrou que eram quase nove e meia, *mademoiselle* tinha estado um pouco constipada e devia recolher-se. Então Carlos puxou brandamente pelo braço de Rosa, acariciou-a ainda para que ela obedecesse a Miss Sara.

Mas Rosa sacudia-o, indignada daquela traição.

— Também nunca fazes nada!... Sensaborão! Pois olha, nem te digo adeus!

Atravessou a sala, amuada, esquivou-se com um repelão à governanta que sorria e lhe estendia a mão e pelo corredor rompeu num choro despeitado e perro. Miss Sara risonhamente desculpou*mademoiselle*. Era a constipação que a tornava impertinente. Mas se fosse diante da mamã não fazia aquilo, não!

— Good night, sir.

— Good night, Miss Sarah...

Só, Carlos errou alguns momentos pela sala. Por fim ergueu o pedaço de tapeçaria que cerrava o estreito gabinete onde Maria se vestia. Aí, na escuridão, um brilho pálido de espelho tremia, batido por um longo raio do candeeiro da

rua. Muito de leve, empurrou a porta do quarto.

— Maria!... Estás a dormir?

Não havia luz; mas o mesmo candeeiro da rua, através do transparente erguido, tirava das trevas a brancura vaga do cortinado que envolvia o leito. E foi daí que ela murmurou, mal acordada:

— Entra! Vim-me deitar, estava muito cansada... Que horas são?

Carlos não se movera, ainda com a mão na porta:

— É tarde, e eu preciso sair já a procurar o Vilaça... Vinha dizer-te que tenho talvez de ir a Santa Olávia, além de amanhã, por dois ou três dias...

Um movimento, entre os cortinados, fez ranger o leito.

— Para Santa Olávia?... Ora essa,

porquê? E assim de repente... Entra!... Vem cá!

Então Carlos deu um passo no tapete, sem rumor. Ainda sentia o ranger mole do leito. E já todo aquele aroma dela que tão bem conhecia, esparso na sombra tépida, o envolvia, lhe entrava na alma com uma sedução inesperada de carícia nova, que o perturbava estranhamente. Mas ia balbuciando, insistindo na sua pressa de encontrar essa noite o Vilaça.

— É uma maçada, por causa de uns feitores, de umas águas... Tocou no leito; e sentou-se muito à beira, numa fadiga que de repente o enleara, lhe tirava a força para continuar essas invenções de águas e de feitores, como se elas fossem montanhas de ferro a mover.

O grande e belo corpo de Maria, embrulhado num roupão branco de seda, movia-se, espreguiçava-se languidamente, sobre o leito brando.

— Achei-me tão cansada, depois de jantar, veio-me uma preguiça... Mas então partires assim de repente!... Que seca! Dá cá a mão!

Ele tenteava, procurando na brancura da roupa: encontrou um joelho, a que percebia a forma e o calor suave, através da seda leve: e ali esqueceu a mão, aberta e frouxa, como morta, num entorpecimento onde toda a vontade e toda a consciência se lhe fundiam, deixando-lhe apenas a sensação daquela pele quente e macia, onde a sua palma pousava. Um suspiro, um pequenino suspiro de criança, fugiu dos lábios de

Maria, morreu na sombra. Carlos sentiu a quentura de desejo que vinha dela, que o entontecia, terrível como o bafo ardente de um abismo, escancarado na terra a seus pés. Ainda balbuciou: «Não, não...» Mas ela estendeu os braços, envolveu-lhe o pescoço, puxando-o para si, num murmúrio que era como a continuação do suspiro, e em que o nome de *querido* sussurrava e tremia. Sem resistência, como um corpo morto que um sopro impele, ele caiu-lhe sobre o seio. Os seus lábios secos acharam-se colados, num beijo aberto que os humedecia. E de repente, Carlos enlaçou-a furiosamente, esmagando-a e sugando-a, numa paixão e num desespero que fez tremer todo o leito.

A essa hora Ega acordava no bilhar, ainda estirado na poltrona onde o

cansaço o prostrara. Bocejando, estremunhado, arrastou os passos até ao escritório de Afonso.

Aí ardia um lume alegre, a que o «Reverendo Bonifácio» se deixava torrar, enrolado sobre a pele de urso. Afonso fazia a partida de *whist* com Steinbroken e com o Vilaça: mas tão distraído, tão confuso, que já duas vezes D. Diogo, infeliz e irritado, rosnara que se a dor de cabeça assim o estonteava, melhor seria findarem! Quando Ega apareceu, o velho levantou os olhos inquietos:

— O Carlos? Saiu?

— Sim, creio que saiu com o Craft — disse o Ega. — Tinham falado em ir ver o marquês.

Vilaça, que baralhava com a sua lentidão meticulosa, deitou também, para

o Ega, um olhar curioso e vivo. Mas já D. Diogo batia com os dedos no pano da mesa, resmungando: «Vamos lá, vamos lá... Não se ganha nada em saber dos outros!» Então Ega ficou ali um momento, com bocejos vagos, seguindo o cair lento das cartas. Por fim, mole e secado, decidiu ir ler para a cama, hesitou por diante das estantes, saiu com um velho número do *Panorama*. Ao outro dia, à hora do almoço, entrou no quarto de Carlos. E ficou pasmado quando o Batista — tristonho desde a véspera, farejando desgosto — lhe disse que Carlos fora para a Tapada, muito cedo, a cavalo...

— Ora essa!... E não deixou ordens nenhumas, não falou em ir para Santa Olávia?...

Batista olhou Ega, espantado:

— Para Santa Olávia!... Não senhor, não falou em semelhante coisa. Mas deixou uma carta para Vossa Excelência ver. Creio que é do senhor marquês. E diz que lá aparecia depois, às seis... Acho que é jantar.

Num bilhete de visita, o marquês, com efeito, lembrava que esse dia era o seu «fausto natalício», e esperava Carlos e o Ega às seis, para lhe ajudarem a comer a galinha de dieta.

— Bem, lá nos encontraremos — murmurou Ega, descendo para o jardim.

Aquilo parecia-lhe extraordinário! Carlos passeando a cavalo, Carlos jantando com o marquês, como se nada houvesse perturbado a sua vida fácil de rapaz feliz!... Estava agora certo de que ele, na véspera, fora à Rua de S.

Francisco. Justos Céus! Que se teria lá passado? Subiu, ouvindo a sineta do almoço. O escudeiro anunciou-lhe que o Sr. Afonso da Maia tomara uma chávena de chá no quarto e ainda estava recolhido. Todos sumidos! Pela primeira vez, no *Ramalhete*, Ega almoçou solitariamente na larga mesa, lendo a *Gazeta Ilustrada*.

De tarde, às seis, no quarto do marquês (que tinha o pescoço enrolado numa *boa* de senhora, de pele de marta), encontrou Carlos, o Darque, o Craft, em torno de um rapaz gordo que tocava guitarra — enquanto ao lado o procurador do marquês, um belo homem de barba preta, se batia com o Teles numa partida de damas.

— Viste o avô? — perguntou

Carlos, quando Ega lhe estendeu a mão.

— Não, almocei só.

O jantar, daí a pouco, foi muito divertido, largamente regado com os soberbos vinhos da casa. E ninguém decerto bebeu mais, ninguém riu mais do que Carlos, ressurgido, quase de repente, de uma desanimação sombria a uma alegria nervosa — que incomodava o Ega, sentindo nela um timbre falso e como um som de cristal rachado. O próprio Ega, por fim, à sobremesa, se excitou consideravelmente com um esplêndido Porto de 1815. Depois houve um bacará em que Carlos, outra vez sombrio, deitando a cada instante os olhos ao relógio, teve uma sorte triunfante, uma «sorte de cabrão», como a classificou Darque, indignado, ao trocar a sua última

nota de vinte mil réis. À meia-noite, porém, inexoravelmente, o procurador do marquês lembrou as ordens do médico, que marcara esse limite «ao natalício». Foi então um enfiar de paletós, em debandada, por entre os queixumes do Darque e do Craft, que saíam escorridos, sem sequer um troco para o americano.

Fez-se-lhes uma subscrição de caridade, que eles recolheram nos chapéus, rosnando bênçãos aos benfeitores.

Na tipoia que os levava ao *Ramalhete*, Carlos e Ega permaneceram muito tempo em silêncio, cada um enterrado ao seu canto, fumando. Foi já ao meio do Aterro que Ega pareceu despertar:

— E então por fim?... Sempre vais

para Santa Olávia, ou que fazes?

Carlos mexeu-se no escuro da tipoia. Depois, lentamente, como cheio de cansaço:

— Talvez vá amanhã... Ainda não disse nada, ainda não fiz nada... Decidi dar-me quarenta e oito horas para acalmar, para refletir... Não se pode agora falar com este barulho das rodas. De novo cada um recaiu na sua mudez, ao seu canto.

Em casa, subindo a escadinha forrada de veludo, Carlos declarou-se exausto e com uma intolerável dor de cabeça:

— Amanhã falamos, Ega... Boa noite, sim?

— Até amanhã.

Alta noite, Ega acordou com uma

grande sede. Saltara da cama, esvaziara a garrafa no toucador, quando julgou sentir por baixo, no quarto de Carlos, uma porta bater. Escutou. Depois, arrepiado, remergulhou nos lençóis. Mas espertara inteiramente, com uma ideia estranha, insensata, que o assaltara sem motivo, o agitava, lhe fazia palpitar o coração no grande silêncio da noite. Ouviu assim dar três horas. A porta de novo batera, depois uma janela: era decerto vento que se erguera. Não podia porém readormecer, às voltas, num terrível mal-estar, com aquela ideia cravada na imaginação que o torturava. Então, desesperado, pulou da cama, enfiou um paletó, e em pontas de chinelas, com a mão diante da luz, desceu surdamente ao quarto de Carlos. Na antessala parou, tremendo, com o ouvido

contra o reposteiro, na esperança de perceber algum calmo rumor de respiração. O silêncio era pesado e pleno. Ousou entrar... A cama estava feita e vazia, Carlos saíra. Ele ficou a olhar estupidamente para aquela colcha lisa, com a dobra do lençol de renda cuidadosamente entreaberta pelo Batista. E agora não duvidava. Carlos fora findar a noite à Rua de S. Francisco!... Estava lá, dormia lá! E só uma ideia surgia através do seu horror — fugir, safar-se para Celorico, não ser testemunha daquela incomparável infâmia!...

E o dia seguinte, terça-feira, foi desolador para o pobre Ega. Vexado, num terror de encontrar Carlos ou Afonso, levantou-se cedo, esgueirou-se pelas escadas com cautelas de ladrão, foi

almoçar ao Tavares. De tarde, na Rua do Ouro, viu passar Carlos, que levava no *break* o Cruges e o Taveira — arrebanhados certamente para ele se não encontrar só à mesa com o avô. Ega jantou melancolicamente no *Universal*. Só entrou no *Ramalhete* às nove horas, a vestir-se para a *soirée* da Gouvarinho, que pela manhã no Loreto parara a carruagem para lhe lembrar «que era a festa do Charlie». E foi já de paletó, de claque na mão, que apareceu enfim na salinha Luís XV onde Cruges tocava Chopin, e Carlos se instalara numa partida de bezigue com o Craft. Vinha saber se os amigos queriam alguma coisa para os nobres condes de Gouvarinho...

— Diverte-te!

— Sê fascinante!

— Eu lá apareço para a ceia! — prometeu Taveira, estirado numa poltrona com o *Figaro*.

Eram duas horas da manhã quando Ega recolheu da *soirée* — onde por fim se divertira numa desesperada flirtação com a baronesa de Alvim, que à ceia, depois do champanhe, vencida por tanta graça e tanta audácia, lhe tinha dado duas rosas. Diante do quarto de Carlos, acendendo a vela, Ega hesitou, mordido por uma curiosidade... Estaria lá? Mas teve vergonha daquela espionagem, e subiu, bem decidido, como na véspera, a fugir para Celorico. No seu quarto, diante do espelho, pôs cuidadosamente num copo as rosas da Alvim. E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que

se adiantavam, findaram à sua porta em suspensão e silêncio. Assustado, gritou: «Que é lá?» A porta rangeu. E apareceu Afonso da Maia, pálido, com um jaquetão sobre a camisa de dormir, e um castiçal onde a vela ia morrendo. Não entrou. Numa voz enrouquecida, que tremia:

— O Carlos? esteve lá?

Ega balbuciou, atarantado, em mangas de camisa. Não sabia... Estivera apenas um momento nos Gouvarinhos... Era provável que Carlos tivesse ido mais tarde com o Taveira, para a ceia. O velho cerrara os olhos, como se desfalecesse, estendendo a mão para se apoiar. Ega correu para ele:

— Não se aflija, Sr. Afonso da Maia!

— Que queres então que faça?

Onde está ele? Lá metido, com essa mulher... Escusas de dizer, eu sei, mandei espreitar... Desci a isso, mas quis acabar esta angústia... E esteve lá ontem até de manhã, está lá a dormir neste instante... E foi para este horror que Deus me deixou viver até agora!

Teve um grande gesto de revolta e de dor. De novo os seus passos, mais pesados, mais lentos, se sumiram no corredor.

Ega ficou junto da porta, um momento estarrecido. Depois foi-se despindo devagar, decidido a dizer a Carlos, muito simplesmente, ao outro dia, antes de partir para Celorico, que a sua infâmia estava matando o avô, e o forçava a ele, seu melhor amigo, a fugir para a não testemunhar por mais tempo.

Mal acordou, puxou a mala para o meio do quarto, atirou para cima da cama, às braçadas, a roupa que ia emalar. E durante meia hora, em mangas de camisa, lidou nesta tarefa, misturando aos seus pensamentos de cólera lembranças da *soirée* da véspera, certos olhares da Alvim, certas esperanças que lhe tornavam saudosa a partida. Um alegre Sol dourava a varanda. Terminou por abrir a vidraça, respirar, olhar o belo azul de inverno. Lisboa ganhava tanto com aquele tempo! E já Celorico, a quinta, o padre Serafim, lhe estendiam de longe a sua sombra na alma. Ao baixar os olhos viu o *dog-cart* de Carlos atrelado com a *Tunante*, que escarvava a calçada animada pelo ar vivo. Era Carlos, decerto, que ia sair cedo — para não se

encontrar com ele e com o avô!

Num receio de o não apanhar nesse dia, desceu correndo. Carlos aferrolhara-se na alcova de banho. Ega chamou, o outro não tugiu. Por fim Ega bateu, gritou através da porta, sem esconder a sua irritação:

— Tem a bondade de escutar!... Então partes para Santa Olávia, ou quê?

Depois de um instante, Carlos lançou de lá, entre um rumor de água que caía:

— Não sei... Talvez... Logo te digo...

O outro não se conteve mais:

— É que se não pode ficar assim eternamente... Recebi uma carta de minha mãe... E se não partes para Santa Olávia, eu vou para Celorico... É absurdo! Já

estamos nisto há três dias! E quase se arrependia já da sua violência, quando a voz de Carlos se arrastou de dentro, humilde e cansada, numa súplica:

— Por quem és, Ega! Tem um bocado de paciência comigo. Eu logo te digo...

Numa daquelas súbitas emoções de nervoso, que o sacudiam — os olhos do Ega humedeceram. Balbuciou logo:

— Bem, bem! Eu falei alto por ser através da porta... Não há pressa!

E fugiu para o quarto, cheio só de compaixão e ternura, com uma grossa lágrima nas pestanas. Sentia agora bem a tortura em que o pobre Carlos se debatera, sob o despotismo de uma paixão até aí legítima, e que numa hora amarga se tornava de repente monstruosa, sem nada

perder do seu encanto e da sua intensidade... Humano e frágil, ele não pudera estacar naquele violento impulso de amor e de desejo, que o levava como num vendaval! Cedera, cedera, continua a rolar àqueles braços, que inocentemente o continuavam a chamar. E aí andava agora, aterrado, escorraçado, fugindo ocultamente de casa, passando o dia longe dos seus, numa vadiagem trágica, como um excomungado que receia encontrar olhos puros onde sinta o horror do seu pecado... E ao lado, o pobre Afonso, sabendo tudo, morrendo daquela dor! Podia ele, hóspede querido dos tempos alegres, partir, agora que uma onda de desgraça quebrara sobre essa casa, onde o acolhiam afeições mais largas que na sua própria? Seria ignóbil! Tornou logo a

desfazer a mala; e, furioso no seu egoísmo com todas aquelas amarguras que o abalavam, arranjava outra vez a roupa dentro da cómoda, com a mesma cólera com que a desmanchara, rosnando:

— Diabo levem as mulheres, e a vida, e tudo!...

Quando desceu, já vestido, Carlos desaparecera! Mas Batista, tristonho, carrancudo, certo agora de que havia um grande desgosto, deteve-o para lhe murmurar:

— Tinha Vossa Excelência razão... Partimos amanhã para Santa Olávia e levamos roupa para muito tempo... Este inverno começa mal!

Nessa madrugada, às quatro horas, em plena escuridão, Carlos cerrara de manso o portão da Rua de S. Francisco. E,

mais pungente, apoderava-se dele, na frialdade da rua, o medo que já o roçara, ao vestir-se na penumbra do quarto, ao lado de Maria adormecida — o medo de voltar ao *Ramalhete*! Era esse medo que já na véspera o trouxera todo o dia por fora no *dog-cart*, findando por jantar lugubremente com o Cruges, escondido num gabinete do Augusto. Era medo do avô, medo do Ega, medo do Vilaça; medo daquela sineta do jantar que os chamava, os juntava; medo do seu quarto, onde a cada momento qualquer deles podia erguer o reposteiro, entrar, cravar os olhos na sua alma e no seu segredo... Tinha agora a certeza que *eles sabiam tudo*. E mesmo que nessa noite fugisse para Santa Olávia, pondo entre si e Maria uma separação tão alta como o muro de

um claustro, nunca mais do espírito daqueles homens, que eram os seus amigos melhores, sairia a memória e a dor da infâmia em que ele se despenhara. A sua vida moral estava estragada... Então, para que partiria — abandonando a paixão, sem que por isso encontrasse a paz? Não seria mais lógico calcar desesperadamente todas as leis humanas e divinas, arrebatar para longe Maria na sua inocência, e para todo o sempre abismar-se nesse crime que se tornara a sua sombria partilha na Terra?

Já assim pensara na véspera. Já assim pensara... Mas antevira então um outro horror, um supremo castigo, a esperá-lo na solidão onde se sepultasse. Já lhe percebera mesmo a aproximação; já noutra noite recebera dele um arrepio; já

nessa noite, deitado junto de Maria, que adormecera cansada, o pressentira, apoderando-se dele, com um primeiro frio de agonia.

Era, surgindo do fundo do seu ser, ainda ténue mas já percetível, uma saciedade, uma repugnância por ela, desde que a sabia do seu sangue!... Uma repugnância material, carnal, à flor da pele, que passava com um arrepio. Fora primeiramente aquele aroma que a envolvia, flutuava entre os cortinados, lhe ficava a ele na pele e no fato, o excitava tanto outrora, o impacientava tanto agora — que ainda na véspera se encharcara em água-de-colónia, para o dissipar. Fora depois aquele corpo dela, adorado sempre como um mármore ideal, que de repente lhe aparecera, como era na

realidade, forte de mais, musculoso, de grossos membros de amazona bárbara, com todas as belezas copiosas do animal de prazer. Nos seus cabelos de um lustre tão macio, sentia agora inesperadamente uma rudeza de juba. Os seus movimentos na cama, ainda nessa noite o tinham assustado como se fossem os de uma fera, lenta e ciosa, que se estirava para o devorar... Quando os seus braços o enlaçavam, o esmagavam contra os seus rijos peitos túmidos de seiva, ainda decerto lhe punham nas veias uma chama que era toda bestial. Mas, apenas o último suspiro lhe morria nos lábios, aí começava insensivelmente a recuar para a borda do colchão, com um susto estranho: e imóvel, encolhido na roupa, perdido no fundo de uma infinita tristeza, esquecia-se

pensando numa outra vida que podia ter, longe dali, numa casa simples, toda aberta ao Sol, com sua mulher, legitimamente sua, flor de graça doméstica, pequenina, tímida, pudica, que não soltasse aqueles gritos lascivos e não usasse aquele aroma tão quente! E desgraçadamente agora já não duvidava... Se partisse com ela, seria para bem cedo se debater no indizível horror de um nojo físico. E que lhe restaria então, morta a paixão que fora a desculpa do crime, ligado para sempre a uma mulher que o enojava — e que era... Só lhe restava matar-se! Mas, tendo por um só dia dormido com ela, na plena consciência da consanguinidade que os separava, poderia recomeçar a vida tranquilamente? Ainda que possuísse frieza e força para apagar dentro de si

essa memória — ela não morreria no coração do avô, e do seu amigo. Aquele ascoroso segredo ficaria entre eles, estragando, maculando tudo. A existência doravante só lhe oferecia intolerável amargor... Que fazer, santo Deus, que fazer! Ah, se alguém o pudesse aconselhar, o pudesse consolar! Quando chegou à porta de casa, o seu desejo único era atirar-se aos pés de um padre, aos pés de um santo, abrir-lhe as misérias do seu coração, implorar-lhe a doçura da sua misericórdia! Mas ai! onde havia um santo? Defronte do *Ramalhete* os candeeiros ainda ardiam. Abriu de leve a porta. Pé ante pé, subiu as escadas ensurdecidas pelo veludo cor de cereja. No patamar tateava, procurava a vela, quando, através do reposteiro entreaberto,

avistou uma claridade que se movia no fundo do quarto. Nervoso, recuou, parou no recanto. O clarão chegava, crescendo; passos lentos, pesados, pisavam surdamente o tapete; a luz surgiu — e com ela o avô em mangas de camisa, lívido, mudo, grande, espectral. Carlos não se moveu, sufocado; e os dois olhos do velho, vermelhos, esgazeados, cheios de horror, caíram sobre ele, ficaram sobre ele, varando-o até às profundidades da alma, lendo lá o seu segredo. Depois, sem uma palavra, com a cabeça branca a tremer, Afonso atravessou o patamar, onde a luz sobre o veludo espalhava um tom de sangue — e os seus passos perderam-se no interior da casa, lentos, abafados, cada vez mais sumidos, como se fossem os derradeiros que devesse dar na vida!

Carlos entrou no quarto às escuras, tropeçou num sofá. E ali se deixou cair, com a cabeça enterrada nos braços, sem pensar, sem sentir, vendo o velho lívido passar, repassar diante dele como um longo fantasma, com a luz avermelhada na mão. Pouco a pouco foi-o tomando um cansaço, uma inércia, uma infinita lassidão da vontade, onde um desejo apenas transparecia, se alongava — o desejo de interminavelmente repousar algures numa grande mudez e numa grande treva... Assim escorregou ao pensamento da morte. Ela seria a perfeita cura, o asilo seguro. Porque não iria ao seu encontro? Alguns grãos de láudano nessa noite e penetrava na absoluta paz...

Ficou muito tempo embebendo-se nesta ideia, que lhe dava alívio e consolo,

como se, escorraçado por uma tormenta ruidosa, visse diante dos seus passos abrir-se uma porta, donde saísse calor e silêncio. Um rumor, o chilrear de um pássaro na janela, fez-lhe sentir o Sol e o dia. Ergueu-se, despiu-se muito devagar, numa imensa moleza. E mergulhou na cama, enterrou a cabeça no travesseiro para recair na doçura daquela inércia, que era um antegosto da morte, e não sentir nas horas que lhe restavam nenhuma luz, nenhuma coisa da Terra.

O Sol ia alto, um barulho passou, o Batista rompeu pelo quarto:

— Ó Sr. D. Carlos, ó meu menino! O avô achou-se mal no jardim, não dá acordo!...

Carlos pulou do leito, enfiando um paletó que agarrara. Na antecâmara, a

governanta, debruçada no corrimão, gritava aflita: «Adiante, homem de Deus, ao pé da padaria, o senhor doutor Azevedo!» E um moço que corria, com que esbarrou no corredor, atirou, sem parar:

— Ao fundo, ao pé da cascata, Sr. D. Carlos, na mesa de pedra!...

Afonso da Maia lá estava, nesse recanto do quintal, sob os ramos do cedro, sentado no banco de cortiça, tombado por sobre a tosca mesa, com a face caída entre os braços. O chapéu desabado rolara para o chão; nas costas, com a gola erguida, conservava o seu velho capote azul. Em volta, nas folhas das camélias, nas áleas areadas, refulgia, cor de ouro, o Sol fino de inverno. Por entre as conchas da cascata, o fio de água punha o seu choro

lento. Arrebatadamente, Carlos levantara-lhe a face, já rígida, cor de cera, com os olhos cerrados, um fio de sangue aos cantos da longa barba de neve. Depois caiu de joelhos no chão húmido, sacudia-lhe as mãos, murmurando: «Ó avô! ó avô!» Correu ao tanque, borrifou-o de água:

— Chamem alguém! Chamem alguém!

Outra vez lhe palpava o coração... Mas estava morto. Estava morto, já frio, aquele corpo que, mais velho que o século, resistira tão formidavelmente, como um grande roble, aos anos e aos vendavais. Ali morrera solitariamente, já o Sol ia alto, naquela tosca mesa de pedra onde deixara pender a cabeça cansada.

Quando Carlos se ergueu, Ega

aparecia, esguedelhado, embrulhado no *robe-de-chambre*. Carlos abraçou-se nele, tremendo todo, num choro despedaçado. Os criados em redor olhavam, aterrados. E a governanta, como tonta, entre as ruas de roseiras, gemia com as mãos na cabeça: «Ai o meu rico senhor, ai o meu rico senhor!» Mas o porteiro, esbaforido, chegava com o médico, o Dr. Azevedo, que felizmente encontrara na rua. Era um rapaz, apenas saído da Escola, magrinho e nervoso, com as pontas do bigode muito frisadas. Deu em redor, atarantadamente, um cumprimento aos criados, ao Ega, e a Carlos, que procurava serenar com a face lavada de lágrimas. Depois, tendo descalçado a luva, estudou todo o corpo de Afonso com uma lentidão, uma

minuciosidade que exagerava, à medida que sentia em volta, mais ansiosos e atentos nele, todos aqueles olhos humedecidos. Por fim, diante de Carlos, passando nervosamente os dedos no bigode, murmurou termos técnicos... De resto, dizia, já o colega se teria compenetrado de que tudo infelizmente findara. Ele sentia das veras da alma o desgosto... Se para alguma coisa fosse necessário, com o máximo prazer...

— Muito agradecido a Vossa Excelência — balbuciou Carlos. Ega, em chinelas, deu alguns passos com o senhor doutor Azevedo, para lhe indicar a porta do jardim.

Carlos, no entanto, ficara defronte do velho, sem chorar, perdido apenas no espanto daquele brusco fim! Imagens do

avô, do avô vivo e forte, cachimbando ao canto do fogão, regando de manhã as roseiras, passavam-lhe na alma, em tropel, deixando-lha cada vez mais dorida e negra... E era então um desejo de findar também, encostar-se como ele àquela mesa de pedra, e sem outro esforço, nenhuma outra dor da vida, cair como ele na sempiterna paz. Uma réstia de Sol, entre os ramos grossos do cedro, batia a face morta de Afonso. No silêncio os pássaros, um momento espantados, tinham recomeçado a chalrar. Ega veio a Carlos, tocou-lhe no braço:

— É necessário levá-lo para cima.

Carlos beijou a mão fria que pendia. E, devagar, com os beiços a tremer, levantou o avô pelos ombros carinhosamente. Batista correra a ajudar;

Ega, embaraçado no seu largo roupão, segurava os pés do velho. Através do jardim, do terraço cheio de Sol, do escritório onde a sua poltrona esperava diante do lume aceso, foram-no transportando num silêncio só quebrado pelos passos dos criados, que corriam a abrir as portas, acudiam quando Carlos, na sua perturbação, ou o Ega, fraquejavam sob o peso do grande corpo. A governanta já estava no quarto de Afonso com uma colcha de seda para estender na singela cama de ferro, sem cortinado. E ali o depuseram, enfim, sobre as ramagens claras bordadas na seda azul.

Ega acendera dois castiçais de prata: a governanta, de joelhos à beira do leito, esfiava o rosário: e Mr. Antoine, com o seu barrete branco de cozinheiro na

mão, ficara à porta, junto de um cesto que trouxera, cheio de camélias e palmas de estufa. Carlos, no entanto, movendo-se pelo quarto, com longos soluços que o sacudiam, voltava a cada instante, numa derradeira e absurda esperança, palpar as mãos ou o coração do velho. Com o jaquetão de veludilho, os seus grossos sapatos brancos, Afonso parecia mais forte e maior, na sua rigidez, sobre o leito estreito: entre o cabelo de neve cortado à escovinha e a longa barba desleixada, a pele ganhara um tom de marfim velho, onde as rugas tomavam a dureza de entalhaduras a cinzel: as pálpebras engelhadas, de pestanas brancas, pousavam com a consolada serenidade de quem enfim descansa; e ao deitarem-no, uma das mãos ficara-lhe aberta e posta

sobre o coração, na simples e natural atitude de quem tanto pelo coração vivera!

Carlos perdia-se nesta contemplação dolorosa. E o seu desespero era que o avô assim tivesse partido para sempre, sem que entre eles houvesse um adeus, uma doce palavra trocada. Nada! Apenas aquele olhar angustiado, quando passara com a vela acesa na mão. Já então ele ia andando para a morte. O avô sabia tudo, disso morrera! E esta certeza sem cessar lhe batia na alma, com uma longa pancada repetida e lúgubre. O avô sabia tudo, disso morrera!

Ega veio como um gesto indicar-lhe o estado em que estavam — ele de *robe-de-chambre*, Carlos com o paletó

sobre a camisa de dormir:

— É necessário descer, é necessário vestir-nos.

Carlos balbuciou:

— Sim, vamo-nos vestir...

Mas não se arredava. Ega levou-o brandamente pelo braço. Ele caminhava como um sonâmbulo, passando o lenço devagar pela testa e pela barba. E de repente, no corredor, apertando desesperadamente as mãos, outra vez coberto de lágrimas, num agoniado desabafo de toda a sua culpa:

— Ega, meu querido Ega! O avô viu-me esta manhã quando entrei! E passou, não me disse nada... Sabia tudo, foi isso que o matou!...

Ega arrastou-o, consolou-o, repelindo tal ideia. Que tolice! O avô

tinha quase oitenta anos, e uma doença de coração... Desde a volta de Santa Olávia, quantas vezes eles tinham falado nisso, aterrados! Era absurdo ir agora fazer-se mais desgraçado, com semelhante imaginação!

Carlos murmurou, devagar, como para si mesmo, com os olhos postos no chão:

— Não! É estranho, não me faço mais desgraçado! Aceito isto como um castigo... Quero que seja um castigo... E sinto-me só muito pequeno, muito humilde diante de quem assim me castiga. Esta manhã pensava em matar-me. E agora não! É o meu castigo viver, esmagado para sempre... O que me custa é que ele não me tivesse dito *adeus*!

De novo as lágrimas lhe correram,

mas lentas, mansamente, sem desespero. Ega levou-o para o quarto, como uma criança. E assim o deixou a um canto do sofá, com o lenço sobre a face, num choro contínuo e quieto, que lhe ia lavando, aliviando o coração, de todas as angústias confusas e sem nome, que nesses dias derradeiros o traziam sufocado.

Ao meio-dia, em cima, Ega acabava de vestir-se, quando Vilaça lhe rompeu pelo quarto de braços abertos.

— Então como foi isto, como foi isto?

Batista mandara-o chamar pelo trintanário, mas o rapazola pouco lhe soubera contar. Agora em baixo o pobre Carlos abraçara-o, coitadinho, lavado em lágrimas, sem poder dizer nada, pedindo-lhe só para se entender em tudo com o

Ega... E ali estava.

— Mas como foi, como foi, assim de repente?...

Ega contou, brevemente, como tinham encontrado Afonso de manhã no jardim, tombado para cima da mesa de pedra. Viera o Dr. Azevedo, mas tudo acabara!

Vilaça levou as mãos à cabeça:

— Uma coisa assim! Creia o amigo! Foi essa mulher, essa mulher que aí apareceu, que o matou! Nunca foi o mesmo depois daquele abalo! Não foi mais nada! Foi isso!

Ega murmurava, deitando maquinalmente água-de-colónia no lenço:

— Sim, talvez, esse abalo, e oitenta anos, e poucas cautelas, e uma doença de coração.

Falaram então do enterro, que devia ser simples como convinha àquele homem simples. Para depositar o corpo, enquanto não fosse trasladado para Santa Olávia, Ega lembrara-se do jazigo do marquês.

Vilaça coçava o queixo, hesitando:

— Eu também tenho um jazigo. Foi o próprio Sr. Afonso da Maia que o mandou erguer para meu pai, que Deus haja... Ora parece-me que por uns dias ficava lá perfeitamente. Assim não se pedia a ninguém, e eu tinha nisso muita honra...

Ega concordou. Depois fixaram outros detalhes de convite, de hora, de chave do caixão. Por fim Vilaça, olhando o relógio, ergueu-se com um grande suspiro:

— Bem, vou dar esses tristes passos! E cá apareço logo, que o quero ver pela última vez, quando o tiverem vestido. Quem me havia de dizer! Ainda anteontem a jogar com ele... Até lhe ganhei três mil réis, coitadinho!

Uma onda de saudade sufocou-o, fugiu com o lenço nos olhos. Quando Ega desceu, Carlos, todo de luto, estava sentado à escrivaninha, diante de uma folha de papel. Imediatamente ergueu-se, arrojou a pena.

— Não posso!... Escreve-lhe tu aí, a ela, duas palavras. Em silêncio, Ega tomou a pena, redigiu um bilhete muito curto. Dizia: «Minha senhora. O Sr. Afonso da Maia morreu esta madrugada, de repente, com uma apoplexia. Vossa Excelência compreende que, neste

momento, Carlos nada mais pode do que pedir-me para eu transmitir a Vossa Excelência esta desgraçada notícia. Creia-me, etc.» Não o leu a Carlos. E como Batista entrava nesse momento, todo de preto, com o almoço numa bandeja, Ega pediu-lhe para mandar o trintanário com aquele bilhete à Rua de S. Francisco. Batista segredou sobre o ombro do Ega:

— É bom não esquecer as fardas de luto para os criados...

— O Sr. Vilaça já sabe.

Tomaram chá à pressa em cima do tabuleiro. Depois Ega escreveu bilhetes a D. Diogo e ao Sequeira, os mais velhos amigos de Afonso: e davam duas horas quando chegaram os homens com o caixão, para amortalhar o corpo. Mas Carlos não permitiu que mãos

mercenárias tocassem no avô. Foi ele e o Ega, ajudados pelo Batista, que, corajosamente, recalcando a emoção sob o dever, o lavaram, o vestiram, o depuseram dentro do grande cofre de carvalho, forrado de cetim claro, onde Carlos colocou uma miniatura de sua avó Runa. À tarde, com o auxílio de Vilaça, que voltara «para dar o último olhar ao patrão», desceram-no ao escritório, que Ega não quisera alterar nem ornar, e que, com os damascos escarlates, as estantes lavradas, os livros juncando a carteira de pau-preto, conservava a sua feição austera de paz estudiosa. Somente, para depor o caixão, tinham juntado duas largas mesas, recobertas por um pano de veludo negro que havia na casa, com as armas bordadas a oiro. Por cima, o Cristo de Rubens abria

os braços, sobre a vermelhidão do poente. Aos lados ardiam doze castiçais de prata. Largas palmas de estufa cruzavam-se à cabeceira do esquife, entre ramos de camélias. E Ega acendeu um pouco de incenso em dois perfumadores de bronze.

À noite, o primeiro dos velhos amigos a aparecer foi D. Diogo, solene, de casaca. Encostado ao Ega, aterrado diante do caixão, só pôde murmurar: «E tinha menos sete meses que eu!» O marquês veio já tarde, abafado em mantas, trazendo um grande cesto de flores. Craft e o Cruges nada sabiam, tinham-se encontrado na Rampa de Santos: e receberam a primeira surpresa ao ver fechado o portão do*Ramalhete*. O último a chegar foi o Sequeira, que passara o dia na quinta, e se abraçou em Carlos, depois

no Craft ao acaso, entontecido, com uma lágrima nos olhos injetados, balbuciando: «Foi-se o companheiro de muitos anos. Também não tardo!...» E a noite de vigília e pêsames começou, lenta e silenciosa. As doze chamas das velas ardiam, muito altas, numa solenidade funerária. Os amigos trocavam algum murmúrio abafado, com as cadeiras chegadas. Pouco a pouco, o calor, o aroma do incenso, a exalação das flores, forçaram o Batista a abrir uma das janelas do terraço. O céu estava cheio de estrelas. Um vento fino sussurrava nas ramagens do jardim.

Já tarde, Sequeira, que não se movera de uma poltrona, com os braços cruzados, teve uma tontura. Ega levou-o à sala de jantar, a reconfortá-lo com um cálice de conhaque. Havia lá uma ceia

fria, com vinhos e doces. E Craft veio também — com o Taveira, que soubera a desgraça na redação da *Tarde*, e correra quase sem jantar. Tomando um pouco de Bordéus, uma sanduíche, Sequeira reanimava-se, lembrava o passado, os tempos brilhantes, quando Afonso e ele eram novos. Mas emudeceu vendo aparecer Carlos, pálido e vagaroso como um sonâmbulo, que balbuciou: «Tomem alguma coisa, sim, tomem alguma coisa...» Mexeu num prato, deu uma volta à mesa, saiu. Assim vagamente foi até à antecâmara, onde todos os candelabros ardiam. Uma figura esguia e negra surgiu na escada. Dois braços enlaçaram-no. Era o Alencar.

— Nunca vim cá nos dias felizes, aqui estou na hora triste! E o poeta seguiu

pelo corredor, em pontas de pés, como pela nave de um templo.

Carlos, no entanto, deu ainda alguns passos pela antecâmara. Ao canto de um divã ficara um grande cesto com uma coroa de flores, sobre que pousava uma carta. Reconheceu a letra de Maria. Não lhe tocou, recolheu ao escritório. Alencar, diante do caixão, com a mão pousada no ombro do Ega, murmurava: «Foi-se uma alma de herói!» As velas iam-se consumindo. Um cansaço pesava. Batista fez servir café no bilhar. E aí, apenas recebeu a sua chávena, Alencar, cercado do Cruges, do Taveira, do Vilaça, rompeu a falar também do passado, dos tempos brilhantes de Arroios, dos rapazes ardentes de então:

— Vejam vocês, filhos, se se

encontra ainda uma gente como estes Maias, almas de leões, generosos, valentes!... Tudo parece ir morrendo neste desgraçado país!... Foi-se a faísca, foi-se a paixão... Afonso da Maia! Parece que o estou a ver, à janela do palácio em Benfica, com a sua grande gravata de cetim, aquela cara nobre de português de outrora... E lá vai! E o meu pobre Pedro também... Caramba, até se me faz a alma negra!

Os olhos enevoavam-se-lhe, deu um imenso sorvo ao conhaque. Ega, depois de beber um gole de café, voltara ao escritório, onde o cheiro de incenso espalhava uma melancolia de capela. D. Diogo, estirado no sofá, ressonava; Sequeira, defronte, dormitava também, descaído sobre os braços cruzados, com

todo o sangue na face. Ega despertou-os de leve. Os dois velhos amigos, depois de um abraço a Carlos, partiram na mesma carruagem, com os charutos acesos. Os outros, pouco a pouco, iam também abraçar Carlos, enfiavam os paletós. O último a sair foi Alencar, que, no pátio, beijou o Ega, num impulso de emoção, lamentando ainda o passado, os companheiros desaparecidos:

— O que me vale agora são vocês, rapazes, a gente nova. Não me deitem à margem! Senão, caramba, quando quiser fazer uma visita, tenho de ir ao cemitério. Adeus, não apanhes frio! O enterro foi ao outro dia, à uma hora. O Ega, o marquês, o Craft, o Sequeira, levaram o caixão até à porta, seguidos pelo grupo de amigos, onde destacava o conde de Gouvarinho,

soleníssimo, de grã-cruz. O conde de Steinbroken, com o seu secretário, trazia na mão uma coroa de violetas. Na calçada estreita os trens apertavam-se, numa longa fila que subia, se perdia pelas outras ruas, pelas travessas: em todas as janelas do bairro se apinhava gente: os polícias berravam com os cocheiros. Por fim o carro, muito simples, rodou, seguido por duas carruagens da casa, vazias, com as lanternas recobertas de longos véus de crepe que pendiam. Atrás, um a um, desfilaram os trens da Companhia com os convidados, que abotoavam os casacos, corriam os vidros contra a friagem do dia enevoado. O Darque e o Vargas iam no mesmo *coupé*. O correio do Gouvarinho passou choutando na sua pileca branca. E, sobre a rua deserta, cerrou-se finalmente

para um grande luto o portão do *Ramalhete*.

Quando o Ega voltou do cemitério encontrou Carlos no quarto, rasgando papéis, enquanto o Batista, atarefado, de joelhos no tapete, fechava uma mala de couro. E como Ega, pálido e arrepiado de frio, esfregava as mãos, Carlos fechou a gaveta cheia de cartas, lembrou que fossem para o fumoir, onde havia lume.

Apenas lá entraram, Carlos correu o reposteiro, olhou para o Ega:

— Tens dúvida em lhe ir falar, a ela?

— Não. Para quê?... Para lhe dizer o quê?

— Tudo.

Ega rolou numa poltrona para junto da chaminé, despertou as brasas. E

Carlos, ao lado, prosseguiu devagar, olhando o lume:

— Além disso, desejo que ela parta, que parta já para Paris... Seria absurdo ficar em Lisboa... Enquanto se não liquidar o que lhe pertence, há-de-se-lhe estabelecer uma mesada, uma larga mesada... Vilaça vem daqui a bocado para falar desses detalhes... Em todo o caso, amanhã, para ela partir, levas-lhe quinhentas libras. Ega murmurou:

— Talvez para essas questões de dinheiro fosse melhor ir lá o Vilaça...

— Não, pelo amor de Deus! Para que se há de fazer corar a pobre criatura diante do Vilaça?

Houve um silêncio. Ambos olhavam a chama clara que bailava.

— Custa-te muito, não é verdade,

meu pobre Ega?...

— Não... Começo a estar embotado. É fechar os olhos, tragar mais essa má hora, e depois descansar. Quando voltas tu de Santa Olávia?

Carlos não sabia. Contava que Ega, terminada essa missão à Rua de S. Francisco, fosse aborrecer-se uns dias com ele a Santa Olávia. Mais tarde era necessário trasladar para lá o corpo do avô...

— E passado isso, vou viajar... Vou à América, vou ao Japão, vou fazer esta coisa estúpida e sempre eficaz que se chama *distrair*... Encolheu os ombros, foi devagar até à janela, onde morria palidamente um raio de Sol na tarde que clareara. Depois, voltando para o Ega, que de novo remexia os carvões:

— Eu, está claro, não me atrevo a dizer-te que venhas, Ega... Desejava bem, mas não me atrevo!

Ega pousou devagar as tenazes, ergueu-se, abriu os braços para Carlos, comovido:

— Atreve, que diabo... Porque não?

— Então vem!

Carlos pusera nisto toda a sua alma. E ao abraçar o Ega, corriam-lhe na face duas grandes lágrimas.

Então Ega refletiu. Antes de ir a Santa Olávia, precisava fazer uma romagem à quinta de Celorico. O Oriente era caro. Urgia pois arrancar à mãe algumas letras de crédito... E como Carlos pretendia ter «bastante para o luxo de ambos», Ega atalhou muito sério:

— Não, não! Minha mãe também é rica. Uma viagem à América e ao Japão são formas de educação. E a mamã tem o dever de completar a minha educação. O que aceito, sim, é uma das tuas malas de couro.

Quando nessa noite, acompanhados pelo Vilaça, Carlos e Ega chegaram à estação de Santa Apolónia, o comboio ia partir. Carlos mal teve tempo de saltar para o seu compartimento reservado — enquanto Batista, abraçado às mantas de viagem, empurrado pelo guarda, se içava desesperadamente para outra carruagem, entre os protestos dos sujeitos que a atulhavam. O trem imediatamente rolou. Carlos debruçou-se à portinhola, gritando ao Ega: «Manda um telegrama amanhã a dizer o que houve!»

Recolhendo ao *Ramalhete* com o Vilaça, que ia nessa noite coligir e selar os papéis de Afonso da Maia, Ega falou logo nas quinhentas libras que ele devia entregar na manhã seguinte a Maria Eduarda. Vilaça recebera, com efeito, essa ordem de Carlos. Mas francamente, entre amigos, não lhe parecia excessiva a soma, para uma jornada? Além disso, Carlos falara em estabelecer a essa senhora uma mesada de quatro mil francos, cento e sessenta libras! Não achava também exagerado? Para uma mulher, uma simples mulher...

Ega lembrou que essa simples mulher tinha direito legal a muito mais...

— Sim, sim — resmungou o procurador. Mas tudo isso de legalidade tem ainda de ser muito estudado. Não

falemos nisso. Eu não gosto de falar nisso!...

Depois, como Ega aludia à fortuna que deixava Afonso da Maia — Vilaça deu detalhes. Era decerto uma das boas casas de Portugal. Só o que viera da herança de Sebastião da Maia representava bem quinze contos de renda. As propriedades do Alentejo, com os trabalhos que lá fizera o pai dele Vilaça, tinham triplicado de valor, Santa Olávia era uma despesa. Mas as quintas ao pé de Lamego, um condado.

— Há muito dinheiro! — exclamou ele com satisfação, batendo no joelho do Ega. E isto, amigo, digam lá o que disserem, sempre consola de tudo.

— Consola de muito, com efeito.

Ao entrar no *Ramalhete*, Ega

sentia uma longa saudade pensando no lar feliz e amável que ali houvera e que para sempre se apagara. Na antecâmara, os seus passos já lhe pareceram soar tristemente, como os que se dão numa casa abandonada. Ainda errava um vago cheiro de incenso e de fenol. No lustre do corredor havia uma luz só e dormente.

— Já anda aqui um ar de ruína, Vilaça.

— Ruinazinha bem confortável, todavia! — murmurou o procurador, dando um olhar às tapeçarias e aos divãs, e esfregando as mãos, arrepiado da friagem da noite.

Entraram no escritório de Afonso, onde durante um momento se ficaram aquecendo ao lume. O relógio Luís XV bateu finalmente as nove horas — depois

a toada argentina do seu minuete vibrou um instante e morreu. Vilaça preparou-se para começar a sua tarefa. Ega declarou que ia para o quarto arranjar também a sua papelada, fazer a limpeza final de dois anos de mocidade... Subiu. E pousara apenas a luz sobre a cómoda, quando sentiu ao fundo, no silêncio do corredor, um gemido longo, desolado, de uma tristeza infinita. Um terror arrepiou-lhe os cabelos. Aquilo arrastava-se, gemia no escuro, para o lado dos aposentos de Afonso da Maia. Por fim, refletindo que toda a casa estava acordada, cheia de criados e de luzes, Ega ousou dar alguns passos no corredor, com o castiçal na mão trémula.

Era o gato! Era o «Reverendo Bonifácio», que diante do quarto de

Afonso, arranhando a porta fechada, miava doloridamente. Ega escorraçou-o, furioso. O pobre «Bonifácio» fugiu, obeso e lento, com a cauda fofa a roçar o chão: mas voltou logo, e esgatanhando a porta, roçando-se pelas pernas do Ega, recomeçou a miar, num lamento agudo, saudoso como o de uma dor humana, chorando o dono perdido que o acariciava no colo e que não tornara a aparecer. Ega correu ao escritório a pedir ao Vilaça que dormisse essa noite no *Ramalhete*. O procurador acedeu, impressionado com aquele horror do gato a chorar. Deixara o montão de papéis sobre a mesa, voltara a aquecer os pés ao lume dormente. E voltando-se para o Ega, que se sentara, ainda todo pálido, no sofá bordado a matiz, antigo lugar de D. Diogo, murmurou

devagar, gravemente:

— Há três anos, quando o Sr. Afonso me encomendou aqui as primeiras obras, lembrei-lhe eu que, segundo uma antiga lenda, eram sempre fatais aos Maias as paredes do *Ramalhete*. O Sr. Afonso da Maia riu de agouros e lendas... Pois fatais foram! No dia seguinte, levando os papéis da Monforte e o dinheiro em letras e libras que Vilaça lhe entregara à porta do Banco de Portugal, Ega, com o coração aos pulos, mas decidido a ser forte, a afrontar a crise serenamente, subiu ao primeiro andar da Rua de S. Francisco. O Domingos, de gravata preta, movendo-se em pontas de pés, abriu o reposteiro da sala. E Ega pousara apenas sobre o sofá a velha caixa de charutos da Monforte — quando Maria

Eduarda entrou, pálida, toda coberta de negro, estendendo-lhe as mãos ambas.

— Então Carlos?

Ega balbuciou:

— Como Vossa Excelência pode imaginar, num momento destes... Foi horrível, assim de surpresa...

Uma lágrima tremeu nos olhos pisados de Maria. Ela não conhecia o Sr. Afonso da Maia, nem sequer o vira nunca. Mas sofria realmente por sentir bem o sofrimento de Carlos... O que aquele rapaz estremecia o avô!

— Foi de repente, não?

Ega retardou-se em longos detalhes. Agradeceu a coroa que ela mandara. Contou os gemidos, a aflição do pobre «Bonifácio»...

— E Carlos? — repetiu ela.

— Carlos foi para Santa Olávia, minha senhora.

Ela apertou as mãos, numa surpresa que a acabrunhava. Para Santa Olávia! E sem um bilhete, sem uma palavra?... Um terror empalidecia-a mais, diante daquela partida tão arrebatada, quase parecida com um abandono. Terminou por murmurar, com um ar de resignação e de confiança que não sentia:

— Sim, com efeito, nestes momentos não se pensa nos outros... Duas lágrimas corriam-lhe devagar pela face. E diante desta dor, tão humilde e tão muda, Ega ficou desconcertado. Durante um instante, com os dedos trémulos no bigode, viu Maria chorar em silêncio. Por fim ergueu-se, foi à janela, voltou, abriu os braços diante dela numa aflição:

— Não, não é isso, minha querida senhora! Há outra coisa, há ainda outra coisa! Têm sido para nós dias terríveis! Têm sido dias de angústia...

Outra coisa!?... Ela esperava, com os olhos largos sobre o Ega, a alma toda suspensa.

Ega respirou fortemente:

— Vossa Excelência lembra-se de um Guimarães, que vive em Paris, um tio do Dâmaso?

Maria, espantada, moveu lentamente a cabeça.

— Esse Guimarães era muito conhecido da mãe de Vossa Excelência, não é verdade?

Ela teve o mesmo movimento breve e mudo. Mas o pobre Ega hesitava ainda, com a face arrepanhada e branca,

num embaraço que o dilacerava:

— Eu falo em tudo isto, minha senhora, porque Carlos assim me pediu... Deus sabe o que me custa!... E é horrível, nem sei por onde hei de começar...

Ela juntou as mãos, numa súplica, numa angústia:

— Pelo amor de Deus!

E nesse instante, muito sossegadamente, Rosa erguia uma ponta do reposteiro, com *Niniche* ao lado e a sua boneca nos braços. A mãe teve um grito impaciente:

— Vai lá para dentro! deixa-me!

Assustada, a pequena não se moveu mais, com os lindos olhos de repente cheios de água. O reposteiro caiu, do fundo do corredor veio um grande choro magoado.

Então Ega teve um só desejo, o desesperado desejo de findar.

— Vossa Excelência conhece a letra de sua mãe, não é verdade?... Pois bem! Eu trago aqui uma declaração dela a seu respeito... Esse Guimarães é que tinha este documento, com outros papéis que ela lhe entregou em 71, nas vésperas da guerra... Ele conservou-os até agora, e queria restituir-lhos, mas não sabia onde Vossa Excelência vivia. Viu-a há dias numa carruagem, comigo e com o Carlos... Foi ao pé do Aterro, Vossa Excelência deve lembrar-se, defronte do alfaiate, quando vínhamos da *Toca*... Pois bem! O Guimarães veio imediatamente ao procurador dos Maias, deu-lhe esses papéis, para que os entregasse a Vossa Excelência... E nas primeiras palavras

que disse, imagine o assombro de todos, quando se entreviu que Vossa Excelência era parenta de Carlos, e parenta muito chegada.

Atabalhoara esta história de pé, quase de um fôlego, com bruscos gestos de nervoso. Ela mal compreendia, lívida, num indefinido terror. Só pôde murmurar muito debilmente: «Mas...» E de novo emudeceu, assombrada, devorando os movimentos do Ega, que, debruçado sobre o sofá, desembrulhava a tremer a caixa de charutos da Monforte. Por fim voltou para ela com um papel na mão, atropelando as palavras numa debandada:

— A mãe de Vossa Excelência nunca lho disse... Havia um motivo muito grave... Ela tinha fugido de Lisboa, fugido ao marido... Digo isto assim brutalmente,

perdoe-me Vossa Excelência, mas não é o momento de atenuar as coisas... Aqui está! Vossa Excelência conhece a letra de sua mãe. É dela esta letra, não é verdade?

— É! — exclamou Maria, indo arrebatar o papel.

— Perdão! — gritou Ega, retirando-lho violentamente. — Eu sou um estranho! E Vossa Excelência não se pode inteirar de tudo isto enquanto eu não sair daqui.

Fora uma inspiração providencial, que o salvava de testemunhar o choque terrível, o horror das coisas que ela ia saber. E insistiu. Deixava-lhe ali todos os papéis que eram de sua mãe. Ela leria, quando ele saísse, compreenderia a realidade atroz... Depois, tirando do bolso os dois pesados rolos de libras, o

sobrescrito que continha a letra sobre Paris, pôs tudo em cima da mesa, com a declaração da Monforte.

— Agora só mais duas palavras. Carlos pensa que o que Vossa Excelência deve fazer já, é partir para Paris. Vossa Excelência tem direito, como sua filha há de ter, a uma parte da fortuna desta família dos Maias, que agora é a sua... Neste maço que lhe deixo está uma letra sobre Paris para as despesas imediatas... O procurador de Carlos tomou já um vagão-salão. Quando Vossa Excelência decidir partir, peço-lhe que mande um recado ao *Ramalhete*, para eu estar na *gare*... Creio que é tudo. E agora devo deixá-la... Agarrara rapidamente o chapéu, veio tomar-lhe a mão inerte e fria:

— Tudo é uma fatalidade! Vossa

Excelência é nova, ainda lhe resta muita coisa na vida, tem a sua filha a consolá-la de tudo... Nem lhe sei dizer mais nada!

Sufocado, beijou-lhe a mão que ela lhe abandonou, sem consciência e sem voz, de pé, direita no seu negro luto, com a lividez parada de um mármore. E fugiu.

— Ao telégrafo! — gritou em baixo ao cocheiro.

Foi só na Rua do Ouro que começou a serenar, tirando o chapéu, respirando largamente. E ia então repetindo a si mesmo todas as consolações que se poderiam dar a Maria Eduarda: era nova e formosa; o seu pecado fora inconsciente; o tempo acalma toda a dor; e em breve, já resignada, encontrar-se-ia com uma família séria, uma larga fortuna, nesse amável Paris,

onde uns lindos olhos, com algumas notas de mil francos, têm sempre um reinado seguro...

— É uma situação de viúva bonita e rica — terminou ele por dizer alto no *coupé*. Há pior na vida.

Ao sair do telégrafo despediu a tipoia. Por aquela luz consoladora do dia de inverno, recolheu a pé para o *Ramalhete*, a escrever a longa carta que prometera a Carlos. Vilaça já lá estava instalado, com um boné de veludilho na cabeça, emaçando ainda os papéis de Afonso, liquidando as contas dos criados. Jantaram tarde. E fumavam junto do lume, na sala Luís XV, quando o escudeiro veio dizer que uma senhora, em baixo, num carruagem, procurava o Sr. Ega. Foi um terror. Imaginaram logo Maria, alguma

resolução desesperada. Vilaça ainda teve a esperança de ela trazer alguma nova revelação, que tudo mudasse, salvasse da «bolada»... Ega desceu a tremer. Era Melanie numa tipoia de praça, abafada numa grande *ulster*, com uma carta de *madame*. À luz da lanterna, Ega abriu o envelope, que trazia apenas um cartão branco, com estas palavras a lápis: «Decidi partir amanhã para Paris.» Ega recalcou a curiosidade de saber como estava a senhora. Galgou logo as escadas: e seguido de Vilaça, que ficara na antecâmara à espreita, correu ao escritório de Afonso, a escrever a Maria. Num papel tarjado de luto dizia-lhe (além de detalhes sobre bagagens) que o vagão-salão estava tomado até Paris, e que ele teria a honra de a ver em Santa Apolónia.

Depois, ao fazer o sobrescrito, ficou com a pena no ar, num embaraço. Devia pôr «Madame Mac Gren» ou «D. Maria Eduarda da Maia»? Vilaça achava preferível o antigo nome, porque ela legalmente ainda não era Maia. Mas, dizia o Ega atrapalhado, também já não era Mac Gren...

— Acabou-se! — Vai sem nome. Imagina-se que foi esquecimento...

Levou assim a carta, dentro do sobrescrito em branco. Melanie guardou-a no regalo. E, debruçada à portinhola, entristecendo a voz, desejou saber, da parte de *madame*, onde estava enterrado o avô do senhor...

Ega ficou com o monóculo sobre ela, sem sentir bem se aquela curiosidade de Maria era indiscreta ou tocante. Por

fim deu uma indicação. Era nos Prazeres, à direita, ao fundo, onde havia um anjo com uma tocha. O melhor seria perguntar ao guarda pelo jazigo dos senhores Vilaças.

— Merci, monsieur, bien le bonsoir.

— Bonsoir, Melanie!

No dia seguinte, na estação de Santa Apolónia, Ega, que viera cedo com o Vilaça, acabava de despachar a sua bagagem para o Douro, quando avistou Maria, que entrava trazendo Rosa pela mão. Vinha toda envolta numa grande peliça escura, com um véu dobrado, espesso como uma máscara: e a mesma gaze de luto escondia o rostozinho da pequena, fazendo-lhe um laço sobre a touca. Miss Sara, numa *ulster* clara de

quadrados, sobraçava um maço de livros. Atrás o Domingos, com os olhos muito vermelhos, segurava um rolo de mantas, ao lado de Melanie carregada de preto, que levava *Niniche* ao colo. Ega correu para Maria Eduarda, conduziu-a pelo braço, em silêncio, ao vagão-salão, que tinha todas as cortinas cerradas. Junto do estribo ela tirou devagar a luva. E muda, estendeu-lhe a mão.

— Ainda nos vemos no Entroncamento — murmurou Ega. — Eu sigo também para o Norte.

Alguns sujeitos pararam, com curiosidade, ao ver sumir-se naquela carruagem de luxo, fechada, misteriosa, uma senhora que parecia tão bela, de ar tão triste, coberta de negro. E apenas Ega fechou a portinhola, o Neves, o da *Tarde* e

do Tribunal de Contas, rompeu de entre um rancho, arrebatou-lhe o braço com sofreguidão:

— Quem é?

Ega arrastou-o pela plataforma, para lhe deixar cair no ouvido, já muito adiante, tragicamente:

— Cleópatra!

O político, furioso, ficou rosnando: «Que asno!...» Ega abalara. Junto do seu compartimento, Vilaça esperava, ainda deslumbrado com aquela figura de Maria Eduarda, tão melancólica e nobre. Nunca a vira antes. E parecia-lhe uma rainha de romance.

— Acredite o amigo, fez-me impressão! Caramba, bela mulher! Dá-nos uma bolada, mas é uma soberba praça!

O comboio partiu. O Domingos

ficava choramingando com um lenço de cores sobre a face. E o Neves, o conselheiro do Tribunal de Contas, ainda furioso, vendo o Ega à portinhola, atirou-lhe de lado, disfarçadamente, um gesto obsceno.

No Entroncamento, Ega veio bater nos vidros do salão, que se conservava fechado e mudo. Foi Maria que abriu. Rosa dormia. Miss Sara lia a um canto, com a cabeça na almofada. E *Ninichea*ssustada ladrou.

— Quer tomar alguma coisa, minha senhora?

— Não, obrigada...

Ficaram calados, enquanto Ega, com o pé no estribo, tirava lentamente a charuteira. Na estação mal alumiada passavam saloios, devagar, abafados em

mantas. Um guarda rolava uma carreta de fardos. Adiante a máquina resfolegava na sombra. E dois sujeitos rondavam em frente do salão, com olhares curiosos e já lânguidos para aquela magnífica mulher, tão grave e sombria, envolta na sua peliça negra.

— Vai para o Porto? — murmurou ela.

— Para Santa Olávia...

— Ah!

Então Ega balbuciou com os beiços a tremer:

— Adeus!

Ela apertou-lhe a mão com muita força, em silêncio, sufocada. Ega atravessou devagar, por entre soldados de capote enrolado a tiracolo, que corriam a beber à cantina. À porta do bufete voltou-

se ainda, ergueu o chapéu. Ela, de pé, moveu de leve o braço num lento adeus. E foi assim que ele, pela derradeira vez na vida, viu Maria Eduarda, grande, muda, toda negra na claridade, à portinhola daquele vagão que para sempre a levava.

18

Semanas depois, nos primeiros dias do ano novo, a *Gazeta Ilustrada* trazia na sua coluna do *High Life* esta notícia: «O distinto e brilhante *sportman*, o Sr. Carlos da Maia, e o nosso amigo e colaborador João da Ega, partiram ontem para Londres, donde seguirão em breve para a América do Norte, devendo daí prolongar a sua interessante viagem até ao Japão. Numerosos amigos foram a bordo do *Tamar* despedir-se dos simpáticos *touristes*. Vimos entre outros os senhores ministros da Finlândia e seu secretário, o marquês de Sousela, conde de Gouvarinho, visconde de Darque,

Guilherme Craft, Teles da Gama, Cruges, Taveira, Vilaça, general Sequeira, o glorioso poeta Tomás de Alencar, etc., etc. O nosso amigo e colaborador João da Ega fez-nos, no último *shake-hands*, a promessa de nos mandar algumas cartas com as suas impressões do Japão, esse delicioso país donde nos vem o Sol e a moda. É uma boa nova para todos os que prezam a observação e o espírito. *Au revoir*!» Depois destas linhas afetuosas (em que o Alencar colaborara) as primeiras notícias dos «viajantes» vieram, numa carta do Ega para o Vilaça, de Nova Iorque. Era curta, toda de negócios. Mas ele ajuntava um pós-escrito com o título de *Informações gerais para os amigos*. Contava aí a medonha travessia desde Liverpool, a persistente

tristeza de Carlos, Nova Iorque coberta de neve sob um Sol rutilante. E acrescentava ainda: «Está-se apossando de nós a embriaguez das viagens, decididos a trilhar este estreito Universo até que *cansem as nossas tristezas*. Planeamos ir a Pequim, passar a Grande Muralha, atravessar a Ásia Central, o oásis de Merv, Khiva, e penetrar na Rússia; daí, pela Arménia e pela Síria, descer ao Egito a retemperar-nos no sagrado Nilo; subir depois a Atenas, lançar sobre a Acrópole uma saudação a Minerva; passar a Nápoles; dar um olhar à Argélia e a Marrocos; e cair enfim ao comprido em Santa Olávia lá para os meados de 79, a descansar os membros fatigados. Não escrevinho mais porque é tarde, e vamos à Ópera ver a Patti

no *Barbeiro*. Larga distribuição de abraços a todos os amigos queridos.» Vilaça copiou este parágrafo, e trazia-o na carteira para mostrar aos fiéis amigos do *Ramalhete*. Todos aprovaram, com admiração, tão belas, aventurosas jornadas. Só Cruges, aterrado com aquela vastidão do Universo, murmurou tristemente: «Não voltam cá!» Mas, passado ano e meio, num lindo dia de março, Ega reapareceu no Chiado. E foi uma sensação! Vinha esplêndido, mais forte, mais trigueiro, soberbo de *verve*, num alto apuro de *toilette*, cheio de histórias e de aventuras do Oriente, não tolerando nada em arte ou poesia que não fosse do Japão ou da China, e anunciando um grande livro, o «seu livro», sob este título grave de crónica heroica

— *Jornadas da Ásia*.

— E Carlos?...

— Magnífico! Instalado em Paris, num delicioso apartamento dos Campos Elísios, fazendo a vida larga de um príncipe artista da Renascença...

Ao Vilaça, porém, que sabia os segredos, Ega confessou que Carlos ficara ainda *abalado*. Vivia, ria, governava o seu faetonte no Bois — mas lá no fundo do seu coração permanecia, pesada e negra, a memória da «semana terrível».

— Todavia os anos vão passando, Vilaça — acrescentou ele. — E com os anos, a não ser a China, tudo na Terra passa...

E esse ano passou. Gente nasceu, gente morreu. Searas amadureceram, arvoredos murcharam. Outros anos

passaram.

Nos fins de 1886, Carlos veio fazer o Natal perto de Sevilha, a casa de um amigo seu de Paris, o marquês de Vila Medina. E dessa propriedade dos Vila Medina, chamada *La Soledad*, escreveu para Lisboa ao Ega anunciando que, depois de um exílio de quase dez anos, resolvera vir ao velho Portugal, ver as árvores de Santa Olávia e as maravilhas da Avenida. De resto tinha uma formidável nova, que assombraria o bom Ega: e se ele já ardia em curiosidade, que viesse ao seu encontro com o Vilaça, comer o porco a Santa Olávia. «Vai casar!», pensou Ega.

Havia três anos (desde a sua última estada em Paris) que ele não via Carlos. Infelizmente não pôde correr a

Santa Olávia, retido num quarto do *Bragança* com uma angina, desde uma ceia prodigiosamente divertida com que celebrara no Silva a noite de Reis. Vilaça, porém, levou a Carlos para Santa Olávia uma carta em que o Ega, contando a sua angina, lhe suplicava que se não retardasse com o porco nesses penhascos do Douro, e que voasse à grande capital a trazer a grande nova.

Com efeito, Carlos pouco se demorou em Resende. E numa luminosa e macia manhã de janeiro de 1887, os dois amigos, enfim juntos, almoçavam num salão do *Hotel Bragança*, com as duas janelas abertas para o rio.

Ega, já curado, radiante, numa excitação que não se calmava, alagando-se de café, entalava a cada instante o

monóculo para admirar Carlos e a sua «imutabilidade».

— Nem uma branca, nem uma ruga, nem uma sombra de fadiga!... Tudo isso é Paris, menino!... Lisboa arrasa. Olha para mim, olha para isto!

Com o dedo magro apontava os dois vincos fundos ao lado do nariz, na face chupada. E o que o aterrava sobretudo era a calva, uma calva que começara havia dois anos, alastrara, já reluzia no alto.

— Olha este horror! A ciência para tudo acha um remédio, menos para a calva! Transformam-se as civilizações, a calva fica!... Já tem tons de bola de bilhar, não é verdade?... De que será?

— É a ociosidade — lembrou Carlos rindo.

— A ociosidade!... E tu, então?

De resto, que podia ele fazer neste país?... Quando voltara de França, ultimamente, pensara em entrar na diplomacia. Para isso sempre tivera a *blague*: e agora que a mamã, coitada, lá estava no seu grande jazigo em Celorico, tinha a massa. Mas depois refletira. Por fim, em que consistia a diplomacia portuguesa? Numa outra forma da ociosidade, passada no estrangeiro, com o sentimento constante da própria insignificância. Antes o Chiado! E como Carlos lembrava a política, ocupação dos inúteis, Ega trovejou. A política! Isso tornara-se moralmente e fisicamente nojento, desde que o negócio atacara o constitucionalismo como uma filoxera! Os políticos hoje eram bonecos de engonços,

que faziam gestos e tomavam atitudes porque dois ou três financeiros por trás lhes puxavam pelos cordéis... Ainda assim podiam ser bonecos bem recortados, bem envernizados. Mas qual! Aí é que estava o horror. Não tinham feitio, não tinham maneiras, não se lavavam, não limpavam as unhas... Coisa extraordinária, que em país algum sucedia, nem na Roménia, nem na Bulgária! Os três ou quatro salões que em Lisboa recebem todo o mundo, seja quem for, largamente, excluem a maioria dos políticos. E porquê? Porque as *senhoras têm nojo*!

— Olha o Gouvarinho! Vê lá se ele recebe às terças-feiras os seus correligionários...

Carlos, que sorria, encantado com

aquela veia acerba do Ega, saltou na cadeira:

— É verdade, e a Gouvarinho, a nossa boa Gouvarinho? Ega, passeando pela sala, deu as novas dos Gouvarinhos. A condessa herdara uns sessenta contos de uma tia excêntrica que vivia a Santa Isabel, tinha agora melhores carruagens, recebia sempre às terças-feiras. Mas sofria uma doença qualquer, grave, no fígado ou no pulmão. Ainda elegante todavia, muito séria, uma terrível flor de*pruderie*... Ele, o Gouvarinho, aí continuava, palrador, escrevinhador, politicote, empertigadote, já grisalho, duas vezes ministro, e coberto de grã-cruzes...

— Tu não os viste em Paris, ultimamente?

— Não. Quando soube fui-lhes deixar bilhetes, mas tinham partido na véspera para Vichy...

A porta abriu-se, um brado cavo ressoou:

— Até que enfim, meu rapaz!

— Oh, Alencar! — gritou Carlos, atirando o charuto. E foi um infinito abraço, com palmadas arrebatadas pelos ombros, e um beijo ruidoso o beijo paternal do Alencar, que tremia, comovido. Ega arrastara uma cadeira, berrava pelo escudeiro:

— Que tomas tu, Tomás? Conhaque? Curaçau? Em todo o caso café! Mais café! Muito forte, para o Sr. Alencar!

O poeta, no entanto, abismado na contemplação de Carlos, agarrara-o pelas

mãos com um sorriso largo, que lhe descobria os dentes mais estragados. Achava-o magnífico, varão soberbo, honra da raça... Ah! Paris, com o seu espírito, a sua vida ardente, conserva...

— E Lisboa arrasa! — acudiu Ega. — Já cá tive essa frase. Vá, abanca, aí tens o cafezinho e a bebida!

Mas Carlos agora também contemplava o Alencar. E parecia-lhe mais bonito, mais poético, com a sua grenha inspirada e toda branca, e aquelas rugas fundas na face morena, cavadas como sulcos de carros pela tumultuosa passagem das emoções...

— Estás típico, Alencar! Estás a preceito para a gravura e para a estátua!...

O poeta sorria, passando os dedos com complacência pelos longos bigodes

românticos, que a idade embranquecera e o cigarro amarelara. Que diabo, algumas compensações havia de ter a velhice!... Em todo o caso o estômago não era mau, e conservava-se, caramba, filhos, um bocado de coração.

— O que não impede, meu Carlos, que isto por cá esteja cada vez pior! Mas acabou-se... A gente queixa-se sempre do seu país, é hábito humano. Já Horácio se queixava. E vocês, inteligências superiores, sabeis bem, filhos, que no tempo de Augusto... Sem falar, é claro, na queda da República, naquele desabamento das velhas instituições... Enfim, deixemos lá os Romanos! Que está ali naquela garrafa? Chablis... Não desgosto, no outono, com as ostras. Pois vá lá o Chablis. E à tua chegada, meu Carlos! E à

tua, meu João, e que Deus vos dê as glórias que mereceis, meus rapazes!...

Bebeu. Rosnou: «Bom Chablis, *bouquet* fino.» E acabou por abancar, ruidosamente, sacudindo para trás a juba branca.

— Este Tomás! — exclamava Ega, pousando-lhe a mão no ombro com carinho. — Não há outro, é único! O bom Deus fê-lo num dia de grande *verve*, e depois quebrou a forma.

Ora, histórias!, murmurava o poeta radiante. Havia-os tão bons como ele. A humanidade viera toda do mesmo barro, como pretendia a Bíblia ou do mesmo macaco, como afirmava o Darwin...

— Que, lá essas coisas de evolução, origem das espécies, desenvolvimento da célula, cá por mim...

Está claro, o Darwin, o Lamarck, o Spencer, o Claude Bernard, o Littré, tudo isso, é gente de primeira ordem. Mas acabou-se, irra! Há uns poucos de mil anos que o homem prova, sublimemente, que tem alma!

— Toma o cafezinho, Tomás! — aconselhou o Ega, empurrando-lhe a chávena. — Toma o cafezinho!

— Obrigado!... E é verdade, João, lá dei a tua boneca à pequena. Começou logo a beijá-la, a embalá-la, com aquele profundo instinto de mãe, aquele *quid* divino... É uma sobrinhita minha, meu Carlos. Ficou sem mãe, coitadinha, lá a tenho, lá vou tratando de fazer dela uma mulher... hás de vê-la. Quero que vocês lá vão jantar um dia, para vos dar umas perdizes à espanhola...

Tu demoras-te, Carlos?

— Sim, uma ou duas semanas, para tomar um bom sorvo de ar da pátria.

— Tens razão, meu rapaz! — exclamou o poeta, puxando a garrafa do conhaque. Isto ainda não é tão mau como se diz... Olha tu para isso, para esse céu, para esse rio, homem!

— Com efeito, é encantador!

Todos três, durante um momento, pasmaram para a incomparável beleza do rio, vasto, lustroso, sereno, tão azul como o céu, esplendidamente coberto de Sol.

— E versos? — exclamou de repente Carlos, voltando-se para o poeta. — Abandonaste a língua divina?

Alencar fez um gesto de desalento. Quem entendia já a língua divina? O novo Portugal só compreendia a língua da libra,

da massa. Agora, filho, tudo eram sindicatos!

— Mas ainda às vezes me passa uma coisa cá por dentro, o velho homem estremece... Tu não viste nos jornais?... Está claro, não lês cá esses trapos que por aí chamam gazetas... Pois veio aí uma coisita, dedicada aqui ao João. Ora eu ta digo, se me lembrar... Correu a mão aberta pela face escaveirada, lançou a estrofe num tom de lamento:

Luz d'esperança, luz d'amor,
Que vento vos desfolhou?
Que a alma que vos seguia
Nunca mais vos encontrou!

Carlos murmurou: «Lindo!» Ega murmurou: «Muito fino»! E o poeta, aquecendo, já comovido, esboçou um movimento de asa que foge:

Minh'alma em tempos d'outrora,
Quando nascia o luar,
Como um rouxinol que acorda
Punha-se logo a cantar.
Pensamentos eram flores,
Que a aragem lenta de maio...

— O Sr. Cruges! — anunciou o criado, entreabrindo a porta. Carlos ergueu os braços. E o maestro, todo abotoado num paletó claro, abandonou-se à efusão de Carlos, balbuciando:

— Eu só ontem é que soube. Queria-te ir esperar, mas não me acordaram...

— Então continua o mesmo desleixo? — exclamava Carlos, alegremente. — Nunca te acordam?

Cruges encolhia os ombros, muito vermelho, acanhado, depois daquela longa

separação. E foi Carlos que o obrigou a sentar-se ao lado, enternecido com o seu velho maestro, sempre esguio, com o nariz mais agudo, a grenha caindo mais crespa sobre a gola do paletó.

— E deixa-me dar-te os parabéns! Lá soube pelos jornais o triunfo, a linda ópera cómica, a *Flor de Sevilha*...

— *De Granada*! — acudiu o maestro. — Sim, uma coisita para aí, não desgostaram.

— Uma beleza! — gritou Alencar, enchendo outro copo de conhaque. — Uma música toda do Sul, cheia de luz, cheirando a laranjeira... Mas já lhe tenho dito: «Deixa lá a opereta, rapaz, voa mais alto, faz uma grande sinfonia histórica!» Ainda há dias lhe dei uma ideia. A partida de D. Sebastião para a África. Cantos de

marinheiros, atabales, o choro do povo, as ondas batendo... Sublime! Qual, põe-se-me lá com castanholas... Enfim, acabou-se, tem muito talento, e é como se fosse meu filho, porque me sujou muita calça!... Mas o maestro, inquieto, passava os dedos pela grenha. Por fim confessou a Carlos que não se podia demorar, tinha um *rendez-vous*...

— De amor?

— Não... É o Barradas que me anda a tirar o retrato a óleo.

— Com a lira na mão?

— Não — respondeu o maestro, muito sério. — Com a batuta... E estou de casaca.

E desabotoou o paletó, mostrou-se em todo o seu esplendor, com dois corais no peitilho da camisa, e a batuta de

marfim metida na abertura do colete.

— Estás magnífico! — afirmou Carlos. — Então outra coisa, vem cá jantar logo. Alencar, tu também, hem? Quero ouvir esses belos versos com sossego... Às seis, em ponto, sem falhar. Tenho um jantarinho à portuguesa que encomendei de manhã, com cozido, arroz de forno, grão-de-bico, etc., para matar saudades... Alencar lançou um gesto imenso de desdém. Nunca o cozinheiro do *Bragança*, francelhote miserável, estaria à altura desses nobres petiscos do velho Portugal. Enfim, acabou-se. Seria pontual às seis, para uma grande saúde ao seu Carlos!

— Vocês vão sair, rapazes?

Carlos e Ega iam ao *Ramalhete* visitar o casarão.

O poeta declarou logo que isso era romagem sagrada. Então ele partia com o maestro. O seu caminho ficava também para o lado do Barradas... Moço de talento, esse Barradas... Um pouco pardo de cor, tudo por acabar, esborratado, mas uma bela ponta de faísca.

— E teve uma tia, filhos, a Leonor Barradas! Que olhos, que corpo! E não era só o corpo! Era a alma, a poesia, o sacrifício!.... Já não há disso, já lá vai tudo. Enfim, acabou-se, às seis!

— Às seis, em ponto, sem falhar!

Alencar e o maestro partiram, depois de se munirem de charutos. E daí a pouco Carlos e Ega seguiam também pela Rua do Tesouro Velho, de braço dado, muito lentamente.

Iam conversando de Paris, de

rapazes e de mulheres que o Ega conhecera, havia quatro anos, quando lá passara um tão alegre inverno nos apartamentos de Carlos. E a surpresa do Ega, a cada nome evocado, era o curto brilho, o fim brusco de toda essa mocidade estouvada. A Lucy Gray, morta. A Conrad, morta... E a Marie Blond? Gorda, emburguesada, casada com um fabricante de velas de estearina. O polaco, o louro? Fugido, desaparecido. Mr. de Menant, esse Don Juan? Subprefeito no departamento do Doubs. E o rapaz que morava ao lado, o belga? Arruinado na Bolsa... E outros ainda, mortos, sumidos, afundados no lodo de Paris!

— Pois tudo somado, menino — observou Ega — esta nossa vidinha de

Lisboa, simples, pacata, corredia, é infinitamente preferível.

Estavam no Loreto; e Carlos parara, olhando, reentrando na intimidade daquele velho coração da capital. Nada mudara. A mesma sentinela sonolenta rondava em torno à estátua triste de Camões. Os mesmos reposteiros vermelhos, com brasões eclesiásticos, pendiam nas portas das duas igrejas. O *Hotel Aliança* conservava o mesmo ar mudo e deserto. Um lindo Sol dourava o lajedo; batedores de chapéu à faia fustigavam as pilecas; três varinas, de canastra à cabeça, meneavam os quadris, fortes e ágeis na plena luz. A uma esquina, vadios em farrapos fumavam; e na esquina defronte, na Havanesa, fumavam também outros vadios, de sobrecasaca,

politicando.

— Isto é horrível, quando se vem de fora! — exclamou Carlos.

— Não é a cidade, é a gente. Uma gente feiíssima, encardida, molenga, reles, amarelada, acabrunhada!...

— Todavia Lisboa faz diferença — afirmou Ega, muito sério. — Oh, faz muita diferença! hás de ver a Avenida... Antes do *Ramalhete* vamos dar uma volta à Avenida.

Foram descendo o Chiado. Do outro lado, os toldos das lojas estendiam no chão uma sombra forte e dentada. E Carlos reconhecia, encostados às mesmas portas, sujeitos que lá deixara havia dez anos, já assim encostados, já assim melancólicos. Tinham rugas, tinham brancas. Mas lá estacionavam ainda,

apagados e murchos, rente das mesmas ombreiras, com colarinhos à moda. Depois, diante da Livraria Bertrand, Ega, rindo, tocou no braço de Carlos:

— Olha quem ali está, à porta do Baltreschi!

Era o Dâmaso. O Dâmaso, barrigudo, nédio, mais pesado, de flor ao peito, mamando um grande charuto, e pasmaceando, com o ar regaladamente embrutecido de um ruminante farto e feliz. Ao avistar também os seus dois velhos amigos que desciam, teve um movimento para se esquivar, refugiar-se na confeitaria. Mas, insensivelmente, irresistivelmente, achou-se em frente de Carlos, com a mão aberta e um sorriso na bochecha, que se lhe esbraseara.

— Olá, por cá!... Que grande

surpresa!

Carlos abandonou-lhe dois dedos, sorrindo também, indiferente e esquecido.

— É verdade, Dâmaso... Como vai isso?

— Por aqui, nesta sensaboria... E então com demora?

— Umas semanas.

— Estás no *Ramalhete*?

— No *Bragança*. Mas não te incomodes, eu ando sempre por fora.

— Pois sim senhor!... Eu também estive em Paris, há três meses, no *Continental*...

— Ah!... Bem, estimei ver-te, até sempre!

— Adeus, rapazes. Tu estás bom, Carlos, estás com boa cara!

— É dos teus olhos, Dâmaso.

E nos olhos do Dâmaso, com efeito, parecia reviver a antiga admiração, arregalados, acompanhando Carlos, estudando-lhe por trás a sobrecasaca, o chapéu, o andar, como no tempo em que o Maia era para ele o tipo supremo do seu querido chique, «uma dessas coisas que só se veem lá fora...» — Sabes que o nosso Dâmaso casou? — disse o Ega um pouco adiante, travando outra vez do braço de Carlos.

E foi um espanto para Carlos. O quê! O nosso Dâmaso! Casado!?... Sim, casado com uma filha dos condes de Águeda, uma gente arruinada, com um rancho de raparigas. Tinham-lhe impingido a mais nova. E o ótimo Dâmaso, verdadeira sorte grande para aquela distinta família, pagava agora os

vestidos das mais velhas.

— É bonita?

— Sim, bonitinha... Faz aí a felicidade de um rapazote simpático, chamado Barroso.

— O quê, o Dâmaso, coitado!...

— Sim, coitado, coitadinho, coitadíssimo... Mas como vês, imensamente ditoso, até tem engordado com a perfídia!

Carlos parara. Olhava, pasmado, para as varandas extraordinárias de um primeiro andar, recobertas, como em dia de procissão, de sanefas de pano vermelho onde se entrelaçavam monogramas. E ia indagar quando, de entre um grupo que estacionava ao portal desse prédio festivo, um rapaz de ar estouvado, com a face imberbe cheia de

espinhas carnais, atravessou rapidamente a rua para gritar ao Ega, sufocado de riso:

— Se você for depressa ainda a encontra aí abaixo! Corra!

— Quem?

— A Adosinda!... De vestido azul, com plumas brancas no chapéu... Vá depressa... O João Eliseu meteu-lhe a bengala entre as pernas, ia-a fazendo estatelar no chão, foi uma cena... Vá depressa, homem!

Com duas pernadas esguias o rapaz recolheu ao seu rancho — onde todos, já calados, com uma curiosidade de província, examinavam aquele homem de tão alta elegância que acompanhava o Ega, e que nenhum conhecia. E Ega, no entanto, explicava a Carlos as varandas e o grupo:

— São rapazes do *Turf* . É um clube novo, o antigo Jockey da Travessa da Palha. Faz-se lá uma batotinha barata, tudo gente muito simpática... E como vês estão sempre assim preparados, com sanefas e tudo, para se acaso passar por aí o Senhor dos Passos. Depois, descendo para a Rua Nova do Almada, contou o caso da Adosinda. Fora no Silva, havia duas semanas, estando ele a cear com rapazes depois de S. Carlos, que lhes aparecera essa mulher inverosímil, vestida de vermelho, carregando insensatamente nos *rr*, metendo *rr* em todas as palavras, e perguntando pelo senhor *virrsconde*... Qual *virrsconde*? Ela não sabia bem. *Erra um virrsconde que encontrrarra no Crroliseu*. Senta-se, oferecem-lhe champanhe, e D. Adosinda

começa a revelar-se um ser prodigioso. Falavam de política, do Ministério e do *deficit*. D. Adosinda declara logo que conhece muito bem o *deficit*, e que é um belo rapaz... O *deficit* belo rapaz — imensa gargalhada! D. Adosinda zanga-se, exclama que já fora com ele a Sintra, que é um perfeito cavalheiro, e empregado no banco inglês... O *deficit* empregado no banco inglês — gritos, uivos, urros! E não cessou esta gargalhada contínua, estrondosa, frenética, até às cinco da manhã, em que D. Adosinda fora rifada e saíra ao Teles!... Noite soberba!

— Com efeito — disse Carlos rindo — é uma orgia grandiosa, lembra Heliogábalo e o conde de Orsay...

Então Ega defendeu calorosamente a sua orgia. Onde havia melhor, na

Europa, em qualquer civilização? Sempre queria ver que se passasse uma noite mais alegre em Paris, na desoladora banalidade do *Grand-Treize*, ou em Londres, naquela correta e maçuda sensaboria do *Bristol*!. O que ainda tornava a vida tolerável era de vez em quando uma boa risada. Ora na Europa o homem requintado já não ri — sorri regeladamente, lividamente. Só nós aqui, neste canto do mundo bárbaro, conservamos ainda esse dom supremo, essa coisa bendita e consoladora — a barrigada de riso!...

— Que diabo estás tu a olhar?

Era o consultório, o antigo consultório de Carlos — onde agora, pela tabuleta, parecia existir um pequeno *atelier* de modista. Então bruscamente os dois amigos recaíram nas

recordações do passado. Que estúpidas horas Carlos ali arrastara, com a *Revista dos Dois Mundos*, na espera vã dos doentes, cheio ainda de fé nas alegrias do trabalho!... E a manhã em que o Ega lá aparecera com a sua esplêndida peliça, preparando-se para transformar, num só inverno, todo o velho e rotineiro Portugal!

— Em que tudo ficou!

— Em que tudo ficou! Mas rimos bastante! Lembras-te daquela noite em que o pobre marquês queria levar ao consultório a Paca, para utilizar enfim o divã, móvel de serralho?...

Carlos teve uma exclamação de saudade. Pobre marquês! Fora umas das suas fortes impressões, nesses últimos anos — aquela morte do marquês, sabida de repente ao almoço, numa banal notícia

de jornal!... E através do Rossio, andando mais devagar, recordavam outros desaparecimentos: a D. Maria da Cunha, coitada, que acabara hidrópica; o D. Diogo, casado por fim com a cozinheira; o bom Sequeira, morto uma noite numa tipoia, ao sair dos cavalinhos...

— E outra coisa — perguntou Ega. — Tens visto o Craft em Londres?

— Tenho — disse Carlos. — Arranjou uma casa muito bonita ao pé de Richmond... Mas está muito avelhado, queixa-se muito do fígado. E, desgraçadamente, carrega de mais nos álcoois. É pena! Depois perguntou pelo Taveira. Esse lindo moço, contou o Ega, tinha agora por cima mais dez anos de Secretaria e de Chiado. Mas sempre apurado, já um bocado grisalho, metido

continuamente com alguma espanhola, dando bastante a lei em S. Carlos, e murmurando todas as tardes na Havanesa, com um ar doce e contente: «Isto é um país perdido!» Enfim, um bom tipozinho de lisboeta fino.

— E a besta do Steinbroken?

— Ministro em Atenas — exclamou Carlos — entre as ruínas clássicas!

E esta ideia do Steinbroken na velha Grécia divertiu-os infinitamente. Ega imaginava já o bom Steinbroken, teso nos seus altos colarinhos, afirmando a respeito de Sócrates, com prudência: «Oh, il est très fort, il est excessivement fort!» Ou ainda, a propósito da batalha das Termópilas, rosnando, com medo de se comprometer: «C'est très grave, c'est

excessivement grave!» Valia a pena ir à Grécia para ver!

Subitamente, Ega parou:

— Ora aí tens tu essa Avenida! Hem?... Já não é mau! Num claro espaço rasgado, onde Carlos deixara o Passeio Público, pacato e frondoso — um obelisco, com borrões de bronze no pedestal, erguia um traço cor de açúcar na vibração fina da luz de inverno: e os largos globos dos candeeiros que o cercavam, batidos do Sol, brilhavam, transparentes e rutilantes, como grandes bolas de sabão suspensas no ar. Dos dois lados seguiam, em alturas desiguais, os pesados prédios, lisos e aprumados, repintados de fresco, com vasos nas cornijas onde negrejavam piteiras de zinco, e pátios de pedra, quadrilhados a

branco e preto, onde guarda-portões chupavam o cigarro: e aqueles dois hirtos renques de casas ajanotadas lembravam a Carlos as famílias que outrora se imobilizavam em filas, dos dois lados do Passeio, depois da missa «da uma», ouvindo a Banda, com casimiras e sedas, no catitismo domingueiro. Todo o lajedo reluzia como cal nova. Aqui e além um arbusto encolhia na aragem a sua folhavam pálida e rara. E ao fundo a colina verde, salpicada de árvores, os terrenos de Vale de Pereiro, punham um brusco remate campestre àquele curto rompante de luxo barato — que partira para transformar a velha cidade, e estacara logo, com o fôlego curto, entre montões de cascalho.

Mas um ar lavado e largo

circulava; o Sol dourava a caliça; a divina serenidade do azul sem igual tudo cobria e adoçava. E os dois amigos sentaram-se num banco, junto de uma verdura que orlava a água de um tanque esverdinhada e mole.

Pela sombra passeavam rapazes, aos pares, devagar, com flores na lapela, a calça apurada, luvas claras fortemente pespontadas de negro. Era toda uma geração nova e miúda que Carlos não conhecia. Por vezes Ega murmurava um olá! acenava com a bengala. E eles iam, repassavam, com um arzinho tímido e contrafeito, como mal acostumados àquele vasto espaço, a tanta luz, ao seu próprio chique. Carlos pasmava. Que faziam ali, às horas de trabalho, aqueles moços tristes, de calça esguia? Não havia

mulheres. Apenas num banco adiante uma criatura adoentada, de lenço e xale, tomava o Sol; e duas matronas, com vidrilhos no mantelete, donas de casa de hóspedes, arejavam um cãozinho felpudo. O que atraía pois ali aquela mocidade pálida? E o que sobretudo o espantava eram as botas desses cavalheiros, botas despropositadamente compridas, rompendo para fora da calça colante com pontas aguçadas e reviradas como proas de barcos varinos...

— Isto é fantástico, Ega!

Ega esfregava as mãos. Sim, mas precioso! Porque essa simples forma de botas explicava todo o Portugal contemporâneo. Via-se por ali como a coisa era. Tendo abandonado o seu feitio antigo, à D. João VI, que tão bem lhe

ficava, este desgraçado Portugal decidira arranjar-se à moderna: mas, sem originalidade, sem força, sem caráter para criar um feitio seu, um feitio próprio, manda vir modelos do estrangeiro — modelos de ideias, de calças, de costumes, de leis, de arte, de cozinha... Somente, como lhe falta o sentimento da proporção, e ao mesmo tempo o domina a impaciência de parecer muito moderno e muito civilizado — exagera o modelo, deforma-o, estraga-o até à caricatura. O figurino da bota que veio de fora era levemente estreito na ponta — imediatamente o janota estica-o e aguça-o, até ao bico de alfinete. Por seu lado, o escritor lê uma página de Goncourt ou de Verlaine, em estilo preciso e cinzelado — imediatamente retorce, emaranha,

desengonça a sua pobre frase, até descambar no delirante e no burlesco. Por sua vez, o legislador ouve dizer que lá fora se levanta o nível da instrução — imediatamente põe, no programa dos exames de primeiras letras, a metafísica, a astronomia, a filologia, a egiptologia, a cresmática, a crítica das religiões comparadas, e outros infinitos terrores. E tudo por aí adiante assim, em todas as classes e profissões, desde o orador até ao fotógrafo, desde o jurisconsulto até ao *sportman*... É o que sucede com os pretos já corrompidos de São Tomé, que veem os europeus de lunetas — e imaginam que nisso consiste ser civilizado e ser branco. Que fazem então? Na sua sofreguidão de progresso e de brancura, acavalam no nariz três ou quatro

lunetas, claras, defumadas, até de cor. E assim andam pela cidade, de tanga, de nariz no ar, aos tropeções, no desesperado e angustioso esforço de equilibrarem todos estes vidros — para serem imensamente civilizados e imensamente brancos...

Carlos ria:

— De modo que isto está cada vez pior...

— Medonho! É de um reles, de um postiço! Sobretudo postiço! Já não há nada genuíno neste miserável país, nem mesmo o pão que comemos!

Carlos, recostado no banco, apontou com a bengala, num gesto lento:

— Resta aquilo, que é genuíno...

E mostrava os altos da cidade, os velhos outeiros da Graça e da Penha, com

o seu casario escorregando pelas encostas ressequidas e tisnadas do Sol. No cimo assentavam pesadamente os conventos, as igrejas, as atarracadas vivendas eclesiásticas, lembrando o frade pingue e pachorrento, beatas de mantilha, tardes de procissão, irmandades de opa atulhando os adros, erva-doce juncando as ruas, tremoço e fava-rica apregoada às esquinas, e foguetes no ar em louvor de Jesus. Mais alto ainda, recortando no radiante azul a miséria da sua muralha, era o Castelo, sórdido e tarimbeiro, donde outrora, ao som do hino tocado em fagotes, descia a tropa de calça branca a fazer a *bernarda*! E abrigados por ele, no escuro bairro de S. Vicente e da Sé, os palacetes decrépitos, com vistas saudosas para a barra, enormes brasões nas paredes

rachadas, onde, entre a maledicência, a devoção e a bisca, arrasta os seus derradeiros dias, caquética e caturra, a velha Lisboa fidalga!

Ega olhou um momento, pensativo:

— Sim, com efeito, é talvez mais genuíno. Mas tão estúpido, tão sebento! Não sabe a gente para onde se há de voltar... E se nos voltamos para nós mesmos, ainda pior!

E de repente bateu no joelho de Carlos, com um brilho na face:

— Espera... Olha quem aí vem!

Era uma vitória, bem posta e correta, avançando com lentidão e estilo, ao trote estepado de duas éguas inglesas. Mas foi um desapontamento. Vinha lá somente um rapaz muito louro, de uma brancura de camélia, com uma penugem

no beiço, languidamente recostado. Fez um aceno ao Ega, com um lindo sorriso de virgem. A vitória passou.

— Não conheces?

Carlos procurava, com uma recordação.

— O teu antigo doente! O Charlie!

O outro bateu as mãos. O Charlie! O seu Charlie! Como aquilo o fazia velho!... E era bonitinho!

— Sim, muito bonitinho. Tem aí uma amizade com um velho, anda sempre com um velho... Mas ele vinha decerto com a mãe, estou convencido que ela ficou por aí a passear a pé. Vamos nós ver?

Subiram ao comprido da Avenida, procurando. E quem avistaram logo foi o Eusebiozinho. Parecia mais fúnebre, mais

tísico, dando o braço a uma senhora muito forte, muito corada, que estalava num vestido de seda cor de pinhão. Iam devagar, tomando o Sol. E o Eusébio nem os viu, descaído e molengo, seguindo com as grossas lunetas pretas o marchar lento da sua sombra.

— Aquela aventesma é a mulher — contou Ega. — Depois de várias paixões em lupanares, o nosso Eusébio teve este namoro. O pai da criatura, que é dono de um prego, apanhou-o uma noite na escada com ela a surripiar-lhe uns prazeres... Foi o diabo, obrigaram-no a casar. E desapareceu, não o tornei a ver... Diz que a mulher que o derreia à pancada.

— Deus a conserve!

— Ámen!

E então Carlos, que recordava a

coça no Eusébio, o caso da *Corneta*, quis saber do Palma Cavalão. Ainda desonrava o Universo com a sua presença, esse benemérito? Ainda o desonrava, disse o Ega. Somente deixara a literatura, tornara-se o *factótum* do Carneiro, o que fora ministro; levava-lhe a espanhola ao teatro pelo braço; e era um bom empenho em política.

— Ainda há de ser deputado — acrescentou Ega. — E, da forma que as coisas vão, ainda há de ser ministro... E está-se fazendo tarde, Carlinhos. Vamos nós tomar esta tipoia e abalar para o*Ramalhete*?

Eram quatro horas, o Sol curto de inverno tinha já um tom pálido.

Tomaram a tipoia. No Rossio, Alencar, que passava, que os viu, parou,

sacudiu ardentemente a mão no ar. E então Carlos exclamou, com uma surpresa que já o assaltara essa manhã no *Bragança*:

— Ouve cá, Ega! Tu agora pareces íntimo do Alencar! Que transformação foi essa?

Ega confessou que realmente agora apreciava imensamente o Alencar. Em primeiro lugar, no meio desta Lisboa toda postiça, Alencar permanecia o único português genuíno. Depois, através da contagiosa intrujice, conservava uma honestidade resistente. Além disso, havia nele lealdade, bondade, generosidade. O seu comportamento com a sobrinhita era tocante. Tinha mais cortesia, melhores maneiras que os novos. Um bocado de piteirice não lhe ia mal ao seu feitio lírico. E por fim, no estado a que

descambara a literatura, a versalhada do Alencar tomava relevo pela correção, pela simplicidade, por um resto de sincera emoção. Em resumo, um bardo infinitamente estimável.

— E aqui tens tu, Carlinhos, a que nós chegámos! Não há nada, com efeito, que caracterize melhor a pavorosa decadência de Portugal, nos últimos trinta anos, do que este simples facto: tão profundamente tem baixado o caráter e o talento, que de repente o nosso velho Tomás, o homem da *Flor de Martírio*, o Alencar de Alenquer, aparece com as proporções de um génio e de um justo.

Ainda falavam de Portugal e dos seus males, quando a tipoia parou. Com que comoção Carlos avistou a fachada severa do *Ramalhete*, as janelinhas

abrigadas à beira do telhado, o grande ramo de girassóis fazendo painel no lugar do escudo de armas! Ao ruído da carruagem, Vilaça — apareceu à porta, calçando luvas amarelas. Estava mais gordo o Vilaça e tudo na sua pessoa, desde o chapéu novo até ao castão de prata da bengala, revelava a sua importância como administrador, quase direto senhor, durante o longo desterro de Carlos, daquela vasta casa dos Maias. Apresentou logo o jardineiro, um velho, que ali vivia com a mulher e o filho, guardando o casarão deserto. Depois felicitou-se de ver enfim os dois amigos juntos. E ajuntou, batendo com carinho familiar no ombro de Carlos:

— Pois eu, depois de nos separarmos em Santa Apolónia, fui tomar

um banho ao Central e não me deitei. Olhe que é uma grande comodidade, o tal *sleeping-car*! Ah, lá isso, em progresso, o nosso Portugal já não está atrás de ninguém!... E Vossa Excelência agora precisa de mim?

— Não, obrigado, Vilaça. Vamos dar uma volta pelas salas... Vá jantar connosco. Às seis! Mas às seis em ponto, que há petiscos especiais.

E os dois amigos atravessaram o peristilo. Ainda lá se conservavam os bancos feudais de carvalho lavrado, solenes como coros de catedral. Em cima, porém, a antecâmara entristecia, toda despida, sem um móvel, sem um estofo, mostrando a cal lascada dos muros. Tapeçarias orientais que pendiam como numa tenda, pratos mouriscos de reflexos

de cobre, a estátua da *Friorenta* rindo e arrepiando-se, na sua nudez de mármore, ao meter o pezinho na água — tudo ornava agora os aposentos de Carlos em Paris: e outros caixões apinhavam-se a um canto, prontos a embarcar, levando as melhores faianças da *Toca*. Depois, no amplo corredor, sem tapete, os seus passos soaram como num claustro abandonado. Nos quadros devotos, de um tom mais negro, destacava aqui e além, sob a luz escassa, um ombro descarnado de eremita, a mancha lívida de uma caveira. Uma friagem regelava. Ega levantara a gola do paletó.

No salão nobre os móveis de brocado, cor de musgo, estavam embrulhados em lençóis de algodão, como amortalhados, exalando um cheiro de

múmia a terebintina e cânfora. E no chão, na tela de Constable, encostada à parede, a condessa de Runa, erguendo o seu vestido escarlate de caçadora inglesa, parecia ir dar um passo, sair do caixilho dourado, para partir também, consumar a dispersão da sua raça...

— Vamos embora — exclamou Ega. — Isto está lúgubre!... Mas Carlos, pálido e calado, abriu adiante a porta do bilhar. Aí, que era a maior sala do *Ramalhete*, tinham sido recentemente acumulados, na confusão das artes e dos séculos, como num armazém de bricabraque, todos os móveis ricos da *Toca*. Ao fundo, tapando o fogão, dominando tudo na sua majestade arquitetural, erguia-se o famoso armário do tempo da Liga Hanseática, com os seus

Martes armados, as portas lavradas, os quatro Evangelistas pregando aos cantos, envoltos nessas roupagens violentas que um vento de profecia parecia agitar. E Carlos imediatamente descobriu um desastre na cornija, nos dois faunos que entre troféus agrícolas tocavam ao desafio. Um partira o seu pé de cabra, outro perdera a sua frauta bucólica...

— Que brutos! — exclamou ele furioso, ferido no seu amor da coisa de arte. — Um móvel destes!...

Trepou a uma cadeira, para examinar os estragos. E Ega, no entanto, errava entre os outros móveis, cofres nupciais, contadores espanhóis, bufetes da Renascença italiana, recordando a alegre casa dos Olivais que tinham ornado, as belas noites de cavaco, os jantares, os

foguetes atirados em honra de Leónidas... Como tudo passara! De repente deu com o pé numa caixa de chapéu sem tampa, atulhada de coisas velhas — um véu, luvas desirmanadas, uma meia de seda, fitas, flores artificiais. Eram objetos de Maria, achados nalgum canto da *Toca*, para ali atirados, no momento de se esvaziar a casa! E, coisa lamentável, entre estes restos dela, misturados como na promiscuidade de um lixo, aparecia uma chinela de veludo bordada a matiz, uma velha chinela de Afonso da Maia! Ega escondeu a caixa, rapidamente, debaixo de um pedaço solto de tapeçaria. Depois, como Carlos saltava da cadeira, sacudindo as mãos, ainda indignado, Ega apressou aquela peregrinação, que lhe estragava a alegria do dia.

— Vamos ao terraço! Dá-se um olhar ao jardim, e abalamos! Mas deviam atravessar ainda a memória mais triste, o escritório de Afonso da Maia. A fechadura estava perra. No esforço de abrir, a mão de Carlos tremia. E Ega, comovido também, revia toda a sala tal como outrora, com os seus candeeiros Carcel dando um tom cor-de-rosa, o lume crepitando, o «Reverendo Bonifácio» sobre a pele de urso, e Afonso na sua velha poltrona, de casaco de veludo, sacudindo a cinza do cachimbo contra a palma da mão. A porta cedeu: e toda a emoção de repente findou, na grotesca, absurda surpresa de romperem ambos a espirrar, desesperadamente, sufocados pelo cheiro acre de um pó vago que lhes picava os olhos, os estonteava. Fora o

Vilaça, que, seguindo uma receita de almanaque, fizera espalhar, às mãos-cheias, sobre os móveis, sobre os lençóis que os resguardavam, camadas espessas de pimenta branca! E estrangulados, sem ver, sob uma névoa de lágrimas, os dois continuavam, um defronte do outro, em espirros aflitivos que os desengonçavam.

Carlos, por fim, conseguiu abrir largamente as duas portadas de uma janela. No terraço morria um resto de Sol. E, revivendo um pouco ao ar puro, ali ficaram de pé, calados, limpando os olhos, sacudidos ainda por um ou outro espirro retardado.

— Que infernal invenção! — exclamou Carlos, indignado. Ega, ao fugir com o lenço na face, tropeçara, batera contra um sofá, coçava a canela:

— Estúpida coisa! E que bordoada que eu dei!...

Voltou a olhar para a sala, onde todos os móveis desapareciam sob os largos sudários brancos. E reconheceu que tropeçara na antiga almofada de veludo do velho «Bonifácio». Pobre «Bonifácio»! Que fora feito dele?

Carlos, que se sentara no parapeito baixo do terraço, entre os vasos sem flor, contou o fim do «Reverendo Bonifácio». Morrera em Santa Olávia, resignado, e tão obeso que se não movia. E o Vilaça, com uma ideia poética, a única da sua vida de procurador, mandara-lhe fazer um mausoléu, uma simples pedra de mármore branco, sob uma roseira, debaixo das janelas do quarto do avô. Ega sentara-se também no

parapeito, ambos se esqueceram num silêncio. Em baixo o jardim, bem areado, limpo e frio na sua nudez de inverno, tinha a melancolia de um retiro esquecido, que já ninguém ama: uma ferrugem verde, de humidade, cobria os grossos membros da Vénus Citereia; o cipreste e o cedro envelheciam juntos, como dois amigos num ermo; e mais lento corria o prantozinho da cascata, esfiado saudosamente, gota a gota, na bacia de mármore. Depois ao fundo, encaixilhada como uma tela marinha nas cantarias dos dois altos prédios, a curta paisagem do *Ramalhete*, um pedaço de Tejo e monte, tomavam naquele fim de tarde um tom mais pensativo e triste: na tira de rio um paquete fechado, preparado para a vaga, ia descendo, desaparecendo logo,

como já devorado pelo mar incerto; no alto da colina o moinho parara, transido na larga friagem do ar; e nas janelas das casas, à beira da água, um raio de Sol morria, lentamente sumido, esvaído na primeira cinza do crepúsculo, como um resto de esperança numa face que se anuvia.

Então, naquela mudez de soledade e de abandono, Ega, com os olhos para o longe, murmurou devagar:

— Mas tu desse casamento não tinhas a menor indicação, a menor suspeita?

— Nenhuma... Soube-o de repente pela carta dela em Sevilha. E era esta a formidável nova anunciada por Carlos, a nova que ele logo contara de madrugada ao Ega, depois dos primeiros abraços, em

Santa Apolónia. Maria Eduarda ia casar.

Assim o anunciara ela a Carlos numa carta muito simples, que ele recebera na quinta dos Vila Medina. Ia casar. E não parecia ser uma resolução tomada arrebatadamente, sob um impulso do coração; mas antes um propósito lento, longamente amadurecido. Ela aludia nessa carta a ter «pensado muito, refletido muito...» De resto o noivo devia ir perto dos cinquenta anos. E Carlos, portanto, via ali a união de dois seres desiludidos da vida, maltratados por ela, cansados ou assustados do seu isolamento, que, sentindo um no outro qualidades sérias de coração e de espírito, punham em comum o seu resto de calor, de alegria e de coragem, para afrontar juntos a velhice...

— Que idade tem ela?

Carlos pensava que ela devia ter quarenta e um ou quarenta e dois anos. Ela dizia na carta «sou apenas mais nova que o meu noivo seis anos e três meses». Ele chamava-se Mr. de Trelain. E era evidentemente um homem de espírito largo, desembaraçado de prejuízos, de uma benevolência quase misericordiosa, porque quisera Maria, conhecendo bem os seus erros.

— Sabe tudo? — exclamou Ega, que saltara do parapeito.

— Tudo, não. Ela diz que Mr. de Trelain conhecia do seu passado «todos aqueles erros em que ela caíra inconscientemente». Isto dá a entender que não sabe tudo... Vamos andando, que se faz tarde, e quero ainda ver os meus quartos.

Desceram ao jardim. Um momento seguiram calados, pela álea onde cresciam outrora as roseiras de Afonso. Sob as duas olaias ainda existia o banco de cortiça; Maria sentara-se ali, na sua visita ao*Ramalhete*, a atar num ramo flores que ia levar como relíquia. Ao passar Ega cortou uma pequenina margarida, que ainda floria solitariamente.

— Ela continua a viver em Orléans, não é verdade?

Sim, disse Carlos, vivia ao pé de Orléans, numa quinta que lá comprara, chamada Les Rosières. O noivo devia habitar nos arredores algum pequeno *château*. Ela chamava-lhe «vizinho». E era naturalmente um *gentilhomme campagnard*, de família

séria, com fortuna...

— Ela só tem o que tu lhe dás, está claro.

— Creio que te mandei contar tudo isso — murmurou Carlos.

— Enfim, ela recusou-se a receber parte alguma da sua herança... E o Vilaça arranjou as coisas por meio de uma doação que lhe fiz, correspondente a doze contos de réis de renda...

— É bonito. Ela falava de Rosa na carta?

— Sim, de passagem, que ia bem... Deve estar uma mulher.

— E bem linda!

Iam subindo a escadinha de ferro torneada que levava do jardim aos quartos de Carlos. Com a mão na porta da vidraça, Ega parou ainda, numa

derradeira curiosidade:

— E que efeito te fez isso?

Carlos acendia o charuto. Depois, atirando o fósforo por cima da varandinha de ferro, onde uma trepadeira se enlaçava:

— Um efeito de conclusão, de absoluto remate. É como se ela morresse, morrendo com ela todo o passado, e agora renascesse sob outra forma. Já não é Maria Eduarda. É Madame de Trelain, uma senhora francesa. Sob este nome, tudo o que houve fica sumido, enterrado a mil braças, findo para sempre, sem mesmo deixar memória... Foi o efeito que me fez.

— Tu nunca encontraste em Paris o Sr. Guimarães?

— Nunca. Naturalmente morreu.

Entraram no quarto. Vilaça, na suposição de Carlos vir para o *Ramalhete*, mandara-o preparar; e todo ele regelava — com o mármore das cómodas espanejado e vazio, uma vela intacta num castiçal solitário, a colcha de fustão vincada de dobras sobre o leito sem cortinados. Carlos pousou o chapéu e a bengala em cima da sua antiga mesa de trabalho. Depois, como dando um resumo:

— E aqui tens tu a vida, meu Ega! Neste quarto, durante noites, sofri a certeza de que tudo no mundo acabara para mim... Pensei em me matar. Pensei em ir para a Trapa. E tudo isto friamente, como uma conclusão lógica. Por fim, dez anos passaram, e aqui estou outra vez...

Parou diante do alto espelho suspenso entre as duas colunas de

carvalho lavrado, deu um jeito ao bigode, concluiu, sorrindo melancolicamente:

— E mais gordo!

Ega espalhava também pelo quarto um olhar pensativo:

— Lembras-te quando apareci aqui uma noite, numa agonia, vestido de Mefistófeles?

Então Carlos teve um grito. E a Raquel, é verdade! A Raquel? Que era feito da Raquel, esse lírio de Israel?

Ega encolheu os ombros:

— Para aí anda, estuporada...

Carlos murmurou: «Coitada!» E foi tudo o que disseram sobre a grande paixão romântica do Ega.

Carlos, no entanto, fora examinar, junto da janela, um quadro que pousava no chão, para ali esquecido e voltado para a

parede. Era o retrato do pai, de Pedro da Maia, com as suas luvas de camurça na mão, os grandes olhos árabes na face triste e pálida que o tempo amarelara mais. Colocou-o em cima de uma cómoda. E atirando-lhe uma leve sacudidela com o lenço:

— Não há nada que me faça mais pena, do que não ter um retrato do avô!... Em todo o caso este sempre o vou levar para Paris. Então Ega perguntou, do fundo do sofá onde se enterrara, se, nesses últimos anos, ele não tivera a ideia, o vago desejo de voltar para Portugal...

Carlos considerou Ega com espanto. Para quê? Para arrastar os passos tristes desde o Grémio até à Casa Havanesa? Não! Paris era o único lugar da Terra congénere com o tipo definitivo

em que ele se fixara: «o homem rico que vive bem». Passeio a cavalo no Bois; almoço no Bignon; uma volta pelo *boulevard*; uma hora no clube com os jornais, um bocado de florete na sala de armas; à noite a Comédie Française ou uma *soirée*; Trouville no verão, alguns tiros às lebres no inverno; e através do ano as mulheres, as corridas, certo interesse pela ciência, o bricabraque, e uma pouca de *blague*. Nada mais inofensivo, mais nulo, e mais agradável.

— E aqui tens tu uma existência de homem! Em dez anos não me tem sucedido nada, a não ser quando se me quebrou o faetonte na estrada da Saint-Cloud... Vim no *Figaro*.

Ega ergueu-se, atirou um gesto desolado:

— Falhámos a vida, menino!

— Creio que sim... Mas todo o mundo mais ou menos a falha. Isto é, falha-se sempre na realidade aquela vida que se planeou com a imaginação. Diz-se: «Vou ser assim, porque a beleza está em ser assim.» E nunca se é assim, é-se invariavelmente *assado*, como dizia o pobre marquês. Às vezes melhor, mas sempre diferente. Ega concordou, com um suspiro mudo, começando a calçar as luvas.

O quarto escurecia no crepúsculo frio e melancólico de inverno. Carlos pôs também o chapéu: e desceram pelas escadas forradas de veludo cor de cereja, onde ainda pendia, com um ar baço de ferrugem, a panóplia de velhas armas. Depois na rua Carlos parou, deu um longo

olhar ao sombrio casarão, que naquela primeira penumbra tomava um aspeto mais carregado de residência eclesiástica, com as suas paredes severas, a sua fila de janelinhas fechadas, as grades dos postigos térreos cheias de treva, mudo, para sempre desabitado, cobrindo-se já de tons de ruína.

Uma comoção passou-lhe na alma, murmurou, travando do braço do Ega:

— É curioso! Só vivi dois anos nesta casa, e é nela que me parece estar metida a minha vida inteira!

Ega não se admirava. Só ali, no *Ramalhete*, ele vivera realmente daquilo que dá sabor e relevo à vida — a paixão.

— Muitas outras coisas dão valor à vida... Isso é uma velha ideia de

romântico, meu Ega!

— E que somos nós? — exclamou Ega. — Que temos nós sido desde o colégio, desde o exame de latim? Românticos: isto é, indivíduos inferiores que se governam na vida pelo sentimento, e não pela razão...

Mas Carlos queria realmente saber se, no fundo, eram mais felizes esses que se dirigiam só pela razão, não se desviando nunca dela, torturando-se para se manter na sua linha inflexível, secos, hirtos, lógicos, sem emoção até ao fim...

— Creio que não — disse o Ega. — Por fora, à vista, são desconsoladores. E por dentro, para eles mesmos, são talvez desconsolados. O que prova que neste lindo mundo ou tem de se ser

insensato ou sem sabor...

— Resumo: não vale a pena viver...

— Depende inteiramente do estômago! — atalhou Ega. Riram ambos. Depois Carlos, outra vez sério, deu a sua teoria da vida, a teoria definitiva que ele deduzira da experiência e que agora o governava. Era o fatalismo muçulmano. Nada desejar e nada recear... Não se abandonar a uma esperança — nem a um desapontamento. Tudo aceitar, o que vem e o que foge, com a tranquilidade com que se acolhem as naturais mudanças de dias agrestes e de dias suaves. E, nesta placidez, deixar esse pedaço de matéria organizada que se chama o Eu ir-se deteriorando e decompondo até reentrar e se perder no infinito Universo...

Sobretudo não ter apetites. E, mais que tudo, não ter contrariedades.

Ega, em suma, concordava. Do que ele principalmente se convencera, nesses estreitos anos de vida, era da inutilidade de todo o esforço. Não valia a pena dar um passo para alcançar coisa alguma na Terra porque tudo se resolve, como já ensinara o sábio do *Ecclesiastes*, em desilusão e poeira.

— Se me dissessem que ali em baixo estava uma fortuna como a dos Rothschilds ou a coroa imperial de Carlos V, à minha espera, para serem minhas se eu para lá corresse, eu não apressava o passo... Não! Não saía deste passinho lento, prudente, correto, que é o único que se deve ter na vida.

— Nem eu! — acudiu Carlos com

uma convicção decisiva. E ambos retardaram o passo, descendo para a Rampa de Santos, como se aquele fosse em verdade o caminho da vida, onde eles, certos de só encontrarem ao fim desilusão e poeira, não devessem jamais avançar senão com lentidão e desdém. Já avistavam o Aterro, a sua longa fila de luzes. De repente Carlos teve um largo gesto de contrariedade:

— Que ferro! E eu que vinha desde Paris com este apetite! Esqueci-me de mandar fazer hoje, para o jantar, um grande prato de paio com ervilhas.

E agora já era tarde, lembrou Ega. Então Carlos, até aí esquecido em memórias do passado e sínteses da existência, pareceu ter inesperadamente consciência da noite que caíra, dos

candeeiros acesos. A um bico de gás tirou o relógio. Eram seis e um quarto!

— Oh, diabo!... E eu que disse ao Vilaça e aos rapazes para estarem no *Bragança*, pontualmente, às seis! Não aparecer por aí uma tipoia!...

— Espera! exclamou Ega. — Lá vem um americano, ainda o apanhamos.

— Ainda o apanhamos!

Os dois amigos lançaram o passo, largamente. E Carlos, que arrojara o charuto, ia dizendo na aragem fina e fria que lhes cortava a face:

— Que raiva ter esquecido o paiozinho! Enfim, acabou-se. Ao menos assentámos a teoria definitiva da existência. Com efeito, não vale a pena fazer um esforço, correr com ânsia para coisa alguma.

Ega, ao lado, ajuntava, ofegante, atirando as pernas magras:

— Nem para o amor, nem para a glória, nem para o dinheiro, nem para o poder...

A lanterna vermelha do americano, ao longe, no escuro, parara. E foi em Carlos e em João da Ega uma esperança, outro esforço:

— Ainda o apanhamos!

— Ainda o apanhamos!

De novo a lanterna deslizou e fugiu. Então, para apanhar o americano, os dois amigos romperam a correr desesperadamente pela Rampa de Santos e pelo Aterro, sob a primeira claridade do luar que subia.

UMA CAMPANHA ALEGRE

Primeira edição: 1890

Advertência

As páginas deste livro são aquelas com que outrora concorri para as Farpas, *quando Ramalho Ortigão e eu, convencidos, como o Poeta, que «a tolice tem cabeça de touro» decidimos farpear até à morte a alimária pesada e temerosa. Quem era eu, que força ou razão superior recebera dos deuses, para assim me estabelecer na minha terra em justiceiro destruidor de monstros?... A mocidade tem destas esplêndidas confianças; só por amar a Verdade imagina que a possui; e, magnificamente certa da sua infalibilidade, anseia por investir contra tudo o que diverge do seu*

ideal, e que ela portanto considera Erro, irremissível Erro, fadado à exterminação. Assim foi que, chegando da Universidade com o meu Proudhon mal lido debaixo do braço, me apressei a gritar na cidade em que entrava — «Morte à Tolice!» E desde então, à ilharga de Ramalho Ortigão, não cessei durante dois anos de arremessar farpas, uma após outra, para todos os lados onde supunha entrever o escuro cachaço taurino. Não me recordo se acertava; sem dúvida muitos ferros se embotaram nas lajes; mas cada arremesso era governado por um impulso puro da inteligência ou do coração. E assim desses tempos ardentes me ficara a ideia de uma campanha muito alegre, muito elevada, em que a ironia se punha

radiantemente ao serviço da justiça, cada rijo golpe fazia brotar uma soberba verdade, da demolição de tudo ressaltava uma educação para todos, e o tumulto do ataque aparentemente desordenado era, como o dos Gregos combatendo em Plateia, dirigido por Minerva armada — quero dizer, pela Razão.

Vinte anos são passados; — e hoje releio essas páginas amarelecidas das Farpas. *Que encontro nelas? Um riso tumultuoso, lançado estridentemente através de uma sociedade como seu comentário único e crítica suprema. Encontro um riso desabalado — mas escassamente uma verdade adquirida, uma conclusão de experiência e de saber, algum resultado visível dessa inspiração de Minerva que eu supunha combatendo*

por trás de mim, invisível e armada de ouro, como nos campos de Plateia. Nada que, para governar entre os homens o pensamento ou a conduta, merecesse ficar arquivado em tornos duráveis; — unicamente um riso imenso, troando, como as tubas de Josué, em torno a cidadelas que decerto não perderam uma só pedra, porque as vejo ainda, direitas, mais altas, da cor torpe do lodo, estirando por cima de nós a sua sombra teimosa.

Ora vale a pena recolher, perpetuar este riso, esparso outrora em panfletos leves? Há porventura utilidade em codificar assim a gargalhada? Aos milhares de livros que atravancam o Mundo, convém juntar um livro mais de onde nada sai, quando aberto, senão o

rumor fugidio e remoto de risadas de há vinte anos, tão mortas como as rosas de então?

Penso que não. E, por determinação minha, eu deixaria estas Farpas *nos breves folhetos amarelos onde o Diabo ri por trás de um óculo, já Ião raros, e cada vez mais sumidos nessa corrente vaga chamada «dos Tempos», que providencialmente vai acarretando tudo o que se tornou inútil, folhas de lírio e folhas de louro, os homens, as suas ilusões imensas, e os seus pequeninos livros.*

Não o consentiu porém assim, por uma tocante superstição de amizade, o meu camarada Ramalho Ortigão. Reunindo as suas Farpas, *vasta obra, essa, de pensamento e de saber, ele*

desejou que não ficassem fora do seu monumento aquelas páginas que eu compus a seu lado, nos primeiros tempos, quando, levados na mesma santa revolta, nos abalançámos a atacar toda uma Sociedade com um punhado ligeiro de ironias douradas.

Aí vão pois as minhas Farpas, *a que eu dou agora o nome único que as define e as justifica* — Uma Campanha Alegre. *Não há aí com efeito senão uma trasbordante alegria, empenhada numa campanha intrépida. Todo este livro é um riso que peleja. Que peleja por aquilo que eu supunha a Razão. Que peleja contra aquilo que eu supunha a Tolice.*

Aí vão pois estas Farpas, *na sua forma primordial, improvisada na pressa e no fragor da lide — forma*

desordenada e tumultuária, em que as palavras, as exclamações, as mesmas vírgulas, tudo é empurrado para avante, ao acaso, num tropel clamoroso, contra a coisa detestada que urgia demolir. E todavia, tal me pareceu agora a desordem, e tão incorrigivelmente se me impõe o amor da harmonia, que não resisti por vezes a disciplinar esta turba fremente de vocábulos em correria, e a estabelecer, nestas orações decompostas onde adjetivos se estramalhavam, pesados advérbios caíam no fundo de reticências inesperadas, e verbos se acavalavam sobre verbos — alguma regra, compostura e ritmo. Mas, além destas depurações exteriores, procurei escrupulosamente que não se desmanchasse aquele feitio especial das

Farpas *que constituiu a sua força especial, e que nem uma nota se evaporasse daquele riso que outrora tão triunfalmente cantou, e pelo contágio da sua sinceridade acordou os risos da multidão contra a «Tolice de cabeça de touro».*

Terá ainda hoje este riso vibração bastante para despertar outros risos?... As coisas que o provocaram são já tão passadas como as de Troia. Este livro é menos uma reimpressão que uma escavação. As minhas Farpas *surgem à superfície, enferrujadas, sem gume e sem brilho, como as antigas armas de uma batalha de que ninguém sabe o nome.*

Que importa? O que me encanta, nesta solene reedição, é sobretudo a camaradagem. Depois de ter combatido

arrebatamente ao lado de Ramalho Ortigão em folhetos fogosos que um vento levava e espalhava nas ruas, sinto felicidade e orgulho em me encontrar ainda junto do meu amigo em volumes repletos, calmos, «dorés sur tranche», que vão repousar no decoro e na paz das Bibliotecas.

Paris, outubro, 1890
E.Q.

1

Junho 1871

Leitor de bom-senso, que abres curiosamente a primeira página deste livrinho, sabe, leitor celibatário ou casado, proprietário ou produtor, conservador ou revolucionário, velho patuleia ou legitimista hostil, que foi para ti que ele foi escrito — se tens bom-senso! E a ideia de te dar assim todos os meses, enquanto quiseres, cem páginas irónicas, alegres e justas, nasceu no dia em que pudemos descobrir, através da ilusão das aparências, algumas realidades do nosso tempo.

Aproxima-te um pouco de nós, e

vê.

O país perdeu a inteligência e a consciência moral. Os costumes estão dissolvidos e os carateres corrompidos. A prática da vida tem por única direção a conveniência. Não há princípio que não seja desmentido, nem instituição que não seja escarnecida. Ninguém se respeita. Não existe nenhuma solidariedade entre cidadãos. Já não se crê na honestidade dos homens públicos. A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia. O povo está na miséria. Os serviços públicos vão abandonados a uma rotina dormente. O desprezo pelas ideias aumenta em cada dia. Vivemos todos ao acaso. Perfeita, absoluta indiferença de cima a baixo! Todo o viver espiritual, intelectual,

parado. O tédio invadiu as almas. A mocidade arrasta-se, envelhecida, das mesas das secretarias, para as mesas dos cafés. A ruína económica cresce, cresce, cresce... O comércio definha. A indústria enfraquece. O salário diminui.

A renda diminui. O Estado é considerado na sua ação fiscal como um ladrão e tratado como um inimigo.

Neste *salve-se quem puder* a burguesia proprietária de casas explora o aluguel. A agiotagem explora o juro.

De resto a ignorância pesa sobre o povo como um nevoeiro. O
número das escolas só por si é dramático. O professor tornou-se um empregado de eleições. A população dos campos, arruinada, vivendo em casebres ignóbeis, sustentando-se de sardinha e de ervas,

trabalhando só para o imposto por meio de uma agricultura decadente, leva uma vida de misérias, entrecortada de penhoras. A intriga política alastra-se por sobre a sonolência enfastiada do País. Apenas a devoção perturba o silêncio da opinião, com padres-nossos maquinais.

Não é uma existência, é uma expiação.

E a certeza deste rebaixamento invadiu todas as consciências. Diz-se por toda a parte: «O País está perdido!» Ninguém se ilude. Diz-se nos conselhos de ministros e nas estalagens. E que se faz? Atesta-se, conversando e jogando o voltarete, que de Norte a Sul, no Estado, na Economia, na moral, o país está desorganizado — e pede-se conhaque!

Assim todas as consciências

certificam a podridão; mas todos os temperamentos se dão bem na podridão!

Nós não quisemos ser cúmplices na indiferença universal.

E aqui começamos, sem azedume e sem cólera, a apontar dia por dia o que poderíamos chamar — o progresso da decadência. Devíamos fazê-lo com a indignação amarga de panfletários? Com a serenidade experimental de críticos? Com a jovialidade fina de humoristas?

Não é verdade, leitor de bom-senso, que neste momento histórico só há lugar para o humorismo? Esta decadência tornou-se um hábito, quase um bem-estar, para muitos uma indústria. Parlamentos, ministérios, eclesiásticos, políticos, exploradores, estão de pedra e cal na corrupção. O áspero Veillot não bastaria;

Proudhon ou Vacherot seriam insuficientes. Contra este mundo é necessário ressuscitar as gargalhadas históricas do tempo de Manuel Mendes Enxúndia. E mais uma vez se põe a galhofa ao serviço da justiça!

Achas imprudente? Achas inútil? Achas irrespeitoso? Preferias que fizéssemos um jornal político, com todas as suas inépcias e todas as suas calúnias, vasto logradouro de ideias triviais, que desmaiam de fadiga entre as mãos dos tipógrafos?

Não. Fundaríamos antes um depósito de bichas de sangrar ou uma casa de banhos quentes. E se nos tiranizasse excessivamente o astuto demónio da prosa, então, em honrada companhia do Sr. Fernandez de los Rios, ajoujados aos

líricos de Barcelona, cantaríamos, voltados para os lados da Palestina, *a pátria, a fé e o amor!* E patentearíamos aquela crença vivida, aquele *arranque* peninsular, com que outrora se pelejou a batalha de Aljubarrota — e hoje se fazem caixinhas de obreias!

Aqui estamos pois diante de ti, mundo oficial, constitucional, burguês, doutrinário e grave!

Não sabemos se a mão que vamos abrir está ou não cheia de verdades. Sabemos que está cheia de negativas.

Não sabemos, talvez, onde se deve ir; sabemos, decerto, onde se não deve estar.

Catão, com Pompeu e com César à vista, sabia de quem havia de fugir, mas não sabia para onde. Temos esta meia

ciência de Catão.

De onde vimos? Para onde vamos? — Podemos apenas responder:

Vimos de onde vós estais, vamos para onde vós não estiverdes.

Nesta jornada, longa ou curta, vamos sós. Não levamos bandeira nem clarim. Pelo caminho não leremos a *Nação*, nem o *Almanaque das Cacholetas*. Vamos conversando um pouco, rindo muito.

Somos dois simples sapadores às ordens do senso comum. Por ora, no alto da colina, aparecemos só nós. O grosso do exército vem atrás. Chama-se a Justiça.

Assim vamos. E na epiderme de cada facto contemporâneo cravaremos uma farpa. Apenas a porção de ferro estritamente indispensável para deixar

pendente um sinal! As nossas bandarilhas não têm cor, nem o branco da auriflama, nem o azul da blusa. Nunca poderão tão ligeiras *Farpas* ferir a grande artéria social: ficarão à epiderme. Dentro continuará a correr serenamente a matéria vital — sangue azul ou sangue vermelho, dissolução de guano ou extrato de salsaparrilha.

Vamos rir, pois. O riso é uma filosofia. Muitas vezes o riso é uma salvação. E em política constitucional, pelo menos, o riso é uma opinião.

Aqui está esta pobre Carta Constitucional que declara com ingenuidade que o País é católico e monárquico. É por isso talvez que ninguém crê na religião, e que ninguém crê na realeza! E que ninguém crê em ti, ó

Carta Constitucional! Os ministros que te defendem, os jornais que te citam, os jurisconsultos que te comentam, os professores que te ensinam, as autoridades que te realizam, os padres que falam em ti à missa conventual, aqueles mesmos cuja única profissão era crer em ti, todos te renegam, e, ganhando o seu pão em teu nome, ridicularizam-te pelas mesas dos botequins!

A *Carta adorada da Grã-Duquesa* tem mais sucesso do que tu!

Descrê-se da religião, a que deste a honra de um parágrafo. A burguesia fez-se *livre-pensadora*. Tem ainda um resto de respeito maquinal pelo Todo-Poderoso, mais criva de epigramas as pretensões divinas de Jesus, e diz coisas desagradáveis ao Papa. O ceticismo faz

parte do bom gosto. Nenhum ministro que se preze ousaria acreditar em S. Sebastião. A Teologia, o maior monumento do espírito humano, faz estalar de riso os cavalheiros liberais. Desprezam-se os padres e despreza-se o culto, o que não impede que a propósito de qualquer coisa se exija o juramento!

A religião ficou sendo um artigo de moda. Expulsa da consciência liberal, as burguesas enriquecidas tomaram-na sob a sua proteção: e gostam igualmente que as suas parelhas sejam vistas à porta da *Marie* e à porta dos *Inglesinhos*. Aceitam Deus como um chique.

Nos templos mesmo a religião caiu em descrédito. Ser padre não é uma convicção, é um ofício; o sacerdote crê e ora na proporção da côngrua. E como

acredita mais na secretaria dos negócios eclesiásticos do que na revelação divina, trabalha nas eleições. O povo, esse, reza. É a única coisa que faz além de pagar.

A pobre realeza, que a Carta tanto honra, não é mais bem sucedida. É a perpétua escarnecida. É escarnecida pelos jornais de oposição, e pelos governos demitidos. É escarnecida nos teatros, onde o tipo do *Rei Bobeche* teve um triunfo de um panfleto. É escarnecida nas conversações dos cafés, e na maledicência do Grémio.

Segundo a Carta, a realeza é irresponsável. Mas não há partido que não lance a sua inépcia à conta da realeza. — *Se não fosse o Rei!* — é á desculpa invariável dos ministros que não governam, dos oradores que não falam,

dos jornalistas que não escrevem, dos intrigantes que não alcançam.

A realeza é acusada por tudo; pelas despesas que faz e pela pobreza em que vive; pela sua ação e pela sua inação; por dar bailes e por não dar bailes. O público está para com ela num estado enervado, como com um importuno a quem não lhe convém dizer: *Vai-te embora!*

No entanto, a opinião liberal continua a declarar que existe um trono. Existe para ela como um efeito de Quintiliano — como um movimento de eloquência para os discursos de grande gala!

Apesar disso, a esta política infiel aos seus princípios, vivendo num perpétuo desmentido de si mesma,

desautorizada, apupada, pede ainda, a uma multidão inumerável de simples, a salvação da *coisa pública*. É trágico, como se se pedisse, a um palhaço de pernas quebradas, mais uma cambalhota ou mais um chiste.

O orgulho da política nacional é ser doutrinária. Ser doutrinário é ser um tanto ou quanto de todos os partidos; é ter deles por consequência o mínimo; é não ser de partido nenhum — ou ser cada um apenas do partido do seu egoísmo.

De modo que todos estes monárquicos, bem no íntimo, votariam por uma república. Todos estes republicanos terminam por concordar que é indispensável a monarquia!

Quer-se geralmente o prestígio da realeza e a majestade do poder; mas

deseja-se que el-Rei se exiba numa sege de aluguel e que Sua Majestade a Rainha não tenha mais que dois pares de botinas.

Chega-se a admirar Luís Blanc, mas prefere-se a tudo isso uma terra de semeadura obrigada à côngrua para o pároco e aos tantos por cento para a viação. A burguesia invejosa e desempregada fala na *federação*, na *república federativa*, na *extinção do funcionalismo*, na *emancipação das classes operárias;* mas entende que o País pode esperar por estes benefícios todos, se no entanto lhe derem a ela lugares de governadores civis ou de chefes de secretaria. Uma plebe ardente fala em beber o sangue da nobreza; mas ficaria satisfeita se a nobreza, em vez de oferecer a veia, mandasse abrir *Cartaxo*.

Tanto se conciliam todos! É assim que o egoísmo domina. Cada um se abaixa avidamente sobre o seu prato.

— Mas tudo se equilibra — diz a opinião constitucional —, não há comoções, não há lutas!

Sim, tudo se equilibra — no desprezo, por desprezo.

Nas sociedades corrompidas a ordem chega assim às vezes a reinar.

É a ordem pelo desdém. Outros diriam pela imbecilidade!

A opinião é tão indiferente e alheia às mudanças de ministério, como as cadeiras do Governo são indiferentes a suportarem a pesada corpulência do gordo ministro A, ou a inquietação nervosa do esguio ministro B. O País ouve falar da evolução política, com a mesma distração

com que ouve falar dos negócios do Cáucaso.

Sabem, pois, qual seria o Governo útil, profícuo, necessário, neste deplorável estado do espírito público?

Aquele que o País, chamado a pronunciar-se por um plebiscito negativo, declarasse terminantemente e compactamente — que não queria. Porque então a opinião acordaria talvez, viveria, lutaria, e apareceriam dois partidos que não existem agora, e sobre os quais gira como nos seus polos naturais a lei do aperfeiçoamento: — para um lado a Reação, para outro a Revolução.

Até lá os poderes do Estado subsistem, tendo perdido a sua significação.

O corpo legislativo há muitos anos

que não legisla. Criado pela intriga, pela pressão administrativa, pela presença de quatro soldados e um senhor alferes, e pelo eleitor a 500 reis, vem apenas a ser uma assembleia muda, sonolenta, ignorante, abanando com a cabeça que sim. Às vezes procura viver; e demonstra então, em provas incessantes, a sua incapacidade orgânica para discutir, para pensar, para criar, para dirigir, para resolver a questão mais rudimentar de administração. Não sai dela uma reforma, uma lei, um princípio, um período eloquente, um dito fino! A deputação é uma espécie de funcionalismo para quem é incapaz de qualquer função. É o emprego dos inúteis.

Por isso o parlamento é uma casa mal alumiada, onde se vai, à uma hora,

conversar, escrever cartas particulares, maldizer um pouco, e combinar partidas de *whist*. O Parlamento é uma sucursal do Grémio. A tribuna é uma prateleira de copos de água intactos.

O ministério, o poder executivo, deixou de ser um poder do Estado. É apenas uma necessidade do programa constitucional. Está no cartaz, é necessário que apareça na cena. Não governa, não tem ideia, não tem sistema; nada reforma, nada estabelece; está ali, é o que basta. O País verifica todos os dias que alguns correios andam atrás de algumas carruagens — e fica contente.

— Lá vai um ministro! — diz-se na rua.

— Ah!, vai? — exclama a burguesia. — Bem, existe a ordem!

E assim se passa, defronte de um público enojado e indiferente, esta grande farsa que se chama a *intriga constitucional*. Os lustres estão acesos. Mas o espectador, o País nada tem de comum com o que se representa no palco; não se interessa pelos personagens e a todos acha impuros e nulos; não se interessa pelas cenas e a todas acha inúteis e imorais. Só às vezes, no meio do seu tédio, se lembra que para poder ver, teve que pagar no bilheteiro!

Pagou — já dissemos que é a única coisa que faz além de rezar. Paga e reza. Paga para ter ministros que não governam, deputados que não legislam, soldados que o não defendem, padres que rezam contra ele. Paga àqueles que o espoliam, e àqueles que são seus

parasitas. Paga os que o assassinam, e paga os que o atraiçoam. Paga os seus reis e os seus carcereiros. Paga tudo, paga para tudo.

E, em recompensa, dão-lhe uma farsa.

No entanto, cuidado! Aquele pano de fundo não está imóvel: agita-se como impelido por uma respiração invisível. Alguém decerto está do outro lado. Enquanto a farsa se desenrola na cena, *alguém*, por trás do fundo, espera, agita-se, prepara-se, arma-se talvez...

— Quem é esse *alguém?* As vossas consciências que vos respondam. O que apenas podemos dizer é que não é o Sr. bispo de Viseu.

E não obstante, como tudo parece feliz e repousado! Os jornais conversam

baixinho e devagar uns com os outros. O parlamento ressona. O ministério, todo encolhido, diz aos partidos — chuta! As secretarias cruzam os braços. O tribunal de contas, lá no seu cantinho, para se entreter, maneja sorrindo as quatro espécies. A polícia, torcendo os bigodes, galanteia as cozinheiras. O conselho de Estado rói as unhas. O exército toca guitarra. A câmara municipal mata em sossego os cães vadios. As árvores do Rossio enchem-se de folhas. Os fundos descem, e descem há tanto tempo que devem estar no centro da Terra. O povo, coitado, lá vai morrendo de fome como pode. Nós fazemos os nossos livrinhos. Deus faz a sua primavera... Viva a Carta!

Decerto, como tudo é congénere! Vejam a imprensa. A imprensa é composta

de duas ordens de periódicos: os noticiosos e os políticos.

Os políticos têm todos a mesma política:

A — quer ordem, economia e moralidade.

B — queixa-se de que não há economia nem moralidade, o que ele receia muito que venha a prejudicar a ordem.

C — diz que a ordem se não pode manter por mais tempo, porque ele nota que principia a faltar a moralidade e a economia.

D — observa que no estado em que vê a economia e a moralidade, lhe parece poder asseverar que será mantida a ordem.

Os noticiosos têm todos a mesma

notícia:

A — noticia que o seu assinante, colaborador e amigo X, partiu para as Caldas da Rainha.

B — refere que o seu amigo, colaborador e assinante que partiu para as Caldas da Rainha, é X.

C — narra que, para as Caldas da Rainha, partiu X, seu colaborador, assinante e amigo.

D — que se esqueceu de contar oportunamente o caso, traz ao outro dia: «Querem alguns dizer que partira para as Caldas da Rainha X, o nosso amigo, assinante e colaborador. Não demos fé.»

Se a imprensa política é assim harmónica na exposição da doutrina, nem sempre o é na apreciação dos factos.

Assim, por exemplo, o ministério

fulano propõe em cortes: — que, atentos aos serviços da ostra, o Governo seja autorizado a declarar que se considera para com a ostra como um verdadeiro pai.

Então os jornais *Fulanistas* exclamam: «O Governo acaba de se declarar pai da ostra. Medida de grande alcance! É uma garantia para a ordem, um penhor solene de zelo pelos serviços públicos. Quando um Governo assim procede, pode dizer-se que ampara com mão segura o leme do Estado!»

Mas no dia imediato, por qualquer coisa, o ministério *fulano* cai. Sobe o ministério *sicrano*, e logo em seguida propõe em cortes: — que de ora em diante, atentas grandes vantagens para a causa pública, o Governo se declare para todos os efeitos em relação à ostra, mais

que um pai, uma verdadeira mãe!

Dizem os mesmos jornais *Fulanistas:* «O ministério ominoso, que com mão tão incerta dirige o leme da coisa pública, declarou-se mãe da ostra. É mostrar um profundo desprezo pela ordem e pela economia! Quando um ministério assim pratica é que vai no caminho da anarquia, e nos leva direitos ao abismo!»

Também não é igualmente harmónico o processo para julgar as pessoas.

O Sr. fulano, feito presidente de ministros, vai à Câmara.

Ao outro dia dizem os jornais ministeriais: «O nobre Presidente do Conselho tinha ontem, à sua entrada na Câmara, umas magníficas botas de pelica. Que admirável pelica! Só quando se tem

como S. Ex.ª um tão grande zelo pelo bem do País e uma tão alta experiência das coisas públicas, se pode encontrar uma tão boa pelica!»

Os jornais moderados, em expectativa, em meia oposição, declaram: — «Não somos aduladores do poder, dizemos-lhe em face a verdade. Conhecemos a longa experiência, os fortes dotes oratórios do Sr. Presidente do Conselho; mas, apesar do seu tato político, S. Ex.ª tinha simplesmente umas botas moderadas de vitela francesa.»

Os jornais da oposição exclamam:

«Insensatos! Que vindes vós falar na experiência, nas virtudes cívicas do Sr. Presidente do Conselho? S. Ex.ª é ominoso! Não! As suas botas não são de vitela francesa, como quer uma oposição

refalsada, nem de pelica fina, como quer uma maioria venal. As suas botas demonstram que caminhamos para a anarquia e são de couro de Salvaterra!»

Olhemos agora a literatura. A literatura — poesia e romance — sem ideia, sem originalidade, convencional, hipócrita, falsíssima, não exprime nada: nem a tendência coletiva da sociedade, nem o temperamento individual do escritor. Tudo em torno dela se transformou, só ela ficou imóvel. De modo que, pasmada e alheada, nem ela compreende o seu tempo, nem ninguém a compreende a ela. É como um trovador gótico, que acordasse de um sono secular numa fábrica de cerveja.

Fala do *ideal*, do *êxtase*, da *febre*, de *Laura*, de *rosas*, de *liras*, de

Primaveras, de *virgens pálidas* — e em torno dela o mundo industrial, fabril, positivo, prático, experimental, pergunta, meio espantado, meio indignado:

— Que quer esta tonta? Que faz aqui? Emprega-se na vadiagem, levem-na à polícia!

Ela, desatendida e desautorizada, vai todavia soltando, com grandes ares, por entre o gás e o pó do macadame, as declamações sonoras do lirismo de Lamartine e do misticismo de Chateaubriand. E gloria-se de ser nos seus costumes e nas suas obras, intransigentemente ideal. Mera questão de retórica: os poetas líricos e os cismadores idealistas tratam de se empregar nas secretarias, cultivam o bife do Áurea, são de um centro político, e usam flanela.

Em França ao menos a literatura, quando a corrupção veio, exprimiu a corrupção. No Paris da decadência, no Paris do barão Haussman e dos Srs. Rouher e Fialin (vulgo de Persigny), os livros detestáveis foram a expressão genuína e sincera de uma sociedade que se dissolvia. A literatura de *Boulevard* há de ficar por esse motivo, e há de ter o seu lugar na história do pensamento, assim como da decadência latina ficaram Apuleio, Petrónio e o mordente Tertuliano, cujo estilo tem cintilações ainda hoje tão vivas que parecem emanadas da podridão do moderno mundo poético.

Na corrente da literatura portuguesa nenhum movimento real se reflete, nenhuma ação original se espelha.

Como nas águas imóveis e escuras da lagoa dos mortos, apenas nela se retratam sombras. Mas são sombras que não têm as lívidas roupagens usadas no Estígio: estão de fraque e de chapéu alto — e é a única coisa que lhes dá direito a julgarem-se vivas!

A poesia fala-nos ainda de Julieta, Virgínia, Elvira — belas e interessantes criaturas no tempo em que Shakespeare se ajoelhava aos seus pés, em que Bernardin de Saint-Pierre lhes oferecia rapé da sua caixa de esmalte circundada de pérolas, em que Lamartine, embuçado na capa romântica de 1830, as passeava em gôndola nos lagos de Itália. Hoje são um ideal de museu.

E todavia, além destas mulheres, ela nada conhece no Mundo. A poesia

contemporânea compõe-se assim de pequeninas sensibilidades, pequeninamente contadas por pequeninas vozes. O poeta lírico A diz-nos que Elvira lhe dera um lírio numa noite de luar! O poeta lírico B revela-nos que um desespero atroz lhe invade a alma, porque Francisca está nos braços de outro! O poeta lírico C conta-nos uma noite que passou com Eufémia, num caramanchão, olhando os astros e dizendo frases. E no meio das ocupações do nosso tempo, das questões que em roda de nós de toda a parte se erguem como temerosos pontos de interrogação, estes senhores vêm contar-nos as suas descrençazinhas, ou as suas exaltaçõezinhas! No entanto operários vivem na miséria por essas trapeiras, e gente do campo vive na

miséria por essas aldeias! E o Sr. fulano e o Sr. sicrano empregam toda a sua ação intelectual em se gabarem que apanharam boninas no prado, papa as ir pôr na cuia de Elvira! Noites e noites movem-se os prelos a vapor, calandra-se o papel, esfalfam-se os tipógrafos, arrasam-se os revisores, emprega-se uma imensa quantidade de vida e de trabalho, para que o público saiba que o poeta lírico, Policarpo de tal, ama uma virgem pálida com olheiras!

E ainda se a poesia lírica se contentasse com ser de uma inutilidade lorpa... Mas ela é de um erotismo ofensivo! Há lupanares mais castos do que certos livros de versos que se chamam melancolicamente *Harpejos* ou *Prelúdios*.

Poesia lírica, poesia lírica, esconde-te nos conselhos de ministros ou nas secretarias do Estado! Não apareças ao mundo vivo. Sabes qual é o lugar que tu nele mereces? Não é o Panteão, é o Limoeiro.

A poesia individual tem um nobre alcance quando o poeta se chama Byron, Espronceda, Hugo, Lamartine, Musset. Porque então, naquelas almas, todo o século com as suas dúvidas, as suas lutas, as suas incertezas, as suas tendências, as suas contradições, se retrata. São grandes almas sonoras onde vibra em resumo toda a vida que as cerca. Estuda-se ali, como num sumário, a existência de uma época. Mas, com franqueza, que se há de estudar na alma do Sr. João, ou na alma do Sr. Francisco? A imensa dúvida que pesa

sobre a Baixa? Os tormentos ideais que agitam a Rua dos Fanqueiros?

E a maior desgraça e a maior tolice é que, por farfanteria lírica, alguns homens honestos na sua vida vêm diante do público declarar-se perversos na sua rima!

Tomemos um exemplo, um dos mais piegas — O Sr. X. O Sr. X é um rapaz honesto, bom chefe de família, ganhando honradamente o seu pão. Merece a nossa estima.

Vejamos a sua poesia. Aí não se fala senão em amores, prazeres, delírios, orgias, virgens sacrificadas... Das seguintes coisas, uma:

Ou o Sr. X pinta a verdade quando escreve estes seus versos, e então é um devasso que dá um exemplo detestável a

seus filhos, e desconsidera sua esposa... Como havemos de acreditar em tal caso na seriedade do seu caráter?

Ou o Sr. X não diz a verdade, e todos aqueles seus êxtases são rimados muito aconchegadamente à mesa do chá, entre um dicionário e uma poética, com um barrete de algodão na cabeça... Neste caso como havemos de acreditar na seriedade da sua arte?

O romance, esse, é a apoteose do adultério. Nada estuda, nada explica; não pinta carateres, não desenha temperamentos, não analisa paixões. Não tem psicologia, nem ação. Júlia pálida, casada com António gordo, atira as algemas conjugais à cabeça do esposo, e desmaia liricamente nos braços de Artur, desgrenhado e macilento. Para maior

comoção do leitor sensível e para desculpa da esposa infiel, António trabalha, o que é uma vergonha burguesa, e Artur é vadio, o que é uma glória romântica. E é sobre este drama de lupanar que as mulheres honestas estão derramando as lágrimas da sua sensibilidade desde 1850! O autor, ordinariamente, tem o hábito de Sant'Iago. O editor tem a perda. O leitor tem o tédio. — Santa distribuição do trabalho!

De resto, quando um sujeite consegue ter assim escrito três romances, a consciência pública reconhece que ele tem servido a causa do progresso e dá-se-lhe a pasta da fazenda.

Deves querer que te falemos do teatro, leitor de bom-senso. Mas tu tens lido por essas esquinas os cartazes, e tens

visto, mal sentado, quando o gás da sala diminui, erguer-se o pano sobre farsas tão melancólicas como uma ruína, e sobre dramas tão cómicos como uma caricatura de Cham!

O teatro perdeu a sua ideia, a sua significação; perdeu até o seu fim. Vai-se ao teatro passar um pouco a noite, ver uma mulher que nos interessa, combinar um juro com o agiota, acompanhar uma senhora, ou — quando há um drama bem pungente — para rir, como se lê um necrológico para se ficar de bom humor.

Não se vai assistir ao desenvolvimento de uma ideia; não se vai sequer assistir à ação de um sentimento. Vai-se, como ao Passeio, em noites de calor, *para estar*. No entanto, como é necessário que, quando se ergue o pano,

se movam algumas figuras e se troquem alguns diálogos — tem por isso de existir em Portugal uma literatura dramática.

A ideia que acode a todos é traduzir. E desde logo moços, que ficaram no seu tempo reprovados no exame de *Francês*, traduzem. Onde está *vous*, põem v. ex.ª; e este esforço prodigioso de invenção está gastando em Portugal a força de uma geração literária. Mas nem sempre se pode traduzir... O público gosta de ver coisas que se passem no Chiado e na Rua dos Fanqueiros; e depois, as obras francesas são para grandes companhias de atores, que pelo seu número, pelos seus recursos, pelo seu saber, deixam livre a fantasia criadora do dramaturgo. Então imita-se. Onde está *Mr. Valeroy*, põe-se o *Conselheiro Bezerra;* onde está *Lyon*,

põe-se *Arcos de Valdevez;* onde está *Rue Vivienne*, põe-se *Beco do Fala-Só.* Os jornais aplaudem, o rei preside ao espetáculo, e todo o mundo vai tomar chá com emoção.

Mas é necessário por vezes que haja obras originais. Nesse caso imita-se do mesmo modo, mas põe-se no cartaz: *original*. Que importa? Sabem-no apenas três ou quatro amigos. Ou faz-se deveras uma coisa original. A dificuldade não está em obter os nomes das personagens. Uma ação também se alcança: há muitas feitas — a filha perdida e depois achada, o cofre roubado, o fidalgo arruinado, o homem do povo sublime, etc. O difícil é fazer falar esta gente. Neste lance, o dramaturgo nacional tudo explora e tudo aproveita: vai, procura, tira aqui, copia

ali, arranca frases dos *Miseráveis*, gracejos do *Sr. Luís de Araújo*, discursos do *Sr. Fontes* ou de *José Estevão*, tratados de *Economia política*, pedaços de artigos de fundo, sermões (muitos sermões!), recorta, cirze, cose, remenda, cola aqueles pedacinhos à língua de cada personagem, salpica-os de gestos de desespero, faz esguedelhar os cabelos, ensaia músicas tristes para os finais de atos (puxando assim ao sentimento o arco do rabecão), manda levantar o pano — e repousa na imortalidade.

O tempo em que o teatro floresceu foi o tempo em que o teatro cantou Offenbach. Offenbach então triunfava; todas as famílias o decoravam; todos os realejos o moíam; todos os sinos o repicavam. Levantava-se então a hóstia ao

som da canção do general Bum! A alta burguesia sobretudo é que o frequentava, e que o adotava. E nesta simpatia geral apenas alguns dramaturgos, alguns *arranjadores*, acusavam o maestrino filosófico, de perverter o gosto, desmoralizar a consciência, e abaixar o nível intelectual.

Nem a burguesia teve razão em o adotar, nem os dramaturgos em o maltratarem.

Não, dramaturgos amigos, não compreendestes Offenbach! Offenbach é maior que vós todos. Ele tem uma filosofia, vós não tendes uma ideia; ele tem uma crítica, vós nem tendes uma gramática! Quem, como ele, bateu em brecha todos os preconceitos do seu tempo? Quem, como ele, com quatro

compassos e duas rabecas, deixou para sempre desautorizadas velhas instituições? Quem, como ele, fez a caricatura rutilante da decadência e da mediocridade? Vós, com a vossa severidade, não tendes feito um único serviço ao bom-senso, à justiça, à moral. Tendes só feito sono! E ele? o militarismo, o despotismo, a intriga, o sacerdócio venal, a baixeza cortesã, a vaidade burguesa, tudo feriu, tudo revolveu, tudo abalou num *couplet* fulgurante!

Não, alta burguesia, não fizeste bem em o aplaudir e em o proteger. Julgaste encontrar nele um passatempo, encontraste uma condenação. A sua música é a tua caricatura. Tão mal alumiados são os teatros, tão estreita a

vossa penetração, que vos não reconhecestes um por um naquela galeria ruidosa dos medíocres do tempo? Não é o *Rei Bóbeche* a fantasmagoria cantada da vossa realeza? Não é Calchas, da *Bela Helena*, a mascarada pagã do vosso clero? Não é o general Bum a personificação ruidosa da vossa estratégia de salão? Não é o barão *Grog* a grotesca *pochade* da vossa diplomacia? Não é o trio da conspiração a fotografia em*coupletsdas* vossas intrigas ministeriais? Não é toda a *Grã-Duquesa a charge* implacável dos vossos exércitos permanentes?

Vós ristes perdidamente de todas aquelas criações facetas? Pois da vossa realeza, da vossa diplomacia, do vosso exército, das vossas intrigas, dos vossos

cortesãos vos ristes. E convosco riu-se todo o mundo, *clero*, *nobreza* e *povo*.

Sim, Offenbach, com a tua mão espirituosa, deste nesta burguesia oficial — uma bofetada? Não! Uma palmada na pança, ao alegre compasso dos cancãns, numa gargalhada europeia!

Offenbach é uma filosofia cantada.

Portugal, não tendo princípios, ou não tendo fé nos seus princípios, não pode propriamente ter costumes.

Fomos outrora o povo do caldo da portaria, das procissões, da navalha e da taberna. Compreendeu-se que esta situação era um aviltamento da dignidade humana: e fizemos muitas revoluções para sair dela. Ficámos exatamente em condições idênticas. O *caldo da portaria* não acabou. Não é já como outrora uma

multidão pitoresca de mendigos, beatos, ciganos, ladrões, caceteiros, que o vai buscar alegremente, ao meio-dia, cantando o *Bendito;* é uma classe inteira que vive dele, de chapéu alto e paletó.

Este caldo é o Estado. Toda a Nação vive do Estado. Logo desde os primeiros exames no liceu, a mocidade vê nele o seu repouso e a garantia do seu futuro. A classe eclesiástica já não é recrutada pelo impulso de uma crença; é uma multidão desocupada que quer viver à custa do Estado. A vida militar não é uma carreira; é uma ociosidade organizada por conta do Estado. Os proprietários procuram viver à custa do Estado, vindo ser deputados a 2$500 reis por dia. A própria indústria faz-se protecionar pelo Estado e trabalha

sobretudo em vista do Estado. A imprensa até certo ponto vive também do Estado. A ciência depende do Estado.

O Estado é a esperança das famílias pobres e das casas arruinadas. Ora como o Estado, pobre, paga pobremente, e ninguém se pode libertar da sua tutela para ir para a indústria ou para o comércio, esta situação perpetua-se de pais a filhos como uma fatalidade.

Resulta uma pobreza geral. Com o seu ordenado ninguém pode acumular, poucos se podem equilibrar. Daí o recurso perpétuo para a agiotagem; e a dívida, a letra protestada, como elementos regulares da vida. Por outro lado o comércio sofre desta pobreza da burocracia, e fica ele mesmo na alternativa de recorrer também ao Estado

ou de cair no proletariado. A agricultura, sem recursos, sem progresso, não sabendo fazer valer a terra, arqueja à beira da pobreza e termina sempre recorrendo ao Estado.

Tudo é pobre: a preocupação de todos é o *pão de cada dia*.

Esta pobreza geral produz um aviltamento na dignidade. Todos vivem na dependência: nunca temos por isso a atitude da nossa consciência, temos a atitude do nosso interesse.

Serve-se, não quem se respeita, mas quem se vê no poder. Um governador civil dizia: — «É boa! dizem que sou sucessivamente regenerador, histórico, reformista!... Eu nunca quis ser senão — governador civil!» Este homem tinha razão, porque mudar do Sr. Fontes para o

Sr. Braamcamp não é mudar de partido —; ambos aqueles cavalheiros são monárquicos e constitucionais e católicos. A desgraça é que, se em Portugal existissem partidos republicanos, monárquicos, socialistas, aquele homem, assim como fora sucessivamente reformista, histórico e regenerador — isto é, as coisas mais iguais — seria republicano, monárquico e socialista — isto é, as coisas mais contraditórias.

A família é a primeira a desmoralizar neste sentido a consciência. — *«Quem apanhou, apanhou»*, é a voz doméstica. O indivíduo assim rebaixado, tendo perdido a altivez da dignidade e da opinião, habitua-se a dobrar-se; dobra-se diante do agiota, do merceeiro, do criado... Dobra-se sempre; propõe

injustiças e aceita-as. Extingue-se nele gradualmente a noção do justo e do injusto. Julga o favor, a proteção, a corrupção, funções naturais e aceitáveis. Não há um juiz em Portugal que não possa contar que se lhe tem pedido as coisas mais monstruosamente iníquas, com a simplicidade com que se pede o lume de um cigarro.

O homem, à maneira que perde a virilidade de caráter, perde também a individualidade de pensamento. Depois, não tendo de formar o caráter, porque ele lhe é inútil e teria a todo o momento de o vergar —; não tendo de formar uma opinião, porque lhe seria incómoda e teria a todo o momento de a calar — costuma-se a viver sem caráter e sem opinião. Deixa de frequentar as ideias, perde o

amor da retidão. Cai na ignorância e na vileza.

Não se respeitando a si, não respeita os outros: mente, atraiçoa, e se chega a medrar, é pela intriga.

As mulheres vivem nas consequências desta decadência. Pobres, precisam casar. A *caça ao marido* é uma instituição. Levam-se as meninas aos teatros, aos bailes, aos passeios, para as mostrar, para as lançar *à busca*. Faz-se com a maior simplicidade esse ato simplesmente monstruoso. Para se imporem à atenção, as meninas têm as *toilettes* ruidosas, os penteados fantásticos, as árias ao piano.

A sua mira é o casamento rico. Gostam do luxo, da boa mesa, das salas estofadas: um marido rico realizaria esses

ideais. Mas a maior parte das vezes, o sonho cai no lajedo: e casam com um empregado a 300$00 reis por ano. Aquilo começou pelo *namoro* e termina pelo *tédio*. Vem a indiferença, o vestido sujo, a cuia despenteada, o cão de regaço. As que porventura casam ricas desenvolvem outras vontades: satisfeitas as exigências do luxo, aparecem as exigências do temperamento.

Outrora havia a religião. Mas hoje as mulheres creem da religião o que é necessário para ser moda; ou então creem apenas na exterioridade — novenas, festas de igreja, flores e altares — tudo o que excita os sentidos, exalta a sensibilidade, e não dá uma regra para o julgamento, nem um critério para a consciência.

A Moda é que é uma religião. A modista reina, absorve tudo, não deixa tempo para a menor ocupação ou curiosidade de espírito. Rara a mulher que lê um livro. Rara a que tem um interesse intelectual...

É porventura isto desenhar, a capricho, um quadro sombrio? — Não, descrevemos a ação de uma lei geral.

No fim de tudo, as mulheres virtuosas, as mulheres dignas formam ainda na sociedade portuguesa uma maioria inviolável! Se alguma coisa podemos dizer profundamente verdadeira é — que elas valem muito mais do que nós.

Nós é que somos abomináveis com a nossa caça *à herdeira*. É esse hoje, para o homem, o supremo motivo do

casamento. Em que se tornou hoje a família? *A Família é o desastre que sucede a um homem por ter precisado de um dote!*

A grande questão é o dote. Mulher, filhos, parentes, criados, são desagradáveis consequências que se sofrem. Faltando assim o laço moral, a família vive no egoísmo. O homem, sem respeito, dá-se à concubinagem e ao jogo. A mulher, desocupada e enfastiada, dá-se ao sentimentalismo e ao trapo. Os filhos, se os há, são educados pelos criados, enquanto não são educados pelos cafés.

— Ando aborrecido! — é o coro geral. Os espíritos estão vazios, os sentidos insatisfeitos. Gradualmente, com a vontade doente, o corpo enfraquecido, o homem só procura *distrair, matar o*

tempo. Mas quê? Na leitura?

Não se compra um livro de ciência, um livro de literatura, um livro de história. Lê-se Ponson du Terrail — emprestado!

Ao teatro não se pede uma ideia: querem-se vistas, fatos, mutações. O espírito tem até preguiça de compreender um enredo de comédia; prefere-se olhar, recostado, fazendo a digestão de um mau jantar, os bastidores pintados do *Rabo de Satanás*.

O Passeio Público é um prazer lúgubre. É uma secretaria arborizada, onde se vai estar, gravemente, em silêncio, de olhar amortecido, de braços pendentes!

Os cafés são soturnos. Meio deitados para cima das mesas, os homens

tomam o café a pequenos goles, ou fumam calados. A conversação extinguiu-se. Ninguém possui ideias originais e próprias. Há quatro ou cinco frases, feitas de há muito, que se repetem. Depois boceja-se. Quatro pessoas reúnem-se: passados cinco minutos, murmuradas as trivialidades, o pensamento de cada um dos conversadores é poder-se livrar dos outros três.

Perdeu-se através de tudo isto o sentimento de cidade e de pátria. Em Portugal o cidadão desapareceu. E todo o País não é mais do que *uma agregação heterogénea de inatividades que se enfastiam.*

É uma Nação talhada para a ditadura — ou para a conquista.

2

Maio 1871

Há em Portugal quatro partidos: o partido *histórico*, o *regenerador*, o *reformista*, e o *constituinte*. Há ainda outros, mas anónimos, conhecidos apenas de algumas famílias. Os quatro partidos oficiais, com jornal e porta para a rua, vivem num perpétuo antagonismo, irreconciliáveis, latindo ardentemente uns contra os outros de dentro dos seus artigos de fundo. Tem-se tentado uma pacificação, uma união. Impossível! Eles só possuem de comum a lama do Chiado que todos pisam e a Arcada que a todos cobre. Quais são as irritadas divergências

de princípios que os separam? — Vejamos:

O partido *regenerador* é constitucional, monárquico, intimamente monárquico, e lembra nos seus jornais a necessidade da economia.

O partido *histórico* é constitucional, imensamente monárquico, e prova irrefutavelmente a urgência da economia.

O partido *constituinte* é constitucional, monárquico, e dá subida atenção à economia.

O partido *reformista* é monárquico, é constitucional, e doidinho pela economia!

Todos quatro são católicos.

Todos quatro são centralizadores.

Todos quatro têm o mesmo afeto à

ordem.

Todos quatro querem o progresso, e citam a Bélgica.

Todos quatro estimam a liberdade.

Quais são então as desinteligências? — Profundas! Assim, por exemplo, a ideia de liberdade entendem-na de diversos modos.

O partido histórico diz gravemente que é necessário respeitar as *Liberdades Públicas*. O partido regenerador nega, nega numa divergência resoluta, provando com abundância de argumentos que o que se deve respeitar são — *as Públicas Liberdades*.

A conflagração é manifesta!

Na ação governamental as dissensões são perpétuas. Assim o partido *histórico* propõe um imposto. Porque, não

há remédio, é necessário pagar a religião, o exército, a centralização, a lista civil, a diplomacia... — Propõe um imposto.

«Caminhamos para uma ruína! — exclama o Presidente do Conselho. — O défice cresce! O País está pobre! A única maneira de nos salvarmos é o imposto que temos a honra, etc...»

Mas então o partido *regenerador*, que está na oposição, brame de desespero, reúne o seu centro. As faces luzem de suor, os cabelos pintados distinguem-se de agonia, e cada um alarga o colarinho na atitude de um homem que vê desmoronar-se a Pátria!

— Como assim! — exclamam todos. — Mais impostos!?

E então contra o imposto escrevem-se artigos, elaboram-se

discursos, tramam-se votações! Por toda a Lisboa rodam carruagens de aluguel, levando, a 300 reis por corrida, inimigos do imposto! Prepara-se o *cheque* ao ministério histórico... Zás! Cai o ministério histórico!

E ao outro dia, o partido *regenerador*, no poder, triunfante, ocupa as cadeiras de S. Bento. Esta mudança alterou tudo: os fundos desceram mais, as transações diminuíram mais, a opinião descreu mais, a moralidade pública abateu mais — mas finalmente caiu aquele ministério desorganizador que concebera o imposto, e está tudo confiado, esperando.

Abre a sessão parlamentar. O novo ministério regenerador vai falar.

Os senhores taquígrafos aparam as

suas penas velozes. O telégrafo está vibrante de impaciência, para comunicar aos governadores civis e aos coronéis a regeneração da Pátria. Os senhores correios da secretaria têm os seus corcéis selados!

Porque, enfim, o ministério regenerador vai dizer o seu programa, e todo o mundo se assoa com alegria e esperança!

— Tem a palavra o Sr. Presidente do Conselho.

— *O novo presidente:* «Um ministério nefasto *(apoiado, apoiado!* — exclama a maioria histórica da véspera) caiu perante a reprovação do País inteiro. Porque, Senhor Presidente, o País está desorganizado, é necessário restaurar o crédito. É a única maneira de nos

salvarmos...»

Murmúrios. Vozes: *Ouçam! ouçam!*

«É por isso que eu peço que entre já em discussão... (atenção ávida que faz palpitar debaixo dos fraques o coração da maioria...) que entre em discussão — o imposto que temos a honra, etc. (*apoiado! apoiado*!)»

E nessa noite reúne-se o centro histórico, ontem no ministério, hoje na oposição. Todos estão lúgubres.

— «Meus senhores — diz o presidente com voz cava. — O País está perdido! O ministério regenerador ainda ontem subiu ao poder, e doze horas depois já entra pelo caminho da anarquia e da opressão propondo um imposto! Empreguemos todas as nossas forças em

poupar o País a esta última desgraça! — Guerra ao imposto!...»

Não, Não! Com divergências tão profundas é impossível a conciliação dos partidos!

3

Maio 1871

O Sr. Antero de Quental abriu no dia 19 as conferências democráticas do Casino.

É a primeira vez que a revolução, sob a sua forma científica, tem em Portugal a palavra.

O mundo revolucionário, ou antes, na sua feição partidária e política, o mundo republicano, tinha-se até hoje manifestado muito indistintamente — por alguma voz isolada que sem eco se extinguia no silêncio da opinião, ou pelas agitações, mais suspeitadas que

verificadas, de especuladores e de intrigantes. Às vezes meia folha de papel era distribuída grátis, com alguns insultos aos ministros, ao Rei, e a um ou outro regedor. Outras vezes aparecia um jornal, que, em tom lírico, cantava a fraternidade e os seus encantos, dirigia apóstrofes ao rochedo de Guernesey, citava o Gólgota em questões de fazenda, e voltando-se para o Rei, dizia-lhe — *Tu!* Por vezes ainda um jornal de capa vermelha, e de calúnia de outras cores, a propósito de liberdade insultava senhoras, e, sob pretexto de ser um jornal de combate, era um jornal de difamação. Havia outros republicanos: todos os jornais na oposição se dão vagamente esse ar, falam então no suor do povo... (Imaginarão que a aristocracia não sua? Como se iludem!)

O *Jornal do Comércio*, representante da burguesia liberal, foi algum tempo republicano, e dizia aos tiranos coisas desagradáveis que deviam magoar Napoleão III, o defunto Calígula, e outros ex-opressores. O partido do Sr. Marquês de Angeja parece que também tendia para republicano; pelo menos assim o pensavam os criados do Martinho. Alguns reformistas têm dito que o senhor bispo de Viseu, bem no seu fundo — é republicano. Corre que outros chefes de partido o são também. E isto vai numa tal contaminação democrática, que o único conservador constante que nos fica — é Danton!

Tal era o partido republicano, que causava hilaridade! Por isso o espanto é grande, vendo aparecer homens que apresentam a revolução serenamente —

como uma ciência a estudar. Não o fariam mais serenamente se se tratasse de anatomia.

As conferências hão de encontrar resistências. Em primeiro lugar o nosso público inteligente e literário, ama sobretudo o *bel-esprit*, a oratória, a frase. Moda peninsular. Ora as conferências pela sua natureza científica e experimental — exigem justamente o contrário dos aparatos retóricos. São a demonstração, não são a apóstrofe; são a ciência, não são a eloquência. As declamações têm tirado à democracia o seu caráter privativo de realidade e de ciência. Temos ouvido cantar a democracia, berrá-la, soluçá-la: é tempo de a vermos demonstrar. Deixemos no bengaleiro a nossa perpétua inclinação nacional de escutar odes — e entremos só

com a tendência humana de resolver problemas.

A revolução aparece ao mundo conservador, como o cristianismo ao mundo sofista. Os sofistas tinham tomado o partido de rir *daqueles nazarenos*. É o que faz agora o periódico a *Nação*, quando se trata da revolução. Não és original, *ó Nação!*

Tenhamos bom-senso! Escutemos a revolução; e reservemo-nos a liberdade de a esmagar — depois de a ouvir.

Uma coisa que a compromete é ela falar em nome do proletário. O proletário pretende explicar-se; quer por um lado contar a sua miséria, por outro provar o seu direito. O simples bom-senso indica que se deixe falar o proletário. Silêncio ao pobre! gritava Lamennais em 48. Esta

palavra horrorosa que é um dobre a finados pela dignidade humana, inspira ainda as instituições — Santo Deus! Parece que lhas dói a consciência, às instituições! Deixemos falar o proletário. Que receiam? Não temos os nossos exércitos, os nossos parlamentos, a nossa polícia? Deixemo-lo falar.

Desdigamo-lo depois quando ele mentir, refutemo-lo quando errar. É muito mais cómodo encontrarmo-nos com quem represente o proletário, sossegadamente, na sala do Casino, do que encontrarmos o próprio proletário mudo, taciturno, pálido de ambição ou de fome, armado de um chuço à embocadura de uma rua. Fazer conferências — se bem atentamos neste ato — reconhece-se que é uma coisa diferente de fazer barricadas. É por lhe

não permitirem fazer conferências que o proletário parisiense faz fogo. O proletário inglês não espingardeia os seus governos, pela razão de que fala nos *meetings*. E, quando aqueles que falam no poder os representam mal, os operários ingleses pedem-lhes contas nos seus comícios, cobrem-nos de impropérios, e atiram-lhes com cebolas à cara. Se a vítima tenta fugir ou fazer resistência à cebola ou ao insulto, um *policeman* segura-o gravemente pela gola da casaca, e convida em nome da moralidade, o procurador do povo, a esperar pelos restos da injúria e da hortaliça.

Temos ainda que, atualmente, o grande caráter das conferências é, segundo nos parece, a oportunidade. Há muito tempo que a opinião pública as

pedia. O quê! Há aí alguém que o negue?

Não o nega decerto o parlamento onde todos os dias ministros, maiorias e oposições, dizem que o País está desorganizado.

Não o nega decerto a imprensa, que todos os dias declara que o sistema constitucional está desautorizado! (*Diário Popular*, *Jornal do Comércio*, *Gazeta*, etc, *passim)*.

Não o nega a opinião, que todos os dias exclama, com uma certa convicção desleixada, nos cafés, nas ruas, nos passeios, nos estancos: — Ora! Isto está podre!

Quando a opinião, tão geral, diz que um país está perdido dentro de um sistema, coloca-se por essa mesma confissão fora do sistema, e deseja, por

uma propaganda nova, uma reforma social.

Sejamos lógicos. *As Farpas* não são o legitimismo, nem a república, nem o constitucionalismo, nem o sebastianismo. Desejam simplesmente ser a lógica e o bom-senso.

Vejamos: não tem a imprensa confessado todos os dias a podridão do País e a desorganização das suas forças vivas? (Jornais políticos, *passim).*

Ou são sinceros, ou não. Se não são, então faltam duplamente à dignidade, porque desconsideram os outros enganando-os, e desconsideram-se a si mentindo. São perturbadores da profissão: querem lançar, de caso pensado, o ceticismo no espírito público, para o interesse da sua intriga. Pertencem

portanto ao ministério público. — Se são sinceros então devem estar radiantes de alegria, porque têm essa propaganda nova que implicitamente pediam.

Não vemos nós os ministérios dissolvendo câmaras sobre câmaras, depois de lhes experimentarem um momento a inteligência — *Outra, que esta não presta!?*

Não vemos os partidos, em que deve residir a consciência do Estado, derrubarem todos os dias ministérios, como um homem que num chapeleiro experimenta chapéus — *Outro, que este não serve?*

E vós, jornais políticos, não confessais vós todos os dias a impotência dos vossos políticos? Não vos tendes dito uns aos outros os extremos insultos? Não

vos tendes destruído uns pelos outros? Apelamos para ti, leitor de bom-senso. Não é verdade que o *Diário Popular* tem dito, dentro do sistema, que o Sr. Fontes é incapaz de organizar o País? É. — Não é verdade que a *Revolução* tem provado à saciedade, dentro do sistema, que o senhor bispo de Viseu é incapaz de organizar o País? É. — Não é verdade que a *Gazeta do Povo* tem provado que ambos eles são incapazes? E não é verdade que a *Revolução* e o *Diário Popular* têm afirmado uniformemente que o incapaz é o Sr. Braamcamp? É. Por consequência parece que estais inutilizados uns pelos outros. Se um fala verdade, todos a falam. Se um a falseia, todos a falseiam. Portanto ou tendes de aceitar a vossa condenação, ou tendes de

confessar a vossa falsidade.

Qual é a conclusão? A necessidade de uma propaganda nova. É o que a imprensa está pedindo há longo tempo; é o que o Casino enfim lhe fornece! Muito feliz ainda que lhe não apareça com chuços, tocando a rebate pelas ruas, e que lhe apareça apenas com ideias, e tocando a rebate através das consciências. Todos os partidos estão pois interessados nesta propaganda. Quem fala depois do Sr. Antero de Quental? Deve ser o senhor bispo de Viseu!

4

Maio 1871

O partido reformista apareceu um dia, de repente, sem se saber como, sem se saber porquê. Era um estafermo austero, pesado, de voz possante. Ninguém sabia bem o que aquilo queria. Alguns diziam que era o sebastianismo sob o seu aspeto constitucional; outros que era uma seita religiosa para a criação do bicho-da-seda. Corriam as mais desvairadas opiniões. Apresentava-se tão grave, tão triste, tão intransigente, que no Chiado afirmava-se ser um personagem da história romana — empalhado!

Ninguém se aproximava dele, no

meio da imensa impressão que causava nos moços de fretes. Por fim, pouco a pouco, alguns jornalistas mais curiosos foram-se chegando, começaram a tocar-lhe com o dedo, a ver se era de pau. Era de carne, verdadeiro. Percebeu-se mesmo que falava. Então os mais audaciosos fizeram-lhe perguntas.

— Senhor — disseram —, espalhou-se por aí que vindes restaurar o País. Ora deveis saber que um partido que traz uma missão de reconstituição deve ter um sistema, um princípio que domine toda a vida social, uma ideia sobre moral, sobre educação, sobre trabalho, etc. Assim, por exemplo, a questão religiosa é complicada. Qual é o vosso princípio nesta questão?

— Economias! — disse com voz

potente o partido reformista.

Espanto geral.

— Bem! E em moral?

— Economias! — bradou.

— Viva! E em educação?

— Economias! — roncou.

— Safa! E nas questões de trabalho?

— Economias! — mugiu.

— Apre! E em questões de jurisprudência?

— Economias! — rugiu.

— Santo Deus! E em questões de literatura, de arte?

— Economias! — uivou.

Havia em torno um terror. *Aquilo* não dizia mais nada. Fizeram-se novas experiências. Perguntaram-lhe:

— Que horas são?

— Economias! — rouquejou.

Todo o mundo tinha os cabelos em pé. Fez-se uma nova tentativa, mais doce.

— De quem gosta mais, do papá, ou da mamã?

— Economias! — bravejou.

Um suor frio humedecia as camisas. Interrogaram-no então sobre a tabuada, sobre a questão do Oriente...

— Economias! — gania.

Foi necessário reconhecer, com mágoa, que o partido reformista não tinha ideias. Possuía apenas uma palavra, aquela palavra que repetia sempre, a todo o propósito, sem a compreender. O partido reformista é o papagaio do Constitucionalismo.

5

Maio 1871

O Sr. bispo do Algarve, patriarca, publicou uma pastoral. Ergueu-se a este respeito um debate na Câmara, em que se falou consideravelmente em *placet* e *non placet*. A opinião liberal irritou-se vendo o senhor bispo do Algarve lamentar com azedume a extinção do poder temporal. A opinião liberal não ama o poder temporal, e entende que o Papa se deve ocupar unicamente dos negócios do Céu. A opinião liberal faz a política do espiritualismo.

Ora afirmar que o papado pode viver exclusivamente do poder espiritual,

é uma patente má-fé (não é o caso da opinião liberal), ou um prurido revolucionário (não é também o caso da honrada maioria constitucional). O que é então? Uma falta notável de princípios e de lógica.

O papado podia viver sem o temporal quando a religião lhe dava o domínio em todas as consciências, e fazia dele o vicariato de Deus.

Escusamos de citar épocas históricas. O Papa tinha então também um domínio temporal — mas como uma joia da sua tiara, não como condição vital da sua supremacia. Não foi por possuir Roma e mais uns pedaços de terra que Gregório VII, Urbano II, Inocêncio III se afirmaram tão grandes: as terras, de conquista ou de doação, eram apenas a

glorificação do seu pontificado. O verdadeiro império tiravam-no eles da espontaneidade da fé católica e da força da unidade.

Desde que a fé se extinguiu, que por toda a parte o Estado fez cisão com a Igreja, e que a religião de dominadora passou a consentida — o que sustenta o catolicismo e a soberania espiritual? É a soberania temporal, o reino de Roma. Se o papado perder para sempre Roma, símbolo visível da supremacia religiosa — que fica? Um vago e indefinido interesse espiritual, falando em nome da fé que ninguém possui, e da tradição de S. Pedro que ninguém já sabe em que consiste.

O catolicismo degenera assim numa espécie de protestantismo —

equilibrado entre o calendário e a indiferença.

De modo que a opinião liberal, que no parlamento protestou ser católica apostólica romana, censurando a defesa do poder temporal, censura a defesa do catolicismo e a defesa da unidade. E através dos seus protestos ortodoxos mostra-se inimiga do catolicismo — por consequência inimiga do cristianismo, porque o catolicismo é a expressão mais lógica do cristianismo — por consequência inimiga da religião, porque o cristianismo é a expressão mais lógica do conceito religioso.

E aqui temos, num país católico, os ilustres senhores deputados, em pleno parlamento, fazendo profissão de ateísmo!

De resto a pastoral de S. E. R. é

um documento deplorável.

Se fosse um protesto católico, a condenação pura e simples da filosofia e da razão, uma pequena encíclica para uso nacional, uma defesa do temporal intransigivelmente posta — aplaudiríamos a pastoral. Seria um documento lógico.

Mas não! A pastoral é uma espécie de artigo de fundo molhado em água benta, o que quer que seja de beato e de lacrimoso, panfleto de sacristia sem critério, sem lógica, sem ciência, sem ortodoxia, com um cheiro a opa e a feno seco, começando por dirigir apóstrofes à arca de Noé e terminando por pedir esmolas para o papa.

Esmolas! Esmolas! O papado quando tinha Roma, apresentava o estranho caso de um estado fundado

unicamente sobre a mendicidade. Roma vivia das esmolas do Mundo. Papa, cardeais, clero e populaça eram todos mendigos de profissão.

Mas hoje o Papa não tem Roma, e as esmolas continuam a tomar o caminho de Roma!

O caminho de Roma? Quem sabe?

Aí estão os jornais espanhóis que declaram que a subvenção católica para o Papa não é mais que uma inscrição disfarçada para o legitimismo; e que todos esses dinheiros, que os fiéis imaginam que vão tornar mais chorumenta a terrina papal, vão simplesmente ser empregados em comprar balas e pólvora para a insurreição de Navarra.

6

Maio 1871

A opinião tem pela Câmara dos Deputados um sentimento unânime, e unanimemente declarado: o tédio.

Diz-se mal da Câmara por toda a parte. Os jornais mais sérios falam constantemente na sua improdutividade. Aparecem contra ela panfletos satíricos. Ela é geralmente considerada como um sórdido covil de intrigas. Se se pergunta:

— Que houve hoje na Câmara?

— Uma farsa — respondem uns.

— Uma feira — respondem outros.

Os jornais políticos vêm cheios

destas fórmulas: «A Câmara ontem deu um espetáculo triste para quem preza os verdadeiros princípios...» «A Câmara está oferecendo a prova da sua falta de independência...» «A Câmara salta por cima dos princípios mais rudimentares da administração.»

— O parlamento é uma vergonha — diz-se nos cafés.

— Vamos aos touros! — exclama-se nas galerias (textual).

— Amanhã há escândalo! — murmura-se na véspera das sessões.

Fazem-se-lhe epigramas, põem-se-lhe alcunhas. Os folhetins escarnecem-na; os jornais de notícias contam com uma singeleza dramática: «Ontem a sessão passou-se em injúrias pessoais.»

Um grande escritor, que é também

um grande caráter, chamou-lhe: «Lupanar!» O dito julgado justo, e coberto de aplausos, é sempre citado.

De que provém este desdém geral? De um surdo fermento de hostilidade que haja entre nós contra os grandes corpos do Estado? Da convicção nascida de uma experiência diária?

Tu, leitor de bom-senso e boa fé, que não és deputado, e te sentas na galeria, ou lês as sessões no jornal, responde tu, nosso amigo e confidente!

A opinião é legítima e fundada em experiência. A Câmara (tomemos a atual, para exemplo) não tem princípios, nem ideias, nem consciência, nem independência, nem patriotismo, nem ciência, nem eloquência, nem seriedade. Isto não quer dizer que isoladamente,

indivíduo por indivíduo, se não encontrem estas qualidades com um relevo poderoso; seria ridículo negar a erudição do Sr. Latino, a honestidade do Sr. Rodrigues de Freitas, etc., etc. O que se quer dizer é que, como corpo constituído, sentada nas suas cadeiras, com o seu presidente, a sua campainha, o seu copo de água com açúcar, e os seus contínuos — a Câmara tem a falta absoluta de qualidades que a ilustrariam, e a abundância de defeitos que a desonram.

A Câmara não tem princípios. É monárquica, e corta a lista civil, dando toda a latitude ao Rei na política, mas reduzindo-lha no orçamento. É católica, e mostra-se hostil à defesa do poder temporal, o que, por uma dedução lógica, é mostrar-se simpática à condenação do

catolicismo. Dá, alternadamente, maioria a todos os partidos. E só serve as ambições de chefes, que a exploram e que a desprezam.

A Câmara não tem ideias. Diante de um país desorganizado de um extremo ao outro, que faz? Discute a questão das ostras. Não apresenta uma lei, um regulamento, uma reforma, um projeto. Durante um mês inteiro discute se o Sr. Soares Franco deve ter o comando da Armada, ou se o não deve ter. O ministro declara que sim — «porque o comando da Armada é de tradição de três séculos». Este princípio do Governo, logicamente entendido, obriga o ministério a levantar a forca, reconstruir os conventos, ressuscitar Afonso Henriques, ir imediatamente descobrir o caminho da

Índia — e ficar sempre a descobri-lo!

A Câmara não tem justiça. Se alguma coisa decide, na sua pequenina área de alterações pequeninas, não é no terreno da justiça pública, é no do interesse político. Quem ignora os exemplos? A sua enumeração fatigaria Homero.

A Câmara não tem consciência. O seu critério, a sua moral, é a *intriga*. A *intriga* política, a *intriga* partidária. A maioria apoiava o senhor marquês de Ávila; a maioria abandona-o. Porquê? Era ontem apto, é hoje inepto? É que o senhor marquês de Ávila se nega à discussão do orçamento. Nesse caso para que lhe dão a lei de meios até julho? É um imbróglio conduzido por uma intriga. Acham-no tão impróprio que se afastam dele, mas dão-

lhe o poder por mais dois meses.

A Câmara não tem patriotismo. É necessário prová-lo? Que lhe importa a ela o País, a sua organização, o seu progresso? Que faz por ele? Com que instituições o dota? Que melhoramentos lhe dá? Que interesse tem pela instrução, pela indústria, pela agricultura? A Câmara intriga e vocifera! De resto é um baralho de cartas com que chefes hábeis fazem uma partida de voltarete. E o País é quem leva os codilhos.

A Câmara não tem independência. Vede as ameaças de dissolução. Ainda a dissolução não aponta ao longe, já a Câmara está encolhida debaixo dos bancos!

A Câmara não tem ciência. Nem administração, nem economia, nem direito

público, nem direito constitucional, nem história, nem gramática: a Câmara nada sabe. O Sr. Dias Ferreira, um professor consagrado, o Sr. Sampaio, um jornalista ilustre, e um ou dois magistrados que são deputados, poderiam, melhor que nós, vir contar nas *Farpas* os discursos grotescos proferidos no parlamento em questões de doutrina.

A Câmara não tem eloquência. Queres ver, leitor de bom-senso, um modelo de discurso? Foi o senhor deputado... Para que dizer o nome? À nossa questão não é de nomes, é de factos. Vejam o *Diário das Câmaras*. O orador começa por um exórdio. Conta como Platão dormia a sesta, e o que faziam as abelhas do Himeto. Depois diz que desejava ter os dotes de suavidade e

brandura para rastrear Platão. Pausa. Entra em seguida em matéria. Principia por declarar que já vai longe para ele o período da adolescência, mas que é natural que por lá lhe ficassem *antigas fervenças*, restos daqueles *fluxos seivosos* (textual). Depois explica como era o acordo que reinava entre os deuses de Homero: «Aquiles empunhava o gládio, Ajax brandia o ferro!» Passa em seguida aos trabalhos de Hércules. Narra durante dez minutos a fábula de Oxilus. Fala na Eólia, na Etólia, e no Peloponeso. Menciona Júpiter, no Olimpo, sentado no *seu trono coruscante* (textual). Trata dos sacerdotes egípcios, dos ídolos, do cão Anúbis, e da esfinge, que segundo ele, *era um deus com cabeça de gato* (parece incrível mas é textual!) Logo adiante cita

as portas da Aurora. A propósito da sua alma brada:

«Malheur à qui sonda les abîmes de l'âme!»

Depois ocupa-se da maneira de conceber das aranhas. Aponta por essa ocasião Saturno, um pouco mais abaixo Isócrates. Alude às hidras. Desenrola uma história imensa das *Confissões* de Santo Agostinho. Discursa ainda sobre Sião e Babilónia, e senta-se! Tudo isto a propósito do senhor marquês de Ávila e da comissão de fazenda.

A Câmara não tem seriedade. Quem não viu uma sessão? O sussurro, o barulho, a confusão são perpétuos. Vota-se sem se saber o que se discutiu, e continua-se a conversar. As questões pessoais estão constantemente na ordem do dia.

Voam os desmentidos. Fervilham as injúrias. Nos momentos mais serenos é a graçola e a troça. E das galerias o público assiste, ora indignado ora divertido, ao espetáculo sem igual.

Achais estas páginas cruéis? Pensais que não nos dói tanto escrevê-las como vos dói o lê-las? Pensais que é com espírito alegre, e a pena ao vento, que levantamos um por um, diante do público, os farrapos da vossa decadência? — Apelamos para vós mesmos. Se algum de vós, na sua consciência, acha que não dizemos uma verdade perfeita, que nos atire a primeira pedra como no Evangelho, isto é, que nos lance a primeira contradição.

7

Junho 1871

Todos os jornais, na época de eleições, têm os seus candidatos prediletos. Os jornais franceses lançam os nomes desses, à adesão pública, no alto da página, em tipo enorme. Os jornais portugueses é numa prosa dormente que os aconselham, com recato.

Nós possuímos também dois candidatos queridos.

São:

O Dr. João das Regras!

O condestável D. Nuno Alvares Pereira!

São estes dois cavalheiros —

cidadãos! — a expressão gloriosa da sua Pátria. Um é o seu pensamento jurídico, outro o seu valor heroico. Qual será o liberal inteligente que recuse o seu voto a estes dois homens históricos? Valerá mais o Sr. José de Morais, ou o Sr. Coelho do Amaral?! E depois quem, como o Sr. João das Regras, velaria pelos foros populares? Quem como o condestável manteria a independência da Pátria? — À urna, cidadãos!

Podem apenas pôr-nos uma objeção — pequena por si, mas que talvez influa nos ânimos timoratos: é que o doutor e o condestável morreram há quatro séculos!

Pois bem! Nós afirmamos que esse detalhe nada importa, porque eles se acham em identidade de circunstâncias

com a grande parte dos candidatos que se apresentam por esses círculos, de Norte a Sul do País! Todos esses beneméritos estão na realidade tão mortos como João das Regras, e como D. Nuno Alvares Pereira!

Debalde passeiam! Debalde falam! Estão mortos. Viver para sentir fisicamente é simples — basta que os pulmões respirem, que o sangue circule, que o alimento se digira. Mas viver para legislar e pensar é mais complexo — é necessário que a inteligência e a consciência estejam em vigor, trabalhando. Ora grande parte dos senhores candidatos têm aquela porção do seu ser tão morta como o Dr. Regras, ou o condestável Pereira.

Com efeito, no sentido de legislar,

organizar, e dirigir um país — viver é ser do seu tempo, estar no seu momento histórico, ajudar a criação social do seu século, sentir a comunhão das ideias novas. Ser democrata de 20, ou carlista de 36, ou cabralista de 45, ou regenerador de 51— não é viver, é recordar-se. E, por este lado, quem sabe também se os mortos se recordarão?

Por consequência, como a maioria dos candidatos se acham mortos e embalsamados no seu próprio corpo — estão na categoria em que se encontram os defuntos Regras e Álvares Pereira.

Propomos pois:

O doutor!

O condestável!

Podem todavia observar-nos:

Sendo verdade (como é) que os

senhores deputados estão mortos no seu espírito — é também verdade que estão vivos no seu corpo, que podem dizer *presentes!* na chamada, e que desta condição não se gabam o doutor e o condestável, os quais, sendo um punhado hipotético de pó, não podem ter a pretensão, verdadeiramente tirânica, de dizerem *presentes!* — como o Sr. Melício, ou o Sr. Carlos Bento, que são de carne!

Bem! Então uma vez que é necessário um vulto, um corpo, uma pouca de matéria, para que os senhores secretários os possam tomar como personalidades — propomos:

A estátua de Camões.

A de João de Barros.

Não nos dirão decerto que estes

não tenham forma, medida, peso! À urna, pois!

Mas podem fazer-nos sentir:

Que se estes últimos cavalheiros têm a condição corpórea, lhes falta a condição vocal — aquela grande condição de deputado que consiste em dizer:

— Apoiado!

Nesse caso, como não temos a pretensão de provar que o bronze e a pedra possuam uma extrema facilidade de locução — propomos:

Dois papagaios, à escolha do senhor marquês de Ávila!

8

Junho 1871

Este mês, quando os cravos abriam, as Câmaras fecharam. Fecharam, isto é, foram expulsas!

Houve talvez umas certas fórmulas, fez-se decerto o programa do encerramento; mas a verdade é que elas foram precipitadas, aos empurrões, pelas escadarias de S. Bento abaixo.

A Câmara estava quieta, bem barbeada, comodamente sentada nas suas cadeiras, sem desconfiança, esperando com gravidade cívica que o Governo manifestasse a sua ideia por um projeto, um relatório, um dito, um grito, uma

carranca!

O Governo entrou, e, com um gesto palaciano e galhardo, fez evacuar a sala!

E aí está como a grande ocupação do mês são as ELEIÇÕES.

É necessário que te expliquemos, leitor pacífico que não pertences aos centros, o organismo interior de uma eleição. E ao alegre fugir da pena, um curso de anatomia política.

Lê-o ao chá aos teus pequerruchos, a quem tua mulher prepara as fatias com manteiga. É o melhor ensino que lhe podes dar do abaixamento do seu tempo. Se eles adormecerem no meio mais pungente da declamação, não penses que foi a sonolência comunicativa das nossas palavras severas. É que em

Portugal tudo faz sono — até a anarquia!

Quando uma Câmara se fecha, o Governo *nomeia* outra. *Nomeia* — porque uma Câmara não é *eleita* pelo povo, é *nomeada* pelo Governo. O deputado é um empregado de confiança. Somente a sua *nomeação* não é feita por um decreto nitidamente impresso no *Diário do Governo:* o processo dessa nomeação é mais complicado e moroso. É por meio de *votos*, os quais são tiras de papel, onde está escrito um nome, e que se deitam num domingo, numa igreja, dentro de umas caixas de pau, que se chamam romanticamente *urnas*. Uns homens graves, de camisas lavadas, estão em roda da uma. Estes homens chamam-se a *mesa*. São eles que, com gesto cívico e cheios do espírito das instituições, metem

gravemente o papelinho branco *(o voto!)* na caixinha (*a urna!)*

A *urna* afeta várias formas, segundo as freguesias: há urnas do feitio de caixas de açúcar, do feitio de vasilhas, do feitio de chávenas, etc.

Os candidatos gritam sempre, no último período dos seus manifestos, transportados de furor constitucional:

— Cidadãos, à urna!

É puramente uma denominação sentimental.

Para serem exatos deveriam exclamar, em certas freguesias:

— Cidadãos, ao caixote!

E noutras:

— Cidadãos, à vasilha!

Ora, apesar desta nomeação aparatosa e de grave cerimonial, o

deputado é tão igualmente funcionário como se fosse nomeado por oito linhas triviais e burocráticas do *Diário do Governo*. O deputado obedece ao Governo, e exerce uma função. Há o *apagador*, o *gritador*, o *interruptor*, o *homem dos incidentes*, o *homem dos precedentes*, etc. E quando desagrada, é demitido. Somente não se diz *demitido*. Diz-se, com menos asseio, *dissolvido*.

O Governo pois *nomeia* os seus deputados. Estes homens são, naturalmente e logicamente, escolhidos entre os amigos dos ministros. Por dois motivos:

1.º Porque a amizade supõe identidade de interesses, confiança inteira.

2.º Porque sendo a posição de

deputado ociosa e rendosa, é coerente que seja dada aos amigos íntimos — àqueles que vão ao enterro dos parentes e trazem o pequerrucho da casa às cabritas.

Os amigos dos ministros são, naturalmente, os primeiros escolhidos. Para completar o número de uma maioria útil, estes amigos, mais em contacto, indicam depois outros, seus parentes que procuram colocar, os seus aderentes que querem utilizar.

— Tu não tens ninguém pelo círculo tal? — pergunta X ao ministro, seu íntimo.

— Não.

— Espera! Tenho eu um primo. O pobre rapaz tem poucos meios, é pianista. Mas é fiel como um cão. Um escravo! Posso dizer ao rapaz que conte com a

coisa?

— Podes dizer ao rapaz.

Lentamente a lista da maioria vai-se formando em Lisboa.

Os pretendentes são numerosos. Os *amigos íntimos* agitam-se em volta do ministro, como um bando de pardais em torno de um saco de espigas. Um tem um primo que casou; outro sabe de um folhetinista com talento e língua fácil; outro quer um cunhado; outro deseja um homem a quem deve uns centos de mil-réis (mas dispensa a candidatura para esse *ladrão*, se o ministro fizer esse *ladrão* recebedor de comarca)... Depois os candidatos são mudados como figuras de um jogo de xadrez. A um, a quem se prometeu o círculo D, dá-se o governo civil de B — como indemnização. Tira-se

a C a candidatura, porque se descobre que C tomou chá com o chefe da oposição. Mas dá-se a E, que foi quem denunciou C. Às vezes é um influente pelo círculo X que, em paga da sua influência, pede que seu genro *venha* pelo círculo Z onde é proprietário.

— Mas o círculo Z está prometido a fulano, que é um professor distinto, um publicista! Seu genro tem pelo menos algum curso?

— Meu genro não tem curso nenhum. Eu é que tenho influência. O jornal da localidade já provou que meu genro era um animal. Mas meu genro espancou a redação.

E quem *vem* pelo círculo Z não é o professor distinto, mas o sujeito convencido de *animal* pelo periódico da

localidade!

Há ainda os amigos do Governo, que residem na província. Esses escrevem ao ministro:

«Tenho aqui tudo preparado pelo círculo, e gasto um dinheirame. Por isso, querido amigo, espero que me mandes apoiar a eleição... Sabes que sou fiel como um cão, quando tu estás no poleiro.»

Meses depois deste exercício o Governo possui enfim, inteira, compacta, abarrotada de nomes fiéis, a lista da sua maioria.

Quando o Governo não tem política própria, nem programa próprio, nem amigos próprios, e vive, como o atual, apoiado em dois partidos — são esses partidos que dão ao ministério as listas das *suas* maiorias particulares. O

Governo aceita, e *nomeia* estas maiorias.

Constituída a Câmara, cada partido retira a sua maioria, e o Governo, desamparado, cai de costas, estatelado no lodoso chão da intriga.

E as duas maiorias, livres da fastidiosa ocupação de amparar um Governo antipático, e com os braços disponíveis, rompem logo a invetivar-se uma à outra com galhardo brio.

Tal é este prodigioso e baixo imbróglio!

Logo que o Governo possui completa a sua lista, comunica-a aos governadores civis. Começa aqui o que se chama o *trabalhinho* das autoridades. O governador civil chama particularmente cada administrador de concelho, e troca com ele estes nobres dizeres:

— Pelo seu círculo o Governo propõe fulano. Compromete-se a fazê-lo vencer?

— Farei as diligências...

— Nada de palavras equívocas. Ou a eleição certa para o Governo, ou a demissão certa para si. De resto peça, intrigue, compre, ameace, maltrate. Isso é consigo... O que nós queremos é que o Governo vença!

O administrador tem família, vive daquele escasso rendimento, quer seguir a carreira administrativa, sente o seu interesse que o insta, e cede a S. Ex.ª.

— Pois bem — diz. — Respondo por tudo... Mas tenho exigências.

— Venham elas.

— É necessário que seja demitido o reitor do liceu, que é todo oposição...

— Tomo nota.

— Que seja transferido o escrivão de fazenda. Coitado, grande transtorno lhe vai fazer! Mulher e quatro filhos. A mulher é da vila... Mas enfim...

— Está claro, para a frente!...

— Além disso preciso uns 300$000 reis para a freguesia de tal, que está muito trabalhada pela oposição...

— Conte com eles.

— Precisava também de tropa...

— Com todo o gosto. Trabalhar, meu amigo, trabalhar! Esta nossa vida administrativa é o demónio! Mas, que diabo, alguma coisa se há de comer! Adeus.

E cada administrador vai trabalhar para o seu círculo.

Honesto sistema!

A primeira dificuldade é que, no círculo, ninguém conhece o candidato.

— Mas quem é ele?

— Eu sei lá quem ele é! — responde a própria autoridade. — É um sujeito de Lisboa. *É do Governo!*

O administrador, para ordenar a escaramuça, reúne os seus regedores:

— O candidato é fulano. Mãos à obra! É trabalhar-me bem essas freguesias! É pedir, ameaçar...

Os regedores partem; e, trotando pelas estradas do concelho, ruminam os seus meios.

1.º *A compra pura e simples*. Regateia-se o voto: 500, 1$00, 1$500 reis. Há-os de meia libra, mas são raros.

2.º *A pressão*. É o mais eficaz. A pressão é uma arma geral, simples,

acessível a todos. O proprietário exerce pressão sobre os rendeiros, que exercem pressão sobre os trabalhadores. Nos centros de distrito ou de concelho a autoridade superior exerce pressão sobre todos os empregados do governo civil, da administração, da repartição de fazenda, da repartição de obras públicas, do liceu, da câmara, etc. Os coronéis exercem pressão sobre os oficiais — com ameaça de participação para a secretaria da guerra, de destacamento para longe, de mudanças de corpo com despesas, etc.

3.º *A ameaça.* A ameaça é mais especialmente feita pelo regedor na sua freguesia. O regedor dirige-se ao eleitor e verte-lhe esta honesta eloquência:

— Tu tens um filho de 20 anos. Está para entrar no recrutamento. Se votas

no Governo livro-te o filho. Se não, tens o filho com a farda às costas.

Ou então:

— Tu sabes que tua filha tem aí um namoro. Se não votares com o Governo, a tua filha será chamada à presença da autoridade, e tens a vergonha em casa...

Ou quando não:

— Tu andas coletado em 10. Se votares com o Governo, arranjo-te a que o sejas apenas em 9. Se votas contra, tens para o ano no cachaço 16 ou 17.

E aqui está como o Governo arranja votos — por cabeça.

Há votos por influência. Isto é — arranja-se um sujeito que dispõe de 50, 100, 200 votos: dá-se a esse homem uma comenda, um título; nomeia-se-lhe um

primo recebedor ou apontador de estradas; e esse homem dá generosamente, para maior esplendor da monarquia, esses 50, 100 ou 200 livres votos ao candidato do Governo!

E por todos os círculos se trabalha sem descanso! As autoridades têm dias pesados de fadigas, noites cortadas de telegramas. Bate-se por todo o concelho a áspera e ávida caça ao eleitor. Aqui ameaça-se, além compra-se. Demite-se aqui um regedor que é suspeito, além muda-se um pároco que é hostil. O eleitor é acariciado, saudado. Paga-se-lhe o vinho na taberna, promete-se-lhe a isenção do recrutamento para o filho, e exceção da décima para ele. Não há interesse que se não seduza, fraqueza que se não ataque, miséria com que se não

especule.

E o pobre eleitor, aturdido, diz à mulher em casa:

— Oh!, senhores, não me deixam! Por causa do tal conselheiro Felizardo.

— Mas quem é o Felizardo?

— Ora! É o Felizardo! Eu sei lá quem é! *É um para deputado!*

No entanto a oposição trabalha também. Os seus meios são menores. Recorre sobretudo à prosa. Manifestos nas vilas, discursos populares pelas freguesias, etc. Fala nos *impostos*, nas *vexações do escrivão de fazenda*, nas *poucas estradas que o Governo faz* — e nas *muitas infâmias que o deputado governamental tem feito...*

No meio disto agita-se um dos tipos característicos da província, o

influente de eleições. Lugar nas *Farpas* ao *influente!* Lugar à pesada corpulência do Sr. *influente!*

O influente ordinariamente é proprietário. Antigo cavador de enxada, enriqueceu, tem ambições, quer ser da junta de paróquia, da junta dos repartidores, e mais tarde, num futuro glorioso, vereador! Já não usa jaqueta, nem tamancos. Tem uma casa pintada de amarelo, calça um par de luvas pretas, e fala na soberania nacional. Em vésperas de eleição todos o veem, montado na sua mula pelos caminhos das freguesias, ou, nos dias de mercado, misturado entre os grupos, gesticulando, berrando, com uma importância tremenda. Dispõe ordinariamente de 200 ou 300 votos: são os seus criados de lavoura, os seus

devedores, os seus empreiteiros, aqueles a quem livrou os filhos de recrutamento, a bolsa do aumento de décima, ou o corpo da cadeia. A autoridade passa-lhe a mão por cima do ombro, fala-lhe vagamente no *hábito de Cristo*. Tudo o que ele pede é satisfeito, tudo o que ele lembra é realizado. As leis afastam-se para ele passar. As suas fazendas não são coletadas à justa: *é o influente!* Os criminosos por quem se empenha são absolvidos: *é o influente!* Se são proibidos no concelho os arrozais, ele pode tê-los; *é o influente!* Se são proibidos os portes de armas, ele é excetuado: *é o influente!* Só ele caça nos meses defesos: é *o influente!* Só a sua rua é calçada: *é o influente!*

Se algum dia, leitores das *Farpas*,

encontrardes o *influente*, tirai-lhe o vosso chapéu. Ele reina, e o seu reino assenta sobre a coisa que, apesar de ser a mais lodosa, é ainda a mais sólida a corrupção.

Nasce enfim o dia, o domingo desejado.

Os regedores começam a chegar à frente das suas freguesias. Os homens vêm de cara lavada, de grandes colarinhos brancos.

Para os deter até às 10 horas, impedir que eles se desmantilhem, e que, dispersos, fora das vistas zelosas do regedor, estejam expostos às tentações da oposição — há um casarão, ou um grande pátio, ou um enorme armazém, em que são recolhidos. Estão ali uns poucos de centos de homens, amontoados, sentados no chão, com o varapau na mão, a *lista* no bolso do

colete. No entanto vem vinho e bacalhau. Passam os copos em redor, os queixos mastigam, e *viva lá seu compadre!* e *à saúde do nosso regedor!* e grandes risadas daqui e empurrões além, e pragas mais longe — e toda aquela multidão, avinhada, impaciente, aborrecida, com um cheiro enjoativo e um rumor de troça, espera que chegue a hora da dar o seu voto ao Governo, *livre, espontâneo e consciente!*

Cada freguesia vai votar arrebanhada, de regedor à frente. Os tamancos soam no lajedo da igreja, o secretário da *mesa* chama numa voz dormente. A cada nome o regedor volta-se para o indivíduo:

— Vá! És tu. Chega-te... perdeste a lista? Pensei! Deitas ali! Rua!

E a igreja vai-se esvaziando, os sacristães apagam as velas nos altares, os senhores da *mesa* bocejam, as beatas persignam-se com água benta, os papelinhos brancos acumulam-se na *urna*, os influentes satisfeitos fumam no adro, os Cristos sobre os altares agonizam nas cruzes. Viva o sufrágio!

Bem te compreendemos, leitor! Querias comentários, conclusões, e a moral desta farsa? Olha, se sentires, no fim desta narração, a necessidade de uma liga de todos os homens sérios contra o triunfo progressivo desta corrupção — esse será o único comentário justo e fecundo.

9

Junho 1871

Há muitos anos que a política em Portugal apresenta este singular estado:

Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o *poder*, perdem o *poder*, reconquistam o *poder*, trocam *o poder*... *O poder* não sai de uns certos grupos, como uma pela que quatro crianças, aos quatro cantos de uma sala, atiram umas às outras, pelo ar, num rumor de risos.

Quando quatro ou cinco daqueles homens estão no *poder*, esses homens são, segundo a opinião, e os dizeres de todos os outros que lá não estão — os

corruptos, os *esbanjadores da fazenda*, a *ruína do País!*

Os outros, os que não estão no *poder*, são, segundo a sua própria opinião e os seus jornais — os *verdadeiros liberais*, os *salvadores da causa pública*, os *amigos do povo*, e os *interesses do País*.

Mas, coisa notável! — os cinco que estão no *poder* fazem tudo o que podem para continuar a ser os *esbanjadores da fazenda e a ruína do País*, durante o maior tempo possível! E os que não estão no *poder* movem-se, conspiram, cansam-se, para deixar de ser o mais depressa que puderem — *os verdadeiros liberais, e os interesses do País!*

Até que enfim caem os cinco do

poder, e os outros, os verdadeiros *liberais*, entram triunfantemente na designação herdada de *esbanjadores da fazenda e ruína do País;* entanto que os que caíram do *poder* se resignam, cheios de fel e de tédio — a vir a ser os *verdadeiros liberais e os interesses do País*.

Ora como todos os ministros são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos, não há nenhum deles que não tenha sido por seu turno *esbanjador da fazenda e ruína do País*...

Não há nenhum que não tenha sido demitido, ou obrigado a pedir a demissão, pelas acusações mais graves e pelas votações mais hostis...

Não há nenhum que não tenha sido julgado incapaz de dirigir as coisas

públicas — pela imprensa, pela palavra dos oradores, pelas incriminações da opinião, pela afirmativa constitucional do poder moderador...

E todavia serão estes doze ou quinze indivíduos os que continuarão dirigindo o País, neste caminho em que ele vai, feliz, abundante, rico, forte, coroado de rosas, e num *chouto* tão triunfante!

Daqui provém também este caso singular:

Um homem é tanto mais célebre, tanto mais consagrado, quantas mais vezes tem sido ministro — isto é, quantas mais vezes tem mostrado a sua incapacidade nos negócios, *sendo esbanjador da fazenda*, *ruína do País*, etc.

Assim o Sr. Carlos Bento foi uma

primeira vez ministro da fazenda. Teve a sua demissão, e não foi naturalmente pelos serviços que estava fazendo à sua pátria, pelo engrandecimento que estava dando à receita pública, etc... Se caiu foi porque naturalmente a opinião, a imprensa, os partidos coligados, o poder moderador, o julgaram menos conveniente para administrar a riqueza nacional. E o Sr. Carlos Bento saiu do poder com importância.

Por isto foi ministro da fazenda uma segunda vez. Mostrou de novo a sua incapacidade — pelo menos assim o julgou, por essa ocasião, o poder moderador, impondo-lhe a sua demissão. E a importância do Sr. Carlos Bento cresceu!

Por consequência foi terceira vez

ministro. Caiu; devemos portanto ainda supor que naturalmente deu provas de não ser competente para estar na direção dos negócios. E a sua importância aumentou, prodigiosamente!

É novamente ministro: se tiver a fortuna de ser derrubado do poder, e convencido pela opinião de uma incapacidade absoluta, será elevado a um título, dar-lhe-ão embaixadas, entrará permanentemente no *Almanaque de Gota*.

Ora tudo isto nos faz pensar — que quanto mais um homem prova a sua incapacidade, tanto mais apto se torna para governar o seu país!

E portanto, logicamente, o chefe do Estado tem de proceder da maneira seguinte na apreciação dos homens:

O menino Eleutério fica reprovado

no seu exame de *francês*. O poder moderador deita-lhe logo um olho terno.

O menino Eleutério, continuando a sua bela carreira política, fica reprovado no seu exame de *história*. O poder moderador, alvoroçado, acena-lhe com um lenço branco.

O caloiro Eleutério, dando outro passo largo, fica reprovado no 1.º ano da Faculdade de Direito. O poder moderador exulta, e quer a todo o transe ter com ele umas falas sérias.

O bacharel Eleutério, avançando sempre, fica reprovado no concurso de delegado. O poder moderador não pode conter o júbilo, e fá-lo ministro da Justiça.

E a opinião aplaude!

De modo que, se um homem se pudesse apresentar ao chefe do Estado

com os seguintes documentos:

Espírito de tal modo bronco que nunca pôde aprender a somar;

Reprovações sucessivas em todas as matérias de todos os cursos.

O chefe do Estado tomá-lo-ia pela mão, e bradaria, sufocado em júbilo:

— *Tu Marcellus eris!* Tu serás, para todo o sempre, Presidente do Conselho!

10

Julho 1871

Alguns jornais, com referência ao ministério, têm frequentemente aludido ao caso singular de ser na realidade o senhor marquês de Ávila o único ministro que vive, fala, decreta, influi, *faz deputados* — a única individualidade agente e movente.

Ninguém até hoje precisou bem a razão real e íntima deste fenómeno; e o motivo é que ninguém sabe, com verdade e nitidez, a maneira como foi constituído este ministério ilustre.

Para fornecer, pois, a explicação crítica desse caso instrutivo, aqui

revelamos a organização do ministério tal como a impuseram as circunstâncias partidárias, as dificuldades de acordo, e ajusta repugnância que todo o cidadão decoroso tem em se associar à ação que se chama *governar o País*.

O ministério foi assim composto:

Presidente do Conselho — Marquês de Ávila e Bolama;

Ministro dos Estrangeiros — Marquês de Ávila e Bolama;

Ministro do Reino — Marquês de Ávila e Bolama;

Ministro da Fazenda — Marquês de Ávila e Bolama, sob o pseudónimo de — *Carlos Bento da Silva;*

Ministro das Obras Públicas — Marquês de Ávila e Bolama, sob o simpático e suposto nome de — *Visconde*

de Chanceleiros;

Ministro da Justiça — Marquês de Ávila e Bolama, sob o anagrama — *Sá Vargas;*

Ministro da Guerra — Marquês de Ávila e Bolama, sob a denominação verdadeiramente inexplicável de — *José de Morais Rego.*

11

Julho 1871

No folhetim do *Diário Popular* de 24 de junho leem-se notáveis considerações de ordem moral. São em verso. O poeta dirige-se, na sua declamação solitária, a uma mulher.

Numa prosa anterior (prelúdio) escreve que a missão da arte é *ensinar a amar*(!) — e que na arte não entra realidade, justiça ou moral pública porque (acrescenta)*a arte nada tem com os direitos civis!* Colocado assim à larga, na anarquia da voluptuosidade e do lirismo, aí está o que o poeta expõe e ensina num jornal popular, com uma tiragem de 20000

exemplares, que anda por cima das mesas e nos cestos de costura!

Começa por dizer:

— *Que é bom amar no campo, à tarde e a sós!*

Depois continua:

— *Que prefere o campo, porque nas salas do mundo não lhe é dado beijar a mão dela às largas! Que o campo é livre e as sombras dão refúgio!...*

Por fim acrescenta:

Que queria que os raios cintilantes os cingissem a ele só com ela, erguidos em êxtase, longe de quanto é vil...

(*Quanto é vil*, na gíria da poesia lírica, é o mundo real, a família, o trabalho, as ocupações domésticas, etc.).

Dispensamo-nos de citar mais estrofes lascivas.

Aquelas bastam para legitimar as seguintes observações:

Nenhum jornal publicaria semelhantes teorias em prosa;

Nenhum homem que as escrevesse ousaria lê-las a sua filha, sem gaguejar, e sem *comer* as palavras;

Nenhuma senhora que por acaso as tivesse lido ousaria citá-las.

Como se consente então a sua publicação em verso? A higiene não é só a regularização salutar das condições da vida física; nela devem também entrar os factos da moralidade. Se é proibido que um monstro imundo ou um cão morto corrompam o ar respirável das ruas — porque há de ser permitido que um poeta,

com as suas endechas pobres, perturbe o pudor e a tranquilidade virgem?

Há uma postura da Câmara que impõe uma multa a quem pronuncia palavras desonestas: porque não há de ser igualmente proibido publicar ideias desonestas?

Um ébrio, um pobre homem a quem se não deu educação, a quem se não pode dar leitura, a quem quase se não dá trabalho, diz uma praga numa rua, ouvida apenas de três ou quatro pessoas, e vai para a cadeia ou paga uma multa de 3$000 reis. Um poeta lírico, esclarecido, aprovado nos seus exames, empregado nas secretarias, publica num jornal de cinquenta mil leitores, em letra impressa, permanente e indelével, uma série de desonestidades, e é apreciado,

cumprimentado no Martinho, indigitado para uma candidatura!

Pedimos pois:

Ou que seja permitido livremente dizer na rua e no jornal pragas e desonestidades;

Ou que a multa da Câmara Municipal seja aplicada a todos — e que tanto o ébrio que não sabe o que diz à esquina de uma rua, como o poeta lírico que escreve, com reflexão e rascunho de uma semana, ao canto de um jornal, paguem os 3$000 reis à Câmara, um pela sua praga, outro pela sua endecha.

12

Julho 1871

O Sr. ministro do Reino fez entregar por um empregado de polícia ao Sr. Zagalo, diretor do Casino, um papel — reacionário pela intenção, mas demagógico pela gramática — em que se notificava que, por ordem superior, estavam fechadas as *conferências democráticas*.

Conheces já decerto, leitor sensato e honrado, o protesto dos conferentes, a adesão de outros cidadãos, a opinião da imprensa...

E achas certamente na tua consciência que este ato do Sr. marquês

de Ávila, não tendo de certo modo equidade, não tem de modo algum legalidade; que é sobretudo profundamente inábil; e que o Sr. Marquês, dando um *golpe de Estado* contra alguns escritores que no Casino faziam crítica de história e de literatura, foi criar uma atitude política onde só havia um intuito científico.

Homens que numa sala, com senhoras na galeria, movem questões científicas e literárias, numa alta generalização de ideias, são tão inofensivos na política do seu país como um livro de *matemática*. São motores de pensamento e de estudo, que não vão tocar a rebate no sino das Mercês. — Mas homens que o Governo obriga a fazer um protesto num café, na agitação de trezentas

pessoas; a percorrerem as redações dos jornais, seguidos de uma multidão indignada; a colocarem-se como defensores da consciência ofendida — esses parecem-se terrivelmente com homens de uma ação política! As conferências desceram assim da sua serenidade filosófica; estão na luta, estão na discussão da *Carta*, estão na prosa da *Gazeta do Povo!*

Vejamos a legalidade do facto. Num país constitucional, tem-se sempre aberta sobre a mesa a Carta Constitucional — ou para descansar nela o charuto, ou para tirar dela um argumento.

Diz a Carta no seu artigo 145.º:

A inviolabilidade dos direitos civis e políticos dos cidadãos

portugueses... é garantida pela Constituição do Reino, pela maneira seguinte:

§ 3.º Todos podem comunicar o seu pensamento por palavras e escritos, e publicá-los pela imprensa sem dependência de censura, contanto que hajam de responder pelos abusos que cometerem no exercício desse direito.

Temos pois, adquiridos à certeza dois pontos:

1.º Que todo o cidadão pode publicar o seu pensamento falando ou escrevendo;

2.º Que o cidadão fica responsável pelo abuso do seu direito.

Por consequência, logo na primeira conferência:

1.º O Sr. Antero de Quental podia

falar sobre a religião em toda a liberdade da sua opinião;

2.º Se abusasse, o Sr. Antero de Quental respondia pelo abuso.

É lógico. Ora quem torna efetiva a responsabilidade desse abuso?

Em primeiro lugar: O comissário que deve assistir a todas as reuniões públicas, na ideia do decreto com força de lei de 15 de junho de 1870. «As reuniões públicas (diz este decreto) podem ser dissolvidas pela autoridade... quando por qualquer forma perturbarem a ordem pública. A dissolução da reunião só pode ser intimada à assembleia — depois de a autoridade advertir em voz alta os diretores da reunião (neste caso o preletor).» O comissário assistente das conferências, o Sr. Rangel, não intimou, e

não advertiu o Sr. Antero de Quental, nem em voz alta, nem com gestos. Talvez o tivesse feito por suspiros — mas esse caso não está na lei. Portanto o Sr. comissário não achou, na sua consciência, que o Sr. Antero de Quental abusasse da liberdade de expor o seu pensamento.

Em segundo lugar: O ministério público querelou do Sr. Antero de Quental? Não.

Por consequência nem o comissário presente à conferência, nem o ministério público, encontraram na conferência do Sr. Antero de Quental abuso punível.

As conferências que se seguiram foram, uma sobre *crítica literária contemporânea*, outra sobre o *realismo, como nova expressão da arte*, a terceira

sobre o *ensino e as suas reformas*. Em que atacavam estas a religião ou as instituições políticas? Fazer a crítica da literatura contemporânea é ofender (segunda o linguagem *rococó* da portaria) o código fundamental da monarquia? Nesse caso pedimos a cabeça do Sr. Pinheiro Chagas, o crânio do Sr. Júlio Machado, e uma grande porção do Sr. Luciano Cordeiro! Quem o diria!? Quando se escrever que o Sr. Vidal é um poeta lírico ligeiramente inferior a Lamartine, o trono de Sua Majestade ficará bambaleando um quarto de hora!

Mas vejamos! A última conferência foi feita no dia 19 de junho; a portaria foi dada no dia 26 do mesmo mês, antes da conferência que ia ser feita. Por consequência o Sr. marquês de Ávila

fechou, não as conferências que se tinham feito, o que seria um pouco inútil — mas as conferências que se iam fazer.

Ora, segundo o citado artigo da Carta, só se pode coibir a liberdade de pensamento *quando houver abuso:* e como esse abuso não existia, pelo simples motivo que a conferência ainda não fora feita, e por consequência o pensamento não fora manifestado — segue-se que o Sr. ministro do Reino violou a Carta, se esta palavra *violar* ainda se pode empregar a respeito da Carta, sem atrair sorrisos maliciosos sobre tão insensata metáfora.

Ao ministro cabia unicamente o direito de fazer processar o Sr. Antero de Quental. Isso era a lógica, o bom-senso, a legalidade.

Do que o ministro não tem o mínimo direito é da rude supressão da palavra a preletores de literatura, de arte e de pedagogia. Fazendo, como fez, tal supressão está fora da lei, fora do espírito do tempo, quase fora da humanidade.

Com direito igual pode amanhã o Sr. ministro mandar suprimir as *Farpas*, os romances do Sr. Camilo Castelo Branco, os volumes de história do Sr. Alexandre Herculano, os jornais, a conversação, esta simples pergunta: «Como está? Passou bem?» Pode suprimir ainda um sorriso ou um olhar expressivo. Pode fulminar o espirro!

Ora o artigo 103.º da Carta diz:

«Os ministros são responsáveis... § 5.º Pelo que obrarem contra a liberdade dos cidadãos.»

E o § 28 do artigo 145.º acrescenta:

«Todo o cidadão poderá fazer apresentar reclamações, queixas... e *até* expor qualquer infração da constituição, requerendo... a efetiva responsabilidade do infrator.»

Seria portanto possível responder à portaria do Sr. marquês de Ávila como instrumento seguinte:

— «Requeiro à Câmara dos Deputados que torne efetiva a responsabilidade do Sr. ministro do Reino, procedendo contra ele como infrator do § 3.º do art. 145.º da Carta Constitucional — segundo me é permitido pelo § 28 do citado artigo.»

Tanto em relação ao preletor que abusou da liberdade, segundo a Carta,

como para o ministro que infringiu a lei, segundo a mesma Carta, temos até aqui argumentado com a legalidade.

Agora a equidade:

Que se quis fazer calar nas conferências? Foi a crítica política? Para que se deixa então circular no País os livros de Proudhon, de Girardin, de Luís Blanc, de Vacherot? Foi a crítica religiosa? Para que se consente então que atravessem a fronteira ou a alfândega os livros de Renan, de Strauss, de Salvador, de Michelet?

Sejamos lógicos; fechemos as conferências do Casino onde se *ouvem* doutrinas livres, mas expulsemos os livros onde se *leem* doutrinas livres. *Ouvir* ou *ler* dá os mesmos resultados para a inteligência, para a memória, e

para a ação: é a mesma entrada para a consciência por duas portas paralelas. Façamos calar o Sr. Antero de Quental, mas proibamos na alfândega a entrada dos livros de Vítor Hugo, Proudhon, Langlois, Feuerbach, Quinet, Littré, toda a crítica francesa, todo o pensamento alemão, toda a ideia, toda a história. Dobremos a cabeça sobre a nossa ignorância e sobre a nossa inércia, e deixemo-nos apodrecer, mudos, vis, inertes, na torpeza moral e no tédio.

Nós não queremos também que num país como este, ignorante, desorganizado, se lance através das ambições e das cóleras o grito de revolta! Queremos a revolução preparada na região das ideias e da ciência; espalhada pela influência pacífica de uma opinião

esclarecida; realizada pelas concessões sucessivas dos poderes conservadores; — enfim *uma revolução pelo Governo*, tal como ela se faz lentamente e fecundamente na sociedade inglesa. É assim que queremos a revolução. Detestamos o facho tradicional, o sentimental *rebate* de sinos; e parece-nos que um tiro é um argumento que penetra o adversário — um tanto de mais!

Seríamos pois nós os primeiros a pedir o encerramento das conferências do Casino, se a ciência dos conferentes se resumisse a dizer:

— A barricada, meus senhores, é amanhã na Rua da Bitesga! Quanto ao petróleo, está lá em baixo no bilheteiro!

Mas que se faça calar, pondo-lhe a mão na boca, a ciência, a crítica literária,

a história, contra isso, do fundo deste livro, pequeno mas honrado, em nome do respeito que nós devemos a nós mesmos, e do exemplo que devemos a nossos filhos, protestamos e apelamos, não para a Europa, o que seria sofrivelmente inútil, mas para o próprio Sr. marquês de Ávila, para uma coisa que ele deve ter debaixo da sua farda, uma coisa que se não cala, ainda quando em redor a intriga e o interesse fazem um ruído horrível — a consciência!

Pois quê! Podem ler-se nas bibliotecas e no Grémio, jornais republicanos, jornais da Comuna, toda a sorte de livros materialistas, racionalistas e socialistas — e não há de ser permitido falar do que há de mais abstrato na política, de mais estranho e superior às

agitações humanas e às violências partidárias, a história?

Pois é permitido à *Nação* publicar, em prosa impressa e permanente, ataques rancorosos à liberdade constitucional e à realeza constitucional — e não pode ser permitido ao Sr. Antero condenar as monarquias absolutas, e ao Sr. Soromenho condenar os romances eróticos?

Pois o marquês de Pombal *expulsa* os jesuítas e a sua política, e não é permitido a um conferente do Casino fazer a *crítica* da política dos jesuítas?

Argumentemos! Eu posso comprar um livro de Proudhon que combate o catolicismo, as monarquias, o capital: estou na legalidade. Posso lê-lo em voz alta aos meus amigos, ou aos meus

criados: estou nos limites da Carta. Posso decorá-lo: haverá alguma lei que me proíba este exercício de memória? Posso recitá-lo, à luz do Sol ou à luz do gás, com gestos moderados ou com gestos descompostos: tudo isto é legal. Que eu trate no Casino de algum dos pontos de que se ocupa esse livro, proíbem-no! Concordo em que mo proíbam, mas proíbam também aos livreiros a venda de Proudhon!

Quando se proibiu em França que Renan falasse, obstou-se ao mesmo tempo que Renan fosse lido.

Antes de haver conferências no Casino havia ali *cançonetas*. Mulheres decotadas até ao estômago, com os braços nus, a *pantorrilla* ao léu, a boca avinhada, cantavam, entre toda a sorte de gestos

desbragados, um repertório de cantigas impuras, obscenas, imundas! Num verso bestial, a um compasso acanalhado, ridicularizava-se aí o pudor, a família, o trabalho, a virgindade, a honra, Deus! Eram também conferências. Eram as conferências do deboche. E havia muitos alunos!

Pois isso que era a obscenidade, a infâmia, a crápula, parecia ao Sr. marquês de Ávila compatível com a moral do Estado!

As conferências, que eram o estudo, o pensamento, a crítica, a história, a literatura, essas pareceram ao senhor marquês incompatíveis com toda a moral!

Homens refestelados, bebendo conhaque, gritando, apupando desgraçadas criaturas que se deslocam em

trejeitos vis para fazer rir — isso é permitido por todas as leis!

Homens que escutam gravemente uma voz que fala de justiça, de moral, de arte, de civilização — *isso* é proibido com tanta violência que se salta por cima da *Carta* para o proibir! A *isso* manda-se um polícia dar duas voltas à chave! *Miserere! Miserere!*

13

Julho 1871

A Nação, jornal de arqueologia e de piedade, tem-se apresentado nestes últimos tempos com um ar de esplêndido triunfo. Os adjetivos dos seus artigos de fundo caminham a *marche-marche;* os seus advérbios vão desfraldados ao vento; e no mero êxtase dos seus «pontos de admiração» se sente que ela espera pra breve — a *restauração.* Ora muito bem sabemos a restauração *de que*, mas totalmente ignoramos a restauração *de quem.*

A *Nação* espera a restauração em

França com o conde de Chambord — e di-lo claramente. Em Espanha com Carlos VII — e exulta abundantemente. Depois acrescenta: — *e em Portugal com...*

Põe pontos de reticência. É respeito? É pudor? Estratégia? Não se sabe. Evidentemente aqueles pontos de reticência designam *alguém.* Mas *quem*? — como se diz nos «*vaudevilles*».

Querem uns que seja o defunto Herodes; outros o falecido Filipe II; alguns ainda sugerem que seja esse outro ausente do número dos vivos — o honrado Nabucodonosor!

Seja quem for, a *Nação* espera! A *Nação* vem cheia de júbilo, desde as suas citações latinas até aos seus anúncios de *água circassiana!* E a *Nação* não podendo mandar já preparar-*lhe* quartos

na Ajuda ou em Queluz — prepara-*lhe* máximas de boa governação!

Eis algumas dessas máximas, colhidas ao acaso entre doces pilhérias de direito divino:

— *A liberdade de consciência é uma palavra boa para enganar os tolos, que nada significa a não ser um grande contrassenso.*

Ora este modo de pensar pode dar lugar a interpretações aflitivas, Suponhamos a *restauração* feita, a *Nação* triunfante, agora, em junho, em que um frio traiçoeiro nos surpreende à tarde, ao desembocar das ruas. Um cidadão, recenseado e eleitor, caminha no Rossio, e diz gravemente, com aquele ar meditado que toma a burguesia nas grandes questões da vida:

— Diabo, está frio!

Acode subitamente um polícia legitimista, gritando:

— Perdão! O cavalheiro não tem direito a dizer essa irreverência!

Surpresa do cidadão. E o polícia mostra-lhe o repertório oficial, onde se lê:

— 12 de junho... calma.

E o polícia terá razão! Desde o momento em que o direito divino nega a liberdade de consciência, nenhum cidadão tem direito a espalhar doutrinas diferentes das de um repertório fundado na sabedoria das nações, autorizado pelos bispos, com uma tradição de 100 anos — infalível cartilha das nossas temperaturas!

Mas volvamos, volvamos, aos *pontos de reticência!*

Nós afirmamos que a opinião anda transviada, quando pensa que aqueles pontos encobrem um nome temido. Não! A *Nação* é clara, sem equívocos. A *Nação* quando diz:

— Em França reinará Henrique V; em Espanha Carlos VII; e em Portugal...

Quer simplesmente dizer que em Portugal reinará *Pontos de Reticência*. *Pontos de Reticência* é um nome. O nome de um rei. *Pontos de Reticência I*.

Nós podemos estranhá-lo, nós que não sabemos a genealogia e os ramos laterais das casas legitimistas da Europa, que temos esquecido o nosso *Almanaque de Gota*. Mas a *Nação*, depositária dos papéis de família da legitimidade, sabedora das suas, tradições, autora da sua história — energicamente o afirma. É

lícito os constitucionais ignorá-lo — mas não contestá-lo.

Reinará pois em Portugal — *Pontos de Reticência I.*

Em breve o teremos no seu trono, com o seu ministério constituído. Como será nobre! Tradicional! Feudal! Como terá o sereno e radioso aspeto das coisas augustas e eternas!

Presidente do Conselho: — O Duque de Ponto Final.

Ministro do Culto: — Visconde Parêntesis.

Ministro da Guerra: — O Brigadeiro Vírgula.

Ministro da Justiça: — O Comendador Dois Pontos de Vasconcelos.

E serão terríveis!

É para este rei que se preparam

tão boas máximas de governação! Citemos outra, tremenda!

O Sr. Adolfo Coelho dissera no Casino, ao que parece — *que a ciência no seu domínio era independente da fé*.

Pois bem! Um correspondente eclesiástico da *Nação* exclama, voltando-se mentalmente para o Sr. Adolfo Coelho: «Como ousa o sábio dizer que a ciência é alguma coisa sem a fé? Não, vaidoso! A ciência não pode dar um passo, um único, sem ser auxiliada pela fé!»

Queremos que esta seja a verdade; mas pensemos então como a vida deve ser cruel e molesta para aquele eclesiástico e para toda a redação da *Nação*. Imaginemos um destes homens piedosos, à noite, de chambre, à luz do candeeiro, tomando o rol à criada. Já examinou as

parcelas, está a fazer a soma. A cena é solene. Uma luz mística banha as prateleiras. O gato ressona.

— 3 e 7 — calcula o clérigo suando.

E imediatamente para. A ciência bem lhe diz que são 10, mas a ciência não é nada sem o auxílio da fé — e o homem do senhor corre a consultar Santo Agostinho. Nada porém ensina sobre essa matéria o sublime Doutor. O eclesiástico arregala para a criada um olho pávido:

— Depressa, filha, baixa-me daí a *summa* de S. Tomás!

E folheia...

E para a casa das dezenas interroga Santo Atanásio, e para a das centenas os Evangelhos comparados!...

Já é de madrugada: a criada

dormita; a alvura esbatida do dia faz grandes fios pálidos nas vidraças; as andorinhas gritam na sua glória e na sua alegria; os rebanhos balam; as árvores espreguiçam-se nos braços do vento; Deus, o bom Deus, o Deus Justo, vive na infinita transparência da luz — e o pobre eclesiástico, pálido, sonolento, aturdido, enterrado em in-fólios, folheia o Dicionário de Bergier, Bossuet, Noailles, os concílios de Trento e de Florença, Orígenes, Lactâncio, João Clímaco, Fleury, a Cartilha, o Larraga — para saber se pelas leis da Igreja lhe é permitido afirmar que «11 noves fora, é 2!»

E erra a soma!

Outra máxima da *Nação*:

«A liberdade e a igualdade são

palavras ímpias e impuras.»

Por consequência, no reinado legitimista, nenhum homem de bem, verdadeiro absolutista e verdadeiro jesuíta, ousará pronunciar essas palavras réprobas. Não as dirão nunca nas salas as pessoas delicadas. Serão desonestidades. Ante elas as faces castas corarão — e o ex-Tártaro, vulgo Inferno, não perdoará!

Assim o conde de A., querendo apresentar ao bispo de B., o Sr. Ferreira Fagote, ex-constitucional, murmurará discretamente, para evitar a sórdida palavra liberdade:

— *Tomo... aquela que o pudor me impede de nomear*, de apresentar a vossa reverência o Sr. Fagote!

Um pai austero gritará a seu piedoso filho, que entrou cambaleando às

3 da manhã no *ninho seu paterno:*

— *Quem lhe deu, menino... a que os mais simples princípios de moral me vedam pronunciar...* de entrar a estas horas da madrugada?

A palavra *igualdade* será também forçada a tomar o caminho do exílio.

Nos dicionários virá:

Igualdade, substantivo tão miserável que nem tem género. Empregado outrora nos artigos de fundo, hoje expressamente punido pelo artigo 10.º do Código Penal.

E os advogados, no tribunal, para fazer sentir ao júri que circunstâncias que militaram num caso jurídico devem militar num outro, exclamarão, com uma eloquência nova:

— Estamos, pois, senhores

jurados, na mais perfeita (tossindo)... *que a consideração pelo tribunal e o meu amor pelas instituições me retém na língua de circunstâncias!*

Um mestre de primeiras letras, ensinando a ler os meninos:

I-g-u-a-l-gual-d-a-d-a-d-e-d-e — Esterquilínio.

Há mais! A *Nação*, num artigo lírico e heroico, diz que a verdadeira missão do País não é a indústria — é a conquista! A pena de pato da *Nação* é pois uma lança disfarçada. Toda a mágoa da *Nação* é que Cacilhas não seja moura! Se o fosse, a *Nação* vestia a sua armadura e ia lá, num bote! Mas Cacilhas, a fiel Cacilhas, não é moura! Ai!

A *Nação*, pois, condena a indústria. A *Nação* julga a indústria uma

causa de ruína moral para o País. A *Nação*, para que se mantenha pura e sem mistura a tradição heroica de Portugal, quer que se proíba a indústria!

Portanto, logo que a *Nação* triunfe e *Pontos de Reticência I* suba as escadinhas do trono, a indústria será punida pelos códigos, como perturbadora da ordem e contrária aos destinos nacionais. E o senhor delegado do procurador régio promoverá ordem de prisão contra o insensato que em desprezo das leis, e afrontando o *sagrado depósito das nossas instituições*, ouse fundar — uma saboaria.

Ouviremos então, na audiência, o mesmo senhor delegado, apontado como o *fura-bolos* vingativo para o mísero, curvado na dor e no arrependimento,

sobre o banco dos réus:

— «Pois quê, senhores jurados, não vedes que o réu lançou uma mácula nas nossas tradições impolutas? Faltava porventura a esse desgraçado onde exercer a sua atividade? Não tinha ele as muralhas de Dio? Não podia ele ir redobrar o Cabo? Porque não partiu com armas para as plagas do Oriente? Não via ele ao longe a África adusta? E mais perto, não via ele a afrontosa Castela?!»

Será um tempo terrível! Haverá sociedades secretas para fazer gravatinhas de seda. A vidraçaria da Vista Alegre passará, transportada a ocultas, para uma caverna. Os fabricantes de caixinhas de obreias, perseguidos, porão nas esquinas proclamações desesperadas com estas palavras: — *Cidadãos! Ou a obreia ou a*

morte!

A indústria terá os seus mártires, que morrerão com heroísmo. Veremos subirem aos cadafalsos fabricantes de velas de sebo, exclamando com o sorriso iluminado e os olhos no Céu: — «Só tu és verdadeiro, ó sebo!»

E nos jornais saborearemos estas locais:

Prisão importante: O célebre Eduardo Compostela foi ontem capturado com todos os seus cúmplices, num covil, onde se dava à criminosa ocupação de refinar o açúcar. O malvado fez revelações.

Tornou-se muito censurável o procedimento de alguns agentes de polícia que destruíram as provas do crime — comendo-as.

A *Nação* tem sobre os conferentes do Casino esta admirável opinião:

Que eles iam ali falar, não por vontade sua, mas por ordem de uma associação secreta;

Que nenhum ato seu é espontâneo, mas execução de uma ordem da *Internacional;*

Que nada lhes pertence, em próprio, nem a ação, nem as ideias, nem *o nome!*

De modo que se um conferente toma à noite um sorvete no *Áurea*, é porque recebeu pela manhã este sinistro telegrama:

«Comité central: 7 da manhã. — Esta noite tomai sorvete botequim. Conveniente levantamento classes operárias! Em sorvete intransigentes. Viva

a comuna! De morango!»

E o Sr. Antero de Quental, de ora em diante, terá de assinar assim o seu nome:

Antero *(por assim dizer)* de Quental *(se ouso exprimir-me assim)*.

Ó *Nação*, tu és grande!

Mas a mais profunda ideia da *Nação* foi a de um artigo, em que respondia ao Sr. Antero de Quental. Aí chamou-lhe *brisa*, e provou que era *brisa*. Chamou-lhe fariseu, e descreveu-o como fariseu — *arrastando por entre a multidão a fímbria da sua toga*.

Segundo, pois, a *Nação*, o Sr. Antero anda vestido com uma toga, cuja fímbria arrasta por entre as turbas da Rua Nova do Carmo.

Este erro de *toilette*, que a *Gazeta*

do Povo nunca cometeria, é todavia desculpável na *Nação*. A *Nação* vive exclusivamente no passado, na arqueologia: não sabe que hoje já se usa o *fraque*, pensa que ainda se vai na *toga!*

Se a *Nação* tivesse que descrever um baile (assim ela se pudesse desprender das contemplações seráficas para se dar a estes exames terrenos) aí está como ela descreveria um baile, a *Nação:*

«— Então o nobre marquês de Ávila, erguendo de leve a alva clâmide, adiantou o coturno com meneio gracioso. Por seu lado o Sr. Carlos Testa levantou a túnica tinta em púrpura, e fez *chaine de dames*, erguendo o pâmpano! Tinham ambos as cabeças coroadas de rosas... No meio do festim o nobre presidente do

Conselho recebeu um papiro que escravo lacedemónio lhe apresentou em lavrada lâmina. As damas reclinadas nos triclínios respiravam aromas, e nos seus olhos brincavam os jogos e os risos. Circularam até tarde as taças de Falerno. O Sr. Macário dedicou-lhe na harpa eólia concertos maviosos. Velhos legionários, encanecidos em Marte, faziam, apoiados aos gládios, a polícia nos átrios. Na via esperavam numerosas quadrigas!»

Nação, *Nação*, boa amiga, não nos queiras mal! Tu és velha, tu és fabulosamente velha, tu és de *além da campa!* Mas tens o caráter firme. E no meio da leviandade movediça destes partidos liberais — tu tens uma vantagem. Lançaste a âncora no meio do oceano e ficaste parada. Estás apodrecida, cheia de

algas, de conchas, de crostas de peixes, mas não andaste no ludibrio de todas as ondas e na camaradagem de todas as espumas! Tu eras excelente — se fosses viva. Mas és um jornal *sombra*. És tão viva como *Eneias*. Tão contemporânea como *Telémaco*.

Volta, *Nação*, para ao pé das tuas sombras queridas! E apresenta as nossas saudações carinhosas ao Sr. D. Afonso II, o Gordo!

14

Julho 1871

Singular temperamento o do discurso da *coroa!*

Todo o mundo está desiludido, só ele espera! Segundo ele o País floresce, enriquece, e o Paraíso está ainda mais perto que a *Outra Banda*. E tentarmos um passo, um leve esforço, e entrarmos para sempre na tranquilidade augusta da perfeição — chegando a dispensar o Sr. Melício, ele próprio!

Há só um ponto negro que assusta o *discurso da coroa:* é a *questão da fazenda*. No entanto, o *discurso da coroa*, cada vez que aparece em público, promete

resolver a *questão da fazenda*.

Todos têm visto, decerto, um pequerrucho jogando a *bisca* com um irmão mais velho. O pequeno, se tem mau jogo, deita as cartas sobre a mesa, baralha, ri, confunde, grita:

— Desta vez não valeu, vamos a outro!

Mas se o jogo que lhe volta à mão é pior:

— Abaixo! — grita de novo. — Este também não valeu. Agora é que é a sério!

E derruba um terceiro jogo, e cada vez promete maior seriedade, e cada vez espalha maior confusão, e todo o mundo sorri em redor!

Às vezes — funesto momento das revoltas humanas! — o irmão mais velho,

cansado, termina por atirar furiosamente à cabeça do pequeno o baralho de cartas amarrotadas.

Pois bem, o *discurso da coroa* tem na política a atitude teimosa da criança que joga a bisca.

No começo da cada legislatura, o *discurso da coroa* declara gravemente:

— Desta vez vamos ocupar-nos com toda a seriedade da questão da fazenda, etc.

Mas durante a legislatura vem a confusão, a *dissolução*. O poder executivo tinha mau jogo, e deitou as cartas abaixo.

Surge outra Câmara. Volta no seu cerimonial o *discurso da coroa*. Diz:

— Da vez passada não valeu! Mas agora é que nós vamos aplicar-nos com o

maior zelo à questão da fazenda...

E nessa legislatura, como a confusão se alarga mais, é imposta uma nova *dissolução.*

Reabre-se a Câmara. O *discurso da coroa* entra esbaforido, bradando:

— Agora é que é a valer! Agora é que é! Das outras vezes não! Mas agora com toda a certeza!

Agora é que nós vamos, positivamente e de uma vez para sempre, resolver a questão da fazenda...

E nada se resolve, trocam-se palavras vãs, especulam-se lugares rendosos, profundam-se dissidências mesquinhas, e baralha-se outra vez o jogo.

E aí vem o *discurso da coroa* abrir de novo as cortes, rosnando com a mão no peito:

— Pois senhores, palavra de honra, agora a todo o custo, impreterivelmente, havemos de resolver a questão da fazenda, etc.

Ora nós estamos vendo isto ao canto da sala, atentos e desinteressados, enquanto ferve o chá, e já percebemos, no irmão mais velho, um movimento de quem vai atirar com o baralho de cartas à cabeça do pequerrucho.

E francamente tem razão. A teima das crianças — como a teima das instituições — chega a irritar! Se não, que o digam o mestre régio das Mercês — e Félix Pyat.

Desta vez, porém, o discurso da coroa foi sobretudo chãmente noticioso. O poder executivo, num momento de adorável franqueza, confessou ao poder

legislativo que S. M. o Imperador do Brasil tinha estado em Lisboa. É talvez bastante censurável esta concorrência que o *discurso da coroa* faz ao *Diário de Notícias;* mas ele realmente não pode proceder de modo diverso. O *discurso da coroa* tem de dizer alguma coisa ao País. Mas o quê? Factos da vida política? da ação civilizadora? do pensamento público? Como? se nada se fez, nada se civilizou, nada se pensou! O *discurso da coroa*, nesta falta de significativos factos da vida pública, tem de recorrer aos cancãs interessantes da vida particular. Não podendo falar como uma página de história, conversa como uma tagarelice do Chiado. O seu dever com efeito é resumir tudo o que politicamente se fez no interregno parlamentar. Mas se nesse

interregno o facto mais característico da vida nacional foi o partir para o Porto a companhia de teatro do Ginásio, que remédio senão que o *discurso da coroa* dê parte desse sucesso constitucional?

E ainda veremos, querendo Deus, o *discurso da coroa*, assim concebido:

«Dignos pares e senhores deputados da Nação: — É com o maior prazer que me acho no meio de vós. O senhor conselheiro Pestana partiu para Vizela. Vai publicar-se brevemente um novo jornal, intitulado o *Brado da Lourinhã*. Chegou o brigue *Carolina*. Há hoje *dobrada* na Rua Augusta, n.º 108. O cambista Fonseca espera os seus fregueses. Vamos ocupar-nos com todo o afinco da questão da fazenda.

«Está aberta a sessão.»

E, como em virtude da inação política e sonolência individual, cada vez maiores, não haverá em breve nem factos políticos a proclamar, nem notícias particulares a referir — o discurso da coroa será obrigado, para dizer alguma coisa, a recitar obras de imaginação:

«Dignos pares e senhores deputados da Nação portuguesa: — Por uma fria noite de inverno, um vulto misterioso caminhava, embuçado em capa alvadia, pelos desfiladeiros da serra Morena. Vergava-lhe a fronte uma grande amargura. De súbito parou; tinha ouvido, para os lados do despenhadeiro tenebroso, um assobio lúgubre... — Continuar-se-á na próxima sessão de abertura. Passemos agora à questão da fazenda.»

E mais tarde, cada vez mais vago, o *discurso da coroa* murmurará:

«Dignos pares e senhores deputados da Nação portuguesa:

»Era no outono quando a imagem tua
A luz da Lua sedutora eu vi:
Lembras-te, Elisa?...

»E aplicaremos todo o nosso zelo à intrincada questão da fazenda.

»Está aberta a sessão.»

Para quê o *discurso da coroa*? Para que obrigar o chefe do Estado a repetir uma velha lauda de prosa escrita em 24, e que é hoje uma negação da verdade, uma falsificação da história? O País está desorganizado: esta certeza é dada pelas discussões do parlamento,

pelos relatórios dos ministros, pelas afirmações da imprensa, pelas conversações dos cidadãos. Por consequência, ou o *discurso da coroa* exprime rigorosamente a opinião e a consciência do chefe do poder executivo — e então que confiança nos pode inspirar este magistrado, se ele ignora inteiramente o estado do seu país? Ou não exprime opinião alguma — e então que seriedade tem o chefe do poder executivo, vindo diante do País, quando eram necessárias palavras decisivas, recitar parolas ocas e vãs?

Sabemos perfeitamente que a coroa não é culpada do *discurso* que lhe obrigam a recitar, como não é responsável pela desorganização em que a obrigam a viver. A desorganização é a consequência

de uma política ignorante e torpe — o discurso é a fórmula de um cerimonial antigo e *rococó*. Mas já que os governos não têm a capacidade de tolher a desorganização, tenham ao menos o pudor de cortar o cerimonial. E seja substituído o discurso da coroa por um franco e honrado: — *Bons dias meus senhores, toca a sentar!*

Porque, sabe a coroa o que logicamente devia dizer? — Isto:

«Meus senhores: — É com o maior desprazer que me acho no meio de vós, pois que estou fatigado da vossa imbecilidade, da vossa intriga e do vosso desleixo. A situação exterior é esta: somos o que somos, porque nos deixam sê-lo por misericórdia. A interior é esta: finanças em ruína; colónias exploradas

pelo estrangeiro; marinha nula; indústria entorpecida; clero ignorante e imoral; ensino caótico; vida municipal extinta; funcionalismo desbragado, pensamento emudecido, caráter corrompido; serviços públicos desorganizados; leis em confusão; agiotagem em triunfo; proletariado em miséria; etc., etc. Vão, e que o Diabo os carregue, para os seus lugares. Disse.»

Assim devia falar a coroa.

Mas, assim ou de outro modo, que seja sobretudo nacional em gramática! Que significa a construção do período à inglesa — adotada pelo discurso da coroa? Que britânico furor a tomou de colocar os adjetivos antes dos substantivos? É uma adulação à *pérfida Albion?* Quebramos nós o Tratado de

Methuen — para nos irmos escravizar no tratado de gramática de Sadley? A que vêm estas expressões repetidas de *pública fazenda*, *nacional riqueza?* São influências da política inglesa?

Confiemos em que nunca tenhamos de descer à humilhação de ouvir a coroa, por atenção aos nossos *fiéis aliados*, abrir-se deste modo com o País:

«Dignos pares e senhores deputados da portuguesa nação: — Feliz me acho, por me sentar no meio do nacional parlamento, dando começo às nacionais lides. É necessário que zelemos a pública administração, para manter as pátrias liberdades. Sem o constitucional decoro não há públicas garantias. A nacional fazenda merecerá o maior zelo ao legislativo poder. O executivo poder

esse manterá as publicadas leis. Está aberta a ordinária sessão das portuguesas câmaras. *All right!*»

Esperemos que a coroa, mais bem aconselhada, volte às tradições da nacional — gramática.

E o próprio Sr. Pinto Bessa aplaudirá!

15

Julho 1871

Escrevemos no primeiro número das *Farpas:* «As sessões da Câmara não têm seriedade. Aí reinam o tumulto, a confusão..., etc.»

Uma nova justificação desta verdade apareceu na sessão do dia 29.

O senhor presidente do Conselho falava. Houve um momento em que S. Ex.ª, ou cometeu um erro de gramática, segundo o dizer de alguns jornais, ou arremessou desdenhosamente à circulação a eloquente palavra *bomba*, segundo a afirmação de outros. O facto é que a maioria entendeu que a melhor maneira de

manifestar ao senhor presidente do Conselho que não tinha confiança na sua política, era apupá-lo! E a Pátria deve agradecer aos senhores deputados que eles não lhe tivessem dado bengaladas!

Então o senhor presidente, a título de esclarecimento, perguntou timidamente se se achava numa praça pública. Pergunta excessivamente ociosa. Numa praça nunca há nem aqueles gritos, nem aqueles tumultos — porque a polícia intervém e faz evacuar a praça. Impunemente, ao abrigo das instituições, sem ingerência policial — uma assuada só se pode dar na Câmara dos Deputados. Em mais nenhuma parte é permitido, pelos regulamentos da polícia, ser-se tão excessivamente trocista. O caso é que a maioria, para provar ao senhor presidente que se

considerava ofendida com a designação de *praça*, rompeu num alarido tal como não é uso fazer-se na *praça de touros* — tudo para demonstrar bem claramente que não estava ah um grupo de moços de forcado, mas um corpo de legisladores. A palavra *patife* fez então pela primeira vez a sua entrada na Câmara e tomou assento. Foi então que o senhor presidente do Conselho, em compensação, mandou o epíteto *malcriados* a cumprimentar e abraçar os eleitos do País.

A assuada, o motim, o chasco, o charivari, cresceram tão constitucionalmente que o Sr. Aires de Gouveia, eclesiástico, teve de enterrar na cabeça o seu chapéu alto. A este gesto, cheio de dedicação nacional, a tempestade evacuou a sala. Diz-se que

alguns senhores deputados foram cumprimentados à saída pelos melhores frequentadores do *sol* na praça do Campo de Santana, que se achavam presentes. As galerias permaneceram impassíveis. Tal foi esta memorável sessão, em que a altura das ideias competiu com o vigor da eloquência!

Parece pois definitivo que o Parlamento decidiu adotar o motim e a assuada como a forma parlamentar dos seus trabalhos. Vistes, amigos, a sessão de 29 de junho. Quereis assistir à de 29 de julho? Aí tendes o seu fiel extrato:

O ORADOR *(concluindo):* — E foi assim, senhor presidente, que se passaram os factos.

O SR. LUCIANO DE CASTRO

(interrompendo com grandes punhados na mesa): — O ilustre deputado diz uma refinadíssima peta...

Vozes: — Apoiado, apoiado!

O ORADOR *(voltando-se e desabotoando o colete):* — Petas? Ah! Descarado! *(apoiado, apoiado).* Eu, senhor presidente, não posso consentir que esse biltre entre no meu foro interior!

Vozes: — Fora, fora!

O SR. COELHO DO AMARAL *(espancando com dignidade o Sr. Barros e Cunha):* — E assim provo, senhor presidente, que o Sr. Barros e Cunha não tem razão alguma nos princípios que estabeleceu.

O SR. MARIANO DE CARVALHO: — Mas a ditadura foi nefasta! E não há mariola nenhum que me

demonstre o contrário... *(acende o cigarro).*

O SR. COELHO DO AMARAL *(continuando o espancamento):* — Não me interrompam o discurso! Não mo interrompam!

O SR. PRESIDENTE *(aos Srs. Mariano e Santos Silva):* — Os senhores não têm direito a interromper sovas que o regimento garante *(berreiro).*

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO: — A Câmara está-se sepultando na mais profunda abjeção!

(O senhor presidente do Conselho sucumbe, sob uma chuva de bengaladas).

O SR. JOSÉ DIAS *(batendo com a bengala sobre a mesa, a um contínuo):* — Dois cafés! Um cabaz!

Vozes (atravessando o corpo

legislativo). — Salta meia de Colares!

O SR PINHEIRO CHAGAS *(deitado, com ar melancólico*):

«Oh virgem pálida e triste
Branca visão d'outros céus!»

O SR AIRES DE GOUVEIA: — O que diz ele?

Vozes: — Ele cisma! Ele cisma!

A oposição atira cebolas ao Sr. Pinheiro Chagas. Alguns senhores deputados grunhem obscenidades, que o ruído impediu que chegassem à mesa dos taquígrafos.

O ORADOR: — A Câmara não quer escutar-me? Pois bem, eu passo a outros argumentos... *(Distribui bengaladas)*.

Tumulto. O senhor presidente atira a campainha à cara da maioria, e o tinteiro aos queixos da oposição. Alguns senhores deputados miam de gato. O Sr. Santos e Silva, no auge da sua indignação, dá cambalhotas. O Sr. Luís de Campos espalha uma prodigiosa quantidade de pontapés.

O SR. PRESIDENTE: — Para amanhã continua esta interessante discussão.

A Câmara sai, correndo, gritando, rebolando pelas escadas abaixo.

Os contínuos levantam as garrafas de *Colares*.

A política chegou a tal miséria, que nem a polidez instintiva coíbe os homens.

16

Julho 1871

Falou-se muito, durante este mês, num facto de grande coragem praticado por S. Ex.ª...

Foi o caso que S. Ex.ª subia numa carruagem a rampa de S. Bento, às Cortes, quando um polícia civil advertiu ao cocheiro que não era permitida a passagem. S. Ex.ª, com ânimo notável, deitou, em risco de vida, a cabeça fora da portinhola, gritando ao polícia: *Para trás!* e bradando ao cocheiro: *Avante!* Mais adiante, novo perigo. Outro polícia faz parar a carruagem. S. Ex.ª, repetindo a façanha heroica, com a simplicidade de

Turenne, varou o polícia com uma repreensão, regritou marcialmente: *Para a frente!* E tomou o reduto — isto é, subiu a rampa. A história raras vezes regista tão altivos rasgos. Ainda não secaram os louros de Montes Claros!

Alguns jornais — a imprensa invejosa amesquinha os heróis — tiveram para este facto censuras ásperas, e fortemente argumentadas.

Quiseram dizer — que S. Ex.ª pretendeu colocar-se ridícula e presunçosamente, como exceção, superior às determinações da polícia: que S. Ex.ª, militar, deu o exemplo do desacato à disciplina militar: que S. Ex.ª, chefe de polícia, tornou irrisórias as disposições policiais: que S. Ex.ª, legislador, ensinou o desdém das leis: que S. Ex.ª, homem de

bem que deve cumprir o seu dever, repreendeu dois homens pelo facto de eles cumprirem o seu dever: que S. Ex.ª obriga as pessoas de senso a lembrarem-lhe que ele não é o tirano Nabucodonosor — mas o comandante obscuro de uma milícia civil, e que a fama do seu nome ainda não passou de Cacilhas, e só a muito custo vai conseguindo penetrar para os lados de Aldeia Galega.

Isto disseram alguns malévolos. Nós, porém, que costumamos, sob a aparência exterior dos factos, procurar-lhes a realidade secreta, dizemos afoitamente que aquele ato só prova em S. Ex.ª — exuberância de brio guerreiro!

S. Ex.ª é um homem valente, bateu-se bem. Mas as guerras acabaram, e S. Ex.ª está como um homem gordo que não

faz exercício: S. Ex.ª sofre de excessos de valor — como esse homem sofreria de excessos de sangue. S. Ex.ª tem congestões de brio. A coragem faz-lhe já vertigens, como aos sanguíneos a abundância de vida. E verão, meus senhores, que ainda há de acabar por lhe fazer — furúnculos!

Imagine-se com efeito um homem forte, febril de batalhas a dar, palpitante de redutos a tomar, sôfrego de sangue inimigo — vivendo burguesmente e pacatamente na Baixa, ou no quartel do Carmo, e tendo por única glória estratégica destacar patrulhas para o Arco do Bandeira, e por único troar de artilharia os foguetes do Sr. Cardim! Um bravo, nestas circunstâncias, acumula dentro de si, dos gorgomilos ao estômago

— quantidades prodigiosas de furor guerreiro. A cada movimento que faz, sobem-lhe à cabeça, vêm-lhe à boca — ondas de ardor bélico. Acrescentem a isto a atmosfera militar em que esta época se move e respira: guerras no Reno, guerras civis, províncias conquistadas, cidades que ardem, nomes de generais heroicos que cintilam em telegramas, o ruído, a fulguração da glória, a imortalidade na história — e ele, S. Ex.ª, condenado, como única ação radiosa, a repreender o 73 da 2.ª porque furtou uma correia ao 48 da 5ª!

Esta castidade na luta pesa a S. Ex.ª. S. Ex.ª necessita de dar satisfação às exigências do seu temperamento — e S. Ex.ª está viúvo de glória! Por isso, ao mais pequeno motivo, S. Ex.ª de dentro do

deputado da maioria saca o herói da municipal.

Houve um tempo feliz entre todos, em que S. Ex.ª andou ferindo as grandes guerras — dos penicheiros. Então S. Ex.ª vivia nos interesses da luta, nas comoções soberbas. Era o tempo das patrulhas dobradas e dos grandes recontros da Rua Nova do Carmo. Então, quando as guardas avançadas lhe vinham dizer: — «Há penicheiros para os lados da Bitesga» — S. Ex.ª, sorrindo, respondia: — «S. Jorge e Portugal!» E partia.

E o nome de S. Ex.ª aparecia nos telegramas do correspondente de Lisboa — para o *Clamor de Alpedrinha!*

Outras vezes eram vultos suspeitos que tinham entrado numa casa, a horas lôbregas. S. Ex.ª corria, cercava,

bloqueava, destacava um corpo de exército composto do Bento da 5.ª — outro composto do José Perfeito da 1.ª Mas ai! Os bandidos que S. Ex.ª surpreendia minando as instituições eram mesários da confraria das Chagas!

Esse período épico, porém, acabou. O mundo cada vez se torna menos interessante. E S. Ex.ª está de novo na disponibilidade do heroísmo. Por isso atacou com tão cru arremesso os dois polícias civis. Tem ele culpa? Pode ele dizer ao seu sangue que não corra e à sua espada que não vença? Pode ele impedir-se de tomar Cacilhas — e orchata?

Ora, nestas circunstâncias, julgamos que há uma única maneira de salvar este temperamento, fatalmente belicoso:

É estabelecer, no matadouro, reses — para uso do herói. Dá-se assim um calmante à sua ferocidade. O guerreiro todas as manhãs, como quem vai tomar o seu leite de burra, vai matar o seu vitelo. Sangra o boi — e o brio. Doente de valor, S. Ex.ª chega, brande a espada, e a cabeça armada do bezerro inimigo rola-lhe aos pés. O herói limpa a espada, vem almoçar, e fica para todo o dia repousado, tranquilo, sem ímpetos de bravura, pacato como uma couve. E a polícia civil entrará de novo no gozo da sua dignidade e da sua pele! Assim seja!

17

Julho 1871

Diz-se — e quem sabe se é uma torpe calúnia? — que o Governo vai ter o impudor de consentir que se discuta o orçamento geral! É natural que por essa ocasião melancólica se atente no orçamento especial do *muito belicosamente chamado* Ministério da Guerra. Para tal eventualidade, aqui estiramos sobre estas páginas algumas reflexões amáveis.

Corre que, nisso a que os relatórios chamam pomposamente o *exército*, se gastam anualmente perto de 4000 contos. *Corre*, porque se torna

difícil averiguar a exata verdade, sendo o orçamento, como é, um inviolável segredo.

Ora se estudarmos bem a utilidade do nosso *exército*, temos ocasião de algumas francas e fortes risadas, dignas de Homero.

A primeira utilidade de um exército é que se bata.

O nosso exército não se pode bater.

Pelo número dos seus soldados (batalhões incompletos, quadros rareados, etc.), estamos como depois de uma derrota — ao cabo de 24 anos de paz!

O seu armamento é inteiramente ineficaz. Está provado cientificamente que, depois de meia hora de fogo, as espingardas do exército passariam para o

inimigo — rebentadas em estilhaços. Quando não rebentem, o seu alcance é humanitário. Queremos dizer — as balas ficam a meio caminho do inimigo.

Verdadeiramente o nosso exército só poderia alcançar o inimigo — correndo atrás dele: mas para isso faltam-lhe sapatos! Realmente, por tão pouco armamento, mais valia uma *tanga* e uma *flecha!*

Quanto à nossa artilharia, há um só meio de ela prejudicar o inimigo: é fazê-lo prisioneiro, colocá-lo amarrado a 4 palmos de peça, procurar não errar o tiro, e conseguir assim inutilizar-lhe a barretina!

O equipamento é nulo. Nem tendas, nem cantinas, nem transportes. Nenhum aparelho de marcha, nenhum

material de acampamento.

O soldado português é bravo, firme, sofredor; tem o *élan*, o arremesso, como o touro. Mas nas guerras modernas estas qualidades são inúteis. Compreendeu-se já que uma peça de artilharia é um soldado mais sofredor e mais firme que um filho de Adão.

Ora estes grandes duelos de artilharia exigem no soldado outras qualidades além da coragem: exigem sobretudo, nos estados-maiores, a estratégia como uma ciência. Os nossos generais não têm ciência: tiveram outrora, na mocidade, bravura e pulso: depois veio a idade: perderam a força quando ela na verdade já não era necessária, mas não ganharam a ciência, quando ela é indispensável.

Os regimentos não têm instrução. Não têm o hábito do acampamento, da fadiga, das marchas. Não têm pontaria. A disciplina está relaxada; não há respeito, nem subordinação. Não existe mesmo espírito militar, brio de quartel, amor da arma. O soldado vive na cidade, numa indolência de paisano: fuma, namora, canta o fado: é um camponês que procura sofrer a farda cinco anos — o mais alegremente possível.

Não servindo o exército para a guerra — podia naturalmente servir para a polícia.

Mas não serve. Nas cidades de segunda ordem os regimentos vivem ociosos. Pois nessas cidades não há patrulhas, nem rondas, nem sentinelas: as ruas estreitas, sujas, mal alumiadas, são

um terreno livre à desordem.

Nada mais natural que aproveitar os vagares do regimento para patrulhar a cidade. Não! o regimento deita-se às nove horas, para não apanhar o ar da noite. Quem vigia vagamente, sem cuidado e sem persistência, um dia cada semana, são os cabos de polícia. Ora os cabos de polícia são cidadãos que fazem este serviço obrigatório e gratuitamente. Isto é — cidadãos que têm o seu trabalho, a sua família, os seus deveres, sofrem ainda a obrigação de manter a tranquilidade de graça. Homens que não têm família, nem trabalho, de propósito para mais livremente poderem manter a ordem, que não têm outros deveres que não sejam esses, e que para isso são pagos — deitam-se às 8 horas da noite, depois de

terem passeado desde as 8 horas da manhã. Oh bom-senso! Oh pátria nossa!

O exército deste modo é uma *ociosidade organizada!*

Convém ao menos ter exército para o caso de uma revolta?

Nesse caso — o exército seria ainda inútil. Em Portugal o exército não se bate facilmente com o povo: o exército é uma poção de povo *fardado*. Em França o exército é um mundo à parte, exilado nos seus quartéis e nos seus *camps*, com ideias, hábitos, sentimentos próprios, sem comunicação com o povo, chamando-lhe *bourgeois* e *pekin*, e não tendo dúvida alguma em o espingardear. Em Portugal o soldado vive com o povo: saiu dele, volta brevemente para ele: está com ele no contacto de todos os dias, bebe nas

mesmas tabernas, canta as mesmas cantigas, brinca nas mesmas romarias, é ainda um cidadão. Não espingardeia o cidadão! Quando muito, nunca lhe paga o vinho.

De modo que o exército em Portugal:

É inútil para a guerra;

Inútil para policiar;

Inútil para reprimir uma revolta.

Para que serve? Para gastar 4000 contos.

Há mais: um exército só por si é inútil se não faz parte de uma inteira organização militar.

Onde estão as nossas praças-fortes? A nossa artilharia? Os nossos arsenais? Os nossos campos entrincheirados? As nossas fábricas de

armamento para um caso de perigo? Os nossos fortes? Os nossos caminhos estratégicos? — Nada temos, a não ser o bom senso fechado, a fronteira aberta, e umas peças de artilharia *a que deu fogo Camões* — o que é poético, mas frágil!

Dir-nos-ão: «Mas nós não somos um país militar...»

Então façamos o que se deve num país que não é militar. Não gastemos 4000 contos tão improdutivamente, como se os gastássemos em caixinhas de soldados de chumbo — *(plúmbeos guerreiros*, diria o Sr. Vidal, poeta lírico).

Licenciemos o exército— e criemos:

1.º Uma guarda nacional, com serviço extensivo a todo o cidadão válido;

2.º Um corpo de gendarmaria civil.

Alcançávamos assim:

1.º Economizar 4000 contos ou pelo menos 3000;

2.º Entregar, à agricultura, uns poucos de mil braços, inesperados;

3.º Tomar eficaz a defesa nacional;

4.º Estabelecer para todos os distritos do País um serviço de polícia, necessidade impreterível;

Havia ainda uma 5.ª vantagem; mas não a expomos, receando que a corte nos mandasse assassinar.

18

Julho 1871

Houve este mês um pânico patriótico: julgou-se que íamos perder Macau! A China, segundo se afirmava, tinha intimado Portugal a evacuar aquela colónia — onde só devia reinar o rabicho.

Foi acusado acremente o Governo; a Baixa pululou de alvitres; e o orgulho nacional da Rua dos Retroseiros pareceu profundamente ferido. Corria que o Sr. Carlos Bento, como outrora Caim, ouvia, a horas mortas, vozes vingativas que lhe bradavam:

— Que fizeste tu de Macau, Bento?

E tanto que o Governo, para nos tranquilizar, bradou de entre as colunas do *Diário do Governo:*

— Não, Portugueses, não, Macau ainda é vosso!

A verdade parece ser que Macau está ainda preso à Metrópole — por alguns telegramas que se estão trocando entre o governador de lá, e o Governo de cá. Diríamos que está *por um fio!* — se tão lamentável equívoco se pudesse escrever, quando se trata do orgulho nacional e da Baixa.

As relações de Portugal com as suas colónias são originais. Elas não nos dão rendimento algum: nós não lhes damos um único melhoramento: é uma sublime luta — de abstenção!

— Não — exclamam elas com o

olhar voltado de revés para a Metrópole — mais rendimento que o deste ano, que é nenhum, não és tu capaz de nos pilhar, malvada!

Também — responde obliquamente a Metrópole — em maior desprezo não sois vós capazes de estar!

Quando muito, às vezes, a Metrópole remete às colónias um *governador:* agradecidas, as colónias mandam à mãe pátria — uma banana. E perante este grande movimento de interesses e de trocas, Lisboa exclama:

— Que riqueza a das nossas colónias! Positivamente, somos um povo de navegadores!

É necessário no entanto fazer justiça à Metrópole. A Metrópole tem certas generosidades consideráveis com

as colónias. Assim, com os Açores — que não são uma colónia, mas que pela distância, pelo abandono, pela separação de interesses, têm toda a fisionomia colonial... Portugal para com os Açores é inesgotável — de desembargadores! Às vezes os jornais dos Açores, tomando um ar severo, voltam-se para a Metrópole, e gritam-lhe no rosto: *madrasta!* O reino imediatamente lhes manda com todo o zelo — dois desembargadores!

Mas daí a pouco os Açores, inquietos, começam a dizer que não seria mau tentar os Estados Unidos! O país ataranta-se; e para lisonjear os Açores, manda-lhe mais desembargadores. De todos os paquetes, os Açores, aterrados, veem desembarcar turbas de desembargadores. Já aquele fértil solo

negreja de desembargadores.

— Basta! — exclamam os Açores sufocados. — Basta de segunda instância!

E a Metrópole, inexaurível no seu amor, continua impassível a verter-lhe no seio — catadupas de desembargadores!

Igual generosidade para com as possessões de África, verdadeiras e legítimas colónias, essas! Para aí o país é inesgotável — de celerados! E celerados escolhidos com inteligência. Um sujeito que tenha tido a baixeza de roubar só 5$000 reis, nunca poderá aspirar a fazer parte da sociedade de Luanda. Para se ser remetido como mimo da Metrópole é necessário, pelo menos, ter sondado, com a navalha de ponta, as entranhas de um amigo querido!

Poderá supor-se que Moçambique

e Comp.ª recebem estas dádivas com um *entusiasmo* — extremamente sublinhado. Não! As possessões de África estão contentes. Há de vir tempo mesmo em que quem quiser em Moçambique ou em Angola um criado, um amigo ou um noivo — esperará a remessa dos facínoras.

Os comerciantes irão dizendo, com ar pensativo:

Isto vai mal! Não há caixeiros de confiança! Os ladrões desta vez tardam!

E um sujeito será assim apresentado numa casa particular:

— O Sr. Fulaninho, que teve a honra, o ano passado de assassinar seu próprio pai, como demonstra...

— Oh! Muito gosto em conhecer...

— E a Sr.ª Fulana, ladra muito conhecida na sociedade da Boa Hora.

— Então? Tem a bondade de se sentar!...

É com estas generosidades que o Governo responde vitoriosamente àqueles que vão, em falsas vozes, afirmando:

Que o País despreza as colónias; que elas estão abandonadas a uma frouxa iniciativa particular, sem estímulo, sem proteção, sem tranquilidade; que a energia individual só pode ser fecunda num país bem policiado; que nas colónias não há garantias de segurança, nem solicitude pelo comércio, nem polícia, nem higiene, nem instrução; que tudo ali vive na desordem, na desorganização, no desleixo, numa antiquíssima rotina; e que o único movimento é o do estrangeiro que as explora de facto — apesar de nós as possuirmos de direito.

Mas, meus senhores, antes de tudo, nós não temos marinha! Singular coisa! Nós só temos marinha pelo motivo de termos colónias — e justamente as nossas colónias não prosperam porque não temos marinha! Todavia a nossa marinha, ausente dos mares, sulca profundamente o orçamento. Gasta 1159000$000!

Que realidade corresponde a esta fantasmagoria das cifras? Uns poucos de navios defeituosos, velhos, decrépitos, quase inúteis, sem artilharia, sem condições de navegabilidade, com cordame podre, a mastreação carunchosa, a história obscura. É uma marinha inválida. A *D. João* tem 50 anos, o breu cobre-lhe as cãs: o seu maior desejo seria aposentar-se como barca de banhos.

A *Pedro Nunes* está em tal estado

que, vendida, dá uma soma que o pudor nos impede de escrever. O Estado pode comprar um chapéu no Roxo com a *Pedro Nunes* — mas não pode pedir troco.

A *Mindelo* tem um jeito: deita-se. No mar alto, todas as suas tendências, todos os seus esforços são para se deitar. Os oficiais de marinha que embarcam neste vaso fazem disposições finais. A *Mindelo* é um esquife — a hélice.

A *Napier* saiu um dia para uma possessão. Conseguiu lá chegar; mas exausta, não quis, não pôde voltar. Pediu-se-lhe, lembrou-se-lhe a honra nacional, citou-se-lhe Camões, o Sr. Melício, todas as nossas glórias. A *Napier* insensível, como morta, não se mexeu.

Das oito corvetas que possuímos são inúteis para combate ou para

transporte — todas as 8. Nem construção para entrar em fogo, nem capacidade para conduzir tropa. Não têm aplicação. Há ideia de as alugar como hotéis. A nossa esquadra é uma coleção de jangadas disfarçadas! E este grande povo de navegadores acha-se reduzido a admirar o vapor de Cacilhas!

Têm um único mérito estes navios perante uma agressão estrangeira: impor pelo respeito da idade. Quem ousaria atacar as cãs destes velhos?

Já se quis muitas vezes introduzir nas fileiras destes vasos caducos — alguns navios novos, ágeis, robustos. Tentou-se primeiro comprá-los.

Sucedeu o caso da corveta *Hawks*. Era esta corveta uma carcaça britânica, que o Almirantado mandava vender pela

madeira — como se vende um livro pelo peso. Por esse tempo o Governo português — morgado de província ingénuo e generoso — travou conhecimento com a *Hawks*, e comprou a *Hawks*. E quando mais tarde, para glória da monarquia, quis usar dela, a *Hawks*, com um impudor abjeto — desfez-se-lhe nas mãos! Estava podre! Nem fingir soube! Tinha custado muitas mil libras.

Tentou-se então construir em Portugal. Sabia-se que o Arsenal é uma instituição verdadeiramente informe: nem oficinas, nem instrumentos, nem engenheiros, nem organização, nem direção. Tentou-se todavia — e fez-se nos estaleiros a *Duque da Terceira*. Foi meter máquina a Inglaterra. E aí se descobre que a tenra *Duque da Terceira*, da idade de

meses, tinha o fundo podre! Foi necessário gastar com ela mais cento e tantos contos.

Nova tentativa. Entra nos estaleiros a *Infante D. João*. 87 contos de despesa. Vai meter máquina a Inglaterra. Fundo podre! O Arsenal perdia a cabeça! Aquela podridão começava a apresentar-se com um caráter de insistência verdadeiramente antipatriótica! Os engenheiros em Inglaterra já se não aproximavam dos navios portugueses senão em bicos de pés — e com o lenço no nariz. As construções saídas do Arsenal sucumbiam de podridão fulminante. A *Infante D. João* custou em Inglaterra, mais cento e tantos contos!

O Arsenal, humilhado no género *navio*, começou a tentar a especialidade

lancha. Fez uma a *vapor*. Lança-se ao Tejo, alegria nacional, colchas, foguetes, bandeirolas... E a lancha não anda! Dá-se-lhe toda a força, geme a máquina, range o costado — e a lancha imóvel! Mas de repente faz um movimento... Alegria inesperada, desilusão imediata! A lancha recuava. Era uma brisa que a repelia. Em todas as experiências a lancha recuava com extrema condescendência: brisa ou corrente tudo a levava, mas para trás. Para diante, não ia. Pegava-se! O Arsenal tinha feito uma lancha a vapor que só podia avançar — puxada a bois. O País riu durante um mês.

O Arsenal roeu a humilhação, encetou a espécie *caíque*. Ainda o havemos de ver, no género construção em madeira, cultivar — o palito!

A nossa glória, inquestionavelmente, é a *Estefânia*. Parece que poucas nações possuem um vaso de guerra tão bem tapetado! O orgulho daquele navio é rivalizar com os quartos do *Hotel Central!* É um salão de verão surto no Tejo. E no Tejo realmente dá-se bem. No mar alto, não! Aí tem tonturas. Não nasceu para aquilo; um navio é um organismo, e como tal pode ter vocações: a vocação da *Estefânia* era ser gabinete de *toilette*. É pacata como um conselheiro. É uma fragata do Tribunal de Contas! Por isso quando a quiseram levar a Suez, quantos desgostos deu à sua Pátria! Quantas brancas fez à honra nacional! É verdade que os cabos novos, da Cordoaria Nacional (sempre tu, ó terra do nosso berço!) quebraram como linhas,

e ninguém lhes pode contestar que tivessem esse direito. A marinhagem também não quis subir às vergas (opinião respeitável, porque a noite estava fria). Alguns aspirantes choraram de entusiasmo pela Pátria. O capelão quis confessar os navegadores.

O caso foi muito falado nesse tempo. Mais celebrado que a descoberta da Índia. Essa só teve Camões que naufragou; — a viagem da *Estefânia* teve o Sr. O. Vasconcelos que arribou! Tanto é semelhante o destino dos que cultivam o ideal! O facto é que desde então brilha no Tejo, tranquila, reluzente e vaidosa — a *Estefânia*, corveta mobilada pelos Srs. Gardé e Raul de Carvalho.

Com tal marinha, como podem as colónias prosperar? O Governo daqui a

pouco, quando a idade for dizimando estes antigos vasos de guerra — não tem quem lhe leve às colónias um regimento, uma ordem, um ofício. Vê-lo-emos — para vergonha eterna de uma das caravelas de Vasco da Gama — pedir à marinha mercante o patacho *Constância*, com o fim de acudir a Timor. Há de chegar a recorrer às faluas de Alcochete. E mais tarde, pela nossa pobreza progressiva, as comunicações com as colónias terão de ser feitas — de viva voz!

Quando houver um ofício que remeter para um governador de colónia, irá um amanuense da secretaria ao Cais do Tejo, e aí, voltando-se para o sul, bradará no espaço e nos ventos:

— Il.^{mo} e Exmo Sr...

E as solidões do Oceano repetirão gemendo:

— Il.^{mo} e Exmo Sr.!

E depois, sucede que nem todos os ministros dão igual importância à marinha. Se por exemplo os Srs. Latino e Rebelo pensavam que a organização da marinha garantia a prosperidade das colónias, aqui temos o Sr. Melo Gouveia que pensa de outro modo, ele!

Ele entende que a marinha serve — para manter bem presente nas colónias a ideia da Pátria, e sobretudo (textual: discurso de S. Ex.ª por ocasião da discussão do orçamento da marinha na legislatura passada), sobretudo «para certificar às colónias que elas são lembradas na Pátria com carinho e saudade».

E aí está! Nós a pensarmos que um navio ia vigiar o litoral, garantir a paz interior, impor o respeito ao estrangeiro, dar proteção ao comércio — e no fim o que o navio vai fazer é significar às colónias que a Pátria melancólica lhes manda muitos recados e os seus suspiros!

Ora neste caso a marinha pode ser dispensada. Para expressar o nosso sentimento basta que o Governo remeta às colónias, pelo vapor da carreira, um bilhete contendo uma saudade roxa, uma mecha dos seus cabelos, e estes dizeres meigos:

— «Colónia! Lembro-me de ti com pungente mágoa, definho nos teus ardores... Lembra-te de mim, meu bem... Olha de lá a Lua, que eu de cá também a olho com a alma em ti. Pensando nos teus

encantos, dou largas ao salgado pranto. Até à morte o teu *Fiel amante*, o ministro e secretário dos negócios da marinha e ultramar, *Gouveia e Melo*.»

Ou, para não dar escândalo, pode o Governo de S. M. recorrer a um anúncio amoroso nos jornais.

COLÓNIAS PORTUGUESAS

FITA AZUL NO CHAPÉU

«Sigilo e sentimento. Recebi. Ralado de paixão. Confiemos no Céu. Quem te pudesse ver no Passeio Público à boquinha da noite! Unamos as nossas mentes na mesma prece. Teu, *Gouveia*.»

Enfim, o amor é muito engenhoso; e o Sr. Melo Gouveia achará, decerto, depois de extinta a marinha, um meio

interessante para que o Governo possa manifestar às colónias — a sua chama!

Para que temos colónias? E ai de nós que as não teremos muito tempo! Bem cedo elas nos serão expropriadas por utilidade humana. A Europa pensará que imensos territórios, pelo facto lamentável de pertenceram a Portugal, não devem ficar perpetuamente sequestrados do movimento da civilização; e que tirar as colónias à nossa inércia nacional, é conquistá-las para o progresso universal. Nós temo-las aferrolhadas no nosso cárcere privado de miséria. Não tardará que na Europa se pense em as libertar.

Para evitar esse dia de humilhação sejamos vilmente agiotas, como compete a uma nação do século XIX — e vendamos as colónias.

Sim, sim! Bem sabemos! A honra nacional, Afonso Henriques, Vasco da Gama, etc.!

Mas somos pobres, meus senhores! E que se diria de um fidalgo (quando os havia) que deixasse em redor dele seus filhos na fome e na imundície — para não vender as salvas de prata que foram de seus avós? Todos diriam que era um imbecil canalha!

Pois bem, estes quatro milhões de portugueses são os filhos esfomeados do Estado, para quem as colónias estão como velhas salvas de família postas a um canto num armário. E hesitará o Estado em as vender? Sobretudo quando temos de as perder? Se o País se pudesse reorganizar — bem! As colónias seriam no futuro uma força. Mas assim! Com esta decadência

progressiva, irremissível...

É verdade que se as vendêssemos, o Governo deixaria o País no mesmo estado de miséria, e, como já não tinha colónias — compraria fragatas! Dilema pavoroso! Devemos vender as colónias, porque não temos Governo que as administre; mas não as podemos vender, porque não teríamos Governo que administrasse o produto! *Miserere!*

E depois se as vendêssemos, que dor para o Sr. Gouveia — que as ama! A quem daria ele então as esperanças da sua mocidade e o viço do seu peito? Não, colónias, sede sempre fiéis a Gouveia! Não espezinheis esse coração de vinte anos, cheio de crenças! Que a vossa divisa seja doravante: *Gouveia e cacau!*

E prosperareis!

19

Samuel escreve-nos uma carta, que ele intitula *Consciência*, e em que discute opiniões, juízos, ditos, espalhados, ao flutuante acaso do humorismo, nas páginas rápidas destes volumes.

Samuel é nosso amigo, ama o nosso riso, e presta as suas mãos, que diz *cansadas e velhas*, para ajudar a tirar a verdade do fundo do nosso poço.

Samuel porém insinua que as *Farpas* mostram vaidade quando afirmam que são o *bom-senso* — porque ninguém é o *bom-senso!* Mas, injusto *Samuel*, atende bem! — As *Farpas* não disseram que

eram o bom-senso absoluto, com a suprema plenitude da razão, a posse exclusiva da verdade, nenhum temperamento e muita roupa branca! O nosso prospeto não declarava — As *Farpas são o espírito de Deus levado sobre as águas*.

Pobres *Farpas!* Decerto que elas não são a *coluna de fogo*, nem as *doze tábuas da lei* nem a *grande voz de deserto!* — Enfeitadas e coloridas na sua porção de bandarilhas, aguçadas e incisivas na sua porção de ferro, ágeis e laboriosas como abelhas, elas são sobretudo e antes de tudo 96 páginas impressas na Tipografia Universal, sem grandes erros de gramática e sem grandes verdades de filosofia, estalando de riso por todas as entrelinhas, mesmo quando

franzem a testa — e contentando-se com serem alegremente recebidas, pela manhã, à hora do correio e do almoço, por alguns espíritos simpáticos e por algumas brancas mãos. Diógenes decerto, por tão pouco, não apagaria a sua lanterna!

20

Agosto 1871

Publicou-se, há tempo, na Imprensa da Universidade, em Coimbra, um folheto acerca da *Comuna*.

Bom, ou mau, o folheto foi lido, levemente discutido, totalmente comprado. Era anónimo.

Que há de acontecer? O Governo proíbe-lhe a venda! Só aqui há um mundo revolto de pilhéria. O livro é publicado em maio, esgotado em junho, e proibido em julho! A única crítica é a gargalhada!

Nós bem o sabemos: a gargalhada nem é um raciocínio, nem um sentimento; não cria nada, destrói tudo, não responde

por coisa alguma. E no entanto é o único comentário do mundo político em Portugal. Um Governo decreta? gargalhada. Reprime? gargalhada. Cai? gargalhada. E sempre esta política, liberal ou opressiva, terá em redor dela, sobre ela, envolvendo-a como a palpitação de asas de uma ave monstruosa, sempre, perpetuamente, vibrante, e cruel — a gargalhada!

Política querida, sê o que quiseres, toma as tuas atitudes, pensa, ensina, discute, oprime — nós riremos. A tua atmosfera é de *chalaça*. Tu és filha de um dichote que casou com uma pirueta! Tu és *clown!* Tu és Fajardo! Se viveres, rimos! A oração fúnebre que diremos sobre a tua campa será — Ah! ah! ah! — A nota que a teu respeito se lançará na

história será — Ih! ih! ih! A tua recordação entre os homens será — Uh! uh! uh! Oh poder executivo! oh Sancho Pança! oh pilhéria! Publicado num mês, esgotado no outro, proibido no seguinte! Oh Pátria! Oh cambalhota! Oh Bertoldinho!

Mas corre que o Governo, além de proibir o folheto, vai processar o autor do folheto. Aí, alto! Recolhemos a gargalhada, tiramos do cesto o ferro em brasa.

Processado porquê?

Três coisas fazia o autor anónimo daquele opúsculo:

Explicava a situação e as ideias dos partidos em França; verberava os Srs. Thiers e Jules Favre; defendia alguns atos da *comuna* e alguns dos seus homens.

Por qual destes três factos é ele processado? Qual determina o estado de criminalidade?

Explicar os partidos em França? Então são seus cúmplices e devem ser processados pelo Governo português:

Todos os jornais, de todas as cores, de todas as cidades;

Todos os deputados, de todas as câmaras, de todas as nações;

Todos os livros, de todas as políticas, de todos os continentes.

É preparar, para toda esta gente, quartos no Limoeiro! Ergue-te e abre, ó Manuel Mendes Enxúndia!

É acusado o autor do folheto por ter verberado os Srs. Thiers e Favre? Que lei lho proíbe? Que regulamento, que portaria, que decreto me inibe, a mim, a ti,

a ele, de gritar em cima das torres que o Sr. Thiers é um imbecil, o Sr. Favre um traidor, o imperador da Rússia um bebedor de champanhe?! Está o Sr. Thiers elevado à categoria de dogma? É ele equiparado pelo Governo à religião do Estado? Temos o Sr. Thiers inviolável como Cristo?

Que façam um processo às *Farpas*, pois nós declaramos isto: — O Sr. Thiers é um sujeito astuto, aproveitável a um país que precise viver de expedientes, mas perfeitamente inapto para uma nação que tenha de se organizar com ideias; é um político de pequenos meios que foi polícia e parteiro.

O Sr. Favre é um bastardo de Robespierre, declamador de tribunal, violentador do poder em 4 de setembro

como radical, e em 18 de março ministro conservador, personagem característico daquela farsa política que se chama — *tira-te tu, para que vá eu!...*

E aqui estão estes Adolfo Thiers e Júlio Favre, iguais em inviolabilidade à Sagrada Eucaristia, ou à Imaculada Conceição! E seremos processados, seremos degradados, se ousarmos vergastar com algumas frases de história as carnes antiquadas dos Srs. Adolfo e Júlio!

Mas é acusado o autor do folheto por ter defendido alguns atos da *comuna* e alguns dos seus homens? — Oh! indigna vergonha! Pois é proibido em Portugal ter opinião sobre um facto estrangeiro? Pois a *comuna* passou-se na nossa política? Foi a Rua do Arco da Bandeira

incendiada com petróleo? Foi o Sr. O. de Vasconcelos que mandou fuzilar o arcebispo de Paris? Pois não pertence a história ao puro domínio do pensamento? Pois a própria França não impede que se escrevam livros louvando a *comuna*, e o Governo português impede-o? Pois o Governo não proíbe que os jornais legitimistas exaltem o absolutismo que prendeu e matou, cortou a machado nossos pais, sequestrou as nossas casas, queimou as nossas searas, e proíbe que se discuta uma política cujos excessos se passaram a 100 léguas de nós, sem relação connosco, sem ação na nossa ação?! Pois há alguma lei que me obrigue a amar S. Francisco de Sales e a desprezar Tibério?! Pois a opinião impõe-se como as posturas da câmara municipal?! Pois haverá cartilha

para as nossas apreciações históricas? Se o Governo proíbe que se exaltem os homens da *Comuna*, deve logicamente proibir que se exaltem os homens de 93, o Governo provisório de 48, e que admiremos o próprio Sr. Thiers, antigo redator do *Nacional*, autor da revolução de 30! E que vá mais longe então! Que nos processe, porque nós admiramos os Gracos, Espártaco salvador de escravos, Moisés que libertou povo, Cristo que remiu uma raça!

O Governo português pondo a sua tosca mão sobre o pensamento! — Oh! pirueta, dá-lhe tu a recompensa!

21

Agosto 1871

A câmara conservadora defende-se! Rejeita por 51 votos contra 23 a reforma da Carta! Mas como foram estranhas as declarações de alguns dos 51 conservadores! Porque (quem jamais o diria?) eles só votaram contra a reforma da carta — por entenderem que a carta deve ser reformada.

Somente entendem também que a reforma é *inoportuna*. Um homem é agarrado por dois ladrões, amarrado a uma árvore.

De madrugada passam dois

cavaleiros e veem ao longe, vagamente, na neblina, o vulto. Compreende-se que discutam, no primeiro momento, se é ou não um homem que ali está em agonia: mas, desde que verificaram que é um homem, o que se dirá do seu bom-senso se começarem a discutir — a oportunidade de o salvar?

A Carta contraria ou não as tendências do espírito moderno e a opinião? Sim ou não? Só isto se pode debater. Mas confessar publicamente que *sim* e votar que *não* — é o mesmo que declarar:

— Nós entendemos que o País sofre com esta constituição, mas desejamos que ele continue a sofrer!

Ninguém dá crédito, porém, às vossas declamações, senhores! Vós o que

não quereis é nenhuma reforma da *Carta!* O que tentais evitar é que intervenha na vossa política, a força da opinião popular! E sabeis porquê? Porque se a democracia, mesmo sob a forma monárquica, tivesse o seu advento — as vossas doces e rendosas sinecuras ficariam estateladas no chão! E vós quereis ouvir Bellini em S. Carlos, e tomar sorvetes no verão com sossego! Eis aí!

Ah! Vós dizeis que *amais o progresso*. Amais o progresso que vos inventa cadeiras mais cómodas; o progresso que vos monta operetas de Offenbach para acompanhar alegremente a digestão do jantar; o progresso que descobre melhores limas para cortardes os calos! Esse progresso decerto o amais!

Mas o que não amais é o progresso político, porque esse traria uma ordem de coisas que extinguiria os vossos ordenados, levantaria as vossas décimas sonegadas, transtornaria as vossas posições — isto é, este progresso tirar-vos-ia os meios de poderdes gozar o outro. E aí está o vós não quereis, amáveis bandidos!

Vinde no entanto para diante dos leitores das *Farpas*, com o extrato das vossas cómicas opiniões colado às costas. E já que não auxiliais o bem, ajudai a gargalhada!

O Sr. Barjona começou por dizer que o projeto da reforma lhe parecia *indefinido e vago*. Ora o projeto marcava muito explicitamente os títulos 3, 4, 5, 6 e 7. Pode chamar-se-lhe largo — mas

indefinido... Santo Deus! Se S. Ex.ª chama à designação *explícita* de 5 capítulos uma coisa *vaga* — o que chamará então às nuvens do poente? Chamar-lhes-á soma de 5 parcelas?

E acrescenta S. Ex.ª que não é *daqueles* que liga pouca importância às constituições políticas. Ainda bem! Mas que estranha revelação! Há pois políticos em Portugal (e só em Portugal se é só político), que não deem importância às constituições políticas? O meu criado não dá com efeito muita atenção a essa espécie, mas porque dá todos os seus cuidados a escovar o meu fato. (E ainda assim não gosta do Sr. Carlos Bento, mas é uma questão puramente pessoal). Que existam porém sujeitos que tendo profissão de ser só *políticos* (oh farsa!)

não deem atenção às constituições políticas — estranho parece, porque a verdade é que esses indivíduos não estão encarregados, como o Miguel, de escovar o meu fato.

O Sr. Silveira da Mota é mais estranho ainda! Examina, com grande critério, todas as reformas que o país precisa — e termina por dizer que em vista daquela dolorosa ladainha, o País não precisa nenhuma. O que se traduz deste modo trágico: *isto está tão arruinado que já agora deixá-lo ficar assim!*

O Sr. Barros e Cunha declara que todo o seu sentimento (êxtase, melancolia, doçura, amor, etc.) são pela reforma da carta: mas que a frieza da sua cabeça não lhe permite admitir essa reforma. Como

homem frio, quando raciocina, o Sr. Barros e Cunha é conservador: mas como homem de sentimento, quando cisma ao luar, quando segue o gemer da guitarra, quando escuta o rouxinol — ai! como ele então deseja a reforma da carta!

O Sr. Adriano Machado não quer aquele projeto da reforma da Carta — porque pretende ele mesmo apresentar um. Isto entende-se. É um homem que tem ambições e a sede de um nome! Em lugar da *Reforma Mendes* aspira a que os jornais da província celebrem no futuro a *Reforma Adriano!*

O Sr. Costa e Silva entende que a Carta é liberal e não precisa reformas; e, a tê-las, só em alguns dos seus artigos, *não muitos*. Para este senhor a questão é de quantidade. Aí 5 ou 6 contentam-no: se

fossem 3 e meio, tinha cãibras de prazer! Mas sobretudo o que ele apetece — é resolver a questão financeira! E espera que ela seja resolvida! Doce ingenuidade! Todo o mundo estava admirado de tanta inocência infantil; e perguntava-se com cuidado onde teria o Sr. Costa e Silva deixado o seu *bibe!*

O Sr. Peixoto (?), depois de se ter visto singularmente enredado em grandes frases, conseguiu desentalar-se e dizer, claramente, que antes de tudo a reforma urgente consistiria em escrever bons livros! Que não basta que haja escolas! Que são sobretudo indispensáveis *bons livros!* Faz isto desconfiar que o Sr. Peixoto supõe que o único livro que se tem escrito, depois do *Génesis*, é o das *Proezas de Rocambole!* Mas o Sr. Peixoto

pareceu sobretudo grande quando declarou que o povo *não tem direito a mais liberdade!* O Sr. Peixoto, que não é neto do conde Chambort, nem possui na África plantações de café, estava a fingir para a galeria que era da casa de França e grande senhor de engenhos! Pobre moço! E quando ele jurou que a verdadeira reforma, que incumbia ao parlamento, era dar ao povo livros que lhe ensinassem a natureza do seu País e a sua própria índole? Muita gente compreendeu que esta frase difícil significava que a câmara, antes da questão da fazenda, da administração, etc., se devia ocupar — em escrever compêndios de geografia e tratados de moral.

E terminou assim: «Estas reformas reclamam todas as nossas forças e todo o

nosso tempo; não fatiguemos *aquelas*, e não percamos *este!*» Abismemo-nos na contemplação deste período imortal, que, à parte a sua construção cómica — significa: «Não nos levantemos tarde e não comamos coisas que nos façam mal ao estômago.» Se acrescentarmos a isto os banhos do mar, há todo o motivo para supor que o País está salvo!

O Sr. Pinheiro Chagas vota contra a reforma da Carta, porque é pouco experiente. Este moço justifica o seu voto — mostrando a sua pouca barba!

O Sr. Franco Frazão declara que a reforma da Carta não deve ser admitida à discussão, porque está muito calor! Este homem é grande! Este homem há de ir longe — em havendo frio! Deixem vir janeiro, e o País verá como o Sr. Franco

reforma e organiza. Por ora, não. É este um grande princípio que passará para os repertórios, assim fixado: *janeiro, frio, geada; planta chicória e reforma a Carta!*

Tal foi esta sessão, em que notáveis opiniões viram a luz do dia— e a luz do dia viu notáveis opiniões!

22

Agosto 1871

A câmara dos deputados está tendo realmente uma compreensão muito estreita dos seus deveres parlamentares. Nota-se com espanto que os senhores deputados, ao entrar, não descalçam as suas botas! Ninguém explica esta reserva. O Sr. Barros e Cunha há dias tinha calor, e não se pôs em mangas de camisa! Via-se bem antes de ontem que o Sr. Arrobas estava apertado no seu colete, e no entanto não se desabotoou! Estranhas abstenções! Porque se coíbem, Santo Deus? Porque se impõem a inexplicável privação de não beberem cerveja na sala? Que significa

esta falsa compreensão das regalias constitucionais?

Porque não tiram, para maior comodidade de suas pessoas, a consequência lógica do seu procedimento? Se se desprenderam de todo o respeito, porque não se desembaraçam das suas gravatas? Se se atribuíram o direito de dizer injúrias, porque não se dão o direito de trazer chinelas? Porque conservam uma certa postura de *toilette* — se têm desabotoado tanto a dignidade? Vamos, meus belos cavalheiros da injúria franca! Um último passo! Já aniquilaram o decoro, ponham de lado a polidez. Nem mesmo se prendam com o asseio! Tirem os botins, e atirem por cima das carteiras, à face do País, essas peúgas de alvura duvidosa!

Desapertem esses coletes, e que a Pátria veja nas pregas das camisas o suor dos seus eleitos! Venha cerveja! Saltem as primeiras rolhas! Caiam as últimas injúrias! Ferva a intriga e espumem os *bocks!* Ao tilintar dos copos misture-se o embate dos insultos! — *É falso, mente! Mais cerveja! Isso é uma bestialidade, fora! Cigarros!* Rompam as disputas de café em atitudes de taberna! Ninguém se coíba! Que o fumo do tabaco faça uma nuvem às votações — e as nódoas de vinho um comentário aos projetos de lei! E praguejem, e assobiem, e escarrem! E viva a troça! Hip! hip! hip! Hurra! Salta um decilitro! Fora, patife! E lari-ló-lé, ló-lé! Para o pagode! Oh! legisladores! Oh! homens de Estado! Oh! feira das Amoreiras!

Pois temos nós obrigação de respeitar a câmara, quando ela se não respeita? Pois eia vive nas assuadas indecorosas — e há de exigir que nos curvemos como se ela vivesse nas ideias elevadas? Pois aquela senhora, que ali mora defronte, poderá estranhar que eu a repila brutalmente, em lugar de a saudar delicadamente — se em vez de passar na discreta compostura do pudor, ela me vier fazer esgares com a cuia à banda?

Porque vos havemos de respeitar, dizei? Pelo saber que não tendes? Pela dignidade que renegastes? Leem-se os extratos de todas as câmaras do mundo, e em todas há seriedade e discussão inteligente; em todas se trabalha, se pensa, se organiza, se legisla. Entre nós vemos, durante um mês, arrastar-se uma discussão

sobre personalidades de regedores; e o que se debate é se se fez ou se não fez a estrada da Covilhã, e se o Governo comprou ou não comprou exemplares de um *Elogio do Sr. Ávila!* E todas as questões úteis e altas desprezadas, e uma perpétua ventania de insultos trocados, e o abandono de toda a ideia, o ódio de todo o trabalho, o esquecimento de toda a decência! E no entanto a Espanha mede, polegada por polegada, a porção da nossa liberdade que se vai enterrando no lodo!...

Sois tão criminosos que nos fazeis perder o riso. E no entanto ele é a nossa vingança! E é indispensável que se mantenha sempre pronto, amargo, cruel, para que em nome da consciência ofendida vos vamos expondo, querendo Deus, trémulos e grotescos, ao escárnio

da multidão.

23

Agosto 1871

Não, senhores!

Não queremos que acusem as *Farpas* de parciais!

Não se dirá que foi a nossa pena, exaltada pela fantasia e pela ironia, que desenhou os contornos de uma sessão memorável na Câmara! Tomaremos a exata narração que o Sr. Melício, correspondente, deputado, homem noticioso e linfático, dá ao *Comércio do Porto*, excelente folha lúgubre!

O Sr. Barjona falava quando o motim rebentou. As *provocações* (diz o Sr. Melício) *eram acompanhadas de*

murros sobre as carteiras. Quadro esplêndido! Suas Ex.as de cabelo em desalinho, gravata solta; as carteiras vergando, e, tanto quanto lhes permitia a sua qualidade de madeira, tomando biocos suplicantes; e Suas Ex.as, atirando-lhes murros, encontrões, pontapés, cachações, palmadas, estouros, todas as variedades sonoras de uma argumentação eloquente! Isto já é grande! Isto já é prodigiosamente grande!

Mas maior é o último detalhe do motim, contado na correspondência do Sr. Melício. Diz o Sr. Melício; as *POSIÇÕES POUCO ACADÉMICAS E MENOS PARLAMENTARES (???) de alguns senhores deputados levaram o Sr. presidente a MANDAR EVACUAR A GALERIA!*

Pergunta a imaginação aterrada — que posições foram essas?

Não! Isto é extremamente sério! Para que o presidente de uma câmara mande evacuar as galerias com o motivo de elas não presenciarem as posições que os deputados estão tomando — é necessário que estes se tenham permitido atitudes verdadeiramente estranhas! Dado mesmo que alguns senhores se tivessem deitado ao comprido, ou tivessem dado cambalhotas — nada disto, ainda assim, justificaria a precaução pudica do Sr. António Aires. E note-se que as galerias resistiram. E que as magnetizava um espetáculo refinadamente excecional...

Que se passou pois?

Teria o senhor Visconde de Valmor rompido no excesso de se pôr de

cócoras? Mas é tão natural isso — no parlamento!

Teria o Sr. Teles de Vasconcelos montado às cavaleiras no Sr. Barjona? Mas isso que importava — entre portugueses!

Teria o Sr. Jaime Moniz, para afirmar à Câmara e ao País a moderação dos seus princípios, mostrado o interior das suas flanelas? Teria o Sr. Arrobas cortado os seus calos? Teria o Sr. Barros e Cunha, num acesso de ira, botado a língua de fora! Não podiam ser somente estes atos ligeiros!

Posições académicas e pouco parlamentares!

O Sr. António Aires, pondo o seu chapéu, não se cobriu apenas, vendou-se. Enterrou o chapéu até ao pescoço, e para

que S. Ex.ª se descobrisse à porta, diante do comandante da guarda, vieram médicos que lhe extraíram o chapéu a ferros.

Que seria?!

Santo Deus! Deus clemente, piedoso e justo!

É evidente que os Srs. deputados se puseram nus!

24

Agosto 1871

O Parlamento vive na *idade de ouro*. Vive nas idades inocentes em que se colocam as lendas do Paraíso — quando o mal ainda não existia, quando Caim era um bom rapaz, quando os tigres passeavam docemente par a par com os cordeiros, quando ninguém tinha tido o cavalheirismo de inventar a palavra *calúnia!* — e a palavra *mente!* não atraía a bofetada!

Senão vejam! Todos os dias aqueles ilustres deputados se dizem uns aos outros: *É falso! É mentira!* E não se esbofeteiam, não se enviam duas balas!

Piedosa inocência! Cordura evangélica! É um parlamento educado por S. Francisco de Sales!

O *ilustre deputado mente!*

Ah, minto? Pois bem, apelo...

Cuidam que apela para o espalmado da sua mão direita ou para a elasticidade da sua bengala? — Não, meus caros senhores, apela — *para o País!*

Quanta elevação cristã num diploma de deputado! Quando um homem leva em pleno peito, diante de duzentas pessoas que ouvem e de mil que leem, este rude encontrão: *É falso!* — e diz com uma tema brandura: *Pois bem, apelo para o País!* — este homem é um santo! Não entrará decerto nunca no *Jockey-Club*, de onde a mansidão é excluída, mas entrará

no reino do Céu, onde a humildade é glorificada.

É uma escola de humildade este parlamento! Nunca em parte nenhuma, como ali, o insulto foi recebido com tão curvada paciência, o desmentido acolhido com tão sentida resignação! Sublime curso de caridade cristã. E veremos os tempos em que um senhor deputado, esbofeteado em pleno e claro Chiado, dirá modestamente ao agressor, mostrando o seu diploma: — «Sou deputado da nação portuguesa! Apelo para o País! Pode continuar a bater!»

E depois que doçura de expressões! Não vimos ainda há pouco o Sr. Ávila designado no meio de uma questão financeira com estas benévolas qualificações — *camaleão*, *sapo*,

elefante?! Que autoridade no dizer! Que elevação no pensar!

Como é instrutivo, como é moral, o ver discursos assim concebidos:

— Não aprovo o projeto do ilustre presidente do Conselho, porque entendo na minha consciência, e digo-o à face do País, que S. Ex.ª é uma verdadeira serpente:

— Mando para a mesa a seguinte moção: A Câmara, compenetrada de que o Sr. ministro da Fazenda é uma lontra, passa à ordem do dia!

Depois o modo carinhoso como a Câmara tomou conta da infeliz palavra *insulto!* Aquela pobre palavra, tão comprometedora, que nunca aparecia outrora que não fosse o sinal de um duelo ou de uma polícia correcional — o

parlamento refez-lhe uma virgindade e um decoro, e ela agora vem, e ninguém se revolta, e o Sr. António Aires tem para ela um bom sorriso.

— O ilustre deputado há três dias não faz senão *insultar-me* (textual). Três dias!

— O ilustre deputado não me *insulte!*

— Vou responder a esses *insultos!*

— Menos *insultos!*

Ai! O mundo despoetiza-se! As coisas terríveis perdem o colorido da lenda. As crianças riem do papão. O diabo já não é temido. O insulto já não é aviltante! Não é! A Câmara dos Deputados vive há um mês, tendo no seu seio o insulto, em perpétua ordem do dia — e engorda!

Mas o Sr. António Aires, esse, para que continua a dizer com a sua voz eloquente:

— Amanhã continua a mesma discussão?

A escrupulosa verdade — e S. Ex.ª, sacerdote e católico, está adstrito a observar este *regimento* da consciência — pede que se declare:

— Amanhã continua a mesma assuada.

Assim o público ficava avisado — e os senhores deputados também! Porque nada deve custar mais a um ilustre deputado, que quer zelar os interesses do seu país, do que ver, numa discussão, exausta a sua coleção de injúrias, findos os seus apontamentos de berros!

Não é quem quer doutor em

impropérios!

E assim, devidamente prevenido, cada deputado podia formar de véspera uma útil e séria lista de argumentos — consultando o dicionário, o seu aguadeiro, a porta da Alfândega e os fadistas da Praça da Figueira.

25

Agosto 1871

Pode alguém estranhar que as *Farpas* não contenham nunca uma página dada ao romance, à imaginação. Pois bem — aqui está um conto, com paisagem, passado à beira-mar.

Era há dias, ao fim da tarde, na Foz. O Céu, no alto, tinha a brancura de uma porcelana: já a decoração inflamada do poente se apagava, e grandes tons dourados desbotavam numa tinta roxa. O mar, de um azul duro, estava riscado de espumas. Entre as rochas, na praia, a maresia era violenta; e na linha da barra sucediam-se, uma após outra, largas ondas

monótonas.

Vinha a entrar uma lancha à vela. As ondas tomavam a pequena embarcação pela popa; ela fugia à bolina, rijamente impelida. Uma vaga maior sacode-a furiosamente. Pescadores, mulheres, no largo, ao pé do Castelo, rompem a gritar. Há ali perto uma barraca de saltimbancos. Dois palhaços, já vestidos, caiados, com guizos, vieram olhar, pasmados.

A lancha corria. Ergue-se sobre ela outro mar mais forte. — «Está livre! não está livre! Santo Deus! Jesus!» — A onda, quebrando, apanhou-a pela popa, ergueu-a, balouçou-a, e por um momento viu-se apenas, na espuma, a vela oscilar, com a lenta palpitação da asa de um pássaro que morre.

Na praia as mulheres gritavam, de

bruços sobre o chão. Os palhaços empalideciam sobre o alvaiade. A sombra da noite caía.

A lancha tinha escapado. Correram todos ao cais, vê-la atracar. Vinha cheia de água, com a vela molhada até meia altura, os remos partidos. Estivera perdida. O patrão, um velho baixo, seco, de cabeça branca sob um barrete de pele de lontra, atirava para fora a corda da rede. Tinham trazido 10 ou 12 pescadas!

Cada pescada podia valer seis vinténs! E tinha estado perdida, a lancha! E era ao anoitecer, longe de socorro, na água impiedosa!

Ora sabem qual é o imposto que sobre este duro trabalho lança o fisco? — 40 reis por pescada! Não é o antigo

dízimo absolutista — é o *terço liberal!* E assim acaba o romance!

26

Agosto 1871

Não o devemos ocultar! Fala-se — nem letra de mais, nem letra de menos — numa r-e-v-o-l-u-ç-ã-o!

Mas qual? Três correntes de opinião, adversas ao constitucionalismo e ao parlamentarismo, atravessam o País. E a revolução variará, segundo for uma ou outra dessas três opiniões que consiga, pela força ou pela manha, empolgar o poder e as suas doçuras.

Seja qual for a que triunfe, terá logo, pelo mero facto de triunfar, aderentes inumeráveis, mesmo nas opiniões opostas. E para que cada

cidadão possa devagar escolher a revolução que lhe convém, aqui apresentamos de antemão as notícias que, de cada uma delas, darão os jornais depois da vitória:

Revolução n.º 1.

— 19 de fevereiro. — O Governo que felizmente nos rege continua na sua obra de pacificação. A redação da *Nação* mudou-se para o palácio dos senhores duques de Palmeia, ao Calhariz. Foi preso o Sr. Oliveira Marreca, decano do partido republicano. S. M. El-Rei Nosso Senhor visitou ontem o lausperene da Graça.

Parece que uma representação do clero exige o desterro do Sr. Alexandre Herculano. — A emigração tem abrandado, vai renascendo a confiança.

— Fala-se em grandes bailes dados pela coroa. — Mandaram-se fundir à Alemanha três carrilhões, no valor de 3 milhões cada um, para os Inglesinhos, S. Luís e Mártires. — Assistiu ontem uma inumerável multidão à execução do Sr. Osório de Vasconcelos, reformista. S. Ex.ª caminhou para o suplício com grande valor. — Admiráveis em Braga as iluminações. — Vai ser demolida a estátua de D. Pedro IV. — As autoridades e funcionários das secretarias são demitidos em massa. — Haverá grandes tributos para ocorrer às despesas da reconstituição da nobreza. — Foi ontem apupado na Rua da Alegria o Sr. V, poeta erótico, na ocasião em que observava a chegada das andorinhas!

Revolução n.º 2.

— 19 de fevereiro. — O novo Governo provisório deu ontem um esplêndido jantar no *Hotel Central*. — O Sr. Padre B... foi nomeado patriarca. S. Ex.ª passeou ontem as ruas de *dog-cart*. — Foi preso o Sr. Batalha Reis, antigo conferente do casino. — O senhor marquês de Ávila e Carlos Bento foram fuzilados. SS. Ex.as estavam ignobilmente abatidos. — Os membros do novo Governo atribuíram-se ordenados anuais de 12 contos de reis. — O Sr. Antero de Quental, a quem o *comité* da Rua da Bitesga fora oferecer a presidência, deu pontapés no *comité*. — Têm sido suspensos vários jornais. — Chegou a Paris o Sr. D. Luís de Bragança. — Foi saqueada a casa do Sr. José Maria

Eugênio. — Têm sido fechadas as igrejas. — Nas províncias do Norte é grande a miséria. — Bandos armados dão pilhagem às províncias do Sul. — O Governo provisório lançou fogo aos arquivos da polícia. — Foram suspensas as *Farpas*. — Foi ontem apupado no Rossio o Sr. V, poeta erótico, que ia a correr atrás de uma borboleta!

Revolução n.º 3.

— 19 de fevereiro. — Foi publicado o decreto licenciando o exército, e organizando uma guarda nacional. — Estão presos e vão responder a processo os principais vultos dos últimos anos da política constitucional: diz-se que serão degredados. — Foi suprimida a câmara dos pares. — Corre

que se vendem algumas das colónias. — Está decretada a instrução obrigatória e gratuita. — Vai ser feita a reforma administrativo-comunal. — Teremos a liberdade de cultos. — É certa a reforma do imposto. — Estão nomeadas comissões para proceder à confeção do cadastro. — Fechou-se a Universidade, e o ensino superior será reorganizado numa nova base. — Vão criar-se escolas industriais. — É concedida a plena liberdade de reunião e de coalizão. — Formam-se por toda a parte sociedades cooperativas. — As secretarias vão sofrer grande golpe. — Cada membro do Governo provisório recebe anualmente 600$000 reis. — Ontem o Sr. V, poeta erótico, foi apupado na Rua do Arco do Bandeira, onde estava a contemplar um

lírio.

27

Agosto 1871

A honrada Câmara Municipal do Porto quis dotar a cidade com uma *praça de peixe*. Nada mais higiénico, mais justo. De todo o tempo, nas grandes cidades, o peixe teve os seus aposentos definitivos, porque a vadiagem do peixe pelas ruas — fazendo concorrência à vadiagem dos filhos-famílias — é sobremodo insalubre! Mas uma *praça de peixe* não é um teatro nem uma casa de banhos — nem mesmo um quartel. Tem uma arquitetura própria, condições especiais de ar, de luz, de água, etc... Assim, em toda a parte, as praças de peixe são de uma construção ligeira,

aberta e devassada pelos ventos, com leves colunatas de feiro sustentando um teto de madeira ou de vidraça, lavadas por um perpétuo escorrer de água, cercadas de árvores... Enfim um lugar são, fresco, higiénico, livre, desinfetado.

Pois bem! A Câmara Municipal do Porto, com uma nobre solicitude pelo peixe, para quem parece ser uma extremosa mãe, e receando, com um carinho assustado, que o peixe se constipasse, ou sofresse a indiscrição dos vizinhos, construiu-lhe uma praça fechada, com altas e fortes paredes, varandas, gabinetes interiores, corredores, alcovas, casa bem reparada, quase um palacete.

E tudo de tal modo tranquilo, aconchegado, confortável, que a Câmara hesita se há de pôr ali peixes, se livros —

e se fará daquilo um mercado ou uma biblioteca!

A nós parece-nos que, com mais alguma despesa, a Câmara daria ao País o exemplo de uma grande dedicação pelo peixe! — Era mandar tapetar a praça, colocar nos recantos sofás, e não esquecer um piano. O peixe deslizaria aí dias de grande doçura: os robalos estariam deitados em divãs de seda; o polvo teria livrarias para se instruir! O comprador seria introduzido por criados de libré. A peixeira conduzi-lo-ia a uma alcova, com as janelas cerradas, ergueria os cortinados de um leito, e mostraria inocentemente adormecidas, sob uma coberta de damasco — duas pescadinhas-marmotas.

O comprador tiraria o chapéu

comovido. E a peixeira, com lindos modos:

— Suas Ex.as recolheram-se tarde... São a 80 reis cada uma!

Ah! A Câmara tem decerto grandes planos! Como estão bem feitas, rasgadas, esbeltas, as largas varandas de ferro da fachada da praça! Alguns malévolos riem. Mas nós sabemos que essas varandas na praça do peixe, tão amplas e cómodas, têm um destino que ninguém — a não ser inspirado pelas injustiças da inveja — poderá condenar. Aquelas varandas são para que, aos domingos — o peixe venha tomar café para a janela!

28

Setembro 1871

Jornadear nos caminhos de ferro portugueses de Norte e Leste, é, a todos os respeitos, uma aventura cheia de emoções. Correndo sobre os *rails*, há para nos interessar e excitar — a probabilidade do descarrilamento; parados, no bufete das estações, há, para nos estimular com uma sensação mais forte ainda — o envenenamento a 500 reis por estômago.

Esta hesitação, entre o tombo e a cólica, mantém o espírito do viajante num estado delicioso de palpitação e vibração. É como quando se joga, numa última volta

de roleta, a última placa de uma herança! Apaixona mais que ler *Os Três Mosqueteiros!* Suscita os tremores de perigo e de transe que só dá uma ascensão ao Monte Branco! Talvez estar para ser fuzilado não cause tanto alvoroço! E a intenção da Companhia é evidente. As travessas podres, os *rails* gastos e desaparafusados, os túneis mal seguros, as pontes rachadas, os aterros que tendem a desabar, os desaterros que tendem a esboroar, as máquinas cansadas, o serviço desleixado, as refeições envenenadas, tudo, tudo, até as demoras, os atrasos, a confusão, tudo converge para o mesmo legítimo fim — comover fundamente o viajante, dar-lhe sensações supremas!

Parece-nos pois que alguns conselhos à companhia não podem deixar

de ser por ela recebidos — não diremos de braços, mas de *rails* abertos.

Assim, por exemplo, seria de todo o ponto dramático e excitante, espalhar pela estrada destacamentos de bandidos que espingardeassem o comboio. Outrossim, meter em cada carruagem um lobo esfomeado, parece-nos um meio eficaz de impedir que o viajante tenha ocasião de se enfastiar. E enfim, como meio de produzir a mais aguda impressão, devia ter a companhia em cada estação empregados, que, ao parar do comboio, se aproximassem do passageiro, e delicadamente, com todo o respeito — lhe cravassem uma navalha na ilharga! E a viagem ficaria deste modo marcada com indeléveis encantos e cicatrizes!

29

Setembro 1871

Um dia o *Centro promotor das classes laboriosas* sentiu o ímpeto, todo moderno, de sair da sua obscuridade venerável e da sua modéstia tradicional. Apeteceu as palpitações do perigo. Apeteceu a popularidade do *telegrama*. Apeteceu a prosa descritiva do Sr. Melício, correspondente.

Para isso perorou, gritou, tomou resoluções!... Em seguida esperou. O seu desejo, o seu capricho, o seu *filé*, era atrair sobre si um *golpe de Estado*. E depois as belas atitudes de protesto, e a impressão que ainda fazem os mártires de

Vila Nova de Cerveira e em Mogofores!...

Ora justamente o Sr. ministro do Reino teve a imprudência de chamar à secretaria o vice-presidente do Centro, e amigavelmente, tomando ambos o seu rapé, trocaram algumas falas. O Sr. ministro pedia que o Centro não continuasse em discussões, que nem estavam na permissão dos estatutos nem na sua dignidade de corporação. Escutando estas admoestações, o vice-presidente do Centro tremia de júbilo. Ali o tinha inteiro, real, presente, completo — o estremecido, o apetecido *golpe de Estado!* E apenas o Sr. ministro termina, eis o Sr. vice-presidente que corre à sala do Centro, e brada, como se se tratasse de um codilho:

— Meus senhores! Levámo-lo!

— O golpe de Estado? — interroga o Centro ávido, esgazeando os olhos.

— O golpe de Estado!

Então, tomando subitamente a sua carranca de solenidade, o Centro deliberou. E, para fazer alguma coisa como a destruição da Bastilha (porque é necessário conservar a tradição jacobina), o Centro subiu a um banco com um martelo, despregou um retrato da parede da sala, espanejou-lhe o pó, pô-lo ao canto de um armário, e, serenado por esta decapitação moral, sacudiu as mãos, limpou os beiços, e de pé — jurou qualquer coisa!

Nós não sabemos, e ainda não se averiguou nitidamente — que discussões agitavam o ar abafado da sala do Centro.

Uns dizem que ali, a horas lôbregas, se falava da *internacional* e das suas pompas, e se discutia a sanguinolenta questão do salário! Querem outros porém afirmar, com mais seguro critério, que as discussões do Centro eram de ordem política e intrigante, e que se esmiuçavam ministérios, câmaras, reformistas e reforminhas, eleições, influências, partidos, e outras espécies torpes.

Estas duas informações alteram, completamente, o indefinido perfil da questão.

Se o Centro Promotor discutia nas suas reuniões a política que intriga e que grunhe em S. Bento, então a advertência do Sr. ministro adquire uma alta feição de sensatez e de direito: não só está na legalidade, porque fez cumprir um estatuto

— mas na verdade, porque afastou os que trabalham na penumbra dos que enredam.

Sim, o Sr. ministro tem razão, amigos operários do Centro! O dever da vossa associação não é de discutir combinações ministeriais ou personalidades estéreis. Que importa ao vosso bem-estar, às boas cores dos vossos filhos e à substância do vosso caldo, que a farda pública esteja nas costas grossas do Sr. Ávila ou nas magras costelas do Sr. Braamcamp? Quereis dar à política a vossa colaboração? Vós? Tão desmoralizados estais que desejeis abandonar a vossa dignidade de trabalhadores, para vos virdes curvar entre a sabuja humilhação dos políticos? Vós, os produtores por excelência — porque só trabalhais, que tendes de

comum com os improdutivos por excelência — porque só intrigam? Quereis trocar a altiva fadiga da oficina, pela ociosidade mendicante do parlamento? Quereis trocar as vossas livres ferramentas, pela pena de pato das secretarias? Não é outro o vosso dever, outro o destino do vosso pensamento? Não tendes, para vos absorver, as altas questões de salários, de trabalho, de produção, de escola, de instrumentos, de associação? Elas erguem-se, as questões sociais, as vossas, de todos os pontos do horizonte, correndo, correndo à desfilada sobre o velho mundo que apodrece! Voltai aos vossos interesses e voltai às vossas casas! Deixai o senhor A ser um político, ó riso! e o senhor B um homem de Estado, ó troça!

Ah! mas se porventura o Centro Promotor, tratava apenas, nas suas sessões, a questão social e operária — o salário, o trabalho, a associação, a coalizão, a *greve* — então, bom Deus, a advertência do Sr. ministro enche-nos de perturbação!

Parece realmente que se não deve estranhar que uma associação criada para promover o bem das classes laboriosas — trate as questões que mais vitalmente interessam as ditas classes laboriosas. Aqui à puridade, entre *gentlemen*, confessemos que imensa seria a nossa admiração — se operários reunidos, em lugar de falar do seu salário, discutissem a melhor maneira de servir o champanhe! E qualquer de nós ficaria pálido se visse, no Centro, um operário, para salvar os

seus interesses de operário, levantar-se e dizer:

— «Pedi a palavra sobre a questão social: a minha opinião é esta:

La donna é mobile
Qual piuma al vento.»

Decerto, seria interessante e proveitoso que o Centro Promotor se ocupasse em averiguar e experimentar o meio mais profícuo de pernear o *cancã* — porque convém que cada um saiba a maneira de se portar nas sociedades cultas. Mas também não nos pareceria inteiramente inútil que, visto acharem-se ali reunidos, esses operários, depois de terem dado uma parte da noite às questões sérias (como, por exemplo, a maneira

mais meiga de interpretar o *final da Lúcia)*, dedicassem também uns minutos, como por de mais, por prazer, para repousar o espírito, à fútil e folgazã questão do salário!

Entenda-se! As *Farpas* não querem de modo algum sustentar que as associações sejam para discutir as questões operárias! Não! O operário, nas suas reuniões, deve exercitar-se em recitar Lamartine. Isto está estabelecido na prática de todas as nações e nos princípios de toda a economia... Mas convém que, de vez em quando (e sem que isso perturbe os interesses de ordem literária, lírica, elegante e romântica, que lhes estão confiados), os operários, coitados, se entretenham a arranjar o melhor meio de não morrerem

inteiramente de fome!

O Centro julgou-se tiranizado, e protestou. Como? Fazendo um arranjo na sua sala. O retrato do Sr. A. R. Sampaio, que estava na parede — está agora num armário. Oh grandes homens do Centro! Vós quisestes fazer uma alta justiça social. E o que fizestes? Uma alteração na mobília! Pretendíeis significar por esse facto que éreis os homens da dignidade austera, e todo o mundo vê que sois simplesmente os admiradores das paredes lisas!

Dizei cá! A advertência do Sr. Sampaio, ministro, foi ou não opressiva do vosso direito? Não? Então que homens sois vós que gratuitamente, caprichosamente, dais a desautorização a quem vos deu a associação? Foi

opressiva? Então que homens sois vós que, por todo o desafogo do vosso direito violado, do vosso pensamento reprimido — não tendes mais iniciativa do que a de um criado tonto! A vossa justiça indigna-se — despregando pregos! Isto leva-nos a acreditar que o vosso caráter se afirma — jogando o pião! Criançolas! Pequerruchos! Grandes homens do Centro! Oh traquinas!

Ah! A vossa maneira de protestar é cómoda para os homens — mas terrível para a mobília!

— «Está suspensa a sessão do Centro!» — declara um dia o Governo.

— Está? — grita o Centro. — Volte-se a mesa de pernas para o ar!

— «O Centro está dissolvido» — proclama noutro dia o Governo.

— Está? Rasguem-se as bambinelas!

E são terríveis! Que culpa tendes vós, mesa suja de tinta, portadas empenadas da janela, fechaduras, boas paredes de papel francês?

Ai! Se o Centro se resolvesse um dia a conspirar deveras e o Governo a reprimir deveras... — tremei, tremei, tremei, ó capachos da entrada!

30

Setembro 1871

Os jornais deste mês travaram uma questão singular. Acusava-se este facto: a Sr.ª D. Eugénia de Montijo, condessa de Teba, ex-imperatriz dos Franceses (por um crime de seu marido) atravessara Lisboa para ir ver a Espanha os antigos paraísos da sua antiga mocidade; e o Governo expedira à Alfândega uma portaria galante, para que não fossem revistadas as bagagens de S. Ex.ª! A isto respondiam algumas gazetas negando esta portaria — mas lembrando outra pela qual são isentas das indiscrições fiscais as bagagens em trânsito, e afirmando que os

baús ex-imperiais, com um desdém censurável pelas glórias de Lisboa, tinham passado rapidamente, sem curiosidade, da Alfândega para a estação de Santa Apolónia. Os periódicos acusadores, porém, declaravam que conheciam de antiga data a portaria de exceção para as bagagens em trânsito — mas que tal não era o caso da loura e altiva inquilina das *Tulherias*. Por este tempo, porém, a Índia penetrou nos artigos graves, e a questão das malas perdeu-se na esbatida penumbra das locais folgazãs. Nunca se averiguou se Madama Bonaparte tinha sido privilegiada delicadamente com uma portaria quase amorosa — ou se aproveitara as disposições de uma portaria qualquer, feita para mim, e para ti.

Se o privilégio se deu — atenda-se bem! — o privilégio não nos escandaliza. E, todavia, temos visto bastantes vezes, estendidas nos balcões da Alfândega, numa desordem impiedosa, toda a traparia obscura que habita as nossas malas! Mas como todo o privilégio pressupõe um mérito, nós queremos indagar qual é o mérito da Sr.ª condessa de Tebas: e procuraremos desde logo alcançá-lo para nós mesmos e para todos os nossos concidadãos — pondo assim a nossa roupa branca, e a roupa branca daqueles que amamos, ao abrigo das instituições!

Ora da Sr.ª D. Eugénia de Montijo, achamos que ela é casada com o assassino de 2 de dezembro, com o deportador para Caiena e para Lambessa, com o destruidor

da riqueza da França, com o comedor das substituições militares, com o esmagador de toda a liberdade, com o escravizador de todo o pensamento, com o bandido que, pelas estradas de Sedan, sacudia a cinza do seu cigarrinho histórico sobre o peito dilacerado da Pátria. Tudo isto distingue sobre a Sr.ª condessa, tudo isto impõe à Sr.ª condessa uma cumplicidade moral... Oh! Sim, meus senhores, bem sabemos! «É uma infeliz, é uma dama, etc., etc.» Tréguas às frases! E vamos direitos aos factos como uma bala justiceira. A pobre Catarina de Médicis era também uma infeliz, e era também uma dama! Lucrécia Bórgia gozava estas qualidades franzinas. M.me de Brinvilliers, feroz devota, não se julgava também feliz, e não era um homem!

A Sr.ª condessa de Teba não se apresenta decerto tão especialmente nociva como estas três espécies: — mas no seu tempo deportavam-se para Caiena, para Lambessa e para a ilha do Fogo, homens cujo único crime era terem servido a república de 48, que Luís Bonaparte tinha também servido! E esses homens eram mandados aos milhares no porão dos navios, esfomeados, vergastados, cobertos de vérmina, a trabalhar nos presídios! E as famílias ficavam dispersas, os filhos na miséria ou na casa de correção, as viúvas nas lágrimas perpétuas. E que fazia, no entanto, a Sr.ª condessa de Teba? A Sr.ª condessa de Teba, esposa e mãe, dançava nas salas das Tulherias, entre o esvoaçar dos tules, aos compassos da rabeca se

Strauss! Se essa devota Bênoiton, leitora simultânea dos manuscritos eróticos de Merinée e das efusões místicas de M.me Swetchine, crê em Deus, nunca terá bastante vida para consumir em bastante penitência!

Tais são os méritos que encontramos na Sr.ª D. Eugénia Montijo. Se foi a eles que S. Ex.ª deveu a delicada vantagem de lhe não serem revistadas as suas bagagens, nada temos que estranhar. Somente pedimos que se declare explicitamente por uma portaria: — «Que alguns crimes cometidos no estrangeiro isentam a bagagem de revista, quando se entra no reino!»

Assim, estamos todos prevenidos, e não custa nada, quando se chega à barra, matar dois ou três grumetes. Com este

documento, o sujeito tem a alta vantagem de não ver amarrotada a goma das suas camisas. Antes de desembarcar, todo aquele que desejar ordem na sua roupa, aproxima-se de um marinheiro ou de outro passageiro, e murmura-lhe com doçura:

— O cavalheiro tenha paciência, mas eu não queria que na Alfândega me desarranjassem as minhas ceroulas, e há de dar portanto licença que eu lhe crave esta navalha no fígado!

Não havendo esta precaução, é triste realmente que um homem, que não goze a vantagem de ter fuzilado o seu semelhante no *boulevard* ou de o ter mandado morrer de febres para Caiena, chegue à Alfândega, e por falta de três ou quatro crimes, veja o pudor das suas peúgas exposto à indiscrição pública.

31

Setembro 1871

Os jornais de Madrid contaram que S. A. R. o príncipe Humberto, todas as noites, em Madrid, ia tomar o seu sorvete a um café onde geralmente se reúnem os italianos. Esta familiaridade, inteiramente contemporânea da *Internacional*, enchia de um júbilo espumante a imprensa monárquica e o dono do estabelecimento. Em Lisboa lia-se isto — e esperava-se o príncipe Humberto, se não como um príncipe, ao menos como um consumidor! S. A., porém, chegou, esteve, partiu devagarinho, em bicos de pés, para não

despertar ninguém, e se tomou café, não teve a inspiração de o tomar no *Martinho!* (Tanto a etiqueta coíbe os instintos mais naturais!)

A população de Lisboa ficou desconfiada, sem saber se a abstenção de S. A. significava economia, se desdém. No primeiro caso queria propô-lo deputado reformista por Vouzela ou Palhares, ficando assim definitivamente acomodada na península a casa de Saboia: no segundo desejaria simplesmente voltar-lhe umas costas democráticas, ficando assim exuberantemente vingado o café *Martinho*.

Calmai-vos, Portugueses, e escutai-nos! A abstenção de S. A. a respeito do café e de outros inefáveis

encantos da Baixa — só significa timidez. Tantos tronos aluídos, tantos reis errantes, tantos palácios onde o musgo nasce, têm tornado a espécie timorata. Um rei, um príncipe, não se afoita assim pelo meio das populações, com a despreocupação de um homem que entra na *Deusa dos Mares*. Os reis hoje passam de largo, cosidos com a parede, tiquetique, em passinho miúdo, colhendo a respiração, olho no povo, olho na porta — como quem passa por um cão de fila que dorme ao pé de um muro de quinta, largamente envolto no sol.

O príncipe Humberto teve estas precauções delicadas: chegou devagarinho, esteve quietinho, partiu escondidinho. E aí está, Portugueses, porque S. A. não foi bater com a ponteira da sua bengala no mármore de uma mesa

do *Martinho* — bradando «genebra a um»!

Que S. A. R. se tranquilizasse, porém! Nós vamos no nosso trigésimo primeiro rei, e ainda não devorámos nenhum. E decerto não iríamos experimentar o dente sobre um príncipe de outras terras! Tínhamos em nossa honra entregá-lo, escorreito e são, ao único país legitimamente autorizado a devorá-lo — o belo país de Itália, *Italia mater!*

Tragar um príncipe alheio seria indelicadeza e esquecimento das boas relações internacionais. Os compêndios de civilidade, Alteza, ensinam-nos que se não mete a mão no prato do vizinho! Sabemos, Alteza, que, quando nos mostram um fruto raro, não é da etiqueta abocanhá-lo, e quando nos mandam um

gentil príncipe, não é polido engoli-lo de um bocado! Podia V. A. passar tranquilo no meio deste doce povo: podia V. A. mesmo ter sido mais afável com os cavaleiros da tourada de Sintra, para quem, dizem os despeitados, V. A. não teve senão charutos abomináveis atirados com mão enfastiada. E creia V. A. que não seria estrancinhado! Portugal sabe respeitar o príncipe do seu próximo. Ser-nos-ia mais fácil, instados pela gula revolucionária, tomar o mesmo Sr. Melício às colheres — o mesmo Sr. Vaz Preto às fatias! Mas cravar o queixai sôfrego num príncipe de Itália, nossa irmã... Nunca! Se tal fizésseis, o Sr. João Félix, lente de civilidade, jamais vo-lo perdoaria, ó Lusos!

32

Setembro 1871

Tréguas por um instante nesta áspera fuzilaria! Numa página à parte, tranquila e meiga, pomos a lembrança de Júlio Dinis. Que as pessoas delicadas se recolham um momento, pensem nele, na sua obra gentil e fácil, que deu tanto encanto, e que merece algum amor. Tal é o nosso mal, que este espírito excelente não ficou popular: a nossa memória, fugitiva como a água, só retém aqueles que vivem ruidosamente, com um relevo forte: Júlio Dinis viveu de leve, escreveu de leve, morreu de leve.

Um só livro seu, um romance, fez

palpitar fortemente as curiosidades simpáticas — *As Pupilas do Sr. Reitor.* Esse livro fresco, quase idílico, aberto sobre largos fundos de verdura, habitado por criações delicadas e vivas — surpreendeu. Era um livro real, aparecendo no meio de uma literatura artificial, com uma simplicidade verdadeira, como uma paisagem de Cláudio Loreno entre grossas telas mitológicas. Era um livro onde se ia respirar.

Júlio Dinis amava a realidade: é a feição viril e radiosa do seu espírito.

Nunca porém se desprendeu do seu idealismo e sentimentalismo nativo. A realidade tinha para ele uma crueza exterior que o assustava: de modo que a copiava de longe, com receio, adoçando

os contornos exatos que a ele lhe pareciam rudes, espalhando uma aguada de sensibilidade sobre as cores verdadeiras que a ele lhe pareciam berrantes. As suas aldeias são verdadeiras, mas são poetizadas: parece que só as vê e as desenha quando a névoa outonal esfuma, azula, idealiza as perspetivas. Nunca um sol sincero e largo bate a sua obra. Tudo nela é velado de névoa poética. Não é que não ame, não persiga a verdade: somente quando a fixa na página traz já a pena toda molhada no ideal que o afoga.

Dizem que os seus livros são memórias, e que ele faz a aguarela suave das paisagens em que viveu, e que personaliza, em criações finamente tocadas, os sentimentos com que palpitou;

daí decerto a realidade que os seus livros deixam entrever, fugitivamente. Mas parece que não fora feliz, e que só ao compassar dos soluços o coração lhe aprendera a bater: daí pois aquelas meias-tintas azuladas e melancólicas em que se move, num rumor brando, o povo romântico dos seus livros, e com que ele procura esbater e adoçar a crueza das realidades humanas que o fizeram sofrer.

Era sobretudo um paisagistas. As suas figuras só servem para dar expressão e vida à paisagem. Os campos, as searas, os montes, as claras águas, os céus profundos, não são nos seus livros a decoração que cerca uma humanidade fortemente sentida: as suas camponesas romanescas, os seus galãs violentos e temos, as meigas figuras de velhos, até as

suas caricaturas — é que foram por ele colocadas assim para poder, em torno delas, erguer com cuidado, árvore por árvore e casal por casal, as aldeias que tanto amava. Há nos seus romances tal descampado, tal eira branca batida do sol, tal parreira onde os gatos se espreguiçam, que tem mais ideia, mais ação, mais vida, que as figuras vivas que em torno se movem.

Depois das *Pupilas do Sr. Reitor* as obras de Júlio Dinis passaram de leve, entregas atenções transviadas. Terá o seu dia de justiça e de amor. À maneira daqueles povoados que ele mesmo desenha, escondidos no fundo do vale sob o ramalhar dos castanheiros, os seus livros serão procurados como lugares repousados, de largos ares, onde os

nervos se vão equilibrar e se vai pacificar a paixão e o seu tormento.

Foi simples, foi inteligente, foi puro. Trabalhou, criou, morreu. Mais feliz que nós, tem o seu destino afirmado, e para ele resolveu-se a *questão*.

Passemos pois... Já do outro lado, para além desta página serena, ouvimos, inumeráveis como abelhas vingadoras, as ironias aladas que, com um rumor impaciente, zumbem no ar!

33

Setembro 1871

«A História é a consciência escrita da humanidade», disse um homem que teve, quando lutava, o segredo das palavras que ficam.

Nós podemos pois dizer, comezinhamente, que a história dos Açores é a consciência escrita dos Açores.

Ora sucede que entre o passado Governo de S. M. e o Sr. Sena Freitas se trocou este contrato:

O País daria ao Sr. Sena Freitas 600$000 reis por ano, bom metal: por outro lado o Sr. Sena Freitas encarregar-

se-ia de pôr em letra redonda, com boa ortografia, prosódia sã, e pontuação certa, a dita consciência dos Açores.

Mal o contrato foi assinado, estalou sobre toda a linha de gazetas uma argumentação indignada. Acusava-se o ministro, escarnecia-se o contrato, estranhava-se o historiador, condenava-se a história — e os mais rudemente batidos eram os 600$000 reis.

Como se diria na Bíblia, o escândalo veio pelos fariseus!

Pois bem, para este contrato, nós só temos bênçãos e flores. E a plebe irrefletida pode ladrar em vão!

Ouvi cá, homens de estreita fé! Se o Sr. Sena Freitas se tivesse decidido espontaneamente, gratuitamente, a escrever a história dos Açores, que

garantia dava ele de fazer um trabalho de poderosa crítica? Que garantia dava de compor mesmo um livro minucioso, erudito, cheio de factos, beneditino? O Sr. Freitas dava apenas a garantia do seu espírito. Mas ai! o espírito dormita, sofre obscurecimentos, caduca — e aí ficava estragada a história dos nossos bem-amados Açores.

Ouvi mais! Se o Sr. Sena Freitas tivesse sido encarregado por este decreto: «Manda el-Rei que o Sr. Sena Freitas seja um grande historiador...» que garantias dava o Sr. Sena Freitas de que havia de criar uma obra original e profunda? O Sr. Freitas dava só a garantia da sua obediência ao seu Rei. Mas ai! ai! a obediência aos reis pode fazer concessões — ou piruetas. Que amanhã, *quod Deus*

avertat, se proclamasse a República — e vós ficaríeis sem história e sem Freitas, ó Açores.

E agora respondei! Preso por um contrato, ligado por uma escritura, não dá o Sr. Sena Freitas a garantia suprema, a garantia da sua honra? Obrigou-se por um contrato a ser um grande historiador, tem portanto toda a sua dignidade empenhada em ser — um grande historiador!

Podia S. Ex.ª, por exemplo, não possuir outra aptidão senão escrever folhetins; podia não dispor de crítica, nem de método; podia não fazer ideia do que é a ciência histórica e a filosofia da história; podia não ter elevação de pensamento, nem estudos especiais; podia não ter estilo nem gramática — embora! Estamos descansados. S. Ex.ª obrigou-se

por um contrato a ser um grande historiador. S. Ex.ª é um homem honrado! S. Ex.ª será um historiador grande! Acreditamos em S. Ex.ª? Conhecemos S. Ex.ª. Se S. Ex.ª houvesse contratado com o Sr. Ávila que seria, a 600$000 reis por ano, um poeta maior que Vítor Hugo, S. Ex.ª (temos a inteira certeza), trabalharia, lutaria, compraria um dicionário de rimas, consultaria o Sr. Vidal, mas seria um poeta maior que Vítor Hugo. Se S. Ex.ª tivesse contratado ser um candeeiro do Rossio, S. Ex.ª cumpriria com valor o seu contrato — e seria um nobre candeeiro do Rossio!

Sua Ex.ª contratou! A fé jurídica não admite conciliações. Sempre queríamos ver agora que S. Ex.ª se atrevesse a não ser um grande historiador!

Em Portugal há tribunais. Nós seguiremos o trabalho de S. Ex.ª, página por página, e quando S. Ex.ª não for admirável, como crítica, como ciência, como forma, requeremos à Boa Hora: — «Que, em virtude do contrato de tantos de tal, seja o Sr. Sena Freitas citado para, no prazo de vinte e quatro horas, ser sublime a páginas tantas da sua obra sobre os Açores!»

O contrato não foi escrito e registado para que os Açores tenham um historiador medíocre!

Sobre o Sr. Sena Freitas pesa desde hoje a responsabilidade de ser sublime. S. Ex.ª é um rapaz inteligente e espirituoso. Não basta, tem de ser um grande homem! Contratou para isso, tem de o ser! Cara alegre e espírito desafogado! É para ali!

Ah! Queria talvez ganhar 600$000 reis e não ter o trabalho de ser um historiador como Michelet! Há de sê-lo! Já não lhe é permitida a obscuridade, nem a mediocridade! Queira ou não, tem forçosamente de ser um génio! Nem uma só vez mais na vida lhe é concedido o doce desafogo de não ter gramática! Há de ser maior que Guizot, arranje as coisas como quiser! E se recuar, se se eximir, se hesitar, a Boa Hora lá está que, de contrato em punho, e brandindo as contas do processo, o obrigará à força — a ser um homem imortal!

Em Portugal só assim se podem alcançar grandes homens! É obrigá-los por um contrato. Ah! se o Governo tivesse contratado com o senhor A que ele fosse, a tanto por mês, um dramaturgo maior que

Shakespeare — não teria o País a vergonha de confessar que o senhor A é um dramaturgo inferior a Guilbert de Pixerecourt! Se o Governo tivesse contratado com o senhor B, que ele fosse um homem de Estado como Pitt — não passava a Pátria pelo vexame de ver que o senhor B é, como político, ainda inferior a Sancho Pança, rei de Baratária! Que significa, num país culto, abandonar assim os homens à sua iniciativa? Que intento é este de deixar a cada um a liberdade de ser medíocre? O Português só poderá ser inteligente obrigado por um contrato, forçado pelos tremendos laços da lei, amarrado de pés e mãos!

Que o talento seja imposto como o serviço militar! Recrutem-se soldados para Caçadores 5, mas recrutem-se

também génios para Vila Nova de Gaia! Porque não temos um poeta épico? Que faz o Governo? Quer desleixar a epopeia, como desleixa a fazenda? A Pátria precisa de grandes homens — fulminem-se penas severíssimas a quem não for grande homem!

É forçoso confessá-lo! O País está embrutecido, mas a culpa vem dos poderes públicos. Que se decrete que todo o cidadão válido deve ao seu país, além da décima — um soneto! Que todo aquele que tenha de mostrar documentos, seja adstrito a apresentar, além da *ressalva* e da *folha corrida* — um artigo de almanaque! Haja o génio obrigatório! E o País florescerá, e poderemos definitivamente esperar que em Mato Grosso comece enfim a fazer impressão

— a grande civilização lusitana!

34

Setembro 1871

Andávamos inteiramente esquecidos da Índia! Uma clara manhã ela aparece violentamente no meio de nós, envolta num telegrama do senhor visconde de S. Januário. Por essa ocasião muito bom português se admirou que a Índia ainda fosse nossa!

Ela saíra, havia muito, das pompas solenes do artigo de fundo. Quase não aparecia nos orçamentos. Obscura, velha, arruinada, dobrada sobre si mesma, todos a supúnhamos unicamente ocupada, nas brumas distantes, a comer o seu arroz! A notícia de que ela ainda tinha vitalidade

bastante para se revoltar — espantou! A certeza que ainda ali havia soldados, cidadãos, fortalezas, interesses, telégrafos — quase aterrou!

Uma vez que a gloriosa Índia ainda existia, era necessário que a respeito dela existisse o correspondente *brio patriótico.* Sacudiu-se o *velho brio patriótico* do pó e da caliça — e cada um envergou o *velho brio patriótico!*

Começou então o movimento. A Baixa teve os seus alvitres heroicos. Os jornais perfilaram de novo, em parada, as frases solenes, de peruca e rabicho, que celebram num ritmo dormente o alto amor da Pátria. Meteu-se na mão do senhor infante D. Augusto uma espada — condicional. A própria *Estefânia*, comovida, venceu os nervos e a preguiça,

e partiu, cheia de mobília e de brio, a salvar o mapa das possessões...

Nós, entretanto, ríamos.

Oh, Santo Deus, não era ceticismo, não! Como outros quaisquer, mais que outros quaisquer, amamos este pobre e velho Portugal! Mas sabemos, meus dignos senhores, que uma revolta militar na Índia é alguma coisa tão extremamente insignificante e efémera como um *meeting* civil no reino.

O grosso do exército da Índia é composto de indígenas — *mouros*, *canarins*, *banianos e gentios*. Estes nomes melodiosos designam castas; e as castas na Índia conservam ainda todo o seu velho e irreconciliável separatismo. As castas desprezam-se, guerreiam-se, e nunca absolutamente se fundem. Quase

não se comunicam. Se um *baniano* toca a púcara de barro poroso de um *canarim*, o *canarim* espedaça num cunhal a púcara desventurada! Estas hostilidades, nada as dissipa: nem as promiscuidades inevitáveis da caserna, nem os rigores igualitários da disciplina. De sorte que o exército, formado destes elementos antipáticos, que se não unem, que se amaldiçoam, e onde apenas o contacto material dos ombros na fileira — não tem unidade nem coesão.

Além disto, todas as castas têm hábitos fatais, horas impreteríveis. Está o soldado gentio de guarda: se chega a hora do seu arroz, e não lho trazem — ele pousa tranquilamente a espingarda, cruza as mãos atrás das costas, e vai ao quartel ladrar contra o rancheiro; se chega a hora

da ablução, atira a arma para um canto, e corre, aos pulos, a acocorar-se à beira do mar! E não há severidades, não há castigos, que alterem estes hábitos orientalmente fatais.

A oficialidade deste exército compõe-se pela maior parte de portugueses nascidos na Índia — *mestiços, castiços ou descendentes*. São os filhos de antigos degredados, de velhos bastardos da fidalguia indiana, de oficiais expedicionários, etc. Além destes oficiais nativos — há os oficias europeus, mandados do continente, os expedicionários. Estes, por altos motivos que só os grandes homens de Estado como o Sr. Barros e Cunha podem saber, têm um soldo maior que os oficiais índios. Ora os oficiais índios, com um zelo pelas *rupias*

extremamente compreensível, quereriam ter um soldo igual aos oficiais que vão de Portugal. Por consequência requerem. (Têm a ingenuidade asiática de requerer!) Mas quando desesperam dos despachos da Pátria, permitem-se, como uma variedade mais ruidosa, uma certa porção de revolta! Levam alguns batalhões para a rua e soltam o *babadé*. O *babadé* é um *ah! ah! ah!* prolongado, uivado — cortado pela mão espalmada que bate rapidamente sobre a boca. Tais são as revoltas da Índia, ó concidadãos timoratos!

Para conter este elemento indígena, que meios tem o Sr. governador-geral? Diz-se que o Sr. governador-geral, para defesa dos grandes interesses portugueses, dispõe da guarda municipal.

Essa guarda foi de todo o tempo

composta de soldados portugueses, a que os índios chamam *paquelós*. Os portugueses que vão servir como funcionários são considerados aristocracia, e chamam-se *fringuis*. Na Índia o Sr. Melício seria um *fringui!*

Esta guarda foi sempre segura, fiel e valente. Somente, hoje, tem a qualidade lamentável das legiões de Varo: — já não existe! A Pátria distraída esqueceu-se de renovar os *paquelós:* e a Morte, com um desdém pelas nossas possessões que nunca lhe censuraremos bastante, foi-os levando, e *paqueló* após *paqueló* destruiu na Índia todo o poder lusitano. Hoje duas ou três companhias de *mouros* compõem a guarda fiel: estes pobres mouros arrastam na vadiagem os sapatos rotos, e estimulam o seu entranhado patriotismo com

aguardente de banana, bebida alucinadora que leva à caquexia! — O que hoje há, pois, nessa Índia gloriosa e tradicional, para policiar e sustentar o poder português, é um bando de mouros sujos, idiotas, e bêbedos de aguardente!

Pois bem! Ainda assim uma revolta na Índia não tem seriedade. E o motivo é que os oficiais, que, para terem maior número de rupias no seu soldo, tentaram uma revolta, veem-se, realizada ela, singularmente embaraçados. Veem-se sós.

Em primeiro lugar os soldados não vão por um impulso próprio. Divididos em castas, fracos, ignorantes, odiando-se, sem terem interesse comum ou vontade comum — vão unicamente porque os seus oficiais, no primeiro

momento, lhes mandaram que fossem. *É mesmo assim* — como eles dizem. Se contra eles, porém, se apontar uma espingarda fiel — como estão ali, não em virtude da revolta sua, mas por obediência à revolta alheia — dispersam.

E depois, os oficiais revoltados não têm rancho para lhes dar. O povo conserva-se indiferente, sem adesão, sem simpatia. Os que possuem alguma *rupia*, nesses dias enterram-na; os que têm arroz ensacado, escondem-no. Ninguém confia uma *para* a um oficial revoltado. Ao segundo dia de desordem, quando chega a hora do rancho, os oficiais só têm a dar aos soldados — palavras de entusiasmo! Os soldados (nunca podemos compreender por quê) preferem o arroz à retórica; e começam a debandar.

Além disso no exército índio não há pólvora, nem munições... Quase não há armas!

Por outro lado, à mais pequena insurreição, a disciplina já famosamente diminuta, desaparece, sem pudor nenhum; e as diversas castas aproveitam os vagares da revolta — para se espancarem com fervor.

Acrescente-se que os oficiais da Índia não têm instrução, nem tática; não são capazes de ordenar uma marcha hábil, de formar um campo entrincheirado, de darem um apoio estratégico à revolta.

Ao fim de dois dias de gritos e de *babadé* — acham-se nesta situação triunfante: sem ponto de apoio, sem adesões, sem rancho, sem munições, sem dinheiro, sem disciplina. Se o

governador-geral faz sair um bando que, ao som do tambor, propõe a amnistia, cada um solta um *ah!* de satisfação e de alívio, e volta para o seu quartel! Ainda tendes medo, patriotas da Arcada?

E não se deve esquecer ainda esta circunstância: o índio das nossas possessões é de uma debilidade gelatinosa.

Anémico, miudinho, assustadiço, consumido pelo sol, mal sustentado de arroz, o índio cai de bruços com uma carícia no rosto, e morre com uma palmada na espinha. É uma fraqueza comprometedora. As pessoas inexperientes e impacientes fazem um prodigioso consumo de índios. Um empurrão, e o índio tomba — na eternidade. Não há talvez desembargador

algum em Goa que não tenha, com a sua mão grave e jurídica, assassinado um índio! Dá-se uma pancada leve no ombro do índio — ele cambaleia, suspira, nesse dia come pouco, no outro estende-se ao sol a gemer, começa a beber muita água, e morre.

Depois, o soldado índio, mal ouve o nome de *paqueló* — treme. Aí vem o *paqueló* — foge! Vê o *paqueló* — atira-se de bruços, já moribundo.

Há tempos, em Mapuçá, um regimento de 400 praças revoltou-se. Sai para a rua e vem fazer *babadé* para defronte da casa do comandante. O comandante, à janela, em chinelas, tomava café, e entre os goles, vagarosamente sorvidos, exclamava para o regimento insurgido:

— Ah! Vocês revoltaram-se?

Depois para dentro, ao criado:

— Mais açúcar!

E continuava:

— Bem, eu já vos falo. — Uma colher! — Assim é que estais disciplinados, velhacos? — Dá cá o cachimbo! — Ora deixai estar que os *paquelós* aí vêm! — Lume!

O regimento hesitava. Nisto aparece, numa pequena elevação, a distância, o tenente Bruno de Magalhães, que vinha, com 20 *paquelós*, bater os 400 revoltosos. Os 400 revoltosos, só com ver ao longe os 20 *paquelós*, debandaram aos gritos. Nem mesmo se chegou nunca a saber porque se tinham revoltado!

Porém, ó homens de Estado, podeis dizer-nos:

— Mas se a Inglaterra meter lenha para o forno?

A Inglaterra? No dia, meus senhores, em que a Inglaterra mandasse um soldado à fronteira da Índia Portuguesa — todo o território índio, *mestiços*, *canarins*, *descendentes*, todas as castas, todas as fraquezas se levantavam num ímpeto. Povo e tropa na Índia tudo querem — menos o Inglês.

O povo não quer o Inglês — porque no nosso regime ele vive na ociosidade, no desleixo, na sua imundície querida, na sua bem amada traficância: e se fosse inglês, o sipaio viria obrigá-lo, a golpes de *curbach*, a ser policiado e a ser trabalhador.

E o soldado índio detesta o Inglês — porque, sob o nosso regime, ele pode

subir os postos até major; e sob o regime inglês não subiria nem a cabo!

Aí está a razão por que uma revolta na Índia não tem valor, e porque foram tão supérfluos os vossos fervores patrióticos!

No entanto, é indispensável que estes sustos acabem! O País está débil e fraco, e estas comoções matam-no. Há pouco Macau, agora a Índia! Que as colónias nos deixem respirar! Que se revoltem, sim, mas com intervalos, sem acumular. Que se abra mesmo um registo no ministério da Marinha. Em setembro de 71 revoltou-se a Índia? — Pois bem, só em setembro de 1872 será permitido que Timor se subleve.

A Índia não nos serve senão para nos dar desgostos.

É um pedaço de terra tão escasso que se anda a cavalo num dia. As pequenas povoações caem em ruína e em imundície; não há nelas movimento, nem iniciativa; a única cultura é o arroz, que exportam a 5 para importar a 8; a única indústria, fazer *olas*, que são os encanastrados de palmeira com que se erguem os *pacaris*, alpendres coloridos e frescos que sombreiam as janelas; não existe nenhum comércio; os tributos esmagam; dois ou três homens ricos, Jossy e mais dois, que se veem nos patins, descalços e encruzados, comendo o seu arroz com a mão, têm o dinheiro enterrado, e quando se lhes garante um forte juro, cavam e emprestam; as escolas são uma ficção grotesca; as estradas são a espessura do mato; a higiene é feita pelos

cães que lambem as imundícies na rua; a polícia é feita por cada um com o seu *bambu;* uma intriga sórdida e rastejante agita indígenas e europeus; o deboche tem o ardor do clima; os soldados embebedam-se com aguardente; e no entanto velhos pardieiros, que se esboroam às mordeduras do sol, esconderijos de corvos, lembram as nossas glórias e alastram o chão de caliça. Tal é a Índia Portuguesa.

Noutro número das *Farpas*, lembrámos, a respeito das colónias, este grande melhoramento — vendê-las! Ocorre-nos outro ainda maior a respeito da Índia — dá-la!

E quanto a glórias nacionais, contentemo-nos com o barítono Lisboa e com o Sr. Arrobas — e é já glória

bastante!

A única coisa por que conservamos a Índia, é por ser uma glória do passado. Oh! meus senhores, também D. João I é uma glória, e nós não nos conservamos abraçados à sua sepultura, soluçando e gemendo.

O passado é belo e heroico — bem: quando o passado pretende antepor-se aos interesses do presente, o passado é caturra! Seria verdadeiramente impertinente que uma rosa murcha tivesse a pretensão de andar na *boutonnière* da nossa sobrecasaca: que uma pomada rançosa do ano passado ousasse querer anediar os nossos cabelos: e que o esqueleto da mulher amada tentasse ainda dar-nos beijos!

Se podemos vender a Índia aos

Ingleses, vendamos a Índia, por Deus! E quanto às glórias de Dio e de Damão, se elas se querem conservar na história e na pompa da epopeia, quietinhas e caladinhas, terão a nossa consideração. Mas se, quando se trata de negociar, elas se interpuserem com recordações importunas, dir-lhe-emos insolências, e desejaríamos dar-lhes coronhadas. Fora daqui, caturras! Voltai para o sepulcro e para o pó das crónicas!

D. João de Castro, hoje, não serve senão para os rapazes de latinidade fazerem temas na província. Tem paciência, glorioso varão! Sobre as tuas soberbas façanhas, o nosso tempo científico, positivo e racionalista, não tem senão a dizer-te: — «Cumpriste sublimemente, meu velho D. João, os

deveres do teu tempo segundo as ideias do teu tempo. Dorme agora quieto o teu grande dormir; e deixa que nós, segundo as ideias do nosso tempo, cumpramos os deveres do nosso tempo!»

35

Outubro 1871

Saíamos do *Antony*. Um pouco adiante de nós, subindo a Rua Nova do Carmo, vinham conversando dois espanhóis, espadaúdos e robustos. No alto da rua, ao fundo do Chiado, alguns fadistas, num grupo ruidoso, tocavam guitarra.

Quando os dois espanhóis passavam, os fadistas romperam a chasquear e, para variar um pouco os seus prazeres, esbofeteiam um espanhol. O outro então, surpreendido, ergue a mão, e, com um vigor castelhano, dá em redor algumas bofetadas sonoras e fulminantes

que fizeram rolar na lama os magros tocadores de guitarra.

Nisto uma patrulha que descia o Chiado, vem pé ante pé, faz um cerco, e tomando as espingardas pela coronha, começa por atirar às costas do espanhol uma pancada horrível, que o deixa rendido, sufocado, a arquejar. A esse tempo já um fadista gania, escalavrado, sob outra coronhada municipal. Ninguém foi preso. Um dos soldados, depois, queixava-se de ter *escangalhado a arma!*

Respeitemos, submissos, este processo policial.

O redator de um dos mais vivos jornais de Lisboa contava-nos pouco depois, na redação, que vira na véspera alguns polícias, diante de um homem com um acidente, tratando de lhe fazer voltar

os espíritos à força de pontapés na cabeça: o homem rebolava no chão; os polícias então davam-lhe pontapés no estômago. Talvez a Medicina não siga inteiramente este sistema de curar acidentes: no entanto a polícia tem essa opinião terapêutica, e nós não podemos contestar a ninguém o direito de divergir, em questões de ciência, da Escola Médico-Cirúrgica. O acidente tratado pelo espancamento é uma teoria. É boa? É má?...

Em todo o caso é respeitável.

Somente nos parece que, visto a polícia possuir este método específico, que ela decerto julga proveitoso porque o usa, não lhe poderia custar muito um pequeno trabalho a mais — e o Governo deveria encarregá-la de tratar os cidadãos

enfermos. Poupávamos assim a despesa com a Escola de Medicina. Quando alguém se sentisse doente, chamava da janela o polícia da esquina; e este benemérito, depois de tomar o pulso e reconhecer a autenticidade do mal, arregaçava a calça, mandava pôr o doente em posição, e escalavrava-o a pontapés!

Uma economia paralela nos ocorre a respeito da municipal. Coronhadas como as que vimos estalar, com um som baço e gemente, nas ilhardas de dois cidadãos, podem muito naturalmente matar um homem fraco, que sofra do peito, de uma lesão, de um aneurisma, de um vício de construção. Ora não queremos dizer que a patrulha não tenha a faculdade de matar, à coronhada, os cidadãos que destranquilizam as ruas!

Seria esse mesmo o meio mais eficaz de estabelecer na cidade uma paz inalterável. O cidadão estendido morto, com a espinha partida ou o crânio aberto, aos pés do municipal, dá garantias superiores do seu sossego e da sua cordura. É decerto a melhor maneira de fazer entrar um cidadão na ordem — é fazê-lo entrar no cemitério.

Mas então (economia!) suprimamos os tribunais. Recolha-se definitivamente a magistratura ao seio das suas famílias e das suas torradas. Não é necessário que haja juiz para julgar os cidadãos — quando a municipal previamente se encarrega de desfazer esses cidadãos às coronhadas! O mais subtil magistrado ficaria pálido de embaraço se lhe apresentassem o corpo

despedaçado de um desordeiro — para ele lhe fazer perguntas! E como poderia um cadáver pagar a multa? Poupemos à justiça estas colisões vexatórias!

36

Outubro 1871

O *Diário de Notícias*, jornal que tem imposto aos seus correspondentes o hábito das informações escrupulosas e sérias, inseria ultimamente uma carta de Gouveia em que era narrado este caso:

«Um marido matara a sua mulher, partira-a aos pedaços, fora preso, e condenado...»

Reparem bem! «É condenado... a varrer as ruas de Gouveia!»

De modo nenhum queremos limitar os maridos no direito de decepar suas mulheres. São miudezas domésticas em

que não intervimos. Nunca se dirá que as *Farpas* se arrojam indiscretamente sobre o seio das famílias. Que os maridos, quando lhes convenha, para melhor organização do seu interior, partam suas mulheres aos pedaços — coisa é que nem nos escandaliza, nem nos jubila! Talvez não imitássemos esse exemplo: não por nos parecer fora das atribuições maritais, mas por se nos afigurar excessivamente trabalhoso o partir aos bocadinhos uma consorte estimada! E entendemos que, quando um marido se sinta dominado pelo desejo invencível de partir alguma coisa — é mais simples ir à cozinha trinchar o rosbife, do que à alcova retalhar a esposa!

Não nos espanta também o castigo infligido pelo meritíssimo juiz de Gouveia. Nós não temos a honra de

conhecer Gouveia. O código, é certo, marca uma pena diversa, não prevendo esse castigo de varrer as ruas de Gouveia — de resto todo local. Mas quem sabe se não será uma tremenda penalidade — o limpar as ruas de Gouveia! Talvez mesmo o juiz — por lhe parecer insuficiente o degredo perpétuo — rompesse no excesso arbitrário de entregar aquele facínora ao suplício imenso de limpar as ruas da sua vila! Bem pode ser que aquele marido esteja cumprindo uma sentença pavorosa, e que o devamos lastimar mais que os infelizes que S. M. Alexandre II da Rússia (que Deus guarde e muitos anos conserve em prosperidade e glória) manda trabalhar, ao estalo do chicote, nas minas de Orilieff! A imundície da província tem mistérios. Limpar as ruas de Gouveia será

talvez a pena que de futuro adotem, em substituição da pena de morte, os códigos da Europa. Que grande honra, meus amigos, para a sujidade nacional!

Mas uma coisa nos ocorre: — e é que, de ora em diante, varrer as ruas deixa de ser um emprego municipal, e começa a considerar-se uma pena infamante. E pode acontecer que os senhores varredores de Lisboa — não querendo, por uma suscetibilidade exagerada, passar por terem assassinado suas esposas, deponham com gesto de desdém o cabo das suas vassouras nas mãos atarantadas da câmara municipal! Por outro lado, dada esta *greve*, nenhum cidadão se quererá incumbir de limpar as ruas. Há gente tão meticulosa, tão escrupulosa, que embirraria que os vizinhos a suspeitassem

de ter empregado o trinchante na pessoa da sua consorte. A única pessoa que afoitamente ousaria varrer as ruas seria aquela de quem não se pudesse suspeitar um crime, aquela que fosse pela lei, do Reino declarada irresponsável. Ora há só uma neste caso. É o chefe do Estado. Esse é o único que poderia varrer as ruas sem que ninguém se lembrasse de pensar que ele andava ali, às vassouradas, por sentença de um tribunal. Esse é irresponsável; não comete crimes, nem sofre penas. Mas seria realmente atroz que S. M. se visse obrigado, depois do teatro, a ir, por essas vielas, melancolicamente seguido da sua corte, levando, de vassoura em punho, adiante de si, em nuvens de poeira, a imundície dos seus vassalos!

Que a justiça, pois, nos esclareça sobre estes pontos: se limpar as ruas é uma penalidade nova, e se, a troco de quatro vassouradas, qualquer cidadão pode ter a vantagem de espatifar sua esposa: se a imundície especial e pavorosa das ruas de Gouveia torna realmente essa pena igual à de degredo: ou se o Sr. juiz de Gouveia entende que matar a esposa é ato tão meritório que merece um emprego remunerado pela câmara. Esperamos, modestos e respeitosos, as respostas dos poderes públicos.

37

Outubro 1871

Alguns jornais contaram este mês, com uma indignação ingénua, que na devota cidade de Braga alguns missionários vendiam aos fiéis *cartas inéditas da Virgem Maria*. Estas cartas, segundo parece, eram dirigidas, umas a personalidades dos tempos evangélicos — outras, mais particularmente, a cidadãos de Braga. Corre que os editores desta correspondência inesperada da Mãe de Jesus tiveram um ganho excelente.

O comércio da relíquia piedosa é a ocupação usual dos senhores missionários. Um sábio professor da

Universidade de Coimbra contava-nos, há pouco, que presenciara em Trás-os-Montes uma singular agudeza:

Um missionário chegou ali com grande bagagem de *rosários*, *contas*, *sudários*, *pedaços do santo lenho*, *fragmentos da túnica*, etc. Mas o desleixado, o imprudente, não trazia caixeiro! De tal sorte que teve de se contentar com dois que lhe forneceu um negociante de panos. Estes dois hábeis vendedores a retalho, colocados à porta da igreja nas tardes de sermão, diante de tabuleiros de feira, enfeitados de toalhas bordadas e cheios de relíquias, dirigiam ativamente o seu negócio pio. Quem entrava na igreja comprava com devoção. E no entretanto o missionário no púlpito trovejava. — Contar aqui o que ele

declamava no seu vozeirão labrego não o podemos — para que estas páginas não venham a ser consideradas tão picantes como as das memórias de *Faublas*.

No entanto uma inquietação atormentava este varão pio. Não sabia a conta exata das relíquias que dera aos caixeiros, e punha neles uma confiança pouca evangélica! De modo que tomou este expediente triunfante. Ao fim de cada sermão, clamava:

— Agora vão-se benzer as relíquias! Quem tiver rosários de Nossa Senhora, erga-os ao ar!

Os fiéis que se tinham provido daquela espécie levantavam-na com fervor. O missionário então, como absorto em êxtase, contava com os olhos, rapidamente, a voo de pregador, os

rosários. Depois abençoava-os. Passava em seguida, pelo mesmo processo extático, à contagem das outras relíquias. E quando saía da igreja conferia os seus apontamentos mentais do púlpito com os resultados monetários da porta. Os caixeiros eram honrados, e este homem fez um bom lucro. Que Deus o proteja, e a polícia o não incomode!

Nós achamos tudo isto extremamente regular. Somente desejamos saber:

Se os senhores missionários são exclusivamente negociantes, que, de passagem e por de mais, também pregam sermões;

Ou se são sacerdotes que, para se ocuparem em mais alguma coisa, também fazem negócio.

No primeiro caso, sendo negociantes que por de mais pregam sermões, achamos perfeitamente inútil que, depois de terem feito o seu comércio, queiram mostrar a sua eloquência. Um negociante que, depois de nos vender uma peça de linho, nos recitasse uma ode da sua lavra, seria aleivosamente impertinente. Julgamos pois dispensável que os senhores missionários, tendo recolhido na praça o seu ganho, subam ao púlpito a exalar a sua retórica.

Que andam eles fazendo? Andam espalhando a palavra de Deus? — Mas então, se existem em Portugal vilas ou aldeias não convertidas ao cristianismo, em que pensa o Governo que não manda a suas hostes rechaçar o infiel? Bajoica de Riba é moura? Expulse-se de lá o

adorador de Mafoma! Mas se Bajoica já é cristã e católica, que têm que fazer lá os missionários? Os antigos padres das missões, educados na tradição apostólica, iam à China, ao Japão e à Índia, em viagens maravilhosas, ensinavam o Deus novo, e morriam nos tormentos. Estes senhores que vão fazer agora em diligência a Tondela, ou em ónibus a Mafra? Não possui cada freguesia o seu pároco, as suas prédicas, as suas missas, o seu culto? Se os missionários não vão lá senão ensinar a religião que lá se prega, são evidentemente inúteis: se vão ensinar uma religião nova, que a polícia e o Estado os condene, porque não é permitido alterar a religião do reino.

Fugi a isto, doutores de teologia! E se os senhores bispos entendem que é

necessário que os missionários fortaleçam a fé enfraquecida das freguesias — então que se dirá de SS. Ex.as Reverendíssimas? Porque consentem SS. Ex.as nas suas dioceses um clero colado tão incompetente que assim deixa enfraquecer a religião, e que torna necessário que, para a restabelecer, ande constantemente percorrendo o País um clero errante? — Parece-nos pois inútil que os senhores missionários, depois de terem feito o seu negócio, preguem os seus sermões.

Se porém, na hipótese do segundo caso, eles são sacerdotes que acumulam um pequeno negócio de relíquias, então uma coisa grave se apresenta:

Todo o negociante que atribui ao objeto que vende uma qualidade superior, para o fazer valer, usa de fraude, e está

incurso nas penalidades da lei.

A lei, que não pode impedir a simplicidade e a credulidade, põe-na ao abrigo dos exploradores. Ainda há pouco um homem que vendia camisolas de malha vermelhas, declarando que elas tinham o privilégio de curar repentinamente o reumatismo mais rebelde, foi devidamente autuado e multado.

Por consequência todo o missionário pode descer do púlpito, e vir para a praça vender rosários, imagens, litografias de santos, etc. Está no seu pleno direito civil. Mas se, servindo-se da sua autoridade sacerdotal, esse homem afiança do púlpito, invocando Deus e sob a garantia da sua missão religiosa, que essas relíquias lhe foram entregues por um anjo, e curam as doenças, fazem voltar ao

amor os maridos distraídos, saram a esterilidade, livram de tentações, e que recai um castigo sobre quem as não compra — esse homem atribui ao seu ramo de comércio um valor sobrenatural, e vende como relíquia vinda do Céu uma quinquilharia de Braga. Cai pois, como negociante fraudulento, sob os rigores da polícia!

É lógico. Os jornais liberais dirão que esse homem lança a multidão num fanatismo animal; substitui o respeito de Deus pela adoração imbecil de emblemas; faz da absolvição divina uma especulação própria; conduz os homens à idolatria! Nós colocamo-nos no ponto puramente legal: — Esse homem, diremos, é um negociante fraudulento.

Todos aqueles que têm observado

as missões e a venda de relíquias, sabem, além disso, que a certeza principal que se dá aos devotos — é que a relíquia comprada os absolve de antemão de todo o pecado.

De modo que o cidadão, depois de pagar e meter na algibeira a sua relíquia (rosário, lasca de lenho santo, pedaço de sudário, bocado da túnica da Virgem) julga-se na graça de Deus e na permissão de toda a fantasia! Daí por diante pode altercar na taberna, espancar o vizinho, maltratar a mulher, roubar quem passa: não tem ele bem guardada no peito a relíquia que o absolve, que lhe salva a alma?

Assim, com um mesmo ato, o missionário que prega e vende — infringe a lei comercial e contraria a lei civil. E

estes males são ainda bem menores que os que ele faz à lei moral!

38

Outubro 1871

Cidadãos! Vejamos um pouco a nossa diplomacia.

Queixava-se há tempos o excelente *Jornal da Noite* que o Governo não publicasse os relatórios dos seus diplomatas, ministros, encarregados de negócios, secretários, etc. Ingénuo *Jornal da Noite!* É o mesmo que censurar que se não fotografem os baixos-relevos — de uma parede lisa. Que quer o distinto redator do *Jornal da Noite* que o Governo publique? A diplomacia só tem a oferecer, como resultado dos seus trabalhos há vinte anos, o seu papel almaço — em

branco. Se os nossos diplomatas quiserem um dia remeter para Portugal, em consciência, devidamente empacotados, os documentos do que nas suas missões criaram, organizaram, pensaram, trataram — a secretaria encontraria espantada, ao abrir o pacote:

Um montão de luvas *gris-perle* em mau uso!!

Se a esses cavalheiros que têm sido ministros e encarregados de negócios em Londres, em Berlim, em Paris, em Madrid, em Bruxelas, em Estocolmo, em Sampetersburgo, em Milão, em Roma, no Rio de Janeiro, em Viena de Áustria, em Washington, com os seus secretários de embaixada, os seus adidos, os seus ordenados, despesas de representação, despesas de expediente, despesas

secretas, etc., uma voz impertinente perguntasse: — «Como têm VV. Ex.as desempenhado as suas missões? Que tratados vantajosos têm alcançado para o nosso País? Que estabelecimentos portugueses têm lá favorecido? Que serviços internacionais têm regularizado? Que relações sólidas e proteções valiosas têm obtido para a nossa pequenina nação? Que estudos têm feito sobre a organização e instituições desses países? Em que sábios trabalhos as têm aconselhado para nosso progresso? Que conhecimento têm dado aos estrangeiros das nossas instituições, do nosso comércio, da nossa ciência? Etc.? Etc.?» — SS. Ex.as a tais interrogações ficariam pálidos de surpresa! Os nossos diplomatas inteiramente ignoram que estes sejam os

seus encargos. Nenhum curso lhos ensinou, nenhuma lei lhos incumbiu. Eles seguem a velha tradição de que a diplomacia é uma ociosidade regalada, bem convivida, bem comida, bem dançada, bem *gantée*, bem *voiturée*, com bons ordenados e viagens pagas. Estão ali para serem diplomatas na gravata — e não para serem diplomatas no espírito: e achariam um abuso inclassificável que os tivessem nomeado para marcar o *cotillon* e no fim lhes exigissem relatórios. SS. Ex.as entendem que o país está bem representado desde o momento em que o seu colarinho é irrepreensível... E todavia SS. Ex.as estão representando uma nação — e não uma camisaria! Se SS. Ex.as vão unicamente encarregados de mostrar aos países estrangeiros a excelência dos

nossos alfaiates — então o País não é o interessado, e o Sr. Keil que lhes pague! Se SS. Ex.as têm apenas por missão mostrar lá fora como o País dança bem, entendemos que SS. Ex.as prestam melhor serviço na sua pátria; e não ousando pedir ao Governo que os faça recolher à secretaria, pedimos aos Srs. Valdez e Cassoul, empresários de S. Carlos, que os façam recolher ao corpo de baile!

O País conhece bem a nossa diplomacia: já a viu à luz da rampa, a um rumor de orquestra: já riu com ela, já lhe bateu as palmas: ela aparecia, esplendidamente real, na corte grotesca de S. A. a grã-duquesa de Gerolstein, poderosa princesa em três atos. Era o barão Grog. O barão Grog, não se lembram? Somente a nossa diplomacia

não usa rabicho, e curva-se com menos elegância. E o barão Grog conspirava! Os nossos nem sequer conspiram! Ele tinha graça, os nossos são lúgubres! Ele só nos custava um bilhete de plateia, os nossos custam-nos infinitos contos!

Evidentemente na organização da nossa diplomacia vamos seguindo um caminho imprevidente.

As habilitações que se exigem de um cidadão devem estar em harmonia com os serviços que se esperam dele. Não se requer, dos que pretendem ser lentes do Curso Superior de Letras, que apresentem certidão de saber dançar dignamente o cancã. Ora se a missão de um diplomata é comer bem, dançar bem, vestir bem, parece-nos inútil que se lhe peçam provas de que conhece o direito internacional e a

história diplomática! O mais trivial bom-senso ordena que ele seja examinado simplesmente em pontos como estes:

Maneira mais própria de pôr a gravata branca, e suas divisões;

Método mais fino de comer a ostra; princípios gerais; aplicações;

Da valsa: teorias; questões principais; exemplos; etc.

Assim suponhamos que algum dos nossos mais nobres «vultos políticos», o Sr. Braamcamp, por exemplo, pretende uma embaixada. Autorizam-no a isso a sua experiência e o seu critério. Que se lhe dê! Mas que antecipadamente S. Ex.ª seja examinado na secretaria dos estrangeiros por um júri competente e reto:

Tenha V. Ex.ª, Sr. Braamcamp (dirá o júri), a bondade de se sentar

àquela mesa e comer aquele linguado frito, para nos provar que não lhe é estranho esse ponto da ciência diplomática...

E S. Ex.ª tomando delicadamente o garfo, e na extremidade de dois dedos uma côdea fina de pão, com os braços unidos, a cabeça direita, os olhos baixos, provará a sua imensa competência naquela questão difícil.

— Tenha agora V. Ex.ª, Sr. Braamcamp, a bondade de valsar um momento pela casa, com donaire...

E S. Ex.ª arqueando molemente os braços, despedido em giros graciosos por entre as mesas da secretaria, com a cabeça meigamente reclinada, o olhar amoroso, a cintura mórbida, provará vitoriosamente que tem compulsado com

mão diurna e noturna todos os expositores daquela ilustre matéria.

(*N. B.* — Para que o concorrente não valse só, poderá utilizar-se como dama o contínuo da secretaria, que o examinando tomará nos braços com requebro meigo).

E aprovado que fosse o Sr. Braamcamp, ou outro cavalheiro, nos pontos sujeitos, o País podia entregar-lhe confiadamente uma missão numa corte estrangeira, certo que os seus interesses seriam ali dignamente — comidos e dançados!

Também nos ocorre que consistindo uma das principais funções dos secretários de embaixada e adidos em dançar nos bailes do Paço, a melhor maneira de alcançar um pessoal

diplomático verdadeiramente superior seria escolhê-lo — no corpo de baile!

Ninguém teria então, entre a diplomacia europeia, mais graça, harmonia e ligeireza nos movimentos. E seria honroso para todos que os jornais estrangeiros pudessem noticiar:

«Chegou hoje a Sr.ª Pinchiara, antiga primeira-bailarina de S. Carlos, hoje secretário da embaixada portuguesa...»

E mais tarde registassem para vaidade eterna da nossa Pátria:

«Ontem a maravilha no baile da corte foi a maneira adorável por que dançou a Sr.ª Pinchiara, secretário da legação portuguesa. Parecia um silfo, com os seus vestidos de gaze. Notou-se apenas que o senhor secretário da legação estava

um pouco decotado de mais. É admirável a brancura do seu colo!...»

Igualmente nos parece vantajoso que o concurso para adido da legação verse, não sobre a ciência dos concorrentes — mas sobre a sua roupa branca. Se o dever essencial de um adido é a exposição solene dos colarinhos que se alteiam sob a suíça, dos largos peitos de camisa que se arqueiam como couraças, e dos punhos que espiram para fora da manga com uma rijeza de aço — deve o Governo de S. M. utilizar para o serviço diplomático aqueles que, pela beleza e solidez dos seus engomados, melhor acreditarem lá fora as nossas instituições. E a diplomacia começará a dar garantias da sua eficácia, quando o Sr. X tiver conquistado os sufrágios do júri

pelo brilho das suas camisas inglesas e pelo valor das suas peúgas — e o Sr. Y for plenamente reprovado por ter apresentado, por toda a ciência e experiência dos negócios, um reles colarinho à mamã!

Com entranhada mágoa o dizemos: os senhores diplomatas portugueses vestem-se de um modo a que só falta para ser distinto — ser inteiramente diverso do que é. SS Ex.as ou se ajeitam pelo feitio nacional que tanto domina na Rua dos Fanqueiros, ou então adotam o velho chique de *boulevard*, ainda do tempo do ministério Rouher, hoje unicamente usado palos *pollos* de Madrid! Não seria pois fora de propósito que existissem na secretaria dos estrangeiros figurinos-modelos, com comentários e notas, que os

senhores adidos deveriam estudar antes de encomendar as suas farpelas. Outrossim se nos afigura imprudente que os senhores diplomatas possam fazer um fraque sem previamente levarem o *corte* e *talhe* à aprovação da comissão diplomática. Igualmente pedimos ao Governo, em nome do País, que não deixe sair nenhum senhor diplomata sem previamente lhe ter examinado:

As unhas e a caspa do cabelo!

Uma das coisas que prejudica a nossa diplomacia é ela não possuir espírito. Ser espirituoso é metade de ser diplomata. A tradição clássica mostra-nos Talleyrand governando a intriga europeia com as finas decisões dos seus bons ditos: modernamente, desde Morny até ao sombrio Sr. de Bismarck, a diplomacia

tem feito do espírito quase um método. O espírito move tudo e não responde por coisa alguma: ele ó a eloquência da alegria, e o entrincheiramento das situações difíceis: salva uma crise fazendo sorrir: condensa em duas palavras a crítica de uma instituição: disfarça às vezes a fraqueza de uma opinião, acentua outras vezes a força de uma ideia: é a mais fina salvaguarda dos que não querem definir-se francamente: tira a intransigência às convicções, fazendo-lhes cócegas: substitui a razão quando não substitui a ciência, dá uma posição no mundo, e, adotado como um sistema, derruba um império. E, sobretudo pelo indefinido que dá à conversação, ele é a arma verdadeira da diplomacia. Ora, com compunção o dizemos, a nossa

diplomacia não tem espírito. Seria por isso bem útil que o ministério dos estrangeiros examinasse os seus diplomatas, antes de os nomear, em *pontos* assim concebidos:

— Estando o senhor adido numa sala, e começando na rua a chover, que pilhéria deverá o senhor dizer?

— Num camarote de ópera, quais são as facécias que deve lançar um secretário de legação sobre o corpo de baile?

E seria conveniente que a secretaria possuísse uma lista de jocosidades, para todos os usos da vida, que os senhores diplomatas deveriam decorar:

Pilhérias para baile;

Ditas para almoço;

Ditas para cerimónias religiosas;

Ditas para receções no Paço;

Ditas para entreter personagens célebres;

Ditas para enterro de pessoas reais, etc.

Concorre muito para que a nossa diplomacia não seja brilhante, o horror que o País tem a ser representado por homens inteligentes. Não se pode dizer que isto proceda do amor de os possuir no seu seio: antes parece que o domina o terror de que eles vão destruir a reputação de embrutecimento que o País goza lá fora. A verdade é que, quando algum homem inteligente vai em missão diplomática, os jornais bravejam, e a opinião pública apita!

Se alguém ousasse, por arrojo

absurdo, mandar em embaixada o Sr. Alexandre Herculano, a Nação, de raiva, abria as veias! Por sua vontade o País enviaria às cortes estrangeiras, para ser representado dignamente — bacorinhos do Alentejo. Não o faz, porque, como ao mesmo tempo é avaro e desconfiado, receia que as cortes estrangeiras, não podendo arrancar a tais diplomatas segredos políticos, lhes arrancassem — presuntos! Por isso manda homens. E só por isso!

Ao mesmo tempo o País gosta de pagar barato à sua diplomacia. E neste ponto abusa. Quer uma diplomacia bem fardada, bem bordada: e no fim se se lhe apresenta, por ter uma diplomacia, uma conta um pouco maior do que por ter um carroção — escandaliza-se e grita pelo

senhor bispo de Viseu, D. António. De modo que um ministro plenipotenciário vê-se mais embaraçado com o rol das compras, que com o manejo das políticas!

Os diplomatas portugueses passam por agradar no estrangeiro pela sua palidez! Mas não se sabe que a sua palidez vem, não da beleza de raça peninsular, mas da fraqueza de legação mal alimentada. Onde um embaixador português mais se demora, não é diante das instituições estrangeiras com respeito, é diante das lojas de mercearia com inveja! E se eles não podem alcançar bons tratados para o País — é porque andam ocupados em arranjar mais rosbife para o estômago. Se não fossem os jantares da corte e as ceias dos bailes, a posição de diplomata português era insustentável. E

ainda veremos os jornais estrangeiros noticiarem:

«Ontem, na Rua de... caiu inanimado de fome um indivíduo bem trajado. Conduzido para uma botica próxima o infeliz revelou toda a verdade — era o embaixador português. Deram-lhe logo bifes. O desgraçado sorria, com as lágrimas nos olhos.»

Que o País atenda a esta desgraçada situação! Que tenha um movimento generoso e franco! Dê aos seus embaixadores menos títulos e mais bifes! Embora lhes diminua as atribuições, aumente-lhes ao menos a hortaliça. Eles pedem ao seu país uma coisa bem simples: não é um palácio para viver, nem um landau para passear, nem fardas nem comendas! É carne! Que o

País, no número do pessoal diplomático — diminua os adidos e aumente os bois.

Que a nossa diplomacia, aliás meritória e simpática, se não agaste com estes traços ligeiros! Quisemos apenas *rire un brin*. E nesta nossa triste terra, quando a gente se quer alegrar e folgar um pouco, tem de recorrer às instituições, que são entre nós — *pilhérias organizadas funcionando publicamente*.

39

Outubro 1871

Jesus, quando não sofria ainda aquela áspera melancolia que lhe deu mais tarde a presença de Jerusalém *branca e dura*, era um meigo rabi, que percorria perpetuamente, no infinito enlevo do seu sonho, a sua tranquila e humana Galileia, ora a pé, ora num desses pequenos burros que têm os olhos tão grandes e tão doces e que vêm da alta Síria. Entrava nas sinagogas; e, comentando os velhos papiros da lei, ensinava o Deus novo. Parava nos casais, sentava-se às portas, sobre os bancos encanastrados de vime, debaixo dos

sicômoros. As mulheres davam— lhe mel, vinho de Safed, e diziam: — «Fala, rabi, fala!» As crianças tomavam-lhe as mãos, ou puxando-lhes pelas compridas pontas do seu *couffie*, amarrado por uma corda de pele de camelo, queriam ver o fundo dos seus olhos. Os discípulos afastavam as crianças. Mas o Mestre murmurava sorrindo:

— Deixai vir ter comigo as crianças, abençoadas são elas! Elas sabem muitos segredos que os sábios ignoram.

Parece que ultimamente o clero não tem esta consoladora ideia de Jesus. O Sr. Encomendado de Santos-o-Velho, no Dia de Pinados, depois da missa conventual, paramentado, sobre o degrau do altar, voltou-se para o povo, e

repreendeu as mães que levavam consigo as crianças à missa! E aí estão enfim as crianças expulsas da Igreja, não podendo ao menos ir uma vez por semana erguer as suas pequeninas mãos para Aquele que foi outrora, nas sombras da Galileia, o seu amigo imortal!

Respeitamos profundamente esta opinião católica do Sr. Encomendado de Santos-o-Velho. É sem dúvida mais moral que as mães levem seus filhos à taberna, e lhes ensinem cuidadosamente — mostrando-lhes, em lugar de uma cruz, uma navalha de ponta — esta máxima salutar: *esfaqueai-vos uns aos outros!* Assim se formam os justos. E seria mesmo conveniente que a opinião do Sr. Encomendado tivesse uma realização prática: que houvesse na Igreja, para as

crianças, a mesma polícia que há para os cães: e que, ao lado do respeitável funcionário *enxota-cães*, se perfilasse do outro lado da porta o meritório empregado *enxota-crianças*. E o culto alcançaria, definitivamente limpo do ladrar dos cães e do chorar das crianças — o mais alto grau de pureza.

Realmente as crianças que choram à missa cometem um desacato. Segundo afirma a teologia casuística, *os manuais de inquisidores*, *as dissertações dos dominicanos*, (*Chicotes*, *Lanternas*, *Fustigações*, são os títulos destes livros pios) e ainda segundo as profundas obras de Nieder, Sprenger, Spina e Bodin, o ilustre legista de Angers, as crianças trazem dentro de si o demónio, e quando choram nas igrejas é porque Satanás

pretende insultar o culto e o sacerdote. De sorte que o Sr. Encomendado de Santos-o-Velho ainda nos parece tolerante: porque deveria talvez, com a sua autoridade de sacerdote e de teólogo, ordenar às mães que quando à missa as criancinhas lhes chorem ao peito — imediatamente lhes esmaguem as cabeças no lajedo, para abafar a voz do Maligno!

O Sr. Encomendado referia-se apenas às crianças pobres. Às crianças ricas não imporia ele, sacerdote de Jesus, esse aristocrático mestre, uma exclusão irrespeitosa. — E essas mães pobres podem talvez dizer-nos:

Que são pobres; que não têm quem lhes fique em casa a tomar conta dos filhos; que os não querem deixar sós no berço, chorando no isolamento, ou, se são

mais crescidos, ao pé do lume, arriscados ainda a caírem, a ferirem-se, a virem para a rua, a serem atropelados; que, enfim, não se querem separar deles, e que, como são pobres, sem pão farto, desgraçadas neste mundo, só lhes resta na Igreja o sonho consolador de um Céu que repara! Isto é talvez assim (ainda que se percebe que estas razões são inspiradas por Satanás). — Mas também é verdade que os Srs. Encomendados não podem ser interrompidos na sua missa pelas crianças que rabujam, e que se torna de toda a justiça que sejam excluídas da Igreja, como perturbadoras da ordem, da decência e do respeito — as mães que ousem vir rezar com o seu filho ao colo!

Pobres pequenos! consolai-vos! Jesus, o vosso amigo, também não é mais

feliz: há muitos séculos que ele procura erguer a pedra do seu túmulo — e há muitos séculos que o seu clero carrega na pedra para baixo!

40

Outubro 1871

A companhia dos caminhos de ferro está abusando um pouco da amizade impaciente que (no seu entender) nós e a Espanha nutrimos reciprocamente. A cada momento nos facilita entrevistas baratas e ternas. Sim, decerto, nós e os Espanhóis meigamente nos amamos! Mas não sentimos a necessidade urgente e ávida de nos precipitarmos, assim, todos os oito dias, nos braços uns dos outros!

A companhia dos caminhos de ferro, com intenções amáveis e civilizadoras, coloca-nos em embaraços terríveis. Digamo-lo rudemente: nós não

estamos em estado de receber visitas! Vivemos aqui ao nosso canto, sem cerimónia, em chinelas — e não gostamos que gente culta venha ter a revelação da nossa mobília pobre e da nossa conversação simplória.

E tanto que pedimos claramente ao Governo, em nome do País envergonhado e com a barba por fazer, que proíba, sob as penas mais severas, à companhia dos caminhos de ferro, o facilitar assim por preços baratos, a essa aparatosa Espanha, viagens de recreio através da nossa miséria!

O País não pode em sua honra consentir que os Espanhóis o venham ver. O País está atrasado, embrutecido, remendado, sujo, insípido. O País precisa fechar-se por dentro e correr as cortinas.

E é uma impertinência introduzir no meio do nosso total desarranjo, hóspedes curiosos, interessados, de luneta sarcástica!

Imaginemos que amanhã chega aí, ao largo arquejar da máquina, num desses comboios impudentes, uma coorte espanhola, descaradamente ilustre — estadistas, oradores, generais, literatos, pintores, professores, arquitetos, jornalistas... Que vergonha, meus senhores, que vergonha!

Imaginemos que esses homens políticos, esses oradores, esses parlamentares, Sagasta, Martos, Py y Margal, Zorrilla, Rivero, Castelar, Canovas, conservadores e revolucionários, ministros e tribunos, filósofos e dialéticos, se vão sentar, num

dia de sessão, na galeria desbotada de S. Bento, e que veem, piedoso Deus! as nossas câmaras, a nulidade do pensamento, a relice da palavra, o abandono de todo o decoro, os insultos e os desmentidos, a compostura plebeia e grossa, a ciência que lá falta, a intriga que lá abunda, a horrível baixeza daquela pocilga constitucional!

Imaginemos que esses estadistas conversam com esses que são entre nós os estadistas — e veem, vergonha eterna! que eles ignoram a administração, a economia, a história, as questões do tempo, toda a ideia, todo o facto, e que por única *verve* e por única profundidade sabem afirmar que o regedor de Cabanelas é amigo do ferrador de Cortegaça e que este compadrio aldeão dá

cinquenta votos combinados ao Governo de S. M. F.!

Imaginemos que esses generais, que venceram em África e que venceram em Espanha, estudam o nosso exército, visitam os nossos quartéis, examinam o nosso armamento, conversam com os nossos generais!

Oh por piedade! Consideremos que esses professores podem entrar na obscura vergonha das nossas escolas! Que esses jurisconsultos podem querer ver os nossos tribunais! Que esses arquitetos podem deitar a luneta às nossas construções! Que esses pintores podem perguntar pelas nossas galerias! Que esses homens do mundo podem tratar com os nossos dândis, ou mirar-lhes a *toilette!* Que vergonha! Que vergonhas! Ah! meus

senhores, não consintamos que essa cruel Espanha, que se levanta, que se organiza, que se engrandece — venha, de luneta no olho e gargalhada na boca, fazer o inventário jocoso do nosso abaixamento! Não consintamos que nos vejam! Aferrolhemo-nos! Os Chins, outrora, não permitiam que os Europeus vissem o seu esplendor. Sejamos a China da miséria!

E se por acaso a companhia dos caminhos de ferro, para fingir que tem passageiros e movimento, precisa impreterivelmente fazer passar a fronteira a alguns viajantes curiosos — então ao menos que só dê lugar nos seus velhos vagões àqueles de quem nós não tenhamos vergonha, e com cujas civilizações possamos competir: — Cafres, Patagónios, Lapónios, Abexins, Etiópios,

Tártaros e Hotentotes! E estaremos então em família.

A Espanha, porém, a garrida Espanha, é que parece desejar profundamente que nós os Portugueses examinemos de perto o seu *salero* político, económico, artístico, religioso e teatral: porque, com uma originalidade cómica, que excede tudo quanto contaram os romances picarescos do século XVII, a Espanha condecora todos os portugueses que cometam o arrojado feito de ir a Madrid! Sem distinção, sem escolha! O viajante português chega, o dono da *Fonda* traz-lhe chocolate — e um contínuo do Paço Real traz-lhe a comenda. Ou porque a Espanha queira compensar os incómodos e os tédios de lhe ir ver a capital: ou porque o rei

Amadeu, que nunca foi visitado pela aristocracia espanhola, se comova até à lágrima e até à condecoração quando se digna a ir vê-lo a burguesia lusitana — o português que chega recebe em pleno peito, sem prevenção, sem *água vai*, uma comenda e um diploma enrolado!

Já se sabe de antemão aquela graça. Pode-se até telegrafar assim para Madrid: — *Hotel de los Hembajadores, calle de S. Jeronimo: Ao Sr. Moreto, proprietário. — Chego amanhã, prepare-me quartos e a comenda de Carlos III.*

Podia, até, para maior franqueza, ser a condecoração indicada na lista dos hotéis:

Gravanzos
Grã-cruz de Isabel a Católica
1 duro grátis

Dizem que o Governo espanhol resolveu condecorar assim os que tomam bilhetes de 1.ª ou 2.ª classe para Madrid, com o fim único de favorecer a companhia dos caminhos de ferro.

Em tal caso era mais cómodo entregar logo a condecoração em Santa Apolónia.

— Um bilhete de 2.ª classe, e a condecoração! — gritaria o viajante ao postigo do vendedor de bilhetes.

E a companhia pregava-lhe a marca no bojo do saco de noite — e a comenda no peito do fraque. E o senhor comendador entrava para o seu vagão!

Há, evidentemente, duas intenções delicadas naquele derramar de condecorações:

A *primeira* é compensar as contas

dos hotéis. Depois da guerra de Marrocos, aqueles que podiam mostrar uma cicatriz apresentavam-se na Secretaria da Guerra e recebiam a *Medalha de África*. Agora parece que, depois de alguns dias de Madrid, aqueles que puderem mostrar, não uma cicatriz mas uma conta de hotel, recebem na Secretaria da *Governacion* a comenda de Carlos III! Nesse caso aqui estamos! Temos uma conta da *Fonda de Madrid*, em Cádis, Plaza Santo António, inumerável em *gravanzos* — e em *duros* inumerável! Em boa lógica não pode deixar de nos ser dada uma capitania geral! E ainda perdemos!

A *segunda* intenção é premiar os que viajam. Mas então que honras se reservam àqueles que vão ainda além de

Madrid?

Que grã-cruzes se dão a quem vai a Barcelona? Que títulos de nobreza esperam aqueles que chegam às Vascongadas?

Porque enfim se um de nós se perfilasse diante de S. M. Amadeu e lhe falasse destarte:

— Real senhor! O vosso humilde servidor já foi a Espanha, daí a Malta, depois ao Egito, depois à Arábia, depois à Palestina e a Jerusalém; atravessou os montes da Judeia, peregrinou até ao Jordão, subiu à Síria, visitou o Líbano...

...S. M. Amadeu não podia deixar de descer os degraus do trono, e gritar comovido:

— Viajante dessa ordem, reina sobre os Espanhóis!

Gloriosa Espanha, faceta Espanha! — A Cristóvão Colombo, que fez a viagem maravilhosa e chegou ao Novo Mundo, deste umas poucas de palhas para ele morrer num cárcere — a quem empreende a viagem de Madrid e chega à *Calle Real*, dás uma comenda de prata, gloriosa Espanha, faceta Espanha!

Andávamos bem enganados com os méritos humanos. O nosso espirituoso amigo Pinheiro Chagas tem sido, desde a mais distante mocidade, um trabalhador. Jornalista, poeta, romancista, historiador, dramaturgo», crítico, sempre à sua mesa de trabalho com o valor de quem está numa trincheira, tem belamente despertado com a sua pena vigorosa a nossa curiosidade indolente. Nenhum governo lhe pôs nada ao peito, nem um

botão de rosa no casaco. A Espanha nunca pensara em lhe dar os bons dias! Pinheiro Chagas lembra-se um dia de se meter num vagão do caminho de ferro. O Governo espanhol acorda, fita-lhe o peito, e, com um grito de amor, crava-lhe a placa de Carlos III!

Qual é a ilação? Que, aos olhos do Governo espanhol, o maior feito que pode cometer um varão contemporâneo não é fazer um grande livro, ganhar uma grande batalha, descobrir uma grande máquina — mas ter a sobre-humana coragem de ir a Madrid. Haverá nada mais humilhante para Madrid? E fazer uma pavorosa ideia de uma capital o considerar como um ato de coragem — ir lá! O Dr. Levingstone, que tem viajado os desertos desconhecidos, os ásperos sertões, os rios

bárbaros, as tribos antropófagas — é grande; mas falta-lhe a façanha suprema — ir, ao meio-dia, à Rua de Alcalá!

E nós Portugueses, levando nossos filhos pela mão, quando encontrarmos mais tarde algum dos heroicos viajantes de Madrid, diremos a nossos filhos:

— Vês, meu filho, aquele senhor condecorado, meneando a sua bengala?

— Sim, papá.

— Admira-o, menino, e imita-o! Aquele homem sublime, num momento de coragem, contando em nada a vida, cheio só da fé em Deus e do amor na humanidade, teve um dia o valor febril, a audácia estonteada, de tomar o comboio de recreio e de ir a Madrid!

E quereis saber, amigos, como começará o novo poema que mais tarde ou

mais cedo tem de ser feito sobre os *Novos Lusíadas?* Começará assim:

Eu celebro os varões assinalados
Que da ocidental praia, heroicos, sós,
Em vagões nunca dantes franqueados
Passaram ainda além de Badajoz...

41

Outubro 1871

Reapareceu ou continuou (não sabemos), no teatro de S. Carlos, um antigo costume de todo o ponto prejudicial aos interesses da monarquia.

Consiste ele em que, nos dias de gala, quando S. M. está na tribuna, no aparato de corte, os espectadores não podem aplaudir, nem *patear*, nem mostrar opinião.

Este costume — vindo dos antigos tempos em que na presença do seu rei o vassalo devia estar sem ideia, sem gesto, perfilado e nulo — é belo. Mas autoriza uma certa lógica:

Podendo o espectador aplaudir ou desaprovar quando S. M. ocupa o seu pequenino camarote de veludo cor de cereja, e não podendo fazer ruído quando S. M. se apresenta na tribuna, sob o esplendor dos lustres — segue-se que o rei só é respeitável e só se respeita quando está de gala!

Portanto, à maneira que S. M. vai saindo do cerimonial da gala, vai diminuindo o nosso respeito para com ele!

Quando S. M. se mostra na tribuna, estamos humildes e tácitos:

Quando S. M., nos dias simples, vem para o seu camarote, perdemos um pouco o respeito, e começamos a fazer barulho:

(E esta lógica não para nas suas conclusões!):

Quando S. M. sair do seu camarote, e for humanamente meter-se na sua carruagem, como a gala diminuiu ainda mais, o nosso respeito diminui também — e passamos, numa liberdade crescente, a dirigir-lhe chufas;

Quando S. M., dentro do seu coupé, acender o seu charuto, como o cerimonial é menor do que no momento *retro*, o respeito é menor ainda — e rompamos logo, numa intimidade já irreprimível, a atirar-lhe cebolas;

Se víssemos S. M. a comer bifes, o nosso respeito estava no fio, e principiávamos a dar-lhe piparotes na orelha.

Se o víssemos de *robe-de-chambre* o respeito ficaria extinto, e saltaríamos para os seus reais ombros,

esporeando as suas reais ilhargas.

Ora isto, realmente, não convém à Monarquia!

Porque enfim, por este modo, S. M. não tem remédio para se fazer respeitar cabalmente — senão ficar e temam ente na tribuna.

E seria cruel obrigar S. M. a dormir na tribuna, tomar banho na tribuna, passear a cavalo na tribuna, caçar a lebre na tribuna, e viajar pelas províncias — na tribuna.

Não, Portugueses, não o consintais!

Que os poderes políticos pois sejam generosos, e se permita à plateia de S. Carlos, mesmo em dias de gala, ter opinião! Não aplaudir, estar sério, sorumbático, soturno — é talvez o

respeito: mas pode confundir-se também com o desgosto, com o tédio.

E seria triste que perguntando um estrangeiro: — Porque está esta plateia tão amuada?

Se lhe devesse responder:

— Porque faz anos o seu rei.

42

Outubro 1871

Na Foz foram presos vinte pescadores por usarem redes de arrastar.

O senhor juiz respetivo levou os pescadores pra o cárcere, com as famílias atrás a chorar: os barcos ficaram em estado de arresto: o peixe apreendido foi vendido em leilão: o dinheiro cuidadosamente guardado no depósito judicial.

No Egito, no tempo de Mehemet-Ali, ainda depois de 1820, os *cádis* (autoridades locais) que, ou por violência de temperamento, ou por imbecilidade, ou por exploração, vexavam o trabalhador, o

fellah, eram pregados a uma porta pelas orelhas, como morcegos, e ali ficavam dois dias, pendurados, gotejando sangue. Não estão sentindo uma forte saudade por este exemplar Mehemet-Ali, o astuto tirano que foi pastor? Ah! Realmente uma autoridade dá muitas garantias quando está sujeita a ver as suas orelhas pregadas por dois pregos de cabeça amarela, no travejamento de uma porta!

Raciocinemos! As redes de arrastar prejudicam a pesca; o peixe desaparecia das nossas costas se se fizesse de tais redes um uso imoderado. Uma lei proibiu as redes de arrastar: mas até 1867 nunca foi posta em prática. Começa, por uma portaria, a vigorar em 1867. No ministério seguinte a portaria cai em desleixo, e as redes de arrastar

varrem livremente as costas. Vem o senhor bispo de Viseu, e proíbe de novo as redes. Surge o Sr. Dias Ferreira e dá ampla liberdade às redes. No ministério seguinte nova proibição. Outra vez esta proibição se relaxa. E uma derradeira portaria, enfim, impõe vigilância escrupulosa.

Como veem, temos aqui uma legislação complicada e flutuante. É necessário seguir com cuidado o *Diário do Governo* para conhecer com precisão quando as redes são legítimas e quando as redes são criminosas. O ato varia de perfil, ora meritório ora culpado, conforme o temperamento do ministro e o seu amor pela pesca. Um advogado, consultado, teria de folhear a coleção de leis: o Sr. Governador Civil do Porto,

certamente, não conhece de cor esta legislação confusa: os Senhores Administradores não poderiam diferençar com exatidão as épocas tolerantes e as épocas proibitivas: os senhores Regedores são totalmente alheios a esta parte da jurisprudência.

Pois bem, foi justamente por não saberem como rábulas estas portarias sucessivas que os vinte pescadores da Foz foram encarcerados na Relação!

Um pobre homem passa o seu dia remando, quebrado pela luta com o mar, para comer à noite, na promiscuidade da mesma gamela, com uns poucos de filhos, uma pouca de sardinha. Levou para isso a sua rede de arrastar com que trabalha há muito, que ele vê no barco do seu amigo, do seu vizinho, do seu patrão.

Desembarca ao pôr do Sol, esfomeado, encharcado de água — e encontra pela frente o Sr. Regedor! — E como existe a portaria de tantos de tal, revogada por uma portaria posterior, posta em vigor por outra, caída depois em desleixo, novamente revogada, alterada por uma diferente legislação, ultimamente anulada, e agora rediviva e ativa — ele, por ignorar inteiramente esta jurisprudência trapalhona, vai ser levado por aqueles soldados ao Porto e aferrolhado numa enxovia!

O crime deste homem, portanto, é não ler o *Diário do Governo!* Esse homem está preso por não ser um jurisconsulto! Esse homem será condenado por ousar ser pescador — antes de ser bacharel formado!

Foram presos vinte. Vinham em dois barcos, eram duas companhas. O arrais é dono do barco e mestre da companha. É ele quem dirige a pesca, quem vai ao leme. Pela manhã manda-os embarcar. As redes estão no barco! mãos aos remos! vela ao largo! Partem; e se o mar tem a condescendência de os não esmagar na negra rocha de Leixões ou de Felgueiras, é realmente singular que à volta, com os barcos mal cheios de peixe, doze horas de remos, e todos molhados das voltas do mar — vão dali do cais, em chusma, presos por não terem ido consultar um advogado, antes de obedecerem ao seu arrais!

— «Mas tinham-se afixado editais!» Leem eles editais? Sabem eles ler? Trabalham. O barco tem as redes, o

vento refresca, o mar aplaina, o arrais diz: *larga*! Largam.

E, se algum arrais leu o edital, quantos editais não têm visto na esquina! Quantas vezes pregados, quantas vezes arrancados! Quantas vezes pescou com as redes, claramente, diante do regedor! Quantas vezes elas têm sido proibidas e quantas vezes toleradas? Vê o mar bom, o céu limpo, o vento mudo, e naturalmente não manda este telegrama à secretaria: «Cá vou à pesca, há aí alguma lei nova que o proíba?»

Porque então torna-se difícil ser pescador; serão necessários para arrais, grandes estudos de legislação; e o único homem que pode, com a consciência tranquila, sem receio de desacatar alguma portaria, pescar a sardinha — é o Sr.

Martens Ferrão, procurador-geral da Coroa!

E além disso foram presas três crianças de 10 anos! Ah! Estes criminosos vão decerto ser tratados com as penas mais severas! Lá estão na enxovia, as mães choram às grades! É justo! Estes indignos entezinhos também pescavam! Aos 10 anos, quando todas as crianças brincam, até as dos lavradores miseráveis, qua guiam bois, trepam aos ninhos, se rolam nas altas ervas — estes bandidos que já trabalham, que já vão ao mar, que já aprendem a morrer na idade em que os outros ainda nem sequer aprendem a viver, que já ajudam os pais, que já são um braço ao remo, uma mão à escota, às vezes uma criança ao mar, estes celerados tinham ido nos barcos com as

redes, ganhar o seu pedaço de pão, enquanto as mães, inquietas, esperavam na praia, ousando também eles, os facínoras, ignorar as portarias do senhor ministro do Reino! Por isso agora choram na cadeia!

E são vinte pescadores! Vinte famílias, dez pelo menos, sem pão, sem lume! Os pais, os maridos, os irmãos presos, têm ao menos o rancho da cadeia: as mulheres pedem pelas esquinas! E estamos em pleno inverno, e vêm os temporais, e começa aquele mar violento, varrido dos ventos, que as pobres mães olham dias e dias da praia, com os seus mantéus pela cabeça, sem o verem jamais condescendente, sem o verem jamais piedoso!

E no entanto o peixe apreendido é vendido em leilão, o dinheiro guardado no

depósito. É justo: os homens na cadeia, as mulheres na miséria, o dinheiro na algibeira do Governo.

Não sentem uma imensa saudade de Mehemet-Ali, o velho tirano que pedira esmola aos piratas do Arquipélago nas praias de Cavala? Bom Mehemet-Ali! Excelente Mehemet-Ali! Cismemos! Um cádi, pendurado pelas orelhas, e elas repuxadas, arroxeadas, ensanguentadas, laceradas! Bom Mehemet-Ali! Evidentemente eras um justo! Dois bons pregos! uma trave segura! e duas orelhas de um regedor da Foz!...

43

Outubro 1871

O *Clamor do Povo*, num artigo traçado com uma generosidade apaixonada e poética, censura às *Farpas* algumas páginas irónicas sobre a senhora condessa de Teba, imperatriz que foi dos Franceses da decadência.

O *Clamor do Povo* pensa dignamente que é menos delicado envolver em ironias vingativas uma mulher desgraçada. — A verdade, porém, é que a senhora condessa de Teba é apenas uma imperatriz despedida. A senhora condessa não foi uma esposa

obscura e desinteressada do Governo, no fundo retiro dos seus quartos. S. Ex.ª foi duas vezes regente; assinou proclamações, decretos, sentenças, constituiu ministérios; interveio na política do seu tempo, fomentou a reação religiosa, presidiu, ao lado de seu marido, a conselhos de Estado. Estes factos colocam-na sob a crítica e sob a história. Se a senhora condessa de Teba, durante o governo amável de seu esposo, não se tivesse separado do seu cesto de costura, do berço de seu filho e das chaves da sua despensa, como fazem SS. MM. as imperatrizes da Alemanha e da Rússia, ela teria sido simplesmente uma esposa e uma mãe inviolável, indiscutível, inatacável. Mas se S. Ex.ª se manifestou na vida pública do seu País, como uma força

política, gerente e reinante — cai logicamente sob o domínio da história, glorificada ou condenada. Se a história não pode falar das mulheres, porque são mulheres, com que direito então os livros sagrados amaldiçoam Jesabel? Com que direito condena o Evangelho Herodíade, que matou João Batista? Levar para a história as preocupações de uma sala seria chique mas bacoco. Se devemos calar e chorar quando passa uma imperatriz destronada, que silêncio e que lágrimas devemos reservar quando no Evangelho passa Maria, mãe de Jesus, à volta do Calvário? Os políticos não têm sexo: têm o sexo dos seus atos. Não podemos em boa vontade escrever histórias — unicamente masculinas. Seria privar-nos de saber o que pensaram tantas

lindas cabeças, o que cometeram tantas lindas mãos, desde a nossa mãe Eva, a loura e bárbara curiosa! Se um historiador, sob pretexto que Isabel II de Espanha é uma mulher, calar no futuro o seu reinado, o *Clamor do Povo* dirá que ele é um *gentleman*, e nós que é um grotesco. E se o séc. XX aprofundar esta questão, dirá que o *Clamor do Povo* é um romântico de xácara — e as *Farpas* umas burguesas de senso.

O *Clamor do Povo* diz que mais generoso que nós foi Vítor Hugo, que, nos *Châtiments*, deixa no silêncio a mulher de Luís Bonaparte. Mas, nesse tempo, o *Clamor* sabe que a senhora condessa de Teba ainda não era casada; era apenas uma loura amorosa, dançando nas Tulherias uma valsa desinteressada com o

galante de Pailly, coronel de guias! Hugo não podia prever na noiva de Saint-Cloud a regente de França. Por este lado ainda mais generoso que Hugo, creia o *Clamor* — foi Tito Lívio!

Diz o *Clamor do Povo* que não devíamos acusar a Sr.ª D. Eugenia porque nunca recebemos ofensas de Napoleão III. Mais pasmado ficará o excelente jornal quando lhe afirmarmos que Nero foi um celerado — e todavia, pela nossa honra o juramos, nunca recebemos de Nero a mais ligeira descortesia! E por esse lado Michelet, Guizot, Martin, só poderiam escrever a história de França se tivessem sido esbofeteados no *boulevard* — por Carlos Magno ou Pepino o Breve!

O *Clamor do Povo* pinta, com grande sensibilidade, a senhora condessa

de Teba usando, depois de destronada, uma coroa de espinhos. Não vimos. S. Ex.ª, quando passou em Lisboa, levava apenas um elegante chapéu branco, evidentemente saído dos *ateliers* de madame Julie, em Bond-Street.

Diz o *Clamor* que se não deve motejar uma senhora que não tem quem a defenda. Oh! meu Deus, os jornais franceses dizem justamente o contrário — queixam-se de que a senhora condessa de Teba tem quem a defenda de mais! A França, ao que parece, ferve em partidários bonapartistas. E de resto não tem ela o seu marido? Não nos eximiremos a trocar com Luís Bonaparte uma estocada ou uma bala no alto de Alcolena, ou no Poço do Bispo, ao alvorecer do dia! O perigo está em que

esse homem, pelo hábito, capitule.

O *Clamor do Povo* fez, de resto, um artigo eloquente, cheio dos mais cavalheirescos sentimentos, das imagens mais floridas, bela página poética, que tem apenas o defeito de que um trovador a poderia assinar.

N. B. — O *Clamor do Povo* alude às relações do redatores das *Farpas* com o segundo império francês. Esclareçamos:

Um dos redatores das *Farpas*, achando-se em Paris, e almoçando em casa de Véfour com o seu amigo H. James Mortimer, o mesmo que em Londres está redigindo hoje uma folha bonapartista, teve ocasião de oferecer ao imperador, por intermédio deste amigo comum, uma garrafa do mesmo vinho do Porto que o jornalista americano e o jornalista

português tinham bebido juntos. O vinho foi achado delicioso nas Tulherias: e, passados dias, aquele que devia ser depois o prisioneiro de Wilhelmshöe, fez entregar por M. de Conti, *écuyer*, um bilhete de visita ao que é agora redator das *Farpas*. Uma garrafa dada, um bilhete agradecendo. O redator das *Farpas* julga-se quite com o segundo império.

O outro redator desta crónica, estando no Egito, teve ocasião de esperar a que era então S. M. a imperatriz dos Franceses, durante *duas horas*, no Cais do Porto Said, sob um sol candente, até que S. M., desembarcando toda vestida de linho branco, com a sombra azulada da sua *ombrelle* chinesa ondeando-lhe sobre o colo, tomasse com aquele firme andar que fazia lembrar Diana, em Homero, a

dianteira de um cortejo em que o redator das *Farpas* se achava obscuramente incorporado.

Duas horas de sol, num areal do Egito! Em redor, apertados no estreito cais de madeira, suavam e abanavam-se com os seus lenços de *baptiste* os Srs. de Beust, o duque de Aosta, o príncipe Frederico da Prússia, Abd-el-Kader, o príncipe da Holanda, e S. M. o imperador da Áustria.

Vinte dias depois, o mesmo redator das *Farpas* passava no deserto do Sara sob um sol cruel. Era na areia fulva, a perder de vista. Pouca água, uma fadiga terrível. Havia a distância um *khan*, espécie de casebre de pau, onde se podia ter abrigo e o repouso de um bom sono. O redator das *Farpas* ia abrigar-se lá,

quando teve de sair à pressa pela razão que estava chegando e se ia lá abrigar S. M. a imperatriz. O redator das *Farpas* continuou sob o sol. Mas, confessa-o, nesse momento, lembrando-se também das duas horas de Porto Said, pediu mentalmente ao Deus justo que castigasse o segundo império — que lhe fazia apanhar tanto sol. A Prússia encarregou-se de vingar o redator das *Farpas*. Ele julga-se igualmente quite com a família Bonaparte — e aproveita esta ocasião solene de agradecer publicamente à Prússia.

44

Dezembro 1871

A Câmara Municipal de Lisboa, segundo se afirma, compenetrada da necessidade iniludível de melhorar as condições da cidade, trata com toda a solicitude de fazer a aquisição de um leopardo. Diz-se ainda que depois procurará alcançar, para completar a obra da regeneração municipal, araras do Brasil.

Respeitamos a câmara. Todavia parece-nos discutível esta maneira zoológica de pôr alguma ordem na confusão do município. Nem se nos afigura lógico que a 300000 habitantes

que pedem higiene, limpeza, polícia, iluminação, passeios, a câmara responda, no seu zeloso cuidado — com um bicho dentro de uma jaula!

A cidade, realmente, não oferece um aspeto próspero.

A iluminação é sepulcral. O gás mostra-se inferior em seus serviços à antiga candeia de lata. Nas principais ruas, parte dos candeeiros repousam, apagados; os que velam bocejam, num dormente bocejo de luzinha mortal; outros nunca se estrearam, e nem sabem que são candeeiros.

Monturos de caliça e de pedregulho tomam nas ruas um espaço abusivo. O entulho tem um certo direito a estar parado nos passeios, vendo as senhoras que passam, mas não deve pelo

menos privar de igual regalia os habitantes que pagam décima.

As ruas, pela sua limpeza, mereceram de nós a designação que lhes ficou — *canos do avesso*. As que são calçadas tomam com a chuva o aspeto gentil de uma missanga de charcos. As macadamizadas, essas, depois de se terem desfeito no verão numa atmosfera de pó fétido, apressam-se no inverno a reabilitar-se mostrando que são, como outra qualquer vereda, capazes de saber exercer a profissão de lameiro.

A glória da capital, a maravilha, o *Aterro*, é ladeado em todo o seu comprimento por duas suaves circunstâncias — o cheiro da imundície dos canos, e o pó de carvão das fábricas; oferecendo assim o caso de uma

sociedade rica e dândi que passeia no brilho da riqueza e nos vagares do luxo — com a palma da mão sobre a boca e o lenço sobre o nariz!

As obras que a câmara constrói são talvez excelentes: mas elas vai-as erguendo tanto em segredo, tão longe das curiosidades imprudentes, que muita gente supõe que a câmara abre as suas ruas, planta as suas árvores, alarga os seus passeios — na sala do conselho, debaixo da mesa, em sessão secreta!

A canalização merece da parte da câmara o respeito — de relíquia. Não se lhe toca, nem de leve. A ilustre câmara pratica com os canos a mesma delicada reserva que os escravos dos haréns com os perfumes preciosos e evaporáveis. A cidade por baixo está podre: aí habitam

na sentina as epidemias, os tifos, a cólera, a anemia, a deterioração da raça: através da delgada película das calçadas, Lisboa sua a morte. Nós vivemos sobre um furúnculo: onde quer que se pique, isto é, que se escave, sai uma vaporização torpe, que perturba. Há dias assim foi, ao pé da Casa Havanesa. E, no entanto, a câmara mantém ao domicílio da imundície a inviolabilidade que a Carta só garante ao cidadão.

Os bairros pobres são por si uma acusação cruel. As vielas negras e sujas; os casebres imundos e caducos; os destroços de vitualhas e de farrapagens; a vadiagem dos cais; a exalação das sarjetas; a humidade infeta, tudo faz daqueles lugares — uma espécie de depósito da miséria pública. Como para o

vão da escada se atiram nas casas os restos de trapos, de louças, de chinelos velhos — para aqueles bairros se atira desapiedadamente com os restos da plebe!

Lisboa é a cidade mais suja da Europa. A própria Constantinopla, com o torpe desleixo turco, a própria Atenas, com a indolente miséria grega — são mais limpas. E se não fosse o Tejo que lhe traz uma certa *toilette*, e este sol maravilhoso que tudo alegra e doura — Lisboa, aqui ao canto, junto do mar, como um cano, seria a sentina da Europa.

E perante esta situação, o município, penetrado da sua responsabilidade, e resolvido a dotar a cidade de condições habitáveis — o que lhe dá?

Um leopardo.

É talvez interessante, mas não excessivamente prático, este facto: a fera em substituição da obra pública.

Porque a verdade é que, quando se expuser convincentemente à câmara que a cidade de noite está escura, a câmara não pode em sua honra — em vez de mais gás, adquirir mais leões.

Não queremos mal às feras: e quanto mais conhecemos os homens mansos, mais estimamos os bichos bravos... Mas entendemos que as feras se portam mal, entram no domínio do ilícito, mostram uma ambição indesculpável, excedem as suas atribuições de fera — querendo acumular a qualidade de melhoramentos municipais. Um crocodilo é decerto estimável: mas ver-se-ia

superiormente embaraçado quando a câmara, no seu zelo febril, o encarregasse de substituir um passeio público. E por seu lado o habitante não se daria por extremamente satisfeito, no dia em que nos passeios, para fazer as vezes de árvores, se enfileirassem lobos!

A câmara, na sua inteligência, deve compreender que o bicho não é inteiramente o equivalente do edifício.

Nunca a câmara viu, por exemplo, S. M. El-Rei passear as ruas a cavalo no Arsenal. Portanto não é justo que nas praças, em lugar de dar ao habitante fatigado um banco de madeira — ela lhe ofereça o dorso de um rinoceronte.

Deste modo toda a cidade corria o risco de ser em breve mordida pelos melhoramentos municipais. E seria

desagradável que os jornais noticiassem: «Ontem, a última obra em construção devorou na Rua Nova da Palma uma criança de cinco anos, ficando depois a lamber os beiços, de regalada...»

Que a câmara medite (porque a sua inteligência é para muito), que se ela der o exemplo funesto de substituir as construções pelos animais — pode levar o habitante a substituir os animais pelas instituições. E no dia seguinte àquele em que a câmara, para mandar abrir um chafariz, comprar, em substituição, um elefante — qualquer sujeito, em vez de dizer ao criado: — «O António, põe o selim no ruço...» — pode esquecer-se a ponto de gritar:

— O António, aparelha a câmara!

O que prejudicaria fortemente os

interesses constitucionais!

45

Dezembro 1871

S. M. a Rainha passeava no Aterro. Um mendigo vem junto dela e pede-lhe esmola. Um polícia corre e prende o mendigo. O desgraçado, retido todo o dia na esquadra policial, com frio e com fome, tem uma dor. Foi necessário mandá-lo numa maca para o hospital. Não se sabe ainda se o fuzilarão. O dia estava nublado, mas seco. S. M., cujo vestido de veludo orlado de peles era perfeito, continuou serenamente na serenidade da tarde.

Sempre que um pobre se aproxima com a mão estendida de S. M. o Rei, de S.

M. a Rainha, de SS. AA. os Infantes — é preso.

Aprovamos. E como este mendigo vai para a cadeia, iremos a seu lado para exprobrar a esse homem pervertido os fundos abismos da sua negra ação! Dir-lhe-emos: — «É bem feito! Bem te conhecemos, desgraçado... Vós sois muitos, e a cidade está cheia da vossa multidão, que erra por essas esquinas, esfomeada e amarela, de caridade em caridade! Bem vos conhecemos: os velhos com os seus chapéus altos, o peito sumido para dentro, apoiados tremulamente a uma bengala, pedindo com uma voz exausta e meia morta; as mulheres, de rostos macilentos, com uma saia curta, umas velhas botas esfarrapadas, aconchegando no xale traçado uma pobre criancinha que

se encolhe entre os farrapos, coçando as chagas da cabeça com a sua pobre mãozinha enregelada; os desgraçados pequenitos, que gemem, enrolados numa velha e larga jaqueta de cotim, no degrau de uma porta fechada; os que não têm trabalho, e que à noite, sem camisa, com a gola do casaco remendado erguida para cima, fazendo bater na laje da rua as suas solas despegadas, pedem, explicando a sua fome; os que suplicam baixo, timidamente, com o terror da recusa; os que são insistentes, e apelam com o desespero de um náufrago que se agarra a uma última tábua; os que querem beijar a mão de agradecimento; os que ficam a rezar, sufocados, com as lágrimas nos olhos... Vivem em buracos ignorados, dormem pelos bancos, escondidos nas

sombras dos entulhos, acolhidos pelos cocheiros na palha das cavalariças; comem de vez em quando; têm todas as dores que dá o frio, todas as agonias que dá a fome; andam sob o terror da polícia; desejam o hospital como um refúgio, e um dia, embrulhados numa serapilheira, são deitados à vala!...

«Miserável, tu foste impudente! Viste aquela senhora, descendo de uma caleche, com batedores; julgaste que ela, rainha, rica, bem agasalhada, podia dar-te a ti, pobre diabo, uma moeda de vintém, o custo de um caldo quente numa taberna!... Porque enfim, velhaco, bem se vê que vais precisando de comer por este frio áspero... Imaginaste que a tua audácia te podia render um vintém! Bem vês, rendeu-te a cadeia. Aprende!... Um mendigo como

tu, esfarrapado e nojento, não se aproxima assim de uma princesa nova, na frescura aveludada da sua *toilette!* Pois ousaste ir pedir uma esmola sem levares uma farda de moço fidalgo? O teu hálito de fome podia incomodar aquela gentil senhora. Imagina que ela manchava a ponta da sua luva *gris perle*, se te tocasse na mão, nessa mão sempre estendida e cortada do leste... Que desgraça! A sua luva perfumada com 'marechala'! Pois a polícia podia lá consentir tal desastre! Tu és um animal! Vejam lá! Sob pretexto de que o inverno é terrível, de que não tens pão, nem lume, nem uma manta, que tiritas, que sentes dores, que és velho, vais assim pôr-te diante de uma princesa, em toda a crua realidade dos teus andrajos, e pedes-lhe 10 reis! Assim se

pedem 10 reis! Ah! imbecil, tu cuidas que os vestidos de cetim e de veludo, as peles, as joias, as caxemiras, os perfumes, vêm do ar e de graça, como esse frio que te trespassa? Que desplante! ‘Dê cá 10 reis!’ E onde os havia ela de ir buscar, os 10 reis? Tu imaginas que todo o mundo é rico como o bom Deus que atira tudo às mãos-cheias, estrelas, sóis, nuvens, maravilhas, e aquele pavilhão azul do céu que lhe devia ter custado milhões? És tonto! Supões que uma rainha desce assim, como uma burguesa, a ter pena de um pobre? Tu não lês os jornais, bem se vê! Ouviste talvez dizer que um, que se chamava Napoleão III, parava nos passeios a cada momento o seu *breack* para encher de *sous* os chapéus dos pobres? Talvez te contassem que uma, a

quem chamam a imperatriz da Alemanha, distribui por sua mão, de manhã, com os cabelos caídos sobre um penteador, dinheiro aos mendigos! Mas essa gente — é gente exagerada! Talvez também ouvisses dizer de um chamado Jesus, que abraçava os pobres e lhes enxugava o sangue das feridas! Esse era um poeta! Tu és um ignorante, velho! Decerto não lês o *Fígaro*. Tens ouvido que a mais bela, a única missão das rainhas é a caridade... Ora aprende! Medita na cadeia a caridade das rainhas! Bem feito. Ah! Tens frio? Tens fome? Pois a enxovia te dará o pago de teres fome e teres frio. Pede outra vez, anda! Pede! Muito feliz foste ainda em não te correrem a chicote!»

Assim falaríamos a este indigno mendigo vil e torpe, e pediríamos a S. M.

a Rainha que insistisse em que esse grande criminoso fosse rapidamente enforcado — se na realidade S. M. a Rainha tivesse culpa ou responsabilidade deste facto intolerável e grotesco.

Não foi S. M. que prendeu o pobre — foi a polícia. E estamos certos que, se alguém se afligiu seriamente, não foi o pobre — foi S.M.

Ora pedimos, para honra e sossego de todos, que não seja permitido a qualquer senhor polícia chegar-se ao pé de S. M. a Rainha, e fazer-lhe insulto mais brutal e mais vil — que é prender os desgraçados que lhe pedem esmola!

46

Dezembro 1871

É curioso! Que tendes vós, ó patriotas, com a casa de Saboia? Desde que possuímos entre nós uma pessoa da casa de Saboia, todo o partido despeitado, todo o ministro demitido, todo o regedor caído, carrega o chapéu para a testa e vai para um canto amaldiçoar a casa de Saboia!

Mas que vos fez a casa de Saboia? Viveis vós em Florença? Viveis vós em Madrid? Sois vós o povo metralhado na galeria do café de Nápoles? Sois vós o infeliz escritor Roque Barcia preso nas enxovias de Madrid? Sois vós, ó

habitantes da Rua dos Fanqueiros, N. S. P. o Papa Pio DL?

Que possuís vós, na vossa bela cidade de Lisboa, da casa de Saboia?

Uma senhora.

Uma única senhora! e confessai que, conhecendo da casa de Saboia só uma senhora — a única acusação que podeis fazer à casa de Saboia, é que ela se veste sem distinção ou se penteia sem gosto! Ora vós, bárbaros, podeis, revolvendo a história, acusar a casa de Saboia de avara, de ingrata, de invejosa, de sanguinária, de mercenária — mas certamente não podeis deixar de dizer que a parte da casa de Saboia que possuís, e vedes de perto, tem uma soberba elegância, um dandismo impecável, e guia melhor os seus póneis que a mitológica

Diana!

A casa de Saboia entre nós é uma questão de *toilette* e de graça feminina: e melhores *toilettes* e mais distinta graça — sabei-o, ó bárbaros, não o encontrais na casa de Hohenzollern, onde as mulheres são pesadas e burguesas; na casa de Habsburgo, onde as mulheres ostentam uma majestade de teatro já desusada e caturra; na casa de Borbom, onde as mulheres parecem intrigantes viragos; e na casa de Hanôver, onde as mulheres têm a frieza da alma e rosto que se sente nas libras! Orgulhai-vos, Portugueses! Nunca tivestes no trono coisa assim! Conheceis a história? Cuidais por acaso que D. Mafalda, esposa de tão célebre Afonso Henriques, se oferecia ao seu povo incipiente em *toilettes* mais distintas?

Pensais que D. Urraca, consorte do interessante Afonso II o Gordo, expunha à aragem do Tejo *coiffures* de um vaporoso tão gentil? Estais porventura na ideia que D. Mécia Lopes, digníssima metade de Sancho II o Capelo, se movia com tão airosa debilidade?

Bárbaros! Vós não imaginais que feias rainhas se agrupam no fundo da vossa história! Só os heroicos feitos dos maridos conseguem fazer esquecer os horríveis narizes das esposas. Indagai nas crónicas! E considerai que os valentes que venceram em Silves, no Salado e em Ourique, ao voltarem com as suas armaduras amolgadas dos recontros maravilhosos, só tinham para os acolher e encantar os chatos seios das desdentadas Urracas, ou as cuias odiosas das obesas

Mécias Lopes!

Ingratos! Ingratos! Vós não merecíeis uma senhora da casa de Saboia, não — merecíeis uma fêmea da casa de Tuen-Fuem, tirano da Patagónia — nua, disforme e preta!

47

Dezembro 1871

Lisboa é talvez, em todo o vasto Universo, a cidade onde a opinião exerce menos influência. Receia-se um pouco a polícia correcional, despreza-se em absoluto a opinião pública. E como a polícia correcional se assemelha ao céu de Molière — com o qual sucede que no fim a gente sempre se chega a entender — acontece que em definitivo nada de receia, nem a opinião que se desdenha, nem a polícia que se evita. Assim, desde que se soube *a coligação das fábricas de tabaco*, a opinião unânime, cerrada, incondescendente, tem acusado, tem quase

infamado aquele monopólio inesperado. E no entanto a coligação continua serena, impassível, a espoliar o vício e a arrecadar o ganho. E todavia se todos os senhores capitalistas, que entraram naquela conspiração tenebrosa, ouvissem nos cafés, nas quintas e nos estancos, o que diz a imensa opinião anónima — sentiriam, se ainda existe nas suas ex.mas pessoas algum brio viril, a necessidade indeclinável de se bater em duelo, de dez em dez minutos, com dez cavalheiros de cada vez! O que lhes daria no fim do seu dia a bagatela gentil de sessenta duelos por hora! O que perfaz, desde a primeira alvorada até ao primeiro lume de gás — qualquer coisa como seiscentos e oitenta duelos!

O facto na verdade é estranho.

Uma troca só se considera justa quando há reciprocidade de valores; e toda a venda de mercadoria cujo valor é arbitrariamente, caprichosamente aumentado, é desonesta. Se eu dou 10 em moeda, é necessário que me deem 10 em mercadoria (contando-se, está claro, nestes 10 de mercadoria, as despesas de produção, etc.). Ora se eu dou 10 em moeda, mas me dão 5 em mercadoria, torna-se evidente que realmente os 5 a mais que eu dou — me foram levados, por bons modos sim, com brandos sorrisos é certo, mas enfim com o mesmo direito com que numa estrada notuma e solitária um cavalheiro de barbas celeradas me diz galhardamente: «Ou a bolsa ou um tiro!» Até agora, e desde há muito, um operário dava 10 reis e davam-lhe 6 cigarros; e as

fábricas entendiam que este contrato era vantajoso porque o mantiveram, prosperaram, entesouraram. Porém uma fresca manhã, as fábricas, ao entregarem os costumados 6 cigarros, disseram ao consumidor: — «Perdão, de ora em diante dois cigarros são para os meus vícios particulares: aí tem o cavalheiro os 4 restantes.» Foi simplesmente este roubo.

Se por acaso qualquer de nós entrasse num luveiro, e pondo os seus 750 reis sobre o balcão pedisse umas luvas *gris perle*, e o luveiro lhe dissesse, arrecadando a prata: — «Aqui tem o cavalheiro a luva da mão direita, a da esquerda permita que a retenha por certos motivos» — era natural que nós saíssemos fora, chamássemos o polícia mais desocupado da esquina, e

deixássemos o luveiro em conversa particular com a lei. Ora a pobre gente, que vê os seus dois cigarros sumirem-se nos cofres da coligação, não pode chamar o polícia! De onde se conclui que, para extorquir cigarros, relógios, luvas ou outros objetos miúdos, é imprudente ser-se só e isolado — mas é de todo o ponto proveitoso e impune ser-se uma companhia com uma escritura num tabelião! Erro, grande erro, que um cidadão desacompanhado nos venha delicadamente pedir o relógio numa viela escura: ordinariamente este cidadão imprudente vai fazer parte da sociedade de Angola. Mas não há nada para estes feitos como vir apoiado numa associação! A associação inocenta tudo, e tudo purifica! Que se há de objetar a um

celerado que nos diz respeitosamente: — «Meu senhor, eu e alguns bandidos das minhas relações fizemos num tabelião uma escritura pela qual combinámos recolher a nossa casa todos os paletós que passeiam impudentemente as ruas nas costas egoístas dos seus donos; aqui está o contrato, a escritura e outros papéis que V. S.ª terá a bondade de examinar àquele candeeiro; tenha a bondade de me passar o seu paletó!» O caso de as fábricas guardarem para si, sem motivo, parte dos cigarros que dantes davam por certas quantias, tem toda a analogia com as espécies citadas. E portanto a verdadeira maneira de afrontar esta coligação não é pelos meios legais. Que cada cidadão que fuma cigarro ponha os seus 10 reis sobre o balcão, e declare apontando um

revólver ao peito do estanqueiro: — «Aí estão 10 reis. Agora quero os meus cigarros, mas *todos* os meus cigarros! Senão desfecho!»

Abrindo o nosso Código Penal, encontramos no Capítulo XV, secção 1.ª, art. 276.º, estes dizeres simpáticos:

«Qualquer pessoa que, usando de algum meio fraudulento, conseguir alterar os preços nas mercadorias que forem objeto de comércio, será punida com multa conforme a sua renda, e prisão de um a três anos.

§ único. Se o meio fraudulento empregado para cometer este crime for a coligação com outros indivíduos, terá lugar a pena logo que haja começo de execução.»

Que vos parece, cidadãos, desta

honrada simplicidade do Código Penal?

Os preços foram alterados;

E numa mercadoria que faz objeto de comércio...

Somente o artigo acrescenta — *quando se usar de algum meio fraudulento.* Houve este meio fraudulento? O § único responde:

«Se o meio fraudulento empregado para cometer este crime for a coligação...»

É o nosso caso! A coligação é patente; logo houve o *meio fraudulento* especificado pelo Código. E declara mais este amável Código:

«... terá lugar a pena logo que haja começo de execução.»

A execução é também patente em todos os estancos. Onde está pois a pena?

Isto é claro, positivo, explícito, simples.

O crime é evidente. Haverá alguma circunstância que desculpe os coligados do crime, e portanto os exima da pena? O artigo 23.º do Capítulo III do título 1.º, diz:

«Não podem ser criminosos os loucos de qualquer espécie;

Os menores de sete anos;

Os maiores de sete, e menores de catorze, quando não teem discernimento;

Os ébrios;

Os que praticam o ato em virtude de obediência devida.»

Por consequência, os senhores fabricantes só estão isentos da multa e prisão de um a três anos, se provarem:

Que habitam Rilhafoles, ou que se babam de idiotismo;

Ou que andam de bibe, e pela mão da criada, atirando a pela;

Ou que não têm discernimento, a ponto de serem *tatibitates;*

Ou que estavam no momento do crime, num tal estado de ebriedade, que se tinham deitado no enxurro;

Ou que praticaram o ato contra vontade, cheios de repulsão, mas obrigados por algumas pessoas que lhes diziam com o punhal sobre a garganta: «Ou a coligação ou a morte!»

Se não provarem que se acham em algum destes casos — são criminosos, e nada os pode desprender das mãos do polícia que lhes tome a gola do fraque, e os leve, de rastos e ganindo, aos bancos luzidios e lúgubres da polícia correcional.

E notem que o Código diz

cometem este crime. É um *crime:* não é a honesta *contravenção* nem a modesta *infração!* É o *crime*.

E o crime com as circunstâncias agravantes que marca o Código no Capítulo II, art. 19.º:

Premeditação: quem negará que os ilustres fabricantes meditaram longamente, ruminaram longamente o seu caso?

A *sedução de outros indivíduos para cometer o crime:* não contaram os jornais que tinham sido convidados pelos autores do crime, para tomar parte nele, as fábricas do Porto?

Ter manifesta vantagem sobre o ofendido: não são eles ricos, e pobre a população humilde que fuma cigarro? Não é o facto uma exploração do vício?

Cometer o crime por dinheiro: não foi decerto para ganhar bênçãos, nem reumatismos!

Cometer o crime tendo recebido benefícios do ofendido: há uns poucos de anos que os nossos vícios enriquecem os seus cofres!

Cometer o crime de noite: é justamente quando os estancos mais vivem, mais ganham, e portanto mais delinqúem!

Que fazem no entretanto os senhores delegados do procurador-régio? Fulminam com a sua eloquência reles algum desgraçado que não tem casa, algum miserável que não tem trabalho!

Os jornais dizem: «O Governo já que não pode fazer nada, consinta que se estabeleçam mais fábricas, ou diminua o

direito sobre o tabaco em folha.» É curioso. É como se diante de um desgraçado, espancado e ensanguentado, e diante do seu espancador, já descoberto e já preso, os jornais exclamassem:

— Uma vez que a justiça não pode fazer nada ao criminoso, ao menos não impeça que se cure o ferido!

Não pode fazer nada? Pois já não existe na Boa Hora um banco para um réu, na casa do depósito um cofre para uma multa, no velho Limoeiro um quarto para um preso?...

Porque não queremos suspeitar que o que não existe — seja a igualdade perante a Lei!

O que impede que se proceda contra eles?

O facto de se terem coligado? —

Então por este modo só é culpado o salteador isolado, mas perfeitamente inocentes os salteadores associados. Se amanhã (o que tal não suceda), S. M. El-Rei for assassinado, só haverá crime e só poderemos castigar o assassino se ele for um só: mas se forem seis, teremos de lhes deixar os nossos bilhetes de visita!

O ter havido uma escritura? — Mas então declaremo-lo por uma lei, para que os senhores ladrões, assassinos e incendiários, se previnam com contratos no tabelião antes de partirem para as suas façanhas!

O serem capitalistas? — Aqui é que a porca e a lei torcem o rabo! Sim, desgraçadamente, é por serem capitalistas...

Ah! O tirânico segundo império

não permitia estas coisas! Na guerra da Crimeia, os vendedores de toucinho coligaram-se para imporem um preço superior. Foram delicadamente empurrados pelas costas à polícia correcional. Havia entre eles ricos negociantes, ricos capitalistas. Uma terrível multa e a prisão foram a paga das suas proezas gorduráceas. Tão vilmente lhes pagou o carinho que tinham tido por ele — o impudente toucinho!

Quem impede que amanhã os nossos charutos custem cada um 7$000 reis, e cada cigarro nos saia a 1$800 reis? Estão na lógica os senhores fabricantes. E têm a suprema garantia do consumo — a garantia do vício! E isto virá talvez a acontecer se não tivermos a previdência de nunca comprarmos tabaco — sem

irmos acompanhados por um polícia, e um escrivão que lavre o auto!

E é sobre o operário, sobre o trabalhador, sobre o soldado, sobre o pobre que pesa a espoliação! Os senhores capitalistas tiveram o cuidado delicado de não fazer pagar nem mais 5 reis diários a quem ganha ou tem por mês de 1000$000 reis para cima: e por isso fazem pagar mais 10 reis diários a quem tem por dia de 240 reis para baixo! Isto alegra-nos profundamente. E tanto que, fundados na nossa argumentação, não deixaremos de pedir que a cidadãos tão prestantes como os ilustres fabricantes, se dê a honra de se lhes oferecer um banco na Boa Hora, como o modo mais risonho! Com o que temos o prazer de desejar as maiores prosperidades a SS. S.as, senhores do

nosso respeito e espoliadores do nosso tabaco!

48

Novembro 1871

Em Abrantes — segundo informações de um amigo nosso, jurisconsulto ilustre — sucede este estranho caso:

Pela lei de 10 de julho de 1843 só são obrigados ao imposto do pescado os pescadores que exercem a sua indústria em água salgada — e naquela parte dos rios somente até onde cheguem as marés vivas do ano.

Ora em Abrantes entende-se de um modo largamente torpe esta ação do fisco sobre a pesca. Vinte homens, extremamente miseráveis, que pescavam

no rio — onde não podiam chegar marés vivas — e alguns mesmo que de todo não pescavam, foram obrigados a pagar o imposto do pescado! Uns não se defenderam desta extorsão por pobríssimos: outros não se defenderam em virtude da ideia popular na província — de que, com o fisco, paga-se sempre e nunca se questiona, porque naturalmente depois é-se obrigado a pagar mais.

Isto constitui puramente, numa linguagem talvez plebeia, mas exata, um roubo. Obrigar um pescador do rio a pagar o imposto do pescador do mar, é (além de uma confusão deplorável do velho e respeitável oceano com qualquer fio de água que murmura e foge) um sistema extremamente parecido com o que empregam as pessoas estimáveis que nos

metem a mão na algibeira e levam para casa o nosso lenço. Nós não desejamos embaraçar os negócios fiscais. Somente nos parece que impor a qualquer cidadão, mesmo quando não pesque, o imposto do pescado, é um expediente sumamente complicado. E o fisco, que deve ser parcimonioso do seu tempo e dos seus recursos, tem um meio mais singelo e mais expedito, que consiste em se aproximar de qualquer e gritar-lhe pondo-lhe uma carabina ao peito:

— Passe para cá o que leva na algibeira!

Estes processos do fisco, que se repetem arbitrariamente em toda a província e que são sem dúvida um dos recursos do Estado, parecem-nos imprudentes — porque estabelecem

confusão. Há por essas estradas isoladas, em certas vielas de cidades mal policiadas, nos pinheirais, nos sítios ermos e amados da sombra, uma espécie de cidadãos, de resto singularmente diligentes, que se deram por missão suspender por um momento as pessoas que passam, e pela maneira mais delicada tirar-lhes o dinheiro, os relógios e outras insignificâncias. Por seu lado o fisco costuma deter os cidadãos, e sob qualquer pretexto (como por exemplo no caso de Abrantes, por serem pescadores de água salgada) exigir-lhes uma quantia e entregar-lhes um recibo. Estes dois processos, o do fisco e o dos senhores ladrões, oferecem uma tal similitude que pedimos ao Governo que distinga por qualquer sinal (um uniforme por

exemplo), estas duas estimáveis profissões para que não suceda que os cidadãos se equivoquem e que vão às vezes lançar a perturbação na ordem social, confundindo o facínora e o funcionário — apitando contra o fisco e pedindo humildemente recibo ao salteador!

49

Novembro 1871

Este mês a opinião preocupou-se com o que se chamou a *greve de Oeiras*.

Parecia realmente indecoroso que Lisboa, já civilizada, com teatro lírico e outros regalos de capital eminente, não tivesse esse chique social — a *greve!* Oeiras, com uma dedicação amável, forneceu-lhe esta elegância. Oeiras deu a *greve*. Alguns estadistas puderam ter ocasião de comentar a nossa *última greve*, e de falar no *terrível proletariado.*

Somente esta greve de Oeiras apresenta uma novidade excêntrica.

O fabricante diz:

— Eu dou a esses operários indignos, que abandonaram a minha fábrica e se puseram em greve, 4$000 reis por semana. Vinde!

E os operários respondem:

— Não, não, isso não! Só voltamos ao trabalho se nos garantirem por semana 3$600!

Confessem que é para empalidecer de confusão. Não se protesta aqui contra a avareza do fabricante, protesta-se contra a sua generosidade: o operário resiste a ganhar: só trabalha se lhe diminuírem o salário: tem avidez de sacrifício, e deseja antes de tudo sofrer fome! Que mistério é este? Ei-lo desvendado:

Como sabem, há dois trabalhos essenciais no fabrico do lanifício: preparar a teia, o que leva uma semana, e

produzir o tecido, o que gasta outra semana. Ora o fabricante descontava na semana do tecido uns tantos por cento do salário; e na semana do preparo levava a sua habilidade a descontar o salário todo.

De sorte que havia semanas gratuitas. E justamente os operários pedem agora que lhes paguem menos cada semana, mas que lhes paguem as semanas todas.

O fabricante exclama:

— 4$000 reis cada semana que tecerdes!

E os operários replicam:

— 3$600 reis cada semana que trabalharmos. Porque preparar a teia é tanto trabalho como tecê-la.

Tal é esta greve original, que não descrevemos com a sua precisão técnica,

para não dar a estas páginas o aspeto de um tratado sobre lanifícios.

O que temos pois aqui, na realidade, é um fabricante que diminui arbitrariamente o salário dos seus operários. Estamos em frente de uma greve do *capital!* Ora abrindo o nosso admirável Código Penal, encontramos estes dizeres no Capítulo XI, secção 1.ª, artigo 277.º:

«Será punida com a prisão de um a seis meses, e com a multa de 5$000 a 200$000 reis, toda a coligação entre aqueles que empregam quaisquer trabalhadores, e que tiver por fim produzir abusivamente a diminuição do salário, se for seguida do começo de execução.»

O código fala em *coligação.* Aqui

houve só um fabricante; mas o que é crime para muitos indivíduos coligados, é decerto crime para o indivíduo isolado. O número não faz a culpa. O crime recai sobre o facto, não sobre o ajuntamento. O Código define crime «o facto declarado punível pela lei penal» — e não acrescenta «segundo o maior ou menor número de pessoas».

De modo que famosa greve de Oeiras se reduz simplesmente a isto:

Um fabricante que diminui abusivamente o salário dos seus operários — e que cai portanto sob os rigores do artigo 277.º do Código Penal.

Até a greve de Oeiras! Ah! Não podemos possuir uma glória, um heroísmo, um chique, sem que não se descubra, daí a dias, que chique,

heroísmo, ou glória, são casos burgueses que pertencem à Boa Hora! Vergamos sob o destino de ser medíocres! Todo o País tem uma revolta — nós temos a Índia! Todos têm uma expedição — nós temos o Bonga! Todos têm um poeta — nós temos o Sr. Vidal! Fazíamos tanto empenho nesta greve que nos nobilitava, nos revestia de uma atitude civilizada, nos dava a esperança de abrigarmos enfim no nosso seio, autêntica, legítima, essa grande elegância revolucionária, a *Internacional!* — e vê-se que nos achamos apenas com um caso de polícia correcional! Um a seis meses de prisão, que miséria! Ah! evidentemente só gozamos duas glórias incontestáveis, garantidas, à mão, nossas, só nossas — o Sr. Lisboa, e o Sr... Suspendamos, por

Deus!... e aquele, de quem um juramento terrível e sacrossanto nos veda pronunciar o nome.

50

O teatro em Portugal vai acabando. Por dois motivos. Primeiramente pelo abaixamento geral do espírito e da inteligência entre nós: e depois pelas condições industriais e económicas dos teatros.

Esta verdade ressalta dos próprios cartazes. O Ginásio, o Príncipe Real, a Rua dos Condes, dão comédias traduzidas dos velhos repertórios estrangeiros, ou *dramalhões* alinhavados exclusivamente para a estulta plebe (como diziam nossos avós), complicados de incêndios, naufrágios, desabamentos, maravilhas baratas de velho cartão, entre cenários desbotados. — Somente acontece que as

comédias estrangeiras, concebidas para a fina interpretação de atores educados, encontram aqui uma interpretação grosseira e falta de ofício — e não podem interessar: e os *dramalhões*, que vivem apenas dos esplendores da decoração, encontrando aqui telas roídas da humidade, fatos de paninho remendado, um papelão apodrecido, uma miséria que os apaga e os apelintra — não podem atrair. Portanto estes teatros arrastam uma vida difícil.

A Trindade encetou a ópera cómica. Mas naturalmente, com a legítima urgência do ganho, começou pelos melhores autores da escola francesa — Offenbach, Hervé, Lecoq, etc. Fatigou este repertório galante, espremeu a quantidade de libras que ele continha —

e, como as óperas cómicas não se parecem com as ostras, que quanto mais se procuram mais abundam, sucede que a Trindade está nas condições de um preso que devorou a sua ração. A Trindade não tem que dar a um público enfastiado que pede música acessível, e facilmente gorjeada. Precisa recorrer as zarzuelas que não oferecem a cintilação alegre da *verve* francesa, se apresentam com ambições de arte italiana, e descontentam. Além disso o repertório estrangeiro é feito pelas boas vozes, educadas, criadas nos conservatórios, formadas pelo gosto e pela tradição dos teatros especiais. De sorte que a Trindade necessita escolher *operetas* que possam facilmente atravessar as estreitas gargantas nacionais; e no vasto repertório

estrangeiro tem de preferir as *operetas* fáceis, as «de meia garganta», as *operetas* constipadas. Fica assim reduzido o número a cinco ou seis *imbróglios* espanhóis, debilmente instrumentados, a que a Trindade se vai amparando como a muletas provisórias. Opera cómica nacional, essa, não a temos; o nosso cérebro é impotente para a criação musical; a raça ficou esgotada com o esforço violento que fez inventando o *lundum* da Figueira. As nossas óperas são os hinos. Ora a Trindade não poderia fazer facilmente representar o hino da *Carta*. A Carta, bem basta que a suportemos em *código*, não devemos sofrê-la era *couplet*. Seria tão impudico como sapateá-la em danças. É verdade que não pareceria estranhável que a Carta

passasse a ser uma ópera cómica, num país em que as instituições são tiradas do *Barba Azul* e da *Grã-Duquesa*.

D. Maria é a jangada da Medusa da arte nacional. Aí sobrenadam, num esforço heroico, os restos da velha geração artista. Atores de vontade e de talento, um diretor excelente — lutam com a escassez da literatura, com a inércia do público, com as dificuldades económicas. É verdadeiramente uma jangada — admirável pelo esforço, incompleta pela organização: boa para lutar, imperfeita para navegar.

S. Carlos, esse, chilreia.

Esta decadência deplorável tem causas diferentes:

A primeira é a própria literatura dramática. Os escritores retraíram-se

inteiramente do teatro. Não por o ganho ser diminuto, como se diz, porque no jornal e no livro o ganho não seduz com cintilações de montes de ouro. A principal razão está no feitio da nossa inteligência. O Português não tem génio dramático, nunca o teve, mesmo entre as passadas gerações literárias, hoje clássicas. A nossa literatura de teatro toda se reduz ao *Frei Luís de Sousa*. De resto, possuímos dois tipos de dramas, que constantemente se reproduzem: o drama sentimental e bem escrito, de belas imagens, ode dialogada, em que uma personagem lança frases soberbamente floridas, o outro retruca em períodos sonoros e melódicos — e a ação torna-se assim um tiroteio de prosas ajanotadas: o drama de efeito, com o que se chama *finais de ato*, lances bruscos,

um embuçado que aparece, uma mãe que se revela:

— «Ah! Céus! É ele! Matei meu filho! Oh!»

Acresce a isto a farsa com os velhos motivos de pilhéria lusitana, o empurrão, o tombo, a matrona bulhenta, o general de barrete de dormir, etc. E é tudo! Sentimentos, carateres solidamente desenhados, costumes bem postos em relevo, tipos finamente analisados, estudos sociais concretizados numa ação, a natureza, a realidade, a observação da vida — isso encontra-se ainda menos num drama do que numa corrida de touros.

Outra causa de decadência: o público. O público vai ao teatro passar a noite. O teatro entre nós não é uma curiosidade de espírito, é um ócio de

sociedade. O lisboeta, em lugar de salões, que não há — toma uma cadeira de plateia, que se vende. Põe a melhor gravata, as senhoras penteiam-se, e é uma sala, uma *soirée*, um *raout*, ou mais nacionalmente uma *assembleia*. Com esta grande vantagem sobre um salão: — não se conversa. Conversar para o Português constitui uma dificuldade, um transe: é o Cabo das Tormentas dos modernos Lusíadas. Conversar, entreter, mover o alado e fino batalhão das ideias, todo o português imagina que esta maravilha só se pode dar aos romances de *franco*. Daí vem para o português elegante o hábito de se encostar nas salas, à ombreira da porta, com aspeto fatal. Conversar! os homens tremem e as senhoras empalidecem. No teatro há a vantagem de que se pode

mostrar a *toilette*, namorar, passar a noite — e não se conversa. Em Portugal ninguém recebe e ninguém é recebido, porque não há dinheiro, não há sociabilidade, e antes de tudo preferimos o doce egoísmo aferrolhado e trancado do *cada um em sua casa*. O teatro é a substituição barata do salão. Salão calado — e comprado no bilheteiro. De resto o teatro favorece o namoro, que é o entretenimento querido do português e da portuguesa correlativa.

De facto o teatro é o centro do namoro nacional. O que se passa pois no palco torna-se secundário. Requer-se apenas uma certa moralidade física: — que se não deem beliscões nas ingénuas. A moral do drama, da ação, dos sentimentos não se percebe ou não se

exige. Um beijo que estala sobressalta, um adultério que se idealiza encanta. Uma das condições é que as atrizes se vistam bem, com modas novas, para que nos camarotes as senhoras observem, discutam as rendas, as sedas, as joias e as *toilettes*. Um diretor de teatro não é pois escrupuloso com o seu espetáculo: alguém bem vestido que fale e dê um pretexto para a luz do lustre — é o que basta. Sobretudo aos domingos. Então o mundo comercial e burguês, que repousa e se diverte, enche a *sala*. Se se der *Hamlet*, vai, se se der *Manuel Mendes Enxúndia*, vai. Não é a beleza do espetáculo que o chama — é o tédio da casa que o repele.

Outro motivo de decadência: os atores. Os atores em geral são maus, com exceção de 4 ou 5 individualidades

inteligentes e estudiosas que progridem. São maus — não tanto por incapacidade própria, como pelas condições do seu destino. Eles desgraçadamente em Portugal não pertencem a uma arte, pertencem a um ofício. Que hão de fazer? — Não têm estudos, nem escola, nem incentivo, nem ordenados, nem público. São atores como outros são empregados públicos; recitam prosa à luz do gás, num palco, como outros expedem ofícios numa sala abafada. Questão de ganhar um ordenado, de se sustentar, de se vestir! A arte, o estudo entram aqui numa proporção ínfima. O artista que, pelo precário estado da sua arte, tem de pensar em comer (quando não e extraordinariamente dotado, porque então a necessidade retempera-lhe a habilidade), torna-se

fatalmente um homem de ofício que necessita ganhar; em tal caso o pintor ilustra almanaques, o escultor faz jarras de porcelana, o poeta redige notícias, o ator atabalhoa papéis. Os nossos grandes atores, Santos, Rosa, além da sua organização artística, formaram-se quando o teatro normal (pelo seu regulamento) os punha ao abrigo da luta da vida, e lhes dava os grandes vagares do estudo. No meio da oscilação das empresas, das quebras de companhias, da dispersão dos centros dramáticos — o artista não pode ter os nobres vagares necessários à cultura artística. As dificuldades da vida embaraçam as preocupações da inteligência.

Outro motivo da decadência dos teatros: a pobreza geral. Não há dinheiro.

Lisboa é uma terra de empregados públicos. A carestia da vida, os altos alugueres, o preço do fato, uma certa necessidade de representação que domina a gente de Lisboa, tudo isto deixa a bolsa cansada, incapaz de teatros. O teatro é caro. Uma noite de teatro pode levar a uma família 3$000 reis de camarote, 1$500 de luvas, 1$500 de carruagem no inverno — ao todo 6$000 reis. 6$000 é a quinta parte de muitos rendimentos mensais — da pluralidade dos rendimentos. Por consequência a afluência aos teatros é pequena. Naturalmente, com a sala deserta, o cofre do teatro não se enche. Daí dívidas, complicações, e falências.

Tal é o perfil do estado geral dos nossos teatros, a largos traços.

Perante esta situação ocorre naturalmente esta pergunta: qual é a atitude do Estado, respetivamente aos teatros?

É esta:

O Governo não dá nada aos teatros nacionais;

E dá 25 contos a S. Carlos!

Ora que o Governo nos responda: — «É o Governo obrigado a auxiliar e a subsidiar a arte teatral?»

— Não. — Então para que dá subsídio a S. Carlos?

— É. — Então para que deixa sem subsídio o teatro nacional?

Se o Governo entende que deve abandonar à indústria, à iniciativa particular, à concorrência, à espontânea ação das vocações, a arte dramática —

para que faz uma exceção ao teatro italiano, protegendo-o?

Se o Governo entende que deve auxiliar a arte teatral, como um elemento poderoso de civilização e de cultura moral — então para que faz uma exceção ao teatro português, desamparando-o?

Que o Governo pois se decida;

Ou se declara indiferente e desinteressado em questões de teatro — e então fecha igualmente os seus cofres aos galãs e aos tenores;

Ou se declara responsável pelo desenvolvimento deste progresso intelectual — e então dá um subsídio ao teatro nacional.

Nós não temos opinião. Compreendemos igualmente o Governo protegendo o teatro com subsídios, ou o

Governo deixando o teatro à iniciativa industrial e literária.

O que condenamos, e toda a pessoa sensata o condenará connosco, é que, com uma lógica torpemente *offenbáquica*, o Governo diga:

— Eu nada tenho com a arte teatral, e por consequência dou 25 contos ao teatro italiano.

Ou diga:

— Eu sou o protetor da arte teatral, e por consequência pretendo que o teatro nacional se feche de penúria.

Ora a verdade é esta:

O teatro nacional é uma necessidade inteligente e moral — e o teatro italiano é uma inutilidade sentimental e luxuosa.

Quais seriam as vantagens de um

teatro normal?

O teatro normal seria a criação de uma literatura dramática, isto é, o enriquecimento do nosso património intelectual — educação permanente no presente, elemento histórico para o futuro. Porque o drama hoje, como toda a obra de arte, tem dois alcances: pelos sentimentos, ideias, costumes, instituições contemporâneas que estuda e critica, é no seu tempo uma lição para o critério — e no futuro um documento para a história.

O teatro normal seria a fundação de uma escola de atores, como a Comédia Francesa, fortemente educada, conservando uma tradição, formando discípulos, centro vital das artes teatrais.

O teatro normal seria o deperecimento providencial das pequenas

comédias eróticas, que constituem a aguardente moral das pessoas que não vão à taberna; das mágicas que não passam de um mau acompanhamento da digestão e de uma escola de embrutecimento; dos dramas sentimentais que servem para excitar os sentidos da burguesia casada, e formam uma espécie de comunicação cómoda com o vício sem se descer de um camarote! Seria um constante apelo da atenção às coisas do espírito; a subtração de uma população ociosa e enfastiada às casas de jogo e aos lupanares clássicos; uma influência perdurável, penetrante e subtil nos costumes; uma forte educação pela imaginação; enfim um elemento sadio na nossa vida, insubstituível e indispensável, porque prende com o que uma cidade tem de mais definitivo e de

mais determinante — a sua inteligência e a sua moral.

O teatro normal não seria um regalo exclusivo de Lisboa; faria participar todo o País no desenvolvimento da sua arte. Os atores formados aqui iriam constituir pequenos e bons conjuntos teatrais na província; e em certos meses a companhia— modelo visitaria Porto, Braga, Coimbra, Viseu, as principais cidades, levando ao público o encanto do seu repertório superior e aos artistas os exemplos da sua arte perfeita.

Isto seria, a largos traços, o teatro normal.

O teatro de S. Carlos o que é? o que faz? Não aumenta decerto o nosso património literário. Faz apenas a popularização da velha escola italiana de

música sensualista, arte de que nada resulta para o País, senão alguns duetos que as donzelas beliscam ao piano, ou que os sinos tilintam ao levantar da hóstia! Que educação se tira da *Traviata* expirante, ou do imbecil *Trovador* que *corre a salvá-la*?

O teatro de S. Carlos não forma bons atores nacionais. Bem ao contrário! É uma fábrica de reputações para os artistas estrangeiros. Gastamos dinheiro, nós! para que o Sr. *Fulanini* vá ganhar mais dinheiro para Sampetersburgo ou para *Covent Garden*, ele!

O teatro de S. Carlos não constitui um elemento de civilização, mas de decadência. Se alguma coisa debilita o caráter e enfraquece o espírito — é a influência da música italiana, sentimental,

amorosa, langorosa, mórbida. Uma ópera é um lupanar. Cada dueto, cada alegro, uma excitação erótica. Imagine-se uma menina ouvindo durante um ano aquela ladainha de sensualidades que se chama — *Lúcia*, *Norma*, *Traviata*, *Maria de Rohan*, *Favorita*, *Baile de Máscaras*, etc.? O adultério idealizado, o amor como a coisa superior e única da existência, o dever considerado burguês, a honestidade *mal portée;* e toda aquela moral suspirada, gemida, arrastada na dilacerante agonia da rabeca, assobiada irritantemente na flauta, modulada aereamente na harpa, soluçada de um soluço inteiro pelo demónio invisível que habita o violoncelo, tornada acre e triunfante nos instrumentos de metal, roncada no rabecão; e sobre esta massa de

voluptuosidade instrumentada, as adúlteras, os galãs, os amorosos, todo um mundo melodioso e devasso, que geme, arqueia os braços, se torce nos êxtases de paixão, entra pelas portas das alcovas, semeia tudo de beijos, e morre de amor, romanescamente, numa ária dolente! Ah! nós não somos bárbaros. Estimamos a música. Meyerbeer, Gluck, Mozart, Beethoven, são verdadeiros pensadores. Mas S. Carlos canta-os? De modo nenhum, a não ser de dois em dois anos Meyerbeer a fugir e a fingir. De resto Donizetti, Bellini, todos os sensualistas! Ora aqueles, respeitamo-los como ideias que cantam — estes detestamo-los como erotismos que arrulham.

O teatro S. Carlos não dá participação a todo o País da sua arte.

Bem ao contrário, é um teatro exclusivo, de um público limitado, escolhido, sempre igual. O País paga para que este público goze. Para que nós tenhamos árias, comem os lavradores sardinhas!

Enfim, nem criação de uma arte, nem formação de artistas, nem elemento de civilização, nem interesse geral do País.

Para que serve S. Carlos? É um luxo, dirão. Sim, compreendemos... Mas é ao menos, realmente, S. Carlos um teatro elegante, um centro belo e fino de vida rica?

Ah! por Deus, não! Começa logo pela *mise-en-scène*. Fora algumas belas telas de Rambois e Cinnati, cada vez mais raras, que *mise-en-scène!* Tome-se para exemplo o *D. Carlos:* fatos remendados

torpemente, bastidores roídos da traça, uma velha mesa carunchosa onde o tirano se apoia... Os coristas agrupados a um canto, na escassez do seu número, elas com os braços nus mal lavados, eles com as botas enlameadas, soltam, num gesto dormente, uma voz por onde têm passado todas as pateadas desde 1836 — o que lhe fez perder a frescura. Nos camarotes, o veludo dos parapeitos, aos farrapos, deixa sair uma clina fétida: o papel está esgaçado, as fechaduras quebradas. Uma iluminação funerária entenebrece a sala; os velhos dourados sujos têm o aspeto melancólico de adornos de capelas antigas; os brancos rivalizam com rostos de carvoeiros. Os corredores, com os tapetes comidos dos ratos, fofos de pó, uma luz soturna e abafada, lembram o

cárcere, o portal da casa de jogo. Na superior, cadeiras de palhinha áspera rasgam como uma navalha de barba o pano das casacas; e o chão tem tanto asseio que os frequentadores, antes de saírem para a rua, limpam os pés nos capachos por compaixão com os varredores. Na geral bancos estreitos, como de réus, ouriçam a sua palhinha quase podre. No peristilo escuro há lama. As senhoras esperam, ao pé dos municipais formados, o chegar dos trens, expostas a um vento frio que torna aquelas paragens piores que a serra da Estrela!

Tudo aquilo é pequeno, provinciano, plebeu, e pelintra!

Não queremos acusar a empresa, não! Companhia comercial, está na lógica da sua ação. E ao mesmo tempo esforça-

se, é evidente, por mostrar aqui as belas vozes, as ricas organizações musicais. Além disso ela não é culpada de que o teatro nacional pereça de penúria; nem é culpada de que a música seja, na civilização de um País, uma inutilidade sentimental. Também não construiu o teatro: recebeu-o assim do Governo; não tem obrigação de o pintar, nem de o forrar, nem de o dourar, nem de o tapetar. Como companhia comercial o seu único dever imprescritível, perante o júri comercial — é tão falir.

Outro tanto não sucede ao Governo. Esse, no seu saco, não reúne uma única razão para subsidiar S. Carlos. Nem há ali um elemento de civilização, nem um centro de arte nacional, nem uma escola de artistas, nem um aproveitamento

geral do País!

Não é também um centro de luxo, um orgulho de capital rica, uma maravilha da vida amplamente gozada. É um velho chique pelintra. E o Governo dá-lhe vinte e cinco contos — para o continuar a ser.

Diz-se que o Governo tem uma razão suprema para sustentar S. Carlos: — É que S. Carlos constitui uma distração para a corte e para a diplomacia.

Quanto à corte... A corte sente a necessidade impreterível de se distrair? Excelentemente! Que pague e subsidie S. Carlos; que o ilumine, o forre, o tapete à sua custa; que dê por cada camarote 20$000 reis por noite, por cada *stalle* 4$000 reis; que o frequente com ardor, que durma lá, e que seja feliz. Ora que o País pague, não, corte respeitada e amada,

não! Que eu, ele, nós, vós, eles, deitemos no erário dinheiro para tu te divertires, não, corte reluzente e maravilhosa! Perdoa, mas, como diria Cipião, não possuirás, ingrata, as nossas placas de 500 reis. A preocupação do País não é precisamente evitar que a corte boceje. Vinte e cinco contos anuais é prodigioso — para que a corte tenha onde passar a noite! Que a corte se distraia a si mesma. É o que faz cada um. A corte pode muito bem entreter a sua noite jogando as damas, ou lendo o *Panorama*. A corte ainda não leu o *Panorama?* Ah! Pois aí está. Não imagina que fonte de distrações! A corte quer teatro? Que vá ao *Salitre!* Passa-se muito bem, a 1$500 cada camarote. A corte pode ali gozar a sua *soirée* regaladinha, e ir depois tomar

sossegadamente o seu chá. De resto se a corte se distrai à nossa custa — então devemos intervir nos seus divertimentos. Se temos de pagar a iluminação, os cantores, as rabecas — que nos seja dado o direito de dispor e regularizar os seus prazeres. O poder moderador não poderá mais ir a S. Carlos sem pedir licença à opinião pública. E a opinião pública ficará no seu legítimo direito de responder: «Não senhor, o poderzinho moderador fica hoje em casa: ontem o poder foi ao teatro, hoje vai estudar a sua política: e nada de choramingar, senão ferramo-lo no quarto escuro!»

E quanto à diplomacia, não nos parece que o País tenha obrigação de a distrair. Os seus governos e os seus reis que a distraiam! Os senhores diplomatas

que comprem soldadinhos de chumbo, ou que frequentem o Martinho! De resto a diplomacia é bem audaciosa em pretender divertir-se! Intenta ela estabelecer uma exceção insultuosa aos costumes nacionais? Aqui ninguém se diverte! Suas Ex.as estão extremamente enganados; vieram talvez para Portugal por equívoco! Tudo, entre nós, é grave. Quem vem para aqui é para a bela melancolia! Nós não gostamos de nos rir. Somos, de profissão, tétricos! Havíamos de nos rir, não era mau, e tanta tristeza por essa história atrás, e o pobre D. Sebastião nas areias de África, e o infame domínio de Castela, e outros lutos tão amargurados!... Nós trazemos na alma os crepes da nossa história. Dia e noite soluçamos, à beira do Tejo. A Lusitânia não é lugar de troça. Se

VV. Ex.as se querem divertir e rir, tenham a bondade de ir para Mabille — ou pelo menos para Badajoz!

Perdoem estas longas páginas. A questão dos teatros tem uma importância pública. O Governo comete o contrassenso de subsidiar um teatro estrangeiro que é de luxo, e deixa ao abandono o teatro nacional que é de necessidade. O luxo que se sustente pelo luxo. S. Carlos sem subsídio que eleve os seus preços. Camarotes a três ou quatro libras-, cadeiras a libra. Se ninguém quiser, que se feche S. Carlos. São algumas árias de menos num palco, e alguma economia mais nas famílias. O teatro nacional que tenha um subsídio, se torne uma escola, um centro de arte, um elemento de cultura. Só isto é o senso, a

verdade e a dignidade.

51

Janeiro 1872

Agitou-se, agita-se ainda, a questão da *emigração*. Há um homem, Mr. Charles Nathan, que leva para Nova Orleães, com bons salários, todas as atividades que se ofereçam.

A emigração, entre nós, é decerto um mal.

Em Portugal quem emigra são os mais enérgicos e os mais rijamente decididos; e um país de fracos e de indolentes padece um prejuízo incalculável, perdendo as raras vontades firmes e os poucos braços viris.

Em Portugal a emigração não é,

como em toda a parte, a trasbordação de uma população que sobra; mas a fuga de uma população que sofre. Não é o espírito de atividade e de expansão que leva para longe os nossos colonos, como leva os ingleses à Austrália e à Índia; mas a miséria que instiga a procurar em outras terras o pão que falta na nossa.

Em Portugal a emigração, tomando o rumo dos países estranhos, contraria a necessidade urgente de regularizar interiormente uma emigração de província a província.

Em Portugal a emigração não significa ausência — significa abandono. O inglês, por exemplo, vai à Austrália e à América fazer um começo de fortuna — para voltar a Inglaterra, casar, trabalhar, servir o seu País, a sua comuna, trazendo-

lhe o auxílio da vontade robustecida, da experiência adquirida, do dinheiro ganho: para Portugal, o emigrante que volta, provido de boa fortuna, vem ser um burguês improdutivo, uma inutilidade a engordar.

Enfim a emigração é má, o Sr. Nathan funesto. Somente o nosso pesar é que o Sr. Nathan, em lugar de alguns centenares dos nossos — não nos queira levar a nós todos. Porque partimos já, sem hesitação, em massa. Fugimos das cebolas do Egito. E, mais felizes que os israelitas, temos em lugar do incerto milagre do mar Vermelho — os excelentes vapores da Liverpool and Mississipi Steam Ship Company.

Vamos todos!

É estranho — que haja quem

estranhe a emigração. Nós estamos num estado comparável somente à Grécia: mesma pobreza, mesma indignidade política, mesma trapalhada económica, mesmo abaixamento dos carateres, mesma decadência do espírito. Nos livros estrangeiros, nas revistas, quando se quer falar de um país caótico e que pela sua decadência progressiva poderá vir a ser riscado do mapa da Europa — citam-se, a par, a Grécia e Portugal. Nós, porém, não possuímos como a Grécia, além de uma história gloriosa, a honra de ter criado uma religião, uma literatura de modelo universal, e o museu humano da beleza da Arte. Apenas nos ufanamos do Sr. Lisboa, barítono, e do Sr. Vidal, lírico.

El-Rei D. Pedro V tinha lido o livro de E. About *A Grécia*

contemporânea: e aquele rei era um grave e fino espírito, e por vezes um subtil humorista — entretera-se anotando à margem o precioso livro de About. Onde estavam nomes dos estadistas da Grécia, o rei punha os nomes correspondentes dos homens públicos de Portugal; onde vinham as narrações das indignidades políticas de Atenas, ele lançava à margem as correlativas indignidades políticas de Lisboa; onde About desenhava com a sua pena maliciosa, cáustica e tão profundamente francesa, um certo ministro da Fazenda que era ladrão — D. Pedro V escrevera ao lado: «Cá chama-se o senhor...» Figura no livro, como torpe, segundo o julgamento do excelente rei, muito homem hoje célebre na vida pública, com bons

ordenados e autoridade. O livro assim anotado, mudados os nomes — é a descrição mais exata do estado de Portugal. Como deve ser infeliz um rei inteligente, quando, caído em ceticismo e misantropia pela certeza que adquiriu de que está no meio de uma pocilga política, não pode todavia entregar a Nação à experiência republicana, nem chamar a si o poder absoluto! Um tal rei, se não se converte por fastio num bom rei de Yvetot — termina sempre por morrer cedo.

Ora, na Grécia, o facto permanente é a emigração. E nós emigramos, pelo mesmo motivo que o grego emigra — a necessidade de procurar longe o pão que a Pátria não dá. O Grego que não tem indústria, nem agricultura, nem comércio, encontra-se ao entrar na vida sem

colocação: — Toma então a sua carabina e vai para as montanhas que Teócrito cantou, roubar viajantes ingleses, ou embarcar no Pireu e emigra para Alexandria, para Trípolis, para as escalas do Levante, para os estados barbarescos, para Marselha, para qualquer ponto onde haja algum pão a roer ou alguma piastra a ganhar.

Nós, que (bem a nosso pesar) não podemos ir roubar para as montanhas porque não temos a quem roubar — vamos procurar o Sr. Nathan.

E o Governo, a opinião, admiram-se! Mas onde pode a plebe ganhar o pão? A grande indústria, a dos tabacos, dá 250 reis de salário a um operário com família. As indústrias fabris são poucas, periclitantes, com interrupções constantes

de trabalho.

A indústria mineira está abandonada à exploração de companhias estrangeiras. A agricultura vive de rotina — empobrecendo a terra e empobrecendo o homem. Não temos piscicultura, nem silvicultura, nem indústria pecuária. O trabalhador dos campos vive na miséria, come sardinhas e ervas do campo: a maior parte anda à *malta*, trabalhando aos dias, errante de fazenda em fazenda, por 80 reis diários, nos tempos de salário. A usura e a agiotagem, unidas, exploram a gente do campo: os tributos são fortes, as vexações do fisco incessantes. Na província, por um imposto de 20 a 30 reis, atrasado e relaxado, vimos nós pagar 5 e 6 mil-réis, com custas, etc. Os pobres não tinham a quantia? Penhora nos

casebres! Nas cidades o operário é vítima do monopólio — monopólio no pão, no bacalhau, no azeite. Não há entre nós uma escola teórica de aprendizagem!

Que querem os senhores que se faça num país destes? Sair, fugir, abandoná-lo! O País é belo, sim, de deliciosa paisagem.

Mas a política, a administração, tornaram aqui a vida intolerável. Seria doce gozá-la, não tendo a honra de lhe pertencer.

Só se pode ser português — sendo-se inglês!

E no entanto, perante a emigração crescente, que faz o Estado, a imprensa, a opinião?

Interrompe-se um momento, e volta-se para os colonos, aplica-lhes a

luneta — e diz àquela plebe esfaimada:

— O quê! Quereis ir embora? Oh, imprudentes! Tendes acolá os terrenos do Alentejo!...

Ora os *terrenos*, os eternos *terrenas do Alentejo*, são simplesmente um gracejo torpe.

Os terrenos do Alentejo, tais *como estão*, não produzem na generalidade senão bolota. E justamente o Governo, a imprensa e a opinião oferecem esses terrenos tais como *estão*. Conheceis brincadeira mais abjeta?

Uma população de trabalhadores, operários, proletários, pede trabalho — senão emigra. E o País exclama:

— Não emigreis, tendes acolá os terrenos do Alentejo — isto é, tomai vós, ó proletários, ó gente do campo, ó pés

descalços, os quatro ou cinco mil contos que tendes aí no bolso roto da jaqueta, associai-vos em grandes companhias, comprai máquinas e instrumentos, lavrai tantas léguas quadradas, arroteai, regai, abri poços, fazei aquedutos, estabelecei lezírias, levantai grandes fundos com o vosso grande crédito, tu Manuel da Horta, tu José da Cancela, tu ferrador, tu jornaleiro — e enriquecei!

O Estado, a imprensa, a opinião têm razão — somente como o trabalhador não traz ali os quatro ou cinco mil contos na algibeira e não está para os ir buscar a casa, por causa da chuva — embarca para Nova Orleães.

Dizer a um homem: — «Você quer ganhar dezoito vinténs por dia? Escusa de sair do País, gaste aí uns mil contos a

arrotear terrenos incultos, e vem a ter de salário, não direi os dezoito vinténs justos, mas dezassete e meio com certeza...» Dizer isto é uma facécia impudica!

Tem sido de um alto grotesco este conselho que se dá de arrotear os terrenos do Alentejo! Todo o mundo o dá, os jornais, os frequentadores da Casa Havanesa, os moços de café, e os poetas líricos. *Arroteie-se o Alentejo!* exclama cada um esfregando as mãos, e puxando o fumo do cigarro. — Pois bem, meus senhores, sim, arroteemos! Mas então aproveitemos este grande impulso nacional, esta energia das forças vivas! E de passagem — conquistemos o Santo Sepulcro, e mandemos varrer o Largo do Loreto!

Mas a melhor facécia tem vindo do sentimentalismo:

— O quê, colonos! Ides deixar a terra do vosso berço, a verde alfombra, o escondido casal na encosta do monte, o grato rouxinol que...

Mágoas diz do seu penar?

Este argumento tão económico, tão positivo, tão firmado em cifras, abala extremamente os emigrantes — os quais provam a sua comoção, remando a toda a força para o paquete da Nova Orleães.

E no entanto, na praia, a imprensa suspira!

Um facto curioso é que a opinião que mais tem enrouquecido a bradar contra a emigração, tenta sobretudo

provar que a emigração para Nova Orleães não dá as vantagens prometidas pelo engajador.

Por consequência o que se condena não é o facto da emigração, que se julga irremediavelmente necessário — mas o *lugar* para onde se *emigra*. A guerra é feita à Nova Orleães, não ao abandono da Pátria. A Nova Orleães fez o que quer que fosse à opinião pública. O caso é que a opinião pública não traga a Nova Orleães. Talvez questões de mulheres, como se dizia na *Grã-Duquesa de Gerolstein*.

Que fazem com isto a imprensa e a opinião? Incitam à emigração. Como? Acusando o pouco que os colonos vão ganhar na Nova Orleães, e fazendo cotejos que implicitamente lhes lembram

o *muito* que ganhariam em São Paulo ou na Califórnia. Não detêm a corrente — mudam-lhe a direção. Isto é — dirigem a emigração, o que é uma maneira de a desenvolver, ainda que tomando para isso o caminho mais laborioso. Mas, enfim, temos a opinião e a imprensa confessando que a vida é extremamente difícil em Portugal, e que a ação natural que todo o cidadão português deve ao seu País — é abandoná-lo.

Entretanto que faz o Governo? Diz-se que o Governo recomendara às autoridades do País que impedissem a emigração. Se assim é, gostamos. Um Governo impedindo a ação de uma lei económica por um ofício — tinha-se visto nas anedotas do *Tintamarre*. É-nos dado, a nós Portugueses, possuir o facto real,

autêntico, referendado. Somente que processo emprega o Governo? Coloca-se entre o bote e o emigrante, gritando altivamente: — «Não passarás!» Agarra-o pela gola da jaqueta, ganindo: «Faz favor de não se safar?» Que o Governo nos esclareça! Bom e querido Governo!... Diante deste grave problema, a emigração, tendo de examinar as condições do País agrícola, de estudar o meio de organizar o trabalho, de regularizar uma emigração interior, de empregar os braços ociosos, de converter em vantagem nacional a energia nativa da população, de obstar ao enfraquecimento do País pela perda da sua riqueza viva, diante destes problemas — o Governo para o regedor e, por toda a ideia, por toda a ciência, lança esta ordem: «A

respeito dos colonos, o melhor é fechá-los à chave!»

Como solução a um problema económico — o Governo acha uma fechadura. A governação do Estado torna-se questão de serralharia! Um trinco é um princípio: um parafuso uma instituição! Como vós sois grandes! Deixai-vos ver bem de frente... Ah! Sois imensos! Mas Sancho Pança — era maior.

52

Dezembro 1872

O excelente jornal, o *Bem Público*, num artigo amargo e piedoso, trabalhado com doçuras de sacristia e repelões de sala de armas, de resto subtil e curioso — dá-nos a honra de sacudir, com a sua pesada mão católica e romana, três pobres artigos das *Farpas*.

O primeiro destes artigos, tão rudemente desmantelado pelo estimável *Bem Público* — censurava o clero do Funchal «por ter impedido que um negociante fosse enterrado no cemitério público, sob pretexto de deveres

religiosos mal cumpridos».

O *Bem Público* cora no seu rosto indignado e exclama: — «A censura tem o mesmo valor que se a dirigisse ao senhor duque de Palmeia, por não consentir que no jazigo da sua família sejam sepultados os cadáveres das pessoas que falecem!»

Esta argumentação é vitoriosa, aniquiladora. Somente nos parece que não há absoluta semelhança entre o cemitério público e o jazigo de família do senhor duque de Palmeia. Quando dizemos, ao estudar a nossa geografia, «Lisboa é capital de Portugal» — não queremos inteiramente dar a entender que a capital de Portugal seja o *Hotel dos dois irmãos unidos*. E acrescenta o *Bem:* — «Se um negociante, enquanto vivo, não quer ter nada com as orações, com as assembleias

religiosas, como pois condená-lo depois de morto a essas orações e assembleias que detestava em vivo?» O que equivale a dizer: — Se esse negociante não queria ouvir missa, nem assistir ao lausperene, nem jejuar enquanto vivo — como condená-lo, depois de morto, a estar de joelhos ao lausperene e a comer bacalhau à sexta-feira?

Sim, *Bem Público,* estamos absolutamente de acordo! Um homem que gosta de comer à sexta-feira rosbife não pode, sem tirânica vileza, ser obrigado a ir para debaixo da terra, amortalhado, dentro do seu esquife, comer à sexta-feira o detestado rodovalho! Sim, *Bem Público!* Sim, amigo! Sim, honrado colega! A verdade é essa! Disseste-la com boca melíflua e sábia! Deve-se excluir do

cemitério todo o homem que não ouviu missa em vivo... E lá o explicais, com profundidade no dizer e alto critério no pensar: — Porque não se pode obrigar esse homem a ouvir missa depois de morto! — Sim, amigo, tu o disseste, tu, de juvenil fé e de discreto lábio.

Depois o *Bem*, num outro período austero, pretende combater a afirmação das *Farpas* — «que o cemitério não pertence aos padres, pertence aos cidadãos». Para aniquilar esta ideia o *Bem* afirma que poderia dar uma longa razão, e explica qual é essa razão. Mas acrescenta: «Não a daremos, porque seria insensata» *(Bem Público*, pag. 188, linha 25). Não, *Bem*, não, tu não és insensato! Não te calunies, amigo, não te humilhes, *Bem!* Não rojes assim uma cabeça

penitente no pó igualitário do macadame! Não, tu até tens boa ortografia! Até tens bem boa forma de letra! Se quisesses, até eras subtil! E que não queres! Se tu quisesses!...

E continua o estimável *Bem* argumentando. As *Farpas* disseram: — «Os cemitérios têm a sua origem na higiene, na polícia, na moral, na vida municipal: não têm a sua razão de ser na teologia.» E o *Bem* exclama: — «Pois dizendo tal caem num erro histórico: os cemitérios têm a sua razão de ser na teologia: basta o nome e a história para prová-lo.» Mas então uma consideração pavorosa acode: a teologia é pelo menos — deve sabê-lo o *Bem* — posterior aos primeiros séculos do cristianismo. Começa com as escolas, e com os

doutores. Ora se os cemitérios datam apenas deste tempo, segundo afirma o *Bem Público*, se só têm a sua razão de ser desde que a teologia teve a sua razão de dominar — o que acontece? É que todos os mortos, desde Nemrod, estiveram aos milhares e aos milhares, enfastiados, de braços cruzados, esperando que a teologia lhes permitisse deitarem-se nos seus sepulcros. Horrorosa antecâmara! Esperaram séculos! E vinham mais, e mais, e mais! Em que se entretiveram tanto tempo, envoltos nos seus sudários impacientes pelo seu enterro? Oh! sábio *Bem Público*, diz-no-lo, tu que o sabes! Se os homens só foram enterrados desde que a teologia se fixou em grossos tomos — em que lugar tenebroso aguardaram o seu dia de sepultura os primitivos árias,

os luminosos índios, o persa trabalhador, o grego erudito e subtil, os milhares de habitantes do império romano, as raças que viveram junto ao Nilo, e os povos bárbaros que habitavam o norte da Europa, e todos os habitantes de todos os continentes, de todos os séculos? Di-lo, sábio *Bem!* Será verdade que eles passeavam pelo éter, fumando o seu cigarro — à espera que Santo Agostinho nascesse? Como tu és instrutivo, oh *Bem!* Só há cemitérios onde há teologia católica. E como explicas então os cemitérios modernos de Constantinopla e do Cairo, e os de todos os países maometanos, e os de todos os outros países onde floresce alguma das 1500 religiões que florescem na Terra, além da católica? Explica isto bem, *Bem!*

Mas o piedoso jornal exclama ainda: «Os católicos não impedem que os que têm pouca religião ou nenhuma, sejam enterrados: porque não estabelecem as câmaras municipais para esses, cemitérios especiais?» Parece-nos prudente este alvitre do *Bem:* estabelecer cemitérios para quem tem *muita* religião: outros para quem tem *bastante:* outros para os que possuem *alguma:* outros para os que alardeiam *pouquíssima:* outros para os que não apresentam *nenhuma*. Enfim, um cemitério para cada medida! Um cemitério aos gramas! Ah *Bem*, como tu vais mal!

O segundo artigo das *Farpas* censurava que «os missionários vendessem *cartas da Virgem Maria a diversas devotos*».

O *Bem Público* diz que *nós agitamos argumentos bicórneos*. Mas não combate, nem aprecia, nem sequer indica — esses argumentos. É timidez? É desdém? É pudor? Somente acrescenta: — «A história é falsa: 1.º porque os jornais de Braga não falaram em tal...»

Mas, querido *Bem*, os jornais de Coimbra, os jornais do Porto, e os jornais de Lisboa, que são liberais, contaram-no. Vale alguma coisa que o não referissem os jornais de Braga, que são *ultramontanos?* E esses mesmos não estão anunciando a cada momento *livros que se vendem para evitar o fim do mundo*, *cartas vindas do Céu*, *relíquias achadas*, etc.?

Diz mais o *Bem:* «2.º porque em Braga não há missionários!» Como assim! Tresloucas, *Bem!* Não há missionários em

Braga? Diz antes, amigo, que não há turcos em Constantinopla! Que não há água nos rios! Que não há estrelas no céu! Que não há sons na música! Ah querido! Não há missionários em Braga? Onde os há então, em Berlim?

No terceiro artigo, as *Farpas* tinham censurado o Sr. Encomendado de Santos-o-Velho, por ter proibido que as mães levem os filhos à Igreja! O *Bem Público* escandaliza-se e grita: — «O que iam as crianças fazer aí? Se as mães queriam ir à missa, e não podiam deixar as crianças em casa — que não fossem à missa, *que estão em primeiro lugar os deveres da lactação, que os desejos da devoção!*»

Esplendidamente bem dito! Mas quem o disse? Foi Michelet decerto, o

iniciador naturalista da educação anticatólica? Foi Proudhon talvez, o rude inimigo da Igreja? Não, meus bons senhores! Não, Nação! Não, Braga! Foi o *Bem Público*, jornal católico, romano, devoto, piedoso, ungido em água benta! *Os deveres da lactação primeiro que os desejos da devoção!* Mas é perfeitamente revolucionário! A lactação antes da devoção — isto é, a natureza antes do misticismo, a razão antes da fé, o dever humano e consciente antes do dever divino e transcendente, o raciocínio antes do dogma, a higiene antes do Evangelho, a mãe antes da devota, o preceito naturalista antes da regra da Igreja, o homem antes de Deus! Bravo, *Bem Público!* Segundo tu, o preceito, a missa, a Igreja, são coisas secundárias, indiferentes, para quando

houver vagar. Objeto de luxo, para os dias de ócio, uma forma do teatro aos domingos! «Que farei hoje, irei à igreja ou à *Rua dos Condes?*» De modo que só quando a mulher tiver amamentado seu filho, arranjado a sua casa, cozinhado o seu jantar, cumprido todos os seus deveres humanos, e se achar numa hora desocupada e vaga — é que deverá ir à missa? Dizes excelentemente! Mas então repara bem, ó *Bem*. Se pões o mais pequeno dever humano antes do mais pequeno dever católico — rachas de alto a baixo o catolicismo: se a mãe deve amamentar antes de rezar, o homem deve obedecer à sua razão consciente antes de obedecer ao preceito religioso: tens a análise, a liberdade religiosa, a reforma, a revolução. Abres uma fresta no mundo

velho e entra-te por ela um mundo novo! O *Bem Público*, estás pois assim naturalista e ateu? És então um falso devoto? Por cima da tua sotaina de sacristão pões uma faixa escarlate de membro da comuna? O *Bem!* Espalhas tu água benta ou petróleo? Treme, desgraçado! Enquanto a *Nação* tua irmã, enquanto o *Diário Nacional*, a *Crença*, estarão muito contentes no Paraíso, tu, *Bem Público*, excluído da bem-aventurança por teres renegado a fé, errarás, como uma sombra aflita, na vastidão do céu negro, através de interminável dor, aos encontrões com as sombras condenadas de Sardanapalo, o pagão, e do aborrecido Pilatos!

Ah! *Bem Público*, excêntrico maganão, conserva-te quieto na tua doce

sombra! Reza, jejua, canta no coro, usa cilício — mas deixa-nos em paz.

Contenta-te em ser um jornal boa pessoa, pesadote e pacatote — e a ter o inteiro aplauso de antigos egressos. Mas não venhas interpor-te no nosso caminho. Toma ao teu canto o teu rapé, e usa em silêncio a tua flanela. E serás grande, ó *Bem!* ó bom *Bem!* ó *Bem* bom! Bum!

53

Janeiro 1872

Querido público, eis-te diante de um Ano Novo — o ano de 1872.

Aí o tens defronte de ti, mudo, impenetrável, com o seu largo chapéu de feltro escondendo a face, a capa cor de mistério traçada à Lindor, e altas botas de pregas reluzentes. A ponta da sua espada ergue de leve, por trás, uma prega subtil, a orla do manto escuro. O traidor! — vem armado!

Como será o seu rosto — claro e pacífico ou sombrio e batalhador? E os seus cabelos — grisalhos e acamados como os de um musgoso conservador, ou

negros e revoltos como os de um revolucionário impaciente? E a palma da sua mão — macia e fácil como a do que espalha dinheiro, ou adunca e áspera como a do avaro ganchoso?

«Quem o sabe? Quem o saberá?» diz o cuco da lenda.

Que te trará ele a ti, fiel camarada das *Farpas* e da sua campanha irónica? Um acesso no teu emprego? A herança de um velho tio? Uma noiva de cinta airosa? Uma bela viagem por conta do Estado? Um pequerrucho guloso de leite?

«Quem o sabe? Quem o saberá?» diz o cuco da lenda.

Que ele, o Ano Novo amável, te conserve a cabeça serena, o estômago são, o bolso sonoro, e a mão decidida. Eis o bom e o positivo na vida. E também que

faça penetrar em ti como um calor reconfortante a estima das *Farpas* — ou, pelo seu nome genérico, a estima do *Bom-senso*.

E que trará ele à Pátria? É justo que pensemos um pouco na Pátria. Porque enfim, temos uma *pátria*. Temos pelo menos — um *sítio*. Um *sítio* verdadeiramente é que temos: isto é — uma língua de terra onde construímos as nossas casas e plantamos os nossos trigos. O nosso *sítio* é Portugal. Não é propriamente uma *nação*, é um *sítio*. Já não achamos mau! A Lapónia nem um *sítio* é apenas uma dispersão de cabanas na vaga extensão da neve. Podemos pelo menos desdenhar a Lapónia. A miserável Lapónia! Como a nossa organização é mais rica, a nossa raça mais digna! Nós

ao menos temos um *sítio!*

O que vai trazer à nossa terra, debaixo da sua capa, o digno Ano de 1872?

Trar-lhe-á a paz, como um folhetim monótono continuado da véspera?

Trar-lhe-á a guerra, como uma aventura emovente a marche-marche?

Trar-lhe-á, embrulhada num cartucho, a revolução?

Trar-lhe-á, no meio de um espanto *oh!* universal — uma ideia?

Trar-lhe-á entre os braços, para lhe depositar no colo, uma nova dinastia — de mama?

Trar-lhe-á, como um noivo para a fecundar, o exímio prelado de Viseu que recua e cora de pudor?

Atirar-lhe-á aos pés, como um mimo de Céu, Melício, melhor que os favos?

«Quem o sabe, quem o saberá?» diz o cuco da lenda.

Nem ele mesmo o sabe talvez, o Ano Novo! Os anos chegam desprevenidos, sem plano, e começam por tomar informações com os anos que saem. E então, pelas notas colhidas, como um dramaturgo, preparam os seus episódios! Ah! Que diria o Ano Velho, ao partir com as suas malas e as suas rugas a este Novo Ano que chegava, inexperiente e curioso? Que confidências trocaram, ao encontrar-se nessa misteriosa estrada por onde caminham os dias e os anos, pacientes transeuntes da Eternidade?... Pois nós, os feiticeiros das *Farpas*, por grande

maravilha o sabemos! Ano Velho e Ano Novo cruzaram-se na fronteira, em Badajoz. O Ano Velho estivera trezentos e sessenta e cinco dias em Portugal; recolhia enfastiado e embrutecido; tinha os dedos queimados do cigarro; levava o estômago estragado da mesa do hotel; ia ressequido da falta de banhos; palitava os dentes com as unhas; sabia ajudar à missa; assoava-se a um lenço vermelho; perguntava a todo o propósito *que há de novo?* — e era reformista. Estava aportuguesado. Ano Novo, esse, saía da frescura do Céu.

Cumprimentaram-se, risonhamente.

E no silêncio da noite, à sombra dos muros de Eivas, de onde nós escutávamos, palpitou entre os dois, vivo

e rápido, este diálogo:

Ano Novo *(preparando a carteira e o lápis):*

— Este país em que vou entrar é uma monarquia ou uma república?

Ano Velho *(gravemente):*

— As geografias dizem que é uma monarquia... Pelo que vi pareceu-me que nem era uma monarquia nem uma república — e que era apenas um *chinfrim.*

— Mas, Ano Velho, pelo menos há um rei?

— Há um, Ano Novo. Os jornais revelam de vez em quando a sua existência — contando que fora fotografar-se! É quanto se sabe da sua vida pública.

— Mas, esse rei reina?

— Reina — como quando se diz na descrição de uma sala: «no alto, ao pé da cornija, *reina* um friso dourado...»

— E por onde se governa esse país?

— Este país tem a *Carta*, que se manifesta todos os meses nas músicas regimentais — em hinos; e atua nas repartições de ano a ano — em suetos... É tudo o que o país sabe dela.

— E de que vive o país? Tem rendimentos, tem orçamento?

— Tem de menos, todos os anos, para pagar as despesas da casa — uns cinco ou seis mil contos. É a isto que eles chamam — as finanças. Cada mistério...

— Um momento! Eu sou um simples, um ingénuo, chego... O que é um ministério?

— É uma coleção de doze homens que se encarregam (seis trotando a cavalo atrás dos outros seis) de governar o País — isto é, de ter a mão na chave da despensa. Quando se pertence a um partido...

— Pertencer a um partido, caro colega, vem a ser?...

— É meter-se a gente num ónibus que leva aos empregados — e a que puxa o chefe do partido, sempre com o freio nos dentes!

— Mas a questão da fazenda, dizia...

— É uma espécie de nó que todos, um por um, são chamados a desatar — e que cada um aperta mais.

— Sem nunca estalar os dedos?

— Bem ao contrário! A alguns

fica-lhes na mão o pó da corda. Ora é com esse pó que se compram os melões.

— E o País, em que se emprega?

— Nas secretarias. São salas onde homens tristes escrevem em papel almaço «Il.mo e Ex.mo Sr.» — para poderem jantar, e ter este acesso: aos 20 anos semi-inúteis, aos 30 inúteis, e aos 45 inúteis e semi.

— E de onde saem esses homens?

— Do liceu, que é um lugar com bancos, onde em rapaz se decoram bocados de livros — para ter o direito de não se tornar a ler um livro inteiro depois de homem.

— Perdão, mas há uma Universidade, parece...

— Há. Mas é apenas um edifício histórico para se provar que existiu D.

Dinis, seu fundador.

— Mas aí, Santo Deus, não se estuda?

— Sim, estudam-se ciências que levam cinco anos a estudar — e que estão atrasadas vinte anos —; com exceção de uma, a teologia, que acabou há um século.

— E como é a organização dos estudos?

— O aluno, ao entrar, faz uma cortesia profunda ao lente; lê lá dentro um romance que traz na algibeira; e sai fazendo ao lente outra cortesia profunda. Se não fizer isto é reprovado.

— E tudo isso para quê?

— Para se ser bacharel — uma qualidade que se exige para tudo, e que se não respeita para coisa nenhuma.

— E a que chama a *política*, meu

amigo? Tenho-lhe ouvido...

— A política é a ocupação dos ociosos, a ciência dos ignorantes, e a riqueza dos pobres. — Reside em S. Bento...

— Um santo do calendário?

— Uma sala que a Carta instituiu para *perpetuamente* se discutir quem há de organizar o País *definitivamente*.

— E qual é a posição dos deputados?...

— Na aparência sentados, por dentro de cócoras.

— Perdão...

— Ah sim! a posição para com o Governo? Empregados de confiança do Governo, nomeados pelo Governo — consentindo-se ao povo, para o contentar, que assine o decreto!

— Explique-me uma palavra dos seus apontamentos: — «eloquência parlamentar?»

— É a série de palavras sabidas que vai de Barros e Cunha a Osório de Vasconcelos — passando por Santos e Silva.

— Quem são esses homens?

— São eles mesmos — e têm um trabalho imenso para serem tanto.

— Há ainda, ao que parece, outra câmara...

— A dos pares. É um forno apagado onde cada Governo mete lenha nova— para poder cozer o seu pão.

— Estranhos casos! E há um partido antidinástico?...

— Perfeitamente: há um partido que se ri do rei por ter tão pouco poder

sobre o seu povo — e lastima o povo por sofrer tanto poder do seu rei.

— Fale-me da aristocracia...

— É uma coleção de capacetes, vazios das velhas cabeças, as quais iam cair ao chão, e onde se metem, para os sustentar, cabeças novas de merceeiros, que pagam para isso ao Governo.

— Ainda bem! Fale-me agora do povo...

— É um boi que em Portugal se julga um animal muito livre, porque lhe não montam na anca — e o desgraçado não se lembra da canga!

— E a burguesia?

— Chuta! Mais baixo! Esse é o nome de desprezo com que os tendeiros enriquecidos que já descansam fulminam os tendeiros pobres que ainda trabalham.

— E este País, que crédito tem entre os outros, para além dos Pirenéus?

— Portugal, lá fora, é estimado pela laranja.

— E a diplomacia?...

— Cada Governo, meu amigo, costuma mandar como embaixadores para fora, aqueles que não quer ver dentro como chefes da oposição. Na realidade os diplomatas são como os criados que os companheiros mandam espreitar para a sala — para eles comerem mais à vontade na cozinha.

— Tem viajado decerto, amigo. Fale-me das cidades... Há boas estradas?

— Há... mas estão todas na secretaria das obras públicas, para não se deteriorarem.

— E o caminho de ferro?

— É novo em Portugal, gatinha ainda.

— Mas... E o Porto o que é?

— Uma terra onde se é negociante para ter os meios de fingir que se é aristocrata.

— E Coimbra?

— Uma cidade onde o município não varre as ruas para não perturbar os que estudam — enquanto os que estudam, com o barulho que fazem nas ruas, não deixam dormir o município.

— E Lisboa, enfim?

— Lisboa é a cidade onde Melício habita. De resto uma burguesa que desejaria parecer-se com uma *cocotte* — se pudesse costumar-se a lavar os dentes.

— Mas então os Portugueses não são escrupulosos no asseio?

— Outrora, colega, quando os criados inexperientes dos hotéis viam chegar o viajante português, traziam-lhe, como a todos, uma tina cheia e fresca. E o Português respondia invariavelmente: «Obrigado, não tenho sede!»

— Mas a vida elegante de Lisboa?

— É não ser cigarreiro da fábrica de Xabregas. Tudo o mais é elegante.

— E os Portugueses são inteligentes ao menos?

— Foi o á-bê-cê que espalhou isso — vaidoso de que o tivessem compreendido!

— E a família?...

— É um grupo de egoísmos — que janta de chinelas.

— Mas as mulheres?

— Pessoas excelentes, que têm a

doçura de fingir que não têm espírito — só para não humilharem os maridos!

— E são bonitas?

— São bonitas — nos intervalos da cuia.

— E honestas?

— Muito mais do que os maridos dão a entender.

— E ternas?

— Aprendem a ternura de cor — mas recitam-na mal.

— Que tal conversam?

— Não se sabe. Nunca tiveram com quem.

— E amorosas?

— Diz o Sr. Vidal que sim.

— E femininas?

— Meu amigo, são utilitárias. Acham em tudo o que acharam na própria

valsa — uma utilidade.

— Na valsa? Qual é?

— O meio de suar com elegância em sociedade.

— Oh! bom Deus, voltemos às generalidades! O País é rico?

— Portugal é um País que todos dizem que é rico, povoado por gente que todos sabem que é pobre.

— Mas a agricultura?

— A agricultura aqui é a arte de assistir impassível ao trabalho da Natureza.

— E as colónias?

— Velhas salvas de família, que se enferrujam ao seu canto.

— Mas este País tem um exército...

— Pode-se permitir essa

formalidade — porque tem segura a paz.

— E polícia?

— A polícia é uma instituição que passeia aparatosamente em certas ruas — para prevenir os malfeitores que vão para outras.

— Falou de malfeitores. Como são as cadeias?...

— São latrinas — onde também se guardam presos.

— Mas a Câmara Municipal, ao menos vela pela cidade?

— Zelosamente. Por uma das suas posturas, por exemplo, é proibido a qualquer cidadão, sob pena de uma grave multa, ter em sua casa, mais de seis meses — um lobo danado!

— É extraordinário! E o bom-senso, não o há?

— Evita-se: porque tê-lo chama-se pedantismo, e publicá-lo chama-se insulto.

— Mas esse povo nunca se revolta?

— O povo às vezes tem-se revoltado por conta alheia. Por conta própria — nunca.

— Em resumo, qual é a sua opinião sobre Portugal?

— Um país geralmente corrompido — em que aqueles mesmos que sofrem não se indignam por sofrer. De resto a Pátria do grande Afonso de Albuquerque e de outros.

— E não há um protesto? Agora me lembro!... As *Farpas?* Fale-me delas...

— Um jornal que tem um só

merecimento — sentir-se com bom-senso e não aspirar à ditadura.

Mas tendo percebido que os escutavam (éramos nós) o Ano Novo e o Ano Velho separaram-se, com grandes *shakehands*. E o Ano Novo, senhor de uma série de definições que o habilitavam a conhecer o País, entrou a fronteira, ao repicar dos sinos, Bem-vindo! E Boas Festas!

54

Janeiro 1872

Ao Ex.mo Sr. Fontes Pereira de Melo. — Vimos agradecer-lhe, senhor ministro, a proposta pela qual é extinto o imposto do pescado. As *Farpas* tinham apresentado, com um relevo doloroso, toda a cruel indignidade desse imposto. Não sabemos se V. Ex.ª já viveu algum tempo nas costas de Portugal. Devia-o ter feito. Nada mais duramente instrutivo. Um interior de cabana ensina mais que um livro de Maurício Block. (Mesmo os livros do dito Maurício não ensinam nada). A pesca não constitui uma indústria

regular, mas um ganho de surpresa. O mar, senhor ministro, não tem a calma tranquilidade da terra. Essa estende-se ao Sol, como a ninfa antiga, e deixa serenamente na sua impassibilidade santa que a violem, a dilacerem, lhe tirem o vinho, o pão, as frutas, até o carvão, e aos que a rasgam e roubam dá tudo o que é necessário para que o corpo viva, e ainda a mais as verduras e as flores para que a alma se alegre. O mar, senhor ministro, esse, defende-se. Olha o homem como um inimigo; cerca-se de rochas, embuça-se traidoramente na névoa, apavora com o seu ladrar monótono. É necessário espreitá-lo, ver quando dorme: então o pescador, rema em silêncio, deita as redes, e rouba-o. Já vê, senhor ministro, que não temos aqui uma indústria

disciplinada — mas a pirataria da fome.

Anda às vezes uma lancha quarenta e oito horas sob a chuva, o vendaval e a neblina, na inclemência da água. Os homens estão *perdidos e trabalhados*, como dizia Camões. É necessário passar a noite no mar. Deitam a âncora e as redes, acendem uma lanterna, persignam-se, e, sob a escuridão e a tormenta, embuçados nos gabões, encharcados, ali ficam no vasto mar escuro. Tudo isto para erguer as redes vazias, quantas vezes rotas! Vão homens e vão crianças. Um homem de companha ganha 80 reis por cada pesca, dois dias de trabalho áspero. Uma criança ganha um vintém. É necessário ver como habitam. Em Espinho — e é uma das costas mais populosas e mais ricas — vivem em

casebres de pau, onde a chuva, o vento, a névoa, entram livremente; dormem sobre farrapos de velhas jaquetas e de antigas velas inúteis; comem numa grande tijela promiscuamente, a caldeirada escassa de sardinha e côdeas de broa. Isto no tempo feliz e abundante. No inverno internam-se e pedem esmola. Tal é aquela vida a traços largos. Escusamos falar-lhe, senhor ministro, dos temporais, dos naufrágios, de barcos partidos, de redes inutilizadas, do fim deles sobre a terra, que é o hospital, do seu fim debaixo da terra, que é a vala. Vir sobre estes homens o fisco, e tirar-lhes, por meio de uma conta de dividir, parte daquilo que eles ganham por meio de um risco de morrer, era excessivamente torpe, mesmo para portugueses! Os pescadores têm, senhor

ministro, um verdadeiro imposto: as grandes ondas que viram as lanchas.

Agradecemos, senhor ministro, a sua simpática iniciativa.

55

Janeiro 1872

O *Índia*, o melhor navio que temos, o navio novo, expressamente feito para o uso do País, comprado com madura reflexão, examinado com escrupulosa ciência, glória da nossa marinha, defesa das nossas colónias, garantia da nossa honra, o *Índia*, que sábias comissões aprovaram, que uma reta imprensa exaltou, que professores da escola normal celebraram, que custou muitas mil libras, que é novo, perfeito, impecável, o *Índia* — mete apenas cinco polegadas de água por dia!

Louvemos a Providência em

humilde atitude: o *Índia* podia não ter fundo!

Mas não, o *Índia* é o nosso glorioso vaso, conhece o brasão heroico que usa, compreende a responsabilidade que arvora, vê que lhe cumpre sustentar o nome da Lusitânia, e portanto o *Índia*, com uma moderação que nos comove até às lágrimas, o *Índia* — mete apenas cinco polegadas de água por dia!

E todavia o *Índia* podia — quem lho impediria? Quem ousaria coibir— lhe a nobre vontade? — o *Índia* poderia não ter casco! O *Índia* poderia não ter costado!

Mas não! O *Índia* sabe os deveres de todo o honrado transporte de guerra para com a Pátria que o emprega. O *Índia* — limita-se a meter apenas cinco

polegadas de água por dia!

56

Janeiro 1872

Ao Sr. D. Américo, Bispo do Porto. — Deve V. Ex.ª Reverendíssima saber que o *Diário da Tarde*, jornal dessa diocese, tem publicado cartas trocadas entre o Sr. Camilo Castelo Branco, que no mundo profano é um romancista excelente, e Rocha, que é no mundo eclesiástico — qualquer coisa. Trata-se, parece, de decidir se existem as famosas labaredas do Inferno. A discussão tomou uma feição teológica. O Sr. Camilo Castelo Branco traz a ela toda a originalidade fogosa da sua veia peninsular; o chamado Rocha divaga, requenta sediços argumentos

teológicos, defende os missionários, e aconselha a prática das suas doutrinas. Ora numa das cartas do dito Rocha encontra-se, reverendíssimo prelado, esta frase, para a qual chamamos a atenção inteligente de V. Ex.ª e a sua autoridade hierárquica:

«Diz o Sr. Camilo que a presença dos missionários aumenta a faina da roda dos expostos. Pois bem, eu digo que melhor, porque aumenta a população.»

O que significa, digníssimo prelado:

«É um bem que os missionários seduzam as suas ouvintes — porque aumentam a população.»

Foi escrita esta frase, excelentíssimo prelado, na cidade do Porto, no ano de 1871, dezembro, por um

chamado Rocha, eclesiástico.

Excelentíssimo prelado! Isto é simplesmente o missionarismo que ameaça a virgindade. Temos aqui o missionarismo que — ferido, irritado da contradição, torcendo-se sob a mordedura da verdade, levado violentamente contra o muro — faz como os gatos longo tempo perseguidos e espicaçados, assanha-se, encrespa-se, sopra, desenrosca-se, ataca-se grita:

— «Ah! Eu estou convencido de ser impudico? Melhor! Confesso o meu impudor, sustento-o! É um bem, porque aumento a população.»

E prepara-se! Pedimos, excelentíssimo prelado, a interferência da sua mitra.

Se, entre nós os profanos, nos

tribunais civis, um assassino declarasse que matara fulano, para diminuir a população; se um ladrão se gabasse de que roubara sicrano, para fazer girar os capitais — nós mandaríamos estes dois reformadores beneméritos, que se haviam sacrificado pela justiça, britar pedra com a argola da grilheta!

Não sabemos o que as leis eclesiásticas cominam àqueles senhores missionários que entendem do seu dever desflorar as mulheres — para aumentar os homens!

Se nada estatuem, então, excelentíssimo prelado, dê-nos V. Ex.ª na sua capela um lugar para irmos aí agradecer a Providência maternal, de rojo nas lajes — pois que é tão benévola com a terra de Frei Bartolomeu dos Mártires

que, no meio das nossas desgraças e da nossa pobreza, nos dá ao menos o moedeiro falso que aumenta o capital e o missionário que aumenta a população!

Como, porém, a justiça e conhecida dignidade de V. Ex.ª, não deixarão passar em impunidade a palavra do chamado Rocha, vimos humildemente pedir, a V. Ex.ª Reverendíssima, que atenda a que a frase do chamado Rocha é a expressão sintética de uma teoria de missionários: — que os missionários são muitos; — que os maus sacerdotes fazem desertos os melhores altares; — que Cristo, o supremo Mestre, desfaria o seu azorrague nestes vendilhões de bentinhos; — e que uma vez que os padres, excelentíssimo prelado, ameaçam aumentar a população, não será injusto

que nós supliquemos a V. Ex.ª que açame os seus padres!

Beijamos o anel pastoral de V. Ex.ª Reverendíssima — sendo, como somos.

Admiradores da ciência e crentes da virtude de V. Ex.ª Reverendíssima.

57

Janeiro 1872

Querem conhecer um cidadão absolutamente otimista, *rara avis*, nesta terra? — É o nosso amigo Pinheiro Chagas.

Revela-o ele, muito finamente, no seu folhetim de 5, no *Diário de Notícias*. Aí, acusando com gentil espírito, os que «fustigam a Pátria», desenha o País como superiormente perfeito, tão perfeito que na sua superfície social e moral não é possível encontrar nem uma fenda nem uma mancha: e aí declara que todo aquele que achar na Lusitânia defeitos e no cisne farruscas — *é burlesco*.

Parece que, segundo o feliz Pinheiro Chagas, nós possuímos toda a perfeição de administração, toda a abundância de riqueza, toda a virtude de alma — como aquela cidade ideal onde o jovem Telémaco e o calvo Mentor passeavam, coroados de louros, trocando os períodos sonoros que o puro Fénelon lhes colava alternadamente aos lábios.

E sabem quais as provas que o nosso admirável amigo dá deste estado de perfeição a que chegou Portugal, desta superioridade inteiramente inacessível às raças inferiores?

Duas provas:

Termos descoberto o caminho da Índia!

Termos, com a nossa energia, domado o Indostão!

Assim, segundo esta teoria da impecabilidade — sabem por que razão é o Sr. Braamcamp um grande filósofo? — Porque nós descobrimos o caminho da Índia. E todo aquele que, ou sobre a filosofia do Sr. Braamcamp ou sobre a grandeza de qualquer instituição nossa, puser restrições ou dúvidas — é *burlesco*. Assim as *Farpas* seriam *burlescas* — se ousassem duvidar da superioridade filosófica do Sr. Braamcamp; e sê-lo-iam se se atrevessem a negar, sorrindo, a excelência da nossa instrução pública. E isto porque nem o Sr. Braamcamp pode eximir-se a ser filósofo tão profundo como Kant, nem a instrução se pode esquivar a ser tão derramada como na Prússia — desde o momento em que nós outrora domámos o Indostão!

É este um sistema de progresso social fácil e cómodo: domar o Indostão. Quem doma o Indostão, está, desde esse momento, na plenitude da verdade e na posse da abundância. Foi por o não ter domado que a França se acha nos embaraços da inconstituição. Foi por o não ter domado que Babilónia caiu! É um erro que uma nação comece a viver — sem se ter prevenido com alguns Indostões domados. Doma o Indostão e deita-te a dormir. Doma o Indostão e fecha a escola — a população saberá ler. Doma o Indostão e não faças estradas — a circulação aumentará.

As *Farpas* acusam a desorganização dos estudos. Mentira, os estudos são perfeitos, veja-se a energia com que domámos o Indostão!...

As *Farpas* censuram a ineficácia da direção económica. Como esqueceis o Indostão domado?...

As *Farpas* acusam o enfraquecimento dos carateres. E o Indostão, o soberbo Indostão domado, desgraçadas?...

As *Farpas* condenam o procedimento tumultuoso da Câmara dos Deputados. Que ousais dizer, pois não domámos nós o Indostão?...

As *Farpas* revelam a decadência literária. Que novo agravo — pois nem a recordação do Indostão que domámos?...

O País pode e deve dizer, em verso:

«Zoilos, tremei, que o Indostão foi meu!»

58

Janeiro 1872

O clero começa a reconhecer entre a Igreja e a vida incompatibilidades inesperadas.

Ainda há pouco Mgr. Dupanloup, bispo de Orleães e antigo académico, pedia à Academia a sua demissão por incompatibilidade com Littré, positivista e académico recente. Isto, bem entendido, obrigaria Mgr. Dupanloup (se nos não transvia uma errónea lógica) a pedir a sua demissão de deputado à assembleia, porque onde está a *fé-dupanloup* não pode estar a *impiedade-littré* — e o positivista Littré é deputado à assembleia.

Mas sendo Littré cidadão francês — deve Mgr. Dupanloup, pela lógica da incompatibilidade, demitir-se de cidadão francês. Resta porém alguma coisa. Littré é homem, e o princípio de Mgr. Dupanloup obriga-o desde já, se é consequente, a demitir-se da sua qualidade de homem. E não é tudo ainda. Littré é animal vertebrado, e portanto o lógico e incompatível Mgr. Dupanloup deve correr perante a autoridade competente e demitir-se nobremente de animal vertebrado. Mais ainda! Littré é ser — (parte do Universo, etc.) e Mgr. Dupanloup, que é incompatível com tudo o que é Littré, segundo as suas palavras, deve trabalhar até conseguir — a sua demissão de ser. E enfim demitido de académico, de deputado, de francês, de

homem, de matéria, e de ser — o que fica, deste bispo de Orleães, sábio latinista e panfletário ilustre?

Em Portugal, agora, o clero descobre incompatibilidade entre a qualidade de *católico* e a qualidade de *mação*.

Ora, como sabem, hoje as associações maçónicas (que perderam há muito a sua feição carbonária, jacobina, etc.) são em Portugal associações públicas com os seguintes fins:

Eleições;

Socorros mútuos;

Beneficência;

Auxílio e proteção recíproca aos irmãos no País e no estrangeiro.

De sorte que, segundo a opinião recente do clero, um católico — não pode

tratar de eleições.

Nem socorrer, proteger e auxiliar os seus amigos.

Enquanto a eleições, os senhores eclesiásticos são os mais lesados em que haja incompatibilidade entre a qualidade de católico e de agente de eleições, porque a carreira sacerdotal de SS. S.as depende essencialmente da sua habilidade eleitoral: e SS. S.as não foram subtis apresentando a *caça ao voto* incompatível com a *devoção a Roma*. Querem os senhores párocos definitivamente abandonar a urna? Então SS. S.as arriscam-se a criarem bolor nas suas pobres paróquias de aldeia. Pretendem continuar a proteger candidatos? Em tal caso perdem a sua natureza católica e não podem ganhar pelo altar.

Quererão SS. S.as dizer-nos que não trabalham em eleições? É a sua missão mais clara e efetiva. Na última eleição, numa diocese próxima de Lisboa, a autoridade eclesiástica superior oficiou aos párocos de todas as suas freguesias para que desenvolvessem o maior zelo, influenciassem, por todos os modos patentes e ocultos, na luta política. É por esta estrada de votos que se chega às boas paróquias.

Enquanto a *socorros e proteção* — não nos parece que os senhores sacerdotes sejam muito mais hábeis, declarando que ser *católico* é incompatível com ser *beneficente*. Devem lembrar-se que a Igreja vive de esmolas! que o Papa vive de esmolas! E essa teoria nova leva a suprimir o dinheiro de S.

Pedro, a côngrua, todos os haveres eclesiásticos.

Por outro lado se o sacerdote começa a esmiuçar à beira do leito de morte a vida do moribundo, para achar nela incompatibilidades com o Céu, podem dar-se casos terrivelmente burlescos. Porque se é um pecado irresgatável o ter trabalhado em eleições (o que constitui uma das ocupações da maçonaria), sê-lo-á igualmente ter pertencido a uma filarmónica — outro emprego fortuito da maçonaria. Em algumas terras do reino as sociedades maçónicas filiais — não tendo trabalhos, nem fins mais altos — reúnem-se usualmente como bandas de música! E assim chegaremos ainda a tempos amargos em que os jornais publiquem esta

retratação:

«Declaro que renego e me arrependo do facto culpado e terrível de ter, em companhia criminosa, esquecido todos os deveres cristãos, e sob a influência do espírito mau — tocado o ‘Barba Azul’ no clarinete!»

Não se vê menos embaraçado o próprio Governo, ele!

A Igreja condena a maçonaria; mas a maçonaria é hoje simplesmente uma sociedade constituída para fazer eleições — a Igreja portanto condena completamente o tráfego eleitoral.

Tem pois o Governo a escolher entre *fazer eleições*, o que lhe atrai a reprovação da Igreja, ou contentar a Igreja, o que lhe traz a perda do poder! Porque ter depois de morto a glória do

Céu, e em vivo a delícia de gozar como deputado o Sr. Melício — não pode ser!

Tem de escolher entre Melício para a câmara e o Céu para a bem-aventurança. Se, para ganhar o Céu, repele Melício com pudico e místico meneio — perde um formoso apoio: e se, para ter esse voto considerável, acolhe Melício como amoroso braço, rasgam-se-lhe sob os pés as fendas do abismo teológico.

Tem de decidir — entre o Céu e a maioria. Devoto, perde as eleições; eleitoral, perde o Paraíso. Ou S. Pedro ou Melício.

Melício está-lhe de frente, com todas as apetitosas atrações da maçã proibida, nas manhãs do Paraíso. Se estende mão ávida para colher Melício,

Satã, o terrível comissário civil do abismo, deita-lhe a mão à gola do casaco: se se afasta, e deixa, sem o colher, Melício baloiçando-se na ponta do ramo verde, perde um voto imenso. E enfim o Céu é o Céu, mas um Melício é Melício. Que fazer? Colher Melício? — é o ranger de dentes. Deixar Melício nas árvores para que os pardais o comam? — é a queda do poder. Porque aqui Melício á mais que homem, aqui Melício é pomo, o pomo de onde depende o Bem e o Mal! (E não falamos do Sr. Melício, inteligente e laborioso rapaz, que amamos: falamos do grande símbolo constitucional, d'Ele, de Melício!)

Que fará o Governo nesta questão espinhosa? Renunciará às eleições ou renunciará ao Céu?

59

Janeiro 1872

Há no relatório da *Reforma de Administração*, uma frase de poderosa realidade.

«Sei — diz o Sr. Sampaio — que muitos concelhos mortos para a administração vão ressuscitar para a resistência.»

É a verdade. Há concelhos em que nem câmara, nem administração, nem regedoria se manifestam mais do que em atravessar pomposamente a praça, no dia da procissão dos Passos, fazendo reluzir ao Sol o óleo espesso do penteado. A vila está entregue aos acasos naturais.

Nenhumas obras; as vielas descalçam-se, os muros abatem, os enxurros empoçam. Nenhuma higiene: a imundície apodrenta em sossego, os maus cheiros fazem atmosfera, os porcos fossam às portas, a praça é uma capoeira pública. Nenhuma polícia; no mercado a desordem, na taberna o jogo, nas esquinas os bêbedos. A administração namora as moças, a regedoria barbeia os fregueses. Não se cria nada, nem se conserva coisa alguma. O que há serve tranquilamente para se estragar: desde a escola que vai perdendo os discípulos, até à cadeia que vai perdendo as grades. É uma vila que apodrece. Há aí o silêncio dos sítios em que cresce o bolor. Um marchante que passa, uma égua que trota, surpreendem: as crianças escancaram a boca, as

autoridades espreitam do canto. Ninguém é rico, ninguém é vivo. Dizem-se apenas meias palavras e aperta-se apenas meio botão. Não se vive inteiramente, como não se vestem inteiramente os casacos: a vida e os casacos — trazem-se às costas.

Pois bem, um dia uma portaria diz: «Este concelho está extinto — e fica anexado a tal outro...»

Indignação! Clamor! «O quê! Quer o Governo impedir que nós mesmos construamos as nossas estradas, dotemos as nossas escolas? Quer amarrar a vontades alheias a força dos nossos braços? É assim que recompensa o nosso zelo provado?... Nós que há tanto tempo curamos desveladamente, etc...»

Ora se, em atenção a estas reclamações ansiosas, fosse concedido a

este concelho o continuar a administrar — ele continuaria a apodrecer.

Estranha inconsequência provinciana! Escandalizar-se uma excelente vila — por a lei lhe tirar um trabalho que ela espontaneamente já tirara de si! Arrufar-se porque a lei lhe estabelece como preceito — o que até aí era nela desleixo! Amuar-se — porque a lei lhe legitima o erro! Reclamar — porque o que fora o vício da sua imbecilidade se torna a virtude da sua obediência! Singular, singular!

60

Janeiro 1872

Tínhamos já coordenado uma página, tendente a mostrar que a portaria que impunha ao Sr. Alves Branco um silêncio, tão anti-higiénico, sobre o hospital de S. José, era uma portaria que de longe se parecia com uma torpeza, mas que, vista de perto e mais à luz, positivamente se reconhecia que era um crime!

Os jornais oficiais acodem, porém, a declarar que o Sr. ministro assinou a portaria sem a ler! E exaltam a sua dedicação em aceitar a responsabilidade pública daquela

distração burocrática!

É realmente louvável que o Sr. ministro sustente, por dignidade, o que assinou por surpresa. Mas seria mais louvável que castigasse a surpresa para desafrontar a dignidade! Porque o introduzir sub-repticiamente, sob a pena ministerial que vai correndo, papéis obscenos, é uma ação cuja índole se parece singularmente com aquela outra tão conhecida dos tribunais — que consiste em meter sub-repticiamente a mão na algibeira de um semelhante e privá-lo dos seus valores. Roubar uma assinatura oficial para legalizar uma ação particular — não difere inteiramente de roubar uma bolsa alheia para saciar um vício próprio.

Mas houve realmente distração ministerial? Antes queremos acreditar que

o Sr. ministro ordenou que se redigisse uma portaria no sentido inteiramente justo de fazer uma inspeção ao hospital, e que os senhores empregados se *equivocaram* a ponto de a redigir — no sentido de proibir toda a crítica e exame do hospital. Tal se nos afigura este caso imundo.

No entanto parece-nos que, se não der alguma atenção mais aos papéis escritos que lhe passam sob a pena, o Sr. ministro se arrisca a empalidecer de surpresa diante de todos os números do *Diário do Governo*. Estando as secretarias, como é notório, povoadas de vates líricos e outras espécies sentimentais não menos torpes, é possível, oh Deus, que se leiam ainda estas linhas, para sempre infamantes:

«Pela presente portaria fica determinado:

Que não fujam, não findem os dias
Que eu ditoso prelibo a teu lado,
Nunca sói o momento fadado,
Em que eu deva deixar-te e partir...

«Secretaria dos negócios do reino. — O ministro, António Rodrigues Sampaio.»

Enquanto à portaria em si própria, todo o seu castigo está neste facto: declara-se *oficialmente* que ela foi introduzida *enganosamente* à assinatura do ministro! O que as *Farpas* pudessem considerar sobre esse documento — seria apenas a beliscadura débil de uma unha

irónica. Aquela declaração é para ela a mordedura fumegante do ferro em brasa.

61

Janeiro 1872

Não queremos privar os nossos amigos da história de um concurso, cintilante de jovialidade, que estala de riso por todos os poros, espuma paradoxalmente de pilhéria.

Havia um lugar de cirurgião do banco no Hospital de S. José. O concurso era documental. Dois médicos aparecem, concorrendo. Um, o Sr. Boaventura Martins, apresenta como documentos os certificados de onze cadeiras do curso médico, tendo dez aprovações plenas com louvor, e seis diplomas de prémios. O outro concorrente não tem nos seus

documentos nem louvor, nem prémio; e tem apenas um R. A administração do hospital classificou o Sr. Boaventura em primeiro lugar, como lhe impunha a lógica e a força inatacável dos documentos. O Governo também o considerou digno dessa classificação. Somente sucedia que o ministro não queria despachar o Sr. Boaventura e ansiava por despachar o cavalheiro do R. Mas (supremo embaraço!) os documentos, os louvores, os prémios, tinham uma evidência iniludível. «Que fazer?», como se diz nas óperas cómicas. O Governo ruminou nas profundas do seu peito, e tirou dele esta sentença: «O Sr. Boaventura não pode ser despachado por não ter sido recenseado.» Surpresa! Assombro!...

Eis o que sucedera:

A lei diz: — «Não pode exercer lugar público o indivíduo que não tenha sido recenseado...» Ora acontecera que o Sr. Boaventura não fora recenseado em tempo competente por descuido da câmara. Quando reconheceu esta omissão, requereu precipitadamente à câmara para ser incluído no recenseamento. A câmara respondeu com bom-senso que, tendo passado os 21 anos da lei, o Sr. Boaventura não devia ser recenseado, e que seria inútil que o fosse, porque o contingente do seu aro estava plenamente preenchido.

O Sr. Boaventura juntou aos seus papéis este atestado da câmara. Pois foi justamente fundado nele que o Governo o excluiu do lugar! Não podendo negar-lhe a superioridade de classificação —

negou-lhe a validade do concurso!

De sorte que, tacitamente, o Governo confessa:

Que dez louvores e seis prémios num curso habilitam, com superior razão, o Sr. Boaventura a exercer o lugar de médico do banco do hospital: somente que de nada lhe valem louvores e prémios, porque a câmara municipal se esqueceu de o recensear!

Debalde a câmara exclama pela voz dos seus documentos: «Não, por causa de mim, não! Esse cavalheiro requereu para ser recenseado! Somente é agora inútil que o seja porque o seu contingente está preenchido!»

O Governo insiste: — «Não! Desde o momento em que a câmara se esqueceu de o recensear, esse médico

pode ser um hábil carpinteiro, um fino miniaturista, mas é-lhe vedada a clínica!» E imediatamente se aproveita desta interdição do Sr. Boaventura — para despachar um cavalheiro protegido e querido!

Portanto, o que se colige é que o concurso não tinha esta interrogativa racional: — «Qual é o melhor médico?» Tinha esta estranha interrogativa: — «Qual é o mais bem recenseado?»

O mais bem recenseado seria o mais apto, segundo o Governo, para curar, operar, tratar doentes.

Logo o recenseamento substitui o curso. Ora ninguém negará que qualquer soldado do 5 ou do 18 está mais bem recenseado, e prova melhor a eficácia do seu recenseamento, do que o sábio

professor Tomás de Carvalho. Portanto quem, segundo a doutrina do Governo, deveria reger a cadeira de anatomia, seria um soldado do 18 com a autoridade da sua fardeta suja, e não o Sr. Tomás de Carvalho com a autoridade do seu largo saber.

Tal é a história jovial e imunda deste concurso!

62

Janeiro 1872

Agradecemos ao Sr. ministro do Reino a sua portaria, resolvendo o enterro dos ímpios nos cemitérios públicos. E — *agradecemos* — porque foram as *Farpas* que se insurgiram contra os escrúpulos e as resistências dos senhores eclesiásticos, perante o cadáver dos *in*beatos e dos indevotos. A portaria estatui que haja no cemitério público, jazigo civil dos cidadãos mortos, um lugar para os corpos daqueles que, ou por dissidência de igreja como os protestantes, ou por diferença de religião como os israelitas, ou por princípios filosóficos como os

racionalistas — sejam não-católicos.

Fazer recolher ao cemitério cadáveres que o clero quereria afastar para as estrumeiras, é já um progresso de bom-senso, uma aquisição para a dignidade civil, um lucro para a higiene.

A câmara municipal não vê almas, vê corpos. Ora depois da morte nem todas as almas se salvam, mas o que sabemos de positivo, é que todos os corpos apodrecem; e os cemitérios são a supressão administrativa desta infeção fatal. Portanto cumpre à câmara vigiar que o transeunte, o eleitor, o contribuinte não seja prejudicado pelos miasmas — nem do ateu nem do devoto. E a sua obrigação civil é enterrar a putrefação — sem indagar quais sejam as suas crenças

religiosas ou as suas opiniões filosóficas. A Deus o que é de Deus, à câmara o que é da câmara. Deus escolherá e distinguirá as almas: a câmara deve dar igualmente aos corpos ateus e aos corpos beatos uma cova higiénica. Isto é o legítimo bom-senso.

A portaria no entanto não é completa, porque, por uma concessão espiritualista, faz colocar num sítio separado, longe dos túmulos católicos, o jazigo dos irreligiosos ou dos dissidentes. E não podendo a portaria referir-se nem aos protestantes nem aos israelitas que têm o seu cemitério privativo — é decerto para os ímpios que reserva, a um canto, aquele lugar de desdém.

Mas quem decidirá que o cidadão morto foi um ateu? A autoridade

eclesiástica? É entregar ao clero a polícia do cemitério, que é toda civil. — A autoridade administrativa? É entregar ao Estado uma averiguação que é toda da filosofia.

A portaria teria evitado este embaraço decidindo, com uma simplicidade antiga, que todo o cidadão morto será sepultado no cemitério público.

No entanto, pelo progresso que estabelece, a portaria é excelente. Aos racionalistas não deve importar que o seu cadáver seja enterrado na parte do cemitério onde só há cruzes negras, ou naquela parte onde só há árvores verdes. (Têm mesmo a perspetiva de gozarem neste caso um fresco teto de folhagens, que o vento e os pássaros encherão de

doces murmúrios).

E à higiene, à polícia, à dignidade civil, o que importa é que os corpos sejam enterrados nos cemitérios, e não atirados para os cantos dos quintais — o que era uma degradação para o morto e uma infeção para o vivo!

63

Janeiro 1872

O Sr. Luciano de Castro, chefe da oposição, fez no relatório, que precede o seu projeto de Reforma Administrativa, uma exposição sombria da administração do País. Aí confessa que acabou a fé política e a dignidade política; que não existem partidos com ideias, mas facções com invejas; que o País está desorganizado e entregue ao abandono; que cada reforma cai sucessivamente com cada Governo; que as leis são um aparato de eloquência parlamentar e não uma eficácia de organização civil... Enfim — que o País chegou à última decadência

administrativa.

Registemos esta preciosa declaração do chefe da oposição. Vamos guardá-la, como uma joia — em algodão.

O Sr. Sampaio, ministro do Reino, no relatório do seu projeto de Reforma Administrativa, declara que a administração, como está, é uma confusão vergonhosa, uma desorganização funesta, um abandono mortal... Enfim — que o País chegou à última decadência administrativa.

Registemos esta confissão sincera do Sr. ministro do Reino. Vamos guardá-la, como um bicho precioso — em espírito de vinho.

Resultado: o ministro do Reino e o chefe da oposição declaram oficialmente o País num estado deplorável de

administração.

Ora nem a reforma do Sr. Luciano se efetuará, nem a reforma do Sr. Sampaio se realizará.

De tal sorte, que resta? Que estamos num abominável estado de administração — segundo confessa o Governo e segundo confessa a oposição: e que ficamos nesse estado!

É risonho.

64

Janeiro 1872

Alguns jornais acusam-nos, com toda a gravidade, de sermos violentamente hostis à realeza e à família real: e obliquamente insinuam que estamos comprados pela demagogia para atacar a Coroa.

Outros jornais acusam-nos, com toda a severidade, de sermos benevolamente cortesãos com a realeza e a família real; e perfidamente sugerem que estamos comprados pela Coroa para vergastar a demagogia.

Fundam-se os primeiros em que fomos menos amoráveis com sua

Majestade a Rainha — revelando a história indecorosa do mendigo preso.

Fundam-se os segundos em que fomos vassalamente aduladores com Sua Majestade El-Rei — revelando que ele espalhava, no Bairro da Ajuda, seis contos de reis de esmolas.

As pessoas imparciais compreendem decerto o nosso embaraço:

Por um lado quereríamos desde já atirar palavras pungentes à Coroa, para eficazmente provar que não estamos comprados pelo seu ouro. — Mas então patentemente se perceberia que o que nos inspira a prosa amarga, são as bolsas de dinheiro com que nos cobre a pálida demagogia.

Por outro lado quereríamos desde já devotar períodos amorosos à Coroa,

para mostrar que não nos acorrenta força dos tesouros demagógicos. — Mas então abertamente se veria que, se falamos com um som tão meigo, é sob a influência dissolvente dos cofres da Coroa! Lívida colisão!

De tal sorte que resolvemos imprimir estas duas cartas, pedindo a rápida justificação da nossa integridade à Monarquia e à Revolução:

AO REI DE PORTUGAL

Senhor. — Alguns malévolos, nossos comuns inimigos, espalham subtilmente que Vossa Majestade nos sacia de ouro, para que as *Farpas* conservem perante Vossa Majestade uma atitude curvada e risonha. Rogamos a

Vossa Majestade se digne declarar se já deixou cair na nossa mão estendida — o seu corruptor metal! Vossa Majestade, com mal disfarçado despeito o dizemos, nem sequer é assinante das *Farpas!* Procedimento este que prova não ser inteiramente erróneo o que a história conta dos crimes da realeza. Aproveitamos a ocasião de lembrar a Vossa Majestade que são esses atos que tornam odiosos os tiranos — e que, mais tarde ou mais cedo, erguem o desagradável cadafalso de Carlos I. Um rei que não assina as *Farpas* vai por um declive, ao fundo do qual tem de encontrar a chorosa vereda de exílio ou o gotejante corredor da masmorra. A recusa da *assinatura* merece a desforra da revolução! Cuidado! Em todo o caso, por

hoje o que pedimos a Vossa Majestade é que declare, como é a intransigível verdade, que nunca Vossa Majestade passou para a nossa mão uma parte dos seus valiosos tesouros. — *Humildes vassalos*.

À HIDRA DA ANARQUIA

Tendo alguns jornais dado a entender que nós atacávamos a realeza porque estávamos para isso pagos pela Hidra da anarquia — pedimos ao dito bicho que declare, publicamente, a falsidade desta asserção imunda.

Aceite, Sr.ª Hidra, os protestos da maior consideração. — *Os redatores das «Farpas»*.

65

Janeiro 1872

Os grandes factos políticos do mês foram as *reformas da Carta* (plural melancólico):

A reforma da instrução pública;

A reforma da administração;

A reforma das comarcas...

Estas formidáveis iniciativas parece que deviam ser acompanhadas pelas *Farpas* com comentários condignos.

Mas, para quê? Todas estas imensas reformas, lançadas triunfantemente a grande ruído de tambor e retórica, durarão, como a rosa de Malherbe — o espaço de uma manhã! Que

necessidade há pois de encaixilhar na nossa crítica uma folha que vai secar? Para que entremear de notas o fumo efémero de um cachimbo? Para que erguer pedestal à estátua de neve que em breve se derreterá?

Reforma da administração, reforma da instrução, reforma da Carta, reforma da judicatura! Parece que é toda uma regeneração do País! Pois são apenas folhas de papel que palpitam um momento ao vento da contradição, e que daqui a pouco cairão miseravelmente e para sempre, a um canto escuro das repartições. Uma luva cor de palha serve para entrar num baile, apertar finas cintas na valsa, anediar o bigode ovante — e eis que ao outro dia vai no cisco, enodoada e perdida, ser o lixo da esquina! Assim as

reformas políticas servem um ou dois meses para um ministério fingir que administra, iludir a Nação ingénua, imitar a iniciativa fecunda dos reformadores «lá de fora», aparentar zelo pelo bem da Pátria, justificar a sua permanência no «poder», fornecer alimento à oratória constitucional: e depois tendo feito o seu serviço, eis que as reformas vão, como todos os papéis velhos e inúteis, ser desfeitas e enrodilhadas sob as vassouras justiceiras dos senhores varredores públicos!

As reformas dos senhores ministros são como as fardas dos senhores ministros. As fardas servem para ir ao paço, às galas, ao beija-mão. São o distintivo oficial e bordado dos que governam. Enquanto se tem correio, são

escovadas, lavadas com chá, enrodilhadas em papel de seda, estendidas em lençóis de linho, cercadas da atenção zelosa da criada e do pasmo do aguadeiro. Quando o Sr. ministro é despedido, a farda é vendida, reduzida a jaqueta de toureiro para se aproveitarem os bordados, dependurada no prego miserável de uma loja de adelo; e depois de ter chegado às costas suadas de um máscara do Casino ou de um comparsa do Salitre, perde-se enfim, miserável e amarfanhada, na dispersão melancólica dos trapos inúteis! Assim as reformas. Com elas o ministro governa, ilude, caracola sobre a eloquência de aluguer, e despacha: e no fim, quando S. Ex.ª é empurrado de novo para a vida particular, as pobres reformas, com que ele tanto se empertigou e tanto se

assoalhou, vão, esquecidas e inúteis, jazer na confusão amarelada dos arquivos estéreis! As reformas em Portugal são um adorno externo de ministério — como o correio, e os bordados da gola!

Todo o ministério que entra — deita reforma e coupé. O ministro cai — o coupé recolhe à cocheira e a reforma à gaveta.

Senão vejam:

Reformas Fontes: inúteis.

Reformas Reformistas: inúteis.

Reformas Braamcamp: inúteis.

Reformas Saldanha: inúteis.

Reformas Ávila: inúteis.

Reformas Bispo: inúteis.

Reformas Regeneradoras: inúteis.

Cada ministro tem o dever tradicional de apresentar, como uma

justificação da sua nomeação — uma reforma. Os jornais falam dela um momento, a oposição arranja representações na província contra ela, as comissões metem os pés nos capachos e discursam sobre ela... Mas o ministério, por uma intriga, por uma *bambocha*, ou por um enredo, cai: e a reforma segue-o na sua saída e logo se some como um sulco atrás da quilha!

Quantas reformas de administração, de instrução, de finanças, não tem o País visto aparecerem no horizonte parlamentar, como sombras que vão chegar à vida, e logo esvaírem-se sem terem provado da vida mais que a doença de um reclamo nas gavetas subsidiadas!

Tem havido, nos últimos três anos, seis reformas de administração — todas

irrealizadas, todas mortas ainda de mama! — E depois destas seis tentativas de reformas, o ministro do reino atual confessa que a administração é um caos vergonhoso — e o chefe da oposição atual brada que a administração é um vergonhoso caos!

Haveria um livro a fazer, intitulado: *Da fisiologia das reformas em Portugal*. Há pelo menos esta definição a dar: — A reforma é uma formalidade que tem a preencher perante o País todo o ministro — menos essencial que o coupé de aluguer, mais necessária que a farda de empréstimo!

Pedimos portanto, urgentemente, que o ministro seja dispensado dessa formalidade!

Que ele tenha coupé de aluguer —

bem! Pede-o a civilização, a honra do País, a comodidade dos seus calos oficiais, e os senhores correios que querem trotar!

Que ele tenha farda — melhor! Pede-o a Carta, a corte, e a necessidade de evitar que SS. Ex.as se apresentem a el-Rei de quinzena e gabão.

Mas para que se há de exigir a um português, ainda que ministro, que reforme? Quem lucra com isso? Ele não — que não pode alugar essa formalidade na companhia lisbonense de carruagens, nem pedi-la emprestada ao adelo da esquina. O País também não — como sabem.

Para que se há de exigir pois esse trabalho de inteligência, esse esforço de saber, a um pobre e débil lusitano?

Não, não, não! Que os Srs. ministros, em nome da dignidade pública, sejam eximidos a essa formalidade ridícula, anacrónica, caturra — de reformar a Pátria.

Antes se tome este alvitre:

Nas suas carruagens de aluguer os senhores ministros trazem apenas na almofada o cocheiro. Pois em vez de se lhe exigir uma reforma mais sobre qualquer instituição — exija-se-lhe um criado mais sobre a almofada.

Nas insígnias ministeriais, nos símbolos do poder, seja a reforma do País substituída — pelo aparato do trintanário! E o desgraçado Portugal lucrará!

66

Fevereiro 1872

Um instante de atenção! O Imperador do Brasil, quando esteve entre nós (e mesmo fora de nós), era alternadamente e contraditoriamente — *Pedro de Alcântara* e *D. Pedro II*.

Logo que as receções, os hinos, os banquetes se produziam para glorificar *D. Pedro II* — ele apressava-se a declarar que era apenas *Pedro de Alcântara*. Quando os horários dos caminhos de ferro, os regulamentos de bibliotecas, ou a familiaridade dos cidadãos o pretendiam tratar como *Pedro de Alcântara* — ele passava a mostrar que era *D. Pedro II*.

De tal sorte que se dizemos que se hospedou entre nós *Pedro de Alcântara*, erramos — porque ele asseverou que era *D. Pedro II*. Se nos lisonjeamos por ter hospedado *D. Pedro II*, desacertamos — porque ele afirmou ser *Pedro de Alcântara*.

Que farão os historiadores futuros? Dirão que viajou em Portugal *D. Pedro II?* Mas se ele o negou! Contarão que Portugal foi viajado por *Pedro de Alcântara*? Mas se ele o contradisse!

Qual é o nome desse homem venerável que passou? A história não tem nome a dar-lhe!

É por isso indispensável, para segurança das crónicas, que se lhe imponha um nome, que, não recordando especialmente *Pedro de Alcântara* nem *D.*

Pedro II — seja bastante genérico para os abranger ambos; e que ao mesmo tempo seja suficientemente sério para se poder dar a um príncipe, se ele o fosse! e suficientemente simples para se poder dar a um plebeu, se ele o era!

Proporemos portanto aos presentes e aos futuros que Ele — que não pode ser chamado *Pedro de Alcântara* porque o recusou, nem *D. Pedro II* porque o vedou — seja simplesmente chamado PSIU!

67

Fevereiro 1872

Falemos da mala deste príncipe ilustre! Todos a conhecem. Ela deixa na Europa uma lenda soberba. Durante meses, viu-o o Velho Mundo absorto sulcar os mares, atravessar as capitais, medir os monumentos, costear os montes, visitar os reis, ensinar os sábios — com a sua mala na mão! E uma mala pequena, de couro escuro, com duas asas que se unem. É por ali que ele a segura. Na outra mão trazia às vezes o guarda-sol, debaixo do braço entalava a espaços um embrulho de papel. Muitas vezes depôs o guarda-sol, outras alheou de si o embrulho — a mala

nunca! Paris, Londres, Berlim, Viena, Florença, Roma, Madrid, o Cairo — conhecem-na. Ela ficou popular na Europa — como o pequeno chapéu de Napoleão o Grande, ou a grande cobardia de Napoleão o Pequeno! Mesmo a celebridade da mala, encobre um pouco a glória do príncipe. Como disse o bom Beranger da batalha de Austerlitz: — «Muito tempo se falará dela sob os lustres dos palácios e sob o teto das cabanas.» Dele — menos!

Confusas opiniões se erguem em torno dessa mala fechada. Que continha ela? — Uns querem que ela tivesse no seu seio os tesouros imperiais; outros afirmam que ela encerrava os imperiais manuscritos. Alguns, mais profundos, sustentam que dentro havia peúgas; outros,

mais discretos, afiançam que dentro não havia nada!

Tal se nos afigura a verdade — a mala não guardava nada!

A mala era uma insígnia — a insígnia do seu incógnito. S. M. trazia em vão a mala, pela mesma razão que usa no trono o cetro. Como a coroa é o sinal da sua realeza no Brasil, a mala era o sinal da sua democracia na Europa. A mala formava o seu cetro de viagem — como o perpétuo chapéu baixo constitui a sua coroa de caminho de ferro. Se S. M. trouxesse as mãos vazias, isso indicaria apenas que Sua Majestade não trouxera o cetro, porque o incomodava para dormir no beliche do paquete: mas não daria a ninguém o direito de afirmar que ele não era o Príncipe, o Imperante! Com a mala,

não! A mala significa que não só tem na mão o cetro, mas traz na mão a bagagem; que não só deixou a realeza no Brasil, mas tomou-a sem cerimónia na Europa! A mala é a tabuleta do seu incógnito! A mala diz: — «Apertem-me a mão, tratem-me por Pedro, e não me toquem o hino!» A Europa olhava-lhe para as mãos, via-lhe a mala, e dizia logo: — «O aquele, que tal te dás por cá?»

O Senhor Pedro trazia a mala para que o não confundissem com Sua Majestade. Aquilo significa: — «Reparem que não sou Ele.» À entrada das cidades, aproximavam-se deste Príncipe ilustre os cortejos oficiais; mas Sua Majestade mostrava a mala — e imediatamente as autoridades desabotoavam os coletes! Os camaristas

dos outros reis iam beijar-lhe a mão; mas Sua Majestade descobria a mala — e os cortesãos davam-lhe logo, alegremente, palmadas doces no ventre.

Se Sua Majestade percebesse que uma só mala não bastava para mostrar o seu desejo de sem-cerimónia, Sua Majestade era homem para tomar — duas malas! Se a etiqueta insistisse, Sua Majestade deitaria ao ombro — um baú! Em Portugal, como receasse receções aparatosas à entrada — Sua Majestade acrescentou à sua mala um guarda-sol, e ao seu guarda-sol um embrulho! Foi assim que o viram descer do vagão os povos perplexos! E se não tivesse havido a precaução de retirar apressadamente todo o cerimonial, sabe-se que Sua Majestade estava disposto a mostrar — as suas

chinelas de mouro! Mas as autoridades, em toda a parte, mal viam Sua Majestade começar a demonstrar, por meio de objetos familiares, que não era o príncipe — apressavam-se a recolher toda a gala, receosas que Sua Majestade levasse a sua demonstração até ao excesso de despir as calças.

Foi graças a estas precauções que Sua Majestade conseguiu atravessar a Europa — disfarçado na sua mala. Por isso ela vinha vazia. Sua Majestade não a usava como bagagem — punha-a como disfarce. Sua Majestade trazia a mala — como outros trazem um nariz postiço.

No entanto — disfarce ou bagagem — a mala é profundamente simpática. Dá a esta corte em viagem uma nota nobre de simplicidade e de

sinceridade. Uma mala pequena não pode chegar para tudo: tapa por um lado o Imperador do Brasil — descobre por outro o homem de bem.

68

Fevereiro 1872

Sua Majestade Imperial passa, com justiça, por um dos homens mais sóbrios do seu vasto império. Sopa, carne cozida, legumes, água e um palito, tal é o chorume dos jantares da corte nos paços da Tijuca.

É verdade que os jornais parisienses contaram que no banquete que o Sr. Adolfo Thiers (presidente certo de uma república incerta) deu ao Imperador do Brasil — Sua Majestade a cada momento cortava a conversação literária e cética que faiscava em redor da mesa, para gritar com a sua imperial boca cheia:

«Que precioso peixe! Que sublime galinhola!»

No entanto, esta circunstância de estupefacta gula, narrada com ironia pelos jornais de Paris — não oferece autenticidade: é um reclamo, uma adulação política à cozinha do dito Adolfo! As gazetas republicanas como não encontram nada a exaltar nas ideias políticas de Adolfo — querem ao menos glorificar-lhe as iniciativas culinárias. E já que não podem dizer: «Que organização ele dá à França!» gritam: «Que jantares ele dá aos Reis!» A verdade incontestável é que Sua Majestade o Imperador é um sóbrio.

Há, porém, um só petisco, acerca do qual Sua Majestade revela uma gula excecional. Sua Majestade desdenha

demagogicamente, desde a trufa até ao Johannisberg, todos os delicados mimos da fornalha ou da adega. Uma só coisa neste planeta lhe aguça a língua. Para uma só coisa tem uma sofreguidão incansável e sorvedoura: — para o idioma hebraico!

Sua Majestade é um guloso de hebraico. No hebraico — rapa os pratos e lambe os dedos. E, por uma inexplicável imprevidência, Sua Majestade não traz consigo nem um homem de raça hebreia, nem sequer um cristão hebraizante, nem mesmo um professor de hebraico! De tal sorte que nos longos dias preguiçosos de paquete, nas horas fastidiosas de vagão — Sua Majestade passa cruéis privações de hebraico. Por isso chega sempre esfaimado de hebraico: e mal entra as portas festivas dos hotéis, ainda com a

mala na mão, rompe logo a pedir nos corredores, com ganidos de gula, quase com assomos de cólera — o seu hebraico!

Quando Sua Majestade Imperial chegou a Londres, o Príncipe de Gales enviou-lhe um dos seus ajudantes de campo — um daqueles belos capitães de *Horse-gards*, que põem à noite um jasmim do Cabo na jaqueta escarlate e ouro. Este dândi marcial perguntou a Sua Majestade o que desejava, naquele momento em que punha o seu pé de além-mar nas plagas verdes de Albion. Esperavam todos que sua Majestade pedisse chá — ou um banho.

Sua Majestade respondeu avidamente: — «Hebraico!»

Os oficiais olharam-se consternados. E o Imperador, com os

lábios secos, as mãos nervosas, o apetite enristado, repetia famintamente: — «Hebraico! Só hebraico!» — Então, por um rasgo genial, os ajudantes do Príncipe de Gales levaram, a toda a brida fogosa de um landau, o Imperador do Brasil — à Sinagoga! Sua Majestade precipitou-se entre os hebreus. Os sábios rabis, que são doutores da lei, cercaram o homem augusto, e, vorazmente, a grandes bocados, com guinchos de gozo, o Imperador do Brasil consumiu incalculáveis porções de hebraico. Depois de se fartar, olhou em redor — e pediu mais!

Certos donos de hotéis, em cidades da Europa, ficavam apavorados e confusos quando Sua Majestade assomava aos limiares das portas, pedindo hebraico

a fortes brados. Alguns arriscavam timidamente:

— Se Vossa Majestade quisesse antes um caldo...

— Hebraico!...

— Se Vossa Majestade quisesse antes um monumento...

— Hebraico!

Foi assim em Lisboa, no Lazareto. Sua Majestade, já ao descer as escadas do paquete, vinha resmungando: «Salta o meu hebraicozinho!» E daí a minutos expedia gritos famintos. Que consternação! Tudo estava preparado: *a canja, a orelheira, a broa, o capilé, o caldo de unto*, todos os artifícios do génio português. Mas ninguém se lembrara do hebraico! E Sua Majestade estrebuchava!

Partiram então exploradores em

todas as direções — e por fim voltaram trazendo, estonteado e surpreendido, o Sr. Salomão Saragga, que lê e fala o hebraico.

Sua Majestade esperava ansiosamente, debruçado na janela. Não houve cumprimentos, nem se pôs toalha. Serviram-lhe o Sr. Saragga, assim mesmo — cru! Sua Majestade deixou-lhe uns restos!

69

Fevereiro 1872

A Universidade e os seus doutores têm espalhado apreciações rancorosas sobre a maneira como Sua Majestade o Imperador se apresentou na sala dos capelos, num dia de doutoramento e de cerimónia. Dizem que Sua Majestade, trajando jaquetão de viagem, com um chapéu desabado e um saco a tiracolo, se veio sentar nos bancos severos da antiga sala adamascada — com a mesma familiaridade com que se sentaria na almofada da diligência dos Arcos de Valdevez. E a Universidade quis ver no jaquetão de Sua Majestade e no seu

chapéu braguês, a mesma significação desatenciosa que o Parlamento de Paris viu, em outras eras, nas altas botas moles e no chicote de estalo do defunto Luís XIV.

Não nos parece justificável o despeito da Universidade.

É verdade que um príncipe pode deixar de se comportar com a pompa de um rei — sem que por isso passe a comportar-se com a maltrapice de um varredor. Entre o manto de arminhos e a rabona — há gradações. Um rei por não ir ao passeio com o seu cetro de ouro — não se seque que vá com as suas chinelas de ourelo: e por não receber as autoridades revestido do seu uniforme — não é honesto que as receba vestido apenas com a sua pele. Mas também não nos parece

que uma quinzena e um chapéu desabado seja *toilette* que escandalize a douta Universidade!

É necessário que os senhores doutores saibam que a *toilette* só é realmente exigida — quando a *toilette* é um fim. Num baile, numa *soirée*, numa gala, na Opera — a gravata branca, a luva cor de pérola, a gardénia ou a grã-cruz são essenciais, porque estas festas constituem unicamente uma reunião de elementos elegantes, entre decorações elegantes, para um fim elegante. Tudo aí deve convergir para a harmonia geral — desde as *toilettes* até às flores. Trata-se de um fino prazer dos sentidos — e a *toilette*, com o seu brilho exterior, é requerida para o tornar completo e perfeito.

Mas quando se trata apenas de doutorar o Sr. fulano, bacharel — não nos parece que tenham cabimento as exigências de elegância. Se a veneranda cerimónia do capelo é uma festa que reclama os requintes de *toilette* — onde estão as rosas, os gelados, as joias nos colos nus, o rumor dos *flirts*, as caudas de seda ondeando na valsa? Se o capelo é um sarau galante, porque é que o Sr. Dr. Brito, de direito, nos priva do maravilhoso contorno do seu seio, trazendo batina — afogada? Porque não vemos os senhores lentes jubilados moverem os leques com a mão calçada em luva de 16 botões? E porque é que o Sr. Forjaz não dirige os arrebatamentos do *cotillon?* Ah, quereis *toilette?* Valsai! — Quereis gravatas brancas? — oferecei

gelados! — Quereis luvas cor de palha? — Amai, venerandos doutores!

Mas para aturar uma enfiada de carões sorumbáticos e de batinas caturras, imóveis num estrado; para ouvir uma charanga torpe dilacerando a grandes golpes de figle um minuete da Sr.ª D. Maria I; para admirar quatro archeiros sebáceos perfilados entre ramos de louro murcho — quereis vós que a gente ponha gravata branca e um jasmim do Cabo na lapela? Pois não vemos aí os senhores de Teologia, antigos egressos espapados de gordura, com as suas velhas lobas enodoadas? Não vemos os senhores de Direito, antigos comentadores do Pegas, com os seus sapatos achinelados? — Quando foi que a Universidade teve jamais a curiosidade e o respeito da

toilette? Ela que ainda há pouco levava ao cárcere os estudantes que usavam colarinho! Ela que reprovava os estudantes que entravam nas aulas com luvas! Ela que proibia em Coimbra os estabelecimentos de banhos! Ela que, destinada a bacharelar as novas gerações, conseguia sobretudo — sujá-las! E abespinha-se porque ele foi ver um capelo, ele viajante, ele Pedro, ele espectador, ele turbamulta — de jaquetão e chapéu braguês! E onde então? Na sala dos capelos — que é a igreja onde se professa para doutor, onde se troca a graça mundana pela sensaboria catedrática, onde o sujeito deixa de ser um homem para ser um lente, onde faz o voto de melancolia e de carranca perpétua, e onde se substitui a alma por

um compêndio. E é neste lugar funerário que os senhores doutores emergem da sonolência sepulcral para murmurarem (talvez em latim!) — *olha aquele de jaquetão*! A Universidade dando-se ares de saber que existe o alfaiate Poole! Irrisória vaidade conimbricense!

É célebre! Vimos sempre a Universidade, quando se tratava de pôr gravata branca — desculpar-se com as suas preocupações científicas. E, agora que se tratava de uma consagração doutoral, a Universidade revolta-se porque um dos assistentes não está de gravata branca!

Pois quê! Recebe a Universidade um sábio, e em lugar de se perder com ele nos retiros difíceis das mais sérias questões do saber — recua, e exclama

com uma exigência mundana de *cocotte: Para irás! Que horror! Vós não estais de casaca!* E não compreendo o que havia de intencional, de amável, na *toilette* de Pedro! Ele quis-se apresentar entre sábios, na rabona de sábio! Ele não quis humilhar nenhum senhor doutor — pelo asseio da sua roupa branca! Vestiu-se com o rigor científico. Antes de sair para o capelo, em lugar de molhar os dedos num frasco de água-de-colónia (sabe-se isto!) ensopou as mãos num tinteiro! Ele seguiu a velha tradição universitária — que o rasgão é uma glória e a tomba na bota uma respeitabilidade! E, se a Universidade tivesse lógica, devia escandalizar-se e corar — não por ele se ter abstido da gravata, mas por ousar entrar, naquele recinto clássico da porcaria, com tão

poucas nódoas no fato!

70

Fevereiro 1872

Deu-se um facto equívoco no sarau do Paço, oferecido ao Imperador: — e foi que, segundo as mais verídicas informações, numerosos senhores eclesiásticos assistiram ao concerto do Paço.

Ora o concerto não era uma receção oficial dos corpos do Estado — mas uma festa!

Uma festa com luzes, aromas, orquestras, mulheres decotadas, flores e danças. Perguntamos se os senhores eclesiásticos, com os seus votos, podem participar destes gozos mundanos.

Ou conhecemos muito pouco a essência do catolicismo — ou não nos parece que os senhores eclesiásticos possam estar legitimamente e segundo a lei da Igreja, num lugar onde um homem toma nos braços uma mulher, e a arrebata através da sala, roçando-lhe as pontas dos bigodes no calor do colo nu.

Da tradição dos Padres e dos Santos não consta que as piedosas e místicas figuras, desses Homens do Espírito, fossem vistas jamais por entre o rumor lânguido dos violoncelos e o palpitar amoroso dos leques... De S. Bernardo sabemos que vivia em Clairvaux para fugir à riqueza de Cister, e aí, sob um alpendre de folhagem, comendo pão duro e bebendo no fio dos regatos, preparava-se para Deus; se se

correspondia com o rei de Inglaterra e com o imperador da Alemanha, era em dez linhas apressadas, mas era em dez páginas que escrevia a pobres monges aflitos de alma, para os encher da Graça. De S. Domingos sabemos que, descalço e esfarrapado, na santa ferocidade da sua fé, pregava e impelia uma cruzada contra os hereges do Languedoc; que vendia os seus livros para comprar lenha aos mendigos; e que um dia, para socorrer uma mulher pobre, como já não tinha dinheiro — se quis vender a si como escravo. Do poético S. Francisco de Assis sabemos que renegou as suas riquezas, viveu muito tempo num buraco, e partiu a peregrinar as terras, beijando as árvores dos caminhos, falando aos pássaros que lhe voavam em roda — e

espalhando sobre todos os seres, flores, rochas, feras, o amor divino que o enchia! Está assim a lenda dos santos cheia de renunciamentos místicos e de uma intratável hostilidade aos regalos. E de nenhum se conta — que fosse espairecer do serviço de Deus para um bufete resplandecente de baixelas, entre champanhe e perdizes trufadas.

A teologia nos ensina que nunca o sacerdote deve arredar um só momento o seu espírito da contemplação de Deus e da meditação da Graça. Ora, não é natural que SS. S.as estivessem possuídos destas preocupações espirituais, no galante sarau de el-Rei.

Que tínheis em torno de vós, senhores eclesiásticos? Os moles sofás que inclinam às preguiças românticas; os

aromas perturbadores de pó de arroz e de *femina;* as caudas de seda ondulantes e lânguidas; os cabelos lustrosos, constelados de joias; os pescoços brancos de um polido de mármore... Entre estas seduções sataníferas que pensavam VV. S.as, senhores eclesiásticos?

Mais longe, no bufete, estava a trufa e o champanhe... Um sarau dá sede. Como a saciastes, senhores sacerdotes?

A nós outros, homens pecadores e perdidos, não causa já grandes estremecimentos a presença da beleza mortal: estamos acostumados, pela educação, às glórias do decote. Também nos não perturba o demónio cor de opala que faísca no champanhe. Conhecemos Satanás em todas as edições. Para nós um colo decotado não é a misteriosa

fatalidade do mal — é o pescoço da senhora fulana, casada com o conselheiro sicrano; e o champanhe, sobretudo o do Paço, é uma triaga feita com aguapé de Bucelas. Mas para VV. S.as, educados no isolamento e no regime do seminário, amarrados pelos votos tirânicos, emergidos da frieza da sacristia, fatigados do breviário... Ah, para VV. S.as!

E, senhores eclesiásticos, os tempos vão de molde que o povo já se afasta dos simples virtuosos — reclama santos! Ora os santos não se supõem entre ó frufru dos cetins e o suspirar das rabecas. Ninguém crê que uma rosa saia intacta de um forno, e um senhor eclesiástico puro de um baile. E um povo que não crê na pureza dos seus padres — termina por se esquecer dos martírios do

seu Deus!

A verdade — aqui entre nós — é que VV. S.as, podem, ao subir para as festas, dar ao criado os seus paletós a guardar; mas não lhe podem dar a guardar — os seus votos. Ora votos, por mais fortes que sejam, se os passearem entre ombros nus, se os fizerem encostar ao bufete sobre os aromas do *Madeira*, se os deixarem cismar aos compassos de Strauss, terminam sempre por lhes acontecer o que acontece às casas comerciais que abusam das festas — quebrar!

Se, porém, sucedeu que VV. S.as foram ao concerto porque Sua Majestade Imperial, assim como quis lá ver os folhetinistas, desejou ver lá os sacerdotes — então lamentemos todos o singular

temperamento deste príncipe que vai para o vagar dos saraus passar revista às profissões! Apressado, curioso, espicaçado pelo tempo escasso, este Imperante pretendia ter nas salas do Paço o índice dos nossos costumes e Portugal em resumo? Sendo assim ainda bem que esse príncipe, assim como exigiu que na sala do concerto estivessem as profissões — não pretendeu que lá se achassem também os estabelecimentos! Ainda bem que, para poupar passadas, ele não reclamou que além dos folhetinistas e dos sacerdotes comparecessem também no sarau — as tipografias e as igrejas! — Que embaraço para el-Rei nosso Senhor!

71

Fevereiro 1872

Sua Majestade Imperial visitou o Sr. Alexandre Herculano. O facto em si é inteiramente incontestável. Todos sobre ele estão acordes, e a História tranquila.

No que, porém, as opiniões radicalmente divergem — é acerca do lugar em que se realizou a visita do Imperador brasileiro ao historiador português.

O *Diário de Notícias* diz que o Imperador foi à *mansão* do Sr. Herculano.

O *Diário Popular*, ao contrário, afirma que o Imperador foi ao *retiro* do homem eminente que...

O Sr. Silva Túlio, porém, declara que o Imperador foi ao *Tugúrio* de Herculano (ainda que linhas depois se contradiz, confessando que o Imperador esteve realmente na *Tebaida* do ilustre historiador que...)

Uma correspondência para um jornal do Porto afiança que o Imperador foi ao *aprisco* do grande, etc.

Outra vem todavia que sustenta que o Imperador foi ao *abrigo* desse que...

Alguns jornais de Lisboa, por seu turno, ensinam que Sua Majestade foi ao *albergue* daquele que...

Outros, contudo, sustentam que Sua Majestade foi à *solidão* do eminente vulto que...

É o último mantém que o

Imperador foi ao *exílio* do venerando cidadão que...

Ora, no meio disto, uma coisa terrível se nos afigura: é que Sua Majestade se esqueceu de ir simplesmente a *casa* do Sr. Alexandre Herculano!

72

Fevereiro 1872

Carta a S. M. o Imperador do Brasil. — Ousamos dirigir-nos a Vossa Majestade Imperial, por um motivo de indeclinável justiça. Veio Vossa Majestade a estes reinos, e apesar de termos a obrigação de acreditar (segundo as ordens de Vossa Majestade) que não era Vossa Majestade que estava entre nós, sucedeu que alguns imprudentes, em risco de cair no imperial desagrado, ousaram afirmar por factos públicos que Vossa Majestade era Vossa Majestade. Igualmente aconteceu que, se por um lado Vossa Majestade negava ser o Imperador

do Brasil, dava bastantemente a entender, por outro, que não era inteiramente nem o defunto Pilatos, nem o atual varredor da Travessa das Gáveas. Enfim, alguns indiscretos, vendo um homem alto, forte, encanecido, venerando, académico, irmão dos terceiros da Lapa e com uma mala na mão — não esperaram mais, e no seu impulso febril e ávido de glorificar o Imperador do Brasil, festejaram Vossa Majestade. Deliberaram então estes sujeitos acender, em honra daquele que Vossa Majestade diz não ser, uma iluminação no Rossio ao pé da estátua do Pai de Vossa Majestade — a quem nós, por abreviatura, neste País apressado e preguiçoso, chamamos familiarmente «o Dador!» Estes indivíduos ergueram dois obeliscos de madeira e envolveram-nos

de tubos de gás; o gás não ardeu. Mas Vossa Majestade não era Vossa Majestade: — e a iluminação pelo mesmo motivo não foi a iluminação, querendo também passar *incógnita*. No entanto, se a iluminação se recusou obstinadamente a resplandecer, ficou inteira e pura a intenção dos iluminantes. Eles não tinham lumes em seus obeliscos — mas sua alma estava cheia de lamparinas.

Ora fazendo estas iluminações (secretas), eles tinham, Imperial Senhor, um fim supremo, e docemente esperado. Eles, Senhor, são todos homens de bem e de boas famílias, manejam regularmente as quatro espécies, não comem com a mão, e usam boa roupa branca — mas são acanhados. São acanhados como araras. Deram amplamente o seu dinheiro, mas

não dão facilmente o seu segredo. Tremem, recuam. Nós, por isso, compadecidos e generosos, tornamo-nos o verbo destes silenciosos!

Senhor! Ei-los, esses homens prestantes!

Aqui os tem Vossa Majestade a seus pés. Vossa Majestade pode verificar que estão todos bem barbeados. Eles Pedem Senhor, uma coisa bem insignificante. Não é que Vossa Majestade os visite a Vale de Lobos. Nem que Vossa Majestade lhes pergunte pela família, como aquele de quem falam os telegramas de Santarém. Nem que Vossa Majestade lhes faça a eles a honra que fez à orelheira do porco — prová-los. Nem que Vossa Majestade lhes compre os mimos de Pomona, que a plebe ignorante chama

maçãs. Não! Estes cavalheiros pedem simplesmente que Vossa Majestade os condecore com a comenda da Rosa! Ora aí está!

Ah, Imperial Senhor! E que eles foram incansáveis! Vigiavam alta noite os trabalhos dos obeliscos! Reanimavam com falas exaltadas o cansaço dos operários! Chegaram a estar de cócoras, revolvendo a terra! Quando a iluminação não ardeu, eles sopraram com desvairada fúria pelos canos! Alguns ficaram calvos! E se não puseram mais iluminações é que, como Vossa Majestade compreende — a cidade não podia ficar inteiramente às escuras!

Ousamos dizê-lo. Vossa Majestade deve-lhes a comenda! Eles não ergueram os dois obeliscos para regalar os

príncipes nem para alumiar a plebe. Para isso acendiam fósforos! Foi no interesse superior das suas casacas pretas! Senhor, foi para a comenda. E gastaram o seu rico dinheiro! Gastaram contos de reis, Imperial Senhor!

Vossa Majestade é generoso, claro em sabedoria, inesgotável de alma! Esperamos com os joelhos no chão, aos pés do Imperador-

Mas Vossa Majestade sorri! Uma benevolência radiosa sobe ao seu rosto! Já o *sim* desejado lhe baila nos lábios!... Oh, obrigado, Senhor! A generosidade desta graça será recordada nas glorificações da história. (E vós, maganões da Comissão dos Festejos — esfregai as manápulas. Abichastes a comenda!)

Nós, Senhor, penhorados até à profundidade da nossa essência — aqui ficamos nestes países, para o seu serviço bem-amado, ou como historiadores dos seus feitos ou como fornecedores de mais orelheira de porco. — Deus tenha Vossa Majestade sob o seu olhar paternal.

73

Fevereiro 1872

Há longos anos o *Brasileiro* (não o brasileiro brasílico, nascido no Brasil — mas o português que emigrou para o Brasil e que voltou rico do Brasil) é entre nós o tipo de caricatura mais francamente popular. Cada nação possui assim um tipo criado para o riso público. As comédias, os romances, os desenhos, as cançonetas espalham-no popularizam-no, desenvolvem-no, aperfeiçoam-no, e ele torna-se o *grotesco* clássico — que chega a ser motivo de ornato industrial, cinzelado em castiçais, aguarelado em caixas de fósforos, torneado em castões

de bengala. A França tem o inglês de coco diminuto na nuca, de larga e aguda suíça em forma de costeleta alourada, dentuça taluda, colarinho alto como um muro de quintal, rabona de xadrezinho, pé largo como uma esplanada, e ar lorpa; ultimamente tem a mais o prussiano, de imenso bigode na focinheira, cabelo em bandós, capacete em bico, um sabre prodigiosamente insolente e um relógio de sala roubado debaixo do braço!

Nós temos o Brasileiro: grosso, trigueiro com tons de chocolate, pança ricaça, joanetes nos pés, colete e grilhão de ouro, chapéu sobre a nuca, guarda-sol verde, a vozinha adocicada, olho desconfiado, e um vício secreto. É o *brasileiro:* ele é o pai achinelado e ciumento dos romances românticos; o

gordalhufo amoroso das comédias salgadas; o figurão barrigudo e bestial dos desenhos facetos; o maridão de tamancos, sempre traído, de toda a boa anedota.

Nenhuma qualidade forte ou fina se supõe no *brasileiro;* não se lhe imagina inteligência, como não se imaginam negros com cabelos louros; não se lhe concede coragem, e ele é, na tradição popular, como aquelas abóboras de agosto que sofreram todas as soalheiras da eira; não se lhe admite distinção, e ele permanece, na persuasão pública, o eterno tosco da Rua do Ouvidor. O Povo supõe-no o autor de todos os ditos celebremente sandeus, o herói de todas as histórias universalmente risíveis, o senhor de todos os prédios grotescamente sarapintados, o frequentador de todos os hotéis sujamente

lúgubres, o namorado de todas as mulheres gordalhufamente ridículas.

Tudo o que se respeita no homem é escarnecido aqui no *brasileiro.* O trabalho, tão santamente justo, lembra nele, com riso, a venda da mandioca numa baiuca de Pernambuco; o dinheiro, tão humildemente servido, recorda nele, com gargalhadas, os botões de brilhantes nos coletes de pano amarelo; a pobreza, tão justamente respeitada, nele é quase cómica e faz lembrar os tamancos com que embarcou a bordo do patacho *Constância*, e os fardos de café que carregou para as bandas de Tijuca; o amor, tão teimosamente idealizado, nele faz rir, e recorda a sua espessa pessoa, de joelhos, dizendo com uma ternura babosa — oh *minina!*

De facto, o pobre *brasileiro*, o rico *torna-viagem*, é hoje, para nós, o grande fornecedor do nosso riso.

Pois bem! É uma injustiça que assim seja. E nós os portugueses que *cá* ficámos, não temos o direito de nos rirmos dos *brasileiros* que de *lá* voltaram. — Porque, enfim, o que é o Brasileiro? É simplesmente a expansão do Português.

Existe uma lei de retração e dilatação para os corpos, sob a influência da temperatura. (Aprende-se isto nos liceus, quando vem o buço). Os corpos ao calor dilatam, ao frio encolhem. A mesma lei para as plantas, que ao sol alargam e florescem, ao frio acanham e estiolam. A bananeira, nos nossos climas, é uma pequena árvore tímida, retraída, estéril: no calor do Brasil é a grande árvore

triunfante, de folhas palmares e reluzentes, tronco possante, seiva insolente, toda sonora de *sabiás* e outros, escandalosa de bananas. Mesma lei para os homens. O espanhol das Astúrias, modesto, humano, discreto e grave — passando para o sol do Equador, nas Antilhas Espanholas, torna-se o sul-americano vaidoso, ruidoso, ardente, palreiro e feroz. Pois bem! O Brasileiro é o Português — dilatado pelo calor.

O que eles são, expansivamente — nós somo-lo, retraidamente. As qualidades internadas em nós, estão neles florescentes. Onde nós somos à sorrelfa *ridiculitos*, eles são à larga *ridiculões*. Os nossos defeitos, aqui sob um clima frio, estão retraídos, não aparecem, ficam por dentro: lá, sob um sol fecundante,

abrem-se em grandes evidências grotescas. Sob o céu do Brasil a bananeira abre-se em fruto e o português rebenta em brasileiro. Eis o formidável princípio! O Brasileiro é o Português desabrochado.

É o sol de lá que nos fecunda. O Chiado sob os trópicos dá inteiramente a Rua do Ouvidor. Rirmo-nos do brasileiro é rirmo-nos de nós sem piedade. Nós somos o germe, eles são o fruto; é como se a espiga se risse da semente. Pelo contrário! O brasileiro é bem mais respeitável porque é completo, atingiu o seu pleno desenvolvimento: nós permanecemos rudimentares. Eles estão já acabados como a abóbora, nós embrionários como a pevide. O Português é pevide de Brasileiro!

Que somos nós? Brasileiros que o clima não deixa desabrochar. Sementes a que falta o sol. Em cada um de nós, no nosso fundo, existe, em germe, um brasileiro entaipado, afogado — que, para crescer, brotar em diamantes de peitilho, calos e prédios sarapintados de verde, só necessita embarcar e ir receber o sol dos trópicos. Cada lisboeta, sabei-o, traz em si a larva de um brasileiro. Nós aqui vestimos cores escuras, lemos Renan, repetimos Paris, e no entanto cá dentro, fatal e indestrutível, está aboborando — um brasileiro.

Quem o não tem sentido agitar-se, como o feto no seio da mãe? — Fitais às vezes uma gravata verde com pintas escarlates? É o Brasileiro a remexer por dentro. — Desejais inesperadamente uma

boa feijoada comida em mangas de camisa? É o Brasileiro. — Apetece-vos ir visitar a Memória do Terreiro do Paço? É o Brasileiro, lá dentro. — Lembra-vos reler uma ode de Vidal ou uma fala de Melício? É o Brasileiro! Ele está dentro de vós, lisboetas! Ah, sabei-o! vós estais sempre no vosso estado interessante — de um Brasileiro!

E quereis uma prova? É o verão! É o cruel verão! Então sob a temperatura germinadora — o Brasileiro interior tende a florir, a desabrochar, a alastrar em cachos. Então começais a deitar o chapéu para a nuca, a usar quinzena de alpaca, a passear depois do jantar com o palito na boca, a exigir dos vendedores a água do Arsenal, a frequentar a Deusa dos mares! Sabeis o que é? É o Brasileiro que lá

tendes dentro na entranha, atraído pelo sol, a querer romper!

Portanto quando nos rimos dele — intentamos a nós mesmos um processo amargo. No inverno a pevide contém a abóbora; mas quando a abóbora cresce no verão, é ela que contém a pevide. Nós cá contemos o brasileiro; ele lá, chegado ao Brasil, germina, brota em fruto, e nós ficamos-lhe dentro. Ora se esmagarmos a abóbora a grandes golpes de chacota, é sobre a nossa própria e rica pessoa que descarregamos o riso fero. Tenhamos juízo! Reconheçamo-nos neles como nós mesmos — ao sol!

Tais são as sábias verdades que soltamos de nossas mãos. Aproveitai-vos, compatriotas!

E sobretudo certificai-vos que vós

outros, que não deixais a capital, não valeis mais que o minhoto que volta de Pernambuco.

O brasileiro não é belo como Apoio, nem como o mais recente Dom-João: — mas tu, ó português, tu também não és belo, e se a tua bem-amada to diz, é que não tem mais nada que te dizer e mente por mero deleite.

O brasileiro não é espirituoso como Mery ou Rochefort; — mas tu, português, não és certamente espirituoso! De cima dos embrulhos daquela tenda, quarenta folhetins to provam!

O brasileiro não é elegante como o conde de Orsay ou Brummel: — mas tu, português, dândi desventuroso do Chiado, ou contribuinte da Rua dos Bacalhoeiros, tens a tua elegância dependurada no bom

Nunes algibebe!

O brasileiro não é extraordinário como Peabody, que deu de esmolas cem milhões, nem como Delescluze que queimou Paris: — mas tu, português, és tão extraordinário como uma couve, e ainda tão extraordinário como um chinelo.

Ora o brasileiro não é formoso, nem espirituoso, nem elegante, nem extraordinário — é um trabalhador. E tu português não és formoso, etc. — és um mandrião! De tal sorte que te ris do brasileiro — mas procuras viver à custa do brasileiro. Quando vês o brasileiro chegar dos Brasis, estalas em pilhérias: — e se ele nunca de lá voltasse com o seu bom dinheiro, morrerias de fome! Por isso tu — que em conversas, entre amigos, no café, és inesgotável a troçar o brasileiro

— no jornal, no discurso ou no sermão, és inexaurível a glorificar o Brasileiro. Em cavaqueira é o *macaco;* na imprensa é o *nosso irmão de além-mar.*

Brasileiro amigo, queres tu por teu turno rir do *lisboeta?* A esse colete verde, que tanto te escarnecem, fecha bem as algibeiras; esse prédio sarapintado de amarelo, que tanto te caricaturam, tranca-lhe bem a porta; esses pés, aos quais tanto se acusam os joanetes e os tamancos primitivos, não os ponhas mais nos hotéis da capital — e poderás rir, rir do carão amarrotado com que então ficará o lisboeta, que tanto ria de ti!

74

Março 1872

Eis aqui, com algumas reflexões e algumas cifras, o estado da instrução pública em Portugal:

Em primeiro lugar a instrução entre nós está toda a cargo do Governo.

As câmaras municipais, que por uma velha tradição nunca se ocuparam das coisas da inteligência — não dão sequer esmola ao á-bê-cê. Uma Câmara tem antes de tudo, como objeto, macadamizar comodamente as ruas ou as vielas de SS. S.as os vereadores; depois tem de construir as estradas que levam às quintas, onde SS. S.as os vereadores, de tamancos, e colete

aberto, suam sob a folhagem da faia — *sub tegmine fagi;* depois tem de empregar, subsidiar, e em geral manter, todos os afilhados de SS. S.as os vereadores. Quando chega a passar o á-bê-cê, SS. S.as têm a iniciativa cansada e a bolsa esvaziada.

Por seu lado os particulares, com singularíssimas e simpáticas exceções, nunca levaram a mão à algibeira, para dar um pataco a uma esmola. (E como estranhar esta abstenção pode parecer uma originalidade fantasista, devemos lembrar que em Inglaterra, França, Alemanha, Dinamarca, Suécia, Itália, Rússia, Espanha, Estados Unidos, os particulares sustentam com um ombro as paredes da escola que os municípios amparam com o outro).

A lei de 20 de setembro de 1844 concedeu às câmaras municipais autorização para fundarem, com os seus rendimentos, escolas primárias. Quem atenta nestes termos, supõe muito racionalmente que as câmaras estavam ávidas de fundar escolas, e que o amor da instrução tinha verdadeiramente tomado o freio nos dentes; supõe ainda que leis anteriores teriam circunspectamente domado este ímpeto desabalado de educar; — e que a lei de 1844, alargando um pouco as rédeas, permitiu às câmaras palpitantes o criarem as apetecidas escolas, não numa carreira desordenada, mas num *chouto* modesto: e supõe enfim que, feita a concessão, as câmaras se atiraram aos pulos, aos corcovos, com a clina esguedelhada, a levantar os

alicerces das escolas! Pois bem, sabem quantas escolas têm as câmaras fundado, inteiramente as expensas suas, desde 1844, há quase trinta anos? Uma, em Setúbal!

De resto, não sejamos injustos. Algumas câmaras tendo, com o curso dos anos, chegado a compreender que soletrar não é inteiramente tão criminoso como roubar, deram generosamente o auxílio dos seus cofres para a organização do ensino — e as 300 câmaras do País, juntas às 400 paróquias, têm concorrido, neste espaço de 30 anos, com um subsidiozinho de tostões para a fundação de 41 escolas!

Tal é o desvelo, a inteligência, o patriotismo com que SS. S.as as espessas câmaras municipais se ocupam da

instrução.

O Estado, portanto, tem a instrução inteiramente a seu cargo, e sob sua responsabilidade.

Ora, tendo um país a educar, eis o que o Estado tem feito:

Sabeis amigos, quantas escolas há, de Norte a Sul, neste País onde floresce a vinha e Melício pensa?

2300!

Existindo no País, segundo as últimas estatísticas, 700000 crianças, e não sendo justo que se apertem na estreiteza abafada de uma escola mais de 50 alunos (e já é fazer transpirar de mais tenros cidadãos imberbes) segue-se que deveríamos ter 14000 escolas...

Temos 2300!

Devendo, pois, fundar uma escola

para cada 50 crianças, possuímos apenas uma escola para cada 300 crianças! Há uma escola para cada 2600 habitantes!

Das 700000 crianças que existem em Portugal o Estado, nessas 2300 escolas — ensina 97000. Isto é, de 700000 crianças, estão fora da escola mais de 600000!

Destas 97000 crianças que frequentam as escolas, sabeis, amigos, quantas se apuram prontas, por ano? Segundo as últimas inspeções — em cada 50 alunos apura-se 1 aluno!

Portanto Portugal, de 97000 crianças que traz nas suas escolas — tira por ano, sabendo os rudimentos, 1940!

Mordei-vos de ciúmes, ó cafres!

Para esta situação concorrem o aluno, o mestre, e a escola. E a culpa toda

recai no Estado. Porque o Estado impossibilita o aluno, inutiliza o mestre e abandona a escola. Vai, como o general Boum, por três caminhos — contra o á-bê-cê!

Nos campos a família é hostil à escola, diz-se. Erro. A família não nega o filho à escola, requer o filho para o trabalho.

A criança aí, de sete a dez anos, já conduz os bois, guarda o gado, apanha a lenha, acarreta, sacha, colabora na cultura. Tem a altura de uma enxada e a utilidade de um homem. Sai de madrugada, recolhe às trindades, com o seu dia rudemente trabalhado. Mandá-lo à escola, de manhã e de tarde, umas poucas de horas, é diminuir a força produtora do casal. Um aluno de mais na escola é assim

um braço de menos na lavoura. Ora uma família de lavradores não pode luxuosamente diminuir as suas forças vivas. Não é por o filho saber soletrar a cartilha que a terra lhe dará mais pão. Portanto tiram a criança à escola para a empregar na terra.

O remédio a isto seria a criação de cursos noturnos. À noite, o campo restituiria a criança à escola. Os cursos noturnos eram outrora exclusivamente para os adultos que tinham o seu dia tomado pela lavoura ou pelo ofício. No entanto num país pobre, como o nosso, de pequena cultura é de pequena indústria, a criança trabalha quase tanto como o homem. O filho tem o seu dia tomado pelo mesmo labor do pai. Os cursos noturnos deveriam ser sobretudo para ele — senão

para ambos.

Ora sabem quantos cursos noturnos havia em Portugal em 1862? — 62!

Em Itália, país de população apenas quíntupla, e cuja instrução se arrasta vagarosamente, havia — 5000!

Sabem quanto todos os municípios juntos, os *trezentos* municípios do País, dão para os cursos noturnos, suprema facilitação da instrução? 1200$000 reis!

Sabem quanto dá o Estado para esses 62 cursos? 240$000 reis para os cursos noturnos! 3$890 reis a cada curso! Pouco mais de três quartinhos! É com estas despesas desvairadas que se fazem as bancarrotas desastrosas!

Mas não é tudo! Em 1867 o ministro do Reino promoveu

energicamente a criação de cursos noturnos. Fez-se um esforço arquejante, e conseguiu-se, depois de meses prolongados, criar 545 cursos! As câmaras, no primeiro entusiasmo, prometeram magnanimamente, para auxiliar estas criações — 12000$000 reis. Pois bem, sabem o que sucedeu? Meses depois, as câmaras negaram-se a continuar as dotações!

Algumas mesmo não chegaram nunca a pagá-las!

Outras não quiseram satisfazer ao professor os ordenados já vencidos!

Num distrito, no bestial distrito de Évora, dos 18 cursos noturnos que se abriram, restavam apenas, meses depois, 3!

No distrito de Coimbra (oh lusa

Atenas) de todos os cursos que havia, não restava, passados meses — nenhum!

Ultimamente, em Peniche, os cursos noturnos eram frequentados por 700 alunos. A hedionda câmara fechou-os todos!

Dos 545 cursos que se conseguiram criar em 1867, restam menos de 100!

Que lhes parece, meus senhores, esta singular infâmia?

Oh, nossa Pátria! Deus na sua justiça te dê uma boa e feroz tirania, que te deite nas palhas das cadeias, te vergaste nos velhos pelourinhos que ainda existam, e te enforque nas traves apodrecidas das forças de outrora!

Outra das vergonhas desta situação é o professor.

O professor de instrução primária é o homem no País mais humildemente desgraçado, e mais cruelmente desatendido.

Sabem quanto ganha um professor de instrução primária? 120$000 reis por ano, 260 reis por dia! Tem de se alimentar, vestir, pagar uma casa, comprar livros, e quase sempre comprar para a escola papel, lápis, lousas, etc. — com treze vinténs por dia. Note-se que, para a alta moralidade da sua missão, o professor deve ser casado. Pois bem, para criar uma família — treze vinténs por dia!

Mas ouçam! Já em 1813 ajunta diretora dos estudos pedia ao Governo que, pelo menos, desse aos professores primários 200$000 reis. Pedia-se isto há 60 anos! A junta dizia energicamente:

«Decidamo-nos: sem ordenados suficientes não há professores idóneos.» Em 1813, 200$000 reis para um professor era considerado pelas repartições competentes um ordenado — apenas suficiente. E em 1872, com o extraordinário aumento dos preços, a triplicada carestia da vida — o professor tem ainda de ordenado os velhos 120$000!

Note-se mais! Há 35 anos, Rodrigo da Fonseca Magalhães, considerando que o professor não podia viver, nem educar-se, nem aproveitar, com o ordenado avaro do antigo regime — determinou que os professores de Lisboa tivessem 400$000 reis, e os das outras terras 250$000 reis. Pois bem: daí a três meses essas medidas racionais e

inevitáveis foram abolidas! Determinou-se até que aos professores não fossem pagos os ordenados vencidos — e arremessou-se de novo, violentamente, o professor para a indigência!

Além disso o professor de instrução primária não tem carreira. Está fechado no seu destino como numa desgraça murada; crescer-lhe-ão os filhos, vir-lhe-ão os cabelos brancos, terá educado gerações, e continuará sem esperança de melhoria a sofrer dentro dos seus 120$000 reis! A falta de carreira é a extinção do estímulo, a petrificação da vontade, o abandono do ser à fatalidade, à rotina e à inércia. O homem assim não procura progredir; embrulha-se na sonolência do seu ofício como quem se acomoda para a eternidade.

Uma eternidade de 120$000 reis! E ainda deste estreito salário tem quase de sustentar a escola. O aluno pobre só aceita o ensino absolutamente gratuito. Se tem de comprar penas, lápis, lousa, pauta, papel — abandona a escola. O professor é forçado a pagar estes apetrechos, de outro modo desertam-lhe a aula, e o vazio da sua escola seria o fim do seu salário.

Acresce que o professorado é uma alta, difícil ciência que se necessita aprender. É esse o fim das escolas normais — aprender a ser mestre. Só a Itália, tem hoje já 91 escolas normais. Sabem quantas havia em Portugal? Uma. E sabem o que fez o Governo para seguir esse movimento civilizador e fecundo, que por toda a parte multiplicava as Escolas Normais? Correu sobre a única

que tínhamos e — extinguiu-a! É verdade, meus senhores, extinguiu-a! Dera ela, no pouco tempo que viveu, 91 professores, todos aproveitados pelo Estado — porque 70 regiam ainda há pouco escolas públicas, e o resto ocupava-se no ensino livre!

Este professorado quase sem salário, de todo sem carreira, sem aprendizagem normal, cria a seguinte situação:

Na última inspeção — de entre 1687 professores, só foram encontrados com habilitações literárias 263! E só foram julgados zelosos — 172!

Que vos parece, patriotas?

A escola por si oferece igual desorganização. Os edifícios (a não ser os legados pelo conde de Ferreira, que ainda

quase não funcionam) são na maior parte uma variante torpe entre o celeiro e o curral. Nem espaço, nem asseio, nem arranjo, nem luz, nem ar. Nada torna o estudo tão penoso como a fealdade da aula. Não pedimos decerto para uso do á-bê-cê os clássicos jardins de Armida: mas está na mesma essência da organização dos estudos a boa disposição material do edifício escolar. Sobretudo nas aldeias é quase impossível atrair ao estudo, numa saleta tenebrosa e abafada, crianças inquietas que vêm do vasto ar, da luz alegre dos prados e dos montes. A escola não deve ter a melancolia da cadeia. Pestallozi, Froebel, os grandes educadores, ensinavam em pátios, ao ar livre, entre árvores. Froebel fazia alterar o estudo do á-bê-cê e o trabalho manual; a

criança soletrava e cavava. A educação deve ser dada com higiene. A escola entre nós é uma grilheta do abecedário, escura e suja; as crianças, enfastiadas, repetem a lição sem vontade, sem inteligência, sem estímulo: o professor domina pela palmatória, e põe todo o tédio da sua vida na rotina do seu ensino.

Além disso, de 1687 (como viram), só 172 foram achados competentes!

É que há um outro mal terrível — a falta de inspeção. A inspeção é a consciência pública da escola. Sem inspeção — o professor que não tem ordenado suficiente, nem destino garantido, nem estímulo eficaz, desleixa-se por falta de interesse, e a escola desorganiza-se por falta de direção. É o

que se dá por todo o País. As escolas estão abandonadas à indolência do professor: e o professor está abandonado à desesperança da vida!

Sabem como é feita a inspeção?

Em cada distrito administrativo há um comissário dos estudos que tem por ano, para inspecionar as escolas do seu distrito, a gratificação de — 120$000 reis. Ordinariamente é um professor do liceu ou o reitor. Isto vigora desde 1844. Ora em 1854, o ministro do Reino dizia à Câmara dos Deputados, num relatório: — «Os comissários dos estudos, ocupados na direção dos liceus, e nas regências de cadeiras, não curam nem podem curar da visita e inspeção das escolas primárias!» É pois o Estado que claramente condena o regime estabelecido em 1844. Pois bem,

há perto de 20 anos que esta sentença condenatória, da inspeção dos comissários, foi lavrada pelo Governo — e ainda existe hoje, em 1872, a inspeção pelos comissários à moda de 1844.

Eis, resumidamente, o estado da instrução.

2300 escolas num país de 4 milhões de habitantes!

De 700000 crianças a educar, apenas se encontram 97000 nas escolas! Destas 97000 apenas se apuram 1940. Portanto de 700000 crianças a educar — educa o País 1940!

Sendo indispensáveis os cursos noturnos — criaram-se 545. Hoje restam 100!

Os professores têm em 1872 o ordenado de reis 120$000 — que já em

1813 era julgado absolutamente insuficiente!

Só com boas escolas normais se podem criar bons professores. Havia uma em 68. Foi extinta! (Tenta-se agora criar 5).

De 1867 professores, foram julgados com habilitações literárias 263 — e zelosos 172!

As escolas são currais de ensino!

Inspeção, não há. Já em 1854 se queixava disso o ministro do Reino! Estamos em 1872!

Eis aqui o estado da instrução pública em Portugal, nos fins do século XIX.

A instrução em Portugal é uma *canalhice* pública!

Que o atual Governo volte os seus

olhos, um momento, para este grande desastre da civilização!

75

Março 1872

*A*valia de uma geração depende da educação que recebeu das mães. O homem é «profundamente filho da mulher», disse Michelet. Sobretudo pela educação. Na criança, como num mármore branco, a mãe grava — mais tarde os livros, os costumes, a sociedade só conseguem escrever. As palavras escritas podem apagar-se, não se alteram as palavras gravadas. A educação dos primeiros anos, a mais dominante e a que mais penetra, é feita pela mãe: os grandes princípios, religião, amor do trabalho, amor do dever,

obediência, honestidade, bondade, é ela que lhos deposita na alma. O pai, homem de trabalho e de atividade exterior, mais longe do filho, impõe-lhe menos a sua feição; é menos camarada e menos confidente. A criança está assim entre as mãos da mãe como uma matéria transformável de que se pode fazer — um herói ou um pulha.

Diz-me a mãe que tiveste — dir-te-ei o destino que terás.

A ação de uma geração é a expansão pública do temperamento das mães. A geração burguesa e plebeia de 1789 a 93, em França, foi livre, sensível e humana — porque as mães que a conceberam tinham chorado e pensado sobre as páginas de Rosseau.

A geração de 1830, gerada durante

o primeiro império — foi nervosa, idealista, romântica, porque as mães tinham vivido nas emoções heroicas das guerras, na contemplação das fortunas maravilhosas.

Se a geração de 1851, em Portugal, foi mais forte e original do que a nossa — é porque as mães, de onde ela saiu, tinham sido as raparigas vivamente sacudidas pelos tempos dramáticos das lutas civis.

É, pois, superiormente interessante saber o que hoje são, em 1872, estas gentis raparigas de 15 a 20 anos de quem nascerá, para bem ou para mal, a geração portuguesa de 1893. Assim poderemos prever o que elas serão mais tarde como mães, como educadoras.

Que elas nos perdoem, essas

gentis meninas, se a nossa pena nem sempre for glorificadora como um soneto de Petrarca: mas a tinta moderna sai do poço da Verdade. O madrigal ficou para sempre suspirando esterilmente sobre a lombada dos livros de Curvo Semedo, o pastoril desembargador; não se atreve a pôr o seu pé florido nestes caminhos revoltos da vida presente. Está tão longe de nós como os pastores vestidos de seda, apoiados a bordões de cristal. Hoje os pastores são rudes miseráveis, cobertos de farrapos. Não suspiram, em versos sonoros, as meiguices a Clóris: pedem mais pão aos patrões!

O madrigal é triste como uma flor de laranjeira de papel, desbotada, atirada para o sótão. Não há nada como belas verdades, sadias e robustas, frescas e

moças!

A *menina solteira!* Vejamos o tipo geral de Lisboa. É um ser magrito, pálido, metido dentro de um vestido de grande *puff*, com um penteado laborioso e espesso, e movendo os passinhos numa tal fadiga que mal se compreende como poderá jamais chegar ao alto do Chiado e da vida.

O primeiro sinal saliente é a anemia. Taine diz, pintando o sólido vigor inglês — que o dever essencial de uma menina é ter saúde. A saúde é o esplendor físico da inocência. *Mens sana in corpore sano*. Uma pele fresca e lisa, músculos que jogam livremente, busto direito, beiços vermelhos — indicam juízo forte, consciência reta, um sentir puro. A palidez, as olheiras, o peito deprimido, o

ar murcho — revelam um ser devastado por apetites e sensibilidades mórbidas. Ora entre nós as raparigas não têm saúde. Magrinhas, enfezadas, sem sangue, sem carne, sem força vital — umas padecem de nervos, outras de estômago, outras do peito, e todas da clorose que ataca os seres privados do sol.

Em primeiro lugar não respiram. Os seus dias são passados na preguiça de um sofá, com as janelas fechadas — ou percorrendo num passinho derreado a Baixa e a sua poeira. Portanto, falta de ar puro, são, restaurador. O ar da Baixa corrompe o sangue; e o ar das salas, resguardadas por cortinas ou alumiadas a gás, não tem oxigénio e portanto não alimenta.

Depois, não fazem exercício. Uma

inglesa tem por dever moral, como a oração, o passeio — o largo passeio, bem marchado durante duas horas, sem preocupação «janota», todo de higiene. Aqui, as que andam a pé, depois de ir de uma loja na Rua do Ouro a uma igreja no Loreto, arquejam e recolhem à pressa no ónibus. Algumas mesmo não sabem andar; escorregam, saltitam, oscilam. Nada dá tanta ideia da constância de caráter, como a firmeza do caminhar. Uma alemã, uma inglesa, anda como pensa — direita e certa. As nossas raparigas, constantemente sentadas e aninhadas, quando têm de se pôr a pé e de marchar, gingam e rolam. Além disso, o hábito do sofá, do recosto e da almofada — acostuma às posições lânguidas; cabeça errante, braços amolecidos, corpo abandonado. Uma

inglesa nunca toma, por pudor, estas atitudes. São atitudes de serralho ou de pomba amorosa. Uma menina está direita e firme. É como na pintura e na estatuária se representa sempre a Inocência.

Depois não comem: é raro ver uma menina alimentar-se racionalmente de peixe, carne e vinho. Comem doce e alface. Jantam as sobremesas. A gulodice do açúcar, dos bolos, das natas, é uma perpétua desnutrição. Os antigos moralistas atribuíam-lhe mesmo uma influência deplorável nos costumes e no caráter. Nas casas de província, onde a moral existe guardada em decrépitos provérbios como em frascos, dizem os velhos, com ingénuo horror: *mulher gulosa, bicha manhosa*.

Lisboa é uma cidade doceira,

como Paris é uma cidade intelectual. Paris cria a ideia e Lisboa o pastel. Daí a grande quantidade de doenças de estômago e de maus dentes. A deterioração pelos dentes começa aos quatro anos. O sangue alimentado a massa, ovos, natas, dá estes corpos débeis e estas almas amolecidas. O Baltresqui, o Ferrari, a Confeitaria Lisbonense arrastam o nosso organismo social.

Outra causa de doença é a*toilette*.Com estes penteados enormes, eriçados, insólitos, em forma de capacete, de fronha, de chalé, de concha, e com os materiais tenebrosos que metem por baixo para sustentar e erguer mais a construção inclemente — acumulam sobre a cabeça um fardo, uma trouxa, que não deixa arejar o crânio. A transudação acumula-se

à raiz do cabelo, fecha os poros, cria um estado de inflamação. Ouve-se dizer quase sempre às mulheres — *Sinto hoje um peso na cabeça!...* É o fardo! É o crânio que, sem ar, amolentado, está adoecendo como um corpo que se não despe.

Lisboa é a cidade do Universo onde as meninas mais se apertam e espartilham. O espartilho que destrói a beleza da linha, a melodia das curvas naturais, dificulta, ao mesmo tempo, a circulação, a respiração e a digestão. Fere as três causas da vida.

De modo que o balanço das condições físicas de uma rapariga portuguesa é este:

Músculos sem exercício;

Pulmões sem ar;

Circulação comprimida;

Digestão estrangulada.

A primeira consequência é que uma rapariga assim destrói a sua beleza, a vivaz mocidade, e a graça. A pele amarelece, os olhos encovam, os lábios gretam, as orelhas despegam do crânio, o nariz afila, as mãos humedecem, todo o corpo corcova — e na bela idade da florescência, e na fresca expansão da vida, uma pobre rapariga de quinze ou dezoito anos está como alguma coisa de amarrotado, de melado, de murcho, de *em segunda mão*, com aquele aspeto safado que o pó das estradas dá à virgindade das folhas.

Começam a precisar, para serem bonitas, da luz do gás. No brilho artificial daquela luz crua uma menina, com os

cabelos lustrosos, um pouco de pó de arroz, e muitos tules espalhados, tem encanto e pode seduzir. Mas que venha, ao outro dia, a sincera luz da manhã! Todas as máculas destacam: os cabelos, chamuscados do ferro de frisar, estão secos e cor de rato, os beiços são como um velho bago de romã espremida, o nariz tem, na cartilagem que o liga ao rosto, um vinco escuro, toda a pele parece a de uma galinha cozida!... Ah! o velho Páris não lhe daria a maçã.

É a moda, dizem. — Cruel razão! A moda começa por ter isto de absurdo: não é ela que é feita para o corpo — mas o corpo que tem de ser modificado para se ajeitar nela. A moda vem de fora, do figurino, feita pela fantasia burguesa de um desenhador de armazém; e aqui,

depois, a pobre mulher precisa de reformar o corpo, obra do seu bom Deus — para o acomodar ao *figurino*, obra do seu mau jornal. De modo que para sustentar o chapéu deforma-se a cabeça; para obedecer ao *puff* torce-se a espinha; para satisfazer às botinas Luís XV desconjunta-se o pé; para seguir o chique das cintas baixas destrói-se o busto. Nunca como hoje, sob o domínio da democracia, se desprezou, se deteriorou tanto o corpo humano. Não é com a intenção mística daquela santa que cortou o nariz para aniquilar as glórias mortais da sua beleza! Não! Hoje mais que nunca se glorifica a beleza, e o corpo é o fim supremo. Somente não se aceita o corpo que a natureza dá — e procura-se aquele que se vende nas modistas. Ah! Onde

estão os tempos em que a beleza era como uma santidade! em que a vida toda era uma educação e idealização do corpo! em que se erguiam estátuas às nudezas maravilhosas! em que o desfigurar um homem era punido com as velhas leis bárbaras do sacrilégio! e em que o ateniense, nas conversas dos pórticos ou nos peristilos dos banhos — se ocupava menos da invasão de Xerxes do que do corpo de Lais! Veja-se então que racional, bela, harmónica *toilette*. Uma larga túnica de linho, de amplas pregas, que deixava o corpo livre, inoprimido, em toda a bela originalidade das suas linhas... Mas mesmo nos tempos bárbaros se respeitava a perfeição da forma. E era em pleno ascetismo, quando a carne se tornara o crime da vida. Vejam-se nos tempos

merovíngios e carlovíngios — os vestuários daquelas rainhas sanguinárias e magníficas que brilham nas iluminuras dos velhos códices. Um vestido inteiro, branco ou negro, modelando o corpo como uma luva, o pescoço livre, os cabelos em duas tranças, ao comprido das costas.

A moda destrói a beleza e destrói o espírito. Um caixeiro desenha a lápis, em Paris, um certo chapéu, um certo corpete, umas certas mangas — e todas, magras e gordas, as louras e as trigueiras, as altas e as pequeninas, se introduzem, se alojam, se enfiam naquele molde, sem se preocuparem se o seu corpo, a sua cor, o seu perfil, a sua altura, o seu peito, condizem, harmonizam, *vão bem* com o molde decretado e chegado pelo correio.

Abandonando-se servilmente ao figurino, abdicam a sua originalidade, o seu gosto. Aceitam uma banalidade em seda — e um lugar-comum com folhos. Uma senhora que não inventa e não cria os seus vestidos — é como um escritor que não acha e não inventa as suas ideias. Ter a *toilette* do figurino, é fazer como os merceeiros que têm a opinião da sua gazeta. Desabitua o espírito da invenção, da espontaneidade, da liberdade. É uma confissão tácita de que se não tem espírito, nem fantasia. Seguir um figurino é aprender a elegância de cor, para a ir recitar na rua; é ter o gosto que se recebeu de encomenda; é alugar o chique, ao mês; é mandar vir as ideias pelo correio; é o bom-tom por assinatura. Que falta de espírito! E os maridos pagam-no!

Depois da anemia do corpo, o que nas nossas raparigas mais impressiona — é a fraqueza moral que revelam os modos e os hábitos. Nada mais significativo, já notámos, que o seu modo de andar. Veja-se o andar de uma inglesa, elástico, firme, direito, sério: sente-se ali a saúde, a decisão, a coragem, a personalidade bem afirmada. Veja-se o andar de uma menina portuguesa, arrastado, inserto, hesitante, mórbido; sente-se aí logo a indecisão, a timidez, a incoerência.

A sua preguiça é um dos seus males. O dia de uma menina de dezoito anos é assim dissipado: almoça, vai-se pentear, corre o *Diário de Notícias*, cantarola um pouco pela casa, pega no croché ou na costura, atira-os para o lado, chega à janela, passa pelo espelho, dá

duas pancadinhas no cabelo, adianta mais dois pontos no trabalho, deixa-o cair no regaço, come um bocadinho de doce, conversa vagamente, volta ao espelho, e assim vai puxando o tempo pelas orelhas, derreada com a sua ociosidade, e bocejando as horas.

Outro mal seu é o medo, um medo horrível de tudo; de ladrões, de trovoada, de fantasmas, da morte, dos corredores escuros, dos castigos de Deus, dos soldados e das máscaras. Não são capazes de atravessar uma sala apagada à meia-noite; se um rato corre no soalho, saltam para cima dos móveis; gritam só com ver um revólver; têm os terrores que têm os canários.

Não há nelas nenhuma decisão, um quase nada as embaraça. É necessário que

tudo em roda na vida seja muito fácil, muito claro, muito pronto; de outro modo, hesitam, estacam; sucumbem. Um *não*, uma carruagem que falta, o relógio que parou, o tempo que mudou — e aí estão inutilizadas. Basta vê-las no inverno, num grande dia de chuva. A inglesa, se tem que fazer compras ou visitas, põe o seu *water-proof* calça as suas galochas, toma o seu guarda-chuva, e aí vai chapinando a lama. A portuguesa em casa, encolhida, amuada, inclusa (segundo a pitoresca expressão do nosso grande desenhista Manuel de Macedo), cai, por causa de alguns pingos de água, numa desolação maior que à de Job sobre o seu monturo.

É vê-la nas jornadas! Se tem de montar a cavalo, que sustos, que gritinhos, que padres-nossos murmurados! A bordo

de um paquete, a inglesa, a francesa, gostam de subir à tolda, ver o mar, sentir a brisa húmida: a portuguesa em baixo, geme, reza, e toma caldos.

Daqui vem a sua falta de ação, a sua infeliz «passividade». Uma menina portuguesa não tem iniciativa, nem determinação, nem vontade. Precisa ser mandada e governada; de outro modo, irresoluta e suspensa, fica no meio da vida, com os braços caídos. Perante um perigo, uma crise de família, uma situação difícil, rezam. Têm a fé abstrata que só Deus as pode inspirar, dar-lhes a decisão, a ideia precisa; mas terminam quase sempre por seguir o conselho da criada.

Veja-se que companheira para a vida do homem — e do homem moderno que não é um trovador ou um

contemplativo, nem um sultão para ter aninhadas, em fofas almofadas, huris perfumadas; mas um trabalhador que precisa ganhar o seu pão, arcar com todas as durezas da vida. Como há de ele lutar com os braços sobrecarregados por estas criaturinhas que desfalecem e gemem, cheias de *puff*, de pó de arroz, de rabuge, e de mimos de romance!

Que diferença de uma francesa, uma alemã, uma inglesa! Quantas destas encontrou um de nós, nos mais remotos países, nas ruínas e nos desertos, nas montanhas de Judeia, nos desfiladeiros do mar Morto! Sofriam longas horas de sol e caminho, dormiam sob a tenda, comiam entre duas pedras no leito seco das correntes, e sempre alegres, vivas, rosadas com o *shake-hand* franco, o riso

fácil. Nunca ele se esquecerá de duas nobres e belas inglesas que viu em Jerusalém.

Dezanove a vinte e dois anos, solteiras. Iam partir para o Jordão, pelo abrasado caminho de Mar-Saba. Uma sobretudo era admirável com a sua alta figura de Diana, um vestido de amazona verde-escuro, justo como uma luva, grandes olhos verdes inocentes e fortes, o pescoço de uma brancura de camélia húmida. Tinham ambas os seus chicotes, luvas de camurça, e à cinta os seus revólveres. Isto é: lutariam e desfechariam também, se a sua cavalgada fosse atacada por beduínos de rapina. E eram duas crianças quase: se as fitassem de certo modo, corariam, se lhes pedissem a bolsa fariam fogo; tal é a

delicadeza da *miss*, tal é a sua força. Raça incomparável — de coração doce e de caráter rijo.

Vejamos um pouco, como as nossas raparigas portuguesas se formam, lentamente, sob a educação interior. As mães põem nas suas pequerruchas todo o interesse que uma artista põe na sua glória; e tratam de dar a essa glória um relevo magnífico. Começam por as vestir como pequeninas senhoras! A pequerrucha de seis, oito anos, uma *baby*, um bocadinho de criatura, um nadinha de mulher, ei-la já com gravidades de dama, direita, seriazita, coberta de fitas, de rendas, de folhos!

Na idade em que precisam de toda a liberdade de corpo e de movimentos para crescer, já trazem a cinta apertada

num anel tirânico, a cabeça oprimida por duros penteados em que o ferro lhes cresta o cabelo, os pezinhos devorados pelo verniz, e *anquinhas* e *puffs*, e um grande aparato, que é o cárcere do anjo.

Ora a *toilette*, como a nobreza — obriga. E assim a pequenina pouco a pouco se penetra da influência dos seus vestidos. Aos oito anos olha-se ao espelho, tem perrices por causa de uma fita, põe pó de arroz conscientemente, quer a meia esticada e elástica para dar relevo a uma perninha mimosa. Todos os lábios da família peregrinam no claro, rosado rosto da Bebé; e a criaturinha, que é ainda uma argila santa, vai-se impregnando de vaidade como uma esponja de água. Vivendo na certeza da sua beleza como uma santa no seu altar,

toda preocupada de vestidos, afogada em mimo, aclamada e beijada — começa a ter certos sorrisos, a espreitar com um certo disfarce malicioso, a ter umas ternuras de andar, um modo de se retrair, de se recusar, que há de fazer corar por vezes o seu anjo da guarda. Desabrocham então as pequeninas simpatias, cheias de mistério. Uma deu um dia a um nosso amigo um amor-perfeito, em segredo, pedindo-lhe que o guardasse. Tinha nove anos. São graças, leves como fios. Mas a vaidade infiltra-se na alma, gota a gota, e cria no fundo aquele lago imóvel, negro e resplandecente, onde, segundo os místicos, habita e se move o pecado.

Ao mesmo tempo vai-se-lhe ensinando o catecismo e a doutrina. É a educação moral. A pequerrucha aprende a

persignar-se, a ajoelhar com gravidade, a recitar o padre-nosso. Depois, seguidamente, decora todas as orações da cartilha. E termina por papaguear a *Doutrina* correntemente, de cor, e salteada, como a tabuada ou como as capitais da Europa — mas sem a menor compreensão, sem ligar uma ideia sua às palavras mortas, sentindo através delas um certo terror — porque se trata de Deus e segundo lhe ensinam é Deus quem manda as trovoadas, as doenças, a morte.

Ora para que se ensina a religião a um homem ou a uma mulher? Para lhe dar um guia para a sua consciência e um guia para a sua inteligência; uma doutrina que lhe mostre o que deve pensar e que lhe aponte o que deve fazer: critério para bem julgar e critério para bem viver. O que se

lhe ensina, porém, no catecismo? Uma série de fórmulas e de palavras combinadas, cujo sentido lhe é tão estranho como uma língua ignorada. Aprende-a maquinalmente à maneira de uma lição de escola que tem de recitar a certas horas, depressa ou devagar, por obrigação, como se penteia e como trata as unhas.

De sorte que, tornada um exercício de recitação, uma fórmula trivial que se repete de joelhos, a Doutrina Evangélica fica na memória como uma toada que tem harmonia, mas não penetra o espírito como uma lei que tenha eficácia. A criança repete todos os dias que os *pecados mortais* são: 1.º soberba, 2.º avareza, 3.º luxúria, 4.º ira, 5.º gula, 6.º inveja, e 7.º preguiça, etc. Pois bem, qual

foi a criança que, diante de um prato de bolos, hesitou jamais em lhe deitar a mão, por se lembrar que a *gula* é um pecado mortal? Qual foi a que deixou de adormecer sobre os seus livros, por temor de cometer o pecado da *preguiça?* Qual foi a que se coibiu de gritar para não cair em *ira?* — E será porque contra a nossa natureza, fatalmente impregnada do mal, sejam impotentes, e se quebrem como bolas de sabão contra um muro as prescrições da religião? Não. É que para obedecer a um preceito é necessário compreendê-lo — como é necessário que, para nos fazermos obedecer de um criado minhoto, não lhe falemos alemão. Ora a criança, que recita maquinalmente, à flor dos lábios, o catecismo — não o percebeu. Declamava-se-lhe a vontade de

Deus, sem lha explicar; de modo que às palavras que papagueia, ela não liga ideia que a prenda.

Desde que a criança sabe de cor o catecismo, supõe-se que ela *tem religião*. Mas se, chegando aos quinze anos, lhe perguntarem: «Qual é o teu dever como esposa cristã? Qual o teu dever de cristã como mãe?» ela ficará tão embaraçada, como se a interrogassem sobre cálculo diferencial. Da religião sabe a «reza», não sabe o dever: ou pelo menos o que ela supõe o dever é ouvir missa aos domingos, e não comer carne à sexta-feira. Princípios que lhe sirvam para se dirigir na vida, como filha, como esposa, como mãe, como mulher sociável — não sabe *um*. Sabe rezar o padre-nosso. Diante pois de qualquer circunstância da

vida ela, religiosa, cristã e devota — como não se pode guiar pela religião que desconhece — guia-se pelo instinto ou pelo capricho. A religião de que tanto fala, e que tanto usa, aos domingos na igreja, e à sexta-feira na cozinha, não lhe serve muito mais do que a um canário ou a uma rola. Porque no fim, o que governa — é o instinto.

Contra as tentações da vida ela não terá no seu espírito conselho, força, resistência ou interesse superior. Uma ilusão, um momento de abandono podem-na perder; e toda a copiosa, aparatosa doutrina que lhe ensinaram e que não percebeu — não a pode salvar.

A pequerrucha Bebé, aos cinco anos, quando dispõe inteiramente da palavra e da frase — começa a mentir.

Bebé mente. Uma senhora inglesa ou francesa ou alemã, se vê sua filha mentir, sente-se verdadeiramente ofendida. Uma só mentira contém duas culpas; deixamos de nos respeitar porque afirmamos o que é falso, e deixamos de respeitar os outros porque os induzimos, voluntariamente em erro. Em Portugal a mentira da criança faz rir, é uma graça: prova o engenho, a faísca, a agudeza do pequenino cérebro. Bebé começa a mentir para ter triunfozinhos à mesa. No princípio nega o que faz — o que é o germe da covardia; depois conta o que os outros não fizeram — o que é a semente da calúnia. De resto, entre nós, a mentira é um hábito público. Mente o homem, a política, a ciência, o orçamento, a imprensa, os versos, os sermões, a arte, e o País é todo ele uma

grande consciência falsa. Vem tudo da educação.

A criança cresce na mentira. — «É um cesto roto esta criança» — diz a família rindo. E não sabem que o «cesto roto» fará depois um intrigante, um falso, um caluniador, um intrujão. Às meninas sobretudo (como se supõe que elas não terão relações oficiais ou publicidade de vida em que a mentira possa prejudicar) consente-se a mentira, como uma vivacidade inofensiva! Inofensiva! Como se não importasse menos que o homem minta na publicidade da rua — do que a mulher no recato da família. O caso é que Bebé, o louro, o engraçado anjo — mente!

Além disso é curiosa. Não o diremos inteiramente como um defeito. A curiosidade tem sido muito caluniada: e

este nobre impulso humano é quase sempre considerado como um simples vício de criado. No entanto da curiosidade proveio toda a civilização, a Ciência, a Filosofia, as invenções, as descobertas de continentes; toda a História, toda a Crítica, é obra da curiosidade. Ela é a viagem perpétua que o homem faz através dos factos e das ideias. Grande instrumento de ação, decerto! Mas é necessário saber como a educação o dirige. Descobrir a América e escutar a uma porta — são dois factos de curiosidade. Toda a criança é curiosa; resta saber se os que a educam, pelos factos e pelas ideias que oferecem ao exercício da sua curiosidade, farão dela — uma descobridora ou uma mexeriqueira.

Em Portugal, as mulheres, excluídas da vida pública, da indústria, do comércio, da literatura, de quase tudo, pelos hábitos ou pelas leis, ficam apenas de posse de um pequeno mundo, seu elemento natural — a família e a *toilette*. Daqui provém que senhoras reunidas, conversando, giram — como borboletas em torno de um globo de candeeiro — em volta destes dois supremos assuntos: vestidos, e namoros. A criança — grande ouvido e grande curiosidade — absorve, como uma esponja chupa a água, tudo o que ouve dizer em redor, no conchego das saias juntas. Espírito nascente, ávido, trabalha principalmente sobre a ideia que contém mistério. *Ver o que está dentro* — é o ardor da criança, ou se trate de uma palavra que escutou, ou de um boneco que

lhe deram. Ora quais são aqui os factos que oferecem à sua curiosidade as conversas da família, mãe, tias, amigas ou visitas? Que fulana casou, que aquela se separou do marido, que é inexplicável a riqueza de *toilette* de outra, que sicrano lhe faz a corte, mas que sicrano tem uma atriz. E sempre os namoros, os vestidos, os escândalos, os mexericos, as histórias de paixões... O espírito da criança fita grandes olhos nestes mistérios pitorescos! E toda esta vida do mundo, de que lhe chega já nas conversas um sopro e uma vaga sensação, dá à sua pequenina alma uma palpitação ansiosa — alguma coisa do que produz o primeiro cheiro das madressilvas nas borboletas ainda afogadas na vida inerte do casulo.

Qual é depois o resultado? Que

vemos aqui meninas, aos quinze anos, falando com grande autoridade sobre casamentos, dotes, adultérios, raptos, e afirmando que tal comédia é fresca ou que tal romance é imoral.

Uma das causas desta precocidade é a casa. Um grande agente na educação da criança é a casa. Em Lisboa as casas não têm quintais — e isto só explica muitos destinos. Num andar, com janela para a rua ou para o saguão, sem horizonte, sem árvores, sem ar — a criança estiola. Estiolação lenta, que vai produzindo a sobre-excitação dos nervos, a propensão melancólica, a variabilidade de humor, a debilidade do caráter, etc.

Veja-se a criança educada numa quinta. Pela manhã já ela está solta, com um bibe, uns largos sapatos, um velho

chapéu. Corre, visita os bois, luta com o carneiro, abraça o pacífico e grave jumento, preside à reunião das galinhas, conhece os ninhos, sabe de cor as árvores; cai, enlameia-se, arranha os joelhos, cura-se pulando, recebe os largos abraços do sol, penetra-se de ar, de vida, de viço; e inocente como um bicho, fresca como uma madressilva, com o bibe sujo, as mãos cheias de terra, o rosto vermelho como uma amora, as narinas palpitando de vida, sem sensibilidade e sem tristezas, com um cheiro de fenos e prados atravessados, espírito vivo da verde natureza, entra em casa aos pulos, berrando pela sua sopa. A noite, cheia de fadiga, dorme como um canário. — E que educação superior, em verdade, não sai das árvores, das relvas, do pacífico marchar dos regatos, das

recolhidas sombras, das searas, dos milhos, de todos os tranquilos seres que cumprem nobremente, e sossegadamente, o seu dever de crescer!

Mas o melhor é o resultado físico; bom sangue vermelho, forte musculatura, ampla respiração, cabeça fresca, digestão de aço.

Em contraste veja-se uma menina de dez anos, aqui em Lisboa, nestas altas casas encarceradas: pálida, curvada, acanhada, com olheiras, lendo já o jornal, cheia de si, caprichosa, ardendo em vontades, em curiosidades — uma boneca de cera habitada por um bico de gás.

A pequerrucha na quinta habitua-se a estar sobre si, perde o medo, sabe defender-se, tem ação, decide-se. Na cidade são tímidas, gritam, encolhem-se,

tremem, empalidecem, hesitam, rezam aos santos, e estão sempre prontas a refugiar-se nos primeiros braços que as acolhem. Mau hábito — dizia a ama de Julieta.

Além disso (grave consideração), no campo a criança está longe da sala, das suas conversações, e da sua malícia: — aqui, aconchegada nos mesmos quartos, penetra-se, aos oito anos, do *espírito crescido*, o que é deplorável. É por isso que elas aos quinze anos dizem, com um desdém que espanta e faz recuar — *que estão cheias de experiência!*

Será necessário que penetremos nos colégios? — Espreitemos só pela porta. — Um dos grandes males do colégio é o tédio. O tédio enfraquece, anula o espírito, a vontade, e só deixa viva e exigente — a curiosidade. De quê?

de tudo, do imprevisto, do que se não tem, do que está na rua quando nós estamos em casa, do que está no vício quando nós estamos no dever. Ora se alguém se aborrece é uma colegial. Presa, abafada, arregimentada, parece uma flor apertada entre as duas folhas de um livro. Nada a pode prender ao colégio; nem a serenidade de vida — porque não é o sangue buliçoso e sacudido dos catorze anos que aspira a repousar — nem o estudo — porque a mulher, pela simples constituição do seu cérebro, é adversa ao estudo e à ciência —, nem a satisfação de cumprir o dever — porque a compreensão abstrata do dever não tem presa sobre o espírito feminino. A mulher, do dever, só compreende um lado, e esse admiravelmente — o pudor. De sorte que,

não a retendo a paz do colégio, nem o interesse da ciência, nem a influência do dever — tudo na sua natureza impaciente e curiosa a leva a desejar o mundo, o ruído, a vida exterior. É nesse estado de espírito que se encontra diante de horas regulamentadas, de lições, de costuras, o refeitório insípido, a uniformidade claustral. O refúgio são as conversas, as camaradagens, as grandes amizades, os segredos... Mas este mesmo regime mantém a imaginação perpetuamente excitada. O mundo aparece-lhes como alguma coisa de maravilhoso, de confuso e resplandecente que se balança indefinidamente, ao rumor das orquestras, e sob o esplendor dos lustres; concebem-se, com desproporções absurdas, os teatros, as salas, os bailes; mesmo as que

são pobres, e sabem que na família estarão tão confinadas como no colégio, têm esperanças sobressaltadas, podem casar, ser ricas... E os grandes ímpetos dos sonhos partem em largos voos.

Tomam em desdém os livros e o estudo. Não há educação literária mais falsa, mais esterilizadora do que a dos colégios. Ensina-se à rapariga de oito a dez anos (além das línguas: francês e inglês, que só aprendem bem, depois nas famílias, pelo uso) — dois monótonos martírios de memória — a geografia e a história: a geografia com as suas listas de rios e montes, a história com a sua lista de batalhas e reis. Uma criança gasta meses numa luta áspera, a aprender de cor nomes geográficos e anedotas históricas — que dois dias depois de sair do colégio

esquece voluntariamente, com gosto, como põe de parte o escuro vestido de merino do regime escolar. A geografia e a história ficam-lhe sendo assim duas recordações odiosamente colegiais, duas ciências caturras que lhe lembram os óculos da mestra e o seu dedo repreensivo e áspero.

Os colégios, pelos seus métodos fatigantes, repelem o espírito das mulheres dos livros e das coisas da ciência. É o que nos acontece a nós os homens, também, com o *Telémaco* e com o *Virgílio*. Passamos sobre eles as compridas e sonolentas noites do estudo, tiramos-lhes, palavra a palavra, o significado duro, choramos sobre as suas páginas a dor das palmatoadas, de tal sorte que não voltamos mais nem às

piedosas e moralistas ideias do puro *Fénelon*, nem ao grande *Virgílio*, à sua *Geórgica*, de profunda educação naturalista, nem à *Eneida*, primeira aurora do mundo moderno, poema genésico de uma transformação social.

Entre nós nenhuma senhora se dá às sérias leituras de ciência. Não da profunda ciência (o seu cérebro não a suportaria), mas mesmo dos lados pitorescos da ciência, curiosidades da botânica, história natural dos animais, maravilhas dos mares e dos céus. Isso lembra-lhes a mestra, o dever, a monotonia do colégio. Depois acham vulgar, insípido. Querem ser impressionadas, abaladas — preferem o drama e o romance. As senhoras inglesas e francesas aos serões de família, leem,

ou para si, ou em voz alta aos irmãos mais pequenos ou aos filhos, livros de história natural, curiosas vidas de animais, viagens. Os livros de Michelet, tão profundamente sentidos, de uma tão grande harmonia moral, o *Pássaro*, o *lnsecto*, o *Mar*, a *Montanha*, têm sido adotados como livros de família, leituras de serão, doce ciência para espíritos delicados que amam a vida e os seres. Entre nós leem *Ponson du Terrail* ou *Dumas Filho* e o seu bando de analistas lascivos. E, todavia, quanto a história e a vida das flores, a maravilhosa existência dos insetos, a narração de longas viagens, as regiões pitorescas da China, de Sião, das Antilhas, dos povos bárbaros, contém mais drama e mais maravilhoso do que a descrição dos amores de Pedri e de

Francisca, e como ele fitava uma estrela, e como ela arfava de voluptuosidade, e como ambos se perderam num caramanchão.

A imaginação que se desenvolve nos colégios tem outro mal — produz, entre as colegiais, uma vida sentimental precoce e falsa. Daí as mil pequeninas coisas que todos sabem, inocentes no momento, mas que influem mais tarde. As senhoras, mesmo depois de casadas, as contam rindo; são grandes paixões que têm umas pelas outras, com ciúmes, intrigas, vinganças, duelos: cartas que se escrevem em que uma assina João, Pedro, ou conde de tal; o retrato de um primo que se obtém: o chapéu do mestre de música que se abraça às escondidas, etc., etc.

Depois, diante das mestras, é

necessário que a rapariga esteja séria, correta, fria — quando a imaginação palpita, arfa por voar e vencer. Para isto é necessário disfarçar. É nos colégios que se aprende a astúcia. As mulheres tornam-se aí hábeis em contradizer com o rosto a alma.

Tem dezasseis ou dezassete anos: ei-la entrando na vida. A educação vai-se completar agora por duas influências — uma interior, a *família;* outra exterior, a *sociedade*.

A impressão que nesta idade mais diretamente lhe dá a família — é toda positiva; a necessidade de ter dinheiro para viver. A organização material da vida e o seu custo, dão-lhe logo a certeza de que sem dinheiro, sem um casamento rico, a vida moderna não é mais que uma

perpétua decadência e uma humilhação. Não falamos aqui nem das ricas, nem das santas — duas raras espécies. Na família a rapariga vê a constante influência do dinheiro; começa a misturar-se no governo da casa, a entrar nas conversas económicas dos pais, a examinar contas, a comprar — hoje o rol dos fornecedores, amanhã o da modista, depois o do estofador, e um chapéu, e um camarote de teatro, e as luvas. Tudo lhe mostra a vida aplicada, como uma bomba aspirante, à bolsa da casa. A ideia do dinheiro torna-se nela fixa. Além disso, embebe-se dela, nas conversas, nos jornais. Hoje, no fundo do pensamento ou do sonho, há sempre o dinheiro. A preocupação não é a religião, nem a Pátria, nem a Arte — é o dinheiro. O desinteresse é desprezado com uma

ingenuidade bacoca. O mundo estende sofregamente a mão. Primeira, profunda influência no espírito da mulher. — Daí o desejo de casar com dinheiro, casar rica; seja o marido velho, imbecil, rude ou trivial, contanto que traga o dinheiro, e o poder que ele dá.

Por outro lado a sociedade diz-lhe: *goza!* Ora na vida da mulher o que se entende por *gozar*? Ter um marido rico, grande luxo de casa, carruagem, camarote de ópera, *toilettes* magníficas. — É o que todo o pai em Portugal deseja para sua filha.

Casar rica para gozar: é em que se resolve a ambição de todo o destino feminino. Dinheiro — e sensibilidade.

Courbet, o mais poderoso pintor crítico dos tempos modernos, fez um

quadro: *As duas meninas do segundo império*. É uma paisagem magnífica: duas mulheres solteiras descansam ali, na frescura tépida das sombras. Uma alta, loura, branca, está sentada; tem o perfil frio, seco, o olhar direito, e, com um dedo apoiado à face, calcula: — sente-se que pensa em dinheiro, juros, ações de companhia e jogo de fundos. A outra, deitada na relva, com os braços estendidos, como abraçando a terra, trigueira, de fisionomia nervosa e imaginativa, a testa curta, os lábios secos, cisma; sente-se que sonha festas, bailes, as grandes voluptuosidades, os encontros rápidos e perigosos no fundo de um parque, e todas as exaltações da sensibilidade. Hoje, pela educação moderna dos colégios, cidades, romances,

teatros, música, moral contemporânea — as *duas meninas do segundo império* estão em cada mulher: fria ambição de dinheiro, exaltado ardor de sentimentalismo.

Felizmente muitas há que — pela educação severa, ou pela simplicidade de espírito, ou pelo sentimento inteligente da religião, ou pela influência da existência recatada ao modo inglês — estão como numa redoma, não recebem o contágio do mundanismo, e perpetuam o tipo da mulher perfeita.

Julgamos inútil insistir nestes estudos de moral contemporânea.

Uma só consideração resumirá estas notas: a mulher na presença do mundo tentador — está hoje desarmada. Desarmada, inteiramente. A família, com

a sua dignidade, enfraqueceu; a religião tornou-se um hábito incompreendido; a moral está-se transformando, e enquanto se transforma, não influencia nem dirige; a fé já não existe; a prática da justiça ainda não chegou: em que se apoiará a mulher? Isto poderá parecer vago. Um exemplo, pois, nítido e prático. Suponhamos uma mulher nova, educada em Lisboa, com a educação contemporânea. Suponhamos que se lhe diz: «Tu terás todas as elegâncias e triunfos da *toilette:* as tuas carruagens maravilharão a cidade; ninguém possuirá uma casa ornada com mais gosto e requinte; terás bailes, festas ruidosas e magníficas; amarás loucamente; serás doidamente amada por um homem, novo e belo; os vossos amores serão interessantes como um drama; mas para

isto serás forçada a enganar teu marido e descuidar teus filhos, e a tua existência será pecadora perante a religião, injusta perante a moral, indigna perante a família. — Aceitas?» Trata-se de saber se a moral contemporânea dá bastante força a uma alma, para que ela repila, sem mágoa, sem hesitação, com tédio — esta tentação cintilante.

Há muita gente ingénua que supõe que uma grande consideração para a mulher — é o terror da catástrofe. Pueril ingenuidade. Nada tem um encanto tão profundamente atraente como a catástrofe. Ela satisfaz o desejo mais violento da alma — palpitar fortemente. O que se evita hoje, nesta excitação do mundo, é o *terra a terra*, o trivial, a chinela, a tranquilidade, o palito nos dentes, e a

virtude plebeia. O que se pede é a comoção, a sensação, o sobressalto. Uns procuram-na na política, outros no deboche, outros nas conspirações, outros no amor, outros no dinheiro. Um negociante dizia um dia a Proudhon: *Há um prazer horrível em um homem se sentir falir!* Esta palavra monstruosa contém a explicação de um mundo. Toda a literatura, teatro, romance e versos educam neste sentido: vibrar, sentir fortemente. Nós mesmos, que estamos aqui moralizando, escrevemos ambos um livro deplorável, que juntava à insignificância literária, a esterilidade moral — *O Mistério da Estrada de Sintra*. O que é esse livro? A idealização da catástrofe, o encanto terrível das desgraças de amor. Sobretudo do amor

ilegítimo e culpado. Aí o perigo, o final trágico, atraem como um abismo delicioso. O marido que mata a mulher, pensando dar um castigo justo ao pecado, dá um relevo poético à paixão. O conde du Bourg, ultimamente, em Paris, mata sua mulher: ela não morre das feridas e, subitamente, torna-se uma espécie de anjo veemente dos amores ilegítimos, e a porta do hospital onde a recolheram à pressa para os primeiros socorros (fora ferida em casa do amante) está apinhada de senhoras, de elegantes, de mundanos, que pedem notícias dela, deixam-lhe os seus bilhetes, e vão às igrejas pedir a Deus que a salve da morte.

Quem irá nunca orar às igrejas ou deixar o seu bilhete à mulher obscura e pacata que, no silêncio da sua casa,

cumpre prosaicamente, sublimemente o seu dever? É que a nós só nos excita, nos exalta, o drama! O *drama*, eis o nosso ideal. Fazer *drama*, eis a nossa perdição. Pelo *drama* desejamos a morte e cometemos o mal. Por ele nos lançamos nos destinos violentos. Ora o homem tem para fazer drama — a guerra, as revoluções, os duelos, os livros, e mesmo (infelizmente para muitos empresários) o próprio teatro. As mulheres, confinadas no mundo do sentimento — têm apenas o amor!

76

Abril 1872

Supõe, querido concidadão, que no escuro isolamento de uma estrada, eras uma noite atacado por dois ladrões. Preparas-te para lhes deixar nas mãos, amigavelmente, o teu relógio e a tua bolsa de trama de prata. Mas os senhores ladrões pretendiam a mais um pequenino divertimento — que era crivar-te de facadas. Estás num momento deplorável... Sente-se de repente o trote de cavalos. É uma patrulha, uma ronda de segurança! Chega, dispersa à pranchada os senhores assassinos, e restitui-te à vida, aos teus negócios, aos beijos dos teus

pequerruchos, ao Grémio e aos teus vícios. Certamente entras em casa transbordando em gratidão sentida. Que excelente patrulha! Que bravura, que prontidão, que decisão! Que gente!

E no dia seguinte, ao teu almoço, recebes um papel dobrado, onde está escrito:

«Deve o senhor fulano à patrulha número tantos por socorros prestados na estrada de tal — 27$000 reis!»

Que dirias tu, concidadão amado?

Tal foi um caso recente. Uma pequena embarcação acha-se em perigo à barra. Era noite, escuro mar e escuro céu. A torre de S. Julião dá tiros de «alarme», a pedir socorro. Mas a embarcação escapa-se à vaga e entra o rio, salva. Era uma bateira. No outro dia recebeu esta

conta:

«Deve o barco tal, à torre de S. Julião, pelos tiros de ontem — 24$000 reis.»

Ora a torre de S. Julião, avisando o porto, por meio de tiros, da eminência de um perigo, cumpre um dever estrito de polícia: e portanto apresentando ao barco protegido a conta somada dos seus serviços — cai na inexplicável singularidade daquela patrulha que te salva, concidadão. Esta patrulha argumenta assim: o senhor podia ser roubado e não foi, estava eu aqui, de capote de oleado, a rondar: o Estado paga-me por isso 360 reis diários: deve mais o senhor 4$800 reis!

Esta nova interpretação do preço da segurança vai transformar radicalmente

os costumes: o bombeiro reclamará do incendiado a despesa de esforços e de trabalhos que adiantou: o salva-vidas apresenta, sorrindo, ao náufrago, uma conta em que somando as ondas e as forças do remo — exige 7$200 reis por afogado. O farol faz suspender a marcha dos navios e destaca o escaler com a conta: *tanto de gás e tanto de boa vontade*.

Animadas salutarmente por estes exemplos, a caridade e a filantropia abandonam o idealismo estéril do seu desinteresse — e reclamam salário. Um cidadão escorrega, outro ajuda-o a levantar, e atira-se logo para uma loja de papel a redigir a conta da sua ação piedosa. Um homem cai ao mar e o barqueiro decidido que o salva,

apresenta-lhe, com grandes felicitações, este papel:

Por me ter molhado, 1$000 reis.

Por ter nadado, 1$200 reis.

Por ter de mudar de fato, 800 reis.

Por secar este, 350 reis.

Deve o senhor ex-afogado — 3$350 reis.

Uma coisa porém nos perturba, neste sistema judaico da torre de S. Julião. E é que sendo ela tão escrupulosa que não adianta, por caridade, de graça, um tiro de pólvora — é evidente que há de por todos os modos pretender evitar que a sua despesa não seja integralmente paga. A ilustre torre não pode querer decerto que a caloteiem! E decerto só adiantará os seus tiros com segurança de exato pagamento! Mas como faz a ilustre

torre para conhecer da honradez dos seus navios? E de noite com um céu negro, um mar bravio, um vento ululante, o barco é apenas uma forma indistinta na água inclemente. A ilustre torre não pode saber se ele é uma rica galera inglesa de largo crédito — se uma pobre muleta de pescadores, proletária das águas.

Como distingue a preclara torre? Ela não pode fiar os seus tiros, ao acaso. Imagine-se que salvava apenas alguns miseráveis varinos de gabão esfarrapado! — Sua senhoria perdia a sua pólvora! Também perante um navio em perigo, ela não pode dizer ao vento que se retraia, à vaga que detenha o seu salto, à rocha que se afaste — para ter tempo de perguntar ao capitão: «Quem dá vossemecê por fiador?»

Lúgubre embaraço!

Por outro lado é bem possível que nem todos os preços convenham ao navio. Um náufrago tem direito a ser salvo, por preços cómodos. Pode querer regatear. E a torre anda imprudentemente adiantando trabalho, morrão e pólvora por uma embarcação aferrada aos cobres, que depois se recusará e dirá: «Não, eu não pedi para ser salva por esse preço; tenho mulher e filhos, não o vou roubar à estrada; a senhora torre, se atirou, foi porque quis; quem lhe encomendou o tiro?»

E a venerável torre seria caurinada.

Parece-nos isto, pois, um negócio em que a torre pode perder muito. E com ela o Estado! Porque evidentemente o

Estado recebe avidamente o preço da pólvora gasta. Nem podia deixar de ser. Não estamos numa situação de tal prosperidade que possamos, com a imprevidência de trovadores — gastar 2$400 reis para salvar vinte dias. Nós damos frequentemente, nos castelos, nas torres do mar, nos navios, salvas de 21 tiros; mas para celebrar os dias de gala e honrar as esquadras ricas que nos visitam. Gastamos com esse luxo contos de reis de pólvora — mas para sermos uma nação janota. Para salvar uma tripulação não podemos gastar a mais 2$400 reis. Meia moeda por doze vidas! Dois tostões por vida, é muito.

Não podemos ter a caridade gratuita. É necessário que o náufrago largue a espórtula. «Tu, pobre barco, estás

aí nessa demência da água impiedosa, torce-te o vento, ladra-te a onda, esperam-te os rochedos; vens cheio de água, é de noite, e estamos nós sós, tu, barco perdido, eu, torre salvadora; vais-te despedaçar, vais morrer. Ora muito bem... Quereis viver, vós tripulantes, ir para vossas casas tranquilos, para os contentamentos da vida, para o bom sol do dia, tu que és novo, para a tua noiva, tu que és velho, para a tua filha? Dai para cá três moedas. Se sois miseráveis, vendei a rede, o barco, as amarras, mas passai para cá a quantia!»

Com tais falas, tão lógicas, é impossível que o barco — não largue os cobres. E o Estado não perderá o seu tempo e a sua pólvora.

Tudo para maior grandeza deste

País, onde as vinhas florescem, e Osório medita.

77

Abril 1872

No Porto os missionários têm ultimamente recomendado às pessoas devotas que se vão confessar — a casa deles missionários! Sendo as mulheres as que mais beatamente se acolhem à direção espiritual de suas senhorias, esta recomendação toma desde logo uma significação singular e diabólica.

O dispensar o templo e o altar na prática dos sacramentos — eis uma nova doutrina teológica e católica, infinitamente original. É a radical inutilização do culto. Se um senhor missionário determina confessar na sua

alcova — porque não há de o senhor pároco dizer missa, na sua sala de jantar?

A Igreja e a sua santa decoração, as imagens consagradas e os vasos, as aras e os sacrários, tornam-se inúteis e começam a ser como as árvores ou como os teatros, um regalo da cidade e um ornato do município. A religião abandona os templos — e hospeda-se na casa particular dos senhores padres. Suas senhorias tornam o culto uma ocupação doméstica. Pela manhã armam a mesa em altar para a missa, e à noite põem-lhe em cima, para a ceia, a caneca vidrada, com vinho. Penduram a toalha ao pescoço do devoto que vai comungar, e enrolam-na depois ao seu próprio cachaço para fazer a barba.

Os utensílios da casa servem de

alfaias de culto. Como a alcova é confessionário, o púcaro da água é cálix. Para os santos óleos emprega-se o azeite que se emprega para a pescada. Os cadáveres serão levados a casa de suas senhorias e responsados na capoeira ou na sentina. E a criança ao entrar na vida e no cristianismo, será batizada na pia da cozinha do senhor abade!

Tal é a inovação dos senhores missionários. No Porto a opinião irritou-se porque viu, nesta ordem dos excelentes padres, um plano canónico para organizarem comodamente os seus prazeres. O Porto equivocou-se. A recomendação inesperada, dos senhores missionários, é simplesmente a aplicação de um princípio que é hoje dominante no espírito do beatério.

O beato, a beata, na religião, não respeitam a divindade, respeitam o sacerdote. Não prestam culto ao Deus, prestam culto ao padre. Para espíritos embrutecidos, tais como os forma a devoção fanática, Deus é alguma coisa de incompreensível, de vago, de perdido no fundo dos Céus: pelo contrário o padre é o sempre presente e o sempre visível. É o padre que os confessa, os comunga, os penitencia, os doutrina, os guia. De sorte que, lentamente, todo o poder, toda a sabedoria, toda a santidade a atribuem ao padre. Deus está num indefinido misterioso, na profundidade dos firmamentos: o padre está ali, na sua rua, ao pé da sua, sempre pronto, e torna-se assim um Deus ao alcance dos sentidos e ao contacto da mão. Veja-se uma beata ou

um beato diante de um padre: beija-lhe a mão com temor, conserva os olhos baixos e aterrados, respeita-lhe a casa como um templo; se entra na porta faz mesura como diante do sacrário, não se atreve a contradizê-lo — como à mesma sabedoria; julga-o impecável, cândido e perfeito; e toda a filosofia, desta adoração profana, está no grito pavoroso daquela beata: «Ai! maldita seja eu que, sem saber, enxotei o gato do senhor abade!»

Portanto os senhores missionários, costumados a serem tratados como Deus, fazem naturalmente das suas casas igrejas. Continuam logicamente a santidade que o beatério, lhes atribuiu. O lugar que habitam julgam-no consagrado. E é com uma sinceridade ingénua que eles confessam nas suas alcovas — e dirão

talvez missa na sua cozinha.

Somente, com todo o respeito, perguntaremos aos senhores bispos se não têm, entre os direitos da sua autoridade, a interdição — e aos senhores governadores civis se não têm, entre os edifícios do seu distrito, a cadeia. E ficaremos tranquilos.

78

Abril 1872

Como mudam os tempos! Há cinquenta anos, na Península, o Legitimismo governava triunfalmente, e apenas, pelos montes, nos despovoados, alguma guerrilha constitucional, mal armada e mal mantida, perseguida com mais rancor que um lobo, protestava, em nome da vaga e indefinida deusa que tem entre os homens o nome ininteligível de Liberdade, a raros tiros de espingarda. Hoje, ai! o constitucionalismo de guerrilha fez-se exército, apoderou-se do Estado, estabeleceu-se no Tesouro, e é legitimismo que anda agora a monte na

Navarra e na Biscaia.

Nós somos neutros — inteiramente neutros, entre Carlistas que pretendem a Espanha, e Constitucionais que a possuem. Parece-nos que ambos têm razão, porque a Espanha é um país rico e belo e deve ser bom possuí-la. Nós dois, pela nossa parte, se tivéssemos armas, guerrilhas, munições, um empréstimo e um partido, também iríamos, ao ruído dos tambores, de bandeira ao vento, reclamar a Espanha. O mesmo Sr. Melício, se tivesse um exército e artilharia, também quereria a Espanha para si. Teríamos então o Melicismo. O que coíbe o Sr. Melício é não ter artilharia.

Somente, apesar da nossa neutralidade, não podemos deixar de notar a atitude feroz dos padres nesta guerra

carlista.

São curas que comandam as guerrilhas. São eles que pregam, fanatizam, armam, guiam, atacam. E é singular como mãos imaculadas e costumadas à hóstia têm tanto vigor para a clavina.

Já um poderoso filósofo fez notar que o temperamento do padre é inclinado a fazer sofrer. Está na memória de todos os cristãos, pela tradição do Evangelho, a subtil, a ferina crueldade dos fariseus, que eram sacerdotes. O padre impele à guerra. As matanças de mouros, turcos, albigenses, luteranos, judeus, cristãos-novos, que encheram a história de sangue, foram pregadas, dirigidas, executadas por padres. A inquisição é eclesiástica. A igreja pôs ali, na invenção dos tormentos,

toda a subtil habilidade que tinha posto na argumentação da casuística.

Os processos de feitiçaria deram aos padres ocasião de acender, durante dois séculos, uma fogueira por dia. Os cilícios, contas de pregos, disciplinas, são de origem devota. Depois do corpo a alma. Pela penitência, pelo confessionário, os padres gostam de fazer chorar, sofrer, amargurar, tremer de medo. Sobretudo às mulheres. Oprimir parece ser o instinto do sacerdote. Nas guerras civis são os primeiros a armar-se — e sem querer procurar nos seus hábitos, na sua educação, no seu temperamento, a secreta explicação destas tendências sanguinárias, não é talvez inteiramente inútil contar uma história verídica e lúgubre, que caracteriza, com poderoso é

melancólico relevo, a ferocidade eclesiástica nas lutas civis.

Era no tempo das guerras de D. Miguel. Um homem, ainda hoje vivo, constitucional, tinha sido ferido. De miséria em miséria, conseguira recolher-se, esconder-se num povoado, em casa de umas pobres mulheres velhas. Boa gente, piedosa, assustada, consumida pelos terrores do tempo. O homem convalescia. Começava a erguer-se, a vir à porta, ao sol, tiritar debilmente a sua fraqueza. Um dia as duas mulheres apareceram numa grande aflição. Tinha chegado ao povoado o Batalhão Sagrado. O homem fora denunciado.

O Batalhão Sagrado era composto de padres armados de clavinas e foices. Era a guerrilha idiota do assassínio.

Longe das suas igrejas, desembaraçados dos votos, na liberdade da serra e dos caminhos, ávidos como animais soltos, de clavina ao ombro, iam estes sacerdotes levando através das povoações — uns a cólera bestial do seu fanatismo, outros a violência animal da sua sensualidade, todos uma lúgubre e temerosa opressão. Eram temidos mais que todos os flagelos. Matavam e prendiam. E a prisão era pior que a morte — porque era a tortura requintada e monstruosa. As duas mulheres tremiam ao pé do doente.

— Bem — disse ele —, vossemecês em todo o caso não têm que temer. Se os padres vierem eu cá estou. Apresento-me, digo que estava aqui contra a vontade das senhoras. Atiram-me para um canto e acabou-se. Estou fraco,

não me há de custar muito morrer. Se dessem busca à casa e me achassem para aí escondido, davam cabo de mim da mesma maneira, e vossemecês padeciam. Assim é melhor. Eu cá estou.

As mulheres choravam, queriam escondê-lo; o homem recusou com a indiferença de um vencido. Daí a pouco o Batalhão Sagrado, com grande ruído de armas, aparecia ao pé da casa, de batina arregaçada, cruz na mão, foice ao ombro.

O homem saiu e disse tranquilamente:

— Aqui estou, sou eu. — Então dois padres, aproximaram-se: cada um o tomou por um lado do rosto, pelas barbas, rindo, e com um empuxão terrível arrancaram-lhas! O homem caiu no chão. Os padres amarraram-no com cordas em

cima de um macho, e partiram com ele vitoriosamente, cantando o Bendito, para as prisões de Almeida. A jornada durou dias. Era no verão. Os ásperos caminhos ardiam de sol. O homem levava o rosto em chaga, com um contínuo suor de sangue. A poeira, o sol, calcinavam-lhe as feridas. Levava as mãos amarradas, e as moscas picavam-lhe a carne viva. Quando chegavam às tabernas, os padres atiravam ao homem um pedaço de pão. De vez em quando, por desfastio, espancavam-no, picavam-no com as pontas das baionetas. A inflamação fazia-lhe nas feridas uma dor pungente, que o pobre homem, domando o orgulho, pedia que lhe mitigassem com água fresca. Os padres então, com grandes risadas... Não pode ninguém escrever o que faziam os padres

do batalhão Sagrado, para refrescar aquelas feridas! Ao chegar à cadeia, atiraram-no para cima de uma esteira.

Quando voltou a si, um homem estava debruçado sobre ele. Era um enfermeiro de acaso, um preso também, um compadecido daquela desgraça. Esse preso piedoso não era um vencido político. Era um assassino. — E foi ele que curou as chagas feitas pelos senhores padres do Batalhão Sagrado.

79

Julho 1875

Na viagem memoranda e vitoriosa que Sua Majestade El-Rei fez às províncias do Norte, as cidades e vilas observaram uma singular tática: disfarçaram-se. Mal Sua Majestade se avizinhava, as localidades cobriam-se, como de um dominó administrativo, de arcos de murta, bandeiras, festões, ramos de louro, colchas de damasco, dosséis de paninho, lanternas, e fumo de foguetes. A senhora localidade ficava assim escondida, despercebida, agachada, mascarada, trasvestida, sob a decoração de verduras fatigadas e de damascos

desbotados. Ora as cidades e vilas deviam saber que Sua-Majestade não foi às províncias do Norte para se divertir!

O Minho tem, sim, uma paisagem original, murmurosa e profunda. Mas Sua Majestade conhecia o Minho e o encanto das suas sombras, e não é conjeturável que para se refazer dos tédios emolientes da sua capital, fosse buscar a Laundos ou a Bouças a fina flor das sensações. Aquela viagem não era um suave regalo, era um fatigante dever; e Sua Majestade ia, pelas monótonas exigências do seu cargo, examinar o estado das províncias, ver a sua civilização, a sua ordem, a sua vida na agricultura, nos estabelecimentos, nos costumes, na feição das ruas. Não nos parece, pois, coerente, que cada localidade — em lugar de se mostrar em

toda a sua realidade e verdade — se disfarçasse, se embuçasse em murtas, louros, verdes, festões, alfazemas, de modo que Sua Majestade poderia, perante aqueles aspetos folhosos, supor-se — não reinando sobre um país — mas governando um caramanchão!

Para honrar a presença do Rei e glorificá-la, lá estavam as multidões, o seu aspeto festivo e amorável, e as vivas glórias das aclamações. As colchas eram inúteis. Não se desejava saber a opinião das colchas. Sua Majestade preferiria sempre um bom grito alegre que saúda, à fileira dos ramos secos que pendiam mesquinhamente na amarelidão da poeira. Detrás daquelas galas de arcos e de colchas, melancólicas como esqueletos de triunfo, ocultavam-se, como um muro

velho por trás de uma trepadeira florida, as casas sujas e velhas, as ruas latrinárias, a infeção das cadeias, o escuro desleixo dos quartéis, a negrura das tabernas, a imundície das repartições, a acumulação dos enxurros, a pobreza estagnada das lojas — e se Sua Majestade afastasse o ornato administrativo — encontraria a miséria pública!

Em compensação a localidade, mal chagava el-Rei, punha a mesa. Não o deixaram examinar, respirar, estudar, escovar o pó. Jante! E os proprietários arrastavam-no, debaixo do pálio, para a pesada pompa das merendas minhotas. Não lhe mostraram uma quinta, um estabelecimento agrícola, uma fábrica, um edifício, uma paisagem, uma obra de arte, uma ideia — mostravam-lhe

silenciosamente a perna de vitela. Faziam-no viajar, de mesa em mesa, por entre uma paisagem de colchas. Os senhores proprietários não supuseram que Sua Majestade fosse um espírito, uma curiosidade, uma observação — supunham só que era um estômago: ele vinha, dobravam os negócios, e desdobravam a toalha.

A província do Minho, de grande e gordo alimento, supõe que Lisboa amarelada e débil não come. Aquele que chega de Lisboa apressa-se a gente estimável — a fartá-lo. Com Sua Majestade o cuidado foi tão exaltado que lhe deram bois vivos. Algumas câmaras desejariam substituir a cerimónia gótica da entrega das chaves — pela entrega dos bifes. Porque todos, naquelas pitorescas

vilas de remotas e decrépitas ideias, supunham que Sua Majestade não fazia uma viagem política, mas uma excursão alimentícia: e que Sua Majestade, a respeito dos povos — não lhes queria o amor, queria-lhes o lombo. Além disso, muitos ingénuos daqueles lugares frondosos, querem ser barões; e supuseram que a melhor maneira de atrair a boa vontade de el-Rei, não era à custa de ações valiosas, mas a doses de carne assada. E tanto fizeram nesta receção suculenta — que Sua Majestade poderá muito bem trazer esta ideia das suas províncias do Norte — que eles não são nem florescentes, nem decadentes — que são apenas indigestas. E invejam-se os Reis!

Quantas singularidades, nesta

viagem, da parte das câmaras! Um pouco antes de Vila do Conde — na estrada, à passagem do Rei, erguia-se este ornato: um palanque — um palanque! — com um mestre-escola cercado dos seus discípulos, funcionando. Decoração inesperada! As escolas tinham até aqui sido quase tudo, desde enxovia até curral: só não tinham sido duas coisas — escolas e arcos de buxo.

Mas ei-las agora substituindo galhardamente, nas estradas armadas em gala, a coluna de lona do tempo de D. João VII.

A câmara escolheu delicadamente a escola para enfeite: podia pôr ali uma filarmónica ou um mastro; preferiu a escola.

A instrução torna-se festão de

luxo; o ensino arma-se em quadro vivo! Que dizem os livros e os espíritos sentimentais que a escola é civilização, é paz, é futuro, e tantas sonoras imaginações! A escola é ornato municipal, é arrebique de festa, para armar as ruas, enfeitar os largos em vésperas de S. João e nos aniversários da Carta. É uma revelação, isto. A câmara tinha ali aquela escola, não lhe servia de nada, extinguia-se mesquinhamente a um canto, sob o lento bolor. Pois bem. Tira-se a escola da-sua inércia, escova-se, arma-se sobre um palanque, põem-se os meninos em posições estudiosas, arranja-se o mestre com gravidade pedagógica, põe-se-lhe rapé novo no nariz, enverniza-se a palmatória, espera-se; ao longe, na estrada, a poeira enovela-se: — é El-Rei,

sentido! Os trens rodam surdamente no macadame, já se veem os bordados das fardas, ei-los! E como se poderia erguer nos tambores e nas trompas o hino — ergue-se nas bocas estudiosas o bê-á-bá.

Eis o á-bê-cê hino municipal! No dia seguinte os festejos murcham, desfazem-se os arcos, despregam-se as luminárias, desarma-se a escola — e tudo, lamparinas, livros, ensino e ramos de louro, volta a apodrecer nos sótãos da casa da câmara!

Achou-se enfim, às escolas, um fim, um destino, uma utilidade: ornatos de gala. E esperemos que na próxima viagem de El-Rei ao Norte, seguindo-se o exemplo inteligente de Vila do Conde — os jornais digam:

«A estrada de Penafiel a Amarante

estava brilhantemente adornada de escolas primárias; de espaço a espaço, sobressaíam, com lindo efeito, liceus: havia ideia de pôr no topo a Universidade — mas este notável estabelecimento científico — não chegou a tempo!»

Oh, terra do nosso berço!

No entanto os jornais sérios comentavam a viagem de el-Rei; e nas suas colunas circunspectas puderam-se ler, com sobressalto, estas linhas textuais e extraordinárias:

«Foi uma providência mandar para (nome da localidade, vimos Penafiel, Vila do Conde, Vila Real, etc.) um regimento — por ocasião da passagem de Suas Majestades, porque se não poderia prever onde chegaria, sem a enérgica interferência da força pública, o

entusiasmo das populações ao avistar a real família.»

E em Lisboa, tremíamos, com apreensões pungentes. Aquela palavra, cheia de prudência, fazia-nos suspeitar nas povoações do Minho — pavorosas espécies de entusiasmo. Para o reter marchavam providencialmente os regimentos e mordiam-se os cartuchos. Lembrava-nos aquele legendário rei mouro que, possuído de um amor sobrenatural pelo seu serralho, o mandou retalhar ao fio de alfange. Lembrava-nos o amor do leopardo, que nos meses magnéticos em que o seu pelo faísca no fulvo ardor dos juncais, rasga e dilacera a fêmea. — Para que escondê-lo? Temíamos, sim, que pelo dizer dos jornais inteligentes — onde Sua Majestade fosse

recebido apenas com agrado — ficasse apenas contuso. — Mas que nas povoações, onde o recebesse um entusiasmo exaltado... Ah! receávamos ler, em notícias daí:

«Na nobre povoação de tal, o entusiasmo e a ovação cresceram ao entrar el-Rei sob o pálio. Os membros de Sua Majestade, dilacerados e espalhados em poças de sangue, pela estrada, testemunhavam o amor dos habitantes pelo neto de D. Pedro IV! O senhor infante D. Augusto, compreendido no amor do povo, teve também a sua parte de ovação e lá está — partido ao meio!»

Tais são os jornais sérios! Tal tu foste, *Comércio do Porto*, excelente folha sonolenta!

Folha de tédio, folha grave e oca
Quem tão soturna, te espalhou na rua?

Aconteceu, pelas estradas que Sua Majestade percorreu, que, às vezes, saía ao caminho um homem de casaca ou uma mulher de branco; pedia ao Rei um instante de demora, desembrulhava um papel — e lia uma ode ou uma fala. Este procedimento, inaugurado no Minho, agora inocente, gracioso, singelo, pode tornar-se, com o tempo, fatal. Se Sua Majestade não se recusar a estas leituras de estrada, pode ver um dia o seu caminho ladeado de autores impacientes, repletos de manuscritos. O furor da publicidade desvaira. Tendo possibilidade de fazer parar o Rei, o seu séquito, o povo, e formar assim um público, o pensador da

província salta à estrada, desdobra a prosa e acomete. Quem tiver um livro manuscrito, mete-o na algibeira, senta-se numa pedra, e espera a família real.

Ora não é justo que quem nas províncias tiver composto, em noites trabalhosas, uma peça literária, se julgue obrigado a não privar dela o Rei. A viagem de Sua Majestade não é a edição gratuita dos poemas da província. O proprietário imprudente que tiver nutrido no seu seio uma ode, que a afogue, mas não saia com ela à estrada. Saia antes com a clavina. El-Rei partiu confiado no amor dos seus povos, desprevenido; não deve encontrar à esquina de cada muro a face pálida de um poeta inédito. El-Rei julgava as estradas seguras. Quando muito podia supor que encontraria lobos. Vates, não.

A condescendência de Sua Majestade pode ser-lhe fatal.

Quando vir despontar o sujeito inspirado, faça romper a galope. Não são de mais todas as forças de uma parelha — contra todas as ameaças de uma ode!

Se consentir em parar, perde-se. Sua Majestade não sabe do que é capaz a poesia de província. — Começam suavemente pela ode, e terminam pelo volume. Sua Majestade vai num plano inclinado com a sua imprudente bondade. Consentiu em ouvir uma fala de júbilo — terminará por ouvir um tratado de aritmética.

E ainda poderá acontecer que um dia, indo Sua Majestade incautamente, por uma estrada, recostado na sua caleche, veja surgir de um recanto um homem

pálido, que estenda a mão e diga, lendo: *Por uma bela tarde de verão dois cavaleiros embuçados em capas alvadias, subiam a encosta alpestre do monte, discreteando de coisas de amor...* Isto, real senhor, é o meu romance *Isaura* ou a *Vingança do Mouro*, em 3 volumes. Eu continuo!

Quando Sua Majestade chegou a Vila do Conde esperava-o uma pompa singular. Era uma delicadeza da câmara. Estavam na estrada, formados em alas, respeitáveis — 160 bois!

Não queremos escandalizar o boi. Muito menos o boi do Minho. Este animal enorme, gordo, luzidio, atlético e meigo, é o melhor boi das criações de Portugal; poderoso trabalhador, carne tenra, riqueza dos prados, maravilha dos mercados de

Londres. Mas se estimamos o boi nas calorosas fadigas do arado; se o apreciamos na placidez das paisagens planas; se o contemplamos amoravelmente — destacando, no silêncio das sestas, entre as altas verduras ou no descorar do ocaso, quando já se eleva a quente exaltação do prado e se começa a ouvir o canto dos sapos, e voam as borboletas pardas — movendo-se para o curral na fila mugidora e lenta —; se o amamos mais tarde — com mostarda e bordéus — ai! apreciamo-lo muito limitadamente — em alas. Em alas só soldados num aparato militar, irmãos do Santíssimo com tochas, ou renques de árvores na terna tristeza das alamedas. Bois, não. Para quê?

Senão, digam-nos: — Para que estavam ali? Em que qualidade? Com que

intenção? Como bois, não. O boi está nos campos, ou no prato. Em alas nunca. Em que qualidade se perfilavam, esperando, na poeira da estrada? — Representavam como polícias, para conter em alas a multidão impaciente? Estavam como curiosos? — Porque então, sendo assim, evidentemente se abre uma época inesperada nos destinos do boi! Se eles podem policiar, à orla das estradas, à chegada de um cortejo, então, é talvez económico, conveniente e seguro — que Lisboa e Porto substituam a polícia civil — pelo gado bovino. O boi é mais sólido, mais sóbrio, mais duradouro e sério que o *polícia*. Não seria o boi que levaria a sua tarde vigilante, em atitude namorada, diante da criada da esquina; não seria o boi que entraria no fumacento ruído da

taberna, a parceirar com os homens do fado. Não. Mas tinha inconvenientes. Seria o boi respeitado? Ah! É bem certo que se poderia ler nas gazetas aterradas: «Ontem um bando de facínoras agarrou o polícia n.º 6, todo preto com malhas, e assou-o no espeto. Providências, senhor comissário!» — Ou ainda: «O Café Central acaba de fazer aquisição do polícia n.º 20, castanho, e tem-no à disposição dos seus fregueses para ceias e almoços. Informam-nos ser da mais tenra a carne deste agente da força pública».

Por outro lado, se o boi estava ali como curioso, para ver o cortejo real, que revolução nos seus hábitos! O boi começa a atender às coisas da civilização. Interessa-se, interroga, examina, aprende.

Ei-lo observador, leitor, espectador. E o boi que vai ver passar o rei, leva-nos logicamente ao boi que vai ouvir cantar a *Lúcia*. Ei-lo nos teatros, sentado, com uma camélia na papeira, luva *gris* na pata, correndo o binóculo pelas *gazes* enganadoras do corpo de baile. Ei-lo cheio de impressões, de desejos, de vida social. Ei-lo no Grémio, ei-lo conversando de perna dada, com o Sr. Melício, na augusta sombra da arcada. Ei-lo nos locais: «Ontem foi pedida em casamento a filha mais velha da Sr.ª Viscondessa de... por um dos mais elegantes e conhecidos bois da nossa sociedade. Parabéns aos noivos.» Ou também: «Vimos ontem, um dos bois nossos amigos, com a sua gentil noiva, a condessinha de... passeando em Sintra nos

Setiais. A gentil noiva, graciosa como sempre, estava de cor-de-rosa. Seu esposo, aquele boi tão elegante e tão *crevé* que nós todos conhecemos, hoje dado todo à família, ia junto da sua interessante esposa — pastando!»

Oh! bois!

Ah! Se por acaso Sua Majestade El-Rei viajasse pela aldeia, numa digressão agrícola, a pé, seria pitoresco, de uma bela e nobre simplicidade, fazê-lo entrar nos prados, entre as possantes juntas de bois suados do trabalho. Mas numa estrada, numa viagem política, numa receção oficial, os bois misturados com as autoridades, a anca do *Ruço* roçando a farda do senhor Administrador, a cauda do *Ligeiro* fustigando a suíça do senhor Recebedor da Fazenda!... Dir-se-ia que os

bois faziam parte da deputação da vila, e que, quando o senhor presidente da Câmara, na sua alocução, disse *nós*, se referia — às autoridades e ao gado: e certificava ao Rei que era bem recebido e querido — dos cidadãos e dos bois.

Se por acaso, porém, os bois estavam ali como ornato, arrebique, com a mesma intenção com que estariam arcos de buxo, parece-nos imprudente da parte de Vila do Conde substituir as grinaldas de verdura — por animais de carne. É inconveniente adornar uma estrada com carne crua. Pode ser um funesto exemplo. A vila seguinte, querendo rivalizar em galas, pode adornar as ruas com carne cozida. E encetando-se estes festejos de carne, pode suceder, desastradamente, que no futuro, numa povoação exaltada — em

lugar de atirarem a Sua Majestade flores, lhe atirem almôndegas!

A ovação tão espontânea, tão bela, feita a Sua Majestade no teatro do Porto, teve um singular final. Os mancebos elegantes, dizem os jornais, que, numa grande aclamação, acompanharam o carro de Sua Majestade — ao chegar ao Paço despiram a suas casacas pretas e estenderam-nas no chão, para El-Rei passar por cima.

Senhores mancebos, achamos equívoca esta demonstração! Os senhores mancebos costumam, aí no Porto, fazer às vezes essa estrada de casacas pretas aos pés mimosos de uma dançarina ou de uma *contralto* famosa; não era lógico que a repetissem a El-Rei. Os entusiasmos políticos pelos reis devem diferir na

essência dos delírios nervosos pelas atrizes. Numa ovação a uma dançarina há fantasia, exaltação, boémia, aparências de orgia, bebeu-se nos entreatos, tem-se os nervos impacientes, vem-se da luz do gás e do pó de arroz dos camarins, há uma ponta exigente de amor, ela sorri, atiras beijos, os seus olhos, gulosos de ruído, cintilam sob o capuz de cetim, rasga a luva em relíquias; grita-se, está-se febril, estroina, absurdo, e quando ela desce do carro, atira-se com o paletó, com o lenço, com a vida, por violência, petulância de sangue, desordem de sensações, como se atira, na cascalhada de uma orgia, com as *garrafas de champanhe* aos espelhos melancólicos do restaurante! Não é assim com Sua Majestade.

Vitoriar o Rei é uma afirmação

política — não é uma estroinice ruidosa. Consciências de cidadãos que se afirmam, não são bambochas de estudantes que estalam. Não é o cidadão que está ali quando um homem despe a sua casaca, para que a dançarina tal pouse o seu pé subtil: é o rapaz, o estroina, o doido, o amante: não é o cidadão. Quando um homem aclama o Rei — é o cidadão que está ali; não é o namorado, nem o diletante, nem o estroina. Ora despir assim a casaca pode ser natural no estroina, não é digno no cidadão!

Ou Sua Majestade é recebido como um Rei — isto é, uma política, um princípio, uma ideia, e então deve ser aplaudido com dignidade, convicção, seriedade; ou é recebido como uma dançarina famosa e então não se lhe

apresenta o pálio — dá-se-lhe uma ceia na Foz, na *Mary*, com champanhe por copos de água, *lorettes* encomendadas e o bacará da madrugada.

Sua Majestade foi ao Porto ter a adesão dos cidadãos, e vendo as suas aclamações cerradas, as suas generosas alegrias, pôde julgar-se entre cidadãos honrados, de consciência séria, de auxílio seguro e forte, sólidas amizades para a sua dinastia. Mas, de repente, os sujeitos despem as casacas, como numa orgia — e Sua Majestade, que se supunha entre cidadãos, acha-se apenas entre *pândegos!* Ora Sua Majestade não viaja para recolher nas províncias a adesão da patuscada!

Os senhores mancebos não se lembraram que ao lado do Rei ia uma

Senhora — e que não é uso em tais casos mostrar as mangas da camisa. Para se cumprimentar a Rainha, não se toma a atitude familiar com que se faz a barba. Se entre os senhores é máxima — que quanto mais estima menos roupa — pedimos-lhes em nome do decoro que não estimem El-Rei de mais. Já o amam até ficar em mangas de camisa, não vão apreciá-lo até ficarem em peúgas! É o pudor que o pede, mancebos! Vós ides na amizade real e na *toilette* por um declive. A liberdade não vos pede tanto. Parai, temerários. Deixai-vos ficar de calças!

E sobretudo, meus senhores, não se mostra a um Rei que ele tem vassalos que julgam a sua casaca mais bem acomodada nas lajes da rua, do que no próprio corpo.

Por Deus! Os senhores não festejam o 9 de julho, que os senhores chamam o dia da liberdade? Pois bem; não é o próprio festejar a liberdade, com as maneiras da escravidão!

E, depois, uma consideração que há de ferir os vossos espíritos, é que o pano preto está pela hora da morte! É que há pó, lama, sujidade na rua. É que podíeis arriscar-vos a que o dia 9 de julho não vos ficasse gravado no espírito pelas lembranças da liberdade — mas pelas nódoas da casaca. E seria terrível que o comentário desse dia não fosse a glória — fosse a benzina!

Acautelai-vos, filhos do Porto e do País.

80

Julho 1872

Eis aí, espetada na ponta da nossa pena, mais uma proeza eclesiástica. Os senhores padres prodigalizam-se, e os seus feitos despertam a cada momento, com um rumor irritado, o silêncio da opinião. O País está com o clero, como um homem débil e nervoso que sente umas unhas compridas raspar a cal da parede. Encolhe-se, dobra-se, geme. E termina por mostrar aos senhores eclesiásticos os seus dois poderosos punhos — fechados e impacientes.

Assim, que murmuração hostil em torno do sermão político do senhor prior

de Belas! Realmente o caso é característico. — Tínhamos o sermão galante — e aparece-nos agora o sermão político — ou antes, tínhamos o sermão obsceno e estamos em presença do sermão injurioso.

O sermão obsceno é uma particularidade minhota dos senhores missionários. Um de suas senhorias sobe devotamente ao púlpito, e depois das ave-marias murmuradas, olha pausadamente a multidão feminina, apertada e contrita, e com gestos sumptuosos, anuncia que vai *tratar da castidade. Tratar da castidade* significa contar a que se arriscam, nos futuros infernos de além-vida, os que cometem os temos pecados do amor. E então o senhor padre, revolvendo o assunto com a sofreguidão com que um

avaro revolve o dinheiro, dilata-se, explica, diz as palavras próprias cruamente, descreve, conta anedotas, especializa atitudes, faz certas proibições, marca dias, prescreve abstenções, divide as espécies, aprofunda, exalta-se, clama — e as mulheres coram. E a *Correspondência de Portugal* contava ultimamente que, num desses derradeiros sermões, o povo rompeu num grande tumulto indignado, e saiu do templo como de um lugar desonesto. Tal é o sermão *galante*.

Do sermão político deu-nos o senhor prior de Belas um exemplo acentuado e conciso. Sua senhoria debruçou-se levemente no púlpito, e a doutrina que ensinou foi que Vítor Manuel é um ladrão, e que é um ladrão o Sr. de

Bismarck. De resto Pio IX é Cristo. O que nos encanta neste sermão é a originalidade. É o sermão artigo de fundo. Até aqui o sermão louvava o santo do dia ou comentava a festa sagrada; agora ataca a política e discute as dinastias. O padre é o jornalista de sobrepeliz. O púlpito alarga-se em tribuna. O sacerdote volta-se para o Cristo do altar e grita-lhe: peço a palavra sobre a ordem. O clero sai do Céu, e entra na Arcada. Põe-se de parte Deus, e enceta-se o Sr. Braamcamp. — E leremos em breve nos jornais: «Tivemos ontem nos Mártires um belo sermão de oposição!»

E ouviremos, na Quaresma, o Sr. Melício, o reverendo Melício, pregar em S. Domingos sobre a questão do real de água!

Mas distingamos: o sermão do senhor prior de Belas não foi uma crítica política, foi uma difamação pessoal. O senhor prior não analisou historicamente, juridicamente, os atos de Vítor Manuel e as ideias de Bismarck; não: chamou-lhes simplesmente ladrões.

Isso significa que a nova espécie — o sermão político — é empregada não na crítica mas na injúria.

Quando se quiser comentar a política de um ministro lá está a imprensa, a tribuna, a conferência, o livro — isso é da competência profana: mas quando se quiser injuriar o ministro, lá está o púlpito — isso entra na atribuição eclesiástica.

O sermão político, seguindo o exemplo discutido, nada tem com a crítica legal, parlamentar, científica; o sermão é

sempre para o vitupério. Quem quiser uma apreciação sobre o Sr. Fontes, dirige-se à *Gazeta do Povo* — só no caso extremo de o querer injuriar, é que se dirige ao pregador, e este, revestido dos seus hábitos, sobe ao púlpito, e na presença das imagens, depois de se persignar e de tossir, com gesto devoto, fazendo ondear a estola — debruça-se e clama:

«Meus amados ouvintes. O Sr. Fontes é um ladrão. Peço um padre-nosso e duas ave-marias.»

Quando Monsenhor Oreglia, núncio apostólico de Sua Santidade, partiu para Roma, levou consigo, como um documento vivo e atual, a coleção das *Farpas*, cheias de história eclesiástica: *«Hei de dar isto a ler no Vaticano, e há de fazer seu barulho»*, disse Sua

Eminência. — E assim a crítica inquieta teve a honra de ir depor diante da imutável tradição! Pedimos a Monsenhor que deponha estas páginas verídicas, perfil exato dos sermões portugueses, aos pés do Santo Padre — com a unção dos nossos respeitos e o beijo de paz nas suas mãos apostólicas.

81

Julho 1872

Na Foz, há pouco, voltou-se uma lancha. Morreram 14 homens.

Os socorros foram dados por uma lancha de pilotos, que se apresou corajosamente, e por outro barco, que veio, num risco agudo, da praia do Cabedelo. Conseguiram salvar 10 homens: 14 morreram.

A 10 passos do mar, repousava placidamente o *salva-vidas*. O *salva-vidas* não desceu ao mar. Fez como o Palácio da Torre da Marca, ou como a estátua de D. Pedro IV — deixou tranquilamente os pescadores na agonia

das vagas. Entendeu que não era com ele. Eram 14 homens que iam morrer afogados. Quem tinha obrigação de vir era a bomba dos incêndios. O *salva-vidas*, não. O *salva-vidas* só se moveria para algum caso especial, em que ele pudesse dar os seus serviços especiais — como, por exemplo, se tivesse desabado um muro.

Então correria. Assim, como era um naufrágio, o *salva-vidas* conservou-se imóvel, aboborando.

O *salva-vidas* da Foz tem um fiscal remunerado e tem a Comissão do *Salva-vidas*.

Esta comissão, cujas atribuições ignoramos, revela às vezes a sua existência na prosa das gazetas. Lê-se: «Ontem reuniu-se a Comissão do *Salva-*

vidas, em assembleia geral, para deliberar»; ou «Foi mandada louvar pelo governo civil a Comissão do *Salva-vidas.*»

Destas deliberações e destes louvores resulta que, quando se volta uma lancha com 24 homens, morrem 14; resulta que tem de se aprestar, rapidamente, na aflição, um barco casual, com homens voluntários e compassivos, que às vezes se volta numa violência de mar, e complica o desastre; e resulta que o *salva-vidas*, nem sequer *finge*. Podia descer, molhar-se, navegar um instante; não; conserva-se agasalhado na sua habitação onde, dizem rumores gloriosos, ele está embrulhado em algodão, num cofre.

No entanto a opinião interroga o

senhor fiscal. O senhor fiscal explica:

— Não saiu o *salva-vidas*, porque não há tripulação.

Assim foi muito tempo.

O *salva-vidas* não tinha tripulação. O Porto confiou sempre que o *salva-vidas* se tripulasse a si mesmo. Porque, enfim, um barco que tinha a forma, a construção aparente, o tamanho dos outros a que se chamava *salva-vidas*, devia ter qualidades originais, exclusivas, de exceção — e que naturalmente possuía o poder de se dirigir e de se tripular. E esperou-se sempre que, se houvesse um naufrágio, o *salva-vidas* se desamarraria, se meteria cordas e cabos, se desceria ao mar, se remaria, se iria ao leme, e ele mesmo estenderia a proa, como mão salvadora e firme, aos náufragos

desolados. Esperava-se isto do brio do *salva-vidas*. Vem um naufrágio. Bom! Abrem-se-lhe as portas e a comissão fica esperando que ele se espreguiçasse e corresse febrilmente ao desastre.

O *salva-vidas* não se moveu. — *Está a dormir*, disseram entre si, e sacudiram-no robustamente. — *Agora, agora!* murmuravam. Mas com um espanto aterrado, viu-se que o barco estava imóvel, como num alicerce. Gritava-se na praia, e o grosso mar bramia. A comissão suava, pedia-lhe, increpava-o, cuspia-lhe: — o barco, inabalável, estendia a sua sombra bojuda sobre a quente amarelidão da areia. Então a inteligência da comissão deu um grito e compreendeu — que para fazer navegar um barco é necessária uma tripulação.

Quando a comissão, em assembleia geral, afirmou definitivamente esta ideia — foi que o governador civil, surpreendido justamente por tanto agudeza e engenho — os mandou louvar, em portaria. — E começou-se a procurar uma tripulação...

Mas aí foi a crise temida. Cada marinheiro, cada remador, convidado a comparecer, acercava-se do *salva-vidas*, apalpava-o, olhava-o, e recusava resolutamente. Foram chamados os afoitos, os destemidos, os heroicos. Torciam o barrete entre os dedos, e diziam secamente: — Menos eu!

A comissão tinha os cabelos brancos. A cada recusa afastava-se melancolicamente, e ia deliberar. Os naufrágios seguiam o seu curso trágico. O

salva-vidas dormia.

Enfim um dia a comissão, exasperada, veio, em grupo, interrogar o segredo estranho. Aproximou-se do *salva-vidas*. Olhou e levou violentamente a mão ao nariz. O *salva-vidas*, o jovem *salva-vidas* estava podre!

Se descesse à água desfazia-se — foi a opinião dos peritos. E a comissão com o olfato resguardado, saiu e continuou a deliberar. Sempre que uma lancha se volta a comissão reúne-se, e grave, delibera. E o senhor fiscal, concentrado e pontual, recebe o seu ordenado. A areia do Cabedelo reluz ao sol, as senhoras passeiam na Cantareira, as gaivotas voam, e os que naufragam morrem.

E de vez em quando o senhor

governador civil, despertando do seu cismar, manda louvar a comissão.

82

Julho 1872

Depois da dispersão de uma guerrilha carlista — que operava junto da raia portuguesa — um carlista, um sargento, entrou a fronteira e depôs as armas.

Este homem que, sob a garantia dos tratados, da dignidade civil e da piedade humana, se entrega, na confiança da sua miséria, às autoridades portuguesas, foi tratado deste modo singular:

Veio de Melgaço até Viana, de cadeia em cadeia, entre privações e rudezas. Em Viana foi atirado para o

aljube, e não lhe deram de comer. Teve fome. Requereu, então, que lhe abonassem, não já o soldo devido pelos tratados, mas a ração de preso devida pela compaixão.

De Viana foi, pelo Porto, para Peniche, com uma escolta de 20 soldados, comandada por um tenente, o Sr. M. Este oficial português levava o preso desarmado, e 20 homens, com as espingardas carregadas. Teve ainda receios do soldado espanhol. Exigiu que o algemassem. É necessário ter visto o sofrimento das algemas. Os braços inertes incham, adormecem, os pulsos arroxeiam, a respiração dificulta-se, um entorpecimento febril enerva, e os mais duros, os mais fortes, os mais concentrados, não marcham a pé duas

léguas, com os pulsos encadeados, sem que a dor lhe faça correr as lágrimas em fio.

Deu-se isto com o soldado espanhol.

Tomar um militar, um vencido, um hóspede, um homem que se entrega aos respeitos da lei e às proteções da piedade, fatigado, desarmado, inútil — levá-lo, fazê-lo atravessar as imundícies e as fomes das nossas cadeias, maltratá-lo, arremessá-lo para a negrura de um aljube, não lhe dar sequer o caldo da enxovia, impor-lhe a fome, fazê-lo esperar longas horas às grades a chegada do pão, impeli-lo à humilhação de pedir, esfomeado, metê-lo numa escolta de 20 homens, algemar-lhe os pulsos, e impeli-lo para um destino escuro, como um boi que se

encurrala — é bem digno deste País, que por isso que tem a inépcia, não podia deixar de ter a maldade. Alexandre Dumas tinha um abutre que era o camarada íntimo de um pato. E aquele espírito radioso dizia sobre este facto — que era a natural ligação da estupidez e da ferocidade.

Portugal tem em si o abutre — e o pato.

Há tanto tempo nos separamos da inteligência — que devíamos por fim encontrar-nos com a vileza.

O senhor tenente, comandante da escolta — esse é um sintoma. É a consciência do exército. Tendo de conduzir um soldado espanhol internado, vencido, pacífico, desarmado, pede 20 homens; mas receia — e manda carregar

as espingardas; mas treme ainda — e manda algemar o preso! Dá portanto a entender que 20 soldados portugueses corriam perigo nas estradas povoadas do Norte — diante de 1 soldado espanhol! Ó comissão do 1.º de Dezembro! Ó foguetes altivos, soberbas filarmónicas do Largo do Rossio! Aí está com o que vos responde o exército, com o seco ruído do engatilhar de 20 espingardas e com o metálico estalido dos fechos de uma algema — contra um soldado espanhol vencido, e pacífico. De tal sorte, que se 1000 soldados espanhóis, de um bairro de Badajoz, passassem o Caia, desarmados, os 20 mil soldados portugueses, de todo o Reino, armados, só teriam um meio de os conter — mandar os malsins algemá-los!

83

Julho 1872

Quando o senhor D. Pedro V subiu um dia as escadas da Relação do Porto, disse com uma tristeza irritada: *isto precisa de ser arrasado!* A cadeia da Relação é das melhores deste Reino venturoso onde florescem de acordo — a papoila e Vidal.

O regulamento das cadeias é *provisório.* Conheceu-se, ao fazê-lo, quanto era incompleto, deficiente, anti-higiénico, mal seguro, bárbaro, antigo, sujo: fez-se *provisório,* por alguns meses. Sabem há quanto tempo dura este regulamento *provisório?* Há vinte e nove

anos.

Mas hoje é uma curiosidade toda particular que queremos revelar. De entre tantas faltas das cadeias — a falta de espaço, a falta de ar, a falta de pessoal, a falta de segurança, a falta de asseio, a falta de alimento, a falta de moral, a falta de higiene — queremos destacar, como um diamante de um colar, a falta de roupa.

Os presos — não têm roupa. Na última leva de degredados, os que partiram foram vistos sair do Limoeiro em farrapos a maior parte, e um ou dois quase nus.

O Limoeiro tem um lúgubre guarda-roupa: calças de linho, camisas de riscadinho, sapatos brancos e bonés de cotim. Daqui fornecem-se os *fachinas*, que são os presos encarregados de varrer

e lavar os dormitórios e corredores — e, além dos *fachinas*, os presos pobres.

Ora quando se embarca uma corda de degredados, o carcereiro deve ter de véspera a relação dos que partem, para lhes preparar o enxoval, fatal e definitivo como a mortalha — uma camisa, uma calça, um boné e um par de sapatos!

Piquemos a ver um pouco esta avareza imunda.

Um preso tem em Portugal, para o seu degredo de África — uma camisa e uma calça. A França, que não é exemplar na organização dos seus serviços penais, dá ao deportado seis camisas, três blusas, seis calças, seis lenços, dois pares de sapatos, etc., um enxoval cómodo, lógico, facilmente transportável na sua mochila, e novo. Ele mesmo tem obrigação de lavar,

a bordo, de três em três dias a sua roupa, e a sua limpeza é fiscalizada com o rigor de um dever. Em Portugal, país quente, para a África, terra afogueada — dá-se a um homem uma camisa e uma calça. É sujo.

Metido atulhadamente no negro porão de um navio, na acumulação bestial dos corpos, na promiscuidade dos suores, sem disciplina, sem água, com a indiferença pelo corpo que dá a miséria do destino, em que estado chega ao seu desgraçado fim aquela miserável criatura condenada, com a sua camisa única e a sua calça solitária?

Por isso os que têm visto um porão de degredados, nos nossos navios, o descrevem como a maior deformação da miséria. Corpos que se não lavam,

cabelos que se não penteiam, confusão de enxergas, a quente exalação de todos os cheiros, ar coalhado e torpe, uns enjoados, outros doentes, o fervilhar dos vermes, a vil confusão dos farrapos, o abatimento do tédio, o chão escorregadio de imundícies, a abafada negrura daquele vão soturno — e ali vão apodrecendo, em nome da lei, aqueles lúgubres restos de gente. É infame!

E é um castigo maior, para além da sentença; porque se alguma coisa humilha, avilta, amolece a dignidade, coalha e petrifica a alegria, enodoa a esperança, debocha o caráter, amolece e amiasma o sentimento, dá um irremessível desprezo próprio — é a porcaria forçada.

E deve perder o pudor, a vontade, a consciência, cair numa desmoralização

bestial, o homem que sente o seu corpo suar e verminar-se na sua única camisa.

Quem decretou esta infâmia? Se foi o regulamento das cadeias, reforme-se essa disposição como se lava uma nódoa. Esse regulamento não é inepto — é sujo. Não obriga só a reagir a consciência, obriga a pôr o lenço no nariz. Não precisa crítica — precisa benzina.

E porque o não reformam? As autoridades que o consentem dão uma ideia bastante escura da sua limpeza pessoal, tolerando para enxoval de um homem — uma camisa. Suas senhorias, essas autoridades, não podem exalar de si um aroma fino. Quem consente que um homem leve para um degredo — uma camisa — pode ser um jurisconsulto que se respeite, mas é um corpo que se evita.

Tal autoridade não deve ser repreendida, deve ser lavada. Para ser reconhecida não precisa a toga — basta-lhe o cheiro. Não lhe façamos crítica, atiremos-lhe bacias de água. Que o senhor ministro da Justiça lhes faça pagar os seus ordenados em sabão. E enquanto às suas cabeças, não pediremos à lei que as inspire — mas sim que as cate.

E sabem porque se dá ao desgraçado essa camisa? Não é asseio, nem higiene, nem dignidade, nem dó. É porque o preso, até ao cais, tem de passar na Baixa, e não se quer enojar os curiosos que param, com o aspeto devastador dos remendos da enxovia. É para que os senhores lojistas e ourives, imóveis em seus chinelos aos portais da loja, não se enojem, não se enjoem, com os farrapos

pendentes daquele pobre corpo maquinal que vai para o seu porão! É uma atenção aos senhores lojistas. É só para atravessar a Baixa. Para isso, com efeito, basta uma camisa. Depois, na viagem, que apodreçam! Ah! como estas coisas põem ao claro sol do desdém, as baixas feições de um país! Uma camisa para um desterro, a camisa da lei. A autoridade é mais suja que o degredado, e a lei é mais suja que a autoridade. Terra de ruas infetadas e de corpos imundos! Ao menos sejamos francos: em lugar das cinco quinas, ponhamos as cinco nódoas.

Pois bem. Essa mesma camisa — única — foi julgada excessiva. Tirou-se a camisa ao degredado. Nesta última leva, a 5 do mês passado, iam todos em trapos, alguns quase nus. As autoridades

entenderam, e bem, que para um degredado, um zero, um farrapo humano, uma sombra pisada, uma vida em rodilha — uma camisa era de mais. Era. Para um degredado, em Portugal, uma camisa era afrontoso. Uma camisa tem um desembargador!

E por isso tirou-se a camisa ao preso.

Pela nossa parte achamos bem: e só pedimos a todos os nossos amigos que indaguem cuidadosamente quais foram as autoridades que, dando esta ordem suja — deram uma tão especial ideia do seu próprio asseio — para que não suceda aproximarmo-nos delas, desprevenidamente — sem desinfetantes!

84

Agosto 1872

À ALMA DE D. PEDRO IV, NOS ELÍSIOS

Senhor:

Esta carta, a exemplo das que os humoristas de 1830 escreviam a Voltaire, que Vossa Majestade deve aí conhecer, com o seu adunco perfil cortante e subtil — é escrita na suposição de que há uma região cheia de silêncio e de imobilidade, como a dos países Cimérios, onde as almas vivem numa abstração transparente, possuindo a vitalidade do espírito, sentindo, interessando-se, conversando e

recebendo o seu *correio*. Doce deve ser esse lugar: lagos calados como a neve; alamedas de mirtos, tranquilas como as vegetações dos sonhos; regatos mudos, que vão com a tranquilidade rítmica de um verso de Virgílio; sombras profundas como túmulos; e em tudo um repouso augusto e inefável. Que Vossa Majestade nos perdoe o arremessarmos para aí, irreverentemente, grosseiras notícias da vida — mas nós queremos contar-lhe o que se passou nesta cidade onde Vossa Majestade viveu, por ocasião do dia 24 de julho de 1872.

Não sabemos se Vossa Majestade se lembra ainda do dia 24 de julho. Para as almas que palpitam aí, na sombra inviolável, os factos da vida terrestre devem ser como farrapos fuscos de

sonhos extintos, sem intenção e sem ideia. Mas Vossa Majestade pode perguntar ao seu velho amigo duque da Terceira; lembre-lhe a batalha de 23 e os fogos acesos de noite no pontal de Cacilhas!

Ora deve saber Vossa Majestade que, durante 36 anos, o dia 24 de julho e as suas glórias estiveram sepultados insondavelmente no fundo das memórias veteranas. Nunca ninguém se lembrou que, naquele dia, o duque da Terceira tivesse dado uma capital aos constitucionais. Os velhos, Senhor, têm a memória fugitiva como a água dos rios: e os novos, a quem a educação revolucionária alterou a curiosidade, nunca voltam os olhos para trás, para a região calada onde jazem as suas batalhas e as suas leis. Todos os anos, Senhor, passava por nós entre a

sequência dos dias, o 24 de julho, e ninguém o notava, como se não nota, na passagem de um regimento, um soldado sem nome.

Deve parecer-lhe pois singular, Senhor, que passados 36 anos de indiferença sobre o 24, o fossem desenterrar do passado, vesti-lo de gala, e fazê-lo reinar — como aquela monótona Inês de Castro.

«Mísera e mesquinha
Que depois de morta foi rainha.»

Eis, Senhor, o que se tinha passado. Sua Majestade o Rei atual, neto de Vossa Majestade, tinha ido ao Porto. O Porto, Senhor, está bem diferente do que Vossa Majestade o conheceu, noutras

épocas de batalha e de necessidade.

O Porto já não é aquela seca e escura cidade, rude e plebeia, de ruas estreitas e agitadas, impertinente e cheia de oposição, comendo alegremente arroz e bacalhau, dançando nos bailes improvisados, onde as mulheres iam com o pobre vestido de chita da Rua das Flores, e de onde os homens saíam, cansados da *gavota*, para o fogo das linhas — o Porto, ainda com feições de burgo antigo, com as suas dinastias de comerciantes honrados, os seus tamancos estoicos, impassível diante dos redutos, sensível diante dos melodramas do teatro nacional, patriota, resmungão e rezando ao senhor de Matosinhos! O Porto, hoje, é uma cidade larga, bem anafada, com ventre, brasileira, um pouco sonolenta,

cheia de poetas líricos, e ávida de baronatos.

O Porto, pois, imperial Senhor, lembrou-se, por ocasião da presença de el-Rei, de fazer uma festa constitucional. Uma festa constitucional, para fazer perrice aos jesuítas. Porque há cinco ou seis meses o Porto foi tomado desta doença singular: o tédio, o terror, o ódio ao jesuíta. Aquela boa cidade ficou, dos tempos de Vossa Majestade, com os hábitos de se bater. Vossa Majestade acostumou-os tão bem, que eles não podem dispensar-se de ter um inimigo a vencer. Mas o Porto, hoje, pacato, pançudo e pesado, pretende um inimigo cómodo, que não obrigue ao peso da espingarda e ao frio das alvoradas, que se combata com palavras, artigos de fundo,

versos e *meetings*. Ora o jesuíta é um bom inimigo, que não desarranja os hábitos da digestão, a quem se dá batalhas, conversando à porta do Moré ou em volta de um *bock* na Águia de Ouro. De sorte que o Porto adotou o jesuíta — como inimigo figadal. E combate o padre Couto. Vossa Majestade não conhece o padre Couto? nem nós: o padre Couto é uma reprodução barata do jesuitismo — para uso do Porto.

Ah! Vossa Majestade Imperial conheceu padres bem diferentes: o grandioso frade crúzio, vasto e burro, que enchia a caleça, ao lado da qual trotavam dois lacaios de cabeleira; o anafado frade dominicano, cheio dos favores da corte, demandista e rábula, ocupado na intriga e dirigindo ocultamente as venerandas

cabeleiras do desembargo do Paço: a multidão pitoresca dos frades eruditos, cheios de rapé e de textos, esquecidos nos silêncios das altas livrarias; o padre plebeu, brutal e devasso, que tomava a monte a clavina; o padre fanático, possuído do de um Deus inquieto, ávido de domínio, absolutista e sujo.

Hoje temos o padre Couto e o José Maria, género constitucional. Aquilo intriga nas secretarias, aquilo negoceia uma missa de *doze* ou de cruzado, aquilo seduz as cozinheiras, aquilo faz negócio de *bentinhos*. É contra isto que o povo se revolta.

Portanto o Porto queria fazer alguma coisa solene, estrondosa, festiva, contra estes *sotainas*, diz ele.

Fez a festa do dia 8 de junho.

Outra data de que Vossa Majestade se não recorda, não é verdade? Tal é o efémero da vida. Se Vossa Majestade encontrar aí, sob alguma plácida ramada de mirtos, Napoleão, fale-lhe em Austerlitz, fale a Shakespeare em Hamlet, abrirão os olhos surpreendidos, calar-se-ão. Não se lembram!

Ora pensando que o jesuíta representa o absolutismo, o legitimismo, a forca, o convento, o dízimo — a boa cidade do Porto tratou de organizar a festa do dia 8, como uma desfeita, uma réplica aos jesuítas — enchendo-a de elementos liberais, aproveitando a presença do Rei, prodigalizando as bandeiras azuis e brancas, etc. — E então para caracterizar a intenção liberal e democrática do dia — o que fez? Fez representar no Baquet a

Boceta de Pandora, comédia em três atos. Vossa Majestade não sabe o que é? Nem nós. Pode interrogar um velho risonho e subtil, que por aí deve ter encontrado, murmurando como memórias extintas *couplets* de *vaudeville*, e que é o Sr. Scribe.

Representou-se a *Boceta*, Senhor. E assim ficou batida vitoriosamente em brecha a propaganda jesuítica. Se Vossa Majestade ler esta carta alto, às sombras curiosas e saudosas da terra, há de ver um velho corcovado, seco e ardente, ascético, mas com grande doçura no olhar, rir-se com o seu estreito e triste riso de jacobino, vendo a maneira portuense de combater o jesuíta — com *vaudevilles*. Esse homem, Senhor, é Mazzini.

Ora, quando em Lisboa se soube

que o Porto dava esta grande festa — Lisboa teve um estremecimento de cólera. Lisboa teve a tradicional, a costumada inveja. O Porto tinha feito uma grande festa constitucional — Lisboa não tinha nenhuma!

É necessário que Vossa Majestade saiba que existe uma incurável rivalidade moral, social, elegante, comercial, alimentícia, política, entre Lisboa e Porto. Lisboa inveja ao Porto a sua riqueza, o seu comércio, as suas belas ruas novas, o conforto das suas casas, a solidez das suas fortunas, a seriedade do seu bem-estar. O Porto inveja a Lisboa a Corte, o Rei, as Câmaras, S. Carlos e o Martinho. Detestam-se. As damas de Lisboa riem-se da pouca distinção, da pequena ciência, da falta de *chique* e de *quê* das *toilettes*

do Porto? O Porto, rubro de ódio, cobre as suas senhoras da sumptuosidade dos estofos e das faíscas dos diamantes.

Lisboa tinha touros. O Porto quis ter este *bom tom* de lezíria. Mas faltava-lhe o bom gado, os artistas, a faísca da troça, o estonteado especial, o sal das touradas daqui. Ah, sim? Em lugar de uma praça o Porto ergue duas. Mas consegue apenas ser duas vezes pior. Bem! O Porto sorri-se e para se desforrar, faz corridas de cavalos. Grande troça nos *sportsmen* a pé do Chiado: vamos batê-los, diziam, vamos batê-los desalmadamente. Chegaram lá; foram chatamente batidos.

O Porto tinha a Foz, a praia de banhos, rica, de um grande pitoresco de paisagem. Lisboa, rancorosa, improvisa Cascais, sítio enfezado entre pinheiros

éticos e rochedos de *ópera cómica*.

Os poetas do Porto fazem sorrir, no Chiado, os líricos da corte, descendentes dos vates parasitas do adro de S. Domingos: mas os da *Águia de Ouro* abrem sobre as mesas as odes de Vidal, e entornam-lhes em cima, como único comentário digno, molho de carne assada.

O Porto, por circunstâncias, é reformista: eis que Lisboa se veste de um grande desdém pelo senhor bispo de Viseu, António.

Em Lisboa houve ultimamente um certo movimento subterrâneo, indistinto, informe, do espírito republicano: o Porto recebe el-Rei, com um delírio que só Vossa Majestade inspirou nos dias em que passeava a pé, com a sua estreita farda de coronel de caçadores, de cravo ao peito, e

batia, com as pontas dos dedos, nas faces rechonchudas das mulheres do Candal.

Lisboa come com pretensões francesas e fantasistas: logo o Porto se afoga, cada vez mais, no chorume da velha cozinha portuguesa, e abraça-se, como a um estandarte, à travessa do cozido. — Mas em quantas coisas estamos falando, que são para Vossa Majestade como as sílabas irritantes de um dialeto bárbaro? Era-se mais conciso, não é verdade, nos tempos apressados de Vossa Majestade? Hoje, a gente põe-se a caminho, mas para a cada momento, como um anémico e um precioso, a fumar as *cigarrilhas* azuis da fantasia. — O facto é, Senhor, que, como o Porto tinha a sua festa constitucional, Lisboa quis ter a sua: mas qual? — Escavou-se, desentulhou-se,

aprofundou-se e foi-se achar, no fundo de um passado esquecido, o esqueleto do dia 24 de julho: o quê? és tu? Existes? és! Vem! Serás célebre, estrondoso, resplandecente, iluminado, cheio de honras e de colchas de damasco.— E puseram-no de pé!

Aqui começa, Senhor, uma intriguinha constitucional e burguesa — a que não sabemos se Vossa Majestade, acostumado às comoções abrasadas da guerra, achará encanto; sobretudo aí, nesse mundo interessante e sublime, onde Vossa Majestade tem Voltaire para conversar, Meyerbeer e Beethoven e Mozart, para lhe fazerem músicas de almas em sombras de violoncelos, e onde tem, para o entreter com desenhos improvisados a lápis — Rubens, Miguel

Ângelo e Velásquez!

Mas, enfim, isto, Senhor, são coisas da sua terra; e depois, se um bocadinho de maledicência é já um tão bom encanto entre nós os vivos ocupados e apressados — o que não será nessa grande ociosidade da Morte, nas largas tardes pálidas, quando, aos grupos, as Sombras passeiam, sob o silêncio dos si cômoros, junto à mudez dos lagos.

Assim Vossa Majestade saberá, que, logo que se tratou da festa do dia 24 — a oposição viu nisto um *belo cabo para uma vassoura*... Perdão! Esperamos que Vossa Majestade não tenha aí convivido tanto com Racine e outros retóricos, que se tenha impregnado do horror às frases populares e energicamente significativas... *Um belo*

cabo para a sua vassoura.

Realmente, se pudesse acontecer que toda a iniciativa desta festa de liberdade pertencesse à oposição, seguia-se naturalmente que ela ficava — perante o País e a cidade — com a honra de ter feito uma grande festa liberal, de restaurar as datas históricas do regime constitucional, de ser a mais infimamente afeiçoada ao espírito democrático — enquanto que, implicitamente, o Governo, que não podia ter iniciativa, ficava naturalmente com o aspeto de quem — em questões de celebrar a liberdade — *tolera mas não promove*. Ora que melhor reclamo para um partido do que celebrar por comissões suas, ideias suas, dinheiro seu e homens seus — uma festa à liberdade! Boa tática, imperial Senhor.

Que quer? No seu tempo, era outra coisa, morrão à peças e fogo! Hoje somos todos pessoas de ordem: servimos a Ideia. Servimo-la assim. Guerrazinhas de homenzinhos. E aí tem Vossa Majestade que a festa do dia 24 não é uma ideia de liberdade festivamente manifestada; nem uma manifestação tardia das glórias do constitucionalismo: nem um entusiasmo retrospetivo e bem arranjado, pelas campanhas de Vossa Majestade e dos seus generais. Que nem Vossa Majestade, nem eles, se regozijem, como de uma grande justificação! — a festa foi apenas, Senhor, uma *parada* da oposição histórica contra o ministério regenerador.

Saiba agora Vossa Majestade como foi esta festa augusta. Nomearam-se duas grandes comissões, uma em Lisboa

— outra em Cacilhas. Vossa Majestade lembra-se ainda dos lugares? Lisboa, aqui, vastamente espapada nas colinas, o rio defronte, de água esverdeada, e do outro lado os montes pelados e amarelados de saibro, com um pontal agudo encravado na água, onde Cacilhas estende o seu focinho.

Como Vossa Majestade se pode informar com o duque da Terceira, ele, depois da batalha de Cacilhas, a 23, acampou ali, e nessa noite, acendeu, em toda a extensão das linhas ocupadas, grandes fogos. Ao outro dia, pela manhã, desembarcava em Lisboa. O desembarque foi o êxito do dia, a decisão. As comissões entenderam que deviam solenizá-lo, simbolizá-lo, com um cerimonial expressivo. Que fizeram?

A comissão de Cacilhas partiu de lá, de casaca, de madrugada, num vapor alugado, com filarmónicas — simbolizando as tropas do duque da Terceira — e de cá a comissão de Lisboa foi esperá-la, de gravata branca, ao Terreiro do Paço, simbolizando a opinião constitucional, que ia ao encontro do libertamento. — Ria-se, Príncipe! Chame Nicolau Tolentino, o calvo mestre de retórica, chame a macerada figura óssea de Bocage, chame aquele inquieto personagem curto, de cabelo hirsuto, olhos faiscantes, nariz adunco, de toga curta à maneira ibera, que é Marcial; chame Scarron, chame o Aretino e os grandes escarnecedores de outros séculos, mostre-lhes isto, e chame a alma de Rebelo da Silva, o alegre espírito, cheio

ainda das recordações da terra, para que ele lhe descreva os personagens, lhe narre as figuras! Riam! Que se não viu mais Manuel Mendes Enxúndia, mais *Lourinhã*, mais *círio*, mais *barriga de manteiga*, mais *irmandade da Senhora da Luz!* O desembarque, as tropas, a luta, o terror da cidade, os fugitivos, os medos que se escondem, a vingança que reaparece, as famílias espavoridas, os saques desconhecidos, os crimes — toda a violenta desordem do encontro de uma realeza vencida com uma ideia vitoriosa — tudo, desgraça e glória — simbolizado por alguns cavalheiros, de gravata branca, que se abraçam gravemente no Cais de Sodré! Ah! Melício! Ah! cruel!

Depois que assim se encontraram as comissões, Senhor, dirigiram-se com as

filarmónicas para diante da estátua de Vossa Majestade. Porque Vossa Majestade tem uma estátua! — e é mesmo para nós uma felicidade ter esta ocasião de dar a Vossa Majestade esta nova soberba, e as nossas felicitações. Há três anos que Vossa Majestade a tem. É no Rossio. No meio. As costas para o teatro de D. Maria.

Vossa Majestade está no alto de uma coluna, esguia, polida e branca como uma vela de estearina, e mostra, equilibrando-se sobre uma bola de bronze, um papel, a Carta — ao clube do Arco do Bandeira. É a quem Vossa Majestade a mostra. O clube do Arco do Bandeira pela sua atitude, modesta e digna, parece não dar por tal. Vossa Majestade está com a espada na bainha. Vossa Majestade passa à posteridade com

um rolo de papel na mão — como um tabelião, ou um vate. Nada que lembre o soldado. É uma estátua — doméstica.

Ora se era necessário representar, sobre uma peanha, o espírito político, jurídico, legista do constitucionalismo — não era Vossa Majestade que devia lá estar com a *carta* na mão, mas a figura de Mouzinho da Silveira. Ora nesse dia 24 a estátua de Vossa Majestade estava coroada. Mas como? Tinham passado dos telhados de um dos lados do Rossio aos do outro, um fio de arame, e desse fio astuto pendia, a um metro da cabeça da estátua, bamboleando-se, enorme, uma coroa larga como a roda de um ónibus! Em baixo, as filarmónicas, arquejavam. — De resto, foguetes, buxo, *água fresca* bem apregoada, e bandeirolas.

Que quer Vossa Majestade? — Lisboa faz o que pode: quem tem um temperamento saloio não pode tirar dele requintes de artista. Lisboa é uma cidade saloia; é uma cidade de fora de portas; é uma cidade de aldeia. A sua imaginação, violentada para conceber uma festa, não pode produzir mais que o arraial. Foguetes e filarmónicas — eis o que ela sabe dar de mais delicado aos heróis que ama. — De modo que este dia de festa como se pode definir? — Um arraial de oposição. Mais nada.

Senhor, temos conversado muito. Vossa Majestade deve estar fatigado, na sua delicadeza de sombra, com estas notícias que levam o peso grosseiro da terra viva. Se Vossa Majestade puder, escreva-nos, peça-nos histórias deste país

que foi seu, que já foi uma pátria, e que é hoje apenas um *chinfrim provisório*. — Nós, enquanto não descemos também a essas regiões definitivas e purificadoras, beijamos as mãos de Vossa Majestade Imperial, pedindo-lhe que nos recomende aí a todos aqueles que nós estimamos, desde Rabelais até Camilo Desmoulins — e se Vossa Majestade entender que é delicado e da etiqueta apresentar aí os nossos respeitos de portugueses e de vassalos, aos Sanchos e Afonsos, etc., que reinaram neste canto da Terra — tenha Vossa Majestade a condescendência de dizer aos ditos Sanchos e Afonsos... sim, diga-lhes que aqui estamos às ordens.

85

Outubro 1872

Uma questão singular tem, há tempos, sobressaltado legitimamente os maridos, as pessoas sensíveis e os fabricantes de armas proibidas. Referimo-nos, como compreendem, à questão do *Adultério*.

Quando, em Paris, Mr. Dubourg foi ultimamente condenado em cinco anos de prisão, por ter assassinado sua mulher às facadas — os senhores jornalistas, arrastando essa desgraça através da sua prosa, envolveram-se, por cima da memória da pobre senhora nervosa e infeliz, numa discussão vibrante acerca do

amor, do adultério, do casamento e da morte. Mr. d'Ideville, um bom rapaz, que foi secretário de legação em Itália na missão de Tour d'Auvergne, escrevendo sobre este caso impertinente, teve a ingenuidade de pedir ao Sr. Alexandre Dumas filho — a sua opinião e a sua prosa.

Provocar a pena indiscreta e aparada em *bisturi* do Sr. Dumas, é acordar o escândalo que dorme. Sobretudo em questões femininas: porque aí o Sr. Dumas supõe-se uma espécie de Santo Padre do amor, julga possuir a plena compreensão da mulher, saber desde as leis até às *pantoufles* toda a fisiologia do casamento, e ser no tempo presente um S. Tomás de alcova. De sorte que sempre que se trata de um caso

sentimental, o Sr. Dumas filho entorna sobre o *boulevard*, como um barril de lixo, o seu depósito de observações; porque o Sr. Dumas é observador como outros são trapeiros. É de noite, com uma lanterna e um gancho, cosido com os muros conjugais, apanhando e fisgando em segredo tudo o que cai da alcova, cravos, panos revolvidos, *cuias* velhas, farrapos reveladores — que ele vai coligindo a sua ciência. Sabe pelo que esgaravata no lixo. É doutor — em roupa suja.

Foi assim que o Sr. D'Ideville provocou *L'homme femme*. *L'homme femme* tornou-se então um rebate através das alcovas: jornalistas, *lorettes*, publicistas retirados, tudo correu pelo faro do escândalo. Ganiu-se um grande charivari filosófico — com panfletos,

com livros, com artigos e com *vaudevilles*. E o amor, o casamento, a virgindade, a maternidade, o pudor, o adultério, a mulher, saias e consciências, tudo foi sacudido, revolvido, remexido, voltado ao sol, e exposto à vil publicidade como um guarda-roupa na tristeza de um leilão.

Ora a conclusão da questão era estranha: tratava-se de decidir, a sangue-frio, com argumentos e boa gramática — se os maridos deviam matar suas mulheres. O Sr. Dumas tinha dito com o charuto na boca, folheando a Bíblia — *mata-a!* Outros, fechando a navalha no bolso, diziam generosamente: *não a mates*. Alguns *vaudevillistas* ensinavam entre um *bock* e uma pilhéria — *vai-a matando sempre!* E outros acrescentavam,

expondo que era necessário estudar mais a questão e consultar dicionários: *por ora não a mates!*

E no entanto, de faca na mão, os maridos esperam.

Antes de tudo, não os escandaliza esta questão? Laplace, o antigo, o astrónomo, era um homem sereno e recolhido, firme como a ciência e tranquilo como a verdade. Uma só coisa o fazia irritar e sacudir como uma juba o seu comprido cabelo à Convenção: era ouvir um peralvilho da mocidade dourada, algum Incrível dos que tinham feito fechar o clube dos jacobinos e traziam a reação entalada na alta gola do seu fraque à Barrás — falar de astronomia. Então o sereno Laplace rugia. Ora se alguma coisa deve irritar e fazer

rugir, é ver os Srs. Dumas, d'Ideville, e outros galantes, falar e decidir, como Evangelistas do macadame, sobre o casamento, esse ângulo tão perigoso da dificuldade social. Não a resolveu, esta questão esmagadora, a Bíblia; não a resolveu, com toda a sua grandeza, o velho espírito romano: perturbaram-na e lançaram— na em confusão a teologia e o cristianismo: apenas a revolução, pela ciência de Proudhon, começa a dar-lhe uma solução racional e positiva — no entanto o Sr. Dumas filho, autor da *Lorette* e profeta do Ginásio, estende-se molemente à sombra dos castanheiros, ouvindo cantar os pássaros, e faz-nos o obséquio, num momento de bonomia, de resolver no direito e na moral esta dificuldade tenebrosa. Como? — com

uma navalha de seis tostões.

Que, devemos confessá-lo, nós dois, nós ambos, julgando inoportuna a estação de banhos para esta leitura, que pede o reconhecimento do inverno e o silêncio do fogão, não lemos ainda nem *L'homme femme* do Sr. Dumas, nem nenhum dos folhetos que rolaram como um enxurro, através da opinião parisiense.

O que sabemos apenas é que todas estas prosas incitam a mulher, em períodos comoventes, à prática da virtude! Ora observa-se que, se uma mulher tem um amante, poderá suceder que ela leia, pela manhã ao almoço, um artigo magnífico e pomposo com interjeições, lágrimas e flores.

Sobre o adultério e as suas aflitas misérias;

Sobre a fidelidade e os seus claros esplendores.

Mas nem por isso deixará, em vindo a noite, de ir pé ante pé, com todos os ardores do susto e do mimo amoroso, abrir a porta do jardim à impaciência de Artur. E isto porquê?... Porque a retórica não anula o temperamento.

Porque um periódico bem escrito não abafa uma paixão bem movida;

Porque os adjetivos não dirigem os nervos;

E porque, ó senhores prosadores, a verdade é esta: entre um folhetim que condena o adultério, impresso a tinta preta num papel amarelado, e um amante vivo, sensível, forte e amado — nenhuma mulher deixará o amante, que é a realidade, para seguir o folhetim, que é a

linguagem.

E não despedirá o homem que lhe dá a sensação — em atenção ao Sr. Bezerra, localista do *Rei e Ordem*, que lhe dá prosa.

É por isso que estas declamações soluçantes a que se entregam, com os braços erguidos, o jornal e o drama — são pelo menos inúteis. Não evitam o pecado. E também não inspiram o ideal — porque não há felizmente senhoras tão estranhamente desgraçadas — que vão aprender a virtude nas gazetas ou nas rampas dos teatros.

E depois, esta questão do adultério, é equívoca. Porque, ou é tratada num folheto pelo Senhor fulano, bom rapaz e empregado público — e então torna-se tão monótona, tão banal, tão

recalcada, que nem Robinson Crusoé na sua ilha deserta, com todo o seu tédio, e sendo esse folheto o único folheto e sendo essa distração a única distração — a quereria: ou então é tratada por espíritos subtis, analíticos, originais como Dumas, e sucede que, com os detalhes, as anedotas, os quadros, as revelações, o estudo, torna-se uma divulgação de alcova e uma pimenta amorosa! De modo que quando não é uma trivialidade estéril, é uma provocação irritante!

Ou o adultério é um facto fatal da natureza eterna, ou é um facto fatal da moral moderna. No primeiro caso, se ele é a antiga e primitiva lei da promiscuidade animal, que apesar do apuramento nervoso da humanidade, da civilização, do direito, da moral,

permanece e impele pela sua fatalidade fisiológica — seria necessário, para o extinguir, mudar a própria constituição natural ou esperar mais vinte séculos.

No segundo, se ele provém da corrupção do matrimónio e da sua decadência e descrédito como instituição social, se nasce da extinção da fé conjugal nos esposos, se deriva da perversão lançada na dignidade matrimonial pelo idealismo amoroso, se tem a sua origem na moral, então é necessário fazer uma revolução nos costumes tão profunda como foi o cristianismo, que nos dê uma outra religião, outra moral, outra família e outro direito.

Ora qualquer destas coisas, tanto uma alteração de constituição fisiológica, como uma transformação na ordem social,

acham-se os Srs. Dumas filhos — com forças de a empreender, no quintal, fumando *brevas* e cosendo prosa?

Mas mais absurdo que tudo é a palavra final da questão: o *mata-a* ou *não a mates!* a decisão do destino que o marido desvalido deve dar à esposa revoltada! Para todo o homem, o mais linfático ou o mais endurecido, Sgnarello ou Mameffe, o momento em que sabe o seu desastre é fatalmente um momento de excitação, de ofensa, de vergonha, de despeito, e ele não pode subtrair-se a palpitar com uma pulsação de febre. Ora aconselhar um procedimento fixo para este momento alucinado, é querer impor ao que há de mais desvairado — a paixão —, o que há de mais raciocinado — a regra. E dizer de antemão ao pulso — tu

baterás deste modo, e aconselhar previamente à cólera — tu rugirás desta forma. Quem vai estudar de antemão ao espelho as atitudes que deve tomar na dor? Quem decora no seu quarto a palavra que deve dizer na cólera? A febre não calcula — improvisa.

Depende sobretudo dos temperamentos. Segundo se é sanguíneo, linfático, bilioso, melodramático, bonacheirão ou egoísta — assim se faz *sangue*, se faz *sermão* ou se faz *negócio*. Basta ver quantas soluções diferentes a verdade e a arte têm achado para este momento agudo, para se perceber a inutilidade pedagógica e retórica de marcar de antemão um procedimento. Otelo, que é negro, sanguíneo, batalhador, bárbaro e justo, toma o travesseiro, e mata

por asfixia. O general de Campvallon que é gotoso, cheio de achaques, encosta-se, ao surpreender sua mulher, à ombreira da porta e morre de apoplexia. Um negociante holandês fleumático, prático e frio, toma a mulher pelo braço, põe-na à porta da rua com uma mala e uma nota do banco, aferrolha a porta e volta tranquilamente para o seu escritório. Um fidalgo de Burges, cheio de opiniões feudais, desfecha a carga de um revólver no peito de Artur. Um outro encontra sua mulher anediando uns cabelos de homem que não são os seus, vai ao seu quarto, toma a sua roupa branca e parte para sempre para o Egito. Um outro, infelizmente bem conhecido, vai ao seu quarto, toma um revólver e parte para a Eternidade. Outro surpreende, fecha-se no

quarto com a mulher e quando os criados, assombrados, imaginam que ele a matou, veem-no sair risonho, trazendo-a pelo braço, rendido e mais amoroso. O general Pallavicini, seguindo a velha tradição dantesca da casa de Rimini, degola com a espada os dois sobre o sofá. Outro espera Artur no fundo da escada, e obriga-o a assinar uma letra. E um outro, tranquilo e risonho, diz durante dois anos a sua mulher, todos os dias de manhã, passeando com ela no jardim, a mesma palavra vil.

Tal temperamento, tal solução. Todos estes infelizes se desesperaram: mas — com a lógica do seu caráter — o bárbaro generoso mata, o civilizado infame faz assinar a letra. Mas a raiva é a mesma. E no entanto o Sr. Dumas entende

que o procedimento colérico se pode ensinar como um passo de contradança, e sem querer saber dos temperamentos, dos carateres, das condições, faz para a infinita diversidade dos desesperos — um catecismo uniforme.

E — riamos! — esse catecismo que conclui pela morte — quando quer o Sr. Dumas filho que os maridos, curiosos dessa matéria, o estudem e tomem apontamentos? Se o Sr. Dumas faz um tratado e uma lei de morte, com argumentos e exemplos, é para que os maridos o leiam, aprendam a lei, se convençam, se apropriem daquela ideia e decorem aquele procedimento. Mas quando, em que momento preciso do seu casamento? — Não pode ser logo que casem: qual é o marido bastante torpe

para ir no dia seguinte ao do noivado, vendo sua mulher apenas saída da virgindade, noiva e pela Graça quase sagrada, estudar muito tranquilamente no Sr. Dumas o que lhe deve fazer — quando ela for adúltera? — Não pode ser também no momento da revelação, porque seria estranho que um marido surpreendendo sua mulher e Artur lhes dissesse:

— Senhora esposa e senhor amante, eu vou para a minha biblioteca consultar os autores e amanhã lhes darei parte do destino que lhes reservo: tenham a bondade de me passar daí os documentos da infâmia e um dicionário!

Enquanto ao adultério, essência da questão, não queremos privar as curiosidades inteligentes de algumas pequenas notas que não resolvem, mas

explicam.

A maior parte da gente imagina que para uma mulher esta ideia e mesmo esta palavra — *ter um amante* — significa muito simplesmente — *ter um homem que amam*.

De modo nenhum: só muito raras, as descendentes de Fedra, pensam no homem. Para a generalidade das mulheres — *ter um amante* significa ter uma quantidade de ocupações, de factos, de circunstâncias a que, pelo seu organismo e pela sua educação, acham um encanto inefável. *Ter um amante* — não é para elas abrir de noite a porta do seu jardim. *Ter um amante* é ter a feliz, a doce ocasião destes pequeninos afazeres — escrever cartas às escondidas, tremer e ter susto; fechar-se a sós para pensar,

estendida no sofá; ter o orgulho de possuir um segredo; ter aquela ideia dele e do seu amor, acompanhando como uma melodia em surdina todos os seus movimentos, a *toilette*, o banho, o bordado, o penteado; é estar numa sala cheia de gente, e vê-lo a ele, sério e indiferente, e só eles dois estarem no encanto do mistério; é procurar uma certa flor que se combinou pôr no cabelo; é estar triste por ideais amorosos, nos dias de chuva, ao canto de um fogão; é a felicidade de andar melancólica no fundo de um coupé; é fazer *toilette com intenção*, o maior dos encantos femininos!, etc.

Estas pequeninas coisas, que enchem a sua existência, que a complicam em cor-de-rosa, que a idealizam — são a sua grande atração. É o que amam. O

homem, amam-no pela quantidade de mistério, de interesse, de ocupação romanesca que ele dá à sua existência. De resto, amam o amor. Havia muito deste sentimento nas místicas e nas antigas noivas de Jesus. Amavam a Deus porque ele era o pretexto do culto.

Por aqui se explica uma coisa que surpreendeu Taine. E foi que na sua última viagem a Inglaterra, contava-se então, nas crónicas íntimas, que em toda a vasta aristocracia inglesa que faz a *season* em Londres, havia apenas um adultério! E todavia que luxo, que idealismo, que vagares, que requintamentos de sensação, que excitações do chique! Taine explica isto por muito finas razões, subtis e profundas; temperamento, publicidade, boas saúdes, retidão de ideias, etc.:

esqueceu-lhe uma razão, a mais inglesa. E que a *lady* romanesca, sensível e fria — o que pretende sobretudo e exclusivamente no amor, são as suas ocupações, é a sua melancolia. A inglesa, com a sua carnação saudável, as suas risadas francas, os seus cabelos espalhados e impertinentes, a sua higiene, as suas corridas a cavalo, a sua virilidade de pensamentos — conserva todavia, sob o seu movimento excêntrico e resoluto, no fundo do seu peito, como a recolhida flor do segredo, uma ponta, uma semente de melancolia. Alguma coisa de vago, de saído de Ofélia, de ossianesco, de exalado da harpa de Erin, ficou no fundo daquelas naturezas femininas dos países louros. A inglesa não se pode dispensar de ter aquela melancolia de certas horas, azulada e terna — a que ela

chama com certos requintes finos — *ter o coração sentido*. — De sorte que de mil senhoras da aristocracia inglesa, das que têm a mocidade e o espírito do sentimento, uma poderá ter um amante e os seus pecados — mas as outras restantes contentam-se em *ter o coração sentido*.

De tudo isto uma consequência lógica: — procurando dar uma ocupação ao espírito disponível da mulher, impedir que ela procure as ocupações do amor.

Hoje, justamente, faz-se o contrário.

Hoje a mulher é educada exclusivamente para o amor — ou para o casamento, como realização do amor. É claro que, como Dumas, falamos das classes ricas e improdutivas.

É fácil de ver. Que se lhe ensina desde o momento em que a pequenina mulher de 7 anos, nos bicos dos pés, diante do espelho, com a sua sainha tufada e o seu *puff* pueril, se enfarinha de pó de arroz, rindo com os seus brancos dentinhos de rato?

Educa-se-lhe primeiro o corpo para a sedução. Não pela ginástica — isso agora apenas começa vagamente, como uma imitação inglesa — mas pela *toilette:* ensina-se-lhe a vestir, estar, andar, sentar-se, encostar-se com todas as graças para sensibilizar, dominar as atenções, ser espetáculo, vencer o noivo. Ensina-se-lhe a arte sentimental e inútil de bordar flores e pássaros; o bordado é a mais perniciosa excitação da fantasia: sentada, imóvel, curvada, picando

delicadamente a talagarça, o voo inquieto das imaginações e dos desejos palpita-lhe em roda, como um enxame de abelhas; e é isto o que perde as rosas, como diz um velho poeta ascético: é porque a rosa não pode fugir, andar, sacudir o enxame, que é ela sempre ferida no cálice.

Depois ensina-se-lhe a música, o piano, o canto, Bellini, Donizetti, todos os amorosos. A música clássica, os velhos minuetes, os motetes, as fugas, as árias simples — eram uma serenidade para o espírito, um correr de água fresca. Os românticos são como uma chama impaciente. Prepara-se-lhe assim um meio de encantar, de sensibilizar, de adormecer, e dá-se-lhe alguma coisa da habilidade das sereias. — Depois, o seu espírito, como é educado? Pelo romance, que lhe

descreve o amor, pelo teatro que lho dialoga, pela ópera que lho suspira, pela opereta que lho assobia.

No mundo, nas *soirées*, ao gás dos bailes, na intimidade das mulheres, que interesses vai encontrar? Os da política? Os da ciência? Os da arte? Os da economia doméstica? Os da guerra? Decerto que não: — Os do amor.

Que lhe diz o luxo, por meio das sedas sonoras, das caxemiras, das pedrarias, da vitrina das lojas, das rendas loucas, dos saltos à Luís XV, da fofa penumbra dos coupés? Amor.

Que ideia lhe dá a família, a maternidade? O encanto de um amor legítimo.

Que lhe ensina a mesma religião? O amor. Duvidam? — Aqui estão os

trechos de um livro de orações aprovado pelo senhor arcebispo de Ruão — traduzido por toda a parte:

«*Atos de desejo*. — Oh! Vem, meu bem-amado, carne adorável, minhas delícias, meu amor, meu tudo, meu alento! Minha alma impaciente enlouquece por ti!

»*Ato de amor*. — Tenho pois enfim a felicidade de te possuir! Abrasa-me, queima-me, consome-me com o teu amor. Jesus é meu, o bem-amado é meu.»

Que lhes parece? Aprovado por Monsenhor de Ruão, o cardeal Bonnechose, príncipe da Igreja. É um catecismo francês, quase um catecismo universal. Trata-se do amor de Jesus — dirão. Pois também seria excessivo que se tratasse de Artur! A Igreja não o faz expressamente — dirão ainda. Quem o

duvida? Nem um momento desconfiamos da austera intenção da Igreja. Mas é inocentemente e sem intenção que as mães deixam as crianças ao pé do lume, e quantas vezes a casa arde!

Querem saber agora como falam e pensam as mulheres educadas neste elemento abrasado? Vejam a última peça de Octávio Feuillet, o casto, o pudico, o católico, o que escreve para as virgens aristocráticas e louras do *faubourg* Saint-Germain. Feuillet põe na boca de uma menina de 15 anos, educada num convento, açucena coberta de rendas, Pomba, Arminho, Neve, estas palavras: «Adoro os rapazes para valsistas, mas para maridos não!» — E na plateia velhos sargentos de cavalaria coram até às dragonas!

Bom Deus! Não somos caturras! Dizemos a verdade. De resto como não temos a responsabilidade da corrupção humana, também não fugimos para o deserto. Quem é que disse que o Inferno era um lugar bem interessante? Foi Brantôme. Poie era um sábio.

Nesta educação da mulher uma só coisa é profundamente boa — a *valsa*. E é justamente o que mais lhe regateia uma moralidade banal. A valsa é higiénica, moral, depurativa, educadora e positiva.

Um higienista célebre recomendava, a todas as mulheres de 14 anos para cima, duas horas de valsa por dia. Os movimentos rápidos, galopados, fortemente sacudidos, a transpiração igual, outras circunstâncias, tornam a valsa um exercício radicalmente salutar,

quase igual à ginástica; desenvolve a firmeza do andar, a solidez das articulações, faz girar abundante e igualmente o sangue, robustece o peito, exercita e excita a facilidade da respiração. É um doce medicamento contra a anemia, a palidez, os suores. É sobretudo uma fadiga. Toda a mulher que se não cansa, idealiza. Dá os bons sonos saudáveis e frescos, o apetite inglês. Dá às raparigas uma boa alegria de ave que voa. E têm-se visto doenças inexplicáveis de mulheres curarem-se com uma valsa. As boas valsas são as de Strauss, ágeis, alegres, radiosas, impelidas, firmemente resvaladas — que têm alguma coisa de ataque e muito de triunfo.

A valsa é moral e educadora: porque acostuma as mulheres a ter dos

homens uma ideia positiva e burguesa. É por isso que os românticos, os netos de Byron e de Dom João não valsavam: pálidos, encostados à ombreira, com a gravata de cetim negro em nó, o olhar triste e dominante, os dedos errantes em longos bigodes sentimentais, estavam imóveis em todo o encanto do seu mistério, exalando romance. O homem na frescura da sua *toilette*, a pele macia e seca, a claque debaixo do braço, sereno, fresco, perfeito, intacto, conversa e ri num baile, pode excitar o sentimento; quem nunca o excitará é o valsista — com a pele oleosa, a testa cheia de gotas, a respiração ofegante, um arquejar pesado, o nariz luzidio, a aba da casaca esvoaçando, as pernas pulantes como as de um gafanhoto que vai para os seus

negócios, o ar embezerrado, vermelho, soprando, feliz e grotesco. A mulher olha e sorri. Porque ela é que não perde a graça, se a tem, e o arfar dá-lhe a delicadeza, todos os abandonos mimosos da ave que cansa. Além disso os vestidos compridos, rojados, leves, foram feitos para a valsa e acentuam-na como um palpitar de asa. De sorte que se pode rir, legitimamente, de cima de seu encanto, do pobre homem que a seu lado resfolga, escarlate e esfalfado. E depois, o homem que valsa, como pode ter espírito? O que naturalmente lhe sairia pela boca fora se a abrisse, não seriam as graças — seriam os bofes. É por isso que ele, duro, cerrado, espesso, alagado, guarda dentro de si para seu uso, cuidadosamente — a pilhéria e a víscera.

Na valsa a mulher faz a poesia do movimento — o homem faz-lhe a farsa. O homem, de resto, nunca deve dançar; o seu movimento são as armas, a luta, a marcha, o salto, a ginástica. Já Napoleão o dizia. O Oriente, tão profundo e tão subtil, compreendeu isto admiravelmente. Aí as mulheres dançam sós entre si; o homem, encostado no divã, contempla e fuma o *chihouk*.

Valsem! Valsem! — E creiam que esta glorificação é desinteressada: o que escreve estas linhas não valsa. Valsou. Valsou um dia. Era de madrugada, ao fim de um baile, dado muito longe daqui, ao Oriente e ao Ocidente. Valsou com um preto. Na sala deserta, luminosa e cintilante como uma visão do sultão Achmed, quatro pessoas assistiam

gravemente àquela valsa solitária: um chefe de tribo dos confins da Núbia, imóvel na sua túnica de linho e fio de ouro; lorde C... que morreu agora em Florença; um sábio doutor prussiano; *mademoiselle* J... *des Bouffes* e um capitão de artilharia inglesa, que olhava gravemente, a cavalo num criado. E tantas saudades lhe ficaram ao que isto conta, daquela valsa — que assim como o rei de Tule nunca mais bebeu, ele nunca mais valsou.

Ora o que se faz a esta mulher inteiramente, exclusivamente educada para o amor? Esta mulher, assim formada, casa. O marido vai, decerto, dar a esta natureza, que vem curiosa, impressionável e agitável, uma ocupação que a absorva e que a preencha? — Não. É nas classes

ricas: o marido trata de lhe tirar todo o trabalho, todo o movimento, toda a dificuldade, alarga-lhe a vida em redor, e deixa-a no meio, isolada, fraca e tenra, abandonada à fantasia, ao sonho e à chama interior; a cabeleireira penteia-a, as criadas vestem-na, a governanta trata-lhe da casa, a ama cuida-lhe dos filhos, as moças arrumam-lhe os quartos, o marido ganha-lhe dinheiro, a modista faz-lhe os vestidos — um coupé macio caminha por ela, um *jornal de modas* pensa por ela. — O que resta a esta infeliz criatura, encolhida no tédio da sua *causeuse?* Resta-lhe a sua genuína ocupação, a que lhe ensinaram e em que é perfeita — o amor.

Se o marido se conserva um amante — bem. Mas se o marido,

naturalmente, como deve ser, se ocupa dos seus negócios, do seu escritório, da sua política, dos seus fundos, do seu clube, dos seus amigos — mal. Ela naturalmente faz como um amanuense que, tendo por profissão escrever, quando tem escrita e cheia a primeira folha de papel, toma outra — para continuar a escrever.

Tal é a verdade.

E querem uma prova? É que as mulheres mais ocupadas são as mais virtuosas. É isto evidente na pequena burguesia, no mundo proletário, nas classes agrícolas. Os adultérios aí, a não ser as exceções de temperamentos, são quase todos originados na necessidade e na pobreza. Outra prova é que Lisboa é uma terra de mulheres virtuosas. Podem rir-se os incrédulos da cidasde, *les rieurs*

de la ville, como dizia Tallemant des Reaux. A verdade é essa, e a razão é que Lisboa é uma terra pobre; a maior parte das famílias são de empregados públicos, e portanto as mulheres, sem criadas, sem aias, e sem carruagens, têm, de manhã à noite, o rude trabalho de uma casa a dirigir: têm de se vestir, de lavar os filhos, de alinhavar vestidos, de tomar róis, de fazer as suas compras; e fica-lhes um dia *cheio e trabalhado.*

Uma mulher assim fatigada, cheia de pequenas preocupações, de atenções caseiras, de economias, de chaves, não tem vagares para o sentimento. A sua natureza torna-se excessivamente prática, positiva, doméstica, hostil à fantasia e aos seus cortejos. Além disso, vendo o marido sobrecarregado e sustentando pela

firmeza do trabalho *aquela nau* — toma-se por ele de um grande respeito. O casamento torna-se assim uma associação de trabalho. A mulher adquire uma alta ideia da sua missão. Vendo-se centro de atividade na casa, e que é necessária a todos, e que a sua presença consola, e que a sua coragem fortifica, e que pelo seu trabalho e pela sua ordem a família está confortada, asseada, farta, alegre — julga-se e tem o orgulho de Providência, reina verdadeiramente, e nem por todos os encantos quereria descer na estima do seu pequeno mundo honrado.

Além disso, mesmo que fosse sentimental, o que é extremamente raro, as condições de existência burguesa defendiam-na como muralhas. As casas são pequenas, o contacto da família é

permanente, a todas as horas, nas mesmas salas; torna-se impossível toda a inteligência secreta com o exterior. Não poderia sequer ter por muito tempo um segredo do coração: a família adivinhar-lho-ia na preocupação do rosto, na voz e no silêncio.

Dê-se à mulher um alto interesse doméstico, e dá-se-lhe uma virtude invencível. Dê-se-lhe uma casa a governar, uma família a dirigir, e ela encontrará no seu coração mais valor para ser virtuosa, do que nós encontramos razões no nosso espírito para sermos honrados. — Ora agora se o marido faz da sua mulher uma amante *mignonne* e luxuosa, se a toma um pequenino mimo e um gozo de voluptuosidade, se faz dela um ornato de teatro e quase um

embelezamento público, se a quer como uma sultana da Geórgia, que se transporta nos braços — nesse caso está mal, e então o risonho *Offenbach* adianta-se com a sua batuta e o seu *couplet* garoto, e aconselha-o a que nunca entre em casa — sem prevenir.

Proudhon disse que a mulher só tem um destino — *menagère* ou *courtisane* — dona de casa ou mulher de prazer.

Seria longo explicar a alta moral que esta palavra encerra; mas se aos maridos basta um resumo concludente e firme, diremos que cada um — encarregue sua mulher de fazer casa, e a dispense de fazer moda. Quando falamos assim de *moda*, com irreverência, não queremos dizer que a mulher não cuide da sua

beleza. Bem ao contrário. Para a mulher a beleza é o mais alto dos seus direitos e o mais grave dos seus deveres!

Colocar a mulher nas ocupações da família, eis o que achamos de mais genérico para evitar a dissolução do casamento. Se, porém, nos interrogam diretamente sobre o adultério e os seus motivos, pedimos que observem o que se passa nos costumes.

O espetáculo é curioso. O adultério é um facto aprovado pela opinião. Querem a prova? No adultério entram — o sedutor, para que lhe dêmos este nome clássico, a mulher e o marido. Vejamos como eles mesmos se consideram a si: consciência própria e consciência pública.

Vejamos o sedutor:

Dizia Napoleão: o adultério que é um tão grande facto no código e na moral, não é na vida real mais que um entretenimento de baile ou uma distração de teatro. Palavra profunda. O celibatário sentado na sua cadeira, num entreato, enfastiado, fita uma certa mulher, que o fere pela cor dos cabelos ou pelo feitio da *toilette:* daí às vezes uma tragédia. No entanto o celibatário, o *dândi*, o *leão*, está na sua ocupação habitual. Não é para dissolver a família, provocar os desastres, que ele ali está de luvas *gris* — é para cumprir a sua elegância. Está nos costumes. Ninguém lho estranha.

O celibatário não é o carrasco oficial da felicidade conjugal. É um bom rapaz, é um diletante, é um ocioso, é um voluptuoso. A sua distinção honra a

civilização e o luxo; a cidade por vezes tem orgulho nele; Alcibíades, *crévé*, foi uma glória de Atenas, e Plutarco narrou-o. Não é por mal que o celibatário olha; é por obrigação da sua profissão, é por *dever de ofício*. Não é com intenção fatal que ele *faz a sua corte* a uma mulher; é porque, se conhece uma mulher, se é recebido em sua casa, tem obrigação de *lhe fazer a sua corte*. *Fazer a sua corte* — é necessário que saibam — é uma coisa muito diferente de *fazer a corte*.

Fazer a corte é olhar de longe, seguir, adivinhar a mulher, procurar falar-lhe, ter a atitude sentimental. Se o celibatário *faz a corte* é porque não é da intimidade da casa, ou está posto em suspeição pela desconfiança marital. Opera de longe, com largos voos. Não é

perigoso.

Outra coisa, porém, é o celibatário que *faz a sua corte*. Fazer a *sua corte* é sentar-se ao pé de uma mulher, fazer-lhe uma conversa interessante, provocar-lhe o espírito, dar-lhe o braço à saída, pôr-lhe o seu *burnous* com as pontas dos dedos. Diz-se muito legitimamente a um marido: *Vou fazer a minha corte à tua mulher*. Por coisa alguma se lhe diria, sob pena de bengaladas, *vou fazer a corte a tua mulher*. O que faz a sua corte é sempre íntimo de casa: tem o seu talher, ri em segredo com madama, traz-lhe ramos de que tira um botão de rosa para o marido pôr na *boutonnière* — entra no camarote e diz-lhe: *Se queres vai fumar, eu fico a fazer a minha corte a tua mulher*. — *Onde está fulano*? perguntam no corredor

ao marido que fuma. — *Ficou a fazer a sua corte a minha mulher.*

O que *faz a sua corte* vai com ela às lojas, traz-lhe a *valsa* de véspera e o escândalo do dia, conta-lhe ao ouvido o enredo da ópera, e é ele que — quando o marido o encontra saindo da sala de sua mulher, lhe diz:

— Tenho estado a fazer a minha corte a tua mulher.

— Não queres ficar para jantar?

— Não. Vou fazer ainda a minha corte a fulana.

O celerado! o bom rapaz!

Ora bem: este homem que — para que o digamos desde já — é o amante, como é considerado pelo mundo e pela opinião? Otimamente. Bem recebido, rodeado de braços abertos, tomado como

tipo e mestre pelos solteiros, invejado pelos maridos maniatados ao casamento, como uma ave que voa pode ser invejada por uma couve que está, olhando curiosamente, intencionalmente e medrosamente pelas mulheres — torna-se centro e toma no seu mundo uma atitude vitoriosa.

Assim o ter tido um certo número de amantes, isto é, ter desorganizado um certo número de famílias, é na moral contemporânea um *chique*. Na moral antiga teria as penas infamantes da multidão. Hoje é um *chique*. E mais: é um complemento de educação. Na *Princesse Georges*, a mãe, a marquesa, diz do príncipe de Birac:

— É um homem de bem que viajou e teve aquele número de aventuras *que*

fazem parte da educação, mas teve-as no seu mundo.

Esta palavra é um traço fotográfico da opinião moderna. E quem o diz é uma mulher honesta, atenta à devoção. E aí temos pois que ter seduzido algumas mulheres casadas é, na mocidade de um homem e para garantia do seu destino, tão indispensável como ter aprendido a gramática; e pode dizer-se das perfeições de um *gentleman:* — Deitou a perder uma mãe de família e sabe os verbos.

O homem que nunca teve uma amante é, segundo a apreciação mundana, ligeiramente ridículo, *filósofo, caturra;* nega-se-lhe a experiência feminina, e passa à situação hirsuta e florestal de *bicho do mato:* é a opinião dos cafés. E a

opinião das salas não lhe é mais favorável: é considerado um inábil e um colegial sem valor; se ele não interessou nem fez palpitar ninguém é porque é sem espírito, sem originalidade, sem beleza, sem *toilette* e sem discrição, é um inútil, é um seminarista extraviado; atribui-se-lhe falta de coragem e de domínio; dá-se-lhe aquela indiferença que se dá *às coisas sem dono*. Mas se teve uma amante com publicidade e relevo, ah! é um homem. A sua fisionomia interessa e exala mistério. Se teve três, é *leão*, torna-se celebridade, tem o sorriso escravo das mulheres e um lugar no Estado. Se tem tido mais, e um marido morto em duelo, é o caso de Cade Rousse, fica numa civilização como tipo perfeito da fina flor dos bravos. E assim a glória cresce, com o número de seduções,

até Dom João, que por ter tido três mil, é cantado pelos poetas, escolhido pelos pintores como a expressão do ideal, posto em música pelos maestros divinos, tornado símbolo, e depois de 400 anos ainda a sua legenda faz suspirar de amor.

E se o *leão* envelhece, não é abandonado como o de La Fontaine. A proteção feminina segue-o como um amparo providencial. É colocado numa embaixada ou num senado; o Estado encarrega-se dele, como de uma glória pública; e, como Romieu, depois de governar as alcovas, vai governar as províncias — ou, como o duque de Morny, vai descansar das almofadas de *boudoir* na cadeira de primeiro-ministro.

E enfim, pormenor fatal, não há mãe que não deseje para sua filha, não há

filha que não deseje para si — um homem *que tenha já passado as primeiras verduras:* isto é, deseja que, para dar garantia de felicidade à sua família, tenha já de antemão gasto a chama impaciente: por onde? Pelas famílias dos outros!

Sendo assim uma alta glória a sedução — é evidente que todos desejam a auréola perfumada e que todo o moço de vinte anos, livre do recrutamento, que se sente um pouco de espírito e de roupa branca, arremessa-se de badine em riste, ao movimento amoroso — o que faz, diria Marivaux — um voo de milhafres sobre as tenras pombas.

Perigo que não temos em Portugal — e que mais acentua a nossa virtude. Aqui há o celibatário, mas não há o *leão*. E não é difícil à mulher mais fraca resistir

ao encanto do Lovelace nacional: porque o celibatário está nas secretarias ou está nas cavalariças. Os das secretarias são excelentes rapazes, com boa letra, espírito de ordem, boa mão de bilhar, muito entendidos em espanholas, mas estão realmente longe de ter em espírito, em distinção, em petulância, em réplica, em sentimento, em valor, aquela alta superioridade que fazia com que madama Recamier se erguesse, ao cumprimentar, duas linhas acima do seu eterno sofá de damasco amarelo.

Enquanto aos que estão nas cavalariças — são também excelentes, dignos, perfeitos, mas inteiramente dados ao gado.

De modo que por este lado, ó filhas de Maria — Satanás anda longe.

86

Outubro 1872

Senhores Operários:

Pouco temos a dizer-lhes, mas não queremos deixar de os felicitar pelo bom resultado das suas greves. Nem apreciamos menos a atitude que tiveram, cheia de um espírito fraternal, de uma moderação resoluta e daquela tranquilidade que é a melhor garantia de que se possui o direito.

Os senhores estão no seu momento histórico.

Nós outros, os que pertencemos ao *terceiro estado*, nós que ainda não há cem anos deixámos pela primeira vez de

ajoelhar, quando falávamos na sala dos Estados gerais, diante do rei imutável e sagrado sob o seu dossel de arminhos; nós que ainda há pouco, na noite de 4 de agosto, repelíamos para a arqueologia o privilégio aristocrático; nós que há apenas noventa anos estávamos ruminando tranquilamente a nossa autoridade no alto da cidade — aí está que nos pomos a descer lentamente — porque os senhores se aproximam!

O *terceiro estado* vai-se, o *quarto estado* vem!

E ainda há pouco em Espanha, o Sr. Martos, ministro dos estrangeiros, anunciava no congresso a sua chegada oficial, dizendo: *a revolução de setembro é o advento do quarto estado!*

Mas os senhores foram mais

felizes que nós. Nós levámos a alcançar a roupa branca independente, que hoje temos, alguns séculos de trabalho consciente! E os senhores, caloiros que sois. Ainda há trinta anos, em 1848, a presença do operário Albert no Governo provisório era a primeira aparição muda e instintiva do vosso temeroso mundo. — Parece incrível! e estamos em 72, e já vamos descendo para a penumbra histórica, nós, os filhos de Robespierre!

Paciência. Vamos-lhes abandonando a terra. Resignemo-nos. Desçamos. Dá cá o braço, Melício!

Mas, senhores operários, não se regozijem excessivamente; que os senhores têm o seu dia, mas terão o seu fim; e já por trás dos senhores, que são o *povo*, nós vemos uma temerosa sombra

que murmura e rosna — a *populaça*.

Enfim, senhores operários, no meio dos seus triunfos, algumas considerações queremos submeter à sua atenção. E a primeira é que não se devem os senhores julgar os mais oprimidos da cidade. Porque onde existe o empregado público, ninguém tem o alto da desgraça. E se a sua Fraternidade Operária os pode conter a eles, lamentáveis como o pó e como o pó abandonados, não terão os senhores reunido a si o verdadeiro proletário — o proletário burguês. — Os senhores falam do seu direito, reclamam-no com greves, conseguem-no com cotizações; mas a verdade é que muitos dos senhores não são desgraçados. Em Portugal as indústrias são quase todas privilegiadas, a importação é grandemente

limitada pela taxa das alfândegas, de tal sorte que a média dos senhores ganham 800 reis diários, e alguns 1$000 reis. E com isto os senhores vivem em casas baratíssimas, andam perfeitamente com a sua jaqueta, suas esposas trazem com muita graça as chitas simpáticas dos tempos simples, seus filhos vão aprender um ofício e ganham logo — os senhores não têm visitas, nem teatros, nem convites, porque têm a vantagem da vida pobre; talvez não comam carne todos os dias, o que é um grande mal, mas muitos empregados públicos a não comem também. Agora acresce que eles, por exemplo, a classe infinita dos amanuenses, com os seus ordenados de 600 a 800 reis, têm de viver num andar da Baixa, de andarem eles, os filhos e as

mulheres, vestidos com certa decência, de pano e de seda, têm de mandar os filhos aos colégios, e suportam todas as desvantagens da sua posição oficial. Isto, em breves palavras, sem fazer o quadro mais minucioso e realista da vida de um empregado público — lhes fará compreender — que a pequena burguesia já está mais pobre que o proletariado: que ela, vivendo sob a pressão feroz da carestia dos alugueres, do alto preço dos géneros, da agiotagem — não pode todavia fazer greves — e que, por exemplo, um primeiro-oficial de secretaria é mais pobre e bem mais proletário do que um operário pintor de carruagens, cujo salário pode elevar-se a 2$000 reis por dia.

É verdade que um pintor de

carruagens é a exceção — mas o diretor-geral não é a regra.

Se além dos empregados públicos — o que lhes pode parecer uma aproximação humorística — os senhores se lembrarem das classes agrícolas e da miséria dos trabalhadores do campo, que são, como os senhores, proletários — e não sei se diremos que eles, criados na salutar educação da terra e da cultura, nos merecem mais simpatias que o proletário da cidade, que tem uma palidez de mau agoiro — verão que no fim de tudo, para além dos senhores, muita miséria existe calada — que deveria falar.

Outra coisa porém lhes pedimos com todo o empenho — é que estudem melhor as suas greves. Porque, tendo os patrões o meio de se desforrar do aumento

do salário que os senhores lhes exigem, aumentando o preço por que vendem aos que consomem, não vão os senhores por excessivas greves causar um encarecimento geral; de tal sorte que suceda este facto impertinente: os senhores terem um vintém mais por dia no que ganham, e gastarem por dia um pataco mais no que consomem. Vejam que uma parte dos homens eminentes da Internacional, porventura os mais científicos, se estão opondo às greves, as quais já deram em Inglaterra para os operários o resultado igual ao que tira um homem que lança ao ar uma pedra e ela lhe vem rachar a cabeça. Assim, por exemplo, os senhores chamam-se a *Fraternidade Operária*. Se são irmãos, não devem deixar na sua miséria atroz os

seus irmãos que trabalham nos campos; mas se houver uma greve agrícola, os senhores, da cidade, têm imediatamente uma tal alta nos géneros de primeira necessidade que não cobrirão com todas as greves industriais o desastre que lhes causou a greve agrícola. E esta, todavia, é de uma justiça irrecusável; somente arruína-os. Estudem, portanto, esta questão temerosa. Mas estudem-na.

Não cantem um pouco de mais o *fado*. O fado é bom e bonito.

Mas não é inteiramente à guitarra que os senhores hão de conhecer a questão do salário; e olhem que essa questão envolve uma coisa positiva e nítida — a fome. Estudem, consultem os experientes, que residindo nos grandes centros industriais, têm a plena

inteligência da lei económica das greves. Os senhores têm de chegar e de vencer. É uma lei histórica. Ninguém lho nega. A questão está toda no *meio*. Estudem-no bem — e pacificamente.

Outra coisa lhes pedimos, senhores operários: é que contenham certas tendências que os senhores vão mostrando para a literatura. Aparecem aqui e acolá, nos anúncios, prosas de operários que em termos poéticos e com muita retórica agradecem aos patrões, exprimem o seu direito, ou suscitam a sua opinião.

Os senhores não têm que fazer prosa. Prosa fazemo-la nós — e é mesmo essa uma das causas por que teremos de responder amargamente no dia do juízo social. Os senhores o que fazem é —

produção e indústria. Se porém os senhores, sob a sua dignidade de operários, escondem apenas organizações de localistas — tenham a bondade de esperar aí um momento, que vamos buscar as bengalas.

Somos, senhores operários, fraternais amigos e antigos admiradores.

87

Outubro 1872

Deu-se ultimamente um facto singular: o soldado Barnabé mata o seu alferes com um tiro, e é, pelo conselho de guerra, condenado a *ser passado pelas armas*. Imediatamente a imprensa apossa-se vorazmente deste facto, e, durante um mês, trava-se entre sanguíneos e linfáticos esta discussão: deve o soldado Barnabé ser fuzilado? deve o soldado Barnabé conservar-se vivo? E, no entanto, na sua prisão, o soldado Barnabé espera que os senhores jornalistas e curiosos decidam — se ele pode continuar a aquecer-se ao sol, ou se deve ser encostado a um poste e

atravessado de balas.

Podia supor-se ainda que o soldado Barnabé, na reclusão mortuária da sua casamata, não conheceria esta discussão, que é para ele alternadamente — bandeira da misericórdia e dobre de finados. Mas qual! O soldado Barnabé conhece os jornais. O soldado Barnabé lê os jornais, e, o que é pior, tendo um correspondente improvisado, sobre ele, uma anedota excessiva, o soldado Barnabé escreveu para os jornais. O soldado Barnabé *retificou*. De modo que devemos crer que ele todas as manhãs abre a gazeta e vai procurar no artigo de fundo, soletrando a prosa florida — a probabilidade de viver ou a probabilidade de morrer!

Ora os que pedem a comutação da

pena, compreendem-se, têm por si a beleza do sentimento: é a piedade, o respeito da vida, o ódio das penas irreparáveis — que vivem e suplicam na sua prosa. São simpáticos, são sensíveis.

Mas os senhores sanguinários que pedem a morte, em que se fundam?

Na Disciplina militar.

E é a primeira vez em Portugal que a Disciplina se estreia como *razão*. Nunca fora invocado este personagem: desde a deserção do soldado até à insurreição do general — tudo se tem passado tranquilamente, sem que a disciplina se adiante a reclamar os seus direitos. — Estava há tanto tempo calada, tácita, inativa, indiferente, desinteressada, que todos supunham que ela pedira a sua reforma e gemia, nos subúrbios, um

reumatismo antigo. Mas trata-se de uma vida — e vemos de repente, surpreendidos, a Disciplina aparecer entre as colunas dos jornais, e pedir essa vida em seu nome e para sua garantia. Sem o que a Disciplina não responde por si. Ou lhe dão o soldado Barnabé crivado de balas, ou a Disciplina se rebaixa inteiramente, e publicamente, nas ruas, se desabotoa.

Esta aparição da Disciplina, que nunca ninguém vira, é tão singular que o movimento instintivo é olhar para ela. E que desilusão! Vindo pedir sangue — podia supor-se que ela vinha forte, musculosa, asseada, correta, intacta, pudica e grave. Qual! Vem trôpega, caturra, esfarrapada, ensebada, esmoucada, babando-se e pedindo sangue

para se reconfortar, como um mendigo escavacado pede um caldo. Um copo de sangue para a Disciplina! E todo o mundo se admira que ela não prefira meio de Lavradio!

Entendamo-nos com a Disciplina. Ela tem em nós dois respeitadores imutáveis. Ela é a honra ativa do exército, a sua consciência, a sua dignidade. Para ela se manter intacta e perfeita, se forem necessários cadáveres, encostem-se homens ao muro e forme-se o piquete de execução; nós não temos o respeito sentimental e lírico da vida humana, ou antes temos o respeito excessivo da vida pública e social, para hesitarmos em lhe sacrificar Barnabé ou João. Mas o que é necessário é que a Disciplina militar, que vem pedir essa vida para garantia da sua

conservação, seja verdadeiramente e legitimamente a disciplina militar; isto é — a disciplina perfeita, sem nódoa, virgem de deserções e de revoltas, sem defeções e sem traições, tendo a religião da lei até à superstição, a obediência do dever até à minuciosidade, rigorosa, exemplar, intacta, rígida e prussiana. Se esta disciplina, para se conservar assim, pede sangue, atirem-se-lhe baldes de sangue!

Mas se é uma disciplina exautorada e desmoralizada, desfigurada e poluída por todas as revoltas e todas as desobediências, a que nos vem pedir, para se desafrontar, a execução de um homem — encolham-se os ombros. É como se uma prostituta se viesse queixar de que lhe deram mais um beijo! Pois tudo a

disciplina tem sofrido sem se queixar! Corpos desorganizados, regimentos insubordinados, desordens nos quartéis, dissolução nos costumes, traições nas fileiras, roubos nos armamentos, desfalques nos ranchos — está ferida, está extinta, está perdida — e de repente ergue-se e grita que a quiseram violar e que matem o violador! E há quantos anos te estás tu deixando violar, de semana em semana?

És tu que fazes os Barnabés. Quando um exército se sente desorganizar, sem reagir, alimenta a desobediência; e como perde o brio militar, o espírito de camaradagem, a atenção pelos inferiores e o respeito pelos superiores — termina-se pelo tiro; à anarquia da disciplina segue-se a tirania da brutalidade. Um general

que leva os seus soldados à revolta, termina na última escala pelo soldado que dá tiros nos seus oficiais. E a quem tem melhor pontaria.

Quando uma mulher se queixa, à uma hora da noite, que a insultaram, não tem andado desde as sete da tarde a oferecer-se aos tumultos. Se à primeira falta contra ti, ó Disciplina, tivesses reclamado, tinhas agora o teu cadáver. Assim, não. Se queres carne com sangue, come rosbife.

E diz-se que sem este exemplo o exército em Portugal não pode ter *seriedade*. Escreve-se isto. Não é mau. De modo que temos o exército sem espírito militar, sem instrução, sem manobras, sem hábitos de marcha e de acampamento, sem vigor físico, sem fé

patriótica, os arsenais sem armas, a artilharia sem peças, os quartéis sem condições, as escriturações sem regularidade, os quadros sem gente, os estados-maiores sem talento, os coronéis sem fidelidade, os soldados sem disciplina — e qual o remédio para tudo isto? — Matar o soldado Barnabé!

Nós bem sabemos que são os novos oficiais saídos das escolas e cheios de um espírito vivo — que querem este exemplo, para impedir o *fim de tudo;* e se há classe com que simpatizemos é a destes moços oficiais, homens positivos, instruídos, educados pela ciência, tendo alguma coisa no espírito da retidão matemática, novos inteiramente no vigor e nas tendências sociais; mas estes bons rapazes estão na ilusão. Eles não

concorreram para a desorganização militar — acharam-na assim e são como filhos, tardiamente nascidos, que encontram arruinada a casa de seus pais, desmoronando-se ao inverno.

Ora se eles são enérgicos e sentem em si a força das criações proveitosas, devem estar consertando a casa, vidro por vidro, e sustentando a disciplina caduca, cadáver por cadáver? — Não. Arrasem a casa e façam-na de novo. Depois se algum soldado resmungar, então sim: encostem-no ao muro e crivem-no de balas.

Até lá, sejamos mais benévolos — e não seja o pobre Barnabé que vá estrear — o novo sistema de armas!

A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES

Primeira edição: 1900

1

A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880, em Paris, pela Páscoa —, justamente na semana em que ele regressara da sua viagem à África Austral. O meu conhecimento porém com esse homem admirável datava de Lisboa do ano remoto de 1867. Foi no verão desse ano, uma tarde, no café Martinho, que encontrei, num número já amarrotado da *Revolução de setembro*, este nome de C. Fradique Mendes, em letras enormes, por baixo de versos que me maravilharam.

Os temas («os motivos emocionais», como nós dizíamos em 1867) dessas cinco ou seis poesias,

reunidas em folhetim sob o título de *Lapidarias*, tinham logo para mim uma originalidade cativante e bem-vinda. Era o tempo em que eu e os meus camaradas de Cenáculo, deslumbrados pelo Lirismo Épico da *Légende des Siècles*, «o livro que um grande vento nos trouxera de Guernesey» — decidíramos abominar e combater a rijos brados o Lirismo íntimo, que, enclausurado nas duas polegadas do coração, não compreendendo dentre todos os rumores do Universo senão o rumor das saias de Elvira, tornava a Poesia, sobretudo em Portugal, uma monótona e interminável confidência de glórias e martírios de amor. Ora Fradique Mendes pertencia evidentemente aos poetas novos que, seguindo o Mestre sem igual da *Légende des Siècles*, iam, numa universal

simpatia, buscar motivos emocionais fora das limitadas palpitações do coração — à História, à Lenda, aos Costumes, às Religiões, a tudo que através das idades, diversamente e unamente, revela e define o Homem. Mas além disso Fradique Mendes trabalhava um outro filão poético que me seduzia — o da Modernidade, a notação fina e sóbria das graças e dos horrores da Vida, da Vida ambiente e costumada, tal como a podemos testemunhar ou pressentir nas ruas que todos trilhamos, nas moradas vizinhas das nossas, nos humildes destinos deslizando em torno de nós por penumbras humildes.

Esses poemetos das *Lapidárias* desenrolavam, com efeito, temas magnificamente novos. Aí um Santo alegórico, um Solitário do século VI,

morria uma tarde sobre as neves da Silésia, assaltado e domado por uma tão inesperada e bestial rebelião da Carne, que, à beira da Bem-Aventurança, subitamente a perdia, e com ela o fruto divino e custoso de cinquenta anos de penitência e de ermo: um corvo, facundo e velho além de toda a velhice, contava façanhas do tempo em que seguira pelas Gálias, num bando alegre, as legiões de César, depois as hordas de Alarico rolando para a Itália, branca e toda de mármores sobre o azul o bom cavaleiro Percival, espelho e flor de Idealistas, deixava por cidades e campos o sulco silencioso da sua armadura de ouro, correndo o mundo, desde longas eras, à busca do Santo Graal, o místico vaso cheio de sangue de Cristo, que, numa

manhã de Natal, ele vira passar e lampejar entre nuvens por sobre as torres de Camerlon: um Satanás de feitio germânico, lido em Espinosa e Leibnitz, dava numa viela de cidade medieval uma serenada irónica aos astros, «gotas de luz no frio ar geladas»... E, entre estes motivos de esplêndido simbolismo, lá vinha o quadro de singela modernidade, as *Velhinhas*, cinco velhinhas, com xales de ramagens pelos ombros, um lenço ou um cabaz na mão, sentadas sobre um banco de pedra, num longo silêncio de saudade, a uma réstia de sol de outono.

Não asseguro todavia a nitidez destas belas reminiscências. Desde essa sesta de agosto, no Martinho, não encontrei mais as *Lapidarias:* e, de resto, o que nelas então me prendeu, não foi a

Ideia, mas a Forma — uma forma soberba de plasticidade e de vida, que ao mesmo tempo me lembrava o verso marmóreo de Leconte de Lisle, com um sangue mais quente nas veias do mármore, e a nervosidade intensa de Baudelaire, vibrando com mais norma e cadência. Ora precisamente, nesse ano de 1867, eu, J. Teixeira de Azevedo e outros camaradas tínhamos descoberto no céu da Poesia Francesa (único para que nossos olhos se erguiam), toda uma plêiade de estrelas novas onde sobressaiam, pela sua refulgência superior e especial, esses dois sóis — Baudelaire e Leconte de Lisle. Victor Hugo, a quem chamávamos já «papá Hugo» ou «Senhor Hugo Todo-Poderoso», não era para nós um astro — mas o Deus mesmo, inicial e imanente, de

quem os astros recebiam a luz, o movimento e o ritmo. Aos seus pés Leconte de Lisle e Baudelaire faziam duas constelações de adorável brilho — e o seu encontro fora para nós um deslumbramento e um amor! A mocidade de hoje, positiva e estreita, que pratica a Política, estuda as cotações da Bolsa e lê George Ohnet, mal pode compreender os santos entusiasmos com que nós recebíamos a iniciação dessa Arte Nova, que em França, nos começos do Segundo Império, surgira das ruínas do Romantismo como sua derradeira encarnação, e que nos era trazida em Poesia pelos versos de Leconte de Lisle, de Baudelaire, de Coppée, de Dierx, de Mallarmé, e de outros menores: e menos talvez pode compreender tais fervores

essa parte da mocidade culta que logo desde as escolas se nutre de Spencer e de Taine, e que procura com ânsia e agudeza exercer a crítica, onde nós outrora, mais ingénuos e ardentes, nos abandonávamos à emoção. Eu mesmo sorrio hoje ao pensar nessas noites em que, no quarto de J. Teixeira de Azevedo, enchia de sobressalto e dúvida dois cónegos que ao lado moravam, rompendo por horas mortas a clamar a *Charogne* de Baudelaire, trémulo e pálido de paixão:

Et pourtant vous serez semblable a cette ordure,
A cette horrible infection,
Étoile de mes yeux, soleil de ma nature,
Vous, mon ange et ma passion!

Do outro lado do tabique sentíamos ranger as camas dos eclesiásticos, o raspar espavorido de fósforos. E eu, mais pálido, num êxtase tremente:

Alors, oh ma beauté, dites à la vermine
Qui vous mangera de baisers,
Que j'ai gardé la forme et l'essence divine.
De mes amours décomposés!

Certamente Baudelaire não valia este tremor e esta palidez. Todo o culto sincero, porém, tem uma beleza essencial, independente dos merecimentos do Deus para quem se evola. Duas mãos postas com legítima fé serão sempre tocantes — mesmo quando se ergam para um santo tão

afetado e postiço como S. Simeão Estilita. E o nosso transporte era cândido, genuinamente nascido do ideal satisfeito, só comparável àquele que outrora invadia os navegadores peninsulares ao pisarem as terras nunca dantes pisadas, Eldorados maravilhosos, férteis em delícias e tesouros, onde os seixos das praias lhes pareciam logo diamantes a reluzir.

Li algures que Juan Ponce de Léon, enfastiado das cinzentas planícies de Castela-a-Velha, não encontrando também já encanto nos pomares verde-negros da Andaluzia — se fizera ao mar, para buscar outras terras, e *mirar algo nuevo*. Três anos sulcou incertamente a melancolia das águas atlânticas: meses tristes errou perdido nos nevoeiros das Bermudas: toda a esperança findara, já as

proas gastas se voltavam para os lados onde ficara a Espanha. E eis que numa manhã de grande sol, em dia de S. João, surgem ante a armada extática os esplendores da Florida! *Gracias te sean, mi S. Juan bendito, que hé mirado algo nuevo!* As lágrimas corriam-lhe pelas barbas brancas — e Juan Ponce de Léon morreu de emoção. Nós não morremos mas lágrimas congéneres como as do velho mareante saltaram-me dos olhos, quando pela primeira vez penetrei por entre o brilho sombrio e os perfumes acres das *Flores do Mal*. Éramos assim absurdos em 1867!

De resto, exatamente como Ponce de Léon, eu só procurava em Literatura e Poesia *algo nuevo que mirar*. E para um meridional de vinte anos, amando

sobretudo a Cor e o Som na plenitude da sua riqueza, que poderia ser esse *algo nuevo* senão o luxo novo das formas novas? A Forma, a beleza inédita e rara da Forma, eis realmente, nesses tempos de delicado sensualismo, todo o meu interesse e todo o meu cuidado! Decerto eu adorava a Ideia na sua essência; — mas quanto mais o Verbo que a encarnava! Baudelaire, mostrando à sua amante na *Charogne*, a carcaça podre do cão e equiparando em ambas as misérias da carne, era para mim de magnífica surpresa e enlevo; e diante desta crespa e atormentada subtilização do sentir, que podia valer o fácil e velho Lamartine, no *Lago*, mostrando a Elvira a cansada Lua, e comparando em ambas a palidez e a graça meiga? Mas se este áspero e

fúnebre espiritualismo de Baudelaire, me chegasse expresso na língua lassa e mole de Casimir Delavigne — eu não lhe teria dado mais apreço, do que a versos vis do *Almanaque de Lembranças*.

Foi sensualmente enterrado nesta idolatria da Forma, que deparei com essas *Lapidarias* de Fradique Mendes, onde julguei ver reunidas e fundidas as qualidades discordantes de majestade e de nervosidade que constituíam, ou me pareciam constituir, a grandeza dos meus dois ídolos — o autor das *Flores do Mal*, e o autor dos *Poemas Bárbaros*. A isto acrescia, para me fascinar, que este poeta era português, cinzelava assim preciosamente a língua que até aí tivera como joias aclamadas o *Noivado do Sepulcro* e o *Ave César!*, habitava Lisboa,

pertencia aos Novos, possuía decerto na alma, talvez no viver, tanta originalidade poética como nos seus poemas! E esse folhetim amarrotado da *Revolução de setembro*, tomava assim a importância de uma revelação de Arte, uma aurora de Poesia, nascendo para banhar as almas moças na luz e no calor especial a que elas aspiravam, meio adormecidas, quase regeladas sob o álgido luar do Romantismo. Graças te sejam dadas, meu Fradique bendito, que na minha velha língua *hé mirado algo nuevo!* Creio que murmurei isto, banhado em gratidão. E, com o número da *Revolução de setembro*, corri a casa de J. Teixeira de Azevedo, à Travessa do Guarda-Mor, a anunciar o advento esplêndido!

Encontrei-o, como de costume, nos

silenciosos vagares das tardes de verão, em mangas de camisa, diante de uma bacia que transbordava de morangos e de vinho de Torres. Com vozes clamorosas, atirando gestos até ao teto, declamei-lhe a *Morte do Santo*. Se bem recordo, este asceta, ao findar sobre as neves da Silésia, era miserrimamente traído pela desleal Natureza! Todos os apetites da paixão e do corpo, tão laboriosamente recalcados por ele durante meio século de ermo, irrompiam de repente, à beira da eternidade, num tumulto bestial, não querendo para sempre findar com a carne que ia findar — antes de serem uma vez satisfeitos! E os anjos que, para o receber, desciam de asa serena, sobraçando molhos de palmas e cantando os epitalâmios, encontravam, em vez de um

santo, um sátiro, senil e grotesco — que de rojos, entre bramidos sórdidos, mordia com beijos vorazes a neve, a macia alvura da neve, onde o seu delírio furiosamente imaginava nudezas de cortesãs!... Tudo isto era tratado com uma grandeza sóbria e rude que me parecia sublime. J. Teixeira de Azevedo achou também «sublime — mas brejeiro». E concordou que convinha desentulhar Fradique Mendes da obscuridade, e erguê-lo no alto do escudo como o radiante mestre dos Novos.

Fui logo nessa noite à *Revolução de setembro*, procurar um companheiro meu de Coimbra, Marcos Vidigal, que, nos nossos alegres tempos de Direito Romano e Canónico, ganhara, por tocar concertina, ler a *História da Música* de Scudo, e lançar através da Academia os

nomes de Mozart e de Beethoven, uma soberba autoridade sobre música clássica. Agora, vadiando em Lisboa, escrevia na *Revolução*, aos domingos, uma «Crónica Lírica» — para gozar gratuitamente o bilhete de S. Carlos.

Era um moço com cabelos ralos e cor de manteiga, sardento, apagado de ideias e de modos — mas que despertava e se iluminava todo quando lograva «a *chance* (como ele dizia) de roçar por um homem célebre, ou de arranchar numa coisa original»; e isto tornara-o a ele, pouco a pouco, quase original e quase célebre. Nessa noite, que era sábado e de pesado calor, lá estava à banca, com uma quinzena de alpaca, suando, bufando, a espremer do seu pobre crânio, como de um limão meio seco, gotas de uma

Crónica sobre a Volpini. Apenas eu aludi a Fradique Mendes, àqueles versos que me tinham maravilhado — Vidigal arrojou a pena, já risonho, com um clarão alvoroçado na face mole:

— Fradique? Se conheço o grande Fradique? E meu parente! E meu patrício! É meu parceiro!

— Ainda bem, Vidigal, ainda bem!

Fomos ao Passeio Público (onde Marcos se ia encontrar com um agiota). Tomámos sorvetes debaixo das acácias: e pelo cronista da *Revolução* conheci a origem, a mocidade, os feitos do poeta das *Lapidárias*.

***

Carlos Fradique Mendes pertencia

a uma velha e rija família dos Açores; e descendia por varonia do navegador D. Lopo Mendes, filho segundo da casa da Troba, e donatário de uma das primeiras capitanias criadas nas Ilhas por começos do século XVI. Seu pai, homem magnificamente belo, mas de gostos rudes, morrera (quando Carlos ainda gatinhava), de um desastre, na caça. Seis anos depois sua mãe, senhora tão airosa, pensativa e loura que merecera de um poeta da Terceira o nome de *Virgem de Ossian*, morria também de uma febre trazida dos campos, onde andara bucolicamente, num dia de sol forte, cantando e ceifando feno. Carlos ficou em companhia e sob a tutela de sua avó materna, D. Angelina Fradique, velha estouvada, erudita e exótica que colecionava aves empalhadas,

traduzia Klopstock, e perpetuamente sofria dos «dardos de Amor». A sua primeira educação fora singularmente emaranhada: o capelão de D. Angelina, antigo frade beneditino, ensinou-lhe o latim, a doutrina, o horror à maçonaria, e outros princípios sólidos; depois um coronel francês, duro jacobino que se batera em 1830 na barricada de Saint-Merry, veio abalar estes alicerces espirituais, fazendo traduzir ao rapaz a *Pucelle* de Voltaire e a *Declaração dos Direitos do Homem;* e finalmente um alemão, que ajudava D. Angelina a enfardelar Klopstock na vernaculidade de Filinto Elísio, e se dizia parente de Emanuel Kant, completou a confusão iniciando Carlos, ainda antes de lhe nascer o buço, na *Crítica da Razão Pura*

e na heterodoxia metafísica dos professores de Tubinga. Felizmente Carlos já então gastava longos dias a cavalo pelos campos, com a sua matilha de galgos: — e da anemia que lhe teriam causado as abstrações do raciocínio, salvou-o o sopro fresco dos montados e a natural pureza dos regatos em que bebia.

A avó, tendo imparcialmente aprovado estas embrulhadas linhas de educação, decidiu de repente, quando Carlos completou dezasseis anos, mandá-lo para Coimbra, que ela considerava um nobre centro de estudos clássicos e o derradeiro refúgio das Humanidades. Corria porém na Ilha que a tradutora de Klopstock, apesar dos sessenta anos que lhe revestiam a face de um pelo mais denso que a hera de uma ruína, decidira

afastar o neto — para casar com o boleeiro.

Durante três anos Carlos tocou guitarra pelo Penedo da Saudade, encharcou-se de carrascão na tasca das Camelas, publicou na *Ideia* sonetos ascéticos, e amou desesperadamente a filha de um ferrador de Lorvão. Acabava de ser reprovado em Geometria, quando a avó morreu subitamente, na sua Quinta das Tornas, num caramanchão de rosas, onde se esquecera toda uma sesta de junho, tomando café, e escutando a viola que o cocheiro repicava com os dedos carregados de anéis.

Restava a Carlos um tio, Tadeu Mendes, homem de luxo e de boa mesa, que vivia em Paris preparando a salvação da Sociedade com Persigny, com Morny, e

com o príncipe Luís Napoleão, de quem era devoto e credor. E Carlos foi para Paris estudar Direito nas cervejarias que cercam a Sorbona, à espera da maioridade que lhe devia trazer as heranças acumuladas do pai e da avó — calculadas por Vidigal num farto milhão de cruzados. Vidigal, filho de uma sobrinha de D. Angelina, nascido na Terceira, possuía por legado, conjuntamente com Carlos, uma quinta chamada o Corvovelo. Daí lhe vinha ser «parente, patrício e parceiro» do homem das *Lapidárias*.

Depois disto Vidigal sabia apenas que Fradique, livre e rico, saíra do Quartier-Latin a começar uma existência soberba e fogosa. Com um ímpeto de ave solta, viajara logo por todo o mundo a

todos os sopros do vento, desde Chicago a Jerusalém, desde a Islândia até ao Sara. Nestas jornadas, sempre empreendidas por uma solicitação da inteligência ou por ânsia de emoções achara-se envolvido em feitos históricos e tratara altas personalidades do século. Vestido com uma camisa escarlate, acompanhara Garibaldi na conquista das Duas Sicílias. Incorporado no Estado Maior do velho *Napier*, que lhe chamava *the portuguese lion* (o leão português), fizera toda a campanha da Abissínia. Recebia cartas de Mazzini. Havia apenas meses que visitara Hugo no seu rochedo de Guernesey...

Aqui recuei, com os olhos esbugalhados! Vítor Hugo (todos ainda se lembram), desterrado então em Guernesey, tinha para nós, idealistas e

democratas de 1867, as proporções sublimes e lendárias de um S. João em Patmos. E recuei protestando, com os olhos esbugalhados, tanto se me afigurava fora das possibilidades que um português, um Mendes, tivesse apertado nas suas a mão augusta que escrevera a *Lenda dos Séculos!* Correspondência com Mazzini, camaradagem com Garibaldi, vá! Mas na ilha sagrada, ao rumor das ondas da Mancha, passear, conversar, cismar com o vidente dos *Miseráveis* — parecia-me a impudente exageração de um ilhéu que me queria intrujar...

— Juro! — gritou Vidigal, levantando a mão verídica às acácias que nos cobriam.

E imediatamente, para demonstrar a verosimilhança daquela glória, já

altíssima para Fradique, contou-me outra, bem superior, e que cercava o estranho homem de uma auréola mais refulgente. Não se tratava já de ser estimado por um homem excelso — mas, coisa preciosa entre todas, de ser amado por uma excelsa mulher. Pois bem! Durante dois anos, em Paris, Fradique fora o eleito de Ana de Léon, a gloriosa Ana de Léon, a mais culta e bela cortesã (Vidigal dizia «o melhor bocado») do Segundo Império, de que ela, pela graça especial da sua voluptuosidade inteligente, como Aspásia no século de Péricles, fora a expressão e a flor!

Muitas vezes eu lera no *Figaro* os louvores de Ana de Léon, e sabia que poetas a tinham celebrado sob o nome de «Vénus Vitoriosa». Os amores com a

cortesã não me impressionaram decerto tanto como a intimidade com o homem das *Contemplações:* mas a minha incredulidade cessou — e Fradique assumiu para mim a estatura de um desses seres que, pela sedução ou pelo génio, como Alcibíades ou como Goethe, dominam uma Civilização, e dela colhem deliciosamente tudo o que ela pode dar em gostos e em triunfos.

Foi por isso talvez que corei, intimidado, quando Vidigal, reclamando outro sorvete de leite, se ofereceu para me levar ao surpreendente Fradique. Sem me decidir, pensando em Novalis que também assim hesitava, enleado, ao subir uma manhã em Berlim as escadas de Hegel — perguntei a Vidigal se o poeta das *Lapidárias* residia em Lisboa... Não!

Fradique viera de Inglaterra visitar Sintra, que adorava, e onde comprara a Quinta da Saragoça, no caminho dos Capuchos, para ter de verão em Portugal um repouso fidalgo. Estivera lá desde o dia de Santo António: — e agora parara em Lisboa, no Hotel Central, antes de recolher a Paris, seu centro e seu lar. De resto, acrescentou Marcos, não havia como Fradique ninguém tão simples, tão alegre, tão fácil. E, se eu desejava conhecer um homem genial, que esperasse ao outro dia, domingo, às duas, depois da missa do Loreto, à porta da Casa Havanesa.

— Valeu? Às duas, religiosamente, depois da missa!

Bateu-me o coração. Por fim, com um esforço, como Novalis no patamar de Hegel, afiancei, pagando os sorvetes, que

ao outro dia, às duas, religiosamente, mas sem missa, estaria no portal da Havanesa!

2

Gastei a noite preparando frases, cheias de profundidade e beleza, para lançar a Fradique Mendes! Tendiam todas à glorificação das *Lapidárias*. E lembro-me de ter, com amoroso cuidado, burilado e repolido esta: — «A forma de Vossa Excelência é um mármore divino com estremecimentos humanos!»

De manhã apurei requintadamente a minha *toilette* como se, em vez de Fradique, fosse encontrar Ana de Léon — com quem já nessa madrugada, num sonho repassado de erudição e sensibilidade, eu passeara na Via Sagrada que vai de Atenas a Elêusis, conversando, por entre os lírios que desfolhávamos, sobre o

ensino de Platão e a versificação das *Lapidárias*. E às duas horas, dentro de uma tipoia, para que o macadame regado me não maculasse o verniz dos sapatos, parava na Havanesa, pálido, perfumado, comovido, com uma tremenda rosa de chá na lapela, éramos assim em 1867!

Marcos Vidigal já me esperava, impaciente roendo o charuto. Saltou para a tipoia; e batemos através do Loreto, que escaldava ao sol de agosto.

Na Rua do Alecrim (para combater a pueril emoção que me enleava), perguntei ao meu companheiro quando publicaria Fradique as *Lapidárias*. Por entre o barulho das rodas, Vidigal gritou:

— Nunca!

E contou que a publicação

daqueles trechos na *Revolução de setembro*, quase ocasionara, entre Fradique e ele, «uma pega intelectual». Um dia, depois de almoço, em Sintra, enquanto Fradique fumava o seu chíbuque persa, Vidigal, na sua familiaridade, como patrício e como parente, abrira sobre a mesa uma pasta de veludo negro. Descobrira, surpreendido, largas folhas de versos, numa tinta já amarelada. Eram as *Lapidárias*. Lera a primeira, a *Serenata de Satã aos Astros*. E, maravilhado, pedira a Fradique para publicar na *Revolução* algumas dessas estrofes divinas. O primo sorrira, consentira — com a rígida condição de serem firmadas por um pseudónimo. Qual?... Fradique abandonava a escolha à fantasia de Vidigal. Na redação, porém,

ao rever as provas, só lhe acudiram pseudónimos decrépitos e safados, o «Independente», o «Amigo da Verdade», o «Observador» — nenhum bastante novo para dignamente firmar poesia tão nova. Disse consigo: — «Acabou-se! Sublimidade não é vergonha. Ponho-lhe o nome!» Mas quando Fradique viu a *Revolução de setembro*, ficou lívido e chamou, regeladamente, a Vidigal, «indiscreto, burguês e filisteu»! — E aqui Vidigal parou para me pedir a significação de *filisteu*. Eu não sabia; mas arquivei gulosamente o termo, como amargo. Recordo até que logo nessa tarde, no Martinho, tratei de *filisteu* o autor considerável do *Ave César*!

— De modo que — rematou Vidigal — é melhor não lhe falares nas

Lapidáriasl

Sim! pensava eu. Talvez Fradique, à maneira do chanceler Bacon de outros homens grandes pela ação, deseje esconder deste mundo de materialidade e de força o seu fino génio poético! Ou talvez essa ira, ao ver o seu nome impresso debaixo de versos com que se orgulharia Leconte de Lisle, seja a do artista nobremente e perpetuamente insatisfeito, que não aceita ante os homens como sua a obra onde sente imperfeições! Estes modos de ser, tão superiores e novos, caíam na minha admiração como óleo numa fogueira. Ao pararmos no Central tremia de acanhamento.

Senti um alívio quando o porteiro anunciou que o Sr. Fradique Mendes, nessa manhã, cedo, tomara uma caleche

para Belém. Vidigal empalideceu, de desespero:

— Uma caleche! Para Belém!... Há alguma coisa em Belém?

Murmurei, numa ideia de arte, que havia os Jerónimos. Nesse instante uma tipoia, lançada a trote, estacou na rua, com as pilecas fumegando. Um homem desceu, ligeiro e forte. Era Fradique Mendes.

Vidigal, alvoroçado, apresentou-me como um «poeta seu amigo». Ele adiantou a mão sorrindo — mão delicada e branca onde vermelhava um rubi. Depois, acariciando o ombro do primo Marcos, abriu uma carta que lhe estendia o porteiro.

Pude então, à vontade, contemplar o cinzelador das *Lapidárias*, o familiar de

Mazzini, o conquistador das Duas Sicílias, o bem-adorado de Ana de Léon! O que me seduziu logo foi a sua esplêndida solidez, a sã e viril proporção dos membros rijos, o aspeto calmo de poderosa estabilidade com que parecia assentar na vida, tão livremente e tão firmemente, como sobre aquele chão de ladrilhos onde pousavam os seus largos sapatos de verniz, resplandecendo sob polainas de linho. A face era do feitio aquilino e grave que se chama *cesariano*, mas sem as linhas empastadas e a espessura flácida que a tradição das Escolas invariavelmente atribui aos Césares, na tela ou no gesso, para os revestir de majestade; antes pura e fina como a de um Lucrécio moço, em plena glória, todo nos sonhos da Virtude e da

Arte. Na pele, de uma brancura látea e fresca, a barba, por ser pouca decerto, não deixava depois de escanhoada nem aspereza nem sombra; apenas um buço crespo e leve lhe orlava os lábios que, pela vermelhidão húmida e pela sinuosidade subtil, pareciam igual e superiormente talhados para a Ironia e para o Amor. E toda a sua finura, misturada de energia, estava nos olhos — olhos pequenos e negros, brilhantes como contas de ónix, de uma penetração aguda, talvez insistente de mais, que perfurava, se enterrava sem esforço, como uma verruma de aço em madeira mole.

Trazia uma quinzena solta, de uma fazenda preta e macia, igual à das calças que caíam sem um vinco: o colete de linho branco fechava por botões de coral

pálido: e o laço da gravata de cetim negro, dando relevo à altura espelhada dos colarinhos quebrados, oferecia a perfeição concisa que já me encantara no seu verso.

Não sei se as mulheres o considerariam belo. Eu achei-o um varão magnífico — dominando sobretudo por uma graça clara que saía de toda a sua força máscula. Era o seu viço que deslumbrava. A vida de tão várias e trabalhosas atividades, não lhe cavara uma prega de fadiga. Parecia ter emergido, havia momentos, assim de quinzena preta e barbeado, do fundo vivo da Natureza. E apesar de Vidigal me ter contado que Fradique festejara os «trinta e três» em Sintra, pela festa de S. Pedro, eu sentia naquele corpo a robustez tenra e

ágil de um efebo, na infância do mundo grego. Só quando sorria ou quando olhava se surpreendiam imediatamente nele vinte séculos de literatura.

Depois de ler a carta, Fradique Mendes abriu os braços, num gesto desolado e risonho, implorando a misericórdia de Vidigal. Tratava-se, como sempre, da Alfândega, fonte perene das suas amarguras! Agora tinha lá encalhado um caixote, contendo uma múmia egípcia...

— Uma múmia?...

Sim, perfeitamente, uma múmia histórica, o corpo verídico e venerável de Pentaour, escriba ritual do templo de Amnon em Tebas, o cronista de Ramsés II. Mandara-o vir de Paris para dar a uma senhora da Legação de Inglaterra, Lady

Ross, sua amiga de Atenas, que em plena frescura e plena ventura, colecionava antiguidades funerárias do Egito e da Assíria... Mas, apesar de esforços sagazes, não conseguia arrancar o defunto letrado dos armazéns da Alfândega que ele enchera de confusão e de horror. Logo na primeira tarde, quando Pentaour desembarcara, enfaixado dentro do seu caixão a Alfândega, aterrada, avisou a polícia. Depois, calmadas as desconfianças de um crime, surgira uma insuperável dificuldade: — que artigo da pauta se poderia aplicar ao cadáver de um hierograma do tempo de Ramsés? Ele, Fradique, sugerira o artigo que taxa o arenque defumado. Realmente, no fundo, o que é um arenque defumado senão a múmia, sem ligaduras e sem inscrições, de

um arenque que viveu. Ter sido peixe ou escriba nada importava para os efeitos fiscais. O que a Alfândega via diante de si era o corpo de uma criatura, outrora palpitante, hoje secada ao fumeiro. Se ela em vida nadava num cardume nas ondas do mar do Norte, ou se, nas margens do Nilo, há quatro mil anos, arrolava as reses de Amnon e comentava os *capítulos de fim de dia* — não era certamente da conta dos Poderes Públicos. Isto parecia-lhe lógico. Todavia as autoridades da Alfândega continuavam a hesitar, coçando o queixo, diante do cofre sarapintado que encerrava tanto saber e tanta piedade! E agora naquela carta os amigos Pintos Bastos aconselhavam, como mais nacional e mais rápido, que se arrancasse um «empenho» do Ministro da Fazenda, para

fazer sair sem direitos o corpo augusto do escriba de Ramsés. Ora este empenho, quem melhor para o alcançar que Marcos — esteio da Regeneração e seu cronista musical?

Vidigal esfregava as mãos, iluminado. Aí estava uma coisa bem digna dele, «bem catita» — salvar do fisco a múmia «de um figurão faraónico»! E arrebatou a carta dos Pintos Bastos, enfiou para a tipoia, gritou ao cocheiro a morada do Ministro, seu colega na *Revolução de setembro*. Assim fiquei só com Fradique — que me convidou a subir aos seus quartos, e esperar Vidigal, bebendo uma «soda e limão».

Pela escada, o poeta das *Lapidárias* aludiu ao tórrido calor de agosto. E eu que nesse instante, defronte

do espelho no patamar, revistava, com um olhar furtivo, a linha da minha sobrecasaca e a frescura da minha rosa — deixei estouvadamente escapar esta coisa hedionda:

— Sim, está de escachar!

E ainda o torpe som não morrera, já uma aflição me lacerava, por esta «chulice» de esquina de tabacaria, assim atabalhoadamente lançada como um pingo de sebo sobre o supremo artista das *Lapidárias*, o homem que conversara com Hugo à beira-mar!... Entrei no quarto atordoado, com bagas de suor na face. E debalde rebuscava desesperadamente uma outra frase sobre o calor, bem trabalhada, toda cintilante e nova! Nada! Só me acudiam sordidezes paralelas, em calão teimoso: — «é de rachar»! «está de

ananases»! «derrete os untos»!... Atravessei ali uma dessas angústias atrozes e grotescas, que, aos vinte anos, quando se começa a vida e a literatura, vincam a alma — e jamais esquecem.

Felizmente Fradique desaparecera por trás de um reposteiro de alcova. Só, limpando o suor, considerando que altos pensadores se exprimem assim, com uma simplicidade rude — , serenei. E à perturbação sucedeu a curiosidade de descobrir em torno, pelo aposento, algum vestígio da originalidade intensa do homem que o habitava. Vi apenas cansadas cadeiras de repes azul-ferrete, em lustre embuçado em tule, e uma consola, de altos pés dourados, entre as duas janelas que respiravam para o rio. Somente, sobre o mármore da *console*, e

por meio dos livros que atulhavam uma velha mesa de pau preto, pousavam soberbos ramos de flores; e a um canto afofava-se um espaçoso divã, instalado decerto por Fradique com colchões sobrepostos, que dois cobrejões orientais revestiam de cores estridentes. Errava além disso em toda a sala um aroma desconhecido, que também me pareceu oriental, como feito de rosas de Esmirna, mescladas a um fio de canela e manjerona.

Fradique Mendes voltara de dentro, vestido com uma cabaia chinesa! Cabaia de mandarim, de seda verde, bordada a flores de amendoeira — que me maravilhou e me intimidou. Vi então que tinha o cabelo castanho-escuro, fino e levemente ondeado sobre a testa, mais

polida e branca que os marfins da Normandia. E os olhos, banhados agora numa luz franca, não apresentavam aquela negrura profunda que eu comparara ao ónix, mas uma cor quente de tabaco escuro da Havana. Acendeu uma *cigarette*, e ordenou a «soda e limão» a um criado surpreendente, muito louro, muito grave, com uma pérola espetada na gravata, largas calças de xadrez verde e preto, e o peito florido por três cravos amarelos! (Percebi que este servo magnífico se chamava Smith). O meu enleio crescia. Por fim Fradique murmurou, sorrindo, com sincera simpatia:

— Aquele Marcos é uma flor!

Concordei, contei a velha estima que me prendia a Vidigal, desde o

primeiro ano de Coimbra, dos nossos tempos estouvados de Concertina e Sebenta. Então, alegremente, recordando Coimbra, Fradique perguntou-me pelo Pedro Penedo, pelo Pais, por outros lentes ainda, do antigo tipo fradesco e bruto; depois pelas tias Camelas, essas encantadoras velhas, que escrupulosamente, através de lascivas gerações de estudantes, tinham permanecido virgens, para poderem no Céu, ao lado de Santa Cecília, passar toda uma eternidade a tocar harpa... Era uma das suas memórias melhores de Coimbra essa taverna das tias Camelas, e as ceias desabaladas que custavam setenta reis, comidas ruidosamente na penumbra fumarenta das pipas, com o prato de sardinhas em cima dos joelhos, por entre

temerosas contendas de Metafísica e de Arte. E que sardinhas! Que arte divina em frigir o peixe! Muitas vezes em Paris se lembrara das risadas, das ilusões e dos pitéus de então!...

Tudo isto vinha num tom muito moço, sincero, singelo — que eu mentalmente classificava de *cristalino*.

Ele estirara-se no divã; eu ficara rente da mesa, onde um ramo de rosas se desfolhava ao calor sobre volumes de Darwin e do Padre Manuel Bernardes. E então, dissipado o acanhamento, todo no apetite de revolver com aquele homem genial ideias de Literatura, sem me lembrar que, como Bacon, ele desejava esconder o seu génio poético, ou artista insatisfeito nunca reconheceria a obra imperfeita —, aludi às *Lapidárias*.

Fradique Mendes tirou a *cigarette* dos lábios para rir — com um riso que seria genuinamente galhofeiro, se de certo modo o não contradissesse um laivo de vermelhidão que lhe subira à face cor de leite. Depois declarou que a publicação desses versos, *com a sua assinatura*, fora uma perfídia do leviano Marcos. Ele não considerava *assináveis* esses pedaços de prosa rimada, que decalcara, havia quinze anos, na idade em que se imita, sobre versos de Leconte de Lisle, durante um verão de trabalho e de fé numa trapeira de Luxemburgo, julgando-se a cada rima um inovador genial...

Eu acudi afirmando, todo em chama, que depois da obra de Baudelaire nada em Arte me impressionara como as *Lapidárias*! E ia lançar a minha

esplêndida frase, burilada nessa noite com paciente cuidado: — «A forma de Vossa Excelência é um mármore divino...» Mas Fradique deixara o divã e pousava em mim os olhos finos de ónix, com uma curiosidade que me *verrumava*.

— Vejo então — disse ele — que é um devoto do maganão das *Flores do Mal*.

Corei, àquele espantoso termo de «maganão». E, muito grave, confessei que para mim Baudelaire dominava, à maneira de um grande astro, logo abaixo de Hugo, na moderna poesia. Então Fradique, sorrindo paternalmente, afiançou que bem cedo eu perderia essa ilusão! Baudelaire (que ele conhecera), não era verdadeiramente um poeta. Poesia subentendia emoção: e Baudelaire, todo

intelectual, não passava de um psicólogo, de um analista — um dissecador subtil de estados mórbidos. As *Flores do Mal* continham apenas resumos críticos de torturas morais que Baudelaire muito finamente compreendera, mas nunca pessoalmente *sentira*. A sua obra era como a de um patologista, cujo coração bate normal e serenamente, enquanto descreve, à banca, numa folha de papel, pela erudição e observação acumuladas, as perturbações temerosas de uma lesão cardíaca. Tanto assim que Baudelaire compusera primeiro em prosa as *Flores do Mal* — e só mais tarde, depois de retificar a justeza das análises, as passara a verso, laboriosamente, com um dicionário de rimas!... De resto em França (acrescentou o estranho homem) não havia

poetas. A genuína expressão da clara inteligência francesa era a prosa. Os seus mais finos conhecedores prefeririam sempre os poetas, cuja poesia se caracterizasse pela precisão, lucidez, sobriedade — que são qualidades de prosa; e um poeta tornava-se tanto mais popular quanto mais visivelmente possuía o génio do prosador. Boileau continuaria a ser um clássico e um imortal, quando já ninguém se lembrasse em França do tumultuoso lirismo de Hugo...

Dizia estas coisas enormes numa voz lenta, penetrante — que ia recortando os termos com a certeza e a perfeição de um buril. E eu escutava, varado! Que um Boileau, um pedagogo, um lambão de corte, permanecesse nos cimos da poesia francesa, com a sua *Ode à Tomada de*

Namur, a sua cabeleira e a sua férula, quando o nome do poeta da *Lenda dos Séculos* fosse como um suspiro do vento que passou — parecia-me uma dessas afirmações, de rebuscada originalidade, com que se procura assombrar os simples, e que eu mentalmente classificava de «insolente». Tinha mil coisas, abundantes e esmagadoras, a contestar: mas não ousava, por não poder apresentá-las naquela forma translúcida e geométrica do poeta das *Lapidárias*. Essa cobardia, porém, e o esforço para reter os protestos do meu entusiasmo pelos Mestres da minha mocidade, sufocava-me, enchia-me de mal-estar: e ansiava só por abalar daquela sala, onde, com tão bolorentas opiniões clássicas, tanta rosa nas jarras e todas as moles exalações de canela e

manjerona — se respirava conjuntamente um ar abafadiço de serralho e de academia.

Ao mesmo tempo julgava humilhante ter soltado apenas, naquela conversação com o familiar de Mazzini e de Hugo, miúdos reparos sobre o Pedro Penedo e o carrascão das Camelas. E na justa ambição de deslumbrar Fradique com um resumo crítico, provando as minhas finas letras, recorri à frase, à lapidada frase, sobre a forma do seu verso. Sorrindo, retorcendo o buço, murmurei: — «Em todo o caso a forma de Vossa Excelência é um mármore...» Subitamente, à porta que se abrira com estrondo, surgiu Vidigal:

— Tudo pronto! — gritou. — Despachei o defunto!

O ministro, homem de poesia e de eloquência, interessara-se francamente por aquela múmia de um «colega», e jurara logo poupar-lhe o opróbrio de ser tarifada como peixe salgado. Sua Excelência tinha mesmo ajuntado: «Não, senhor! não, senhor! Há de entrar livremente, com todas as honras devidas a um clássico!» E logo de manhã Pentaour deixaria a Alfândega, de tipoia!

Fradique riu daquela designação de «clássico» dada a um hierograma do tempo de Ramsés — e Vidigal, triunfante, abancando ao piano, entoou com ardor a «Grã-Duquesa». Então eu, tomado estranhamente, sem razão, por um sentimento de inferioridade e de melancolia, estendi a mão para o chapéu. Fradique não me reteve; mas os dois

passos com que me acompanhou no corredor, o seu sorriso e o seus *bake-bands*, foram perfeitos. Apenas na rua, desabafei: «Que pedante!»

Sim, mas inteiramente «novo», dissemelhante de todos os homens que eu até aí conhecera! E à noite, na Travessa do Guarda-Mor (ocultando a escandalosa apologia de Boileau, para nada dele mostrar imperfeito), espantei J. Teixeira de Azevedo com um Fradique idealizado, em que tudo era irresistível, as ideias, o verbo, a cabaia de seda, a face marmórea de Lucrécio moço, o perfume que esparzia, a graça, a erudição e o gosto!

J. Teixeira de Azevedo tinha o entusiasmo difícil e lento em fumegar. O homem deu-lhe apenas a impressão de ser postiço e teatral. Concordou no entanto

que convinha ir estudar «um maquinismo de pose montado com tanto luxo!»

Fomos ambos ao Central, dias depois, no fundo de uma tipoia. Eu, engravatado em cetim, de gardénia ao peito. J. Teixeira de Azevedo, caracterizado de «Diógenes do século XIX», com um pavoroso cacete ponteado de ferro, chapéu braguês orlado de sebo, jaquetão encardido e remendado que lhe emprestara o criado, e grossos tamancos rurais!... Tudo isto arranjado com trabalho, com despesa, com intenso nojo, só para horrorizar Fradique — e diante desse homem de ceticismo e de luxo, altivamente afirmar, como democrata e como idealista, a grandeza moral do remendo e a filosófica austeridade da nódoa! Éramos assim em 1867!

Tudo perdido! Perdida a minha gardénia, perdida a imundície estoica do meu camarada! O Sr. Fradique Mendes (disse o porteiro) partira na véspera num vapor que ia buscar bois a Marrocos.

3

Alguns anos passaram. Trabalhei, viajei. Melhor fui conhecendo os homens e a realidade das coisas, perdi a idolatria da Forma, não tornei a ler Baudelaire. Marcos Vidigal, que, através da *Revolução de setembro*, trepara da crónica musical à Administração Civil, governava a índia como Secretário-Geral de novo entregue, nesses ócios asiáticos que lhe fazia o Estado, à *História da Música* e à concertina: e levado assim esse grato amigo do Tejo para o Mandovi, eu não soubera mais do poeta das *Lapidárias*. Nunca porém se me apagara a lembrança do homem singular. Antes por vezes me sucedia de repente «ver»,

claramente «ver», num relevo quase tangível — a face ebúrnea e fresca, os olhos cor de tabaco insistentes e verrumando, o sorriso sinuoso e cético onde viviam vinte séculos de literatura.

Em 1871 percorri o Egito. Uma ocasião, em Mênfis, ou no sítio em que foi Mênfis, navegava nas margens inundadas do Nilo, por entre palmeirais que emergiam da água, e reproduziam sobre um fundo radiante de luar oriental, o recolhimento e a solenidade triste de longas arcarias de claustros. Era uma solidão, um vasto silêncio de terra morta, apenas docemente quebrado pela cadência dos remos e pelo canto dolente do arrais... E eis que subitamente (sem que recordação alguma evocasse até esta imagem) — «vejo», nitidamente «vejo»,

avançando com o barco, e com ele cortando as faixas de luz e sombra, o quarto do Hotel Central, o grande divã de cores estridentes, e Fradique, na sua cabaia de seda, celebrando por entre o fumo da *cigarette* a imortalidade de Boileau! E eu mesmo já não estava no Oriente, nem em Mênfis, sobre as imóveis águas do Nilo; mas lá, entre o repes azul, sobre o lustre embuçado em tule, diante das duas janelas que miravam o Tejo, sentindo em baixo as carroças de ferragens rolarem para o Arsenal. Perdera porém o acanhamento que então me enleava. E, durante o tempo que assim remámos nesta decoração faraónica para a morada dos *heik* de Abu-Kair, fui argumentando com o poeta das *Lapidárias*, e enunciando enfim, na defesa

de Hugo e Baudelaire, as coisas finas e tremendas com que o devia ter emudecido naquela tarde de agosto! O arrais cantava os vergéis de Damasco. Eu berrava mentalmente: «Mas veja Vossa Excelência nos *Miseráveis* a alta lição moral...»

Ao outro dia que era o da festa do Beiram, recolhi ao Cairo pela hora mais quente, quando os muezins cantam a terceira oração. E ao apear do meu burro, diante do Hotel Sheperd, nos jardins do Ezbekieh, quem hei de eu avistar? Que homem, de entre todos os homens, avistei eu no terraço, estendido numa comprida cadeira de vime, com as mãos cruzadas por trás da nuca, o *Times* esquecido sobre os joelhos, embebendo-se todo de calor e de luz? Fradique Mendes.

Galguei os degraus do terraço,

lançando o nome de Fradique, por entre um riso de transbordante prazer. Sem desarranjar a sua beatitude, ele descruzou apenas um braço que me estendeu com lentidão. O encanto do seu acolhimento esteve na facilidade com que me reconheceu, sob as minhas lunetas azuis, e o meu vasto chapéu panamá:

— Então como vai desde o Hotel Central?... Há quanto tempo pelo Cairo?

Teve ainda outras palavras indolentes e afáveis. Num banco ao seu lado, todo eu sorria, limpando o pó que me empastara a face com uma espessura de máscara. Durante o curto e doce momento que ali conversámos, soube que Fradique chegara havia uma semana de Suez, vindo das margens do Eufrates e da Pérsia, por onde errara, como nos contos

de fadas, um ano inteiro e um dia; que tinha um *debarieh*, com o lindo nome de *Rosa das Águas*, já tripulado e amarrado à sua espera no cais de Boulak; e que ia nele subir o Nilo até ao Alto Egito, até à Núbia, ainda para além de Ibsambul...

Todo o sol do Mar Vermelho e das planícies do Eufrates não lhe tostara a pele látea. Trazia, exatamente como no Hotel Central, uma larga quinzena preta e um colete branco fechado por botões de coral. E o laço da gravata de cetim negro representava bem, naquela terra de roupagens soltas e rutilantes, a precisão formalista das ideias ocidentais.

Perguntou-me pela pachorrenta Lisboa, por Vidigal que burocratizava entre os palmares bramânicos... Depois, como eu continuava a esfregar o suor e o

pó, aconselhou que me purificasse num banho turco, na piscina que fica ao pé da Mesquita de El-Monyed, e que repousasse toda a tarde, para percorrermos à noite as iluminações do Beiram.

Mas em lugar de descansar, depois do banho lustral, tentei ainda, ao trote doce de um burro, através da poeira quente do deserto líbio, visitar fora do Cairo as sepulturas dos Califas. Quando à noite, na sala do Sheperd, me sentei diante da sopa de «rabo-de-boi», a fadiga tirara-me o ânimo de pasmar para outras maravilhas muçulmanas. O que me apetecia era o leito fresco, no meu quarto forrado de esteiras, onde tão romanticamente se ouviam cantar no jardim as fontes entre os rosais.

Fradique Mendes já estava

jantando, numa mesa onde flamejava, entre as luzes, um ramo enorme de catos. Ao seu lado pousava de leve, sobre um escabelo mourisco, uma senhora vestida de branco, a quem eu só via a massa esplêndida dos cabelos louros, e as costas, perfeitas e graciosas, como as de uma estátua de Praxiteles que usasse um colete de Madame Mareei; defronte, numa cadeira de braços, alastrava-se um homem gordo e mole, cuja vasta face, de barbas encaracoladas, cheia de força tranquila como a de um Júpiter, eu já decerto encontrara algures, ou viva ou em mármore. E caí logo nesta preocupação. Em que rua, em que museu admirara eu já aquele rosto olímpico, onde apenas a fadiga do olhar, sob as pálpebras pesadas, traía a argila mortal?

Terminei por perguntar ao negro de Seneh que servia o macarrão. O selvagem escancarou um riso de faiscante alvura no ébano do carão redondo, e, através da mesa, grunhiu com respeito: — *Cé-le-diêu...* Justos Céus! *Le Dieu!* Intentaria o negro afirmar que aquele homem de barbas encaracoladas *era um deus!* — o *deus* especial e conhecido que habitava o Sheperd! Fora pois num altar, numa tela devota, que eu vira essa face, dilatada em majestade pela absorção perene do incenso e da prece? De novo interroguei o núbio, quando ele voltou erguendo nas mãos espalmadas uma travessa que fumegava. De novo o núbio me atirou, em sílabas claras, bem feridas, dissipando toda a incerteza — *C'est le Dieu!*

Era um Deus! Sorri a esta ideia de literatura — um Deus de rabona, jantando à mesa do Hotel Sheperd. E, pouco a pouco, da minha imaginação esfalfada foi-se evolando não sei que sonho, esparso e ténue, como o fumo que se eleva de uma braseira meio apagada. Era sobre o Olimpo, e os velhos deuses, e aquele amigo de Fradique que se parecia com Júpiter. Os Deuses (cismava eu, colhendo garfadas lentas da salada de tomates) não tinham talvez morrido; e desde a chegada de S. Paulo à Grécia, viviam refugiados num vale da Lacónia, outra vez entregues, nos ócios que lhes impusera o Deus novo, às suas ocupações primordiais de lavradores e pastores. Somente, já pelo hábito que os Deuses nunca perderam de imitar os homens, já para escapar aos

ultrajes de uma Cristandade pudibunda, os olímpicos abafavam, sob saias e jaquetões, o esplendor das nudezas que a Antiguidade adorara; e como tomavam outros costumes humanos, ora por necessidade (cada dia se torna mais difícil ser Deus), ora por curiosidade (cada dia se torna mais divertido ser Homem), os Deuses iam lentamente consumando a sua humanização. Já por vezes deixavam a doçura do seu vale bucólico; e com baús, com sacos de tapete, viajavam por distração ou negócios, folheando os *Guias Baedecker*. Uns iam estudar nas cidades, entre a Civilização, as maravilhas da Imprensa, do Parlamentarismo e do Gás; outros, aconselhados pelo erudito Hermes, cortavam a monotonia dos longos estios

da ática, bebendo as águas em Vichy ou em Carlsbad; outros ainda, na saudade imperecível das omnipotências passadas, peregrinavam até às ruínas dos templos, onde outrora lhes era ofertado o mel e o sangue das reses. Assim se tornava verosímil que aquele homem, cuja face cheia de majestade e força serena reproduzia as feições com que Júpiter se revelou à Escola de Atenas — fosse na realidade Júpiter, o Tonante, o Fecundador, pai inesgotável dos deuses, criador da Regra e da Ordem. Mas que motivo o traria ali, vestido de flanela azul, pelo Cairo, pelo Hotel Sheperd, comendo um macarrão que profanadoramente se prendia às barbas divinas, por onde a ambrósia escorrera? Certamente o doce motivo que através da

Antiguidade, em Céu e Terra, sempre inspirara os atos de Júpiter — do frascário e femeeiro Júpiter. O que o podia arrastar ao Cairo senão *alguma saia*, esse desejo esplendidamente insaciável de deusas e de mulheres — que outrora tornava pensativas as donzelas da Helénia ao decorarem, na «Cartilha Pagã», as datas em que ele batera as asas de cisne entre os joelhos de Leda, sacudira as pontas de touro entre os braços de Europa, gotejara em pingos de ouro sobre o seio de Danae, pulara em línguas de fogo até aos lábios de Egina, e mesmo um dia, enojando Minerva e as damas sérias do Olimpo, atravessara toda a Macedónia com uma escada ao ombro para trepar ao alto eirado da morena Sémele? Agora, evidentemente, viera ao

Cairo passar umas férias sentimentais, longe da Juno mole e conjugal, com aquela viçosa mulher, cujo busto irresistível provinha das artes conjuntas de Praxiteles e de Madame Mareei. E ela, quem seria ela? A cor das suas tranças, a suave ondulação dos seus ombros, tudo indicava claramente uma dessas deliciosas ninfas das ilhas da Jónia, que outrora os diáconos cristãos expulsavam dos seus frescos regatos, para neles batizar centuriões caquéticos e comidos de dívidas, ou velhas matronas com pelo no queixo, trôpegas do incessante peregrinar aos altares de Afrodite. Nem ele nem ela porém podiam esconder a sua origem divina: através do vestido de cassa o corpo da Ninfa irradiava uma claridade; e, atendendo bem, ver-se-ia a

fronte marmórea de Júpiter arfar em cadência, no calmo esforço de perpetuamente conceber a Regra e a Ordem.

Mas Fradique? Como se achava ali Fradique, na intimidade dos Imortais, bebendo com eles champanhe Clicquot, ouvindo de perto a harmonia inefável da palavra de Jove? Fradique era um dos derradeiros crentes do Olimpo, devotamente prostrado diante da Forma, e transbordando de alegria pagã. Visitara a Lacónia; falava a língua dos deuses; recebia deles a inspiração. Nada mais consequente do que descobrir Júpiter no Cairo, e prender-se logo ao seu serviço, como cicerone, nas terras bárbaras de Alá. E certamente com ele e com a Ninfa da Jónia ia Fradique subir o Nilo, na *Rosa*

das Águas, até aos derrocados templos onde Júpiter poderia murmurar, pensativo, e indicando ruínas de aras com a ponta do guarda-sol: «Abichei aqui muito incenso!»

Assim, através da salada de tomates, eu desenvolvia e coordenava estas imaginações — decidido a convertê-las num conto para publicar em Lisboa na *Gazeta de Portugal*. Devia chamar-se *A Derradeira Campanha de Júpiter*: — e nele obtinha o fundo erudito e fantasista, para incrustar todas as notas de costumes e de paisagens, colhidas na minha viagem do Egito. Somente, para dar ao conto um relevo de modernidade e de realismo picante, levaria a ninfa das águas, durante a jornada do Nilo, a enamorar-se de Fradique e a trair Júpiter! E ei-la

aproveitando cada recanto de palmeiral e cada sombra lançada pelos velhos pilonos de Osíris, para se pendurar do pescoço do poeta das *Lapidárias*, murmurar-lhe coisas em grego mais doces que os versos de Hesíodo, deixar-lhe nas flanelas o seu aroma de ambrósia, e ser por todo esse vale do Nilo imensamente *cochonne* — enquanto o pai dos deuses, cofiando as barbas encaracoladas, continuaria imperturbavelmente a conceber a Ordem, supremo augusto, perfeito, ancestral e cornudo!

Entusiasmado, já construía a primeira linha do conto: «Era no Cairo, nos jardins de Chubra depois do jejum do Ramadão...» — quando vi Fradique adiantar-se para mim, com a sua chávena de café na mão. Júpiter também se

erguera, cansadamente. Pareceu-me um deus pesado e mole com um princípio de obesidade, arrastando a perna tarda, bem próprio para o ultraje que eu lhe preparava na *Gazeta de Portugal*. Ela porém tinha a harmonia, o aroma, o andar, a irradiação de uma deusa!... Tão realmente divina que resolvi logo substituir-me a Fradique no conto, ser eu o cicerone, e com os Imortais vogar à vela e à sirga sobre o rio da imortalidade! Junto à minha face, não à de Fradique, balbuciaria ela, desfalecendo de paixão entre os granitos sacerdotais de Medinet-Abou, as coisas mais doces da *Antologia*. Ao menos, em sonho, realizava uma triunfal viagem a Tebas. E faria pensar aos assinantes da *Gazeta de Portugal:* «O que ele por lá gozou!»

Fradique sentara-se, recebendo, de Jove e da ninfa que passavam, um sorriso cuja doçura também me envolveu. Vivamente puxei a cadeira para o poeta das *Lapidárias:*

— Quem é este homem? Conheço-lhe a cara...

— Naturalmente, de gravuras... é Gautier!

Gautier! Teófilo Gautier! O grande Teo! O mestre impecável! Outro ardente enlevo da minha mocidade! Não me enganara pois inteiramente. Se não era um Olímpico — era pelo menos o derradeiro pagão, conservando, nestes tempos de abstrata e cinzenta intelectualidade, a religião verdadeira da Linha e da Cor! E esta intimidade de Fradique com o autor de *Mademoiselle de Maupin*, com o

velho paladino de *Hernâni*, tornou-me logo mais precioso este compatriota que dava à nossa gasta Pátria um lustre tão original! Para saber se ele preferia anis ou genebra, acariciei-lhe a manga com meiguice. E foi em mim um êxtase ruidoso, diante da sua agudeza, quando ele me aclarou o grunhir do negro de Seneh. O que eu tomara pelo anúncio de uma presença divina, significava apenas — *c'est le deux!* Gautier no hotel ocupava o quarto número dois. E, para o bárbaro, o plástico mestre do Romantismo era apenas — o *dois*.

Contei-lhe então a minha fantasia pagã, o conto que ia trabalhar, os perfeitos dias de paixão que lhe destinava na viagem para a Núbia. Pedi mesmo permissão para lhe dedicar a *Derradeira*

Campanha de Júpiter. Fradique sorriu, agradeceu. Desejaria bem (confessou ele) que essa fosse a realidade, porque não se podia encontrar mulher de mais genuína beleza e de mais aguda sedução do que essa ninfa das águas, que se chamava Jeanne Morlaix, e era comparsa dos *Delassements-Comiques*. Mas, para seu mal, a radiosa criatura estava caninamente namorada de um Sicard, corretor de fundos, que a trouxera ao Cairo, e que fora nessa tarde, com banqueiros gregos, jantar aos jardins de Choubra...

— Em todo o caso — acrescentou o originalíssimo homem — nunca esquecerei, meu caro patrício, a sua encantadora intenção!

Descartes, zombando, creio eu, da física epicuriana ou atomista, fala algures

das afeições produzidas pelos *atomes crochus*, átomos recurvos, em forma de colchete ou de anzol, que se engancham invisivelmente de coração a coração, e formam essas cadeias, resistentes como o bronze de Samotrácia, que para sempre ligam e fundem dois seres, numa constância vencedora da sorte e sobrevivente à vida. Um qualquer *nada* provoca esse fatal ou providencial enlaçamento de átomos. Por vezes um olhar, como desastradamente em Verona sucedeu a Romeu e Julieta; por vezes o impulso de duas crianças para o mesmo fruto, num vergel real, como na amizade clássica de Orestes e Pílades. Ora, por esta teoria (tão satisfatória como qualquer outra em Psicologia afetiva), a esplêndida aventura de amor, que eu tão

generosamente reservara a Fradique na *Última Campanha de Júpiter*, seria a causa misteriosa e inconsciente, o *nada* que determinou a sua primeira simpatia para comigo, desenvolvida, solidificada depois em seis anos de intimidade intelectual.

Muitas vezes, no decurso da nossa convivência, Fradique aludiu gratamente a essa minha *encantadora intenção* de lhe atar, em torno do pescoço, os braços de Jeanne Morlaix. Fora ele cativado pela sinuosa e poética homenagem, que eu assim prestava às suas seduções de homem? Não sei. — Mas, quando nos erguemos para ir ver as iluminações do Beiram, Fradique Mendes, com um modo novo, aberto, quente, quase íntimo, já me tratava por *você*.

***

As iluminações no Oriente consistem, como as do Minho, de tigelinhas de barro e de vidro onde arde um pavio ou uma mecha de estopa. Mas a descomedida profusão, com que se prodigalizam as tigelinhas (quando as paga o paxá), torna as velhas cidades meio arruinadas, que assim se enfeitam em louvor de Alá, realmente deslumbrantes — sobretudo para um ocidental besuntado de literatura, e inclinado a ver por toda a parte, reproduzidas no moderno Oriente, as muito lidas maravilhas dessas *Mil e Uma Noites* que ninguém jamais leu.

Na celebração do Beiram

(custeada pelo quediva), as tigelinhas eram incontáveis — e todas as linhas do Cairo, as mais quebradas e as mais fugidias, ressaltavam na escuridão, esplendidamente sublinhadas por um risco de luz. Longas fieiras de pontos refulgentes, marcavam a borda dos eirados; as portas abriam-se sob ferraduras de lumes; dos toldos pendia uma franja que faiscava; um brilho tremia, com a aragem, sobre cada folha de árvore; e os minaretes, que a poesia oriental classicamente compara desde séculos aos braços da Terra, levantados para o Céu, ostentavam como braços em noite de festa, um luxo de braceletes fulgindo na treva serena. Era (lembrei eu a Fradique), como se durante todo o dia tivesse caído sobre a sórdida cidade uma grossa

poeirada de ouro, pousando em cada friso de muxarabi e em cada grade de varandim, e agora rebrilhasse, com radiosa saliência, na negrura da noite calma.

Mas, para mim, a beleza especial e nova estava na multidão festiva que atulhava as praças e os bazares — e que Fradique, através do rumor e da poeira, me explicava como um livro de estampas com quanta profundidade e miudeza conhecia o Oriente este patrício admirável! De todas aquelas gentes, intensamente diversas desde a cor até ao traje — ele sabia a raça, a história, os costumes o lugar próprio na civilização muçulmana. Devagar, abotoado num paletó de flanela, com um chicote de nervo (que é no Egito o emblema de

autoridade) entalado debaixo do braço, ia apontando, nomeando à minha curiosidade flamejante, essas estranhas figuras, que eu comparava, rindo, às de uma mascarada fabulosa, arranjada por um arqueólogo, em noite de folia erudita, para reproduzir as «modas» dos Semitas e os seus «tipos» através das idades: — aqui *fellahs*, ridentes e ágeis na sua longa camisa de algodão azul; além beduínos sombrios, movendo gravemente os pés entrapados em ligaduras, com o pesado alfange de bainha escarlate pendurado no peito; mais longe *abadiebs*, de grenha em forma de meda, eriçada de longas cerdas de porco-espinho, que os coroam de uma auréola negra... Estes, de porte insolente, com compridos bigodes esvoaçando ao vento, armas ricas reluzindo nas cintas de seda, e

curtos saiotes tufados e encanudados, eram Arnautas da Macedónia; aqueles, belas estátuas gregas esculpidas em ébano, eram homens do Senar; os outros, com a cabeça envolta num lenço amarelo, cujas franjas imensas lhes faziam uma romeira de fios de ouro, eram cavaleiros do Hejaz... E quantos ainda ele me fazia distinguir e compreender! Judeus imundos, de caracóis frisados; coptas togados à maneira de senadores; soldados pretos do Darfour, com fardetas de linho enodoadas de poeira e sangue; ulemas de turbante verde; persas de mitra de feltro; mendigos de mesquita, cobertos de chagas; amanuenses turcos, pomposos e anafados, de colete bordado a ouro... Que sei eu! Um carnaval rutilante, onde a cada momento passavam, sacudidos pelo trote

dos burros sobre albardas vermelhas, enormes sacos enfunados — que eram mulheres. E toda esta turba magnífica e ruidosa se movia entre invocações a Alá, repiques de pandeiretas, gemidos estridentes partindo das cordas das *dourbakas*, e cantos lentos — esses cantos árabes, de uma voluptuosidade tão dolente e tão áspera, que Fradique dizia passarem na alma com uma «carícia rascante». Mas por vezes, entre o casario decrépito e rendilhado, surgia uma frontaria branca, casa rica de *sheik* ou de paxá, com a varanda em arearias, por onde se avistavam lá dentro, num silêncio de harém, sedas colgantes, recamos de ouro, um tremor de lumes no cristal dos lustres, formas airosas sob véus claros... Então a multidão parava, emudecia, e de

todos os lábios saía um grande «Ah!» lânguido e maravilhado.

Assim caminhávamos, quando, ao sair do Mujilc, Fradique Mendes parou, e, muito gravemente, trocou com um moço pálido, de esplêndidos olhos, o *salam* — essa saudação oriental em que os dedos três vezes batem a testa, a boca e o coração. E como eu, rindo, lhe invejava aquela intimidade com um «homem de túnica verde e de mitra persa»:

— É um ulema de Bagdade — disse Fradique — de uma casta antiga, superiormente inteligente... Uma das personalidades mais finas e mais sedutoras que encontrei na Pérsia.

Então, com a familiaridade que se ia entre nós acentuando, perguntei a Fradique o que o detivera assim na Pérsia

um ano inteiro e um dia como nos contos de fadas. E Fradique, com toda a singeleza, confessou que se demorara tanto nas margens do Eufrates, por se achar casualmente ligado a um movimento religioso que, desde 1849, tomava na Pérsia um desenvolvimento quase triunfal, e que se chamava o babismo. Atraído para essa nova seita, por curiosidade crítica, para observar como nasce e se funda uma religião, chegara pouco a pouco a ganhar pelo babismo um interesse militante — não por admiração da doutrina, mas por veneração dos apóstolos. O babismo (contou-me ele, seguindo por uma viela mais solitária e favorável às confidências), tivera por iniciador certo Mirza-Mohamed, um desses Messias que cada dia surgem na incessante

fermentação religiosa do Oriente, onde a religião é a ocupação suprema e querida da vida. Tendo conhecido os Evangelhos Cristãos por contacto com os missionários; iniciado na pura tradição mosaísta pelos judeus do Hiraz; sabedor profundo do guebrismo, a velha religião nacional da Pérsia — Mirza-Mohamed amalgamara estas doutrinas com uma conceção mais abstrata e pura do Maometismo, e declarara-se *Bab*. Em persa *Bab* quer dizer *Porta*. Ele era, pois, a *porta* — a única *porta* através da qual os homens poderiam jamais penetrar na absoluta Verdade. Mais literalmente, Mirza-Mohamed apresentava-se como o grande *porteiro*, o homem eleito entre todos pelo Senhor para abrir aos crentes a porta da Verdade — e portanto do

Paraíso. Em resumo era um Messias, um Cristo. Como tal atravessou a clássica evolução dos Messias: teve por primeiros discípulos, numa aldeia obscura, pastores e mulheres: sofreu a sua tentação na montanha: cumpriu as penitências expiadoras: pregou parábolas: escandalizou em Meca os doutores: e padeceu a sua paixão, morrendo, não me lembro se degolado, se fuzilado, depois do jejum do Ramadão, em Tabriz.

Ora, dizia Fradique, no mundo muçulmano há duas divisões religiosas — os Sieds e os Sunis. Os Persas são Sieds, como os Turcos são Sunis. Estas diferenças, porém, no fundo, têm um caráter mais político e de raça, do que teológico e de dogma; ainda que um *fellab* do Nilo desprezará sempre um persa do

Eufrates como *herético* e *sujo*. A discordância ressalta, mais viva e teimosa, logo que Sieds ou Sunis necessitem pronunciar-se perante uma nova interpretação de doutrina ou uma nova aparição de profeta. Assim o Babismo entre os Sieds, topara com uma hostilidade que se avivou até à perseguição: — e isto desde logo indicava que seria acolhido pelos Sunis com deferência e simpatia.

Partindo desta ideia, Fradique, que em Bagdade se ligara familiarmente com um dos mais vigorosos e autorizados apóstolos do Babismo, Said-El-Souriz (a quem salvara o filho de uma febre paludosa com aplicações de *fruit-salt)*, sugerira-lhe um dia, conversando ambos no eirado, sobre estes altos interesses

espirituais, a ideia de apoiar o Babismo nas raças agrícolas do vale do Nilo e nas raças nómadas da Líbia. Entre homens de seita Suni, o Babismo encontraria um campo fácil às conversões; e, pela tradicional marcha dos movimentos sectários, que no Oriente, como em toda a parte, sobem das massas sinceras do povo até às classes cultas, talvez essa nova onda de emoção religiosa, partindo dos *fellabs* e dos beduínos, chegasse a penetrar no ensino de alguma das mesquitas do Cairo, sobretudo na mesquita de El-Azhar, a grande Universidade do Oriente, onde os ulemas mais moços formam uma corte de entusiastas, sempre disposta às inovações e aos apostolados combatentes. Ganhando aí autoridade teológica, e literariamente

polido, o babismo poderia então atacar com vantagem as velhas fortalezas do muçulmanismo dogmático. Esta ideia penetrara profundamente em Said-El-Souriz. Aquele moço pálido, com quem ele trocara o *salam*, fora logo mandado como emissário babista a Medinet-Abou (a antiga Tebas), para sondar o *sheik* Ali-Hussein, homem de decisiva influência em todo o vale do Nilo pelo seu saber e pela sua virtude: e ele, Fradique, não tendo agora no Ocidente ocupações atrativas, cheio de curiosidade por este pitoresco Advento, partia também para Tebas, devendo encontrar-se com o babista, à Lua minguante, em Beni-Soueff, no Nilo...

Não recordo, depois de tantos anos, se estes eram os factos certos. Só sei que as revelações de Fradique,

lançadas assim através do Cairo em festa, me impressionaram indizivelmente. À medida que ele falava do Bab, dessa missão apostólica ao velho *sheik* de Tebas, de uma outra fé surgindo no mundo muçulmano com o seu cortejo de martírios e de êxtases, da possível fundação de um império Babista — o homem tomava aos meus olhos proporções grandiosas. Não conhecera jamais ninguém envolvido em coisas tão altas: e sentia-me ao mesmo tempo orgulhoso e aterrado de receber este segredo sublime. Outra não seria minha comoção, se, nas vésperas de S. Paulo embarcar para a Grécia, a levar a Palavra aos gentílicos, eu tivesse com ele passeado pelas ruas estreitas de Seleucia, ouvindo-lhe as esperanças e os sonhos!

Assim conversando, penetrámos

no adro da mesquita de El-Azhar, onde mais fulgurante e estridente tumultuava a festa do Beiram. Mas já não me prendiam as surpresas daquele arraial muçulmano — nem *almées* dançando entre brilhos de vermelho e de ouro; nem poetas do deserto recitando as façanhas de Antar; nem Dervixes, sob as suas tendas de linho, uivando em cadência os louvores de Alá... Calado, invadido pelo pensamento do Bab, revolvia comigo o confuso desejo de me aventurar nessa campanha espiritual! Se eu partisse para Tebas com Fradique?... Por que não? Tinha a mocidade, tinha o entusiasmo.

Mais viril e nobre seria encetar no Oriente uma carreira de evangelista, que banalmente recolher à banal Lisboa, a escrevinhar tiras de papel, sob um bico de

gás, na *Gazeta de Portugal!* E pouco a pouco deste desejo, como de uma água que ferve, ia subindo o vapor lento de uma visão. Via-me discípulo do Bab — recebendo nessa noite, do ulema de Bagdade, a iniciação da Verdade. E partia logo a pregar, a espalhar o verbo babista. Onde iria? A Portugal certamente, levando de preferência a salvação às almas que me eram mais caras. Como S. Paulo, embarcava numa galera: as tormentas assaltavam a minha proa apostólica: a imagem do Bab aparecia-me sobre as águas, e o seu sereno olhar enchia minha alma de fortaleza indomável. Um dia, por fim, avistava terra, e na manhã clara sulcava o claro Tejo, onde há tantos séculos não entra um enviado de Deus. Logo de longe lançava uma injúria às

igrejas de Lisboa, construções de uma Fé vetusta e menos pura. Desembarcava. E, abandonando as minhas bagagens, num desprendimento já divino de bens ainda terrestres, galgava aquela bendita Rua do Alecrim, e em meio do Loreto, à hora em que os Diretores Gerais sobem devagar da Arcada, abria os braços e bradava: «Eu sou a *Porta*!»

Não mergulhei no apostolado babista — mas sucedeu que, enlevado nestas fantasmagorias, me perdi de Fradique. E não sabia o caminho do Hotel Sheperd —, nem, para dele me informar, outros termos úteis, em árabe, além de *água* e *amor*! Foram angustiosos momentos em que farejei estonteado pelo largo de El-Azhar, tropeçando nos fogareiros onde fervia o café, esbarrando

inconsideradamente contra rudes beduínos armados. Já por sobre a turba atirava, aos brados, o nome de Fradique — quando topei com ele olhando placidamente uma *almée* que dançava...

Mas seguiu logo, encolhendo os ombros. Nem me permitiu adiante admirar um poeta, que, em meio de *fellabs* pasmados e de magrebinos arrimados às lanças, lia, numa toada langorosa e triste, tiras de papel ensebado. A dança e a poesia, afirmava Fradique, as duas grandes artes orientais, iram em misérrima decadência. Numa e outra se tinham perdido as tradições do estilo puro. As *almées*, pervertidas pela influência dos casinos do Ezbequieh onde se perneia o cancã — já poluíam a graça das velhas danças árabes, atirando a

perna pelos ares à moda vil de Marselha!

E na poesia triunfava a mesma banalidade, mesclada de extravagância. As formas delicadas do classicismo persa nem se respeitavam, nem quase se conheciam; a fonte da imaginação secava entre os muçulmanos; e a pobre Poesia Oriental, tratando temas vetustos com tuna ênfase preciosa, descambara, como a nossa, num parnasianismo bárbaro...

— De sorte — murmurei — que o Oriente...

— Está tão medíocre como o Ocidente.

E recolhemos ao hotel, devagar, enquanto Fradique, findando o charuto, me contava que o espírito oriental, hoje, vive só da atividade filosófica, agitado cada manhã por uma nova e complicada

conceção da moral, que lhe oferecem os lógicos dos bazares e os metafísicos do deserto...

Ao outro dia acompanhei Fradique a Boulak, onde ele ia embarcar para o Alto Egito. O seu *debarieh* esperava, amarrado à estacaria, rente das casas do Velho Cairo, entre barças de Assouan, carregadas de lentilha e de cana doce. O sol mergulhava nas areias líbias: e no alto, o céu adormecia, sem uma sombra, sem uma nuvem, puro em toda a sua profundidade, como a alma de um justo. Uma fila de mulheres coptas, com o cântaro amarelo pousado no ombro, descia cantando para a água do Nilo, bendita entre todas as águas. E os íbis, antes de recolher aos ninhos, vinham, como no tempo em que eram deuses,

lançar por sobre os eirados, com um bater de asas contentes, a bênção crepuscular.

Baixei, atrás de Fradique, ao salão do *debarieh* envidraçado, estofado, com armas penduradas para as manhãs de caça, e rumas de livros para as sestas de estudo e de calma, quando lentamente se navega à sirga. Depois, durante momentos, no convés, contemplámos silenciosamente aquelas margens que, através das compridas idades, têm feito o enlevo de todos os homens, por todos sentirem que nelas a vida é cheia de bens maiores e de doçura suprema. Quantos, desde os rudes Pastores que arrasaram Tanis, aqui pararam como nós, alongando para estas águas, para estes céus, olhos cobiçosos, extáticos ou saudosos: reis de Judá, reis de Assíria, reis da Pérsia; os

Ptolemeus magníficos; prefeitos de Roma e prefeitos de Bizâncio; Amrou enviado de Maomé, S. Luís enviado de Cristo; Alexandre-o-Grande sonhando o império do Oriente; Bonaparte retomando o imenso sonho; e ainda os que vieram só para contar da terra adorável, desde o loquaz Heródoto até ao primeiro romântico, o homem pálido de grande pose que disse as dores de «René»! Bem conhecida é ela, a paisagem divina e sem igual. O Nilo corre, paternal e fecundo. Para além verdejam, sob o voo das pombas, os jardins e os pomares de Rhodah. Mais longe as palmeiras de Giseh, finas e como de bronze sobre o ouro da tarde, abrigam aldeias que têm a simplicidade de ninhos. À orla do deserto, erguem-se, no orgulho da sua

eternidade, as três Pirâmides. Apenas isto — e para sempre a alma fica presa e lembrando, e para viver nesta suavidade e nesta beleza os povos travam entre si longas guerras.

Mas a hora chegara: abracei Fradique com singular emoção. A vela fora içada à brisa suave que arrepiava a folhagem das mimosas. À proa o arrais, espalmando as mãos para o Céu, clamou: «Em nome de Alá que nos leve, clemente e misericordioso!» Ao redor, de outras barças, vozes lentas murmuraram: «Em nome de Alá que vos leve!» Um dos remadores, sentado à borda, feriu as cordas da *dourbaka*, outro tomou uma flauta de barro. E entre bênçãos e cantos a vasta barca fendeu as águas sagradas, levando para Tebas o meu incomparável

amigo.

4

Durante anos não tornei a encontrar Fradique Mendes, que concentrara as suas jornadas dentro da Europa Ocidental — enquanto eu errava pela América, pelas Antilhas, pelas repúblicas do golfo do México. E quando a minha vida enfim se aquietou num velho condado rural de Inglaterra, Fradique, retomado por essa «bisbilhotice etnográfica» a que ele alude numa carta a Oliveira Martins, começava a sua longa viagem ao Brasil, aos Pampas, ao Chile e à Patagónia.

Mas o fio de simpatia, que nos unira no Cairo, não se partiu; nem nós, apesar de tão ténue, o deixámos perder

por entre os interesses mais fortes das nossas fortunas desencontradas. Quase todos os três meses trocávamos uma carta — cinco ou seis folhas de papel que eu tumultuosamente atulhava de imagens e impressões, e que Fradique miudamente enchia de ideias e de factos. Além disto, eu sabia de Fradique por alguns dos meus camaradas, com quem, durante uma residência mais íntima em Lisboa, do outono de 1875 ao verão de 1876, ele criara amizades onde todos encontraram proveito intelectual e encanto.

Todos, apesar das dissemelhanças de temperamentos ou das maneiras diferentes de conceber a vida — tinham como eu sentido a sedução daquele homem adorável. Dele me escrevia em novembro de 1877 o autor do *Portugal*

Contemporâneo: «Cá encontrei o teu Fradique, que considero o português mais interessante do século XIX. Tem curiosas parecenças com Descartes! É a mesma paixão das viagens, que levava o filósofo a fechar os livros *para estudar o grande livro do Mundo*; a mesma atração pelo luxo e pelo ruído, que em Descartes se traduzia pelo gosto de frequentar as *cortes e os exércitos;* o mesmo amor do mistério, e das súbitas desaparições; a mesma vaidade, nunca confessada, mas intensa, do nascimento e da fidalguia; a mesma coragem serena; a mesma singular mistura de instintos romanescos e de razão exata, de fantasia e de geometria. Com tudo isto falta-lhe na vida um fim sério e supremo, que estas qualidades, em si excelentes, concorressem a realizar. E

receio que em lugar do *Discurso sobre o Método* venha só a deixar um *vaudeville*.» Ramalho Ortigão, pouco tempo depois, dizia dele numa carta carinhosa: «Fradique Mendes é o mais completo, mais acabado produto da civilização em que me tem sido dado embeber os olhos. Ninguém está mais superiormente apetrechado para triunfar na Arte e na Vida. A rosa da sua botoeira é sempre a mais fresca, como a ideia do seu espírito é sempre a mais original. Marcha cinco léguas sem parar, bate ao remo os melhores remadores de Oxónia, mete-se sozinho ao deserto a caçar o tigre, arremete com um chicote na mão contra um troço de lanças abissínias; — e à noite numa sala, com a sua casaca de Cook, uma pérola negra no esplendor do

peitilho, sorri às mulheres com o encanto e o prestígio com que sorrira à fadiga, ao perigo e à morte. Faz armas como o cavaleiro de Saint-Georges, e possui as noções mais novas e as mais certas sobre Física, sobre Astronomia, sobre Filologia e sobre Metafísica. E um ensino, uma lição de alto gosto, vê-lo no seu quarto, na vida íntima de *gentleman* em viagem, entre as suas malas de couro da Rússia, as grandes escovas de prata lavrada, as cabaias de seda, as carabinas de Winchester, preparando-se, escolhendo um perfume, bebendo goles de chá que lhe manda o Grão-Duque Vladimir, e ditando a um criado de calção, mais veneravelmente correto que um mordomo de Luís XIV, telegramas que vão levar notícias suas aos *boudoirs* de Paris e de

Londres. E depois de tudo isto fecha a sua porta ao mundo — e lê Sófocles no original.»

O poeta da *Morte de D. João* e da *Musa em Férias* chamava-lhe «um Saint-Beuve encadernado em Alcides». E explicava assim, numa carta desse tempo que conservo, a sua aparição no mundo: «Deus um dia agarrou num bocado de Henri Heine, noutro de Chateaubriand; noutro de Brummel, em pedaços ardentes de aventureiros da Renascença, e em fragmentos ressequidos de sábios do Instituto de França, entornou-lhe por cima champanhe e tinta de imprensa, amassou tudo nas suas mãos omnipotentes, modelou à pressa Fradique, e arrojando-o à Terra disse: *Vai, e veste-te no Poole!*» Enfim Carlos Mayer, lamentando como

Oliveira Martins que às múltiplas e fortes aptidões de Fradique faltasse coordenação e convergência para um fim superior, deu um dia sobre a personalidade do meu amigo um resumo sagaz e profundo: «O cérebro de Fradique está admiravelmente construído e mobilado. Só lhe falta uma ideia que o alugue, para viver e governar lá dentro. Fradique é um génio com escritos!»

Também Fradique, nesse inverno, conheceu o pensador das *Odes Modernas*, de quem, numa das suas cartas a Oliveira Martins, fala com tanta elevação e carinho. E o último companheiro da minha mocidade, que se relacionou com o antigo poeta das *Lapidárias*, foi J. Teixeira de Azevedo, no verão de 1877, em Sintra, na Quinta da Saragoça, onde Fradique viera

repousar da sua jornada ao Brasil e às repúblicas do Pacífico. Tinham aí conversado muito, e divergido sempre, J. Teixeira de Azevedo, sendo um nervoso e um apaixonado, sentia uma insuperável antipatia pelo que ele chamava o «linfatismo crítico» de Fradique. Homem todo de emoção, não se podia fundir intelectualmente com aquele homem todo de análise. O extenso saber de Fradique também não o impressionava. «As noções desse guapo erudito (escrevia ele em 1879) são bocados do Larousse diluídos em água-de-colónia». E enfim certos requintes de Fradique (escovas de prata e camisas de seda), a sua voz mordente, recortando o verbo com perfeição e preciosidade, o seu hábito de beber champanhe com *soda-water*, outros traços

ainda, causavam uma irritação quase física ao meu velho camarada da Travessa do Guarda-Mor. Confessava; porém, como Oliveira Martins, que Fradique era o português mais interessante e mais sugestivo do século XIX. E correspondia-se regularmente com ele — mas para o contradizer com acrimónia.

Em 1880 (nove anos depois da minha peregrinação no Oriente), passei em Paris a semana da Páscoa. Uma noite, depois da ópera, fui cear solitariamente ao Bignon. Tinha encetado as ostras e uma crónica do *Temps*, quando por trás do jornal que eu encostara à garrafa assomou uma larga mancha clara, que era um colete, um peitilho, uma gravata, uma face, tudo de incomparável brancura. E uma voz muito serena murmurou:

«Separámo-nos há anos no cais de Boulak...» Ergui-me com um grito, Fradique com um sorriso — e o *maitre d'hôtel* recuou assombrado diante da meridional e ruidosa efusão do meu abraço. Dessa noite em Paris datou verdadeiramente a nossa intimidade intelectual — que em oito anos, sempre igual e sempre certa, não teve uma intermissão, nem uma sombra que lhe toldasse a pureza.

Determinadamente lhe chamo «intelectual», porque esta intimidade nunca passou além das coisas do espírito. Nas alegres temporadas que, com ele, convivi em Paris, em Londres e em Lisboa, de 1880 a 1887, na nossa copiosa correspondência desses anos privei sempre, sem reserva, com a inteligência

de Fradique — e ininterrompidamente assisti e me misturei à sua vida pensante: nunca, porém, penetrei na sua vida afetiva de sentimento e de coração. Nem, na verdade, me atormentou a curiosidade de a conhecer — talvez por sentir que a rara originalidade de Fradique se concentrava toda no ser pensante, e que o outro, o ser sensível, feito da banal argila humana, repetia sem especial relevo as costumadas fragilidades da argila. De resto, desde essa noite de Páscoa em Paris que iniciou as nossas relações, nós conservámos sempre o hábito especial, um pouco altivo, talvez estreito, de nos considerarmos dois puros espíritos. Se eu então concebesse uma filosofia original ou preparasse os mandamentos de uma nova religião, ou surripiasse à Natureza

distraída uma das suas secretas leis — de preferência escolheria Fradique como confidente desta atividade espiritual; mas nunca, na ordem do sentimento, iria a ele com a confidência de uma esperança ou de uma desilusão. E Fradique igualmente manteve comigo esta atitude de inacessível recato — não se manifestando nunca aos meus olhos senão na sua função intelectual.

Muito bem me lembro eu de uma resplandecente manhã de maio em que atravessávamos, conversando por sob os castanheiros em flor, o Jardim das Tulberias. Fradique, que se encostara ao meu braço, vinha vagarosamente desenvolvendo a ideia de que a extrema democratização da ciência, o seu universal e ilimitado derramamento

através das plebes, era o-grande erro da nossa civilização que, com ele, preparava para bem cedo a sua catástrofe moral... De repente, ao transpormos a grade para a Praça da Concórdia, o filósofo que assim lançava, por entre as tenras verduras de maio, estas predições de desastres e de fim — estaca, emudece! Diante de nós, ao trote fino de uma égua de luxo, passara vivamente, para os lados da Rue Royale, um *coupé* onde entrevi, na penumbra dos cetins que o forravam, uns cabelos cor de mel. Vivamente também, Fradique sacode o meu braço, balbucia um «Adeus!», acena a um fiacre, e desaparece ao galope arquejante da pileca para os lados do Cais de Orsay. «Mulher!», pensei eu. Era, com efeito, a mulher e o seu tormento; e como se depreende de uma carta a

Madame de Jouarre (datada de «maio, sábado», e começando: «Ontem filosofava com um amigo no jardim das Tulherias...»), Fradique corria nesse fiacre a uma desilusão bem rude e mortificante. Ora nessa tarde, ao crepúsculo, fui (como combinara) buscar Fradique à Rue de Varennes, ao velho palácio dos Tredennes, onde ele instalara desde o Natal os seus aposentos, com um luxo tão nobre e tão sóbrio. Apenas entrei na sala que denominávamos a «Heroica», porque a revestiam quatro tapeçarias de Luca Cornélio contando os *Trabalhos de Hércules*, Fradique deixa a janela donde olhava o jardim já esbatido em sombra, vem para mim serenamente, com as mãos enterradas nos bolsos de uma quinzena de seda. E, como se desde essa manhã

nenhum outro cuidado o absorvesse senão o seu tema do jardim das Tulherias:

— Não lhe acabei de dizer há pouco... A ciência, meu caro, tem de ser recolhida como outrora aos santuários. Não há outro meio de nos salvar da anarquia moral. Tem de ser recolhida aos santuários, e entregue a um sacro colégio intelectual que a guarde, que a defenda contra as curiosidades das plebes... Há a fazer com esta ideia um programa para as gerações novas!

Talvez na face, se eu tivesse reparado, encontrasse restos de palidez e de emoção; mas o tom. era simples, firme, de um crítico genuinamente ocupado na dedução do seu conceito. Outro homem que, como aquele, tivesse sofrido horas antes uma desilusão tão mortificante e

rude, murmuraria ao menos, num desafogo genérico e impessoal: «Ah, amigo, que estúpida é a vida!» Ele falou da ciência e das plebes —, desenrolando determinadamente diante de mim, ou impondo talvez a si mesmo, os raciocínios do seu cérebro, para que os meus olhos não penetrassem de leve, ou os seus não se detivessem de mais, nas amarguras do seu coração.

Numa carta a Oliveira Martins, de 1883, Fradique diz: «O homem, como os antigos reis do Oriente, não se deve mostrar aos seus semelhantes senão única e serenamente *ocupado no ofício de reinar — isto é, de pensar.»* Esta regra, de um orgulho apenas permissível a um Espinosa ou a um Kant, dirigia severamente a sua conduta. Pelo menos

comigo assim se comportou imutavelmente, através da nossa ativa convivência, não se abrindo, não se oferecendo todo, senão nas funções da inteligência. Por isso talvez, mais que nenhum outro homem, ele exerceu sobre mim império e sedução.

5

O que impressionava logo na inteligência de Fradique, ou antes na sua maneira de se exercer, era a suprema liberdade junta à suprema audácia. Não conheci jamais espírito tão impermeável à tirania ou à insinuação das «ideias feitas»: e decerto nunca um homem traduziu o seu pensar original e próprio com mais calmo e soberbo desassombro. «Apesar de trinta séculos de geometria me afirmarem (diz ele numa carta a J. Teixeira de Azevedo), que *a linha reta é a mais curta distância entre dois pontos*, se eu achasse que, para subir da porta do Hotel Universal à porta da Casa Havanesa, me saía mais direto e breve

rodear pelo bairro de S. Martinho e pelos altos da Graça, declararia logo à secular geometria — que a distância mais curta entre dois pontos é uma curva vadia e delirante!» Esta independência da Razão, que Fradique assim apregoa com desordenada Fantasia, constitui uma qualidade rara: — mas o ânimo de a afirmar intemeratamente diante da majestosa Tradição, da Regra, e das conclusões oraculares dos Mestres, é já uma virtude, e raríssima, de radiosa exceção!

Fradique (noutra carta a J. Teixeira de Azevedo) fala de um polaco, G. Cornuski, professor e crítico, que escrevia na *Revista Suíça*, e que (diz Fradique) constantemente sentia o seu gosto, muito pessoal e muito decidido,

rebelar-se contra obras de Literatura e de Arte que a unanimidade crítica, desde séculos, tem consagrado como magistrais — a *Gemsalemme Liberata* do Tasso, as telas do Ticiano, as tragédias de Racine, as orações de Bossuet, os nossos *Lusíadas* e outros monumentos canonizados. Mas, sempre que a sua probidade de professor e de crítico lhe impunha à proclamação da verdade, este homem robusto, sanguíneo, que heroicamente se batera em duas insurreições, tremia, pensava: «Não! Por que será o meu critério mais seguro que o de tão finos entendimentos através dos tempos? Quem sabe? Talvez nessas obras exista a sublimidade — e só no meu espírito a impotência de a compreender.» E o desgraçado Cornuski, com a alma

mais triste que um crepúsculo de outono, continuava diante dos coros da *Atbalie* e das nudezas de Ticiano, a murmurar desconsoladamente: «Como é belo!»

Raros sofrem estas angústias críticas do desditoso Cornuski. Todos, porém, com risonha inconsciência, praticam o seu servilismo intelectual. Já, com efeito, porque o nosso espírito não possua a viril coragem de afrontar a autoridade daqueles a quem, tradicionalmente, atribui um critério mais firme e um saber mais alto; já porque as ideias estabelecidas, flutuando difusamente na nossa memória, depois de leituras e conversas, nos pareçam ser as nossas próprias; já porque a sugestão desses conceitos se imponha e nos leve subtilmente a concluir em concordância

com eles — a lamentável verdade é que hoje todos nós servilmente tendemos a pensar e sentir, como antes de nós e em torno de nós já se sentiu ou pensou.

«O homem do século XIX, o Europeu, porque só ele é essencialmente do século XIX (diz Fradique numa carta a Carlos Mayer), vive dentro de uma pálida e morna *infeção de banalidade*, causada pelos quarenta mil volumes que todos os anos, suando e gemendo, a Inglaterra, a França e a Alemanha depositam às esquinas, e em que interminavelmente e monotonamente reproduzem, com um ou outro arrebique sobreposto, as quatro ideias e as quatro impressões legadas pela Antiguidade e pela Renascença. O Estado por meio das suas escolas canaliza esta infeção. A isto, oh Carolus, se chama

educar! A criança, desde a sua primeira *Seleta de Leitura* ainda mal soletrada, começa a absorver esta camada do lugar comum — camada que depois todos os dias, através da vida, o jornal, a revista, o folheto, o livro lhe vão atochando no espírito até lho empastarem todo em banalidade, e lho tornarem tão inútil para a produção como um solo cuja fertilidade nativa morreu sob a areia e pedregulho de que foi barbaramente alastrado. Para que um Europeu lograsse ainda hoje ter algumas ideias novas, de viçosa originalidade, seria necessário que se internasse no deserto ou nos pampas; e aí esperasse pacientemente que os sopros vivos da Natureza, batendo-lhe a inteligência e dela pouco a pouco, varrendo os detritos de vinte séculos de

literatura, lhe refizessem uma virgindade. Por isso eu te afirmo, oh Carolus Mayerensis, que a inteligência, que altivamente pretenda readquirir a divina potência de gerar, deve ir curar-se da civilização literária por meio de uma residência tónica, durante dois anos, entre os Hotentotes e os Patagónios. A Patagónia opera sobre o intelecto como Vichy sobre o fígado — desobstruindo-o, e permitindo-lhe o são exercício da função natural. Depois de dois anos de vida selvagem, entre o Hotentote nu movendo-se na plenitude lógica do instinto —, que restará ao civilizado de todas as suas ideias sobre o progresso, a moral, a religião, a indústria, a economia política, a sociedade e a arte? Farrapos. Os pendentes farrapos que lhe restarão

das pantalonas e da quinzena que trouxe da Europa, depois de vinte meses de matagal e de brejo. E não possuindo em tomo de si livros e revistas que lhe renovem uma provisão de ideias feitas, nem um benéfico Nunes Algibebe que lhe forneça uma outra andaina de *fato feito* — o Europeu irá insensivelmente regressando à nobreza do estado primitivo, nudez do corpo e originalidade da alma. Quando de lá voltar é um Adão forte e puro, virgem de literatura, com o crânio limpo de todos os conceitos e todas as noções amontoadas desde Aristóteles, podendo proceder soberbamente a um exame inédito das coisas humanas. Carlos, espírito que destilas *espíritos*, queres remergulhar nas Origens e vir comigo à inspiradora

Hotentócia? Lá, livres e nus, estirados ao sol entre a palmeira e o regato que tutelarmente nos darão o sustento do corpo, com a nossa lança forte cravada na relva, e mulheres ao lado vertendo-nos, num canto doce, a porção de poesia e de sonho que a alma precisa — deixaremos livremente as ilhargas crestadas estalarem-nos de riso, à ideia das grandes Filosofias, e das grandes Morais, e das grandes Economias, e das grandes Críticas, e das grandes Pilhérias que vão por essa Europa, onde densos formigueiros de chapéus altos se atropelam, estonteados pelas superstições da civilização, pela ilusão do ouro, pelo pedantismo das ciências, pelas mistificações dos reformadores, pela escravidão da rotina, e pela estúpida

admiração de si mesmos!...»

Assim diz Fradique. Ora este «exame inédito das coisas humanas», só possível, segundo o poeta das *Lapidárias*, ao Adão renovado que regressasse da Patagónia, com o espírito escarolado do pó e do lixo de longos anos de Literatura — tentou-o ele, sem deixar os muros clássicos da Rue de Varennes, com incomparável vigor e sinceridade. E nisto mostrava intrepidez moral. No mundo a que irresistivelmente o prendiam os seus gostos e os seus hábitos — mundo mediano e regrado, sem invenção e sem iniciativa intelectual, onde as ideias, para agradar, devem ser como as maneiras, «geralmente adotadas» e não individualmente criadas — Fradique, com a sua indócil e brusca liberdade de juízos,

afrontava o perigo de passar por um petulante rebuscador de originalidade, ávido de gloríola e de excessivo destaque. Um espírito inventivo e novo, com uma força de pensar muito própria, deixando transbordar a vida abundante e múltipla que o anima e enche — é mais desagradável a esse mundo do que o homem, rudemente natural, que não regre e limite dentro das «conveniências» a espessura da cabeleira, o estridor das risadas, e o franco mover dos membros grossos. Desse espírito indisciplinado e criador, logo se murmura com desconfiança: «Pretensioso! busca o efeito e o destaque!» Ora Fradique nada detestava mais intensamente do que o *efeito* e o *destaque excessivo*. Nunca lhe conheci senão gravatas escuras. E tudo

preferiria a ser apontado como um desses homens, que, sem ódio sincero a Diana e ao seu culto e só para que deles se fale com espanto nas praças, vão, em plena festa, agitando um grande facho, incendiar-lhe o templo em Éfeso. Tudo preferiria — menos (como ele diz numa carta a Madame de Jouarre) «ter de vestir a Verdade nos armazéns do Louvre, para poder entrar com ela em casa de Ana de Varie, duquesa de Varie e de Orgemont. A entrar hei de levar a minha amiga nua, toda nua, pisando os tapetes com os seus pés nus, enristando para os homens as pontas fecundas dos seus nobres seios nus. *Amicus Mundus, sed magis amica Veritas!* Este belo latim significa, minha madrinha, que eu, no fundo, julgo que a originalidade é agradável às mulheres e

só desagradável aos homens — o que duplamente me leva a amá-la com pertinácia».

Esta independência, esta livre elasticidade de espírito e intensa sinceridade — impedindo que, por sedução, ele se desse todo a um sistema, onde para sempre permanecesse por inércia — eram de resto as qualidades que melhor convinham à função intelectual que, para Fradique, se tornara a mais contínua e preferida. «Não há em mim infelizmente (escrevia ele a Oliveira Martins, em 1882) nem um sábio, nem um filósofo. Quero dizer, não sou um desses homens seguros e úteis, destinados por temperamento às análises secundárias que se chamam Ciências, e que consistem em reduzir uma multidão de factos esparsos a

tipos e leis particulares, por onde se explicam modalidades do Universo; nem sou também um desses homens, fascinantes e pouco seguros, destinados por génio às análises superiores que se chamam Filosofias, e que consistem em reduzir essas leis e esses tipos a uma fórmula geral, por onde se explica a essência mesma do inteiro Universo. Não sendo pois um sábio, nem um filósofo, não posso concorrer para o melhoramento dos meus semelhantes — nem acrescendo-lhes o bem-estar por meio da Ciência, que é uma produtora de riqueza, nem elevando-lhes o bem-sentir por meio da Metafísica, que é uma inspiradora de poesia. A entrada na história também se me conserva vedada: — porque, se, para se produzir literatura basta possuir talentos,

para tentar a história convém possuir virtudes. E eu!... Só portanto me resta ser, através das ideias e dos factos, um homem que passa, infinitamente curioso e atento. A egoísta ocupação do meu espírito hoje, caro historiador, consiste em me acercar de uma ideia ou de um facto, deslizar suavemente para dentro, percorrê-lo miudamente, explorar-lhe o inédito, gozar todas as surpresas e emoções intelectuais que ele possa dar, recolher com cuidado o ensino ou a parcela de verdade que exista nos seus refolhos — e sair, passar a outro facto ou a outra ideia, com vagar e com paz, como se percorresse uma a uma as cidades de um país de arte e luxo. Assim visitei outrora a Itália, enlevado no esplendor das cores e das formas. Temporal e espiritualmente fiquei

simplesmente um *touriste*.»

Estes *touristes* da inteligência abundam em França e em Inglaterra. Somente Fradique não se limitava, como esses, a exames exteriores e impessoais, à maneira de quem numa cidade do Oriente, retendo as noções e os gostos de Europeu, estuda apenas o aéreo relevo dos monumentos e a roupagem das multidões. Fradique (para continuar a sua imagem), transformava-se em «cidadão das cidades que visitava». Mantinha, por princípio, que se devia momentaneamente, crer, para bem compreender uma crença. Assim se fizera babista, para penetrar e desvendar o babismo. Assim se afiliara em Paris a um clube revolucionário, As Panteras de Batignolles, e frequentara as suas sessões, encolhido numa quinzena sórdida pregada

com alfinetes, com a esperança de lá colher «a flor de alguma extravagância instrutiva». Assim se incorporava em Londres aos positivistas rituais, que, nos dias festivos do Calendário Comtista, vão queimar o incenso e a mirra na ara da Humanidade e enfeitar de rosas a imagem de Augusto Comte. Assim se ligara com os Teosofistas, concorrera prodigamente para a fundação da *Revista Espírita*, e presidia às evocações da Rue Cardinet, envolto na túnica de linho, entre os dois mediums supremos, Patoff e Lady Thorgan. Assim habitara durante um longo verão Seo-d'Urgel, a católica cidadela do carlismo, «para destrinçar bem (diz ele) quais são os motivos e as fórmulas que fazem um carlista — porque todo o sectário obedece à realidade de um

motivo e à ilusão de uma fórmula». Assim se tornara o confidente do venerável Príncipe Koblaskini, «para poder desmontar e estudar peça a peça o mecanismo de um cérebro de niilista». Assim se preparava (quando a morte o surpreendeu) a voltar à índia, para se tornar budista praticante, e penetrar cabalmente o budismo, em que fixara a curiosidade e atividade crítica dos seus derradeiros anos. De sorte que dele bem se pode dizer que foi o devoto de todas as religiões, o partidário de todos os partidos, o discípulo de todas as filosofias — cometa errando através das ideias, embebendo-se convictamente nelas, de cada uma recebendo um acréscimo de substância, mas em cada uma deixando alguma coisa do calor e da

energia do seu movimento pensante. Aqueles que imperfeitamente o conheciam classificavam Fradique como um diletante. Não! essa séria convicção (a que os ingleses chamam *earnestness)*, com que Fradique se arremessava ao fundo real das coisas, comunicava à sua vida uma valia e eficácia muito superiores às que o diletantismo, a diversão cética que tantas injúrias arrancou a Carlyle, comunica às naturezas que a ele deliciosamente se abandonam. O diletante, com efeito, corre entre as ideias e os factos como as borboletas (a quem é desde séculos comparado) correm entre as flores, para pousar, retomar logo o voo estouvado, encontrando nessa fugidia mutabilidade o deleite supremo. Fradique, porém, ia como a abelha, de cada planta

pacientemente extraindo o seu mel: — quero dizer, de cada opinião recolhendo essa «parcela de verdade» que cada uma invariavelmente contém, desde que homens, depois de outros homens, a tenham fomentado com interesse ou paixão.

Assim se exercia esta diligente e alta Inteligência. Qual era, porém, a sua qualidade essencial e intrínseca? Tanto quanto pude discernir, a suprema qualidade intelectual de Fradique pareceu-me sempre ser — uma perceção extraordinária da realidade. «Todo o fenómeno (diz ele numa carta a Antero de Quental, sugestiva através de certa obscuridade que a envolve) tem uma realidade. A expressão de *realidade* não é filosófica; mas eu emprego-a, lanço-a ao

acaso e tenteando, para apanhar dentro dela o mais possível de um conceito pouco coercível, quase irredutível ao verbo. Todo o fenómeno, pois, tem, relativamente ao nosso entendimento e à sua potência de discriminar, uma realidade — quero dizer certos carateres, ou (para me exprimir por uma imagem, como recomenda Buffon) certos *contornos* que o limitam, o definem, lhe dão feição própria no esparso e universal conjunto, e constituem o seu *exato*, *real e único* modo de ser. Somente o erro, a ignorância, os preconceitos, a tradição, a rotina e sobretudo a *ilusão*, formam em torno de cada fenómeno uma névoa que esbate e deforma os seus contornos, e impede que a visão intelectual o divida no seu *exato*, *real* e *único* modo de ser. É

justamente o que sucede aos monumentos de Londres, mergulhados no nevoeiro... Tudo isto vai expresso de um modo bem hesitante e incompleto! Lá fora o sol está caindo de um céu fino e nítido, sobre o meu quintal de convento coberto de neve dura: neste ar tão puro e claro, em que as coisas tomam um relevo rígido, perdi toda a flexibilidade e fluidez da tecnologia filosófica: só me poderia exprimir por imagens recortadas à tesoura. Mas você decerto compreenderá, Antero excelente e subtil! Já esteve em Londres, no outono, em novembro? Nas manhãs de nevoeiro, numa rua de Londres, há dificuldade em distinguir se a sombra densa, que ao longe se empasta, é a estátua de um herói ou o fragmento de um tapume. Uma pardacenta ilusão submerge toda a cidade — e com

espanto se encontra numa taverna, quem julgara penetrar num templo. Ora para a maioria dos espíritos, uma névoa igual flutua sobre as realidades da Vida e do Mundo. Daí vem que quase todos os seus passos são transvios, quase todos os seus juízos são enganos; e estes constantemente estão trocando o templo e a taverna. Raras são as visões intelectuais, bastante agudas e poderosas, para romper através da neblina e surpreender as linhas exatas, o verdadeiro contorno da realidade. Eis o que eu queria tartamudear.»

Pois bem! Fradique dispunha de uma dessas visões privilegiadas. O próprio modo que tinha de pousar lentamente os olhos e «detalhar em silêncio» — como dizia Oliveira Martins — revelava logo o seu processo interior

de concentrar e aplicar a razão, à maneira de um longo e pertinaz dardo de luz, até que, desfeitas as névoas, a realidade pouco a pouco lhe surgisse na sua rigorosa e *única* forma.

A manifestação desta magnífica força, que mais impressionava — era o seu poder de *definir*. Possuindo um espírito que via com a máxima exatidão; possuindo um verbo que *traduzia* com a máxima concisão — ele podia assim dar resumos absolutamente profundos e perfeitos. Lembro que uma noite, na sua casa da Rue de Varennes, em Paris, se discutia com ardor a natureza da arte. Repetiram-se todas as definições de Arte, enunciadas desde Platão: inventaram-se outras, que eram, como sempre, o fenómeno visto limitadamente através de

um temperamento. Fradique conservou-se algum tempo mudo, dardejando os olhos para o vago. Por fim, com essa maneira lenta, (que para os que incompletamente o conheciam, parecia professoral) murmurou, no silêncio deferente que se alargara: «A Arte é um resumo da Natureza feito pela imaginação».

Certamente, não conheço mais completa definição de Arte! E com razão afirmava um amigo nosso, homem de excelente fantasia, que «se o bom Deus, um dia, compadecido das nossas hesitações, nos atirasse lá de cima, do seu divino ermo, a final explicação da Arte, nós ouviríamos ressoar entre as nuvens, soberba como o rolar de cem carros de guerra, a definição de Fradique»!

***

A superior inteligência de Fradique tinha o apoio de uma cultura forte e rica. Já os seus instrumentos de saber eram consideráveis. Além de um sólido conhecimento das línguas clássicas (que, na sua idade de poesia e de literatura decorativa, o habilitara a criar em latim bárbaro poemetos tão belos como o *Laus Veneris tenebrosae)* — possuía profundamente os idiomas das três grandes nações pensantes, a França, a Inglaterra e a Alemanha. Conhecia também o árabe, que (segundo me afirmou Riaz-Effendi, cronista do sultão Abdul-Aziz) falava com abundância e gosto.

As ciências naturais eram-lhe queridas e familiares; e uma insaciável e

religiosa curiosidade do Universo, impelira-o a estudar tudo o que divinamente o compõe, desde os insetos até aos astros. Estudos carinhosamente feitos com o coração — porque Fradique sentia pela Natureza, sobretudo pelo animal e pela planta, uma ternura e uma veneração genuinamente budistas. «Amo a Natureza (escrevia-me ele em 1882) por si mesma, toda e individualmente, na graça e na fealdade de cada uma das formas inumeráveis que a enchem: e amo-a ainda como manifestação tangível e múltipla da suprema unidade, da realidade intangível, a que cada religião e cada filosofia deram um nome diverso e a que eu presto culto sob o nome de *Vida*. Em resumo adoro a Vida — de que são igualmente expressões uma rosa e uma

chaga, uma constelação e (com horror o confesso) o conselheiro Acácio. Adoro a Vida e portanto tudo adoro — porque tudo é viver, mesmo morrer. Um cadáver rígido no seu esquife vive tanto como uma águia batendo furiosamente o voo. E a minha religião está toda no credo do Atanásio, com uma pequena variante: — Creio na *Vida* toda-poderosa, criadora do Céu e da Terra...»

Quando começou, porém, a nossa intimidade, em 1880, o seu inquieto espírito mergulhava de preferência nas ciências sociais, aquelas sobretudo que pertencem à pré-história — a antropologia, a linguística, o estudo das raças, dos mitos e das instituições primitivas. Quase todos os três meses, altas rumas de livros enviadas da casa

Hachette, densas camadas de revistas especiais, alastrando o tapete da Caramânia, indicavam-me que uma nova curiosidade se apoderara dele com intensidade e paixão. Conheci-o, assim, sucessiva e ardentemente ocupado com os monumentos megalíticos da Andaluzia; com as habitações lacustres; com a mitologia dos povos arianos; com a magia caldaica; com as raças polinésias; com o direito costumário dos Cafres; com a cristianização dos deuses pagãos... Estas aferradas investigações duravam enquanto podia extrair delas «alguma emoção ou surpresa intelectual». Depois, um dia, revistas e volumes desapareciam, e Fradique anunciava triunfalmente, alargando os passos alegres por sobre o tapete livre: «Sorvi todo o sabeísmo!», ou

«Esgotei os Polinésios!»

O estudo porém a que se prendeu ininterrompidamente, com especial constância, foi o da história. «Desde pequeno (escrevia ele a Oliveira Martins, numa das suas últimas cartas, em 1886) tive a paixão da história. E adivinha você por quê, historiador? Pelo confortável e conchegado sentimento que ela me dava da solidariedade humana. Quando fiz onze anos, minha avó, de repente, *para me habituar às coisas duras da vida* (como ela dizia), arrancou-me ao pachorrento ensino do padre Nunes, e mandou-me a uma escola chamada Terceirense. O jardineiro levava-me pela mão: e todos os dias a avó me dava com solenidade um pataco para eu comprar na tia Marta, confeiteira da esquina, bolos para a minha

merenda. Este criado, este pataco, estes bolos, eram costumes novos que feriam o meu monstruoso orgulho de morgadinho — por me descerem ao nível humilde dos filhos do nosso procurador. Um dia, porém, folheando uma *Enciclopédia de Antiguidades Romanas*, que tinha estampas, li, com surpresa, que os rapazes em Roma (na grande Roma!) iam também de manhã para a escola, como eu, pela mão de um servo — denominado o *capsarius;* e compravam também, como eu, um bolo numa tia Marta do Velabro ou das Carinas, para comerem à merenda — que chamavam o *ientaculum.* Pois, meu caro, no mesmo instante, a venerável antiguidade desses hábitos tirou-lhes a vulgaridade toda que neles me humilhava tanto! Depois de os ter detestado, por

serem comuns aos filhos do Silva procurador — respeitei-os por terem sido habituais nos filhos de Cipião. A compra do bolo tornou-se como um rito, que desde a Antiguidade todos os rapazes de escola cumpriam, e que me era dado por meu turno celebrar, numa honrosa solidariedade com a grande gente togada. Tudo isto, evidentemente, não o sentia com esta clara consciência. Mas nunca entrei daí por diante na tia Marta, sem erguer a cabeça, pensando com uma vanglória heroica: “Assim faziam também os Romanos!” Era por esse tempo pouco mais alto que uma espada goda, e amava uma mulher obesa que morava ao fim da rua...»

Nessa mesma carta, adiante, Fradique acrescenta: «Levou-me pois

efetivamente à história o meu amor da unidade — amor que envolve o horror às interrupções, às lacunas, aos espaços escuros onde se não sabe o que há. Viajei por toda a parte viajável, li todos os livros de explorações e de travessias — porque me repugnava não conhecer o globo em que habito até aos seus extremos limites, e não sentira contínua solidariedade do pedaço de terra que tenho sob os pés, com toda a outra terra que se arqueia para além. Por isso, incansavelmente exploro a história, para perceber até aos seus derradeiros limites a humanidade a que pertenço, e sentir a compacta solidariedade do meu ser com a de todos os que me precederam na vida. Talvez você murmure com desdém — “mera bisbilhotice!” Amigo meu, não

despreze a bisbilhotice! Ela é um impulso humano, de latitude infinita, que, como todos, vai do reles ao sublime. Por um lado leva a escutar às portas — e pelo outro a descobrir a América!»

O saber histórico de Fradique surpreendia, realmente, pela amplexidade e pelo detalhe. Um amigo nosso exclamava um dia, com essa ironia afável que nos homens de raça céltica sublinha e corrige a admiração: «Aquele Fradique! Tira a charuteira, e dá uma síntese profunda, de uma transparência de cristal, sobre a guerra do Peloponeso; — depois acende o charuto, e explica o feitio e o metal da fivela do cinturão de Leónidas!» Com efeito, a sua forte capacidade de compreender filosoficamente os movimentos coletivos, o seu fino poder de

evocar psicologicamente os carateres individuais — aliava-se nele a um minucioso saber arqueológico da vida, das maneiras, dos trajes, das armas, das festas, dos ritos de todas as idades, desde a índia védica até à França imperial. As suas cartas a Oliveira Martins (sobre o sebastianismo, o nosso império no Oriente, o Marquês de Pombal) são verdadeiras maravilhas pela sagaz intuição, a alta potência sintética, a certeza do saber, a força e a abundância das ideias novas. E, por outro lado, a sua erudição arqueológica repetidamente esclareceu e auxiliou, na sábia composição das suas telas, o paciente e fino reconstrutor dos costumes e das maneiras da Antiguidade Clássica, o velho Suma-Raberna. Assim mo

confessou uma tarde Suma-Raberna, regando as roseiras, no seu jardim de Chelsea.

Fradique era de resto ajudado por uma prodigiosa memória, que tudo recolhia e tudo retinha — vasto e claro armazém de factos, de noções, de formas, todos bem arrumados, bem classificados, prontos sempre a servir. O nosso amigo Chambray afirmava que, comparável à memória de Fradique, como «instalação, ordem e excelência do *stock*», só conhecia a adega do Café Inglês.

A cultura de Fradique recebia um constante alimento e acréscimo das viagens que, sem cessar, empreendia, sob o impulso de admirações ou de curiosidades intelectuais. Só a Arqueologia o levou quatro vezes ao

Oriente: — ainda que a sua derradeira residência em Jerusalém, durante dezoito meses, foi motivada (segundo me afirmou o cônsul Raccolini), por poéticos amores com uma das mais esplêndidas mulheres da Síria, uma filha de Abraão Coppo, o faustoso banqueiro de Alepo, tão lamentavelmente morta depois, sobre as tristes costas de Chipre, no naufrágio do *Magnólia*. A sua aventurosa e áspera peregrinação pela China, desde o Tibete (onde quase deixou a vida, tentando temerariamente penetrar na cidade sagrada de Lahsa) até à Alta Manchúria, constitui o mais completo estudo até hoje realizado por um homem da Europa sobre os costumes, o governo, a ética e a literatura desse povo «profundo entre todos, que (como diz Fradique) conseguiu

descobrir os três ou quatro únicos princípios de moral capazes, pela sua absoluta força, de eternizar uma civilização».

O exame da Rússia e dos seus movimentos sociais e religiosos, trouxeram-no prolongados meses pelas províncias rurais de entre o Dnieper e o Volga. A necessidade de uma certeza sobre os presídios penais da Sibéria, impeliu-o a afrontar centenas de milhas de estepes e de neves, numa rude telega, até às minas de prata de Nerchinski. E prosseguiria neste ativo interesse, se não recebesse subitamente, ao chegar à costa, a Arcangel, este aviso do general Armankoff, chefe da IV secção da polícia imperial: «*Monsieur, vous nous observez de trop près pour que votre jugement*

n’en soit faussé; je vous invite donc, sur votre intérêt, et pour avoir de la Russie une vue d’ensemble plus exacte, d’aller la regarder de plus loin, dans votre belle maison de Paris!» Fradique abalou para Vasa, sobre o golfo de Bótnia. Passou logo à Suécia, e mandou de lá, sem data, este bilhete ao general Armankoff: *«Monsieur, j’ai reçu votre invitation ou il y a beaucoup d’intolerance et trois fautes de français*.»

Os mesmos interesses de espírito e «necessidades de certeza» o levaram na América do Sul desde o Amazonas até às areias da Patagónia, o levaram na África Austral desde o Cabo até aos Montes de Zokunga... «Tenho folheado e lido atentamente o Mundo como um livro cheio de ideias. Para ver *por fora*, por mera

festa dos olhos, nunca fui senão a Marrocos.»

O que tornava estas viagens tão fecundas como ensino, era a sua rápida e carinhosa simpatia por todos os povos. Nunca visitou países à maneira do detestável *touriste* francês, para notar de alto e pecamente «os defeitos» — isto é, as divergências desse tipo de civilização mediano e genérico de onde saía e que preferia. Fradique amava logo os costumes, as ideias, os preconceitos dos homens que o cercavam: e, fundindo-se com eles no seu modo de pensar e de sentir, recebia uma lição direta e viva de cada sociedade em que mergulhava. Este eficaz preceito — «em Roma sê romano» — tão fácil e doce de cumprir em Roma, entre as vinhas da colina Célia e as águas

sussurrantes da Fonte Paulina, cumpria-o ele gostosamente, trilhando com as alpercatas rotas os desfiladeiros do Himalaia. E estava tão homogeneamente numa cervejaria filosófica da Alemanha, aprofundando o Absoluto entre professores de Tubingen — como numa aringa africana da terra dos Matabeles, comparando os méritos da carabina *Express*e da carabina *Winchester*, entre caçadores de elefantes.

Desde 1880, os seus movimentos pouco a pouco se concentraram entre Paris e Londres — com exceção das «visitas filiais» a Portugal: porque, apesar da sua dispersão pelo Mundo, da sua facilidade em se nacionalizar nas terras alheias, e da sua impersonalidade crítica, Fradique foi sempre um genuíno

Português, com irradicáveis traços de fidalgo ilhéu.

O mais puro e íntimo do seu interesse deu-o sempre aos homens e às coisas de Portugal. A compra da Quinta do Saragoça, em Sintra, realizara-a (como diz numa carta a F. G., com desacostumada emoção) «para *ter terra em Portugal*, e para se prender pelo forte vínculo da propriedade ao solo augusto donde um dia tinham partido, levados por um ingénuo tumulto de ideias grandes, os seus avós, buscadores de mundos, de quem ele herdara o sangue e a curiosidade do *Além*»!

Sempre que vinha a Portugal ia «retemperar a fibra» percorrendo uma província, lentamente, a cavalo — com demoras em vilas decrépitas que o

encantavam, infindáveis cavaqueiras à lareira dos campos, fraternizações ruidosas nos adros e nas tavernas, idas festivas a romarias no carro de bois, no vetusto e venerável carro sabino, toldado de chita, enfeitado de louro. A sua região preferida era o Ribatejo, a terra chã da lezíria e do boi. «Aí (diz ele), de jaleca e cinta, montado num potro, com a vara de campino erguida, correndo entre as manadas de gado, nos finos e lavados ares da manhã, sinto, mais que em nenhuma outra parte, a delícia de viver.»

Lisboa só lhe agradava — como paisagem. «Com três fortes retoques (escrevia-me ele em 1881, do Hotel Braganza), com arvoredo e pinheiros mansos plantados nas colinas calvas da Outra Banda; com azulejos lustrosos e

alegres revestindo as fachadas sujas do casario; com uma varredela definitiva por essas benditas ruas — Lisboa seria uma dessas belezas da Natureza criadas pelo Homem, que se tornam um motivo de sonho, de arte e de peregrinação. Mas uma existência enraizada em Lisboa não me parece tolerável. Falta aqui uma atmosfera intelectual, onde a alma respire. Depois certas feições, singularmente repugnantes, dominam. Lisboa é uma cidade *aliteratada*, *afadistada*, *catita* e *conselheiral*. Há *literatice* na simples maneira com que um caixeiro vende um metro de fita; e, nas próprias graças com que uma senhora recebe, transparece *fadistice:* mesmo na arte há *conselheirismo;* e há *catitismo* mesmo nos cemitérios. Mas a náusea suprema,

meu amigo, vem da politiquice e dos politiquetes.»

Fradique nutria pelos políticos todos os horrores, os mais injustificados: horror intelectual, julgando-os incultos, broncos, inaptos absolutamente para criar ou compreender ideias; horror mundano, pressupondo-os reles, de maneiras crassas, impróprios para se misturar a natureza de gosto; horror físico, imaginando que nunca se lavavam, rarissimamente mudavam de meias, e que deles provinha esse cheiro morno e mole, que tanto surpreende e enoja em S. Bento, aos que dele não têm o hábito profissional.

Havia nestas ferozes opiniões, certamente, laivos de perfeita verdade. Mas em geral, os juízos de Fradique sobre

a política ofereciam o cunho de um preconceito que dogmatiza — e não de uma observação que discrimina. Assim lho afirmava eu uma manhã, no Bragança, mostrando que todas essas deficiências de espírito, de cultura, de maneiras, de gosto, de finura, tão acerbamente notadas por ele nos políticos — se explicam suficientemente pela precipitada democratização da nossa sociedade; pela rasteira vulgaridade da vida provincial; pelas influências abomináveis da Universidade; e ainda por íntimas razões que são, no fundo, honrosas para esses desgraçados Políticos, votados por um fado vingador à destruição da nossa terra.

Fradique replicou simplesmente:

— Se um rato morto me disser — «eu cheiro mal por isto e por aquilo e

sobretudo porque apodreci» — eu nem por isso deixo de o mandar varrer do meu quarto.

Havia aqui uma antipatia de instinto, toda fisiológica, cuja intransigência e obstinação nem factos nem raciocínios podiam vencer. Bem mais justo era o horror que lhe inspirava, na vida social de Lisboa, a inábil, descomedida e papalva imitação de Paris. Essa «saloia macaqueação», superiormente denunciada por ele numa carta que me escreveu em 1885, e onde assenta, num luminoso resumo, que *«Lisboa é uma cidade traduzida do francês em calão»* — tornava-se para Fradique, apenas transpunha Santa Apolónia, um tormento sincero. E a sua ansiedade perpétua era então descobrir,

através da frandulagem do francesismo, algum resto do genuíno Portugal.

Logo a comida constituía para ele um real desgosto. A cada instante em cartas, em conversas, se lastima de não poder conseguir «um cozido vernáculo!» — «Onde estão (exclama ele, algures) os pratos veneráveis do Portugal português, o pato com macarrão do século XVIII, a almôndega indigesta e divina do tempo das descobertas, ou essa maravilhosa cabidela de frango, petisco dileto de D. João IV, de que os fidalgos ingleses, que vieram ao reino buscar a noiva de Carlos II, levaram para Londres a surpreendente notícia? Tudo estragado! O mesmo provincianismo reles põe em calão as comédias de Labiche e os acepipes de Gouffé. E estamo-nos nutrindo

miseravelmente dos sobejos democráticos do Boulevard, requentados, e servidos em chalaça e galantina! Desastre estranho! As coisas mais deliciosas de Portugal, o lombo de porco, a vitela de Lafões, os legumes, os doces, os vinhos, degeneraram, *insipidaram*... Desde quando? Pelo que dizem os velhos, degeneraram desde o Constitucionalismo e o Parlamentarismo. Depois desses enxertos funestos no velho tronco lusitano, os frutos têm perdido o sabor, como os homens têm perdido o caráter...»

Só uma ocasião, nesta especialidade considerável, o vi plenamente satisfeito. Foi numa taverna da Mouraria (onde eu o levara), diante de um prato complicado e profundo de bacalhau, pimentos e grão-de-bico. Para o gozar

com coerência, Fradique despiu a sobrecasaca. E como um de nós lançara casualmente o nome de Renan, ao atacarmos o pitéu sem igual, Fradique protestou com paixão:

— Nada de ideias! Deixem-me saborear esta bacalhoada, em perfeita inocência de espírito como no tempo do Senhor D. João V, antes da democracia e da crítica!

A saudade do velho Portugal era nele constante: e considerava que, por ter perdido esse tipo de civilização intensamente original, o mundo ficara diminuído. Este amor do passado revivia nele, bem curiosamente, quando via realizados em Lisboa, com uma inspiração original, o luxo e o «modernismo» inteligente das

civilizações mais saturadas de cultura e perfeitas em gosto. A derradeira vez que o encontrei em Lisboa foi no Rato — numa festa de raro e delicado brilho. Fradique parecia desolado:

— Em Paris — afirmava ele — a duquesa de La Rochefoucauld-Bisaccia pode dar uma festa igual: e para isto não me valia a pena ter feito a quarentena em Marvão! Suponha, porém, você, que eu vinha achar aqui um sarau do tempo da Senhora D. Maria I, em casa dos Marialvas, com fidalgas sentadas em esteiras, frades tocando o lundum no bandolim, desembargadores pedindo mote, e os lacaios no pátio, entre os mendigos, rezando em coro a ladainha!... Aí estava uma coisa única, deliciosa, pela qual se podia fazer a viagem de Paris a

Lisboa em liteira!

Um dia que jantávamos em casa de Carlos Mayer, e que Fradique lamentava, com melancólica sinceridade, o velho Portugal fidalgo e fradesco do tempo do Senhor D. João V — Ramalho Ortigão não se conteve:

— Você é um monstro, Fradique! O que você queria era habitar o confortável Paris do meado do século XIX, e ter aqui, a dois dias de viagem, o Portugal do século XVIII, onde pudesse vir, como a um museu, regalar-se de pitoresco e de arcaísmo... Você, lá na Rue de Varennes, consolado de decência e de ordem. E nós aqui, em vielas fedorentas, inundados à noite pelos despejos de águas sujas, aturdidos pelas arruaças do marquês de Cascais ou do conde de

Aveiras, levados aos empurrões para a enxovia pelos malsins da Intendência, etc., etc... Confesse que é o que você queria!

Fradique volveu, serenamente:

— Era bem mais digno e mais patriótico que em lugar de vos ver aqui, a vós, homens de letras, esticados nas gravatas e nas ideias que toda a Europa usa, vos encontrasse de cabeleira e rabicho, com as velhas algibeiras da casaca de seda cheias de odes sáficas, encolhidinhos no salutar terror de El-Rei e do Diabo, rondando os pátios da casa de Marialva ou de Aveiro, à espera que os senhores, de cima, depois de dadas as graças, vos mandassem, por um pretinho, os restos do peru e o mote. Tudo isso seria dignamente português, e sincero; vós

não merecíeis melhor; e a vida não é possível sem um bocado de pitoresco depois do almoço.

Com efeito, nesta saudade de Fradique pelo Portugal antigo, havia amor do «pitoresco», estranho num homem tão subjetivo e intelectual: mas, sobretudo, havia o ódio a esta universal modernização que reduz todos os costumes, crenças, ideias, gostos, modos, os mais ingénitos e mais originalmente próprios, a um tipo uniforme (representado pelo *sujeito utilitário e sério* de sobrecasaca preta) — com a monotonia com que o chinês apara todas as árvores de um jardim, até lhes dar a forma única e dogmática de pirâmide ou de vaso funerário.

Por isso Fradique em Portugal

amava sobretudo o povo — o povo que não mudou, como não muda a Natureza que o envolve e lhe comunica os seus carateres graves e doces. Amava-o pelas suas qualidades, e também pelos seus defeitos: — pela sua morosa paciência de boi manso; pela alegria idílica que lhe poetiza o trabalho; pela calma aquiescência à vassalagem com que depois do *Senhor Rei* venera o *Senhor Governo*; pela sua doçura amaviosa e naturalista; pelo seu catolicismo pagão, e carinho fiel aos Deuses latinos, tornados santos calendares; pelos seus trajes, pelos seus cantos... «Amava-o ainda (diz ele) pela sua linguagem tão bronca e pobre, mas a única em Portugal onde se não sente odiosamente a influência do Lamartinismo ou das sebentas de Direito Público.»

6

A última vez que Fradique visitou Lisboa foi essa em que o encontrei no Rato, lamentando os saraus beatos e sécios do século XVIII. O antigo poeta das *Lapidárias* tinha então cinquenta anos; e cada dia se prendia mais à quieta doçura dos seus hábitos de Paris.

Fradique habitava, na Rue de Varennes, desde 1880, uma ala do antigo palácio dos Duques de Tredennes, que ele mobilara com um luxo sóbrio e grave — tendo sempre detestado esse atulhamento de alfaias e estofos, onde inextricavelmente se embaralham e se contradizem as artes e os séculos, e que, sob o bárbaro e justo nome de

bricabraque, tanto seduz os financeiros e as *cocottes*. Nobres e ricas tapeçarias de paisagem e de história; amplos divãs de Aubusson; alguns móveis de arte da Renascença Francesa; porcelanas raras de Delft e da China; espaço, claridade, uma harmonia de tons castos — eis o que se encontrava nas cinco salas que constituíam o «covil» de Fradique. Todas as varandas, de ferro rendilhado, datando de Luís XIV, abriam sobre um desses jardins de árvores antigas, que, naquele bairro fidalgo e eclesiástico, formam retiros de silêncio e paz silvana, onde por vezes, nas noites de maio, se arrisca a cantar um rouxinol.

A vida de Fradique era medida por um relógio secular, que precedia o toque lento e quase austero das horas, com

uma toada argentina de antiga dança de corte: e era mantida numa imutável regularidade pelo seu criado Smith, velho escocês da clã dos Macduffs, já todo branco de pelo e ainda todo rosado de pele, que havia trinta anos o acompanhava, com severo zelo, através da vida e do mundo.

De manhã, às nove horas, mal se espalhavam no ar os compassos gentis e melancólicos daquele esquecido minuete de Cimarosa ou de Fíaydn, Smith rompia pelo quarto de Fradique, abria todas as janelas à luz, gritava: — *Morning, Sir!* Imediatamente Fradique, dando de entre a roupa um salto brusco que considerava «de higiene transcendente», corria ao imenso laboratório de mármore, a esponjar a face e a cabeça em água fria,

com um resfolgar de tritão ditoso. Depois, enfiando uma das cabaias de seda que tanto me maravilhavam, abandonava-se, estirado numa poltrona, aos cuidados de Smith que, como barbeiro (afirmava Fradique), reunia a ligeireza macia de Fígaro à sapiência confidencial do velho Oliveiro de Luís XI. E, com efeito, enquanto o ensaboava e escanhoava, Smith ia dando a Fradique um resumo nítido, sólido, todo em factos, dos telegramas políticos do *Times*, do *Standard* e da *Gazeta de Colónia!*

Era para mim uma surpresa, sempre renovada e saborosa, ver Smith, com a sua alta gravata branca à Palmerston, a rabona curta, as calças de xadrez verde e preto (cores da sua clã), os sapatos de verniz decotados, passando o

pincel na barba do amo, e murmurando, em perfeita ciência e perfeita consciência: «Não se realiza a conferência do príncipe de Bismarque com o conde Kalnocky... Os conservadores perderam a eleição suplementar de York... Falava-se ontem em Viena de um novo empréstimo russo...» Os amigos em Lisboa riam desta «caturreira»; mas Fradique sustentava que havia aqui um proveitoso regresso à tradição clássica, que em todo o mundo latino, desde Cipião, o Africano, instituíra os barbeiros como «informadores universais da coisa pública». Estes curtos resumos de Smith formavam a carcaça das suas noções políticas: e Fradique nunca dizia — «Li no *Times*» — mas «Li no Smith».

Bem barbeado, bem informado,

Fradique mergulhava num banho ligeiramente tépido, donde voltava para as mãos vigorosas de Smith, que, com um jogo de luvas de lã, de flanela, de estopa de clina e de pele de tigre, o friccionava até que o corpo todo se lhe tornasse, como o de Apoio, «róseo e reluzente». Tomava então o seu chocolate; e recolhia à biblioteca, sala séria e simples, onde uma imagem da Verdade, radiosamente branca na sua nudez de mármore, pousava o dedo subtil sobre os lábios puros, simbolizando, em frente à vasta mesa de ébano, um trabalho todo íntimo, à busca de verdades que não são para o ruído e para o mundo.

À uma hora almoçava, com a sobriedade de um grego, ovos e legumes: — e depois, estendido num divã, tomando

goles lentos de chá russo, percorria nos jornais e nas revistas as crónicas de arte, de literatura, de teatro ou de sociedade, que não eram da competência política de Smith. Lia então também com cuidado os jornais portugueses (que chama algures «fenómenos picarescos de decomposição social»), sempre caraterísticos, mas superiormente interessantes para quem, como ele, se comprazia em analisar «a obra genuína e sincera da mediocridade», e considerava Calino tão digno de estudo como Voltaire. O resto do dia dava-o aos amigos, às visitas, aos *ateliers*, às salas de armas, às exposições, aos clubes — aos cuidados diversos que se cria um homem de alto gosto, vivendo numa cidade de alta civilização!

De tarde subia ao Bois conduzindo

o seu faetonte, ou montando a Sabá, uma maravilhosa égua das caudelarias de Ain-Weibah, que lhe cedera o Emir de Mossul. E a sua noite (quando não tinha cadeira na Ópera ou na Comédie), era passada nalgum salão — precisando sempre findar o seu dia entre «o efémero feminino». (Assim dizia Fradique.)

A influência deste «feminino» foi suprema na sua existência. Fradique amou mulheres; mas fora dessas, e sobre todas as coisas, amava a Mulher.

A sua conduta para com as mulheres, era governada conjuntamente por devoções de espiritualista, por curiosidades de crítico, e por exigências de sanguíneo. À maneira dos sentimentais da Restauração, Fradique considerava-as como «organismos» superiores,

divinamente complicados, diferentes e mais próprios de adoração do que tudo o que oferece a Natureza: ao mesmo tempo, através deste culto, ia dissecando e estudando esses «organismos divinos», fibra a fibra, sem respeito, por paixão de analista; e frequentemente o crítico e o entusiasta desapareciam para só restar nele um homem amando a mulher, na simples e boa lei natural, como os faunos amavam as ninfas.

As mulheres, além disso, estavam para ele (pelo menos nas suas teorias de conversação) classificadas em espécies. Havia a «mulher de exterior», flor de luxo e de mundanismo culto — e havia a «mulher de interior», a que guarda o lar diante da qual, qualquer que fosse o seu brilho, Fradique conservava um tom

penetrado de respeito, excluindo toda a investigação experimental. «Estou em presença destas (escreve ele a Madame de Jouarre), como em face de uma carta alheia fechada com sinete e lacre». Na presença, porém, daquelas que se «exteriorizam» e vivem todas no ruído e na fantasia, Fradique achava-se tão livre e tão irresponsável como perante um volume impresso. «Folhear o livro (diz ele ainda a Madame de Jouarre), anotá-lo nas margens acetinadas, criticá-lo em voz alta com independência e veia, levá-lo no cupé para ler à noite em casa, aconselhá-lo a um amigo, atirá-lo para um canto percorridas as melhores páginas — é bem permitido, creio eu, segundo a Cartilha e o Código.»

Seriam estas subtilezas (como

sugeria um cruel amigo nosso) as de um homem que teoriza e idealiza o seu temperamento de carrejão, para o tornar literariamente interessante? Não sei. O comentário mais instrutivo das suas teorias dava-o ele, visto numa sala, entre «o efémero feminino». Certas mulheres muito voluptuosas, quando escutam um homem que as perturba, abrem insensivelmente os lábios. Em Fradique eram os olhos que se alargavam. Tinha-os pequenos e cor de tabaco: mas junto de uma dessas mulheres de exterior, «estrelas de mundanismo», tornavam-se-lhe imensos, cheios de luz negra, aveludados, quase húmidos. A velha Lady Mongrave comparava-os «às goelas abertas de duas serpentes». Havia ali, com efeito, um ato de aliciação e de absorção — mas havia

sobretudo a evidência da perturbação e do encanto que o inundavam. Nessa atenção de beato diante da Virgem, no murmúrio quente da voz mais amolecedora que um ar de estufa, no humedecimento enleado dos seus olhos finos —, as mulheres viam apenas a influência omnipotentemente vencedora das suas graças de forma e de alma, sobre um homem esplendidamente viril. Ora nenhum homem mais perigoso, do que aquele que dá sempre às mulheres a impressão clara, quase tangível — de que elas são irresistíveis, e subjugam o coração mais rebelde só com mover os ombros lentos ou murmurar: «Que linda tarde!» Quem se mostra facilmente seduzido — facilmente se torna sedutor. É a lenda índia, tão sagaz e real, do espelho encantado em que a velha Maharina se via

radiosamente bela. Para obter e reter esse espelho, em que, com tanto esplendor, se reflete a sua pele engelhada — que pecados e que traições não cometerá a Maharina?...

Creio, pois, que Fradique foi profundamente amado, e que magnificamente o mereceu. As mulheres encontravam nele esse ser raro entre os homens — um Homem. E para elas Fradique possuía esta superioridade inestimável, quase única na nossa geração — uma alma extremamente sensível, servida por um corpo extremamente forte.

De maior duração e intensidade que os seus amores, foram todavia as amizades que Fradique a si atraiu pela sua excelência moral. Quando eu conheci Fradique em Lisboa, no remoto ano de

1867, julguei sentir na sua natureza (como no seu verso), uma impassibilidade brilhante e metálica: e através da admiração que me deixara a sua arte, a sua personalidade, o seu viço, a sua cabaia de seda — confessei um dia a J. Teixeira de Azevedo, que não encontrara no poeta das *Lapidárias* aquele *tépido leite da bondade humana*, sem o qual o velho Shakespeare (nem eu, depois dele), não compreendia que um homem fosse digno da humanidade. A sua mesma polidez, tão risonha e perfeita, me parecera mais composta por um sistema do que genuinamente ingénita. Decerto, porém, concorreu para a formação deste juízo uma carta (já velha, de 1855) que alguém me confiou, e em que Fradique, com toda a leviana altivez da mocidade,

lançava este rude programa de conduta: «Os homens nasceram para trabalhar, as mulheres para chorar, e nós, os fortes, para passar friamente através!...»

Mas em 1880, quando a nossa intimidade uma noite se fixou a uma mesa do Bignon, Fradique tinha cinquenta anos: e, ou porque eu então o observasse com uma assiduidade mais penetrante, ou porque nele se tivesse já operado com a idade esse fenómeno que Fustan de Carmanges chamou depois *le degel de Fradique*, bem cedo senti, através da impassibilidade marmórea do cinzelador das *Lapidárias*, brotar, tépida e generosamente, o *leite da bondade humana*.

A forte expressão de virtude que nele Ioga me impressionou, foi a sua

incondicional e irrestrita indulgência. Ou por uma conclusão da sua filosofia, ou por uma inspiração da sua natureza — Fradique, perante o pecado e o delito, tendia àquela velha misericórdia evangélica que, consciente da universal fragilidade, pergunta de onde se erguerá a mão bastante pura, para arremessar a primeira pedra ao erro. Em toda a culpa ele via (talvez contra a razão, mas em obediência àquela voz que falava baixo a S. Francisco de Assis e que ainda se não calou), a irremediável fraqueza humana: e o seu perdão subia logo do fundo dessa Piedade que jazia na sua alma, como manancial de água pura em terra rica, sempre pronto a brotar.

A sua bondade, porém, não se limitava a esta expressão passiva. Toda a

desgraça, desde a amargura limitada e tangível que passa na rua, até à vasta e esparsa miséria que, com a força de um elemento, devasta classes e raças, teve nele um consolador diligente e real. São dele, e escritas nos derradeiros anos (numa carta a G. F.) estas nobres palavras: «Todos nós, que vivemos neste globo, formamos uma imensa caravana que marcha confusamente para o Nada. Cerca-nos uma Natureza inconsciente, impassível, mortal como nós, que não nos entende, nem sequer nos vê, e donde não podemos esperar nem socorro nem consolação. Só nos resta para nos dirigir, na rajada que nos leva, esse secular preceito, suma divina de toda a experiência humana — *ajudai-vos uns aos outros!* Que, na tumultuosa

caminhada, portanto, onde passos sem conta se misturam — cada um ceda metade do seu pão àquele que tem fome; estenda metade do seu manto àquele que tem frio; acuda com o braço àquele que vai tropeçar; poupe o corpo daquele que já tombou; e se algum mais bem provido e seguro para o caminho necessitar apenas simpatia de almas, que as almas se abram para ele transbordando dessa simpatia... Só assim conseguiremos dar alguma beleza e alguma dignidade a esta escura debandada para a Morte.»

Decerto Fradique não era um santo militante, rebuscando pelas vielas miséria a resgatar; mas nunca houve mal, por ele conhecido, que dele não recebesse alívio. Sempre que lia por acaso, num jornal, uma calamidade ou uma indigência,

marcava a notícia com um traço a lápis, lançando ao lado um algarismo — que indicava ao velho Smith o número de libras que devia remeter, sem publicidade, pudicamente. A sua máxima para com os pobres (a quem os economistas afirmam que se não deve caridade mas justiça) — era «que à hora das comidas mais vale um pataco na mão que duas filosofias a voar». As crianças, sobretudo quando necessitadas, inspiravam-lhe um enternecimento infinito; e era destes, singularmente raros, que encontrando, num agreste dia de inverno, um pequenino que pede, transido de frio — param sob a chuva e sob o vento, desapertam pacientemente o paletó, descalçam pacientemente a luva, para vasculhar no fundo da algibeira, à procura

da moeda de prata que vai ser o calor e o pão de um dia.

Esta caridade estendia-se budistamente a tudo que vive. Não conheci homem mais respeitador do animal e dos seus direitos. Uma ocasião em Paris, correndo ambos a uma estação de fiacres, para nos salvarmos de um chuveiro que desabava, e seguir, na pressa que nos levava, a uma venda de tapeçarias (onde Fradique cobiçava umas *Nove Musas Dançando Entre Loureirais*), encontrámos apenas um *coupé*, cuja pileca, com o saco pendente do focinho, comia melancolicamente a sua ração. Fradique teimou em esperar que o cavalo almoçasse com sossego — e perdeu as *Nove Musas*.

Nos últimos tempos, preocupava-o

sobretudo a miséria das classes — por sentir que nestas democracias industriais e materialistas, furiosamente empenhadas na luta pelo pão egoísta, as almas cada dia se tornam mais secas e menos capazes de piedade. «A fraternidade (dizia ele numa carta de 1886, que conservo), vai-se sumindo, principalmente nestas vastas colmeias de cal e pedra, onde os homens teimam em se amontoar e lutar; e, através do constante deperecimento dos costumes e das simplicidades rurais, o mundo vai rolando a um egoísmo feroz. A primeira evidência deste egoísmo, é o desenvolvimento ruidoso da filantropia. Desde que a caridade se organiza e se consolida em instituição, com regulamentos, relatórios, comités, sessões, um presidente e uma campainha,

e de sentimento natural passa a função oficial — é porque o homem, não contando já com os impulsos do seu coração, necessita obrigar-se publicamente ao bem pelas prescrições de um estatuto. Com os corações assim duros e os invernos tão longos, que vai ser dos pobres?...»

Quantas vezes, diante de mim, nos crepúsculos de novembro, na sua biblioteca apenas alumiada pela chama incerta e doce da lenha no fogão, Fradique emergiu de um silêncio em que os olhares se lhe perdiam ao longe, como afundados em horizontes de tristeza — para assim lamentar, com enternecida elevação, todas as misérias humanas! E voltava então a amarga afirmação da crescente aspereza dos homens, forçados pela violência do

conflito e da concorrência a um egoísmo rude, em que cada um se torna cada vez mais o lobo do seu semelhante, *homo homini lupus*.

— Era necessário que viesse outro Cristo! — murmurei eu um dia.

Fradique encolheu os ombros:

— Há de vir; há de talvez libertar os escravos; há de ter por isso a sua igreja e a sua liturgia; e depois há de ser negado; e mais tarde há de ser esquecido; e por fim hão de surgir novas turbas de escravos. Não há nada a fazer. O que resta a cada um por prudência, é reunir um pecúlio e adquirir um revólver; e aos seus semelhantes que lhe baterem à porta, dar, segundo as circunstâncias, ou pão ou bala.

***

Assim, cheios de ideias, de delicadas ocupações e de obras amáveis, decorreram os derradeiros anos de Fradique Mendes em Paris, até que no inverno de 1888 a morte o colheu sob aquela forma que ele, como César, sempre apetecera — *inopinatam atque repentinam.*

Uma noite, saindo de uma festa da condessa de La Ferté (velha amiga de Fradique, com quem fizera num iate uma viagem à Islândia), achou no *vestiário* a sua peliça russa trocada por outra, confortável e rica também, que tinha no bolso uma carteira com o monograma e os bilhetes do general Terran-d'Azy. Fradique, que sofria de repugnâncias intolerantes, não se quis cobrir com o

agasalho daquele oficial rabugento e catarroso, e atravessou a Praça da Concórdia a pé, de casaca, até ao clube da Rue Royale. A noite estava seca e clara, mas cortada por uma dessas brisas subtis, mais ténues que um hálito, que durante léguas se afiam sobre planícies nevadas do norte, e já eram comparadas pelo velho André Vasali a «um punhal traiçoeiro». Ao outro dia acordou com uma tosse leve. Indiferente porém aos resguardos, seguro de uma robustez que afrontara tantos ares inclementes, foi a Fontainebleau com amigos no alto de um*mail-coach*.Logo nessa noite, ao recolher, teve um longo e intenso arrepio; e trinta horas depois, sem sofrimento, tão serenamente que durante algum tempo Smith o julgou adormecido, Fradique,

como diziam os antigos, «tinha vivido». Não acaba mais docemente um belo dia de verão.

O Dr. Labert declarou que fora uma forma raríssima de pleuris. E acrescentou, com um exato sentimento das felicidades humanas: *«Toujours de la chance, ce Fradique!»*

Acompanharam a sua passagem derradeira pelas ruas de Paris, sob um céu cinzento de neve, alguns dos mais gloriosos homens de França nas coisas do saber e da arte. Lindos rostos, já pisados pelo tempo, o choraram, na saudade das emoções passadas. E, em pobres moradas, em torno a lares sem lume, foi decerto também lamentado este cético de finas letras, que cuidava dos males humanos envolto em cabaias de seda

Jaz no Père-Lachaise, não longe da sepultura de Balzac, onde no dia dos Mortos ele mandava sempre colocar um ramo dessas violetas de Parma que tanto amara em vida o criador da *Comédia Humana*. Mãos fiéis, por seu turno, conservam sempre perfumado, de rosas frescas, o mármore simples que o cobre na terra.

7

O erudito moralista que assina «Alceste» na *Gazeta de Paris*, dedicou a Fradique Mendes uma crónica em que resume assim o seu espírito e a sua ação: «Pensador verdadeiramente pessoal e forte, Fradique Mendes não deixa uma obra. Por indiferença, por indolência, este homem foi o dissipador de uma enorme riqueza intelectual. Do bloco de ouro em que poderia ter talhado um monumento imperecível — tirou ele durante anos curtas lascas, migalhas, que espalhou às mãos cheias, conversando, pelos salões e pelos clubes de Paris. Todo esse pó de ouro se perdeu no pó comum. E sobre a sepultura de Fradique, como sobre a do

grego desconhecido de que canta a Antologia, se poderia escrever: *Aqui jaz o ruído do vento que passou derramando perfume, calor e sementes em vão...»*

Toda esta crónica vem lançada com a usual superficialidade e inconsideração dos Franceses. Nada menos refletido que as designações de *indolência, indiferença,* que voltam repetidamente, nessa página bem ornada e sonora, como para marcar com precisão a natureza de Fradique. Ele foi, ao contrário, um homem todo de paixão, de ação, de tenaz labor. E escassamente pode ser acusado de *indolência,* de *indiferença,* quem, como ele, fez duas campanhas, apostolou uma religião, trilhou os cinco continentes, absorveu tantas civilizações, percorreu todo o saber

do seu tempo.

O cronista da *Gazeta de Paris* acerta, porém, singularmente, afirmando que desse duro obreiro não resta uma obra. Impressas e dadas ao Mundo só dele conhecemos, com efeito, as poesias das *Lapidárias*, publicadas na *Revolução de setembro* —, e esse curioso poemeto em latim bárbaro, *Laus Veneris Tenebrosae*, que apareceu na *Revue de Poésie et d'Art*, fundada em fins de 69 em Paris por um grupo de poetas simbolistas. Fradique, porém, deixou manuscritos. Muitas vezes, na Rue de Varennes, os entrevi eu dentro de um cofre espanhol do século XIV, de ferro lavrado, que Fradique denominava a *vala comum*. Todos esses papéis (e a plena disposição deles) foram legados por Fradique àquela Libuska, de quem ele

largamente fala nas suas cartas a Madame de Jouarre, e que se nos torna tão familiar e real «com os seus veludos brancos de veneziana e os seus largos olhos de Juno».

Esta senhora, que se chamava Varia Lobrinska, era da velha família russa dos Príncipes de Palidoff. Em 1874 seu marido, Paulo Lobrinski, diplomata silencioso e vago, que pertencera ao regimento das Guardas Imperiais, e escrevia *capitaine* com *t*, *e (capiténe)* morrera em Paris, por fins de outono, ainda moço, de uma lânguida e longa anemia. Imediatamente Madame Lobrinska, com solene mágoa, cercada de aias e de crepes, recolheu às suas vastas propriedades russas perto de Starobelsk, no governo de Karkoff. Na primavera, porém, voltou com as flores dos

castanheiros —, e desde então habitava Paris em luxuosa e risonha viuvez. Um dia, em casa de Madame de Jouarre, encontrou Fradique que, enlevado então no culto das literaturas eslavas, se ocupava com paixão do mais antigo e nobre dos seus poemas, *O Julgamento de Libuska*, casualmente encontrado em 1818 nos arquivos do castelo de Zelene-Hora. Madame Lobrinska era parenta dos senhores de Zelene-Hora, condes de Coloredo — e possuía justamente uma reprodução das duas folhas de pergaminho que contêm a velha epopeia bárbara.

Ambos leram esse texto heroico — até que o doce instante veio em que, como os dois amorosos de Dante, «não leram mais no dia todo». Fradique dera a

Madame Lobrinska o nome de Libuska, a rainha que no julgamento aparece «vestida de branco e resplandecente de sapiência». Ela chamava a Fradique «Lúcifer». O poeta das *Lapidárias* morreu em novembro: — e dias depois Madame Lobrinska recolhia de novo à melancolia das suas terras, junto de Staróbelsk, no governo de Karkoff. Os seus amigos sorriram, murmuraram com simpatia que Madame Lobrinska fugira, para chorar entre os seus mujiques a sua segunda viuvez — até que reflorescessem os lilases. Mas desta vez Libuska não voltou, nem com as flores dos castanheiros.

O marido de Madame Lobrinska era um diplomata que estudava e praticava sobretudo os *menus* e os co*tillons*. A sua carreira foi portanto

irremediavelmente subalterna e lenta. Durante seis anos jazeu no Rio de Janeiro, entre os arvoredos de Petrópolis, como secretário, esperando aquela legação na Europa que o Príncipe Gortchakoff, então chanceler imperial, afirmava pertencer a Madame Lobrinska *par droit de beauté et de sagesse*. A legação na Europa, numa capital mundana, culta, sem bananeiras, nunca veio compensar aqueles exilados que sofriam das saudades da neve: — e Madame Lobrinska, no seu exílio, chegou a aprender tão completamente a nossa doce língua de Portugal, que Fradique me mostrou uma tradução da elegia de Lavoski, *A Colina do Adeus*, trabalhada por ela com superior pureza e relevo. Só ela pois, realmente, dentre todas as amigas de Fradique, podia apreciar como

páginas vivas, onde o pensador depusera a confidência do seu pensamento, esses manuscritos que para as outras seriam apenas secas e mortas folhas de papel, cobertas de linhas incompreendidas.

Fogo que comecei a colecionar as cartas dispersas de Fradique Mendes, escrevi a Madame Fobrinska, contando o meu empenho em fixar, num estudo carinhoso, as feições desse transcendente espírito — e implorando, se não alguns extratos dos seus manuscritos, ao menos algumas revelações *sobre a sua natureza*. A resposta de Madame Fobrinska foi uma recusa, bem determinada, bem deduzida —, mostrando que, decerto sob «os claros olhos de Juno», estava uma clara razão de Minerva. «Os papéis de Carlos Fradique (dizia em suma) tinham-lhe sido

confiados, a ela que vivia longe da publicidade, e do mundo que se interessa e lucra na publicidade, com o intuito de que, para sempre, conservassem o caráter intimo e secreto em que tanto tempo Fradique os mantivera: e nestas condições, o *revelar a sua natureza*, seria manifestamente contrariar o recatado e altivo sentimento que ditara esse legado...» Isto vinha escrito, com uma letra grossa e redonda, numa larga folha de papel áspero, onde a um canto brilhava a ouro, sob uma coroa de ouro, esta divisa — *Per Terram Ad Coelum*.

Deste modo se estabeleceu a obscuridade em tomo dos manuscritos de Fradique. Que continha realmente esse cofre de ferro, que Fradique, com desconsolado orgulho, denominava a *vala*

comum, por julgar pobres e sem brilho no mundo os pensamentos que para lá arrojava?

Alguns amigos pensam que aí se devem encontrar, se não completas, ao menos esboçadas, ou já coordenadas nos seus materiais, as duas obras a que Fradique aludia como sendo as mais cativantes, para um pensador e um artista deste século — uma *Psicologia das Religiões* e uma *Teoria da Vontade*.

Outros (como J. Teixeira de Azevedo), julgam que nesses papéis existe um romance de realismo épico, reconstruindo uma civilização extinta, como a *Salambô*. E deduzem essa suposição (desamorável) de uma carta a Oliveira Martins, de 1880, em que Fradique exclamava, com uma ironia

misteriosa: «Sinto-me resvalar, caro historiador, a práticas culpadas e vãs! Ai de mim, ai de mim, que me foge a pena para o mal! Que demónio malfazejo, coberto do pó das Idades, e sobraçando in-fólios arqueológicos, me veio murmurar uma destas noites, noite de duro inverno e de erudição decorativa: «Trabalha um romance! E no teu romance ressuscita a antiguidade asiática!?» E as suas sugestões pareceram-me doces, amigo, de uma doçura letal!... Que dirá você, dileto Oliveira Martins, se um dia desprecavidamente no seu lar receber um tomo meu, impresso com solenidade, e começando por estas linhas: *Era em Babilónia, no mês de Sivanu, depois da colheita do bálsamo?...* Decerto, você (daqui o sinto) deixará pender a face

aterrada entre as mãos trémulas, murmurando: *Justos Céus! Aí vem sobre nós a descrição do templo das Sete Esferas, com todos os seus terraços! a descrição da batalha de Halub, com todas as suas armas! a descrição do banquete de Semacherib, com todas as suas iguarias!... Nem os bordados de uma só túnica, nem os relevos de um só vaso nos serão perdoados! E é isto um amigo íntimo!*

Ramalho Ortigão, ao contrário, inclina a crer que os papéis de Fradique contêm *Memórias* — porque só a *Memórias* se pode coerentemente impor a condição de permanecerem secretas.

Eu por mim, de um melhor e mais contínuo conhecimento de Fradique, concluo que ele não deixou um livro de

Psicologia, nem uma Epopeia arqueológica (que certamente pareceria a Fradique uma culpada e vã ostentação de saber pitoresco e fácil), nem *Memórias* — inexplicáveis num homem todo de ideia e de abstração, que escondia a sua vida com tão altivo recato. E afirmo afoitamente que nesse cofre de ferro, perdido num velho solar russo, não existe uma *obra* — porque Fradique nunca foi verdadeiramente um *autor.*

Para o ser não lhe faltaram decerto as ideias — mas faltou-lhe a certeza de que elas, pelo seu valor *definitivo*, merecessem ser registadas e perpetuadas: e faltou-lhe ainda a arte paciente, ou o querer forte, para produzir aquela forma que ele concebera em abstrato como a única digna por belezas especiais e raras,

de encarnar as suas ideias. Desconfiança de si como pensador cujas conclusões, renovando a filosofia e a ciência, pudessem imprimir ao espírito humano um movimento inesperado; desconfiança de si como escritor e criador de uma prosa, que só por si própria, e separada do valor do pensamento, exercesse sobre as almas a ação inefável do absolutamente belo — eis as duas influências negativas que retiveram Fradique para sempre inédito e mudo. Tudo o que da sua inteligência emanasse queria ele que, perpetuamente, ficasse atuando sobre as inteligências, pela definitiva verdade ou pela incomparável beleza. Mas a crítica inclemente e sagaz, que praticava sobre os outros, praticava-a sobre si, cada dia, com redobrada sagacidade e inclemência.

O sentimento, tão vivo nele, da realidade fazia-lhe distinguir o seu próprio espírito tal como era, na sua real potência e nos seus reais limites sem que lho mostrassem mais potente ou mais largo esses «fumos da ilusão literária» — que levam todo o homem de letras, mal corre a pena sobre o papel, a tomar por faiscantes raios de luz alguns sujos riscos de tinta. E concluindo que, nem pela ideia, nem pela forma, poderia levar às inteligências persuasão ou encanto, que definitivamente marcassem na evolução da razão ou do gosto — preferiu altivamente permanecer silencioso. Por motivos nobremente diferentes dos de Descartes, ele seguiu assim a máxima que tanto seduzia Descartes — *Bene vixit qui bene latuit*.

Nenhum destes sentimentos ele me

confessou; mas todos lhos surpreendi, transparentemente, num dos derradeiros Natais que vim passar à Rue de Varennes, onde Fradique pelas festas do ano me hospedava com imerecido esplendor. Era uma noite de grande e ruidoso inverno: e desde o café, com os pés estendidos à alta chama dos madeiros de faia que estalavam na chaminé, conversávamos sofre a África e sobre religiões africanas. Fradique recolhera na região do Zambeze notas muito flagrantes, muito vivas, sobre os cultos nativos — que são divinizações dos chefes mortos, tornados pela morte *mulungus*, espíritos dispensadores das coisas boas e más, com residência divina nas cubatas e nas colinas onde tiveram a sua residência carnal; e, comparando os cerimoniais e os fins destes cultos

selvagens da África, com os primitivos cerimoniais litúrgicos dos árias em Septa-Sandou, Fradique concluía (como mostra numa carta desse tempo a Guerra Junqueiro) que na religião o que há de real, essencial, necessário e eterno é o cerimonial e a liturgia — e o que há de artificial, de suplementar, de dispensável, de transitório, é a teologia e a moral.

Todas estas coisas me prendiam irresistivelmente, sobretudo pelos traços de vida e de natureza africana, com que vinham iluminadas. E sorrindo, seduzido:

— Fradique! por que não escreve você toda essa sua viagem à África?

Era a vez primeira que eu sugeria ao meu amigo a ideia de compor um livro. Ele ergueu a face para mim com tanto espanto, como se eu lhe propusesse

marchar descalço através da noite tormentosa, até aos bosques de Marly. Depois, atirando a *cigarette* para o lume, murmurou com lentidão e melancolia:

— Para quê?... Não vi nada na África, que os outros não tivessem já visto.

E como eu lhe observasse que vira talvez de um modo diferente e superior; que nem todos os dias um homem educado pela filosofia, e saturado de erudição, faz a travessia da África; e que em ciência uma só verdade necessita mil experimentadores — Fradique quase se impacientou:

— Não! Não tenho sobre a África, nem sobre coisa alguma neste mundo, conclusões que, por alterarem o curso do pensar contemporâneo, valesse a pena

registar... Só podia apresentar uma série de impressões, de paisagens. E então pior! Porque o verbo humano, tal como o falamos, é ainda impotente para encarnar a menor impressão intelectual, ou reproduzir a simples forma de um arbusto... Eu não sei escrever! Ninguém sabe escrever!

Protestei, rindo, contra aquela generalização inteiriça, que tudo varria, desapiedadamente. E lembrei que a bem curtas jardas da chaminé que nos aquecia, naquele velho bairro de Paris onde se erguia a Sorbonne, o Instituto de França e a Escola Normal, muitos homens houvera, havia ainda, que possuíam do modo mais perfeito a «bela arte de dizer».

— Quem? — exclamou Fradique.

Comecei por Bossuet. Fradique

encolheu os ombros, com uma irreverência violenta que me emudeceu. E declarou logo, num resumo cortante, que nos dois melhores séculos da literatura francesa, desde o *meu* Bossuet até Beaumarchais, nenhum prosador para ele tinha relevo, cor, intensidade, vida... E nos modernos nenhum também o contentava. A distensão retumbante de Hugo era tão intolerável como a flacidez oleosa de Lamartine. A Michelet faltava gravidade e equilíbrio; a Renan solidez e nervo; a Taine fluidez e transparência; a Flaubert vibração e calor. O pobre Balzac, esse, era de uma exuberância desordenada e barbárica. E o preciosismo dos Goncourt e do seu mundo, parecia-lhe perfeitamente indecente...

Aturdido, rindo, perguntei àquele

«feroz insatisfeito» que prosa pois concebia ele, ideal e miraculosa, que merecesse ser escrita. E Fradique, emocionado (porque estas questões de forma desmanchavam a sua serenidade), balbuciou que queria em prosa «alguma coisa de cristalino, de aveludado, de ondeante, de marmóreo, que só por si, plasticamente, realizasse uma absoluta beleza — e que expressionalmente, como verbo, tudo pudesse traduzir, desde os mais fugidios tons de luz até os mais subtis estados de alma...»

— Enfim — exclamei — uma prosa como não pode haver!

— Não! — gritou Fradique — uma *prosa como ainda não há!*

Depois, ajuntou, concluindo

— E como ainda a não há, é uma

inutilidade escrever. Só se podem produzir formas sem beleza: e dentro dessas mesmas só cabe metade do que se queria exprimir, porque a outra metade não é redutível ao verbo.

Tudo isto era talvez especioso e pueril, mas revelava o sentimento que mantivera mudo aquele superior espírito — possuído da sublime ambição de só produzir verdades absolutamente definitivas, por meio de formas absolutamente belas.

Por isso, e não por indolência de meridional como insinua «Alceste» —, Fradique passou no mundo, sem deixar outros vestígios da formidável atividade do seu ser pensante, além daqueles que por longos anos espalhou, à maneira do sábio antigo, «em conversas com que se

deleitava, à tarde, sob os plátanos do seu jardim, ou em cartas, que eram ainda conversas naturais com os amigos de que as ondas o separavam...» As suas conversas, o vento as levou — não tendo, como o velho Dr. Johnson, um Boswell, entusiasta e paciente, que o seguisse pela cidade e pelo campo, com as largas orelhas atentas, e o lápis pronto a tudo notar e tudo eternizar. Dele pois só restam as suas cartas — leves migalhas desse ouro de que fala *Alceste*, e onde se sente o brilho, o valor intrínseco, e a preciosidade do bloco rico a que pertenceram.

8

Se a vida de Fradique foi assim governada, por um tão constante e claro propósito de abstenção e silêncio — eu, publicando as suas Cartas pareço lançar estouvada e traiçoeiramente o meu amigo, depois da sua morte, nesse ruído e publicidade a que ele sempre se recusou, por uma rígida probidade de espírito. E assim seria — se eu não possuísse a evidência de que Fradique, incondicionalmente, aprovaria uma publicação da sua Correspondência, organizada com discernimento e carinho. Em 1888, numa carta em que lhe contava uma romântica jornada na Bretanha, aludia eu a um livro que me acompanhara

e me encantara, a *Correspondência de Xavier Doudan* — um desses espíritos recolhidos que vivem para se aperfeiçoar na verdade e não para se glorificar no mundo, e que, como Fradique, só deixou vestígios da sua intensa vida intelectual na sua Correspondência, coligida depois com reverência pelos confidentes do seu pensamento.

Fradique, na carta que me volveu, toda ocupada dos Pirenéus onde gastara o verão, acrescentava num pós-escrito: A *Correspondência de Doudan*é realmente muito legível; ainda que através dela apenas se sente um espírito naturalmente limitado, que desde novo se entranhou no doutrinarismo da escola de Genebra, e que depois, caído em solidão e doença, só pelos livros conheceu a vida, os homens e

o mundo. Li em todo o caso essas cartas — como leio todas as coleções de Correspondências, que, não sendo didaticamente preparadas para o público (como as de Plínio), constituem um estudo excelente de psicologia e de história. Eis aí uma maneira de perpetuar as ideias de um homem que eu afoitamente aprovo — publicar-lhe a correspondência! Há desde logo esta imensa vantagem: — que o valor das ideias (e portanto a escolha das que devem ficar), não é decidido por aquele que as concebeu, mas por um grupo de amigos e de críticos, tanto mais livres e mais exigentes no seu julgamento, quanto estão julgando um morto que só desejam mostrar ao mundo pelos seus lados superiores e luminosos. Além disso uma Correspondência revela melhor que uma

obra a individualidade, o homem; e isto é inestimável, para aqueles que na Terra valeram mais pelo caráter do que pelo talento. Acresce ainda que, se uma obra nem sempre aumenta o pecúlio do saber humano, uma Correspondência, reproduzindo necessariamente os costumes, os modos de sentir, os gostos, o pensar contemporâneo e ambiente, enriquece sempre o tesouro da documentação histórica. Temos depois que as cartas de um homem, sendo o produto quente e vibrante da sua vida, contêm *mais* ensino que a sua filosofia — que é apenas a criação impessoal do seu espírito. Uma filosofia oferece meramente uma conjetura mais, que se vai juntar ao imenso montão das conjeturas: uma vida que se confessa constitui o estudo de uma

realidade humana, que, posta ao lado de outros estudos, alarga o nosso conhecimento do Homem, único objetivo *acessível* ao esforço intelectual. E finalmente, como *cartas são palestras escritas* (assim afirma não sei que clássico), elas dispensam o revestimento sacramental da *tal prosa como não há*... Mas este ponto precisava ser mais desembrulhado — e eu sinto parar à porta o cavalo em que vou trepar ao pico de Bigorre.»

Foi a lembrança desta opinião de Fradique, tão clara e fundamentada, que me decidiu, apenas em mim se foi calmando a saudade daquele camarada adorável, a reunir as suas cartas, para que os homens alguma coisa pudessem aprender e amar, naquela inteligência que

eu tão estreitamente amara e seguira. A essa carinhosa tarefa devotei um ano — porque a correspondência de Fradique, que, desde os quietos hábitos a que se acolhera depois de 1880, aquele «andador de continentes», era a mais preferida das suas ocupações, apresenta a vastidão e a copiosidade da correspondência de Cícero, de Voltaire, de Proudhon, e de outros poderosos remexedores de ideias.

Sente-se logo o prazer com que compunha estas cartas, na forma do papel — esplêndidas folhas de *Whatman*, ebúrneas bastante, para que a pena corresse nelas com o desembaraço com que a voz corta o ar; vastas bastante, para que nelas coubesse o desenrolamento da mais complexa ideia; fortes bastante, na sua consistência de pergaminho, para que

não prevalecesse contra elas o carcomer do tempo. «Calculei já, ajudado pelo Smith (afirma ele a Carlos Mayer), que cada uma das minhas cartas, neste papel, com envelope e estampilha, me custa 250 réis. Ora supondo vaidosamente que, cada quinhentas cartas minhas, contêm uma ideia — resulta que cada ideia me fica por *cento e vinte e cinco mil-réis*. Este mero cálculo bastará para que o Estado, e a económica classe média que o dirige, impeçam com ardor a educação — provando, como iniludivelmente prova, que fumar é mais barato que pensar... Contrabalanço *pensar e fumar*, porque são, ó Carlos, duas operações idênticas que consistem em atirar pequenas nuvens ao vento.»

Estas dispendiosas folhas têm

todas a um canto as iniciais de Fradique — F. M. — minúsculas e simples, em esmalte escarlate. A letra que as enche, singularmente desigual, oferece a maior similitude com a conversação de Fradique: ora cerrada e fina, parecendo morder o papel, como um buril, para contornar bem rigorosamente a ideia; ora hesitante e demorada, com riscos, separações, como naquele esforço tão seu de tentear, espiar, cercar a real realidade das coisas: ora mais fluida e rápida, lançada com facilidade e largueza, lembrando esses momentos de abundância e de veia que Fontan de Carmanges denominava *le dégel de Fradique*, e em que o gesto estreito e sóbrio se lhe desmanchava num esvoaçar de flâmula ao vento.

Fradique nunca datava as suas cartas: e, se elas vinham de moradas familiares aos seus amigos notava meramente o nome do mês. Existem assim cartas inumeráveis com esta resumida indicação — «Paris, julho»; «Lisboa, fevereiro»... Frequentemente, também, restituía aos meses as alcunhas naturalistas do calendário republicano — «Paris, Floreal»; «Londres, Nivose». Quando se dirigia a mulheres, substituía ainda o nome do mês pelo da flor que melhor o simboliza; e possuo ainda cartas com esta bucólica data — «Florença primeiras violetas» (o que indica fins de fevereiro); «Londres, chegada dos Crisântemos» (o que indica começos de setembro). Uma carta de Lisboa oferece mesmo esta data atroz — «Lisboa,

primeiros fluxos da verborreia parlamentar!» (Isto denuncia um janeiro triste, com lama, tipoias no Largo de S. Bento, e bacharéis em cima bolsando, por entre injúrias, fezes de velhos compêndios).

Não é portanto possível dispor a Correspondência de Fradique por uma ordem cronológica: nem de resto essa ordem importa, desde que eu não edito a sua Correspondência completa e integral, formando uma história contínua e íntima das suas ideias. Em cartas que não são de um *autor* e que não constituem, como as de Voltaire ou de Proudhon, o corrente e constante comentário que acompanha e ilumina a obra, cumpria sobretudo destacar as páginas que, com mais saliência, revelassem a «personalidade»

— o conjunto de ideias, gostos, modos, em que tangivelmente se sente e se palpa o homem. E por isso, nestes pesados maços das cartas de Fradique, escolho apenas algumas, soltas, de entre as que mostram traços de caráter e relances da existência ativa; de entre as que deixam entrever algum instrutivo episódio da sua vida de coração; de entre as que, revolvendo noções gerais sobre a literatura, a arte, a sociedade e os costumes, caracterizam o feitio do seu pensamento; e ainda, pelo interesse especial qua as realça, de entre as que se referem a coisas de Portugal, como as suas «impressões de Lisboa», transcritas com tão maliciosa realidade para regalo de Madame de Jouarre.

Inútil seria decerto, nestas laudas

fragmentais, procurar a suma do alto e livre Pensar de Fradique, ou do seu saber tão fundo e tão certo. A correspondência de Fradique Mendes, como diz finalmente «Alceste» — *c'est son génie qui mousse*. Nela, com efeito, vemos apenas a espuma radiante e efémera que fervia e transbordava, enquanto em baixo jazia o vinho rico e substanciai, que não foi nunca distribuído, nem serviu às almas sedentas. Mas, assim ligeira e dispersa, ela mostra todavia, em excelente relevo, a imagem deste homem tão superiormente interessante em todas as suas manifestações de pensamento, de paixão, de sociabilidade e de ação.

***

Além do meu desejo que os contemporâneos venham a amar este espírito que tanto amei — eu obedeço, publicando as cartas de Fradique Mendes, a um intuito de puro e seguro patriotismo.

Uma nação só vive porque pensa. *Cogitat ergo est*. A força e a riqueza, não bastam para provar que uma nação vive de uma vida que mereça ser glorificada na história — como rijos músculos num corpo e ouro farto numa bolsa, não bastam para que um homem honre em si a humanidade. Um reino de África, com guerreiros incontáveis nas suas colinas e incontáveis diamantes nas suas colinas, será sempre uma terra bravia e morta, que, para lucro da civilização, os civilizados pisam e retalham tão desassombradamente como se sangra e se

corta a rês bruta, para nutrir o animal pensante. E por outro lado se o Egito ou Tunes formassem resplandecentes centros de ciências, de literaturas e de artes, e, através de uma serena legião de homens geniais, incessantemente educassem o mundo — nenhuma nação, mesmo nesta idade de ferro e de força, ousaria ocupar, como um campo marinho e sem dono, esses solos augustos donde se elevasse, para tornar as almas melhores, o enxame sublime das ideias e das formas.

Só na verdade o pensamento e a sua criação suprema, a ciência, a literatura, as artes, dão grandeza aos povos, atraem para eles universal reverência e carinho, e, formando dentro deles o tesouro de verdades e de belezas que o mundo precisa, os tornam perante o

mundo sacrossantos. Que diferença há, realmente, entre Paris e Chicago? São duas palpitantes e produtivas cidades — onde os palácios, as instituições, os parques, as riquezas, se equivalem soberbamente. Porque forma pois Paris um foco crepitante de civilização que, irresistivelmente, fascina a humanidade — e por que tem Chicago apenas sobre a Terra o valor de um rude e formidável celeiro, onde se procura a farinha e o grão? Porque Paris, além dos palácios, das instituições e das riquezas de que Chicago também justamente se gloria, possui a mais um grupo especial de homens — Renan, Pasteur, Taine, Berthelot, Coppée, Bomat, Falguière, Gounod, Massenet — que, pela incessante produção do seu cérebro, convertem a

banal cidade que habitam num centro de soberano ensino. Se as *Origens do Cristianismo*, o *Fausto*, as telas de Bomat, os mármores de Falguière, nos viessem de além dos mares, da nova e monumental Chicago — para Chicago, e não para Paris, se voltariam, como as plantas para o Sol, os espíritos e os corações da Terra.

Se uma nação, portanto, só tem superioridade porque tem pensamento, todo aquele que venha revelar, na nossa pátria, um novo homem de original pensar, concorre patrioticamente para lhe aumentar a grandeza que a tornará respeitada, a única beleza que a tornará amada; — e é como quem aos seus templos juntasse mais um sacrário, ou sobre as suas muralhas erguesse mais um

castelo.

Michelet escrevia um dia, numa carta, aludindo a Antero de Quental: — «Se em Portugal restam quatro ou cinco homens como o autor das *Odes Modernas*, Portugal continua a ser um grande país vivo...» O mestre da *História de França*, com isto, significava — que enquanto viver pelo lado da inteligência, mesmo que jaza morta pelo lado da ação, a nossa pátria não é inteiramente um cadáver que sem escrúpulo se pise e se retalhe. Ora no pensamento há manifestações diversas; e se nem todas irradiam o mesmo esplendor, todas provam a mesma vitalidade. Um livro de versos pode sublimemente mostrar que a alma de uma nação vive ainda pelo génio poético: um conjunto de leis salvadoras,

emanando de um espírito positivo, pode solidamente comprovar que um povo vive ainda pelo génio político: — mas a revelação de um espírito, como o de Fradique, assegura que um país vive também pelos lados menos grandiosos, mas valiosos ainda, da graça, da vivaz invenção, da transcendente ironia, da fantasia, do humorismo e do gosto...

Nos tempos incertos e amargos que vão, portugueses destes não podem ficar para sempre esquecidos, longe, sob a mudez de um mármore. Por isso eu o revelo aos meus concidadãos — como uma consolação e uma esperança.

A ILUSTRE CASA DE RAMIRES

Primeira edição: 1900

1

Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre, em chinelos, com uma quinzena de linho envergada sobre a camisa de chita cor-de-rosa, trabalhava. Gonçalo Mendes Ramires (que naquela sua velha aldeia de Santa Ireneia, e na vila vizinha, a asseada e vistosa Vila Clara, e mesmo na cidade, em Oliveira, todos conheciam pelo «Fidalgo da Torre»), trabalhava numa Novela Histórica, *A Torre de D. Ramires*, destinada ao primeiro número dos *Anais de Literatura e de História*, revista nova, fundada por José Lúcio Castanheiro, seu antigo camarada de Coimbra, nos tempos

do Cenáculo Patriótico, em casa das Severinas.

A livraria, clara e larga, escaiolada de azul, com pesadas estantes de pau-preto onde repousavam, no pó e na gravidade das lombadas de carneira, grossos fólios de convento e de foro, respirava para o pomar por duas janelas, uma de peitoril e poiais de pedra almofadados de veludo, outra mais rasgada, de varanda, frescamente perfumada pela madressilva, que se enroscava nas grades. Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa — mesa imensa de pés torneados, coberta com uma colcha desbotada de damasco vermelho, e atravancadanessa tarde pelos rijos volumes da *História Genealógica*, todo o *Vocabulário* de

Bluteau, tomos soltos do *Panorama*, e ao canto, em pilha, as obras de Walter Scott, sustentando um copo cheio de cravos amarelos. E dai, da sua cadeira de couro, Gonçalo Mendes Ramires, pensativo diante das tiras de papel almaço, roçando pela testa a rama da pena de pato, avistava sempre a inspiradora da sua Novela — a Torre, a antiquíssima Torre, quadrada e negra sobre os limoeiros do pomar que em redor crescera, com uma pouca de hera no cunhal rachado, as fundas frestas gradeadas de ferro, as ameias e a miradoura bem cortadas no azul de junho, robusta sobrevivência do Paço acastelado, da falada Honra de Santa Ireneia, solar dos Mendes Ramires desde os meados do século X.

Gonçalo Mendes Ramires (como

confessava esse severo genealogista, o morgado de Cidadelhe), era certamente o mais genuíno e antigo fidalgo de Portugal. Raras famílias, mesmo coevas, poderiam traçar a sua ascendência, por linha varonil e sempre pura, até aos vagos Senhores que entre Douro e Minho mantinham castelo e terra murada, quando os barões francos desceram, com pendão e caldeira, na hoste do Borguinhão. E os Ramires entroncavam limpidamente a sua casa, por linha pura e sempre varonil, no filho do Conde Nuno Mendes,aquele agigantado Ordonho Mendes, senhor de Treixedo e de Santa Ireneia, que casou em 967 com Dona Elduara, Condessa de Carrion, filha de Bermudo o *Gotoso*, Rei de Leão.

Mais antigo na Espanha que o Condado Portucalense, rijamente, como

ele, crescera e se afamara o Solar de Santa Ireneia resistente como ele às fortunas e aos tempos. E depois, em cada lance forte da História de Portugal, sempre um Mendes Ramires avultou grandiosamente pelo heroísmo, pela lealdade, pelos nobres espíritos. Um dos mais esforçados da linhagem, Lourenço, por alcunha *o Cortador*, colaço de Afonso Henriques (com quem na mesma noite, para receber a pranchada de cavaleiro, velara as armas na Sé de Zamora), aparece logo na batalha de Ourique, onde também avista Jesus Cristo sobre finas nuvens de ouro, pregado numa cruz de dez côvados. No cerco de Tavira, Martim Ramires, freire de Santiago, arromba a golpes de acha um postigo da Couraça, rompe por entre as cimitarras que lhe

decepam as duas mãos, e surde na quadrela da torre albarrã, com os dois pulsos a esguichar sangue, bradando alegremente ao Mestre: — «D. Paio Peres, Tavira é nossa! Real, Real por Portugal!» O velho Egas Ramires, fechado na sua Torre, com a levadiça erguida, as barbacãs eriçadas de frecheiros, nega acolhida a El-Rei D. Fernando e Leonor Teles que corriam o Norte em folgares e caçadas — para que a presença da *adúltera* não macule a pureza estreme do seu solar! Em Aljubarrota, Diogo Ramires *o Trovador* desbarata um troço de besteiros, mata o adiantado-mor de Galiza, e por ele, não por outro, cai derribado o pendão real de Castela, em que ao fim da lide seu irmão de armas, D. Antão de Almada, se embrulhou para o

levar, dançando e cantando, ao Mestre de Avis. Sob os muros de Arzila combatem magnificamente dois Ramires, o idoso Soeiro e seu neto Fernão, e diante do cadáver do velho, trespassado por quatro virotes, estirado no pátio da Alcáçova ao lado do corpo do Conde de Marialva — Afonso V arma juntamente cavaleiros o Príncipe seu filho e Fernão Ramires, murmurando entre lágrimas: «Deus vos queira tão bons como esses que aí jazem!...» Mas eis que Portugal se faz aos mares! E raras são então as armadas e os combates do Oriente em que se não esforce um Ramires — ficando na lenda trágico-marítima aquele nobre capitão do Golfo Pérsico, Baltasar Ramires, que, no naufrágio da *Santa Bárbara*, reveste a sua pesada armadura, e no castelo de proa,

hirto, se afunda em silêncio com a nau que se afunda, encostado à sua grande espada. Em Alcácer Quibir, onde dois Ramires sempre ao lado de El-Reiencontram morte soberba, o mais novo, Paulo Ramires, pajem do Guião, nem leso nem ferido, mas não querendo mais vida pois que El-Rei não vivia, colhe um ginete solto, apanha uma acha-de-armas, e gritando: — «Vai-te, alma, que já tardas, servir a de teu senhor!» entra na chusma mourisca e para sempre desaparece. Sob os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras. Reaparecendo com os Braganças, um Ramires, Vicente, Governador das Armas de Entre Douro e Minho por D. João IV, mete a Castela, destroça os Espanhóis do Conde de Venavente, e toma Fuente Guinal, a cujo

furioso saque preside da varanda dum Convento de Franciscanos, em mangas de camisa, comendo talhadas de melancia. já, porém, como a nação, degenera a nobre raça... Álvaro Ramires, valido de D. Pedro II, brigão façanhudo, atordoa Lisboa com arruaças, furta a mulher dum vedor da Fazenda que mandara matar a pauladas por pretos, incendeia em Sevilha, depois de perder cem dobrões, uma casa de tavolagem, e termina por comandar uma urca de piratas na frota de Murad o *Maltrapilho*.No reinado do Sr. D. João V, Nuno Ramires brilha na Corte, ferra as suas mulas de prata, e arruína a casa celebrando sumptuosas festas de Igreja, em que canta no coro vestido com o hábito de Irmão Terceiro de S. Francisco. Outro Ramires, Cristóvão,

Presidente da Mesa de Consciência e Ordem, alcovita os amores de El-Rei D. José I com a filha do prior de Sacavém. Pedro Ramires, provedor e feitor-mor das Alfândegas, ganha fama em todo o Reino pela sua obesidade, a sua chalaça, as suas proezas de glutão no Paço da Bemposta com o arcebispo de Tessalónica. Inácio Ramires acompanha D. João VI ao Brasil como reposteiro-mor, negoceia em negros, volta com um baú carregado de peças de ouro que lhe rouba um administrador, antigo frade capuchinho, e morre no seu solar da cornada de um boi. O avô de Gonçalo, Damião, doutor liberal dado às Musas, desembarca com D. Pedro no Mindelo, compõe as empoladas proclamações do Partido, funda um jornal, o *Antifrade*, e depois das Guerras Civis

arrasta uma existência reumática em Santa Ireneia, embrulhado no seu capotão de briche, traduzindo para vernáculo, com um léxico e um pacote de simonte, as obras de Valerius Flaccus. O pai de Gonçalo, ora Regenerador, ora Histórico, vivia em Lisboa no Hotel Universal, gastando as solas pelas escadarias do Banco Hipotecário e pelo lajedo da Arcada, até que um Ministro do Reino, cuja concubina, corista de S. Carlos, ele fascinara, o nomeou (para o afastar da Capital), Governador Civil de Oliveira. Gonçalo, esse, era bacharel formado com um R no terceiro ano.

E nesse ano justamente se estreou nas Letras Gonçalo Mendes Ramires. Um seu companheiro de casa, José Lúcio Castanheiro, algarvio muito magro, muito

macilento, de enormes óculos azuis, a quem Simão Craveiro chamava o «Castanheiro Patriotinheiro», fundara um semanário, a *Pátria* — «com o alevantado intento (afirmava sonoramente o Prospeto) de despertar, não só na mocidade académica, mas em todo o País, do cabo Sileiro ao cabo de Santa Maria, o amor tão arrefecido das belezas, das grandezas e das glórias de Portugal!» Devorado por essa ideia, «a sua Ideia», sentindo nela uma carreira, quase uma missão, Castanheiro incessantemente, com ardor teimoso de apóstolo, clamava pelos botequins da Sofia, pelos claustros da Universidade, pelos quartos dos amigos entre a fumaça dos cigarros, — «a necessidade, caramba, de reatar a tradição! de desatulhar, caramba, Portugal

da aluvião do estrangeirismo!» — Como o semanário apareceu regularmente durante três domingos, e publicou realmente estudos recheados de grifos e citações sobre as *Capelas da Batalha*, a *Tomada de Ormuz*, a *Embaixada de Tristão da Cunha*, começou logo a ser considerado uma aurora, ainda pálida mas segura, de Renascimento Nacional. E alguns bons espíritos da Academia, sobretudo os companheiros de casa do Castanheiro, os três que se ocupavam das coisas do saber e da inteligência (porque dos três restantes um era homem de cacete e forças, o outro guitarrista, e o outro «premiado»), passaram, aquecidos por aquela chama patriótica, a esquadrinhar na biblioteca, nos grossos tomos nunca dantes visitados de Fernão Lopes, de Rui

de Pina, de Azurara, proezas e lendas — «só portuguesas, só nossas (como suplicava o Castanheiro), que refizessem à nação abatida uma consciência da sua heroicidade!» Assim crescia o Cenáculo Patriótico da casa das Severinas. E foi então que Gonçalo Mendes Ramires, moço muito afável, esbelto e louro, duma brancura sã de porcelana, com uns finos e risonhos olhos que facilmente se enterneciam, sempre elegante e apurado na batina e no verniz dos sapatos — apresentou ao Castanheiro, num domingo depois do almoço, onze tiras de papel intituladas *D. Guiomar*. Nelas se contava a velhíssima história da castelã, que, enquanto longe nas guerras do Ultramar o castelão barbudo e cingido de ferro atira a acha-de-armas às portas de Jerusalém,

recebe ela na sua câmara, com os braços nus, por noite de maio e de Lua, o pajem de anelados cabelos... Depois ruge o inverno, o castelão volta, mais barbudo, com um bordão de romeiro. Pelo vílico do castelo, homem espreitador e de amargos sorrisos, conhece a traição, a mácula no seu nome tão puro, honrado em todas as Espanhas! E ai do pajem! ai da dama! Logo os sinos tangem a finados. Já no patim da Alcáçova, o verdugo, de capuz escarlate, espera, encostado ao machado, entre dois cepos cobertos de panos de dó... E no final choroso da *D. Guiomar*, como em todas essas histórias do Romanceiro de Amor, também brotavam rente às duas sepulturas, escavadas no ermo, duas roseiras brancas a que o vento enlaçava os aromas e as

rosas. De sorte que (como notou José Lúcio Castanheiro, coçando pensativamente o queixo), não ressaltava nesta *D. Guiomar* nada que fosse «só português, só nosso, abrolhando do solo e da raça!» Mas esses amores lamentosos passavam num solar de Ribacoa: os nomes dos cavaleiros, Remarigues, Ordonho, Froylas, Gutierres, tinham delicioso sabor godo: em cada tira ressoavam brandamente os genuínos: «*Bofé... Mentes pela gorja!... Pajem, o meu morzelo!...*»; e através de toda esta vernaculidade circulava uma suficiente turba de cavalariços com saios alvadios, beguinos sumidos na sombra das cogulas, ovençais sopesando fartas bolsas de couro, uchões espostejando nédios lombos de cerdo... A novela, portanto,

marcava um salutar retrocesso ao sentimento nacional.

— E depois (acrescentava o Castanheiro) este velhaco do Gonçalinho surde com um estilo terso, másculo, de boa cor arcaica... De ótima cor arcaica! Lembra até *O Bobo*, *O Monge de Cister!*... A Guiomar, realmente, é uma castelã vaga, da Bretanha ou da Aquitânia. Mas no vílico, mesmo no castelão, já transparecem portugueses, bons portugueses de fibra e de alma, de Entre Douro e Cávado... Sim senhor! Quando o Gonçalinho se enfronhar dentro do nosso passado, das nossas crónicas, temos enfim nas letras um homem que sente bem o torrão, sente bem a raça!

D. Guiomar encheu três páginas da *Pátria*. Nesse domingo, para celebrar a

sua entrada na literatura, Gonçalo Mendes Ramires pagou aos camaradas do Cenáculo e a outros amigos uma ceia onde foi aclamado, logo depois do frango com ervilhas, quando os moços do Camolino, esbaforidos, renovavam as garrafas de Colares, como «o nosso Walter Scott!» Ele, de resto, anunciara já com simplicidade um romance em dois volumes, fundado nos anais da sua Casa, num rude feito de sublime orgulho de Tructesindo Mendes Ramires, o amigo e alferes-mor de D. Sancho I. Por temperamento, por aquele saber especial de trajes e alfaias que revelara na *D. Guiomar*, até pela antiguidade da sua linhagem, Gonçalinho parecia gloriosamente votado a restaurar em Portugal o romance histórico. Possuía uma

missão — e começou logo a passear pela Calçada, pensativo, com o gorro sobre os olhos, como quem anda reconstruindo um mundo. No ato desse ano levou o R.

Quando regressou das férias para o Quarto Ano, já não refervia na Rua da Matemática o cenáculo ardente dos patriotas. O Castanheiro, formado, vegetava em Vila Real de Santo António: com ele desaparecera a *Pátria:* e os moços zelosos, que na Biblioteca esquadrinhavam as Crónicas de Fernão Lopes e de Azurara, desamparados por aquele apóstolo que os levantava, recaíram nos romances de Georges Ohnet e retomaram à noite o taco nos bilhares da Sofia. Gonçalo voltava também mudado, de luto pelo pai que morrera em agosto, com a barba crescida, sempre afável e

suave, porém mais grave, averso a ceias e a noites errantes. Tomou um quarto no Hotel Mondego, onde o servia, de gravata branca, um velho criado de Santa Ireneia, o Bento; — e os seus companheiros preferidos foram três ou quatro rapazes que se preparavam para a Política, folheavam atentamente *o Diário das Câmaras*, conheciam alguns enredos da Corte, proclamavam a necessidade duma «orientação positiva» e dum «largo fomento rural», consideravam como leviandade reles e jacobina a irreverência da Academia pelos Dogmas, e, mesmo passeando ao luar no Choupal ou no Penedo da Saudade, discorriam com ardor sobre os dois Chefes de Partido — o Brás Vitorino, o homem novo dos Regeneradores, e o velho Barão de S.

Fulgêncio, chefe clássico dos Históricos. Inclinado para os Regeneradores, porque a Regeneração lhe representava tradicionalmente ideias de conservantismo, de elegância culta e de generosidade, Gonçalo frequentou então o Centro Regenerador da Couraça, onde aconselhava à noite, tomando chá preto, «O fortalecimento da autoridade da Coroa», e «uma forte expansão colonial!» Depois, logo na primavera, desmanchou alegremente esta gravidade política; e ainda tresnoitou, na taberna do Camolino, em bacalhoadas festivas, entre o estridor das guitarras. Mas não aludiu mais ao seu grande romance em dois volumes; e ou recuara ou se esquecera da sua missão de Arte Histórica. Realmente só na Páscoa do Quinto Ano retomou a pena — para

lançar, na *Gazeta do Porto*, contra uni seu patrício, o Dr. André Cavaleiro, que o Ministério do S. Fulgêncio nomeara Governador Civil de Oliveira, duas correspondências muito acerbas, dum rancor intenso e pessoal (a ponto de chasquear «a feroz bigodeira negra de S. Ex.ª»). Assinara JUVENAL, Como outrora o pai, quando publicava comunicados políticos de Oliveira nessa mesma *Gazeta do Porto*, jornal amigo, onde um Vilar Mendes, seu remoto parente, redigia a *Revista Estrangeira*. Mas lera aos amigos no Centro — «os dois botes decisivos que atirariam o Sr. Cavaleiro abaixo do seu Cavalo!» E um desses moços sérios, sobrinho do Bispo de Oliveira, não disfarçou o seu assombro:

— Oh Gonçalo, eu sempre pensei que você e o Cavaleiro eram íntimos! Se bem me lembro, quando você chegou a Coimbra, para os Preparatórios, viveu na casa do Cavaleiro, na Rua de S. João... Pois não há uma amizade tradicional, quase histórica, entre Ramires e Cavaleiros?... Eu pouco conheço Oliveira, nunca andei para os vossos sítios; mas até creio que Corinde, a quinta do Cavaleiro, pega com Santa Ireneia!

E Gonçalo enrugou a face, a sua risonha e lisa face, para declarar secamente que Corinde não pegava com Santa Ireneia: que entre as duas terras corria muito justificadamente a ribeira do *Coice:* e que o Sr. André Cavaleiro, e sobretudo Cavalo, era um animal detestávelque pastava na outra margem!

— O sobrinho do Bispo saudou e exclamou:

— Sim senhor, boa piada!

Um ano depois da formatura, Gonçalo foi a Lisboa por causa da hipoteca da sua quinta de Praga, junto a Lamego, que certo foro anual de dez-réis e meia galinha, devido ao abade de Praga, andava empecendo terrivelmente nos Conselhos do Banco Hipotecário —, e também para conhecer mais estreitamente o seu chefe, o Brás Vitorino, mostrar lealdade e submissão partidária, colher algum fino conselho de conduta política. Ora uma noite, voltando de jantar em casa da velha Marquesa de Louredo, a «tia Louredo», que morava a Santa Clara, esbarrou no Rossio com José Lúcio Castanheiro, então empregado no

Ministério da Fazenda, na repartição dos Próprios Nacionais. Mais defecado, mais macilento, com uns óculos mais largos e mais tenebrosos, o Castanheiro ardia todo, como em Coimbra, na chama da sua Ideia — «a ressurreição do sentimento português!» E agora, alargando a proporções condignas da Capital o plano da *Pátria*, labutava devoradoramente na criação duma revista quinzenal, de setenta páginas, com capa azul, os *Anais de Literatura e de História*. Era uma noite de maio, macia e quente. E, passeando ambos em torno das fontes secas do Rossio, Castanheiro, que sobraçava um rolo de papel e um gordo fólio encadernado em bezerro, depois de recordar as cavaqueiras geniais da Rua da Misericórdia, de maldizer a falta de

intelectualidade de Vila Real de Santo António — voltou sofregamente à sua Ideia, e suplicou a Gonçalo Mendes Ramires que lhe cedesse para os *Anais* esse romance que ele anunciara em Coimbra, sobre o seu avoengo Tructesindo Ramires, alferes-mor de Sancho I.

Gonçalo, rindo, confessou que ainda não começara essa grande obra!

— Ah! — murmurou o Castanheiro, estacando, com os negros óculos sobre ele, duros e desconsolados. — Então você não persistiu?... Não permaneceu fiel à Ideia?...

Encolheu os ombros, resignadamente, já acostumado, através da sua missão, a estes desfalecimentos do patriotismo. Nem consentiu que Gonçalo,

humilhado perante aquela fé que se mantivera tão pura e servidora — aludisse, como desculpa, ao inventário laborioso da Casa, depois da morte do papá...

— Bem, bem! Acabou! *Procrastinare lusitanum est*. Trabalha agora no verão... Para Portugueses, menino, o verão é o tempo das belas fortunas e dos rijos feitos. No verão nasce Nuno Álvares no Bonjardim! No verão se vence em Aljubarrota! No verão chega o Gama à índia!... E no verão vai o nosso Gonçalo escrever uma novelazinha sublime!... De resto os ANAIS só aparecem em dezembro, caracteristicamente no Primeiro de dezembro. E você em três meses ressuscita um mundo. Sério, Gonçalo

Mendes!... É um dever, um santo dever, sobretudo para os novos, colaborar nos *Anais*. Portugal, menino, morre por falta de sentimento nacional! Nós estamos imundamente morrendo do mal de não ser Portugueses!

Parou — ondeou o braço magro, como a correia dum látego, num gesto que açoitava o Rossio, a Cidade, toda a Nação. Sabia o amigo Gonçalinho o segredo desta borracheira sinistra? E que, dos Portugueses, os piores desprezavam a Pátria — e os melhores ignoravam a Pátria. O remédio?... Revelar Portugal, vulgarizar Portugal. Sim, amiguinho! Organizar, com estrondo, o reclamo de Portugal, de modo que todos o conheçam — ao menos como se conhece o Xarope Peitoral de James, hem? E que todos o

adotem — ao menos como se adotou o sabão do Congo, hem? E conhecido, adotado, que todos o amem enfim, nos seus heróis, nos seus feitos, mesmo nos seus defeitos, em todos os seus padrões, e até nas veras pedrinhas das suas calçadas! Para esse fim, o maior a empreender neste apagado século da nossa História, fundava ele os ANAIS. Para berrar! Para atroar Portugal, aos bramidos sobre os telhados, com a notícia inesperada da sua grandeza! E aos descendentes dos que outrora fizeram o Reino incumbia, mais que aos outros, o cuidado piedoso de o refazer... Como? Reatando a tradição, caramba!

— Assim, vocês! Por essa história de Portugal fora, vocês são uma enfiada de Ramires de toda a beleza. Mesmo o

desembargador, o que comeu numa ceia de Natal dois leitões!... É apenas uma barriga. Mas que barriga! Há nela uma pujança heroica que prova raça, a raça mais forte *do que promete a força humana*, como diz Camões. Dois leitões, caramba! Até enternece!... E os outros Ramires, o de Silves, o de Aljubarrota, os de Arzila, os da índia! E os cinco valentes, de quem você talvez nem saiba, que morreram no Salado! Pois bem, ressuscitar estes varões, e mostrar neles a alma façanhuda, o querer sublime que nada verga, é uma soberba lição aos novos... Tonifica, caramba! Pela consciência que renova de termos sido tão grandes, sacode este chocho consentimento nosso em permanecermos pequenos!É o que eu chamo reatar a

tradição... E depois feito por você próprio, Ramires, que chique! Caramba, que chique! É um fidalgo, o maior fidalgo de Portugal, que, para mostrar a heroicidade da Pátria, abre simplesmente, sem sair do seu solar, os arquivos da sua Casa, velha demais de mil anos. É de rachar!... E você não precisa fazer um grosso romance... Nem um romance muito desenvolvido está na índole militante da revista. Basta um conto, de vinte ou trinta páginas... Está claro, os ANAIS por ora não podem pagar. Também, você não precisa!E que diabo! não se trata de pecúnia, mas duma grande renovação social... E depois, menino, a literatura leva a tudo em Portugal. Eu sei que o Gonçalo em Coimbra, ultimamente, frequentava o Centro Regenerador. Pois,

amigo, de folhetim em folhetim, se chega a S. Bento! A pena agora, como a espada outrora, edifica reinos... Pense você nisto! E adeus! que ainda hoje tenho de copiar, para letra cristã, este estudo do Henriques sobre Ceilão... Você não conhece o Henriques?... Não conhece. Ninguém conhece. Pois quando na Europa, nessas grandes Academias da Europa, há uma dúvida sobre a História ou a Literatura cingalesa, gritam para cá, para o Henriques!

Abalou, agarrado ao seu rolo e ao seu tomo — e Gonçalo ainda o avistou, na porta e claridade da tabacaria Nunes, agitando o braço esguio de Apóstolo diante dum sujeito obeso, de vasto colete branco, que recuava, com espanto, assim perturbado no quieto gozo do seu grosso

charuto e da doce noite de maio.

O Fidalgo da Torre recolheu para o Bragança, impressionado, ruminando a ideia do Patriota. Tudo nela o seduzia — e lhe convinha: a sua colaboração numa revista considerável, de setenta páginas, em companhia de escritores doutos, lentes das Escolas, antigos ministros, até conselheiros de Estado; a antiguidade da sua raça, mais antiga que o Reino, popularizada por uma história de heroica beleza, em que, com tanto fulgor, ressaltavam a bravura e a soberba de alma dos Ramires; e enfim a seriedade académica do seu espírito, o seu nobre gostopelas investigações eruditas, aparecendo no momento em que tentava a carreira do Parlamento e da Política!... E o trabalho, a composição moral dos

vetustos Ramires, a ressurreição arqueológica do viver Afonsino, as cem tiras de almaço a atulhar de prosa forte — não o assustavam... Não! porque felizmente já possuía a «sua obra» — e cortada em bom pano, alinhavada com linha hábil. Seu tio Duarte, irmão de sua mãe (uma senhora de Guimarães, da casa das Balsas), nos seus anos de ociosidade e imaginação, de 1845 a 1850, entre a sua carta de Bacharel e o seu Alvará de Delegado, fora poeta — e publicara no *ar o*, semanário de Guimarães, um poemeto em verso solto, o *Castelo de Santa Ireneia*, que assinara com duas iniciais D. B. Esse castelo era o seu, o Paço antiquíssimo, de que restava a negra torre entre os limoeiros da horta. E o poemeto cantava, com romântico garbo, um lance

de altivez feudal em que se sublimara Tructesindo Ramires, alferes-mor de Sancho I, durante as contendas de Afonso II e das senhoras Infantas. Esse volume do *Bardo*, encadernado em marroquim, com o brasão dos Ramires, o açor negro em campo escarlate, ficara no arquivo da Casa como um trecho da crónica heroica dos Ramires. E muitas vezes em pequeno Gonçalo recitara, ensinados pela mamã, os primeiros versos do poema, de tão harmoniosa melancolia:

Na palidez da tarde, entre a folhagem
Que o outono amarelece...

Era com esse sombrio feito do seu vago avoengo, que Gonçalo Mendes

Ramires decidira em Coimbra, quando os camaradas da *Pátria* e das ceias o aclamavam «o nosso Walter Scott», compor um romance moderno, dum realismo épico, em dois robustos volumes, formando um estudo ricamente colorido da Meia Idade Portuguesa... E agora lhe servia, e com deliciosa facilidade, para essa novela curta e sóbria, de trinta páginas, que convinha aos *Anais*.

No seu quarto do Bragança abriu a varanda. E debruçado, acabando o charuto, na dormente suavidade da noite de maio, ante a majestade silenciosa do rio e da Lua, pensava regaladamente que nem teria a canseira de esmiuçar as crónicas e os fólios maçudos... Com efeito! toda a reconstrução histórica a

realizara, e solidamente, com um saber destro, o tio Duarte. O Paço acastelado de Santa Ireneia, com as fundas carcovas, a torre albarrã, a alcáçova, a masmorra, o farol e o balsão; o velho Tructesindo, enorme, e os seus flocos de cabelos e barbas ancestrais, derramados sobre a loriga de malha; os servos mouriscos, de surrões de couro, cavando os regueiros da horta; os oblatos resmungando à lareira as *Vidas dos Santos:* os pajens jogando no campo do tavolado — tudo ressurgia, com verídico realce, no poemeto dotio Duarte! Ainda recordava mesmo certos lances; o truão açoitado; o festim e os uchões que arrombavam as cubas de cerveja; a jornada de Violante Ramires para o Mosteiro de Lorvão...

Junto à fonte mourisca, entre os ulmeiros,
A cavalgada para...

O enredo todo com a sua paixão de grandeza bárbara, os recontros bravios em que se saciam a punhal os rancores de raça, o heroico falar despedido de lábios de ferro — lá estavam nos versos do titi, sonoros e bem balançados...

Monge, escuta! O solar de D. Ramires
Por si, e pedra a pedra se aluíra,
Se jamais um bastardo lhe pisasse,
Com sapato aviltado, as lajes puras!

Na realidade só lhe restava transpor as fórmulas fluidas do Romantismo de 1846, para a sua prosa tersa e máscula (como confessava o Castanheiro), de ótima cor arcaica, lembrando o *Bobo*. E era um plágio? Não! A quem, com mais seguro direito do que a ele, Ramires pertencia a memória dos Ramires históricos? A ressurreição do velho Portugal, tão bela no *Castelo de Santa Ireneia*, não era obra individual do tio Duarte — mas dos Herculanos, dos Rebelos, das Academias, da erudição esparsa. E, de resto, quem conhecia hoje esse poemeto, e mesmo o *Bardo*, delgado semanário que perpassara, durante cinco meses, há cinquenta anos, numa vila de província?... Não hesitou mais, seduzido.

E enquanto se despia, depois de beber aos goles um copo de água com bicarbonato de soda, já martelava a primeira linha do conto, à maneira lapidária da *Salambo*: — «Era nos Paços de Santa Ireneia, por uma noite de inverno, na sala alta da alcáçova...».

Ao outro dia, procurou José Lúcio Castanheiro na repartição dos Próprios Nacionais, à pressa — porque, depois duma conferência no Banco Hipotecário, ainda prometera acompanhar as primas Chelas a uma Exposição de Bordados na livraria Gomes. E anunciou ao Patriota que, positivamente, lhe assegurava para o primeiro número dos *Anaias* a novela, a que já decidira o título — a *Torre de D. Ramires*.

— Que lhe parece?

Deslumbrado, José Castanheiro atirou os magríssimos braços, resguardados pelas mangas de alpaca, até à abóbada do esguio corredor em que o recebera:

— Sublime!... A *Torre de D. Ramires!*... O grande feito de Tructesindo Mendes Ramires, contado por Gonçalo Mendes Ramires!... E tudo na mesma Torre! Na Torre o velho Tructesindo pratica o feito; e setecentos anos depois, na mesma Torre, o nosso Gonçalo conta ofeito! Caramba, menino, carambíssima! isso é que é reatar a tradição!

Duas semanas depois, de volta a Santa Ireneia, Gonçalo mandou um criado da quinta, com uma carroça, a Oliveira, a casa de seu cunhado José Barrolo, casado com Gracinda Ramires, para lhe trazer da

rica livraria clássica que o Barrolo herdara do tio Deão da Sé, todos os volumes da *História Genealógica* — «e» (acrescentava numa carta) «todos os cartapácios que por lá encontrares com o título de Crónicas do Rei fulano... » Depois, do pó das suas estantes, desenterrou as obras de Walter Scott, volumes desirmanados do *Panorama*, a *História*de Herculano, *O Bobo*, *O Monge de Cister*. E assim abastecido, com uma farta resma de tiras de almaço sobre a banca, começou a repassar o poemeto do tio Duarte, inclinado ainda a transpor para a aspereza duma manhã de dezembro, como mais congénere com a rudeza feudal dos seus avós, aquela luzida cavalgada de donas, monges e homens de armas que o tio Duarte estendera através duma suave

melancolia outonal, pelas veigas do Mondego...

Na palidez da tarde, entre a folhagem
Que o outono amarelece...

Mas, como era então junho e a Lua crescia, Gonçalo determinou por fim aproveitar as sensações de calor, luar e arvoredos, que lhe fornecia a aldeia — para levantar, logo à entrada da sua novela, o negro e imenso Paço de Santa Ireneia, no silêncio duma noite de agosto, sob o resplendor da lua cheia.

E já enchera desembaraçadamente, ajudado pelo *Bardo*, duas tiras, quando uma desavença com o seu caseiro, o Manuel Relho, que amanhava a quinta por

oitocentos mil-réis de renda, veio perturbar, na fresca e noviça inspiração do seu trabalho, o Fidalgo da Torre. Desde o Natal o Relho, que durante anos de compostura e ordem se emborrachava sempre aos domingos com alegria e com pachorra, começara a tomar, três e quatro vezes por semana, bebedeiras desabridas, escandalosas, em que espancava a mulher, atroava a quinta de berros, e saltava para a estrada, esguedelhado, de varapau, desafiando a quieta aldeia. Por fim, uma noite em que Gonçalo, à banca, depois do chá, laboriosamente escavava os fossos do Paço de Santa Ireneia — de repente a Rosa cozinheira rompeu a gritar: «Aqui d'El-Rei contra o Relho!» E, através dos seus brados e dos latidos dos cães, uma pedra, depois outra, bateram na varanda

venerável da livraria! Enfiado, Gonçalo Mendes Ramires pensou no revólver... Mas justamente nessa tarde o criado, o Bento, descera aquela sua velha e única arma à cozinha para a desenferrujar e arear! Então, atarantado, correu ao quarto, que fechou à chave, empurrando contra à porta a cómoda com tão desesperada ansiedade, que frascos de cristal, um cofre de tartaruga, até um crucifixo, tombaram e se partiram. Depois gritos e latidos findaram no pátio — mas Gonçalo não se arredou nessa noite daquele refúgio bem defendido, fumando cigarros, ruminando um furor sentimental contra o Relho, a quem tanto perdoara, sempre tão afavelmente tratara, e que apedrejava as vidraças da Torre! Cedo, de manhã, convocou o Regedor; a Rosa, ainda

trémula, mostrou no braço as marcas roxas dos dedos do Relho; e o homem, cujo arrendamento findava em outubro, foi despedido da quinta com a mulher, a arca e o catre. Imediatamente apareceu um lavrador dos Bravais, o José Casco, respeitado em toda a freguesia pela sua seriedade e força espantosa, propondo ao fidalgo arrendar a Torre. Gonçalo Mendes Ramires, porém, já desde a morte do pai, decidira elevar a renda a novecentos e cinquenta mil-réis; — e o Casco desceu as escadas, de cabeça descaída. Voltou logo ao outro dia, repercorreu miudamente toda a quinta, esfarelou a terra entre os dedos, esquadrinhou o curral e a adega, contou as oliveiras e as cepas; e num esforço, em que lhe arfaram todas as costelas, ofereceu novecentos e

dez mil-réis! Gonçalo não cedia, certo da sua equidade. O José Casco voltou ainda com a mulher; depois,num domingo, com a mulher e um compadre — e era um coçar lento do queixo rapado, umas voltas desconfiadas em torno da eira e da horta, umas demoras sumidas dentro da tulha, que tornavam aquela manhã de junho intoleravelmente longa ao Fidalgo, sentado num banco de pedra do jardim, debaixo duma mimosa, com a *Gazeta do Porto*. Quando o Casco, pálido, lhe veio oferecer novecentos e trinta mil-réis — Gonçalo Mendes Ramires arremessou o jornal, declarou que ia ele, por sua conta, amanhar a propriedade, mostrar o que era um terrão rico, tratado pelo saber moderno, com fosfatos, com máquinas! O homem de Bravais, então, arrancou um

fundo suspiro, aceitou os novecentos e cinquenta mil-réis. À maneira antiga o Fidalgo apertou a mão ao lavrador — que entrou na cozinha a enxugar um largo copo de vinho,esponjando na testa, nas cordoveias rijas do pescoço, o suor ansiado que o alagava.

Mas, como entulhada por estes cuidados, a veia abundante de Gonçalo estancou — não foi mais que um fio arrastado e turvo. Quando nessa tarde se acomodou à banca, para contar a sala de armas do Paço de Santa Ireneia por uma noite de Lua — só conseguiu converter servilmente numa prosa aguada os versos lisos do tio Duarte, sem relevo que os modernizasse, desse majestade senhorial ou beleza saudosa àqueles maciços muros onde o luar, deslizando através das

rechãs, salpicava centelhas pelas pontas das lanças altas, e pela cimeira dos morriões... E desde as quatro horas, no calor e silêncio de domingo de junho, labutava, empurrando a pena como lento arado em chão pedregoso, riscando logo rancorosamente a linha que sentia deselegante e mole, ora num rebuliço, a sacudir e reenfiar sob a mesa os chinelos de marroquim, ora imóvel e abandonado à esterilidade que o travava, com os olhos esquecidos na Torre, na sua dificílima Torre, negra entre os limoeiros e o azul, toda envolta no piar e esvoaçar das andorinhas.

Por fim, descoroçoado, arrojou a pena que tão desastrosamente emperrara. E fechando na gaveta, com uma pancada, o volume precioso do *Bardo:*

— Irra! Estou perfeitamente entupido! É este calor! E depois aquele animal do Casco, toda a manhã!...

Ainda releu, coçando sombriamente a nuca, a derradeira linha rabiscada e suja:

— «...Na sala altaneira e larga, onde os largos e pálidos raios da Lua...» Larga, largos!... E os pálidos raios, os eternos *pálidos raios!...* Também este maldito castelo, tão complicado!... E este D. Tructesindo, que eu não apanho, tão antigo! Enfim, um horror!

Atirou, num repelão, a cadeira de couro; cravou, com furor, um charuto nos dentes; — e abalou da livraria, batendo desesperadamente a porta, num tédio imenso da sua obra, daqueles confusos e enredados Paços de Santa Ireneia, e dos

seus avós, enormes, ressoantes, chapeados de ferro, e mais vagos que fumos.

2

Bocejando, apertando os cordões das largas pantalonas de seda que lhe escorregavam da cinta, Gonçalo, que durante todo o dia preguiçara, estirado no divã de damasco azul, com uma vaga dor nos rins, atravessou languidamente o quarto para espreitar, no corredor, o antigorelógio de charão. Cinco horas e meia!... Para desanuviar, pensou numa caminhada pela fresca estrada dos Bravais. Depois numa visita (devida já desde a Páscoa!) ao velho Sanches Lucena, eleito novamente deputado, nas eleições gerais de abril, pelo circulo de Vila Clara. Mas a jornada à *Feitosa*, à quinta do Sanches Lucena, demandava

uma hora a cavalo, desagradável com aquela teimosa dor nos rins que o filara na véspera à noite, depois do chá, na Assembleia da vila. E, indeciso, arrastava os passos no corredor, para gritar ao Bento ou à Rosa que lhe subissem uma limonada, quando, através das varandas abertas, ressoou um vozeirão de grosso metal, que gracejando mais se engrossava, rolava pelo pátio, numa cadência cava de malho malhando:

— Oh sô Gonçalo! Oh sô Gonçalão! Oh sô Gonçalíssimo Mendes Ramires!

Reconheceu logo o *Titó*, o António Vilalobos, seu vago parente, e seu companheiro de Vila Clara, onde aquele homenzarrão excelente, de velha raça alentejana, se estabelecera sem motivo, só por afeição bucólica à vila. E havia onze

anos que a atulhava com os seus possantes membros, o lento ribombo do seu vozeirão, e a sua ociosidade espalhada pelos bancos, pelas esquinas, pelas ombreiras das lojas, pelos balcões das tabernas, pelas sacristias a caturrar com os padres, até pelo cemitério a filosofar com o coveiro. Era um irmão do velho morgado de Cidadelhe (o genealogista), que lhe estabelecera uma mesada de oito moedas para o conservar longe de Cidadelhe — e do seu sujo serralho de moças do campo, e da obra tenebrosa a que, agora, se atrelara, a *Verídica Inquirição*, uma inquirição sobre as bastardias, crimes e títulos ilegítimos das famílias fidalgas de Portugal. E Gonçalo, desde estudante, amara sempre aquele Hércules bonacheirão, que o seduzia pela

prodigiosa força, a incomparável potência em beber todo um pipo e em comer todo um anho, e sobretudo pela independência, uma suprema independência, que, apoiada ao bengalão terrífico e com as suas oito moedas dentro da algibeira, nada temia e nada desejava nem da Terra nem do Céu. — Logo debruçado na varanda, gritou:

— Oh Titó, sobe!... Sobe enquanto eu me visto. Tomas um cálice de genebra... Vamos depois passear até aos Bravais...

Sentado no rebordo do tanque redondo e sem água que ornava o pátio, erguendo para o casarão a sua franca e larga face requeimada, cheia de barba ruiva, o Titó movia lentamente, como um leque, um velho chapéu de palha:

— Não posso... Ouve lá! Tu queres hoje à noite cear no Gago, comigo e com

o João Gouveia? Vai também o Videirinha e o violão. Temos uma tainha assada, uma famosa. E enorme, que eu comprei esta manhã a uma mulher da Costa por cinco tostões. Assada pelo Gago!... Entendido, hem? O Gago abre pipa nova de vinho, do abade de Chandim. Eu conheço o vinho. E daqui, da ponta fina.

E Titó, com dois dedos, delicadamente, sacudiu a ponta mole da orelha. Mas Gonçalo, repuxando as pantalonas, hesitava:

— Homem, eu ando com o estômago arrasado... E desde ontem à noite uma dor nos rins, ou no fígado, ou no baço, não sei bem, numa dessas entranhas!... Até hoje, para o jantar, só caldo de galinha e galinha cozida... Enfim! vá! Mas, à cautela, recomenda ao Gago que me

prepare para mim um franguinho assado... Onde nos encontramos? Na Assembleia?

O Titó despegara logo do tanque, pousando na nuca o chapéu de palha:

— Hoje não me gasto pela Assembleia. Tenho senhora. Das dez para as dez e meia, no Chafariz... Vai também o Videirinha com a viola. Viva!... Das dez para as dez e meia! Entendido... E franguinho assado para S. Ex.ª, que se queixa do rim!

E atravessou o pátio, com lentidão bovina, parando a colher numa roseira, junto ao portão, uma rosa com que floriu a quinzena de veludilho cor de azeitona.

Imediatamente Gonçalo decidira não jantar, certo dos benefícios daquele jejum até às dez horas, depois de um passeio pelos Bravais e pelo vale da Riosa. E,

antes de entrar no quarto para se vestir, empurrou a porta envidraçada sobre a escura escada da cozinha, gritou pela Rosa cozinheira. Mas nem a boa velha, nem o Bento por quem também berrou furiosamente, responderam, no pesado silêncio em que jaziam, como abandonados, esses sombrios fundos de grande laje e de grande abóbada que restavam do antigo palácio, restaurado por Vicente Ramires depois da sua campanha em Castela, incendiado no tempo de El-Rei D. José I. Então Gonçalo desceu dois degraus da gasta escadaria de pedra e atirou outro dos longos brados com que atroava a Torre — desde que as campainhas andavam desmanchadas. E descia aindapara invadir a cozinha, quando a Rosa acudiu. Saíra para o pátio

da horta com a filha da Crispola! não sentira o Sr. Doutor!...

— Pois estou a berrar há uma hora! E nem você nem Bento!... É porque não janto. Vou cear a Vila Clara com os amigos.

A Rosa, do sonoro fundo do corredor, protestou, desolada. Pois o Sr. Doutor ficava assim em jejum até horas da noite? — Filha dum antigo hortelão da Torre, crescida na Torre, já cozinheira da Torre quando Gonçalo nascera, sempre o tratara por «menino», e mesmo por «seu riquinho», até que ele partiu para Coimbra e começou a ser, para ela e para o Bento, o «Sr. Doutor». — E o Sr. Doutor, ao menos, devia tomar o caldinho de galinha, que apurara desde o meio-dia, cheirava que nem feito no Céu!

Gonçalo, que nunca discordava da Rosa ou do Bento, consentiu — e já subia, quando reclamou ainda a Rosa para se informar da Crispola, uma desgraçada viúva que, com um rancho faminto de crianças, adoecera pela Páscoa de febres perniciosas.

— A Crispola vai melhor, Sr. Doutor. já se levanta. Diz a pequena que já se levanta... Mas muito derreadinha...

Gonçalo desceu logo outro degrau, debruçado na escada, para mergulhar mais confidencialmente naquelas tristezas:

— Olhe, oh Rosa, então se a pequena ai está, coitada, que leve para casa à mãe a galinha que eu tinha para jantar. E o caldo... Que leve a panela! Eu tomo uma chávena de chá com biscoitos. E olhe! Mande também dez tostões à Crispola...

Mande dois mil-réis. Escute! Mas não lhe mande a galinha e o dinheiro assim secamente... Diga que estimo as melhoras, e que lá passarei por casa para saber. E esse animal do Bento que me suba água quente!

No quarto, em mangas de camisa, diante do espelho, um imenso espelho rolando entre colunas douradas, estudou a língua que lhe parecia saburrosa, depois o branco dos olhos, receando a amarelidão de bílis solta. E terminou por se contemplar na sua feição nova, agora que rapara a barba em Lisboa, conservando o bigodinho castanho frisado e leve, e uma mosca um pouco longa, que lhe alongava mais a face aquilina e fina, sempre duma brancura de nata. O seu desconsolo era o cabelo, bem ondeado, mas ténue e fraco,

e, apesar de todas as águas e pomadas, necessitando já risca mais elevada, quase ao meio da testa clara.

— É infernal! Aos trinta anos estou calvo...

E todavia não se despegava do espelho, numa contemplação agradada, recordando mesmo a recomendação da tia Louredo, em Lisboa: — Oh sobrinho! o menino, assim galante e esperto, não se enterre na província! Lisboa está sem rapazes. Precisamos cá um bom Ramires!» — Não! não se enterraria na província, imóvel sob a hera e a poeira melancólica das coisas imóveis, como a sua Torre!... Mas vida elegante em Lisboa, entre a sua parentela histórica, como a aguentaria com o conto e oitocentos mil-réis de renda que lhe

restava, pagas as dívidas do papá? E depois realmente vida em Lisboa só a desejava com uma posição política — cadeira em S. Bento, influência intelectual no seu Partido, lentas e seguras avançadas para o Poder. E essa, tão docemente sonhada em Coimbra, nas fáceis cavaqueiras do Hotel Mondego — muito remota a entrevia! Quase inconquistável, para além de um muro alto e áspero, sem porta e sem fenda!... Deputado — como? Agora, com o horrendo S. Fulgêncio e os Históricos no Ministério durante três gordos anos, não voltariam Eleições Gerais. E mesmo nalguma Eleição Suplementar que possibilidade lograria ele, que, desde Coimbra, bem levianamente, arrastado por uma elegância de tradições, se manifestara

sempre Regenerador, no «Centro» da Couraça, nas correspondências para a *Gazeta do Porto*, nas verrinas ardentes contra o chefe do Distrito, o Cavaleiro detestável?... Agora só lhe restava esperar. Esperar, trabalhando; ganhando em consistência social; edificando com sagacidade, sobre a base do seu imenso nome histórico, uma pequenina nomeada política; tecendo e estendendo a malha preciosa das amizades partidárias, desde Santa Ireneia até ao Terreiro do Paço... Sim! eis a teoria esplêndida: — mas consistência, nomeada, afeições políticas, como se conquistam? «Advogue, escreva nos Jornais!» fora o conselho distraído e risonho do seu chefe, o Brás Vitorino. Advogar em Oliveira, mesmo em Lisboa? Não podia, com aquele seu horror

ingénito, quase fisiológico, a autos e papelada forense. Fundar um jornal em Lisboa como o Ernesto Rangel, seu companheiro de Coimbra no Hotel Mondego? Era façanha fácil para o neto adorado da Sra.D. Joaquina Rangel, que armazenava dez mil pipas de vinho nos barracões de Gaia. Batalhar num jornal de Lisboa? Nessas semanas de Capital, sempre pelo Banco Hipotecário, sempre com as «primas», nem formara relações duráveis e úteis nos dois grandes DiáriosRegeneradores, a *Manhã* e a *Verdade*... De sorte que, realmente, nesse muro que o separava da fortuna só descobria um buraquinho, bem apertado m as serviçal — os *Anais de Literatura e de História*, com a sua colaboração de Professores, de Políticos, até

dumMinistro, até de um Almirante, o Guerreiro Araújo, esse tonante maçador. Aparecia pois nos *Anais* com a sua *Torre*, revelando imaginação e um saber rico. Depois, trepando da Invenção para o terreno mais respeitável da Erudição, daria um estudo (que até lhe lembrara no comboio, ao voltar de Lisboa!) sobre as «Origens Visigóticas do Direito Público em Portugal...». Oh, nada conhecia, é certo, dessas Origens, desses Visigodos. Mas, com a bela *História da Administração Pública em Portugal* que lhe emprestara o Castanheiro, comporia corrediamente um resumo elegante... Depois, saltando da Erudição às Ciências Sociais e Pedagógicas — por que não amassaria uma boa «Reforma do Ensino jurídico em Portugal» em dois artigos

maçudos, de Homem de Estado?... Assim avançava, bem chegado aos Regeneradores, construindo e cinzelando o seu pedes tal literário, até que os Regeneradores voltassem ao Ministério, e no muro se escancarasse a desejada porta triunfal. — E no meio do quarto, em ceroulas, com as mãos nas ilhargas, Gonçalo Mendes Ramires concluiu pela necessidade de apressar a sua novela.

— Mas, quando acabarei eu essa *Torre?* assim emperrado, sem veia, com o fígado combalido?...

O Bento, velho de face rapada e morena, com um lindo cabelo branco todo encarapinhado, muito limpo, muito fresco na sua jaqueta de ganga, entrara vagarosamente, segurando a infusa de água quente.

— Oh Bento, ouve lá! Tu não encontraste na mala que eu trouxe de Lisboa, ou no caixote, um frasco de vidro com um pó branco? É um remédio inglês que me deu o Sr. Dr. Matos... Tem um rótulo em inglês, com um nome inglês, não sei quê, *fruit salt*... Quer dizer sal de frutas...

O Bento cravou no soalho os olhos, que depois cerrou, meditando. Sim, no quarto de lavar, em cima do baú vermelho, ficara um frasco com pó, embrulhado num pergaminho antigo como os do Arquivo.

— É esse! — declarou Gonçalo. — Eu precisava em Lisboa uns documentos por causa daquele malvado foro de Praga. E por engano, na balbúrdia, levo do Arquivo um pergaminho perfeitamente

inútil! Vai buscar o rolo... Mas tem cuidado com o frasco!

O Bento, cuidadoso, sempre lento, ainda enfiou os botões de ágata nos punhos da camisa do Sr. Doutor, e desdobrou sobre a cama, para ele vestir, a quinzena, as calças bem vincadas, de cheviote leve. E Gonçalo, retomado pela ideia de artigos para os ANAIS, folheava, rente à janela, a *História da Administração Pública em Portugal*, quando Bento voltou com um rolo de pergaminho, de onde pendia, por fitas roídas, um selo de chumbo.

— Esse mesmo! — exclamou o Fidalgo atirando o volume para o poial da janela. — É esse mesmo que eu enrolei no pergaminho para se não quebrar. Desembrulha, deixa em cima da cómoda...

o Sr. Dr. Matos aconselhou que o tomasse com água tépida, em jejum. Parece que ferve. E limpa o sangue, desanuvia a cabeça... Pois eu muito necessitado ando de desanuviar a cabeça!... Toma tu também, Bento. E diz à Rosa que tome. Todos tomam agora, até o Papa!

Com cuidado, o Bento desenrolara o frasco, estendendo sobre o mármore da cómoda o pergaminho duro, onde a letra do século XVI se encarquilhava amarela e morta. E Gonçalo, abotoando o colarinho:

— Ora aí está o que eu levo preciosamente, para deslindar o foro de Praga! Um pergaminho do tempo de D. Sebastião... E só percebo mesmo a data, mil quatrocentos... Não, mil quinhentos e setenta e sete. Nas vésperas da jornada de África... Enfim! serviu para embrulhar o

frasco.

O Bento, que escolhera no gavetão um colete branco, relanceou de lado o pergaminho venerável:

— Naturalmente foi carta que El-Rei D. Sebastião escreveu a algum avozinho do Sr. Doutor...

— Naturalmente — murmurava o Fidalgo, diante do espelho. — E para lhe dar alguma coisa boa, alguma coisa gorda... Antigamente ter rei era ter renda. Agora... Não apertes tanto essa fivela, homem! Trago há dias o estômago inchado... Agora, com efeito, esta instituição de Rei anda muito safada, Bento!

— Parece que anda — observou gravemente o Bento. — Também, o Século afiança que os Reis estão a acabar,

e por dias. Ainda ontem afiançava. E o Século é jornal bem informado... No de hoje, não sei se o Sr. Doutor leu, lá vem a grande festa dos anos do Sr. Sanches Lucena, e o fogo de vista, e o bródio que deram na *Feitosa*...

Enterrado no divã de damasco, Gonçalo estendera os pés ao Bento, que lhe laçava as botas brancas:

— Esse Sanches Lucena é um idiota! Ora que arranjo fará a esse homem, aos sessenta anos, ser deputado, passar meses em Lisboa no Francfort, abandonar as propriedades, deixar aquela linda quinta... E para quê? Para rosnar de vez em quando «apoiado»! Antes ele me cedesse a cadeira, a mim, que sou mais esperto, não possuo grandes terras, e gosto do Hotel Bragança. E por Sanches Lucena... O

Joaquim amanhã que me tenha a égua pronta, a esta hora, para eu ir à *Feitosa*, visitar esse animal... E ponho então o fato novo de montar que trouxe de Lisboa, com as polainas altas... Há mais de dois anos que não vejo a D. Ana Lucena. É uma linda mulher!

— Pois quando o Sr. Doutor estava em Lisboa eles passaram aí, na caleche. Até pararam, e o Sr. Sanches Lucena apontou para a Torre, a mostrar à senhora... Mulher muito perfeita! E traz uma grande luneta, com um grande cabo, e um grande grilhão, tudo de ouro...

— Bravo!... Encharca bem esse lenço com água-de-colónia, que tenho a cabeça tão pesada!... Essa D. Ana era uma jornaleira, uma moça do campo, de Corinde?

Bento protestou, com o frasco suspenso, espantado para o Fidalgo:

— Não senhor! A Sra. D. Ana Lucena é de gente muito baixa! Filha de um carniceiro de Ovar... E o irmão andou a monte por ter morto o ferrador de Ílhavo.

— Enfim — resumiu Gonçalo — filha de carniceiro, irmão a monte, bela mulher, luneta de ouro... Merece fato novo!

Em Vila Clara, às dez horas, sentado num dos bancos de pedra do Chafariz, sob as olaias, o Titó esperava com o amigo João Gouveia — que era o Administrador do Concelho da vila. Ambos se abanavam com os chapéus, em silêncio, gozando a frescura e o sussurro da água lenta na sombra. E a «meia» batia no relógio da

Câmara, quando Gonçalo, que se retardara na Assembleia num voltarete enremissado, apareceu anunciando uma fome terrível, «a fome histórica dos Ramires», e apressando a marcha para o Gago sem mesmo consentir que o Titó descesse à tabacaria do Brito, a buscar uma garrafa de aguardente de cana da Madeira, velha e «da ponta fina...».

— Não há tempo! Ao Gago! Ao Gago!... Senão devoro um de vocês, com esta furiosa fome Ramírica!

Mas, logo ao subirem a Calçadinha, parou ele cruzando os braços, interpelando divertidamente o Sr. Administrador do Concelho, pelo estupendo feito de *seu* Governo... Então o *seu* Governo, os *seus* amigos históricos, o *seu* honradíssimo S. Fulgêncio nomeavam,

para Governador Civil de Monforte, o António Moreno! O António Moreno, tão justamente chamado em Coimbra Antoninha Morena! Não, realmente, era a derradeira degradação a que podia rolar um país! Depois desta, para harmonia perfeita dos serviços, só outra nomeação, e urgente — a da Joana Salgadeira, Procuradora-Geral da Coroa!

E o João Gouveia, um homem pequeno, muito escuro, muito seco, de bigode mais duro que piaçaba, esticado numa sobrecasaca curta, com o chapéu de coco atirado para a orelha, não discordava. Empregado imparcial, servindo os Históricos como servira os Regeneradores sempre acolhia com imparcial ironia as nomeações de bacharéis novos, Históricos ou

Regeneradores, para os gordos lugares administrativos. Mas, neste caso, sinceramente, quase vomitara, rapazes! Governador Civil, e de Monforte, o António Moreno, que ele tantas vezes encontrara no quarto, em Coimbra, vestido de mulher, de roupão aberto, e a carinha bonita coberta de pó de arroz!... — E, travando do braço do Fidalgo, recordava a noite em que o José Gorjão, muito bêbado, de cartola e com um revólver, exigia furiosamente que o Padre Justino, também bêbado, o casasse com o Antoninho diante dum nicho da Senhora da Boa Morte! Mas o Titó, que esperava, floreando o bengalão, declarou àqueles senhores que se o tempo sobejava para arrastarem assim na rua, a conversar de Política e de indecências — então voltava

ele ao Brito, buscar a aguardentezinha... Imediatamente o Fidalgo da Torre, sempre brincalhão, sacudiu o braço do Administrador, e galgou pela Calçadinha, aos corcovos, com as mãos fortemente juntas, como colhendo uma rédea, contendo um cavalo que se desboca.

E na sala alta do Gago, ao cimo da escada esguia e íngreme que subia da taberna, a um canto da comprida mesa alumiada por dois candeeiros de petróleo, a ceia foi muito alegre, muito saboreada. Gonçalo, que se declarava miraculosamente curado pelo passeio até aos Bravais e pelas emoções do voltarete, em que ganhara dezanove tostões ao Manuel Duarte — começou por uma pratada de ovos com chouriço, devorou metade da tainha, devastou o seu «frango

de doente», clareou o prato da salada de pepino, findou por um montão de ladrilhos de marmelada; e através deste nobre trabalho, sem que a fina brancura da sua pele se afogueasse, esvaziou uma caneca vidrada de Alvaralhão, porque logo ao primeiro trago, e com desgosto do Titó, amaldiçoara o vinho novo do abade. À sobremesa apareceu o Videirinha, «o Videirinha do violão», tocador afamado de Vila Clara, ajudante de Farmácia, e poeta com versos de amor e de patriotismo já impressos no *Independente de Oliveira*. jantaranessa tarde, com o violão, em casa do comendador Barros, que celebrava o aniversário da sua comenda; e só aceitou um copo de Alvaralhão, em que esmagou um ladrilho de marmelada «para adocicar a goela».

Depois, à meia-noite, Gonçalo obrigou o Gago a espertar o lume, ferver um café «muito forte, um café terrível, Gago amigo! um café capaz de abrir talento no Sr. Comendador Barros!» Era essa a hora divina do violão e do «fadinho». E já o Videirinha recuara para a sombra da sala, pigarreando, afinando os bordões, pousado com melancolia à borda dum banco alto.

— A *Soledad*, Videirinha! — pediu o bom Titó, pensativo, enrolando um grosso cigarro.

Videirinha gemeu deliciosamente a *Soledad:*

Quando fores ao cemitério
Ai Soledad, Soledad!...

Depois, apenas ele findou, aclamado, e enquanto acertava as cravelhas, o Fidalgo da Torre e João Gouveia, com os cotovelos na mesa, os charutos fumegando, conversaram sobre essa venda de Lourenço Marques aos Ingleses, preparada sorrateiramente (conformeclamavam, arrepiados de horror, os jornais da Oposição) pelo Governo do S. Fulgêncio. E Gonçalo também se arrepiava! Não com a alienação da Colónia — mas com a impudência do S. Fulgêncio! Que aquele careca obeso, filho sacrílego dum frade que depois se fizera merceeiro em Cabecelhos, trocasse a libras, para se manter mais dois anos no poder, um pedaço de Portugal, terrão augusto, trilhado heroicamente pelos Gamas, os

Ataídes, os Castros, os seus próprios avós — era para ele uma abominação que justificava todas as violências, mesmo uma revolta, e a Casa de Bragança enterrada no lodo do Tejo! Trincando, sem parar, amêndoas torradas, João Gouveia observou:

— Sejamos justos, Gonçalo Mendes! Olhe que os Regeneradores...

O Fidalgo sorriu superiormente. Ah! se os Regeneradores realizassem essa grandiosa operação — bem! Esses, primeiramente, nunca cometeriam a indecência de vender a Ingleses terra de Portugueses! Negociariam com Franceses, com Italianos, povos latinos, raças fraternas... E depois os bons milhões soantes seriam aplicados ao fomento do País, com saber, com probidade, com

experiência. Mas esse horrendo careca do S. Fulgêncio!... — E no seu furor, engasgado, gritou por genebra, porque realmente aquele conhaque do Gago era umapeçonha torpe!

O Titó encolheu os ombros, resignado:

— Não me deixaste ir buscar a aguardentezinha, agora aguenta... E a genebra é ainda mais peçonhenta. Nem para os negros desse Lourenço Marques que tu queres vender... Portugueses indecentes, a vender Portugal! Até o Sr. Administrador do Concelho devia proibir estas conversas...

Mas o Sr. Administrador do Concelho afirmou que as consentia, e rasgadamente... Porque também ele, como Governo, venderia Lourenço Marques, e

Moçambique, e toda a Costa Oriental! E às talhadas! Em leilão! Ali, toda a África, posta em praça, apregoada no Terreiro do Paço! E sabiam os amigos porquê? Pelo são princípio de forte administração — (estendia o braço, meio alçado do banco, como num Parlamento)... Pelo são princípio de que todo o proprietário de terras distantes, que não pode valorizar por falta de dinheiro ou gente, as deve vender para consertar o seu telhado, estrumar a sua horta, povoar o seu curral, fomentar todo o bom terrão que pisa com os pés... Ora a Portugal restava toda uma riquíssima, província a amanhar, a regar, a lavrar, a semear — o Alentejo!

O Titó lançou o vozeirão, desdenhando o Alentejo, como uma película de terra de má qualidade, que,

fora umas léguas de campos em torno de Beja e de Serpa, por um grão só dava dois, e, apenas esgaravatada, logo mostrava o granito...

— O mano João tem lá uma herdade imensa, imensíssima, que rende trezentos mil-réis!

O Administrador, que advogara em Mértola, protestou, encristado. O Alentejo! Província abandonada, sim! Abandonada miseravelmente, desde séculos, pela imbecilidade dos governos... Mas riquíssima, fertilíssima!

— Pois então os Árabes... E qual Árabes! Ainda há dias o Freitas Galvão me contava...

Mas Gonçalo Mendes, que cuspira também a genebra com uma carantonha, acudiu, num resumo varredor, condenando

todo o Alentejo como uma desgraçada ilusão!

Estirado por sobre a mesa, o Administrador gritava:

— Você já esteve no Alentejo?

— Também nunca estive na China, e...

— Então não fale! Só a vinha espantosa que plantou o João Maria...

— Quê! Umas cem pipas de zurrapa! Mas, noutros sítios, léguas e léguas sem...

— Um celeiro!

— Uma charneca!

E através do tumulto o Videirinha, repenicando com solitário ardor, levado na torrente de ais de «fado» da Areosa, soluçava contra uns olhos negros, donos do seu coração:

Ai! que dos teus negros olhos
Me vem hoje a perdição...

O petróleo dos candeeiros findava; e o Gago, reclamado para trazer castiçais, surdiu em mangas de camisa, detrás duma cortina de chita, com a sua esperta humildade banhada em riso, lembrando a Suas Excelências que passava da uma horazinha da noite... O Administrador, que detestava noitadas, nocivas à sua garganta (de amígdalas loucamente inflamáveis), puxou o relógio com terror. E rapidamente reabotoado na sobrecasaca, de chapéu-coco mais tombado à banda, apressou o lento Titó, porque ambos moravam no alto da vila — eledefronte do Correio, o outro na viela das Teresas, numa casa onde outrora habitara e aparecera apunhalado o

antigo carrasco do Porto.

O Titó porém não se aviava. Com o bengalão debaixo do braço, ainda chamou o Gago ao fundo sombrio da sala estreita, para cochichar sobre o embrulhado negócio duma compra de espingarda, soberba espingarda *Winchester*, empenhada ao Gago pelo filho do tabelião Guedes de Oliveira. E, quando desceu a escadaria, encontrou à porta da taberna, no estendido luar que orlava a rua adormecida, o Fidalgo da Torre e o João Gouveia, bruscamente engalfinhados na costumada contenda sobre o Governador Civil de Oliveira — o André Cavaleiro!

Era sempre a mesma briga, pessoal, furiosa e vaga. Gonçalo clamando que não aludissem diante dele, pelas cinco chagas de Cristo, a esse bandido, esse Sr.

Cavaleiro e sobretudo Cavalo, mandão burlesco que desorganizava o Distrito! E João Gouveia, muito teso, muito seco, com o coco mais caído na orelha, assegurando a inteligência superior do amigo Cavaleiro, que estabelecera limpeza e ordem, como Hércules, nas cavalariças de Oliveira! O Fidalgo rugia. E Videirinha, com o violão resguardado atrás das costas, suplicava aos amigos que recolhessem à taberna, para não alvorotar a rua...

— Tanto mais que defronte, coitada, a sogra do Dr. Venâncio está desde ontem com a pontada!

— Pois então — berrou Gonçalo — não venham com disparates que revoltam! Dizer você, Gouveia, que Oliveira nunca teve Governador Civil como o

Cavaleiro!... Não é por meu pai! O papá já lá vai há três anos, infelizmente. Concordo que não fosse boa autoridade. Era frouxo, andava doente... Mas depois tivemos o Visconde de Freixomil. Tivemos o Bernardino. Você serviu com eles. Eram dois homens!... Mas este cavalo deste Cavaleiro! A primeira condição, para a autoridade superior dum Distrito, é não ser burlesca. E o Cavaleiro é de entremez! Aquela guedelha de trovador, e a horrenda bigodeira negra, e o olho languinhento a pingar namoro, e o papo empinado, e o pó-pó-poh! É de entremez! E estúpido, duma estupidez fundamental, que lhe começa nas patas, vem subindo, vem crescendo. Oh senhores, que animal!... Sem contar que é malandro.

Teso na sombra do imenso Titó, como uma estaca junto duma torre, o Administrador mordia o charuto. Depois, de dedo espetado, com uma serenidade cortante:

— Você acabou?... Pois, Gonçalinho, agora escute!

Em todo o distrito de Oliveira, note bem, em todo ele! não há ninguém, absolutamente ninguém, que de longe, muito de longe, se compare ao Cavaleiro em inteligência, caráter, maneiras, saber, e finura política!

O Fidalgo da Torre emudeceu, varado. Por fim, sacudindo o braço, num desabrido, arrogante desprezo:

— Isso são as opiniões dum subalterno!

— E isso são as expressões dum

malcriado! — uivou o outro, crescendo todo, com os olhinhos esbugalhados a fuzilar.

Imediatamente entre os dois, mais grosso que um barrote, avançou o braço do Titó, estendendo uma sombra na calçada:

— Olá! Oh rapazes! Que desconchavo é este? Vocês estão borrachos?... Pois tu, Gonçalo...

Mas já Gonçalo, num desses seus impulsos generosos e amoráveis que tão finamente seduziam, se humilhava, confessava a sua brutalidade, sensibilizado:

— Perdoe você, João Gouveia! Sei perfeitamente que você defende o Cavaleiro por amizade, não por dependência... Mas que quer, homem?

Quando me falam nesse Cavalo... Não sei, é por contágio da besta, orneio, atiro coice!

O Gouveia, sem rancor, logo reconciliado (porque admirava carinhosamente o Fidalgo da Torre), deu um puxão forte à sobrecasaca e apenas observou «que o Gonçalinho era uma flor, mas picava...». Depois, aproveitando a emoção submissa de Gonçalo, recomeçou a glorificação do Cavaleiro, mais sóbria. Reconhecia certas fraquezas. Sim, com efeito, aquele modo empertigado... Mas que coração! — E o Gonçalinho devia considerar...

O Fidalgo, de novo revoltado, recuou, espalmando as mãos:

— Escute você, oh João Gouveia! Por que é que você lá em cima, à ceia,

não comeu a salada de pepino? Estava divina, até o Videirinha a apeteceu! Eu repeti, acabei a travessa... Por que foi? Porque você tem horror fisiológico, horror visceral ao pepino. A sua natureza e o pepino são incompatíveis. Não há raciocínios, não há subtilezas, que o persuadam a admitir lá dentro o pepino. Você não duvida que ele seja excelente, desde que tanta gente de bem o adora; mas você não pode... Pois eu estou para o Cavaleiro como você para o pepino. Não posso! Não há molhos, nem razões, que mo disfarcem. Para mim é ascoroso. Não vai! Vomito!... E agora oiça...

Então Titó, que bocejava, interveio, já farto:

— Bem! Parece-me que apanhámos a nossa dose de Cavaleiro, e valente!

Somos todos muito boas pessoas e só nos resta debandar. Eu tive senhora, tive tainha... Estou derreado. E não tarda a madrugada, que vergonha!

O Administrador pulou. Oh Diabo! E ele, às nove horas da manhã, com comissão de recenseamento!... Para esmagar bem o amuo, cingiu Gonçalo num rijo abraço. E, quando o Fidalgo descia para o Chafariz com o Videirinha (que nestas noites festivas de Vila Clara o acompanhava sempre pela estrada até ao portão da Torre), João Gouveia ainda se voltou, pendurado do braço do Titó no meio da Calçadinha, para lhe lembrar um preceito moral «de não sei que filósofo»:

— Não vale a pena estragar boa ceia por causa de má política Creio que é de Aristóteles!

E até Videirinha, que de novo afinava a viola, se preparava para um solto descante ao luar, murmurou respeitosamente por entre abafados harpejos:

— Não vale a pena, Sr. Doutor... Realmente não vale a pena, porque em Política hoje é branco, amanhã é negro, e depois, zás, tudo é nada.

O fidalgo encolhera os ombros. A Política! Como se ele pensasse na Autoridade, no Sr. Governador Civil de Oliveira — quando injuriava o Sr. André Cavaleiro, de Corinde! Não! o que detestava era o homem — o falso homem de olho langoroso! Porque entre eles existiaum desses fundos agravos que outrora, no tempo dos Tructesindos, armavam um contra o outro, em dura

arrancada de lanças, dois bandos senhoriais... — E pela estrada, com a Lua no alto dos outeiros de Valverde, enquanto no violão do Videirinha tremia o choro lento do fado do Vimioso, Gonçalo Mendes recordava, aos pedaços, aquela história que tanto enchera a sua alma desocupada. Ramires e Cavaleiros eram famílias vizinhas, uma com a velha torre em Santa Ireneia, mais velha que o reino — a outra com quinta bem tratada e rendosa em Corinde. E quando ele, rapaz de dezoito anos, enfiava enfastiadamente os preparatórios do Liceu, André Cavaleiro, então estudante do Terceiro Ano, já o tratava como um amigo sério. Durante as férias, como a mãe lhe dera um cavalo, aparecia todas as tardes na Torre; e muitas vezes, sob os arvoredos da

quinta ou passeando pelos arredores de Bravais e Valverde, lhe confiava, como a um espírito maduro, as suas ambições políticas, as suas ideias de vida; que desejava grave e toda votada ao Estado. Gracinha Ramires desabrochava na flor dos seus dezasseis anos; e mesmo em Oliveira lhe chamavam «a Flor da Torre». Ainda então vivia a governanta inglesa de Gracinha, a boa *miss* Rhodes — que, como todos na Torre, admirava com entusiasmo André Cavaleiro pela sua amabilidade, a sua ondeada cabeleira romântica, a doçura quebrada dos seus olhos largos, a maneira ardente de recitar Vítor Hugo e João de Deus. E, com essa fraqueza que lhe amolecia a alma e os princípios perante a soberania do Amor, favorecera demoradas conversas de

André com Maria da Graça sob as olaias do mirante e mesmo cartinhas trocadas ao escurecer, por sobre o muro baixo da Mãe-d'água. Todos os domingos o Cavaleiro jantava na Torre: — e o velho procurador Rebelo já preparara, com esforço e resmungando, um conto de réis para o enxoval da «menina». O pai de Gonçalo, Governador Civil de Oliveira, sempre atarefado, enredado em Política e em dívidas, amanhecendo só na Torre aos domingos, aprovava esta colocação de Gracinha, que, meiga e romanesca, sem mãe que a velasse, criava na sua vida, já difícil, um tropeço e um cuidado. Sem representar como ele uma família de imensa crónica, anterior ao Reino, do mais rico sangue de Reis godos, André Cavaleiro era um moço bem-nascido,

filho de general, neto de desembargador, com brasão legítimo na sua casa apalaçada de Corinde, e terras fartas em redor, de boa semeadura, limpas de hipotecas... Depois, sobrinho de Reis Gomes, um dos Chefes Históricos, já filiado no Partido Histórico (desde o Segundo Ano da Universidade), a sua carreira andava marcada com segurança e brilho na Política e na Administração. E enfim Maria da Graça amava enlevadamente aqueles reluzentes bigodes, os ombros fortes de Hércules bem-educado, o porte ufano que lhe encouraçava o peitilho e que impressionava. Ela, em contraste, era pequenina e frágil, com uns olhos tímidos e esverdeados que o sorriso humedecia e enlanguescia, uma transparente pele de

porcelana fina, e cabelos magníficos, mais lustrosos e negros que a cauda dum corcel de guerra, que lhe rolavam até aos pés, em que se podia embrulhar toda, assim macia e pequenina. Quando desciam ambos as alamedas da quinta, *miss*Rhodes (que o pai, professor de Literatura Grega em Manchester, recheara de Mitologia) pensava sempre em «Marte cheio de força, amando Psiqué cheia de graça». E mesmo os criados da Torre se maravilhavam do «lindo par!» Só a Sra. D. Joaquina Cavaleiro, a mãe de André, senhora obesa e rabugenta, detestava aquela terna assiduidade do filho na Torre, sem motivo pesado, só por «desconfiar da pinta da menina e desejar nora mais comezinha...». Felizmente, quando André Cavaleiro se matriculava

no Quinto Ano, a desagradável matrona morreu duma anasarca. O pai de Gonçalo recebeu a chave do caixão; Gracinha tomou luto; e Gonçalo, companheiro de casa do Cavaleiro na Rua de S. João, em Coimbra, enrolou um fumo na manga da batina. Logo em Santa Ireneia se pensou que o esplêndido André, liberto da peca oposição da mamã, pediria a «Flor da Torre» depois do Ato de Formatura. Mas, findo esse desejado Ato, Cavaleiro abalou para Lisboa — porque se preparavam eleições em outubro, e ele recebera do tio Reis Gomes, então Ministro da justiça, a promessa de «ser deputado» por Bragança.

E todo esse verão o passou na Capital; depois em Sintra, onde o negro langor dos seus olhos húmidos amolecia

corações; depois numa jornada quase triunfal a Bragança, com foguetes e «vivas ao sobrinho do Sr. Conselheiro Reis Gomes!» Em outubro, Bragança «confiou ao Dr. André Cavaleiro (como escreveu o *Eco de Trás-os-Montes) o* direito de a representar em Cortes, com os seus brilhantes conhecimentos literários e a sua formosíssima presença de orador...». Recolheu então a Corinde; mas nas suas visitas à Torre, onde o pai de Gonçalo convalescia duma febre gástrica, que exacerbara a sua antiga diabetes, André já não arrastava sofregamente Gracinha como outrora, para as silenciosas sombras da quinta, permanecendo de preferência na sala azul, a conversar sobre Política com Vicente Ramires, que se não movia da poltrona, embrulhado numa manta. E

Gracinha, nas suas cartas para Coimbra a Gonçalo, já se carpia de não correrem tão doces nem tão íntimas as visitas do André à Torre, «ocupado, como andava sempre agora, a estudar para deputado...». Depois do Natal o Cavaleiro voltou para Lisboa, para a abertura das Cortes, muito apetrechado, com o seu criado Mateus, uma linda égua que comprara em Vila Clara ao Manuel Duarte, e dois caixotes de livros. E a boa *miss* Rhodes sustentava que Marte, como convinha a um herói, só reclamaria Psiqué depois de um nobre feito, uma estreia nas Câmaras, «num discurso lindo, todo flores...». Quando Gonçalo, nas férias de Páscoa, apareceu na Torre, encontrou Gracinha inquieta e descorada. As cartas do seu André, que se estreara «e num discurso lindo, todo

flores...», eram cada semana mais curtas, mais calmas. E a última (que ela lhe mostrou em segredo), datada da Câmara, contava em três linhas mal rabiscadas «que tivera muito que trabalhar em comissões, que o tempo se pusera lindo, que nessa noite era o baile dos condes de Vilaverde, e que ele continuava com muitas saudades do seu fiel André...». Gonçalo Mendes Ramires, logo nessa tarde desabafou com o pai, que definhava na sua poltrona:

— Eu acho que o André se está portando muito mal com a Gracinha... O papá não lhe parece?

Vicente Ramires apenas moveu, num gesto de vencida tristeza, a mão descarnada, de onde a cada momento lhe escorregava o anel de armas.

Por fim em maio a sessão das Câmaras terminou — essa sessão que tanto interessara Gracinha, ansiosa «que eles acabassem de discutir e tivessem férias». E quase imediatamente ela em Santa Ireneia, Gonçalo em Coimbra, souberam pelos jornais que «o talentoso deputado André Cavaleiro partira para Itália e França, numa longa viagem de recreio e de estudo». E nem uma carta à sua escolhida, quase sua noiva!... Era um ultraje, um bruto ultraje, que outrora, no século XII, lançaria todos os Ramires, com homens de cavalo e peonagem, sobre o solardos Cavaleiros, para deixar cada trave denegrida pela chama, cada servo pendurado duma corda de cânave. Agora Vicente Ramires, apagado e mortal, murmurou simplesmente: «Que traste!»

Ele em Coimbra, rugindo, jurou esbofetear um dia o infame! A boa *miss* Rhodes, para se consolar, desembrulhou a sua velha harpa, encheu Santa Ireneia de magoados harpejos. E tudo findou nas lágrimas que Gracinha, durante semanas, tão desconsolada da vida que nem se penteava, escondeu sob as olaias do mirante.

E, ainda depois desses anos, a esta lembrança das lágrimas da irmã, um rancor invadiu Gonçalo, tão redivivo que atirou para o lado, para sobre as sebes da vala, uma bengalada, com se fosse às costas do Cavaleiro! — Caminhavam então junto à ponte da Portela, onde os campos se alargam, e da estrada se avista Vila Clara, que a Lua branqueava toda, desde o convento de Santa Teresa, rente

ao Chafariz, até ao muro novo do cemitério, no alto, com os seus finos ciprestes. Para o fundo do vale, clara também no luar, era a igrejinha de Craquede, Santa Maria de Craquede, resto do antigo Mosteiro em que ainda jaziam, nos seus rudes túmulos de granito, as grandes ossadas dos Ramires Afonsinos. Sob o arco, docemente, o riacho lento, arrastando entre os seixos, sussurrava na sombra. E Videirinha, enlevado naquele silêncio e suavidade saudosa, cantava, num gemer surdo de bordões:

Baldadas são tuas queixas,
Escusados são teus ais,
Que é como se eu morto fora,
E não me verás nunca mais!...

E Gonçalo retomara as suas recordações, repassava tristezas que depois caíram sobre a Torre. Vicente Ramires morrera numa tarde de agosto, sem sofrimento, estendido na sua poltrona à varanda, com os olhos cravados na velha Torre, murmurando para o Padre Soeiro: — «Quantos Ramires verá ela ainda, nesta casa, e à sua sombra?...» Todas essas férias as consumiu Gonçalo no escuro cartório, desajudado (porque o procurador, o bom Rebelo, também Deus o chamara), revolvendo papéis, apurando o estado da casa reduzida aos dois contos e trezentos mil-réis que rendiam os foros de Craquede, a herdade de Praga, e as duas quintas históricas, Treixedo e Santa Ireneia. Quando regressou a Coimbra deixou Gracinha em Oliveira, em casa de

uma prima, D. Arminda Nunes Viegas, senhora muito abastada, muito bondosa, que habitava no Terreiro da Louça um imenso casarão cheio de retratos de avoengos e de árvores de costado, onde ela, vestida de veludo preto, pousada num canapé de damasco, entre aias que fiavam, perpetuamente relia os seus livros de cavalaria, o *Amadis*, *Leandro o Belo,Tristão e Brancaflor*, as *Crónicas do Imperador Clarimundo*... Foi ai que José Barrolo (senhor de uma das mais ricas casas de Amarante) encontrou Gracinha Ramires, e a amou com uma paixão profunda, quase religiosa — estranha naquele moço indolente, gorducho, de bochechas coradas como uma maçã, e tão escasso de espírito que os amigos lhe chamavam «o José

Bacoco». O bom Barrolo residira sempre em Amarante com a mãe, não conhecia o traído romance da «Flor da Torre» — que nunca se espalhara para além dos cerrados arvoredos da quinta. E, sob o enternecido e romanesco patrocínio de D. Arminda, noivado e casamento docemente se apressaram, em três meses, depois duma carta de Barrolo a Gonçalo Mendes Ramires, jurando — «que a afeição pura que sentia pela prima Graça, pelas suas virtudes eoutras qualidades respeitáveis, era tão grande que nem achava no Dicionário termos para a explicar...». Houve uma boda luxuosa; e os noivos (por desejo de Gracinha, para se não afastar da querida Torre), depois duma jornada filial a Amarante, «armaram o seu ninho» em Oliveira, à esquina do largo de

El-Rei e da Rua das Tecedeiras, num palacete que o Bacoco herdara, com largas terras, do seu tio Melchior, Deão da Sé. Dois anos correram, mansos e sem história. E Gonçalo Mendes Ramires passava justamente em Oliveira as suas últimasférias de Páscoa, quando André Cavaleiro, nomeado Governador Civil do Distrito, tomou posse, estrondosamente, com foguetes, filarmónicas, o Governo Civil e o Paço do Bispo iluminados, as armas dos Cavaleiros em transparentes no Café da Arcada e na Recebedoria!... Barrolo conhecia o Cavaleiro quase intimamente, admirava o seu talento, a sua elegância, o seu brilho político. Mas Gonçalo Mendes Ramires, que dominava soberanamente o bom Bacoco, logo o intimou a não visitar o Sr. Governador

Civil, a não o saudar sequer na rua, e a partilhar, por dever de aliança, os rancores que existiam entre Cavaleiros e Ramires! José Barrolo cedeu, submisso, espantado, sem compreender. Depois uma noite, no quarto, enfiando as chinelas, contou a Gracinha «a esquisitice de Gonçalo»:

— E sem motivo, sem ofensa, só por causa da Política!... Ora, vê tu! Um belo rapaz como o Cavaleiro!... Podíamos fazer um ranchinho tão agradável!...

Outro sereno ano passou... E nessa primavera, em Oliveira, onde se demorara para a festa dos anos de Barrolo, eis que Gonçalo suspeita, fareja, descobre uma incomparável infâmia! O empertigado homem da bigodeira negra, o Sr. André Cavaleiro, recomeçara comsoberba

impudência a cortejar Gracinha Ramires, de longe, mudamente, em olhadelas fundas, carregadas de saudade e langor, procurando agora apanhar como amante aquela grande fidalga, aquela Ramires, que desdenhara como esposa!

Tão levado ia Gonçalo pela branca estrada, no rolo amargo destes pensamentos, que não reparou no portão da Torre, nem na portinha verde, à esquina da casa, sobre três degraus. E seguia, rente do muro da horta, quando Videirinha, que estacara com os dedos mudos nos bordões do violão, o avisou rindo.

— Oh, Sr. Doutor, então larga assim a estas horas, de corrida para os Bravais?

Gonçalo virou, bruscamente despertado, procurando na algibeira, entre o dinheiro solto, a chavinha do trinco:

— Nem reparava... Que lindamente você tem tocado, Videirinha! Com Lua, depois da ceia, não há companheiro mais poético... Realmente você é o derradeiro trovador português!

Para o ajudante de Farmácia, filho de um padeiro de Oliveira, a familiaridade daquele tamanho Fidalgo, que lhe apertava a mão na botica diante do Pires boticário e em Oliveira diante das autoridades, constituía uma glória, quase uma coroação, e sempre nova, sempre deliciosa. Logo sensibilizado, feriu os bordões rijamente:

— Então, para acabar, lá vai a grande trova, Sr. Doutor!

Era a sua famosa cantiga, o *Fado dos Ramires*, rosário de heroicas quadras celebrando as lendas da Casa ilustre — que ele desde meses apurava e completava, ajudado na terna tarefa pelo saber do velho Padre Soeiro, capelão e arquivista da Torre.

Gonçalo empurrou a portinha verde. No corredor espirrava uma lamparina mortiça, já sem azeite, junto ao castiçal de prata. E Videirinha, recuando ao meio da estrada, com um «dlindlon» ardente, fitara a Torre, que, por cima dos telhados da vasta casa, mergulhava as ameias, o negro miradouro, no luminoso silêncio do céu de verão. Depois, para ela e para a Lua, atirou as endechas glorificadoras, na dolente melodia dum fado de Coimbra, rico em *ais*:

Quem te v'rá sem que estremeça,
Torre de Santa Ireneia,
Assim tão negra e calada,
Por noites de lua cheia...
Ai! Assim calada, tão negra,
Torre de Santa Ireneia!

Ainda suspendeu para agradecer ao Fidalgo, que o convidava a subir e enxugar um cálice de genebra salvadora. Mas retomou logo o descante, ditoso em descantar, como sempre arrebatado pelo sabor dos seus versos, pelo prestígio das lendas, enquanto Gonçalo desaparecia — com folgazãs desculpas ao Trovador «por cerrar a portinha do castelo...».

Ai! aí estás, forte e soberba,
Com uma história em cada ameia,
Torre mais velha que o reino,
Torre de Santa Ireneia!...

E começara a quadra a Múncio Ramires, *Dente de Lobo*, quando em cima uma sala, aberta à frescura da noite, se alumiou — e o Fidalgo da Torre, com o charuto aceso, se debruçou da varanda para receber a serenata. Mais ardente, quase soluçante, vibrou o cantar do Videirinha. Agora era a quadra de Gutierres Ramires, na Palestina, sobre o monte das Oliveiras, à porta da sua tenda, diante dos barões que o aclamavam com as espadas nuas, recusando o Ducado de Galileia e o senhorio das Terras de Além-

Jordão.

— Que não podia, em verdade, aceitar terra, mesmo Santa, mesmo de Galileia...

Quem já tinha em Portugal
Terras de Santa Ireneia!

— Boa piada! — murmurou Gonçalo.

Videirinha, entusiasmado, entoou logo outra nova, trabalhada nessa semana — a do saimento de Aldonça Ramires, Santa Aldonça, trazida do mosteiro de Arouca ao solar de Treixedo, sobre o almadraque em que morrera, aos ombros de quatro Reis!

— Bravo! — gritou o Fidalgo pendurado da varanda. — Essa é famosa,

oh Videirinha! Mas aí há Reis de mais... Quatro Reis!

Enlevado, empinando o braço do violão, o ajudante de Farmácia lançou outra, já antiga — a daquele terrível Lopo Ramires que, morto, se erguera da sua campa no Mosteiro de Craquede, montara um ginete morto, e toda a noite galopara através da Espanha para se bater nas Navas de Tolosa! Pigarreou — e, mais chorosamente, atacou a do *Descabeçado:*

Lá passa a negra figura...

Mas Gonçalo, que abominava aquela lenda, a silenciosa figura degolada, errando por noites de inverno entre as ameias da Torre com a cabeça nas mãos — despegou da varanda, deteve a crónica

imensa:

— Toca a deitar, oh Videirinha, hem? Passa das três horas, é um horror. Olhe! O Titó e o Gouveia jantam cá na Torre, no domingo. Apareça também, com o violão e cantiga nova; mas menos sinistra... *Bona sera!* Que linda noite!

Atirou o charuto, fechou a vidraça da sala — a «sala velha», toda revestida desses denegridos e tristonhos retratos de Ramires, que ele desde pequeno chamava *as carantonhas dos vovós*. E, atravessando o corredor, ainda sentia rolarem ao longe, no silêncio dos campos cobertos de luar, façanhas rimadas dos seus:

Ai! lá na grande batalha...
El-Rei Dom Sebastião...

O mais moço dos Ramires
Que era pajem do guião...

Despido, soprada a vela, depois de um rápido sinal da Cruz, o Fidalgo da Torre adormeceu. Mas no quarto, que se povoou de sombras, começou para ele uma noite revolta e pavorosa. André Cavaleiro e João Gouveia romperam pela parede, revestidos de cotas de malha, montados em horrendas tainhas assadas! E lentamente, piscando o olho mau, arremessavam contra o seu pobre estômago pontoadas de lança, que o faziam gemer e estorcer sobre o leito de pau-preto. Depois era, na Calçadinha de Vila Clara, o medonho Ramires morto, com a ossada a ranger dentro da armadura, e El-Rei D. Afonso II,

arreganhando afiados dentes de lobo, que o arrastavam furiosamente para a batalha das Navas. Ele resistia, fincado nas lajes, gritando pela Rosa, por Gracinha, pelo Titó! Mas D. Afonso tão rijo murro lhe despedia aos rins, com o guante de ferro, que o arremessava desde a hospedaria do Gago até à Serra Morena, ao campo da lide, luzente e fremente de pendões e de armas. E imediatamente seu primo de Espanha, Gomes Ramires, Mestre de Calatrava, debruçado do negro ginete, lhe arrancava os derradeiros cabelos, entre a retumbante galhofa de toda a hoste sarracena e os prantos da tia Louredo, trazida como um andor aos ombros de quatro Reis!... — Por fim, moído, sem sossego, já com a madrugada clareando nas fendas das janelas e as andorinhas

piando no beiral dos telhados, o Fidalgo da Torre atirou um derradeiro repelão aos lençóis, saltou ao soalho, abriu a vidraça — e respirou deliciosamente o silêncio, a frescura, a verdura, o repouso da quinta. Mas que sede! uma sede desesperada que lhe encortiçava os lábios! Recordou então ofamoso *fruit salt* que lhe recomendara o Dr. Matos, — arrebatou o frasco, correu à sala de jantar, em camisa. E, a arquejar, deitou duas fartas colheradas num copo de água da Bica Velha, que esvaziou dum trago, na fervura picante.

— Ah! que consolo, que rico consolo!...

Voltou derreadamente à cama; e readormeceu logo, muito longe, sobre as relvas profundas dum prado de África, debaixo de coqueiros sussurrantes, entre o

apimentado aroma de radiosas flores, que brotavam, através de pedregulhos de oiro. Dessa perfeita beatitude o arrancou o Bento, ao meio-dia, inquieto com «aquele tardar do Sr. Doutor».

— É que passei uma noite horrenda, Bento! Pesadelos, pavores, bulhas, esqueletos... Foram os malditos ovos com chouriço; e o pepino... Sobretudo o pepino! Uma ideia daquele animal do Titó... Depois, de madrugada, tomei o tal *fruit salt*, e estou ótimo, homem!... Estou optimíssimo! Até me sinto capaz de trabalhar. Leva para a livraria uma chávena de chá verde, muito forte... Leva também torradas.

E momentos depois, na livraria, com um roupão de flanela sobre a camisa de dormir, sorvendo lentos goles de chá,

Gonçalo relia junto da varanda essa derradeira linha da novela, tão rabiscada e mole, em que «os largos raios da Lua se estiravam pela larga sala de armas...». De repente, numa rasgada impressão de claridade, entreviu detalhes expressivos para aquela noite de Castelo e de verão — as pontas das lanças dos esculcas faiscando silenciosamente pelos adarves da muralha, e o coaxar triste das rãs nas bordas lodosas dos fossos...

— Bons traços!

Achegou devagar a cadeira, consultou ainda no volume do *Bardo* o poemeto do tio Duarte. E, desanuviado, sentindo as imagens e os dizeres surgirem como bolhas duma água represa que rebenta, atacou esse lance do Capítulo I em que o velho Tructesindo Ramires, na

sala de armas de Santa Ireneia, conversava com seu filho Lourenço e seu primo D. Garcia Viegas, o *Sabedor*, de aprestos de guerra... Guerra! Porquê? Acaso pelos cerros arraianos corriam, ligeiros entre o arvoredo, almogávares mouros? Não! Mas desgraçadamente, «naquela terra já remida e cristã, em breve se cruzariam, umas contra outras, nobres lanças portuguesas!...»

Louvado Deus! a pena desemperrara! E, atento às páginas marcadas num tomo da *História* de Herculano, esboçou com segurança a época da sua novela — que abria entre as discórdias de Afonso II e de seus irmãos por causa do testamento de El-Rei seu pai, D. Sancho I. Nesse começo do capítulo já os Infantes D. Pedro e D. Fernando, esbulhados,

andavam por França e Leão. já com eles abandonara o Reino o forte primo dos Ramires, Gonçalo Mendes de Sousa, chefe magnífico da casa dos Sousas. E agora, encerradas nos castelos de Montemor e de Esgueira, as senhoras Infantas, D. Teresa e D. Sancha, negavam a D. Afonso o senhorio real sobre as vilas, fortalezas, herdades e mosteiros, que tão copiosamente lhes doara El-Rei seu pai. Ora, antes de morrer no Alcáçar de Coimbra, o senhor D. Sancho suplicara a Tructesindo Mendes Ramires, seu colaço e alferes-mor, por ele armado cavaleiro em Lorvão, que sempre lhe servisse e defendesse a filha amada entre todas, a Infanta D. Sancha, senhora de Aveiras. Assim o jurara o leal Rico-Homem junto do leito onde, nos braços do

Bispo de Coimbra e do Prior do Hospital sustentando a candeia, agonizava, vestido de burel como um penitente, o vencedor de Silves... Mas eis que rompe a fera contenda entre Afonso II, asperamente cioso da sua autoridade de Rei — e as Infantas, orgulhosas, impelidas à resistência pelos freires do Templo e pelos prelados a quem D. Sancho legara tão vastos pedaços do Reino! Imediatamente Alenquer e os arredores de outros castelos são devastados pela hoste real que recolhia das Navas de Tolosa. Então D. Sancha e D. Teresa apelam para el-Rei de Leão, que entra com seu filho D. Fernando por terras dePortugal, a socorrer as «Donas oprimidas». — E neste lance o tio Duarte, no seu *Castelo de Santa Ireneia*, interpelava com

soberbo garbo o alferes-mor de Sancho I:

Que farás tu, mais velho dos Ramires?
Se ao pendão leonês juntas o teu
Trais o preito que deves ao rei vivo!
Mas se as Infantas deixas indefesas
Trais a jura que destes ao rei morto!...

Esta dúvida, porém, não angustiara a alma desse Tructesindo rude e leal, que o Fidalgo da Torre rijamente modelava. Nessa noite, apenas recebera pelo irmão do alcaide de Aveiras, disfarçado em beguino, um aflito recado da senhora D.

Sancha — ordenava a seu filho Lourenço que, ao primeiro arrebol, com quinze lanças, cinquenta homens de pé da sua mercê e quarenta besteiros, corresse sobre Montemor. Ele, no entanto, daria alarido — e em dois dias entraria a campo com os parentes de solar, um troço mais rijo de cavaleiros acontiados e de frecheiros, para se juntar a seu primo, o *Sousão*, que na vanguarda dos leoneses descia de Alva do Douro.

Depois, logo de madrugada, o pendão dos Ramires, o açor negro em campo escarlate, se plantara diante das barreiras gateadas; e ao lado, no chão, amarrado à haste por uma tira de couro, reluzia o velho emblema senhorial, o sonoro e fundo caldeirão polido. Por todo o castelo se apressavam os serviçais,

despendurando as cervilheiras, arrastando com fragor pelas lajes os pesados saios de malhas de ferro. Nos pátios os armeiros aguçavam ascumas, amaciavam a dureza das grevas e coxotes com camadas de estopa. já o adail, na ucharia, arrolara as rações de vianda para os dois quentes dias da arrancada. E por todas as cercanias de Santa Ireneia, na doçura da tarde, os tambores mouriscos, abafados no arvoredo, rataplã! rataplã! ou mais vivos nos cabeços, ratatá! ratatá! convocavam os cavaleiros de soldo e a peonagem da mesnada dos Ramires.

No entanto o irmão do alcaide, sempre disfarçado em beguino, de volta ao castelo de Aveiras com a boa-nova de prestes socorros, transpunha ligeiramente a levadiça da carcova... E aqui, para

alegrar tão sombrias vésperas de guerra, o tio Duarte, no seu poemeto, engastara uma sorte galante:

À moça, que na fonte enchia a bilha,
O frade rouba um beijo e diz Amen!

Mas Gonçalo hesitava em desmanchar com um beijo de clérigo a pompa daquela formosa surtida de armas... E mordia pensativamente a rama da pena — quando a porta da livraria rangeu.

— O correio...

Era o Bento com os jornais e duas cartas. O Fidalgo apenas abriu uma, lacrada com o enorme sinete de armas do

Barrolo — repelindo a outra em que reconhecera a letra detestada do seu alfaiate de Lisboa. E imediatamente, com uma palmada na mesa:

— Oh diabo! quantos do mês, hoje? catorze, hem?

O Bento esperava com a mão no fecho da porta.

— É que não tardam os anos da mana Graça! De todo esqueci, esqueço sempre. E sem ter um presentinho engraçado... Que seca, hem?

Mas na véspera o Manuel Duarte, na Assembleia, à mesa do voltarete, anunciara uma fuga a Lisboa por três dias, para tratar do emprego do sobrinho nas Obras Públicas. Pois corria a Vila Clara pedir ao Sr. Manuel Duarte, que lhe comprasse em Lisboa um bonito guarda-

solinho de seda branca com rendas...

— O Sr. Manuel Duarte tem gosto; tem muito gosto! E então o Joaquim que não sele a égua; já não vou ao Sanches Lucena. Oh, senhores, quando pagarei eu esta infame visita? Há três meses!... Enfim, por dois dias mais, a bela D. Ana não envelhece; e o velho Lucena também não morre.

E o Fidalgo da Torre, que decidira arriscar o beijo folgazão, retomou a pena, arredondou o seu final com elegante harmonia:

«A moça, furiosa, gritou: *Fu! Fu! vilão!* E o beguino, assobiando, aligeirou as sandálias pelo córrego, na sombra das altas faias, enquanto que, por todo o fresco vale, até Santa Maria de Craquede, os tambores mouriscos, rataplã! rataplã!

convocavam à mesnada dos Ramires, na doçura da tarde... »

3

Durante a longa semana, nas horas da calma, o Fidalgo da Torre trabalhou com aferro e proveito. E nessa manhã, depois de repicar a sineta no corredor, duas vezes o Bento empurrara a porta da livraria, avisando o Sr. Doutor «que o almocinho, assim à espera, certamente se estragava». Mas de sobre a tira de almaço Gonçalo rosnava «já vou!» — sem despegar a pena, que corria como quilha leve em água mansa, na pressa amorosa de terminar, antes do almoço, o seu Capítulo I.

Ah! e que canseira lhe custara, durante esses dias, esse copioso capítulo, tão difícil, com o imenso castelo de Santa

Ireneia a erguer; e toda uma idade esfumada da História de Portugal, a condensar em contornos robustos; e a mesnada dos Ramires a apetrechar, sem que faltasse uma ração nos alforges, ou uma garruncha nos caixotes, sobre o dorso das mulas! Mas felizmente, na véspera, já movera para fora do castelo o troço de Lourenço Ramires, em socorro de Montemor, com um vistoso coriscar de capelos e lanças em torno ao pendão tendido.

E agora, nesse remate do capítulo, era noite, e o sino de recolher tangera, e a almenara luzira na Torre albarrã, e Tructesindo Ramires descera à sala térrea da Alcáçova para cear — quando fora, diante da carcova, com três toques fortes anunciando filho de algo, uma buzina

apressada soou. E, sem que o vílico tomasse permissão do senhor, o alçapão da levadiça rangeu nas correntes de ferro, ribombou cavamente nos apoios de pedra. Quem assim chegava em dura pressa era Mendo Pais, amigo de Afonso II e mordomo da sua cúria, casado com a filha mais velha de Tructesindo, D. Teresa aquela que, pelo ondeante e alvo pescoço, pelo pisar mais leve que um voo, os Ramires chamavam a Garça Real. O senhor de Santa Ireneia correra ao patim para acolher, num abraço, o genro amado — «membrudo cavaleiro, com os cabelos ruivos, a alvíssima pele da raça germânica dos visigodos...». E, de mãos enlaçadas, ambos penetraram nessa sala de abóbada, alumiada por tochas que toscos anéis de ferro seguravam,

chumbados aos muros.

Ao meio pousava a maciça mesa de carvalho, rodeada de escanhos até ao topo, onde se erguia, diante dum áspero mantel de linho coberto de pratos de estanho e de pichéis luzidios, a cadeira senhorial com o açor grossamente lavrado nas altas espaldas, e delas suspensa, pelo cinturão tauxiado de prata, a espada de Tructesindo. Por trás negrejava a funda lareira apagada, toda entulhada de ramos de pinheiro, com a prateleira guarnecida de conchas, entre bocais de sanguessugas, sob dois molhos de palmas trazidas da Palestina por Gutierres Ramires, o de Ultramar. Rente a um esteio da chaminé, um falcão, ainda emplumado, dormitava na sua alcândora; e ao lado, sobre as lajes, numa camada de juncos, dois alões

enormes dormiam também, com o focinho nas patas, as orelhas rojando. Toros de castanheiro sustentavam a um canto um pipo de vinho. Entre duas frestas engradadas de ferro, um monge, com a face sumida no capuz, sentado na borda duma arca, lia, à claridade do candil que por cima fumegava, um pergaminho desenrolado... Assim Gonçalo adornara a soturna sala Afonsina com alfaias tiradas do tio Duarte, de Walter Scott, de narrativas do Panorama. Mas que esforço!... E mesmo, depois de colocar sobre os joelhos do monge um fólio impresso em Mogúncia por Ulrick Zell, desmanchara toda essa linha tão erudita, ao recordar, com um murro na mesa, que ainda a Imprensa se não inventara em tempos de seu avô Tructesindo, e que ao

monge letrado apenas competia «um pergaminho de amarelada escrita...».

E caminhando nos ladrilhos sonoros, desde a lareira até ao arco da porta cerrado por uma cortina de couro, Tructesindo, com a branca barba espalhada sobre os braços cruzados, escutava Mendo Pais, que, na confiança de parente e amigo, jornadeara sem homens da sua mercê, cingindo apenas por cima do brial de lã cinzenta uma espada curta e um punhal sarraceno. Açodado e coberto de pó correra Mendo Pais desde Coimbra para suplicar ao sogro, em nome do Rei e dos preitos jurados, que se não bandeasse com os de Leão e com as senhoras Infantas. E já desenrolara ante o velho todos os fundamentos invocados contra elas pelos doutos notários da cúria

— as resoluções do Concílio de Toledo! a bula do Apóstolo de Roma, Alexandre! o velho foro dos Visigodos!... De resto, que injúria fizera às senhoras Infantas seu real irmão, para assim chamarem hostes leonesas a terras de Portugal? Nenhuma! Nem regedoria nem renda dos castelos e vilas da doação de D. Sancho lhes negava o senhor D. Afonso. O Rei de Portugal só queria que nenhum palmo de chão português, baldio ou murado, jazesse fora de seu senhorio real. Escasso e ávido, El-Rei D. Afonso?... Mas não entregara ele à senhora D. Sancha oito mil morabitinos de oiro? E a gratidão da irmã fora o Leonês passando a raia e logo caídos os castelos formosos de Ulgoso, de Contrasta, de Urros e de Lanhoselo! O mais velho da casa dos Sousas, Gonçalo Mendes, não se

encontrara ao lado dos cavaleiros da Cruz na jornada das Navas, mas lá andava em recado das Infantas, como mouro, talando terra portuguesa desde Aguiar até Miranda! E já pelos cerros de Além-Douro aparecera o pendão renegado das treze arruelas — e por trás, farejando, a alcateia dos Castros! Carregada ameaça, e de armas cristãs, oprimindo o Reino — quando ainda Moabitas e Agarenos corriam à rédea solta pelos campos do Sul!... E o honrado senhor de Santa Ireneia, que tão rijamente ajudara a fazer o Reino, não o deveria decerto desfazer, arrancando dele os pedaços melhores para monges e para donas rebeldes! — Assim, com arremessados passos, exclamara Mendo Pais, tão acalorado do esforço e da emoção, que duas vezes

encheu de vinho uma conca de pau e de um trago a despejou. Depois, limpando a boca às costas da mão trémula:

— Ide por certo a Montemor, senhor Tructesindo Ramires! Mas em recado de paz e boa avença, persuadir vossa senhora D. Sancha e as senhoras Infantas que voltem honradamente a quem hoje contam por seu pai e seu Rei!

O enorme senhor de Santa Ireneia parara, pousando no genro os olhos duros, sob a ruga das sobrancelhas, hirsutas e brancas como sarças em manhã de geada:

— Irei a Montemor, Mendo Pais, mas levar o meu sangue e dos meus para que justiça logre, quem justiça tem.

Então Mendo Pais, amargurado, ante a heroica teima:

— Maior dó, maior dó! Será bom

sangue de Ricos-Homens, vertido por más desforras... Senhor Tructesindo Ramires, sabei que em Canta Pedra vos espera Lopo de Baião, o Bastardo, para vos tolher a passagem com cem lanças!

Tructesindo ergueu a vasta face — com um riso tão soberbo e claro que os alões rosnaram torvamente, e, acordando, o falcão esticou a asa lenta:

— Boa-nova e de boa esperança! E, dizei, senhor mordomo-mor da cúria, tão de feição e certa assim ma trazeis para me intimidar?

— Para vos intimidar?... Nem o senhor Arcanjo S. Miguel vos intimidaria, descendo do Céu com toda a sua hoste e a sua espada de lume! De sobra o sei, senhor Tructesindo Ramires. Mas casei na vossa casa. E já que nesta lide não sereis

por mim bem ajudado, quero, ao menos, que sejais bem avisado.

O velho Tructesindo bateu as palmas para chamar os sergentes:

— Bem, bem, a cear, pois! À ceia, Frei Múnio!... E vós, Mendo Pais, deixai receios.

— Se deixo! Não vos pode vir dano que me anseie de cem lanças, de duzentas, que vos surjam a caminho.

E, enquanto o monge enrolava o seu pergaminho, se acercava da mesa — Mendo Pais ajuntou com tristeza, desafivelando vagarosamente o cinturão da espada:

— Só um cuidado me pesa. E é que, nesta jornada, senhor meu sogro, ides ficar de mal com o Reino e com o Rei.

— Filho e amigo! De mal ficarei

com o Reino e com o Rei, mas de bem com a honra e comigo!

Este grito de fidelidade, tão altivo, não ressoava no poemeto do tio Duarte. E quando o achou, com inesperada inspiração, o Fidalgo da Torre, atirando a pena, esfregou as mãos, exclamou, enlevado:

— Caramba! Aqui há talento!

Rematou logo o capítulo. Estava esfalfado, à banca do trabalho desde as nove horas, a reviver intensamente, e em jejum, as energias magníficas dos seus fortes avós! Numerou as tiras — fechou na gaveta à chave o volume do *Bardo*. Depois à janela, com o colete desabotoado, ainda lançou o brado genial num grave e rouco tom, como o lançaria Tructesindo: — «...de mal com o Reino e

com o Rei, mas de bem com a honra e comigo!...» E sentia nele realmente toda a alma de um Ramires, como eles eram no século XII, de sublime lealdade, mais presos à sua palavra que um santo ao seu voto, e alegremente desbaratando, para o manter, bens, contentamento e vida!

O Bento, que espalhara outro repique desesperado, escancarou a porta da livraria:

— É o Pereira... Está lá em baixo no pátio o Pereira, que quer falar ao Sr. Doutor.

Gonçalo Mendes franziu a testa, com impaciência, assim repuxado daquelas alturas onde respirava os nobres espíritos da sua raça:

— Que maçada!... O Pereira... Que Pereira?

O Pereira; o Manuel Pereira, da Riosa; o Pereira Brasileiro. Era um lavrador, com casal na Riosa, chamado *Brasileiro* por ter herdado vinte contos de um tio, regatão no Pará. Comprara então terras, trazia arrendada a *Cortiga*, a falada propriedade dos condes de Monte Agra, envergava aos domingos uma sobrecasaca de pano fino, e dispunha de sessenta votos na Freguesia.

— Ah! Diz ao Pereira que suba, que conversamos enquanto almoço... E põe outro talher.

A sala de jantar da Torre, que abria por três portas envidraçadas para uma funda varanda alpendrada, conservava, do tempo do avô Damião (o tradutor de Valerius Flaccus), dois formosos panos de Arrás representando a *Expedição dos*

Argonautas. Louças da Índia e do Japão, desirmanadas e preciosas, recheavam um imenso armário de mogno. E sobre o mármore dos aparadores rebrilhavam os restos, ainda ricos, das pratas famosas dos Ramires, que o Bento constantemente areava e polia com amor. Mas Gonçalo, sobretudo de verão, sempre almoçava e jantava na varanda luminosa e fresca, bem esteirada, revestida até meio-muro por finos azulejos do século XVIII, e oferecendo a um canto, para as preguiças do charuto, um profundo canapé de palhinha com almofadas de damasco.

Quando lá entrou, com os jornais da manhã que não abrira, o Pereira esperava, encostado a um grosso guarda-sol de paninho escarlate, considerando pensativamente a quinta que, dali se

abrangia até aos álamos da ribeira do Couce e aos outeiros suaves de Valverde. Era um velho esgalgado e rijo, todo ossos, com um carão moreno, de olhos miudinhos e azulados, e uma barbicha rala, já branca, entre dois enormes colarinhos presos por botões de oiro. Homem de propriedade, acostumado à Cidade e ao trato das Autoridades, estendeu largamentea mão ao Fidalgo da Torre, e aceitou, sem embaraço, a cadeira que ele lhe empurrara para a mesa — onde dominavam, com os seus ricos lavores, duas altas infusas de cristal antigo, uma cheia de açucenas e a outra de vinho verde.

— Então, que bom vento o traz pela Torre, Pereira amigo? Não o vejo desde abril!

— É verdade, meu Fidalgo, desde o sábado em que caiu a grande trovoada, na véspera da eleição! — confirmou o Pereira afagando o cabo do guarda-sol, que conservara entre os joelhos.

Gonçalo, numa esfaimada pressa do almoço, repicou a campainha de prata. Depois rindo:

— E os seus votos, Pereira amigo, segundo o costume, lá foram para o eterno Sanches Lucena, direitinhos, como os rios vão para o mar!

O Pereira também riu, com um riso agradado que lhe descobria os maus dentes. Pois o círculo era uma propriedade do Sr. Sanches Lucena! Cavalheiro de fortuna, homem de bem, conhecedor, serviçal... E então, quando lhe calhava como em abril o apoio do

Governo, nem Nosso Senhor Jesus Cristo que voltasse à terra e se propusesse por Vila Clara, desalojava o patrão da *Feitosa!*

O Bento, vagaroso, de jaqueta de lustrina preta sobre o avental resplandecente, entrava com um prato de ovos estrelados, quando o Fidalgo, que desdobrara o guardanapo, o amarrotou, arremessou com nojo:

— Este guardanapo já serviu! Eu estou farto de gritar. Não me importa guardanapo roto, ou com passagens, ou com remendos... Mas branquinho, fresquinho cada manhã, a cheirar a alfazema!

E reparando no Pereira, que discretamente arredava a cadeira:

— O quê! Você não almoça,

Pereira?...

Não, agradecia muito ao Fidalgo, mas nessa tarde comia as sopas com o genro nos Bravais, que era festa pelos anos do netinho.

— Bravo! Parabéns, Pereira amigo! Dê lá um beijo meu ao netinho... Mas então ao menos um copo de vinho verde.

— Entre as comidas, meu Fidalgo, nem água nem vinho.

Gonçalo farejara, arredara os ovos. E reclamou o «jantar da família», sempre muito farto e saboroso na Torre, e começando por essas pesadas sopas de pão, presunto e legumes, que ele desde criança adorava e chamava as *palanganas*. Depois, barrando de manteiga uma bolacha:

— Pois francamente, Pereira, esse

seu Sanches Lucena não faz honra ao círculo! Homem excelente, decerto, respeitável, obsequiador... Mas mudo, Pereira! Inteiramente mudo!

O lavrador roçou vagarosamente pelas ventas cabeludas o lenço vermelho, enrolado em bola:

— Sabe as coisas, pensa com acerto...

— Sim! mas pensamento e acerto não lhe saem de dentro do crânio! Depois está muito velho, Pereira! Que idade terá ele? Sessenta?

— Sessenta e cinco. Mas de gente muito rija, meu Fidalgo. O avô durou até aos cem anos. E ainda o conheci na loja...

— Como, na loja?

Então o Pereira, enrolando mais o lenço, estranhou que o Fidalgo não

soubesse a história do Sanches Lucena. Pois o avô, o Manuel Sanches, era um linheiro do Porto, da Rua das Hortas. E casado também com uma moça muito vistosa, muito farfalhuda...

— Bem! — atalhou o Fidalgo. — Isso é honroso para o Sanches Lucena. Gente que engordou, que trepou... E eu concordo, Pereira, o círculo deve mandar a Lisboa um homem como o Sanches Lucena, que tenha nele terra, raízes, interesses, nome... Mas é preciso que seja também homem com talento, com arrojo. Um deputado, que, nas grandes questões, nas crises, se erga, transporte a Câmara!... E depois, Pereira amigo, em Política, quem mais grita mais arranja. Olhe a estrada da Riosa! Ainda em papel, a lápis vermelho... E, se o Sanches Lucena fosse

homem de berrar em S. Bento, já o Pereira trazia por lá os seus carros a chiar.

O Pereira abanou a cabeça, com tristeza:

— Aí talvez o Fidalgo acerte... Para essa estradinha da Riosa sempre faltou quem gritasse. Aí talvez o Fidalgo acerte!

Mas o Fidalgo emudecera, embebido na cheirosa sopa, dentro duma caçoila nova, com raminhos de — hortelã. E então o Pereira, acercando mais a cadeira, cruzou no rebordo da mesa as mãos, que meio século de trabalho na terra tornara negras e duras como raízes — e declarou que se atrevera a incomodar o Fidalgo, àquelas horas do almocinho, porque nessa semana começava um corte de madeiras para os lados de Sandim, e desejava,

antes que surdissem outros arranjos, conversar com S. Ex.ª sobre o arrendamento da Torre...

Gonçalo reteve a colher, num pasmo risonho:

— Você queria arrendar a Torre, Pereira?

— Queria conversar com V. Ex.ª Como o Relho está despedido...

— Mas eu já tratei com o Casco, o José Casco dos Bravais! Ficámos meio apalavrados, há dias... Há mais de uma semana.

O Pereira coçou arrastadamente a barba rala. Pois era pena, grande pena... Ele só no sábado se inteirara da desavença com o Relho. E, se o Fidalgo não ressalvava o segredo, por quanto ficara o arrendamento?

— Não ressalvo, não, homem! Novecentos e cinquenta mil-réis.

O Pereira tirou da algibeira do colete a caixa de tartaruga, e sorveu detidamente uma pitada, com o carão pendido para a esteira. Pois maior pena, mesmo para o Fidalgo. Enfim! depois de palavra trocada... Mas era pena, porque ele gostava da propriedade; já pelo S. João pensara em abeirar o Fidalgo; e, apesar dos tempos correrem escassos, não andaria longe de oferecer um conto e cinquenta, mesmo um conto cento e cinquenta!

Gonçalo esqueceu a sopa, numa emoção que lhe afogueou a face fina, ante um tal acréscimo de renda — e a excelência de tal rendeiro, homem abastado, com metal no banco, e o mais

fino amanhador de terras de todas as cercanias!

— Isso é sério, oh Pereira?

O velho lavrador pousou a caixa de rapé sobre a toalha, com decisão:

— Meu Fidalgo, eu não era homem que entrasse na Torre para caçoar com V. Ex.ª! Proposta a valer, escritura a fazer... Mas se o arrendamento está tratado...

Recolheu a caixa, apoiava a mão larga na mesa para se erguer, quando Gonçalo acudiu, nervoso, empurrando o prato:

— Escute, homem!... Eu não contei por miúdo o caso do Casco. Você compreende, sabe como essas, coisas se passam... O Casco veio, conversámos; eu pedi novecentos e cinquenta mil-réis e porco pelo Natal. Primeiramente

concordou, que sim; logo adiante, emendou, que não... Voltou com o compadre; depois, com a mulher e o compadre, e o afilhado, e o cão! Depois só. Andou aí pela quinta, a medir, a cheirar a terra; acho até que a provou. Aquelas rabulices do Casco!... Por fim, uma tarde, lá gemeu, lá aceitou os novecentos e cinquenta mil-réis, sem porco. Cedi do porco. Aperto de mão, copo de vinho. Ficou de aparecer para combinar, tratar da escritura. Não o avistei mais, há quase duas semanas! Naturalmente já virou, já se arrependeu... Para resumir, não tenho com o Casco contrato firme... Foi uma conversa em que apenas estabelecemos, como base, a renda de novecentos e cinquenta. E eu, que detesto coisas vagas, já andava pensando

em encontrar melhor homem!

Mas o Pereira coçava o queixo, desconfiado. Ele, em negócios, gostava de lisura. Sempre se entendera bem com o Casco. Nem por um condado se atravessaria nos arranjos do Casco, homem violento, assomado. De modo que desejava as coisas claras, para não surdir desgosto rijo. Não se lavrara escritura, bem! Mas ficara, ou não, palavra dada entre o Fidalgo e o Casco?

Gonçalo Mendes Ramires, que findara apressadamente a sopa e enchia um copo de vinho verde para se calmar, fitou o lavrador, quase severamente:

— Homem, essa pergunta!... Pois se eu tivesse confirmado ao Casco decisivamente a palavra de Gonçalo Ramires, estava agora aqui a tratar, ou

sequer a conversar consigo, Pereira, sobre o arrendamento da Torre?

O Pereira baixou a cabeça. Também era verdade!... Pois, nesse caso, ele abria a sua tenção, claramente. E, como conhecia a propriedade, e apurara o seu cálculo — oferecia ao Fidalgo um conto cento e cinquenta mil-réis, sem porco. Mas não dava para a família nem leite, nem hortaliça, nem fruta. O Fidalgo, homem só, pouco se aproveitava. A Torre, porém, casa antiga, enxameava de gentes e de aderentes. Todos apanhavam, todos abusavam... Enfim, esse era o seu princípio E de resto, para a mesa do Fidalgo e mesmo dos criados, bastava o pomar e a horta de regalo... Que horta e pomar necessitavam trato mais jeitoso; mas ele, por amor do Fidalgo, e gosto seu,

por lá passaria e tudo luziria... Enquanto às outras condições, aceitava as do antigo arrendamento. E escritura assinada para a outra semana, no sábado... Estava feito?

Gonçalo, depois de um momento em que pestanejou nervosa e tremulamente, estendeu a mão aberta ao Pereira:

— Toque! Agora sim! Agora fica palavra dada!

— E Nosso Senhor lhe ponha virtude — concluiu o Pereira, firmado no imenso guarda-sol para se erguer. — Então no sábado, em Oliveira, para a escritura... Assina V. Ex.ª ou o Sr. Padre Soeiro?

Mas o Fidalgo calculava:

— Não, homem, não pode ser! No sábado, com efeito, estou em Oliveira, mas são os anos da mana Maria da Graça...

O Pereira destapou de novo os maus dentes, num riso de estima:

— Ah! e como vai a Sra. D. Maria da Graça? Há que idades a não vejo! Desde o ano passado, na procissão de Passos, em Oliveira... Muito boa senhora! Muito dada! E o Sr. José Barrolo? Pessoa excelente também, a valer, o Sr. José Barrolo... E que terra a dele, a *Ribeirinha!* A melhor propriedade destas vinte léguas em redor! Linda propriedade! A do André Cavaleiro, que lhe está pegada, a *Biscaia*, não se lhe compara — é como cardo ao pé de couve.

O Fidalgo da Torre descascava um pêssego, sorrindo:

— Do André Cavaleiro nada presta, Pereira! Nem terra, nem alma!

O lavrador pareceu surpreendido.

Ele imaginava que o Fidalgo e o Cavaleiro continuavam chegados e amigos... Não em Política! Mas particularmente, como cavalheiros...

— O quê? Eu e o Cavaleiro? Nem como cavalheiro nem como político. Que ele nem é cavalheiro nem político. É apenas cavalo, e ressabiado.

O Pereira ficou silencioso, com os olhos na toalha. Depois, resumindo:

— Então está entendido, no sábado, na cidade. E, se não faz transtorno ao Fidalgo, passamos pelo tabelião Guedes, e fica o feito arrumado. O Fidalgo, naturalmente, vai para a casa da senhora sua mana...

— Sempre. Apareça você às três horas. Lá conversamos com o Padre Soeiro.

— Também há que idades não encontro o Sr. Padre Soeiro!

— Oh! esse ingrato, agora, raramente aparece na Torre. Sempre em Oliveira, com a mana Graça, que é a menina dos seus encantos... Então nem um cálice de vinho do Porto, Pereira?... Bem, até sábado. Não esqueça o beijinho para o neto.

— Cá me vai no coração, meu Fidalgo... Ora essa! Pois consentia eu que V. Ex.ª se levantasse? Sei perfeitamente a escada, e ainda passo pela cozinha para debicar com a tia Rosa. já desde o tempo do paizinho de V. Ex.ª, que Deus haja, conheço bem a Torre!... E sempre me esperancei de trazer nesta quinta uma lavoura a meu gosto, de consolar!

Durante o café, esquecido dos jornais, Gonçalo gozou a excelência daquele negócio. Duzentos mil-réis mais de renda. E a Torre tratada pelo Pereira, com aquele amor da terra e saber de lavra que transformara o chavascal do Monte Agra numa maravilha de seara, vinha e horta!... Além disso, homem abastado, capaz de um adiantamento. E eis ai mais uma evidência do valor da Torre, esse afinco do Pereira em a arrendar, ele tão apertado, tão seguro... Quase se arrependia de lhe não ter arrancado um conto e duzentos. Enfim, a manhã forafecunda! E, realmente, nenhum acordo firmado o colava ao Casco. Entre eles apenas se esboçara uma conversa, sobre um arrendamento possível da Torre, a

debater depois miudamente, numa base nova de novecentos e cinquenta mil-réis... E que insensatez se ele, por escrupuloso respeito dessa conversa esboçada, recusasse o Pereira, retivesse o Casco, lavrador de rotina — dos que raspam a terra para comer, e a deixam cada ano deperecendo, mais cansada e chupada!...

— Bento, traz charutos! E o Joaquim que tenha a égua selada das cinco para as cinco e meia. Sempre vou à *Feitosa*... Hoje é o dia!

Acendeu um charuto, voltou à livraria. E, imediatamente, releu o final magnífico: «De mal com o Reino e com o Rei, mas de bem com a honra e comigo!» — Ah! como ali gritava a alma inteira do velho português, no seu amor religioso da palavra e da honra! E, com a tira de

almaço entre os dedos, junto da varanda, considerou um momento a Torre, as poeirentas frestas engradadas de ferro, as resistentes ameias, ainda inteiras, onde agora adejava um bando de pombas... Quantas manhãs, às frescas horas de alva, o velho Tructesindo se encostara àquelas ameias, então novas e brancas! Toda a terra em redor, semeada ou bravia, decerto pertencia ao poderoso Rico-Homem. E o Pereira, nesse tempo colono ou servo, só abordava o seu senhor de joelhos e tremendo! Mas não lhe pagava um conto cento e cinquenta mil-réis de sonora moeda do Reino. Também, que diabo, o vovô Tructesindo não precisava... Quando os sacos rareavam nas arcas, e os acostados rosnavam por tardança de soldo, o leal Rico-Homem,

para se prover, tinha as tulhas e as adegas dos Concelhos mal defendidos — ou então, numa volta de estrada, o ovençal voltando de recolher as rendas reais, o bufarinheiro genovês com os machos ajoujados de trouxas. Por baixo da Torre (como lhe contara o papá) ainda negrejava a masmorra feudal, meio atulhada, mas com restos de correntes chumbadas aospilares, e na abóbada a argola de onde pendia a polé, e no lajedo os buracos em que se escorava o potro. E, nessa surda e húmida cova, ovençal, bufarinheiro, clérigos e mesmo burgueses de foro uivavam sob o açoite ou no torniquete, até largarem, agonizando, o derradeiro morabitino. Ah! a romântica Torre, cantada tão meigamente ao luar pelo Videirinha, quantos tormentos

abafara!...

E de repente, com um berro, Gonçalo agarrou de sobre a mesa um volume de Walter Scott, que atirou sem piedade, como uma pedra, contra o tronco de uma faia. É que descortinara o gato da Rosa cozinheira, trepado, de unhas fincadas num ramo, arqueando a espinha, para assaltar um ninho de melros.

Quando nessa tarde o Fidalgo da Torre, airoso no seu fato novo de montar, polainas de couro polido, luvas de camurça branca, parou a égua ao portão da *Feitosa* — um velho todo esfarrapado, com longos cabelos caídos pelos ombros e imensas barbas espalhadas pelo peito, imediatamente se ergueu do banco de

pedra onde comia rodelas de chouriço, bebendo duma cabaça, para o avisar que o Sr. Sanches Lucena e a Sra. D. Ana andavam por fora, de carruagem. Gonçalo pediu ao velho que puxasse o ferro da sineta. E entregando um cartão ao moço, que entreabrira a rica grade dourada, com um S e um L entrelaçados sob uma coroa de conde:

— O Sr. Sanches Lucena, bem?

— O Sr. Conselheiro, agora, um pouquinho melhor...

— O quê? Esteve doente?

Pois o Sr. Conselheiro, aqui há três ou quatro semanas, andou muito agoniado...

— Oh! Sinto muito... Diga ao Sr. Conselheiro que sinto muitíssimo!

Chamou o velho que repicara a

sineta para o recompensar com um tostão. E, interessado por aquelas barbaças e melenas de mendigo de melodrama:

— Vossemecê pede esmola por estes sítios?

O homem ergueu para ele os olhos sujos, avermelhados da poeira e do sol, mas risonhos, quase contentes:

— Também me chego pela Torre, meu Fidalgo. E, graças a Deus, lá me fazem muito bem.

— Então quando lá voltar diga ao Bento... Você conhece o Bento?

— Se conhecia! E a Sra. Rosa...

— Pois diga ao Bento que lhe dê umas calças, homem! Você assim, com essas calças, não anda decente.

O velho riu, num riso lento e desdentado, mirando com gosto os

sórdidos farrapos que lhe trapejavam nas canelas, mais denegridas e secas que galhos de inverno:

— Rotinhas, rotinhas... Mas o Sr. Dr. Júlio diz que me ficam assim bem. O Sr. Dr. Júlio, quando lá passo, sempre me tira o retrato na máquina. Ainda na semana passada... Até com uns pedaços de grilhões dependurados do pulso, e uma espada erguida na mão... Parece que para mostrar ao Governo.

Gonçalo, rindo, picou a égua. Pensava agora em alongar por Valverde; depois recolheria por Vila Clara, e tentaria o Gouveia a partilhar na Torre um cabrito assado no espeto de cerejeira, para que ele na véspera, na Assembleia, convidara o Manuel Duarte e o Titó. Mas ao atravessar a «Cruz das Almas», onde a

estrada de Corinde, tão linda, com as suas filas de álamos, cruza a ladeira de Valverde, parou — notando ao fundo, para o lado de Corinde, como o confuso esbarro duma carrada de lenha, e uma carriola de açougue, e uma mulher de lenço escarlate bracejando sobre a albarda dum burro, e dois lavradores de enxada às costas. E, de repente, todo o encalhe se despegou — a mulher trotando no seu burrinho, logo sumida numa volta de arvoredo; a carriola solavancando num rolo leve de poeira; o carro avançando para a «Cruz das Almas» a chiar tardamente; os cavadores descendo para uma chá através das leiras de feno... Na estrada só restou, como desamparado, um homem de jaqueta ao ombro, que se arrastava penosamente, coxeando.

Gonçalo trotou, com curiosidade:

— Que foi?... Vossemecê que tem?

O homem, com a perna encolhida, levantou para Gonçalo uma face arrepanhada, quase desmaiada, que reluzia sob as camarinhas de suor:

— Nosso Senhor lhe dê muito boas-tardes, meu Fidalgo! Ora o que há de ser? Desgraças desta vida!

E, gemendo, contou a sua história. — Desde meses padecia duma chaga num tornozelo, que não secara, nem com emplastros, nem com pó de murtinhos, nem com benzeduras... E agora andava arriba, na fazenda do Sr. Dr. Júlio, a consertar um socalco, para ajudar um compadre também doente com maleitas — e, zás, desaba um pedregulho, que topa na ferida, leva a carne, lasca o osso, o deixa

naquela lástima!... Até rasgara a fralda para ensopar o sangue e amarrar por cima o lenço.

— Mas assim não pode andar, homem! De onde é vossemecê?

— De Corinde, meu Fidalgo. Manuel Solha, do lugar da Finta. Até lá, sempre me hei de arrastar.

— E então, dessa gente toda, que aí estava há bocado, ninguém o pôde ajudar?... Uma carriola, dois latagões...

Uma rija guinada, no teimoso esforço de firmar a perna, arrancou um grito ao Solha. Mas sorriu, arquejando... Que queria o Fidalgo? Cada um, neste mundo, tem a sua pressa... Enfim, a rapariga do burro prometera passar pela Finta, para avisar. E talvez um dos seus rapazes aparecesse na estrada com uma eguazita

que ele comprara pela Páscoa — e que, por desgraça, também mancava!...

Imediatamente, com um salto leve, o Fidalgo da Torre desmontou:

— Bem! Então, égua por égua, já vossemecê tem aqui esta...

O Solha embasbacou para Gonçalo:

— Ora essa! Santo nome de Deus!... Pois eu havia de ir a cavalo, e V. Ex.ª a pé?

Gonçalo ria:

— Homem, com essas discussões de «eu a pé» e «você a cavalo», e «faz favor» e «não senhor», é que perdemos um tempo precioso. Monte, esteja quieto, e trote para a Finta!

O outro recuava para a valeta da estrada, sacudindo a cabeça, esgazeado, como no espanto de um sacrilégio:

— Isso é que não, meu senhor, isso é que não! Antes eu acabasse aqui à míngua, com a chaga em bolor!

Gonçalo bateu o pé, com autoridade:

— Monte, que mando eu! Vossemecê é um lavrador de enxada, eu sou um Doutor formado em Coimbra, sou eu que sei, sou eu que mando!

E o Solha, logo submisso ante aquela força deslumbrante do Saber superior, agarrou em silêncio a crina da égua, enfiou respeitosamente o estribo, ajudado pelo Fidalgo, que, sem tirar as luvas brancas, lhe amparava o pé entrapado e manchado de sangue.

Depois, quando ele repousou no selim com um *ah!* consolado:

— Então que tal?

O homem só murmurava o nome de

Nosso Senhor, na gratidão e no assombro daquela caridade:

— Mas isto é a volta do Mundo... Eu aqui, na égua do Fidalgo! E o Fidalgo, o Sr. Gonçalo Ramires, da Torre, a pé pela estrada!

Gonçalo gracejou. E, para entreter a caminhada, perguntou pela quinta do Dr. Júlio que, agora, se arrojara a obras e plantações de vinha. Depois, como o Manuel Solha conhecia o Pereira Brasileiro (que pensara em arrendar as terras do Dr. Júlio), conversaram sobre esse esperto homem, sobre as grandezas da *Cortiga*. Já sem embaraço, direito no selim, no gosto daquela intimidade com o Fidalgo da Torre, o Solha esquecia a chaga, a dor que adormentara. E à estribeira do Solha, atento e sorrindo, o

Fidalgo estugava o passo na poeira branca.

Assim se avizinhavam da *Bica Santa*, um dos sítios decantados daquelas cercanias formosas. AI a estrada, cortada na encosta dum monte, alarga e forma um arejado terraço, de onde se abrange todo o vale de Corinde, tão rico em casais, em arvoredos, em searas, em águas. No pendor do monte, coberto de carvalhos e de fragas musgosas, brota a fonte nomeada, que já em tempos de El-Rei D. João V curava males de entranhas — e que uma devota senhora de Corinde, D. Rosa Miranda Carneiro, mandou encanar desde o alto até a um tanque de mármore, onde agora corre beneficamente, por uma bica de bronze, sob a imagem e patrocínio de Santa Rosa de Lima. De cada lado do

tanque se encurvam dois compridos bancos de pedra, que a espalhada ramaria das carvalheiras tolda de sombra e frescura. E um suave retiro onde se apanham violetas, se comem merendas, e senhoras dos arredores se sentam em rancho, nas tardinhas de domingo, escutando os melros, gozando a povoada, luminosa e verdejante largueza do vale.

Antes, porém, de desembocar na *Bica Santa*, e perto do lugar do Serdal, a estrada de Corinde quebra numa volta: — e, aí, de repente, a égua pulou, num reparo, que obrigou o Fidalgo da Torre, desconfiado da perícia do Solha, a deitar a mão à caimba do freio. Fora o encontro inesperado duma carruagem — uma caleche forrada de azul, com a parelha coberta de redes brancas contra a mosca,

e na almofada, teso, um cocheiro de bigode, farda de gola escarlate e chapéu de tope amarelo. E Gonçalo mantinha ainda a égua pelo freio, como arrieiro serviçal em trilho perigoso — quando avistou, sentado num dos bancos de pedra, junto da Bica, com um xale-manta por cima dós joelhos, o velho Sanches Lucena. Ao lado o trintanário, agachado, esfregava com um molho de erva a botina que a bela D. Ana lhe estendia, apanhando o vestido de linho cru, apoiando a outra mão, sem luva, na cinta vergada e fina.

A desconcertada aparição do Fidalgo da Torre, puxando pela rédea a sua égua, onde se escarranchava regaladamente um cavador em mangas de camisa, alvorotou aquele repousado e dormente recanto da *Bica*. Sanches Lucena esbugalhava os

olhos, esbugalhava os óculos, num arremesso de curiosidade que o levantara, com o pescoço esticado, o xale-manta escorregado para a relva. D. Ana recolheu bruscamente a botina, logo empertigada, na gravidade condigna da senhora da *Feitosa*, retomando como uma insígnia o cabo de ouro da luneta de ouro, suspensa por um cordão de ouro. E até o trintanário ria pasmadamente para o Solha.

Mas já, com o seu desembaraço elegante, Gonçalo, num relance, saudara D. Ana, apertava com fervor a mão espantada do Sanches Lucena, e, alegremente, se congratulava por aquele encontro ditoso! Pois vinha justamente da *Feitosa*! E aí soubera com desgosto, por um moço da quinta, decerto exagerado, que o Sr. Conselheiro, nas últimas

semanas, andara doente... E, então como estava? como estava? — Oh! a fisionomia era excelente!

— Pois não é verdade, Sra. D. Ana? O aspeto é excelente!

Com um leve requebro da cabeça, um fofo ondear do molho de plumas brancas sobre o chapéu de palha vermelha, ela volveu numa voz rolada, lenta e gorda, que arrepiou Gonçalo:

— O Sanches agora, graças a Deus, desfruta melhor saúde...

— Um pouco melhor, sim, com efeito, muito agradecido a V. Ex.ª, Sr. Gonçalo Ramires! — murmurou o descarnado e corcovado homem, repuxando para os joelhos o xale-manta.

E, com os óculos a luzir, cravados em Gonçalo, na curiosidade que o

abrasava, quase lhe rosara a face afilada, mais amarela que um círio:

— Mas, com perdão de V. Ex.ª! como é que V. Ex.ª anda por aqui, pela estrada de Corinde, neste estado, a pé, trazendo à rédea um lavrador de enxada?...

Rindo, sobretudo para D. Ana, cujos olhos formosamente negros, duma funda refulgência liquida, também esperavam, sérios e reservados, Gonçalo contou o desastre do bom homem, que encontrara no caminho gemendo, arrastando a perna escalavrada...

— De sorte que lhe ofereci a minha égua... E até, se V. Ex.ª me permite, minha senhora, é necessário que eu combine com ele o resto da jornada...

Rapidamente, voltou ao Solha, que, de novo acanhado ante os senhores da

Feitosa, com o chapéu na mão, encolhido sobre o selim, como atenuando a sua grandeza, logo se desestribou para desmontar. Mas já Gonçalo lhe ordenava que trotasse para a Finta — e lhe mandasse a égua por um dos seus rapazes, ali à Bica Santa, onde ele se demorava com o Sr. Conselheiro. E quando o Solha largou, saudando, desabaladamente, torcido, como impelido a seu pesar pelos acenos risonhos com que o Fidalgo o despedia, o assombro do Sanches Lucena recomeçou:

— Ora uma coisa destas! Eu tudo esperaria, tudo, menos o Sr. Gonçalo Mendes Ramires a trazer à rédea, pela estrada de Corinde, um cavador de enxada! É a repetição do Bom Samaritano... Mas para melhor!

Gonçalo gracejou, sentado no banco, junto de Sanches Lucena. — Oh! o Bom Samaritano não merecera uma página tão amável no Evangelho, somente por oferecer o burro a um levita doente: decerto mostrara virtudes mais belas... — E sorrindo para D. Ana, que, do outro lado de Sanches Lucena, espalhava a luneta, com lentidão majestosa, pelas árvores e pela fonte que tão bem conhecia:

— Há dois anos, minha senhora, que eu não tenho a honra...

Mas Sanches Lucena despediu um grito:

— Oh! Sr. Gonçalo Ramires! V. Ex.ª traz sangue na mão!

O Fidalgo reparou, espantado. Sobre a luva de camurça branca ressaltavam

duas manchas arroxeadas:

— Não é sangue meu! foi naturalmente quando o Solha montou, e eu lhe segurei o pé escalavrado...

Arrancou a luva, que arremessou para as ervas bravas, por trás do banco de pedra. E continuando o sorriso:

— Com efeito, não tenho a honra de encontrar a V. Ex.ª, minha senhora, desde o baile do barão das Marges, em Oliveira, o famoso baile de Entrudo... Há mais de dois anos, era eu estudante. E ainda me recordo que V. Ex.ª estava vestida esplendidamente de Catarina da Rússia...

E, enquanto a envolvia no sorrir dos olhos finos e meigos, pensava: — «Formosa criatura! mas ordinária! e que voz!...» D. Ana também se recordava do baile dos Marges:

— O cavalheiro, porém, está equivocado. Eu não fui de Russa, fui de Imperatriz...

— Sim, de Imperatriz da Rússia, de Grande Catarina... E com um gosto! com um luxo!

Sanches Lucena voltou vagarosamente para Gonçalo os óculos de ouro, apontou um dedo alongado e lívido:

— Pois também eu me lembro que sua mana, e minha senhora, a Sra. D. Graça, trazia um traje de lavradeira de Viana... Foi uma luzidíssima festa; nem admira; o nosso Marges é sempre primoroso... E desde essa noite não tornei a encontrar a mana de V. Ex.ª em intimidade. Apenas de longe, na missa...

De resto, pouco residia agora em Oliveira, apesar de conservar a casa

montada, criadagem e cocheira — porque, ou culpa do ar ou culpa da água, não se dava bem na cidade.

Gonçalo acalorou mais o seu interesse:

— Mas então, realmente, V. Ex.ª o que tem tido?

Sanches Lucena sorriu, com amargura. Os médicos, em Lisboa, não se entendiam. Uns atribuíam ao estômago — outros atribulam ao coração. Portanto, aqui ou ali, víscera essencial atacada. E sofria crises — más crises... Enfim, com a graça de Deus, e regime, e leite, e descanso, ainda esperava arrastar uns anos.

— Oh! com certeza! — exclamou Gonçalo alegremente. — E V. Ex.ª não pensa que a estada em Lisboa, e as

Câmaras, e a Política, a terrível Política, o fatiguem, o agitem?...

Não, pelo contrário, Sanches Lucena passava toleravelmente em Lisboa. Melhor mesmo que na *Feitosa!* Depois, gostava daquela distração das Câmaras. E como conservava amigos na Capital, uma roda escolhida, uma roda fina...

— Um desses nossos excelentes amigos, V. Ex.ª decerto conhece. Ele é parente de V. Ex.ª.. O D. João da Pedrosa.

Gonçalo, alheio ao homem, mesmo ao nome, murmurou polidamente:

— Sim, o D. João, decerto...

E Sanches Lucena, passando pelas suíças brancas a mão magríssima, quase transparente, onde reluzia um enorme anel de armas de safira:

E não somente o D. João... Outro dos

nossos amigos é igualmente parente de V. Ex.ª, e chegado. Muitas vezes temos falado de V. Ex.ª, e da sua casa. Que ele pertence também à primeira nobreza... É o Arronches Manrique.

— Cavalheiro muito dado, muito divertido! — acrescentou D. Ana, com uma convicção que lhe alteou o peito, a que o corpete justo marcava a força viçosa e a perfeição.

A Gonçalo também nunca chegara esse nome sonoro. Mas não hesitou:

— Sim, perfeitamente, o Manrique... De resto, eu tenho tantos parentes em Lisboa, e vou tão pouco a Lisboa!... E V. Ex.ª Sra. D. Ana...

Mas o Sanches Lucena insistia, deliciado naquela conversa de parentescos fidalgos:

— V. Ex.ª naturalmente, tem em Lisboa toda a sua parentela histórica. Assim eu creio que V. Ex.ª é primo do Duque de Lourençal... O Duarte Lourençal! Ele não usa o título, por Miguelismo, ou antes por hábito; mas enfim é o legítimo Duque de Lourençal... É quem representa a casa de Lourençal.

Gonçalo, sorrindo atentamente, desabotoara o fraque, procurava a sua velha charuteira de couro.

— Sim, com efeito, o Duarte... Somos primos. Diz ele que somos primos. E eu acredito. Entendo tão pouco de árvores de costado!... De facto as casas em Portugal andam muito cruzadas; todos somos parentes, não só pelo lado de Adão, mas pelos Godos... E V. Ex.ª, Sra. D. Ana, prefere a estada em Lisboa?

Mas, reparando que escolhera um charuto, distraidamente o trincara:

— Oh! perdão, minha senhora... Ia fumar sem saber se V. Ex.ª..

Ela saudou, descendo as longas pestanas:

— O cavalheiro pode fumar; o Sanches não fuma, mas eu até aprecio o cheiro.

Gonçalo agradeceu, enjoado com aquela voz redonda e gorda, aqueles horrendos *«cavalheiro, o cavalheiro!...»* Mas pensava: «que linda pele! que bela criatura!...» E Sanches Lucena, inexorável, estendera o dedo agudo:

— Pois eu conheço muito, não o Sr. D. Duarte Lourençal, não tenho essa subida honra por ora, mas seu irmão, o Sr. D. Filipe. Cavalheiro estimabilíssimo,

como V. Ex.ª decerto sabe... E depois, que talento... Que talento, no cornetim!

— Ah!

— O quê! V. Ex.ª não ouviu seu primo, o Sr. D. Filipe Lourençal, tocar cornetim?

E até a bela D. Ana se animou, com um sorriso lânguido dos beiços cheios, mais vermelhos que cerejas maduras, sobre o fresco rebrilho dos dentes pequeninos:

— Oh! toca ricamente! O Sanches gosta muito de música; eu também... Mas, como V. Ex.ª compreende, aqui na aldeia, com a falta de recursos...

Gonçalo, arremessando o fósforo, exclamara logo, num sincero interesse:

— Então, queria que V. Ex.ª ouvisse um amigo meu, que é verdadeiramente

sublime no violão, o Videirinha!...

Sanches Lucena estranhou o nome, a sua vulgaridade. E o Fidalgo, singelamente:

— É um rapaz muito meu amigo, de Vila Clara... O José Videira, ajudante de Farmácia...

Os óculos de Sanches Lucena cresceram de puro espanto:

— Ajudante de Farmácia e amigo do Sr. Gonçalo Mendes Ramires!

Sim, desde estudante, dos exames do Liceu. Até o Videirinha passava as férias na Torre, com a mãe, antiga costureira da casa. Tão bom rapaz, tão simples... E na realidade, no violão, um génio!

— Agora tem ele uma cantiga admirável que chamou o *Fado dos Ramires*. A música é com efeito um fado

de Coimbra, um fado conhecido. Mas os versos são dele, umas quadras engraçadas sobre coisas da minha Casa, lendas, patranhas... Pois ficou sublime! Ainda hádias na Torre, comigo e com o Titó...

E a este nome, familiar e menineiro, Sanches Lucena mostrou outro reparo:

— O Titó?

O Fidalgo ria:

— É uma velha alcunha de amizade que nós damos ao António Vilalobos.

Então Sanches Lucena atirou ambos os braços, como se alguém muito querido aparecesse na estrada:

— O António Vilalobos! Mas esse é um dos nossos fiéis e bons amigos! Cavalheiro estimabilíssimo! Quase todas as semanas nos faz o favor de aparecer pela *Feitosa*...

E agora era o Fidalgo que pasmava ante essa intimidade a que nunca o Titó aludira, quando no Gago, na Torre, na Assembleia, se berrava, politicando, o nome do Sanches Lucena!

— Ah! V. Ex.ª conhece...

Mas D. Ana, que se erguera bruscamente do banco, e, debruçada, recolhia a luva e a sombrinha — lembrou ao marido o esfriar lento da tarde, a neblina subindo sempre àquela hora do vale aquecido:

— Sabes que nunca te faz bem... E também não faz bem à parelha, assim parada, há tanto tempo.

Imediatamente Sanches Lucena, receoso, puxara da algibeira um espesso lenço de seda branca, para abafar o pescoço. E, receoso também pela parelha,

logo se arrancou pesadamente do banco de pedra, com um aceno cansado ao trintanário para apanhar o xale, avisar o cocheiro. Mas ainda atravessou, vergado e arrimado à bengala, para o parapeito que resguarda a estrada sobre o despenhado pendor do monte, dominando o vale. E confessava a Gonçalo que aquele era, nos arredores da *Feitosa*, o seu passeio preferido. Não só pela beleza do sítio, já cantado pelo «nosso mavioso Cunha Torres»; — mas porque do terraço da Bica, sem esforço, sentado no banco, avistava numa largueza terras suas:

— Olhe V. Ex.ª.. Para além daquele souto, até à chá e ao cômoro onde está a casota amarela e por trás o pinhal, tudo é meu... O pinhal ainda é meu... Acolá, do renque de álamos para diante, depois do

lameiro, é também meu... Ali, do lado da ermida, pertence ao Monte Agra... Mas, mais para lá, passado o azinhal, pelo monte acima, é tudo meu!

O lívido dedo, o braço escanifrado na manga de casimira preta, cresciam por sobre o vale. — Além os pastos... Adiante os centeios... Depois o bravio... — Tudo dele! E, por trás da magra figura alquebrada, de chapéu enterrado na nuca, o abafo de seda subido até às pálidas orelhas quase despegadas, D. Ana, esbelta, clara e sã como um mármore, com um sorriso esquecido nos lábios gulosos, o formoso peito mais cheio, acompanhava a enumeração copiosa, fincava a luneta sobre os pastos, e os pinhais, e os centeios, sentindo já — tudo dela!

— E agora acolá, detrás do olival —

concluiu Sanches Lucena com respeito — é sítio seu, Sr. Gonçalo Mendes Ramires...

— Meu?...

— De V. Ex.ª, quero dizer, ligado à casa de V. Ex.ª Pois não reconhece?... Além, por trás do moinho, passa a estrada de Santa Maria de Craquede. São os túmulos dos seus antepassados... Passeio que eu também às vezes faço, e com gosto. Ainda há um mês visitámos detidamente as ruínas. E acredite que fiquei impressionado! Aquele bocado de claustro tão antigo, os grandes esquifes de pedra, a espada chumbada à abóbada por cima do túmulo do meio... E de comover! E achei muito bonito, muito filial, da parte de V. Ex.ª, o ter sempre aquela lâmpada de bronze acesa, de noite e de dia...

Gonçalo engrolou um murmúrio risonho — porque não se recordava da espada, nunca recomendara a lâmpada. Mas Sanches Lucena, agora, suplicava um precioso favor ao Sr. Gonçalo Mendes Ramires. E era que S. Ex.ª lhe concedesse a honra de o conduzir na carruagem à Torre... Alvoroçadamente Gonçalo recusou. Nem podia! combinara com o homem da perna dorida esperar ali, na Bica, pela sua égua.

— Mas fica aqui o meu trintanário, que leva a égua de V. Ex.ª à Torre.

— Não, não, se V. Ex.ª me permite, eu espero... Depois meto pelo atalho da Crassa, porque tenho às oito horas na Torre, à minha espera para jantar, o Titó.

D. Ana, do meio da estrada, apressou logo o marido sacudidamente, com a

ameaça renovada da friagem, do relento... Mas, junto da caleche, Sanches Lucena ainda emperrou para afirmar a Gonçalo, com a descarnada mão sobre o encovado peito, que aquela tarde lheficava célebre...

— Porque vi uma coisa que poucas vezes se terá visto: o maior fidalgo de Portugal, a pé pela estrada de Corinde, levando à rédea no seu próprio cavalo um cavador de enxada!

Ajudado por Gonçalo, trepou enfim pesadamente ao estribo. D. Ana já se enterrara nas almofadas, alçando entre as mãos, como uma insígnia, o cabo rebrilhante da luneta de ouro. O trintanário também se entesou, cruzou os braços; e a caleche aparatosa, com as manchas brancas das redes dos cavalos,

mergulhou no silêncio e na penumbra da estrada, sob a espalhada ramaria das faias.

«Que maçada!» exclamou Gonçalo. E não se consolava de tarde tão linda assim desperdiçada... Intolerável, esse Sanches Lucena, com o Sr. D. fulano e o Sr. D. sicrano, e a sua gula de «roda fina», e «tudo dele» por colina e vale! A mulher, esplêndida peça de carne, como filha de carniceiro — mas sem migalha de graça ou alma. E que voz, Jesus, que voz! Gente pedante e sabuja... — E agora só desejava recuperar a sua égua, galopar para a Torre, e desabafar com o Titó, familiar da *Feitosa!* o seu asco por toda aquela Sancharia.

A égua não tardou, a trote largo, montada pelo filho do Solha, que, ao

avistar o Fidalgo, saltou à estrada, de chapéu na mão, encouchado e encarnado, balbuciando que o pai chegara bem, pedia a Nosso Senhor lhe pagasse a caridade...

— Bem, bem! Recados a teu pai. Que estimo as melhoras. Lá mandarei saber.

Num pulo montara — galopava pelo fácil atalho da Crassa. Mas, diante do portão da Torre, encontrou um moço do Gago, com um bilhete do Titó, anunciando que não podia jantar na Torre, porque partia nessa semana para Oliveira!

— Que disparate! Para Oliveira também eu parto; mas janto hoje! Até combinávamos, o levava na carruagem... Ele que ficou a fazer, o Sr. D. António?

O rapaz coçou pensativamente a cabeça:

— O Sr. D. António passou lá por casa para eu trazer o bilhete ao Fidalgo... Depois, creio que tem festa, porque entrou defronte no tio Cosme fogueteiro, a comprar bichas de rabear...

Aquelas inesperadas bichas de rabear causaram logo ao Fidalgo uma imensa inveja:

— E onde é a festa, sabes?

— Eu não sei, meu Fidalgo... Mas parece que é coisa rija, porque o Sr. João Gouveia encomendou lá ao patrão dois grandes pratos de bolos de bacalhau.

Bolos de bacalhau! Gonçalo sentiu como a amargura de uma traição:

— Oh! que animais!

E de repente ideou uma vingança alegre:

— Pois se vires hoje o Sr. D.

António ou o Sr. João Gouveia, não te esqueças de lhes dizer que sinto muito... Que eu também cá tinha à noite na Torre uma festa. E havia senhoras. Vinha a Sra. D. Ana Lucena... Não te esqueças, hem?

Gonçalo galgou as escadas rindo da sua invenção. Mas, nessa noite, às nove horas, depois do arrastado e atochado jantar com o Manuel Duarte, entrou na sala grande dos retratos, apenas alumiada pelo lampião dourado do corredor, para buscar uma caixa de charutos. E casualmente, através da janela aberta, reparou num homem que, em baixo, rente da sombra dos álamos, rondava, espreitava... Mais atento, imaginou reconhecer os poderosos ombros, o andar bovino do Titó. Mas não, com certeza! o homem trazia jaqueta e carapuço de lã.

Curioso, abafando os passos, ainda se abeirou da varanda. O vulto porém descera da estrada, logo sumido sob as árvores duma quelha que contorna o casal do Miranda, e desemboca adiante, na Portela, junto das primeiras casas de Vila Clara.

4

O palacete dos Barrolos em Oliveira (conhecido desde o começo do século pela Casa dos *Cunhais),* erguia a sua fidalga fachada de doze varandas do Largo de El-Rei, entre uma solitária viela que conduz ao quartel e à Rua das Tecedeiras, velha rua mal empedrada, ladeirenta, oprimida pelo comprido terraço do jardim, e pelo muro fronteiro da antiga cerca das Mónicas. E nessa manhã, justamente quando Gonçalo, na caleche da Torre puxada pela parelha do Torto, desembocava no Largo de El-Rei, subia pela Rua das Tecedeiras, dobrando a esquina dos Cunhais, num cavalo negro de fartas clinas, que feria as lajes com

soberba e garbo, o Governador Civil, o André Cavaleiro, de colete branco e chapéu de palha. Num relance, do fundo da caleche, o Fidalgo ainda o surpreendeu levantando os pestanudos olhos negros para as varandas de ferro do palacete. E pulou, com um murro no joelho, rugindo surdamente — «que biltre!» Ao apear no portão (um portão baixo, como esmagado pelo imenso escudo de armas dos Sãs), tão sufocada indignação o impelia, que não reparou nas efusões do porteiro, o velho Joaquim da Porta, e esqueceu dentro da caleche os presentes para Gracinha, a caixa com o guarda-solinho e um cesto de flores da Torre coberto de papel de seda. Depois em cima, na sala de espera, onde José Barrolo correra, ao sentir nas lajes do Largo silencioso o

estrépito do calhambeque, desabafou logo, arrebatadamente, atirando o guarda-pó para uma cadeira de couro:

— Oh, senhores! Que eu não possa vir à cidade, sem encontrar de cara este animal do Cavaleiro! E sempre no Largo, defronte da casal É sorte!... Esse bigodeira não achará outro lugar para onde vá caracolar com a pileca?

José Barrolo, um moço gordo, de cabelo ruivo e crespo, com um buço claro numa face mais redonda e corada que uma bela maçã, acudiu, ingenuamente:

— Pileca?!... Oh, menino, tem agora um cavalo lindo! Um cavalo lindo, que comprou ao Marges!

— Pois bem! É um burro feio em cima dum cavalo bonito. Que fiquem ambos na cavalariça. Ou que vão ambos

pastar para as Devesas!

O Barrolo escancarou a boca larga e fresca, de soberbos dentes, num lento pasmo. E de repente, com uma patada no soalho, vergado pela cinta, rompeu numa risada que o sufocava, lhe inchava as veias:

— Essa é de arromba! Não, essa é para contar no Clube... Um burro feio em cima dum cavalo bonito! E ambos a pastarem!... Tu vens hoje rico, menino! Olha que essa! Ambos a pastarem, com os focinhos na erva, o Governador Civil e o cavalo... E de arromba!

Rebolava pela sala, com palmadas radiantes sobre a coxa obesa. E Gonçalo, adoçado por aquela ovação que celebrava a sua facécia:

— Bem. Dá cá esses ossos, ou antes

esses untos. E como vai a família? A Gracinha?... Oh! viva a linda flor!

Era ela, com a sua ligeireza airosa e menineira, os magníficos cabelos soltos sobre um penteador de rendas, correndo alvoroçada para o irmão, que a envolveu num abraço e em dois beijos sonoros. E imediatamente, recuando, a declarou mais bonita, mais gorda:

— Positivamente, estás mais gorda, até mais alta... É sobrinho?... Não? nada, por ora?

Gracinha corou, com aquele seu lânguido sorriso que mais lhe humedecia e lhe enternecia a doçura dos olhos esverdeados.

— Se ela não quer, ela não quer! — gritava o José Barrolo, gingando, com as mãos enterradas nos bolsos do jaquetão,

que lhe desenhava as ancas roliças. — A culpa não é cá do patrão... Mas ela não se decide!

O Fidalgo da Torre repreendeu a irmã:

— Pois é necessário um menino. Eu por mim não caso, não tenho jeito: e lá se vão desta feita Barrolos e Ramires! A extinção dos Barrolos é uma limpeza. Mas, acabados os Ramires, acaba Portugal. Portanto, Sra. D. Graça Ramires, depressa, em nome da Nação, um morgado! Um morgado muito gordo, que eu pretendo que se chame Tructesindo!

Barrolo protestou, aterrado:

— O quê? Tructesindo? Não! Para tal sorte não o fabrico eu!

Mas Gracinha deteve aqueles

gracejos picantes, desejosa de saber da Torre, e do Bento, e da Rosa cozinheira, e da horta, e dos pavões... Conversando, penetraram na outra sala, guarnecida de contadores da índia, de pesados cadeirões dourados de damasco azul, com três varandas sobre o Largo de El-Rei. Barrolo enrolou um cigarro, reclamou a história do Relho, da grande desordem. Também ele arranjara uma «pega» com o rendeiro da *Ribeirinha*, por causa de um corte de pinhal. Essa do Relho, porém, fora tremenda...

E Gonçalo, enterrado ao canto do fundo canapé azul, desabotoando preguiçosamente o jaquetão de cheviote claro:

— Não! foi muito simples. já há meses esse Relho andava bêbado, sem

despegar... Uma noite berrou, ameaçou a Rosa, agarrou numa espingarda. Eu desci, e num instante a Torre ficou desembaraçada de Relhos e de barulhos.

— Mas veio o Regedor, com cabos! — acudiu o Barrolo.

Gonçalo sacudiu os ombros impaciente:

— Veio o Regedor? Veio depois, para legalizar! já o homem abalara, corrido. E como resultado arrendei a Torre ao Pereira, ao Pereira da Riosa...

Contou esse negócio excelente, tratado na varanda, ao almoço, entre dois copos de vinho verde. Barrolo admirou a renda — gabou o rendeiro. Assim Gonçalo descortinasse outro Pereira para a quinta de Treixedo, terra tão generosa, tão mal amanhada!

À borda do canapé, coberta pelos belos cabelos que lavara nessa manhã e que cheiravam a alecrim, Gracinha contemplava o irmão com ternura:

— E do estômago, andas melhor? Continuam as ceias com o Titó?

— Oh! esse animal! — exclamou Gonçalo. — Há dias prometeu jantar na Torre, até a Rosa assou um cabrito no espeto, magnífico... Depois falhou: creio que teve uma orgia infame, com bichas de rabear. Ele vem esta semana a Oliveira... E é verdade! vocês sabiam da intimidade do Titó com o Sanches Lucena?

Historiou então, com exagero alegre, o encontro da Bica Santa, o horror que lhe causara a bela D. Ana, a descoberta inesperada dessa familiaridade do Titó na *Feitosa*.

Barrolo recordou que uma tarde, antes do S. João, avistara o Titó, diante do portão da *Feitosa*, a passear pela trela um cãozinho branco de regaço...

— Mas o que eu não compreendo, menino, é esse teu «horror» pela D. Ana... Caramba! Mulher soberba! Um quebrado de quadris, uns olhões, um peitoril...

— Cale essa boca impura, devasso! — gritou Gonçalo. — Pois aqui ao lado da sua mulher, que é a flor das Graças, ousa louvar semelhante peça de carne!

Gracinha rindo, sem ciúmes, compreendia «a admiração do José». Realmente, a Ana Lucena, que vistosa, que bela!...

— Sim — concedeu Gonçalo — bela como uma bela égua... Mas aquela voz gorda, papuda... E a luneta, os modos... E

«o cavalheiro pode fumar, o cavalheiro está enganado...». Oh! senhores, pavorosa!

Barrolo gingava, diante do sofá, com as mãos nos bolsos da rabona:

— Uvas verdes, Sr. D. Gonçalo, uvas verdes!

O Fidalgo dardejou sobre o cunhado uns olhos ferozes:

— Nem que ela se me oferecesse, de joelhos, em camisa, com os duzentos contos do Sanches numa salva de ouro!

Sorrindo, vermelha como uma peónia, com um «oh» escandalizado, Gracinha bateu no ombro de Gonçalo — que puxou por ela, galhofeiramente:

— Venha lá essa bochecha, e outra beijoca, para purificar! Com efeito, só pensar na D. Ana, arrasta a gente às

imagens brutais... Dizias então do estômago... Sim, filha, combalido. E há dias mais pesado, desde o tal cabrito no espeto e da companhia beberrona do Manuel Duarte. Tu tens cá água de Vidago?... Então, Barrolinho, sê angélico. Manda trazer já uma garrafinha bem fresca. E olha! pergunta se subiram um açafate e uma caixa de papelão que eu deixei na caleche? Que ponham no meu quarto. E não desembrulhes, que é surpresa... Escuta! Que me levem água bem quente. Preciso mudar toda a roupa... Estava uma poeirada por esse caminho!

E quando o Barrolo abalou, a rebolar e a assobiar, Gonçalo, esfregando as mãos:

— Pois vocês ambos estão esplêndidos! E na harmonia que convém.

Tu positivamente mais forte, mais cheia. Até pensei que fosse sobrinho. E o Barrolo mais delgado, mais leve...

— Oh, agora o José passeia, monta a cavalo, já não adormece tanto depois de jantar...

— E a outra família? A tia Arminda, o rancho Mendonça? Bem?... Padre Soeiro, que é feito desse santo?

— Teve um ataquezito de reumatismo, muito ligeiro. Agora bom, sempre no Paço do Bispo, na Biblioteca... Parece que se entretém a fazer um livro sobre os Bispos.

— Bem sei, a História da Sé de Oliveira... Pois eu também tenho trabalhado muito, Gracinha! Ando a escrever um romance.

— Ah!

— Um romance pequeno, uma novela, para os ANAIS DE LITERATURA E DE HISTÓRIA, uma revista que fundou um rapaz meu amigo, o Castanheiro... É sobre um facto histórico da nossa gente... Sobre um avô nosso, muito antigo, Tructesindo.

— Tem graça, que fez ele?

— Horrores. Mas é pitoresco... E depois o Paço de Santa Ireneia, no século XII, em todo o seu esplendor! Enfim, uma bela reconstrução do velho Portugal e sobretudo dos velhos Ramires. hás de gostar... Não há amores, tudo guerras. Apenas, muito remotamente, uma das nossas antepassadas, uma D. Menda, que eu nem sei se realmente existiu. Tem seu chique, hem?... E tu compreendes, como eu desejo tentar a Política, preciso

primeiramente aparecer, espalhar o meu nome...

Gracinha sorria docemente para o irmão, no costumado enlevo:

— E agora tens alguma ideia? A tia Arminda lá continua sempre com a teima que devias entrar na Diplomacia. Ainda há dias... «Ai, o Gonçalinho, assim galante, e com aquele nome, só numa grande embaixada!»

Gonçalo despegara lentamente do vasto canapé, reabotoando o jaquetão claro:

— Com efeito ando com uma ideia, há dias... Talvez me viesse dum romance inglês, muito interessante, e que te recomendo, sobre as antigas minas de Ofir, *King Salomon's Mines*... Ando com ideias de ir para a África.

— Oh Gonçalo, credo! Para a África?

O escudeiro entrara com duas garrafas de água de Vidago, ambas desarrolhadas, numa salva. Precipitadamente, para aproveitar o «piquezinho», Gonçalo encheu um copo enorme de cristal lavrado. Ah! que delícia de água! — E como o Barrolo voltava, anunciando que cumprira as ordens de S. Ex.ª:

— Bem! então logo conversamos ao almoço, Gracinha! Agora lavar, mudar de roupa, que não paro com estas infames comichões...

Barrolo acompanhou o cunhado ao quarto, um dos mais espaçosos e alegres do palacete, forrado de cretones cor de canário com uma varanda para o jardim, e

duas janelas de peitoril sobre a Rua das Tecedeiras e os velhos arvoredos do convento das Mónicas. Gonçalo impaciente despiu logo o casaco, sacudiu para longe o colete:

— Pois tu estás esplêndido, Barrolo! Deves ter perdido três ou quatro quilos. São naturalmente os quilos que Gracinha ganhou... Vocês, se assim se equilibram, ficam perfeitos.

Diante do espelho Barrolo acariciava a cinta, com um risinho deleitado:

— Realmente, parece que adelgacei... Até sinto nas calças...

Gonçalo abrira o gavetão da rica cómoda de ferragens douradas, onde conservava sempre roupa (até duas casacas), para evitar o transporte de

malas entre os Cunhais e a Torre. E ria, aconselhava o bom Barrolo a «adelgaçar» sem descanso, para beleza da futura raça Barrólica — quando em baixo, na silenciosa Rua das Tecedeiras, as patas de um cavalo de luxo feriram as lajes em cadência lenta.

Logo desconfiado, Gonçalo correu à janela, ainda com a camisa que desdobrava. E era *ele!* Era o André Cavaleiro, que descia ladeando, sopeando a rédea, para escarvar com garbo e fragor a rampa mal empedrada. Gonçalo virou para o Barrolo a face chamejante de furor:

— Isto é uma provocação! Se este descarado deste Cavaleiro passa outra vez na, maldita pileca, por debaixo das janelas, apanha com um balde de água suja!...

Barrolo, inquieto, espreitou:

— Naturalmente vai para casa das Lousadas... Anda agora muito íntimo das Lousadas... Sempre por aqui o vejo... E é para as Lousadas.

— Que seja para o inferno! Pois, em toda a cidade, não há outro caminho para casa das Lousadas? Duas vezes em meia hora! Grande insolente! Tem uma chapada de água de sabão, pela grenha e pela bigodeira, tão certo como eu ser Ramires, filho de meu pai Ramires!

Barrolo beliscava a pele do pescoço, constrangido ante aqueles rancores ruidosos que desmanchavam o seu sossego. já, por imposição de Gonçalo, rompera desconsoladamente com o Cavaleiro. E agora antevia sempre uma bulha, um escândalo que o indisporia com

osamigos do Cavaleiro, lhe vedaria o Clube e as doçuras da Arcada, lhe tornaria Oliveira mais enfadonha que a sua quinta da *Ribeirinha* ou da *Murtosa*, solidões detestadas. Não se conteve, arriscou o costumado reparo:

— Ó Gonçalinho, olha que também todo esse espalhafato só por causa da Política...

Gonçalo quase quebrou o jarro, na fúria com que o pousou sobre o mármore do lavatório:

— Política! Aí vens tu com a Política! Por Política não se atira água suja aos Governadores Civis. Que ele não é político, é só malandro! Além disso...

Mas terminou por encolher os ombros, emudecer, diante do pobre bacoco de bochechas pasmadas, que,

naquelas rondas do Cavaleiro pelos Cunhais, só notava o «lindo cavalo» ou «o caminho mais curto para as Lousadas!...»

— Bem! — resumiu. — Agora larga, que me quero vestir... Do bigodeira me encarrego eu.

— Então, até logo... Mas se ele passar nada de asneiras, hem?

— Só justiça, aos baldes!

E bateu com a porta nas costas resignadas do bom Barrolo, que, pelo corredor, suspirando, lamentava o assomado génio do Gonçalinho, as cóleras desproporcionadas em que o lançava «a Política».

Enquanto se ensaboava com veemência, depois se vestia numa pressa irada, Gonçalo ruminou aquele intolerável escândalo. Fatalmente, apenas se apeava

em Oliveira, encontrava o homem da grande guedelha, caracolando por sob as janelas do palacete, na pileca de grandes clinas! E o que o desolava era perceber no coração de Gracinha, pobre coração meigo e sem fortaleza, uma teimosa raiz de ternura pelo Cavaleiro, bem enterrada, ainda vivaz, fácil de reflorir... E nenhum outro sentimento forte que a defendesse, naquela ociosidade de Oliveira — nem superioridade do marido, nem encanto dum filho no seu berço. Só a amparava o orgulho, certo respeito religioso pelo nome de Ramires, o medo da pequena terra espreitadeira e mexeriqueira. A sua salvação seria o abandono da cidade, o encerrado retiro numa das quintas do Barrolo, a *Ribeirinha*, sobretudo a *Murtosa*, com a linda mata, os musgosos

muros de convento, a aldeia em redor para ela se ocupar como castelã benéfica. Mas quê! Nunca o Barrolo consentiria em perder o seu voltarete no Clube, e a cavaqueira da tabacaria «Elegante», e as chalaças do Major Ribas!

Afogueado pelo calor, pela emoção, Gonçalo abriu a varanda. Em baixo, no curto terraço ladrilhado, orlado de vasos de louça, precedendo o jardim, Gracinha, ainda soltos os cabelos por cima do penteador, conversava com outra senhora, muito alta, muito magra, de chapéu-marujo enfeitado de papoilas, que segurava entre os braços um repolhudo molho de rosas.

Era a «prima» Maria Mendonça, mulher de José Mendonça, condiscípulo do Barrolo em Amarante, agora capitão do Regimento de Cavalaria estacionado

em Oliveira. Filha dum certo D. António, senhor (hoje Visconde) dos Paços de Severim, devorada pela preocupação deparentescos fidalgos, de origens fidalgas, ligava sempre sorrateiramente o vago solar de Severim a todas as casas nobres de Portugal — sobretudo, mais gulosamente, à grande casa de Ramires; e, desde que o regimento se aquartelara em Oliveira, tratara logo Gracinha por «tu» e Gonçalo por «primo», com a intimidade especial, que convém a sangues superiores. Todavia mantinha amizades muito seguidas e ativas com brasileiras ricas de Oliveira — até com a viúva Pinho, dona da loja de panos, que (segundo se murmurava) lhe fornecia os dois filhos, ainda pequenos, de calções e de jalecas. Também convivia intimamente,

já na cidade, já na *Feitosa*, com D. Ana Lucena. Gonçalo gostava da sua graça, da sua agudeza, da vivacidade maliciosa que a agitava numa linda crepitação de galho, ardendo com alegria. E quando, ao rumor da janela perra, ela levantou os olhos luzidios e espertos, foi em ambos uma surpresa carinhosa:

— Oh prima Maria! Que felicidade, logo que chego e que abro a janela...

— E para mim, primo Gonçalo, que o não via desde a sua volta de Lisboa!... Pois está mais lindo, assim de bigode...

— Dizem que estou lindíssimo, absolutamente irresistível! Até aconselho à prima Maria que se não aproxime muito de mim, para se não incendiar.

Ela deixou pender desoladamente nos braços o seu pesado molho de rosas:

— Ai Jesus, então estou perdida, que ainda agora prometi à prima Graça jantar cá esta tarde!... Oh Gracinha, por quem és, põe um biombo entre os dois!

Gonçalo gritou, pendurado da varanda, já deliciado com os chistes da prima Maria:

— Não! enfio eu um *abat-jour* pela cabeça para atenuar o meu brilho!... E o maridinho, os pequenos? Como vai o nobre rancho?

— Vivendo, com algum pão e muita graça de Deus... Então até logo, primo Gonçalo! E seja misericordioso!

E ainda ele ria, encantado — já a prima Maria, depois de cochichar e de estalar dois beijos apressados na face de Gracinha desaparecera pela porta envidraçada da sala com a sua elegância

esgalgada. Gracinha, lentamente, subiu os três degraus de mármore do jardim. Da varanda, Gonçalo ainda avistou através da ramaria leve, entre as sebes de buxo, o penteador branco, os fartos cabelos caídos, reluzindo no sol como uma cascata de azeviche. Depois o negro brilho, as claras rendas, desapareceram sob os loureiros da rua que conduzia ao mirante.

Mas Gonçalo não se arredou de entre as janelas, limando vagamente as unhas, espreitando pelas cortinas, numa desconfiança, quase num terror que o Cavaleiro de novo surgisse na pileca agora que Gracinha se embrenhara para os lados desse cómodo mirante, construção do século XVIII, imitando um templozinho do Amor, que rematava o longo terraço do

jardim e dominava a Rua das Tecedeiras. Mas a calçada permanecia silenciosa, sob as derramadas sombras de arvoredo do palacete e do convento. E por fim decidiu descer, envergonhado da espionagem — certo que a irmã não se mostraria ao Cavaleiro na varandinha do mirante, assim com os cabelos em desalinho, por cima dum penteador.

E cerrava a porta, quando se encontrou diante dos braços do Padre Soeiro, que o prenderam pela cinta com afago e respeito.

— Oh! meu ingratíssimo Padre Soeiro! — exclamava Gonçalo, batendo ternamente nas gordas costas do capelão. — Então que feia ação foi esta? Mais de um mês sem aparecer na Torre! Agora para o Sr. Padre Soeiro já não há

Gonçalinho, há só Gracinha...

Enternecido, quase com uma lágrima a bailar nos mansos olhos miúdos, que mais negrejavam entre a frescura rósea da face roliça e a cabecinha branca como algodão — Padre Soeiro sorria, fechando as mãos sobre o peito da batina de alpaca, de onde surdia a ponta de um lenço de quadrados vermelhos. E não lhe escasseara certamente o desejo de ir à Torre. Mas aquele trabalhinho na Biblioteca do Paço do Bispo... Depois o seu reumatismozito... Enfim a Sra. D. Graça sempre esperando S. Ex.ª, um dia, outro dia...

— Bem, bem! — acudiu alegremente Gonçalo — contanto que o coração não se esquecesse da Torre...

— Ah! esse! — murmurou Padre

Soeiro com comovida gravidade.

E pelo corredor de paredes azuis, adornadas com gravuras coloridas das batalhas de Napoleão, Gonçalo resumiu as novidades da Torre:

— Como o Padre Soeiro sabe, rebentou aquele escândalo do Relho... E ainda bem, porque concluí um negócio esplêndido. Imagine! Arrendei há dias a quinta ao Pereira Brasileiro, ao Pereira da Riosa, por um conto cento e cinquenta mil-réis...

O capelão suspendeu a pitada, que colhera numa caixa de prata dourada, pasmado para o Fidalgo:

— Ora aí está como as coisas se inventam! Pois por cá constou que V. Ex.ª tratara com o José Casco, o José Casco dos Bravais. Até no domingo, ao almoço,

a Sra d. Graça...

— Sim — interrompeu o Fidalgo com uma fugidia cor na face fina. — Efetivamente o Casco veio à Torre, conversámos. Primeiramente quis, depois não quis. Aquelas coisas do Casco! Enfim, uma maçada... Não ficou nada decidido. E quando o Pereira, uma bela manhã, me apareceu com a proposta, eu, inteiramente desligado, aceitei, e com que alvoroço!... Imagine! Um aumento soberbo de renda, o Pereira como rendeiro... O Padre Soeiro conhece bem o Pereira...

— Homem entendido — concordou o capelão, coçando embaraçadamente o queixo.

— Não há dúvida. E homem de bem... Depois não havendo palavra dada ao Cas...

— Pois o Pereira para a semana vem à cidade — a talhou apressadamente Gonçalo.

— O Padre Soeiro previne o tabelião Guedes, e assinamos essa bela escritura. São as condições costumadas. Creio que há uma reserva a respeito da hortaliça e do porco... Enfim o Padre Soeiro deve receber carta do Pereira.

E imediatamente, descendo a escada, passando o lenço perfumado pelo bigode, gracejou com o capelão sobre o famoso *Fado dos Ramires*, em que ele colaborava com o Videirinha. Oh! Padre Soeiro fornecera lendas sublimes! Mas aquela de Santa Aldonça, realmente, fora ataviada com exageração... Quatro Reis a levarem a Santa aos ombros!

— São Reis de mais, Padre Soeiro!

O bom capelão protestou, logo interessado e sério, no amor daquela obra que glorificava a Casa:

— Ora essa! Com perdão de V. Ex.ª... Perfeitissimamente exato. Lá o conta o Padre Guedes do Amaral, nas suas *Damas da Corte do Céu*, livro precioso, livro raríssimo, que o Sr. José Barrolo tem na livraria. Não especifica os Reis, mas diz quatro... «Aos ombros de quatro Reis e com acompanhamento de muitos Condes». Mas o nosso José Videira declarou que não podia meter os Condes por causa da rima.

O Fidalgo ria, dependurando num cabide, ao fundo da escada, o chapéu de palha com que descera:

— Por causa da rima, pobres Condes... Mas o fado está lindo. Eu trago

uma cópia para a Gracinha cantar ao piano... E agora outra coisa, Padre Soeiro. O que se conta por aí do Governador Civil, desse Sr. André Cavaleiro?...

O capelão encolheu os ombros, desdobrando cautelosamente o seu vasto lenço de quadrados vermelhos:

— Eu, como V. Ex.ª sabe, não entendo de Política. Depois também não frequento os cafés, os sítios onde se questiona Política... Mas parece que gostam.

No corredor um escudeiro gordo, de opulentas suíças ruivas, que Gonçalo não conhecia, badalou a sineta do almoço. Gonçalo reparou, avisou o homem que a Sra. D. Maria da Graça andava para o fundo do jardim...

— Entrou agora, Sr. D. Gonçalo! —

acudiu o escudeiro. — E até manda perguntar se V. Ex.ª deseja para o almoço vinho verde de Amarante, de *Vidainhos*.

Sim, com certeza, vinho de *Vidainhos*. Depois sorrindo:

— Oh Padre Soeiro, previna este escudeiro novo que eu não tenho *Dom*. Sou simplesmente Gonçalo, graças a Deus!

O capelão murmurou que todavia, em documentos da Primeira Dinastia, apareciam Ramires com *Dom*. E, como Gonçalo parara diante do reposteiro corrido da sala, logo o bom velho se curvou, com as suas escrupulosas, reverentes cerimónias, para o Fidalgo passar.

— Então, Padre Soeiro, por quem é!

Mas ele, com apegado respeito:

— Depois de V. Ex.ª meu senhor...

Gonçalo afastou o reposteiro, empurrou docemente o capelão:

— Padre Soeiro, já nos documentos da Primeira Dinastia se estabeleceu que os Santos nunca andam atrás dos Pecadores!

— V. Ex.ª manda, e sempre com que graça.

Depois dos anos de Gracinha, uma tarde, pelas três horas, Gonçalo, recolhendo com Padre Soeiro duma visita à Biblioteca do Paço do Bispo, sentiu logo da antecâmara o vozeirão do Titó, que rolava na sala azul em trovão lento. Franziu vivamente o reposteiro — e sacudiu o punho para o imenso homem

que enchia um dos cadeirões dourados, estirando por sobre as flores dó tapete umas botas novas de grossas tachas reluzentes:

— Oh infame!... Então noutro dia assim me larga, sem escrúpulo, depois de eu lhe preparar um cabrito estupendo, assado num espeto de cerejeira? E para quê?... Para uma orgia reles, com bolinhos de bacalhau e bichinhas-de-rabear!

Titó não desmanchou a sua conchegada beatitude:

— Impossibilíssimo. De tarde encontrei o João Gouveia no Chafariz. E só então nos lembrámos de que eram os anos da D. Casimira. Dia sagrado!

Aquelas ceias de Vila Clara, as tresnoitadas «pândegas» com violão, impressionavam sempre Barrolo, que as

apetecia. E com o olho aguçado, do canto da mesa onde esfarelava cuidadosamente pacotes de tabaco dentro de uma terrina do Japão:

— Quem é a D. Casimira? Vocês em Vila Clara descobrem uns tipos... Conta lá!

— Um monstro! — declarou Gonçalo. — Uma matronaça bojuda como uma pipa, com um pelo nojento no queijo. Vive ao pé do cemitério, num cacifro que tresanda a petróleo, onde este senhor e as autoridades vão jogar o quino, e derriçar com umas sirigaitas de casabeque vermelho e de farripas... Nem se pode decentemente contar diante do Sr. Padre Soeiro!

O capelão, que sem rumor se esbatera numa sombra discreta, entre os

franjados cetins duma cortina e um pesado contador da índia, moveu os ombros num consentimento risonho, como acostumado a todas as fealdades do Pecado. E, com pachorra, o Titó emendava o esboço burlesco do Fidalgo:

— A D. Casimira é gorda, mas muito asseada. Até me pediu para eu lhe comprar hoje, na cidade, uma bacia nova de assento. A casa não cheira a petróleo e fica por trás do convento de Santa Teresa. As sirigaitas são simplesmente as sobrinhas, duas raparigas que gostam de rir e de troçar... E o Sr. Padre Soeiro podia, sem medo...

— Bem, bem! — atalhou Gonçalo. — Gente deliciosa! Deixemos a D. Casimira, que tem bacia nova para os seus semicúpios... Vamos à outra infâmia do Sr.

António Vilalobos!

Mas Barrolo insistia, curioso:

— Não, não, conta lá, Titó... Noite de anos, patuscada rija, hem?

— Ceia pacata — contou o Titó com a seriedade que lhe merecia a festa das suas amigas. — A D. Casimira tinha uma bela frangalhada com ervilhas. O João Gouveia trouxe do Gago uma travessa de bolos de bacalhau que calharam... Depois, fogo-de-vistas na horta. O Videirinha tocou, as pequenas cantaram... Não se passou mal.

Gonçalo esperava — irresistivelmente interessado pela ceia das Casimiras:

— Acabou, hem?... Agora a outra infâmia, mais grave! Então o Sr. António Vilalobos é íntimo do Sanches Lucena,

frequenta todas as semanas a *Feitosa*, toma chá e torradas com a bela D. Ana, e esconde tenebrosamente dos seus amigos estes privilégios gloriosos?...

— Sem contar — gritou o Barrolo deliciosamente divertido que lhe passeia à trela os cãezinhos felpudos!

— Sem contar que lhe passeia à trela os cãezinhos felpudos! ecoou cavam ente Gonçalo. — Responda, meu ilustre amigo!

O Titó remexeu o vasto corpo dentro do cadeirão, recolheu as botas de tachas luzentes, afagou lentamente a face barbuda, que uma vermelhidão aquecera. E depois de encarar Gonçalo, intensamente, com um esforço de sagacidade que mais o afogueou:

— Tu já alguma vez, por curiosidade, me perguntaste se eu

conhecia o Sanches Lucena? Nunca me perguntaste...

O Fidalgo protestou. Não! Mas constantemente lia Assembleia, no Gago, na Torre, eles berravam, em questões de Política, o nome do Sanches Lucena! Nada mais natural, até mais prudente, do que aludir o Sr. Titó à sua intimidade ilustre! Ao menos para evitar que ele, ou os amigos, diante do Sr. Titó que comia as torradas da *Feitosa*, tratassem os Sanches Lucena como um trapo!

O Titó despegou do cadeirão. E afundando as mãos nos bolsos da quinzena de alpaca, sacudindo desinteressadamente os ombros:

— Cada um tem sobre o Sanches a sua opinião... Eu apenas o conheço há quatro ou cinco meses, mas acho que é

sério, que sabe as coisas... Agora, lá nas Câmaras...

Gonçalo, indignado, bradava que se não discutiam os méritos do Sr. Sanches Lucena — mas os segredos do Sr. Titó Vilalobos! E o escudeiro novo, avançando as suíças ruivas por uma fenda do reposteiro, anunciou que o Sr. Administrador de Vila Clara procurava Suas Ex.as...

Barrolo largou logo a terrina de tabaco:

— O Sr. João Gouveia! Que entre! Bravo! temos cá toda a rapaziada de Vila Clara!

O Titó, da janela onde se refugiara, lançou o vozeirão, mais troante, abafando a importuna conversa do Sanches e da *Feitosa*:

— Viemos ambos! Por sinal numa traquitana infame... Até se nos desferrou uma das pilecas e tivemos de parar na Vendinha. Não se perdeu tempo, que há agora lá um vinhinho branco que é daqui da ponta fina!...

Beliscava a orelha. Aconselhava ruidosamente Barrolo e Gonçalo a passarem na Vendinha, para provar a pinga celeste.

— Até aqui o Sr. Padre Soeiro lhe atiçava uma caneca valente, apesar do pecado!

Mas João Gouveia entrou, encalmado, empoeirado, com um vinco vermelho na testa, do chapéu e do calor — e abotoado na sobrecasaca preta, de calças pretas, de luvas pretas. Sem fôlego, apertou silenciosamente pela sala as mãos

amigas que o acolhiam. E desabou sobre o canapé, implorando ao amigo Barrolo a caridade duma bebidinha fresca!

— Estive para entrar no Café Mónaco. Mas refleti que nesta grandiosa casa dos Barrolos as bebidas são de mais confiança.

— Ainda bem! Você que quer? Orchata? Sangria? Limonada?

— Sangria.

E, limpando o pescoço e a testa, amaldiçoou o indecente calor de Oliveira:

— Mas há gente que gosta! Lá o meu chefe, o Sr. Governador Civil, escolhe sempre a hora do calor para passear a cavalo. Ainda hoje... Na repartição até ao meio-dia; depois, cavalo à porta; e larga até à estrada de Ramilde, que é uma África... Não sei como lhe não fervem os

miolos!

— Oh! — acudiu Gonçalo — é muito simples. Se ele os não tem!

O Administrador saudou gravemente:

— Já cá faltava com a sua ferroadazinha, o Sr. Gonçalo Mendes Ramires! Não comecemos, não comecemos... Este seu cunhado, Barrolo, é bicho indomesticável! Sempre reponta!

O bom Barrolo gaguejou, constrangido, que Gonçalinho em Política não dispensava a piada...

— Pois olhe! — declarou o Administrador, sacudindo o dedo para Gonçalo. — Esse Sr. André Cavaleiro, que não tem miolos, ainda esta manhã na repartição gabou com imensa simpatia os miolos do Sr. Gonçalo Mendes Ramires!...

E Gonçalo, muito sério:

— Também não faltava mais nada! Para esse Governador Civil, ser perfeitamente absurdo, só lhe restava que me considerasse um asno!

— Perdão! — gritou o Administrador, que se erguera, desabotoando logo a sobrecasaca, para comodidade da contenda.

Barrolo acudiu, aflito, carregando nos ombros do Gouveia para o sossegar e o repor no canapé:

— Não, meninos, não! Política, não! E então essa maçada do Cavaleiro... Vamos ao que importa. Você janta connosco, João Gouveia?

— Não, obrigado. já prometi jantar como Cavaleiro. Temos lá o Inácio Vilhena. Vai ler um artigo que escreveu

para o *Boletim de Guimarães*, sobre umas formas de fabricar ossos de mártires, descobertas nas obras do convento de S. Bento. Estou com curiosidade... E a Sra. D. Graça, bem? Quem eu não avistava havia meses era o Sr. Padre Soeiro. Nunca aparece agora pela Torre!... Mas sempre rijo, sempre viçoso. Oh, Sr. Padre Soeiro, qual é o seu segredo para toda essa meninice?

Do seu canto, o capelão sorriu timidamente. O segredo? Poupar a vida — não a consumindo nem com ambições nem com deceções. Ora para ele, louvado Deus, a vida corria muito simples e muito pequenina. E fora o seu reumatismo...

Depois, corando de acanhamento, através das sentenças evangélicas que lhe escapavam:

— Mas mesmo o reumatismo não é mal perdido. Deus, que o manda, sabe porque o manda... Sofrer edifica. Porque enfim o que nós sofremos, nos leva a pensar no que os outros sofrem...

— Pois olhe — volveu com alegre incredulidade o Administrador — eu, quando tenho os meus ataques de garganta, não penso na garganta dos outros! Penso só na minha, que me dá bastante cuidado. E agora a vou regalar naquela bela sangria...

O escudeiro vergava, com a luzente bandeja de prata, carregada de copos de sangria, onde boiavam rodelinhas de limão. E todos se tentaram, todos beberam, até Padre Soeiro, para mostrar ao Sr. António Vilalobos que não desdenhava o vinho, dádiva amável de

Deus — pois como ensina Tibulo com verdade, apesar de gentílico, *vinus facit dites animos, mollia corda dat*, enrija a alma e adoça o coração.

João Gouveia, depois dum suspiro consolado, pousou na bandeja o copo que esvaziara dum trago e interpelou Gonçalo:

— Vamos a saber! Então noutro dia que história fantástica foi essa duma festa na Torre, com senhoras, com a D. Ana Lucena?... Eu não acreditei, quando o pequeno do Gago me encontrou, me deu o recado. Depois...

Mas de entre as cortinas da janela, onde acabava a sangria, Titó novamente ribombou, interpelando também o Fidalgo:

— Oh sô Gonçalo! E o que me contou há pouco o Barrolo?... Que

andavas com ideias de abalar para a África?

Ao espanto de João Gouveia quase se misturou terror. Para a África?... O quê? Com um emprego para a África?...

— Não! plantar cocos! plantar cacau! plantar café! — exclamava o Barrolo, com divertidas palmadas na coxa.

Pois Titó aprovava a ideia! Também ele, se arranjasse um capital, dez *ou* quinze contos, tentava a África, a traficar com *o* preto... E também se fosse mais pequeno, mais seco. Que homens do seu corpanzil, necessitando muita comezaina, e muita vinhaça, não aguentam a África, rebentam!

— O Gonçalo sim! É chupado, é rijo; não carrega na aguardente; está na conta

para africanista... E sempre te digo! Carreira bem mais decente que essa outra porque tens mania, de deputado! Para quê? Para palmilhar na Arcada, para bajular Conselheiros.

Barrolo concordou, com alarido. Também não compreendia a teima de Gonçalo em ser deputado! Que maçada! Eram logo as intrigas, e as desandas nos jornais, e *os* enxovalhos. E sobretudo aturar *os* eleitores.

— Eu, nem que me nomeassem depois Governador *Civil*, com um título e uma grã-cruz a tiracolo, como o Freixomil!

Gonçalo escutara, num silêncio risonho e superior, enrolando laboriosamente um cigarro com *o* tabaco do Barrolo:

— Vocês não compreendem... Vocês não conhecem a organização de Portugal. Perguntem aí ao Gouveia... Portugal é uma fazenda, uma bela fazenda, possuída por uma parceria. Como vocês sabem há parcerias comerciais e parcerias rurais. Esta de Lisboa é uma *parceria política*, que governa a herdade chamada Portugal... Nós *os* Portugueses pertencemos todos a duas classes: uns cinco a seis milhões que trabalham na fazenda, ou vivem nela a olhar, como o Barrolo, e que pagam; e uns trinta sujeitos em cima, em Lisboa, que formam a *parceria*, que recebem e que governam. Ora eu, por gosto, por necessidade, por hábito de família, desejo mandar na fazenda. Mas, para entrar na *parceria política, o* cidadão português precisa uma

habilitação — ser deputado. Exatamente como, quando pretende entrar na magistratura, necessita uma habilitação — ser bacharel. Por isso procuro começar como deputado, para acabar como parceiro e governar... Não é verdade, João Gouveia?

O Administrador voltara à bandeja das sangrias, de que saboreava outro copo, agora lentamente, aos goles:

— Sim, com efeito, essa é a carreira... Candidato, Deputado, Político, Conselheiro, Ministro, Mandarim. É a carreira... E melhor que a de África. Por fim na Arcada, em Lisboa, também cresce cacau e há mais sombra!

Barrolo, no entanto, abraçara *o* ombro possante do Titó, com quem mergulhou no vão da janela, numa

confraternidade de ideias, gracejando:

— Pois eu, sem ser dos tais *Parceiros*, também mando nos bocados de Portugal que mais me interessam, porque me pertencem!... E sempre queria ver que esse S. Fulgêncio, ou o Brás Vitorino, ou lá os políticos do Terreiro do Paço, se metessem a dispor nas minhas terras, na *Ribeirinha*, ou na *Murtosa*... Era a tiro!

Encostado à vidraça, Titó coçava a barba, impressionado:

— Pois sim, Barrolo! Mas você na *Ribeirinha* e na *Murtosa* tem de pagar as contribuições que eles mandarem. E nesses concelhos tem de aguentar as autoridades que eles nomearem. E goza para lá de estradas se eles lhas fizerem. E vende *o* carro de pão e a pipa devinho com mais *ou* menos proveito, segundo as

leis que eles votarem... E assim tudo. O Gonçalo não deixa de acertar. É o diabo! Quem manda é quem lucra... Olhe! o maroto do meu senhorio em Vila Clara, agora para o S. Miguel, aumenta a renda da casa em que eu moro, um cochicho que ninguém quer, porque mataram lá o carrasco, que ainda lá aparece... E *o* Cavaleiro, esse, como *parceiro*, vive de graça neste belo palácio de S. Domingos, com cocheira, com jardim, com horta...

Barrolo atirou um chuta, de mão espalmada, abafando *o* vozeirão do Titó, com medo que as regalias do Cavaleiro, assim proclamadas, renovassem as fúrias de Gonçalo. Mas o Fidalgo não percebera, atento ao João Gouveia, que, enterrado no canapé depois da sangria, novamente contava o seu assombro, ao

encontrar no Chafariz, em Vila Clara, o rapazola do Gago, com o recado da grande festa na Torre:

— E cheguei a desconfiar que realmente você desse festa, quando bateram as nove, depois as nove e meia, e *o* Titó sem chegar para a ceia da D. Casimira!... Bem, pensei, também recebeu recado e abalou para a Torre! Por fim, apenas ele apareceu, de carapuço e dejaqueta, percebi que fora troça do Sr. D. Gonçalo...

Então o Fidalgo pasmou com uma inesperada, estranha suspeita:

— De carapuço e jaqueta? O Titó andava nessa noite de *carapuço* e de jaqueta?...

Mas bruscamente Barrolo, da funda janela, lançou para dentro, para a sala, um

brado de pavor:

— Oh! rapazes! Santo Deus! Aí vêm as Lousadas!

João Gouveia saltou do canapé, como num perigo, reabotoando arrebatadamente a sobrecasaca; Gonçalo, atarantado, esbarrou com o Titó e o Barrolo que recuavam, no terror de serem apercebidos através dos vidros largos; até Padre Soeiro, prudente, abandonou o seurecanto, onde corria os óculos pela *Gazeta do Porto*. E todos, de entre a fenda das cortinas, como soldados na fresta de uma cidadela, espreitavam o Largo, que o sol das quatro horas dourava, por sobre os telhados musgosos da cordoaria. Do lado da Rua das Pegas, as duas Lousadas, muito esgalgadas, muito sacudidas, ambas com manteletes curtos

de seda preta e vidrilhos, ambas com guarda-sóis de xadrezinho desbotado, avançavam, estirando pelo largo empedrado duas sombras agudas.

As duas manas Lousadas! Secas, escuras e gárrulas como cigarras, desde longos anos, em Oliveira, eram elas as esquadrinhadoras de todas as vidas, as espalhadoras de todas as maledicências, as tecedeiras de todas as intrigas. E na desditosa cidade não existia nódoa, pecha, bule rachado, coração dorido, algibeira arrasada, janela entreaberta, poeira a um canto, vulto a uma esquina, chapéu estreado na missa, bolo encomendado nas Matildes, que os seus quatro olhinhos furantes de azeviche sujo não descortinassem — e que a sua solta língua,entre os dentes ralos, não

comentasse com malícia estridente! Delas surdiam todas as cartas anónimas que infestavam o Distrito; as pessoas devotas consideravam como penitências essas visitas, em que elas durante horas galravam, abanando os braços escanifrados; e sempre, por onde elas passassem, ficava latejando um sulco de desconfiança e receio. Mas quem ousaria rechaçar as duas manas Lousadas? Eram filhas do decrépito e venerando general Lousada; eram parentas do Bispo; eram poderosas na poderosa confraria do Senhor dos Passos da Penha. E depois duma castidade tão rígida, tão antiga e tão ressequida, e por elas tão espaventosamente alardeada — que o Marcolino do *Independente* as alcunhara de *Duas Mil Virgens*.

— Não vêm para cá! — trovejou o Titó, com imenso alívio.

Com efeito no meio do Largo, rente à grade que circunda o antigo relógio-de-sol, as duas manas, paradas, erguiam o bico escuro, farejando e espiando a igrejinha de S. Mateus, onde o sino lançara um repique de batizado.

— Oh, com os diabos, que é para cá!

As Lousadas, decididas, investiam contra o portão dos Cunhais! Então foi um pânico! As gordas pernas do Barrolo, fugindo, abalaram, quase derrubaram sobre os contadores, os potes bojudos da Índia. Gonçalo bradava que se escondessem no pomar. Desconcertado, o Gouveia rebuscava com desespero o seu chapéu-coco. Só o Titó, que as abominava e a quem elas chamavam o *Polifemo*,

retirou com serenidade, abrigando o Padre Soeiro sob o seu braço forte. E já o bando espavorido se arremessara sobre o reposteiro — quando Gracinhaapareceu, com um fresco vestido de sedinha cor de morango, sorrindo, pasmada, para o tropel que rolava:

— Que foi? Que foi?...

Um clamor abafado envolveu a doce senhora ameaçada:

— As Lousadas!

— Oh!

Fugidiamente o Titó e João Gouveia apertaram a mão que ela lhes abandonou, esmorecida. A sineta do portão tilintara temerosa! E a fila acavalada, onde Padre Soeiro rebolava a reboque, enfiou para a livraria que o Barrolo aferrolhou, gritando ainda a Gracinha, com uma

inspiração:

— Esconde as sangrias!

Pobre Gracinha! Atarantada, sem tempo de chamar o escudeiro, carregou ela para uma banqueta do corredor, num esforço desesperado, a pesada salva — com que as Lousadas, se a descortinassem, edificariam por sobre a cidade, e mais alta que a Torre de S. Mateus, uma história pavorosa de «vinhaça e bebedeira». Depois, ofegando, relanceou no espelho o penteado. E direita como numa arena, com a temeridade simples e risonha dos antigos Ramires, esperou a arremetida das manas terríveis.

No outro domingo, depois do

almoço, Gonçalo acompanhou a irmã a casa da tia Arminda Vilegas, que na véspera, ao tomar (como costumava todos os sábados) o seu banho aos pés, se escaldara e recolhera à cama, apavorada, reclamando uma junta dos cinco cirurgiões de Oliveira. Depois acabou o charuto sob as acácias do Terreiro da Louça, pensando na sua novela abandonada na Torre durante essas semanas, e no lance famoso do Capítulo II que o tentava e que o assustava — o encontro de Lourenço Ramires com Lopo de Baião, o *Bastardo*, no vale fatal de Canta Pedra. E recolhia aos Cunhais (porque prometera ao Barrolo uma trotada a cavalo, até ao Pinhal de Estevinha, para aproveitar a doçura do domingo enevoado), quando, na Rua das Velas,

avistou o tabelião Guedes, que sala da confeitaria das Matildes com um grosso embrulho de pastéis. Ligeiramente, o Fidalgo atravessou logo a rua — enquanto o Guedes, da borda do passeio, pesado e barrigudo, na ponta dos botins miudinhos gaspeados de verniz, descobria, numa cortesia imensa, a calva, emplumada ao meio pelo famoso tufo decabelo grisalho, que lhe valera a alcunha de «Guedes Popa»:

— Por quem é, meu caro Guedes, ponha o chapéu! Como está? Sempre fero e moço. Ainda bem!... Falou com o meu Padre Soeiro? O Pereira da Riosa, por fim, só vem à cidade na quarta-feira...

Sim! Sim! O Sr. Padre Soeiro passara pelo cartório, para avisar — e ele apresentava os parabéns a Sua Ex.ª pelo

seu novo rendeiro...

— Homem muito competente, o Pereira! Já há vinte anos que o conheço... E olhe V. Ex.ª a propriedade do Conde de Monte Agra! Ainda me lembro dela, um chavascal; hoje que primor! Só a vinha que ele tem plantado! Homem muito competente... E V. Ex.ª com demora?

— Dois a três dias... Não se atura este calor de Oliveira. Hoje, felizmente, refrescou. E que há de novo? Como vai a política? O amigo Guedes sempre bom regenerador, leal e ardente, hem?

Subitamente o tabelião, com o seu embrulho de doces conchegado ao colete de seda preta, agitou o braço gordo e curto, numa indignação que lhe esbraseou de sangue o pescoço, as orelhas cabeludas, a face rapada, toda a testa até

às abas do chapéu branco orlado de fumo negro:

— E quem o não há de ser, Sr. Gonçalo Mendes Ramires? Quem o não há de ser?... Pois este último escândalo!

Os risonhos olhos de Gonçalo logo se alargaram, sérios:

— Que escândalo?

O tabelião recuou. Pois S. Ex.ª não sabia da última prepotência do Governador Civil, do Sr. André Cavaleiro?

— O quê, caro amigo?...

O Guedes cresceu todo sobre o bico dos botins pequeninos, e bojou, e inchou, para exclamar:

— A transferência do Noronha!... A transferência do desgraçado Noronha!

Mas uma senhora, também obesa, de

buço carregado, toda a estalar em ricas e rugidoras sedas de missa, arrastando severamente pela mão um menino que rabujava, parou, fitou o Guedes porque o digno homem com o seu ventre, o seu embrulho, a sua indignação, atravancava a entrada das Matildes. Apressadamente, o Fidalgo levantou, para ela entrar, o fecho da porta envidraçada. Depois, num alvoroço:

— O amigo Guedes naturalmente vai para casa. É o meu caminho. Andamos e conversamos... Ora essa! Mas o Noronha... Que Noronha?

— O Ricardo Noronha... V. Ex.ª conhece. O pagador das Obras Públicas!

— Ah! sim, sim... Então transferido? Transferido arbitrariamente?

Na Rua das Brocas por onde

desciam, no silêncio e solidão das lojas cerradas, a cólera do Guedes ressoou, mais solta:

— Infamemente, Sr. Gonçalo Mendes Ramires, infamissimamente! E para Almodôvar, para os confins do Alentejo! Para uma terra sem recursos, sem distrações, sem famílias!...

Parara, com os doces contra o coração, os olhinhos esbugalhados para o Fidalgo, coriscando. O Noronha! Um empregado trabalhador, honradíssimo! E sem política, absolutamente sem política. Nem dos Históricos, nem dos Regeneradores. Só da família, das três irmãs que sustentava, três flores... E homem estimadíssimo na cidade, cheio de prendas ! Um talento imenso para a música!... Ah! o Sr. Gonçalo Ramires não

sabia? Pois compunha ao piano coisas lindas! Depois precioso para reuniões, para anos. Era ele quem organizava sempre em Oliveira as representações de curiosos...

— Porque, como ensaiador, creia V. Ex.ª que não há outro, mesmo na capital!... Não há outro! E, zás, de repente, para Almodôvar, para o Inferno, com as irmãs, com os tarecos! Só o piano!... Veja V. Ex.ª só o transporte do piano!

Gonçalo resplandecia:

— É um belo escândalo. Ora que felicidade esta de o ter encontrado, meu caro Guedes!... E não se sabe o motivo?

De novo caminhavam demoradamente pelo passeio estreito. E o tabelião encolhia os ombros, com amargura. O motivo! Publicamente, como

sempre nestas prepotências, o motivo era a conveniência do serviço...

— Mas todos os amigos do Noronha, por toda a cidade, conhecem o verdadeiro motivo... o íntimo, o secreto, o medonho!

— Então?

Guedes relanceou a rua, com prudência. Uma velha atravessava, coxeando, segurando uma bilha. E o tabelião segredou cavamente, junto à face deslumbrada do fidalgo. — É que o Sr. André Cavaleiro, esse infame, se encantara com a mais velha das irmãs Noronhas, a D. Adelina, formosíssima rapariga, alta e morena, uma estátua!... E repelido (porque a menina, cheia de juízo, uma pérola, percebera a intenção vilíssima) em quem se vinga, por despeito, o Sr. Governador Civil? No

pagador! Para Almodôvar com as meninas, com os tarecos!.... Era o pagador quem pagava!

— É uma bela maroteira! — murmurou Gonçalo, banhado de gosto e riso.

— E note V. Ex.ª! — exclamava o Guedes, com a mão gorda a tremer por cima do chapéu. — Note V. Ex.ª que o pobre Noronha, na sua inocência, tão bom homem, gostando sempre de agradar aos seus chefes, ainda há semanas dedicara ao Cavaleiro uma valsa linda!... A Mariposa, uma valsa linda!

Gonçalo não se conteve, esfregou as mãos num triunfo:

— Mas que preciosa maroteira!... E não se tem falado? Esse jornal de oposição, o Clarim de Oliveira, nem uma

denúncia, nem uma alusão?

O Guedes pendeu a cabeça, descoroçoado. O Sr. Gonçalo Ramires conhecia bem essa gente do *Clarim*... Estilo — e estilo brincado, opulento... Mas para assoalhar, assim num caso gravíssimo como o do Noronha, a verdade bem nua — pouco nervo, nenhuma valentia. E depois o Biscainho, o redator principal, andava a passar sorrateiramente para os Históricos. Ah! O Sr. Gonçalo Mendes Ramires não se inteirara? Pois esse torpíssimo Biscainho bolinava. Decerto o Cavaleiro lhe acenara com posta... Além disso, como provar a infâmia? Coisas íntimas, coisas de família. Não se podia apresentar a declaração da D. Adelina, menina virtuosíssima — e com uns olhos!... Ah!

se fosse no tempo do Manuel Justino e da Aurora de Oliveira!... Esse era homem para estampar logo na primeira página, em letra graúda: «Alerta! que a autoridade superior do Distrito tentou levar a desonra ao seio da família Noronha!»

— Esse era um homem! Coitado, lá está no cemitério de S. Miguel... E agora, Sr. Gonçalo Ramires, o despotismo campeia, desenfreado!

Bufava, arfava, esfalfado daquele fogoso desabafo. Dobraram calados a esquina das Brocas para a bela rua, novamente calçada, da Princesa D. Amélia. E logo na segunda porta, parando, tirando da algibeira o trinco, o Guedes, que ainda resfolegava, ofereceu a S. Ex.ª para descansar.

— Não, não, obrigado, meu caro

amigo. Tive imenso, imenso prazer, em o encontrar... Essa história do Noronha é tremenda!... Mas nada me espanta do Sr. Governador Civil. Só me espanta que o não tenham corrido de Oliveira, como ele merece, com pancada e assuada... Enfim, nem toda a gente boa jaz no cemitério de S. Miguel... Até amanhã, meu Guedes. E obrigado!

Da Rua da Princesa D. Amélia até o Largo de El-Rei, Gonçalo correu com o deslumbramento de quem descobrisse um tesouro e o levasse debaixo da capa! E aí levava com efeito o «escândalo, o rico escândalo», que tanto farejara, porque tanto almejara, para desmantelaro Sr. Governador Civil na sua fiel cidade de Oliveira, que lhe levantava arcos de buxo! E, por uma mercê de Deus, o «rico

escândalo» demoliria também o homem no coração de Gracinha, onde, apesar do antigo ultraje, ele permanecia como um bicho num fruto, esburacando e estragando... E não duvidava da eficácia do escândalo! Toda a cidade se revoltaria contra a autoridade femeeira, que oprime, desterra um funcionário admirável — porque a irmã do pobre senhor se recusou à baba dos seus beijos. E Gracinha?... Como resistiria Gracinha àquele desengano — o seu antigo André abrasado pela menina Noronha e por ela repelido com nojo e com mofa? Oh! o escândalo era soberbo! Só restava que estalasse, bem ruidoso, sobre os telhados de Oliveira e sobre o peito de Gracinha, como trovão benéfico que limpa ares corrompidos. E desse trovão, rolando por

todo o Norte, se encarregava ele com delicia. Libertava a cidade dum Governador detestável, Gracinha dum sonho errado. E assim, com uma certeira penada, trabalhava *pro patria et pro domo!*

Nos Cunhais correu ao quarto do Barrolo, que se vestia trauteando o *Fado dos Ramires*, e gritou através da porta com uma decisão flamejante:

— Não te posso acompanhar à Estevinha. Tenho que escrever urgentemente. E não subas, não me perturbes. Necessito sossego!

Nem atendeu aos protestos desolados com que o Barrolo acudira ao corredor, em ceroulas. Galgou a escada. No seu quarto, depois de despir rapidamente o casaco, de excitar a testa com um borrifo

de água-de-colónia, abancou à mesa — onde Gracinha colocava sempre entre flores, para ele trabalhar, o monumental tinteiro de prata que pertencera ao tio Melchior. E sem emperrar, sem rascunhar, num desses soltos fluxos de prosa que brotam da paixão, improvisou uma correspondência rancorosa para a *Gazeta do Porto* contra o Sr. Governador Civil. Logo o título fulminava *Monstruoso atentado!* Sem desvendar o nome da família Noronha, contava miudamente, como um ato certo e por ele testemunhado, «a tentativa viloa e baixa da primeira autoridade do Distrito contra a pudicícia, a paz do coração, a honra de uma doce rapariga e dezasseis primaveras!» Depois era a resistência desdenhosa — «que a nobre criança opusera ao D. João

administrativo, cujos belos bigodes são o espanto dos povos!» Por fim vinha — «a desforra torpe e sem nome que S. Ex.ª tomara sobre o zeloso empregado (que é também um talentoso artista), obtendo deste nefasto Governo que fosse transferido, ou antes arrojado, cruelmente exilado, com a família de três delicadas senhoras, para os confins do Reino, para a mais árida e escassa das nossas províncias, por o não poder empacotar para África no porão sórdido duma fragata!» Lançava ainda alguns rugidos sobre «a agonia política de Portugal». Com pavor triste, recordava os piores tempos do Absolutismo, a inocência soterrada nas masmorras, o prazer desordenado do Príncipe, sendo a expressão única da Lei! E terminava

perguntando ao Governo se cobriria este seu agente — «este grotesco Nero que, como outrora o outro, o grande, em Roma, tentava levar a sedução ao seio das famílias melhores, e cometia esses abusos de poder, motivados por lascívias de temperamento, que foram sempre, em todos os séculos e todas as civilizações, a execração do justo!» — E assinava *Juvenal*.

Eram quase seis horas quando desceu à sala, ligeiro e resplandecente. Gracinha martelava o piano, estudando o *Fado dos Ramires*. E Barrolo (que não se arriscara a um passeio solitário) folheava, estendido no canapé, uma famosa *História dos Crimes da Inquisição*, quecomeçara ainda em solteiro.

— Estou a trabalhar desde as duas

horas! — exclamou logo Gonçalo, escancarando a janela. — Fiquei derreado. Mas, louvado seja Deus, fiz obra de Justiça... Desta vez o Sr. André Cavaleiro vai abaixo do seu cavalo!

Barrolo fechou imediatamente o livro, com o cotovelo nas almofadas, inquieto:

— Houve alguma coisa?

E Gonçalo, plantado diante dele, com um risinho suave, um risinho feroz, remexendo na algibeira o dinheiro e as chaves:

— Oh! quase nada. Uma bagatela. Apenas uma infâmia... Mas para o nosso Governador Civil, infâmias são bagatelas.

Sob os dedos de Gracinha o *Fado dos Ramires* esmoreceu, apenas roçado, num murmúrio incerto.

O Barrolo esperava, esgazeado:

— Desembucha!

E Gonçalo desabafou, com estrondo:

— Pois uma maroteira imensa, homem! O Noronha, o pobre Noronha, perseguido, espezinhado, expulso! Com a família... Para o inferno, para o Algarve!

— O Noronha pagador?

— O Noronha pagador. Foi o infeliz pagador que pagou!

E, regaladamente, desenrolou a história lamentável. O Sr. André Cavaleiro namoradíssimo, todo em chamas pela irmã mais velha do Noronha. E atacando a rapariga com ramos, cartas, versos, estrupidos cada manhã por diante da janela, a ladear na pileca! Até lhe soltara, ao que parece, uma velha marafona, uma alcoviteira... E a rapariga,

um anjo cheio de dignidade, impassível. Nem se revoltava, apenas se ria. Era uma troça em casa das Noronhas, ao chá, com a leitura da versalhada ardente em que ele a tratava de «Ninfa, de estrela da tarde...».Enfim, uma sordidez funambulesca!

O pobre *Fado dos Ramires* debandou pelo teclado, num tumulto de gemidos desconcertados e ásperos.

— E eu não ter ouvido nada! — murmurava o Barrolo, assombrado. — Nem no Clube, nem na Arcada...

— Pois, meu amiguinho, quem ouviu, e um famoso estampido, foi o pobre Noronha. Arremessado para o fundo do Alentejo, para um sítio doentio, coalhado de pântanos. É a morte... É uma condenação à morte!

A esta aparição da Morte, surdindo dos pântanos, Barrolo atirou uma palmada ao joelho, desconfiado:

— Mas quem diabo te contou tudo isso?

O Fidalgo da Torre encarou o cunhado com desdém, com piedade:

— Quem me contou!? E quem me contou que D. Sebastião morreu em Alcácer Quibir?... São os factos. É a História. Toda Oliveira sabe. Por acaso ainda esta manhã o Guedes e eu conversámos sobre o caso. Mas eu já sabia!... E tenho tido pena. Que diabo! Não há crime em se estar apaixonado como o pobre André. Louco, perdido! Até a chorar na Repartição, diante do Secretário-Geral. E a rapariga às gargalhadas!... Agora onde há crime, e

horrendo, é na perseguição ao irmão, ao pagador, empregado excelente, dum talento raro... E o dever de todo o homem de bem, que preze a dignidade da Administração e a dignidade dos costumes, é denunciar a infâmia... Eu, pela minha parte, cumpri esse bom dever. E com certo brilho, louvado Deus!

— Que fizeste?

— Enterrei na ilharga do Sr. Governador Civil a minha boa pena de Toledo, até à rama!

O Barrolo, impressionado, beliscava a pele do pescoço. O piano emudecera: mas Gracinha não se movia do mocho, com os dedos entorpecidos nas teclas, como esquecida diante da larga folha onde se enfileiravam, na letra apurada do Videirinha, as quadras triunfais dos

Ramires. E subitamente Gonçalo sentiu, naquela imobilidade sufocada, o despeito que a trespassava. Sensibilizado, para a libertar, lhe poupar algum soluço, escapando irresistivelmente, correu ao piano, bateu com carinho nos pobres ombros vergados que estremeceram:

— Tu não dás conta desse lindo fado, rapariga! Deixa, que eu cantarolo uma quadra, à boa moda do Videirinha... Mas primeiramente sê um anjo... Grita aí no corredor que me tragam um copo de água bem fresca do Poço Velho.

Ensaiou as teclas, entoou versos, ao acaso, num esforço esganiçado:

Ora na grande batalha,
Quatro Ramires valentes...

Gracinha desaparecera por uma fenda do reposteiro, sem rumor. Então o bom Barrolo, que diante da sua terrina da índia enrolava um cigarro com pensativo cuidado, correu, desafogou, debruçado sobre Gonçalo, da certeza que lentamente o invadira:

— Pois, menino, sempre te digo... Essa irmã do Noronha é um mulherão soberbo! Mas o que eu não acredito é que ela se fizesse arisca. Com o Cavaleiro, bonito rapaz, Governador Civil?... Não acredito. O Cavaleiro saboreou!

E com as bochechas luzidias de admiração:

— Aquele velhaco! Para cavalos e para mulheres, não há outro em Oliveira!

5

A *Gazeta do Porto*, com a correspondência vingadora, devia desabar sobre Oliveira na quarta-feira de manhã, dia dos anos da prima Maria Mendonça. Mas Gonçalo, ainda que não temesse (ressalvado pelo seu pseudónimo de *Juvenal)* uma briga grosseira com o Cavaleiro nas ruas da cidade, nem mesmo com algum dos seus partidários servis e façanhudos, como o Marcolino do *Independente — recolheu* discretamente a Santa Ireneia na terça-feira, a cavalo, acompanhado pelo Barrolo até à Vendinha, onde ambos provaram o vinho branco celebrado pelo Titó. Depois, para recordar os lugares memoráveis em que

na sua novela se encontravam, com desastrado choque de armas, Lourenço Ramires e o Bastardo de Baião — tomou o caminho que, atravessando os pomares da espalhada aldeia de Canta Pedra, entronca na estrada dos Bravais.

Num trote folgado passara à Fábrica de Vidros, depois o Cruzeiro sempre coberto pelas pombas que esvoaçam do pombal da fábrica. E entrava no lugar de Nacejas — quando, à janela duma casinha muito limpa, rodeada de parreiras, apareceu uma linda rapariga, morena e fina, com jaqué de pano azul e lenço de cambraieta bordada sobre fartos bandós ondeados. Gonçalo, sopeando a égua, saudou, sorriu suavemente:

— Perdão, minha menina... Vou bem por aqui, para Canta Pedra?

— Vai, sim senhor. Em baixo, à ponte, mete para a direita, para os álamos. E é sempre a seguir...

Gonçalo suspirou, gracejando:

— Antes desejava ficar!

A moça corou. E o Fidalgo ainda se torceu no selim para gozar a fina face morena, entre os dois craveiros da janelinha, na casa tão bem caiada.

Nesse momento, ao lado duma quelha enramada, desembocava um caçador do campo, de jaleca e barrete vermelho, com a espingarda atravessada nas costas, seguido por dois perdigueiros. Era um latagão airoso, que todo ele, no bater dos sapatões brancos, no menear da cinta enfaixada em seda, no levantar da face clara de suíças loiras, transbordava de presunção e pimponice. Num relance

surpreendeu o sorriso, a atenção galante do Fidalgo. E estacou, pregando sobre ele, com lenta arrogância, os belos olhos pestanudos. Depois passou desdenhosamente, sem se arredar da égua na ladeira estreita, quase raspando pela perna do Fidalgo o cano da caçadeira. Mas adiante ainda atirou uma tossidela seca e de chasco com um bater mais petulante dos tacões.

Gonçalo picou a égua, colhido logo por aquele desgraçado temor, aquele desmaiado arrepio da carne, que sempre, ante qualquer risco, qualquer ameaça, o forçava irresistivelmente a encolher, a recuar, a abalar. Em baixo, na ponte, desesperado contra a sua timidez, deteve o trote, espreitou para trás, para a branca casa florida. O mocetão parara, encostado

à espingarda, sob a janela onde a rapariga morena se debruçava entre os dois vasos de cravos. E assim encostado, depois de rir para a moça, acenou ao Fidalgo, num desafio largo, com a cabeçaalta, a borla do barrete toda espetada como uma crista flamante.

Gonçalo Mendes Ramires meteu a galope pelo copado caminho de álamos, que acompanha o riacho das Donas. Em Canta Pedra nem se demorou a estudar (como tencionava para proveito da sua novela) o vale, a ribeira espraiada, as ruínas do mosteiro de Recadães sobre a colina, e no cabeço fronteiro o moinho que assenta sobre as denegridas pedras da antiga e tão falada Honra de Avelãs. De resto o céu, cinzento e abafado desde manhã, entenebrecia para os lados de

Craquede e de Vila Clara. Um bafo morno remexeu a folhagem sedenta. E já gotas pesadas se esmagavam na poeira quando ele, sempre galopando, entrou na estrada dos Bravais.

Na Torre encontrou uma carta do Castanheiro. O Patriota ansiava por saber «se essa *Torre de D. Ramires* se erguia enfim para honra das letras, como a outra, a genuína, se erguera outrora, em séculos mais ditosos, para orgulho das armas E acrescentava num pós-escrito — «Planeio imensos cartazes, pregados a cada esquina de cada cidade de Portugal, anunciando em letras de côvado a aparição salvadora dos ANAIS! E, como tenciono prometer neles aos povos a sua preciosa novelazinha, desejo que o amigo Gonçalo me informe se ela tem, à moda de 1830,

um saboroso subtítulo, como *Episódios do século XII*, ou *Crónica do Reinado de Afonso II*, ou *Cenas da Meia Idade Portuguesa*... Eu voto pelo subtítulo. Como o subsolo num edifício, o subtítulo num livro alteia e dá solidez. À obra, pois, meu Ramires, com essa sua imaginação feracíssima!»

Esta invenção de imensos cartazes, com o seu nome e o título da sua novela em letras de cores estridentes, enchendo cada esquina de Portugal, deleitou o Fidalgo. E logo nessa noite, ao rumor da chuva densa que estalava na folhagem dos limoeiros, retomou o seu manuscrito, parado nas primeiras linhas, amplas e sonoras, do Capítulo II...

Através delas, e na frescura da madrugada, Lourenço Mendes Ramires,

com o troço de cavaleiros e peonagem da sua mercê, corria sobre Montemor em socorro das senhoras Infantas. Mas, ao penetrar no vale de Canta Pedra, eis que o esforçado filho de Tructesindoavista a mesnada do Bastardo de Baião, esperando desde alva (como anunciara Mendo Pais) para tolher a passagem. — E então, nesta sombria novela de sangue e homizios, brotava inesperadamente, como uma rosa na fenda dum bastião, um lance de amor, que o tio Duarte cantara no *Bardo* com dolente elegância.

Lopo de Baião, cuja beleza loira de fidalgo godo era tão celebrada por toda a terra de Entre Minho e Douro, que lhe chamavam *o Claro Sol*, amara arrebatadamente D. Violante, a filha mais nova de Tructesindo Ramires. Em dia de

S. João, no solar de Lanhoso, onde se celebravam lides de touros e jogos de tavolagem, conhecera ele a donzela esplêndida, que o tio Duarte, no seu poemeto, louvava com deslumbrado encanto:

Que líquido fulgor dos negros olhos!
Que fartas tranças de lustroso ébano!

E ela, certamente, rendera também o coração àquele moço resplandecente de cor de ouro, que, nessa tarde de festa, arremessando o rojão contra os touros, ganhara duas faixas bordadas pela nobre Dona de Lanhoso — e à noite, no sarau, se requebrara com tão repicado garbo, na

dança dos Marchatins... Mas Lopo era bastardo, dessa raça de Baião, inimiga dos Ramires por velhíssimas brigas de terras e precedências desde o conde D. Henrique — ainda assanhadas depois, durante as contendas de D. Teresa e de Afonso Henriques, quando nacúria dos Barões, em Guimarães, Mendo de Baião, bandeado com o Conde de Trava, e Ramires o *Cortador*, colaço do moço Infante, se arrojaram às faces os guantes ferrados. E, fiel ao ódio secular, Tructesindo Ramires recusara com áspera arrogância a mão de Violante ao mais velho dos de Baião, um dos valentes de Silves, que pelo Natal, na Alcáçova de Santa Ireneia, lha pedira para Lopo, seu sobrinho, o *Claro Sol*, oferecendo avenças quase submissas de aliança e

doce paz. Este ultraje revoltara-o solar de Baião — que se honrava em Lopo,apesar de bastardo, pelo lustre da sua bravura e graça galante. E então Lopo, ferido doridamente no seu coração, mais furiosamente no seu orgulho, para fartar o esfaimado desejo, para infamar o claro nome dos Ramires — tentou raptar D. Violante. Era na primavera, com todas as veigas do Mondego já verdes. A donosa senhora, entre alguns escudeiros da Honra e parentes, jornadeava de Treixedo ao mosteiro de Lorvão, onde sua tia D. Branca era abadessa... Languidamente, no *Bardo*, descantara o tio Duarte o romântico lance:

> *Junto à fonte mourisca, entre os ulmeiros,*

A cavalgadura para...

E junto aos ulmeiros da fonte surgira o *Claro Sol — que*, com os seus, espreitava dum cabeço! Mas, logo no começo da curta briga, um primo de D. Violante, o agigantado senhor dos Paços de Avelim, o desarmou, o manteve um momento ajoelhado sob o lampejo e gume da sua adaga. E com vida perdoada, rugindo de surda raiva, o Bastardo abalou entre os poucos solarengos que o acompanhavam nesta afoita arremetida. Desde então mais fero ardera o rancor entre os de Baião e os Ramires. E eis agora, nesse começo da Guerra das Infantas, os dois inimigos rosto a rosto no vale estreito de Canta Pedra! Lopo, com um bando de trinta lanças e mais de cem

besteiros da hoste real. Lourenço Mendes Ramires com quinze cavaleiros e noventa homens de pé do seu pendão.

Agosto findava: e o demorado estio amarelecera toda a relva, as pastagens famosas do vale, até a folhagem de amieiros e freixos pela beira do riacho das Donas que se arrastava entre as pedras lustrosas, em tios escassos, com dormido murmúrio. Sobre um outeiro, dos lados de Ramilde, avultava, entre possantes ruínas eriçadas de sarças, a denegrida *Torre Redonda*, resto da velha Honra de Avelãs, incendiada durante as cruas rixas dos de Salzedas e dos de Landim, e agora habitada pela alma gemente de Guiomar de Landim, a *Malcasada*. No cabeço fronteiro e mais alto, dominando o vale, o mosteiro de

Recadães estendia as suas cantarias novas, com o forte torreão, asseteado como o duma fortaleza — de onde os monges se debruçavam, espreitando, inquietos com aquele coriscar de armas que desde alva enchia o vale. E o mesmo temor acossara as aldeias chegadas — porque, sobre a crista das colinas, se apressavam para o santo e murado refúgio do convento gentes com trouxas, carros toldados, magras filas de gados.

Ao avistar tão rijo troço de cavaleiros e peões, espalhado até à beira do riacho por entre a sombra dos freixos, Lourenço Ramires sofreou, susteve a leva, junto dum montão de pedras onde apodrecia, encravada, uma tosca cruz de pau. E o seu esculca, que largara rédeas soltas, estirado sob o escudo de couro,

para reconhecer a mesnada — logo voltou, sem que frecha. ou pedra de funda o colhessem, gritando:

— São homens de Baião e da hoste real!

Tolhida pois a passagem! E em que desigualado recontro! Mas o denodado Ramires não duvidou avançar, travar peleja. Sozinho que assomasse ao vale, com uma quebradiça lança de monte, arremeteria contra todo o arraial do Bastardo... — No entanto já o adail de Baião se adiantara, curveteando no rosilho magro, com a espada atravessada por cima do morrião que penas de garça emplumavam. E pregoava, atroava o vale com o rouco pregão:

— Deter, deter! que não há passagem! E o nobre senhor de Baião, em

recado de El-Rei e por mercê de Sua Senhoria, vos guarda vidas salvas se volverdes costas sem rumor e tardança!

Lourenço Ramires gritou:

— A ele, besteiros!

Os virotes assobiaram. Toda a curta ala dos cavaleiros de Santa Ireneia tropeou para dentro do vale, de lanças ristadas. E o filho de Tructesindo, erguido nos estribões de ferro, debaixo do pano solto do seu pendão que apressadamente o alferes sacara da funda, descerrou a viseira do casco para que lhe mirassem bem a face destemida, e lançou ao Bastardo injúrias de furioso orgulho:

— Chama outros tantos dos vilões que te seguem que, por sobre eles e por sobre ti, chegarei esta noite a Montemor!

E o Bastardo, no seu fouveiro, que

uma rede de malha cobria, toda acairelada de ouro, atirava a mão calçada de ferro, clamava:

— Para trás, de onde vieste, voltarás, burlão traidor, se eu por mercê mandar a teu pai o teu corpo numas andas!

Estes feros desafios rolavam em versos serenamente compassados no poemeto do tio Duarte. E depois de os reforçar, Gonçalo Mendes Ramires (sentindo a alma enfunada pelo heroísmo da sua raça, como por um vento que sopra de funda campina), arrojou um contra o outro os dois bandos valorosos. Grande briga, grande grita...

— Ala! Ala!

— Rompe! Rompe!

— Cerra por Baião!

— Casca pelos Ramires!

Através da grossa poeirada e do alevanto zunem os garruchões, as rudes balas de barro despedidas das fundas. Almogavres de Santa Ireneia, almogavres da hoste real, em turmas ligeiras, carregam, topam, com baralhado arremesso de ascumas que se partem, de dardos que se cravam; e ambas logo refogem, refluem enquanto, no chão revolto, algum malferido estrebucha aos urros, e os atordoados cambaleando buscam, sob o abrigo do arvoredo, a fresquidão do riacho. Ao meio, no embate mais nobre da peleja, por cima dos corcéis que se empinam, arfando ao peso das coberturas de malha, as lisas pranchas dos montantes lampejam, retinem, embebidas nas chapas de broquéis: — e já, dos altos arções de couro vermelho,

desaba algum hirto e chapeado senhor, com um baque de ferragens sobre a terra mole. Cavaleiros e infanções, porém, como num torneio, apenas terçam lanças para se derribarem, abolados os arneses, com clamores de excitada ufania; e sobre a vilanagem contrária, em quem cevam o furor da matança, se abatem os seus espadões, se despenham as suas achas, esmigalhando os cascos de ferro como bilhas de greda.

Por entre a peonagem de Baião e da hoste real, Lourenço Ramires avança mais levemente que ceifeiro apressado entre erva tenra. A cada arranque do seu rijo murzelo, alagado de espuma, que sacode furiosamente a testeira rostrada — sempre, entre pragas ou gritos por*Jesus!* um peito verga trespassado, braços se

retorcem em agonia. Todo o seu afã era chocar armas com Lopo. Mas o Bastardo, tão arremessado e afrontador em combate, não se arredara nessa manhã da lomba do outeiro, onde uma fila de lanças o guardava, como umaestacada; e com brados, não com golpes, aquentava a lide! No ardor desesperado de romper a viva cerca, Lourenço gastava as forças, berrando roucamente pelo Bastardo, com os duros ultrajes de churdo! e marrano! já de entre a trama falseada do camalho lhe borbulhavam do ombro, pela loriga, fios lentos de sangue. Um lanço de virotão, que lhe partira as charneiras da greva esquerda, fendera a perna de onde mais sangue brotava, ensopando o forro de estopa. Depois, varado por uma frecha na anca, o seu grande ginete abateu, rolou,

estalando no escoucear as cilhas pregueadas. E, desembrulhado dos loros com um salto, Lourenço Ramires encontrou em roda uma sebe eriçada de espadas e chuços, que o cerraram — enquanto do outeiro, debruçado na sela, o Bastardo bramava:

— Tende! tende! para que o colhais às mãos!

Trepando por cima de corpos, que se estorcem sob os seus sapatos de ferro, o valente moço arremete, a golpes arquejados, contra as pontas luzentes que recuam, se furtam... E, triunfantes, redobram os gritos de Lopo de Baião:

— Vivo, vivo! tomade-lo vivo!

— Não, se me restar alma, vilão! — rugia Lourenço,

E mais raivosamente investia,

quando um calhau agudo lhe acertou no braço — que logo amorteceu, pendeu, com a espada arrastando, presa ainda ao punho pelo grilhão, mas sem mais servir que uma roca. Num relance ficou agarrado por peões que lhe filavam a gorja, enquanto outros com varadas de ascuma lhe vergavam as pernas retesadas. Tombou por fim direito como um madeiro; — e nas cordas com que logo o amarraram, jazeu hirto, sem elmo, sem cervilheira, os olhos duramente cerrados, os cabelos presos numa pasta de poeira e de sangue.

Eis pois cativo Lourenço Ramires! E, diante das andas feitas de ramos e franças de faias em que o estenderam, depois de o borrifarem à pressa com a água fresca do riacho — o Bastardo,

limpando às costas da mão o suor que lhe escorria pela face formosa, pelas barbas douradas, murmurava, comovido:

— Ah! Lourenço, Lourenço, grande dor, que bem pudéramos ser irmãos e amigos.

Assim, ajudado pelo tio Duarte, por Walter Scott, por notícias do Panorama, compusera Gonçalo a mal-aventurada lide de Canta Pedra. E com este desabafo de Lopo, onde perpassava a mágoa do amor vedado, fechou o Capítulo II, sobre que labutara três dias — tão embrenhadamente que em torno o Mundo como que se calara e se fundira em penumbra.

Uma girândola de foguetes estourou ao longe, para o lado dos Bravais, onde no domingo se fazia a romaria celebrada da Senhora das Candeias. Depois da

chuva daqueles três dias, uma frescura descia do céu, amaciado e lavado sobre os campos mais verdes. E como ainda restava meia hora farta antes de jantar, o Fidalgo agarrou o chapéu, e mesmo na sua velha quinzena de trabalho, com uma bengalinha de cana, desceu à estrada, tomou pelo caminho que se estreita entre o muro da Torre e as terras de centeio onde assentavam no século XII as barbacãs da Honra de Santa Ireneia.

Pela silenciosa vereda, ainda húmida, Gonçalo pensava nos seus avós formidáveis. Como eles ressurgiam, na sua novela, sólidos e ressoantes! E realmente uma compreensão tão segura daquelas almas Afonsinas mostrava que a sua alma conservava o mesmo quilate e saíra do mesmo rico bloco de ouro.

Porque um coração mole, ou degenerado, não saberia narrar corações tão fortes, de eras tão fortes: — e nunca o bom Manuel Duarte ou o Barrolo excelente entenderiam, bastante para lhes reconstruir os altos espíritos, Martim de Freitas ou Afonso de Albuquerque... Nesta fina verdade desejaria ele que os críticos insistissem ao estudar depois a *Torre de D. Ramires* — *pois* que o Castanheiro lhe assegurara artigos consideráveis nas *Novidades* e na *Manhã*. Sim! eis o que convinha marcar com relevo (e ele o lembraria ao Castanheiro!) — que os Ricos-Homens de Santa Ireneia reviviam no seu neto, senão pela continuação heroica das mesmas façanhas, pela mesma alevantada compreensão do heroísmo... Que diabo! sob o reinado do

horrendo S. Fulgêncio, ele não podia desmantelar o solar de Baião, desmantelado há seiscentos anos por seu avô Leonel Ramires — nem retomar *aos* Mouros essa torreada Monforte, onde o Antoninho Moreno era o lânguido Governador Civil! Mas sentia a grandeza e o préstimo histórico desse arrojo, que outrora impelia os seus a arrasar solares rivais, a escalar vilas mouriscas; ressuscitava pelo Saber e pela Arte, arrojava para a vida ambiente, esses varões temerosos, com os seus corações, os seus trajes, as suas imensas cutiladas, as suas bravatas sublimes; dentro do espírito e das expressões do seu século era pois um bom Ramires — um Ramires de nobres energias, não façanhudas, mas intelectuais, como competia numa idade

de intelectual descanso. E os jornais, que tanto motejam a decadência dos fidalgos de Portugal, deveriam em justiça afirmar (e ele o lembraria ao Castanheiro!):

— «Eis aí um, e o maior, que, com as formas e os modos do seu tempo, continua e honra a sua raça!»

Através destes pensamentos, que mais lhe enrijavam as passadas sobre chão tão calcado pelos seus — o Fidalgo da Torre chegara à esquina do muro da quinta, onde uma ladeirenta e apertada azinhaga a divide do pinheiral e da mata. Do portão nobre, que outrora se erguera nesse recanto com lavores e brasão de armas, restam apenas os dois umbrais de granito, amarelados de musgo, cerrados contra o gado por uma cancela de tábuas mal pregadas, carcomidas da chuva e dos

anos. E nesse momento, da azinhaga funda, apagada em sombra, subia chiando, carregado de mato, um carro de bois, que uma linda boieirinha guiava.

— Nosso Senhor lhe dê muito boas-tardes!

— Boas-tardes, florzinha!

O carro lento passou. E logo atrás surdiu um homem, esgrouviado e escuro, trazendo ao ombro o cajado, de onde pendia um molho de cordas.

O Fidalgo da Torre reconheceu o José Casco dos Bravais. E seguia, como desatento, pela orla do pinheiral, assobiando, raspando com a bengalinha as silvas floridas do vaiado. O outro, porém, estugou o passo esgalgado, lançou duramente, no silêncio do arvoredo e da tarde, o nome do Fidalgo. Então, com um

pulo do coração, Gonçalo Mendes Ramires parou, forçando um sorriso afável:

— Olá! É você, José! Então que temos?

O Casco engasgara, com as costelas a arfar sob a encardida camisa de trabalho. Por fim, desenfiando das cordas o marmeleiro que cravou, no chão pela choupa:

— Temos que eu falei sempre claro com o Fidalgo, e não era para que depois me faltasse à palavra!

Gonçalo Ramires levantou a cabeça com uma dignidade lenta e custosa — como se levantasse uma maça de ferro:

— Que está você a dizer, Casco? Faltar à palavra! em que lhe faltei eu à palavra?... Por causa do arrendamento da

Torre? Essa é nova! Então houve por acaso escritura assinada entre nós? Você não voltou, não apareceu...

O Casco emudecera, assombrado. Depois, com uma cólera em que lhe tremiam os beiços brancos, lhe tremiam as secas mãos cabeludas, fincadas ao cabo do varapau:

— Se houvesse papel assinado, o Fidalgo não podia recuar!... Mas era como se houvesse, para gente de bem!... Até V. S.a disse, quando eu aceitei: «viva! está tratado!...» O Fidalgo deu a sua palavra!

Gonçalo, enfiado, aparentou a paciência dum senhor benévolo:

— Escute, José Casco. Aqui não é lugar, na estrada. Se quer conversar comigo, apareça na Torre. Eu lá estou

sempre, como você sabe, de manhã... Vá amanhã, não me incomoda.

E endireitava para o pinhal, com as pernas moles, um suor arrepiado na espinha — quando o Casco, num rodeio, num salto leve, atrevidamente se lhe plantou diante, atravessando o cajado:

— O Fidalgo há de dizer aqui mesmo! O Fidalgo deu a sua palavra!... A mim não se me fazem dessas desfeitas... O Fidalgo deu a sua palavra!

Gonçalo relanceou esgazeadamente em redor, na ânsia dum socorro. Só o cercava solidão, arvoredo cerrado. Na estrada, apenas clara sob um resto de tarde, o carro de lenha, ao longe, chiava, mais vago. As ramas altas dos pinheiros gemiam com um gemer dormente e remoto. Entre os troncos já se adensava

sombra e névoa. Então, estarrecido, Gonçalo tentou um refúgio na ideia de justiça e de Lei, que aterra os homens do campo. E como amigo que aconselha um amigo, com brandura, os beiços ressequidos e trémulos:

— Escute, Casco, escute, homem! As coisas não se arranjam assim, a gritar. Pode haver desgosto, aparecer o regedor. Depois é o tribunal, é a cadeia. E você tem mulher, tem filhos pequenos... Escute! Se descobriu motivo para se queixar, vá à Torre, conversamos. Pacatamente tudo se esclarece, homem... Com berros, não! Vem o cabo, vem a enxovia...

Então de repente o Casco cresceu todo, no solitário caminho, negro e alto como um pinheiro, num furor que lhe esbugalhava os olhos esbraseados, quase

sangrentos:

— Pois o Fidalgo ainda me ameaça com a justiça!... Pois ainda por cima de me fazer a maroteira, me ameaça com a cadeia!... Então, com os diabos! primeiro que entre na cadeia lhe hei de eu esmigalhar esses ossos!...

Erguera o cajado... — Mas, num lampejo de razão e respeito, ainda gritou, com a cabeça a tremer para trás, através dos dentes cerrados:

— Fuja, Fidalgo, que me perco!... Fuja que o mato e me perco!

Gonçalo Mendes Ramires correu à cancela entalada nos velhos umbrais de granito, pulou por sobre as tábuas mal pregadas, enfiou pela latada que orla o muro, numa carreira furiosa de lebre acossada! Ao fim da vinha, junto aos

milheirais, uma figueira brava, densa em folha, alastrara dentro dum espigueiro de granito destelhado e desusado. Nesse esconderijo de rama e pedra se alapou o Fidalgo da Torre, arquejando. O crepúsculo descera sobre os campos — e com ele uma serenidade em que adormeciam frondes e relvas. Afoitado pelo silêncio, pelo sossego, Gonçalo abandonou o cerrado abrigo, recomeçou a correr, num correr manso, na ponta das botas brancas, sobre o chão mole das chuvadas, até ao muro da Mãe-d'água. De novo estacou, esfalfado. E julgando entrever, longe, à orla do arvoredo, uma mancha clara, algum jornaleiro em mangas de camisa, atirou um berro ansioso: — «Oh! Ricardo! Oh! Manuel! Eh lá, alguém! Vai aí alguém?...» — A mancha indecisa

fundira na indecisa folhagem. Uma rã pinchou num regueiro. Estremecendo, Gonçalo retomou a carreira até ao canto do pomar — onde encontrou fechada uma porta, velha porta mal segura, que abanava nos gonzos ferrugentos. Furioso, atirou contra ela os ombros, que o terror enrijara como trancas. Duas tábuas cederam, ele furou através, esgaçando a quinzena num prego. — E respirou enfim no agasalho do pomar murado, diante das varandas da casa abertas à frescura da tarde, junto da Torre, da sua Torre, negra e de mil anos, mais negra e como mais carregada de anos contra a macia claridade da lua nova que subia.

Com o chapéu na mão, enxugando o suor, entrou na horta, costeou o feijoal. E agora subitamente sentia uma cólera

amarga pelo desamparo em que se encontrara, numa quinta tão povoada, enxameando de gentes e dependentes! Nem um caseiro, nem um jornaleiro, quando ele gritara, tão aflito, da borda da Mãe-d'água! De cinco criados nenhum acudira — e ele perdido, ali, a uma pedrada da eira e da abegoaria! Pois que dois homens corressem com paus ou enxadas — e ainda colhiam o Casco na estrada, o malhavam como uma espiga.

Ao pé do galinheiro, sentindo uma risada fina de rapariga, atravessou o pátio para a porta alumiada da cozinha. Dois moços da horta, a filha da Crispola, Rosa, tagarelavam, regaladamente sentados num banco de pedra sob a fresca escuridão da latada. Dentro o lume estralejava — e a panela do caldo, fervendo, rescendia.

Toda a cólera do Fidalgo rompeu:

— Então, que sarau é este? Vocês não me ouviram chamar?... Pois encontrei lá em baixo, ao pé do pinheiral, um bêbedo, que me não conheceu, veio para mim *com uma foice!*... Felizmente levava a bengala. E chamo, grito... Qual! Tudo aqui de palestra, e a ceia a cozer! Que desaforo! Outra vez que suceda, todos para a rua... E quem resmungar, a cacete!

A sua face chamejava, alta e valente. A pequena da Crispola logo se escapulira, encolhida, para o recanto da cozinha, para trás da masseira. Os dois moços, erguidos, vergavam como duas espigas sob um grande vento. E enquanto a Rosa, aterrada, se benzia, se derretia em lamentações sobre «desgraças que assim se armam!» Gonçalo, deleitado pela

submissão dos dois homens, ambos tão rijos, com tão grossos varapaus encostados à parede, amansava:

— Realmente! sois todos surdos, nesta pobre casa!... Além disso a porta do pomar fechada! Tive de lhe atirar um empurrão. Ficou em pedaços.

Então um dos moços, o mais alentado, ruivo, com um queixo de cavalo, pensando que o Fidalgo censurava a frouxidão da porta pouco cuidada, coçou a cabeça, numa desculpa:

— Pois, com perdão do Fidalgo!... Mas já depois da saída do Relho se lhe pôs uma travessa e fechadura nova... E valente!

— Qual fechadura! — gritou o Fidalgo soberbamente. — Despedacei a fechadura, despedacei a travessa... Tudo

em estilhas!

O outro moço, mais desembaraçado e esperto, riu, para agradar:

— Santo nome de Deus!... Então, é que o Fidalgo lhe atirou com força!

E o companheiro, convencido, espetando o queixo enorme: — Mas que força! a matar! Que a porta era rija... E fechadura nova, já depois do Relho!

A certeza da sua força, louvada por aqueles fortes, reconfortou inteiramente o Fidalgo da Torre, já brando, quase paternal:

— Graças a Deus, para arrombar uma porta, mesmo nova, não me falta força. O que eu não podia, por decência, era arrastar ai por essas estradas um bêbedo com uma foice até casa do Regedor... Foi para isso que chamei, que

gritei. Para que vocês o agarrassem, o levassem ao Regedor!... Bem, acabou. Oh! Rosa, dê a estes rapazes, para a ceia, mais uma caneca de vinho... A verse para a outra vez se afoitam, se aparecem...

Era agora como um antigo senhor, um Ramires de outros séculos, justo e avisado, que repreende uma fraqueza dos seus solarengos — e logo perdoa por conta e amor das façanhas próximas. Depois, com a bengala ao ombro, como uma lança, subiu pela lôbrega escada da cozinha. E em cima, no quarto, apenas o Bento entrara para o vestir, recomeçou a sua epopeia, mais carregada, mais terrífica — assombrando o sensível homem, estacado rente da cómoda, sem mesmo pousar a infusa de água quente, as botas envernizadas, a braçada de toalhas

que o ajoujavam.... O Casco! O José Casco dos Bravais, bêbedo, rompendo para ele, sem o conhecer, com uma foice enorme, a berrar — «Morra, que é marrão!...» E ele na estrada, diante do bruto, de bengalinha! Mas atira um salto, a foiçada resvala sobre um tronco de pinheiro... Então arremete desabaladamente, brandindo a bengala, gritando pelo Ricardo e pelo Manuel, como se ambos o escoltassem — e ataranta o Casco, que recua, se some pela azinhaga, a cambalear, a grunhir...

— Hem, que te parece? Se não é a minha audácia, o homem positivamente me ferra um *tiro de espingarda!*

O Bento, que quase se babava, com o jarro esquecido a pingar no tapete, pestanejou, confuso, mais atónito:

— Mas o Sr. Doutor disse que era uma foice!

Gonçalo bateu o pé, impaciente:

— Correu para mim com uma foice. Mas vinha atrás do carro... E no carro trazia uma espingarda. O Casco é caçador, anda sempre de espingarda... Enfim estou aqui vivo, na Torre, por mercê de Deus. E também porque, felizmente, nestes casos, não me falta decisão!

E apressou o Bento — porque, com o abalo, o esforço, positivamente lhe tremiam as pernas de cansaço e de fome... Além da sede!

— Sobretudo sede! Esse vinho que venha bem fresco... Do verde e do alvarelhão, para misturar.

O Bento, com um trémulo suspiro da emoção atravessada, enchera. a bacia,

estendia as toalhas. Depois, gravemente:

— Pois, Sr. Doutor, temos esse andaço nos sítios! Foi o mesmo que sucedeu ao Sr. Sanches Lucena, na *Feitosa*...

— Como, ao Sr. Sanches Lucena?

O Bento desenrolou então uma tremenda história trazida à Torre, durante a estada do Sr. Doutor em Oliveira, pelo cunhado da Crispola, o Rui carpinteiro, que trabalhava nas obras da *Feitosa*. O Sr. Sanches Lucena descera uma tarde, ao lusco-fusco, à porta do mirante, quando passam na estrada dois jornaleiros, bêbedos ou facínoras, que implicam com o excelente senhor. E chufas, risinhos, momices... O Sr. Sanches, com paciência, aconselhou os homens que seguissem, não se desmandassem. De repente um deles,

um rapazola, sacode ajaqueta do ombro, ergue o cajado! Felizmente o companheiro, que se afirmara, ainda gritou: — «Ai! rapaz, que ele é o nosso deputado!>, O rapazola abalou, espavorido. O outro até se atirou de joelhos diante do Sr. Sanches Lucena... Mas o pobre senhor, com o abalo, recolheu à cama!

Gonçalo acompanhara a história, secando vagarosamente as mãos à toalha, impressionado:

— Quando foi isso?

— Pois disse ao Sr. Doutor... Quando o Sr. Doutor estava em Oliveira. Um dia antes ou um dia depois dos anos da Sra. D. Graça.

O Fidalgo arremessou a toalha, limpou pensativamente as unhas. Depois

com um risinho incerto e leve:

— Enfim, sempre serviu de alguma coisa ao Sanches Lucena ser deputado por Vila Clara...

E já vestido, abastecendo a charuteira (porque resolvera passar a noite na vila, a desabafar com o Gouveia) — de novo se voltou para o Bento, que arrumava a roupa:

— Então o bêbedo, quando o outro lhe gritou «Ai, que é o nosso deputado», caiu em si, fugiu, hem?... Ora vê tu! Ainda vale ser deputado! Ainda inspira respeito, homem! Pelo menos inspira mais respeito que descender dos reis de Leão!... Paciência, toca a jantar.

Durante o jantar, misturando

copiosamente o verde e o alvarelhão, Gonçalo não cessou de ruminar a ousadia do Casco. Pela primeira vez, na história de Santa Ireneia, um lavrador daquelas aldeias, crescidas à sombra da Casa ilustre, por tantos séculos senhora em monte e vale, ultrajava um Ramires! E brutalmente, alçando o cajado, diante dos muros da quinta histórica!... Contava seu pai que, em vida do bisavô Inácio, ainda desde Ramilde até Corinde, os homens dobravam o joelho nos caminhos quando passava o senhor da Torre. E agora levantavam a foice!... E porquê? Porque ele não se desfalcara submissamente das suas rendas, em proveito dum façanhudo! — Em tempos do avô Tructesindo, vilão de tal atentado assaria, como porco-montês, numa ruidosa fogueira, diante das

barbacãs da Honra. Ainda em dias do bisavô Inácio apodreceria numa masmorra. E o Casco não podia escapar sem castigo. A impunidade só lhe incharia a audácia; e assomado, rancoroso, noutro encontro, sem mais falas, desfechava a caçadeira. Oh! não lhe desejava um mal durável, coitado, com dois filhospequeninos — um que mamava. Mas que o arrastassem à Administração, algemado, entre dois cabos-de-polícia — e que na triste saleta, de onde se avistam as grades da cadeia, apanhasse uma repreensão tremenda do Gouveia, do Gouveia muito seco, muito esticado na sobrecasaca negra... Assim se devia resguardar, por meios tortuosos — pois que não era deputado, e que, com o seu talento, o seu nome, essa espantosa

linhagem de avós que edificara o Reino, carecia o prestígio dum Sanches Lucena, o precioso prestígio que suspende no ar os varapaus atrevidos!

Apenas findou o café, mandou pelo Bento avisar os dois moços da horta, o Ricardo e o outro de queixo de cavalo, que o esperassem no pátio, armados. Porque na Torre ainda sobrevivia uma «sala de armas» — cacifro tenebroso, junto ao arquivo onde se amontoavam peças aboladas de armaduras, um lorigão de malha, um broquel mourisco, alabardas, espadões, polvorinhos, bacamartes de 1820, e entre esta poeirenta ferralhagem negra três espingardas limpas com que os moços da quinta, na romaria de S. Gonçalo, atiravam descargas em louvor do Santo.

Depois, ele, encafuou o revólver na algibeira, desenterrou do armário do corredor um velho bengalão de cabo de chumbo entrançado, agarrou um apito. E assim precavido, aquecido pelo verde e pelo alvarelhão, com os dois criados de caçadeira ao ombro, importantes e tesos, partiu para Vila Clara, procurar o Sr. Administrador do Concelho. A noite envolvia os campos em sossego e frescura. A lua nova, que limpara o tempo, roçava a crista dos outeiros de Valverde, como a roda lustrosa dum carro de ouro. No silêncio os rijos sapatões pregueados dos dois jornaleiros ressoavam em cadência. E Gonçalo adiante, de charuto flamante, gozava aquela marcha, em que de novo um Ramires trilhava os caminhos de Santa Ireneia, com homens da sua

mercê e solarengos armados.

Ao começo da vila, porém, recolheu discretamente a escolta na taberna da Serena; e ele cortou para o Mercado da Erva, para a Tabacaria do Simões, onde o Gouveia, àquela hora, antes da partida da Assembleia, costumava pousar, comprar uma caixa de fósforos, considerar pensativamente na vidraça as cautelas da lotaria. Mas nessa noite o Sr. Administrador faltara ao Simões costumado. Largou então para a Assembleia; e logo em baixo, no bilhar, um sujeito calvo, que contemplava as carambolas solitárias do marcador, espapado na bancada, de colete desabotoado, mascando um palito — informou o Fidalgo da doença do amigo Gouveia:

— Coisa leve, inflamação de garganta... V. Ex.ª a decerto o encontra em casa. Não arreda do quarto desde domingo.

Outro cavalheiro, porém, que remexia o seu café à esquina duma mesa atulhada de garrafas de licor, afiançou que o Sr. Administrador já espairecera nessa tarde. Ainda pelas cinco horas ele o encontrara na Amoreira, com o pescoço atabafado numa manta de lã.

Gonçalo, impaciente, abalou para a Calçadinha. E atravessava o largo do Chafariz, quando descortinou o desejado Gouveia, à porta muito alumiada da loja de panos do Ramos, conversando com um homenzarrão de forte barba retinta e de guarda-pó alvadio.

E foi o Gouveia, que, de dedo

espetado, investiu para Gonçalo:

— Então, já sabe?

— O quê?

— Pois não sabe, homem?... O Sanches Lucena!

— O quê?

— Morreu!

O Fidalgo embasbacou para o Administrador, depois para o outro cavalheiro, que repuxava na mão enorme, com um esforço inchado, uma luva preta apertada e curta.

— Santo Deus!... Quando?

— Esta madrugada. De repente. «Angina pectoris», não sei quê no coração... De repente, na cama.

E ambos se consideraram, em silêncio, no espanto renovado daquela morte que impressionava Vila Clara. Por

fim Gonçalo:

— E eu ainda há bocado, na Torre, a falar dele! E, coitado, como sempre, com pouca admiração...

— E eu! — exclamou o Gouveia. — Eu, que ainda ontem lhe escrevi!... E uma carta comprida, por causa dum empenho do Manuel Duarte... Foi o cadáver que recebeu a carta.

— Boa piada! — rosnou o sujeito obeso, que se debatia ferrenhamente contra a luva.

— O cadáver recebeu a carta... Boa piada!

O Fidalgo torcia o bigode, pensativo:

— Ora, ora... E que idade tinha ele?

O Gouveia sempre o imaginara um completo velho, de setenta invernos. Pois

não! apenas sessenta, em dezembro. Mas consumido arrasado. Casara tarde, com fêmea forte...

— E aí temos a bela D. Ana, viúva aos vinte e oito anos, sem filhos, naturalmente herdeira, com o seu mealheiro de duzentos contos... Talvez mais!

— Boa maquia! — roncou de novo o opado homem que enfiara a luva, e agora gemia, com as veias túmidas, para lhe apertar o colchete.

Aquele cavalheiro constrangia o Fidalgo — ansioso por desafogar com o Gouveia sobre «a vacatura política», assim inesperadamente aberta, no circulo de Vila Clara, pela brusca desaparição do chefe tradicional. E não se conteve, puxou o Administrador, pelo botão da

sobrecasaca, para a sombra favorável da parede:

— Oh! Gouveia! então agora, hem?... Temos eleição suplementar... Quem virá pelo círculo?

E o Administrador, muito simplesmente, sem se resguardar do homenzarrão de guarda-pó, que, enfim enluvado, acendera o charuto, se acercava com familiaridade — deduziu os factos.

— Agora, meu amigo, com o tio do Cavaleiro ministro da justiça e o José Ernesto ministro do Reino, vai deputado pelo círculo quem o André Cavaleiro mandar. É claro... O Sanches Lucena manteve sempre o seu lugar em S. Bento, por uma indicação natural do partido. Era aqui o primeiro homem, o grande homem dos Históricos... Bem! Hoje, para decidir

o Governo, como falta a indicação natural do partido, que resta? O desejo pessoal do Cavaleiro. Você sabe como o Cavaleiro é regionalista. Pelo círculo pois, logicamente, sai quem se apresente aoCavaleiro como um bom continuador do Lucena, pela influência e pela estabilidade territorial... Noutro círculo ainda se podia encaixar à pressa um deputado fabricado em Lisboa, nas secretarias. Aqui não! O deputado tem de ser local e Cavaleirista. E o próprio Cavaleiro, acredite você, está a esta hora embaraçado.

O gordalhufo murmurou com importância, através do imenso charuto que mamava:

— Amanhã já estou com ele, já sei...

Mas o Administrador emudecera,

coçava o queixo, cravando em Gonçalo os olhos espertos, que rebrilhavam, como se uma ditosa ideia, quase uma inspiração, o iluminasse. E de repente, para o outro, que cofiava a barba retinta:

— Pois, meu caro senhor, até além de amanhã. Ficamos entendidos. Eu remeto o cestinho dos queijos diretamente ao Sr. Conselheiro.

Tomou o braço de Gonçalo, que apertou com impaciência. E sem atender mais ao homenzarrão, que saudava rasgadamente, arrastou o Fidalgo para a Calçadinha silenciosa:

— Oh, Gonçalo, ouça lá... Você agora tinha uma ocasião soberba! Você, se quisesse, dentro de poucos dias, estava deputado por Vila Clara!

O Fidalgo da Torre estacara — como

se uma estreia de repente se despenhasse na rua mal alumiada.

— Ora escute! — exclamou o Administrador, largando o braço de Gonçalo, para desenrolar mais livremente a sua ideia. — Você não tem compromissos sérios com os Regeneradores. Você deixou Coimbra há um ano, tenta agora a vida pública, nunca fez ato definitivo de partidário. Lá uma ou outra correspondência para os jornais, histórias!...

— Mas...

— Escute, homem! Você quer entrar na Política? Quer. Então, pelos Históricos ou pelos Regeneradores, pouco importa. Ambos são constitucionais, ambos são cristãos... A questão é entrar, é furar. Ora você, agora, inesperadamente, encontra

uma porta aberta. O que o pode embaraçar? As sua inimizades particulares com o Cavaleiro? Tolices!

Atirou um gesto, largo e seco, como se varresse essas puerilidades:

— Tolices! Entre vocês não há morte de homem. Nem vocês, no fundo, são inimigos. O Cavaleiro é rapaz de talento, rapaz de gosto... Não vejo outro, aqui no distrito, com quem você tenha mais conformidade de espírito, de educação, de maneiras, de tradições... Numa terra pequena, mais dia menos dia, fatalmente, se impunha a reconciliação. Então seja agora, quando a reconciliação o leva às Câmaras!... E repito. Pelo círculo de Vila Clara sai deputado quem o Cavaleiro mandar!

O Fidalgo da Torre respirou, com

esforço, na emoção que o sufocava. E depois dum silêncio em que tirava o chapéu, abanara com ele, pensativamente, a face descaída:

— Mas o Cavaleiro, como você disse, é todo local, todo regional... Não quererá impor senão um homem como o Lucena, com fortuna, com influência...

O outro parou, alargou os braços:

— E então, você?... Que diabo! Você tem aqui propriedade. Tem a Torre, te m Treixedo. Sua irmã hoje é rica, mais rica que o Lucena. E depois o nome, a família... Vocês, os Ramires, estão estabelecidos, com solar em Santa Ireneia, há mais de duzentos anos.

O Fidalgo da Torre ergueu com viveza a cabeça:

— Duzentos?... Há mil, há quase mil!

— Ora aí tem! Há mil anos. Uma casa anterior à monarquia. Pelo menos coeva. Você é portanto mais fidalgo que o Rei! E então, isso não é uma situação muito superior à do Lucena? Sem contar a inteligência... Oh! diabo!

— Que foi?

— A garganta... Uma picadita na garganta. Ainda não estou consolidado.

E decidiu logo recolher, gargarejar, porque o Dr. Macedo proibira as noitadas festivas. Mas Gonçalo acompanhava até à porta o amigo Gouveia. E, conchegando o abafo de lã, o Administrador resumiu a sua ideia.

— Pelo círculo de Vila Clara, Gonçalinho, sai quem o Cavaleiro mandar. Ora o Cavaleiro, creia você, tem imenso empenho de o eleger, de o lançar

na Política. Se você portanto estender a mão ao Cavaleiro, o círculo é seu. O Cavaleiro tem o maior, o maioríssimo empenho, Gonçalinho!

— Isso é que eu não sei, João Gouveia...

— Sei eu!

E em confidência, na solidão da Calçadinha, João Gouveia revelou ao Fidalgo que o Cavaleiro ansiava pela ocasião de reatar a velha fraternidade com o seu velho Gonçalo! Ainda na semana passada o Cavaleiro lhe afirmara (palavras textuais): — «Entre os rapazes desta geração, nenhum com mais seguro e mais largo futuro na Política que o Gonçalo. Tem tudo! grande nome, grande talento, a sedução, a eloquência... Tem tudo! E eu, que conservo pelo Gonçalo

todo o carinho antigo, gostava ardentemente, ardentissimamente, de o levar àsCâmaras».

— Palavras textuais, meu amigo!... Ainda há seis ou sete dias, em Oliveira, depois do jantar, a tomarmos ambos café no quintal.

A face de Gonçalo ardia na sombra, devorando as revelações do Administrador. Depois, com lentidão, como descobrindo candidamente todos os recantos da sua alma:

— Eu, na realidade, também conservo a antiga simpatia pelo Cavaleiro. E certas questões íntimas, adeus!... Envelheceram, caducaram, tão obsoletas hoje como os agravos dos Horácios e dos Curiácios... Como você lembrou há pouco, com razão, nunca se

ergueu entre nós morte de homem. Que diabo! Eu fui educado com o Cavaleiro, éramos como irmãos... E acredite você, Gouveia! Sempre que o vejo, sinto um apetite doido, mas doido, de correr para ele, de lhe gritar: «Oh! André! nuvens passadas não voltam, atira para cá esses ossos !» Creia você, não o faço por timidez... É timidez... Oh! não, lá por mim, estou pronto à reconciliação, todo o coração ma pede! Mas ele?... Porque, enfim, Gouveia, eu, nas minhas correspondências para a Gazeta do Porto, tenho sido feroz com o Cavaleiro!

João Gouveia parou, de bengala ao ombro, considerando o Fidalgo com um sorriso divertido:

— Nas correspondências? Que lhe tem você dito nas correspondências? Que

o Sr. Governador Civil é um déspota e um D. João?... Meu caro amigo, todo o homem gosta que, por oposição política, lhe chamem déspota e D. João. Você imagina que ele se afligiu? Ficou simplesmente babado!

O Fidalgo murmurou, inquieto:

— Sim! Mas as alusões à bigodeira, à guedelha...

— Oh! Gonçalinho! Belos cabelos anelados, belos bigodes torcidos, não são defeitos de que um macho se envergonhe... Pelo contrário! Todas as mulheres admiram. Você pensa que ridicularizou o Cavaleiro? Não! anunciou simplesmente às madamas e meninas, que leem a Gazeta do Porto, a existência dum mocetão esplêndido que é Governador Civil de Oliveira.

E parando de novo (porque defronte, na esquina, luziam as duas janelas abertas da sua casa), o Administrador estendeu o dedo firme para um conselho supremo:

— Gonçalo Mendes Ramires, você amanhã manda buscar a parelha do Torto, salta para a sua caleche, corre à cidade, entra pelo Governo Civil de braços abertos, e grita sem outro prólogo: «André, o que lá vai, lá vai, venham essas costelas! E como o círculo está vago, venha também esse círculo!» — E você, dentro de cinco ou seis semanas, é o Sr. Deputado por Vila Clara, com todos os sinos a repicar... Quer tomar chá?

— Não, obrigado.

— Bem, então viva! Tipoia amanhã e Governo Civil. Está claro, é necessário arranjar um pretexto...

O Fidalgo acudiu, com alvoroço:

— Eu tenho um pretexto! Não!... Quero dizer, tenho necessidade real, absoluta, de falar com o Cavaleiro ou com o Secretário-Geral. E uma questão de caseiro... Até por causa dessa infeliz trapalhada o procurava eu hoje a você, Gouveia!

E aldravou a aventura do Casco, com traços mais pesados que a enegreciam. Durante semanas, aferradamente, esse fatal Casco o torturara para lhe arrendar a Torre. Mas ele tratara com o Pereira, o Pereira Brasileiro, por urna renda esplendidamente superior à que o Casco oferecia a gemer. Desde então o Casco rugia, ameaçava, por todas as tabernas da freguesia. E, nessa tarde, surde duma azinhaga, rompe para ele, de varapau

erguido! Mercê de Deus, lá se defendera, lá sacudira o bruto, com a bengala. Mas agora, sobre o seu sossego, sobre a sua vida, pairava a afronta daquele cajado. E, se o assalto se renovasse, ele varava o Casco com uma bala, como um bicho montês... Urgia, pois, que o amigo Gouveia chamasse o homem, o repreendesse rijamente, o entaipasse mesmo por algumas horas na cadeia...

O Administrador, que escutara palpando a garganta, atalhou logo, com a mão espalmada:

— Governo Civil, caro amigo, Governo Civil! Esses casos de prisão preventiva pertencem ao Governo Civil. Repreensão não basta, com tal fera!... Só cadeia, um dia de cadeia, a meia ração... O Governo Civil que me mande um oficio

ou telegrama. Você realmente corre perigo. Nem um instante a perder!... Amanhã tipoia e Governo Civil. Mesmo por amor da Ordem Pública!

E Gonçalo, compenetrado, com os ombros vergados, cedeu ante esta soberana razão da Ordem Pública:

— Bem, João Gouveia, bem!... Com efeito é uma questão de Ordem Pública. Vou amanhã ao Governo Civil.

— Perfeitamente — concluiu o Administrador puxando o cordão da campainha. — Dê recados meus ao Cavaleiro. E só lhe digo que havemos de arranjar uma votação tremenda, e foguetório, e Vivas, e ceia magna no Gago... Você não quer tomar chá, não? Então, boas-noites... E olhe! Daqui a dois anos, quando você for ministro, Gonçalo

Mendes Ramires, recorde esta nossa conversa, à noite, na Calçadinha de Vila Clara!

Gonçalo seguiu pensativamente por defronte do Correio; torneou a branca escadaria da igreja de S. Bento; meteu, alheado e sem reparar, pela estrada plantada de acácias que conduz ao cemitério. E, naquele alto da vila, de onde, ao desembocar da Calçadinha, se abrange a largueza rica dos campos desde Valverde a Craquede — sentiu que também na sua vida, apertada e solitária como a Calçadinha, se alargara um arejado espaço cheio de interessante bulício e de abundância. Era o muro, em que sempre se imaginara irreparavelmente cerrado, quede repente rachava. Eis a fenda facilitadora! Para além reluziam

todas as belas realidades, que desde Coimbra apetecera! Mas... — Mas no atravessar da fenda fragosa decerto se rasgaria a sua dignidade ou se rasgaria o seu orgulho. Que fazer?... Sim! seguramente! Estendendo os braços ao animal do Cavaleiro, conquistava a sua eleição. O círculo, enfeudado aos Históricos, elegeria submissamente o deputado que o chefe histórico ordenasse com indolente aceno. Mas essa reconciliação importava a entrada triunfal do Cavaleiro na quieta casa de Barrolo... Ele vendia, pois, o sossego da irmã, por uma cadeira em S. Bento! Não! não podia por amor de Gracinha! — E Gonçalo suspirou, com ruidoso suspiro, no luminoso silêncio da estrada.

Agora, porém, durante três, quatro

anos, os Regeneradores não trepavam ao Governo. E ele, ali, através desses anos, no buraco rural, jogando voltaretes sonolentos na Assembleia da vila, fumando cigarros calaceiros nas varandas dos Cunhais, sem carreira, parado e mudo na vida, a ganhar musgo, como a sua caduca, inútil Torre! Caramba! era faltar cobardemente a deveres muito santos para consigo e para com o seu nome!... Em breve os seus camaradas de Coimbra penetrariam nos altos empregos, nas ricas companhias; muitos nas Câmaras por vacaturas abençoadas, como a do Sanches; um ou outro mesmo, mais audaz ou servil, no Ministério. Só ele, com talentos superiores, um tal brilho histórico, jazeria esquecido e resmungando como um coxo numa estrada,

quando passa a romaria. E porquê? Pelo receio pueril de pôr a bigodeira atrevida, do Cavaleiro, muito perto dos fracos lábios de Gracinha... E por fim esse receio constituía uma injúria, uma nojenta injúria, à seriedade da irmã. Porque Portugal não se honrava com mulher mais rigidamente séria, de mais grave e puro pensar! Aquele corpinho ligeiro, que o vento levava, continha uma alma heroica. O Cavaleiro?... Podia S. Ex.ª sacudir a guedelha com graça fatal, jorrar dos olhos pestanudos a languidez às ondas — que Gracinha permaneceria tão inacessível e sólida na sua virtude, como se fosse insexual e de mármore. Oh, realmente, por Gracinha, ele abriria ao Cavaleiro todas as portas dos Cunhais — mesmo a porta do quarto dela, e bem larga, como uma

solidão bem preparada!... E depois não se cuidava de uma donzela, mas de uma viúva. Na casa do Largo de El-Rei governava, mercê de Deus, marido brioso, marido rijo. A esse, só a esse, competia escolher as intimidades do seu lar — e nele manter quietação e recato. Não! esse receio de uma imaginável fragilidade de Gracinha, da sua honrada, altiva Gracinha — esse receio, perverso e louco, certamente o devia varrer, com o coração desafogado e sorrindo. — E, na clara solidão da estrada, Gonçalo Mendes Ramires atirou um gesto decidido e terminante que varria.

Restava, porém, a sua própria humilhação. Desde anos, ruidosamente, conversando e escrevendo, em Coimbra, em Vila Clara, em Oliveira, na Gazeta do

Porto — ele demolira o Cavaleiro! E subiria agora, de espinhaço vergado, as escadarias do Governo Civil, murmurando o seu — *peccavi*, *mea culpa*, *mea maxima culpa*?... Que escândalo na cidade! — «O Fidalgo da Torre lá precisou e lá veio...». Era o transbordante triunfo do Cavaleiro. O único homem que no Distrito se conservava erguido, pelejando, trovejando as verdades — desarmava, emudecia, e encolhidamente se enfileirava no séquito louvaminheiro de S. Ex.ª! Bem duro!... Mas, que diabo, havia superiormente o interesse do país! — E, tão admirável lhe apareceu esta razão, que a bradou com ardor na mudez da estrada: — «Há o país!»

Sim, o país! Quantas reformas a proclamar, a realizar! Em Coimbra, no

Quinto Ano, já se ocupara da Instrução Pública duma remodelação do Ensino, todo industrial, todo colonial, sem latim, sem ociosas belas-letras, criando um povo formigueiro de Produtores e de Exploradores... E os camaradas, nos sonhos ondeantes de Futuro, quando repartiam os Ministérios, concordavam sempre: — «O Gonçalo para a Instrução Pública!» Por essas ideias poderosas, pelo saber acumulado, todo ele se devia à Nação — como outrora pela força, os grandes Ramires armados. E pela Nação cumpria que o seu orgulho de homem cedesse ante a sua tarefa de cidadão...

Depois, quem sabe? Entre o Cavaleiro e ele afogadamente se enroscava todo um passado de camaradagem, apenas entorpecido — que

talvez revivesse nesse encontro, os enlaçasse logo num abraço penetrante, onde os antigos agravos se sumiriam como um pó sacudido... Mas para que imaginar, remoer? Uma necessidade se sobrepunha, iniludível — a de comparecer — logo de manhã em Oliveira, no Governo Civil, requerendo a supressão do Casco. Dessa pressa dependia o seu sossego de vida e de inteligência. Nunca ele lograria trabalhar na novela,trilhar folgadamente a estrada de Vila Clara, sabendo que em torno o outro, pelas quelhas e sombras, rondava com a espingarda. E para não regressar aos costumes bravios dos seus avós, circulando através do Concelho entre as carabinas dos criados, necessitava o Casco domado, imobilizado. Era pois

inadiável correr ao Governo Civil, para bem da Ordem. E depois, quando ele se encontrasse no gabinete do Cavaleiro, diante da mesa do Cavaleiro — a Providência decidiria... «A Providência decidirá!»

E ancorado nesta resolução, o Fidalgo da Torre parou, olhou. Levado pela quente rajada de pensamentos, chegara à grade do cemitério da vila, que o luar branqueava como um lençol estendido. Ao fundo da alameda que o divide, clara na claridade triste, o escarnado Cristo chagado e lívido, sobre a sua alta cruz negra, pendia, mais dolorido e lívido no silêncio e na solidão, com uma tristíssima lâmpada aos pés esmorecendo. Em torno eram ciprestes, sombras de ciprestes, brancuras de

lápides, as cruzes rasteiras das campas pobres, uma paz morta pesando sobre os mortos; e no alto a Lua amarela e parada. Então o Fidalgo sentiu um arrepiado medo do Cristo, das lousas, dos defuntos, da Lua, da solidão. E despediu numa carreira até avistar as casas da Calçadinha, por onde descambou como uma pedra solta. Quando se deteve no Largo do Chafariz, um mocho piava na torre da Câmara, melancolizando o repouso de Vila Clara apagada e adormecida. Mais impressionado, Gonçalo correu à taberna da Serena, recolheu os criados que esperavam jogando a bisca lambida. E com eles atravessou de novo a vila até à cocheira do Torto — para recomendar que lhe mandassem à Torre, às nove horas da manhã, a parelha ruça.

Através do postigo, que se abrira com cautela no portão chapeado, a mulher do Torto gemeu, indecisa:

— Ai, meu Deus, não sei se poderá... Ele às nove tem um serviço... Pois não faria mais conta ao Fidalgo aí pela volta das onze?

— Às nove! — berrou Gonçalo.

Desejava apear cedo ao portão do Governo Civil, para evitar a curiosidade daqueles cavalheiros de Oliveira — que, depois do meio-dia, se juntavam na Praça, vadiando por debaixo da Arcada.

Mas às nove e meia Gonçalo, que até ao luzir da madrugada se agitara pelo quarto, num tumulto de esperanças e receios — ainda se barbeava, em camisa,

diante do vasto espelho de colunas douradas. Depois aproveitou a caleche para deixar na *Feitosa* os seus bilhetes de pêsames à bela viúva, à D. Ana. Ao meio-dia, esfaimado, almoçou na Vendinha, enquanto a parelha resfolegava. E batia a meia depois das duas, quando enfim se apeou em Oliveira diante do portão do antigo convento de S. Domingos, ao fundo da Praça, onde seu pai, quando chefe do Distrito, instalara faustosamente as repartições do Governo Civil.

Àquela hora, já na frescura e sombra da Arcada, que orla um lado da Praça (outrora *Praça da Prataria*, hoje *Praça da Liberdade)*, os cavalheiros de Oliveira mais desocupados, os «rapazes», preguiçavam, em cadeiras de verga, à porta da Tabacaria Elegante e da loja de

Leão. Gonçalo, cautelosamente, baixara as cortinas verdes da caleche. Mas no pátio do Governo Civil, ainda guarnecido de bancos monumentais do tempo dos frades, esbarrou com o primo José Mendonça, que descia a escadaria, fardado. Foi um assombro para o alegre capitão, moço esbelto, de bigode curto, picado levemente de bexigas.

— Tu por aqui, Gonçalinho! E de chapéu alto! Caramba, deve ser coisa gorda!

O Fidalgo da Torre confessou, corajosamente. Chegava nesse instante de Santa Ireneia para falar ao André Cavaleiro...

— Está ele cá, esse ilustre senhor?

O outro recuou, quase aterrado:

— Ao Cavaleiro?! E ao Cavaleiro

que vens falar?!... Santíssima Virgem! Então desabou Troia!

Gonçalo gracejou, corando. Não! não se passara desgraça épica como a de Troia... De resto podia revelar, ao amigo Mendonça, o caso que o arrastava à presença augusta de S. Ex.ª o Sr. Governador Civil. Era um homem dos Bravais, um Casco, que, furioso por não conseguir o arrendamento da Torre, o ameaçara, rondava agora a estrada de Vila Clara de noite, à espreita, com uma espingarda. E ele, não ousando «fazer alta e boa justiça» pelas mãos dos seus criados, como os Ramires feudais — reclamava modestamente da autoridade superior uma ordem para que o Gouveia mantivesse, dentro da legalidade e dos Mandamentos de Deus, o façanhudo dos

Bravais...

— Só isto, uma pequenina questão de paz pública... E então o grande homem está lá em cima? Bem, até logo, Zezinho... A prima, de saúde? Eu naturalmente janto nos Cunhais. Aparece!

Mas o capitão não despegava do degrau de pedra, abrindo pachorrentamente a cigarreira de couro:

— E que me dizes tu à novidade? O pobre Sanches Lucena?...

Sim, Gonçalo soubera na Assembleia. Um ataque, hem? Mendonça acendeu, chupou o cigarro:

— De repente, com um aneurisma, a ler o *Notícias!*... Pois ainda há três dias a Maricas e eu jantámos na *Feitosa*. Até eu toquei a duas mãos, com a D. Ana, o quarteto do *Rigoleto*. E ele bem,

conversando, tomando a sua aguardentezinha de cana...

Gonçalo esboçou um gesto de piedade e tristeza:

— Coitado... Também há semanas o encontrei na Bica Santa. Bom homem, bem educado... E aí temos agora a bela D. Ana vaga.

— E o círculo!

— Oh, o círculo! — murmurou o Fidalgo da Torre com risonho desdém. — A mim antes me convinha a viúva. É Vénus com duzentos contos! Infelizmente tem um a voz medonha...

O primo Mendonça acudiu, com interesse, uma convicção dedicada:

— Não! não! na intimidade, perde aquele tom empapado... Não imaginas! até um timbre natural, agradável... E depois,

menino, que corpo! que pele!

— Deve ficar esplêndida agora com o luto! — concluiu Gonçalo. — Bem, adeusinho! Aparece nos Cunhais... Eu corro ao Cavaleiro, para que S. Ex.ª me salve com o seu braço forte!

Sacudiu a mão do Mendonça, galgou a escadaria de pedra.

Mas o capitão, que metera para a travessa de S. Domingos, desconfiou daquela história de ameaças, de espingardas... «Qual! Aqui anda política!» E quando, passada uma hora lenta, repenetrou na Praça e avistou a caleche da Torre ainda encalhada à porta do Governo Civil — correu à Arcada, desabafou logo com os dois Vila-Velhas, ambos pensativamente encostados aos dois umbrais da Tabacaria Elegante:

— Vocês sabem quem está no Governo Civil?... O Gonçalo Ramires!... Com o Cavaleiro!

Todos em roda se mexeram, como acordando, nas gastas cadeiras de verga — onde os estendera sonolentamente o silêncio e a ociosidade da arrastada tarde de verão. E o Mendonça, excitado, contou que desde as duas horas e meia Gonçalo Mendes Ramires, «em carne e osso», se conservava fechado com o Cavaleiro, no Governo Civil, numa conferência magna! O espanto e a curiosidade foram tão ardentes, que todos se ergueram, se arremessaram para fora dos Arcos, a espiar a bojuda varanda do convento, sobre o portão — que era a do gabinete de Sua Excelência.

Precisamente, nesse momento, José

Barrolo, a cavalo, de calça branca, de rosa branca na quinzena de alpaca, dobrava a esquina da Rua das Vendas. E o interesse todo daqueles cavalheiros se precipitou para ele, na esperança duma revelação:

— Ó Barrolo!

— Ó Barrolinho, chega cá!

— Depressa, homem, que é caso rijo!

Barrolo, ladeando, abeirou da Arcada; e os amigos imediatamente lhe atiraram a nova formidável, apertados em volta da égua. O Gonçalo e o Cavaleiro cochichando secretamente, toda a manhã! A caleche da Torre à espera, com a parelha adormecida! E já começavam a repicar os sinos da Sé!

Barrolo, num pulo, desmontou. E

enquanto um garoto lhe passeava a égua — estacou entre os amigos, com o chicote detrás das costas, pasmando também para a varanda de pedra do Governo Civil.

— Pois eu não sei nada! O Gonçalo a mim não me disse nada! — afirmava ele, assombrado. — Também já há dias não vem à cidade... Mas não me disse nada! E da última vez que cá esteve, nos anos da Graça, ainda destemperou contra o Cavaleiro!

A todos o caso parecia «de estrondo!» E subitamente um silêncio esmagou a Arcada, trespassada de emoção. Na varanda, entre as vidraças abertas vagarosamente, aparecera o Cavaleiro com o Fidalgo da Torre, conversando, risonhos, de charutos acesos. Os largos olhos do Cavaleiro

pousaram logo, com malícia, sobre os «rapazes» apinhados em pasmo à borda dos Arcos. Mas foi um lampejar de visão. S. Ex.ª remergulhara no gabinete — o Fidalgo também, depois de se debruçar da varanda, espreitar a caleche da Torre. Entre os amigos rompeu um clamor:

— Viva! Reconciliação!

— Acabou a guerra das Rosas!

— E as correspondências da *Gazeta do Porto?...*

— É que houve peripécia tremenda!

— Temos o Gonçalinho administrador de Oliveira!

— Upa, Ex.mo Senhor, upa!

Mas de novo emudeceram. O cavaleiro e o Fidalgo reapareciam, numa enfronhada conversa, que os deteve um momento esquecidos, na evidência da

varanda escancarada. Depois o Cavaleiro, com uma familiaridade carinhosa, bateu nas costas de Gonçalo — como se publicasse a sua reconciliação diante da Praça maravilhada. E outra vez se sumiram, nesse passear conversado e intimo, que os trazia da sombra do gabinete para a claridade da janela, roçando as mangas, misturando o fumo leve dos charutos. Em baixo o bando crescia, maisexcitado. Passara o Melo Alboim, o Barão das Marges, o Dr. Delegado; e, chamados com ânsia, cada um correra, devorara esgazeadamente a novidade, embasbacara para o velho balcão de pedra que o sol dourava. Os grossos ponteiros do relógio do Governo Civil, já se acercavam das quatro horas. Os dois Vila-Velhas, outros «rapazes»,

estafados, retrocederam às cadeiras de verga da Tabacaria. O Dr. Delegado, que jantava às quatro e sofria do estômago, despegou desconsoladamente dos Arcos, suplicando ao Pestana seu vizinho «que aparecesse ao café, para contar o resto...». Melo Alboim, esse, enfiara para casa, defronte do Governo Civil, na esquina do Largo; e da janela, disfarçado por trás da mulher e da cunhada, ambas de chambres brancos e de papelotes, sondava o gabinete de S. Ex. a com um binóculo. Por fim bateram, com estendida pancada, as quatro horas. Então o Barão das Marges, na sua impaciência borbulhante, decidiu subir ao Governo Civil, «para farejar!...»

Mas nesse momento André Cavaleiro assomava de novo à varanda — sozinho,

com as mãos enterradas no jaquetão de flanela azul. E quase imediatamente a caleche da Torre largou da porta do Governo Civil, atravessou a Praça, com os estores verdes meio corridos,descobrindo apenas, àqueles cavalheiros ávidos, as calças claras do Fidalgo.

— Vai para os Cunhais!

Lá o apanhava pois o Barrolo! E todos apressaram o bom Barrolo a que montasse, recolhesse, para ouvir do cunhado os motivos e os lances daquela paz histórica! O Barão das Marges até lhe segurou o estribo. Barrolo, alvoroçadamente, trotou para o largo de El-Rei.

Mas Gonçalo Mendes Ramires, sem parar nos Cunhais, seguia para a

Vendinha, onde decidira jantar, dando um descanso à parelha esfalfada. E logo depois das últimas casas da cidade subiu os estores, respirou deliciosamente, com o chapéu sobre os joelhos, a luminosa frescura da tarde — mais fresca e de uma claridade mais consoladora que todas as tardes da sua vida... Voltava de Oliveira vencedor! Furara enfim através da fenda, através do muro! E sem que a sua honra ou o seu orgulho se esgaçassem nas asperezas estreitas da fenda!... Abençoado Gouveia, esperto Gouveia! E abençoada a esperta conversa, na véspera, pela Calçadinha de Vila Clara!...

Sim, decerto, fora custoso aquele mudo momento em que se sentara secamente, hirtamente, à borda da poltrona, junto da pesada mesa

administrativa de S. Ex.ª Mas mantivera muita dignidade e muita simplicidade... — «Sou forçado (dissera) a dirigir-me ao Governador Civil, à autoridade, por um motivo de ordem pública...». E a primeira avença partira logo do Cavaleiro, que torcia a bigodeira, pálido: —, Sinto profundamente que não seja ao homem, ao velho amigo, que Gonçalo Mendes Ramires se dirija...». Ele ainda se conservara retraído, resistente, murmurando com uma frieza triste: — «As culpas não são decerto minhas...». E então o Cavaleiro, depois de um silêncio em que lhe tremera o beiço: — «Ao cabo de tantos anos, Gonçalo, seria mais caridoso não aludir a culpas, lembrar somente a antiga amizade, que, pelo menos em mim, se conservou a mesma, leal e séria». A

esta sensibilizada invocação, ele volvera, com doçura, com indulgência: — «Se o meu antigo amigo André recorda a nossa antiga amizade, eu não posso negar que em mim também ela nunca inteiramente se apagou...». Ambos balbuciaram ainda alguns confusos lamentos sobre os desacordos da vida. E quase insensivelmente se trataram por *tu*! Ele contou ao Cavaleiro a torpe ousadia do Casco. E o Cavaleiro, indignado como amigo, mais como autoridade, telegrafara logo ao Gouveia um mandado forte para inutilizar o valentão dos Bravais... Depois conversaram da morte do Sanches Lucena, que impressionava o Distrito. Ambos louvaram a beleza da viúva, os seus duzentos contos. O Cavaleiro recordou a manhã, na *Feitosa*, em que entrando pela

porta pequena do jardim, a surpreendera, dentro dum caramanchão de rosas, a apertar a liga. Uma perna divina! Ambos se recusaram, rindo, a casar com a D. Ana, apesar dos duzentos contos e da divina perna... — já entre eles se restabelecera a antiga familiaridade de Coimbra. Era «tu Gonçalo, tu André, oh menino, oh filho!»

E fora André, naturalmente, que aludira à desaparição do deputado do Governo, à surpresa do circulo vago... Ele então, com indiferença, estirado na poltrona, rufando com os dedos na borda da mesa, murmurara:

— Sim, com efeito... Vocês agora devem estar embaraçados, assim de repente...

Mais nada! apenas estas indolentes

palavras, murmuradas através do rufo. E o Cavaleiro, logo, sem preparação, apressadamente, empenhadamente, lhe oferecera o círculo! — Pousara os olhos nele com lentidão, como para o penetrar, o escutar... Depois, insinuante e grave:

— Se tu quisesses, Gonçalo, não estávamos embaraçados...

Ele ainda exclamara, com surpresa e riso:

— Como, se eu quisesse?

E o André, sempre com os olhos nele cravados, os largos olhos lustrosos, tão persuasivos:

— Se tu quisesses servir o país, ser deputado por Vila Clara, já não estávamos embaraçados, Gonçalo!

Se tu quisesses... E perante esta insistência que rogava, tão sincera e

comovida, em nome do país, ele consentira, vergara os ombros:

— Se te posso ser útil, e ao país, estou às vossas ordens.

E eis a fenda transposta, a áspera fenda, sem rasgão no seu orgulho ou na sua dignidade! Depois conversaram desafogadamente, passeando pelo gabinete, desde a estante carregada de papéis até à varanda — que André abrira, por causa dum cheiro persistente de petróleo entornado na véspera. André tencionava partir nessa noite para Lisboa — para conferenciar com o Governo, depois daquela inesperada desaparição do Lucena. E, agora em Lisboa, imporia o querido Gonçalo como único deputado, depois do Sanches de Lucena, seguro esubstancial — pelo nome, pelo talento,

pela influência, pela lealdade. E eis a eleição consumada! De resto (declarara o Cavaleiro, rindo) aquele círculo de Vila Clara constituía uma propriedade sua — tão sua como Corinde. Livremente, poderia eleger o servente da Repartição, que era gago e bêbado. Prestava pois um serviço esplêndido ao Governo, à Nação, apresentando um moço de tão alta origem e de tão fina inteligência... Depois acrescentara:

— Não tens a pensar mais na eleição. Vais para a Torre. Não contas a ninguém, a não ser ao Gouveia. Esperas lá, muito quietinho, telegrama meu de Lisboa. E, recebido ele, estás deputado por Vila Clara, anuncias a teu cunhado, aos amigos... Depois, no domingo, vens almoçar comigo a Corinde, às onze.

Então ambos se apertaram num abraço que fundiu de novo, e para sempre, as duas almas apartadas. Depois, ao cimo da escadaria de pedra onde o acompanhara, André, repenetrando timidamente no Passado, murmurou com um riso pensativo: — «Que tens tu feito ultimamente, nessa querida Torre?» E, ao saber da novela para os ANAIS, suspirou com saudade dos tempos de Imaginação e de Arte em Coimbra, quando ele amorosamente lapidava o primeiro canto dum poema heroico, o *Fronteiro de Ceuta*. Enfim outro abraço — e alivoltava deputado por Vila Clara.

Todos esses campos, esses povoados que avistava da portinhola da caleche, era ele que os representava em Cortes, ele, Gonçalo Mendes Ramires... E

superiormente os representaria, mercê de Deus! Porque já as ideias o invadiam, viçosas e férteis. Na Vendinha, enquanto esperava que lhe frigissem um chouriço com ovos e duas postas de sável, meditou, para a Resposta ao Discurso da Coroa, um esboço sombrio e áspero da Nossa Administração na África. E lançaria então um brado à Nação, que a despertasse, lhe arrastasse as energias para essa África portentosa, onde cumpria, como glória suprema e suprema riqueza, edificar de costa a costa um Portugal maior!... A noite cerrara, ainda outras ideias o revolviam, vastas e vagas — quando o trote esfalfado da parelha estacou no portão da Torre.

Ao outro dia (terça-feira) às dez horas, o Bento entrou no quarto do Fidalgo com um telegrama, que chegara à

vila de madrugada. Gonçalo pensou com um deslumbrado pulo do coração: — «É do Governo!» — Era do Pinheiro, gritando pela novela. Gonçalo amarrotou o telegrama. A novela! Como poderia labutar na novela, agora, todo na impaciência e no esforço da sua eleição?... Nem almoçou sossegadamente — retendo, através dos pratos que arredava, um desejo desesperado de «contar ao Bento». E, sorvido o café num sorvo impaciente,atirou para Vila Clara, a desafogar com o Gouveia. O pobre Administrador jazia de novo no canapé de palhinha, com papas na garganta. E toda a tarde, na estreita sala forrada de papel verde-gaio, Gonçalo exaltou os talentos do André, «homem de governo e de ideias, Gouveia!» — celebrou o

Ministério Histórico, «o único capaz de salvar esta choldra, Gouveia!» — desenrolou vistosos projetos de Lei que meditava sobre a África, «a nossa esperança magnífica, Gouveia!»

— Enquanto o Gouveia, estirado, só rompia a mudez e a imobilidade, para murmurar chochamente, apalpando o calor das papas:

— E a quem deve você tudo isso, Gonçalinho? Cá ao «meco»!

Na quarta-feira, ao acordar, tarde, o seu pensamento saltou logo sofregamente para o André Cavaleiro, que a essa hora, em Lisboa, almoçava no Hotel Central (sempre, desde rapaz, André se conservara fiel no Hotel Central). E todo o dia, fumando cigarros insaciavelmente através do silêncio da casa e da quinta,

seguiu o Cavaleiro nos seus giros de chefe de Distrito, pela Baixa, pela Arcada, pelos Ministérios... Naturalmente jantaria com o tio Reis Gomes, Ministro da justiça. Outro convidado certamente seria o José Ernesto, Ministro do Reino, condiscípulo do Cavaleiro, seu confidente político... Nessa noite, pois, tudo se decidia!

— Amanhã, pelas dez horas, tenho cá telegrama do André.

Nenhuma notícia chegou à Torre: — e o Fidalgo passou a lenta quinta-feira à janela, vigiando a estrada poeirenta por onde surdiria o moço do telégrafo, um rapaz gordo que ele conhecia pelo boné de oleado e pela perna manca. À noitinha, intoleravelmente inquieto, mandou um moço a Vila Clara. Talvez o telegrama

arrastasse, esquecido, pela mesa daquele «besta do Nunes do Telégrafo!» Não havia telegrama para o Fidalgo. Então ficou certo de surgirem em Lisboa dificuldades! E toda a noite, sem sossego, numa indignação que rolava e crescia, imaginou o Cavaleiro cedendo molemente a outras exigências do Ministro — aceitando com servilismo para Vila Clara a candidatura de algum imbecil da Arcada, de algum chulo escrevinhador do Partido!

Pela manhã injuriou o Bento, por lhe trazer tão tarde os jornais e o chá:

— E não há telegrama, nem carta?

— Não há nada.

Bem, fora traído! Pois nunca, nunca, aquele infame Cavaleiro transporia a porta dos Cunhais! De resto, que lhe

importava a burlesca eleição? Mercê de Deus que lhe sobravam outros meios de provar soberbamente o seu valor — e bem superiores a uma ensebada cadeira em S. Bento! Que miséria, na verdade, curvar o seu espírito e o seu nome ao rasteiro serviço do S. Fulgêncio, o obeso e horrendo careca! E resolveu logo regressar aos cimos puros da Arte, ocupar altivamente todo o dia no nobre e elegante trabalho da sua novela.

Depois de almoço ainda abancou, com esforço, remexeu nervosamente as tiras de papel. E de repente agarrou o chapéu, abalou para Vila Clara, para o telégrafo. O Nunes não recebera nada para S. Ex.ª! — Correu, coberto de suor e pó, à Administração do Concelho. O Sr.Administrador partira para Oliveira!...

Positivamente vencera outra combinação... eis a sua confiança burlada! E recolheu à Torre, decidido a tomar um desforço tremendo do Cavaleiro por tanta injúria amontoada sobre o seu nome, sobre a sua dignidade! Toda a abafada e enevoada sexta-feira a consumiu amargamente meditando esta vingança, que queria bem pública e bem sangrenta. A mais saborosa, mais simples, seria rasgar a bigodeira do infame com chicotadas, na escadaria da Sé, um domingo, à saída da missa! Ao escurecer, depois dojantar que mal debicara, naquele despeito e humilhação que o pungiam, envergou o casaco para voltar a Vila Clara. Não entraria no Telégrafo... já com Vergonha do Nunes. Mas gastaria a noite na Assembleia, jogando o bilhar, tomando

um alegre chá, lendo risonhamente osjornais Regeneradores, para que todos recordassem a sua indiferença — se por acaso, mais tarde, conhecessem a trama em que resvalara.

Desceu ao pátio, onde as árvores adensavam a sombra do crepúsculo, carregado de fuscas nuvens. E abria o portão, quando esbarrou com um rapaz que se esbaforia sobre a perna manca e gritava: — «É um telegrama!» Com que voracidade lho arrancou das mãos! Correu à cozinha, ralhou desabridamente à Rosa pela falta da luz tardia! E, com um fósforo a arder nos dedos, devorou, num lampejo, as linhas benditas: — «*Ministro aceita, tudo arranjado..*». O resto era o Cavaleiro lembrando que no domingo o esperava em Corinde, às onze, para

almoçarem e conversarem...

Gonçalo Mendes Ramires deu cinco tostões ao moço do telégrafo — galgou as escadas. Na livraria, à claridade mais segura do candeeiro, releu o telegrama delicioso. *Ministro aceita, tudo arranjado!...* Na sua transbordante gratidão pelo Cavaleiro, ideou logo um jantar soberbo, oferecido nos Cunhais pelo Barrolo, cimentando para sempre a reconciliação das duas Casas. E recomendaria a Gracinha que, para mais honrar a doce festa, se decotasse, pusesse o seu colar magnífico de brilhantes, a derradeira joia histórica dos Ramires.

— Aquele André! que flor, que rapaz!

O relógio de charão, no corredor, rouquejou as nove horas. E só então

Gonçalo percebeu a densa chuva que alagava a quinta, e a que ele, embebido na sua glória, passeando pela livraria num luminoso rolo de imaginações, não sentira o rumor sobre a pedra da varanda, nemsobre a folhagem dos limoeiros.

Para se calmar, ocupar a noite encerrada, deliberou trabalhar na novela. E realmente agora convinha que terminasse essa *Torre de D. Ramires* antes do afã da eleição — para que em janeiro, ao abrir das Cortes, surgisse na Política com o seu velho nome aureolado pela Erudição e pela Arte. Envergou o roupão de flanela. E à banca, com o costumado bule de chá inspirador, repassou lentamente o começo do Capítulo II — que o não contentava.

Era no castelo de Santa Ireneia,

naquele dia de agosto em que Lourenço Ramires caíra no vale de Canta Pedra, malferido e cativo do Bastardo de Baião. Pelo Almocadém dos peões, que, com o braço varado por uma chuçada, voltara em desesperada carreira ao castelo, já Tructesindo Ramires conhecia o desventuroso desfecho da lide. — E neste lance o tio Duarte, no seu poemeto do *Bardo*, com um lirismo mole, mostrava o enorme Rico-Homem gjmendo derramadamente através da sala de armas, na saudade desse filho, flor dos Cavaleiros de Riba Cávado, derrubado, amarrado numas andas, à mercê da gente de Baião...

Lágrimas irrepresas lhe rebentam,

Arfa o arnês c'o soluçar ardente!...

Ora, levado no harmonioso sulco do tio Duarte, também ele, nas linhas primeiras do capítulo, esboçara o velho abatido sobre um escanho, com lágrimas reluzentes sobre as barbas brancas, as duras mãos descaídas como as de lânguida Dona — enquanto que nas lajes, batendo a cauda, os seus dois lebréus o contemplam numa simpatia ansiada e quase humana. Mas, agora, este choroso desalento não lhe parecia coerente com a alma tão indomavelmente violenta do avô Tructesindo. O tio Duarte, da casa das Balsas, não era um Ramires, não sentia hereditariamente a fortaleza da raça: e, romântico plangente de 1848, inundara

logo de prantos românticos a face férrea de um lidador do século XII, dum companheiro de Sancho I! Ele, porém, devia restabelecer os espíritos do senhor de Santa Ireneia, dentro da realidade épica. E, riscando logo esse descorado e falso começo de capítulo, retomou o lance mais vigorosamente, enchendo todo o castelo de Santa Ireneia duma irada e rija alarma. Na sua lealdade sublime e simples Tructesindo não cuida do filho — adia a desforra do amargo ultraje. E o seu esforço todo se comete a apressar os aprestos da mesnada, para correr ele sobre Montemor, e levar às senhoras Infantas os socorros de que as privara a emboscada de Canta Pedra! Mas quando o impetuoso Rico-Homem com o adail, na sala de armas, regia a ordem da arrancada

— eisque os esculcas, abrigados do calor de agosto nos miradouros, enxergam ao longe, para além do arvoredo da Ribeira, coriscos de armas, uma cavalgada subindo para Santa Ireneia. O vílico, o gordo e azafamado Ordonho, galga arquejando aos eirado," da torre albarrã — e reconhece o pendão de Lopo de Baião, o seu toque de trompas à mourisca, arrastado e triste no silêncio do, campos. Então arqueia as cabeludas mãos na boca, atira o alarido:

— Armas, armas! que é gente de Baião!... Besteiros, às quadrelas! Homens em chusma às levadiças da carcova!

E Gonçalo, coçando a testa com a rama da pena, rebuscava ainda outros verídicos brados, de bravo som Afonsino — quando a porta da livraria abriu

cautelosamente, através daquele perro rangido que o desesperava. Era o Bento, em mangas de camisa:

— O Sr. Doutor não poderia descer cá abaixo à cozinha?

Gonçalo embasbacou para o Bento, pestanejando, sem compreender:

— À cozinha?...

— É que está lá a mulher do Casco a levantar uma celeuma. Parece que lhe prenderam o homem esta tarde... Apareceu ai por baixo de água, com os pequenos, até um de mama. Quer por força falar com o Sr. Doutor. E não se cala, lavada em lágrimas, de joelhos com osfilhos, que é mesmo uma Inês de Castro!

Gonçalo murmurou — «que maçada!» E que contrariedade! A mulher, numa agonia, entre gritos, arrastando os

filhos suplicantes até ao portão da Torre! E ele, nas vésperas da sua eleição, aparecendo a todas as freguesias enternecidas como um fidalgo desumano!... — Atirou a pena furiosamente:

— Que maçada! Diz à criatura que me deixe, que se não aflija... O Sr. Administrador amanhã manda soltar o Casco. Eu mesmo vou a Vila Clara, antes de almoço, para pedir. Que se não aflija, que não aterre os pequenos... Corre, diz, homem!

Mas o Bento não despegava da porta:

— Pois a Rosa e eu já lhe dissemos... Mas a mulherzinha não acredita, quer pedir ao Sr. Doutor! Veio por baixo de água. Até um dos pequenitos

está bem doentinho, ainda não fez senão tremer...

Então Gonçalo, sensibilizado, atirou à mesa um murro que tresmalhou as tiras da novela.

— Ora se uma coisa destas se atura! Um homem que me quis matar! E agora, por cima, é sobre mim que desabam as lágrimas, e as cenas, e a criança doente! Não se pode viver nesta terra! Um dia vendo casa e quinta, emigro para Moçambique, para o Transval, para onde não haja maçadas... Bem, diz à mulher que já desço.

O Bento aprovou, com efusão:

— Pois se o Sr. Doutor lhe não custa... E como é para dar uma boa nova... Sempre consola a pobre mulherzinha!...

— Lá vou, homem, lá vou! Não me

maces também... Impossível trabalhar nesta casa! Outra noite perdida!

Enfiou violentamente para o quarto, atirando as portas — com a ideia de meter na algibeira do roupão duas notas de dez tostões que consolariam os pequenos. Mas, diante da gaveta, recuou, vexado. Que brutalidade, compensar com dinheiro criancinhas — a quem ele arrancara o pai, algemado, para o trancar numa enxovia! Agarrou simplesmente numa boceta de alperces secos — dos famosos alperces do Convento de Santa Brígida de Oliveira, que na véspera lhe mandara Gracinha. E, cerrando lentamente o quarto, já se arrependia da sua severidade, tão estouvada, que assim desmanchava a quietação de um casal. Depois no corredor, ante a chuva

clamorosa que dos telhados se despenhava nas lajes do pátio, ainda mais doridamente se impressionou, com a imagem da pobre mulher, tresloucada pela negra estrada, puxando os filhinhos encharcados, moídos, contra a tormenta solta. E ao penetrar no corredor da cozinha — tremia como um culpado.

Através da porta envidraçada sentiu logo a Rosa e o Bento consolando a mulher, com palradora confiança, quase risonhos. Mas os «ais>, dela, os ruidosos lamentos pelo «seu rico homem», ressoavam, mais agudos, como a rebater e a abafar toda a consolação. E apenas Gonçalo empurrou timidamente a porta — quase acuou no espanto e medo daquela aflição estridente que se arremessava para ele e para a sua misericórdia! De rojos

nas lajes, torcendo as magras mãos sobre a cabeça, toda de negro, parecendo mais negra e dolorosa contra a vermelhidão do lençol estendido que secava ao lume forte da lareira — a criatura estalara num tumulto de súplicas e gritos:

— Ai, meu rico senhor, tenha compaixão! Ai, que me prenderam o meu homem, que mo vão mandar para a África degredado! Jesus, meus filhinhos da minha alma que ficam sem pai! Ai, pelas suas almas meu senhor, e por toda a sua felicidade!... Eu sei que ele teve culpa! Aquilo foi perdição que lhe deu! Mas tenha piedade destas criancinhas! Ai, o meu pobre homem que está a ferros! Ai, meu rico senhor, por quem é!

Com as pálpebras humedecidas, agarrando desesperadamente a boceta de

alperces, Gonçalo balbuciava, através da emoção que o estrangulara:

— Oh mulher, sossegue, já o vão soltar! Sossegue! já dei ordem! já o vão soltar!

E dum lado a Rosa, debruçada sobre a escura criatura que gemia, recomeçava docemente: — «Pois foi o que lhe dissemos, tia Mana! Logo pela manhã, o vão soltar!» — E do outro o Bento, batendo na coxa, com impaciência: — «Oh mulher, acabe com esse escarcéu! Pois se oSr. Doutor prometeu! Logo pela manhã o vão soltar!»

Mas ela não se calmava, com o lenço da cabeça desmanchado, uma trança desprendida, soluçando e clamando através dos soluços:

— Ai que eu morro, se o não vejo

solto! Ai perdão, meu rico senhor da minha alma!...

Então Gonçalo, que aquele infindável e obtuso queixume torturava, como um ferro cravado e recravado, bateu o chinelo nas lajes, berrou:

— Escute, mulher! E olhe para mim! Mas de pé, de pé!... E olhe bem, olhe direita!

Hirtamente erguida, atirando as mãos para as costas como a escapar de algemas que também a ameaçassem — ela arregalou para o Fidalgo os olhos espavoridos, fundos olhos pretos, de fundas olheiras tristes, que lhe enchiam a face rechupada e morena.

— Bem, perfeitamente! — exclamava Gonçalo. — E agora diga! Acha que tenho bojo de lhe mentir, quando

vossemecê está nessa aflição? Pois então sossegue, acabe com os gritos, que, sob minha palavra, amanhã cedo, o seu homem está solto!

E a Rosa e o Bento, ambos triunfando:

— Pois que lhe dizia a gente, criatura de Deus? Se o Sr. Doutor tinha prometido... Amanhã lá tem o homem!

Lentamente ela limpava as lágrimas, já silenciosas, à ponta do avental negro. Mas ainda desconfiada, com os tenebrosos olhos mais arregalados, devorando Gonçalo. E o Fidalgo mandava com certeza a ordem, cedinho, de madrugada?... — Foi o Bento que a convenceu, comviolência:

— Oh mulher, você até parece atrevida! Ora essa! Pois duvida da

palavra do Sr. Doutor?

Ela soltou o avental, baixou a cabeça, suspirou simplesmente:

— Ai, então muito obrigada, seja pela felicidade de todos...

E agora a curiosidade de Gonçalo procurava os pequenos que ela acarretara desde os Bravais através da chuva cerrada. A pequenina de mama dormia com beatitude sobre a tampa de uma arca, onde a boa Rosa a aconchegara entre mantas e fronhas. Mas o pequeno, de sete anos, encolhido numa cadeira diante do lume, rente ao lençol que secava, secando também, com a carinha afogueada de febre, tossia despedaçadamente, num cabecear de sono e cansaço, a arquejar, a gemer contra a tosse que o esfalfava.

Gonçalo pousou a boceta de alperces

na arca, palpou a mão com que ele, sem cessar, raspava pela abertura da camisa encardida o peito ainda mais encardido.

— Mas esta criança tem febre!... E você, com uma noite destas, traz o pequeno assim desde os Bravais, mulher?

Da cadeirinha baixa, onde se sentara prostrada, ela murmurou, sem erguer a magra face, torcendo a ponta do avental:

— Ai! era para que eles também pedissem, que estavam sem pai, coitadinhos!

— Vossemecê é doida, mulher! E pretende talvez voltar para os Bravais, debaixo de água, com as crianças?

Ela suspirou:

— Ai! volto, volto... Não posso deixar sozinha a mãe do meu homem, que tem oitenta anos e está entrevada...

Então o Fidalgo cruzou descoroçoadamente os braços — no embaraço daquela aventura, em que, por culpa da sua ferocidade, se arriscavam duas crianças. Mas a Rosa entendia que a pequenina, a de mama, não sofreria com a caminhada, bem chegadinha ao colo da mãe, debaixo de uma manta grossa. Agora o outro, com a tosse, com a febre...

— Esse fica cá! — exclamou logo Gonçalo, decidido. — Como se chama ele? Manuel... Bem! O Manuel fica cá. E vá descansada, que a Sra. Rosa toma cuidado. Precisa uma boa gemada, depois um bom suadouro. Um destes dias lá lhe aparece nos Bravais, curado e mais gordo... Vá sossegada!

De novo a mulher suspirou, nó cansaço imenso que a invadira, e

amolecia. E sem resistir, no seu longo e abatido hábito de submissão:

— Pois sim senhor, se o Fidalgo manda, está muito bem...

O Bento, entreabrindo a porta do pátio, anunciava uma «aberta», o negrume a levantar. Gonçalo imediatamente apressou a volta aos Bravais:

— E não tenha medo, mulher. Vai um moço da quinta com uma lanterna, e um guarda-chuva para abrigar a pequena... Escute! Vossemecê até podia levar uma capa de borracha!... Oh Bento, corre, desce a minha capa de borracha. A nova, a que comprei em Lisboa...

E quando o Bento trouxe o «impermeável» de longa romeira, o lançou por sobre os ombros da mulher, que o estofo rico intimidava, com o seu

ruge-ruge de seda — foi na cozinha uma divertida risada. O pranto passara, como a chuva. Agora era uma visita amorável, findando num arranjo alegre de agasalhos. A Rosa apertava as mãos, banhada de gosto:

— Assim é que vossemecê fica uma bonita madama, hem!... Se fosse de dia, olhe que se juntava gente!

A mulher sorria enfim, descoradamente, sem interesse:

— Ai! nem sei que pareço... Que avantesma!

Através do pátio, onde as acácias gotejavam docemente, Gonçalo acompanhou o rancho até à porta do pomar, gritando ainda — «Agasalhem bem a pequena!» quando já a lanterna do moço se fundia na húmida espessura da

noite acalmada. Depois, na cozinha, batendo contra as lajes as solas dos chinelos molhados, apalpou novamente o Manuelzinho, que adormecera num sono rouquejado, torcido sobre as costas da cadeira.

— Tem pouca febre... Mas precisa um suadouro forte. E, antes de o cobrirem bem, um leite quente, quase a ferver, com conhaque... O que ele precisava, também, era ser esfregado a coco... Que porcaria de gente! Enfim fica para mais tarde, quando se curar... E agora, oh Rosa, mande acima alguma coisa para eu cear, coisa sólida, que não jantei, e o sarau foi tremendo!

Na livraria, depois de mudar os chinelos, descansar, Gonçalo escreveu ao Gouveia uma carta, reclamando com

comovida urgência a liberdade do Casco. E acrescentava: — «É o primeiro pedido que lhe faz o deputado por Vila Clara (cumprimente!), porque acabo de receber telegrama do nosso André, anunciando que *tudo feito*, *ministro concorda*, etc.». De sorte que precisamos comunicar! Queira pois Vossa Mercê vir jantar amanhã a esta sua Torre, à sombra do Titó e com acompanhamento de Videirinha. Estes dois beneméritos são indispensáveis para que haja apetite e harmonia. E rogo, Gouveia amigo, que os avise do festim, para me evitar a remessa de circulares eloquentes...».

Lacrada a carta, retomou languidamente o manuscrito da novela. E, trincando a rama da pena, ainda procurou vozes, de bom sabor medieval, para

aquele lance em que o vílico e as roldas enxergaram a cavalgada do Bastardo, pela encosta da Ribeira, com refulgidos de armas, sob o rijo sol de agosto...

Mas a sua imaginação, desde a carta escrita ao Gouvela pelo «Deputado de Vila Clara», escapava desassossegadamente da velha Honra de Santa Ireneia — esvoaçava teimosamente para os lados de Lisboa, da Lisboa do S. Fulgêncio. E o eirado da torre albarrã, onde o gordo Ordonho gritava esbaforido — incessantemente se desfazia como névoa mole, para sobre ele surgir, apetitoso e mais interessante, um quarto do Hotel Bragança com varanda sobre o Tejo... Foi um alívio quando o Bento o apressou para a ceia. E à mesa espalhou livremente a imaginação por Lisboa,

pelos corredores de S. Carlos, por sob as árvores da Avenida, através dos antiquados palácios dos seus parentes em S. Vicente e na Graça, através das salas mais modernas de cultos e alegres amigos parando às vezes diante de visões que considerava com um riso deleitado e mudo. Alugaria aos meses, certamente, uma carruagem da Companhia. E para as sessões de S. Bento sempre luvas cor de pérola, uma flor no peito. Por comodidade levava o Bento, bem apurado, com casaca nova...

O Bento entrou com a garrafa do conhaque numa salva. Dera a carta ao Joaquim da Horta, com a recomendação de correr logo às seis horas a casa do Sr. Administrador, de se demorar na vila por diante da cadeia até soltarem o Casco.

— E já deitámos o pequeno no quarto verde. Fica perto de mim, que tenho o sono leve, se ele berrar... Mas já dorme regaladamente.

— Está sossegado, hem? — acudiu Gonçalo, sorvendo à pressa o cálice de conhaque. — Vamos ver esse cavalheiro!

E tomou um castiçal, subiu ao quarto verde com o Bento, sorrindo, abafando os passos pela estreita escada. No corredor, junto da porta, num desbotado canapé de damasco verde, a Rosa dobrara carinhosamente a roupa trapalhona do pequeno, o colete esgaçado, as calças enormes, só com um botão. Dentro o leito de pau-preto, vasto leito de cerimónia, atravancava a parede forrada dum velho papel aveludado de ramagens verdes. Ao lado dos dois postes torneados, à

cabeceira, pendiam dois painéis, retratos de antigos Ramires, um Bispo obeso folheando um fólio, um formoso cavaleiro de Malta, de barba ruiva, apoiado à espada, com um laçarote de rendas sobre a couraça polida. E nos altos colchões o Manuelzinho ressonava, sem tosse, quieto, abafado pela grossura dos cobertores, humedecido por um suor fresco e sereno.

Gonçalo, caminhando sempre de leve, repuxou cuidadosamente a dobra do lençol. Desconfiado das janelas decrépitas, experimentou que não entrasse traiçoeiro ar pelas gretas. Mandou pelo Bento buscar uma lamparina, que arranjou sobre o lavatório, com a luz esbatida por trás duma vasilha. Ainda atentamente relanceou os olhos lentos pelo quarto, para se assegurar do sossego, do silêncio,

da penumbra, do conforto. E saiu, sempre na ponta dos pés, sorrindo, deixando o filho do Casco velado pelos dois nobres Ramires — o Bispo com o seu Tratado, o cavaleiro de Malta com a sua pura espada.

Recolhendo do Tanque Velho, do fundo da quinta, onde passara a calma, depois do almoço, na frescura do arvoredo, entre sussurros de águas correntes, a folhear um volume do *Panorama* — Gonçalo encontrou sobre a mesa da livraria, com o correio de Oliveira, uma carta que o surpreendeu, enorme, em papel almaço, fechada por uma obreia. E dentro a assinatura, desenhada a tinta azul, era um coração chamejante.

Num relance devorou as linhas,

pautadas a lápis, duma letra gorda, arredondada com esmero:

«Caro e Ex.mo Sr. Gonçalo Ramires.

«O galante Governador Civil do Distrito, o nosso atiradiço André Cavaleiro, passeava agora constantemente por diante dos Cunhais, olhando com ternura para as janelas e para o honrado brasão dos Barrolos. Como não era natural que andasse a estudar a arquitetura do palacete (que nada tem de notável), concluiu agente séria que o digno chefe do Distrito esperava que V. Ex.a aparecesse a alguma das janelas do Largo, ou das que deitam para a Rua das Tecedeiras, ou sobretudo no mirante do jardim, *para*

reatar com V. Ex.ª a antiga e quebrada amizade. Por isso muito acertadamente procedeu V. Ex.ª em correr pessoalmente ao Governo Civil, e propor a reconciliação, e abrir os braços generosos ao velho amigo, evitando assim que a primeira autoridade do Distrito continuasse a esbanjar um tempo precioso naqueles passeios, de olhos pregados no palacete dos fidalguíssimos Barrolos. Enviamos portanto a V. Ex.ª os nossos sinceros parabéns por esse acertado passo, que deve calmar as impaciências do fogoso Cavaleiro e redondar em benefício dos serviços públicos!»

Revirando o papel nas mãos, Gonçalo pensou:

— É das Lousadas!

Ainda estudou a letra, as expressões, descortinando que *redundar* fora escrito com um O, *arquitetura* sem C. E rasgou furiosamente a grossa folha, rosnando no silêncio da livraria:

— Aquelas bêbedas!

Sim, era e as, as odiosas Lousadas! E essa origem mais o aterrava — porque maledicência, lançada por tão ardentes espalhadoras de maledicências, já certamente penetrara em todas as casas de Oliveira, mesmo na cadeia, mesmo no hospital! E agora a cidade divertida, lambendo o escândalo, relacionava perfidamente os rodeios do André pelos Cunhais com essa sua visita ao Governo Civil, que assombrara a Arcada. Na ideia, pois, de Oliveira, e sob a inspiração das

Lousadas — fora ele, ele, Gonçalo Mendes Ramires, que arrancara o Cavaleiroà sua Repartição, o conduzira serviçalmente ao Largo de El-Rei, lhe escancarara as portas do palacete até aí rondadas e miradas sem proveito, e com sereno descaro alcovitara os amores da irmã! Se tais desavergonhadas não mereciam que lhes arregaçassem as sujas saias no meio da Praça, em manhã de missa, e lhes fustigassem as nádegas meladas, furiosamente, até que o sangue ensopasse as lajes!...

E, para maior dano, as aparências todas se combinavam contra ele, traidoramente! Essa insistência de André, cocando Gracinha, estrondeando a calçada em torno do palacete, crescera, impressiofiava, justamente agora, neste

agosto, nas vésperas dessa sua aparição àjanela do Governo Civil, que Oliveira comentava como um mistério histórico. Que inoportunamente morrera o animal do Sanches de Lucena! Meses antes, nem mesmo a malícia das Lousadas ligaria a sua reconciliação com André a um cerco

amoroso que não começara, ou não andava tão murmurado. Três ou quatro meses depois, André, sem esperança ante o palacete inacessível, certamente findaria os seus giros pelo Largo, de rosa ao peito! Mas não! infelizmente, quando esse André, com maior estrépito, ronda a porta é que ele acode, e abraça o rondador, e lhe facilita a porta! assim a maledicência das Lousadas encontrava uma base, a que todos na cidade podiam palpar a substância e a solidez, e sobre

ela se erigia como Verdade Pública! Infames Lousadas!

Mas agora! O quê! manter rigidamente as suas relações com o Cavaleiro dentro da Política, evitando escorregadias intimidades que o tornassem logo nos. Cunhais, como outrora na Torre, o conviva desejado? Como poderia? Desde que ele se reconciliava com André, logo e tão naturalmente como a sombra segue a inclinação do ramo, se reconciliava também o Barrolo, seu cunhado e sua sombra... Mas como impor ao Barrolo que a sua renovada familiaridade, com o Cavaleiro, se realizasse unicamente dentro da Política, como dentro dum lazareto? — «Eu sou outra vez o velho amigo do André, tu, Barrolo, também —

mas nunca o convides para a tua mesa, nem lhe abras a tua porta!» — imposição desconcertada de dura impertinência — e que, na pequena Oliveira, logo os fáceis encontros, a simplicidade hospitaleira do Barrolo, quebrariam como um barbante puído... E depois que grotesca atitude a sua, hirto diante do portão do palacete, como um Arcanjo S. Miguel, de bengala de fogo na mão, para sustar a intrusão de Satanás, chefe do Distrito! Mas também que toda a cidade largasse a cochichar peloscantos o nome de Gracinha embrulhado ao nome de André, com o nome dele, Gonçalo, emaranhado através como o fio favorável que os atara — era horrível.

E na impaciência desta dificuldade, de malhas tão ásperas, que tanto o feriam,

terminou por esmurrar a mesa, revoltado:

— Irra, que maçada! São tudo maçadas, nestas terras pequenas e coscuvilheiras...

Em Lisboa quem se importaria que o Sr. Governador Civil passeasse num certo Largo — e que certo Fidalgo da Torre se reconciliasse com o Sr. Governador Civil?... Pois acabou! Romperia soberbamente para diante, como se habitasse Lisboa, desafogado de mexericos e de malignos olhinhos a cocar. Era Gonçalo Mendes Ramires, da casa de Ramires! Mil anos de nome e de solar! Dominava bem acima de Oliveira, de todas as suas Lousadas. E não só pelo nome, louvado Deus, mas pelo espírito... O André era seu amigo, entrava em casa de sua irmã — e Oliveira que estoirasse!

E nem consentiu que a suja carta das Lousadas desmanchasse a quieta manhã de trabalho, para que se preparara desde o almoço, relendo trechos do poemeto do tio Duarte, folheando artigos do *Panorama* sobre as guerras de muralhas no século XII. Com um — esforço de atenção erudita abancou, mergulhou a pena no tinteiro de latão que servira a três gerações de Ramires. E enquanto repassava as tiras trabalhadas, nunca o castelo de Santa Ireneia lhe parecera tão heroico, de tão soberana estatura, sobre tamanha colina de história, sobranceando o Reino, que em torno dele se alargava, se cobria de vilas e meses, pelo esforço dos seus castelões!

Temerosa, com efeito, se erguia a antiga Honra de Santa Ireneia, nessa

Afonsina manhã de agosto e rijo sol, em que o pendão do Bastardo surgira, entre fúlgidos de armas, para além dos arvoredos da Ribeira! já por todas as ameias se apinhavam os besteiros, espiando, encurvadas as bestas. Das torres e adarves subia o fumo grosso do breu, fervendo nas cubas, para despejar sobre os homens de Baião, que tentassem a escalada. O adail corria pelas quadrelas, relembrando as traças de defesa, revistando os feixes de virotões, os pedregulhos de arremesso. E no imenso terreiro, por entre os alpendres colmados, surdiam velhos solarengos, servos do forno, servos da abegoaria, que se benziam com terror, puxavam pelo saião de algum apressado homem de rolda, para saberem da hoste que avançava. No

entanto a cavalgada passara a Ribeira sobre a rude ponte de pau — já, por entre os álamos, serenamente se acercava do Cruzeiro de granito, outrora erguido nos confins da Honra por Gonçalo Ramires, o Cortador. E, no sossego da manhã abrasada, mais fundamente ressoaram as buzinas do Bastardo, e o seu toque lento e triste à mourisca...

Mas quando Gonçalo, enlevado no trabalho, tentava reproduzir, com termos bem sonoros, avidamente rebuscados no *Dicionário dos Sinónimos*, o toar arrastado das buzinas de Baião — sentiu realmente, do lado da Torre, um gemer de sons graves que crescia através dos limoeiros. Deteve a pena — e eis que o *Fado dos Ramires* se eleva ofertadamente da horta, em serenada, para a varanda

florida de madressilva:

Ora, quem te vê solitária,
Torre de Santa Ireneia...

O Videirinha! — Correu alvoroçadamente à janela. Um chapéu-coco tremulou entre os ramos, um brado estrugiu, aclamador:

— Viva o deputado por Vila Clara! Viva o ilustre deputado Gonçalo Ramires!

No violão rompera triunfalmente o Hino da Carta. Videirinha, alçado na biqueira das botas gaspeadas de verniz, gritava: — «Viva a ilustre casa de Ramires!» E por baixo do chapéu-coco, sacudido com delírio, João Gouveia, sem poupar a garganta, urrava — «Viva o ilustredeputado por Vila Clara! Viva!»

Majestosamente, Gonçalo, alagado de riso, estendeu da varanda o braço eloquente:

— Obrigado, meus queridos concidadãos! Obrigado!... A honra que me fazeis, vindo assim, nesse formoso grupo, o chefe glorioso da Administração, o inspirado Farmacêutico, o...

Mas reparou... E o Titó?

— O Titó não veio?... Oh João Gouveia, você não avisou o Titó?

Respondo sobre a orelha o chapéu-coco, o Administrador, que arvorara uma gravata de cetim escarlate, declarou o Titó «um animal»:

— Estava combinado virmos todos três. Até ele devia trazer uma dúzia de foguetes, para estalar aqui com o Hino... A reunião era ao pé da ponte... Mas o

animal não apareceu. Em todo o caso ficou avisado, avisadíssimo... E se não vier, é traidor.

— Bem, subam vocês! — gritou Gonçalo. — Eu num instante me visto. E, para aguçar o apetite, proponho um vermute, depois uma volta pela quinta até ao pinhal!...

Imediatamente Videirinha, teso, empinando o violão, meteu pela rua larga da horta, recoberta de parreira; e atrás João Gouveia atirava os passos em cadência nobre, alçando o guarda-sol como um pendão. Quando Gonçalo entrou no quarto, berrando pelo Bento e por água quente — o *Fado dos Ramires* soava, em trinados heroicos, através do feijoal, por sob a janela aberta onde secava o lençol do banho. E eram as quadras preferidas

do Fidalgo, as quadras em que o grande avô Rui Ramires, sulcando os mares de Mascate numa urca, encontra trêsfortes naus inglesas, e, do alto do seu castelo de proa, vestido de grã vermelha, com a mão no cinto de anta tauxiado de ouro e pedras, soberbamente as intima a que se rendam...

Todo alegre, e a mão no cinto.
Junto da Signa Real,
Gritando às naus — «Amainai
Por El-Rei de Portugal!...»

Gonçalo abotoava à pressa os suspensórios, retomara o canto glorificador — Todo *alegre, e a mão no cinto... Junto da Signa Real...* — E, através do esforço esganiçado, pensava

que, com tal linha de avós, bem podia desprezar Oliveira e as suas Lousadas horrendas. Mas o trovão lento de Titó retumbou no corredor:

— Então esse deputado de Vila Clara?... já está a vestir a farda?

Gonçalo correu à porta do quarto, radiante:

— Entra, Titó! Os deputados já não usam farda, homem! Mas se a tivesse, com os diabos, ia hoje farda, e espadim e chapéu armado, para honrar hóspedes tão ilustres!

O outro avançara vagarosamente, com as mãos nas algibeiras da rabona de veludo cor de azeitona, o vasto chapéu braguês atirado para a nuca, desafogando a honesta face barbuda, vermelha de saúde e sol:

— Eu, por farda, queria dizer libré... Libré de lacaio.

— Ora essa!?

E o outro mais retumbante:

— Pois o que vais tu ser, homem, senão um sujeito às ordens do S. Fulgêncio, do *horrendo careca?* Não lhe serves o chá, quando ele te mandar; mas, quando ele te mandar votar, votas! Ali, direitinho, às ordens! «Oh Ramires, vote lá!» E Ramires, zás, vota... É de escudeiro, homem, é de escudeiro de libré...

Gonçalo sacudiu os ombros, impaciente:

— Tu és uma criatura das selvas, lacustre, quase pré-histórica... Não entendes nada das realidades sociais!... Na sociedade não há princípios

absolutos!...

Mas o Titó, imperturbável:

— E esse Cavaleiro? Também já é rapaz de talento? Também já governa bem o Distrito?

Então Gonçalo protestou, picado, com uma roseta forte na face. quando negara ele ao André talento ou jeito de governar? Nunca! Só rira, gracejando, da sua pompa, da bigodeira lustrosa... E de resto, o serviço do país exigia que, por vezes, se aliassem homens que nempartilhavam os mesmos gostos, nem procuravam os mesmos interesses!

— E enfim o Sr. António Vilalobos vem hoje um moralista muito terrível, um Catão com quem se não pode jantar!... Ora foi sempre o costume dos Filósofos muito ríspidos fugir da sala do banquete, onde

triunfa o devasso, e protestar comendo na cozinha!

Titó, serenamente, virou as costas majestosas.

— Onde vais, ó Titó?

— Para a cozinha!

E como Gonçalo ria, Titó, junto da porta, girando como uma torre que gira, encarou o seu amigo:

— Sério, sério, Gonçalo! Eleição, reconciliação, submissão, e tu em Lisboa às cortesias ao S. Fulgêncio, e em Oliveira de braço dado com o André, tudo isso parece que destoa... Mas enfim se a Rosa hoje se apurou, não aludamos mais a coisas tristes!

E Gonçalo bracejava, de novo protestava — quando o violão ressoou no corredor, com as patadas bem marchadas

do Gouveia, e o *Fado* recomeçou, mais meigo, mais glorificador:

— Velha casa de Ramires, Honra e flor de Portugal!

6

A casa do Cavaleiro em Corinde era uma edificação dos fins do século XVIII, sem elegância e sem arte, pintada de amarelo, lisa e vasta, com catorze janelas de frente, quase ao meio duma quinta chá, toda de terras lavradas. Mas uma avenida de castanheiros conduzia, com alinhada nobreza, ao pátio da frente, ornado por dois tanques de mármore. Os jardins conservavam a abundância esplêndida de rosas que os tornara famosos — e lhes merecera em tempos do avô de André, o Desembargador Martinho, uma visita da Sra. D. Maria II. E dentro todas as salas reluziam de asseio e ordem, pelos cuidados da velha governanta, uma

parenta pobre do Cavaleiro, a Sra. D. Jesuína Rolim.

Quando Gonçalo, que viera da Torre na égua, atravessou a antessala, ainda reconheceu um dos painéis da parede, fumarento combate de galeões, que ele uma tarde rasgara jogando o espadão com André. Sob esse painel, à borda do canapé de palhinha, esperava melancolicamente um amanuense do Governo Civil, com a sua pasta vermelha sobre os joelhos. E duma porta remota, ao fundo do corredor, André, avisado pelo criado, o fiel Mateus, gritou alegremente:

— Oh Gonçalo, entra para cá, para o quarto! Saí da tina... Ainda estou em ceroulas!

E em ceroulas o abraçou, num generoso abraço de parabéns. Depois,

enquanto se vestia, por entre as cadeiras atravancadas com o recheio das malas — gravatas, peúgas de seda, garrafas de perfumes — conversaram do calor, da jornada enfadonha, de Lisboa despovoada...

— Um horror! — exclamava o Cavaleiro, aquecendo um ferro de frisar à lâmpada de álcool. — Todas as ruas da Baixa em obras, cobertas de caliça, de poeirada. O Central infestado de mosquitos. Muito mulato. Uma Tunes, Lisboa!... Mas enfim, lá combatemos bravamente obom combate!

Gonçalo sorria, do canto do divã onde se acomodara, entre uma pilha de camisas de cor e outra de ceroulas com monograma flamante:

— E então, Andrezinho, tudo

arranjado, hem?

O Cavaleiro, diante do toucador, frisava com enlevado esmero as pontas grossas do bigode. E só depois de o ensopar em brilhantina, de acamar as ondas da cabeleira rebelde, de se mirar, de se requebrar, assegurou a Gonçalo, já inquieto, que a eleição ficara sólida...

— Mas imagina tu! Quando apareci em Lisboa, no Ministério do Reino, encontrei o círculo prometido ao Pita, ao Teotónio Pita, o grande homem da *Verdade*...

O Fidalgo pulou, despenhando a ruma de camisas:

— E então?...

— E então ele mostrara muito asperamente, ao José Ernesto, a inconveniência de dispor do circulo como

dum charuto, sem o consultar, a ele, Governador Civil — e dono do círculo... E como o José Ernesto se arrebitava, aludia à conveniência superior do Governo, ele logo, estendendo o dedo firme: — «Pois Zezinho, flor, ou trago o Ramires por Vila Clara, ou me demito, e arde Troia!...» Espantos, escarcéus, berreiros — mas o José Ernesto cedera, e tudo findou jantando ambos em Algés com o tio Reis Gomes, onde à noite, ao «bluff», as senhoras lhe arrancaram catorze mil-réis.

— Em resumo, Gonçalinho, precisamos conservar os olhos atentos. O José Ernesto é rapaz leal, meu velho amigo. E depois conhece o meu génio... Mas há os compromissos, as pressões... E agora a novidade pitoresca. Sabes quem

se propõe contra ti, pelos Regeneradores?... Adivinha... O Julinho!

— Que Julinho?... O Júlio das fotografias?

— O Júlio das fotografias.

— Diabo!

O Cavaleiro encolheu os ombros, com piedade:

— Arranja dez votos à porta da quinta, tira o retrato a todos os taberneiros do círculo em mangas de camisa, e continua a ser o Julinho... Não! só Lisboa me inquieta, a canalha política de Lisboa!

Gonçalo torcia o bigode, desconsolado:

— Imaginei tudo mais sólido, mais inabalável... Assim com todas essas intrigas, ainda surde trapalhada... Ainda lá não vou!

O Cavaleiro, ao espelho, esticava o fraque — que experimentara abotoado, depois repuxadamente aberto sobre o colete de fustão cor de azeitona, onde, no trespasse largo, tufava a gravata de sedinha clara, prendida por uma safira. Por fim, encharcando o lenço com essência de feno:

— Nós estamos bem aliados, bem congraçados, não é verdade? Então, meu caro Gonçalo, sossega, e almocemos regaladamente!... Creio que este fraque do nosso Amieiro assenta com certa graça, hem?

— Magnífico! — afirmou Gonçalo.

— Bem. Então agora desçamos ao jardim, para tu reveres os velhos poisos e te florires com uma rosa de Corinde.

E logo no corredor, ornado de

jarrões da índia, de arcas de charão, enlaçando o braço de Gonçalo, do seu recuperado Gonçalo:

— Pois, meu filho, aqui pisamos ambos de novo os nobres soalhos de Corinde, como há cinco anos... E nada mudou, nem um criado, nem uma cortina! Agora, um destes dias, preciso visitar a Torre.

Gonçalo acudiu ingenuamente:

— Oh! a Torre está muito mudada... Muito mudada!

E um embaraçado silêncio pesou — como se entre eles surgisse a imagem entristecida da antiga quinta, no tempo dos amores e das esperanças, quando André e Gracinha procuravam as últimas violetas de abril.— sob o sorriso tutelar de *miss* Rhodes, rente aos húmidos muros da Mãe-

d’água. Ainda em silêncio desceram a escada de caracol — por onde ambos outrora se despenhavam cavalgando o corrimão. E em baixo, numa sala abobadada, rodeada de bancos de madeira com as armas dos Cavaleiros nas espaldas, André quedou diante da porta envidraçada do jardim, ondeou um gesto desconsolado e lânguido:

— Eu também, agora, pouco apareço em Corinde. E, compreendes bem, que não me retêm em Oliveira os cuidados da Administração... Mas este casarão arrefeceu, alargou, desde a morte da mamã. Ando aqui como perdido. E acredita, quando cá me demoro, são uns passeios tristonhos por esses jardins, pela Rua Grande... Ainda te lembras da Rua Grande?... Vou envelhecendo muito

solitariamente, meu Gonçalo!

Gonçalo murmurou, por concordância, simpatia renovada:

— Eu também me aborreço na Torre...

— Mas tens outro génio!... E eu realmente sou um elegíaco.

Correu, com um esforço, o fecho perro da porta envidraçada. E limpando os dedos ao lenço perfumado:

— Eu creio que Corinde, agora, só me encantava com grandes cerros escalvados, grandes rochedos agrestes... As vezes, cá dentro de alma, necessito o ermo de S. Bruno...

Gonçalo sorria daquele apetite ascético, murmurado com preciosidade, através da bigodeira torcida a ferro, resplandecente de brilhantina. E no

terraço, junto à balaustrada de pedra enramada de hera, galhofou, louvando o areado alinho, o reluzente viço do jardim:

— Com efeito, para um discípulo de S. Bruno, que escândalo, todo este asseio! Mas para um pecador como eu, que delicia!... O jardim da Torre anda um chavascal.

— A prima Jesuína gosta de flores. Tu não conheces a prima Jesuína? Uma velha parenta da mamã, que governa agora a casa. Coitada! e com um escrúpulo, com um amor... Se não fosse a santa criatura, os porcos fossavam nos canteiros... Meu filho, onde não há saia, não há ordem!

Desceram a escadaria redonda, por entre os vasos de louça azul que trasbordavam de gerânios, de sécias, de canas-da-índia. Gonçalo recordou a

véspera de S. João em que rolara por aqueles degraus, num trambolhão tremendo, com os braços carregados de foguetes. E lentamente, através do jardim, evocavam memórias da camaradagem antiga. Lá se conservava o trapézio, dos tempos em que ambos cultivavam a religião heroica da força, da ginástica, do banho frio... Naquele banco, sob a magnólia, lera uma tarde André o primeiro canto do seupoema, o *Fronteiro de Arzila*. E o alvo? O alvo onde se exerciam à pistola, para os futuros duelos, inevitáveis na campanha que ambos meditavam contra o velho Sindicato Constitucional?... — Oh! toda essa parte do muro, que pegava com o lavadouro, fora derrubada depois da morte da mamã, para alargar a estufa...

— De resto o alvo era inútil! — acrescentou o Cavaleiro. — Eu logo por esse tempo entrei também no Sindicato... E agora entras tu, pela porta que eu te abro!

— E eu desejo entrar, e ardentemente, bem sabes. Mas tu afianças a eleição, com segurança? Não surgirá dificuldade, Andrezinho?... Esse Pita é um hábil!

O Cavaleiro murmurou apenas, mergulhando os dedos nas cavas do colete:

— Da habilidade dos Pitas se ri a força dos Cavaleiros...

Por três degraus de tijolo baixaram ao outro jardim, desafogado de arvoredo e sombra, onde desabrochava desde maio, com esplendor, o tão celebrado bosque de

roseiras, orgulho da quinta de Corinde, que deleitara uma Rainha. Aquele fácil desdém pelo Pita confirmava a segurança da eleição. Gonçalo, caminhando respeitosamente como num Museu, regou de louvores deslumbrados as rosas do Cavaleiro:

— Uma beleza, André, uma maravilha! Tens aqui rosas sublimes... Aquelas repolhudas, além, que luxo! E estas amarelas? Deliciosas!... Olha este encanto! O ruborzinho a surdir, a raiar, do fundo das pétalas brancas... Oh, que escarlate! Oh, que divino escarlate!

O Cavaleiro cruzara os braços, com gracejadora melancolia:

— Pois vê tu! Tal é, a minha solidão social e sentimental que, com todas estas rosas abertas, não tenho a quem mandar

um ramo!... Estou reduzido a florir as Lousadas!

Um escarlate, mais vivo do que as rosas que gabava, cobriu as faces do Fidalgo:

— As Lousadas! Oh, que desavergonhadas!

André atirou ao seu amigo os lustrosos olhos, num inquieto reparo de curiosidade:

— Porquê?... Desavergonhadas, porquê?

— Porquê? Porque o são! Pela sua natureza, e pela vontade de Deus!... São desavergonhadas como estas rosas são vermelhas.

E o Cavaleiro, tranquilizado:

— Ah, genericamente... Com efeito têm imensa peçonha. Por isso eu as cubro

de rosas. E em Oliveira, todas as semanas, meu filho, tomo com elas um chá respeitoso!

— Pois não as amansas — rosnou o Fidalgo.

Mas o Mateus aparecera nos degraus de tijolo com o guardanapo na mão, a calva rebrilhando ao sol. Era o almoço. O Cavaleiro colheu para Gonçalo uma «rosa triunfal» — e para si um «botão inocente...». E, enflorados, subiam para o terraço entre o brilho e o perfume de outras roseiras — quando o Cavaleiro parou com uma ideia:

— A que horas vais tu para Oliveira, Gonçalinho?

O Fidalgo hesitou. Para Oliveira?... Não tencionava aparecer em Oliveira, toda essa semana...

— Porquê? É urgente que vá a Oliveira?

— Pois certamente, filho! Amanhã mesmo precisamos conversar com o Barrolo, combinarmos, por causa dos votos da Murtosa!... Meu querido Gonçalo, não podemos adormecer. Não é pelo Júlio, é pelo Pita!

— Bem! bem! — acudiu logo Gonçalo, assustado. — Parto para Oliveira.

— Porque então — continuava André — vamos ambos logo, a cavalo. É um bonito passeio pelos Freixos, sempre com sombra... Tens talvez de mandar à Torre, por causa de roupa...

Não! Gonçalo, para evitar a importunidade de malas, conservava nos Cunhais um bragal inteiro, desde a

chinela, até à casaca. E entrava em Oliveira como o filósofo Bias em Atenas — com uma simples bengala e paciência infinita...

— Delicioso! — declarou André. — Fazemos então logo a nossa entrada oficial em Oliveira. É o começo da campanha.

O Fidalgo torcia o bigode, consternado, pensando nos risinhos perversos das Lousadas, de toda a cidade, perante uma entrada tão aparatosamente fraternal. E, quando o Cavaleiro recomendou ao Mateus que mandasse aprontar o *Rossilho* e a égua do Fidalgo para as quatro horas e meia, Gonçalo exagerou o seu receio do calor, da poeira. Antes partissem às sete, pela fresca! (Assim esperava penetrar em Oliveira

desapercebidamente, esbatido no crepúsculo). Mas André protestou:

— Não, é uma seca, chegamos à noite. Precisamos entrar com solenidade, à hora da música no Terreiro... Às cinco, hem?

E Gonçalo, vergando os ombros sob a Fatalidade:

— Pois sim, às cinco.

Na sala de jantar, esteirada, com denegridos painéis de flores 4 frutas sobre um papel vermelho imitando damasco, André ocupou a veneranda cadeira de braços do avô Martinho. O brilho das pratas, a frescura das rosas numa floreira de Saxe, revelavam os desvelos da prima Jesuína — que, com dor de entranhas nessa manhã, não se vestira, almoçava no quarto. Gonçalo

louvou aquela elegante ordem, tão rara numa casa de solteirão, lamentando a falta de uma prima Jesuína na Torre... E André sorria deliciadamente, desdobrando o guardanapo,com a esperança que Gonçalo contasse aos Barrolos o confortável luxo de Corinde. Depois, picando com o garfo uma azeitona:

— Pois é verdade, meu querido Gonçalo, lá estive nessa grande Capital, depois um dia em Sintra...

O Mateus entreabriu a porta para recordar a S. Ex.ª o amanuense do Governo Civil, que esperava.

— Pois que espere! — gritou S. Ex.ª.

Gonçalo lembrou que talvez o digno homem se impacientasse, com fome...

— Pois que almoce! — gritou S. Ex.ª.

Aquele seco desprezo de André pelo pobre empregado, esquecido no banco de entrada, com a sua pasta sobre os joelhos constrangia o Fidalgo. E espetando também uma azeitona:

— Dizias então, Sintra...

— Sem sabor — resumiu André. — Poeirada horrenda, femeaço medíocre... E já me esquecia. Sabes quem lá encontrei, na estrada de Colares? O Castanheiro, o nosso Castanheiro, o dos ANAIS, de chapéu alto. Ergueu logo os braços ao céu, desolado: «E então esse Gonçalo Mendes Ramires não me manda o romance?» Parece que o primeiro número da revista sai em dezembro, e ele precisa o original em começos de outubro... Lá me suplicou que te sacudisse, que te recordasse a glória dos Ramires. E tu

devias acabar a novela... Até convém que, antes de entrares na Câmara, apareça um trabalho teu, um trabalho sério, de erudição forte, bem português...

— Pois convém! — concordou vivamente Gonçalo. — E à novela só falta o Capítulo quarto. Mas esse justamente demanda mais preparação, mais pesquisas... Para o acabar precisava o espírito bem sossegado, a certeza desta infernal eleição... Não é o animal do Júlio que me inquieta. Mas a canalha intrigante de Lisboa... Que te parece?

Cavaleiro riu, estendendo de novo o garfo para as azeitonas

— Que me parece, Gonçalinho? Que estás como uma criança pequena, aflita, com medo que te não chegue o prato de arroz-doce. Sossega, menino, apanhas o

teu arroz-doce!... Mas com efeito, encontrei o José Ernesto muito teimoso. já existiam compromissos antigos com o Pita. A *Verdade* tem sido furiosamente ministerial... E esse Pita, agora quando souber que lhe tapei Vila Clara, arde em furor contra mim. O que me é soberanamente indiferente; colerazinhas ou piadinhas do Pita não me tiram o apetite... Mas o José Ernesto admira o Pita, necessita do Pita, está empenhado em pagar ao Pita com um círculo... Ainda no último dia me disse na Secretaria, até lhe achei graça: — «Eu vejo que os deputados por Vila Clara morrem; ora se, por esse bom costume, o teu Ramires morrer em breve, então entra o Pita».

Gonçalo recuou a cadeira:

— Se eu morrer!... Que animal!

— Oh, se morreres para o círculo! — atalhou o Cavaleiro rindo. — Por exemplo, se nos zangássemos, se amanhã entre nós surgisse uma dissidência... Enfim o impossível!

O Mateus entrava com a terrina do caldo de galinha, que rescendia.

— A ele! — exclamou André. — E não se fale mais de círculos, nem de Pitas, nem de Júlios, nem da negregada Política!... Conta antes o enredo da tua novela... Histórica, hem?... Meia Idade? D. João V?... Eu, se tentasse agora um romance, escolhia uma época deliciosa, Portugal sob os Filipes...

Os três quartos, depois das seis, batiam no relógio sempre adiantado da

Igreja de S. Cristóvão, em Oliveira, quando André Cavaleiro e Gonçalo, descendo da Rua Velha, penetraram no Terreiro da Louça (agora *Largo do Conselheiro Costa Barroso*).

Todos os domingos, tocando num coreto que o Conselheiro, quando Presidente da Câmara, mandara construir sobre o velho pelourinho demolido, a charanga do regimento ou a filarmónica *Lealdade*, tornavam aquele Largo o centro mais sociável da quieta e caseira cidade. Nessa tarde, porém, como começara no Convento de Santa Brígida o bazar patrocinado pelo Bispo, as senhoras rareavam nos bancos de pedra e nas cadeiras do asilo espalhadas por sob as acácias. As Lousadas faltavam no seu pouso reservado, superiormente escolhido

para espiarem todo o Terreiro, as casas que o cerram do lado de S. Cristóvão e do lado das Trinas, a Rua Velha e a Rua das Velas, a barraca da limonada, e até outro retiro pudicamente disfarçado por uma caniçada de heras. E o único rancho conhecido, D. Maria Mendonça, a Baronesa das Marges, as duas Alboins, conversavam com as costas para o Terreiro, junto da grade de ferro que o limita sobre a antiga muralha — de onde se dominam campos, a cerca do Seminário Novo, todo o pinhal da Estevinha e as voltas lustrosas da ribeira de Crede.

Mas entre os cavalheiros que trilhavam vagarosamente a álea do Largo denominada o «Picadeiro», gozando a *Marcha do Profeta, o* espanto reviveu

(apesar de todos conhecerem a reconciliação famosa do Governo Civil), quando os dois amigos apareceram, ambos de chapéus de palha, ambos de polainas altas, ao passo solene das duas éguas — a de Gonçalo airosa e baia de cauda curta à inglesa, a do Cavaleiro pesada e preta, de pescoço arqueado, a cauda farta rojando as lajes. Melo Alboim, o Barão das Marges, o Dr. Delegado, pararamnuma fila pasmada, a que se juntou um dos Vila-Velhas, depois o morgado Pestana, depois o gordo major Ribas com a farda desabotoada, rebolando e galhofando sobre «aquela amigação...». O tabelião Guedes, o Guedespopa, derrubou a cadeira no alvoroço com que se ergueu, indignado mas respeitoso, descobrindo a calva numa

cortesia imensa, em que o chapéu branco lhe tremia. E o velho Cerqueira, o advogado, que saía do retiro encaniçado de hera e se abotoava, embasbacou, com os óculos na ponta do nariz alçado, os dedos esquecidos nos botões das calças.

No entanto os dois amigos, gravemente, seguiam pela correnteza de casas que o palacete de D. Arminda Vilegas domina, com o pesado brasão dos Vílegas na cimalha, as suas dez nobres varandas de ferro opulentadas por cortinas de damasco amarelo. Na varanda de esquina, o Barrolo e José Mendonça fumavam, sentados em mochos de palhinha. E ao sentir as patas lentas das éguas, ao avistar tão inesperadamente o cunhado — o bom Barrolo quase se despenhou da varanda:

— Oh Gonçalo! Oh Gonçalo!... Vais lá para casa?

E nem esperou uma certeza, berrou de novo, bracejando:

— Nós já vamos! jantamos cá esta tarde... A Gracinha está lá em cima, com a tia Arminda. Vamos já também! É um momento!

O Cavaleiro acenou. risonhamente ao capitão Mendonça. Já Barrolo mergulhara com entusiasmo para dentro dos damascos amarelos. E os dois amigos, deixando pelo Terreiro aquele sulco de espanto, penetraram na Rua das Velas, onde um polícia se perfilou com a mão no boné — o que foi agradável ao Fidalgo da Torre.

O Cavaleiro acompanhou Gonçalo ao Largo de El-Rei. Diante do palacete um homem de boina vermelha remoía no

seu realejo o coro nupcial da Lúcia, espiando as janelas desertas. O Joaquim da Porta correu do pátio a segurar a égua do Fidalgo. Com um mudo sorriso, o tocador estendera a boina. E depois de lhe atirar um punhado de cobre — Gonçalo hesitou, murmurou enfim, com embaraço e corando:

— Não queres entrar e descansar, André?...

— Não, obrigado... Então amanhã às duas, no Governo Civil, com o Barrolo, para combinarmos sobre os votos da Murtosa... Adeus, minha flor! Demos um belo passeio e espantámos Os povos!

E S. Ex.ª, envolvendo o palacete num demorado olhar, desceu pela Rua das Tecedeiras.

No seu quarto (sempre preparado,

com a cama feita) Gonçalo acabava de se lavar, de se escovar, quando Barrolo se precipitou pelo corredor, esbofado, sôfrego — e atrás dele Gracinha, ofegante também, desapertando nervosamente as fitas escarlates do chapéu. Desde a tarde em que Barrolo «presenciara com os olhos bem acordados!» a palestra de Gonçalo e de André na varanda do Governo Civil — fervera nele e em Gracinha uma impaciência desesperada por penetrar os motivos, a encoberta história daquela reconciliação surpreendente. Depois a fuga de Gonçalo na caleche para a Torre, sem parar nos Cunhais; a repentina jornada do Cavaleiro a Lisboa; o silêncio que sobre aquele caso se abatera mais pesado que uma tampa de ferro — quase os aterrou. Gracinha à

noite, no oratório, murmurava através das rezas distraídas: — «Oh, minha rica Nossa Senhora, que será?» — Barrolo não ousara correr à Torre; mas até sonhava com a varanda do Governo Civil, que lhe aparecia enorme, crescendo, atravancando Oliveira, roçando já as janelas dos Cunhais, de onde ele a repelia com o cabo duma vassoura... E eis agora Gonçalo e André que entram na cidade a cavalo, muito serenamente, ambos de chapéus de palha, como companheiros constantes recolhendo dum passeio!

Logo à porta do quarto, Barrolo atirou os braços, rompeu aos brados:

— Então que tem sido tudo isto?... Não se fala noutra coisa!... Tu com o André!

Gracinha, arfando, tão vermelha

como as fitas do chapéu, só balbuciava:

— E não vens, nem escreves... Nós com tanto cuidado...

E mesmo rente da porta aberta, sem se sentarem, o Fidalgo aclarou o «Mistério», com a toalha ainda nas mãos:

— Uma coisa muito inesperada, mas muito natural. O Sanches Lucena morreu, como vocês sabem. Ficou vago o círculo de Vila Clara. É um círculo por onde só pode sair um homem da terra, com propriedade, com influência. O Governo imediatamente me mandou perguntar, pelo telégrafo, se eu me desejava propor... Ora eu, no fundo, estou de bem com os Históricos, sou amigo do José Ernesto... Estimava entrar na Câmara... Aceitei.

O Barrolo esmagou a coxa com uma palmada triunfal:

— Então era certo, caramba!

O Fidalgo continuava, enxugando interminavelmente as mãos:

— Aceitei, está claro, com condições; e muito fortes. Mas aceitei... Neste caso, como vocês sabem, convém que o candidato se entenda com o Governador Civil. Eu, ao princípio, não queria renovar relações. Instado, porém, muito instado de Lisboa, e por consideraçõessuperiores de Política, consenti nesse sacrifício. Nas dificuldades em que se encontra o país, todos devem fazer sacrifícios. Eu fiz esse... O André, de resto, foi muito amável, muito afetuoso. De sorte que estamos outra vez amigos. Amigos políticos: mas muito bem, muito lealmente... Almocei hoje com ele em

Corinde, viemos juntos pelos Freixos. Uma tarde linda!... Enfim renasceu a antiga harmonia. E a eleição está segura.

— Venham de lá esses ossos! — berrou o Barrolo, transportado.

Gracinha terminara por se sentar à borda do leito, com o chapéu no regaço, enlevada para o irmão, num silencioso enternecimento em que os seus doces olhos se humedeciam e riam. O Fidalgo, que se desprendera do abraço do Barrolo, dobrava a toalha com um vagardistraído:

— A eleição está segura, mas precisamos trabalhar. Tu, Barrolo, tens de conversar também com o Cavaleiro. já combinei. Amanhã no Governo Civil, às duas horas. É necessário que vocês se entendam, por causa dos votos da Murtosa...

— Pronto, menino! o que vocês quiserem! Votos, dinheiro...

E Gonçalo, borrifando vagamente o jaquetão com água-de-colónia que pingava no soalho:

— Desde o momento em que eu me reconciliei com o André, tudo acabou. Tu, Barrolo, imediatamente te reconcilias também...

Barrolo quase pulou, no seu deslumbramento:

— Pois está claro! E ainda bem, que eu gosto imensamente do Cavaleiro! Até sempre teimava com Gracinha... «Oh senhores, esta tolice, por causa da Política!...»

— Bem! — concluiu o Fidalgo. — A Política nos separou, a Política nos reúne... É o que se chama a inconstância

dos Tempos e dos Impérios.

E agarrou Gracinha pelos ombros, com um beijo brincalhão, estalado em cada face:

— A tia Arminda? Boa, da escaldadela? já voltou às façanhas de *Leandro o Belo?*

Gracinha resplandecia, com o lento sorriso que se não desfizera, a envolvia toda em claridade e doçura:

— A tia Arminda está melhor, já anda. Perguntou por ti... Mas, oh Gonçalo, tu decerto queres jantar!

— Não, almocei tremendamente em Corinde... Vocês, como jantaram à hora antiga da tia Arminda, ceiam, hem? Então logo ceio... Agora apenas uma chávena de chá, muito forte!

Gracinha correu, no alvoroço de

servir o herói querido. E pela escada, descendo com Barrolo que o contemplava, o Fidalgo da Torre lamentou os seus sacrifícios:

— É verdade, menino, é uma maçada... Mas que diabo! todos devemos concorrer para tirar o país do atoleiro!

Barrolo, maravilhado, murmurava:

— E sem dizeres nada... Assim à capucha! Assim à capucha!...

— E agora outra coisa, Barrolo. Amanhã, no Governo Civil, deves convidar o André a jantar...

— Com certeza! — gritou o Barrolo. — Jantar de estrondo?

— Não, homem! jantar muito quieto, muito intimo. Unicamente o André e o João Gouveia. Telegrafas ao João Gouveia. Também podes convidar os

Mendonças... Mas jantar muito discreto, só para conversarmos, para firmar a reconciliação dum modo mais sociável, mais elegante.

Ao outro dia, no Governo Civil, Barrolo e o Cavaleiro apertaram as mãos com tanta singeleza, como se ambos, ainda na véspera, andassem jogando o bilhar e caturrando no clube da Rua das Pegas. De resto conversaram sumariamente sobre a eleição. Apenas o Cavaleiro aludira com indolência aos votos de Murtosa — o bom Barrolo quase se engasgou, na ânsia de os oferecer:

E o que vocês quiserem... Votos, dinheiro, o que vocês quiserem!... Vocês digam! Eu vou para a Murtosa, e é comezaina, e pipa de vinho aberta, e a freguesia inteira a votar no meio de

foguetório...

O Cavaleiro, rindo, amansou aquele fervor faustoso:

— Não, meu caro Barrolo, não! Nós preparamos uma eleição muito sóbria, muito sossegada. Vila Clara elege Gonçalo Mendes Ramires deputado, naturalmente, como o seu melhor homem. Não há combate, o Julinho é uma sombra. Portanto...

O Barrolo persistia, radiante, gingando:

— Perdão, André, perdão! Lá isso vinhaça, e vivório, e foguetório, e festança magna...

Mas Gonçalo, embaraçado, ansioso por suster a garrulice do Barrolo, as palmadas carinhosas com que ele se atufava na intimidade do Cavaleiro,

apontou para a mesa de S. Ex.ª:

— Tu tens que fazer, André. Vejo aí uma papelada pavorosa... Não roubemos mais tempo ao chefe ilustre do Distrito! Ao trabalho!

Trabalhar, meu irmão, que o trabalho
É André, é virtude, é valor!...

Agarrara o chapéu, acenando ao cunhado. Então Barrolo, com bochechas a estalar de gosto, balbuciou o convite que firmaria a reconciliação dum modo sociável e elegante:

— Cavaleiro, para conversarmos melhor, se você nos quiser dar o gosto de vir jantar... Quinta-feira, às seis e meia... Nós, quando cá está o Gonçalo, jantamos

sempre mais tarde.

O Cavaleiro, que corara, agradeceu com discreta cerimónia:

— É para mim um imenso prazer, uma imensa honra...

E à porta da antessala onde os acompanhara, segurando o pesado reposteiro de baeta escarlate com as armas reais bordadas — suplicou ao Barrolo que pusesse os seus respeitos aos pés da Sra. D. Graça...

Barrolo, descendo a larga escadaria de pedra, limpava a testa, o pescoço, humedecidos pela emoção. E no pátio desabafou:

— Muito simpático este André! Rapaz franco, de quem sempre gostei... Realmente estava morto que acabassem estas histórias... E mesmo lá para os

Cunhais, para a companhia, para o cavaco, que bela aquisição!

Quinta-feira de manhã depois do almoço, no terraço do jardim onde tomavam café, Gonçalo recomendou ao Barrolo que «para acentuar mais completamente a intimidade simples do jantar, não pusesse casaca...».

— E tu, Gracinha, vestido afogado. Mas vestidinho claro, alegre...

Gracinha sorriu, indecisamente, continuando a folhear um *Almanaque de Lembranças* estendida numa cadeira de verga, com um gatinho branco no regaço.

Depois do alvoroço e pasmo de domingo, ela aparentava agora um desinteresse silencioso pela reconciliação

que ainda abalava Oliveira, pela eleição, pelo jantar. Mas nesses dias não sossegara tão impaciente e sensível que o bom Barrolo, incessantemente, lhe aconselhava o grande remédio da mamã contra os nervos, «flores de alecrim, cozidas em vinho branco».

Gonçalo percebia claramente a perturbação em que a lançava aquela entrada triunfal de André, do antigo André, na sua casa de casada, nos Cunhais. E para se tranquilizar evocava (como na estrada do cemitério em Vila Clara) a seriedade de Gracinha, o seu rígido e puro pensar, a altivez da sua almazinha heroica. Nessa manhã mesmo, todo no fresco e sôfrego cuidado da sua eleição, só receava que Gracinha, por embaraço ou cautela, acolhesse secamente

o Cavaleiro, o esfriasse no seu renovado fervor pela casa de Ramires, no seu patrocinato político. E insistiu, gracejando:

Ouviste, Gracinha? Um vestido branco. Um vestidinho alegre, que sorria aos hóspedes...

Ela murmurou, mergulhada no seu *Almanaque:*

— Sim, realmente, com este calor...

Mas Barrolo bateu uma palmada na coxa. Que pena! que pena não ter em Oliveira, «para o brinde de reconciliação», um famoso vinho do Porto, da garrafeira da mamã, preciosíssimo, velhíssimo, do tempo de D. João II...

— D. João II? — rosnou Gonçalo. — Está estragado!

Barrolo hesitou:

— D. João II ou D. João VI... Um desses Reis. Enfim um vinho único, do século passado! Só restam à mamã oito ou dez garrafas... E hoje, era dia para uma, hem?

O Fidalgo deu um sorvo lento ao café:

— O André, antigamente, também gostava muito de ovos queimados...

Bruscamente Gracinha fechou o *Almanaque* — e, com uma fuga e um silêncio que emudeceram Gonçalo, sacudiu do colo o gato dorminhoco, atravessou o terraço, desapareceu entre os teixos altos do jardim.

Mas à tarde, quando o Fidalgo ocupou o seu lugar na mesa oval, junto da prima Maria Mendonça — logo notou,

entre duas compoteiras, uma travessa de ovos queimados. Apesar de jantar tão íntimo serviam, com a louça da China, os famosos talheres dourados da baixela do tio Melchior. E duas jarras de Saxe transbordavam de vos brancos e amarelos, cores heráldicas dos Ramires.

D. Maria, que não encontrara o querido primo desde os anos de Gracinha, murmurou com um sorriso, uma grave cortesia, naquele cerimonioso silêncio em que se desdobravam os guardanapos:

— Ainda lhe não dei os parabéns, primo Gonçalo...

Ele acudiu, mexendo nervosamente nos copos:

— Psiu! prima, psiu! Hoje aqui, já está decidido, não se alude quer a política... Está muito calor para política.

Ela suspirou de leve, como desfalecida: Ai, o calor... Que horrível calor! Desde que entrara nos Cunhais com aquele vestido preto que «era o seu pálio rico» — ainda não cessara de invejar a frescura do vestido branco de Gracinha...

— Que bem que lhe fica! Está hoje linda!

Era um vestido liso de *crépon* branco, que aclarava, remoçava a sua graça quase virginal. E nunca realmente tanto prendera, assim clara e fina, com os verdes olhos refulgindo como esmeraldas lavadas, uma ondulação mais lustrosa nos pesados cabelos, um macio rubortransparente, todo um fresco brilho de flor regada, de flor revivida, apesar do acanhamento que lhe imobilizava os dedos ao erguer a colher de prata

dourada. E ao lado, superiormente robusto e largo, com o peitilho arqueado como uma couraça e cravejado de duas safiras, uma rosa branca desabrochada na lapela, André Cavaleiro, que recusara a sopa (oh, no verão nunca comia sopa!) dominava a mesa, levemente comovido também, passando sobre o reluzente bigode um lenço tão perfumado que afogava o perfume dos cravos. Mas foi ele que encadeou a animação com risonhos queixumes sobre o calor — o escandaloso calor de Oliveira... Ah! que Purgatório abrasado — depois dos seus dois dias de Paraíso, na frescura deliciosa de Sintra!

D. Maria Mendonça adoçou os espertos olhos para o Sr. Governador Civil. — E então Sintra? Animada? Muitos ranchos à tarde, em Seteais?

Encontrara a Condessa de Chelas — a prima Chelas?...

Sim, na Pena, na sua visita à Rainha, Cavaleiro conversara durante um momento com a Sra. Condessa de Chelas...

— Ah! e a Rainha?...

— Oh, sempre encantadora...

— A Sra. Condessa de Chelas, essa, um pouco magra. Mas tão amável, tão inteligente, tão verdadeiramente *grande dame* — não é verdade? E, como se inclinara para Gracinha, com uma doçura infinita no simples mover da cabeça — ela, perturbada, mais vermelha, balbuciou que não conhecia a Condessa de Chelas... D. Maria Mendonça acusou logo a inércia dos primos Barrolos, sempre encafurnados nos Cunhais, sem nunca se

aventurarem a Lisboa no inverno, para conviver, para conhecer os parentes...

— E a culpa é do primo José, que detesta Lisboa...

Oh, não! Barrolo não detestava Lisboa! Se pudesse acarretar para Lisboa as suas comodidades, o seu quarto, a sua cocheira, a boa água do pomar, a rica varanda sobre o jardim — até se regalava!

— Mas entalado naqueles quartinhos do Bragança... E depois a má comida, o barulho... A Gracinha em Lisboa nunca dorme... E a maçada das manhãs?... Não há nada que fazer em Lisboa, de manhã!

O Cavaleiro sorria para o Barrolo, como enlevado na sua graça e razão. Depois confessou que ele, apesar de habitar também (mercê do Estado!) um

palacete confortável, e gozar também uma água excelente, a finíssima água do Poço de S. Domingos, lamentava que os deveres de Política, a disciplina de Partido o amarrassem a Oliveira. E toda a sua esperança era a queda do Ministério, para se libertar, passar três meses divinos em Itália...

Do outro lado de Gracinha, João Gouveia (sempre acanhado e mudo diante de senhoras) exclamou, num impulso de amizade, de convicção:

— Pois, Andrezinho, vai perdendo a esperança! O S. Fulgêncio não arreia! Ainda cá te apanhamos uns três ou quatro anos!

E insistiu, debruçado sobre Gracinha, num esforço de amabilidade que o esbraseava:

O S. Fulgêncio não arreia. Ainda cá temos o nosso André mais três ou quatro anos.

André protestava, com um requebro, as espessas pestanas quase cerradas:

— Oh meu João! não me queiras mal, não me queiras mal!...

E teimava. Ah, com certeza! ainda que desertasse o seu partido (e que importa em hoste poderosa uma lança ferrugenta?) esses meses de Itália no inverno já os sonhara, já os preparava... — E a Sra. a D. Graça não permitia que ele a servisse dum pouco de vinho branco?

Barrolo estendeu o braço, com efusão:

— Oh Cavaleiro! eu tenho empenho em que você prove esse vinho com

cuidado... E da minha propriedade do Corvelo... Faço muito gosto nele. Mas prove com atenção!

S. Ex.ª provou com devoção, como se comungasse. E com uma cortesia compenetrada para Barrolo que reluzia de gosto:

— Uma delícia! uma verdadeira delícia!

— Hem? Não é verdade? Eu, para mim, prefiro este vinho do Corvelo a todos os vinhos franceses, os mais finos... Até ali o nosso amigo Padre Soeiro, que é um santo, o aprecia!

Silencioso, esbatido por trás duma das altas jarras de cravos, Padre Soeiro corou, sorriu:

— Com muita água, infelizmente, Sr. José Barrolo... O gosto pede, mas o

reumatismo não consente.

Pois José Mendonça, que não temia reumatismos, atacava sempre bravamente aquele bendito Corvelo...

— Que lhe parece a você, João Gouveia?

Oh! João Gouveia já o conhecia, louvado Deus! E certamente nunca encontrara em Portugal, como vinho branco, nenhum comparável pela frescura, pelo aroma, pela seiva...

— E cá lhe vou atiçando com fervor, Barrolo amigo! Esta bela garrafa de cristal vai de vencida!

Barrolo exultava. O seu desgosto era que Gonçalo nunca honrasse «aquele néctar». — Não! Gonçalo não tolerava vinhos brancos...

— E então hoje estou com uma

destas sedes que só me satisfaz vinho verde, assim um pouco espumante, e com gelo... Que este de Vidainhos também é do Barrolo. Oh, eu não desprezo os vinhos da família... Este Vidainhos sinceramente o considero sublime.

Então Cavaleiro desejou provar esse sublime vinho verde da quinta de Vidainhos, em Amarante. O escudeiro, a um aceno entusiasmado do Barrolo, apresentou a S. Ex.ª um copo esguio, especial para aquele vinho que espumava. Mas o Cavaleiro, acariciando o fresco coposem o erguer, repisou a ideia de férias, de viagens, como acentuando o seu cansaço e fastio de Oliveira. — E sabia a Sra. D. Graça para onde ele seguiria, depois da Itália, nesse inverno, se por caridade de Deus o Ministério caísse?...

Para a Ásia Menor.

— E era uma viagem para que eu, com certeza, tentava o nosso Gonçalo... Tão fácil, agora, com os caminhos — de-ferro!... De Veneza a Constantinopla um mero passeio. Depois, de Constantinopla a Esmirna, um dia, dois dias, num vapor excelente. E daí numa boa caravana, por Trípoli, pela antiga Sidónia, penetrávamos em Galileia... Galileia! Hem, Gonçalo? Que beleza!

Padre Soeiro, suspendendo o garfo, lembrou timidamente que em Galileia o Sr. Gonçalo Ramires pisaria terra que outrora, por pouco, pertencera à sua Casa:

— Um dos antepassados de V. Ex.ª, Gutierres Ramires, companheiro de Tancredo na primeira Cruzada, recusou o ducado de Galileia e de Além-Jordão...

— Fez pessimamente! — gritou Gonçalo, rindo. — Oh, esse avô Gutierres andou pessimamente! Porque não existia agora, neste mundo, disparate mais divertido do que eu Duque de Galileia! O Sr. Gonçalo Mendes Ramires, Duque de Galileia e de Além-Jordão!... Era simplesmente de rebentar!

Cavaleiro protestou, com simpatia:

— Ora essa! Porquê?

— Não acredite! — acudiu, com os olhos coruscantes, D. Maria Mendonça. — O primo Gonçalo, com todas estas graças, no fundo, é muitíssimo aristocrata... Mas terrivelmente aristocrata!

O Fidalgo da Torre pousou o copo de Vidainhos, depois dum trago saboreado e fundo:

— Aristocrata... Está claro que sou aristocrata. Sentiria com efeito certo desgosto em ter nascido, como uma erva, de outras ervas vagas. Gosto de saber que nasci de meu pai Vicente, que nasceu de seu pai Damião, que nasceu de seu pai Inácio, e assim sempre até não seique Rei Suevo...

— Recesvinto! — informou respeitosamente Padre Soeiro.

— Pois até esse Recesvinto. O pior é que o sangue de todos esses pais não difere, realmente, do sangue dos pais do Joaquim da Porta. E que depois do Recesvinto, para trás, até Adão, não tenho mais pais!

E, enquanto todos riam, D. Maria Mendonça, debruçada para ele, por trás do leque largamente aberto, murmurou:

— O primo está com esses desprezos... Pois eu sei duma senhora que tem a maior admiração pela casa de Ramires e pelo seu representante.

Gonçalo enchia de novo o copo, com amor, atento à espuma:

— Bravo! Mas «convém distinguir», como diz o Manuel Duarte. Por quem tem ela a verdadeira admiração, por mim ou pelo Suevo, pelo Recesvinto?

— Por ambos.

— Diabo!

Depois, pousando a garrafa, mais sério:

— Quem é?

Oh! ela não podia confessar. Não era ainda bastante velha para andar com recadinhos de sentimento. Mas Gonçalo dispensava o nome — só desejava as

qualidades... Nova? Bonita?

— Bonita? — exclamou D. Maria. — É uma das mulheres mais formosas de Portugal!

Espantado, Gonçalo lançou o nome:

— A D. Ana Lucena!

— Porquê?

— Porque mulher assim tão formosa, e vivendo nestes sítios, e tão conhecida da prima que lhe faz confidências, só a D. Ana.

D. Maria, ajeitando as duas rosas que lhe alegravam o corpete de seda preta, sorria:

— Talvez seja, talvez seja...

— Pois estou imensamente lisonjeado. Mas ainda distingo, como o Manuel Duarte. Se, da parte dela, essa simpatia toda é para o bom fim, não! Não,

Santo Deus, não!... Mas se é para o mau fim, então, prima, cumprirei honradamente o meu dever, dentro das minhas forças...

D. Maria escondeu a face no leque, escandalizada. Depois, espreitando, com os agudos olhos a faiscar:

— Oh primo, mas o bom fim é que convinha, porque a coisa é a mesma e são duzentos contos a mais!

Gonçalo gritou de admiração:

— Oh! esta prima Maria! Não há em toda a Europa ninguém mais esperto!

Todos curiosamente ansiaram por saber a nova graça da Sra. D. Maria. Mas Gonçalo deteve as curiosidades:

— Não se pode contar. É casamento.

Então José Mendonça recordou a novidade picante, que desde a véspera remexia Oliveira:

— Por casamento!... Que me dizem ao casamento da D. Rosa Alcoforado?

Barrolo, depois o Gouveia, até Gracinha, todos o proclamaram «um horror».

Aquela perfeita rapariga, de pele tão cor-de-rosa de cabelo tão cor de ouro, amarrada ao Teixeira de Carredes, um patriarca carregado de netos... Que desastre!

Pois ao Cavaleiro o casamento não parecia assim «desastrado». O Teixeira de Carredes, além de muito fino, de muito inteligente, era um velho verdejante, quase sem rugas — até bonito com aquele contraste do bigode escuro e da grenha riçada e branca. E na Sra. D. Rosa, com todas as rosas da sua pele e todo o ouro dos cabelos, dominava «um não sei quê»

de amolentado e de sorvado... Depois pouco esperta. E pouco cuidadosa — sempre mal penteada, sempre mal pregada...

— Enfim, V. Ex.as perdoem... Mas quem faz um casamento muito desenxabido, é o pobre Teixeira de Carredes.

D. Maria Mendonça considerava o Governador Civil com um espanto amável:

— Pois se o Sr. Cavaleiro não admira a Rosinha Alcoforado, não sei então que rapariga admire dentro do seu Distrito...

Ele, logo, com galante rasgo:

— Mas, além de V. Ex.as, não admiro ninguém! Realmente eu governo, em Portugal, o Distrito mais desprovido de

beleza...

Todos protestaram. E a Maria Marges? E a pequena Reriz, da Riosa? E a Melozinho Alboim, com aqueles olhos?... Mas o Cavaleiro não consentia, a todas demolia com um sarcasmo leve, ou pela pele sem frescura, ou pelo pisar desairoso, ou pelo provincianismo de gosto e modos, sempre pela carência das belezas e graças que ornavam Gracinha — lançando assim disfarçadamente, aos pés de Gracinha, um rolo de senhoras vencidas e amarfanhadas. Ela percebera a subtil adulação, os seus olhos alumiaram com um fulgor mais enternecido o rubor que a afogueava. Desejou repartir incenso tão acumulado — lembrou timidamente outra beleza de que se orgulhava o Distrito:

— A filha do Visconde de Rio Manso, a Rosinha Rio Manso... É linda!

O Cavaleiro triunfou com facilidade:

— Mas tem doze anos, minha senhora! Nem é rosinha, é botãozinho de rosa!...

Quase humildemente, Gracinha recordou a Luísa Moreira, filha dum lojista, muito admirada aos domingos na missa da Sé e no Terreiro da Louça:

— É uma bela rapariga... Sobretudo a figura...

O Cavaleiro triunfou ainda, com requebrada segurança:

— Sim, mas os dentes tortos, Sra. D. Graça! Os dentes acavalados! V. Ex.ª nunca reparou... Oh! uma boca muito desagradável! E, além dos dentes, o irmão, o Evaristo, com aquela cara mais

chata que a alma, e a caspa, e a porcaria, e o jacobinismo... Não há mulher bonita com irmão tão feio!

Mendonça estendera o braço, com outra curiosidade que ocupava Oliveira:

— E por Evaristo!... Ele sempre funda o novo jornal republicano, o *Rebate?*

O Sr. Governador Civil encolheu os ombros com uma ignorância superior e risonha. Mas João Gouveia, vermelho e luzidio depois da sua garrafa de Corvelo e da sua garrafa de Douro, afiançou que o *Rebate* aparecia em novembro. Até ele conhecia o patriota que esportulava a «massa». E a campanha do *Rebate* começava com cinco artigos esmagadores, sobre a Tomada da Bastilha.

O espanto de Gonçalo era como o

Republicanismo alastrara em Portugal — até na velhota, na devota Oliveira...

— Quando eu andava em preparatórios existiam simplesmente dois republicanos em Oliveira, o velho Salema, lente de Retórica, e eu. Agora há partido, há *comité*, há dois jornais... E há mesmo o Barão das Marges com a *Voz Pública* na mão, debaixo da Arcada...

Mendonça não receava a República, gracejava:

— Ainda vem longe, muito longe... Ainda nos dá tempo de comermos estes belos ovos queimados.

— Deliciosos — murmurou o Cavaleiro.

— Sim — concordou Gonçalo — ainda temos tempo para os ovos... Mas que rebente uma revolução em Espanha,

ou que morra o Reizinho na sua menoridade, que naturalmente morre...

— Credo! Coitadinho! Pobre mãe! — murmurou Gracinha sensibilizada.

Imediatamente o Cavaleiro a tranquilizou. Porquê, morrer o Reizinho de Espanha?

Os republicanos espalhavam boatos sombrios sobre os males da excelente criança. Mas ele conhecia a realidade — assegurava à Sra. D. Graça que, felizmente para a Espanha, ainda reinaria um Afonso XIII e mesmo um Afonso XIV. Enquanto aos nossos republicanos, esses... Meu Deus! mera questão de guarda municipal! Portugal, nas suas massas profundas, permanecia monárquico, de raiz. Apenas ao de cima, na burguesia e nas escolas, flutuava uma

escuma ligeira, e bastante suja, que se limpava facilmente com um sabre...

— V. Ex.ª Sra. D. Graça, que é uma dona de casa perfeita, conhece esta operação que se faz à panela do caldo... Escumar a panela. É com uma colher. Aqui é com um sabre. Pois assim, com toda a simplicidade, se clarifica Portugal. E foi isto que ainda ultimamente eu declarei a El-Rei.

Alteara a cabeça — o seu peitilho resplandecia, mais largo, como couraça bastante rija para defender toda a Monarquia. E, no compenetrado silêncio que se alargou, duas rolhas de champanhe estalaram, por trás do biombo, na copa.

Apenas o escudeiro, apressado, enchera as taças — o Fidalgo da Torre, com uma gravidade que o sorriso

adoçava:

— André, à tua saúde. Não é ao Governador Civil, é ao amigo!

Todos os copos se ergueram num sussurro acariciador. João Gouveia agitou o seu, com especial efusão, gritando: — «Andrezinho, meu velho!» S. Ex.ª apenas tocou de leve no cálice de Gracinha. Padre Soeiro murmurou as «graças». E Barrolo, atirando o guardanapo:

— Café aqui ou na sala?... Na sala estamos mais frescos.

Na sala grande, a sala dos veludos vermelhos, o lustre rebrilhava solitariamente; pelas três janelas abertas penetrava a serenidade da noite quente, o recolhido silêncio de Oliveira; e em baixo, no Largo, alguns sujeitos, mesmo duas senhoras de manta de lã branca pela

cabeça, pasmavam para aquela claridade de festa que jorrava dos Cunhais. O Cavaleiro e Gonçalo acenderam os charutos na varanda, respirando a frescura escassa. E o Cavaleiro, com beatitude:

— Pois sempre te digo, Gonçalinho, que se janta sublimemente em casa de teu cunhado!...

Gonçalo desejou que, no domingo, ele jantasse na Torre. Ainda restavam umas garrafas de Madeira, do tempo do avô Damião — a que se daria, com socorro do Gouveia e do Titó, um assalto heroico.

O Cavaleiro prometeu, já deliciado — tomando da pesada bandeja de prata, que derreava o escudeiro, a sua chávena de café, sem açúcar.

— E tu, com efeito, Gonçalo, agora

não deves arredar da Torre. O teu papel é todo de presença na localidade. O Fidalgo da Torre está no meio das suas terras, por onde vai ser eleito para as Cortes. É o teu papel...

O Barrolo, com um riso enlevado, surdiu entre os dois amigos, que enlaçou ternamente pela cinta:

— E nós cá ficamos, ambos a trabalhar, o Cavaleiro e eu!..

Mas D. Maria, do canapé onde se enterrara, reclamou o primo Gonçalo «para negócios». junto duma console, João Gouveia e Padre Soeiro, remexendo o seu café, concordavam na necessidade dum Governo forte. E Gracinha, com o primo Mendonça, revolvia as músicassobre a tampa do piano, procurando o *Fado dos Ramires*.

Mendonça tocava com corredio brilho, compusera valsas, um hino ao coronel Trancoso, o herói de Machumba — e mesmo o primeiro ato duma ópera, *A Pegureira*. E como não descortinavam o *Fado* com as quadras do Videirinha — foi justamente uma das suas valsas, a *Pérola*, duma cadência amorosa e cansada lembrando a valsa do Fausto, que ele atacou, sem largar o charuto.

Então André Cavaleiro, que repenetrara vagarosamente na sala, repuxou o colete, afagou o bigode, e avançando para Gracinha, com um modo meio grave, meio folgazão:

— Se V. Ex.ª me quer dar a grande honra?...

Oferecia, abria os braços. E Gracinha, toda escarlate, cedeu, levada

logo nos largos passos deslizados que o Cavaleiro lançou sobre o tapete. Barrolo e João Gouveia correram a afastar as poltronas, clareando um espaço, onde a valsa se desenrolou com o suave sulco branco do vestido de Gracinha. Pequenina e leve, toda ela se perdia, como se fundia, na força máscula do Cavaleiro, que a arrebatava em giros lentos, com a face pendida, respirando os seus cabelos magníficos.

Da borda do canapé, com os finos olhos a fuzilar, D. Maria Mendonça pasmava:

— Mas que bem que valsa, que bem que valsa o Sr. Governador Civil!...

Ao lado Gonçalo torcia nervosamente o bigode, na surpresa daquela familiaridade, assim renovada

pelo Cavaleiro com tão serena confiança, por Gracinha com tanto abandono... Eles torneavam, enlaçados. Dos lábios do Cavaleiro escorregava um sorriso, um murmúrio. Gracinha arfava, os seus sapatos de verniz reluziam sob a saia que se enrolava nas calças do Cavaleiro. E Barrolo, em êxtase, quando eles o roçavam, atirava palmas carinhosas, bradava:

— Bravo! Bravo! Lindamente!... Bravíssimo!

7

Gonçalo recolhia para o almoço depois dum passeio no pomar percorrendo a Gazeta do Porto, quando avistou no banco de pedra, rente à porta da cozinha, onde a Rosa mudava o painço na gaiola do *seu* canário, o Casco, o José Casco dos Bravais, que esperava, pensativo e abatido, com o chapéu sobre os joelhos. Vivamente, para se esquivar, remergulhou no jornal. Mas percebeu a esgalgada magreza do homem, que surdia da sombra da latada, avançava na claridade faiscante do pátio, hesitando, como assustado... E, animado pela vizinhança da Rosa, parou, forçando um sorriso enquanto o Casco enrolava nas

mãos trémulas a aba dura do chapéu, balbuciava:

— Se o Fidalgo me fizesse a esmola de uma palavra...

— Ah! é você, Casco! Homem, não o conheci... E então?

Dobrou o jornal, tranquilizado — gozando mesmo a submissão daquele valente que tanto o apavorara, erguido e negro como um pinheiro, na solidão do pinheiral. E o Casco, engasgado, repuxava, esticava o pescoço de dentro dos grossos colarinhos bordados — até que atiroutoda a alma numa súplica soluçada, retendo as lágrimas que marejavam:

— Ai, meu Fidalgo, perdoe por quem é! Perdoe, que eu nem lhe sei pedir perdão!

Gonçalo atalhou o homem, com generosidade e doçura. Ele bem o avisara! Nada se emenda, a gritar, com o pau alçado...

— E olhe, Casco! Quando você me saiu ao pinhal, eu levava um revólver na algibeira... Trago sempre um revólver. Desde que uma noite em Coimbra, no Choupal, dois bêbados me assaltaram, ando sempre à cautela com o revólver... Pense você agora que desgraça se o revólver, se desfecho!... Que desgraça, hem?... Felizmente, num relance, pensei que me perdia, que o matava, e fugi. Foi por isso que fugi, para não desfechar o revólver... Enfim tudo passou. E eu não sou homem de rancores, já esqueci. Contento que você, agora sossegado e noseu juízo, esqueça também.

O Casco amassava as abas do chapéu, com a cabeça derrubada. E sem a erguer, sem ousar, rouco dos soluços que o entalavam:

— Pois agora é que eu me lembro, meu Fidalgo! Agora é que me ralo por aquela doidice! Agora! depois do que o Fidalgo fez pela mulher e pelo pequeno!...

Gonçalo sorriu, encolheu os ombros:

— Que tolice, Casco!... Pois a sua mulher aparece ai numa noite de água... E o pequenito doente, coitadito, com febre... Como vai ele, o Manelzinho?

O Casco murmurou do fundo da sua humildade:

— Louvado seja Deus, meu senhor, muito sãozinho, muito rijinho.

— Ainda bem... Ponha o chapéu. Ponha o chapéu, homem! E adeus!... Você

não tem que agradecer, Casco... E olhe! Traga c à um dia o pequeno. Eu gostei do pequeno. É espertinho.

Mas o Casco não se arredava, pregado às lajes. Por fim, num soluço que rebentou:

— E que eu não sei como hei de dizer, meu Fidalgo... Lá o dia de cadeia, acabou! Tenho génio, fiz a asneira, com o corpo a paguei. E pouco paguei, graças ao Fidalgo... Mas depois quando saí, quando soube que a mulher viera de noite à Torre, e que o Fidalgo até a embrulhara numa capa, e que não deixara sair o pequeno...

Estacou, afogado pela emoção. E como Gonçalo, também comovido, lhe batia risonhamente no ombro, «para acabar, não se falar mais nessas bagatelas...» — o Casco rompeu, numa

grande voz dolorosa e quebrada:

— Mas é que o Fidalgo não sabe o que é para mim aquele pequeno!... Desde que Deus mo mandou tem sido uma paixão cá por dentro, que até parece mentira!... Olhe que na noite que passei na cadeia da vila não dormi... E Deus me perdoe, não pensei na mulher, nem na pobre da velha, nem na pouquita terra que amanho, tudo ao desamparo. Toda a noite se foi a gemer: — «ai o meu querido filhinho! ai o meu querido filhinho!...» Depois quando a mulher, logo pela estrada, me diz que o Fidalgo ficara com ele na Torre, e o deitara na melhor cama, e mandara recado ao médico... E depois, quando soube pelo Sr. Bento que o Fidalgo de noite subia a ver se ele estava bem coberto, e lhe entalava a roupa, coitadinho...

E arrebatadamente, num choro solto, gritando: — «Ai meu Fidalgo! meu Fidalgo!...» — o Casco agarrou as mãos de Gonçalo, que beijava, rebeijava, alagava de grossas lágrimas.

— Então, Casco! Que tolice!... Deixe, homem!

Pálido, Gonçalo sacudia aquela gratidão furiosa — até que ambos se encararam, o Fidalgo com as pestanas molhadas e trémulas, o lavrador dos Bravais soluçando, numa confusão. E foi ele por fim que, recalcando um derradeiro soluço, se recobrou, desabafou da ideia que o trouxera, que decerto fundamente o trabalhara e que, agora, lhe enrijava a face e o gesto numa determinação que nunca vergaria:

— Meu Fidalgo, eu não sei falar, não

sei dizer... Mas se de hoje em diante, seja para que for, o Fidalgo necessitar da vida dum homem, tem aqui a minha!

Gonçalo estendeu a mão ao lavrador, muito simplesmente — como um Ramires de outrora recebendo a preitesia dum vassalo.

— Obrigado, José Casco.

— Entendido, meu Fidalgo, e que Deus Nosso Senhor o abençoe!

Gonçalo, perturbado, galgou pela escadinha da varanda enquanto o Casco atravessava o pátio vagarosamente, com a cabeça bem erguida, como homem que devera e que pagara.

E em cima, na livraria, Gonçalo pensava com espanto: — «AI está como neste mundo sentimental se ganham dedicações gratuitamente!...» Porque

enfim! Quem não impediria que uma criancinha com febre afrontasse de noite uma estrada negra, sob a chuva e vendaval? Quem a não deitaria, não lhe adoçaria um grogue, não lhe entalaria os cobertores para a conservar bem abafada? E por esse grogue e por essa cama — corre o pai, tremendo e chorando, a oferecer a sua vida! Ah! como era fácil ser Rei — e ser Rei popular!

E esta certeza mais o animava a obedecer às recomendações do Cavaleiro — a começar imediatamente as suas visitas aos influentes eleitorais, essas aduladoras visitas que assegurariam à eleição uma arrogante. Logo ao fim do almoço, mesmo sobre a toalha, arredando os pratos, copiou a lista desses magnates — por um rascunho anotado que lhe

fornecera o João Gouveia. Era o Dr. Alexandrino; o velho Gramilde, de Ramilde; o Padre José Vicente, da Finta; outros menores; — e o Gouveia marcara com uma cruz, como o mais poderoso e mais difícil,o Visconde de Rio Manso, que dispunha da imensa freguesia de Canta Pedra. Gonçalo conhecia esses senhores, homens de propriedade e de dinheiro (com todos outrora o papá andara endividado) — mas nunca encontrara o Visconde de Rio Manso, um velho brasileiro, dono da quinta da *Varandinha*, onde vivia solitariamente com uma neta de onze anos, essa linda Rosinha que chamavam «o botão de Rosa», a herdeira mais rica de toda a Província. E logo nessa tarde, em Vila Clara, reclamou ao João Gouveia uma

carta de apresentação para o RioManso.

O Administrador hesitou:

— Você não precisa carta... Que diabo! Você é o Fidalgo da Torre! Chega, entra, conversa... Além disso na eleição passada o Rio Manso ajudou os Regeneradores; de modo que estamos um pouco secos. O Rio Manso é um casmurro... Mas com efeito, Gonçalinho, convém começar essa caça à popularidade!

Nessa noite, na Assembleia, o Fidalgo, encetando a «caça à popularidade», aceitou um convite do Comendador Romão Barros (do maçador, do burlesco Barros) para o bródio faustoso com que ele celebrava, na sua quinta da *Roqueira*, a festa de S. Romão. E essa semana inteira, depois outra, as

gastou assim por Vila Clara, amimando eleitores — a ponto de comprar horrendas camisas de chita na loja do Ramos, de encomendar um saco de café na mercearia do Telo, de oferecer o braço no Largo do Chafariz à nojenta mulher do bebedíssimo Marques Rosendo, e de frequentar, de chapéu para a nuca, o bilhar da Rua das Pretas. João Gouveia não aprovava estes excessos — aconselhando antes «boas visitas, com todo o chique, aos influentes sérios». Mas Gonçalo bocejava, adiava, na insuperável preguiça de afrontar a maledicência rabugenta do velho Gramilde, ou a solenidade forense do Dr. Alexandrino.

Agosto findava: — e por vezes, na livraria, Gonçalo, coçando desconsoladamente a cabeça, considerava

as brancas tiras de almaço, o Capítulo III da *Torre de D. Ramires* encalhado... Mas quê! não podia, com aquele calor, com o afã da eleição, remergulhar nas eras Afonsinas!

Quando refrescavam as tardes lentas, montava, alongava o passeio pelas freguesias, não se descuidando das recomendações do Cavaleiro — enchendo sempre o bolso de rebuçados de avenca para atirar às crianças. Mas, numa carta ao querido André, já confessara que *«a sua popularidade não crescia, não enfunava...»* — *«Não! positivamente, velho amigo, não tenho o dom! Sei apenas palestrar familiarmente com os homens, cumprimentar pelo seu nome as velhas às soleiras das portas, gracejar com a pequenada, e se encontro uma*

boieirinha de saiazita rota, dar cinco tostões à boieirinha para uma saiazita nova... Ora todas estas coisas tão naturais sempre as fiz naturalmente, desde rapaz, sem que me conquistassem influência sensível... Necessito portanto que essa querida Autoridade me empurre com o seu braço possante e destro...»

Todavia já uma tarde, encontrando junto da Torre o velho Cosme de Nacejas, e depois, num domingo, cruzando as *Ave-Marias* na Bica Santa o Adrião Pinto do lugar da Levada, ambos lavradores considerados e remexedores de eleições — lhes pedira os votos, desprendidamente e rindo. E quase se assombrara da prontidão, do fervor, com que ambos se ofereceram. — «Para o Fidalgo? Pois isso está entendido! Ainda

que se votasse contra o Governo, que é pai!» — E em Vila Clara, com o Gouveia, Gonçalo deduzia destas ofertas tão acaloradas «a inteligência política da gente do campo»:

— Está claro que não é pelos meus lindos olhos! Mas sabem que eu sou homem para falar, para lutar pelos interesses da terra... Sanches Lucena não passava dum Conselheiro muito rico e muito mudo! Esta gente quer deputado que grite, que lide, que imponha Votam por mim porque sou uma inteligência.

E o Gouveia volvia, contemplando pensativamente o Fidalgo:

— Homem! quem sabe? — Você nunca experimentou, Gonçalo Mendes Ramires. Talvez seja realmente pelos seus lindos olhos!

Num desses passeios, numa abrasada sexta-feira, com o Sol ainda alto, Gonçalo atravessava o lugarejo da Veleda, no caminho de Canta Pedra. Ao fim dos casebres que se apertam à orla da estrada alveja, muito caiada, num terreiro defronte da igreja, a taberna famosa «do Pintainho», onde os caramanchões do quintal e a nomeada do coelho guisado, atraem vasto povo nos dias da feira da Veleda. Nessa manhã o Titó, depois duma madrugada às perdizes, em Valverde, aparecera na Torre para almoçar, urrando, de esfomeado. Era sexta-feira — a Rosa preparara uma pescada com tomates, depois um bacalhau assado, formidáveis. E Gonçalo, toda a tarde torturado com sede, mais ressequido pela poeira da estrada, parou avidamente diante do

portão da venda, gritou pelo Pintainho.

— Oh meu Fidalgo!...

— Oh Pintainho! depressa! Uma sangria! Uma grande sangria bem fresca, que morro...

O Pintainho, velhote roliço de cabelo amarelo, não tardou com o copo apetitoso e fundo onde boiava, na espumazinha do açúcar, uma rodela de limão. E Gonçalo saboreava a sangria com inefável delícia — quando da janela térrea da venda partiu um assobio lento, fino e trinado, como os dos arrieiros que animam as bestas a beber nos riachos. Gonçalo deteve o copo, varado. À janela assomara um latagão airoso, de face clara e suíças louras, que, com os punhos sobre o peitoril e a cabeça levantada, num descarado modo de pimponice e desafio,

o fitava atrevidamente. E num lampejo o Fidalgo reconheceu aquele caçador que já uma tarde, no lugar de Nacejas, ao pé da fábrica de vidros, o mirara com arrogância, lhe raspara a espingarda pela perna, e ainda depois, parado sob a varanda duma rapariga de jaqué azul, lhe acenara chasqueando enquanto ele descia a ladeira... Era esse! Como se não percebesse o ultraje — Gonçalo bebeu apressadamente a sangria, atirou uma placa ao pobre Pintainho enfiado, e picou a fina égua. Mas então da janela rolou uma risadinha, cacarejada e troçante, que o colheu pelas costas como o estalo de uma vergasta. Gonçalo soltou a galope. E adiante, sopeando a égua no refúgio duma azinhaga, pensava, ainda trémulo: — «Quem será o desavergonhado?... E que

lhe fiz eu, Santo Deus? que lhe fiz eu?...» Ao mesmo tempo todo o seu ser se desesperava contra aquele desgraçado *medo*, encolhi mento da carne, arrepio da pele, que sempre, ante um perigo, uma ameaça, um vulto surdindo duma sombra, o estonteava, o impelia furiosamente a abalar, a escapar! Porque à sua alma, Deus louvado, não faltava arrojo! Mas era o corpo, o traiçoeiro corpo, que num arrepio, num espanto, fugia, se safava, arrastando a alma enquanto dentro a alma bravejava!

Entrou na Torre, mortificado, invejando a afoiteza dos seus moços da quinta, remoendo um rancor soturno contra aquele bruto de suíças louras, que certamente denunciaria ao Cavaleiro e enterraria numa enxovia! — Mas, logo no

corredor, o Bento lhe debandou ospensamentos, aparecendo com uma carta «que trouxera um moço da *Feitosa* — ».

— Da *Feitosa?*

— Sim, senhor, da quinta do Sr. Sanches Lucena, que Deus haja. Diz que vinha de mandado das senhoras...

— Das senhoras!... Que senhoras?

Sem tarja de luto, a carta não era da bela D. Ana... Mas era de D. Maria Mendonça, que assinava — «prima muito amiga, Maria Severim». Num relance a leu, colhido logo por esta surpresa nova, distraído da venda do Pintainho e da afronta:

«*Meu querido Primo.*

«Estou há três dias aqui com a minha amiga Anica, e como passou o mês inteiro do nojo e ela já pode sair (e até precisa porque tem andado fraca) eu aproveito a ocasião para percorrer estes arredores que dizem tão bonitos, e pouco conheço. Tencionamos no domingo visitar Santa Maria de Craquede, onde estão os túmulos dos antigos tios Ramires. Que impressão me vai fazer!... Mas, ao que parece, além dos túmulos do claustro, há outros, ainda mais antigos, que foram arrombados no tempo dos Franceses, e que ficam num subterrâneo, onde se não pode entrar sem licença e sem que tragam a chave. Peço pois, querido Primo, que dê as suas ordens para que no domingo possamos descer ao subterrâneo, que todos afiançam

muito interessante, porque ainda lá restam ossos e armas. Se na Torre houvesse uma senhora, eu mesma iria, para lhe fazer este pedido... Mas não se pode visitar um solteirão tão perigoso. Case depressa!... De Oliveira boas notícias, Creia-me sempre, etc.».

Gonçalo encarou o Bento — que esperava, interessado com aquele assombro do Sr. Doutor:

— Tu sabes se em Santa Maria de Craquede há outros túmulos, num subterrâneo?

O assombro então saltou para o Bento:

— Num subterrâneo?... Túmulos?

— Sim, homem! Além dos que estão no claustro parece que há outros, mais

antigos, debaixo da terra... Eu nunca vi, não me lembro. Também há que anos não entro em Santa Maria de Craquede! Desde pequeno!... Tu não sabes?

O Bento encolheu os ombros.

— E a Rosa não saberá?

O Bento abanou a cabeça, duvidando.

— Também vocês nunca sabem nada! Bem! Amanhã cedo corre a Santa Maria de Craquede e pergunta na igreja, ao sacristão, se existe esse subterrâneo. Se existir que o mostre no domingo a umas senhoras, à Sra. D. Ana Lucena, e à Sra. D. Maria Mendonça, minha prima Maria... E que tenha tudo varrido, tudo decente!

Mas, repassando a carta, reparou num pós-escrito em letra mais miudinha, ao canto da folha: — «No domingo, não

se esqueça, a visita será *«entre as cinco e cinco e meia da tarde*!»

Gonçalo pensou: — «Será uma entrevista?» E na livraria, atirando para uma cadeira o chapéu e o chicote, assentou que era uma entrevista, bem clara, bem marcada! E talvez nem existisse esse subterrâneo — e Maria Mendonça, com a sua tortuosa esperteza, o inventasse, como natural motivo de lhe escrever, de lhe anunciar que no domingo, às cinco e meia, a bela D. Ana e os seus duzentos contos, o esperavam em Santa Maria de Craquede. Mas então a prima Maria não gracejara, em Oliveira? Gostava dele, realmente, essa D. Ana?... E uma emoção, uma curiosidade voluptuosa atravessaram Gonçalo à ideia de que tão formosa mulher o desejava. —

Ali! mas certamente o desejava para marido, porque se o apetecesse para amante não se socorria dos serviços da D. Maria Mendonça — nem a prima Maria, apesar de tão sabuja com as amigas ricas, os prestaria assim descaradamente como uma alcoviteira de comédia! E caramba! casar com a D. Ana — não!

E subitamente ansiou por conhecer a vida da D. Ana! Aturara ela tantos anos, em severa fidelidade, o velho Sanches? Sim, talvez, na *Feitosa*, na solidão dos grandes muros da *Feitosa* — porque nunca sobre ela esvoaçara um rumor, em terriolas tão gulosas de rumores malignos. Mas em Lisboa?... Esses «amigos estimabilíssimos» de que se ufanava o pobre Sanches, o D. João não sei quê, o pomposo Arronches Manrique, o Filipe

Lourençal com o seu cornetim?... Algum decerto a atacara — talvez o D. João, por dever tradicional do nome. E ela?... Quem o informaria sobre a história sentimental da D. Ana?

Depois, ao jantar, de repente, pensou no Gouveia. Uma irmã do Gouveia, casada em Lisboa com certo Cerqueira (arranjador de mágicas e empregado na Misericórdia), costumava mandar ao mano Administrador relatórios íntimos sobre todas as pessoas conhecidas de Oliveira, de Vila Clara, que se demoravam em Lisboa — e que interessavam o mano ou por política, ou por mexeriquice. E decerto, pela irmã Cerqueira, o querido Gouveia conhecia miudamente os anais da D. Ana, durante os seus invernos de Lisboa, nas delícias

da sua roda fina».

Nessa noite, porém, o Administrador não aparecera na Assembleia. E Gonçalo, desconsolado, recolhia à Torre — quando no Largo do Chafariz o encontrou com o Videirinha, ambos sentados num banco, sob as olaias escuras.

— Chegou lindamente! — exclamou o Gouveia. — Estávamos mesmo a marchar para minha casa, tomar chá. Quer você, também?... Você costuma gostar das minhas torradinhas.

O Fidalgo aceitou — apesar de cansado. E logo pela Calçadinha, enlaçando o braço do Administrador, contou que recebera uma carta de Lisboa, dum amigo, com uma nova estupenda... O quê? O casamento de D. Ana Lucena.

O Gouveia parou, assombrado,

atirando o coco para a nuca:

— Com quem?!

Gonçalo, que inventara a carta — inventou o noivo:

— Com um vago parente meu, ao que parece, um D. João Pedroso ou da Pedrosa. Muitas vezes o Sanches Lucena me falou nele... Conviviam muito em Lisboa...

Gouveia bateu com a ponta da bengala nas pedras:

— Não pode ser!... Que disparate! A D. Ana não ajustava casamento sete semanas depois de lhe morrer o marido... Olhe que o Lucena morreu no meado de julho, homem! Ainda nem teve tempo de se acostumar à sepultura!

— Sim, com efeito! — murmurou Gonçalo.

E sorria, sob uma doce baforada de vaidade — pensando que, sete semanas depois de viúva, ela, sem resistir, calcando decência e luto, lhe oferecia a ele uma entrevista nas ruínas de Craquede.

A mentira de resto, apesar de disparatada, aproveitara — porque, depois de subirem à saleta verde do Administrador, o espanto recomeçou. Videirinha esfregava as mãos, divertido:

— Oh Sr. Doutor, olhe que tinha graça!... Se a Sra. D. Ana, depois de apanhar os duzentos contos do velhote, logo passadas semanas, zás, se engancha com um rapazote novo...

Não, não!... Gonçalo agora, reparando, também considerava despropositada a noticia do casamento,

assim com o pobre Sanches ainda morno...

— Naturalmente entre ela e esse D. João havia namorico, olhadela... Por isso imaginaram. Com efeito, alguém me contou, há tempos, que o tal D. João se atirava valentemente, como cumpre a um D. João, e que ela...

— Mentira! — atalhou o Administrador, debruçado sobre a chaminé do candeeiro para acender o cigarro. — Mentira! Sei perfeitamente, e por excelente canal... Enfim, sei por minha irmã! Nunca, em Lisboa, a D. Ana deu azo a que se rosnasse. Muito séria, muitíssimo séria. Está claro, não faltou por lá maganão que lhe arrastasse a asa lânguida... Talvez esse D. João, ou outro amigo do marido, segundo a boa lei natural. Mas ela, nada! Nem olho de lado!

Esposa romana, meu amigo, e dos bons tempos romanos!

Gonçalo, enterrado no canapé, torcia lentamente o bigode, regalado, recolhendo as revelações. E o Gouveia, no meio da sala, com um gesto convencido e superior:

— Nem admira! Estas mulheres muito formosas são insensíveis. Belos mármores, mas frios mármores... Não, Gonçalinho, lá para o sentimento, e para a alma, e mesmo para o resto, venham as mulheres pequeninas, magrinhas, escurinhas! Essas sim!... Mas os grandes mulherões brancos, do género Vénus, só para vista, só para museu.

Videirinha arriscou uma dúvida:

— Uma senhora tão bonita como a Sra. D. Ana, e com aquele sangue, assim casada com um velhote...

— Há mulheres que gostam de velhotes porque elas mesmas têm sentimentos velhotes! — declarou o Gouveia, de dedo erguido, com imensa autoridade e imensa filosofia.

Mas a curiosidade de Gonçalo não se contentava. E na *Feitosa?* Nunca se rosnara de alguma aventura escondida? Parece que com o Dr. Júlio...

De novo o Fidalgo inventava. De novo Gouveia repeliu a «mentira»:

— Nem na *Feitosa*, nem em Oliveira, nem em Lisboa... De resto, é o que lhe digo, Gonçalo Mendes. Mulher de mármore!

Depois, saudando, em submissa admiração:

— Mas, como mármore... Vocês, meninos, não imaginam a beleza daquela

mulher decotada!

Gonçalo pasmou:

— E onde a viu você decotada?

— Onde a vi decotada? Em Lisboa, num baile do Paço... Até foi justamente o Lucena que me arranjou o convite para o Paço. Lá me espanejei, de calção... Uma sensaboria. E mesmo uma vergonha, toda aquela turba acavalada por cima dos bufetes, aos berros, a agarrar furiosamente pedaços de peru...

— Mas então, a D. Ana?

— Pois a D. Ana uma beleza! Vocês não imaginam!... Santo nome de Deus! que ombros! que braços! que peito! E a brancura, a perfeição... De endoidecer! Ao princípio, como havia muita gente, e ela estava para um canto, acanhadota, não fez sensação. Mas depois lá a

descobriram. E eram correrias, magotes embasbacados... E «quem será?» E «que encanto!» Todo o mundo perdidinho, até o Rei!

E um momento os três homens emudeceram na impressão do formoso corpo evocado, que entre eles surgia, quase despido, inundando com o esplendor da sua brancura a modesta sala mal alumiada. Por fim Videirinha acercou a cadeira, em confidência, para fornecertambém a sua informação:

— Pois, por mim, o que posso afirmar é que a Sra. D. Ana é uma mulher muito asseada, muito lavada...

E como os outros se espantavam, rindo, de uma certeza tão intima — Videirinha contou que todas as semanas aparecia um moço da *Feitosa*, na botica

do Pires, a comprar três e quatro garrafas de água-de-colónia portuguesa, da receita do Pires.

— Até o Pires dizia sempre, a esfregar as mãos, que na *Feitosa* regavam as terras com água-de-colónia. Depois é que soubemos pela criada... A Sr. a D. Ana toma todos os dias um grande banho, que não é só para lavar, mas para prazer. Fica uma hora dentro da tina. Até lê o jornal dentro da tina. E em cada banho, zás, meia garrafa de água-de-colónia... já é luxo!

Então Gonçalo sentiu como um aborrecimento de todas aquelas revelações do Administrador, do ajudante de Farmácia, sobre os decotes e as lavagens da linda mulher que o esperava entre os túmulos dos Ramires seculares.

Sacudiu o jornal com que se abanava,exclamou:

— Bem! E passando a cantiga mais séria... Oh Gouveia, você que tem sabido do Dr. Júlio? O homem trabalha na eleição?

A criada entrara com a bandeja do chá. E em torno da mesa, trincando as torradas famosas, conversaram sobre a eleição, sobre os informes dos regedores, sobre a reserva do Rio Manso — e sobre o Dr. Júlio, que Videirinha encontrara nos Bravais pedinchando votospelas portas, acompanhado por um moço com a máquina fotográfica às costas.

Depois do chá, Gonçalo, cansado e já provido «de revelações», acendeu o charuto para recolher à Torre.

— Você não acompanha, Videirinha?

— Hoje, Sr. Doutor, não posso. Parto de madrugada para Oliveira, na diligência.

— Que diabo vai você fazer a Oliveira?

— Por causa duns sapatos de praia e dum fato de banho lá da minha patroa, da D. Josefa Pires... Tenho de os trocar nos Emílios, levar as medidas.

Gonçalo ergueu os braços, desolado:

— Ora vejam este pais! Um grande artista, como o Videirinha, a carregar para Oliveira com os sapatos de banho da patroa Pires!... Oh Gouveia! quando eu for deputado precisamos arranjar um bom lugar para o Videirinha, no Governo Civil. Um lugar fácil e com vagares,para ele não esquecer o violão!

Videirinha corou de gosto e de

esperança — correndo a despendurar do cabide o chapéu do Fidalgo.

Pela estrada da Torre, os pensamentos de Gonçalo esvoaçaram logo, com irresistida tentação, para D. Ana — para os seus decotes, para os lânguidos banhos em que se esquecia lendo o jornal. Por fim, que diabo!... Essa D. Ana assim tão honesta, tão perfumada, tãoesplendidamente bela, só apresentava, mesmo como esposa, um feio *senão* — o papá carniceiro. E a voz também — a voz que tanto o arrepiara na Bica Santa... Mas o Mendonça assegurava que aquele timbre rolante e gordo, na intimidade, se abatia, liso e quase doce... Depois, meses de convivência habituam às vozes mais desagradãveis — e ele mesmo, agora, nem percebia quanto o Manuel Duarte era

fanhoso! Não! mancha teimosa, realmente, só o pai carniceiro. Mas nesta humanidade nascida toda dum só homem, quem, entre os seus milhares de avós até Adão, não tem algum avô carniceiro? Ele, bom fidalgo, duma casa de Reis de onde dinastias irradiavam, certamente, escarafunchando o Passado, toparia com o Ramires carniceiro. E que o carniceiro avultasse logo na primeira geração, num talho ainda afreguesado, ou que apenas se esfumasse, através de espessos séculos, entre os trigésimos avós — lá estava, com a faca, e o cepo, e as postas de carne, e as nódoas de sangue no braço suado!...

E este pensamento não o abandonou até à Torre — nem ainda depois, à j anela do quarto, acabando o charuto, escutando o cantar dos ralos. já mesmo se deitara, e

as pestanas lhe adormeciam, e ainda sentia que os seus passos impacientes se embrenhavam para trás, para o escuro passado da sua Casa, por entre a emaranhada História, procurando o carniceiro... Era já para além dos confins do Império Visigodo, onde reinava, com um globo de ouro na mão, o seu barbudo avô Recesvinto. Esfalfado, arquejando, transpusera as cidades cultas, povoadas de homens cultos — penetrara nas florestas que o mastodonte ainda sulcava. Entre a húmida espessura já cruzara vagos Ramires, que carregavam, grunhindo, reses mortas, molhos de lenha. Outros surdiam de tocas fumarentas, arreganhando agudos dentes esverdeados para sorrir ao neto que passava. Depois, por tristes ermos, sob tristes silêncios,

chegara a uma lagoa enevoada. E à beira da água limosa, entre os canaviais, um homem monstruoso, peludo como uma fera, agachado no lodo, partia a rijos golpes, com um machado de pedra, postas de carnehumana. Era um Ramires. No céu cinzento voava o açor negro. E logo, de entre a neblina da lagoa, ele acenava para Santa Maria de Craquede, para a formosa e perfumada D. Ana, bradando por cima dos Impérios e dos Tempos: — «Achei o meu avô carniceiro!»

No domingo, Gonçalo acordou com uma «esperta ideia!» Não correria a Santa Maria de Craquede com uma pontualidade sôfrega, às cinco horas (as cinco horas marcadas no pós-escrito da prima Maria) — mostrando o seu alvoroço em encontrar a tão bela e tão rica D. Ana Lucena! Mas

às seis horas, quando findasse a romaria das senhoras aos túmulos, apareceria ele indolentemente, como se, recolhendo dum passeio pelas frescas cercanias, se recordasse, parasse nas ruínas para conversar com a prima Maria.

Logo às quatro horas porém se começou a vestir com tantos esmeros, que o Bento, cansado das gravatas que o Sr. Doutor experimentava e arremessava amarfanhadas para o divã, não se conteve:

— Ponha a de sedinha branca, Sr. Doutor! Ponha a branca, que lhe fica melhor! E refresca mais, com este calor.

Na escolha dum ramo para o casaco ainda requintou, Juntando as cores heráldicas dos Ramires, um cravo amarelo com um cravo branco. Ao portão, apenas montara na égua, temeu que as

senhoras (não o encontrando no claustro) encurtassem a visita, estugou o trote pelo atalho da Portela. Depois adiante, ao desembocar na antiga estrada real, soltou num galope impaciente, que o branqueou de poeira.

Só retomou um passo indiferente, ao acercar da linha do caminho de ferro, onde um carro de lenha e dois homens esperavam diante da cancela, que se fechara para a lenta passagem dum trem carregado de pipas. Um desses homens, de alforge aos ombros, era o Mendigo — o vistoso Mendigo, que passeava por aquelas aldeias a rendosa majestade das suas barbaças de deus fluvial. Erguendo gravemente o chapéu de vastas abas, desejou ao Fidalgo a companhia de Nosso Senhor.

— Então hoje a ganhar a rica vida por Craquede?...

— Cá me arrasto às vezes para a passagem do comboio de Oliveira, meu Fidalgo. Os passageiros gostam de me ver de pé no talude, correm sempre às janelas...

Gonçalo, rindo, recordou que o encontro daquele ancião precedia sempre um encontro seu com a bela D. Ana. — «Quem sabe? pensou. E talvez o Destino! Os antigos pintavam assim o Destino, com longas barbas e longas guedelhas, e o alforge às costas contendo as sortes humanas...» — E com efeito ao cabo do pinheiral silencioso, que estiradas réstias de sol docemente douravam — avistou a caleche da *Feitosa*, parada sob uma carvalha, com o cocheiro fardado de

negro dormitando na almofada. A estrada real de Oliveira costeia aí o antigo adro domosteiro de Craquede, queimado pelo fogo do céu, naquela irada tempestade que chamam *de S. Sebastião*, e que aterrou Portugal em 1616. Uma erva agora alfombra o chão, crescida e verde, entre os poderosos troncos dos castanheiros velhíssimos. A igrejinha nova alveja, bem caiada, ao fundo da ramaria; e, ligada a ela por um muro esbrechado que densa hera veste, tomando todo o lado nascente do Terreiro — sobe, enche ainda magnificamente o céu lustroso, a fachada da igreja do vetusto mosteiro, suavemente amarelecida e brunida pelos tempos, com o seu imenso portal sem portas, a rosácea desmantelada, e esvaziados os nichos de enterramento, onde outrora se estiraçavam

as imagens dos fundadores, Froilas Ramires e a sua mulher Estevaninha, condessa de Orgaz, por alcunha a *Queixa-perra*. Duas casas térreas povoam olado fronteiro do adro — uma limpa, com as ombreiras das janelas pintadas de azul estridente, a outra deserta, quase sem telhado, afogada na verdura dum quinteiro bravo, onde girassóis resplandecem. Um pensativo silêncio envolvia o arvoredo, as altivas ruínas. E nem o quebrava, antes serenamente o embalava, o sussurro duma fonte, que a estiagem adelgaçara em fio lento, e mal enchia o seu tanque de pedra, toldada pela pálida e rala folhagem dum chorão muito alto.

O trintanário da *Feitosa*, ao enxergar o Fidalgo, saltou risonhamente da borda do tanque onde picava tabaco, para

segurar a égua. E Gonçalo, que desde pequeno não penetrava nas ruínas de Craquede, seguia por um carreirinho cortado na relva, atentamente, encantado com aquela romântica solidão de lenda e verso, quando, sob o arco do portal, apareceram as duas senhoras voltando do velho claustro. D. Maria Mendonça, com a sua sacudida vivacidade, agitou logo o guarda-sol de xadrezinho, semelhante ao vestido, cujas mangas, tufando desmedidamente nos ombros, lhe vincavam mais a elegância esgalgada. E ao lado, na claridade, D. Ana era uma silenciosa e esbelta forma negra, de lã negra e de escumilha negra, onde apenas transparecia, suavizada sob o véu negro, a brancura esplêndida da sua face sensual e séria.

Gonçalo correra, erguendo o chapéu de palha, balbuciando o seu «prazer por aquele encontro...». Mas já D. Maria o repreendia, sem lhe consentir a fábula do «encontro»:

— O primo não é nada amável, nada amável...

— Oh prima!...

— Pois sabia que vínhamos, pela minha carta! E nem está à hora aprazada, para fazer as honras, como devia...

Ele, rindo, com o seu desembaraço airoso, negou esse dever! Aquela casa não era sua, mas do Bom Deus! Ao Bom Deus competia «fazer as honras» — acolher tão doces romeiras com algum milagre amável...

— E então, gostaram? V. Ex.ª Sra. D. Ana, gostou das ruínas?... Muito

interessantes, não é verdade?

Através do véu, com uma lentidão que a espessa renda negra tornava mais grave, ela murmurou:

— Eu já conhecia... Vim cá uma tarde, com o pobre Sanches que Deus haja.

— Ali...

Àquela evocação do pobre morto, Gonçalo sumira todo o sorriso, com polida tristeza. Mas D. Maria Mendonça acudiu, atirando um dos seus magros gestos, como para arredar a sombra importuna:

— Ai! não imagina o que gostei, primo! É de apetite todo o claustro... Logo aquela espada enferrujada, chumbada por cima do túmulo... Não há nada que impressione como estas coisas antigas...

Oh primo, e pensar que estão ali antepassados nossos!

O sorriso de Gonçalo de novo lampejou, alegre e acolhedor, como sempre que Maria se empurrava com desesperada gula para dentro da casa de Ramires. E gracejou, afavelmente. Oh, antepassados... Simples punhados de cinza vã! — Pois não era verdade, S® D. Ana?... Realmente! quem conceberia que a prima Maria, tão viva, tão sociável, tão engraçada, descendesse duma poeira tristonha guardada dentro duma pia de pedra? Não! não se podia ligar tanto *ser* a tanto *não-ser*... — E como D. Ana sorria, numa vaga concordância, encostando as duas mãos fortes e muito apertadas na pelica negra ao alto cabo de aljôfar da sombrinha, ele atalhou com interesse:

— V. Ex.ª está talvez cansada, Sra. D. Ana?

— Não, não estou cansada... Ainda vamos mesmo entrar na capela, um bocadinho... Eu nunca me canso.

E pareceu a Gonçalo que a voz da formosa criatura não rolava do papo, tão grossa e gorda — mas que se afinara, adoçada e velada pelo luto de escomilha e lã, como esses grossos e rolantes rumores que a noite e o arvoredo adelgaçam. Mas D. Maria confessou o seu imenso cansaço! Nada a esfalfava como visitar curiosidades... E além disso a emoção, a ideia de heróis tão antigos!

— Se nos sentássemos naquele banco, hem? É muito cedo para recolhermos, não é verdade, Anica? E está tão agradável neste sossego, nesta

frescura...

Era um banco de pedra, rente ao muro esbrechado que a hera afogava. Em torno a relva crescia, mais silvestre e florida com os derradeiros malmequeres e botões-de-ouro que o sol de agosto poupara. Um aromazinho fino, de algum jasmineiro emaranhado na hera, errava, adocicava a serena tarde. E na rama dum álamo, defronte do portão da capela, duas vezes um melro cantara. Gonçalo sacudiu todo o banco cuidadosamente, com o lenço. E sentado na ponta, junto de D. Maria, louvou também a frescura, o recolhimento daquele cantinho de Craquede... E ele que nunca se aproveitara de refúgio tão santo, e quase seu, nem mesmo para um almoço bucólico! Pois agora certamente voltaria a

fumar um charuto, revolver ideias de paz sob a paz das carvalheiras, na vizinhança dos vovós mortos... Depois, com uma curiosidade:

— É verdade, prima! E o subterrâneo?

Oh! não existia subterrâneo!... Sim, existia — mas entulhado, sem sepulturas, sem antiguidades. E o sacristão logo lhes afiançara que «não valia a pena sujarem as saias...»

— É verdade, oh Anica, deste alguma coisa ao sacristão?

— Oh filha, dei cinco tostões... Não sei se foi bastante.

Gonçalo assegurou que se pagara sumptuosamente ao sacristão. E, se prevesse tamanha generosidade da Sra. D. Ana, agarrava ele um molho de chaves,

até enfiava uma opa preta, para mostrar — e para embolsar...

— Pois é o que devia ter feito! — exclamou D. Maria, com um corisco nos espertos olhos. — E decerto se lhe davam os cinco tostões! Porque sempre seria mais instrutivo que o homenzinho, que mascava, não sabia nada!... Semelhante morcão! E eu com tanta curiosidade por aquele túmulo aberto, com a tampa rachada... O mono só soube resmungar que «eram histórias muito antigas lá do Fidalgo da Torre.....

Gonçalo ria:

— Pois essa história por acaso sei eu, prima Maria! Sei agora pelo *Fado dos Ramires*, o fado do Videirinha...

D. Maria Mendonça levantou as compridas mãos aos céus, revoltada com

aquela indiferença pelas tradições heroicas da Casa. Conhecer somente os seus anais, desde que eles andavam repicados num fado!... O primo Gonçalo não se envergonhava?

— Mas porquê prima, porquê? O fado do Videirinha está fundado em documentos autênticos que o Padre Soeiro estudou. Todo o recheio histórico foi fornecido pelo Padre Soeiro. O Videirinha só pôs as rimas. Além disso antigamente, prima, a História era perpetuada em verso e cantada ao som da lira... Enfim quer saber esse caso do túmulo aberto, segundo as quadras do Videirinha? Eu sempre conto! Mas só para a S® D. Ana, que não sofre desses escrúpulos...

— Não! — acudiu D. Maria. — Se o

Videirinha tem essa autoridade histórica, então conte também para mim, que sou da Casa!.

Gonçalo, por gracejo, tossiu, passou o lenço pelos beiços:

— Pois eis o caso! Nesse túmulo habitava, naturalmente morto, um dos meus avós... Não me lembro o nome, Gutierres ou Lopo. Creio que Gutierres... Enfim, lá jazia quando foi da batalha das Navas de Tolosa... A prima Maria conhece a batalha das Navas, os cinco reis mouros, etc... Como o tal Gutierres soube da batalha, não contam os versos do Videirinha. Mas, apenas lá dentro lhe cheirou a carnificina, arromba o túmulo, sai por este pátio como um desesperado, desenterra o seu cavalo que fora enterrado no adro onde agora crescem

estescarvalhos, monta nele todo armado, e, cavaleiro morto sobre cavalo morto, larga a galope através da Espanha, chega às Navas, arranca a espada, e destroça os mouros... Que lhe parece, S® D. Ana?

Dedicara a história a D. Ana, procurando nos seus belos olhos a atenção e o interesse. E ela, que a furto, através do decoro melancólico a que se esforçava, adoçara o sorriso, atraída e levada, murmurou apenas: — «Tem graça!» — D. Maria, porém, quase esvoaçou sobre o banco de pedra, num êxtase: — «Lindo! Lindo! Que poesia!... Oh! uma lenda de todo o apetite!» — E, para que Gonçalo desenrolasse ainda a graça do seu dizer, outras maravilhas da sua crónica:

— Conte, primo, conte... E voltou para Craquede esse tio Ramires?

— Quem, prima, o Gutierres?... Ou fosse ele tolo! Apenas se apanhou livre da maçada da sepultura, não apareceu mais em Santa Maria de Craquede. O túmulo vazio, como está, e ele por Espanha numa pândega heroica!... Imagine! um defunto que por milagre se safa do seu jazigo, daquela postura eterna, tão apertada, tão esticada!...

Subitamente emudeceu, lembrando o Sanches Lucena, também esticado no seu caixote de chumbo, sob o seu vistoso jazigo de Oliveira... — D. Ana baixara a face, mais sumida no véu, esfuracando a erva com a ponta da sombrinha. E a esperta D. Maria, para desfazer asombra impertinente que de novo os roçara, rompeu noutra curiosidade, que ainda se encadeava na nobreza dos Ramires:

— É verdade! Sempre me esquece de lhe perguntar. O primo ainda tem muitos parentes em França... Talvez também não saiba?

Sim! Gonçalo, casualmente, conhecia essa história dos seus parentes de França — apesar de que o Videirinha os não cantara no Fado!

— Então conte! Mas que seja história alegre!

Oh, não era prodigiosamente divertida! Um avô Ramires, Garcia Ramires, acompanhara nas suas famosas jornadas o Infante D. Pedro, o filho de El-Rei D. João I... A prima Maria sabia — o Infante D. Pedro, o que correu as Sete Partidas do mundo... Pois o Infante D. Pedro e os seus fidalgos, de volta da Palestina, pousaram um ano inteiro na

Flandres, com o Duque de Borgonha. Até se celebraram então festas maravilhosas, com um banquete que durou sete dias, e que anda nos compêndios da História de França. Onde há danças há amores. Ao avô Ramires sobejava imaginação e arrojo... Fora ele que diante de Jerusalém, no vale de Josafat, lembrara que se erguesse um *sinal* para que o Infante e os seus companheiros de romagem se reconhecessem no grande Dia de Juízo. Depois, naturalmente, belo mocetão, debarba negra e cerrada à Portuguesa... Enfim casara com uma irmã do Duque de Cleves, uma tremenda senhora, sobrinha do Duque de Borgonha e Brabante. Mais tarde, através dessas ligações, uma avó Ramires, já viúva, casou também em França com o Conde de Tancarville.

Esses Tancarvilles, Grão-Mestres de França, possuíam o mais formidável castelo da Europa, e...

D. Maria bateu as palmas, rindo:

— Bravo! lindamente! Sim, senhor!... Então o primo que se gaba de não saber nada de fidalguias... Olhe como conhece pelo miúdo a história desses grandes casamentos! Hem, Anica?... É uma crónica viva!

Gonçalo vergou os ombros, confessou que se ocupara de toda essa heráldica histórica por um motivo bem rasteiro — por miséria!...

— Por miséria?

— Sim, prima Maria, por penúria de moeda, de cobres...

— Conte! conte! Olhe, a Anica está ansiosa...

— Quer saber, Sra. D. Ana? Pois foi em Coimbra, no meu segundo ano de Coimbra. Os companheiros e eu chegámos a não juntar entre todos um vintém. Nem para cigarros! Nem para o sagrado decilitro de carrascão e as três azeitonas do dever... Um deles então, rapazmuito engraçado, de Melgaço, surdiu com a ideia estupenda de que eu escrevesse aos meus parentes de França, a esses Cleves, a esses Tancarvilles, senhores decerto imensamente ricos, e solicitasse com desembaraço, um emprestimozinho de trezentos francos.

D. Ana não conteve um riso, sinceramente divertido:

— Ai! tem muita graça!

— Mas não teve resultado, minha senhora... já não existem Cleves, nem

Tancarvilles! Todas essas grandes famílias feudais findaram, se fundiram noutras casas, até na Casa de França. E o meu Padre Soeiro, apesar de todo o seu saber genealógico, nunca conseguiu descobrir quem as representava com bastante afinidade para me emprestar, a mim parente pobre de Portugal, esses trezentos francos.

Aquela penúria de Gonçalo, de tamanho fidalgo, quase enternecera D. Ana:

— Ora estarem assim sem vintém! Quem soubesse... Mas tem graça! Essas histórias de Coimbra têm sempre muita graça. O D. João da Pedrosa, em Lisboa, também contava muitas...

D. Maria Mendonça, porém, através dessa facécia de estudantes, descortinara

outra prova inesperada da grandeza dos Ramires. E imediatamente a estendeu diante de D. Ana com habilidade:

— Ora vejam!... Todas essas grandes casas de França, tão ricas, tão poderosas, acabaram, desapareceram. E cá. no nosso Portugalzinho ainda dura a casa de Ramires!

Gonçalo acudiu:

— Acaba agora, prima!... Não olhe para mim assim espantada. Acaba agora... Pois se eu não caso!

Então D. Maria recuou o magro peito — como se esse casamento do primo dependesse de doces influências, que convinha se trocassem bem chegadamente, sem Marias Mendonças, de permeio no estreito banco, com mangas bufantes, tolhendo as correntes de eflúvio. E sorria,

quase languidamente:

— Ora não casa... Mas porquê, primo, porquê?

— Porque não tenho jeito, prima. O casamento é uma arte muito delicada que necessita vocação, génio especial. As Fadas não me concederam esse génio. E se me dedicasse a semelhante obra, ai de mim! com certeza a estragava.

D. Ana, como se outra ideia a ocupasse, puxara lentamente do cinto o relógio preso por uma fita de cabelo. E D. Maria insistia, recusava os motivos do Fidalgo:

— São tolices. O primo que gosta tanto de crianças...

— Gosto, gosto muito de crianças, até de criancinhas de mama. As crianças são os únicos seres divinos que a nossa

pobre humanidade conhece. Os outros anjos, os de asas, nunca aparecem. Os santos, depois de santos, ficam na Bem-Aventurança a preguiçar, ninguémmais os enxerga. E, para concebermos uma ideia das coisas do Céu, só temos realmente as criancinhas... Sim, com efeito, prima, gosto muito de crianças. Mas também gosto de flores, e não sou jardineiro, nem tenho jeito para a jardinagem.

E D. Maria com uma faísca no olhar prometedor:

— Sossegue, que ainda vem a aprender!

Depois, para D. Ana que se esquecera na contemplação do relógio:

— Achas que vão sendo horas? Então, se queres, entramos na capela... Oh primo, veja se está aberta.

Gonçalo correu, empurrou a porta da capela. Depois acompanhou as duas senhoras pela pequenina nave soalhada, entre delgados pilares recobertos de uma cal áspera e crua — que recamava também as paredes lisas, apenas guarnecidas, na sua rígida nudez, por litografias de santos dentro de caixilhos de pinho. Diante do altar as senhoras ajoelharam — a prima Maria enterrando a face nas mãos juntas, como num vaso de Piedade. Gonçalo dobrou o joelho de leve, engrolou uma Ave-Maria.

Depois voltou para o adro, acendeu um cigarro. E, pisando lentamente a relva, considerava quanto a viuvez melhorara D. Ana. Sob o negrume do luto, como numa penumbra que esfuma a grosseira deselegância das coisas, todos os seus

defeitos se fundiam — os defeitos que tanto o horripilavam na tarde da Bica Santa, o rolar gordo da voz, o peito empinado, a ostentação de burguesa ricaça pinguemente repimpada na vida. Até já nem dizia — «o cavalheiro!» E ali, no adro melancólico de Craquede, certamente parecia interessante e desejável.

As senhoras desciam os dois degraus da capela. Um melro esvoaçou na ramagem dos álamos. E Gonçalo encontrou o lampejo dos olhos sérios de D. Ana, que o procuravam.

— Peço perdão de não lhes ter oferecido água benta à saída, mas a concha está seca...

— Jesus, primo, que igreja tão feia!

D. Ana arriscou, com timidez:

— Depois das ruínas e dos túmulos, até parece pouco religiosa.

A observação impressionou Gonçalo, como muito fina. E junto dela, demorando os passos com agrado, sentia, esparzido pelos seus movimentos, pelo roçar do vestido, um aroma também fino, que não era o da horrenda água-de-colónia da botica do Pires. Em silêncio, sob a ramagem das carvalhas, caminharam para a caleche, onde o cocheiro se aprumara, bem estilado, tirando o chapéu. Gonçalo notou que ele rapara o bigode. E a parelha reluzia, atrelada com esmero.

— E então, prima Maria, ainda se demora pelos nossos sítios?

— Sim, primo, mais uns quinze dias... A Anica é tão amável, quis que eu trouxesse os pequenos. O que eles se têm

divertido na quinta, não imagina!

D. Ana murmurou, sempre séria:

— São muito engraçados, fazem muita companhia... Eu também gosto muito de crianças.

— Ai, a Anica adora crianças! — acudiu D. Maria com fervor. — O que ela atura os pequenos! Até joga com eles o mafarrico.

Perto da caleche, Gonçalo pensou que outra volta pelo adro, mais lenta, com a D. Ana e o seu fino aroma, seria doce, naquele sossego da tarde que findava, tingida de tão lindas cores-de-rosa sobre os pinheiros escurecidos. Mas já o trintanário se acercava, segurando a sua égua. E D. Maria, depois de admirar e acariciar a égua, chamou o primo discretamente — para saber a distância da

Feitosa a Treixedo, a outra quinta histórica dos Ramires.

— A Treixedo, prima?... Cinco léguas fartas, com maus caminhos.

E imediatamente se arrependeu, antevendo um passeio, um novo encontro:

— Mas na estrada ultimamente andaram obras. E é muito bonito sítio, num alto, com um resto de muralhas... Treixedo era um castelo enorme... Na quinta há uma lagoa entre arvoredo antigo... Oh! sítio delicioso para um piquenique!

D. Maria hesitou:

— É um pouco longe, veremos, talvez.

E como D. Ana esperava em silêncio — Gonçalo abriu a portinhola, tomou ao trintanário as rédeas da égua. D. Maria

Mendonça, no seu contentamento por tão proveitosa tarde, sacudiu ardentemente a mão do primo, jurando «que ia apaixonada por Craquede!» D. Ana mal roçou os dedos de Gonçalo, acanhada e corando.

Sozinho, com a rédea da égua enfiada no braço, Gonçalo sorria. Na verdade, nessa tarde, D. Ana não lhe desagradara. Outros modos, outra singeleza grave, outra doçura na sua possante beleza de Vénus rural... E aquela observação sobre a capela, «pouco religiosa» depois das ruínas seculares do claustro, era uma observação fina. Quem sabe? Talvez sob carne tão sensual se escondesse uma natureza delicada. Talvez a influência de outro homem, que não o estupidíssimo Sanches, desenvolvesse na

filha esplêndida do carniceiro, qualidades de muito encanto... Oh, evidentemente, a observação sobre os túmulos e a sua religiosidade, emanando da Lenda e da História — era fina.

E então também o tomou a curiosidade de visitar esse claustro, onde não entrara desde pequeno — quando ainda a Torre conservava as suas carruagens montadas e a romântica *miss* Rhodes escolhia sempre o passeio de Craquede, para as tardes pensativas de outono. Puxou a égua, transpôs o portal, atravessou o espaço descoberto que fora a nave — atulhado de caliça, de cacos, de pedras despegadas da abóbada e afogadas nas ervas bravas. E pela brecha dum muro a que ainda se amparava um pedaço de altar penetrou na silenciosa crasta

Afonsina. Só dela restam duas arca das em ângulo, atarracadas sobre rudes pilares, lajeadas de pode rosas lajes puídas, que nessa manhã o sacristão cuidadosamente varrera. E contra o muro, onde rijas nervuras desenham outros arcos, avultam os sete imensos túmulos dos antiquíssimos Ramires, denegridos, lisos, sem um lavor, como toscas arcas de granito, alguns pesadamente encravados no lajedo, outros pousando sobre bolas que os séculos lascaram. Gonçalo seguia um carreiro de tijolo, rente aos arcos, recordando quando ele outrora e Gracinha pulavam ruidosamente por sobre essas campas, enquanto no pátio do claustro, entre as pilastras tombadas e a verdura das ruínas, a boa *miss* Rhodes, agachada, procurava florinhas silvestres. Na

abóbada, sobre o mais vasto túmulo, lá negrejava chumbada a espada, a famosa espada, com a sua corrente de ferro pendendo do punho, a folha roída pela ferrugem das longas idades. Sobre outro lá ardia a lâmpada, a estranha lâmpada mourisca, que não se apagara desde a tarde remota em que algum monge, com uma tocha de saimento, silenciosamente a acendera... Quando se acendera ela, a eterna lâmpada? Que Ramires jazeriam nesses cofres de granito, a que o tempo raspara as inscrições e as datas, para que nelas toda a História se sumisse, e mais escuramente se volvessem em leve pó sem nome, aqueles homens de orgulho e de força? Depois, na ponta do claustro, era o túmulo aberto, e ao lado, derrubada em dois pedaços, a tampa que o esqueleto de

Lopo Ramires arrombara para correr às Navas de Tolosa e bater os cinco Reis mouros. Gonçalo espreitou para dentro, curiosamente. A um canto da funda arca alvejava um montão de ossos, limpos e bem arrumados! Esquecera o velho Lopo, na sua pressa heroica, esses poucos ossos, já despegados do seu esqueleto?... O crepúsculo cerrara, e com ele uma melancólica sombra que se adensava sobre as abóbadas da crasta,cobria de tristeza morta aquela jazida de mortos. Então Gonçalo sentiu a desolada solidão que o envolvia, o separava da vida, ali desgarrado, e sem socorro entre a poeira e a alma errante dos seus avós temerosos! E de repente estremeceu, no arrepiado medo de que outra tampa estalasse com fragor e através da fenda surdissem

lívidos dedos sem carne! Repuxou desesperadamente a égua pelo muro desmantelado, nas ruínas da nave pulou para o selim, e varou num trote o portal, galgou o adro com ânsia — só sossegou ao avistar, ao fim do pinhal, a cancela do caminho de ferro aberta, e uma velha que a passava, tangendo o seu burro carregado de erva.

8

Ao fim da semana Gonçalo, que desde a visita a Santa Maria de Craquede arrastava o remorso incómodo da sua preguiça, do tão longo abandono da novela — recebeu de manhã, ao sair do banho, uma carta do Castanheiro. Era curta: — e declarava ao amigo Gonçalo que, se em meado de outubro, não chegassem a Lisboa três capítulos do original, ele, com pesar seu e da Arte, publicaria no primeiro número dos ANAIS, em vez da *Torre de D. Ramires*, um drama do Nuno Carreira num ato, intitulado *Em Casa do Temerário*...

«Apesar de drama e de fantasia

(acrescentava) *convém à índole erudita dos* ANAIS *por que este* Temerário é *Carlos o Temerário, e a ação toda, fortemente tecida, se passa no castelo de Peronne, onde se encontram nada menos que Luís XI de França, e o nosso pobre Afonso V, e Pero da Covilhã que o acompanhava, e outros figurões de rija estatura histórica. Imagine!... Está claro, o* chique *supremo seria* Tructesindo Mendes Ramires, *contado pelo nosso Gonçalo Mendes Ramires! Mas, pelo que vejo, esse*chique *supremo está impedido por uma indolência suprema.* Sunt Lacrymae Revistarum!»

Gonçalo atirou a carta, gritou pelo Bento:

— Leva para a livraria chá verde,

forte, com torradas. Hoje só almoço tarde, às duas... Talvez nem almoce!

E, enfiando o roupão de trabalho, decidiu amarrar à banca, como um cativo ao remo, até que rematasse esse difícil Capítulo III, onde ressaltava o bárbaro e sublime rasgo do avô Tructesindo. Não, que diabo! não lhe convinha perder a aparição da novela em tão proveitoso momento, nas vésperas da sua chegada a Lisboa, quando para a influência política e para o prestígio social necessitava desse brilho que, segundo o velho Vigny, «uma pena de aço acrescenta a um elmo dourado de Fidalgo...». Felizmente, nessa luminosa manhã, em que as águasda horta fartamente cantavam, ele sentia também a veia borbulhando, contente em se soltar e correr. Depois da visita à crasta de

Craquede, a sua imaginação concebia menos enevoadamente os seus avós Afonsinos: — e como que os palpava enfim no seu viver e pensar, desde que contemplara os grandes túmulos, onde se desfaziam as suas grandes ossadas.

Na livraria retomou com apetite, depois de lhes sacudir a poeira, as tiras da novela sobre que emperrara, naquele atarantado lance de susto e alarme — quando o vílico, o velho Ordonho, reconhecia o pendão do Bastardo surgindo à borda da Ribeira do Couce, entre o coriscarde lanças empinadas, passando a antiga ponte de madeira, e, um momento sumido na verdura dos álamos, de novo avançando, alto e tendido, até ao rude Cruzeiro de Pedra de Gonçalo Ramires o *Cortador*... O gordo Ordonho

então, atirando o brado de — «Prestes, prestes! que é gente de Baião!» descambava pelo escalão da muralha, como um fardo que rola.

No entanto Tructesindo Ramires, no empenho de aprestar a sua mesnada e abalar sobre Montemor, regera já com o adail a ordem da arrancada, mandando que as buzinas soassem mal o sol batesse na margela do Poço grande. E agora, na sala alta da Alcáçova, conversava com o seu primo de Ribacávado e costumado camarada de armas,

D. Garcia Viegas — ambos sentados nos poiais de pedra duma funda janela, onde uma bilha de água, com o seu púcaro, refrescava entre vasos de manjericão. D. Garcia Viegas era um velho esgalgado e ágil, de escuro carão

rapado, com uns miúdos olhos coruscantes — que merecera a alcunha de *Sabedor* pela viveza e suculência do seu dizer, as suas infinitas manhas de guerra, e a prenda de falar latim mais doutamente que um clérigo da cúria. Convocado por Tructesindo, como os outros parentes do solar, para engrossar a mesnada dos Ramires em serviço das Infantas, correra logo a Santa Ireneia, fielmente, com o seu pequeno poder de dez lanças — começando por saquear no caminho a herdade de Palha Cá, dos de Severosa, que andavam com pendão alto na hoste real contra as Donas oprimidas. Tão rijamente se apressara que, desde a madrugada, apenas comera sobre a sela, em Palha Cã, duas rodelas dos chouriços roubados. E com a sede da afogueada

correria, ainda na emoção de tão amarga nova, a derrota de Lourenço Ramires, seu afilhado, novamente enchia de água o púcaro debarro — quando pela porta da sala de armas, que três cabeças de javali dominavam, rompeu o velho Ordonho esbaforido:

— Sr. Tructesindo! Sr. Tructesindo Ramires! o Bastardo de Baião passou a Ribeira, vem sobre nós com grande troço de lanças!

O velho rico-homem saltou do poial. E arremessando a mão cabeluda, cerrada com sanha, como se já pela gorja empolgasse o Bastardo:

— Pelo sangue de Cristo! em boa hora vem que nos poupa caminho! Hem, Garcia Viegas? A cavalo e sobre ele...?

Mas, rente aos trôpegos calcanhares

de Ordonho, correra um coudel de besteiros, que gritou dos umbrais, sacudindo o capelo de couro:

— Senhor! Senhor! A gente de Baião parou ao Cruzeiro! E um cavaleiro moço, com um ramo verde, está diante das barbacãs, como trazendo mensagem...

Tructesindo bateu o sapato de ferro sobre as lajes, indignado com tal embaixada, mandada por tal vilão... — Mas Garcia Viegas, que dum sorvo enxugara o púcaro, recordou serenamente e lealmente os preceitos:

— Tende, tende, primo e amigo! Que, por uso e lei de aquém e de além-serras, sempre mensageiro com ramo se deve escutar...

— Seja pois! — bradou Tructesindo. — Ide vós fora às barreiras com duas

lanças, Ordonho, e sabei do recado!

O vílico rebolou pela denegrida escada de caracol, até ao patim da Alcáçova. Dois acostados, de lança ao ombro, recolhendo de alguma rolda, conversavam com o armeiro, que sarapintara de amarelo e escarlate cabos de ascumas novas e as enfileirava contra o muro para secarem.

— Por ordem do Senhor! — gritou Ordonho. — Lança direita, e comigo às barbacãs, a receber mensagem!...

Ladeado pelos dois homens que se aprumaram, atravessou as barreiras; e pelo postigo da barbacã, que uma quadrilha de besteiros guardava, saiu ao terreiro da Honra, largueza de terra calcada, sem relva ou árvore, onde se erguiam ainda as traves carcomidas duma

antigaforca, e se amontoavam agora, para os consertos da Alcáçova, ripas de madeira, e grossas cantarias lavradas. Depois, sem arredar do umbral, empinando o ventre entre os dois acostados, bradou ao moço cavaleiro, que esperava sob o rijo Sol, sacudindo os moscardos com o seu ramo de amoreira:

— Dizei de que gente sois! e a que vindes! e que credência trazeis!...

E como arqueara logo a mão inquieta sobre a orelha — o cavaleiro, serenamente, entalando o ramo entre o coxote e o arção, arqueou também os dois guantes reluzentes de escamas na abertura do casco, bradou:

— Cavaleiro do solar de Baião!... Credência não trago que não trago embaixada... Mas o Sr. D. Lopo ficou

além ao Cruzeiro, e deseja que o nobre Senhor da Honra, o Sr. Tructesindo Ramires, o escute do eirado da barbacã...

O vílico saudou — recolheu pela poterna abobadada da torre albarrã, murmurando para os dois acostados:

— O Bastardo vem a tratar o resgate do Sr. Lourenço Ramires...

Ambos rosnaram:

— Feio feito.

Mas, quando Ordonho ofegante se apressava para a Alcáçova, encontrou no pátio Tructesindo Ramires — que, na irada impaciência daquelas delongas do Bastardo, descera, todo armado. Sobre o comprido brial de lã verde-negra, que recobria a vestidura de malha, as suas barbas rebrilhavam, mais brancas, atadas num grosso nó, como a cauda dum corcel.

Do cinturão tauxiado de prata pendia a um lado o punhal recurvo, a buzina de marfim — ao outro uma espada goda, de folha larga, com alto punho dourado, onde cintilava uma pedra rara trazida outrora da Palestina por Gutierres Ramires, o *de Ultramar*. Um sergente conduzia sobre uma almofada de couro os seus guantes, o seu capelo redondo, de viseira gradada, como usara El-Rei D. Sancho; outro carregava o imenso broquel, da forma dum coração, revestido de couro escarlate, com o açor negro rudemente pintado, esgalhando as garras furiosas. E o alferes, Afonso Gomes, seguia com o guião enrolado na funda de lona.

Com o velho rico-homem descera D. Garcia Viegas, e os outros parentes do solar — o decrépito Ramiro Ramires, um

veterano da tomada de Santarém, torcido pelos reumatismos como a raiz de um roble, e arrimando os passos trémulos, não a um bastão, mas a um chuço; o formoso Leonel, o mais moço dos Samoras de Cendufe, o que matara os dois ursos nosbrejos de Cachamuz e que tão bem trovava; Mendo de Briteiros, o das barbas vermelhas, grande queimador de bruxas, ledo arranjador de folgares e danças; e o agigantado Senhor dos Paços de Avelim, todo coberto, como um peixe fabuloso, de escamas que reluziam. Como o sol se acercava da margela do Poço grande, marcando a hora da arrancada sobre Montemor — já, dos fundos alpendres que escondiam os campos do tavolado, os cavalariços puxavam os ginetes de guerra, com as suas altas selas

pregueadas de prata, as ancas e os peitos resguardados por coberturas de couro franjado, que rojavam nas lajes. Por todo o castelo se espalhara que o Bastardo, depois da lide fatal aos Ramires, correra de Canta Pedra, ameaçava a Honra; — e debruçados dos passadiços que ligavam a muralha aos contrafortes da Alcáçova, ou metidos por entre os engenhos de arremesso que atulhavam as corredouras, os moços da ucharia, os servos das hortas, os vilões acolhidos para dentro das barbacãs, espreitavam o Senhor de Santa Ireneia e aqueles cavaleiros fortes, com ansiedade, tremendo do assalto dos de Baião e dessas horrendas bolas de ferro, cheias de fogo que, agora, as mesnadas cristãs arrojavam tão destramente como as hordas sarracenas. — No entanto, com a

sua gorra esmagada contra o peito, Ordonho, arfando, apresentava a Tructesindo o recado doBastardo:

— É cavaleiro moço, não traz credência... O Sr. Bastardo espera ao Cruzeiro... E pede que o atendais da quadrela das barbacãs...

— Que se acerque, pois! — gritou o velho. — E com quantos queira dos vilões que o seguem!

Mas Garcia Viegas, o *Sabedor*, sempre avisado, com a sua esperta mansidão:

— Tende, primo e amigo, tende! Não subais vás à tranqueira, antes que eu me assegure se Baião nos vem com arteirice ou falsura.

E entregando a sua pesada lança de faia a um donzel, enfiou pela escada

soturna da torre albarrã. Em cima, no eirado, sussurrando um *chuta! chuta!* à fila de besteiros que guarnecia as ameias, atenta e com a besta encurvada — penetrou no miradouro, espiou pela seteira. O arauto de Baião galopara para o Cruzeiro, que uma selva movediça de lanças rodeava coriscando. E curto recado lançou — porque logo, no seu fouveiro acobertado por uma rede de malha acairelada de ouro, Lopo de Baião despegou do denso troço de cavaleiros, com a viseira erguida, sem lança ou ascuma de monte, e ociosas sobre o arção da sela mourisca as mãos, onde se enrodilhavam as bridas de couro escarlate. Depois, a um toque arrastado de buzina, avançou para as barbacãs da Honra, vagarosamente, como se

acompanhasse um saimento. Não movera o seu pendão amarelo e negro. Apenas seis infanções o escoltavam, também sem lança ou broquel, com sobrevestes de pano roxo sobre os saios de malha. Atrás, quatro alentados besteiros carregavam aos ombros umas andas, toscamente armadas com troncos de árvores, onde um homem jazia estirado, como morto, coberto, contra o calor e os moscardos, por leves folhagens de acácia. E um monge seguia numa mula branca, segurando misturadamente com as rédeas um crucifixo de ferro, sobre que pendia a orla do seu capuz e uma ponta de barba negra.

Da seteira, mesmo sem descortinar, por entre a camada de ramagens, a face do homem estendido nas andas, o *Sabedor* adivinhou Lourenço Ramires, o doce

afilhado que tanto amara, que tão bem ensinara a terçar lanças e a treinar falcões. E cerrando os punhos, gritando surdamente. — «Bem prestos! besteiros, bem prestos!» — desceu a escura escadaria, tão arremessado pela cólera e pela mágoa que o seu elmo cavamente bateu contra o arco da porta, onde o esperava Tructesindo com os cavaleiros parentes.

— Senhor primo! — bradou. — Vosso filho Lourenço está diante das barreiras da Honra, deitado sobre umas andas!

Com um rosnar de espanto, um atropelo dos sapatos de ferro sobre as lajes sonoras, todos seguiram pela poterna da albarrã o rico-homem — até ao escadão de madeira que se empurrava

contra a quadrela das barbacãs. E, quando o enorme velho surdiu no eirado, um silênciopesou, tão ansioso, que se sentia para além do vergel o chiar triste e lento da nora e o latir dos mastins.

No terreiro, em frente à cancela gateada, o Bastardo esperava, imóvel sobre o seu ginete, com a formosa face bem levantada, a face de *Claro Sol*, onde as barbas aneladas, caindo nas solhas do arnês, rebrilhavam como ouro novo. Vergando o capelo de ouropel, saudouTructesindo com gravidade e preito. Depois alçou a mão, que descalçara do guante. E num considerado e sereno falar:

— Senhor Tructesindo Ramires, nessas andas vos trago vosso filho Lourenço, que em lide leal, no vale de

Canta Pedra, colhi prisioneiro e me pertence pelo foro dos ricos-homens de Espanha. E de Canta Pedra caminhei com ele para vos pedir que entre nós findem estes homizios e estas feias brigas, que malbaratam sangue de bons cristãos... Senhor Tructesindo Ramires, como vós venho de Reis. De D. Afonso de Portugal recebi a pranchada de cavaleiro. Toda a nobre raça de Baião se honra em mim... Consenti em me dar a mão de vossa filha D. Violante, que eu quero e que me quer, e mandai erguer a levadiça para que Lourenço ferido entre no seu solar e eu vos beije a mão de pai.

Das andas, que estremeceram sobre os ombros dos besteiros, um desesperado brado partiu:

— Não, meu pai!

E hirto na borda do eirado, sem descruzar os braços, o velho Tructesindo retomou o brado — que por todo o terreiro da Honra rolou, mais arrogante e mais cavo:

— Meu filho, antes de mim, te respondeu, vilão!

Como se uma pontoada de lança lhe topasse o peito, o Bastardo vacilou na alta sela; e, colhido pelo repuxão das rédeas, o seu fouveiro recuou alteando a testeira dourada. Mas, a um novo arremesso, repulou contra a cancela. E Lopo de Baião, erguido sobre os estribos,gritava com ânsia, com furor:

— Sr. Tructesindo Ramires, não me tenteis!...

— Arreda, vilão e filho de viloa, arreda! — clamou soberbamente o velho,

sem desprender os braços de sobre o levantado peito, na sua rija imobilidade e teima, como se todo o corpo e alma fossem de rijo ferro.

Então o Bastardo, arrojando o guante contra o muro da barbacã, rugiu chamejante e rouco:

— Pois pelo sangue de Cristo e pela alma de todos os meus te juro, que se me não dás neste instante essa mulher que eu quero e que me quer, sem filho ficas, que por minhas mãos, diante de ti e nem que todo o Céu acuda, lhe acabo o resto da vida!

Já na mão lhe lampejava um punhal. Mas num ímpeto de sublime orgulho, um ímpeto sobre-humano, em que cresceu como outra escura torre entre as torres da Honra, Tructesindo arrancara a espada:

— Com esta, covarde! com esta! Para que seja puro, não vil como o teu, o ferro que atravessar o coração de meu filho!

Furiosamente, com as duas possantes mãos, arremessou a espada, que rodopiou silvando e faiscando, se cravou no duro chão, onde tremia, ainda faiscava, como se uma cólera heroica também a animasse. E no mesmo relance, com um urro, um salto do ginete, o Bastardo, debruçado do arção, enterrara o punhal na garganta de Lourenço — em golpe tão cravado, que o esguicho do sangue lhe salpicou a clara face, as barbas de ouro.

Depois foi uma bruta abalada. Os quatro besteiros sacudiram para o chão as andas, o corpo morto enrodilhado nos ramos — e atiraram pelo terreiro, como

lebres em clareira, atrás do monge que se agachava agarrado às crinas da mula. Numa curta desfilada o Bastardo, osseis cavaleiros, gritando o alarme, mergulharam no arraial, que estacara ao Cruzeiro. Um tumulto remoinhou em torno ao devoto pilar. E em rodilhado tropel a mesnada desenfreou para a Ribeira, varou a velha ponte, logo enublada em pó e sumida para além do arvoredo, numfugidio coriscar de capelinas e de lanças apinhadas.

Uma alta grita, no entanto, atroara as muralhas de Santa Ireneia! Virotes, flechas, balas de fundas assobiavam, despedidas no mesmo furioso repente, sobre o bando de Baião; — mas apenas um dos besteiros que carregara as andas tombou, estrebuchando, com uma flecha

na ilharga. Pela cancela das barreiras já cavaleiros e donzéis de armas se empurravam desesperadamente, para recolher o corpo de Lourenço Ramires. E Garcia Viegas, os outros parentes, galgaram ao eirado da barbacã, de onde Tructesindo se não arredara, rígido e mudo, fitando as andas e seu filho, estatelado com elas sobre o terreiro da sua Honra. Quando, ao rumor, ele pesadamente se voltou — todos emudeceram ante a serenidade da sua face, mais branca que as brancas barbas, duma morta brancura de lápide, com os olhos ressequidos e cor de brasa, a latejar, a refulgir, como os dois buracos dum forno. Com a mesma sinistra serenidade, tocou no ombro do velho Ramiro, que tremia arrimado ao seu

chuço. E numa vagarosa e vasta voz:

— Amigo! cuida tu do corpo de meu filho, que a alma ainda hoje, por Deus! lha vou eu sossegar!...

Afastou aqueles senhores emudecidos de assombro e de emoção — e baixou pela gasta escada de madeira, que rangia sob o peso do enorme rico-homem, carregado de ira e dor.

Nesse momento, entre besteiros e serviçais que se atropelavam — o corpo de Lourenço Ramires transpunha o portelo das barbacãs, segurado pelo formoso Leonel e por Mendo de Briteiros, ambos afogueados de lágrimas e rouquejando ameaças furiosas contra a raça de Baião. Atrás, o trôpego Ordonho gemia, abraçado à espada de Tructesindo, que apanhara no chão do Terreiro e que

beijava como para a consolar. À borda do fosso uma aveleira espalhava a sombra leve num bronco tabuão pregado sobre toros de onde, aos domingos, com o adanel dos besteiros, Lourenço dirigia os jogos de besta e frecha, distribuindo fartamente as recompensas de bolos de mel e de vinho em pichéis. Sobre essas tábuas o estiraram — recuando todos depois, enquanto aterradamente se benziam. Um cavaleiro de Briteiros, temendo por aquela alma desamparada e sem confissão, correra à capela da Alcáçova procurar Frei Múncio. Outros, rodeando toda a muralha até ao Baluarte Velho, gritavam, com desesperados acenos, para o torreão escalavrado, onde, como um mocho, habitava o físico. Mas o certeiro punhal do Bastardo acabara o

denodado Lourenço, flor e regra de cavaleiros por toda a terra de Ribacávado... E que lastimoso e desfeito — com suja terra na face, a garganta empastada de sangue negro, as malhas do saio rotas sobre os ombros e embebidas nas carnes retalhadas, e nua, sem greva, toda inchada e roxa, a perna ferida em Canta Pedra, onde mais sangue e lama se empastavam!

Tructesindo descia, lento e rígido. E as secas brasas dos seus olhos mais se incendiam, enquanto, através do dorido silêncio, se acercava do corpo de seu filho. Diante do banco ajoelhou, agarrou a arrefecida mão que pendia; e, junto à face manchada de sangue e terra, segredou, de alma para alma, num abafado murmúrio, que não era de despedida mas de alguma

suprema promessa, e que findou num beijo demorado sobre a testa, onde uma réstia de sol rebrilhou, dardejada de entre as folhas da aveleira. Depois, erguido num arrebate, atirando o braço como para nele recolher toda a força da sua raça, gritou:

— E agora, senhores, a cavalo, e vingança brava!

Já pelos pátios, em torno da Alcáçova, corria um precipitado fragor de armas. Aos ásperos comandos dos almocadéns, as filas de besteiros, de archeiros, de fundibulários, rolavam dos adarves dos muros para cerrar as quadrilhas. Rapidamente, os cavalariços da carga amarravam sobre o dorso das mulas os caixotes do armazém, os alforges da trebalha. Pelas portas baixas da cozinha, peões e sergentes, antes de

largar, bebiam à pressa uma conca de cerveja. E no campo das barreiras os cavaleiros, chapeados de ferro, carregadamente se içavam, com a ajudados donzéis, para as altas selas dos ginetes — logo ladeados pelos seus infanções e acostados, que aprumavam a lança sobre o coxote assobiando aos lebréus.

Enfim o alferes, Afonso Gomes, sacou da funda e desfraldou o pendão num embalanço largo, em que as asas do açor negrejaram, abertas, como soltando o voo enfurecido. O grito agudo do adail ressoara por toda a cerca — ala! ala! De cima de um marco de pedra, junto ao postigo da barbacã, Frei Múncio estendia as magras mãos ainda trémulas, abençoava a hoste. Então Tructesindo,

sobre o seu murzelo, recebeu do velho Ordonho a espada, de que tão terrivelmente se apartara. E estendendo a reluzente folha para as torres da sua Honra como para um altar, bradou:

— Muros de Santa Ireneia, não vos torne eu a ver, se em três dias, de Sol a Sol, ainda restar sangue maldito nas veias do traidor de Baião!

E, escancaradas as barreiras, a cavalgada tropeou em torno ao pendão solto — enquanto, na torre de Almenara, sob o parado esplendor da sesta de agosto, o sino grande começava a tanger a finados.

Quando Gonçalo à tarde, enterrado na poltrona à varanda, releu este capítulo de sangue e furor sobre que se esfalfara durante a semana, pensou «que o lance

impressionaria».

Sentiu então o apetite de recolher sem demora os louvores merecidos — e de mostrar a Gracinha e ao Padre Soeiro os três capítulos completos, antes de remeter o manuscrito para os ANAIS. E mesmo lhe convinha — porque a erudição arqueológica do Padre Soeiro forneceriatalvez algum traço novo, bem Afonsino, que mais avivasse aquela ressurreição da Honra de Santa Ireneia e dos seus senhores formidáveis. Imediatamente resolveu partir de manhã para Oliveira com o seu trabalho — que, depois de esmiuçado pelo Padre Soeiro, confiaria ao procurador de D. Arminda Viegas, para ele o copiar naquela sua formosa letra, tão celebrada em todo o Distrito, e apenas igualada (nas

maiúsculas) pela do escrivão da Câmara Eclesiástica.

Sacudia já da poeira uma antiga pasta de marroquim para transportar a obra amada — quando o Bento empurrou a porta, ajoujado com uma cesta de vime que uma toalha de rendas cobria.

— Um presente.

— Um presente... De quem?

— Da *Feitosa*, das senhoras.

— Bravo!

— E com uma carta, que vem pregada na toalha.

Com que curiosidade Gonçalo despedaçou o sobrescrito! Mas, apesar de lacrado com um pomposo selo de armas, apenas continha linhas a lápis num bilhete de visita da prima Maria Mendonça:

«Ontem ao jantar contei quanto o primo Gonçalo gosta de pêssegos, sobretudo aboborados em vinho, e a Anica toma por isso a liberdade de lhe mandar esse cestinho de pêssegos da Feitosa *que, como sabe, são falados em todo o Portugal... Mil saudades.»*

Gonçalo imaginou logo no fundo da cesta, debaixo dos pêssegos, docemente escondida, uma cartinha da D. Ana!

— Bem! São pêssegos... Deixa aí sobre uma cadeira...

— Era melhor que os levasse já para a copa, Sr. Doutor, para os arrumar na prateleira...

— Deixa sobre a cadeira!

Apenas o Bento cerrara a porta, estendeu no chão a toalha, entornou

cuidadosamente por cima os pêssegos formosos, que perfumavam a livraria. No fundo da cesta encontrou apenas folhas de parra. Levemente desconsolado, cheirou um pêssego. Depois considerou que os pêssegos arranjados por ela, com parra que ela apanhara na latada, sob toalha que ela escolhera no armário, formavam na sua mudez cheirosa um recadinho sentimental. Ainda agachado na esteira, comeu o pêssego; — e recolocou os outros na cesta para os levar a Gracinha.

Mas, ao outro dia, às duas horas, já com a parelha do Torto engatada, à caleche, já com as luvas calçadas para a jornada de oliveira, recebeu uma inesperada visita — a visita do Sr. Visconde de Rio Manso. Descalçando as luvas, o Fidalgo pensava: — «O Rio

Manso! Que me quererá esse casmurro?» — Na sala, pousado à beira do canapé de veludo verde e esfregando os joelhos, o Visconde contou que de volta de Vila Clara e diante do portão da Torre, vencera o seu teimoso acanhamento, para apresentar os seus respeitos ao Sr. Gonçalo Ramires. E não só para esse gostoso dever — mas também (como soubera que S. Ex.ª se propunha deputado pelo círculo), para lhe oferecer na freguesia de Canta Pedra o seu préstimo e os seus votos...

Gonçalo, risonho e pasmado, saudava, torcia embaraçadamente o bigode. E o Visconde de Rio Manso não estranhava aquele pasmo, porque decerto o Sr. Gonçalo Ramires o conhecera sempre como ferrenho Regenerador... mas

então! Ele pertencia à geração, agora bemrareada, que antepunha aos deveres da Política os deveres da gratidão; — e além da simpatia que lhe merecia o Sr. Gonçalo Ramires (pelo que constava em todo o Distrito do seu talento, da sua afabilidade, da sua caridade), também conservava para com S. Ex.ª a uma dívida de gratidão, ainda aberta, não por indiferença, mas por timidez...

— V. Ex.ª não adivinha, Sr. Gonçalo Mendes Ramires?... Não se lembra?

— Não, realmente, Sr. Visconde, não me.

Pois uma tarde o Sr. Gonçalo Mendes Ramires passava a cavalo pela quinta da *Varandinha*, quando a sua neta, brincando no terraço (aquele terraço gradeado de onde se curva uma

magnólia), deixou escapar uma pela para a estrada. O Sr. Gonçalo Mendes Ramires, rindo, apeou imediatamente, apanhou a pela, e, para a restituir à menina debruçada da grade, abeirou a égua do muro depois de montar — e com que ligeireza e garbo!...

— V. Ex.ª não se lembrava?

— Sim, sim, agora...

Pois no ladrilho do terraço rente da grade, pousava um jarro cheio de cravos. O Sr. Gonçalo Mendes, depois de gracejar com a menina (que, louvado Deus, não era acanhada!), pediu um cravo, que ela escolheu — e que lhe deu, toda séria, como uma senhora. E ele, que observara da janela do seu quarto, pensava: — «Ora aí está! Este Fidalgo da Torre, um tão grande Fidalgo, que

amável!» — Oh, S. Ex.ª não tinha que rir e corar... A gentileza fora grande — e a ele, avo, parecera imensa! Mas não ficara somente na pela apanhada...

— O Sr. Gonçalo Mendes Ramires não se recorda?...

— Sim, Sr. Visconde, com efeito agora...

Pois, logo no outro dia, o Sr. Gonçalo Mendes Ramires mandara da Torre um precioso cesto de rosas, com o seu bilhete, e numa linha este gracejo: — «Em agradecimento dum cravo, rosas à Sra. D. Rosa».

Gonçalo quase pulou na cadeira, divertido:

— Sim, sim, Sr. Visconde, perfeitamente!... Agora me recordo!

Pois desde essa tarde, ele sempre

almejara por uma oportunidade de mostrar ao Sr. Gonçalo Mendes Ramires o seu reconhecimento, a sua simpatia. Mas quê! era tímido, vivia muito retirado... Nessa manhã, porém, em Vila Clara, soubera pelo Gouveia que S. Ex.ª se apresentava deputado pelo círculo. Apesar de ser eleição tão segura, já pela influência do Sr. Ramires, já pela influência do Governo, logo pensara: — «Bem, aí está a ocasião!» E, agora, oferecia a S. Ex.ª, na freguesia de Canta Pedra, o seu préstimo e os seus votos.

Gonçalo murmurou, enternecido:

— Realmente, Sr. Visconde, nada me podia sensibilizar mais do que uma oferta tão espontânea, tão...

— Sou eu que me sensibilizo por V. Ex.ª aceitar. E agora não falemos mais

nesse meu pobre préstimo e nesses meus pobres votos... Pois V. Ex.ª tem aqui uma venerável vivenda.

E como o Visconde aludia ao desejo, já nele antigo, de admirar de perto a famosa Torre, mais velha que Portugal — ambos desceram ao pomar. O Visconde, com o guarda-sol ao ombro, pasmou em silêncio para a Torre; reconheceu (apesar de liberal) o prestígio que resulta duma tão alta linhagem como a dos Ramires; e gabou sinceramente o laranjal. Depois, sabendo que o Pereira da Riosa arrendara a quinta, invejou ao Sr. Ramires tão cuidadoso e honrado rendeiro... — Diante do portão, o *char-à-bancs* do Visconde esperava, atrelado de duas mulas lustrosas e nédias. Gonçalo admirou as mulas. E, abrindo a portinhola, suplicou

ao Sr. Visconde que beijasse por ele a mãozinha da Sra. D. Rosa. Comovido, o Visconde confessou uma ousadia, uma esperança — e era que S. Ex.ª um dia, à sua escolha, parasse em Canta Pedra,jantasse na quinta, para conhecer mais intimamente a menina da pela e do cravo...

— Mas com imensa honra!... E desde já me proponho a ensinar À Sra. D. Rosa, se ela não sabe, o jogo da pela à antiga portuguesa.

O Sr. Visconde saudou, banhado de gosto e riso, com a mão sobre o coração.

Gonçalo trepando as escadas, murmurava: — «Oh senhores, que simpático homem! E que generoso homem, que paga rosas com votos! Ora vejam como às vezes, por uma pequenina

atenção, se ganha um amigo! Com certeza, para a semana vou a Canta Pedra jantar!... Homem encantador!»

E foi num ditoso estado de alma que acomodou na caleche a pasta de marroquim com o manuscrito, o cesto sentimental dos pêssegos da D. Ana — e acendeu um charuto, e saltou à almofada, e tomou as rédeas para lançar, num trote alegre até Oliveira, a parelha branca do Ruço.

No largo de El-Rei, antes de apear, perguntou logo ao Joaquim da Porta notícias dos senhores. Os senhores todos muito bem, graças a Deus... O Sr. José Barrolo partira de manhã a cavalo para a quinta do Sr. Barão das Marges, só recolhia à noite...

— E o Sr. Padre Soeiro?

— O Sr. Padre Soeiro, creio que está para casa da Sra. D. Arminda...

— E a Sra. D. Graça?

— A Sra. D. Graça desceu há um bocadinho grande para o mirante, de chapéu... Naturalmente ia à igreja das Mónicas.

— Bem. Leva esse cesto de pêssegos e diz ao Joaquim da Copa que os ponha na mesa, assim mesmo no cesto, com as folhas... E que me subam ao quarto água quente.

O relógio da parede, na sala de espera, gemia preguiçosamente as cinco horas. O palacete repousava num claro silêncio. E depois da poeira e dos solavancos da estrada, pareceu mais doce a Gonçalo a frescura do seu quarto, com as quatro janelas abertas sobre o

jardimregado e sobre a cerca das Mónicas. Cuidadosamente, guardou logo numa gaveta da cómoda a pasta preciosa de marroquim. Uma criada de olhos repolhudos entrara com o jarrão de água quente: — e o Fidalgo, como sempre, chasqueou a moça sobre os lindos sargentos de Cavalaria, cujo quartel tentador dominava o lavadouro da quinta, e retinha as raparigas da casa ensaboando todo o dia com paixão. Depois ainda se demorou, mudando o fato empoeirado, assobiando vagamente, encostado à varanda sobre a calada Rua das Tecedeiras. O sino das Mónicas lançou um lindo repique... E Gonçalo, enfastiado da sua solidão, decidiu descer pelo terraço do jardim, e surpreender Gracinha nas suas devoções, na igrejinha.

Em baixo, no corredor, cruzou o Joaquim da Copa:

— Então o Sr. Barrolo hoje não janta?

— O Sr. Barrolo foi jantar com o Sr. Barão das Marges, na quinta... São os anos da menina. Naturalmente só recolhe à noite.

Gonçalo, no jardim, ainda tardou por entre os alegretes, compondo para o casaco um ramo de flores ligeiras. Depois rodeou a estufa, sorrindo da porta com que o Barrolo a enriquecera, uma porta envidraçada, arqueada em ferradura, com um monograma de cores rutilantes;e meteu pela rua que conduzia ao repuxo, coberta de silêncio e penumbra pela rama enlaçada dos seus altos loureiros. Adiante, circundado de bancos de pedra,

de árvores de aroma e flor, cantava dormentemente o fino repuxo num tanque redondo, de borda larga, onde se espaçavam grossos vasos de louça branca, com o brasão ramalhudo dos Sãs. Certamente na véspera ou de manhã se lavara o tanque, porque na água muito transparente, sobre as lajes muito claras, nadavam com redobrada vivacidade, em lampejos rosados, os peixes que Gonçalo assustou mergulhando e agitando a bengala. E daquela borda do tanque já ele avistava ao fundo de outra rua, debruada de dálias abertas, o mirante — uma construção do século XVIII, simulando um templozinho grego, cor-de-rosa desbotada, com um gordo Cupido sobre a cúpula, e janelinhas de rocalha entre o meio-relevo das colunas caneladas, por

onde trepavam jasmineiros.

Gonçalo arrancou, como costumava, folhas dum ramo de lúcia-lima, para esmagar e perfumar as mãos; e continuou para o mirante, vagarosamente, por entre as dálias apinhadas. Na álea, novamente ensaibrada, os sapatos finos de verniz que calçara pousavam sem rumor no saibro mole. E assim, num silêncio de sombra indolente, se acercou do mirante — e duma das janelinhas que, mal cerrada, conservava corrida por dentro a persiana de tabuinhas verdes. Rente dessa janela era a escada de pedra, que, do elevado e comprido terraço sobre que se estendia o jardim, comunicava com a encovada Rua das Tecedeiras, quase em frente à capela das Mónicas. E Gonçalo, sem pressa, descia — quando, através da persiana

rala, sentiu dentro do mirante um sussurro, um cochichar perturbado. Sorrindo, pensou que alguma das criadas da casa se refugiara nesse templozinho de Amor, com um dos sargentos terríveis de Cavalaria... Mas, não! impossível! Pois se, momentos antes Gracinha roçara aquela janela e pisara aquela escada, no seu caminho para as Mónicas! E então outra ideia o varou como uma espada — e tão dolorosa que recuou com terror da beira do mirante, de onde ela perversamente o assaltara. já porém uma desesperada curiosidade o agarrara, o empurrava — e colou a face à persiana com a cautela dum espião. O mirante recaíra em silêncio — Gonçalo temia que o traíssem as pancadas do seu coração... Santo Deus! De novo o murmúrio recomeçara, mais apressado,

mais turbado. Alguém suplicava, balbuciava: — «Não, não, que loucura!» — Alguém urgia, impaciente e ardente: — «Sim, meu amor! sim, meu amor!» E a ambos os reconheceu — tão claramente como se a persiana se erguesse e por ela entrasse toda a vasta claridade do jardim. Era Gracinha! Era o Cavaleiro!

Colhido por uma imensa vergonha, no atarantado pavor de que o surpreendessem junto do mirante e da torpeza escondida enfiou pela rua das dálias, encolhido, com os sapatos leves no saibro mole, costeou o repuxo por sob a ramaria dos arbustos, remergulhou na escuridão dos loureiros, deslizou sorrateiramente por trás da estufa — penetrou no sossego do palacete. Mas o murmúrio do mirante ainda o envolvia,

mais desfalecido, mais rendido: — «Não, não, que loucura!... Sim, sim, meu amor!...»

Abalou através das salas desertas, como uma sombra acossada; escorregou abafadamente pela escadaria de pedra, varou o portão numa carreira, espreitando, com medo do Joaquim da Porta. No Largo parou, diante da grade do relógio-de-sol. Mas o sussurro do mirante errava por todo o Largo como um vento enroscado, raspando as lajes, batendo as barbas dos santos sobre o portal da igreja de S. Mateus, redemoinhando nos telhados musgosos da Cordoaria... — «Não, não, que loucura! Sim, sim! meu amor!» Então Gonçalo sentiu a ansiedade desesperada de escapar para longe, para imensamente longe do Largo, do palacete, da cidade, de

toda aquela vergonha que o trespassava. Mas uma carruagem?... Pensou na alquilaria do Maciel, a mais retirada, para além das últimas casas, na estrada do Seminário. E cosido com os muros baixos dessas ruas pobres, correu, mandou engatar uma caleche fechada.

Enquanto esperava à porta, num banco, passou pela estrada uma lenta carroça com móveis, panelas de cozinha, um grande colchão onde se alastrava uma nódoa. Bruscamente, Gonçalo recordou o divã que guarnecia o mirante. Era enorme, de mogno, todo coberto de riscadinho, com molas lassas que rangiam. E de repente o murmúrio recomeçou, cresceu, rolando com fragor de trovão por sobre os casebres vizinhos, por sobre a cerca do Seminário, por sobre Oliveira espantada:

— «Não, não, que loucura! Sim, sim, meu amor!»

Com um salto, Gonçalo gritou para dentro, para a cavalariça escura:

— Então, que inferno! não acaba, essa carruagem?

— Já a largar, meu Fidalgo.

No relógio da Piedade sete horas batiam — quando ele se atirou para a caleche, e fechou os estores perros, e se enterrou no fundo, bem sumido, esmagado, com a sensação que o mundo tremera, e as mais fortes almas se abatiam, e a sua Torre, velha como o Reino, rachava, mostrando dentro um montão ignorado de lixo e de saias sujas.

9

À porta da cozinha, sacudindo um sobrescrito já amarrotado, Gonçalo ralhava com a Rosa cozinheira: — Oh Rosa! pois tanto lhe recomendei que não escrevesse à mana Graça?... Que teimosa! Então não arranjávamos a pequena, sem essas lamúrias para Oliveira? Graças a Deus, a Torre é larga bastante para mais uma criancinha.

É que morrera a Crispola — a desgraçada viúva, vizinha da Torre que, com um rancho miúdo de dois pequenos, três raparigas, definhava no catre desde a Páscoa. E agora Gonçalo, que mantivera o casebre em fartura, andava acomodando as pobres crianças — já por cuidado dele

muito asseadamente vestidas de luto. A rapariga mais velha (também Crispola), sempre encafuada na cozinha da Torre, passava regularmente a «ajudanta da Rosa», com soldada. Um dos rapazes, de doze anos, espigado e esperto, também Gonçalo o empregava na Torre como andarilho, para os recados, com fardeta de botões amarelos. O outro, mole e ranhoso, mas com o jeito e o amor de carpinteirar, já Gonçalo, sob o patrocínio da tia Louredo, o colocara em Lisboa, na Oficina de S. José. Duma das outras raparigas se encarregava a mãe de Manuel Duarte, amorável senhora que habitava uma quinta formosa junto a Treixedo, e adorava Gonçalo, de quem se considerava «*vassala*». Mas para a mais novinha e a mais fraquinha, não se arranjava amparo

sólido. A Rosa lembrara então — «que certamente a Sra. D. Maria da Graça recolheria a criaturinha...». Gonçalo rosnara com secura: — «Oh! por uma côdea mais de pão não se necessita incomodar a *cidade de Oliveira*!» Rosa, porém, enlevada na obra, desejando para pequerrucha tão franzina e loura o agasalho duma senhora, escrevera a Gracinha, pela esmerada letra do Bento, uma verbosa carta com o pedido, e toda a história lamentosa da Crispola, e louvores devotos à caridade do Sr. Doutor. E era a resposta de Gracinha, demorada mas enternecida, com a recomendação «de lhe mandarem logo a pobrecriança» — que impacientava o Fidalgo.

Porque, desde a tarde abominável do mirante, estranhamente se apoderara dele

uma repugnância quase pudica em comunicar com os Cunhais! Era como se esse mirante e a torpeza abrigada dentro das suas paredes cor-de-rosa, empestassem o jardim, o palacete, o Largo de El-Rei, toda a cidade de Oliveira, e ele agora, por asseio moral, recuasse ante essa região empestada, onde o seu coração e o seu orgulho sufocavam... Logo depois da sua fuga, recebera do bom Barrolo uma carta espantada:

«Que telha foi essa? Porque não esperaste? Eu, quando voltei à noite da quinta do Marges, até fiquei com cuidado. E não imaginas como a Gracinha anda nervosa! Soubemos da partida, por acaso, por um cocheiro do

Maciel. Já hoje comemos os pêssegos, mas não compreendemos!...»

Gonçalo respondeu secamente num bilhete: — «Negócios». Depois recordou que deixara na gaveta do seu quarto o manuscrito da novela; e mandou um moço da quinta, de madrugada, com um recado quase secreto ao Padre Soeiro, «para que entregasse a pasta ao portador, bem embrulhada, sem contar aos senhores...». Entre a Torre e os Cunhais só desejava separação e silêncio.

E nos encerrados dias que passou na Torre (sem se arriscar a Vila Clara, no terror de que a vergonha do seu nome já andasse rosnada pelo estanco do Simões ou pelo armazém do Ramos), não cessou de vibrar numa cólera espalhada que a

todos varava... Cólera contra airmã que, calcando pudor, altivez de raça, receio dos escárnios de Oliveira, tão fácil e estouvadamente como se calcam as flores desbotadas dum tapete, correra ao mirante, ao macho da bigodeira, apenas ele lhe acenara com o lenço almiscarado! Cólera contra o Barrolo, o bochechudo bacoco, que empregava os seus bacocos dias celebrando o Cavaleiro, arrastando o Cavaleiro para o Largo de El-Rei, escolhendo na adega os vinhos mais finos para que o Cavaleiro aquecesse o sangue, ajeitando as almofadas de todos os canapés para que o Cavaleiro saboreasse estiradamente o seu charuto e a graça presente de Gracinha! Enfim cólera contra si, que, pela baixa cobiça de uma cadeira em S. Bento, abatera a única muralha

segura entre a irmã e o homem da marrafa luzente — que era a sua inimizade, aquela escarpada inimizade, sempre, desde Coimbra, tão rijamente reforçada e recaiada!... Ah! todos três horrendamente culpados!

Depois uma tarde, enfastiado da solidão, ousou um passeio por Vila Clara. E reconheceu que na Assembleia, no estanco do Simões, na loja do Ramos, os amores de Gracinha eram certamente tão ignorados como se se passassem nas profundidades da Tartária. Imediatamente a sua alma doce, agora sossegada, se abandonou à doçura de tecer desculpas subtis para todos os culpados daquela queda triste... Gracinha, coitada, sem filhos, com tão molengo e ensosso marido, alheia a todos os interesses da

inteligência, indolente mesmo parauma costura ou bordado — cedera, que mulher não cederia? à crédula e primitiva paixão que lhe brotara na alma, nela se enraizara, lhe dera as suas únicas alegrias do mundo e (influência ainda mais poderosa!) lhe arrancara as suas únicas lágrimas! O Barrolo, coitado, era o Bacoco — e como o «pilriteiro» da cantiga, incapaz de mais nobres frutos, só produzia os «pilritos» da sua Bacoquice. E ele, coitado dele, pobre, ignorado, irresistivelmente se rendera à fatal Lei de Acrescentamento, que o levara, como a todos leva na ânsia de fama e fortuna, a furar precipitadamente pela porta casual que se abre, sem reparar na estrumeira que atravanca os umbrais... Ah, realmente, todos bem pouco culpados diante de Deus que nos criou tão

variáveis, tão frágeis, tão dependentes de forças por nós ainda menos governadas do que o vento ou do que o Sol!

Não, irremissivelmente culpado — só o outro, o malandro da grenha ondeada! Esse, em toda a sua conduta com Gracinha, desde estudante, mostrara sempre um egoísmo atrevido, só punível como puniam os antigos Ramires, com a morte depois dos tormentos, e a carcaça posta aos corvos. Enquanto lhe agradou, na ociosidade dos longos estios, um namoro bucólico sob os arvoredos da Torre namorara. Quando considerou que uma mulher e filhos lhe atravancariam a vida ligeira — traíra. Logo que a antiga bem-amada pertenceu a outro homem — recomeçara o cerco lânguido para colher, sem os encargos da paternidade, as

emoções do sentimento. E apenas esse marido lhe entreabre a sua porta — não se demora, fende brutalmente sobre a presa! Ah, como o avô Tructesindo trataria vilão de tal vilania! Certamente o assavanuma rugidora fogueira diante das barbacãs — ou, nas masmorras da Alcáçova, lhe entupia as goelas falsas com bom chumbo derretido...

Pois ele, neto de Tructesindo, nem sequer podia, quando encontrasse o Cavaleiro nas ruas de Oliveira, carregar o chapéu sobre a testa e passar! A menor diminuição nessa intimidade tão desastradamente reatada — seria como a revelação da torpeza ainda abafada nas paredes do mirante! Toda Oliveira cochicharia, riria. — «Olha o Fidalgo da Torre! Mete o Cavaleiro nos Cunhais com

a irmã, e logo, passadas semanas, rompe de novo com o Cavaleiro! Houve escândalo, e gordo!» — Que delícia para as Lousadas! Não, ao contrário! agora devia ostentar pelo Cavaleiro uma fraternidade tão larga e tão ruidosa — que, pela sua largueza e o seu ruído, inteiramente tapasse e abafasse o sujo enredo que por trás latejava. Fingimento torturante — e imposto pela honra do nome! O sujo enredo bem guardado entre os mais densos arvoredos do jardim, na mais cerrada penumbra do mirante! — e por fora, ao sol, nas praças de Oliveira, ele sempre com o braço carinhosamente enlaçado no braço do Cavaleiro!

Os dias rolavam — e no espírito de Gonçalo não se estabelecia serenidade. E sobretudo o amargurava sentir que era

forçado a essa intimidade vistosa com o Cavaleiro — tanto pelo cuidado do seu nome, como pela conveniência da sua eleição. Toda a sua altivez por vezes se revoltava: — «Que me importa a eleição! Que valor tem uma encardida cadeira em S. Bento?...» Mas logo a seca realidade o emudecia. A eleição era a única fenda por onde ele lograria escapar do seu buraco rural; e, se rompesse com o Cavaleiro, esse vilão, vezeiro a vilanias,imediatamente, com o apoio da horda intrigante de Lisboa, improvisaria outro candidato por Vila Clara... Desgraçadamente ele era um desses seres vergados *que dependem. E* a triste dependência de onde provinha? Da pobreza — dessa escassa renda de duas quintas, abastança para um simples, mas

pobreza para ele, com a sua educação, os seus gostos, os seus deveres de fidalguia, o seu espírito de sociabilidade.

E estes pensamentos lenta e capciosamente o empurraram a outro pensamento — à D. Ana Lucena, aos seus duzentos contos... Até que uma manhã encarou corajosamente urna possibilidade perturbadora: — casar com a D. Ana! — Por que não? Ela claramente lhe mostrara inclinação, quase consentimento... Por que não casaria com a D. Ana?

Sim! o pai carniceiro, o irmão assassino... Mas também ele, entre tantos avós até aos Suevos ferozes, descortinaria algum avô carniceiro; e a ocupação dos Ramires, através dos séculos heroicos, consistira realmente em assassinar. De resto o carniceiro e o assassino, ambos

mortos, sombras remotas, pertenciam a uma lenda que se apagava. D. Ana, pelo casamento, subiria da Populaça para a Burguesia. Ele não a encontrava no talho do pai, nem no valhacouto do irmão — mas na quinta da *Feitosa*, já Rica-Dona, com procurador, com capelão, com lacaios, como uma antiga Ramires. Ah! sinceramente, toda a hesitação era pueril — desde que esses duzentos contos, de dinheiro muito limpo, de bom dinheiro rural, os trazia com o seu corpo, mulher tão formosa e séria. Com esse puro ouro, e o seu nome, e o seu talento, não necessitaria, para dominar na Política, a refalsada mão do Cavaleiro... E depois que vida nobre e completa! A sua velha Torre restituída ao esplendor sóbrio de outras eras; uma lavoura de luxo no

histórico terrão de Treixedo; as viagens fecundas às terras que educam!... E a mulher que fornecia estes regalos não lhes amargava o gozo, como em tantos casamentos ricos, com a sua fealdade, os seus agudos ossos, ou a sua pele relentada... Não! Depois do brilho social do dia não o esperava na alcova um mostrengo — mas Vénus.

E assim, lentamente trabalhado por estas tentações, mandou uma tarde um bilhete à prima Maria, à *Feitosa*, pedindo — «para se encontrarem, sós, nalgum passeio dos arredores, porque desejava ter com ela uma *conversazinha* séria e íntima...». Mas três imensos dias se arrastaram — e não apareceu a almejada carta da *Feitosa*. Gonçalo concluiu que a prima Maria, tão esperta, farejando a

natureza da *conversazinha* e sem uma certeza para o alegrar, retardava, se recusava. Atravessou então uma desolada semana, remoendo a melancolia dumavida que sentia oca e toda feita de incertezas. O orgulho, um pudor complicado, não lhe consentiam voltar a Oliveira, ao quarto de onde implacavelmente avistaria, por sobre o arvoredo, a cúpula do mirante com o seu gordo Cupido; — e quase o arrepiava a ideia de beijar a irmã na face que o outro babujara! Sobre a eleição descera um silêncio de abóbada — e outra repugnância, mais acerba, lhe vedava escrever ao Cavaleiro. João Gouveia gozava as suas férias na Costa, de sapatos brancos, apanhando conchinhas na praia. E Vila Clara não se tolerava nesse meado ardente de setembro — com

o Titó no Alentejo, onde o levara uma doença do velho morgado de Cidadelhe, o Manuel Duarte na quinta da mãe dirigindo as vindimas, e a Assembleia, deserta e adormecida sob o inumerável sussurro das moscas...

Para se ocupar e atulhar as horas, mais que por dever ou gosto de Arte, retomou a sua novela. Mas sem fervor, sem veia ágil. Agora era a sanhuda arrancada de

Tructesindo e dos seus cavaleiros, correndo sobre o Bastardo de Baião. Lance dificultoso — reclamando fragor, um rebrilhante colorido medieval. E ele tão mole e tão apagado!... Felizmente, no seu poemeto, o tio Duarte recheara esse violento trecho de bem apinceladas paisagens, de interessantes rasgos de

guerra.

Logo na Ribeira do Couce, Tructesindo encontrava cortada a machado a decrépita ponte, cujos rotos barrotes e tabuões carcomidos entulhavam no fundo a corrente escassa. Na sua fuga o Bastardo acauteladamente a desmantelara, para deter a cavalgada vingadora. Então a pesada hoste de Santa Ireneia avançou pela esguia ourela, ladeando os renques de choupos em demanda do vau do Espigal... Mas que tardança! Quando as derradeiras mulas de carga choutaram na terra de além-ribeira, já a tarde se adoçava, e nas poças de água, entre as poldras, o brilho esmorecia, umas ainda de ouro pálido, outras apenas rosadas. Imediatamente D. Garcia Viegas, o *Sabedor*, aconselhou que a mesnada se

dividisse: — a peonagem e a carga avançando para Montemor, esgueirada e calada, para esquivar recontros; os senhores de lança e os besteiros de cavalo arrancando em dura carreira para colher o Bastardo. Todos louvaram o ardil do *Sabedor;* e a cavalgada, aligeirada das filas tardas de archeiros e fundibulários, largou, soltas as rédeas, através de terras ermas, depois por entre barrocais, até aos *Três Caminhos*, desolada chá onde se ergue solitariamente aquele carvalho velhíssimo que outrora, antes de exorcizado por S. Froalengo, abrigava no sábado mais negro de janeiro, ao clarão de archotes enxofrados, a Grande Ronda de todas as bruxas de Portugal. junto do carvalho Tructesindo sopeou a arrancada; e, alçado nos estribos, farejava as três

sendas que se trifurcam e se encovam entre ásperos, lôbregos cerros de bravio e de tojo. Passara aí o Bastardo malvado?... Ah! por certo passara e toda a sua maldade — porque no respaldo duma fraga, juntoa três cabras magras retouçando o mato, jazia, com os braços abertos, um pobre pastorinho morto, varado por uma frecha! Para que o triste cabreiro não soprasse novas da gente de Baião — uma bruta seta lhe atravessara o peito escarnado de fome, mal coberto de trapos. Mas por qual das sendas se embrenhara o malvado? Na terra solta, raspada pelo vento suão que rolava de entre montes, não apareciam pegadas revoltas de tropel fugindo. E, em tal solidão, nem choça ou palhoça de onde vilão ou velha alapada espreitassem a

levada do bando... Então, ao mando do alferes Afonso Gomes, três almogavres despediram pelos três caminhos à descoberta enquanto os cavaleiros, sem desmontar, desafivelavam os morriões para limpar nas faces barbudas o suor que os alagava, ou abeiravam os ginetes dum sumido fio de água que à orla da chá se arrastava entre raio caniçal. Tructesindo não se arredou de sob a ramaria do carvalho de S. Froalengo, imóvel sobre o murzelo imóvel, todo cerrado no ferro da sua negra armadura, as mãos juntas sobre a sela e o elmo pesadamente inclinado como em mágoa e oração. E ao lado, com as coleiras eriçadas de pregos, as sangrentas línguas penduradas, arquejavam, estirados, os seus dois mastins.

Já no entanto a espera se alongava, inquieta, enfadonha — quando o almogavre que metera pela senda de Nascente, reapareceu num rolo de poeira, atirando logo o alarde de longe, corri a ascuma alta. A hora escassa de carreira avistara num cabeço uma hoste acampada, em arraial seguro, rodeado de estaca e vala!...

— Que pendão?

— As treze arruelas.

— Deus louvado! — gritou Tructesindo, que estremeceu como acordando. — E D. Pedro de Castro, o *Castelão*, que entrou com os leoneses e vem pelas senhoras Infantas!

Por esse caminho, pois, não se atrevera o Bastardo!... Mas já pela senda de Poente recolhia outro almogavre

contando que entre cerros, num pinhal, topara um bando de bufarinheiros genoveses, retardados desde alva, porque um deles esmorecera com mal de febres. E então?... — Então, pela borda do pinheiral apenas passara m todo o dia (no jurar dos genoveses) uma companhia de truões, voltando da feira de Grajelos. Só restava pois o trilho do meio, pedregoso e esbarrancado como o leito enxuto duma torrente. E por ele, a um brado de Tructesindo, tropeou a cavalgada. Mas já o crepúsculo tristíssimo descia — e sempre o caminho se estirava, agreste, soturno, infindável, entre os cerros de urze e rocha, sem uma cabana, um muro, uma sebe, rasto de rês ou homem. Ao longe, mais ao longe, enfim, enxergaram a campina árida, coberta de solidão e

penumbra, dilatada na sua mudez até a um céu remoto, onde já se apagava uma derradeira tira de poente cor de cobre e cor de sangue. Então Tructesindo deteve a abalada, rente de espinheiros que se torciam nas lufadas mais rijas do suão:

— Por Deus, senhores, que. corremos em pressa vã e sem esperança!... Que pensais, Garcia Viegas?

Todo o bando se apinhara; e uma fumarada subia dos ginetes arquejantes, sob as coberturas de malha. O *Sabedor* estendeu o braço:

— Senhores! O Bastardo, antes de nós, galgou de escapada essa campina além, e meteu a Vale Murtinho para pernoitar na Honra de Agredel, que é bem afortalezada e parenta de Baião...

— E nós, pois, D. Garcia?

— Nós, senhores e amigos, só nos resta também pernoitar. Voltemos aos *Três Caminhos*. E de lá, em boa avença, ao arraial do Sr. D. Pedro de Castro, a pedir agasalho... A par de tamanho senhor encontraremos mais fartamente que nos nossos alforges o que todos, cristãos e brutos, vamos necessitando, cevada, um naco de vianda, e de vinhos três golpes rijos...

Todos bradaram com alvoroço: — «Bem traçado! bem traçado!...» — E de novo, pelo barranco pedregoso, a cavalgada trotou pesadamente para os *Três Caminhos — onde* já dois corvos se encarniçavam sobre o corpo do pastorinho morto.

Em breve, ao cabo do caminho do Nascente, no cabeço alto, alvejaram as

tendas do arraial, ao clarão das fogueiras que por todo ele fumegavam. O adail de Santa Ireneia arrancou da buzina três sons lentos anunciando filho de algo. Logo de dentro da estacada outras buzinas soaram, claras e acolhedoras. Então o adail galopou até ao valado, a anunciar às atalaias postadas nas barreiras, entre luzentes fogos de almenara, a mesnada amiga dos Ramires. Tructesindo parara no córrego escuro, que o pinheiral cerrado mais escurecia, movendo e gemendo no vento. Dois cavaleiros, de sobreveste negra e capuz, logo correram pelo pendor do outeiro — bradando que o Sr. D. Pedro de Castro esperava o nobre senhor de Santa Ireneia e muito se aprazia para todo o seu regalo e serviço! Silenciosamente, Tructesindo desmontou; e com D. Garcia

Viegas, e Leonel de Samora e Mendo de Briteiros e outros parentes do solar, todos sem lança ou broquel, descalçados os guantes, galgaram o cabeço até à estacada, cujas cancelas se escancararam, mostrando, na claridade incerta dos fogaréus sombrios, magotes de peões onde, por entre os bacinetes de ferro, surdiam toucas amarelas de mancebas e gorros enguizalhados de jograis. Apenas o velho assomou aos barrotes, dois infanções, sacudindo a espada, bradaram:

— Honra! honra! aos ricos-homens de Portugal!

As trompas misturavam o clangor ríspido aos rufos lassos dos tambores. E por entre a turba, que caladamente recuara em alas lentas, avançou, precedido por quatro cavaleiros que erguiam archotes

acesos, o velho D. Pedro de Castro, o *Castelão, o* homem das longas guerras e dos vastos senhorios. Um corselete de anta com lavores de prata cingia o seu peito já curvado, como consumido por tamanhas fadigas de pelejar e tamanhas cobiças de reinar. Sem elmo, sem armas, apoiava a mão cabeluda de rijas veias a um bastão de marfim. E os olhos encovados faiscavam, com afável curiosidade, na requeimada magreza da face, de nariz mais recurvo que o bico dum falcão, repuxado a um lado por um fundo gilvaz que se sumia na barba crespa, aguda e quase branca.

Diante do senhor de Santa Ireneia alargou vagarosamente os braços. E com um grave riso que mais lhe recurvou, sobre a barba espetada, o nariz de rapina:

— Viva Deus! Grande é a noite que vos traz, primo e amigo! Que não a esperava eu de tanta honra, nem sequer de tanto gosto!...

Ao rematar este duro capítulo, depois de três manhãs de trabalho, Gonçalo arrojou a pena com um suspiro de cansaço. Ali! já lhe entrava a fartura dessa interminável novela, desenrolada como um novelo solto — sem que ele lhe pudesse encurtar os fios, tão cerradamente os emaranhara no seu denso poema o tio Duarte, que ele seguia gemendo! E depois, nem o consolava a certeza de construir obra forte. Esses Tructesindos, esses Bastardos, esses Castros, esses *Sabedores*, eram realmente varões Afonsinos, de sólida substância histórica?... Talvez apenas ocos títeres,

mal engonçados em erradas armaduras, povoando inverídicos arraiais e castelos, sem um gesto ou dizer que datassem das velhas idades!

E ao outro dia não reuniu em todo o seu ser coragem para retomar aquela sôfrega correria dos de Santa Ireneia sobre o bando escapadiço de Baião. De resto já remetera três capítulos da novela — já calmara as ânsias do Castanheiro. Mas a ociosidade mais lhe pesou nessa semana, arrastada pelos canapés ou por entre os buxos do jardim, fumando e tristemente sentindo que a vida lhe fugia em fumo. Para o enervar acrescia um aborrecimento de dinheiro uma letra de seiscentos mil-réis, do derradeiro ano de Coimbra, sempre reformada, sempre avolumada, e que, agora, o emprestador,

um certo Leite, de Oliveira, reclamava com dureza. O seu alfaiate de Lisboa também o importunava com uma conta pavorosa, atulhando duas laudas. Mas sobretudo o desolava a solidão da Torre. Todos os alegres amigos dispersos pela beira-mar ou nas quintas. A eleição encalhada como uma barca no lodo. A irmã decerto com o *outro* no mirante. Até a prima Maria, desatendendo ingratamente o seu tímido pedido duma «conversazinha». E ele no seu quente casarão, sem energia, imobilizado numa inérciacrescente, como se cordas o travassem, cada dia mais apertadas — e de homem se volvesse em fardo.

Uma tarde no seu quarto, vagaroso e sombrio, sem mesmo parolar com o Bento, acabava de se vestir para montar a

cavalo, espairecer num galope pelos caminhos de Valverde — quando o pequeno da Crispola (já estabelecido na Torre como pajem, de fardeta de botões amarelos) bateu esbaforidamente à porta. — Era uma senhora que parara ao portão, dentro duma carruagem, pedia ao Fidalgo para descer...

— Não disse o nome?

— Não, senhor. É uma senhora magra, puxada a dois cavalos, com redes...

A prima Maria! Com que alvoroço correu, agarrando no cabide do corredor um velho chapéu de palha! E em baixo foi como se contemplasse a deusa da Fortuna, na sua roda ligeira.

— Oh prima Maria, que surpresa!... Que felicidade!

Debruçada da portinhola da carruagem (a caleche azul da *Fei* tosa), D. Maria Mendonça, com um chapéu novo enramalhetado de lilases, desculpou atrapalhadamente e rindo o seu silêncio. Recebera a carta do primo muito atrasada... Sempre o fatal carteiro, trôpego e bêbado... Depois uns dias muito atarefados em Oliveira com a Anica, que preparava para o inverno a casa da Rua das Velas.

— E finalmente, como devia uma visita em Vila Clara à pobre Venância Rios, que tem estado doente, achei mais simples e mais completo parar na Torre... E então?

Gonçalo sorria, embaraçado:

— Então, nada de grave, mas... É que desejava conversar consigo... Por que não

entra?

Abrira a portinhola. Ela preferia passear na estrada. E ambos se encaminharam para o velho banco de pedra, que os álamos abrigavam em frente ao portão da Torre. Gonçalo sacudiu com o lenço a ponta do banco.

— Pois, prima Maria, eu desejava conversar... Mas é difícil, tão difícil!... Talvez o melhor seja atacar a questão brutalmente.

— Ataque.

— Então lá vai!... A prima acha que eu perco o meu tempo se me dedicar à sua amiga D. Ana?

Pousada de leve à borda do banco, enrolando atentamente a seda preta do guarda-solinho, Maria Mendonça tardou, murmurou:

— Não, acho que o primo não perde o seu tempo...

— Ah! acha?

Ela considerava Gonçalo, gozando a sua perturbação e ansiedade.

— Jesus, prima!... Diga alguma coisa mais!

— Mas que quer que lhe diga mais lá lhe declarei em Oliveira. Ainda sou muito nova para andar com recadinhos de sentimento. Mas acho que a Anica é bonita, é rica, é viúva...

Gonçalo arrancou do banco, erguendo os braços, em desolação. E, como D. Maria também se erguera, ambos seguiram pela tira de relva que orla os álamos. Ele quase gemia desconsolado:

— Ora bonita, viúva, rica... Para conhecer esses grandes segredos não a

incomodava eu, prima!... Que diabo! seja boa rapariga, seja franca. A prima sabe, decerto já ambas conversaram... Seja franca. Ela tem por mim alguma simpatia?

D. Maria parou, murmurou, riscando com a ponta do guarda-solinho o trilho amarelado da relva:

— Pois está claro que tem...

— Bravo! Então, se daqui a um tempo, passados estes primeiros meses de luto, eu me declarasse, me...

Ela dardejou a Gonçalo os espertos olhos:

— Santo Deus, como o primo por aí vai, a galope... Então é uma paixão?

Gonçalo tirou o seu velho chapéu de palha, passou lentamente os dedos pelos cabelos. E num imenso e triste desabafo:

— Olhe, prima! É sobretudo a

necessidade de me acomodar na vida! Pois não lhe parece?

— Tanto me parece que lhe indiquei o bom pouso... E agora adeus, passa das cinco horas. Não me quero demorar por causa dos criados.

Gonçalo protestou, suplicou:

— Mais um bocadinho!... É tão cedo! Só outra coisa, com franqueza. Ela é boa rapariga?

D. Maria voltara, ao cabo do renque de álamos, recolhendo à caleche:

— Uma pontinha de génio, para animar a existência. Mas muito boa rapariga... E uma dona de casa admirável! O primo não imagina como anda a *Feitosa*. A ordem, o asseio, a regularidade, a disciplina... Ela olha por tudo, até pela adega, até pela cocheira!

Gonçalo esfregou radiantemente as mãos:

— Pois se daqui a um ano se realizar o grande acontecimento, hei de gritar por toda a parte que foi a prima Maria que salvou a casa dos Ramires!

— Por isso eu trabalho, para servir o brasão e o nome! exclamou ela, saltando ligeiramente para a caleche, como se fugisse, arremessada aquela clara confissão.

O trintanário trepara à almofada. E enquanto os cavalos folgados largavam, aos corcovos, D. Maria ainda gritou:

— Sabe quem encontrei em Vila Clara? O Titó!

— O Titó?...

— Chegou do Alentejo, vem jantar consigo. Eu não o trouxe na carruagem por

decência, para o não comprometer...

E a caleche rolou — entre os risos e os doces acenos com que ambos se afagavam, naquela nova concordância mais calorosa duma conspiração sentimental.

Gonçalo largou logo alegremente para Vila Clara, ao encontro do Titó. E já o alvoroçava a ideia de colher do Titó, íntimo da *Feitosa*, informações sobre a D. Ana, o seu génio, os seus modos. A prima Maria, por amor dos Ramires (sobretudo, coitada, para proveito dos Mendonças!) idealizava a noiva. Mas o Titó, o homem mais verídico do Reino, amando a verdade com a antiga devoção de Epaminondas, apresentaria D. Ana sem um enfeite nem um desenfeite. E o Titó... Ali, sob o seu vozeirão troante, a sua

indolência bovina, o Titó possuía um espírito muito atento, muito penetrante.

Logo à Portela os dois amigos se encontraram. E, apesar de separação tão curta, o abraço foi estrondoso.

— Oh sô Gonçalão!...

— Oh Titózinho querido! tens feito cá uma falta enorme!... E teu irmão?

O mano melhor, mas arrasado. Muito cartapácio e muita fêmea para velho de sessenta anos. E ele lá o avisara: — «Mano João, mano João! olhe que assim sempre agarrado aos papéis velhos e às cachopas novas, o mano rebenta!»

— E por cá? Essa eleição?

— A eleição agora para outubro, nos começos de outubro... De resto, sensaboria universal. Gouveia na Costa, Manuel Duarte na vindima... Eu secadote,

murchote, sem veia, até sem apetite.

— Olha que eu venho jantar e convidei o Videirinha.

— Bem sei, já medisse a prima Maria, que parou um bocado na Torre... Ela está na *Feitosa* com a D. Ana.

Durante um momento repisou sobre a intimidade da prima Maria na *Feitosa*, com a tentação de desabafar, logo ali na estrada, sobre o inesperado romance que desabrochara. Mas não ousou! Era um angustiado acanhamento, como a vergonha de cobiçar assim todos osrestos do pobre Lucena — o circulo e a viúva.

Então, conversando do Alentejo e do mano João (que contara muitas antigualhas maçadoras sobre a genealogia dos Ramires), desceram da Portela à Torre, com tenção de estirar o passeio até aos

Bravais. Mas, na Torre, Gonçalo desejou avisar a Rosa dos dois convivas inesperados, senhores de tão poderoso garfo. Entraram pela porta do pomar, onde um fio lento de água se atardava nos regueiros. Aos brados galhofeiros do Fidalgo a Rosa acudiu, limpando as mãos ao avental. O quê! dois convidados! Mesmo quatro, e mais valentes, que graças a Deus Nosso Senhor o jantarinho sobrava! Ainda de tarde comprara a uma mulher da Costa um cesto de sardinhas, graúdas e gordas que regalavam!... O Titó reclamou logo uma fritada tremenda de sardinha e ovos. E os dois amigos atravessavam o pátio — quando Gonçalo reparou no Bento, escarranchado no banco da latada, diante duma tigela, e areando com entusiasmo um castão de prata

lavrada, que emergia de dentro duma toalha enrolada, como duma bainha.

— Que castão é esse, Bento? assim embrulhado?

O Bento lentamente sacou da toalha torcida um chicote, escuro e comprido, com três arestas afiadas como as dum florete.

— Nem o Sr. Doutor sabia! Estava no sótão. Agora de tarde andava lá a escarafunchar por causa de uma ninhada de gatos, e detrás dum baú dou com umas esporas de prateleira e com este arrocho...

Gonçalo estudou o maciço castão de prata, sacudiu a fina vara que zinia:

— Esplêndido chicote... Oh Titó, hem?... Afiado como um cutelo. E antigo, muito antigo, como as minhas armas... De que diabo é feito? baleia?

— De cavalo-marinho... Uma arma terrível. Mata um homem... O mano João tem um, mas com castão de metal... Mata um homem!

— Bem — rematou Gonçalo. — Limpa e põe no meu quarto Bento! Passa a ser o meu chicote de guerra!

À porta do pomar ainda encontraram o Pereira da Riosa, de quinzena de cotim deitada aos ombros. Em breve, no dia de S. Miguel, o Pereira tomava enfim a lavra da Torre. E Gonçalo gracejou, mostrando ao Titó o lavrador famoso. Eis o homem! eis o grande homem que se preparava a tornar a Torre uma falada maravilha de seara, vinha e horta! O Pereira coçava a barba rala:

— E também a enterrar bom dinheiro! Enfim um gosto sempre valeu

mais que um vintém! E o Fidalgo, como patrão, merece terra em que os olhos se esqueçam de regalados!...

— Oh, Sr. Pereira! — ribombou o Titó. — Então não se esqueça de cuidar dos melões. É uma vergonha! Nunca na Torre se comeu um bom melão!

— Pois para o ano, assim Deus nos conserve, já V. Ex.ª comerá na Torre um bom melão!

Gonçalo abraçou ainda o esperto lavrador — e apressou para a estrada, decidido a desenrolar toda a confidência ao Titó, na solidão favorável do arvoredo dos Bravais. Mas, apenas recomeçaram a caminhada, o mesmo enleio o travou — quase temendo agora as informações do Titó, homem tão severo, de moral tão escarpada. E todo o demorado giro pelos

Bravais o findaram, sem que Gonçalo desafogasse. O crepúsculo descera, mole e quente, quando recolheram — conversando sobre a pesca do sável no Guadiana.

Defronte do portão da Torre, Videirinha esperava, dedilhando o violão na penumbra dos álamos. Como a noite se conservava abafada, sem uma aragem, jantaram na varanda, com dois candeeiros acesos. Logo ao desdobrar o guardanapo, o Titó, vermelho e espraiado sobrea cadeira, declarou «que graças ao Senhor da Saúde, a sede era boa!» Ele e Gonçalo praticaram as usadas façanhas de garfo e de copo. Quando o Bento serviu o café, uma imensa e lustrosa lua nova surgia, ao fundo da quinta escura, por trás dos outeiros de Valverde. Gonçalo, enterrado

numa cadeira de vime, acendeu o charuto com beatitude. Todos os tédios e incertezas dessas semanas se despegavam da sua alma como cinza apagada, brevemente varrida. E foi sentindo menos a doçura da noite, que um sabor melhor à vida desanuviada, queexclamou:

— Pois, senhores, agora, está uma delícia!...

Videirinha, depois dum curto cigarro, retomara o violão. Através da quinta, pedaços de muros caiados, algum trilho de rua mais descoberto, a água do Tanque Grande, rebrilhavam ao luar que resvalava dos cerros; e a quietação do arvoredo, da claridade, da noite, penetravam na alma com adormecedora carícia. Titó e Gonçalo soboreavam o famoso conhaque de Moscatel, preciosa

antigualha da Torre, silenciosamente enlevados no Videirinha — que recuara para o fundo da varanda, se envolvera em sombra. Nunca o bom cantador ferira as cordas com inspiração mais enternecida. Até os campos, o céu inclinado, a lua cheia sobre as colinas, escutavam os queixumes do fado da Areosa. E no escuro, sob a varanda, o pigarro da Rosa, os passos abafados dos criados, algum sumido riso de rapariga, o bater das orelhas dumperdigueiro — eram como a presença dum povo suavemente atraído pelo descante formoso.

Assim a noite se alongou, a Lua subiu com solitário fulgor. Titó, pesado do bródio, adormecera. E como sempre, para findar, Videirinha atacou ardentemente o *Fado dos Ramires:*

Quem te verá sem que estremeça,
Torre de Santa Ireneia,
Assim tão negra e calada,
Por noites de lua cheia...

E lançou então uma quadra nova, que trabalhara nessa semana com amor, sobre uma erudita nota do bom Padre Soeiro. Era a glória magnífica de Paio Ramires, Mestre do Templo — a quem o Papa Inocêncio, e a Rainha Branca de Castela, e todos os Príncipes da Cristandade suplicam que se arme, e corra em dura pressa, e liberte S. Luís Rei de França, cativo nas terras do Egito...

Que só em Paio Ramires

Põe agora o mundo a esperança...
Que junte os seus cavaleiros
E que salve o Rei de França!

E por este avô e — tal façanha até Gonçalo se interessou acompanhando o canto, num trémulo esganiçado, de braço erguido:

Ai, que junte os seus cavaleiros
E que salve o Rei de França!...

Ao rolar mais forte do coro, Titó descerrou as pálpebras, arrancou do canapé o corpanzil imenso — e declarou que marchava para Vila Clara:

— Estou derreado! Sempre em jornada e sem dormir, desde ontem *às*

quatro da manhã que larguei de Cidadelhe... Caramba, dava agora, como aquele rei grego, um cruzado por um burro!

Então Gonçalo, animado pelo conhaque, também se ergueu com uma resolução quase alegre:

— Oh Titó, antes de saíres, anda, cá dentro que quero falar contigo a respeito dum caso!

Agarrara um dos candeeiros, penetrou na sala de jantar, onde errava o cheiro de magnólias morrendo num vaso. E aí, sem preparação, com os olhos bem decididos, bem cravados no Titó — que o seguira arrastadamente, ainda se espreguiçava:

— Oh. Titó, ouve lá e sê franco. Tu ias muito à *Feitosa*... Que te parece

aquela D. Ana?

Titó, que despertara como ao rebentar dum morteiro, considerou Gonçalo com assombro:

— Ora essa! Mas a que propósito?...

Gonçalo atalhou, na pressa de colher rapidamente uma certeza:

— Olha! Eu para ti não tenho segredos. Nestas últimas semanas houveram aí umas conversas, uns encontros... Enfim, para resumir, se daqui a tempos eu pensasse em casar com a D. Ana, creio que ela, por seu lado, não recusava. Tu ias à *Feitosa*. Tu sabes... Que talrapariga é ela?

Titó cruzara os braços violentamente:

— Pois tu vais casar com a D. Ana?

— Homem, não vou casar. Não sigo

esta noite para a Igreja. Por ora quero só informações... E de quem as posso ter, mais Francas e mais seguras, do que de ti, que és meu amigo e que a conheces?

Titó não descruzara os braços — levantando para o Fidalgo da Torre a face honesta e severa:

— Pois tu pensas em casar com a D. Ana, tu, Gonçalo Mendes Ramires?...

Gonçalo atirou um gesto de impaciência e fartura:

— Oh! se me vens com a fidalguia e com o Paio Ramires...

O Titó quase berrou, na sua indignação:

— Qual fidalguia! É que um homem de bem, como tu, não pensa em casar com uma criatura como ela!... Fidalguia?... Sim! Mas fidalguia de alma e de coração!

Gonçalo emudeceu, trespassado. Depois, com uma serenidade a que se forçara, argumentou, deduziu:

— Bem! tu então sabes outras coisas... Eu por mim sei que ela é bonita e rica; sei também que é séria, porque nunca sobre ela se rosnou nem aqui nem em Lisboa; são qualidades para se casar com uma mulher... Tu agora afianças que se não pode casar com ela. Portantosabes outras coisas... Diz.

Foi então o Titó que emudeceu, imóvel diante do Fidalgo, como se o laço duma corda o colhesse e o travasse. Por fim, soprando, com um esforço enorme:

— Tu não me chamaste para eu depor como testemunha... Em princípio, sem explicações, perguntas se podes casar com essa mulher. E eu, sem explicações,

em princípio, declaro que não... Que diabo queres mais?

Gonçalo exclamou, revoltado:

— Que quero? Pelo amor de Deus, Titó!... Supõe tu que estou doidamente apaixonado pela D. Ana, ou que tenho um interesse imenso em casar com ela... Que não estou, nem tenho: mas supõe! Nesse caso não se desvia um amigo dum ato em que ele está tão fundamente empenhado, sem lhe apresentar uma razão, uma prova...

Assim apertado, Titó baixou a cabeça, que coçou com desespero. Depois acobardadamente, para escapar, adiou a contenda:

— Olha, Gonçalo, eu estou muito estafado. Tu não vais a esta hora para a Igreja; e ela menos, que o outro marido

ainda não arrefeceu na cova. Então amanhã conversamos.

Atirou duas passadas enormes, empurrou a porta da varanda, berrando pelo Videirinha:

— São que horas, Videira! Toca a abalar, que não dormi desde Cidadelhe.

Videirinha, que preparava com esmero um grogue frio, esvaziou atabalhoadamente o copo, recolheu o violão precioso. E Gonçalo não os deteve, esfregando silenciosamente as mãos, amuado com aquela recusa do Titó tão desamiga e teimosa. Como sombras atravessaram uma sala onde dormia, esquecida desde os Ramires do século XVIII, uma espineta de charão. No patamar da escada que conduzia à portinha verde, Gonçalo, para os alumiar,

erguera um castiçal. Titó acendeu um cigarro à vela. A sua mão cabeluda tremia.

— Então, entendido... Apareço amanhã, Gonçalo.

— Quando quiseres, Titó.

E no seco assentimento do Fidalgo transparecia tanto despeito — que Titó hesitou nos estreitos degraus que atulhava. Por fim desceu pesadamente.

Videirinha, já na estrada, considerava o céu, a luminosa serenidade:

— Que linda noite, Sr. Doutor!

— Linda, Videirinha... E obrigado. Você hoje tocou divinalmente.

Gonçalo entrara na sala dos retratos, ousara apenas o castiçal — quando, por baixo da varanda aberta, o vozeirão do Titó retumbou:

— Oh Gonçalo, desce cá abaixo.

O Fidalgo rolou pelos degraus com sofreguidão. Para além dos álamos, no luar da estrada, Videirinha afinava o violão. E apenas a face do Fidalgo surdiu na claridade da porta, o Titó, que esperava com o chapéu para a nuca, desabafou:

— Oh Gonçalo, tu ficaste amuado... É tolice! E entre nós não quero sombras. Então lá vai! Tu não podes casar com essa mulher, porque ela teve um amante. Não sei se antes ou depois desse teve outro. Não há criatura mais manhosa, nem mais disfarçada. Não me venhas agora com perguntas. Mas fica certo que ela teve um amante. Sou eu que to afirmo; e tu sabes que eu nunca minto!

Bruscamente meteu à estrada, com os

possantes ombros vergados. Gonçalo não se movera de sobre os degraus de pedra, diante mudos álamos, como ele imóveis. Uma palavra passara, irreparável, no macio silêncio da noite e da Lua — e eis o alto sonho que construíra sobre a D. Ana e a sua beleza e os seus duzentos contos despenhado no lodo! Lentamente subiu, repenetrou na sala. Por cima da chama alta da vela, num painel fusco, uma face acordara, uma seca, amarelada face, de altivos bigodes negros, que inclinava atenta como reparando. E longe, Videirinha espalhava, pelos campos adormecidos, os ingénuos versos celebrando a tamanha da Casa ilustre:

Que só em Paio Ramires
Põe agora o mundo

esperança...

Que junte os seus cavaleiros

E que salve o Rei de França!...

10

Até noite alta Gonçalo, passeando pelo quarto, remoeu a amarga certeza de que sempre, através de toda a sua vida (quase desde o colégio de S. Fiel!), não cessara de padecer humilhações. E todas lhe resultavam de intentos muito simples, tão seguros para qualquer homem como o voo para qualquer ave — só para ele constantemente rematados por dor, vergonha ou perda! A entrada da vida escolhe com entusiasmo um confidente, um irmão, que traz para a quieta intimidade da Torre — e logo esse homem se apodera ligeiramente do coração de Gracinha e ultrajosamente a abandona!

Depois concebe o desejo tão corrente de penetrar na vida política e logo o acaso o força a que se renda e se acolha à influência desse mesmo homem, agora autoridade poderosa, por ele durante todos esses anos de despeito tão detestada e chasqueada! Depois abre ao amigo, agora restabelecido na sua convivência, a porta dos Cunhais, confiado na seriedade, no rígido orgulho da irmã — e logo a irmã se abandona ao antigo enganador, sem luta, na primeira tarde em que se encontra com ele na sombra favorável dum caramanchão! Agora pensa em casar com uma mulher que lhe oferecia com uma grande beleza uma grande fortuna — e imediatamente um companheiro de Vila Clara passa e segreda: — «A mulher que escolheste, Gonçalinho, é uma marafona

cheia de amantes!» Decerto essa mulher não a amava com um amor nobre e forte! Mas decidira acomodar nos formosos braços dela, muito confortavelmente, a sua sorte insegura — e eis que logo desaba, com esmagadora pontualidade, a humilhação costumada. Realmente o Destino malhava sobre ele com rancordesmedido!

— E porquê? — murmurava Gonçalo, despindo melancolicamente o casaco. — Em vida tão curta, tanta deceção... Porquê? Pobre de mim!

Caiu no vasto leito como numa sepultura — enterrou a face no travesseiro com um suspiro, um enternecido suspiro de piedade por aquela sua sorte tão contrariada, tão sem socorro. E recordava o presunçoso verso do Videirinha, ainda

nessa noite proclamado ao violão:

Velha casa de Ramires
Honra e flor de Portugal!

Como a flor murchara! Que mesquinha honra! E que contraste o do derradeiro Gonçalo, encolhido no seu buraco de Santa Ireneia, com esses grandes avós Ramires cantados pelo Videirinha — todos eles, se a História e Lenda não mentiam, de vidas tão triunfais e sonoras! Não! nem sequer deles herdara a qualidade por todos herdada através dos tempos — a valentia fácil. Seu pai ainda fora o bom Ramires destemido — que na falada desordem da romaria da Riosa avançava com um guarda-sol contra três clavinas engatilhadas. Mas ele... Ali, no

segredo do quarto apagado, bem o podia livremente gemer — ele nascera com a falha, a *falha* de pior desdouro, essa irremediável fraqueza da carne, que, irremediavelmente, diante de um perigo, uma ameaça, uma sombra, o forçava a recuar, a fugir... A fugir dum Casco, A fugir dum malandro de suiças loiras que, numa estrada e depois numa venda o insulta sem motivo, para meramente ostentar pimponice e arreganho. Ah, vergonhosa carne, tão espantadiça!

E a alma... Nessa calada treva do quarto bem o podia reconhecer também, gemendo. A mesma fraqueza lhe tolhia a alma! Era essa fraqueza que o abandonava a qualquer influência, logo por ela levado como folha seca por qualquer sopro. Porque a prima Maria uma tarde adoça os

espertos olhos e lhe aconselha, por trás do leque, que se interesse pela D. Ana — logo ele, fumegando de esperança, ergue sobre o dinheiro e a beleza de D. Ana uma presunçosa torre de ventura e luxo. E a eleição? essa desgraçada eleição? Quem o empurrara para aeleição, e para a reconciliação indecente com o e para os desgostos daí emanados? O Gouveia, só com argúcias, murmuradas por cima do cachené, desde a loja do Íamos até à esquina do Correio! Mas quê! mesmo dentro da sua Torre era governado pelo Bento, que superiormente lhe impunha gostos, dietas, passeios, e opiniões e gravatas! — Homem de tal natureza, por mais bem dotado na inteligência, é massa inerte a que o Mundo constantemente imprime formas várias e contrárias. O

João Gouveia fizera dele um candidato servil. O Manuel Duarte poderia fazer dele um beberrão imundo. O Bento facilmente o levaria a atar ao pescoço, em vez duma gravata de seda, uma coleira de couro! Que miséria! E todavia o Homem só vale pela Vontade só no exercício da Vontade reside o gozo da Vida. Porque se a Vontadebem exercida encontra em torno submissão — então é a delícia do domínio sereno; se encontra em torno resistência então é a delícia maior da luta interessante. Só não sai gozo forte e viril da inércia que se deixa arrastar mudamente, num silêncio e macieza de cera... Mas ele, ele, descendendo de tantos varões famosos pelo Querer — não conservaria, escondida algures no seu Ser, dormente e quente como uma brasa sob

cinza, uma parcela dessa energia hereditária?... Talvez! nunca, porém, nesse peco e encafuado viver de Santa Ireneia, a fagulha despertaria, ressaltaria em chama intensa e útil. Não! pobre dele! Mesmo nos movimentos da Alma onde todo o homem realiza a liberdade pura — ele sofreria sempre a opressão da Sorte inimiga!

Com outro suspiro mais se enterrou, se escondeu sob a roupa. Não adormecia, a noite findava — já o relógio de charão, no corredor, batera cavamente as quatro horas. E então, através das pálpebras cerradas, no confuso cansaço de tantas tristezas revolvidas, Gonçalo percebeu, através da treva do quarto, destacando palidamente da treva, faces lentas que passavam...

Eram faces muito antigas, com desusadas barbas ancestrais, com cicatrizes de ferozes ferros, umas ainda flamejando como no fragor de uma batalha, outras sorrindo majestosamente como na pompa duma gala — todas dilatadas pelo uso soberbo de mandar e vencer. E Gonçalo, espreitando por sobre a borda do lençol, reconhecia nessas faces as verídicas feições de velhos Ramires, ou já assim contempladas em denegridos retratos, ou por ele assim concebidas, como concebera as de Tructesindo, em concordância com a rijeza e esplendor dos seus feitos.

Vagarosas, mais vivas, elas cresciam de entre a sombra que latejava espessa e como povoada. E agora os corpos emergiam também, robustíssimos corpos

cobertos de saios de malha ferrugenta apertados por arneses de aço lampejante, embuçados em fuscos mantos de revoltas pregas, cingidos por faustosos gibões de brocado, onde cintilavam as pedrarias de colares e cintos; — e armados todos, com as armas todas da História, desde a clava goda de raiz de roble eriçada de puas, até ao espadim de sarau enlaçarotado de seda e ouro.

Sem temor, erguido sobre o travesseiro, Gonçalo não duvidava da realidade maravilhosa! Sim! eram os seus avós Ramires, os seus formidáveis avós históricos, que, das suas tumbas dispersas corriam, se juntavam na velha casa de Santa Ireneia nove vezes secular e formavam em torno do seu leito, do leito em que ele nascera, como a Assembleia

majestosa da sua raça ressurgida. E até mesmo reconhecia alguns dos mais esforçados que, agora, com o repassar constante do poemeto do tio Duarte e o Videirinha gemendo fielmente o seu «fado», lhe andavam sempre na imaginação...

Aquele além, com o brial branco a que a cruz vermelha enchia o peitoral, era certamente Gutierres Ramires, o *de Ultramar*, como quando corria da sua tenda para a escalada de Jerusalém. No outro, tão velho e formoso, que estendia o braço, ele adivinhava Egas Ramires, negando acolhida no seu puro solar a El-Rei D. Fernando e à adúltera Leonor! Esse, de crespa barba ruiva, que cantava sacudindo o pendão real de Castela, quem, senão Diogo Ramires, o *Trovador*,

ainda na alegria da, radiosa manhã de Aljubarrota? Diante da incerta claridade do espelho tremiam as fofas plumas escarlates do morrião de Paio Ramires, que se armava para salvar S. Luís, Rei de França. Levemente balançado, como pelas ondas humildes dum mar vencido, Rui Ramires sorria às naus inglesas que, ante a proa da sua capitânia,submissamente amainavam por Portugal. E, encostado ao poste do leito, Paulo Ramires, pajem do guião de El-Rei nos campos fatais de Alcácer, sem elmo, rota a clinava para ele a sua face de donzel, com a doçura grave couraça, in dum avô enternecido...

Então, por aquela ternura atenta do mais poético dos Ramires, Gonçalo sentiu que a sua ascendência toda o amava — e da escuridão das tumbas dispersas

acudira para o velar e socorrer na sua fraqueza. Com um longo gemido, arrojando a roupa, desafogou, dolorosamente contou aos seus avós ressurgidos a arrenegada Sorte que o combatia e que, sobre a sua vida, sem descanso, amontoava tristeza, vergonha e perda! E eis que subitamente um ferro faiscou na treva, com um abafado brado: — «Neto, doce neto, toma a minha lança nunca partida!...» E logo o punho duma clara espada lhe roçou o peito, com outra grave voz que o animava: — «Neto, doce neto, toma a espada pura que lidou em Ourique!...» E depois, uma acha de coriscante gume bateu no travesseiro, ofertada com altiva certeza: — «Que não derribará essa acha, que derribou as portas de Arzila!...»

Como sombras levadas num vento transcendente, todos os avós formidáveis perpassavam — e arrebatadamente lhe estendiam as suas armas, rijas e provadas armas, todas, através de toda a História, enobrecidas nas arrancadas contra a moirama, nos trabalhados cercos de castelos e vilas, nas batalhas formosas com o Castelhano soberbo... Era, em torno do leito, um heroico reluzir e retinir de ferros. E todos soberbamente gritavam: — «Oh neto, toma as nossas armas e vence a Sorte inimiga!...» Mas Gonçalo, espalhando os olhos tristes pelas sombras ondeantes, volveu: — «Oh avós, de que me servem as vossas armas — se me falta a vossa alma?...»

Acordou, muito cedo, com a enredada lembrança dum pesadelo em que

falara a mortos: — e, sem a preguiça, que sempre o amolecia nos colchões, enfiou um roupão, escancarou as vidraças. Que formosa manhã! uma manhã dos fins de setembro, macia, lustrosa e fina; nemuma nuvem lhe desmanchava o vasto, o imaculado azul; e o sol já pousava nos arvoredos, nos outeiros distantes, com uma doçura outonal. Mas, apesar de lhe respirar lentamente o brilho e a pureza, Gonçalo permaneceu toldado de sombras, das sombras da véspera, retardadas no seu espírito oprimido, como névoas em vale muito fundo. E foi ainda com um suspiro, arrastando tristonhamente as chinelas, que puxou o cordão da campainha. O Bento não tardou com a infusa da água quente para a barba. E acostumado ao alegre acordar do Fidalgo,

tanto estranhou aquele silencioso e enrugado mover pelo quarto, que desejou saber se o Sr. Doutor passara mal a noite...

— Pessimamente!

Bento declarou logo, com vivacidade e reprovação — que certamente fizera mal ao Sr. Doutor tanto conhaque de moscatel. Conhaque muito adocicado, muito excitante... Bom para o Sr. D. António, homenzarrão pesado. Mas o Sr. Doutor, assim nervoso, nunca devia tocarnaquele conhaque. Ou então, meio cálice escasso.

Gonçalo ergueu a cabeça, na surpresa de encontrar logo ao começo do seu dia e tão flagrante, aquele domínio que todos sobre ele se arrogavam — e de que tanto se lastimava, através de toda a amarga noite! Eis aí o Bento mandando —

marcando a sua ração de conhaque! E justamente o Bento insistia:

— O Sr. Doutor bebeu mais de três cálices. Assim não convém... Eu também tive culpa em não tirar a garrafa...

Então, perante despotismo tão declarado, o Fidalgo da Torre teve uma brusca revolta:

— Homem, não dês tantas leis. Bebo o conhaque que preciso e que quero!

Ao mesmo tempo, com a ponta dos dedos, experimentava a água na infusa:

— Esta água está morna! — exclamou logo. — já me tenho fartado de dizer! Para a barba, preciso sempre água a ferver.

O Bento, gravemente, mergulhou também o dedo na água:

— Pois esta água está quase a

ferver... Nem para a barba se necessita água mais quente.

Gonçalo encarou o Bento com furor. O quê! mais objeções, mais leis!

— Pois vá imediatamente buscar outra água! Quando eu peço água quente, pretendo que venha em cachão. Irra! tanta sentença!... Eu não quero moral, quero obediência!

O Bento considerou Gonçalo através dum espanto que lhe inchara a face. Depois, lentamente, com magoada dignidade, empurrou a porta, levando a infusa. E já Gonçalo se arrependia da sua violência. Coitado, não era culpa do Bento se a vida lhe andava a ele tão estragada e sacudida! Depois, em casa tão antiga, não destoava a tradição dos antigos aios. E o Bento com perfeito rigor

lhes reproduzia a rabugice e a lealdade! Mas ascendência, e livre falar bem lhe cabiam — bem os merecia por tão longa, tão provada dedicação...

O Bento, ainda vermelho e inchado, voltava com a infusa fumegante. E Gonçalo logo docemente, para o adoçar:

— Dia muito bonito, hem, Bento?

O velho rosnou, ainda amuado:

— Muito bonito.

Gonçalo ensaboava a face, rapidamente, na impaciência de reatar com o Bento, de lhe restabelecer a supremacia amorável. E por fim mais doce, quase humilde:

— Pois se achas o dia assim bonito, dou um passeio a cavalo antes de almoço. Que te parece? Talvez me faça bem aos nervos... Com efeito, aquele conhaque não

me convém... Então, Bento, faz o favor, grita aí ao Joaquim que me tenha a égua pronta imediatamente. Com certeza me acalma, uma galopada... E no banho agora a água bem esperta, bem quente. Também me acalma a água quente. Por isso necessito sempre água bem quente, a ferver. Mas tu, com essas tuas velhas ideias... Pois todos os médicos o declaram. Para a saúde água quente, bem quente, a sessenta graus!

E depois do rápido banho, enquanto se vestia, abriu mais familiarmente ao velho aio a intimidade das suas tristezas:

— Ah! Bento, Bento, o que eu verdadeiramente precisava para me calmar, não era um passeio, era uma jornada... Trago a alma muito carregada, homem! Depois estou farto desta eterna

Vila Clara, da eterna Oliveira. Muito mexerico, muita deslealdade. Precisava terra grande, distração grande.

O Bento, já reconciliado, enternecido, lembrou que o Sr. Doutor brevemente, em Lisboa, encontraria uma linda distração, nas Cortes.

— Eu sei lá se vou às Cortes, homem! Não sei nada, tudo falha... Qual Lisboa!... O que eu necessito é uma viagem imensa, à Hungria, à Rússia, a terras onde haja aventuras.

O Bento sorriu superiormente daquela imaginação. E apresentando ao Fidalgo o jaquetão de *velvetina* cinzenta:

— Com efeito, na Rússia, parece que não faltam aventuras. Anda tudo a chicote, diz o *Século*... Mas aventuras, Sr. Doutor, até a gente as encontra na estrada... Olhe!

o paizinho de V. Ex.ª, que Deus haja, foi lá em baixo diante do portão que teve a bulha com o Dr. Avelino Riosa, e que lhe atirou a chicotada, e que levou com o punhal no braço...

Gonçalo calçava as luvas de anta, mirando o espelho:

— Pobre papá, coitado, também teve pouca sorte... E por chicote, 6 Bento, dá cá aquele chicote de cavalo-marinho que tu ontem areaste. Parece que é uma boa arma.

Ao sair o portão, o Fidalgo da Torre meteu a égua, sem destino, num passo indolente, pela estrada costumada dos Bravais. Mas no Casal Novo, onde dois pequenos jogavam à bola debaixo das carvalheiras, pensou em visitar o Visconde de Rio Manso. Certamente lhe

consertaria os nervos a companhia de tão sereno e generoso velho. E, se ele o convidasse a almoçar, gastaria os seus cuidados visitando essa falada quinta da *Varandinha* e cortejando «o botão de Rosa».

Gonçalo recordava apenas confusamente que o terraço da *Varandinha* dominava uma estrada plantada de choupos, algures, entre o lugar da Cerda e a espalhada aldeia de Canta Pedra. E tomou o caminho velho que desce das carvalheiras do Casal Novo, e penetra no vale, entre o cabeço de Avelã e as ruínas do mosteiro de Ribadais, no solo histórico onde Lopo de Baião derrotara a mesnada de Lourenço Ramires... Ora enterrada entre valados, ora entre toscos muros de pedra solta, a

vereda seguia sem beleza, e cansativa; mas as madressilvas nas sebes, por entre as amoras maduras, rescendiam; o fresco silêncio recebia mais frescura e graça dos frémitos de asa que o roçavam; e tanto era o radiante azul nos céus serenos, que um pouco do seu rebrilho e serenidade se instilava na alma. Gonçalo, mais desanuviado, não se apressava; na igreja dos Bravais, quando ele passara ao Casal Novo, batiam apenas as nove horas; e depois de costear um lameiro de erva magra parou a acender pachorrentamente um charuto, rente da velha ponte de pedra que galga o riacho das Donas. Quase seca pela estiagem, a água escura mal corria, sob as folhas largas dos nenúfares, por entre os juncais que a atulhavam. Adiante, à orla dum ervaçal, no abrigo duma moita

de álamos, reluziam as pedras dum lavadouro. Na outra margem, dentro dum velho bote encalhado, um rapazito, uma rapariguinha conversavam profundamente, com dois molhos de alfazema esquecidos nos regaços. Gonçalo sorriu do idílio — depois teve uma surpresa descobrindo, no cunhal da ponte, rudemente entalhado, o seu Brasão de Armas, um açor enorme, que alargava as garras ferozes. Talvez aquelas terras outrora pertencessem à Casa; — ou algum dos seus avós benéficos construíra a ponte, sobre torrente então mais funda, para segurança dos homens e dos gados. Quem sabe se o avô Tructesindo, em memória piedosa de Lourenço Ramires, vencido e cativo nas margens daquela Ribeira!

O caminho, para além da ponte,

alteava entre campos ceifados. As medas lourejavam, pesadas e cheias, por aquele ano de fartura. Ao longe, dos telhados baixos dum lugarejo, vagarosos fumos subiam, logo desfeitos no radiante céu. E lentamente, como aqueles fumosdistantes, Gonçalo sentia que todas as suas melancolias lhe escapavam da alma, se perdiam também no azul lustroso... Uma revoada de perdizes ergueu voo de entre o restolho. Gonçalo galopou sobre elas, gritando, sacudindo o seu forte chicote de cavalo-marinho, que zunia como uma fina lâmina.

Em breve o caminho torceu, costeando um souto de sobreiros, depois cavado entre silvados com largos pedregulhos aflorando na poeira; — e ao fundo o sol faiscava sobre a cal fresca

duma parede. Era uma casa térrea, com porta baixa entre duas janelas envidraçadas, remendos novos no telhado e um quinteiro que uma escura e imensa figueira assombreava. Numa esquina pegava um muro baixo de pedra solta, continuado por uma sebe, onde adiante uma velha cancela abria para a sombra duma ramada. Defronte, no vasto terreiro que se alargava, jaziam cantarias, uma pilha de traves; passava uma estrada, lisa e cuidada, que pareceu a Gonçalo a de Ramilde. Para além até a um distante pinheiral, desciam chás e lameiros.

Sentado num banco, junto da porta, com uma espingarda encostada ao muro, um rapaz grosso, de barrete de lã verde, acariciava pensativamente o focinho dum perdigueiro. Gonçalo parou:

— Tem a bondade... Sabe por acaso qual é o bom caminho para a quinta do Sr. Visconde de Rio Manso, a *Varandinha?*

O rapazote ergueu a face morena, de buço leve, remexendo vagamente no carapuço.

— Para a quinta do Rio Manso... siga pela estrada até à pedreira, depois à esquerda a seguir, sempre rente da várzea...

Mas nesse instante assomava à porta um latagão de suíças loiras, em mangas de camisa, a cinta enfaixada em seda. E Gonçalo, com um sobressalto, reconheceu logo o caçador que o injuriara na estrada de Nacejas, o assobiara na venda do Pintainho. O homem relanceou superiormente o Fidalgo. Depois, com a mão encostada à ombreira, chasqueou o

rapazote:

— Oh Manuel, que estás tu aí a ensinar o caminho, homem! Este caminho por aqui não é para asnos!

Gonçalo sentiu a palidez que o cobriu — e todo o sangue do coração, num tumulto confuso, que era de medo e de raiva. Um novo ultraje, do mesmo homem, sem provocação! Apertou os joelhos no selim para galopar. E a tremer, num esforço que o engasgava:

— Você é muito atrevido! E já pela terceira vez! Eu não sou homem para levantar desordens numa estrada... Mas fique certo que o conheço, e que não escapa sem lição...

Imediatamente, o outro agarrou um cajado curto e saltou à estrada, afrontando a égua, com as suíças erguidas, um riso de

imenso desafio:

— Então cá estou! Venha agora a lição... E para diante é que você já não passa, seu Ramires de merd...

Uma névoa turvou os olhos esgazeados do Fidalgo. E de repente, num inconsciente arranque, como levado por uma furiosa rajada de orgulho e força, que se desencadeava do fundo do seu ser, gritou, atirou a fina égua num galão terrível! E nem compreendeu! O cajadosarilhara! A égua empinava, numa cabeçada furiosa! E Gonçalo entreviu a mão do homem, escura, imensa, que empolgava a camba do freio.

Então, erguido nos estribos, por sobre a imensa mão, despediu uma vergastada do chicote silvante de cavalo-marinho, colhendo o latagão na face, de

lado, num golpe tão vivo da aresta aguda, que a orelha pendeu despegada, num borbotar de sangue. Com um berro o homem recuou, cambaleando. Gonçalo galgou sobre ele, noutro arremesso, com outra fulgurante chicotada, que o apanhou pela boca, lhe rasgou a boca, decerto lhe espedaçou dentes, o atirou, urrando, para o chão.. As patas da égua machucavam as grossas coxas estendidas — e, debruçado, Gonçalo ainda vergastou, cortou desesperadamente face, pescoço, até que o corpo jazeu mole e como morto, com jorros de sangue escuro ensopando a camisa.

Um tiro atroou o terreiro! E Gonçalo, com um salto no selim, avistou o rapazote moreno ainda com a espingarda erguida, a fumegar, mas já hesitando aterrado.

— Ah, cão!

Lançou a égua, com o chicote alto: o rapaz, espavorido, corria lestamente através do terreiro, para saltar o valado, escapar para as várzeas ceifadas!

— Ah cão, ah cão — berrava Gonçalo.

Estonteado, o rapaz tropeçara numa viga solta. Mas já se endireitava, quando o Fidalgo o alcançou com uma cutilada do chicote no pescoço, logo alagado de sangue. Estendeu as mãos incertas, ainda cambaleou, abateu, estalou contra a aresta dum pilar, a cabeça mais sangue jorrou. Então Gonçalo, a arquejar, deteve a égua. Ambos os homens jaziam imóveis! Santo Deus! Mortos? De ambos corria o sangue sobre a terra seca. O Fidalgo da Torre sentia uma alegria brutal. Mas um grito

espantado soou do lado do quinteiro.

— Ai que mataram o meu rapaz!

Era um velho que corria da cancela, numa carreira agachada, rente com a sebe, para a porta da casa. Tão certeiramente o Fidalgo arremessou a égua, para o deter — que o velho esbarrou contra o peitoril, que arfava coberto de suor e de espuma. E ante o inquieto animal escarvando, e Gonçalo alçado nos estribos, com a face chamejante, o chicote a descer — o velho, num terror, desabou sobre os joelhos, gritou ansiadamente:

— Ai, não me faça mal, meu Fidalgo, por alma de seu pai Ramires.

Gonçalo ainda o manteve assim um momento, suplicante, a tremer, sob o justiceiro faiscar dos seus olhos: — e gozava soberbamente aquelas calosas

mãos que se erguiam para a sua misericórdia, invocavam o nome de Ramires, de novo temido, repossuído do seu prestígioheróico. Depois, recuando a égua:

— Esse malandro do rapazola desfechou a caçadeira!... Você também não tem boa cara! Que ia você correndo para casa? Buscar outra espingarda?

O velho alargou desesperadamente os braços, oferecia o peito, em testemunho da sua verdade:

— Oh meu Fidalgo, não tenho em casa nem um cajado!... Assim Deus me ajude e me salve o rapaz!

Mas Gonçalo desconfiava. Quando descesse agora pela estrada de Ramilde, bem poderia o velho correr ao casebre, agarrar outra caçadeira, desfechar

traiçoeiramente. E então, com a presteza de espírito que a luta afiara concebeu, contra qualquer emboscada, um ardil seguro. E até num relance sorriu recordando «traças de guerra», de D. Garcia Viegas, o *Sabedor*.

— Marche lá diante de mim, sempre a direito, pela estrada!

O velho tardou, sem se erguer, aterrado. E batia com as grossas mãos nas coxas, numa ânsia que o engasgava:

— Oh meu Fidalgo, oh meu Fidalgo! mas deixar assim o rapaz sem acordo?...

— O rapaz está só atordoado, já se mexeu... E o outro malandro também... Marche você!

E ao irresistível mando de Gonçalo, o velho, depois de sacudir demoradamente as joelheiras, começou a

avançar pela estrada, vergado diante da égua, como um cativo, com os longos braços a bambolear, rosnando, num rouco assombro: — Ai como elas se armam! Ai Santo nome de Deus, que desgraça! A espaços estacava, esgazeando para Gonçalo um olhar torvo onde negrejava medo e ódio... Mas logo o comando forte o empurrava: «Marche!...» E marchava. Adiante, onde se erguia um cruzeiro em memória do Abade Paguim, assassinado, Gonçalo reconheceu um largo atalho para a estrada dos Bravais, que chamavam o *Caminho da Moleira. E* para aí enfiou o velho, que nó pavor daquela azinhaga solitária, pensando que Gonçalo o afastava de caminhos trilhados para o matar comodamente, rompeu a gemer: «Ai que isto é o fim da minha vida! Ai Nossa

Senhora, que é o fim da minha vida!» E não cessou de gemer, emaranhando os passos trôpegos, até que desembocaram na estrada alta entre taludes escarpados, revestidos de giesta brava. Então de repente, com outro terror, o homem bruscamente revirou, atirando as mãos ao barrete:

— Oh meu senhor, o Fidalgo não me leva preso?...

— Marche! Corra! Que, agora a égua trota!

A égua trotou — o velho correu, desengonçado, arquejando como um fole de forja. Uma milha galgada, Gonçalo parou, farto do cativo, da lenta marcha. De resto antes que o homem agora corresse a casa, e agarrasse uma arma, e virasse para o alcançar, se desforrar —

entraria ele, num galope solto, o portão da Torre! Então bradou, com o sobrolho duro:

— Alto! Agora pode voltar para trás... Mas, antes: Como se chama aquele seu lugar?

— A Grainha, meu Fidalgo.

— E você como se chama, e o rapaz?

O velho, com a boca aberta, esperou, hesitou:

— Eu sou João, o meu rapaz Manuel... Manuel Domingues, meu Fidalgo.

— Você naturalmente mente. E o outro malandro, de suíças loiras)

Dum fôlego o velho gritou:

— Esse é o Ernesto de Nacejas, o valentão de Nacejas, que chamam o Caça-abraços, e que tanto me desencaminhou o

rapaz...

— Bem! Pois diga lá a esses dois marotos que me atacaram a pau e a tiro, que não ficam quites somente com a sova, e que agora têm de se entender com a justiça... Ela lá irá! Largue!

Do meio da estrada, Gonçalo ainda vigiou o velho que abalara, forçando as passadas derreadas, limpando o suor que lhe pingava. Depois, pela conhecida estrada, galopou para a Torre.

E ia levado, galopando numa alegria tão fumegante, que o lançava em sonho e devaneio. Era como a sensação sublime de galopar pelas alturas, num corcel de lenda, crescido magnificamente, roçando as nuvens lustrosas... E por baixo, nas cidades, os homens reconheciam nele um verdadeiro Ramires, dos antigos na

História, dos que derrubavam torres, dos que mudavam a configuração dos Reinos — e erguiam esse maravilhado murmúrio que é o sulco dos fortes passando! Com razão! com razão! Que ainda de manhã, ao sair da Torre, não ousaria marchar para um rapazola decidido que brandisse um varapau... E depois, de repente, na solidão daquela casa térrea, quando o bruto das suíças louras lhe atira a suja injúria — eis um não *sei quê* que se desprende dentro do seu ser, e trasborda, e lhe enche cada veia de sangue ardido, e lhe enrija cada nervo de força destra, e lhe espalha na pele o desprezo e a dor, e lhe repassa fundamente a alma de fortaleza indomável... E agora ali voltava, como um varão novo, soberbamente virilizado, liberto enfim da sombra que

tão dolorosamente assombreara a suavida, a sombra mole e torpe do seu medo! Porque sentia que, agora, se todos os valentões de Nacejas o afrontassem num rijo erguer de cajados — esse não *sei quê*, lá dentro, no seu ser, de novo se soltaria, e o arremessaria, com cada veia inchada, cada nervo retesado, para o delicioso fragor da briga! Enfim era *um homem!* Quando em Vila Clara o Manuel Duarte, o Titó com o peito alto, contassem façanhas, já ele não enrolaria encolhidamente o cigarro — encolhido, mudo, não somente pela ausência desconsoladora das valentias, mas sobretudo pela humilhante recordação das fraquezas. E galopava, galopava apertando furiosamente o cabo do chicote, como para investidas mais belas. Para

além dos Bravais, mais galopou, ao avistar a Torre. E singularmente lhe pareceu, de repente, que a sua Torre era agora mais sua, e que uma afinidade nova, fundada em glória e força, o tornava mais senhor da sua Torre!

Como para acolher Gonçalo mais dignamente, o portão grande, sempre cerrado, oferecia uma entrada triunfal com os dois pesados batentes escancarados. Ele atirou a égua para o meio do pátio, bradando

— Oh Joaquim! Oh Manuel! Eh lá! um de vocês!

O Joaquim surdiu da cavalariça, de mangas arregaçadas, com uma esponja na mão.

— Oh Joaquim, depressa! Aparelha o Rocilho, corre a um sítio na estrada de Ramilde, a que chamam a Grainha... Tive agora lá uma grande desordem! Creio que dei cabo de dois homens... Ficaram numa poça de sangue! Não digas que vais da Torre, que te podem atacar! Mas sabe o que sucedeu, se estão mortos!... Depressa, depressa!

O Joaquim, estonteado, remergulhou na cavalariça escura. E de cima duma das varandas do corredor, partiram exclamações assombradas:

— Oh Gonçalo, o que foi?! Santo Deus! o que foi?!

Era o Barrolo. Sem desmontar, sem surpresa ante a aparição do Barrolo, Gonçalo atirou logo para a varanda a história da bulha, tumultuosamente. Um

malandro que o insultara... Depois outro, que desfechou a caçadeira... E ambos derribados sob as patas da égua numapoça de sangue...

O Barrolo despegou da varanda — e noutro relance, investia pelo pátio, com os curtos braços a boiar, enfiado. Mas então? mas então?... E Gonçalo, desmontando.— trémulo agora do cansaço e da emoção, esmiuçou mais lances... Na estrada de Ramilde! Um valentão que o injuriou! A esse rasgara a boca, decepara a orelha... Depois o outro, um rapazola, desfecha uma carabina... Ele corre, tão vivamente o colhe com uma cutilada que o estira, para cima duma pedra, como morto...

— Uma cutilada?

— Com este chicote, Barrolo! Arma terrível!... Bem dizia o Titó!... Estou

perdido se não levo este chicote.

Esgazeado, Barrolo remirava o chicote. Sim, com efeito, ainda manchado de sangue. — Então Gonçalo atentou no chicote, no sangue... Sangue de gente! sangue fresco, que ele arrancara!... E por entre o seu orgulho, uma piedade passou que o empalideceu:

— Que desgraça, vejam que desgraça!

Esquadrinhou vivamente o fato, as botas, no horror de nódoas de sangue, que o salpicassem. Sim, santo Deus! sangue na polaina!... E imediatamente ansiou por se despir, se lavar — galgou a escada, com o Barrolo que enxugava o suor, balbuciava: — «Ora uma dessas! E de repente! Assim na estrada!...» Mas no corredor, subindo numa carreira da cozinha, apareceu

Gracinha, pálida, com a Rosa atrás, que enterrava os dedos entre o lenço e o cabelo num pavor mudo.

— Que foi, Gonçalo? Jesus, que foi?!

Então, encontrando Gracinha junto dele, na Torre, nesse momento magnífico do seu orgulho, depois de tão rijo perigo vencido, Gonçalo esqueceu o André, o mirante, as sombrias humilhações, e no abraço em que a colheu, nos fortes beijos que atirou à face querida, todo o seu amor se fundiu em ternura. Com ela ainda chegada ao coração, suspirou de leve, como uma criança cansada. Depois, apertando as duas pobres mãos trémulas, com um lento, enternecido sorriso, enquanto os olhos se lhe humedeciam de confusa emoção, de confusa alegria:

— Pois foi o diabo, filha! Uma desordem horrível, eu que sou tão pacato! Imagina tu...

E pelo corredor recomeçou para Gracinha, que arfava, e para a Rosa, estarrecida, a história do encontro, e o sujo ultraje, o tiro que falhara, e os malandros lacerados a chicote, e o velho marchando como um cativo, a gemer pela estrada de Ramilde. Apertando o peito, num desmaio, Gracinha murmurou:

— Ai, Gonçalo! E se um dos homens estivesse morto!

O Barrolo, mais vermelho que uma peónia, berrou logo que tais malandros mereciam ricamente a morte! E mesmo feridos, ainda necessitavam castigo tremendo de África! O Gouveia! era necessário mandar a Vila Clara, avisar o

Gouveia!... Mas largas passadas ávidas abalaram o soalho — e foi o Bento, que se ergueu diante de Gonçalo, bracejando numa ânsia:

— Então, Sr. Doutor?... Diz que uma grande desordem?...

E à porta do escritório, onde todos pararam, novamente atentos, a história recomeçou, especialmente para o Bento, que a bebia, num lento riso de gosto, crescendo, inchando com os olhinhos húmidos a reluzir, como se também triunfasse. Por fim, triunfou com estrondo:

— Foi o chicote, Sr. Doutor! O que serviu ao Sr. Doutor, foi o chicote que eu lhe dei!

Era verdade. E Gonçalo, comovido, abraçou o velho aio, que numa excitação, gritava para a Rosa, para Gracinha, para o

Barrolo:

— O Sr. Doutor deu cabo deles!... Aquele chicote mata um homem!... Os malvados estão mortos!... E foi o chicote! Foi o chicote que eu dei ao Sr. Doutor!

Mas Gonçalo reclamava água quente para se lavar da poeira, do suor, do sangue... E o Bento correu, berrando ainda pelo corredor! depois pelas escadas da cozinha — «que fora o chicote! o chicote, que ele dera ao Sr. Doutor!» Gonçalo entrara no quarto, acompanhado pelo Barrolo. E pousou o chapéu sobre o mármore da cómoda, com um imenso ah consolado! Era o consolo imenso de se encontrar, depois de tão violenta manhã, entre as doces coisas costumadas, pisando o seu velho tapete azul, roçando o leito de pau-preto em que nascera, respirando

pelas vidraças abertas, onde as ramagens familiares das faias se empurravam na aragem para o saudar. Com que gosto se acercou do espelho de colunas douradas, se mirou e se remirou, como a um Gonçalo novo e tão melhorado, que nos ombros reconhecia maislargueza, e até no bigode um arquear mais crespo.

E foi ao arredar do espelho, topando com o Barrolo, que subitamente despertou numa curiosidade imensa:

— Mas, oh Barrolo, como é que vos encontro esta manhã na Torre?

Resolução da véspera, ao chá. Gonçalo não aparecia, não escrevia... Gracinha a matutar, inquieta. Ele também espantado daquele sumiço depois do cesto dos pêssegos. De modo que ao chá, pensando também que a parelha

necessitava uma trotada, lembrara a Gracinha: — Vamos nós amanhã à Torre? no *faeton*?»

— Além disso precisava falar contigo, Gonçalo... Tenho andado aborrecido.

O Fidalgo juntou duas almofadas no divã, onde se enterrou:

— Como aborrecido?... Aborrecido porquê?...

Barrolo, com as mãos nos bolsos da rabona de flanela, que lhe cingia as ancas gordas, considerou as flores do tapete, melancolicamente:

— É uma grande seca! A gente não pode confiar em ninguém... Nem ter familiaridades!...

Num lampejo Gonçalo imaginou o Cavaleiro e Gracinha mostrando

estouvadamente nos Cunhais, como outrora entre os arvoredos da Torre, o sentimento que os dominava. E pressentiu um desabafo, alguma queixa triste do pobre Barrolo, amargurado por suspeitas, talvez por intimidades que espreitara. Mas a emoção suprema da sua batalha, sumira para uma sombra inferior os cuidados que, ainda na véspera, o oprimiam: todas as dificuldades da vida lhe apareciam agora, de repente, naquele frescor da sua coragem nova, tão fáceis de abater como os desafios dos valentões; e não se assustou com as confidências do cunhado, bem seguro de impor àquela alma submissa de bacoco a confiança e a quietação. Até sorriu, com indolência:

— Então, Barrolinho? Sucedeu alguma peripécia?

— Recebi uma carta.

— Ah!

Gravemente Barrolo desabotoou o jaquetão, puxou do bolso interior uma larga carteira, de couro verde e lustroso, com monograma de ouro. E foi a carteira que ele mostrou a Gonçalo, com satisfação.

— Bonita, hem? Presente do André, coitado... Creio que até a mandou vir de Paris. O monograma tem muito chique.

Gonçalo esperava, espantado. Enfim o bom Barrolo tirou da carteira uma carta — já amarrotada, depois alisada. Era, num papel pautado, uma letra miudinha que o Fidalgo apenas relanceou, declarando logo com segurança:

— É das Lousadas.

E leu, vagarosamente, serena mente,

com o cotovelo enterrado na almofada:

«Ex.mo Sr. José Barrolo.

«V. Ex.a apesar de todos os seus amigos o alcunharem de Zé bacoco, *mostrou agora muita esperteza, chamando de novo para a sua intimidade e de sua digna esposa o gentil André Cavaleiro, nosso Governador Civil. Com efeito a esposa de V. Ex.a, a linda Gracinha, que nestes últimos tempos andava tão murcha e até desbotada (o que a todos nos inquietava), imediatamente refloriu, e ganhou cores, desde que possui a valiosa companhia da primeira autoridade do distrito. Portou-se pois V. Ex.* a *como marido zeloso, e desejoso da felicidade e boa saúde de*

sua interessante esposa. Nem parece rasgo daquele que toda a Oliveira considera como o seu mais ilustre pateta! Os nossos sinceros parabéns!»

Gonçalo guardou muito sossegadamente na algibeira aquela carta que, dias antes, o lançaria em infinita amargura e fúria:

— É das Lousadas... E tu deste importância a semelhante baboseira?

O Barrolo repontou, com as bochechas abrasadas:

— Se te parece! Sempre embirrei com bilhetinhos anónimos... E depois essa insolência a respeito dos amigos me chamarem *Bacoco*... Grande infâmia, hem? Tu acreditas?... Eu não acredito! mas lança cizânia entre mim e os

rapazes... Nem voltei ao Clube...

— Bacoco! Porquê? Porque eu sou simples, sempre franco, disposto a arranchar... Não! se os rapazes no Clube me chamam bacoco pelas costas, caramba, mostram ingratidão! Mas eu não acredito!

Rebolou pelo quarto, desconsoladamente, as mãos cruzadas sobre as gordas nádegas. Depois, estacando diante do divã, de onde Gonçalo o considerava, com piedade:

— Enquanto ao resto da carta é tão estúpido, tão atrapalhado, que a princípio nem compreendi. Agora percebo... Querem dizer que a Gracinha e o Cavaleiro têm namoro... É o que me parece que querem dizer! Ora vê tu que disparate! Até a intimidade do Cavaleiro

é mentira. O pobre rapaz, desde que lá jantou, só apareceu três ou quatro vezes, à noite, para a manilha, com o Mendonça... E agora abalou para Lisboa.

Então o Fidalgo pulou, de surpresa.

— O quê! o Cavaleiro foi para Lisboa?

— Pois partiu há três dias!

— Com demora?

— Com demora, com grande demora... Só volta no meado de outubro para a eleição.

— Ah!

Mas o Bento rompeu pelo quarto, com o jarro de água quente, duas toalhas de rendas, ainda numa excitação que o azafamava. Diante do espelho, lentamente, o Barrolo reabotoava o jaquetão:

— Bem, até logo, Gonçalinho. Eu

desço à cavalariça, visitar a parelha. Não imaginas! desde Oliveira, sem descanso, numa trotada esplêndida. E nem um pelo suado! Tu guardas a carta?...

— Guardo, para estudar a letra.

Apenas Barrolo cerrara a porta — o Fidalgo recomeçou com o Bento a deliciosa história da briga, revivendo as surpresas e os rasgos, simulando os arremessos da égua, arrebatando o chicote para representar as cutiladas silvantes, que arrancavam febra e sangue... E de repente, em ceroulas:

— Oh Bento, traz o meu chapéu... Estou desconfiado que a bala roçou pelo chapéu.

Ambos remiraram, esquadrinharam o chapéu. O Bento, no seu encarecimento da façanha, achava a copa amolgada — até

chamuscada.

— A bala passou de raspão, Sr. Doutor!

O Fidalgo negou, com a modéstia grave dum forte:

— Não! Nem de raspão!... Quando o malandro desfechou já o braço lhe tremia... Devemos agradecer a Deus, Bento. Mas eu realmente não corri grande perigo!

Depois de vestido, Gonçalo, passeando no quarto, releu a carta. Sim, era certamente das Lousadas. Mas agora essa maledicência, soprada com tão sórdida maldade sobre as pobres bochechas do Barrolo, não causava dano — antes servia, quase beneficamente, como a brasa dum ferro, para sarar um dano. O pobre Barrolo apenas se

impressionara com a revelação da sua bacoquice, essa ingrata alcunha posta pelos rapazes amigos, em galhofas ingratas do Clube e debaixo dos arcos. A outra insinuação terrível, Gracinha reverdecendo ao calor amorosodo Cavaleiro, essa mal a compreendera, escassamente a atendera num desdém distraído e cândido. Mas a carta que assim silvava por sobre o bom Barrolo, como flecha errada — acertava em Gracinha, feriria Gracinha no seu orgulho, no seu impressionável pudor, mostrando àpobre tonta como o seu :,nome e mesmo o seu coração, já arrastavam enxovalhadamente, pela rasteira mexeriquice das Lousadas!... Certeza tão humilhadora não apagaria um sentimento — que se não apagava com humilhações

mais íntimas, tanto mais dolorosas. Mas estimularia a sua reserva e o seu desconfiado recato; — e agora que André se afastara para Lisboa, operaria nela, surdamente, solitariamente, sem que a presença tentadora lhe desmanchasse a influência sossegadora e salutar. Assim o torpe papel aproveitava a Gracinha, como um avisotemeroso pregado na parede. E rancorosamente preparada pelas duas fêmeas, para desencadear nos Cunhais escândalo e dor — talvez restabelecesse, na ameaçada casa, quietação e gravidade. — Gonçalo esfregou as mãos pensando — que em tão ditosa manhã talvez esse malredundasse em bem!

— Oh Bento, onde está a Sra. D. Graça?

— A menina subiu agora há pouco

para o seu quarto, Sr. Doutor.

Era o seu quarto de solteira, claro e fresco sobre o pomar, onde ainda se conservava o seu leito de linda madeira embutida, um toucador ilustre que pertencera à Rainha D. Maria Francisca de Saboia, e o sofá, as cadeiras de casimira clara em que Gracinha bordara, num arrastado labor de anos, o açor negro dos Ramires. E sempre que voltava à Torre, Gracinha gostava de reviver, no seu quarto, as horas de solteira, remexendo as gavetas, folheando velhos romances ingleses na estantezinha envidraçada, ou simplesmente da varanda contemplando a querida quinta estendida até aos outeiros de Valverde, a verde quinta, tão misturada à sua vida, que cada árvore lhe sussurrava, cada recanto de

verdura era como um recanto do seu pensamento.

Gonçalo subiu — bateu à porta cerrada com o antigo aviso: «Licença para o mano!» Ela correu da varanda, onde regava, nos seus antigos vasos vidrados, plantas sempre renovadas e cuidadas pela Rosa com carinho. E desabafando logo do pensamento que a enchia:

— Oh Gonçalo! mas que felicidade nós virmos à Torre, justamente hoje, que te sucedeu coisa tamanha!

— É verdade, Gracinha, grande sorte! E não me admirei nada de te ver... Era como se ainda vivesses na Torre e te encontrasse no corredor... Quem estranhei foi o Barrolo! E no primeiro momento depois de desmontar, pensava assim,

vagamente: «mas que diabo faz aqui o Barrolo? como diabo se acha aqui o Barrolo?...» Curioso, hem? Foi talvez que, depois da desordem, me senti remoçado, com um sangue novo, e me julguei no tempo em que desejávamos uma guerra em Portugal, e nós cercados na Torre, sob o nosso pendão, o *nosso terço*atirando bombardas aos Espanhóis...

Ela ria, lembrada dessas imaginações heroicas. E com o vestido entalado entre os joelhos, recomeçou a lenta rega dos seus vasos enquanto Gonçalo, encostado à varanda, considerando a Torre, era retomado pela ideia duma concordância mais íntima, que desde essa manhã se estabelecera entre ele e aquele heroico resto da Honra de Santa Ireneia, como se a sua força, tanto

tempo quebrada, se soldasse enfim firmemente à força secular da sua raça.

— Oh Gonçalo i tu deves estar muito cansado! Depois dessa verdadeira batalha...

— Não, cansado não... Mas com fome. Com fome, e com uma sede esplêndida!

Ela pousou logo o regador, sacudindo as mãos alegremente:

— Pois o almoço não tarda!... já andei a trabalhar na cozinha, com a Rosa, numa pescada à espanhola... É uma receita nova do Barão das Marges.

— Então ensossa, como ele.

— Não! até picante: foi o Sr. Vigário-Geral que lha ensinou.

E como, diante do toucador da Rainha Maria Francisca, ela arranjava a

pressa os ganchos do cabelo, para aproveitar a solidão favorável, apressou, com um esforço, a confidência que o comovia:

— E em Oliveira? Lá por Oliveira?

— Em Oliveira, nada... Muito calor!

Gonçalo, movendo os dedos lentos pela moldura do espelho, fino entrelaçamento de açucenas e louros, murmurou:

— Eu sei apenas das Lousadas, das tuas amigas Lousadas. Continuam em plena atividade...

Gracinha negou candidamente:

— As Lousadas? Não! Nem têm aparecido.

— Mas têm tecido!

E como os verdes olhos de Gracinha se alargaram, sem compreender, Gonçalo

arrancou vivamente da algibeira a carta que guardara, que, agora, lhe pesava como uma chapa de ferro:

— Olha, Gracinha! Mais vale desabafarmos! Aí tens o que elas há dias escreveram a teu marido...

Num relance, Gracinha devorou as linhas terríveis. E com ondas de sangue nas faces, apertando as mãos numa aflição, um desespero, em que o papel amarfanhou:

— Oh Gonçalo! pois...

Gonçalo acudiu:

— Não! o Barrolo não se importou! Até se riu! E eu também, quando ele me entregou esse papelucho... E a prova que ambos o consideramos uma mexeriquice insensata, é que eu to mostro tão francamente.

Ela esmagava a carta nas mãos juntas e trémulas, pálida agora e emudecida pelo espanto, retendo grandes lágrimas que rebrilhavam. E Gonçalo comovido, com gravidade, com ternura:

— Mas tu, Gracinha, sabes o que são terras pequenas. Sobretudo Oliveira! Precisas muito cuidado, muita reserva... Ai de mim! De mim vem a culpa. Reatei relações que nunca se deviam reatar... Bem me tenho arrependido! E acredita! por causa dessa situação tão falsa e tão perigosa, que eu criei, levianamente, por ambição tola, passei aqui na Torre dias amargurados... Até nem me atrevi a voltar a Oliveira. Hoje, não sei porquê, depois desta aventura, parece que tudo se esbateu, se afundou para uma grande sombra... Enfim já não me arde tão em

brasa no coração... Por isso desabafo assim, serenamente.

Ela desatou num solto, doloroso choro em que a sua fraca alma se desfazia. Com redobrada ternura, Gonçalo abraçou os pobres ombros vergados que os soluços espedaçavam. E foi com ela toda refugiada no seu peito, que ainda a aconselhou, docemente:

— Gracinha, o passado morreu, e todos precisamos, para honra de todos, que continue morto. Pelo menos que por fora, em cada gesto teu, pareça bem morto! Sou eu que to peço, pelo nosso nome

De entre os braços do irmão, ela gemeu com infinita humildade:

— Mas ele até foi embora!... Nem quis estar mais em Oliveira!

Gonçalo acariciou a acabrunhada cabeça, que de novo se escondera contra o seu peito, contra ele se apertava, como procurando a fresca misericórdia que dentro sentiu brotar:

— Bem sei. E isso me mostra que tens sido forte... Mas precisas muita reserva, muita vigilância, Gracinha!... E agora sossega. Não falemos mais, nunca mais, neste incidente... Porque foi apenas um *incidente*. E que eu provoquei, ai de mim, por leviandade, por ilusão.Passou, está esquecido! Sossega, descansa. E quando desceres traz os olhos bem secos.

Lentamente a desprendera dos braços, onde ela se arraigava como ao abrigo mais certo e à consolação mais desejada. E saía, engasgado pela emoção, recalcando também as lágrimas... Um

gemido tímido, suplicante, ainda o reteve.

— Gonçalo! mas tu pensas...

Ele voltou, de novo a abraçou, e beijou na testa lentamente:

— Eu penso que tu, agora bem avisada, bem aconselhada, vais mostrar muita dignidade, muita firmeza.

Rapidamente abalou, cerrou a porta. E na escada estreita, escassamente alumiada por uma claraboia baça, limpava as pálpebras, quando esbarrou com o Barrolo, que procurava Gracinha, para apressar o almoço.

— A Gracinha já desce! — atabalhoou o Fidalgo. — Está a lavar as mãos! já desce!... Mas antes do almoço vamos à cavalariça. Devemos uma visita à égua, essa querida égua que me salvou!

— É verdade, caramba! —

concordou logo Barrolo revirando nos degraus, com entusiasmo. — Precisamos visitar a égua... Grande, briosa, hem? Mas aposto que ficou mais suada que as minhas... Imagina! uma trotada daquelas, desde Oliveira, e nem um pelo molhado! Grandes éguas! Também, o que eu as olho, o que as trato!

Na cavalariça, ambos afagaram a égua. Barrolo lembrou que se mimoseasse com uma ração larga de cenoura. Depois — para que Gracinha, com vagar, se calmasse — o Fidalgo arrastou o Barrolo ao pomar e à horta...

— Tu não vens à Torre há perto de seis meses, Barrolinho! Precisas ver, admirar progressos. Anda agora por aqui a mão forte do Pereira da Riosa...

— Imagino! grande homem, o

Pereira! Mas eu tenho uma fome, Gonçalinho!

— Também eu!

Uma hora batia quando entraram na varanda onde a mesa esperava, florida e em festa — e Gracinha, à beira do divã, percorria pensativamente a velha *Gazeta do Porto*. Apesar de muito banhados, os seus belos olhos conservavam um ardor; e para o justificar, o seu modoabatido, logo se lastimou, corando, duma enxaqueca. Eram as emoções, o perigo de Gonçalo...

— Também eu tenho dor de cabeça! — declarou o Barrolo, rondando a mesa. — Mas a minha vem da fome... Oh filhos, é que estou desde as sete da manhã com uma chávena de café e um ovo quente!

Gonçalo repicou a campainha. Mas quem rompeu pela porta envidraçada,

esbaforido, escancarando a boca num riso imenso, foi o Joaquim, o moço da cavalariça que voltava da Grainha.

Gonçalo atirou os braços, sôfrego:

— Então?! então?!

— Pois lá estive, meu Fidalgo! — exclamou o Joaquim com o peito a estalar de importância. — E vai por lá um povoléu, todos já bem! Uma rapariga dos Bravais espreitou tudo, de dentro do quinteiro... Depois correu, badalou... Mas o velho, o tal Domingues que mora na casa, e o filho, abalaram ambos. E o rapaz, ao que dizem, pouco ferido. Se caiu, sem sentidos, foi com o susto. O Ernesto de Nacejas, esse sim, santo nome de Deus, apanhou. Lá o levaram em braços para casa dum compadre ali ao pé, na Arribada. Parece que fica sem orelha,

e que fica sem boca!... Pois por todos aqueles sítios era o ai-jesus das moças!... E logo lá o carregam para o Hospital de Vila Clara, que na casa do compadre não pode sarar. Um povoléu, e todos dão razão ao Fidalgo. O tal Domingues era malandro. E o Ernesto, esse ninguém o podia enxergar! Mas todos lhe tinham medo... O Fidalgo fez uma limpeza!

Gonçalo resplandecia. Ali! Ainda bem! Que não passara dano mais forte, que beleza perdida do D. Juan de Nacejas!

— E então o povo por lá, a falar, a olhar para o sítio?

— Pois o povo não se arreda! E a mostrar o sangue, no chão, e as pedras por onde se atirou a égua do Fidalgo... E agora até contam que foi uma espera, e

que desfecharam três tiros ao Fidalgo, e que depois adiante no pinhal ainda saltaram três homens mascarados, que o Fidalgo escangalhou...

Eis a lenda que se forma! — declarou Gonçalo.

O Bento aparecera com uma larga travessa fumegante. O Fidalgo afagou risonhamente o ombro do Joaquim. E em baixo a Rosa que abrisse, para o almoço da família, duas garrafas de vinho do Porto, velho. Depois com a mão nas costas da cadeira, murmurou gravemente:

— Pensemos um momento em Deus, que me tirou hoje dum grande perigo!

Barrolo pendeu a cabeça, reverente. Gracinha, através dum leve suspiro, pensou uma leve oração. E desdobravam os guardanapos; Gonçalo aclamava a

travessa de pescada à espanhola — quando o pequeno da Crispola empurrou ainda a porta envidraçada «com um telegrama, que viera da vila!» Uma inquietação deteve os garfos. A manhã correra com tantas agitações e espantos! Mas já um sorriso de gosto, de triunfo, se espalhara na fina face de Gonçalo:

— Não é nada... É do Castanheiro, por causa dos capítulos do romance que eu lhe mandei... Coitado! Bom rapaz!

E, recostado na cadeira, recitou vagarosamente o telegrama, que os seus olhos afagavam: — «Capítulos romance recebidos. Leitura feita amigos. Entusiasmo! Verdadeira obra-prima! Abraço!...»

Barrolo, com a boca cheia, bateu as palmas. E Gonçalo, sem reparar na

travessa da pescada que Bento lhe apresentava, mas enchendo o copo de vinho verde, com uma vaga tremura, um sorriso ditoso que não se dissipava:

— Enfim, boa manhã... Grande manhã!

Gonçalo, apesar das insistências de Gracinha e do Barrolo, não os acompanhou para Oliveira — no desejo de acabar, durante essa semana, o derradeiro capítulo da novela, e depois cerrar o preguiçoso giro de visitas aos influentes eleitorais do círculo. Assim rematava a Obra de Arte e a obra de Política — e cumpria, Deus louvado, a tarefa desse verão fecundo!

Logo nessa noite retomou o

manuscrito da novela — e na margem larga lançou a data, uma nota: — Hoje, *na freguesia da Grainha, tive uma briga terrível com dois homens que me assaltaram a pau e tiro, e que castiguei severamente*... Depois, com facilidade, atacou o lance de tanto sabor medieval, em que Tructesindo Ramires, correndo no rasto do Bastardo, penetrava, ao espalhado e fumarento clarão dos archotes, no arraial de D. Pedro de Castro.

Com grave amizade acolhia o velho homem de guerra aquele seu primo de Portugal, que lhe trouxera a sua forte mesnada, de Santa Ireneia, quando os Castros combateram um grande poder de Mouros em Enxarez de Sandornin. Depois, na vasta tenda, reluzente de

armas,tapizada de peles de leão e de urso, Tructesindo contava, ainda a arfar de dor represa, a morte de seu filho Lourenço, ferido na lide de Canta Pedra, acabado à punhalada pelo Bastardo de Baião, diante das muralhas de Santa Ireneia, com o Sol no céu alto a olhar a traição! Indignado, o velho Castro esmurraçou a mesa, onde um rosário de ouro se misturava a grossas peças de xadrez; jurou pela vida de Cristo, que, em sessenta anos de armas e surpresas, nunca soubera de feito mais vil! E agarrando a mão do senhor de Santa Ireneia, ardentemente lhe ofereceu, para a empresa da santa vingança, a sua hoste inteira — trezentas e trinta lanças, vasta e rija peonagem.

— Por Santa Maria! Formosa arrancada! — bradou Mendo de Briteiros

com as vermelhas barbas a flamejar de gosto.

Mas D. Garcia Viegas, o *Sabedor*, entendia que para colherem o Bastardo vivo, como convinha a uma vingança vagarosa e bem gozada, mais utilmente serviria uma calada e curta fila de cavaleiros, com alguns homens de pé...

— Porquê, D. Garcia?

— Porque o Bastardo, depois de se aligeirar, junto da Ribeira, da peonada e carriagem correra, com a mira em Coimbra, para se acolher à força da hoste real. Nessa noite, com o seu esfalfado bando de lanças, pernoitara certamente no solar de Landim. E com o luzir da.alva, para encurtar, certamente retomava a galopada pelo velho caminho de Miradães, que trepa e foge através das

lombas do Caramulo. Ora ele, Garcia Viegas, conhecia para diante do *Poço da Esquecida*, certo passo, onde poucos cavaleiros, e alguns besteiros, bempostados por entre o bravio, apanhariam Lopo de Baião como lobo em fojo...

Tructesindo, incerto e pensativo, metia os dedos lentos pelos fios da barba. O velho Castro duvidava, preferindo que se pusesse batalha ao Bastardo em campo bem liso onde se avantajassem tantas lanças já aprestadas, que depois correriam em alegre levada a assolar as terras de Baião. Então Garcia Viegas rogou aos seus primos de Espanha e de Portugal que saíssem ao terreiro, diante da tenda, com fartura de tochas para bem se alumiarem. E aí, no meio dos

cavaleiros curiosos, à claridade dos lumes inclinados, D. Garcia vergou o joelho, riscou sobre a terra, com a ponta duma adaga, o roteiro da *sua caçada* para lhe comprovar a beleza... De além-castelo de Landim, largaria com a alva o Bastardo. Por aqui, quando a Lua nascesse, abalariam eles, com vinte cavaleiros dos Ramires e dos Castros, para que lidadores de ambas as mesnadas gozassem a lide. Além, se postariam, alapados no matagal, besteiros e peões de frecha. Por trás, deste lado, para entaipar o Bastardo, o Senhor D. Pedro de Castro, se com tão gostosa ajuda ele honrasse o senhor de Santa Ireneia. Adiante, acolá, para colher pela gorja o vilão, o Sr. D. Tructesindo que era o pai e Deus mandava fosse o vingador. E ali, na estreitura o

derrubariam e o sangrariam como um porco — e como o sangue era vil, a um tiro de besta encontrariam água farta para lavar as mãos, a água do *pego das Bichas!*....

— Famosa traça! — murmurou Tructesindo convencido.

E D. Pedro de Castro bradou, atirando um faiscante olhar aos cavaleiros de Espanha:

— Vida de Cristo, que se meu tio-avô Gutierres tivera por coudel aqui o Sr. D. Garcia, não lhe escapavam os de Lara quando levaram o Rei-Menino, na grande carreira, para Santo Estêvão de Gurivaz!... Entendido pois, primo e amigo! E a cavalo, para a montaria, malreponte a Lua!

E recolheram às tendas — que já nas

fogueiras lourejavam os cabritos da ceia, e os uchões acarretavam, de entre os carros da sarga, os pesados odres de vinho de Tordesilhas.

Com a ceia no arraial (grave e sem ruído, porque um luto velava o coração dos hóspedes) Gonçalo terminou, nessa noite, o seu Capítulo IV, lançando à margem outra nota: — «Meia-noite... Dia cheio. Batalhei, trabalhei». — Depois no seu quarto, enquanto se despia, traçou todo o alvoroto da briga curta em que o Bastardo como lobo em fojo quedaria cativo, à mercê vingadora dos de Santa Ireneia... Mas de manhã, antes de almoço, ao abancar com gosto para o trabalho — recebeu dois telegramas, que o desviaram deliciosamente da ardente correria contra o Bastardo de Baião.

Eram dois telegramas de Oliveira, um do Barão das Marges, outro do capitão Mendonça — ambos com parabéns ao Fidalgo «por assim escapar de tão terrível espera, destroçando os valentões de Nacejas». O Barão das Marges acrescentava: «*Bravíssimo! E de herói!*»

Gonçalo, enternecido, mostrou os telegramas ao Bento. A nova da sua façanha, pois, já se espalhara, impressionara Oliveira.

— Foi o Sr. José Barrolo que contou! — acudiu o Bento. — E o Sr. Doutor verá! o Sr. Doutor verá... Até no Porto se vão assombrar!

Ao bater meio-dia, rompeu pelo corredor, com estrondo, o imenso Titó, acompanhado pelo João Gouveia que chegara na véspera à tarde da Costa,

soubera da aventura na Assembleia, corria à Torre, como amigo, para o abraço, antes de comparecer, como autoridade, para o auto. Então Gonçalo, ainda nos braços do Gouveia, pediu generosamente, «que se não procedesse contra os bandidos...». O Administrador recusou, decidido e seco, proclamando o princípio da Ordem, e necessidade dum escarmento rijo, para que Portugal não recuasse aos temposbárbaros do João Brandão de Midões. Ele e Titó almoçaram na Torre; — e Titó, à sobremesa, lembrou galhofeiramente a conveniência dum brinde, e bramou ele o brinde, comparando Gonçalo ao elefante, «sempre bom, que tanto aguenta, e de repente, zás, esmaga o mundo!»

Depois João Gouveia, acendendo um

grande charuto, reclamou a representação verídica da desordem, com os pulos, os gritos, para ele se compenetrar como autoridade. Então, através da varanda, reviveu a história heroica, simulando com o chicote sobre o divã (que terminou por esgaçar) os golpes que arremessara, imitando os tombos meio desmaiados do valentão de Nacejas, quando já o sangue o alagava. O Administrador e o Titó visitaram na cavalariça a égua histórica; e no pátio, Gonçalo ainda lhes mostrou as duas polainas de couro secando ao sol, lavadas do sangue que as salpicara.

Diante do portão João Gouveia bateu gravemente no ombro do Fidalgo:

— Gonçalo, você deve aparecer esta noite na Assembleia...

Apareceu — e foi acolhido como o

vencedor duma batalha ilustre. No bilhar, por proposta do velho Ribas, flamejou um grande *punch* — *e* o Comendador Barros, afogueado, teimava que no domingo se celebrasse em S. Francisco um *Te-Deum* de graças, de que ele custearia as despesas, com orgulho, caramba! À salda, acompanhado pelo Titó, pelo Gouveia, pelo Manuel Duarte, por outros sócios, encontraram o Videirinha — que não pertencia à Assembleia, mas rondava, esperando o Fidalgo para lhe lançar duas trovas do *Fado*, improvisadas nessa tarde, em que o exaltava acima dos outros Ramires, da História e da Lenda!

O rancho quedou no Chafariz. O violão gemeu, com amor. E o cantar do Videirinha, elevado da alma, varou a muda ramagem das olaias:

Os Ramires doutras eras
Venciam com grandes lanças,
Este vence com um chicote,
Vede que estranhas mudanças!

É que os Ramires famosos, Da passada geração, Tinham a força nas armas E este a tem no coração!

A tão requebrado conceito — os amigos romperam em vivas a Gonçalo, à casa de Ramires. E o Fidalgo recolhendo à Torre, comovido, pensava:

— É curioso! Esta gente toda parece gostar de mim!...

Mas que emoção quando, de manhã cedo, o Bento o acordou com um telegrama de Lisboa! Era do Cavaleiro — que, «soubera pelos jornais atentado, lhe

mandava entusiástico abraço pela felicidade e pela valentia!» Gonçalo berrou, sentado na cama:

— Caramba! então os jornais de Lisboa já falam, Bento! o caso anda celebrado!

Certamente celebrado! — porque durante o delicioso dia, o moço do Telégrafo, esbaforido sobre a perna manca, não cessou de empurrar o portão da Torre, com outros telegramas, todos de Lisboa, da Condessa de Chelas; de Duarte Lourençal; dos Marqueses de Coja *felicitando*; da tia Louredo com «parabéns ao destemido sobrinho»; da marquesa de Esposende «esperando que o caro primo tivesse agradecido a Deus!...» E o último do Castanheiro, com exclamações: — *Magnífico! Digno de*

Tructesindo! — Gonçalo, pela livraria, erguia os braços, estonteado:

— Santo nome de Deus! mas que terão dito os jornais?

E, por entre os telegramas, acudiam os cavalheiros dos arredores, os influentes — o Dr. Alexandrino, aterrado, antevendo um regresso ao Cabralismo; o velho Pacheco Valadares de Sã, que não se espantara do seu nobre primo, porque sangue de Ramires, como sangue de Sãs, sempre ferve; o Padre Vicente da Finta que, com os seus parabéns, ofereceu um cestinho de cachos do seu famoso moscatel tinto; e por fim o Visconde de Rio Manso, que agarrado a Gonçalo, soluçou, no enternecimento quase ufano de que a briga assim rompesse, na estrada, quando «o querido amigo, o amigo da sua

Rosa» se encaminhava para a *Varandinha*. Gonçalo, afogueado, banhado de riso, abraçava, recontava pacientemente a façanha, acompanhava até ao portão aqueles cavalheiros, que ao montar as éguas, ao entrar nas caleches, sorriam para a velha Torre, escura e rígida, na doce claridade da tarde de setembro, como saudando, depois do herói, o secular fundamento do seu heroísmo.

E o Fidalgo, galgando as escadas para a livraria, de novo murmurava, estonteado:

— Que terão dito os jornais de Lisboa?

Nem dormiu, na ansiedade de os devorar. Quando o Bento, em alvoroço, rompeu pelo quarto com o correio —

Gonçalo saltou, arrojou o lençol, como se abafasse. E logo no Século, sofregamente percorrido, encontrou o telegrama de Oliveira, contando o assalto! os tirosdisparados! a imensa coragem do Fidalgo da Torre que, com um simples chicote... O Bento quase arrebatou o Século das mãos trémulas do Fidalgo, para correr à cozinha, bramar à Rosa a notícia gloriosa!

De tarde, Gonçalo correu a Vila Clara, à Assembleia, para devorar os outros jornais de Lisboa, os do Porto. Todos contavam, todos celebravam! A *Gazeta do Porto*, atribuindo o atentado à Política, ultrajava furiosamente o Governo. O *Liberal Portuense*, porém, relacionava «com certas vinganças dos republicanos de Oliveira, o pavoroso

atentado que quase causara a morte dum dos maiores fidalgos de Portugal e de Espanha e dum dos mais pujantes talentos da nova geração!» Os jornais de Lisboa, glorificavam sobretudo «a coragem esplêndida do Sr. Gonçalo Ramires». E o mais ardente era a *Manhã*, num verboso artigo (decerto escrito pelo Castanheiro), recordando as heroicas tradições da Casa ilustre, esboçando as belezas do castelo de Santa Ireneia e terminando por afirmar que, «agora, se esperava com redobrada ansiedade a aparição da novela de Gonçalo Ramires, fundada sobre um feito de seu avô Tructesindo no século XII, e prometida para o primeiro número dos ANAIS DE LITERATURA E DE HISTÓRIA, a nova revista do nosso querido amigo Lúcio Castanheiro, esse

benemérito restaurador da consciência heroica de Portugal!» — As mãos de Gonçalo, ao desdobrar os jornais, tremiam. E o João Gouveia, também sôfrego, devorando também os artigos, por sobre o ombro do Fidalgo, murmurava, impressionado:

— Você, Gonçalinho, vai ter uma votação tremenda!

Depois nessa noite, recolhendo à Torre, Gonçalo encontrou uma carta que o perturbou. Era de Maria de Mendonça, num papel perfumado, com o mesmo perfume que tão docemente espalhava D. Ana, pelo adro de Santa Maria de Craquede:

«*Só esta manhã soubemos o grande perigo que passou, e ficámos* ambas

muito comovidas. Mas ao mesmo tempo eu (e não só eu) muito vaidosa da magnífica coragem do primo. É dum verdadeiro Ramires! Eu não vou aí abraçá-lo (com risco de me comprometer e fazer invejas), *porque um dos meus pequenos, o Neco, anda muito constipado. Felizmente não é coisa de cuidado... Mas aqui todos, até os pequenos, ansiamos por ver o herói, e não creio que houvesse nada de extraordinário, nem* dum lado *nem*do outro, *em que o primo por aqui aparecesse além de amanhã (quinta-feira) pelas três horas. Dávamos um passeio na quinta, e até se merendava, à boa e velha moda dos nossos avós. Está dito? Muitos cumprimentos*, muitos, *da Anica, e o primo creia-me, etc.»*

Gonçalo sorriu, pensativamente, considerando a carta, recebendo o aroma. Nunca a prima Maria lhe empurrara, tão claramente, a D. Ana para os braços... E como D. Ana se deixava empurrar, pronta, e de olhos cerrados... Ah, se fosse somente para a alcova! Mas ai! era também para a Igreja. E de novo sentia aquele vozeirão do Titó, nos degraus da portinha verde, com a lua cheia por cima dos olmos negros: «Essa criatura teve um amante, e tu sabes que eu nunca minto!»

Então tomou lentamente a pena, respondeu a D. Maria Mendonça:

«Querida prima:

«Fiquei muito enternecido com o

seu cuidado, e os seus entusiasmos. Não exageremos! Eu não fiz *mais que correr a chicote uns valentões que me assaltaram a tiro. É façanha fácil para quem tenha, como eu, um chicote excelente. Enquanto à visita à*Feitosa, *que me seria tão agradável, não a posso realizar com fundo pesar meu, nem na quinta-feira, nem mesmo por todo este mês... Ando ocupadíssimo com o meu livro, a minha eleição, a minha mudança para Lisboa. A era dos cuidados sérios soou severamente para mim — cerrando a doce era dos passeios e dos sonhos. Peço que apresente à Sra. D. Ana os meus profundos respeitos. E com muitas amizades para si, e bons desejos pelo restabelecimento desse querido Neco, espero me creia sempre seu dedicado e*

grato primo, etc.»

Fechou vagarosamente a carta. E batendo o seu sinete de armas sobre o lacre verde, pensava:

— Assim aquele maroto do Titó me rouba duzentos contos!...

Durante toda essa macia semana dos fins de setembro, Gonçalo trabalhou no capítulo final da sua novela.

Era enfim a madrugada vingadora em que os cavaleiros de Santa Ireneia, reforçados pelas mais nobres lanças da mesnada dos Castros, surpreendiam, no bravio desfiladeiro marcado por Garcia Viegas, o *Sabedor*, o bando de Baião, na sua açodada corrida sobre Coimbra... Briga curta e falsa, sem destro e brioso terçar de armas, mais semelhante a

montaria contra um lobo do que a arremetida contra um filho de algo. E assim a desejara Tructesindo, com ruidosa aprovação de D. Pedro de Castro, porque não se cuidava de combater um inimigo, mas de colher um matador.

Antes do luzir de alva, o Bastardo abalara do castelo de Landim, em dura pressa e com tão descuidada segurança, que nem almogávar nem coudel lhe atalaiavam os trilhos. As cotovias cantavam quando ele, em áspero trote, penetrou por essa brecha, entalada entre escarpas de penedia e urze, que chamam a *Racha do Mouro*, desde que Maforna a fendeu para que escapassem às adagas cristãs de El-Rei Fernando, o *Magno*, *o* alcaide mouro de Coimbra e a monja que ele arrebatara à garupa. E apenas pela

esguia greta enfiara a derradeira lança da fila — eis que da outra embocadura do vale, surde o cerrado troço dos cavaleiros de Santa Ireneia, que Tructesindo guia, com a viseira erguida, sem broquei, sacudindo apenas uma ascuma de monte como se folgadamente andasse em caçada. Da selva arredada que os encobria, rompem por trás as lanças dos Castros, ristadas e cerrando a brecha mais densamente que as puas duma levadiça. Do recosto dos cerros rola, como represa solta, uma rude e escura peonagem! Colhido, perdido, o Bastardo terrível! Ainda arranca furiosamente a espada, que redemoinhando o coroa de coriscos. Ainda com um fero grito arremete contra Tructesindo... Mas bruscamente, de entre um escuro magote de fundeiros baleares,

parte ondeando uma corda de cânave, que o laça pela gargalheira, o arranca num brusco sacão da sela mourisca, o derriba sobre pedregulhos em que a sua larga espada se entala e se parte rente ao punho dourado. E enquanto os cavaleiros de Baião aguentam assombradamente o denso cerco de lanças, que os envolvera — um rolo de peões, em dura grita, como mastins sobre um cerdo, arrasta o Bastardo para a lomba do outeiro, onde lhe arrancam broquei e adaga, lhe despedaçam o brial de lã roxa, lhe quebram os fechos do elmo, para lhe cuspirem na face, nas barbas cor de ouro, tão belas e de tanto orgulho!

Depois a mesma bruta matula o iça, amarrado, para sobre o dorso duma possante mula de carga, o estende entre

dois esguios caixotes de virotões, como rês apanhada ao recolher da montaria. E servos da carriagem ficam guardando o cavaleiro soberbo, o *Claro* Sol que alumiava a casa de Baião, agora entaipado entre dois caixotes de pau, com cordas nos pés, e cordas nas mãos, e nelas espetado um triste ramo de cardo — emblema da sua traição.

No entanto os seus quinze cavaleiros juncavam o chão, esmagados sob o furioso cerco de lanças que os investira — uns hirtos, como adormecidos, dentro das negras armaduras, outros torcidos, desfeitos, com as carnes retalhadas, pendendo horrendamente entre malhas rotas dos lorigais. Os escudeiros, colhidos, empurrados a pontoada de chuço para a boca duma barroca, sem

resgate ou mercê, como alcateia imunda de roubadores de gado, acabaram, decepados a macheta pelos barbudos estafeiros leoneses. Todo o vale cheirava a sangue como um pátio de magarefes. Para reconhecer os companheiros do Bastardo, uma turma de cavaleiros desafivelava os gorjais, as viseiras, arrancando furtivamente as medalhas de prata, os bentos, saquinhos de relíquias, que todos traziam como bem-tementes. Numa face, de fina barba negra, que uma espuma sangrenta manchava, Mendo de Briteiros reconheceu seu primo Soeiro de Lugilde com quem, pela fogueira de S. João, folgara tão docemente e bailara no castelo de Unhelo — e vergado sobre a alta sela rezou, pela pobre alma sem confissão, uma devota Ave-Maria. Fuscas,

tristonhas nuvens, abafavam a manhã de agosto. E afastados à entrada do vale, sob a ramagem dum velho azinheiro, Tructesindo, D. Pedro de Castro, e Garcia Viegas, o *Sabedor*, decidiam que morte lenta, e bem dorida e viltosa, se daria ao Bastardo, vilãode tão negra vilta.

Contando assim a sombria emboscada com o gemente esforço de quem empurra um arado por terra pedreira — gastara Gonçalo essa doce semana de setembro. E no sábado, cedo, na livraria, com os cabelos ainda molhados do banho de chuva, esfregava as mãos diante da banca — porque certamente com duas horas de atento trabalho, findaria antes de almoço a sua novela, a sua obra! E todavia esse final, quase o repelia, com o seu sujo horror. O tio Duarte no seu

poemeto apenas o esboçara, com esquiva indecisão, como nobre lírico que ante umavisão de bruta ferocidade solta um lamento, resguarda a lira, e desvia para sendas mais doces. E, ao tomar a pena, Gonçalo também, realmente, lamentava que seu avô Tructesindo não matasse outrora o Bastardo, no fragor da briga, com uma dessas cutiladas maravilhosas, e tão doces de celebrar, que racham o cavaleiro e depois racham o ginete, e para sempre retinem na História.

Mas não! Sob a folhagem do azinheiro, os três cavaleiros combinavam com lentidão uma vingança terrífica. Tructesindo desejara logo recolher a Santa Ireneia, alçar uma forca diante das barbacãs, no chão em que seu filho rolara morto, e nela enforcar, depois de

bemaçoitado, como vilão, o vilão que o matara. O velho D. Pedro de Castro, porém, aconselhava despacho mais curto, e também gostoso. Para que rodear por Santa Ireneia, desbaratar esse dia de agosto na arrancada que os levava a Montemor, a socorro das Infantas de Portugal? Que se estendesse o Bastardo amarrado sobre uma trave, aos pés de D. Tructesindo, como porco pelo Natal, e que um cavalariço lhe chamuscasse as barbas, e depois outro, com facalhão de ucharia, o sangrasse no pescoço, pachorrentamente.

— Que vos parece, Sr. D. Garcia?

O *Sabedor* desafivelara o casco de ferro, limpava nas rugas o suor e a poeira da lide;

— Senhores e amigos! Temos

melhor, e perto também, sem delongas de cavalgada, logo adiante destes cerros, no *Pego das Bichas... E* nem torcemos caminho, que de lá, por Tordezelo e Santa Maria da Varge, endireitamos a Montemor, tão direitos como voa o corvo... Confiai em mim, Tructesindo! Confiai em mim, que eu arranjarei ao Bastardo tal morte e tão vil, que de outra igual se não possa contar desde que Portugal foi condado.

— Mais vil que forca, para cavaleiro, meu velho Garcia?

— Lá vereis, senhores e amigos, lá vereis!

— Seja! Mandai dar às buzinas.

Ao comando de Afonso Gomes, o alferes, as buzinas soaram. Um troço de besteiros e de estafeiros leoneses

rodearam a mula que carregava o Bastardo amarrado e entalado entre dois caixotes. E acaudilhada por D. Garcia, a curta hoste meteu para o *Pego das Bichas*,em desbando, com os senhores de lança espalhados, como em marcha de folgança e paz (?), e todos numa rija falada recordando, entre gabos e risos, as proezas da lide.

A duas léguas de Tordezelo e do seu castelo formoso, se escondia entre os cerros o *Pego das Bichas*. Era um lugar de eterno silêncio e de eterna tristeza. Em esmerados versos lhe marcara o tio Duarte a desolada asperidão:

Nem trilo de ave em balançado ramo!
Nem fresca flor junto de fresco

arroio!

Só rocha, matagal, ribas soturnas,

E em meio o Pego, tenebroso e morto!...

E quando os primeiros cavaleiros, galgada a lomba dum cerro, o avistaram, na melancolia da manhã nevoenta, emudeceram da larga falada, repuxaram os freios, assustados ante tão áspero ermo, tão propício a bruxas, a avantesmas e a almas penadas. Diante do escalavrado barranco, por onde os ginetes escorregavam, ondulava uma ribanceira, aberta com charcos lamacentos, quase chupados pela estiagem, luzindo pardamente, por entre grossos pedregulhos e o tojo rasteiro. Ao fundo, a

meio tiro de besta, negrejava o *Pego*, lagoa estreita, lisa, sem uma ruga na água, duramente negra, com manchas mais negras, como lâmina de estanho onde alastrasse a ferrugem do tempo e do abandono. Em torno subiam os cerros, eriçados de mato bravio e alto, sulcados por trilhos de saibro vermelho como por fios de sangue que escorresse, e rasgados no alto por penedias lustrosas, mais brancas que ossadas. Tão pesado era o silêncio, tão pesada a soledade, que o velho D. Pedro de Castro, homem de tanta jornada, se espantou:

— Feia paragem! E voto a Cristo, a Santa Maria, que nunca antes de nós, nela entrou homem remido pelo batismo.

— Pois, Sr. D. Pedro de Castro! — acudiu o *Sabedor* — já por aqui se moveu

muita lança, e luzida, e ainda em tempos do Conde D. Soeiro, e de vosso rei D. Fernando, se erguia, naquela beira de água, uma castelania famosa! Vede além! — e mostrava na ponta do pego fronteira ao barranco, dois rijos pilares de pedra, que emergiam da água negra, e que chuva e vento poliram como mármores finos. Um passadiço de traves, sobre estacas limosas e meio apodrecidas, atava a margem ao mais grosso dos pilares. E a meio desse rude esteio, pendiauma argola de ferro.

No entanto já o tropel da peonagem se espalhara pela ribanceira. D. Garcia Viegas desmontou, bradando por Pero Ermigues, o coudel dos besteiros de Santa Ireneia. E, ao lado do ginete de Tructesindo, risonho e gozando a

surpresa, ordenou ao coudel que seis dos seus rijos homens descessem o Bastardo da mula, o estirassem no chão, o despissem, todo nu, como sua mãe barregã o soltara à negra vida...

Tructesindo encarou o *Sabedor*, franzindo as sobrancelhas hirsutas:

— Por Deus, D. Garcia! que me ides simplesmente afogar o vilão, e sujar essa água inocente!...

E alguns cavaleiros, em redor, murmuraram também contra morte tão quieta e sem malícia. Mas os miúdos olhos de D. Garcia giravam, lampejavam de triunfo e gosto:

— Sossegai, sossegai! Velho estou certamente, mas ainda o Senhor Deus me consente algumas traças. Não! Nem enforcado, nem degolado, nem afogado...

Mas chupado, senhores! Chupado em vida, e devagar, pelas grandes sanguessugas que enchem toda essa águanegra!

D. Pedro de Castro, maravilhado, bateu o guante nas solhas do coxote:

— Vida de Cristo! Que ter numa hoste o Sr. D. Garcia, é ter juntamente, para marchas e conselho, enrolados num só, Aníbal e Aristóteles!

Um rumor de admiração correu pela hoste:

— Boa traça, boa traça!

E Tructesindo, radiante, bradava:

— Andar, andar, besteiros! E vós, senhores, recuai para a lomba do cerro, como para palanque, que vai ser grande a vista!

Já seis besteiros descarregavam da

mula o Bastardo amarrado. Outros cercavam, com molhos de cordas. E, como magarefes para esfolar uma rês, toda a rude turma se abateu sobre o malfadado, arrancando por cordas que desatavam a cervilheira, o saio, as grevas, os sapatões de ferro, depois a grossa roupa de linho encardido. Agarrado pelos compridos cabelos, filado pelos pés, onde se cravavam agudas unhas no furor de o manter, com os braços esmagados sob outros grossos braços retesos, o possante Bastardo ainda se estorcia, urrando, cuspindo contra as faces confusas da matulagem um cuspo avermelhado, que espumava!

Mas, por entre o escuro tropel que o cobria, o seu corpo, todo despido, branquejava, atado com cordas mais

grossas. Lentamente o seu furioso urrar esmorecia, arquejado e rouquenho. E um após outro se erguiam os besteiros, esfalfados, bufando, limpando o suor do esforço.

No entanto os cavaleiros de Espanha, de Santa Ireneia, desmontavam, cravando o conto das lanças entre o tojo e as pedras. Todos os recostos dos outeiros se cobriam da mesnada espalhada, como palanques em tarde de justa. Sobre uma rocha mais lisa, que dois magros espinheiros toldavam de folha rala, um pajem estendera peles de ovelha para o Sr. D. Pedro de Castro, para o senhor de Santa Ireneia. Mas só o velho *Castelão* se acomodou, para uma repousada delonga, desafivelando o seu corselete de ferro tauxiado de ouro.

Tructesindo permanecera erguido, mudo, com os guantes apoiados ao punho da sua alta espada, os olhos fundos avidamente cravados na tenebrosa lagoa que, com morte tão fera e tão suja, vingaria seu filho... E pela borda do Pego, peões, e alguns cavaleiros de Espanha,remexiam com virotões, com os contos das ascumas, a água lodosa na curiosidade das negras bichas escondidas, que a povoavam.

Subitamente a um brado de D. Garcia, que rondava, toda a chusma de peões amontoada em torno ao Bastardo se arredou: — e o forte corpo apareceu, nu e branco, sobre a terra negra, com um denso pelo ruivo nos peitos, a sua virilidade afogada noutra mata de pelo ruivo, e todo ligado por cordas de cânave que o

inteiriçavam. Naquela rigidez de fardo, nem as costelas arfavam — apenas os olhos refulgiam, ensanguentados, horrendamente esbugalhados pelo espanto e pelo furor. Alguns cavaleiros correram a mirar a aviltada nudez do homem famoso de Baião. O senhor dos Paços de Argelim mofou, com estrondo:

— Bem o sabia, por Deus! Corpo de manceba, sem costura de forida!...

Leonel de Samora raspou o sapato de ferro pelo ombro do malfadado:

— Vede este *Claro Sol*, tão claro, que se apaga agora, em água tão negra!

O Bastardo cerrava duramente as pálpebras — de onde duas grossas lágrimas escaparam, lentamente rolaram... Mas um agudo pregão ressoou pela ribanceira:

— Justiça! justiça!

Era o adail de Santa Ireneia, que marchava, sacudia uma lança, atroava os cerros:

— Justiça! justiça que manda fazer o senhor de Treixedo e de Santa Ireneia, num perro matador!... justiça num perro, filho de perra, que matou vilmente, e assim morra vilmente por ela!...

Três vezes pregoou por diante da hoste apinhada nos cerros. Depois quedou, saudou humildemente Tructesindo Ramires, o velho Castro — como a julgadores no seu estrado de julgamento.

— Aviai, aviai! — bradava o senhor de Santa Ireneia.

Imediatamente, a um comando do *Sabedor*, seis besteiros, com as pernas embrulhadas em mantas da carga,

ergueram o corpo do Bastardo como se ergue um morto enrolado no seu lençol, e com ele entraram na água, até ao mais alto pilar, de granito, Outros, arrastando molhos de cordas, correram pelo limoso passadiço de traves. Com um alarido de *aguenta! endireita! alça!* num desesperado esforço, o robusto corpo branco foi mergulhado na água até às virilhas, arrimado ao mais alto pilar, depois nele atado com um longo calabre que, passando pela argola de ferro, o suspendia, sem escorregar, tão seguro e colado como um rolo de vela que se amarra ao mastro. Rapidamente os besteiros fugiram da água, desentrapando logo as pernas, que palpavam, raspavam no horror das bichas sugadoras. Os outros recolheram pelo passadiço, numa fila que

se empurrava. No Pego ficava Lopo de Baião bem arranjado para a vistosa morte lenta, com a água que já o afogava até às pernas, com cordas que o enroscavam até ao pescoço, como a um escravo no poste; e uma espessa mecha dos cabelos louros laçada na argola de ferro, repuxando a face clara, para que todos nela gozassem largamente a humilhada agonia do *Claro Sol*.

Então o atento da hoste, esperando espalhada pelos recostos dos cerros, mais entristeceu o enevoado silêncio do ermo. A água jazia sem um arrepio, com as suas manchas, negras como uma lâmina de estanho enferrujado. Entre as cristas das rochas, archeiros postados pelo *Sabedor*, atalaiavam, para além, os descampados. Um alto voo de gralha atravessou

grasnando. Depois um bafo lento agitou as flâmulas das lanças cravadas no tojo denso.

Para despertar, aviar a lentidão das bichas, alguns peões atiravam pedras à água lodosa. já alguns cavaleiros espanhóis rosnavam impacientes com a delonga, naquela cova abafada. Outros, descendo agachados a borda da lagoa, para mostrar que as faladas bichas nunca acudiriam, mergulhavam lentamente, na água negra, as mãos descalçadas, que depois sacudiam, rindo, e mofando o *Sabedor*... Mas de repente um estremeção sacudiu o corpo do Bastardo; os seus rijos músculos, no furioso esforço de se desprenderem, inchavam entre as cordas, como cobras que se arqueiam; dos beiços arreganhados romperam, em rugidos, em

grunhidos, ultrajes e ameaças contra Tructesindo covarde, e contra toda a raça de Ramires, que ele emprazava, dentro do ano, para as labaredas do Inferno! Indignado, um cavaleiro de Santa Ireneia agarrou uma besta de garruncha, a que retesou a corda.

Mas D. Garcia deteve o arremesso:

— Por Deus, amigo! Não roubeis às sanguessugas nem uma pinga daquele sangue fresco!... Vede como vêm! vede como vêm!

Na água espessa, em torno às coxas mergulhadas do Bastardo, um frémito corria, grossas bolhas empolavam — e delas, molemente, uma bicha surdiu, depois outra e outra, luzidias e negras, que ondulavam, se colavam à branca pele do ventre, de onde pendiam, chupando,

logo engrossadas, mais lustrosas com o lento sangue que já escorria. O Bastardo emudecera — e os seus dentes batiam estridentemente. Enojados, até rudes peões desviaram a face cuspindo para as urzes. Outros, porém, chasqueavam, assuavam as bichas, gritando — a *ele, donzelas! a ele!* E o gentil Samora de Cendufe, clamava rindo contra tão ensossa morte! Por Deus! Uma apostura de bichas, como a enfermo de almorreimas. Nem era sentença de rico-homem — mas receita de herbanista mouro!

— Pois que mais quereis, meu Leonel? — acudiu alegremente *o Sabedor*, resplandecendo. — Morte é esta para se contar em livros! E não tereis este inverno serão à lareira, por todos os solares de

Minho a Douro, em que não volte a história deste pego, e deste feito! Olhai nosso primo Tructesindo Ramires! Formosos tratos presenciou decerto em tão longo lidar de armas!... E como goza! tão, atento! tão maravilhado!

Na encosta do outeiro, junto do seu balsão, que o alferes cravara entre duas pedras, e como ele tão quedo, o velho Ramires não despregava os olhos do corpo do Bastardo, com deleite bravio, num fulgor sombrio. Nunca ele esperava vingança tão magnífica! O homem que atara o seu filho com cordas, o arrastara numas andas, o retalhara a punhal diante das barbacãs da sua Honra — agora, vilmente nu, amarrado também como cerdo, pendurado dum pilar, emergido numa água suja, e chupado por

sanguessugas, diante de duas mesnadas, das melhores de Espanha, que miravam, que mofavam! Aquele sangue, o sangue da raça detestada, não o bebia a terra revolta numa tarde de batalha, escorrendo de ferida honrada, através de rija armadura — mas, gota a gota, escuram ente e molemente se sumia, sorvido por nojentas bichas, que surdiam famintas do lodo e no lodo recaíam fartas, para sobre o lodo bolsar o orgulhoso sangue que as enfartara. Num charco, onde ele o mergulhara, viscosas bichas bebiam sossegadamente o cavaleiro de Baião! Onde houvera homizio de solares fundado em desforramais doce?

E a fera alma do velho acompanhava, com inexorável gozo, as sanguessugas subindo, espalhadamente alastrando por

aquele corpo bem amarrado, como seguro rebanho pela encosta da colina onde pasta. O ventre já desaparecia sob uma camada viscosa e negra, que latejava, reluzia na humidade morna do sangue. Uma fila sugava a cinta, encovada pela ânsia, de onde sangue se esfiava, numa franja lenta. O denso pelo ruivo do peito, como a espessura duma selva, detivera muitas, que ondulavam, com um rasto de lodo. Um montão enovelado sangrava um braço. As mais fartas, já inchadas, mais reluzentes, despegavam, tombavam molemente; mas logo outras, famintas, se aferravam. Das chagas abandonadas o sangue escorria delgado, represo nas cordas, de onde pingava como uma chuva rala. Na escura água boiavam gordas postemas de sangue esperdiçado. E assim

sorvido, ressumando sangue, o malfadado ainda rugia, através ultrajes imundos, ameaças de mortes, de incêndios, contra a raça dos Ramires! Depois, com um arquejar em que as cordas quase estalavam, a boca horrendamente escancarada e ávida, rompia aos roucos urros, implorando *água, água!* No seu furor as unhas, que uma volta de amarras lhe colara contra as fortes coxas, esfarrapavam a carne, cravavam-se na fenda esfarrapada, ensopadas de sangue.

E o furioso tumulto esmorecia num longo gemer cansado — até que parecia adormecido nos grossos nós das cordas, as barbas reluzindo sob o suor que as alagara como sob um grosso orvalho, e entre elas a espantada lividez dum sorriso delirado.

No entanto já na hoste derramada pelos cerros, como por um palanque, se embotara a curiosidade bravia daquele suplício novo. E, se acercava a hora da ração de meridiana. O adail de Santa Ireneia, depois o almocadém espanhol, mandaram soar os anafis. Então todo o áspero ermo se animou com uma faina de arraial. O armazém das duas mesnadas parara por detrás dos morros, numa curta almargem de erva, onde um regato claro se arrastava nos seixos, por entre as raízes de amieiros e chorões. Numa pressa esfaimada, saltando sobre as pedras, os peões corriam para a fila dos machos de carga, recebiam dos uchões e estafeiros a fatia de carne, a grossa metade dum pão escuro; e, espalhados pela sombra do arvoredo, comiam com

silenciosa lentidão, bebendo da água do regato pelas concas de pau. Depois preguiçavam, estirados na relva — ou trepavam em bando pela outra encosta dos morros, através do mato, na esperança de atravessar com um virote alguma caça erradia. Na ribanceira, diante da lagoa, os cavaleiros, sentados sobre grossas mantas, comiam também, em roda dos alforges abertos, cortando com os punhais nacos de gordura nas grossas viandas de porco, empinando, em longos tragos, as bojudas cabaças de vinho.

Convidado por D— Pedro de Castro, o velho *Sabedor* descansava, partilhando duma larga escudela de barro, cheia de bolo *papal*, dum bolo de mel e flor de farinha, onde ambos enterravam lentamente os dedos, que depois

limpavam ao forro dos morriões. Só o velho Tructesindo não comia, não repousava, hirto e mudo diante do seu pendão, entre os seus dois mastins, naquele fero dever de acompanhar, sem que lhe escapasse um arrepio, um gemido, um fio de sangue, a agonia do Bastardo. Debalde o *Castelão*, estendendo para ele um pichel de prata, gabava o seu vinho de Tordesilhas, fresco como nenhum de Aquilat ou de Provins, para a sede de tão rija arrancada. O velho rico-homem nem atendera; — e D. Pedro de Castro, depois de atirar dois pães aos alões fiéis, recomeçou discorrendo com Garcia Viegas sobreaquele teimoso amor do Bastardo por Violante Ramires que arrastara a tantos homizios e furores.

— Ditosos nós, Sr. D. Garcia! Nós a

quem a idade e o quebranto e a fartura já arredam dessas tentações... Que a mulher, como me ensinava certo físico quando eu andava com os Mouros, é vento que consola e cheira bem, mas tudo enrodilha e esbandalha. Vede como os meus por elas penaram! Só meu pai, com aquela desvairança de zelos, em que matou a cutelo minha doce madre Estevaninha. E ela tão santa, e filha do Imperador! A tudo, tudo leva, a tonta ardência! Até a morrer, como este, sugado por bichas, diante duma hoste que merenda e mofa. E por Deus, quanto tarda em morrer, Sr. D. Garcia!

— Morrendo está, Sr. D. Pedro de Castro. E já com o demo ao lado para o levar!

O Bastardo morria. Entre os nós das

cordas ensanguentadas todo ele era uma ascorosa avantesma escarlate e negra com as viscosas pastas de bichas que o cobriam, latejando com os lentos fios de sangue, que de cada ferida escorriam, mais copiosos que os regos de humidade por um muro denegrido.

O desesperado arquejar cessara, e a ânsia contra as cordas, e todo o furor. Mole e inerte como um fardo, apenas a espaços esbugalhava horrendamente os olhos vagarosos, que revolvia em torno com enevoado pavor. Depois a face abatia, lívida e flácida, com o beiçopendurado, escancarando a boca em cova negra, de onde se escoava uma baba ensanguentada. E das pálpebras novamente cerradas, entumecidas, um muco gotejava, também como de lágrimas

engrossadas com sangue.

A peonagem, no entanto, voltando da ração, reatulhava a ribanceira, pasmava, com rudes chufas, para o corpo pavoroso que as bichas ainda sugavam. já os pajens recolhiam manéis e alforges. D. Pedro de Castro descera do cabeço com o *Sabedor* até à borda da água lodosa, onde quase mergulhava os sapatos de ferro, para contemplar, mais de cerca, o agonizante de tão rara agonia! E alguns senhores, estafados com a delonga, afivelando os gibanetes, murmuravam: — «Está morto! Está acabado!»

Então Garcia Viegas gritou ao coudel dos besteiros:

— Ermigues, ide ver se ainda resta alento naquela postema.

O coudel correu pelo passadiço de

traves, e arrepiado de nojo palpou a lívida carne, acercou da boca, toda aberta, a lâmina clara da adaga que desembainhara.

— Morto! morto! — gritou.

Estava morto. Dentro das cordas que o arroxeavam, o corpo escorregava, engelhado, chupado, esvaziado. O sangue já não manava, havia coalhado em postas escuras, onde algumas bichas teimavam latejando, reluzindo, E outras ainda subiam, tardias. Duas, enormes, remexiam na orelha. Outra tapava um olho. O *Claro Sol* não era mais que uma imundície que se decompunha. Só a madeixa dos cabelos louros, repuxada, presa na argola, reluzia com um lampejo de chama, como rastro deixado pela ardente alma que fugira.

Com a adaga ainda desembainhada, e

que sacudia, o coudel avançou para o senhor de Santa Ireneia, bradou:

— Justiça está feita, que mandastes fazer no perro matador que morreu!

Então o velho rico-homem atirando o braço, o cabeludo punho, com possante ameaça, bradou, num rouco brado que rolou por penhascos e cerros:

— Morto está! E assim morra de morte infame quem traidoramente me afronte a mim e aos da minha raça!

Depois, cortando rigidamente pela encosta do cerro, através do mato, e com um largo aceno ao alferes do pendão:

— Afonso Gomes, mandai dar as buzinas. E a cavalo, se voz apraz, Sr. D. Pedro de Castro, primo e amigo, que leal e bom me fostes!...

O *Castelão* ondeou risonhamente o

guante:

— Por Santa Maria, primo e amigo! que gosto e honra os recebi de vós. A cavalo, pois, se vos apraz! Que nos promete aqui o Sr. D. Garcia vermos ainda, com Sol muito alto, os muros de Montemor.

Já a peonagem cerrava as quadrilhas, os donzéis de armas puxavam para a ribanceira os ginetes folgados que a vasta água escura assustava. E, com os dois balsões tendidos, o açor negro, as treze arruelas, a fila da cavalgada atirou o trote pelo barranco empinado, de onde as pedras soltas rolavam. No alto, alguns cavaleiros ainda se torciam nas selas, para silenciosamente remirarem o homem de Baião, que lá ficava, amarrado ao pilar, na solidão do pego, a apodrecer.

Mas quando a ala dos besteiros e fundibulários de Santa Ireneia desfilou, uma rija grita rompeu, com chufas, sujas injurias ao «perro matador». A meio da escarpa, um besteiro, virando, retesou furiosamente a besta. A comprida garrucha apenas varou a água. Outra logo zuniu, e uma bala de funda, e uma seta ervada — que se espetou na ilharga do Bastardo, sobre um negro novelo de bichas. O coudel berrou: «cerra! anda!» A récua das azémolas de carga avançava, sob o estalar dos látegos; os moços da carriagem apanhavam grossos pedregulhos, apedrejavam o morto. Depois os servos carreteiros marcharam, nos seus curtos saios de couro cru, balançando um chuço curto; — e o capataz apanhou simplesmente esterco das

bestas, que chapou na face do Bastardo, sobre as finas barbas de ouro.

11

Quando Gonçalo, estafado e já todo o ardor bruxuleando, retocou este derradeiro traço da afronta — a sineta no corredor repicava para o almoço. Enfim! Deus louvado! eis finda essa eterna *Torre de Ramires!* Quatro meses, quatro penosos meses desde junho, trabalhara na sombria ressurreição dos seus avós bárbaros. Com uma grossa e carregada letra, traçou no fundo da tira *Finis*. E datou, com a hora, que era do meio-dia e catorze minutos.

Mas agora, abandonada a banca onde tanto labutara, não sentia o contentamento esperado. Até esse suplício do Bastardo lhe deixara uma aversão por aquele

remoto mundo Afonsino, tão bestial, tão desumano! Se ao menos o consolasse a certeza de que reconstituíra, com luminosa verdade, o ser moral desses avós bravios... Mas quê! bem receava que sob desconcertadas armaduras, de pouca exatidão arqueológica, apenas se esfumassem incertas almas de nenhuma realidade histórica!... Até duvidava que sanguessugas recobrissem, trepando dum charco, o corpo dum homem, e o sugassem das coxas às barbas, enquanto uma hoste mastiga a ração!... Enfim, o Castanheiro louvara os primeiros capítulos. A multidão ama, nas novelas, os grandes furores, o sangue pingando; e em breve os ANAIS espalhariam, por todo o Portugal, a fama daquela Casa ilustre, que armara mesnadas, arrasara castelos, saqueara

comarcas por orgulho de pendão, e afrontara arrogantemente os Reis na cúria e nos campos de lide. O seu verão, pois, fora fecundo. E para o coroar, eis agora a eleição, que o libertava das melancolias do seu buraco rural...

Para não retardar as visitas ainda devidas aos influentes, e também para espairecer, logo depois de almoço montou a cavalo apesar do calor, que desde a véspera, e naquele meado de outubro, esmagava a aldeia com o refulgente peso duma canícula de agosto. Na volta da estrada dos Bravais um homem gordo, de calça branca enxovalhada, que se apressava, bufando, sob o seu guarda-sol de paninho vermelho, deteve o Fidalgo com uma cortesia imensa. Era o Godinho, amanuense da Administração. Levava um

oficio urgente ao Regedor dos Bravais, e agora corria à Torre de mandado do Sra.dministrador...

Gonçalo recuou a égua para a sombra duma carvalha:

— Então que temos, amigo Godinho?

O Sra.dministrador anunciava a S. Ex.ª que o maroto do Ernesto, o valentão de Nacejas, em tratamento no Hospital de Oliveira, melhorara consideravelmente. já lhe repegara a orelha, a boca soldava.. E, como se procedeu à querela, o patife passava da enfermaria para a cadeia...

Gonçalo protestou logo, com uma palmada no selim:

— Não senhor! Faça o obséquio de dizer ao Sr. João Gouveia, que não quero que se prenda o homem! Foi atrevido, apanhou uma dose tremenda, estamos

quites.

— Mas, Sr. Gonçalo Mendes...

— Pelo amor de Deus, amigo Godinho! Não quero, e não quero... Explique bem ao Sr. João Gouveia... Detesto vinganças. Não estão nos meus hábitos, nem nos hábitos da minha família. Nunca houve um Ramires que se vingasse... Quero dizer, sim, houve, mas... Enfim explique bem ao Sr. João Gouveia. De resto eu logo o encontro, na Assembleia... Bem basta ao homem ficar desfeado. Não consinto que, o apoquentem mais!... Detesto ferocidades.

— Mas...

— Esta é a minha decisão, Godinho!

— Lá darei o recado de V. Ex.ª.

— Obrigado. E adeus!... Que calor, hem!

— De rachar, Sr. Gonçalo Mendes, de rachar!

Gonçalo seguiu, revoltado pela ideia de que o pobre valentão de Nacejas, ainda moído, com a orelha mal soldada, baixasse à sórdida enxovia de Vila Clara, para dormir sobre uma tábua. Pensou mesmo em galopar para Vila Clara, reter o zelo legal do João Gouveia. Mas perto, adiante do lavadouro, era a casa dum influente, o João Firmino, carpinteiro e seu compadre. E para lá trotou, apeando ao portal do quinteiro. O compadre Firmino largara cedo para a Arribada, onde trabalhava nas obras do lagar do Sr. Esteves. E foi a comadre Firmina que correu da cozinha, obesa e luzidia, com dois pequenos dependurados das saias e mais sujos que esfregões. O Fidalgo

beijou ternamente as duas faces ramelosas:

— E que rico cheiro a pão fresco, oh comadre! Foi a fornada, hem? Pois então grande abraço ao Firmino. E que se não esqueça! A eleição vem para o outro domingo. Lá conto com o voto dele. E olhe que não é pelo voto, é pela amizade.

A comadre arreganhava os dentes magníficos, num regalado e gordo riso: — «Ai o Fidalgo podia ficar seguro! Que o Firmino já jurara, até ao Sr. Regedor, que para o Fidalgo era todo o sítio a votar, e quem não fosse a amor ia a pau». O Fidalgo apertou a mão da comadre — que do degrau do quinteiro, com os dois pequenos enrodilhados nas saias, e o gordo riso mais embevecido, seguiu a poeira da égua como o sulco dum Rei

benéfico.

E depois nas outras visitas, ao Cerejeira, ao Ventura da Chiche, encontrou o mesmo fervor, os mesmos sorrisos luzindo de gosto. «O quê! para o Fidalgo! Isso tudo! E nem que fosse contra o Governo!» — Na tasca do Manuel da Adega, um rancho de trabalhadores bebia, já ruidoso, com as jaquetas atiradas para cima dos bancos; o Fidalgo bebeu com eles, galhofando, gozando sinceramente a pinga verde e o barulho. O mais velho, um avejão escuro, sem dentes, e a face mais engelhada que uma ameixa seca, esmurrou com entusiasmo o balcão:-«Isto, rapazes, é Fidalgo que, quando um pobre de Cristo escalavra a perna, lhe empresta a égua, e vai ele ao lado mais duma légua a pé, como foi com o Solha! Rapazes, isto é

Fidalgo para a gente ter gosto!» As *saúdes* atroaram a venda. E quando Gonçalo montou, todos o cercavam como vassalos ardentes, que a um aceno correriam a votar — ou a matar!

Em casa do Tomás Pedra, a avó Ana Pedra, uma velha entrevada, muito velha e trémula, rompeu a choramingar por o seu Tomás andar para o Olival, quando o Fidalgo o visitava. «Que aquilo era como visita de santo!»

— Ora essa, tia Pedra! Pecador, grande pecador!

Dobrada na cadeirinha baixa, com as farripas brancas descendo do lenço, pela face toda chupada de gelhas e peluda, a tia Ana bateu no joelho agudo:

— Não senhor! não senhor! que quem mostrou aquela caridade pelo filho

do Casco, merece estar em altar!

O Fidalgo ria, beijocava pequenadas encardidas, apertava mãos ásperas e rugosas como raízes, acendia o cigarro à brasa das lareiras, conversando, com intimidade, das moléstias e dos derriços. Depois, no calor e pó da estrada, pensava: — «E curioso! parece haver amizade,nesta gente!»

Às quatro horas, derreado, decidiu cessar o giro, recolher à Torre pela estrada mais fresca da *Bica Santa*. E passara o lugarejo do Cerdal, quando na volta aguda do caminho, rente ao souto de azinheiros, quase esbarrou com o Dr. Júlio, também a cavalo, também no seu giro, de quinzena de alpaca, alagado em suor, debaixo dum guarda-sol de seda verde. Ambos detiveram as éguas, se

saudaram amavelmente.

— Muito gosto em o ver, Sr. Dr. Júlio...

— Igualmente, com muita honra, Sr. Gonçalo Ramires...

— Então também na tarefa?...

O Dr. Júlio encolheu os ombros:

— Que quer V. Ex.ª? Se me meteram nesta! E sabe V. Ex.ª como isto acaba?... Acaba em eu mesmo, no outro domingo, votar em V. Ex.ª.

O Fidalgo riu. Ambos se debruçaram, para se apertarem as mãos com alegria, com estima.

— Que calor este, Sr. Dr. Júlio!

— Horroroso, Sr. Gonçalo Ramires... E que maçada!

Assim o Fidalgo empregou essa semana nas visitas aos eleitores «os

grandes e os miúdos». E dois dias antes da eleição, numa sexta-feira à tarde, com um tempo já macio e fresco, partiu para Oliveira — onde chegara, na véspera, o André Cavaleiro, depois da sua tão longa, tão falada demora em Lisboa.

Nos Cunhais, apenas saltara da caleche, logo se enfureceu ao saber, pelo bom João da Porta — «que as Sr.as Lousadas estavam em cima, de visita, com a Sra. D. Graça...».

— Há muito?

— Já lá estão pegadas há meia hora boa, meu senhor.

Gonçalo enfiou sorrateiramente para o seu quarto, pensando: — «Que desavergonhadas! Chegou o André, vêm logo cocar!» E já se lavara, mudara o fato cinzento — quando o Barrolo apareceu,

esbaforido, desusadamente radiante, de sobrecasaca, de chapéu alto, com as bochechas acesas, alvoroçadamente radiantes:

— Eh, seu Barrolo, que janota!

— Parece bruxedo! — gritou o Barrolo, depois dum abraço, que repetiu, com desacostumado fervor. — Estava agora mesmo para te mandar um telegrama, que viesses...

— Para quê?

O Barrolo gaguejou, com um riso reprimido que o iluminava, o inchava:

— Para quê? Para nada... Quero dizer, para a eleição! Pois a eleição é além de amanhã, menino! O Cavaleiro chegou ontem. Agora volto eu do Governo Civil. Estive no Paço com o Sr. Bispo, depois passei pelo Governo Civil...

ótimo, o André! Aparou o bigode, parece mais moço. E traz novidades... Traz grandes novidades!

E o Barrolo esfregava as mãos, num tão faiscante alvoroço, com tanto riso escapando dos olhos e da face reluzente, que o Fidalgo o encarou curioso, impressionado:

— Ouve lá, Barrolinho! Tu tens alguma coisa boa para me anunciar?

Barrolo recuou, negou com estrondo. como quem bruscamente fecha uma porta. Ele? Não! Não sabia nada! Só a eleição! Na Murtosa votação tremenda...

— Ah! pensei — murmurou Gonçalo. — E a Gracinha?

— A Gracinha também não!

— Também não quê, homem? Como está? Simplesmente como está?

— Ah! está com as Lousadas. Há mais de meia hora, aquelas bêbedas!... Naturalmente por causa do Bazar do Asilo Novo... Esta maçada dos Bazares... E ouve lá, Gonçalinho! Tu ficas até domingo?

— Não, volto amanhã para a Torre.

— Oh!...

— Pois dia de eleição, homem! devo estar em casa, no meu centro, no meio das minhas freguesias...

— É pena — murmurou o Barrolo. — Logo se sabia juntamente com a eleição... Eu dava um jantar tremendo...

— Logo se sabia, o quê?

O Barrolo emudeceu, com outro riso nas bochechas, que eram duas brasas gloriosas. Depois novamente gaguejou, gingando:

— Logo se sabia... Nada! O resultado, o apuramento. E grande bródio, grande foguetório. Eu, na Murtosa, abro pipa de vinho.

Então Gonçalo, risonhamente, prendeu o Barrolo pelos ombros:

— Diz lá, Barrolinho. Diz lá. Tu tens uma coisa boa para contar ao teu cunhado.

O outro escapou, protestando com alarido: Que teima, que tolice. Ele não sabia nada. O André não lhe contara nada!

— Bem — concluiu o Fidalgo, certo de um amável mistério, que pairava. — Então descemos. E se essas carraças das Lousadas ainda estiverem lá pegadas, manda dizer pelo escudeiro à sala, bem alto, à Gracinha, que cheguei, que lhe desejo falar imediatamente no meu quarto;com esses monstros não há

considerações.

O Barrolo balbuciou, hesitando:

— O Sr. Bispo gosta delas... Muito amável comigo, ainda há pouco, o Sr. Bispo.

Mas, logo nas escadas, sentiram o piano, Gracinha cantarolando, já se libertara das Lousadas. Era uma antiga canção patriótica de Vendeia, que outrora na Torre, ela e Gonçalo entoavam com emoção, quando os inflamava o amor fidalgo e romântico dos Borbons e dos Stuarts:

Monsieur de Charette a dit à ceux d'Ancenes «Mes Amis!...»
Monsieur de Charette a dit...

Gonçalo franziu vagarosamente o

reposteiro da sala, rematando a estrofe, com o braço erguido como uma bandeira:

«Mes Amis!
Le Roy va rammener les Fleurs de Lys!»

Gracinha saltou do mocho, numa surpresa.

— Não te esperávamos! Imaginei que passavas a eleição na Torre... E por lá?

— Na Torre, tudo bem, com a ajuda de Deus... Mas eu com trabalho imenso. Acabei o meu romance; depois visitas aos eleitores.

Barrolo, que não sossegava pela sala, rompeu para eles, com o mesmo riso sufocado:

— Queres tu saber, Gracinha? Tem estado este homem, desde que chegou, numa curiosidade, a ferver. Imagina que eu tenho uma boa nova, uma grande nova para lhe contar... Eu não sei nada, a não ser a eleição! Pois não é verdade, Gracinha?

Gonçalo, muito sério, prendeu o queixo da irmã:

— Sabes tu, diz lá.

Ela sorriu, corada... Não, não sabia nada, só a eleição.

— Diz lá!

— Não sei... São tolices do José.

Mas então, ante aquele sorriso fraco, rendido, que confessava — o Barrolo não se conteve, desafogou como um morteiro estoura. — Pois bem! sim! com efeito! — Grande novidade! Mas o André, que a

trouxera de Lisboa, fresquinha a saltar, queria ele, só ele, causar a surpresa a Gonçalo...

— De modo que eu não posso! jurei ao André. A Gracinha sabe, que eu já lhe contei ontem... Mas também não pode, também jurou. Só o André. Ele vem logo tomar chá, e rebenta a bomba... Que é uma bomba! e graúda!

Gonçalo, roído de curiosidade, murmurou simplesmente, encolhendo os ombros:

— Bem, já sei, é uma herança! Tens quinze tostões de alvíssaras, Barrolo.

Mas durante o jantar e depois na sala tomando café, enquanto Gracinha recomeçara as velhas canções patrióticas, agora as jacobitas, em louvor dos Stuarts — Gonçalo ansiou pela aparição do

Cavaleiro. Nem receava que a esse encontro se misturasse amargura, despeito sufocado. Todo o seu furor contra o Cavaleiro, aceso na dolorosa tarde do mirante, revolvido na Torre durante torturados dias, logo se dissipara lentamente, depois da sua tocante conversa com a irmã, na manhã histórica da briga da Grainha. Gracinha então, com grandes lágrimasde pureza e de verdade, jurara reserva, retraimento. Gonçalo, abandonando Oliveira, mostrava também uma resistência louvável contra o sentimento ou a vaidade que o transviara. Demais ele não podia romper novamente com o Cavaleiro, andando ainda nos mexericos e espantos de Oliveira aquela reconciliação ruidosa que chamara o Cavaleiro à intimidade dos Cunhais. E

por fim de que valiam furores ou mágoas? Nenhum rugir ou gemer seu anulariam o mal que se consumara no mirante — se porventura se consumara. E assim toda a cólera contra oAndré se dissipara naquela sua leve e doce alma, onde os sentimentos, sobretudo os mais escuros, os mais carregados, sempre facilmente se desfaziam como nuvens em céu de estio...

Mas quando, perto das nove horas, o Cavaleiro penetrou na sala, vagaroso e magnífico, com o bigode encurtado mas mais retorcido, uma gravata vermelha entufando estridentemente no largo peito que entufava, Gonçalo sentiu uma renovada aversão por toda aquelapetulância recheada de falsidade — e apenas pôde bater molemente, desenxabidamente, nas costas do velho

amigo, que o apertava num abraço de aparatosa ternura. E enquanto André, torcendo as luvas claras, languidamente enterrado na poltrona que o Barrolo lhe achegou com carinho, contava de Lisboa e de Cascais, tão alegre, e partidas de *bridge* e da Parada e de El-Rei — Gonçalo revivia a tarde do mirante, o seu pobre coração a bater contra a persiana mal fechada, a bruta súplica murmurada através daqueles bigodes atrevidos, e emudecera, como empedernido, esmigalhando nervosamente entre os dentes o charuto apagado. Mas Gracinha conservava uma serenidade atenta, sem nenhum dos seus chamejantes rubores, dos seus desgraçados enleios de modo e gesto, apenas levemente seca, duma secura preparada e posta. Depois André

aludira muito desprendidamente ao seu regresso a Lisboa, depois da eleição, «porque o tio Reis Gomes, o José Ernesto, esses cruéis amigos, lhe andavam atirando para os ombros todo o trabalho da Nova Reforma Administrativa».

Entre ele e Gracinha, separados por um curto tapete, parecia cavada uma funda légua de fosso, onde rolara, se afundara todo aquele romance do verão, sem que na face de ambos restasse um afogueado vestígio do seu ardor, E Gonçalo, insensivelmente contente pelaaparência, terminou por abandonar a cadeira onde se empedernira, acendeu o charuto na vela do piano, perguntou pelos amigos de Lisboa. Todos (segundo o Cavaleiro) ansiavam pela chegada de Gonçalo.

— Lá encontrei também o

Castanheiro... Entusiasmado com o teu romance. Parece que nem no Herculano, nem no Rebelo existe nada tão forte, como reconstrução histórica. O Castanheiro prefere mesmo o teu realismo épico ao do Flaubert, na *Salambô*. Enfim, entusiasmado! E nós, está claro, ardendo porque apareça a sublime obra.

O Fidalgo corou profundamente, murmurando: — «Que tolice!» Depois roçou pela poltrona em que se enterrava o André, afagou suavemente o largo ombro do André:

— Pois, tens feito cá muita falta, meu velho! Há dias passei em Corinde, tive saudades...

Então o Barrolo, que não sossegava, vermelho, a estourar, rebolando pela sala, espiando ora o Cavaleiro, ora o Gonçalo,

com um riso mudo e ávido, não se conteve mais, gritou:

— Bem, basta de prólogos... Vamos lá agora à grande surpresa. André! Eu tenho estado toda a tarde a rebentar... Mas enfim, jurei e calei! Agora não posso... Vamos lá. E tu, Gonçalinho, vai preparando os quinze tostões.

Gonçalo, com a curiosidade de novo refervendo, apenas sorria, desprendidamente:

— Com efeito! Parece que tens uma bela novidade.

O Cavaleiro alargou lentamente os braços, sempre enterrado na vasta poltrona, sem pressa:

— Oh! é a coisa mais simples, mais natural... A Sra. D. Graça já sabe, não é verdade?... Não há motivo para surpresa...

Tão legítima, tão natural!

Gonçalo exclamou, já impaciente:

— Mas enfim, venha lá, diz.

O Cavaleiro insistia, indolente. Todo o espanto era que só agora se pensasse em a realizar, coisa tão devida, tão adequada. Pois não lhe parecia à Sra. D. Graça?

Gonçalo, numa brasa, berrou:

— Mas quê? que diabo?

O Cavaleiro, que se despegara vagarosamente da poltrona, puxou os punhos, e diante de Gonçalo, no silêncio atento, alteando o peito, grave, quase oficial, começou:

— Meu tio Reis Gomes, e o José Ernesto, tiveram uma ideia muito natural, que comunicaram a El-Rei, e que El-Rei aprovou... Que aprovou mesmo ao ponto de a apetecer, de se assenhorear dela, de

desejar que fosse só sua. E hoje é só de El-Rei. El— Rei pois pensou, como nós pensámos, que um dos primeiros fidalgos de Portugal, decerto mesmo o primeiro, devia ter um titulo que consagrasse bem a antiguidade ilustre da Casa, e consagrasse também o mérito superior de quem hoje a representa... Por isso, meu querido Gonçalo, já te posso anunciar, e quase em nome de El-Rei, que vais ser Marquês de Treixedo. — Bravo! bravo! — bramou o Barrolo, com palmas delirantes. Saltem para cá os quinze tostões, Sr. Marquês de Treixedo!

— Bravo! Bravo! — bramou o Barrolo, com palmas delirantes. — Saltem para cá os quinze tostões, Sr. Marquês de Treixedo!

Uma onda de sangue cobria a fina

face de Gonçalo. Num relance sentiu que o título era um dom do Cavaleiro, não ao chefe da casa de Ramires mas ao irmão complacente de Gracinha Ramires... E sobretudo sentia a incoerência de que, ao chefe duma Casa dez vezes secular, mãe de dinastias, edificadora do Reino, com mais de trinta dos seus varões mortos sob a armadura, se atirasse agora um oco título, oco título, através do *Diário do Governo*, como a um tendeiro enriquecido que subsidiou eleições. Todavia saudou o Cavaleiro, que esperava a efusão, os abraços. — Oh! Marquês de Treixedo! certamente muito elegante, muito amável... Depois, esfregando as mãos, com um sorriso de graça e de espanto... Mas, meu caro André, com que autoridade me faz El-Rei Marquês de Treixedo?

O Cavaleiro levantou vivamente a cabeça numa ofendida surpresa:

— Com que autoridade? Simplesmente com a autoridade que tem sobre nós todos, como Rei de Portugal que ainda é, Deus louvado!

E Gonçalo, muito simplesmente, sem fumaça ou pompa, com o mesmo sorriso de suave gracejo:

— Perdão, Andrezinho. Ainda não havia Reis de Portugal, riem sequer Portugal, e já meus avós Ramires tinham solar em Treixedo! Eu aprovo os grandes dons entre os grandes fidalgos; mas cumpre aos mais antigos começarem. El-Rei tem uma quinta ao pé de Beja, creio eu, o *Roncão*. Pois diz tu a El-Rei, que eu tenho imenso gosto em o fazer, a ele, Marquês do Roncão.

O Barrolo embasbacara, sem compreender, com as bochechas descaídas e murchas. Da beira do canapé, Gracinha, toda corada, faiscava de gosto, por aquele lindo orgulho que tão bem condizia com o seu, mais lhe fundia a alma com a alma do irmão amado. E André Cavaleiro, furioso, mas vergando os ombros com irónica submissão, apenas murmurou: — «Bem, perfeitamente!... Cada um se entende a seu modo...».

O escudeiro entrava com a bandeja do chá.

E no domingo foi a eleição.

Ainda com uma desconfiança, uma reserva supersticiosa, o Fidalgo desejou atravessar esse dia muito solitariamente, quase escondido, e no sábado, enquanto todos os amigos de Vila Clara, mesmo os

de Oliveira, o consideravam estabelecido nos Cunhais, e em comunicação azafamada com o Governo Civil, montou a cavalo ao escurecer, e trotou sorrateiramente para Santa Ireneia.

Mas o Barrolo (ainda abalado com «aquele despautério de Gonçalo, que era uma ofensa para o Cavaleiro! até para El-Rei») ficara com a missão de telegrafar para a Torre as notícias sucessivas das assembleias, à maneira que elas acudissem ao Governo Civil. E, com ruidoso zelo, logo depois da missa, estabeleceu entre os Cunhais e o velho Convento de S. Domingos um serviço de criados formigando sem repouso. Gracinha, na sala de jantar, ajudada por Padre Soeiro, copiava com amor, numa letra muito redonda, os telegramas

mandados pelo Cavaleiro, que ajuntava a lápis alguma nota amável — «*Tudo otimamente! — Vitória cresce. — Parabéns a V. Ex.*[as]».

Pela estrada de Vila Clara à Torre, incessantemente, o moço do Telégrafo se esbaforia sobre a perna manca. O Bento rompia pela livraria, berrando: «outro telegrama, Sr. Doutor». Gonçalo, nervoso, com um imenso bule de chá sobre a banca, a bandeja já alastrada de cigarros meio fumados, lia o telegrama ao Bento. O Bento, com *vivas* pelo corredor, corria a bramar o telegrama à Rosa.

E assim, quando cerca das oito horas, o Fidalgo consentiu em jantar — já conhecia o seu triunfo esplêndido. E o que o impressionava, relendo os telegramas, era o entusiasmo carinhoso daqueles

influentes, povos que ele mal rogava, e que convertiam o ato da eleição quase num ato de amor. Toda a freguesia dos Bravais marchara para a igreja, cerrada como uma hoste, com o José Casco na frente erguendo uma enorme bandeira, entre dois tambores que estouravam. O Visconde de Rio Manso entrara no adro da igreja de Ramilde na sua vitória, com a neta toda vestida de branco, seguido por um vistosa fila de *char-à-bancs*, onde se apinhavam eleitores sob toldos de verdura. Na Finta todos os casais se esvaziavam, as mulheres carregadas de ouro, os rapazes de flor na orelha, correndo à eleição do Fidalgo entre o repenicar das violas, como à romaria de um santo. E diante da taberna do Pintainho, em face à igreja, a gente da

Veleda, da Riosa, do Cercal, erguera um arco de buxo, com dístico vermelho, sobre paninho: — «Viva o nosso Ramires, flor dos homens!»

Depois, enquanto jantava, um moço da quinta voltou de Vila Clara, alvoroçado, contando o delírio, as filarmónicas pelas ruas, a Assembleia toda embandeirada, e na casa da Câmara, sobre a porta, um transparente com o retrato de Gonçalo, que uma multidão aclamava.

Gonçalo apressou o café. Por timidez, receoso dos vivórios, não ousava correr a Vila Clara — a espreitar. Mas acendeu o charuto, passou à varanda, para respirar a doce noite de festa, que andava tão cheia de clarões e rumores em seu louvor. E ao abrir a porta envidraçada

quase recuou, com outro espanto. A Torre iluminara! Das suas fundas frestas, através das negras rexas de ferro, saía um clarão; e muito alta, sobre as velhas ameias, refulgia uma serena coroa de lumes! Era uma surpresa, preparada, com delicioso mistério, pelo Bento, pela Rosa, pelos moços da quinta — que, agora, todos, no escuro, por baixo da varanda, contemplavam a sua obra, alumiando o céu sereno. Gonçalo percebeu os passos abafados, o pigarro da Rosa. Gritou alegremente da borda da varanda:

— Oh, Bento! Oh, Rosa!... Está aí alguém?

Um risinho esfuziou. A jaqueta branca do Bento surdiu da sombra.

— O Sr. Doutor queria alguma coisa?

— Não, homem! Queria agradecer... Foram vocês, hem? Está linda a iluminação! Mas linda. Obrigado, Bento. Obrigado, Rosa! Obrigado, rapazes! De longe deve fazer um efeito soberbo.

Mas o Bento ainda se não contentava com aquelas lamparinas frouxas. A Torre, para sobressair, necessitava chamas fortes de gás. O Sr. Doutor nem imaginava a altura, depois em cima, a imensidão do eirado.

Então de repente, Gonçalo sentiu um desejo de subir a esse imenso eirado da Torre. Não entrara na Torre desde estudante — e sempre ela lhe desagradara por dentro, tão escura, de tão duro granito, com a sua nudez, silêncio e frialdade de jazigo, e logo no pavimento térreo os negros alçapões chapeados de ferro, que

levavam às masmorras. Mas agora as luzes nas frestas aqueciam, reviviam aquela derradeira ossada, Honra de Ordonho Mendes. E de entre as suas ameias, mais alto que da varanda, lhe parecia interessante respirar aquela rumorosa simpatia esparsa, que em to pelas freguesias, rolava, subindo para ele, através da noite, como um incenso. Enfiou um paletó, desceu à cozinha. O Bento, o Joaquim da horta, divertidos, agarraram grandes lanternas. E com eles atravessou o pomar, penetrou pela atarracada poterna, de funda ombreira, começou a trepar a esguia escadaria de pedra, que tanta sola de ferro polira e puíra.

Já desde séculos se perdera a memória do lugar que ocupava aquela torre, nas complicadas fortificações da

Honra e Senhorio de Santa Ireneia. Não era decerto (segundo Padre Soeiro) a nobre torre albarrã, nem a de Alcáçova, onde se guardava o tesouro, o cartório, os sacos tão preciosos das especiarias do Oriente — e talvez, obscura e sem nome, apenas defendesse algum ângulo de muralha, para os lados em que o castelo enfrentava com as terras semeadas e os olmedos da Ribeira. Mas, sobrevivente às outras mais altivas, compreendida nas construções do Paço formoso que se erguera de entre o sombrio castelo Afonsino, e que dominava Santa Ireneia durante a dinastia de Avis, ligada ainda por claras arcarias dum terraço ao palácio de gosto italiano, em que Vicente Ramires converteu o Paço manuelino, depois da sua campanha de Castela; isolada no

pomar, mas sobranceando o casarão que, lentamente, se edificara depois do incêndio do palácio em tempo de El-Rei D. José, e a derradeira certamente onde retiniram armas e circularam os homens do Terço dos Ramires — ela ligava as idades e como que mantinha, nas suas pedras eternas, a unidade da longa linhagem. Por isso o povo lhe chamara vagamente a «Torre de D. Ramires». E Gonçalo, ainda sob a impressão dos avós e dos tempos que ressuscitara na sua novela, admirou com um respeito novo a sua vastidão, a sua força, os seus empinados escalões, os seus muros tão espessos, que as frestas esguias na espessura se alongavam como corredores, escassamente alumiadas pelas tigelinhas de azeite, com que o Bento as despertara.

Em cada um dos três sobrados parou, penetrando curiosamente, quase com uma intimidade, nas salas nuas e sonoras, de vasto lajedo, de tenebrosa abóbada, com os assentos de pedra, estranho buraco ao meio, redondo como o dum poço e ainda pelas paredes riscadas de sulcos de fumos, os anéis dos tocheiros. Depois em cima, no imenso eirado que a fieira de lamparinas, cingindo as ameias, enchia de claridade, Gonçalo, erguendo a gola do paletó na aragem mais fina, teve a dilatada sensação de dominar toda a província, e de possuir sobre ela uma supremacia paternal, só pela soberana altura e velhice da sua Torre, mais que a Província e que o Reino. Lentamente caminhou em roda das ameias, até ao miradouro, a que um candeeiro de

petróleo, sobre uma cadeira de palhinha posta em frente à fresta, estragava o entono feudal. No céu macio, mas levemente enevoado, rarasestrelas luziam, sem brilho. Por baixo a quinta, toda a largueza dos campos, a espessura dos arvoredos se fundiam em escuridão. Mas na sombra e silêncio, por vezes além, para o lado dos Bravais, lampejavam foguetes remotos. Um clarão amarelado e fumarento, caminhandomais longe, entestando para a Finta, era decerto um rancho com archotes festivos. Na alta igreja da Veleda tremeluzia uma iluminação vaga, rala. Outras luzes, incertas através do arvoredo, riscavam o velho arco do Mosteiro, em Santa Maria de Craquede. Da terra escura subia, por vezes, um errante som de tambores. E

lumes, fachos, abafados rufos, eram dez freguesias celebrando amoravelmente o Fidalgo da Torre, que lhes recebia o amor e o preito no eirado da sua torre, envolto em silêncio e sombra.

O Bento descera, com o Joaquim, para reforçar as lamparinas nas frestas dos muros, onde elas esmoreciam na espessura. E Gonçalo sozinho, acabando o charuto, recomeçou a rolda, lento, em tomo às ameias, perdido num pensamento que já o agitara estranhamente, através daquele sobressaltado domingo... Era pois popular! Por todas essas aldeias, estendidas à sombra longa da Torre, o Fidalgo da Torre era pois popular! E esta certeza não o penetrava de alegria, nem de orgulho — antes o enchia agora, naquela serenidade da noite, de confusão, de

arrependimento! Ah! se adivinhasse — se ele adivinhasse!... Como caminharia, com a cabeça bem levantada, com os braços bem estendidos, sozinho, em confiança risonha para todas essas simpatias que o esperavam, tão certas, tão dadas. Mas não! Sempre se julgaracercado da indiferença daquelas aldeias, onde, ele apesar do antiquíssimo nome, era o costumado moço, que volta de Coimbra e vive silenciosamente da sua renda, passeando na sua égua. A essas indiferenças tão naturais nunca ele imaginara arrancar o punhado de votos, o punhado de papelinhos que necessitava para entrar na Política, onde ele conquistara pela destreza o que os velhos Ramires recebiam por herança, fortuna e poder. Por isso se agarrara tão

avidamente à mão do Cavaleiro, à mão do Sr. Governador Civil — para que S. Ex.ª, o bomamigo, o mostrasse, o impusesse como o homem necessário, o querido do Governo, o melhor entre os bons, a quem as freguesias deviam oferecer num domingo o punhado de votos.

E na impaciência desse favor, abafara a memória de amargos agravos; diante de Oliveira pasmada, abraçara o homem detestado desde anos, que andava chasqueando e demolindo, por praças e jornais; facilitara a ressurreição de sentimentos, que para sempre deviam jazerenterrados; e envolvera o ser que mais amava, a sua pobre e fraca irmãzinha, em confusão e miséria moral... Torpezas e danos — e para quê? Para surripiar um punhado de votos que dez

freguesias lhe trariam correndo, gratuitamente, efusivamente, entre *vivas* e foguetes, se eleacenasse e lhos pedisse...

Ah! eis aí... Fora a desconfiança, essa encolhida desconfiança de si mesmo — que desde o colégio, através da vida, lhe estragara a vida. Era a mesma desgraçada desconfiança, que ainda semanas antes, diante de uma sombra, um pau erguido, uma risada numa taberna, o forçava a abalar, a fugir, arrepiado e praguejando contra a sua fraqueza. Por fim, um dia, numa volta de estrada, avança, ergue o chicote — e descobre a sua força! E agora, penetra por entre o povo, agarrado timidamente à mão poderosa, por se imaginar impopular — e descobre a sua popularidade imensa. Que vida enganada, e tanto a sujara — por não

saber!

O Bento não aparecia, ainda azafamado em iluminar condignamente as rexas da Torre. Gonçalo atirou a ponta do charuto, e com as mãos nas algibeiras do paletó, parou junto do miradouro, olhou vagamente para as estrelas. A névoa adelgaçara quase sumida lumes mais vivos palpitavam no céu mais profundo. De lumes e céus descia essa sensação de infinidade, de eternidade, que penetra, como uma surpresa, nas almas desacostumadas da sua contemplação. Na alma de Gonçalo passou, muito fugidamente, o espanto dessas eternas imensidades sob que se agita, tão vaidosa da sua agitação, a rasteira, a sombria poeira humana. Longe, algum derradeiro foguete ainda lampejava, logo apagado na

escuridão serena. As luzinhas sobre a capela de Veleda, sobre o arco de Santa Maria de Craquede, esmoreciam, já ralas. Todo o remoto rumor de musicatas se perdera, na mudez mais funda dos campos adormecidos. O dia de triunfo findava, breve como os luminares e os foguetes. — E Gonçalo, parado, rente do miradouro, considerava agora o valor desse triunfo por que tanto almejara, por que tanto sabujara. Deputado! Deputado por Vila Clara, como o Sanches Lucena. E ante esse resultado, tão miúdo, tão trivial — todo o seu esforço tão desesperado, tão sem escrúpulos, lhe parecia ainda menos imoral que risível. Deputado! Para quê? Para almoçar no Bragança, galgar de tipoia a ladeira de S. Bento, e dentro do sujo convento, escrevinhar na carteira do

Estado alguma carta ao seu alfaiate, bocejar com a inanidade ambiente dos homens e das ideias, e distraidamente acompanhar, em silêncio ou balando, o rebanho de S. Fulgêncio, por ter desertado o rebanho idêntico do Brás Vitorino. Sim, talvez um dia, com rasteiras intrigas e sabujices a um chefe e à senhora do chefe, e promessas e risos através de redações, e algum discurso esbraseadamente berrado — lograsse ser ministro. E então? Seria ainda a tipoia pela calçada de S.Bento, com o correio atrás na pileca branca, e a farda malfeita, nas tardes de assinatura, e os recurvados sorrisos de amanuenses pelos escuros corredores da Secretaria, e a lama escorrendo sobre ele de cada gazeta da oposição... Ah! que peca, desinteressante vida, em comparação de

outras cheias de soberbas vidas, que tão magnificamente palpitavam sob o tremeluzir dessas mesmas estrelas! Enquanto ele se encolhia no seu paletó, deputado por Vila Clara, e no triunfo dessa miséria. — Pensadores completavam a explicação do Universo;Artistas realizavam obras de beleza eterna; Reformadores aperfeiçoavam a harmonia social; Santos melhoravam santamente as almas; Fisiologistas diminuíam o velho sofrer humano; Inventores alargavam a riqueza das raças; Aventureiros magníficos arrancavam mundos de sua esterilidade e mudez... Ah! esses eram os verdadeiramente homens, os que viviam deliciosas plenitudes de vida, modelando com as suas mãos incansadas formas

sempre mais belas ou mais justas da humanidade. Quem fora como eles, que são os sobre-humanos! E tal ação tão suprema requeria o Génio, o dom que, como a antiga chama, desce de Deus sobre um eleito? Não! Apenas o claro entendimento das realidades humanas — e depois o forte querer.

E o Fidalgo da Torre, imóvel no eirado da Torre, entre o céu todo estrelado, e a terra toda escura, longamente revolveu pensamentos da vida superior — até que enlevado, e como se a energia da longa raça, que pela Torre passara, refluísse ao seu coração, imaginou a sua própria encaminhada enfim para uma ação vasta e fecunda, em que soberbamente gozasse o gozo do verdadeiro viver, e em torno de si criasse

vida, e acrescentasse um lustre novo ao velho lustre de seu nome, e riquezas puras o dourassem e a sua terra inteira o bem-louvasse, porque ele inteiro e num esforço pleno bem servira a sua terra...

O Bento surdiu da portinha baixa do eirado, com a lanterna: — O Sr. Doutor ainda se demora?

— Não. A festa acabou, Bento.

Nos começos de dezembro, com o primeiro numero dos ANAIS, apareceu a *Torre de D. Ramires*. E todos os jornais, mesmo os da oposição, louvaram «esse estudo magistral (como afirmou a *Tarde*) que, revelando um erudito e um artista, continuava, com uma arte mais moderna e colorida, a obra de Herculano e de

Rebelo, a reconstituição moral e social do velho Portugal heroico». Depois das festas de Natal, que ele passou alegremente nos Cunhais, ajudando Gracinha a cozinhar bolos de bacalhau por uma receita sublime do Padre José Vicente, da Finta, os amigos de Oliveira, os rapazes do Clube e da Arcada ofereceram ao deputado por Vila Clara, na sala da Câmara, adornada de buxos e bandeiras, um banquete, a que assistia o Cavaleiro, de grã-cruz, e em que o Barão das Marges (quepresidia) saudou «o prestigioso moço que, talvez em breve, nas cadeiras do Poder, levantasse do marasmo este brioso país, com a pujança, a valentia, que são próprias da sua raça nobilíssima!»

No meado de janeiro, por uma agreste noite de chuva, Gonçalo partiu para Lisboa; e através do inverno, em Lisboa, andou sempre nos *Carnet-Mondain* e *High-Life* dos jornais, nas notícias de jantares, do *raouts*, de tiros aos pombos, de caçadas de El-Rei, tão notado nos movimentos mais simples da sua elegância, que os Barrolos assinaram o *Diário Ilustrado*, para saber quando ele passeava na Avenida. Em Vila Clara, na Assembleia, o João Gouveia já encolhia os ombros, rosnando: — «Desandou em janota!»

— Mas nos fins de abril uma notícia de repente alvoroçou Vila Clara, espantou na quieta Oliveira os rapazes do Clube e da Arcada, perturbou tão inesperadamente

Gracinha, então em Amarante com o Barrolo, que nessa noite ambos abalaram para Lisboa — e na Torre atirou a Rosa para um banco de pedra da cozinha, lavada em lágrimas, sem compreender, gemendo:

— Ai o meu rico menino, o meu rico menino, que o não torno mais a ver!

Gonçalo Mendes Ramires, silenciosamente, quase misteriosamente, arranjara a concessão dum vasto prazo de Macheque, na Zambézia, hipotecara a sua quinta histórica de Treixedo, e embarcava em começos de junho no paquete *Portugal*, com o Bento, para a África.

12

Quatro anos passaram ligeiros e leves sobre a velha Torre, como de ave.

Numa doce tarde dos fins de setembro, Gracinha, que chegara na véspera de Oliveira acompanhada pelo bom Padre Soeiro, descarisava na varanda da sala de jantar, estendida sobre o canapé de palhinha, ainda com um grande avental branco, tapando o vestido até ao pescoço, um velho avental do Bento. Todo o dia, de avental, através do casarão, ajudada pela Rosa e pela filha da Crispola, se esfalfara, arrumando e limpando, com tanto gosto e fervor no trabalho, que ela mesma sacudira o pó a todos os livros da livraria, o seu

sossegado pó de quatro anos. O Barrolo também se ocupara, dando sentenças nas obras da cavalariça, que a valente égua da briga da Grainha em breve partilharia com uma égua inglesa, de meio sangue, comprada em Londres. Também Padre Soeiro remexera, pelo Arquivo, zelosamente, com um espanejador. E até o Pereira da Riosa, o bom rendeiro, apressava de madrugada dois moços na final limpeza da horta, agora muito cuidada, já com meloal, já com morangal, e duas novas ruas, ambas bordadas de roseiras e recobertas de latada que a parra densa já recobria.

Com efeito a Torre, entre a alvoroçada alegria de todos, enfeitava a sua velhice — porque no domingo, depois dos seus quatro anos de África, Gonçalo

regressava à Torre.

E Gracinha, estendida no canapé com o seu velho avental branco, sorrindo pensativamente para a quinta silenciosa, para o céu todo corado sobre Valverde, recordava esses quatro anos, desde a manhã em que abraçara Gonçalo, sufocada e a tremer, no beliche do*Portugal*... Quatro anos! Assim passados, e nada mudara no mundo, no seu curto mundo de entre os Cunhais e a Torre, e a vida rolara, e tão sem história como rola um rio lento numa solidão; Gonçalo na África, na vaga África, mandando raras cartas, mas alegres, e com um entusiasmo de fundador de Império; ela nos Cunhais, e o seu Barrolo, num tão quieto e costumado viver, que eram quase de agitação os jantares em que

reuniam os Mendonças, os Marges, o coronel do 7, outros amigos, e à noite na sala se abriam duas mesas de pano verde para o voltarete e para o *boston*.

E neste manso correr de vida se desfizera mansamente, quase insensivelmente, a sombria tormenta do seu coração. Nem ela agora compreendia como um sentimento, que através das suas ansiedades ela justificava, quase secretamente santificava por o saber *único*, e odesejar *eterno*, assim se sumira, insensivelmente, sem dilacerações, deixara apenas um leve arrependimento, alguma esfumada saudade, também estranheza e confusão, restos de tanto que ardera, formando uma cinza fina... A sucessão das coisas rolara, como o vento às lufadas num campo, e ela rolara,

levada com a inércia duma folha seca.

Logo depois do derradeiro Natal passado com Gonçalo, André, que ainda os acompanhara à Missa do Galo e consoara nos Cunhais, voltou para Lisboa, para essa «Reforma», de que se lastimava... No silêncio que entre ambos então se alargou, corria já uma frialdade de abandono... E quando André recolheu a Oliveira, ao seu Governo Civil, partia ela para Amarante, onde a santa mãe do Barrolo adoecera, com uma vagarosa doença de anemia e velhice, que em maio a levou para o Senhor.

Em junho fora o comovido embarque de Gonçalo para a África — e no tombadilho do paquete, entre o barulho e as bagagens, um encontro com André, que chegara de Oliveira, dias antes, e contou

muito alegremente do casamento da Mariquinhas Marges. Todo esse verão, como o Barrolo decidira fazer obras consideráveis no velho palacete do Largo de El-Rei, o passaram na quinta da *Murtosa*, que ela escolhera por causa da linda mata, dos altos muros de convento. A essa solidão atribuiu logo o Barrolo a sua melancolia, a sua magreza, aquele cansado cismar a que se abandonava, pelos bancos musgosos da mata, com um romance esquecido no regaço. Para que ela se distraísse, se fortificasse com banhos do mar, alugou em setembro, na Costa, o vistoso chalé do comendador Barros. Ela não tomou banhos, nem aparecia na praia, à fresca hora das barracas, entre as senhoras sentadas em cadeirinhas baixas; — e só à tarde

passeava pelo comprido areal, rente à vaga, acompanhada por dois enormes galgos que lhe dera Manuel Duarte. Uma manhã ao almoço, ao abrir as *Novidades*,Barrolo pulou, com um berro, um espanto. Era a queda inesperada do Ministério do S. Fulgêncio! André Cavaleiro apresentava logo a sua demissão pelo telégrafo. E ainda pelas *Novidades* souberam na Costa que S. Ex.ª partira para uma «longa e pitoresca viagem», a viagem a Constantinopla, à Ásia Menor, que ele anunciara ao jantar nos Cunhais. Ela abrira um Atlas: com o dedo lento caminhou desde Oliveira até à Síria, por sobre fronteiras e montes; já André lhe parecia desvanecido, nesses horizontes mais luminosos; fechou o Atlas, pensando simplesmente «como a

gente muda!»

Em novembro, voltaram a Oliveira, num sábado de chuva, e ela na carruagem sentia toda a melancolia e a frialdade do céu penetrar no seu coração. Mas no domingo acordou com um lindo sol nas vidraças. Para a missa das onze na Sé, ela estreou um chapéu novo;. depois no caminho para casa da tia Arminda, levantou os olhos para o casarão do Governo Civil: agora habitava lá outro Governador Civil, o Sr. Santos Maldonado, um moço louro que tocava piano.

Na outra primavera o Barrolo, agora escravizado pela paixão de obras, imaginou demolir o mirante para construir outra estufa, mais vasta, com um repuxo entre palmeiras, que formaria «um jardim

de inverno catita».

Os trabalhadores começaram por esvaziar o mirante da velha mobília, que o guarnecia desde o tempo do tio Melchior; o imenso divã jazeu dois dias no jardim, encalhado contra uma sebe de buxo, e o Barrolo, impaciente com aquele desusado traste, de molas quebradas, nem o consentiu nas arrecadações do sótão, mandou que o queimassem com outras cadeiras partidas, numa fogueira de festa, na noite dos anos de Gracinha. E ela andou em torno da fogueira. O estofo puído flamejou, depois o mogno pesado mais lentamente, com um leve fumo, até que uma brasa ficou latejando, e a brasa escureceu em cinza.

Logo nessa semana as Lousadas, mais agudas, mais escuras, invadiram uma

tarde os Cunhais — e apenas espetadas no sofá, logo lhe contaram, com um riso feroz nos olhinhos furantes, do grande escândalo, o Cavaleiro! em Lisboa sem rebuço! com a mulher do Conde S.Romão! um fazendeiro de Cabo Verde!

Nessa noite, ela escreveu a Gonçalo uma carta muito longa que começava: — «Por cá estamos todos bem, e neste ramerrão costumado...». E com efeito a vida recomeçara, no seu ramerrão, simples, contínua, e sem história, como corre um rio claro numa solidão.

À porta envidraçada da varanda o filho da Crispola, espreitou — o filho da Crispola, que ficara sempre na Torre, como «andarilho», mas crescera muito para fora da sua antiga jaqueta de botões amarelos, usava agora jaquetões velhos

do Sr. Doutor, e já repuxava o buço:

— É que está lá em baixo o Sra.ntónio Vilalobos, com o Sr. Gouveia e outro senhor, o Videirinha, e perguntam se podem falar à senhora...

— O Sr. Vilalobos! Sim! que subam, que entrem para aqui, para a varanda!

Ao atravessar a sala, onde dois esteireiros de Oliveira pregavam uma esteira nova, o vozeirão do Titó já ribombava, notando os «preparativos da festa...». E quando entrou na varanda, a sua face mais barbuda, mais requeimada, rebrilhava com a alegria de encontrar enfim a Torre despertando daquela modorra, em que tudo dentro parecia tristemente apagado, até o lume das caçarolas:

— Peço desculpa da invasão, prima

Graça. Mas passamos, de volta dum passeio dos Bravais, soubemos que a prima viera com o Barrolo...

— Oh! gosto imenso, primo António. Eu é que peço desculpa desta figura, assim despenteada, de grande avental... Mas todo o dia em arranjos, a preparar a casa... E o Sr. Gouveia, como tem passado? Não o vejo desde a Páscoa.

O Administrador, que não mudara nesses quatro anos, escuro, seco, como feito de madeira, sempre esticado na sobrecasaca preta, apenas com o bigode mais amarelado do cigarro, agradeceu à Sra d. Graça... E passara menos mal, desde a Páscoa. A não ser a desavergonhada da garganta...

— E então o nosso grande homem? quando chega? quando chega?

— No domingo. Estamos em alvoroço... Então não se senta Sr. Videira? Olhe, puxe aquela cadeira de vime. A varanda por ora não está arranjada.

Videirinha, logo depois da eleição, recebera de Gonçalo o lugar prometido, fácil e com vagares, para não esquecer o violão. Era amanuense na Administração do Concelho de Vila Clara. Mas convivia ainda na intimidade do seu Chefe, que o utilizava para todos os serviços, mesmo de enfermeiro, e o mandava sempre com uma autoridade seca, mesmo ceando ambos no Gago.

Timidamente arrastou a cadeira de vime, que colocou, com respeito, atrás da cadeira do seu Chefe. E depois de tirar as luvas pretas que, agora, sempre trazia para realçar a sua posição, lembrou que o

comboio chegava ao apeadeiro de Craquede às dez e quarenta, não trazendo atraso. Mas talvez o Sr. Doutor apeasse em Corinde, por causa das bagagens...

— Duvido — murmurou Gracinha. — Em todo o caso o José está com tenção de partir de madrugada, para o encontrar na bifurcação, em Lamelo.

— Nós não! — acudiu o Titó, que se sentara familiarmente no rebordo da varanda. — Cá o nosso rancho vai simplesmente a Craquede. Já é terra da família, é sitio mais sossegado para o vivório... Mas então esse homem não se demorou em Lisboa, prima Graça?

— Desde domingo, primo António. Chegou no domingo, de Paris, pelo *Sud-Express*. E teve uma chegada brilhante... Oh! muito brilhante! Ontem recebi eu uma

carta da Maria Mendonça, uma grande carta em que conta...

— O quê? A prima Maria Mendonça está em Lisboa?

— Sim, desde os fins de agosto, numa visita a D. Ana Lucena...

Vivamente, João Gouveia puxou a cadeira, numa curiosidade que decerto o remoera:

— É verdade, Sra d. Graça! — Então parece que a D. Ana Lucena comprou uma casa em Lisboa, anda em arranjos de mobília?... V. Ex.ª ouviu, Sra d. Graça?

Não, Gracinha não sabia. Mas era natural, agora que tanto se demorava em Lisboa, pouco se aproveitava da *Feitosa*, tão linda quinta...

— Então casa! — exclamou o

Gouveia, com imensa convicção. — Se anda em arranjos de mobília, então casa. É natural, quer posição. Depois, já lá vão quatro anos de viuvez, e...

Gracinha sorriu. Mas o Titó, que coçava lentamente a barba, voltou à carta da prima Maria Mendonça, contando a chegada.

— Sim! — acudiu Gracinha — conta, esteve na estação, no Rossio. Parece que o Gonçalo ótimo, mais forte..; Olhe, primo António, leia a carta. Leia alto! Não tem segredos. E toda sobre o Gonçalo...

Tirara do bolso um pesado envelope, com sinetes de armas no lacre. Mas a prima Maria escrevia sempre depressa, numa letra atabalhoada, com as linhas cruzadas. Talvez o primo António não

compreendesse... — E com efeito, diante das quatro folhas de papel eriçadas de negras linhas, parecendo uma sebe espinhosa, o Titó recuou, aterrado. Mas o João Gouveia imediatamente se ofereceu, com a sua perícia em decifrar ofícios de regedores... Não havendo segredos.

— Não, não há segredos — afiançou Gracinha, rindo. — É unicamente sobre o Gonçalo, como num jornal.

O Administrador folheou a imensa carta, passou os dedos sobre o bigode, com certa solenidade:

«Minha querida Graça:

A costureira do Silva diz que o vestido...»

Não! — acudiu Gracinha. — É na outra página, no alto. Volte a página.

Mas o Administrador gracejou, ruidosamente. Oh! está claro, carta de senhora, logo os trapos... E a Sra. D. Graça a assegurar que era toda sobre Gonçalo. Pois já veriam se pelo meio se não falava ainda em vestidos... Ali! estas senhoras, com os trapos!... — Depois recomeçou, na outra página, com lentidão e gravidade:

«...*Deves agora estar ansiosa por saber da grande chegada do primo Gonçalo. Foi realmente brilhante, e parecia uma receção de pessoa real. Éramos mais de trinta amigos. Está claro, apareceu toda a roda da nossa parentela; e se rebentasse de repente*

nessa manhã uma revolução, os Republicanos apanhavam ali junta, na estação do Rossio, toda a flor da nobreza de Portugal, da velha, da boa. De senhoras, era a prima Chelas, a tia Louredo, as duas Esposendes (com o tio Esposende, que apesar do reumatismo e da vindima, veio expressamente da quinta de Torres), e eu. Homens, todos. E como estava o Conde de A rega, que é secretário de El-Rei, e o primo Olhalvo, que é o seu Mordomo-mor, e o Ministro da Marinha e o Ministro das Obras Públicas, ambos condiscípulos e íntimos de Gonçalo, as pessoas na estação deviam imaginar que chegava El-Rei. O Sud-Express *trouxe quarenta minutos de demora. De modo que parecia um salão, com toda aquela gente da sociedade,*

muito alegre, e o primo A rega, sempre tão amável e engraçado, e fazendo já convites para um jantar (que depois deu) ao primo Gonçalo. Lá fui a esse jantar com o meu vestido verde, novo, que ficou bem...».

Gouveia gritou, triunfando:

— Hem? que disse eu?! cá está vestido. Vestido verde! — Lê para diante, homem! — bramou o Titó.

E o Administrador, realmente interessado, recomeçou, com entono:

«... *com o meu vestido verde novo, exceto a saia, um pouco pesadota. Creio que fui eu a primeira que avistou o primo Gonçalo, na plataforma do* Sud-Express. *Não imaginas como vem...*

ótimo! A té mais bonito, e sobretudo mais homem. A África nem de leve lhe tostou a pele. Sempre a mesma brancura. E duma elegância dum apuro! Prova de como se adianta a civilização de África! dizia o primo A rega, este é estilo novo de tangas em Macheque!... Como imaginas, muito abraço, muita beijoca. A tia Louredo choramingou. Ah, já esquecia! Estava também o Visconde de Rio Manso, com a filha, a Rosinha. Muito linda ela, com um vestido do Redfern, fez sensação. Todos me perguntavam quem era, e o conde de A rega, está claro, logo com apetite de ser apresentado. O Rio Manso também choramingou ao abraçar o primo Gonçalo. E ali viemos todos, em nobre séquito, pela estação fora, entre o pasmo dos povos. Mas imediatamente

uma cena. De repente, no meio de toda aquela nata de brasões, o primo Gonçalo rompe e cai nos braços do homenzinho de boné agaloado que recebia à porta os bilhetes. Sempre o mesmo Gonçalo! Parece que o conheceu ao chegar a Lourenço Marques, onde o homem tratava de se estabelecer como fotógrafo. Mas já esquecia o melhor — o Bento! Não imaginas o Bento... Magnífico! Deixou crescer um bocado de suíça. É um modelo, vestido em Londres, de grande casaco de viagem de pano claro, até aos pés, luvas amareladas, gravidade imensa. Gostou de me ver na estação — perguntou logo, com o olho húmido, pela Srª D. Graça, e pela Rosa. A noite, o José e eu jantámos em família, com o primo Gonçalo, no Bragança,

para conversar da Torre e dos Cunhais. Ele contou muitas coisas interessantes de África. Traz notas para um livro, e parece que o prazo prospera. Nestes poucos anos plantou dois mil coqueiros. Tem também muito cacau, muita borracha. Galinhas são aos milhares. É verdade que uma galinha gorda em Macheque vale um pataco. Que inveja! Aqui em Lisboa custa seis tostões, só com ossos — porque tendo também alguma carne no peito, salta para cá dez tostões, e agradece! No prazo já se construiu uma grande casa, próximo do rio, com vinte janelas e pintada de azul. E o primo Gonçalo declara que já não vende o prazo nem por oitenta contos. Para felicidade completa, até achou um excelente administrador. Eu todavia

duvido que ele volte para a África. Tenho agora cá a minha linda ideia sobre o futuro do primo Gonçalo. Talvez te rias. E não adivinhas... com efeito, eu mesma só nessa noite em que jantámos no Bragança, recebi de repente a inspiração. O Rio Manso está também no Bragança. Quando descíamos para o jantar, para um gabinete, encontrámos no corredor o velho com a pequena. O homem tornou logo a abraçar Gonçalo com uma ternura de pai. *E a Rosinha tão vermelha se fez, que até Gonçalo, apesar de excitado e distraído, notou e corou de leve. Parece que já há entre eles um conhecimento antigo, por causa dum cesto de rosas, e que, desde anos, o destino os anda sorrateiramente chegando. Ela é realmente uma beleza. E*

tão simpática, tão bem educada!... Diferença de idade, apenas onze anos; e o dote tremendo. Falam em quinhentos contos. Há apenas a questão de sangue e o dela coitadinha... Enfim, como se diz em heráldica, — o Rei faz a pastora Rainha. *E os Ramires, não só vêm dos Reis, mas os Reis vêm dos Ramires. — E agora passando a assunto menos interessante... »*

Discretamente João Gouveia dobrou a carta, que entregou a Gracinha, louvando a Sra. D. Maria Mendonça como um «repórter» precioso. Depois, com um cumprimento:

— E, minha senhora, se as previsões dela se realizam...

Mas não! Gracinha não acreditava!

Ora! imaginações da Maria Mendonça.

— O primo António bem a conhece, sabe como ela é casamenteira...

— Pois se até a mim me quis casar — ribombou o Titó, saltando do rebordo da varanda. — Imagine a prima... Até a mim! Com a viúva Pinho, da loja de panos.

— Credo!

Mas o Gouveia insistia, com superioridade, um sentimento verdadeiro da vida positiva:

— Olhe, Sra. D. Graça, acredite V. Ex.ª, sempre era melhor arranjo para o Gonçalo que a África... Eu não acredito nesses prazos... Nem na África. Tenho horror à África. Só serve para nos dar desgostos. Boa para vender, minha senhora! A África é como essas

quintarolas, meio a monte, que a gente herda duma tia velha, numa terra muito bruta, muito distante, onde não se conhece ninguém, onde não se encontra sequer um estanco; só habitada por cabreiros, e com sezões todo o ano. Boa para vender.

Gracinha enrolava lentamente nos dedos a fita do avental:

— O quê! vender o que tanto custou a ganhar, com tantos trabalhos no mar, tanta perda de vida e fazenda?!

O Administrador protestou logo, com calor, já enristado para a controvérsia:

— Quais trabalhos, minha senhora? Era desembarcar ali na areia, plantar umas cruzes de pau, atirar uns safanões aos pretos... Essas glórias de África são balelas. Está claro, V. Ex.ª fala como fidalga, neta de fidalgos. Mas eu como

economista. E digo mais...

O seu dedo agudo ameaçava argumentos agudos.

Titó acudiu, salvou Gracinha:

— Oh Gouveia, nós estamos a tirar o tempo à prima Graça, que anda nos seus arranjos. Essas questões de África são para depois, com o Gonçalo, à sobremesa... E então, minha querida prima, até domingo, em Craquede. Lá comparece o rancho todo. E quem atira osfoguetes sou eu!

Mas Gouveia, cofiando o coco com a manga, ainda esperava converter a Sra. D. Graça às ideias sãs, sobre Política Colonial.

— Era vender, minha senhora, era vender! — Ela sorria, já consentia — tomando a mão do Videirinha, que

hesitava, com os dedos espetados:

— E então, Sr. Videira, tem agora algumas quadras novas para o *Fado?*

Corando, Videirinha, balbuciou que «arranjara uma coisita, também num fado, para a volta do Sr. Doutor». Gracinha prometeu decorar, para cantar ao piano.

— Muito agradecido a V. Ex.ª.. Criado de V. Ex.ª..

— Então até domingo, primo António... Está uma tarde linda.

— Até domingo, em Craquede, prima.

Mas à porta envidraçada, João Gouveia parou mais teso, bateu na testa:

— Já me esquecia, desculpe V. Ex.ª! Recebi uma carta do André Cavaleiro, da Figueira da Foz. Manda muitas saudades ao Barrolo. E quer saber se o Barrolo lhe

poderia ceder daquele vinho verde de Vidainhos. É também para um africanista, para o conde de S. Romão... Parece que a Sra. Condessa se pela por vinho verde!

E os três amigos, em fila, atravessaram a sala de jantar, onde o vozeirão do Titó ainda ribombou, louvando a esteira nova de cores. No corredor, Videirinha espreitou para a livraria, notou o molho de penas de pato espetado no velho tinteiro de latão, que esperava, rebrilhando solitariamente sobre a mesa nua sem papéis nem livros. Depois a Rosa apareceu à porta do quarto de Gonçalo, ajoujada de roupa, com um riso em cada ruga da sua face redonda e cor de tijolo, que o farto lenço de cambraia, muito branco, circundava como um nimbo. O Titó afagou carinhosamente

o ombro da boa cozinheira:

— Então, tia Rosa, agora recomeçam essas grandes petisqueiras, hem?

— Louvado seja Deus, Sr. D. António! Que imaginei que não tornava a ver o meu rico senhor. Também já tinha decidido... Se me enterrassem o corpo aqui em Santa Ireneia, antes de eu ver o menino, a alma com certeza ia à África para lhe fazer uma visita.

Os seus miúdos olhos piscaram, lagrimejando de gosto — e seguiu pelo corredor, tesa e decidida com a sua trouxa, que rescendia a maçã camoesa. O Gouveia murmurava com uma careta: «Safa!» E os três amigos desceram ao pátio onde, por curiosidade do Titó, visitaram as obras da cavalariça.

— Veja você! — exclamou ele para

o Gouveia, que acendia o charuto. — Você a negar!... Mobílias, obras, égua inglesa... Tudo já dinheiro de África.

O Administrador encolheu os ombros:

— Veremos depois como ele traz o fígado...

Diante do portão o Titó ainda parou a colher, na roseira costumada, uma rosinha para florir o jaquetão de veludilho. E justamente entrava o Padre Soeiro, recolhendo duma volta pelos Bravais, com o seu grande guarda-sol de paninho e o seu breviário. Todos acolheram com carinho o santo e douto velho, tão raro agora na Torre.

— E então no domingo, cá temos o nosso homem, Padre Soeiro!

O capelão achatou sobre o peito a

mão gorda, com reverência, com gratidão...

— Deus ainda me quis conceder, na minha velhice, mais esse grande favor... Pois mal o esperava. Terras tão ásperas, e ele tão delicado...

E para conversar de Gonçalo, da espera em Craquede, acompanhou aqueles senhores até à ponte da Portela. João Gouveia manquejava, aperrado por umas infames botas novas que nessa manhã estreara. E descansaram um momento no belo banco de pedra que o pai de Gonçalo mandara colocar, quando Governador Civil de Oliveira. Era esse o doce sítio de onde se avista Vila Clara, tão asseada, sempre tão branca, àquela hora toda rosada, desde o vasto convento de Santa Teresa até ao muro novo do cemitério no

alto, com os seus finosciprestes.

Para além dos outeiros de Valverde, longe, sobre a Costa, o Sol descia, vermelho como um metal candente que arrefece, entre nuvens vermelhas, acendendo ainda, em ouro coruscante, as janelas da vila.

Ao fundo do vale, uma claridade nimbava as altas ruínas de Santa Maria de Craquede, entre o seu denso arvoredo. Sob o arco, o rio cheio corria sem um rumor, já dormente na sombra dos choupos finos, onde ainda pássaros cantavam. E na volta da estrada, por cima dos álamos que escondiam o casarão, a velha Torre, mais velha que a vila e que as ruínas do Mosteiro, e que todos os casais espalhados, erguia o seu esguio miradouro, envolto no voo escuro dos

morcegos, espreitando silenciosamente a planície e o Sol sobre o mar, como em cada tarde, desses mil anos, desde o Conde Ordonho Mendes.

Um pequeno com uma alta aguilhada passou, recolhendo duas vacas lentas. Do lado da vila, o Padre José Vicente da Finta trotou na sua égua branca, saudou o Sra.dministrador, o amigo Soeiro, abençoando também a chegada do Fidalgo, para quem já preparara uma bela cesta da sua uva moscatel. Três caçadores, com uma matilha de coelheiros, atravessaram a estrada, descendo pelo portelo à quelha que contorna o casal do Miranda.

Um silêncio ainda claro, de imenso repouso, tão doce como se descesse do Céu, cobria a largueza povoada dos

campos, onde não se movia uma folha, na macia transparência do ar de setembro. Os fumos das lareiras acesas já se escapavam, lentos e leves, de entre a telha rala. Na loja do João ferreiro, adiante da Portela, o clarão da forja avivou, mais vermelho. Um bumbum de tambor bateu festivamente para o lado dos Bravais, cresceu apressado, marchando; nalgum cabeço, depois lentamente se afastou, esmoreceu, logo sumido, em arvoredos ou no vale mais fundo.

João Gouveia, que se recostara no canto do largo assento de pedra, com o seu coco sobre os joelhos, acenou para o lado dos Bravais:

— Estou a lembrar aquela passagem do romance do Gonçalo, quando os Ramires se preparam para socorrer as

Infantas, andam a reunir a mesnada. E assim, a estas horas da tarde, com tambores: e por sítios... «Na frescura do vale...» Não! «Pelo vale de Craquede...» Também não! Esperem vocês, que eu tenho boa memória... Ah! «E por todo o fresco vale até Santa Maria de Craquede, os tambores mouriscos abafados no arvoredo, tarará! tarará! ou mais vivos nos cerros, rataplã! rataplã! convocavam à mesnada dos Ramires, na doçura da tarde...» E lindo!

Por sobre as costas do Titó que, debruçado, riscava pensativamente com o bengalão a poeira da estrada, Videirinha adiantou para o seu chefe a face estendida, com um sorriso de finura:

— Oh Sra.dministrador, olhe que talvez seja ainda mais bonito, quando os

Ramires largam a perseguir o Bastardo! Cá para mim, tem mais poesia. Quando o velho faz aquela jura com a espada e depois lá na Torre, muito devagar, começa a tocar a finados... É de apetite!

À borda do assento, encolhido contra o Titó, para que o Sra.dministrador se alastrasse confortavelmente, Padre Soeiro, com as mãos no cabo do seu guarda-sol, concordou:

— Com certeza! são lances interessantes... Com certeza! Naquela novela há imaginação rica, muito rica; e há saber, há verdade.

O Titó, que depois de *Simão de Nantua*, em pequeno, não abrira mais as folhas dum livro, e não lera a *Torre de D. Ramires*, murmurou, com um risco mais largo na poeira:

— Extraordinário, aquele Gonçalo!

O Videirinha não findara o seu enlevado sorriso:

— Tem muito talento... Ali! o Sr. Doutor tem muito talento.

— Tem muita graça! — exclamou o Titó, levantando a cabeça. — E é o que o salva dos defeitos... Eu sou amigo de Gonçalo, e dos firmes. Mas não o escondo, nem a ele... Sobretudo a ele. Muito leviano, muito incoerente... Mas tem a raça que o salva.

— E a bondade, Sra.ntónio Vilalobos! — atalhou docemente Padre Soeiro. — A bondade, sobretudo como a do Sr. Gonçalo, também salva... Olhe, às vezes há um homem muito sério, muito puro, muito austero, um Catão que nunca cumpriu senão o dever e a lei... E todavia

ninguém gosta dele, nem o procura. Porquê? Porque nunca deu, nunca perdoou, nunca acarinhou, nunca serviu. E ao lado outro leviano, descuidado, que tem defeitos, que tem culpas, que esqueceu mesmo o dever, que ofendeu mesmo a lei... Mas quê? E amorável, generoso, dedicado, serviçal, sempre com uma palavra doce, sempre com um rasgo carinhoso... E por isso todos o amam, e não sei mesmo, Deus me perdoe, se Deus também o não prefere...

A curta mão que acenara para o Céu, recaiu sobre o cabo de osso do guarda-sol. Depois, e corado com a temeridade de pensamento tão espiritual, acudiu cautelosamente:

— Que esta não é propriamente doutrina da Igreja!... Mas anda nas almas;

anda já em muitas almas.

Então João Gouveia abandonou o recosto do banco de pedra e teso na estrada, com o coco à banda, reabotoando a sobrecasaca, como sempre que estabelecia um resumo:

— Pois eu tenho estudado muito o nosso amigo Gonçalo Mendes. E sabem vocês, sabe o Sr. Padre Soeiro quem ele me lembra?

— Quem?

Talvez se riam. Mas eu sustento a semelhança. Aquele todo de Gonçalo, a franqueza, a doçura, a bondade, a imensa bondade, que notou o Sr. Padre Soeiro... Os fogachos e entusiasmos, que acabam logo em fumo, e juntamente muita persistência, muito aferro quando se fila à sua ideia... A generosidade, o desleixo, a

constante trapalhada nos negócios, e sentimentos de muita honra, uns escrúpulos, quase pueris, não é verdade?... A imaginação que o leva sempre a exagerar até à mentira, e ao mesmo tempo um espírito prático, sempre atento à realidade útil. A viveza, a facilidade em compreender, em apanhar... A esperança constante nalgum milagre, no velho milagre de Ourique, que sanará todas as dificuldades... A vaidade, o gosto de se arrebicar, de luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço a um mendigo... Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociável. A desconfiança terrível de si mesmo, que o acobarda, o encolhe, até que um dia se decide, e aparece um herói, que tudo arrasa... Até aquela antiguidade

de raça, aqui pegada à sua velha Torre, há mil anos... Até agora aquele arranque para a África... Assim todo completo, com o bem, com o mal, sabem vocês quem ele me lembra?

— Quem?

— Portugal.

Os três amigos retomaram o caminho de Vila Clara. No céu branco uma estrelinha tremeluzia sobre Santa Maria de Craquede. E Padre Soeiro, com o seu guarda-sol sob o braço, recolheu à Torre vagarosamente, no silêncio e doçura da tarde, rezando as suas Ave-Marias, e pedindo a paz de Deus para Gonçalo, para todos os homens, para campos e casais adormecidos, e para a terra formosa de Portugal, tão cheia de graça amorável, que sempre bendita fosse entre as terras.

A CIDADE E AS SERRAS

Primeira edição: 1901

1

O meu amigo Jacinto nasceu num palácio, com cento e nove contos de renda em terras de semeadura, de vinhedo, de cortiça e de olival.

No Alentejo, pela Estremadura, através das duas Beiras, densas sebes ondulando por e vale, muros altos de boa pedra, ribeiras, estradas, delimitavam os campos desta velha família agrícola que já entulhava o grão e plantava cepa em tempos de el-rei D. Dinis. A sua quinta e casa senhorial de Tormes, no Baixo Douro, cobriam uma serra. Entre o Tua e o Tinhela, por cinco fartas léguas, todo o torrão lhe pagava foro. E cerrados pinheirais seus negrejavam desde Arga

até ao mar de Âncora. Mas o palácio onde Jacinto nascera, e onde sempre habitara, era em Paris, nos Campos Elísios, n.º 202.

Seu avô, aquele gordíssimo e riquíssimo Jacinto a quem chamavam em Lisboa o *D. Galião*, descendo uma tarde pela travessa da Trabuqueta, rente de um muro de quintal que uma parreira toldava, escorregou numa casca de laranja e desabou no lajedo. Da portinha da horta saía nesse momento um homem moreno, escanhoado, de grosso casaco de baetão verde e botas altas de picador, que, galhofando e com uma força fácil, levantou o enorme Jacinto — até lhe apanhou a bengala de castão de ouro que rolara para o lixo. Depois, demorando nele os olhos pestanudos e pretos:

— Ó Jacinto *Galião*, que andas tu aqui, a estas horas, a rebolar pelas pedras?

E Jacinto, aturdido e deslumbrado, reconheceu o Sr. Infante D. Miguel!

Desde essa tarde amou aquele bom Infante como nunca amara, apesar de tão guloso, o seu ventre, e apesar de tão devoto o seu Deus! Na sala nobre da sua casa (à Pampulha) pendurou sobre os damascos o retrato do "seu Salvador", enfeitado de palmitos como um retábulo e, por baixo a bengala que as magnânimas mãos reais tinham erguido do lixo. Enquanto o adorável, desejado Infante penou no desterro de Viena, o barrigudo senhor corria, sacudido na sua sege amarela, do botequim do Zé Maria em Belém à botica do Plácido nos Algibebes,

a gemer as saudades do *anjinho*, a tramar o regresso do *anjinho*. No dia, entre todos bendito, em que a *Pérola* apareceu à barra com o Messias, engrinaldou a Pampulha, ergueu no Caneiro um monumento de papelão e lona onde D. Miguel, tornado S. Miguel, branco, de auréola e asas de Arcanjo, furava de cima do seu corcel de Alter o Dragão do Liberalismo, que se estorcia vomitando a Carta. Durante a guerra com o "outro, com o pedreiro-livre" mandava recoveiros a Santo Tirso, a S. Gens, levar ao Rei fiambres, caixas de doce, garrafas do seu vinho de Tarrafal, e bolsas de retrós atochadas de peças que ele ensaboava para lhes avivar o ouro. E quando soube que o Sr. Miguel, com dois velhos baús amarrados sobre um macho, tomara o caminho de Sines e do

final desterro — Jacinto *Galião* correu pela casa, fechou todas as janelas como num luto, berrando furiosamente:

— Também cá não fico! Também cá não fico!

Não, não queria ficar na terra perversa de onde partia, esbulhado e escorraçado, aquele Rei de Portugal que levantava na rua os Jacintos! Embarcou para França com a mulher, a Sra. D. Angelina Fafes (da tão falada casa dos Fafes da Avelã); com o filho, o Cintinho, menino amarelinho, molezinho, coberto de caroços e leicenços; com a aia e com o moleque. Nas costas da Cantábria o paquete encontrou tão rijos mares que a Sra. D. Angelina, esguedelhada, de joelhos na enxerga do beliche, prometeu ao Senhor dos Passos de Alcântara uma

coroa de espinhos, de ouro, com as gotas de sangue em rubis do Pegu. Em Baiona, onde arribaram, Cintinho teve icterícia. Na estrada de Orleães, numa noite agreste, o eixo da berlinda em que jornadeavam partiu, e o nédio senhor, a delicada senhora da casa da Avelã, o menino, marcharam três horas na chuva e na lama do exílio até uma aldeia, onde, depois de baterem como mendigos a portas mudas, dormiam nos bancos de uma taberna. No "Hotel dos Santos Padres", em Paris, sofreram os terrores de um fogo que rebentara na cavalariça, sob o quarto de *D. Galião*, e o digno fidalgo, rebolando pelas escadas em camisa, até ao pátio, enterrou o pé nu numa lasca de vidro. Então ergueu amargamente ao Céu o punho cabeludo, e rugiu:

— Irra! É demais!

Logo nessa semana, sem escolher, Jacinto *Galião* comprou a um príncipe polaco, que depois da tomada de Varsóvia se metera frade cartuxo, aquele palacete dos Campos Elísios, n.º 202. E sob o pesado ouro dos seus estuques, entre as suas ramalhudas sedas se enconchou, descansando de tantas agitações, numa vida de pachorra e de boa mesa, com alguns companheiros de emigração (o desembargador Nuno Velho, o conde de Rabacena, outros menores), até que morreu de indigestão, de uma lampreia de escabeche que mandara o seu procurador em Montemor. Os amigos pensavam que a Sra. D. Angelina Fafes voltaria ao reino. Mas a boa senhora temia a jornada, os mares, as caleças que racham. E não se

queria separar do seu Confessor, nem do seu Médico, que tão bem lhe compreendiam os escrúpulos e a asma.

— Eu, por mim, aqui fico no 202 — declarara ela —, ainda que me faz falta a boa água de Alcolena... O Cintinho, esse, em crescendo, que decida.

O Cintinho crescera. Era um moço mais esguio e lívido que um círio, de longos cabelos corredios, narigudo, silencioso, encafuado em roupas pretas, muito largas e bambas; de noite, sem dormir, por causa da tosse e de sufocações, errava em camisa com uma lamparina através do 202; e os criados na copa sempre lhe chamavam a *Sombra*. Nessa sua mudez e indecisão de sombra surdira, ao fim do luto do papá, o gosto muito vivo de tornear madeiras ao torno;

depois, mais tarde, com a medida flor dos seus vinte anos, brotou nele outro sentimento, de desejo e de pasmo, pela filha do desembargador Velho, uma menina redondinha como uma rola, educada num convento de Paris, e tão habilidosa que esmaltava, dourava, consertava relógios e fabricava chapéus de feltro. No outono de 1851, quando já se desfolhavam os castanheiros dos Campos Elísios, o Cintinho cuspilhou sangue. O médico acarinhando o queixo e com uma ruga séria na testa imensa, aconselhou que o menino abalasse para o golfo Juan ou para as tépidas areias de Arcachon.

Cintinho, porém, no seu aferro de sombra, não se quis arredar da Teresinha Velho, de quem se tornara, através de

Paris, a muda, tardonha sombra. Como uma sombra, casou; deu mais algumas voltas ao torno; cuspiu um resto de sangue; e passou, como uma sombra.

Três meses e três dias depois do seu enterro o meu Jacinto nasceu.

Desde o berço, onde a avó espalhava funcho e âmbar para afugentar a *Sorte-Ruim*, Jacinto medrou com a segurança, a rijeza, a seiva rica de um pinheiro das dunas.

Não teve sarampo e não teve lombrigas. As letras, a Tabuada, o Latim entraram por ele tão facilmente como o sol por uma vidraça. Entre os camaradas, nos pátios dos colégios, erguendo a sua espada de lata e lançando um brado de

comando, foi logo o vencedor, o Rei que se adula, e a quem se cede a fruta das merendas. Na idade em que se lê Balzac e Musset nunca atravessou os tormentos da sensibilidade; — nem crepúsculos quentes o retiveram na solidão de uma janela, padecendo de um desejo sem forma e sem nome. Todos os seus amigos (éramos três, contando o seu velho escudeiro preto, o Grilo) lhe conservaram sempre amizades puras e certas — sem que jamais a participação do seu luxo as avivasse ou fossem desanimadas pelas evidências do seu egoísmo. Sem coração bastante forte para conceber um amor forte, e contente com esta incapacidade que o libertava, do amor só experimentou o mel — esse mel que o amor reserva aos que o recolhem, à maneira das abelhas, com ligeireza,

mobilidade e cantando. Rijo, rico, indiferente ao Estado e ao Governo do Homens, nunca lhe conhecemos outra ambição além de compreender bem as Ideias Gerais; e a sua inteligência, nos anos alegres de escolas e controvérsias, circulava dentro das Filosofias mais densas como enguia lustrosa na água limpa de um tanque. O seu valor, genuíno, de fino quilate, nunca foi desconhecido, nem desaparecido; e toda a opinião, ou mera facécia que lançasse, logo encontrava uma aragem de simpatia e concordância que a erguia, a mantinha embalada e rebrilhando nas alturas. Era servido pelas coisas com docilidade e carinho; — e não recordo que jamais lhe estalasse um botão da camisa, ou que um papel maliciosamente se escondesse dos

seus olhos, ou que ante a sua vivacidade e pressa uma gaveta pérfida emperrasse. Quando um dia, rindo com descrido riso da Fortuna e da sua roda, comprou a um sacristão espanhol um Décimo de Lotaria, logo a Fortuna, ligeira e ridente sobre a sua roda, correu num fulgor, para lhe trazer quatrocentas mil pesetas. E no céu as Nuvens, pejadas e lentas se avistavam Jacinto sem guarda-chuva, retinham com reverência as suas águas até que ele passasse... Ah! O âmbar e o funcho da Sra. D. Angelina tinham escorraçado do seu destino, bem triunfalmente e para sempre, a *Sorte-Ruim!* A amorável avó (que eu conheci obesa, com barba) costumava citar um soneto natalício do desembargador Nunes Velho contendo um verso de boa lição:

Sabei, senhora, que esta vida é um rio...

Pois um rio de verão, manso, translúcido, harmoniosamente estendido sobre uma areia macia e alva, por entre arvoredos fragrantes e ditosas aldeias, não ofereceria àquele que o descesse num barco de cedro, bem toldado e bem almofadado, com frutas e champanhe a refrescar em gelo, um Anjo governando ao leme, outros Anjos puxando à sirga, mais segurança e doçura do que a Vida oferecia ao meu amigo Jacinto.

Por isso nós lhe chamávamos "o Príncipe da Grã-Ventura"!

Jacinto e eu, José Fernandes, ambos nos encontrámos e acamaradámos em

Paris, nas Escolas do Bairro Latino — para onde me mandara meu bom tio Afonso Fernandes Lorena de Noronha e Sande, quando aqueles malvados me riscaram da Universidade por eu ter esborrachado, numa tarde de procissão, na Sofia, a cara sórdida do Dr. Pais Pita. Ora nesse tempo Jacinto concebera uma ideia... Este Príncipe concebera a ideia de que o “homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado”. E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristóteles, e multiplicando a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados desde Terâmenes, criador da roda, se torna um magnífico Adão, quase

omnipotente, quase omnisciente, e apto portanto a recolher dentro de uma sociedade, e nos limites do Progresso (tal como ele se comportava em 1875) todos os gozos e todos os proveitos que resultam de Saber e Poder... Pelo menos assim Jacinto formulava copiosamente a sua ideia, quando conversávamos de fins e destinos humanos, sorvendo *bocks* poeirentos, sob o toldo das cervejarias filosóficas, no Boulevard Saint-Michel.

Este conceito de Jacinto impressionara os nossos camaradas de cenáculo, que tendo surgido para a vida intelectual, de 1866 a 1875, entre a batalha de Sadova e a batalha de Sedan e ouvindo constantemente, desde então, aos técnicos e aos filósofos, que fora a Espingarda-de-agulha que vencera em

Sadova e fora o Mestre-de-escola quem vencera em Sedan, estavam largamente preparados a acreditar que a felicidade dos indivíduos, como a das nações, se realiza pelo ilimitado desenvolvimento da Mecânica e da Erudição. Um desses moços mesmo, o nosso inventivo Jorge Carlande, reduzira a teoria de Jacinto, para lhe facilitar a circulação e lhe condensar o brilho, a uma forma algébrica:

Suma ciência x Suma potência = Suma felicidade

E durante dias, do Odeon à Sorbona, foi louvada pela mocidade positiva a *Equação Metafísica de Jacinto*.

Para Jacinto, porém, o seu conceito

não era meramente metafísico e lançado pelo gozo elegante de exercer a razão especulativa: — mas constituía uma regra, toda de realidade e de utilidade, determinando a conduta, modalizando a vida. E já a esse tempo, em concordância com o seu preceito — ele se surtira da *Pequena Enciclopédia dos Conhecimentos Universais* em setenta e cinco volumes e instalara, sobre os telhados do 202, num mirante envidraçado, um telescópio. Justamente com esse telescópio me tornou ele palpável a sua ideia, numa noite de agosto, de mole e dormente calor. Nos céus remotos lampejavam relâmpagos lânguidos. Pela Avenida dos Campos Elísios, os fiacres rolavam para as frescuras do Bosque, lentos, abertos,

cansados, transbordando de vestidos claros.

— Aqui tens tu, Zé Fernandes — começou Jacinto, encostado à janela do mirante —, a teoria que me governa, bem comprovada. Com estes olhos que recebemos da Madre natureza, lestos e sãos, nós podemos apenas distinguir além, através da Avenida, naquela loja, uma vidraça alumiada. Mais nada! Se eu porém aos meus olhos juntar os dois vidros simples de um binóculo de corridas, percebo, por trás da vidraça, presuntos, queijos, boiões de geleia e caixas de ameixa seca. Concluo portanto que é uma mercearia. Obtive uma noção: tenho sobre ti, que com os olhos desarmados vês só o luzir da vidraça, uma vantagem positiva. Se agora, em vez

destes vidros simples, eu usasse os do meu telescópio, de composição mais científica, poderia avistar além, no planeta Marte, os mares, as neves, os canais, o recorte dos golfos, toda a geografia de um astro que circula a milhares de léguas dos Campos Elísios. É outra noção, e tremenda! Tens aqui pois o olho primitivo, o da Natureza, elevado pela Civilização à sua máxima potência de visão. E desde já, pelo lado do olho portanto, eu, civilizado, sou mais feliz que o incivilizado, porque descubro realidades do Universo que ele não suspeita e de que está privado. Aplica esta prova a todos os órgãos e compreenderás o meu princípio. Enquanto à inteligência, e à felicidade que dela se tira pela incansável acumulação das

noções, só te peço que compares Renan e o Grilo... Claro é portanto que nos devemos cercar da Civilização nas máximas proporções para gozar nas máximas proporções a vantagem de viver. Agora concordas, Zé Fernandes?

Não me parecia irrecusavelmente certo que Renan fosse mais feliz que o Grilo; nem eu percebia que vantagem espiritual ou temporal se colha em distinguir através do espaço manchas num astro, ou através da Avenida dos Campos Elísios presuntos numa vidraça. Mas concordei, porque sou bom, e nunca desalojarei um espírito do conceito onde ele encontra segurança, disciplina e motivo de energia. Desabotoei o colete, e lançando um gesto para o lado do café e das luzes:

— Vamos então beber, nas máximas proporções, *brandy and soda*, com gelo?

Por uma conclusão bem natural, a ideia de Civilização, para Jacinto, não se separava da imagem de Cidade, de uma enorme Cidade, com todos os seus vastos órgãos funcionando poderosamente. Nem este meu supercivilizado amigo compreendia que longe de armazéns servidos por três mil caixeiros; e de Mercados onde se despejam os vergéis e lezírias de trinta províncias; e de Bancos em que retine o ouro universal; e de Fábricas fumegando com ânsia, inventando com ânsia; e de Bibliotecas abarrotadas, a estalar, com a papelada dos séculos; e de fundas milhas de ruas, cortadas, por baixo e por cima, de fios de telégrafos, de fios de telefones, de canos

de gases, de canos de fezes; e da fila atroante dos ônibus, tramas, carroças, velocípedes, calhambeques, parelhas de luxo; e de dois milhões de uma vaga humanidade, fervilhando, a ofegar, através da Polícia, na busca dura do pão ou sob a ilusão do gozo — o homem do século XIX pudesse saborear, plenamente, a delícia de viver!

Quando Jacinto, no seu quarto do 202, com as varandas abertas sobre os lilases, me desenrolava estas imagens, todo ele crescia, iluminado. Que criação augusta, a da Cidade! Só por ela, Zé Fernandes, só por ela, pode o homem soberbamente afirmar a sua alma!...

— Ó Jacinto, e a religião? Pois a religião não prova a alma?

Ele encolhia os ombros. A religião!

A religião é o desenvolvimento suntuoso de um instinto rudimentar, comum a todos os brutos, o terror. Um cão lambendo a mão do dono, de quem lhe vem o osso ou o chicote, já constitui toscamente um devoto, o consciente devoto, prostrado em rezas ante o Deus que distribui o Céu ou o Inferno!... Mas o telefone! O fonógrafo!

— Aí tens tu, o fonógrafo, Zé Fernandes, me faz verdadeiramente sentir a minha superioridade de se pensante e me separa do bicho. Acredita, não há senão a Cidade, Zé Fernandes, não há senão a Cidade!

E depois — acrescentava — só a Cidade lhe dava a sensação, tão necessária à vida como o calor, da solidariedade humana. E no 202, quando considerava em redor, nas densas massas

do casario de Paris, dois milhões de seres arquejando na obra da Civilização (para manter na natureza o domínio dos Jacintos!), sentia um sossego, um conchego, só comparáveis ao do peregrino, que, ao atravessar o deserto, se ergue no seu dromedário, e avista a longa fila da caravana marchando, cheia de lumes e de armas...

Eu murmurava, impressionado:

— Caramba!

Ao contrário no campo, entre a inconsciência e a impassibilidade da Natureza, ele tremia com o terror da sua fragilidade e da sua solidão. Estava aí como perdido num mundo que lhe não fosse fraternal; nenhum silvado encolheria os espinhos para que ele passasse; se gemesse com fome nenhuma árvore, por

mais carregada, lhe estenderia o seu fruto na ponta compassiva de um ramo. Depois, em meio da Natureza, ele assistia à súbita e humilhante inutilização de todas as suas faculdades superiores. De que servia, entre plantas e bichos — ser um Génio ou ser um Santo? As searas não compreendem as Geórgicas, e fora necessário o socorro ansioso de Deus, e a inversão de todas as leis naturais, e um violento milagre para que o lobo de Agubio não devorasse S. Francisco de Assis, que lhe sorria e lhe estendia os braços e lhe chamava “meu irmão lobo!” Toda a intelectualidade, nos campos, se esteriliza, e só resta a bestialidade. Nesses reinos crassos do Vegetal e do animal duas únicas funções se mantêm vivas, a nutritiva e a procriadora. Isolada,

sem ocupação, entre focinhos e raízes que não cessam de sugar e de pastar, sufocando no cálido bafo da universal fecundação, a sua pobre alma toda se engelhava, se reduzia a uma migalha de alma, uma fagulhazinha espiritual a tremeluzir, como morta, sobre um naco de matéria; e nessa matéria dois instintos surdiam, imperiosos e pungentes, o de devorar e o de gerar. Ao cabo de uma semana rural, de todo o seu ser tão nobremente composto só restava um estômago e por baixo um falo! A alma? Sumida sob a besta. E necessitava correr, reentrar na Cidade, mergulhar nas ondas lustrais da Civilização, para largar nelas a crosta vegetativa, e ressurgir reumanizado, de novo espiritual e Jacíntico!

E estas requintadas metáforas do meu amigo exprimiam sentimentos reais — que eu testemunhei, que muito me divertiram, no único passeio que fizemos ao campo, à bem amável e bem sociável floresta de Montmorency. Ó delícias de entremez, Jacinto entre a Natureza! Logo que se afastava dos pavimentos de madeira, do macadame, qualquer chão que os seus pés calcassem o enchia de desconfiança e terror. Toda a relva, por mais crestada, lhe parecia ressumar uma umidade mortal. De sob cada torrão, da sombra de cada pedra, receava o assalto de lacraus, de víboras, de formas rastejantes e viscosas. No silêncio do bosque sentia um lúgubre despovoamento do Universo. Não tolerava a familiaridade dos galhos que lhe roçassem a manga ou a face. Saltar

uma sebe era para ele um ato degradante que o retrogradava ao macaco inicial. Todas as flores que não tivesse já encontrado em jardins, domesticadas por longos séculos de servidão ornamental, o inquietavam como venenosas. E considerava de uma melancolia funambulesca certos modos e formas do Ser inanimado, a pressa espeta e vã dos regatinhos, a careca dos rochedos, todas as contorções do arvoredo e o seu resmungar solene e tonto.

Depois de uma hora, naquele honesto bosque de Montmorency, o meu pobre amigo abafava, apavorado, experimentando já esse lento minguar e sumir de alma que o tornava como um bicho entre bichos. Só desanuviou quando penetramos no lajedo e no gás de Paris —

e a nossa vitória quase se despedaçou contra um ônibus retumbante, atulhado de cidadãos. Mandou descer pelos Boulevards, para dissipar, na sua grossa sociabilidade, aquela materialização em que sentia a cabeça pesada e vaga como a de um boi. E reclamou que eu o acompanhasse ao teatro das Variedades para sacudir, com os estribilhos da *Femme à Papa*, o rumor importuno que lhe ficara dos melros cantando nos choupos altos.

Este delicioso Jacinto fizera então vinte e três anos, e era um soberbo moço em quem reaparecera a força dos velhos Jacintos rurais. Só pelo nariz, afilado, como narinas quase transparentes, de uma mobilidade inquieta, como se andasse fariscando perfumes, pertencia às

delicadezas do século XIX. O cabelo ainda se conservava, ao modo das eras rudes, crespo e quase lanígero; e o bigode, como o de um Celta, caía em fios sedosos, que ele necessitava aparar e frisar. Todo o seu fato, as espessas gravatas de cetim escuro que uma pérola prendia, as luvas de anta branca, o verniz das botas, vinham de Londres em caixotes de cedro; e usava sempre ao peito uma flor, não natural, mas composta destramente pela sua ramalheira com pétala de flores dissemelhantes, cravo, azálea, orquídea ou tulipa, fundidas na mesma haste entre uma leve folhagem de funcho.

Em 1880, em fevereiro, numa

cinzenta e arrepiada manhã de chuva, recebi uma carta de meu bom tio Afonso Fernandes, em que, depois de lamentações sobre os seus setenta anos, os seus males hemorroidais, e a pesada gerência dos seus bens “que pedia homem mais novo, com pernas mais rijas” — me ordenava que recolhesse à nossa casa de Guiães, no Douro! Encostado ao mármore partido do fogão, onde na véspera a minha Nini deixara um espartilho embrulhado no *Jornal dos Debates*, censurei severamente meu tio que assim cortava em botão, antes de desabrochar, a flor do meu Saber Jurídico. Depois num *post-scriptum* ele acrescentava: — “O tempo aqui está lindo, o que se pode chamar de rosas, e tua santa tia muito se recomenda, que anda lá pela cozinha, porque vai hoje em trinta

e seis anos que casamos, temos cá o abade e o quintais a jantar, e ela quis fazer uma sopa dourada”.

Deitando uma acha ao lume, pensei como devia estar boa a sopa dourada da tia Vicência. Há quantos anos não a provava, nem o leitão assado, nem o arroz de forno da nossa casa! Com o tempo assim tão lindo, já as mimosas do nosso pátio vergariam sob os seus grandes cachos amarelos. Um pedaço de céu azul, do azul de Guiães, que outro não há tão lustroso e macio, entrou pelo quarto, alumiou, sobre a puída tristeza do tapete, relvas, ribeirinhos, malmequeres e flores de trevo de que meus olhos andavam aguados. E, por entre as bambinelas de sarja, passou um ar fino e forte e cheiroso de serra e de pinheiral.

Assobiando o fado meigo tirei debaixo da cama a minha velha mala, e meti solicitamente entre calças e peúgas um *Tratado de Direito Civil*, para aprender enfim, nos vagares da aldeia, estendido sob a faia, as leis que regem os homens. Depois, nessa tarde, anunciei a Jacinto que partia para Guiães. O meu camarada recuou com um surdo gemido de espanto e piedade:

— Para Guiães!...Ó Zé Fernandes, que horror!

E toda essa semana me lembrou solicitamente confortos de que eu me deveria prover para que pudesse conservar, nos ermos silvestres, tão longe da Cidade, uma pouca de alma dentro de um pouco de corpo. “Leva uma poltrona! Leva a *Enciclopédia Geral*! Leva caixas

de aspargos!...”

Mas para o meu Jacinto, desde que assim me arrancavam da Cidade, eu era arbusto desarraigado que não reviverá. A mágoa com que me acompanhou ao comboio conviria excelentemente ao meu funeral. E quando fechou sobre mim a portinhola, gravemente, supremamente, como se cerra uma grade de sepultura, eu quase solucei — com saudades minhas.

Cheguei a Guiães. Ainda restavam flores nas mimosas do nosso pátio; comi com delícias a sopa dourada da tia Vicência; de tamancos nos pés assisti à ceifa dos milhos. E assim de colheitas a lavras, crestando ao sol das eiras, caçando a perdiz nos matos geados, rachando a melancia fresca na poeira dos arraiais, arranchando a magustos,

serandando à candeia, atiçando fogueiras de S. João, enfeitando presépios de Natal, por ali me passaram docemente sete anos, tão atarefados que nunca logrei abrir o *Tratado de Direito Civil*, e tão singelos que apenas me recordo quando, em vésperas de S. Nicolau, o abade caiu da égua à porta do Brás das Cortes. De Jacinto só recebia raramente algumas linhas, escrevinhadas à pressa por entre tumulto da Civilização. Depois, num setembro muito quente, ao lidar da vindima, meu bom tio Afonso Fernandes, morreu, tão quietamente, Deus seja louvado por esta graça, como se cala um passarinho ao fim do seu bem cantado e bem voado dia. Acabei pela aldeia a roupa de luto. A minha afilhada Joaninha casou na matança do porco. Andaram

obras no nosso telhado. Voltei a Paris.

2

Era de novo fevereiro, e um fim de tarde arrepiado e cinzento, quando eu desci os Campos Elísios em demanda do 202. Adiante de mim caminhava, levemente curvado, um homem que, desde as botas rebrilhantes até às abas recurvas do chapéu de onde fugiam anéis de um cabelo crespo, ressumava elegância e a familiaridade das coisas finas. Nas mãos, cruzadas atrás das costas, calçadas de anta branca, sustentava uma bengala grossa com castão de cristal. E só quando ele parou ao portão do 202 reconheci o nariz afilado, os fios do bigode corredios e sedosos.

— Ó Jacinto!

— Ó Zé Fernandes!

O abraço que nos enlaçou foi tão alvoroçado que o meu chapéu rolou na lama. E ambos murmurávamos, comovidos, entrando a grade:

— Há sete anos!...

E, todavia, nada mudara durante esses sete anos no jardim do 202! Ainda entre as duas áleas bem areadas se arredondava uma relva, mais lisa e varrida que a lã de um tapete. No meio o vaso coríntico esperava abril para resplandecer com tulipas e depois junho para transbordar de margaridas. E ao lado das escadas limiares, que uma vidraçaria toldava, as duas magras Deusas de pedra, do tempo de *D. Galião*, sustentavam as antigas lâmpadas de globos foscos, onde já silvava o gás.

Mas dentro, no peristilo, logo me surpreendeu um elevador instalado por Jacinto — apesar do 202 ter somente dois andares, e ligados por uma escadaria tão doce que nunca ofendera a asma da Sra. D. Angelina! Espaçoso, tapetado, ele oferecia, para aquela jornada de sete segundos, confortos numerosos, um divã, uma pele de urso, um roteiro das ruas de Paris, prateleiras gradeadas com charutos e livros. Na antecâmera, onde desembarcamos, encontrei a temperatura macia e tépida de uma tarde de maio, em Guiães. Um criado, mais atento ao termómetro que um piloto à agulha, regulava destramente a boca dourada do calorífero. E perfumadores entre palmeiras, como num terraço santo de Benares, esparziam um vapor,

aromatizando e salutarmente umedecendo aquele ar delicado e superfino.

Eu murmurei, nas profundidades do meu assombrado ser:

— Eis a Civilização!

Jacinto empurrou uma porta, penetramos numa nave cheia de majestade e sombra, onde reconheci a Biblioteca por tropeçar numa pilha monstruosa de livros novos. O meu amigo roçou de leve o dedo na parede: e uma coroa de lumes elétricos, refulgindo entre os lavores do teto, alumiou as estantes monumentais, todas de ébano. Nelas repousavam mais de trinta mil volumes, encadernados em branco, em escarlate, em negro, com retoques de ouro, hirtos na sua pompa e na sua autoridade como doutores num concílio.

Não contive a minha admiração:

— Oh, Jacinto! Que depósito!

Ele murmurou, num sorriso descorado:

— Há que ler, há que ler...

Reparei então que o meu amigo emagrecera: e que o nariz se lhe afilara mais entre duas rugas muito fundas, como as de um comediante cansado. Os anéis do seu cabelo lanígero rareavam sobre a testa, que perdera a antiga serenidade de mármore bem polido. Não frisava agora o bigode, murcho, caído em fios pensativos. Também notei que corcovava.

Ele erguera uma tapeçaria — entramos no seu gabinete de trabalho, que me inquietou. Sobre a espessura dos tapetes sombrios os nossos passos perderam logo o som, e como a realidade.

O damasco das paredes, os divãs, as madeiras, eram verdes, de um verde profundo de folha de louro. Sedas verdes envolviam as luzes elétricas, dispersas em lâmpadas tão baixas que lembravam estrelas caídas por cima das mesas, acabando de arrefecer e morrer: só uma rebrilhava, nua e clara, no alto de uma estante quadrada, esguia, solitária como uma torre numa planície, e de que o lume parecia ser o farol melancólico. Um biombo de laca verde, fresco de verde de relva, resguardava a chaminé de mármore verde, verde de mar sombrio, onde esmoreciam as brasas de uma lenha aromática. E entre aqueles verdes reluzia, por sobre peanhas e pedestais, toda uma Mecânica suntuosa, aparelhos, lâminas, rodas, tubos, engrenagens, hastes, friezas,

rigidezas de metais

Mas Jacinto batia nas almofadas do divã, onde se enterrara com um modo cansado que eu não lhe conhecia:

— Para aqui, Zé Fernandes, para aqui! É necessário reatarmos estas nossas vidas, tão apartadas há sete anos!... em Guiães, sete anos!

— E tu, que tens feito, Jacinto?

O meu amigo encolheu molemente os ombros. Vivera — cumprira com serenidade todas as funções, as que pertencem à matéria e as que pertencem ao espírito...

— E acumulaste civilização, Jacinto! Santo Deus... Está tremendo, o 202!

Ele espalhou em torno um olhar onde já não faiscava a antiga vivacidade:

— Sim, há confortos... Mas falta

muito! A humanidade ainda está mal apetrechada, Zé Fernandes... E a vida conserva resistências.

Subitamente, a um canto, repicou a campainha do telefone. E enquanto o meu amigo, curvado sobre a placa, murmurava impaciente *“Está lá? — Está lá?”*, examinei curiosamente, sobre a sua imensa mesa de trabalho, uma estranha e miúda legião de instrumentozinhos de níquel, de aço, de cobre, de ferro, com gumes, com argolas, com tenazes, com ganchos, com dentes, expressivos todos, de utilidades misteriosas. Tomei um que tentei manejar — e logo uma ponta malévola me picou um dedo. Nesse instante rompeu de outro canto um tiquetique açodado, quase ansioso. Jacinto acudiu, com a face no telefone:

— Vê aí o telégrafo!... Ao pé do divã. Uma tira de papel que deve estar a correr.

E, com efeito, de uma redoma de vidro posta numa coluna, e contendo um aparelho esperto e diligente, escorria para o tapete como uma ténia, a longa tira de papel com carateres impressos, que eu, homem das serras, apanhei, maravilhado. A linha, traçada em azul, anunciava ao meu amigo Jacinto que a fragata russa *Azoff* entrara em Marselha com avaria!

Já ele abandonara o telefone. Desejei saber, inquieto, se o prejudicava diretamente aquela avaria da *Azoff*.

— Da Azoff?... A avaria? A mim?... Não! É uma notícia.

Depois, consultando um relógio monumental que, ao fundo da Biblioteca,

marcava a hora de todas as capitais e o curso de todos os Planetas:

— Eu preciso escrever uma carta, seis linhas... Tu esperas, não, Zé Fernandes? Tens aí os jornais de Paris, da noite; e os de Londres, desta manhã. As ilustrações além, naquela pasta de couro com ferragens.

Mas eu preferi inventariar o gabinete, que dava à minha profanidade serrana todos os gostos de uma iniciação. Aos lados da cadeira de Jacinto pendiam gordos tubos acústicos, por onde ele decerto soprava as suas ordens através do 202. Dos pés da mesa cordões túmidos e moles, coleando sobre o tapete, corriam para os recantos de sombra à maneira de cobras assustadas. Sobre uma banquinha, e refletida no seu verniz como na água de

um poço, pousava uma Máquina de escrever; e adiante era uma imensa Máquina de calcular, com fileiras de buracos de onde espreitavam, esperando, números rígidos e de ferro. Depois parei em frente da estante que me preocupava, assim solitária, à maneira de uma torre numa planície, com o seu alto farol. Toda uma das suas faces estava repleta de Dicionários; a outra de Manuais; a outra de Atlas; a última de Guias, e entre eles, abrindo um fólio, encontrei o Guia das ruas de Samarcanda. Que maciça torre de informação! Sobre prateleiras admirei aparelhos que não compreendia: — um composto de lâminas de gelatina, onde desmaiavam, meio chupadas, as linhas de uma carta, talvez amorosa; outro, que erguia sobre um pobre livro brochado,

como para o decepar, um cutelo funesto; outro avançando a boca de uma tuba toda aberta para as vozes do invisível. Cingidos aos umbrais, liados às cimalhas, luziam arames, que fugiam através do teto, para o espaço. Todos mergulhavam em forças universais, todos transmitiam forças universais. A Natureza convergia disciplinada ao serviço do meu amigo e entrara na sua domesticidade!...

Jacinto atirou uma exclamação impaciente:

— Oh, estas penas elétricas!... Que seca!

Amarrotara com cólera a carta começada — eu escapei, respirando, para a Biblioteca. Que majestoso armazém dos produtos do Raciocínio e da Imaginação! Ali jaziam mais de trinta mil volumes, e

todos decerto essenciais a uma cultura humana. Logo à entrada notei, em ouro numa lombada verde, o nome de Adam Smith. Era pois a região dos economistas. Avancei — e percorri, espantado, oito metros de Economia Política. Depois avistei os Filósofos e os seus comentadores, que revestiam toda uma parede, desde as escolas Pré-socráticas até às escolas Neopessimistas. Naquelas pranchas se acastelavam mais de dois mil sistemas — e que todos se contradiziam. Pelas encadernações logo se deduziam as doutrinas: Hobbes, em baixo, era pesado, de couro negro; Platão, em cima, resplandecia, numa pelica pura e alva. Para diante começavam as Histórias Universais. Mas aí uma imensa pilha de livros brochados, cheirando a tinta nova e

a documentos novos, subia contra a estante, como fresca terra de aluvião tapando uma riba secular. Contornei essa colina, mergulhei na seção das Ciências Naturais, peregrinando, num assombro crescente, da Ortografia para a Paleontologia, e da Morfologia para a Cristalografia. Essa estante rematava junto de uma janela rasgada sobre os Campos Elísios. Apartei as cortinas de veludo — e por trás descobri outra portentosa rima de volumes, todos de História Religiosa, de Exegese Religiosa, que trepavam montanhosamente até aos últimos vidros, vedando, nas manhãs mais cândidas, o ar e a luz do Senhor.

Mas depois rebrilhava, em marroquins claros, a estante amável dos Poetas. Como um repouso para o espírito

esfalfado de todo aquele saber positivo, Jacinto aconchegara aí um recanto, com um divã e uma mesa de limoeiro, mais lustrosa que um fino esmalte, coberta de charutos, de cigarros do Oriente, de tabaqueiras do século XVIII. Sobre um cofre de madeira lisa pousava ainda, esquecido, um prato de damascos secos do Japão. Cedi à sedução das almofadas; trinquei um damasco, abri um volume; e senti estranhamente, ao lado, um zumbido como de um inseto de asas harmoniosas. sorri à ideia que fossem abelhas, compondo o seu mel naquele maciço de versos em flor. Depois percebi que o sussurro remoto e dormente vinha do cofre de mogno, de parecer tão discreto. Arredei uma *Gazeta de França*; e descortinei um cordão que emergia de um

orifício, escavado no cofre, e rematava num funil de marfim. Com curiosidade, encostei o funil a esta minha confiada orelha, afeita à singeleza dos rumores da serra. E logo uma Voz, muito mansa, mas muito decidida, aproveitando a minha curiosidade para me invadir e se apoderar do meu entendimento, sussurrou capciosamente:

— ...”E assim, pela disposição dos cubos diabólicos, eu chego a verificar os espaços hipermágicos!...”

Pulei com um berro.

— Ó Jacinto, aqui há um homem! Está aqui um homem a falar dentro de uma caixa!

O meu camarada, habituado aos prodígios, não se alvoroçou:

— É o Conferençofone... Exatamente

como o Teatrofone; somente aplicado às escolas e às conferências. Muito cómodo!... Que diz o homem, Zé Fernandes?

Eu considerava o cofre, ainda esgazeado:

— Eu sei! Cubos diabólicos, espaços mágicos, toda a sorte de horrores...

Senti dentro o sorriso superior de Jacinto:

— Ah, é o coronel Dorcas... Lições de Metafísica Positiva sobre a Quarta Dimensão... Conjeturas, uma maçada! Ouve lá, tu hoje jantas comigo e com uns amigos, Zé Fernandes?

— Não, Jacinto... Estou ainda enfardelado pelo alfaiate da serra!

E voltei ao gabinete mostrar ao meu

camarada o jaquetão de flanela grossa, a gravata de pintinhas escarlates, com que ao Domingo, em Guiães, visitava o Senhor. Mas Jacinto afirmou que esta simplicidade montesina interessaria os seus convidados, que eram dois artistas... Quem? O autor do *Coração Triplo*, um Psicólogo Feminista, de agudeza transcendente, Mestre muito experimentado e muito consultado em Ciências Sentimentais; e Vorcan, um pintor mítico, que interpretara etereamente, havia um ano, a simbolia rapsódica do cerco de Troia, numa vasta composição, *Helena Devastadora*...

Eu coçava a barba:

— Não, Jacinto, não... Eu venho de Guiães, das serras; preciso entrar em toda esta civilização, lentamente, com cautela,

senão rebento. Logo na mesma tarde a eletricidade, e o Conferençofone, e os espaços hipermágicos e o feminista, e o etéreo, e a simbolia devastadora, é excessivo! Volto amanhã.

Jacinto dobrava vagarosamente a sua carta, onde metera sem rebuço (como convinha à nossa fraternidade) duas violetas brancas tiradas do ramo que lhe floria o peito.

— Amanhã, Zé Fernandes, tu vens antes de almoço, com as tuas malas dentro de um fiacre, para te instalares no 202, no teu quarto. No Hotel são embaraços, privações. Aqui tens o telefone, o teatrofone, livros...

Aceitei logo, com simplicidade. E Jacinto, embocando um tubo acústico, murmurou:

— Grilo!

Da parede, recoberta de damasco, que subitamente e sem rumor se fendeu, surdiu o seu velho escudeiro (aquele moleque que viera com *D. Galião*), que eu me alegrei de encontrar tão rijo, mais negro, reluzente e venerável na sua tesa gravata, no seu colete branco de botões de ouro. Ele também estimou ver de novo “o siô Fernandes”. E, quando soube que eu ocuparia o quarto do avô Jacinto, teve um claro sorriso de preto, em que envolveu o seu senhor, no contentamento de o sentir enfim reprovido de uma família.

— Grilo — dizia Jacinto —, esta carta a *Madame* de Oriol... Escuta! Telefona para casa dos Trèves que os espiritistas só estão livres no Domingo... Escuta! Eu tomo uma ducha de jantar,

tépida, a 17. Fricção com malva-rosa.

E caindo pesadamente para cima do divã, com um bocejo arrastado e vago:

— Pois é verdade, meu Zé Fernandes, aqui estamos, como há sete anos, neste velho Paris...

Mas eu não me arredava da mesa, no desejo de completar a minha iniciação:

— Ó Jacinto, para que servem todos estes instrumentozinhos? Houve já aí um desavergonhado que me picou. Parecem perversos... São úteis?

Jacinto esboçou, com languidez, um gesto que os sublimava.

— Providenciais, meu filho, absolutamente providenciais, pela simplificação que dão ao trabalho! Assim... — E apontou. Este arrancava as penas velhas, o outro numerava

rapidamente as páginas de um manuscrito; aqueloutro, além, raspava emendas... E ainda os havia para colar estampilhas, imprimir datas, derreter lacres, cintar documentos... — Mas com efeito — acrescentou — é uma seca... Com as molas, com os bicos, às vezes magoam, ferem... Já me sucedeu inutilizar cartas por as ter sujado com dedadas de sangue. É uma maçada!

Então, como o meu amigo espreitara novamente o relógio monumental, não lhe quis retardar a consolação da ducha e da malva-rosa.

— Bem, Jacinto, já te revi, já me contentei... Agora até amanhã, com as malas.

— Que diabo, Zé Fernandes, espera um momento... Vamos pela sala de jantar.

Talvez te tentes!

E, através da Biblioteca, penetramos na sala de jantar — que me encantou pelo seu luxo sereno e fresco. Uma madeira branca, lacada, mais lustrosa e macia que cetim, revestia as paredes, encaixilhando medalhões de damasco cor de morango, de morango muito maduro e esmagado; os aparadores, discretamente com a mesma laca nevada; e damascos amorangados estofavam também as cadeiras, brancas, muito amplas, feitas para a lentidão de gulas delicadas, de gulas intelectuais.

— Viva o meu Príncipe! Sim senhor... eis aqui um comedouro muito compreensível e muito repousante, Jacinto!

— Então janta, homem!

Mas já eu me começava a inquietar,

reparando que a cada talher correspondiam seis garfos, e todos de feitios astuciosos. E mais me impressionei quando Jacinto me desvendou que era um para as ostras, outro para o peixe, outro para as carnes, outro para os legumes, outro para as frutas, outro para o queijo. Simultaneamente, com uma sobriedade que louvaria Salomão, só dois copos, para dois vinhos: — um Bordéus rosado em infusas de cristal, e Champanhe gelando dentro de baldes de prata. Todo um aparador porém vergava sob o luxo redundante, quase assustador de águas — águas oxigenadas, águas carbonatadas, águas fosfatadas, águas esterilizadas, águas de sais, outras ainda, em garrafas bojudas, com tratados terapêuticos impressos em rótulos.

— Santíssimo nome de Deus, Jacinto! Então és ainda o mesmo tremendo bebedor de água, hem?... *Un aquatico!* Como dizia o nosso poeta chileno, que andava a traduzir Klopstock.

Ele derramou, por sobre toda aquela garrafaria encapuçada em metal, um olhar desconhecido:

— Não... É por causa das águas da Cidade, contaminadas, atulhadas de micróbios... Mas ainda não encontrei uma boa água que me convenha, que me satisfaça... Até sofro sede.

Desejei então conhecer o jantar do Psicólogo e do Simbolista — traçado, ao lado dos talheres, em tinta vermelha, sobre lâminas de marfim. Começava honradamente por ostras clássicas, de Marennes. Depois aparecia uma sopa de

alcachofras e ovas de carpa...

— É bom?

Jacinto encolheu desinteressadamente os ombros:

— Sim... Eu não tenho nunca apetite, já há tempo... Já há anos.

Do outro prato só compreendi que continha frangos e túbaras. Depois saboreariam aqueles senhores um filete de veado, macerado em Xerês, com geleia de noz. E por sobremesa simplesmente laranjas geladas com éter.

— Em éter, Jacinto?

O meu amigo hesitou, esboçou com os dedos a ondulação de um aroma que se evola.

— É novo... Parece que o éter desenvolve, faz aflorar a alma das frutas...

Curvei a cabeça ignara, murmurei

nas minhas profundidades:

— Eis a Civilização!

E descendo os Campos Elísios, encolhendo no *paletot*, a cogitar neste prato simbólico, considerava a rudeza e atolado atraso da minha Guiães, onde desde séculos a alma das laranjas permanece ignorada e desaproveitada dentro dos gomos sumarentos, por todos aqueles pomares que ensombram e perfumam o vale, da Roqueirinha a Sandofim! Agora porém, benedito deus, na convivência de um tão grande iniciado como Jacinto, eu compreenderia todas as finuras e todos os poderes da civilização.

E (melhor ainda para a minha ternura!) contemplaria a raridade de um homem que, concebendo uma ideia da Vida, a realiza — e através dela e por ela

recolhe a felicidade perfeita.

Bem se afirmara este Jacinto, na verdade, como Príncipe da Grã-Ventura!

3

No 202, todas as manhãs, às nove horas, depois do meu chocolate e ainda em chinelas, penetrava no quarto de Jacinto. Encontrava o meu amigo banhado, barbeado, friccionado, envolto num roupão branco de pelo de cabra do Tibete, diante da sua mesa de *toilette*, toda de cristal (por causa dos micróbios) e atulhada com esses utensílios de tartaruga, marfim, prata, aço e madrepérola que o homem do século XIX necessita para não desfear o conjunto suntuário da Civilização e manter nela o seu Tipo. As escovas sobretudo renovavam, cada dia, o meu regalo e o meu espanto — porque as havia largas como a roda maciça de um

carro sabino; estreitas e mais recurvas que o alfange de um mouro; côncavas, em forma de telha aldeã; pontiagudas, em feitio de folha de hera; rijas que nem cerdas de javali; macias que nem penugem de rola! De todas, fielmente, como amo que não desdenha nenhum servo, se utilizava o meu Jacinto. E assim, em face ao espelho emoldurado de folhedos de prata, permanecia este Príncipe passando pelos sobre o seu pelo durante catorze minutos.

No entanto o Grilo e outro escudeiro, por trás dos biombos de Quioto, de sedas lavradas, manobravam, com perícia e vigor, os aparelhos do lavatório — que era apenas um resumo das máquinas monumentais da Sala de banho, a mais estremada maravilha do 202. Nestes

mármores simplificados existiam unicamente dois jatos graduados desde zero até cem; as duas duchas, fina e grossa, para a cabeça; e ainda botões discretos, que, roçados, desencadeavam esguichos, cascatas cantantes, ou um leve orvalho estival. Desse recanto temeroso, onde delgados tubos mantinham em disciplina e servidão tantas águas ferventes, tantas águas violentas, saía enfim o meu Jacinto enxugando as mãos a uma toalha de felpo, a uma toalha de linho, a outra de corda entrançada para restabelecer a circulação, a outra de seda frouxa para repolir a pele. Depois deste rito derradeiro que lhe arrancava ora um suspiro, ora um bocejo, Jacinto, estendido num divã, folheava uma agenda, onde se arrolavam, inscritas pelo Grilo ou por ele,

as ocupações do seu dia, tão numerosas por vezes que cobriam duas laudas.

Todas elas se prendiam à sua sociabilidade, à sua civilização muito complexa, ou a interesses que o meu Príncipe, nesses sete anos, criara para viver em mais consciente comunhão com todas as funções da Cidade (Jacinto com efeito era presidente do Clube da *Espada e Alvo;* comanditário do jornal O *Boulevard;* diretor da *Companhia dos Telefones de Constantinopla;* sócio dos *Bazares Unidos da Arte Espiritualista;* membro do *Comité de Iniciação das Religiões Esotéricas*, etc.). Nenhuma destas ocupações parecia porém aprazível ao meu amigo — porque, apesar da mansidão e harmonia dos seus modos, frequentemente arremessava para o tapete

numa rebelião de homem livre aquela agenda que o escravizava. E numa dessas manhãs (de vento e neve), apanhando eu o livro opressivo, encadernado em pelica, de um carinhoso tom de rosa murcha — descobri que o meu Jacinto devia depois do almoço fazer uma visita na rua da Universidade, outra no Parque Monceau, outra entre os arvoredos remotos da Muette; assistir por fidelidade a uma votação no clube; acompanhar *Madame* de Oriol a uma exposição de leques; escolher um presente de noivado para a sobrinha dos Trèves; comparecer no funeral do velho conde de Malville; presidir um tribunal de honra numa questão de roubalheira, entre cavalheiros, ao *ecarté*... E ainda se acavalavam outras indicações, escrevinhadas por Jacinto a

lápis: — “Carroceiro — Five-o’clock dos Efrains — A pequena das *Variedades* — Levar a nota ao jornal...” Considerei o meu Príncipe. Estirado no divã, de olhos miserrimamente cerrados, bocejava, num bocejo imenso e mudo.

Mas os afazeres de Jacinto começavam logo no 202, cedo, depois do banho. Desde as oito horas a campainha do telefone repicava por ele, com impaciência, quase com cólera, como por um escravo tardio. E mal enxugado, dentro do seu roupão de pelo de cabra do Tibete ou de grossos pijamas de pelúcia cor de ouro velho, constantemente saía ao corredor a cochichar com sujeitos tão apressados, que conservavam na mão o guarda-chuva pingando sobre o tapete. Um desses, sempre presente (e que pertencia

decerto aos *Telefones de Constantinopla)*, era temeroso — todo ele chupado, tisnado, com maus dentes, sobraçando uma enorme pasta sebenta, e dardejando, de entre a alta gola de uma peliça puída, como da abertura de um covil, dois olhinhos torvos e de rapina. Sem cessar, inexoravelmente, um escudeiro aparecia, com bilhetes numa salva... depois eram fornecedores de Indústria e de Arte; negociantes de cavalos, rubicundos e de *paletot* branco; inventores com grossos rolos de papel; alfarrabistas trazendo na algibeira uma edição "única", quase inverosímil, de Ulrich Zell ou do *Lapidanus*. Jacinto circulava estonteado pelo 202, rabiscando a carteira, repicando o telefone, desatando nervosamente pacotes, sacudindo ao

passar algum emboscado que surdia das sombras da antecâmara, estendia como um trabuco o seu memorial ou o seu castigo!

Ao meio-dia, um tantã argentino e melancólico ressoava, chamando ao almoço. Com o *Fígaro* ou as *Novidades* abertas sobre o prato, eu esperava sempre meia hora pelo meu Príncipe, que entrava numa rajada, consultando o relógio, exalando com a face moída o seu queixume eterno:

— Que maçada! E depois uma noite abominável, enrodilhada em sonhos... Tomei sulfonal, chamei o Grilo para me esfregar com terebintina... Uma seca!

Espalhava pela mesa um olhar já farto. Nenhum prato, por mais engenhoso, o seduzia; — e, como através do seu tumulto matinal fumava incontáveis

cigarrilhas que o ressequiam, começava por se encharcar com um imenso copo de água oxigenada, ou carbonatada, ou gasosa, misturada de um conhaque raro, muito caro, horrendamente adocicado, de moscatel de Siracusa. Depois, à pressa, sem gosto, com a ponta incerta do garfo, picava aqui e além uma lasca de fiambre, uma febra de lagosta; — e reclamava impacientemente o café, um café de Moca, mandado cada mês por um feitor do Dedjah, fervido à turca, muito espesso, que ele remexia com um pau de canela!

— E tu, Zé Fernandes, que vais tu fazer?

— Eu?

Recostado na cadeira, com delícias, os dedos metidos nas cavas do colete:

— Vou vadiar, regaladamente, como

um cão natural!

O meu solícito amigo, remexendo o café com o pau da canela, rebuscava através da numerosa Civilização da cidade uma ocupação que me encantasse. Mas apenas sugeria uma Exposição, ou uma Conferência, ou monumentos, ou passeios, logo encolhia os ombros desconsolado:

— Por fim nem vale a pena, é uma seca!

Acendia outra das cigarrilhas russas, onde rebrilhava o seu nome, impresso a ouro na mortalha. Torcendo, numa pressa nervosa, os fios do bigode, ainda escutava, à porta da Biblioteca, o seu procurador, o nédio e majestoso Laporte. E enfim, seguido de um criado, que sobraçava um maço tremendo de jornais

para lhe abastecer o *coupé*, o Príncipe da Grã-Ventura mergulhava na Cidade.

Quando o dia social de Jacinto se apresentava mais desafogado, e o céu de março nos concedia caridosamente um pouco de azul aguado, saíamos depois do almoço, a pé, através de Paris. Estes lentos e errantes passeios eram outrora, na nossa idade de Estudantes, um gozo muito querido de Jacinto — porque neles mais intensamente e mais minuciosamente saboreava a Cidade. Agora porém, apesar da minha companhia, só lhe davam uma impaciência e uma fadiga que desoladamente destoava do antigo, iluminado êxtase. Com espanto (mesmo com dor, porque sou bom, e sempre me

entristece o desmoronar de uma crença) descobri eu, na primeira tarde em que descemos aos Boulevards, que o denso formigueiro humano sobre o asfalto, e a torrente sombria dos trens sobre o macadame, afligiam meu amigo pela brutalidade da sua pressa, do seu egoísmo, e do seu estridor. Encostado e como refugiado no meu braço, este Jacinto novo começou a lamentar que as ruas, na nossa Civilização, não fossem calçadas de guta-percha! E a guta-percha claramente representava, para meu amigo, a substância discreta que amortece o choque e a rudeza das coisas! Oh maravilha! Jacinto querendo borracha, a borracha isoladora, entre a sua sensibilidade e as funções da Cidade! Depois nem me permitiu pasmar diante

daquelas dourejadas e espelhadas lojas que ele outrora considerava como os “preciosos museus do século XIX”...

— Não vale a pena, Zé Fernandes. Há uma imensa pobreza e secura de invenção! Sempre os mesmos florões Luís XV, sempre as mesmas pelúcias... Não vale a pena!

Eu arregalava os olhos para este transformado Jacinto. E sobretudo me impressionava o seu horror pela Multidão — por certos efeitos da Multidão, só para ele sensíveis, e a que chamava os “sulcos”.

— Tu não sentes, Zé Fernandes. Vens das serras... Pois constituem o rijo inconveniente das Cidades, estes sulcos! É um perfume muito agudo e petulante que uma mulher larga ao passar, e se instala

no olfato, e estraga para todo o dia o ar respirável. É um dito que se surpreende num grupo, que revela um mundo de velhacaria, ou de pedantismo, ou de estupidez, e que nos fica colado à alma, como um salpico, lembrando a imensidade da lama a atravessar. Ou então, meu filho, é uma figura intolerável pela pretensão, ou pelo mau gosto, ou pela impertinência, ou pela relice, ou pela dureza, e de que se não pode sacudir mais a visão repulsiva... Um pavor, estes sulcos, Zé Fernandes! De resto, que diabo, são as pequeninas misérias de uma Civilização deliciosa! Tudo isto era especioso, talvez pueril, mas para mim revelava, naquele chamejante devoto da Cidade, o arrefecimento da devoção. Nessa mesma tarde, se bem recordo, sob

uma luz macia e fina, penetramos nos centros de Paris, nas ruas longas, nas milhas de casario, todo caliça parda, eriçado de chaminés de lata negra, com as janelas sempre fechadas, as cortininhas sempre corridas, abafando, escondendo a vida. Só tijolo, só ferro, só argamassa, só estuque; linhas hirtas, ângulos ásperos; tudo seco; tudo rígido. E dos chãos aos telhados, por toda a fachada, tapando as varandas, comendo os muros, Tabuletas, Tabuletas...

— Ó, este Paris, Jacinto, este teu Paris! Que enorme, que grosseiro bazar!

E, mais para sondar o meu Príncipe do que por persuasão, insisti na felicidade e tristeza destes prédios, duros armazéns, cujos andares são prateleiras onde se apinha humanidade! E uma humanidade

impiedosamente catalogada e arrumada! A mais vistosa e de luxo nas prateleiras baixas, bem envernizadas. A reles e de trabalho nos altos, nos desvios, sobre pranchas de pinho nu, entre o pó e a traça...

Jacinto murmurou, com a face arrepiada:

— É feio, é muito feio!

E acudiu logo, sacudindo no ar a luva de anta:

— Mas que maravilhoso organismo, Zé Fernandes! Que solidez! Que produção!

Onde Jacinto me parecia mais renegado era na sua antiga e quase religiosa afeição pelo Bosque de Bolonha. Quando moço, ele construíra sobre o bosque teorias complicadas e

consideráveis. E sustentava, com olhos rutilantes de fanático, que no Bosque a Cidade cada tarde ia retemperar salutarmente a sua força, recebendo, pela presença de suas Duquesas, das suas Cortesãs, dos seus Políticos, dos seus Financeiros, dos seus Generais, dos seus Académicos, dos seus Artistas, dos seus Clubistas, dos seus Judeus, a certeza consoladora de que todo o seu pessoal se mantinha em número, em vitalidade, em função, e que nenhum elemento da sua grandeza desaparecera ou deperecera! “Ir aos bois” constituía então para o meu Príncipe um ato de consciência. E voltava sempre confirmando com orgulho que a Cidade possuía todos os seus astros, garantindo a eternidade da sua luz!

Agora, porém, era sem fervor,

arrastadamente, que ele me elevava ao Bosque, onde eu, aproveitando a clemência de abril, tentava enganar a minha saudade de arvoredos. Enquanto subíamos, ao trote nobre das suas éguas lustrosas, a Avenida dos Campos Elísios e a do Bosque, rejuvenescidas pelas relvas tenras e fresco verdejar dos rebentos, Jacinto, soprando o fumo da cigarrilha pelas vidraças abertas do *coupé*, permanecia o bom camarada, de veia amável, com quem era doce filosofar através de Paris. Mas logo que passávamos as grades douradas do Bosque, e penetrávamos na Avenida das Acácias, e enfiávamos na lenta fila dos trens de luxo de praça, sob o silêncio decoroso, apenas cortado pelo tilintar dos freios e pelas rodas vagarosas esmagando

a areia — o meu Príncipe emudecia, molemente engelhado no fundo das almofadas, de onde só despegava a face para escancarar bocejos de fartura. Pelo antigo hábito de verificar a presença confortadora do “pessoal, dos astros”, ainda, por vezes, apontava para algum *coupé* ou vitória rodando com rodar rangente noutra arrastada fila — e murmurava um nome. E assim fui conhecendo a encaracolada barba hebraica do banqueiro Efraim; e o longo nariz patrício de *Madame* de Trèves abrigando um sorriso perene; e as bochechas flácidas do poeta neoplatónico Dornan, sempre espapado no fundo de fiacres; e os longos bandós pré-rafaelitas e negros de *Madame* Verghane; e o monóculo defumado do diretor do

Boulevard, e o bigodinho vencedor do duque Marizac, reinando de cima do seu fáeton de guerra; e ainda outros sorrisos imóveis, e barbichas à Renascença, e pálpebras amortecidas, e olhos farejantes, e peles empoadas de arroz, que eram todas ilustres e da intimidade do meu Príncipe. Mas, do topo da Avenida das Acácias, recomeçávamos a descer, em passo sopeado, esmagando lentamente a areia; na fila vagarosa que subia, calhambeque atrás de *landau*, vitória atrás de fiacre, fatalmente revíamos o binóculo sombrio do homem do *Boulevard*, e os bandós furiosamente negros de *Madame* Verghane, e o ventre espapado do neoplatónico, e a barba talmúdica, e todas aquelas figuras, de uma imobilidade de cera, superconhecidas do

meu camarada, recruzadas cada tarde através de revividos anos, sempre com os mesmos sorrisos, sob o mesmo pó de arroz, na mesma imobilidade de cera; então Jacinto não se continha, gritava ao cocheiro:

— Para casa, depressa!

E era pela Avenida do bosque, pelos Campos Elísios, uma fuga ardente das éguas a quem a lentidão sopeada, num roer de freios, entre outras éguas também delas superconhecidas, lançava numa exasperação comparável à de Jacinto.

Para o sondar eu denegria o Bosque:

— Já não é tão divertido, perdeu o brilho!...

Ele acudia, timidamente:

— Não, é agradável, não há nada mais agradável; mas...

E acusava a friagem das tardes ou o despotismo dos seus afazeres. Recolhíamos então ao 202, onde, com efeito, em breve embrulhado no seu roupão branco, diante da mesa de cristal, entre a legião das escovas, com toda a eletricidade refulgindo, o meu Príncipe se começava a adornar para o serviço social da noite.

E foi justamente numa dessas noites (um sábado) que nós passamos, naquele quarto tão civilizado e protegido, por um desses brutos e revoltos terrores como só os produz a ferocidade dos Elementos. Já tarde, à pressa (jantávamos com Marizac no clube para o acompanhar depois ao Lobengrin na Ópera) Jacinto arrochava o nó da gravata branca — quando no lavatório, ou porque se rompesse o tubo,

ou se dessoldasse a torneira, o jato de água a ferver rebentou furiosamente, fumegando e silvando. Uma névoa densa de vapor quente abafou as luzes — e, perdidos nela, sentíamos, por entre os grilos do escudeiro e do Grilo, o jorro devastador batendo os muros, esparrinhando uma chuva que escaldava. Sob os pés o tapete ensopado era uma lama ardente. E como se todas as forças da natureza, submetidas ao serviço de Jacinto, se agitassem, animadas por aquela rebelião da água — ouvimos roncos surdos no interior das paredes, e pelos fios dos lumes elétricos sulcam faíscas ameaçadoras! Eu fugira para o corredor, onde se alargava a névoa grossa. Pôr todo o 202 ia um tumulto de desastre. Diante do portão, atraídas pela

fumarada que se escapava das janelas, estacionava polícia, uma multidão. E na escada esbarrei com um repórter, de chapéu para a nuca, a carteira aberta, gritando sofregamente “se havia mortos?”

Domada a água, clareada a bruma, vim encontrar Jacinto no meio do quarto, em ceroulas, lívido:

— Ó Zé Fernandes, esta nossa indústria!... Que impotência, que impotência! Pela Segunda vez, este desastre! E agora, aparelhos perfeitos, um processo novo...

— E eu encharcado por esse processo novo! E sem outra casaca!

Em redor, as nobres sedas bordadas, os brocatéis Luís XIII, cobertos de manchas negras, fumegavam. O meu príncipe, enfiado, enxugava uma

fotografia de *Madame* de Oriol, de ombros decotados, que o jorro bruto maculara de empolas. E eu, com rancor, pensava que na minha Guiães a água aquecia em seguras panelas — e subia ao meu lavatório, pela mão forte da Catarina, em seguras infusas! Não jantamos com o duque de Marizac, no Clube. E, na Ópera, nem saboreei Lohengrin e a sua branca alma e o seu branco cisne e as suas brancas armas — entalado, aperreado, cortado nos sovacos pela casaca que Jacinto me emprestara e que rescendia estonteadoramente a flores de Nessari.

No domingo, muito cedo, o Grilo, que na véspera escaldara as mãos e as trazia embrulhadas em seda, penetrou no

meu quarto, descerrou as cortinas, e à beira do leito, com o seu radiante sorriso de preto:

— Vem no *Fígaro!*

Desdobrou triunfalmente o jornal. Eram, nos Ecos, doze linhas, onde as nossas águas rugiam e espadanavam, com tanta magnificência e tanta publicidade, que também sorri, deleitado.

— E toda a manhã, o telefone, siô Fernandes! — exclamava o Grilo, rebrilhando em ébano. — A quererem saber, a quererem saber... “Está lá? Está escaldado?” Paris aflito, siô Fernandes!

O telefone, com efeito, repicava, insaciável. E quando desci para o almoço, a toalha desaparecia sob uma camada de telegramas, que o meu Príncipe fendia com a faca, enrugado, rosnando contra a

“maçada”. Só desanuviou, ao ler um desses papéis azuis, que atirou para cima do meu prato, com o mesmo sorriso agradado com que de manhã sorríamos, o Grilo e eu:

— É do Grão-Duque Casimiro... Ratão amável! Coitado!

Saboreei, através dos ovos, o telegrama de Sua Alteza. “O quê! o meu Jacinto inundado! Muito chique, nos Campos Elísios! Não volto ao 202 sem boia de salvação! Compassivo abraço! Casimiro...” Murmurei também com deferência: — “Amável! Coitado!” Depois, revolvendo lentamente o montão de telegramas que se alastrava até ao meu copo:

— Ó Jacinto! Quem é esta Diana que incessantemente te escreve, te telefona, te

telegrafa, te...?

— Diana... Diana de Lorge. É uma *cocotte*. É uma grande *cocotte!*

— Tua?

— Minha, minha... Não! tenho um bocado.

E como eu lamentava que o meu Príncipe, senhor tão rico e de tão fino orgulho, por economia de uma gamela própria chafurdasse com outros numa gamela pública — Jacinto levantou os ombros, com um camarão espetado no garfo:

— Tu vens das serras... Uma cidade como Paris, Zé Fernandes, precisa ter cortesãs de grande pompa e grande fausto. Ora para montar em Paris, nesta tremenda carestia de Paris, uma *cocotte* com os seus vestidos, os seus diamantes, os seus

cavalos, os seus lacaios, os seus camarotes, as suas festas, o seu palacete, a sua publicidade, a sua insolência, é necessário que se agremiem umas poucas de fortunas, se forme um sindicato! Somos uns sete, no Clube. Eu pago um bocado... Mas meramente por Civismo, para dotar a Cidade com uma *cocotte* monumental. De resto não chafurdo. Pobre Diana!... dos ombros para baixo nem sei se tem a pele cor de neve ou cor de limão.

Arregalei um olho divertido:

— Dos ombros para baixo?... E para cima?

— Oh! Para cima tem pó de arroz!... Mas é uma seca! Sempre bilhetes, sempre telefones, sempre telegramas. E três mil francos por mês, além das flores... Uma maçada!

E as duas rugas do meu Príncipe, aos lados do seu afilado nariz, curvado sobre a salada, eram como dois vales muito tristes, ao entardecer.

Acabámos o almoço, quando um escudeiro, muito discretamente, num murmúrio, anunciou *Madame* de Oriol, Jacinto pousou com tranquilidade o charuto; eu quase me engasguei, num sorvo alvoroçado de café. Entre os reposteiros de damasco cor de morango ela apareceu, toda de negro, de um negro liso e austero de Semana Santa, lançando com o regalo um lindo gesto para nos sossegar. E imediatamente, numa volubilidade docemente chalrada:

— É um momento, nem se levantem! Passei, ia para a Madalena, não me contive, quis ver os estragos... Uma

inundação em Paris, nos Campos Elísios! Não há senão este Jacinto. E vem no *Fígaro!* O que eu estava assustada, quando telefonei! Imaginem! Água a ferver como no Vesúvio... Mas é de uma novidade! E os estofos perdidos, naturalmente, os tapetes... Estou morrendo por admirar as ruínas!

Jacinto, que não me pareceu comovido, nem agradecido com aquele interesse, retomara risonhamente o charuto:

— Está tudo seco, minha querida senhora, tudo seco! A beleza foi ontem, quando a água fumegava e rugia! Ora que pena não ter ao menos caído uma parede!

Mas ela insistia. Nem todos os dias se gozavam em Paris os destroços de uma inundação. O *Fígaro* contara... E era uma

aventura deliciosa, uma casa escaldada nos Campos Elísios!

Toda a sua pessoa, desde as plumazinhas que frisavam no chapéu até à ponta reluzente das botinas de verniz, se agitava, vibrava, como um ramo tenro sob o boliço do pássaro a chalrar. Só o sorriso, por trás do véu espesso, conservava um brilho imóvel. E já no ar se espalhara um aroma, uma doçura, emanada de toda a sua mobilidade e de toda a sua graça.

Jacinto no entanto cedera, alegremente; e pelo corredor *Madame* de Oriol ainda louvava o *Fígaro* amável, e confessava quanto tremera... Eu voltei ao meu café, felicitando mentalmente o Príncipe da Grã-Ventura por aquela perfeita flor de Civilização que lhe

perfumava a vida. Pensei então na apurada harmonia em que se movia essa flor. E corri vivamente à antecâmara, verificar diante do espelho o meu penteado e o nó da minha gravata. Depois recolhi à sala de jantar, e junto da janela, folheando languidamente a *Revista do Século XIX*. Tomei uma atitude de elegância e de alta cultura Quase imediatamente eles reapareceram; e *Madame* de Oriol, que, sempre sorrindo, se proclamava espoliada, nada encontrara que recordasse as águas furiosas, roçou pela mesa, onde Jacinto procurava, para lhe oferecer, tangerinas de Malta, ou castanhas geladas, ou um biscoito molhado em vinho de Tokai.

Ela recusava com as mãos guardadas no regalo. Não era alta, nem forte — mas

cada prega do vestido, ou curva da capa, caía e ondulava harmoniosamente como perfeições recobrindo perfeições. Sob o véu cerrado, apenas percebi a brancura da face empoada, e a escuridão dos olhos largos. E com aquelas sedas e veludos negros, e um pouco do cabelo louro, de um louro quente, torcido fortemente sobre as peles negras que lhe orlavam o pescoço, toda ela derramava uma sensação de macio e de fino. Eu teimosamente a considerava como uma flor de Civilização: — e pensava no secular trabalho e na cultura superior que necessitara o terreno onde ela tão delicadamente brotara, já desabrochada, em pleno perfume, mais graciosa por ser flor de esforço e de estufa, e trazendo nas suas pétalas um não sei quê de desbotado

e de antemurcho.

No entanto, com a sua volubilidade de pássaro, chalrando para mim, chalrando para Jacinto, ela mostrava o seu lindo espanto por aquele montão de telegramas sobre a toalha.

— Tudo esta manhã, por causa da inundação!... Ah, Jacinto é hoje o homem, o único homem de Paris! Muitas mulheres nesses telegramas?

Languidamente, com o charuto a fumegar, o meu Príncipe empurrou para a sua amiga o telegrama do Grão-Duque. Então *Madame* de Oriol teve um *ah!* muito grave e muito sentido. Releu profundamente o papel de Sua Alteza que os seus dedos acariciavam com uma reverência gulosa. E sempre grave, sempre séria:

— É brilhante!

Oh! certamente! naquele desastre tudo se passara com muito brilho, num tom muito Parisiense. E a deliciosa criatura não se podia demorar, porque fizera marcar um lugar na igreja da Madalena para o sermão!

Jacinto exclamou com inocência:

— Sermão?... É já a estação dos sermões?

Madame de Oriol teve um movimento de carinhoso escândalo e dor. O quê! pois nem na austera casa dos Trèves dera pela entrada da Quaresma? De resto não se admirava — Jacinto era um turco! E, imediatamente celebrou o pregador, um frade dominicano, o Père Granon! Ó! de uma eloquência! No derradeiro sermão pregara sobre o amor,

a fragilidade dos amores mundanos! E tivera coisas de uma inspiração, de uma brutalidade! Depois que gesto, um gesto terrível que esmagava, em que se lhe arregaçava toda a manga, mostrando o braço nu, um braço soberbo, muito branco, muito forte!

O seu sorriso permanecia claro sob o olhar que negrejara dentro do véu negro. E Jacinto, rindo:

— Um bom braço de diretor espiritual, hem? Para vergar, espancar almas...

Ela acudiu:

— Não! infelizmente o Père Granon confessa!

E de repente reconsiderou — aceitava um biscoito, um cálice de Tokai. Era necessário um cordial para afrontar as

emoções do Père Granon! Ambos nos precipitáramos, um arrebatando a garrafa, outro oferecendo o prato de bombons. Franziu o véu para os olhos, chupou à pressa um bolo que ensopara no Tokai. E como Jacinto, reparando casualmente no chapéu que ela trazia, se curvara com curiosidade, impressionado, *Madame* Oriol apagou o sorriso, toda séria ante uma coisa séria:

— Elegante, não é verdade?... É uma criação inteiramente nova de *Madame* Vial. Muito respeitoso, e muito sugestivo, agora na Quaresma.

O seu olhar, que me envolvera, também me convidava a admirar. Aproximei o meu focinho de homem das serras para contemplar essa criação suprema do luxo de Quaresma. E era

maravilhoso! Sobre o veludo, na sombra das plumas frisadas, aninhada entre rendas, fixada por um prego, pousava delicadamente, feita de azeviche, uma Coroa de Espinhos!

Ambos nos extasiamos. E *Madame* de Oriol, num movimento e num sorriso que derramou mais aroma e mais claridade, abalou para a Madalena.

O meu Príncipe arrastou pelo tapete alguns passos pensativos e moles. E bruscamente, levantando os ombros com uma determinação imensa, como se deslocasse um mundo:

— Ó Zé Fernandes, vamos passar este Domingo nalguma coisa simples e natural...

— Em quê?

Jacinto circungirou os olhares muito

abertos, como se, através da Vida Universal, procurasse ansiosamente uma coisa natural e simples. Depois, descansando sobre mim os mesmos largos olhos que voltavam de muito longe, cansados e com pouca esperança:

— Vamos ao Jardim das Plantas, ver a girafa!

4

Nessa fecunda semana, uma noite, recolhíamos ambos da Ópera, quando Jacinto, bocejando, me anunciou uma festa no 202.

— Uma festa?...

— Por causa da Grão-duque, coitado, que me vai mandar um peixe delicioso e muito raro que se pesca na Dalmácia. Eu queria um almoço curto. — O Grão-duque reclamou uma ceia. É um bárbaro, besuntado com literatura do século XVIII, que ainda acredita em ceias, em Paris! Reúno no Domingo três ou quatro mulheres, e uns dez homens bem típicos, para o divertir. Também aproveitas. Folheias Paris num resumo...

Mas é uma maçada amarga!

Sem interesse pela sua festa, Jacinto não se afadigou em a compor com relevo ou brilho. Encomendou apenas uma orquestra de Tziganes (os Tziganes, as suas jalecas escarlates, a melancolia áspera da Czardas ainda nesses tempos remotos emocionavam Paris); e mandou, na Biblioteca, ligar o Teatrofone com a Ópera, com a Comédia Francesa, com a Alcazar e com os Bufos, prevendo todos os gostos desde o trágico até ao pícaro. Depois no Domingo, ao entardecer, ambos visitamos a mesa da ceia que resplandecia com as velhas baixelas de *D. Galião*. E a faustosa profusão de orquídeas, em longas silvas por sobre a toalha bordada a seda, enroladas aos fruteiros de Saxe, transbordando de cristais lavrados e

filigranados de ouro, espalhava uma tão fina sensação de luxo e gosto, que eu que eu murmurei: — “Caramba, bendito seja o dinheiro!” Pela primeira vez, também, admirei a copa e a sua instalação abundante e minuciosa — sobretudo os dois ascensores que rolavam das profundidades da cozinha, um para os peixes e carmes aquecido por tubos de água fervente, o outro para as saladas e gelados revestido de placas frigoríficas. Oh, este 202!

Às nove horas, porém, descendo eu ao gabinete de Jacinto para escrever a minha boa tia Vicência, enquanto ele ficara no toucador com o manicuro que lhe polia as unhas, passamos nesse delicioso palácio, florido e em gala, por bem corriqueiro susto! Todos os lumes

elétricos, subitamente, em todo o 202, se apagaram! Na minha imensa desconfiança daquelas forças universais, pulei logo para a porta, tropeçando nas trevas, ganindo um *Aqui-d'el-rei!* que tresandava a Guiães, Jacinto em cima berrava, com o manicuro agarrado aos pijamas. E de novo, como serva ralassa que recolhe arrastando as chinelas, a luz ressurgiu com lentidão. Mas o meu Príncipe, que descera, enfiado, mandou buscar um engenheiro à Companhia Central da eletricidade doméstica. Pôr precaução outro criado correu à mercearia comprar pacotes de velas. E o Grilo desenterrava já dos armários os candelabros abandonados, os pesados castiçais arcaicos dos tempos incientíficos de *D. Galião*: era uma reserva de veteranos

fortes, para o caso pavoroso em que mais tarde, à ceia, falhassem perfidamente as forças bisonhas da Civilização. O Eletricista, que acudira esbaforido, afiançou porém que a Eletricidade se conservaria fiel, sem outro amuo. Eu, cautelosamente, soneguei na algibeira dois cotos de estearina.

A Eletricidade permaneceu fiel, sem amuos. E quando desci do meu quarto, tarde (porque perdera o colete de baile e só depois de uma busca furiosa e praguejada o encontrei caído por trás da cama!), todo o 202 refulgia e os Tziganes, na antecâmara, sacudindo as guedelhas, atiravam as arcadas de uma valsa tão arrastadora que, pelas paredes, os imensos Personagens da tapeçarias, Príamo, Nestor, o engenhoso Ulisses,

arfavam, buliam com os pés venerandos!

Timidamente, sem rumor, puxando os punhos, penetrei no gabinete de Jacinto. E fui logo acolhido pelo sorriso da condessa de Trèves, que acompanhada pelo ilustre historiador Danjon (da Academia Francesa), percorria maravilhada os Aparelhos, os Instrumentos, toda a suntuosa Mecânica do meu supercivilizado Príncipe. Nunca ela me parecera mais majestosa do que naquelas sedas cor de açafrão, com rendas cruzadas no peito à Maria Antonieta, o cabelo crespo e ruivo levantado em rolo sobre a testa dominadora, e o curvo nariz patrício, abrigando o sorriso sempre luzidio, sempre corrente, como um arco abriga o correr e o luzir de um regato. Direita

como num sólio, a longa luneta de tartaruga acercada dos olhos miúdos e turvamente azulados, ela escutava diante do Grafofone, depois diante do Microfone, como melodias superiores, os comentários que o meu Jacinto ia atabalhoando com uma amabilidade penosa. E ante cada roda, cada mola, eram pasmos, louvores finamente torneados, em que atribuía a Jacinto, com astuta candura, todas aquelas invenções do Saber! Os utensílios misteriosos que atulhavam a mesa de ébano foram para ela uma iniciação que a enlevou. Oh, o “numerador de páginas”! Oh, o “colador de estampilhas”!

A carícia demorada dos seus dedos secos aquecia os metais. E suplicava os endereços dos fabricantes para se prover

de todas aquelas utilidades adoráveis! Como a vida, assim apetrechada, se tornava escorregadia e fácil! Mas era necessário o talento, o gosto de Jacinto, para escolher, para “criar!” E não só ao meu amigo (que o recebia com resignação) ela ofertava o fino mel. Afagando com o cabo de luneta o Telégrafo, achou a possibilidade de recordar a eloquência do Historiador. Mesmo para mim (de quem ignorava o nome) arranjou junto do Fotógrafo, e acerca de “vozes de amigos que é doce colecionar” uma lisonjazinha redondinha e lustrosa, que eu chupei como um rebuçado celeste. Boa casaleira que vai atirando o grão aos frangos famintos, a cada passo, maternalmente, ela nutria uma vaidade. Sôfrego de outro rebuçado,

acompanhei a sua cauda sussurrante e cor de açafrão. Ela parara diante da Máquina de contar, de que Jacinto Já lhe fornecera pacientemente uma explicação sapiente. E de novo roçou os buracos de onde espreitam os números negros, e com o seu enlevado sorriso murmurou: — “Prodigiosa, esta prensa elétrica!...”

Jacinto acudiu:

— Não! Não! Esta é...

Mas ela sorria, seguia... *Madame* de Trèves não compreendeu nenhum aparelho do meu Príncipe! *Madame* de Trèves não atendera a nenhuma dissertação do meu Príncipe! Naquele gabinete de suntuosa Mecânica ela somente se ocupara em exercer, com proveito e com perfeição, a Arte de Agradar. Toda ela era uma sublime falsidade. Não escondi a Danjon

a admiração que me penetrava.

O facundo Académico revirou os olhos bugalhudos:

— Oh! e um gosto, uma inteligência, uma sedução!... E depois como se janta bem em casa dela! Que café!... Mulher superior, meu caro senhor, verdadeiramente superior!

Deslizei para a biblioteca. Logo à entrada da erudita nave, junto da estante dos Padres da Igreja onde alguns cavalheiros conversavam, parei a saudar o diretor do *Boulevard* e o Psicólogo-feminista, o autor do *Coração Triple*, com quem na véspera me familiarizara ao almoço, no 202. O seu acolhimento foi paternal; e como se necessitasse a minha presença, reteve na sua mão ilustre, rutilante de anéis, com força e com gula, a

minha grossa palma serrana. Todos aqueles senhores, com efeito, celebravam o seu Romance, a *Couraça*, lançado nessa semana entre gritinhos de gozo e um quente rumor de saias alvoroçadas. Um sobretudo, com uma vasta cabeça arranjada à Van-Dick e que parecia postiça, proclamava, alçado na ponta das botas, que nunca penetrara tão fundamente, na velha alma humana, a ponta da Psicologia Experimental! Todos concordavam, se apertavam contra o Psicólogo, o tratavam por “mestre”. Eu mesmo, que nem sequer entrevira a capa amarela da *Couraça*, mas para quem ele voltava os olhos pedinchões e famintos de mais mel, murmurei com um leve assobio: — “uma delícia!”

E o psicólogo, reluzindo, com o

lábio húmido, entalado num alto colarinho onde se enroscava uma gravata à 1830, confessava modestamente que dissecara todas aquelas almas da *Couraça* com “algum cuidado”, sobre documentos, sobre pedaços de vida ainda quentes, ainda a sangrar... E foi então que Marizac, o duque de Marizac, notou, com um sorriso mais afiado que um lampejo de navalha, e sem tirar as mãos dos bolsos:

— No entanto, meu caro, nesse livro tão profundamente estudado há um erro bem estranho, bem curioso!...

O Psicólogo, vivamente, atirara a cabeça para trás:

— Um erro?

Oh, sim, um erro! E bem inesperado num mestre tão experiente!...Era atribuir à esplêndida amorosa da *Couraça*, uma

duquesa, e do gosto mais puro — *um colete de cetim preto!* Esse colete, assim preto, de cetim, aparecia na bela página de análise e paixão em que ela se despia no quarto de Rui de Alize. E Marizac, sempre com as mãos nos bolsos, mais grave, apelava para aqueles senhores. Pois era verossímil, numa mulher como duquesa, estética, pré-rafaelítica, que se vestia no Doucet, no Pasquim, nos costureiros intelectuais, um colete de cetim preto?

O Psicólogo emudecera, colhido, trespassado! Marizac era uma tão suprema autoridade sobre a roupa íntima das duquesas, que à tarde, em quartos de rapazes, por impulsos idealistas e anseios de alma dolorida — se põem em colete e saia branca!... De resto o diretor do

Boulevard condenara logo sem piedade, com uma experiência firme, aquele colete, só possível nalguma mercearia atrasada que ainda procurasse efeitos de carne nédia sobre cetim negro. E eu, para que me não julgassem alheio às coisas dos adultérios ducais e do luxo, acudi, metendo os dedos pelo cabelo:

— Realmente, preto, só se estivesse de luto pesado, pelo pai!

O pobre mestre da *Couraça* sucumbira. Era a sua glória de Doutor em Elegâncias Femininas desmantelada — e Paris supondo que ele nunca vira uma duquesa desatacar o colete na sua alcova de Psicólogo! Então, passando o lenço sobre os lábios que a angústia ressequira, confessou o erro, e contritamente o atribuiu a uma improvisação tumultuosa:

— Foi um tom falso, um tom perfeitamente falso que me escapou!... Com efeito! É absurdo, um colete preto!... Mesmo por harmonia com o estado da alma da duquesa devia ser lilás, talvez cor de reseda muito desmaiada, com um frouxo de rendas antigas de Malines... É prodigioso como me escapou . Pois tenho o meu caderno de entrevistas bem anotadas, bem documentadas!...

Na sua amargura, terminou por suplicar a Marizac que espalhasse por toda a parte, no Clube, nas salas, a sua confissão. Fora um engano de artista, que trabalha na febre, vasculhando as almas, perdido nas profundidades negras das almas! Não reparara no colete, confundira os tons... Gritou, com os braços estendidos para o diretor do *Boulevard:*

— Estou pronto a fazer uma retificação, numa *interview*, meu caro mestre! Mande um dos seus redatores... Amanhã, às dez horas! Fazemos uma *interview*, fixamos a cor. Evidentemente é lilás... Mande um de seus homens, meu caro mestre! É também uma ocasião para eu confessar, bem alto, os serviços que o *Boulevard* em feito às ciências psicológicas e feministas!

Assim ele suplicava, encostado à estante, às lombadas dos Santos Padres. E eu abalei, vendo ao fundo da Biblioteca Jacinto que se debatia e se recusava entre dois homens.

Eram os dois homens de *Madame* de Trèves — o marido, conde de Trèves, descendente dos reis de Cândia, e o amante, o terrível banqueiro judeu, David

Efraim. E tão enfronhadamente assaltavam o meu Príncipe que nem me reconheceram, ambos num aperto de mão mole e vago me trataram por “caro conde”! Num relance, rebuscando charutos sobre a mesa de limoeiro, compreendi que se tramava a *Companhia das Esmeraldas da Birmânia*, medonha empresa em que cintilavam milhões, e para que os dois confederados de bolsa e de alcova, desde o começo do ano, pediam o nome, a infância, o dinheiro de Jacinto. Ele resistira, no enfado dos negócios, desconfiado daquelas esmeraldas soterradas num vale da Ásia. E agora o conde de Trèves, um homem esgrouviado, de face rechupada, eriçada de barba rala, sob uma fronte rotunda e amarela como um melão, assegurava ao

meu pobre Príncipe que no Prospeto já preparado, demonstrando a grandeza do negócio, perpassava um fulgor das *Mil e uma noites*. Mas sobretudo aquela escavação de esmeraldas convidava todo o espírito culto pela sua ação civilizadora. Era uma corrente de ideias ocidentais, invadindo, educando a Birmânia. Ele aceitara a direção por patriotismo...

— De resto é um negócio de joias, de arte, de progresso, que deve ser feito, num mundo superior entre amigos...

E do outro lado o terrível Efraim, passando a mão curta e grossa sobre a sua bela barba, mais frisada e negra que a de um Rei Assírio, afiançava o triunfo da empresa pelas grossas forças que nela entravam, os Nagayers, os Bolsans, os

Saccart...

Jacinto franzia o nariz, enervado:

— Mas, ao menos, estão feitos os estudos? Já se provou que há esmeraldas?

Tanta ingenuidade exasperou Efraim:

— Esmeraldas! Está claro que há esmeraldas!... Há sempre esmeraldas desde que haja acionistas!

E eu admirava a grandeza daquela máxima — quando apareceu, esbaforido, desdobrando o lenço muito perfumado, um dos familiares do 202, Todelle (António de Todelle), moço já calvo, de infinitas prendas, que conduzia Cotillons, imitava cantores de Café-Concerto, temperava saladas raras, conhecia todos os enredos de Paris.

— Já veio?... Já cá está o Grão-Duque?

Não, Sua Alteza ainda não chegara. E *Madame* de Todelle?

— Não pôde... No sofá... Esfolou uma perna.

— Oh!

— Quase nada... Caiu do velocípede!

Jacinto, logo interessado:

— Ah! *Madame* de Todelle anda já de velocípede?

— Aprende. Nem tem velocípede!... Agora, na quaresma, é que se aplicou mais, no velocípede do padre Ernesto, do cura de S. José! Mas ontem, no Bosque, zás, terra!... Perna esfolada. Aqui.

E na sua própria coxa, com a unha, vivamente, desenhou o esfolão. Efraim, brutal e sério, murmurou: “Diabo! é no melhor sítio!” Mas Todelle nem o

escutara, correndo para o diretor do Boulevard, que se avançava, lento e barrigudo, com o seu monóculo negro semelhante a um pacho. Ambos se colaram contra uma estante, num cochichar profundo.

Jacinto e eu entramos então no bilhar, forrado de velhos couros de Córdova, onde se fumava. Ao canto de um divã, o grande Dornan, o poeta neoplatónico e místico, o Mestre sutil de todos os ritmos, espapado nas almofadas, com um dos pés sob a coxa gorda, como um Deus índio, dos botões do colete desabotoados, a papeira caída sobre o largo decote do colarinho, mamava majestosamente um imenso charuto. Ao pé dele, também sentado, um velho que eu nunca encontrara no 202, esbelto, de cabelos brancos em

anéis passados por trás das orelhas, a face coberta de pó de arroz, um bigodinho muito negro e arrebitado, findara certamente alguma história de bom e grosso sal — porque diante do divã, de pé, Jovan, o supremo Crítico de Teatro, ria com a calva escarlate de gozo, e um moço muito ruivo (descendente de Coligny), de perfil de periquito, sacudia os braços curtos como asas, e gania: “delicioso! divino!” Só o poeta idealista permanecera impassível, na sua majestade obesa. Mas, quando nos acercamos, esse Mestre do ritmo perfeito, depois de soprar uma farta fumarada e me saudar com um pesado mover das pálpebras, começou numa voz de rico e sonoro metal:

— Há melhor, há infinitamente

melhor... Todos aqui conhecem *Madame* Noredal. *Madame* Noredal tem umas imensas nádegas...

Desgraçadamente para o meu regalo, Todelle invadiu o bilhar, reclamando Jacinto com alarido. Eram as senhoras que desejavam ouvir no fonógrafo uma ária da Patti! O meu amigo sacudiu logo os ombros, numa surda irritação:

— Ária da Patti... Eu sei lá! Todos esses rolos estão em confusão. Além disso o Fonógrafo trabalha mal. Nem trabalha! Tenho três. Nenhuma trabalha!

— Bem! — exclamou alegremente Todelle. — Canto eu a *Pauvre fille*... É mais de ceia! *Oh, la pauv', pauv', pauv'*...

Travou do meu braço, e arrastou a minha timidez serrana para o salão cor-

de-rosa murcha, onde, como Deusas num círculo escolhido do Olimpo, resplandeciam *Madame* de Oriol, *Madame* Verghane, a princesa de Carman, e uma outra loura, com grandes brilhantes nas grandes farripas, e de ombros tão nus, e braços tão nus, e peitos tão nus, que o seu vestido branco com bordados de ouro pálido parecia uma camisa a escorregar. Impressionado, ainda retive Todelle, rugi baixinho: — “Quem é?” Mas já o festivo homem correra para *Madame* de Oriol, com quem riam, numa familiaridade superior e fácil, Marizac (o duque de Marizac) e um moço de barba cor de milho e mais leve que uma penugem, que se balouçava gracilmente sobre os pés, como uma espiga ao vento. E eu, encalhado contra o piano, esfregava

lentamente as mãos amassando o meu embaraço, quando *Madame* Verghane se ergueu do sofá onde conversava com um velho (que tinha a Grã-Cruz de Santo André), e avançou, deslizou no tapete, pequena e nédia, na sua copiosa cauda veludo verde-negro. Tão fina era a cinta, entre os encontros fecundos e a vastidão do peito, todo nu e cor de nácar, que eu receava que ela partisse pelo meio, no seu lento ondular. Os seus famosos bandós negros, de um negro furioso, inteiramente lhe tapavam as orelhas; e, no grande aro de ouro que os circundava, reluzia uma estrela de brilhantes, como na fronte dos anjos de Boticelli. Conhecendo sem dúvida a minha autoridade no 202, ela despediu sobre mim ao passar, com raio benéfico, um sorriso que lhe liquescia

mais os olhos líquidos, e murmurou:

— O Gão-Duque vem, com certeza?

— Oh, com certeza, minha senhora, para o peixe!

— Para o peixe?...

Mas justamente, na antecâmara, rompeu, em rufos e arcadas triunfais, a marcha de Rakoczy. Era ele! Na Biblioteca, o nosso retumbante mordomo anunciava:

— Sua Alteza o Grão-Duque Casimiro!

Madame de Verghane, com um curto suspiro de emoção, alteou o peito, como para lhe expor melhor a magnificência ebúrnea. E o homem do Boulevard, o velho da Grã-Cruz, Efraim, quase me empurraram, investindo para a porta, na imensa sofreguidão de Pessoa Real.

Precedido por Jacinto, o Grão-Duque surgiu. Era um possante homem, de barba em bico, já grisalha, um pouco calvo. Durante um momento hesitou, com um balanço lento sobre os és pequeninos, calçados de sapatos rasos, quase sumidos sob as pantalonas muito largas. Depois, pesado e risonho, veio apertar a mão às senhoras que mergulhavam nos veludos e sedas, em mesuras de Corte. E imediatamente, batendo com carinhosa jovialidade no ombro de Jacinto:

— E o peixe?... Preparado pela receita que mandei, hem?

Um murmúrio de Jacinto tranquilizou Sua Alteza.

— Ainda bem, ainda bem! — exclamou ele, no seu vozeirão de comando. Que eu não jantei,

absolutamente não jantei! É que se está jantando deploravelmente em casa do José. Mas por que se vai jantar ainda ao José? Sempre que chego a Paris, pergunto: “Onde é que se janta agora?” em casa do José!... Qual! não se janta! Hoje, por exemplo, galinholas... Uma peste! Não tem, não tem a noção da galinhola!

Os seus olhos azulados, de um azul sujo, rebrilhavam, alargados pela indignação:

— Paris está perdendo todas as suas superioridades. Já se não janta, em Paris!

Então, em redor, aqueles senhores concordaram, desolados. O conde de Trèves defendeu o Bignon, onde se conservavam nobres tradições. E o diretor do *Boulevard*, que se empurrava todo

para S. alteza, atribuía a decadência da cozinha, em França, à República, ao gosto democrático e torpe pelo barato.

— No Paillard, todavia... — começou o Efraim.

— No Paillard! — gritou logo o Grão-Duque. — Mas os Borgonhas são tão maus! Os Borgonhas são tão maus!...

Deixara pender os braços, os ombros, descoroçoado. Depois, com o seu lento andar balançado como o de um velho piloto, atirando um pouco para trás as lapelas da casaca, foi saudar *Madame* de Oriol, que toda ela faiscou, no sorriso, nos olhos, nas joias, em cada prega das suas sedas cor de salmão. Mas apenas a clara e macia criatura, batendo o leque como uma asa alegre, começara a chalrar, Sua Alteza reparou no aparelho de

Teatrofone, pousado sobre uma mesa entre flores, e chamou Jacinto:

— Em comunicação com o Alcazar?... O Teatrofone?

— Certamente, meu senhor.

Excelente! Muito chique! Ele ficara com pena de não ouvir a Gilberte numa cançoneta nova, as *Casquettes*. Onze e meia! Era justamente a essa hora que ela cantava, no último ato da *Revista Elétrica*... — Colou às orelhas os dois "recetores" do Teatrofone, e quedou embebido, com uma ruga séria na testa dura. De repente num comando forte:

— É ela! Chuta! Venham ouvir!... É ela! Venham todos! Princesa de Carman, para aqui! Todos! É ela! Chuta!...

Então, como Jacinto instalara prodigamente dois Teatrofones, cada um

provido de doze fios, as senhoras, todos aqueles cavalheiros, se apressaram a acercar submissamente um “recetor” do ouvido, e a permanecer imóveis para saborear *Les Casquettes*. E no salão cor-de-rosa murcha, na nave da Biblioteca, onde se espalhara um silêncio augusto, só eu fiquei desligado do Teatrofone, com as mãos nas algibeiras e ocioso.

No relógio monumental, que marcava a hora de todas as Capitais e o movimento de todos os Planetas, o ponteiro rendilhado adormeceu. Sobre a mudez e a imobilidade pensativa daqueles dorsos, daqueles decotes, a Eletricidade refulgia com uma tristeza de sol regelado. E de cada orelha atenta, que a mão tapava, pendia um fio negro, como uma tripa. Dornan, esboroado sobre a mesa, cerrara

as pálpebras, numa meditação de monge obeso. O historiador dos Duques de Anjou, com o “recetor” na ponta delicada dos dedos, erguendo o nariz agudo e triste, gravemente cumpria um dever palaciano. *Madame* de Oriol sorria, toda lânguida, como se o fio lhe murmurasse doçuras. Para desentorpecer arrisquei um passo tímido. Mas caiu logo sobre mim um *chut* severo do Grão-Duque! Recuei para entre as cortinas da janela, a abrigar a minha ociosidade. O Psicólogo da *Couraça*, distante da mesa, com o seu comprido fio esticado, mordia o beiço, num esforço de penetração. A beatitude de Sua Alteza, enterrado numa vasta poltrona, era perfeita. Ao lado o colo de *Madame* Verghane arfava como uma onda de leite. E o meu pobre Jacinto, numa

aplicação conscienciosa, pendia sobre o Teatrofone tão tristemente como sobre uma sepultura.

Então, ante aqueles seres de superior civilização, sorvendo num silêncio devoto as obscenidades que a Gilberte lhes gania, por debaixo do solo de Paris, através de fios mergulhados nos esgotos, cingidos aos canos das fezes — pensei na minha aldeia adormecida. O crescente de lua, que, seguido de uma estrelinha, corria entre nuvens sobre os telhados e as chaminés negras dos Campos Elísios, também andava lá fugindo, mais lustrosa e mais doce, por cima dos pinheirais. As rãs coaxavam ao longe no Pego da dona. A ermidinha de S. Joaquim branquejava no cabeço, nuazinha e cândida...

Uma das senhoras murmurou:

— Mas, não é a Gilberte!...

E um dos homens:

— Parece um cornetim...

— Agora são palmas...

— Não, é o Paulin!

O Grão-Duque lançou um *chut* feroz... No pátio da nossa casa ladravam os cães. De Além do ribeiro respondiam os cães do João Saranda. Como me encontrei descendo por uma quelha, sob as ramadas, com o meu varapau ao ombro? E sentia, entre a seda das cortinas, num fino ar macio, o cheiro das pinhas estalando nas lareiras, o calor dos currais através das sebes altas, e o sussurro dormente das levadas...

Despertei a um brado que não saía nem dos eidos, nem das sombras. Era o Grão-Duque que se erguera, encolhia

furiosamente os ombros:

— Não se ouve nada!... Só guinchos! E um zumbido! Que maçada!... Pois é uma beleza, a cançoneta:

Oh les casquettes,
Oh les casquette-e-e-tes!...

Todos largaram os fios — proclamavam a Gilberte deliciosa. E o mordomo benedito, abrindo largamente os dois batentes, anunciou:

— *Monseigneur est servi!*

Na mesa, que pelo esplendor das orquídeas mereceu os louvores ruidosos de Sua Alteza, fiquei entre o etéreo poeta Dornan e aquele moço de penugem loura que balouçava como uma espiga ao vento. Depois de desdobrar o guardanapo, de o

acomodar regaladamente sobre os joelhos, Dornan desenvencilhou da corrente do relógio uma enorme luneta para percorrer o menu — que aprovou. E inclinando para mim a sua face de Apóstolo obeso.

— Este Porto de 1834, aqui em casa de Jacinto, deve ser autêntico... Hem?

Assegurei ao Mestre dos Ritmos que o “Porto” envelhecera nas adegas clássicas do avô *Galião*. Ele afastou, numa preparação metódica, os longos, densos fios do bigode que lhe cobriam a boca grossa. Os escudeiros serviram um consommé frio com trufas. E o moço cor de milho, que espalhara pela mesa o seu olhar azul e doce, murmurou, com uma desconsolação risonha:

— Que pena!... Só falta aqui um

general e um bispo!

Com efeito! Todas as Classes Dominantes comiam nesse momento as trufas do meu Jacinto... Mas defronte *Madame* de Oriol lançara um riso mais cantado que um gorjeio. O Grão-Duque, numa silva de orquídeas que orlava o seu talher, notara uma, sombriamente horrenda, semelhante a um lacrau esverdinhado, de asas lustrosas, gordo e túmido de veneno: e muito delicadamente ofertara a flor monstruosa a *Madame* de Oriol, que, com trinado riso, solenemente, a colocou no seio. Colado àquela carne macia, de uma brancura de nata fina, o lacrau inchara, mais verde, com as asas frementes. Todos os olhos se acendiam, se cravam no lindo peito, a que a flor disforme, de cor venenosa, apimentava o

sabor. Ela reluzia, triunfava. Para ajeitar melhor a orquídea os seus dedos alargaram o decote, aclararam belezas, guiando aquelas curiosidades flamejantes que a despiam. A face vincada de Jacinto pendia para o prato vazio. E o alto lírico do *Crepúsculo Místico*, passando a mão pelas barbas, rosnou com desdém:

— Bela mulher... Mas ancas secas, e aposto que não tem nádegas!

No entanto o moço de loura penugem voltara à sua estranha mágoa. Não possuirmos um general com a sua espada, e um bispo com seu báculo!...

— Para quê, meu caro senhor?

Ele atirou um gesto suave em que os seus anéis faiscaram:

— Para uma bomba de dinamite... Temos aqui um esplêndido ramalhete de

flores de civilização, com um Grão-Duque no meio. Imagine uma bomba de dinamite, atirada da porta!... Que belo fim de ceia, num fim de século!

E como eu o considerava assombrado, ele bebendo golos de Chateau-Yquem, declarou que hoje a única emoção, verdadeiramente fina, seria aniquilar a Civilização. Nem a ciência, nem as artes, nem o dinheiro, nem o amor, podiam já dar um gosto intenso e real às nossas almas saciadas. Todo o prazer que se extraíra de *criar* estava esgotado. Só restava, agora, o divino prazer de *destruir!*

Desenrolou ainda outras enormidades, com um riso claro nos olhos claros. Mas eu não atendia o gentil pedante, colhido por outro cuidado —

reparando que em torno, subitamente, todo o serviço estacara como no conto do Palácio Petrificado. E o parto agora devido era o peixe famoso da Dalmácia, o peixe de Sua Alteza, o peixe inspirador da festa! Jacinto, nervoso, esmagava entre os dedos uma flor. E todos os escudeiros sumidos!

Felizmente o Grão-Duque contava a história de uma caçada, nas coutadas de Sarvan, em que uma senhora, mulher de um banqueiro, saltara bruscamente do cavalo, num descampado, sem árvores. Ele e todos os caçadores param — e a galante senhora, lívida, com a amazona arregaçada, corre para trás de uma pedra... Mas nunca soubemos em que se ocupava a banqueira, nesse descampado, agachada atrás da pedra — porque

justamente o mordomo apareceu, reluzente de suor, e balbuciou uma confidência a Jacinto, que mordeu o beiço, trespassado. O Grão-duque emudecera. Todos se entreolhavam, numa ansiedade alegre. Então o meu Príncipe, com paciência, com heroicidade, forçando palidamente o sorriso:

— Meus amigos, há uma desgraça...

Dornan pulou na cadeira:

— Fogo?

Não, não era fogo. Fora o elevador dos pratos que inesperadamente, ao subir o peixe de Sua Alteza, se desarranjara, e não se movia encalhado!

O Grão-Duque arremessou o guardanapo. Toda a sua polidez estalava como um esmalte mal posto:

— Essa é forte!... Pois um peixe que

me deu tanto trabalho! Para que estamos nós aqui então a cear? Que estupidez! E por que o não trouxeram à mão, simplesmente? Encalhado... Quero ver! Onde é a copa?

E, furiosamente, investiu para a copa, conduzido pelo mordomo que tropeçava, vergava os ombros, ante esta esmagadora cólera de Príncipe. Jacinto seguiu, como uma sombra, levado na rajada de Sua Alteza. E eu não me contive, também me atirei para a copa, a contemplar o desastre, enquanto Dornan, batendo na coxa, clamava que se ceasse sem peixe!

O Grão-Duque lá estava, debruçado sobre o poço escuro do elevador, onde mergulhara uma vela que lhe avermelhava mais a face esbraseada. Espreitei, por

sobre o seu ombro real. Em baixo, na treva, sobre uma larga prancha, o peixe precioso alvejava, deitado na travessa, ainda fumegando, entre rodelas de limão. Jacinto, branco como a gravata, torturava desesperadamente a mola complicada do ascensor. Depois foi o Grão-Duque que, com os pulsos cabeludos, atirou um empuxão tremendo aos cabos em que ele rolava. Debalde! O aparelho enrijara numa inércia de bronze eterno.

Sedas roçagaram à entrada da copa. Era *Madame* de Oriol, e atrás *Madame* Verghane, com os olhos a faiscar, na curiosidade daquele lance em que o Príncipe soltara tanta paixão. Marizac, nosso íntimo, surgiu também, risonho, propondo uma descida ao poço com escadas. Depois foi o Psicólogo, que se

abeirou, psicologou, atribuindo intenções sagazes ao peixe que assim se recusava. E a cada um o Grão-Duque, escarlate, mostrava com dedo trágico, no fundo da cova, o seu peixe! Todos afundavam a face, murmuravam: ”lá está!” Todelle, na sua precipitação, quase se despenhou. O periquito descendente de Coligny batia as asas, granindo: — “Que cheiro ele deita, que delícia!” Na copa atulhada os decotes das senhoras roçavam a farda dos lacaios. O velho caiado de pó de arroz meteu o pé num balde de gelo, com um berro ferino. E o Historiador dos duques de Anjou movia por cima de todos o seu nariz bicudo e triste.

De repente, Todelle teve uma ideia!

— É muito simples... É pescar o peixe!

O Grão-Duque bateu na coxa uma palmada triunfal. Está claro! Pescar o peixe! E no gozo daquela facécia, tão rara e tão nova, toda a sua cólera se sumira, de novo se tornara o Príncipe amável, de magnífica polidez, desejando que as senhoras se sentassem para assistir à pesca miraculosa! Ele mesmo seria o pescador! Nem se necessitava, para a divertida façanha, mais que uma bengala, uma guita e um gancho. Imediatamente *Madame* de Oriol, excitada, ofereceu um dos seus ganchos. Apinhados em volta dela, sentindo o seu perfume, o calor da sua pele, todos exaltamos a amorável dedicação. E o Psicólogo proclamou que nunca se pescara com tão divino anzol!

Quando dois escudeiros estonteados voltaram, trazendo uma bengala e um

cordel, já o Grão-Duque, radiante, vergara o gancho em anzol. Jacinto, com uma paciência lívida, erguia uma lâmpada sobre a escuridão do poço fundo. E os senhores mais graves, o Historiador, o diretor do *Boulevard*, o Conde de Trèves, o homem de cabeça à Van-Dyck, sorriam, amontoados à porta, num interesse reverente pela fantasia de Sua Alteza. *Madame* de Trèves, essa examinava serenamente, com a sua nobre luneta, a instalação da copa. Só Dornan não se erguera da mesa, com os punhos cerrados sobre a toalha, o gordo pescoço encovado, no tédio sombrio de fera a quem arrancaram a posta.

No entanto Sua Alteza pescava com fervor! Mas debalde! O gancho, pouco agudo, sem pressa, bamboleando na

extremidade da guita frouxa, não fisgava.

— Ó Jacinto, erga essa luz! — gritava ele inchado e suado. — Mais!... Agora! Agora! É na guelra! Só na guelra é que o gancho o pode prender. Agora... Qual! que diabo! Não vai!

Tirou a face do poço, resfolegando e afrontado. Não era possível! Só carpinteiros, com alavancas!... E todos, ansiosamente, bradamos que se abandonasse o peixe!

O Príncipe, risonho, sacudindo as mãos, concordava que por fim “fora mais divertido pescá-lo do que comê-lo!” E o elegante bando refluiu sofregamente para a mesa, ao som de uma valsa de Strauss, que os Tziganes arremessaram em arcadas de lânguido ardor. Só *Madame* de Trèves se demorou ainda, retendo o meu pobre

Jacinto, para lhe assegurar quanto admirava o arranjo da sua copa... Ó perfeita! Que compreensão da vida, que fina inteligência do conforto!

Sua Alteza, encalmado pelo esforço, esvaziou poderosamente dois copos de Chateau-Lagrange. Todos o aclamavam como um pescador genial. E os escudeiros serviam o *Barão de Pauillac*, cordeiro das lezírias marinhas, que, preparado com ritos quase sagrados, toma este grande nome sonoro e entra no Nobiliário de França.

Eu comi com o apetite de um herói de Homero. Sobre o meu copo e o de Dornan o Champanhe cintilou e jorrou ininterrompidamente como fonte de inverno. Quando se serviam *ortolans* gelados, que se derretiam na boca, o

divino poeta murmurou, para meu regalo, o seu soneto sublime a “Santa Clara”. E como, do outro lado, o moço de penugem loura insistia pela destruição do velho mundo, também concordei, e, sorvendo Champanhe coalhado em sorvete, maldissemos o Século, a Civilização, todos os orgulhos da Ciência! Através das flores e das luzes, no entanto, eu seguia as ondas arfantes do vasto peito de *Madame* Verghane, que ria como uma bacante. E nem me apiedava de Jacinto que, com a doçura de S. Jacinto sobre o cepo, esperava o fim do seu martírio e da sua festa.

Ela findou. Ainda me recordo, às três horas da noite, o Grão-Duque na antecâmara, muito vermelho, mal firme nos pés pequeninos, sem acertar com as

mangas de peliça que Jacinto e eu lhe ajudamos a enfiar — convidando o meu amigo, numa efusão carinhosa, a ir caçar às suas terras da Dalmácia...

— Devo ao meu Jacinto uma bela pesca, quero que ele me deva uma bela caçada!

E enquanto o acompanhávamos, entre as alas dos escudeiros, pela vasta escada onde o mordomo procedia erguendo um candelabro de três lumes, Sua Alteza repisava, pegajoso:

— Uma bela caçada... E também vai Fernandes! Bom Fernandes, Zé Fernandes! Ceia superior, meu Jacinto! O *Barão de Pauillac*, divino... Creio que o devemos nomear Duque... O Senhor duque de Pauillac! Mais um bocado da perna do senhor Duque de Pauillac. Ah! Ah!... Não

venham fora! Não se constipem!

E do fundo do *coupé*, ao rodar, ainda bradou:

— O peixe, Jacinto, desencalha o peixe! Excelente, ao almoço, frio, com um molho verde!

Trepando cansadamente os degraus, numa moleza de Champanhe e sono em que os olhos se me cerravam, murmurei para o meu Príncipe:

— Foi divertido, Jacinto! Suntuosa mulher, a Verghane! Grande pena, o elevador...

E Jacinto, num som cavo que era bocejo e rugido:

— Uma maçada! E tudo falha!

Três dias depois desta festa no 202

recebeu o meu Príncipe inesperadamente, de Portugal, uma nova considerável. Sobre a sua quinta e solar de Tormes, por toda a serra, passara uma tormenta devastadora de vento, corisco e água. Com as grossas chuvas, “ou por outras causas que os peritos dirão” (como exclamava na sua carta angustiada o procurador Silvério), um pedaço de monte, que se avançava em socalco sobre o vale da Carriça, desabara, arrastando a velha igreja, uma igrejinha rústica do século XVI, onde jaziam sepultados os avós de Jacinto desde os tempos de el-rei D. Manuel. Os ossos veneráveis desses Jacintos jaziam agora soterrados sob um montão informe de terra e pedra. O Silvério já começara com os moços da quinta a desatulhar os “preciosos restos”.

Mas esperava ansiosamente as ordens de Sua Excelência...

Jacinto empalidecera, impressionado. Esse velho solo serrano, tão rijo e firme desde os Godos, que de repente ruía! Esses jazigos de paz piedosa, precipitados com fragor, na borrasca e na treva, para um negro fundo de vale! Essas ossadas, que todas conservavam um nome, uma data, uma história, confundidas num lixo de ruína!

— Coisa estranha, coisa estranha!...

E toda a noite me interrogou acerca da serra e de Tormes, que eu conhecia desde pequeno, porque o velho solar, com a sua nobre alameda de faias seculares, se erguia a duas léguas da nossa casa, no antigo caminho de Guiães à estação e ao rio. O caseiro de Tormes, o bom

Melchior, era cunhado do nosso feitor da Roqueirinha: — e muitas vezes, depois da minha intimidade com Jacinto, eu entrara no robusto casarão de granito, e avaliara o grão espalhado pelas salas sonoras, e provara o vinho novo das adegas imensas...

— E a igreja, Zé Fernandes?... Entraste na igreja?

— Nunca... Mas era pitoresca, com uma torrezinha quadrada, toda negra, onde há muitos anos vivia uma família de cegonhas... Terrível transtorno para as cegonhas!

— Coisa estranha! — murmurou ainda o meu Príncipe, agourado.

E telegrafou ao Silvério que desatulhasse o vale, recolhesse as ossadas, reedificasse a Igreja, e para esta

obra de piedade e reverência, gastasse o dinheiro, sem contar, como a água de um rio largo.

5

No entanto Jacinto, desesperado com tantos desastres humilhadores — as torneiras que dessoldavam, os elevadores que emperravam, o Vapor que se encolhia, a Eletricidade que se sumia, decidiu valorosamente vencer as resistências finais da Matéria e da Força por novas e mais poderosas acumulações de Mecanismos. E nessas semanas de abril, enquanto as rosas desabrochavam, a nossa agitada casa, entre aquelas quietas casas dos Campos Elísios que preguiçavam ao sol, incessantemente tremeu, envolta num pó de caliça e de empreitada, com o bruto picar de pedra, o retininte martelar de ferro. Nos silenciosos corredores, onde

me era doce fumar antes do almoço um pensativo cigarro, circulavam agora, desde madrugada, ranchos de operários, de blusas brancas, assobiando o *Petit-Bleu*, e intimidando os meus passos, quando eu atravessava em fralda e chinelas para o banho ou para ou para outros retiros. Apenas se varava com perícia algum andaime obstruindo as portas — logo se esbarrava com uma pilha de tábuas, uma seira de ferramentas ou um balde enorme de argamassa. E os pedaços de soalho levantado mostravam tristemente, como num cadáver aberto, todos interiores do 202, a ossatura, os sensíveis nervos de arame, os negros intestinos de ferro fundido.

Cada dia estacava diante do portão alguma lenta carroça, de onde os criados,

em mangas de camisa, descarregavam caixotes de madeira, fardos de lona, que se despregavam e se descosiam numa sala asfaltada, ao fundo do jardim, por trás da sebe de lilases. E eu descia, reclamado pelo meu Príncipe, para admirar uma nova Máquina que nos tornaria a vida mais fácil, estabelecendo de um modo mais seguro o nosso domínio sobre a Substância. Durante os calores, que apertaram depois da Ascensão, ensaiamos esperançadamente, para refrescar as águas minerais, a Soda-Water e os Medocs ligeiros, três geleiras, que se amontoaram na copa sucessivamente desprestigiadas. Com os morangos novos apareceu um instrumentozinho astuto, para lhes arrancar os pés, delicadamente. Depois recebemos outro, prodigioso, de prata e

cristal, para remexer freneticamente as saladas; e, na primeira vez que o experimentei, todo o vinagre esparrilhou sobre os olhos do meu Príncipe, que fugiu aos uivos! Mas ele teimava... Nos atos mais elementares, para aliviar ou apressar o esforço, se socorria Jacinto da dinâmica. E agora era por intervenção de uma máquina que abotoava as ceroulas.

E simultaneamente, ou em obediência à sua Ideia, ou governado pelo despotismo do hábito, não cessava, ao lado de Mecânica acumulada, de acumular Erudição. Ó, a invasão dos livros no 202! Solitários, aos pares, em pacotes, dentro de caixas, franzinos, gordos e repletos de autoridade, envoltos em plebeia capa amarela ou revestidos de marroquim e ouro, perpetuamente, torrencialmente,

invadiam por todas as largas portas a Biblioteca, onde se estiravam sobre o tapete, se repimpavam nas cadeiras macias, se entronizavam em cima das mesas robustas, e sobretudo trepavam contra as janelas, em sôfregas pilhas, como se, sufocados pela sua própria multidão, procurassem com ânsia espaço e ar! Na erudita nave, onde apenas alguns livros mais altos restavam descobertos, sem tapume de livros, perenemente se adensava um pensativo crepúsculo de outono enquanto fora junho refulgia. A Biblioteca transborda através de todo o 202! Não se abria um armário sem que de dentro se despenhasse, desamparada, uma pilha de livros! Não se franzia uma cortina, sem que detrás surgisse, hista, uma ruma de livros! E imensa foi a minha

indignação quando uma manhã, correndo urgentemente, de mãos nas alças, encontrei, vedada por uma tremenda coleção de Estudos Sociais, a porta do Water-Closet!

Mais amargamente porém me lembro da noite histórica em que, no meu quarto, moído e mole de um passeio a Versalhes, com as pálpebras poeirentas e meio adormecidas, tive de desalojar do meu leito, praguejando, um pavoroso dicionário de Indústria em trinta e sete volumes! Senti então a suprema fartura do livro. Ajeitando, com murros, os travesseiros, maldisse a Imprensa, a Facúndia humana... e já me estirara, adormecia, quando topei, quase parti a preciosa rótula do joelho, contra a lombada de um tomo que velhacamente se

aninhara entre a parede e os colchões. Com furor e um berro empolguei, arremessei o tomo afrontoso — que entornou o jarro, inundou um tapete rico de Daghestan. E nem sei se depois adormeci — porque os meus pés, a que não sentia nem o pisar nem o rumor, como se um vento brando me levasse, continuaram a tropeças em livros no corredor apagado, depois na areia do jardim que o luar branquejava, depois na Avenida dos Campos Elísios, povoada e ruidosa como numa festa cívica. E, ó portento! Todas as casas aos lados eram construídas com livros. Nos ramos dos castanheiros ramalhavam folhas de livros. E os homens, as finas damas, vestidos de papel impresso, com títulos nos dorsos, mostravam em vez de rosto um livro

aberto, a que a brisa lenta virava docemente as folhas. Ao fundo, na Praça da Concórdia, avistei uma escarpada montanha de livros, a que tentei trepar, arquejante, ora enterrando a perna em flácidas camadas de versos, ora batendo contra a lombada, dura como calhau, de tomos de Exegese e Crítica. A tão vastas alturas subi, para além da terra, para além das nuvens, que me encontrei, maravilhado, entre os astros. Eles rolavam serenamente, enormes e mudos, recobertos por espessas crostas de livros, de onde surdia, aqui e além, por alguma fenda, entre dois volumes mal juntos, um raiozinho de luz sufocada e ansiada. E assim ascendi ao Paraíso. Decerto era o paraíso — porque com meus olhos de mortal argila avistei o Ancião da

Eternidade, aquele que não tem Manhã nem Tarde. Numa claridade que dele irradiava mais clara que todas as claridades, entre fundas estantes de ouro abarrotadas de códices, sentado em vetustíssimos fólios, com os flocos das infinitas barbas espalhados por sobre resmas de folhetos, brochuras, gazetas e catálogos — o Altíssimo lia. A fronte superdivina que concebera o Mundo pousava sobre a mão superforte que o Mundo criara — e o Criador lia e sorria. Ousei, arrepiado de sagrado horror, espreitar por cima do seu ombro coruscante. O livro era brochado, de três francos... O Eterno lia Voltaire, numa edição barata, e sorria.

Uma porta faiscou e rangeu, como se alguém penetrasse no Paraíso. Pensei que

um Santo novo chegara da Terra. Era Jacinto, com o charuto em brasa, um molho de cravos na lapela, sobraçando três livros amarelos que a Princesa de Carman lhe emprestara para ler!

Numa dessas ativas semanas, porém, a minha atenção subitamente se despegou deste interessante Jacinto. Hóspede do 202, conservava no 202 a minha mala e a minha roupa; e, acostado à bandeira do meu Príncipe, ainda ocasionalmente comia do seu caldeirão suntuoso. Mas a minha alma, a minha empobrecida alma, e o meu corpo, o meu embrutecido corpo, habitavam então na rua do Hélder, n°. 16, quarto andar, porta à esquerda.

Descia eu uma tarde, numa leda paz

de ideias e sensações, o Boulevard da Madalena, quando avistei, diante da Estação dos ônibus, rondando no asfalto, num passo lento e felino, uma criatura seca, muito morena, quase tisnada, com dois fundos olhos taciturnos e tristes, e uma mata de cabelos amarelados, toda crespa e rebelde, sob o chapéu velho de plumas negras. Parei, como colhido por um repuxão nas entranhas. A criatura passou — no seu magro rondar de gata negra, sob um beiral de telhado, ao luar de janeiro. Dois poços fundos não luzem mais negra e taciturnamente do que luziam os seus olhos taciturnos e negros. Não recordo (Deus louvado!) como rocei o seu vestido de seda, lustroso e ensebado nas pregas; nem como lhe rosnei uma súplica por entre os dentes que rangiam; nem

como subimos ambos, morosamente e mais silenciosos que condenados, para um gabinete do Café Durand, safado e morno. Diante do espelho, a criatura, com a lentidão de um rito triste, tirou o chapéu e a romeira salpicada de vidrilhos. A seda puída do corpete esgarçava nos cotovelos agudos. E os seus cabelos eram imensos, de uma dureza e espessura de juba brava, em dois tons amarelos, uns mais dourados, outros mais crestados, como a côdea de uma torta ao sair quente do forno.

Com um riso trémulo, agarrei os seus dedos compridos e frios.

— E o nomezinho, hem?

Ela séria, quase grave:

— *Madame* Colombe, 16, rua do Hélder, quarto andar, porta à esquerda.

E eu (miserável Zé Fernandes!) também me senti muito sério, trespassado por uma emoção grave, como se nos envolvesse, naquela alcova de Café, a majestade de um Sacramento. À porta, empurrada levemente, o criado avançou a face nédia. Ordenei uma lagosta, pato com pimentões, e Borgonha. E foi somente ao findarmos o pato que me ergui, amarfanhando convulsamente o guardanapo, e a tremer lhe beijei a boca, todo a tremer, num beijo profundo e terrível, em que deixei a alma, entre saliva e gosto de pimentão! Depois, numa tipoia aberta, sob um bafo mole de leste e de trovoada, subimos a Avenida dos Campos Elísios. Em frente à grade do 202 murmurei, para a deslumbrar com o meu luxo: — “Moro ali, todo o ano!...” E

como ao mirar o Palacete, debruçada, ela roçara a mata fulva do pelo crespo pela minha barba — berrei desesperadamente ao cocheiro que galopasse, para a rua do Hélder, n.º 16, quarto andar, por à esquerda!

Amei aquela criatura. Amei aquela criatura com Amor, com todos os Amores que estão no Amor, o Amor divino, o Amor humano, o Amor bestial, como Santo Antonino amava a Virgem, como Romeu amava Julieta, como um bode ama uma cabra. Era estúpida, era triste. Eu deliciosamente apagava a minha alegria na cinza da sua tristeza; e com inefável gosto afundava a minha razão na densidade da sua estupidez. Durante sete furiosas semanas perdi a consciência da minha personalidade de Zé Fernandes —

Fernandes de Noronha e Sande, de Guiães! Ora se me afigurava ser um pedaço de cera que se derretia, com horrenda delícia, num forno rubro e rugidor; ora me parecia ser uma faminta fogueira onde flamejava, estalava e se consumia um molho de galhos secos. Desses dias de sublime sordidez só conservo a impressão de uma alcova forrada de cretones sujos, de uma bata de lã cor de lilás com sutaches negros, de vagas garrafas de cerveja no mármore de um lavatório, e de um corpo tisnado que rangia e tinha cabelos no peito. E também me resta a sensação de incessantemente e com arroubado deleite me despojar, arremessar para um regaço, que se cavava entre um ventre sumido e uns joelhos agudos, o meu relógio, os meus berloques,

os meus anéis, os meus botões de safira, e as cento e noventa e sete libras de ouro que eu trouxera de Guiães numa cinta de camurça. Do sólido, decoroso, bem fornecido Zé Fernandes, só restava uma carcaça errando através de um sonho, com gâmbias moles e a barba a escorrer.

Depois, uma tarde, trepando com a costumada gula a escada da rua do Hélder, encontrei a porta fechada — e arrancado da ombreira aquele cartão de *Madame Colombe* que eu lia sempre tão devotamente e que era a sua tabuleta... Tudo no meu ser tremeu como se o chão de Paris tremesse! Aquela era a porta do Mundo que ante mim se fechara! Para além estavam as gentes, as cidades, a vida, Deus e Ela. E eu ficara sozinho, naquele patamar do Não-ser, fora da porta

que se fechara, único ser fora do Mundo! Rolei pelos degraus, com o fragor e a incoerência de uma pedra, até ao cubículo da porteira e do seu homem que jogavam as cartas em ditosa pachorra, como se tão pavoroso abalo não tivesse desmantelado o Universo!

— *Madame* Colombe?

A barbuda comadre recolheu lentamente a vaza:

— Já não mora... Abalou esta manhã, para outra terra com outra porca!

Para outra terra! Com outra porca!... Vazio, negramente vazio de todo o pensar, de todo o sentir, de todo o querer — botei aos tombos, como um tonel vazio, na corrente açodada do Boulevard, até que encalhei num banco da Praça da Madalena, onde tapei com as mãos, a que

não sentia a febre, os olhos a que não sentia o pranto! Tarde, muito tarde, quando já se cerravam com estrondo as cortinas de ferro das lojas, surdiu, de entre todas estas confusas ruínas do meu ser, a eterna sobrevivente de todas as ruínas — a ideia de jantar. Penetrei no Durand, com os passos entorpecidos de um ressuscitado. E, numa recordação que me escaldava a alma, encomendei a lagosta, o pato, o Borgonha! Mas ao alargar o colarinho, ensopado pelo ardor daquela tarde de julho, entre a poeira da Madalena, pensei com desconforto: — “Santíssimo Nome de Deus! Que imensa sede me fez esta desgraça!...” De manso acenei ao moço: — “Antes do Borgonha, uma garrafa de Champanhe, com muito gelo, e um grande copo!...” Creio que

aquele Champanhe se engarrafara no Céu onde corre perenemente a fresca fonte da Consolação, e que na garrafa bendita que me coube penetrara, antes de arrolhada, um jorro largo dessa fonte inefável. Jesus! que transcendente regalo, o daquele nobre copo, embaciado, nevado, a espumar, a picar, num brilho de ouro! E depois, garrafa de Borgonha! E depois, garrafa de Conhaque! E depois Hortelã— Pimenta granitada em gelo! E depois um desejo arquejante de espancar, com o meu rijo marmeleiro de Guiães, a porca que fugira com outra porca! Dentro da tipoia fechada, que me transportou num galope ao 202, não sufoquei este santo impulso, e com os meus punhos serranos atirei murros retumbantes contra as almofadas, onde *via*, furiosamente *via* a mata imensa

de pelo amarelo, em que a minha alma uma tarde se perdera, e três meses se debatera, e para sempre se emporcalhara! Quando o fiacre estacou no 202 ainda eu espancava tão desesperadamente a besta ingrata, que, aos berros do cocheiro, dois moços acudiram e me sustiveram, recebendo pelos ombros, sobre as nucas servis, os restos cansados da minha cólera.

Em cima, repeli a solicitude do Grilo que tentava impor ao *siô* Zé Fernandes, a Zé Fernandes de Guiães, a imensa indignidade de um chá de macela! E estirado no leito de *D. Galião*, com as botas sobre o travesseiro, o chapéu alto sobre os olhos, ri, num doloroso riso, deste Mundo burlesco e sórdido de Jacintos e de Colombes! E de repente

senti uma angústia horrenda. Era ela! Era a *Madame* Colombe, que esfuziara da chama da vela, e saltara sobre o meu leito, e desabotoara o meu colete, e arrombara as minhas costelas, e toda ela, com as saias sujas, mergulhara dentro do meu peito e abocara o meu coração, e chupava a sorvos lentos, como na rua do Hélder, o sangue do meu coração! Então, certo da Morte, ganindo pela tia Vicência, pendi do leito para mergulhar na minha sepultura, que, através da névoa final, eu distinguia sobre o tapete — redondinha, vidrada, de porcelana e com asa. E, sobre a minha sepultura, que tão irreverentemente se assemelhava ao meu vaso, vomitei o Borgonha, vomitei o pato, vomitei a lagosta. Depois, num esforço ultra-humano, com um rugido, sentindo

que, não somente toda a entranha, mas a alma se esvaziava toda, vomitei *Madame* Colombe! Recaí sobre o leito de *Galião*...Recarreguei o chapéu sobre os olhos para não sentir os raios do Sol... Era um sol novo, um sol espiritual, que se erguia sobre a minha vida. E adormeci, como uma criancinha docemente embalada num berço de verga pelo Anjo da guarda.

De manhã, lavei a pele num banho profundo, perfumado com todos os aromas do 202, desde folhas de limonete da Índia até essência de jasmim de França; e lavei a alma com uma rica carta da tia Vicência, em letra farta, contando da nossa casa, e da linda promessa das vinhas, e da compota de ginja que nunca lhe saíra tão fina, e da alegre fogueira do pátio em

noite de S. João, e da menininha muito gorda e cabeluda que viera do Céu para a minha afilhada Joaninha. Depois, à janela, bem limpo de alma e de corpo, numa quinzena de sedinha branca, tomando chá de Naipó, respirando os rosais do jardim revividos pela chuva da madrugada, considerei, em divertido pasmo, que, durante sete semanas, me emporcalhara, na rua do Hélder, com um estardalho muito magro e muito tisnado! E concluí que padecera de uma longa sezão, sezão da carne, sezão da imaginação, apanhada num charco de Paris — nesses charcos que se formam através da Cidade com as águas mortas, os limos, os lixos, os tortulhos e os vermes de uma Civilização que apodrece.

Então, curado, todo o meu espírito,

como uma agulha para o Norte, se virou logo para o meu complicado Príncipe, que, nas derradeiras semanas da minha infeção sentimental, eu entrevira sempre descaído por cima de sofás, ou vagueando através da biblioteca entre os seus trinta mil volumes, com arrastados bocejos de inércia e de vacuidade. Eu, na minha pressa indigna, só lhe lançava um distraído — “que é isso?” Ele, no seu moroso desalento, só murmurava um seco — “é calor!”

E, nessa manhã da minha libertação, ao penetrar antes de almoço no seu quarto, no sofá o encontrei enterrado, com o Fígaro aberto sobre a barriga, a Agenda caída sobre o tapete, toda a face envolta em sombra, e os pés abandonados, numa soberana tristeza, ao pedicuro que lhe

polia as unhas. Decerto o meu olhar realumiado e repurificado, a brancura das minhas flanelas reproduzindo a quietação das minhas sensações, e a segura harmonia em que todo o meu ser visivelmente se movia, impressionaram o meu Príncipe — a quem a melancolia nunca embotava a agudeza. Ergueu molemente um braço mole:

— Então esse capricho?

Derramei sobre ele todo o fulgor de um riso vitorioso:

— Morto! E, como o Sr. De Marlborough, “morto e bem enterrado”. Jaz! Ou antes, rola! Com efeito deve andar agora rolando por dentro do cano do esgoto!

Jacinto bocejou, murmurou:

— Este Zé Fernandes de Noronha e

Sande!...

E, no meu nome, no meu digno nome assim embrulhado num bocejo com desprendida ironia, se resumiu todo o interesse daquele Príncipe pela suja tormenta em que se debatera o meu coração! Mas não me melindrou esse consumado egoísmo... Claramente percebia eu que o meu jacinto atravessava uma densa névoa de tédio, tão densa, e ele tão afundado na sua mole densidade, que as glórias ou os tormentos de um camarada não o comoviam, como muito remotas, intangíveis, separadas da sua sensibilidade por imensas camadas de algodão. Pobre Príncipe da Grã-Ventura, tombado para o sofá de inércia, com os pés no regaço do pedicuro! Em que lodoso fastio caíra, depois de renovar tão

bravamente todo o recheio mecânico e erudito do 202, na sua luta contra a Força e a Matéria! — E esse fastio não o escondeu mais do seu velho Zé Fernandes, quando recomeçou entre nós a comunhão de vida e de alma a que eu tão torpemente me arrancara, uma tarde, diante da Estação dos ônibus, no charco da Madalena!

Não eram certamente confissões enunciadas. O elegante e reservado Jacinto não torcia os braços, gemendo — "Ó vida maldita!" eram apenas expressões saciadas; um gesto de repelir com rancor a importunidade das coisas; por vezes uma imobilidade determinada, de protesto, no fundo de um divã, de onde se não desenterrava, como para um repouso que desejasse eterno; depois os

bocejos, os ocos bocejos com que sublinhava cada passo, continuado por fraqueza ou por dever iniludível; e sobretudo aquele murmurar que se tornara perene e natural — “Para que?” — “Não vale a pena!” — “Que maçada!...”

Uma noite no meu quarto, descalçando as botas, consultei o Grilo:

— Jacinto anda tão murcho, tão corcunda... Que será, Grilo?

O venerando preto declarou com uma certeza imensa:

— Sua Excelência sofre de fartura.

Era fartura! O meu Príncipe sentia abafadamente a fartura de Paris: — e na Cidade, na simbólica Cidade, fora de cuja vida culta e forte (como ele outrora gritava, iluminado) o homem do século XIX nunca poderia saborear plenamente a

“delícia de viver”, ele não encontrava agora forma de vida, espiritual ou social, que o interessasse, lhe valesse o esforço de uma corrida curta numa tipoia fácil. Pobre Jacinto! Um jornal velho, setenta vezes relido desde a Crónica até aos Anúncios, com a tinta delida, as dobras roídas, não enfastiaria mais o Solitário, que só possuísse na sua Solidão esse alimento intelectual, do que o Parisianismo enfastiava o meu doce camarada! Se eu nesse verão capciosamente o arrastava a um Café-Concerto, ou ao festivo Pavilhão de Armenonville, o meu bom Jacinto, colado pesadamente à cadeira, com um maravilhoso ramo de orquídeas na casaca, as finas mãos abatidas sobre o castão da bengala, conservava toda a noite uma

gravidade tão estafada, que eu, compadecido, me erguia, o libertava, gozando a sua pressa em abalar, a sua fuga de ave solta... Raramente (e então com veemente arranque como quem salta um fosso) descia a um dos seus clubes, ao fundo dos Campos Elísios. Não se ocupara mais das suas Sociedades e Companhias, nem dos *Telefones de Constantinopla*, nem das *Religiões Esotéricas*, nem do *Bazar Espiritualista*, cujas cartas fechadas se amontoavam sobre a mesa de ébano, de onde o Grilo as varria tristemente como o lixo de uma vida finda. Também lentamente se despegava de todas as suas convivências. As páginas da Agenda cor-de-rosa murcha andavam desafogadas e brancas. E se ainda cedia a um passeio de *mail-coach*,

ou a um convite para algum Castelo amigo dos arredores de Paris, era tão arrastadamente, com um esforço tão saturado ao enfiar o *paletot* leve, que me lembrava sempre um homem, depois de um gordo jantar de província, a estalar, que, por polidez ou em obediência a um dogma, devesse ainda comer uma lampreia de ovos!

Jazer, jazer, em casa, na segurança das portas bem cerradas e bem defendidas contra toda a intrusão do mundo, seria uma doçura para o meu Príncipe se o seu próprio 202, com todo aquele tremendo recheio de Civilização, não lhe desse uma sensação dolorosa de abafamento, de atulhamento! julho escaldava: e os brocados, as alcatifas, tantos móveis roliços e fofos, todos os seus metais e

todos os seus livros tão espessamente o oprimiam, que escancarava sem cessar as janelas para prolongar o espaço, a claridade, a frescura. Mas era então a poeira, suja e acre, rolada em bafos mornos, que o enfurecia:

— Oh, este pó da Cidade!

— Mas, ó Jacinto, por que não vamos para Fontainebleau, ou para Montmorency, ou...

— Para o campo? O quê! Para o campo?!

E na sua face enrugada, através deste berro, lampejava sempre tanta indignação, que eu curvava os ombros, humilde, no arrependimento de ter afrontosamente ultrajado o Príncipe que tanto amava. Desventurado Príncipe! Com o seu dourado cigarro de Yaka a fumegar,

errava então pelas salas, lenta e murchamente, como quem vaga em terra alheia sem afeições e sem ocupações. Esses desafeiçoados e desocupados passos monotonamente o traziam ao seu centro, ao gabinete verde, à Biblioteca de ébano, onde acumulara Civilização nas máximas proporções, para gozar nas máximas proporções a delícia de viver. Espalhava em torno um olhar farto. Nenhuma curiosidade ou interesse lhe solicitavam as mãos, enterradas nas algibeiras das pantalonas de seda, numa inércia de derrota. Anulado, bocejava com descoroçoada moleza. E nada mais intrusivo e doloroso do que este supremo homem do século XIX, no meio de todos os aparelhos reforçadores dos seus órgãos, e de todos os fios que

disciplinavam ao seu serviço as forças Universais, e dos seus trinta mil volumes repletos de saber dos séculos — estacando, com as mãos derrotadas no fundo das algibeiras, e exprimindo, na face e na indecisão mole de um bocejo, o embaraço de viver!

6

Todas as tardes, cultivando uma dessas intimidades que entre tudo o que cansa jamais cansam, Jacinto, às quatro horas, com regularidade devota, visitava *Madame* de Oriol: — porque essa flor de Parisianismo permanecera em Paris, mesmo depois do Grand-Prix, a desbotar na calma e no cisco da Cidade. Numa dessas tardes, porém, o telefone, ansiosamente repicado, avisou Jacinto de que a sua doce amiga jantava em Enghien com os Trèves. (Esses senhores gozavam o seu verão à beira do lago, numa casa toda branca e vestida de rosinhas brancas que pertencia a Efraim.)

Era um Domingo silencioso,

enevoado e macio, convidando às voluptuosidades da melancolia. E eu (no interesse da minha alma) sugeri a Jacinto que subíssemos à Basílica do Sacré-Couer, em construção nos altos de Montmartre.

— É uma seca, Zé Fernandes...

— Com mil demónios! Eu nunca vi a Basílica...

— Bem, bem! Vamos à Basílica, homem fatal de Noronha e Sande!

E por fim logo que começamos a penetrar, para além de S. Vicente de Paulo, em bairros estreitos e íngremes, de uma quietação de província, com muros velhos fechando quintalejos rústicos, mulheres despenteadas cosendo à soleira das portas, carriolas desatreladas descansando diante das tascas, galinhas

soltas picando o lixo, cueiros molhados secando em canas — o meu fastidioso camarada sorriu àquela liberdade e singeleza das coisas.

A vitória parou em frente à larga rua de escadarias que trepa, cortando vielazinhas campestres, até à esplanada, onde, envolta em andaimes, se ergue a Basílica imensa. Em cada patamar barracas de arraial devoto, forradas de paninho vermelho, transbordavam de Imagens, Bentinhos, Crucifixos, Corações de Jesus bordados a retrós, claros molhos de Rosários. Pelos cantos, velhas agachadas resmungavam a Ave-Maria. Dois padres desciam, tomando risonhamente uma pitada. Um sino lento tilintava na doçura da tarde. E Jacinto murmurou, com agrado:

— É curioso!

Mas a Basílica em cima não nos interessou, abafada em tapumes e andaimes, toda branca e seca, de pedra muito nova, ainda sem alma. E Jacinto, por impulso bem Jacíntico, caminhou gulosamente para a borda do terraço, a contemplar Paris. Sob o céu cinzento, na planície cinzenta, a Cidade jazia, toda cinzenta, como uma vasta e grossa camada de caliça e telha. E na sua imobilidade e na sua mudez, algum rolo de fumo, mais ténue e ralo que o fumear de um escombro mal apagado, era todo o vestígio visível da sua vida magnífica.

Então chasqueei risonhamente o meu Príncipe. Aí estava pois a Cidade, augusta criação da Humanidade. Ei-la aí, belo Jacinto! Sobre a crosta cinzenta da Terra

— uma camada de caliça, apenas mais cinzenta! No entanto ainda momentos antes a deixáramos prodigiosamente viva, cheia de um povo forte, com todos os seus poderosos órgãos funcionando, abarrotada de riqueza, resplandecente de sapiência, na triunfal plenitude do seu orgulho, como Rainha do Mundo coroada de Graça. E agora eu e o belo Jacinto trepávamos a uma colina, espreitávamos, escutávamos — e de toda a estridente e radiante Civilização da cidade não percebíamos nem um rumor nem um lampejo! E o 202, o soberbo 202, com os seus arames, os seus aparelhos, a pompa da sua Mecânica, os seus trinta mil livros? Sumido, esvaído na confusão de telha e cinza! Para este esvaecimento pois da obra humana, mal ela se contempla de cem metros de altura,

arqueja o obreiro humano em tão angustioso esforço? Hem, Jacinto?... Onde estão os teus Armazéns servidos por três mil caixeiros? E os Bancos em que retine o ouro universal? E as Bibliotecas atulhadas com o saber dos séculos? Tudo se fundiu numa nódoa parda que suja a Terra. Aos olhos piscos de um Zé Fernandes, logo que ele suba, fumando o seu cigarro, a uma arredada colina — a sublime edificação dos Tempos não é mais que um silencioso monturo da espessura e da cor do pó final. O que será então aos olhos de Deus!

E ante estes clamores, lançados com afável malícia para espicaçar o meu Príncipe, ele murmurou, pensativo:

— Sim, é talvez tudo uma ilusão... E a Cidade a maior ilusão!

Tão facilmente vitorioso redobrei de facúndia. Certamente, meu Príncipe, uma Ilusão! E a mais amarga, porque o Homem pensa ter na Cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem a fonte de toda a sua miséria. Vê, Jacinto! Na Cidade perdeu ele a força e beleza harmoniosa do corpo, e se tornou esse ser ressequido e escanifrado ou obeso e afogado em unto, de ossos moles como trapos, de nervos trémulos como arames, com cangalhas, com chinós, com dentaduras de chumbo, sem sangue, sem febra, sem viço, torto, corcunda — esse ser em que Deus, espantado, mal pode reconhecer o seu esbelto e rijo e nobre Adão! Na Cidade findou a sua liberdade moral; cada manhã ela lhe impõe uma necessidade, e cada necessidade o arremessa para uma

dependência; pobre e subalterno, a sua vida é um constante solicitar, adular, vergar, rastejar, aturar; e rico e superior como um Jacinto, a Sociedade logo o enreda em tradições, preceitos, etiquetas, cerimónias, praxes, ritos, serviços mais disciplinares que os de um cárcere ou de um quartel... A sua tranquilidade (bem tão alto que Deus com ele recompensa os Santos) onde está, meu Jacinto? Sumida para sempre, nessa batalha desesperada pelo pão, ou pela fama, ou pelo poder, ou pelo gozo, ou pela fugida rodela de ouro! Alegria como a haverá na Cidade para esses milhões de seres que tumultuam na arquejante ocupação de *desejar* — e que, nunca fartando o desejo, incessantemente padecem de desilusão, desesperança ou derrota? Os sentimentos mais

genuinamente humanos logo na Cidade se desumanizam! Vê, meu Jacinto! São como luzes que o áspero vento do viver social não deixa arder com serenidade e limpidez; e aqui abala e faz tremer; e além brutamente apaga; e adiante obriga a flamejar com desnaturada violência. As amizades nunca passam de alianças que o interesse, na hora inquieta da defesa ou na hora sôfrega do assalto, ata apressadamente com um cordel apressado, e que estalam ao menor embate da rivalidade ou do orgulho. E o Amor, na Cidade, meu gentil Jacinto? Considera esses vastos armazéns com espelhos, onde a nobre carne de Eva se vende, tarifada ao arrátel, como a de vaca! Contempla esse velho Deus do Himeneu, que circula trazendo em vez do ondeante facho da

Paixão a apertada carteira do Dote! Espreita essa turba que foge dos largos caminhos assoalhados em que os Faunos amam as Ninfas na boa lei natural, e busca tristemente os recantos lôbregos de Sodoma ou de Lesbos!... Mas o que a cidade mais deteriora no homem é a Inteligência, porque ou lha arregimenta dentro da banalidade ou lha empurra para a extravagância. Nesta densa e pairante camada de Ideias e Fórmulas que constitui a atmosfera mental das Cidades, o homem que a respira, nela envolto, só pensa todos os pensamentos já pensados, só exprime todas as expressões já exprimidas: — ou então, para se destacar na pardacenta e chata Rotina e trepar ao frágil andaime da gloríola, inventa num gemente esforço, inchando o crânio, uma novidade disforme

que espante e que detenha a multidão como um monstrengo numa feira. Todos, intelectualmente, são carneiros, trilhando o mesmo trilho, balando o mesmo balido, com o focinho pendido para a poeira onde pisam, em fila, as pegadas pisadas; — e alguns são macacos, saltando no topo de mastros vistosos, com esgares e cabriolas. Assim, meu Jacinto, na Cidade, nesta criação tão antinatural onde o solo é de pau e feltro e alcatrão, e o carvão tapa o céu, e a gente vive acamada nos prédios como o paninho nas lojas, e a claridade vem pelos canos, e as mentiras se murmuram através de arames — o homem aparece como uma criatura anti-humana, sem beleza, sem força, sem liberdade, sem riso, sem sentimento, e trazendo em si um espírito que é passivo como um

escravo ou impudente como um Histrião... E aqui tem o belo Jacinto o que é a bela Cidade!

E ante estas encanecidas e veneráveis invetivas, retumbadas pontualmente por todos os Moralistas bucólicos, desde Hesíodo, através dos séculos — o meu Príncipe vergou a nuca dócil, como se elas brotassem, inesperadas e frescas, de uma Revelação superior, naqueles cimos de Montmartre:

— Sim, com efeito, a Cidade... É talvez uma ilusão perversa!

Insisti logo, com abundância, puxando os punhos, saboreando o meu fácil filosofar. E se ao menos essa ilusão da Cidade tornasse feliz a totalidade dos seres que a mantém... Mas não ! Só uma estreita e reluzente casta goza na Cidade

os gozos especiais que ela cria. O resto, a escura, imensa plebe, só nela sofre, e com sofrimentos especiais que só nela existem! Deste terraço, junto a esta rica Basílica consagrada ao Coração que amou o Pobre e por ele sangrou, bem avistamos nós o lôbrego casario onde a plebe se curva sob esse antigo opróbrio de que nem Religiões, nem Filosofias, nem Morais, nem a sua própria força brutal a poderão jamais libertar! Aí jaz, espalhada pela Cidade, como esterco vil que fecunda a cidade. Os séculos rolam; e sempre imutáveis farrapos lhe cobrem o corpo, e sempre debaixo deles, através do longo dia, os homens labutarão e as mulheres chorarão. E com este labor e este pranto dos pobres, meu Príncipe, se edifica a abundância da Cidade! Ei-la agora

coberta de moradas em que eles se não abrigam; armazenada de estofos, com que eles se não agasalham; abarrotada de alimentos, com que eles se não saciam! Para eles só a neve, quando a neve cai, e entorpece e sepulta as criancinhas aninhadas pelos bancos das praças ou sob os arcos das pontes de Paris... A neve cai, muda e branca na treva; as criancinhas gelam nos seus trapos; e a polícia, em torno, ronda atenta para que não seja perturbado o tépido sono daqueles que amam a neve, para patinar nos lagos do Bosque de Bolonha com peliças de três mil francos. Mas quê, meu Jacinto! a tua Civilização reclama insaciavelmente regalos e pompas, que só obterá, nesta amarga desarmonia social, se o Capital der Trabalho, por cada arquejante

esforço, uma migalha ratinhada. Irremediável, é, pois, que incessantemente a plebe sirva, a plebe pene! A sua esfalfada miséria é a condição do esplendor sereno da Cidade. Se nas suas tigelas fumegasse a justa ração de caldo — não poderia aparecer nas baixelas de prata a luxuosa porção de *foie-gras* e túbaras que são o orgulho da Civilização. Há andrajos em trapeiras — para que as belas Madamas de Oriol, resplandecentes de sedas e rendas, subam em doce ondulação, a escadaria da Ópera. Há mãos regeladas que se estendem e beiços sumidos que agradecem o dom magnânimo de um *sou* — para que os Efrains tenham dez milhões no Banco de França, se aqueçam à chama rica da lenha aromática, e surtam de colares de safiras as suas

concubinas, netas dos duques de Atenas. E um povo chora de fome, e da fome dos seus pequeninos — para que os Jacintos, em janeiro, debiquem, bocejando, sobre pratos de Saxe, morangos gelados em Champanhe e avivados de um fio de éter!

— E eu comi dos teus morangos, Jacinto! Miseráveis, tu e eu!

Ele murmurou, desolado:

— É horrível, comemos desses morangos... E talvez por uma ilusão!

Pensativamente deixou a borda do terraço, como se a presença da Cidade, estendida na planície, fosse escandalosa. E caminhamos devagar, sob a moleza cinzenta da tarde, filosofando — considerando que para esta iniquidade não havia cura humana, trazida pelo esforço humano. Ah, os Efrains, os

Trèves, os vorazes e sombrios tubarões do mar humano, só abandonarão ou afrouxarão a exploração das Plebes, se uma influência celeste, por milagre novo, mais alto que os milagres velhos, lhes converter as almas! O burguês triunfa, muito forte, todo endurecido no pecado — e contra ele são impotentes os prantos dos Humanitários, os raciocínios dos Lógicos, as bombas dos Anarquistas. Para amolecer tão duro granito só uma doçura divina. Eis pois esperança da terra novamente posta num Messias!... Um decerto desceu outrora dos grandes Céus; e, para mostrar bem que mandado trazia, penetrou mansamente no mundo pela porta de um curral. Mas a sua passagem entre os homens foi tão curta! Um meigo sermão numa montanha, ao fim de uma tarde

meiga; uma repreensão moderada aos Fariseus que então redigiam o *Boulevard*; algumas vergastadas nos Efrains vendilhões; e logo, através da porta da morte, a fuga radiosa para o Paraíso! Esse adorável filho de Deus teve demasiada pressa em recolher a casa de seu Pai! E os homens a quem ele incumbira a continuação da sua obra, envolvidos logo pelas influências dos Efrains, dos Trèves, da gente do Boulevard, bem depressa esqueceram a lição da Montanha e do lago de Tiberíade — e eis que por seu turno revestem a púrpura, e são Bispos, e são Papas, e se aliam à opressão, e reinam com ela, e edificam a duração do seu Reino sobre a miséria dos sem-pão e dos sem lar! Assim tem de ser recomeçada a obra da Redenção. Jesus, ou Guatama, ou

Cristna, ou outro desses filhos que Deus por vezes escolhe no seio de uma Virgem, nos quietos vergéis da Ásia, deverá novamente descer à terra de servidão. Virá ele, o desejado? Porventura já algum grave rei do Oriente despertou, e olhou a estrela, e tomou a mirra nas suas mãos reais, e montou pensativamente sobre o seu dromedário? Já por esses arredores da dura Cidade, de noite, enquanto Caifás e Madalena ceiam lagosta no Paillard, andou um Anjo, atento, num voo lento, escolhendo um curral? Já de longe, sem moço que os tanja, na gostosa pressa de um divino encontro, vem trotando a vaca, trotando o burrinho?

— Tu sabes, Jacinto?

Não, Jacinto não sabia — e queria acender o charuto. Forneci um fósforo ao

meu Príncipe. Ainda rondamos no terraço, espalhando pelo ar outras ideias sólidas que no ar se desfaziam. Depois penetrávamos na Basílica — quando um Sacristão nédio, de barrete de veludo, cerrou fortemente a porta, e um Padre passou, enterrando na algibeira, com um cansado gesto final e como para sempre, o seu velho Breviário.

— Estou com uma sede, Jacinto... Foi esta tremenda Filosofia!

Descemos a escadaria, armada em arraial devoto. O meu pensativo camarada comprou uma imagem da Basílica. E saltávamos para a vitória, quando alguém gritou rijamente, numa surpresa:

— Eh Jacinto!

O meu Príncipe abriu os braços, também espantado:

— Eh Maurício!

E, num alvoroço, atravessou a rua, para um café, onde, sob o toldo de riscadinho, um robusto homem, de barba em bico, remexia o seu absinto, com o chapéu de palha descaído na nuca, a quinzena solta sobre a camisa de seda, sem gravata, como se descansasse num banco, entre as sombras do seu jardim.

E ambos, apertando as mãos, se admiravam daquele encontro, num Domingo de verão, sobre as alturas de Montmartre.

— Oh! eu estou aqui no meu bairro! — exclamava alegremente Maurício. — Em família, em chinelos... Há três meses que subi para estes cimos da Verdade... Mas tu na Santa Colina, homem profano da planície e das ruas de Israel!

O meu Príncipe mostrou o seu Zé Fernandes:

— Com este amigo, em peregrinação à Basílica... O meu amigo Fernandes Lorena... Maurício de Mayolle, velho camarada.

Mr. De Mayolle (que, pela face larga e nariz nobremente grosso, lembrava Francisco de Valois, Rei de França) ergueu o seu chapéu de palha. E empurrava uma cadeira, insistia que nos acomodássemos para um absinto ou para um *bock*.

— Toma um *bock*, Zé Fernandes! — lembrou Jacinto. — Tu estavas a ganir com sede!

Corri lentamente a língua sobre os beiços mais secos que pergaminhos:

— Estou a guardar esta sedezinha

para logo, para jantar, com um vinhozinho gelado!

Maurício saudou, com silenciosa admiração, esta minha avisada malícia. E imediatamente, para o meu Príncipe:

— Há três anos que não te vejo, Jacinto... Como tem sido possível, neste Paris que é uma aldeola e que tu atravancas?

— A vida, Maurício, a espalhada vida... Com efeito! Há três anos, desde a casa dos Lamotte-Orcel. Tu ainda visitas esse santuário?

Maurício atirou um gesto desdenhoso e largo, que sacudia um mundo:

— Oh! Há mais de um ano que me separei dessa bicharia herética... Uma turba indisciplinada, meu Jacinto! Nenhuma fixidez, um diletantismo

estonteado, carência completa e cómica de toda a base experimental... Quando tu ias aos Lamotte-Orcel, e à Parola do 37, e à *Cerveja Ideal*, o que reinava?...

Jacinto catou lentamente as suas recordações por entre os pelos do bigode:

— Eu sei!... Reinava Wagner e a Mitologia Eddica, e o Raganarock, e as Normas... Muito Pré-Rafaelismo também, e Montagna, e Fra Angélico... Em moral, o Renanismo.

Maurício sacudia os ombros. Ó, tudo isso pertencia a um passado arcaico, quase lacustre! Quando *Madame* de Lamotte-Orcel remobiliara a sala com veludos Morris, grossas alcachofras sobre tons de Açafrão, já o Renanismo passara, tão esquecido como o Cartesianismo...

— Tu ainda és do tempo do culto do

Eu?

O meu Príncipe suspirou risonhamente:

— Ainda o cultivei.

— Pois bem! Logo depois foi o Hartmanismo, o Inconsciente. Depois o Nietzismo, o Feudalismo espiritual... Depois grassou o Tolstoísmo, um furor imenso de renunciamento neocenobítico. Ainda me lembro de um jantar em que apareceu um mostrengo de um eslavo, de guedelha sórdida, que atirava olhos medonhos para o decote da pobre condessa de Arche, e que grunhia com o dedo espetado: “Busquemos a luz, muito por baixo, no pó da terra!” E à sobremesa bebemos à delícia da humildade e do trabalho servil, com aquele Champanhe Marceaux granitado que a Matilde dava

nos grandes dias em copos da forma do Santo Graal! Depois veio Emersonismo... Mas a praga cruel foi o Ibsenismo! Enfim, meu filho, uma Babel de Éticas e Estéticas. Paris parecia demente. Já havia uns desgarrados que tendiam para o Luciferismo. E amiguinhas nossas, coitadas, iam descambando para o Falismo, uma moxinifada místico-brejeira, pregada por aquele pobre La Carte que depois se fez Monge Branco, e que anda no Deserto... Um horror! E uma tarde, de repente, toda esta massa se precipita com ânsia para o Ruskinismo!

Eu, agarrado à bengala, bem no chão, sentia como um vendaval que redemoinhava, me torcia o crânio! E até Jacinto balbuciou, esgazeado:

— O Ruskinismo?

— Sim, o velho Ruskin... John Ruskin!

O meu ditoso Príncipe compreendeu:

— Ah, Ruskin!... *As sete lâmpadas da Arquitetura*, *A Coroa de Oliveira Brava*... É o culto da Beleza!

— Sim! O culto da Beleza — confirmou Maurício. — Mas a esse tempo eu, enjoado, já descera de todas nuvens vãs... Pisava um chão mais seguro, mais fértil.

Deu um sorvo lento ao absinto, cerrando as pálpebras. Jacinto esperava, com o seu fino nariz dilatado, como para respirar a Flor de Novidade que ia desabrochar:

— E então? então?...

Mas o outro murmurou, dispersamente, por entre reticências em

que se velava:

— Vim para Montmartre... Tenho aqui um amigo, um homem de génio, que percorreu toda a Índia... Viveu com os Toddas, esteve nos mosteiros de Grama-Khian e de Dashi-Lumbo, e estudou com Gengen-Chutu no retiro santo de Urga... Gengen-Chutu foi a décima Sexta encarnação de Guatama, e era portanto um Boddi-sattva... Trabalhamos, procuramos... Não são visões. Mas fatos, experiências bem antigas, que vêm talvez desde os tempos de Cristna...

Através destes nomes, que exalavam um perfume triste de vetustos ritos, arredara a cadeira. E de pé, deixando cair sobre a mesa, distraidamente, para pagar o absinto, moedas de prata e moedas de cobre, murmurava com os olhos

descansados em Jacinto, mas perdidos noutra visão:

— Por fim tudo se reduz ao supremo desenvolvimento da Vontade dentro da suprema pureza da Vida. É toda a ciência e força dos grandes mestres Hindus... Mas a pureza absoluta da vida, eis a luta, eis o obstáculo! Não basta mesmo o Deserto, nem o bosque do mais velho templo no alto Tibete... Ainda assim, meu Jacinto, já obtivemos resultados bem estranhos. Sabes as experiências de Tyndall, com as chamas sensitivas... O pobre químico, para demonstrar as vibrações do som, tocou quase às portas da verdade esotérica. Mas quê! homem de ciência, portanto homem de estupidez, ficou aquém, entre as suas placas e suas retortas! Nós fomos além. Verificamos as

ondulações da Vontade! Diante de nós, pela expansão da energia do meu companheiro, e em cadência com o seu mandado, uma chama, a três metros, ondulou, rastejou, despediu línguas ardentes, lambeu uma alta parede, rugiu furiosa e negra, resplandeceu direita e silenciosa, e bruscamente abatida em cinza morreu!

E o estranho homem, com o chapéu para a nuca, ficou imóvel, de braços abertos e os olhares esgazeados, como no renovado assombro e no transe daquele prodígio. Depois, recaindo no seu modo fácil e sereno, acendendo devagar um cigarro:

— Uma destas manhãs, Jacinto, apareço no 202, para almoçar contigo, e levo o meu amigo. Ele só come arroz, um

pouco de salada, e fruta. E conversamos... Tu tinhas um exemplar do *Sepher-Zerijah* e outro do *Targum d'Onkelus*. Preciso folhear esses livros.

Apertou a mão do meu Príncipe, saudou este assombrado Zé Fernandes, e serenamente seguiu pela quieta rua, com o chapéu de palha para a nuca, as mãos enterradas nas algibeiras, como um homem natural entre coisas naturais.

— Oh, Jacinto! Quem é este bruxo? Conta!... Quem é ele, santíssimo nome de Deus?

Recostado na vitória, ajeitando o vinco das calças, o meu Príncipe contou, concisamente. Era um nobre e leal rapaz, muito rico, muito inteligente, da antiga casa soberana de Mayolle, descendente dos Duques de Septimania... E murmurou,

através do costumado bocejo:

— O desenvolvimento supremo da vontade!... Teosofia, Budismo esotérico... Aspirações, deceções... Já experimentei... Uma maçada!

Atravessámos, calados, o rumor de Paris, sob a moleza abafada do crepúsculo de verão, para jantar no Bosque, no Pavilhão de Armenoville, onde os Tziganes, avistando Jacinto, tocaram o *Hino da Carta* com paixão, com langor, numa cadência de *czarda* dolorosa e áspera.

E eu, desdobrando regaladamente o guardanapo:

— Pois venha agora para a minha rica sede esse vinhozinho gelado! E creio que estabeleci definitivamente no espírito do Sr. D. Jacinto o salutar horror da

Cidade!

O meu Príncipe percorria, catando o bigode, a Lista dos Vinhos, enquanto o Copeiro esperava com pensativa reverência:

— Mande gelar duas garrafas de champanhe St. Marceaux... Mas antes, um Barsac velho, apenas refrescada... Água de Evian... Não, de Bussang! Bem, de Evian e de Bussang! E, para começar, um *bock*.

Depois, bocejando, desabotoando lentamente a sobrecasaca cinzenta:

— Pois estou com vontade de construir uma casa nos cimos de Montmartre, com um miradouro no alto, todo de vidro e ferro, para descansar de tarde e dominar a Cidade...

7

Julho findara com uma chuva refrescante e consoladora: — e eu pensava em realizar finalmente a minha romagem às cidades da Europa, sempre retardada, através da primavera, pelas surpresas do Mundo e da Carne. Mas, de repente, Jacinto começou a rogar e a reclamar que o seu Zé Fernandes o acompanhasse, todas as tardes, a casa de *Madame* de Oriol! E eu compreendi que o meu Príncipe (à maneira do divino Aquiles, que, sob a tenda, e junto da branca, insípida e dócil Briseida, nunca dispensava Pátroclo) desejava Ter, no retiro do Amor, a presença, o conforto e o socorro da amizade. Pobre Jacinto! Logo

pela manhã combinava pelo telefone com *Madame* de Oriol essa hora de quietação e doçura. E assim encontrávamos sempre superfina Dama prevenida e solitária naquela sala da rua de Lisbonne, onde Jacinto e eu mal cabíamos, sufocávamos na confusão, entre os cestos de flores, e os outros rocalhados, e os monstros do Japão, e a galante fragilidade dos Saxes, e as peles de feras estiradas aos pés de sofás adormecedores, e os biombos de Aubusson formando alcovas favoráveis e lânguidas... Aninhada numa cadeira de bambu lacada de branco, entre almofadas aromatizadas de verbena da Índia, com um romance pousado no regaço, ela esperava o seu amigo numa certa indolência passiva e mansa que me lembrava sempre o Oriente e um Harém. Mas, pelas frescas

sedinhas Pompadour, parecia também uma marquesinha de Versalhes cansada do grande século; ou então, com brocados sombrios e largos cintos cravejados, era como uma veneziana, preparada para um Doge. A minha intrusão, na intimidade daquelas tardes, não a contrariava — antes lhe trazia um vassalo novo, com dois olhos novos para a contemplar. Eu era já o seu Cher Fernandez!

E apenas descerrava os lábios avivados de vermelho, semelhantes a uma ferida fresca, e começava a chalrar — logo nos envolvia o borborinho e a murmuração de Paris. Ela só sabia chalrar sobre a sua pessoa que era o resumo da sua Classe, e sobre a sua existência que era o resumo do seu Paris: — e a sua existência, desde casada, consistira em

ornar com suprema ciência o seu lindo corpo; entrar com perfeição numa sala e irradiar; remexer os estofos e conferenciar pensativamente com o grande costureiro; rolar pelo Bois pousada na sua vitória como uma imagem de cera; decotar e branquear o colo; debicar uma perna de galinhola em mesas de luxo; fender turbas ricas em bailes espessos; adormecer com a vaidade esfalfada; percorrer de manhã, tomando chocolate, os “Ecos” e as “Festas” do Fígaro; e de vez em quando murmurar para o marido — “Ah, és tu?...” Além disso, ao lusco-fusco, num sofá, alguns curtos suspiros, entre os braços de alguém a quem era constante. Ao meu Príncipe, nesse ano, pertencia o sofá. E todos estes deveres de Cidade e de Casta os cumpria sorrindo. Tanto sorria, desde

casada, que já duas pregas lhe vincavam os cantos dos beiços, indelevelmente. Mas nem na alma, nem na pele, mostrava outras máculas de fadiga. A sua Agenda de Visitas continha mil e trezentos nomes, todos no Nobiliário. Através, porém, desta fulgurante sociabilidade arranjara no cérebro (onde decerto penetrara o pó de arroz que desde o colégio acamava na testa) algumas Ideias Gerais. Em Política era pelos Príncipes; e todos os outros "horrores", a República, o Socialismo, a Democracia que se não lava, os sacudia risonhamente, com um bater de leque. Na Semana Santa juntava às rendas do chapéu a Coroa amarga dos espinhos — por serem esses, para gente bem-nascida, dias de penitência e de dor. E, diante de todo o Livro ou de todo o Quadro, sentia a

emoção e formulava finamente o juízo, que no seu Mundo, e nessa Semana, fosse elegante formular e sentir. Tinha trinta anos. Nunca se embaraçara nos tormentos de uma paixão. Marcava, com rígida regularidade, todas as suas despesas num Livro de Contas encadernado em pelúcia verde-mar. A sua religião íntima (e mais genuína do que a outra, que a levava todos os domingos à missa de S. Felipe du Roule) era a Ordem. No inverno, logo que na amável cidade começavam a morrer de frio, debaixo das pontes, criancinhas sem abrigo — ela preparava com comovido cuidado os seus vestidos de patinagem. E preparava também os de Caridade — porque era boa, e concorria para Bazares, Concertos e Tômbolas, quando fossem patrocinados pelas Duquesas do seu

“rancho”. Depois, na primavera, muito metodicamente, regateando, vendia a uma adela os vestidos e as capas de inverno. Paris admirava nela uma suprema flor de Parisianismo.

Pois respirando esta macia e fina flor passamos nós as tardes desse julho enquanto as outras flores pendiam e murchavam na calma e no pó. Mas, na intimidade do seu perfume, Jacinto não parecia encontrar esse contentamento de alma, que entre tudo que cansa jamais cansa. Era já com a paciente lentidão com que se sobem todos os Calvários, os mais bem tapetados, que ele subia a escadaria de *Madame* de Oriol, tão suave e orlada de tão frescas palmeiras. Quando a apetitosa criatura, com dedicação, para o entreter, desdobrava a sua vivacidade

como um pavão desdobra a cauda, o meu pobre Príncipe puxava os pelos do bigode murcho, na murcha postura de quem, por uma manhã de maio, enquanto os melros cantam nas sebes, assiste, numa igreja negra, a um responso fúnebre por um Príncipe. E no beijo que ele chuchurreava sobre a mão da sua doce amiga, para despedir, havia sempre alacridade e alívio.

Mas ao outro dia, ao começar da tarde, depois de errar através da Biblioteca e do Gabinete, puxando sem curiosidade a tira do telégrafo, atirando algum recado mole pelo telefone, espalhando o olhar desalentado sobre o saber imenso dos trinta mil livros, remexendo a colina dos Jornais e Revistas, terminava por me chamar, já

com a preguiça triste da façanha a que se impelia:

— Vamos a casa de *Madame* de Oriol, Zé Fernandes? Eu tinha marcadas para hoje seis ou sete coisas, mas não posso, é uma seca! Vamos a casa de *Madame* de Oriol... Ao menos lá, às vezes, há um bocado de frescura e paz.

E foi uma dessas tardes, em que o meu Príncipe assim procurava desesperadamente um “bocado de frescura e paz”, que encontrámos, ao meio da escadaria suave, entre as palmeiras, o marido de *Madame* de Oriol. Eu já o conhecia — porque Jacinto mo mostrara uma noite, no Grand Café, ceando com dançarinas do *Moulin Rouge*. Era um moço gordalhufo, indolente, de uma brancura crua de toucinho, com uma

calvície já séria e já lustrosa, constantemente acariciada pelos seus gordos dedos carregados de anéis. Nessa tarde, porém, vinha vermelho, todo emocionado, calçando as luvas com cólera. Estacou diante de Jacinto — e sem mesmo lhe apertar a mão, atirando um gesto para o patamar:

— Visita lá acima? Vai achar a Joana em péssima disposição... Tivemos uma cena, e tremenda.

Deu outro puxão desesperado à luva cor de palha, já esgaçada:

— Estamos separados, cada um vive como lhe apetece, é excelente! Mas em tudo há medida e forma... Ela tem o meu nome, não posso consentir que em Paris, com conhecimento de todo o Paris, seja a amante do trintanário. Amantes da nossa

roda, vá! Um lacaio, não!... Se quer dormir com os criados que emigre para o fundo da província, para a sua casa de Corbelle. E lá até com os animais!... Foi o que lhe disse! Ficou como uma fera.

Sacudiu então a mão de Jacinto que “era da sua roda” — rebolou pela escadaria florida e nobre. O meu Príncipe, imóvel nos degraus, de face pendida, cofiava lentamente os fios pendidos do bigode. Depois, olhando para mim, como um ser saturado de tédio e em quem nenhum tédio novo pode caber:

— Já agora subamos, sim?

Parti então, com muita alegria, para a minha apetecida romagem às Cidades da Europa.

Ia viajar!... Viajei. Trinta e quatro vezes, à pressa, bufando, com todo o sangue na face, desfiz e refiz a mala. Onze vezes passei o dia num vagão, envolto em poeirada e fumo, sufocado, a arquejar, a escorrer de suor, saltando em cada estação para sorver desesperadamente limonadas mornas que me escangalhavam a entranha. Catorze vezes subi derreadamente, atrás de um criado, a escadaria desconhecida de um Hotel,; e espalhei o olhar incerto por um quarto desconhecido; e estranhei uma cama desconhecida, de onde me erguia, estremunhado, para pedir em línguas desconhecidas um café com leite que me sabia a fava, um banho de tina que me cheirava a lodo. Oito vezes travei bulhas abomináveis na rua com cocheiros que me

espoliavam. Perdi uma chapeleira, quinze lenços, três ceroulas, e duas botas, uma branca, outra envernizada, ambas do pé direito. Em mais de trinta mesas-redondas esperei tristonhamente que me chegasse o *boeuf-à-la-mode*, já frio, com molho coalhado — e que o copeiro me trouxesse a garrafa de Bordéus que eu provava e repelia com desditosa carantonha. Percorri, na fresca penumbra dos granitos e dos mármores, com pé respeitoso e abafado, vinte e nove Catedrais. Trilhei molemente, com uma dor surda na nuca, em catorze museus, cento e quarenta salas revestidas até aos tetos de Cristos, heróis, santos, ninfas, princesas, batalhas, arquiteturas, verduras, nudezes, sombrias manchas de betume, tristezas das formas imóveis!... E o dia mais doce foi quando

em Veneza, onde chovia desabaladamente, encontrei um velho inglês de penca flamejante que habitara o Porto, conhecera o Ricardo, o José Duarte, o Visconde do Bom Sucesso, e as Limas da Boa vista... Gastei seis mil francos. Tinha viajado.

Enfim, numa bendita manhã de outubro, na primeira friagem e névoa de outono, avistei com enternecido alvoroço as cortinas de seda ainda fechadas no meu 202! Afaguei o ombro do Porteiro. No patamar, onde encontrei o ar macio e tépido que deixara em Florença, apertei os ossos do Grilo excelente:

— E Jacinto?

O digno negro murmurou, de entre os altos, reluzentes colarinhos:

— Sua Excelência circula...

Pesadote, fartote. Entrou tarde do baile da Duquesa de Loches. Era o contrato de casamento de *Mademoiselle* de Loches... Ainda tomou antes de se deitar um chá gelado... E disse a coçar a cabeça: “Eh! Que maçada! Eh! Que maçada!”

Depois do banho e do chocolate, às dez horas, consolado e quentinho dentro do roupão de veludo, rompi pelo quarto do meu Príncipe, de braços abertos e sedentos:

— Ó Jacinto!

— Ó viajante!...

Quando nos estreitamos, fartamente, eu recuei para lhe contemplar a face — e nela a alma. Encolhido numa quinzena de pano cor de malva orlada de peles de marta, com os pelos do bigode murchos, as suas duas rugas mais cavadas, uma

moleza nos ombros largos, o meu amigo parecia já vergado sob o peso e a opressão e o terror do seu dia. Eu sorri, para que ele sorrisse:

— Valente Jacinto... Então como tens vivido?

Ele respondeu, muito serenamente:

— Como um morto.

Forcei uma gargalhada leve, como se o seu mal fosse leve:

— Forcei uma gargalhada leve, como se o seu mal fosse leve:

— Aborrecidote, hem?

O meu Príncipe lançou, num gesto tão vencido, um ó tão cansado — que eu compadecido de novo o abracei, o estreitei, como para lhe comunicar uma parte desta alegria sólida e pura que recebi do meu Deus!

Desde essa manhã, Jacinto começou a mostrar claramente, escancaradamente, ao seu Zé Fernandes, o tédio de que a existência o saturava. O seu cuidado realmente e o seu esforço consistiram então em sondar e formular esse tédio — na esperança de o vencer logo que lhe conhecesse bem a origem e a potência. E o meu pobre Jacinto reproduziu a comédia pouco divertida de um Melancólico que perpetuamente raciocina a sua Melancolia! Nesse raciocínio, ele partia sempre do fato irrecusável e maciço — que a sua vida especial de Jacinto continha todos os interesses e todas as facilidades, possíveis no século XIX, numa vida de homem que não é um Génio,

nem um Santo. Com efeito! Apesar do apetite embotado por doze anos de Champanhes e molhos ricos ele conservava a sua rijeza de pinheiro bravo; na luz da sua inteligência não aparecera nem tremor nem morrão; a boa terra de Portugal, e algumas

Companhias maciças, pontualmente lhe forneciam a sua doce centena de contos; sempre ativas e sempre fiéis o cercavam as simpatias de uma Cidade inconstante e chasqueadora; o 202 estourava de confortos; nenhuma amargura de coração o atormentava; — e todavia era um Triste. Porquê?... E daqui saltava, com certeza fulgurante, à conclusão de que a sua tristeza, esse cinzento burel em que a sua alma andava amortalhada, não provinha da sua individualidade de

Jacinto — mas da Vida, do lamentável, do desastroso fato de Viver! E assim o saudável, intelectual, riquíssimo, bem acolhido Jacinto tombara no Pessimismo.

E um Pessimismo irritado! Porque (segundo afirmava) ele nascera para ser tão naturalmente otimista como um pardal ou um gato. E, até aos doze anos, enquanto fora um bicho superiormente amimado, com a sua pele sempre bem coberta, o seu prato sempre bem cheio, nunca sentira fadiga, ou melancolia, ou contrariedade, ou pena — e as lágrimas eram para ele tão incompreensíveis que lhe pareciam viciosas. Só quando crescera, e da animalidade penetrara na humanidade, despontara nele esse fermento de tristeza, muito tempo indesenvolvido no tumulto das primeiras curiosidades, e que depois

alastrara, o invadira todo, se lhe tornara consubstancial e como o sangue das suas veias. Sofrer portanto era inseparável de Viver. Sofrimentos diferentes nos destinos diferentes da Vida. Na turba dos humanos é a angustiada luta pelo pão, pelo teto, pelo lume; numa casta, agitada por necessidades mais altas, é a amargura das desilusões, o mal da imaginação insatisfeita, o orgulho chocando contra o obstáculo; nele, que tinha os bens todos e desejos nenhuns, era o tédio. Miséria do Corpo, tormento da Vontade, fastio da Inteligência — eis a Vida! E agora aos trinta e três anos a sua ocupação era bocejar, correr com os dedos desalentados a face pendida para nela palpar e apetecer a caveira.

Foi então que o meu Príncipe

começou a ler apaixonadamente, desde o *Eclesiastes* até Schopenhauer, todos os líricos e todos os teóricos do Pessimismo. Nestas leituras encontrava a reconfortante comprovação de que o seu mal não era mesquinhamente "Jacíntico" — mas grandiosamente resultante de uma Lei Universal. Já há quatro mil anos, na remota Jerusalém, a Vida, mesmo nas delícias mais triunfais, se resumia em Ilusão. Já o Rei incomparável, de sapiência divina, sumo Vencedor, sumo Edificador, se enfastiava, bocejava, entre os despojos das suas conquistas, e os mármores novos dos seus Templos, e as suas três mil concubinas, e as Rainhas que subiam do fundo da Etiópia para que ele as fecundasse e no seu ventre depusesse um Deus! Não há nada novo sob o Sol, e a

eterna repetição dos males. Quanto mais se sabe mais se pena. E o justo como o perverso, nascidos do pó, em pó se tornam. Tudo tende ao pó efémero, em Jerusalém e em Paris! E ele, obscuro no 202, padecia por ser homem e por viver — como no seu trono de ouro, entre os seus quatro leões de ouro, o filho magnífico de David.

Não se separava então do *Eclesiastes*. E circulava por Paris trazendo dentro do *coupé* Salomão, como irmão de dor, com quem repetia o grito desolado que é a suma da verdade humana — *Vanitas Vanitatum!* Tudo é Vaidade! Outras vezes, logo de manhã o encontrava estendido no sofá, num roupão de seda, absorvendo Schopenhauer — enquanto o pedicuro, ajoelhado sobre o tapete, lhe

polia com respeito e perícia as unhas dos pés. Ao lado pousava a chávena de Saxe, cheia desse café de Moca enviado por emires do Deserto, que não o contentava nunca, nem pela força, nem pelo aroma. A espaços pousava o livro no peito, resvalava um olhar compassivo para o pedicuro, como a procurar que dor o torturaria — pois que a todo o viver corresponde um sofrer. Decerto o remexer assim, perpetuamente, em pés alheios... E quando o pedicuro se erguia, Jacinto abria para ele um sorriso de confraternidade — com um “adeus, meu amigo” que era um “adeus, meu irmão!”

Esse foi o período esplêndido e soberbamente divertido do seu tédio. Jacinto encontrara enfim na vida uma ocupação grata — mal dizer da Vida! E

para que pudesse maldizer em todas as suas formas, as mais ricas, as mais intelectuais, as mais puras, sobrecarregou a sua vida própria de novo luxo, de interesses novos de espírito, e até de fervores humanitários, e até de curiosidades supernaturais.

O 202, nesse inverno, refulgiu de magnificência. Foi então que ele iniciou em Paris, repetindo Heliogábalo, os Festins de Cor contados na HISTÓRIA AUGUSTA: e ofereceu às suas amigas esse sublime jantar cor-de-rosa, em que tudo era róseo, as paredes, os móveis, as luzes, as louças, os cristais, os gelados, os Champanhes, e até (por uma invenção da Alta Cozinha) os peixes, e as carnes, e os legumes, que os escudeiros serviam, empoados de pó rosado, com librés da

cor de rosa, enquanto do teto, de um velário de seda rosada, caíam pétalas frescas de rosas... A Cidade, deslumbrada, clamou: — “Bravo, Jacinto!” E o meu Príncipe, ao rematar a festa fulgurante, plantou diante de mim as mãos nas ilhargas e gritou triunfalmente: — “Hem? Que maçada!...”

Depois foi o Humanitarismo: e fundou um Hospício no campo, entre jardins, para velhinhos desamparados, outro para crianças débeis à beira do Mediterrâneo. Depois com o major Dorchas, e Mayolle, e o Hindu de Mayolle penetrou no Teosofismo: e montou tremendas experiências para verificar a misteriosa *exteriorização da motilidade*. Depois, desesperadamente, ligou o 202 com os fios telegráficos do

Times, para que no seu gabinete, como num coração, palpitasse toda a Vida Social da Europa.

E a cada um destes esforços da elegância, do humanitarismo, da sociabilidade, e da inteligência indagadora, voltara para mim, de braços alegres, com um grito vitorioso: — “Vês tu, Zé Fernandes? Uma maçada!” — Arrebatava então o seu Eclesiastes, o seu Schopenhauer, e, estendido no sofá, saboreava voluptuosamente a concordância da Doutrina e da Experiência. Possuía uma Fé — o Pessimismo; era um apóstolo rico e esforçado; e tudo tentava, com suntuosidade, para provar a verdade da sua Fé! Muito gozou nesse ano o meu desgraçado Príncipe!

No começo do inverno, porém, notei com inquietação que Jacinto já não folheava o *Eclesiastes*, desleixava Schopenhauer. Nem festas, nem Teosofismos, nem os seus Hospícios, nem os fios do *Times*, pareciam interessar agora o meu amigo, mesmo como demonstrações gloriosas da sua Crença. E a sua abominável função de novo se limitou a bocejar, a passar os dedos moles sobre a face pendida, palpando a caveira. Incessantemente aludia à morte como a uma libertação. Uma tarde mesmo, no melancólico crepúsculo da Biblioteca, antes de refulgirem as luzes, consideravelmente me aterrou, falando num regelado de mortes rápidas, sem dor, pelo choque de uma vasta pilha elétrica ou pela violência compassiva do ácido

cianídrico. Diabo! O Pessimismo, que aparecera na Inteligência do meu Príncipe como um conceito elegante — atacara bruscamente a Vontade!

Todo o seu movimento então foi o de um boi inconsciente que marcha sob a canga e o aguilhão. Já não esperava da Vida contentamento — nem mesmo se lastimava que ela lhe trouxesse tédio ou pena. “Tudo é indiferente, Zé Fernandes!” E tão indiferentemente sairia à sua janela para receber uma Coroa Imperial oferecida por um Povo — como se estenderia numa poltrona rota para emudecer e jazer. Sendo tudo inútil, e não conduzindo senão a maior desilusão, que podia importar a mais rutilante atividade ou a mais desgostada inércia? O seu gesto constante, que me irritava, era encolher os

ombros. Perante duas ideias, dois caminhos, dois pratos, encolhia os ombros! Que importava?... E no mínimo ato, raspar um fósforo ou desdobrar um Jornal, punha uma morosidade tão desconsolada que todo ele parecia ligado, desde os dedos até à alma, pelas voltas apertadas de uma corda que se não via e que o travava.

Muito desagradavelmente me recordo do dia dos seus anos, a 10 de janeiro. Cedo, de manhã, recebera, com uma carta de *Madame* de Trèves, um açafate de camélias, azaléas, orquídeas e lírios-do-vale. E foi este mimo que lhe recordou a data considerável. Soprou sobre as pétalas o fumo do cigarro e

murmurou com um riso de lento escárnio:

— Então há trinta e quatro anos eu ando nesta maçada?

E como eu propunha que telefonássemos aos amigos para beberem no 202 o Champanhe do “Natalício” — ele recusou, com o nariz enojado.

— Oh! Não! Que horrível seca!... — E bradou mesmo para o Grilo: — Eu hoje não estou em Paris para ninguém. Abalei para o campo, abalei para Marselha... Morri!

E a sua ironia não cessou até ao almoço perante os bilhetes, os telegramas, as cartas, que subiam, se arredondavam em colina sobre a mesa de ébano, como um preito da Cidade. Outras flores que vieram, em vistosos cestos, com vistosos laços, foram por ele comparadas às que se

depõem sobre uma tumba. E apenas se interessou um momento pelo presente de Efraim, uma engenhosa mesa, que se abaixava até ao tapete ou se alteava até ao teto — para quê, senhor Deus meu?

Depois do almoço, como chovia sombriamente, não arredamos do 202, com os pés estendidos ao lume, em preguiçoso silêncio. Eu terminara por adormecer beatificamente. Acordei aos passos açodados do Grilo... Jacinto, enterrado na poltrona, com umas tesouras, recortava um papel! E nunca eu me compadeci daquele amigo, que cansara a mocidade a acumular todas as noções formuladas desde Aristóteles e a juntar os inventos realizados desde Terâmenes, como nessa tarde de festa, em que ele, cercado de Civilização nas máximas

proporções, para gozar nas máximas proporções a delícia de viver, se encontrava reduzido, junto ao seu lar, a recortar papéis com uma tesoura!

O Grilo trazia um presente do Grão-Duque — uma caixa de prata, forrada de cedro, e cheia de um chá precioso, colhido, flor a flor, nas veigas de Kiang-Sou por mãos puras de virgens, e conduzido através da Ásia, em caravanas, com a veneração de uma relíquia. Então, para despertar o nosso torpor, lembrei que tomássemos o divino chá — ocupação bem harmónica com a tarde triste, a chuva grossa alagando os vidros, e a clara chama bailando no fogão. Jacinto acendeu — e um escudeiro acercou logo a mesa de Efraim para que nós lhe estreássemos os serviços destros. Mas o meu Príncipe,

depois de a altear, para o meu espanto, até aos cristais do lustre, não conseguiu, apesar de uma suada e desesperada batalha com as molas, que a mesa regressasse a uma altura humana e caseira. E o escudeiro de novo a levou, levantada como um andaime, quimérica, unicamente aproveitável para o gigante Adamastor. Depois veio a caixa do chá entre chaleiras, lâmpadas, coadores, filtros, todo um fausto de alfaias de prata, que comunicavam a essa ocupação, tão simples e doce em casa de minha tia, fazer chá, a majestade de um rito. Prevenido pelo meu camarada da sublimidade daquele chá de Kiang-Sou, ergui a chávena aos lábios com reverência. Era uma infusão descorada que sabia a malva e a formiga. Jacinto provou, cuspiu,

blasfemou. Não tomamos chá.

Ao cabo de outro pensativo silêncio, murmurei, com os olhos perdidos no lume:

— E as obras de Tormes? A igreja... Já haverá igreja nova?

Jacinto retomara o papel e a tesoura:

— Não sei... não tornei a receber carta do Silvério... Nem imagino onde param os ossos... Que lúgubre história!

Depois chegou a hora das luzes e do jantar. Eu encomendara pelo Grilo ao nosso magistral cozinheiro uma larga travessa de arroz-doce, com as iniciais de Jacinto e a data ditosa em canela, à moda amável da nossa meiga terra. E o meu Príncipe à mesa, percorrendo a lâmina de marfim onde no 202 se escreviam os pratos a lápis vermelho, louvou com

fervor a ideia patriarcal:

— Arroz-doce! Está escrito com dois “ss”, mas não tem dúvida... Excelente lembrança! Há que tempos não como arroz-doce! Desde a morte da avó.

Mas quando o arroz-doce apareceu triunfalmente, que vexame! Era um prato monumental, de grande arte! O arroz, maciço, moldado em forma de pirâmide do Egito, emergia de uma calda de cereja, e desaparecia sob os frutos secos que o revestiam até ao cimo onde se equilibrava uma coroa de Conde feita de chocolate e gomos de tangerina gelada! E as iniciais, a data, tão lindas e graves na canela ingénua, vinham traçadas nas bordas da travessa com violetas pralinadas! Repelimos, num mudo horror, o prato acanalhado. E Jacinto, erguendo o copo

de Champanhe, murmurou como num funeral pagão:

— *Ad Manes*, aos nossos mortos!

Recolhemos à Biblioteca, a tomar o café no conchego e alegria do lume. Fora, o vento bramava como num ermo serrano; e as vidraças tremiam, alagadas, sob as bátegas da chuva irada. Que dolorosa noite para os dez mil pobres que em Paris erram sem pão e sem lar! Na minha aldeia, entre cerro e vale, talvez assim rugisse a tormenta. Mas aí cada pobre, sob o abrigo da sua telha vã, com a sua panela atestada de couves, se agacha no seu mantéu ao calor da lareira. E para os que não tenham lenha ou couve, lá está o João das Quintãs, ou a tia Vicência, ou o abade, que conhecem todos os pobres pelos seus nomes, e com eles contam,

como sendo dos seus, quando o carro vai ao mato e a fornada entra no forno. Ah Portugal pequenino, que ainda és doce aos pequeninos!

Suspirei, Jacinto preguiçava. E terminamos por remexer languidamente os jornais que o mordomo trouxera, num monte facundo, sobre uma salva de prata — jornais de Paris, jornais de Londres, Semanários, Magazines, Revistas, Ilustrações... Jacinto desdobrava, arremessava: das Revistas espreitava o sumário, logo farto; às ilustrações rasgava as folhas com o dedo indiferente, bocejando por cima das gravuras. Depois, mais estirado para o lume:

— É uma seca... Não há que ler. — E de repente, revoltado contra este fastio opressor que o escravizava, saltou da

poltrona com um arranque de quem despedaça algemas, e ficou ereto, dardejando em torno um olhar imperativo e duro, como se intimasse aquele seu 202, tão abarrotado de Civilização, a que por um momento sequer fornecesse à sua alma um interesse vivo, à sua vida um fugitivo gosto! Mas o 202 permaneceu insensível; nem uma luz, para o animar, avivou o seu brilho mudo: só as vidraças tremeram sob o embate mais rude de água e vento.

Então o meu Príncipe, sucumbido, arrastou os passos até ao seu gabinete, começou a percorrer todos os aparelhos completadores e facilitadores da Vida — o seu Telégrafo, o seu Telefone, o seu Fonógrafo, o seu Radiómetro, o seu Grafofone, o seu Microfone, a sua Máquina de Escrever, a sua Máquina de

Contar, a sua Imprensa Elétrica, a outra Magnética, todos os seus utensílios, todos os seus tubos, todos os seus fios... Assim um Suplicante percorre altares de onde espera socorro. E toda a sua suntuosa Mecânica se conservou rígida, reluzindo frigidamente, sem que uma roda girasse nem uma lâmina vibrasse, para entreter o seu Senhor.

Só o relógio monumental, que marcava a hora de todas as capitais e o curso de todos os planetas, se compadeceu, batendo a meia-noite, anunciando ao meu amigo que mais um Dia partira levando o seu peso — diminuindo esse sombrio peso da Vida, sob que ele gemia, vergado. O Príncipe da Grã-Ventura, então, decidiu recolher para a cama — com um livro... E durante um

momento, estacou no meio da Biblioteca, considerando os seus setenta mil volumes estabelecidos com pompa e majestade como doutores num Concílio — depois as pilhas tumultuárias dos livros novos que esperavam pelos cantos, sobre o tapete, o repouso e a consagração das estantes de ébano. Torcendo molemente o bigode caminhou por fim para a região dos Historiadores: espreitou séculos, farejou raças; pareceu atraído pelo esplendor do Império Bizantino; penetrou na Revolução Francesa de onde se arredou desencantado; e palpou com mão indeliberada toda a vasta Grécia desde a criação de Atenas até à aniquilação de Corinto. Mas bruscamente virou para a fila dos Poetas, que reluziam em marroquins claros, mostrando, sobre a

lombada, em ouro, nos títulos fortes ou lânguidos, o interior das suas almas. Não lhe apeteceu nenhuma dessas mil almas — e recuou, desconsolado, até aos Biólogos... Tão maciça e cerrada era a estante de Biologia, que o meu pobre Jacinto estarreceu, como ante uma cidadela inacessível! Rolou a escada — e, fugindo, trepou, até às alturas da Astronomia: destacou astros, recolocou mundos; todo um Sistema Solar desabou em fragor. Aturdido, desceu, começou a procurar por sobre as rimas as obras novas, ainda brochadas, nas suas roupas leves de combate. Apanhava, folheava, arremessava; para desentulhar um volume, demolia uma torre de doutrinas; saltava por cima dos Problemas, pisava as Religiões; e relanceando uma linha,

esgravatando além num índice, todos interrogava, de todos se desinteressava, rolando quase de rastos, nas grossas vagas de tomos que rolavam, sem se poder deter, na ânsia de encontrar um Livro! Parou então no meio da imensa nave, de cócoras, sem coragem, contemplando aqueles muros todos forrados, aquele chão todo alastrado, os seus setenta mil volumes — e, sem lhe provar a substância, já absolutamente saciado, abarrotado, nauseado pela opressão da sua abundância. Findou por voltar ao montão de jornais amarrotados, ergueu melancolicamente um velho *Diário de Notícias*, e com ele debaixo do braço subiu ao seu quarto, para dormir, para esquecer.

8

Ao fim desse inverno escuro e pessimista, uma manhã que eu preguiçava na cama, sentindo através da vidraça cheia de sol ainda pálido um bafo de primavera ainda tímido — Jacinto assomou à porta do meu quarto, revestido de flanelas leves, de uma alvura de açucena. Parou lentamente à beira dos colchões, e, com gravidade, como se anunciasse o seu casamento ou a sua morte, deixou desabar sobre mim esta declaração formidável:

— Zé Fernandes, vou partir para Tormes.

O pulo com que me sentei abalou o rijo leito de pau-preto do velho *D.*

Galião:

— Para Tormes? Ó Jacinto, quem assassinaste?...

Deleitado com a minha emoção, o Príncipe da Grã-Ventura tirou da algibeira uma carta, e encetou estas linhas, já decerto relidas, fundamente estudadas:

— “Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor: Tenho grande satisfação em comunicar a Vossa Excelência que toda esta semana devem ficar prontas as obras da capela...”

— É do Silvério? — exclamei.

— É do Silvério. “... as obras da capela nova. Os venerandos restos dos excelsos avós de Vossa Excelência, senhores de todo o meu respeito, podem pois ser em breve trasladados da igreja de S José, onde têm estado depositados por

bondade do nosso Abade, que muito se recomenda a Vossa Excelência... Submisso aguardo as prestantes ordens de Vossa Excelência a respeito desta majestosa e aflitiva cerimónia...”

Atirei os braços, compreendendo:

— Ah! bem! Queres ir assistir à trasladação....

Jacinto sumiu a carta no bolso.

— Pois não te parece, Zé Fernandes? Não é por causa dos outros avós, que são vagos, e que eu não conheci. É por causa do avô *Galião*... Também não o conheci. Mas este 202 está cheio dele; tu estás deitado na cama dele; eu ainda uso o relógio dele. Não posso abandonar ao Silvério e aos caseiros o cuidado de o instalarem no seu jazigo novo. Há aqui um escrúpulo de decência, de elegância

moral... Enfim, decidi. Apertei os punhos na cabeça, e gritei: *Vou a Tormes!* E vou!... E tu vens!

Eu enfiara as chinelas, apertava os cordões do roupão:

— Mas tu sabes, meu bom Jacinto, que a casa de Tormes está inabitável...

Ele cravou em mim os olhos aterrados.

— Medonha, hem?

— Medonha, medonha, não... É uma bela casa, de bela pedra. Mas os caseiros, que lá vivem há trinta anos, dormem em catres, comem o caldo à lareira, e usam as salas para secar o milho. Creio que os únicos móveis de Tormes, se bem recordo, são um armário e uma espineta de charão, coxa, já sem teclas.

O meu pobre Príncipe suspirou, com

um gesto rendido em que se abandonava ao Destino:

— Acabou!... *Alea jacta est!* E como só partimos para abril, há tempo de pintar, de assoalhar, de envidraçar... Mando aqui de Paris tapetes e camas... Um estofador de Lisboa vai depois forrar e disfarçar algum buraco... Levamos livros, uma máquina para fabricar gelo... E é mesmo uma ocasião de por enfim numa das minhas casas de Portugal alguma decência e ordem. Pois não achas? E então essa! Uma casa que data de 1410... Ainda existia o Império Bizantino!

Eu espalhava, com o pincel, sobre a face, flocos lentos de sabão. O meu Príncipe acendeu muito pensativamente um cigarro; e não se arredou do toucador, considerando o meu preparo com uma

atenção triste que me incomodava. Pôr fim, como se remoesse uma sentença minha, para lhe reter bem a moral e o suco:

— Então, definitivamente, Zé Fernandes, entendes que é um dever, um absoluto dever, ir eu a Tormes?

Afastei do espelho a cara ensaboada para encarar divertido espanto o meu Príncipe:

— Ó Jacinto! foi ti, só em ti que nasceu a ideia desse dever! E honra te seja, menino... Não cedas a ninguém essa honra!

Ele atirou o cigarro — e, com as mãos enterradas nas algibeiras das pantalonas, vagou pelo quarto, topando nas cadeiras, embicando contra os postes torneados do velho leito de *D. Galião*,

num balanço vago, com barco já desamarrado do seu seguro ancoradouro, e sem rumo no mar incerto. Depois encalhou sobre a mesa onde eu conservava enfileirada, por gradações de sentimentos, desde o daguerreótipo do papá até a fotografia do *Carocho* perdigueiro, a galeria da minha Família.

E nunca o meu Príncipe (que eu contemplava esticando os suspensórios) me pareceu tão corcovado, tão minguado, como gasto por uma lima que desde muito andasse fundamente limando. Assim viera findar, desfeita em Civilização, naquele super-requintado magricela sem músculo e sem energia, a raça fortíssima dos Jacintos! Esses guedelhudos Jacintões, que nas suas altas terras de Tormes, de volta de bater o mouro no Salado ou o

castelhano em Valverde, nem mesmo despiam as fuscas armaduras para lavar as suas cãs e amarrar a vide ao olmo, edificando o Reino com a lança e com a enxada, ambas tão rudes e rijas! E agora ali estava aquele último Jacinto, um Jacintículo, com a macia pele embebida em aromas, a curta alma enrodilhada em Filosofias, travado e suspirando baixinho na miúda indecisão de viver.

— Ó Zé Fernandes, quem é essa lavadeirona tão rechonchuda?

Estendi o pescoço para a fotografia que ele erguera de entre a minha galeria, no seu honroso caixilho de pelúcia escarlate:

— Mais respeito, Sr. D. Jacinto... Um pouco mais de respeito, cavalheiro!... É minha prima Joaninha, de Sandofim, da

Casa da Flor da Malva.

— Flor da Malva — murmurou o meu Príncipe. — É a Casa do Condestável, de Nun'Álvares.

— Flor da Rosa, homem! A Casa do Condestável era na Flor da Rosa, no Alentejo... Essa tua ignorância trapalhona das coisas de Portugal!

O meu Príncipe deixou escorregar molemente a fotografia da minha prima de entre os dedos moles — que levou à face, no seu gesto horrendo de palpar através da face a caveira. Depois, de repente, com um soberbo esforço, em que se endireitou e cresceu:

— Bem! *Alea jacta est!* Partamos pois para as serras!...E agora nem reflexão, nem descanso!... À obra! E a caminho!

Atirou a mão ao fecho dourado da porta como se fosse o negro loquete que abre os Destinos — e no corredor gritou pelo Grilo, com uma larga e açodada voz que eu nunca lhe conhecera, e me lembrou a de um Chefe ordenando, na alvorada, que se levante o Acampamento, e que a Hoste marche, com pendões e bagagens...

Logo nessa manhã (com uma atividade em que eu reconheci a pressa enjoada de quem bebe óleo de rícino) escreveu ao Silvério mandando caiar, assoalhar, envidraçar o casarão. E depois do almoço apareceu na Biblioteca, chamado violentamente pelo telefone, para combinar a remessa de mobílias e confortos, o diretor da *Companhia Universal de Transportes*.

Era um homem que parecia o cartaz

da sua Companhia, apertado num jaquetão de xadrezinho escuro, com polainas de jornada sobre botas brancas, uma multicor resumindo as suas condecorações exóticas de Madagáscar, de Nicarágua, da Pérsia, outras ainda, que provavam a universalidade dos seus serviços. Apenas Jacinto mencionou “Tormes, no Douro...” — ele logo, através de um sorriso superior, estendeu o braço, detendo outros esclarecimentos, na sua intimidade minuciosa com essas regiões.

— Tormes... Perfeitamente! Perfeitamente!

Sobre o joelho, na carteira, escrevinhou uma fugidia nota — enquanto eu considerava, assombrado, a vastidão do seu saber Corográfico, assim familiar com os recantos de uma serra de Portugal

e com todos os seus velhos solares. Já ele atirara a carteira para o bolso... E “nós, seus caros senhores, não tínhamos senão a encaixotar as roupas, as mobílias, as preciosidades! Ele mandaria as suas carroças buscar os caixotes, a que poria, em grossa letra, com grossa tinta, o endereço...”

Tormes, perfeitamente! Linha Norte-Espanha-Medina-Salamanca...
Perfeitamente! Tormes... Muito pitoresco! E antigo, histórico! Perfeitamente, perfeitamente!

Desengonçou a cabeça numa vénia profundíssima — e saiu da Biblioteca, com passos que devoravam léguas, anunciavam a presteza dos seus Transportes.

— Vê tu — murmurou Jacinto muito

sério. — Que prontidão, que facilidade!... em Portugal era uma tragédia. Não há senão Paris!

Começou então no 202 o colossal encaixotamento de todos os confortos necessários ao meu Príncipe para um mês de serra áspera — camas de pena, banheiras de níquel, lâmpadas Carcel, divãs profundos, cortinas para vedar as gretas rudes, tapetes para amaciar os soalhos broncos. Os sótãos, onde se arrecadavam os pesados trastes do avô *Galião*, foram esvaziados — porque o casarão medieval de 1410 comportava os tremós românticos de 1830. De todos os armazéns de Paris chegavam cada manhã fardos, caixas, temerosos embrulhos que os embaladores desfaziam, atulhando os corredores de montes de palha e de papel

pardo, onde os nossos passos açodados se enrodilhavam. O cozinheiro, esbaforido, organizava a remessa de fornalhas, geleiras, bocais de trufas, latas de conservas, bojudas garrafas de águas minerais. Jacinto, lembrando as trovoadas da serra, comprou um imenso para-raios. Desde o amanhecer, nos pátios, no jardim, se martelava, se pregava, com vasto fragor, como na construção de uma cidade. E o desfilar das bagagens, através do portão, lembrava uma página de Heródoto contando a marcha dos Persas.

Das janelas, Jacinto, com o braço estendido, saboreava aquela atividade e aquela disciplina:

— Vê tu, Zé Fernandes, que facilidade!... Saímos do 202, chegamos à serra, encontramos o 202. Não há senão

Paris!

Recomeçara a amar a Cidade, o meu Príncipe, enquanto preparava o seu êxodo. Depois de Ter, toda a manhã, apressado os encaixotadores, descortinado confortos novos para o abandonado solar, telefonado gordas listas de encomendas a cada loja de Paris — era com delícia que se vestia, se perfumava, se floria, se enterrava na vitória ou saltava para a almofada do *fáeton*, e corria ao bosque, e saudava a barba talmúdica do Efraim, e os bandós furiosamente negros de Vergame, e o Psicólogo de *fiacre*, e a condessa de Trèves na sua nova caleche de oito molas fornecida pelas operações conjuntas da Bolsa e da alcova. Depois arrebanhava amigos para jantares de surpresa no Voisin ou no Bignon, onde desdobrava o

guardanapo com a impaciência de uma fome alegre, vigiando fervorosamente que os Bordéus estivessem bem aquecidos e os Champanhes bem granitados. E no teatro das *Nouveautés*, no *Palais Royal*, nos *Buffos*, ria batendo na coxa, com encanecidas facécias de encanecidas farsas, antiquíssimos atores, com que já rira na sua infância, antes da guerra, sob o segundo Napoleão.

De novo, em duas semanas, se abarrotaram as páginas da sua Agenda. A magnificência do seu traje, como imperador Frederico II de Suábia, deslumbrou, no baile mascarado da Princesa de Cravon-Rogan (onde também fui, de "moço de forcado"). E na *Associação para o Desenvolvimento das Religiões Esotéricas* discursou e batalhou

bravamente pela construção de um Templo Budista de Montmartre!

Com espanto meu recomeçou também a conversar, como nos tempos de Escola, da “famosa Civilização nas suas máximas proporções”. Mandou encaixotar o seu velho telescópio para o usar em Tormes. Receei mesmo que no seu espírito germinasse a ideia de criar, no cimo da serra, uma Cidade com todos os seus órgãos. Pelo mesmo não consentia o meu Jacinto que essas semanas da silvestre Tormes interrompessem a ilimitada acumulação das noções — porque uma manhã rompeu pelo meu quarto, desolado, gritando que entre tantos confortos e formas de Civilização esquecêramos os livros! Assim era — e que vexame para a nossa Intelectualidade! Mas que livros

escolher entre os facundos milhares sob que vergava o 202? O meu Príncipe decidiu logo dedicar os seus serranos ao estudo da História Natural — e nós mesmos, imediatamente, deitamos para o fundo de um vasto caixote novo, como lastro, os vinte e cinco tomos de Plínio. Despejamos depois para dentro, às braçadas, Geologia, Mineralogia, Botânica... Espalhamos por cima uma camada aérea de Astronomia. E, para fixar bem no caixote estas ciências oscilantes, entalamos em redor cunhas de Metafísica.

Mas quando a derradeira caixa, pregada e cintada de ferro, saiu do portão do 202 na derradeira carroça da *Companhia dos Transportes*, toda esta animação de Jacinto se abateu como a

efervescência num copo de Champanhe. Era em meados já tépidos de março. E de novo os seus desagradáveis bocejos atroaram o 202 e todos os sofás rangeram sob o peso do corpo que lhe atirava para cima, mortalmente vencido pela fartura e pelo tédio, num desejo de repouso eterno, bem envolto de solidão e silêncio. Desesperei. O quê! Aturaria eu ainda aquele Príncipe palpando amargamente a caveira, e, quando o crepúsculo entristecia a Biblioteca, aludindo, num tom rouco, à doçura das mortes rápidas pela violência misericordiosa do ácido cianídrico? Ah não, caramba! E uma tarde em que o encontrei estirado sobre um divã, de braços em cruz, como se fosse a sua estátua de mármore sobre o seu jazigo de granito, positivamente o abanei com

furor, berrando:

— Acorda, homem! Vamos para Tormes! O casarão deve estar pronto, a reluzir, a abarrotar de coisas! Os ossos de teus avós pedem repouso em cova sua!... A caminho, a enterrar esses mortos, e a vivermos nós, os vivos!... Irra! São cinco de abril!... é o bom tempo da serra!

O meu Príncipe ressurgiu lentamente da inércia de pedra:

— O Silvério não me escreveu, nunca me escreveu... Mas, com efeito, deve estar tudo preparado... Já lá certamente criados, o cozinheiro de Lisboa... eu só levo o Grilo, e o Anatole que enverniza bem o calçado, e tem jeito como pedicuro... Hoje é Domingo.

Atirou os pés para o tapete, com heroísmo:

— Bem, partimos no Sábado!... Avisa tu o Silvério!

Começou então o laborioso e pensativo estudo dos Horários — e o dedo magro de Jacinto, por sobre o mapa, avançando e recuando entre Paris e Tormes. Para escolher o “salão” que devíamos habitar durante a temida jornada, duas vezes percorremos o depósito da Estação de Orleãs atolados em lama, atrás do chefe do Tráfico que entontecia. O meu Príncipe recusava este salão por causa da cor tristonha dos estofos; depois recusava aquele por causa da mesquinhez aflitiva do Water-Closet. Uma das suas inquietações era o banho, nas manhãs que passaríamos rolando. Sugeri uma banheira de borracha. Jacinto, indeciso, suspirava... Mas nada o aterrou

como o trasbordo em Medina del Campo, de noite, nas trevas da Velha Castela. Debalde a Companhia do Norte da Espanha e de Salamanca, por cartas, por telegramas, sossegaram o meu camarada, afirmando que, quando ele chegasse no comboio de Irun dentro do seu salão, já outro salão ligado ao comboio de Portugal esperaria, bem aquecido, bem alumiado, com uma ceia que lhe ofertava um dos Diretores, D. Esteban Castilho, ruidoso e rubicundo conviva do 202! Jacinto corria os dedos ansioso pela face: — “E os sacos, as peles, os livros, quem os transportaria do salão de Irun para o salão de Salamanca?” Eu berrava, desesperado, que os carregadores de Medina eram os mais rápidos, os mais destros de toda a Europa! Ele murmurava: — “Pois sim,

mas em Espanha, de noite!...” A noite, longe da Cidade, sem telefone, sem luz elétrica, sem postos de polícia, parecia ao meu Príncipe povoada de surpresas e assaltos. Só acalmou depois de verificar no Observatório Astronómico, sob a garantia do sábio professor Bertrand, que a noite da nossa jornada era de Lua cheia!

Enfim, na Sexta-feira, findou a tremenda organização daquela viagem histórica! O Sábado predestinado amanheceu com generoso sol, de afagadora doçura. E eu acabava de guardar na mala, embrulhadas em papel pardo, as fotografias das criaturinhas suaves que, nesses vinte e sete meses de Paris, me tinham chamado *"mon petit chou! mon rat chéri*!” quando Jacinto rompeu pelo quarto, com um soberbo

ramo de orquídeas na sobrecasaca, pálido e todo nervoso.

— Vamos ao bosque, por despedida?

Fomos — à grande despedida! E que encanto! Até nas almofadas e molas da vitória senti logo uma elasticidade mais embaladora. Depois, pela Avenida do Bosque, quase me pesava não ficar sempiternamente rolando, ao trote rimado das éguas perfeitas, no rebrilho rico de metais e vernizes, sobre aquele macadame mais alisado que mármore, entre tão bem regadas flores e relvas de tão tentadora frescura, cruzando uma Humanidade fina, de elegância bem acabada, que almoçara o seu chocolate em porcelanas de Sèvres ou de Minton, saíra de entre sedas e tapetes de três mil francos, e respirava a beleza de abril com vagar, requinte e

pensamentos ligeiros! O Bosque resplandecia numa harmonia de verde, azul e ouro. Nenhuma cova ou terra solta desalisava as polidas áleas que a Arte traçou e enroscou na espessura — nenhum esgalho desgrenhado desmanchava as ondulações macias da folhagem que o Estado escova e lava. O piar da aves apenas se elevava para espalhar uma graça leve de vida alada — e mais natural parecia, entre o arvoredo sociável, o ranger das selas novas, onde pousavam, com balanço esbelto, as amazonas espartilhadas pelo grande Redfern. Em frente ao Pavilhão de Armenonville cruzamos *Madame* de Trèves, que nos envolveu a ambos na carícia do seu sorriso, mais avivado àquela hora pelo vermelhão ainda húmido. Logo atrás a

barba talmúdica de Efraim negrejou, fresca também da brilhantina da manhã, no alto de um *fáeton* tilintante. Outros amigos de Jacinto circulavam nas Acácias — e as mãos que lhe acenavam, lentas e afáveis, calçavam luvas frescas cor de palha, cor de pérola, cor de lilás. Todelle relampejou rente de nós sobre uma grande bicicleta. Dorman, alastrado numa cadeira de ferro, sob um espinheiro em flor, mamava o seu imenso charuto, como perdido na busca de rimas sensuais e nédias. Adiante foi o Psicólogo, que nos não avistou, conversando com um requebro melancólico para dentro de um *coupé* que rescendia a alcova, e a que um cocheiro obeso imprimia dignidade e decência. E rolávamos ainda, quando o Duque de Marizac, a cavalo, ergueu a

bengala, estacou a nossa vitória para perguntar a Jacinto se aparecia à noite nos “quadros vivos” dos Verghanes. O meu Príncipe rosnou um — “não, parto para o sul...” — que mal lhe passou de entre os bigodes murchos... e Marizac lamentou — porque era uma festa estupenda. Quadros vivos da História Sagrada e da História romana!... *Madame* Verghane, de Madalena, de braços nus, peitos nus, pernas nuas, limpando com os cabelos os pés do Cristo! — O Cristo, um latagão soberbo, parente dos Trèves, empregado no Ministério da guerra, gemendo, derreado, sob uma cruz de papelão! Havia também Lucrécia na cama, e Tarquínio ao lado, de punhal, a puxar os lençóis! E depois ceia, em mesas soltas, todos nos seus trajes históricos. Ele já estava

aparceirado com *Madame* de Malbe, que era Agripina! Quadro portentoso esse — Agripina morta, quando Nero a vem contemplar e lhe estuda as formas, admirando umas, desdenhando outras como imperfeitas. Mas, por polidez, ficara combinado que Nero admiraria sem reserva todas as formas de *Madame* de Malbe... Enfim colossal, e estupendamente instrutivo!

Acenamos um longo adeus àquele alegre Marizac. E recolhemos sem que Jacinto emergisse do silêncio enrugado em que se abismara, com os braços rigidamente cruzados, como remoendo pensamentos decisivos e forte. Depois, em frente ao Arco do Triunfo, moveu a cabeça, murmurou:

— É muito grave deixar a Europa!

Enfim, partimos! Sob a doçura do crepúsculo que se enublara, deixamos o 202. O Grilo e o Anatole seguiam num fiacre atulhado de livros, de estojos, de *paletot*s, de impermeáveis, de travesseiras, de águas minerais, de sacos de couro, de rolos de mantas; e mais atrás um ônibus rangia sob a carga de vinte e três rolos de mantas; e mais atrás um ônibus rangia sob a carga de vinte e três malas. Na Estação, Jacinto ainda comprou todos os Jornais, todas as Ilustrações, Horários, mais livros, e um saca-rolhas de forma complicada e hostil. Guiados pelo Chefe do Tráfico, pelo Secretário da Companhia, ocupamos copiosamente o nosso salão. Eu pus o meu boné de seda,

calcei as minhas chinelas. Um silvo varou a noite. Paris lampejou, fulgiu num derradeiro clarão de janelas... Para o sorver, Jacinto ainda se arremessou à portinhola. Mas rolávamos já na treva da Província. O meu Príncipe então recaiu nas almofadas:

— Que aventura, Zé Fernandes!

Até Chartres, em silêncio. Folheamos as Ilustrações. Em Orleães, o guarda veio arranjar respeitosamente as nossas camas. Derreado com aqueles catorze meses de Civilização, adormeci — e só acordei em Bordéus quando Grilo, zeloso, nos trouxe o nosso chocolate. Fora, uma chuva miudinha pingava molemente de um espesso céu de algodão sujo. Jacinto não se deitara, desconfiado da aspereza e da umidade dos lençóis. E,

metido num roupão de flanela branco, com a face arrepiada e estremunhada, ensopando um bolo no chocolate, rosnava sombriamente:

— Este horror!... E agora com chuva!

Em Biarriz, ambos observámos com uma certeza indolente:

— É Biarriz.

Depois Jacinto, que espreitava pela janela embaciada, reconheceu o lento caminhar pernalto, o nariz bicudo e triste, do Historiador Danjon. Era ele, o facundo homem, vestido de xadrezinho, ao lado de uma dama roliça que levava pela trela uma cadelinha felpuda. Jacinto baixou a vidraça violentamente, berrou pelo Historiador, na ânsia de comunicar ainda, através dele, com a Cidade, com o 202!... Mas o comboio mergulhara na chuva e

névoa.

Sobre a ponte do Bidassoa, antevendo o termo da vida fácil, os abrolhos da Incivilização, Jacinto suspirou com desalento:

— Agora adeus, começa a Espanha!...

Indignado, eu, que já saboreava o generoso ar da terra bendita, saltei para diante do meu Príncipe, e num saracoteio de tremendo salero, castanholando os dedos, entoei uma “petenera” condigna:

A la puerta de mi casa
Ay Soledad, Soleda...á...á...á.

Ele estendeu os braços, suplicante:

— Zé Fernandes, tem piedade do enfermo e do triste!

— *Irun! Irun!...*

Nessa Irun almoçamos com suculência — porque sobre nós velava, como deus omnipresente, a Companhia do Norte. Depois “el jefe d’Aduana, el jefe d’Estación”, preciosamente nos instalaram noutro salão, novo, com cetins cor de azeitona, mas tão pequeno que uma rica porção dos nossos confortos em mantas, livros, sacos e impermeáveis, passou para o compartimento do *Sleeping*onde se repoltreavam o Grilo e o Anatole, ambos de bonés escoceses, e fumando gordos charutos — *Buen viage! Gracias! Servidores!* — e entrámos silvando nos Pirenéus.

Sob a influência da chuva embaciadora, daquelas serras sempre iguais, que se desenrolavam, arrepiadas,

diluídas na névoa, resvalei a uma sonolência doce; — e, quando descerrava as pálpebras, encontrava Jacinto a um canto, esquecido do livro fechado nos joelhos, sobre que cruzara os magros dedos, considerando vales e montes com a melancolia de quem penetra nas terras do seu desterro! Um momento veio em que, arremessando o livro, enterrando mais o chapéu mole, se ergueu com tanta decisão, que receei detivesse o comboio para saltar à estrada, correr através das Vascongadas e da Navarra, para trás, para o 202! Sacudi o meu torpor, exclamei: — “ó menino!...” Não! O pobre amigo ia apenas continuar o seu tédio para outro canto, enterrado noutra almofada, com outro livro fechado. E à maneira que a escuridão da tarde crescia, e com ela a

borrasca de vento e água, uma inquietação mais aterrada se apoderava do meu Príncipe, assim desgarrado da Civilização, arrastado para a Natureza que já o cercava de brutalidade agreste. Não cessou então de me interrogar sobre Tormes:

— As noites são horríveis, hem, Zé Fernandes? Tudo negro, enorme solidão... E o médico?... Há médico?

Subitamente o comboio estacou. Mais grossa e ruidosa a chuva fustigou as vidraças. Era um descampado, todo em treva, onde rolava e lufava um grande vento solto. A máquina apitava, com angústia. Uma lanterna lampejou, correndo. Jacinto batia o pé: — É medonho! É medonho!...” Entreabri a portinhola. Da claridade incerta das

vidraças surdiam cabeças esticadas, assustadas. — *Que hay? Que hay*? — A uma rajada, que me alagou, recuei: — e esperámos durante lentos, calados minutos, esfregando desesperadamente os vidros embaciados para sondar a escuridão. De repente o comboio recomeçou a rolar, muito sereno.

Em breve apareceram as luzinhas mortas de uma estação abarracada. Um condutor, com o casacão de oleado todo a escorrer, trepou ao salão: — e por ele soubemos, enquanto carimbava apressadamente os bilhetes, que o trem, muito atrasado, talvez não alcançasse em Medina o comboio de Salamanca!

— Mas então?...

O casaco de oleado escorregara pela portinhola, fundido na noite, deixando um

cheiro de umidade e azeite. E nós encetamos um novo tormento... Se o trem de Salamanca tivesse abalado? O salão, tomado até Medina, desengatava em Medina: — e eis os nossos preciosos corpos, com as nossas preciosas almas, despejados em Medina, para cima da lama, entre vinte e três malas, numa rude confusão espanhola, sob a tormenta de ventania e de água!

— Ó Zé Fernandes, uma noite em Medina!

Ao meu Príncipe aparecia como desventura suprema essa noite em Medina, numa *fonda* sórdida, fedendo a alho, com gordas filas de percevejos através dos lençóis de estopa encardida!... Não cessei então de fitar, num desassossego, os ponteiros do relógio: —

enquanto Jacinto, pela vidraça escancarada, todo fustigado da chuva clamorosa, furava a negrura, na esperança de avistar as luzes de Medina e um comboio paciente fumegando... Depois recaía no divã, limpava os bigodes e os olhos, maldizia a Espanha. O trem arquejava, rompendo o vasto da planura desolada. E a cada apito era um alvoroço. Medina?... Não! algum sumido apeadeiro, onde o trem se atardava, esfalfado, resfolgando, enquanto dormentes figuras encarapuçadas, embrulhadas em mantas, rondavam sob o telheiro do barracão, que as lanternas baças tornavam mais soturno. Jacinto esmurrava o joelho: — “Mas por que para este infame comboio? Não há tráfico, não há gente! Oh, esta Espanha!...” A sineta badalava, moribunda. De novo

fendíamos a noite e a borrasca.

Resignadamente comecei a percorrer um *Jornal do Comércio*, antigo, trazido de Paris. Jacinto esmagava o espesso tapete do salão com passadas rancorosas, rosnando como uma fera. E ainda assim escoou, às gotas, uma hora cheia de eternidade. — Um silvo, outro silvo!... Luzes mais fortes, longe, palpitaram na neblina. As rodas trilharam, com rijos solavancos, os encontros de carris. Enfim, Medina!... Um muro sujo de barracão alvejou — e bruscamente, à portinhola aberta com violência, aparece um cavalheiro barbudo, de capa à espanhola, gritando pelo Sr. D. Jacinto!... Depressa! Depressa! Que parte o comboio de Salamanca.

— *Que no hay um momento*,

caballeros! Que no hay un momento!

Agarro estonteadamente o meu *paletot*, o *Jornal do Comércio*. Saltamos com ânsia: — e, pela plataforma, por sobre os trilhos, através de charcos, tropeçando em fardos, empurrados pelo vento, pelo homem da capa à espanhola, enfiamos outra portinhola, que se fechou com um estalo tremendo... Ambos arquejávamos. Era um salão forrado de um pano verde que comia a luz escassa. E eu estendia o braço, para receber dos carregadores açodados as nossas malas, os nossos livros, as nossas mantas — quando, em silêncio, sem um apito, o trem despegou e rolou. Ambos nos atiramos às vidraças, em brados furiosos:

— Pare! — As nossas malas, as nossas mantas!... Para aqui!... Ó Grilo! Ó

Grilo!

Uma imensa rajada levou os nossos brados. Era de novo o descampado tenebroso, sob a chuva despenhada. Jacinto ergueu os punhos num furor que o engasgava:

— Oh! Que serviço! Ó que canalhas!... Só em Espanha!... E agora? As malas perdidas!... Nem uma camisa, nem uma escova!

Calmei o meu desgraçado amigo:

— Escuta! Eu entrevi dois carregadores arrebanhando as nossas coisas... Decerto o Grilo fiscalizou. Mas na pressa, naturalmente, atirou com tudo para o se compartimento... Foi um erro não trazer o Grilo connosco, no salão... Até podíamos jogar a manilha!

De resto a solicitude da Companhia,

Deusa omnipresente, velava sobre o nosso conforto — pois que à porta do lavatório branqueava o cesto da nossa ceia, mostrando na tampa um bilhete de D. Esteban com estas doces palavras a lápis — *á D. Jacinto y su egregio amigo, que les dê gusto!* Farejei um aroma de perdiz. E alguma tranquilidade nos penetrou no coração, sentindo também as nossas malas sob a tutela da Deusa omnipresente.

— Tens fome, Jacinto?

— Não. Tenho horror, furor, rancor!... e tenho sono.

Com efeito! depois de tão desencontradas emoções só apetecíamos as camas que esperavam, macias e abertas. Quando caí sobre a travesseira, sem gravata, em ceroulas, já o meu Príncipe, que não se despira, apenas

embrulhara os pés no *meu paletot*, nosso único agasalho, ressonava com majestade.

Depois, muito tarde e muito longe, percebi junto do meu catre, na cidadezinha da manhã, coada pelas cortinas verdes, uma fardeta, um boné, que murmuravam baixinho com imensa doçura:

— Vossas Excelências não têm nada a declarar?... Não há malinhas de mão?...

Era a minha terra! Murmurei baixinho com imensa ternura:

— Não temos aqui nada... pergunte Vossa Excelência pelo Grilo... Aí atrás, num compartimento... Ele tem as chaves, tem tudo... É o Grilo.

A fardeta desapareceu, sem rumor, como sombra benéfica. E eu readormeci com o pensamento em Guiães, onde a tia

Vicência, atarefada, de lenço branco cruzado no peito, decerto já preparava o leitão.

Acordei envolto num largo e doce silêncio. Era uma Estação muito sossegada, muito varrida, com rosinhas brancas trepando pelas paredes — e outras rosas em moutas, num jardim, onde um tanquezinho abafado de limos dormia sob mimosas em flor que recendiam. Um moço pálido, de *paletot* cor de mel, vergando a bengalinha contra o chão, contemplava pensativamente o comboio. Agachada rente à grade da horta, uma velha, diante da sua cesta de ovos, contava moedas de cobre no regaço. Sobre o telhado secavam abóboras. Pôr cima rebrilhava o profundo, rico e macio azul de que meus olhos andavam aguados.

Sacudi violentamente Jacinto:

— Acorda, homem, que estás na tua terra!

Ele desembrulhou os pés do meu *paletot*, cofiou o bigode, e veio sem pressa, à vidraça que eu abrira, conhecer a sua terra.

— Então é Portugal, hem?... Cheira bem.

— Está claro que cheira bem, animal!

A sineta tilintou languidamente. E o comboio deslizou, com descanso, como se passasse para seu regalo sobre as duas fitas de aço, assobiando e gozando a beleza da terra e do céu.

O meu Príncipe alargava os braços, desolado:

— E nem uma camisa, nem uma

escova, nem uma gota de água-de-colónia!... entro em Portugal, imundo!

— Na Régua há uma demora, temos tempo de chamar o Grilo, reaver os nossos confortos... Olha para o rio!

Rolávamos na vertente de uma serra, sobre penhascos que desabavam até largos socalcos cultivados de vinhedo. Em baixo, numa esplanada, branquejava uma casa nobre, de opulento repouso, com a capelinha muito caiada entre um laranjal maduro. Pelo rio, onde a água turva e tarda nem se quebrava contra as rochas, descia, com a vela cheia, um barco carregado de pipas. Para além, outros socalcos, de um verde pálido de reseda, com oliveiras apoucadas pela amplidão dos montes, subiam até outras penedias que se embebiam, todas brancas e

assoalhadas, na fina abundância do azul. Jacinto acariciava os pelos corredios do bigode:

— O Douro, hem?... É interessante, tem grandeza. Mas agora é que eu estou com uma fome, Zé Fernandes!

— Também eu!

Destapámos o cesto de D. Esteban de onde surdiu um bodo grandioso, de presunto, anho, perdizes, outras viandas frias que o ouro de duas nobres garrafas de Amontilado, além de duas garrafas de Rioja, aqueciam com um calor de sol Andaluz. Durante o presunto, Jacinto lamentou contritamente o seu erro. ter deixado Tormes, um solar histórico, assim abandonado e vazio! Que delícia, por aquela manhã tão lustrosa e tépida, subir à serra, encontrar a sua casa bem

apetrechada, bem civilizada... Para o animar, lembrei que com as obras do Silvério, tantos caixotes de Civilização remetidos entendia um palácio perfeito, um 202 no deserto!... E, assim discorrendo, atacamos as perdizes. Eu desarrolhava uma garrafa de Amontilado — quando o comboio, muito sorrateiramente, penetrou numa estação. Era a Régua. E o meu Príncipe pousou logo a faca para chamar o Grilo, reclamar as malas que traziam o asseio dos nossos corpos.

— Espera, Jacinto! Temos muito tempo. O comboio para aqui uma hora... Come com tranquilidade. Não escangalhemos este almocinho com arrumações de maletas... O Grilo não tarda a aparecer.

E corri mesmo a cortina, porque de fora um padre muito alto, com uma ponta de cigarro colada ao beiço, parara a espreitar indiscretamente o nosso festim. Mas quando acabamos as perdizes, e Jacinto confiadamente desembrulhava um queijo manchego, sem que Grilo ou Anatole comparecessem, eu, inquieto, corri à portinhola para apressar esses servos tardios... E nesse instante o comboio, largando, deslizou com o mesmo silêncio sorrateiro. Para o meu Príncipe foi um desgosto:

— Aí ficamos outra vez sem um pente, sem uma escova... E eu que queria mudar de camisa! Pôr culpa tua, Zé Fernandes!

— É espantoso!... Demora sempre uma eternidade. Hoje chega e abala!

Paciência, Jacinto. Em duas horas estamos na Estação de Tormes... Também não valia a pena mudar de camisa para subir à serra. Em casa tomamos um banho, antes de jantar... Já deve estar instalada a banheira.

Ambos nos consolamos com copinhos de uma divina aguardente Chinchon. Depois, estendidos nos sofás, saboreando os dois charutos que nos restavam, com as vidraças abertas ao ar adorável, conversamos de Tormes. Na estação certamente estaria o Silvério, com os cavalos...

— Que tempo leva a subir?

Uma hora. Depois de lavados sobrava tempo para um demorado passeio pelas serras com o caseiro, o excelente Melchior, para que o Senhor de Tormes,

solenemente, tomasse posse do seu Senhorio. E à noite o primeiro bródio da serra, com os pitéus vernáculos do velho Portugal!

Jacinto sorria, seduzido:

— Vamos a ver que cozinheiro me arranjou esse Silvério. Eu recomendei que fosse um soberbo cozinheiro português, clássico. Mas que soubesse trufar um peru, afogar um bife em molho de moela, estas coisas simples da cozinha de França!... O pior é não te demorares, seguires logo para Guiães...

— Ah! menino, anos da tia Vicência no Sábado... Dia sagrado! Mas volto. Em duas semanas estou em Tormes, para fazermos uma larga Bucólica. E, está claro, para assistir à trasladação.

Jacinto estendera o braço:

— Que casarão é aquele, além no outeiro, com a torre?

Eu não sabia. Algum solar de fidalgote do Douro... Tormes era nesse feitio atarracado e maciço. Casa de séculos e para séculos — mas sem torre.

— E logo se vê, da estação, Tormes?...

— Não! Muito no alto, numa prega da serra, entre arvoredo.

No meu Príncipe já evidentemente nascera uma curiosidade ela sua rude casa ancestral. Mirava o relógio, impaciente. Ainda trinta minutos! Depois, sorvendo o ar e a luz, murmurava, no primeiro encanto de iniciado:

— Que doçura, que paz...

— Três horas e meia, estamos a chegar, Jacinto!

Guardei o meu velho *Jornal do Comércio* dentro do bolso do *paletot*, que deitei sobre o braço; — e ambos em pé, às janelas, esperamos com alvoroço a pequenina Estação de Tormes, termo ditoso das nossas provações. Ela apareceu enfim, clara e simples, à beira do rio, entre rochas, com os seus vistosos girassóis enchendo um jardinzinho breve, as duas altas figueiras assombreando o pátio, e por trás a serra coberta de velho e denso arvoredo... Logo na plataforma avistei com gosto a imensa barriga, as bochechas menineiras do chefe da Estação, o louro Pimenta, meu condiscípulo em Retórica, no Liceu de Braga. Os cavalos decerto esperavam, à sombra, sob as figueiras.

Mal o trem parou para mim com

amizade:

— Viva o amigo Zé Fernandes!

— Oh belo Pimentão!...

Apresentei o senhor de Tormes. E imediatamente:

— Ouve lá, Pimentinha... Não está aí o Silvério?

— Não... O Silvério há quase dois meses que partiu para Castelo de Vide, ver a mãe que apanhou uma cornada de um boi!

Atirei a Jacinto um olhar inquieto:

— Ora essa! E o Melchior, o caseiro?... Pois não estão aí os cavalos para subirmos à quinta?

O digno chefe ergueu com surpresa as sobrancelhas cor de milho:

— Não!... Nem Melchior, nem cavalos... O Melchior... Há que tempos eu

não vejo o Melchior!

O carregador badalou lentamente a sineta para o comboio rolar. Então, não avistando em torno, na lisa e despovoada Estação, nem criados nem malas, o meu Príncipe e eu lançamos o mesmo grito de angústia:

— E o Grilo? as bagagens?...

Corremos pela beira do comboio, berrando com desespero:

— Grilo!... Ó Grilo!... Anatole!... Ó Grilo!

Na esperança que ele e o Anatole viessem mortalmente adormecidos, trepávamos aos estribos, atirando a cabeça para dentro dos compartimentos, espavorindo a gente quieta com o mesmo berro que retumbava: — “Grilo, estás aí, Grilo?” — Já de uma terceira classe,

onde uma viola repenicava, um jocoso gania, troçando: — “Não há por aí um grilo? Andam por aí uns senhores a pedir um grilo!” — E nem Anatole, nem Grilo!

A sineta tilintou.

— Ó Pimentinha, espera, homem, não deixes largar o comboio!... As nossas bagagens, homem!

E, aflito, empurrei o enorme chefe para o furgão de carga, a pesquisar, descortinar as nossas vinte e três malas! Apenas encontramos barris, cestos de vime, latas de azeite, um baú amarrado com cordas... Jacinto mordia os beiços, lívido. E o Pimentinha, esgazeado:

— Ó filhos, eu não posso atrasar o comboio!...

A sineta repicou... E com um belo fumo claro o comboio desapareceu por

detrás das fragas altas. Tudo em torno pareceu mais calado e deserto. Ali ficávamos pois baldeados, perdidos na serra, sem Grilo, sem procurador, sem caseiro, sem cavalos, sem malas! Eu conservava o *paletot* alvadio, de onde surdia o *Jornal do Comércio*. Jacinto, uma bengala. Eram todos os nossos bens!

O Pimentão arregalava para nós os olhinhos papudos e compadecidos. Contei então àquele amigo o atarantado trasfego em Medina sob a borrasca, o Grilo desgarrado, encalhado com as vinte e três malas, ou rolando talvez para Madrid sem nos deixar um lenço...

— Eu não tenho um lenço!... Tenho este *Jornal do Comércio*. É toda a minha roupa branca.

— Grande arrelia, caramba! —

murmurava o Pimenta, impressionado. — E agora?

— Agora — exclamei — é trepar para a quinta, à pata... A não ser que se arranjassem aí uns burros.

Então o carregador lembrou que perto, no casal da Giesta, ainda pertencente a Tormes, o caseiro, seu compadre, tinha uma boa égua e um jumento... E o prestante homem enfiou numa carreira para a Giesta — enquanto o meu Príncipe e eu caíamos para cima de um banco, arquejantes e sucumbidos, como náufragos. O vasto Pimentinha, com as mãos nas algibeiras, não cessava de nos contemplar, de murmurar: — "É de arrelia". — O rio defronte descia, preguiçoso e como adormentado sob a calma já pesada de maio, abraçando, sem

um sussurro, uma larga ilhota de pedra que rebrilhava. Para além a serra crescia em corcovas doces, com uma funda prega onde se aninhava, bem junta e esquecida do mundo, uma vilazinha clara. O espaço imenso repousava num imenso silêncio. Naquelas solidões de monte e penedia os pardais, revoando no telhado, pareciam aves consideráveis. E a massa rotunda e rubicunda do Pimentinha dominava, atulhava a região.

— Está tudo arranjado, meu senhor! Vêm aí os bichos!... Só o que não calhou foi um selinzinho para a jumenta!

Era o carregador, digno homem, que voltava da Giesta, sacudindo na mão duas esporas desirmanadas e ferrugentas. E não tardaram a aparecer no córrego, para nos levarem a Tormes, uma égua ruça, um

jumento com albarda, um rapaz e um podengo. Apertamos a mão suada e amiga do Pimentinha. Eu cedi a égua ao senhor de Tormes. E começamos a trepar o caminho, que não se alisara nem se desbravara desde os tempos em que o trilhavam, com rudes sapatões ferrados, cortando de rio a monte, os Jacintos de século XIV! Logo depois de atravessarmos uma trémula ponte de pau, sobre um riacho quebrado por pedregulhos, o meu Príncipe, com o olho de dono subitamente aguçado, notou a robustez e a fartura das oliveiras... — E em breve os nossos males esqueceram ante a incomparável beleza daquela serra bendita!

Com que brilho e inspiração copiosa a compusera o divino Artista que faz as

serras, e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, neste seu Portugal bem-amado! A grandeza igualava a graça. Para os vales, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, de um verde tão moço, que eram como um musgo macio onde apetecia cair e rolar. Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu toldo amável, a que o esvoaçar leve dos pássaros sacudia a fragrância. Através dos muros seculares, que sustêm as terras liados pelas heras, rompiam grossas raízes coleantes a que mais hera se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flores silvestres. Brancas rochas, pelas encostas, alastravam a sólida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol; outras,

vestidas de líquen e de silvados floridos, avançavam como proas de galeras enfeitadas; e, de entre as que se apinhavam nos cimos, algum casebre que para lá galgara, todo amachucado e torto, espreitava pelos postigos negros, sobre as desgrenhadas farripas de verdura, que o vento lhe semeara nas telhas. Pôr toda a parte a água sussurrante, a água fecundante... espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, de entre as patas da égua e do burro; grossos ribeiros açodados saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta à beira de veredas, jorrava por uma bica, beneficamente, à espera dos homens e dos gados... Todo um cabeço por vezes era

uma seara, onde um vasto carvalho ancestral, solitário, dominava como seu senhor e seu guarda. Em socalcos verdejavam laranjais rescendentes. Caminhos de lajes soltas circundavam fartos prados com carneiros e vacas retouçando: — ou mais estreitos, entalados em muros, penetravam sob ramadas de parra espessa, numa penumbra de repouso e frescura. Trepávamos então alguma ruazinha de aldeia, dez ou doze casebres, sumidos entre figueiras, onde se esgaçava, fugindo do lar pela telha vã, o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos cerros remotos, por cima da negrura pensativa dos pinheirais, branquejavam ermidas. O ar fino e puro entrava na alma, e na alma espelhava alegria e força. Um esparso tilintar de chocalhos de guizos

morria pelas quebradas...

Jacinto adiante, na sua égua ruça, murmurava:

— Que beleza!

E eu atrás, no burro de Sancho, murmurava:

— Que beleza!

Frescos ramos roçavam os nossos ombros com familiaridade e carinho. Pôr trás das sebes, carregadas de amoras, as macieiras estendidas ofereciam as suas maçãs verdes, porque as não tinham maduras. Todos os vidros de uma casa velha, com a sua cruz no topo, refulgiram hospitaleiramente quando nós passamos. Muito tempo um melro nos seguiu, de azinheiro a olmo, assobiando os nossos louvores. Obrigado, irmão melro! Ramos de macieira, obrigado! Aqui vimos, aqui

vimos! E sempre contigo fiquemos, serra tão acolhedora, serra de fartura e de paz, serra bendita entre as serras!

Assim, vagarosamente e maravilhados, chegamos àquela avenida de faias, que sempre me encantara pela sua fidalga gravidade. Atirando uma vergastada ao burro e à égua, o nosso rapaz, com o seu podengo sobre os calcanhares, gritou: — “Aqui é que estamos, meus amos!” E ao fundo das faias, com efeito, aparecia o portão da quinta de Tormes, com o seu brasão de armas, de secular granito, que o musgo retocava e mais envelhecia. Dentro já os cães ladravam com furor. E quando Jacinto, na sua suada égua, e eu atrás, no burro de furor. E quando Jacinto, na sua suada égua, e eu atrás, no burro de

Sancho, transpusemos o limiar solarengo, desceu para nós, do alto do alpendre, pela escadaria de pedra gasta, um homem nédio, rapado como um padre, sem colete, sem jaleca, acalmando os cães que se encarniçavam contra o meu Príncipe. Era o Melchior, o caseiro...

Apenas me reconheceu, toda a boca se lhe escancarou num riso hospitaleiro, a que faltavam dentes. Mas apenas eu lhe revelei, naquele cavalheiro de bigodes louros que descia da égua esfregando os quadris, o senhor de Tormes — o bom Melchior recuou, colhido de espanto e terror como diante de uma avantesma.

— Ora essa!... Santíssimo nome de Deus! Pois então...

E, entre o rosnar dos cães, num bracejar desolado, balbuciou uma história

que por seu turno apavorava Jacinto, como se o negro muro do casarão pendesse para desabar. O Melchior não esperava Sua Excelência!... (Ele dizia *Sua Incelência)*... O Sr. Silvério estava para Castelo de Vide desde março, com a mãe, que apanhara uma cornada na virilha. E decerto houvera engano, cartas perdidas... Porque o Sr. Silvério só contava com S. Exa em setembro, para a vindima! Na casa as obras seguiam devagarinho, devagarinho... O telhado, no sul, ainda continuava sem telhas, muitas vidraças esperavam, ainda sem vidros; e, para ficar, Virgem Santa, nem uma cama arranjada!...

Jacinto cruzou os braços numa cólera tumultuosa que sufocava. Pôr fim, com um berro:

— Mas os caixotes? Os caixotes, mandados de Paris, em fevereiro, há quatro meses?...

O desgraçado Melchior arregalava os olhos miúdos, que se embaciavam de lágrimas. Os caixotes?! Nada chegara, nada aparecera!... E na sua perturbação mirava pelas arcadas do pátio, palpava na algibeira das pantalonas. Os caixotes?... Não, não tinha os caixotes!

— E agora, Zé Fernandes?

Encolhi os ombros:

— Agora, meu filho, só vires comigo para Guiães... Mas são duas horas a cavalo. E não temos cavalos! O melhor é ver o casarão, comer a boa galinha que o nosso amigo Melchior nos assa no espeto, dormir numa enxerga, e amanhã cedo, antes do calor, trotar para cima, para a tia

Vicência.

Jacinto replicou, com uma decisão furiosa:

— Amanhã troto, mas para baixo, para a estação!... E depois, para Lisboa!

E subiu a gasta escadaria do seu solar com amargura e rancor. Em cima uma larga varanda acompanhava a fachada do casarão, sob um alpendre de negras vigas, toda ornada, por entre os pilares de granito, com caixas de pau onde floriam cravos. Colhi um cravo amarelo — e penetrei atrás de Jacinto nas salas nobres, que ele contemplava com um murmúrio de horror. Eram enormes, de uma sonoridade de casa capitular, com os grossos muros e enegrecidos pelo tempo e o abandono, e relegadas, desoladamente nuas, conservando apenas aos cantos

algum monte de canastras ou alguma enxada entre paus. Nos tetos remotos, de carvalho apainelado, luziam através dos rasgões manchas de céu. As janelas, sem vidraças, conservavam essas maciças portadas, com fechos para as trancas, que, quando se cerram, espalham a treva. Sob os nossos passos, aqui e além, uma tábua podre rangia e cedia.

— Inabitável! — rugiu Jacinto surdamente. — Um horror! Uma infâmia!...

Mas depois, noutras salas, o soalho alternava com remendos de tábuas novas. Os mesmos remendos claros mosqueavam os velhíssimos tetos de rico carvalho sombrio. As paredes repeliam pela alvura crua da cal fresca. E o sol mal atravessava as vidraças — embaciadas e

gordurentas da massa e das mãos dos vidraceiros.

Penetrámos enfim na última, a mais vasta, rasgada por seis janelas, mobiliada com um armário e com uma enxerga parda e curta estirada a um canto; e junto dela paramos, e sobre ela depusemos tristemente o que nos restava de vinte e três malas — o meu *paletot* alvadio, a bengala de Jacinto, e o *Jornal do Comércio* que nos era comum. Através das janelas escancaradas, sem vidraças, o grande ar da serra entrava e circulava como num eirado, com um cheiro fresco de horta regada. Mas o que avistávamos, da beira da enxerga, era um pinheiral cobrindo um cabeço e descendo pelo pendor suave, à Maneira de uma hoste em marcha, com pinheiros na frente,

destacados, direitos, emplumados de negro; mais longe as serras de além rio, de uma fina e macia cor de violeta; depois a brancura do céu, todo liso, sem uma nuvem, de uma majestade divina. E lá debaixo, dos vales, subia, desgarrada e melancólica, uma voz de pegureiro cantando.

Jacinto caminhou lentamente para o poial de uma janela, onde caiu esbarrondado pelo desastre, sem resistência ante aquele brusco desaparecimento de toda a Civilização! Eu palpava a enxerga, dura e regelada como um granito de inverno. E pensando nos luxuosos colchões de penas e molas, tão prodigamente encaixotados no 202, desafoguei também a minha indignação:

— Mas os caixotes, caramba?...

Como se perdem assim trinta e tantos caixotes enormes?...

Jacinto sacudiu amargamente os ombros:

— Encalhados, por aí, algures, num barracão!... Em Medina, talvez, nessa horrenda Medina. Indiferença das Companhias, inércia do Silvério... enfim a Península, a barbárie!

Vim ajoelhar sobre o outro poial, alongando os olhos consolados por céu e monte:

— É uma beleza!

O meu Príncipe, depois de um silêncio grave, murmurou, com a face encostada à mão:

— É uma lindeza... E que paz!

Sob a janela vicejava fartamente uma horta, com repolho, feijoal, talhões de

alface, gordas folhas de abóbora rastejando. Uma eira, velha e mal alisada, dominava o vale, de onde já subia tenuemente a névoa de algum fundo ribeiro. Toda a esquina do casarão desse lado se encravava em laranjal. E de uma fontinha rústica, meio afogada em rosas tremedeiras, corria um longo e rutilante fio de água.

— Estou com apetite desesperado daquela água! — declarou Jacinto, muito sério.

— Também eu... Desçamos ao quintal, hem? E passamos pela cozinha, a saber do frango.

Voltámos à varanda. O meu Príncipe, mais conciliado com o destino inclemente, colheu um cravo amarelo. E por outra porta baixa, de rigíssimas ombreiras,

mergulhamos numa sala, alastrada de caliça, sem teto, coberta apenas de grossas vigas, donde se ergueu uma revoada de pardais.

— Olha para este horror! — murmurava Jacinto arrepiado.

E descemos por uma lôbrega escada de castelo, tenteando depois um corredor tenebroso de lajes ásperas, atravancado por profundas arcas, capazes de guardar todo o grão de uma província. Ao fundo a cozinha, imensa, era uma massa de formas negras, madeira negra, pedra negra, densas negruras de felugem secular. E neste negrume refulgia a um canto, sobre o chão de terra negra, a fogueira vermelha, lambendo tachos e panelas de ferro, despedindo uma fumarada que fugia pela grade aberta no muro, depois por entre a

folhagem dos limoeiros. Na enorme lareira, onde se aqueciam e assavam as suas grossas peças de porco e de boi os Jacintos medievais, agora desaproveitada pela frugalidade dos caseiros, negrejava um poeirento montão de cestas e ferramentas; e a claridade toda entrava por uma porta de castanho, escancarada sobre um quintalejo rústico em que se misturavam couves lombardas e junquilhos formosos. Em roda do lume um bando alvoroçado de mulheres depenava frangos, remexia as caçarolas, picava a cebola, com um fervor afogueado e palreiro. Todas emudeceram quando aparecemos — e de entre elas o pobre Melchior, estonteado, com sangue a espirrar na nédia face de abade, correu para nós, jurando “que o jantarinho de

Suas Incelências não demorava um credo”...

— E a respeito de camas, ó amigo Melchior?

O digno homem ciciou uma desculpa encolhida “sobre enxergazinhas no chão...”

— É o que basta! — acudi eu, para o consolar. — Por uma noite com lençóis frescos...

— Ah, lá pelos lençoizinhos respondo eu!... Mas um desgosto assim, meu senhor! A gente apanhada sem um colchãozinho de lã, sem um lombozinho de vaca... Que eu já pensei, até lembrei à minha comadre, Vossas Incilências podiam ir dormir aos Ninhos a casa do Silvério. Tinham lá camas de ferro, lavatórios... Ele sempre é uma leguazita e

meu caminho...

Jacinto, bondoso, acudiu:

— Não, tudo se arranja, Melchior. Por uma noite!... Até gosto mais de dormir em Tormes, na minha casa da serra!

Saímos ao terreiro, retalho de horta fechado por grossas rochas encabeladas de verdura, entestando com os socalcos da serra onde lourejava o centeio. O meu Príncipe bebeu da água nevada e luzidia da fonte, regaladamente, com os beiços na bica; apeteceu a alface rechonchuda e crespa; e atirou pulos aos ramos altos de uma copada cerejeira, toda carregada de cereja. Depois, costeando o velho lagar, a que um bando de pombas branqueava o telhado, deslizamos até ao carreiro, cortado no costado do monte. E andando, pensativamente, o meu Príncipe pasmava

para os milheirais, para vetustos carvalhos plantados por vetustos Jacintos, para os casebres espalhados sobre os cabeços à orla negra dos pinheirais.

De novo penetramos na avenida de faias e transpusemos o portão senhorial entre o latir dos cães, mais mansos, farejando um dono. Jacinto reconheceu “certa nobreza” na frontaria do seu lar. Mas sobretudo lhe agradava a longa alameda, assim direita e larga, como traçada para nela se desenrolar uma cavalgada de Senhores com plumas e pajens. Depois, de cima da varanda, reparando na telha nova da capela, louvou o Silvério, “esse ralasso”, por cuidar ao menos da morada do Bom— Deus.

— E esta varanda também é agradável — murmurou ele mergulhando a

face no aroma dos cravos. — Precisa grandes poltronas, grandes divãs de verga...

Dentro, na “nossa sala”, ambos nos sentamos nos poiais da janela, contemplando o doce sossego crepuscular que lentamente se estabelecia sobre vale e monte. No alto tremeluzia uma estrelinha, a Vénus diamantina, lânguida anunciadora da noite e dos seus contentamentos. Jacinto nunca considerara demoradamente aquela estrela, de amorosa refulgência, que perpetua no nosso Céu católico a memória de Deusa incomparável: — nem assistira jamais, com a alma atenta, ao majestoso adormecer da Natureza. E este enegrecimento dos montes que se embuçam em sombra; os arvoredos emudecendo; cansados de sussurrar; o

rebrilho dos casais mansamente apagado; o cobertor de névoa, sob que se acama e agasalha a frialdade dos vales; um toque sonolento de sino que rola pelas quebradas; o segregado cochichar das águas e das relvas escuras — eram para ele como iniciações. Daquela janela, aberta sobre as serras, entrevia uma outra vida, que não anda somente cheia do Homem e do tumulto da sua obra. E senti o meu amigo suspirar como quem enfim descansa.

Deste enlevo nos arrancou o Melchior com o doce aviso do “jantarinho de Suas Incelências”. Era noutra sala, mais nua, mais abandonada: — e aí logo à porta o meu supercivilizado Príncipe estacou, estarrecido pelo desconforto, e escassez e rudeza das coisas. Na mesa,

encostada ao muro denegrido, sulcado pelo fumo das candeias, sobre uma toalha de estopa, duas velas de sebo em castiçais de lata alumiavam grossos pratos de louça amarela, ladeados por colheres de estanho e por garfos de ferro. Os copos, de um vidro espesso, conservavam a sombra roxa do vinho que neles passara em fartos anos de fartas vindimas. A malga de barro, atestada de azeitonas pretas, contentaria Diógenes. Espetado na côdea de um imenso pão reluzia um imenso facalhão. E na cadeira senhorial reservada ao meu Príncipe, derradeira alfaia dos velhos Jacintos, de hirto espaldar de couro, com madeira roída de caruncho, a clina fugia em melenas pelos rasgões do assento puído.

Uma formidável moça, de enormes

peitos que lhe tremiam dentro das ramagens do lenço cruzado, ainda suada e esbraseada do calor da lareira, entrou esmagando o soalho, com uma terrina a fumegar. E o Melchior, que seguia erguendo a infusa do vinho, esperava que Suas Incelências lhe perdoassem porque faltara tempo para o caldinho apurar... Jacinto ocupou a sede ancestral — e durante momentos (de esgazeada ansiedade para o caseiro excelente) esfregou energicamente, com a ponta da toalha, o garfo negro, a fusca colher de estanho. Depois, desconfiado, provou o caldo, que era de galinha e recendia. Provou — e levantou para mim, seu camarada de misérias, uns olhos que brilharam, surpreendidos. Tornou a sorver uma colherada mais cheia, mais

considerada. E sorriu, com espanto: — “Está bom!”

Estava precioso: tinha fígado e tinha moela; o seu perfume enternecia; três vezes, fervorosamente, ataquei aquele caldo.

— Também lá volto! — exclamava Jacinto com uma convicção imensa. — É que estou com uma fome... Santo Deus! Há anos que não sinto esta fome.

Foi ele que rapou avaramente a sopeira. E já espreitava a porta, esperando a portadora dos pitéus, a rija moça de peitos trementes, que enfim surgiu, mais esbraseada, abalando o sobrado — e pousou sobre a mesa uma travessa a trasbordar de arroz com favas. Que desconsolo! Jacinto, em Paris, sempre abominava favas!... Tentou

todavia uma garfada tímida — e de novo aqueles seus olhos, que o pessimismo enevoara, luziram, procurando os meus. Outra larga garfada, concentrada, com uma lentidão de frade que se regala. Depois um brado:

— Ótimo!... Ah, destas favas, sim! Ó que fava! Que delícia!

E por esta santa gula louvava a serra, a arte perfeita das mulheres palreiras que em baixo remexiam as panelas, o Melchior que presidia ao bródio...

— Deste arroz com fava nem em Paris, Melchior amigo!

O homem ótimo sorria, inteiramente desanuviado:

— Pois é cá a comidinha dos moços da quinta! E cada pratada, que até Suas Incelências se riam... Mas agora, aqui, o

Sr. D. Jacinto, também vai engordar e enrijar!

O bom caseiro sinceramente cria que, perdido nesses remotos Parises, o Senhor de Tormes, longe da fartura de Tormes, padecia fome e minguava... e o meu Príncipe, na verdade, parecia saciar uma velhíssima fome e uma longa saudade da abundância, rompendo assim, a cada travessa, em louvores mais copiosos. Diante do louro frango assado no espeto e da salada que ele apetecera na horta, agora temperada com um azeite da serra digno dos lábios de Platão, terminou por bradar: — "É divino!" Mas nada o entusiasmava como o vinho de Tormes, caindo de alto, da bojuda infusa verde — um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que

muito poema ou livro santo. Mirando, à vela de sebo, o copo grosso que ele orlava de leve espuma rósea, o meu Príncipe, com um resplendor de otimismo na face, citou Virgílio:

— *Quo te carmina dicam, Rethica?* Quem dignamente te cantará, vinho amável destas serras?

Eu, que não gosto que me avantajem em saber clássico, espanejei logo também o meu Virgílio, louvando as doçuras da vida rural:

— *Hanc olim veteres vitam coluere Sabini*... Assim viveram os velhos Sabinos. Assim Rómulo e Remo... Assim cresceu a valente Etrúria. Assim Roma se tornou a maravilha do mundo!

E imóvel, com a mão agarrada à infusa, o Melchior arregalava para nós os

olhos em infinito assombro e religiosa reverência.

Ah! Jantámos deliciosamente, sob os auspícios do Melchior — que ainda depois, próvido e tutelar, nos forneceu o tabaco. E, como ante nós se alongava uma noite de monte, voltamos para as janelas desvidraçadas, na sala imensa, a contemplar o suntuoso céu de verão. Filosofamos então com a pachorra e facúndia.

Na Cidade (como notou Jacinto) nunca se olham, nem lembram os astros — por causa dos candeeiros de gás ou dos globos de eletricidade que os ofuscam. Pôr isso (como eu notei) nunca se entra nessa comunhão com o Universo que é a única glória e única consolação da vida. Mas na serra, sem prédios disformes de

seis andares, sem a fumaraça que tapa Deus, sem os cuidados que, como pedaços de chumbo, puxam a alma para o pó rasteiro — um Jacinto, um Zé Fernandes, livres, bem jantados, fumando nos poiais de uma janela, olham para os astros e os astros olham para eles. Uns, certamente, com olhos de sublime imobilidade ou de sublime indiferença. Mas outros curiosamente, ansiosamente, com uma luz que acena, uma luz que chama, como se tentassem, de tão longe, revelar os seus segredos, ou de tão longe compreender os nossos...

— Ó Jacinto, que estrela é esta, aqui, tão viva, sobre o beiral do telhado?

— Não sei... e aquela, Zé Fernandes, além, por cima do pinheiral?

— Não sei.

Não sabíamos. Eu por causa da espessa crosta de ignorância com que saí do ventre de Coimbra, minha Mãe espiritual. Ele, porque na sua Biblioteca possuía trezentos e oito tratados sobre Astronomia, e o Saber, assim acumulado, forma um monte que nunca se transpõe nem se desbasta. Mas que nos importava que aquele astro além se chamasse Sírio e aquele outro Aldebarã? Que lhes importava a eles que um de nós fosse Jacinto, outro Zé? Eles tão imensos, nós tão pequeninos, somos a obra da mesma Vontade. E todos, Uranos ou Lorenas de Noronha e Sande, constituímos modos diversos de um Ser único, e as nossas diversidades esparsas somam na mesma compacta Unidade. Moléculas do mesmo Todo, governadas pela mesma Lei,

rolando para o mesmo Fim... Do astro ao homem, do homem à flor do trevo, da flor do trevo ao mar sonoro — tudo é o mesmo Corpo, onde circula, como um sangue, o mesmo Deus. E nenhum frémito de vida, por menor, passa numa fibra desse sublime Corpo, que se não repercuta em todas, até às mais humildes, até às que parecem inertes e invitais. Quando um Sol que não avisto, nunca avistarei, morre de inanição nas profundidades, esse esguio galho de limoeiro, em baixo na horta, sente um secreto arrepio de morte: — e, quando eu bato uma patada no soalho de Tormes, além o monstruoso Saturno estremece, e esse estremecimento percorre o inteiro Universo! Jacinto abateu rijamente a mão no rebordo da janela. Eu gritei:

— Acredita!... O Sol tremeu.

E depois (como eu notei) devíamos considerar que, sobre cada um desses grãos de pó luminoso, existia uma criação, que incessantemente nasce, perece, renasce. Neste instante, outros Jacintos, outros Zés Fernandes, sentados às janelas de outras Tormes contemplam o céu noturno, e nele um pequenininho ponto de luz, que é a nossa possante Terra por nós tanto sublimada. Não terão todos esta nossa forma, bem frágil, bem desconfortável, e (a não ser no Apolo do Vaticano, na Vénus de Milo e talvez na Princesa de Carman) singularmente feia e burlesca. Mas, horrendos ou de inefável beleza; colossais e de uma carne mais dura que o granito, ou leves como gases e ondulando na luz, todos eles são seres

pensantes e têm consciência da Vida — porque decerto cada Mundo possui o seu Descartes, ou já o nosso Descartes os percorreu a todos com o seu Método, a sua escura capa, a sua agudeza elegante, formulando a única certeza talvez certa, o grande *Penso, logo existo*. Portanto todos nós, Habitantes dos Mundos, às janelas dos nossos casarões, além nos Saturnos, ou aqui na nossa Terrícula, constantemente perfazemos um ato sacrossanto que nos penetra e nos funde — que é sentirmos no Pensamento o núcleo comum das nossas modalidades, e portanto realizarmos um momento, dentro da Consciência, a Unidade do Universo!

— Hem, Jacinto?

O meu amigo rosnou:

— Talvez... Estou a cair com sono.

— Também eu. “Remontámos muito, Excelentíssimo Senhor!” como dizia o Pestaninha em Coimbra. Mas nada mais belo, e mais vão, que uma cavaqueira, no alto das serras, a olhar para as estrelas!... tu sempre vais amanhã?

— Com certeza, Zé Fernandes! Com a certeza de Descartes. “Penso, logo *fujo*!” Como queres tu, neste pardieiro, sem uma cama, sem uma poltrona, sem um livro?... Nem só de arroz com fava vive o Homem! Mas demoro em Lisboa, para conversar com o Sesimbra, o meu Administrador. E também à espera que estas obras acabem, os caixotes surjam, e eu possa voltar decentemente, com roupa lavada, para a trasladação...

— É verdade, os ossos...

— Mas resta ainda o Grilo... Que

animal! Pôr onde andará esse perdido?

Então, passeando lentamente na sala enorme, onde a vela de sebo já derretida no castiçal de lata era como um lume de cigarro num descampado, meditamos na sorte do Grilo. O estimado negro ou fora despejado nas lamas de Medina, com as vinte e sete malas, aos gritos — ou, regaladamente adormecido, rolara com o Anatole no comboio para Madrid. Mas ambos os casos apareciam ao meu Príncipe como irremediavelmente destruidores do seu conforto...

— Não, escuta, Jacinto... Se o Grilo encalhou em Medina, dormiu na Fonda, catou os percevejos, e esta madrugada correu para Tormes. Quando amanhã desceres à Estação, às quatro horas, encontras o teu precioso homem, com as

tuas preciosas malas, metido nesse comboio que te leva ao Porto e à Capital...

Jacinto sacudiu os braços como quem se debate nas malhas de uma rede:

— E se seguiu para Madrid?

— Então, por esta semana, cá aparece em Tormes, onde encontra ordem para regressar a Lisboa e reentrar no teu séquito... Resta o interessante caso das minhas bagagens. Se amanhã encontrares na estação o Grilo, separa a minha mala negra, e o saco de lona, e a chaleira. O Grilo conhece. E pede ao Pimenta, ao gordalhufo, que me avise para Guiães. Se o Grilo aportar Tormes, esfogueteado de Madrid, com toda essa malaria, deixa as minhas coisas aqui, ao Melchior... Eu amanhã falo ao Melchior.

Jacinto sacudiu furiosamente o colarinho:

— Mas como posso eu partir para Lisboa, amanhã, com esta camisa de dois dias, que já me faz uma comichão horrenda? E sem um lenço... Nem ao menos uma escova de dentes!

Fértil em ideias, estendi as mãos, num belo gesto tutelar:

— Tudo se arranja, meu Jacinto, tudo se arranja! Eu, largando daqui cedo, pelas seis horas, chego a Guiães às dez, ainda sem calor. E, mesmo antes do almoço e da cavaqueira com tia Vicência, imediatamente te mando por um moço um saco de roupa branca. As minhas camisas e as minhas ceroulas talvez te estejam largas. Mas um mendigo como tu não tem direito a elegâncias e a roupas bem

cortadas. O moço, num bom trote, entra aqui às duas horas; tens tempo de mudar antes de desceres para a Estação... Posso meter na mala uma escova de dentes.

— Ó Zé Fernandes! Então mete também uma esponja... E um frasco de água-de-colónia!

— Água de alfazema, excelente, feita pela tia Vicência...

O meu Príncipe suspirou, impressionado com a sua miséria esquálida, e esta dádiva de roupas:

— Bem, então vamos dormir, que estou esfalfado de emoções e de astros...

Justamente Melchior entreabria a pesada porta, com timidez, a avisar que "estavam preparadinhas as camas de Suas Incelências". E seguindo o bom caseiro, que erguia uma candeia, que avistamos

nós, o meu Príncipe e eu, ainda há pouco irmanados com os astros? Em duas saletas, que uma abertura em arco, lôbrego arco de pedra, separava — duas enxergas sobre o soalho. Junto à cabeceira da mais larga, que pertencia ao senhor de Tormes, um castiçal de latão sobre um alqueire; aos pés, como lavatório, um alguidar vidrado em cima de uma tripeça. Para mim, serrano daquelas serras, nem alguidar nem alqueire.

Lentamente, com o pé, o meu supercivilizado amigo apalpou a enxerga. E decerto lhe sentiu uma dureza intransigente, porque ficou pendido sobre ela, a correr desoladamente os dedos pela face desmaiada.

— E o pior não é ainda a enxerga —

murmurou enfim com um suspiro. — É que não tenho camisa de dormir, nem chinelas!... E não me posso deitar de camisa engomada.

Por inspiração minha recorremos ao Melchior. De novo esse benemérito providenciou, trazendo a Jacinto, para ele desafogar os pés, uns tamancos — e para embrulhar o corpo uma camisa da comadre, enorme, de estopa, áspera como uma estamenha de penitente, com folhos mais crespos e duros do que lavores de madeira. Para consolar o meu Príncipe lembrei que Platão quando compunha o *Banquete*, Vasco da Gama quando dobrava o Cabo, não dormiam em melhores catres! As enxergas rijas fazem as almas fortes, ó Jacinto!... E é só vestido de estamenha que se penetra no

Paraíso.

— Tens tu — volveu o meu amigo secamente — alguma coisa que eu leia? Não posso adormecer sem um livro.

Eu? Um livro? Possuía apenas o velho número do *Jornal do Comércio*, que escapara à dispersão dos nossos bens. Rasguei a copiosa folha pelo meio, partilhei com Jacinto fraternalmente. Ele tomou a sua metade, que era a dos anúncios... E quem não viu então Jacinto, senhor de Tormes, acaçapado à borda da enxerga, rente da vela de sebo que se derretia no alqueire, com os pés encafuados nos socos, perdido dentro das ásperas pregas e dos rijos folhos da camisa serrana, percorrendo num pedaço velho de Gazeta, pensativamente, as partidas dos Paquetes — não pode saber

o que é uma intensa e verídica imagem do Desalento.

Recolhido à minha alcova espartana, desabotoava o colete, num delicioso cansaço, quando o meu Príncipe ainda me reclamou:

— Zé Fernandes...

— Diz.

— Manda também no saco um abotoador de botas.

Estirado comodamente na rija enxerga murmurei, como sempre murmuro ao penetrar no Sono, que é um primo da Morte: ”Deus seja louvado!” Depois tomei a metade do *Jornal do Comércio* que me pertencia.

— Zé Fernandes...

— Que é?

— Também podias meter no saco

pós dos dentes... E uma lima das unhas... E um romance!

Já a meia Gazeta me escapava das mãos dormentes. Mas da sua alcova, depois de soprar a vela, Jacinto murmurou entre um bocejo:

— Zé Fernandes...

— Hem?

— Escreve para Lisboa, para o Hotel Bragança... Os lençóis ao menos são frescos, cheiram bem, a sadio!

9

Cedo, de madrugada, sem rumor, para não despertar o meu Jacinto, que, com as mãos cruzadas sobre o peito, dormia beatificamente na sua enxerga de granito — parti para Guiães.

Ao cabo de uma semana, recolhendo uma manhã para o almoço, encontrei no corredor as minhas malas tão desejadas, que um moço do casal da Giesta trouxera num carro com “recados do Sr. Pimentinha”. O meu pensamento pulou para o meu Príncipe. E lancei pelo telégrafo, para Lisboa, para o Hotel Bragança, este brado alegre: — “Estás lá? Sei recuperaste Grilo e Civilização! Hurra, Abraço!” — Só depois de sete

dias, ocupados numa delicada apanha de aspargos com que outrora civilizara a horta da tia Vicência, notei o silêncio de Jacinto. Num bilhete postal renovei, desenvolvi o grito amigo: — “E tornam desatento e mudo? Eu, todo aspargos! Responde, quando chegas? Tempo delicioso! 23° à sombra. E os ossos?” — Veio depois a devota romaria da Senhora da Roqueirinha. Durante a Lua— nova andei num corte de mato, na minha terra das Corcas. A tia Vicência vomitou, com uma indigestão de morcelas. E o silêncio do meu Príncipe era ingrato e ferrenho.

Enfim, uma tarde, voltando da Flor da Malva, de casa da minha prima Joaninha, parei em Sandofim, na venda do Manoel Rico, para beber de certo vinho branco que a minha alma conhece — e

sempre pede.

Defronte, à porta do ferrador, o Severo, sobrinho do Melchior de Tormes e o mais fino alveitar da serra, picava tabaco, escarranchado num banco. Mandei encher outro quartinho: ele acariciou o pescoço da minha égua que já salvara de um esfriamento; e como eu indagasse do nosso Melchior, o Severo contou que na véspera jantara com ele em Tormes, e se abeirara também do fidalgo...

— Ora essa! Então o Sr. D. Jacinto está em Tormes?

O meu espanto divertiu o Severo:

— Então Vossa Excelência... Pois em Tormes é que ele está, há mais de cinco semanas, sem arredar! E parece que fica para a vindima, e vai lá uma grandeza!

Santíssimo nome de Deus! Ao outro

dia, Domingo, depois da missa e sem me assustar com a calma que carregava, trotei alvoroçadamente para Tormes. Ao latir dos rafeiros, quando transpus o portal solarengo, a comadre do Melchior acudiu dos lados do curral, com um alguidar de lavagem encostado à cintura.

— Então o Sr. D. Jacinto?... O Sr. D. Jacinto andava lá para baixo, com o Silvério e com o Melchior, nos campos de Freixomil...

— E o Sr. Grilo, o preto?

— Há bocadinho também o enxerguei no pomar, com o francês, a apanhar limões doces...

Todas as janelas do solar rebrilhavam, com vidraças novas, bem polidas. A um canto do pátio notei baldes de cal e tigelas de tintas. Uma escada de

pedreiro descansara durante o dia Santo arrimada contra o telhado. E, rente ao muro da capela, dois gatos dormiam sobre montões de palha desempacotada de caixotes consideráveis.

— Bem — pensei eu. — Eis a Civilização!

Recolhi a égua, galguei a escada. Na varanda, sobre uma pilha de ripas, reluzia num raio de Sol uma banheira de zinco. Dentro encontrei todos os soalhos remendados, esfregados a carqueja. As paredes, muito caiadas, e nuas, refrigeravam como as de um convento. Um quarto, a que me levaram três portas escancaradas com franqueza serrana, era certamente o de Jacinto: a roupa pendia de cabides de pau; o leito de ferro, com coberta de fustão, encolhia timidamente a

sua rigidez virginal a um canto, entre o muro e a banquinha onde de um castiçal de latão resplandecia sobre um volume do S. Quixote; no lavatório pintado de amarelo, imitando bambu, apenas cabia o jarro, a bacia, um naco gordo de sabão; e uma prateleirinha bastava ao esmerado alinho da escova, da tesoura, do pente, do espelhinho de feira, e do frasquinho de água de alfazema que eu mandara de Guiães. As três janelas, sem cortinas, contemplavam a beleza da serra, respirando um delicado e macio ar, que se perfumava nas resinas dos pinheirais, depois nas roseiras da horta. Em frente, no corredor, outro quarto repetia a mesma simplicidade. Certamente a previdência do meu Príncipe o destinara ao seu Zé Fernandes. Pendurei logo dentro, no

cabide, o meu guarda-pó de lustrina.

Mas na sala imensa, onde tanto filosofáramos considerando as estrelas, Jacinto arranjara um centro de repouso e de estudo — e desenrolara essa “grandeza” que impressionava o Severo. As cadeiras de verga da Madeira, amplas e de braços, ofereciam o conforto de almofadinhas de chita. Sobre a mesa enorme de pau branco, carpinteirada em Tormes, admirei um candeeiro de metal de três bicos, um tinteiro de frade armado de penas de pato, um vaso de capela transbordando de cravos. Entre duas janelas uma cómoda antiga, embutida, com ferragens lavradas, recebera sobre o seu mármore rosado o devoto peso de um Presépio, onde Reis Magos, pastores de surrões vistosos, cordeiros de

esguedelhada lã, se apressavam através de alcantis para o menino, que na sua lapinha lhes abria os braços, coroado por uma enorme Coroa Real. Uma estante de madeira enchia outro pedaço de parede, entre dois retratos negros com caixilhos negros; sobre uma das suas prateleiras repousavam duas espingardas; nas outras esperavam, espalhados, como os primeiros Doutores nas bancadas de um concílio, alguns nobres livros, um Plutarco, um Virgílio, a *Odisseia*, o *Manual de Epíteto*, as *Crónicas* de Froissart. Depois, em fila decorosa, cadeiras de palhinha, muito envernizadas. E a um canto um molho de varapaus.

Tudo resplandecia de asseio e ordem. As portadas das janelas, cerradas, abrigavam do Sol que batia aquele lado

de Tormes, escaldando os peitoris de pedra. Do soalho, borrifado de água, subia, na suavizada penumbra, uma frescura. Os cravos rescendiam. Nem dos campos, nem da casa, se elevava um rumor. Tormes dormia no esplendor da manhã santa. E, penetrado por aquela consoladora quietação de convento rural, terminei por me estender numa cadeira de verga junto da mesa, abrir languidamente um tomo de Virgílio, e murmurar, apropriando o doce verso que encontrara:

Fortunate Jacinthe! Hic, inter arva nota
Et fontes sacros, frigus captabis opacum...

Afortunado Jacinto, na verdade! Agora, entre campos que são teus e águas

que te são sagradas, colhes enfim a sombra e a paz!

Li ainda outros versos. E, na fadiga das duas horas de égua e calor desde Guiães, irreverentemente adormecia sobre o divino Bucolista — quando me despertou um berro amigo! Era o meu Príncipe. E muito decididamente, depois de me soltar do seu rijo abraço, o comparei a uma planta estiolada, emurchecida na escuridão, entre tapetes e sedas, que, levada para o vento e o sol, profusamente regada, reverdece, desabrocha e honra a Natureza! Jacinto já não corcovava. Sobre a sua arrefecida palidez de supercivilizado, o ar montesino, ou vida mais verdadeira, espalhara um rubor trigueiro e quente de sangue renovado que o virilizava

soberbamente. Dos olhos, que na Cidade andavam sempre tão crepusculares e desviados do Mundo, saltava agora um brilho de meio-dia, resoluto e largo, contente em se embeber na beleza das coisas. Até o bigode se lhe encrespara. E já não deslizava a mão desencantada sobre a face — mas batia com ela triunfalmente na coxa. Que sei? Era Jacinto novíssimo. E quase me assustava, por eu ter de aprender e penetrar, neste novo Príncipe, os modos e as ideias novas.

— Caramba, Jacinto, mas então... ?

Ele encolheu jovialmente os ombros realargados. E só me soube contar, trilhando soberanamente com os sapatos brancos e cobertos de pó o soalho remendado, que, ao acordar em Tormes,

depois de se lavar numa dorna, e de enfiar a minha roupa branca, se sentira de repente como *desanuviado, desenvencilhado!* Almoçara uma pratada de ovos com chouriço, sublime. Passeara por toda aquela magnificência da serra com pensamentos ligeiros de liberdade e de paz. Mandara ao Porto comprar uma cama, uns cabides... E ali estava...

— Para todo o verão?

— Não! Mas um mês... Dois meses! Enquanto houver chouriços, e a água da fonte, bebida pela telha ou numa folha de couve, me souber tão divinamente!

Caí sobre a cadeira de verga, e contemplei, arregalado, quase esgazeado, o meu Príncipe! Ele enrolava numa mortalha tabaco picado, tabaco grosso, guardado numa malga vidrada. E

exclamava:

— Ando aí pelas terras desde o romper de alva! Pesquei já hoje quatro trutas magníficas... Lá em baixo, no Naves, um riachote que se atira pelo vale de Seranda... temos logo ao jantar essas trutas!

Mas eu, ávido pela história daquela ressurreição:

— Então, não estiveste em Lisboa?... Eu telegrafei...

— Qual telégrafo! Qual Lisboa! Estive lá em cima, ao pé da fonte da Lira, à sombra de uma grande árvore, *sub tegmine* não sei quê, a ler esse adorável Virgílio... e também a arranjar o meu palácio! Que te parece, Zé Fernandes? Em três semanas, tudo soalhado, envidraçado, caiado, encadeirado!... Trabalhou a

freguesia inteira! Até eu pintei, com uma imensa brocha. Viste o comedouro?

— Não.

— Então vem admirar a beleza na simplicidade, bárbaro!

Era a mesma onde nós tanto exaltáramos o arroz com favas — mas muito esfregada, muito caiada, com um rodapé besuntado de azul estridente, onde logo adivinhei a obra do meu Príncipe. Uma toalha de linho de Guimarães cobria a mesa, com as franjas roçando o soalho. No fundo dos pratos de louça forte reluzia um galo amarelo. Era o mesmo galo e a mesma louça em que na nossa casa, em Guiães, se servem os feijões aos cavadores...

Mas no pátio os cães latiram. E Jacinto correu à varanda, com uma

ligeireza curiosa que me deleitou. Ah, bem definitivamente se esfrangalhara aquela rede de malha que se não percebia e que outrora o travava! — Nesse momento apareceu o Grilo, de quinzena de linho, segurando em cada mão uma garrafa de vinho branco. Todo se alegrou “em ver na quinta o siô Fernandes”. Mas a sua veneranda face já não resplandecia, como em Paris, com um tão sereno e ditoso brilho de ébano. Até me pareceu que corcovava... Quando o interroguei sobre aquela mudança, estendeu duvidosamente o beiço grosso.

— O menino gosta, eu então também gosto... Que o ar aqui é muito bom, siô Fernandes, o ar é muito bom!

Depois, mais baixo envolvendo num gesto desolado a louça de Barcelos, as

faces de cabo de osso, as prateleiras de pinho como num refeitório de Franciscanos:

— Mas muita magreza, siô Fernandes, muita magreza!

Jacinto voltara com um maço de jornais cintados:

— Era o carteiro. Já vês que não amuei inteiramente com a Civilização. Eis a imprensa!... Mas nada de *Fígaro*, ou da horrenda *Dois-Mundos!* Jornais de Agricultura! Para aprender como se produzem as risonhas messes, e sob que signo se casa a vinha ao olmo, e que cuidados necessita a abelha provida.... *Quid faciat laetas segetes*... De resto para esta nobre educação, já me bastavam as Geórgicas, que tu ignoras!

Eu ri:

— Alto lá! *Nos quoque gens sumus et nostrum Virgilium sabemus!*

Mas o meu novíssimo amigo, debruçado da janela, batia as palmas — como Catão para chamar os servos, na Roma simples. E gritava:

— Ana Vaqueira! Um copo de água, bem lavado, da fonte velha!

Pulei, imensamente divertido:

— Ó Jacinto! E as águas carbonatadas? E as fosfatadas? E as esterilizadas? E as sódicas?...

O meu Príncipe atirou os ombros com um desdém soberbo. E aclamou a aparição de um grande copo, todo embaciado pela frescura nevada da água refulgente, que uma bela moça trazia num prato. Eu admirei sobretudo a moça... Que olhos, de um negro tão líquido e sério! No

andar, no quebrar da cinta, que harmonia e que graça de Ninfa latina!

E apenas pela porta desaparecera a esplêndida aparição:

— Ó Jacinto, eu daqui a um instante também quero água! E se compete a esta rapariga trazer as coisas, eu, de cinco em cinco minutos, quero uma coisa!... Que olhos, que corpo... Caramba, menino! Eis a poesia, toda viva, da serra...

O meu Príncipe sorria, com sinceridade:

— Não! não nos iludamos, Zé Fernandes, nem façamos Arcádia. É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca turina. Merece o seu nome de Ana Vaqueira. Trabalha bem, digere bem,

concebe bem. Para isso a fez a Natureza, assim sã e rija; e ela cumpre. O marido todavia não parece contente, porque a desanca. Também é um belo bruto... Não, meu filho, a serra é maravilhosa e muito grato lhe estou... Mas temos aqui a fêmea em toda a sua animalidade e o macho em todo o seu egoísmo... são porém verdadeiros, genuinamente verdadeiros! E esta verdade, Zé Fernandes, é para mim um repouso.

Lentamente, gozando a frescura, o silêncio, a liberdade do vasto casarão, retrocedemos à sala que Jacinto já denominara a Livraria. E, de repente, ao avistar num canto uma caixa com a tampa meio despregada, quase me engasguei, na furiosa curiosidade que me assaltou:

— E os caixotes? Ó Jacinto?... Toda

aquela imensa caixotaria que nós mandamos, abarrotada de Civilização? Soubeste? Apareceram?

O meu Príncipe parou, bateu alegremente na coxa:

— Sublime! Tu ainda te lembras daquele homenzinho, de saco a tiracolo, que nós admiramos tanto pela sua sagacidade, o seu saber geográfico?... Lembras? Apenas falei em Tormes, gritou que conhecia, rabiscou uma nota... Nem era necessário mais! “Ó! Tormes, perfeitamente, muito antigo, muito curioso!” Pois mandou tudo para Alba de Tormes, em Espanha! Está tudo em Espanha!

Cocei o queixo, desconsolado:

— Ora, ora... Um homem tão esperto, tão expedito, que fazia tanta honra ao

progresso! Tudo para Espanha!... E mandaste vir?

— Não! Talvez mais tarde... Agora, Zé Fernandes, estou saboreando esta delícia de me erguer pela manhã, e de ter só uma escova para alisar o cabelo.

Considerei, cheio de recordações, o meu amigo:

— Tinhas umas nove.

— Nove? Tinha vinte! Talvez trinta! E era uma atrapalhação, não me bastavam!... Nunca em Paris andei bem penteado. Assim com os meus setenta mil volumes: eram tantos que nunca li nenhum. Assim com as minhas ocupações; tanto me sobrecarregavam, que nunca fui útil!

De tarde, depois da calma, fomos

vaguear pelos caminhos coleantes daquela quinta rica, que, através de duas léguas, ondula por vale e monte. Não me encontrara mais com Jacinto em meio da Natureza, desde o remoto dia de entremez em que ele tanto sofrera no sociável e policiado bosque de Montmorency. Ah, mas agora, com que segurança e idílico amor se movia através dessa Natureza, de onde andara tantos anos desviado por teoria e por hábito! Já não receava a humildade mortal das relvas; nem repelia como impertinente o roçar das ramagens; nem o silêncio dos altos o inquietava como um despovoamento do Universo. Era com delícias, com um consolado sentimento de estabilidade recuperada, que enterrava os grossos sapatos nas terras moles, como no seu elemento

natural e paterno; sem razão, deixava os trilhos fáceis, para se embrenhar através de arbustos emaranhados, e receber na face a carícia das folhas tenras; sobre os outeiros, parava, imóvel, retendo os meus gestos e quase o meu hálito, para se embeber de silêncio e de paz; e duas vezes o surpreendi atento e sorrindo à beira de um regatinho palreiro, como se lhe escutasse a confidência...

Depois filosofava, sem descontinuar, com o entusiasmo de um convertido, ávido de converter:

— Como a inteligência aqui se liberta, hem? E como tudo é animado de uma vida forte e profunda!... dizes tu agora, Zé Fernandes, que não há aqui pensamento...

— Eu?! Eu não digo nada, Jacinto...

— Pois é uma maneira de refletir muito estreita e muito grosseira...

— Ora essa! Mas eu...

— Não, não percebes. A vida não se limita a pensar, meu caro doutor...

— Que não sou!

— A vida é essencialmente Vontade e Movimento: e naquele pedaço de terra, plantado de milho, vai todo um mundo de impulsos, de forças que se revelam, e que atingem a sua expressão suprema, que é a Forma. Não, essa tua filosofia está ainda extremamente grosseira...

— Irra! Mas eu não...

— E depois, menino, que inesgotável, que miraculosa diversidade de formas... E todas belas!

Agarrava o meu pobre braço, exigia que eu reparasse com reverência. Na

Natureza nunca eu descobriria um contorno feio ou repetido! Nunca duas folhas de hera, que, na verdura ou recorte, se assemelhassem! Na Cidade, pelo contrário, cada casa repete servilmente a outra casa; todas as faces reproduzem a mesma indiferença ou a mesma inquietação; as ideias têm todas o mesmo valor, o mesmo cunho, a mesma forma, como as libras; e até o que há mais pessoal e íntimo, a Ilusão, é em todos idêntica, e todos a respiram, e todos se perdem nela como no mesmo nevoeiro... a *mesmice* — eis o horror das Cidades!

— Mas aqui! Olha para aquele castanheiro. Há três semanas que cada manhã o vejo, e sempre me parece outro... A sombra, o sol, o vento, as nuvens, a chuva incessantemente lhe compõem uma

expressão diversa e nova, sempre interessante. Nunca a sua frequentação me poderia fartar...

Eu murmurei:

— É pena que não converse!

O meu Príncipe recuou, com olhares chamejantes, de Apóstolo:

— Como que não converse? Mas é justamente um conversador sublime! Está claro, não tem ditos, nem parola teorias, *ore rotundo*. Mas nunca eu passo junto dele que não me sugira um pensamento ou me não desvende uma verdade... Ainda hoje quando eu voltava de pescar as trutas... Parei: e logo ele me fez sentir como toda a sua vida de vegetal é isenta de trabalho, da ansiedade, do esforço que a vida humana impõe; não tem de se preocupar com o sustento, nem com o

vestido, nem com o abrigo; filho querido de Deus, Deus o nutre, sem que ele se mova ou se inquiete... E é esta segurança que lhe dá tanta graça e tanta majestade. Pois não achas?

Eu sorria, concordava. Tudo isto era decerto rebuscado e especioso. Mas que importavam as requintadas metáforas, e essa metafísica mal madura, colhida à pressa nos ramos de um castanheiro? Sob toda aquela ideologia transparecia uma excelente realidade — a reconciliação do meu Príncipe com a Vida. Segura estava a sua Ressurreição depois de tantos anos de cova, de cova mole em que jazera, enfaixado como uma múmia nas faixas do Pessimismo!

E o que esse Príncipe, nesta tarde, me esfalfou! Farejava com uma

curiosidade insaciável, todos os recantos da serra! Galgava os cabeços correndo, como na esperança de descobrir lá do alto os esplendores nunca contemplados de um Mundo inédito. E o seu tormento era não conhecer os nomes das árvores, da mais rasteira planta brotando das fendas de um socalco... Constantemente me folheava como a um Dicionário Botânico.

— Fiz toda a sorte de cursos, passei pelos professores mais ilustres da Europa, tenho trinta mil volumes, e não sei se aquele senhor além é um amieiro ou um sobreiro.

— É um azinheiro, Jacinto.

Já a tarde caía quando recolhemos muito lentamente. E toda essa adorável paz do Céu, realmente celestial, e dos campos onde cada folhinha conservava

uma quietação contemplativa, na luz docemente desmaiada, pousando sobre as coisas com um liso e leve afago, penetrava tão profundamente Jacinto, que eu o senti, no silêncio em que caíramos, suspirar de puro alívio.

Depois, muito gravemente:

— Tu dizes que na natureza não há pensamento...

— Outra vez! Olha que maçada! Eu...

— Mas é por estar nela suprimido o pensamento que lhe está poupado o sofrimento! Nós desgraçados, não podemos suprimir o pensamento, mas certamente o podemos disciplinar e impedir que ele se estonteie e se esfalfe, como na fornalha das cidades, ideando gozos que nunca se realizam, aspirando a certezas que nunca se atingem!... E é o que

aconselham estas colinas e estas árvores à nossa alma, que vela e se agita: que vive na paz de um sonho vago e nada apeteça, nada tema, contra nada se insurja, e deixe o Mundo rolar, não esperando dele senão um rumor de harmonia, que a embale e lhe favoreça o dormir dentro da mão de Deus. Hem, não te parece, Zé Fernandes?

— Talvez. Mas é necessário então viver num mosteiro, com o temperamento de S Bruno, ou ter cento e quarenta contos de renda e o desplante de certos Jacintos... E também me parece que andamos léguas. Estou derreado. E que fome!

— Tanto melhor, para as trutas, e para o cabrito assado que nos espera...

— Bravo! Quem te cozinha?

— Uma afilhada do Melchior.

Mulher sublime! Hás de ver a canja! Hás de ver a cabidela! Ela é horrenda, quase anã, com os olhos tortos, um verde e outro preto. Mas que paladar! Que génio!

Com efeito! Horácio dedicara uma ode àquele cabrito assado num espeto de cerejeira. E com as trutas, e o vinho do Melchior, e a cabidela, em que a sublime anã de olhos tortos pusera inspirações que não são da terra, e aquela doçura da noite de junho, que pelas janelas abertas nos envolveu no seu veludo negro, tão mole e tão consolado fiquei, que, na sala onde nos esperava o café, caí numa cadeira de verga, na mais larga, e de melhores almofadas, e atirei um berro de pura delícia.

Depois, com uma recordação, limpando o café do pelo dos bigodes:

— Ó Jacinto, e quando nós andávamos por Paris com o Pessimismo às costas, a gemer que tudo era ilusão e dor?

O meu Príncipe, que o cabrito tornara ainda mais alegre, trilhava a grandes passadas o soalho, enrolando o cigarro:

— Oh! Que engenhosa besta, esse Schopenhauer! E a maior besta eu, que o sorvia, e que me desolava com sinceridade! E todavia — continuava ele, remexendo a chávena — o Pessimismo é uma teoria bem consoladora para os que sofrem, porque desindividualiza o sofrimento, alarga-o até o tornar uma lei universal, a lei própria da Vida; portanto lhe tira o caráter pungente de uma injustiça especial, cometida contra o

sofredor por um Destino inimigo e faccioso! Realmente o nosso mal sobretudo nos amarga, quando contemplamos ou imaginamos o bem do nosso vizinho: — porque nos sentimos escolhidos e destacados para a infelicidade, podendo, como ele, ter nascido para a Fortuna. Quem se queixaria de ser coxo se toda a humanidade coxeasse? E quais não seriam os urros, e a furiosa revolta do homem envolto na neve e friagem e borrasca de um inverno especial, organizado nos Céus para o envolver a ele unicamente, enquanto em redor, toda a Humanidade se movesse na luminosa benignidade de uma primavera?

— Com efeito — murmurei eu — esse sujeito teria imensa razão para

urrar...

— E depois — clamava ainda o meu amigo — o Pessimismo é excelente para os Inertes, porque lhes atenua o desgracioso delito da Inércia. Se toda a meta é um monte de Dor, onde a alma vai esbarrar, para que marchar para a meta, através dos embaraços do mundo? E de resto todos os Líricos e Teóricos do Pessimismo, desde Salomão até o maligno Schopenhauer, lançam o seu cântico ou a sua doutrina para disfarçar a humilhação das suas misérias, subordinando-as todas a uma vasta lei de Vida, uma lei Cósmica, e ornando assim com a auréola de uma origem quase divina as suas miúdas desgraçazinhas de temperamento ou Sorte. O bom Schopenhauer formula todo o seu schopenhauerismo, quando é um filósofo

sem editor, e um professor sem discípulos; e sofre horrendamente de terrores e manias; e esconde o seu dinheiro debaixo do sobrado; e redige as suas contas em grego nos perpétuos lamentos da desconfiança; e vive nas adegas com o medo de incêndios; e viaja com um copo de lata na algibeira para não beber em vidro que beiços de leproso tivessem contaminado!... Então Schopenhauer é sombriamente Schopenhauerista. Mas apenas penetra na celebridade, e os seus miseráveis nervos se acalmam, e o cerca uma paz amável, não há então, em todo Francoforte, burguês mais otimista, de face mais jucunda, e o gozando mais regradamente os bens da inteligência e da Vida!... e outro, o Israelita, o muito pedantesco rei

de Jerusalém! Quando descobre esse sublime Retórico que o mundo é Ilusão e Vaidade? Aos setenta e cinco anos, quando o Poder lhe escapa das mãos trémulas, e o seu serralho de trezentas concubinas se lhe torna ridiculamente supérfluo. Então rompem os pomposos queixumes! Tudo é verdade e aflição de espírito! nada existe estável sob o Sol! Com efeito, meu bom Salomão, tudo passa, principalmente o poder de usar trezentas concubinas! Mas que se restitua a esse velho sultão asiático, besuntado de Literatura, a sua virilidade, e onde se sumirá o lamento do *Eclesiastes*? Então voltará em Segunda e triunfal edição, o êxtase do *Livro dos Cantares!...*

Assim discursava o meu amigo no noturno silêncio de Tormes. Creio que

ainda estabeleceu sobre o Pessimismo outras coisas joviais, profundas ou elegantes — mas eu adormecera, beatificamente envolto em Otimismo e doçura.

Em breve, porém, me fez pular, escancarar a pálpebras moles, uma rija, larga, sadia e genuína risada. Era Jacinto, estirado numa cadeira, que lia o D. Quixote... Oh! bem-aventurado Príncipe! Conservara ele o agudo poder de arrancar teorias a uma espiga de milho ainda verde, e por uma clemência de Deus, que fizera reflorir o tronco seco, recuperara o Dom divino de rir, com as facécias de Sancho!

Aproveitando a minha companhia, as duas semanas de bucólica ociosidade que eu lhe concedera, o meu Jacinto preparou

então a cerimónia tão falada, tão meditada, a trasladação dos ossos dos velhos Jacintos — dos “respeitáveis ossos” como murmurava, cumprimentando, o bom Silvério, o procurador, nessa manhã de Sexta-feira, em que almoçava conosco, metido num espantoso jaquetão de veludinho amarelo debruado de seda azul! A cerimónia, de resto, reclamava muita singeleza por serem tão incertos, quase impessoais, aqueles restos, que nós estabeleceríamos na Capelinha do vale da Carriça, na Capelinha toda nova, toda nua e toda fria, ainda sem alma e sem calor de Deus.

— Porque enfim Vossa Excelência compreende — explicava o Silvério passando o guardanapo por sobre a larga face suada e por sobre as imensas barbas

negras, como as de um turco —, naquela mixórdia... oh! peço desculpa a Vossa Excelência! Naquela confusão, quando tudo desabou, não pudemos mais conhecer a quem pertenciam os ossos. Nem sequer, falando verdade, nós sabíamos bem que dignos avós de Vossa Excelência jaziam na capela velha, assim tão antigos, com os letreiros apagados, senhores de todo o nosso respeito, certamente, mas, se Vossa Excelência me permite, senhores já muito desfeitos... Depois veio o desastre, a mixórdia. E aqui está o que decidi, depois de pensar. Mandei arranjar tantos caixões de chumbo, quantas as caveiras que se apanharam lá em baixo na Carriça, entre o lixo e o pedregulho. Havia sete caveiras e meia. Quero dizer, sete caveiras e uma caveirinha pequenina. Metemos cada

caveira em seu caixão. Depois: Que quer Vossa Excelência? Não havia outro meio! E aqui o Sr. Fernandes dirá se não acha que procedemos com habilidade. A cada caveira juntamos uma certa porção de ossos, uma porção razoável... Não havia outro meio... Nem todos os ossos se acharam. Canelas, por exemplo, faltavam! E é bem possível que as costelas de um daqueles senhores ficassem com a cabeça de outro... Mas quem podia saber? Só Deus. Enfim fizemos o que a prudência mandava... Depois, no dia de Juízo, cada um destes fidalgos apresentará os ossos que lhe pertencerem.

Lançava estas coisas macabras e tremendas, penetrado de respeito, quase com majestade, espetando, ora em mim, ora no meu Príncipe, os olhinhos agudos e

reluzentes como vidrilhos.

Eu aprovei o pitoresco homem:

— Perfeitamente! Andou perfeitamente, amigo Silvério. São tão vagos, tão anónimos, todos esses avós! Só faz pena, grande pena, que se tresmalhassem os restos do avô *Galião*.

— Não estava cá! — acudiu Jacinto. — Vim a Tormes expressamente por causa do avô *Galião*, e por fim o seu jazigo nunca foi aqui, na Capelinha da Carriça... Felizmente!

O Silvério sacudiu gravemente a calva trigueira:

— Nunca tivemos o Excelentíssimo Sr. *Galião*. Há cem anos, Sr. Fernandes, há cem anos que se não depositava na capela velha corpo de cavalheiro cá da casa.

— Onde estarão então?...

O meu Príncipe encolheu os ombros. Pôr esse Reino... Na igrejinha, no cemitério de alguma das freguesias numerosas, onde ele possuía terras. Casa tão espalhada!

— Bem! — concluí. — Então, como se trata de ossadas vagas, sem nome, sem data, convém uma cerimoniazinha muito simples, muito sóbria.

— Quietinha, quietinha! — murmurou o Silvério, dando um forte sorvo assobiado ao café.

E foi quietinha, de uma rústica e doce singeleza a cerimónia daqueles altos senhores. Cedo, por uma manhã, levemente enevoada, os oito caixões pequeninos, cobertos de um veludo vermelho mais de festa que de funeral,

com molhos de rosas espalhados contendo cada um o seu montezinho de ossos incertos, saíram aos ombros dos coveiros de Tormes e dos moços da quinta, da Igreja de S. José, cujo sino leve tangia, na enevoada doçura da manhã — quando fina e levemente! — como pia um passarinho triste, Adiantem um airoso moço de sobrepeliz erguia com zelo a velha cruz prateada; abrigando o pescoço sob um imenso lenço de rapé, de quadrados azuis, o velho e corcovado sacristão segurava pensativamente a caldeirinha de água benta; e o bom abade de S. José, com os dedos entre o breviário fechado, movia os lábios, numa lenta, murmurosa reza, que ia pelo doce ar, espalhando mais doçura. Logo atrás do último cofre, o mais pequenino, o da caveirinha pequena,

Jacinto caminhava; e eu, a estalar dentro de um fato preto de Jacinto, tirado à pressa de uma das malas de Paris quando, de manhã, já tarde para mandar a Guiães, me lembrei que toda a minha roupa era de cores festivais e pastoris.

Depois marchava o Silvério, soleníssimo, com um imenso peitilho, onde as barbas imensas se alastravam negríssimas. De casaca, com o grosso beiço descaído, descaído todo ele por aquela melancolia de enterro que se juntava à melancolia da serra, o Grilo enfiava no braço a sua coroa, enorme, de rosas e de heras. Pôr fim seguia o Melchior, entre um rancho de mulheres, que, sumidas na sombra dos lenços pretos, desfiando longos rosários, rosnavam surdas ave-marias, através de espaçados

suspiros, tão doridos como se inconsoladamente lhes doesse a perda daqueles Jacintos. Assim, pelas várzeas entrecorridas de regueiros, lenta nos recostos dos matos, escorregando mais rápida, pelos córregos pedregosos, seguia a procissão, sempre com a cruz adiante, alta e prateada, rebrilhando por vezes num breve raiozinho de Sol que, vagarosamente, surdia da névoa desfeita. Ramos baixos de lódão ou de salgueiro passavam uma derradeira carícia sobre o veludo dos caixões.

Um regato por vezes nos acompanhava, com discreto fulgir entre as relvas, sussurrando e como rezando também, alegremente; e nos quintalinhos umbrosos, à nossa passagem, os galos, de cima das pilhas de mato, faziam soar o

seu clarim festivo. Depois, adiante da fonte da Lira, como o caminho se alongava, e desejássemos poupar o nosso velho abade, cortamos através de uma seara, já alta, quase madura, toda entremeada de papoulas. O Sol radiou: sob a brisa larga, que levara a névoa, toda a messe ondulou numa lenta vaga dourada, em que se balouçavam os esquifes; e, como enorme papoula, a mais vermelha, rutilava o guarda-sol de paninho logo aberto pelo sacristão para abrigar o abade.

Jacinto tocou no meu cotovelo:

— Que lindos vamos! Ora vê tu a Natureza... Num simples enterrar de ossos, quanta graça e quanta beleza!

Na Capelinha, nova, dominando o vale da Carriça, solitária e muito nua, no

meio de um adro, ainda mal alisado, sem uma verdura de relva, uma frescura de arbusto, dois moços seguravam à porta molhos de tochas, que o Silvério distribuiu, a passos graves, com cortesias, soleníssimo. Dentro as curtas chamas mal luziam, mal derramavam a sua amarelidão triste, esbatidas na reluzente brancura dos muros estucados, na jovial claridade que caía das altas vidraças bem polidas. Em torno dos esquifes, pousados sobre bancos, que pesados veludilhos recobriam, o abade murmurava um suave latim, enquanto ao fundo as mulheres, sumidas na sombra dos seus negros lenços, gemiam *aménS* agudos, abafavam um respeitoso soluço. Depois, tomando levemente o hissope, ainda o bom abade aspergiu, para uma derradeira

purificação, os incertos ossos dos incertos Jacintos. E todos desfilamos por diante do meu Príncipe, timidamente encostado à ombreira, com o Silvério ao lado esmagando contra o peitilho as barbas imensas, a face descaída, cerradas as pálpebras como contendo lágrimas.

No adro, o meu Príncipe acendeu regaladamente um cigarro pedido ao Melchior:

— E então, Zé Fernandes, que te pareceu a cerimoniazinha?

— Muito campestre, muito suave, muito risonha... Uma delícia.

Mas o Abade, que se desvestira na Sacristia, apareceu, já com o seu grande casaco de lustrina, o seu velho chapéu desabado, trazidos pelo moço da Residência, num saco de chita. Jacinto,

imediatamente lhe agradeceu tantos cuidados, a afável hospitalidade que oferecera aos ossos, durante a construção da Capelinha nova. E o suave velho, todo branquinho, de faces ainda menineiras e coradas, com um claro sorriso de dentes sadios, louvava Jacinto, que assim viera de tão longe, em tão longa jornada, para cumprir aquele dever de bom neto.

— São avós muito remotos, e agora tão confusos! — murmurava Jacinto, sorrindo,

— Pois mais mérito ainda o de Vossa Excelência. Respeitar um avô moto, bem é corrente... Mas respeitar os ossos de um quinto avô, de um sétimo avô!

— Sobretudo, Sr. Abade, quando deles nada se sabe, e naturalmente nada fizeram.

O velho sacudiu risonhamente o dedo gordo:

— Ora quem sabe, quem sabe! Talvez fossem excelentes! E por fim, quem muito se demora no mundo, como eu, termina por se convencer que no mundo não há coisa ou ser inútil. Ainda ontem eu lia num jornal do Porto, que por fim, segundo se descobriu, são as minhocas que estrumam e lavram a terra, antes de chegar o lavrador e os bois com o arado. Não há nada inútil... Eu tinha lá na residência uma porção de cardos a um canto da horta, que me afligiam. Pois refleti e terminei por me regalar com eles em xarope. Os avós de Vossa Excelência por cá andaram, por cá trabalharam, por cá padeceram. Quer dizer: por cá serviram. E, em todo o caso, que lhes

rezemos um Padre-Nosso por alma, não lhes pode fazer senão bem, a eles e a nós.

E assim, docemente filosofando, parámos num souto de carvalheiras, onde esperava a velhíssima égua do Abade, porque o santo homem agora, depois do reumatismo do último inverno, já não afrontava rijamente como antes os trilhos duros da serra. Para ele montar, filialmente Jacinto segurou o estribo. E enquanto a égua se empurrava pelo córrego acima, quase tapada sob o imenso guarda-sol vermelho em que se abrigava o velho, nós recolhemos a casa metendo pela serra da Lombinha, através dos milhos, e depressa, porque eu estalava, aperreado, dentro da roupa preta do meu Príncipe.

— Estão pois acomodados estes

senhores, Zé Fernandes! Só resta rezar por eles o Padre-Nosso, que recomenda o Abade. Somente, eu não sei, já não me lembro do Padre-Nosso.

— Não te aflijas, Jacinto, peço à tia Vicência que reze por mim e por ti. É sempre a tia Vicência que reza os meus Padre-Nossos.

Durante essas semanas que preguicei em Tormes, eu assisti, com enternecido interesse, a uma considerável evolução de Jacinto nas suas relações com a Natureza. Daquele período sentimental de contemplação, em que colhia teorias nos ramos de qualquer cerejeira, e edificava sistemas sobre o espumar das levadas, o meu Príncipe lentamente passava para o

desejo da Ação... E de uma ação direta e material, em que a sua mão, enfim restituída a uma função superior, revolvesse o torrão.

Depois de tanto *comentar*, o meu Príncipe, evidentemente, aspirava a criar.

Uma tardinha, ao anoitecer, sentados no pomar, no rebordo do tanque, enquanto o Manuel hortelão apanhava laranjas no alto de uma escada arrimada a uma laranjeira, Jacinto observou, mais para si do que para mim:

— É curioso... Nunca plantei uma árvore!

— Pois é um dos três grandes atos, sem os quais, segundo diz não sei que Filósofo, nunca se foi um verdadeiro homem... Fazer um filho, plantar uma árvore, escrever um livro. Tens de te

apressar, para ser um homem. É possível que talvez nunca prestasses um serviço a uma árvore, como se presta a um semelhante!

— Sim... Em Paris, quando era pequeno, regava os lilases. E no verão é um belo serviço! Mas nunca semeei.

E como o Manuel descia da escada, o meu Príncipe, que nunca acreditara inteiramente — pobre homem! — no meu saber agrícola, imediatamente reclamou o parecer daquela autoridade:

— Ó Manuel, ouça lá o que se poderia agora semear?

Com o cesto das laranjas enfiado no braço, o Manuel exclamou, através de um lento riso, entre respeitoso e divertido:

— Semear, patrão? Agora é antes colher... Olhe que já se anda a limpar a

eirazinha para a debulha, meu patrão.

— Pois sim... Mas sem ser milho nem cevada... então ali no pomar, rente do muro velho, não se podia plantar uma fila de pessegueiros?

O riso do Manuel crescia.

— Isso sim, meu senhor! Isso é lá para os Santos ou para o Natal. Agora só a couvinha na horta, a beldroega, os espinafres, algum feijãozinho em terra muito fresca...

O meu Príncipe sacudiu, com brando gesto, estes legumes rasteiros.

— Bem, boa noite, Manuel. Essas laranjas são da tal laranjeira que diz o Melchior, muito doces, muito finas? Então leve para os seus pequenos. Leve muitas para os pequenos.

Não! O empenho era criar a árvore

contemplada na serra em sua verdadeira majestade, na beneficência da sua sombra, na frescura embaladora do seu rumorejar, na graça e santidade dos ninhos que a povoam, começara talvez, lentamente, o seu amor novo da Terra. E agora sonhava uma Tormes toda coberta de árvores, cujos frutos e verduras, e sombras, e rumorejos suaves, e abrigados ninhos, fossem a obra e o cuidado das suas mãos paternais.

No silêncio grave do crepúsculo, que descia, murmurou ainda:

— Ó Zé Fernandes, quais são as árvores que crescem mais depressa?

— Eh, meu Jacinto... A árvore que cresce mais depressa é o eucalipto, o feiíssimo e ridículo eucalipto. Em seis anos tens aí Tormes coberta de

eucaliptos...

— Tudo tão lento, Zé Fernandes...

Porque o seu sonho, que eu compreendia, seria plantar caroços que subissem em fortes troncos, se alargassem em verdes ramarias, antes de ele voltar ao 202, no começo do inverno...

— Um carvalho!... Trinta anos, antes que seja belo! Desanimo! É bom para deus, que pode esperar... *Patiens quia aeternus*. Trinta anos! Daqui a trinta anos, árvores só para me cobrirem a sepultura!

— Já é um ganho. E depois para teus filhos, Jacinto...

— Filhos! Onde os tenho eu?

— É o mesmo processo dos castanheiros. Semeia. Não faltam por aí terras agradáveis... Em nove meses tens uma planta feita. E quanto mais tenrinhas,

e mais pequeninas, mais essas plantas encantam.

Ele murmurou, cruzando as mãos sobre os joelhos:

— Tudo leva tanto tempo!...

E à borda do tanque nos quedamos, calados, na fresca doçura do anoitecer, entre o cheiro avivado das madressilvas do muro, olhando o crescente da Lua, que surdia dos telhados de Tormes.

E decerto esta pressa de se tornar a Natureza não mais um sonhador, mas um criador, arremessou vivamente o seu interesse para os gados! Repetidamente, nos nossos passeios através da quinta, ele lhe notava a solidão.

— Faltam aqui animais, Zé Fernandes!

Imaginava eu que ele apetecia em

Tormes o ornato elegante de veados e pavões. Mas um Domingo, costeando o largo campo da Ribeirinha, sempre escasso de águas, agora mais ressequido por verão de tanta secura, o meu Príncipe parou a considerar os três carneiros do caseiro, que retouçavam com penúria uma relvagem pobre.

E, de repente, como magoado:

— Justamente! Aqui está o espaço para um belo prado, um imenso prado, muito verde, muito farto, com rebanhos de carneiros brancos gordíssimos como bolas de algodão pousadas na relva!... Era lindo, hem? É fácil, não é verdade, Zé Fernandes?

— Sim... Trazes a água para o prado. Águas não faltam na serra.

E o meu Príncipe, encadeando logo

nesta inspirada ideia outra, mais rica e vasta, lembrou quanta beleza daria a Tormes encher esses prados, esses verdes ferregiais, de manadas de vacas, formosas vacas inglesas, bem nédias e bem luzidias. Hem? Uma beleza. Para abrigar esses gados ricos, construiria currais perfeitos, de uma arquitetura leve e útil, toda em ferro e vidro, fundamente varridos pelo ar, largamente lavados pela água... Hem? Que formosura! Depois, com todas essas vacas, e o leite jorrando, nada mais fácil e mais divertido, e até mais moral, que a instalação de uma queijeira, à fresca moda holandesa, toda branca e reluzente, de azulejos e de mármore, para fabricar os Camemberts, os Bries... os Coulommiers... Para a casa, que conforto! E para toda a serra, que atividade!

— Pois não te parece, Zé Fernandes?

— Com certeza. Tu tens, em abundância, os quatro elementos: o ar, a água, a terra, e o dinheiro. Com estes quatro elementos, facilmente se faz uma grande lavoura. Quanto mais uma queijeira!

— Pois não é verdade? E até como negócio! Está claro, para mim o lucro é o deleite moral do trabalho, o emprego fecundo do dia... Mas uma queijaria, assim perfeita, rende. Rende prodigiosamente. E educa o paladar, incita a instalações iguais, implanta talvez no país uma indústria nova e rica! Ora, com essa instalação perfeita, quanto me poderá custar cada queijo?

Fechei um olho, calculando:

— Eu te digo... Cada queijo, um

desses queijinhos redondos, como o Camembert ou o Rabaçal, pode vir a custar-te, a ti Jacinto queijeiro, entre duzentos e cinquenta e trezentos mil-réis.

O meu Príncipe recuou, com os olhos alegres espantados para mim.

— Como trezentos mil-réis?

— Ponhamos duzentos... Tem certeza! Com todos esses prados, e os encantamentos de água, e a configuração de serra alterada, e as vacas inglesas, e os edifícios de porcelana e vidro, e as máquinas, a extravagância, e a patuscada bucólica, cada queijo te custa, a ti produtor, duzentos mil-réis. Mas com certeza o vendes no Porto por um tostão. Põe cinquenta réis para a caixa, rótulos, transporte, comissão, etc. Tens apenas, em cada queijo, uma perda de cento e noventa

e nove mil oitocentos e cinquenta réis!

O meu Príncipe não desanimou.

— Perfeitamente! Faço um desses espantosos queijos por semana, ao Sábado, para o comermos nós ambos ao domingo!

E tanta energia lhe comunicava o seu novo Otimismo, tão ansiosamente aspirava a criar, que logo, arrastando o Silvério e o Melchior por cabeços e barrancos, largou a percorrer a quinta toda, para determinar onde cresciam, ao seu mando inspirado, os verdes prados, e se ergueriam, rebrilhantes no sol de Tormes, os currais elegantes. Com a esplêndida segurança dos seus cento e nove contos de renda, não surgia dificuldade, risonhamente murmurada pelo Melchior, ou exclamada, com

respeitoso pasmo, pelo Silvério, que ele não afastasse brandamente, com jeito leve, como um galho de roseira brava atravessado numa vereda.

Aquelas rochas, além, empecendo? Que se arrancassem! Um vale importuno dividia dois campos? Que se atulhasse! O Silvério suspirava, enxugando sobre a escura calva um suor quase de angústia. Pobre Silvério! Rijamente sacudido na doce pachorra da sua administração, calculando despesas que se afiguravam sobre-humanas à sua parcimónia serrana, forçado a arquejar, sem descanso, sob soalheiras de junho, o desgraçado retomara na Serra o jeito que Jacinto deixara em Paris — e era ele que corria pelas longas barbas tenebrosas os dedos desalentados... Enfim uma tarde desabafou

comigo, a um canto da varanda, enquanto Jacinto, na livraria, escrevia a um seu amigo de Holanda, o conde Rylant, Mordomo— Mor da Corte, pedindo desenhos, e planos, e orçamentos de uma queijeira perfeita.

— Pois, Sr. Fernandes, se toda esta grandeza vai por diante, sempre lhe digo que o Sr. D. Jacinto enterra aqui na serra dezenas de contos,,, Dezenas de contos!

E como eu aludia à fortuna do meu Príncipe, a quem todas essas obras tão vastas, que alterariam o antiquíssimo rosto da serra, não custavam mais que a outros o conserto de um socalco — o bom Silvério atirou os longos braços para as coxas, ainda mais desolado:

— Pois por isso mesmo, Sr. Fernandes! Se o Sr. D. Jacinto não tivesse

a dinheirama, recuava. Assim, é zás, para diante; e eu não o censuro pela ideia. Lograsse eu a renda de S. Exa, que me atirava também a uma lavoura de capricho. Mas não aqui, Sr. Fernandes, nestas serranias, entre alcantis. Pois um senhor que possui aquela linda propriedade de Montemor, nos campos de Mondego, onde até podia plantar jardins de desbancar os do Palácio de Cristal do Porto! E a Veleira? Isso é um condado! E uma terra chã, boa terra, toda junta, ali em volta da casa, com uma torre. Um regalo, Sr. Fernandes. Mas sobretudo Montemor! Lá é que eram prados e manadas de vacas inglesas, e queijeira e horta rica, de fartar, e aí trinta perus na capoeira...

— Então que quer, Silvério? O Jacinto gosta da serra. E depois este é o

solar da família, e aqui começaram no século XIV os Jacintos...

O pobre Silvério, no seu desespero, esquecia o respeito devido à secular nobreza da casa.

— Ora! Até ficam mal ao Sr. Fernandes essas ideias, neste século da liberdade... Pois estamos lá em tempos de se falar em fidalguias, agora que por toda a parte tudo em República? Leia o *Século*, Sr. Fernandes! leia o *Século*, e verá! E depois eu sempre quero ver o Sr. D. Jacinto, aqui no inverno, com o nevoeiro a subir do rio logo pela manhã, e a friagem a traspassar os ossos, e ventanias que atiram carvalheiras de raízes ao ar, e chuvas e chuvas que se desfaz a serra!... Olhe, até mesmo por amor da saúde o Sr. D. Jacinto, que é fraquinho e acostumado

à cidade, necessita sair da serra. Em Montemor, em Montemor é que Sua Exa estava bem e o Sr. Fernandes, tão amigo dele e assim com tanta influência, devia teimar, e berrar, até que o levasse para Montemor.

Mas, infelizmente para quietação do Silvério, Jacinto lançara raízes, e rijas, e amorosas raízes na sua rude serra. Era realmente como se o tivessem plantado de estaca naquele antiquíssimo chão, de onde brotara a sua raça, e o antiquíssimo húmus refluísse e o penetrasse todo, e o andasse transformando num Jacinto rural, quase vegetal, tão do chão, e preso ao chão, como as árvores que ele tanto amava.

E depois o que o prendia à serra era o ter nela encontrado o que na Cidade, apesar da sua sociabilidade, não

encontrara nunca — dias tão cheios, tão deliciosamente ocupados, de um tão saboroso interesse, que sempre penetrava neles, como numa festa ou numa glória.

Logo de manhã, às seis horas, eu, no meu quarto, mexendo ainda regaladamente o meu corpo nos colchões de fresco folhelho, sentia os seus rijos sapatões pelo corredor, e o seu cantarolar, desafinado, mas ditoso como o de um metro. Em poucos instantes escancarava com fragor a minha porta, já de chapéu desabado, já de bengalão de cerejeira, disposto com reservado fervor para os trilhos conhecidos da serra. E era sempre a mesma nova, quase orgulhosa:

— Dormi hoje deliciosamente, Zé Fernandes. Tão bem, com uma tal serenidade, que começo a acreditar que

sou um justo! Um dia lindo! Quando abri a janela, às cinco horas, quase gritei de puro gosto!

Na sua pressa, nem me deixava demorar na frescura da banheira; e quando eu repetia a risca mal começada do cabelo, aquele antigo homem das trinta e nove escovas protestava contra esse desbarato efeminado de um tempo devido aos fortes gozos da terra.

Mas quando, depois de acariciar os rafeiros no pátio, desembocávamos da alameda de plátanos, e adiante de nós se dividiam matutinamente, mais brancos entre o verde matutino, os caminhos coleantes da quinta, toda a sua pressa findava, e penetrava na Natureza, com a reverente lentidão de quem penetra num Templo. E repetidamente sustentava ser

“contrário à Estética, à Filosofia e à Religião, andar depressa através dos campos”. De resto, com aquela sutil sensibilidade bucólica que nele se desenvolvera, e incessantemente se afirmava, qualquer breve beleza, do ar ou da terra, lhe bastava para um longo encanto. Ditosamente poderia ele entreter toda uma manhã, caminhar por entre um pinheiral, de tronco a tronco, calado, embebido no silêncio, na frescura, no resinoso aroma, empurrando com o pé as agulhas e as pinhas secas. Qualquer água corrente o retinha, enternecido naquela serviçal atividade, que se apressa, cantando, para o torrão que tem sede, e nele se some, e se perde. E recordo ainda quando me reteve meio Domingo, depois da Missa, no cabeço, junto a um velho

curral desmantelado, sob uma grande árvore — só porque em torno havia quietação, doce aragem, um fino piar de ave na ramaria, um murmúrio de regato entre as canas verdes, e por sobre a sebe, ao lado, um perfume, muito fino e muito fresco, de flores escondidas.

Depois, quando eu, velho familiar das serras, me não abandonava aos mesmos êxtases que a ele lhe enchiam a alma ainda noviça — o meu Príncipe rugia, com a indignação de um poeta que descobre um merceeiro bocejando sobre Shakespeare ou Musset. Eu ria.

— Meu filho, olha que eu não passo de um pequeno proprietário. Para mim não se trata de saber se a terra é *linda*, mas se a terra é *boa*. Olha o que diz a Bíblia! “Trabalharás a quinta com o suor

do teu rosto!” E não diz “contemplarás a quinta com o enlevo da tua imaginação!”

— Pudera! — exclamava o meu Príncipe. — Um velho livro escrito por Judeus, por ásperos semitas, sempre com o turvo olho posto no lucro! Repara, homem, para aquele bocadinho de vale, e consegue não pensar, por um momento, nos trinta mil-réis que ele rende! Verás que pela sua beleza e graça ele te dá mais contentamento à alma que os trinta mil-réis ao corpo. E na vida só a alma importa.

Recolhendo ao casarão, já o encontrávamos com as janelas meio cerradas, os soalhos borrifados para aquelas quentes réstias de Sol de junho, que depois do almoço docemente nos retinham na livraria, preguiçando.

Mas realmente a alegre atividade do meu Príncipe não cessava, nem amolecia, sob o peso da sesta. A essa hora, enquanto pelo arvoredo mudo os mais agitados pardais dormiam, e o Sol mesmo parecia repousar, imóvel na rutilância da sua luz, Jacinto com o espírito acordado — ávido de sempre gozar, agora que reconquistara essa faculdade — tomava com delícia o *seu livro*. Porque o dono de trinta mil volumes era agora, na sua casa de Tormes, depois de ressuscitado, o homem que só tem um livro. Essa mesma Natureza, que o desligara das ligaduras amortalhadoras do tédio, e lhe gritara o seu belo *Ambula*, caminha! — também certamente lhe gritara *et lege*, e lê. E libertado enfim do invólucro sufocante da sua Biblioteca imensa, o meu ditoso

amigo compreendia enfim a incomparável delícia de *ler um livro*. Quando eu correra a Tormes (depois das revelações do severo na venda do Torto), ele findava o *D. Quixote*, e ainda eu lhe escutara as derradeiras risadas com as coisas deliciosas, e decerto profundas, que o gordo Sancho lhe murmurava, escarranchado no seu burro. Mas agora o meu Príncipe mergulhara na Odisseia — e todo ele vivia no espanto e no deslumbramento de assim ter encontrado no meio do caminho da sua vida o velho errante, o velho Homero!

— Ó Zé Fernandes, como sucedeu que eu chegasse a esta idade sem ter lido Homero?...

— Outras leituras, mais urgentes... o *Fígaro*, George Ohnet...

— Tu leste a *Ilíada?*

— Menino, sinceramente me gabo de nunca ter lido a *Ilíada*.

Os olhos do meu Príncipe fuzilavam.

— Tu sabes o que fez Alcibíades, uma tarde, no Pórtico, a um sofista, um desavergonhado de um sofista, que se gabava de não ter lido a *Ilíada?*

— Não.

— Ergueu a mão e atirou-lhe uma bofetada tremida.

— Para lá, Alcibíades! Olha que eu li a *Odisseia!*

Oh! mas decerto eu a lera, corridamente, com a alma desatenta! E insistia em me iniciar, ele, e me conduzir, através do Livro sem igual. Eu ria. E rindo, pesado do almoço, terminava por consentir, e me estirava no canapé de

verga. Ele, diante da mesa, direito na cadeira, abria o livro gravemente, pontificalmente, como um missal, e começava numa lenta ode sentida. Aquele grande mar da Odisseia — resplandecente e sonoro, sempre azul, sob o voo branco das gaivotas, rolando, e mansamente quebrando sobre a areia fina ou contra as rochas de mármore das Ilhas divinas — exalava logo uma frescura salina, bem-vinda e consoladora naquela calma de junho, em que a serra entorpecia. Depois as estupendas manhas do sutil Ulisses e os seus perigos sobre-humanos, tantas lamúrias sublimes e um anseio tão espalhado da Pátria perdida, e toda aquela intriga, em que embrulhava os heróis, lograva as Deusas, iludia o Fado, tinham um delicioso sabor ali, nos campos

de Tormes, onde nunca se necessitava de sutileza ou de engenho, e a vida se desenrolava com a segurança imutável com que cada manhã sempre o Sol igual nascia, e sempre centeios e milhos, regados por águas iguais, seguramente medravam, espigavam, amadureciam... Embalado pela recitação grave e monótona do meu Príncipe, eu cerrava as pálpebras docemente. Em breve um vasto tumulto, por Terra e Céu, me alvoroçava... E eram os rugidos de Polifemo, ou a grita dos companheiros de Ulisses roubando as vacas de Apolo. Com os olhos logo esbugalhados para Jacinto, eu murmurava: Sublime! E sempre nesse momento o engenhoso Ulisses, de carapuço vermelho e o longo remo ao ombro, surpreendia com a sua facúndia a clemência dos

Príncipes, ou reclamava presentes devidos ao Hóspede, ou surripiava astutamente algum favor aos deuses. E Tormes dormia, no esplendor de junho. Novamente, eu cerrava as pálpebras consoladas, sob a carícia inefável do largo dizer homérico... E meio adormecido, encantado, incessantemente avistava, longe, na divina Hélade, entre o mar muito azul e o céu muito azul, a branca vela, hesitante, procurando Ítaca...

Depois da sesta o meu Príncipe de novo se soltava para os campos. E a essa hora, sempre mais ativa, voltava com ardor aos “seus planos”, a essas culturas de luxo e elegantes oficinas que cobririam a serra de magnificências rurais. Agora andava todo no esplêndido apetite de uma horta que ele concebera, imensa horta

ajardinada, em que todos os legumes, clássicos ou exóticos, cresceriam, soberbamente, em vistosos talhões, fechados por sebes de rosas, de cravos, de alfazemas, de dálias. A água das regas desceria por lindos córregos de louça esmaltada. Nas ruas, a sombra cairia de densas latadas de moscatel, pousando em esteios revestidos de azulejo. E o meu Príncipe desenhara o plano desta espantosa horta, a lápis vermelho, num papel imenso, que o Melchior e o Silvério, consultados, longamente contemplaram — um coçando risonhamente a nuca, o outro com os braços duramente cruzados, e o sobrolho trágico.

Mas este plano, o da queijaria, o da capoeira, e outro, suntuoso, de um pombal

tão povoado que todo o céu de Tormes às tardes se tornaria branco e todo fremente de asas — não saíam das nossas gostosas palestras, ou dos papéis em que Jacinto os debuxava, e que se amontoavam sobre a mesa, platónicos, imóveis, entre o tinteiro de latão e o vaso com flores.

Nem enxadada fendera terra, nem alavanca deslocara pedra, nem serra serrara madeira, para encetar estas maravilhas. Contra a resistência reboluda e escorregadia do Melchior, contra a respeitosa inércia do Silvério se quedavam, encalhados, os planos do meu Príncipe, como galeras vistosas em rochas ou em lodo.

Não convinha bulir em nada (clamava o Silvério) antes das colheitas e da vindima! E depois (acrescentava o

Melchior com um sorriso de grande promessa) “para boas obras mês de janeiro” porque lá ensina o ditado:

Em janeiro — mete obreiro
Mês meante — que não ante

E, de resto, o gozo de conceber as suas obras e de indicar, estendendo a bengala por cima de vale e monte, os sítios privilegiados que elas aformoseariam, bastava por ora ao meu Príncipe, ainda mais imaginativo que operante. E, enquanto meditava estas transformações da terra, muito progressivamente e com um amável esforço, se ia familiarizando com os homens simples que a trabalhavam. Na sua chegada a Tormes, o meu Príncipe

sofria de uma estranha timidez diante dos caseiros, dos jornaleiros, e até de qualquer rapazinho que passasse, tangendo uma vaca para o pasto. Nunca ele então se demoraria a conversar com os moços, quando à borda de um caminho ou num campo em monda eles se endireitavam de chapéu na mão, num respeito de velha vassalagem. Decerto o empecia a preguiça, e talvez ainda o pudico recato de transpor toda a imensa distância que se alargava desde a sua complicada supercivilização até a rude simplicidade daquelas almas naturais: — mas sobretudo o retinha o medo de mostrar a sua ignorância da lavoura e da terra, ou de parecer talvez desdenhoso de ocupações e de interesses, que para os outros eram supremos e quase religiosos.

Remia então esta reserva com uma profusão de sorrisos, de doces acenos, tirando também o chapéu em cortesias profundas, com uma tal ênfase de polidez que eu por vezes receava que ele murmurasse aos jornaleiros. “Tenha Vossa Excelência muito boas-tardes... Criado de Vossa Excelência!”

Mas agora, depois daquelas semanas de serra, e de já saber (com um saber ainda frágil) a época das sementeiras e das ceifas, e que as árvores de fruta se semeiam no inverno, já se aprazia em parar junto dos trabalhadores, contemplar descansadamente o trabalho, dizer coisas afáveis e vagas.

— Então, isso vai andando?... Ora ainda bem!... este bocado de terrão aqui é rico... O talude ali adiante está precisando

conserto...

E cada um destes tão simples dizeres lhe era doce, como se por meio deles penetrasse mais fundamente na intimidade da terra, e consolidasse a sua encarnação em “homem do campo”, deixando de ser uma mera sombra circulando entre realidades. Já por isso não cruzava no caminho o mocinho atrás das vacas, que não o detivesse, o não interrogasse: “Para onde vais tu? De quem é o gado? Como te chamas?” E, contente consigo, sempre gabava gratamente o desembaraço do rapaz, ou a esperteza dos seus olhos. Outra satisfação do meu Príncipe era conhecer os nomes de todos os campos, as nascentes de água, e as delimitações da sua quinta.

— Vês acolá, para além do ribeiro, o

pinheiral. Já não é meu, é dos Albuquerques.

E com perene alegria de Jacinto as noites da serra, no vasto casarão, eram fáceis e curtas. O meu Príncipe era então uma alma que se simplificava: — e qualquer pequenino gozo lhe bastava, desde que nele entrasse paz ou doçura. Com verdadeira delícia ficava, depois do café, estendido numa cadeira, sentindo através das janelas abertas a noturna tranquilidade da serra, sob a mudez estrelada do céu.

As histórias, muito simples e muito caseiras, que eu lhe contava, de Guiães, do abade, da tia Vicência, dos nossos parentes da Flor da Malva, tão sinceramente o interessavam que eu encetara, para seu regalo, a crónica

completa de Guiães, com todos os namoricos, e as façanhas de forças, e as desavenças por causa de servidões ou de águas. Também por vezes nos enfronhávamos com aferro numa partida de gamão, sobre um belo tabuleiro de pau-preto, com pedras de velho marfim, que nos emprestara o Silvério. Mas nada decerto o encantava tanto como atravessar as casas, pé ante pé, até uma saleta que dava para o pomar, e aí ficar encostado à janela, sem luz, num enlevado sossego, a escutar longamente, languidamente, os rouxinóis que cantavam no laranjal.

10

Numa dessa manhãs — justamente na véspera do meu regresso a Guiães — o tempo, que andara pela serra tão alegre, num inalterado riso de luz rutilante, todo vestido de azul e ouro, fazendo poeira pelos caminhos, e alegrando toda a natureza, desde os pássaros até os regatos, subitamente, com uma daquelas mudanças que tornam o seu temperamento tão semelhante ao do homem, apareceu triste, carrancudo, todo embrulhado no seu manto cinzento, com uma tristeza tão pesada e contagiosa que a serra entristeceu. E não houve mais pássaro que cantasse, e os arroios fugiram para debaixo das ervas, com um lento

murmúrio de choro.

Quando Jacinto entrou no meu quarto, não resisti à malícia de o aterrar:

— Sudoeste! Gralhas a grasnar por todos esses soutos... Temos muita água, Sr. D. Jacinto! Talvez duas semanas de água! E agora é que se vai saber quem é aqui o fino amador da Natureza, com esta chuva pegada, com vendaval, com a serra toda a escorrer!

O meu Príncipe caminhou para a janela com as mãos nas algibeiras:

— Com efeito! Está carregado. Já mandei abrir uma das malas de Paris e tirar um casacão impermeável... Não importa! Fica o arvoredo mais verde. E é bom que eu conheça Tormes nos seus hábitos de inverno.

Mas como o Melchior lhe afiançara

que a “chuvinha só viria para a tarde”, Jacinto decidiu ir antes de almoço à Corujeira, onde o Silvério o esperava para decidirem da sorte de uns castanheiros, muito velhos, muito pitorescos, inteiramente interessantes, mas já roídos, e ameaçando desabar. E, confiando nas previsões do Melchior, partimos sem que Jacinto se vestisse à prova de água. Não andáramos porém meio caminho, quando, depois de um arrepio nas árvores, um negrume carregou e, bruscamente, desabou sobre nós uma grossa chuva oblíqua, vergastada pelo vento, que nos deixou estonteados, agarrando os chapéus, enrodilhados na borrasca. Chamados por uma grande voz, que se esganiçava no vento, avistamos num campo mais alto, à beira de um

alpendre, o Silvério, debaixo de um guarda-chuva vermelho, que acenava, nos indicava o trilho mais curto para aquele abrigo. E para lá rompemos, com a chuva a escorrer na cara, patinhando na lama, contorcidos, cambaleantes, atordoados no vendaval, que num instante alargara os campos, inchara os ribeiros, esboroava a terra dos socalcos, lançara num desespero todo o arvoredo, tornara a serra negra, bravamente agreste, hostil, inabitável.

Quando enfim, debaixo do vasto guarda-chuva com que Silvério nos esperava à beira do campo, corremos para o alpendre, nos refugiamos naquele abrigo inesperado, a escorrer, a arquejar, o meu Príncipe, enxugando a face, enxugando o pescoço, murmurou, desfalecido:

— Apre! que ferocidade!

Parecia espantado daquela brusca, violenta cólera de uma serra tão amável e acolhedora, que em dois meses, inalteradamente, só lhe oferecera doçura e sombra, e suaves céus, e quietas ramagens, e murmúrios discretos de ribeirinhos mansos.

— Santo Deus! Vêm muitas vezes assim, estas borrascas?

Imediatamente o Silvério aterrou o meu Príncipe:

— Isto agora são brincadeiras de verão, meu senhor! Mas há de Vossa Excelência ver no inverno, se Vossa Excelência se aguentar por cá! Então é cada temporal, que até parece que os montes estremecem!

E contou como fora também

apanhado, quando ia para a Corujeira. Felizmente, logo de manhã, quando sentiu o ar carrancudo e as folhinhas dos choupos a tremer, se acautelara com o chapéu de chuva e calçara as suas grandes botas.

— Ainda estive para me abrigar em casa do Esgueira, que é um caseiro de cá. Aquela casa, ali abaixo, onde está a figueira... Mas a mulher tem estado doente, já há dias... e como pode ser obra que se pegue, bexigas ou coisa que o valha, pensei comigo: Nada, o seguro morreu de velho! Meti para o alpendre... E o senhor D. Jacinto é voltar para casa, e mudar-se, que temos um dia e uma noite de água.

Mas, justamente, a chuva começara a cair perpendicular, de um céu ainda negro,

onde o vento se calara; e para além do rio e dos montes havia uma claridade, como entre cortinas de pano cinzento que se descerram.

Jacinto repousava. Eu não cessara de me sacudir, de bater os pés encharcados, que me arrefeciam. E o bom Silvério, passando a mão pensativa sobre o negrume das suas barbas, refletia, emendava os seus prognósticos:

— Pois, não senhor... Ainda estia! Nunca pensei. É que tornejou o vento.

O alpendre que nos cobria assentava sobre duas paredes em ângulo, de pedra solta, restos de algum casebre desmantelado, e sobre um esteio fazendo cunhal. Nesse momento só abrigava madeira, um cuculo de cestos vazios, e um carro de bois, onde o meu Príncipe se

sentara, enrolando um cigarro, confortador. A chuva desabava, copiosa, em longos fios reluzentes. E todos três nos calávamos, naquela contemplação inerte e sem pensamento, em que uma chuva grossa e serena sempre imobiliza e retém olhos e almas.

— Ó Sr. Silvério — murmurou lentamente o meu Príncipe —, que é que o senhor esteve aí a dizer de bexigas?

O procurador voltou a face surpreendido:

— Eu, Excelentíssimo Senhor?... Ah sim! A mulher do Esgueira! É que pode ser, pode ser... Não imagine Vossa Excelência que faltam por cá doenças. O ar é bom. Não digo que não! Arzinho são, aguazinha leve, mas às vezes, se Vossa Excelência me dá licença, vai por aí muita

maleita.

— Mas não há médico, não há botica?

O Silvério teve o riso superior de quem habita regiões civilizadas e bem providas...

— Então não havia de haver? Pois há um boticário, em Guiães, lá quase ao pé da casa aqui do nosso amigo. E homem entendido... o Firmino, hem, Sr. Fernandes? Homem capaz. Médico é o Dr. Avelino, daqui a légua e meia, nas Bolsas. Mas já Vossa Excelência vê, esta gentinha é pobre!... Tomaram eles para pão, quanto mais para remédios!

E de novo se estabeleceu um silêncio, sob o alpendre, onde penetrava a friagem crescente da serra encharcada. Para além do rio, a prometedora claridade

não se alargara entre as duas espessas cortinas pardacentas. No campo, em declive diante de nós, ia um longo correr de ribeiros barrentos. Eu terminara por me sentar na ponta de um madeiro, enervado, já com a fome aguçada pela manhã agreste. E Jacinto, na borda do carro, com os pés no ar, cofiava os bigodes húmidos, palpava a face, onde, com espanto meu, reaparecera a sombra, a sombra triste dos dias passados, a sombra do 202!

E, então, surdiu por trás da parede do alpendre um rapazito, muito rotinho, muito magrinho, com uma careta miúda, toda amarela sob a porcaria, e onde dois grandes olhos pretos se arregalavam para nós, com vago pasmo e vago medo. Silvério imediatamente o conheceu.

— Como vai a tua mãe? Escusas de te chegar para cá, deixa-te estar aí. Eu ouço bem. Como vai a tua mãe?

Não percebi o que os pobres beicitos descorados murmuraram. Mas Jacinto, interessado:

— Que diz ele? Deixe vir o rapaz! Quem é a tua mãe?

Foi o Silvério que informou respeitosamente:

— É a tal mulher que está doente, a mulher do Esgueira, ali do casal da figueira. E ainda tem outro abaixo deste... Filharada não lhe falta.

— Mas este pequeno também parece doente! — exclamou Jacinto. — Coitado, tão amarelo!... Tu também estás doente?

O rapazito emudecera, chupando o dedo, com os tristes olhos pasmados. E o

Silvério sorria, com bondade:

— Nada! Este é sãozinho... Coitado, é assim amarelado e enfezadito porque... Que quer Vossa Excelência? Mal comido! muita miséria.... Quando há o bocadito de pão é para todo o rancho. Fomezinha, fomezinha!

Jacinto pulou bruscamente da borda do carro.

— Fome? Então ele tem fome? Há aqui gente com fome?

Os seus olhos rebrilhavam, num espanto comovido, em que pediam, ora a mim, ora ao Silvério, a confirmação desta miséria insuspeitada. E fui eu que esclareci o meu Príncipe:

— Homem! Está claro que há fome! Tu imaginavas talvez que o Paraíso se tinha perpetuado aqui nas serras, sem

trabalho e sem miséria... Em toda a parte há pobres, até na Austrália, nas minas de ouro. Onde há trabalho há proletariado, seja em Paris, seja no Douro...

O meu Príncipe teve um gesto de aflita impaciência:

— Eu não quero saber o que há no Douro. O que eu pergunto é se aqui, em Tormes, na minha propriedade, dentro destes campos que são meus, há gente que trabalhe para mim, e que tenha fome... Se há criancinhas, como esta, esfomeadas? É o que eu quero saber.

O Silvério sorria, respeitosamente, ante aquela cândida ignorância das realidades da serra:

— Pois está bem de ver, meu senhor, que há para aí caseiros que são muito pobres. Quase todos... É uma miséria, que

se não fosse algum socorro que se lhes dá, nem eu sei!... Este Esgueira, com o rancho de filhos que tem, é uma desgraça... Havia Vossa Excelência de ver as casitas em que eles vivem... São chiqueiros. A do Esgueira, acolá...

— Vamos vê-la! — atulhou Jacinto com uma decisão exaltada.

E saiu logo do alpendre, sem atender à chuva, que ainda caia, mais leve e mais rala. Mas então Silvério alargou os braços diante dele, com ansiedade, como para o salvar de um precipício.

— Não! Vossa Excelência lá na casa do Esgueira é que não entra! Não se sabe o que a mulher tem, e cautela e caldo de galinha...

Jacinto não se alterou na sua polidez paciente:

— Obrigado pelo seu cuidado, Silvério... Abra o seu chapéu de chuva, e avante!

Então o Procurador vergou os ombros, e, como sua Exa mandava, abriu com estrondo o imenso para-águas, abrigou respeitosamente Jacinto, através do campo encharcado. Eu segui, pensando na esmola suntuosa que o bom Deus mandava àquele pobre casal por um remoto senhor das Cidades! Atrás vinha o pequenito perdido num imenso pasmo.

Como todos os casebres da serra, o Esgueira era de grossa pedra solta, sem reboco, com um vago telhado, de telha musgosa e negra, um postigo no alto, e a rude porta que servia para o ar, para a luz, para o fumo, e para a gente. E em redor, a Natureza e o Trabalho tinham, através de

anos, acumulado ali trepadeiras e flores silvestres, e cantinhos de horta, e sebes cheirosas, e velhos bancos roídos de musgo, e panelas com terra onde crescia salsa, e regueiros cantantes, e videiras enforcadas nos olmos, e sombras e charcos espelhados, que tornavam deliciosa, para uma Écloga, aquela morada da Fonte, da Doença e da Tristeza.

Cautelosamente, com a ponteira do guarda-chuva, Silvério empurrou a porta, chamando:

— Eh! tia Maria... Olá, rapariga!

E na fenda entreaberta apareceu uma moça, muito alta, escura e suja, com uns tristes olhos pisados, que se espantaram para nós, serenamente.

— Então como vai tua mãe? Abre lá

a porta, que estão aqui estes senhores...

Ela abriu, lentamente, e ia murmurando numa voz dolente e arrastada mas sem queixume, que um vago, resignado sorriso acompanhava:

— Ora, coitada! como há de ir? Malzinha... malzinha.

E dentro, num gemido que subia como do chão, de entre abafos, amodorrado e lento, a mãe repetiu a desconsolada queixa:

— Ai! para aqui estou, e malzinha, malzinha!...

O Silvério, sem passar da porta, com o guarda-chuva em riste, meio aberto, como um escudo contra a infeção, lançou uma consolação vaga:

— Não há de ser nada, tia Maria!... Isso foi friagem! Não foi senão friagem!

E, sobre o ombro de Jacinto, encolhido:

— Já Vossa Excelência vê. Muita miséria! Até lhe chove lá dentro.

E, no pedaço de chão que viam, chão de terra batida, uma mancha húmida reluzia, da chuva pingada de uma telha rota. A parede, coberta de fuligem, das longas fumaraças da lareira, era tão negra como o chão. E aquela penumbra suja parecia atulhada, numa desordem escura, de trapos, de cacos, de restos de coisas, onde só mostravam forma compreensível uma arca de pau negro, e por cima, pendurado de um prego, entre uma serra e uma candeia, um grosso saiote escarlate.

Então Jacinto, muito embaraçado, murmurou abstraidamente:

— Está bem, está bem...

E largou pelo campo para o lado do alpendre como se fugisse, enquanto Silvério decerto revelava à rapariga, a presença augusta do “fidalgo”, porque a sentimos, da porta, levantar a voz dolorida:

— Ai! Nosso Senhor lhe dê muita boa sorte! Nosso Senhor o acompanhe!

Quando o Silvério, com as grandes passadas das suas grandes botas, nos colheu, no meio do campo, Jacinto parara, olhava para mim, com os dedos trémulos a torturar o bigode, e murmurava:

— É horrível, Zé Fernandes, é horrível!

Ao lado, o vozeirão do Silvério trovejou:

— Que queres tu outra vez, rapaz? Vai para a tua mãe, criatura!

Era o pequeno rotinho, esfaimadinho, que se prendia a nós, num imenso pasmo das nossas pessoas, e com a confusa esperança, talvez, que delas, como de Deuses encontrados num caminho, lhe viesse afago ou proveito. E Jacinto, para quem ele mais especialmente arregalava os olhos tristes, e que aquela miséria, e a sua muda humildade, embaraçavam, acanhavam horrivelmente, só soube sorrir, murmurar o seu vago: “Está bem, está bem...” Fui eu que dei ao pequenito um tostão, para o fartar, o despegar dos nossos passos. Mas como ele, com o seu tostão bem agarrado, nos seguia ainda, como no sulco da nossa magnificência, o Silvério teve de o espantar, como a um pássaro, batendo as mãos, e de lhe gritar:

— Já para casa! E leve esse dinheiro

à mãe. Roda, roda!...

— E nós vamos almoçar — lembrei eu olhando o relógio. — O dia ainda vai estar lindo.

Sobre o rio, com efeito, reluzia um pedaço de azul lavado e lustroso, e a grossa camada de nuvens já se ia enrolando sob a lenta varredela do vento, que as levava, despejadas e rotas, para um canto escuso do céu.

Então recolhemos lentamente para casa, por uma vereda íngreme, que ensinara o Silvério, e onde um leve enxurro vinha ainda, saltando e chalrando. De cada ramo tocado, rechovia uma chuva leve. Toda a verdura, que bebera largamente, reluzia consolada.

Bruscamente, ao sairmos da vereda para um caminho mais largo, entre um

socalco e um renque de vinha, Jacinto parou, tirando lentamente a cigarreira:

— Pois, Silvério, eu não quero mais estas horríveis misérias na quinta.

O Procurador deu um jeito aos ombros, com um vago *eh! eh!* de obediência e dúvida.

— Antes de tudo — continuava Jacinto — mande já hoje chamar esse Dr. Avelino para aquela pobre mulher... E os remédios que os vão buscar logo a Guiães. E recomendação ao médico para voltar amanhã, e em cada dia; até que ela melhore... Escute! E quero, Silvério, que lhe leve dinheiro, para os caldos, para a dieta, uns dez ou quinze mil-réis... Bastará?

O Procurador não conteve um riso respeitoso. Quinze mil-réis! Uns tostões

bastavam.... Nem era bom acostumar assim, a tanta franqueza, aquela gente. Depois todos queriam, todos pechinchavam...

— Mas é que todos hão de ter — disse Jacinto simplesmente.

— Vossa Excelência manda! — murmurou o Silvério.

Encolhera os ombros, parado no caminho, no espanto daquelas extravagâncias. Eu tive de o apressar, impaciente:

— Vamos conversando e andando! É meio-dia! Estou com uma fome de lobo!

Caminhámos, com o Silvério no meio, pensativo, a fronte enrugada sob a vasta aba do chapéu, a barba imensa espalhada pelo peito, e a barraca exorbitante do guarda-chuva vermelho

enrolada debaixo do braço. E Jacinto, puxando nervosamente o bigode, arriscava outras ideias benfazejas, cautelosamente, no seu indomável medo do Silvério:

— E as casas também... Aquela casa é um covil!... Gostava de abrigar melhor aquela pobre gente... E naturalmente, as dos outros caseiros são pocilgas iguais... era necessário uma reforma! Construir casas novas a todos os rendeiros da quinta...

— A todos?... — O Silvério gaguejava. Emudeceu.

E Jacinto balbuciava aterrado:

— A todos... Enfim, quero dizer... Quantos serão eles?

Silvério atirou um gesto enorme:

— São vinte e coisas... vinte e três!

Se bem lembro. Upa! Upa! Vinte e sete...

Então Jacinto emudeceu também, como reconhecendo a vastidão do número. Mas desejou saber por quanto ficaria cada casa!... Oh! uma casa simples, mas limpa, confortável, como a que tinha a irmã do Melchior, ao pé do lagar. Silvério estacou de novo. Uma casa como a da Ermelinda? Queria Sua Exa saber? E alijou a cifra, muito de alto, como uma pedra imensa, para esmagar Jacinto:

— Duzentos mil-réis, Excelentíssimo Senhor! E é para mais que não para menos!

Eu ria da trágica ameaça do excelente homem. E Jacinto, muito docemente, para conciliar o Silvério:

— Bem, meu amigo... eram uns seis contos de réis! Digamos dez, porque eu

queria dar a todos alguma mobília e alguma roupa.

Então o Silvério teve um brado de terror:

— Mas então, Excelentíssimo Senhor, é uma revolução!

E como nós, irresistivelmente, ríamos dos seus olhos esgazeados de horror, dos seus imensos braços abertos para trás, como se visse o mundo desabar — o bom Silvério encavacou:

— Ah! Vossas Excelências riem? Casas para todos, mobílias, pratas bragal, dez contos de réis! Então também eu rio! Ah! ah! ah! Ora viva a bela chalaça!... Está boa a risota!

E subitamente, numa profunda mesura, como declinando toda a responsabilidade naquele disparate

magnífico:

— Enfim, Vossa Excelência é quem manda!

— Está mandado, Silvério. E também quero saber as rendas que paga essa gente, os contratos que existem, para os melhorar. Há muito que melhorar. Venha você almoçar connosco. E conversamos,

Tão saturado de espanto estava o Silvério, que nem recebeu mais espanto com essa “melhoria de rendas”. Agradeceu o convite, penhorado. Mas pedia licença a S. Exa para passar primeiramente pelo lagar, para ver os carpinteiros que andavam a consertar a trave do rio. Era um instante, e estava em seguida às ordens de Sua Excelência

Meteu a corta-mato, saltando um

cancelo. E nós seguimos, com passos que eram ligeiros, pela hora do almoço que se retardara, pelo azul alegre que reaparecia, e por toda aquela justiça feita à pobreza da serra.

— Não perdeste hoje o teu dia, Jacinto — disse eu, batendo, com uma ternura que não disfarcei, no ombro do meu amigo.

— Que miséria, Zé Fernandes! eu nem sonhava... Haver por aí, à vista da minha casa, outras casas, onde crianças têm fome! É horrível....

Estávamos entrando na alameda. Um raio de sol, saindo de entre duas grossas, algodoadas nuvens, passou sobre uma esquina do casarão, ao fundo, uma viva tira de ouro. O clarim dos galos soava claro e alto. E um doce vento, que se

erguera, punha nas folhas lavadas e luzidias um frémito alegre e doce.

— Sabes o que eu estava pensando, Jacinto?... Que te aconteceu aquela lenda de Santo Ambrósio... Não, não era Santo Ambrósio... Nem me lembro o santo... Nem era ainda santo... apenas um cavaleiro pecador, que se enamorara de uma mulher, pusera toda a sua alma nessa mulher, só por a avistar a distância na rua. Depois, uma tarde que a seguia, enlevado, ela entrou num portal de igreja, e aí, de repente, ergueu o véu, entreabriu o vestido, e mostrou ao pobre cavaleiro o seio roído por uma chaga! Tu também andavas namorado da serra, sem a conhecer, só pela sua beleza de verão. E a serra, hoje, zás! De repente, descobre a sua grande úlcera... É talvez a tua

preparação para S. Jacinto.

Ele parou, pensativo, com os dedos nas cavas do colete:

— É verdade! Vi a chaga! Mas enfim, esta, louvado seja Deus, é das que eu posso curar!

Não desiludi o meu Príncipe. E ambos subimos alegremente a escadaria do casarão.

11

No dia que seguiu estas largas caridades recolhi a Guiães. E, desde então, tantas vezes trotei por aquelas três léguas entre a nossa e a velha alameda dos Jacintos, que a minha égua, quando a desviava dessa estrada familiar, conduzindo-a a uma cavalariça familiar (onde ela privava com o garrano do Melchior), relinchava de pura saudade. Até a tia Vicência se mostrava vagamente ciumenta daquela Tormes, para onde eu sempre corria, daquele Príncipe de quem incessantemente celebrava o rejuvenescimento, a caridade, os pitéus, e as quimeras agrícolas. Já um dia com um grão de sal e ironia — o único que cabia

num coração todo cheio de inocência -, ela me dissera, movendo com mais vivacidade as agulhas da sua meia:

— Olha que te podes gabar! Até me tens feito curiosidade de conhecer esse Jacinto... Traz cá essa maravilha, menino!

Eu rira:

— Sossegue, tia Vicência, que a trarei agora, para o dia dos meus anos, a jantar... Damos uma festa, haverá um bailarico no pátio, e vem aí toda essa senhorama dos arredores. Talvez até se arranje uma noiva para o Jacinto.

Eu, com efeito, já convidara meu Príncipe para este “natalício”. E de resto, convinha que o senhor de Tormes conhecesse todos aqueles senhores das boas casas da serra... Sobretudo, como eu lhe dizia rindo, convinha que ele

conhecesse algumas mulheres, algumas daquelas fortes raparigas dos solares serranos, porque Tormes tinha uma solidão muito monástica; e o homem, sem um pouco do eterno Feminino, facilmente se endurece e ganha uma casca áspera como a das árvores, na solidão.

— E esta Tormes, Jacinto, esta tua reconciliação com a Natureza, e o renunciamento às mentiras da Civilização é uma linda história... Mas, caramba, faltam mulheres!

Ele concordava, rindo, languidamente estendido na cadeira de vime:

— Com efeito, há aqui falta de mulher, com M grande. Mas essas senhoras aí das casas dos arredores... Não sei, mas estou pensando que se devem

parecer com legumes. Sãs, nutritivas, excelentes para a panela, mas, enfim, legumes. As mulheres que os poetas comparam às flores são sempre as mulheres das cortes, das Capitais, às quais, invariavelmente, desde Hesíodo e Horácio, se rendem os poetas... e evidentemente não há perfume, nem graça, nem elegância, nem requinte, numa cenoura ou numa couve... Não devem ser interessantes as senhoras da minha serra.

— Eu te digo... A tua vizinha mais chegada, a filha do D. Teotónio, com efeito, salvo o respeito que se deve à casa ilustre dos Barbedos, é um mostrengo! A irmã dos Albergarias, da quinta da Loja, também não tentaria nem mesmo o precisado santo Antão. Sobretudo se se despisse, porque é um espinafre infernal!

Essa realmente é legume, e não dos nutritivos.

— Tu o disseste: espinafre!

— Temos também a D. Beatriz Veloso... Essa é bonita... Mas, menino, que horrivelmente bem falante! Fala como as heroínas do Camilo. Tu nunca leste o Camilo... e depois, um tom de voz que te não sei descrever, o tom com que se fala em D. Maria... Enfim, um horror! E perguntas pavorosas. “Vossa Excelência, Sr. Doutor, não se delicia com Lamartine?” Já me disse esta, a indecente!

— E tu?

— Eu! Arregalei os olhos... “Ó Lamartine!” Mas, coitada, é uma excelente rapariga! Agora, por outro lado, temos as Rojões, as filhas do João Rojão, duas flores, muito frescas, muito alegres, com

um cheiro e um brilho a sadio, e muito simples... A tia Vicência morre por elas. Depois há a mulher do Dr. Alípio, que é uma beleza. Ó! uma criatura esplêndida! Mas, enfim, é a mulher do Dr. Alípio, e tu renunciaste aos deveres da Civilização... Além disso, mulher muito séria, toda absorvida nos seus dois pequenos, que parecem dois anjinhos de Murillo... E quem mais? Já agora, quero completar a lista do pessoal feminino. Temos a Melo Rebelo, de Sandofim, muito engraçada, com cabelo lindo... Borda na perfeição, faz doces como uma freira do antigo regime... Havia também uma Júlia Lobo, muito linda, mas morreu... Agora não me lembro de mais. Mas falta a flor da Serra, que é a minha prima Joaninha, da Flor da Malva! Essa é uma perfeição de rapariga.

— E tu, primo Zé, como tens tu resistido?

— Somos como irmãos, criados de pequeninos, mais acostumados e familiares que tu e eu... A familiaridade esbate os sexos. A mãe dela era a única irmã da tia Vicência, e morreu muito nova. A Joaninha, quase desde o berço que se criou em nossa casa, em Guiães. O pai é bom homem, o tio Adrião. Erudito, antiquário, colecionador... Coleciona toda a sorte de coisas esquisitas, campainhas, esporas, sinetes, fivelas... Tem uma coleção curiosa. Ele há muito que deseja vir a Tormes, para te visitar... Mas, coitado, sofre da bexiga, não pode montar a cavalo. E a estrada da flor da Malva aqui é impossível para carruagens...

O meu Príncipe espreguiçara

longamente os braços:

— Não, está claro! eu é que hei de visitar teu tio, e a tia Vicência... desejo conhecer os meus vizinhos. Mas mais tarde, quando sossegar. Agora ando todo ocupado com o meu povo.

E com efeito! Jacinto era agora como um Rei fundador de um Reino, e grande edificador. Pôr todo o seu domínio de Tormes andavam obras, para o renovamento das casas dos rendeiros, umas que se consertavam, outras mais velhas, que se derrubavam para se reconstruírem com uma largueza cómoda. Pelos caminhos constantemente chiavam carros, carregados de pedra, ou de madeiras cortadas nos pinheirais.

Na taberna do Pedro, à entrada da freguesia, ia um desusado movimento, de

pedreiros e carpinteiros contratados para as obras; e o Pedro, com as mangas arregaçadas, por trás do balcão, não cessava de encher os decilitros com uma vasta infusa.

Jacinto, que tinha agora dois cavalos, todas as manhãs cedo percorria as obras, com amor. Eu, inquieto, sentia outra vez latejar e irromper no meu Príncipe o seu velho, maníaco furor de acumular Civilização! O plano primitivo das obras era incessantemente alargado, aperfeiçoado. Nas janelas, que deviam ter apenas portadas, segundo o secular costume da serra, decidira por vidraças, apesar do mestre de obras lhe dizer honradamente que depois de habitadas um mês não haveria casa com um só vidro. Para substituir as traves clássicas queria

estucar os tetos; e eu via bem claramente que ele se continha, se retesava dentro do bom senso, para não dotar cada casa com campainhas elétricas. Nem sequer me espantei, quando ele uma manhã me declarou que a porcaria da gente do campo provinha deles não terem onde comodamente se lavar, pelo que andava pensando em dotar cada casa com uma banheira. Descíamos nesse momento, com os cavalos à rédea, por uma azinhaga precipitada e escabrosa, um vento leve ramalhava nas árvores, um regato saltava ruidosamente entre as pedras. Eu não me espantei — mas realmente me pareceu que as pedras, o arroio, as ramagens e o vento, se riam alegremente do meu Príncipe. E além destes confortos a que o João, mestre de obras, com os olhos

loucamente arregalados chamava “as grandezas”, Jacinto meditava o bem das almas. Já encomendara ao seu arquiteto, naquele campo da Carriça, junto à capelinha que abrigava “os ossos”. Pouco a pouco, aí criaria também uma biblioteca, com livros de estampas, para entreter, aos domingos, os homens a quem já não era possível ensinar a ler. Eu vergava os ombros, pensando: — “Aí vem a terrível acumulação das Nações! Eis o livro invadindo a Serra!” Mas outras ideias de Jacinto eram tocantes — e eu mesmo me entusiasmei, e excitei o entusiasmo da tia Vicência com o seu plano de uma Creche, onde ele esperava ter manhãs muito divertidas vendo as criancinhas a gatinhar, a correr tropegamente atrás de uma bola. De resto,

o nosso boticário de Guiães estava já apalavrado para estabelecer uma pequena farmácia em Tormes, sob a direção do seu praticante, um afilhado da tia Vicência, que tinha publicado um artigo sobre as festas populares do Douro no *Almanaque de Lembranças*. E já fora oferecido o partido médico de Tormes, com ordenado de 600$000 réis.

— Não te falta senão um Teatro! — dizia eu, rindo.

— Um teatro, não. Mas tenho a ideia de uma sala, com projeções de lanterna mágica, para ensinar a esta pobre gente as cidades desse mundo, e as coisas de África, e um bocado de História.

E também me ensoberbeci com esta inovação! — E quando a contei ao tio Adrião, o digno antiquário bateu, apesar

do seu reumatismo, uma palmada tremenda na coxa. “Sim, senhor! Bela ideia! Assim se podia ensinar àquela gente iletrada, vivamente, por imagens, a História Romana, até a História de Portugal!...” E voltado para a prima Joaninha, o tio Adrião declarou um “homem de coração!”

E realmente pela Serra crescia a popularidade do meu Príncipe. Naquele, “guarde-o Deus, meu senhor!” com que as mulheres ao passar o saudavam, se voltavam para o ver ainda, havia uma seriedade de oração, o bem sincero desejo de que Deus o guardasse sempre. As crianças a quem ele distribuía tostões farejavam de longe a sua passagem — e era em torno dele um escuro formigueiro de caritas trigueiras e sujas, com grandes

olhos arregalados, que se ainda tinham pasmo, já não tinham medo. Como o cavalo de Jacinto uma tarde se chapara, ao desembocar da alameda, numas grossas pedras que aí deformavam a estrada, logo ao outro dia um bando de homens, sem que Jacinto o ordenasse, veio por dedicação ensaibrar e alisar aquele pedaço perigoso de caminho, aterrados com o risco que correra o bom senhor. Já pela serra se espalhava esse nome de “bom senhor”. Os mais idosos da freguesia não o encontravam sem exclamarem, uns com gravidade, outros com grandes risos desdentados: — *Este é o nosso benfeitor!* Pôr vezes, alguma velha corria do fundo do eido, ou vinha à porta do casebre, ao avistá-lo no caminho, para gritar, com grandes gestos dos braços

magros: “Ai que Deus o cubra de bênçãos! Que Deus o cubra de bênçãos!”

Aos domingos, o padre José Maria (bom amigo meu e grande caçador) vinha de Sandofim, na sua égua ruça, a Tormes, para celebrar a missa na Capelinha. Jacinto assistia ao ofício na sua tribuna, como os Jacintos de outras eras, para que aqueles simples o não supusessem estranho a Deus. Quase sempre então ele recebia presentes, que as filhas dos caseiros, ou os pequenos, vinham muito corados, trazer-lhe à varanda, e eram vasos de manjericão, ou um grosso ramalhete de cravos, e por vezes um gordo pato. Havia então uma distribuição de cavacas e merengues de Guiães, às raparigas e às crianças — e, no pátio, para os homens circulavam as infusas de

vinho branco. O Silvério já sustentava com espanto, e redobrado respeito, que o Sr. D. Jacinto em breve disporia de mais votos nas eleições que o Dr. Alípio. E eu próprio me impressionei, quando o Melchior me contou que o João Torrado, um velho singular daqueles sítios, de grandes barbas brancas, ervanário, vagamente alveitar, um pouco adivinho, morador misterioso de uma cova no alto da serra, a todos afirmava que aquele senhor era El-Rei D. Sebastião, que voltara!

12

Assim chegou setembro, e com ele o meu natalício, que era a 3 e num Domingo. Toda essa semana a passara eu em Guiães, nos preparos da vindima — e de manhã cedo, nesse Domingo ilustre, me fui debruçar da varanda do quarto do saudoso tio Afonso, vigiando a estrada, por onde devia aparecer meu Príncipe, que enfim visitava a casa do seu Zé Fernandes. A tia Vicência, desde a madrugada, andava atarefada pela cozinha e pela copa, porque, desejando mostrar ao meu Príncipe "o pessoal" da serra, convidar para jantar algumas famílias amigas, dos arredores, as que tinham carruagens ou carroções, e podiam, pelas

estradas mal seguras, recolher tarde, depois de um bailarico campestre, no pátio, já enfeitado para esse efeito de lanternas chinesas. Mas logo às dez horas me desesperei, ao receber, por um moço da Flor da Malva, uma carta da prima Joaninha, em que dizia “a pena de não poder vir porque o Papá estava desde a véspera com um leicenço, e ela não o queria abandonar”. Corri indignado à cozinha, onde a tia Vicência presidia a um violento bater de gemas de ovos dentro de uma imensa terrina.

— A Joaninha não vem! Sempre assim! Diz que o pai tem um incenso... Aquele tio Adrião escolhe sempre os grandes dias para ter leicenços, ou para ter a pontada...

A boa face redondinha e corada da

tia Vicência enterneceu-se.

— Coitado! Será em sítio que não se pudesse sentar na carruagem! Coitado! Olha, se lhe escreveres, diz-lhe que ponha um emplastrozinho de folhas de alecrim. Era com que teu tio se dava bem.

Eu gritei simplesmente para o moço, que dava de beber ao burro no pátio:

— Diz à Sra. D. Joaninha que sentimos muito... Que talvez eu lá apareça amanhã.

E voltei à janela, impaciente, porque o relógio do corredor, muito atrasado, já cantara a meia hora depois das dez e o Príncipe tardava para o almoço. Mas, mal eu me chegara à varanda, apareceu justamente na volta da estrada Jacinto, de grande chapéu de palha, no seu cavalo, seguido do Grilo que, também de chapéu

de palha, e abrigado sob um imenso guarda-sol verde, se escarranchava no albardão da velha égua de Melchior. Atrás, um moço com uma maleta à cabeça. E eu, na alegria de avistar enfim meu Príncipe trotando para a minha casa de aldeia, no dia dos meus trinta e seis anos, pensava noutro natalício, no dele, em Paris, no 202, quando, entre todos os esplendores da Civilização, nós bebemos tristemente *ad manes*, aos nossos mortos!

— *Salve!* — gritei da varanda. — *Salve*, *domine Jacinthi!*

E entoei, para o acolher, um alegre “tarantantan”, o hino da carta!

— Isto por aqui também é lindo! — gritou ele de baixo. — E o teu palácio tem um soberbo ar... Pôr onde é a porta?

Mas eu já me precipitava para o

pátio — onde Jacinto, apeando, contou alegremente os tormentos do Grilo, que nunca montara a cavalo, e não cessara de berrar ante os perigos daquela ventura.

E o digno preto, ofegante, lustroso de suor, e lívido sob o esplendor da sua negrura, exclamava, apontando com a mão trémula para a pobre égua, que solta, de cabeça pensativa, parecia de pedra, sobre as patas mais imóveis que marcos:

— Pois se o siô Fernandes visse! Uma fera, que nunca veio quieta. Sempre para a esquerda, sempre para a direita, pé aqui, pé além! Só para me sacudir! Só para me sacudir!

E não resistiu. Com a ponta do guarda-sol atirou uma pontoada vingativa contra a égua sobre o albardão.

Subindo a escadaria ligeira,

penetrando no alegre corredor, com a sua janela ao fundo engrinaldada de rosinhas, Jacinto louvava grandemente a nossa casa, que o repousava das rijas muralhas, das grossas portas feudais de Tormes. E no seu quarto agradeceu os cuidados maternais da tia Vicência, que enchera de flores os dois vasos da china sobre a cómoda, e adornara a cama com uma das nossas colchas da Índia mais ricas, cor de canário com grandes aves de ouro. Eu sorria, enternecido. Então estreitamos os ossos num grande abraço, pelo natalício... “Trinta e oito, hem Zé Fernandes?” — “Trinta e quatro, animal!” E o meu Príncipe abrindo a mala, sóbria maleta de filósofo, ofereceu os “nobres presentes, que são devidos”, como diz sempre o astuto Ulisses na Odisseia. Era um

alfinete de gravata, com uma safira, uma cigarreira de aro fosco, adornada de um florido ramo de macieira em delicado esmalte, e uma faca para livros de velho lavor chinês. Eu protestava contra a prodigalidade.

— É tudo das malas de Paris... Mandei-as abrir ontem à noite. E tomei a liberdade de trazer esta lembrança à tua tia Vicência. Não vale nada... É só por ter pertencido à princesa de Lamballe.

Era uma caldeirinha de água benta, em prata lavrada, de um gosto florido e quase galante.

— A tia Vicência não sabe quem é a princesa de Lamballe, mas ficará encantada! E é uma garantia, porque ela suspeita da tua religião, como homem de Paris, da terra das impiedades... E agora,

lavar, escovar, e ao almoço!

A tia Vicência pareceu toda surpreendida, e logo encantada com o meu camarada, que ela supusera realmente um Príncipe, arrogante, escarpado e difícil. Quando ele lhe ofereceu a caldeirinha, com um delicado pedido “para se lembrar dele nas suas orações”, duas largas rosas, mais róseas e frescas que as rosas que enchiam a mesa, cobriam as faces redondas da boa senhora, que nunca recebera tão piedoso presente, com tão linda palavra. Mas o que sobretudo a cativou foi o tremendo apetite de Jacinto, a entusiasmada convicção com que ele, acumulando no prato montes de cabidela, depois altas serras de arroz de forno, depois bifes de numerosa cebolada, exaltava a nossa cozinha, jurava nunca ter

provado nada tão sublime. Ela resplandecia:

— Até faz gosto, até faz gosto!... Ora mais uma destas batatinhas recheadas...

— Com certeza, minha senhora! Até duas! As minhas rações, em mesas destas, tão perfeitas, são sempre as de Gargântua.

— Não cites Rabelais, que a tia Vicência não conhece os autores profanos! — exclamava eu, também radiante. — E prova esse vinho branco cá da nossa lavra, e louva Deus que amadurece tal uva.

E o almoço foi muito alegre, muito íntimo, muito conversado, sobre as obras de Jacinto em Tormes, e a sua Creche, que enlevava a tia Vicência, ea as esperanças da vindima, e a minha prima Joaninha, que tinha o papá doente, e o péssimo estado

dos caminhos. Mas o enternecimento maior foi quando, ao servir o café, o criado pôs ao lado de Jacinto um pires com um pau de canela, o seu estranho e costumado pau de canela.

Não o esquecera a tia Vicência! Ali tinha o seu pauzinho de canela! — Queria que ele, em Guiães, continuasse os seus hábitos como em Tormes... E aquele pau de canela foi o símbolo de adoção do meu Príncipe como novo sobrinho da tia Vicência.

Ela em breve recolheu à cozinha, aos preparativos do banquete. Nós fumamos um preguiçoso charuto no jardim, ao pé do repuxo, sob a recolhida sombra do cedro. Depois, inexoravelmente, como proprietário, mostrei ao meu Príncipe a propriedade toda, com desapiedada

minuciosidade, sem lhe perdoar uma leira, um regueiro, uma árvore, um pé de vinha. Só quando a sua face começou a opar e a empalidecer, de cansaço, e que do entendimento totalmente atordoado só lhe escorria um vago — “muito bonito! Bela terra!” é que voltei os passos para casa, tornejando ainda numa volta larga para lhe mostrar o lagar, uma plantação de espargos, e o sítio onde existira a ruína de um velho castro romano. Ao penetrarmos de novo, pelo jardim, na fresca sala, ainda o empurrei, como uma rês, para a livraria do meu bom tio Afonso, para lhe mostrar as preciosidades, uma magnífica crónica de D. João I por Fernão Lopes, a primeira edição do *Imperador Clarimundo*, uma *Henriada*, com a assinatura de Voltaire, forais de El-Rei D. Manuel, e outras

maravilhas. Ele respirava fechando o derradeiro pergaminho, quando eu o arrastei à adega, para que admirasse a famosa pipa, que tinha, em relevo, na madeira do tampo, as complicadas armas dos Sandes. Eram quatro horas. O meu Príncipe tinha o ar esgazeado e lívido. Cravando nele os olhos inexoráveis, olhos em que eu mesmo sentia reluzir a ferocidade, declarei “que iríamos agora ver a tulha”. Mas então, com as mãos nos rins, ele murmurou, humildemente, num murmúrio de criança:

— Não se me dava de me sentar um poucochinho!

Tive então piedade, abri as garras, deixei que ele se arrastasse, atrás de mim, para o seu quarto, onde freneticamente descalçou as botas, se atirou para um

fresco canapé forrado de ganga, murmurando num abatimento profundo: — “Bela propriedade!”

Consenti generosamente que ele adormecesse — e eu mesmo desci a verificar se a Gertrudes dispusera bem as escovas, as toalhas de renda, no quarto onde os convidados, em breve, ao chegar, lavariam as mãos, escovariam a poeira da estrada. E justamente, uma caleche rodava no pátio, a velha caleche do D. Teotónio, com a parelha ruça. Espreitando da janela descobri, com prazer, que chegava só, de gravata branca, sob o guarda-pó, sem a horrendíssima filha. Corri alegremente ao quarto da tia Vicência, que, ajudada pela Catarina, abrochava à pressa as suas pulseiras ricas de topázios.

— Tia Vicência! — chegou o D.

Teotónio! — Felizmente vem sem a filha...Não se demore, os outros não tardam. O Manuel que esteja bem penteado, de gravata bem tesa!... Vamos a ver como corre a festa!

13

Ai de mim! A festa do meu aniversário não se passou com brilho, nem com alegria!

Quando o meu Príncipe entrou na sala, com uma elegância (onde eu senti as malas de Paris, abertas na véspera) — uma rosa branca no jaquetão preto, colete branco lavrado e traspassado, copiosa gravata de seda branca, tufando, e presa por uma pérola negra — já todos os convidados estavam na sala —, o D. Teotónio, o Ricardo Veloso, o Dr. Alípio, o gordo Melo Rebelo, de Sandofim, os dois manos Albergarias, da quinta da Loja — todos de pé, num pelotão cerrado. Em torno do sofá onde a tia Vicência se

instalara, um magotezinho de cadeiras reunira as senhoras — a Beatriz Veloso, de cassa branca sobre seda, que a tornava mais aérea e magra, com a sua trunfa imensa de cabelo riçado; as duas Rojões (com a tia Adelaide Rojão) vermelhinhas como camoesas, ambas de branco; e a mulher do Dr. Alípio, de preto, esplêndida como uma Vénus Rústica... E foi na sala, como se realmente entrasse um Príncipe, desses países do Norte onde os Príncipes são magníficos, muito distantes dos homens, e aterram as gentes. Um silêncio, como se o teto de carvalho descesse, nos esmagava: e todos os olhos se enristaram contra o meu desgraçado Jacinto, como numa caçada hindu, quando orla da floresta surge o Tigre Real. Debalde — nas confusas, apressadas

apresentações, com que eu o levava através da sala —, os seus apertos de mão, os sorrisos, o vago murmúrio, “da sua honra, do seus apertos de mão, os sorrisos, o vago murmúrio, “da sua honra, do seu prazer”, foram repassados de simpatia, de simplicidade. Todos os cavalheiros permaneciam reservados, observando o Príncipe, que subira à serra; e as senhoras mais se aconchegavam à sombra da tia Vicência, como ovelhas à volta do pastor, quando na altura assoma o lobo. Eu, já inquieto, lancei o D. Teotónio, o mais ornamental daqueles cavalheiros.

— O Sr. Teotónio foi muito amável em vir, Jacinto. Raras vezes sai da sua linda casa da Abrujeira.

O digno D. Teotónio sorriu, cofiando

os espessos bigodes brancos, de velho brigadeiro:

— Vossa Excelência chegou diretamente de Viena?

— Não! — Jacinto viera diretamente de Paris, com o amigo Zé Fernandes.

D Teotónio insistiu:

— Mas certamente visita muitas vezes Viena...

Jacinto sorriu surpreendido:

— Viena, por que?... Não. Há mais de quinze anos que não vou a Viena.

O fidalgo murmurou um lento *ah!* e ficou calado, de pálpebras baixas, como revolvendo análises profundas, com as mãos cruzadas sob as abas da longa sobrecasaca azul.

Eu então, vigilante, lancei o Dr. Alípio:

— O nosso Doutor, meu caro Jacinto, é o mais poderoso influente de todo o distrito.

O Doutor curvou a cabeça bem feita, com um belo cabelo preto, admiravelmente alisado e lustroso. Mas a tia Vicência, que se erguera do sofá, chamava o meu Príncipe, porque o Manuel anunciara o jantar, mudamente, mostrando apenas, à porta da sala, a sua corpulenta pessoa — inteiriçado e vermelho.

À mesa, onde os pudins, as travessas de doce de ovos, os antigos vinhos da Madeira e do Porto, nas suas pesadas garrafas de cristal lapidado, fundiam com felicidade os seus tons ricos e quentes, Jacinto ficou entre a tia Vicência e uma das Rojões, a Luisinha, sua afilhada, que,

por costume velho, quando jantava em Guiães, sempre se colocava à sombra da sua boa madrinha. E a sopa, que era de galinha com macarrão, foi comida num tão largo e pesado silêncio que eu, na ânsia de o quebrar, exclamei, ao acaso, sem pensar que me achava em Guiães depois de tanto tempo e em minha própria casa:

— Deliciosa, esta sopa!

Jacinto ecoou:

— Divina!!

Mas como todos os convidados certamente estranharam este meu brado, e a excessiva admiração de Jacinto, o silêncio, carregado de cerimónia, mais se carregou de embaraço. Felizmente a tia Vicência, com aquele seu bom sorriso, observou que Jacinto parecia gostar da comida portuguesa... e eu, sempre no

intuito de animar a conversa, nem deixei que o meu Príncipe confirmasse o seu amor da cozinha vernácula, e gritei:

— Como gostar! Mas é que delira!... Pudera! Tanto tempo em Paris, privado dos pitéus lusitanos...

E como, ditosamente, me lembrara o prato de arroz-doce preparado na ocasião do natalício de Jacinto, pelo cozinheiro do 202, contei a história, profusamente, exagerando, afirmando que esse arroz continha *foie-gras*, e que sobre a sua ornamentada pirâmide flutuava a bandeira tricolor, por cima do busto do conde de Chambord! Mas o arroz-doce de Paris, assim estragado tão longe da Serra, não interessara ninguém. Puxou apenas alguns sorrisos de polida condescendência, quando eu, alternadamente, me voltava

para um cavalheiro, para uma senhora, insistindo, exclamando: — Extraordinário, hem?

D. Teotónio observou, misteriosamente, que o “cozinheiro sabia para quem cozinhava”. E a bela mulher do Dr. Alípio ousou murmurar, corando:

— Havia de ser bonito prato, e talvez não fosse mau!

Eu, sempre na ânsia de espiritualizar o banquete, de produzir conversação, ataquei com desabrida alegria a Sra. D. Luísa, por ela assim defender a profanação do nosso grande acepipe nacional! Mas, pobre de mim! tão excessiva e ruidosamente interpelei a formosa senhora, que ela se enconchou, emudeceu, toda corada, e mais formosa assim. E outro silêncio se abatia sobre a

mesa, como uma névoa, quando a tia Vicência, providencial, se desculpou para com Jacinto de não ter peixe! Mas quê! ali na Serra era impossível, ainda a peso de ouro, ter peixe, a não ser a pescada salgada, ou o bacalhau. O excelente Rojão, com aquele seu modo, tão suave que cada sílaba para correr mais docemente parecia lubrificada com óleos santos, lembrou que o Sr. D. Jacinto possuía uma larga faixa do rio douro com privilégio para a pesca do sável. Jacinto não sabia, nem imaginava que houvesse sáveis... O Dr. Alípio não se admirava porque essas pescas tinham sido vendidas ao Cunha brasileiro, há vinte anos, na mocidade do Sr. D. Jacinto. E hoje, segundo D. Teotónio, não valiam dois mil-réis. Se já não há sáveis!... E a

propósito das antigas pescas do Douro se iam formando, em torno da mesa, entre os homens mais vizinhos, lentas cavaqueirinhas rurais, que as senhoras aproveitavam para cochilar, no desabafo daquele silêncio cerimonioso, que viera pesando cada vez mais desde a sopa até aos frangos guisados. Receoso de que essa orla de murmúrios lentos, sem brilho e sem alegria, se estabelecesse de novo, me abalancei (para animar) a interpelar Jacinto, recordando a famosa aventura do peixe da Dalmácia encalhado no ascensor.

— Isso foi uma das melhores histórias que nos sucederam em Paris! O Jacinto, por causa de um peixe muito raro, lhe mandara o que... O Grão-Duque Casimiro, o irmão do Imperador...

Todos os olhos se desviaram para o

meu Jacinto, que se servia de ervilhas: — e o Melo Rebelo quase se engasgou, num sorvo precipitado ao copo, para contemplar no meu amigo algum reflexo do Grão-Duque. E eu contei, com profusão, o peixe encalhado, o Grão-Duque pescando, o anzol feito com um gancho da Princesa de Carman, o duque de Marizac, caindo quase no poço do elevador... Mas não se produziu um único riso, e a atenção mesmo era dada com esforço, por cortesia. Debalde eu arremessava aqueles nomes magníficos de príncipes e princesas, misturados a coisas picarescas... Nenhum dos meus convidados compreendia o maquinismo do elevador, um prato encalhado num poço negro... Perante o gancho da Princesa, as Albergarias baixaram os

olhos. E a minha deliciosa história morreu numa reticência, ainda mais regelada pela exclamação inocente da tia Vicência:

— Oh! filho, que coisas!

Mas, como Jacinto se enfronhara de repente numa larga conversa com a Luisinha Rojão, que ria, toda luminosa e palradora — todos, como libertados do peso cerimonioso da sua presença augusta, se lançaram nas conversinhas discretas, a que o champanhe, agora, depois do assado, dava mais viveza. Eram os soturnos murmúrios, em torno da mesa, que definitivamente se perpetuavam. Foi então que desisti de animar o jantar. Mergulhei com a bela mulher do Dr. Alípio na grande questão social desse tempo em Guiães, o casamento da D. Amélia Noronha com o feitor! E eu

defendia a D. Amélia, os direitos do amor, quando se alargou um silêncio — e era Jacinto, que se debruçava, de copo na mão.

— Velho amigo Zé Fernandes, à tua! Muitos e bons, e sempre em companhia de tua tia e minha senhora, a quem peço para saudar.

Todos os copos, onde a espuma morria sobre um fundo de champanhe, se ergueram num largo rumor de amizade, e boa vizinhança. Eu acenei ao Manuel, vivamente, para encher os copos; e logo, também de pé, atirando para trás a sobrecasaca:

— Meus senhores, peço uma grande saúde para o meu velho amigo Jacinto, que pela primeira vez honra esta casa fraternal... Que digo eu? que pela primeira

vez honra com a sua presença a sua querida pátria! E que por cá fique, pelas serras, muitos anos, todos bons. À tua, meu velho!

Outro rumor correu pela mesa, mas cerimonioso e sereno. A nossa oratória, positivamente, não incendiara as imaginações! A tia Vicência fez tilintar o seu copo, quase vazio, com o de Jacinto, que tocou no copo da sua vizinha, a Luisinha Rojão, toda resplandecente, e mais vermelha que uma peónia. Depois foi o encadeamento de saúdes, com os copos quase vazios, entre todos os convidados, sem esquecer o tio Adrião, e o Abade, ambos ausentes, ambos com furúnculos. E a tia Vicência espalhava aquele olhar, que prepara o erguer, o arrastar de cadeiras — quando D.

Teotónio, erguendo o seu copo de vinho do Porto, com a outra mão apoiada à mesa, meio erguido, chamou Jacinto, e numa voz respeitosa, quase cava:

— Esta é toda particular, e entre nós... Brindo o ausente!

Esvaziou o copo, como em religião, pontificando. Jacinto bebeu assombrado, sem compreender. As cadeiras arrastavam — eu dei o braço à tia Albergada.

E só compreendi, na sala, quando o Dr. Alípio, com a sua chávena de café e o charuto fumegante, me disse, num daqueles seus olhares finos, que lhe valiam a alcunha de *Dr. Agudo:* — "Espero que ao menos, cá por Guiães, não se erga de novo a forca!..." E o mesmo fino olhar me indicava o D. Teotónio, que arrastara Jacinto para entre as cortinas de

uma janela, e discorria, com um ar de fé e de mistério. Era o miguelismo, por Deus! O bom D. Teotónio considerava Jacinto como um hereditário, ferrenho miguelista — e, na sua inesperada vinda ao seu solar de Tormes, entrevia uma missão política, o começo de uma propaganda enérgica, e o primeiro passo para uma tentativa de Restauração. E na reserva daqueles cavalheiros, ante o meu Príncipe, eu senti então a suspeita liberal, o receio de uma influência rica, nova, nas Eleições próximas, e a nascente, e a nascente irritação contra as velhas ideias, representadas naquele moço, tão rico, de civilização tão superior. Quase entornei o café, na alegre surpresa daquela sandice. E retive o Melo Rebelo, que repunha a chávena vazia na bandeja, fitei, com um

pouco de riso, o *Dr. Agudo*.

— Então, francamente, os amigos imaginam que o Jacinto veio para Tormes trabalhar no miguelismo?

Muito sério, Melo Rebelo chegou o seu grosso bigode à minha orelha:

— Até corre, como certo, que o Príncipe d. Miguel está com ele em Tormes!

E como eu os considerava esgazeado, o Dr. Alípio — tão agudo! — confirmou:

— É o que corre... disfarçado em criado!

Em criado? Oh! Santo Deus! Era o Batista! Justamente, Ricardo Veloso veio, puxando do seu cigarrinho, para o acender no meu charuto. E o bom Rebelo logo invocou o seu testemunho. — Pois não

corria, que o filho de D. Miguel estava em Tormes, escondido?...

— Disfarçado em lacaio — confirmou logo o digno Rebelo.

Acendeu o cigarro, soprou o fumo, e erguendo muito as sobrancelhas meditativas:

— Se assim é, lá me parece desplante... Que eu não desgostava de o ver. Dizem que é bonito moço, bem apessoado. Mas enfim, meu tio João Vaz Rebelo foi partido às postas, a machado, nas prisões de Almeida... E se recomeçam essas questões, mau, mau! Ora o seu amigo...

Emudeceu. Jacinto, que se libertara do velho D. Teotónio, e ainda conservava um resto de riso, de assombro divertido, vinha para mim, desabafar.

— Extraordinário! Vejo que aqui, na serra, ainda se conservam, sem uma ruga, as velhas e boas ideias...

Imediatamente, sem se conter, Melo Rebelo acudiu:

— É conforme o que Vossa Excelência chama boas ideias.

E eu agora, furioso com aquela disparada invenção, que cercava de hostilidade o meu pobre Jacinto, estragava aquela amável noite de anos, intervim, vivamente:

— Tu jogas o voltarete, Jacinto? Não jogas... então vamos arranjar duas mesas... O D. Teotónio há de querer cartas.

E arrastei Jacinto para as senhoras, que de novo se aninhavam à sombra da tia Vicência, estabelecida no seu canto do

sofá. Todos se calavam, parecia encolherem-se ante a aparição do meu Príncipe, como pombas avistando o abutre. E deixei o temido homem afirmando à mulher do Dr. Alípio (um pouco desgarrada do banho das aves tímidas) que lhe dera grande prazer aquela ocasião de conhecer as suas vizinhas de Tormes... ela abrira nervosamente o leque, sorria, e nunca decerto Jacinto admirara na Cidade uma boca mais vermelha, dentinhos mais rutilantes. Mas depois de organizar a mesa do voltarete, tive de abancar, eu, para substituir o Manuel Albergaria, que era dispéptico, se declarara “afrontado”, e desejava respirar um momento na varanda. Todos aqueles cavalheiros, de resto, se queixavam de calor. Mandei

abrir as janelas que davam sobre as mimosas do pátio. O Veloso, ao baralhar, parava, bufando, como oprimido:

— Está abafado... Ainda temos trovoada!

E o Dr. Alípio, inquieto, porque tinha uma hora de estrada até casa, e uma das éguas da caleche era escabreada, correu à janela, espreitar o céu, que enegrecera, morno e pesado.

— Com efeito, vai cair água.

As hastes das mimosas ramalhavam, arrepiadas; e o ar que agitava as cortinas era intermitente, estonteado. Decerto na sala, entre as senhoras, surgira a mesma inquietação, porque a tia Albergaria apareceu, avisando o mano Jorge.

Era prudente pensar em partir, a noite ameaçava... E o Dr. Alípio, puxando

o relógio, propôs que levantada aquela remissa, se preparasse a marcha. Justamente o albergaria recolhia da varanda desafrontado, aliviado com um cálice de genebra: e retomou as suas cartas, anunciando também que vinha aí uma trovoada valente.

Voltando à sala, encontrei Jacinto muito alegre entre as senhoras, que se familiarizaram, escutando, cheias de riso e gosto, a história da sua chegada a Tormes, sem malas, sem criados, tão desprovido que dormira com a camisa da caseira! Mas a minha pobre noite de anos findava, desorganizada. A tia Albergaria rondava de janela em janela, assustada com a volta à Roqueirinha, espreitando a treva abafada. Calçando lentamente as luvas, a bela mulher do Dr. Alípio

perguntava se ainda havia a remissa. E a tia Vicência apressara o chá, que o Manuel, seguido pela Gertrudes, com a bandeja de bolos, já começava a servir às senhoras. Jacinto, de pé, oferecendo chávenas, gracejava:

— Então tanta pressa, tanto medo, por causa de uma trovoadinha?

Elas replicavam, familiarizadas, numa crescente simpatia pelo meu Príncipe:

— Ora o senhor fala bem, porque fica debaixo de telhas...

— Sempre o queríamos ver... se fosse agora para Tormes, com esta noite cerrada!

O voltarete findara nas duas mesas: e aqueles cavalheiros, das janelas, gritavam ordens para o pátio negro, onde as

carruagens esperavam atreladas:

— Desce a cabeça da vitória, ó Diogo!

— Acende o lampião, Pedro! Sempre ajuda a luz das lanternas.

A criada Quitéria chagava à porta com os braços carregados de xales, de mantilhas de renda. Como uma das Albergarias ia no assento de diante, na vitória, eu corri a buscar o meu casaco de borracha, para ela se abrigar, se a chuva viesse. E só o D. Teotónio, que tinha até casa apenas meia légua de estrada boa, se não apressava, filiado outra vez no meu Príncipe, que levava para os cantos mais solitários, em conversas profundas, que o seu dedo solene, espetado, sublinhava gravemente. Mas a tia Albergaria gritou que já chovia — e então foi uma pressa

das senhoras, que beijocavam vivamente a tia Vicência, enquanto os homens, na antecâmara, enfiavam açodadamente os *paletots*.

Jacinto e eu descemos ao pátio para acompanhar aquela debandada — e uma a uma, a traquitana do Dr. Alípio, a vitória das Albergarias a velha e imensa caleche dos Velosos, rolaram sob a noite, entre os nossos desejos de boa jornada. Pôr fim D. Teotónio calçou as luvas pretas e entrou para sua caleche, dizendo a Jacinto:

— Pois, primo e amigo, Deus permita que, do nosso encontro, e do mais que se passar, algum bem resulte a esta terra!

Subindo a escada, o meu Príncipe desabafou:

— Este Teotónio é extraordinário!

Sabes o que descobri por fim?... Que me toma por um miguelista, e imagina que eu vim para Tormes preparar a restauração de D. Miguel?!

— E tu?

— Eu fiquei tão espantado, que nem o desiludi!

— Pois sabe mais, meu pobre amigo. Todos pensam o mesmo, estão desconfiados, e receiam ver de novo erguidas as forcas em Guiães! E corre que tu tens o Príncipe D. Miguel escondido em Tormes, disfarçado em criado. E sabes quem ele é? o Batista!

— Isso é sublime! — murmurou Jacinto, com uns grandes olhos abertos.

Na sala, a tia Vicência esperava-nos desconsolada, entre todas as luzes, que ardiam ainda no silêncio e paz do serão

debandado:

— Ora uma coisa assim! Nem quererem ficar para tomar um copinho de geleia, um cálice de vinho do Porto!

— Esteve tudo muito desanimado, tia Vicência! — exclamei desafogando o meu tédio. — Todo esse mulherio emudeceu; os amigos com um ar desconfiado...

Jacinto protestou, muito divertido, muito sincero:

— Não! pelo contrário. Gostei imenso. Excelente gente! E tão simples... todas estas raparigas me pareceram ótimas. E tão frescas tão alegres! Vou ter aqui bons amigos, quando verificarem que não sou miguelista.

Então contamos à tia Vicência a prodigiosa história de D. Miguel escondido em Tormes... Ela ria! Que

coisa! E mau seria...

— Mas o Sr. Jacinto, não é?

— Eu, minha senhora, sou socialista...

Acudi explicando à tia Vicência que socialista era ser pelos pobres. A doce senhora considerava esse partido o melhor, o verdadeiro:

— O meu Afonso, que Deus haja, era liberal... Meu pai também, e até amigo do Duque da Terceira...

Mas um rude trovão rolou, atroou a noite negra: — e uma bátega de água cantou nos vidros, e nas pedras da varanda.

— Santa Bárbara! — gritou a tia Vicência. — Ai aquela pobre gente!... Até estou com cuidado... As Rojões, que vão na vitória!

E correu para o quarto, na sua pressa de acender as duas velas costumadas no oratório, ainda antes de ir guardar as pratas, e rezar o terço com a Gertrudes.

14

Ao outro dia, depois do almoço, eu e Jacinto montamos a cavalo para um grande passeio até a Flor da Malva, a saber de meu tio Adrião, e do seu furúnculo. E sentia uma curiosidade interessada, e até inquieta, de testemunhar a impressão que daria ao meu Príncipe aquela nossa prima Joaninha, que era o orgulho da nossa casa. Já nessa manhã, andando todos no jardim a escolher uma bela rosa-chá para a botoeira do meu Príncipe, a tia Vicência celebrara com tanto fervor a beleza, a graça, a caridade, e a doçura da sua sobrinha toda-amada, que eu protestei:

— Oh! tia Vicência, olhe que esses

elogios todos competem apenas à virgem Maria! A tia Vicência está a cair em pecado de idolatria! O Jacinto depois vai encontrar uma criatura apenas humana, e tem um desapontamento tremendo!

E agora, trotando pela fácil estrada de Sandofim, lembrava-me aquela manhã, no 202, em que Jacinto encontrara o retrato dela no meu quarto, e lhe chamara uma *lavradeirona*. Com efeito, era grande e forte a Joaninha. Mas a fotografia datada do seu tempo de viço rústico, quando ela era apenas uma bela, forte e sã planta da serra. Agora entrava nos vinte e cinco, e já pensava, e sentia — e a alma que nela se formara, afinara, amaciara, e espiritualizava o seu esplendor rubicundo.

A manhã, com o céu todo purificado pela trovoada da véspera, e as terras

reverdecidas e lavadas pelos chuviscos ligeiros, oferecia uma doçura luminosa, fina, fresca que tornava doce, como diz o velho Eurípedes ou o velho Sófocles, mover o corpo, e deixar a alma preguiçar, sem pressa nem cuidados. A estrada não tinha sombra, mas o sol batia muito de leve, e roçava-nos com uma carícia quase alada. O vale parecia a Jacinto, que nunca ali passara, uma pintura da Escola Francesa do século XVIII, tão graciosamente nele ondulavam as terras verdes, e com tanta paz e frescura corria o risonho Serpão, e tão afáveis e prometedores de fartura e contentamento alvejavam os casais nas verduras tenras! Os nossos cavalos caminhavam num passo pensativo, gozando também a paz da manhã adorável. E não sei, nunca soube,

que plantazinhas silvestres e escondidas espalhavam um delicado aroma, que tantas vezes sentira, naquele caminho, ao começar o outono.

— Que delicioso dia! — murmurou Jacinto. — Este caminho para a Flor da Malva é o caminho do Céu... Ó Zé Fernandes, de que é este cheirinho tão doce, tão bom?

Eu sorri, com certo pensamento:

— Não sei... É talvez já o cheiro do Céu!

Depois, parando o cavalo, apontei com o chicote para o vale:

— Olha, acolá, onde está aquela fila de olmos, e há o riacho, já são terras do tio Adrião. Tem ali um pomar, que dá os pêssegos mais deliciosos de Portugal... Hei de pedir à prima Joaninha que te

mande um cesto deles. E o doce que ela faz com esses pêssegos, menino, é alguma coisa de celeste. Também lhe hei de pedir que te mande o doce.

Ele ria:

— Será explorar demais a prima Joaninha.

E eu (por quê?) recordei e atirei ao meu Príncipe estes dois versos de uma balada cavalheiresca, composta em Coimbra pelo meu pobre amigo Procópio:

— Manda-lhe um servo querido,
Bem hajas dona formosa!
E que lhe entregue um anel
E com um anel uma rosa.

Jacinto riu alegremente:

— Zé Fernandes, seria excessivo, só por causa de meia dúzia de pêssegos, e de um boião de doce.

Assim ríamos, quando apareceu, à volta da estrada, o longo muro da quinta dos Velosos, e depois a capelinha de S. José de Sandofim. E imediatamente piquei para o largo, para a taberna do Torto, por causa daquele vinhinho branco, que sempre, quando por ali a levo, a minha alma me pede. O meu Príncipe reprovou, indignado:

— Ó! Zé Fernandes, pois tu, a esta hora, depois de almoço, vais beber vinho branco?

— É um costumezinho antigo... Aqui à taberninha do Torto...Um decilitrozinho... A almazinha assim, mo pede.

E parámos; eu gritei pelo Manuel, que apareceu, rebolando a sua grossa pança, sobre as pernas tortas, com a infusa verde, e um copo.

— Dois copos, Torto amigo. Que aqui este cavalheiro também aprecia.

Depois de um pálido protesto, o meu Príncipe também quis, mirou o límpido e dourado vinho ao sol, provou, e esvaziou o copo, com delícia, e um estalinho de alto apreço.

— Delicioso vinho!... Hei de querer deste vinho em Tormes...É perfeito.

— Hem? Fresquinho, leve, aromático, alegrador, todo alma!...Encha lá outra vez os copos, amigo Torto. Este cavalheiro aqui é o Sr. D. Jacinto, o fidalgo de Tormes.

Então, de trás da ombreira da

taberna, uma grande voz bradou, cavamente, solenemente:

— Bendito seja o Pai dos Pobres!

E um estranho velho, de longos cabelos brancos, barbas brancas, que lhe comiam a face cor de tijolo, assomou no vão da porta, apoiado a um bordão, com uma caixa de lata a tiracolo, e cravou em Jacinto dois olhinhos de um negro, que faiscavam. Era o tio João Torrado, o profeta da Serra... Logo lhe estendi a mão, que ele apertou, sem despegar de Jacinto os olhos, que se dilatavam mais negros. Mandei vir outro copo, apresentei Jacinto, que corara, embaraçado.

— Pois aqui o tem, o senhor de Tormes, que fez por aí todo esse bem à pobreza.

O velho atirou para ele bruscamente

o braço, que saía cabeludo e quase negro de uma manga muito curta.

— A mão!

E quando Jacinto lha deu, depois de arrancar vivamente a luva, João Torrado longamente lha reteve com um sacudir lento e pensativo, murmurando:

— Mão real, mão de dar, mão que vem de cima, mão já rara!

Depois tomou o copo, que lhe oferecia o Torto, bebeu com imensa lentidão, limpou as barbas, deu um jeito à correia que lhe prendia a caixa de lata, e batendo com a ponta do cajado no chão:

— Pois louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo, que por aqui me trouxe, que não perdi o meu dia, e vi um homem!

Eu então debrucei-me para ele, mais em confidência:

— Mas, ó tio João, ouça cá! Sempre é certo você dizer por aí, pelos sítios, que El-Rei D. Sebastião voltara?

O pitoresco velho apoiou as duas mãos sobre o cajado, o queixo de espalhada barba sobre as mãos, e murmurava, sem nos olhar, como seguindo a percussão dos seus pensamentos:

— Talvez voltasse, talvez não voltasse... Não se sabe quem vai, nem quem vem. A gente vê os corpos, mas não vê as almas que estão dentro. Há corpos de agora com almas de outrora. Corpo é vestido, alma é pessoa...Na feira da Roqueirinha quem sabe com quantos reis antigos se topa, quando se anda aos encontrões entre os vaqueiros... Em ruim corpo se esconde bom senhor!

E como ele findara num murmúrio,

eu, atirando um olhar a Jacinto, para gozarmos aqueles estranhos, pitorescos modos de vidente, insisti:

— Mas, ó tio João, você realmente, em sua consciência, pensa que El-Rei D. Sebastião não morreu na batalha?

O velho ergueu para mim a face, que enrugara numa desconfiança:

— Essas coisas são muito antigas. E não calham bem aqui à porta do Torto. O vinho era bom, e V. Sr[1] tem pressa, meu menino! A flor da Flor da Malva lá tem o paizinho doente... Mas o mal já vai pela serra abaixo com a inchação às costas. Dá gosto ver quem dá gosto aos tristes. Pôr cima de Tormes há uma estrela clara. E é trotar, trotar, que o dia está lindo!

Com a magra mão lançou um gesto para que seguíssemos. E já passávamos o

cruzeiro, quando o seu brado ardente de novo reboou, com solenidade cava:

— Bendito seja o Pai dos Pobres!

Direito, no meio da estrada, erguia o cajado como dirigindo as aclamações de um povo. E Jacinto pasmava de que ainda houvesse no reino um Sebastianista.

— Todos o somos ainda em Portugal, Jacinto! Na serra ou na cidade cada um espera o seu D. Sebastião. Até a lotaria da Misericórdia é uma forma de Sebastianismo. Eu todas as manhãs, mesmo sem ser de nevoeiro, espreito, a ver se chega o meu.. Ou antes a minha, porque eu espero uma D. Sebastiana... E tu, felizardo?

— Eu? Uma D. Sebastiana? Estou muito velho, Zé Fernandes... Sou o último Jacinto; Jacinto ponto final... Que casa é

aquela com os dois torreões?

— A Flor da Malva.

Jacinto tirou o relógio:

— São três horas. Gastamos hora e meia... Mas foi um belo passeio, e instrutivo. É lindo este sítio.

Sobre um outeirinho, afastada da estrada por arvoredo, que um muro cerrava, e dominando, a Flor da Malva voltava para o Oriente e para o Sol a sua longa fachada com os dois torreões quadrados, onde as janelas, de varanda, eram emolduradas em azulejos. O grande portão de ferro, ladeado por dois bancos de pedra, ficava ao fundo do terreirinho, onde um imenso castanheiro derramava verdura e sombra. Sentado sobre as fortes raízes descarnadas da grande árvore, um pequeno esperava segurando um burro

pela arreata,

— Está por aí o Manuel da Porta?

— Ainda agora subiu pela alameda.

— Bem: empurra lá o portão.

E subimos, por uma curta avenida de velhas árvores, até outro terreiro, com um alpendre, uma casa de moços, toda coberta de heras, e uma casota de cão, de onde saltou, com um rumor de corrente arrastada, um molosso, o Tritão, que eu logo sosseguei fazendo-lhe reconhecer o seu velho amigo Zé Fernandes. E o Manuel da Porta correu da fonte, onde enchia um grande balde, para nos segurar os cavalos.

— Como está o tio Adrião?

Surdo, o excelente Manuel sorriu, deleitado:

— E então vossa excelência, bem? A

Sra. D. Joaninha ainda agora andava no laranjal com o pequeno da Josefa.

Seguimos por ruazinhas bem areadas, orladas de alfazema e buxo alto, enquanto eu contava ao meu Príncipe que aquele pequenito da Josefa era um afilhadinho da prima Joana, e agora o seu encanto e o seu cuidado todo.

— Esta minha santa prima, apesar de solteira, tem aí pela freguesia uma verdadeira filharada. E não é só dar-lhes roupas e presentes, e ajudar as mães. Mas até os lava, e os penteia, e lhes trata as tosses. Nunca a encontro sem alguma criancita ao colo... Agora anda na paixão deste Josezinho.

Mas quando chegámos ao laranjal, à beira da larga rua da quinta que levava ao tanque, debalde procurei, e me embrenhei,

e até gritei: — Eh, prima Joaninha!...

— Talvez esteja lá para baixo, para o tanque...

Descemos a rua, entre árvores, que a cobriam com as densas ramas encruzadas. Uma fresca, límpida água de regra corria e luzia num caneiro de pedra. Entre os troncos, as roseiras bravas ainda tinham uma frescura de verão. E o pequeno campo, que se avistava para além, rebrilhava com doçura, todo amarelo e branco, dos malmequeres e botões de ouro.

O tanque, redondo, fora esvaziado para se lavar, e agora de novo o repuxo o ia enchendo de uma água muito clara, ainda baixa, onde os peixes vermelhos se agitavam na alegria de recuperarem o seu pequeno oceano. Sobre um dos bancos de

pedra que circundavam o tanque, pousava um cesto cheio de dálias cortadas. E um moço, que sobre uma escada podava as camélias, vira a Sra. D. Joana seguir para o lado da parreira.

Marchámos para a parreira, ainda toda carregada de uva preta. Duas mulheres, longe, ensaboavam num lavadouro, na sombra de grandes nogueiras. Gritei: — Eh lá? Vocês viram por aí a Sra. D. Joana? Uma das moças esganiçou a voz, que se perdeu no vasto ar luminoso e doce.

— Bem vamos a casa! Não podemos farejar assim, toda a tarde.

— É uma bela quinta — murmurava o meu Príncipe, encantado.

— Magnífica! E bem tratada... O tio Adrião teve um feitor excelente... Não é o

teu Melchior. Observa, aprende, lavrador! Olha aquele cebolinho!

Passámos pela horta, uma horta ajardinada, como sonhara o meu Príncipe, com os seus talhões debruados de alfazema, e madressilva enroscada nos pilares de pedra, que faziam ruazinhas frescas toldadas de parra densa. E demos volta à capela, onde crescia aos dois lados da porta uma roseira-chá, com uma rosa única, muito aberta, e uma moita de baunilha, onde Jacinto apanhou um raminho para cheirar. Depois entramos no terraço em frente da casa, com a sua balaustrada de pedra, toda enrodilhada de jasmineiros amarelos. A porta envidraçada estava aberta e subimos pela escadaria de pedra, no imenso silêncio em que toda a Flor da Malva repousava, até a

antecâmara, de altos tetos apainelados, com longos bancos de pau, onde desmaiavam na sua velha pintura as complicadas armas dos Cerqueiras. Empurrei a porta de uma outra sala, que tinha as janelas da varanda abertas, cada uma com a gaiola de um canário.

— É curioso! — exclamou Jacinto. — Parece o meu Presépio... E as minhas cadeiras.

E com efeito. Sobre uma cómoda antiga, com bronzes antigos, pousava um presépio, semelhante ao da livraria de Jacinto. E as cadeiras de couro lavrado tinham, como as que ele descobrira no sótão, umas armas sob um chapéu de Cardeal.

— Ó senhores! — exclamei. — Não haverá um criado?

Bati as mãos, fortemente. E o mesmo doce silêncio permaneceu, muito largo, todo luminoso e arejado pelo macio ar da quinta, apenas cortado pelo saltitar dos canários nos poleiros das gaiolas.

— É o palácio da Bela adormecida no bosque! — murmurou Jacinto, quase indignado. — Dá um berro!

— Não, caramba! Vou lá dentro!

Mas, à porta, que de repente se abriu, apareceu minha prima Joaninha, corada do passeio e do vivo ar, com um vestido claro um pouco aberto no pescoço, que fundia mais docemente, numa larga claridade, o esplendor branco da sua pele, e o louro ondeado dos seus cabelos — lindamente risonha, na surpresa que alargava os seus largos, luminosos olhos negros, e trazendo ao

colo uma criancinha, gorda e cor-de-rosa, apenas coberta com uma camisinha, de grandes laços azuis.

E foi assim que Jacinto, nessa tarde de setembro, na Flor da Malva, viu aquela com quem casou em maio, na capelinha de azulejos, quando o grande pé de roseira se cobrira todo de rosas.

15

E agora, entre roseiras que rebentam, e vinhas que se vindimam, já cinco anos passaram sobre Tormes e a Serra. O meu Príncipe já não é o último Jacinto, Jacinto ponto final — porque naquele solar que decaíra, correm agora, com soberba vida, uma gorda e vermelha Teresinha, minha afilhada, e um Jacintinho, senhor muito da minha amizade. E, pai de família, principiara a fazer-se monótono, pela perfeição da beleza moral, aquele homem tão pitoresco pela inquietação filosófica, e pelos variados tormentos da fantasia insaciada. Quando ele agora, bom sabedor das coisas da lavoura, percorria comigo a quinta, em sólidas palestras agrícolas,

prudentes e sem quimeras — eu quase lamentava esse outro Jacinto que colhia uma teoria em cada ramo de árvore, e riscando o ar com a bengala, planejava queijeiras de cristal e porcelana, para fabricar queijinhos que custariam duzentos mil-réis cada um!

Também a paternidade lhe despertara a responsabilidade. Jacinto possuía agora um caderno de contas, ainda pequeno, rabiscando a lápis, com falhas, e papeluchos soltos entremeados, mas onde as suas despesas, as suas rendas se alinhavam, como duas hostes disciplinadas.

Visitara já as suas propriedades de Montemor, da Beira; e consertava, mobiliava as velhas casas dessas propriedades para que os seus filhos,

mais tarde, crescidos, encontrassem “ninhos feitos”. Mas onde eu reconheci que definitivamente um perfeito e ditoso equilíbrio se estabelecera na alma do meu Príncipe, foi quando ele, já saído daquele primeiro e ardente fanatismo da Simplicidade — entreabriu a porta de Tormes à Civilização. Dois meses antes de nascer a Teresinha, uma tarde, entrou pela avenida de plátanos uma chiante e longa fila de carros, requisitados por toda a freguesia, e acuculados de caixotes. Eram os famosos caixotes, por tanto tempo encalhados em Alba de Tormes, e que chegavam, para despejar a Cidade sobre a Serra. Eu pensei: — Mau! o meu pobre Jacinto teve uma recaída! Mas os confortos mais complicados, que continha aquela caixotaria temerosa, foram, com

surpresa minha, desviados para os sótãos imensos, para o pó da inutilidade; e o velho solar apenas se regalou com alguns tapetes sobre os seus soalhos, cortinas pelas janelas desabrigadas, e fundas poltronas, fundos sofás, para que os repousos, por que ele suspirara, fossem mais lentos e suaves. Atribuí esta moderação a minha prima Joaninha, que amava Tormes na sua nudez rude. Ela jurou que assim o ordenara o seu Jacinto. Mas, decorridas semanas, tremi. Aparecera, vindo de Lisboa, um contramestre, com operários, e mais caixotes, para instalar um telefone!

— Um telefone, em Tormes, Jacinto?

O meu Príncipe explicou, com humildade:

— Para casa de meu sogro!... bem

vês.

Era razoável e carinhoso. O telefone porém, sutilmente, mudamente, estendeu outro longo fio, para Valverde. E Jacinto, alargando os braços, quase suplicante:

— Para casa do médico. Compreendes...

Era prudente. Mas, certa manhã, em Guiães, acordei aos berros da tia Vicência! Um homem chegara, misterioso, com outros homens, trazendo arame, para instalar na nossa casa o novo invento. Sosseguei a tia Vicência, jurando que essa máquina nem fazia barulho, nem trazia doenças, nem atraía as trovoadas. Mas corri a Tormes. Jacinto sorriu, encolhendo os ombros:

— Que queres? Em Guiães está o boticário, está o carniceiro... E, depois,

estás tu!

Era fraternal. Todavia pensei: Estamos perdidos! Dentro de um mês temos a pobre Joana a apertar o vestido por meio de uma máquina! Pois não! o Progresso, que, à intimação de Jacinto, subira a Tormes a estabelecer aquela sua maravilha, pensando talvez que conquistara mais um reino para desfear, desceu, silenciosamente, desiludido, e não avistamos mais sobre a serra a sua hirta sombra cor de ferro e de fuligem. Então compreendi que, verdadeiramente, na alma de Jacinto se estabelecera o equilíbrio da vida, e com ele a Grã-Ventura, de que tanto tempo ele fora o Príncipe sem Principado. E uma tarde, no pomar, encontrando o nosso velho Grilo, agora reconciliado com a serra, desde que

a serra lhe dera meninos para trazer às cavaleiras, observei ao digno preto, que lia o seu *Fígaro*, armado de imensos óculos redondos:

— Pois, Grilo, agora realmente bem podemos dizer que o Sr. D. Jacinto está firme.

O Grilo arredou os óculos para a testa, e levantando para o ar os cinco dedos em curva como pétalas de uma tulipa:

— Sua Excelência brotou!

Profundo sempre o digno preto! Sim! Aquele ressequido galho da Cidade, plantado na serra, pregara, chupara o humo do torrão herdado, criara seiva, afundara raízes, engrossara de tronco, atirara ramos, rebentara em flores, forte, sereno, ditoso, benéfico, nobre, dando

frutos, derramando sombra. E abrigados pela grande árvore, e por ela nutridos, cem casais em redor a bendiziam.

16

Muitas vezes Jacinto, durante esses anos, falara com prazer num regresso de dois, três meses, ao 202, para mostrar Paris à prima Joaninha. E eu seria o companheiro fiel, para arquivar os espantos da minha serrana ante a Cidade! Depois conveio em esperar que o Jacintinho completasse dois anos, para poder jornadear sem desconforto, e apontando já com o seu dedo para as coisas da civilização. Mas quando ele, em outubro, fez esses dois anos desejados, a prima Joaninha sentiu uma preguiça imensa, quase aterrada, do comboio, do estridor da Cidade, do 202, e dos seus esplendores. “Estamos aqui tão bem! está

um tempo tão lindo!” murmurava, deitando os braços, sempre deslumbrada, ao rijo pescoço do seu Jacinto. Ele desistia logo de Paris, encantado. “Vamos para abril, quando os castanheiros dos Campos Elísios estiverem em flor!” Mas em abril vieram aqueles cansaços que imobilizavam a prima Joaninha no divã, ditosa, risonha, com umas pintas na pele, e o roupão mais solto. Pôr todo um longo ano estava desfeita a alegre aventura. Eu andava então sofrendo de desocupação. As chuvas de março prometiam uma farta colheita. Uma certa Ana Vaqueira, corada e bem feita, viúva, que sortia as necessidades do meu coração, partira com o irmão par ao Brasil, onde ele dirigia uma venda. Desde o inverno, sentia também no corpo como um começo de

ferrugem, que o emperrava, e certamente, algures, na minha alma, nascera uma pontinha de bolor. Depois a minha égua morreu... Parti eu para paris.

Logo em Hendaia, apenas pisei a doce terra de França, o meu pensamento, como pombo a um velho pombal, voou ao 202 — talvez por eu ver um enorme cartaz em que uma mulher nua, com flores bacânticas nas tranças, se estorcia, segurando numa das mãos uma garrafa, espumante, e brandindo na outra, para o anunciar ao Mundo, um novo modelo de saca-rolhas. E oh surpresa! Eis que, logo adiante, na estação quieta e clara de Saint — Jean-de— Luz, um moço esbelto, de perfeita elegância, entra vivamente no meu compartimento, e, depois de me encarar, grita:

— Eh, Fernandes!

Marizac! O duque de Marizac! Era já o 202... Com que reconhecimento lhe sacudi a mão fina, por ele me ter reconhecido! E atirando para o canto do vagão um *paletot*, um maço de jornais, que o escudeiro lhe passara, o bom Marizac exclamava na mesma surpresa alegre:

— E Jacinto?

Contei Tormes, a serra, o seu primeiro amor pela Natureza, o seu outro grande amor por minha prima, e os dois filhos, que ele trazia escarranchados no pescoço.

— Ah que canalha! — exclamou Marizac com os olhos espetados em mim. — É capaz de ser feliz!

— Espantosamente, loucamente...

Qual! Não há advérbios...

— Indecentemente — murmurou Marizac muito sério. — Que canalha!

Eu então desejei saber do nosso rancho familiar do 202. Ele encolheu os ombros, acendendo a cigarrilha:

— Todo esse mundo circula...

— *Madame* de Oriol?

— Continua.

— Os Trèves? o Efraim?

— Continuam, todos três.

Lançou um gesto lânguido.

— Durante cinco anos, em Paris, tudo continua... As mulheres com um pouco mais de pó de arroz, e a pele um pouco mais mole, e melada. Os homens com um tanto mais de dispepsia. E tudo segue. Tivemos os Anarquistas. A princesa de Carman abalou com um

acrobata do Circo de inverno... e… *e voilá!*

— Dornan?

— Continua... Não o encontrei mais desde o 202... Mas vejo às vezes o nome dele, no *Boulevard*, com versos preciosos, obscenidades muito apuradas, muito sutis.

— E o Psicólogo?... Ora, como se chamava ele?...

— Continua também. Sempre com as feminices a três francos e cinquenta... Duquesas em camisa, almas nuas... coisas que se vendem bem!

Mas quando eu, encantado, ia indagar de Todelle, do Grão-Duque, o comboio entrou na estação de Biarritz: — e rapidamente, apanhando o *paletot* e os jornais, depois de me apertar a mão, o

delicioso Marizac saltou pela portinhola, que o seu criado abrira, gritando:

— Até Paris!... Sempre *rue* Cambori.

Então, no compartimento solitário, bocejei, com uma estranha sensação de monotonia, de saciedade, como cercado já de gentes muito vistas, murmurando histórias muito sabidas, e coisas muito ditas, através dos sorrisos estafados. Dos dois lados do comboio era a longa planície monótona, sem variedade, muito miudamente cultivada, muito miudamente retalhada, de um verde de reseda, verde-cinzento e apagado, onde nenhum lampejo, nem tom alegre de flor, nem acidente do solo, desmanchavam a mediocridade discreta e ordeira. Pálidos choupos, em renques pautados e finos, bordavam canaizinhos muito direitos e claros. Os

casais, todos da mesma cor pardacenta, mal se elevavam do solo, mal se destacavam da verdura desbotada, como encolhidos na sua mediocridade e cautela. E o céu, por cima, liso, sem uma nuvem, com um sol descorado, parecia um vasto espelho muito lavado a grande água, até que de todo se lhe safasse o esmalte e o brilho. Adormeci numa doce insipidez.

Com que linda manhã de maio entrei em Paris! Tão fresca e fina, e já macia, que, apesar de cansado, mergulhei com repugnância no profundo, sombrio leito do Grand-Hotel, todo fechado de espessos veludos, grossos cordões, pesadas borlas, como um palanque de gala. Nessa profunda cova de penas sonhei que em Tormes se construíra uma torre Eiffel, e que em volta dela as senhoras da Serra, as

mais respeitáveis, a própria tia Albergaria, dançavam, nuas, agitando no ar saca-rolhas imensos. Com as comoções deste pesadelo, e depois o banho, e o desemalar da mala, já se acercavam as duas horas quando enfim emergi do grande portão, pisei, ao cabo de cinco anos, o Boulevard. E imediatamente me pareceu que todos esses cinco anos eu ali permanecera à porta do Grand-Hotel, tão estafadamente conhecido me era aquele estridente rolar da cidade, e as magras árvores, e as grossas tabuletas, e os imensos chapéus emplumados sobre tranças pintadas de amarelo, e as empertigadas sobrecasacas com grossas rosetas da legião de honra, e os garotos, em voz rouca e baixa, oferecendo baralhos de cartas obscenas, caixas de

fósforos obscenas... Santo Deus! Pensei, há que anos eu estou em Paris! Comprei, então, num quiosque, um jornal, a Voz de Paris, para que ele me contasse, durante o almoço, as novas da Cidade. A mesa do quiosque desaparecia, durante o almoço, as novas da Cidade. A mesa do quiosque desaparecia, alastrada de jornais ilustrados: — e em todos se repetia a mesma mulher, sempre nua, ou meio despida, ora mostrando as costelas magras, de gata faminta, ora voltando para o Leitor duas tremendas nádegas... Eu outra vez murmurei: — Santo Deus! No café da Paz, o criado lívido, e com um resto de pó de arroz sobre a sua lividez, aconselhou ao meu apetite, por ser tão tarde, um linguado frito e uma costeleta.

— E que vinho, Sr. Conde?

— Chablis, Sr. Duque!

Ele sorriu à minha deliciosa pilhéria — e eu abri, contente, a *Voz de Paris*. Na primeira coluna, através de uma prosa muito retorcida, toda em brilhos de joia barata, entrevi uma Princesa nua, e um Capitão de Dragões, que soluçava. Saltei a outras colunas, onde se contavam feitos de *cocottes* de nomes sonoros. Na outra página escritores eloquentes celebravam vinhos digestivos e tónicos. Depois eram os crimes do costume. — Não há nada de novo! Pus de parte a *Voz de Paris* — e então foi, entre mim e o linguado, uma luta pavorosa. O miserável, que se frigira rancorosamente contra mim, não consentia que eu descolasse da sua espinha uma febra escassa. Todo ele se ressequira numa sola impenetrável e tostada, onde a

faca vergava, impotente e trémula. Gritei pelo moço lívido, o qual, com faca mais rija, fincando no soalho os sapatos de fivela, arrancou enfim àquele malvado duas tirinhas, finas e curtas como palitos, que engoli juntas, e me esfomearam. Duma garfada findei a costela. E paguei quinze francos com um bom luís de ouro. No troco, que o moço me deu, com a polidez requintada de uma civilização muito difundida, havia dois francos falsos. E por aquela doce tarde de maio saí para tomar no terraço um café cor de chapéu-coco, que sabia a fava.

Com o charuto aceso contemplei o Boulevard, àquela hora em toda a pressa e estritor da sua grossa sociabilidade. A densa torrente dos ônibus, calhambeques, carroças, parelhas de luxo, rolava

vivamente, como toda uma escura humanidade formigando entre patas e rodas, numa pressa inquieta. Aquele movimento continuado e rude bem depressa entonteceu este espírito, por cinco anos afeito à quietação das serras imutáveis. Tentava então, puerilmente, repousar nalguma forma imóvel, ônibus parado, fiacre que estacara num brusco escorregar da pileca; mas logo algum dorso apressado se encafuava pela portinhola da tipoia, ou um cacho de figuras escuras trepava sofregamente para o ônibus: — e, recomeçava o rolar retumbante. Imóveis, decerto, estavam os altos prédios hirtos, ribas de pedra e cal, que continham, disciplinavam, aquela torrente ofegante. Mas da rua aos telhados, em cada varanda, por toda a

fachada, eram tabuletas encimando tabuletas, que outras tabuletas apertavam: — e mais me cansava o perceber a tenaz incessância do trabalho latente, a devorante canseira do lucro, arquejante por trás das frontarias decorosas e mudas. Então, enquanto fumava o meu charuto, estranhamente se apossaram de mim os sentimentos que Jacinto outrora experimentara no meio da Natureza, e que tanto me divertiam. Ali, à porta do café, entre a indiferença e a pressa da Cidade, também eu senti, como no Campo, a vaga tristeza da minha fragilidade e da minha solidão Bem certamente estava ali como perdido num mundo, que não era fraternal. Quem me conhecia? Quem se interessaria por Zé Fernandes? Se eu sentisse fome, e o confessasse, ninguém me daria metade

do seu pão. Pôr mais aflitamente que a minha face revelasse uma angústia, ninguém na sua pressa pararia para me consolar. De que me serviriam também as excelências da alma, que só na alma florescem? Se eu fosse um santo, aquela turba não se importaria com a minha santidade; e se eu abrisse os braços e gritasse, ali no Boulevard — “oh homens, meus irmãos!” os homens mais ferozes que o lobo ante o Pobrezinho de Assis, ririam e passariam indiferentes. Dois impulsos únicos, correspondendo a duas funções únicas, parecia estarem vivos naquela multidão — o lucro e o gozo. Isolada entre eles, e ao contágio ambiente da sua influência, em breve a minha alma se contrairia, se tornaria num duro calhau de Egoísmo. Do ser que eu trouxera da

Serra só restaria em pouco tempo esse calhau, e nele, vivos, os dois apetites da cidade — encher a bolsa, saciar a carne! E pouco a pouco as mesmas exagerações de Jacinto perante a Natureza me invadiam perante a cidade. Aquele Boulevard ressumava para mim um bafo mortal, extraído dos seus milhões de micróbios. De cada porta me parecia sair um ardil para me roubar. Em cada face avistada à portinhola de um fiacre, suspeitava um bandido em manobra. Todas as mulheres me pareciam caiadas como sepulcros, tendo só podridão por dentro. E considerava de uma melancolia funambulesca as formas de toda aquela Multidão, a sua pressa áspera e vã, a afetação das atitudes, as imensas plumas das chapeletas, as expressões postiças e

falsas, a pompa dos peitos alteados, o dorso redondo dos velhos olhando as imagens obscenas da vitrinas. Ah! tudo isto era pueril, quase cómico da minha parte, mas é o que eu sentia no Boulevard, pensando na necessidade de mergulhar na Serra, para que ao seu puro ar se me despegasse a crosta da Cidade, e eu ressurgisse humano, e Zé Fernandico!

Então, para dissipar aquele pesadume de solidão, paguei o café e parti, lentamente, a visitar o 202. Ao passar na Madalena, diante da estação dos ônibus, pensei: — Que será feito de *Madame* Colombe? E, oh miséria! Pelo meu miserável ser subiu uma curta e quente baforada de desejo bruto por aquela besta suja e magra! Era o charco onde eu me envenenara, e que me

envolvia nas emanações sutis do seu veneno. Depois, ao dobrar da *rue* Royale para a praça da Concórdia, topei com um robusto e possante homem, que estacou, ergueu o braço, ergueu o vozeirão, num modo de comando:

— Eh, Fernandes!

O Grão-Duque! O belo Grão-Duque, de jaquetão alvadio e chapéu tirolês cor de mel! Apertei com gratidão reverente a mão do Príncipe, que me reconhecera.

— E Jacinto? Em Paris?...

Contei Tormes, a serra, o rejuvenescimento do nosso amigo entre a Natureza, a minha doce prima, e os bravos pequenos, que ele trazia às cavaleiras. O Grão-Duque encolheu os ombros, desolado:

— Ó lá, lá, lá!... Peuh! Casado, na

aldeia, com filharada... Homem perdido! Ora não há!... E um rapaz útil! Que nos divertia, e tinha gosto! Aquele Jantar cor-de-rosa foi uma festa linda... Não se fez, não se tornou a fazer nada tão brilhante em Paris... E *Madame* de Oriol... Ainda há dias a vi no Palácio de Gelo... Potável, mulher ainda muito potável... Não é todavia o meu género... adocicada, leitosa, pomadada, neve *à la vanile*... Ora esse Jacinto!...

— E vossa Alteza, em Paris, com demora?

O formidável homem baixou a face, franzida e confidencial:

— Nenhuma. Paris não se aguenta... está, estragado, positivamente estragado...Nem se come! Agora é o Ernest, da Praça Gailon, o Ernest, que era

maitre-d'hotel do Maire... Já lá comeu? Um horror. Tudo é o Ernest, agora! Onde se come? No Ernest. Qual! Ainda esta manhã lá almocei... Um horror! Uma salada Chambord... palhada! Não tem a noção da salada! Paris foi! Teatros, uma estopada. Mulheres, hui! Lambidas todas. Não há nada! Ainda assim, num dos teatritos de Montmartre, na Roulotte, está uma revista, que se vê: *Para cá as mulheres!* — engraçada, bem despida... A Celestine tem uma cantiga, meio sentimental, meio porca, *o Amor no Water-Closet*, que diverte, tem topete... Onde está, Fernandes?

— No Grand-Hotel, meu senhor.

— Que barraca!... E o seu Rei sempre bom?

Curvei a cabeça:

— Sua Majestade, bem.

— Estimo! Pois, Fernandes, tive prazer... Esse Jacinto é que me desola! Vá ver a Revista... Boas pernas, a Celestine... E tem graça o tal *Amor no Water-Closet*.

Um rijíssimo aperto de mão — e Sua Alteza subiu pesadamente para a vitória, ainda com um aceno amável, que me penhorou... Excelente homem, este Grão-Duque! Mais reconciliado com Paris, atravessei para os Campos Elísios. Em toda a sua nobre e formosa largueza, toda verde, com os castanheiros em flor, corriam, subindo, descendo, velocípedes. Parei a contemplar aquela fealdade nova, estes inumeráveis espinhaços arqueados, e gâmbias magras, agitando-se desesperadamente sobre duas rodas. Velhos gordos, de cachaço escarlate,

pedalavam, gordamente. Galfarros, esguios, de tíbias descarnadas, fugiam numa linha esfuziada. E as mulheres, muito pintadas, de bolero curto, calções bufantes, giravam, mais rapidamente ainda, no prazer equívoco da carreira, escarranchadas em hastes de ferro. E a cada instante outras medonhas máquinas passavam, vitórias e faetontes a vapor, com uma complicação de tubos e caldeiras, torneiras e chaminés, rolando numa trepidação estridente e pesada, espalhando um grosso fedor de petróleo. Segui para o 202, pensando no que diria um grego do tempo de Fídias, se visse esta nova beleza e graça do caminhar humano!...

No 202, o porteiro, o velho Vian, quando me reconheceu, mostrou uma

alegria enternecedora. Não se fartou de saber do casamento de Jacinto, e daqueles queridos meninos. E era para ele uma felicidade que eu aparecesse, justamente quando tudo se andara limpando para a entrada da primavera. Quando penetrei na amada casa senti vivamente a minha solidão. Não restava em toda ela nem um dos costumados aspetos que fizessem reviver a velha camaradagem com o meu Príncipe. Logo na antecâmara grandes lonas cobriam as tapeçarias heroicas, e igual lona escondia os estofos das cadeiras e dos muros, e as largas estantes de ébano da Biblioteca, onde os trinta mil volumes, nobremente enfileirados como doutores num Concílio, pareciam separados do mundo por aquele pano que sobre eles descera depois de finda a

comédia da sua força e da sua autoridade. No gabinete de Jacinto, de sobre a mesa de escrita, desaparecera aquela confusão de instrumentozinhos, de que eu perdera já a memória; e só a Mecânica suntuosa, por sobre peanhas e pedestais, recentemente espanejada, reluzia, com as suas engrenagens, tubos, rodas, rigidezes de metais, numa frieza inerte, na inatividade definitiva das coisas desusadas, como já dispostas num Museu, para exemplificar a instrumentação caduca de um mundo passado. Tentei mover o telefone, que se não moveu; a mola da eletricidade não acendeu nenhum lume: todas as forças universais tinham abandonado o serviço do 202, como servos despedidos. E então, passeando através das salas, realmente me pareceu que percorria um museu de

antiguidades; e que mais tarde outros homens, com uma compreensão mais pura e exata da vida e da Felicidade, percorreriam, como eu, longas salas, atulhadas com os instrumentos da supercivilização, e, como eu, encolheriam desdenhosamente os ombros ante a grande Ilusão que findara, agora para sempre inútil, arrumada como um lixo histórico, guardado debaixo da lona.

Quando saí do 202 tomei um fiacre, subi ao Bosque de Bolonha. E apenas rolara momentos pela Avenida das Acácias, no silêncio decoroso, unicamente cortado pelo tilintar dos freios e pelas rodas vagarosas esmagando a areia, comecei a reconhecer as velhas figuras, sempre com o mesmo sorriso, o mesmo pó de arroz, as mesmas pálpebras

amortecidas, os mesmos olhos farejantes, a mesma imobilidade de cera! O romancista da *Couraça* passou numa vitória, fixou em mim o monóculo defumado, mas permaneceu indiferente. Os bandós negros de *Madame* Verghane, tapando-lhe as orelhas, pareciam ainda mais furiosamente negros entre a harmonia de todo o branco que a vestia, chapéu, plumas, flores, rendas e corpete, onde o seu peito imenso se empolava como uma onda. No passeio, sob as Acácias, espapado em duas cadeiras, o diretor do *Boulevard* mamava o resto de seu charuto. E num *landau*, *Madame* de Trèves continuava o seu sorriso de há cinco anos, com duas pregazinhas mais moles aos cantos dos lábios secos.

Abalei para o Grand-Hotel,

bocejando — como outrora Jacinto. E findei o meu dia de Paris, no Teatro das Variedades, estonteado com uma comédia muito fina, muito aclamada, toda faiscante do mais vivo parisianismo, em que todo o enredo se enrodilhava à volta de uma Cama, onde alternadamente se espojavam mulheres em camisa, sujeitos gordos em ceroulas, um coronel com papas de linhaça nas nádegas, cozinheiras de meias de seda bordadas, e ainda mais gente, ruidosa e saltitante, a esfuziar de cio e de pilhéria. Tomei um chá melancólico no Julien, no meio de um áspero e lúgubre namoro de prostitutas, fariscando a presa. Em duas delas, de pele oleosa e cobreada, olhos oblíquos, cabelos duros e negros como crinas, senti o Oriente, a sua provocação felina... Interroguei o criado,

um medonho ser, de uma obesidade balofa e lívida, de eunuco. O monstro explicou numa voz roufenha e surda:

— Mulheres de Madagáscar... Foram importadas quando a França ocupou a ilha!

Arrastei então por Paris dias de imenso tédio. Ao longo do Boulevard revi nas vitrinas todo o luxo, que já me enfartara havia cinco anos, sem uma graça nova, uma curta frescura de invenção. Nas livrarias, sem descobrir um livro, folheava centenas de volumes amarelos, onde, de cada página que ao acaso abria, se exalava um cheiro morno de alcova, e de pós de arroz, entre linhas trabalhadas com efeminado arrebique, como rendas de camisas. Ao jantar, em qualquer restaurante, encontrava, ornando e

disfarçando as carnes ou as aves, o mesmo molho, de cores e sabores de pomada, que já de manhã, noutro restaurante, espelhado e dourejado, me enjoara no peixe e nos legumes. Paguei por grossos preços garrafas do nosso adstringente e rústico vinho de Torres, enobrecido com o título de Château isto, Château aquilo, e pó postiço no gargalo. À noite, nos teatros, encontrava a Cama, a costumada cama, como centro e único fim da vida, atraindo, mais fortemente que o monturo atrai os moscardos, todo um enxame de gentes estonteadas, frementes de erotismo, zumbindo chacotas senis. Esta sordidez da Planície me levou a procurar melhor aragem de espírito nas alturas da Colina, em Montmartre; e aí, no meio de uma multidão elegante de

Senhoras, de Duquesas, de Generais, de todo o alto pessoal da Cidade, eu recebia, do alto do palco, grossos jorros de obscenidades, que faziam estremecer de gozo as orelhas cabeludas de gordos banqueiros, e arfar com delícia os corpetes de Worms e de Doucet, sobre os peitos postiços das nobres damas. E recolhia enjoado com tanto relento de alcova, vagamente dispéptico com os molhos de pomada do jantar, e sobretudo descontente comigo, por me não divertir, não compreender a Cidade, e errar através dela e da sua Civilização Superior, com a reserva ridícula de um Censor, de um Catão austero. Ó senhores! — pensava — pois eu não me divertirei nesta deliciosa cidade? Entrará comigo o bolor da velhice?

Passei as pontes, que separam em Paris o Temporal do Espiritual, mergulhei no meu doce bairro Latino, evoquei, diante de certos cafés, a memória da minha Nini; e, como outrora, preguiçosamente, subi as escadas da Sorbona. Num anfiteatro, onde sentira um grosso sussurro, um homem magro, com uma testa muito branca e larga, como talhada para alojar pensamentos altos e puros, ensinava, falando das instituições da Cidade Antiga. Mas, mal eu entrara, o seu dizer elegante e límpido foi sufocado por gritos, urros, patadas, um tumulto rancoroso de troça bestial, que saía da mocidade apinhada nos bancos, a mocidade das Escolas, primavera sagrada, em que eu fora flor murcha. O Professor parou, espalhando em redor um

olhar frio, e remexendo as suas notas. Quando o grosso grunhido se moderou em sussurro desconfiado, ele recomeçou com alta serenidade. Todas as suas ideias eram frias e substanciais, expressas numa língua pura e forte, mas, imediatamente, rompe uma furiosa rajada de apitos, uivos, relinchos, cacarejos de galo, por entre magras mãos, que se estendiam levantadas para estrangular as ideias. Ao meu lado um velho, encolhido na alta gola deum *macfarlane* de xadrezes, contemplava o tumulto com melancolia, pingando endefluxado. Perguntei ao velho:

— Que querem eles? É embirração com o professor... é política?

O velho abanou a cabeça, espirrando:

— Não... É sempre assim, agora, em

todos os cursos... Não querem ideias... Creio que queriam cançonetas. É o amor da porcaria e da troça.

Então, indignado, berrei:

— Silêncio, brutos!

E eis que um abortozinho de rapaz, amarelado e sebento, de longas melenas, umas enormes lunetas rebrilhantes, se arrebita, me fita, e me berra:

— *Sale Maure!*

Ergui o meu grosso punho serrano — e o desgraçado, numa confusão de melenas, com sangue por toda a face, aluiu, como um montão de trapos moles, ganindo desesperadamente, enquanto o furacão de uivos e cacarejos, guinchos e silvos, envolvia o Professor, que cruzara os braços, esperando, com uma serenidade simples.

Desde esse momento decidi abandonar a fastidiosa Cidade; e o único dia alegre e divertido que nela passei foi o derradeiro, comprando para os meus queridinhos de Tormes brinquedos consideráveis, tremendamente complicados pela Civilização — vapores de aço e cobre, providos de caldeiras para viajar em tanques; leões de pele verídica rugindo pavorosamente, bonecas vestidas pela Laferrière, com fonógrafo no ventre...

Finalmente abalei uma tarde, depois de lançar da minha janela, sobre o Boulevard, as minhas despedidas à Cidade:

— Pois adeuzinho, até nunca mais! Na lama do teu vício e na poeira da tua vaidade, outra vez, não me pilhas! O que

tens de bom, que é o teu génio, elegante e claro, lá o receberei na Serra pelo correio. Adeuzinho!

Na tarde do seguinte Domingo, debruçado da janela do comboio, que vagarosamente deslizava pela borda do rio lento, num silêncio todo feito de azul e sol, avistei, na plataforma da quieta estação da minha aldeia, os Senhores de Tormes, com a minha afilhada Teresa, muito vermelha, arregalando os seus soberbos olhos, e o bravo Jacintinho, que empunhava uma bandeira branca. O alvoroço ditoso com que abracei e beijei aquela tribo bem-amada conviria perfeitamente a quem voltasse vivo de uma guerra distante, na Tartária. Na alegria de recuperar a Serra, até beijoquei o chefe Pimentinha, que a estalar de

obesidade se açodava gritando ao carregador todo o cuidado com as minhas malas.

Jacinto, magnífico, de grande chapéu serrano e jaqueta, de novo me abraçou:

— E esse Paris?

— Medonho!

Abri depois os braços para o bravo Jacintinho.

— Então para que é essa bandeira, meu cavaleiro?

— É a bandeira do Castelo! — declarou ele com uma bela seriedade nos seus grandes olhos.

A mãe ria. Desde essa manhã, logo que soubera da chegada do Ti-Zé, apareceu de bandeira, feita pelo Grilo, e não a largara mais; com ela almoçara, com ela descera de Tormes!

— Bravo! E, prima Joaninha, olhe que está magnífica! Eu, também, venho daquelas peles meladas de Paris... Mas acho-a triunfal! E o tio Adrião, e a tia Vicência?

— Tudo ótimo! — gritou Jacinto. — A serra, Deus louvado, prospera. E agora, para cima! Tu hoje ficas em Tormes. Para contar da Civilização.

No largo por trás da estação, debaixo dos eucaliptos, que revi com gosto, esperavam os três cavalos, e dois belos burros brancos, um com cadeirinha para a Teresa, outro com um cesto de verga, para meter dentro o heroico Jacintinho, um e outro servidos à estribeira, por um criado. Eu ajudara a prima Joaninha a montar, quando o carregador apareceu com um maço de

jornais e papéis, que eu esquecera na carruagem. Era uma papelada, de que me sortira na Estação de Orleães toda recheada de mulheres nuas, de historietas sujas, de parisianismo, de erotismo. Jacinto, que as reconhecera, gritou rindo:

— Deita isso fora!

E eu atirei, para um montão de lixo, ao canto do pátio, aquele pútrido rebotalho da Civilização. E montei. Mas ao dobrar para o caminho empinado da Serra, ainda me voltei, para gritar adeus ao Pimenta, de quem me esquecera. O digno chefe, debruçado sobre o monturo, apanhava, sacudia, recolhia com amor aquelas belas estampas, que chegavam de Paris, contavam as delícias de Paris, derramavam através do mundo a sedução de Paris.

Em fila começamos a subir para a Serra. A tarde adoçava o seu esplendor de estio. Uma aragem trazia, como ofertados, perfumes das flores silvestres. As ramagens moviam, com um aceno de doce acolhimento, as suas folhas vivas e reluzentes. Toda a passarinhada cantava, num alvoroço de alegria e de louvor. As águas correntes, saltantes, luzidias, despediam um brilho mais vivo, numa pressa mais animada. Vidraças distantes de casas amáveis flamejavam com um fulgor de ouro. A Serra toda se ofertava, na sua beleza eterna e verdadeira. E, sempre adiante da nossa fila, por entre a verdura, flutuava no ar a bandeira branca, que o Jacintinho não largava, de dentro do seu cesto, com a haste bem segura na mão. Era a *bandeira do Castelo*, afirmara ele.

E na verdade me parecia que, por aqueles caminhos, através da natureza campestre e mansa — o meu Príncipe, atrigueirado nas soalheiras e nos ventos da Serra, a minha prima Joaninha, tão doce e risonha mãe, os dois primeiros representantes da sua abençoada tribo, e eu — tão longe de amarguradas ilusões e de falsas delícias, trilhando um solo eterno, e de eterna solidez, com a alma contente, e Deus contente de nós, serenamente e seguramente subíamos — para o Castelo do Grã-Ventura!

CONTOS

Primeira edição: 1902

Singularidades de uma Rapariga Loura

1

Começou por me dizer que o seu caso era simples — e que se chamava Macário...

Devo contar que conheci este homem numa estalagem do Minho. Era alto e grosso: tinha uma calva larga, luzidia e lisa, com repas brancas que se lhe eriçavam em redor: e os seus olhos pretos, com a pele em roda engelhada e amarelada e olheiras papudas, tinham uma singular clareza e retidão — por trás dos seus óculos redondos com aros de tartaruga. Tinha a barba rapada, o queixo saliente e resoluto. Trazia uma gravata de cetim negro apertada por trás com uma fivela; um casaco comprido cor de

pinhão, com as mangas estreitas e justas e canhões de veludilho. E pela longa abertura do seu colete de seda, onde reluzia um grilhão antigo, saíam as pregas moles de uma camisa bordada.

Era isto em setembro; já as noites vinham mais cedo, com uma friagem fina e seca e uma escuridão aparatosa. Eu tinha descido da diligência, fatigado, esfomeado, tiritando num cobrejão de listas escarlates.

Vinha de atravessar a serra e os seus aspetos pardos e desertos. Eram oito horas da noite. Os céus estavam pesados e sujos. E, ou fosse um certo adormecimento cerebral produzido pelo rolar monótono da diligência, ou fosse a debilidade nervosa da fadiga, ou a influência da paisagem escarpada e árida,

sob o côncavo silêncio noturno, ou a opressão da eletricidade que enchia as alturas, o facto é que eu — que sou naturalmente positivo e realista — tinha vindo tiranizado pela imaginação e pelas quimeras. Existe no fundo de cada um de nós, é certo, — tão friamente educados que sejamos — um resto de misticismo; e basta às vezes uma paisagem soturna, o velho muro de um cemitério, um ermo ascético, as emolientes brancuras de um luar, para que esse fundo místico suba, se alargue como um nevoeiro, encha a alma, a sensação e a ideia, e fique assim o mais matemático, ou o mais crítico — tão triste, tão visionário, tão idealista — como um velho monge poeta. A mim, o que me lançara na quimera e no sonho fora o aspeto do Mosteiro de Rasteio, que

eu tinha visto, à claridade suave e outonal da tarde, na sua doce colina. Então, enquanto anoitecia, a diligência rolava continuamente ao trote esgalgado dos seus magros cavalos brancos, e o cocheiro, com o capuz do gabão enterrado na cabeça, ruminava o seu cachimbo — eu pus-me, elegiacamente, ridiculamente, a considerar a esterilidade da vida: e desejava ser um monge, estar num convento, tranquilo, entre arvoredos, ou na murmurosa concavidade de um vale, e, enquanto a água da cerca canta sonoramente nas bacias de pedra, ler a *Imitação* e, ouvindo os rouxinóis nos loureirais, ter saudades do Céu. — Não se pode ser mais estúpido. Mas eu estava assim, e atribuo a esta disposição visionária a falta de espírito — a

sensação — que me fez a história daquele homem dos canhões de veludilho.

A minha curiosidade começou à ceia, quando eu desfazia o peito de uma galinha afogada em arroz branco, com fatias escarlates de paio — e a criada, uma gorda e cheia de sardas, fazia espumar o vinho verde no copo, fazendo-o cair de alto de uma caneca vidrada: o homem estava defronte de mim, comendo tranquilamente a sua geleia: perguntei-lhe, com a boca cheia, o meu guardanapo de linho de Guimarães suspenso nos dedos — se ele era de Vila Real.

— Vivo lá. Há muitos anos — disse-me ele.

— Terra de mulheres bonitas, segundo me consta — disse eu.

O homem calou-se.

— Hem? — tornei.

O homem contraiu-se num silêncio saliente. Até aí estivera alegre, rindo dilatadamente; loquaz e cheio de bonomia. Mas então imobilizou o seu sorriso fino.

Compreendi que tinha tocado a carne viva de uma lembrança. Havia decerto no destino daquele velho uma «mulher». Aí estava o seu melodrama ou a sua farsa, porque inconscientemente estabeleci-me na ideia de que o «facto», o «caso» daquele homem, devera ser grotesco e exalar escárnio.

De sorte que lhe disse:

— A mim têm-me afirmado que as mulheres de Vila Real são as mais bonitas do Norte. Para olhos pretos Guimarães, para corpos Santo Aleixo, para tranças os Arcos: é lá que se veem os cabelos claros

cor de trigo.

O homem estava calado, comendo, com os olhos baixos.

— Para cinturas finas Viana, para boas peles Amarante — e para isto tudo Vila Real. Eu tenho um amigo que veio casar a Vila Real. Talvez conheça. O Peixoto, um alto, de barba loura, bacharel.

— O Peixoto, sim — disse-me ele, olhando gravemente para mim.

— Veio casar a Vila Real como antigamente se ia casar à Andaluzia — questão de arranjar a fina-flor da perfeição. — À sua saúde.

Eu evidentemente constrangia-o, porque se ergueu, foi à janela com um passo pesado, e reparei então nos seus grossos sapatos de casimira com sola forte e atilhos de couro. E saiu.

Quando eu pedi o meu castiçal, a criada trouxe-me um candeeiro de latão lustroso e antigo e disse:

— O senhor está com outro. É no n.º 3.

Nas estalagens do Minho, às vezes, cada quarto é um dormitório impertinente.

— Vá — disse eu.

O n.º 3 era no fundo do corredor. Às portas dos lados, os hóspedes tinham posto o seu calçado para engraxar: estavam umas grossas botas de montar, enlameadas, com esporas de correia; os sapatos brancos de um caçador, botas de proprietário, de altos canos vermelhos; as botas de um padre, altas, com a sua borla de retrós; os botins cambados, de bezerro, de um estudante; e a uma das portas, o n.º

15, havia umas botinas de mulher, de duraque, pequeninas e finas, e ao lado as pequeninas botas de uma criança, todas coçadas e batidas, e os seus canos de pelica-mor caíam-lhe para os lados com os atacadores desatados. Todos dormiam. Defronte do n.º 3 estavam os sapatos de casimira e atilhos: e, quando abri a porta, vi o homem dos canhões de veludilho, que amarrava na cabeça um lenço de seda: estava com uma jaqueta curta de ramagens, uma meia de lã, grossa e alta, e os pés metidos nuns chinelos de ourelo.

— O senhor não repare — disse ele.

— À vontade — e para estabelecer intimidade tirei o casaco.

Não direi os motivos por que ele daí a pouco, já deitado, me disse a sua

história. Há um provérbio eslavo da Galícia que diz: «O que não contas à tua mulher, o que não contas ao teu amigo, conta-lo a um estranho, na estalagem». Mas ele teve raivas inesperadas e dominantes para a sua larga e sentida confidência. Foi a respeito do meu amigo, do Peixoto, que fora casar a Vila Real. Vi-o chorar, àquele velho de quase sessenta anos. Talvez a história seja julgada trivial: a mim, que nessa noite estava nervoso e sensível, pareceu-me terrível, — mas conto-a apenas como um acidente singular da vida amorosa...

Começou pois por me dizer que o seu caso era simples — e que se chamava Macário.

Perguntei-lhe então se era de uma família que eu conhecera que tinha o

apelido de Macário. E, como ele me respondeu que era primo desses, eu tive logo do seu caráter uma ideia simpática, porque os Macários eram uma antiga família, quase uma dinastia de comerciantes, que mantinham com uma severidade religiosa a sua velha tradição de honra e de escrúpulo. Macário disse-me que nesse tempo, em 1823 ou 33, na sua mocidade, seu tio Francisco tinha, em Lisboa, um armazém de panos, e ele era um dos caixeiros. Depois o tio compenetrara-se de certos instintos inteligentes e do talento prático e aritmético de Macário, e deu-lhe a escrituração. Macário tornou-se o seu «guarda-livros».

Disse-me ele que, sendo naturalmente linfático e mesmo tímido, a

sua vida tinha nesse tempo uma grande concentração. Um trabalho escrupuloso e fiel, algumas raras merendas no campo, um apuro saliente de fato e de roupas brancas, era todo o interesse da sua vida. A existência, nesse tempo, era caseira e apertada. Uma grande simplicidade social aclarava os costumes: os espíritos eram mais ingénuos, os sentimentos menos complicados.

Jantar alegremente numa horta, debaixo das parreiras, vendo correr a água das regas — chorar com os melodramas que rugiam entre os bastidores do Salitre, alumiados a cera, eram contentamentos que bastavam à burguesia cautelosa. Além disso, os tempos eram confusos e revolucionários: e nada torna o homem recolhido,

conchegado à lareira, simples e facilmente feliz — como a guerra. É a paz que, dando os vagares da imaginação causa as impaciências do desejo.

Macário, aos vinte e dois anos, ainda não tinha — como lhe dizia uma velha tia, que fora querida do desembargador Curvo Semedo, da Arcádia — «sentido Vénus».

Mas por esse tempo veio morar para defronte do armazém dos Macários, para um terceiro andar, uma mulher de quarenta anos, vestida de luto, uma pele branca e baça, o busto bem feito e redondo e um aspeto desejável. Macário tinha a sua carteira no primeiro andar por cima do armazém, ao pé de uma varanda, e dali viu uma manhã aquela mulher com o cabelo preto solto e anelado, um chambre

branco e braços nus, chegar-se a uma pequena janela de peitoril, a sacudir um vestido. Macário afirmou-se, e, sem mais intenção, dizia mentalmente que aquela mulher, aos vinte anos, devia ter sido uma pessoa cativante e cheia de domínio: porque os seus cabelos violentos e ásperos, o sobrolho espesso, o lábio forte, o perfil aquilino e firme, revelavam um temperamento ativo e imaginações apaixonadas. No entanto, continuou serenamente alinhando as suas cifras. Mas à noite estava sentado fumando à janela do seu quarto, que abria sobre o pátio: era em julho e a atmosfera estava elétrica e amorosa: a rabeca de um vizinho gemia uma xácara mourisca, que então sensibilizava e era de um melodrama; o quarto estava numa penumbra doce e

cheia de mistério — e Macário, que estava em chinelas, começou a lembrar-se daqueles cabelos negros e fortes e daqueles braços que tinham a cor dos mármores pálidos: espreguiçou-se, rolou morbidamente a cabeça pelas costas da cadeira de vime, como os gatos sensíveis que se esfregam, e decidiu, bocejando, que a sua vida era monótona. E ao outro dia, ainda impressionado, sentou-se à sua carteira com a janela toda aberta, e, olhando o prédio fronteiro, onde viviam aqueles cabelos grandes — começou a aparar vagarosamente a sua pena de rama. Mas ninguém se chegou à janela de peitoril, com caixilhos verdes. Macário estava enfastiado, pesado — e o trabalho foi lento. Pareceu-lhe que havia na rua um sol alegre, e que nos campos as sombras

deviam ser mimosas e que se estaria bem vendo o palpitar das borboletas brancas nas madressilvas! E, quando fechou a carteira, sentiu defronte correr-se a vidraça; eram decerto os cabelos pretos. Mas apareceram uns cabelos louros. Oh! E Macário veio logo salientemente para a varanda aparar um lápis. Era uma rapariga de vinte anos, talvez — fina, fresca, loura como uma vinheta inglesa: a brancura da pele tinha alguma coisa de transparência das velhas porcelanas, e havia no seu perfil uma linha pura, como de uma medalha antiga, e os velhos poetas pitorescos ter-lhe-iam chamado — pomba, arminho, neve e ouro.

Macário disse consigo:

— É filha.

A outra vestia de luto, mas esta, a

loura, tinha um vestido de cassa com pintas azuis, um lenço de cambraia traspassado sobre o peito, as mangas perdidas como rendas, e tudo aquilo era asseado, moço, fresco, flexível e tenro.

Macário, nesse tempo, era louro, com a barba curta. O cabelo era anelado e a sua figura devia ter aquele ar seco e nervoso que depois do século XVIII e da Revolução foi tão vulgar nas raças plebeias.

A rapariga loura reparou naturalmente em Macário, mas naturalmente desceu a vidraça, correndo por trás uma cortina de cassa bordada. Estas pequenas cortinas datam de Goethe e elas têm na vida amorosa um interessante destino: revelam. Levantar-lhe uma ponta e espreitar, franzi-la

suavemente, revela um fim; corrê-la, pregar nela uma flor, agitá-la fazendo sentir que por trás um rosto atento se move e espera — são velhas maneiras com que na realidade e na arte começa o romance. A cortina ergueu-se devagarinho e o rosto louro espreitou.

Macário não me contou por pulsações — a história minuciosa do seu coração. Disse singelamente que daí a cinco dias — «estava doido por ela». O seu trabalho tornou-se logo vagaroso e infiel e o seu belo cursivo inglês, firme e largo, ganhou curvas, ganchos, rabiscos, onde estava todo o romance impaciente dos seus nervos. Não a podia ver pela manhã: o sol mordente de julho batia e escaldava a pequena janela de peitoril. Só pela tarde a cortina se franzia, se corria a

vidraça, e ela, estendendo uma almofadinha no rebordo do peitoril, vinha encostar-se mimosa e fresca com o seu leque. Leque que preocupou Macário: era uma ventarola chinesa, redonda, de seda branca com dragões escarlates bordados à pena, uma cercadura de plumagem azul, fina e trémula como uma penugem, e o seu cabo de marfim, donde pendiam duas borlas de fio de ouro, tinha incrustações de nácar à linda maneira persa.

Era um leque magnífico e naquele tempo inesperado nas mãos plebeias de uma rapariga vestida de cassa. Mas, como ela era loura e a mãe tão meridional, Macário, com esta intuição interpretativa dos namorados, disse à sua curiosidade: «Será filha de um inglês». O inglês vai à China, à Pérsia, a Ormuz, à Austrália e

vem cheio daquelas joias dos luxos exóticos, e nem Macário sabia porque é que aquela ventarola de mandarina o preocupava assim: mas, segundo ele me disse — «aquilo deu-lhe no goto».

Tinha-se passado uma semana, quando um dia Macário viu, da sua carteira, que ela, a loura, saía com a mãe, porque se acostumara a considerar mãe dela aquela magnífica pessoa, magnificamente pálida e vestida de luto.

Macário veio à janela e viu-as atravessar a rua e entrarem no armazém. No seu armazém! Desceu logo trémulo, sôfrego, apaixonado e com palpitações. Estavam elas já encostadas ao balcão e um caixeiro desdobrava-lhes defronte casimiras pretas. Isto comoveu Macário. Ele mesmo mo disse.

— Porque, enfim, meu caro, não era natural que elas viessem comprar, para si, casimiras pretas.

E não: elas não usavam «amazonas», não quereriam decerto estofar cadeiras com casimira preta, não havia homens em casa delas; portanto, aquela vinda ao armazém era um meio delicado de o ver de perto, de lhe falar, e tinha o encanto penetrante de uma mentira sentimental. Eu disse a Macário que, sendo assim, ele devia estranhar aquele movimento amoroso, porque denotava na mãe uma cumplicidade equívoca. Ele confessou-me «que nem pensava em tal». O que fez foi chegar ao balcão e dizer estupidamente:

— Sim, senhor, vão bem servidas, estas casimiras não encolhem.

E a loura ergueu para ele o seu olhar azul e foi como se Macário se sentisse envolvido na doçura de um céu.

Mas, quando ele ia dizer-lhe uma palavra reveladora e veemente, apareceu ao fundo do armazém o tio Francisco, com o seu comprido casaco cor de pinhão, de botões amarelos. Como era singular e desusado achar-se o senhor guarda-livros vendendo ao balcão e o tio Francisco, com a sua crítica estreita e celibatária, escandalizar-se, Macário começou a subir vagarosamente a escada em caracol que levava ao escritório, e ainda ouviu a voz delicada da loura dizer brandamente:

— Agora queria ver lenços da Índia.

E o caixeiro foi buscar um pequenino pacote daqueles lenços,

acamados e apertados numa tira de papel dourado.

Macário, que tinha visto naquela visita uma revelação de amor, quase uma «declaração», esteve todo o dia entregue às impaciências amargas da paixão. Andava distraído, abstrato, pueril, não deu atenção à escrituração, jantou calado, sem escutar o tio Francisco, que exaltava as almôndegas, mal reparou no seu ordenado, que lhe foi pago em pintos às três horas, e não entendeu bem as recomendações do tio e a preocupação dos caixeiros sobre o desaparecimento de um pacote de lenços da Índia.

É o costume de deixar entrar pobres no armazém — tinha dito, no seu laconismo majestoso, o tio Francisco. — São doze mil réis de lenços. Lance à

minha conta.

Macário, no entanto, ruminava secretamente uma carta, mas sucedeu que ao outro dia, estando ele à varanda, a mãe, a de cabelos pretos, veio encostar-se ao peitoril da janela, e neste momento, passava na rua um rapaz amigo de Macário, que vendo aquela senhora, afirmou-se e tirou-lhe, com uma cortesia toda risonha, o seu chapéu de palha. Macário ficou radioso: logo nessa noite procurou o seu amigo, e abruptamente, sem meia-tinta:

— Quem é aquela mulher que tu hoje cumprimentaste defronte do armazém?

— É a Vilaça. Bela mulher.

— E a filha?

— Sim, uma loura, clara, com um

leque chinês.

— Ah! sim. É filha.

— É o que eu dizia...

— Sim, e então?

— É bonita.

— É bonita.

— É gente de bem, hem?

— Sim, gente de bem.

— Está bom! Tu conhece-las muito?

— Conheço-as. Muito não. Encontrava-as dantes em casa de D. Cláudia.

— Bem, ouve lá.

E Macário, contando a história do seu coração acordado e exigente e falando do amor com as exaltações de então, pediu-lhe como a glória da sua vida «que achasse um meio de o encaixar lá». Não

era difícil. As Vilaças costumavam ir aos sábados a casa de um tabelião muito rico da Rua dos Calafates: eram assembleias simples e pacatas, onde se cantavam motetes ao cravo, se glosavam motes e havia jogos de prendas do tempo da Senhora D. Maria I, e às nove horas a criada servia a orchata. Bem. Logo no primeiro sábado, Macário, de casaca azul, calças de ganga com presilhas de trama de metal, gravata de cetim roxo, curvava-se diante da esposa do tabelião, a Sr.ª D. Maria da Graça, pessoa seca e aguçada, com um vestido bordado a matiz, um nariz adunco, uma enorme luneta de tartaruga, a pluma de *marabout* nos seus cabelos grisalhos. A um canto da sala já lá estava, entre um frufru de vestidos enormes, a Menina Vilaça, a loura, vestida de branco,

simples, fresca, com o seu ar de gravura colorida. A mãe Vilaça, a soberba mulher pálida, cochichava com um desembargador de figura apoplética. O tabelião era homem letrado, latinista e amigo das musas; escrevia num jornal de então, a *Alcofa das Damas*: porque era sobretudo galante, e ele mesmo se intitulava, numa ode pitoresca, «moço escudeiro de Vénus» Assim, as suas reuniões eram ocupadas pelas belas-artes — e, numa noite, um poeta do tempo devia vir ler um poemeto intitulado *Elmira ou a Vingança do Veneziano!*... Começavam então a aparecer as primeiras audácias românticas. As revoluções da Grécia principiavam a atrair os espíritos romanescos e saídos da mitologia para os países maravilhosos do Oriente. Por toda

a parte se falava no paxá de Janina. E a poesia apossava-se vorazmente deste mundo novo e virginal de minaretes, serralhos, sultanas cor de âmbar, piratas do Arquipélago e salas rendilhadas, cheias de perfume do aloés, onde paxás decrépitos acariciam leões. — De sorte que a curiosidade era grande — e, quando o poeta apareceu com os cabelos compridos, o nariz adunco e fatal, o pescoço entalado na alta gola do seu fraque à Restauração e um canudo de lata na mão — o Sr. Macário é que não teve sensação alguma, porque lá estava todo absorvido, falando com a Menina Vilaça. E dizia-lhe meigamente:

— Então, noutro dia, gostou das casimiras?

— Muito — disse ela baixo.

E, desde esse momento, envolveu-os um destino nupcial.

No entanto, na larga sala, a noite passava-se espiritualmente. Macário não pôde dar todos os pormenores históricos e característicos daquela assembleia. Lembrava-se apenas que um corregedor de Leiria recitava o *Madrigal a Lídia:* lia-o de pé, com uma luneta redonda aplicada sobre o papel, a perna direita lançada para diante, a mão na abertura do colete branco de gola alta, e em redor, formando círculo, as damas, com vestidos de ramagens, cobertas de plumas, as mangas estreitas terminadas num fofo de rendas, mitenes de retrós preto cheias da cintilação dos anéis, tinham sorrisos temos, cochichos, doces murmurações, risinhos e um brando palpitar de leques

recamados de lantejoulas. «Muito bonito», diziam, «muito bonito!» E o corregedor, desviando a luneta, cumprimentava sorrindo — e via-se-lhe um dente podre.

Depois, a preciosa D. Jerónima da Piedade e Sande, sentando-se com maneiras comovidas ao cravo, cantou com a sua voz roufenha a antiga ária de Sully:

Oh Ricardo, oh meu rei,
O mundo te abandona.

o que obrigou o terrível Gaudêncio, democrata de 20 e admirador de Robespierre, a rosnar rancorosamente junto de Macário:

— Reis!... víboras!

Depois, o cónego Saavedra cantou

uma modinha de Pernambuco muito usada no tempo do Senhor D. João VI: lindas moças, lindas moças. E a noite ia assim correndo, literária, pachorrenta, erudita, requintada e toda cheia de musas.

Oito dias depois, Macário era recebido em casa da Vilaça, num domingo. A mãe convidara-o, dizendo-lhes:

— Espero que o vizinho honre aquela choupana.

E até o desembargador apoplético, que estava ao lado, exclamou:

— Choupana! Diga alcácer, formosa dama!

Estavam, nesta noite, o amigo do chapéu de palha, um velho cavaleiro de Malta, trôpego, estúpido e surdo, um beneficiado da Sé, ilustre pela sua voz de

tiple, e as manas Hilárias, a mais velha das quais, tendo assistido, como aia de uma senhora da Casa da Mina, à tourada de Salvaterra, em que morreu o conde dos Arcos, nunca deixava de narrar os episódios pitorescos daquela tarde: a figura do conde dos Arcos de cara rapada e uma fita de cetim escarlate no rabicho; o soneto que um magro poeta, parasita da Casa de Vimioso, recitou quando o conde entrou, fazendo ladear o seu cavalo negro, arreado à espanhola, com um xairel onde as suas armas estavam lavradas em prata; o tombo que nesse momento um frade de S. Francisco deu na trincheira alta, e a hilaridade da corte, que até a senhora Condessa de Pavolide apertava as mãos nas ilhargas; depois, el-rei o Senhor D. José I, vestido de veludo escarlate,

recamado de ouro, todo encostado ao rebordo do seu palanque, fazendo girar entre dois dedos a sua caixa de rapé cravejada, e por trás, imóveis, o físico Lourenço e o frade, seu confessor; depois, o rico aspeto da praça cheia de gente de Salvaterra, maiorais, mendigos dos arredores, frades, lacaios, e o grito que houve quando D. José I entrou: — Viva el-rei, nosso senhor! — E o povo ajoelhou, e el-rei tinha-se sentado, comendo doces, que um criado trouxe num saco de veludo atrás dele. Depois a morte do conde dos Arcos, os desmaios, e até el-rei todo debruçado, batendo com a mão no parapeito, gritando na confusão, e o capelão da Casa dos Arcos, que tinha corrido a buscar a extrema-unção. Ela, Hilária, ficara estarrecida de pavor:

sentia os urros dos bois, gritos agudos de mulheres, os ganidos dos flatos, e vira então um velho, todo vestido de veludo preto, com a fina espada na mão, debater-se entre fidalgos e damas que o seguravam e querer atirar-se à praça, bradando de raiva! «É o pai do conde!» Ela então desmaiara nos braços de um padre da Congregação. Quando veio a si, achou-se junto da praça; a berlinda real está à porta, com os boleeiros emplumados, os machos cheios de guizos e os batedores com pampilhos: el-rei já estava dentro, escondido ao fundo, pálido, sorvendo febrilmente rapé, todo encolhido com o confessor; e defronte, com uma das mãos apoiada à alta bengala, forte, espadaúdo, o aspeto carregado, o marquês de Pombal falava devagar e intimativamente,

gesticulando com a luneta: mas os batedores picaram, os estalos dos boleeiros retiniram e a berlinda partiu a galope, enquanto o povo gritava: — Viva el-rei, nosso senhor! — e o sino da porta da capela do paço tocava a finados! Era uma honra que el-rei concedia à Casa dos Arcos.

Quando D. Hilária acabou de contar, suspirando, estas desgraças passadas, começou-se a jogar. Era singular que Macário não se lembrava o que tinha jogado nessa noite radiosa. Só se recordava que ele tinha ficado ao lado da Menina Vilaça (que se chamava Luísa), que reparara muito na sua fina pele rosada, tocada de luz, e na meiga e amorosa pequenez da sua mão, com uma unha mais polida que o marfim de Diepa.

E lembrava-se também de um acidente excêntrico, que determinara nele, desde esse dia, uma grande hostilidade ao clero da Sé. Macário estava sentado à mesa, e ao pé dele Luísa: Luísa estava toda voltada para ele, com uma das mãos apoiando a sua fina cabeça loura e amorosa e a outra esquecida no regaço. Defronte estava o beneficiado, com o seu barrete preto, os seus óculos na ponta aguda do nariz, o tom azulado da forte barba rapada e as suas duas grandes orelhas, complicadas e cheias de cabelo, separadas do crânio como dois postigos abertos. Ora, como era necessário no fim do jogo pagar uns tentos ao cavaleiro de Malta, que estava ao lado do beneficiado, Macário tirou da algibeira uma peça e, quando o cavaleiro, todo curvado e com

um olho pisco, fazia a soma dos tentos nas costas de um ás, Macário conversava com Luísa e fazia girar sobre o pano verde a sua peça de ouro, como um bilro ou um pião. Era uma peça nova que luzia, faiscava, rodando, e feria a vista como uma bola de névoa dourada. Luísa sorria vendo-a girar, girar, e parecia a Macário que todo o céu, a pureza, a bondade das flores e a castidade das estrelas estavam naquele claro sorriso distraído, espiritual, arcangélico, com que ela, gira, gira, seguia o giro da peça de ouro nova. Mas, de repente, a peça, correndo até à borda da mesa, caiu para o lado do regaço de Luísa e desapareceu, sem se ouvir no soalho de tábuas o seu ruído metálico. O beneficiado abaixou-se logo cortesmente: Macário afastou a cadeira, olhando para

debaixo da mesa: a mãe Vilaça alumiou com um castiçal e Luísa ergueu-se e sacudiu com pequenina pancada o seu vestido de cassa. A peça não apareceu.

— É célebre — disse o amigo de chapéu de palha —, eu não ouvi tinir no chão.

— Nem eu, nem eu — disseram.

O beneficiado, curvado como um F, buscava tenazmente, e Hilária mais nova rosnava o responso de Santo António.

— Pois a casa não tem buracos — dizia a mãe Vilaça.

— Sumiço assim — resmungava o beneficiado.

No entanto, Macário exalava-se em exclamações desinteressadas:

— Pelo amor de Deus! Ora que

tem! Amanhã aparecerá! Tenham a bondade! Por quem são! Então Sr.ª D. Luísa! Pelo amor de Deus! Não vale nada.

Mas mentalmente estabeleceu que houvera uma subtração — e atribuiu-a ao beneficiado. A peça rolara, decerto, até junto dele, sem ruído, ele pusera-lhe em cima o seu vasto sapato eclesiástico e tachado; depois, no movimento brusco e curto que tivera, empolgara-a vilmente. E, quando saíram, o beneficiado, todo embrulhado no seu vasto capote de camelão, dizia a Macário pela escada:

— Ora o sumiço da peça, hem? Que brincadeira!

— Acha, senhor beneficiado? — disse Macário parando, absorto de impudência.

— Ora essa! Se acho! Se lhe

parece! Uma peça de sete mil réis! Só se o senhor as semeia... Safa! Eu dava em doido!

Macário teve tédio daquela astúcia fria. Não lhe respondeu. O beneficiado é que acrescentou:

— Amanhã mande lá pela manhã, homem. Que diabo... Deus me perdoe! Que diabo! uma peça não se perde assim. Que bolada, hem!

E Macário tinha vontade de lhe bater.

Foi neste ponto que Macário me disse, com a voz singularmente sentida:

— Enfim, meu amigo, para encurtarmos razões, resolvi-me casar com ela.

— Mas a peça?

— Não pensei mais nisso!

Pensava eu lá na peça! Resolvi-me casar com ela!

2

Macário contou-me o que o determinara mais precisamente àquela resolução profunda e perpétua. Foi um beijo. Mas esse caso, casto e simples, eu calo-o — mesmo porque a única testemunha foi uma imagem em gravura da Virgem que estava pendurada, no seu caixilho de pau-preto, na saleta escura que abria para a escada... Um beijo fugitivo, superficial, efémero. Mas isso bastou ao espírito reto e severo para o obrigar a tomá-la como esposa, a dar-lhe uma fé imutável e a posse da sua vida. Tais foram os seus esponsais. Aquela simpática sombra das janelas vizinhas tornara-se para ele um destino, o fim

moral da sua vida e toda a ideia dominante do seu trabalho. E esta história toma, desde logo, um alto caráter de santidade e de tristeza.

Macário falou-me muito do caráter e da figura do tio Francisco; a sua possante estatura, os seus óculos de ouro, a sua barba grisalha, em colar, por baixo do queixo, um tique nervoso que tinha numa asa do nariz, a dureza da sua voz, a sua austera e majestosa tranquilidade, os seus princípios antigos, autoritários e tirânicos e a brevidade telegráfica das suas palavras.

Quando Macário lhe disse, uma manhã, ao almoço, abruptamente, sem transições emolientes: «Peço-lhe licença para casar», o tio Francisco, que deitava o açúcar no seu café, ficou calado,

remexendo com a colher, devagar, majestoso e terrível: e, quando acabou de sorver pelo pires, com grande ruído, tirou do pescoço o guardanapo, dobrou-o, aguçou com a faca o seu palito, meteu-o na boca e saiu: mas à porta da sala parou e, voltando-se para Macário, que estava de pé, junto da mesa, disse secamente:

— Não.

— Perdão, tio Francisco!

— Não.

— Mas ouça, tio Francisco...

— Não.

Macário sentiu uma grande cólera.

— Nesse caso, faço-o sem licença.

— Despedido da casa.

— Sairei. Não haja dúvida.

— Hoje.

— Hoje.

E o tio Francisco ia a fechar a porta, mas voltando-se:

— Olá! — disse ele a Macário, que estava exasperado, apoplético, raspando nos vidros da janela.

Macário voltou-se com uma esperança.

— Dê-me daí a caixa do rapé — disse o tio Francisco.

Tinha-lhe esquecido a caixa! Portanto, estava perturbado.

— Tio Francisco... — começou Macário.

— Basta. Estamos a doze. Receberá o seu mês por inteiro. Vá.

As antigas educações produziam estas situações insensatas. Era brutal e idiota. Macário afirmou-me que era

assim.

Nessa tarde Macário achava-se no quarto de uma hospedaria na Praça da Figueira com seis peças, o seu baú de roupa branca e a sua paixão. No entanto estava tranquilo. Sentia o seu destino cheio de apuros. Tinha relações e amizades no comércio. Era conhecido vantajosamente: a nitidez do seu trabalho, a sua honra tradicional, o nome da família, o seu tato comercial, o seu belo cursivo inglês, abriam-lhe, de par em par, respeitosamente, todas as portas dos escritórios. No outro dia foi procurar alegremente o negociante Faleiro, antiga relação comercial da sua casa.

— De muito boa vontade, meu amigo — disse-me ele. — Quem mo dera cá! Mas, se o recebo, fico de mal com seu

tio, meu velho amigo de vinte anos. Ele declarou-mo categoricamente. Bem vê. Força maior. Eu sinto, mas...

E todos a quem Macário se dirigiu, confiado em relações sólidas, receavam «ficar de mal com seu tio, meu velho amigo de vinte anos».

E todos «sentiam, mas...»

Macário dirigiu-se então a negociantes novos, estranhos à sua casa e à sua família, e sobretudo aos estrangeiros: esperava encontrar gente livre da amizade de vinte anos do tio. Mas, para esses, Macário era desconhecido, e desconhecidos por igual a sua dignidade e o seu hábil trabalho. Se tomavam informações, sabiam que ele fora despedido da casa do tio repentinamente, por causa de uma

rapariga loura, vestida de cassa. Esta circunstância tirava as simpatias a Macário. O comércio evita o guarda-livros sentimental. De sorte que Macário começou a sentir-se num momento agudo. Procurando, pedindo, rebuscando, o tempo passava, sorvendo, pinto a pinto, as suas seis peças.

Macário mudou para uma estalagem barata e continuou farejando. Mas, como fora sempre de temperamento recolhido, não criara amigos. De modo que se encontrava desamparado e solitário — e a vida aparecia-lhe como um descampado.

As peças findaram. Macário entrou, pouco a pouco, na tradição antiga da miséria. Ela tem solenidades fatais e estabelecidas: começou por empenhar.

Depois vendeu. Relógio, anéis, casaco azul, cadeia, paletó de alamares, tudo foi levando pouco a pouco, embrulhado debaixo do xale, uma velha seca e cheia de asma.

No entanto, via Luísa de noite, na saleta escura que dava para o patamar: uma lamparina ardia em cima da mesa; era feliz ali naquela penumbra, todo sentado castamente, ao pé de Luísa, a um canto de um velho canapé de palhinha. Não a via de dia, porque trazia já a roupa usada, as cambadas, e não queria mostrar à fresca Luísa, toda mimosa nas suas cambraias asseadas, a sua miséria remendada: ali, àquela luz ténue e esbatida, ele exalava a sua paixão crescente e escondia o seu fato decadente. Segundo me disse Macário — era muito

singular o temperamento de Luísa. Tinha o caráter louro como o cabelo — se é certo que o louro é uma cor fraca e desbotada; falava pouco, sorria sempre com os seus brancos dentinhos, dizia a tudo «pois sim»; era muito simples, quase indiferente, cheia de transigências.

Amava decerto Macário, mas com todo o amor que podia dar a sua natureza débil, aguada, nula. Era como uma estriga de linho, fiava-se como se queria: e às vezes, naqueles encontros noturnos, tinha sono.

Um dia, porém, Macário encontrou-a excitada: estava com pressa, o xale traçado à toa, olhando sempre para a porta interior.

— A mamã percebeu — disse ela.

E contou-lhe que a mãe

desconfiava, ainda rabugenta e áspera, e que decerto farejava aquele plano nupcial tramado como uma conjuração.

— Porque não me vens pedir à mamã?

— Mas, filha, se eu não posso! Não tenho arranjo nenhum. Espera. É mais um mês talvez. Tenho agora aí um negócio em bom caminho. Morríamos de fome.

Luísa calou-se, torcendo a ponta do xale, com os olhos baixos.

— Mas ao menos — disse ela — , enquanto eu te não fizer sinal da janela, não subas mais, sim?

Macário rompeu a chorar, os soluços saíam violentos e desesperados.

— Chut! — dizia-lhe Luísa. — Não chores alto!...

Macário contou-me a noite que

passou, ao acaso pelas ruas, ruminando febrilmente a sua dor, e lutando, sob a nudenta friagem de janeiro, na sua quinzena curta. Não dormiu e logo pela manhã, ao outro dia, entrou como uma rajada no quarto do tio Francisco e disse-lhe abruptamente, secamente:

— É tudo o que tenho. — E mostrava-lhe três pintos. — Roupa, estou sem ela. Vendi tudo. Daqui a pouco tenho fome.

O tio Francisco, que fazia a barba à janela, com o lenço da Índia amarrado na cabeça, voltou-se e, pondo os óculos, fitou-o.

— A sua carteira lá está. Fique — e acrescentou com um gesto decisivo — , solteiro.

— Tio Francisco, ouça-me!...

— Solteiro, disse eu — continuou o tio Francisco, dando o fio à navalha numa tira de sola.

— Não posso.

— Então, rua!

Macário saiu, estonteado. Chegou a casa, deitou-se, chorou e adormeceu. Quando saiu, à noitinha, não tinha resolução, nem ideia. Estava como uma esponja saturada. Deixava-se ir.

De repente, uma voz disse de dentro de uma loja.

— Eh! pst! olá!

Era o amigo do chapéu de palha: abriu grandes braços pasmados.

— Que diacho! Desde manhã que te procuro.

E contou-lhe que tinha chegado da província, tinha sabido a sua crise e

trazia-lhe um desenlace.

— Queres?

— Tudo.

Uma casa comercial queria um homem hábil, resoluto e duro, para ir numa comissão difícil e de grande ganho a Cabo Verde.

— Pronto! — disse Macário. — Pronto! Amanhã.

E foi logo escrever a Luísa, pedindo-lhe uma despedida, um último encontro, aquele em que os braços desolados e veementes tanto custam a desenlaçar-se. Foi. Encontrou-a toda embrulhada no seu xale, tiritando de frio. Macário chorou. Ela, com a sua passiva e loura doçura, disse-lhe:

— Fazes bem. Talvez ganhes.

E ao outro dia Macário partiu.

Conheceu as viagens trabalhosas nos mares inimigos, o enjoo monótono num beliche abafado, os duros sóis das colónias, a brutalidade tirânica dos fazendeiros ricos, o peso dos fardos humilhantes, as dilacerações da ausência, as viagens ao interior das terras negras e a melancolia das caravanas que costeiam por violentas noites, durante dias e dias, os rios tranquilos, donde se exala a morte.

Voltou.

E logo nessa tarde a viu a ela, Luísa, clara, fresca, repousada, serena, encostada ao peitoril da janela, com a sua ventarola chinesa. E ao outro dia, sofregamente, foi pedi-la à mãe. Macário tinha feito um ganho saliente — e a mãe Vilaça abriu-lhe uns grandes braços amigos, cheia de exclamações. O

casamento decidiu-se para daí a um ano.

— Porquê? — disse eu a Macário.

E ele explicou-me que os lucros de Cabo Verde não podiam constituir um capital definitivo: eram apenas um capital de habilitação: trazia de Cabo Verde elementos de poderosos negócios: trabalharia, durante um ano, heroicamente, e ao fim poderia, sossegadamente, criar uma família.

E trabalhou: pôs naquele trabalho a força criadora da sua paixão. Erguia-se de madrugada, comia à pressa, mal falava. À tardinha ia visitar Luísa. Depois voltava sofregamente para a fadiga, como um avaro para o seu cofre. Estava grosso, forte, duro, fero: servia-se com o mesmo ímpeto das ideias e dos músculos; vivia numa tempestade de cifras: Às vezes

Luísa, de passagem, entrava no seu armazém: aquele pousar de ave fugitiva dava-lhe alegria, valor, fé, reconforto para todo um mês cheiamente trabalhado.

Por esse tempo, o amigo do chapéu de palha veio pedir a Macário que fosse seu fiador por uma grande quantia, que ele pedira para estabelecer um loja de ferragens em grande. Macário, que estava no vigor do seu crédito, cedeu com alegria. O amigo do chapéu de palha é que lhe dera o negócio providencial de Cabo Verde. Faltavam então dois meses para o casamento. Macário já sentia, por vezes, subirem-lhe ao rosto as febris vermelhidões da esperança. Já começava a tratar dos «banhos». Mas um dia o amigo do chapéu de palha desapareceu com a mulher de um alferes. O seu

estabelecimento estava em começo. Era uma confusa aventura. Não se pôde nunca precisar nitidamente aquele imbróglio doloroso. O que era positivo é que Macário era fiador, Macário devia reembolsar. Quando o soube, empalideceu e disse simplesmente:

— Liquido e pago!

E, quando liquidou, ficou outra vez pobre. Mas nesse mesmo dia, como o desastre tivera uma grande publicidade e a sua honra estava santificada na opinião, a casa Peres & C.ª, que o mandara a Cabo Verde, veio propor-lhe uma outra viagem e outros ganhos.

— Voltar a Cabo Verde outra vez!

— Faz outra vez fortuna, homem. O senhor é o Diabo! — disse o Sr. Eleutério Peres.

Quando se viu assim, só e pobre, Macário desatou a chorar. Tudo estava perdido, findo, extinto; era necessário recomeçar pacientemente a vida, voltar às longas misérias de Cabo Verde, tomar a tremer os passados desesperos, suar os antigos suores! E Luísa? Macário escreveu-lhe. Depois rasgou a carta. Foi a casa dela: as janelas tinham luz: subiu até ao primeiro andar, mas aí tomou-o uma mágoa, uma covardia de revelar o desastre, o pavor trémulo de uma separação, o terror de ela se recusar, negar-se, hesitar! E quereria ela esperar mais?! Não se atreveu a falar, explicar, pedir; desceu, pé ante pé. Era noite. Andou ao acaso pelas ruas: havia um sereno e silencioso luar. Ia sem saber: de repente ouviu, de uma janela alumiada,

uma rabeca que tocava a xácara mourisca. Lembrou-se do tempo em que conhecera Luísa, do bom sol claro que havia então e do vestido dela, de cassa com pintas azuis! Estava na rua onde eram os armazéns do tio. Foi caminhando. Pôs-se a olhar para a sua antiga casa. A janela do escritório estava fechada. Quantas vezes dali vira Luísa e o brando movimento do seu leque chinês! Mas uma janela, no segundo andar, tinha luz: era o quarto do tio. Macário vai observar mais de longe: uma figura estava encostada, por dentro, à vidraça: era o tio Francisco.

Veio-lhe uma saudade de todo o seu passado simples, retirado, plácido. Lembrava-lhe o seu quarto, e a velha carteira com fecho de prata, e a miniatura de sua mãe, que estava por cima da barra

do leito; a sala de jantar e o seu velho aparador de pau-preto, e a grande caneca de água, cuja asa era uma serpente irritada. Decidiu-se e, impelido por um instinto, bateu à porta. Bateu outra vez. Sentiu abrir a vidraça e a voz do tio perguntar:

— Quem é?

— Sou eu, tio Francisco, sou eu. Venho dizer-lhe adeus.

A vidraça fechou-se, e daí a pouco a porta abriu-se com um grande ruído de ferrolhos. O tio Francisco tinha um candeeiro de azeite na mão. Macário achou-o magro, mais velho. Beijou-lhe a mão.

— Suba — disse o tio.

Macário ia calado, cosido com o corrimão.

Quando chegou ao quarto, o tio Francisco pousou o candeeiro sobre uma larga mesa de pau-santo e de pé, com as mãos nos bolsos, esperou.

Macário estava calado, anediando a barba.

— Que quer? — gritou-lhe o tio.

— Vinha dizer-lhe adeus; volto para Cabo Verde.

— Boa viagem.

E o tio Francisco, voltando-lhe as costas, foi rufar na vidraça.

Macário ficou imóvel, deu dois passos no quarto, todo revoltado, e ia sair.

— Onde vai, seu estúpido? — gritou-lhe o tio.

— Vou-me.

— Sente-se ali! — E o tio Francisco falava, com grandes passadas

pelo quarto: — O seu amigo é um canalha! Loja de ferragens! Não está má! O senhor é um homem de bem. Estúpido, mas homem de bem. Sente-se ali! Sente-se! O seu amigo é um canalha! O senhor é um homem de bem! Foi a Cabo Verde! Bem sei! Pagou tudo. Está claro! Também sei! Amanhã faz o favor de ir para a sua carteira, lá para baixo. Mandei pôr palhinha nova na cadeira. Faz favor de pôr na fatura Macário & Sobrinho. E case. Case, e que lhe preste! Levante dinheiro. O senhor precisa de roupa branca e de mobília. E meta na minha conta. A sua cama lá está feita.

Macário queria abraçá-lo, estonteado, com as lágrimas nos olhos, radioso.

— Bem, bem. Adeus!

Macário ia sair.

— Oh! burro, pois quer-se ir desta sua casa?

E, indo a um pequeno armário, trouxe geleia, um covilhete de doce, uma garrafa antiga de Porto e biscoitos.

— Coma.

E, sentando-se ao pé dele e tornando a chamar-lhe estúpido, tinha uma lágrima a correr-lhe pelo engelhado da pele.

De sorte que o casamento foi decidido para dali a um mês. E Luísa começou a tratar do seu enxoval.

Macário estava então na plenitude do amor e da alegria.

Via o fim da sua vida preenchido, completo, feliz. Estava quase sempre em casa da noiva, e um dia andando a

acompanhá-la, em compras, pelas lojas, ele mesmo lhe quisera fazer um pequeno presente, nesse dia. A mãe tinha ficado numa modista, num primeiro andar da Rua do Ouro, e eles tinham descido, alegremente, rindo, a um ourives que havia em baixo, no mesmo prédio, na loja.

O dia estava de inverno, claro, fino, frio, com um grande céu azul-ferrete, profundo, luminoso, consolador.

— Que bonito dia! — disse Macário.

E, com a noiva pelo braço, caminhou um pouco, ao comprido do passeio.

— Está! — disse ela. — Mas podem reparar; nós sós...

— Deixa, está tão bom...

— Não, não.

E Luísa arrastou-o brandamente para a loja do ourives. Estava apenas um caixeiro, trigueiro, de cabelo hirsuto.

Macário disse-lhe:

— Queria ver anéis.

— Com pedras — disse Luísa — e o mais bonito.

— Sim, com pedras — disse Macário. — Ametista, granada. Enfim, o melhor.

E, no entanto, Luísa ia examinando as montras forradas de veludo azul, onde reluziam as grossas pulseiras cravejadas, os grilhões, os colares de camafeus, os anéis de armas, as finas alianças frágeis como o amor e toda a cintilação da pesada ourivesaria.

— Vê, Luísa — disse Macário.

O caixeiro tinha estendido, na

outra extremidade do balcão, em cima do vidro da montra, um reluzente espalhado de anéis de ouro, de pedras, lavrados, esmaltados; e Luísa, tomando-os e deixando-os com as pontas dos dedos, ia-os correndo e dizendo:

— É feio... É pesado... É largo...

— Vê este — disse-lhe Macário.

Era um anel de pequenas pérolas.

— É bonito — respondeu ela. — É lindo!

— Deixa ver se serve — disse Macário.

E, tomando-lhe a mão, meteu-lhe o anel devagarinho, docemente, no dedo; e ela ria, com os seus brancos dentinhos finos, todos esmaltados.

— É muito largo — disse Macário. — Que pena!

— Aperta-se, querendo. Deixe a medida. Tem-no pronto amanhã.

— Boa ideia — disse Macário — sim, senhor. Porque é muito bonito. Não é verdade? As pérolas muito iguais, muito claras. Muito bonito! E estes brincos? — acrescentou, indo ao fim do balcão, a outra montra. — Estes brincos com uma concha?

— Dez moedas — disse o caixeiro.

E, no entanto, Luísa continuava examinando os anéis, experimentando-os em todos os dedos, revolvendo aquela delicada montra, cintilante e preciosa.

Mas, de repente, o caixeiro fez-se muito pálido e afirmou-se em Luísa, passando vagarosamente a mão pela cara.

— Bem — disse Macário,

aproximando-se —, então amanhã temos o anel pronto. A que horas?

O caixeiro não respondeu e começou a olhar fixamente para Macário.

— A que horas?

— Ao meio-dia.

— Bem, adeus — disse Macário. E iam sair. Luísa trazia um vestido de lã azul, que arrastava um pouco, dando uma ondulação melodiosa ao seu passo, e as suas mãos pequeninas estavam escondidas num regalo branco.

— Perdão! — disse de repente o caixeiro.

Macário voltou-se.

— O senhor não pagou.

Macário olhou para ele gravemente.

— Está claro que não. Amanhã

venho buscar o anel, pago amanhã.

— Perdão! — disse o caixeiro. — Mas o outro...

— Qual outro? — disse Macário com uma voz surpreendida, adiantando-se para o balcão.

— Essa senhora sabe — afirmou o caixeiro. — Essa senhora sabe...

Macário tirou a carteira lentamente.

— Perdão, se há uma conta antiga...

O caixeiro abriu o balcão, e com um aspeto resoluto:

— Nada, meu caro senhor, é de agora. É um anel com dois brilhantes que aquela senhora leva.

— Eu! — disse Luísa, com voz baixa, toda escarlate.

— Que é? Que está a dizer?

E Macário, pálido, com os dentes cerrados, contraído, fitava o caixeiro colericamente.

O caixeiro disse então:

— Essa senhora tirou dali um anel. — Macário ficou imóvel, encarando-o. — Um anel com dois brilhantes. Vi perfeitamente. O caixeiro estava tão excitado, que a sua voz gaguejava, prendia-se espessamente. — Essa senhora não sei quem é. E tirou-o dali...

Macário, maquinalmente, agarrou-lhe no braço, e voltando-se para Luísa, com a palavra abafada, gotas de suor na testa, lívido:

— Luísa, dize... — Mas a voz cortou-se-lhe.

— Eu... — disse ela. Mas estava trémula, assombrada, enfiada, descomposta.

E deixou cair o regalo ao chão.

Macário veio para ela, agarrou-lhe no pulso fitando-a: e o seu aspeto era tão resoluto e tão imperioso, que ela meteu a mão no bolso, bruscamente, apavorada, e mostrando o anel:

— Não me faça mal — disse, encolhendo-se toda.

Macário ficou com os braços caídos, o ar abstrato, os beiços brancos; mas, de repente, dando um puxão ao casaco, recuperando-se, disse ao caixeiro:

— Tem razão. Era distração... Está claro! Esta senhora tinha-se esquecido. É o anel. Sim, senhor,

evidentemente... Tem a bondade. Toma, filha, toma. Deixa estar, este senhor embrulha-o. Quanto custa?

Abriu a carteira e pagou.

Depois apanhou o regalo, sacudiu-o brandamente, limpou os beiços com o lenço, deu o braço a Luísa e, dizendo ao caixeiro: «Desculpe, desculpe», levou-a, inerte, passiva, extinta e aterrada.

Deram alguns passos na rua. Um largo sol aclarava o génio feliz: as seges cruzavam-se, rolando ao estalido do chicote: figuras risonhas passavam, conversando: os pregões ganiam os seus gritos alegres: um cavalheiro de calção de anta fazia ladear o seu cavalo, enfeitado de rosetas; e a rua estava cheia, ruidosa, viva, feliz e coberta de sol.

Macário ia maquinalmente, como

no fundo de um sonho. Parou a uma esquina. Tinha o braço de Luísa passado no seu e via-lhe a mão pendente, ora de cera, com as veias docemente azuladas, os dedos finos e amorosos: era a mão direita, e aquela mão era a da sua noiva! E, instintivamente, leu o cartaz que anunciava para essa noite, «Palafoz em Saragoça».

De repente, soltando o braço de Luísa, disse-lhe baixo:

— Vai-te.

— Ouve!... — disse ela, com a cabeça toda inclinada.

— Vai-te. — E com a voz abafada e terrível: — Vai-te. Olha que chamo. Mando-te para o Aljube. Vai-te.

— Mas ouve, Jesus — disse ela.

— Vai-te! — E fez um gesto, com

o punho cerrado.

— Pelo amor de Deus, não me batas aqui — disse ela, sufocada.

— Vai-te, podem reparar. Não chores. Olha que veem. Vai-te!

E, chegando-se para ela, disse baixo:

— És uma ladra!

E, voltando-lhe as costas, afastou-se, devagar, riscando o chão com a bengala.

À distância, voltou-se: ainda viu, através dos vultos, o seu vestido azul.

Como partiu nessa tarde para a província não soube mais daquela rapariga loura.

Um Poeta Lírico

Aqui está, simplesmente, sem frases e sem ornatos, a história triste do poeta Korriscosso. De todos os poetas líricos de que tenho notícia, é este, certamente, o mais infeliz. Conheci-o em Londres, no hotel de Charing Cross, uma madrugada regelada de dezembro. Tinha eu chegado do continente, prostrado por duas horas de canal da Mancha... Ah! que mar! E era só uma brisa fresca de Noroeste: mas ali, no tombadilho, sob uma capa de oleado de que um marujo me tinha coberto, como se cobre um corpo morto, fustigado da neve e da vaga, oprimido por aquela treva tumultuosa que o paquete ia rompendo aos roncos e aos

encontrões — parecia-me um tufão dos mares da China...

Apenas entrei no hotel, gelado e estremunhado, corri ao vasto fogão do peristilo e ali fiquei, saturando-me daquela paz quente em que a sala estava adormecida, com os olhos beatamente postos na boa brasa escarlate... E foi então que vi aquela figura esguia e longa, já de casaca e gravata branca, que do outro lado da chaminé, de pé, com a taciturna tristeza de uma cegonha que cisma, olhava também os carvões ardentes, com um guardanapo no braço. Mas o porteiro tinha rolado a minha bagagem, e eu fui inscrever-me ao *bureau*. A guarda-livros, tesa e loura, com um perfil antiquado de medalha safada, pousou o seu *crochet* ao lado da sua

chávena de chá, acariciou com um gesto doce os dois bandós louros, assentou corretamente o meu nome, de dedinho no ar, fazendo rebrilhar um diamante, e eu ia subir a vasta escadaria — quando a figura magra e fatal se dobrou num ângulo e murmurou-me num inglês silabado:

— Já está servido o almoço das sete...

Mas eu não queria o almoço das sete. Fui dormir.

Mais tarde, já repousado, fresco do banho, quando desci ao restaurante para o *lunch*, avistei logo, plantado melancolicamente ao pé da larga janela, o indivíduo esguio e triste. A sala estava deserta numa luz parda; os fogões flamejavam; e fora, no silêncio do domingo, nas ruas mudas, a neve caía sem

cessar de um céu amarelento e baço. Eu via apenas as costas do homem; mas havia na sua linha magra e um pouco dobrada uma expressão tão evidente de desalento, que me interessei por aquela figura. O cabelo comprido, de tenor, caído sobre a gola da casaca, era manifestamente de um meridional; e toda a sua magreza friorenta se encolhia ao aspeto daqueles telhados cobertos de neve, na sensação daquele silêncio lívido... Chamei-o. Quando ele se voltou, a sua fisionomia, que apenas entrevira na véspera, impressionou-me: era um carão longo e triste, muito moreno, de nariz judaico e uma barba curta e frisada, uma barba de Cristo em estampa romântica; a testa era destas que, em boa literatura, se chama, creio eu, *fronte:* era larga e era lustrosa. Tinha o olhar

encovado e vago, com uma indecisão de sonho nadando num fluido enternecido... E que magreza! Quando andava, a calça curta torcia-se em torno da canela como pregas de bandeira em torno de um mastro; a casaca tinha dobras de túnica ampla; as duas abas compridas e agudas eram desgraçadamente grotescas. Recebeu a ordem do meu almoço sem me olhar, num tédio resignado: arrastou-se para o *comptoir*, onde o *maître d'hôtel* lia a Bíblia, passou a mão pela testa com um gesto errante e dolente e disse-lhe numa voz surda:

— Número 307. Duas costeletas. Chá...

O *maître d'hôtel* afastou a Bíblia, inscreveu o *menu* — e eu acomodei-me à mesa e abri o volume de Tennyson que

trouxera para almoçar comigo — porque, creio que lhes disse, era domingo, dia sem jornais e sem pão fresco. Fora continuava a nevar sobre a cidade muda. A uma mesa distante, um velho cor de tijolo e todo branco de cabelo e de suíças, que acabara de almoçar, dormitava de mãos no ventre, boca aberta e luneta na ponta do nariz. E o único som vinha da rua, uma voz gemente que a neve abafava mais, uma voz pedinte que à esquina defronte garganteava um salmo... Um domingo de Londres.

Foi o magro que me trouxe o almoço — e, apenas ele se aproximou com o serviço do chá, eu senti logo que aquele volume de Tennyson nas minhas mãos o tinha interessado e impressionado; foi um olhar rápido, gulosamente fixado na página aberta, um estremecimento

quase impercetível — emoção fugitiva, decerto, porque, depois de ter pousado o serviço, rodou sobre os calcanhares e foi plantar-se melancolicamente à janela, de olho triste e posto na neve triste. Eu atribuí aquele movimento curioso ao esplendor da encadernação do volume, que eram *Os Idílios de El-Rei*, em marroquim negro, com o escudo de armas de Lançarote do Lago — o pelicano de ouro sobre um mar de sinopla.

Nessa noite parti no expresso para a Escócia, e ainda não tinha passado Iorque, adormecida na sua gravidade episcopal, já me esquecera o criado romanesco do restaurante de Charing Cross. Foi só daí a um mês, ao voltar a Londres, que, entrando no restaurante e revendo aquela figura lenta e fatal

atravessar com um prato de rosbife numa das mãos, na outra um pudim de batata, senti renascer o antigo interesse. E nessa noite mesmo tive a singular felicidade de saber o seu nome e de entrever um fragmento do seu passado. Era já tarde e eu voltava do Covent Garden, quando no peristilo do hotel encontrei, majestoso e próspero, o meu amigo Bracolletti.

Não conhecem Bracolletti? A sua presença é formidável; tem a amplidão pançuda, o negro cerrado da barba, a lentidão, o cerimonial de um paxá gordo; mas esta ponderosa gravidade turca é temperada, em Bracolletti, pelo sorriso e pelo olhar.

Que olhar! Um olhar doce, que me faz lembrar o dos animais da Síria: é o mesmo enternecimento. Parece errar no

seu fluido macio a religiosidade meiga das raças que dão os Messias... Mas o sorriso! O sorriso de Bracolletti é a mais completa, a mais perfeita, a mais rica das expressões humanas; há finura, inocência, bonomia, abandono, ironia doce, persuasão, naqueles dois lábios que se descerram e que deixam brilhar um esmalte de dentes de virgem!... Ah! mas também este sorriso é a fortuna de Bracolletti.

Moralmente, Bracolletti é um hábil. Nasceu em Esmirna de pais gregos; é tudo o que ele revela: de resto, quando se lhe pergunta pelo seu passado, o bom grego rola um *momento* a cabeça de ombro a ombro, esconde sob as pálpebras cerradas com bonomia o seu olho maometano, desabrocha o sorriso de uma

doçura a tentar abelhas e murmura, como afogado em bondade e em enternecimento:

— *Eh! mon Dieu! Eh! mon Dieu*!...

Nada mais. Parece, *porém*, que viajou — porque conhece o Peru, a Crimeia, o Cabo da Boa Esperança, os países exóticos, tão bem como Regent Street: mas é evidente para todos que a sua existência não foi tecida, como a dos vulgares aventureiros do Levante, de ouro e estopa, de esplendores e pelintrices: é um gordo e, portanto, um prudente; o seu magnífico solitário nunca deixou de lhe brilhar no dedo; nenhum frio jamais o surpreendeu sem uma peliça de dois mil francos; e nunca deixa de ganhar, todas as semanas, no Fraternal Club, de que é um membro querido, dez libras ao *whist*. É

um forte.

Mas tem uma debilidade. É singularmente guloso de rapariguinhas de doze a catorze anos: gosta delas magrinhas, muito louras e com o hábito de praguejar. Coleciona-as pelos bairros pobres de Londres, com método. Instala-as em casa, e ali as tem, como passarinhos na gaiola, metendo-lhes a papinha no bico, ouvindo-as palrar todo baboso, animando-as a que lhe roubem os xelins da algibeira, gozando o desenvolvimento dos vícios naquelas flores da lama de Londres, pondo-lhes ao alcance as garrafas de *gin* para que os anjinhos se embebedem — e, quando alguma, excitada de álcool, de cabelo ao vento e face acesa, o injuria, o arrepela, baba obscenidades, o bom Bracolletti,

encruzado no sofá, de mãos beatamente cruzadas na pança, o olhar afogado em êxtase, murmura no seu italiano da costa síria:

— *Piccolina! Gentilleta!*

Querido Bracolletti! Foi realmente com prazer que o abracei, nessa noite, em Charing Cross; e, como nos não víamos há muito, fomos cear juntos ao restaurante. O criado triste lá estava no seu *comptoir*, curvado sobre o *Journal des Débats*. E, apenas Bracolletti apareceu, na sua majestade de obeso, o homem estendeu-lhe silenciosamente a mão: foi um *skake-hands* solene, enternecido e sincero.

Bom Deus, eram amigos! Arrebatei Bracolletti para o fundo da sala e, vibrando de curiosidade, interroguei-o com sofreguidão. Quis primeiro o nome

do homem.

— Chama-se Korriscosso — disse-me Bracolletti, grave.

Quis depois a sua história. Mas Bracolletti, como os deuses

da Ática, que, nos seus embaraços no mundo, se recolhiam à sua nuvem, Bracolletti refugiou-se na sua vaga reticência.

— *Eh! mon Dieu!... Eh! mon Dieu!...*

— Não, não, Bracolletti. Vejamos. Quero-lhe a história... Aquela face fatal e byroniana deve ter uma história...

Bracolletti então tomou todo o ar cândido que lhe permitem a sua pança e as suas barbas — e confessou-me, deixando cair as frases às gotas, que tinham viajado ambos na Bulgária e no Montenegro...

Korriscosso foi seu secretário... Boa letra... Tempos difíceis... *Eh! mon Dieu!*...

— Donde é ele?

Bracolletti respondeu sem hesitar, baixando a voz, com um gesto repassado de desconsideração.

— É um grego de Atenas.

O meu interesse sumiu-se como a água que a areia absorve. Quando se tem viajado no Oriente e nas escalas do Levante, adquire-se facilmente o hábito, talvez injusto, de suspeitar do grego; aos primeiros que se veem, sobretudo tendo uma educação universitária e clássica, o entusiasmo acende-se um pouco, pensa-se em Alcibíades e em Platão, nas glórias de uma raça estética e livre, e perfilam-se na imaginação as linhas augustas do Pártenon. Mas, depois de os ter

frequentado, às mesas redondas e nos tombadilhos das Messageries, e principalmente depois de ter escutado a lenda de velhacaria que eles têm deixado desde Esmirna até Tunes, os outros que se veem provocam apenas estes movimentos: abotoar rapidamente o casaco, cruzar fortemente os braços sobre a cadeia do relógio e aguçar o intelecto para rechaçar a *escroquerie*. A causa desta reputação funesta é que a gente grega que emigra para as escalas do Levante é uma plebe torpe, parte pirata e parte lacaia, bando de rapina astuto e perverso. A verdade é que, apenas soube Korriscosso um grego, lembrei-me logo que o meu belo volume de Tennyson, na minha última estada em Charing Cross, me desaparecera do quarto, e recordei o olhar de gula e de

presa que cravara nele Korriscosso... Era um bandido...

E durante a ceia não falámos mais de Korriscosso. Serviu-nos outro criado, rubro, honesto e são. O lúgubre Korriscosso não se afastou do *comptoir*, abismado no *Journal des Débats*.

Nessa noite aconteceu, ao recolher-me ao meu quarto, que me perdi... O hotel estava atulhado e eu tinha sido alojado naqueles altos de Charing Cross, numa complicação de corredores, escadas, recantos, ângulos, onde é quase necessário roteiro e bússola.

De castiçal na mão, penetrei num passadiço onde corria um bafo morno de viela mal arejada. As portas aí não tinham números, mas pequenos cartões colados onde estavam inscritos nomes: *John*,

Smith, *Charlie*, *Willie*... Enfim, eram evidentemente as habitações dos criados. De uma porta aberta saía a claridade de um bico de gás; adiantei-me e vi logo Korriscosso, ainda de casaca, sentado a uma mesa alastrada de papéis, de testa pendida sobre a mão, escrevendo.

— Pode-me indicar o caminho para o número 508? — balbuciei.

Ele ergueu para mim um olhar estremunhado e enevoado; parecia ressurgir de muito longe, de um outro universo; batia as pálpebras, repetindo:

— 508? 508?...

Foi então que eu avistei, sobre a mesa, entre papéis, colarinhos sujos e um rosário o meu volume de Tennyson! Ele viu o meu olhar, o bandido! e acusou-se todo numa vermelhidão que lhe inundou a

face chupada. O meu primeiro movimento foi não reconhecer o livro: como era um movimento bom, e obedecendo logo à moral superior do mestre Talleyrand, reprimi-o; e, apontando o volume com um dedo severo, um dedo de Providência irritada, disse-lhe:

— É o meu Tennyson...

Não sei que resposta ele tartamudeou, porque eu, apiedado, retomado também pelo interesse que me dava aquela figura picaresca de grego sentimental, acrescentei num tom repassado de perdão e de justificação:

— Grande poeta, não é verdade? Que lhe pareceu? Tenho a certeza que se enrtisiasmou...

Korriscosso corou mais: mas não era o despeito humilhado do salteador

surpreendido: era, julguei eu, a vergonha de ver a sua inteligência, o seu gosto poético adivinhados — e de ter no corpo a casaca coçada de criado de restaurante. Não respondeu. Mas as páginas do volume que eu abri responderam por ele; a brancura das margens largas desaparecia sob uma rede de comentários a lápis: *Sublime! Grandioso! Divino!* — palavras lançadas numa letra convulsiva, num tremor de mão, agitada por uma sensibilidade vibrante...

No entanto, Korriscosso permanecia de pé, respeitoso, culpado, de cabeça baixa, com o laço da gravata branca fugindo para o cachaço. Pobre Korriscosso! Compadeci-me daquela atitude, revelando todo um passado sem sorte, tantas tristezas de dependência...

Lembrei-me que nada impressiona o homem do Levante como um gesto de drama e de palco; estendi-lhe ambas as mãos num movimento à Talma e disse-lhe:

— Eu também sou poeta!...

Esta frase extraordinária pareceria grotesca e impudente a um homem do Norte; o levantino viu logo nela a expansão de uma alma irmã. Porque, não lhes disse?, o que Korriscosso estava escrevendo, numa tira de papel, eram estrofes; era uma ode.

Daí a pouco, com a porta fechada, Korriscosso contava-me a sua história — ou, antes, fragmentos, anedotas desirmanadas da sua biografia. É tão triste, que a condenso. De resto, havia na sua narração lacunas de anos — e eu não posso reconstituir com lógica e sequência

a história deste sentimental. Tudo é vago e suspeito. Nasceu com efeito em Atenas; seu pai parece que era carregador no Pireu. Aos dezoito anos, Korriscosso servia de criado a um médico e nos intervalos do serviço frequentava a Universidade de Atenas; estas coisas são frequentes *là-bas*, como ele dizia. Formou-se em Leis: isto habilitou-o, mais tarde, em tempos difíceis, a ser intérprete de hotel. Desse tempo datam as suas primeiras elegias num semanário lírico, intitulado *Ecos da Ática*. A literatura levou-o diretamente à política e às ambições parlamentares. Uma paixão, uma crise patética, um marido brutal, ameaças de morte, forçam-no a expatriar-se. Viajou na Bulgária, foi em Salónica empregado numa sucursal do Banco

Otomano, remeteu endechas dolorosas a um jornal da província — *A Trombeta da Argólida*. Aqui há uma dessas lacunas, um buraco negro na sua história. Reaparece em Atenas com fato novo, liberal e deputado.

Esse período de glória foi breve, mas suficiente para o pôr em evidência; a sua palavra colorida, poética, recamada de imagens engenhosas e lustrosas, encantou Atenas: tinha o segredo de florir, como ele dizia, os terrenos mais áridos; de uma discussão de imposto ou de viação fazia saltar éclogas de Teócrito. Em Atenas, este talento leva ao poder: Korriscosso era indicado para gerir uma alta administração do Estado; o Ministério, porém, e com ele a maioria, de que Korriscosso era o tenor querido,

caíram, sumiram-se, sem lógica constitucional, num destes súbitos desabamentos políticos tão comuns na Grécia, em que os governos se aluem, como as casas em Atenas — sem motivo. Falta de base, decrepitude de materiais e de individualidades... Tudo tende para o pó num solo de ruínas...

Nova lacuna, novo mergulho obscuro na história de Korriscosso...

Volta à superfície, membro de um clube republicano de Atenas, pede num jornal a emancipação da Polónia, e a Grécia governada por um concílio de génios. Publica então os seus *Suspiros da Trácia*. Tem outro romance de coração... E enfim — e isto disse-mo sem explicações — é obrigado a refugiar-se em Inglaterra. Depois de tentar em

Londres várias posições, coloca-se no restaurante da Charing Cross.

— É um porto de abrigo — disse-lhe eu, apertando-lhe a mão.

Ele sorriu com amargura. Era decerto um porto de abrigo, e vantajoso. É bem alimentado; as gorjetas são razoáveis; tem um velho colchão de molas — mas as delicadezas da sua alma são, a todo o momento, dolorosamente feridas...

Dias atribulados, dias crucificados, os daquele poeta lírico, forçado a distribuir numa sala, a burgueses estabelecidos e glutões, costeletas e copos de cerveja! Não é a dependência que o aflige; a sua alma de grego não é particularmente ávida de liberdade, basta-lhe que o patrão seja cortês. E, como ele me disse, é-lhe grato

reconhecer que os fregueses de Charing Cross nunca lhe pedem a mostarda ou o queijo sem dizer *if you please;* e, quando saem, ao passar por ele, levam dois dedos à aba do chapéu: isto satisfaz a dignidade de Korriscosso.

Mas o que o tortura é o contacto constante com o alimento. Se ele fosse um guarda-livros de um banqueiro, primeiro caixeiro de um armazém de sedas... Nisso há uma sombra de poesia — os milhões que se revolvem, as frotas mercantes, a brutal força do ouro, ou então dispor ricamente os estofos, os cortes de seda, fazer correr a luz nas ondulações dos *moirés*, dar ao veludo as molezas da linha e da prega... Mas, num restaurante, como se pode exercer o gosto, a originalidade artística, o instinto da cor, do efeito, do

drama — a partir nacos de rosbife ou de presunto de Iorque?!... Depois, como ele disse, dar a comer, fornecer alimento, é servir exclusivamente a pança, a tripa, a baixa necessidade material; no restaurante, o ventre é Deus: a alma fica fora, com o chapéu que se pendura no cabide ou com o rolo de jornais que se deixou no bolso do paletó.

E as conveniências, e a falta de conversação! Nunca se voltarem para ele senão para lhe pedirem salame ou sardinhas de Nantes! Nunca abrir os seus lábios, donde pendia o Parlamento de Atenas, senão para perguntar: «Mais pão? Mais bife?» Esta privação de eloquência é-lhe dolorosa.

Além disso, o serviço impede-lhe o trabalho. Korriscosso compõe de

memória; quatro passeios pelo quarto, um repelão ao cabelo, e a ode sai-lhe harmónica e doce... Mas a interrupção glutona da voz do freguês, pedindo nutrição, é fatal a esta maneira de trabalhar. Às vezes, encostado a uma janela, de guardanapo no braço, Korriscosso está fazendo uma elegia; são tudo luares, roupagens alvas de virgens pálidas, horizontes celestes, flores de alma dolorida... É feliz; está remontado aos céus poéticos, nas planícies azuladas onde os sonhos acampam, galopando de estrela em estrela... De repente, uma grossa voz faminta berra de um canto:

— Bife e batatas!

Ai, as aladas fantasias batem voo como pombas espavoridas! E aí vem o infeliz Korriscosso, precipitado dos

cimos ideais, de ombros vergados e as abas da casaca balouçando, perguntar com o sorriso lívido:

— Passado ou meio cru?

Ah! É um amargo destino!

— Mas — perguntei-lhe eu — porque não deixa este covil, este templo do ventre?

Ele deixou pender a sua bela cabeça de poeta. E disse-me a razão que o prende: disse-ma, quase chorando nos meus braços, com o nó da gravata branca no cachaço: Korriscosso ama.

Ama uma Fanny, criada de todo o serviço em Charing Cross. Ama-a desde o primeiro dia em que entrou no hotel; amou-a no momento em que a viu lavando as escadas de pedra, com os braços roliços nus e os cabelos louros, os fatais

cabelos louros, deste louro que entontece os meridionais, cabelos ricos, de um tom de cobre, de um tom de ouro-mate, torcendo-se numa trança de deusa. E depois a carnação, uma carnação de inglesa de Yorkshire — leite e rosas...

E o que Korriscosso tem sofrido! Toda a sua dor exala-a em odes — que passa a limpo ao domingo, dia de repouso e dia do Senhor! Leu-mas. E eu vi quanto a paixão pode perturbar um ser nervoso; que ferocidade de linguagem, que lances de desespero, que gritos de alma dilacerada arremessados dali, daqueles altos de Charing Cross, para a mudez do céu frio! É que Korriscosso tem ciúmes. A desgraçada Fanny ignora aquele poeta a seu lado, aquele delicado, aquele sentimental, e ama um *policeman*. Ama

um *policeman*, um colosso, um alcides, uma montanha de carne eriçada de uma floresta de barbas, com o peito como o flanco de um couraçado, com pernas como fortalezas normandas. Este Polifemo, como diz Korriscosso, tem, ordinariamente, serviço no Strand; e a pobre Fanny passa o seu dia a espreitá-lo de um postigo, dos altos do hotel.

Todas as suas economias as gasta em quartilhos de *gin*, de *brandy*, de genebra, que à noite lhe leva em copinhos debaixo do avental; mantém-no fiel pelo álcool; o monstro, plantado enormemente a uma esquina, recebe em silêncio o copo, atira-o de um golpe às fauces tenebrosas, arrota cavamente, passa a mão cabeluda pela barba de hércules e segue taciturnamente, sem um «Obrigado», sem

um «Amo-te», batendo o lajedo com a vastidão das suas solas sonoras. A pobre Fanny admira-o babosa... E talvez nesse momento, à outra esquina, o magro Korriscosso, fazendo no nevoeiro um esguio relevo de poste telegráfico, soluce com a face magra entre as mãos transparentes.

Pobre Korriscosso! Se ele ao menos a pudesse comover... Mas quê! Ela despreza-lhe o corpo de tísico triste; e a alma, não lha compreende... Não que Fanny seja inacessível a sentimentos ardentes, expressos em linguagem melodiosa... Mas Korriscosso só pode escrever as suas elegias na sua língua materna... E Fanny não compreende grego. E Korriscosso é só um grande homem — em grego.

Quando desci ao meu quarto, deixei-o soluçando sobre o catre. Tenho-o visto depois, outras vezes, ao passar em Londres. Está mais magro, mais fatal, mais mirrado de zelos, mais curvado quando se move pelo restaurante com a travessa do rosbisfe, mais exaltado no seu lirismo... Sempre que ele me serve dou-lhe um xelim de gorjeta: e depois, ao retirar, aperto-lhe sinceramente a mão.

No Moinho

D. Maria da Piedade era considerada em toda a vila como «uma senhora-modelo». O velho Nunes, diretor do Correio, sempre que se falava nela, dizia, acariciando com autoridade os quatro pelos da calva:

— É uma santa! É o que ela é!

A vila tinha quase orgulho na sua beleza delicada e tocante; era uma loura, de perfil fino, a pele ebúrnea, e os olhos escuros de um tom de violeta, a que as pestanas longas escureciam mais o brilho sombrio e doce. Morava ao fim da estrada, numa casa azul de três sacadas; e era, para a gente que às tardes ia fazer o giro até ao moinho, um encanto sempre

novo vê-la por trás da vidraça, entre as cortinas de cassa, curvada sobre a sua costura, vestida de preto, recolhida e séria. Poucas vezes saía. O marido, mais velho que ela, era um inválido, sempre de cama, inutilizado por uma doença de espinha; havia anos que não descia à rua; avistavam-no às vezes também à janela, murcho e trôpego, agarrado à bengala, encolhido no *robe-de-chambre*, com uma face macilenta, a barba desleixada e com um barretinho de seda enterrado melancolicamente até ao cachaço. Os filhos, duas rapariguitas e um rapaz, eram também doentes, crescendo pouco e com dificuldade, cheios de tumores nas orelhas, chorões e tristonhos. A casa, interiormente, parecia lúgubre. Andava-se em pontas dos pés, porque o senhor, na

excitação nervosa que lhe davam as insónias, irritava-se com o menor rumor; havia sobre as cómodas alguma garrafada da botica, alguma malga com papas de linhaça; as mesmas flores com que ela, no seu arranjo e no seu gosto de frescura, ornava as mesas depressa murchavam naquele ar abafado de febre, nunca renovado por causa das correntes de ar; e era uma tristeza ver sempre algum dos pequenos ou de emplastro sobre a orelha, ou a um canto do canapé, embrulhado em cobertores com uma amarelidão de hospital.

Maria da Piedade vivia assim, desde os vinte anos. Mesmo em solteira, em casa dos pais, a sua existência fora triste. A mãe era uma criatura desagradável e azeda; o pai, que se

empenhara pelas tavernas e pelas batotas, já velho, sempre bêbedo, os dias que aparecia em casa passava-os à lareira, num silêncio sombrio, cachimbando e escarrando para as cinzas. Todas as semanas desancava a mulher. E, quando João Coutinho pediu Maria em casamento, apesar de doente já, ela aceitou, sem hesitação, quase com reconhecimento, para salvar o casebre da penhora, não ouvir mais os gritos da mãe, que a faziam tremer, rezar, em cima no seu quarto, onde a chuva entrava pelo telhado. Não amava o marido decerto; e mesmo na vila tinha-se lamentado que aquele lindo rosto de Virgem Maria, aquela figura de fada, fosse pertencer ao Joãozinho Coutinho, que desde rapaz fora sempre entrevado. O Coutinho, por morte do pai, ficara rico; e

ela, acostumada por fim àquele marido rabugento, que passava o dia arrastando-se sombriamente da sala para a alcova, ter-se-ia resignado, na sua natureza de enfermeira e de consoladora, se os filhos ao menos tivessem nascido sãos e robustos. Mas aquela família que lhe vinha com o sangue viciado, aquelas existências hesitantes, que depois pareciam apodrecer-lhe nas mãos, apesar dos seus cuidados inquietos, acabrunhavam-na. Às vezes, só, picando a sua costura, corriam-lhe as lágrimas pela face: uma fadiga da vida invadia-a, como uma névoa que lhe escurecia a alma.

Mas se o marido de dentro chamava desesperado, ou um dos pequenos choramingava, lá limpava os olhos, lá aparecia com a sua bonita face

tranquila, com alguma palavra consoladora, compondo a almofada a um, indo animar o outro, feliz em ser boa. Toda a sua ambição era ver o seu pequeno mundo bem tratado e bem acarinhado. Nunca tivera desde casada uma curiosidade, um desejo, um capricho: nada a interessava na Terra senão as horas dos remédios e o sono dos seus doentes. Todo o esforço lhe era fácil quando era para os contentar: apesar de fraca, passeava horas trazendo ao colo o pequerrucho, que era o mais impertinente, com as feridas que faziam dos seus pobres beicinhos uma crosta escura: durante as insónias do marido não dormia também, sentada ao pé da cama, conversando, lendo-lhe as *Vidas dos Santos*, porque o pobre entrevado ia caindo em devoção.

De manhã estava um pouco mais pálida, mas toda correta no seu vestido preto, fresca com os bandós bem lustrosos, fazendo-se bonita para ir dar as sopas de leite aos pequerruchos. A sua única distração era à tarde sentar-se à janela com a sua costura, e a pequenada em roda, aninhada no chão, brincando tristemente. A mesma paisagem que ela via da janela era tão monótona como a sua vida: em baixo a estrada, depois uma ondulação de campos, uma terra magra plantada aqui e além de oliveiras e, erguendo-se ao fundo, uma colina triste e nua, sem uma casa, uma árvore, um fumo de casal que pusesse naquela solidão de terreno pobre uma nota humana e viva.

Vendo-a assim tão resignada e tão sujeita, algumas senhoras da vila

afirmavam que ela era beata; todavia ninguém a avistava na igreja, a não ser ao domingo, com o pequerrucho mais velho pela mão, todo pálido no seu vestido de veludo azul. Com efeito, a sua devoção limitava-se a esta missa todas as semanas. A sua casa ocupava-a muito para se deixar invadir pelas preocupações do Céu; naquele dever de boa mãe, cumprido com amor, encontrava uma satisfação suficiente à sua sensibilidade; não necessitava adorar santos ou enternecer-se com Jesus. Instintivamente mesmo pensava que toda a afeição excessiva dada ao Pai do Céu, todo o tempo gasto em se arrastar pelo confessionário ou aos pés do oratório, seria uma diminuição cruel no seu cuidado de enfermeira: a sua maneira de rezar era velar os filhos: e

aquele pobre marido pregado numa cama, todo dependente dela, tendo-a só a ela, parecia-lhe ter mais direito ao seu fervor que o outro, pregado numa cruz, tendo para o animar toda uma humanidade pronta. Além disso, nunca tivera estas sentimentalidades de alma triste que levam à devoção. O seu longo hábito de dirigir uma casa de doentes, de ser ela o centro, a força, o amparo daqueles inválidos, tornara-a terna, mas prática: e assim era ela que administrava agora a casa do marido, com um bom senso que a afeição dirigia, uma solicitude de mãe próvida. Tais ocupações bastavam para entreter o seu dia: o marido, de resto, detestava visitas, o aspeto de caras saudáveis, as comiserações de cerimónia; e passavam-se meses sem que em casa de

Maria da Piedade se ouvisse outra voz estranha à família, a não ser a do Dr. Abílio — que a adorava e que dizia dela com os olhos esgazeados:

É uma fada! É uma fada!...

Foi por isso grande a excitação na casa, quando João Coutinho recebeu uma carta do seu primo Adrião, que lhe anunciava que em duas ou três semanas ia chegar à vila. Adrião era um homem célebre, e o marido de Maria da Piedade tinha naquele parente um orgulho enfático. Assinara mesmo um jornal de Lisboa, só para ver o seu nome nas locais e na crítica. Adrião era um romancista: e o seu último livro, *Madalena*, um estudo de mulher trabalhado a grande estilo, de uma análise delicada e subtil, consagrara-o como um mestre. A sua fama, que chegara

até à vila, num vago de legenda, apresentava-o como uma personalidade interessante, um herói de Lisboa, amado das fidalgas, impetuoso e brilhante, destinado a uma alta situação no Estado. Mas realmente, na vila, era sobretudo notável por ser primo do João Coutinho.

D. Maria da Piedade ficou aterrada com esta visita. Via já a sua casa em confusão com a presença do hóspede extraordinário. Depois a necessidade de fazer mais *toilette*, de alterar a hora do jantar, de conversar com um literato, e tantos outros esforços cruéis!... E a brusca invasão daquele mundano, com as suas malas, o fumo do seu charuto, a sua alegria de são, na paz triste do seu hospital, dava-lhe a impressão apavorada de uma profanação. Foi por isso um

alívio, quase um reconhecimento, quando Adrião chegou, e muito simplesmente se instalou na antiga estalagem do Tio André, à outra extremidade da vila. João Coutinho escandalizou-se: tinha já o quarto do hóspede preparado, com lençóis de rendas, uma colcha de damasco, pratas sobre a cómoda, e queria-o todo para si, o primo, o homem célebre, o grande autor... Adrião porém recusou:

— Eu tenho os meus hábitos, vocês têm os seus... Não nos contrariemos, hem?... O que faço é vir cá jantar. De resto, não estou mal no Tio André... Vejo da janela um moinho e uma represa que são um quadrozinho delicioso... E ficamos amigos, não é verdade?

Maria da Piedade olhava-o

assombrada: aquele herói, aquele fascinador por quem choravam mulheres, aquele poeta que os jornais glorificavam, era um sujeito extremamente simples — muito menos complicado, menos espetaculoso que o filho do recebedor! Nem formoso era; e com o seu chapéu desabado sobre uma face cheia e barbuda, a quinzena de flanela caindo à larga num corpo robusto e pequeno, os seus sapatos enormes, parecia-lhe a ela um dos caçadores de aldeia que às vezes encontrava, quando de mês a mês ia visitar as fazendas do outro lado do rio. Além disso, não fazia frases; e a primeira vez que veio jantar, falou apenas, com grande bonomia, dos seus negócios. Viera por eles. Da fortuna do pai, a única terra que não estava devorada, ou

abominavelmente hipotecada, era a Curgossa, uma fazenda ao pé da vila, que andava, além disso, mal arrendada... O que ele desejava era vendê-la. Mas isso parecia-lhe a ele tão difícil como fazer a *Ilíada*!... E lamentava sinceramente ver o primo ali, inútil sobre uma cama, sem o poder ajudar nesses passos a dar com os proprietários da vila. Foi, por isso, com grande alegria que ouviu João Coutinho declarar-lhe que a mulher era uma administradora de primeira ordem, e hábil nestas questões como um antigo rábula!...

— Ela vai contigo ver a fazenda, fala com o Teles, e arranja-te isso tudo... E na questão de preço, deixa-a a ela!...

— Mas que superioridade, prima! — exclamou Adrião, maravilhado. — Um anjo que entende de cifras!

Pela primeira vez na sua existência, Maria da Piedade corou com a palavra de um homem. De resto prontificou-se logo a ser a procuradora do primo...

No outro dia foram ver a fazenda. Como ficava perto, e era um dia de março fresco e claro, partiram a pé. Ao princípio, acanhada por aquela companhia de um leão, a pobre senhora caminhava junto dele com o ar de um pássaro assustado: apesar de ele ser tão simples, havia na sua figura enérgica e musculosa, no timbre rico da sua voz, nos seus olhos pequenos e luzidios, alguma coisa de forte, de dominante, que a enleava. Tinha-se-lhe prendido à orla do seu vestido um galho de silvado, e como ele se abaixara para o desprender delicadamente, o

contacto daquela mão branca e fina de artista na orla da sua saia incomodou-a singularmente. Apressava o passo para chegar bem depressa à fazenda, aviar o negócio com o Teles, e voltar imediatamente a refugiar-se, como no seu elemento próprio, no ar abafado e triste do seu hospital. Mas a estrada estendia-se, branca e longa, sob o sol tépido — e a conversa de Adrião foi-a lentamente acostumando à sua presença.

Ele parecia desolado daquela tristeza da sua casa. Deu-lhe alguns bons conselhos: o que os pequenos necessitavam era ar, sol, uma outra vida que aquele abafamento de alcova...

Ela também assim o julgava: mas quê!, o pobre João, sempre que se lhe falava de ir passar algum tempo à quinta,

afligia-se terrivelmente: tinha horror aos grandes ares e aos grandes horizontes: a natureza forte fazia-o quase desmaiar; tornara-se um ser artificial, encafuado entre os cortinados da cama...

Ele então lamentou-a. Decerto poderia haver alguma satisfação num dever tão santamente cumprido... Mas, enfim, ela devia ter momentos em que desejasse alguma outra coisa além daquelas quatro paredes, impregnadas do bafo da doença...

— Que hei de eu desejar mais? — disse ela.

Adrião calou-se: pareceu-lhe absurdo supor que ela desejasse, realmente, o Chiado ou o Teatro da Trindade... No que ele pensava era noutros apetites, nas ambições do coração

insatisfeito... Mas isto pareceu-lhe tão delicado, tão grave de dizer àquela criatura virginal e séria — que falou da paisagem...

— Já viu o moinho? — perguntou-lhe ela.

— Tenho vontade de o ver, se mo quiser ir mostrar, prima.

— Hoje é tarde.

Combinaram logo ir visitar esse recanto de verdura, que era o idílio da vila.

Na fazenda, a longa conversa com o Teles criou uma aproximação maior entre Adrião e Maria da Piedade. Aquela venda, que ela discutia com uma astúcia de aldeã, punha entre eles como que um interesse comum. Ela falou-lhe já com menos reserva quando voltaram. Havia

nas maneiras dele, de um respeito tocante, uma atração que a seu pesar a levava a revelar-se, a dar-lhe a sua confiança: nunca falara tanto a ninguém: a ninguém jamais deixara ver tanto da melancolia oculta que errava constantemente na sua alma. De resto as suas queixas eram sobre a mesma dor — a tristeza do seu interior, as doenças, tantos cuidados graves... E vinha-lhe por ele uma simpatia, como um indefinido desejo de o ter sempre presente, desde que ele se tornava assim depositário das suas tristezas.

Adrião voltou para o seu quarto, na estalagem do André, impressionado, interessado por aquela criatura tão triste e tão doce. Ela destacava sobre o mundo de mulheres que até ali conhecera, como um perfil suave de anjo gótico entre

fisionomias de mesa-redonda. Tudo nela concordava deliciosamente: o ouro do cabelo, a doçura da voz, a modéstia na melancolia, a linha casta, fazendo um ser delicado e tocante, a que mesmo o seu pequenino espírito burguês, certo fundo rústico de aldeã e uma leve vulgaridade de hábitos davam um encanto: era um anjo que vivia há muito tempo numa vilota grosseira e estava por muitos lados preso às trivialidades do sítio: mas bastaria um sopro para o fazer remontar ao céu natural, aos cimos puros da sentimentalidade...

Achava absurdo e infame fazer a corte à prima... Mas, involuntariamente, pensava no delicioso prazer de fazer bater aquele coração que não estava deformado pelo espartilho, e de pôr, enfim, os seus

lábios numa face onde não houvesse pó de arroz... E o que o tentava sobretudo era pensar que poderia percorrer toda a província em Portugal, sem encontrar nem aquela linha de corpo, nem aquela virgindade tocante de alma adormecida... Era uma ocasião que não voltava.

O passeio ao moinho foi encantador. Era um recanto de natureza digno de Corot, sobretudo à hora do meio-dia em que eles lá foram, com a frescura da verdura, a sombra recolhida das grandes árvores, e toda a sorte de murmúrios de água corrente, fugindo, reluzindo entre os musgos e as pedras, levando e espalhando no ar o frio da folhagem, da relva, por onde corriam cantando. O moinho era de um alto pitoresco, com a sua velha edificação de

pedra secular, a sua roda enorme, quase podre, coberta de ervas, imóvel sobre a gelada limpidez da água escura. Adrião achou-o digno de uma cena de romance, ou, melhor, da morada de uma fada. Maria da Piedade não dizia nada, achando extraordinária aquela admiração pelo moinho abandonado do Tio Costa. Como ela vinha um pouco cansada, sentaram-se numa escada desconjuntada de pedra, que mergulhava na água da represa os últimos degraus: e ali ficaram um momento calados, no encanto daquela frescura murmurosa, ouvindo as aves piarem nas ramas. Adrião via-a de perfil, um pouco curvada, esburacando com a ponteira do guarda-sol as ervas bravas que invadiam os degraus: era deliciosa assim, tão branca, tão loura, de uma linha tão pura

sobre o fundo azul do ar: o seu chapéu era de mau gosto, o seu mantelete antiquado, mas ele achava nisso mesmo uma ingenuidade picante. O silêncio dos campos em redor isolava-os — e, insensivelmente, ele começou a falar-lhe baixo. Era ainda a mesma compaixão pela melancolia da sua existência naquela triste vila, pelo seu destino de enfermeira... Ela escutava-o de olhos baixos, pasmada de se achar ali tão só com aquele homem tão robusto, toda receosa e achando um sabor delicioso ao seu receio... Houve um momento em que ele falou do encanto de ficar ali para sempre na vila.

— Ficar aqui? Para quê? — perguntou ela, sorrindo.

— Para quê? Para isto, para estar

sempre ao pé de si...

Ela cobriu-se de um rubor, o guarda-solinho escapou-lhe das mãos. Adrião receou tê-la ofendido, e acrescentou logo rindo:

— Pois não era delicioso?... Eu podia alugar este moinho, fazer-me moleiro... A prima havia de me dar a sua freguesia...

Isto fê-la rir; era mais linda quando ria: tudo brilhava nela, os dentes, a pele, a cor do cabelo. Ele continuou gracejando, com o seu plano de se fazer moleiro, e de ir pela estrada tocando o burro, carregado de sacas de farinha.

— E eu venho ajudá-lo, primo! — disse ela, animada pelo seu próprio riso, pela alegria daquele homem a seu lado.

— Vem? — exclamou ele. —

Juro-lhe que me faço moleiro! Que paraíso, nós aqui ambos no moinho, ganhando alegremente a nossa vida, e ouvindo cantar estes melros!

Ela corou outra vez do fervor da sua voz, e recuou como se ele fosse já arrebatá-la para o moinho. Mas Adrião agora, inflamado àquela ideia, pintava-lhe na sua palavra colorida toda uma vida romanesca, de uma felicidade idílica, naquele esconderijo de verdura: de manhã, a pé cedo, para o trabalho; depois o jantar na relva à beira de água; e à noite as boas palestras ali sentados, à claridade das estrelas ou sob a sombra cálida dos céus negros de verão...

E de repente, sem que ela resistisse, prendeu-a nos braços, e beijou-a sobre os lábios, de um só beijo,

profundo e interminável. Ela tinha ficado contra o seu peito, branca como morta: e duas lágrimas corriam-lhe ao comprido da face. Era assim tão dolorosa e fraca, que ele soltou-a; ela ergueu-se, apanhou o guarda-solinho e ficou diante dele, com o beicinho a tremer, murmurando:

— É mal feito... É mal feito...

Ele mesmo estava tão perturbado — que a deixou descer para o caminho: e daí a um momento seguiam ambos calados para a vila. Foi só na estalagem que ele pensou: «Fui um tolo!».

Mas no fundo estava contente da sua generosidade. À noite foi a casa dela; encontrou-a com o pequerrucho no colo, lavando-lhe em água de malvas as feridas que ele tinha na perna. E então pareceu-lhe odioso distrair aquela mulher dos seus

doentes. De resto, um momento como aquele no moinho não voltaria. Seria absurdo ficar ali, naquele canto odioso da província, desmoralizando, a frio, uma boa mãe... A venda da fazenda estava concluída. Por isso, no dia seguinte, apareceu de tarde, a dizer-lhe adeus: partia à noitinha na diligência; encontrou-a na sala, à janela costumada, com a pequenada doente aninhada contra as suas saias... Ouviu que ele partia, sem lhe mudar a cor, sem lhe arfar o peito. Mas Adrião achou-lhe a palma da mão tão fria como um mármore: e quando ele saiu, Maria da Piedade ficou voltada para a janela, escondendo a face dos pequenos, olhando abstratamente a paisagem que escurecia, com as lágrimas, quatro a quatro, caindo-lhe na costura...

Amava-o. Desde os primeiros dias, a sua figura resoluta e forte, os seus olhos luzidios, toda a virilidade da sua pessoa, se lhe tinham apossado da imaginação. O que a encantava nele não era o seu talento, nem a sua celebridade em Lisboa, nem as mulheres que o tinham amado: isso para ela parecia-lhe vago e pouco compreensível; o que a fascinava era aquela seriedade, aquele ar honesto e são, aquela robustez de vida, aquela voz tão grave e tão rica, e antevia, para além da sua existência ligada a um inválido, outras existências possíveis, em que se não vê sempre diante dos olhos uma face fraca e moribunda, em que as noites se não passam a esperar as horas dos remédios... Era como uma rajada de ar impregnado de todas as forças vivas da

natureza, que atravessava, subitamente, a sua alcova abafada: e respirava-a deliciosamente... Depois, tinha ouvido aquelas conversas em que ele se mostrava tão bom, tão sério, tão delicado, e à força do seu corpo, que admirava, juntava-se agora um coração terno, de uma ternura varonil e forte, para a cativar... Este amor latente invadiu-a, apoderou-se dela uma noite que lhe apareceu esta ideia, esta visão: «Se ele fosse meu marido!» Toda ela estremeceu, apertou desesperadamente os braços contra o peito, como confundindo-se com a sua imagem evocada, prendendo-se a ela, refugiando-se na sua força... Depois ele deu-lhe aquele beijo no moinho.

E partira!

Então começou para Maria da

Piedade uma existência de abandonada. Tudo de repente em volta dela — a doença do marido, achaques dos filhos, tristezas do seu dia, a sua costura — lhe pareceu lúgubre. Os seus deveres, agora que não punha neles toda a sua alma, eram-lhe pesados como fardos injustos. A sua vida representava-se-lhe como desgraça excecional: não se revoltava ainda, mas tinha desses abatimentos, dessas súbitas fadigas de todo o seu ser, em que caía sobre a cadeira, com os braços pendentes, murmurando:

— Quando se acabará isto?

Refugiava-se então naquele amor como uma compensação deliciosa. Julgando-o todo puro, todo de alma, deixava-se penetrar dele e da sua lenta influência. Adrião tornara-se, na sua

imaginação, como um ser de proporções extraordinárias, tudo o que é forte, e que é belo, e que dá razão à vida. Não quis que nada do que era dele ou vinha dele lhe fosse alheio. Leu todos os seus livros, sobretudo aquela *Madalena* que também amara, e morrera de um abandono. Estas leituras calmavam-na, davam-lhe como uma vaga satisfação ao desejo. Chorando as dores das heroínas de romance, parecia sentir alívio às suas.

Lentamente, esta necessidade de encher a imaginação desses lances de amor, de dramas infelizes, apoderou-se dela. Foi durante meses um devorar constante de romances. Ia-se assim criando no seu espírito um mundo artificial e idealizado. A realidade tornava-se-lhe odiosa, sobretudo sob

aquele aspeto da sua casa, onde encontrava sempre agarrado às saias um ser enfermo. Vieram as primeiras revoltas. Tornou-se impaciente e áspera. Não suportava ser arrancada aos episódios sentimentais do seu livro, para ir ajudar a voltar o marido e sentir-lhe o hálito mau. Veio-lhe o nojo das garrafadas dos emplastros, das feridas dos pequenos a lavar. Começou a ler versos. Passava horas só, num mutismo, à janela, tendo sob o seu olhar de virgem loura toda a rebelião de uma apaixonada. Acreditava nos amantes que escalam os balcões, entre o canto dos rouxinóis: e queria ser amada assim, possuída num mistério de noite romântica...

O seu amor desprendeu-se pouco a pouco da imagem de Adrião e alargou-se,

estendeu-se a um ser vago que era feito de tudo o que a encantara nos heróis de novela; era um ente meio príncipe e meio facínora, que tinha, sobretudo, a força. Porque era isto que admirava, que queria, por que ansiava nas noites cálidas em que não podia dormir — dois braços fortes como aço, que a apertassem num abraço mortal, dois lábios de fogo que, num beijo, lhe chupassem a alma. Estava uma histérica.

Às vezes, ao pé do leito do marido, vendo diante de si aquele corpo de tísico, numa imobilidade de entrevado, vinha-lhe um ódio torpe, um desejo de lhe apressar a morte...

E no meio desta excitação mórbida do temperamento irritado, eram fraquezas súbitas, sustos de ave que

pousa, um grito ao ouvir bater uma porta, uma palidez de desmaio se havia na sala flores muito cheirosas... À noite abafava; abria a janela; mas o cálido ar, o bafo morno da terra aquecida do sol, enchiam-na de um desejo intenso, de uma ânsia voluptuosa, cortada de crises de choro...

A santa tornava-se Vénus.

E o romantismo mórbido tinha penetrado tanto naquele ser, e desmoralizara-o tão profundamente, que chegou ao momento em que bastaria que um homem lhe tocasse, para ela lhe cair nos braços — e foi o que sucedeu enfim, com o primeiro que a namorou, daí a dois anos. Era o praticante da botica.

Por causa dele escandalizou toda a vila. E agora deixa a casa numa desordem, os filhos sujos e ramelosos, em

farrapos, sem comer até altas horas, o marido a gemer abandonado na sua alcova, toda a trapagem dos emplastros por cima das cadeiras, tudo num desamparo torpe — para andar atrás do homem, um maganão odioso e sebento, de cara balofa e gordalhufa, luneta preta com grossa fita passada atrás da orelha e bonezinho de seda posto à catita. Vem de noite às entrevistas de chinelo de ourelo; cheira a suor; e pede-lhe dinheiro emprestado para sustentar uma Joana, criatura obesa, a quem chamam na vila a «Bola de Unto».

Civilização

1

Eu possuo preciosamente um amigo (o seu nome é Jacinto) que nasceu num palácio, com quarenta contos de renda em pingues terras de pão, azeite e gado.

Desde o berço, onde sua mãe, senhora gorda e crédula de Trás-os-Montes, espalhava, para reter as Fadas Benéficas, funcho e âmbar, Jacinto fora sempre mais resistente e são que um pinheiro das dunas. Um lindo rio, murmuroso e transparente, com um leito muito liso de areia muito branca, refletindo apenas pedaços lustrosos de um céu de verão ou ramagens sempre verdes e de bom aroma, não ofereceria, àquele

que o descesse numa barca cheia de almofadas e de champanhe gelado, mais doçura e facilidades do que a vida oferecia ao meu camarada Jacinto. Não teve sarampo e não teve lombrigas. Nunca padeceu, mesmo na idade em que se lê Balzac e Musset, os tormentos da sensibilidade. Nas suas amizades foi sempre tão feliz como o clássico Orestes. Do amor só experimentara o mel — esse mel que o amor invariavelmente concede a quem o pratica, como as abelhas, com ligeireza e mobilidade. Ambição, sentira somente a de compreender bem as ideias gerais, e a «ponta do seu intelecto» (como diz o velho cronista medieval) não estava ainda romba nem ferrugenta... E, todavia, desde os vinte e oito anos, Jacinto já se vinha repastando de Schopenhauer, do

Eclesiastes, de outros pessimistas menores, e três, quatro vezes por dia, bocejava, com um bocejo cavo e lento, passando os dedos finos sobre as faces, como se nelas só palpasse palidez e ruína. Porquê?

Era ele, de todos os homens que conheci, o mais complexamente civilizado — ou antes aquele que se munira da mais vasta soma de civilização material, ornamental e intelectual. Nesse palácio (floridamente chamado o *Jasmineiro*) que seu pai, também Jacinto, construíra sobre uma honesta casa do século XVII, assoalhada a pinho e branqueada a cal — existia, creio eu, tudo quanto para bem do espírito ou da matéria os homens têm criado, através da incerteza e dor, desde que abandonaram o vale feliz de Septa-

Sindu, a Terra das Águas Fáceis, o doce país ariano. A biblioteca — que em duas salas, amplas e claras como praças, forrava as paredes, inteiramente, desde os tapetes de Caramânia até ao teto, donde, alternadamente, através de cristais, o sol e a eletricidade vertiam uma luz estudiosa e calma — continha vinte e cinco mil volumes, instalados em ébano, magnificamente revestidos de marroquim escarlate. Só sistemas filosóficos (e, com justa prudência, para poupar espaço, o bibliotecário apenas colecionara os que irreconciliavelmente se contradizem) havia mil oitocentos e dezassete!

Uma tarde que eu desejava copiar um ditame de Adam Smith percorri, buscando este economista ao longo das estantes, oito metros de economia

política! Assim se achava formidavelmente abastecido o meu amigo Jacinto de todas as obras essenciais da inteligência — e mesmo da estupidez. E o único inconveniente deste monumental armazém do saber era que todo aquele que lá penetrava inevitavelmente lá adormecia, por causa das poltronas, que, providas de finas pranchas móveis para sustentar o livro, o charuto, o lápis das notas, a taça de café, ofereciam ainda uma combinação oscilante e flácida de almofadas, onde o corpo encontrava logo, para mal do espírito, a doçura, a profundidade e a paz estirada de um leito.

Ao fundo, e como um altar-mor, era o gabinete de trabalho de Jacinto. A sua cadeira, grave e abacial, de couro, com brasões, datava do século XIV, e em

torno dela pendiam numerosos tubos acústicos, que, sobre os panejamentos de seda cor de musgo e cor de hera, pareciam serpentes adormecidas e suspensas num velho muro de quinta. Nunca recordo sem assombro a sua mesa, recoberta toda de sagazes e subtis instrumentos para cortar papel, numerar páginas, colar estampilhas, aguçar lápis, raspar emendas, imprimir datas, derreter lacre, cintar documentos, carimbar contas! Uns de níquel, outros de aço, rebrilhantes e frios, todos eram de um manejo laborioso e lento: alguns, com as molas rígidas, as pontas vivas, brilhavam e feriam: e nas largas folhas de papel *Whatman* em que ele escrevia, e que custavam quinhentos réis, eu por vezes surpreendi gotas de sangue do meu amigo.

Mas a todos ele considerava indispensáveis para compor as suas cartas (Jacinto não compunha obras) assim como os trinta e cinco dicionários, e os manuais, e as enciclopédias, e os guias, e os diretórios, atulhando uma estante isolada, esguia, em forma de torre, que silenciosamente girava sobre o seu pedestal e que eu denominara o Farol. O que, porém, mais completamente imprimia àquele gabinete um portentoso caráter de civilização eram, sobre as suas peanhas de carvalho, os grandes aparelhos, facilitadores do pensamento — a máquina de escrever, os autocopistas, o telégrafo Morse, o fonógrafo, o telefone, o teatrofone, outros ainda, todos com metais luzidios, todos com longos fios. Constantemente sons curtos e secos

retiniam no ar morno daquele santuário. Tique, tique, tique! Dlim, dlim, dlim! Craque, craque, craque! Trrre, trrre, trrre!... Era o meu amigo comunicando. Todos esses fios mergulhados em forças universais transmitiam forças universais. E elas nem sempre, desgraçadamente, se conservavam domadas e disciplinadas! Jacinto recolhera no fonógrafo a voz do conselheiro Pinto Porto, uma voz oracular e rotunda, no momento de exclamar com respeito, com autoridade:

— *Maravilhosa invenção! Quem não admirará os progressos deste século?*

Pois, numa doce noite de S. João, o meu supercivilizado amigo, desejando que umas senhoras parentes de Pinto Porto (as amáveis Gouveias) admirassem o

fonógrafo, fez romper do bocarrão do aparelho, que parece uma trompa, a conhecida voz rotunda e oracular:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Mas, inábil ou brusco, certamente desconcertou alguma mola vital — porque de repente o fonógrafo começa a redizer, sem descontinuação, interminavelmente, com uma sonoridade cada vez mais rotunda, a sentença do conselheiro:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Debalde Jacinto, pálido, com os dedos trémulos, torturava o aparelho. A exclamação recomeçava, rolava, oracular e majestosa:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Enervados, retirámos para uma sala distante, pesadamente revestida de panos de Arrás. Em vão! A voz de Pinto Porto lá estava, entre os panos de Arrás, implacável e rotunda:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Furiosos, enterrámos uma almofada na boca do fonógrafo, atirámos por cima mantas, cobertores espessos, para sufocar a voz abominável. Em vão! Sob a mordaça, sob as grossas lãs, a voz rouquejava, surda mas oracular:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

As amáveis Gouveias tinham abalado, apertando desesperadamente os xales sobre a cabeça. Mesmo à cozinha, onde nos refugiámos, a voz descia,

engasgada e gosmosa:

— *Quem não admirará os progressos deste século?*

Fugimos espavoridos para a rua.

Era de madrugada. Um fresco bando de raparigas, de volta das fontes, passava cantando com braçados de flores:

Todas as ervas são bentas
Em manhã de S. João...

Jacinto, respirando o ar matinal, limpava as bagas lentas do suor. Recolhemos ao *Jasmineiro*, com o Sol já alto, já quente. Muito de manso abrimos as portas, como no receio de despertar *alguém*. Horror! Logo da antecâmara percebemos sons estrangulados, roufenhos: «*admirará*... *progressos*...

século!...» Só de tarde um eletricista pôde emudecer aquele fonógrafo horrendo.

Bem mais aprazível (para mim) do que esse gabinete temerosamente atulhado de civilização — era a sala de jantar, pelo seu arranjo compreensível, fácil e íntimo. À mesa só cabiam seis amigos que Jacinto escolhia com critério na literatura, na arte e na metafísica e que, entre as tapeçarias de Arrás, representando colinas, pomares e pórticos da Ática, cheias de classicismo e de luz, renovavam ali repetidamente banquetes que, pela sua intelectualidade, lembravam os de Platão. Cada garfada se cruzava com um pensamento ou com palavras destramente arranjadas em forma de pensamento.

E a cada talher correspondiam seis garfos, todos de feitios

dissemelhantes e astuciosos — um para as ostras, outro para o peixe, outro para as carnes, outro para os legumes, outro para a fruta, outro para o queijo. Os copos, pela diversidade dos contornos e das cores, faziam, sobre a toalha mais reluzente que esmalte, como ramalhetes silvestres espalhados por cima de neve. Mas Jacinto e os seus filósofos, lembrando o que o experiente Salomão ensina sobre as ruínas e amarguras do vinho, bebiam apenas em três gotas de água uma gota de bordéus (Chateaubriand, 1860). Assim o recomendam Hesíodo no seu *Nereu*, Díocles nas suas *Abelhas*. E de águas havia sempre no *Jasmineiro* um luxo redundante — águas geladas, águas carbonatadas, águas esterilizadas, águas gasosas, águas de sais, águas minerais,

outras ainda, em garrafas sérias, com tratados terapêuticos impressos no rótulo... O cozinheiro, mestre Sardão, era daqueles que Anaxágoras equiparava aos Retóricos, aos Oradores, a todos os que sabem a arte divina de «temperar e servir a Ideia»: e em Síbaris, cidade do Viver Excelente, os magistrados teriam votado a mestre Sardão, pelas festas de Juno Lacínia, a coroa de folhas de ouro e a túnica milésia que se devia aos benfeitores cívicos. A sua sopa de alcachofras e ovas de carpa; os seus filetes de veado macerados em velho Madeira com puré de nozes; as suas amoras geladas em éter, outros acepipes ainda, numerosos e profundos (e os únicos que tolerava o meu Jacinto), eram obras de um artista, superior pela abundância

das ideias novas — e juntavam sempre a raridade do sabor à magnificência da forma. Tal prato desse mestre incomparável parecia, pela ornamentação, pela graça florida dos lavores, pelo arranjo dos coloridos frescos e cantantes, uma joia esmaltada do cinzel de Cellini ou Meurice. Quantas tardes eu desejei fotografar aquelas composições de excelente fantasia, antes que o trinchante as retalhasse! E esta superfinidade do comer condizia deliciosamente com a do servir. Por sobre um tapete, mais fofo e mole que o musgo da floresta da Brocelanda, deslizavam, como sombras fardadas de branco, cinco criados e um pajem preto, à maneira vistosa do século XVIII. As travessas (de prata) subiam da cozinha e da copa por dois ascensores, um

para as iguarias quentes, forrado de tubos onde a água fervia; outro, mais lento, para as iguarias frias, forrado de zinco, amónia e sal, e ambos escondidos por flores tão densas e viçosas, que era como se até a sopa saísse fumegando dos românticos jardins de Armida. E muito bem me lembro de um domingo de maio em que, jantando com Jacinto um bispo, o erudito bispo de Chorazin, o peixe emperrou no meio do ascensor, sendo necessário que acudissem, para o extrair, pedreiros com alavancas.

2

Nas tardes em que havia «banquete de Platão» (que assim denominávamos essas festas de trufas e ideias gerais), eu, vizinho e íntimo, aparecia ao declinar do Sol e subia familiarmente ao quarto do nosso Jacinto — onde o encontrava sempre incerto entre as suas casacas, porque as usava alternadamente de seda, de pano, de flanelas Jaegher e de *foulard* das Índias. O quarto respirava o frescor e aroma do jardim por duas vastas janelas, providas magnificamente (além das cortinas de seda mole Luís XV) de uma vidraça exterior de cristal inteiro, de uma vidraça interior de cristais miúdos, de um toldo

rolando na cimalha, de um estore de sedinha frouxa, de gazes que franziam e se enrolavam como nuvens, e de uma gelosia móvel de gradaria mourisca. Todos estes resguardos (sábia invenção de Holand & C.ª, de Londres) serviam a graduar a luz e o ar — segundo os avisos de termómetros, barómetros e higrómetros, montados em ébano, e a que um meteorologista (Cunha Guedes) vinha, todas as semanas, verificar a precisão.

Entre estas duas varandas rebrilhava a mesa de *toilette*, uma mesa enorme de vidro, toda de vidro, para a tornar impenetrável aos micróbios, e coberta de todos esses utensílios de asseio e alinho que o homem do século XIX necessita numa capital, para não desfear o conjunto sumptuário da

civilização. Quando o nosso Jacinto, arrastando as suas engenhosas chinelas de pelica e seda, se acercava desta ara — eu, bem aconchegado num divã, abria com indolência uma revista, ordinariamente a *Revista Eletropática*, ou a das *Indagações Psíquicas*. E Jacinto começava... Cada um desses utensílios de aço, de marfim, de prata, impunham ao meu amigo, pela influência omnipoderosa que as coisas exercem sobre o dono (*sunt tyrannice rerum)* o dever de o utilizar com aptidão e deferência. E assim as operações do alindamento de Jacinto apresentavam a prolixidade, reverente e insuprimível, dos ritos de um sacrifício.

Começava pelo cabelo... Com uma escova chata, redonda e dura, acamava o cabelo, corredio e louro, no alto, aos

lados da risca; com uma escova estreita e recurva, à maneira do alfange de um persa, ondeava o cabelo sobre a orelha; com uma escova côncava, em forma de telha, empastava o cabelo, por trás, sobre a nuca... Respirava e sorria. Depois, com uma escova de longas cerdas, fixava o bigode; com uma escova leve e flácida acurvava as sobrancelhas; com uma escova feita de penugem regularizava as pestanas. E deste modo Jacinto ficava diante do espelho, passando pelos sobre o seu pelo, durante catorze minutos.

Penteado e cansado, ia purificar as mãos. Dois criados, ao fundo, manobravam com perícia e vigor os aparelhos do lavatório — que era apenas um resumo dos maquinismos monumentais da sala de banho. Ali, sobre o mármore

verde e róseo do lavatório, havia apenas dois duches (quente e frio) para a cabeça; quatro jatos, graduados desde zero até cem graus; o vaporizador de perfumes; a fonte de água esterilizada (para os dentes); o repuxo para a barba; e ainda torneiras que rebrilhavam e botões de ébano que, de leve roçados, desencadeavam o marulho e o estridor de torrentes nos Alpes... Nunca eu, para molhar os dedos, me cheguei àquele lavatório sem terror — escarmentado da tarde amarga de janeiro em que bruscamente, dessoldada a torneira, o jato de água a cem graus rebentou, silvando e fumegando, furioso, devastador... Fugimos todos, espavoridos. Um clamor atroou o *Jasmineiro*. O velho Grilo, escudeiro que fora do Jacinto pai, ficou coberto de

empolas na face, nas mãos fiéis.

Quando Jacinto acabava de se enxugar laboriosamente a toalhas de felpo, de linho, de corda entrançada (para restabelecer a circulação), de seda frouxa (para lustrar a pele) bocejava, com um bocejo cavo e lento.

E era este bocejo, perpétuo e vago, que nos inquietava a nós, seus amigos e filósofos. Que faltava a este homem excelente? Ele tinha a sua inabalável saúde de pinheiro bravo, crescido nas dunas; uma luz da inteligência, própria a tudo alumiar, firme e clara sem tremor ou morrão; quarenta magníficos contos de renda; todas as simpatias de uma cidade chasqueadora e cética; uma vida varrida de sombras, mais liberta e lisa do que um céu de verão... E

todavia bocejava constantemente, palpava na face, com os dedos finos, a palidez e as rugas. Aos trinta anos Jacinto corcovava, como sob um fardo injusto! E pela moralidade desconsolada de toda a sua ação parecia ligado, desde os dedos até à vontade, pelas malhas apertadas de uma rede que se não via e que o travava. Era doloroso testemunhar o fastio com que ele, para apontar um endereço, tomava o seu lápis pneumático, a sua pena elétrica — ou, para avisar o cocheiro, apanhava o tubo telefónico!... Neste mover lento do braço magro, nos vincos que lhe arrepanhavam o nariz, mesmo nos seus silêncios, longos e derreados, se sentia o brado constante que lhe ia na alma: «Que maçada! Que maçada!» Claramente, a vida era para Jacinto um cansaço — ou

por laboriosa e difícil, ou por desinteressante e oca. Por isso o meu pobre amigo procurava constantemente juntar à sua vida novos interesses, novas facilidades. Dois inventores, homens de muito zelo e pesquisa, estavam encarregados, um em Inglaterra, outro na América, de lhe notificar e de lhe fornecer todas as invenções, as mais miúdas, que concorressem a aperfeiçoar a confortabilidade do *Jasmineiro*. De resto, ele próprio se correspondia com Edison. E, pelo lado do pensamento, Jacinto não cessava também de buscar interesses e emoções que o reconciliassem com a vida — penetrando à cata dessas emoções e desses interesses pelas veredas mais desviadas do saber, a ponto de devorar, desde janeiro a março, setenta e sete

volumes sobre a *evolução das ideias morais entre as raças negroides*. Ah! nunca homem deste século batalhou mais esforçadamente contra a *seca de viver*! Debalde! Mesmo de explorações tão cativantes como essa, através da moral dos negroides, Jacinto regressava mais murcho, com bocejos mais cavos!

E era então que ele se refugiava intensamente na leitura de Schopenhauer e do *Eclesiastes*. Porquê? Sem dúvida porque ambos esses pessimistas o confirmavam nas conclusões que ele tirava de uma experiência paciente e rigorosa, «que tudo é vaidade ou dor, que quanto mais se sabe, mais se pena, e que ter sido rei de Jerusalém e obtido os gozos todos na vida só leva a maior amargura...» Mas porque rolara assim a

tão escura desilusão — o saudável, rico, sereno e intelectual Jacinto? O velho escudeiro Grilo pretendia que «Sua Excelência sofria de fartura!»

3

Ora justamente depois desse inverno, em que ele se embrenhara na moral dos negócios e instalara a luz elétrica entre os arvoredos do jardim, sucedeu que Jacinto teve a necessidade moral iniludível de partir para o Norte, para o seu velho solar de Torges. Jacinto não conhecia Torges, e foi com desusado tédio que ele se preparou, durante sete semanas, para essa jornada agreste. A quinta fica nas serras — e a rude casa solarenga, onde ainda resta uma torre do século XV, estava ocupada, havia trinta anos, pelos caseiros, boa gente de trabalho, que comia o seu caldo entre a fumaraça da lareira e estendia o trigo a

secar nas salas senhoriais.

Jacinto, logo nos começos de março, escrevera cuidadosamente ao seu procurador Sousa, que habitava a aldeia de Torges, ordenando-lhe que compusesse os telhados, caiasse os muros, envidraçasse as janelas. Depois mandou expedir, por comboios rápidos, em caixotes que transpunham a custo os portões do *Jasmineiro*, todos os confortos necessários a duas semanas de montanha — camas de penas, poltronas, divãs, lâmpadas de Carcel, banheiras de níquel, tubos acústicos para chamar os escudeiros, tapetes persas para amaciar os soalhos. Um dos cocheiros partiu com um coupé, uma vitória, um breque, mulas e guizos.

Depois foi o cozinheiro, com a

bateria, a garrafeira, a geleira, bocais de trufas, caixas profundas de águas minerais. Desde o amanhecer, nos pátios largos do palacete, se pregava, se martelava, como na construção de uma cidade. E as bagagens, desfilando, lembravam uma página de Heródoto ao narrar a invasão persa. Jacinto emagrecera com os cuidados daquele êxodo. Por fim, largámos numa manhã de junho, com o Grilo, e trinta e sete malas.

Eu acompanhava Jacinto, no meu caminho para Goães, onde vive minha tia, a uma légua farta de Torges; e íamos num vagão reservado, entre vastas almofadas, com perdizes e champanhe num cesto. A meio da jornada devíamos mudar de comboio — nessa estação que tem um nome sonoro em *ola* e um tão suave e

cândido jardim de roseiras brancas. Era domingo de imensa poeira e sol — e encontramos aí, enchendo a plataforma estreita, todo um povaréu festivo que vinha da romaria de S. Gregório da Serra.

Para aquele trasbordo, em tarde de arraial, o horário só nos concedia três minutos avaros. O outro comboio já esperava, rente aos alpendres, impaciente e silvando. Uma sineta badalava com furor. E, sem mesmo atender às lindas moças que ali saracoteavam, aos bandos, afogueadas, de lenços flamejantes, o seio farto coberto de ouro, e a imagem do santo espetada no chapéu — corremos, empurrámos, furámos, saltámos para o outro vagão, já reservado, marcado por um cartão com as iniciais de Jacinto. Imediatamente o trem rolou. Pensei então

no nosso Grilo, nas trinta e sete malas! E debruçado da portinhola avistei ainda junto ao cunhal da estação, sob os eucaliptos, um monte de bagagens e homens de boné agaloado que, diante delas, bracejavam com desespero.

Murmurei, recaindo nas almofadas:

— Que serviço!

Jacinto, ao canto, sem descerrar os olhos, suspirou:

— Que maçada!

Toda uma hora deslizámos lentamente entre trigais e vinhedo; e ainda o sol batia nas vidraças, quente e poeirento, quando chegámos à estação de Gondim, onde o procurador de Jacinto, o excelente Sousa, nos devia esperar com cavalos para treparmos a serra até ao

solar de Torges. Por trás do jardim da estação, todo florido também de rosas e margaridas, Jacinto reconheceu logo as suas carruagens, ainda empacotadas em lona.

Mas, quando nos apeámos no pequeno cais branco e fresco — só houve em tomo de nós solidão e silêncio... Nem procurador, nem cavalos! O chefe da estação, a quem eu perguntara com ansiedade «se não aparecera ali o Sr. Sousa, se não conhecia o Sr. Sousa», tirou afavelmente o seu boné de galão. Era um moço gordo e redondo, com cores de maçã camoesa, que trazia sob o braço um volume de versos. «Conhecia perfeitamente o Sr. Sousa! Três semanas antes jogara ele a manilha com o Sr. Sousa! Nessa tarde, porém, infelizmente,

não avistara o Sr. Sousa!» O comboio desaparecera por detrás das fragas altas que ali pendem sobre o rio. Um carregador enrolava o cigarro, assobiando. Rente da grade do jardim, uma velha, toda de negro, dormitava agachada no chão, diante de uma cesta de ovos. E o nosso Grilo, e as nossas bagagens?... O chefe encolheu risonhamente os ombros nédios. Todos os nossos bens tinham encalhado, decerto, naquela estação de roseiras brancas que tem um nome sonoro em *ola*. E nós ali estávamos, perdidos na serra agreste, sem procurador, sem cavalos, sem Grilo, sem malas.

Para que esfiar miudamente o lance lamentável? Ao pé da estação, numa quebrada da serra, havia um casal foreiro

à quinta, onde alcançámos, para nos levarem e nos guiarem a Torges, uma égua lazarenta, um jumento branco, um rapaz e um podengo. E aí começámos a trepar, enfastiadamente, estes caminhos agrestes — os mesmos, decerto, por onde vinham e iam, de monte a rio, os Jacintos do século XV. Mas, passada uma trémula ponte de pau que galga um ribeiro todo quebrado por fragas (e onde abunda a truta adorável), os nossos males esqueceram, ante a inesperada, incomparável beleza daquela serra bendita. O divino artista que está nos Céus compusera, certamente, esse monte numa das suas manhãs de mais solene e bucólica inspiração.

A grandeza era tanta como a graça... Dizer os vales fofos de verdura, os bosques quase sacros, os pomares

cheirosos e em flor, a frescura das águas cantantes, as ermidinhas branqueando nos altos, as rochas musgosas, o ar de uma doçura de Paraíso, toda a majestade e toda a lindeza — não é para mim, homem de pequena arte. Nem creio mesmo que fosse para mestre Horácio. Quem pode dizer a beleza das coisas, tão simples e inexprimível? Jacinto adiante, na égua tarda, murmurava:

— Ah! que beleza!

Eu atrás no burro, com as pernas bambas, murmurava:

— Ah! que beleza!

Os espertos regatos riam, saltando de rocha em rocha. Finos ramos de arbustos floridos roçavam as nossas faces, com familiaridade e carinho. Muito tempo um melro nos seguiu, de choupo

para castanheiro, assobiando os nossos louvores. Serra bem acolhedora e amável... Ah! que beleza!

Por entre estes «Ahs!» maravilhados chegámos a uma avenida de faias, que nos pareceu clássica e nobre. Atirando uma nova vergastada ao burro e à égua, o nosso rapaz, com o seu podengo ao lado, gritava:

— Aqui é que estemos!

E ao fundo das faias havia com efeito um portão de quinta, que um escudo de armas de velha pedra, roída de musgo, grandemente afidalgava. Dentro já os cães ladravam com furor. E mal Jacinto e eu, atrás dele no burro de Sancho, transpusemos o limiar solarengo, correu para nós, do alto de uma escadaria, um homem branco, rapado como um clérigo,

sem colete, sem jaleca, que erguia para o ar, num assombro, os braços desolados. Era o caseiro, o Zé Brás. E logo ali, nas pedras do pátio, entre o latir dos cães, surdiu uma tumultuosa história que o pobre Brás balbuciava, aturdido, e que enchia a face de Jacinto de lividez e de cólera. O caseiro não esperava Sua Excelência. Ninguém esperava Sua Excelência. (Ele dizia *sua inselência).*

O procurador, o Sr. Sousa, estava para a raia desde maio, a tratar a mãe, que levara um couce de mula. E decerto houvera engano, cartas perdidas... Porque o Sr. Sousa só contava com Sua Excelência, em setembro, para a vindima. Na casa nenhuma obra começara. E, infelizmente para Sua Excelência, os telhados ainda estavam sem telhas e as

janelas sem vidraças...

Cruzei os braços, num justo espanto. Mas os caixotes — esses caixotes remetidos para Torges, com tanta prudência, em abril, repletos de colchões, de regalos, de civilização?... O caseiro, vago, sem compreender, arregalava os olhos miúdos, onde já bailavam lágrimas. Os caixotes?! Nada chegara, nada aparecera. E na sua perturbação o Zé Brás procurava entre as arcadas do pátio, nas algibeiras das pantalonas... Os caixotes? Não, não tinha os caixotes!

Foi então que o cocheiro de Jacinto (que trouxera os cavalos e as carruagens) se acercou, gravemente. Esse era um civilizado — e acusou logo o governo. Já quando ele servia o senhor visconde de S. Francisco se tinham assim

perdido, por desleixo do governo, da cidade para a serra, dois caixotes com vinho velho da Madeira e roupa branca de senhora. Por isso ele, escarmentado, sem confiança na Nação, não largara as carruagens — e era tudo o que restava a Sua Excelência: o breque, a vitória, o coupé e os guizos. Somente, naquela rude montanha não havia estradas onde elas rolassem. E como só podiam subir para a quinta em grandes carros de bois — ele lá as deixara em baixo, na estação, quietas, empacotadas na lona...

Jacinto ficara plantado diante de mim, com as mãos nos bolsos:

— E agora?

Nada restava senão recolher, cear o caldo do Zé Brás, e dormir nas palhas que os fados nos concedessem. Subimos.

A escadaria nobre conduzia a uma varanda, toda coberta, em alpendre, acompanhando a fachada do casarão e ornada, entre os seus grossos pilares de granito, por caixotes cheios de terra, em que floriam cravos. Colhi um cravo. Entrámos. E o meu pobre Jacinto contemplou, enfim, as salas do seu solar! Eram enormes, com as altas paredes rebocadas a cal que o tempo e o abandono tinham enegrecido, e vazias, desoladamente nuas, oferecendo apenas como vestígio de habitação e de vida, pelos cantos, algum monte de cestos ou algum molho de enxadas. Nos tetos remotos de carvalho negro alvejavam manchas — que era o céu já pálido do fim da tarde, surpreendido através dos buracos do telhado. Não restava uma

vidraça. Por vezes, sob os nossos passos, uma tábua podre rangia e cedia.

Parámos, enfim, na última, a mais vasta, onde havia duas arcas tulheiras para guardar o grão; e aí depusemos, melancolicamente, o que nos ficara de trinta e sete malas — os paletós alvadios, uma bengala e um *Jornal da Tarde*. Através das janelas desvidraçadas, por onde se avistavam copas de arvoredos e as serras azuis de além-rio, o ar entrava, montesino e largo, circulando plenamente como em um eirado, com aromas de pinheiro bravo. E lá de baixo, dos vales, subia, desgarrada e triste, uma voz de pegureira cantando. Jacinto balbuciou:

— É horroroso!

Eu murmurei:

— É campestre!

4

O Zé Brás, no entanto, com as mãos na cabeça, desaparecera a ordenar a ceia para *suas inselências*. O pobre Jacinto, esbarrondado pelo desastre, sem resistência contra aquele brusco desaparecimento de toda a civilização, caíra pesadamente sobre o poial de uma janela, e dali olhava os montes. E eu, a quem aqueles ares serranos e o cantar da pegureira sabiam bem, terminei por descer à cozinha, conduzido pelo cocheiro, através de escadas e becos, onde a escuridão vinha menos do crepúsculo do que de densas teias de aranha.

A cozinha era uma espessa massa

de tons e forma negras, cor de fuligem, onde refulgia ao fundo, sobre o chão de terra, uma fogueira vermelha que lambia grossas panelas de ferro, e se perdia em fumarada pela grade escassa que no alto coava a luz. Aí um bando alvoraçado e palreiro de mulheres depenava frangos, batia ovos, escarolava arroz, com santo fervor... Do meio delas o bom caseiro, estonteado, investiu para mim jurando que «a ceia de *suas inselências* não demorava um credo». E como eu o interrogava a respeito de camas, o digno Brás teve um murmúrio vago e tímido sobre «enxergazinhas no chão».

— É o que basta, Sr. Zé Brás — acudi eu para o consolar.

— Pois assim Deus seja servido! — suspirou o homem excelente, que

atravessava, nessa hora, o transe mais amargo da sua vida serrana.

Voltando a cima, com estas consolantes novas de ceia e cama, encontrei ainda o meu Jacinto no poial da janela, embebendo-se todo da doce paz crepuscular, que lenta e caladamente se estabelecia sobre vale e monte. No alto já tremeluzia uma estrela, a Vésper diamantina, que é tudo o que neste céu cristão resta do esplendor corporal de Vénus! Jacinto nunca considerara bem aquela estrela — nem assistira a este majestoso e doce adormecer das coisas. Esse enegrecimento de montes e arvoredos, casais claros fundindo-se na sombra, um toque dormente de sino que vinha pelas quebradas, o cochichar das águas entre as relvas baixas — eram para

ele como iniciações. Eu estava defronte, no outro poial. E senti-o suspirar como um homem que enfim descansa.

Assim nos encontrou nesta contemplação o Zé Brás, com o doce aviso de que estava na mesa a *ceiazinha*. Era adiante, noutra sala mais nua, mais negra. E aí, o meu supercivilizado Jacinto recuou com um pavor genuíno. Na mesa de pinho, recoberta com uma toalha de mãos, encostada à parede sórdida, uma vela de sebo, meio derretida num castiçal de latão, alumiava dois pratos de louça amarelada, ladeados por colheres de pau e por garfos de ferro. Os copos, de vidro grosso e baço, conservavam o tom roxo do vinho que neles passara em fartos anos de fartas vindimas. O covilhete de baixo com as azeitonas deleitaria, pela sua

singeleza ática, o coração de Diógenes. Na larga broa estava cravado um facalhão... Pobre Jacinto!

Mas lá abancou resignado, e muito tempo, pensativamente, esfregou com o seu lenço o garfo negro e a colher de pau. Depois, mudo, desconfiado, provou um gole curto de caldo, que era de galinha e rescendia. Provou, e levantou para mim, seu companheiro e amigo, uns olhos largos que luziam, surpreendidos. Tornou a sorver uma colherada do caldo, mais cheia, mais lenta... E sorriu, murmurando com espanto:

— Está bom!

Estava realmente bom: tinha fígado e tinha moela; o seu perfume enternecia. Eu, três vezes, com energia, ataquei aquele caldo; foi Jacinto que

rapou a sopeira. Mas já, arredando a broa, arredando a vela, o bom Zé Brás pousara na mesa uma travessa vidrada, que transbordava de arroz com favas. Ora, apesar de a fava (que os Gregos chamaram *ciboria*) pertencer às épocas superiores da civilização, e promover tanto a sapiência, que havia em Sícion, na Galácia, um templo dedicado a Minerva Ciboriana — Jacinto sempre detestara favas. Tentou todavia uma garfada tímida. De novo os seus olhos, alargados pelo assombro, procuravam os meus. Outra garfada, outra concentração... E eis que o meu dificílimo amigo exclama:

— Está ótimo!

Eram os picantes ares da sem? Era a arte deliciosa daquelas mulheres que em baixo remexiam as panelas, cantando o

Vira, meu bem? Não sei — mas os louvores de Jacinto a cada travessa foram ganhando em amplidão e firmeza. E diante do frango louro, assado no espeto de pau, terminou por bradar:

— Está divino!

Nada porém o entusiasmou como o vinho, o vinho caindo de alto, da grossa caneca verde, um vinho gostoso, penetrante, vivo, quente, que tinha em si mais alma que muito poema ou livro santo! Mirando à luz de sebo o copo rude que ele orlava de espuma, eu recordava o dia geórgico em que Virgílio, em casa de Horácio, sob a ramada, cantava o fresco palhete da Rética. E Jacinto, com uma cor que eu nunca vira na sua palidez schopenháurica, sussurrou logo o doce verso:

Rethica quo te carmina dicat.

Quem dignamente te cantará, vindo daquelas serras?!

Assim jantámos deliciosamente, sob os auspícios do Zé Brás. E depois voltámos para as alegrias únicas da casa, para as janelas desvidraçadas, a contemplar silenciosamente um sumptuoso céu de verão, tão cheio de estrelas que todo ele parecia uma densa poeirada de ouro vivo, suspensa, imóvel, por cima dos montes negros. Como eu observei ao meu Jacinto, na cidade nunca se olham os astros por causa dos candeeiros — que os ofuscam: e nunca se entra por isso numa completa comunhão com o universo. O homem nas capitais pertence à sua casa,

ou, se o impelem fortes tendências de sociabilidade, ao seu bairro. Tudo o isola e o separa da restante natureza — os prédios obstrutores de seis andares, a fumaça das chaminés, o rolar moroso e grosso dos ónibus, a trama encarceradora da vida urbana... Mas que diferença, num cimo de monte, como Torges! Aí todas essas belas estrelas olham para nós de perto, rebrilhando, à maneira de olhos conscientes, umas fixamente, com sublime indiferença, outras ansiosamente, com uma luz que palpita, uma luz que chama, como se tentassem revelar os seus segredos ou compreender os nossos... E é impossível não sentir uma solidariedade perfeita entre esses imensos mundos e os nossos pobres corpos. Todos são obra da mesma vontade, Todos vivem da ação

dessa vontade imanente. Todos, portanto, desde os Uranos até aos Jacintos, constituímos modos diversos de um ser único, e através das suas transformações somamos na mesma unidade. Não há ideia mais consoladora do que esta — que eu, e tu, e aquele monte, e o Sol que, agora, se esconde são moléculas do mesmo Todo, governadas pela mesma Lei, rolando para o mesmo Fim. Desde logo se somem as responsabilidades torturantes do individualismo. Que somos nós? Formas sem força, que uma Força impele. E há um descanso delicioso nesta certeza, mesmo fugitiva, de que se é o grão de pó irresponsável e passivo que vai levado no grande vento, ou a gota perdida na torrente! Jacinto concordava, sumido na sombra. Nem ele nem eu sabíamos os

nomes desses astros admiráveis. Eu, por causa da maciça e indesbastável ignorância de bacharel, com que saí do ventre de Coimbra, minha mãe espiritual. Jacinto, porque na sua ponderosa biblioteca tinha *trezentos e dezoito* tratados sobre a astronomia! Mas que nos importava, de resto, que aquele astro além se chamasse Sírio e aquele outro Aldebarã? Que lhes importava a eles que um de nós fosse José e o outro Jacinto? Éramos formas transitórias do mesmo ser eterno — e em nós havia o mesmo Deus. E se eles também assim o compreendiam, estávamos ali, nós à janela num casarão serrano, eles no seu maravilhoso infinito, perfazendo um ato sacrossanto, um perfeito ato de Graça — que era sentir conscientemente a nossa unidade, e

realizar, durante um instante, na consciência, a nossa divinização.

Assim enevoadamente filosofávamos — quando Zé Brás, com uma candeia na mão, veio avisar que «estavam preparadas as camas de *suas inselências*...» Da idealidade descemos gostosamente à realidade, e que vimos então nós, os irmãos dos astros? Em duas salas tenebrosas e côncavas, duas enxergas, postas no chão, a um canto, com duas cobertas de chita; à cabeceira um castiçal de latão, pousado sobre um alqueire: e aos pés, como lavatório, um alguidar vidrado em cima de uma cadeira de pau!

Em silêncio, o meu supercivilizado amigo palpou a sua enxerga e sentiu nela a rigidez de um

granito. Depois, correndo pela face descaída os dedos murchos, considerou que, perdidas as suas malas, não tinha nem chinelas nem roupão! E foi ainda Zé Brás que providenciou, trazendo ao pobre Jacinto, para ele desafogar os pés, uns tremendos tamancos de pau, e para ele embrulhar o corpo docemente educado em Síbaris, uma camisa da caseira enorme, de estopa mais áspera que estamenha de penitente, e com folhos crespos e duros como lavores em madeira... Para o consolar, lembrei que Platão, quando compunha O *Banquete*, Xenofonte, quando comandava os Dez Mil, dormiam em piores catres. As enxergas austeras fazem as fortes almas — e é só vestido de estamenha que se penetra no Paraíso.

— Tem você — murmurou o meu

amigo, desatento e seco — alguma coisa que eu leia?... Eu não posso adormecer sem ler!

Eu possuía apenas o número do *Jornal da Tarde*, que rasguei pelo meio e partilhei com ele fraternalmente. E quem não viu então Jacinto, senhor de Torges, acaçapado à borda da enxerga, junto da vela que pingava sobre o alqueire, com os pés nus encafuados nos grossos socos, perdido dentro da camisa da patroa, toda em folhos, percorrendo na metade do *Jornal da Tarde*, com os olhos turvos, os anúncios dos paquetes — não pode saber o que é uma vigorosa e real imagem do desalento!

Assim o deixei — e daí a pouco, estendido na minha enxerga também espartana, subia, através de um sonho

jovial e erudito, ao planeta Vénus, onde encontrava, entre os olmos e os ciprestes, num vergel, Platão e o Zé Brás, em alta camaradagem intelectual, bebendo o vinho da Rética pelos copos de Torges! Travámos todos três bruscamente uma controvérsia sobre o século XIX. Ao longe, por entre uma floresta de roseiras mais altas que carvalhos, alvejavam os mármores de uma cidade e ressoavam cantos sacros. Não recordo o que Xenofonte sustentou acerca da civilização e do fonógrafo. De repente tudo foi turbado por fuscas nuvens, através das quais eu distinguia Jacinto, fugindo num burro que ele impelia furiosamente com os calcanhares, com uma vergasta, com berros, para os lados do *Jasmineiro*!

5

Cedo, de madrugada, sem rumor, para não despertar Jacinto, que, com as mãos sobre o peito, dormia placidamente no seu leito de granito — parti para Goães. E durante três quietas semanas, naquela vila onde se conservam os hábitos e as ideias do tempo de el-rei D. Dinis, não soube do meu desconsolado amigo, que decerto fugira dos seus tetos esburacados e remergulhara na civilização. Depois, por uma abrasada manhã de agosto, descendo de Goães, de novo trilhei a avenida de faias e entrei no portão solarengo de Torges, entre o furioso latir dos rafeiros. A mulher do Zé Brás apareceu alvoroçada à porta da

tulha. E a sua nova foi logo que o Sr. D. Jacinto (em Torges, o meu amigo tinha dom) andava lá em baixo com o Sousa nos campos de Freixomil.

— Então, ainda cá está o Sr. D. Jacinto?

Sua inselência ainda estava em Torges — e *sua inselência* ficava para a vindima!... Justamente eu reparava que as janelas do solar tinham vidraças novas; e a um canto do pátio pousavam baldes de cal; uma escada de pedreiro ficara arrimada contra a varanda; e num caixote aberto, ainda cheio de palha de empacotar, dormiam dois gatos.

— E o Grilo apareceu?

— O Sr. Grilo está no pomar, à sombra.

— Bem! E as malas?

— O Sr. D. Jacinto já tem o seu saquinho de couro...

Louvado Deus! O meu Jacinto estava, enfim, provido de civilização! Subi contente. Na sala nobre, onde o soalho fora composto e esfregado, encontrei uma mesa recoberta de oleado, prateleiras de pinho com louça branca de Barcelos e cadeiras de palhinha, orlando as paredes muito caiadas que davam uma frescura de capela nova. Ao lado, noutra sala, também de faiscante alvura, havia o conforto inesperado de três cadeiras de verga da Madeira, com braços largos e almofadas de chita; sobre a mesa de pinho, o papel almaço, o candeeiro de azeite, as penas de pato espetadas num tinteiro de frade, pareciam preparadas para um estudo calmo e ditoso das

humanidades; e na parede, suspensa de dois pregos, uma estantezinha continha quatro ou cinco livros, folheados e usados, o *D. Quixote*, um Virgílio, uma *História de Roma*, as *Crónicas* de Froissart. Adiante era certamente o quarto de D. Jacinto, um quarto claro e casto de estudante, com um catre de ferro, um lavatório de ferro, a roupa pendurada de cabides toscos. Tudo resplandecia de asseio e ordem. As janelas cerradas defendiam do sol de agosto, que escaldava fora os peitoris de pedra. Do soalho, borrifado de água, subia uma fresquidão consoladora. Num velho vaso azul um molho de cravos alegrava e perfumava. Não havia um rumor. Torges dormia no esplendor da sesta. E envolvido naquele repouso de convento

remoto, terminei por me estender numa cadeira de verga junto à mesa, abri languidamente o Virgílio, murmurando:

Fortunate Jacinthe! tu inter arva nota
Et fontes sacros frigus captabis opacum.

Já mesmo irreverentemente adormecera sobre o divino bucolista, quando me despertou um brado amigo. Era o nosso Jacinto. E imediatamente o comparei a uma planta, meio murcha e estiolada no escuro, que fora profusamente regada e revivera em pleno sol. Não corcovava. Sobre a sua palidez de supercivilizado, o ar da serra ou a reconciliação com a vida tinham espalhado um tom trigueiro e forte que o virilizava soberbamente. Dos olhos, que

na cidade eu lhe conhecera sempre crepusculares, saltava agora um brilho de meio-dia, decidido e largo, que mergulhava francamente na beleza das coisas. Já não passava as mãos murchas sobre a face — batia com elas rijamente na coxa... Que sei eu? Era uma reencarnação. E tudo o que me contou, pisando alegremente com os sapatos brancos o soalho, foi que se sentira, ao fim de três dias em Torges, como desanuviado, mandara comprar um colchão macio, reunira cinco livros nunca lidos, e ali estava...

— Para todo o verão?

— Para todo o sempre! E agora, homem das cidades, vem almoçar umas trutas que eu pesquei, e compreende enfim o que é o Céu.

As trutas eram, com efeito, celestes. E apareceu também uma salada fria de couve-flor e vagens, e um vinho branco de Azães... Mas quem condignamente vos cantará, comeres e beberes daquelas serras?

De tarde, finda a calma, passeámos pelos caminhos coleando a vasta quinta, que vai de vales a montes. Jacinto parava a contemplar com carinho os milhos altos. Com a mão espalmada e forte batia no tronco dos castanheiros, como nas costas de amigos recuperados. Todo o fio de água, todo o tufo de erva, todo o pé de vinha o ocupava como vidas filiais por que fosse responsável. Conhecia certos melros que cantavam em certos choupos. Exclamava enternecido:

— Que encanto, a flor do trevo!

À noite, depois de um cabrito sistema, toda a imensa simitas, um assado no forno, a que mestre Horácio teria dedicado uma ode (talvez mesmo um carme heroico), conversámos sobre o Destino e a Vida. Eu citei, com discreta malícia, Schopenhauer e o *Eclesiastes*... Mas Jacinto ergueu os ombros com seguro desdém. A sua confiança nesses dois sombrios explicadores da vida desaparecera, e irremediavelmente, sem poder mais voltar, como uma névoa que o sol espalha. Tremenda tolice! Afirmar que a vida se compõe, meramente, de uma longa ilusão — é erguer um aparatoso sistema sobre um ponto especial e estreito da vida, deixando fora do sistema toda a vida restante, como uma contradição permanente e soberba. Era como se ele,

Jacinto, apontando para uma urtiga, crescida naquele pátio, declarasse, triunfalmente: «Aqui está uma urtiga! Toda a quinta de Torges, portanto, é uma massa de urtiga.» — Mas bastaria que o hóspede erguesse os olhos para ver as searas, os pomares e os vinhedos!

De resto, desses dois ilustres pessimistas, um, o alemão, que conhecia ele da vida — dessa vida de que fizera, com doutoral majestade, uma teoria definitiva e dolente? Tudo o que pode conhecer quem, como este genial farsante, viveu cinquenta anos numa soturna hospedaria de província, levantando apenas os óculos dos livros para conversar, à mesa-redonda, com os alferes da guarnição! E o outro, o israelita, o homem dos *Cantares*, o muito

pedantesco rei de Jerusalém, só descobre que a vida é uma ilusão aos setenta e cinco anos, quando o poder lhe escapa das mãos trémulas, e o seu serralho de trezentas concubinas se torna ridiculamente supérfluo à sua carcaça frígida. Um dogmatiza funebremente sobre o que não sabe — e o outro sobre o que não pode. Mas que se dê a esse bom Schopenhauer uma vida tão completa e cheia como a de César, e onde estará o seu schopenhauerismo? Que se restitua a esse sultão, besuntado de literatura, que tanto edificou e professorou em Jerusalém, a sua virilidade — e onde estará o *Eclesiastes?* De resto, que importa bendizer ou maldizer da vida? Afortunada ou dolorosa, fecunda ou vã, ela tem de ser vivida. Loucos aqueles que,

para a atravessar, se embrulham desde logo em pesados véus de tristeza e desilusão, de sorte que na sua estrada tudo lhes seja íngreme, não só as léguas realmente escuras, mas mesmo aquelas em que cintila um sol amável. Na Terra tudo vive — e só o homem sente a dor e a desilusão da vida. E tanto mais as sente, quanto mais alarga e acumula a obra dessa inteligência que o toma homem, e que o separa da restante natureza, impensante e inerte. É no máximo de civilização que ele experimenta o máximo de tédio. A sapiência, portanto, está em recuar até esse honesto mínimo de civilização, que consiste em ter um teto de colmo, uma leira de terra e o grão para nela semear. Em resumo, para reaver a felicidade, é necessário regressar ao Paraíso — e ficar

lá, quieto, na sua folha de vinha, inteiramente desguarnecido de civilização, contemplando o anho aos saltos entre o tomilho, e sem procurar, nem com o desejo, a árvore funesta da Ciência! *Dixi*!

Eu escutava, assombrado, este Jacinto novíssimo. Era verdadeiramente uma ressurreição no magnífico estilo de Lázaro. Ao *surge et ambula* que lhe tinham sussurrado as águas e os bosques de Torges, ele erguia-se do fundo da cova do Pessimismo, desembaraçava-se das suas casacas de Poole, *et ambulabat*, e começava a ser ditoso. Quando recolhi ao meu quarto, àquelas horas honestas que convêm ao campo e ao Otimismo, tomei entre as minhas a mão já firme do meu amigo, e pensando que ele, enfim,

alcançara a verdadeira realeza, porque possuía a verdadeira liberdade, gritei-lhe os meus parabéns à maneira do moralista de Tíbur:

Vive et regna, fortunate Jacinthe!

Daí a pouco, através da porta aberta que nos separava, senti uma risada fresca, moça, genuína e consolada. Era Jacinto que lia o *D. Quixote*. Oh bem-aventurado Jacinto! Conservava o agudo poder de criticar e recuperara o dom divino de rir!

***

Quatro anos vão passados, Jacinto ainda habita Torges. As paredes do seu

solar continuam bem caiadas, mas nuas.

De inverno enverga um gabão de briche e acende um braseiro. Para chamar o Grilo ou a moça, bate as mãos, como fazia Catão. Com os seus deliciosos vagares, já leu a *Ilíada*. Não faz a barba. Nos caminhos silvestres, para e fala com as crianças. Todos os casais da serra o bendizem. Ouço que vai casar com uma forte, sã e bela rapariga de Goães. Decerto crescerá ali uma tribo, que será grata ao Senhor!

Como ele, recentemente, me mandou pedir livros da sua livraria (uma *Vida de Buda*, uma *História da Grécia* e as obras de S. Francisco de Sales) fui, depois destes quatro anos, ao *Jasmineiro* deserto. Cada passo meu sobre os fofos tapetes de Caramânia soou triste como um

chão de mortos. Todos os brocados estavam engelhados, esgaçados. Pelas paredes pendiam, como olhos fora de órbitas, os botões elétricos das campainhas e das luzes — e havia vagos fios de arame, soltos, enroscados, onde a aranha regalada e reinando tecera teias espessas. Na livraria, todo o vasto saber dos séculos jazia numa imensa mudez, debaixo de uma imensa poeira. Sobre as lombadas dos sistemas filosóficos alvejava o bolor: vorazmente a traça devastara as Histórias Universais: errava ali um cheiro mole de literatura apodrecida — e eu acabei, com o lenço no nariz, certo de que naqueles vinte mil volumes não restava uma verdade viva! Quis lavar as mãos, maculadas pelo contacto com estes detritos de

conhecimentos humanos. Mas os maravilhosos aparelhos do lavatório, da sala de banho, enferrujados, perros, dessoldados, não largaram uma gota de água; e, como chovia nessa tarde de abril, tive de sair à varanda, pedir ao céu que me lavasse.

Ao descer, penetrei no gabinete de trabalho de Jacinto e tropecei num montão negro de ferragens, rodas, lâminas, campainhas, parafusos... Entreabri a janela e reconheci o telefone, o teatrofone, o fonógrafo, outros aparelhos, tombados das suas peanhas, sórdidos, desfeitos sob a poeira dos anos. Empurrei com o pé este lixo do engenho humano. A máquina de escrever, escancarada, com os buracos negros marcando as letras desarraigadas, era como uma boca alvar e desdentada. O

telefone parecia esborrachado, enrodilhado nas suas tripas de arame.

Na trompa do fonógrafo, torta, esbeiçada, para sempre muda, fervilhavam carochas. E ali jaziam, tão lamentáveis e grotescas, aquelas geniais invenções, que eu saí rindo, como de uma enorme facécia, daquele supercivilizado palácio.

A chuva de abril secara: os telhados remotos da cidade negrejavam sobre um poente de carmesim e ouro. E, através das ruas mais frescas, eu ia pensando que este nosso magnífico século XIX se assemelharia um dia àquele *Jasmineiro* abandonado, e que outros homens, com uma certeza mais pura do que é a Vida e a Felicidade, dariam, como eu, com o pé no lixo da supercivilização

e, como eu, ririam alegremente da grande ilusão que findara, inútil e coberta de ferrugem.

Àquela hora, decerto, Jacinto, na varanda em Torges, sem fonógrafo e sem telefone, reentrado na simplicidade, via, sob a paz lenta da tarde, ao tremeluzir da primeira estrela, a boiada recolher entre o canto dos boieiros.

O Tesouro

1

Os três irmãos de Medranhos, Rui, Guanes e Rostabal, eram então, em todo o reino das Astúrias, os fidalgos mais famintos e os mais remendados.

Nos Paços de Medranhos, a que o vento da serra levara vidraça e telha, passavam eles as tardes desse inverno, engelhados nos seus pelotes de camelão, batendo as solas rotas sobre as lajes da cozinha, diante da vasta lareira negra, onde desde muito não estalava lume, nem fervia a panela de ferro. Ao escurecer devoravam uma côdea de pão negro, esfregada com alho. Depois, sem candeia, através do pátio, fendendo a neve, iam dormir à estrebaria, para aproveitar o

calor das três éguas lazarentas que, esfaimadas como eles, roíam as traves da manjedoura. E a miséria tornara estes senhores mais bravios que lobos.

Ora, na primavera, por uma silenciosa manhã de domingo, andando todos três na mata de Roquelanes a espiar pegadas de caça e a apanhar tortulhos entre os robles, enquanto as três éguas pastavam a relva nova de abril — os irmãos de Medranhos encontraram, por trás de uma moita de espinheiros, numa cova de rocha, um velho cofre de ferro. Como se o resguardasse uma torre segura, conservava as suas três chaves nas suas três fechaduras. Sobre a tampa, mal decifrável através da ferrugem, corria um dístico em letras árabes. E dentro, até às bordas, estava cheio de dobrões de ouro!

No terror e esplendor da emoção, os três senhores ficaram mais lívidos do que círios. Depois, mergulhando furiosamente as mãos no ouro, estalaram a rir, num riso de tão larga rajada que as folhas tenras dos olmos, em roda, tremiam... E de novo recuaram, bruscamente se encararam, com os olhos a flamejar, numa desconfiança tão desabrida que Guanes e Rostabal apalpavam nos cintos os cabos das grandes facas. Então, Rui, que era gordo e ruivo, e o mais avisado, ergueu os braços, como um árbitro, e começou por decidir que o tesouro, ou viesse de Deus ou do Demónio, pertencia aos três, e entre eles se repartiria, rigidamente, pesando-se o ouro em balanças. Mas como poderiam carregar para Medranhos, para os cimos

da serra, aquele cofre tão cheio? Nem convinha que saíssem da mata com o seu bem, antes de cerrar a escuridão. Por isso ele entendia que o mano Guanes, como mais leve, devia trotar para a vila vizinha de Retortilho, levando já ouro na bolsilha, a comprar três alforges de couro, três maquias de cevada, três empadões de carne e três botelhas de vinho. Vinho e carne eram para eles, que não comiam desde a véspera: a cevada era para as éguas. E assim refeitos, senhores e cavalgaduras ensacariam o ouro nos alforges e subiriam para Medranhos, sob a segurança da noite sem Lua.

— Bem tramado! — gritou Rostabal, homem mais alto que um pinheiro, de longa guedelha e com uma barba que lhe caía desde os olhos raiados

de sangue até à fivela do cinturão.

Mas Guanes não se arredava do cofre, enrugado, desconfiado, puxando entre os dedos a pele negra do seu pescoço de grou. Por fim, brutalmente:

— Manos! O cofre tem três chaves... Eu quero fechar a minha fechadura e levar a minha chave!

— Também eu quero a minha, mil raios! — rugiu logo Rostabal.

Rui sorriu. Decerto, decerto! A cada dono do ouro cabia uma das chaves que o guardavam. E cada um em silêncio, agachado ante o cofre, cerrou a sua fechadura com força. Imediatamente Guanes, desanuviado, saltou na égua, meteu pela vereda de olmos, a caminho de Retortilho, atirando aos ramos a sua cantiga costumada e dolente:

Olé! Olé!
Sale la cruz de la iglesia,
Vestida de negro luto...

2

Na clareira, em frente à moita que encobria o tesouro (e que os três tinham desbastado a cutiladas) um fio de água, brotando entre rochas, caía sobre uma vasta laje escavada, onde fazia como um tanque, claro e quieto, antes de se escoar para as relvas altas. E ao lado, na sombra de uma faia, jazia um velho pilar de granito, tombado e musgoso. Ali vieram sentar-se Rui e Rostabal, com os seus tremendos espadões entre os joelhos. As duas éguas tosavam a boa erva pintalgada de papoulas e botões-de-ouro. Pela ramaria andava um melro a assobiar. Um cheiro errante de violetas adoçava o ar luminoso. E Rostabal, olhando o Sol,

bocejava com fome.

Então Rui, que tirara o *sombrero* e lhe cofiava as velhas plumas roxas, começou a considerar, na sua fala avisada e mansa, que Guanes, nessa manhã, não quisera descer com eles à mata de Roquelanes. E assim era a sorte ruim! Pois que se Guanes tivesse quedado em Medranhos, só eles dois teriam descoberto o cofre, e só entre eles dois se dividiria o ouro! Grande pena! Tanto mais que a parte de Guanes seria em breve dissipada com rufiões, aos dados, pelas tavernas.

— Ah! Rostabal, Rostabal! Se Guanes, passando aqui sozinho, tivesse achado este ouro, não dividia connosco, Rostabal!

O outro rosnou surdamente e com

furor, dando um puxão às barbas negras:

— Não, mil raios! Guanes é sôfrego... Quando o ano passado, se te lembras, ganhou os cem ducados ao espadeiro de Fresno, nem me quis emprestar três para eu comprar um gibão novo!

— Vês tu? — gritou Rui, resplandecendo.

Ambos se tinham erguido do pilar de granito, como levados pela mesma ideia, que os deslumbrava. E, através das suas largas passadas, as ervas altas silvavam.

— E para quê — prosseguia Rui. — Para que lhe serve todo o ouro que nos leva? Tu não o ouves, de noite, como tosse? Ao redor da palha em que dorme, todo o chão está negro do sangue que

escarra! Não dura até às outras neves, Rostabal! Mas até lá terá dissipado os bons dobrões que deviam ser nossos, para levantarmos a nossa casa, e para tu teres ginetes, e armas, e trajes nobres, e o teu terço de solarengos, como compete a quem é, como tu, o mais velho dos de Medranhos...

— Pois que morra, e morra hoje! — bradou Rostabal.

— Queres?

Vivamente, Rui agarrara o braço do irmão e apontava para a vereda de olmos, por onde Guanes partira cantando:

— Logo adiante, ao fim do trilho, há um sítio bom, nos silvados. E hás de ser tu, Rostabal, que és o mais forte e o mais destro. Um golpe de ponta pelas costas. E é justiça de Deus que sejas tu,

que muitas vezes, nas tavernas, sem pudor, Guanes te tratava de «cerdo» e de «torpe», por não saberes a letra nem os números.

— Malvado!

— Vem!

Foram. Ambos se emboscaram por trás de um silvado que dominava o atalho, estreito e pedregoso como um leito de torrente. Rostabal, assolapado na vala, tinha já a espada nua. Um vento leve arrepiou na encosta as folhas dos álamos — e sentiram o repique leve dos sinos de Retoitilho. Rui, coçando a barba, calculava as horas pelo Sol, que já se inclinava para as serras. Um bando de corvos passou sobre eles, grasnando. E Rostabal, que lhes seguira o voo, recomeçou a bocejar, com fome, pensando

nos empadões e no vinho que o outro trazia nos alforges.

Enfim! Alerta! Era, na vereda, a cantiga dolente e rouca atirada aos ramos:

Olé! Olé!
Sale la cruz de la iglesia,
Toda vestida de negro...

Rui murmurou: — Na ilharga! Mal que passe! — O chouto da égua bateu o cascalho, uma pluma num *sombrero* vermelhejou por sobre a ponta das silvas.

Rostabal rompeu de entre a sarça por uma brecha, atirou o braço, a longa espada — e toda a lâmina se embebeu molemente na ilharga de Guanes, quando, ao rumor, bruscamente, ele se virara na sela. Com um surdo arranco, tombou de

lado sobre as pedras. Já Rui se arremessava aos freios da égua — Rostabal, caindo sobre Guanes, que arquejava, de novo lhe mergulhou a espada, agarrada pela folha como um punhal, no peito e na garganta.

— A chave! — gritou Rui.

E arrancada a chave do cofre ao seio do morto, ambos largaram pela vereda — Rostabal adiante, fugindo, com a pluma do *sombrero* quebrada e torta, a espada ainda nua entalada sob o braço, todo encolhido, arrepiado com o sabor do sangue que lhe espirrara para a boca; Rui, atrás, puxava desesperadamente os freios da égua, que, de patas fincadas no chão pedregoso, arreganhando a longa dentuça amarela, não queria deixar o seu amo assim estirado, abandonado, ao comprido

das sebes.

Teve de lhe espicaçar as ancas lazarentas com a ponta da espada — e foi correndo sobre ela, de lâmina alta, como se perseguisse um mouro, que desembocou na clareira onde o sol já não dourava as folhas. Rostabal arremessara para a relva o *sombrero* e a espada; e debruçado sobre a laje escavada em tanque, de mangas arregaçadas, lavava, ruidosamente, a face e as barbas.

A égua, quieta, recomeçou a pastar, carregada com os alforges novos que Guanes comprara em Retortilho. Do mais largo, abarrotado, surdiam dois gargalos de garrafas. Então Rui tirou, lentamente, do cinto, a sua larga navalha. Sem um rumor na relva espessa, deslizou até Rostabal, que resfolegava, com as

longas barbas pingando. E serenamente, como se pregasse uma estaca num canteiro, enterrou a folha toda no largo dorso dobrado, certeira sobre o coração.

Rostabal caiu sobre o tanque, sem um gemido, com a face na água, os longos cabelos flutuando na água. A sua velha escarcela de couro ficara entalada sob a coxa. Para tirar de dentro a terceira chave do cofre, Rui solevou o corpo — e um sangue mais grosso jorrou, escorreu pela borda do tanque, fumegando.

3

Agora eram dele, só dele, as três chaves do cofre!... E Rui, alargando os braços, respirou deliciosamente. Mal a noite descesse, com o ouro metido nos alforges, guiando a fila das éguas pelos trilhos da serra, subiria a Medranhos e enterraria na adega o seu tesouro! E quando ali na fonte, e além rente aos silvados, só restassem, sob as neves de dezembro, alguns ossos sem nome, ele seria o magnífico senhor de Medranhos, e na capela nova do solar renascido mandaria dizer missas ricas pelos seus dois irmãos mortos... Mortos como? Como devem morrer os de Medranhos — a pelejar contra o Turco!

Abriu as três fechaduras, apanhou um punhado de dobrões, que fez retinir sobre as pedras. Que puro ouro, de fino quilate! E era o *seu* ouro! Depois foi examinar a capacidade dos alforges — e encontrando as duas garrafas de vinho, e um gordo capão assado, sentiu uma imensa fome. Desde a véspera só comera uma lasca de peixe seco. E há quanto tempo não provava capão!

Com que delícia se sentou na relva, com as pernas abertas, e entre elas a ave loura, que rescendia, e o vinho cor de âmbar! Ah! Guanes fora bom mordomo — nem esquecera azeitonas. Mas porque trouxera ele, para três convivas, só duas garrafas? Rasgou uma asa do capão: devorava a grandes dentadas. A tarde descia, pensativa e doce, com nuvenzinhas

cor-de-rosa. Para além, na vereda, um bando de corvos grasnava. As éguas fartas dormitavam, com o focinho pendido. E a fonte cantava, lavando o morto.

Rui ergueu à luz a garrafa de vinho. Com aquela cor velha e quente, não teria custado menos de três maravedis. E, pondo o gargalo à boca, bebeu em sorvos lentos, que lhe faziam ondular o pescoço peludo. Oh vinho bendito, que tão prontamente aquecia o sangue! Atirou a garrafa vazia — destapou outra. Mas, como era avisado, não bebeu, porque a jornada para a serra, com o tesouro, requeria firmeza e acerto. Estendido sobre o cotovelo, descansando, pensava em Medranhos coberto de telha nova, nas altas chamas da lareira por noites de neve, e no seu leito com brocados, onde

teria sempre mulheres.

De repente, tomado de uma ansiedade, teve pressa de carregar os alforges. Já entre os troncos a sombra se adensava. Puxou uma das éguas para junto do cofre, ergueu a tampa, tomou um punhado de ouro... Mas oscilou, largando os dobrões, que retilintaram no chão, e levou as duas mãos aflitas ao peito. Que é, D. Rui? Raios de Deus! Era um lume, um lume vivo, que se lhe acendera dentro, lhe subia até às goelas. Já rasgara o gibão, atirava os passos incertos, e, a arquejar, com a língua pendente, limpava as grossas bagas de um suor horrendo que o regelava como neve. Oh Virgem Mãe! Outra vez o lume, mais forte, que alastrava, o roía! Gritou:

— Socorro! Alguém! Guanes!

Rostabal!

Os seus braços torcidos batiam o ar desesperadamente. E a chama dentro galgava — sentia os ossos a estalarem como as traves de uma casa em fogo.

Cambaleou até à fonte para apagar aquela labareda, tropeçou sobre Rostabal: e foi com o joelho fincado no morto, arranhando a rocha, que ele, entre uivos, procurava o fio de água, que recebia sobre os olhos, pelos cabelos. Mas a água mais o queimava, como se fosse um metal derretido. Recuou, caiu para cima da relva, que arrancava aos punhados, e que mordia, mordendo os dedos, para lhe sugar a frescura. Ainda se ergueu, com uma baba densa a escorrer-lhe nas barbas: e de repente, esbugalhando pavorosamente os olhos, berrou, como se

compreendesse enfim a traição, todo o horror:

— É veneno!

Oh! D. Rui, o avisado, era veneno! Porque Guanes, apenas chegara a Retortilho, mesmo antes de comprar os alforges, correra cantando a uma viela, por detrás da catedral, a comprar ao velho droguista judeu o veneno que, misturado ao vinho, o tornaria a ele, a ele somente, dono de todo o tesouro.

Anoiteceu. Dois corvos, de entre o bando que grasnava além nos silvados, já tinham pousado sobre o corpo de Guanes. A fonte, cantando, lavava o outro morto. Meio enterrada na erva negra, toda a face de Rui se tornara negra. Uma estrelinha tremeluzia no céu.

O tesouro ainda lá está, na mata de

Roquelanes.

Frei Genebro

1

Nesse tempo ainda vivia, na solidão das montanhas da Úmbria, o divino Francisco de Assis — e já por toda a Itália se louvava a santidade de Frei Genebro, seu amigo e seu discípulo.

Frei Genebro, na verdade, completara a perfeição em todas as virtudes evangélicas. Pela abundância e perpetuidade da oração, ele arrancava da sua alma as raízes mais miúdas do pecado, e tornava-a limpa e cândida como um desses celestes jardins em que o solo anda regado pelo Senhor, e onde só podem brotar açucenas. A sua penitência, durante vinte anos de claustro, fora tão dura e alta que já não temia o Tentador; e

agora, só com o sacudir a manga do hábito, rechaçava as tentações, as mais pavorosas ou as mais deliciosas, como se fossem apenas moscas importunas. Benéfica e universal à maneira de um orvalho de verão, a sua caridade não se derramava somente sobre as misérias do pobre, mas sobre as melancolias do rico. Na sua humilíssima humildade não se considerava nem o igual de um verme. Os bravios barões, cujas negras torres esmagavam a Itália, acolhiam reverentemente e curvavam a cabeça a este franciscano descalço e mal remendado que lhes ensinava a mansidão. Em Roma, em S. João de Latrão, o papa Honório beijara as feridas de cadeias que lhe tinham ficado nos pulsos, do ano em que na Mourama, por amor dos escravos,

padecera a escravidão. E como nessas idades os anjos ainda viajavam na Terra, com as asas escondidas, arrimados a um bordão, muitas vezes, trilhando uma velha estrada pagã ou atravessando uma selva, ele encontrava um moço de inefável formosura, que lhe sorria e murmurava:

— Bons dias, irmão Genebro!

Ora, um dia, indo este admirável mendicante de Espoleto para Temi, e avistando no azul e no sol da manhã, sobre uma colina coberta de carvalhos, as ruínas do castelo de Otofrid, pensou no seu amigo Egídio, antigo noviço como ele no Mosteiro de Santa Maria dos Anjos, que se retirara àquele ermo para se avizinhar mais de Deus, e ali habitava uma cabana de colmo, junto das muralhas derrocadas, cantando e regando as alfaces

do seu horto, porque a sua virtude era amena. E como mais de três anos tinham passado desde que visitara o bom Egídio, largou a estrada, passou em baixo, no vale, sobre as alpondras, o riacho que fugia por entre os aloendros em flor, e começou a subir, lentamente, a colina frondosa. Depois da poeira e ardor do caminho de Espoleto, era doce a larga sombra dos castanheiros e a relva que lhe refrescava os pés doridos. A meia encosta, numa rocha onde se esguedelhavam silvados, sussurrava e luzia um fio de água. Estendido ao lado, nas pedras húmidas, dormia, ressonando consoladamente, um homem, que decerto por ali guardava porcos, porque vestia um grosso surrão de couro e trazia, pendurada da cinta, uma buzina de porqueiro. O bom

frade bebeu de leve, afugentou os moscardos que zumbiam sobre a rude face adormecida e continuou a trepar a colina, com o seu alforge, o seu cajado, agradecendo ao Senhor aquela água, aquela sombra, aquela frescura, tantos bens inesperados. Em breve avistou, com efeito, o rebanho de porcos, espalhados sob as frondres, roncando e foçando as raízes, uns magros e agudos, de cerdas duras, outros redondos, com o focinho curto afogado em gordura, e os bacorinhos correndo em tomo às tetas das mães, luzidios e cor-de-rosa.

Frei Genebro pensou nos lobos e lamentou o sono do pastor descuidado. No fim da mata começava a rocha, onde os restos do castelo lombardo se erguiam, revestidos de hera, conservando ainda

alguma seteira esburacada sobre o céu, ou, numa esquina da torre, uma goteira que esticava o pescoço de dragão, espreitava por meio das silvas bravas.

A cabana do ermitão, telhada de colmo que lascas de pedra seguravam, apenas se percebia entre aqueles escuros granitos, pela horta que em frente verdejava, com os seus talhões de couve e estacas de feijoal, entre alfazema cheirosa. Egídio não andaria afastado porque sobre o murozinho de pedra solta ficara pousado o seu cântaro, o seu podão e a sua enxada. E docemente, para o não importunar, se àquela hora da sesta estivesse recolhido e orando, Frei Genebro empurrou a porta de pranchas velhas, que não tinha loquete para ser mais hospitaleira.

— Irmão Egídio!

Do fundo da choça rude, que mais parecia cova de bicho, veio um lento gemido:

— Quem me chama? Aqui neste canto, neste canto a morrer!... A morrer, meu irmão!

Frei Genebro acudiu em grande dó; encontrou o bom ermitão estirado num monte de folhas secas, encolhido em farrapos, e tão definhado que a sua face, outrora farta e rosada, era como um pedacinho de velho pergaminho muito enrugado, perdido entre os flocos das barbas brancas. Com infinita caridade e doçura o abraçou.

— E há quanto tempo, há quanto tempo neste abandono, irmão Egídio?

Louvado Deus, desde a véspera!

Só na véspera, à tarde, depois de olhar uma derradeira vez para o Sol e para a sua horta, se viera estender naquele canto para acabar... Mas havia meses que com ele entrara um cansaço, que nem podia segurar a bilha cheia quando voltava da fonte.

— E dizei, irmão Egídio, pois que o Senhor me trouxe, que posso eu fazer pelo vosso corpo? Pelo corpo, digo; que pela alma bastante tendes vós feito na virtude desta solidão!

Gemendo, arrepanhando para o peito as folhas secas em que jazia, como se fossem dobras de um lençol, o pobre ermitão murmurou:

— Meu bom Frei Genebro, não sei se é pecado, mas toda esta noite, em verdade vos confesso, me apeteceu comer

um pedaço de carne, um pedaço de porco assado!... Mas será pecado?

Frei Genebro, com a sua imensa misericórdia, logo o tranquilizou. Pecado? Não, certamente! Aquele que, por tortura, recusa ao seu corpo um contentamento honesto desagrada ao Senhor. Não ordenava Ele aos seus discípulos que comessem as boas coisas da Terra? O corpo é servo; e está na vontade divina que as suas forças sejam sustentadas, para que preste ao espírito, seu amo, bom e leal serviço. Quando Frei Silvestre, já tão doentinho, sentira aquele longo desejo de uvas moscatéis, o bom Francisco de Assis logo o conduziu à vinha, e por suas mãos lhe apanhou os melhores cachos, depois de os abençoar para serem mais sumarentos e mais

doces...

— É um pedaço de porco assado que apeteceis? — exclamava risonhamente o bom Frei Genebro, acariciando as mãos transparentes do ermitão. — Pois sossegai, irmão querido, que bem sei como vos vou contentar!

E imediatamente, com os olhos a reluzir de caridade e de amor, agarrou o afiado podão que pousava sobre o muro da horta. Arregaçando as mangas do hábito, e mais ligeiro que um gamo, porque era aquele um serviço do Senhor, correu pela colina, até aos densos castanheiros onde encontrara o rebanho de porcos. E aí, andando sorrateiramente de tronco para tronco, surpreendeu um bacorinho desgarrado que foçava a bolota, desabou sobre ele, e, enquanto lhe

sufocava o focinho e os gritos, decepou, com dois golpes certeiros do podão, a perna por onde o agarrara. Depois, com as mãos salpicadas de sangue, a perna do porco bem alta a pingar sangue, deixando a rês a arquejar num poça de sangue, o piedoso homem galgou a colina, correu à cabana, gritou para dentro alegremente:

— Irmão Egídio, a peça de carne já o Senhor a deu! E eu, em Santa Maria dos Anjos, era bom cozinheiro.

Na horta do ermitão arrancou uma estaca do feijoal, que, com o podão sangrento, aguçou em espeto. Entre duas pedras acendeu uma fogueira. Com zeloso carinho assou a perna do porco. Tanta era a sua caridade que, para dar a Egídio todos os antegostos daquele banquete, raro em terra de mortificação, anunciava

com vozes festivas e de boa promessa:

— Já vai alourando o porquinho, irmão Egídio! A pele já tosta, meu santo!

Entrou enfim na choça, triunfalmente, com o assado que fumegava e rescendia, cercado de frescas folhas de alface. Ternamente, ajudou a sentar o velho, que tremia e se babava de gula. Arredou das pobres faces maceradas os cabelos que o suor de fraqueza empastara. E, para que o bom Egídio se não vexasse com a sua voracidade e tão carnal apetite, ia afirmando, enquanto lhe partia as febras gordas, que também ele comeria regaladamente daquele excelente porco, se não tivesse almoçado à farta na *Locanda dos Três Caminhos*.

— Mas nem bocado agora me podia entrar, meu irmão! Com uma galinha

inteira me atochei! E depois uma fritada de ovos! E de vinho branco, um quartilho!

E o santo homem mentia santamente — porque, desde madrugada, não provara mais que um magro caldo de ervas, recebido por esmola à cancela de uma granja.

Farto, consolado, Egídio deu um suspiro, recaiu no seu leito de folhas secas. Que bem lhe fizera, que bem lhe fizera! O Senhor, na sua justiça, pagasse a seu irmão Genebro aquele pedaço de porco! Até sentia a alma mais rija para a temerosa jornada... E o ermitão com as mãos postas, Genebro ajoelhado, ambos louvaram ardentemente o Senhor, que a toda a necessidade solitária manda de longe o socorro.

Então, tendo coberto Egídio com

um pedaço de manta e posto a seu lado a bilha cheia de água fresca, e tapado, contra as aragens da tarde, a fresta da cabana, Frei Genebro, debruçado sobre ele, murmurou:

— Meu bom irmão, vós não podeis ficar neste abandono... Eu vou levado por obra de Jesus, que não admite tardança. Mas passarei no convento de Sambricena e darei recado para que um noviço venha e cuide de vós com amor, no vosso transe. Deus vos vele entretanto, meu irmão; Deus vos sossegue e vos ampare com a Sua mão direita!

Mas Egídio cerrara os olhos, nem se moveu, ou porque adormecera, ou porque o seu espírito, tendo pago aquele derradeiro salário ao corpo, como a um bom servidor, para sempre partira, finda a

sua obra na Terra. Frei Genebro abençoou o velho, tomou o seu bordão, desceu a colina dos grandes carvalhos. Sob a fronde, para os lados onde andava o rebanho, a buzina do porqueiro ressoava agora num toque de alarme e de furor. Decerto acordara, descobrira o seu porco mutilado... Estugando o passo, Frei Genebro pensava que era magnânimo o Senhor em permitir que o homem, feito à Sua imagem augusta, recebesse tão fácil consolação de uma perna de cerdo assada entre duas pedras.

Retomou a estrada, marchou para Terni. E prodigiosa foi, desde esse dia, a atividade da sua virtude. Através de toda a Itália, sem descanso, pregou o Evangelho Eterno, adoçando a aspereza dos ricos, alargando a esperança dos

pobres. O seu imenso amor ia ainda para além dos que sofrem, até àqueles que pecam, oferecendo um alívio a cada dor, estendendo um perdão a cada culpa; e com a mesma caridade com que tratava os leprosos, convertia os bandidos. Durante as invernias e a neve, vezes inumeráveis dava aos mendigos a sua túnica, as suas alpercatas; os abades dos mosteiros ricos, as damas devotadas de novo o vestiam, para evitar o escândalo da sua nudez através das cidades; e sem demora, na primeira esquina, ante qualquer esfarrapado, ele se despojava sorrindo. Para remir servos que penavam sob um amo fero, penetrava nas igrejas, arrancava do altar os candelabros de prata, afirmando, jovialmente, que mais praz a Deus uma alma liberta que uma tocha

acesa.

Cercado de viúvas, de crianças famintas, invadia as padarias, os açougues, até as tendas dos cambistas, e reclamava imperiosamente, em nome de Deus, a parte dos deserdados. Sofrer, sentir a humilhação, eram, para ele, as duas alegrias completas: nada o deliciava mais do que chegar de noite, molhado, esfaimado, tiritando, a uma opulenta abadia feudal, e ser repelido da portaria como um mau vagabundo: só então, agachado nos lodos do caminho, mastigando um punhado de ervas cruas, ele se reconhecia verdadeiramente irmão de Jesus, que não tivera também, como têm sequer os bichos do mato, um covil para se abrigar. Quando um dia, em Perúsia, as confrarias saíram ao seu

encontro, com bandeiras festivas, ao repique dos sinos, ele correu para um monte de esterco, onde se rolou e se sujou, para que daqueles que o vinham engrandecer só recebesse compaixão e escárnio. Nos claustros, nos descampados, em meio das multidões, durante as lides mais pesadas, orava constantemente, não por obrigação, mas porque na prece encontrava um deleite adorável. Deleite maior, porém, era, para o franciscano, ensinar e servir. Assim, longos anos errou entre os homens, vertendo o seu coração como a água de um rio, oferecendo os seus braços como alavancas incansáveis; e tão depressa numa ladeira deserta, aliviava uma pobre velha da sua carga de lenha, como numa cidade revoltada, onde reluzissem armas,

se adiantava, com o peito aberto, e amansava as discórdias.

Enfim, uma tarde, em véspera de Páscoa, estando a descansar nos degraus de Santa Maria dos Anjos, avistou de repente, no ar liso e branco, uma vasta mão luminosa que sobre ele se abria e faiscava. Pensativo, murmurou:

— Eis a mão de Deus, a Sua mão direita, que se estende para me acolher ou para me repelir.

Deu logo a um pobre que ali rezava a ave-maria, com a sua sacola nos joelhos, tudo o que no mundo lhe restava, que era um volume do Evangelho, muito usado e manchado das suas lágrimas. No domingo, na igreja, ao levantar da hóstia, desmaiou. Sentindo então que ia terminar a sua jornada terrestre, quis que o

levassem para um curral, o deitassem sobre uma camada de cinzas.

Em santa obediência ao guardião do convento, consentiu que o limpassem dos seus trapos, lhe vestissem um hábito novo; mas, com os olhos alagados de ternura, implorou que o enterrassem num sepulcro emprestado como fora o de Jesus, seu senhor.

E, suspirando, só se queixava de não sofrer.

— O Senhor, que tanto sofreu, porque me não manda a mim o padecimento bendito?

De madrugada pediu que abrissem, bem largo, o portão do curral.

Contemplou o céu que clareava, escutou as andorinhas que, na frescura e silêncio, começavam a cantar sobre o

beiral do telhado, e, sorrindo, recordou uma manhã, assim de silêncio e frescura, em que, andando com Francisco de Assis à beira do lago de Perúsia, o mestre incomparável se detivera ante uma árvore cheia de pássaros, e, fraternalmente, lhes recomendara que louvassem sempre o Senhor! «Meus irmãos, meus irmãos passarinhos, cantai bem o vosso Criador, que vos deu essa árvore para que nela habiteis, e toda esta limpa água para nela beber, e essas penas bem quentes para vos agasalharem, a vós e aos vossos filhinhos!» Depois, beijando humildemente a manga do monge que o amparava, Frei Genebro morreu.

2

Logo que ele cerrou os seus olhos carnais, um grande anjo penetrou diafanamente no curral e tomou nos braços a alma de Frei Genebro. Durante um momento, na fina luz da madrugada, deslizou por sobre o prado fronteiro tão levemente que nem roçava as pontas orvalhadas da relva alta. Depois, abrindo as asas, radiantes e níveas, transpôs, num voo sereno, as nuvens, os astros, todo o céu que os homens conhecem.

Aninhada nos seus braços, como na doçura de um berço, a alma de Genebro conservava a forma do corpo que sobre a terra ficara; o hábito franciscano ainda a cobria, com um resto

de poeira e de cinza nas pregas rudes; e, com um olhar novo, que agora tudo trespassava e tudo compreendia, ela contemplava, num deslumbramento, aquela região em que o anjo parara, para além dos universos transitórios e de todos os rumores siderais. Era um espaço sem limite, sem contorno e sem cor. Por cima começava uma claridade, subindo espalhada à maneira de uma aurora, cada vez mais branca, e mais luzente, e mais radiante, até que resplandecia num fulgor tão sublime que nela um sol coruscante seria como uma nódoa pardacenta. E por baixo estendia-se uma sombra cada vez mais baça, mais fusca, mais cinzenta, até que formava como um espesso crepúsculo de profunda, insondável tristeza. Entre essa refulgência ascendente e a escuridão

inferior, permanecera o anjo imóvel, esperando, com as asas fechadas. E a alma de Genebro perfeitamente sentia que estava ali, esperando também, entre o Purgatório e o Paraíso. Então, subitamente, nas alturas, apareceram os dois *imensos* pratos de uma balança — um que rebrilhava como diamante e era reservado às suas Boas Obras, outro, negrejando mais que carvão, para receber o peso das suas Obras Más. Entre os braços do anjo, a alma de Genebro estremeceu... Mas o prato diamantino começou a descer lentamente! Oh! contentamento e glória! Carregado com as suas Boas Obras, ele descia, calmo e majestoso, espargindo claridade. Tão pesado vinha, que as suas grossas cordas se retesavam, rangiam. E entre elas,

formando como uma montanha de neve, alvejavam magnificamente as suas virtudes evangélicas. Lá estavam as incontáveis esmolas que semeara no mundo, agora desabrochadas em alvas flores, cheias de aroma e de luz.

A sua humildade era um cimo, aureolado por um clarão. Cada uma das suas penitências cintilava mais limpidamente que cristais puríssimos. E a sua oração perene subia e enrolava-se em torno das cordas, à maneira de uma deslumbrante névoa de ouro.

Sereno, tendo a majestade de um astro, o prato das Boas Obras parou, finalmente, com a sua carga preciosa. O outro, lá em cima, não se movia também, negro, da cor do carvão, inútil, esquecido, vazio. Já das profundidades sonoros

bandos de serafins voavam, balançando palmas verdes. O pobre franciscano ia entrar triunfalmente no Paraíso — e aquela era a milícia divina que o acompanharia cantando. Um frémito de alegria passou na luz do Paraíso, que um santo novo enriquecia. E a alma de Genebro anteprovou as delícias da Bem-Aventurança.

Subitamente, porém, no alto, o prato negro oscilou como a um peso inesperado que sobre ele caísse! E começou a descer, duro, temeroso, fazendo uma sombra dolente através da celestial claridade. Que Má Ação de Genebro trazia ele, tão miúda que nem se avistava, tão pesada que forçava o prato luminoso a subir, remontar ligeiramente, como se a montanha de Boas Ações que

nele transbordavam fossem um fumo mentiroso? Oh! mágoa! Oh! desesperança! Os serafins recuavam, com as asas trementes. Na alma de Frei Genebro correu um arrepio imenso de terror. O negro prato descia, firme, inexorável, com as cordas retesas. E na região que se cavava sob os pés do anjo, cinzenta, de inconsolável tristeza, uma massa de sombra, molemente e sem rumor, arfou, cresceu, rolou, como a onda de uma maré devoradora.

O prato, mais triste que a noite, parara — parara em pavoroso equilíbrio com o prato que rebrilhava. E os serafins, Genebro, o anjo que o trouxera, descobriram, no fundo daquele prato, que inutilizava um santo, um porco, um pobre porquinho com uma perna barbaramente

cortada, arquejando, a morrer, numa poça de sangue... O animal mutilado pesava tanto na balança da justiça como a montanha luminosa de virtudes perfeitas!

Então, das alturas, surgiu uma vasta mão, abrindo os dedos que faiscavam. Era a mão de Deus, a Sua mão direita, que aparecera a Genebro na escada de Santa Maria dos Anjos, e que, agora, supremamente se estendia para o acolher ou para o repelir. Toda a luz e toda a sombra, desde o Paraíso fulgente ao Purgatório crepuscular, se contraíram num recolhimento de inexprimível amor e terror. E na extática mudez, a vasta mão, através das alturas, lançou um gesto que repelia...

Então o anjo, baixando a face compadecida, alargou os braços e deixou

cair, na escuridão do Purgatório, a alma de Frei Genebro.

Adão e Eva no Paraíso

1

Adão, Pai dos Homens, foi criado no dia 28 de outubro, às duas horas da tarde...

Assim o afirma, com majestade, nos seus *Annales Veteris et Novi Testamenti*, o muito douto e muito ilustre Usserius, bispo de Meath, arcebispo de Armagh, e chanceler-mor da Sé de S. Patrício.

A Terra existia desde que a Luz se fizera, a 23, na manhã de todas as manhãs. Mas já não era essa Terra primordial, parda e mole, ensopada em águas barrentas, abafada numa névoa densa, erguendo, aqui e além, rígidos troncos de

uma só folha e de um só rebento, muito solitária, muito silenciosa, com uma vida toda escondida, apenas surdamente revelada pelo remexer de bichos obscuros, gelatinosos, sem cor e quase sem forma, crescendo no fundo dos lodos. Não! Agora, durante os dias genesíacos de 26 e 27, toda ela se completara, se abastecera e se enfeitara, para acolher condignamente o Predestinado que vinha. No dia 28 já apareceu perfeita, *perfecta*, com as provisões e alfaias que a Bíblia enumera, as eivas verdes de espiga madura, as árvores providas do fruto entre a flor, todos os peixes nadando nos mares resplandecentes, todas as aves voando pelos ares aclarados, todos os animais pastando sobre as colinas viçosas, e os regatos regando, e o fogo armazenado no

seio da pedra, e o cristal, e o ónix, e o ouro muito bom do país de Hevilath...

Nesses tempos, meus amigos, o Sol ainda girava em torno da Terra. Ela era moça e formosa e preferida de Deus. Ele ainda se não submetera à imobilidade augusta que lhe impôs mais tarde, entre amuados suspiros da Igreja, mestre Galileu, estendendo um dedo do fundo do seu pomar, rente aos muros do Convento de S. Mateus de Florença. E o Sol, amorosamente, corria em volta da Terra, como o noivo dos *Cantares*, que, nos lascivos dias da ilusão, sobre o outeiro de mira, sem descanso e pulando mais levemente que os gamos de Galaad, circundava a bem-amada, a cobria com o fulgor dos seus olhos, coroado de sal-gema, a faiscar de fecunda impaciência.

Ora desde essa alvorada do dia 28, segundo o cálculo majestático de Usserius, o Sol, muito novo, sem sardas, sem rugas, sem falhas na sua cabeceira flamante, envolvera a Terra, durante oito horas, numa contínua e insaciada carícia de calor e de luz. Quando a oitava hora cintilou e fugiu, uma emoção confusa, feita de medo e feita de glória, perpassou por toda a Criação, agitando num frémito as relvas e as frondes, arrepiando o pelo das feras, empolando o dorso dos montes, apressando o borbulhar das nascentes, arrancando dos pórfiros um brilho mais vivo... Então, numa floresta muito cerrada e muito tenebrosa, certo Ser, desprendendo lentamente a garra do galho de árvore onde se empoleirara toda essa manhã de longos séculos, escorregou pelo

tronco comido de hera, pousou as duas patas no solo que o musgo afofava, sobre as duas patas se firmou com esforçada energia, e ficou ereto, e alargou os braços livres, e lançou um passo forte, e sentiu a sua dissemelhança da animalidade, e concebeu o deslumbrado pensamento de que era, e verdadeiramente *foi*! Deus, que o amparara, nesse instante o criou. E vivo, da vida superior, descido da inconsciência da árvore, Adão caminhou para o Paraíso.

Era medonho. Um pelo crespo e luzidio cobria todo o seu grosso, maciço corpo, rareando apenas em torno dos cotovelos, dos joelhos rudes, onde o couro aparecia curtido e da cor de cobre fosco. Do achatado, fugidio crânio, vincado de rugas, rompia uma guedelha

rala e ruiva, tufando sobre as orelhas agudas. Entre as rombas queixadas, na fenda enorme dos beiços trombudos, estirados em focinho, as presas reluziam, afiadas rijamente para rasgar a febra e esmigalhar o osso. E sob as arcadas sombriamente fundas, que um felpo hirsuto orlava como um silvado orla o arco de uma caverna, os olhos redondos, de um amarelo de âmbar, sem cessar se moviam, tremiam, esgazeados de inquietação e de espanto... Não, não era belo, nosso Pai venerável, nessa tarde de outono, quando Jeová o ajudou com carinho a descer da sua árvore! E todavia, nesses olhos redondos, de fino âmbar, mesmo através do tremor e do espanto, rebrilhava uma superior beleza — a Energia Inteligente que o ia tropegamente

levando, sobre as pernas arqueadas, para fora da mata onde passara a sua manhã de longos séculos a pular e a guinchar por cima dos ramos altos.

Mas (se os compêndios de antropologia nos não iludem) os primeiros passos humanos de Adão não foram logo atirados, com alacridade e confiança, para o destino que o esperava entre os quatro rios do Éden. Entorpecido, envolvido pelas influências da floresta, ainda despega com custo a pata de entre o folhoso chão de fetos e begónias, e gostosamente se roça pelos pesados cachos de flores que lhe orvalham o pelo, e acaricia as longas barbas de líquen branco pendentes dos troncos de roble e de teca, onde gozara as doçuras da irresponsabilidade. Nas ramagens que tão

generosamente, através tão longas idades, o nutriram e o embalaram, ainda colhe as bagas sumarentas, os rebentões mais tenros. Para transpor os regatos, que por todo o bosque reluzem e sussurram depois da sazão das chuvas, ainda se pendura de uma rija liana, entrelaçada de orquídeas, e se balança, e arqueia o pulo, com pesada indolência. E receio bem que quando a aragem restolhasse pela espessura, carregada com o cheiro momo e acre das fêmeas acocoradas nos cimos, o Pai dos Homens ainda dilatasse as ventas chatas e soltasse do peito felpudo um grunhido rouco e triste.

Mas caminha... As suas pupilas amarelas, onde faísca o querer, sondam, esbugalhadas, através da ramaria, procuram para além o mundo que deseja e

receia, e a que sente já a zoada violenta, como toda feita de batalha e rancor. E, à maneira que a penumbra das folhagens clareia, vai surgindo dentro do seu crânio bisonho, como uma alvorada que penetra numa toca, o sentimento das formas diferentes e da vida diferente que as anima. Essa rudimentar compreensão só trouxe a nosso Pai venerável turbação e terror. Todas as tradições, as mais orgulhosas, concordam em que Adão, na sua entrada inicial pelas planícies do Éden, tremeu e gritou como criancinha perdida em arraial turbulento. E bem podemos pensar que, de todas as formas, nenhuma o apavorava mais que a dessas mesmas árvores onde vivera, agora que as reconhecia como seres tão dissemelhantes do seu Ser e imobilizadas numa inércia

tão contrária à sua energia. Liberto da animalidade, em caminho para a sua humanização, o arvoredo que lhe fora abrigo natural e doce só lhe pareceria agora um cativeiro de degradante tristeza. E esses ramos tortuosos, empecendo a sua marcha, não seriam braços fortes que se estendiam para o empolgar, o repuxar, o reter nos cimos frondosos? Esse ramalhado sussurro que o seguia, composto do desassossego irritado de cada folha, não era a selva toda, num alvoroço, reclamando o seu secular morador? De tão estranho medo nasceu talvez a primeira luta do Homem com a Natureza. Quando um galho alongado o roçasse, decerto nosso Pai atiraria contra ele as garras desesperadas para o repelir e lhe escapar. Nesses bruscos ímpetos

quantas vezes se desequilibrou, e as suas mãos se abateram desamparadamente sobre o solo de mato ou rocha, de novo precipitado na postura bestial, retrogradando à inconsciência, entre o clamor triunfal da floresta! Que angustioso esforço então para se erguer, recuperar a atitude humana, e correr, com os felpudos braços despegados da tem bruta, livres para a obra imensa da sua humanização! Esforço sublime, em que ruge, morde as raízes detestadas, e, quem sabe?, levanta já os olhos de âmbar lustroso para os céus, onde, confusamente, sente Alguém que o vem amparando — e que na realidade o levanta.

Mas, de cada um desses tombos modificantes, nosso Pai ressurge mais humano, mais nosso Pai. E há já

consciência, pressa da racionalidade, nos ressoantes passos com que se arranca ao seu limbo arboral, despedaçando as enrediças, fendendo o bravio denso, despertando os tapires adormecidos sob cogumelos monstruosos, ou espantando algum urso moço e tresmalhado que, de patas contra um olmo, chupa, meio borracho, as uvas desse farto outono.

Enfim, Adão emerge da floresta obscura — e os seus olhos de âmbar vivamente se cerram sob o deslumbramento em que o envolve o Éden.

Ao fundo dessa encosta, onde parara, resplandecem vastas campinas (se as tradições não exageram) com desordenada e sombria abundância. Lentamente, através, um rio corre,

semeado de ilhas, ensopando, em fecundos e espraiados remansos, as verduras onde já talvez cresce a lentilha e se alastra o arrozal. Rochas de mármore rosado rebrilham com um rubor quente. De entre bosques de algodoeiros, brancos como crespa espuma, sobem outeiros cobertos de magnólias, de um esplendor ainda mais branco. Além a neve coroa uma serra com um radiante nimbo de santidade, e escorre, por entre os flancos despedaçados, em finas franjas que refulgem. Outros montes dardejam mudas labaredas. Da borda de rígidas escarpas, pendem perdidamente, sobre profundidades, palmeirais desgrenhados. Pelas lagoas, a bruma arrasta a luminosa moleza das suas rendas. E o mar, nos confins do mundo, faiscando, tudo

encerra, como um aro de ouro. — Neste fecundo espaço toda a Criação se espaneja, com a força, a graça, a braveza vivaz de uma mocidade de cinco dias, ainda quente das mãos do seu Criador. Profusos rebanhos de auroques, de pelagem ruiva, pastam majestosamente, enterrados nas ervas tão altas que nelas desaparece a ovelha e o seu anho. Temerosos e barbudos urus, brigando contra gigantescos veados-elefas, entrechocam cornos e galhos com o seco fragor de robles que o vento racha. Um bando de girafas rodeia uma mimosa a que vai trincando, delicadamente, nos trémulos cimos, as folhinhas mais tenras. À sombra dos tamarindos repousam disformes rinocerontes, sob o voo apressado de pássaros que lhes catam

serviçalmente a vérmina. Cada arremesso de tigre causa uma debandada furiosa de ancas, e chifres, e clinas, onde, mais certo e mais leve, se arqueia o pulo grácil dos antílopes. Uma rija palmeira verga toda ao peso da jiboia que nela se enrosca. Entre duas penedias, por vezes, aparece, numa profusão de juba, a face magnífica de um leão que, serenamente, olha o Sol, a imensidade radiante. No remoto azul, enormes condores dormem imóveis, de asas abertas, entre o sulco níveo e róseo das garças e dos flamingos. E em frente à encosta, num alto, entre o matagal, passa, lenta e montanhosa, uma récua de mastodontes, com a rude clina do dorso eriçada ao vento e a tromba a bambolear entre os dentes mais recurvos que foices.

Assim vetustíssimas crónicas

contam o vetustíssimo Éden, que era nas campinas do Eufrates, talvez na trigueira Ceilão, ou entre os quatro claros rios que hoje regam a Hungria, ou mesmo nestas terras benditas onde a nossa Lisboa aquece a sua velhice ao soalheiro, cansada de proezas e mares. Mas quem pode garantir estes bosques e estes bichos, pois que desde esse dia 25 de outubro, que inundava o Paraíso de esplendor outonal, já passaram, muito breves e muito cheios, sobre o grão de pó que é o nosso mundo, mais de sete vezes setecentos mil anos? Só parece certo que, diante de Adão apavorado, um grande pássaro passou. Um pássaro cinzento, calvo e pensativo, com as penas esguedelhadas como as pétalas de um crisântemo, que saltitava pesadamente

sobre uma das patas, erguendo na outra, bem agarrado, um molho de ervas e ramos. O nosso Pai venerável, com a fusca face franzida, no doloroso esforço de compreender, pasmava para aquele pássaro, que ao lado, sob o abrigo de azáleas em flor, terminava muito gravemente a construção de uma cabana! Vistosa e sólida cabana, com o seu chão de greda bem alisado, galhos fortes de pinheiro e faia formando estacas e traves, um seguro teto de relva seca, e na parede de enrediças bem liadas o desafogo de uma janela!... Mas o Pai dos Homens, nessa tarde, ainda não compreendeu.

Depois, caminhou para o largo rio, desconfiadamente, sem se afastar da ourela do bosque abrigador. Lento, farejando o cheiro novo dos gordos

herbívoros da planície, com os punhos rijamente cerrados contra o peito peludo, Adão vai arfando entre o apetite daquela resplandecente Natureza e o terror dos seres nunca avistados que a atulham e atroam com tão fera turbulência. Mas dentro dele borbulha, não cessa, a nascente sublime, a sublime nascente da energia, que o impele a desentranhar da crassa bruteza e a ensaiar, com esforços que são semipenosos, porque são já semilúcidos, os dons que estabelecerão a sua supremacia sobre essa Natureza incompreendida e o libertarão do seu terror. Assim, na surpresa de todas aquelas inesperadas aparições do Éden, reses, pastagens, montes nevados, imensidades radiosas, Adão solta roucas exclamações, gritos com que desafoga,

vozes gaguejadas, em que por instinto reproduz outras vozes, e brados, e toadas, e mesmo o rebuliço das criaturas, e mesmo o estrondo das águas despenhadas... E estes sons ficam já na escura memória de nosso Pai ligado às sensações que lhos arrancam — de sorte que o guincho áspero que lhe escapara ao topar um canguru com a sua ninhada embolsada no ventre de novo lhe ressoará nos lábios trombudos, quando outros cangurus, fugindo dele, adiante se embrenhem na sombra negra das caneleiras. A Bíblia, com a sua exageração oriental, cândida e simplista, conta que Adão, logo na sua entrada pelo Éden, distribuiu nomes a todos os animais, e a todas as plantas, muito definitivamente, muito eruditamente, como

se compusesse o Léxicon da Criação, entre Buffon, já com os seus punhos, e Lineu, já com os seus óculos. Não! Eram apenas grunhidos, roncos mais verdadeiramente augustos, porque todos eles se plantavam na sua consciência nascente como as toscas raízes dessa palavra pela qual verdadeiramente se humanou, e foi depois, sobre a Terca, tão sublime e tão burlesco.

E bem podemos pensar, com orgulho, que, ao descer a borda do rio edénico, nosso Pai, compenetrado do que *era*, e quanto diverso dos outros seres!, já se afirmava, se individualizava, e batia no peito sonoro, e rugia soberbamente: — *Eheu! Eheu!* — Depois, alongando os olhos reluzentes por aquela longa água que corria vagarosamente para além, já

tenta exteriorizar o seu espantado sentimento dos espaços, e rosna com pensativa cobiça: — *Lhlâ! Lhlâ!*

2

Calmo, magnificamente fecundo, corria ele, o nobre rio do Paraíso, por entre as ilhas, quase afundadas sob o peso do rijo arvoredo, todas fragrantes e atroadas pelo clamor das cacatuas. E Adão, trotando pesadamente pela margem baixa, já sente a atração das águas disciplinadas que andam e vivem — essa atração que será tão forte nos seus filhos, quando no rio descobrirem o bom servidor que desaltera, estruma, rega, mói e acarreta. Mas quantos terrores especiais ainda o arrepiam, o atiram com espavoridos pulos para o abrigo dos salgueiros e dos choupos! Noutras ilhas, de areia fina e rosada, preguiçam

pedregosos crocodilos, achatados sobre o ventre, que arfam molemente, escancarando as fundas goelas na tépida preguiça da tarde, embebendo todo o ar com um cheirinho de almíscar. Por entre os canaviais, coleiam e refulgem gordas cobras-d'água, de colo alteado, que fitam Adão com furor, dardejando e silvando. E para nosso Pai, que nunca as avistara, certamente seriam pavorosas as tartarugas imensas desse começo do Mundo, pastando, com arrastada mansidão, através dos prados novos. Mas uma curiosidade o atrai, quase resvala na riba lodosa, onde a franja de água roça e marulha. Na largueza do rio espraiado, uma longa e negra fila de auroques, serenamente, com os cornos altos e a espessa barba a flutuar, nada para a outra

margem, campina coberta de louras messes onde talvez já amaduram as espigas sociáveis do centeio e do milho. Nosso Pai venerável olha a fila lenta, olha o rio lustroso, concebe o enevoado desejo de também atravessar para aqueles longes em que as ervas rebrilham, e arrisca a mão na corrente — na rija corrente que lha repuxa, como para o atrair e iniciar. Ele grunhe, arranca a mão — e segue, com ásperas patadas, esmagando, sem mesmo lhes sentir o perfume, os frescos morangos silvestres que ensanguentam a relva... Em breve para, considerando um bando de aves alcandoradas numa penedia toda riscada de guanos, que espreitam, com o bico atento, para baixo, onde as águas apertadas refervem. Que espreitam elas, as brancas garças? Lindos peixes em

cardume, que rompem contra a levada, e pulam, lampejando nas espumas claras. E bruscamente, num desabrido abanar de asas brancas, uma garça, depois outra, fende o céu alto, levando, atravessado no bico, um peixe que se estorce e reluz. Nosso Pai venerável coça a ilharga. A sua crassa gula, entre aquela abundância do rio, também apetece uma presa; e atira a garra, colhe, no seu voo soante, cascudos insetos que farisca e trinca. Mas nada certamente assombrou o primeiro homem como um grosso tronco de árvore meio apodrecido, que boiava, descia na corrente, levando sentados numa ponta, com segurança e graça, dois bichos sedosos, louros, de focinho esperto, e fofas caudas vaidosas. Para os seguir, os observar, ansiosamente correu, enorme e

desengonçado. E os seus olhos faiscavam, como se já compreendesse a malícia daqueles dois bichos, embarcados num toro de árvore, e viajando, sob a macia frescura da tarde, no rio do Paraíso.

No entanto, a água que ele costeava era mais baixa, turva e tarda. Já na sua largueza não verdejam ilhas, nem nela se molha a orla das fartas pastagens. Para além, sem limite, fundidas nas neblinas, fogem descampadas solidões, donde rola um vento lento e húmido. Nosso Pai venerável enterrava as patas em ribas moles, através de aluviões, de lixos silvestres, em que chapinavam, para seu intenso horror, enormes rãs coaxando furiosamente. E o rio em breve se perdeu numa vasta lagoa, escura e desolada, resto das grandes águas sobre que flutuara o

espírito de Jeová. Uma tristeza humana apertou o coração de nosso Pai. Do meio de grossas bolhas, que se empolavam na estanhada lisura da água triste, constantemente surdiam horrendas trombas, a escorrer de limos verdes, que bufavam ruidosamente, logo se afundavam, como repuxadas pelos lodos viscosos. E quando de entre os altos e negros canaviais, manchando a vermelhidão da tarde, se elevou, se alargou sobre ele uma nuvem estridente de moscardos vorazes, Adão foge, estonteado, trilha saibros pegajosos, rasga o pelo na aspereza dos cardos brancos que o vento estorce, resvala por uma encosta de cascalho e seixo, e para em areia fina. Arqueja: as suas longas orelhas remexem, escutando, para além das dunas,

um vasto rumor que rola e desaba e retumba... É o mar. Nosso Pai transpõe as pálidas dunas — e diante dele está o mar!

Então foi o pavor supremo. Com um pulo, batendo convulsamente os punhos no peito, recua até onde três pinheiros, mortos e sem rama, lhe oferecem o refúgio hereditário. Porque avançam assim para ele, sem cessar, numa inchada ameaça, aqueles rolos verdes, com a sua clina de espuma, e se atiram, se esmigalham, refervem, babujam rudemente a areia? Mas toda a outra vasta água permanece imóvel, como morta, com uma grande mancha de sangue que lateja. Todo esse sangue caiu, decerto, da ferida do Sol, redonda e vermelha, sangrando em cima, num céu dilacerado por fundos golpes já roxos. Para além da névoa

leitosa que cobre as lagoas, dos charcos salgados, onde a maresia ainda chega e se espraia muito longe, um monte flameja e fumega. E sempre diante de Adão, contra Adão, os verdes rolos da verde vaga avançam, e ribombam, e alastram a praia de algas, de conchas, de gelatinas que alvejam lividamente.

Mas eis que todo o mar se povoa! E, encolhido contra o pinheiro, nosso Pai venerável dardeja os olhos inquietos e trémulos, para aqui, para além — para os rochedos cobertos de sargaço, onde gordíssimas focas rebolam majestosamente; para os repuxos de água, que ao largo esguicham até às nuvens roxas e recaem numa chuva radiante; para uma linda armada de búzios, imensos búzios alvos e nacarados, vogando à

bolina, circundando as penedias, com manobra elegante... Adão pasma sem saber que estas são as amonites e que nenhum outro homem, depois dele, verá a luzida e rósea armada singrando nos mares deste mundo. Ainda ele a admira, talvez com a impressão inicial da beleza das coisas, quando bruscamente, num tremor de sulcos brancos, toda a maravilhosa frota soçobra! Com o mesmo salto mole, as focas tombam, trambulham na vaga funda. E um terror passa, um terror levantado do mar, tão intenso que um bando de albatrozes, muito seguro sobre uma escarpa, bate, com azoados gritos, o voo espavorido.

Nosso Pai venerável aferra a mão a um galho de pinheiro, sondando, num arrepio, a imensidão deserta. Então, ao

longe, sob o clarão enfiado do Sol que se esconde, um dorso imenso sai, lentamente, das águas, como uma comprida colina, toda espetada de negras, agudas lascas de rocha. E avança! Adiante um tumulto de bolhas redemoinha e rebenta; e de entre elas emerge, por fim, resfolegando cavamente, uma tromba disforme, de fauces entreabertas, onde lampejam e se somem cardumes de peixes que os seus sorvos vêm tragando...

É um monstro, um pavoroso monstro marinho! E bem podemos supor que nosso Pai, esquecendo toda a sua dignidade humana (ainda recente), trepou desesperadamente ao pinheiro até onde os galhos findavam. Mas mesmo nesse abrigo, os seus poderosos queixos batiam, num medo convulso, ante o horrífico ser

surgido das profundidades. Com um baque raspante, esmigalhando conchas, seixos e galhos de coral, o monstro esbarra na areia, que fundamente escava e sobre que retesa as duas patas, mais grossas que troncos de teca, com as unhas todas enrodilhadas de silvas marinhas. Da caverna das suas fauces, através dos dentes terríficos, que os limos e musgos esverdeiam, sopra um bafo espesso de fadiga ou de furor, tão forte que faz rodopiar as algas secas e os búzios ligeiros. Entre as crostas pedregosas que lhe couraçam a fronte negrejam dois cornos curtos e rombos. Os seus olhos, lívidos e vítreos, são como duas enormes luas mortas. A imensa cauda dentada arrasta pelo mar distante, e a cada rabeio lento levanta uma tempestade.

Por estas feições, pouco amáveis, já reconhecestes o ictiossauro, o mais horrendo dos cetáceos concebidos por Jeová. Era ele! — talvez o derradeiro, que durara nas trevas oceânicas até este dia memorável de 28 de outubro, para que nosso Pai entrevisse as origens da Vida. E agora está em frente de Adão, ligando os tempos velhos aos tempos novos — e, com as escamas do dorso assanhadas, muge devastadoramente. Nosso Pai venerável, enroscado ao tronco alto, guincha de vivo horror... E eis que, do lado dos charcos enevoados, um silvo fende os céus, uivado e arremetido, como o de um áspero vento numa garganta de serrania. O quê! Outro monstro?... Sim, o plesiossauro. É também o derradeiro plesiossauro que corre do fundo dos

pântanos. E agora de novo se trava, para assombro do primeiro homem (e gosto dos paleontologistas) o combate que foi a desolação dos pré-humanos dias da Terra. Lá aparece a fabulosa cabeça do plesio, terminada em bico de ave, bico de duas braças, mais agudo que o dardo mais agudo, erguida sobre um longuíssimo e esguio pescoço que ondula, arqueia, esfuzia, dardeja com pavorosa elegância! Duas barbatanas de incomparável rijeza vêm movendo o seu disforme corpo, mole, glutinoso, todo em rugas, manchado por uma lepra de fungos esverdinhados. E tão imenso é assim rojando, com o pescoço empinado, que, diante da duna onde se levantam os pinheiros que acoitam Adão, ele parece uma outra duna negra sustentando um pinheiro solitário.

Furiosamente avança. — E de repente é um horroroso tumulto de mugidos, e sibilos, e choques ribombantes, e areias torvelinhando, e grossos mares espadanando. Nosso Pai venerável salta de um pinheiro para outro pinheiro, tremendo tanto que, com ele, tremem os rijos troncos. E, quando se arrisca a espreitar, ao recrescer dos bramidos, só percebe, na enrolada massa dos dois monstros, através de uma névoa de espuma que os esguichos de sangue avermelham, o bico do plesio todo enterrado no ventre mole do ictio, cuja cauda, erguida, se estorce furiosamente na palidez dos céus espantados. De novo esconde perdidamente a face, nosso Pai venerável! Um urro de monstruosa agonia rola na praia. As pálidas dunas

estremecem, as cavernas soturnas ressoam. Depois é uma paz muito larga, em que o ruído do mar Oceano não é mais que um consolado murmúrio de alívio. Adão espia, debruçado entre os galhos... O plesio recuara ferido para a tépida lama dos seus pântanos. E sobre a praia jaz o ictio morto, como uma colina onde a vaga da tarde mansamente se quebra.

Então, nosso Pai venerável cautelosamente escorrega do seu pinheiro, e se abeira do monstro. A areia, em redor, está medonhamente revolta; — e por toda ela, em lentos regos, em poças escuras, o sangue, mal chupado, fumega. Tão montanhoso é o ictio, que Adão, erguendo a face assombrada, nem avista as puas do monstro, eriçadas ao longo daquele alcantilado espinhaço, a que o bico do

plesio arrancou escamas mais pesadas que lajes. Mas diante das mãos trementes do homem estão os rasgões do ventre mole, donde o sangue pinga, e gorduras babam, e imensas tripas esfiadas escorrem, e pendem febras atassalhadas de carne rosada... E as chatas ventas do nosso Pai venerável estranhamente se alargam e farejam.

Toda essa tarde ele caminhara, desde a floresta, através do Paraíso, chupando bagas, rilhando raízes, trincando os insetos de casca picante. Mas agora o Sol penetrou no mar — e Adão tem fome, nesse areal maninho, onde só alvejam cardos que o vento estorce. Oh! aquela carne rija, sangrenta, ainda viva, que exala um cheiro tão fresco e salino! As suas rombas mandíbulas ruidosamente

se escancaram num bocejo enfastiado e famélico... O Oceano arfa, como adormecido... Então, irresistivelmente, Adão mergulha numa das feridas do sáurio os dedos, que lambe e rechupa, moles de sangue e gorduras. O espanto de um sabor novo imobiliza o homem frugal que vem das ervas e das frutas. Depois, com um salto, arremete contra a montanha de abundância, e arranca uma febra que trinca e traga, a grunhir, num furor, numa pressa, em que há o gozo e há o medo da primeira carne comida.

Tendo ceado assim postas cruas de um monstro marinho, nosso Pai venerável sente uma grande sede. São salgadas as poças que na areia rebrilham. Pesado e triste, com os beiços empastados de banha e de sangue, Adão, sob o calado

crepúsculo, atravessa as dunas, repenetra nas terras, rebuscando sofregamente água doce. Por toda a selva, nesses tempos de universal humidade, fugia e chalrava um regato. Em breve, estendido numa riba lodosa, Adão bebeu consoladamente, em fundos sorvos, sob o voo espantado de moscas fosforescentes que se lhe prendiam na guedelha.

Era junto de um bosque de carvalhos e faias. A noite, que já se adensara, enegrecia um chão todo de plantas, onde a malva se encostava à hortelã, e a salsa ao funcho ligeiro. Nessa clareira fresca, penetrou nosso Pai venerável, estafado com a marcha e os espantos daquela tarde do Paraíso. E apenas se estendera na alfombra cheirosa, com a hirsuta face pousada sobre as

palmas unidas, os joelhos colhidos contra o ventre distendido como um tambor, mergulhou num sono como ele nunca dormira — todo povoado de sombras moventes, que eram aves construindo uma casa, patas de insetos tecendo uma teia, dois bichos vogando nas águas rolantes.

Ora conta a lenda que então, em torno do primeiro homem adormecido, começaram a surdir, por entre o mato baixo, focinhos fariscantes, finas orelhas espetadas, olhinhos reluzindo como botões de azeviche, e espinhaços inquietos que a emoção arqueava — enquanto que, dos cimos dos carvalhos e faias, num abafado frémito de asas, se debruçavam bicos recurvos, bicos retesos, bicos bravios, bicos pensativos, todos alvejando na claridade delgada da

Lua, que subia por trás dos montes, e banhava as frondes altas. Depois, à orla da clareira, uma hiena apareceu, coxeando, miando com lástima. Através da campina trotaram dois lobos, esgalgados, famélicos, com os verdes olhos acesos. Os leões não tardaram, com as reais faces erguidas, soberanamente enrugadas, numa profusão de jubas flamantes. Em confusa manada, que chegava bufando, os cornos dos auroques entrechocavam com impaciência os galhos palmares das renas. Todos os pelos se arrepiaram quando o tigre e a pantera negra, ondulando calada e aveludadamente, resvalaram, com as línguas pendentes e vermelhas como coalhos de sangue. Dos vales, das serranias, das fragas, outros acudiam,

numa pressa tão ansiosa, que os horrendos cavalos primitivos se empinavam por sobre os cangurus, e a tromba do hipopótamo, a escorrer de limos, empurrava as ancas lentas do dromedário. Entre as patas e os cascos apinhados coleavam em aliança o furão, a sardonisca, a doninha, a cobra fulgente que engole a doninha, e o alegre manguço que assassina a cobra. Um bando de gazelas tropeçava, magoando as pernas finas, contra a crosta dos crocodilos, que subiam em fila da borda das lagoas, de goelas preparadas e a gemer. Já toda a planície arfava, sob a Lua nova, no mole remexer de dorsos apertados, donde se erguia, ora o pescoço da girafa, ora o corpo da jiboia, como mastros naufragados, balançados entre vagas. E

por fim, abalando o solo, enchendo o céu, com a tromba enrolada entre os dentes recurvos, assomou o rugoso mastodonte.

Era toda a animalidade do Paraíso, que, sabendo o primeiro homem adormecido, sem defesa, num ermo bosque, corria, na imensa esperança de o destruir, e eliminar da Terra a força inteligente, destinada a submeter a força bruta. Mas, naquela pavorosa turba que fumegava, se atropelava à borda da clareira, onde Adão dormia sobre a hortelã e a malva, nenhuma fera avançava. Os longos dentes reluziam, feramente arreganhados; todos os cornos repontavam; cada garra saída dilacerava com ânsia a terra mole; e os bicos, de cima das ramas, terçavam os fios da Lua com bicadas famintas... Mas nem ave

descia, nem fera avançava — porque ao lado de Adão velava uma figura séria e branca, de asas brancas fechadas, os cabelos presos num aro de estrelas, o peito guardado numa couraça de diamante, e as duas refulgentes mãos apoiadas ao punho de uma espada que era de lume — e vivia.

***

A aurora despontou, com ardente pompa, comunicando à Terra alegre, à Terra braviamente alegre, à Terra ainda sem andrajos, à Terra ainda sem sepulturas, uma alegria superior, mais grave, religiosa e nupcial. Adão acordou: e, batendo as fuscas pálpebras, na surpresa do seu acordar humano, sentiu

sobre a ilharga um peso que era macio e que era doce. Nesse terror que, desde as árvores, não desamparava o seu coração, pulou, e com tão ruidoso pulo que, pela selva, os melros, os rouxinóis, as toutinegras, todos os passarinhos de festa e de amor, despertaram e romperam num canto de congratulações e de esperanças. — E, oh maravilha!, diante de Adão, e como despegado dele, estava outro Ser a ele semelhante, mas mais esbelto, suavemente coberto de um pelo mais sedoso, que o contemplava com largos olhos lustrosos e líquidos. Uma coma ruiva, de um ruivo tostado, rolava, em espessas ondas, até às suas ancas arredondadas numa plenitude harmoniosa e fecunda. De entre os braços peludinhos, que cruzara, surdiam, abundantes e

gordos, os dois peitos da cor do medronho, com uma penugem crespa orlando o bico, que se enristava, entumecido. E roçando, num roçar lento, num roçar muito doce, os joelhos pelados, todo aquele sedoso e tenro Ser se ofertava com uma submissão pasmada e lasciva. Era Eva... Eras tu, Mãe venerável!

3

Então começaram, para nossos Pais, os dias abomináveis do Paraíso.

O seu constante e desesperado esforço foi sobreviver — no meio de uma Natureza que, sem cessar e furiosamente, tramava a sua destruição. E Adão e Eva passaram esses tempos, que os poemas semíticos celebram como inefáveis — sempre a tremer, sempre a ganir, sempre a fugir! A Terra ainda não era uma obra perfeita; e a Divina Energia, que a andava compondo, incessantemente a emendava, numa tão móbil inspiração, que em sítio coberto ao alvorecer por uma floresta, à noite, se espelhava uma lagoa onde a Lua, já doente, vinha estudar a sua palidez.

Quantas vezes nossos Pais, repousando no pendor de um outeiro inocente, entre o serpol e o rosmaninho (Adão com a face deitada sobre a coxa de Eva, Eva com dedos ágeis catando o pelo de Adão), foram sacudidos pela encosta amena como por um dorso irritado, e rolaram, embrulhados, entre o ribombo, e a labareda, e a fumarada, e a cinza quente do vulcão que Jeová improvisara! Quantas noites escaparam, uivando, de alguma abrigada caverna, quando já sobre ela corria um grande mar inchado que bramava, se desenrolava, ficava fervendo entre as rochas, com negras focas mortas a boiar. Ou então era o chão, o chão seguro, já social e fertilizado para as searas sociáveis, que de repente rugia como uma fera, escancarava uma insondável goela, e

tragava rebanhos, prados, nascentes, benéficos cedros com todas as rolas que na sua rama arrulhavam.

Depois eram as chuvas, as longas chuvas edénicas, desabando em jorros clamorosos, durante alagados dias, durante torrentosas noites, tão desabaladamente que do Paraíso, vasto charco barrento, apenas apareciam as pontas do arvoredo afogado e os cimos dos montes atulhados de bichos transidos que bramiam no terror das águas soltas. E nossos Pais, refugiados nalguma erguida fraga, gemiam lamentavelmente, com regatos a escorrer dos ombros, com ribeiras a escorrer dos pés, como se o barro novo de que Jeová os fizera se andasse já desfazendo.

E mais terríficas eram as

estiagens. Oh! o incomparável tormento das secas no Paraíso! Lentos dias tristes, após lentos dias tristes, a imensa brasa do Sol candente coriscava furiosamente num céu cor de cobre, em que o ar baço e grosso crepitava e arfava. Os montes estalavam, gretados; e as planícies desapareciam sob uma denegrida camada de fios retorcidos, enovelados, rijos como arames, que eram os restos das verdes pastagens. Toda a tisnada folhagem rolava nos ventos abrasados, com rugidora restolhada. O leito dos rios chupados tinha a rigidez de ferro fundido. O musgo escorregava das rochas, como uma pele seca que se despega, descobrindo largos ossos. Cada noite um bosque ardia, fogueira estralejante de lenha ressequida, escaldando mais a abóbada do forno

inclemente. Todo o Éden andava coberto das revoadas de abutres e corvos, porque, com tanto animal morto de fome e de sede, abundava a carne podre. No rio, a água que restava mal corria, empoçada pela massa fervilhante de cobras, rãs, lontras, tartarugas, refugiadas naquele derradeiro veio, lodoso e todo morno. E nossos Pais veneráveis, com as magras costelas a arquejar contra o pelo crestado, a língua pendida e mais dura que cortiça, erravam de fonte em fonte, a sorver desesperadamente alguma gota que ainda brotasse, gota rara, que assobiava ao cair sobre as lajes esbraseadas...

E assim Adão e Eva, fugindo do Fogo, fugindo da Água, fugindo da Terra, fugindo do Ar, encetavam a vida no Jardim de Delícias.

E no meio de tantos perigos, constantes e flagrantes, era necessário comer! Ah! Comer — que portentosa empresa para nossos Pais veneráveis! Sobretudo desde que Adão (e depois Eva, por Adão iniciada), tendo provado os deleites fatais da carne, já não encontravam sabor, nem fartura, nem decência, nos frutos, nas raízes e nos bagos do tempo da sua animalidade. Certamente, as boas carnes não faltavam no Paraíso. Delicioso seria o salmão primitivo — mas nadava alegremente nas águas rápidas. Saborosa seria a galinhola, ou o faisão rutilante, nutridos com os grãos que o Criador considerara bons, mas voavam nos céus, em triunfal segurança. O coelho, a lebre — que fugas ligeiras no mato cheiroso!... E nosso Pai,

nesses dias cândidos, não possuía o anzol nem a seta. Por isso, sem cessar rondava em torno das lagoas, nas ribas do mar, onde casualmente encalhava, boiando, algum cetáceo morto. Mas esses achados de abundância eram raros — e o triste casal humano, nas suas marchas famintas pela borda das águas, só conquistava, aqui e além, na rocha ou na areia revolta, algum feio caranguejo pré-histórico em que os seus beiços se esgaçavam. Essas solidões marinhas andavam também infestadas por bandos de feras esperando, como Adão, que a vaga rolasse os peixes vencidos em borrasca ou batalha. E quantas vezes nossos Pais, já com a garra cravada numa posta de foca ou golfinho, fugiam desconsoladamente, sentindo o passo fofo do horrendo espeleu, ou o bafo

dos ursos brancos, bamboleando pelo branco areal, sob a branca indiferença da Lua!

Decerto, a sua ciência hereditária de trepar às árvores socorria nossos Pais nesta conquista da presa. Que sob as ramarias da caneleira donde eles assolapadamente espreitavam aparecesse algum cabrito desgarrado, ou uma tartaruga moça e bisonha se arrastasse para a erva miúda — e eis o repasto seguro! Num relance, o cabrito ficava atassalhado, todo o seu sangue chupado em sorvos convulsos; e Eva, nossa Mãe forte, guinchando sombriamente, arrancava uma a uma, de entre a casca, as patas da tartaruga... Mas quantas noites, depois de jejuns angustiosos, se achavam os Eleitos da Terra forçados a afugentar a

hiena, com rijos brados, através das clareiras, para lhe roubar um osso fetidamente babujado, que era já o sobejo de um leão farto! E dias piores sucediam, em que a fome reduzia nossos Pais a retrogradar à desgostosa frugalidade do tempo da árvore, às ervas, aos rebentos, às raízes amargas — conhecendo assim, entre a abundância do Paraíso, a primeira forma da Miséria!

E, através destes trabalhos, não os desamparava o terror das feras! Porque, se Adão e Eva comiam os bichos fracos e fáceis, eram também uma presa apetecida por todos os brutos superiores. Comer Eva, tão redonda e carnuda, foi decerto o sonho de muito tigre nos juncais do Paraíso. Quanto urso, mesmo ocupado a roubar favos de mel num escavado tronco

de roble, não se deteve, e se balançou, e lambeu o focinho numa gula mais fina, ao avistar, através da ramaria, num rebrilho errante de sol, o sombrio corpanzão de nosso Pai venerável! E nem só o perigo vinha das hordas esfaimadas dos carnívoros, mas ainda dos lentos e fartos herbívoros, o auroque, o uru, o cervo-elefas, que alegremente escorneariam e espezinhariam nossos Pais, por estupidez, dissemelhança de raça e cheiro, emprego da vida ociosa. E acresciam ainda os que matavam para não serem mortos — porque Medo, Fome e Furor foram as leis da vida no Paraíso.

Certamente nossos Pais eram também ferozes, de tremenda força, e perfeitos na arte salvadora de trepar aos cimos frondosos. Mas o leopardo pulava

de ramo em ramo, sem rumor, com uma destreza mais felina e segura! A jiboia furava com a cabeça até aos galhos extremos do mais levantado cedro para colher os macacos — e bem poderia abocar Adão, com aquela obtusa incapacidade que sempre as jiboias tiveram de distinguir, sob a similitude das formas, a diversidade dos méritos. E que valiam as garras de Adão, mesmo aliadas às garras de Eva, contra esses pavorosos leões do Jardim de Delícias a que a zoologia, ainda hoje, arrepiada, chama o *Leo Anticus?* Ou contra a hiena-espeleia tão ousada, que, nos primeiros dias do Génesis, os anjos, quando desciam ao Paraíso, caminhavam sempre com as asas arregaçadas, para que ela, saltando de entre os bambus, lhes não arrancasse as

penas refulgentes? Ou contra os cães, os horrendos cães do Paraíso, que, atacando em cerradas e ululantes hostes, foram, nesses começos do Homem, os piores inimigos do Homem?

E, entre toda esta bicharia adversa, Adão não contava um aliado. Os seus próprios parentes, os antropoides, invejosos e farsantes, o apedrejavam com enormes cocos. Só um animal, e formidável, conservava pelo homem uma majestosa e pachorrenta simpatia. Era o mastodonte. Mas a enevoada inteligência de nosso Pai ainda, nesses dias edénicos, não compreendia a bondade, a justiça, o serviçal coração do paquiderme admirável. Por isso, certo da sua fraqueza e do seu isolamento, ele viveu, durante esses trágicos anos, num ansiado terror.

Tão ansiado e longo, que o seu arrepio, como uma longa ondulação, se perpetuou por toda a sua descendência — e é o velho medo de Adão que nos torna inquietos, quando atravessamos a mata mais segura na solidão crepuscular.

E depois consideremos que ainda restavam pelo Paraíso, entre bichos de formas racionais, polidas, já preparadas para a prosa nobre de Mr. de Buffon, alguns dos grotescos monstros que desonraram a Criação antes da madrugada purificadora de 25 de outubro. Decerto Jeová poupou a Adão o degradante horror de viver no Paraíso em companhia dessa escandalosa avantesma a que os antropologistas, assombrados, deram o nome de iguanodonte! Na véspera do advento do Homem, Jeová, muito

caridosamente, afogou todos os iguanodontes nos lodos de um pântano, a um canto escondido do Paraíso, onde hoje se estende a Flandres. Mas Adão e Eva ainda conheceram os pterodáctilos. Oh! estes pterodáctilos!... Corpos de jacaré, escamosos e penugentos; duas lúgubres, negras, carnudas asas de morcego; um bico disparatado, mais grosso que o corpo, tristonhamente caído, eriçado de centenas de dentes, finos como os de uma serra. E não voava! Descia, de asas moles e mudas, e nelas abafava a presa como num pano viscoso e gelado, para a retalhar toda com os estalados golpes das mandíbulas fétidas. E este funambulesco avejão enturvava o céu do Paraíso com a mesma abundância com que os melros ou as andorinhas cruzam os santos ares de

Portugal. Os dias de nossos Pais veneráveis foram por eles torturados — e nunca o seu pobre coração tremia tanto como quando, de além dos montes, se vinha despenhando, com sinistro estridor de asas e bicos, a revoada dos pterodáctilos.

Como sobreviveram nossos Pais neste Jardim de Delícias? Decerto muito faiscou e trabalhou a espada do anjo que os guardava!

Pois bem, meus amigos! A todos estes furiosos seres deve o homem a sua carreira triunfal. Sem os sáurios, e os pterodáctilos, e a hiena-espeleia, e o arrepiado terror que espalhavam, e a necessidade de ter, contra o seu ataque, sempre bestial, uma defesa sempre racional — a Terra permaneceria um

temeroso Paraíso, onde erraríamos todos, desgrenhados e nus, chupando pela borda dos mares as banhas cruas de monstros naufragados. Ao encolhido medo de Adão se deve a supremacia da sua descendência. Foi o bicho perseguidor que o forçou a subir aos cimos da Humanidade. E bem sabedores das Origens se mostraram os poetas mesopotâmicos do Génesis, nesses versículos subtis em que um animal, e o mais perigoso, a Serpente, leva Adão, por amor de Eva, a colher o fruto do Saber! Se não rugisse outrora o leão das cavernas, não trabalhava hoje o homem das cidades — pois que a Civilização nasceu do desesperado esforço defensivo contra o Inanimado e o Inconsciente. A Sociedade é realmente a obra da fera. Que

a espeleia e o tigre, no Paraíso, começassem por acariciar languidamente o ombro peludo de Adão com pata amiga — Adão ficaria irmão do tigre e da espeleia, partilhando as suas tocas, as suas presas, os seus ócios, os seus gostos bravios. E a energia inteligente, que o descera da árvore, em breve se apagaria dentro da sua bruteza inerte, como se apaga a faísca, mesmo entre galhos secos, se um frio sopro, vindo de um buraco escuro, não a estimula a viver, para vencer a friagem e vencer a escuridão.

Mas uma tarde (como ensinaria o exato Usserius), saindo Adão e Eva da espessura de um bosque, um urso enorme, o Pai dos Ursos, apareceu diante deles, ergueu as negras patas, escancarou a goela sangrenta... Então, assim colhido, sem

refúgio, na apertada ânsia de defender a sua fêmea, o Pai dos Homens arremessou contra o Pai dos Ursos o cajado a que se arrimava, um forte galho de teca, arrancando na mata, que findava em lasca aguda... E o pau atravessou o coração da fera.

Ah! Desde essa tarde bendita houve verdadeiramente, sobre a Terra, um Homem.

Era já um homem, e superior, quando lançou um passo espantado, e arrancou o pau do seio do monstro estendido, e lhe mirou a ponta gotejante de sangue — com a testa toda franzida, no afã de compreender. Os seus olhos resplandeceram, num deslumbrado triunfo. Adão compreendera...

Nem cuidou mais da boa carne do

urso! Remergulhou na floresta, e toda a tarde, enquanto a luz se arrastou pelas frondes, arrancou ramos aos troncos, cautelosamente, destramente, para que as pontas quebrassem bem lascadas e agudas. Ah! que soberbo estalar de hastes, pelo fundo bosque, através da frescura e da sombra, para a obra da primeira redenção! Selva amável, que foste a primeira oficina, quem soubera onde jazes, na tua secular sepultura, tornada negro carvão!... Quando da mata largaram, fumegando de suor, para recolher à toca distante, nossos Pais veneráveis vergavam sob o peso glorioso de dois grossos molhos de armas.

E então não cessam mais os feitos do Homem. Ainda os corvos e os chacais não tinham esburgado a carcaça do Pai

dos Ursos — já nosso Pai racha uma ponta do seu cajado vitorioso; entala na fenda um desses seixos afiados e bicudos, em que por vezes se feriam as suas patas, descendo à beira dos rios; e segura o fino estilhaço na racha com os lios, muito arrochados, de uma fibra de enrediça seca. E eis a lança! Como essas pedras não abundam, Adão e Eva ensanguentam as garras tentando fender os pedregões redondos de sílex em lascas curtas, que venham perfeitas, com ponta e com gume, para rasgar, cravar. A pedra resiste, pouco desejosa de ajudar o homem, que, nos dias genesíacos do grande outubro, ela tentara suplantar (como contam as prodigiosas crónicas de Backum). Mas de novo lampeja a face de Adão, numa ideia que o sulca, como faísca emanada da

Eterna Sabedoria. Apanha um pedregulho, bate a rocha, arranca a lasca... E eis o martelo!

Depois, noutra tarde bendita, costeando uma escura e bravia colina, descobre, com aqueles seus olhos que já rebuscam e comparam, um calhau negro, áspero, facetado, sombriamente luzidio. Pasma do seu peso — e logo pressente nele um maço superior, de decisiva rijeza. Com que alvoroço o leva, agarrado contra o peito, para martelar o sílex rebelde! Ao lado de Eva, que o espera à beira do rio, logo malha rijamente sobre a pederneira... E, oh espanto!, uma fagulha salta, refulge, morre! Ambos recuam, se entreolham, num terror quase sagrado! É um lume, um vivo lume, que ele assim arrancou com as suas mãos da rocha bruta — semelhante

ao lume vivo que dardeja de entre as nuvens. De novo bate, a tremer. A centelha brilha, a centelha passa, e Adão remira e fareja o escuro calhau. Mas não compreende. E, pensativos, nossos Pais veneráveis sobem, com os cabelos ao vento, para a sua caverna costumada, que é no pendor de um cerro, junto de uma fonte borbulhando entre fetos.

E aí, no seu reino, Adão, com uma curiosidade onde lateja uma esperança, novamente entala o sílex, grosso como uma abóbora, entre os calosos pés, e recomeça a martelar, sob o bafo de Eva, que se debruça e arfa. Sempre a faúlha salta, rebrilha na sombra, tão refulgente como aqueles lumes que, agora, palpitam, olham, de além, das alturas. Mas esses lumes permanecem, através da negrura do

céu e da noite, vivos, a espreitar, na sua radiância. E aquelas estrelinhas da pedra ainda não têm vivido e já têm morrido... Será o vento que as leva, ele que tudo leva, vozes, nuvens e folhas? Nosso Pai venerável, fugindo do vento malévolo que ronda no monte, recua até ao fundo mais abrigado da caverna, onde se afofam as camadas de feno muito seco, que são o seu leito. E de novo fere a pedra, despedindo centelha após centelha, enquanto Eva, agachada, abriga com as mãos aqueles refulgentes e fugitivos seres. E eis que dos fenos um fumozinho se eleva, e se engrossa, e se enrola, e através dele, vermelha, uma chama ressalta... É o fogo! Nossos Pais fogem espavoridamente da caverna, obscurecida por uma fumaraça cheirosa, onde flamejam

alegres, rutilantes línguas, que lambem a rocha. Acocorados à porta da toca, ambos arquejam, no pasmo e terror da sua obra, com os olhos a chorar do fumo acre. E, mesmo através do susto e do espanto, sentem uma doçura muito nova que os penetra e que vem daquela luz e vem daquele calor... Mas já o fumo se escapou da caverna, o vento roubador o levou. As chamas rastejam, incertas, azuladas; em breve, só resta um borralho que descora, se acinzenta, se abate em cisco: e a derradeira faúlha corre, tremeluz, passa. O fogo morreu! Então, na alma nascente de Adão entra a dor de uma ruína. Desesperadamente puxa os grossos beiços e geme. Saberá ele jamais recomeçar o feito maravilhoso?... E é nossa Mãe, já consoladora, que o consola. Com as suas

rudes mãos comovidas, porque realiza sobre a Terra a sua primeira obra, junta outro montão de fenos secos, pousa entre eles o sílex redondo, toma o escuro calhau, bate rijamente, num faulhar de estrelinhas. E de novo o fumo rola, e de novo a chama refulge. Oh, triunfo! Eis a fogueira, a fogueira inicial do Paraíso, e não casualmente rebentada, mas acendida por uma clara vontade que, agora, para todo sempre, cada noite e cada manhã, poderá repetir com segurança a façanha suprema!

À nossa Mãe venerável pertence então, na caverna, a doce e augusta tarefa do lume. Ela o cria, ela o nutre, ela o defende, ela o perpetua. E, como mãe deslumbrada, descobre cada dia, nesse resplandecente filho dos seus cuidados,

uma virtude ou graça nova. Agora já Adão sabe que o *seu* fogo espanta todas as feras (mesmo o medonho espeleu, que nada espanta) e que no Paraíso existe enfim um buraco seguro, que é o *seu* buraco! Não só seguro, mas amável — porque o lume o alumia, o aquece, o alegra, o purifica. E, quando Adão, com um molho de lanças, desce à planície ou se embrenha na selva a caçar a presa, já mata com redobrada ânsia, para recolher depressa àquela boa segurança e consolação do lume. Ah! que docemente ele o penetra, e lhe seca no pelo a friagem dos matos, e doura como um sol a penedia da sua toca! E depois ainda lhe prende os olhos, e o enleva, e o guia num cismar fecundo, em que inspiradamente lhe aparecem formas de flechas, malhos com cabos, ossos

recurvos que fisgam os peixes, lascas dentadas que serram o pau!... À sua fêmea forte deve Adão esta hora criadora!

E quanto lhe não deve a Humanidade! Recordemos, meus irmãos, que nossa Mãe, com aquela adivinhação superior que mais tarde a tornou profetisa e sibila, não hesitou, quando a serpente lhe disse, coleando entre as rosas: «Come do fruto do Saber, que os teus olhos se abrirão e serás como os deuses sabedores!» Adão teria comido a serpente, bocado mais suculento. Nem acreditaria em frutos que comunicam a divindade e sapiência, ele que tanta fruta comera nas árvores e se conservava insciente e bestial como o urso e o auroque. Eva, porém, com a credulidade sublime que sempre no mundo opera as

transformações sublimes, comeu logo a maçã, e a casca, e a pevide. E persuadindo Adão a que partilhasse do transcendente pomo, muito doce e enredosamente o convenceu do proveito, da felicidade, da glória e da força que dá o Saber! Esta alegoria dos poetas do Génesis, com esplêndida subtileza nos revela a imensa obra de Eva nos anos dolorosos do Paraíso. Por ela Deus continua a Criação superior, a do reino espiritual, a que desenrola sobre a Terra o lar, a família, a tribo, a cidade. É Eva que cimenta e bate as grandes pedras angulares na construção da Humanidade.

Senão, vede! Quando o bravio caçador recolhe à caverna, derreado sob o peso da caça morta, cheirando todo a selva, e a sangue, e a fera, é ele, decerto,

que esfola a rês com a faca de pedra, e retalha as postas, e esburga os ossos (que sofregamente guarda sob a coxa e reserva para a sua ração, porque contêm a moeda preciosa). Mas Eva junta essa pele, cuidadosamente, às outras peles armazenadas; esconde os ossos partidos, porque as suas lascas agudas pregam e furam; e numa cavidade da rocha fresca guarda a carne que sobejou. Ora em breve uma dessas fartas postas esquece, caída junto à fogueira perpétua. O lume alastra, lentamente lambe a carne pelo lado mais gordo, até que um cheiro, desconhecido e saboroso, afaga e alarga as rudes narinas de nossa Mãe venerável. Donde vem ele, o gostoso aroma? Do fogo, onde a posta de veado ou de lebre grelha e rechina. Então Eva, inspirada e grave, empurra a

carne para a brasa viva; e espera, ajoelhada, até que a espeta com uma ponta de osso, e a retira da chama ruidosa, e a trinca, em sombrio silêncio. Os seus olhos rebrilhantes anunciam outra conquista. E, com a pressa amorosa com que ofereceu a Maçã a Adão, lhe apresenta agora aquela carne tão nova, que ele cheira desconfiado e depois devora a rijas dentadas, roncando de gozo! E eis que, por este pedaço de gamo assado, nossos Pais sobem vitoriosamente outro escalão da Humanidade!

A água ainda a bebem na nascente vizinha, entre os fetos, com a face mergulhada no veio claro. Depois de beber, Adão, arrimando à sua grossa lança, olha ao longe o rolar do rio lento, os montes coroados de neve ou de lume, o

Sol sobre o mar — pensando, com arrastado pensar, se nessas terras que se estendem, se escondem para além, a presa será mais certa e as selvas menos cerradas. Mas Eva recolhe logo à caverna, para se entregar, sem descanso, a uma tarefa que a encanta. Encruzada no chão, toda atenta sob a coma crespa, nossa Mãe fura, com um ossinho agudo, buracos finos na orla de uma pele, e depois na orla de outra pele. E, tão embebida que nem sente Adão entrar e remexer nas suas armas, une as duas peles sobrepostas, passando através dos buracos uma delgada fibra das algas que secam diante do lume. Adão considera com desdém esse trabalho miúdo que não acrescenta força à sua força. Não pressente ainda, o bruto Pai, que aquelas

peles cosidas serão o resguardo do seu corpo, a armação da sua tenda, o saco do seu farnel, o odre da sua água, e o tambor em que bata quando for um guerreiro, e a página em que escreve quando for um profeta!

Outros gostos e modos de Eva o irritam também: e por vezes, com uma desumanidade que é já toda humana, nosso Pai arrebata pelos cabelos a sua fêmea, e a derruba, e a pisa sob a pata calosa. Assim um furor o tomou, uma tarde, avistando, no regaço de Eva, sentada diante da fogueira, um cachorrinho mole e trôpego, que ela, com carinho e paciência, ensinava a sugar numa febra de carne fresca. À beira da fonte descobrira o cachorrinho perdido e ganindo; e muito mansamente o recolhera,

o aquecera, o alimentara, com uma sensação que lhe era doce, e lhe abria na espessa boca, ainda mal sabedora de sorrir, um sorriso de maternidade. Nosso Pai venerável, com as pupilas a reluzir, atira a garra, quer devorar o cachorro que entrara na sua toca. Mas Eva defende o animal pequenino, que treme e que a lambe. O primeiro sentimento de caridade, informe como a primeira flor que brotou dos limos, aparece na Terra! E, com as curtas e roucas vozes que eram o falar de nossos Pais, Eva tenta talvez afiançar que será útil, na caverna do homem, a amizade de um bicho... Adão puxa o beiço trombudo. Depois, em silêncio, mansamente, corre os dedos pelo lombo macio do cachorrinho encolhido. E este é, na história, um momento espantoso!

Eis que o homem domestica o animal! Desse cachorro agasalhado no Paraíso nascerá o cão amigo, por ele a aliança com o cavalo, depois o domínio sobre a ovelha. O rebanho crescerá; o pastor o levará; o cão fiel o guardará. Eva, da beira do seu lume, prepara os povos errantes que pastoreiam os gados.

Depois, naquelas longas manhãs em que Adão bravio caçava, Eva, errando de vale a monte, apanhava conchas, ovos de aves, curiosas raízes, sementes, com o gosto de acumular, de abastecer a sua toca de riquezas novas, que escondia nas fendas da rocha. Ora um punhado dessas sementes caíra, através dos seus dedos, sobre terra húmida e negra, quando recolhia pela beira da fonte. Uma ponta verde brotou; depois uma haste cresceu;

depois uma espiga amadurou. Os seus grãos são gostosos. Eva, pensativa, enterra outras sementes, na esperança de criar em torno do seu lar, num bocado do seu torrão, altas ervas que espiguem, e lhe tragam o grão adocicado e tenro... E eis a seara! E assim nossa Mãe toma possíveis, do fundo do Paraíso, os povos estáveis que lavram a terra.

No entanto, bem podemos supor que Abel nasceu — e, uns após outros, os dias deslizam no Paraíso, mais seguros e fáceis. Já os vulcões lentamente se vão apagando. As rochas não se despenham já com fragor sobre a abundância inocente dos vales. Tão amansadas andam as águas, que na sua transparência se miram, com demora e cuidado, as nuvens e os ramos dos olmos. Raramente um

pterodáctilo macula, com o escândalo do seu bico e das suas asas, os céus, onde o Sol alterna com a bruma, e os Estios se franjam de chuvas ligeiras. E nesta tranquilidade que se estabelece, há como uma submissão consciente. O Mundo pressente e aceita a supremacia do Homem. A floresta já não arde com a leviandade do restolho, sabendo que em breve o Homem lhe pedirá a estaca, a trave, o remo, o mastro. O vento, nas gargantas da serra, brandamente se disciplina, e ensaia os sopros regulares com que trabalhará a mó do moinho. O mar afogou os seus monstros e estira o dorso preparado para o cortar da quilha. A terra torna estável a sua gleba, e molemente se humedece, para quando chegar o arado e a semente. E todos os

metais se alinham em filão, e alegremente se dispõem para o fogo que lhes dará forma e beleza.

E pela tarde Adão recolhe contente, com caça abundante. A lareira flameja; e alumia a face de nosso Pai, que o esforço da Vida embelezou, onde já os beiços se adelgaçaram, e a testa se encheu com o lento pensar, e os olhos sossegaram num brilho mais certo. O anho, espetado num pau, assa e pinga nas brasas. No chão pousam cascas de coco, cheias de clara água da fonte. Uma pele de urso tornou macio o leito de fetos. Outra pele, pendurada, abriga a boca da caverna. A um canto, que é a oficina, estão os montões de sílex e o malho; a outro canto, que é o arsenal, estão as lanças e as clavas. Eva torce os fios de uma lã de

cabra. Ao bom calor, sobre folhelho, dorme Abel, muito gordo, todo nu, com um pelo mais ralo na carninha mais branca. Partilhando do folhelho e do mesmo calor, vela o cão, já crescido, com o olho amorável, o focinho entre as patas. E Adão (oh, estranha tarefa!), muito absorto, tenta gravar, com uma ponta de pedra, sobre um osso largo, os galhos, o dorso, as pernas estiradas de um veado a correr!... A lenha estala. Todas as estrelas do céu estão presentes. Deus, pensativo, contempla o crescer da Humanidade.

E agora, que acendi, na noite estrelada do Paraíso, com galhos bem secos da Árvore da Ciência, este verídico lar, consenti que vos deixe, ó Pais veneráveis!

Já não receio que a Terra instável

vos esmague; ou que as feras superiores vos devorem; ou que, apagada, à maneira de uma lâmpada imperfeita, a energia que vos trouxe da floresta, vós retrogradeis à vossa árvore. Sois já irremediavelmente humanos — e cada manhã progredireis, com tão poderoso arremesso, para a perfeição do corpo e esplendor da razão, que em breve, dentro de umas centenas de milhares de curtos anos, Eva será a formosa Helena e Adão será o imenso Aristóteles!

Mas não sei se vos felicite, ó Pais veneráveis! Outros irmãos vossos ficaram na espessura das árvores — e a sua vida é doce. Todas as manhãs o orangotango acorda entre os seus lençóis de folhas de pendenia, sobre o fofo colchão de musgos que ele, com cuidado, acamou por cima

de um catre de ramos cheirosos. Languidamente, sem cuidados, preguiça na moleza dos musgos, escutando as límpidas árias dos pássaros, gozando os fios do sol que se emaranham por entre a renda das folhas, e lambendo no pelo dos seus braços o orvalho açucarado. Depois de bem se coçar e bem se esfregar, sobe com pachorra à árvore dileta, que elegeu em todo o bosque pela sua frescura, pela elasticidade embaladora das suas ramagens. Daí, tendo respirado as brisas carregadas de aromas, salta, com lestos pulos, através das sempre fáceis, sempre fartas ucharias do bosque, onde almoça a banana, a manga, a goiaba, todos os finos frutos que o tornam tão são e alheio a males como as árvores onde os colheu. Percorre então, sociavelmente, as ruas e

as vielas palreiras da espessura; cabriola com destros amigos, em jogos amáveis de ligeireza e força; galanteia as orangas gentis que o catam e, penduradas com ele de uma liana florida, se balançam chalrando; trota, entre alegres ranchos, pela borda das águas claras; ou, sentado na ponta de um ramo, escuta algum velho e facundo chimpanzé contando divertidas histórias de caça, de viagens, de amores e de trocas às feras pesadas, que circulavam nas relvas e não podem trepar. Cedo recolhe à sua árvore, e, estendido na folhosa rede, brandamente se abandona à delícia de sonhar, num sonho acordado, semelhante às nossas metafísicas e às nossas epopeias, mas que, rolando todo sobre sensações reais, é, ao contrário dos nossos incertos sonhos, um sonho todo

feito de certeza. Por fim a floresta lentamente se cala, a sombra escorrega entre os troncos — e o orango ditoso desce ao seu catre de penedias e musgos, e adormece na imensa paz de Deus — de Deus que ele nunca se cansou em comentar, nem sequer em negar, e que todavia sobre ele derrama, com imparcial carinho, os bens inteiros da Sua misericórdia.

Assim ocupou o seu dia o orango, nas árvores. E, no entanto, como gastou, nas cidades, o seu dia, o homem, primo do orango? Sofrendo — por ter os dons superiores que faltam ao orango! Sofrendo — por arrastar consigo, irresgatavelmente, esse mal incurável que é a sua alma! Sofrendo — porque nosso Pai Adão, no terrível dia 28 de outubro,

depois de espreitar e farejar o Paraíso, não ousou declarar reverentemente ao Senhor: «Obrigado, ó meu doce Criador, dá o governo da Terra a quem melhor escolheres, ao elefante ou ao canguru, que eu por mim, bem mais avisado, volto já para a minha árvore!...»

Mas, enfim, desde que nosso Pai venerável não teve a previdência ou a abnegação de declinar a grande supremacia — continuemos a reinar sobre a Criação e a ser sublimes... Sobretudo continuemos a usar, insaciavelmente, do dom melhor que Deus nos concedeu entre todos os dons, o mais puro, o único genuinamente grande, o dom de O amar — pois que não nos concedeu também o dom de O compreender. E não esqueçamos que Ele já nos ensinou, através de vozes

levantadas em Galileia, e sob as mangueiras de Veluvana, e nos vales severos de Yen-Chu, que a melhor maneira de O amar é que uns aos outros nos amemos, e que amemos toda a Sua obra, mesmo o verme, e a rocha dura, e a raiz venenosa, e até esses vastos seres que não parecem necessitar o nosso amor, esses sóis, esses mundos, essas esparsas nebulosas, que, inicialmente fechadas, como nós, na mão de Deus, e feitas da nossa substância, nem decerto nos amam — nem talvez nos conhecem.

A Aia

Era uma vez um rei, moço e valente, senhor de um reino abundante em cidades e searas, que partira a batalhar por terras distantes, deixando solitária e triste a sua rainha e um filhinho, que ainda vivia no seu berço, dentro das suas faixas.

A Lua cheia que o vira marchar, levado no seu sonho de conquista e de fama, começava a minguar — quando um dos seus cavaleiros apareceu, com as armas rotas, negro do sangue seco e do pó dos caminhos, trazendo a amarga nova de uma batalha perdida e da morte do rei, trespassado por sete lanças entre a flor da sua nobreza, à beira de um grande rio.

A rainha chorou magnificamente o rei. Chorou ainda desoladamente o esposo, que era formoso e alegre. Mas, sobretudo, chorou ansiosamente o pai que assim deixava o filhinho desamparado, no meio de tantos inimigos da sua frágil vida e do reino que seria seu, sem um braço que o defendesse, forte pela força e forte pelo amor.

Desses inimigos, o mais temeroso era seu tio, irmão bastardo do rei, homem depravado e bravio, consumido de cobiças grosseiras, desejando só a realeza por causa dos seus tesouros, e que havia anos vivia num castelo sobre os montes, com uma horda de rebeldes, à maneira de um lobo que, de atalaia, espera a presa. Ai! a presa agora era aquela criancinha, rei de mama, senhor de tantas províncias,

e que dormia no seu berço com seu guizo de ouro fechado na mão!

Ao lado dele, outro menino dormia noutro berço. Mas este era um escravozinho, filho da bela e robusta escrava que amamentava o príncipe. Ambos tinham nascido na mesma noite de verão. O mesmo seio os criava. Quando a rainha, antes de adormecer, vinha beijar o principezinho, que tinha o cabelo louro e fino, beijava também por amor dele o escravozinho, que tinha o cabelo negro e crespo. Os olhos de ambos reluziam como pedras preciosas. Somente o berço de um era magnífico e de marfim entre brocados — e o berço do outro pobre e de verga. A leal escrava, porém, a ambos cercava de carinho igual, porque se um era o seu filho — o outro seria o seu rei.

Nascida naquela casa real, ela tinha a paixão, a religião dos seus senhores. Nenhum pranto correra mais sentidamente do que o seu pelo rei morto à beira do grande rio. Pertencia, porém, a uma raça que acredita que a vida da Terra se continua no Céu. O rei seu amo, decerto, já estaria agora reinando num outro reino, para além das nuvens, abundante também em searas e cidades. O seu cavalo de batalha, as suas armas, os seus pajens tinham subido com ele às alturas. Os seus vassalos, que fossem morrendo, prontamente iriam nesse reino celeste retomar em torno dele a sua vassalagem. E ela um dia, por seu turno, remontaria num raio de luz a habitar o palácio do seu senhor, e afiar de novo o linho das suas túnicas, e a acender de

novo a caçoleta dos seus perfumes; seria no Céu como fora na Terra, e feliz na sua servidão.

Todavia, também ela tremia pelo seu principezinho! Quantas vezes, com ele pendurado do peito, pensava na sua fragilidade, na sua longa infância, nos anos lentos que correriam antes que ele fosse ao menos do tamanho de uma espada, e naquele tio cruel, de face mais escura que a noite e coração mais escuro que a face, faminto do trono, e espreitando de cima do seu rochedo, entre os alfanges da sua horda! Pobre principezinho de sua alma! Com uma ternura maior o apertava então nos braços. Mas se o seu filho chalrava ao lado — era para ele que os seus braços corriam com um ardor mais feliz. Esse, na sua indigência, nada tinha a

recear da vida. Desgraças, assaltos da sorte má nunca o poderiam deixar mais despido das glórias e bens do mundo do que já estava ali no seu berço, sob o pedaço de linho branco que resguardava a sua nudez. A existência, na verdade, era para ele mais preciosa e digna de ser conservada que a do seu príncipe, porque nenhum dos duros cuidados com que ela enegrece a alma dos senhores roçaria sequer a sua alma livre e simples de escravo. E, como se o amasse mais por aquela humildade ditosa, cobria o seu corpinho gordo de beijos pesados e devoradores — dos beijos que ela fazia ligeiros sobre as mãos do seu príncipe.

No entanto um grande temor enchia o palácio, onde agora reinava uma mulher entre mulheres. O bastardo, o

homem de rapina que errava no cimo das serras, descera à planície com a sua horda, e já através de casais e aldeias felizes ia deixando um sulco de matança e ruínas. As portas da cidade tinham sido seguras com cadeias mais fortes. Nas atalaias ardiam lumes mais altos. Mas à defesa faltava disciplina viril. Uma roca não governa como uma espada. Toda a nobreza fiel perecera na grande batalha. E a rainha desventurosa apenas sabia correr a cada instante ao berço do seu filhinho e chorar sobre ele a sua fraqueza de viúva. Só a ama leal parecia segura — como se os braços em que estreitava o seu príncipe fossem muralhas de uma cidade que nenhuma audácia pode transpor.

Ora uma noite, noite de silêncio e de escuridão, indo ela a adormecer, já

despida, no seu catre, entre os seus dois meninos, adivinhou, mais que sentiu, um curto rumor de ferro e de briga, longe, à entrada dos vergéis reais. Embrulhada à pressa num pano, atirando os cabelos para trás, escutou ansiosamente. Na terra areada, entre os jasmineiros, corriam passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tombando molemente sobre lajes, como um fardo. Descerrou violentamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistou homens, um clarão de lanternas, brilhos de armas... Num relance tudo compreendeu — o palácio surpreendido, o bastardo cruel vindo roubar, matar o seu príncipe! Então, rapidamente, sem uma vacilação, uma dúvida, arrebatou o príncipe do seu berço de marfim, atirou-o para o pobre berço de

verga — e tirando o seu filho do berço servil, entre beijos desesperados, deitou-o no berço real, que cobriu com um brocado.

Bruscamente um homem enorme, de face flamejante, com um manto negro sobre a cota de malha, surgiu à porta da câmara, entre outros, que erguiam lanternas. Olhou — correu ao berço de marfim onde os brocados luziam, arrancou a criança, como se arranca uma bolsa de ouro, e, abafando os seus gritos no manto, abalou furiosamente.

O príncipe dormia no seu novo berço. A ama ficara imóvel no silêncio e na treva.

Mas brados de alarme de repente atroaram o palácio. Pelas vidraças perpassou o longo flamejar das tochas. Os

pátios ressoavam com o bater das armas. E desgrenhada, quase nua, a rainha invadiu a câmara, entre as aias, gritando pelo seu filho. Ao avistar o berço de marfim, com as roupas desmanchadas, vazio, caiu sobre as lajes, num choro, despedaçada. Então calada, muito lenta, muito pálida, a ama descobriu o pobre berço de verga... O príncipe lá estava, quieto, adormecido, num sonho que o fazia sorrir, lhe iluminava toda a face entre os seus cabelos de ouro. A mãe caiu sobre o berço, com um suspiro, como cai um corpo morto.

E nesse instante um novo clamor abalou a galeria de mármore. Era o capitão das guardas, a sua gente fiel. Nos seus clamores havia, porém, mais tristeza que triunfo. O bastardo morrera! Colhido,

ao fugir, entre o palácio e a cidadela, esmagado pela forte legião de archeiros, sucumbira, ele e vinte da sua horda. O seu corpo lá ficara, com flechas no flanco, numa poça de sangue. Mas ai! dor sem nome! O corpozinho tenro do príncipe lá ficara também, envolto num manto, já frio, roxo ainda das mãos ferozes que o tinham esganado!... Assim tumultuosamente lançavam a nova cruel os homens de armas — quando a rainha, deslumbrada, com lágrimas entre risos, ergueu nos braços, para lho mostrar, o príncipe que despertara.

Foi um espanto, uma aclamação. Quem o salvara? Quem?... Lá estava junto do berço de marfim vazio, muda e hirta, aquela que o salvara! Serva sublimemente leal! Fora ela que, para conservar a vida

ao seu príncipe, mandara à morte o seu filho... Então, só então, a mãe ditosa, emergindo da sua alegria extática, abraçou apaixonadamente a mãe dolorosa, e a beijou, e lhe chamou irmã do seu coração... E de entre aquela multidão que se apertava na galeria veio uma nova, ardente aclamação, com súplicas de que fosse recompensada, magnificamente, a serva admirável que salvara o rei e o reino.

Mas como? Que bolsas de ouro podem pagar um filho? Então um velho de casta nobre lembrou que ela fosse levada ao tesouro real, e escolhesse de entre essas riquezas, que eram as maiores da Índia, todas as que o seu desejo apetecesse...

A rainha tomou a mão da serva. E

sem que a sua face de mármore perdesse a rigidez, com um andar de morta, como num sonho, ela foi assim conduzida para a câmara dos tesouros. Senhores, aias, homens de armas, seguiam num respeito tão comovido que apenas se ouvia o roçar das sandálias nas lajes. As espessas portas do tesouro rolaram lentamente. E, quando um servo destrancou as janelas, a luz da madrugada, já clara e rósea, entrando pelos gradeamentos de ferro, acendeu um maravilhoso e faiscante incêndio de ouro e pedrarias! Do chão de rocha até às sombrias abóbadas, por toda a câmara, reluziam, cintilavam, refulgiam os escudos de ouro, as armas marchetadas, os montões de diamantes, as pilhas de moedas, os longos fios de pérolas, todas as riquezas daquele reino,

acumuladas por cem reis durante vinte séculos. Um longo «Ah!», lento e maravilhado, passou por sobre a turba que emudecera. Depois houve um silêncio, ansioso. E no meio da câmara, envolta na refulgência preciosa, a ama não se movia...

Apenas os seus olhos, brilhantes e secos, se tinham erguido para aquele céu que, além das grades, se tingia de rosa e de ouro. Era lá, nesse céu fresco de madrugada, que estava agora o seu menino. Estava lá, e já o Sol se erguia, e era tarde, e o seu menino chorava decerto, e procurava o seu peito!... Então a ama sorriu e estendeu a mão. Todos seguiam, sem respirar, aquele lento mover da sua mão aberta. Que joia maravilhosa, que fio de diamantes, que punhado de rubis, ia ela

escolher?

A ama estendia a mão — e sobre um escabelo ao lado, entre um molho de armas, agarrou um punhal. Era um punhal de um velho rei, todo cravejado de esmeraldas, e que valia uma província.

Agarrara o punhal, e com ele apertado fortemente na mão, apontando para o céu, onde subiam os primeiros raios do Sol, encarou a rainha, a multidão, e gritou:

— Salvei o meu príncipe — e agora vou dar de mamar ao meu filho!

E cravou o punhal no coração.

O Defunto

1

No ano de 1474, que foi por toda a cristandade tão abundante em mercês divinas, reinando em Castela el-rei Henrique IV, veio habitar na cidade de Segóvia, onde herdara moradias e uma horta, um cavaleiro moço, de muito limpa linhagem e gentil parecer, que se chamava D. Rui de Cardenas.

Essa casa, que lhe legara seu tio, arcediago e mestre em cânones, ficava ao lado e na sombra silenciosa da Igreja de Nossa Senhora do Pilar; e, em frente, para além do adro, onde cantavam as três bicas de um chafariz antigo, era o escuro e gradeado palácio de D. Alonso de Lara,

fidalgo de grande riqueza e maneiras sombrias, que já na madureza da sua idade, todo grisalho, desposara uma menina falada em Castela pela sua alvura, cabelos cor de sol claro, e colo de garça-real. D. Rui tivera justamente por madrinha, ao nascer, Nossa Senhora do Pilar, de quem sempre se conservou devoto e fiel servidor: ainda que sendo de sangue bravo e alegre, amava as armas, a caça, os saraus bem galanteados, e mesmo por vezes uma noite ruidosa de taverna com dados e pichéis de vinho. Por amor, e pelas facilidades desta santa vizinhança, tomara ele o piedoso costume, desde a sua chegada a Segóvia, de visitar todas as manhãs, à hora de prima, a sua divina madrinha e de lhe pedir, em três ave-marias, a bênção e a graça.

Ao escurecer, mesmo depois de alguma rija correria por campo e monte com lebréus ou falcão, ainda voltava para, à saudação de vésperas, murmurar docemente uma salve-rainha.

E todos os domingos comprava no adro, a uma ramalheteira mourisca, algum ramo de junquilhos, ou cravos, ou rosas singelas, que espalhava, com ternura e cuidado galante, em frente ao altar da Senhora.

A esta venerada Igreja do Pilar vinha também cada domingo D. Leonor, a tão falada e formosa mulher do senhor de Lara, acompanhada por uma aia carrancuda, de olhos mais abertos e duros que os de uma coruja, e por dois possantes lacaios, que a ladeavam e guardavam como torres. Tão ciumento era

o senhor D. Alonso que só por lho haver severamente ordenado o seu confessor, e com medo de ofender a Senhora, sua vizinha, permitia esta visita fugitiva, a que ele ficava espreitando sofregamente, de entre as rexas de uma gelosia, os passos e a demora. Todos os lentos dias da lenta semana os passava a senhora D. Leonor no encerro do gradeado solar de granito negro, não tendo, para se recrear e respirar, mesmo nas calmas do estio, mais que um fundo de jardim verde-negro, cercado de tão altos muros, que apenas se avistava, emergindo deles, aqui, além, alguma ponta de triste cipreste. Mas essa curta visita a Nossa Senhora do Pilar bastou para que D. Rui se enamorasse dela, tresloucadamente, na manhã de maio em que a viu de joelhos ante o altar, numa

réstia de sol, aureolada pelos seus cabelos de ouro, com as compridas pestanas pendidas sobre o Livro de Horas, o rosário caindo de entre os dedos finos, fina toda ela e macia, e branca, de uma brancura de lírio aberto na sombra, mais branca entre as rendas negras e os negros cetins que à volta do seu corpo cheio de graça se quebravam, em pregas duras, sobre as lajes da capela, velhas lajes de sepulturas. Quando depois de um momento de enleio e de delicioso pasmo se ajoelhou, foi menos para a Virgem do Pilar, sua divina madrinha, do que para aquela aparição mortal, de quem não sabia o nome nem a vida, e só que por ela daria vida e nome, se ela se rendesse por tão incerto preço. Balbuciando, com uma prece ingrata, as três ave-marias com que

cada manhã saudava Maria, apanhou o seu sombreiro, desceu levemente à nave sonora e no portal se quedou, esperando por ela entre os mendigos lazarentos que se catavam ao sol. Mas, quando ao cabo de um tempo em que D. Rui sentiu no coração um desusado bater de ansiedade e medo, a senhora D. Leonor passou e se deteve molhando os dedos na pia de mármore de água benta, os seus olhos, sob o véu descido, não se ergueram para ele, ou tímidos ou desatentos. Com a aia de olhos muito abertos colada aos vestidos, entre os dois lacaios, como entre duas torres, atravessou vagarosamente o adro, pedra por pedra, gozando decerto, como encarcerada, o desafogado ar e o livre sol que o inundavam. E foi um espanto para D. Rui quando ela penetrou na sombra

arcada, de grossos pilares, sobre que assentava o palácio, e desapareceu por uma esguia porta recoberta de ferragens. Era, pois, essa a tão falada D. Leonor, a linda e nobre senhora de Lara...

Então começaram sete arrastados dias, que ele gastou sentado a um poial da sua janela, considerando aquela negra porta recoberta de ferragens como se fosse a do Paraíso e por ela devesse sair um anjo para lhe anunciar a Bem-Aventurança. Até que chegou o vagaroso domingo; e passando ele no adro, à hora de prima, ao repicar dos sinos, com um molho de cravos amarelos para a sua divina madrinha, cruzou D. Leonor, que saía de entre os pilares da escura arcada, branca, doce e pensativa, como uma Lua de entre nuvens. Os cravos quase lhe

caíram naquele gostoso alvoroço em que o peito lhe arfou mais que um mar, e a alma toda lhe fugiu em tumulto através do olhar com que a devorava. E ela ergueu também os olhos para D. Rui, mas uns olhos repousados, uns olhos serenos, em que não luzia curiosidade, nem mesmo consciência de se estarem trocando com outros, tão acesos e enegrecidos pelo desejo.

O moço cavaleiro não entrou na igreja, com piedoso receio de não prestar à sua madrinha divina a atenção que decerto lhe roubaria toda aquela que era só humana, mas dona já do seu coração e nele divinizada.

Esperou sofregamente à porta, entre os mendigos, secando os cravos com o ardor das mãos trémulas, pensando

quanto era demorado o rosário que ela rezava. Ainda D. Leonor descia a nave, já ele sentia dentro da alma o doce rugir das sedas fortes que ela arrastava nas lajes. A branca senhora passou — e o mesmo distraído olhar, desatento e calmo, que espalhou pelos mendigos e pelo adro, o deixou escorregar sobre ele, ou porque não compreendesse aquele moço que de repente se tornara tão pálido, ou porque não o diferenciava ainda das coisas e das formas indiferentes.

D. Rui abalou, com um fundo suspiro; e, no seu quarto, pôs devotamente ante a imagem da Virgem as flores que não oferecera, na igreja, ao seu altar. Toda a sua vida se tornou então um longo queixume por sentir tão fria e desumana aquela mulher, única entre as mulheres,

que prendera e tornara sério o seu coração ligeiro e errante. Numa esperança, a que antevia bem o desengano, começou a rondar os muros altos do jardim — ou embuçado numa capa, com o ombro contra uma esquina, lentas horas se quedava contemplando as grades das gelosias, negras e grossas como as de um cárcere. Os muros não se fendiam, das grades não saía sequer um rasto de luz prometedora. Todo o solar era como um jazigo onde jazia uma insensível e por trás das frias pedras ainda havia um frio peito. Para se desafogar compôs, com piedoso cuidado, em noites veladas sobre o pergaminho, trovas gementes que o não desafogavam. Diante do altar da Senhora do Pilar, sobre as mesmas lajes onde a vira ajoelhada,

pousava ele os joelhos, e ficava, sem palavras de oração, num cismar amargo e doce, esperando que o seu coração serenasse e se consolasse sob a influência d'Aquela que todo consola e serena. Mas sempre se erguia mais desditoso e tendo apenas a sensação de quanto eram frias e rígidas as pedras sobre que ajoelhara. O mundo todo só lhe parecia conter rigidez e frieza.

Outras claras manhãs de domingo encontrou D. Leonor: e sempre os olhos dela permaneciam descuidados e como esquecidos, ou quando se cruzavam com os seus era tão singelamente, tão limpos de toda a emoção, que D. Rui os preferiria ofendidos e faiscando de ira, ou soberbamente desviados com soberbo desdém. Decerto D. Leonor já o conhecia

— mas, assim, conhecia também a ramalheteira mourisca agachada diante do seu cesto à beira da fonte; ou os pobres que se catavam ao sol diante do portal da Senhora. Nem D. Rui já podia pensar que ela fosse desumana e fria. Era apenas soberanamente remota como uma estrela que nas alturas gira e refulge, sem saber que, em baixo, num mundo que ela não distingue, olhos que ela não suspeita a contemplam, a adoram e lhe entregam o governo da sua ventura e sorte.

Então D. Rui pensou: «Ela não quer, eu não posso: foi um sonho que findou, e Nossa Senhora a ambos nos tenha na sua graça!»

E como era cavaleiro muito discreto, desde que a reconheceu assim inabalável na sua indiferença, não a

procurou, nem sequer ergueu mais os olhos para as grades das suas janelas, e até nem penetrava na igreja de Nossa Senhora quando casualmente, do portal, a avistava ajoelhada, com a sua cabeça, tão cheia de graça e de ouro, pendida sobre o Livro de Horas.

2

A velha aia, de olhos mais abertos e duros que os de uma coruja, não tardara em contar ao senhor de Lara que um moço audaz, de gentil parecer, novo morador nas velhas casas do arcediago, constantemente se atravessava no adro, se postava diante da igreja para atirar o coração pelos olhos à senhora D. Leonor. Bem amargamente o sabia já o ciumento fidalgo, porque quando da sua janela espreitava, como um falcão, a airosa senhora a caminho da igreja, observara os giros, as esperas, os olhares dardejados daquele moço galante — e puxara as barbas de furor. Desde então, na verdade, a sua mais intensa ocupação era odiar D.

Rui, o impudente sobrinho do cónego, que ousava erguer o seu baixo desejo até à alta senhora de Lara. Constantemente agora o trazia vigiado por um serviçal — e conhecia todos os seus passos e pousos, e os amigos com quem caçava ou folgava, e até quem lhe talhava os gibões, e até quem lhe polia a espada, e cada hora do seu viver. E mais ansiosamente ainda vigiava D. Leonor — cada um dos seus movimentos, os mais fugitivos modos, os silêncios e o conversar com as aias, as distrações sobre o bordado, o jeito de cismar sob as árvores do jardim, e o ar e a cor com que recolhia da igreja... Mas tão inalteradamente serena, no seu sossego de coração, se mostrava a senhora D. Leonor, que nem o ciúme mais imaginador de culpas poderia achar

manchas naquela pura neve. Redobradamente áspero então se voltava o rancor de D. Alonso contra o sobrinho do cónego, por ter apetecido aquela pureza, e aqueles cabelos cor de sol claro, e aquele colo de garça-real, que eram só seus, para esplêndido gosto da sua vida. E quando passeava na sombria galeria do solar, sonora e toda de abóbada, embrulhado na sua samarra orlada de peles, com o bico da barba grisalha espetado para diante, a grenha crespa eriçada para trás e os punhos cerrados, era sempre remoendo o mesmo fel:

— Tentou contra a virtude dela, tentou contra a minha honra... É culpado por duas culpas e merece duas mortes!

Mas ao seu furor quase se

misturou um terror, quando soube que D. Rui já não esperava no adro a senhora D. Leonor, nem rondava amorosamente os muros do palacete, nem penetrava na igreja quando ela lá rezava, aos domingos; e que tão inteiramente se alheava dela que uma manhã, estando rente da arcada, e sentindo bem ranger e abrir a porta por onde a senhora ia aparecer, permanecera de costas voltadas, sem se mover, rindo com um cavaleiro gordo que lhe lia um pergaminho. Tão bem afetada indiferença só servia decerto (pensou D. Alonso) a esconder alguma bem danada tenção! Que tramava ele, o destro enganador? Tudo no desabrido fidalgo se exacerbou — ciúme, rancor, vigilância, pesar da sua idade grisalha e feia. No sossego de D. Leonor suspeitou

manha e fingimento — e imediatamente lhe vedou as visitas à Senhora do Pilar.

Nas manhãs costumadas corria ele à igreja para rezar o rosário, a levar as desculpas de D. Leonor — «*que no puede venir* [murmurava curvado diante do altar] *por lo que sabeis, Virgem puríssima!*» Cuidadosamente visitou e reforçou todos os negros ferrolhos das portas do seu solar.

De noite soltava dois mastins nas sombras do jardim murado.

À cabeceira do vasto leito, junto da mesa onde ficava a lâmpada, um relicário e o copo de vinho quente com canela e cravo para lhe retemperar as forças — luzia sempre uma grande espada nua. Mas, com tantas seguranças, mal dormia — e a cada instante se solevava

em sobressalto de entre as fundas almofadas, agarrando a senhora D. Leonor com mão bruta e sôfrega, que lhe pisava o colo, para rugir muito baixo, numa ânsia: «Diz que me queres só a mim!...» Depois, com a alvorada, lá se empoleirava, a espreitar, como um falcão, as janelas de D. Rui. Nunca o avistava, agora, nem à porta da igreja às horas de missa, nem recolhendo do campo, a cavalo, ao toque de Ave-Marias.

E por o sentir assim sumido dos sítios e giros costumados — é que mais o suspeitava dentro do coração de D. Leonor.

Enfim, uma noite, depois de muito trilhar o lajedo da galeria, remoendo surdamente desconfianças e ódios, gritou pelo intendente e ordenou que se

preparassem trouxas e cavalgaduras. Cedo, de madrugada, partiria, com a senhora D. Leonor, para a sua herdade de Cabril, a duas léguas de Segóvia! A partida não foi de madrugada, como uma fuga de avarento que vai esconder longe o seu tesouro — mas realizada com aparato e demora, ficando a liteira diante da arcada, a esperar longas horas, de cortinas abertas, enquanto um cavalariço passeava pelo adro a mula branca do fidalgo, enxairelada à mourisca, e do lado do jardim a récua de machos, carregados de baús, presos às argolas, sob o sol e a mosca, aturdiam a viela com o tilintar dos guizos. Assim D. Rui soube a jornada do senhor de Lara — e assim a soube toda a cidade.

Fora um grande contentamento

para D. Leonor, que gostava de Cabril, dos seus viçosos pomares, dos jardins, para onde abriam, rasgadamente e sem grades, as janelas dos seus aposentos claros: aí ao menos tinha largo ar, pleno sol e alegretes a regar, um viveiro de pássaros, e tão compridas ruas de loureiro ou teixo, que eram quase a liberdade. E depois esperava que no campo se aligeirassem aqueles cuidados que traziam, nos derradeiros tempos, tão enrugado e taciturno seu marido e senhor. Mas não logrou esta esperança, porque ao cabo de uma semana ainda se não desanuviara a face de D. Alonso — nem decerto havia frescura de arvoredos, sussurros de águas correntes, ou aromas esparsos nos rosais em flor que calmassem agitação tão amarga e funda.

Como em Segóvia, na galeria sonora de grande abóbada, sem descanso passava, enterrado na sua samarra, com o bico da barba espetado para diante, a grenha basta eriçada para trás, e um jeito de arreganhar silenciosamente o beiço, como se meditasse maldades a que gozava de antemão o sabor acre. E todo o interesse da sua vida se concentrava num serviçal que constantemente galopava entre Segóvia e Cabril, e que ele por vezes esperava no começo da aldeia, junto ao Cruzeiro, ficando a escutar o homem que desmontava, ofegante, e logo lhe dava novas apressadas.

Uma noite em que D. Leonor, no seu quarto, rezava o terço com as aias, à luz de uma tocha de cera, o senhor de Lara entrou muito vagarosamente, trazendo na

mão uma folha de pergaminho e uma pena mergulhada no seu tinteiro de osso. Com um rude aceno despediu as aias, que o temiam como a um lobo. E, empurrando um escabelo para junto da mesa, volvendo para D. Leonor a face a que impusera tranquilidade e agrado, como se apenas viesse por coisas naturais e fáceis:

— Senhora, quero que me escrevais aqui uma carta que muito convém escrever...

Tão costumada era nela a submissão, que, sem outro reparo ou curiosidade, indo apenas pendurar na barra do leito o rosário em que rezara, se acomodou sobre o escabelo, e os seus dedos finos, com muita aplicação, para que a letra fosse esmerada e clara, traçaram a primeira linha curta que o

senhor de Lara ditara e era: «Meu cavaleiro...» Mas quando ele ditou a outra, mais longa, e de um modo amargo, D. Leonor arrojou a pena, como se a pena a escaldasse, e, recuando da mesa, gritou, numa aflição:

— Senhor, para que convém que eu escreva tais coisas e tão falsas?...

Num brusco furor, o senhor de Lara arrancou do cinto um punhal, que lhe agitou junto à face, rugindo surdamente:

— Ou escreveis o que vos mando e que a mim me convém, ou, por Deus, que vos varo o coração!...

Mais branca que a cera da tocha que os alumiava, com a carne arrepiada ante aquele ferro que luzia, num tremor supremo e que tudo aceitava, D. Leonor murmurou:

— Pela Virgem Maria, não me façais mal!... Nem vos agasteis, senhor, que eu vivo para vos obedecer e servir... Agora mandai, que eu escreverei.

Então, com os punhos cerrados nas bordas da mesa, onde pousara o punhal, esmagando a frágil e desditosa mulher sob o olhar duro que fuzilava, o senhor de Lara ditou, atirou roucamente, aos pedaços, aos repelões, uma carta que dizia, quando finda e traçada em letra bem incerta e trémula: «Meu cavaleiro. — Muito mal haveis compreendido, ou muito mal pagais o amor que vos tenho, e que não vos pude nunca, em Segóvia, mostrar claramente... Agora aqui estou em Cabril, ardendo por vos ver; e se o vosso desejo corresponde ao meu, bem facilmente o podeis realizar, pois que meu marido se

acha ausente noutra herdade, e esta de Cabril é toda fácil e aberta. Vinde esta noite, entrai pela porta do jardim, do lado da azinhaga passando o tanque, até ao terraço. Aí avistareis uma escada encostada a uma janela da casa, que é a janela do meu quarto onde sereis bem docemente agasalhado por quem ansiosamente vos espera...»

— Agora, senhora, assinai por baixo o vosso nome, que isso sobretudo convém!

D. Leonor traçou vagarosamente o seu nome, tão vermelha como se a despissem diante de uma multidão.

— E agora — ordenou o marido mais surdamente, através dos dentes cerrados — endereçai a D. Rui de Cardenas!

Ela ousou erguer os olhos, na surpresa daquele nome desconhecido.

— Andai!... A D. Rui de Cardenas! — gritou o homem sombrio.

E ela endereçou a sua desonesta carta a D. Rui de Cardenas.

D. Alonso meteu o pergaminho no cinto, junto ao punhal que embainhara, e saiu em silêncio com a barba espetada, abafando o rumor dos passos nas lajes do corredor.

Ela ficara sobre o escabelo, as mãos cansadas e caídas no regaço, num infinito espanto, o olhar perdido na escuridão da noite silente. Menos escura lhe parecia a morte que essa escura aventura em que se sentia envolvida e levada! Quem era esse D. Rui de Cardenas, de quem nunca ouvira, que

nunca atravessara a sua vida, tão quieta, tão pouco povoada de memórias e de homens? E ele decerto a conhecia, a encontrara, a seguira ao menos com os olhos, pois que era coisa natural e bem ligada receber dela carta de tanta paixão e promessa...

Assim, um homem, e moço decerto bem nascido, talvez gentil, penetrava no seu destino bruscamente, trazido pela mão de seu marido? Tão intimamente mesmo se entranhara esse homem na sua vida, sem que ela se apercebesse, que já para ele se abria de noite a porta do seu jardim, e contra a sua janela, para ele subir, se arrumava de noite uma escada!... E era seu marido que muito secretamente escancarava a porta e muito secretamente levantava a escada... Para quê?...

Então, num relance, D. Leonor compreendeu a verdade, a vergonhosa verdade, que lhe arrancou um grito ansiado e mal sufocado. Era uma cilada! O senhor de Lara atraía a Cabril esse D. Rui com uma promessa magnífica, para dele se apoderar, e decerto o matar, indefeso e solitário! E ela, o seu amor, o seu corpo, eram as promessas que se faziam rebrilhar ante os olhos seduzidos do moço desventuroso. Assim seu marido usava a sua beleza, o seu leito, como a rede de ouro em que devia cair aquela presa estouvada! Onde haveria maior ofensa? E também quanta imprudência! Bem poderia esse D. Rui de Cardenas desconfiar, não aceder a convite tão abertamente amoroso, e depois mostrar por toda a Segóvia, rindo e triunfando,

aquela carta em que lhe fazia oferta do seu leito e do seu corpo a mulher de Alonso de Lara! Mas não! O desventurado correria a Cabril — e para morrer, miseravelmente morrer no negro silêncio da noite, sem padre, nem sacramentos, com a alma encharcada em pecado de amor! Para morrer, decerto — porque nunca o senhor de Lara permitiria que vivesse o homem que recebera tal carta. Assim, aquele moço morria por amor dela, e por um amor que, sem lhe valer nunca um gosto, lhe valia logo a morte! Decerto por amor dela — pois que tal ódio do senhor de Lara, ódio que, com tanta deslealdade e vilania, se cevava, só podia nascer de ciúmes, que lhe escureciam todo o dever de cavaleiro e de cristão. Sem dúvida ele surpreendera

olhares, passos, tenções deste Senhor D. Rui, mal acautelado por bem namorado.

Mas como? Quando? Confusamente se lembrava ela de um moço que um domingo a cruzara no adro, a esperara ao portal da igreja, com um molho de cravos na mão... Seria esse? Era de nobre parecer, muito pálido, com grandes olhos negros e quentes. Ela passara — indiferente... Os cravos que segurava na mão eram vermelhos e amarelos... A quem os levava?... Ah! se o pudesse avisar, bem cedo, de madrugada!

Como, se não havia em Cabril serviçal ou aia de quem se fiasse? Mas deixar que uma bruta espada varasse traiçoeiramente aquele coração, que vinha cheio dela, palpitando por ela, todo na esperança dela!...

Oh! a desabrida e ardente correria de D. Rui, desde Segóvia a Cabril, com a promessa do encantador jardim aberto, da escada posta contra a janela, sob a mudez e proteção da noite! Mandaria realmente o senhor de Lara encostar uma escada à janela? Decerto, para com mais facilidade o poderem matar, pobre, e doce, e inocente moço, quando ele subisse, mal seguro sobre um frágil degrau, as mãos embaraçadas, a espada a dormir na bainha... E assim, na outra noite, em face ao seu leito, a sua janela estaria aberta, e uma escada erguida contra a sua janela à espera de um homem! Emboscado na sombra do quarto, seu marido seguramente mataria esse homem...

Mas se o senhor de Lara esperasse fora dos muros da quinta, assaltasse

brutalmente, nalguma azinhaga, aquele D. Rui de Cardenas, e, ou por menos destro, ou por menos forte, num terçar de armas, caísse ele trespassado, sem que o outro conhecesse a quem matara? E ela, ali, no seu quarto, sem saber, e todas as portas abertas, e a escada erguida, e aquele homem assomando à janela na sombra macia da noite tépida, e o marido que a devia defender morto no fundo de uma azinhaga... Que faria ela, Virgem Mãe? Oh! decerto repeliria, soberbamente, o moço temerário. Mas o espanto dele e a cólera do seu desejo enganado! «Por vós é que eu vim chamado, senhora!» E ali trazia, sobre o coração, a carta dela, com seu nome, que a sua mão traçara. Como lhe poderia contar a emboscada e o dolo? Era tão longo de contar, naquele silêncio e

solidão da noite, enquanto os olhos dele, húmidos e negros, a estivessem suplicando e traspassando... Desgraçada dela se o senhor de Lara morresse, a deixasse solitária, sem defesa, naquela vasta casa aberta! Mas quanto desgraçada também se aquele moço, chamado por ela, e que a amava, e que por esse amor vinha correndo deslumbrado, encontrasse a morte no sítio da sua esperança, que era o sítio do seu pecado, e, morto em pleno pecado, rolasse para a eterna desesperança... Vinte e cinco anos, ele — se era o mesmo de quem se lembrava, pálido, e tão airoso, com um gibão de veludo roxo e um ramo de cravos na mão, à porta da igreja, em Segóvia...

Duas lágrimas saltaram dos cansados olhos de D. Leonor. E dobrando

os joelhos, levantando a alma toda para o céu, onde a Lua se começava a levantar, murmurou, numa infinita mágoa e fé:

— Oh! Santa Virgem do Pilar, Senhora minha, vela por nós ambos, vela por todos nós!...

3

D. Rui entrava, pela hora da calma, no fresco pátio da sua casa, quando de um banco de pedra, na sombra, se ergueu um moço do campo, que tirou de dentro do surrão uma carta, lha entregou, murmurando:

— Senhor, dai-vos pressa em ler, que tenho de voltar a Cabril, a quem me mandou...

D. Rui abriu o pergaminho; e, no deslumbramento que o tomou, bateu com ele contra o peito, como para o enterrar no coração...

O moço do campo insistia, inquieto:

— Aviai, senhor, aviai! Nem

precisais responder. E só que me deis um sinal de vos ter vindo o recado...

Muito pálido, D. Rui arrancou uma das luvas bordadas a retrós, que o moço enrolou e sumiu no surrão. E já abalava na ponta das alpercatas leves. Com um aceno, D. Rui ainda o deteve:

— Escuta. Que caminho tomas tu para Cabril?

— O mais curto e sozinho para gente afoita, que é pelo Cerro dos Enforcados.

— Bem.

D. Rui galgou as escadas de pedra, e no seu aposento, sem mesmo tirar o sombreiro, de novo leu junto da gelosia aquele pergaminho divino, em que D. Leonor o chamava de noite ao seu quarto, à posse inteira do seu ser. E não o

maravilhava esta oferta — depois de uma tão constante, imperturbada indiferença. Antes nela logo percebeu um amor muito astuto, por ser muito forte, que, com grande paciência, se esconde ante os estorvos e os perigos, e mudamente preparara a sua hora de contentamento, melhor e mais deliciosa por tão preparada. Sempre ela o amara, pois, desde a manhã bendita em que os seus olhos se tinham cruzado no portal de Nossa Senhora. E enquanto ele rondava aqueles muros do jardim, maldizendo uma frieza que lhe parecia mais fria que a dos frios muros, já ela lhe dera a sua alma, e, cheia de constância, com amorosa sagacidade, recalcando o menor suspiro, adormecendo desconfianças, preparava a noite em que lhe daria também o seu

corpo.

Tanta firmeza, tão fino engenho nas coisas do amor, ainda lha tornavam mais bela e mais apetecida!

Com que impaciência olhava então o Sol, tão desapressado nessa tarde em descer para os montes! Sem repouso, no seu quarto, com as gelosias cerradas para melhor concentrar a sua felicidade, tudo aprontava amorosamente para a triunfal jornada: as finas roupas, as finas rendas, um gibão de veludo negro e as essências perfumadas. Duas vezes desceu à cavalariça a verificar se o seu cavalo estava bem ferrado e bem pensado. Sobre o soalho, vergou e revergou, para a experimentar, a folha da espada que levaria à cinta... Mas o seu maior cuidado era o caminho para Cabril, apesar de bem

o conhecer, e a aldeia apinhada em torno ao mosteiro franciscano, e a velha ponte romana com o seu Calvário, e a azinhaga funda que levava à herdade do senhor de Lara. Ainda nesse inverno por lá passara, indo montear com dois amigos de Astorga, e avistara a torre dos de Lara, e pensara: «Eis a torre da minha ingrata!» Como se enganava! As noites agora eram de Lua, e ele sairia de Segóvia caladamente, pela Porta de S. Mauros. Um galope curto o punha no Cerro dos Enforcados... Bem o conhecia também, esse sítio de tristeza e pavor, com os seus quatros pilares de pedra, onde se enforcavam os criminosos, e onde ficavam, balouçados da ventania, ressequidos do sol, até que as cordas apodrecessem e as ossadas caíssem,

brancas e limpas da carne pelo bico dos corvos. Por trás do cerro era a lagoa das Donas. A derradeira vez que por lá andara, fora em dia de apóstolo S. Matias, quando o corregedor e as confrarias de caridade e paz, em procissão, iam dar sepultura sagrada às ossadas caídas no chão negro, esburgadas pelas aves. Daí o caminho, depois, corria liso e direito a Cabril.

Assim D. Rui meditava a sua jornada venturosa, enquanto a tarde ia caindo. Mas, quando escureceu, e em torno às torres da igreja começaram a girar os morcegos, e nas esquinas do adro se acenderam os nichos das almas, o valente moço sentiu um medo estranho, o medo daquela felicidade que se acercava e que lhe parecia sobrenatural. Era, pois,

certo que essa mulher de divina formosura, famosa em Castela, e mais inacessível que um astro, seria sua, toda sua, no silêncio e segurança de uma alcova, dentro em breves instantes, quando ainda se não tivessem apagado diante dos retábulos das almas aqueles lumes devotos? E o que fizera ele para lograr tão grande bem? Pisara as lajes de um adro, esperara no portal de uma igreja, procurando com os olhos outros dois olhos, que não se erguiam, indiferentes ou desatentos. Então, sem dor, abandonara a sua esperança... E eis que de repente aqueles olhos distraídos o procuram, e aqueles braços fechados se lhe abrem, largos e nus, e com o corpo e com a alma aquela mulher lhe grita: «Oh! mal-avisado, que não me entendeste! Vem!

Quem te desanimou já te pertence!» Houvera jamais igual ventura? Tão alta, tão rara, que decerto atrás dela, se não erra a lei humana, já devia caminhar a desventura! Já na verdade caminhava — pois quanta desventura em saber que depois de tal ventura, quando de madrugada, saindo dos divinos braços, ele recolhesse a Segóvia, a sua Leonor, o bem sublime da sua vida, tão inesperadamente adquirido por um instante, recairia logo sob o poder de outro amo!

Que importava! Viessem dores e zelos! Aquela noite era esplendidamente sua, o mundo todo uma aparência vã e a única realidade esse quarto de Cabril, mal alumiado, onde ela o esperaria, com os cabelos soltos! Foi com sofreguidão que

desceu a escada, se arremessou sobre o seu cavalo. Depois, por prudência, atravessou o adro muito lentamente, com o sombreiro bem levantado da face, como num passeio natural, a procurar fora dos muros a frescura da noite. Nenhum encontro o inquietou até à Porta de S. Mauros. Aí, um mendigo, agachado na escuridão de um arco, e que tocava monotonamente a sua sanfona, pediu, em lamúria, à Virgem e a todos os santos, que levassem aquele gentil cavaleiro na sua doce e santa guarda. D. Rui parara para lhe atirar uma esmola, quando se lembrou que nessa tarde não fora à igreja, à hora de vésperas, rezar e pedir a bênção à sua divina madrinha. Com um salto, desceu logo do cavalo; porque justamente, rente ao velho arco, tremeluzia uma lâmpada

alumiando um retábulo. Era uma imagem da Virgem com o peito traspassado por sete espadas. D. Rui ajoelhou, pousou o sombreiro nas lajes e com as mãos erguidas, muito zelosamente, rezou uma salve-rainha. O clarão amarelo da luz envolvia o rosto da Senhora, que, sem sentir as dores dos sete ferros, ou como se eles só dessem inefáveis gozos, sorria com os lábios muito vermelhos. Enquanto ele rezava, no Convento de S. Domingos, ao lado, a sineta começou a tocar a agonia. De entre a sombra negra do arco, cessando a sanfona, o mendigo murmurou:
— Lá está um frade a morrer! — D. Rui disse uma ave-maria pelo frade que morria. A virgem das sete espadas sorria docemente — o toque de agonia não era, pois, de mau presságio! D. Rui cavalgou

alegremente e partiu.

Para além da Porta de S. Mauros, depois de alguns casebres de oleiros, o caminho seguia, esguio e negro, entre altas piteiras. Por trás das colinas, ao fundo da planície escura, subia o primeiro clarão, amarelo e lânguido, da Lua cheia, ainda escondida. E D. Rui marchava a passo, receando chegar a Cabril muito cedo, antes que as aias e os moços findassem o serão e o rosário. Porque não lhe marcava D. Leonor a hora, naquela carta tão clara e tão pensada?... Então a sua imaginação corria adiante, rompia pelo jardim de Cabril, galgava aladamente a escada prometida — e ele largava também atrás, numa carreira sôfrega, que arrancava as pedras do caminho mal junto. Depois sofreava o cavalo ofegante. Era cedo, era

cedo! E retomava o passo penoso, sentindo o coração contra o peito, como ave presa que bate às grades.

Assim chegou ao Cruzeiro, onde a estrada se fendia em duas, mais juntas que as pontas de uma forquilha, ambas cortando através de pinheiral. Descoberto diante da imagem crucificada, D. Rui teve um instante de angústia, pois não recordava qual delas levava ao Cerro dos Enforcados. Já se embrenhara na mais cerrada, quando, de entre os pinheiros calados, uma luz surgiu, dançando no escuro. Era uma velha em farrapos, com as longas melenas soltas, vergada sobre um bordão e levando uma candeia.

— Para onde vai este caminho? — gritou D. Rui.

A velha balançou mais ao alto a

candeia, para mirar o cavaleiro.

— Para Xarama.

E luz e velha imediatamente se sumiram, fundidas na sombra, como se ali tivessem surgido somente para avisar o cavaleiro do seu caminho errado... Já ele virara arrebatadamente; e, rodeando o Calvário, galopou pela outra estrada mais larga, até avistar, sob a claridade do céu, os pilares negros, os madeiros negros do Cerro dos Enforcados. Então estacou, direito nos estribos. Num cômoro alto, seco, sem erva ou urze, ligados por um muro baixo, todo esbrechado, lá se erguiam, negros, enormes, sob a amarelidão do luar, os quatro pilares de granito semelhantes aos quatro cunhais de uma casa desfeita. Sobre os pilares pousavam quatro grossas traves. Das

traves pendiam quatro enforcados negros e rígidos, no ar parado e mudo. Tudo em tomo era morto como eles.

Gordas aves de rapina dormiam empoleiradas sobre os madeiros. Para além rebrilhava lividamente a água morta da lagoa das Donas. E, no céu, a Lua ia grande e cheia.

D. Rui murmurou o padre-nosso devido por todo o cristão àquelas almas culpadas. Depois impeliu o cavalo, e passava — quando, no imenso silêncio e na imensa solidão, se ergueu, ressoou uma voz, uma voz que o chamava, suplicante e lenta:

— Cavaleiro, detende-vos, vinde cá!...

D. Rui colheu bruscamente as rédeas e, erguido sobre os estribos, atirou

os olhos espantados por todo o sinistro ermo. Só avistou o cerro áspero, a água rebrilhante e muda, os madeiros, os mortos. Pensou que fora ilusão da noite ou ousadia de algum demónio errante. E, serenamente, picou o cavalo, sem sobressalto ou pressa, como numa rua de Segóvia. Mas, por trás, a voz tornou, mais urgentemente o chamou, ansiosa, quase aflita:

— Cavaleiro, esperai, não vos vades, voltai, chegai aqui!...

De novo D. Rui estacou e, virado sobre a sela, encarou afoitamente os quatro corpos pendurados das traves. Do lado deles soava a voz, que, sendo humana, só podia sair de forma humana! Um desses enforcados, pois, o chamara, com tanta pressa e ânsia.

Restaria nalgum, por maravilhosa mercê de Deus, alento e vida? Ou seria que, por maior maravilha, uma dessas carcaças meio apodrecidas o detinha para lhe transmitir avisos de além da campa?... Mas que a voz rompesse de um peito vivo ou de um peito morto, grande covardia era abalar, espavoridamente, sem a atender e a ouvir.

Atirou logo para dentro do cerro o cavalo, que tremia; e, parando, direito e calmo, com a mão na ilharga, depois de fitar, um por um, os quatro corpos suspensos, gritou:

— Qual de vós, homens enforcados, ousou chamar por D. Rui de Cardenas?

Então aquele que voltava as costas à Lua cheia respondeu, do alto da corda,

muito quieta e naturalmente, como um homem que conversa da sua janela para a rua:

— Senhor, fui eu.

D. Rui fez avançar para diante dele o cavalo. Não lhe distinguia a face, enterrada no peito, escondida pelas longas e negras melenas pendentes. Só percebeu que tinha as mãos soltas e desamarradas, e também soltos os pés nus, já ressequidos e da cor do betume.

— Que me queres?

O enforcado, suspirando, murmurou:

— Senhor, fazei-me a grande mercê de me cortar esta corda em que estou pendurado.

D. Rui arrancou a espada e, de um golpe certo, cortou a corda meio

apodrecida. Com um sinistro som de ossos entrechocados, o corpo caiu no chão, onde jazeu um momento, estirado. Mas imediatamente se endireitou sobre os pés mal seguros e ainda dormentes — e ergueu para D. Rui uma face morta, que era uma caveira com a pele muito colada, e mais amarela que a Lua que nela batia. Os olhos não tinham movimento nem brilho. Ambos os beiços se lhe arreganhavam num sorriso empedernido. De entre os dentes, muito brancos, surdia uma ponta de língua muita negra.

D. Rui não mostrou terror, nem asco. E embainhando serenamente a espada:

— Tu estás morto ou vivo? — perguntou.

O homem encolheu os ombros com

lentidão.

— Senhor, não sei... Quem sabe o que é a vida? Quem sabe o que é a morte?

— Mas que queres de mim?

O enforcado, com os longos dedos descarnados, alargou o nó da corda que ainda lhe laçava o pescoço e declarou muito serena e firmemente:

— Senhor, eu tenho de ir convosco a Cabril, onde vós ides.

O cavaleiro estremeceu num tão forte assombro, repuxando as rédeas, que o seu bom cavalo se empinou como assombrado também.

— Comigo a Cabril?!...

O homem curvou o espinhaço, a que se viam os ossos todos, mais agudos que os dentes de uma serra, através de um longo rasgão da camisa de estamenha.

— Senhor — suplicou —, não mo negueis. Que eu tenho a receber grande salário se vos fizer grande serviço!

Então D. Rui pensou de repente que bem podia ser aquela uma traça formidável do Demónio. E, cravando os olhos muito brilhantes na face morta que para ele se erguia, ansiosa, à espera do seu consentimento — fez um lento e largo sinal da cruz.

O enforcado vergou os joelhos com assustada reverência:

— Senhor, para que me experimentais com esse sinal? Só por ele alcançamos remissão, e eu só dele espero misericórdia.

Então D. Rui pensou que, se esse homem não era mandado pelo Demónio, bem podia ser mandado por Deus! E logo

devotamente, com um gesto submisso em que tudo entregava ao Céu, consentiu, aceitou o pavoroso companheiro:

— Vem comigo, pois, a Cabril, se Deus te manda! Mas eu nada te pergunto e tu nada me perguntes.

Desceu logo o cavalo à estrada, toda alumiada da Lua. O enforcado seguia ao seu lado, com passos tão ligeiros, que mesmo quando D. Rui galopava ele se conservava rente ao estribo, como levado por um vento mudo. Por vezes, para respirar mais livremente, repuxava o nó da corda que lhe enroscava o pescoço. E, quando passavam entre sebes onde errasse o aroma de flores silvestres, o homem murmurava com infinito alívio e delícia:

— Como é bom correr!

D. Rui ia num assombro, num tormentoso cuidado. Bem compreendia agora que era aquele um cadáver reanimado por Deus, para um estranho e encoberto serviço. Mas para que lhe dava Deus tão medonho companheiro? Para o proteger? Para impedir que D. Leonor, amada do Céu pela sua piedade, caísse em culpa mortal? E, para tão divina incumbência de tão alta mercê, já não tinha o Senhor anjos no Céu, que necessitasse empregar um supliciado?... Ah! como ele voltaria alegremente a rédea para Segóvia, se não fora a galante lealdade de cavaleiro, o orgulho de nunca recuar, e a submissão às ordens de Deus, que sentia sobre si pesarem...

De um alto da estrada, de repente, avistaram Cabril, as torres do convento

franciscano alvejando ao luar, os casais adormecidos entre as hortas. Muito silenciosamente, sem que um cão ladrasse de trás das cancelas ou de cima dos muros, desceram a velha ponte romana. Diante do Calvário, o enforcado caiu de joelhos nas lajes, ergueu os lívidos ossos das mãos, ficou longamente rezando, entre longos suspiros. Depois, ao entrar na azinhaga, bebeu muito tempo, e consoladamente, de uma fonte que corria e cantava sob as frondes de um salgueiro. Como a azinhaga era muito estreita, ele caminhava adiante do cavaleiro, todo curvado, os braços cruzados fortemente sobre o peito, sem um rumor.

A Lua ia alta no céu. D. Rui considerava com amargura aquele disco, cheio e lustroso, que espargia tanta

claridade, e tão indiscreta, sobre o seu segredo. Ah! como se estragava a noite que devia ser divina! Uma enorme Lua surdia de entre os montes para tudo alumiar. Um enforcado descia da forca para o seguir e tudo saber. Deus assim o ordenara. Mas que tristeza chegar à doce porta, docemente prometida, com tal intruso ao seu lado, sob aquele céu todo claro!

Bruscamente, o enforcado estacou, erguendo o braço, donde a manga pendia em farrapos. Era o fim da azinhaga que desembocava em caminho mais largo e mais batido — e diante deles alvejava o comprido muro da quinta do senhor de Lara, tendo aí um mirante, com varandins de pedra, e todo revestido de hera.

— Senhor — murmurou o

enforcado, segurando com respeito o estribo de D. Rui —, logo a poucos passos deste mirante é a porta por onde deveis penetrar no jardim. Convém que aqui deixeis o cavalo, amarrado a uma árvore, se o tendes por seguro e fiel. Que na empresa em que vamos, já é demais o rumor dos nossos pés!...

Silenciosamente D. Rui apeou, prendeu o cavalo, que sabia fiel e seguro, ao tronco de um álamo seco.

E tão submisso se tornara àquele companheiro imposto por Deus, que sem outro reparo o foi seguindo rente do muro que o luar batia.

Com vagarosa cautela e na ponta dos pés nus, avançava agora o enforcado, vigiando o alto do muro, sondando a negrura da sebe, parando a escutar

rumores que só para ele eram percebíveis — porque nunca D. Rui conhecera noite mais fundamente adormecida e muda.

E tal susto, em que devia ser indiferente a perigos humanos, foi lentamente enchendo também o valoroso cavaleiro de tão viva desconfiança, que tirava o punhal da bainha, enrodilhava a capa no braço, e marchava em defesa, com o olhar faiscando, como num caminho de emboscada e briga. Assim chegaram a uma porta baixa, que o enforcado empurrou, e que se abriu sem gemer nos gonzos. Penetraram numa rua ladeada de espessos teixos até um tanque cheio de água, onde boiavam folhas de nenúfares, e que toscos bancos de pedra circundavam, cobertos pela rama de arbustos em flor.

— Por ali! — murmurou o

enforcado, estendendo o braço mirrado.

Era, além do tanque, uma avenida que densas e velhas árvores abobadavam e escureciam. Por ela se meteram, como sombras na sombra, o enforcado adiante, D. Rui seguindo muito subtilmente, sem roçar um ramo, mal pisando a areia. Um leve fio de água sussurrava entre relvas. Pelos troncos subiam rosas trepadeiras, que cheiravam docemente. O coração de D. Rui recomeçou a bater numa esperança de amor.

— Chut! — fez o enforcado.

E D. Rui quase tropeçou no sinistro homem, que estacara, com os braços abertos como as traves de uma cancela. Diante deles quatro degraus de pedra subiam a um terraço, onde a claridade era larga e livre. Agachados,

treparam os degraus — e ao fundo de um jardim sem árvores, todo em canteiros de flores bem recortados, orlados de buxo curto, avistaram um lado da casa batido pela Lua cheia. A meio, entre as janelas de peitoril fechadas, um balcão de pedra, com manjericões aos cantos, conservava as vidraças abertas, largamente. O quarto, dentro, apagado, era como um buraco de treva na claridade da fachada que o luar banhava. E, arrimada contra o balcão, estava uma escada com degraus de corda.

Então o enforcado empurrou D. Rui vivamente dos degraus para a escuridão da avenida. E aí, com um modo urgente, dominando o cavaleiro, exclamou:

— Senhor! Convém agora que me deis o vosso sombreiro e a capa! Vós

quedais aqui na escuridão destas árvores. Eu vou trepar àquela escada e espreitar para aquele quarto... E se for como desejais, aqui voltarei, e com Deus sede feliz...

D. Rui recuou no horror de que tal criatura subisse a tal janela!

E, batendo o pé, gritou surdamente:

— Não, por Deus!

Mas a mão do enforcado, lívida na escuridão, bruscamente lhe arrancou o sombreiro da cabeça, lhe puxou a capa do braço.

E já se cobria, já se embuçava, murmurando agora, numa súplica ansiosa:

— Não mo negueis, senhor, que se vos fizer grande serviço ganharei grande mercê!

E galgou os degraus — estava no alumiado e largo terraço.

D. Rui subiu, atontado, e espreitou. E, oh maravilha!, era ele, D. Rui, todo ele, na figura e no modo, aquele homem que, por entre os canteiros e o buxo curto, avançava, airoso e leve, com a mão na cintura, a face erguida risonhamente para a janela, a longa pluma escarlate do chapéu balançando em triunfo. O homem avançava ao luar esplêndido. O quarto amoroso lá estava esperando, aberto e negro. E D. Rui olhava, com olhos que faiscavam, tremendo de pasmo e cólera. O homem chegara à escada: destraçou a capa, assentou o pé no degrau de corda! — Oh! lá sobe, o maldito! — rugiu D. Rui. O enforcado subia. Já a alta figura, que era

dele, D. Rui, estava a meio da escada, toda negra contra a parede branca. Parou!... Não! não parara: subia, chegava — já sobre o rebordo da varanda pousara o joelho cauteloso. D. Rui olhava, desesperadamente, com os olhos, com a alma, com todo o seu ser... E eis que, de repente, do quarto negro surge um negro vulto, uma furiosa voz brada: — Vilão, vilão! — e uma lâmina de adaga faísca, e cai, e outra vez se ergue, e rebrilha, e se abate, e ainda refulge, e ainda se embebe!... Como um fardo, do alto da escada, pesadamente, o enforcado cai sobre a terra mole. Vidraças, portadas do balcão logo se fecham com fragor. E não houve mais senão o silêncio, a serenidade macia, a Lua muito alta e redonda no céu de verão.

Num relance, D. Rui compreendera a traição, arrancara a espada, recuando para a escuridão da avenida — quando, oh maravilha!, correndo através do terraço, aparece o enforcado, que lhe agarra a manga e lhe grita:

— A cavalo, senhor, e abalar, que o encontro não era de amor, mas de morte!...

Ambos descem arrebatadamente a avenida, costeiam o tanque sob o refúgio dos arbustos em flor, metem pela rua estreita orlada de teixos, varam a porta — e um momento param, ofegantes, na estrada, onde a Lua, mais refulgente, mais cheia, fazia como um puro dia.

E então, só então, D. Rui descobriu que o enforcado conservava

cravada no peito, até aos copos, a adaga, cuja ponta lhe saía pelas costas, luzidia e limpa!... Mas já o pavoroso homem o empurrava, o apressava:

— A cavalo, senhor, e abalar, que ainda está sobre nós a traição!

Arrepiado, numa ânsia de findar aventura tão cheia de milagre e de horror, D. Rui colheu as rédeas, cavalgou sofregamente. E logo, em grande pressa, o enforcado saltou também para a garupa do cavalo fiel. Todo se arrepiou o bom cavaleiro, ao roçar nas suas costas aquele corpo morto, dependurado de uma forca, atravessado por uma adaga. Com que desespero galopou então pela estrada infindável! Em carreira tão violenta o enforcado nem oscilava, rígido sobre a garupa, como um bronze num pedestal. E

D. Rui a cada momento sentia um frio mais regelado que lhe regelava os ombros, como se levasse sobre eles um saco cheio de gelo. Ao passar no cruzeiro murmurou: — Senhor, valei-me! — Para além do cruzeiro, de repente, estremeceu com o quimérico medo de que tão fúnebre companheiro, para sempre, o ficasse acompanhando, e se tornasse seu destino galopar através do mundo, numa noite eterna, levando um morto à garupa... E não se conteve, gritou para trás, no vento da carreira que os vergastava:

— Para onde quereis que vos leve?

O enforcado, encostando tanto o corpo a D. Rui que o magoou com os copos da adaga, segredou:

— Senhor, convém que me deixeis

no Cerro!

Doce e infinito alívio para o bom cavaleiro — pois o Cerro estava perto, e já lhe avistava, na claridade desmaiada, os pilares e as traves negras... Em breve estacou o cavalo, que tremia, branqueado de espuma.

Logo o enforcado, sem rumor, escorregou da garupa, segurou, como bom serviçal, o estribo de D. Rui. E com a caveira erguida, a língua negra mais saída de entre os dentes brancos, murmurou em respeitosa súplica:

— Senhor, fazei-me agora a grande mercê de me pendurar outra vez da minha trave.

D. Rui estremeceu de horror:

— Por Deus! Que vos enforque, eu?...

O homem suspirou, abrindo os braços compridos:

— Senhor, por vontade de Deus é, e por vontade d'Aquela que é mais cara a Deus!

Então, resignado, submisso aos mandados do Alto, D. Rui apeou — e começou a seguir o homem, que subia para o Cerro pensativamente, vergando o dorso, donde saía, espetada e luzidia, a ponta da adaga. Param ambos sob a trave vazia. Em torno das outras traves pendiam as outras carcaças. O silêncio era mais triste e fundo que os outros silêncios da Terra. A água da lagoa enegrecera. A Lua descia e desfalecia.

D. Rui considerou a trave onde restava, curto no ar, o pedaço de corda que ele cortara com a espada.

— Como quereis que vos pendure? — exclamou. — Àquele pedaço de corda não posso chegar com a mão: nem eu só basto para lá vos içar.

— Senhor — respondeu o homem — aí a um canto deve haver um longo rolo de corda. Uma ponta dela ma atareis a este nó que trago no pescoço: a outra ponta a arremessareis por cima da trave, e puxando depois, forte como sois, bem me podereis reenforcar.

Ambos curvados, com passos lentos, procuraram o rolo de corda. E foi o enforcado que o encontrou, o desenrolou... Então D. Rui descalçou as luvas. E ensinado por ele (que tão bem o aprendera do carrasco) atou uma ponta da corda ao laço que o homem conservava no pescoço, e arremessou fortemente a outra

ponta, que ondeou no ar, passou sobre a trave, ficou pendurada rente ao chão. E o rijo cavaleiro, fincando os pés, retesando os braços, puxou, içou o homem, até ele se quedar, suspenso, negro no ar, como um enforcado natural entre os outros enforcados.

— Estais bem assim?

Lenta e sumida, veio a voz do morto:

— Senhor, estou como devo.

Então, D. Rui, para o fixar, enrolou a corda em voltas grossas ao pilar de pedra. E tirando o sombreiro, limpando com as costas da mão o suor que o alagava, contemplou o seu sinistro e miraculoso companheiro. Estava já rígido como antes, com a face pendida sob as melenas caídas, os pés inteiriçados, todo

puído e carcomido como uma velha carcaça. No peito conservava a adaga cravada. Por cima, dois corvos dormiam quietos.

— E agora que mais quereis? — perguntou D. Rui, começando a calçar as luvas.

Sumidamente, do alto, o enforcado murmurou:

— Senhor, muito vos rogo agora que, ao chegar a Segóvia, tudo conteis fielmente a Nossa Senhora do Pilar, vossa madrinha, que dela espero grande mercê para a minha alma, por este serviço que, a seu mandado, vos fez o meu corpo!

Então, D. Rui de Cardenas tudo compreendeu — e, ajoelhando devotamente sobre o chão de dor e morte, rezou uma longa oração por aquele bom

enforcado.

Depois galopou para Segóvia. A manhã clareava, quando ele transpôs a Porta de S. Mauros. No ar fino, os sinos claros tocavam a matinas. E entrando na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, ainda no desalinho da sua terrível jornada, D. Rui, de rojo ante o altar, narrou à sua divina madrinha a ruim tenção que o levara a Cabril, o socorro que do Céu recebera, e, com quentes lágrimas de arrependimento e gratidão, lhe jurou que nunca mais poria desejo onde houvesse pecado, nem no seu coração daria entrada a pensamento que viesse do Mundo e do Mal.

A essa hora, em Cabril, D. Alonso de Lara, com os olhos esbugalhados de pasmo e terror, esquadrinhava todas as

ruas e recantos e sombras do seu jardim.

Quando ao alvorecer, depois de escutar à porta da câmara onde nessa noite encerrara D. Leonor, ele descera subtilmente ao jardim e não encontrara, debaixo do balcão, rente à escada, como deliciosamente esperava, o corpo de D. Rui de Cardenas, teve por certo que o homem odioso, ao tombar, ainda com um resto débil de vida, se arrastara sangrando e arquejando, na tentativa de alcançar o cavalo e abalar de Cabril... Mas, com aquela rija adaga que ele três vezes lhe enterrara no peito, e que no peito lhe deixara, não se arrastaria o vilão por muitas jardas, e nalgum canto devia jazer frio e inteiriçado. Rebuscou então cada rua, cada sombra, cada maciço de arbustos. E, oh maravilha!, não descobria

o corpo, nem pegadas, nem terra que houvesse sido remexida, nem sequer rasto de sangue sobre a terra! E todavia, com mão faminta e certeira, três vezes ele lhe embebera a adaga no peito, e no peito lha deixara!

E era D. Rui de Cardenas o homem que ele matara — que muito bem o conhecera logo, do fundo apagado do quarto donde espreitava, quando ele, à claridade da Lua, veio através do terraço, confiado, ligeiro, com a mão na cintura, a face risonhamente erguida e a pluma do sombreiro meneando em triunfo! Como podia ser coisa tão rara — um corpo mortal sobrevivendo a um ferro que três vezes lhe vara o coração e no coração lhe fica cravado? E a maior raridade era que nem no chão, debaixo da varanda, onde

corria ao longo do muro uma tira de goivos e cecéns, deixara um vestígio aquele corpo forte, caindo de tão alto pesadamente, inertemente, como um fardo! Nem uma flor machucada — todas direitas, viçosas, como novas, com gotas leves de orvalho! Imóvel de espanto, quase de terror, D. Alonso de Lara ali parava, considerando o balcão, medindo a altura da escada, olhando esgazeadamente os goivos direitos, frescos, sem uma haste ou folha vergada. Depois recomeçava a correr loucamente o terraço, a avenida, a rua de teixos, na esperança ainda de uma pegada, de um galho partido, de uma nódoa de sangue na areia fina.

Nada! Todo o jardim oferecia um desusado arranjo e limpeza nova, como se sobre ele nunca houvesse passado nem o

vento que desfolha, nem o sol que murcha.

Então, ao entardecer, devorado pela incerteza e mistério, tomou um cavalo e, sem escudeiro ou cavalariço, partiu para Segóvia. Curvado e escondidamente, como um foragido, penetrou no seu palácio pela porta do pomar; e o seu primeiro cuidado foi correr à galeria de abóbada, destrancar as portadas da janela e espreitar avidamente a casa de D. Rui de Cardenas. Todas as gelosias da velha morada do arcediago estavam escuras, abertas, respirando a fresquidão da noite — e à porta, sentado num banco de pedra, um moço de cavalariça afinava preguiçosamente a bandurra.

D. Alonso de Lara desceu à sua câmara lívido, pensando que não houvera

certamente desgraça em casa onde todas as janelas se abrem para refrescar, e no portão da rua os moços folgam. Então bateu as palmas, pediu furiosamente a ceia. E, apenas sentado, ao topo da mesa, na sua alta sede de couro lavrado, mandou chamar o intendente, a quem ofereceu logo, com estranha familiaridade, um copo de vinho velho. Enquanto o homem, de pé, bebia respeitosamente, D. Alonso, metendo os dedos pelas barbas e forçando a sua sombria face a sorrir, perguntava pelas novas e rumores de Segóvia. Nesses dias da sua estada em Cabril, nenhum caso criara pela cidade espanto e murmuração?... O intendente limpou os beiços, para afirmar que nada ocorrera em Segóvia de que andasse murmuração, a não ser que a filha do senhor D. Gutierres,

tão moça e tão rica herdeira, tomara o véu no Convento das Carmelitas Descalças. D. Alonso insistia, fitando vorazmente o intendente. E não se

travara uma grande briga?... Não se encontrara ferido, na estrada de Cabril, um cavaleiro moço, muito falado?... O intendente encolhia os ombros: nada ouvira, pela cidade, de brigas ou de cavaleiros feridos. Com um aceno desabrido, D. Alonso despediu o intendente.

Apenas ceara, parcamente, logo voltou à galeria a espreitar as janelas de D. Rui. Estavam agora cerradas; na última, da esquina, tremeluzia uma claridade. Toda a noite D. Alonso velou, remoendo incansavelmente o mesmo espanto. Como pudera escapar aquele

homem, com uma adaga atravessada no coração? Como pudera?... Ao luzir da manhã, tomou uma capa, um largo sombreiro, desceu ao adro, todo embuçado e encoberto, e ficou rondando por diante de casa de D. Rui. Os sinos tocaram a matinas. Os mercadores, com os gibões mal abotoados, saíam a erguer as portadas das lojas, a pendurar as tabuletas. Já os hortelões, picando os burros carregados de seiras, atiravam os pregões de hortaliça fresca, e frades descalços, com o alforge aos ombros, pediam esmola, benziam as moças.

Beatas embiocadas, com grossos rosários negros, enfiavam gulosamente para a igreja. Depois o pregoeiro da cidade, parando a um canto do adro, tocou uma buzina, e numa voz tremenda

começou a ler um edital.

O senhor de Lara parara junto do chafariz, pasmado, como embebido no cantar das três bicas de água. De repente pensou que aquele edital, lido pelo pregoeiro da cidade, se referia talvez a D. Rui, ao seu desaparecimento... Correu à esquina do adro — mas já o homem enrolara o papel, se afastava majestosamente, batendo nas lajes com a sua vara branca. E, quando se voltava para espiar de novo a casa, eis que os seus olhos atónitos encontram D. Rui, D. Rui que ele matara — e que vinha caminhando para a igreja de Nossa Senhora, ligeiro, airoso, a face risonha e erguida no fresco ar da manhã, de gibão claro, de plumas claras, com uma das mãos pousando na cinta, a outra meneando

distraidamente um bastão com borlas de torçal de ouro!

D. Alonso recolheu então a casa com passos arrastados e envelhecidos. No alto da escadaria de pedra, achou o seu velho capelão, que o viera saudar, e que, penetrando com ele na antecâmara, depois de pedir, com reverência, novas da senhora D. Leonor, lhe contou logo de um prodigioso caso que causava pela cidade grave murmuração e espanto. Na véspera, de tarde, indo o corregedor visitar o cerro das forcas, pois se acercava a festa dos Santos Apóstolos, descobrira, com muito pasmo e muito escândalo, que um dos enforcados tinha uma adaga cravada no peito! Fora gracejo de um pícaro sinistro? Vingança que nem a morte saciara?... E para maior prodígio ainda, o corpo fora

despendurado da forca, arrastado em horta ou jardim (pois que presas aos velhos farrapos se encontraram folhas tenras) e depois novamente enforcado e com corda nova!... E assim ia a turbulência dos tempos, que nem os mortos se furtavam a ultrajes!

D. Alonso escutava com as mãos a tremer, os pelos arrepiados. E imediatamente, numa ansiosa agitação, bradando, tropeçando contra as portas, quis partir, e por seus olhos verificar a fúnebre profanação. Em duas mulas ajaezadas à pressa, ambos abalaram para o Cerro dos Enforcados, ele e o capelão arrastado e aturdido. Numeroso povo de Segóvia se ajuntara já no Cerro, pasmando para o maravilhoso horror — o morto que fora morto!... Todos se

arredaram ante o nobre senhor de Lara, que arremessando-se pelo cabeço acima, estacara a olhar, esgazeado e lívido, para o enforcado e para a adaga que lhe varara o peito. Era a sua adaga — fora ele que matara o morto!

Galopou espavoridamente para Cabril. E aí se encerrou com o seu segredo, começando logo a amarelecer, a definhar, sempre arredado da senhora D. Leonor, escondido pelas ruas sombrias do jardim, murmurando palavras ao vento, até que na madrugada de S. João, uma serva, que voltava da fonte com a sua bilha, o encontrou morto, por baixo do balcão de pedra, todo estirado no chão, com os dedos encravados no canteiro de goivos, onde parecia ter longamente esgravatado a terra, a procurar...

4

Para fugir a tão lamentáveis memórias, a senhora D. Leonor, herdeira de todos os bens da Casa de Lara, recolheu ao seu palácio de Segóvia. Mas como agora sabia que o senhor D. Rui de Cardenas escapara miraculosamente à emboscada de Cabril, e como cada manhã, espreitando de entre as gelosias, meio cerradas, o seguia, com olhos que se não fartavam e se humedeciam, quando ele cruzava o adro para entrar na igreja, não quis ela, com receio das pressas e impaciências do seu coração, visitar a Senhora do Pilar enquanto durasse o seu luto. Depois, uma manhã de domingo, quando, em vez de crepes negros, se pôde

cobrir de sedas roxas, desceu a escadaria do seu palácio, pálida de uma emoção nova e divina, pisou as lajes do adro, transpôs as portas da igreja. D. Rui de Cardenas estava ajoelhado diante do altar, onde depusera o seu ramo votivo de cravos amarelos e brancos. Ao rumor das sedas finas, ergueu os olhos com uma esperança muito pura e toda feita de graça celeste, como se um anjo o chamasse. D. Leonor ajoelhou, com o peito a arfar, tão pálida e tão feliz que a cera das tochas não era mais pálida, nem mais felizes as andorinhas que batiam as asas livres pelas ogivas da velha igreja.

Ante esse altar, e de joelhos nessas lajes, foram eles casados pelo bispo de Segóvia, D. Martinho, no outono do ano da graça de 1475, sendo já reis de

Castela Isabel e Fernando, muito fortes e muito católicos, por quem Deus operou grandes feitos sobre a terra e sobre o mar.

José Matias

Linda tarde, meu amigo!... Estou esperando o enterro do José Matias — do José Matias de Albuquerque, sobrinho do visconde de Garmilde... O meu amigo certamente o conheceu — um rapaz airoso, louro como uma espiga, com um bigode crespo de paladino sobre uma boca indecisa de contemplativo, destro cavaleiro, de uma elegância sóbria e fina. E espírito curioso, muito afeiçoado às ideias gerais, tão penetrante que compreendeu a minha *Defesa da Filosofia Hegeliana*! Esta imagem do José Matias data de 1865: porque a derradeira vez que o encontrei, numa tarde agreste de janeiro, metido num portal da Rua de S. Bento,

tiritava dentro de uma quinzena cor de mel, roída nos cotovelos, e cheirava abominavelmente a aguardente.

Mas o meu amigo, numa ocasião que o José Matias parou em Coimbra, recolhendo do Porto, ceou com ele, no Paço do Conde! Até o Craveiro, que preparava as *Ironias e Dores de Satã*, para acirrar mais a briga entre a Escola Purista e a Escola Satânica, recitou aquele seu soneto, de tão fúnebre idealismo: *Na Jaula do Meu Peito, o Coração*... E ainda lembro o José Matias, com uma grande gravata de cetim preto, tufada entre o colete de linho branco, sem despregar os olhos das velas das serpentinas, sorrindo palidamente àquele coração que rugia na sua jaula... Era uma noite de abril, de Lua cheia. Passeámos depois em bando, com

guitarras, pela ponte e pelo Choupal.

O Januário cantou ardentemente as endechas românticas do nosso tempo:

Ontem de tarde, ao sol-posto
Contemplavas, silenciosa,
A torrente caudalosa
Que refervia a teus pés...

E o José Matias, encostado ao parapeito da ponte, com a alma e os olhos perdidos na Lua! — Porque não acompanha o meu amigo este moço interessante ao Cemitério dos Prazeres? Eu tenho uma tipoia, de praça e com número, como convém a um professor de Filosofia... O quê! Por causa das calças claras! Oh meu caro amigo! De todas as materializações da simpatia, nenhuma

mais grosseiramente material do que a casimira preta. E o homem que nós vamos enterrar era um grande espiritualista!

Vem o caixão saindo da igreja... Apenas três carruagens para o acompanhar. Mas realmente, meu caro amigo, o José Matias morreu há seis anos, no seu puro brilho. Esse, que aí levamos, meio decomposto, dentro de tábuas agaloadas de amarelo, é um resto de bêbado, sem história e sem nome, que o frio de fevereiro matou no vão de um portal.

O sujeito de óculos de ouro, dentro do *coupé!*... Não conheço, meu amigo. Talvez um parente rico, desses que aparecem nos enterros, com o parentesco corretamente coberto de fumo, quando o defunto já não importuna, nem

compromete. O homem obeso de carão amarelo, dentro da vitória, é o Alves *Capão*, que tem um jornal onde desgraçadamente a filosofia não abunda e que se chama a *Piada*. Que relação o prendia ao Matias?... Não sei. Talvez se embebedassem nas mesmas tascas; talvez o José Matias ultimamente colaborasse na *Piada;* talvez debaixo daquela gordura e daquela literatura, ambas tão sórdidas, se abrigue uma alma compassiva. Agora é a nossa tipoia... Quer que desça a vidraça? Um cigarro?... Eu trago fósforos. Pois este José Matias foi um homem desconsolador para quem, como eu, na vida ama a evolução lógica e pretende que a espiga nasça coerentemente do grão. Em Coimbra sempre o considerámos como uma alma escandalosamente banal. Para

este juízo concorria talvez a sua horrenda correção. Nunca um rasgão brilhante na batina! Nunca uma poeira estouvada nos sapatos! Nunca um pelo rebelde do cabelo ou do bigode fugido daquele rígido alinho que nos desolava! Além disso, na nossa ardente geração, ele foi o único intelectual que não rugiu com as misérias da Polónia; que leu sem palidez ou pranto as *Contemplações;* que permaneceu insensível ante a ferida de Garibaldi! E, todavia, nesse José Matias, nenhuma secura ou dureza ou egoísmo ou desafabilidade! Pelo contrário! Um suave camarada, sempre cordial e mansamente risonho. Toda a sua inabalável quietação parecia provir de uma imensa superficialidade sentimental. E, nesse tempo, não foi sem razão e propriedade

que nós alcunhámos aquele moço tão macio, tão louro e tão ligeiro, de *Matias Coração de Esquilo*. Quando se formou, como lhe morrera o pai, depois a mãe, delicada e linda senhora de quem herdara cinquenta contos, partiu para Lisboa, alegrar a solidão de um tio que o adorava, o general visconde de Garmilde. O meu amigo sem dúvida se lembra dessa perfeita estampa de general clássico, sempre de bigodes terrificamente encerados, as calças cor de flor de alecrim desesperadamente esticadas pelas presilhas sobre as botas coruscantes e o chicote debaixo do braço com a ponta a tremer, ávida de vergastar o Mundo! Guerreiro grotesco e deliciosamente bom... O Garmilde morava então em Arroios, numa casa antiga de azulejos,

com um jardim, onde ele cultivava apaixonadamente canteiros soberbos de dálias. Esse jardim subia muito suavemente até ao muro coberto de hera que o separava do outro jardim, o largo e belo jardim de rosas do conselheiro Matos Miranda, cuja casa, com um arejado terraço entre dois torreõezinhos amarelos, se erguia no cimo do outeiro e se chamava a Casa da Parreira. O meu amigo conhece (pelo menos de tradição, como se conhece Helena de Troia ou Inês de Castro) a formosa Elisa Miranda, a Elisa da Parreira... Foi a sublime beleza romântica de Lisboa, nos fins da Regeneração. Mas realmente Lisboa apenas a entrevia pelos vidros da sua grande caleche, ou nalguma noite de iluminação do Passeio Público, entre a

poeira e a turba, ou nos dois bailes da Assembleia do Carmo, de que o Matos Miranda era um diretor venerado. Por gosto borralheiro de provinciana, ou por pertencer àquela burguesia séria que nesses tempos, em Lisboa, ainda conservava os antigos hábitos severamente encerrados; ou por imposição paternal do marido, já diabético e com sessenta anos — a deusa raramente emergia de Arroios e se mostrava aos mortais. Mas quem a viu, e com facilidade constante, quase irremediavelmente, logo que se instalou em Lisboa, foi o José Matias — porque, jazendo o palacete do general na falda da colina, aos pés do jardim e da Casa da Parreira, não podia a divina Elisa assomar a uma janela, atravessar o

terraço, colher uma rosa entre as ruas de buxo, sem ser deliciosamente visível, tanto mais que nos dois jardins assoalhados nenhuma árvore espalhava a cortina da sua rama densa. O meu amigo decerto trauteou, como todos trauteámos, aqueles versos gastos, mas imortais:

Era no outono, quando a imagem tua
À luz da Lua...

Pois, como nessa estrofe, o pobre José Matias, ao regressar da praia da Ericeira em outubro, no outono, avistou Elisa Miranda, uma noite no terraço, à luz da Lua! O meu amigo nunca contemplou aquele precioso tipo de encanto lamartiniano. Alta, esbelta, ondulosa, digna da comparação bíblica da palmeira

ao vento. Cabelos negros, *lustrosos* e *ricos*, em bandós ondeados. Uma carnação de camélia muito fresca. Olhos negros, líquidos, quebrados, tristes, de longas pestanas... Ah! meu amigo, até eu, que já então laboriosamente anotava Hegel, depois de a encontrar numa tarde de chuva esperando a carruagem à porta do Seixas, a adorei durante três exaltados dias e lhe rimei um soneto! Não sei se o José Matias lhe dedicou sonetos. Mas todos nós, seus amigos, percebemos logo o forte, profundo, absoluto amor que concebera, desde a noite de outono, à luz da Lua, aquele coração, que em Coimbra considerávamos de *esquilo!*

Bem compreende que homem tão comedido e quieto não se exalou em suspiros públicos. Já, porém, no tempo de

Aristóteles se afirmava que amor e fumo não se escondem; e do nosso cerrado José Matias o amor começou logo a escapar, como o fumo leve através das fendas invisíveis de uma casa fechada que arde terrivelmente. Bem me recordo de uma tarde que o visitei em Arroios, depois de voltar do Alentejo. Era um domingo de julho. Ele ia jantar com uma tia-avó, uma D. Mafalda Noronha, que vivia em Benfica, na Quinta dos Cedros, onde habitualmente jantavam também aos domingos o Matos Miranda e a divina Elisa. Creio mesmo que só nessa casa ela e o José Matias se encontravam, sobretudo com as facilidades que oferecem pensativas alamedas e retiros de sombra. As janelas do quarto de José Matias abriam sobre o seu jardim e sobre

o jardim dos Mirandas: e, quando entrei, ele ainda se vestia, lentamente. Nunca admirei, meu amigo, face humana aureolada por felicidade mais segura e serena! Sorria iluminadamente quando me abraçou, com um sorriso que vinha das profundidades da alma iluminada; sorria ainda deliciadamente enquanto eu lhe contei todos os meus desgostos no Alentejo; sorriu depois extaticamente, aludindo ao calor e enrolando um cigarro distraído; e sorriu sempre, enlevado, a escolher na gaveta da cómoda, com escrúpulo religioso, uma gravata de seda branca. E a cada momento, irresistivelmente, por um hábito já tão inconsciente como o pestanejar, os seus olhos risonhos, calmamente enternecidos, se voltavam para as vidraças fechadas...

De sorte que, acompanhando aquele raio ditoso, logo descobri, no terraço da Casa da Parreira, a divina Elisa, vestida de claro, com um chapéu branco, passeando preguiçosamente, calçando pensativamente as luvas, e espreitando também as janelas do meu amigo, que um lampejo oblíquo de sol ofuscava de manchas de ouro. O José Matias no entanto conversava, antes murmurava, através do sorriso perene, coisas afáveis e dispersas. Toda a sua atenção se concentrara diante do espelho, no alfinete de coral e pérola para prender a gravata, no colete branco que abotoava e ajustava com a devoção com que um padre novo, na exaltação cândida da primeira missa, se reveste da estola e do amito, para se acercar do altar. Nunca eu vira um homem

deitar, com tão profundo êxtase, água-de-colónia no lenço! E depois de enfiar a sobrecasaca, de lhe espetar uma soberba rosa, foi com inefável emoção, sem reter um delicioso suspiro, que abriu largamente, solenemente, as vidraças! *Introito ad altarem Dece!* Eu permaneci discretamente enterrado no sofá. E, meu caro amigo, acredite!, invejei aquele homem à janela, imóvel, hirto na sua adoração sublime, com os olhos, e a alma, e todo o ser cravados no terraço, na branca mulher calçando as luvas claras, e tão indiferente ao mundo como se o mundo fosse apenas o ladrilho que ela pisava e cobria com os pés!

E este enlevo, meu amigo, durou dez anos, assim esplêndido, puro, distante e imaterial! Não ria... Decerto se

encontravam na quinta de D. Mafalda; decerto se escreviam, e transbordantemente, atirando as cartas por cima do muro que separava os dois quintais; mas nunca, por cima das heras desse muro, procuraram a rara delícia de uma conversa roubada ou a delícia ainda mais perfeita de um silêncio escondido na sombra. E nunca trocaram um beijo... Não duvide! Algum aperto de mão fugidio e sôfrego, sob os arvoredos de D. Mafalda, foi o limite exaltadamente extremo que a vontade lhes marcou ao desejo. O meu amigo não compreende como se mantiveram assim dois frágeis corpos, durante dez anos, em tão terrível e mórbido renunciamento... Sim, decerto lhes faltou, para se perderem, uma hora de segurança ou uma portinha no muro.

Depois, a divina Elisa vivia realmente num mosteiro, em que ferrolhos e grades eram formados pelos hábitos rigidamente reclusos do Matos Miranda, diabético e tristonho. Mas, na castidade deste amor, entrou muita nobreza moral e finura superior de sentimento. O amor espiritualiza o homem — e materializa a mulher. Essa espiritualização era fácil ao José Matias, que (sem nós desconfiarmos) nascera desvairadamente espiritualista; mas a humana Elisa encontrou também um gozo delicado nessa ideal adoração de monge, que nem ousa roçar, com os dedos trémulos e embrulhados no rosário, a túnica da Virgem sublimada. Ele, sim! ele gozou nesse amor transcendentemente desmaterializado um encanto sobre-humano. E durante dez anos, como o Rui

Blas do velho Hugo, caminhou, vivo e deslumbrado, dentro do seu sonho radiante, sonho em que Elisa habitou realmente dentro da sua alma, numa fusão tão absoluta que se tornou consubstanciai com o seu ser! Acreditará o meu amigo que ele abandonou o charuto, mesmo passeando solitariamente a cavalo pelos arredores de Lisboa, logo que descobrira na quinta de D. Mafalda, uma tarde, que o fumo perturbava Elisa?

E esta presença real da divina criatura no seu ser criou no José Matias modos novos, estranhos, derivando da alucinação. Como o visconde da Garmilde jantava cedo, à hora vernácula do Portugal antigo, José Matias ceava, depois da ópera, naquele delicioso e saudoso Café Central, onde o linguado

parecia frito no Céu, e o Colares no Céu engarrafado. Pois nunca ceava sem serpentinas profusamente acesas e a mesa juncada de flores. Porquê? Porque Elisa também ali ceava, invisível. Daí esses silêncios banhados num sorriso religiosamente atento... Porquê? Porque a estava sempre escutando! Ainda me lembro de ele arrancar do quarto três gravuras clássicas de faunos ousados e ninfas rendidas... Elisa pairava idealmente naquele ambiente; e ele purificava as paredes, que mandou forrar de sedas claras. O amor arrasta ao luxo, sobretudo amor de tão elegante idealismo; e o José Matias prodigalizou com esplendor o luxo que ela partilhava. Decentemente, não podia andar com a imagem de Elisa numa tipoia de praça,

nem consentir que a augusta imagem roçasse pelas cadeiras de palhinha da plateia de S. Carlos. Montou, portanto, carruagens de um gosto sóbrio e puro, e assinou um camarote na Ópera, onde instalou, para ela, uma poltrona pontifical, de cetim branco, bordado a estrelas de ouro.

Além disso, como descobrira a generosidade de Elisa, logo se tornou congénere e sumptuosamente generoso: e ninguém existiu então em Lisboa que espalhasse, com facilidade mais risonha, notas de cem mil réis. Assim desbaratou, rapidamente, sessenta contos com o amor daquela mulher a quem nunca dera uma flor!

E, durante esse tempo, o Matos Miranda? Meu amigo, o bom Matos

Miranda não desmanchava nem a perfeição, nem a quietação desta felicidade! Tão absoluto seria o espiritualismo do José Matias, que apenas se interessasse pela alma de Elisa, indiferente às submissões do seu corpo, invólucro inferior e mortal?... Não sei. Verdade seja! aquele digno diabético, tão grave, sempre de *cache-nez* de lã escura, com as suas suíças grisalhas, os seus ponderosos óculos de ouro, não sugeria ideias inquietadoras de marido ardente, cujo ardor, fatalmente e involuntariamente, se partilha e abrasa. Todavia, nunca compreendi, eu, filósofo, aquela consideração, quase carinhosa, do José Matias pelo homem que, mesmo desinteressadamente, podia por direito, por costume, contemplar Elisa

desapertando as fitas da saia branca!... Haveria ali reconhecimento por o Miranda ter descoberto numa remota rua de Setúbal (onde José Matias nunca a descortinaria) aquela divina mulher, e por a manter em conforto, solidamente nutrida, finamente vestida, transportada em caleches de macias molas? Ou recebera o José Matias aquela costumada confidência — «não sou tua, nem dele» — que tanto consola do sacrifício porque tanto lisonjeia o egoísmo?... Não sei. Mas com certeza este seu magnânimo desdém pela presença corporal do Miranda no templo onde habitava a sua deusa dava à felicidade de José Matias uma unidade perfeita, a unidade de um cristal que por todos os lados rebrilha, igualmente puro, sem arranhadura ou mancha. E esta

felicidade, meu amigo, durou dez anos... Que escandaloso luxo para um mortal!

Mas um dia, a terra, para o José Matias, tremeu toda, num terramoto de incomparável espanto. Em janeiro ou fevereiro de 1871, o Miranda, já debilitado pela diabetes, morreu com uma pneumonia. Por estas mesmas ruas, numa pachorrenta tipoia de praça, acompanhei o seu enterro numeroso, rico, com ministros, porque o Miranda pertencia às Instituições. E depois, aproveitando a tipoia, visitei o José Matias em Arroios, não por curiosidade perversa, nem para lhe levar felicitações indecentes, mas para que, naquele lance deslumbrador, ele sentisse ao lado a força moderadora da filosofia... Encontrei porém com ele um amigo mais antigo e confidencial, aquele

brilhante Nicolau da Barca, que já conduzi também a este cemitério, onde agora jazem, debaixo de lápides, todos aqueles camaradas com quem levantei castelos nas nuvens... O Nicolau chegara da Velosa, da sua quinta de Santarém, de madrugada, reclamado por um telegrama do Matias. Quando entrei, um criado atarefado arranjava duas malas enormes. O José Matias abalava nessa noite para o Porto. Já envergara mesmo um fato de viagem, todo negro, com sapatos de couro amarelo; e, depois de me sacudir a mão, enquanto o Nicolau remexia um grogue, continuou vagando pelo quarto, calado, como embaçado, com um modo que não era emoção, nem alegria pudicamente disfarçada, nem surpresa do seu destino bruscamente sublimado. Não! Se o bom

Darwin não nos ilude no seu livro da *Expressão das Emoções*, o José Matias, nessa tarde, só sentia e só exprimia embaraço! Em frente, na Casa da Parreira, todas as janelas permaneciam fechadas sob a tristeza da tarde cinzenta. E, todavia, surpreendi o José Matias atirando para o terraço, rapidamente, um olhar em que transparecia inquietação, ansiedade, quase terror! Como direi? Aquele é o olhar que se resvala para a jaula mal segura onde se agita uma leoa! Num momento em que ele entrara na alcova, murmurei ao Nicolau, por cima do grogue: — O Matias faz perfeitamente em ir para o Porto... — Nicolau encolheu os ombros: — Sim, pensou que era mais delicado... Eu aprovei. Mas só durante os meses de luto pesado... — Às sete horas

acompanhámos o nosso amigo à estação de Santa Apolónia. Na volta, dentro do *coupé* que uma grande chuva batia, filosofámos. Eu sorria contente: — Um ano de luto, e depois muita felicidade e muitos filhos... É um poema acabado! — O Nicolau acudiu, sério: — E acabado numa deliciosa e suculenta prosa. A divina Elisa fica com toda a sua divindade e a fortuna do Miranda, uns dez ou doze contos de renda... Pela primeira vez na nossa vida contemplámos, tu e eu, a virtude recompensada!

Meu caro amigo! Os meses cerimoniais de luto passaram, depois outros, e José Matias não se arredou do Porto. Nesse agosto o encontrei eu instalado fundamentalmente no Hotel Francfort, onde entretinha a melancolia

dos dias abrasados fumando (porque voltara ao tabaco), lendo romances de Júlio Verne e bebendo cerveja gelada até que a tarde refrescava e ele se vestia, se perfumava, se floria para jantar na Foz.

E apesar de se acercar o bendito remate do luto e da desesperada espera, não notei no José Matias nem alvoroço elegantemente reprimido, nem revolta contra a lentidão do tempo, velho por vezes tão moroso e trôpego... Pelo contrário! Ao sorriso de radiosa certeza, que nesses anos o iluminara com um nimbo de beatitude, sucedera a seriedade carregada, toda em sombra e rugas, de quem se debate numa dúvida irresolúvel, sempre presente, roedora e dolorosa. Quer que lhe diga? Nesse verão, no Hotel Francfort, sempre me pareceu que o José

Matias, a cada instante da sua vida acordada, mesmo emborcando a fresca cerveja, mesmo calçando as luvas ao entrar para a caleche que o levava à Foz, angustiadamente perguntava à sua consciência: — Que hei de fazer? Que hei de fazer? — E depois, uma manhã, ao almoço, realmente me assombrou, exclamando ao abrir o jornal, com um assomo de sangue na face: — O quê! Já são 29 de agosto? Santo Deus... Já o fim de agosto!...

Voltei a Lisboa, meu amigo. O inverno passou, muito seco e muito azul. Eu trabalhei nas minhas *Origens do Utilitarismo.* Um domingo, no Rossio, quando já se vendiam cravos nas tabacarias, avistei dentro de um *coupé* a divina Elisa, com plumas roxas no

chapéu. E nessa semana encontrei no meu *Diário Ilustrado* a notícia curta, quase tímida, do casamento da Sr.ª D. Elisa Miranda... Com quem, meu amigo? — Com o conhecido proprietário, o Sr. Francisco Torres Nogueira!...

O meu amigo cerrou aí o punho e bateu na coxa, espantado. Eu também cerrei os punhos ambos, mas para os levantar ao Céu, onde se julgam os feitos da Terra, e clamar furiosamente, aos urros, contra a falsidade, a inconstância ondeante e pérfida, toda a enganadora torpeza das mulheres, e daquela especial Elisa cheia de infâmia entre as mulheres! Atraiçoar à pressa, atabalhoadamente, apenas findara o luto negro, aquele nobre, puro, intelectual Matias! — e o seu amor de dez anos, submisso e sublime!...

E depois de apontar os punhos para o Céu, ainda os apertava na cabeça, gritando: — «Mas porquê?, porquê?» — Por amor? Durante anos ela amara enlevadamente este moço, e de um amor que se não desiludira nem se fartara, porque permanecia suspenso, imaterial, insatisfeito, Por ambição? Torres Nogueira era um ocioso amável como José Matias e possuía em vinhas hipotecadas os mesmos cinquenta ou sessenta contos que o José Matias herdara agora do tio Garmilde em terras excelentes e livres. Então porquê? Certamente porque os grossos bigodes negros do Torres Nogueira apeteciam mais à sua carne do que o buço louro e pensativo de José Matias! Ah! bem ensinara S. João Crisóstomo que a mulher

é um monstro de impureza, erguido à porta do Inferno!

Pois, meu amigo, quando eu assim rugia, encontro uma tarde na Rua do Alecrim o nosso Nicolau da Barca, que salta da tipoia, me empurra para um portal, agarra excitadamente no meu pobre braço e exclama engasgado: — Já sabes? Foi o José Matias que recusou! Ela escreveu, esteve no Porto, chorou... Ele nem consentiu em a ver! Não quis casar, não quer casar! — Fiquei trespassado. — E então ela... — Despeitada, fortemente cercada pelo Torces, cansada da viuvice, com aqueles belos trinta anos em botão, que diabo!, coitada, casou! — Eu ergui os braços até à abóbada do pátio: — Mas então esse sublime amor do José Matias? — O Nicolau, seu íntimo e confidente,

jurou com irrecusável segurança: — É o mesmo sempre! Infinito, absoluto... Mas não quer casar! — Ambos nos olhámos, e depois ambos nos separámos, encolhendo os ombros, com aquele assombro resignado que convém a espíritos prudentes perante o Incognoscível. Mas eu, filósofo, e portanto espírito imprudente, toda essa noite esfuraquei o ato do José Matias com a ponta de uma psicologia que expressamente aguçara — e, já de madrugada, estafado, concluí, como se conclui sempre em filosofia, que me encontrava diante de uma causa primária, portanto impenetrável, onde se quebraria, sem vantagem para ele, para mim, ou para o mundo, a ponta do meu instrumento!

Depois a divina Elisa casou e

continuou habitando a Parreira com o seu Torres Nogueira, no conforto e sossego que já gozara com o seu Matos Miranda. No meado do verão, José Matias recolheu do Porto a Arroios, ao casarão do tio Garmilde, onde reocupou os seus antigos quartos, com as varandas para o jardim, já florido de dálias que ninguém tratava. Veio agosto, como sempre em Lisboa silencioso e quente. Aos domingos, José Matias jantava com D. Mafalda de Noronha, em Benfica, solitariamente — porque o Torres Nogueira não conhecia aquela venerada senhora da Quinta dos Cedros. A divina Elisa, com vestidos claros, passeava à tarde no jardim entre as roseiras. De sorte que a única mudança, naquele doce canto de Arroios, parecia ser o Matos Miranda no seu belo jazigo

dos Prazeres, todo de mármore — e o Torres Nogueira no leito excelente de Elisa.

Havia, porém, uma tremenda e dolorosa mudança — a do José Matias! Adivinha o meu amigo como esse desgraçado consumia os seus estéreis dias? Com os olhos, e a memória, e a alma, e todo o ser cravados no terraço, nas janelas, nos jardins da Parreira! Mas agora não era de vidraças largamente abertas, em aberto êxtase, com o sorriso de segura beatitude: era por trás das cortinas fechadas, através de uma escassa fenda, escondido, surripiando furtivamente os brancos sulcos do vestido branco, com a face toda devastada pela angústia e pela derrota. E compreende porque sofria, assim, este pobre coração?

Certamente porque Elisa, desdenhada pelos seus braços fechados, correra logo, sem luta, sem escrúpulos, para outros braços, mais acessíveis e prontos... Não, meu amigo! E note agora a complicada subtileza desta paixão. O José Matias permanecia devotadamente crente de que Elisa, na profundidade da sua alma, nesse sagrado fundo espiritual onde não entram as imposições das conveniências, nem as decisões da razão pura, nem os ímpetos do orgulho, nem as emoções da carne — o amava, a ele, unicamente a ele, e com um amor que não deperecera, não se alterara, floria em todo o seu viço, mesmo sem ser regado ou tratado, como a antiga Rosa Mística! O que o torturava, meu amigo, o que lhe cavara longas rugas em curtos meses, era que um homem, um macho, um

bruto, se tivesse apoderado daquela mulher que era sua e que, do modo mais santo e mais socialmente puro, sob o patrocínio enternecido da Igreja e do Estado, lambuzasse com os rijos bigodes negros, à farta, os divinos lábios que ele nunca ousara roçar, na supersticiosa reverência e quase no terror da sua divindade! Como lhe direi?... O sentimento deste extraordinário Matias era o de um monge, prostrado ante uma imagem da Virgem, em transcendente enlevo — quando de repente um bestial sacrílego trepa ao altar e ergue obscenamente a túnica da imagem! O meu amigo sorri... E então o Matos Miranda? Ah, meu amigo! Esse era diabético, e grave, e obeso, e já existia instalado na Parreira, com a sua obesidade e a sua

diabetes, quando ele conhecera Elisa e lhe dera para sempre vida e coração. E o Torres Nogueira, esse, rompera brutalmente através do seu puríssimo amor, com os negros bigodes, e os carnudos braços, e o rijo arranque de um antigo pegador de touros, e empolgara aquela mulher — a quem revelara talvez o que é um homem!

Mas, cos demónios! Essa mulher ele a recusara, quando ela se lhe oferecia, na frescura e na grandeza de um sentimento que nenhum desdém ainda ressequira ou abatera. Que quer?... É a espantosa tortuosidade espiritual deste Matias! Ao cabo de uns meses ele *esquecera*, positivamente *esquecera*, essa recusa afrontosa, como se fora um leve desencontro de interesses materiais ou

sociais, passado há meses, no Norte, e a que a distância e o tempo dissipavam a realidade e a amargura leve! E agora, aqui em Lisboa, com as janelas de Elisa diante das suas janelas e as rosas dos dois jardins unidos rescendendo na sombra, a dor presente, a dor real, era que ele amara sublimemente uma mulher, e que a colocara entre as estrelas para mais pura adoração, e que um bruto moreno, de bigodes negros, arrancara essa mulher de entre as estrelas e a arremessara para a cama!

Enredado caso, hem, meu amigo? Ah! muito filosofei sobre ele, por dever de filósofo! E concluí que o Matias era um doente, atacado de hiperespiritualismo, de uma inflamação violenta e pútrida do espiritualismo, que

receara apavoradamente as materialidades do casamento, as chinelas, a pele pouco fresca ao acordar, um ventre enorme durante seis meses, os meninos berrando no berço molhado... E agora rugia de furor e tormento, porque certo materialão, ao lado, se prontificara a aceitar Elisa em camisola de lã. Um imbecil?... Não, meu amigo! Um ultrarromântico, loucamente alheio às realidades fortes da vida, que nunca suspeitou que chinelas e cueiros sujos de meninos são coisas de superior beleza em casa em que entre o sol e haja amor.

E sabe o meu amigo o que exacerbou, mais furiosamente, este tormento? É que a pobre Elisa mostrava por ele o antigo amor! Que lhe parece? Infernal, hem?... Pelo menos, se não sentia

o antigo amor intacto na sua essência, forte como outrora e único, conservava pelo pobre Matias uma irresistível curiosidade e repetia os gestos desse amor... Talvez fosse apenas a fatalidade dos jardins vizinhos! Não sei. Mas logo desde setembro, quando o Torres Nogueira partiu para as suas vinhas de Carcavelos, a assistir à vindima, ela recomeçou, da borda do terraço, por sobre as rosas e as dálias abertas, aquela doce remessa de doces olhares com que durante dez anos extasiara o coração de José Matias.

Não creio que se escrevessem por cima do muro do jardim, como sob o regime paternal do Matos Miranda... O novo senhor, o homem robusto da bigodeira negra, impunha à divina Elisa,

mesmo de longe, de entre as vinhas de Carcavelos, retraimento e prudência. E, acalmada por aquele marido, moço e forte, menos sentiria agora a necessidade de algum encontro discreto na sombra tépida da noite, mesmo quando a sua elegância moral e o rígido idealismo do José Matias consentissem em aproveitar uma escada contra o muro... De resto, Elisa era fundamentalmente honesta; e conservava o respeito sagrado do seu corpo, por o sentir tão belo e cuidadosamente feito por Deus — mais do que da sua alma. E quem sabe?... Talvez a adorável mulher pertencesse à bela raça daquela marquesa italiana, a marquesa Júlia de Malfieri, que conservava dois amorosos ao seu doce serviço, um poeta para as delicadezas românticas e um

cocheiro para as necessidades grosseiras.

Enfim, meu amigo, não psicologuemos mais sobre esta viva, atrás do morto que morreu por ela! O facto foi que Elisa e o seu amigo insensivelmente recaíram na velha união ideal, através dos jardins em flor. E em outubro, como o Torres Nogueira continuava a vindimar em Carcavelos, o José Matias, para contemplar o terraço da Parreira, já abria de novo as vidraças, larga e extaticamente!

Parece que um tão estreme espiritualista, reconquistando a idealidade do antigo amor, devia reentrar também na antiga felicidade perfeita. Ele reinava na alma imortal de Elisa — que importava que outro se ocupasse do seu corpo mortal? Mas não! o pobre moço sofria,

angustiadamente. E, para sacudir a pungência destes tormentos, findou, ele tão sereno, de uma tão doce harmonia de modos, por se tornar um agitado. Ah! meu amigo, que redemoinho e estrépito de vida! Desesperadamente, durante um ano, remexeu, aturdiu, escandalizou Lisboa! São desse tempo algumas das suas extravagâncias lendárias... Conhece a da ceia? Uma ceia oferecida a trinta ou quarenta mulheres das mais torpes e das mais sujas, apanhadas pelas negras vielas do Bairro Alto e da Mouraria, que depois mandou montar em burros, e gravemente, melancolicamente, posto na frente, sobre um grande cavalo branco, com um imenso chicote, conduziu aos altos da Graça, para saudar a aparição do Sol!

Mas todo este alarido não lhe

dissipou a dor — e foi então que, nesse inverno, começou a jogar e a beber! Todo o dia se encerrava em casa (certamente por trás das vidraças, agora que Torres Nogueira regressara das vinhas), com olhos e alma cravados no terraço fatal; depois, à noite, quando as janelas de Elisa se apagavam, saía numa tipoia, sempre a mesma, a tipoia do Gago, corria à roleta do Bravo, depois ao clube do «Cavalheiro», onde jogava freneticamente até à tardia hora de cear, num gabinete de restaurante, com molhos de velas acesas, e o Colares, e o champanhe, e o conhaque correndo em jorros desesperados.

E esta vida, espicaçada pelas Fúrias, durou anos, sete anos! Todas as terras que lhe deixara o tio Garmilde se foram, largamente jogadas e bebidas: e só

lhe restava o casarão de Arroios e o dinheiro apressado, por que o hipotecara. Mas, subitamente, desapareceu de todos os antros de vinho e de jogo. E soubemos que o Torres Nogueira estava morrendo com uma anasarca!

Por esse tempo, e por causa de um negócio do Nicolau da Barca, que me telegrafara ansiosamente da sua quinta de Santarém (negócio embrulhado, de uma letra), procurei o José Matias em Arroios, às dez horas, numa noite quente de abril. O criado, enquanto me conduzia pelo corredor mal alumiado, já desadornado das ricas arcas e talhas da Índia do velho Garmilde, confessou que Sua Excelência não acabara de jantar... E ainda me lembro, com um arrepio, da impressão desolada que me deu o desgraçado! Era

no quarto que abria sobre os dois jardins. Diante de uma janela, que as cortinas de damasco cerravam, a mesa resplandecia, com duas serpentinas, um cesto de rosas brancas, e algumas das nobres pratas do Garmilde; e ao lado, todo estendido numa poltrona, com o colete branco desabotoado, a face lívida descaída sobre o peito, um copo vazio na mão inerte, o José Matias parecia adormecido ou morto.

Quando lhe toquei no ombro, ergueu num sobressalto a cabeça, toda despenteada: — Que horas são? — Apenas lhe gritei, num gesto alegre, para o despertar, que era tarde, que eram dez, encheu precipitadamente o copo, da garrafa mais chegada, de vinho branco, e bebeu lentamente, com a mão a tremer, a

tremer... Depois, arredando os cabelos da testa húmida: — Então que há de novo? — Esgazeado, sem compreender, escutou, como num sonho, o recado que lhe mandava o Nicolau. Por fim, com um suspiro, remexeu uma garrafa de champanhe dentro do balde em que ela gelava, encheu outro copo, murmurando: — Um calor... Uma sede!... — Mas não bebeu: arrancou o corpo pesado à poltrona de verga e forçou os passos mal firmes para a janela, a que abriu violentamente as cortinas, depois a vidraça... E ficou hirto, como colhido pelo silêncio e escuro sossego da noite estrelada. Eu espreitei, meu amigo! Na casa da Parreira, duas janelas brilhavam, fortemente alumiadas, abertas à aragem. E essa claridade viva envolvia uma figura

branca, nas longas pregas de um roupão branco, parada à beira do terraço, como esquecida, numa contemplação. Era Elisa, meu amigo! Por trás, no fundo do quarto claro, o marido certamente arquejava, na opressão da anasarca. Ela, imóvel, repousava, mandando um doce olhar, talvez um sorriso, ao seu doce amigo. O miserável, fascinado, sem respirar, sorvia o encanto daquela visão benfazeja. E entre eles rescendiam, na moleza da noite, todas as flores dos dois jardins... Subitamente, Elisa recolheu, à pressa chamada por algum gemido ou impaciência do pobre Torres. E as janelas logo se fecharam, toda a luz e vida se sumiram na Casa da Parreira.

Então José Matias, com um soluço despedaçado, de transbordante tormento,

cambaleou, tão ansiadamente se agarrou à cortina que a rasgou, e tombou desamparado nos braços que lhe estendi e em que o arrastei para a cadeira, pesadamente, como a um morto ou a um bêbado. Mas, volvido um momento, com espanto meu, o extraordinário homem descerra os olhos, sorri num lento e inerte sorriso, murmura quase serenamente: — É o calor... Está um calor! Você não quer tomar chá?

Recusei e abalei — enquanto ele, indiferente à minha fuga, estendido na poltrona, acendia tremulamente um imenso charuto.

Santo Deus! Já estamos em Santa Isabel! Como estes lagoias vão arrastando depressa o pobre José Matias para o pó e para o verme final! Pois, meu amigo,

depois dessa curiosa noite, o Torres Nogueira morreu. A divina Elisa, durante o novo luto, recolheu à quinta de uma cunhada também viúva, à Corte Moreira, ao pé de Beja. E o José Matias inteiramente se sumiu, se evaporou, sem que me revoassem novas dele, mesmo incertas — tanto mais que o íntimo por quem as conheceria, o nosso brilhante Nicolau da Barca, partira para a ilha da Madeira, com o seu derradeiro pedaço de pulmão, sem esperança, por dever clássico, quase dever social, de tísico.

Todo esse ano, também andei enfronhado no meu *Ensaio dos Fenómenos Afetivos*. Depois, um dia, no começo do verão, descendo pela Rua de S. Bento, com os olhos levantados, a procurar o n.º 214, onde se catalogava a

livraria do morgado de Azemel, quem avisto eu à varanda de uma casa nova e de esquina? A divina Elisa, metendo folhas de alface na gaiola de um canário! E bela, meu amigo, mais cheia e mais harmoniosa, toda madura, e suculenta, e desejável, apesar de ter festejado em Beja os seus quarenta e dois anos! Mas aquela mulher era da grande raça de Helena que, quarenta anos também depois do cerco de Troia, ainda deslumbrava os homens mortais e os deuses imortais. E, curioso acaso! logo nessa tarde, pelo Seco, o João Seco da Biblioteca, que catalogava a livraria do morgado, conheci a nova história desta Helena admirável.

A divina Elisa tinha agora um amante... E unicamente por não poder, com a sua costumada honestidade, possuir

um legítimo e terceiro marido. O ditoso moço que ela adorava era com efeito casado... Casado em Beja com uma espanhola que, ao cabo de um ano desse casamento e de outros requebros, partira para Sevilha, passar devotamente a Semana Santa, e lá adormecera nos braços de um riquíssimo criador de gado. O marido, pacato apontador de Obras Públicas, continuara em Beja, onde também vagamente ensinava um vago desenho... Ora uma das suas discípulas era a filha da senhora da Corte Moreira: e aí na quinta, enquanto ele guiava o esfuminho da menina, Elisa o conheceu e o amou, com uma paixão tão urgente que o arrancou precipitadamente às Obras Públicas, e o arrastou a Lisboa, cidade mais propícia do que Beja a uma

felicidade escandalosa, e que se esconde. O João Seco é de Beja, onde passara o Natal; conhecia perfeitamente o apontador, as senhoras da Corte Moreira; e compreendeu o romance quando das janelas desse n.º 214, onde catalogava a livraria do Azemel, reconheceu Elisa na varanda da esquina, e o apontador enfiando regaladamente o portão, bem vestido, bem calçado, de luvas claras, com aparência de ser infinitamente mais ditoso naquelas obras particulares do que nas públicas.

E dessa mesma janela do 214 o conheci eu também, o apontador! Belo moço, sólido, branco, de barba escura, em excelentes condições de quantidade (e talvez mesmo de qualidade) para encher um coração viúvo, e portanto «vazio»,

como diz a Bíblia. Eu frequentava esse n.º 214, interessado no catálogo da livraria, porque o morgado de Azemel possuía, pelo irónico acaso das heranças, uma coleção incomparável dos filósofos do século XVIII. E passadas semanas, saindo desses livros uma noite (o João Seco trabalhava de noite) e parando adiante, à beira de um portal aberto, para acender o charuto, enxergo à luz tremente do fósforo, metido na sombra, o José Matias! Mas que José Matias, meu caro amigo! Para o considerar mais detidamente, raspei outro fósforo. Pobre José Matias! Deixara crescer a barba, uma barba rara, indecisa, suja, mole como cotão amarelado; deixara crescer o cabelo, que lhe surdia em farripas secas de sob um velho chapéu-coco; mas todo ele, no resto, parecia

diminuído, minguado, dentro de uma quinzena de mescla enxovalhada, e de umas calças pretas, de grande bolsos, onde escondia as mãos com o gesto tradicional, tão infinitamente triste, da miséria ociosa. Na espantada lástima que me tomou, apenas balbuciei: — Ora esta! Você! Então que é feito? — E ele, com a sua mansidão polida, mas secamente, para se desembaraçar, e numa voz que a aguardente enrouquecera: — Por aqui, à espera de um sujeito. — Não insisti, segui. Depois, adiante, parando, verifiquei o que num relance adivinhara — que o portal negro ficava em frente ao prédio novo e às varandas de Elisa!

Pois, meu amigo, três anos viveu o José Matias encafuado naquele portal!

Era um desses pátios da Lisboa

antiga, sem porteiro, sempre escancarados, sempre sujos, cavernas laterais da rua, donde ninguém escorraça os escondidos da miséria ou da dor. Ao lado havia uma taverna. Infalivelmente, ao anoitecer, o José Matias descia a Rua de S. Bento, colado aos muros, e, como uma sombra, mergulhava na sombra do portal. A essa hora já as janelas de Elisa luziam, de inverno embaciadas pela névoa fina, de verão ainda abertas e arejando no repouso e na calma. E para elas, imóvel, com as mãos nas algibeiras, o José Matias se quedava em contemplação. Cada meia hora, subtilmente, enfiava para a taverna. Copo de vinho, copo de aguardente — e, de mansinho, recolhia à negrura do portal, ao seu êxtase. Quando as janelas de Elisa se apagavam, ainda arrastava através da

longa noite, mesmo das negras noites de inverno — encolhido, transido, a bater as solas rotas no lajedo, ou sentado ao fundo, nos degraus da escada — esmagando os olhos turvos na fachada negra daquela casa, onde a sabia dormindo com o outro!

Ao princípio, para fumar um cigarro apressado, trepava até ao patamar deserto, a esconder o lume que o denunciaria no seu esconderijo. Mas depois, meu amigo, fumava incessantemente, colado à ombreira, puxando o cigarro com ânsia, para que a ponta rebrilhasse, o alumiasse! E percebe porquê, meu amigo?... Porque Elisa já descobrira que, dentro daquele portal, a adorar submissamente as suas janelas, com a alma de outrora, estava o seu pobre José Matias!...

E acreditará o meu amigo que então, todas as noites, ou por trás da vidraça ou encostada à varanda (com o apontador dentro, estirado no sofá, já de chinelas, lendo o *Jornal da Noite)*, ela se demorava a fitar o portal, muito quieta, sem outro gesto, naquele antigo e mudo olhar do terraço por sobre as rosas e as dálias? O José Matias percebera, deslumbrado. E agora avivava desesperadamente o lume, como um farol, para guiar na escuridão os amados olhos dela e lhe mostrar que ali estava, transido, todo seu, e fiel!

De dia nunca ele passava na Rua de S. Bento. Como ousaria, com o jaquetão roto nos cotovelos e as botas cambadas?

Porque aquele moço de elegância

sóbria e fina tombara na miséria do andrajo. Onde arranjava mesmo, cada dia, os três patacos para o vinho e para a posta de bacalhau nas tavernas? Não sei... Mas louvemos a divina Elisa, meu amigo! Muito delicadamente, por caminhos arredados e astutos, ela rica, procurara estabelecer uma pensão ao José Matias, mendigo. Situação picante, hem? A grata senhora dando duas mesadas aos seus dois homens — o amante do corpo e o amante da alma! Ele, porém, adivinhou donde procedia a pavorosa esmola — e recusou, sem revolta, nem alarido de orgulho, até com enternecimento, até com uma lágrima nas pálpebras que a aguardente inflamara!

Mas só com noite muito cerrada ousava descer à Rua de S. Bento, e enfiar

para o seu portal. E adivinha o meu amigo como ele gastava o dia? A espreitar, a seguir, a farejar o apontador de Obras Públicas! Sim, meu amigo! Uma curiosidade insaciada, frenética, atroz, por aquele homem que Elisa escolhera!... Os dois anteriores, o Miranda e o Nogueira, tinham entrado na alcova de Elisa, publicamente, pela porta da Igreja, e para outros fins humanos além do amor — para possuir um lar, talvez filhos, estabilidade e quietação na vida. Mas este era meramente o amante, que ela nomeara e mantinha só para ser amada; e nessa união não aparecia outro motivo racional senão que os dois corpos se unissem. Não se fartava, portanto, de o estudar, na figura, na roupa, nos modos, ansioso por saber bem como era esse homem, que,

para se completar, a sua Elisa preferira entre a turba dos homens. Por decência, o apontador morava na outra extremidade da Rua de S. Bento, diante do mercado. E essa parte da rua, onde o não surpreenderiam, na sua pelintrice, os olhos de Elisa, era o paradeiro do José Matias, logo de manhã, para mirar, farejar o homem, quando ele recolhia da casa de Elisa, ainda quente do calor da sua alcova. Depois não o largava, cautelosamente, como um larápio, rastejando de longe no seu rasto. E eu suspeito que o seguia assim, menos por curiosidade perversa do que para verificar se, através das tentações de Lisboa, terríveis para um apontador de Beja, o homem conservava o corpo fiel a Elisa. Em serviço da felicidade dela

fiscalizava o amante da mulher que amava!

Requinte furioso de espiritualismo e devoção, meu amigo! A alma de Elisa era sua e recebia perenemente a adoração perene: e agora queria que o corpo de Elisa não fosse menos adorado, nem menos lealmente, por aquele a quem ela entregara o corpo! Mas o apontador era facilmente fiel a uma mulher tão formosa, tão rica, de meias de seda, de brilhantes nas orelhas, que o deslumbrava. E quem sabe, meu amigo?, talvez esta fidelidade, preito carnal à divindade de Elisa, fosse para o José Matias a derradeira felicidade que lhe concedeu a vida. Assim me persuado, porque no inverno passado, encontrei o apontador, numa manhã de chuva, comprando camélias a uma florista

da Rua do Ouro; e defronte, a uma esquina, o José Matias, escaveirado, esfrangalhado, cocava o homem, com carinho, quase com gratidão! E talvez nessa noite, no portal, tiritando, batendo as solas encharcadas, com os olhos enternecidos nas escuras vidraças, pensasse: «Coitadinha, pobre Elisa! Ficou bem contente por ele lhe trazer as flores!»

Isto durou três anos.

Enfim, meu amigo, anteontem, o João Seco apareceu em minha casa, de tarde, esbaforido: — Lá levaram o José Matias, numa maca, para o hospital, com uma congestão nos pulmões!

Parece que o encontraram, de madrugada, estirado no ladrilho, todo encolhido no jaquetão delgado, arquejando, com a face coberta de morte,

voltada para as varandas de Elisa. Corri ao hospital. Morrera... Subi, com o médico de serviço, à enfermaria. Levantei o lençol que o cobria. Na abertura da camisa suja e rota, preso ao pescoço por um cordão, conservava um saquinho de seda, puído e sujo também. Decerto continha flor, ou cabelos, ou pedaços de renda de Elisa, do tempo do primeiro encanto e das tardes de Benfica... Perguntei ao médico, que o conhecia e o lastimava, se ele sofrera. — Não!

Teve um momento comatoso, depois arregalou os olhos, exclamou: «Oh!», com grande espanto, e ficou.

Era o grito da alma, no assombro e horror de morrer também? Ou era a alma triunfando por se reconhecer enfim imortal e livre? O meu amigo não sabe;

nem o soube o divino Platão; nem o saberá o derradeiro filósofo na derradeira tarde do mundo.

Chegámos ao cemitério. Creio que devemos pegar às borlas do caixão... Na verdade, é bem singular este Alves *Capão*, seguindo tão sentidamente o nosso pobre espiritualista... Mas, santo Deus, olhe! Além, à espera, à porta da igreja, aquele sujeito compenetrado, de casaca, com paletó alvadio... É o apontador de Obras Públicas! E traz um grosso ramo de violetas... Elisa mandou o seu amante carnal acompanhar à cova e cobrir de flores o seu amante espiritual. Mas, oh meu amigo, pensemos que, certamente, nunca ela pediria ao José Matias para espalhar violetas sobre o cadáver do apontador! É que sempre a Matéria,

mesmo sem o compreender, sem dele tirar a sua felicidade, adorará o Espírito, e sempre a si própria, através dos gozos que de si recebe, se tratará com brutalidade e desdém! Grande consolo, meu amigo, este apontador com o seu ramo, para um metafísico que, como eu, comentou Espinosa e Malebranche, reabilitou Fichte, e provou suficientemente a ilusão da sensação! Só por isto valeu a pena trazer à sua cova este inexplicado José Matias, que era talvez muito mais que um homem — ou talvez ainda menos que um homem... — Com efeito, está frio... Mas que linda tarde!

A Perfeição

1

Sentado numa rocha, na ilha de Ogígia, com a barba enterrada entre as mãos, donde desaparecera a aspereza calosa e tisnada das armas e dos remos, Ulisses, o mais subtil dos homens, considerava, numa escura e pesada tristeza, o mar muito azul que, mansa e harmoniosamente, rolava sobre a areia muito branca. Uma túnica bordada de flores escarlates cobria, em pregas moles, o seu corpo poderoso, que engordara. Nas correias das sandálias, que lhe calçavam os pés amaciados e perfumados de essências, reluziam esmeraldas do Egito. E o seu bastão era um maravilhoso galho de coral, rematado em pinha de pérolas,

como os que usam os deuses marinhos.

A divina ilha, com os seus rochedos de alabastro, os bosques de cedros e tuias odoríferas, as messes eternas dourando os vales, a frescura das roseiras revestindo os outeiros suaves, resplandecia, adormecida na moleza da sesta, toda envolta em mar resplandecente. Nem um sopro dos Zéfiros, curiosos, que brincam e correm por sobre o Arquipélago, desmanchava a serenidade do luminoso ar, mais doce que o vinho mais doce, todo repassado pelo fino aroma dos prados de violetas. No silêncio, embebido de calor afável, eram de uma harmonia mais embaladora os murmúrios de arroios e fontes, o arrulhar das pombas voando dos ciprestes aos plátanos, e o lento rolar e quebrar da onda

mansa sobre a areia macia. E nesta inefável paz e beleza imortal, o subtil Ulisses, com os olhos perdidos nas águas lustrosas, amargamente gemia, revolvendo o queixume do seu coração...

Sete anos, sete imensos anos, iam passados desde que o raio fulgente de Júpiter fendera a sua nave de alta proa vermelha, e ele, agarrado ao mastro partido, trambolhara na braveza mugidora das espumas sombrias, durante nove dias, durante nove noites, até que boiara em águas mais calmas, e tocara as areias daquela ilha onde Calipso, a deusa radiosa, o recolhera e o amara! E durante esses imensos anos, como se arrastara a sua vida, a sua grande e forte vida, que, depois da partida para os muros fatais de Troia, abandonando entre lágrimas

inumeráveis a sua Penélope de olhos claros, o seu pequenino Telémaco enfaixado no colo da ama, andara sempre tão agitada por perigos, e guerras, e astúcias, e tormentas, e rumos perdidos?... Ah! ditosos os reis mortos, com formosas feridas no branco peito, diante das portas de Troia! Felizes os seus companheiros tragados pela onda amarga! Feliz ele se as lanças troianas o trespassassem nessa tarde de grande vento e poeira, quando, junto à *Faia*, defendia dos ultrajes, com a espada sonora, o corpo morto de Aquiles! Mas não! Vivera! — E agora, cada manhã, ao sair sem alegria do trabalhoso leito de Calipso, as ninfas, servas da deusa, o banhavam numa água muito pura, o perfumavam de lânguidas essências, o cobriam com uma túnica sempre nova, ora

bordada a sedas finas, ora bordada de ouro pálido! No entanto, sobre a mesa lustrosa, erguida à porta da gruta, na sombra das ramadas, junto ao sussurro dormente de um arroio diamantino, os açafates e as travessas lavradas transbordavam de bolos, de frutas, de tenras carnes fumegando, de peixes cintilando como tramas de prata. A intendenta venerável gelava os vinhos doces nas crateras de bronze, coroadas de rosas. E ele, sentado num escabelo, estendia as mãos para as iguarias perfeitas, enquanto ao lado, sobre um trono de marfim, Calipso, espargindo através da túnica nevada a claridade e o aroma do seu corpo imortal, sublimemente serena, com um sorriso taciturno, sem tocar nas comidas humanas, debicava a

ambrósia, bebia em goles delgados o néctar transparente e rubro. Depois, tomando aquele bastão de Príncipe de Povos com que Calipso o presenteara, repercorria sem curiosidade os sabidos caminhos da ilha, tão lisos e tratados que nunca as suas sandálias reluzentes se maculavam de pó, tão penetrados pela imortalidade da deusa que jamais neles encontrara folha seca, nem flor menos fresca pendendo na haste. Sobre uma rocha se sentava então, contemplando aquele mar que também banhava Ítaca, lá tão bravio, aqui tão sereno, e pensava, e gemia, até que as águas e os caminhos se cobriam de sombra, e ele recolhia à gruta para dormir, sem desejo, com a deusa que o desejava!... E durante estes imensos anos, que destino envolvera a sua Ítaca, a

áspera ilha de sombrias matas? Viviam eles ainda, os seres amados? Sobre a forte colina, dominando a enseada de Reitros e os pinheirais de Neus, ainda se erguia o seu palácio, com os belos pórticos pintados de vermelho e roxo? Ao cabo de tão lentos e vazios anos, sem novas, apagada toda a esperança como uma lâmpada, despira a sua Penélope a tónica passageira da viuvez, e passara para os braços fortes de outro esposo forte, que, agora, manejava as suas lanças e vindimava as suas vinhas? E o doce filho Telémaco? Reinaria ele em Ítaca, sentado, com o branco cetro, sobre o mármore alto da Ágora? Ocioso e rondando pelos pátios, baixaria os olhos sob o império duro de um padrasto? Erraria por cidades alheias, mendigando um salário?... Ah! se

a sua existência, assim para sempre arrancada da mulher, do filho, tão doces ao seu coração, andasse ao menos empregada em façanhas ilustres! Dez anos antes, também desconhecia a sorte de Ítaca, e dos seres preciosos que lá deixara em solidão e fragilidade; mas uma empresa heroica o agitava; e cada manhã a sua fama crescia, como uma árvore num promontório, que enche o céu e todos os homens contemplam. Então era a planície de Troia — e as brancas tendas dos Gregos ao longo do mar sonoro! Sem cessar, meditava astúcias de guerra; com soberba facúndia discursava na Assembleia dos Reis; rijamente jungia os cavalos empinados ao timão dos carros; de lança alta corria, entre a grita e a pressa, contra os Troianos de altos elmos,

que surdiam, em roldão ressoante, das Portas Skaias!... Oh! E quando ele, Príncipe de Povos, encolhido sob farrapos de mendigo, com os braços maculados de chagas postiças, coxeando e gemendo, penetrara nos muros da orgulhosa Troia, pelo lado da *Faia*, para de noite, com incomparável ardil e bravura, roubar o paládio tutelar da cidade! E quando, dentro do ventre do cavalo de pau, na escuridão, no aperto de todos aqueles guerreiros hirtos e cobertos de ferro, calmava a impaciência dos que sufocavam, e tapava com a mão a boca de Anticlos bravejando furioso, ao escutar fora na planície os ultrajes e os escárnios troianos, e a todos murmurava: — Cala, cala! que a noite desce e Troia é nossa... — E depois as prodigiosas viagens! O

pavoroso Polifemo, ludibriado com uma astúcia que para sempre maravilhará as gerações! As manobras sublimes entre Cila e Caríbdis! As Sereias, vogando e cantando em torno do mastro, donde ele, amarrado, as rechaçava com o mudo dardejar dos olhos mais agudos que dardos! A descida aos Infernos, jamais concedida a um mortal!... E agora homem de tão rutilantes feitos jazia numa ilha mole, eternamente preso, sem amor, pelo amor de uma deusa! Como poderia ele fugir, rodeado de mar indomável, sem nave, nem companheiros para mover os remos longos? Os deuses ditosos certamente esqueciam quem tanto por eles combatera e sempre piedosamente lhes votara as reses devidas, mesmo através do fragor e fumaraça das cidadelas

derrubadas, mesmo quando a sua proa encalhava em terra agreste!... E ao herói, que recebera dos reis da Grécia as armas de Aquiles, cabia por destino amargo engordar na ociosidade de uma ilha mais lânguida que uma cesta de rosas, e estender as mãos amolecidas para as iguarias abundantes, e, quando águas e caminhos se cobriam de sombra, dormir sem desejo com uma deusa, que, sem cessar, o desejava.

Assim gemia o magnânimo Ulisses, à beira do mar lustroso... E eis que, de repente, um sulco, de desusado brilho, mais rutilantemente branco que o de uma estrela caindo, riscou a rutilância do céu, desde as alturas até à cheirosa mata de tuias e cedros que assombreava um golfo sereno, a oriente da ilha. Com

alvoroço bateu o coração do herói! Rasto tão refulgente, na refulgência do dia, só um deus o podia traçar através do largo Úrano. Um deus, pois, descera à ilha?

2

Um deus descera, um grande deus... Era o mensageiro dos deuses, o leve, eloquente Mercúrio. Calçado com aquelas sandálias que têm duas asas brancas, os cabelos cor de vinho cobertos pelo casco, onde batem também duas claras asas, erguendo na mão o caduceu, ele fendera o éter, roçara a lisura do mar sossegado, pisara a areia da ilha, onde as suas pegadas ficavam rebrilhando com palmilhas de ouro novo. Apesar de percorrer toda a Terra, com os recados inumeráveis dos deuses, o luminoso mensageiro não conhecia aquela ilha de Ogígia — e admirou, sorrindo, a beleza dos prados de violetas, tão doces para o

correr e brincar de ninfas, e o harmonioso faiscar dos regatos por entre os altos e lânguidos lírios. Uma vinha, sobre esteios de jaspe, carregada de cachos maduros, conduzia, como fresco pórtico salpicado de sol, até à entrada da gruta, toda de rochas polidas, donde pendiam jasmineiros e madressilvas, envoltas no sussurrar das abelhas. E logo avistou Calipso, a deusa ditosa, sentada num trono, fiando em roca de ouro, com fuso de ouro, a lã formosa de púrpura marinha. Um aro de esmeraldas prendia os seus cabelos, muito anelados e ardentemente louros. Sob a túnica diáfana a mocidade imortal do seu corpo rebrilhava como a neve, quando a aurora a tinge de rosas nas colinas eternas povoadas de deuses. E enquanto torcia o fuso, cantava um trinado

e fino canto, como trémulo fio de cristal vibrando da Terra ao Céu. Mercúrio pensou: «Linda ilha, e linda Ninfa!»

De um lume claro de cedro e tuia, subia, muito direito, um fumo delgado que perfumava toda a ilha. Em roda, sentadas em esteiras, sobre o chão de ágata, as Ninfas, servas da deusa, dobavam as lãs, bordavam na seda as flores ligeiras, teciam as puras teias em teares de prata. Todas coraram, com o seio a arfar, sentindo a presença do deus. E sem deter o fuso faiscante, Calipso reconhecera logo o mensageiro — pois que todos os imortais sabem, uns dos outros, os nomes, os feitos e os rostos soberanos, mesmo quando habitam retiros remotos que o éter e o mar separam.

Mercúrio parara, risonho, na sua

nudez divina, exalando o perfume do Olimpo. Então a deusa ergueu para ele, com composta serenidade, o esplendor largo dos seus olhos verdes:

— Ó Mercúrio! porque desceste à minha ilha humilde, tu, venerável e querido, que eu nunca vi pisar a terra? Diz e o que de mim esperas. Já o meu aberto coração me ordena que te contente, se o teu desejo couber dentro do meu poder e do Fado... Mas entra, repousa, e que eu te sirva, como doce irmã, à mesa da hospitalidade.

Tirou da cintura a roca, arredou os anéis soltos do cabelo radiante — e com as suas nacaradas mãos colocou sobre a mesa, que as Ninfas acercaram do lume aromático, o prato transbordante de ambrósia, e as infusas de cristal onde

cintilava o néctar.

Mercúrio murmurou: — Doce é a tua hospitalidade, ó Deusa! — Pendurou o caduceu do fresco ramo de um plátano, estendeu os dedos reluzentes para a travessa de ouro, risonhamente louvou a excelência daquele néctar da ilha. E contentada a alma, encostando a cabeça ao tronco liso do plátano que se cobriu de claridade, começou, com palavras perfeitas e aladas:

— Perguntaste porque descia um deus à tua morada, oh deusa! E certamente nenhum imortal percorreria sem motivo, desde o Olimpo até Ogígia, esta deserta imensidade do mar salgado em que se não encontram cidades de homens, nem templos cercados de bosques, nem sequer um pequenino santuário donde suba o

aroma do incenso, ou o cheiro das carnes votivas, ou o murmúrio gostoso das preces... Mas foi nosso Pai Júpiter, o tempestuoso, que me mandou neste recado. Tu recolheste, e reténs pela força incomensurável da tua doçura, o mais subtil e desgraçado de todos os príncipes que combateram durante dez anos a alta Troia, e depois embarcaram nas naves fundas para voltar à terra da Pátria. Muitos desses conseguiram reentrar nos seus ricos lares, carregados de fama, de despojos e de histórias excelentes para contar. Ventos inimigos, porém, e um fado mais inexorável, arremessaram a esta tua ilha, enrolado nas sujas espumas, o facundo e astuto Ulisses... Ora o destino deste herói não é ficar na ociosidade imortal do teu leito, longe daqueles que o

choram, e que carecem da sua força e manhas divinas. Por isso Júpiter, regulador da ordem, te ordena, ó deusa, que soltes o magnânimo Ulisses dos teus braços claros, e o restituas, com os presentes docemente devidos, à sua Ítaca amada, e à sua Penélope, que tece e desfaz a teia ardilosa, cercada dos pretendentes arrogantes, devoradores dos seus gordos bois, sorvedores dos seus frescos vinhos!

A divina Calipso mordeu levemente o beiço; e sobre a sua face luminosa desceu a sombra das densas pestanas cor de jacinto. Depois, com um harmonioso suspiro, em que ondulou todo o seu peito rebrilhante:

— Ah deuses grandes, deuses ditosos, como sois asperamente ciumentos

das deusas, que, sem se esconderem pela espessura dos bosques ou nas pregas escuras dos montes, amam os homens eloquentes e fortes!... Este, que me invejais, rolou às areias da minha ilha, nu, pisado, faminto, preso a uma quilha partida, perseguido por todas as iras, e todas as rajadas, e todos os raios dardejantes de que dispõe o Olimpo. Eu o recolhi, o lavei, o nutri, o amei, o guardei, para que ficasse eternamente ao abrigo das tormentas, da dor e da velhice. E agora Júpiter trovejador, ao cabo de oito anos em que a minha doce vida se enroscou em torno desta afeição como a vide ao olmo, determina que eu me separe do companheiro que escolhera para a minha imortalidade! Realmente sois cruéis, ó deuses, que constantemente

aumentais a raça turbulenta dos semideuses dormindo com as mulheres mortais! E como queres que eu mande Ulisses à sua pátria, se não possuo naves, nem remadores, nem piloto sabedor que o guie através das ilhas? Mas quem pode resistir a Júpiter, que ajunta as nuvens? Seja! E que o Olimpo ria, obedecido. Eu ensinarei o intrépido Ulisses a construir uma jangada segura, com que de novo fenda o dorso verde do mar...

Imediatamente, o mensageiro Mercúrio se levantou do escabelo pregado com pregos de ouro, retomou o seu caduceu, e bebendo uma derradeira taça do néctar excelente da ilha, louvou a obediência da deusa:

— Bem farás, ó Calipso! Assim evitas a cólera do Pai trovejante. Quem

lhe resistirá? A sua omnisciência dirige a sua omnipotência. E ele sustenta, como cetro, uma árvore que tem por flor a Ordem... As suas decisões, clementes ou cruéis, resultam sempre em harmonia. Por isso o seu braço se torna terrífico aos peitos rebeldes. Pela tua pronta submissão serás filha estimada, e gozarás uma imortalidade repassada de sossego, sem intrigas e sem surpresas...

Já as asas impacientes das suas sandálias palpitavam, e o seu corpo, com sublime graça, se balançava por sobre as relvas e flores que alcatifavam a entrada da gruta.

— De resto — acrescentou —, a tua ilha, ó deusa, fica no caminho das naves ousadas que cortam as ondas. Em breve talvez outro herói robusto, tendo

ofendido os imortais, aportará à tua doce praia, abraçado a uma quilha... Acende um facho claro, de noite, nas rochas altas!

E, rindo, o mensageiro divino serenamente se elevou, riscando no éter um sulco de elegante fulgor que as Ninfas, esquecida a tarefa, seguiam, com os frescos lábios entreabertos e o seio levantado, no desejo daquele imortal famoso.

Então Calipso, pensativa, lançando sobre os seus cabelos anelados um véu da cor do açafrão, caminhou para a orla do mar, através dos prados, numa pressa que lhe enrodilhava a túnica, à maneira de uma espuma leve, em torno das pernas redondas e róseas. Tão levemente pisou a areia, que o magnânimo Ulisses não a sentiu deslizar, perdido na

contemplação das águas lustrosas, com a negra barba entre as mãos, aliviando em gemidos o peso do seu coração. A deusa sorriu, com fugitiva e soberana amargura. Depois, pousando no vasto ombro do herói os seus dedos tão claros como os de Eos, mãe do dia:

— Não te lamentes mais, desgraçado, nem te consumas olhando o mar! Os deuses, que me são superiores pela inteligência e pela vontade, determinam que tu partas, afrontes a inconstância dos ventos, e calques de novo a terra da pátria...

Bruscamente, como o condor fendendo sobre a presa, o divino Ulisses, com a face assombrada, saltou da rocha musgosa:

— Ó deusa, tu dizes!...

Ela continuou sossegadamente, com os formosos braços pendidos, enrodilhados no véu cor de açafrão, enquanto a vaga rolava, mais doce e cantante, no amoroso respeito da sua presença divina:

— Bem sabes que não tenho naves de alta proa, nem remadores de rijo peito, nem piloto amigo das estrelas, que te conduzam... Mas certamente te confiarei o machado de bronze que foi de meu pai, para tu abateres as árvores que eu te marcar, e construíres uma jangada em que embarques... Depois eu a proverei de odres de vinho, de comidas perfeitas, e a impelirei com um sopro amigo para o mar indomado...

O cauteloso Ulisses recuara lentamente, cravando na deusa um duro

olhar que a desconfiança enegrecia. E erguendo a mão, que tremia toda, com a ansiedade do seu coração:

— Ó deusa, tu abrigas um pensamento terrível, pois que assim me convidas a afrontar numa jangada as ondas difíceis onde mal se mantêm fundas naves! Não, deusa perigosa, não! Eu combati na grande guerra onde os deuses também combateram e conheço a malícia infinita que contém o coração dos imortais! Se resisti às sereias irresistíveis, e me safei com sublimes manobras de entre Cila e Caríbdis, e venci Polifemo com um ardil que eternamente me tornará ilustre entre os homens, não foi decerto, ó deusa, para que, agora, na ilha de Ogígia, como passarinho de pouca penugem, no seu

primeiro voo do ninho, caia em armadilha ligeira arranjada com dizeres de mel! Não, deusa, não! Só embarcarei na tua extraordinária jangada se tu jurares, pelo juramento terrífico dos deuses, que não preparas, com esses quietos olhos, a minha perda irreparável.

Assim bradava, à beira das ondas, com o peito a arfar, Ulisses, o herói prudente... Então a deusa clemente riu, com um cantado e refulgente riso. E caminhando para o herói, correndo os dedos celestes pelos seus espessos cabelos mais negros que o pez:

— Ó maravilhoso Ulisses — disse — tu és, bem na verdade, o mais refalsado e manhoso dos homens, pois que nem concebes que exista espírito sem manha e sem falsidade! Meu pai ilustre

não me gerou com um coração de ferro! Apesar de imortal, compreendo as desventuras mortais. Só te aconselhei o que eu, deusa, empreenderia, se o Fado me obrigasse a sair de Ogígia através do mar incerto!...

O divino Ulisses retirou lenta e sombriamente a cabeça da rosada carícia dos dedos divinos:

— Mas jura... Ó deusa, jura, para que ao meu peito desça, como onda de leite, a saborosa confiança!

Ela ergueu o claro braço ao azul onde os deuses moram:

— Por Gaia e pelo Céu superior, e pelas águas subterrâneas do Estígio, que é a maior invocação que podem lançar os imortais, juro, ó homem, Príncipe dos Homens, que não preparo a tua perda, nem

misérias maiores...

O valente Ulisses respirou largamente. E arregaçando logo as mangas da túnica, esfregando as palmas das mãos robustas:

— Onde está o machado de teu pai magnífico? Mostra as árvores, ó deusa!... O dia baixa e o trabalho é longo!

— Sossega, ó homem sôfrego de males humanos! Os deuses superiores em sapiência já determinaram o teu destino... Recolhe comigo à doce gruta, a reforçar a tua força... Quando Eos vermelha aparecer, amanhã, eu te conduzirei à floresta.

3

Era, com efeito, a hora em que homens mortais e deuses imortais se acercam das mesas cobertas de baixelas, onde os espera a abundância, o repouso, o esquecimento dos cuidados, e as amoráveis conversas que contentam a alma. Em breve Ulisses se sentou no escabelo de marfim, que ainda conservava o aroma do corpo de Mercúrio, e diante dele as Ninfas, servas da deusa, colocaram os bolos, as frutas, as tenras carnes fumegando, os peixes rebrilhantes como tramas de prata. Pousada num trono de ouro puro, a deusa recebeu da intendenta venerável o prato de ambrósia e a taça de néctar. Ambos estenderam as

mãos para as comidas perfeitas da Terra e do Céu. E logo que deram a oferenda abundante à fome e à sede, a ilustre Calipso, encostando a face aos dedos róseos, e considerando pensativamente o herói, soltou estas palavras aladas:

— Ó Ulisses muito subtil, tu queres voltar à tua morada mortal e à terra da pátria... Ah! se conhecesses, como eu, quantos duros males tens de sofrer antes de avistar as rochas de Ítaca, ficarias entre os meus braços, amimado, banhado, bem nutrido, revestido de linhos finos, sem nunca perder a querida força, nem a agudeza do entendimento, nem o calor da facúndia, pois eu te comunicaria a minha imortalidade!... Mas desejas voltar à esposa mortal, que habita na ilha áspera onde as matas são tenebrosas. E todavia

eu não lhe sou inferior, nem pela beleza, nem pela inteligência, porque as mortais brilham ante as imortais como lâmpadas fumarentas diante de estrelas puras...

O facundo Ulisses acariciou a barba rude. Depois, erguendo o braço, como costumava na Assembleia dos Reis, à sombra das altas popas, diante dos muros de Troia, disse:

— Ó Deusa venerável, não te escandalizes! Perfeitamente sei que Penélope te está muito inferior em formosura, sapiência e majestade. Tu serás eternamente bela e moça, enquanto os deuses durarem; e ela, em poucos anos, conhecerá a melancolia das rugas, dos cabelos brancos, das dores da decrepitude, e dos passos que tremem apoiados a um pau que treme. O seu

espírito mortal erra através da escuridão e da dúvida; tu, sob essa fronte luminosa, possuis as luminosas certezas. Mas, ó deusa, justamente pelo que ela tem de incompleto, de frágil, de grosseiro e de mortal, eu a amo, e apeteço a sua companhia congénere! Considera como é penoso que, nesta mesa, cada dia, eu coma vorazmente o anho das pastagens e a fruta dos vergéis, enquanto tu ao meu lado, pela inefável superioridade da tua natureza, levas aos lábios, com lentidão soberana, a ambrósia divina! Em oito anos, ó deusa, nunca a tua face rebrilhou com uma alegria; nem dos teus verdes olhos rolou uma lágrima; nem bateste o pé, com irada impaciência; nem, gemendo com uma dor, te estendeste no leito macio... E assim trazes inutilizadas todas as virtudes do

meu coração, pois que a tua divindade não permite que eu te congratule, te console, te sossegue, ou mesmo te esfregue o corpo dorido com o suco das ervas benéficas. Considera ainda que a tua inteligência de deusa possui todo o saber, atinge sempre a verdade; e, durante o longo tempo que contigo dormi, nunca gozei a felicidade de te emendar, de te contradizer, e de sentir, ante a fraqueza do teu, a força do meu entendimento! Ó deusa, tu és aquele ser terrífico que tem sempre razão! Considera ainda que, como deusa, conheces todo o passado e todo o futuro dos homens: e eu não pude saborear a incomparável delícia de te contar à noite, bebendo o vinho fresco, as minhas ilustres façanhas e as minhas viagens sublimes! Ó deusa, tu és impecável; e, quando eu escorregue num

tapete estendido, ou me estale uma correia da sandália, não te posso gritar, como os homens mortais gritam às esposas mortais: — Foi culpa tua, mulher! — erguendo, em frente à lareira, um alarido cruel! Por isso sofrerei, num espírito paciente, todos os males com que os deuses me assaltem no sombrio mar, para voltar a uma humana Penélope que eu mande, e console, e repreenda, e acuse, e contrarie, e ensine, e humilhe, e deslumbre, e por isso ame de um amor que constantemente se alimenta destes modos ondeantes, como o lume se nutre dos ventos contrários!

Assim o facundo Ulisses desabafava, ante a taça de ouro vazia: e serenamente a deusa escutava, com um sorriso taciturno, e as mãos imóveis sobre

o regaço, enrodilhadas na ponta do véu.

No entanto, Febo Apoio descia para ocidente; e já das ancas dos seus quatro cavalos suados subia e se espalhava por sobre o mar um vapor rúbido e dourado. Em breve os caminhos da ilha se cobriam de sombras. E sobre os velos preciosos do leito, ao fundo da gruta, Ulisses, sem desejo, e a deusa, que o desejava, gozaram o doce amor, e depois o doce sono.

Cedo, apenas Eos entreabria as portas do largo Úrano, a divina Calipso, que revestira uma túnica mais branca que a neve do Pindo, e pregara nos cabelos um véu transparente e azul como o éter ligeiro, saiu da gruta, trazendo ao magnânimo Ulisses, já sentado à porta, sob a ramada, diante de uma taça de vinho

claro, o machado poderoso de seu pai ilustre, todo de bronze, com dois fios, e um rijo cabo de oliveira cortado nas faldas do Olimpo.

Limpando rapidamente a dura barba com as costas da mão, o herói arrebatou o machado venerável:

— Ó deusa, há quantos anos não palpo uma arma ou uma ferramenta, eu, devastador de cidadelas e construtor de naves!

A deusa sorriu. E, iluminada a lisa face, em palavras aladas:

— Ó Ulisses, vencedor de homens, se tu ficasses nesta ilha, eu encomendaria para ti, a Vulcano e às suas forjas do Etna, armas maravilhosas...

— Que valem armas sem combates, ou homens que as admirem? De

resto, ó deusa, já muito batalhei, e aminha glória entre as gerações está soberbamente segura. Só aspiro ao macio repouso, vigiando os meus gados, concebendo sábias leis para os meus povos... Sê benévola, ó deusa, e mostra as árvores fortes que me convém cortar!

Em silêncio ela caminhou por um atalho, florido de altas e radiosas açucenas, que conduzia à ponta da ilha mais cerrada de matas, do lado do oriente; e atrás seguia o intrépido Ulisses, com o luzidio machado ao ombro. As pombas deixavam os ramos dos cedros, ou as concavidades das rochas onde bebiam, para esvoaçarem em torno da deusa num tumulto amoroso. Um aroma mais delicado, quando ela passava, subia das flores abertas, como de incensadores. As

relvas que a orla da sua túnica roçava reverdejavam num viço mais fresco. E Ulisses, indiferente aos prestígios da deusa, impaciente com a serenidade divina do seu andar harmonioso, meditava a jangada, almejava pelo bosque.

Denso e escuro o avistou enfim, povoado de carvalhos, de velhíssimas tecas, de pinheiros que ramalhavam no alto éter. Da sua orla descia um areal a que nem concha, nem galho quebrado de coral, nem pálida flor de cardo marinho, desmanchava a doçura perfeita. E o mar refulgia com um brilho safírico, na quietação da manhã branca e corada. Caminhando dos carvalhos às tecas, a deusa marcou ao atento Ulisses os troncos secos, robustecidos por sóis inumeráveis, que flutuariam, com ligeireza mais segura,

sobre as águas traidoras. Depois, acariciando o ombro do herói como outra árvore robusta também votada às águas cruéis, recolheu à sua gruta, onde tomou a roca de ouro, e todo dia fiou, e todo dia cantou...

Com alvoroçada e soberba alegria, Ulisses atirou o machado contra um vasto carvalho que gemeu. E em breve toda a ilha retumbava, no fragor da obra sobre-humana. As gaivotas, adormecidas no silêncio eterno daquelas ribas, bateram o voo em largos bandos, espantadas e gritando. As fluidas divindades dos ribeiros indolentes, estremecendo num fulgente arrepio, fugiam para entre os canaviais e as raízes dos amieiros. Nesse curto dia, o valente Ulisses abateu vinte árvores, robles, pinheiros, tecas e

choupos — e todas decotou, esquadrou e alinhou sobre a areia. O seu pescoço e arcado peito fumegavam de suor, quando recolheu pesadamente à gruta, para saciar a rude fome, e beber a cerveja gelada. E nunca ele parecera tão belo à deusa imortal que, sobre o leito de peles preciosas, apenas os caminhos se cobriram de sombra, encontrou, incansada e pronta, a força daqueles braços que tinham abatido vinte troncos.

Assim, durante três dias, trabalhou o herói.

E, como arrebatada nessa atividade magnífica que abalava a ilha, a deusa ajudava Ulisses, conduzindo da gruta para a praia, nas suas mãos delicadas, as cordas e os pregos de bronze. As Ninfas, por seu mandado,

abandonando as tarefas suaves, teciam uma tela forte para a vela que empurrariam com amor os ventos amáveis. E a intendenta venerável já enchia os odres de vinhos robustos, e preparava com generosidade os víveres numerosos para a travessia incerta. No entanto, a jangada crescia, com os troncos bem ligados e um banco erguido ao meio, donde se empinava o mastro, desbastado num pinheiro, mais redondo e liso que uma vara de marfim. Cada tarde a deusa, sentada numa rocha à sombra do bosque, contemplava o calafate admirável martelando furiosamente, e cantando, com rija alegria, um canto de remador. E ligeiras na ponta dos pés luzidios, por entre o arvoredo, as Ninfas, escapando à tarefa, acudiam a espreitar, com desejosos

olhos fulgurantes, aquela força solitária, que soberbamente, no areal solitário, ia erguendo uma nave.

4

Enfim no quarto dia, de manhã, Ulisses findou de esquadrar o leme, que reforçou com grades de amieiro para melhor aparar o embate das ondas. Depois ajuntou um lastro copioso, com a terra da ilha imortal e as suas pedras polidas. Sem descanso, numa ânsia risonha, amarrou à verga alta a vela cortada pelas Ninfas. Sobre pesados rolos, manobrando a alavanca, rolou a jangada imensa até à espuma da vaga, num esforço sublime, com músculos tão retesos e veias tão inchadas, que ele mesmo parecia feito de troncos e cordas. Uma ponta da jangada arfou, levantada em cadência pela onda harmoniosa. E o herói,

erguendo os braços lustrosos de suor, louvou os deuses imortais.

Então, como a obra findara e a tarde rebrilhava, propícia à partida, a generosa Calipso trouxe Ulisses, através das violetas e das anémonas, à fresca gruta. Pelas suas divinas mãos o banhou numa concha de nácar, e o perfumou com essências sobrenaturais, e o vestiu com uma túnica formosa de lã bordada, e lançou sobre os seus ombros um manto impenetrável às neblinas do mar, e lhe estendeu sobre a mesa, para ele saciar a fome rude, as comidas mais sãs e mais finas da Terra. O herói aceitava os amorosos cuidados com paciente magnanimidade. A deusa, de gestos serenos, sorria taciturnamente.

Depois ela tomou a mão cabeluda

de Ulisses, palpando com gosto os calos que lhe deixara o machado; e pela borda do mar o conduziu à praia, onde a vaga mansamente lambia os troncos da jangada forte. Ambos descansaram sobre uma rocha musgosa. Nunca a ilha resplandecera com uma beleza tão serena, entre um mar tão azul, sob um céu tão macio. Nem a água fresca do Pindo bebida em marcha abrasada, nem o vinho dourado que produzem as colmas de Quios, eram mais doces de sorver do que aquele ar repassado de aromas, composto pelos deuses para o respirar de uma deusa. A frescura imorredoura das árvores entrava no coração, quase pedia a carícia dos dedos. Todos os rumores, o dos regatos na relva, o das ondas no areal, o das aves nas sombras frondosas,

subiam, suave e finamente fundidos, como as harmonias sagradas de um templo distante. O esplendor e a graça das flores retinham os raios pasmados do Sol. Tantos eram os frutos nos vergéis, e as espigas nas messes, que a ilha parecia ceder, afundada no mar, sob o peso da sua abundância.

Então a deusa, ao lado do herói, levemente suspirou, e murmurou num sorriso alado:

— Ó magnânimo Ulisses, tu certamente partes! O desejo te leva de rever a mortal Penélope, e o teu doce Telémaco, que deixaste no colo da ama quando a Europa correu contra a Ásia, e agora já sustenta na mão uma lança temida. Sempre de um amor antigo, com raízes fundas, brotará mais tarde uma flor,

mesmo triste. Mas diz! Se em Ítaca não te esperasse a esposa tecendo e destecendo a teia, e o filho ansioso que alonga os olhos incansados para o mar, deixarias tu, ó homem prudente, esta doçura, esta paz, esta abundância e beleza imortal?

O herói, ao lado da deusa, estendeu o braço poderoso, como na Assembleia dos Reis, diante dos muros de Troia, quando plantava nas almas a verdade persuasiva:

— Ó deusa, não te escandalizes! Mas, ainda que não existisse, para me levar, nem filho, nem esposa, nem reino, eu afrontaria alegremente os mares e a ira dos deuses! Porque, na verdade, ó deusa muito ilustre, o meu coração saciado já não suporta esta paz, esta doçura e esta beleza imortal. Considera, ó deusa, que

em oito anos nunca vi a folhagem destas árvores amarelecer e cair. Nunca este céu rutilante se carregou nem de nuvens escuras; nem tive o contentamento de estender, bem abrigado, as mãos ao doce lume, enquanto a borrasca grossa batesse nos montes. Todas essas flores que brilham nas hastes airosas são as mesmas, ó deusa, que admirei e respirei na primeira manhã que me mostraste estes prados perpétuos — e há lírios que odeio, com um ódio amargo, pela impassibilidade da sua alvura eterna! Estas gaivotas repetem tão incessantemente, tão implacavelmente, o seu voo harmonioso e branco, que eu escondo delas a face, como outros a escondem das negras Harpias! E quantas vezes me refúgio no fundo da gruta, para

não escutar o murmúrio sempre lânguido destes arroios sempre transparentes! Considera, ó deusa, que na tua ilha nunca encontrei um charco; um tronco apodrecido; a carcaça de um bicho morto e coberto de moscas zumbidoras. Ó deusa, há oito anos, oito anos terríveis, estou privado de ver o trabalho, o esforço, a luta e o sofrimento... Ó deusa, não te escandalizes! Ando esfaimado por encontrar um corpo arquejando sob um fardo; dois bois fumegantes puxando um arado; homens que se injuriem na passagem de uma ponte; os braços suplicantes de uma mãe que chora; um coxo, sobre a sua muleta, mendigando à porta das vilas... Deusa, há oito anos que não olho para uma sepultura... Não posso mais com esta serenidade sublime! Toda a

minha alma arde no desejo do que se deforma e se suja, e se espedaça, e se corrompe... Ó deusa imortal, eu morro com saudades da morte!

Imóvel, com as mãos imóveis no regaço, enrodilhadas nas pontas do véu amarelo, a deusa escutara, com um sorriso serenamente divino, o furioso queixume do herói cativo... No entanto, já pela colina as Ninfas, servas da deusa, desciam, trazendo à cabeça, e amparando-os com o braço redondo, os jarros de vinho, os sacos de couro, que a intendenta venerável mandava para abastecer a jangada. Silenciosamente, o herói lançou uma tábua desde a areia até ao bordo de altos toros. E enquanto sobre ela Ninfas passavam, ligeiras, com as manilhas de ouro tilitando nos pés luzidios, Ulisses

atento, contando os sacos e os odres, gozava no seu nobre coração a abundância generosa.

Mas, amarrados com cordas às cavilhas aqueles fardos excelentes, todas as Ninfas, lentamente, se sentaram sobre o areal em torno da deusa, para contemplarem a despedida, o embarque, as manobras do herói sobre o dorso das águas... Então uma cólera lampejou nos largos olhos de Ulisses. E, diante de Calipso, cruzando furiosamente os valentes braços:

— Ó deusa, pensas tu na verdade que nada falte para que eu largue a vela e navegue? Onde estão os ricos presentes que me deves? Oito anos, oito duros anos, fui o hóspede magnífico da tua ilha, da tua gaita, do teu leito... Sempre os deuses

imortais determinaram que aos hóspedes, no momento amigo da partida, se ofertem consideráveis presentes! Onde estão elas, ó deusa, essas riquezas abundantes que me deves por costume da Terra e lei do Céu?

A deusa sorriu, com sublime paciência. E em palavras aladas, que fugiam na aragem:

— Ó Ulisses, tu és claramente o mais interesseiro dos homens! E também o mais desconfiado, pois que supões que uma deusa negaria os presentes devidos àquele que amou... Sossega, ó subtil herói... Os ricos presentes não tardam, largos e rebrilhantes.

E, certamente, pela colina suave, outras Ninfas desciam, ligeiras, com os véus a ondular, trazendo nos braços alfaias lustrosas, que ao sol rutilavam! O

magnânimo Ulisses estendeu as mãos, os olhos devoradores... E, enquanto elas passavam sobre a tábua rangente, o herói astuto contava, avaliava no seu nobre espírito os escabelos de marfim, os rolos de telas bordadas, os cântaros de bronze lavrado, os escudos cravejados de pedra...

Tão rico e belo era o vaso de ouro que a derradeira Ninfa sustentava no ombro, que Ulisses deteve a Ninfa, arrebatou o vaso, o sopesou, o mirou, e gritou, com soberbo riso estridente:

— Na verdade, este ouro é bom!

Depois de arrumadas e ligadas sob o largo banco as alfaias preciosas, o impaciente herói, arrebatando o machado, cortou a corda que prendia a jangada ao tronco de um roble, e saltou para o alto

bordo que a espuma envolvia. Mas então recordou que nem beijara a generosa e ilustre Calipso! Rápido, arremessando o manto, pulou através da espuma, correu pela areia, e pousou um beijo sereno na fronte aureolada da deusa. Ela segurou de leve o seu ombro robusto:

— Quantos males te esperam, ó desgraçado! Antes ficasses, para toda a imortalidade, na minha ilha perfeita, entre os meus braços perfeitos...

Ulisses recuou, com um brado magnífico:

— Ó deusa, o irreparável e supremo mal está na tua perfeição!

E, através da vaga, fugiu, trepou sofregamente à jangada, soltou a vela, fendeu o mar, partiu para os trabalhos, para as tormentas, para as misérias —

para a delícia das coisas imperfeitas!

O Suave Milagre

Nesse tempo Jesus ainda se não afastara da Galileia e das doces, luminosas margens do lago de Tiberíade — mas a nova dos seus milagres penetrara já até Enganim, cidade rica, de muralhas fortes, entre olivais e vinhedos, no país de Issacar.

Uma tarde um homem de olhos ardentes e deslumbrados passou no fresco vale e anunciou que um novo profeta, um rabi formoso, percorria os campos e as aldeias da Galileia, predizendo a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos. E enquanto descansava, sentado à beira da Fonte dos Vergéis, contou ainda que esse rabi, na estrada de Magdala,

sarara da lepra o servo de um decurião romano, só com estender sobre ele a sombra das suas mãos; e que noutra manhã, atravessando numa barca para a terra dos Gerazenos onde começava a colheita do bálsamo, ressuscitara a filha de Jairo, homem considerável e douto que comentava os Livros na Sinagoga. E como em redor, assombrados, seareiros, pastores, e as mulheres trigueiras com a bilha no ombro, lhe perguntassem se esse era, em verdade, o Messias de Judeia, e se diante dele refulgia a espada de fogo, e se o ladeavam, caminhando como as sombras de duas torres, as sombras de Gog e de Magog — o homem, sem mesmo beber daquela água tão fria de que bebera Josué, apanhou o cajado, sacudiu os cabelos, e meteu pensativamente por sob

o aqueduto, logo sumido na espessura das amendoeiras em flor. Mas uma esperança, deliciosa como o orvalho nos meses em que canta a cigarra, refrescou as almas simples; logo, por toda a campina que verdeja até Ascalão, o arado pareceu mais brando de enterrar, mais leve de mover a pedra do lagar; as crianças, colhendo ramos de anémonas, espreitavam pelos caminhos se além da esquina do muro, ou de sob o sicômoro, não surgiria uma claridade; e nos bancos de pedra, às portas da cidade, os velhos, correndo os dedos pelos fios das barbas, já não desenrolavam, com tão sapiente certeza, os ditames antigos.

Ora então vivia em Enganim um velho, por nome Obed, de uma família pontifical de Samaria, que sacrificara nas

aras do monte Ebal, senhor de fartos rebanhos e de fartas vinhas — e com o coração tão cheio de orgulho como o seu celeiro de trigo. Mas um vento árido e abrasado, esse vento de desolação que, ao mando do Senhor sopra das torvas terras de Assur, matara as reses mais gordas das suas manadas, e pelas encostas onde as suas vinhas se enroscavam ao olmo, e se estiravam na latada airosa, só deixara, em tomo dos olmos e pilares despidos, sarmentos, cepas mirradas e a parra roída de crespa ferrugem. E Obed, agachado à soleira da sua porta, com a ponta do manto sobre a face, palpava a poeira, lamentava a velhice, ruminava queixumes contra Deus cruel.

Apenas ouvira falar desse novo rabi da Galileia, que alimentava as

multidões, amedrontava os demónios, emendava todas as desventuras — Obed, homem lido, que viajara na Fenícia, logo pensou que Jesus seria um desses feiticeiros, tão costumados na Palestina, como Apolónio, ou rabi Ben-Dossa, ou Simão, o Subtil. Esses, mesmo nas noites tenebrosas, conversam com as estrelas, para eles sempre claras e fáceis nos seus segredos; com uma vara afugentam de sobre as searas os moscardos gerados nos lodos do Egito; e agarram entre os dedos as sombras das árvores, que conduzem, como toldos benéficos, para cima das eiras, à hora da sesta. Jesus da Galileia, mais novo, com magias mais viçosas decerto, se ele largamente o pagasse, sustaria a mortandade dos seus gados, reverdeceria os seus vinhedos. Então

Obed ordenou aos seus servos que partissem, procurassem por toda a Galileia o rabi novo, e com promessa de dinheiros ou alfaias o trouxessem a Enganim, no país de Issacar.

Os servos apertaram os cinturões de couro — e largaram pela estrada das caravanas que, costeando o lago, se estende até Damasco. Uma tarde avistaram sobre o poente, vermelho como uma romã muito madura, as neves finas do monte Hérmon. Depois, na frescura de uma manhã macia, o lago de Tiberíade resplandeceu diante deles, transparente, coberto de silêncio, mais azul que o céu, todo orlado de prados floridos, de densos vergéis, de rochas de pórfiro, e de alvos terraços por entre os palmares, sob o voo das rolas. Um pescador que desamarrava

preguiçosamente a sua barca de uma ponta de relva, assombreada de aloendros, escutou, sorrindo, os servos. O rabi de Nazaré? Oh! desde o mês de Ijar, o rabi descera, com os seus discípulos, para os lados para onde o Jordão leva as águas.

Os servos, correndo, seguiram pelas margens do rio, até adiante do vau, onde ele se estira num largo remanso, e descansa, e um instante dorme, imóvel e verde, à sombra dos tamarindos. Um homem da tribo dos Essénios, todo vestido de linho branco, apanhava lentamente ervas salutares, pela beira da água, com um cordeirinho branco ao colo. Os servos humildemente saudaram-no, porque o povo ama aqueles homens de coração tão limpo, e claro, e cândido como as suas vestes, cada manhã lavadas

em tanques purificados. E sabia ele da passagem do novo rabi da Galileia, que, como os Essénios, ensinava a doçura, e curava as gentes e os gados? O Essénio murmurou que o rabi atravessara o oásis de Engaddi, depois se adiantara para além... — Mas onde, além? — Movendo um ramo de flores roxas que colhera, o Essénio mostrou as terras de além-Jordão, a planície de Moab. Os servos vadearam o rio — e debalde procuraram Jesus, arquejando pelos rudes trilhos, até às fragas onde se ergue a cidadela sinistra de Makaur... No Poço de Jacob repousava uma larga caravana, que conduzia para o Egito mirra, especiarias e bálsamos de Gilead; e os cameleiros, tirando a água com os baldes de couro, contaram aos servos de Obed que em Gadara, pela Lua

nova, um rabi maravilhoso, maior que David ou Isaías, arrancara sete demónios do peito de uma tecedeira, e que, à sua voz, um homem degolado pelo salteador Barrabás se erguera da sua sepultura e recolhera ao seu horto. Os servos, esperançados, subiram logo açodadamente pelo caminho dos peregrinos até Gadara, cidade de altas torres, e ainda mais longe até às Nascentes de Amalha... Mas Jesus, nessa madrugada, seguido por um povo que cantava e sacudia ramos de mimosa, embarcara no lago, num batel de pesca, e à vela navegara para Magdala. E os servos de Obed, descoroçoados, de novo passaram o Jordão na Ponte das Filhas de Jacob. Um dia, já com as sandálias rotas dos longos caminhos, pisando já as terras

da Judeia Romana, cruzaram um fariseu sombrio, que recolhia a Efraim, montado na sua mula. Com devota reverência detiveram o homem da Lei. Encontrara ele, por acaso, esse profeta novo da Galileia que, como um deus passeando na Terra, semeava milagres? A adunca face do fariseu escureceu enrugada — e a sua cólera retumbou como um tambor orgulhoso:

— Ó escravos pagãos! Ó blasfemos! Onde ouvistes que existissem profetas ou milagres fora de Jerusalém? Só Jeová tem força no seu Templo. De Galileia surdem os néscios e os impostores...

E, como os servos recuavam ante o seu punho erguido, todo enrodilhado de dísticos sagrados — o furioso doutor

saltou da mula e, com as pedras da estrada, apedrejou os servos de Obed, uivando: «Racca! Racca!» e todos os anátemas rituais. Os servos fugiram para Enganim. E grande foi a desconsolação de Obed, porque os seus gados morriam, as suas vinhas secavam — e todavia, radiantemente, como uma alvorada por detrás de serras, crescia, consoladora e cheia de promessas divinas, a fama de Jesus da Galileia.

Por esse tempo, um centurião romano, Públio Sétimo, comandava o forte que domina o vale de Cesareia, até à cidade e ao mar. Públio, homem áspero, veterano da campanha de Tibério contra os Partas, enriquecera durante a revolta de Samaria com presas e saques, possuía minas na Ática, e gozava, como favor

supremo dos deuses, a amizade de Flaco, legado imperial da Síria. Mas uma dor roía a sua prosperidade muito poderosa, como um verme rói um fruto muito suculento. Sua filha única, para ele mais amada que vida e bens, definhava com um mal subtil e lento, estranho mesmo ao saber dos esculápios e mágicos que ele mandara consultar a Sídon e a Tiro. Branca e triste como a Lua num cemitério, sem um queixume, sorrindo palidamente a seu pai, definhava, sentada na alta esplanada do forte, sob um velário, alongando saudosamente os negros olhos tristes pelo azul do mar de Tiro, por onde ela navegara de Itália, numa opulenta galera. Ao seu lado, por vezes, um legionário, entre as ameias, apontava vagarosamente ao alto a flecha, e varava

uma grande águia, voando de asa serena, no céu rutilante. A filha de Sétimo seguia um momento a ave torneando até bater morta sobre as rochas — depois, com um suspiro, mais triste e mais pálida, recomeçava a olhar para o mar.

Então Sétimo, ouvindo contar, a mercadores de Chorazim, deste rabi admirável, tão potente sobre os espíritos, que sarava os males tenebrosos da alma, destacou três decúrias de soldados para que o procurassem pela Galileia, e por todas as cidades da Decápole, até à costa e até Ascalão. Os soldados enfiaram os escudos nos sacos de lona, espetaram nos elmos ramos de oliveira — e as suas sandálias ferradas apressadamente se afastaram, ressoando sobre as lajes de basalto da estrada romana que desde

Cesareia até ao lago corta toda a tetrarquia de Herodes. As suas armas, de noite, brilhavam no topo das colinas, por entre a chama ondeante dos archotes erguidos. De dia invadiam os casais, rebuscavam a espessura dos pomares, esfuracavam com a ponta das lanças a palha das medas; e as mulheres, assustadas, para os amansar, logo acudiam com bolos de mel, figos novos e malgas cheias de vinho, que eles bebiam de um trago, sentados à sombra dos sicômoros. Assim correram a Baixa Galileia — e, do rabi, só encontraram o sulco luminoso nos corações. Enfastiados com as inúteis marchas, desconfiando que os Judeus sonegassem o seu feiticeiro para que os Romanos não aproveitassem do superior feitiço, derramavam com tumulto a sua

cólera, através da piedosa terra submissa. À entrada das pontes detinham os peregrinos, gritando o nome do rabi, rasgando os véus às virgens: e, à hora em que os cântaros se enchem nas cisternas, invadiam as ruas estreitas dos burgos, penetravam nas sinagogas, e batiam sacrilegamente com os punhos das espadas nas Thebahs, os santos armários de cedro que continham os Livros Sagrados. Nas cercanias de Hébron arrastaram os solitários pelas barbas para fora das grutas, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar em que se ocultava o rabi — e dois mercadores fenícios que vinham de Jope com uma carga de malóbatro, e a quem nunca chegara o nome de Jesus, pagaram por esse delito cem dracmas a cada decurião.

Já a gente dos campos, mesmo os bravios pastores de Idumeia, que levam as reses brancas para o Templo, fugiam espavoridos para as serranias, apenas luziam, nalguma volta do caminho, as armas do bando violento. E da beira dos eirados, as velhas sacudiam como taleigos a ponta dos cabelos desgrenhados, e arrojavam sobre eles as Más Sortes, invocando a vingança de Elias. Assim tumultuosamente erraram até Ascalão: não encontraram Jesus; e retrocederam ao longo da costa, enterrando as sandálias nas areias ardentes.

Uma madrugada, perto de Cesareia, marchando num vale, avistaram sobre um outeiro um verde-negro bosque de loureiros, onde alvejava, recolhidamente, o fino e claro pórtico de

um templo. Um velho, de compridas barbas brancas, coroado de folhas de louro, vestido com uma túnica cor de açafrão, segurando uma curta lira de três cordas, esperava gravemente, sobre os degraus de mármore, a aparição do Sol. De baixo, agitando um ramo de oliveira, os soldados bradaram pelo sacerdote. Conhecia ele um novo profeta que surgira na Galileia, e tão destro em milagres que ressuscitava os mortos e mudava a água em vinho? Serenamente, alargando os braços, o sereno velho exclamou por sobre a rociada verdura do vale:

— Ó romanos! pois acreditais que em Galileia ou Judeia apareçam profetas consumando milagres? Como pode um bárbaro alterar a Ordem instituída por Zeus?... Mágicos e feiticeiros são

vendilhões, que murmuram palavras ocas, para arrebatar a espórtula dos simples... Sem a permissão dos Imortais nem um galho seco pode tombar da árvore, nem seca folha pode ser sacudida na árvore. Não há profetas, não há milagres... Só Apolo Délfico conhece o segredo das coisas!

Então, devagar, com a cabeça derrubada, como numa tarde de derrota, os soldados recolheram à fortaleza de Cesareia. E grande foi o desespero de Sétimo, porque sua filha morria, sem um queixume, olhando o mar de Tiro — e todavia a fama de Jesus, curador dos lânguidos males, crescia, sempre mais consoladora e fresca, como a aragem da tarde que sopra do Hérmon e, através dos hortos, reanima e levanta as açucenas

pendidas.

Ora entre Enganim e Cesareia, num casebre desgarrado, sumido na prega de um cerro, vivia a esse tempo uma viúva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel. O seu filhinho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ela o criara para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazera, sete anos passados, mirrando e gemendo. Também a ela a doença a engelhara dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada. E, sobre ambos, espessamente a miséria cresceu como o bolor sobre cacos perdidos num ermo. Até na lâmpada de barro vermelho secara há muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão ou côdea. No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois,

no quinteiro, secara a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até às aves maléficas sobrava o sustento!

Um dia um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, esse rabi que aparecera na Galileia, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as criancinhas, e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundância maior que a corte de Salomão. A mulher escutava, com olhos famintos. E

esse doce rabi, esperança dos tristes, onde se encontrava? O mendigo suspirou. Ah esse doce rabi! quantos o desejavam, que se desesperançavam! A sua fama andava por sobre toda a Judeia, como o sol que até por qualquer velho muro se estende e se goza; mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aqueles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os seus servos por toda a Galileia para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim; Sétimo, tão soberano, destacara os seus soldados até à costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem, por seu mando, a Cesareia. Errando, esmolando por tantas estradas, ele topara os servos de Obed, depois os legionários de Sétimo. E todos voltavam, como derrotados, com

as sandálias rotas, sem ter descoberto em que mata ou cidade, em que toca ou palácio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto, a mãe mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar de uma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse esse rabi que amava as criancinhas, ainda as mais pobres, sarava os males, ainda mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

— Oh filho! e como queres que te deixe, e me meta aos caminhos, à procura do rabi da Galileia? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areais e colinas, desde Chorazim até ao

país de Moab. Sétimo é forte e tem soldados, e debalde correram por Jesus, desde o Hébron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e a nossa dor mora connosco, dentro destas paredes, e dentro delas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o rabi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho tão pobre, sobre enxerga tão rota?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou:

— Oh mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

E a mãe, em soluços:

— Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galileia, e curta a piedade dos homens. Tão rota, tão trôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casais. Ninguém atenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce rabi. Oh filho! Talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O Céu o trouxe, o Céu o levou. E com ele para sempre morreu a esperança dos tristes.

De entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a criança murmurou:

— Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança:

— Aqui estou.

PROSAS BÁRBARAS

Primeira edição: 1903

Na Primeira Fase da Vida Literária de Eça de Queirós

1

Julgaram os Editores das Prosas Bárbaras *ser necessário explicar como elas se escreveram e denominaram.*

Fui talvez a testemunha mais próxima da redação dos escritos agora reunidos em volume, e, por esse tempo, o mais inseparável companheiro do autor. Esta «Introdução» é pois uma página da sua biografia. Tento esboçar nela a figura do homem e a do escritor — tais como as conheci, ao formarem-se as criações deste livro —, que circunstâncias e que espíritos principalmente influenciaram a aliás extraordinária originalidade do génio de

Eça de Queirós.

Quando nos encontrámos, já estavam publicados alguns dos seus Folhetins *na* Gazeta de Portugal, *que fora fundada por António Augusto Teixeira de Vasconcelos (em novembro de 1862), 4 anos antes da aparição do primeiro deles, e terminou (janeiro de 1868), pouco mais de um ano depois da publicação do último, sendo — em rivalidade com a* Revolução de setembro, *dirigida por Rodrigues Sampaio — o mais brilhante periódico do tempo. A* Gazeta de Portugal *publicava, além das do seu fundador, frequentes produções de António Feliciano de Castilho, José Castilho, Mendes Leal, Rebelo da Silva, Camilo Castelo Branco, Júlio César Machado, Tomás Ribeiro, Zacarias*

d'Aça, Graça Barreio, Silveira da Mota, Cunha Rivara — quase todos os consagrados de então. Os «Novos» que aqui escreviam, ficavam, por este fado, para logo consagrados também. Aí primeiro apareceram no Folhetim, *triunfantemente, Mateus de Magalhães, Pinheiro Chagas, Osório de Vasconcelos e Xavier da Cunha («Olímpio de Freitas»). Todos estes escritores se continuavam uns aos outros, sem contrastes nem revoluções, apenas levemente desenvolvendo fórmulas aceites e classificadas pelos aplausos de um público hereditariamente satisfeito.*

Em 1866 a Gazeta de Portugal *entrara porém em decadência; começava a viver de expedientes. Desde dezembro de 1865 diminuiu o formato. A 14 de*

julho de 1866, José da Silva Mendes Leal, poeta, dramaturgo, romancista, historiador, estadista, orador, diplomata — para muitos «mestre» e legítimo sucessor de Almeida Garrett — despedira-se da direção literária que até então, pelo menos nominalmente, exercera. Os colaboradores literários mais assíduos, mais genuinamente representantes do gosto geral, eram já então, no Folhetim *da* Gazeta de Portugal, *Santos Nazaré e Luís Quirino Chaves. Por essa época Teixeira de Vasconcelos publicou aí o seu romance* A Ermida de Castromino, *seguido porém, desde os primeiros dias de 1866, por* O Diamante do Comendador — *do visconde Ponson du Terrail...*

Repentinamente (em março de

1866), começaram a aparecer uns Folhetins *assinados «Eça de Queirós».*

Ninguém conhecia a pessoa designada por estes apelidos que, por algum tempo, se supôs serem um pseudónimo.

Os Folhetins *de Eça de Queirós foram todavia notados: — mas como novidade extravagante e burlesca. Geral hilaridade os acolheu desde a própria Redação da* Gazeta de Portugal, *até aos centros intelectuais reconhecidos do país, e até aparte mais grave, culta e influente do público. Para este, uma ou outra frase os arrumou logo no que então se chamava «a Escola Coimbrã» — centro literário e filosófico que se supunha dedicado a escrever de modo sistematicamente ininteligível. Citavam-*

se, como modelos de cómico inconsciente, as cenas, as imagens, os epítetos desses Folhetins, *lidos entre gargalhadas no Café Martinho, nas livrarias Silva, Rodrigues e Bertrand, no Grémio Literário, em alguns salões poéticos e políticos e noutros centros representativos do tempo. O Severo — o Severo dos Anjos —, principal e célebre noticiarista da* Gazeta de Portugal, *entalando o monóculo ao canto do olho direito, inventava quotidianamente, sobre o Eça de Queirós e os seus Folhetins, epigramas em geral adotados; e o Teixeira de Vasconcelos, exagerando, com intenção mordaz, o seu natural gaguejar, concluía:*

— Tem muito talento este rapaz; mas é pena que estudasse em Coimbra,

que haja, nos seus contos, sempre dois cadáveres amando-se num banco do Rossio, e que só escre...va...va...va em francês.

Pouco tempo depois de publicado o último desses Folhetins *— em dezembro de 1867 — já ninguém pensava no autor deles. Que importava às Academias, ao Café Martinho, ao Grémio «suposto» literário, e aos centros políticos, a aparição de um novo escritor com um novo estilo? Eram ministros... não sei quem; discutia-se no Parlamento e na Imprensa... não sei quê; os negócios iam andando; os namoriscos e a maledicência seguiam o seu curso abundante; a arte, serena e comedida, não sacudia os que dormitavam... e nada mais era de interesse, em Portugal, para*

as classes cultas.

2

Eu era, por 1866, estudante em Lisboa e muito novo. Circunstâncias que é inútil referir me faziam frequentar a Redação da Gazeta de Portugal, *no n.º 26 da Travessa da Parreirinha, perto do Teatro de S. Carlos.*

Uma noite, junto da mesa onde escrevia o Severo, vi uma figura muito magra, muito esguia, muito encurvada, de pescoço muito alto, cabeça pequena e aguda que se mostrava inteiramente desenhada a preto intenso e amarelo desmaiado.

Cobria-a uma sobrecasaca preta abotoada até ao mento, uma gravata alta

e preta, umas calças pretas. Tinha as faces lívidas e magríssimas, o cabelo corredio muito preto, de que se destacava uma madeixa triangular, ondulante, na testa pálida que parecia estreita, sobre olhos cobertos por lunetas fumadas, de aros muito grossos e muito negros. Um bigode farto, e também muito preto, caía aos lados da boca larga e entreaberta onde brilhavam dentes brancos. As mãos longas, de dedos finíssimos e cor de marfim velho, na extremidade de dois magros e longuíssimos braços, faziam gestos desusados com uma badine muito delgada e um chapéu de copa alta e cónica, mas de feltro baço, como os chapéus do século XVI nos retratos do duque de Alba, de Filipe II de Espanha,

ou de Henrique III de França.

Era o Eça de Queirós.

Contava o quer que fosse a um tempo trágico e cómico, nervosamente, dando a espaços gargalhadas — ricanements, *como se diria em francês — curtas, e sinistras.*

O Severo, de monóculo fincado no olho direito, a larga máscara gorda, amarela, irónica, dilatada, escutava-o, rindo em notas agudas.

Saí do Escritório da Gazeta de Portugal *com o Eça de Queirós, jantámos, passámos toda a noite juntos, e desde então, por anos, não nos separámos quase.*

O Eça de Queirós terminava em 1866 o curso de Direito na Universidade de Coimbra, e viera para Lisboa onde

seu pai era magistrado. Por tradições de família, e como consequência natural dos seus estudos, deveria seguir, ele também, a magistratura oficial, ou, pelo menos, fazer-se advogado. Suponho que neste intuito frequentou algum tempo um escritório em Lisboa.

Mas a Arte tomava-o já a esse tempo fundamente, e ia-se-lhe o tempo a ler, a cismar, a idear, a cogitar os aspetos subtis das coisas.

Eça de Queirós morava em casa da família, ao Rossio, no quarto andar do prédio n.º 26. O seu quarto — pequeno, com uma mesa ao centro e uma estante de poucos livros — dava para a Rua do Príncipe. Aí foram, em parte, escritos os Folhetins *das* Prosas Bárbaras.

3

Havíamo-nos criado um mundo como que à parte da realidade.

Quando por algum tempo nos separávamos durante o dia, reuníamo-nos logo, às horas de jantar, ou depois, num qualquer restaurante pouco frequentado, cerca da Rua Larga de S. Roque ou do Chiado.

À sobremesa o café abria-nos as regiões visionárias por onde viajávamos: o Eça de Queirós bebia-o com atenção concentrada e reverente, curvado de alto sobre a chávena, para onde cada feição, principalmente o nariz comprido e adunco, como que se prolongava

aguçada. A uma primeira chávena seguia-se uma segunda e uma terceira; e íamos exaltados para minha casa continuar a beber café, às vezes até madrugada.

Nestas circunstâncias foram criados, por Eça de Queirós, muitos dos contos agora reunidos em volume.

Eu morava no primeiro andar da casa n.º 19 da então Travessa do Guarda-Mor, em pleno Bairro Alto.

No meu quarto de estudante havia um grande armário cheio de livros, cavado na espessura da parede, uma mesa central sobre que se escrevia, e uma secretária de feitio estranho, dada a meu pai por Almeida Garrett, usada por este para escrever de pé, que sugeriu a Eça de Queirós a forma da mesa onde,

anos depois, em Paris, quase sempre trabalhava. Uma larga janela de sacada abria para a Rua dos Calafates em frente a prédios baixos que, por isso, não impediam o acesso do ar, da luz, e a vista de um espaço largo aberto dando a impressão de canto de vila provinciana. No mais próximo desses prédios moravam duas raparigas, muito novas e bonitas, a cantar, entre craveiros e manjericões, costurando ativamente o dia inteiro, por vezes, para o Eça de Queirós e outros líricos fantasistas que me visitavam, pontos de partida de longas variações, em verso e prosa, sobre o que o mesmo Queirós, corrigindo Goethe, chamava o «efémero feminino».

Certas noites, entrava o Eça de Queirós já tarde, no meu quarto, com um

rolo de papel na mão, dizendo:

— Sou eu, sim, amigo.

E aludindo aos corvos, milhafres, gaviões que, com tanta frequência, fantasticamente, apareciam nos seus contos, acrescentava:

— Sou eu e os meus abutres: vimos cear, devorando cadáveres!

Muitas coisas preocupavam o Eça de Queirós, quando trabalhava:

Durante tempos só pôde escrever em certo almaço, que ele próprio ia comprar a uma pequena loja de chá e papel selado, no n.º 41 da Rua Larga de S. Roque.

Havia de sempre entrar no meu quarto com o pé direito, suspendendo-se por isso, no último momento, recuando o agourento pé esquerdo, quando já este

inoportunamente se adiantasse e fazendo hesitante e confuso, ao passar enfim a soleira da porta, um ruído de inexplicável trepidação. Aterravam-no correntes de ar, e andava continuamente a fechar a janela, ou as portas, a mudar a posição da cadeira onde se sentava, murmurando em voz cava:

— É a pneumonia, a congestão pulmonar fulminante... a morte, menino!

A luz do candeeiro de petróleo que eu usava feria-lhe a vista; de modo que, a fim de concentrar a claridade sobre o papel em que escrevia, ou sobre o livro em leitura, prolongava, do seu lado, o abat-jour, *com longas tiras de papel. Não podia suportar poeira nas mãos e erguia-se amiúde da mesa para — interrompendo a composição, mas*

recitando em voz alta as frases já escritas — vir, cuidadosamente, lavar as pontas dos dedos. Fumava cigarros sem cessar, enquanto compunha, inclinado sobre o papel que olhava muito de perto. E, uma vez embebido nas suas criações, não falava, não escutava, não atendia a coisa alguma — embrulhando o cigarro, indo lavar as mãos ou fechar a porta, passeando pela casa, muito curvo, dando passadas altas e largas, fazendo gestos de dialogar com alguém invisível, resfolegando ruidosamente, abrindo muito os olhos, elevando e baixando nervosamente as sobrancelhas, as pálpebras, e as rugas horizontais da lesta, onde ondulava, convulsa, a sua madeixa corredia, negra e triangular.

Escrevia com extrema facilidade

e, nesta época, emendava muito pouco: as imagens, os epítetos ocorriam-lhe abundantes, tumultuosamente, e ele redigia rápido, insensível a repetições de palavras e rimas ou a desequilíbrio de períodos, sem exigências críticas de forma, aceitando, comovido, o que tão espontaneamente, tão sinceramente lhe ocorria.

Quando, nessas noites, ele me lia alguns dos seus contos, a figura e a voz completavam-lhe as fantásticas criações: erguia-se quase nos bicos dos pés, de uma magreza esquelética, lívido — na penumbra das projeções do candeeiro —, os olhos esburacados por sombras ao fundo das órbitas, sob as lunetas fumadas de aro preto, o pescoço inverosimilmente prolongado, as faces

cavadas, o nariz afilado, os braços lineares, intermináveis. Então, com gestos de aparição e espanto, a voz lúgubre, sentimental — enfaticamente patética, ou gargalhando sinistramente — declamava.

Alta noite, quando a excitação do trabalho e do café nos havia quase alucinado, saíamos pelas ruas desertas do Bairro Alto — ou estendíamos a nossas explorações à Mouraria, à Alfama, em volta da Sé e pelas encostas mouriscas e fadistas do Castelo de S. Jorge, a examinar a fisionomia fantástica, e quase humana, das casas antigas, algumas ainda então, nesses bairros, mais ou menos medievais.

«As casas sem luz — escreveu Eça de Queirós então — têm o aspeto

calmo e sinistro dos rostos idiotas.»

De uma vez, quase de madrugada, seguindo no Bairro Alto a Rua de S. Boaventura, divisámos ao longe, junto do Pálio do Conde de Soure, uma fila de homens agigantados, segurando como que longas e grossas lanças, cujos ferros se perdiam talvez na atmosfera mal alumiada e cujos contos se esfumavam na massa confusa do que parecia ser nuvens rasteiras... Estes homens apareciam-nos apenas esboçados por grandes massas de sombra e luz... De alguns saíam barbas hirsutas... Estavam imóveis... Tivemos a impressão de um quadro sobrenatural... Aproximámo-nos... Eram varredores municipais que esperavam, encostados às vassouras, a hora de se dispersarem pela cidade.

Nas noites mais serenas — nas noites de luar — saíamos da cidade e íamos pelos campos e pelos montes, ou ao longo das margens do Tejo, conversando, improvisando, até nascer o Sol.

De ordinário, nas noites de composição e conversa mais absorventes, ou em seguida às nossas divagações paripatéticas, o Eça de Queirós dormia em minha casa. E havia, para ele, ritos determinados no modo de dispor a roupa que despia, antes de se deitar, colocando os punhos sobre uma mesa pela ordem por que os tinha usado, no braço direito e esquerdo respetivamente, e dispondo as botas à *porta; — para que o meu criado os limpasse, de manhã, sem nos acordar; —*

também, pelo mesmo método, ordenadamente emparelhadas.

E ao meter-se na cama, para explicar os seus movimentos supersticiosos, murmurava, persignando-se:

— É preciso obedecer com fé e sem exame às leis subtis das coisas: ninguém sabe exatamente, menino, de que possa depender o curso dos acontecimentos; e o mistério complicado dos Fados.

Na época em que publicaram os Folhetins *da* Gazeta de Portugal, *eram poucos os amigos que frequentavam a minha casa. O mais assíduo era, por esse tempo — além de Eça de Queirós —, o Salomão Saragga que, quando aparecia, nos explicava com veemência,*

prolixamente, simultaneamente, a construção de carruagens, o livro do Profeta Isaías, a fabricação de tecidos com desperdício de lã, os Historiadores de Israel e as origens do Cristianismo.

De tempos a tempos, o Eça de Queirós dizia-me:

— Estamo-nos tornando impressos. Basta de ler e imaginar. Precisamos de um banho de vida prática. É-nos indispensável o ato humano — inverosímil, se for possível —, a aventura, a lenda em ação, o herói palpável: vamos pois cear com o capitão João de Sá — o João de Sá Nogueira —, d'Artagnan de África em Lisboa com licença registada.

E íamos, com efeito, encontrar este nosso amigo, oficial do Ultramar,

que à ceia nos contava — durante o bacalhau com batatas, o meio bife, e o Colares —, *as pitorescas aventuras das suas viagens pelos sertões de Angola.*

4

Havendo eu pertencido à primeira geração afetada pelos escritos de Eça de Queirós, as recordações do meu sentir de então possuem talvez algum valor histórico.

Os anos de 1866 e 1867 são datas capitais na história da educação do meu espírito. A predominante paixão pela música ligara-me a Augusto Machado, que estudava então piano e harmonia com dois dos melhores mestres da especialidade em Lisboa.

Nesta cidade floresciam, por esse tempo, a par da ópera italiana e da zarzuela, o pot-pourri *e as «variações».*

A sensibilidade pública alimentava-se de inumeráveis rêveries *musicais. O grau supremo do patético geralmente conhecido atingia-se com os «noturnos» de Ravina e Döhler. Os arranjos operáticos de Thalberg e Liszt eram o ideal raras vezes alcançado. Nas salas cantavam-se romanzas de Campana e árias teatrais. A suprema forma de arte era, para Lisboa, a ópera italiana. Meyerbeer — autor de óperas italianas — passava por ser o mais genial representante da profunda mas obscura arte alemã.*

Ora em 1867 Augusto Machado, ao voltar de Paris, onde cursara piano, harmonia e composição com Alberto de Lavignac e outros, trazia, como repertório de estudo, os «prelúdios» e

«fugas» de Bach; as «sonatas» de Mozart e Beethoven, as obras de Mendelssohn, Schumann e Chopin.

Os Folhetins *de Eça de Queirós fizeram-me uma impressão só comparável, em profundidade e consequências subjetivas, à que justamente pela mesma época me fazia a descoberta das obras dos grandes criadores da música moderna.*

Esses Folhetins *foram-me uma revelação — não tanto nos assuntos e na intenção, como no poder de realização artística: enfim encontravam formas e cores intensas de expressão, factos, antes, na Literatura Portuguesa, insuficientissimamente revelados.*

Pelos pontos de vista, pelo estilo, esses folhetins eram, ainda no ano de

1866, uma quase inteira novidade para os leitores da língua portuguesa —; como haviam sido, para todo o Sul da Europa, à aparição do Romantismo francês nos primeiros anos do século XIX, as mesmas ideias e estilos semelhantes.

Nesses primeiros escritos Eça de Queirós era, na verdade, o que geralmente se denomina um «romântico». Ele próprio dizia da época imediatamente anterior:

«Naqueles tempos o Romantismo estava nas nossas almas. Fazíamos devotamente oração diante do busto de Shakespeare.»

E, então mesmo, achava ser preferível, «à saúde vulgar e inútil que se goza no clima tépido que habitam

Racine e Scribe... a doença magnífica» que leva ao «hospital romântico...»

Com efeito, por uns dois séculos, pareceu gozar-se, nas regiões mais evidentes da Literatura, uma inalterável saúde: só certos factos do espírito perfeitamente determinados — só as ideias e os sentimentos suscetíveis de clara determinação — eram nessa Literatura expressos. Os meios de expressão usados, os vocábulos e os seus grupamentos, os géneros literários — tudo parecia claramente, definitivamente assente, segundo normas antigas e, por isso, venerandas, num sistema de simetria, de equilíbrio, de ordem, aplicável sem hesitações, com o mínimo esforço, na mais segura tranquilidade. Assim viveu na Europa, em geral, a gente

culta, do século XVI ao século XVIII.

Começaram pelos meados deste, a mostrar-se nos espíritos sinais inquietadores: além das ideias completamente compreensíveis e dos sentimentos inteiramente claros, outras ideias e outros sentimentos se impuseram à expressão dos Literatos. Entre as grandes formas dos afetos, como entre as cores mais vivas, distinguiram-se transições e meias-tintas. Os homens não pareceram estar sempre, ou exuberantemente alegres, ou definitivamente tristes. Havia comoções, sentimentos intermediários ao amor e ao ódio. Entre o preto e o branco descobriram-se gradações infinitas.

Cada ideia classificada, cada sentimento catalogado antes, começou

então, pouco a pouco, a mostrar-se centro de grandes grupos psicológicos, de factos espirituais diversamente complexos, suscetíveis de definições variáveis, expressas por séries simbólicas de clareza decrescente: uns que podiam ser nitidamente como que linearmente — desenhados, inteiramente descritos, completamente iluminados: outros que só podiam indeterminadamente sugerir-se, sumariamente indicar-se por vagas massas de cor, de sombra e de luz; uns que são as ideias e os sentimentos que todos os homens conscientemente reconhecem como a matéria superficial da existência; outros mais ou menos inconscientemente dominantes, sem nome ou descrição que os esgote,

prolongando-se pelas profundidades insondáveis e inexpressíveis das almas.

Do conhecimento destes estados mais subtis e raros do espírito, resultou, inevitavelmente, a sua cultura intencional; os sistemas nervosos pareceram desenvolver-se em direções anormais; e imprevistas, ou mais apreciáveis vibrações vieram impor-se, criar ou tornar complexas e mais conscientes as nevroses.

Novas formas de expressão foram necessárias; não só para os novos estados da consciência, mas porque cada espírito começou a sentir e a pensar independentemente, reconhecendo dever procurar por si — por isso, quanto possível fora de fórmulas e regras já feitas — os termos que mais exatamente

lhe simbolizassem as conceções pessoais.

Toda esta revelação espiritual — este descobrimento de regiões ignoradas ou indolentes dos espíritos, toda esta aparição de aspirações, de incertezas, de incoerências novas, toda esta quebra de moldes, todo este desequilibrar de forças e simetrias — inúmeras afirmações de personalidades — pareceu às gentes cultas, serenas e classicamente imitativas, um grande achaque mental, ou variadas doenças nervosas que atacassem a humanidade.

A este estado dos espíritos e da consequente Literatura deu-se, como é sabido, o nome de Romantismo — facto estético, ainda hoje em busca de suficiente definição, mas que, pelo que

deixo explicado, me parece poder essencialmente definir-se a «procura direta» de «formas de expressão», para todos os sentimentos e todas as ideias, por isso, para as «mais íntimas ideias» e os «mais vagos sentimentos» do ser humano.

Muitos pretendem tratar-se apenas de uma doença moral, e que esta foi, nos fins do século XVIII, a reincidência da epidemia que devastara a Europa durante o período secular desdenhosamente denominado, por os saudáveis neo-greco-romanos, a Idade Média, idade escura — dark age *dizem os ingleses, época de transição, que em História há a considerar entre os dois claros períodos clássicos de suposto equilíbrio e saúde normal.*

O Romantismo pareceu ser, geralmente, a ressurreição idealizada dessa histórica mórbida Idade Média.

É que, durante esta, gradualmente se constituíram as nações modernas da Europa na sua íntima complexidade sentimental. Nelas as forças humanas — como integral resultado de forças naturais — deram forma aos mais íntimos sentimentos do espírito. Os povos haviam vivido tradicionalmente mergulhados nas criações completas das suas artes e das suas religiões: haviam amado, adorado, temido, trabalhado, lutado, cantado, dançado, cercados por todas as vibrações inconscientes das suas fantasias; haviam formado com a interpretação dos aspetos naturais, com

os encantamentos, com os génios, e as fadas de mil religiões tradicionais, os novos santos milagrosos e cristãos; haviam sentido em cada ser, orgânico ou mineral, real ou fantasiado, propício ou hostil, influências humanas, e haviam-se suposto indissoluvelmente solidários com uma natureza sempre animada, por onde os próprios cadáveres nunca desvitalizados evoluindo se dispersavam em pulverizações de espíritos e energias.

Estas manifestações da vida espontânea dos povos durante a Idade Média, sem dúvida solicitaram a interpretação dos Românticos, cuja razão de ser, cuja missão era também, como já mostrei, ir expressando, até aos mais profundos e subtis, todos os factos espirituais.

Mas o chamado Romantismo deu-se na Europa dos fins do século XVIII aos anos de 1830 ou 1850, modificando, durante esse tempo, a Literatura do remoto Portugal. Que novidades podia pois ainda apresentar o «romântico» Eça de Queirós aos «românticos» portugueses de 1866?

E o que vou tentar explicar:

O Romantismo tomou, primeiro, corpo saliente, ao Norte da Europa, e só depois se estendeu ao Sul. Veio dos países de luz atenuada e névoas visionárias, indeterminadoras de formas e de cores, para as terras do sol brilhante, atmosfera límpida, formas vincadas e cores elementares.

Nesta descida através das latitudes, as ideias foram ganhando

nitidez, definição, brilho — e correlativamente perdendo meias-tintas, subtil claro-escuro, indeterminação. Os sentimentos, transportados com simplificações lúcidas à superfície dos espíritos, pelos artistas das terras do Sul, perderam muitos dos nimbos esfumados, muitas das atmosferas de esbatida atenuada iluminação, que os rodeiam nas regiões profundas onde eles nascem completos. Enquanto o Norte expressava tudo o que nas ideias é quase apenas sugerível, o Sul tão-somente aproveitou o que possa nitidamente descrever-se. Os Românticos das raças do Sul da Europa começaram a fazer assim, mais uma vez, por uma fatalidade atávica e climatérica, o que os antepassados cultos de muitos deles

haviam completamente consumado séculos antes, na construção equilibrada e nítida do Classicismo greco-romano, sobre a atrofia estética e religiosa de exuberantes regiões da alma humana, pela redução das misteriosas formações místicas do Oriente, da Hélade e da Itália, aos moldes retóricos, às esculturas luminosas mas frias, e às biografias anedóticas dos obscuros politeísmos heroicos.

Eis porque tantos românticos portugueses — em Portugal, no extremo dos países claros do Meio-Dia — só foram superficialmente românticos.

Nas partes mais profundas, mais obscuras, mais indetermináveis do espírito, para além do real, do lógico, do coerente, do explicável — como que para

preencher as lacunas deixadas no completo da totalidade psíquica, pelas definições fragmentárias do compreensível — existem com efeito, infinitamente, as necessidades misteriosas do contraditório, do sobrenatural, do maravilhoso.

É para as satisfazer que todos os povos criam, fatalmente, formas estéticas e religiosas, e é delas que todo o homem completo se sente, por vezes, essencialmente possesso.

Essas formas constituem a «arte» e a «literatura mística e fantástica».

A França — a mais ao norte das nações definidoras — recebeu, em grande parte, a sua «literatura fantástica» da Alemanha. Da Alemanha, por intervenção da França, a recebeu

Portugal. Teve ela, de 1866 a 1867, em Eça de Queirós, o seu mais genial representante.

E porque essa Literatura me punha em vibração tantas faculdades íntimas e latentes, me comoveu ela a mim e comovendo outros espíritos contemporâneos da minha primeira mocidade, talvez por educação, e quem sabe se por atavismo, não inteiramente, ou não exclusivamente filhos das raças e dos climas claros e analíticos do Sul.

5

Assim as primeiras influências que atuaram em Eça de Queirós — aquelas que mais evidentemente se reconhecem nas suas primeiras criações literárias, os escritores de cuja frequentação eu posso dar testemunho — foram principalmente, Henrique Heine, Gerardo de Nerval, Júlio Michelet, Carlos Baudelaire; mais distantemente, ou mais em segunda mão, Shakespeare, Goethe, Hoffmann, Armin, Poe, e, envolvendo tudo poderosamente, Vítor Hugo.

A maior influência nesse período sobre Eça de Queirós — a de Heine —

foi também considerável sobre alguns dos seus mais ilustres contemporâneos e amigos: vê-se nas poesias, mais tarde reunidas por Antero de Quental sob o nome de Primaveras Românticas, *e no que este diz da sua própria obra, nas páginas autobiográficas que estão publicadas; vê-se também nas poesias primeiro escritas para o* Século XIX, *de Penafiel, de 1864 a 1865, e depois coligidas, com o título de* Lira Meridional, *por António de Azevedo Castelo Branco.*

Eça de Queirós não sabia alemão e as obras de Heine adquirem nas traduções francesas — algumas feitas pelo próprio autor, outras por este em colaboração com Gerardo de Nerval — um caráter novo.

Heine é para mim um dos maiores escritores das línguas germânicas. Traduzi-lo é, sem dúvida, empobrecê-lo: foi ele quem disse que «um verso traduzido é um raio de lua... empalhado». Mas as qualidades musicais de som e ritmo de vaga indeterminação que as suas obras perdem, ao passar para o francês, são substituídas por outras: a singeleza patética como que se torna mais dolorosa à claridade nítida da nova língua; o humorismo, a um tempo irónico e ingénuo, como que se faz mais subtil nas formas do espírito latino; os versos, passados a prosa de ritmos incertos e sem rima, como que adquirem uma indeterminação, um vago especial que faz lembrar versículos bíblicos. Recordo-

me da impressão nova que me fizeram as poesias de Heine — que eu decorara no Colégio Alemão, onde fui educado — quando Eça de Queirós mas deu a conhecer em francês; e de uma noite em que ele me declamou enfaticamente, quase com lágrimas, traduzindo-as para a sua prosa fantástica de então, as páginas dos Reisebilder *onde Heine — a quem a música sempre sugeria formas e cores literárias definidas — conta as transformações por que a seus olhos passara, num concerto, Paganini, tornado, pela evocação da sobrenatural rabeca, em galã cortejante do século XVIII, assassino por ciúmes, forçado, monge solitário junto ao mar e sob as abóbadas de catedrais, génio planetário entre as harmonias apoteóticas das*

esferas, por fim vulto espectral, curvo, humilde e grotesco, agradecendo os aplausos dos auditórios. Em muitas páginas das Prosas Bárbaras *se encontra a influência desta lenda fantástica de Paganini. O conto* A Ladainha da Dor, *que, em parte, tem o próprio Paganini por assunto, é diretamente inspirado por Heine e por Berlioz.* As Notas Marginais *parecem estâncias do autor do* Lyrischer Intermezzo, *do* Traumbilder, *do* Nordsee.

Gerardo de Nerval foi, como se sabe, um dos iniciadores diretos da França no Romantismo germânico. Foi ele o primeiro tradutor francês do Fausto *de Goethe, e, como já disse, colaborador, na tradução francesa, de algumas das obras de Heine.*

É evidente nas páginas das

Prosas Bárbaras *a influência dos próprios escritos originais de Gerardo de Nerval, principalmente a dos misteriosos e fantásticos sonetos que começam:*

Je suis le tenebreux, le veuf, l'inconsolé,
Le Prince d'Aquitaine à la tour abolie...
Ma seule étoile est morte, et mon Luth constellé
Porte le soleil noir de la mélancolie!...

Júlio Michelet, pela originalidade, pelo poder evocador do seu estilo, pelo dom de criar vida íntima e fantástica, pela ressurreição mitográfica e profunda — sobretudo, nos 8 primeiros volumes da sua História de França *— da Idade Média, da*

Renascença e da Reforma — e, na Sorcière, *pela materialização sentimental e pela explicação, a um tempo natural e visionária, da vasta lenda do Diabo — foi um dos pais artísticos do primeiro Eça de Queirós.*

H. Heine — judeu alemão que aliás alguns críticos chegam a considerar um espírito francês —, Gerardo de Nerval e Júlio Michelet representam, em França, profundas influências germânicas. Foi na forma vaga, íntima e completa das suas obras, que o «Romantismo fantástico» principalmente impressionou Eça de Queirós.

Por toda a parte, nos escritos das Prosas Bárbaras, *se encontram os mitos, as cores e formas do maravilhoso*

popular germânico, os aspetos evocadores da natureza teutónica, as personalidades da História da Lenda do Norte da Europa localizando, a cada passo, as fantasias do romântico português: são as Nixes, as Willis, os Elfos, as Ondinas, «as velhas mitologias do Reno», «as monjas dos conventos da Alemanha a quem o Diabo escreve», «o abade de Helenbach», «as abadessas de Vecker a quem o Diabo faz sonetos», «as mães melodramáticas dos Burgraves», «os pastores de Helyberg», «o abade de Tritheim vendendo a alma pelo segredo da circulação do sangue» —, que passam de contínuo nas narrações; e «as encruzilhadas da Alemanha», «as encruzilhadas da Floresta Negra», «as florestas da Turíngia», as alturas de

Borxberg, onde a 30 de abril se encanta a assembleia de Valpurgis, as catedrais da Alemanha, o Reno, o mar do Norte, que é o «Nordsee» dos ciclos poéticos de Heine, «a Alemanha onde nasce a flor do absinto», onde se ouvem as velhas baladas da Turíngia e a guitarra de Inspruck, onde «a poesia popular foi a invisível que levou pela mão os trovadores... às lareiras dos senhorios feudais...», «às brancas castelãs onde vão os Minnersingers errantes», onde se celebram as «quermesses de Leipzig» e se bebe a «cerveja de Heidelberg», onde Alberto Dürer desenhou a sua Melancolia, *onde correm as caçadas fantásticas do Freischütz e passam os imperadores do Santo Império, Fausto, Mefistófeles, Margarida, Lutero... Spohr,*

Weber...

O conhecimento direto das poesias de Carlos Baudelaire e a sua influência considerável em Eça de Queirós, só se deu de uma maneira importante, depois da dos autores que acabo de mencionar. A edição em volume das Fleurs du Mal *só tarde lhe chegou às mãos. Recordo-me, na falta dela, de passarmos muitas noites na Biblioteca do Grémio Literário, procurando, em coleções antigas de revistas francesas, as poesias que Baudelaire aí havia pela primeira vez publicado.*

Carlos Baudelaire foi um escritor essencialmente francês. Frio, impassível, correto de maneiras e toilettes, *preocupado com a realização de uma certa simetria de forma, o mistério, o*

fantástico, foi, por ele, apenas intelectualmente sentido. Peneirou, sem dúvida, em profundas, tenebrosas e inexploradas regiões do espírito; mas para principalmente revelar o que nelas é capaz de expressão lucidamente estranha. Nele o delírio é sempre crítico, a nevrose intensa, mas metodizada: as suas poesias, como se sabe, foram primeiro substancialmente redigidas em prosa. Cria na arte o frisson nouveau *que Vítor Hugo celebra, mas compõe-no rigorosamente segundo as melhores formas da sábia língua francesa, com sintaxe direta e rimas ricas, pé a pé, vibração a vibração.*

São, porém, estas qualidades especiais que tornam decisiva a influência de Carlos Baudelaire sobre

Eça de Queirós, mais tarde, no período de transição, quando pouco a pouco impressionado pelo Realismo e por Gustavo Flaubert, ele justamente denominou já então crítica a coleção de escritos prosas bárbaras.

Exerceu-se no mesmo sentido a influência das obras de Edgar Allan Poe, que Eça de Queirós — ainda então ignorante de inglês— só conhecia pelas traduções francesas do mesmo Baudelaire. A nitidez fria com que o escritor americano determinou o nervosismo das Histórias Extraordinárias, *acentua-se ainda mais — privado, em todo o caso, da indeterminação literária e flutuante da língua inglesa — nas formas lógicas e lapidares de um dos mais claros escritores da França.*

Indico apenas, como já disse, as influências dominantes; mas o trato íntimo com quase todos os grandes românticos franceses — Musset, Gautier, Mallefille, Villiers de L'lsle Adam — é sensível neste primeiro período da vida literária de Eça de Queirós.

As influências portuguesas importantes que podem distinguir-se são pouco numerosas e superficiais — quase somente as da poesia lírica popular, e as de alguns seus companheiros de Coimbra — João de Deus, Antero de Quental, porventura Gomes Leal. Foi aliás o conto de Eça de Queirós, O Milhafre, *que sugeriu a Antero de Quental uma das suas mais interessantes poesias.*

A linguagem viva, isto é, falada, dos portugueses que Eça de Queirós

encontrou em evolução, era de longa data já em parte formada por galicismos; por isso a ação reconhecível na sua forma literária é a língua francesa. Foi por meio de muitas das formas sintáxicas desta, e quase se pode dizer, do seu vocabulário, que ele modelou o que, quando a sua obra começou a ser apreciada, deu a impressão de uma como que nova língua portuguesa.

Mas esta «Introdução» às Prosas Bárbaras *tão-somente tem por fim explicá-las rapidamente; não criticá-las: não lhe cumpre por isso mostrar que diferenças profundas há entre o fantástico alemão e o fantástico do escritor português, entre o humorismo subtil de Heine e a ironia poderosamente*

vincada de Eça de Queirós, entre a fantasia, ingénua, tranquila e vaga, dos homens do Norte e a imaginação veemente, exuberante e imprevista do criador meridional; não tem enfim que provar como todas as influências notadas se sentem apenas à superfície da obra do grande artista, essencialmente original, que escreveu, na sua primeira mocidade, as extraordinárias páginas reunidas neste livro.

6

Na intenção de Eça de Queirós os Folhetins *da* Gazeta de Portugal — *apesar da sua desconexão episódica — formavam série, obedeciam a um pensamento, constituíam um corpo, uma obra sistemática, cujos capítulos, separados por lacunas que nunca foram preenchidas, podem, cronologicamente, reunir-se nos seguintes dois grupos:*

— A —

Sinfonia de Abertura (1)
1866
outubro 7
Macbeth
1866

outubro 14
Poetas do Mal (1)
1866
outubro 21
A Ladainha da Dor
1866
outubro 28
Os Mortos
1866
novembro 4
As Misérias: I — Entre a Neve
1866
novembro 13
Farsas (1)
1866
novembro 18
Ao Acaso (2)
1866
novembro 27
O «Miantonomah»
1866
dezembro 2
Misticismo Humorístico
1866 dezembro 23

(1) Não incluídos na primeira edição.

(2) Com o título «A Península» na primeira edição.

— B —

O Milhafre (1)
1867 outubro 6
Lisboa (2)
1867 outubro 13
O Senhor Diabo (3)
1867 outubro 20
Uma Carta (a Carlos Maye)
1867 novembro 3
Da Pintura em Portugal
1867 novembro 10
O Lume
1867 novembro 17
Mefistófeles (J. Petit)
1867 dezembro 1
Onfália Benoiton (5)
1867 dezembro 15
Memórias de uma Forca
1867 dezembro 22

(1) Tem uma «Introdução», omitida na primeira edição.
(2) Tem uma epígrafe e primeira parte, omitidas na primeira edição.
(3) Tem uma pequena «Introdução», omitida na primeira edição.
(4) Tem uma parte crítica relativa ao baixo Júlio Petit, então cantando em S. Carlos, de Lisboa, omitida na primeira edição.
(5) Não incluído na primeira edição.

O primeiro Folhetim *em data — março de 1866 — as* Notas Marginais *—, tendo por epígrafe as frases interrompidas de uma trova à Bernardim Ribeiro, e influenciado, como já mostrei, pela tradução francesa das poesias de Heine, foi inserido, na* Gazeta de Portugal, *fora do seu lugar.*

Porque os Folhetins *têm uma introdução formal — uma* Sinfonia de

Abertura, *que se publica a 7 de outubro de 1866 — e continuam, quase sem interrupção, semanalmente, aos domingos, até 23 de dezembro do mesmo ano. Uma longa ausência de Lisboa interrompe a publicação: dos primeiros dias de janeiro a 1 de agosto de 1867, Eça de Queirós reside no Alentejo, onde funda e redige o* Distrito de Évora, *periódico político, literário e noticioso. Os* Folhetins *da* Gazeta de Portugal *recomeçam no dia 6 de outubro, e prosseguem até 22 de dezembro do mesmo ano de 1867.*

A Sinfonia de Abertura *prepara, com efeito, o espírito para a ideia que os diferentes trechos depois vão desenvolvendo. Neles a fantasia — livremente, irregularmente,*

fragmentariamente — esboça, sugere, deixa entrever, faz sentir essa ideia, em episódios, em alegorias fantásticas e como que musicalmente vagas.

Trata-se, na Sinfonia de Abertura, *das imagens dos Deuses, «desde os templos de Elora — onde eles andavam ferozes por entre os elefantes — até à cruz de Jesus, onde um rouxinol veio pousar cantando de amor» [...] «desde a matéria negra e informe, até às serenidades vivas para além das nuvens, das estrelas e dos caminhos lácteos».*

Nestas viagens ideais os Deuses têm uma companheira que intimamente estabelece a sua comunicação com os homens — a Arte.

Da história visionária desta — na longa peregrinação divina — a

Sinfonia de Abertura *faz-nos ouvir* — adágio *ou* vivace, piano *ou* forte — *alguns trechos maravilhosamente instrumentados...*

«Quando» os povos — na Caldeia, no Egito, na Grécia — «plantavam tendas debaixo das estrelas»... e, mais tarde, em céus de profundo misticismo cristão, nas regiões transcendentes, prodigiosamente luminosas, «onde as próprias estrelas são» apenas, «gotas de sombra...»

Entreveem-se, flutuando as imagens, as diferentes Artes:

A Arquitetura «que se abriu em transparência e transfigurações, como se quisesse ser, no espaço, a morada suspensa do espírito».

A Música enfim «liberta dos

contornos, dos coloridos, e das gravidades dissipando-se nos amolecimentos divinos...»

«...no terror da Natureza, onde o Diabo era visível... a alma alemã tinha toda a sorte de penumbras, de desfalecimentos, de pálidos silêncios que se exalavam divinamente no canto...»

Esvai-se «aquela melopeia grega esfarrapada pela aspereza do latim dos versículos...»

«Aparece Lutero, a alma alemã... que desfalecia naquelas melancolias imensas que Alberto Dürer revelou...»

Mas «a Música, que é a alma, e espiritualismo, o vapor da Arte, sumiu-se com a aproximação da Renascença que vinha cheia das rebeliões da carne...»

Até que outra vez «se produziu,

na nossa época, como a Grécia produziu a Escultura, como a Europa gótica produziu a Arquitetura...»

Chega-se assim aos tempos modernos:

«A alma começou a entrever cimos luminosos, por entre os astros, que se chamavam Homero, Ésquilo, Dante, Miguel Ângelo, Rabelais, Cervantes e Shakespeare. A alma queria subir aqueles escarpamentos divinos para colher a flor do ideal.»

A melancolia dá cor ao Romantismo...

«O tipo em quem se resumem todos os sofrimentos, todas as desesperanças, as melancolias, as incertezas, as aspirações, os lirismos desta época pálida e doentia: Fausto,

Manfredo, Lara, Antony, Werther, Rolla, D. Juan...» que saem então de «toda uma mocidade pálida e nervosa», de «toda uma primavera...»

«O indefinido da alma de D. Juan revelado pela arte — eis aí a Música...», «aquela vaga Ofélia que se chama Música...», «uma voz inesperada em que se entendem os desconsolados...»

Constituiu-se enfim, a música moderna:

«A Alemanha... a loura Alemanha de ideal seriedade, luminosa, um tanto nuvem, cheia de vapores e de constelações... A Alemanha que pensa com o doce ruído inefável», forma a sua «Música que é o vapor da Arte...»

E, ao lado dela, a «Música italiana... tendo o quer que seja de

palpável... de ondeante como seda invisível».

Tal é, muito vagamente, a significação sentimental da Sinfonia de Abertura.

Os escritos coligidos neste volume são assim, em prosa, os Cantos Fragmentários *de um imenso* Poema Fantástico:

O Universo é um infinito de almas. As coisas têm sentimentos humanos que se disseminam, sem se alterarem, com a dissociação de todas as mortes. Os que morrem vão difundir-se nas coisas sem nas decomposições inteiramente aniquilarem a personalidade, passando por formas inferiores no homem, e por formas purificadas na Natureza. Na alma é que

se concebe, cria, o mal: o corpo, a matéria, essencialmente inalterável, volta sempre à pureza natural. Com sucessivos ideais, e sucessivas e profundas comoções, o homem gera, para lodo o sempre, deuses que o dominam, que vivem de uma vida sentimental e independente, mas que fogem, uns ante os outros, para desvairados destinos, que se asilam, errantes, em todos os grandes centros de vida misteriosa da Criação, que se fazem sedução sob a forma, ainda angélica e já irónica, do Diabo, que se dispersam na Natureza transformadora.

Com este vago tema geral, o Poema *em prosa de Eça de Queirós propunha-se ser a expressão das mais profundas regiões do sonho, da visão, o*

indeterminável, do substrato fantástico que se encontra sob a realidade evidente; queria tornar sonoras as capacidades de vibração musical que formam a intimidade de todos os seres — todas as vibrações impossíveis de completamente, reduzir aos sons calculados de uma escala musical —; era a fantasia tocando, um momento apenas, o mundo da realidade, para logo se afastar dele, voando, exilada pela incompreensão, pela insensibilidade, pela determinação nítida e clara das forças sensatas do espírito. E assim, após os belos deuses de mármore, que se escondem fugitivos nas florestas ainda enevoadas dos sonhos de religiões anteriores, os anjos sublimados ou réprobos do cristianismo — a própria

ironia espiritualista de Satanás, a própria pálida e doce figura de Jesus — vão igualmente perder-se e ser esquecidos: morreu a fantasia. São fúteis todas as ilusões. Reina o cálculo demonstrável.

Heine também já contara o exílio dos antigos Deuses, e Michelet recorda o brado, «Le grand Pan est mort!» que se ouviu pelo vasto mundo ao aparecer de novas crenças.

O que caracteriza este momento da vida literária de Eça de Queirós é a sincera comoção do criar fantástico, sem excluir inteiramente, já então, a ironia — que mais tarde é o inseparável instrumento de trabalho do seu espírito — fornecedora de tão delicadas velaturas, ou de toques tão vivos e reais

a todas as suas obras. Consegue assim idear um mundo imaginário, um cenário de alegorias; sabe que esse mundo é ilusório, que só parece povoado por metáforas — e enternece-se, e comove-se, e comunica essa ternura e essa comoção, como se as produzissem realidades, sentindo e fazendo sentir, ao mesmo tempo, inexplicavelmente, que com efeito existe uma profunda realidade, vagamente simbolizada por todas essas imagens.

Como quer que episodicamente fale de assuntos inteiramente reais — da América do Norte, de Lisboa, da vida de estudante de Coimbra — é sempre o mesmo substrato visionário da realidade para que o seu espírito procura expressão.

Esta situação especial do espírito de muitos artistas não foi ainda, parece-me, suficientemente estudada pela crítica e pela filosofia da arte.

7

Eça de Queirós tinha, por aquele tempo, igual exuberância e originalidade de fantasia em verso; e sentia muitas vezes a necessidade de metrificar — quase o mesmo género de necessidade de som e ritmo que o fazia com frequência cantarolar, em voz baixa, pequenas frases musicais, sempre erradas, sempre fora de tom, mas sempre impregnadas das mais patéticas inflexões.

Os versos que compunha eram de um enorme relevo pela originalidade da conceção, dos epítetos e das imagens, e conservavam ainda a fluência romântica, apaixonada, fantástica, dos primeiros

escritos, quando já ele a havia quase inteiramente eliminado da sua prosa realista. Mas teve sempre grande dificuldade em compreender e sentir os processos técnicos da metrificação.

Datam exatamente do mesmo período dos escritos coligidos no presente volume as linhas seguintes, que deviam, na intenção do autor, ser versos alexandrinos:

Ó Satã tenebroso, trágico fulminado,
Tu vencerás em mim o íntimo Deus bom
Não com as armas bíblicas com que
bateste os astros,
Mas vindo unicamente vestido à Benoiton!

Mas é de pouco depois a seguinte admirável poesia, mais tarde publicada

com a assinatura de C. Fradique Mendes:

SERENATA DE SATÃ ÀS ESTRELAS

Nas noites triviais e desoladas,
Como vos quero, místicas estrelas!...
Lúcidas, antigas camaradas...
Gotas de luz no frio ar nevadas,
Pudesse a minha boca inda bebê-las!

Não vos conheço já. Por onde eu ando!...
Sois vós místicos pregos duma cruz,
Que Cristo estais no Céu crucificando?
Quem triste pelo ar vos foi soltando
Profundos, soluçantes ais de luz!

Ó viagem nas nuvens desmanchadas!
Doces serões do Céu entre as estrelas!
Hoje só ais, ou lágrimas caladas...

Ai! sementes de luz mal semeadas,
Ave do Céu, pudesse eu ir comê-las!

Triste, triste loucura, ó flor’s da cruz,
Quando vos eu dizia soluçando:
— Afastai-vos de mim cardos de luz! —
Pudesse eu ter agora os pés bem nus
Inda por entre vós i-los rasgando.

Hoje estou velho, e só, e corcovado;
Causa-me espanto a sombra duma estola;
Enche-me o peito um tédio desolado;
E corro o mundo todo, esfomeado,
Aos abutres do céu pedindo esmola.

Eu sou Satã o triste, o derrubado!
Mas vós estrelas sois o musgo velho
Das paredes do Céu desabitado,
E a poeira que se ergue ao ar calado,

Quando eu bato com o pé no Evangelho!

O Céu é cemitério trivial;
Vós sois o pó dos deuses sepultados;
Deuses, magros esboços do ideal!
Só com rasgar-se a folha de um missal,
Vós caís mortos, hirtos, gangrenados.

Eu sou expulso, roto, escarnecido;
Mas a vós já ninguém vos quer as leis
Oh! velho Deus, oh! Cristo dolorido!
Lembrai-vos que sois pó enegrecido
E cedo em negro pó vos tomareis.

Dois episódios mostrarão o seu então quase permanente desejo de improvisação poética.

Uma noite no verão de 1867 ou 1868, depois de cear, o Eça de Queirós, o

Salomão Saragga e eu fomos de passeio, conversando, até Belém.

A noite estava muito quente. Havia uma grande claridade de lua cheia.

Seriam umas duas horas de madrugada quando chegámos à praia da Torre.

Quase varado na areia, havia um barco. Metemo-nos dentro. A maré enchente fez-nos flutuar. Aí continuámos a nossa conversação até que o dia apareceu e o Sol se levantou por detrás da casaria e dos altos de Lisboa.

Desembarcámos então e dirigimo-nos para Belém, com fome, em busca de uma taberna ou restaurante. Queríamos almoçar ali mesmo, continuando, à beira do rio, a nossa

discussão. Mas conhecíamos os nossos três apetites, e verificámos, reunindo todo o dinheiro, que ele apenas pagaria um insuficiente repasto.

Que fazer?

— Tenho uma ideia — disse o Eça de Queirós, fazendo o gesto consagrado de bater na testa. — Tenho uma ideia genial — acrescentou, erguendo tremulamente os braços ao céu: — Sigam-me.

E negro, linear, curvo, agitando a badine *na mão como se esgrimisse, com passos largos e rítmicos, que pareciam saltar obstáculos invisíveis, a sombra da figura esguia e imensa projetada pelos raios horizontais do sol-nascente, Eça de Queirós adiantou-se em direção à calçada que leva de Belém à Ajuda.*

Salomão Saragga e eu íamos atrás, famélicos, murmurando.

Seriam quase 5 horas da manhã.

Junto da Igreja da Memória o Eça de Queirós dirigiu-se a uma casa baixa, de janelas cerradas, e bateu.

Os habitantes da casa estavam ainda evidentemente no melhor dos seus sonos.

O Eça de Queirós explicou-nos:

— Mora aqui o Mancília, a quem vamos «dar um tiro». Só ele nos pode salvar neste deserto.

E continuou a bater durante minutos.

Por fim ouviu-se falar dentro da casa. Alguém abriu a porta resmungando, e vimos diante de nós uma cara larga, um bigode castanho, e uns

olhos, entre terríveis e risonhos, sob uma grande trunfa de caracóis desordenados. Era o Lourenço Malheiro.

— Menino — contou o Eça de Queirós —, estamos esfomeados após muitas horas de incalculável criação romântica. Jurámos não morrer antes de produzirmos três obras de génio. Dá-nos entretanto dinheiro para almoçar. Mas olha lá... Comunicámos toda a noite, espectralmente, no Restelo, com as armadas portuguesas que dali foram ao descobrimento da Índia e do Brasil: dá-nos pois dinheiros antigos e sugestivos — sequins, dobrões, florins, ducados, escudos, peças, ou, quando menos, pintos...

O Malheiro foi dentro e trouxe três moedas de cinco tostões.

— Ouvirás falar da tua generosa dádiva, Mancília — disse o Eça de Queirós, apertando-lhe as mãos com comoção e solenidade.

Voltámos a Belém.

E, enquanto na cozinha da taberna, onde bebiam marinheiros e uma guitarra gemia frases lancinantes do Fado, se preparava a pescada com batatas e a caldeirada que encomendáramos, o Eça de Queirós e eu, num quarto do primeiro andar, organizávamos o seguinte problema cuja glosa e solução seria enviada ao providencial Lourenço Malheiro:

Cristo deu-nos o amor,
Robespierre a liberdade;
Malheiro deu-nos três pintos:

Qual deles deu a verdade?

O Salomão Saragga fez-nos uma sábia dissertação sobre a prosa rítmica dos livros hebraicos e declarou que, como semita puro, não pudera jamais fazer versos — mas comporia, para o caso memorável, um salmo penitenciário sobre a vaidade da pescada cozida e das caldeiradas humanas.

Almoçando, o Eça de Queirós e eu glosámos e resolvemos o problema em quatro quadras e décimas cantadas ali logo, ao acompanhamento do Fado que continuava a ouvir-se chorar na cozinha do rés do chão.

Existem as minhas quadras mas perderam-se as décimas de Eça de Queirós, que com efeito sobrescritámos

para o Lourenço Malheiro, décimas cheias de graça e fantasia.

De outra vez dois dos nossos amigos — o capitão João de Sá e o Zagalo — convenceram-nos a irmos com eles a uma espera de touros.

Na volta, pela madrugada, abancámos a cear numa tasca do Arco do Cego. Éramos, a esse tempo, um grupo numeroso. Apareciam amigos, conhecidos, desconhecidos. Nós, expansivamente, íamos convidando. Eles iam comendo, bebendo, desaparecendo. Quando rompeu o dia e quisemos nós mesmos partir, descobrimos que havíamos gasto, em bacalhau, iscas de fígado, azeitonas e Colares, *um dinheirão que não tínhamos na algibeira.*

Comêramos num pátio onde havia galinhas, e uma horta com couves e parreira. Ao lado, dava para esse pátio uma casa estreita, de janelas sem vidraças, onde se guardavam frutas, legumes secos e feno. Era madrugada.

O Eça de Queirós e eu, já sonolentos, resolvemos esperar ali, até à tarde seguinte, que o João de Sá e o Zagalo nos viessem desempenhar com o dinheiro necessário a pagar as nossas dívidas.

Cerca do meio-dia acordámos sobre os molhos aromáticos do feno, rodeados por galinhas e pombos familiares. As paredes da casa onde dormíramos eram caiadas. Então — depois de almoçarmos ainda a crédito — com dois lápis, devorando fruta,

principiámos a cobrir as paredes de um longo poema, difuso, indeterminado, lírico, humorístico, tristíssimo e hilariante, misto, como género do Childe Harold *e* D. Juan *de Byron*, do Mardoche *e* Namouna *de Musset, do* Intermezzo *de Heine, e da* Fabia *de Francisco Palha. Este exercício durou 4 ou 5 horas. Duas das paredes da casa ficaram, até à altura de homens, cinzentas de versos.*

Sinto hoje não haver copiado, e ter completamente esquecido, a parte do Eça de Queirós nesta colaboração extravagante: lembro-me nitidamente de que havia nessa parte trechos espantosos pelas imagens originais, pela fantasia, pela graça, pelo imprevisto.

8

Ainda dormíamos, um dia que o Eça de Queirós ficara em minha casa, quando à porta do quarto apareceu uma pequena cabeça de cabelo muito curto, faces pálidas, feições miúdas, ligeiro buço sobre os beiços grossos e uns olhos pequenos, piscos, risonhos e maliciosos. Por cima desta cabeça via-se outra de longo cabelo negro e crespo, nariz aquilino, olhos grandes, bigode audaciosamente retorcido, e mais abaixo uma terceira cabeça rosada, de olhos avermelhados, cabelos aos caracóis louros, bigode louríssimo pendente.

Acordámos.

— Luís! Manuel! — exclamou Eça de Queirós bocejando.

— Chavarro! — concluí eu sentando-me na cama.

Eram o conde Luís de Resende, seu irmão Manuel e o João de Sousa Canavarro.

— Chegámos do Porto. Vimos buscá-los para jantar — disse o conde de Resende.

À noite jantámos com efeito no José Manuel, ao Cais do Sodré — um restaurante então célebre, a preço fixo, onde causávamos devastação e horror, pela quantidade inverosímil do que comíamos, discutindo toda a sorte de assuntos ininteligíveis.

Nesse jantar demonstrou-se o vasto ridículo do Romantismo:

descreveu-se, discutiu-se e aprovou-se o Realismo na arte; fez-se a apologia violenta e clamorosa da frieza, da impassibilidade, da serenidade crítica, da correção nas ideias, nas maneiras, no estilo, na toilette — *a apoteose de todas as correções. Terminámos, depois da meia-noite, abraçando efusivamente o velho Andrews — o inglês que tinha uma lenda misteriosa, e ali jantou, durante anos, despejando por noite, em silêncio, com método, lentidão e continuidade, três garrafas de vinho do Porto.*

Tempos depois o Eça de Queirós partia em viagem com o conde de Resende: — «Le comte de Rezende, grand amiral du Portugal et chevalier de Queirós» — *diziam os jornais do Cairo. Assistiram à inauguração do canal de*

Suez, visitaram o Egito e a Palestina.

Na primavera de 1869, estávamos uma tarde — o Antero de Quental e eu — na casa que então habitávamos a S. Pedro de Alcântara, quando entrou o Eça de Queirós, chegado, havia pouco, do Oriente, mas que ainda não víramos.

Trajava uma longa sobrecasaca aberta de cuja batoeira saía, com coloridos, um enorme ramo de flores; cobria-lhe o peito, em relevo, um plastron *que nos pareceu imenso, sobre o qual se erguia um colarinho altíssimo, onde a custo a cabeça oscilava. Os punhos, que botões uniam pelo centro com uma corrente de ouro, encobriam grande parte das mãos metidas em luvas cor de palha. Vestia calças claras, arregaçadas alto, mostrando meias de*

seda preta com largas pintas amarelas como ouro e sapatos muito compridos, ingleses, de polimento. Tinha na cabeça um chapéu alto, de pelo de seda brilhantíssimo. E olhava-nos com um monóculo que lhe estava sempre a cair e que ele, por isso, elevando as sobrancelhas e abrindo a boca em esgares sarcásticos, amiúde reentalava junto da lacrimal do olho direito.

Abraçámo-lo com entusiasmo e cobrimo-lo de epigramas.

Contou-nos casos das suas viagens, descreveu-nos tipos, cenas nos bazares do Cairo, no deserto egípcio — os guias, os sheiks, *e à noite, em volta das fogueiras, os camelos, «de expressão humorística, sorrindo ironicamente», e alongando as cabeças como que para*

escutar o narrador, por sobre os ombros dos beduínos atentos, graves e de pernas encruzadas. Analisou, minuciosamente, as sensações que lhe dera, no Cairo, e o uso do haschish, *e as visões fantásticas que nos preparava — porque ele e o conde de Resende haviam-nos trazido* haschisch *misturado a geleia, a bolos, e a pastilhas que se fumavam em cachimbos especiais.*

Mas pretendia haver voltado doentíssimo, de uma extrema debilidade, de uma mórbida impressionabilidade nervosa, e agitava, de contínuo, um grande lenço perfumado de seda branca, com que limpava a lesta e cofiava a barba, que atirava sobre a mesa, interrompendo-se para entalar o monóculo e exclamar em voz desmaiada:

— Meu Deus! como me sinto mal! Vou ter o meu delíquio! o meu apopleté! *Meninos, depressa, os meus sais... onde estão os meus sais?!...*

E tirava, com efeito, da algibeira, um longo frasco de sais que sofregamente aspirava.

Ficará para sempre o prazer delicado de ler os livros de Eça de Queirós; mas perdeu-se o prazer, ainda talvez maior, de o ouvir, quando ele conversava, quando ele contava, quando ele representava algum personagem que quisesse imitar ou a quisesse dar vida. Parecia, com o seu forte e inesperado poder de expressão, de imagem, de réplica, de graça, o representante de uma raça especial diversa da portuguesa, ou de qualquer outra,

falando, em Portugal, uma língua nova.

Ouvimo-lo toda aquela tarde, jantámos com ele — não o podíamos largar.

As ideias estéticas de Eça de Queirós haviam-se, a esse tempo, modificado e entrado numa fase de transição.

Citava especialmente a Salambô *e a* Tentação de Santo Antão *de Gustavo Flauberl. Preocupava-se com a perfeição da forma, com a realização da cor verbal, segundo este último literato. Lia também a* Vida de Jesus, *o* São Paulo, *de Ernesto Renan, e as* Memórias de Judas, *de F. Petruccelli della Gattina.*

Foi sob estas influências que — com as impressões locais da sua recente viagem à Palestina — começou, em

Lisboa, a escrever a Morte de Jesus, *publicada em folhetins, na* Revolução de setembro, *de 13 de abril a 8 de julho de 1870.*

Mas escrevera desta obra, além do que se publicou — uns capítulos que ele me leu, e depois sem dúvida destruiu ou se perderam.

9

Entre os Folhetins *da* Gazeta de Portugal *e a* Morte de Jesus *na* Revolução de setembro, *medeiam quase 3 anos*.

Passou mais tempo ainda. A evolução crítica do espírito de Eça de Queirós continuava.

Um dia veio mostrar-nos, ao Antero de Quental e a mim, o primeiro esboço, muito desenvolvido — tão extenso que levou várias noites a ler — de um romance intitulado História de Um Lindo Corpo.

Foi, julgo eu, a sua primeira tentativa na chamada Literatura Naturalista ou Realista. A ideia

fundamental da obra era, até certo ponto, se bem me recordo, a do Affaire Clémenceau, *de Alexandre Dumas filho; mas a execução, já, em grande parte, devida à influência dos processos da* Madame Bovary *e da* Educação Sentimental *de Gustavo Flaubert*.

Pouco depois — em 1871 — Eça de Queirós descrevia, numa das Conferências Democráticas do Casino, o Realismo na Arte, expondo as ideias praticadas por Flaubert e Courbet, e teoricamente descritas, por Proudhon, no livro Do Princípio da Arte e do Seu Destino Social.

O fim da Arte foi, doutrinalmente, desde então, para Eça de Queirós, a reprodução exata da Natureza, da realidade, impessoal, impassível. A

intervenção da ironia representa a forma superior, a única forma admissível da opinião do artista se manifestar, e a correção necessária para qualquer excesso de sentimento.

Foi por este tempo que eu lhe aconselhei a reunião em volume dos antigos Contos Fantásticos *da* Gazeta de Portugal *e lhe reli, se não me engano,* As Memórias de Uma Forca, *de que se havia quase esquecido.*

Ao ouvir a sua obra primitiva, Eça de Queirós soltava gargalhadas sarcásticas, grilos de indignação contra as imagens, os assuntos, o estilo: não compreendia como pudesse ter escrito assim, tão pessoalmente, tão apaixonadamente, tão vagamente, com tanto desleixo — berrava ele — na

criação das imagens, na construção da frase e no emprego dos vocábulos.

Mas depois de uma longa discussão concluiu dizendo-me:

— Tens talvez razão, com efeito — está claro, tens razão. Talvez se deva republicar isso em livro. — E acrescentou muito grave: — Mas sob o título crítico e severo de Prosas Bárbaras.

Não pertence a esta «Introdução» descrever as subsequentes fases do desenvolvimento estético e da obra literária de Eça de Queirós, e eu devo resistir à tentação de demonstrar aqui como ele foi um dos artistas mais eminentes da Literatura portuguesa de todos os tempos — e de todas as Literaturas, nos últimos anos do século

XIX.

Juntarei ainda, apenas, uma última recordação.

Eu lamentara sempre que Eça de Queirós houvesse abandonado o mundo de criações fantásticas onde a sua imaginação tão maravilhosamente vivera algum tempo.

Um dia, no verão de 1891, estava o Eça de Queirós em minha casa — por esse tempo, em Vaucresson, numa clareira da floresta de Saint-Cloud, não longe de Paris. Então, passeando sob as árvores do maciço de alto fuste que rodeia os lagos românticos de Saint-Cucufas, contou-me ele: «Saberás, porventura com satisfação, que estou seguindo o teu antigo conselho: enevoei-me outra vez, totalmente, no fantástico

— *quase naquele velho fantástico da* Gazeta de Portugal, *feito agora com menos abutres, e em* prosa talvez menos bárbara *que a desses longínquos tempos: estou escrevendo a vida diabólica e milagrosa de S. Frei Gil. E por sinal — dir-to-ei agora aqui, quando justamente nos achamos sob os arvoredos — que a nossa riquíssima língua portuguesa me parece deficiente em cores com que se pintem selvas; e também te confiarei que, tendo metido, por minhas próprias mãos, o santo bruxo numa floresta, não sei como o hei de tirar de lá.»*

Sintra, setembro de 1903

Jaime Batalha Reis

Notas Marginais

.....deste lado do rio
.....o namorado,
E a moça dos olhas pretos
.....do outro lado.

Mas o rio era profundo,
Não se podiam juntar.
Nunca o Sol encontra a Lua.
Tal andava aquele par.

.....flores
...à água iam dar;
.....os beijos
Ficavam todos no ar.

A moça.....

Disse adeus ao namorado;
E foi.....
.....bandas do povoado.

Ele ficou amarelo,
Como a vela de um altar.
Mas se o rio.....
Não se podiam juntar.

Anoiteceu.....
Por ali andou penando:
E por fim lançou-se ao rio,
E o rio.....

.....
.....
Mas as flores foram prender-se
Nas suas mãos cor de cera.

Na margem do papel marcado, onde se viam ainda estes restos de uma velha cantiga, alguém escreveu estas notas desordenadas e bizarras.

1

Ó doce cantiga dos namorados da beira do rio, tu és uma verdade sempre nova! Ainda hoje o triste nada penando nas águas escuras; e os teus olhos, ó serena rapariga, são eternamente falsos!

Não era assim que eu pensava no tempo daqueles nossos amores, ó nome que eu não escrevo! daqueles amores tão doces, como a suavidade das nossas noites de outono — tão coloridos, e vagos como aquelas nuvens, que sempre no ar andávamos formando, e desmanchando!

2

Ó voluptuosidade! tu és a imagem do oceano nos teus caprichos. Ora te embalas docemente dourada com os últimos raios do sol: depois dormes tranquila aos calores silenciosos: por fim agitas-te cheia de tempestades.

3

E quando eu te via, não via mais as flores, nem as pombas, nem as estrelas: mas quando pensava em ti, via-te delicada como todas as flores, voluptuosa como todas as pombas, luminosa como todas as estrelas.

4

Às vezes, solitário e silencioso, via passar na sombra, diante de mim, como uma legião de inspirações rapsódicas, os teus olhos húmidos, como violetas debaixo de água — depois os teus braços da cor do mármore — depois os teus cabelos negros e flutuantes... Enfim sobre um fundo maravilhoso tu aparecias superiormente serena, perfeita, e luminosa!

5

De cada um dos teus desejos nascia uma flor.

E os meus suspiros, como a aragem serena da tarde, embalavam docemente aquelas flores virginais.

E as flores cresciam, cresciam até se tornarem magnólias grandes — o vento tomava-as preguiçosamente pela haste — e elas, inclinando os seus rostos pálidos, contavam-lhe os perfumes de mais segredo.

E as magnólias iam crescendo até se tornarem numa árvore imensa. Então o vento enroscava-se pelo tronco, pendurava-se nos ramos, e espalmava— se nas folhas sonoras.

E então a árvore estremecia, como num sonho agitado — depois adormecia — e dava em redor uma sombra serena, e consoladora.

6

Quando te vejo, despertam no meu pobre coração as melodias, e as doces melancolias de amor, como na primavera se reanimam as aves, e desabrocham as violetas.

Quando me falas, tudo se alumia com constelações apaixonadas, e parece que passam dentro de mim todos os aromas das magnólias.

Mas se me dizes que me *queres muito*, sinto que vem logo um estranho inverno descorar-me as faces, desfolhar-me a alma de todas as emoções, e cobrir de geada todos os loucos desejos.

Oh! nunca me digas que *me queres muito!*

7

Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora.

Tu és altiva, e inquieta, e desdenhosa.

Tua irmã!... Mas se ela não tem o timbre suave da tua voz, o luminoso fulgor dos teus olhos, a cor mimosa dos teus cabelos! Mas se ninguém tem a santa, a purificadora brancura da tua fronte!

8

Os teus olhos negros são como duas flores do mal. Os seus olhos azuis são como duas doces elegias.

E a flor do loto, a apaixonada e inteligente flor do loto, somente se abre à doçura imensa da lua!

9

Oh! minha bem-amada! eu já vi os teus olhos brilharem dolorosamente, como duas estrelas negras da melancolia: tinhas tu então rasgado um véu cor de papoula, que te cobria.

10

Tu estavas na igreja, curvada, e perdida nas tuas orações como uma fidalga espanhola.

Tinhas um olhar velado e piedoso — um olhar que só dizia — *Jesus!*

Mas nos lábios tinhas um colorido aveludado e luminoso, como o das flores vermelhas metidas na água; e na linha de sombra dos teus lábios corria um sorriso, que só dizia — *Amor!*

Talvez um dia ainda, te encontre na igreja. Somente, então, os teus lábios estarão descorados como a fadiga e tímidos como o arrependimento. Somente então os teus olhos estarão fixos como os dos esfomeados; e terão aquela luz

desejosa e ávida que têm as estrelas.

11

Foi debaixo das árvores. Voavam as pombas brancas. Das lágrimas das folhas nasciam as violetas. Os castanheiros grandes, e concentrados, ouviam subir a seiva.

Foi lá que me disseste aquelas palavras, que me pareceram uma blasfémia que te vinha do coração. Eu fiquei hirto e nulo, como um sacerdote esbofeteado pelo seu Deus!

12

Eu tinha todo o corpo coberto de lágrimas, e ela compunha as pregas do seu vestido!

As vezes o grande mar embala-se preguiçoso, enquanto as ondas pequenas — as pobres ondas — soluçam e choram sobre a areia.

13

Houve um tempo em que andavam exiladas dos lugares humanos as estátuas, que tinham feito a legenda da beleza antiga. Eram de mármore pálido, e a sua nudez era doce, melodiosa e velada.

Outrora, no tempo dos idílios divinos, quando ainda vivia o grande Pã, e havia deuses debaixo das estrelas, elas viviam entre os jogos, as coreias, e todas as flores do bem: brancas, como as espumas iónias; serenas, como a lua de Delos; melodiosas, como a voz das sereias.

Agora andavam perseguidas, e errantes pelas florestas sonoras, e envolvidas na consolação imensa, que sai

do canto das aves, e da humidade das plantas.

Às vezes um cavaleiro, batalhador escuro, que voltava das cidades de ouro e de coral, encontrava uma das brancas peregrinas, como uma aparição de languidez e de tristeza, evocada pela música das ramagens. E se ele por acaso deixava mergulhar nos seus olhos os raios brancos e aveludados dos olhos de mármore, ao outro dia os caminheiros, os que vão de noite cantando à mole claridade das estrelas, encontravam, junto das grandes árvores pensadoras, um corpo inanimado e lívido, como aquelas crianças das legendas, a quem as bruxas chupam o sangue!

Esta história é de há seiscentos anos, e de ontem à noite.

14

Por fim, tu eras simplesmente uma alma preguiçosa, e uma pele macia.

Todos os teus pensamentos se moviam numa comédia bizarra e solta.

Abafavas burguesmente a música do teu corpo em xales pesados, e largas saias: e a seda dos teus vestidos tinha um frémito indefinido de sarabanda, e de cachucha.

15

Eu andava perdido pela floresta escura e sonora. As estrelas como grandes olhos curiosos espreitavam através da folhagem. Eu era o tenebroso, o inconsolável, o viúvo. Errava pela floresta e a espaços cantava uma canção vagamente triste como o sussurro dos ciprestes — depois dizia palavras iradas e ásperas como os cardos — e mais adiante uma oração indefinida enchia-me todo o coração, e saía-me pelos lábios, como uma açucena branca, que se abre dentro de um copo e que o enche.

E por cima de mim, ó meus amigos! ó minha bem-amada! os ramos estendiam-se para os mil e mil pontos do

infinito, como para mostrar às cantigas, às iras e às orações todos os caminhos do Céu.

16

Tu pensavas que o teu amor me envolvia molemente como um largo vestido de seda, todo forrado de arminhos.

E um dia, ó minha bem-amada de cabelos cor de amora! vieste despir-mo de golpe, com um rosto colorido de risos.

Mas o vestido estava colado ao corpo — vinte vezes colado ao corpo: e tão rapidamente o tiraste, que me rasgou pedaços de carne, e levou-me jorros de sangue, e arrancou-me os cabelos, e deixou-me, ó minha bem-amada de braços de aço! como uma forma longa, vermelha e indefinida!

17

Quando te amava, e pensava em ti, via-te soberba como o mundo, e eras para mim a terra, o céu e o mar. Agora vejo que tinha razão; porque és tão vária como o céu, tão fria como o mar, tão dissoluta como a terra.

18

Eu abri aquele coração, que era delicado, pequeno e feminino. Descobri lá dentro vagamente uma floresta medonha, que se debatia e rugia, como uma multidão de doidos sinistros, todos vestidos de ramos, e de folhas; na sombra andavam os olhos redondos e famintos dos lobos: por cima da folhagem mugidora esvoaçava, balouçada por ventos imensos, uma confusão de sombras, que uivavam e se arrepelavam, e rasgavam com os ossos dos cotovelos as carnes moles, e lambiam o sangue que escorria das órbitas sem olhos, e davam beijos selvagens, enroscadas e desfalecidas em voluptuosidades mais mórbidas do que os

orvalhos da lua.

Depois fixei o coração da minha bem-amada, e vi-o outra vez delicado, pequeno, e feminino — e tão feminino, tão pequeno, e tão delicado, que lhe dei um beijo!

19

Eu ia para baixo dos arvoredos, para junto dos rios, e olhava para as nuvens.

Tudo me parecia despovoado, e apenas como a sombra de uma vida distante.

Outrora, ó lendas de encantos e de amores! ó rondas aéreas das nixes por entre a música dos canaviais! ó ondinas húmidas! ó danças nebulosas das *willis!* ó espíritos gentis, e vaporosos, que andáveis nos aromas das violetas! ó elfos pequenos, que adormecíeis dentro do cálice dos lírios brancos, embalados como num berço! ó doces, e enganadoras criaturas, que povoáveis e alumiáveis

tudo como estrelas românticas!

Os rios, o céu e os arvoredos encobriam-vos, ó invisíveis! mas como um tecido fino, que deixa passar todos os aromas e todas as cores.

E agora os rios, o céu, e os arvoredos estão desertos.

Os arvoredos só contam, como velhos palradores, histórias de gigantes, loucas legendas de combates, e feitiços, e as aventuras das filhas da folhagem.

O céu tem apenas nuvens, que eram lentas, e pesadas como os pensamentos sérios de um crânio imenso.

Os rios vão sempre cantando, e fugindo, como os amores da mulher.

20

Andamos todos sofrendo. Passamos lentos, desconsolados, e alumiados pelo sol negro da melancolia. Nem largos risos, nem bênçãos fecundas. A esperança fugiu para além das estrelas, das nuvens e dos caminhos lácteos. Nos corações nascem amores imensos e loucos. E tudo porque um dia nasceu uma criança estranha, que foi alimentada com um leite mórbido como a lua, e envolta numa túnica lívida como a morte!

21

Onde estará ela agora — a minha bem-amada, aquela criança de olhar profundo?

Era naquelas almofadas que ela se recostava: era por ali que ela passava, e as flores do tapete, sob a pressão dos seus pés, viviam e perfumavam.

A pé! a pé! meus desejos! Acordai, acordai, e ide buscar-ma! Acendei todas as estrelas, e ide procurá-la pelos caminhos escuros! Desgrenhai os cabelos verdes das florestas! Assoprai a espuma das ondas! Dispersai as multidões! Quebrai os encantos! Ide procurá-la pelos astros! Despedaçai as tendas áreas, onde vivem os sonhos!

Ide, ide, ó meus desejos todos! Eu ficarei esperando, solitário e silencioso, como um pombal donde fugiram todas as pombas.

22

«Perdi a minha bem-amada, e todo o céu está negro, e não há estrelas que me consolem! Só resta morrer.»

E o corpo diz à alma:

«Adeus para sempre! O exilada divina, tu vais morrer! ó flor dos sonhos, tu vais desfazer-te com todos os teus aromas! Lembras-te, filha, como eu velava por ti! Eu andava pálido e triste quando tu sofrias; e, quando te alegravas, andava corado e vestido de risos. Às vezes tu deixavas-me e subias serenamente a torre esguia de marfim, onde habita o ideal; e eu, em baixo,

esperava sem olhar, sem voz e sem movimento: e quando descias iluminada e séria, eu escondia-te voluptuosamente — tu, santa! tu, purificada! E agora vais morrer: e nunca mais te verei, ó minha vaporosa filha! Eu vou andar errante e perdido no mundo, por entre a matéria enorme. Vou andar nas árvores e nos astros, nas escamas dos peixes e na luz dos cometas; nas rosas e nos olhos das mulheres lascivas. Vou talvez cobrir as maiores tristezas vivas, ser a folhagem dos ciprestes, e o farrapo dos mendigos! E tu vais sumir-te, ó alma doce e dolorosa!»

E a alma diz ao corpo:

«Não chores. Devia ser assim. Tu

és são e forte: eu sou delicada, indefinida, dolente. Adeus; e perdoa-me. Fui desdenhosa contigo. Queria ver-te frio e mudo. Queria que fugisses daquelas molezas, que são feitas da voz perdida das sereias. Às vezes queria, na minha ideal seriedade, que te desfizesses em orvalho e pó, para eu poder ir fundir-me na minha imensa alma de luz. Mandava todos os meus desejos para aquele paraíso de sombras, onde anda a alma de Ofélia.

»E quantas vezes, ó meu corpo bem-amado, eu não seduzi os teus olhos a que seguissem as viagens imensas das estrelas! Então não sabia ainda que havia de cair e desfazer-me, como uma gota de água! Adeus! Em breve não te lembrarás mais de mim.

»Há de nascer-te uma outra filha, e depois outra, e outra. E tu hás de estreitá-las apertadamente, ou ela se chame *alma* como eu — ou então se chame *aroma* — ou então se chame *som*.

»Adeus! Escuta. Se nas tuas peregrinações através da matéria, encontrares os átomos *daquela que eu tanto amei*, não te juntes com eles; porque se vos juntardes no cálice de uma flor, a flor há de mirrar-se; se for na luz de uma estrela, a estrela há de apagar-se; se for nas águas do mar, o mar há de gelar-se.»

Sinfonia de Abertura

Eu ontem pensava nas viagens imensas que os deuses têm feito desde o tempo de Elora, onde andavam ferozes por entre os elefantes sagrados, até à cruz de Jesus, onde um rouxinol veio pousar cantando de amor e de angústias de amor. Foram desde a matéria negra e enorme até às serenidades vivas, para além das nuvens, das estrelas e dos caminhos lácteos.

Esta coorte imensa dos deuses vinda do fim do Oriente teve sempre uma companheira cheia de servilidades e de amores — a Arte.

Ao princípio, na Índia, quando eles andavam pesados de matéria entre as

fatalidades violentas, ela abria-lhes nas montanhas templos onde corriam rebanhos de toiros. Depois no Egito, quando eles choravam de desejos lascivos, e se desfaziam em águas espumantes de fecundações, ela edificava-lhes arquiteturas lívidas e frias como os horizontes do Nilo; e por entre as esfinges que dormem com os olhos abertos às poeiras, pirâmides onde escrevia num misterioso encruzilhamento de linhas os velhos segredos do fatalismo.

Depois na Grécia, quando eles plantaram tendas debaixo das estrelas, e fizeram os Olimpos todos sonoros de risos, ela ergueu na luz os templos harmoniosos e serenos e formou com os doces esplendores do mármore os corpos melodiosos que fizeram a lenda da beleza

antiga: e assim com aquelas atitudes ideais, escreveu a *Ilíada* da harmonia da graça e da luz. Por fim, quando eles subiram para as regiões onde as estrelas são gotas de sombra, ela fez os templos góticos, deu à pedra todas as aspirações do espiritualismo, à pedra, que se abriu em transparências e transfigurações, como se quisesse ser no espaço a morada suspensa dos espíritos.

Depois na imagem pintada tirava ao seio, aos braços, à carne toda a vitalidade, para a colocar no olhar, que assim mais forte e mais vivo pudesse chegar lá a cima até aos seus deuses queridos.

Por fim, com a sua ideal seriedade, libertou-se dos contornos e dos coloridos e das gravidades, dissipou-se

nos amolecimentos divinos, e apaixonada e lírica — dispersou-se em sons: e assim nasceu a música.

Então pôde livremente unir-se lá em cima aos companheiros da sua trabalhosa odisseia.

Esta transfiguração da Arte foi na Alemanha. Quando veio Lutero. Nesses tempos a alma alemã, que estava na lei católica como numa solidão lívida, desfalecia naquelas melancolias imensas que Alberto Dürer revelou.

Nem ao menos se podia refugiar na grande Natureza sonora, e embalar— se nas consolações vivas, cheias de mel, de frescuras e de sóis. A Igreja condenava os arvoredos, as devezas, as eflorescências, as verduras —, todas aquelas vidas, verdes, louras, e

esplêndidas, como as formas do mal em que o Diabo era visível. Naquele tempo de terror, o carvalho era um espectro, e a flor uma maculação. E a alma, para ficar pura, devia passar na vida, sem ouvir a voz docemente profunda da velha Natureza — voz que o catolicismo dizia terrível como a das antigas sereias.

Assim a alma alemã tinha toda a sorte de penumbras, de desfalecimentos, de pálidos silêncios, que se exalaram divinamente no canto.

Lutero concorreu para este alívio divino e livre da alma germânica, libertando a música.

A meiga consoladora tivera sempre até aí uma atitude hierática: havia só salmos, cânticos e versículos segundo o rito litúrgico: era a velha melopeia

grega esfarrapada pelas asperezas do latim dos versículos.

Palestrina, Allegri, Pergolesi foram apenas reveladores de madrigais seráficos e de subtilezas eucarísticas. Ela estava envolta no dogma, vestida de latim, embaraçada de dificuldades, presa, como uma estátua, nas escuridades do santuário.

Lutero tomou aquela bela e fria estátua, despiu-a do latim, desprendeu-a das subtilezas, desligou-lhe os braços descarnados, tirou-a do santuário, levou-a para o ar livre — para as largas palpitações. E a estátua delicada, rosada, meiga, consoladora, tomou pela mão a triste Alemanha e levou-a como a Beatriz mística pela orla das moradas santas.

Foi o momento de lirismo e de paixão da Reforma. Aqueles braços que

se tinham erguido por entre as constelações caíram logo como asas molhadas. A música teve um momento o rosto aceso nas iluminações divinas, mas ficou de novo fria, hierática — mármore pálido.

A música que é a alma, o espiritualismo, o vapor da Arte — sumiu-se com a aproximação da Renascença, que vinha cheia de rebeliões da carne.

A Reforma tinha sido feita em nome do idealismo, em nome da alma escarnecida: a Europa tinha-se esquecido da alma, da pureza, das castidades, do olhar da Virgem cor de violeta: ela caminhava nas púrpuras e nas fulgurações, seguida das pombas lascivas, com as brancas nudezas cobertas de veludos, escutando os contos da rainha de Navarra,

acompanhando em serenata profana as cantigas de Ariosto, entre os mármores frescos e os seios macios, desfalecida nas molezas da carne.

O magro Martinho Lutero veio bradar em nome da alma, contra as púrpuras daquele pálido paganismo.

E a Europa assustou-se: os papas tomaram atitudes severas e lívidas; e voltou-se a Deus como no tempo de Dante. Foi momentâneo este puritanismo da velha Europa. O sensualismo tinha visto pela primeira vez a Igreja sua velha inimiga tremer e encaminhou-se feroz com as vinganças da carne.

A Renascença vinha depois daquelas lívidas castidades góticas, dos jejuns transparentes, das faces maceradas, daquelas chagas roxas de Cristo. Vinha

com toda a sorte de livres palpitações e de rebeliões soberbas. Vinha cheia da Natureza e em nome dela: sentiam-se-lhe as sonoridades e os acres cheiros das florestas, e as vivas humidades dos mares. A carne ia aparecendo, tremenda, João de Leyde ressonava de noite, cansado de gulas, entre as suas catorze mulheres: começava a surgir o ventre imenso de Gargântua: sentiam-se fumegar as bodas de Gamacho; e para as bandas do Norte já se ouvia o riso do velho Falstaff.

A atmosfera da Renascença, pesada de aromas fortes e de sensualidade, das vaporações da languidez, não podia conservar a vitalidade àquela vaga Ofélia, que se chama a música.

A época da música ainda não tinha

vindo: a Arte é como a vegetação — só cresce, só tem coloridos e sombras e repousos dadas certas circunstâncias de vitalidade: mas dadas essas condições, ela nasce espontaneamente, e vem então cheia da alma dessa época, da sua inteligência, da sua fé, das suas tristezas, das suas desesperanças. A música, toda alma, não achou essas condições na Renascença, toda carne. — A nossa época é que devia produzir a música como a Grécia produziu a escultura, como a Europa gótica a arquitetura e a era das monarquias e das academias a tragédia raciniana.

Com efeito, nunca, como neste tempo, as profundidades da alma, cavadas e alargadas pelas revoluções, estiveram tão fundas e tão ilimitadas. Durante a lei

católica e os embrutecimentos monárquicos, a alma movia-se lenta como o mar, unida, calma, pesada, opaca e coberta de brumas. De repente as revoluções passaram pela noite sacudindo os seus fachos severos, donde saltavam constelações. A alma alumiou-se entre repelões brutais: iluminaram-se longes surpreendentes: houve um desencadeamento de brados, de vontades, de violências: daquela claridade viva saíam desejos, sentimentos, paixões, amores, imaginações, epopeias nos livres turbilhões. Toda a sombra se ia retirando da alma, em amontoações rápidas e cobardes, com o ruído distante de um desabamento de bastilhas. Era uma ressurreição mais cheia de seiva e de violência que a vida flamejante das

constelações, que a vida desvairada dos mares. Saíam daquelas profundidades santas, como evaporações de luz, as críticas, as histórias, as filosofias, as medicinas, as químicas, as imaginações, os dramas, toda uma vegetação divina.

A alma começou a entrever cimos luminosos, erguidos por entre os astros, que se chamavam Homero, Ésquilo, Dante, Miguel Ângelo, Rabelais, Cervantes e Shakespeare. A alma queria subir àqueles escarpamentos divinos, para colher a pequena flor do ideal. Ela via moverem-se ali mil figuras, voluptuosas e sinistras, disformes, irónicas, apaixonadas, ciosas e lívidas: e nas claridades e nos círculos de um vento divino subirem por entre as irradiações dos astros, os tremores das tormentas, os

gritos das andorinhas e os luares silenciosos, subirem gritos, lágrimas, soluços, risos, cantos, suspiros, bênçãos e imprecações. A alma via aquela vida flamejante acesa no espaço como uma Jerusalém humana erguida na luz, ao sopro dos fortes peitos. E queria subir à montanha sagrada e andar por entre aquelas imaginações que sofrem, que sangram, que deliram, que são Romeu, Hamlet, D. Quixote, Orestes, Prometeu, Francesca de Rimini e Ofélia! Era um Patmos estranho aquilo, um promontório do pensamento, donde se avistava um mar, ora embalando-se sereno nos silêncios alumiados, ora dando-se lascivo aos beijos do vento, ora indolente e melodioso, depois cheio de iras, de esguedelhamentos, de farrapos lívidos de

água, de trágicos soluços do abismo.

Os que não se aventuravam naquela passagem ficavam sossegadamente na sua fé ordinária, na sua virtude, na sua sonolência; mas os que as atravessavam entravam nos sofrimentos infinitos: quase que ficavam fora da medida humana: o que quer que fosse de ilimitado entrava neles, com bruscos desvairamentos. O homem sente-se como possuído pelo demónio Legião. Sente as inquietações descoradas, os abatimentos dolorosos, os amores infinitos, as ambições nevrálgicas, as imaginações lívidas, toda uma amontoação apocalíptica de estranhas vitalidades interiores. Vai pálido. Quem é ele? É aquele que sofre. E o infinito que ele tem em si tortura-o como a presença de Deus

torturava as sibilas antigas.

E depois, ao mesmo tempo, viu-se que os prometimentos das revoluções tinham mentido.

Tinham-se visto tantos derrubamentos, tantas forças desvanecidas, tantos direitos divinos assoprados, tantas fulgurações de Sodomas apagadas, que não se acreditava que ainda pela sombra pudesse estar de pé, e atuante, alguma antiga fatalidade. Pensava-se que a miséria, que a fome, que o erro, que a mentira, que as bruxas e as negruras históricas tinham fugido, como um fumo: mas aqueles lobos trágicos ainda andavam pela noite mordendo as almas.

O mal passava ainda, nas suas façanhas fulgurantes enredando nos vícios

e nas tentações, fixando no homem o seu olhar fúnebre através das transparências doentias da noite, batalhando com as almas e fazendo-lhes a chaga incurável do pecado. E então, como que nasceu uma convicção tenebrosa: a impossibilidade do libertamento. Erguiam-se os braços magros e suplicantes: olhava-se pela Terra, a ver se não viria alguém da parte da Natureza, um monte, uma floresta, um mar, um vulcão, que tomasse o homem pela mão e lhe dissesse com a bonomia dos monstros: *Vem, eu te protejo*. Nada.

Nasceram então tristezas vagas como o luar, profundas como a noite. A Terra ficou como se o lençol de Cristo tivesse sacudido sobre ela os seus suores e as suas frialdades. — Luzia um grande Sol, mas negro, o Sol da melancolia. Nem

largos risos, nem bênçãos fecundas. A mocidade, pálida e nervosa, sofria, ajoelhava, torcia os braços, e um dia morria, e ia como uma vaga forma húmida errar no céu dos fracos. Vagavam as coortes dos pálidos, dos noturnos, dos desgrenhados, de todos os errantes da melancolia.

Embalde se perdiam nas violências do mal, e entre os braços nus e os reflexos dos vinhos, riam e bebiam, descantavam à viola, deixando os gemidos aos ventos e os soluços às ondas: por vezes a alma justa passava, como uma Ísis velada, lançando-lhes um olhar severo, e toda a repugnância daquela vida estéril e perdida lhes refluía aos dentes como um soluço de tédio. Houve um momento em que a Terra moderna foi

como o antigo vale de lágrimas da Imitação: as almas queriam voar par ao cimo onde está o ideal, sereno, branco, consolador e purificador. Debalde. Como aquele saltimbanco esfarrapado e lívido, que queria fustigar o teto de lona com os seus cabelos soltos, e que caía sempre nas poeiras entre os esgares da populaça, os novos também queriam soltar-se, em impulsos nervosos, rasgar o azul, rolar pelas estrelas, e caíam, ofegantes, usados, lacrimosos e desolados.

Então apareceu o tipo soberano, em que se resumem todos os sofrimentos, todas as desesperanças, as melancolias, as incertezas, as penumbras, as aspirações, os lirismos desta época pálida e doentia. Esse tipo chama-se Fausto, Manfredo, Lara, Anthony, Werther, Rolla,

D. Juan.

Molière e Hoffmann ambos fizeram um D. Juan. O conto de Hoffmann é a revelação do poema de Mozart. A maneira diversa por que foi concebida a grande figura de D. Juan pelo poeta e pelo músico revela os profundos dilaceramentos modernos.

O D. Juan de Molière é ateu, incrédulo, aceita os nervos como religião e a devoção como uma ironia.

Tem paixões e arroubamentos, contanto que não lhe amarrotem as rendas do seu colar.

Derrama-se em astúcias e respeitos para burlar o Sr. Dimanche, e um dia que seu pai lhe vem falar da honra, recomenda-lhe que tome primeiro uma atitude de púlpito. Encoleriza-se com

Elvira, que quer que ele ame, e com Esganarelo, que quer que ele creia. Convida o comendador por descrença, e quando se ouvem os passos sinistros na escadaria, e a estátua lhe estende a mão, morre nas convulsões de medo católico.

O D. Juan de Mozart esse tem uma lista de três mil namoradas: e todavia vai pelo mundo, angustiado e inconsolável, procurando a esperada do seu coração, como um sacerdote perdido que anda perguntando pelo seu Deus. Vai pelos povoados, por entre as arquiteturas e por entre as florestas, pela Espanha, por Florença, e por Berlim, suspendendo as escadas de seda a todos os balcões, e os seus desejos divinos aos lábios da noite.

Ele embala nos seus braços moles de languidez as trigueiras, as louras, as

joviais, as melancólicas, as castas, as fortes, as impuras, as noturnas, as luminosas e as esfarrapadas. Depois soluça baixo como numa penitência.

Voam em redor dele figuras transparentes mais delicadas do que as Virgens de ouro fino de um livro de legendas e ele envolve nos braços aquelas sombras de corpos flutuantes, bebe-lhes toda a vida em beijos infinitos. Ele encontra EIvira: ama-a, como se as asas com que há de subir ao infinito nascessem nos ombros dela.

A alcova tem uma sombra augusta e nupcial; as luzes esmorecem; da guitarra sai daquela música mole, e indefinida, e queixosa, semelhante a um luar sonoro. Ela, com os cabelos soltos como os raios dispersos de um grande Sol negro, com

um divino movimento lascivo, com se a embalassem os braços de um deus, deixa, no colo de D. Juan, virem como uma onda, sobre os seus seios nus, as suaves preguiças.

E ele sofre e torce os braços nas suas dores mudas.

Lá fora estão os loucos companheiros, que hão de ir logo em cavalgada noturna, cantando sob a moleza dos astros. E ele soluça nas suas dores mudas.

Ao longe estão na sombra os seus palácios cheios de fulgurações, de sinfonias, de cantos, de radiosas violências flamejantes, como no fundo de uma glória. E ele foge com as suas dores mudas.

O que tem? Não perguntaram?

Tem a nostalgia do infinito.

O indefinido daquela alma revelada pela Arte: eis aí a música.

Por isso ela é a voz espontânea de todos aqueles que, como D. Juan, andam curvados, esfomeados de ideal, noturnos, empalidecidos pela lua.

Todas as tristezas deste tempo encontram na música o respiradouro do livre azul ideal e vivo: e nas horas da dor, vão ali respirar aquele ar, onde derramadas as consolações divinas. Assim a música aparece neste século como uma voz inesperada em que se entendem os desconsolados. E os desconsolados foram toda uma mocidade pálida e nervosa, toda uma primavera sagrada! Poucos foram os fortes, os serenos, de largos risos sonoros e de

seios de heróis.

As almas tinham tomado as qualidades da noite, o vago, o silêncio, a tristeza e o esvaecimento!

A música saía espontaneamente destas dores que se queriam exalar, como outrora saiu do choro rítmico de Rama todo o divino poema da Índia.

A loura Alemanha de ideal seriedade, luminosa, um tanto nuvem, cheia de vapores e de constelações, devia sobretudo adotar a música como a pilha cheia de vozes, há tanto tempo esperada pelo seu coração mudo.

A música *que é o vapor da arte* é a maneira de pensar da alma alemã, que os seus instintos sagrados levam para as livres claridades e para os esvaecimentos.

A Alemanha pensa com um doce

ruído inefável.

A música italiana, essa tem o quer que seja de palpável, de luminoso, de ondeante, como seda invisível: sente-se que por pouco que se condensasse, as mãos encontrariam como que um tecido de sol, uma moleza viva que se poderia vestir.

A música italiana sai profundamente da Natureza, como a alemã sai profundamente da alma; de resto a alma, a Natureza, são duas maneiras de ser de Deus.

A música dos maestros do Sul é sobretudo voluptuosa: parece sair dos movimentos melodiosos de um corpo feminino e lascivo que estremece de desejos surdos sob os veludos, que se torce nas sedas, em desfalecimentos e

sobressaltos. As heroínas dos seus poemas musicais, «Lucia», «Norma», «Lucréria», «Traviata», são um coro lírico que canta todas as voluptuosidades adúlteras, todos os desvairamentos. Mesmo Bellini, o meigo Bellini, contemplativo, dolorosamente queixoso, delicadamente lânguido, não pode arrancar a sua Itália do coração, e derrama pela partitura da «Norma» todas as fulgurações do desejo, todas as imolações apaixonadas, todos os arrependimentos desvairados e soberbos.

E agora Mozart encontra D. Juan, o de lábios africanos, vindo de Espanha, dos calores silenciosos, dos seios rijos, dos beijos flamejantes: quem escreve o libreto de D. Juan é Lorenzo de Ponte, um meigo doido de Veneza, jogador, duelista,

neto de Lovelace, com largos horizontes e largas cantigas e o peito cheio da religião da carne e do sol. Mozart mesmo tinha estado na Itália e amava a alma luminosa do doce Rafael... e apesar de tudo, quando anima D. Juan, não sente o coração e o talento da sua branca Alemanha?

Não estão naquela criação todas as esperanças, todas as religiões, todos os amores, todos os idealismos, todas as desesperanças da pátria?

É isto o que Goethe, o olímpico, sentiu profundamente, quando disse que Mozart era o único músico capaz de compreender Fausto e de sentir Margarida.

E todavia a Alemanha e a Itália têm o mesmo delicado sentimento do grande tipo, que simbolizava na vida o

tempo moderno. É por ele que se levantam no Norte e no Sul as vozes que o revelam no amor, no ciúme, na severidade, e na melancolia. Em toda a obra musical, sempre aquela figura se ergue, trágica e desgrenhada. E ele que tem ciúmes em «Otelo»; que se desespera em «Fidélio»; que quer ser livre em «Guilherme Tell»; que cisma ao luar em «Freischütz»; são as suas recordações que cantam na «Lucia», na «Traviata», na «Sonâmbula»; é ele que cisma com o Oriente em «Semíramis»; que desvaira em «Roberto, o Diabo», que sonha aventuras no «Hernâni» e que sofre de amor e de venturas de amor no «D. Juan», do divino Mozart.

Assim estas escolas outrora hostis vão-se fundindo, a Alemanha dando o seu iluminismo e a Itália a sua paixão.

E assim a Arte vai sendo a primeira a unir as pátrias pela reconciliação das almas.

Ainda há pouco, nos lugares sagrados em que o monge Lorenzo enterrou Julieta, se estendia brutalmente o feroz quadrilátero austríaco: é necessário que os antigos ódios históricos se vão esvaindo como o fumo das pólvoras: que os uivos das batalhas expirem nos lábios da Alemanha, cheia de idealismo, que é a formusura da alma, e nos lábios da Itália, cheia de formosura, que é o idealismo do corpo. Como em Shakespeare o amor reconciliou as famílias, possa, no mundo moderno, a Arte reconciliar as pátrias. E possamos nós todos, os que estamos neste canto da velha terra portuguesa, com a alma serena sob o céu claro, possamos

ver, no dia das glórias e das fraternidades, o Romeu italiano, apaixonado e melodioso, estender a mão de irmão, por cima dos montes, àquela eterna e doce Margarida que se chama a Alemanha!

Macbeth

Foi no tempo de Filipe II, trágico mocho do Catolicismo, que Shakespeare criou o seu drama épico de Macbeth. E desde então, que aquela figura, que exala noite e humidade, erra pelo enorme céu negro, vivada no meio das tempestades, alumiada e crescida por um estranho reflexo de saques e de incêndios, enquanto os abutres, os corvos, os milhares, os gaviões, as corujas voam em círculos sobre a sua trágica cabeça esguedelhada.

As outras imaginações noturnas do poeta, que se chamam Hamlet, Lear, Otelo e pisam com pé trágico o solo augusto da epopeia, todas têm junto de si o doce

corpo de uma mulher para lhes embalar no seio as angústias tenebrosas, como num leito misterioso; para lhes fazer subir por vezes ao rosto a serenidade augusta do bem.

Nós vemos hoje essas formas femininas andarem impalpavelmente, nas respirações de luz, em redor daquelas terríveis cariátides do mal: elas derramam-se sobre aquelas almas noturnas, como umas auroras vivas cheias de meiguices, de orvalhos, de claridades, de fecundos descansos, purificadoras e transfiguradoras.

Assim Ofélia, húmida dos musgos da água, segue o seu dolente e lacrimoso Hamlet; Desdémona derrama o seu perdão, como um óleo santo, sobre a agonia flamejante de Otelo: e Cordélia

estira os seus braços como asas de bênção e com gestos de coroação, ampara a cabeça desvairada do velho rei Lear. Macbeth, esse vai seguido na sombra pelos seus negros vassalos, os incêndios, as pestes, os derrubamentos.

Macbeth é o mal-fantasma. Ele não é daqueles lobos que andam, pela noite da história, dilacerando as liberdades e as pátrias. Não.

É uma energia inconsciente e fatal. Um pouco mais mergulhado na sombra, seria o igual de Satã. Quando a sua coroa reluz na escuridão parece que as constelações devem seguir aquele reflexo terrível, curiosas de saber que sombria aventura vai ele tentar contra o Homem. Porque é certo que ele provoca a atenção do infinito, e tem misteriosas afinidades

na noite.

Ele atravessa todo aquele drama como um espectro.

Quando as ondinas saíam fora da água, a namorar os moços formosos debaixo dos plátanos, denunciavam-se, as pobres, porque a orla do seu vestido estava sempre ensopada de água. Macbeth é assim: debalde se cobre de púrpuras; e se assenta aos banquetes; e fala de manobras de guerra com os seus capitães tenebrosos; e se queixa que lhe foge o sono, para parecer humano: os que se aproximam dele empalidecem, porque a extremidade do seu manto tem uma orla sulfurosa.

Ele ouve a predição das soberanias flamejantes da boca esverdeada das feiticeiras, que se dão

lascivas aos beijos do vento, por cima das folhagens, e se somem nos esvaecimentos tenebrosos, riscando a noite de sangue. Ao atravessar pelas horas negras os seus terraços entrevê o luzir dos punhais; não pode sentar-se aos banquetes resplandecentes, entre os risos sonoros, sem ver diante cie si, com a lividez dos que fizeram a viagem maldita, o espectro de Banquo donde se exalam os castigos. Por fim, quando toda a Escócia sangra, porque passou Macbeth esmagando as cidades, assolando os campos, enegrecendo o céu com o fumo — luto dos incêndios, não são os exércitos que o vencem: a Natureza ouviu as queixas humanas, os brados de justiça que saíam dos postes, das queimadas, das forcas, dos cemitérios; ouviu a alegria estridente

dos abutres, dos corvos e dos milhafres, e destaca então uma floresta, que vai com ruído trágico esmagar o homem sinistro. Neste castigo Shakespeare é maior que Esquilo. Esquilo, quando vê Prometeu pregado no Cáucaso, olha desvairado, e vendo lá em cima a serenidade de mármore dos deuses de nomes sonoros, vem, pálido, ajoelhar junto daquele rochedo ideal e santo como um altar, e apenas, sufocado, pode fazer um gesto suplicante ao velho mar, para que mande as suas oceânides consolar o vencido enorme.

Shakespeare porém quando vê Macbeth matar os reis, matar o povo, matar os homens históricos, derrubar os capacetes heráldicos, matar os instintos, matar os Macduffs, matar as crianças de

olhar divino, as mulheres de seios fecundos, matar a pátria, corre desvairado, toma uma floresta e vem esmagar a feroz criatura sob um desabamento da santa Natureza: e aquele castigo passa com o ruído terrível do carro da justiça.

Este Adão do mal tem uma Eva monstruosa — Lady Macbeth. Lady Macbeth é a serenidade do mal. Ela, com a sua atitude soberana e bárbara, tem a vaga semelhança de uma Juno homérica. Tem em si todas as grandiosas rigidezes, todas as frias austeridades da Natureza do Norte.

Ela é a energia selvagem, que de longe conduz as batalhas. Ela passa no drama como sacerdotisa do mal, predestinada e serena: até às vezes parece

flutuar, no seu olhar frio, não sei que fúnebre resignação: as cóleras e os castigos — têm quase piedade daquela trágica mulher estéril. Ela não tem o amor, não tem a compaixão, não tem a consolação, não tem a melancolia, não tem a maternidade. Alguém, feroz e desconhecido, lhe tirou aqueles amolecimentos onde há lágrimas, para lhe poder conservar a atitude hirta e rígida do mal.

Lady Macbeth é como uma estátua do crime, feita de mármores e de bronzes, e erguida ao longe numa lividez silenciosa, tendo por pedestal a noite. De vez em quando concebe, com lascivos estremecimentos de alma, as opressões e as violências, e vem então lenta, deixa cair da sua mão estendida as agonias e as

destruições, acende com um olhar as sinistras queimadas pela planície, e volta para os lados da noite e da humidade e arrastando o seu manto, que faz a cada passo como uma onda negra e húmida de sangue, que a segue.

E no entanto, quando ela passa, o olhar perde-se na contemplação perigosa daquele busto forte, daqueles braços de aço, daquela testa que tem reflexos de opala, daqueles cabelos poderosos de um negro flamejante, daquele seio de forma bárbara. E então abre-se na alma, como uma grande flor do mal, um desejo, negro e reluzente. Aquele olhar atrai como uma profundidade cheia de ecos, de vapores húmidos, e de mugidos de águas. E a alma, esquecida da justiça e do bem e dos pudores da piedade, quer atravessar as

brumas do mal que cercam aquela mulher, e palpar os brocados luzentes e recamados que a vestem, destrançar-lhe os cabelos pelas moles sombras e dissolver-se naquele olhar negro como uma flor se dissolve num vinho forte. O coração ri-se dos gemidos da Escócia e do último *highlander*, que morre contemplativo tocando as árias da sua montanha na última cabana, e lastima unicamente Macbeth porque tem para matar — só um Duncan! Sufoca o peito a negra lembrança de um desfalecimento lascivo, naqueles braços de mármore pálido, salpicados de sangue. A contemplação daquela terrível Lady Macbeth no drama de Shakespeare deixa o corpo frouxo e trémulo como se sobre ele se estendesse a nudez de uma deusa.

Foram estas duas figuras tenebrosas que Verdi quis revelar no seu poema musical de «Macbeth».

Há, sem dúvida, na obra imensa de Shakespeare, criações que devem dar a sua alma, a sua vida, a sua paixão, a esta música moderna, vestida de sensualidades pesadas, coberta com veludos de pregas moles e silenciosas. Porque em Shakespeare há tudo: há os corpos disformes feitos de lodo; os corpos transparentes feitos de pulverizações de luz, os corpos luminosos feitos de argilas ideais: há almas tão puras como músicas de constelações, tão terríveis como as fulgurações do desespero, tão voluptuosas como os beijos vermelhos do sol: ele semeou ali, com mão augusta, as energias, o amor, as enervações, os ciúmes, as

angústias, as melancolias, a dúvida, a paternidade, a cobardia — eu sei?... Há toda a sorte de vestidos, sedas, farrapos, luxos, púrpuras, sudários; umas cabeças têm coroas flamejantes, outras cabeças têm coroas de violetas: aquelas criações têm nos lábios o lirismo, a ode, a imprecação, a sátira, a chocarrice: há arquiteturas, tormentas aflitas, arvoredos sagrados, luares e aparições: assim caminha enorme aquela obra, tentando a grande aventura da imortalidade! Para dar a vida e o sopro ideal a esta criação imensa, é necessário que venha a arquitetura, a decoração, todos os coloridos, os vestuários, o lirismo, e sobretudo, a melodia e a orquestra.

A música deve ser a voz de tudo aquilo que ali está silencioso sem ter a

faculdade de se exprimir, e nós termos a possibilidade de o compreender: das estrelas, das pedras, das nuvens, das flores; de tudo o que, desde as ervas molhadas até às vias-láteas, fala muito indefinidamente e com vibrações muito sobrenaturais, para que o nosso êxtase as possa escutar. Quando Julieta suspira ao seu balcão, desejando que o corpo do seu Romeu, depois de morto, seja dividido em pequenas estrelinhas, para que todas as mulheres se namorem da noite, em roda dela, as flores, as vegetações, aquelas moles divindades nuas, que se chamam as nuvens, o arfar brando do seio da noite que cria as aragens, a floresta divina de que nós apenas vemos as pontas das raízes que são as estrelas: tudo se balança naquela evaporação de amor, que exala a

alma da lânguida mulher, luminosa na escuridão do seu jardim, como um diamante no seio de uma negra: e toda a Natureza está cheia de confidências, de murmurações e de coros. Diante dos pudores, das indefinidas meiguices, das sentimentalidades da alma de Ofélia: diante dos pensamentos de Hamlet, incertos e revoltosos como as ondas, como os ventos, como as nuvens que no ar se formam e se desmancham, o lirismo do celeste William empalidece como um herói derrubado: e então a música vem, na sua ideal serenidade, dolorosa e branca, revelar todas aquelas vibrações celestes.

E estas imaginações radiosas dos poetas devem entrar antes nos poemas musicais, do que as figuras históricas.

São aquelas criações

maravilhosas que nos enlevam, que nos fazem sofrer, que nos transfiguram a alma.

Que importa que agonize Maria Stuart, e a doce Maria Antonieta, e Beatriz de Cenci, e a idílica Inês de Castro? Nós vemos estes desaparecimentos de astros, com os olhos enxutos, atentos à justiça de bronze da história: e, se nos interrogam sobre aquelas fatalidades, mostramos lá em cima o grande azul constelado.

Mas que Julieta se definhe e que lance chorosa o seu amor fulgurante pelo espaço, para alumiar a fuga de Romeu até Mântua; que Desdémona diga a «canção do salgueiro» onde se morre de amor; que apareça entre os lutos reais o enterro virginal de Ofélia, nós vamos desgrenhados e aflitos, perguntando por

que caminhos misteriosos sobe lá cima até à radiosa bondade divina o coro suplicante das lágrimas.

No entanto parece que as imaginações terríveis e ferozes dos poetas não podem ser nobremente transportadas para a música: e quando os maestros querem subir aqueles escarpamentos divinos, caem sem fôlego junto da montanha sagrada: e só recobram a paixão, a alma, o lirismo, o sopro divino, diante das criações femininas, lúcidas figuras feitas de cheiros suaves onde habita a alma dos deuses, e de pétalas macias, e de vapores de luz.

Sem falar em Gounod que não compreendeu a grande figura de Fausto, mas pôs divinas vibrações nos lábios de Margarida, o grande Rossini não pôde

erguer-se até à região onde desvaira a alma de Otelo, e ficou-se a chorar um choro celeste com Desdémona, debaixo do salgueiro.

Assim também Verdi, o luminoso Verdi, não compreendeu aquelas trevas que Shakespeare derramou na alma de Macbeth.

Verdi, o músico querido dos Mexicanos, dos Americanos, dos Russos e de nós outros os Portugueses, é realmente o único compositor italiano verdadeiramente sério que ficou, depois do desgraçado Donizetti; Rossini retirou-se da arte.

Verdi tem um talento vigoroso, apaixonado mesmo, mas falta-lhe o lume santo, o desvairamento ideal, o Deus, aquele sopro de que fala a Bíblia. A sua

música é profundamente materialista: é uma melopeia enérgica e estridente: é uma melodia colorida e pesada: há mesmo o quer que seja de rígido e de metálico naquela sonoridade sensual: ele sabe excitar as sensibilidades materiais, mas não consegue arrancar a alma do seu vestido de carne e levá-la, nua e possuída do infinito, pelas regiões das surpresas radiosas.

Todo o entusiasmo que Verdi tem alimentado na Itália provém do momento grave em que se revelou.

Nesse tempo a Itália revolvia o poema convulsivo da sua reconstituição: os Italianos, que tinham adormecido naquela rede tecida com os raios do sol que se chama a preguiça, começavam a erguer-se e a experimentar os seus

músculos frouxos e amolecidos de amor e de sonhos. Nesse momento Verdi foi pela Itália com um canto poderoso, em que os libertamentos batiam as asas. Aquela música apaixonada, ardente e *vermelha*, enrijava as enervações e couraçava as energias: e a Itália seguia com idolatria o poeta, que lhe soprava na alma com o amor das epopeias o amor das liberdades.

No Norte, quando a Alemanha, no tempo de Napoleão, começou a pensar no seu passado, como no deus por que havia de bradar no dia das batalhas, aparece uma música nacional, a de Spohr e Weber, que canta as velhas poesias da Alemanha, melodias feitas quase dos cantos populares que diziam outrora à tarde, nas encruzilhadas da Floresta Negra, rapsodos errantes: e quando a grande

pátria, ouvindo as caçadas de Samosel pelas florestas da Turíngia, os estremecimentos dos elfos vaporosos pelos prados hircínios, e todas as velhas mitologias do Reno, vivendo, sofrendo, voando, sussurrando num livre canto, ergueu-se terrível; entoou também, ela, o velho canto de Lutero couraçado de ferro e atirando para longe a sua roca de Margarida, ficou, severa e iluminada, esperando junto do Reno, tendo a um lado o espectro da honra e a outro lado o fantasma da justiça.

Verdi ou instintivamente ou intencionalmente fez em parte, no Sul, o que tinham feito os poetas do Norte: nem todos aqueles entusiasmos foram fecundos: as duas pátrias sangram ainda: e as flautas tristes do Norte, e as guitarras

gemedoras do Sul só sabem aquele choro lento e doloroso de Roma quando perdeu a esposada da sua alma: e não é verdade que a esposada dos povos é a liberdade? Pobre Itália! Pobre Alemanha! Deus as envolva num olhar de bênção e de repouso, neste tempo em que estamos, que é a véspera das agonias!

Mas voltando ao «Macbeth», é certo que Verdi fez daquela figura desvairada um herói italiano, melodioso e mau. Por toda aquela ópera anda errante um terror transparente e mole. Será porque a música, a meiga errante do espiritualismo, não pode compreender aquelas duas almas pavorosas saídas da noite e pesadas de matéria? Não sei. O certo é que aquela ópera parece uma transfiguração do velho Macbeth: parece

que o velho herói lívido entrou neste tempo moderno, amoleceu-se em voluptuosidades, perdeu-se em melancolias, teve as febres silenciosas da alma e assim, frouxo, doente, descorado, vem com Lady Macbeth contar a sua velha legenda trágica sobre uma cena resplandecente. Com efeito aquela ópera faz saudades do drama de Shakespeare: era ali que Macbeth erguia o seu rosto erriçado de barbas, e invocava Hécate de três cabeças: era por aquele terraço onde mugia o vento que eles atravessavam esguedelhados e convulsivos para a câmara de Duncan.

E assim enquanto aquelas figuras líricas se adiantam para a orquestra de poderosos alentos com as gargantas túmidas de melodias gemedoras e

violentas, a alma pode deixar o seu querido corpo, e ir para cima dos mares e dos continentes, para os descampados da Escócia, ver passar aquelas sombras unidas de Macbeth e do Lady Macbeth, que, segundo as legendas, passam de noite nos clarões das tempestades uivando manobras de batalha.

E depois pode a alma voltar, para ouvir aquela confusão de ruídos coloridos e apaixonados, de melodias pesadas que murmuram, que estremecem, que gemem e que gritam, e que se vão desvanecendo em volta do corpo e cobrindo-o como uma onda. Enquanto se canta «Macbeth», a alma pode andar longe pelo país das quimeras.

De resto a cantora Rey-Balla encarna magistralmente a Lady Macbeth

italiana de Verdi. Não é aquela mulher bárbara de trágicos sonambulismos. É uma heroína lívida, magra, nervosa, viperina, rancorosa, cheia de movimentos metálicos e ásperos e de frequentes iras nevrálgicas. É a verdadeira Lady que Verdi entreviu, semelhante às heroínas da sua velha Itália dos mascarados, dos duelos, dos envenenamentos e dos adultérios com máscara de veludo.

As grandes figuras históricas vão-se: os Tiranos vão-se: os Deuses vão-se, vai-se a Arte.

Agora os Deuses e os Tiranos andam lá em cima pela imensidade negra; os Deuses arrastando-se na poeira luminosa; os Tiranos levados serenamente por um vento do infinito, serenos com as mãos sobre a espada. Às vezes

encontram-se lá em cima, e vão, por entre as trevas da noite, contando as suas antigas façanhas flamejantes; e os olhares dos Deuses e os sorrisos dos Tiranos riscam a noite de sangue. Por vezes uivam comandos de batalha, e fazem as ilimitações todas sonoras e oscilantes como uma floresta, e as suas respirações cansadas dobram os fantasmas do vento. E depois os Reis, conchegando as suas púrpuras rotas e desbotadas, e os Deuses segurando os seus dialemas de falsas estrelas, apontam sobre a terra negra, adormecida em baixo, os lugares onde eles passaram nas glórias e nos triunfos, e só se veem nesses lugares cinzas, fumos que sobem, evaporações de sangue, virgindades perdidas, cúpulas pesadas de igrejas, vapores de lágrimas perdidas,

amontoações trágicas de sombra.

E quando assim estão, começa a noite a tornar-se pálida e triste como uma noiva lasciva que sente vir o dia, e todo o céu começa a estremecer formidável de auroras: então aqueles espectros passam com olhos dolorosos, e vão transfigurados pela dor e feridos pela luz, desvanecendo-se nos esvaimentos misteriosos: em baixo nas cidades, nas vilas, nos povoados, acorda sereno, cantando a alvorada do trabalho — o povo imenso!

Poetas do Mal

Conhecem Poe, Baudelaire e Flaubert? Estes homens só veem o mal; os corpos magros despedaçados e podres, as vegetações líricas que luzem como no fundo de um sonho asiático, as nuvens ferozes onde vagueiam os danados do amor, os orvalhos caídos das frias esterilidades da lua, os uivos horríveis das almas que têm medo, os ventos que torcem os corpos dos enforcados, as pestes, as covardias do desespero — todas as flores do mal esplêndidas e negras.

Na alma humana só encontram pecados teimosos e arrependimentos covardes.

Se por acaso contemplam um dia o esvaecimento da luz, sereno e severo como a alma de um herói, julgam ver, na catedral de vapores acesa sobre o mar, um sacerdote — Deus, tomado de trágicas iras, arremessando pelo espaço os santos símbolos! Veem-no rasgar pelas nuvens a sua alba flamejante: veem-no lançar a hóstia — que é o Sol — às águas soluçantes: pensam ver o ar, pesado de lirismo, vergar ao sopro da sua respiração indignada: é ele que faz a noite com a negra irradiação do seu olhar; é ele que dispersa pelo ar, como um milhafre dispersa as penas de uma pomba, as folhas rasgadas do missal e é um pedaço do livro santo que flutua, onde nós julgamos ver um astro.

Estes homens com as suas

violências radiosas, com os seus ideais desesperos, com as suas ironias, os seus espiritualismos estão no meio destes espíritos modernos da arte, baixos, alinhados, esbranquiçados e lisos como uma catedral gótica entre as casas caiadas de uma vila. Eles abafam nestas atmosferas pesadas com o fumo das indústrias.

A Natureza está vazia: as florestas meneiam a sua cabeça louca e frouxa; o céu tem o calmo olhar dos idiotas; os rios vão sempre fugindo e cantando como os amores das mulheres. Eles não podem derramar a alma nas bondades errantes que a Natureza tem; a Natureza mesmo quase que já não existe; perdida como está entre as edificações, as granjas, as indústrias, as fábricas, os estaleiros, os

circos — parece uma pouca de erva passando esmigalhada entre os dedos de um homem!

Eles não têm ao menos o grande refúgio do amor.

Passam é verdade junto deles mulheres de seios de âmbar, sérias entre os veludos silenciosos: quando elas assim passam a alma dos poetas anda humilde e perdida pelas lamas como um fumo que o vento abate: é o vento do materialismo que assim as verga; se a alma se eleva para ir buscar a flor de bênção ao interior daquele belo corpo feminino, se lhe vai pousar nos olhos negros e macios, se entra radiosa, como para um noivado santo, se escorrega até ao coração, sai logo aflita, dizendo: não vale a pena deixar esta lama para subir àquela alma.

Assim o amor não os pode tentar: e a glória também não: eles veem que hoje os grandes espíritos sobem sempre para os pedestais em que hão de aparecer — estátuas do futuro — como um truão sobe para o tablado — entre os brados inertes, os uivos, as imprecações da multidão — que vai passando para os esfriamentos do túmulo.

Mas podem refugiar-se na antiga poesia, no doce Virgílio, nos êxtases de Catulo, nas sentimentalidades de Petrarca — em toda aquela doçura untuosa, serena, fresca, consoladora: não podem: hoje aquelas santas colinas humildes foram invadidas pela multidão dos críticos, dos realistas, dos esquadrinhadores — multidão esfomeada de materialidades, que anda revolvendo o terreno para lhe

explicar as camadas, que destrói todas aquelas meigas flores do bem para lhes contar as pétalas, que descascam as árvores sagradas donde caíam os versos para Ovídio para lhes estudar as fibras e os filamentos.

Então aqueles homens são tomados de uma doença horrível — que doença? O tédio.

O tédio estende silenciosamente a sua rede em volta da alma.

A pobre alma estava cheia de auroras, de frutos, cantando nas madrugadas: vêm até ela as bondades condescendentes do Sol; acendem-se constelações dentro do peito; o interior fecundo e vermelho do coração anda cheio de corpos de mulheres: tudo se transfigura: o choro é um coro de

rouxinóis: a ira, a palpitação de asas de uma ave soberba. Os nossos olhos têm reflexos distantes de paraísos desconhecidos: os braços têm gestos soberbos que falam aos astros, e se se queixa uma planta e se suspira uma onda, nós estendemo-los com um gesto de consolação e de amparo; às vezes, nasce também na alma a melancolia, mas então a melancolia é a voluptuosidade da tristeza.

Então vem o tédio passo a passo: escurece. Espalha-se uma moleza errante; calam-se os coros interiores: aparecem os desesperos lentos, as angústias frias: os braços caem nos desconsolos como as asas de um pássaro ferido: as antigas alegrias, as bondades, as energias, as coragens, apodrecem e vão-se em pó, e vê-se então a alma, nua, gelada, rígida,

opaca, má, como quando se retiram os panos bordados e radiosos de um altar aparece o pau duro, tosco, escuro e carunchoso: somente debaixo dessa madeira do altar está às vezes a imagem do Cristo morto: na alma há também um Cristo morto — a fé.

Então aqueles tristes vão procurar uma região nova e apaixonada e lírica onde não ouçam a voz rouca do materialismo. Assim outrora os monges iam para os desertos da Nitria para não ouvir suspirar pelo céu ainda orvalhado pelo mel do Hibla a alma errante do paganismo. Porque eles pensam que, assim como o ocaso do Sol é feito por um Deus terrível que despedaça as relíquias santas, o ocaso da arte é feito pelo materialismo que despedaça as

sociedades.

Então como vão para uma ideia nova, desordenada e bizarra, aparecem vestidos com uma forma nova, desordenada e bizarra: eles sabem que as imitações arcádicas estão gastas: que as velhas árvores donde se dependuravam liras clássicas estão secas: que os caminhos trilhados pelas togas brancas de pregas hieráticas levam ao deserto. Assim esta revolução na arte feita pela banda Baudelaire não é, como diz a crítica ordinária, hemistíquios, prosas, rimas e medições que se alteram: é todo o poema divino das sociedades modernas que se vai aos farrapos. As formas novas são o sintoma da sua dissolução.

Os espíritos não podem respirar o ar moderno pesado de materialismos:

sufocam, sofrem, gemem; e então, como o aborrecido que cantou Henri Heine, pedem os ciúmes, as violências escuras, os rasgões da carne, os roubos, os beijos entre lábios tintos de sangue.

Então aparecem estes livros— *As Novas Histórias Extraordinárias*, *As Flores do Mal*, *Salambô*, etc. O primeiro é de Edgar Poe; entre aquelas páginas passa o demónio da perversidade, ora hirto e lívido como os ciprestes, ora galhofeiro, jovial, ruidoso, às cambalhotas, mostrando os rasgões do fato, às risadas mostrando a podridão dos dentes, sinistro e debochado como um palhaço das esquinas.

Poe não tem o vago iluminismo de Hoffmann, nem a fria imaginação de Darwin. Poe diz a realidade dos terrores

e das visões, a realidade. O seu livro é a epopeia desvairada do sistema nervoso.

O outro é Baudelaire; Baudelaire é o viajante terrível que vai através do mal da carne, como, guardadas as proporções, Dante vai através do mal da alma. Baudelaire vai aos rios e toma os cadáveres dos afogados inchados e roxos que dormem no colchão da areia, cobertos com os farrapos lívidos da água; vai pelos túmulos erguendo os sudários e mostrando o mole apodrecimento das carnes; vai apanhar o sangue coalhado e pinta o rosto com ele, e vem assim, terrível, escancarar a boca entre as rimas e as molezas da forma; vai às alcovas húmidas buscar as mulheres descarnadas e lívidas que roem os cotovelos de desejos e traz aquela coorte medonha, e vem por entre as ceias

ruidosas, os cristais, as mulheres luminosas, as grandes pregas harmoniosas das sedas e atira confusamente aquele feixe de formas soltas, deslocadas, rotas e gangrenadas sobre os seios cor de âmbar e sobre as palidezes suaves, sobre os sentimentos tépidos, sobre as mãos macias.

Flaubert escreveu a «Salambô». Aquela alma, depois de ter criado em «Madame Bovarv» a imagem desoladora de uma harmonia, de uma perfeição, presa nos braços gordos e toscos do materialismo, refugiou o seu desalento nas sombras do mundo antigo. E toda a antiguidade está em «Salambô». Mathô é a carne ardente e feroz, cheia da força do sol, da terra de África.

Spendius é a astúcia serena e fria

da Grécia. Amílcar é a alma austera das antigas repúblicas. Salambô é a lascividade mística da Síria. Schaabarim é a alma desolada dos sacerdotes politeístas vergando ao peso de seis mil deuses. Hanan é a fúnebre corrupção de Cartago. O exército de mercenários é o resto do mundo: ali estão os lusitanos enormes, os gauleses brancos abundantes de palavras, os líbios perversos: e todo o mundo bárbaro, terrível, obscuro, imundo, lento, coberto de lepras.

Já veem que estes poetas não respeitam o egoísmo humano, o gordo egoísmo humano, sonolento, entre as almofadas, cercado de jornalistas, de críticos, de poetas que lhes esfregam os pés com os aromas profanos, cantando: «Tu és forte, e sábio, e previdente, e

profundo, e belo, e sereno!» E entretanto ele flácido de preguiças vê passar as imaginações saídas dos romances, dos poemas, dos dramas modernos, pequenas, límpidas, castas, piegas, viperinas, burguesas. Então vêm aqueles poetas, atiram-lhe de encontro às paredes do cérebro as suas estranhezas, as suas ferocidades, as suas violências, dão-lhe as frialdades do medo, os calores da angústia, os suores do túmulo, e ele vai-se, pisado, abalado, lívido, deslocado e coxeando.

São poetas livres, despedaçam as fórmulas, amaldiçoam os industrialismos.

Não têm aquela melancolia cheia de lúcidos reflexos de astros, de Byron e de Musset — a menina Byron. Estes, quando se veem repelidos pelo

materialismo crescente, erguem-se soluçantes e bons, e mostram a alma coberta de lágrimas, vergada como se sobre ela caíssem as tristezas de um deus. Os outros não: combatem a carne com a carne; cantam a podridão; aqueles, Byron, Musset, Vigny, refugiados na Bíblia, mostravam a beleza daquilo que o egoísmo humano despreza; estes, Poe, Baudelaire, Flaubert, mostram o horror daquilo que ele adora.

Às vezes também dizem as adorações do materialismo, mas do materialismo transfigurado, envolto no vapor subtil como se sobre ele se lançasse o vestido claro e lúcido de um Deus.

Mas a grande verdade, etc.

A Ladainha da Dor

Ao Sr. A. A. Teixeira de Vasconcelos

O músico Berlioz ao voltar das bandas moles da Itália e das ilhas da Grécia de lívidos escarpamentos sem serenidades idílicas e sem mirtos — recebeu nas ruínas das Sorveiras, junto de Nizza, onde trabalhava na sua sinfonia de «Harold» toda cheia de mar, esta carta vinda de França.

«O pintor Lyser voltou da Boémia com a sua doidice elegíaca. Pedi-lhe o retrato de Paganini como tu querias, mas ele disse-me em segredo que fora o Diabo

que lhe guiara a mão naqueles traços, e que ia conservar uma lembrança do Diabo, seu velho amigo. Tem esse cartão numa pasta entre um desenho do velho Cláudio Loreno e um retrato de Dante.

»Ontem, ao cair da tarde, estávamos ambos sentados junto da janela. O ar entrava todo emaranhado nos cordões verdes das trepadeiras; nós estávamos calados e abandonados à doçura divina das coisas.

»O pobre Lyser, com os seus grandes cabelos caídos, tomou o retrato de Paganini e desenhou em volta toda a sorte de entrelaçamentos de folhagens de penumbras delicadas, de dissipações de nuvens: e entre aquelas eflorescências escreveu os nomes de Dante, de Hamlet, de Romeu e de Sancho Pança, dizendo

com a sua voz dolente: — Paganini tinha alguma coisa de todos estes homens. — E derramou-se em palavras sobre o espírito do músico onde havia materialismos de rei bárbaro e doçuras de apóstolos. Depois, no cimo do cartão, desenhou a figura de Ofélia levada pela corrente, e um morcego, com as asas dobradas, e olhando tristemente, de entre as canas debruçadas sobre o rio, o corpo branco sumir-se levado serenamente como no seu elemento, e os grandes cabelos louros emaranhados nos musgos da água: e por baixo escreveu: *Duvida Ofélia do meu amor, da verdade luminosa das estrelas, dos coloridos das folhas, da luz branca e séria do sol*. E depois, com a voz séria: — Paganini sobretudo era um morcego.

»É assim aquele pobre Lyser com

a sua triste loucura. Sabes que lhe morreu a irmã? No dia do enterro, Lyser acompanhou o corpo com a sua rabeca debaixo do braço e fustigando com o arco as ervas molhadas. O dia estava nublado. — Minha pobre irmã — disse ele — que nem pode levar presa no seu lindo vestido uma réstia de sol. — Sabes a religião que Lyser tem pelo sol. Passa dias inteiros deitado entre as frescuras dos caminhos, sob a grande luz sonora do sol. Nessa noite em que a irmã foi enterrada, ele foi sentar-se junto da cova tocando as velhas árias de Lully, e de vez em quando compunha as dobras de um xale que tinha lançado sobre a sepultura. Assim esteve perdido numa saudade mais doce que a lua, e mais profunda que a noite. Como o céu estava nublado, ele dizia, de vez em

quando à cova: — Não tenhas pena, cá fora nem estrelas há.

»Foram-no buscar de madrugada, e ele vinha lento, dependurando-se do fato do coveiro como uma criança, para ouvir os uivos dos cães e o chiar dos carros.

»Dias depois voltou ao cemitério e o coveiro não o deixou entrar: o pobre Lyser ficou junto das grades com os olhos cheios de lágrimas. — É uma coisa de pressa que tenho a dizer a minha irmã — dizia ele com a voz passada de suplicações. O coveiro estava dentro falando com uma mulher de cabelos cor de vinho; e como a quisesse prender num abraço bárbaro e rijo, a rapariga, ao fugir-lhe, caiu sobre uma sepultura toda coberta de violetas; o coveiro ergueu-a, sacudiu-lhe a terra dos vestidos, e deu

com o pé rude na terra da sepultura resmungando: — Malditos tropeços!

»Por fim, veio abrir a grade enferrujada ao pobre Lyser e com uma grande voz: — Vá, que já não são horas de entrar sem licença. — Lyser sumiu-se entre os ciprestes, debruçou-se sobre a cova e escreveu na brancura da pedra: *Luísa, se lá em cima encontrares a estrela Vésper, pergunta-lhe de que tintas se faz o cor-de-rosa da tarde e os reflexos de roxo-pálido; preciso sabê-lo: ontem dei o teu xale branco a uma pobre: diz-me se queres que te traga alguns dos teus vestidos: olha, se passares de noite por estas alamedas não te aproximes da casa do coveiro, vive lá uma má mulher.*

»Dias depois chamou-me e disse-

me: — Sabe? começo a acreditar que minha irmã morreu. Por isso, peço-lhe uma coisa, que quando tiver alguma camélia não a esmague, talvez seja feita do seio da pobre rapariga. — E afastou-se, arrastando os seus sapatos como se estivessem pesados de água: mas de repente voltando-se e com a voz cheia de suplicações: — Nem as violetas, talvez sejam feitas dos olhos dela. — Então tomou-me pela manga e levou-me para entre árvores onde havia o sol, o coro das colmeias, os cheiros de feno e os coloridos frescos dos frutos: ele ia com a face toda tomada pela cor quente e fecunda da vida: — Não sabe? — dizia-me o pobre Lyser com a sua voz lenta e doce como um escorrer de mel: — não sabe? Muita rapariga que dizia as cantigas

das eiras e dançava debaixo dos plátanos morre nos frios de fevereiro. Há de ter visto, por esse tempo, os pobres namorados que andam chorando sobre as covas com os cabelos caídos. Então aqueles corpos das raparigas desfazem-se. Alguém que sabe e que vê aproveita aquelas formas e aqueles coloridos; da pele do seio fazem-se pétalas de camélia, dos olhos tristes fazem-se violetas, da cor dos lábios fazem-se os rainúnculos, dos hálitos perdidos fazem-se os cheiros bons, e do olhar, da meiguice, do desejo delas faz-se a primavera, o doce ar das madrugadas de maio. De modo que de noite as flores que estão nos vasos na sombra das alcovas conversam das suas existências passadas; falam das danças ruidosas à guitarra; daquela manhã em que

a ponta do seio veio espreitar pela abertura do vestido os olhos do namorado; daquela tarde em que a face se vestiu de cor-de-rosa para receber a visita de um bigode louro; daquela noite em que as pálpebras castas acudiram aos olhos, que estavam perdidos e quase a dizer sim; e se uma noite espreitar as flores que estão nos castos paraísos das alcovas, há de vê-las sair dos vasos, entrelaçarem as formas e os coloridos e fazerem na sombra a vaga semelhança de um corpo feminino.

»E assim o pintor Lyser. Fez-se noite naquela alma, e, por isso, ela tem todas as qualidades da noite, o sombrio, o vago, o negro, o azul, o lânguido, o estrelado.

»Agora deseja morrer e ser

enterrado numa paisagem casta, assoalhada, murmurosa, para se julgar protegido e coberto pela alma errante do seu amigo Cláudio Loreno.

»Quando a luz do sol se retira, prende-se, como um manto de seda que se arrasta entre ervas secas e ramagens, ao dorso de uma onda, ao cimo ruidoso de uma árvore, à proa de uma barca de pesca; assim aquele espírito ao retirar-se daquele corpo se prende ainda a tudo o que na vida é superior, e elevado, e meigo, ao amor, à melancolia, à compaixão, à arte.

»Quando cheguei do Báltico soube que Paganini se retirara de França: tive a respeito dele grandes conversações com o rabequista Sica, que pensa em fazer para o verão uma peregrinação pela Síria.

»Estávamos horas debaixo das tílias, falando do quimérico espírito da Paganini, até que as estrelas apareciam, contemplativas e augustas. Sica contou-me toda a legenda idílica e bárbara de Paganini: os seus amores em Verona, aquela cantora empoada, de mãos macias e sentimentos velados e grandes sedas, e aquele abade de fivelas luzentes, com quem ela ia debaixo dos veludos silenciosos, num entrelaçamento de braços, em doce e azulada viagem pelo país de Citera. Depois contou-me toda a sua trabalhosa odisseia das prisões e dos degredos: aquelas noites em que ele, poderoso e solitário, entrava na confidência dos negros soluços do mar: noites dolorosas das lágrimas, em que aquele trágico homem estava, enroscado

nas palhas do seu cárcere, vendo ao longe o mar Mediterrâneo amolecido por aquela moleza que escorre dos astros, e da voluptuosidade da noite desconhecida e fecunda.

»Dizia-me Sica que Paganini lhe contava, que sempre às horas escuras via as fivelas do abade luzirem na noite e dizia Paganini; — Às vezes o remorso é bondoso, encarna-se em coisas que têm uma vida, uma carnação, um sangue, uma moleza, que se podem abrandar, a quem se pode suplicar; mas aquelas fivelas metálicas, inertes, rígidas, eram um remorso frio, surdo, inflexível, faziam-me subir ao rosto o suor do antigo Josafá.

«Dizia também Paganini, que uma das suas grandes torturas do cárcere fora assistir pela visão à decomposição fria do

corpo da pobre cantora Marietta.

»Ele via aquele corpo sem óleos, nem sacramentos, debaixo das terras limosas e das crescências túmidas de seiva, esverdear-se entre as ossadas.

»Via de noite perto de si aquela terrível decomposição das carnes, aquelas brancuras inertes, aquelas moles curvas sugadas pela terra. Via, aterrado, os cardos, as papoulas, as gramíneas, os ciprestes serenos comerem a sua bem-amada fria, muda, esverdeada e inchada!

»Então ali tomou o ódio da Natureza: ele atravessava sempre as frescas fecundidades, as searas, todas as verdes formas da vida, os campos e as granjas, com um horror judaico e místico. Só perdoava ao mar: e às vezes, depois, na Dinamarca, ia para junto das águas do

mar do Norte, tocar na rabeca as velhas cantigas escandinavas e as baladas rúnicas; e desejava muitas vezes que depois de morto o seu corpo pudesse nadar durante a Eternidade nos verdes embalos da água.

»Foram terríveis todos aqueles anos de prisão.

»O rabequista Sica contou-me depois todas as viagens de Paganini com os estudantes da nova Alemanha, indo pelos burgos, pelos povoados, pelas cabanas de lareiras sonolentas, cantando às estrelas e dizendo, na sua rabeca, sob a lucidez do céu do Norte, as velhas baladas da Turíngia.

»Contou-me o amor da duquesa de Weimar por Paganini; e como uma noite de concerto em duas cordas da rabeca ele

disse o diálogo misterioso de duas vozes que se falavam debaixo do arvoredo, depois entre as sedas de cortinas ao fresco ar de um balcão, e depois ainda na terra debaixo das raízes dos ciprestes, e, por fim, indefinidas, ténues, luminosas, entre o encruzamento sagrado dos raios dos astros.

»Era uma alusão desconhecida que encheu de lágrimas a duquesa de Weimar.

»Aquele homem ultimamente tinha o peito cheio de mortos. Dele retirara-se o elemento humano; já não tinha a compaixão, o riso, o amor, a indignação, a paternidade, a emoção.

»Lento, com os seus cabelos caídos, lívido, com as terríveis rugas da face semelhantes aos *ff* de uma rabeca, com as mãos transparentes, cheias de

agilidade, e de deslocações com os seus grandes casacos escuros de pregas hieráticas, atravessava os povoados, os silêncios, as cenas resplandecentes, poderoso e solitário, procurando aos pés, sempre, uma cova onde não se esfolhassem árvores, onde não nascessem ervas, sem saber que na noite, na humidade, nas choças, nas pedreiras, na estradas, nas costas, há uma raça que sofre, e que há beiços lívidos da fome, e que há febres silenciosas, e amores desertos, e suores de angústia, e apodrecimentos de honras, e uivos de almas aflitas, e lentos e frios esvaecimentos de pudores e de belezas.

»Sica contou-me também o grande poder musical de Paganini e a sua atitude nos concertos cheia de abaixamentos e

servilidades; e contou-me também, meu amigo, aquela noite gloriosa e flamejante em que se tocava a tua sinfonia de *Romeu e Julieta*, e em que ele veio, entre os aplausos e as vozes de coroação, ajoelhar e beijar-te as mãos, dizendo com os olhos cheios de água: — Tu serás Beethoven!

»Ultimamente, como sabes, tinha uma doença de garganta que o emudeceu; trazia então um livro branco em que escrevia o que pensava nas conversações da noite; aquela doença não o vergou mais; ele tinha já o silêncio estoicismo da alma, e refugiou-se na mudez estoicismo do corpo.

»Passava então com o rabequista Sica horas inteiras tocando rabeca ou guitarra. Ultimamente preocupava-o muito o ter de deixar a sua rabeca só, depois de

morrer; e escrevia no seu livro: *Quando eu estiver para morrer pensar que a hei de deixar aqui, entre estas mulheres de aço, estes jornalistas lívidos e os agiotas calvos, no meio desta multidão esfomeada de materialidades! que se há de encher de pó a um canto, ela, cheia de alma e de legenda!*

»No entanto ele acreditava que no dia em que morresse a sua rabeca havia de estalar e os pedaços apodrecidos na terra ir-se-iam confundir com o corpo dele nos átomos das árvores, ou das estrelas, ou das águas; e escrevia então: *Que felicidade poder ter a mesma folhagem, dar a mesma luz, lançar a mesma espuma.*

»Ultimamente, porém, olhava para a rabeca com um ar triste e descrente; às

vezes tomava a guitarra e ia tocar nela para junto da rabeca, com um gesto de carícias brandas, com um lento correr de dedos como se estivesse vestindo as cordas com a harmonia viva que tirava da alma; ele queria pôr todos os seus interiores divinos naquele gemer de guitarra, para fazer morrer de ciúmes a sua velha rabeca abandonada.

»Por esse tempo, um dia que ele estava com Sica, escreveu assim: Já me não fio na minha rabeca; acredito que ela não há de lamentar a minha morte; não morre, não! *Há de dar-se ao primeiro que a tomar nos braços; há de dar-se com sufocações lascivas, e dizer-lhe os mesmos segredos místicos, voluptuosos e iluminados que me dizia a mim: que importa à rabeca que o pobre músico*

apodreça debaixo da terra? Ele escrevia isto com os olhos molhados de água.

»Ultimamente o músico Sica necessitou ir à costa normanda, porque tinha lá seu pai, velho marinheiro, morrendo junto das águas; e quando voltou coberto de lutos e soluços, disseram-lhe que Paganini tinha partido para o Sul e o Sr. Georges Harrys todo corado de saúde para as bandas do Hanover. Adeus, não te demores em Nizza, acaba depressa a tua sinfonia do *Harold* e recomenda-me ao nosso velho amigo — o Mar.»

Tempo depois o homem que tinha mandado esta carta recebeu estoutra de Berlioz.

«Estou ainda todo frio das visões desta noite. Sabes que moro nas Sorveiras, que são umas ruínas junto do mar, pedras bem conhecidas por toda a populaça do ar: abrigam-se ali, como numa pousada, os viajantes sombrios da atmosfera, que são as chuvas esguedelhadas, os ventos uivadores, os granizos que escarnecem, as moles brumas e os nevoeiros. Em redor estão espalhados os casebres dos pescadores todos conchegados como as ovelhas quando anda temporal no monte; a costa é terrível e no entanto às vezes o mar tem serenidades só semelhantes ao calmo olhar de um idiota.

»Este povo trigueiro de pescadores sai logo de madrugada para os embalos da água nas suas lanchas esguias,

carunchosas, todas cheias de legenda e do cheiro das pescas: logo na alvorada se sente em baixo, junto da voz da maresia, aquelas cantigas fortes de deitar redes, robustas como calabres, e sãs como o sol. É uma bela vida! Durante o verão, nas sestas silenciosas do mar todos andam na pesca, os velhos, as crianças rotas, resplandecentes e sujas, e as mães de forte seio — essas belas mulheres da costa da Itália que eram tão desejadas pelos marinheiros gregos e fenícios, duros e calvos, que tinham visto Mileto e Abido e Corinto.

»Agora que o outono começa, esta pobre gente deixa as redes rasgarem-se ao vento, e vai para o interior dos povoados juntar-se nos campos à pobre gente curvada que lavra e que semeia.

»Ontem fui, numa barca de pescador, até ao ponto em que o Var desagua. Sabes que é neste tempo que as pombas emigram para o Sul; reúnem-se em bandos gemedores e vão por cima do Mediterrâneo fazendo nódoas brancas pelo ar azulado. Quando voltei, o Sol descia: o barco vinha levado de um modo silencioso e casto pelos serenos embalos ondulosos. O mar tinha uma serenidade olímpica.

»Eu tinha-me abandonado às molezas da tarde, e todo estirado à popa via o céu cobrir-se de uma cor rosada, como de um rubor de castidade. As estrelas começavam a aparecer; donde vinham elas? E donde é que vem a noite de tão longe que vem suada de luz? Eu via-as tremer e pensava que elas deviam

ter frio e medo, lá em cima, nas solidões, sem deuses. Aquelas horas também aparecem as ondinas na água; quem sabe se as estrelas são mulheres de um elemento desconhecido, que vêm de noite em sereias sagradas celebrando um rito elegíaco? Quem sabe se são árvores agitadas por um vento, que deixam cair estes negros frutos, a melancolia, o amor, a sensualidade?

»Depois ri-me destes imaginações; mas no meio do Mediterrâneo, ao anoitecer, num barco de pesca, vendo ao longe as linhas moles da costa de Itália, e sobre os montes os fogos dos pastores, não podia ver as estrelas como nas verdades e nos positivismos modernos e esqueci Arago, Berthelot e o velho Laplace.

»E depois pensava como desejava morrer, que era nos braços da bem-amada, sol da minha natureza, sem dores mordentes, sem febres silenciosas, e ir assim entre as fulgurações do desejo e os deslumbramentos da alma e os beijos vermelhos e transfiguradores e os entrelaçamentos divinos sob o seu olhar santo, ir num lento desmaio da carne para a frialdade da terra e ali sentir-me lentamente dissipar pelas humidades fecundas, pelas seivas brancas, pelas espumas das nascentes, pelas raízes das florescências!

»Ora quando assim vínhamos, vi na linha escura e áspera da costa uma massa sonora de arvoredo e por entre a sombra uma luz elegíaca.

»— Que luz é aquela, meu velho?

— disse eu da popa.

»O pescador suspendeu as rijas ondulações dos remos, que ficaram direitos, escorrendo, todos esverdeados dos musgos da água.

»— Aquela luz, senhor, é da casa das Serenas; a estas horas está ali abandonado um pobre homem que morreu lá ontem. Tinha chegado aqui há pouco, e era mais amarelo que a cera do altar; até na costa diziam os velhos que ele se vendera ao Diabo; Deus me perdoe por falar assim nisto, de noite, em cima das águas. Ah! senhor, diziam que tocava na sua rabeca maldita que nem o Céu. Chamavam-lhe Paganini.

»E o pescador meteu os remos na água, cantando com um embaio da voz:

Altra volta gieri biele
Blanch'e rossa com’un fiore
Ma ora nó. Non son piu biele
Consumata dal’amore.

»E depois voltando-se e com a voz ensurdecida pelo clamor das marés:

»— E os padres agora não lhe querem cantar as suas ladainhas e enterrá-lo em terra santa. Se fosse meu parente e tal sucedesse ia para o fundo do mar: debaixo da água anda muito corpo de patrões e pilotos: eles não morreram, não; andam ainda vivos; e quando um pobre homem que tem mulher e filhos deita as suas redes, em dia de vento, quando o peixe anda arredio, eles costumam afugentar a pescaria com ramos de coral para as bandas da rede!... — O pescador

falava assim lentamente com a voz pesada da religião das legendas.

»Eu levava os olhos rasos de água e pensava que nunca tinha ouvido tocar o triste Paganini: sempre que ele deu os seus concertos, não sei que frias necessidades me prendiam longe da França.

»Entrei nas Sorveiras com o peito cheio de friezas e de mortalidades. Quis trabalhar mas sentia-me dissolvido na pesada materialidade das coisas.

»Tomaram-me uns moles cansaços e fiquei sem pensamento, sem desejos, inerte e silencioso como um pombal donde fugiram todas as pombas. Sentia apenas o miar dos gatos lascivos e os uivos dos cães que andam de noite na praia esfomeados. O mar estava pesado

de gemidos sob a noite lenta e mística.

»Ora quando assim estava ouvi distante, como vindo dos lugares hieráticos das nuvens e das vias-láteas, o gemido de uma rabeca. — Quem é que, àquelas horas, numa costa áspera de ventos imensos, quando os pescadores dormem nas frialdades da cinza da lareira enrodilhados nos farrapos dos mantéus, tocava assim rabeca junto do mar?

»Fui amedrontado ao meu antigo balcão gótico e olhei pelas transparências doentias da noite. Nada. As ondas choravam o seu choro místico e as estrelas estavam na sua imobilidade donde se exalam religiões. Cerrei as portadas e voltei com o peito sacudido por um soluço de medo para junto do braseiro: então ouvi de novo aquele som

triste da rabeca estender-se lentamente pelo mar como uma névoa sonora. Fiquei todo tomado de tremores e de frios: e ouvi então distintamente com os ouvidos da carne a música de uma rabeca acompanhada surdamente pelo mar.

»Ao princípio foi uma melodia de fresca serenata, que a água acompanhava com um marulho húmido e alegre: e ao mesmo tempo ao longe havia o gemer rítmico do vento.

»Então durante uns momentos eu ouvi uma música estranha da rabeca, acompanhada pelo mar, onde havia gemidos, dilacerações, e vozes pesadas de lágrimas, e melodias trágicas com dores da Natureza, e sempre por entre os sons alegres e meigos uma tristeza surda e lenta corria como a água corre lodosa

entre os juncos, os canaviais e as eflorescências.

»Havia vozes de rabeca aflitas e bárbaras: e às vezes dois mugidos sinistros do mar pareciam presos por uma melodia da rabeca, delgada, ténue, clara, como um fio de som. Eu não te sei dizer o que era aquela música sobrenatural, elegíaca, selvagem, trágica, suave, e escarnecedora.

»Por fim de repente toda aquela orquestra poderosa se calou, como um bando de abutres e aves de noite gritando aflitas, com trágicas palpitações de asas, que vêm pousar num silêncio, sobre um rochedo das águas. Então senti, de entre aquela amontoação apocalíptica de harmonias, desprender-se solitária a voz da rabeca, e vir de leve tocar junto do

meu balcão com meiguice, com moleza, com dissipação de lágrimas — as variações do *Carnaval de Veneza*.

»Ninguém me pode tirar do coração que foi a alma de Paganini que deixou o seu corpo na natureza solitária das Serenas, e veio dizer o adeus da música ao seu velho amigo.

»Adeus, meu meigo artista; sofre e transfigura-te pela dor: eu aqui estou cheio de saudade da nossa doce França, junto das águas tristes do Mediterrâneo.

»Creio que depois da noite de ontem, nunca mais terei o riso sonoro e são. Adeus: dei os teus recados ao Mar, que te manda como voz de saudação o terrível temporal que agora vai na costa.»

O homem a quem esta carta foi

escrita era um meigo artista, um pintor como Lantara, e assim descuidado, vivendo na boémia errante das misérias, das jovialidades e das Primaveras: mas a alma não se maculou com os contactos do corpo: no meio daquelas loucuras esteve sempre como uma pomba adormecida. Aquele pobre rapaz vivia numa trapeira, onde trabalhava sem sol, naquelas alturas silenciosas e castas onde vivem e crescem as flores dobem: depois enlouqueceu e foi recolhido a um hospital: e ali era sagradamente velado por uma enfermeira doce, delicada e branca como uma Virgem de ouro fino de um livro de legendas: o pintor, que, como o seu amigo Lyser, ainda depois de doido desenhava, pediu um dia à enfermeira a sua touca engomada e lisa, e com um lápis desenhou ali, como um

agradecimento de alma, toda a sorte de delicadas imaginações — asas abertas, coroas de folhagens, ondas que vinham beijar um pé branco, coroações de caridades.

Uma noite a enfermeira ouviu um gemido, e veio encontrar o pobre pintor com as mãos postas diante de um retábulo alumiado; a doce rapariga cuidou no seu coração que ele se encomendava à Virgem; escutou: o pobre rapaz doido estava rezando ao seu velho amigo Cláudio Loreno; quando sentiu a enfermeira, voltou-se, e disse-lhe quase a chorar: — Deixo o meu corpo aos rios, às árvores, às abelhas, aos montes, às searas, a toda a Mãe-Natureza. — Depois curvou-se, beijou a orla do vestido da enfermeira e ficou-se enroscado no chão,

nas últimas frialdades.

A enfermeira pousou a luz do retábulo junto do corpo, tirou a toalha da Virgem e estendeu-a sobre a face pálida do triste, transfigurada nas últimas formosuras.

Ao outro dia de madrugada, quatro homens que riam das farsas da taberna, e cantavam más cantigas, levaram aquele branco corpo à vala dos pobres.

Os Mortos

Ontem foi o dia dos mortos, os mortos são felizes. Enquanto nas dolentes celebrações da Igreja, ao pé dos altares luzentes, diante de Jesus roxo e descamado, os tristes e os simples rezam pelos seus queridos mortos, eles andam dispersos pela grande Natureza, pelas florestas esguedelhadas, pelas espessuras sonoras, pelas uberdades da seiva, pelos sulcos fecundos, por todas as verduras de acre cheiro.

A sua carne sofreu, empalideceu nos medos, coloriu-se com as febres, engelhou-se nos frios; mas agora anda, repousada e sã pelas frescas vegetações, pelos frutos coloridos, na luz selvagem e

vital do sol, nos átomos da noite constelada e suave.

Os que morreram nos apodrecimentos das febres desfizeram-se nas terras fecundas sob as eflorescências limosas, foram sugados pelas raízes e, confundidos com a seiva, vêm outra vez para o sol, sob forma de frutos, de corolas, de ramagens ondulosas.

Os que morrem sobre as águas do mar desfizeram-se entre os verdes embalos, entre as areias, os corais, as conchas, as foliações dos rochedos, e vêm depois, sob a forma de ondas, embalar-se serenos ao sol, ou de noite estirarem-se ao peso da moleza que escorre dos astros, ou de madrugada, cantando com barbaridades de rainhas e doçuras de santas, acalentarem o povo dos

pescadores silencioso e trigueiro.

Os que morrem sobre os montes, como os pastores contemplativos, são consumidos pelo sol; e andam dissipados pela luz hierática das estrelas, pelos vapores moles das nuvens, pelas auroras; são os átomos da luz, serenos, fecundos, consoladores e purificadores.

Assim os mortos são felizes.

Nós outros andamos ruidosos e noturnos, gordos ou empalidecidos, esfomeados de materialidades, calcando as Margaridas, perdidos nos deslumbramentos da carne; celebramos as religiões, esboçamos deuses, riscamos sociedades no ar; e, nervosos, desconsolados, derrubadores, no meio desta forte vitalidade — como um lavrador que suspende a enxada e se fica,

todo amarelo, a pensar na velhice sem pão e sem lume — nós estamos sempre a sustar as nossas alegrias alumiadas e sonoras para pensarmos aterrados nos esfriamentos lúgubres do túmulo.

E no entretanto, os mortos, que são os pais, as irmãs, as bem-amadas, as mães, estão pela Natureza, pelos montes, pelas águas, pelos astros — serenos e imaculados. E porque tememos a morte? Que instinto tenebroso ou sagrado nos faz amar tanto esta forma humana, estes cabelos, estes olhos, estes braços enrodilhados de músculos? As árvores, as eflorescências, as ervas, as folhas, são também formas da vida, santas e cheias de Deus. Por toda a parte, pelas famílias das constelações, pelos planetas, pelas árvores, pelos lívidos interiores da terra,

pelas águas, pelos vapores, pelas plantações fecundas escorre a seiva, o átomo santo, a alma universal! Por toda a parte há atrações, amores, antagonismos, fibras, repulsões, polarizações, alegrias, estiolações, pólenes, alma, movimento — vida. Porque há de então ser esta forma que tem braços e cabelos, e não aquela que tem ramos e folhagens?

A vitalidade é a mesma, cheia dos mesmos instintos negros, sagrados, luminosos, bestiais, divinos.

Por isso os mortos são felizes porque andam longe da forma humana, onde há o mal, pela grande Natureza santa, onde só há o bem, na pureza, na serenidade, na fecundidade, na força.

Bem-aventurados os que vão para debaixo do chão, porque vão para uma

transfiguração sagrada. Mal caem sobre eles as últimas pazadas de terra e o canto dos padres, bárbaro e dolente, se perde com o fumo dos círios, o corpo fica só na plenidão da noite e do silêncio perante a grande vegetação esfomeada; ele vai dar-se ali como pasto às bocas sinistras das raízes: ele amolece entre as humidades da terra e desfaz-se em podridões: então as raízes começam a sugar e a comer: a podridão transforma-se em seiva; a seiva sobe pelos troncos, estende-se pelos ramos, palpita selvajamente dentro da árvore, engrossa, fecunda, arredonda-se nas exuberâncias dos gomos, e abre-se depois em folhagens, em florescências e em frutos: e o corpo transformado vê outra vez o sol, as grandes poeiras, e sente os orvalhos, e ouve as cantigas dos

pastores, e vive sereno, repousado, na floresta imensa.

E no entanto junto daquele corpo, que sofreu a metempsicose do bem, tinha sido enterrado outro, num caixão de chumbo, entre pedra e caí, hirto e embalsamado: entre a enorme palpitação difusa, enquanto em redor vai a lenta transformação e fecundação das sementes onde já estão no germe as folhas, os troncos, os frutos, as flores, os ramos que mais tarde o vento atormentará; entre as raízes fortes e retorcidas dos arbustos, entre os calores da seiva, entre as uberdades e as voluptuosidades da terra desconhecidos, serenos e fecundos, o cadáver embalsamado ali está, inteiro, hirto, rijo, frio, lívido. Ele inveja os átomos livres e soltos, que sobem e vão e

descem no encruzamento das vitalidades, que se deslocam e escorrem, como grãos de um saco, desde as constelações e os cometas, até às espumas castas das fontes: ali, sequestrado à Natureza, não se pode dissolver na eterna matéria forte: ele não tornará a ver o sol, as noites amolecidas de orvalhos, os soluços lascivos do mar: que estranha fatalidade pesava sobre ele que nem a morte o libertou?

Oh! possamos nós todos ter sempre em vida a religião do sol, da beleza e da harmonia: movermo-nos na atmosfera serena do bem e da liberdade; ter a alma limpa e transparente, sem sombras de deuses e de reis; sentir o enlaçamento divino dos braços da bem-amada, e depois, ó santa Natureza, toma os nossos corpos para fazer deles árvores

cheias de sombra e ramos resplandecentes.

E ao menos durante a vida convivamos com a Natureza: quando entramos numa floresta parece que a luz do sol, que escorre abundante e fecunda, nos enche todo o interior, despertando ali, como faz nas madrugadas de maio, os coros de pássaros: e depois há um repouso sagrado como se todas as iras, e as amarguras, e os desalentos, e os terrores, se curvassem na mesma humildade, ao elevar-se na alma uma hóstia misteriosa.

Durante o dia há nas florestas uma santa celebração: as árvores estão graves como sacerdotes: as flores incensam: a luz do sol é a alva flamejante e serena que a floresta veste: e ela murmura um canto

dolente e acre, acompanhado pelos pássaros religiosos, e de entre as ramagens eleva-se uma paz viva, fecunda e consoladora, como uma vaga hóstia:-e, ao fim da missa, as árvores, balançando os ramos, parecem lançar ao povo curvado das plantas, das ervas, e das relvas, a sua bênção soberba.

Ora, quando nós passamos entre estas celebrações tristes, humildes, purificados, de entre a folhagem que se aninha inquieta no seio do vento, sai, para nós, toda a sorte de vozes, de saudações e de confidências.

São os nossos queridos mortos que nos falam, e então toda a matéria tende a elevar-se, a desfazer-se em vapores e orvalhos, a ir pousar, com suavidade e cansaços, nos seios da

folhagem, que já foram seios amados.

E depois a Natureza tem imensos perdões e reconciliações formidáveis; todos os ódios trágicos, todos os corações ferozes se fundem divinamente na promiscuidade dos orvalhos, das seivas e das espumas: ela não escolhe; tudo lhe é bom; as raízes das rosas pastam a podridão dos tiranos; e dos homens que na terra ensanguentaram, dilaceraram, profanaram, faz carvalhos austeros e ceros religiosos.

Ela é mais doce que as religiões: ainda nas Escrituras Judas atraiçoa Jesus, e no entanto há muito tempo que os dois corpos — o do homem luminoso e o do homem escuro — andam enlaçados e dissolvidos nas mesmas auroras e nas mesmas corolas.

Ela acolhe indiferente todos os ritos, todas as religiões: as mesmas oliveiras que na Grécia encobriam, ondulosas, as coreias nuas e os ritos de Baco, cheios de sufocações lascivas, encobriram depois, agitadas por um vento feroz, sob a luz irada das constelações, o pobre Jesus, gemendo, arrastando-se na rocha e nas silvas, suando sangue, bradando aflito na noite das Agonias.

As horas em que acabo estas linhas vai o dia a declinar: agora longe daqui, nos campos, lembra-me que anda o semeador erguido sobre os sulcos, roto e sereno, espalhando o grão com gesto augusto: e parece-me vê-lo daqui entre as transparências mórbidas do anoitecer distribuindo a vida: são os corpos dos seus avós, que ele assim espalha pelos

sulcos fecundantes: são eles que se tornaram searas e que lhe hão de encher o celeiro; e são eles que lhe dão a comer a sua carne e a beber o seu sangue. Sagradas transfigurações!

Assim, é na Natureza que devemos ir procurar as consolações, estremecer com os amores mortos, chorar no seio das maternidades passadas. E na Natureza que se deve procurar a religião: não é nas hóstias místicas que anda o corpo de Jesus — é nas flores das laranjeiras.

As Misérias

Entre a Neve

A Anselmo de Andrade

O lenhador, pela madrugada, ergueu-se da enxerga e acendeu a candeia.

Junto da lareira, engelhado nos frios, cavado de magrezas, dormia um rapaz enrodilhado nos farrapos de uma manta. O pobre lenhador desfalecia de febre: até ao anoitecer da véspera andara pelo negro mato, e depois nem teve um magro caldo junto das sonolências da lareira.

Iam grandes neves pelos montes, e

o triste tinha filhos pequenos, que à noite quando rezavam, todos arrepiados e magros, em redor da mãe, sufocavam no choro da fome: por isso àquelas horas, por entre nevoeiros moles, ele ia pelos montes, pelas colinas, pelos pinheirais, rachar, cortar e desramar, aos ásperos ventos, na grande neve silenciosa.

O rapaz dormia com os pés inteiriçados e todos brancos da lama seca: tinha os grandes cabelos espalhados, e branco tinha o peito. A um canto sobre esteiras bolorentas, cobertas com o saiote da mãe, as duas crianças dormiam com os cotovelos arroxeados — dissolvidas no sono dos frios e das fomes: o lenhador tirou a jaleca que levava para os montes, embrulhou-lhes os pés duros, pesados dos longos esfriamentos, e com a candeia foi

debruçar-se sobre a enxerga onde dormia a mulher: ela tinha o corpo colado ao fraco calor da enxerga como a um seio amado: os braços, caídos e frouxos como os de uma mulher estéril: os seus cabelos negros espalhavam-se tristemente pela enxerga como um luto; e a manta esburacada modelava a forma casta e fecunda dos seus peitos.

Então o lenhador tomou o machado negro e o feixe rijo das cordas, cobriu-se com o capuz de saragoça e foi-se lento, esfomeado e magro, pelos grandes caminhos, duros, lívidos e cobertos de neve.

O seu casebre ficava perdido ao pé dos montes, longe dos povoados, entre umas poucas de árvores que erguiam para o ar os seus braços negros, descamados,

nus e suplicantes.

Ali vivia aquela família húmida dos frios, emagrecida das fomes, diante da neve e dos Invernos, com os peitos cheios da religião do sol, das searas e das fecundidades sonoras e alumiadas — como coisas flamejantes e divinas, que estão tão longe como Deus, inacessíveis, na poeira da luz, entre os paraísos. O pai ia todos os dias para os grandes montes lidar entre a ramaria: a mulher em casa cosia os farrapos ao pé da lareira sem lume, e ao anoitecer ia para junto da porta desconjuntada dos ventos, gretada dos frios, ver se, pelos atalhos enevoados, via chegar o marido, lento, curvado sob os grandes feixes de lenha.

O lenhador caminhava para as bandas dos montes.

A madrugada pesava com as névoas, as frialdades e as chuvas desfeitas.

A neve caía, leve. A alma aconchegava-se dentro do seu querido corpo — como num vestido santo, amedrontado pela dureza sobrenatural das coisas. Porque toda aquela Natureza tinha estranhas barbaridades.

Os caminhos tinham o chão duro, nevado, opaco.

A manhã vinha escura, lenta e lacrimosa como uma viúva à hora dos enterros: e à pouca luz ténue, os pedaços de gelo pendurados dos cardos e das urzes tinham o aspeto frio e podre de farrapos de mortalha: sobre as árvores imóveis, os pássaros quietos e cheios eriçavam as plumagens aos ventos frios.

As nuvens dissolviam-se pelo ar, cheias de orvalhos estéreis.

O lenhador caminhava frio, rasgando-se nas silvas, cheio da chuva das árvores, pálido como os choupos, roxo, desconsolado e sereno.

Ia lento. Pensava nos lavradores, que àquelas horas, nas terras quentes, saem, assobiando, sob a manhã religiosa e alumiada, entre as ervas claras, ao resplandecimento fecundo dos orvalhos, guiando pelos sulcos, enquanto as andorinhas gritam alegres e gloriosas, os bois fortes, lentos e bons. Ele tinha a mulher e os filhos esfomeados no casebre; desfazia-se em lides e em suores, e em cansaços, e nem sempre aquelas faces amadas se enchiam das cores da vida; aquela pobre gente estava sempre

amarela: era o frio, era a fome; nem uma manta nova, nem uma pouca de lã: o bom Deus lá em cima parece que está tão bem agasalhado ao calor dos seus paraísos e das suas estrelas, que não se lembra da pobre gente dos campos e dos montes que se arrepia de frio. E havia gente que via sempre os filhos bem quentes e bem corados!

Assim pensava o triste, caminhando, pesado, molhado e todo cheio de coisas dolorosas e mórbidas. A neve vinha descendo como um imenso desprendimento de lãs.

E ele pensava que podia ser um abastado dos campos, e ver à noite em volta da sua lareira flamejante e serena toda a multidão dura dos ceifadores e dos semeadores, com os cabelos caídos, entre

os bons risos, em redor da grande tigela de caldo, ao estalido das castanhas, na atitude dos bons e dos simples.

A neve ia caindo direita e vaga: e ouvia-se o rumor — indefinido como de um mar, laborioso como de uma colmeia — das multidões doentias dos pinheiros.

O pobre lenhador olhava em redor as grandes neves extensas, enoveladas nas pedras, esfarrapadas pelos cardos, opacas e estéreis: ele olhava; e às vezes um corvo passando silencioso e noturno vinha bater o ar em redor dele com a selvagem palpitação de asas.

Começava a espalhar-se o dia. Ele sentia-se só entre aquela Natureza inimiga e bárbara; e por vezes o braço enfraquecido da febre vergava sob o machado e as cordas húmidas.

Ele ia entrando pelo pinheiral indolente. O pinheiral era cerrado, e a noite estava ainda no enraizamento das ramagens lívidas. A neve que caía sobre os ramos desfazia-se em orvalhos ao calor da seiva.

As árvores estavam como tomadas de um susto religioso.

Quando saiu do pinheiral, em caminho para os montes, ele ia a recordar quando ia para as escamisadas numa aldeia do Sul, e sob a luz apaixonada e melódica das constelações cantava à viola junto da doce rapariga de testa santa e de cabelos cor de amora; e ele, o perdido, amolecia o olhar a esfregá-lo, pela abertura do lenço, sobre a brancura do colo dela!

Hoje, àquelas horas, pensava ele,

aquela pobre mulher gemia na sua alma vendo os filhos, sem um bocado de pão, andarem pelo casebre húmido, rotos, dependurando-se-lhe das saias gemendo: «Mãe! mãe!» E os olhos do pobre tremiam-lhe nas águas do choro.

O lenhador apertou o machado e entrou na floresta.

Os velhos carvalhos violentos e proféticos, os choupos desfalecidos, os castanheiros ruidosos, os olmos grotescos, as ramagens e os silvados erriçados onde o vento brada aflito, todas aquelas verduras vivas e sãs que cantam ao sol no empoeiramento da luz crua, toda aquela sombria Diana esguedelhada que se chama a floresta, dormia sob as opressões da neve, triste, silenciosa — estoica e soberba.

O lenhador com o machado erguido ia por entre a floresta; ele conhecia aquelas estranhas atitudes, aqueles escarpamentos de neve, as faces pensadoras dos rochedos, todo o emaranhamento de ramos de folhas donde caem gotas como um eco de chuvas passadas, e todavia ao endireitar-se contra um velho carvalho empalideceu como diante de uma profanação.

O seu coração simples e bom não compreendia, mas sentia aquelas vidas imóveis, silenciosas e sonoras que são árvores, ramagens, arbustos, eflorescências; ele tinha compaixão dos gemidos dos troncos, das cascas esmigalhadas, das fibras dilaceradas, e sentia que sacrificava ali à fome dos filhos vidas imensas de árvores.

O lenhador atirou o machado negro contra o tronco do carvalho e toda a árvore imensa ficou tomada de vibrações dolorosas: e as suas ramagens estenderam-se caídas, sem vida e sem força, estenderam-se pelo tronco como para se verem morrer sem gemidos, num silêncio soberbo e selvagem.

O Sol veio lívido, mole, desfalecido. Sem serenidade, sem ascensão flamejante e sagrada. Névoas arrastadas, escurezas, esvaecimentos lúgubres de nuvens.

Começavam a esvoaçar os pássaros, piando tristemente. Toda a floresta chovia abundante e sonora.

E o lenhador, com o peito erguido, os cabelos desmanchados, vermelho, trespassado de chuvas, feroz, com o

machado erguidos nas mãos, com justos e trágicos encarniçamentos, lutava contra os troncos, contra os ramos, contra a inchação das raízes, contra as duras cortiças e os filamentos tenazes; e enchia o chão de ramagens negras, de braços mortos de árvores, caídos e inertes como armaduras vencidas.

Aquelas árvores que tanto tempo levaram a formar-se e a enrijar, e a acostumar-se aos ventos tumultuosos, e a saber agarrar as clinas da chuva, e a enlaçaras moles nudezas das névoas e dos vapores, aquelas árvores cheias das mordeduras de novembro, cheias de legenda e do cheiro das tormentas, encolhiam os ramos num estremecimento medroso quando o machado reluzia lugubremente no ar.

Ele tinha a camisa solta, a jaleca esfarrapada: os socos imensos faziam covas na neve: e, esfomeado, terrível, ia a grandes passos pela floresta, rasgando os silvados, com respirações imensas, esmigalhando as raízes, envolto em estilhas, em fibras partidas, com gestos trágicos, afastando com o machado o voo dos corvos; e todo cheio dos filhos, torturava as árvores com golpes flamejantes, gritando-lhes: «Covardes!»

Assim lidou sob a neve, e o vento, e a chuva, e a humidade, e a febre, e as névoas, e a dor, até ao anoitecer.

Tinha já um monte de ramagens e de lenhas: enfeixou-o nas cordas, duras como os seus braços; encravou no meio o machado: o feixe enorme estava encostado a um escarpamento de neve: as

duas pontas da corda por onde ele o havia de erguer pendiam negras e húmidas: ele curvou-se todo para tomar o feixe sobre as costas largas: mas quando o ia a erguer, lento e cansado, sentiu os músculos afrouxarem, as mãos esfriarem, subiu-lhe um desfalecimento, e caiu com os cabelos suados e colados à testa, e os dedos inteiriçados esburacaram a neve.

Assim esteve perdido na moleza do esvaecimento, até que abriu os olhos vagarosos, e ficou-se encostado ao feixe, e cheio de tremuras e de silêncios.

Vinha-se derramando a noite, desciam as neblinas: todo o ar estava tomado de uma palidez opaca e severa: caía uma chuva desfeita e vaporizada: todo o chão estava pesado de neve.

Ao pé do lenhador estava

estendido um grande tronco morto, sem raízes, sem ramagem, sem seiva, engelhado e mordido da neve: por um lado começavam a desfazê-lo os apodrecimentos.

Em redor erguiam-se as multidões de árvores, cobertas de neve, adelgaçadas entre as transparências do nevoeiro, tristes e noturnas como monges brancos.

Ao fundo abria-se uma clareira que deixava ver ao longe a grande luz, que se ia, serena e tímida.

O lenhador tinha o pescoço nu — ao contacto da neve todo o peito dolorido e ensopado de chuvas; ele agarrou as cordas do feixe e, enrijando os músculos, com a face cheia, as fontes inchadas, as grandes veias saídas como cordagens, e as pernas hirtas, violentou o corpo para se

erguer — mas caiu sobre a neve, amolecido, sufocado, coberto das friezas húmidas da febre.

Então ficou-se a olhar o tronco esfolhado, nu, coberto de neve e a pensar que o seu corpo ia ali finar-se e dissipar-se entre as podridões dos troncos.

E toda a sua carne foi tomada por uma vibração terrível. Tinham-lhe lembrado os filhos, e a mulher, e o pobre pastor que lhe sacudia, quando ele entrava, a neve dos cabelos e as silvas da jaleca.

A neve caía triste. Àquelas horas ela esperava junto da porta a ver se o via ao longe chegar curvado debaixo dos seus feixes, pelos caminhos brancos e limpos.

Ela estaria com uma mão sobre a umbreira, e com a outra agasalhando as

crianças nas dobras da saia contra os frios da noite.

E ele estava ali, só, esmagado, sob a neve implacável.

E quando o não vissem vir! E ele procurava na memória se já alguma vez teria ficado de noite pelos montes. Nunca.

Se o não vissem chegar iriam todos chorando e bradando, com a candeia acobertada do vento, procurá-lo pelas urzes sinistras.

Às vezes tomava-o desvairamento, e via grandes figuras de sombra subirem pelos troncos, como um fumo terrível, e sempre aquele enovelamento de semelhanças humanas subia até se perder nas transparências lívidas do ar.

A neve caía como escorrida das nuvens.

E ele pensava, triste, que a mulher e os filhos saberiam a sua morte na neve sob o encruzamento irado das folhagens, e todas as mordeduras da ventania, silencioso e solitário como um lobo!

Então aquele corpo, pisado pela neve, entre as roupas molhadas, enodoado, dissolvido nas molezas da névoa, inteiriçou-se; com os olhos flamejantes, os dentes irados, tomado de risos, esfarrapado dos cardos, endireitou-se, e sufocado, esguedelhado, hirto, lívido, deu um grito na noite.

Houve um levantamento assustado de pássaros por toda a ramagem escura. E veio um vento e levou nas suas espirais violentas um enovelamento de folhas. E toda a luz do dia se sumiu na clareira. Ninguém havia pelo monte. Estava só. Só.

Nem pastores, nem vaqueiros, nem caminheiros perdidos. Só. E iam-se os pássaros, iam-se as folhas, ia-se a luz. Ele ficava só.

Então, vendo em redor a floresta solitária e negra, a amontoação irada das sombras, o esvaecimento lívido dos últimos ramos, as atitudes tenebrosas, as corcovas noturnas das raízes, sentindo ao longe o uivo dos lobos e por cima da cabeça o esvoaçar dos corvos, estirou-se de bruços e bradou, na noite, sob a neve e o ruído dos ramos: «Jesus!»

E toda a floresta ficou silenciosa, indiferente, soberba; os corvos voaram gritando; ele caiu fraco, desalentado, roto, agonizante, macerado; e de cima o grande céu, o céu justo, o céu sereno, o céu sagrado, o céu consolador cuspia neve

sobre aquela carne miserável.

E ficou inerte. A neve caía desfeita e branca. Estava estirado. Via por cima a grande imobilidade da floresta, os nevoeiros que deixavam cair farrapos que lhe vinham roçar o rosto, e a sombra espectral do feixe de lenha.

Ele sentia o corpo pesado com as dores do frio, e na testa e nos olhos sentia abrasamentos mordentes: e nas costas uma chaga imensa, que tivesse terríveis ardores ao contacto da neve, sob o peso do corpo.

Às vezes soluçava. E quando assim estava viu grandes sombras que lhe esvoaçavam sobre a cabeça e fugiam bradando aflitas, com um terrível ruído de asas, esbranquiçadas da neve, apavoradas e ferozes.

Eram os corvos. Tremeu todo. Ele entrevia-os já quando eles viessem pousar-lhe sobre o peito, e curvados, batendo as asas, meio suspensos, enterrar-lhe os bicos negros na pobre carne.

Então moveu dolorosamente o braço entorpecido e apalpou em redor: encontrou um ramo solto, negro, espinhoso: lançou-o contra as sombras negras dos corvos; mas ele tinha a mão quase inanimada pelo frio, e o ramo, debilmente arremessado, veio-lhe cair sobre a face, e rasgou-lhe a carne com os espinhos: mas então as mãos inertes não tiveram força para o tirar.

E pôs-se a chorar. Os corvos voavam terríveis: ele enterrava o pé na neve e atirava-a para o ar, como para os apedrejar. Os corvos desciam.

A neve caía e já lhe cobria as pernas hirtas. Ele então, vendo a floresta que o ensopava de água, o chão que lhe coalhava a vida, o vento que o transia, a neve que o enterrava, os corvos que vinham comê-lo, todas as hostilidades selvagens das coisas, encheu-se de cóleras, e, silencioso, feroz, com os olhos luzentes na noite, deitou rijamente a cabeça sobre o feixe, e pôs-se a morrer.

Então veio repentinamente um vento tumultuoso: e pareceu ao pobre lenhador sentir naquele vento o som de um choro e uma voz bradando aflita.

O vento era imenso e poderoso: dispersou os corvos: eles balançavam-se nas asas entre os redemoinhos do sopro feroz.

A neve caía. Os corvos,

assustados pelo vento que viera, pairavam sobre os últimos ramos.

A neve caía. E os braços do lenhador já estavam cobertos, e todo o peito. Os corvos fugiam: e todo o bando aparecia como uma sombra indecisa e pesada.

A neve caía. E estava coberta a garganta do homem, e estava coberta a boca.

Os corvos iam-se sumindo nas transparências da noite.

A neve caía, indomável e estéril. A testa do pobre estava coberta, e apenas se moviam ainda, lentamente, ao vento, os seus grandes cabelos escuros.

A neve riscava a noite de branco. Ao longe uivavam os lobos.

E a neve descia. As sombras dos

corvos sumiram-se para além das ramas negras.

Os cabelos desapareceram. Só ficou a neve!

Farsas

1 — A Ladra

Aquele pobre moço tinha uma bem-amada, e nas brancuras tépidas da tarde passeavam entre os castanheiros enlaçados, como nas velhas estampas alemãs.

Quando ele a via — não via as pombas, nem as estrelas, nem as ervas: mas quando pensava nela vi-a luminosa como todas as estrelas, lasciva como todas as pombas, mais fresca que todas as ervas. Ela tinha dois olhos negros como duas flores do mal. E ele dizia-lhe às vezes: eu queria ser a terra em que tu hás de estar morta branca e fria — para te envolver toda num beijo fecundo. Ora, uma madrugada, ela ergueu-se do leito

todo quente dos embalos lascivos, roubou-lhe uma bolsa de dinheiro, o relógio, um anel e fugiu.

O pobre moço foi para um hospital, com uma doidice elegíaca.

Um dia foi deitar-se para entre as ervas claras, entre o cheiro dos fenos e das seivas, ao sol sonoro, e pôs-se a morrer enquanto os pássaros cantavam gloriosos, e ao longe uma flauta entre os milhos tocava uma cantiga das ceifas.

A mulher morreu na enfermaria da cadeia, no apodrecimento da febre, calva e com chagas.

2 — Os Homens dos Cães

Conheci um rapaz mirrado, engelhado, com grandes olhos profundos, que dormia pelos portais, pelos adros, pelas encruzilhadas, e nos pedregulhos junto do rio.

No inverno, nas geadas, nos luares nevados, nas neblinas, o miserável dormia com os cães sobre os lajedos: os cães conheciam a sua manta esfarrapada e podre, e quando a não viam nos grandes frios mordentes, uivavam.

Ele deitava-se entre os cães, punha a nuca sobre os pedregulhos, e dissolvia-se num sono mole e doentio: ele conhecia os cães mais felpudos, os mais gordos, e os que não cheiravam mal. Às

vezes deixavam-no dormir numa estrebaria.

3 — A Filha do Carcereiro

A pobre rapariga tinha seis anos: era filha do carcereiro. Era loura, com grandes olhos lúcidos. Desde a madrugada ia pelos pátios, pelas enxovias, pelas gradarias leve como uma seda e sã como um sol.

Levava braçadas de ervas aos presos e clematites.

Na cadeia chamavam-lhe a *cotovia*. Tinha pombas.

Tinha um riso transparente e bom, e quando os miseráveis sujos e chorosos iam para os degredos — ela cantarolava entre eles, serena e gloriosa. Cresceu. A mãe era lavadeira e morreu no rio, entre os musgos e os canaviais. O pai teve um

mal e ficou entrevado.

Vieram os Invernos. Ela lidava. Cuidava dos irmãos pequenos. Lavava ao sol. Costurava à lareira sonolenta.

De madrugada ia atirar grãos e migalhas às pombas: depois vinha dar ao pai engelhado, triste, doloroso, as sopas e o caldo.

Um dia entrou na cadeia um bêbedo, um covarde, um assassino, que tinha espancado o pai. Era um lindo rapaz, branco com um corpo delgado. A rapariga viu-o, e fugiu com ele de noite embrulhada num cobertor.

Todo o dia seguinte, as crianças não comeram. O pai gritou, chorou e arrastou-se até à lareira. Ninguém. As pombas voavam à tarde inquietas, fugitivas e medrosas. O pai ficou toda a

noite ao pé da lareira a roer um bocado de pão duro. No outro dia ainda as crianças ficaram sem comer. Todas as pombas fugiram. O pai arrastou-se até o casebre; e esfomeado, batia de encontro à porta. Por fim vieram. Passados dias. Havia pela vizinhança um cheiro de podridão. As crianças tinham morrido: o pai tinha morrido. Tinha sido a fome, a míngua, a sede, o frio.

A que fugiu é hoje velha. Embebeda-se com aguardente: e quando na taberna as esfarrapadas e os miseráveis lhe falam nesta história, ela diz com voz rouca:

— Ai que noite aquela, filhas! Ele tinha um modo de dar beijos!

4 — Os Dentes Podres

Havia um casamento. A noiva era divinamente linda, triste, séria, casta, religiosa; tinha a alma delicada e fina como a alma das virgens das legendas. Amava um rapaz, novo, forte, sério, inteligente, formoso. Ela tinha a religião da beleza, da harmonia e das árvores cheias de sol: mas o bem-amado era pobre. Velha história. Casou com um homem rico. A mãe era pobre, e tinha irmãos. Necessidades frias, mordentes. Nessa noite havia pela sala sonora grandes sedas, e cintilações de pedrarias, e as penas dos leques coloridas e devassas.

Estava ali a gente pálida, que anda

nos veludos, de mãos macias e sentimentos macios. O marido era gordo. Entre a orquestra poderosa havia uma flauta que chorava. Ela, àquela hora, sob o peso das luzes e as molezas das respirações, pensava nas alamedas onde os rouxinóis dão a réplica aos poetas. A meia-noite o marido levou-a para a alcova. O marido tinha comido muito e arrotava. Ela tinha uns grandes cabelos negros. Cabelos do Sul. O Diabo gostava destes cabelos, no tempo dos seus amores. Mas a rapariga tinha também uns olhos azuis de uma serenidade elegíaca. Ficaram sós. Ela estava encostada à cama, quase escondida nos cortinados, com frio, e uma vibração dolorosa da alma. O marido prendeu-a nos braços e deu-lhe um rijo beijo. Ela, triste, deu um grito. Ele

tinha os dentes podres e a boca com maus cheiros.

5 — A Bebedeira do Coveiro

Um coveiro tinha amigos a cear. Cearam. Beberam. Havia um vinho mordente e duro da taberna.

As estrelas estavam frias. Saíram para o cemitério inconsolável. Cambaleavam ferozes. Amontoaram a ramaria de um cipreste e acenderam uma fogueira. Cantavam à viola e dançavam como saltimbancos.

Um deles gritou:

— Mulheres! Venham mulheres!

— Há de as haver por aí — disse com largos risos o coveiro.

E todos começaram procurando uma cova onde estivesse fresco e são um corpo de mulher: tinha sido enterrada uma

rapariga naquela madrugada. Vinha atrás do caixão um rapaz todo amarelo, com grandes cabelos caídos. Tiraram a terra. Apareceu o caixão. Ela tinha o vestido despregado no seio e via-se a carne branca.

— Archotes! Archotes!

Trouxeram ramos acesos.

— Quem há de ser o primeiro? que ela está a preceito!

Desceu um, bêbedo, desapertado, galhofeiro e obsceno. Estendeu a mão dura e meteu-a pela abertura despregada do vestido entre os seios da morta.

Deu um grito. Tinha sido mordido. Era um bicho das covas. O bicho era o último amante daquele corpo branco; o bicho das covas tinha ciúmes.

6 — O Pescador

O velho Jerónimo morreu. Era pescador na costa. Um lobo do mar. Ninguém como ele para velejar com temporal e vento de travessia nas brumas de novembro, entre as penedias, esmagando as espumas. Morreu.

Tinha mãe e dois filhos.

Ela consertava as redes ao sol enquanto os filhos dormiam na areia.

O Jerónimo tinha as mãos duras, o pescoço bestial, o peito largo, cheio do sol e do mar. O sol era o seu Deus. Deixou dito que o não enterrassem em cemitérios, debaixo das ervas, entre os germes das florescências, as raízes e as terras limosas.

Deixou dito que o atirassem ao mar. Ao outro dia os filhos saíram na barca cheirosa dos mares e dos musgos, com o corpo do pai embrulhado em redes. Uma grande luz de sol escorria pelo mar. Havia uma calmaria sonora e contente. A velha rezava à popa.

7 — O Beco onde mora o Rei Lear

Num beco morava uma mulher perdida. Tinha o pai velho, estonteado, e comido das magrezas. Ele é que abria a porta aos homens noturnos.

Às vezes não o deixava comer. E arrepelava-lhe os cabelos. Um dia entrou um homem bêbedo; ela estava com os vestidos desmanchados, os peitos caídos, sobre a cama, assobiando. O velho aquecia-se à lareira. O homem disse com um grande riso:

— Vamos nós embebedar o velho!

— Valeu!

E fizeram-no beber aguardente. O velho teve agonias.

Eles torciam-se em obscenidades bárbaras. De manhã o velho, com as forças esmigalhadas, os músculos dissolvidos, não pôde acender o lume.

Caiu miseravelmente ao pé da lareira. A filha deu-lhe com umas cordas, o homem deu-lhe com o pé rijo e bestial. O velho soluçava.

A mulher esperou, calada, fria e metálica até que a noite veio.

Mandou-lhe então buscar azeite a uma venda vizinha.

O velho foi. A filha fechou a porta. O velho, ao voltar, chorou, rezou, suplicou de joelhos com as mãos postas.

Nada. A filha dentro cantava, toda lasciva, com as pernas nuas. O beco era solitário e viúvo. Veio o frio, a geada. O velho estirado à porta gemia. Toda a noite

a filha na cama bem quente, e sonolenta!

De madrugada uns carreteiros levantaram o velho transido, lívido e gangrenado.

Ao sol desse dia, arrastou a mulher pelas poeiras umas grandes sedas contentes e soberbas.

8 — O Pobre Sábio

Ele caminhava pelas ruas, com os cabelos desmanchados, magro, angélico. Conhecia todos os livros santos e todas as Escrituras. E os livros sânscritos e os velhos letrados da China; e os poemas divinos e doces da Índia e da luminosa Grécia; e as histórias hieráticas e frias da Pérsia. Era pobre, miserável. Andava com um longo casaco esfarrapado, roído do frio e o peito cheio de religiões e de teogonias. Não tinha casa. Às vezes dormia debaixo dos pinheiros, pelos montes. Prenderam-no.

— Mas que mal fiz eu? — dizia ele com a sua voz lenta e olhar iluminado.

Condenaram-no por vadio. Ele

não sabia nada. Ninguém o defendeu.

Uma velha que por vezes lhe dava um bocado de pão foi dizer, toda triste:

— Perdoe-lhe, senhor juiz.

Os sargentos repeliram a velha.

Entre as alocuções das leis e as palavras dolentes e as togas negras, ele pensava nos países sagrados onde nasce a religiosa flor do lótus.

Levaram-no para uma enxovia. Assim esteve anos. Nos frios, na humidade, solitário, sem livros, sem consolações, sem vozes. Chorava. E tinha uma suave teima. Queria que todos os dias a velha lhe levasse flores. Um dia morreu, na enxerga, ao anoitecer, sem o sol, sem os ventos, sem o grande ar, na humidade, sereno, desfolhando rainúnculos.

9 — A Forma

Quando tinha dezoito anos tinha um corpo robusto e melódico. Os cabelos eram como os grandes raios quentes de um sol negro. Tinha grandes braços fortes e magnéticos. O olhar tinha, como um mar, grandes ondas de luz, ou dolorosas, ou iradas, ou lascivas. O pescoço túmido e forte tinha brancuras soberbas e rijezas cínicas. E a voz era como saída dos cristais e dos metais sonoros.

E a forma do seio dava o sabor das noites conjugais e a esperança das maternidades. Mas era pobre.

Tinha, ao andar, ondeamentos de sereia, musicais e castos. Mas era pobre.

Quem a acolhesse no leito de

noiva teria contentamentos inefáveis, e filhos sãos e belos. Mas era pobre. E ela era casta e religiosa.

Assim esteve virgem, apaixonada, orgulhosa até que aquela beleza se foi lentamente, como finda um cântico sagrado. E ela era de feito o cântico sagrado da forma e da carne.

Outrora quando ela passava, aquela forma escultural e a brancura lilial da sua pele arrastavam toda a multidão filistina. Mas era pobre. Não casou. E não se deu.

Agora, velha, engelhada, lenta, com vestidos lúgubres e um chapéu desbotado, passa, virginal, cheia de solitárias impurezas, arrefecida, oleosa, beata, e com um cão felpudo no colo.

10 — O Saltimbanco

O saltimbanco era são, forte, com grandes cabelos e uns olhos negros elegíacos. Uma velha rica desejou aquele corpo elástico, a pele cor de mármore, e os beiços grossos.

Ora o saltimbanco tinha uma mulher bem-amada e filhos pequenos. De noite, eles deitavam-se entre os farrapos reluzentes, com as nucas sobre um velho tambor, cobertos de estrelas. A velha sabia que aqueles corpos tinham frio e fome: tentou o saltimbanco com cintilações de dinheiro. O saltimbanco vem todo irado para junto da mulher, e apertam-se, amados, sujos e resplandecentes.

Mas o tambor e a flauta dos saltimbancos não chamavam a gente do povoado. Veio o frio: sem lume! Veio a fome: sem pão!

A velha tentou o saltimbanco com cintilações de dinheiro: o saltimbanco veio todo curvado, abraçar os filhos todos rotos, amarelos, esfomeados e chorosos.

E então a mulher foi encontrar o saltimbanco a lavar-se, a preparar umas roupas brancas e a esfregar o peito com folhas.

— Onde vais?

Ele disse, a chorar: via a fome, o frio, a magreza, a lareira apagada, os trapos sujos, ia para o leito aveludado e quente da velha.

Ela teve um riso doloroso.

— Não vás.

Queria ir ela: ir, sob a névoa, com os peitos nus, para as encruzilhadas, agarrar os homens, os noturnos, e ali mesmo sobre a erva e o chão duro, torcer-se aos beijos sujos — e entre as sufocações pedir-lhes um bocado de pão.

Ele chorava, arrepelado.

— Tu!

E limpava-lhe, com beijos sagrados, a orla das saias: e arrastava-se pelo casebre — com os joelhos roxos.

Ela queria ir.

— Sou eu que vou: deixa-me ir — disse o saltimbanco com a carne tomada de febres, e os olhos reluzentes.

E apertavam-se com um amor angélico. E ela então, chorando, começou a penteá-lo, a lavá-lo, a compor-lhe as pregas, a enfeitá-lo — enquanto Deus

dormia.

11 — O Poeta Lírico

Ele tinha sido um poeta dos bons tempos, arcádico, laureado nos outeiros: tinha composto uma tragédia clássica. Depois envelheceu e empobreceu. Vivia de fazer versos para anos, de escrever cartas para as costureiras e para os lacaios, de redigir cartazes de touros e de fazer cantigas impuras.

Tinha um filho.

Ele esperava que o filho o amparasse na velhice. Mas o pobre rapaz teve uma febre mordente e ficou idiota. O pai cozinhava, limpava a casa, e lidava com as rimas e com os sonetos para ganhar o pão: e nem sempre havia pão na trapeira. Passavam semanas comendo

favas. Às vezes tinha o pobre poeta lírico encomendas de cantigas obscenas, de epitalâmios ou de versos para namoradas: e então sentado, enquanto, com os olhos arregalados, o filho gritava: *Pão! pão! pai* — ele dizia: *Tem paciência, filho; amanhã creio que havemos de comer.* E escrevia, pensando e medindo com os dedos:

Dizeis oh bela Márcia
Que deixei de te adorar;
Tem asas o Deus Frecheiro;
Pois não é para esvoaçar?

Tristes histórias! Sofrer, chorar, ter fome e frio, e morrer à míngua, e ter

noites de agonia — o que é que isto prova? Nada, nada, meus senhores.

Words! Words! Words!, dizia o nostálgico Hamlet.

Ao Acaso

Ainda ontem eu pensava que nós outros os peninsulares nem sempre tínhamos sido uma nação estreita, de pequenas tendências, sonolenta, chata, fria, burguesa, cheia de espantos e servilidades: e que este velho canto da Terra, cheio de árvores e de sol, tinha sido pátria forte, sã, viva, fecunda, formosa, aventureira, épica!

Ah! foi há muito tempo.

Era naqueles tempos em que a Itália rodeava os papas severos; e olhavam para o céu as Virgens do Dominiquino. Por esse tempo ia pela Europa uma transformação social. Na Alemanha, Lutero entrava em Worms, com

um canto batalhador, em nome do espírito, da alma. O papado ia morrer. Era necessário que todo o Sul se aliasse na cruzada católica.

Toda a revolta de Lutero foi tomada ao princípio por um daqueles lentos suspiros alemães, que se perdiam no coro profano, luminoso, embalador e forte do Sul.

Viu-se depois que era a voz imensa da alma do Norte, toda uma humanidade austera e vital, que se movia, que vinha falar, pensar, examinar, revelar, sob o peso das teocracias romanas, dos papados, dos imperadores, das tiranias, dos sacerdócios.

Todo o Sul católico estremeceu: aquela revolta vinha imprevista e rápida: um dia a impercetível e vasta humanidade,

quando fosse uma madrugada para as suas adorações, podia encontrar a velha Roma deserta, e ao longe o Catolicismo dissipando-se com um som hierático de salmos, e um colorido vermelho de fogueiras.

Era necessário salvar o Sul.

A Itália tinha-se familiarizado com o Cristianismo: tinha-se acostumado às santas macerações de Jesus, à transparência ascética das Virgens: os renunciamentos e os medos católicos já a não vergavam para o pó. Ela, cheia de sol e de sons e de forças, começava a olhar a Natureza, as grandes fecundidades, as vitalidades poderosas, as melodias moventes da carne.

Os velhos Deuses da Grécia tinham-se refugiado na alma italiana: ao

princípio andavam no fundo, como recordação leve, transfigurados pela dor, encolhidos, soluçantes, miseráveis: depois lentamente foram aparecendo, espalhou-se um cheiro de ambrósia, e um som de idílio; e os seus corpos são como astros, ocuparam por fim toda a alma italiana com coreias, derramações de néctares, palpitações de luz, divinos resplandecimentos de vida.

A Itália tinha-se afastado de Dante e das visões devoradoras do infinito: e os poucos que se curvavam sobre a «Divina Comédia», não era para ver os castigos e os paraísos, mas para sentir as palpitações, que lá tinham ficado, da alma de Florença.

A Itália seguia Petrarca: mas em Petrarca havia ainda uma religião e um

misticismo — o amor: e a Laura dos «Sonetos», como a Virgem mística, prendia nas humilhações religiosas todos os cavaleiros do Sul. A Itália então deixou Petrarca e rodeou Ariosto, o aventureiro, o jovial, o descrente, cavaleiro, e escarnecedor.

Foi então que se ouviu aquela voz do Norte.

Todas as coortes católicas andavam dispersas, galhofeiras e namoradas, rindo com o Aretino, escarnecendo brutalmente com o poeta Pulci, guiadas por Lorenzo de Medicis e pelo Cardeal Bembo, cantando às estrelas, adorando as Violantes, rindo de Fra Angélico, aclamando Ticiano, cobertas das sedas de Veneza, com o peito cheio da religião do sol, da música e das

noites profanas.

Foi então que se ouviu a voz do Norte, o canto de Lutero. Todos os católicos correram instintivamente, rodearam os papas severos, Adriano VI, Clemente VIII, cantaram os salmos e as missas de Marcelo, cheias dos renunciamentos ascéticos, e foram seguindo o Tasso, que voltava, apaixonado e religioso, para Dante e para Deus.

E o papado continuou caminhando, sereno e terrível, deixando as sombras das masmorras de Galileno e de Campanella, e mais longe o fumo das fogueiras de Vanini e de Giordano Bruno.

Tal era a luta do Norte e do Sul.

Ora durante essa luta das religiões e das pátrias, a Península, encolhida nas

suas montanhas, coberta de sol, violenta, sinistro cavaleiro de Deus, armava as caravelas e os galeões para as bandas desconhecidas das ilhas, dos continentes das Índias, dos cabos temerosos. Nós outros, os peninsulares, aparecíamos às outras nações como velhos lobos do mar, sempre em viagem, trigueiros, rijos como calabres, sãos como o sol, ensurdecidos pelo clamor das marés, cheios de legendas, e do cheiro das viagens, sobre os tombadilhos, e perdidos, ao longe, perdidos nas brumas terríveis.

De vez em quando desembarcava este povo, bradando que tinha descoberto um mundo, que lá tinham ficado infinitas multidões, negras, bestiais e nuas sob a bênção dos padres: ali mesmo sobre a areia, ao rumor das maresias, escrevia a

história trágica da sua viagem, e uma madrugada, tomados das saudades do mar, partiam de novo, radiosos e bons, para a banda das Índias.

Era assim. Todos os anos, aquela multidão imensa de aventureiros embarcava nos galeões, entre os salmos e os coros, e eles iam silenciosos e flamejantes, por entre as sonoras ilimitações, os ventos aflitos e os tremores da água — para os nevoeiros inexplorados.

Iam, em demanda de mundos, levando Deus dentro do peito, sob as constelações augustas, entre as tempestades, os rochedos, e as correntes, de pé nos tombadilhos, descobertos às temperaturas, rodeando um Cristo, cantando os salmos ao coro dos furacões,

todos reluzentes de armaduras e de divisas de amor, com a alma cheia de altivezas de batalhadores e de doçuras de apóstolos.

Iam como numa glória e em nome de Deus! E quando encontravam as hostilidades e os encrespamentos irados do elemento, as opressões infinitas dos ventos e das águas, erguiam as mãos como para uma excomunhão, e bradavam soberbos àqueles sopros e àquelas maresias os versículos do Evangelho segundo S. João.

Era assim. Ora aqueles homens marinheiros e batalhadores eram historiadores e poetas. Escreviam os seus feitos.

Escreviam-nos entre os assaltos e as tempestades, no convés das caravelas,

nos cabos tormentosos, nas florestas sagradas da Índia sob as imobilidades cruas da luz: escreviam cobertos das espumas, enegrecidos pelos fumos, trémulos das iras das batalhas. Por isso enchiam as suas crónicas e os seus poemas de uma estranha prodigalidade de força e de vida. E os seus diários de bordo tinham muitas vezes a simplicidade épica de Homero.

Mas eles também tinham amores, ciúmes, paternidades, paixões, lirismos interiores, e as saudades da pátria nasciam naquelas almas como grandes açucenas que se abrem dentro de um vaso e que o enchem.

De noite, nos tombadilhos, embrulhados nos seus mantos esburacados, deitados entre as cordagens,

aos embalos das marés, enquanto os pilotos silenciosos seguem com os olhos as viagens imensas das estrelas, e todo o mar enorme se amolece como um seio cansado, eles contavam em voz baixa, com as cabeças juntas, as histórias de amores, os torneios, as aventuras, as serenatas, e a vida da pátria.

No meio daquela vida trágica da aventura eles tinham a alma cheia de amores, de legendas, de saudades, cheia da pátria.

E escreviam poemas, cantatas, sonetos, farsas, comédias e elegias.

E para vestirem o sentimento fecundo, forte, cheio do sol e do mar tomavam a forma popular.

Estavam longe da Europa, das plásticas da Itália, dos renascimentos

gregos e romanos, das antigas formas rituais, das educações clássicas.

Não conheciam isto.

Mas lembravam-se sempre das cantigas da pátria, das endechas heroicas, dos romances populares, que eles tinham ouvido pelos campos, com que os velhos embalavam, que se cantam de noite às estrelas por Sevilha e por Granada e que os mendigos diziam pelas velhas pontes dos Godos e dos Árabes. Porque o povo na Península tinha uma poesia, sua exclusivamente, que cantava nos trabalhos, com que adormecia os filhos, em que escarnecia os alcaides e celebrava os heróis.

Fazia daquela poesia um uso sagrado: era a sua consolação, o grande leito misterioso onde adormecia as

tristezas: era ali que procurava confortos, recompensas, e as ideias da pátria.

No Norte, a poesia popular foi a Invisível que levou pela mão os trovadores, filhos das glebas, até às lareiras dos senhorios feudais: foi o primeiro suspiro de amor que os pobres poetas da populaça, místicos e sensuais, soltavam para as brancas castelãs que entreviam nos torneios, cobertas de pedrarias; ou passando de noite, brancas, às estrelas, pelos altos terraços; ou entre as árvores, ao entardecer, quando as ogivas cheias do sol oblíquo estão flamejantes como mitras.

E as castelãs abriam os braços para os poetas tristes, indolentes, e cheios do Paraíso. Admirável influência da poesia, que produziu pelo amor um

renascimento social!

Mas a poesia da Península era unicamente do povo: era a epopeia austera do Cid, exterminador de mouros, e de Bernardo del Carpio, exterminador de bárbaros. Na Península o povo estava sob uma condição especial; tinha uma importância no estado forte, fecunda e soberba: a Península tinha passado os primeiros anos da sua constituição nas lutas terríveis do forte Maomé e do Cristo místico; ora o popular da Península não era um servo, era um cristão: consagrado pelos batismos, era uma força individual, que impelia e dissolvia o elemento mourisco, sensual e poderoso.

Ora, foi sob a forma popular que aqueles batalhadores e poetas, que vão hoje tomando a vaga atitude da legenda,

escreveram os seus poemas, as suas cantatas, as suas comédias e os seus sonetos.

Então toda a literatura peninsular tem uma originalidade profunda, independente de formas e ritos: a arte, o drama, a poesia saem das tradições populares, do clima, do sol, de todas as vitalidades meridionais: isto quando pelo resto da Europa todas as nacionalidades esqueciam as suas tradições, a sua história, a sua velha alma, para se envolverem nas formas antigas. Era a Renascença. Então aparece o teatro espanhol original, cavalheiresco, enérgico, apaixonado, cheio de selvagens palpitações, de lances, de religião: onde a cruz é um personagem; onde falam lacaios, heróis, santos, ventos, galeões:

todas as formas da vida confundidas: o riso, o choro, a ironia, a sátira, o madrigal: tal é a impressão geral.

Depois uma pintura mística e sensual: não é a espiritualização da alma, é antes a imortalização da carne: inspirada daquele misticismo espanhol, que sob a influência da Natureza, do clima, da política, da raça, parece mais cheio das trágicas iras de Jeová, do que das doçuras de Jesus.

Depois uma música, como a do *Dies Irae*, obra dos terríveis dominicanos: um poema de morte: uma das maiores agonias da alma: música ascética e flamejante, onde a Natureza aparece, trágica e desgrenhada figura.

Uma arte onde se torcem todas as chamas do Inferno, e todas as pedrarias

dos Paraísos católicos, que parece uma luta trágica e cómica da vida e da morte: uma Igreja cheia de renunciamentos místicos, mas onde o misticismo parece mais um desespero de não poder saciar-se dos bens do mundo, do que uma aspiração a poder fartar a alma nas contemplações diversas: uma defesa do Catolicismo trágica e apaixonada: um amor sublime pelos despotismos e pelos sacerdócios: confusão dos imperadores com os santos e das coroas de metal com as coroas de luz: uma vida superabundante: ascetismos ferozes e onde o sentimento mais aparente é o rancor.

Ao mesmo tempo uma austeridade monástica em tempo de guerra: caravelas que partem, sem rumo, sob as indicações das estrelas: quase, por vezes, uma

reconciliação aparente do Maometanismo e do Cristianismo: uma paixão avara pelo dinheiro: o elemento da intriga que quer entrar na política, vindo substituir o elemento da força: combates cavalheirescos com a Europa vizinha: depois um sol ardente: um sangue exigente: uma carnação soberba: ao longe a América e as Índias como um paraíso de ouros, de metais e de soberanias.

Tal é o aspeto mais geral da Espanha, nas vésperas da Renascença.

É dramática aquela vida.

Não admira por isso que a forma suprema da sua arte — fosse o drama.

Em Portugal não é este rigorosamente o fundo do génio: há mais serenidade na força: o caráter português é mais parecido com o caráter italiano: os

nossos sábios, os nossos viajantes, os nossos descobridores tinham mais a lucidez do tempo de Dante: as navegações são prudentes: por isso Portugal não resistiu nada à influência italiana. O renascimento da Antiguidade, a serenidade plástica, a frieza clássica aclimatam-se na Espanha mas com dor e com luta: foi necessário que a Espanha já não acreditasse na sua epopeia cavalheiresca e que Cervantes começasse a fazer trotar pelos caminhos o magro D. Quixote.

Em Portugal não: o génio antigo aclimatou-se: transformou-se mesmo: perdeu o elemento vital e fecundo e ficou-lhe o elemento retórico.

Ó Arcádia! Ó moços pastoris e burgueses! Ó clássicos!

O «Miantonomah»

Há duzentos anos uns poucos de calvinistas exilados fretaram um barco na Holanda húmida e úbere, e sob o equinócio e os grandes ventos, miseráveis, austeros, levando uma Bíblia, partiram para as bandas da América.

Duzentos anos depois, estes homens que tinham ido solitários, num barco apodrecido das maresias, derramaram uma esquadra épica pelo Mediterrâneo, pelo Pacífico, pelo mar das Índias, pelo Atlântico, pelos mares do Norte.

Aquela colónia de desterrados, que choravam de frio, esfomeados, rotos, que dormiam às humidades do ar numa

capa esfarrapada, é hoje a América do Norte — os Estados Unidos.

América do Norte significa trabalho, fé, heroísmo, indústria, capital, força e matéria.

Ultimamente via eu o *Miantonomah*, sinistro e negro caçador de esquadras: é toda a imagem da América — frio, sereno, contente, material, e cheio de fogos, de estrondos, de maquinismos, de forças e de fulminações.

É o que amedronta naquele navio — a frieza na força.

Ele representa a consciência soberba da força e da indústria, e os grandes orgulhos do cálculo: despreza as iras e as hostilidades dos elementos: ele tem de atravessar o Pacífico, o oceano

Indico, o Mediterrâneo, os grandes desvairamentos da água, os ventos imensos, os equinócios, as trombas, as correntes, os rochedos bruscamente aparecidos, os nevoeiros infames, os magnetismos, as eletricidades, toda a vil populaça das tempestades: então todos os navios se preparam — cordagens, velames, mastreações, complicações e resistências de forças, toda a combinação astuciosa de lonas e calabres que transforma as hostilidades em auxílios; ele, o *Miantonomah*, contenta-se com uma tábua rasa.

Em tempo de luta precaveem-se os almirantes e os cabos de guerra: um formigueiro de morteiros, de bombas, de obuses: metralhas, machadas, o arsenal reluzente das abordagens; a ele basta-lhe

uma muralha de ferro.

O vento é temido: nas vastas solidões azuis ele é o lobo sinistro que anda rondando e uivando, à caça dos navios: ele acalenta o mar, massa inerte e salgada; ele faz com a água estranhas núpcias ferozes; extermina, cantando com alegrias bárbaras; esfarrapa as nuvens, persegue e esguedelha as chuvas, assobiando contente: em alguns mares do Norte, quando ele sopra as estrelas têm maior tremor: mas o grande horror do vento, é que ataca com o peso, com a violência, com a força, com a compressão combinada e defende-se com o esvaecimento.

O *Miantonomah* é assim: ataca serenamente, com violência enormes, com fulminações trágicas, e defende-se com a

impassibilidade e quase com o esvaecimento.

Na luta das esquadras, no meio das descargas, das trovoadas flamejantes, entre semelhanças abrasados, os terríveis pendões do fogo, e os fantasmas do fumo, e as efervescências da água — ele passa, solta a sua fulminação enorme, despedaça, esmigalha, dispersa e continua lento, frio, impassível, mudo, tenebroso, coberto de ferro.

Ele não receia o mar: os outros navios erguem amuradas imensas para conter o encrespamento da onda: forram-nas de cobre, erriçam-nas de pregaria. O *Miantonomah* não: ele julga a demência do mar um prejuízo; corta a amurada e fica com o convés raso, ao rés da água: satisfaz a velha curiosidade da vaga: e

por misericórdia dá-lhe hospitalidade: e para que o mar tenha alguma coisa a desfazer, a triturar, a roer — dá-lhe por compaixão uma varanda de hastes de ferro enferrujado, e pedaços de corda podre. E o mar entra, desesperado, mugindo, e lambe o chão do navio americano: em baixo nas camas, agasalhados e preguiçosos, os marinheiros dizem: «Lá anda o mar a varrer e a lavar o tombadilho.» E com efeito o velho oceano dos dilúvios faz humildemente o serviço dos últimos grumetes.

Em cima na superfície da água há o vento, as espumas, os nevoeiros, as chuvas, as trombas; ele, aborrecido, afasta-se deste bando miserável e vai investigar o fundo das águas, as vegetações fantásticas, a região dos

corais, as cavernas enceládicas, as purezas infinitas da transparência, todo aquele antigo ideal feroz de que os velhos mareantes falavam benzendo-se com terror religioso: com a quilha de ferro enorme ele brutaliza aquelas virgindades do mar: em baixo a tripulação nada sabe as tempestades: em vão ruge o mar e torce-se; e desencadeia o jogo fulminante das ondas, e espanca o convés do navio com o ruído de mil carros de batalha; os marinheiros em baixo riem, cantam, baloiçam-se, pulem os aços dos maquinismos, cachimbam, leem a Bíblia — serenos.

Como não há mastreação, nem velame, nem cordagens, nem toda a amontoação confusa de calabres e de lonas — o tombadilho aberto é cheio de

ar e de luz: e durante as viagens, é uma pousada das algas, das conchas, das aves do mar e dos granizos.

Dentro são as máquinas, as forças, os motores trabalham solitários com vozes, impaciências, preguiças, friamente; como as fatalidades da matéria. Ao atravessar os espaços obscuros vê-se o frio luzir dos aços e os cobres luminosos; depois são as fogueiras flamejantes, que dão a vida aos maquinismos — vermelhas como corações sobrenaturais: o ar é descido por máquinas de respiração, pulmões terríveis; e um vento geral, fecundo, benéfico, escorre constantemente por todo o negro bojo: fazem-se assim livremente temperaturas: frios mordentes, calores pesados, e frescuras das manhãs do Sul: nas suas viagens pelo mundo

aquele navio desmente quando quer os climas e as temperaturas: os marinheiros passam silenciosos, limpos, rosados, graves: alguns leem.

Ora, sobre aquele negro navio, sobre os maquinismos frios, aquelas forças pavorosas, aquelas fogueiras terríveis, no convés, entre as negras torres, ao livre ar, ao livre sol, alegre, glorioso, gordo, esvoaçando na sua gaiola — canta um canário.

Tal é o *Miantonomah*, navio de guerra da América do Norte.

Nós entrevemos a América como uma oficina sombria, e resplandecente, perdida ao longe nos mares, cheia de vozes, de coloridos, de forças, de cintilações.

Entrevemo-la assim: movimentos

imensos de capital; adoração exclusiva e única do deus Dólar; superabundância de vida; exageração de meios; violenta predominação do individualismo; grande senso prático; atmosfera pesada de positivismos estéreis; uma febre quase dolorosa do movimento industrial; aproveitamento avaro de todas as forças; extremo desprezo pelos territórios; preocupação exclusiva do útil e do económico; doutrinas de uma filosofia e uma moral egoísta e mercantil; todo o pensamento repassado dessa influência; uma fria liberdade de costumes; uma seriedade artificial e brusca; dominação terrível de burguesia; movimentos, construções, maquinismos, fábricas, colonizações, exportações colossais, forças extremas, acumulação imensa de

indústrias, esquadras terríveis, uma estranha derramação de jornais, de panfletos, de gazetas, de revistas, um luxo excessivo; e por fim um profundo tédio pelo vazio que deixa na alma as adorações do deus Dólar: depois a mesma temperatura e a mesma geologia da Europa. Assim entrevemos a América, ao longe, como uma estação entre a Europa e a Ásia, aberta ao Atlântico e ao Pacífico, com uma bela costa de navegação cheia de enseadas, molhada de grandes lagos, com os seus grandes rios que escorrem entre as terras, as culturas, as fábricas, as plantações, os engenhos, levados pomposamente pelo Mississípi para o golfo do México: e depois uma Natureza vigorosa, fecunda, eleita, desaparecendo entre as indústrias, os fumos das fábricas,

as construções, os maquinismos, todas as complicações mercantis da América — como uma pouca de erva de uma campina fértil que desaparece sob uma amontoação nervosa de homens.

A vida da América do Norte é quase um paroxismo.

Isto é decididamente uma grande força, uma vida enorme, superabundante. Mas será vital, fecundo, cheio de futuro?

Todos os dias dizem à Europa: — Olhai para os Estados Unidos, lá está o ideal liberal, democrático, e, sobretudo, a grande questão, o ideal económico.

Mas a América consagra a doutrina egoísta e mercantil de Monroe, pela qual uma nacionalidade se encolhe na sua geografia e na sua vitalidade, longe das outras pátrias; esquece as suas antigas

tradições democráticas e as ideias gerais para se perder no movimento das indústrias e das mercancias; alia-se com a Rússia; a raça saxónia vai desconhecendo os grandes lados do seu destino, enrodilha-se estreitamente nos egoísmos políticos, e nas preocupações mercantis, cisma conquistas e extensões de territórios, subordina o elemento grandioso e divino ao elemento positivo e egoísta, e a grande figura sideral do Direito às fábricas, que fumegam negramente, nos arredores de Goetring. Isto dizem muitos.

Uma das inferioridades da América é a falta de ciências filosóficas, de ciências históricas e de ciências sociais.

A nação que não tem sábios,

grandes críticos, analisadores, filósofos, reconstruidores, ásperos buscadores do ideal não pode pesar muito no mundo político, como não pode pesar muito no mundo moral.

Enquanto a superioridade foi daqueles que batalhavam, que lançavam grandes massas de cavalarias, que apareciam reluzentes entre as metralhas, o Oriente dominou, trigueiro e resplandecente. Quando a superioridade foi daqueles que pensavam, que descobriam sistemas, civilizações, que estudavam a Terra, os astros, o homem, e faziam a geologia, a astronomia, a filosofia, o Oriente caiu, miserável e rasteiro.

Há, sobretudo, na América um profundo desleixo nas ciências históricas.

Inferioridade. As ciências históricas são a base fecunda das ciências sociais.

É a superioridade da Europa: sob a mesma aparência de febre industrial há uma geração forte, grave, ideal, que está construindo a nova humanidade sobre o direito, a razão e a justiça.

O nosso mundo europeu é também uma estranha amontoação de contrastes e de destinos; é uma época esta anormal em que se encontram todas as eflorescências fecundas e todas as velhas podridões; políticas superficiais; grandes fanatismos: e ao mesmo tempo um desafogo das livres consciências, expurgação dos velhos ritos, e a alma moderna ligada na sua moral e na sua justiça às almas primitivas com exclusão da Idade Média; políticas pacíficas e transigentes, e um espírito de

guerra surdo, aceso e flamejante: territórios violentados e conquistados, e a aniquilação pela política, pela história e pela filosofia dos conquistadores e dos heróis: nem são as influências monárquicas, nem é o individualismo; nem é o humanitarismo, nem são os políticos egoístas, não é a importância das individualidades, nem a importância dos territórios; é uma confusão horrível de mundos, e, em cima, triunfal e soberba, está a indústria, entre as músicas dos metais, as arquiteturas das Bolsas, reluzente, cintilante, colorida, sonora, enquanto no vento passa o seu sonho eterno que são fortunas, impérios, festas, empresas, parques, serralhos.

Ora em baixo, sob a confusão, sereno, fecundo, forte, justo, bom, livre,

move-se em germe um novo mundo económico.

Este germe é que a América não tem, creio eu. Mas vê-se que todos a apontam como o ideal económico que é necessário que os pensadores meditem, e todos os que no vazio fecundo das filosofias riscam as sociedades.

Ora toda a América económica se explica por esta palavra — feudalismo industrial.

Diz-se, na América há um constante aumento de tráfico, de receitas, de riquezas: não há aumento; há deslocação, deslocação em proveito da alta finança — com detrimento das pequenas indústrias produtoras.

Logo que na ordem económica não haja um balanço exato de forças, de

produção, de salários, de trabalhos, de benefícios, de impostos, haverá uma aristocracia financeira, que cresce, reluz, engorda, incha, e ao mesmo tempo uma democracia de produtores que emagrece, definha, e dissipa-se nos proletariados: e como o equilíbrio não cessa, não cessam estas terríveis desuniformidades.

Mas o grande mal da predominação exclusiva da indústria é este: o trabalho pela repugnância que excita, pela absorção completa de toda a vitalidade física, pela aniquilação e quebrantamento da seiva material, pela liberdade em que deixa as faculdades de conceção — por isso mesmo sobre-excita o espírito, estende os ideais, abre grandes vazios na alma, complica as precisões, torna insuportável a pobreza: nas grandes

democracias industriais onde as posições são obtidas pela perseverança, conquistadas pela habilidade, onde há mil motores — a ambição, a inveja, a esperança, o desejo, o cérebro aquece-se, espiritualiza-se, cria sonhos, ambições, necessidades impossíveis; o *querer chegar* torna-se uma verdadeira doença de alma: exageram-se os meios: e toda a seiva moral se altera e se deforma.

E o que vai acontecendo na América: debaixo da frieza aparente, move-se todo um mundo terrível de desejos, de desesperanças, de vontades violentas, de aspirações nevrálgicas.

Depois, como no meio das indústrias ruidosas e absorvedoras muitas amarguras ficam por adoçar, muitas angústias por serenar, muitas fomes por

matar, muitas ignorâncias por alumiar, tudo isso se ergue terrível no meio da febre da vida social, e torna-a mais perigosa. Londres dá hoje o aspeto desta luta.

De maneira que o trabalho incessante, enorme, irrita e exagera o desejo das riquezas: aferventa o cérebro, sobre-excita a sensibilidade, a população cresce, a concorrência é áspera, as necessidades descomedidas, infinitas as complicações económicas, e aí está sempre entre riscos a vida social. Entre riscos, porque vem a luta dos interesses, a guerra das classes, o assalto das propriedades, e por fim as revoluções políticas.

E todavia a liberdade da América parece tão serena, tão confiada, tão

assente, tão satisfeita!

No entanto há muita força fecunda nos Estados Unidos! Ainda há pouco deram o exemplo glorioso de uma nação que deixa os seus positivismos, a sua indústria, os seus egoísmos, o seu profundo interesse, e arma exércitos, esquadras, dissipa milhões, e vai bater-se por uma ideia, por uma abstração, por um princípio, pela justiça.

O Sul quis corrigir a liberdade pela escravatura; desune-se; o escravo que trabalhe, que cultive, que produza, que sue, que morra sob a força metálica, baça e sinistra do clima e do sol. Pois bem. A América do Norte quer a liberdade, o amor das raças, e bate-se pela liberdade, pela legalidade, pela união, pelo princípio, pela metafísica! E

dispersa os exércitos da Virgínia!

Eram estas as coisas que me lembravam há dias, no Tejo estando a ver o *Miantonomah*, navio dos Estados Unidos em viagem pelo Sul, comandante Beaumont, fundeado no nosso Tejo.

Misticismo Humorístico

Voltei. É agora que as toutinegras emigram. Andei pelos campos neste ar desfalecido do inverno outonal.

Agora o azul está indolentemente belo. Tem quase uma irónica serenidade. É o azul intenso, frio, triunfante. Tem a luz, a beleza, a força, a inefabilidade. Agora a luz enternecida dos campos arrasta-se pelas grandes águas quietas e pálidas, onde o vento revolve e espalha a agonia das folhas.

Quando voltava, vi uma casa pequena, esbranquiçada, escondida entre as bênçãos indolentes das árvores. Tinha a serena quietação de quem tem ouvido segredos extáticos e era triste e religiosa

como a entrada amarelecida de um convento católico. Havia uma corrente de água delgada que fazia claras murmurações, e era como o acompanhamento, natural e melódico, de uma écloga latina. Entre as árvores estava um banco solitário onde o musgo se dependurava. Nas plantas, nas clematites, nas trepadeiras que o cercavam, havia um murmúrio como de vozes distantes que contam felicidades perdidas. A pedra escura e molhada do banco tinha a tristeza das pedras de cemitério à luz consoladora, purificadora e branca que cal dos céus outonais.

Agora, ali sobre aquele banco dorme estirada a grande luz do sol, e à noite o luar, porque já não há naquela casa namorados contemplativos, que venham

de noite ou à sesta despertar para se poderem sentar — aqueles dormentes de luz.

Aquela casa abandonada faz lembrar amores místicos: e quando se vê à luz dolente do escurecer, faz subir do coração como um sabor de beijos antigos e esquecidos.

As árvores erguiam em atitudes violentas e proféticas os seus braços nus, engelhados, suplicantes para o frio azul, esperando no entorpecimento a fermentação violenta das seivas. Os ramos frios e nítidos deixavam passar indiferentes, sem as suspender, sem as acariciar, as moles nudezas das nuvens.

Toda a Natureza no tempo dos frios está impassível e sonolenta.

Passei por um cemitério. Andava

um coveiro abrindo covas. Tinha um rosto inerte e animal. A luz dissipava-se. E uma estrela, que se chama Vénus, luzia metálica, ardente, desejosa, lancinante, num fundo sinistro de ramagens.

O coveiro é um semeador. Semeia corpos. Somente não tem a esperança nem o amor das colheitas. Quem ceifará aquela plantação crescida? Quem sabe se os corpos que se atiram à vala, sementes fúnebres, se abrem, lá em cima, em searas divinas de que nós apenas vemos a ponta das raízes que são as estrelas? Mas não. A alma morre. O corpo revive e dissipa-se na matéria enorme.

É na alma que estão as más vontades, os negros remorsos, as lacerações do mal: o corpo desce livre, novo e são para as uberdades limosas das

covas.

Quando chega o último frio, ódios, amores, tristezas, invejas, melancolias, desejos, todos cansados das lutas e da vida, dizem à Natureza como gladiadores vencidos: «Os que vão morrer saúdam-te!» E morrem. A vida e o seu suplício é absorvida na insensibilidade da Natureza, no silêncio perpétuo, na força fatal e cega. E a matéria vai pelos ares, pelas planícies, amolece-se nas sombras, vivifica-se nos raios claros, é rochedo, floresta, torrente, fluido, vapor, ruído, movimento, estremecimento confuso do corpo de Cibele: e a matéria sente a vida universal, a palpitação do átomo debaixo da forma, sente-se banhada pelas claridades suaves e pelos cheiros dos fenos, sente-se impelida para a luz

magnética dos astros, e dilacerada nos ásperos movimentos da terra. A matéria tem a consciência augusta da sua vitalidade. E assim, sob a tua impassibilidade, há uma angústia imensa, uma vida ardente, impiedosa, uma alma terrível, ó formidável Natureza!

A noite descia: caía de cima uma claridade láctea: pesava um austero e lento silêncio: a larga brancura celeste era gloriosa; os pastores desciam com os rebanhos lentos, balando; havia pelo ar uma bondade indefinida, uma virtude fluida eu lembrava-me dos Elísios olímpicos e mitológicos onde, na claridade, passam as sombras heroicas, serenas, brancas, leves, levadas por um vento divino. Claridades sem sol!

Eu ia, escutando os passos da

doce noite que vinha caminhando. Ia-me afundando no tédio como um navio roto numa maré do equinócio. Enchiam-me a alma crepúsculos brancos. Entrei no grande arvoredo negro. Aquelas horas, os linfáticos, os inocentes, os místicos, encontram nos arvoredos languidezas e elevações ascéticas. Mas eu tremia entre a ramaria inquieta como um mar, misteriosa como um firmamento — tremia como um homem medroso que visse erguer-se um morto. Toda aquela negra decoração de ramos torcidos, de folhagens lívidas, de silêncios enchia-me de um terror profundo e trivial. A luz dissipada e transfiguradora do ocaso dava aos troncos um estranho aspeto de lutadores, vindos do sangue e dos incêndios: os sinos distantes eram como vozes indefinidas de miséria e de

dor.

Passava um vento incessante e perseguidor. Os mochos voavam, e as águas sonoras eram como vozes vingativas e trágicas. A Lua entorpecida passava por detrás da estacada de ramos. O vento era rouco e lento como um canto católico de ofícios. E o grasnar lento e arrastado dos corvos parecia uma ladainha bárbara de padres. As árvores doentias rangiam ao vento hibernal, o ar esteva diáfano, lácteo e mortuário. As estrelas que apareciam tinham o olhar lancinante.

Cheguei à estalagem. Em baixo na lareira um magro fogo lambia as fuligens. A luz do meu quarto tinha a lividez dos círios, e o espelho tinha reflexos pálidos, como de sombras mitológicas que

passassem. Ouviam-se os lobos.

Lembravam-me então as outras noites, claras, doces, lentas, em que o céu derrama sonolências; então também eu ia por entre as árvores, e ou via ondas sonoras de cantigas, que o vento fazia retinir através da bruma, entre o acre cheiro das eflorescências. Aquelas vozes claras eram doces, santas, saídas de cristais, como veladas por um luar. Eram como claridades sonoras de estrelas. Era uma multidão de formas divinas que assim cantavam, divindades feéricas, willis, nixes, peris, fadas, que passavam ligeiras sem despertar os ramos adormecidos. Aquelas nudezas celestes, filhas do fogo, flores do mal, ondas do ar, entrelaçavam-se, dançando nas obscuridades, que as cintilações estelares franjavam de

palidezes. No meio dos nevoeiros humanos elas faziam resplandecer diante dos olhos as visões paradisíacas, as criaturas siderais de lânguidos misticismos. Elas iam naqueles enlaçamentos, brancas e louras, cheias de lirismo, com os pés vermelhos e magoados de terem pisado auroras, iam, pousando nos jacintos, nos mirtos, nas rosas bárbaras cheias de sangue radioso, iam rolando sobre a brancura soluçante dos lírios e a sua voz triste subia por entre o azul lácteo para a Lua chorosa.

Quando assim estava no quarto da estalagem, inerte como uma múmia, pensando nestas coisas, vi repentinamente através das vidraças a Lua aparecer-me.

Mas não era aquela pura e imaculada Lua cor de opala — que

derrama brancuras, como se através do azul caíssem lírios. Era uma Lua metálica, fria, hostil, material como uma moeda de ouro nova.

Ela aparecia-me mortuária e lívida como uma sombra finada, que se ergue às grades de um adro. E o seu olhar, lancinante e rápido, estava cheio das minhas agonias.

Ora nessa estalagem encontrei um amigo, antigo camarada, que se tinha feito saltimbanco.

Fez bem. Cansado dos pedantes, dos burgueses, dos ventres mercantis, dos imbecis afogados em gordura, fez-se saltimbanco, e vive entre os palhaços. Faz farsas coberto de farrapos luzentes, engole espadas, dança farto de vinho como um Sileno. Dorme numa capa

esfarrapada, com a nuca sobre um tambor, à frescura das estrelas e sob a bondade dos luares.

Às vezes tem frio e fome e gela nuns calções feitos de veludilho e de galões de ouro. Anda errante de vila em vila e a populaça da lama admira-o cingido do seu diadema de metal luzente. Dança sobre a corda, e os seus gestos e as suas musculaturas fazem soluçar de desejos as gitanas e as feiticeiras. Que lhe importam as grandezas e as materialidades felizes?

Ele tem a multidão extática e enlevada nos giros dos seus sapatos. E tem uma bem-amada de tranças tão compridas como os ramos de um chorão e aneladas e fortes como negros penachos de voluptuosidade, e a sua testa tem um

reflexo de luar, de mármore e de espelho: e tem um belo seio de formas bárbaras.

Ele pula à noite, no circo alumiado, enquanto as toutinegras cantam nos canaviais. Ele faz girar vinte punhais de cobre em volta da cabeça num círculo puro e sonoro. E a multidão, um dia, vendo aquele diadema terrível e faiscante, e o saltimbanco impassível, grave, enfarinhado sob aquela coroa de luz, tomá-lo-á por um ídolo e fá-lo-á igual aos deuses!

Ele, o meu saltimbanco, tem a alma de ouro e o coração de diamante — e ri-se, ri-se, quando o vento soa como flauta do inverno, e ao concerto das corujas e das ondas as estrelas dançam.

A miséria anda-lhe cavando a sepultura. Um dia, abandonado da bem-

amada, morrerá sem pão, sem luz, sem calor, sem orações e sem sol. E não sofrerá mais. Viu durante a vida todo um povo curvado, aplaudindo, debaixo dos seus borzeguins. Os tambores e os clarinetes tocarão o dia melhor do saltimbanco, o dia em que morrer: tocarão o seu melhor dia os ferrinhos, os timbales, os clarinetes e os tambores!

Todas estas coisas se parecem com sonhos. Mas o que é o sonho? O que são as visões? São as atitudes, fantásticas e desmanchadas, que a sombra dá às verdades. Já pensava assim o poeta Li Tai-Pé, que escrevia sobre as coisas santas da China, entre porcelanas e lacas, ao sopro dos nenúfares, vestido de sedas amarelas, perfumado de charão — doce, contemplativo, branco diante de um vaso

de margaridas!

O Milhafre

Meus amigos. A literatura em Portugal está a agonizar: morre burguesmente e insipidamente: nem ao menos tem os efeitos de luz extravagantes de todos os ocasos celestes.

É uma doidice o querer pensar, criar e criticar, nesta terra onde nascem as laranjeiras, como diz a cantiga de Mignon. Se ainda houvesse cabelos, seria muito preferível ser fabricante de caixinhas de banha.

Seria mesmo talvez melhor a profissão de poeta lírico, se não fosse uma profissão perigosa. Ainda há pouco, um pediu em casamento não sei que doce açucena, moradora na Baixa; o pai dela

interrompeu a história dos idílios sacrossantos e municipais para perguntar ao namorado gentil qual era a sua profissão. «Sou poeta lírico, respondeu ele, e vivo do meu estado.» O velho ergueu-se de golpe, tomou uma bengala e espancou o poeta lírico, laureado em três cançonetas exóticas.

Todavia, é com verdadeira alegria que me acho neste canto que a política me deixa. Faço deste canto de boa vontade o lugar de espetáculo para assistir às últimas agonias do pensamento em Portugal. Trata-se de cair bem, meus amigos, como os antigos gladiadores: «Oh egoísmo mundano, os que vão morrer saúdam-te!»

E depois, meus caros amigos, eu acho admirável a sociedade moderna, a

sua política perfeita, a sua indústria magnífica, a sua agiotagem providencial, o seu luxo simpático, a sua retórica florida, a sua arte económica, os seus sonhos de ouro, mas persisto em invejar aqueles que como o antigo Daniel podem contemplar as estrelas, enquanto os bichos sociais se devoram na sombra.

Seja-me permitida uma pequenina fábula.

Um dia um homem entrou numa casa arruinada. No portal havia um nicho com um santo de pedra que lia uma Bíblia também de pedra. Em redor, na beira dos telhados, nas fendas das pedras, no canto do nicho, havia ervas molhadas e verdes, e ninhos de andorinhas. O santo tinha sempre as suas pálpebras de pedra descidas sobre o livro sagrado. Passavam

as calvagadas, os enterros silenciosos, os noivados, os cortejos, a pompa dos regimentos, e o santo lia atentamente o seu livro de pedra.

Vinham defronte dançar saltimbancos, passavam as frescas serenatas, vinham dos montes rebanhos e ceifeiras; o santo tinha os seus olhos de pedra sobre as páginas inertes. As devotas lentas e desfalecidas beijavam-lhe os pés nus, os homens severos saudavam-no, as crianças espartilhadas e aveludadas olhavam-no com os seus grandes olhos inanimados, os cães ladravam-lhe à calva: o santo curvado seguia o espírito de Deus por entre as letras do livro.

Passavam os fardos, os mercadores crestados pela indústria, os

poetas lânguidos que desfalecem nas cançonetas, os histriões que cantam nos tablados, mulheres mais preciosas que o âmbar, os sábios, os mendigos, as virtuosas e as melodramáticas — e o santo lia o seu livro profético.

Ora as torres gloriosas, as bandeiras, os ciprestes, ais de folhagem, os homens, perguntavam entre si: «Que lê tão atentamente aquele santo, que nem sequer nos olha?» E os enxurros, que passam rosnando, diziam: «Que lê tão devotamente aquele santo que nem sequer nos escuta?»

Ora o santo lia assim. De noite, quando as bandeiras caem de sono, quando os homens estão cheios de comida e de inércia — a Lua que ao nascer é material e metálica como uma moeda de

ouro nova, depois, na suavidade do azul, é tão pura, tão casta, tão imaculada, tão consoladora, como uma chaga de Cristo por onde se lhe visse a alma. A essas horas, uma criança, tão pobre e tão esfarrapada como o antigo pastor S. João, vinha deitar-se junto do nicho do santo. E então o santo afastava um pouco o livro, e toda a noite ficava cobrindo com a grande luz dos seus olhos aquela criança miserável, adormecida sobre as lajes.

Depois os planetas, a Lua, a noite seguiam a sua viagem imensa para o oeste e a leste começava uma claridade: eram as hesitações da luz do dia, medrosa por ter de descer às misérias dos homens.

As bandeiras ainda estavam desfalecidas, sonhavam as árvores, a cidade dormia como outrora Sodoma.

Acordavam então as andorinhas. Esvoaçavam gloriosas, gritando, e vinham sofregamente, em tumulto, pousar no nicho.

As andorinhas estavam nas intimidades e nas confidências do santo.

Ora o vento que passa pelos campos e pelas eiras vem cheio de grãos e de sementes: a chuva cai lúcida e fresca. O santo aparava a chuva nas pregas da capa, e os grãos nas páginas do livro. E as andorinhas, quando vinham para o nicho, bebiam na capa do santo e comiam sobre a Bíblia de Deus e enquanto comiam e bebiam, gritavam, batiam com as asas nas barbas do santo, beijavam-se na sua boca, aninhavam-se-lhe entre os braços, cobriam-no, e o Sol quando chegava ficava todo maravilhado de ver aquele

pobre santo de pedra, que ele não conhecia do Paraíso, com os pés entre as ervas verdes, rindo, sereno, sob a luz imensa, e todo vestido de asas!

O homem entrou na casa arruinada e foi através de pedras esverdeadas, de grandes humidades que escorriam, de madeiros apodrecidos, de muralhas leprosas de musgos, de escadarias miseráveis, até uma sala enorme, escura e trágica, e tão alta que involuntariamente o olhar procurava as constelações daquela sombra.

No fundo da sala havia um grande crucifixo de madeira. Sobre a cabeça macerada do Cristo, as traves podres do teto abriam uma larga fenda. Por ali vinha a chuva escorrer-lhe nos cabelos como o antigo suor do Jardim das Oliveiras,

vinham os granizos magoá-lo como as pedras da paixão, vinha o sol alumiá-lo como a tocha de Judas, e a lua vinha, também, torná-lo mais lívido, como naquela noite em que ele, depois de ter visto a gente soluçante descer para Jerusalém, sentiu pousar na sua cruz um rouxinol que toda a noite cantou.

Sobre a cabeça e sobre os braços do Cristo havia teias de aranha; em baixo os ratos roíam-lhe a cruz.

Então o homem sentiu que aquele seio constelado, e aquela boca donde saiu a revelação do amor, do perdão, e da alma, tinham o pó, a podridão, a caliça e os bichos; e que, se um dia Cristo, vendo o homem aflito e miserável, lhe tinha arrancado da alma o mal, não era muito que o homem, encontrando Cristo

abandonado, profanado e roído, lhe limpasse da cabeça as aranhas! Mas, quando ia a limpar a imagem viu sobre a cruz, junto da mão pregada, um milhafre enorme. O homem, com as mãos, quis arrebatar o milhafre.

E a ave, então, com a antiga voz dos animais da Bíblia, do Apocalipse e dos livros dos profetas, disse surdamente: «Homem, deixa a cruz sossegada!»

Através das fendas viam-se os astros sagrados. E o milhafre, batendo as asas, dizia:

«Deixa a cruz, deixa, não tenhas medo que apodreça. Lá em cima luzem agora estrelas, sóis, planetas, cintilações, carbúnculos. E o pó dos deuses mortos. Todos se finaram, histriões ensanguentados, e a sua farsa acabou em

desterros.

»Morreram velhos, expulsos, esfomeados e nus.

»Este ficou, solitário, alumiando. Ele perdoou enquanto os outros lutaram, ele amou enquanto os outros choraram, por isso fica enquanto os outros passam. Deixa. Esta cruz que é de madeira vele tanto como as que lá em cima fazem os raios dos astros, ou no silêncio dos mirtos dois olhares bem-amados.

»Deixa as aranhas, o pó, a caliça, os bichos, a neve, a geada, o apodrecimento. Ele que vos deu a vós o seu corpo de carne, pode bem dar às aranhas a sua imagem de madeira; a vós que pregais com o mesmo riso e com o mesmo esquecimento os morcegos no alto das janelas e o Cristo no alto dos montes;

a vós que lhe vindes limpar os cabelos de madeira depois de lhe ter arrancado os cabelos vivos; a vós, que quereis lavar as nódoas que ele tem no peito, e não vedes as imundícies que tendes na alma. Tudo o que ele criou, o amor, o ideal, o perdão, a fé, o pudor, a religião, Deus, todo aquele evangelho da vida nova, anda pelo mundo, tão degredado, tão coberto de bichos, tão imundo, como o seio desta imagem antiga. A matéria, o impudor, o apetite rude, o ódio, o aviltamento, o tráfico, a miséria, oh a penalidade, andam sujando a tua alma, ó homem, como as aranhas andam sujando a cabeça deste Cristo! E não reparais! E não vedes sobre os espíritos, sobre os corações, sobre as consciências, o pó, a caliça, o caruncho, os ratos e os vermes!

»Sim, é verdade: tudo é magnífico, e são, e banhado de sol. As cidades são limpas e caiadas, só as consciências é que têm nódoas; as praças estão cheias de iluminações, só os corações é que estão escuros; os cai s estão arejados, só os espíritos é que sufocam; os corpos estão sãos, cobertos de estofos, frescos e resplandecentes, só as almas é que andam nuas, miseráveis e leprosas. De resto, tendes o riso, a farsa, os paraísos artificiais, as arcas venais, e também o esfriamento do túmulo! Oh amigos íntimos dos vermes, como vós cuidais do corpo, e o lavais, e o amaciais, e o engordais — para a pastagem escura das covas!

»Homem, que fizeste tu da alma? Ao princípio não era conhecida, depois foi vendida, depois foi apupada, tu,

modernamente, julgaste melhor matá-la — mas não certamente de cansaço com viagens a Deus! Deste-la a despedaçar à negra matilha do mal. Em compensação, guardaste o corpo: para esse uma religião, um asilo forte como o sol, os sete selos da lei e a escolta dos regimentos. Esse é o sagrado, o maculado, o pontificial, o vitorioso. Proibição a Deus de lhe tocar. Para ele palácios, cortejos, serralhos, estofos, pedrarias, o sol e a iluminação dos astros. Para ele a inviolabilidade: *Não matarás!*

»Começaram então as cruzes a ficar desertas, os cepos a encher-se de musgo, as forcas a apodrecer nos caminhos. Nós, os milhafres, e os nossos camaradas, os abutres para quem já não havia corpos nos despenhadeiros, ladrões

arroxeados pela corda, afogados disformes, deixámos os grandes montes e os rios, as vastas tradições do sangue, e viemos para viver, aceitar, com os capões, a domesticidade nos parques resplandecentes, ou andámo-nos mostrando aos imbecis, pelas feiras, numa gaiola! E as aves da noite, depois de terem visto a natureza imensa, as aflições do vento, as núpcias do mar, de terem lutado nas tempestades e insultado as estrelas, vêm, modestamente, comer bichinhos no saguão dos burgueses! Eu, que tinha estado entre a força, quis ao menos ficar entre a graça, e, depois de ter vivido na noite de Deus, quis ao menos morrer na madrugada de Jesus! E entretanto a alma morre esmagada e solitária, e a grande vida moderna, a vida

do sol, da música, dos metais, vai, entre fulgurações, pisando e cuspindo naquela coisa miserável. E ainda está quase quente o sangue de Jesus!

»Homem, que fizeste tu do pensamento?

»Anda expulso, perseguido e sublime como um deus antigo. Cravaste-lhe no seio as sete dores. Coube-lhe a dor e o escárnio. E necessário que, nas cidades, os pensadores e os artistas extáticos sofram e sangrem: os triunfos dos homens da matéria são como os dos antigos imperadores, só são completos quando passam entre torturas. E quem havia de soluçar sobre a cena moderna da paixão, senão os que têm alma?

»Amam, sufocam, caem, agonizam, e entretanto vai passando a coorte dos

vitoriosos e dos reluzentes, e as suas bolsas riem-se daqueles corações, como os botões de ouro das suas camisas apupam a luz dos astros.

»E os que quiserem viver e tiverem a alma grande, bela e herói ca, têm de se baixar à estatura burguesa e mercantil dos cérebros modernos.» O milhafre dava gritos joviais como risadas. Os deuses olímpicos, se não se deixassem ajuizadamente finar nas florestas de Gália, teriam de se empregar nas secretarias. O antigo pavão de Juno viveria num pomar dos arrabaldes. Homero seria localista. Os cavaleiros andantes roubariam lenços nos ajuntamentos, e o trágico S. Jerónimo seria presidente de uma junta de paróquia. Deste modo tu aceitas a arte, o pensamento, a alma: não, arte, não te vás;

a vida moderna dar-te-á uma libré resplandecente. Vem música, tu que criaste a Alemanha, far-me-ás uma contradança! vem, arquitetura, tu que deste hospitalidade a Deus, far-me-ás uma estufa! vem, escultura, tu que fizeste o povo dos deuses, ó bela escultura! vem fazer-me um gavetão. Oh! tristes domesticidades do ideal!»

Houve um silêncio. Havia na sala um ar místico como para a conceção de um deus.

O milhafre esvoaçava. Ouvia-se o chorar de uma flauta. E o olhar do Cristo errava, contemplativo e atento, entre as estrelas inumeráveis, enquanto na escuridão, aos seus pés, os ratos lhe roíam a cruz.

«Vai-te, disse o milhafre. Os ratos

roem a cruz, eu estou velho: a antiga geração das aves da noite vai-se. Os pregos já se despregam, a cruz apodrece. E quando ela se desfizer atirarei o pó à grande Natureza ao elevar-se da Lua, que vale o elevar da hóstia. Irei, ó meu Deus, para além dos sóis e dos caminhos lácteos, onde as constelações são gotas de sombra; certo, eu que sou da vasta terra, o selvagem dos prados, a respiração dos antros, eu que sou a palpitação dos montes, certo de que, se os homens não derem a cruz aos Cristos não lhas dará também a Natureza. E eu, que roí as ossadas verdes, tendo visto sempre Este, que fez o bem, que amou, que perdoou, pregado numa cruz, irei também entre os sóis meio doidos, eu, que devastei e matei e escorri de sangue, crucificar-me num

astro.»

Assim falou, lentamente, aquele milhafre filosófico e letrado, enquanto as violas gemiam, e os pobres tremiam de frio; assim falava, de cima de uma cruz, numa sala legendária, longe das maravilhas dos Cains burgueses, nestes tempos livres, sensatos, verdadeiros, magníficos em que, como se não podem pôr certas verdades na boca dos homens, têm de se dependurar do bico dos milhafres.

Lisboa

Et nunc et semper
(Divisa dos príncipes de Este)

As geografias antigas dizem: «Lisboa, cidade antiga rica e forte: ali o ar é melhor que em qualquer sítio da Espanha. Está sobre sete montanhas à beira do Tejo. Long. 9.30, lat. 38.42.»

O ar é na verdade bom Lisboa tem ainda meiguices primitivas de luz e de frescura: apesar dos asfaltos, das fábricas, dos gasómetros, dos cais, dos alcatrões, ainda aqui as Primaveras escutam os versos que o vento faz: sobre os seus telhados ainda se beijam as pombas: ainda no silêncio, o ar escorre

pelas cantarias, como o sangue ideal da melancolia. E Deus ainda não é um poeta impopular.

Lisboa que faz?

Antigamente a cidade, *urbs*, era o lugar que pensava e que falava, que tinha o verbo e a luz. Roma criou a justiça, Atenas idealizou a carne, Jerusalém crucificou a alma. Por isso Roma caiu, e os porcos enlameiam os restos de Atenas, e os cães uivam no silêncio de Jerusalém. Os seus olhos olharam muito para a verdade e cegaram: os seus ouvidos escutaram muito o pensamento e ensurdeceram: as suas mãos esculpiram muito o ideal e tolheram-se.

Pensar é sofrer; alumiar é lutar. A noite, ao sucumbir, luta com a madrugada, e deixa-lhe a chaga incurável do sol: dela

escorre a luz. As superstições, os preconceitos, os erros, os prejuízos, as fatalidades lutam com a alma, e deixam-lhe a ferida insanável do ideal: dela escorre a verdade. Esta ferida dá a febre, o cansaço, o desespero, a convulsão. Paris tem esta antiga e trágica ferida que teve Atenas, Babilónia e Jerusalém. Sofre porque pensa. Os pés têm a intimidade da lama, as asas têm a camaradagem da luz. Todo o pé quer ser asa.

Daí ambições, desalentos, lutas obscuras, perdições, descrenças, fulgurações do mal, impurezas, traições, invejas, injúrias, torturas — a congestão do espírito! São estas as dores imensas, as nódoas do pensamento, as manchas do sol.

Lisboa não tem estes defeitos da

luz: é serena, imperturbável, silenciosa. Quer a sua inviolabilidade, evita as feridas terríveis.

Tem a sensatez, a prudência, a economia, o medo. Não quer alumiar, para não lutar, não quer pensar, para não sofrer. Não quer criar, pensar, apostolar, criticar. Escuta e aplaude toda a voz, ou sejam as imprecações sagradas de Danton, ou os versos do poeta Nero. As ondas que solucem, as florestas que se lamentem, ela tem o riso radioso e sereno.

Sente-se abundante, gorda, coberta de luz. Sente-se protegida, livre, caiada e fresca; não tem de catar as suas misérias, nem de amparar o pau das forcas, por isso comenta Sancho Pança. Não tem de construir a catedral de ideias, nem de compor a sinfonia da alma, por isso

escuta os melros nas várzeas e reza as Ave-Marias. Paris, Londres, Nova Iorque, Berlim, suam e trabalham, em espírito. Ela não tem que semear: por isso, ressona ao sol.

Às vezes, porém, comete o mal, enterrando ideias. Aonde? Na escuridão, no silêncio, no desprezo. Lisboa é um pouco coveira de almas!

Como Roma, ela tem as sete colinas, como Atenas, tem um céu tão transparente que poderia viver nela o povo dos deuses. Como Tiro, é aventureira do mar. Como Jerusalém, crucifica os que lhe querem dar uma alma. Todavia Lisboa o que faz? Come.

Come, ao cair da tarde, sem testemunhas impiedosas, quando sabe que os astros vêm longe, que as asas sonham

com o vento, que os olhos das flores se fecham de sono. Deus não vê, da sua varanda de sol, e então, para esta velha cidade, heroica e legendária, que nos seus velhos dias tomou o pecado da gula, o abdómen é uma realidade livre! Até ali, durante o dia, os seus cabelos caíam como ramos de salgueiros, as suas faces estavam amortalhadas, dos seus olhos chovia dor... ainda não tinha comido! Depois, à noite, quando sai do alimento como de uma vitória, os olhares são gritos de luz, os cabelos plumas gloriosas, o peito arca de ideias; comeu!

Lisboa nem cria, nem inicia; vai.

Em religião nem tem a devoção dos monges, nem a impiedade irónica: é simples: antigamente fazia ir um Cristo crucificado, erguendo os braços

suplicantes, no préstito dos enforcados: hoje choraria pela Mãe Dolorosa, depois de ter erguido uma estátua a Voltaire: dependuraria ao pescoço, singelamente, com as contas de um rosário, a sua antiga viola de Alfama.

Em política copia Sancho Pança.

Não tem a coragem que se dedica, nem o medo soluçante: parece ter justamente o heroísmo de uma espada embainhada: na campanha da Europa, todavia, com os seus uniformes negros, espantava a velha guarda: tem a religião sensual do sol, do calor, e do sono: é verdade. No Beresina, apupava as neves!

Nem tem a febre das especulações e das indústrias, nem o amor das contemplações e dos sonhos: tem um trabalho cheio de sestas: em abril

suspende a enxada para ver voltar as andorinhas.

No vício é tímida: copia desajeitosamente as Babilónias distantes: aproveita o fogo de Sodoma para aquecer os pés; apara as unhas ao Diabo; é o banho tépido dos pecados mortais.

Adoradora, em arquitetura, da linha reta dos palácios de cristal, sectária, em escultura, dos *biscuits* de Sèvres, namorada, em poesia, do visconde d'Arlincourt, no teatro quer a mágica: tem sede e fome daquele ideal: quer as montanhas transparentes, os palácios de missanga, nudezas celestes, noivas de coral, arquiteturas de luz e de sons, papéis colados, vermelhão e ourelo, mulheres despidas, pedraria, e ouro, ouro, ouro, e ainda ouro, e mulheres despidas, e mais

ouro! Lisboa quer sobre uma cena resplandecente ver as formas estranhas que toma o sonho de imbecilidade: quer a mágica: em verdade, a mágica é o espectro solar do idiotismo!

Vem a noite. Lisboa toma a impassibilidade das penedias.

As casas sem luz têm o aspeto calmo e sinistro dos rostos idiotas. A iluminação é um coro de gás, bocejando. Das encruzilhadas das ruas solitárias, de todo este deserto de cantarias e de vidraças, exala-se uma sonolência fluida, um hálito de tédio. Lisboa de noite é tão silenciosa que quase se sente o crescer da erva que a há de cobrir no dia das ruínas.

É tão triste que a noite parece um arrependimento da vida! Nas belas moradas, nos casebres, nas trapeiras, em

cambraia, em farrapos, em palhas, por toda a parte, há um vasto sono inerte e vegetal.

Que fazem entretanto os errantes da noite, a família Vício, a frente crepuscular, os herdeiros terríveis de Lovelace e de D. Juan Tenório?

Compram na penumbra doméstica o amor fuliginoso das cozinheiras, comem melancolicamente mexilhões nas tabernas; os mais pobres encostam-se às esquinas esfarrapados, e doentes, cariátides sonolentas do tédio!

E nas casas? Aí, nos andares resplandecentes, onde as mãos são macias e macios os sentimentos, estão, concentradas e sérias, formas vestidas de luto, como os viúvos, ou vestidas de branco, como as monjas. E suaves são as

falas e o andar cheio de ondulações, como o nadar das sereias, e as danças severas como a celebração de um rito: e suaves são as pétalas, e as músicas chorosas e as luzes, aves de claridade presas, que palpitam e querem o livre azul: mas sobre a alma e os corpos, e os adornos, derrama-se a tristeza dos viúvos e a frialdade das monjas. E isto são as festas!

Mais acima, nos andares modestos, ressonam aquelas famílias, vulgares e ásperas, que nascem com a alma cheia de frio, que vivem entre a beleza, a graça, a paixão, como insetos entre os cabelos de uma santa, e morrem solitárias, invejosas, com os corações cheios de revolta porque não amaram, com os pés cheios de musgo porque não caminharam!

Depois, mais em cima, nos últimos andares, é a gente do trabalho: operários severos, doces raparigas com alma de pássaro, gargantas onde, como nas veigas de Israel, todo o dia se canta, e também a gente estúpida e metálica que tem a brutalidade do trabalho, com a rudeza do coração, índoles ásperas, olhos invejosos, mãos avaras, peitos vazios, que a essas horas da noite, com os cabelos caídos, veem a vida tão nua, tão apertada, tão brutal, tão suja como a sua trapeira!

E depois mais acima, debaixo dos telhados, os mendigos, os esfomeados, os miseráveis, a essas horas com grandes olhos aterrados, se catam, ou roem as côdeas, ou gemem de dor, ou morrem entre a caliça e as aranhas, ou se remendam, cantando impuramente!

E por cima como na jerarquia da dor, das tristezas do pobre, só estão as chagas de Cristo, o grande azul, sereno, transparente, cheio de universos, esconde por detrás da gradaria dos astros o Mistério e a Graça!

A essas horas, ó miséria das cidades! longe dos conservatórios e das academias e das mágicas, pelos prados e pelas várzeas representam-se as verdes comédias da Natureza: os rouxinóis dão a réplica às veigas melodiosas, as fontes choram pelas desgraças de um melro amoroso, os olmos têm atitudes grotescas de palhaços, e o céu, como amante trágico, criva-se de punhaladas de luz!

Em Lisboa a vida é lenta. Tem as raras palpitações de um peito desmaiado. Não há ambições explosivas; não há ruas

resplandecentes cheias de tropéis de cavalgadas, de tempestades de ouro, de veludos lascivos: não há amores melodramáticos: não há as luminosas eflorescências das almas namoradas da arte: não há as festas feéricas, e as convulsões dos cérebros industriais.

Há escassez da vida; um frio senso prático. A preocupação exclusiva do útil. Uma seriedade enfática. E a adoração burguesa e serena da moeda de cinco tostões — da moeda de cinco tostões, branca, perfeita, celeste, pura, imaculada, consoladora e purificadora!

O luxo dos vestuários é refletido. E pausado! E calculado!

Um outro luxo há, mais doido: esse, quando é novo ruge, resplandece, deixa-se balançar em grandes pregas

desfalecidas — um pouco baixamente, de camaradagem com a lama: mais tarde, depois das ostentações e dos amores, envergonha-se e vai-se mascarar às tinturarias: nos seus velhos dias anda, miserável, pedindo esmola, por casa das adelas!

A Lisboa material tem feições morais. Há sítios que dão, aos que os pisam, uma individualidade. O lajedo e a cantaria consagram espíritos. Encostar-se ao Chiado! — isto significa ter a fina flor da graça, a vivacidade conceituosa e costumes despedaçados. Estar no Martinho — revela inspiração, divindade interior, lirismo e política crítica. O Lisboa, tu não tens carateres, tens esquinas!

Lisboa tem compaixões celestes:

agrupa-se em coro de lágrimas para ver a morte de um cão: mas afasta-se logo, assobiando, se começa a agonia de uma alma. Tem também uma curiosidade tímida e fácil: senta-se nos passeios, pelo estio, entre o pó, olimpicamente, como os deuses entre a luz, e fica atenta, concentrada, suspensa, idiota — a ver caminhar seis mil pernas!

Um dia Paris aborreceu-se e expulsou os reis, outro dia aborreceu-se e acolheu os imperadores. Às vezes Lisboa aborrece-se e entra na política — como os homens que entram no banho são pisados pela maresia, são feridos pelas areias, esfriados pela neblina e vêm, contentes e transidos, enxugar-se ao sol!

Lisboa toma atitudes, clama, conjura nas esquinas, é bondosamente

afastada pela polícia, e vem, toda gloriosa e feliz pelas tiranias derrubadas, reler a cartilha!

Uma das maiores alegrias de Lisboa é sujar-se!

Nos tempos mitológicos, às vezes, uma deusa fazia-se mulher, esposa e mãe, fiava na roca de ébano incrustada de lápis e dobava as lãs vermelhas de Mileto. Vinha porém um dia no ano em que a mulher ia no Olimpo ser deusa. Deixava esposo, filhos, lares, parentes; debalde lhe pediam que não fosse, temendo que ela, mulher e deusa, não se acostumasse na volta às lâmpadas de gineceu, ela que ia ser alumiada pelos astros do Olimpo. Debalde: chegado o momento, nada impedia a esposa de ser divindade: via-se aquele corpo casto, argila ideal, azular-se

e, transparência viva, perder-se na luz.

Lisboa é assim. Vem um dia em que ela quer voltar ao seu elemento primitivo, e ninguém a pode impedir de ser lama: é o Entrudo.

Suja-se então livremente, faz tempestades nojentas, naqueles dias o seu tédio é feito de prodígio e de imundície, e é um sol dos escoadoiros!

Transfigura-se. E como a deusa deixava, na Antiguidade, os filhos e os lares, para ir ser luz, Lisboa esquece as funções do seu tédio, a religião da moeda de ouro, o sacerdócio da economia, as atitudes enfáticas do seu pudor, para se dar livremente à lama!

Lisboa é a hospedeira do vento. O antigo Euro paga a hospedagem atirando a poeira às ruas, às praças, às avenidas, aos

cais, à cara de Lisboa! Sublime adulação: suja-a!

Lisboa respeita a limpeza, mas adora a lama. Colisão! Lisboa, cidade inspirada, corta magnificamente o embaraço, lavando-se no lodo do Tejo!

Atenas produziu a escultura, Roma fez o direito, Paris inventou a revolução, a Alemanha achou o misticismo. Lisboa que criou?

O Fado.

Fatum era um deus no Olimpo; nestes bairros é uma comédia. Tem uma orquestra de guitarras, e uma iluminação de cigarros. Está mobilada com uma enxerga. A cena final é no hospital e na enxovia.

O pano de fundo é uma mortalha!

Todos os dias, quando o sol se vai

nas águas lavar dos olhares dos homens, quando os corpos estão em flor, e passam os olhos pretos, de que Deus é avaro, e a maledicência se abre como uma túlipa, e os risos são clarões, e a vida se balouça cheia de sonhos, de lustres de olhares, de beijos cor de sol, de camélias e de pomadas, passam na rua umas carruagens lentas, com grandes arabescos dourados: são coches; as suas armas são caveiras; vão ali os mortos. Aqueles vão apodrecer e ser ossadas verdes.

— Morreu um homem — pensa tristemente a alma.

— Aaah — diz tristemente o coro dos corpos, cobertos de pano, de seda, de cassa, de burel, de farrapos.

— Morreu —, pensa a alma — sofreu, comeu, digeriu, pobre corpo! Um

corpo bem lavado, bem engordado, bem macio!

— As saias verdes e curtas são bonitas — diz o coro: — os pés pequenos, valem os grandes corações.

— Logo a terra encherá aquela boca que teve risos e beijos, e aquelas mãos que apertavam outras mãos esfriarão na humidade.

— Há olhos que são um mar, tudo têm: tempestades e sal. Abençoados os que lá se afogam.

— Os bichos da cova hão de lhe roer a cara: os olhos, aqueles olhos cheios de luz que vestiram tantas vezes uma alma bem-amada, serão comidos: ficarão dois buracos: ali aninham-se os bichos: é uma multidão: donde caíam lágrimas para a ternura, nas horas

luminosas, hão de escorregar umas formas viscosas, negras, que roem e incham — os vermes!

— Não são lindos os vestidos que modelam o seio? Não são lindas as comédias em que os maridos velhos morrem de ciúme? Não são lindos os cristais que às luzes parecem flores do Paraíso?

— Daqui a um mês aquele homem é uma ossada verde. Quando nasceu bateram-lhe. O amor emagreceu-o, o vinho secou-o, os agiotas torturaram-no, agora os bichos comem-no. E eis aí um homem!

— Que vida! Doces são as violetas, os seios são tépidos.

— Oh! goivos debruçai-vos, pombas dos cemitérios pousai, estrelas

descei, sol alarga-te, erva espessa-te, vinde feitos pétalas mortas; vem com o teu xaile, libertina; com a tua estola, padre; com a tua bolsa, agiota; cobri-lhe a cova, cobri-lha bem, resguardai-o, agasalhai-o — porque faz bem frio, na cova, ao pé dos bichos!

E entretanto as carruagens, lentas, passam, com a sua caveira, cor de ouro: «Anda cocheiro: é um freguês que vai para a cova: a passo! Alto de S. João! A Eternidade toma-te à hora!»

E enquanto o pobre morto vai, que dizem os que o viram partir, soluçando?

Os filhos dizem: «Tinha de ser...»

A esposa diz: «Vestida de luto!...»

O agiota: «Não foi mau freguês.»

Os médicos: «É um caso interessante...»

Os que o levam para a cova: «Era pesado, o maroto!»

O coveiro canta:

O preto que vem d'Angola
Traz a bordo fava-rica.

Tu, pobre mulher chorosa, amaste aquele homem: vestiste-o com os teus cabelos, alimentaste-o com o teu hálito, coroaste-o com o teu olhar, divinizaste-o com o teu desejo; ele era formoso, e são, e forte, e apaixonado: mas se passares por ao pé dele agora, ó pobre mulher chorosa, põe bem a mão no nariz!

Fica-te em paz, Lisboa! És *Baixa* e magnífica. Os que te quiserem abençoar terão de se curvar um pouco para a lama: mas consola-te, se alguém te quiser

amaldiçoar terá de se aproximar bastante de Deus!

Tu dorme, digere, ressona, soluça e cachimba. E se algumas lágrimas em ti caírem, vai-as enxugar depressa ao sol! Fica-te em paz! Os que têm alma não querem a luz dos teus olhos; podes consumi-la a contemplar o céu e os universos; por causa do teu olhar sempre erguido para lá, ninguém terá ciúmes do céu!

Os que têm coração não querem as carícias das tuas mãos; podes emagrecê-las a rezar a Jesus; por causa das tuas mãos sempre erguidas para ele, ninguém terá ciúmes de Deus!

Tu tens a beleza, a força, a luz, a graça, a plástica, a água resplandecente, a linha magnífica, resigna-te, ó Lisboa

querida, ó clara cidade bem-amada, ó vasta graça silenciosa, resigna-te, ó doce Lisboa, coroada de céu, resigna-te — a não ter alma!

O Senhor Diabo

Como está provado que eu sou redondamente inapto para escrever *Revistas*, dizer finamente das *Modas*, e falar da literatura contemporânea herdeira honesta do defunto Sr. Prudhomme, é justo, ao menos, que de vez em quando conte uma história amorosa, uma daquelas histórias femininas e macias, que nos serões de Trieste faziam adormecer nas suas cadeiras douradas as senhoras arquiduquesas de Áustria.

Conhecem o Diabo?

Não serei eu quem lhes conte a vida dele. E, todavia, sei de cor a sua legenda trágica, luminosa, celeste, grotesca e suave!

O Diabo é a figura mais dramática da História da Alma. A sua vida é a grande aventura do Mal. Foi ele que inventou os enfeites que enlanguescem a alma, e as armas que ensanguentam o corpo. E todavia, em certos momentos da história, o Diabo é o representante imenso do direito humano. Quer a liberdade, a fecundidade, a força, a lei. E então uma espécie de Pã sinistro, onde rugem as fundas rebeliões da Natureza. Combate o sacerdócio e a virgindade; aconselha a Cristo que viva, e aos místicos que entrem na humanidade.

É incompreensível: tortura os santos e defende a Igreja. No século XVI é o maior zelador da colheita dos dízimos.

É envenenador e estrangulador. É impostor, tirano, vaidoso e traidor.

Todavia, conspira contra os imperadores da Alemanha: consulta Aristóteles e Santo Agostinho, e suplicia Judas que vendeu Cristo, e Bruto que apunhalou César.

O Diabo ao mesmo tempo tem uma tristeza imensa e doce. Tem talvez a nostalgia do Céu!

Ainda novo, quando os astros lhe chamavam Lúcifer, o *que leva a luz*, revolta-se contra Jeová, e comanda uma grande batalha entre as nuvens.

Depois tenta Eva, engana o profeta Daniel, apupa Job, tortura Sara e em Babilónia é jogador, palhaço, difamador, libertino e carrasco. Quando os deuses foram exilados, ele acampa com eles nas florestas húmidas da Gália e embarca expedições olímpicas nos navios do imperador Constando. Cheio de medo

diante dos olhos tristes de Jesus, vem torturar os monges do Ocidente.

Escarnecia S. Macário, cantava salmos na igreja de Alexandria, oferecia ramos de cravos a Santa Pelágia, roubava as galinhas do abade de Cluny, espicaçava os olhos a S. Sulpício e à noite vinha, cansado e empoeirado, bater à portaria do convento dos dominicanos em Florença e ia dormir na cela de Savonarola.

Estudava o hebreu, discutia com Lutero, anotava glosas para Calvino, lia atentamente a Bíblia e vinha ao anoitecer para as encruzilhadas da Alemanha jogar, com os frades mendicantes, sentado na relva, sobre a sela do seu cavalo.

Intentava processos contra a Virgem: e era o pontífice da missa negra, depois de ter inspirado os juízes de

Sócrates. Nos seus velhos dias, ele que tinha discutido com Atila planos de batalha, deu-se ao pecado da gula.

E Rabelais, quando o viu assim, fatigado, engelhado, calvo, gordo e sonolento, apupou-o. Então o demonógrafo Wier escreve contra ele panfletos sanguinolentos e Voltaire criva-o de epigramas.

O Diabo sorri, olha em roda de si para os calvários desertos, escreve as suas memórias, e num dia enevoado, depois de ter dito adeus aos seus velhos camaradas, os astros, morre enfastiado e silencioso. Então Ceranger escreve-lhe o epitáfio.

O Diabo foi celebrado, na sua morte, pelos sábios e pelos poetas. Proclus ensinou a sua substância, Presul

as suas aventuras da noite, S. Tomás revelou o seu destino. Torquemada disse a sua maldade, e Pedro de Lancre a sua inconstância jovial. João Dique escreveu sobre a sua eloquência e Jacques I de Inglaterra fez a corografia dos seus estados. Milton disse a sua beleza e Dante a sua tragédia. Os monges ergueram-lhe estátuas. O seu sepulcro é a Natureza.

O Diabo amou muito.

Foi namorado gentil, marido, pai de gerações sinistras. Foi querido, na Antiguidade, da mãe de César, e na Meia Idade foi amado da bela Olímpica. Casou no Brabante com a filha de um mercador. Tinha entrevistas lânguidas com Fredegonda, que assassinou duas gerações. Era o namorado das frescas serenatas das mulheres dos mercadores de

Veneza.

Escrevia melancolicamente às monjas dos conventos da Alemanha.

Feminae in illius amore delectantur, diz tragicamente o abade César de Helenbach. No século XII, tentava com olhares cheios de sol as mães melodramáticas dos Burgraves. Na Escócia havia grande miséria sobre os montes: o Diabo comprava por 15 *shillings* o amor das mulheres dos *highlanders* e pagava-lhes com o dinheiro falso que fabricava em companhia de Filipe I, de Luís VI, de Luís VII, de Filipe, *o Belo*, do rei João, de Luís XI, de Henrique II, com o mesmo cobre de que se faziam as caldeiras onde eram cozidos vivos os moedeiros falsos.

Mas eu quero só contar a história

de um amor infeliz do Diabo, nas terras do Norte.

Ó mulheres! vós todas que tendes dentro do peito o mal que nada cura, nem os simples, nem os bálsamos, nem os orvalhos, nem as rezas, nem o pranto, nem o sol, nem a morte, vinde ouvir esta história florida!

Era na Alemanha, onde nasce a flor do absinto.

A casa era de pau, bordada, rendilhada, cinzelada, como a sobrepeliz do senhor arcebispo de Ulm.

Maria, clara e loura, fiava na varanda, cheia de vasos, de trepadeiras, de ramagens, de pombas e de sol. No fundo da varanda havia um Cristo de marfim. As plantas limpavam piedosamente, com as suas mãos de

folhas, o sangue das chagas, as pombas, com o calor do seu colo, aqueciam os pés doloridos. No fundo da casa, o pai dela, o velho, bebia a cerveja de Heidelberg, os vinhos de Itália, e as cidras da Dinamarca. Era vaidosos, gordo, sonolento e mau.

E sempre a rapariga fiava. Preso à roca por um fio branco, sempre o fuso saltava; preso ao seu coração por uma tristeza, sempre pulava um desejo.

E todo o dia fiava.

Ora debaixo da varanda passava um lindo moço, delicado, melodioso e tímido. Vinha e encostava-se ao pilar fronteiro.

Ela, sentada junto do crucifixo, cobria os pés de Jesus com os seus grandes cabelos louros.

As plantas, as folhagens, em cima, cobriam de frescura e de sombra a cabeça da imagem. Parecia que toda a alma de Cristo ali estava — consolando, em cima, sob forma de planta, amando, em baixo, sob forma de mulher.

Ele, o branco moço, era o peregrino daquela santa. E o seu olhar procurava sempre o coração da doce rapariga e o olhar dela, séria e branca, ia procurar a alma do caro bem-amado.

Os olhos investigavam as almas. E vinham radiosos, como mensageiros de luz, contar o que tinham visto: era um encanto!

— Se tu soubesses! — dizia um olhar. — A alma dela é imaculada.

— Se tu visses! — dizia o outro. — O coração dele é sereno, forte e

vermelho.

— É consolador, aquele peito onde há estrelas!...

— É purificador, aquele seio onde há bênçãos!

E olhavam ambos, silenciosos, extáticos, perfeitos. E a cidade vivia, as árvores rosnavam sob ao balcão dos eleitores, a trompa de caça soava nas torres, os cantos dos peregrinos nas estradas, os santos liam nos seus nichos, os diabos escarneciam na grimpa das igrejas, as amendoeiras tinham flor, e o Reno cantigas de ceifeiras.

E eles olhavam-se, as folhagens aninhavam os sonhos, e Cristo aninhava as almas.

Ora, uma tarde, as ogivas estavam radiosas como mitras de arcebispos, o ar

estava meigo, o sol descido, os santos de pedra estavam corados, ou dos reflexos da luz, ou dos desejos da vida. Maria na varanda fiava a sua estriga. Jusel, encostado ao pilar, fiava os seus desejos.

Então, no silêncio, ao longe, ouviram gemer a guitarra de Inspruck que os pastores de Helyberg enroscam de hera, e uma voz robusta cantar:

Os *teus olhos, bem-amada,*
São duas noites cerradas.
Mas os lábios são de luz
Lá se cantam alvoradas.

Os teus seios, minha graça,
São duas portas de cera.
Fora a minha boca um sol
Como ele as derretera!

Os teus lábios, flor de carne,
São portas do Paraíso:
E o banquinho de S. Pedro
É no teu dente do siso.

Queria ter uma camisa
De um tecido bem fiado,
Feita de todos os ais
Que o teu peito já tem dado.

Quando nos formos casar
Canta missa o rouxinol.
E o teu vestido de noiva
Será tecido de sol!

A bênção nos deitará
Algum antigo carvalho!
E por enfeites de boda

Teremos gotas de orvalhos!

E ao cimo da rua apareceu um homem forte, de uma bela palidez de mármore. Tinha os olhos negros como os dois sóis legendários do país do Mal. Negros eram os cabelos, poderosos e resplandecentes. Tinha presa ao peito do corpete uma flor vermelha de cato.

Atrás vinha um pajem perfeito como uma das antigas estátuas que fizeram na Grécia a lenda da beleza. Andava convulsivamente como se ferisse os pés no lajedo. Tinha os olhos inertes e fixos dos Apoios de mármore. Dos seus vestidos saía um cheiro de ambrósia. A testa era triste e serena como as dos que têm a saudade imortal de uma pátria perdida. Trazia na mão uma ânfora

esculpida em Mileto, onde se sentia a suavidade dos néctares olímpicos.

O homem da palidez de mármore veio até junto da varanda, e, entre as súplicas gemidas da guitarra, disse sonoramente:

— A gentil moça, a linda Yseult da varanda, deixa que estes beixos de homem vão, como dois peregrinos corados de sol, em doce romaria de amor, das suas mãos ao seu colo?

E olhando para Jusel, que desfolhava uma margarida, cantou lentamente, com grandes risadas frias e metálicas:

Quem depena um rouxinol
E rasga uma triste flor,
Mostra que dentro do peito

Só tem farrapos de amor.

E ergueu para a varanda os seus olhos terríveis e desoladores, como blasfémias de luz. Maria tinha levado a sua roca e só havia na varanda as aves, as flores e Jesus!

— A toutinegra voou — disse jovialmente.

E indo para Jusel:

— É que talvez sentisse a vizinhança do abutre. Que diz o Bacharel?

Jusel, com os olhos serenos, desfolhava a margarida.

— No meu tempo, senhor Suspiro — disse o homem dos olhos negros, cruzando lentamente os braços — já havia aqui duas espadas, a fazer rebentar na sombra flores de faíscas. Mas os heróis

vão-se, e os homens nascem cada vez mais da dor das mulheres. Vejam isto! É um coração com gibão e gorra. Mas coração branco, pardo, alvacento, de todas as cores, menos vermelho e sólido. Pois bem! Aquela rapariga tem uns cabelos louros que dizem bem com os meus cabelos pretos. As cintas delgadas querem os braços fortes. Os lábios vermelhos de desejo gostam das armas vermelhas de sangue. É minha a dama, senhor Bacharel!

Jusel tinha descido as suas grandes pálpebras elegíacas e via as pétalas arrancadas da margarida caírem como desejos assassinados, desprendidos do seu peito.

O homem dos olhos resplandecentes tomou-lhe rijamente a

mão.

— Bacharel Ternura — disse — há aqui perto um lugar onde os goivos nascem expressamente para os inocentes que morrem. Se tens alguns bens a deixar, recomendo-te este excelente Rabil. — Era o pajem. — É necessário proteger as aves da noite. Os abutres bocejam desde que findou a guerra. Vou-lhes dar ossos tenros. Se queres deixar o coração à bem-amada, à moda dos trovadores, eu me encarrego de lho trazer, bem embalsamado em lama, na ponta da espada! Tu és formoso, amado, branco, delicado, perfeito. Vê-me isto, Rabil. É uma farsa bem feita ao Compadre lá de cima dos sóis, dilacerar-lhe esta beleza! Se namoravas alguma estrela, eu lhe mandarei por bom portador os teus últimos adeuses. Enquanto aos

sacramentos, são úteis: eu me encarrego de te purificar pelo fogo. Rabil, toca na guitarra o rondó de defuntos: anuncia no Inferno, o Bacharel Suspiro! A caminho, meus filhos! Ah! Mas em duelo secreto, armas honradas!

E batendo heroicamente nos copos da espada:

— Eu tenho aqui esta debilidade, onde está a tua força?

— Ali! — respondeu Jusel, mostrando Cristo na varanda das plantas e das pombas, alumiado pelo sol que descia, branco entre a folhagem, agonizante entre as palpitações das asas.

— Ah! — disse cavamente o homem da flor de cato. — A mim, Rabil! Lembras-te de Actéon, de Apolo, de Derceto, de Íaco e de Marte?

— Eram os meus irmãos — disse lentamente o pajem, hirto como uma figura de pedra.

— Pois bem, Rabil, para a frente, através da noite! Cheira-me aqui às terras de Jerusalém!

E sumiram-se debaixo das arcarias e das pilastras, sinistros, soluçando.

Na noite seguinte havia pela Alemanha um grande luar purificador. Maria estava debruçada na varanda. Era a hora celeste em que os jasmins concebem. Em baixo, o olhar de Jusel, que estava encostado ao pilar, suspirava para aquele corpo feminino e branco, como nos jardins a água, que sobe em repuxo, suspira murmurosamente para o azul.

Maria disse suspiradamente:

— Vem.

Jusel subiu à varanda, radioso. Sentaram-se ao pé da imagem.

O ar estava tão sereno como na pátria das armas. Os dois corpos dobravam-se, um para o outro, como se estivessem aproximando os braços de um Deus.

As folhagens escuras que envolviam o Cristo estendiam-se sobre as duas cabeças louras com gestos de bênção. Havia na moleza das sombras um mistério nupcial Jusel tinha as mãos dela presas como pássaros cativos e dizia, com a voz humilde dos corações primitivos:

— Queria bem ver-te, assim, ao pé de mim. Se soubesses! Tenho receios infinitos. És tão loura, tão branca! Tive um sonho que me assustou. Era num

campo. Tu estavas de pé, imóvel: ouvia-se um coro que cantava dentro do teu coração! Em redor andava uma dança nebulosa de espíritos. E diziam uns: «Aquele coro é de mortos: são os amantes infelizes que choram no coração daquela mulher.» Outros diziam: «São as tristezas dos *minnesingers* errantes que ali soluçam.» Outros diziam: «Sim, aquele coro é de mortos: são os nossos deuses queridos que choram ali do exílio.» E então eu adiantei-me e disse: «Sim, sim, aquele coro é de mortos, são os desejos que ela teve por mim, que se lembram e que gemem.» Que sonho tão mau, tão mau!

— Porque estás tu — dizia ela — todos os dias encostado ao pilar, com as mãos quase postas?

— Estou a ler as cartas de luz que

os teus olhos me escrevem.

Calaram-se. Eles eram naquele momento alma florida da noite.

— Quais são os meus olhos? quais são os teus olhos? — dizia Jusel. — Nem eu sei!

E ficaram calados. Ela sentia os desejos que se desprendiam dos olhos dele, virem, como pássaros feridos que gemem, cair no fundo da sua alma, sonoramente.

E inclinando o corpo:

— Conheces meu pai? — disse ela.

— Não. Que importa?

— Ai, se tu soubesses!...

— Que importa? Estou aqui. Se ele te quer bem, há de gostar deste meu amor, sempre aos teus pés como um cão.

És uma santa. Os cabelos de Jesus nascem do teu coração. O que quero eu? Ter a tua alma presa, bem presa, como um pássaro esquivo. Esta paixão toda, deixa-te tão imaculada, que se morresses podias ser enterrada na transparência do azul. Os desejos são uma hera: queres que os arranque? Tu és o pretexto da minha alma. Se me não quisesses deixava-me andar esfarrapado. Por eu entrar no teu coração, não tires nada dela. não? Tens lá a fé de Jesus, e a saudade de tua mãe: deixa estar: damo-nos todos bem, lá dentro, contemplando o interior do teu olhar, como um céu constelado. O que quero eu de ti? As tuas penas. Quando chorares vem a mim. Farei a alma em farrapos para tu limpares os olhos. Queres tu? Casemo-nos no coração de Jesus. Dá-me essa

agulheta, que te prende o cabelo. Será a nossa estola.

E com a ponta da agulheta, de pé junto da imagem, afastando os ramos, transfigurado e celeste, gravou sobre o peito de Cristo as letras dos dois nomes enlaçadas — J. e M.

— É o nosso noivado — disse ele. — O céu atira-nos os astros, confeitos de luz. Cristo não se esquecerá deste amor que chora aos seus pés. As exalações divinas que saírem do seu peito aparecerão, lá em cima, com a forma das nossas letras. Deus saberá este segredo. Que importa? Eu já lho tinha dito, a ele, às estrelas, às plantas, aos pássaros, às florescências; porque, vês tu? as flores, as constelações, a graça, as pombas, tudo isso, toda esta efusão de bondade, de

inocência, de graça, era simplesmente, ó adorada, um eterno bilhete de amor que eu te escrevia!

E ajoelhados, extáticos, calados, eles sentiam misturar-se ao seu coração, às suas confidências, aos seus desejos, toda a vaga e imensa bondade da religião da graça.

E as suas almas falavam cheias de mistério.

— Vês tu? — dizia a alma dela. — Quando te vejo, parece que Deus diminui, e se contrai, e se vem aninhar todo no teu coração; quando penso em ti, parece-me que o teu coração se alarga, se estende, abrange o céu e os universos, e encerra por toda a parte Deus!

— O meu coração — suspirava a alma dele — é uma concha. O teu amor é

o mar. Muito tempo esta concha viverá afogada e perdida nesse mar. Mas se tu me expulsares de ti, como numa concha abandonada se ouve ainda o rumor do mar, no meu coração abandonado se escutará sempre o sussurro do meu amor!

— Olha — dizia a alma dela — eu sou como um campo. Tenho árvores e relvas. O que há em mim de maternidade é árvore para te cobrir, o que há em mim de paixão é relva para tu pisares!

— Sabes tu? — dizia a alma dele. — No céu há uma floresta invisível de que apenas se veem as pontas das raízes que são as estrelas. Tu eras a toutinegra daqueles arvoredos. Os meus desejos feriram-te. Eu, há muito que te vejo vir caindo pelo ar, gemendo, resplandecente, se o sol se alumia, triste, se a chuva te

molha. Há muito que te vejo vir descendo — quando cairás tu nos meus braços...?

E a alma dela dizia: «Cala-te.» Não falavam.

E as duas almas, desprendidas dos corpos bem-amados, subiam deslumbradas, inefáveis, ternas; confundidas, tinham o céu por elemento, os seus risos eram os astros, a sua tristeza a noite, a sua esperança a madrugada, o seu amor a vida, e sempre mais temas e mais vastas envolviam tudo o que do mundo sobe de justo, de perfeito, de casto, as orações, os prantos, os ideais, e estendiam-se por todo o céu, unidas e imensas — para Deus passar por cima!

E então à porta da varanda houve uma risada metálica, imensa e sonora. Eles ergueram-se resplandecentes, puros,

vestidos de graça. À porta estava o pai de Maria, hirto, gordo, sinistro. Atrás, o homem de palidez de mármore balançava vaidosamente a pluma escarlate da gorra. O pajem ria, fazendo uma claridade na sombra.

O pai foi lentamente para Jusel e disse, com escárnio:

— Onde queres ser enforcado, vilão?

— Pai, pai! — E Maria, aflita, com uma convulsão de lágrimas, enlaçava o corpo do velho. — Não. É meu marido, casámos as almas! Olhe, ali está. Veja. Ali, na imagem!...

— O quê?...

— Ali, no peito; veja. Os nossos nomes enlaçados como numa escritura. Veja. É meu marido. Só me quer bem. Mas

veja. Sobre o peito de Jesus, no lugar do coração. Mesmo sobre o coração. E ele, o doce Jesus, deixou que lhe fizessem mais esta ferida!

O velho olhava as letras enlaçadas como uns esponsais divinos que se tinham refugiado no seio de Cristo.

— Raspa, meu velho, que isso é marfim!— gritou o homem dos olhos negros.

O velho foi para a imagem com a faca do cinturão. Tremia. Ia arrancar as raízes daquele amor, até ao peito imaculado de Jesus!

E então a imagem, sob o justo e incorruptível olhar da luz, despregou uma das suas mãos feridas, e cobriu sobre o peito as letras desposadas.

— É ele, Rabil! — gritou o

homem da flor de cato.

O velho soluçava.

E então o homem pálido, que tocava na guitarra de Inspruck, onde os pastores de Helyberg enroscam heras, veio tristemente junto da imagem, enlaçou os braços dos namorados, como se vê nas velhas estampas alemãs, e disse ao pai:

— Abençoa-os, velho!

E saiu, batendo rijamente nos copos da espada.

— Mas quem é?... — disse o velho apavorado.

— Mais baixo! — disse o pajem da ânfora de Mileto. — É o Senhor Diabo!... Mil desejos, meus noivos!

Pelas horas da madrugada, na estrada de Necker, onde as cerejeiras luzem, o homem dos grandes cabelos

negros dizia ao pajem branco como os Apolos de mármore:

— Estou velho. Vai-se-me a vida. Sou o último dos que combateram nas estrelas. Os abutres já me apupam. É estranho: sinto nascer cá dentro, no peito, um rumor de perdão. Gostava daquela rapariga. Lindos cabelos louros, quem vos dera no tempo do céu! Já não estou para aventuras de amor! A bela Impéria diz que eu me vendi a Deus!

— A bela Impéria! — disse o pajem. — As mulheres! vaidades, vaidades! As mulheres belas foram-se com os deuses belos. Hoje os homens são místicos, frades, santos, namorados, trovadores! As mulheres são feias, avaras, magras, burguesas, vestidas de burel, finadas de cilícios, com uma pouca de

alma incómoda, e uma carne tão diáfana, que se vê através o lodo primitivo! Misérias! Ai Atenas! Corinto! Mileto! Tenedos! Abidos!

— Vou achando risível a obra dos Seis Dias. As estrelas tremem de medo, e de dor. A Lua é um sol fulminado. Começa a escassear o sangue pelo mundo e a aparecer muito a tinta. Eu tenho gasto o mal. Fui pródigo. Se eu no fim da vida tinha de me entreter perdoando e consolando — para não morrer de tédio! Fica-te em paz, mundo! Sê infame, lamacento, podre, vil e imundo, e sê, todavia, um astro no céu, impostor! E todavia o homem não mudou. É o mesmo. Não viste? Aquele, para amar, feriu com uma agulheta o peito da imagem. Como nos antigos tempos, o homem não começa

a gozar um bem, sem primeiro rasgar a carne a um Deus! É esta a minha última aventura. Vou para o meio da Natureza, para junto do livre mar, pôr-me sossegadamente a morrer.

— Também os diabos se vão! Adeus, Satã!

— Adeus, Ganimedes!

E o homem e o pajem separam-se na noite.

A poucos passos o homem encontrou um cruzeiro de pedra.

— Estás também deserto — disse, olhando para a cruz. — Os infames pregaram-te e voltaram-te as costas! Foste maior que eu! Sofreste calado.

E sentando-se nos degraus do cruzeiro, enquanto vinha a madrugada, afinou a guitarra e cantou no silêncio:

Quem vos desfolhou estrelas,
Dos arvoredos da luz?

E com uma grande risada melancólica:

Chegará o outono ao Diabo?
Virá o inverno a Jesus?

Uma Carta

A Carlos Mayer

Meu caro Mayer: — Naqueles tempos, segundo a fórmula do Evangelho, o romantismo estava nas nossas almas. Fazíamos devotamente oração diante do busto de Shakespeare.

Lembras-te do teu quarto da Rua do Forno, creio eu, no último andar, quase nas confidências humorísticas das estrelas? O busto de Shakespeare, que era o nosso calvário da arte, estava ali, ao pé de uma medalha do Dante, e da «Inocência» de Greuze! Lembra-me também uma gravura do «Juízo Final» e dois esboços holandeses. Sobre a estante,

por cima de Voltaire, de Diderot, de Rousseau, de Mirabeau e de alguns volumes da «Enciclopédia» — num quadro, a figura de Napoleão, sobre uns rochedos enfáticos via os prantos do mar e o voo das gaivotas. Tinhas também uma coleção de minerais, e duas caveiras polidas e lavadas, que riam serenamente. O meu quarto, no Salvador, era mais austero. Na parede, estava pintada a carvão uma grande cruz. Em redor, estavam escritos versículos da Bíblia e dísticos da «Imitação». Mas, como eu andasse nesse tempo constipado, P., um pagão, fez raspar toda aquela decoração ascética, dizendo que o misticismo proibia o sol, o calor, os bens tépidos, a dilatação da molécula venturosa, a flanela, e os melaços, coisas só próprias

de César, e que, assim, eu perpetuaria aquela doença que era o ponto de reunião de todos os radículos atmosféricos, que o nusticismo em *fresca* exalava defluxos, e que o ateísmo era para mim uma necessidade higiénica. T. aconselhou, então, que se forrassem as paredes com pele humana: um outro achou ostentosa a pele humana, e disse, beatificamente, que como mais modesta e mais duradoura, lhe parecia preferível a pele *catedrática*. Outro instou para que se forrasse o quarto com as folhas dos compêndios: eu opus-me asperamente a isso, dando as mesmas dolorosas razões que daria um preso se lhe quisessem forrar as paredes da enxovia com um tecido feito dos seus próprios remorsos! Tirou-se à sorte. Destinou a sorte que se forrassem as

paredes com pele humana. Dispersámo-nos lentos e tristes para ir assassinar gente!

Reunia-se ali um concílio formidável.

O mais implacável era A. Que ideias e que camisas!

Foi ele que, um dia, na aula de direi to canónico, profetizou, com gestos trágicos, a destruição de Babilónia! Vinha também S., todo armado; entrava ordinariamente pela janela, galhardamente, como Almaviva, estendia sobre os tímidos a grande sombra protetora dos seus bigodes, e pela noite alta saía à caça dos lobos. Perseguia debalde um bando de lobos errantes que, segundo ele, deviam ter acampado na humidade melodiosa do Salgueiral. Vinha

também M., de sinistras ironias: um dia, no Buçaco, encontra um homem de suíças apostólicas, corre para ele, e aperta-o entre as mãos robustas, com o gesto de quem esmaga um inseto. — O que faz? — bradava o homem. — Estou a catá-lo; o senhor, entre esta floresta, faz-me o efeito de uma pulga entre as barbas de Moisés!

E continuou a esmagá-lo.

No teu quarto celebrava-se a arte. Era o Hotel Rambouillet do romantismo.

Ali, muitas vezes, sentado sobre a «Mecânica Celeste» de Laplace, tu me mostraste, misteriosamente, um sistema solar que tinhas criado e que tinhas fechado dentro de um frasco. Os universos eram glóbulos de água. Um dia um cão entornou aquele firmamento.

Que tardes! Da varanda via-se a

serenidade virgiliana dos prados e do rio. Líamos: eu declamava Hamlet, tu tocavas na tua rabeca a mórbida «Lucia»! Muitas vezes, entre um concílio revolucionário, tu lias em pé sobre a mesa, dramaticamente, os «lambes» de Barbier. Os «lambes» — de quem o clássico A. dizia gravemente terem um defeito: serem sublimes! Celebrávamos cerimónias de um culto desconhecido diante do busto de Shakespeare.

Dávamos grandes batalhas! Combates cruéis! Ainda a seriedade estremece! Eram dois bandos. De um lado os pagãos, os clássicos, os positivistas; do outro os bárbaros, os românticos, os místicos.

As balas eram nomes: arremessáveis, de bando a bando,

sanguinolentamente, os nomes dos grotescos de cada seita. Um romântico feria um clássico, gritando-lhe com gesto terrível: *Domingos dos Reis Quita!* O clássico cambaleava, mas respondia vingativo: *Gilbert de Pixérécourt!* Deves-te lembrar que uma vez um clássico traiçoeiro atirou desapiedadamente ao peito de um adversário romântico este nome mortal: *Visconde d'Arlincourt!* O romântico levou dolorosamente a mão ao coração, e caiu inanimado.

Quando o levantámos não era um cadáver, mas era um convertido.

Desertou para as fileiras clássicas, por não querer pertencer a um bando que tinha suspensa eternamente sobre si esta vergonha de Dâmocles: o

Visconde d'Arlincourt! Lembras-te decerto que nós fomos os Sansões dos Filisteus clássicos: não os derrotámos com a mesma queixada, mas apunhalámo-los, um a um, com nomes de clássicos portugueses. Um dia debandaram, atordoados, enquanto que nós do topo da escada gritávamos sem quartel: *Sá de Miranda! Garção! Semedo! Quita! Sepúlveda! Ruas!*

Já cansados, sem armas, atirávamos-lhes estes nomes como pedras!

Lembras-te dos ensaios dos *Amigos Íntimos?* Havia uma palavra que eu não conseguia pronunciar bem: era — *solidariedade*. Na noite da representação tomei o partido de a cantar, separando as sílabas como notas de música. Era na

casa dos adereços do teatro que nós discutíamos com T. a superioridade da arte grega. A pregar uma cortina, arredando bastidores, proclamávamos o «Moisés» e o «Pensieroso» com grave detrimento da Vénus de Milo — a grande Afrodite. Depois das representações, havia ceias semelhantes às bodas de Gamacho! Uma noite saímos todos, de mantos, com coroas de louro, simbolizando a geração dos Petrarcas, e cantando um coro lacrimoso.

Tinha havido na Rua de... uma reunião, e as famílias, ao sair, dispersavam com gritos de aves assustadas, ao ver aquela multidão de fantasmas coroadas, que recitavam um soneto amoroso oferecido a Deus em nome dos discípulos de Petrarca!

Aquela época foi uma pequena *Restauração*, tanta era a vida, a seiva espiritual, a vaga convulsão melodiosa da alma. Adorávamos o teatro. O teatro era a paixão, a luta, a dor, o coração arrancado, e gemendo, sangrando, rolando sobre uma cena resplandecente. O nosso teatro — era Shakespeare e Hugo, e os cómicos espanhóis sombrios e magníficos do século XVI.

Admitíamos também a sátira no teatro, mas a sátira sanguinolenta, Juvenal dialogado, a brutalidade sublime de Rabelais, o largo riso gaulês, toda a iam a de Marcial, com todo o sangue de Tácito, para pintar a casa macia do egoísmo humano.

Tínhamos um hemiciclo de poetas. Colocados sob um ponto de vista

exclusivo, só era admitido à nossa comunhão — o que derivasse da força, do rugido da Natureza, da palpitação selvagem da vida e da paixão.

Tínhamos, ao mesmo tempo, ocultamente, um idealismo doentio e dissolvente. O nosso grande compositor era Beethoven; e, todavia, eu, desgraçado de mim, adorava Mozart em segredo. E eu suspeito-te, amigo, de teres nesse tempo condescendido com Novalis e Luís Tieck.

Para nós, e com grandes pancadas contritas sobre o peito o digo — Portugal não tinha direito de cidade na região da arte e da alma. Aceitávamo-lo como país de ação. Um dos maiores poetas de Portugal, para nós, era Vasco da Gama! Tínhamos um sistema de nações-almas e nações-braços. Assim, para nós, a maior

epopeia portuguesa era a exploração do mar. As suas rimas eram conquistas. As cenas dos seus dramas escorriam de sangue junto das muralhas de Diu.

Literariamente, Portugal, na nossa opinião, era simplesmente o pretexto para o «Bosquejo Histórico» do senhor padre Figueiredo. Do passado apenas acreditávamos em João de Sarros e Camões, Garrett tinha-se separado de nós, tomando pelo atalho que leva a Deus, e legando à geração presente a pouca alma que ela ainda tem.

Os contemporâneos, ai! não os conhecíamos. Hoje eu, e creio que tu, conhecemos bem os nobres espíritos que se obstinam em pensar no meio deste deserto de almas, uns junto da história, outros junto do verso, alguns amparando a

crítica, outros reanimando o drama e o romance.

Mas naquela época de espontaneidade, só víamos oque era verdadeiramente e incontestavelmente sol!

Discutíamos largamente a Natureza, e eu lembro-me de te ouvir falar, diante daquela luz que cai desfeita em tristeza no Penedo da Saudade, acerca da formação das nebulosas, e, partindo daí, descrever o homem e Deus, até à procissão da véspera.

Havia entre nós todas as teorias e todas as seitas: havia republicanos bárbaros, e republicanos poéticos; havia místicos que praticavam as éclogas de Virgílio; havia materialistas sentimentais e melancólicos que proclamavam a matéria com uma meiga languidez nos

olhos, e falavam da força vital quase de joelhos, com as mãos amorosamente postas; havia pagãos que lamentavam as suas penas de amor, castamente, sob a névoa luminosa dos astros. Tudo havia, e também a serena amizade incorruptível, o fecundo amor do dever, e a ingenuidade risonha de tudo o que desperta.

Diante da anatomia das ideias havia uma coragem magnífica, e na vida real eram todos contemplativos, melancólicos e tímidos. E tu sabes qual era o grande espírito, hoje longe de nós, que explicava Proudhon, com a serena familiaridade dos sábios, e nas aulas dizia, com voz tímida, referindo-se aos jurisconsultos antigos: «O Sr. Pegas... Sua Senhoria o digno Paiva e Pona... O nobre cavalheiro Cujácio..., etc.» Tremia diante

daqueles comentadores, como diante de ídolos misteriosos; e imaginava abrandá-los, dando-lhes venerações.

Tal era aquele concílio. A força severa do espírito precisa destas precursoras explosões de vida. Hoje pouco resta desses camaradas. Separados ou distantes, todavia, sempre que um levanta o braço, reúnem-se todos em volta, como os huguenotes em redor do penacho de Henrique IV.

Todos se perderam. Uns estão bem longe, para além do mar. Outros sofrem os tédios da vida oficial. Outros vivem nas castas serenidades do lar. Outros apodrecem debaixo da erva, e o que nós amávamos neles — a alma — dissipou-se, e o que víamos — o corpo — anda em redor de nós, nas metempsicoses, no ar,

nas plantas, e nas pedras; mas nós não compreendemos ainda o seu silêncio, como eles já não percebem o nosso ruído!

Ora quem nesse tempo me tivesse falado dos séculos clássicos de Augusto e de Péricles, fazia-me uma injúria pessoal; e hoje em presença desta doença desoladora dos espíritos, destas chagas luminosas e incuráveis que as almas têm, eu estou quase pronto a ir declarar, com a vela na mão, como os antigos convertidos, que o pensamento tem tido apenas três épocas: Péricles, Augusto e Luís XIV. E o ciclo dos três tiranos! E embora se lastime que as ideias nasçam com os escravos, eu acho magnífico e verdadeiro que aquelas datas gloriosas sejam o jazigo de tudo quanto a alma humana tem criado, *Confiteor*. Salve, Aristóteles!

Mas o mal é que em volta daquelas épocas, que são cimos luminosos, em baixo, nos crepúsculos constelados, move-se uma população infeta, disforme e revolucionária. Ali há o crime, a paixão, a luta, a dor, o sangue, o amor, o ciúme, a morte e a dúvida — todas as meias-tintas do mal! Quem desce daqueles cimos, que são glória, luz, e verdade, onde habitam as almas nobres de Horário, de La Harpe, de Boileau, de Reis Quita, de Garção, de Caminha, e companhia, quem desce àqueles fundos perversos topa com figuras gigantescas e horríveis, Shakespeare, o humano, Dante, o sobrenatural, Rabelais, o escarnecedor, Isaías, o profeta, Juvenal, o vingador, Esquilo, o fatal. Aquelas figuras devastam.

E é um encontro pior que o da Floresta Misteriosa, no começo da «Divina Comédia». Adeus, as serenidades idílicas dos tempos de Péricles e de Augusto! Adeus, as claras águas da alegria nos olhos! Adeus, as tépidas branduras, e os descansos arcádicos!

Aqueles poetas terríveis arrastam-nos, deslumbram-nos de ideal, esmagam-nos de paixão; dão-nos punhaladas de luz! Tudo arremessam sobre a pobre alma, o amor, a melancolia, a paixão, o ciúme, o misticismo, a ironia, o desespero, a dúvida! Além disso, não respeitam a felicidade corporal do egoísmo humano: atrevem-se a dar o terrível espetáculo da dor! O rei Lear mostra desapiedadamente os seus olhos arrancados, e o seu coração caído na lama, pisado pelos filhos,

cuspido pelos lacaios, apupado pela populaça!

Aqueles poetas abrem na alma longes surpreendentes. Quem os lê sente entrar em si, bruscamente, o infinito!

Sofre, como as sacerdotisas antigas sofriam com a presença de Deus!

E entretanto os que se deixaram ficar na luz branda, em companhia dos espíritos inofensivos de Racine, de Horácio, de Virgílio, de todos os clássicos, vivem contente e sossegadamente na sua fé ordinária, na sua virtude, na sua sonolência higiénica!

E que esses inofensivos fazem um ruído que embala, põem um *abat-jour* ao ideal, trazem a paixão açaimada, e põem *caio* na face da dor.

Mas os que desceram para regiões

românticas ficaram com a alma doente, febril, ansiada, nostálgica. Aí está como se explica toda esta geração moderna, contemplativa e doente! Porque — digamos a verdade — hoje a vi da do pensamento é um vasto hospital de almas. E os gemidos que saem dos leitos são os dramas, os poemas, os romances modernos. Hoje, incontestavelmente, pensar é sofrer. A enfermeira, que se chama Democracia, consegue curar a poucos. Os poetas clássicos, esses, não obrigam a pensar: são a simplicidade, a frieza, a narrativa, a superfície, a afetação, a convenção — tudo menos a alma, com a sua tragicomédia de dores e de dúvidas!

Nós, meu amigo, somos uma geração desiludida por três revoluções,

amolecida por uma invenção horrível — a música, tomada da dúvida religiosa, geração que vê esvaecer-se Cristo, a quem tanto tempo amou, e não vê chegar a liberdade, por quem há tanto tempo espera. Quais podem ser as obras desta geração? Criações febris, convulsões cerebrais, idealistas e doentias, todo um pesadelo moral. Por isso, temos tido toda a série de figuras melodramáticas, desde Fausto — até Mr. de Camors!

Qual vale mais, esta doença magnífica, ou a saúde vulgar e inútil que se goza no clima tépido que vai desde Racine até Scribe? Eu prefiro corajosamente o hospital, sobretudo quando a primeira febre se chama Julieta e a última Margarida!

Os outros, os saudáveis, os

doutrinários da arte, os petrificadores da paixão, os sacerdotes da tradição e do *magister dixit*, não pertencem à arte pura, pertencem aos arquivos. São documentos históricos. São momentos sociais vistos através da arte. Racine explica Luís XIV. E como na história livre e pura se não pode conceber Luís XIV, na arte pura e livre não se pode admitir Racine. Toda a nossa Arcádia explica os reinos de D. João V, e de D. José I, e de D. Maria I. Por essa literatura se podem conhecer todos os sentimentos monárquicos do tempo, o espírito cortesão, a influência clerical, a sujeição de antecâmaras, sus subtilezas morais, a serenidade enfática, a majestade teatral, toda essa soma de falsos sentimentos e de falsos costumes que era o Antigo Regime. E aquela

literatura falsa, ridícula — sendo excelente como documento, é grotesca como arte.

Na arte só têm importância os que criam almas, e não os que reproduzem costumes.

A arte é a história da alma. Queremos ver o homem: não o homem dominado pela sociedade, entorpecido pelos costumes, deformado pelas instituições, transformado pela cidade — mas o homem livre, colocado na livre Natureza, entre as livres paixões. A arte é simplesmente a representação dos carateres tais quais eles seriam — abandonados à sua vontade inteligente e livre, sem as redes sociais. Aí está o que dá a Shakespeare a supremacia na arte. Foi o maior criador de almas. Revelou a

Natureza espontânea: soltou as paixões em liberdade, e mostrou a sua livre ação. É aí que se pode estudar o homem. É o que faz também a grandeza de certos tipos capitais de Balzac, o «Barão Hulot», «Goriot», «Grandet». Realizam o seu destino, longe da associação humana, sob a livre lógica das paixões.

No entanto, às vezes, os que refletem o seu tempo, criam, e é quando não revelam só o caráter de um momento, um estado convencional e passageiro, mas traduzem e explicam toda a alma de um povo. É o que faz a grandeza de João de Barros. Historiador, revelou o génio de Portugal, o espírito aventureiro misturado de exaltação religiosa, o heroísmo supersticioso. Camões, o filho da Renascença e das imitações latinas, não

tem este espírito épico da Renascença e das imitações latinas, não tem este espírito épico de João de Barros, que às vezes, numa página, constrói toda a antiga alma heroica da pátria.

Ultimamente, o espiritualismo entrou na sua fase retórica; e os poetas modernos de França, Mallarmé, Dierx, Sully-Prudhomme, Catulle Mendés, Heredia, Boyier Ricardi, L'Isle-Adam, etc., fabricam maldições ao mundo e à matéria, com a mesma sábia reflexão e estudo com que os poetas de 1810 fabricavam madrigais. Uma certa escola, saída de Charles Baudelaire, afeta amores pelo mal: como os histriões medrosos põem vermelhão na face, para encobrir a palidez, eles tingem a alma de perversidade negra para encobrir o

desfalecimento.

Há pouco falei de «Mr. de Camors». Ainda um livro nostálgico Ainda Manfredo e D. Juan sob uma forma remoçada e teatral.

Mr. de Camors é um místico. Tem todos os desfalecimentos de alma, todos os desmaios do desejo dos heróis poéticos de 1830.

Traz só de mais — um aparato — o materialismo. Mascara-se de impassibilidade: mas quando? Justamente quando, pela posição política, pelo resplandecimento financeiro, pela força dos hábitos e das ligações ele tem uma vida compassada e material — em que a alma adormece. E como a alma adormece, calam-se os seus gemidos. Mas quando desperta, ou seja pelo amor, ou pela

vergonha, ou pela paixão, ou pelo dever, ou pela paternidade, ou pelo remorso, começa logo, a pobre alma, chorando aflita, torturando-se, e pedindo com as mãos postas às estrelas um refúgio sereno!

Aqui, em Portugal, também há uma grande doença. Falaria nisso agora, se não estivesse fatigado de escrever.

Mas é a pior das doenças: é a doença que afeta ares lânguidos; que compõe, ao morrer, a voluptuosidade do olhar; que, quando já sente o frio da morte, suspira corretamente: «Adeus!»

O que significa esta carta desordenada, em que me deixei ir, contra os meus hábitos impassivelmente silenciosos, a falar vagamente em literatura? Nada, senão que num dia de tristeza e de frio eu quis fazer uma

romaria saudosa àqueles tempos distantes em que nós vivíamos numa noite de ideais e de desejos, alumiados pelos astros — Shakespeare, Dante, Rabelais, S. João, Goethe e Cervantes, e tendo sempre na alma aquela ternura luminosa — que vinha de uma aurora serena, clara, imensa, purificadora e consoladora: Jesus Cristo!

Teu
Eça de Queirós

Da Pintura em Portugal

Quando penso na relação da arte plástica em Portugal com toda imensa criação das escolas da Alemanha, de França, de Itália e de Espanha, tenho a recordação instintiva e estranha de um escultor de madeira nos tempos góticos. O artista esculpe o pau, cria um entrelaçamento de figuras, de virgens ascéticas, de diabos satíricos, de monges grotescos, de rosáceas e de folhagens, e enquanto a obra toma relevo, se destaca, se anima, toda cheia de ideias, de sentimentos, de crenças — quase um cântico de madeira — as lascas e as aparas de pau caem no chão, impercetíveis, chatas, desprezíveis e

inúteis. As obras de arte em Portugal são estas lascas e estas aparas que restam da construção do pensamento na arte.

Portugal, na história, é sobretudo um país de luta, de força, de ação material. Na Europa, o Sul representa o corpo, a parte animal do homem, a sua maneira de ser exterior, como o Norte representa o vago sentimento íntimo e espiritual — a alma. O corpo tem estas manifestações principais — a perceção pelos sentidos, a ação vital, a exaltação nervosa, e o sono.

A alma manifesta-se pela ideia nítida e precisa, e pela vaga imaginação. No Norte, que é a alma, a França representa a ideia nítida, a razão ágil, e a Alemanha representa a imaginação e o sonho. No Sul, que é o corpo, a Itália e a

Grécia são a perceção exterior pelos sentidos, que se traduz sempre, numa raça inteligente, pelo culto da forma; a Espanha é a exaltação nervosa; a Turquia é o sono animal; Portugal é a vigorosa ação vital, o movimento espontâneo, a decisão violenta do sangue.

A Europa é assim um grande corpo simbólico em que cada pátria é uma forte qualidade física ou uma ambição inteligente da alma. O desequilíbrio destas forças chama-se na ciência — *doença*, e na história — *guerra*.

Todas estas qualidades têm um período de decadência e de exageração; assim, há um momento na Alemanha em que o espiritualismo se converte no iluminismo; há um momento em que na França o excesso das ideias produz a

febre cerebral; a transbordação doentia de teorias, a precisão do raciocínio, produz a estéril escolástica, assim o sono da Turquia tem um período que se torna imbecilidade; na Itália vem um dia, em que o culto da forma se transforma num materialismo sem dignidade; a exaltação física da Espanha exagera-se e torna-se epilepsia política e revolucionária; a ação vital de Portugal começa a ser, por uma exageração de violência, um espasmo ininteligente, semelhante ao adormecimento que toma um braço robusto depois de um prodígio de força. É este o estado a que chegámos hoje, entre nós.

Ora, no passado, a França, que é a razão, cria as escolas filosóficas, esboça informemente o seu espírito crítico em

Rabelais, e resume-o, aperfeiçoado, em Voltaire. A Alemanha, que é a imaginação, cria a música, a arquitetura espiritualista, a pintura cheia de comoção religiosa de Alberto Dürer, e a escola dramática e pungente de Rembrandt. A Itália, que é a perceção dos sentidos, a forma, produz a magnífica pintura materialista, que durante quinhentos anos teve por inspiração a beleza do corpo pressentida por Giotto, imperfeita e desgraciosa com Verrocchio e Cailagno e outros, monótona ainda nas figuras de Perugino e de Ghirlandaio, aperfeiçoada por Antonello de Massina, que revela o colorido, e depois ainda por Leonardo da Vinci, que dá o segredo da luz e dos claros-escuros, chega gloriosamente a um período superior com Correggio e com Ticiano, cercado dos

venezianos. A Espanha nervosa e inquieta produz «D. Quixote», os poetas dramáticos, o «Dies Irae», o estranho romance de «Lazarillo de Tormes», que fez escola, e os pintores torturados, misticamente materialistas. A Turquia não podia produzir nada porque dormia. Portugal, que é a ação vital, não podia criar nada porque lutava.

E lutou corajosamente. A sua constituição foi difícil, entre a Espanha inquieta, e a África traiçoeira. Depois veio a época dramática das conquistas. Apertados no seu pedaço de terra, estes homens iam através dos mares inexplorados, em nome de Cristo, supersticiosos e heroicos, terríveis como batalhadores, serenos como apóstolos, desfazendo os temporais com as palavras

do Evangelho, iam, conquistavam as ilhas, os países, os bárbaros, os continentes, os cabos temerosos, e depois, ensanguentados e miseráveis, rezavam na praia, devotadamente, de joelhos, diante de uma cruz de pau! A sua vida era lutar, orar, morrer; não tinham o amor, o riso, o descanso; estavam quase fora do elemento humano e das serenas alegrias do pensamento.

As suas epopeias eram os diários de bordo: a sua escultura era a armação dos galeões. Como pintavam eles? Com sangue, nas muralhas. E a única música, deles, heróis do Sul, sem os frescos amores, sem os olhares celestes, era sob o céu, o gemido do mar. E por vezes também o grito das aves sinistras: e então o piloto, que seguia atento, no galeão

silencioso, a viagem das estrelas dizia:

«De joelhos, companheiros, é alma de mestre que passa!» E todos, de joelhos, rezavam tristemente, na noite, pela alma dos pilotos mortos na viagem das Índias!

João de Barros foi o que contou estes combates épicos aos homens, e era digno de os contar a Deus!

Assim Portugal, no passado, foi estéril na arte: não falo de arquitetura.

E no presente é grotesco.

Não quero falar no drama de que apenas existe hoje uma aparência inconsistente e banal, nem da poesia que, ou é tristemente arcádica, ou colorida com sentimentalidades retóricas e todas individuais; não quero de modo algum falar da arquitetura, que consiste entre nós

na uniforme perfeição da linha reta; nem da escultura, que em Portugal se li mi ta a ser uma suportável estatuária oficial; nem da música, porque apenas temos a dos rouxinóis; mas quero falar levemente de pintura, que tem um fingimento de vida!

A arte estuda o homem. Não como ele existe sob as transformações de que o cobre a vida social e momentânea, mas como ele deve ser na Natureza, na pura verdade do corpo e da alma. A literatura e a música estudam a alma sem a sociedade, com toda a liberdade das paixões, toda a fermentação e explosão cerebral, toda a tirania do sangue, toda a fatalidade do caráter.

E todo o livro que não estudar assim o mistério humano, será a cópia de um costume, a repercussão de uma

influência momentânea, a expressão de uma ordem de carateres superficiais, mas não será uma obra ideal. Um exemplo: a epopeia humana de Shakespeare. Ali, o que surpreende radiosamente, não são os diálogos enfáticos dos cavalheiros e das damas, as jovialidades dos jograis, os conceitos covardes dos corte sãos, tudo isso que reflete magnificamente os costumes, as feições, os sentimentos efémeros do século XVI.

O que apaixona, o que esmaga o espírito de revolução e de luz, são as dores do rei Lear, o ciúme de Otelo, as hesitações nostálgicas de Hamlet, a fatalidade do mal em Macbeth, toda essa real história da alma, essa consciência viva da humanidade, com todas as suas dores, misérias, e magnificências, onde

aparece sempre sofrendo e gemendo a trágica visão da Natureza! Assim, na mesma obra, tudo que é feição momentânea do tempo fica inútil e impercetível, entre os magníficos estudos do homem e as inesperadas revelações da Natureza — como uma pouca de erva seca entre a forte fermentação da seiva vegetal!

Ora, se a literatura e a música estudam a alma, a pintura e a escultura estudam o corpo. Não o corpo como ele é na vida moderna, emagrecido pelo cansaço, com as grandes deformidades e curvaturas do trabalho, estancado e torturado pela fermentação violenta das ideias, com os músculos amolecidos pela vida cerebral, com a pele mórbida, e deformado pelo vestuário, mas o corpo direito, rítmico, puro, harmonioso, e são,

perfeito em toda a pureza da forma.

Assim, o que se admira na pintura, o que é ideal não são as figuras da arte bizantina, descarnadas, hirtas e monótonas; não são os quadros primitivos, das catedrais, cheios de uma legião de figuras tristes e maceradas, com todas as consumpções do corpo e todos os renunciamentos da vida, não são os corpos diáfanos de Fra Angélico, aparecendo com túnicas resplandecentes, num fundo tenebroso: não são as formas desproporcionais com que Alberto Dürer veste as almas que dramatizam a sua criação: não são as atitudes penosas, as fealdades vulgares, a grossura bestial dos músculos nos primeiros pintores da Renascença: o que se admira é a pintura perfeita de Ticiano e dos venezianos,

onde a forma tem a beleza ideal e serena dos antigos deuses de mármore, mas animada por uma voluptuosidade delicada, por uma energia inteligente, e por uma fisionomia de estrutura que tem o que quer que seja de aristocrático e de cristão! O que se admira sobretudo é o tipo da forma ideal da escola de Florença que teve os três cimos da arte: Leonardo da Vinci, que dava ao corpo uma inteligência delicada, Miguel Ângelo, que lhe dava uma sublimidade violenta, e Rafael, que lhe dava uma doçura infinita, o que quer que seja da imortalidade serena do Paraíso pagão, aquela suavidade luminosa, aquele equilíbrio perfeito de todas as maneiras da alma que mais tarde Mozart teve na música, e Goethe na poesia.

Nesta pintura a expressão moral não tem ascendente: há, como na arte grega, o equilíbrio perfeito e rítmico da alma e da forma.

Miguel Ângelo, todavia, começa na Capela Sistina a revelar na pintura os dramas da alma que hão de ser o caráter da escola de Rembradt e dos flamengos Van Ostade, Gerard Dow, etc., e depois, mais tarde, serão a pintura francesa de 1830, de Delacroix, de Delaroche e de Ary Scheffer.

Por consequência o ideal na pintura é o corpo perfeito e a bela nudez animal. Foi durante quinhentos anos o estudo das escolas da Itália! Foi esse o mistério religioso da Grécia!

É essa também a beleza da escola de Flandres, pequeno país católico do

Sul, perdido nos nevoeiros espiritualistas da Alemanha. Aí, as escolas de que saíram Tarberg e Metzu fazem o estudo do corpo; mas como pintavam a existência do seu tempo, não o puderam nunca libertar das deformações da vida mecânica e prática. Á perfeição foi alcançada pela escola de Rubens, apesar da violência bestial, da sensualidade monstruosa, do esplendor brutal da carnação, das decorações do vestuário, das atitudes sanguíneas e carnais dos seus tipos, que parecem representar uma geração nascida para engordar e para roncar!

Murillo, mesmo, católico e exaltado, dá às suas Virgens a forma sã e melodiosa, o olhar vital, os cabelos deslumbrantes, os lábios sanguíneos, e todo aquele cântico de carne que é o ideal

italiano. O seu «São João» é uma criança robusta e perfeita que um dia, se crescer, poderá ser Apolo!

Em presença deste ideal da arte, realizado na Itália, com a serenidade inteligente daquela raça, e em Flandres, com a animalidade daquele país de pastagens, vê-se que importância poderão ter na arte a pintura dos costumes, os quadros domésticos, a representação por meio de formas das pequenas comédias ou dramas da vida real, os desenhos de *género*, as aquarelas, a estatuária oficial, e a paisagem. A mesma importância que tem a imagem colorida de um figurino diante da «Jocunda» de Leonardo da Vinci ou uma figura grotesca de *biscuit* em presença do Antinoüs.

Em 1830, em França, a pintura

tornou-se dramática. Delacroix, Delaroche, Ary Sheffer, Ingres, abandonaram a idealização do homem material, pela pintura do homem espiritual. Representaram com formas, com atitudes e com coloridos todos os dramas interiores do espírito, todos os fragmentos do homem ideal. Foi a pintura da alma. Os quadros são epopeias, sátiras, idílios, ou dramas. Não se compreendiam, então, quase, os pintores anatomistas da Renascença, admiradores pagãos dos músculos e da energia animal. O seu fim era, como o das antigas escolas germânicas, o estudo da pessoa espiritual, com as profundidades do caráter, com os sonhos intensos, com a poesia pungente do sentimento. Isto era o tempo em que o tipo dominante na arte, e na poesia sobretudo,

era o homem de paixões espiritualistas, nostálgico, nervoso, cheio de lirismo, lacrimoso pelas dores humanas, fraco, com todas as revoltas do espírito e do coração — no meio de uma geração prática. Este tipo, que aparece em todo o teatro de Victor Hugo, em Alexandre Dumas, nas elegias de Musset, nos livros mórbidos de Vigny, de Mallefille, de Morice, de Sand, é simplesmente o filho popular da revolução, que, vendo-se livre das servilidades e tendo pela primeira vez, no mundo real, o direito de falar e de pensar, faz a história pomposa e declamatória das suas pequenas tristezas do coração e da carne. Este tipo é uma degeneração de Fausto, o verdadeiro idealista, o homem desiludido da ciência, da vida, da arte, da filosofia e até da

matéria, que no fim se refugia num estoicismo melancólico, tendo todavia sempre vivo no fundo do coração o mundo incorporai das curiosidades infinitas, e dos desejos nevrálgicos.

Era este tipo que os pintores franceses de 1830 tinham em vista, ainda mesmo nas obras religiosas e nas criações históricas. Os Cristos de Delaroche, e de Ary Scheffer, têm a alma de Fausto, no olhar e na expressão. Imagine-se por isto, quanto se estava longe do centro luminoso da arte italiana, do sentimento da vida física, da contemplação harmoniosa da beleza corporal, ativa, viva e sã! Este espiritualismo ainda não cessou de ser a inspiração doentia e íntima da arte moderna.

Na época gloriosa da Renascença

não se conhecia a paisagem: era ela, simplesmente, uma decoração, um fundo onde se perdia a degradação da luz. A arte é a verdade natural da alma e do corpo, sem a influência da vida real. A Natureza é verdadeira por si, existe na pureza da sua força e apenas pode ser copiada radiosamente. Mas em questões de cópia, a fotografia é sempre preferível à pintura, pelo realismo correto e pela verdade geométrica. A idealização da Natureza, ou como vegetação, ou como atmosfera, ou como água, seria uma transformação grotesca. Demais, o processo do colorido não pode reproduzir toda a cor vital, animada, luminosa da Natureza orgânica. A paisagem hoje é ainda um resultado da pintura espiritualista. Cláudio Loreno, Lantara e os paisagistas modernos

revelam, por meio de perspetivas e de horizontes, todo o estado ideal do seu pequenino coração: querem que as árvores digam as suas contemplações, e a água o seu choro interior. Quando Lantara pintava os grandes luares silenciosos alumiando as clareiras, queria revelar a sua tristeza vasta e feliz, todo o indefinido da alma.

Esta pintura, assim, aceita-se junto da grande arte plástica como os idílios vegetais de La Fontaine se admitem, por condescendência, ao pé das fortes almas da epopeia shakespeariana.

Estou fatigado de escrever, senão dizia o motivo porque hoje temos o culto da pintura dramática e não compreendemos a pintura plástica da Renascença: mas eu quero dizer ainda

como a pintura portuguesa é a apara inútil de toda a imensa criação artística.

A pintura portuguesa não tem o grande fim ideal da arte, o estudo da beleza nua; não tem sequer o sentimento dramático; não é mesmo imitativa: nem mesmo é cópia estéril!

A pintura portuguesa, quando pinta o corpo, faz-lhe a caricatura; quando quer reproduzir a vida, desentranha-lhe a farsa idiota; quando quer imitar a Natureza, fá-la grotesca e absurda.

Não pertence ao número de tentativas inexperientes, em que se pressente todavia uma futura atitude artística, cheia de poder e de vida; não é também uma decadência onde através das degradações e dos defeitos do gosto, da verdade, da beleza, se descobrem ainda

os carateres superiores que fizeram o período de florescência. O que é, não tem nome.

Nas outras escolas, quando a arte se transvia nos maus caminhos e se afasta da idealização do corpo e do culto da verdade transfigurada em beleza, ao menos compensam os seus erros pela correção do desenho e da forma, pela delicadeza, transparência e realidade do colorido e pela escolha inteligente e original das ideias.

Em Portugal, o desenho é grotesco, não tem o elemento natural e verdadeiro; é flutuante, tem a confusão obscura da linha, é aproximativo, não é real, na pintura portuguesa um rosto é *quase* um rosto! O colorido é fantástico, e gratuito, não há a luz, a meia-tinta, a

transparência, a claridade difusa, a opacidade forte e colorido na sombra — há grandes estendais de tinta! A carnação de uma face costuma ser um medalhão de escarlate, quando a fisionomia é sanguínea, de amarelo, quando é linfática, há a confusão das cores desmentindo as realidades e as reses, há animais nestes quadros que têm os coloridos visionários de flores de legenda; o colorido, nesta arte, é sempre opaco morto, pesado, e baço; os quadros são apenas produções da paleta suja.

Não há ideias, há cópias estéreis que o desenho torna desconhecidas, e o colorido fantásticas; estuda-se a imobilidade da natureza-morta, desenha-se a atitude banal de um boi a pastar ou uma mulher arrastando grandes folhos, no

asfalto de uma rua, e julga-se ser isto uma criação e uma ideia!

Desconhecem o Belo, estragam o Suportável, são péssimos no Péssimo!

Termino. Possa esta geração moderna de artistas, compenetrando-se da religião da Arte, estudar, pensar, viver da grande vida espiritual no refúgio e na conceção do Belo. Nós, os que criticamos, temos por única recompensa destes ásperos e dolorosos sacrifícios à verdade a glorificação dos que criam: e quem estas linhas escreve quereria bem, oh meus amigos, artistas e pensadores, apertar-vos a mão, no dia dos triunfos, lembrando-vos que se já houve uma raça de homens que deram a este país a força, que é o ideal do corpo, haja agora uma geração nova que lhe dê o ideal, que é a

força da alma.

O Lume

Agora, no inverno, no campo, as noites são ásperas e hostis. Toda a Natureza está impassível e entorpecida, esperando a fermentação violenta das seivas. As árvores erguem os braços nus, miseráveis e suplicantes. E as águas, que no outono estavam quietas e pálidas, e que em maio faziam claras murmurações, tão melódicas como o ritmo de um idílio latino, têm agora vozes vingativas e más. O vento é rouco e lento como um canto católico de ofícios: as chuvas caem de cima, como escárnios triunfantes e ruidosos.

Às vezes vem a Lua — não aquela imaculada Lua cor de opala, donde se

exala um nevoeiro magnético que faz a alma docemente doente, mas uma Lua metálica, fria e lívida, como a face dos corpos finados, nas legendas católicas.

Então o homem sente a sua pequenina e inútil alma afundar-se no tédio, silenciosamente, como um navio roto numa calmaria, e vai por instinto dar-se à intimidade consoladora da lareira, das brasas e do fogo. E enquanto a força vital se dissolve numa sonolência fluida, ele sente aos seus pés uma pequena voz, alegre, inquieta, clara, que lhe fala como num êxtase profano:

«Sou eu, diz a voz, eu, o teu velho camarada, o bom lume. Sou eu, o teu velho Deus misterioso. Eu que te quero bem, e que te dei o que há em ti de grande

e justo — a família e o trabalho. A minha história é triste, luminosa e terrível, imunda e meiga. Eu fui o teu companheiro das noites da Índia, o consolador e o purificador; eu fui o Moloch das religiões da velha África, ensanguentado e trágico: e sou agora o escravo a quem tu mandas mover as máquinas.

»Sempre escondido e silencioso, ocupando a um canto o mais pequeno espaço da casa, eu venho todo jovial e raioso quanto tu me chamas, e fico, nas tuas horas negras de dor e de miséria, calado ao pé de ti, lambendo-te os pés como um cão. Na Índia, lembras-te? durante noites primitivas, eu fui o teu bom *Agni* que te alumiava, que espantava os chacais e as onças, e protegia, como um templo, os teus amores religiosos e

simples. Escondia-me nas pedras, e nos paus secos: assim para onde tu fosses, ou solitário ou em bando, encontravas-me sempre aos teus pés, bom e humilde. Foi ao pé de mim que tu criaste a trindade humana da família.

»Era ao pé de mim que tu descansavas dos teus bárbaros trabalhos, no princípio, quando a vasta Natureza te combatia. E eu era o amigo único, o aliado radioso. E eu tive a confidência dos teus primeiros beijos. E eu sabia as tuas dores e os teus medos.

»Tinhas em redor de ti a hostilidade dispersa: a grande floresta tenebrosa, que depois foi para ti berço, lenha, morada, navio, defesa e forca, era então a tua sepultura iminente. Quando saías de ao pé de mim, da tua cabana

ajoelhada ao sol, encontravas-te só, entre os seres implacáveis, o mar que te ladrava, a vegetação espinhosa que te mordia, a chuva que te paralisava, a neve que te dava sudários. Tudo, sob a pressão doentia do sol, era para ti força inimiga ou forma resplandecente do mal. E só quando voltavas, encontravas o teu bom lume que te enxugava, que te alumiava, que te dava o pão, a força e a fé. Eu e a mulher, a minha companheira celeste e silenciosa, ficávamos em casa, esperando os teus cansaços. Ela fiava, limpava o chão da cabana, tirava a água fresca, e adormecia o filho no seio branco como num leito espiritual: eu estava quieto e atento, combatendo a sombra e a noite, vencendo a humidade traiçoeira, fazendo um dossel de vida e de luz para o teu

sono, dando à cabana a serenidade tépida, e às tuas fadigas um paraíso de sossego, de silêncio e de calor.

»Em volta de mim, criou-se a família. Eu era o purificador da tua natureza. Era o Deus presente e bom, que fecunda as almas, fortalece os braços, e ampara na hora das dores.

»Eu tenho ainda por ti aquele amor servil e adulador, que se glorifica quando abdica, que tem um êxtase quando se dá a uma humilhação. Quando te afastas, quando me deixas, fico triste, amorteço-me, toda esta grande alma de chama, que te quer tão bem, se definha, e apenas ficam as brasas, ainda quentes, ainda vermelhas, mas já inertes, e cheias de negro — justamente como o corpo de um amor abandonado.

»Mas quando vens para mim, quando me estendes a mão, como para um afago, quando me revolves, desperto, revivo, canto salmos de luz, requebro-me como uma mulher que se abandona, tenho vivacidades que são gritos de fogo, tenho cintilações que são beijos; e como numa rapariga para quem o inconstante bem-amado volta, toda a tristeza se desfaz em rir, eu mais infeliz, que não tenho o riso, aurora sonora dos lábios, toda a minha dor e o meu abatimento se vai somente em fumo!

»Por ti tenho feito o mal. Fui eu que matei Giordano Bruno, João Huss, tantos santos, e tantos mártires, e tantos alucinados de Deus!

»Fui eu que queimei, nas cidades misteriosas de África, as crianças e as

virgens no altar de Moloch.

»Por ti, eu que sou a paz, fui a devastação. Estou fatigado. Durante os tempos tenho sido o camarada, o amigo, o servo, o vigia, o cão, o confidente, o pão, o calor, a vida — não queiras que eu seja o carrasco! Podia ir contigo, insensivelmente, lareira, se era o teu amor que me assoprava, incêndio, se era a tua cólera — no tempo em que tu eras uma força inconsciente e fatal. Mas hoje és uma consciência. Contigo só me aliarei para ser fé, consolação e paz. Senado paz e fé, é que eu te tenho consolado das servidões dolorosas.

»No tempo das catedrais, quando tu nada tinhas, nem o amor, nem o pão livre, nem a voz, nem o sono, nem a esperança, eu dei-te o que mais agrada ao

escravo — o direito de mandar. Em volta de mim, a família ajoelhava à tua voz, rezava ao teu olhar, erguia a hóstia do amor — ao teu coração. Eras servo e tinhas estas grandezas: era eu que tas dava: como? Pela fé, pela paz, pela consolação, pela união. Para ti, eu tenho representado a essência humana. Eu tenho advogado a causa da vida.

»A minha irradiação lenta e amorosa dissipou o misticismo. Eu sou o bem. A família e o trabalho, a educação, esta trindade misteriosa da vida, tudo está em mim. Toda a felicidade humana canta, ama, ora, no círculo da minha luz. Tudo para além é sombra — sombra na parede, e sombra na alma. Procuras o ideal na religião, na conquista, na arte; debalde: trabalhas, adoeces, morres, apodreces:

vida inútil! Os únicos momentos verdadeiros e sãos foram aqueles em que estiveste ao pé de mim, olhando castamente a mulher, ensinando a ler a criança. Então realizaste o ideal, o símbolo — Deus, que as religiões esboçam e as críticas dissipam.

»Lembras-te da Índia?

»Ali tinhas uma cabana, a tua mulher, branca e mais doce que a lã dos novilhos, e o filho, encarnação misteriosa do amor das almas, e a minha doce presença. Trabalhavas, aquecias-te, amavas, dormias. A alma vivia em ti no estado de pressentimento. Tinhas apenas do ser interior o bastante para um dia, mais tarde, dirigires a bela e serena educação do teu filho.

»Depois disso, tens tido uma vida

legendária de lutas, de criações, de religiões, de conquistas, de descobertas, de ideais.

»O que aumentaste em ti? Nada: apenas a tristeza, o desfalecimento, a dor e o mal.

»Eras puro e são, estás mórbido e enfraquecido. Eras forte, estás raquítico. Eras sereno, estás torturado. O teu bom riso é uma triste ironia: o teu largo olhar é uma áspera desconfiança.

»Tinhas por inimiga a Natureza. Venceste-la? Não. Absorveste-la. E tudo o que ela tinha de terrível e de doloroso, tudo hoje tu tens: a independência desesperada do mar, o mistério doentio da floresta, o choro aflito das águas, a inquietação do vento, a barbaridade das feras, a escuridão supersticiosa dos

astros, tudo hoje está em ti, com surdas irritações, com rebeliões formidáveis. Aí está. De cada vez que te afastaste de mim, do sossego do meu calor, voltaste trazendo uma chaga.

»Foste criar o misticismo, vieste com a nostalgia incurável. Quiseste criar os Direitos do Homem, trouxeste um mal divino chamado Liberdade, que vai sempre fugindo de ti, e só às vezes se volta de repente, para te borrifar de sangue! Quiseste ir construir a adoração do corpo e da matéria exclusiva, trouxeste o elemento dissolvente da força e o egoísmo brutal. Não tens dado um passo de mais para o bem. As tuas obras aí estão imensas, acumuladas, contraditórias e inúteis. Tens uma complicação infinita de asas que te impede o voo.

»A mim, abandonaste-me.

»Eu não me apaguei. Durante as revoluções e as lutas, andei errante, miserável, sobrecarregado de infâmias, e, para viver, vendendo-me ao carrasco!

»Mas conservei sempre a minha chama, casta e familiar, para o dia em que quisesses vir, tristemente, enxugar-te ao meu calor do sangue dos teus irmãos.

»Vem para junto de mim. Eu sou completo. Correspondo a todos os teus instintos luminosos, ou sagrados, ou materiais, ou lascivos. Eu dou-te o pão, o calor, a fortaleza, dou-te as visões que são a poesia do movimento na alma, dou-te a sensualidade sonolenta que exala amor, dou-te a serenidade que dispõe para a contemplação, e a força que prepara para o trabalho. Eu sou a cura, inteligente e

boa, do mal natural. Eu alumio-te nas vigílias dolorosas. Quando estás entorpecido na doença, eu, pequenino e encolhido, tremo ao pé de ti. Quando morres e a tua alma vai partir, eu alumio-lhe o caminho de Deus. Eu certo Cristo nos altares, para que tu o vejas bem. Quando andas no mar, eu sou junto das praias o grito de luz que te chama.

»E o que fazes tu em paga deste amor que se dá, que cria, e que purifica? Esmagas-me. Fazes-me o escravo das máquinas. A mim que embalava as almas, fazes-me mover os aços. Embalo que era amor, movimento que é força: os dois termos da tua vida — pureza e putrefação! Eu que vivia, alumiava, criava em liberdade, estou encadeado e martirizado na tarefa brutal das indústrias. Fazes-me o

motor da tua miséria. Nas fábricas, as criaturas doentias, as crianças estioladas, as mulheres definhadas e soluçantes. Fazes-me mover a vapor estas misérias. Sou o colaborador dos teus martírios. Tu, homem, tomas o fogo, o ser sagrado, por ajudante de execuções! Dás-me por salário a infâmia. Fazes de mim explosão. Obrigas-me a devastar na guerra!

»Eu que sou a pureza, o trabalho, a família, a paixão casta: levas-me a ser o mal, a viuvez, o pranto e a dor! Tenho um cortejo de ambulâncias e de macas, eu que era o firmamento dos berços! Não! Maldita seja a árvore que consentir em ser forca, e o fogo que consentir em ser explosão.

»Não quero que na minha vegetação de luz haja um orvalho de

sangue. Não quero que o vento, ao embalar-me, faça soltar os gritos e os choros que se tivessem aninhado em mim. Tu, homem, sê piedoso e justo. Eu alumio o mais que posso as igrejas, mas parece-me que tu não vês bem a Cristo. Não, deixa-me ser a pureza, a graça, a família, a intimidade casta e o bem. Peço-te, rojando-me como um mendigo. Oh! homem, oh! meu velho camarada das choupanas da Índia! não me faças ser explosão, morte e devastação, para que eu no dia de pureza e de castidade, quando estiver alumiando e aquecendo os beijos, as orações e os berços — não sinta entre as minhas chamas bailarem espectros!»

Mefistófeles

No «Fausto» de Charles Gounod a figura dramática e sintética é Mefistófeles.

Em volta dele, Fausto canta artificialmente como um lírico histrião de óperas; Margarida sente as primeiras rebeliões nervosas do desejo; Siebel estremece com a nascente seiva do amor, como o antigo Querubim; os batalhões góticos têm instrumentações triunfantes; a alma legendária do rei de Tule canta na sua torre que molha a espuma do mar; o povo celebra as quermesses, e os judeus dizem a música da avareza: mas só Mefistófeles vive! E a sua grande figura angulosa, nervosa, elástica, incisiva,

atravessa o drama com os seus lirismos nostálgicos, as suas sensualidades tristes, os seus misticismos artificiais — glorificando a força brutal do dinheiro, escarnecendo as castidades expirantes, empurrando o Fausto espiritualista para a violência lasciva, combatendo a serena inspiração do Cristo, negociando em almas, e abatendo toda a penosa construção da honra, do dever, do perdão, do amor, da purificação — com o riso trágico do mal!

Aquela ópera é uma simples aventura do antigo Diabo.

Nela, o Fausto não é o sábio que penetrou a medicina, a física, a lógica, a dialética, a dogmática, a teologia, a metafísica, para quem os seis mil anos do passado são apenas o prefácio do saber

humano, que procura o X terrível da equação dos astros, e que ao ruído que faz a sua alma buscando através da Natureza o Deus fugitivo, o Mistério, só consegue despertar os dormentes do seu coração, os desejos, os beijos luminosos, e as languidezas silenciosas: não é o homem que se enoja das vazias realidades da vida e da paixão, e que se recolhe num estoicismo trágico, tendo todavia, sempre, dentro do peito, o coro soluçante e rebelde dos desejos infinitos, e das ásperas curiosidades, até que enfim, mais sereno e transfigurado, vai ao fundo do mundo antigo buscar o corpo sublime de Helena e tem dela, que é o ideal da forma antiga, um filho, Eufórion, que é o ideal do espírito moderno.

Não. Na ópera, Fausto é

simplesmente um daqueles ambiciosos grotescos, que contratavam por escrito com o velho Diabo, nos claustros malditos, e lhe compravam a realização de um desejo, por uma pequena coisa desprezível, menos valiosa que o dinheiro e que os estofos, uma coisa inútil e estéril, que se lhe atirava desabridamente — e que era simplesmente a alma!

As legendas estão cheias destas negociações.

Cornélio Agripa vende a alma pelos segredos da filosofia; o abade de Tritheim, pelo segredo da circulação do sangue; Falstaff vende a alma, numa Sexta-Feira Santa, à noite, quando estavam fechadas as tabernas de Londres, por uma garrafa de vinho de Espanha, e uma perna de capão. Luís Gaufridi, pelo

poder de exaltar nervosamente as mulheres. Um lacaio do Marais, pela felicidade aos dados. Ricardo Dugdale, um namorador do condado de Landshire, por uma lição de dança! Todos estes! Fausto vende desprendidamente a alma pelo amor vulgar de uma rapariga clara e loura, que tinha um modo celeste de fiar, cantando!

O Diabo cumpria escrupulosamente o contrato: havia para estas negociações uma jurisprudência dogmática. Sujeitava-se mesmo a acompanhar o contratador, como uma inspiração visível, como um camarada de perigos, para lhe facilitar a ampla realização do desejo. Seguia Agripa sob a forma de um escudeiro, vestido de negro, com o nome de «Sujeito». Seguia Fausto,

vestido de escarlate, com o nome de «Mefistófeles». Nada mais.

Margarida não é, na ópera de Gounod, como em Goethe, o símbolo da alma alemã, simples, casta, sofredora, que, como na «Melancolia» de Alberto Dürer, quando a matéria, a tirania, a desesperança a oprimem, só sabe, resignadamente, dobrar as suas asas; aquela alma alemã que exala toda a sua imensa dor em frescas cantigas religiosamente humanas, que tem todas as simplicidades, todas as inteligências, todos os deveres, que quando olha para a terra é para armar, quando olha para o céu é para orar, quando olha para si é para morrer. Não. A Margarida da música sábia de Gounod é uma alma lírica, nebulosa, nostálgica, sensual, para quem o

amor é um magnetismo suave, a oração uma luta com o mal, a morte um libertamento romântico da vida — insuficiente e vazia. Este Fausto tem na alma um lirismo teatral, esta Margarida um paraíso artificial.

Mas ele, o bom Mefistófeles, tem uma vida real e poderosa. É ele — a antiga criatura terrível e grotesca, vaidosa, infame e trágica. É o antigo Satanás das legendas. É ele — o mesmo a quem os Sevérios ouviram dizer que antes queria devorar uma alma, do que voltar, entre purificações, para os seus antigos camaradas, os astros, *sidera lucida!* É ele, o eterno inspirador dos heréticos e dos impostores, ele que ensinava os oráculos aos crocodilos de Arsinoé, e aos carvalhos proféticos de Dodona, e que

dava a Manés, o homem ímpio, a ascética palidez dos monges, como dá a Fausto, velho e tépido, o resplandecente magnetismo do olhar. Ele, que segundo as tradições judaicas, inventou os enfeites e as joias, para ferir os castos instintos da mulher — e que atirava os corais ao regaço das mulheres de Brabante, como mostra a Margarida a cor traiçoeira e hipócrita das pérolas. É ele o mesmo que em Babilónia tomava as atitudes hieráticas de um Deus, e fugia do olhar de Daniel — como na quermesse de Leipzig toma a voz sinistra e rouca do dinheiro, e cai torturado e cobarde diante da serena aparição das cruzes das espadas. É ele o antigo Diabo que dava aos monges da Tebaida o mal da *acedia*, como dá à pobre Margarida o mal do amor. Tortura

os monges do Ocidente; dá-lhes as chagas e as dores de Job, envolve-os nas visões magníficas do mal.

As virgens diáfanas fazem, no silêncio da noite, as mil orações da prostração: os monges passam os anos em jejuns dolorosos. Debalde! Se se deitam na neve — a neve toma um calor vital e lascivo que os definha: se bebem a água fria e purificadora das fontes — a água dá-lhes ao corpo a palpitação dos vastos apetites. Se querem rezar no silêncio, ouvem os risos ambrosíacos dos deuses sensuais, e o gemer desfalecido dos bandolins. Também a pobre Margarida, se queria fiar castamente, e chorar o velho rei de Tule, sentia a melodia da carne cantar-lhe baixo: «Vê como Fausto, o cavaleiro do veludo, é branco, e belo, e

são, e forte!»

Os monges de Alexandria andavam de noite, pelos corredores solitários e sonoros, com as cruzes alçadas, cantando, para o afastar, os versículos do Evangelho, e regando com água santa as lajes do claustro: assim o gentil Siebel asperge, tristemente, as flores maculadas de maio.

E ao mesmo tempo este Diabo terrível, que andava disperso nos elementos, da tal sorte que o vento era a sua tosse, ele que era o carrasco da Inquisição, a fera dramática das almas, ele que redigiu a sentença de Cristo, que acendeu as fogueiras das feiticeiras, que celebrava o *sabbat*, onde à luz de uma lâmpada sem óleo pregava o sermão dos sete pecados, ele que tinha por filhos,

Merlino, Roberto de Normandia, Atila e os Hunos, era ao mesmo tempo jovial, grotesco, bailarino, poeta, jogador e palhaço. Bebia gloriosamente o vinho das missas do Papa. Tinha uma taberna no Inferno, onde se comiam, com molho de beata, as almas dos usurários. Dava serenatas às patrícias de Veneza.

Fazia sonetos corretos e académicos às abadessas de Vecker. Vestia-se de veludos e de sedas, emprestava dinheiro aos estudantes das universidades livres, e assinava-se «Belzebu, cozinheiro do Inferno». Os trovadores cantaram esta legenda faceta das farsas de Satã.

Tomou tanta familiaridade com o homem, que Lutero sujou-o de tinta, e Rabelais deu-lhe piparotes. Na Alemanha,

na noite de 30 de abril, dava um sarau magnífico nas alturas de Borx-Belg. Era a noite de Walpurgis. Havia a grande dança das nudezas. Nas noites claras as estrelas assistiam, com a impassibilidade de vestais.

Assim é a figura complexa de Mefistófeles. Durante a ópera de Ch. de Gounod, esta individualidade sinistra deixa escorrer sobre o drama dos amores e dos arrependimentos o seu desprezo resplandecente e ruidoso, como aquelas figuras de Satã, que nas catedrais da Alemanha deixam cair do último coruchéu uma risada de pedra, que nos nichos, nas esculturas, nas rosáceas, nos fustes, nos baixos-relevos, em todas as figuras de santos, de virgens e de anjos — vai gelar as aspirações ideais e os sentimentos do

Céu.

Toda aquela música da ópera que envolve Mefistófeles é a vaga melodia sombria do mal. Tem o escárnio, tem a violência, tem as trevas, a jovialidade e o medo. Range, ri, treme, devasta, insulta e vence.

Júlio Petit realiza admiravelmente esta figura que se prende à tragédia, à farsa, à fatalidade, à filosofia, ao dogma e à legenda. Nele, o gesto é a voz, o riso, o terror, o aniquilamento, o orgulho, a perversidade — tudo. A sua interpretação é o poema do movimento. A sua figura, imitada da do Mefistófeles de Ary Scheffer, tem o anguloso, o esguio, o hirto, o adunco do Diabo das legendas. Cada gesto é toda a longa história de Satã, durante a sombria aventura que ele tentou

contra o espírito.

Quando, no prólogo, contrata a venda da alma do Fausto lírico e idiota — é cortesão, fluente, insinuante, flexível, como o antigo Satã discutia com Alberto Magno as condições da sua venda; e envolve o Fausto fraco e desfalecido de desejos com as visões da vida e com as palpitações da natureza sensual, como o Satã prendia as hesitações de Alberto com a visão serena e luminosa do segredo das coisas.

Na quermesse, no primeiro ato, tem a familiaridade jovial do Diabo no século XVI, quando viajava na Flandres, e dançava na corda diante da populaça, e lia a *buena-dicha*, com grandes risadas sinistras, às damas corpulentas do Brabante. Na canção do ouro, é violento,

áspero, apaixonado, rancoroso, como as antigas crónicas monásticas contam que era o Diabo, quando dizia a Savonarola, na sua cela do convento dos Dominiquinos em Florença, o poder das suas armaduras, e das suas legiões flamejantes. Durante o coro místico, em que os soldados o esmagam com a cruz das espadas, Júlio Petit faz com alguns gestos o drama da vida infeliz do Diabo, perante a serena superioridade do Cristianismo: ao princípio, medroso e traiçoeiro, depois, cheio de desesperação, mordendo a sua espada de aparato, como o Satã de Milton, vencido, arranha raivosamente a sua armadura, por fim abatido, esmagado, deixando-se cair no chão, inerte, às últimas notas triunfantes do coro cristão — como simbolizando o

aniquilamento de Satã sob a serena legião vitoriosa dos espíritos siderais.

No Jardim, Júlio Petit é o Diabo cheio de desprezo pelas delicadezas femininas, inquieto pela timidez mística e toda alemã de Fausto, guiando asperamente aquela alma, que vai fazendo, passo a passo, a sua entrada no mal.

O último gesto magnífico é o empurrão que atira Fausto para o seio de Margarida, gesto cheio de desprezo, como o de um Diabo que atira uma coisa, para ele imunda, a alma de um homem, para outra coisa imunda também, o seio de uma mulher. Dante descreve gestos semelhantes. Assim nos quadros místicos do século XVI se pinta Satã, atirando as almas para a sombra tenebrosa, onde se

perde a esperança.

Defronte da igreja, no quarto ato, na cena magnética da *possessão*, Júlio Petit faz com o canto e com o gesto, a história terrível daquela batalha que durante a Meia Idade a Natureza deu à religião. O Diabo é o aliado da Natureza; auxilia o pecado, combate o arrependimento. Quando ele se coloca defronte da igreja, com a capa caída, semelhando duas asas negras dobradas, faz lembrar aquela visão de Santo António, que numa noite de tempestade, no deserto da Nitria, viu, através do êxtase, no infinito apocalíptico, os dois grandes braços de Satã, abertos diante do céu, a impedirem, sinistros, a subida soluçante das almas.

Criação magnífica esta de

Mefistófeles, que ficará gravada na história da arte, como, guardadas as proporções e as condições de duração, ficaram as realidades pungentes que Rembrandt pressentiu no mundo sobrenatural!

E se é certo que o Diabo morreu, e que já lhe fizeram o epitáfio, e que as suas imagens são estátuas que o homem lhe ergue, e que, depois de morto, teve para dizer a sua beleza Milton, e para dizer a sua tragédia Dante, se é certo que se foi juntar, no vasto cemitério azul onde os sepulcros são astros, aos finados enormes, que foram os deuses da Índia, do Egito e da Grécia, se é certo que é poi ele morto que o mar geme, e que as florestas rezam, se é certo que ele se deitou na serenidade eterna, deixando o homem por herdeiro,

se é certo que ele morreu, o bom Diabo — é também verdade que esta criação de Mefistófeles, por este artista — é uma ressurreição, e que todas as noites o velho Satã vem, como no tempo dos seus amores vestido de escarlate, contar sobre uma cena resplandecente, entre as instrumentações esplêndidas — a sua velha legenda da tentação!

Mas por desgraça as criações do canto e do teatro morrem e esquecem, tão depressa como os diabos das religiões. É a condenação de tudo o que é forma — desaparecer. Só ficam as puras idealizações da alma e da Natureza.

Quem se lembra hoje da Malibran, da Sontag, de Talma, de Frederick Lemaire e da Dorval!? E todavia ainda Shakespeare dá a sua alma, como uma

eucaristia da arte, a todas as gerações moças, primaveras sagradas e fecundas.

Quem se lembra hoje de Siva, de Bhrama, de Vischnou, de Indra, de Typhon, de Osíris, de Bel, de Moloch e dos Olímpicos gregos, de nomes sonoros, e de toda a imensa legião dos esboços de Deus?

E todavia, um ficou, o elemento espiritual e ideal, aquele que preside sereno — à tragicomédia da alma!

Onfália Benoiton

Quem se lembra hoje da história de Onfália Benoiton, uma mulher nervosa, e de Estêvão Basco, um homem vencido e esquecido, e que todavia foi um homem?

As cartas que contam essa história de martírios reais e de falsas glorificações, tenho eu a alegria mefistofélica e bárbara de as copiar aqui.

A primeira carta assinada unicamente por uma letra — Z — é o documento incisivo e lúcido da Sr.ª Onfália Benoiton. É assim:

«A Sr.ª Onfália Benoiton, meu caro, é descendente das belezas gregas. Mesma materialidade de forma correta e

fria. Somente as mulheres gregas eram musas, cantavam nos festins, ao modo jónio, coroados de mirtos; discutiam com os sábios e com os filósofos, celebravam com as túnicas soltas as Elêusis de Baco, edificavam cidades, eram os modelos da arte, e a inspiração dos tiranos. E a Sr.ª Onfália Benoiton, com o seu vestuário onde há uma provocação especuladora, as suas atitudes masculinas, os penteados disformes que lhe dão uma aparência de animalidade audaz, com a sua pele colorida, acumulações da sua vida de fadiga trivial e de aparato sonolento, lembra uma daquelas Vénus de corpos harmónicos, que depois de ter atravessado este exílio moderno, a velhice, a miséria, e o vício imbecil — se vestisse de roupas bárbaras e grotescas, para parecer ainda,

de longe, à luz soluçante do gás, um ídolo material — aos idiotas!

»A Sr.ª Onfália Benoiton é um pouco magra e nervosa. É um corpo alto, coberto de estofos, pedestal de um crânio vazio. As suas formas, dignas talvez do *biscuit*, sem contorno inteligente e espiritual, não conseguem encobrir o lodo primitivo. Nenhuma ideia nas atitudes e nos gestos: só a retórica da futilidade. Tem uma graça oficial; compõe um olhar com o mesmo trabalho compassado e métrico com que um poeta arcádico cinzela um verso. Tem sempre a pele admiravelmente colorida: tem o segredo do rosado da face casta e transparente.

»Desenha as sobrancelhas com a delicadeza de um artista chinês. Põe em redor do olhar, uma cor de sépia ligeira

semelhando a fadiga, invejável para uma imagem de Impéria ou de Vinon.

»A sua fisionomia bela e trivial tem a vaga intenção das aves de rapina. Toma umas atitudes de tédio e de indolência, semelhantes às que têm os viciosos de absinto.

»Caminha com o seio erguido, com a pompa de quem arrasta atrás de si toda a atmosfera e o ar de todos os peitos. Dança com os movimentos melodiosos que teria Juno se tivesse passado dois séculos a frequentar os casinos. Tem uma bela fragilidade muscular, um apetite vasto e um amor cálido das bebidas. As indústrias têm maculado aquele corpo: o gás amoleceu-lhe o olhar, os espartilhos de Birmingham desvaneceram-lhe o modo feminino. Pelo materialismo idiota é

muito inferior aos ídolos egípcios, pela originalidade risível do vestuário superior às caricaturas chinesas.

»É toda a síntese do nosso tempo: é a entrevista grotesca dos erros modernos. O olhar metálico é o símbolo do dinheiro. A boca é nervosa e móbil, os dentes acerados, e de um branco morto: é a difamação, a intriga, a palavra fútil que corrói as construções da alma.

»A mão delgada, flexível, magra, adunca, significa a agiotagem, o materialismo avaro e covarde.

»Onfália Benoiton é a tragicomédia da afetação e da vaidade. Para modelar a sua alma seria necessário inventar uma lama. Colocada inferiormente, prende-se a todas as ideias oficiais, aristocracia, realeza, elegância,

moda, com a mesma insistência violenta e vaidosa com o que o pó se prende ao veludo.

»Tem uma maneira insultante e vã de trazer os seus vestuários — de tal sorte que o seu *chignon* parece uma carranca feita ao céu, e as suas caudas beijos dados à lama. A sua existência é pintar-se, *fazer-se*, trocar friamente receções e diálogos, transfigurar o vestuário numa celebração misteriosa, decorar a comédia das modas, passear ostentosamente, errar pelas óperas, pelos casinos, pelos saltimbancos, dançar, envolver-se no combate da beleza e da seda, dar-se à fadiga dissolvente do lucro. Eu pôr-lhe-ia por epitáfio: *Aqui jaz o ruído de um bocejo*.

»Tem todos os prejuízos do seu

tempo. Tem o espírito das pequenas maquinações femininas, das ironias dolorosas, dos escárnios inteligentes. Adora os romances dramáticos de sangue, pelo mesmo motivo por que as damas romanas aplaudiam a morte dos gladiadores. Todos os dias as suas belezas lhe dizem: «Oh Cesareia, os que vão morrer saúdam-te!» Prefere Leotard a Shakespeare — isto contém um caráter. Copia o modo de falar das atrizes. Há só uma coisa que a distrai de admirar os saltimbancos, é ter de pensar na libré dos lacaios.

»Para ela a Natureza é uma decoração; a alma uma impertinência dos pobres; o cemitério uma infâmia de Deus.

»Assim vive na comédia do luxo, radiosa, contente, idiota, desfolhando o

corpo, pensando nos vestuários, criando enfeites, até que Deus, por entre as névoas do cemitério, lhe mostre o último figurino, o supremo adorno sinistro — a mortalha à Benoiton!»

A segunda carta, escrita por A., o melhor de nós todos, espírito criador e lógico, fala largamente do escritor Estêvão Basco:

«Estive ontem, dizia a carta de A., com Estêvão Basco. É uma alma justa e sã, mas tímida e apaixonada, forte para o sacrifício, cheia de nobres morais latinas, mas idealista e nervosa, tendo assim toda a antiga virtude estoica com muitos dos dolorosos erros modernos.

»Este homem antes que os seus

livros fossem comentados e estudados, antes de ser a voz alta e sensata para que correm todos os espíritos novos, como para a lição visível das almas, antes de ter o seu jornal incisivo, livre, cheio de pensamentos e de revelações — teve uma existência de miséria, numa trapeira, sem sol, sem repouso, sem amizades purificadoras. Sentiu, uma a uma, as sete dores, que a vida costuma cravar nas almas possuídas do ideal.

»Criança, tinha sofrido todas as tristezas incisivas da escola, espécie de prólogo chorado sobre a tragicomédia humana: mais tarde, nos positivismos da família, tinha sentido aquela luta íntima do ideal e do real, que deixa no espírito eternas feridas, que sangram e que alumiam. Depois, tinha vivido,

escuramente, no pequeno jornalismo, caricatura fluida da vida cerebral, e ali tinha sofrido a intriga, a difamação, o escárnio, e a fome. Muito tempo o seu corpo chorou pelo calor e pelo repouso, como a sua alma chorava pelo ideal e pela fé.

»Hoje entre esta geração sonolenta, noturna, inútil, e fraca, homens entorpecidos pela retórica, pelos textos, pelas regras, que petrificam as livres palpitações do ser, que passam um traço negro sobre o ideal, que são os fechos da Bíblia humana, que são os sacristães da arte e os glorificadores de toda a víscera morta — ele, Estêvão Basco, é o único que, voltado contemplativamente para as augustas claridades da ciência da arte, concentrado como um solitário antigo,

vivendo pelo verdadeiro e pelo belo, via lentamente, com dores resistentes, levando os entendimentos para o útil, para o justo, para o verdadeiro, e para o racional.

»Leu-me os seus estudos sobre a história e sobre a arte. É um livro poderoso e cheio de vida. Combate os petrificadores conservadores da história, cujo intento é imobilizar nos arquivos as atitudes superficiais dos reis e das cortes. Ele quer que a história seja a reconstrução da alma do passado, uma ressurreição humana. Não podem bastar à consciência crescente do homem as crónicas escassas e concisas de batalhas de diplomacias, de aparatos e de vinganças. Estêvão Basco pensa que há muito, na história se tem afastado sempre para os últimos planos a

grande figura do povo: e é ele, a sua alma ambiciosa e progressiva, as suas livres palpitações, as suas transfigurações e as suas misérias, que a história deve surpreender, através das literaturas e da arte. Sob este ponto de vista ele aceita na arte todas as escolas, ou manifestações de uma tendência espiritual, ou expressão de um estado de animalidade e de materialismo, ou resultado de uma doença idealista e nervosa (1830) — logo que eles representem fielmente a sua época e sejam os documentos das almas extintas. Lerás em breve este livro eloquente; provam-se as últimas folhas.

»Mas o que fará a sua voz, cheia de equidade que lhe enche o peito, neste tempo de instintos animais, e de consciências fluidas?

»Felizmente, a sua alma tem ficado pura, e isolada na torre de marfim do ideal, no meio desta vida moderna, e as sacerdotisas do luxo e todos os errantes da ambição. E ele afasta-se sempre de todo este movimento sonoro e coberto de luz, onde há o vago rir descorado, a retórica da graça, e a largura das saias e das consciências, para ir pensar, só no silêncio da alma, na família, na maternidade, no sossego, e naquela união do homem e da mulher, limitada e divina — em que ambos estendem a alma sobre o mundo, para Deus passar por cima! Não te lembras daquelas estampas alemãs em que os pares silenciosos, que parecem ter a loucura elegíaca do amor, enquanto a quermesse ruge nos primeiros planos, se afastam, e se perdem no fundo

indefinido da folhagem — para se irem sentar à sombra do cruzeiro? Assim é ele. Estêvão Basco todavia, na sua serenidade superior, não faz a sátira do luxo e da meiga farsa dos estofos e das pedrarias. Ele, o grande obreiro desperto das ideias, apenas se ri alegremente dos dormentes do luxo. Síbaris nunca conseguiu mais do que provocar o riso protetor de Esparta.

»Para ele, não vale nada, como sintoma, este triunfo estéril e momentâneo do luxo. Segundo ele, o luxo audacioso, violento, bárbaro, idiota, é apenas um pequeno desmentido grosseiro, dado à alma, tão risível como a vaidade de um *sportman* que quisesse raspar Deus da Bíblia.

»Dizia-me ele que as saias das mulheres não podem, como receiam os

juvenais da caricatura, ser o prólogo de uma decadência. Os sintomas das transformações espirituais não podem partir dos jornais de modas. Graças a Deus, um figurino ainda não é o cartaz de uma revolução. Existe sim um luxo animal, um apodrecimento calculado de tudo o que é Justiça e Beleza — mas isto é apenas uma doença da forma. A serenidade justa da alma, nada tem com as pequenas borbulhas que vêm à pele. São furúnculos que se curam pela supuração. A bela saúde vital permanece na sua pureza e na sua força. E segundo Estêvão Basco nada pode haver mais risível e mais inofensivo, do que as tiranias que se vestem à militar, ou as decadências que se vestem à Benoiton.

»E todavia Estêvão Basco odeia

aquelas mulheres, sem eletricidade e sem magnetismo, inertes e materiais, perdidas na fadiga trivial do aparato, que foram anuladas pelo luxo, cobertas da cabeça aos pés por um vestuário — epitáfio da graça. Receio mais as tabuinhas do seu leque, disse-me ele, do que as grandes tábuas do esquife. Porque enfim, morrer é dissolver, é transformar-se: e transformar-se é ainda viver, ter seiva, força, sol e consciência. Mas prender-se a uma daquelas mulheres é assistir em roda de si à queda dolorosa, e ao desvanecimento dos nossos sentimentos, das nossas ambições espirituais, das nossas ideias, das nossas criações. O seu amor é como uma mortalha: colada ao corpo, deixa ainda pressentir que a forma existe, e manifesta que a alma se dissipou. Diante

destas mulheres, disse ele, sinto que em lugar do coração se me vem colocar um pedaço de cérebro. Evito-as. Não quero dar aos meus olhos o hábito da nódoa. Não quero que elas me esfarrapem a alma para fazer mortalhas às suas consciências. Assim diz. Realmente naquele olhar cheio de Natureza não fazem falta os rostos pintados. Naquela alma povoada de Deus, não fazem falta os figurinos.»

A terceira carta que eu abro para copiar, já triste, é de Jacques, um pobre artista, escultor medíocre, imitador dos gregos, que diz descaradamente os factos desta história miserável:

«Estamos ainda surpreendidos, meu amigo, pelo desenlace desta farsa

humana. Estêvão Basco tinha conhecido numa igreja Onfália Benoiton. Cantava-se o «Requiem» de Mozart. Era um ofício clerical em dia de mortos. Tinha sido dominado por aquela beleza escultural e nervosa, toda coberta de preto. Depois encontraram-se numa daquelas festas em que sempre me pareceu que as camélias, flores do tédio, olham idiotamente, sem alma, para as inquietações soluçantes do gás. Estêvão Basco, numa sala distante da multidão magnética das mulheres, fazia a sátira dos penteados disformes, das caudas, e das cintas modernas onde pendem argolas. Estava com o escrito Sérgio, com o antiquário Salinas, com Sarça, o cinzelador. Onfália Benoiton, que tinha escutado, pediu-lhe que lhe escrevesse uma palavra na vara branca do

leque.

»Estêvão escreveu:

Oh Satã tenebroso, trágico fulminado,
Tu vencerás em mim o íntimo Deus bom,
Não com as armas bíblicas com que batestes outros;
Mas vindo unicamente, vestido à Benoiton!

»Onfália levou-o pelo braço para as iluminações feéricas, para a ação elétrica dos espelhos, para a claridade magnética dos ombros nus, transformou-o com as suas exalações lânguidas, com as irradiações doentias do olhar, com aquela essência nervosa dos seus cabelos falsos, que deviam ser mais macios ao contacto, que a pura plumagem da cabeça das rolas.

Onfália Benoiton, com aquela voz abafada e velada que ela tem às vezes, que parece que lhe estão dando beijos no coração, disse a Estêvão Basco que lhe limpasse o vestido, enlameado nas ruas do jardim. Estêvão limpou o pó, a humidade e a lama!

»Desde então, Estêvão Basco tirou lentamente da alma, uma a uma, as santas ideias castas, a Justiça, a Beleza, a Razão, a Honra, para dar lugar à imagem coberta de sedas e de cabelos mortos, de Onfália Benoiton.

»Estêvão, com o seu trabalho severo e robusto, dava o pão a três irmãs puríssimas, e a sua mãe, velha, doente, triste, meia desvanecida em Deus.

»As doces raparigas, meigas e delicadas, como as mais lindas virgens de

ouro fino que se pintavam nos livros de legendas, tinham vestidos de cassa, e todo o dia trabalhavam nos seus castos paraísos, cheias das vozes dos canários. Ele passeava sempre com elas, nas alamedas silenciosas, como os antigos sábios das gravuras flamengas. Desde então Estêvão Basco nunca mais passeou nas alamedas. Desamparou a casa, a família e a alcova cheia da celebração do estudo. Perdido entre as despesas do luxo deixou ao abandono a mãe e as três irmãs. Não havia dinheiro em casa.

»Elas, as tristes silenciosas, bordavam, costuravam, vendiam ramos aos floristas. No inverno não havia lume. Nem sempre havia pão. Roxas de frio, esfomeadas, cosiam e choravam. Foram viver para uma trapeira, batida do vento e

da chuva. Ali morreu a mãe, aquela doce alma dolorosa, numa tarde, ao escurecer. O Sol talvez, ao ir-se, levou aquela alma por engano, como uma pureza e uma virtude da sua luz. Ninguém tão amante, tão triste e tão casta. Foi enterrada no cemitério, entre a erva comum, com uma cruz. Talvez agora sobre aquela cruz cantem rouxinóis.

»As raparigas tinham cabelos magníficos, indomáveis e compridos; venderam os seus cabelos. Estêvão, com Onfália Benoiton, errava pelas óperas, pelos casinos, pelas salas, entre as sedas, os tules, e as festas. Renegou as fortes e sãs amizades do estudo e da ciência. O seu jornal acabou desamparado e espoliado. Fez contratos terríveis com os editores para livros futuros de crítica e de

moral. Mas não escrevia, não pensava, não vivia pelo espírito.

»Enfim casou com Onfália Benoiton. Tiveram dois anos, carnais e contentes. Por fim, ele tinha assinado letras, foi penhorado nas mobílias. Voltou ao pequeno jornalismo. Criou uma folha de difamação. Insultava a tanto por linha. Veio-lhe à alma a esterilidade. Embranqueceram-lhe os cabelos. Onfália Benoiton andava de noite com um vestido de chita. Estêvão, esmagado, desesperado, vendeu-se de corpo e de alma, a um jogador terrível — Mincoso. Roubou. Voltaram os magnetismos do luxo. Onfália namorou-se do cinzelador Sarça, espírito frio e retórico. Depois deu-se ao tenor Vidalleti.

»Estêvão soube. Tinha um

materialismo sem dignidade. Comprou-lhe a fidelidade com vestidos. Estêvão dava o vestido; ela cedia o homem. Voltou a miséria. A casa de jogo foi dispersa pela polícia. Veio a fome. Estêvão escrevia cantigas obscenas para um editor de almanaques imbecis e infames. Um dia encontrou Onfália com um saltimbanco. O saltimbanco atirou-lhe dinheiro. Estêvão contou-o e saiu assobiando. Um dia encontrou a irmã que era florista e tinha casado com um homem trigueiro do trabalho, alma sã e vivificadora como o sol. Estêvão pediu-lhe para pão. — Tu não me desprezas ao menos, não é verdade? — disse ele. A irmã olhou-o tristemente. — Não é verdade que me não desprezas? — Muitíssimo — disse ela. Onfália Benoiton fugiu com o jogador

Mincoso. Estêvão foi viver para uma trapeira, com um coveiro, e com um palhaço. Adoeceu. Durante a febre o coveiro cosia os seus botões, cantando o ofício dos mortos: o palhaço para estudar os saltos pulava por cima da enxerga de Estêvão. Ele tinha então uma amante, corista de um casino. Ela ia todos os dias dar-lhe um caldo. O coveiro e o saltimbanco às vezes não vinham à trapeira durante dias. Uma dessas vezes a corista não veio. Estêvão tinha sede. Chamou. A água estava em cima de um vão do telhado, numa bilha. Ele chorava de febre, de sede, e de tristeza. Anoiteceu.

»No pátio da casa havia uma laranjeira. De noite, no silêncio, ele ouviu cantar um rouxinol. Teve a visão da sua vida de estudo, e de serenidade. Chorava

de sede. Ergueu-se tremendo, e arrastou-se: no primeiro degrau da escada do vão, caiu. O sangue caía-lhe da testa e entrava-lhe na boca, com as lágrimas. Ao outro dia estava quase a expirar. Melhorou todavia. Andou pedindo de porta em porta, com os antigos orgulhos, que lhe dessem o pão do trabalho. Ninguém lhe deu nada.

»Um dia encontrou um dos antigos camaradas das festas, a cavalo com outros. O camarada do luxo veio para ele e atirando-lhe o chapéu ao chão, com a ponta do chicote: — Estás calvo, pobre homem — disse, rindo. — Tens tu fome?

»— És bem curioso — disse Estêvão voltando as costas, sereno. E foi-se, assobiando.

»A corista levou-o para o teatro.

Ganhava ali o pão, fazendo de urso numa mágica. Caíram-lhe os dentes. Andava roto, com a barba crescida, lívido, e um casaco preto, diáfano, lustroso, colado à magreza do corpo.

»Conheceu então uma linda rapariga, de treze anos, clara e loura, que pedia na rua. Estêvão deu-lhe um lugar na trapeira. Tomou-lhe um lugar puro e todo paterno. Para se embrutecer começou a beber aguardente. Tinha a vista debilitada, trazia uns óculos escuros; tinha feridas nos ouvidos e trazia-os cheios de algodão. Vivia fazendo cantigas grosseiras, para o velho editor dos almanaques. A rapariguinha adoeceu. Era a fome, a miséria e a febre. Ele velava junto dela, triste, chorando, e compondo os versos imundos.

»A rapariga piorava. Tremia de frio na enxerga. Ele procurava aquecê-la com o hálito: a pobre miserável, que tinha ainda a sensibilidade e o olfato, fugia com o rosto, porque o hálito era mau. A rapariga morreu.

»Nesse dia ele tinha bebido longamente na taverna. Quando subiu à trapeira, e viu a triste, inerte, fira e hirta, deu com a ponta do pé no corpo inanimado, gritando: — Pouch! coisa morta! — Passado pouco tempo voltou-lhe a consciência da vida. Caiu numa tristeza dolorosa. Veio-lhe uma saudade profunda da rapariga, morta na trapeira. Ia vê-la ao cemitério, à vala dos pobres onde ela estava. Como ela não gostava que ele bebesse, e ele se lembrava das lágrimas dela, não voltou às tavernas de

noite.

»Ia levar rosas e rainúnculos ao cemitério, ao lugar onde ela apodrecia debaixo da erva. Era necessário tirá-lo com violência. Chorava pela fome que ela tinha tido, pelo frio com que ele tinha estremecido.

»Ficava junto do muro do cemitério, de noite, ajoelhado, perdido numa saudade, imensa como a noite, e mais doce que a lua.

»Dormia pelos adros e pelos portais. Tinha um companheiro, um cão, com quem se embrulhava na mesma manta. O cão morreu. Ele adoeceu e foi recolhido ao hospital. Ali não era o escritor Estêvão Basco, era o n.º 27 da sala de Santo Amaro. Uma madrugada, teve um estremecimento, e morreu. Ao

outro dia de tarde foi levado para a vala dos pobres, numa tumba da Misericórdia.»

Memórias de uma Forca

Foi por um modo sobrenatural que eu tive conhecimento deste papel, onde uma pobre forca, apodrecida e negra, dizia alguma coisa da sua história, esta forca intentava escrever as suas trágicas «Memórias». Deviam ser profundos documentos sobre a vida. Árvore, ninguém sabia tão bem o mistério da Natureza; forca, ninguém conhecia melhor o Homem. Nenhum tão espontâneo e verdadeiro como o homem que se torce na ponta de uma corda — a não ser aquele que lhe carrega sobre os ombros! Infelizmente, a pobre forca apodreceu e morreu.

Entre os apontamentos que deixou,

os menos completos são estes que copio — resumo das suas dores, vaga aparência de gritos instintivos. Pudesse ela ter escrito a sua vida complexa cheia de sangue e de melancolia! É tempo de sabermos enfim qual é a opinião que a vasta Natureza, montes, árvores e águas, fazem do homem impercetível. Talvez este sentimento me leve ainda algum dia a publicar papéis que guardo avaramente e que são as «Memórias de Um Átomo» e os «Apontamentos de Viagem de Uma Raiz de Cipreste».

Fá-lo-ei se a vasta matéria que reparte a vida do corpo o consentir, do que duvido, felizmente.

Diz assim o fragmento que eu copio — que é simplesmente o prólogo das «Memórias»:

«Sou de uma antiga família de carvalhos, raça austera e forte — que já na Antiguidade deixava cair dos seus ramos pensamentos para Platão. Era uma família hospitaleira e histórica: dela tinham saído navios para a derrota tenebrosa das Índias, contos de lanças para os alucinados das Cruzadas, e vigas para os tetos simples e profundos que abrigaram Savonarola, Spinoza e Lutero. Meu pai, esquecido das altas tradições sonoras e da sua heráldica vegetal, teve uma vida inerte, material e profana. Não respeitava as nobres morais antigas, nem a ideal tradição religiosa, nem os deveres da história. Era uma árvore materialista. Tinha sido pervertida pelos enciclopedistas da vegetação. Não tinha

fé, nem alma, nem Deus! Tinha a religião do sol, da seiva e da água. Era o grande libertino da floresta pensativa. No verão, enquanto sentia a fermentação violenta das seivas, cantava movendo-se ao sol, acolhia os grandes concertos de pássaros boémios, cuspia a chuva sobre o povo curvado e humilde da erva e das plantas e, de noite, enlaçado pelas heras lascivas, ressonava sob o silêncio sideral. Quando vinha o inverno, com a passividade animal de um mendigo, erguia para a impassível ironia do azul os seus braços magros e suplicantes!

»Por isso nós, os seus filhos, não fomos felizes na vida vegetal. Um dos meus irmãos foi levado para ser tablado dos palhaços: ramo contemplativo e romântico, ia todas as noites ser pisado

pela chufa, pelo escárnio, pela farsa e pela fome! O outro ramo, cheio de vida, de sol, de poeira, áspero solitário da vida, lutador dos ventos e das neves, forte e trabalhador, foi arrancado de entre nós para ir ser tábua de esquife! — Eu, o mais lastimável, vim a ser forca!

»Desde pequeno fui triste e compassivo. Tinha grandes intimidades na floresta. Eu só queria o bem, o riso, a dilatação salutar das fibras e das almas. Eu roubava todo o orvalho da casa para o atirar a umas pobres violetas que viviam por debaixo de nós, doces raparigas lutuosas, melancolias condensadas e vivas da grande alma silenciosa da vegetação. Agasalhava todos os pássaros na véspera dos temporais. Era eu quem asilava a chuva. Isso era triste. Ela vinha, com os

cabelos esguedelhados, perseguida, mordida, retalhada pelo vento! Eu abria-lhe as ramagens e as folhas, e escondia-a ali, ao calor da seiva. O vento passava, confundido e imbecil. Então a pobre chuva, que o via longe, assobiando lascivo, deixava-se escorregar silenciosamente pelo tronco, gota por gota, para o vento a não perceber, e ia de rastos, por entre a erva, acolher-se à vasta mãe Água! Tive por esse tempo uma amizade com um rouxinol que vinha conversar comigo durante as longas horas consteladas do silêncio. O pobre rouxinol tinha uma pena de amor! Tinha vivido num país distante onde os noivados têm mais moles preguiças: lá se enamorara: comigo chorava em suspiros líricos: e tão mística pena era que me disseram que o triste, de

dor e de desesperança, se deixara cair na água!

»Pobre rouxinol! Ninguém tão amante, tão viúvo, tão inteligente e tão casto! Dorme na sepultura errante da água, entre o lado de todos. Eu queria proteger todos os que vivem. E quando as raparigas do campo vinham para junto de mim chorar eu erguia sempre as minhas ramagens como dedos para apontar à pobre alma aflita de lágrimas todos os caminhos do Céu!

»Nunca mais! Nunca mais, verde mocidade distante.

»Enfim eu tinha de entrar na vida da realidade. Um dia, um daqueles homens metálicos que fazem o tráfico da vegetação, veio arrancar-me à árvore. Não sabia eu o que me queriam.

Deitaram-me sobre um carro e ao cair da noite os bois começaram a caminhar, enquanto ao lado um homem cantava, no silêncio da noite. Eu ia ferido e desfalecido. Via as estrelas com os seus olhares lancinantes e frios. Sentia-me separar da grande floresta. Ouvia o rumor gemente, indefinido e arrastado das árvores. Eram vozes amigas que me chamavam!

»Por cima de mim voavam aves imensas. Eu sentia-me desfalecer, num torpor vegetal, como se estivesse sendo dissipado na passividade das coisas. Adormeci. Ao amanhecer, íamos entrando numa cidade. As janelas olhavam-me com olhos ensanguentados, e cheios de um sol irado. Eu só conhecia as cidades pelas histórias que delas contavam as

andorinhas, nos serões sonoros de espessura. Mas como ia deitado e amarrado com cordas, apenas via os fumos e um ar opaco. Ouvia o rumor áspero de desafinado, onde havia soluços, risos, bocejos, e mais o surdo roçar da lama, e o tinido sombrio dos metais. Eu sentia enfim o cheiro mortal do homem! Fui arremessado para um pátio infeto, onde não havia o azul e o ar. Comecei então a compreender que uma grande imundície cobre a alma do homem, porque ele se esconde tanto das vistas do sol!

»Uns homens vieram, que me deram desprezivelmente com os pés. Eu estava num estado de torpor e de materialidade, que nem sentia as saudades da pátria vegetal. Ao outro dia, um homem veio para mim e deu-me golpes de

machado. Não senti mais nada. Quando voltei a mim, ia outra vez amarrado no carro e pela noite, um homem aguilhoava os bois, cantando. Senti lentamente renascer a consciência e a vitalidade. Parecia-me que eu estava transformado numa outra vida orgânica. Não sentia a magnética fermentação da seiva, a energia vital dos filamentos e a superfície viva das cascas. Em redor do carro iam outros homens, a pé. Sob a brancura silenciosa e compassiva da lua, tive uma saudade infinita dos campos, do cheiro dos fenos, das aves, das relvas, de toda a grande alma vivificadora de Deus, que se move entre a ramagem. Eu sentia que ia para uma vida real, de serviço e de trabalho. Mas qual? Tinha ouvido falar das árvores que vão ser lenha, aquecem, e criam, e,

tomando entre a convivência do homem a nostalgia de Deus, lutam com os seus braços de chamas para se desprender da terra: essas dissipam-se na augusta transfiguração do fumo, vão ser nuvens, ter a intimidade das estrelas e do azul, viver na serenidade branca e altiva dos imortais, e sentir os passos de Deus!

»Eu tinha ouvido falar das que vão ser vigas da casa do homem: essas, felizes privilegiadas, sentem na penumbra amorosa a doce farsa dos beijos e dos risos, são amadas, vestidas, lavadas, encostam-se a elas as costas dolorosas dos Cristos, são os pedestais da paixão humana, têm a alegria imensa e orgulhosa dos que protegem; e risos das crianças, ais namorados, confidências, suspiros, elegias da voz, tudo o que lhes fez

lembrar as murmurações da água, o estremecimento das folhas, as cantigas dos ventos — toda essa graça escorre sobre elas, que já gozaram a luz da matéria, como uma imensa e bondosa luz da alma.

»Eu tinha ouvido falar também nas árvores de bom destino, que vão ser mastro de navio, ter o cheiro da maresia e as legendas do temporal, viajar, ver, lutar, viver, levadas pelas águas, através do infinito, entre surpresas radiosas — como almas arrancadas do corpo que fazem pela primeira vez a viagem do céu!

»Que iria eu ser? Eu? — Chegámos. Tive então a visão real do meu destino. Eu ia ser forca!

»Fiquei inerte, dissolvida na aflição. Ergueram-me. Deixaram-me só,

tenebrosa, num campo. Tinha enfim entrado na realidade pungente da vida. O meu destino era matar. Os homens, cujas mãos andam sempre cheias de cadeias, de cordas e de pregos, tinham vindo aos carvalhos austeros buscar um cúmplice! Eu ia ser a eterna companheira das agonias. Presos a mim, iam balouçar-se os cadáveres, como outrora as verdes ramagens orvalhadas!

»Eu ia dar esses negros frutos: os mortos!

»O meu orvalho seria de sangue. Ia escutar para sempre, eu, a companheira dos pássaros, doces tenores errantes, as agonias soluçantes, os gemidos de sufocação! As almas, ao partir, rasgar-se-iam nos meus pregos. Eu, a árvore do silêncio e do mistério religioso, eu, cheia

de augusta alegria orvalhada e dos salmos sonoros da vida, eu, que Deus conhecia por boa consoladora, havia de mostrar-me às estrelas, ao sol, às nuvens, ao vento, aos meus antigos camaradas puros e justos, eu, a árvore viva dos montes, de intimidade com a podridão, da camaradagem com o carrasco, sustentando alegremente um cadáver pelo pescoço, para os corvos o esfarraparem!

»E isto ia ser! Fiquei hirta e impassível, como nas nossas florestas os lobos quando se sentem morrer.

»Era a aflição. Eu via ao longe a cidade coberta de névoa.

»Veio o Sol. Em roda de mim começou a juntar-se o povo. Depois, através de um desfalecimento, senti o ruído de músicas tristes, o rumor pesado

dos batalhões, e os cantos dolentes dos padres. Entre dois círios, vinha um homem lívido. Então, confusamente, como nas aparências inconsistentes do sonho, senti um estremecimento, uma grande vibração elétrica, depois a melodia monótona e arrastada do canto católico dos mortos!

»Voltou-me a consciência.

»Estava só. O povo dispersava-se e descia para os povoados. Ninguém. A voz dos padres descia lenta, como a última água de uma maré. Era ao fim da tarde. Vi. Vi livremente. Vi. Dependurado de mim, hirto, esguio, com a cabeça caída e deslocada, estava o enforcado! Arrepiei-me!

»Eu sentia o frio e a lenta ascensão da podridão. Ia ficar ali, de

noite, só, naquele descampado sinistro, tendo nos braços aquele cadáver! Ninguém.

»O Sol ia-se, o Sol puro. Onde estava a alma daquele cadáver? Tinha passado já? Tinha-se dissipado na luz, nos vapores, nas vibrações? Eu sentia os passos da triste noite, que vinha. O vento empurrava o cadáver, a corda rangia.

»Eu tremia, numa febre vegetal, dilacerante e silenciosa. Não podia ficar ali só. O vento levar-me-ia, atirando-me aos pedaços, para a antiga pátria das folhas. Não. O vento era brando: quase somente a respiração da sombra! Tinha vindo então o tempo em que a grande Natureza, a Natureza religiosa era abandonada às feras humanas? Os carvalhos já não eram pois uma alma?

Podiam, com justiça, vir o machado e as cordas buscar os ramos criados pela seiva, pela água e pelo sol, trabalho suado da Natureza, forma resplandecente da intenção de Deus, e levá-los para as impiedades, para os tablados da forca onde apodrecem as almas, para os esquifes onde apodrecem os corpos? E as ramagens puras, que foram testemunhas das religiões, já não serviam senão para comentar as penalidades humanas? Serviam só para sustentar as cordas, onde os saltimbancos bailam, e os condenados se torcem? Não podia ser.

»Pesava sobre a Natureza uma fatalidade infame. As almas dos mortos, que sabem o segredo e compreendem a vegetação, achariam grotesco que as árvores depois de terem sido colocadas

por Deus na floresta com os braços estendidos — para abençoar a terra e a água — fossem arrastadas para as cidades, e obrigadas pelo homem a estender o braço da forca para abençoar os carrascos!

»E depois de sustentarem os ramos de verdura — que são os fios misteriosos — mergulhados no azul, por onde Deus se prende à terra — fossem sustentar as cordas da forca, que são as fitas infames por onde o homem se prende à podridão! Não! Se as raízes dos ciprestes contassem isto em casados mortos — faziam estalar de riso a sepultura!

»Assim falava eu na solidão. A noite lenta e fatal. O cadáver balouçava-se ao vento. Comecei a sentir palpitações

de asas. Voavam sombras por cima de mim. Eram os corvos. Pousaram. Eu sentia as penas imundas; afiavam os bicos no meu corpo, penduravam-se, ruidosos, cravando-me as garras.

»Um pousou no cadáver e pôs-se a roer-lhe a face! Solucei dentro de mim. Pedi a Deus que me apodrecesse subitamente. Era uma árvore das florestas a quem os ventos falavam! Seria agora para afiar os bicos dos corvos, e para que os homens dependurassem de mim os cadáveres, como vestidos velhos de carne, esfarrapados! Oh! meu Deus, soluçava eu ainda, eu não quero ser relíquia de tortura: eu alimentava, não quero aniquilar: era a amiga do semeador, não quero ser a aliada do coveiro! Eu não posso e não sei ser a justiça. A vegetação

tem uma augusta ignorância: a ignorância do sol, do orvalho e dos astros. Os bons, os angélicos, os maus são os mesmos corpos invioláveis, para a grande Natureza sublime e compassiva. O meu Deus, liberta-me deste mal humano tão aguçado e tão grande, que se traspassa a si, atravessa de lado a lado a Natureza, e ainda te vai ferir, a ti, no Céu! Oh! Deus, o céu azul, todas as manhãs, me dava os orvalhos, o calor fecundo, a beleza imaterial e fluida da brancura, a transfiguração pela luz, toda a bondade, toda a graça, toda a saúde — não queiras que em compensação eu lhe mostre, amanhã, ao seu primeiro olhar, este cadáver esfarrapado!

»Mas Deus dormia, entre os seus paraísos de luz. Vivi três anos nestas

angústias.

»Enforquei um homem — um pensador, político, filho do bem e do verdadeiro, alma formosa cheia das formas do ideal, combatente da luz. Foi vencido: foi enforcado.

»Enforquei um homem que tinha amado uma mulher e tinha fugido com ela. O seu crime era o amor, que Platão chamou *mistério*, e Jesus chamou *lei*. O código puniu a fatalidade magnética da atração das almas, e corrigiu Deus com a forca!

»Enforquei também um ladrão. Este homem era operário. Tinha mulher, filhos irmãos e mãe. No inverno não teve trabalho, nem lume, nem pão. Tomado de um desespero nervoso, roubou. Foi enforcado ao sol-posto. Os corvos não

vieram. O corpo foi para a terra limpo, puro e são. Era um pobre corpo que tinha sucumbido por eu o apertar de mais, como a alma tinha sucumbido por Deus a alargar e a encher.

»Enforquei vinte. Os corvos conheciam-me. A Natureza via a minha dor íntima; não me desprezou: o sol alumiava-me com glorificação, as nuvens vinham arrastar por mim a sua mole nudez, o vento falava-me e contava a vida da floresta, que eu tinha deixado, a vegetação saudava-me com as meigas inclinações da folhagem: Deus mandava-me o orvalho, frescura que prometia o perdão natural.

»Envelheci. Vieram as rugas escuras. A grande vegetação, que me sentia esfriar, mandou-me os seus vestidos

de hera. Os corvos não voltaram: não voltaram os carrascos. Sentia entrar em mim a antiga serenidade da Natureza divina. As eflorescências, que tinham fugido de mim, deixando-me só no solo áspero, começaram a voltar, a nascer, em roda de mim, como amigas verdes e esperançosas. A Natureza parecia consolar-me. Eu sentia chegar a podridão. Um dia de névoas e de ventos, deixei-me cair tristemente no chão, entre a relva e a humidade, e pus— me silenciosamente a morrer.

»Os musgos e as relvas cobriram-me, e eu comecei a sentir-me dissolver na matéria enorme, com uma doçura inefável.

»O corpo esfria-me: eu tenho a consciência da minha transformação lenta de podridão em terra. Vou, vou. Ó terra,

adeus! Eu derramo-me já pelas raízes. Os átomos fogem para toda a vasta Natureza, para a luz e para a verdura. Mal ouço o rumor humano. Ó antiga Cibele, eu vou escorrer na circulação material do teu corpo. Vejo ainda indistintamente a aparência humana, como uma confusão de ideias, de desejos, de desalentos, entre os quais passam, diafanamente, bailando, cadáveres! Mal te vejo, ó mal humano! No meio da vasta felicidade difusa do azul, tu és apenas como um fio de sangue! As eflorescências, como vidas esfomeadas, começam a pastar-me! Não é verdade que ainda lá em baixo, no poente, os abutres fazem o inventário do corpo humano? Ó matéria, absorve-me! Adeus! para nunca mais, terra infame e augusta! Eu vejo já os astros correrem como lágrimas pela face

do céu. Quem chora assim? Eu sinto-me desfeita na vida formidável da terra! Ó mundo escuro, de lama e de ouro, que és um astro no infinito — adeus! adeus! — deixo-te herdeiro da minha corda podre!»

Assim era a história testamentária da forca abandonada e morta! Oh meu Deus, se os seus átomos fossem agrupar-se e solidificarem-se para fazerem o maquinismo da arma *chassepot*?...

A Morte de Jesus

Por estranhos acasos encontrei este velho manuscrito copiado, num latim bárbaro, do antigo papiro primitivo. Não o traduzo textualmente: seria incompreensível, irritaria os nossos hábitos críticos, psicológicos! Transporto para a linguagem moderna, complexa, dúctil, sábia, o estreito dizer antigo.

Assim ordenado, este documento, que não encerra coisas novas, põe, todavia, em relevo muitos estados de espírito, muitas situações civis de uma pessoa excecional, que tem notavelmente merecido nestes últimos tempos a

atenção da história e da crítica.

Jerusalém, Mediterranean Hotel,
no Acra, 1 de dezembro de 1869.

1

Dies irae, dies illa...

O meu nome é Eliziel, e fui capitão da polícia do Templo: estou velho e inclinado para a sepultura: e antes de me deitarem para a Eternidade sob uma pedra lisa, em Josafá, ou nas mortuárias de Siloeh, quero contar o que sei e o que vi de um homem excelente, que na minha mocidade esteve, pelos acasos providenciais da simpatia, intimamente ligado à minha vida. Nestes últimos tempos, sobretudo, a sua imagem vive ativa e poderosa no meu cérebro; e quando, pelo findar da tarde, a esta luz magoada que então habita no céu da

Judeia, eu me vou sentar junto ao branco túmulo de Raquel olhando as muralhas de Jerusalém e a velha Sião, cheia de claridade, e as ruínas de David, é nele que penso — e nesses tempos distantes em que eu tinha a força, a barba escura, o andar ágil e firme, e a esperança fácil.

Eu sou o mais velho da geração desse homem: aqui vivo, afastado da cruel Jerusalém, em Betlem, junto desse poço que tem uma água tão fresca e consoladora que Davi d a lamentava no desterro.

Os outros onde estão? Onde estais vós, Tomás, Mateus, Simão, Pedro, João? Onde estais vós? Judas de Karioth sei que morreu obscuro e sossegado no campo de Haceldama; Pôncio Pilatos está em Espanha, retirado e pobre, ele o velho

amigo de Tibério. Antipas, Herodíade, andam na aflição dos desterros; Hanan morreu, mas a sua memória e a sua doutrina ainda governam o Templo. Onde estão os mais: Nicodemus, José, Maria de Cleolas, a santa mulher, Gamalrel, o sábio doutor? Uns estão no vale de Josafá, outros no vale de Hinon, todos esquecidos. Tanto a memória do homem é como a onda fugitiva e pérfida!

É por isso, para que se não perca a lembrança daquele homem, justo e bom, que eu procuro dizer com simplicidade e verdade tudo quanto vi e compreendi da sua vida, tão breve pelos dias, tão longa pelas dores.

Quando o conheci em Jerusalém, pela festa da Páscoa, era eu moço. A minha vida passava-se toda no Templo. O

Templo, reconstrução de Herodes, o Grande, estava então novo e resplandecente: ainda se trabalhava nos pórticos exteriores. Ali era o centro de Jerusalém: ali se orava, se celebrava, se tratavam as questões eitos, se julgavam os condenados, se estabeleciam as escolas rabínicas da Lei, se discutiam os éditos de Roma, o procedimento dos legados imperiais e dos procuradores, se curavam os doentes, se tramavam as sedições. Os romanos não podiam entrar no templo: no átrio da primeira galeria havia inscrições em grego e em latim que vedavam aos gentios, aos pagãos e aos samaritanos penetrar além. No entanto nós víamos sempre os romanos nos terraços da Torre Antónia, que domina o recinto do Templo, observarem, rirem, dormirem ao sol, ou

pela tarde jogarem a barra, exercitarem-se em lutas.

A mim, como oficial da polícia do Templo, competia-me abrir, fechar as portas, impedir que se entrasse no santuário com bastões ou armas, que se sujassem as lajes dos terraços com lama, que se passasse com fardos, ou que viessem orar junto às colunas do santuário os que estavam tocados de impureza.

Eu era escrupuloso e atento e desgostava-me (e muitas vezes o disse) que o serviço do culto autorizasse factos indignos da santidade da Lei, e da consagração do lugar, porque, no recinto do Templo, vinham estabelecer-se toda a sorte de vendedores e de bazares: vinham ali vender os animais para os sacrifícios, os estofos, os véus, as faixas de Tiro,

trocava-se a moeda, negociava-se o azeite: e, como o Templo era o centro vital de Jerusalém, havia ali toda a semelhança de uma feira: pregões, fardos, arcas; e mais parecia o mercado pagão de Cesareia, do que o interior da casa de Deus.

Outra coisa me irritava ali, singularmente: eram os fariseus, os escribas, e os doutores da Lei; não os estimo: entre eles só vi acrimónias, ódios, disputas estéreis. Nunca compreendi o orgulho dos doutores nem mesmo o seu desprezo pela sabedoria grega: meu pai cultivava as letras helénicas, e tinha-me dado um conhecimento daquela ciência, incorrendo assim na ira dos doutores fariseus, que envolvem na mesma maldição o que cria porcos, e o que

ensina a seu filho a ciência grega. Meu pai tinha viajado no Egito, em Alexandria, e aí se tinha ligado com um sábio, Filon, judeu pela mãe, grego pela alma, de quem os mestres das sinagogas diziam o maior mal.

Desde então tinha-se tomado de afeição pela ciência grega, e, velho, entretinha-se a fazer passar ao meu espírito as grandes doutrinas daquelas gentes. Ora o ódio dos escribas pela ciência helénica indignava-me. Demais, eles são repulsivos e grosseiros.

Os fariseus, especialmente, são ásperos, desdenhosos, maus, respeitando mais as minuciosidades do culto, do que o espírito da Lei. Em tudo cheios de artifício e de vaidade: se entram na sinagoga, querem o melhor lugar, o mais

largo, e todos os veem batendo no peito sob a amplidão do manto: se vão pela rua ou pelo campo, prostram-se ruidosamente a orar, se veem o olhar do homem: se dão uma esmola, contam-na como virtude, apregoam-na como exemplo: e sempre argumentando, vociferando, enchendo o santuário de disputas e de invetivas! Se numa ceia, algum dos convivas faz a ablução sobre a testa, com a mão longa, em lugar de a fazer só com dois dedos, amaldiçoam-no, clamam pelasiras de Jeová e levantam-se escandalizados: nunca ninguém os vê consolar uma viúva, ou ajudar um velho a andar: os pobres, os abandonados, são para eles como os que estão tocados da peste: caminham com os olhos fechados para não verem as mulheres, e com os pés nus para se

ferirem nas pedras: mas por baixo do seu zelo, são cheios de apetites, como um homem sanguíneo!

Quanto é melhor que estes o alto sacerdócio, que é todo da seita dos saduceus e dos boetozins: há aí mais sinceridade, e mais elemento humano: são homens pacatos e faustosos, que intrigam com Roma, não têm zelos nem devoções irritantes, amam o sossego, as lindas casas de campo junto a Sião ou para além de Bezeta, os moles estofos de Sídon, ou as belas mulheres de Idumeia.

Mas o que na vida do Templo me indignava superiormente, era o vê-lo tornado um lugar de comércio, de venda e de troca de moeda. E foi por este ódio aos mercadores do Templo, que além disso em tornavam a polícia difícil e fatigante,

que eu conheci o homem inefável, por quem os meus olhos ainda se humedecem.

Um dia, entrava eu na Galeria de Salomão, que é a que tem três ordens de colunas, o teto de cedro lavrado, e olho par ao Monte das Oliveiras. Era na festa da Páscoa e na multidão dos peregrinos. Um soldado da milícia do Templo tinha-me dito que, contra os avisos, dois mercadores de pombas e de carneiros tenros tinham-se vindo encruzar nas suas esteiras junto das colunatas, com as reses enfeitadas de escarlate, e os cestos de aves brancas. Eu ia, cheio de cólera, para os condenar, quando vi em redor uma confusa gente dominada pelo forte ruído de uma voz: defronte dos mercadores, havia um homem de pé, que lhes falava. Era alto, magro, fraco: tinha os cabelos

louros, pendentes, separados ao meio, cabelos de homem de Galileia: mesmo, percebi logo, pelo acento e pela pronúncia, que ele era galileu: naquele momento o seu rosto era irritado e severo: tinha o gesto largo ao modo dos que pregam nas sinagogas, tinhas as feições inflamadas, os olhos cheios de uma luz indiganda: a sua estatura erguida pela cólera, enobrecida pela justiça das suas palavras, cheia do seu pensamento, fazia-o parecer mais que um homem.

Os mercadores, assustados, recolhiam os cestos, dobravam as esteiras, arrastavam as reses: as pombas esvoaçavam.

— Ide! — disse-lhes ele então — vós fazeis da casa da oração uma caverna de ladrões.

E com a mão violenta empurrou-o largamente, para além das colunas. Eles iam, tomados de temor. Os homens em redor tinham uma aprovação simpática para o de Galileia: alguns riam, havia crianças assustadas que gritavam. Eu olhava, admirado.

— Quem é este? — perguntei a João, um galileu, que estava junto dele, e que eu conhecia de o ter encontrado no átrio da casa de Hanan.

— Não o conheces tu? É Jesus de Nazaré, profeta de Galileia!

2

Durante a minha vida do Templo eu tinha visto muitos videntes, muitos profetas: vinham da Galileia, da Judeia, de todo o país que vai até Jopé. Não direi o que penso da intenção profética e da crença messiânica. Só direi que os profetas que no meu tempo vieram e eram lapidados às portas de Jerusalém eram bons; eram uma voz coletiva, a esperança, a consolação e o alívio.

O povo era profundamente infeliz: os saduceus afogados nos seus repousos, os fariseus perdidos nas suas devoções, os escribas e doutores absorvidos nas suas escolas, não viam o estado das almas. Além de tudo, estavam longe do

povo, numa separação desdenhosa e enfática. Eu estava profundamente ligado ao povo pela raça e pelo instinto. Já na vida estreita e toda comum de Jerusalém, já nas conversações dos átrios do Templo, já nas minhas demoras em Bethel, em Efraim, em Galileia, eu via, compreendia, sabia o povo. Infeliz, desprezado, eternamente escravo, esmagado pelo tributo da dominação e pelo dízimo, refugiava-se, maltratado da terra, na esperança de um libertador, de um Messias. O Judeu é dado a preocupações divinas e a sua verdadeira pátria é em Deus.

Uma série de homens fortes e piedosos eram os intérpretes deste desejo ideal, eram a voz daquela melancolia e eram os amigos do pobre, os ásperos

juízes do rico, os consoladores austeros.

O povo, sufocado pela sua paixão interior, sentia-se aliviado e consolado, quando um profeta falava. Os profetas confirmavam a vinda do Messias, diziam-lhe a figura e as ações, a piedade e a paixão, esfarrapavam os seus vestidos, iam viver no deserto: daí a exaltação tornava-se um estado natural e humano, as almas cresciam em desejo e vontade. De sorte que todos os anos apareciam, videntes e inspirados, que o Sanedrim mandava lapidar à Porta Esterquilinária. Mas lamentavam-no, porque o povo segue sempre todo o movimento que seja original, amigo do pobre, anunciador da boa nova: Schammaï, Hillel, Jesus de Sirach, que tiveram altos pensamentos de pureza e de justiça, viveram ignorados da

Judeia e da Galileia porque não saíam do meio simples e infeliz, porque não pregavam em nome da esperança religiosa, não tinha a paixão messiânica. Eram espíritos sábios e justos, e não videntes possuídos de fé.

Ora nesse tempo a esperança do Messias era ativa. Clamavam por ele a Deus, jejuavam, oravam, para não morrerem antes da vinda dele; tinham desalentos, esperavam avidamente os sinais místicos, e as almas falavam baixo, porque vinha o Senhor!

Eu mesmo tinha visto muitos profetas, muitos mestres inovadores; não conhecia João Batista, que vivia no deserto do Jordão, mas sabia que ele também pregava um renascimento, e que, tendo escandalizado a olímpica

Herodíade, se definhava numa prisão de Antipas.

No entanto nunca nenhum desses homens me dera uma sensação feliz como esse Jesus de Nazaré. Os seus olhos cheios de infinito, a sua voz poderosa e serena, a justiça das suas palavras deixaram-me numa vaga e imprevista perturbação como quando se olha para o céu, que se supõe escuro, e de repente se vê uma estrela imortalmente luminosa.

Nessa tarde, como eu caminhasse pela encosta de Sião para o lado do horto de Salomão, com Simeon, escriba do Templo, perguntei-lhe se conhecia Jesus de Nazaré, que pregava na Galileia. Simeon disse-me, com um riso:

— Que sabes tu que possa vir de bom de Nazaré?

Realmente toda a Galileia é muito desprezada pelos de Jerusalém. Fomos conversando nesta apreciação; Simeon dizia-me que os galileus eram fracos, femininos, imbecis; que eram ignorantes e pouco ortodoxos: que o sangue estava neles muito misturado: que tinham muito de Samaritano: que a sua pronúncia era viciosa: que eram grotescos a falar, insuficientes a pensar: e que *idiotismo galileu* era um provérbio de Jerusalém. Eu respondia que a gente de Galileia me parecia simples e delicada: que quem vive numa Natureza tão humana, tão cheia de água, tão auxiliada das sombras, não podia deixar de ter qualidades finas, e harmoniosas; os galileus eram trabalhadores e sóbrios: e que Isaías tinha dito: «Ó terra de Zabulon, e terra de

Neftali, caminho do mar, Galileia dos gentios, o povo que caminhava na sombra viu uma grande luz!»

— Ora, Simeon — dizia eu — estas palavras de Isaías indicam que em Galileia pode nascer um profeta!

Íamos assim largamente conversando, quando chegámos no horto de Salomão: a natural beleza, as árvores, as vinhas, a perspetiva suave e recolhida dos vales de Jerusalém, a silenciosa espessura, a fresca serenidade, os bandos de pombas que vêm beber aos velhos reservatórios de Salomão, fazem daquele lugar um retiro bom para espíritos sábios, para aqueles que têm no coração uma ideia, ou que são habitados por uma esperança: ali se reúnem assim muitos de Jerusalém! Naquele dia andava ali,

absorvido, grave e vagaroso, o sábio Gamaliel. Gamaliel era o maior do Templo: se os outros eram o poder, a intriga, a riqueza, a tradição — ele era a ciência: se os outros eram a lei — ele era a justiça. Eu, preocupado pelo Nazareno, perguntei a Gamaliel se conhecia aquele homem severo.

— Pelo que sei dele — disse Gamaliel — penso que é um justo.

Guardei com amor esta palavra: ela correspondia à atração suave e piedosa que eu sentia pelo severo mestre da Galileia. Ao voltar a Jerusalém pensava nele: via-o irritado e augusto: imaginei-o cheio da cólera do justo e da rebelião do oprimido: o que ele pregava decerto era a condenação do rico, e a humilhação do fariseu. Era o que tu

precisavas, Jerusalém, dizia eu, era um profeta amado e seguido, que fosse a alma de uma infinita desgraça que se vinga, que erguesse o povo, aniquilasse os sacerdócios corrompidos, expulsasse o Romano, que reconstituísse nas almas a velha Israel, nas instituições a velha Judeia, que fosse o homem forte e puro, e o continuador dos Macabeus. Produzira a Galileia esta alma terrível? Ou será Elias ressuscitado de entre os mortos? Assim pensava, encaminhando-me, pela noite pesada, para a casa de Hanan.

Hanan era o grande-sacerdote, ainda que na realidade e nas coisas do Templo o fosse seu genro Caifás; mas ele era o espírito, a direção, o conselho, a iniciativa de toda a vida sacerdotal do Templo. Era velho, sabedor das tradições,

astuto, possuía enormes riquezas, conspirava contra Roma, era concentrado e soberbo.

Num dos largos pátios cobertos de sua casa em Bezeta era um costume reunirem-se em volta de um grande fogo, quando o frio entristecia Jerusalém, os oficiais do Templo: às vezes vinham escribas, doutores, sacerdotes afáveis. Aquele grupo, sempre igual, era como uma consciência um pouco mordente do Templo. Às vezes, quando não estava algum austero doutor fariseu, pedia-se a um soldado expedicionário que entrasse para junto do lume, dava-se-lhe do vinho de Sídon e das colinas do Líbano e pedia-se-lhe que cantasse alguma das cantigas latinas do bairro de Suburra. Alguns velhos sacerdotes riam nas suas barbas

brancas. Nessa noite, quando eu atravessava o átrio de Hanan, cruzei-me com aquele galileu, João, que eu tinha visto junto a Jesus de Nazaré, na Galeria de Salomão. Ele costumava vir ali ver uma velha, guardadora dos cães, que era de Cafarnaum, na Galileia. Chamei-o, tomei-lhe as mãos, falei-lhe afavelmente em Jesus de Nazaré: eu enfim compreendia bem aquele que, por um imprevisto interesse, pela elevação da sua palavra, pela beleza do seu aspeto, habitava já no meu peito, como um amigo da antiga mocidade!

3

João disse-me vagamente todo o passado de Jesus, em palavras simples, mas penetradas de fé e de desejo.

Eu reconstruí então em espírito a vida obscura de Jesus; vi-o, pela intuição, em Nazaré, educado por aquela doce paisagem da Galileia, soba influência do Carmelo, das serras do Tabor e das terras patriarcais.

Eu tinha ali viajado, e muitas vezes me tinha sentado num rochedo nas alturas de Nazaré. Se algum lugar há no mundo em que o homem sinta a estreiteza da vida civil, a instabilidade dos interesses, o contingente e fugitivo das afeições e dos desejos, é ali, naquele

vasto e sossegado horizonte, em que parece que o céu exerce mais profundamente a sua atração infinita sobre a alma cativa.

Que pomares, que prados, que humanas águas, que aldeias delicadamente adormecidas entre as figueiras e as vinhas!

E eu via Jesus, imaginando, esperando naquele húmido paraíso da Galileia e nas suas montanhas queridas, de belas formas amorosas!

Vi-o com os seus primeiros amigos, já possuído da ideia do seu Deus, entrando a falar nas sinagogas, correndo as aldeias, ajudando as pescas, dormindo nos largos terraços sob a luz das estrelas tão belas, tão expressivas como na velha Caldeia; chamando os que encontrava

para que o amassem, acariciando os fracos, e dando-se a si e ao Deus interior que o habitava, em alimento às almas infelizes.

Os de Jerusalém, que nunca saíram das suas estreitas e duras ruas, e apenas têm visto da Natureza as suas colinas calvas e os seus vales cheios de mortos, riem quando se lhes fala na Natureza do Norte, na fecundidade da Samaria e da Galileia e na excelência daquela gente.

Pois se Jerusalém tem de ser erguida das suas choradas humilhações, será por alguém vindo do lado das aldeias e dos lagos da Galileia! Esta Jerusalém áspera, seca, toda de pedra e de indiferença, só fará espíritos estreitos, fariseus argumentadores, escribas e lapidadores de homens. O sangue de

Judas Galaunete, de Hille, do filho de Sirach, de Gamaliel, de todos os homens justos do nosso tempo é parente da seiva das árvores da Galileia. Uma elevação ideal sai daquelas sombras e do rumor daquelas águas. Jerusalém será a lei, a autoridade, a sabedoria, a habilidade, a astúcia; mas a Galileia será a virtude e o sacrifício.

Ali não há cidades: há as pequenas aldeias sírias que eu amo, onde as mulheres têm o seio pacífico, os homens a força serena, e até os pequenos burros têm um olhar doce, em que parece habitar uma resignação humana. Tudo é fecundo, bem cultivado: a abundância impede a hostilidade ao imposto, a avareza, a economia áspera, qualidades de Jerusalém. Ah! lâminas douradas do

Templo, túmulos gregos dos Herodes, com relevos de folhagens, como eu vos dera por um dos pequenos regatos azulados, que dormem e sonham na espessura amada das searas de Chorazim! Porque não conheço melhor alegria, do que andar pelas estradas de Galileia: veem-se os casais escurecidos pela sombra das figueiras, das vinhas; os pomares de nogueiras, de romãzeiras estreladas de vermelho: vai-se numa fresca espessura povoada de aves gloriosas! Quando se está fatigado senta-se a gente diante de uma porta, à sombra de um cedro, bebe-se o vinho de Safed, olham-se as formas lânguidas das montanhas, conversa-se com as mulheres que vêm da fonte, todas frescas, cantando os cantos do tempo de Salomão! E não se encontram fariseus,

nem escribas, nem saduceus, nem herodianos!

Era ali que Jesus vivia, falando pelos campos, pelos casais e nas sinagogas: ali devia ser escutado: não tinha sábios da Lei para o contradizer e para o injuriar, e podia-se penetrar do encanto de dizer a verdade aos simples!

O que João me contava da doce vida do lago de Tiberíade enchia-me de uma afeição inefável pelo doce mestre. Eu conheço bem o lago de Tiberíade, todo o país de Genezareth: muitas alvoradas andei pelas suas aldeias e pelos caminhos das suas vilas! Ai! Magdala, Chorzim, Betsaida, margens do lago, lugares que eu choro, hoje velho, seco, pálido das saudades pela força do meu peito e pela altura da minha esperança! Ó arvoredos

sonoros de Genezareth, todos cortados de água, onde os meus pés faziam erguer as rolas! Ó caminho estreito do rochedo, cheio de musgos! Ó rio salgado, que nasces ao pé do lago e logo no lago cais, e que eu tantas vezes comparei ao meu ser fugitivo! Ó margem do lago, cheia de tamarindos, onde a água, tão azul como os olhos das mulheres de Tiro, vem terminar sem ondas, sem aflições, nas ervas verde-negras! Ó Galileia, se as ideias moças, que trago mortas dentro do meu peito, as pudesse sepultar fora de mim, escolheria a tua relva, ó terra de Neftai!

Jesus e os seus amigos viviam ao pé do lago, da vida de pescadores: aquele clima é tão doce, tão afável, que o homem pouco pensa no seu corpo: assim, de dia pescavam, de noite dormiam na areia, sob

as estrelas, ao rumor da água. Jesus pescava, ou falava numa barca, no sossegado embalar da água, aos seus companheiros de rede: assentava-se às vezes sobre as colinas, que são de uma viva liberdade de ar e de luz, e cercado dos simples pescadores, de mulheres, de crianças, pregava-se a si, ensinava o seu coração, falava das esperanças do reino de Deus. Ele amava tudo o que era delicado, as mulheres, as crianças, os lírios, as aves: a sua palavra era assim tão suave como os olhos das crianças, tão pacífica como o caminhar dos regatos: ele pedia apenas que o amassem, e não tinha razões inflamadas de profeta. Ele era o centro de todo o amor na verde Galileia: dava a esperança às almas: dizia a vinda do Senhor, o fim das lágrimas, as glórias

do pobre.

— O Céu é dos simples — dizia ele. — Os que choram serão consolados; os miseráveis possuirão a Terra; tendes fome e sede de justiça? Vinde a mim, sereis saciados. Sede pacíficos, sede puros. Se vos perseguirem no reino da Terra, abrir-se-vos-á o reino do Céu. Segui-me, segui-me.

E seguiram-no: abandonavam os campos, as hortas, os barcos, os casais: as crianças amavam-no: as mulheres iam presas da luz imortal dos seus olhos: todos queriam errar com ele pelo país de Genezareth, comendo os frutos casuais dos pomares, bebendo como as reses no fio dos regatos.

Ele explicava Deus de um modo novo: ninguém o conhecia melhor: ele era

a consciência viva de Deus. O seu Deus não era Jeová, amigo de Israel, inimigo dos homens: não era o ser solitário, tenebroso, irritável: o seu Deus era o pai, o consolador, o purificador, o eternamente sereno, o eternamente justo.

O Mestre pregava a fraternidade entre os homens, o perdão, a caridade, a humildade, a grandeza, a poderosa virtude do sacrifício.

— Se vos ferirem, oferecei-vos; se vos odiarem, amai; se vos perseguirem, orai! Que mérito há em amar os que nos amam?

Uma coisa que singularmente me tocava no ensino que João me repetia, era a condenação dos usos do Templo, dos zelos devotos dos fariseus: com efeito, para que são tantas purificações, tantos

cilícios, tantos usos de piedade? Para que hão de os fariseus trazer nas suas túnicas as tiras de papiro, que são o sinal da devoção, e para que dão a esmola, de pé, nas escadarias do Templo, gritando e elevando a moeda?

— Quando tu deres a esmola — dizia o mestre de Nazaré — que a tua mão esquerda não saiba o que fez a direita.

E esta palavra enchia-me o coração. E alegrava-me o saber que ele não era como os mais profetas, não se retirava para o deserto, não se emagrecia em jejuns, não rasgava os seus vestidos, não se feria nas rochas agudas: vivia como um simples e como um pobre e se procurara às vezes os lugares retirados, e amava as montanhas é que aí estava mais na fraternidade dos seus, e no coração de

Deus.

João falava-me das mulheres que o seguiam, e eram Joana, mulher de Khouza, Salomé, Maria de Cleofas e Maria de Magdala, aí e em Tiberíade, tinha tido uma vida apaixonada e impura: uma exaltação inexplicável era a essência daquele ser; tinha espasmos, contrações, entusiasmos perturbados: julgava acalmar a impetuosidade da sua natureza febril pelo amor dos homens; ligava-se com os doutores notáveis de então, penetrava em discussões e explicações da Lei, depois andava cercada de fariseus e envolta em devoções; mas tinha o amor dos estofos, e todos os dias chorava. Era uma alma inquieta que buscava alguma coisa: tudo o que fazia era com paixão: a cultura das plantas raras, a criação das moreias em

reservatórios, a com posição de aromáticos, o estudo das ervas, tudo tratava, ardente e enfastiada. Doente, pobre, foi para Magdala. Aí viu Jesus, pregando. Seguiu-o. Adorava a doutrina do Mestre, e amava a sua figura delicada e bela. Mas tinha fortes impaciências, erguia discórdias com os discípulos, retirava-se ao deserto. Mas voltava, porque a sua dedicação suave pelo mestre era maior, e domava a sua tenebrosa e confusa natureza.

Gostava de derramar perfumes no corpo de Jesus, e de lhe coser à túnica franjas de Tiro.

Jesus, de resto, aceitava na sua companhia as mulheres transviadas, os publicanos, todos os pecadores.

Tal era Jesus, segundo João. Eu

estava cheio de admiração. Demais, dizia eu, aquele homem que eu vi no Templo, com as indignações de Isaías, é pois suave como o céu de Galileia? Realmente, uma raça tão humana, tão simples, tão abundante, não pacífica poderia dar um profeta irritado?

— O Mestre é a mesma doçura — dizia-me João.

Donde vinha então aquela cólera, aquele gesto de Messias vingador?

— Desde quando é ele assim? — perguntava eu a João.

— Dizes bem. O Rabi mudou desde que chegou a Jerusalém.

4

Era já manhã e ainda João me contava estas coisas pacíficas, enquanto eu seguia para o Templo. Ia perturbado, sem centro moral. Ora me vinham desejos de ir à Galileia seguir os passos de Jesus de Nazaré, ora o meu velho orgulho estreito de homem do Templo me suscitava hostilidades ou desdéns.

O Templo abria-se, chegavam os fariseus, os devotos, os doutores aproximavam-se nos seus burros, os sacerdotes nas suas liteiras; encruzavam-se nas suas esteiras os mercadores; tirava-se a água das piscinas, acendiam-se os purificadores, desdobravam-se os velários; os pregões anunciavam os

debates civis, as vendas de campos; começavam a instalar-se as escolas rabínicas; o ouro tinia nas bancas dos cambiadores; havia risadas; ouvia-se o balar das reses.

Quando eu estava vigiando os serviços, veio a mim, todo alegre, um velho camarada do Templo, Josué, que andava há muito pelas vilas de Galileia para a organização dos soforins nas sinagogas. Era homem conhecedor das tradições e cheio de experiência da vida sacerdotal. Perguntei-lhe se conhecia da sua peregrinação Jesus de Nazaré, filho de Maria de Caná, e os seus companheiros. Ele era douto, sincero, atento, devia saber explicar-me, melhor do que o simples, o exaltado João, a essência do Rabi da Galileia.

Disse-me, com efeito, que vira Jesus na sinagoga de Chorazim; que conhecia a sua vida e a sua doutrina, e que era um homem destinado, mais tarde ou mais cedo, a ser lapidado às portas de Betel; que pregava toda a sorte de impiedades; que combatia a Lei, a tradição e os textos; que falava contrariamente à velha sabedoria judaica, sendo ignorante e moço; que não respeitava nem os ricos, nem os sacerdotes, nem os fariseus; que queria distribuir as riquezas pelos pobres; que vivia em companhia de mendigos e de mulheres perversas; vivia, dormia ao acaso pelos hortos; não tinha casa nem campo; que se associava com o publicano e até com o pagão; que não fazia as abluções, nem sacrificava; e que era um

vagabundo dos montes da Galileia, sem autoridade entre os doutos e entre os ricos.

Eu ouvia calado estas palavras, que eram todo o espírito dos fariseus e dos doutores. E quando saí do Templo sorri ao átrio de Hanan.

Jesus de Nazaré era-me já simpático e íntimo, pelo sentimento e pela razão. Mas o que era aquele homem? Era um simples visionário? Era um contemplador, cheio de melancolia que dão as espessuras de Galileia, e tomado de um desdém divino? Era um espírito cheio de sabedoria? Era um continuador de Judas Galaunete? Vinha ele pregar contra o imposto e contra o dízimo? Era ele hostil a César, e cheio de tradição dos Macabeus? Era um simples? Era um

crente? Era um especulador frio das esperanças messiânicas? Vinha ele atacar o espírito do Templo?

Encontrei João, conversando no átrio lajeado com um homem da milícia sacerdotal. Chamei-o para uma longa galeria escura vagamente estrelada de lâmpadas.

— João — disse eu — diz o que vem fazer a Jerusalém o sábio de Nazaré!

João olhou-me:

— Vem à festa da Páscoa — disse ele, lento.

— João — insisti — pelo Messias, e pela liberdade do Batista, prisioneiro de Antipas, diz-me a que vem Jesus, a Jerusalém e ao Templo?

— Pregar — disse João.

Compreendi, rapidamente, todos

os resultados daquela luta original.

— Vai! — lhe disse eu exaltado — diz-lhe que parta, que volte para o lago de Tiberíade! Que viva nas suas montanhas, com o seu Deus, com os que o amam, sossegado, no repouso dos campos. Que vá, que evite as portas de Jerusalém! Diz-lhe que não venha nunca encostar-se como profeta à coluna do Templo! Que volte para a Galileia, que se lembre das pedras que estão à Porta Esterquilinária e que são para lapidar os profetas!

João tinha o espanto nos olhos, na voz.

— Eliziel! Eliziel!

— Que volte, que volte para a Galileia!

E subi rapidamente, pela

escadaria de granito verde que levava aos interiores de Hanan.

O velho sacerdote, debilitado, caduco, dobrado, comia, deitado sobre largas peles, arroz e mel. Ao pé, uma escrava síria de Damasco, cantava. Jesus Bar-Abbás, defronte, fazia momices,

5

No outro dia, casualmente, tive ordem de Caifás para ir à Galileia, em serviço das sinagogas; a concentração dos sacerdotes rituais em Jerusalém obriga assim os oficiais do Templo a sucessivas peregrinações; porque as sinagogas estão dominadas pelos escribas e pelos soforins, e por isso agitadas em perpétuas intrigas.

Mas esta viagem agradava-me porque me levava a Betsaida, a Chorazim, a todo o país que fora até aí o centro amado de Jesus.

Em toda a região do lago achei muitos espíritos ou mais simples, ou mais lúcidos, ou mais amantes, singularmente

ocupados na simpatia e na razão pela pessoa, pela doutrina do Rabi de Nazaré.

Falavam-me longamente da sua doutrina nas sinagogas, das suas palavras nas colinas: e a figura moral de Jesus acentuava-se, definia-se progressivamente no meu espírito.

Diziam-me que a voz do Mestre era doce, untuosa, que só o seu som cativante fazia esquecer as mulheres da roca, os homens da agulha da rede: falava devagar; a silêncios; as altas verdades, as palavras profundas apareciam de repente como uma centelha sai de um diamante tocado de uma luz inesperada. Contava parábolas, histórias; repetia com paciência, sorrindo: uns estavam deitados, preguiçosos, atentos, outros remendavam as velas, alguns sentados aos seus pés

olhavam pasmados a água. Ele falava, sossegado, ou afagava uma criança, ou, contando as parábolas, consertava a sua rede.

Vivia como um simples, junto da vida, sem ter as curiosidades da vida. Tinha um desdém elevado pelas coisas exteriores.

— Não vos inquieteis pelo alimento, ou pelo vestuário — dizia ele. — Olhai as aves do céu, não semeiam, nem ceifam, e o pai dos Céus é quem as alimenta; e não sois vós mais que as aves que esvoaçam nos campos?

— Para que haveis de cuidar dos vossos vestidos? Vede os lírios: não trabalham, nem fiam: pois eu vos digo que Salomão em toda a sua glória não estava vestido como nenhum deles na sua

simples candura. E o que Deus faz pelas ervas dos campos que florescem hoje, amanhã secam, não o fará por vós, homens de pouca fé?

Por isso os discípulos seguiam-no assim, enlevados naquelas ambições ideais, sem roupas, sem provisões, sem dinheiro. Naquele pensamento, o dinheiro era considerado como um fardo, um inimigo, traidor, que assim como se toma da ferrugem, dá à alma a esterilidade.

— Vendei o que possuís — dizia ele — dai o dinheiro em esmolas!

Realmente de que servem na Galileia as riquezas?

Ali só há a verde Natureza: o dinheiro não dá mais infinito ao azul, mais repouso à água; o pobre, o mendigo, é o rei misterioso daquela glória da folhagem

e da luz: para ele se vestem as açucenas de branco, para ele resplandecem os regatos.

Jesus glorificava o pobre: naquele evangelho da Galileia, o rico é considerado o inimigo, o pagão, cruel, o inquieto: ele tem os largos vestidos, fáceis, macios; ele come sobre leitos cobertos de peles; ele enterra os braços nus nas moedas do cofre: o pobre come escassamente as ervas mal cozidas dos hortos; remenda, à candeia, a sua túnica, traz apertada à cintura, tendo sobre ela uma pedra, a moeda de cobre que é a sua fortuna. Bem: Deus tomará conta do vestuário do pobre, e da brancura do lírio, ele velará para que ao homem não falte o pão e à rola o grão, ele fará no Céu, ao pobre, um saco, um tesouro de boas obras,

de glória, sem temor da ferrugem e dos ladrões.

O rico irá para a Gena, para o fogo inextinguível: um cuidado o emagreceu na vida, uma chama o consumirá na existência extra-humana. O pobre estará junto de Deus, e a sua face será imortal e altiva.

— Porque em verdade vos digo — ensinava o Mestre — que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus.

Assim falava ele à beira do lago, e, desprendendo os homens dos fatais cuidados do mundo, era o criador da paz e o consolador da vida. Os tédios da existência ordinária, a discórdia dos interesses, as humilhações da vaidade, as

invejas, as avarezas, a melancolia da miséria, a apatia da necessidade, as aflições da obscuridade, as desconsolações da doença, todos estes antigos demónios despareciam, e a velha cabeça humana, obscura, cativa, pesada, podia enfim, sentir, esperar, repousar, encostada ao mais profundo seio humano, que o pão da terra tem alimentado.

A alma tinha enfim um lugar, o seu lugar, o seu espaço, que era o *reino de Deus*. O reino de Deus era o reino das crianças, dos simples, dos deserdados da vida, dos que sofrem, e até do samaritano, e até do pagão e do publicano, e até do que habita Sídon. Ah! Vós não quereis esperar nas minhas palavras, amar no meu peito, vós, os fariseus, os saduceus, os escribas, os ricos, os sacerdotes, os

príncipes! vinde vós, pois, os humildes, os repelidos, os lapidados, os enfermos, os culpados, todos os que eles repelem, todos os que eles amaldiçoam! Desgraçados de vós, ó ricos, que estais saciados, porque tereis fome, desgraçados de vós que rides, porque vos desfareis em lágrimas!

Boas palavras que eu amo, eu, que conheço as ricas existências sacerdotais. Os nossos profetas já tinham, contra o rico ímpio e duro, cóleras terríveis em vingança do pobre que é doce e piedoso. Ora o Rabi feria assim violentamente todo o judaísmo sacerdotal do Templo, porque fazia dos que ele despreza e domina os preferidos, os bem-amados do esposo, os amigos de Deus! Que significa na verdade que o fariseu não queira comer com o

samaritano e com o pobre recebedor do imposto? Que quer dizer que os levitas de Caifa vão lavar à piscina os seus vestidos, se à entrada do santuário tocaram num mendigo ou num publicano?

Mas Jesus, na imortal ascensão a que obrigava as almas para o ideal divino, já não somente chamava a si o deserdado, mas chamava o culpado.

— O culpado é infeliz — dizia — merece por isso mais que o justo, o calor do meu seio. O filho pródigo merece mais amor do que o filho cuidadoso, porque é triste na sua alma, e todo em lágrimas.

— Havia uma mulher aqui — dizia-me o homem bom de Chorazim que me explicava estas coisas imortais — que era repelida, mal vista, amaldiçoada; as mães honestas não a queriam ver: só os

escribas da sinagoga se aproximavam dela, mas de noite, sob as figueiras do cemitério, porque de dia, se a viam, tapavam a cara com a túnica, e resmungavam maldições. Esta mulher ouviu Jesus, sentiu-se inesperadamente perdoada, viu-se solta da fatalidade por aquela palavra piedosa, e pela fé purificou-se. É Maria de Cleofas. Segue Jesus, serve-o: quanto mais se humilha, mais o ama, e quanto mais se sente amante, mais se sente perdoada.

Os pobres galileus, que nunca tinham ouvido uma tão doce e elevada palavra, julgavam-se já no Paraíso imortal. Ele ia seguido dos seus, confundido com todas as alegrias, aparecendo nas bodas, e nas noites de noivados misturando-se às danças, com a

sua lâmpada na mão; caminhava pelos campos a pé, dizendo as boas palavras, ou montado num pequeno burro, que os discípulos cobriam com as túnicas; às vezes ajudava a ceifar, ou, assentando-se ao pé da fonte, falava às mulheres, escutava os cantares; entrava nos casais, nos hortos; as crianças vinham, vinham as mulheres: «Rabi, Rabi, diz-nos a boa nova: és tu o Messias?» Limpavam-lhe os pés, iam buscar os melhores frutos, os vinhos de Safe, os legumes que nadam em azeite; as mães mostravam-lhe os filhos de peito que com as suas pequeninas mãos vermelhas e gordas lhe puxavam as barbas: ele ria, agasalhava-os; quando ele passava atiravam-lhe ramagens, desejavam-lhe o bom caminho; os doentes vinham tocar as suas mãos, as viúvas

limpavam as suas lágrimas: ele falava de Deus, endireitava as canas de milho caídas no caminho. Vinham das aldeias e diziam-lhe:

— Mestre, tu és bom.

— Bom só é Deus — dizia ele, sorrindo.

— Mestre, que havemos de fazer para entrar no Paraíso?

— Amai os outros, dai aos pobres, segui-me.

E seguiram-no todos, enlevados naquele sonho ideal, o mais belo, o mais doce, o mais acima da terra que até hoje tem feito o homem.

Então o céu, amigo e compassivo, tocou na lacrimosa terra; então pela primeira vez o olhar do pobre foi seguro e confiado; pela primeira vez o estreito

sorriso do velho conteve a esperança!

6

Mal sei dizer o que o meu pobre espírito, educado na antiga lição do cativeiro, sentia ao suave calor humano e feliz daquelas palavras.

Voltei a Jerusalém: passei sobre o Tabor, donde se vê a larga planície de Esdrelon, amada dos heróis, o branco Hermon, Endor, e as montanhas de Galaad: descansei em Djeneia, a cidade dos Levitas, toda escondida entre oliveiras e palmeiras, depois em De tem, onde José foi vendido por seus irmãos; depois na velha Betúlia, pátria da forte Judite: vi Shomeron, que foi uma das mais velhas cidades de Israel, hoje caída, coberta com muralhas e bastiões de

Herodes: Siquém, junto da qual Abraão ergueu a sua tenda, debaixo dos carvalhos de Mora: Siloeh, onde se fez a partilha do território entre as tribos, e onde pousou pela primeira vez o tabernáculo, depois da conquista de Canaã.

Depois desviei-me para os lados de Jericó, que estava então cheio de seivas e de rosas: junto ao Jordão andavam ainda alguns discípulos de João, cheios de saudade e de desejo: atravessei as lúgubres colinas de Judá, asilo de profetas, túmulo dos heróis: uma madrugada entrei, só, em Jerusalém.

Nesse dia logo subi ao Templo. Junto dos pórticos exteriores, onde trabalhavam ainda cinzeladores de Cesareia, pedreiros de Samaria, vi, entre homens da Galileis, a sita figura de Jesus

de Nazaré. Estava parado, esperando: um homem de Karioth, chamado Judas, curvado diante de um cambiador de moeda, trocava dracmas, atento. Parei, comovido, a olhar profundamente o Rabi. Ele estava triste: os braços caídos, sem vontade, sem gesto; a cabeça desanimada. Tinha nas feições finas, delicadas, pessoais, uma abstração, uma transcendente serenidade. Os olhos cheios de infinito, que pareciam olhar de um lugar inacessível, a testa larga, expressiva como a imobilidade de um céu, assemelhavam-se, superficialmente, como o corpo se assemelha à sombra — aos olhos, à testa de Hillel, de Jesus de Sirac e de um outro, que era como eles dado às contemplações, à abstração, ao ideal. A boca tinha uma forma tão pura, tão leve,

uma imobilidade tão penetrada de graça, que parecia que dela só deviam soltar-se ironias aladas: mas o forte contorno dos lábios, a linha que era como um arco em descanso, tinham uma gravidade, uma beleza austera, que denunciavam a origem das palavras elevadas, e faziam sentir o profeta. Parecia-me ver-lhe, na parte inferior do rosto, uma firmeza, uma expressão de energia, que o tornavam um pouco semelhante a Judas Galaunete, o poderoso agitador, em quem a ação era como um sangue vivo. De resto, um ar simples.

Ele olhava os trabalhos dos pórticos, com um desdém sereno. Nos galileus sentia-se o constrangimento, o isolamento.

Entrei no santuário: nas câmaras

dos serviços dois escribas argumentavam junto da arca do tesouro, com exclamações abundantes. Interroguei-os; disseram-me que o Rabi de Galileia muitas vezes pregara no Templo; que curara alguns doentes dos que se lamentam nas galerias da piscina probática; que argumentara com os escribas, e que em casa de Hanan, na sala do banho, Gamaliel dissera do Rabi:

— Ele é bom e justo; mas não diz coisas novas.

Argumentava-se muito sobre aquela palavra contida e desdenhosa do sábio Gamaliel, entre os privados de Hanan.

— Mas Gamaliel — dizia soberbamente o escriba — é um homem alheio a nós; entretém relações com essa

gente da escola de Alexandria; viaja demoradamente em Siquém onde estão os heréticos, e em Cesareia onde estão os romanos, e dá-se à cultura helénica, desprezando a Lei.

— Homem — disse eu — em que despreza Gamaliel a Lei, estudando e sabendo as letras gregas?

O escriba riu finamente, como em triunfo:

— Pois não diz o Texto — e a sua voz era compassada e enfática — «Estudarás a Lei de noite e de dia, e se assim não fizeres desagradarás ao Eterno?» Ora — e traçava amplamente a capa, tossindo, vitorioso — ora Gamaliel só não desagradará ao Eterno se estudar a sabedoria grega num tempo que não seja nem a noite nem o dia.

O outro escriba, que era Eliel, de Efraim, aprovou ruidosamente, batendo no peito. E sob a sombra pesada do velário saudaram-se, risonhos.

Saí das câmaras levíticas, à hora sétima, quando há nos terraços do Templo uma vida poderosa. Uns argumentavam, ou estudavam a Lei, com as folhas de metal diante de si, em movimentos rítmicos; outros vinham comprar ofertas de pombas e cordeiros: alguns consultavam sobre questões agrárias; muitos vinham trocar moedas; os serventes do Templo passavam com as reses a levá-las às piscinas; tocavam as trompas que anunciavam a hora dos sacrifícios; os doentes cantavam os salmos; as mulheres levíticas lavavam as vestes brancas nos tanques exteriores,

espertavam as fogueiras purificadoras, ou giravam em volta das primeiras colunas, batendo em discos de metal.

Eu entrei na Galeria de Salomão, toda sonora de vozes. Jesus, cercado de galileus, tinha ensinado. Alguns gritavam: «Hosana, ao filho de David!» porque os pobres, os doentes e as crianças, vendo que ele era entre os homens o melhor, o mais temo, o mais consolador, chamavam-lhe o filho de David; os escribas riam; bocejavam desdenhosos. Alguns fariseus, tomados de exaltação, queriam a convocação do Sanedrim. Um velho herodiano, com gestos desolados, lamentava a decadência da escola profética de Israel.

— É um ignorante — diziam, com desprezo, vastos doutores.

Ásperos, zelosos, com a cabeça envolvida na ponta do manto, as barbas eriçadas, insultavam-no. O povo, com o ruído de um arvoredo, falava do Mestre: alguns velhos diziam:

— Sim, sim, irmãos, este é um profeta!

— É o Cristo! É o Messias! — clamavam grandes vozes.

Muitos iam, correndo, prostrar-se diante da Porta da Arca, bradando:

— Graças, Senhor, o Messias chegou!

Os sacerdotes interrogavam, inquietos. Os homens espalhavam-se pelo Templo gritando:

— É o Messias, é o profeta da Galileia!

Os escribas andavam entre a

multidão, explicando, convencendo:

— Que dizeis? Vós não conheceis a Lei?

— A Lei diz que o Messias virá, e que Elias ressuscitará!

— Calai-vos! — bradavam os escribas. — Sois também galileus? Não sabeis que a Escritura diz que o Messias há de ser da geração de David? E não sabeis vós que este é o filho do carpinteiro José, e de uma mulher da aldeia de Caná? Não vo-lo têm dito todos os que vêm de Nazaré?

— É verdade, é verdade — diziam alguns.

— E não sabeis — continuavam — que os Textos dizem que o Messias nascerá em Betlem, e onde nasceu este? Em Nazaré, bem o sabeis.

Uma voz, receosa mas irritada, disse:

— Pois ele nasceu em Betlem!

— Em Nazaré! — bradaram alguns escribas.

— Sim, sim, em Nazaré — disse a gente.

— É, pois, o Cristo? Ide, homens amaldiçoados, que andais afastados da Escritura!

Os do povo calavam-se, mas desciam rapidamente as largas escadarias areadas, porque se dizia que Jesus estava curando e ensinando no Tyrepeon.

7

Fui apressado ao Tyrepeon: Jesus tinha saído a Porta dos Rebanhos, atravessado o Cédron, subido a Betânia.

Quando eu voltava para Bezeta, veio a mim um homem muito conhecido em Jerusalém, que era Jesus Bar-Abbás. Era uma figura descarnada, torta, arqueada, cheia de cicatrizes, imunda, rindo sempre, em farrapos. Era uma espécie de truão de Jerusalém. Tinha gracejos, farsas, deslocações: espancavam-no, ele ria, estendia uma ponta da túnica, para aparar os dracmas. Encontrava-se com a sua lâmpada em todos os noivados, gritando em todos os enterros, com uma pedra em todas as

sedições, em todos os suplícios com uma cântara de *posca*, para vender aos soldados. Tinha todos os desastres da miséria, do vício, e era servil. Os soldados expedicionários espancavam-no, às vezes prendiam-no, mas o povo cobria-o com uma proteção avara. Era casado. Tinha uma voz vibrante, forte para cantar os salmos e imitava os profetas pregando. Cheirava miseravelmente a alho.

Jesus Bar-Abbás pediu-me um dracma, e disse-me que nessa noite Simeon, um rico do Sanedrim, tinha uma ceia para os oficiais do Templo e sacerdotes, fora das muralhas, em Betfagé.

Simeon amava as festas, tinha vivido em Roma, era soberbo: contava com o orgulho que fora amigo do

gladiador Esterius.

Bar-Abbás fazia rir Simeon: comia com os seus servos, dormia nos seus átrios.

Nessa noite fui a casa de Hanan. Nos pátios, João aquecia-se ao lume, junto da velha de Cafamaum.

Caifás e Gamaliel estavam com Hanan. Gamaliel dizia versos gregos: Hanan, repousado, com os olhos cerrados, grave, escutava; Caifás, aquilino, duro, áspero, tinha uma atitude desdenhosa. Dois escribas, encruzados no chão, comiam.

Quando o serão ia remoto, repentinamente Caifás mandou-me a casa de Simeon. O Sanedrim devia reunir-se ao outro dia pela hora oitava: tinha havido exigências do legado imperial sobre os

vasos do Templo.

Um escravo negro de Hanan seguia-me com uma lanterna; a noite era negra, quente, mole: ouviam-se apenas uivar os cães.

Em Betfagé, os servos de Simeon conduziram-me ao pomar onde era a ceia, sob um velário feito à moda grega, suspenso ás ramagens dos cedros. O chão estava coberto de areia vermelha, luzidia. Largas lâmpadas resplandeciam. Flores de Damasco, rosas de Jericó, jasmins de Chorazin, e as plantas fortes de Galaad, pendentes dos vasos negros da Perea como serpentes verdes, penetravam o ar da mole vitalidade que dão os aromas. No chão estavam ânforas, grossos cântaros envoltos em palha, jarros cinzelados. Os escravos frígios, com os longos cabelos

reluzentes de óleo giravam apressados.

Havia ali membros do Sanedrim, escribas, sacerdotes, herodianos, saduceus, fariseus. Todos eram zelosos devotos, amplos em sacrifícios, alguns costumavam cobrir-se de cinza. Estavam todos deitados em estrados, cobertos com lãs de Babilónia. Alguns eram gordos, fortes, vermelhos. Quase todos tinham a fisionomia áspera, adunca, eriçada de barbas. Reduziam cabeças calvas.

O vinho dourado, o vinho de Safed, um falerno de Cesareia, o massico dava uma ampla respiração aos peitos, uma feliz cintilação aos agudos olhos negros. Havia largas risadas. Fariseus austeros, que se ferem nas pedras dos caminhos, curvados sobre os discos de aço brunido, devoravam com um ruído

devoto. Outros tinham olhares ansiosos, e despercebidamente esvaziavam as largas taças de bronze. Alguns decrépitos, desdentados, tinham sobre a barba fios de molho. Velhas mãos trémulas e lívidas levantaram as ânforas!

Alguns, estendidos sobre leitos como animais que ruminam, tinham as túnicas soltas, os braços nus. Cabeças enérgicas, duras, mostravam uma expressão irritada, fixa, vazia; os velhos tinham largos risos cínicos. Uns dormiam, outro cantava. Um velho curvado, frouxo, rouco, lembrava as mulheres, e os fariseus riam. Entre esta multidão sacerdotal havia um romano. Era Publius Sextus, lugar-tenente do legado imperial; falava com palavras abundantes, largos gestos. Era pálido, com uma pequena cabeça enérgica

e voluntária; era devasso, servil, falso, luxuoso, e vinha de Cáprea.

Era ali escutado como um profeta na antiga Israel; falava da Via Ápia, das festas de Roma.

Eu escutava, encostado a uma árvore, na escuridão, concentrado e triste.

— Só em Roma se vive — dizia ele. — Isto é pior que o bairro das Esquílias. Não é por vós, Simeon, que tendes a escola do vosso amigo Ventidius, homem que sabe comer; mas, na verdade, que nos recebem aqui como Evandro recebeu Hércules, com farinha cozida e uma esteira espartana.

— Mas vós outros, os Romanos, sois glutões e amigos do vinho! — disse Nathaul, um escriba, homem invejoso, com lábios carnais.

Mas Publius falava de uma ceia em casa de Ático, antes de vir a Óstia embarcar com o legado da Síria.

— Quereis saber? — perguntava.

— Dizei, dizei — gritavam curiosamente pela mesa.

— O chão era de mosaicos gregos. Entre as colunas havia largos panos tecidos de aço, pesados, à moda de Cartago. Um vapor de água tépida penetrava os músculos, enlanguescia. Tínhamos esfregado os braços, o peito, com pedaços de pele de tigre humedecida de óleo. Os membros estavam ágeis, fáceis para as danças, para as escravas! Do teto caíam folhas de rosas húmidas!

Todos tinham olhos cintilantes; estendiam-se para escutar; alguns estavam de pé, junto de Publius.

— O trinchador — dizia ele — o trinchador, meus amigos, era o próprio Tripherius! Tínhamos lebre, gazela, faisão de Lichtia, cabras da Getúlia, javalis, cordeiros de Tibur, que nunca tinham comido erva, e tartarugas delicadamente preparadas em molhos da Campânia, na própria concha, polida, transparente! Moreias do lago Lustrino, lagostas nadando no azeite de Venafre! As taças eram de âmbar. Que dizeis vós?

Os austeros doutores, os graves herodianos, os fariseus, cevados, oleosos, com os beiços luzidios de molhos, a boca riscada de vinho, tinham um olhar ávido, guloso, ímpio, para as palavras de Publius.

Bar-Abbás, entre os escravos, tinha os olhos humedecidos pelo desejo.

Todos admiravam.

O romano dizia o fim da ceia e as gaditanas que entravam, envoltas em tecidos diáfanos, correndo em coreias, em volta dos triclínios, e aspergiam a cabeça dos saciados com lilases molhados em falerno! — E falava das mulheres romanas do bairro de Suburra; e com uma voz branda, curvando-se:

— Que estas mulheres sírias — dizia — têm uns olhos escuros que valem centenares de sestércios.

Os outros riam. Falavam baixo, jovialmente, contavam, lembravam, desejavam.

— Estas mulheres são castas e cuidadosas, as romanas são devassas, e tudo ali terminará, como em Sodoma e Nínive!

Quem assim falava era um fariseu, Essen, homem magro, lívido, cavado de jejuns, com uns olhos tenebrosos, cheio de barba. Não comia, e parecia constrangido, isolado. Tinha vindo para amaldiçoar, para lembrar a morte, e o terror de Jeová!

— Devassas, dignas do fogo, para vós, devotos e zelosos! Mas belezas impecáveis, imortais, para quem pode desapertar a rede de ouro em que elas prendem o seio! São os seus costumes que as tomam desejadas, que as fazem mais apetitosas que todas as farinhas molhadas em leite que elas põem na face, e que todos os unguentos de Proppea.

Publius falava, inflamado, descomposto: tinha gestos lascivos; bradava os nomes das damas romanas:

— Vede Laupella, uma patrícia! E

Medulina! E Hillia, que se namorou do ator Urbius, e Hippra, que fugiu com o gladiador Sérgio, e Hipulla, que em plenos jogos megalésios, diante do povo romano e das legiões, cuspiu na estátua do Pudor!

Uma larga risada sacudia os peitos. Bradavam:

— Contai, contai!

Enchiam as ânforas: arrepelavam os escravos. De bruços, sobre a mesa, com a cabeça apoiada nos braços, esperavam voltados para Publius, com olhos perturbados. Os velhos abriam largamente uma boca escura, sem dentes. Os olhos reluziam. Havia gritos.

Um escriba da arca do tesouro gaguejava uma cantiga siciliana, com voz áspera, arrastada. O círculo de cabeças

ávidas, duras, curiosas, destacava violentamente no escuro. Publius exclamava, com palavras tumultuosas: tinha a túnica clara manchada de vinho; tinha os braços nus, brancos, femininos: e com largos gestos.

— E Túcia, e Túcia — gritava — eu via-a um dia no teatro, quando o ator Bactylo fazia com toda a sorte de lascívias o papel de Leda, torcer-se no seu lugar, arrancar a rede dos seus seios, e com os olhos mortalmente lânguidos chamar a altas vozes: «Bactylo, Bactylo, vem!»

Largas risadas. Alguns gritavam, imitando o romano:

— Bactylo, Bactylo!

Os velhos torciam-se nos seus triclínios, tomados de riso, de escândalo.

Alguns escribas gritavam: «Viva Roma!» Os fariseus tinham olhos terríveis, uma atenção árida. Um cortava violentamente o pau do estrado, mordendo os lábios!

Publius pedia falerno, folhas de louro, insultava a indolência dos escravos, queria lançar fogo ao velório e dizia:

— Quem conhece Cessénia? Ninguém conhece Cessénia? Cessénia tinha de dote seis milhões de sestércios. Casou com Sertório, o pobre, com a condição de poder escrever diante do marido os bilhetes aos amantes, e poder ir deitar-se uma vez cada mês, para quem entrar, no leito alugado de um lupanar de Suburra!

Os escribas riam, esvaziavam as taças, desafogavam o pescoço das túnicas

pesadas, lançavam para longe as folhas de metal presas à cintura, onde está escrita a Lei. Um, ébrio, com os olhos riscados de sangue, pedia o culto de Baal.

Alguns sacerdotes tinham adormecido sobre os triclínios, curvados, enroscados, imóveis. Os fariseus torciam os braços, falavam de Tiro.

Plubius clamava:

— Pois que há de melhor que ver uma patrícia, de longo penteado e saia curta, depois de estar cheia de ostras e lagostas irritantes, beber de um trago numa enorme taça o falerno consular, e vir, resvalando sobre o mosaico húmido de vinho, cair sobre o nosso peito, gritando em grego: «Minha alma, minha vida, ai!»

E Publius arqueava lascivamente

os braços, deixando pender a cabeça, a garganta túmida de suspiros, arquejando!

Os escribas, os fariseus estavam cheios de delírio e de vinho. Riam animalmente. Soltavam grandes gritos. Alguns rolavam -se no chão: mordiam as almofadas dos triclínios. Derramavam o vinho sobre os vestidos, abraçavam os escravos, quebravam as taças, exaltados. Um jogava a luta com uma árvore, depois envolvia-a, beijava-a. Cantavam em grande voz os cantos do tempo de Salomão, dando-lhe expressões lascivas. Feriam a cabeça contra os grandes jarros cinzelados. Corriam inflamados, como num mistério sagrado. Alguns gabavam-se de devassidões ocultas. Falavam de dinheiro, de banquetes, de mulheres, de prostituições sagradas no fundo dos

bosques!

Publius gritava:

— Não sabeis, fariseus, não sabeis a aventura de Lentullus?

— Não, não! — bradavam alguns penetrados da alegria, do escândalo, de curiosidades inflamadas.

— Lentullus casa com uma virgem patrícia, neta de cônsules: nove meses depois prepara, segundo o costume, para o filho que vai nascer, o berço de tartaruga, coberto de estofos e de ramos de loureiro, e expõe-no às boas palavras dos que passam. Mas toda a nobreza da Via Ápia rompe em risadas. O filho de Lentullus era a imagem viva do bufão Eurílalo, e tinha, como ele, três verrugas no queixo.

A risada fazia o ar sonoro.

Publius, de pé, manchado, com a túnica rota, descomposto, gritava:

— Ouvi, ouvi!

Escutavam com um riso inquieto.

E Publius enfático:

— Os atores — dizia — os gladiadores, os bufões, os tocadores de flauta, os truões, são os pais de todas as crianças que nascem na nobreza romana!

Um velho fariseu, elevando sacerdotalmente uma ânfora, gritou com uma voz terrível:

— Vivam os truões!

A multidão sacerdotal bradava, uivava, cantava, rojava-se pelo chão. Era bestial e imundo.

Aquele ruído parecia-me triste como um cálice de pedra de sepulcros.

Bar-Abbás, espancado,

cambaleava, blasfemando, imundo e jovial.

O vinho começava a domá-los, alguns escorregavam, caíam, agitavam-se como agonizantes, e perdiam os espíritos num sono petrificado. Outros penetravam na espessura do pomar, buscando as frescuras da erva e da água. Uns falavam como num delírio grotesco. Dois escribas argumentavam, frenéticos, hostis. Um forte e vasto fariseu, de bruços sobre a mesa, o olhar fixo, bestial, roía monotonamente uma flor.

Simeon ressonava no seu estrado. Publius no chão húmido. Os escravos deitavam peles sobre os dormentes. Os lampadários extinguiam-se. Vinha um frio húmido. Cantavam os galos.

Eu atravessei o pomar, subi a um

terraço.

Uma claridade assustada, abatida, aparecia. Eu via ainda reluzirem lâmpadas nos pequenos bazares que estão sob os cedros do Monte das Oliveiras. Ouvia-se o rumor grave do Cédron; por vezes o grito de um chacal. Via Betânia; ali Jesus dormia sereno, puro, impecável.

Voltei aos pórticos da casa, pela rua areada do pomar. Ali havia um rumor; os escravos, agitados, falavam. Alguns da milícia do Templo tinham encontrado, no Pórtico de David, nas lajes, uma mulher nos braços de um homem. Era uma adúltera; a milícia trazia-a a casa de Simeon, que naquela semana fazia a condenação dos desacatos ao Templo, em nome do Sanedrim. A milícia tinha sido diligente, apressada, minuciosa, porque a

miserável era mulher de Bar-Abbás, e todos queriam ver as contorções joviais, o desgosto grotesco do truão! Mas Bar-Abbás estava prostrado, imóvel, enroscado, no chão.

Pui ao lugar do velário; os doutores, os fariseus acordavam; era já manhã azul; todos se erguiam, fatigados, sombrios, calados, hostis; aconchegavam-se nos mantos, lívidos, tomados do frio; procuravam os cintos das túnicas, amarravam as franjas, apanhavam, limpavam as lâminas da Lei; sacudiam-se, penetrados do orvalho. Queriam água clara, fria; os escravos traziam largas conchas de jaspe; bebiam, mergulhando a cabeça; enchiam as taças; alguns iam estirar-se, de rastos, junto de um regato, e bebiam com a cabaça entre as ervas.

Simeon, absorto, sonolento, bocejava.

— Vinde — dizia-lhe eu — tendes serviço; vieram uns da polícia, com uma miserável mulher.

Simeon, trémulo de frio, febril, encolhido no manto, caminhava, arrastando os coturnos, para o seu pátio civil. Fariseus, doutores, membros do Sanedrim, seguiam-no. O pátio era largo, em colunas. Uma lâmpada esmorecia. O cão acorrentado rosnava.

Os da milícia falavam, riam, partiam um pão escuro, bebiam
em cântaros. A mulher, caída sobre o chão, rota, sonolenta, imbecil, soluçava. A túnica aberta deixava ver a forma impecável do seio.

Simeon interrogava.

— Vem presa — dizia eu, com

uma voz forte, que dominava, no silêncio — acharam-na à porta do Templo, no Pórtico de David. Vede-a. Estava em ato de adultério.

— Oh! — disseram todos, indignados.

E fariseus, escribas, sacerdotes, recuavam, escondiam a cabeça nos mantos, estendiam a mão espalmada, esconjurando:

— Lapidada, lapidada — disseram, irritados.

Alguns cuspiam-lhe sobre o seio. E saíam apressados, erguendo os mantos, para que não tocassem o chão, impuro pelo contacto da mulher adúltera.

Essen afastou-se, e falou junto ao ouvido de Simeon.

— Sim, sim — disse Simeon; e

voltando-se para os da milícia: — Esta mulher que seja aqui guardada até à hora sexta.

Eu saí. Os soldados romanos abriam, com estrondo metálico, as portas de Jerusalém. A multidão apressava-se: vinham os vendedores de legumes das hortas de Betfagé, da Betânia: os camponeses de Betel traziam os sacos de trigo: passavam solenemente as fileiras de camelos. Um beduíno de Idumeia conduzia rebanhos: as reses balavam. Do alto da Torre Antónia vinha um som de trompas: entravam velhos mercadores sentados em seus burros: um vidente clamava!

8

Eu ia triste: o amanhecer, a aparição espiritual da aurora, enche de melancolia depois das noites tomadas de vinho, fartas de carne. Demais nunca os tenebrosos devotos me tinham despertado, pelo seu artifício, tão altivos desprezes.

Mal dormi, durante o resto da madrugada: à hora quarta, encaminhei-me, obscuro e insulado, para os meus monótonos ofícios do Templo. Alguns dos fariseus, dos escribas que se tinham rojado nas relvas de Simeon já argumentavam, ajustavam reses para os sacrifícios.

O dia estava nublado, hostil ao homem. Eu afogava-me na melancolia:

pensava nos prados da Galileia, nas águas do lago, nas espessas folhagens: Jerusalém, cidade de pedra escura e de negra intriga, pesava-me. Sentia-me desligado da vida sacerdotal. E dizia: «Se eu fosse um pobre cultivador das vinhas de Safed, um semeador das planícies de Safed, um semeador das planícies de Saron!»

A multidão provincial enchia o Templo: havia o ruído de um mercado: a minha irritação crescia: percebia em volta de mim uma influência material, dura, mesquinha, sufocante! Ia-me encostar à balaustrada da Galeria de Salomão, olhava as verduras, as hortas, os cedros do Monte das Oliveiras: mas tinha de entrar nos santuários, de roçar pelos fariseus, escribas, por aquelas hierarquias

sacerdotais que me amargavam. As colunas enormes e brancas, as portas esculpidas em bronze irritavam-me: invejava a erva que cresce junto às pedras dos mortos.

Aquela vida sem fé, sem dignidade, era-me tão odiosa como me seria odioso o meu corpo se ele se petrificasse, deixando-me a alma livre. Para qualquer lado que olhasse daquela organização sacerdotal, só via uma hipocrisia ou uma especulação, ou uma vaidade ou uma humilhação: os sacerdotes que se prostram à entrada do santuário, sustentado por dois levitas risonhos, no seu êxtase enfastiado; os argumentadores vãos, artificiais, vazios; os doentes que cantam os salmos, mendigam, riem, fazem a ostentação

ruidosa das suas chagas, tudo me dava um tédio obscuro e atormentado. Sentia em mim cóleras de bárbaros: agradava-me a ideia de desprezar com um açoute aquele sacerdócio aviltado que vive do Templo, lhe compreende a vaidade e lhe aceita o lucro. Quantas vezes eu percebi o sorriso impercetível dos sacerdotes sacrificadores diante da piedade simples e crente de pobres galileus e de provinciais ingénuos!

Invejava quase o Romano, o Grego, o mercador de Tiro, que não é de Jerusalém, nem do Templo, que não habita neste espaço duro, entre o Acra e o Moriah, cativos e gementes!

Que temos nós em Jerusalém de bom, de justo?

— Temos uma pátria? Não — E

olhava a Torre Antónia, onde os expedicionários, com grande ruído, atiravam à barra.

— Temos uma religião, uma fé? Não — E via os sacrificados vestindo os pertuais, para degolar a pomba da rocha sagrada, enfastiados, bocejando das noites mal dormidas na encosta de Sião ou na rua do Alto Mercado, no leito do cortesão de Cesareia!

— Temos nós uma ciência, uma lei elevada, forte, justa? Não! — E olhava aqueles estéreis, consumidos doutores, clamando contra uma palavra, e argumentando se os papiros devem ser enrolados ou dobrados para agradar ao Senhor!

Até a brancura do Templo, aquelas escadarias novas polidas, aqueles frisos

pálidos e nítidos, me faziam o efeito do quer que fosse que não tem alma, nem passado, nem legenda! Eu sentia que o ideal já não habitava Jerusalém!

Ambicionava ter a palavra de Isaías, a ciência de Gamaliel, a popularidade de Judas Galaunete, e à frente das multidões do Norte, Galileus e Samaritanos, gente espontânea e forte, derrubar tudo na escura cidade, desde o pórtico onde ora o fariseu, até à ameia donde escarnece o Romano. Estes pensamentos enchiam-me, resultados da noite perturbada, ou de um estado elevado de consciência, ou enfim da reação que em toda a alma honesta aparece um dia, contra o que ela julga, o erro ou a vaidade.

— Ah! Jesus de Nazaré —

pensava eu — é o único homem que nos poderia salvar, ou como um Messias, ou como um Macabeu, ou como um simples, que tem a fé e a justiça! Mas terá ele a ação?

Aqueles braços consumidos de se erguerem em vão para o seu ideal terão o vigor de sustentar a velha espada da pátria Judeia? Será ele o homem humano, forte, duro? Ou o seu corpo é apenas o cárcere de uma alma melancólica e transcendente?

O Rabi de Nazaré tem popularidade na Galileia; as suas máximas largas, onde cabem o pecador e o pagão, chamar-lhe-ão a Samaria; a Perea é um país de profetas; o povo de Jerusalém sofre todos os dias a vexação de Roma; todo o país cultivado, que vai

até Jopé, é infeliz, porque o tributo devora a seara. Poderá Jesus de Nazaré fazer este movimento popular?

Porque a ideia de uma pátria perseguia-me, como uma voz que pede socorro.

— Porque não? — dizia eu — eu surpreendi já nos seus olhos uma vontade dura: porque há de ele ser apenas abstração, zomba, símbolo?

E pensava em falar a Jesus de Nazaré. Estas ideias aliviaram-me, como inesperadas consolações.

O dia azulava-se, enchia-se de sol imortal. Eu sentia, junto aos pórticos, onde esperam as reses dos sacrifícios, o profundo mugir dos bois: tinha a sensação da Natureza verde, de tempos repousados, contentes.

O Templo estava cheio do rumor da multidão civil. Eu descia a larga escadaria para o Pátio da Balaustrada: vi Jesus de Nazaré junto do pórtico onde estão as inscrições latinas e gregas de entrada defesa, cercado de galileus, de povo. Os de Jerusalém começavam a atender às palavras de Jesus: ainda que penetrados da educação farisaica, e limitados num espírito estreito e hostil, achavam verdade, doçura, nas parábolas do Rabi da Galileia: era o povo do baixo mercado, dos arredores de Betânia, de Betfagé, do Monte das Oliveiras. Os mercadores, os ricos, mesmo os mais afastados dos zelos farisaicos, tinham para a palavra do Mestre o riso áspero, o desdém, ou a indiferença.

O Rabi de Nazaré estava triste.

Sentia-se decerto isolado, sufocado, naquele mundo hostil, argumentador. Jerusalém devia pesar à alma delicada e aspiradora do Mestre. Lamentava decerto os seus campos da Galileia, as solidões consteladas, os pomares de Chorazim. Naquela alma passava-se uma luta dolorosa entre a fé, a convicção que o retinham em Jerusalém, e os seus instintos todos suaves, idílicos, que, com vozes amantes, o estavam levando para os prados da Galileia! A sua vida até aí tinha sido larga, fácil como a sua túnica, toda penetrada do amor, da luz paradisíaca do reino de Deus.

Em Jerusalém a sua vida seria de luta, de intriga, de hostilidade, de desdém. E onde tinha tomado o doce Mestre do lago a energia, a resistente fibra, para

esses dias amargos? Nos embalos da água, no ar doce das montanhas da Galileia, na leitura serena da sinagoga de Magdala, no amor humilde dos seus companheiros? O homem muito amado pode ser forte? A felicidade simpática, as intimidades femininas, a piedade dos velhos, podem dar a dureza, a altivez, a atitude indomável? Não, não: em presença daquelas poderosas hierarquias sacerdotais, da hostilidade minuciosa dos escribas, das oposições farisaicas, da impassibilidade inimiga de Jerusalém, a sua alma acostumada a ser amada, rogada, devia fechar-se asperamente no seu ideal, como em uma concha. O receio da morte era, nele, decerto maior do que a repugnância que devia fazer à sua alma virginal o escárnio, a argumentação

vingativa, o opróbrio. Viver sempre na Galileia, pregar o seu coração, dar-se em amor e em verdade aos infelizes mal-amados e transviados, ter a eterna serenidade do seu idílio social, que doce futuro, terno, purificado, coberto de luz!

E estava ele bem certo de convencer as almas, de converter as hostilidades? Como seria compreendida a sua palavra de amor, igualdade, perdão, pobreza, neste mundo todo egoísta, avaro, hierárquico, agonizador, político? Não ia ser repelido por um imenso desdém? Ele só pela sua palavra etérea, pela promessa do reino de Deus, como lutaria com estes sacerdotes que têm liteiras, milícias, escravos frígios, colunas de mármore grandes como torres, e um templo edificado como uma eternidade? E os seus

olhos voltavam -se com amargura para as edificações de Herodes, o Grande!

Os galileus tomaram, nas suas feições e perfil, da melancolia do Mestre: eles, pobres camponeses ignorantes, sentiam-se esmagados no meio de tantos mármores do Templo, de tanta ciência de doutores, de tantas forças civis!

Jesus ia com passos casuais pelos terraços do Templo: os seus olhos tinham um vago inefável: os discípulos mostravam-lhe ou um sacrificador revestido, resplandecente, ou as altas colunas incrustadas de jaspe, ou as lâminas de ouro do santuário: ele olhava, infinitamente triste com um desdém abatido.

Eu estudava junto dele o movimento provável, lógico, das suas

ideias: mas um grande rumor encheu o Templo.

Jesus de Nazaré estava nos altos terraços, donde se domina todo o baixo recinto do Templo.

Pelos pátios, pelas escadarias, aproximava-se uma multidão cheia de vozes, de gritos penetrantes.

Adiante, entre alguns da milícia sacerdotal, armados de paus, couraçados de peles de búfalo, vinha uma mulher, arrastada; escribas, fariseus, herodianos, inflamados de zelo, cheios das vinganças da lei, vinham em volta, com largos gestos de cólera, ásperas imprecações. Os negros olhos irritados reluziam. A mulher a todo o passo caía, abatia-se, duramente espancada: tinha fortes cabelos negros desmanchados, os pés riscados de sangue,

a túnica despedaçada, o rosto levemente aquilino, tomado de aflição.

A multidão dura clamava: todos corriam, curiosos: vinham os vendedores de pombas, os cambiadores de ouro: os escribas saíam do santuário: vinham os pregoeiros, os demandistas, os que passeiam na rua com fardos, ou conduzindo gados; os doentes da piscina arrastavam-se, os coxos corriam com grandes deslocações nas suas muletas.

Todos interrogavam, queriam penetrar até aos soldados, aos fariseus, havia uma curiosidade bárbara: alguns subiam às balaustradas, e estendendo o manto sobre a cabeça, contra o pesado sol, olhavam avidamente: as aves de sacrifício assustadas esvoaçavam, as reses balavam. Os sacerdotes revestidos à

porta do santuário sobre a tripeça de bronze olhavam, interrogavam. A multidão enchia as escadarias e os pátios.

O Rabi de Nazaré estava no terraço, imóvel, sereno, cercado dos seus galileus: defronte dele havia um espaço batido do sol: os soldados pararam ali, e a mulher caiu sobre a pedra, sufocada, abandonada, torcendo os braços. Era alta, escultural, de fortes cabelos, cm uma semelhança pagã.

Então, num grande silêncio, um escriba, que vinha, caminhou para Jesus, e com a voz austera, altiva, disse:

— Rabi, sabemos que és justo e verdadeiro; aqui está uma mulher que foi achada em adultério nos pórticos do Templo.

— Lapidada, lapidada —

prorrompeu a multidão.

Erguiam-se braços com paus; apareciam rostos inflamados; sentiam-se os gritos agudos, arrastados, das mulheres.

Jesus tinha o olhar abstrato; aos seus pés a mulher soluçava. Os soldados riam.

O escriba falava, com gestos abundantes:

— Rabi — dizia — a lei de Moisés, a nossa lei, diz que a mulher adúltera deve ser lapidada; mas tu, que a comentas, explica a Lei; o que pensas tu, Rabi?

Jesus olhou o escriba, serenamente.

— O Rabi de Nazaré perdoa sempre esses pecados — gritou alguém

entre a multidão.

Sentiram-se risos. Um velho, áspero, adunco, gritava:

— Ele vive com as mulheres possessas; ele vive com os publicanos!

E um fariseu bradou:

— É o Salomão das mulheres perdidas.

Toda a multidão riu largamente; mas o escriba mostrava o plilectério onde anda escrita a Lei, e exclamava:

— Ouve bem, Rabi, a lei de Moisés manda-a lapidar.

O povo cruel dizia num clamor:

— Lapidada, que seja lapidada!

Alguns fariseus gritavam:

— O Rabi, e o Rabi de Nazaré!

Os sacerdotes, escandalizados, faziam ver os centuriões da milícia

templária. Á multidão era espessa; os mendigos apregoavam *posca;* os vendedores de Betfagé mostravam pombas enfeitadas de escarlate; os doentes da piscina iam entre a gente, mostrando as chagas, dizendo os salmos, pedindo dracmas; da Torre Antónia cabeças de legionários espreitavam.

Então uma voz aguda, vibrante, amarga, gritou:

— Essa é a mulher de Jesus Bar-Abbás.

Uma risada sonora, pesada, tomou o povo: os soldados apertavam as costelas; os sacerdotes, junto às portas da ara, riam nas suas longas barbas, fazendo oscilar as pesadas mitras cravejadas. Entretanto os fariseus iam entre os homens, contentes de riso, dizendo:

— Esse Rabi de Galileia quer que seja perdoada; é um homem impuro, que despreza a Lei.

Alguns queriam levar o Mestre diante do Sinédrio.

Mas na multidão havia uma oscilação; sentiam-se gritos, risadas joviais, vozes; o povo afastava-se; e de entre a sua escura espessura vinha empurrado, repelido, atirado, um homem.

E vozes alegres bradavam:

— Aí vai Jesus Bar-Abbás, aí vai!

O homem esfarrapado, absorto, assustado, veio estacar, olhando, nessa áspera inquietação, como um boi espantado, junto de Jesus.

Era Bar-Abbás.

Viu a mulher soluçando, caída sobre as largas lajes.

E olhava, com os olhos vibrantes, voltava-se, recuava, e tomando, com ambas as mãos, violentamente, uma ponta da túnica, estendeu-a para a multidão, gritando:

— Quem dá para o luto?

O povo ria; bradava:

— Lapidai-a, lapidai-a!

Bar-Abbás dizia:

— Lapidai-a, dai-me para o luto!

E ria, com grandes contorções, com visagens. A mulher chorava.

Havia um clamor; o povo pedia a lapidação; os fariseus, os escribas diziam que o Rabi queria o perdão, o desprezo da Lei.

— Fala. Rabi, fala — gritavam-lhe de entre a multidão.

Mas Jesus olhava sereno, calado.

Então um escriba, erguendo os braços, convulso, com a voz mordente, colérica, bradou:

— Sim, sim, povo de Jerusalém, o Rabi de Galileia despreza a Lei, quer o perdão da mulher adúltera.

Ergueu-se um clamor inimigo; alguns, zelosos, erguiam paus, pediam a morte.

Mas João, exaltado, tomando o braço ao escriba, bradou-lhe poderoso, irritado:

— Quem te disse que o Rabi de Nazaré perdoa à mulher adúltera? Ele manda lapidá-la.

Havia um silêncio. E Jesus, adiantando-se, em toda a nobreza da sua estatura, para a multidão, com um olhar inflamado de luz, disse:

— Sim, lapidai-a, e aquele de vós outros que se julgar sem pecado, que lhe atire a primeira pedra!

A sua voz era forte, côncava, misteriosa, assustava.

A imensa multidão estava calada, absorta: alguns rumores elevaram-se; os fariseus, os escribas afastavam-se, rosnando. Alguns velhos choravam: vozes diziam: — É o Messias, é o Messias! — Todos se dispersavam. Os largos pátios reluziam ao sol, quase desertos.

Eu afastei os soldados, soltei a mulher: os fariseus, em grupos irritados, concertavam, à porta do santuário, entre os centuriões da milícia templária.

Eu que tantas vezes assistira às lapidações de adúlteras, estava concentrado, absorto: aquela palavra,

caída no meio da minha educação judaica, perturbava toda a organização do mundo interior que nos habita. Alegrava-me em ver, com uma palavra simples e genial, a hipocrisia de uma raça ferida na sua essência: tinha admirações inesperadas pelo espírito harmonioso do Mestre da Galileia.

— Sim, sim — dizia eu — Jesus de Nazaré, pelo seu génio simples e justo, pela delicadeza penetrante da sua palavra, pelo seu ensino sobre a riqueza, sobre os pobres, sobre o perdão, sobre o culto, e pela influência poderosa do seu ser sobre os homens, está destinado, talvez, a ser a regeneração de Israel. Se ele tem apenas o espírito, eu terei por ele a força. Ai de mim, ignorado, fraco, tímido, mais especulativo que ativo, como poderia eu

ser o homem decisivo de uma insurreição?

Mas o tédio da vida presente, uma mocidade ávida de ação, o desdém irreconciliável pelo Templo, e pela sua gente, o prestígio que em mim tinha a vida do agitador Judas Galaunete, tudo isso, e o desejo de me aproximar do Mestre da Galileia me levou a procurar João, de Cafarnaum, e a pedir-lhe, simplesmente, rapidamente, que me levasse a Jesus de Nazaré. João disse-me que à noite estivesse junto à Porta dos Rebanhos; viria um homem que me diria esta palavra *Shalon*, que era a saudação usada do Rabi, que o seguisse, e pela noite alta falaria a Jesus.

Uma trémula inquietação me tomou até ao anoitecer: o contacto com

aquele homem, a gravidade das ideias que eu lhe levava, o perigo, tudo me tornava mais perfeito de sentidos, mais abundante de palavras, mais pronto de fé.

9

À hora terceira da noite, eu descia por entre os pomares que têm a sua raiz na encosta onde assenta o bairro de Bezeta: era num horto, junto ao Monte das Oliveiras, que eu ia ver Jesus de Nazaré.

A noite estava cheia de um luar vivo, profundo: havia sombras suaves sob as largas ramagens: um silêncio doce ocupava a terra. Ouvi apenas um canto, triste, arrastado: alguma pobre mulher embalava o filho, chorava o marido levado para as legiões de Roma.

O homem que me guiava abriu uma porta, estreita, de vime: entrei num espaço coberto por folhagem de cedro: sentia-se frescura de água, cheiro de plantas.

A Luz alumiava, defronte, um espaço aberto, areado, com um banco de pedra: aí, com os braços cruzados no regaço, a cabeça apoiada ao muro, olhar afogado no espaço alumiado, estava Jesus.

Ergueu-se, lentamente, e disse:

— Paz.

— Paz e alegria, Rabi — disse eu. — Velavas?

— Velo sempre. Bem-aventurado o que vela! Ele é como o servo diligente, que espera acordado o seu senhor que foi para as bodas: e mal o sente chegar, corre logo a abrir.

Jesus calou-se, perdendo o olhar no inefável espaço luminoso.

Eu aproximei-me, e com uma voz profunda, convencida, disse:

— Creio em ti, Mestre!

Jesus olhava, enlevado, transcendente.

Havia um silêncio; eu estava constrangido, e dizia para o chamar às nossas comuns imaginações:

— Rabi, o que é necessário, segundo pensas, para alcançar feliz a vida eterna?

Jesus pousou em mim, demoradamente, os seus olhos severos.

— Serves o Templo — disse — serves a Lei, e não conheces a Lei; a Lei que diz?

— A Lei — disse eu — ensina que amemos a Deus sobre tudo, e aos outros como a nós.

— E eu digo como a Lei.

E olhava-me, penetrantemente:

falava como num sonho, ou a alguém invisível.

— Não se pode servir bem a dois amos: um deles se há de desprezar, outro servir. Não se adora no mesmo coração a Deus e a Moloch.

Compreendi que o Rabi não tinha confiança em mim: que me julgava um emissário do Templo para lhe escutar a doutrina, e dar testemunho contra ele.

Respondi com uma dignidade dura:

— Tens para mim palavras desconfiadas, Rabi. Chama João. Ele sabe que creio em ti, e que não vou dar-vos testemunhos que o Sanedrim põe por trás das portas dos blasfemadores da Lei. O meu corpo serve e vive no Templo, mas muitas vezes o meu espírito tem andado

contigo, em desejo e em verdade, no teu lago de Tiberíade. Chama João.

O Rabi considerava-me atento.

— O homem — disse ele — dá testemunho do homem: só Deus conhece os corações.

— Pois bem: tu, que segundo dizem, és hoje o maior vidente de Israel, tu julga, ou condena minha alma.

Dizia isto grave, firme, áspero. Jesus de Nazaré, com o rosto esclarecido, disse-me docemente:

— A fé salva.

E depois de um momento:

— E quem dizem então os de Jerusalém que eu sou?

— Uns, Mestre, dizem que és Elias, ou o Batista ressuscitado, outros que és o Messias; os fariseus pensam que

és um blasfemador ambicioso, ou um simples sincero, a maior parte ignora-te: esta é a verdade.

— E tu quem dizes que eu sou?

— Eu, digo que és um homem justo, e uma elevada consciência das coisas divinas. Digo que és um homem mandado providencialmente, num tempo humilhado e vil, para erguer as almas, desmascarar as hipocrisias, vingar a pátria! Penso que se tens de ter uma ação no mundo, essa deve ser insurgires-te contra a aristocracia do Templo, contra este espírito estreito de Jerusalém, contra este culto pagão das tradições, contra o fariseu e contra o romano, ser o consolador, ser o vingador!

— Homem, em que espírito estás?! Eu vim a salvar as almas, e não a

perdê-las.

— E é perdê-las, torná-las justas? É perdê-las, o combater este sacerdócio rico e indiferente, este culto ensanguentado, hipócrita?! É perdê-las o quebrar-lhes este destino que as traz escravas, sempre choradas e sempre perdidas, e agora sob o arbítrio dos favoritos imbecis de Tibério?

— Essas coisas pequenas não me pertencem: são do mundo.

— Perdoa, Rabi: mas a que vieste então? E tu quem dizes que és, te pergunto eu agora? Queres ficar eternamente pregando e contemplando no lago de Tiberíade, e andar errante pelos cásias? E pensas que isso influirá sobre os homens, tanto sequer como uma folha seca? Pensas fazer uma revolução na Judeia,

acariciando as cabeças louras das cri ancas de Chorazim, e contando parábolas, entre os campos, aos simples e às mulheres? Compreendo que a tua ambição não seja maior, e que te baste a felicidade de um sonho na fraternidade dos simples. Mas então para que vieste a Jerusalém?

Para que pregas no Templo? Se tu não és uma iniciativa revolucionária, o que és então? Que és tu, se não és uma forte intensidade de vontade? As máximas que tu pregas são de Hillel, são de Gamaliel, são de Jesus de Sirach: sei que há coisas novas no teu ensino, mas o que nelas há de grande é a tua força de convicção, e a tua fé, e a tua profunda virtude, e o teu amor do sacrifício, e a tua infinita vontade. De que te servem então estas qualidades, para que as guardas?

Não és tu judeu? Não é a tua mãe de Caná? Não podia teu pai ser levado legionário para Roma? De que nos servem essas parábolas, essas ironias, essas respostas excelentes, se elas não vão ferir a riqueza do saduceu, a hipocrisia do escriba, a vexação do romano? Queres abster-te da ação? imaginas que as prédicas do Templo e o ensino sobre as montanhas, só pela sua verdade abstrata, podem combater, vencer um mundo completo, organizado, civil, rico, amado? Imaginas que se pode repetir o milagre das trompas de Jericó? Crês tu que um mundo inteiro, tribunais, templos, ofícios, mercados, sacerdócios, escolas, tudo fortemente ligado, se dissipe como uma visão, porque um homem simpático se ergue num caminho e diz: «Amai-vos uns

aos outros, e sereis amados do vosso Pai celeste!» Não! tal não será, Rabi!

— Pela vossa incredulidade! que se tivésseis a fé tanto — eu sei? — como um grão de mostarda, e disséssеis àquele monte: passa-te daí!, o monte passaria! Oh! geração incrédula, geração incrédula, até quando estarei entre ti?

O Rabi dava largos passos, atormentado, doloroso.

— Rabi, Rabi, escuta-me. Eu tenho a tua fé, amo o teu reino de Deus. Mas o teu Deus consola muito em cima, e nós sofremos e choramos muito baixo na terra.

Jesus estava tomado de incerteza, de amargura. Eu dizia:

— Escuta, Rabi: consinto que só pela tua palavra, tu possas realizar o teu

reino de Deus. Mas então deixa esses galileus simples, liga-te aos homens que têm a força, a ciência e o segredo das coisas humanas: nós seremos a ação, sê tu o nosso Messias na Judeia, nada se faz sem um profeta!

Como tens tu pensado realizar o teu reino de Deus?

Pela doçura e pela paciência, ou pela força e pela revolta? Não podes hesitar, se pensas. Queres fazer um renascimento, com os galileus que te cercam, com os publicanos infelizes, com os doentes que curas, com os miseráveis que consolas, com as mulheres que te amam, com as crianças que te sorriem?

— Deus esconde muitas coisas aos sábios, que revela às crianças.

— Para que pregas então no

Templo, contra os fariseus e os príncipes?

— Deixa pelo espírito dos simples e crianças a regeneração!

— Na verdade, Rabi, diz-me: entendes tu que no mundo nada vale, e que só o teu ideal pode dar felicidade e sossego? Professas tu o desdém?

— Só o desdém dá a paz.

Dá a inércia, o sacrifício e as virtudes passivas. E se amanhã tu pudesses começar a ver realizado no mundo esse reino dos pobres, dos simples, dos pequenos? Se pelo menos visses uma terra bem preparada para a tua palavra? Se visses tudo transformado por uma ação enérgica, revolucionária, pela nossa ação?

Jesus caminhava, inquieto, o seu olhar, vibrava. As minhas palavras

davam-lhe inesperadas perturbações.

Nós víamos o Templo luzir na branca polidez da pedra sob o luar: eu dizia-lhe profundo:

— Olha, vê o Templo, hoje ali tudo é intriga, artifício, aparato, riqueza, sangue, hipocrisia, vaidade: amanhã seria o lugar mais santo da Terra.

Jesus cobria o Templo com um vasto olhar, cheio da fulguração do seu desejo. Eu tinha-lhe tomado as mãos, dizia-lhe baixo, junto à face:

— Ouve: em Jerusalém há descontentes: alguns membros do Sandedrim estão irritados com a família de Elanan, com Beotos; Gamaliel não ama o Templo; o baixo povo do mercado detesta fariseus e escribas, é nosso; a Galileia é nossa, a Perea é nossa; mandar-

se-ão emissários a Jopé: toda a Judeia se erguerá: tu serás o profeta. Queres? O teu sonho do lago de Tiberíade será então vivo, real, palpável, existente sob as nuvens! — Queres?

A noite era imortalmente bela: havia uma bondade no ar: o mundo parecia-me possuído de um elemento diverso.

Eu falava confusamente, ora contra os fariseus, ora contra os romanos: e não conhecia nem a força de Roma, nem o poder sacerdotal, nem a inércia de um povo egoísta. Uma grande tentação cativava o espírito do Mestre. Eu dizia-lhe, tomando-lhe as mãos:

— Rabi, Rabi, depois do fariseu, será a vez do romano. Tu serás o maior da Judeia: terás glorificado o pobre, terás

humilhado o rico, terás aniquilado o hipócrita, terás expulso o romano: serás pela justiça igual a Ezequiel, pela força igual aos Macabeus: serás como David, terás a Palestina desde o Jordão até ao mar, e serás o rei de Israel.

Eu falava exaltado: mostrava-lhe Jerusalém e dizia-lhe:

— Terás a Palestina até ao mar, serás o rei de Israel!

Mas Jesus, erguendo a mão, mostrando-me com um gesto elevado e transcendente o céu cheio da Lua serena, o inefável silêncio, a pura beleza do elemento, o profundo mistério onde Deus habita, disse-me:

— Vai-te: o meu reino não é deste mundo.

Olhei longamente o Rabi, lamentei

o seu desdém, sorri da sua palavra: e calado, concentrado, saí pelo caminho de Betfagé.

Uma claridade aparecia: os galos cantavam. No outro dia, pela hora da tarde, Jesus, seguido dos seus, subiu para a Galileia!

CARTAS DE INGLATERRA

Primeira edição: 1905

Capítulo 1 — Afeganistão e Irlanda

Os ingleses estão experimentando, no seu atribulado império da Índia, a verdade desse humorístico lugar comum do século XVIII: «A História é uma velhota que se repete sem cessar».

O Fado ou a Providência, ou a Entidade qualquer que de lá de cima dirigiu os episódios da campanha do Afeganistão em 1847, está fazendo simplesmente uma cópia servil, revelando assim uma imaginação exausta.

Em 1847 os ingleses, «por uma Razão de Estado, uma necessidade de fronteiras científicas, a segurança do

império, uma barreira ao domínio russo da Ásia...» e outras coisas vagas que os políticos da Índia rosnam sombriamente, retorcendo os bigodes — invadem o Afeganistão, e aí vão aniquilando tribos seculares, desmantelando vilas, assolando searas e vinhas: apossam-se, por fim, da santa cidade de Cabul; sacodem do serralho um velho emir apavorado; colocam lá outro de raça mais submissa, que já trazem preparado nas bagagens, com escravas e tapetes; e, logo que os correspondentes dos jornais têm telegrafado a vitória, o exército, acampando à beira dos arroios e nos vergéis de Cabul, desaperta o correame, e fuma o cachimbo da paz... Assim é exatamente em 1880.

No nosso tempo, precisamente

como em 1847, chefes enérgicos, Messias indígenas, vão percorrendo o território, e com os grandes nomes de Pátria e de *Religião*, pregam a guerra santa: as tribos reúnem-se, as famílias feudais correm com os seus troços de cavalaria, príncipes rivais juntam-se no ódio hereditário contra o estrangeiro, *o homem vermelho*, e em pouco tempo é todo um rebrilhar de fogos de acampamento nos altos das serranias, dominando os desfiladeiros que são o caminho, a estrada da Índia... E quando por ali aparecer, enfim, o grosso do exército inglês, à volta de Cabul, atravancado de artilharia, escoando-se espessamente, por entre as gargantas das serras, no leito seco das torrentes, com as suas longas caravanas de camelos, aquela massa bárbara rola-lhe em cima e

aniquila-o.

Foi assim em 1847, é assim em 1880. Então os restos debandados do exército refugiam-se em alguma das cidades da fronteira, que ora é Gasnat ora Candaar: os afegãos correm, põem o cerco, cerco lento, cerco de vagares orientais: o general sitiado, que nessas guerras asiáticas pode sempre comunicar, telegrafa para o vice-rei da Índia, reclamando com furor *reforços, chá e açúcar!* (Isto é textual; foi o general Roberts que soltou há dias este grito de gulodice britânica; o inglês, sem chá, bate-se frouxamente). Então o governo da Índia, gastando milhões de libras, como quem gasta água, manda a toda a pressa fardos disformes de chá reparador, brancas colinas de açúcar, e dez ou quinze

mil homens. De Inglaterra partem esses negros e monstruosos transportes de guerra, arcas de Noé a vapor, levando acampamentos, rebanhos de cavalos, parques de artilharia, toda uma invasão temerosa... Foi assim em 1847, assim é em 1880.

Esta hoste desembarca no Indostão, junta-se a outras colunas de tropa Índia, e é dirigida dia e noite sobre a fronteira em expressos a quarenta milhas por hora; daí começa uma marcha assoladora, com cinquenta mil camelos de bagagens, telégrafos, máquinas hidráulicas, e uma cavalgada eloquente de correspondentes de jornais. Uma manhã avista-se Candaar ou Gasnat — e num momento, é aniquilado, disperso no pó da planície o pobre exército afegão, com as

suas cimitarras de melodrama e as suas veneráveis colubrinas, do modelo das que outrora fizeram fogo em Diu. Gasnat está livre! Candaar está livre! Hurra! — Faz-se imediatamente disto uma canção patriótica; e a façanha é por toda a Inglaterra popularizada numa estampa, em que se vê o general libertador e o general sitiado apertando-se a mão com veemência, no primeiro plano, entre cavalos empinados e granadeiros belos como Apoios, que expiram em atitude nobre! Foi assim em 1847; há de ser assim em 1880.

No entanto, em desfiladeiro e monte, milhares de homens que, ou defendiam a pátria ou morriam pela *fronteira científica*, lá ficam, pasto de corvos — o que não é, no Afeganistão,

uma respeitável imagem retórica: aí, são os corvos que nas cidades fazem a limpeza das ruas —, comendo as imundícies, e em campos de batalha purificam o ar, devorando os restos das derrotas.

E de tanto sangue, tanta agonia, tanto luto, que resta por fim? Uma canção patriótica, uma estampa idiota nas salas de jantar, mais tarde uma linha de prosa numa página de crónica...

Consoladora filosofia das guerras!

No entanto a Inglaterra goza por algum tempo a «grande vitória do Afeganistão» — com a certeza de ter de recomeçar, daqui a dez anos ou quinze anos, porque nem pode conquistar e anexar um vasto reino, que é grande como a França, nem pode consentir, colados à

sua ilharga, uns poucos de milhões de homens fanáticos, batalhadores e hostis. A «política» portanto é debilitá-los periodicamente, com uma invasão arruinadora. São as fortes necessidades de um grande império. Antes possuir apenas um quintalejo, com uma vaca para o leite e dois pés de alface para as merendas de verão...

Outra história melancólica é a da Irlanda. Quem não conhece as queixas seculares da Irlanda, da *Verde Erin*, terra de bardos e terra de santos, onde uma plebe conquistada, resto nobre de raça céltica, esmagada por um feudalismo agrário, vivendo em buracos como os servos góticos, vai desesperadamente disputando à urze, à rocha, ao pântano, magras tiras de terra, onde cultiva, em

lágrimas, a batata? Todo o mundo sabe isto — e, desgraçadamente, esta Irlanda de poema e de novela, é, em parte, verdadeira: além dos poucos distritos onde a agricultura é rica como em qualquer dos ubérrimos condados ingleses, além de Cork ou Belfast, que têm uma indústria forte — a Irlanda permanece *o país da miséria*, bem representada nessa estampa romântica em que ela está, em andrajos, à beira de um charco, com o filhinho nos braços morrendo-lhe da falta de leite, e o cão ao lado, tão magro como ela, ladrando em vão por socorro...

Os males da Irlanda, muito antigos, muito complexos, provêm, sobretudo, do sistema semi feudal da propriedade.

O povo Irlandês é numeroso, exageradamente prolífico, (nem a emigração, nem a morte, nem as epidemias aliviam esta ilha muito cheia) e vive numa terra pobre, de cultura estreita, apenas no seu terço trabalhada: os proprietários, lordes ingleses ou escoceses, sempre ausentes das terras, não admitindo a despesa de um *schilling* para as melhorar, estão em Paris, estão em Londres, comendo pêssegos em janeiro, e jogando pelos clubes o *whist* a libra o tento: os seus procuradores e agentes, criaturas vorazes, sem ligação com o solo nem com a raça, forçados a remeter incessantemente dinheiro a SS. SS., interessados em conservar a procuradoria, caem sobre o rendeiro, levantam-lhe a renda, forçam-no a vendas desastrosas,

enlaçam-no na usura, tributam-no feudalmente, apertam-no com desespero como a um limão meio seco, até que ele verta num gemido o último *penny*. Se o miserável este ano, fatigando o torrão, sustentando-se de ervas secas, economizando o lume quando há seis palmos de neve, consegue arrancar de si a soma que S. S. o Lorde reclama para oferecer uma esmeralda à loura Fanny ou à pálida Clementine, para o ano lá está enleado na dívida, sem meios de comprar a semente, com uma terra exausta a seus pés...

Então o procurador, de lei em punho, vem, corre, penhora-o, vende-lhe o catre, expulsa-o do casebre, atira-lhe mulher, criancinhas e avós entrevados para as pedras do caminho... E aí vai mais

um bando de desgraçados engrossar o lamentável proletariado que povoa a *verde ilha dos Bardos*. São milhares, são milhões! Esta população com o ventre vazio, os pés nus sobre a geada, volta-se então para a Inglaterra, a mãe Inglaterra, que tem a Lei, que tem a força, que tem a Responsabilidade: a Inglaterra, comovida na sua fibra cristã, volta-se para os seus economistas, os seus políticos: estes indivíduos pousam as suas vastas mãos, e arrancam das concavidades da sua sabedoria farisaica esta resposta, tenebrosa resposta da meia-idade às reclamações do, sofrimento humano:

— Paciência! o remédio está no céu...

A Inglaterra, valendo-se capciosamente do clero católico da

Irlanda, e da religiosidade da plebe, para a manter na resignação da miséria, acenando-lhe com as promessas cor de ouro da bem-aventurança é um salutar espetáculo!

Sejamos, porém, justos: a Inglaterra manda também, aos milhões de esfomeados, farinha e dois ou três *schillings:* e o *Punch* faz-lhe a honra de lhes dedicar pilhérias.

De tudo isto que resulta? Que o irlandês, vendo a fome no seu lar, a Inglaterra toda ocupada com o dr. Tanner, o *Punch* muito divertido, e o céu muito longe — faz uma trouxa dos seus andrajos, vai à vila mais próxima, apresenta-se ao comité *dos Fenians* ou à *secção de Mollie Maguire*, e diz simplesmente: — *Aqui estou!...*

Estas duas associações secretas são terríveis, e completam-se uma pela outra. Os *Fenians*, que estiveram um momento desorganizados, mas que têm hoje a prosperidade de uma instituição pública, são uma seita política, com o fim claro de conquistar a independência da Irlanda: o seu meio é uma futura insurreição, batalhas à luz do dia, um esforço heroico de raça que sacode o estrangeiro.

É evidente, portanto, que a Inglaterra não tem nada a temer desta associação: uma esquadra no canal de S. Jorge, dez mil homens desembarcados, e os *Fenians* serão, no estilo da canção, *como a erva dos campos depois que passou o ceifador*, um estendal de coisas sem vida! Mas não é assim com *Mollie*

Maguire! esta constitui puramente uma conspiração: os seus estatutos, os seus fins, a sua organização, os seus chefes, tudo está envolvido num mistério, que é o terror da Irlanda; só são claros os seus crimes. Há um proprietário duro que levantou a renda? Uma noite, ou ele, ou o seu procurador aparecem à beira de um caminho, com duas balas na cabeça. Quem foi? Foi *Mollie Maguire:* foi ninguém, foi a Miséria, foi a Irlanda. Há um senhorio, um agente, que fez uma penhora? À meia-noite a sua casa começa a arder, e é num momento uma ruína fumegante. Quem foi? *Mollie Maguire*. Houve um burguês especulador que comprou o casebre de um proprietário penhorado? No outro dia lá está no fundo de uma lagoa, com um pedregulho ao pescoço. Quem foi,

coitado?! *Mollie Maguire*. Todos os dias, nestes, últimos meses, são assim, dois, três destes crimes — que têm em Inglaterra o nome de agrários. Os tribunais, a polícia, já se não fatigam em devassas e em autos: para quê? *Mollie Maguire* é intangível, *Mollie Maguire* é impessoal.

E se houvesse um magistrado tão desgostoso da vida, que quisesse descobrir de onde viera a bala, o pedregulho ou o fogo — teria certamente, horas depois, o que tanto parecia desejar: um punhal através do peito. São verdadeiramente os processos do Niilismo militante: nem falta a esta seita aquela vaga exaltação mística que complica o Niilismo. Se *Mollie* (Mollie é o diminutivo de Maria) não é uma

divindade, é pelo menos uma degeneração fetichista da divindade: é a tenebrosa padroeira, das desforras da plebe, aquela em quem os desgraçados abandonados de Deus, do Deus oficial, do Deus da Missa, encontram socorro, e amizade, e força — uma sorte de encarnação feminina do diabo de Sabbath, confidente dos servos e dos feiticeiros da meia-noite.

A estas duas associações deve juntar-se uma terceira, legal essa, falando alto nas praças, com jornais, com tabuleta, vivendo sob a proteção, da Constituição, respeitada da polícia, e que se chama a *Liga da Terra*. O seu fim é promover, por meio de *meetings* e representações, uma vasta agitação, um impulsivo movimento da opinião, que force o parlamento inglês a reformar o sistema agrário. Mas é

realmente uma associação legal? São os seus fins tão honestamente moderados, tão estreitamente constitucionais como se diz? Todo o mundo o duvida. Na Irlanda, sempre que dois homens se reúnem, conspiram: quando se sentem quatro, apedrejam logo a polícia: — que será então quando reconhecem que são duzentos mil? Além disso as reclamações desta associação são de um vago singular; nada de prático, nada de realizável: apenas os velhos gritos sentimentais da aspiração humanitária. E, ao mesmo tempo, os homens, que a dirigem, são espíritos positivos e experimentados. Há aqui uma contradição assustadora. Sente-se que os chefes deste movimento, sabendo bem que da Inglaterra nada têm a esperar, estão simplesmente, sob as

aparências da legalidade, organizando a insurreição. Formular um programa prático para o parlamento votar, seria, na opinião deles, ocioso e pueril: as declamações verbosas em que se fale muito de *legalidade*, *ordem*, *parlamentarismo* bastam — para iludir a polícia... E não é duvidoso que, num certo momento, *Fenians*, *Mollie Maguire* e *Liga da Terra* formarão um só movimento — o da revolta desesperada.

Este era o estado da Irlanda há dois meses, quando se deu o caso inesperado do *bill de compensação*. Este projeto de lei apresentado pelo ministro Gladstone (parte por um sentimento liberal de justiça, parte para agradecer os fortes serviços dos irlandeses nas últimas eleições) não trazia certamente um remate

aos males da Irlanda; mas, coartando os abusos dos senhores, dificultando a arbitrariedade das «expulsões», modificando a legislação bárbara das penhoras, aliviava o trabalhador irlandês do férreo calcanhar feudal que o esmaga. O *bill* passou entre os aplausos da câmara, dos comuns; mas escuso de acrescentar que a Câmara dos Lordes, essa augusta e gótica assembleia de senhores semifeudais, o rejeitou com horror, como obra execrável do liberalismo satânico!

Veem daí o resultado: os agitadores da Irlanda, os seus profetas, os seus chefes apossaram-se com entusiasmo desta rejeição da Câmara dos Lordes — e utilizaram-na tão habilmente, como, António utilizou a túnica ensanguentada de

César. Foram-na mostrando à plebe indignada, por campos e aldeias, gritando bem alto: «Aqui está o que fizeram os lordes, os vossos amos, os vossos exploradores! A primeira proposta justa, em bem da Irlanda, que se lhes apresenta, repelem-na! Querem manter-vos na servidão, na fome, no opróbrio das velhas idades, no estado de raça vendida! As armas!

E desde então a Irlanda prepara-se ardentemente para a insurreição: apesar dos cruzeiros que vigiam a costa, todos os dias há desembarques de armas; o dinheiro, os voluntários, afluem da América; pelos campos veem-se grupos de duzentos, trezentos homens, de espingardas ao ombro, fazendo exercícios como regimentos em vésperas de

campanha; ainda que seja agora a época das colheitas, a população não está nos campos, está nos *meetings*, nos clubes; e os tribunos, os agitadores, prodigalizam-se sem repouso. Não falta, decerto, a estes homens nem coragem, nem aquela eloquência patética que faz passar nas multidões o *arrepio sagrado*. Um deles, Redathd, exclamava há dias:

— «Dizem-nos a cada momento: sede justos, pagai ao lorde, pagai ao senhorio! E citam-nos a palavra divina daquele que disse: *Dai a César o que é de César!* Houve só um homem, Brutus, que deu a César o que a César era devido: um punhal através do coração!»

Esta brutalidade tem grandeza. Agora imagine-se isto lançado a uma multidão oprimida, com gestos teatrais

desta raça violenta, de noite, num destes sinistros descampados da Irlanda, que são todos rocha e urze, ao clarão de archotes, dando aquela intermitência de treva e brilho que é como a alma mesma da Irlanda — e veja-se o efeito!

Em Inglaterra, mesmo os otimistas, consideram a insurreição quase inevitável para os frios do outono. E o honesto John Bull prepara-se: já o ministro do interior está em Dublin, e é iminente a declaração da *lei marcial*... Neste ponto, radicais e conservadores são unânimes: se a Irlanda se levanta, que se esmague a Irlanda! Somente John Bull declara que o seu coração há de chorar enquanto a sua mão castigar... Excelente pai!

O jornal o *Standard*, o venerável *Standard*, tinha há dias uma frase

adorável. «Se, como é de temer, a Irlanda vier a esquecer-se do que deve a si e à Inglaterra» — exclamava o solene *Standard* —, «é doloroso pensar que no próximo inverno, para manter a integridade do império, a santidade da lei e a inviolabilidade da propriedade, nós teremos de ir, com o coração negro de dor, mas a espada firme na mão, levar à Irlanda, à ilha irmã, à ilha bem-amada, uma necessária exterminação.»

Exterminação é muito: e quero crer, que está ali, para rematar com uma nota grave, uma nota de órgão, a harmonia do período. Mas o sentimento é curioso e raro: e seria um espetáculo maravilhoso ver, no próximo inverno, John Bull percorrendo a Irlanda, cheio de ferocidade e afogado em ternura, com os

olhos a escorrer de lágrimas e a sua baioneta a pingar de sangue... — Ainda as fatais necessidades de um grande império! Volto ao meu desejo: um quintalejo, uma vaca, e dois pés de alface... E um cachimbo — o cachimbo da paz!

Capítulo 2 — Acerca de Livros

Outubro chegou, e com este mês, em que as folhas caem, começam aqui a aparecer os livros, folhas às vezes tão efémeras como as das árvores, e não tendo como elas o encanto do verde, do murmúrio e da sombra.

Estamos, com efeito, em plena *Book-Season*, a estação dos livros.

Estes dois meses, setembro e outubro (e eles merecem-no, porque, como cor, luz, repouso, são os mais simpáticos do ano) têm acumulado em si as mais interessantes *seasons*, as *estações* mais fecundas da vida inglesa.

A *London-Season*, a célebre estação de Londres, quando a Aristocracia, maior e menor, os *dez mil de cima*, como se dizia antigamente, *o folhado*, como se diz agora, recolhe dos parques e palácios do campo aos seus palacetes e jardinetes de Londres — passa-se em abril, junho e julho, verdade seja. Mas essa é uma vã e oca estação de trapos, de luvas de vinte botões, de lacaios, de *champagne*, de batota e de *cotillon*. Enquanto que as outras!...

Olhem-me para estas sábias, úteis, viris, solenes *seasons*, que abundam nestes dourados meses de setembro e outubro. Isto sim! Aqui temos, por exemplo, a *Congress-Season*, a estação dos Congressos.

Que espetáculo! Toda a verde

superfície da Inglaterra está então, de norte a sul, salpicada de manchas negras. São congressos em deliberação. Há-os metafísicos e há-os de cozinheiros.

Aqui duzentos indivíduos carrancudos e descontentes, elaboram uma nova ordem social; além, uma multidão de sábios, acocorados, semanas inteiras, em torno de um objeto escuro, não podem chegar à conclusão se é um tijolo vilmente recente ou uma laje da câmara nupcial da rainha Guinevra; e adiante cavalheiros anafados e luzidios assentam a doutrina definitiva da engorda do leitão — esse amor!

Os congressos mais notáveis este ano foram — o de medicina em Londres, a que assistiram *mil e trezentos* congressistas, médicos e cirurgiões dos

dois mundos e dos dois sexos, e onde se prometeu à humanidade, para daqui a anos, a supressão das epidemias pelas vacinas; o da *British Association*, a grande Sociedade das Ciências (congresso anual celebrado este ano em Iorque) em que o presidente, sir John Lubbock, esse amável sábio que tem passado, a existência a estudar as civilizações inferiores dos insetos, laboriosas democracias de formigas, deploráveis oligarquias de abelhas — ocupou-se desta vez, dando um balanço a ciência durante os últimos cinquenta anos, a mostrar algumas das estupendas habilidades desse, outro efémero inseto, o Homem; e enfim um congresso anual da Igreja, celebrado em Newcastle, composto de bispos, dignitários

eclesiásticos, teólogos, doutores em divindade, este largo clero anglicano, o mais douto e literário da Europa. Neste, entre outros assuntos, discutiu-se a *Influência da Arte na vida e no pensar religioso:* mas, quanto a mim, o resultado mais nítido foi o revelar incidentalmente que a frequentação dos templos, em Inglaterra, diminui de um terço todos os dez anos, ao passo que o espírito de religiosidade cresce nas massas, tornando-se assim o sentimento religioso cada dia mais desprendido das formas caducas e perecíveis das religiões.

Neste momento há outros congressos — o dos Metalurgistas, o das Ciências Sociais, o dos Telegrafistas, o Arqueológico, o dos Gravadores, o dos... Enfim, centenares. Até o dos

Browninguistas. Não sabem o que são os *Browninguistas?* Uma vasta associação, tendo por fim estudar, comentar, interpretar, venerar, propagar, ilustrar, divinizar as obras do poeta *Browning*. Isto, mesmo neste país de arrebatados entusiasmos intelectuais, me parece um pouco forte. Browning é sem dúvida, com Shelley, Shakespeare e Milton, um dos quatro príncipes da poesia inglesa: mas tem o inconveniente de estar vivo. Ele próprio assiste, materialmente, com o seu paletó e o seu guarda-chuva, ao congresso de que é objeto espiritual e assunto: e fatalmente, pelo efeito, mesmo da sua presença, a admiração literária tende a tornar-se idolatria pessoal, e os *shake-hands*, que ele distribui, começam naturalmente a ser mais apreciados no

congresso, que os poemas que ele escreveu. Por isso mesmo que o divinizam, o amesquinham: não é então o grande poeta de Inglaterra, é o ídolo particular dos *Browninguistas;* deixa assim de ser um espírito falando a espíritos — para ser apenas um manipanso, aterrorizando supersticiosos.

Mas, continuando com as *estações*, temos ainda a *Yachting-Season*, a estação náutica, das regatas, das viagens em *yacht*. Hoje, em Inglaterra, ter um *yacht* é, como entre nós montar carruagem, o primeiro dever social do rico ou do enriquecido, uma das formas mais triviais do conforto luxuoso. Um *yacht* não é só um frágil e airoso barco de cinquenta toneladas e vela branca; pode ser também um negro e poderoso vapor de

duas mil toneladas e sessenta homens de tripulação. Neste último caso, em lugar de bordejar gentilmente em redor das flores e das relvas da ilha de *Wight*, ou de ir mergulhar nessas prodigiosas paisagens marinhas do alto norte da Escócia, vai dar a volta ao mundo, carregado de bíblias para os pequenos patagónios, e de *champagne* e de amor para as lindas missionárias vestidas de marinheiras. A vida de *yacht* tem os seus costumes especiais, a sua etiqueta, a sua fraseologia, a sua moral própria, e sobretudo a sua literatura. A literatura de *yacht* é vasta — William Black, o autor das *Asas brancas*, *do Nascer do Sol*, da *Princesa de Thude*, o seu romancista oficial; um paisagista maravilhoso, de resto, tendo na sua pena todo o vigor do

pincel de um Jules Breton.

Temos igualmente neste mês a *Shooting-Season*, a estação da caça ao tiro, que abre no 1º de setembro com uma solenidade tal, e no meio de um interesse público tão intenso, tão fremente — que me dá sempre ideia do que devia ter sido, nas vésperas da Grande Revolução, a abertura dos Estados Gerais. Peço perdão desta abominável comparação — mas a carne é fraca, e eu considero esta estação sublime. É nela que se caça o *grouse*, e é durante ela que se come o *grouse*. Não sabem o que é o *grouse*? É um pássaro do tamanho da perdiz, que vive (Deus o abençoe!) nos *moors*, ou descampados da Escócia... Agora deixem-me repousar um momento, e ficar aqui, num êxtase manso, pensando no *grouse*, com as mãos

cruzadas sobre o estômago, o olho enternecido, lambendo o lábio... Não imaginem que eu sou um guloso. Mas nunca se deve falar nas coisas boas sem veneração. Lorde Beaconsfield, esse mestre do bom gosto, deu-nos o exemplo quando, tendo mencionado num dos seus livros o *ortolan*, esse outro delicioso pássaro, acrescentou — que o peitinho, gordo do *ortolan* é mais delicioso que o seio da mulher, o seu aroma mais perturbador que os lilases, e o sabor da sua febra melhor que o sabor da verdade. Pode-se dizer o mesmo do *grouse*.

Continuando, temos a *Burglary-Season*, a estação dos assaltos e roubos às casas. Esta começa também em setembro, quando a gente rica sai de Londres e deixa os seus palacetes, ou fechados, ou ao

cuidado de um velho e sonolento guarda-portão. Os salteadores de Londres, corpo social tão bem organizado como a própria polícia, procede então sistematicamente, por quadrilhas disciplinadas, usando os mais perfeitos meios científicos no arrombamento e no saque dessas propriedades abarrotadas de coisas ricas...

Temos a *Lecture-Season*, ou estação das conferências. O seu nome explica-a e seria longo detalhar-lhe a organização. Basta dizer que nesta estação não há talvez um bairro em Londres (quase podia dizer uma rua), nem uma aldeia no resto do país, em que se não veja, cada noite, um sujeito, com um copo de água, dissertando sobre um assunto, diante de uma audiência compacta, atenta,

interessada e que toma notas. Os assuntos são *tudo* — desde a ideia de Deus até à melhor maneira de fabricar graxa. E os conferentes são *todo o mundo* — desde o professor Huxley até um qualquer cavalheiro, o senhor fulano de Tal, que sobe à plataforma a contar as suas impressões de viagem às ilhas Fidji, ou aptidões curiosas que observou no seu cão...

Há ainda outras estações que basta enunciar: a *Hunting-Season*, a estação da caça à raposa (isto é todo um mundo); a *Cricket-Season*, a estação em que se joga o *cricket* — e em que se veem destes edificantes espetáculos: doze cavalheiros, vindos do fundo da Austrália, outros doze partindo dos altos da Escócia, e encontrando-se em Londres a jogar ao

desafio uma tremenda partida que dura três dias, na presença arrebatada de um povo em delírio!

Temos também a *Angling-Season*, a estação da pesca à linha, instituição nobilíssima a que a humanidade deve o salmão e a truta. É o *sport* favorito da alta burguesia culta, da magistratura, dos homens de sapiência, daquela parte da velha aristocracia sobre que mais pesam as responsabilidades do Estado. Todo este mundo, de solene respeitabilidade e de alto cerimonial — pesca à linha. Talvez por isso, de todos os *sports* ingleses, a pesca à linha é um dos que têm produzido uma literatura mais considerável — tão considerável que a sua bibliografia, a simples enumeração dos seus tratados, ocupa um livro de

duzentas páginas! Aí observo com respeito a notícia de um ponderoso estudo sobre a *Pesca à linha entre os Assírios*!...

Só esta semana a literatura da pesca à linha nos deu já dois livros, segundo as listas: *A carteira de um pescador à linha, pela beira dos rios*.

Temos ainda a *Travelling-Season*, a estação das viagens, quando o famoso *touriste* inglês faz a sua aparição no continente. Nesta época (setembro e outubro) todo o inglês que se respeita (ou que, não podendo em sua consciência respeitar-se, pretende ao menos que o seu vizinho o respeite) prepara umas dez ou doze malas e parte para os países do sol, do vinho e da alegria. Os anjos (se o não sonharam, como diz João de Deus) devem assistir então, do seu terraço azul, a um

espetáculo bem divertido: toda a Inglaterra fervilhando no porto de Dover — e daí sucessivamente partirem longos formigueiros de *touristes*, riscando de linhas escuras o continente, indo alastrar os vales do Reno, negrejando pela neve dos Alpes acima, serpenteando pelos vergéis da Andaluzia, atulhando as cidades da Itália, inundando a França! Tudo isto são ingleses. Tudo isto traz um *Guia do Viajante* debaixo do braço. Tudo isto toma notas. Isto às vezes viaja com a esposa, a cunhada, uma amiga da cunhada, uma conhecida desta amiga, sete filhos, seis criados, dez cães, e outros cães conhecidos destes cães; e isto paga por tudo isto sem resmungar! Não: não digo bem, resmungando sempre. Esta viagem de prazer passa-a quase sempre o inglês a

praguejar (mentalmente — porque nem a Bíblia nem a respeitabilidade lhe permitem praguejar alto).

A verdade é que o inglês não se, diverte no continente: não compreende as línguas; estranha as comidas; tudo o que é estrangeiro, maneiras, *toilettes*, modos de pensar, o choca; desconfia que o querem roubar; tem a vaga crença de que os lençóis nas camas do hotel nunca são limpos; o ver os teatros abertos ao domingo e a multidão divertindo-se amargura a sua alma cristã e puritana; não ousa abrir um livro estrangeiro, porque suspeita que há dentro coisas obscenas; se o seu Guia lhe afirma que na catedral de tal há seis colunas e se ele encontra só cinco, fica infeliz toda uma semana e furioso com o país que percorre, como um

homem a quem roubaram uma coluna; e se perde uma bengala, se não chega a horas ao comboio, fecha-se no hotel um dia inteiro a compor uma carta para o Times, em que acusa os países continentais de se acharem inteiramente num estado selvagem e atolados numa pútrida desmoralização. Enfim o inglês, em viagem, é um ser desgraçado. É evidente que eu não aludo aqui à numerosa gente de luxo, de gosto, de literatura, e de arte: falo da vasta massa burguesa e comercial. Mas mesmo esta encontra uma compensação a todos os seus trabalhos de *touriste* quando, ao recolher a Inglaterra, conta aos seus amigos como esteve aqui e além, e trepou ao Monte Branco, e jantou numa *table-d'hôtel* em, Roma e, por Júpiter! fez uma sensação dos diabos, ele e as

meninas!...

Que mais estações temos ainda? A *Speech-Season*, a estação dos discursos, quando, nas férias do parlamento, todos os homens públicos se espalham pelo país discursando perante enormes *meetings*, sobre os negócios públicos. É uma das feições mais curiosas da vida política em Inglaterra.

Há outras muitas *estações* em setembro e outubro, mas não me lembram agora. E enfim, para não ser injusto, devo mencionar também o outono.

De todas estas, para mim, naturalmente, a mais interessante é a *Book-Season*, a estação dos livros.

Isto não quer dizer que fora desta estação (outubro a março) se não publiquem livros em Inglaterra — longe

disso, Santo Deus! Como não quer dizer que fora da *London-Season*s e não dance, ou fora da *Travelling-Season* se não viaje. Significa simplesmente que as grandes casas editoras de Londres e de Edimburgo reservam, para as lançar nesta época, as suas *grandes novidades*. Um livro de Darwin, um estudo de Matthew Arnold, um poema de Tennyson, um romance de Georges Meredith serão evidentemente guardadas para a *estação*. De resto, durante todo o ano, não se interrompe, não cessa essa publicidade fenomenal, essa vasta, ruidosa, inundante torrente de livros, alastrando-se, fazendo pouco a pouco, sobre a crosta da terra vegetal do globo, uma outra crosta de papel impresso em inglês.

Não sei se é possível calcular o

número de volumes publicados anualmente em Inglaterra. Não me espantaria que se pudessem contar por dezenas de milhares. Aqui tenho eu diante de mim, no número de ontem do *Spectator*, a lista dos livros lançados esta semana: Noventa e três obras! E isto é apenas a lista do *Spectator*. Apenas o que se chama aqui *Literatura Geral*. Não se contam as reimpressões; nem as edições dos clássicos, em todos os formatos, desde o infólio, que só um Hércules pode erguer, ao volume-miniatura, cujo tipo reclama microscópio, e em todos os preços desde a edição que custa 50 libras, até à que custa 50 reis: não se contam as traduções de livros estrangeiros, sobretudo as literaturas da antiguidade: não se conta, enfim, essa incessante

produção das Universidades, essoutra levada de gregos e latinos, de comentários, de glossários, de infólios, que lançam de si, aos caixões, as imprensas de Clarendon.

Há nesta literatura geral uma espécie de que o inglês não se farta — a literatura de viagens. Já não falo nos romances: isso não constitui hoje uma produção, literária, é uma fabricação industrial.

Na vida doméstica inglesa, a novela tornou-se um objeto de primeira necessidade, como a flanela ou as fazendas de algodão; e, portanto, toda uma população de romancistas se emprega em manufaturar este artigo, por grosso, e tão depressa quanto a pena pode escrever, arremessando para o mercado as páginas

mal secas no ansioso conflito da concorrência.

Mas a gula, a gulodice de livros de viagem é também considerável, e de resto bem explicável numa raça expansiva e peregrinante, com esquadras em todos os mares, colónias em todos os continentes, feitorias em todas as praias, missionários entre todos os bárbaros, e no fundo da alma o sonho eterno, o sonho amado de refazer o Império Romano. Isto produziu um outro tipo de industrial das letras — o prosador viajante.

Antigamente contava-se a viagem quando casualmente se tinha viajado: o homem que visitava países longínquos, se achava em aventuras pitorescas, à volta, repousando ao canto do seu lume, tomava a pena e ia revivendo esses dias numa

agradável rememoração de impressões e paisagens. Hoje, não. Hoje empreende-se a viagem unicamente para se escrever o livro. Abre-se o mapa, escolhe-se um ponto do Universo bem selvagem, bem exótico, e parte-se para lá com uma resma de papel e um dicionário. E toda a questão está (como a concorrência é grande) em saber qual é o recanto da terra sobre que ainda se não publicou um livro! Ou, quando o país é já toleravelmente conhecido, se não terá ainda, alguma aldeola, algum afastado riacho sobre que se possam produzir trezentas páginas de prosa...

Quem hoje encontrar, em algum intrincado ponto do Globo, um sujeito de capacete de cortiça, lápis na mão, binóculo ao tiracolo, não pense que é um

explorador, um missionário, um sábio coligindo floras raras — é um prosador inglês preparando o seu volume.

Nada elucida como um exemplo. Aqui está a lista dos livros de viagens publicados em Londres nestas *duas últimas semanas*.

É claro que eu não os li, nem sequer os enxerguei. Copio os títulos, somente, da lista de dois jornais de crítica: o *Atheneum* e a *Academy*. Note-se que estes livros são quase sempre bem estudados; dão o traço e a linha que pinta, a paisagem com a sua cor e luz, a cidade com o seu movimento e feições; são gráficos e são críticos; têm a geografia e têm a observação; e mais ou menos fazem reviver, com o detalhe característico, o povo visitado, na sua vida doméstica, a

sua religião, a sua agricultura, o seu *sport*, os seus vícios, a sua arte se a tem. Calcule-se, pois, a importância, desta literatura, que se torna assim um inquérito sagaz, paciente, correto, feito ao Universo inteiro.

Aqui está, com os títulos traduzidos, o que se publicou nestes quinze dias: *A minha jornada a Medina — Entre os filhos de Han — Nas águas salgadas — Longe, nas Pampas — Santuários de Piemonte — O novo Japão — Uma visita à Abissínia — Vida no oeste da Índia — Pelo Mahakam acima, e pelo Barita abaixo — A cavalo pela Ásia-Menor — Cenas de Ceilão — Através de cidades e prados — No meu Bungaló — As terras dos Matabeles — Fugindo para o sul — Terras do sol da*

meia-noite — Peregrinações na Patagónia — O Sudão egípcio — Terra dos Magires — Através da Sibéria — Notas do mundo do Oeste — Caminhos da Palestina — Norsk, Lapp, e Finn (onde será isto, Santo Deus?!) — *Guerras, peregrinações e ondas* (que título, Deus piedoso,!) — *A linda Atenas — A Península do Mar Branco — Homens e casos da Índia — A bordo do «Raposo» — Sport na Crimeia e Cáucaso — Nove anos de caçadas na África — Diário de uma preguiçosa na Sicília — A leste do Jordão...*

Ainda há outros, ainda há muitos — e em quinze dias!

Seria curioso dar paralelamente a lista de poemas, livros de poesias, odes, baladas, tragédias, anunciados ou já

publicados na primeira quinzena da estação; mas não tenho paciência em revolver todo esse lirismo. Há uma «grande sensação»: o livro de Dante Rosseti, um dos mestres modernos: o resto é apenas um bando amoroso e triste de rouxinóis.

Não menos espessas, nem menos compactas são as listas dos livros de Teologia, Controvérsia, Exegese, etc. — exalando de si uma melancolia de cemitério. Em metafísica há o costumado sortimento — maciço e vago, como diria Herbert Spencer. Em história, biografia, crítica, as listas bibliográficas vêm riquíssimas... Enfim, ao que parece, é uma formidável e grandiosa *estação de livros*. Aos romances, nem aludo: montões, montanhas — e monturos!

Uma pastara meio selvagem das Ardenas, que nunca vira outro espetáculo mais grato ao seu coração do que as cabras que guardava, foi um dia trazida das suas serranias a Paris, quando no *boulevard* passava, com a tricolor ao vento, um regimento em marcha. A pobre donzela fez-se branca como a cera, e só pôde murmurar, numa beatitude suprema.

— Jesus!, tanto homem!

Eu sei que estou aqui fazendo o papel ridículo desta pastora, e balbuciando, com a boca aberta como se chegasse também das Ardenas:

— Jesus! tanto livro!

Mas não é este grito, como o da pastora, natural?

O beduíno do deserto de Oeste, que, passando a Serrania Líbica, avista,

pela primeira vez, imenso, lento, enchendo um vale, o rio Nilo, exclama espantado:

— Alá!, tanta água!

A água é a sua preocupação: todas as tristezas das areias que habita, vêm da falta da água: mais que ninguém sente as maravilhas que a água produz; e no seu grito há uma tímida repreensão a Alá! «Tanta água aqui, e tão pouca lá de onde eu venho!...»

Assim eu venho... Mas o resto da comparação complete-a, antes, o leitor astuto.

Capítulo 3 — O Inverno em Londres

Eis aí o inverno. Já todos os dias o encontro, e, agora mesmo, lhe ouço fora, na rua, sob a névoa tristonha desse fim de outubro, a voz dolente e vaga: não é o velho semideus de atributos mitológicos, com a barba em flocos de neve sobre o manto branco de neve, soprando nos dedos, e o clássico feixe de lenha a tiracolo: é um rapagão enfarruscado, de casquete e chicote em punho, que vai conduzindo uma carroça negra com um forte *percheron* aos varais, pelo macadame já endurecido, de geada, e soltando, de porta em porta, o seu pregão

melancólico: *Coals! coals!* (carvão! carvão!)

Estão, pois, findos os dias purpureados do lindo outono inglês! Nada iguala o encanto suavizador e meigo dos meados de outubro, nestes condados do Sul. Um passeio, ao meio da tarde, nas pitorescas margens do Severn, ou ainda ao longo do Avon, riba que a memória de Shakespeare torna quase sagrada, ou pelas colinas amáveis de Surrey, é o mais belo, o mais útil repouso que pode ter o espírito sobressaltado, cansado dos livros, ou do duro movimento da vida.

Tem-se aqui alguma coisa daquela paz etérea, que os poetas pagãos sonhavam nas perspetivas inefáveis dos Elísios: somente a natureza particular do Norte, as linhas da arquitetura saxónia, o

arranjo das culturas, dão a feição romântica e elegíaca que falta à paisagem latina.

Caminha-se numa luz ligeira, de um dourado triste, de um enternecimento quase, magoado: o verde das relvas sem fim que se pisam, verde repousado e adormecido sob as grandes ramagens das árvores seculares e aristocráticas, solenes, isoladas, imóveis num recolhimento religioso, leva a alma insensivelmente para alguma coisa de muito alto e de muito puro: há um silêncio de uma extraordinária limpidez, como o que deve haver por sobre as nuvens, um silêncio que não existe na paisagem dos climas quentes, onde o labor incessante das seivas muito forte parece fazer um vago rumorido, um silêncio que pousa no

espírito com a influência de uma carícia. E a cada momento são fundos encantadores de paisagem, de um vaporizado azul, com alguma torre da Abadia coberta de heras, que surge de entre robles, ou uma rica avenida de parque, onde se entreveem vestidos claros correndo sobre as relvas, ou a histórica arquitetura de um castelo, de bandeira feudal na torre, que de repente aparece numa elevação com os seus terraços de mármore escuro, os grandes prados onde pastam ou repousam os animais de luxo, os faiscantes meandros do rio entre a verdura e sons tristes de trompa, vindos das profundidades dos arvoredos...

Daqui a dias, porém, por colina e vale, só haverá a triste névoa húmida que dura meses, ou a neve redemoinhando ao

vento...

Esta monotonia, que começa escurecendo os campos desde novembro, vai causar este ano uma inovação excelente nos costumes sociais da Inglaterra. Vai haver, de dezembro a maio, uma *estação de inverno*, em Londres.

Como sabem, Londres só é habitado desde os começos de maio até aos primeiros dias quentes de agosto. O resto do ano, Londres é a caída Palmira ou a tenebrosa planície do deserto da Petreia. Ficam lá, é verdade, entre três a quatro milhões de humanidade: mas é uma humanidade subalterna, feita de barro, vilão, sem valor social em Inglaterra: é a humanidade que não tem castelos, nem parques de três léguas, nem o seu nome no *Livro de Ouro*, nem *yachts* de luxo para

bordejar nas costas da Escócia; é a humanidade que não tem nas artérias o famoso *sangue normando*, esse sangue invejado, mais precioso que o de Cristo, cantado por todos os poetas da corte, e que foi importado pelos brutamontes cobertos de ferro, e peludos como feras, que acompanhavam a estas ilhas Guilherme da Normandia; é enfim a humanidade que Carlos Stuart, o Bem-amado, chamava a *canalha*, e que o grande sacerdote da *Bela Helena*, o pobre Offenbach, designava, com tanto critério, pelo nome de *vil multidão* — é o trabalhador, o artífice, o artista, o professor, o filósofo, o operário, o romancista, tudo o que pensa, cria e produz.

É esta fresca ralé que fica em

Londres: de modo que apenas a humanidade superior, os *dez mil de cima*, como aqui tão pitorescamente se diz, partem para os seus castelos, as suas *vilas* à beira-mar, ou os seus *yachts* — Londres, apenas habitado pela turba abjeta, torna-se sobre a face da terra, como a lamentável Cacilhas. Nenhum *gentleman* que se respeite e queira manter o seu bom nome social, ousaria confessar que esteve em Londres em janeiro: correria o risco de ser tomado por um tendeiro, ou, pior, por um filósofo, um poeta, um desses seres rastejantes, vis como o lixo, sem castelo e sem matilha de cães, que nenhuma *Lady* quereria ter no seu «rol de visitas».

Se um *gentleman*, tendo negócios instantes em Londres, é forçado a vir a

este deserto de plebeus, guarda um *incógnito* severo; não chegará talvez a pôr barbas postiças; mas só se arrisca pelas ruas, no fundo escuro de um *coupé* com os *Stores* descidos, e o paletó rebuçando-lhe a face. Todavia uma aventura tão arrojada poucos a ousam!

Pois bem, tudo isto se vai reformar! E este ano será moda passear em Piccadilly, ou florear de rosa ao peito em Pall-Mall, em pleno janeiro, na espessura dos nevoeiros. Esta revolução considerável, foi, como todas as fecundas revoluções, tramada, pregada, popularizada pelas mulheres.

Havia longos anos que estes anjos sofriam com impaciência a melancolia da vida do campo, durante o longo inverno saxónio. Ainda, nos primeiros tempos,

depois de deixar as glórias de Londres e os esplendores da *season*, a existência era tolerável. Havia as regatas elegantes de Cowes; ia-se estar uma semana à ilha de Wight; depois vinham as festas da abertura da caça; seguia-se a época dos*yachts*,as viagens às costas da Noruega, às Hébridas, às praias elegantes da Normandia; depois, quando a corte está na Escócia, vinha a caça do veado, os bailes de *gellies* das montanhas... Enfim, vivia-se.

Mas, com a chegada de dezembro, da neve, uma formidável lei social, a *fashion*, obrigava os *dez mil de cima* a recolher-se aos seus castelos, à solidão do campo. E aí começava para as damas o tédio memorável!

Quando se não tem um *château* e

parque como os de Inglaterra, pode parecer um sonho de paraíso o viver nessas faustosas residências, entre maravilhas de arte, acumuladas por gerações, com mobílias de duzentos contos, um serviço de setenta criados, vinte cavalos na cocheira e um parque de três léguas, um parque de romance, para passear sobre a neve dura quando o céu brilha claro. Mas a desgraçada dama, desde o seu primeiro dente acostumada a tantos esplendores, já lhes não encontra encanto; uma simples corrida, num velho fiacre de Londres, de loja em loja, é-lhe cem vezes mais doce.

Depois, a vida do castelo é de um vazio, Pardo e tristonho. Os homens, esses, de manhã, têm a caça, os galopes furiosos, devorando prados, saltando

sebes atrás de uma raposa espavorida, ao grito bárbaro de *Hally-hó!* Depois à noite, tomado o banho e vestida a casaca, têm o grogue forte no *jumoir*. Mas as desgraçadas damas? Todas bebem grogue — mas raras são, as que caçam. O dia é-lhes lúgubre. Uma burguesa, em Inglaterra, tem sempre uma ocupação, mesmo nas existências ricas: borda, pinta em porcelana, faz camisas para os pequenos Patagónicos, ensina a ler os filhos dos caseiros, escreve as suas memórias ou corresponde-se com um Teólogo sobre pontos difíceis de doutrina. Mas uma dama das *dez mil* não faz nada; os seus grandes talentos, a *toilette*, a graça de receber a intriga política, o brilho da conversação, o *chic estético*, *coisas* em que prima, não lhe servem no isolamento

relativo do castelo, sob as torrentes da chuva. O seu palco natural é o salão de Londres. Ah no campo, nas longas galerias, onde pendem as bandeiras que os seus antepassados tomaram em Azincourt ou Poitiers, ou, se os avozinhos nunca invadiram a França, as bandeiras compradas no antiquário da esquina, *Mylady* boceja; ou estendida num sofá, na sua *robe de chambre* de brocado branco de Génova, com uma novela caída, no regaço, olha os flocos de neve empoando os grandes carvalhos do parque.

Depois vem a noite. É o pior. Os homens que fizeram talvez cinco léguas de galope atrás das raposas, ou que se estiveram adestrando em jogos atléticos, têm sono. De gardénia na casaca e pérola negra na camisa, estendidos para o fundo

do sofá, derreados, meio adormentados pelo *Noturno* de Chopin, que um anjo louro preludia ao fundo da sala, são tão inúteis para a *flirtation*, o espírito, a intriga, o amor, como se fossem empalhados.

Debalde as pobres damas fizeram uma *toilette* de duzentas libras: debalde resplandecem, às mil luzes de cera, os seus ombros de Deusas. De nada vale. O *gentleman* anseia por deixar a sala, ir reconfortar-se com o seu *brandy and soda*, estirar aqueles membros que a raposa cansou, em lençóis bem perfumados e bem *bassinés*, e ressonar forte.

Esta situação era intolerável.

E os homens mesmo sofriam. Galopar num cavalo de preço sobre a

terra dura da neve, ao ladrar da matilha, por uma manhã de brisa fria — tem encanto. Mas pode-se isso comparar à delícia de ir tagarelar para o clube, ter todas as noites três ou quatro bailes, fazer frases sobre a questão do Oriente, e cear com Miss Fanny, num quente *boudoir* de veludo, enquanto fora a plebe patinha na lama de Londres?! Não, não se pode comparar.

E por isso veio o momento psicológico, como diz esse ilustre homem de prosa, o Sr. de Bismarque, em que *ladies* e lordes concordaram que o inverno no campo era bom para os lobos; e que para os pares de Inglaterra, Londres era preferível. E aí está como se vai ter esta coisa inesperada na vida inglesa — o *inverno em Londres*.

E todavia, Deus sabe que ele não é agradável, esse inverno de Londres! De manhã, ao acordar, tem-se diante da janela uma sombra opaca, espessa, parda, arrepiadora e sinistra: é necessário fazer a barba, com o gás flamejando; almoça-se com todas as velas do candelabro acesas, e a carruagem que nos conduz é precedida de um archote. Ao meio-dia esta decoração de inverno muda; a sombra perde o tom pardo e, por gradações odiosas, ganha um amarelo de oca e começa a exalar um vapor fétido. Respira-se mal, a roupa toma um pegajoso húmido sobre a pele, os edifícios que nos cercam aparecem com as linhas vagas e quiméricas das cidades malditas do Apocalipse, e o estrondo de Londres, este rude, tremendo estrépito, que deve lá em

cima incomodar a corte do Céu, adquire uma tonalidade surda e roncante como um fragor num subterrâneo.

Depois, à noite, outra mudança: toda esta sombra, este nevoeiro grosso, mole, gorduroso, desfaz-se em chuva... Em chuva, digo eu?

Em lama, em lama mal líquida, que escorre, pinga, vem babada de um céu negro.

O gás parece cor de sangue; como todo o mundo, para combater esta névoa gelante e mortal, bebe forte e bebe seguido, há nas ruas um vago vapor de álcool, que passa nos hálitos: isto excita, irrita, impele a turba ao vício. O ruído intolerável das ruas, a pressa da multidão violenta, o rude flamejar das vitrinas dão uma aceleração brutal ao sangue, uma

vibração quase dolorosa aos nervos; pensa-se com intensidade, caminha-se com ímpeto, deseja-se com furor; a besta humana inflama-se: quer alguma coisa de forte, de animal, a luta, o excesso, a gula, o abrasado do *cognac*, a paixão. Londres, numa noite de inverno, exala violência e crime. E pode-se afirmar que em cada uma das tipoias, que, aos milhares e aos milhares, passam como flechas, num relampejar rubro de lanternas, vai um cidadão ou uma cidadã cometendo ou preparando-se para cometer, com exceção da preguiça, um dos pecados mortais.

De uma coisa se pode ter a certeza: é que não há de faltar, aos que vão fazer o seu inverno a Londres, *assunto de cavaco*. Além dos livros que se anunciam, dos escândalos que não hão

de faltar, das modas que sempre se inventam, a política, só por si, é todo um ramalhete; revolta certa na Irlanda; processo por alta traição dos chefes da *Liga da Terra*, deputados da Irlanda; nova guerra no Afeganistão, onde Cabul se insurrecionou; toda a África do Sul em rebelião; complicações sinistras do lado do Oriente; desinteligências estridentes entre os radicais no poder... Enfim, um encanto!

Era em circunstâncias idênticas que o famoso Granville, o homem das *Memórias*, olhando num começo de primavera para todos os lados do horizonte político e social, e não vendo (em 1830) senão presságios negros de revolta, guerra, crises e perigos para a pátria, dizia, banhado em júbilo, quase em

êxtase:

— Meu Deus, que deliciosas noites se vão passar no Clube!

Capítulo 4 — O Natal

O Natal, a grande festa doméstica da Inglaterra, foi este ano triste — dessa tristeza particular que oferece, por um dia de calma ardente, a praça deserta de uma vila pobre, ou dessa melancolia que infundem umas poucas de cadeiras vazias em torno de um fogão apagado, numa sala a que se não voltará mais...

O que nos estragou o Natal, não foram decerto as preocupações políticas, apesar da sua negrura de borrasca. Nem a rebelião do Transval em que os Boers debutaram por exterminar o 94 de linha, um dos mais experimentados e gloriosos regimentos da Inglaterra e que ameaça ensanguentar toda a África do Sul numa

guerra de raças; nem a situação da Irlanda, que já não é governada pela Inglaterra, mas pelo comité revolucionário da *Liga Agrária* — seriam inquietações suficientes para tirar o sabor tradicional ao *plum-pudding* do Natal. As desgraças públicas nunca impedem que os cidadãos jantem com apetite: e misérias da pátria, enquanto não são tangíveis e se não apresentam, sob a forma flamejante de obuses rebentando, numa cidade sitiada, não tirarão jamais o sono ao patriota.

Não; o que estragou o Natal, foi simplesmente a falta de neve. Um Natal como este que passámos, com um sol de uma palidez de convalescente, deslizando timidamente sobre uma imensa peça de seda azul desbotada, um Natal sem neve, um Natal sem casacos de peles, parece

tão insípido e tão desconsolado como seria em Portugal a noite de S. João, noite de fogueiras e descantes, se houvesse no chão três palmos de neve e caísse por cima o granizo até de madrugada! Um desapontamento nacional!

Para compreender bem o encanto da neve deste famoso Natal inglês, basta examinar alguma das pinturas, gravuras ou oleografias, que o têm popularizado.

O assunto não varia na paisagem repetida: é sempre a mesma entrada de um parque, de aparência feudal, por vésperas do Natal, antes da meia-noite; o céu pesado de neve suspensa parece uma, gaza suja: e a perder de vista tudo está coberto da neve caída, uma neve branca, fofa, alta, que faz nos campos um grande silêncio. Junto à grade do parque, uma

mulher e duas crianças, atabafadas nos seus farrapos, com lampiões na mão, vão cantando as loas; e ao fundo, entre as ramagens despidas, ergue-se o maciço castelo, com as janelas flamejando, abrasadas da grande luz de dentro e da alegria que as habita.

E toda a poesia do Natal está justamente nessas janelas resplandecendo na noite nevada.

Felizes aqueles para quem essas portas difíceis se abrem! Logo ao entrar na antecâmara os tetos, as ombreiras, os espaldares das cadeiras, os troféus de caça, aparecem adornados das verduras do Natal, das ramagens sagradas do carvalho céltico; e pelas paredes, em letras douradas, ondeiam os dísticos tradicionais — *Merry Christmas! Merry*

Christmas! alegre natal! alegre natal! e o mesmo grito se repete nos *shake-hands* que se dão ao hóspede.

Sob a chaminé estala e dança a grande fogueira do Natal: a sua luz rica faz parecer de ouro os cabelos louros, e de prata as barbas brancas.

Tudo está enfeitado como numa páscoa sagrada: dos retratos dos avós pendem ramos de flores de inverno, as flores da neve, e todas as pratas da casa cintilam sobre os aparadores, numa solenidade patriarcal. Dos grandes lustres balança-se o ramo simbólico do *mistletoe*, o ramo do amor doméstico: e ai das senhoras que um momento pararem sob a sua ramagem! Quem assim as surpreender tem direito a beijá-las num grande abraço! Também, que voltas

sábias, que estratégia complicada, para evitar o ramo fatídico! Mas, pobres anjos! ou se enganam ou se assustam, e a cada momento é sob o *mistletoe* um grito, um beijo, dois abraços que prendem uma cinta fugitiva...

E o piano não se cala nestas noites! É alguma velha canção inglesa, em que se fala de torneios e cavaleiros, ou uma dança da Escócia, que se baila, com o gentil cerimonial do passado.

E por corredores e salas, as crianças, os bebés, com os cabelos ao vento, vestidos de branco e cor-de-rosa, correm, cantam, riem, vão a cada momento espreitar os ponteiros do relógio monumental, porque à meia-noite chega Santo Claus, o venerável Santo Claus que tem três mil anos de idade e um coração

de pomba, e que já a essa hora vem caminhando pela neve da estrada, rindo com os seus velhos botões, apoiado ao seu cajado, e com os alforges cheios de bonecos. Amável Santo Claus! Por um tempo tão frio, naquela idade deixar a cabana de algodão que ele habita no país da Legenda, e vir por sobre ondas do mar e ramagens de florestas trazer a estes bebés o seu natal!

Também, como eles o adoram, o bom Claus! E apenas ele chegar, como correrão todos, em triunfo, a puxá-lo para o pé do lume, a esfregar-lhe as decrépitas mãos regeladas, e oferecer-lhe uma taça de prata cheia de hidromel quente — que ele bebe de um trago, o glutão! Depois abrem-se-lhe os alforges. Quantas maravilhas!...

Mas destes personagens que aparecem pelas consoadas, o meu predileto é *Father Christmas — o papá Natal*.

Esse, porém, só pode ser admirado em toda a sua glória, quando se abre a sala da ceia: então lá está sobre o seu pedestal, ao centro da mesa — que lhe põe em torno, com os cristais e os pratos, um amável brilho da auréola caseira. Bem-vindo, papá Natal! Boas noites, papá Natal!

O respeitável ancião, com o seu capuz até aos olhos, todo salpicado de neve, as mãos escondidas nas largas mangas de frade, o olho maganão e jovial, esgarça aboca num riso de felicidade sem-fim, e as suas enormes barbas de algodão pendem-lhe até aos pés.

Todas as crianças o querem abraçar, e ele não se recusa, porque é indulgente.

E quanto mais a ceia se anima, mais o seu patriarcal riso se escancara; as bochechas reluzem-lhe de escarlates, as barbas parecem crescer-lhe, e ali está, bonacheirão e venerável, com a importância de um Deus tutelar e amado, como a encarnação sacramental da alegria doméstica.

E no entanto fora, na neve, as pobres crianças cantam as loas: e com vigor as cantam! É que elas sabem que não serão esquecidas: e que daqui a pouco a grade se abrirá, e virá um criado, vergando ao peso de toda a sorte de coisas boas, peças de carne, empadas, vinho, queijos — e mesmo bonecas para

os pequenos; porque Santo Claus é um democrata, e, se enche os seus alforges para os ricos, gosta sobretudo de os ver esvaziados no regaço dos pobres.

Tudo isto é encantador. Mas tire-se-lhe a neve, e fica estragado.

O Natal com uma lua cor de manteiga a bater numa terra tépida de primavera, torna-se apenas uma data no calendário. O lume não tem poesia íntima; não há loas; Santo Claus não vem; o papá Natal parece um boneco insípido; não se colhe o *mistletoe*. Não há mesmo a alegria de abrir a janela, e pôr no rebordo, dentro de uma malga, a ceia de migalhas do Natal para os pardais e para os outros passarinhos, que tanta fome sofrem pelas neves. Enfim não há Natal! Foi o que sucedeu este ano...

Resta a consolação de que os pobres tiveram menos frio. E isto é o essencial; pensando bem, se nas cabanas houve mais algum conforto, e se se não tiritou toda a noite entre quatro farrapos, é perfeitamente indiferente que nos castelos as damas bocejassem.

Nem eu sei realmente como, a ceia faustosa possa saber bem, como o lume do salão chegue a aquecer — quando se considere que lá fora há quem regele, e quem rilhe, a um canto triste, uma côdea de dois dias. É justamente nestas horas de festa íntima, quando para por um momento o furioso galope do nosso egoísmo — que a alma se abre a sentimentos melhores de fraternidade e de simpatia universal, e que a consciência da miséria em que se debatem tantos milhares de criaturas,

volta com uma amargura maior. Basta então ver uma pobre criança, pasmada diante da *vitrine* de uma loja, e com os olhos em lágrimas para uma boneca de pataco, que ela nunca poderá apertar nos seus miseráveis braços — para que se chegue à fácil conclusão que isto é um mundo abominável. Deste sentimento nascem algumas caridades de Natal; mas, findas as consoadas, o egoísmo parte à desfilada, ninguém torna a pensar mais nos pobres, a não ser alguns revolucionários endurecidos, dignos do cárcere — e a miséria continua a gemer ao seu canto!

Os filósofos afirmam que isto há de ser sempre assim: o mais nobre de entre eles, Jesus, cujo nascimento estamos exatamente celebrando, ameaçou-nos,

numa palavra imortal, *que teríamos sempre pobres entre nós*. Tem-se procurado com revoluções sucessivas fazer falhar esta sinistra profecia — mas as revoluções passam e os pobres ficam.

Neste momento, por exemplo, na Irlanda, os trabalhadores, ou antes os servos do ducado de Leicester estão morrendo de fome, e o duque de Leicester está retirando anualmente, do trabalho duro que eles fazem, *quatrocentos contos de reis de renda!* É verdade que a Irlanda está em revolta; é verdade que, se o duque de Leicester se arriscasse a visitar o seu ducado de Irlanda, receberia, sem tardar, quatro lindas balas no crânio.

E o resultado? Daqui a vinte anos os trabalhadores de Leicester estarão de novo a sofrer a fome e o frio — e o filho

do duque de Leicester, duque ele mesmo então, voltará a arrecadar os seus quatrocentos contos por ano.

Não é possível mudar. O esforço humano consegue, quando muito, converter um proletariado faminto numa burguesia farta; mas surge logo das entranhas da sociedade um proletariado pior. Jesus tinha razão: haverá sempre pobres entre nós. Donde se prova que esta humanidade é o maior erro que jamais Deus cometeu.

Aqui estamos sobre este globo há doze mil anos a girar fastidiosamente em torno do Sol, e sem adiantar um metro na famosa *estrada do progresso e da perfetibilidade:* porque só algum ingénuo de província é que ainda considera *progresso* a invenção ociosa desses

bonecos pueris que se chamam máquinas, engenhos, locomotivas, etc., e essas prosas laboriosas e difusas que se denominam *sistemas sociais*.

Nos dois ou três primeiros mil anos de existência trepámos a uma certa altura de civilização; mas depois temos vindo rolando para baixo numa cambalhota secular.

O tipo secular e doméstico de uma aldeia Ária do Himalaia, tal como uma vetusta tradição o tem trazido até nós, é infinitamente mais perfeito que o nosso organismo doméstico e social. Já não falo de gregos e romanos: ninguém hoje tem bastante génio para compor um coro de Ésquilo ou uma página de Virgílio; como escultura e arquitetura, somos grotescos; nenhum milionário é capaz de jantar como

Lúculo; agitavam-se em Atenas ou Roma mais ideias superiores num só dia do que nós inventámos num século; os nossos exércitos fazem rir, comparados às legiões de Germânicos; não há nada equiparável à administração romana; *o boulevard* é uma viela suja ao lado da Via Ápia; nem uma Aspásia temos; nunca ninguém tornou a falar como Demóstenes: — e o servo, o escravo, essa miséria da antiguidade, não era mais desgraçado que o proletário moderno.

De facto, pode-se dizer que o homem nem sequer é superior ao seu venerável pai — o macaco; exceto em duas coisas temerosas — o sofrimento moral e o sofrimento social.

Deus tem só uma medida a tomar com esta humanidade inútil: afogá-la num

dilúvio. Mas afogá-la toda, sem repetir a fatal indulgência que o levou a poupar Noé; se não fosse o egoísmo senil desse patriarca borracho, que queria continuar a viver, para continuar a beber, nós hoje gozaríamos a felicidade inefável de *não sermos*...

Capítulo 5 — Literatura de Natal

Uma das coisas encantadoras que nos traz o Natal, são esses lindos livros para crianças, que constituem a *literatura de Natal*.

Não falo desses extraordinários volumes dourados, publicados pelos editores franceses, em encadernações decorativas como fachadas de catedrais, que custam uma fortuna, contêm um texto que nunca ninguém lê, e são oferecidos às crianças, mas realmente servem para obsequiar os papás. Os pobres pequenos nada gozam com esses monumentos tipográficos; apenas se lhes permite ver

de longe as gravuras a aço, sob a fiscalização da mamã, que tem medo que se deteriore a encadernação; e o resplandecente volume orna daí por diante a jardineira da sala, ao lado do candeeiro vistoso.

Em Inglaterra existe uma verdadeira literatura para crianças, que tem os seus clássicos e os seus inovadores, um movimento e um mercado, editores e génios — em nada inferior à nossa literatura de homens sisudos. Aqui, apenas o bebé começa a soletrar, possui logo os seus livros especiais: são obras adoráveis, que não contêm mais de dez ou doze páginas, intercaladas de estampas, impressas em tipo enorme, e de um raro gosto de edição. Ordinariamente o assunto é uma história, em seis ou sete frases, e

decerto menos complicada e dramática que O *Conde de Monte-Cristo* ou *Nana;* mas enfim tem os seus personagens, o seu enredo, a sua moral, e a sua catástrofe.

Tal é, para dar um exemplo, a lamentável tragédia dos *Três velhos sábios de Chester:* eram muito velhos e muito sábios; e para discutirem coisas da sua sabedoria, meteram-se dentro de uma barrica, mas um pastor que vinha a correr atrás de uma ovelha, deu um encontrão ao tonel, e ficaram de pernas ao ar os três velhos sábios de Chester!

Como estas há milhares: a *Cavalgada* de João Gilpin é uma obra de génio.

Depois, quando o bebé chega aos seus oito ou nove anos, proporciona-se-lhe outra literatura. Os sábios, a barrica,

os trambolhões, já o não interessariam; vêm então as histórias de viagens, de caçadas, de naufrágios, de destinos fortes, a salutar crónica do triunfo, do esforço humano sobre a resistência da natureza.

Tudo isto é contado numa linguagem simples, pura, clara — e provando sempre que na vida o êxito pertence àqueles que têm energia, disciplina, sangue-frio e bondade. Raras vezes se leva o espírito da criança para o país do maravilhoso: — não há nestas literaturas nem fantasmas, nem milagres, nem cavernas com dragões de escamas de ouro: isso reserva-se para a gente grande. E quando se fala de anjos ou de fadas é de modo que a criança, naturalmente, venha a rir-se desse lindo sobrenatural, e a considerá-lo do género *boneco*, com os

seus próprios carneirinhos de algodão.

O que se faz às vezes é animar de uma vida fictícia os companheiros inanimados da infância: as bonecas, os polichinelos, os soldados de chumbo. Conta-se-lhes, por exemplo, a tormentosa existência de uma boneca honesta e infeliz: ou os sofrimentos por que passou em campanha, numa guerra longínqua, uma caixa de soldados de chumbo. Esta literatura é profunda. As privações de soldados vivos não impressionariam talvez a criança — mas todo o seu coração se confrange quando lê que padecimentos e misérias atravessaram aqueles seus amigos, os guerreiros de chumbo, cujas baionetas torcidas ela todos os dias endireita, com os dedos: e assim pode ficar depositado num espírito

de criança um justo horror da guerra.

As lições morais, que se dão deste modo, são inumeráveis, e tanto mais fecundas quanto saem da ação e da existência dos seres que ela melhor conhece — os seus bonecos.

Depois vêm ainda outros livros para os leitores de doze a quinze anos: popularizações de ciências; descrições dramáticas do universo; estudos cativantes do mundo das plantas, do mar, das aves; viagens e descobertas; a história; e, enfim, em livros de imaginação, a vida social apresentada de modo que nem uma realidade muito crua ponha no espírito tenro securas de misantropia, nem uma falsa idealização produza uma sentimentalidade mórbida.

É no Natal, principalmente, que

esta literatura floresce. As lojas dos livreiros são então um paraíso. Não há nada mais pitoresco, mais original, mais decorativo que as encadernações inglesas; e as estampas, as cores leves e aguadas, oferecem quase sempre verdadeiras obras de arte, de graça e de *humour*.

Não sei se no Brasil existe isto. Em Portugal nem em tal jamais se ouviu falar. Aparece uma ou outra dessas edições de luxo, de Paris, de que falei, e que constituem ornatos de sala. A França possui também uma literatura infantil tão rica e útil como a de Inglaterra; mas essa, Portugal não a importa: livros para completar a mobília, sim; para educar o espírito, não.

A Bélgica, a Holanda, a Alemanha, prodigalizam estes livros para

crianças; na Dinamarca, na Suécia, eles são uma glória da literatura e uma das riquezas do mercado.

Em Portugal, nada.

Eu às vezes pergunto a mim mesmo o que é que em Portugal leem as pobres crianças. Creio que se lhes dá Filinto Elísio, Garção, ou outro qualquer desses mazorros sensaborões, quando os infelizes mostram inclinação pela leitura.

Isto é tanto mais atroz quanto a criança portuguesa é excessivamente viva, inteligente e imaginativa. Em geral, nós outros, os portugueses, só começamos a ser idiotas — quando chegamos à idade da razão. Em pequenos, temos todos uma pontinha de génio: e estou certo que se existisse uma literatura infantil como a da Suécia ou da Holanda, para citar só

países tão pequenos como o nosso, erguer-se-ia consideravelmente entre nós o nível intelectual.

Em lugar disso, apenas a luz do entendimento se abre aos nossos filhos, sepultamo-la sob grossas camadas de latim! Depois do latim acumulamos a retórica! Depois da retórica atulhamo-la de lógica (de lógica, Deus piedoso!). E assim vamos erguendo até aos céus o monumento da camelice!

Pois bem: eu tenho a certeza que uma tal literatura infantil penetraria facilmente nos nossos costumes domésticos e teria uma venda proveitosa. Muitas senhoras, inteligentes e pobres, se poderiam empregar em escrever essas fáceis histórias: não é necessário o génio de Zola ou de Thackeray para inventar o

caso dos *três velhos sábios de Chester*. Há entre nós artistas de lápis fácil e engraçado, que comentariam bem essas aventuras num desenho de simples contorno, sem sombras e sem relevo, lavado a cores transparentes... E quantos milhares de crianças se fariam felizes, com esses bonitos livros — que, para serem populares e se poderem despedaçar sem prejuízo, devem custar menos de um tostão!

Eu bem sei que esta ideia de compor livros para crianças faria rir Lisboa inteira. Também, não é a Lisboa que eu a ofereço. Lisboa não se ocupa destes detalhes.

Lisboa quer coisa superior, quer a bela estrofe lírica, o rico drama em que se morre de paixão ao luar, o *fadinho* ao

piano, o saboroso namoro de escada, a escada plangente, a boa facadinha à meia-noite, o discurso em que se cita o Gólgota, a andalusa de cuia — enfim, tudo o que o romantismo português inventou de mais nobre. Educar os seus filhos inteligentemente, está decerto abaixo da sua dignidade.

Mas, enfim, se estas linhas animassem aí no Brasil, ou entre a colónia portuguesa, um escritor, um desenhista e um editor, a prepararem alguns bons livros, bem engraçados, bem alegres, para os bebés — eu teria feito ao império um serviço colossal, que não sei como me poderia ser recompensado.

Uma boa fazenda, de rendimento certo, numa província rica, com casa já mobilada e alguns cavalos na cavalariça,

não seria talvez demais. Se a gratidão do governo imperial quisesse juntar a isto, para alfinetes, um ou dois milhões em ouro, eu não os recusaria. E se me não quisessem dar nada, bastar-me-ia então que um só bebé se risse e fosse alguns minutos feliz. Pensando bem: — é esta recompensa que prefiro.

Capítulo 6 — Israelismo

As duas grandes «sensações» do mês são incontestavelmente a publicação do novo romance de Lorde Beaconsfield, *Endymion*, e a agitação na Alemanha contra os Judeus. Literariamente, pois, e socialmente, o mês pertence aos Israelitas. Este extraordinário movimento antijudaico, esta inacreditável ressurreição das cóleras piedosas do século XVI, é vigiada com tanto mais interesse em Inglaterra quanto aqui, como na Alemanha, os judeus abundam, influindo na opinião pelos jornais que possuem (entre outros o *Daily Telegraph*, um dos mais importantes do reino), dominando o comércio pelas suas casas

bancárias, e em certos momentos mesmo governando o Estado pelo grande homem da sua raça, o seu profeta maior, o próprio Lorde Beaconsfield. Aqui, decerto, estamos longe de ver desencadear um ódio nacional, uma perseguição social contra os judeus; mas há suficientes sintomas de que o desenvolvimento firme deste Estado israelita, dentro do Estado cristão, começa a impacientar o inglês. Não vejo, por exemplo, que o que se está passando na Alemanha, apesar de exalar um odioso cheiro de auto de fé provoque uma grande indignação da imprensa liberal de Londres: e já mesmo um jornal da autoridade do *Spectator* se vê forçado a atenuar, perante os graves protestos da colónia israelita, artigos em que descrevera os judeus como uma

corporação isolada e egoísta, à semelhança das comunidades católicas, trabalhando só no próprio interesse, encerrando-se na força da sua tradição e conservando simpatias e tendências manifestamente hostis às do Estado que os tolera. Tudo isto é já desagradável.

Mas que diremos do movimento na Alemanha? Que em 1880, na sábia e tolerante Alemanha, depois de Hegel, de Kant e de Schopenhauer, com os professores Strauss e Hartmann, vivos e trabalhando, se recomece uma campanha contra o judeu, o matador de Jesus, como se o imperador Maximiliano estivesse ainda, do seu acampamento de Pádua, decretando a destruição da lei Rabínica e ainda pregasse em Colónia o furioso *Grão-de-Pimenta*, geral dos dominicanos

— é facto para ficar de boca aberta todo um longo dia de verão. Porque enfim, sob formas civilizadas e constitucionais (petições, *meetings*, artigos de revista, panfletos, interpelações), é realmente a uma perseguição de judeus que vamos assistir, das boas, das antigas, das Manuelinas, quando se deitavam à mesma fogueira os livros do Rabino e o próprio Rabino, exterminando assim, economicamente, com o mesmo feixe de lenha, a doutrina e o doutor.

E é curioso e edificante espetáculo ver o venerável professor Virchow, erguendo-se no parlamento alemão, a defender os judeus, a sabedoria dos livros hebraicos, as sinagogas, asilo do pensamento durante os tempos bárbaros — exatamente como o ilustre legista

Roenchlin os defendia, nas perseguições que fecharam o século XV!

Mas, o mais extraordinário ainda é a atitude do governo alemão: interpelado, forçado a dar a opinião oficial, a opinião de Estado, sobre este rancor obsoleto e repentino da Alemanha contra o judeu, o governo, declara apenas, com lábio escasso e seco, «*que não tenciona por ora alterar a legislação relativamente aos israelitas!*» Não faltaria com efeito mais que ver os ministros do império, filósofos e professores, decretando, à D. Manuel, a expulsão dos judeus, ou restringindo-lhes a liberdade civil até os isolar em vielas escusas, fechadas por correntes de ferro, como nas judiarias do *Ghetto*. Mas uma tal declaração não é menos ameaçadora. O Estado dá a

entender apenas que a perseguição não há de partir da sua iniciativa: não tem, porém, uma palavra para condenar este estranho movimento antissemítico, que em muitos pontos é presentemente organizado pelas suas próprias autoridades.

Deixa a colónia judaica em presença da irritação da grossa população germânica — e lava simplesmente as suas mãos ministeriais na bacia de Pôncio Pilatos.

Não afirma sequer que há de fazer respeitar as leis que protegem o judeu, cidadão do império; tem apenas a vaga tenção, vaga como a nuvem da manhã, de as não alterar *por ora!*

O resultado disto é que numa nação em que a sociedade conservadora forma como um largo batalhão, pensando

o que lhe manda a «ordem do dia» e marchando em disciplina, à voz do coronel — cada bom alemão, cada patriota vai imediatamente concluir desta linguagem ambígua do governo que, se a corte, o estado-maior, os feld-marechais, o Sr. de Bismarque, todo esse mundo venerado e obedecido não veem o ódio ao judeu com entusiasmo, não deixam, todavia, de o aprovar em seus corações cristãos... E o novo movimento vai certamente receber, daqui, um impulso inesperado.

Que digo eu? Já recebeu. Apenas se soube a resposta do ministério, um bando de mancebos, em Leipzig, que se poderiam tomar por frades dominicanos, mas que eram apenas filósofos estudantes, andaram expulsando os judeus das

cervejarias, arrancando-lhes assim o direito individual mais caro e mais sagrado ao alemão: o direito à cerveja!

Mas de onde provém este ódio ao judeu? A Alemanha não quer, decerto, começar de novo a vingar o sangue precioso de Jesus. Há já tanto tempo que essas coisas dolorosas se passaram!... A humanidade cristã está velha, e portanto indulgente: em dezoito séculos esquece a afronta mais funda. E infelizmente hoje, já ninguém, ao ler os episódios da Paixão, arranca furiosamente da espada, como Clovis, gritando, com a face em pranto:

— Ah, infames! Não estar eu lá com os meus Francos!

Além disso, este movimento é organizado pela burguesia, e as classes conservadoras da Alemanha são muito

jurídicas, para não aprovarem, no segredo do seu pensamento, o suplício de Jesus. Dada uma sociedade antiga e próspera, com a sua religião oficial, a sua moral oficial, a sua literatura oficial, o seu sacerdócio, o seu regime de propriedade, a sua aristocracia e o seu comércio — que se há de fazer a um inspirado, a um revolucionário, que aparece seguido de uma plebe tumultuosa, pregando a destruição dessas instituições consagradas, a fundação de uma nova ordem, social sobre a ruína delas, e, segundo a expressão legal, *excitando o ódio dos cidadãos contra o governo?* Evidentemente, puni-lo.

Pede-o a lei, a ordem, a razão de Estado, a salvação pública e os interesses conservadores. É justamente o que a

Alemanha, com muita razão, faz aos seus socialistas, a Karl Marx e a Bebei. Ora, estes maus homens não querem fazer na Alemanha contemporânea uma revolução, decerto, mais radical que a que Jesus empreendeu no mundo semítico. É verdade que o Nazareno era um Deus: para nós, certamente, humanidade privilegiada, que o soubemos amar e compreender: — mas em Jerusalém, para o doutor do templo, para o escriba da lei, para o mercador do bairro de David, para o proprietário das searas que ondulavam até Belém, para o centurião severo encarregado da ordem — Jesus era apenas um insurreto.

E se Bismarque estivesse de toga, no pretório, sobre a cadeira curul de Caifás, teria assinado a sentença fatal tão

serenamente como o dito Caifás, certo que nesse momento salvava a sua pátria da anarquia. Os conservadores de Jerusalém foram lógicos e legais, como são hoje os de Berlim, de Sampetersburgo ou de Viena: no mundo antigo, como agora, havia os mesmos interesses santos a guardar. Que diabo!, é indispensável que a sociedade se conserve nas suas largas bases tradicionais: e outrora, como hoje, a salvação da ordem é a justificação dos suplícios.

É possível que este gozo, que nós, conservadores, hoje temos, de triturar os Messias socialistas, encarcerar os Proudhon, mandai para a Sibéria os Bacounine, e crivar de multas os Félix Pyat — venha a custar caro a nossos netos. Com o andar dos tempos, todo o

grande reformador social se transforma pouco a pouco em Deus: Zoroastro, Confúcio, Maomé, Jesus, são exemplos recentes! As formas superiores do pensamento têm uma tendência fatal a tornar-se na futura lei revelada: e toda a filosofia termina, nos seus velhos dias, por ser religião. Augusto Comte já tem altares em Londres; já se lhe reza. E assim como hoje exigimos capelas aos Santos Padres, aos que foram os autores divinos, os nobres criadores do catolicismo, talvez um dia, quando o socialismo for religião do Estado, se vejam em nichos de templo, com uma lamparina na frente, as imagens dos Santos Padres da revolução: Proudhon de óculos, Bacounine parecendo um urso sob as suas peles russas, Karl Marx apoiado ao cajado simbólico do

pastor de almas.

Como a civilização caminha para o oeste, isto passar-se-á aí para o século xxvtn, na Nova Zelândia ou na Austrália, quando nós, por nosso turno, formos as velhas raças do Oriente, as nossas línguas idiomas mortos, e Paris e Londres montões de colunas trancadas como hoje Palmira e Babilónia, que o zelandês e o australiano virão visitar, em balão, com bilhete de ida e volta... Logicamente então, como são detestados hoje na Alemanha os herdeiros dos que mataram Jesus — só haverá repulsão e ódio pelos descendentes de nós outros, que estamos encarcerando Bacounine, ou multando Pyat. E como toda a religião tem um período de furor e extermínio, esses nossos pobres netos serão perseguidos,

passarão ao estado de raça maldita, e morrerão nos suplícios... *C'est raide!*

Mas voltemos à Alemanha.

Ainda que o Pedro Eremita desta nova cruzada constitucional seja um sacerdote, o Rev. Streker, capelão e pregador da corte, é evidente que ela não tira a sua força da paixão religiosa. As cinco chagas de Jesus nada têm que ver com estas petições que por toda a parte se assinam, pedindo ao governo que não permita aos judeus adquirirem propriedade, que não sejam admitidos aos cargos públicos, e outras extravagâncias góticas! O motivo do furor antissemítico é simplesmente a crescente prosperidade da colónia judaica, colónia relativamente pequena, apenas composta de 400000 judeus, mas que, pela sua atividade, a sua

pertinácia, a sua disciplina, está fazendo uma concorrência triunfante à burguesia alemã.

A alta finança e o pequeno comércio estão-lhe igualmente nas mãos: é o judeu que empresta aos Estados e aos príncipes, é a ele que o pequeno proprietário, hipoteca as terras. Nas profissões liberais absorve tudo: é ele o advogado com mais causas e o médico com mais clientela; se na mesma rua há dois tendeiros, um alemão e outro judeu, o filho da Germânia ao fim do ano está falido, o filho de Israel tem carruagem! Isto tornou-se mais frisante depois da guerra: e o bom alemão não pode tolerar este espetáculo do judeu engordando, enriquecendo, reluzindo, enquanto ele, carregado de louros, tem de emigrar para

a América à busca de pão.

Mas se a riqueza do judeu o irrita, a ostentação que o judeu faz da sua riqueza enlouquece-o de furor. E, neste ponto, devo dizer que o alemão tem razão. A antiga legenda do israelita, magro, esguio, adunco, caminhando cosido com a parede, e coando por entre as pálpebras um olhar turvo e desconfiado — pertence ao passado. O judeu hoje é um gordo. Traz a cabeça alta, tem a pança ostentosa enche a rua. É necessário vê-los em Londres, em Berlim, ou em Viena: nas menores coisas, entrando em um café ou ocupando uma cadeira no teatro, têm um ar arrogante e ricaço, que escandaliza. A sua pompa espetaculosa de Salomões *parvenus* ofende o nosso gosto contemporâneo, que é sóbrio. Falam

sempre alto, como em país vencido, e em um restaurante de Londres ou de Berlim nada há mais intolerável que a gralhada semítica. Cobrem-se de joias, todos os arreios das carruagens são de ouro, e amam o luxo grosseiro e vistoso. Tudo isto irrita.

Mas o pior ainda, na Alemanha, é o hábil plano com que fortificam a sua prosperidade e garantem a sua influência — plano tão hábil que tem um sabor de conspiração: na Alemanha, o judeu, lentamente, surdamente, tem-se apoderado das duas grandes forças sociais — a Bolsa e a Imprensa. Quase todas as grandes casas bancárias da Alemanha, quase todos os grandes jornais estão na posse do semita. Assim, torna-se inatacável. De modo que não só expulsa o

alemão das profissões liberais, o humilha com a sua opulência rutilante, e o traz dependente pelo capital; mas injúria suprema, pela voz dos seus jornais, ordena-lhe o que há de fazer, o que há de pensar, como se há de governar e com que se há de bater!

Tudo isto ainda seria suportável se ó judeu se fundisse com a raça indígena. Mas não. O mundo judeu conserva-se isolado, compacto, inacessível e impenetrável. As muralhas formidáveis do templo de Salomão, que foram arrasadas, continuam a pôr em torno dele um obstáculo de cidadelas. Dentro de Berlim há uma verdadeira Jerusalém inexpugnável: aí se refugiam com o seu Deus, o seu livro, os seus costumes, o seu Sabat, a sua língua, o seu orgulho, a sua

secura, gozando o ouro e desprezando o cristão. Invadem a sociedade alemã, querem lá brilhar e dominar, mas não permitem que o alemão meta sequer o bico do sapato dentro da sociedade judaica. Só casam entre si; entre si, ajudam-se regiamente, dando-se uns aos outros milhões — mas não favoreceriam com um troco um alemão esfomeado; e põem um orgulho, um coquetismo insolente em se diferençar do resto da nação em tudo, desde a maneira de pensar até à maneira de vestir. Naturalmente, um exclusivismo tão acentuado é interpretado como hostilidade — e pago com ódio.

Tudo isto, no entanto, é *a luta pela existência*. O judeu é o mais forte, o judeu triunfa. O dever do alemão seria exercer o músculo, aguçar o intelecto, esforçar-se,

puxar-se para a frente para ser, por seu turno, o mais forte. Não o faz: em lugar disso, volta-se miseravelmente, covardemente, para o governo, e peticiona, em grandes rolos de papel, que seja expulso o judeu dos direitos civis, porque o judeu é rico, e porque o judeu é forte.

***

O governo, esse, esfrega as mãos, radiante. Os jornais ingleses não compreendem a atitude do Sr. de Bismarque, aprovando tacitamente o movimento antijudaico. É fácil de perceber; é um rasgo de génio do chanceler. Ou pelo menos uma prova de que lê com proveito a História da

Alemanha.

Na meia-idade, todas as vezes que o excesso dos males públicos, apeste ou a fome, desesperava as populações; todas as vezes que o homem escravizado, esmagado e explorado, mostrava sinais de revolta, a igreja e o príncipe apressavam-se a dizer-lhe: «Bem vemos, tu sofres! Mas a culpa é tua. É que o judeu matou Nosso Senhor, e tu ainda não castigaste suficientemente o judeu.» A populaça então atirava-se aos judeus: degolava, assava, esquartejava, fazia-se uma grande orgia de suplícios; depois, saciada, a turba reentrava na treva da sua miséria a esperar a recompensa do Senhor.

Isto nunca falhava. Sempre que a igreja, que a feudalidade se sentia ameaçada por uma plebe desesperada da

canga dolorosa — desviava o golpe de si e dirigia-o contra o judeu.

Quando a besta popular mostrava sede de sangue — servia-se à canalha sangue israelita.

É justamente o que faz, em proporções civilizadas, o Sr. de Bismarque. A Alemanha sofre e murmura: a prolongada crise comercial, as más colheitas, o excesso de impostos, o pesado serviço militar, a decadência industrial, tudo isto traz a classe média irritada. O povo, que sofre mais, tem ao menos a esperança socialista; mas os conservadores começam a ver que os seus males vêm dos seus ídolos.

Para o calmar e ocupar, o que mais serviria ao chanceler seria uma guerra, mas nem sempre se pode inventar

uma guerra, e começa a ser grave encontrar em campo a França preparada, mais forte que nunca, com os seus dois milhões de bons soldados, a sua fabulosa riqueza, riqueza inconcebível, que, como dizia há dias a *Saturday Review*, é um fenómeno inquietador e difícil de explicar.

Portanto, à falta de uma guerra, o príncipe de Bismarque distrai a atenção do alemão esfomeado — apontando-lhe para o judeu enriquecido. Não alude naturalmente à morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas fala nos milhões do Judeu e no poder da Sinagoga. E assim se explica a estranha e desastrosa declaração do governo.

***

Da outra «sensação», o romance de Lorde Beaconsfield, *Endymion*, não me resta, nesta carta, espaço para rir. Figuram nele, sob nomes transparentes, Beaconsfield, ele próprio, Napoleão III, o príncipe de Bismarque, o cardeal Manning, os Rothchilds, a imperatriz Eugénia, duquesas, lordes, marechais... Enfim, um ramalhete de flores, pelo qual o editor Longman pagou *cinquenta e quatro contos de reis* fortes.

Jovens de letras, meus amigos, ponde vossos olhos neste exemplo de ouro! Sê prudente, mancebo; nunca, ao entrar na carreira literária, publiques poema ou novela, sem a antecipada precaução de ter sido durante alguns anos primeiro ministro de Inglaterra!

Capítulo 7 — A Irlanda e a Liga Agrária

É necessário falar da Irlanda, falar da *Liga Agrária*, falar de Parnell...

Há seis meses que este homem, esta associação, essa ilha inquieta são o cuidado supremo, a preocupação pungente da Inglaterra e de tudo o que em Inglaterra pensa, desde os homens de estado até aos; caricaturistas. E dentro em breve o sentimento europeu, o sentimento universal vai-se exaltar pela *questão da Irlanda*, como outrora pela *questão da Polónia*.

A questão da Polónia! ó saudosos dias passados! Foi esse um dos meus

primeiros entusiasmos. Nesse tempo, ser polaco era sinónimo de ser herói: e a forma mais usual da paixão, numa alma de vinte anos, não consistia no desejo de se subir ao balcão de Julieta, mas de partir e ir tomar as armas pela Polónia. Em Coimbra, sempre que nos reuníamos mais de quatro amigos, fazíamos logo esse projeto, gritando: — *Viva a Polónia!* Os jornais transbordavam de poemas à Polónia e de injúrias ao Urso do Norte! Empenhavam-se batinas e compêndios para socorrer a Polónia, em subscrições entusiásticas. Em benefício da Polónia eu representei muito melodrama em que, ora virgem traída e vestida de branco, soluçava com as minhas tranças soltas — ora traidor, soltando gargalhadas cínicas, cravava um ferro no peito de Condé!

Por fim não éramos mais insensatos do que o povo de Paris em 1848, marchando em procissão a reclamar do governo provisório a libertação da Polónia. «Mas é uma guerra com a Rússia, é um conflito europeu!» diziam os prudentes. E os entusiastas respondiam: «Não tem dúvida; a França é o Messias, é a salvadora dos oprimidos: a França é o Cristo das nações; sendo necessário, deve morrer por elas.»

Mas desde 1848 muita água tem passado sob as pontes, como dizem em Paris; e mesmo muito sangue.

Por estes tempos de *oportunismo* e de *naturalismo*, a pobre Irlanda não inspirará jamais o culto piedoso que votámos outrora à Polónia.

De resto a Polónia e a Irlanda

constituem dois casos diferentes. É certo, porém, que vistos de longe, através da névoa lacrimosa da sentimentalidade, oferecem similitudes. A Irlanda pode talvez considerar-se uma Polónia constitucional: há aqui como na Polónia uma raça oprimida, cujo solo foi dividido entre os grandes vassalos, as famílias históricas da nação conquistadora, e que desde então tem permanecido em servidão agrária. Somente na Irlanda o arbitrário e os abusos, que esta situação origina, são recobertos pelo regime parlamentar de um belo verniz de legalidade: e a Irlanda sofre as misérias de um país vencido e explorado — mas dentro das formas constitucionais.

O irlandês parece-se com o polaco em certos pontos, são ambos

arrebatados, imprudentes, espirituosos, generosos e poetas. Como o polaco, o irlandês católico odeia o conquistador, sobretudo por ele ser herético de nacionalidade, misturando com o ódio político o conflito de religião. Como na Polónia, há na Irlanda a legenda patriótica da independência, das revoltas sufocadas, dos agitadores heroicos, legenda que fala à imaginação popular tanto como a mesma religião, inspirando iguais fanatismos, de tal sorte que o irlandês é tão devoto dos seus santos como dos seus patriotas; como o polaco despreza o russo, assim o irlandês olha o anglo-saxónio, como um bárbaro e um estúpido, e tem por ele toda a antipatia desdenhosa, que uma raça de improvisadores pode ter por uma raça de críticos e de analistas. Na ordem social,

como na ordem doméstica, há entre a Polónia e a Irlanda outras curiosas afinidades. A última tática da Irlanda, mesmo, é imitada da Polónia: a Irlanda vai apelar para a Europa e é Vítor Hugo quem falará em nome dela, num manifesto com o título de *Opressor oprimido*.

Mas a Inglaterra realmente não se parece com a Rússia: nem mesmo através da névoa da sensibilidade, através da paixão pela causa da Irlanda, o mais esclarecido dos liberalismos pode ser confundido com o mais boçal dos despotismos. E todavia a Inglaterra, para não perturbar os interesses tirânicos de um milhar de ricos proprietários, deixa na miséria quatro milhões de homens. Tem todo o território Mandes ocupado militarmente. Apenas um patriota começa

a ter influência na Irlanda, prende o patriota. Quando a eloquência dos deputados irlandeses se torna inquietadora, abafa-a, quebrando sem escrúpulos uma tradição parlamentar de séculos. Vai governar a Irlanda pela *Lei marcial*, como qualquer czar. E, para suspender os planos da *Liga Agrária*, viola os segredos das cartas.

Esta questão da Irlanda apresenta-se tão complexa, tão confusa como o próprio caos antes da grande façanha de Jeová. Na Irlanda começa por haver três nações distintas com interesses contraditórios: os irlandeses católicos, os irlandeses protestantes ou *orangistas*, os ingleses e proprietários escoceses. A questão da propriedade é sem dúvida a essencial: mas existem outras, a questão

religiosa, a questão policial, a questão judicial, a questão municipal, etc., etc. E sobre cada uma destas questões, é difícil achar dois irlandeses de acordo. Cada aldeia se torna assim um campo de batalha: e, como são eloquentes e sarcásticos, o grande fluxo labial, a paixão do epigrama amplificam e azedam as dissensões.

Mesmo dentro da igreja católica, que deveria conservar a tradição da Unidade — tumultua a discórdia: o clero paroquial está em luta com os — dignitários episcopais: e é raro que o clero de um condado não divirja, de sentimentos e de prédica, com o clero do condado vizinho. No mundo dos patriotas revolucionários não existe uma harmonia melhor: a *Liga Agrária* não aceita os

Fenians, e os *Fenians* abominam as tendências parlamentares dos *Home-rulers:* e dentro mesmo do partido dos *Home-rulers*, há democratas e conservadores. É um numeroso conflito por toda a pobre Irlanda.

Os irlandeses dizem, porém, que se lhes fosse dada a autonomia, horas depois de declarada a República Irlandesa, todas estas questões se resolveriam de per si e o país seria como um mar que amansa e fica em equilíbrio.

Até agora, porém, essa falta de unidade é aduzida justamente como evidência dos perigos que teria essa autonomia.

Os ingleses pensam sinceramente que no momento em que a Irlanda saísse de sob a tutela do bom senso e do saber

inglês, no instante que essa raça impressionável, excitada, fanática e pouco culta fosse abandonada a si mesma, começaria uma guerra civil, uma guerra religiosa, diferentes guerras agrárias, que bem depressa fariam da Verde Erin um montão de ruínas numa poça de sangue.

Se os irlandeses se não entendem bem sobre os *males da Irlanda*, os ingleses compreendem-se menos acerca dos *remédios para a Irlanda*. E a confusão em que se está, provém principalmente da abundância da discussão. Não há vilota, ou mesmo aldeia de Inglaterra, que não tenha um jornal do tamanho da *Gazeta de Notícias*, com oito páginas e tipo cerrado. E de alto a baixo esta vastidão de papel, desde que começou a agitação da *Liga Agrária*, é

ocupada por estudos e artigos sobre a Irlanda. Multiplique-se isto pelas três ou quatro mil gazetas que a pobre Inglaterra nutre sobre a sua epiderme: juntem-se-lhe os artigos dos Semanários, dos Quinzenários, das Revistas e dos Magazines, os panfletos, as brochuras, os ensaios inumeráveis como as estrelas do céu, os livros e tratados de toda a sorte, os discursos do parlamento, as arengas dos *meetings*, as conferências, os sermões, as controvérsias públicas, as lições, enfim, toda essa colossal literatura que nestes últimos meses tem tomado por assunto a Irlanda.

E digam-me se, com todo este mundo de informação, de discussão, de teorias, de projetos, de sistemas, de opiniões, de imaginações — não é natural

que o cérebro da Inglaterra esteja, nesta questão da Irlanda, perfeitamente desorganizado. O meu está. Mas neste caos mental tenho ilustres companheiros: o grande Carlyle costumava dizer que a sinceridade e a elevação de alguns patriotas irlandeses, era a *única coisa nítida e clara* que ele conseguia distinguir no escuro tumulto da confusão irlandesa...

Há também outra coisa que se percebe bem: é que a população trabalhadora da Irlanda morre de fome, e que a classe proprietária, os *lands-lords;* indignam-se e reclamam o auxílio da polícia inglesa, quando os trabalhadores manifestam esta pretensão absurda e revolucionária — comer!

Aqui está, por exemplo, Sua Graça o Duque de Leicester, para não citar

outros de nomes menos sonoros: os seus rendimentos na Irlanda sobem a *quatrocentos contos de reis* — e o infeliz tem ainda uns duzentos contos mais das suas propriedades na Inglaterra! Este fidalgo, escuso talvez dizê-lo, não sofre frio e não passa fome: por outro lado, a população de rendeiros que trabalham as suas terras, e que com o seu suor e o seu esforço lhe arrancam do solo este rendimento — a única coisa que realmente tem é fome e frio. Mas este ano tiveram mais fome e mais frio que de costume: e lá foram em farrapos, e com os pés nus sobre a neve, suplicar a Sua Graça, o Duque de Leicester, que lhes fizesse uma diminuição de dez por cento nas rendas — exageradas, absurdas e devoradas. Sua Graça respondeu (pela boca dos seus

administradores, naturalmente: por sua própria boca um Duque inglês nunca fala se não com outro Duque), respondeu que as suas circunstâncias não lhe permitem essa liberalidade — e que a repetição de uma tal suplica não podia ser tolerada.

E os rendeiros de Sua Graça lá voltaram de cabeça baixa, para o frio e para a fome.

Direi de passagem que se o pedido, em lugar de ser feito pelos seus rendeiros da Irlanda, partisse dos seus rendeiros da Inglaterra, Sua Graça apressar-se-ia a satisfazê-lo rasgadamente. É porque a Irlanda é um país conquistado, e, quando o proletário se queixa, a polícia fila-o pela gola: mas, em Inglaterra, quando o operário inglês ergue a sua voz de leão, a polícia fica

imóvel, os Duques empalidecem, e o edifício monárquico e feudal treme nas suas bases.

Mas, a propósito de Sua Graça o Duque de Leicester (gozemos o mais tempo possível esta ilustre companhia: *quand on prend du Duc on n'en saurait trop prende)* deixem-me dizer-lhes em resumo quais são as relações agrárias entre um proprietário, um *land-lord*, e os seus rendeiros.

O solo, é claro, pertence ao *lorde*. Por que título não sei; talvez uma das suas avós, numa noite que — estava mais decotada, atraísse o inconstante olhar do amável Carlos II, nos saraus galantes da Restauração: desse olhar provém, acaso, esta bela propriedade. O alegre Stuart era tão generoso! tinha-se vivido tão

pobremente, tão tristemente sob a ditadura puritana dos Cromwell!... Depois, se Carlos II tinha pouco dinheiro, (o desgraçado recebia uma mesada do rei de França!) não lhe faltavam terras na Irlanda. Três léguas de pastos, ou ele terreno arável, por um beijo e os seus acessórios, não é caro para um Stuart. E para uma fraca dama ou para seu marido, é um famoso negócio. Note-se, por Deus, note-se que eu estou fazendo estas suposições sobre um tipo de lorde abstrato. Nem toda a minha simpatia pelos trabalhadores irlandeses me levaria a suspeitar as puríssimas senhoras da casa de Leicester...

Como proprietário do solo, pois, o lorde arrenda-o às famílias que, de geração em geração, vivem nas suas

terras: o irlandês prende-se ao solo, como uma árvore pelas raízes, e muitas vezes prefere morrer a abandonar um toirão árido que o não nutre. A emigração irlandesa, para a América, sai principalmente da população operária das cidades. Ora, nos contratos de renda, o homem de trabalho está absolutamente à mercê do senhor da propriedade.

O valor das rendas é puramente arbitrário. Não há tipo de renda, baseado sobre a avaliação das terras; existe o que se chama a avaliação de Griffith, feita há mais de trinta anos por o agrónomo desse nome; mas esta avaliação, equitativa e favorável ao trabalhador, não é jamais aceitada pelos proprietários. Nisto está a origem de todas as misérias da Irlanda; as rendas, absurdamente elevadas, absorvem

todo o produto da terra, e o rendeiro escassamente pode viver, muito menos economizar.

Além do solo, o proprietário deve fornecer a habitação e os instrumentos de trabalho: se na fazenda não existe casa, ou se ela necessita reparações, o *land-lord* dará naturalmente alguma madeira, uma mão-cheia de pregos, um molho de colmo, para que o trabalhador erga a cabana miserável, muito inferior, como conforto, aos currais dos nossos gados; e a esta generosidade régia, o *land-lord* juntará talvez um velho arado e um ferro de enxada. Mas estes dons são adiantamentos que ele sobrecarrega com preços duplos ou triplos do seu valor, e de que se faz embolsar por prestações trimestrais.

Não é possível ser mais grandioso

e mais nobre.

Aqui está, pois, o rendeiro de posse de um teto, de um terreno e de ferramenta. Parece que só lhe resta começar a cultivar.

Assim seria, se não fosse na Irlanda. Mas a natureza, mãe fecunda e amante, comporta-se aqui ainda pior que os *lordes:* se a natureza tivesse assento na câmara dos pares de Inglaterra, não seria mais áspera, mais hostil ao pobre e mais avara de si mesma. A natureza, quando não se apresenta ao trabalhador Irlandês sob o aspeto de solo pedregoso, mostra-se sob o aspeto de pântano.

Oferece-lhe de um lado um penedo, do outro um charco.

E diz-lhe com a sua ternura de mãe:

— Escolhe. De qual preferes tirar tu os meios de subsistência?

O pobre irlandês o que preferiria era ir-se embora: mas como por toda a parte encontraria um proprietário igual, os mesmos pedregulhos e idênticos lamaçais — fica. E é então que se apresenta de novo a generosidade do lorde. Sua Graça está pronta (porque Sua Graça é compassiva) a escoar o pântano, a desempedrar o solo, a fazer melhoramentos na terra. Sua Graça vai mesmo mais longe: Sua Graça (Deus o recompense!) oferece a semente. E mais ainda: Sua Graça (que as bênçãos do céu o vistam!) dá os adubos.

E aqui está um rendeiro feliz, que tem a casa, os instrumentos, a semente, os adubos... Somente Sua Graça marca os

preços que lhe convém aos melhoramentos feitos, à semente e aos adubos: e no fim do ano a renda que era originariamente de dez está em vinte e cinco! Como os terrenos são pobres, os invernos abomináveis, o pobre rendeiro não pode pagar: dirige-se então ao agiota — ou ao lorde mesmo. E desde esse momento está numa rude rede de dívidas, letras, colheitas empenhadas, juros acumulados, protestos, o demónio — de que jamais se poderá desenrolar. O resultado é previsto: o lorde (pelo seu agente) penhora-o, apossa-se do grão que está nos celeiros, do gado que está nos currais, do pequeno bragal que está na arca, das arrecadas da mulher, das enxergas — e expulsa-o da casa e da propriedade — da casa que ele talvez

construiu, da propriedade que ele com o seu trabalho melhorou! Tal qual como na meia-idade.

Estas expulsões, que se chamam *evictions*, são o terror irlandês. Que há de fazer um miserável com mulher, crianças, às vezes uma avó entrevada, que se vê, de uma hora para a outra, no meio de uma estrada, por um terrível inverno, sem um farrapo para se cobrir, sem uma côdea de pão, sem casa, sem destino e sem esperança? E note-se que isto passa-se em regiões como as da Irlanda, pouco habitada, com um casal de légua em légua.

Esta falta de vizinhos torna estas expulsões mais terríveis. Quantas milhas a caminhar sob a chuva ou sob a neve, com as crianças chorando de fome, os doentes levados numa padiola, até que se encontre

algum rendeiro mais feliz que ainda tem um canto de cabana onde asile a família errante! Mas por pouco tempo — porque todos são pobres, todos estão endividados, todos ameaçados da expulsão...

E durante esse tempo Sua Graça banqueteia-se, bebe *Chateaux Margaux* de 6$000 reis a garrafa, caça, etc. — e aluga a fazenda, de onde expulsou o miserável n.º 1, ao rendeiro n.º 2. Somente o n.º 2, como a encontra melhorada pelo antecedente, paga-a mais cara: e depois de explorado, sugado, espremido, durante dois ou três anos, é expulso para dar lugar ao n.º 3. Este infeliz passa pelo mesmo processo de trituração, *et sic per omnia*...

E as expulsões são inevitáveis,

porque, com a altura absurda das rendas, é impossível que o rendeiro as possa pagar — e viver.

Isto, como compreendem, é apenas um vago contorno da realidade, apontada nas suas feições essenciais.

Descendo-se a detalhes — vê-se então uma horrorosa treva de injustiça e miséria.

Mas como podem tais coisas passar-se no século XIX, e ao lado do povo inglês?

Como permite uma nação tão justa a existência de tanto opróbrio? — dir-me-ão.

Justamente essa pergunta a fazia Vítor Hugo há dias a Parnell, o chefe da *Liga Agrária*, na sua célebre entrevista. E eu responderei com as palavras de

Parnell.

Tais coisas passam-se no século XIX. E o povo inglês não as sabia: pelo menos eram-lhe contadas de tal modo que, em lugar de piedade, só sentia cólera.

E isto é exato. Os males da Irlanda eram conhecidos pela voz dos seus agitadores. Mas estes homens, desde O'Connell, cometeram sempre o erro de misturar as queixas de um proletariado oprimido às aspirações de independência nacional: de sorte que a Inglaterra não atendia à reclamação dos trabalhadores, pela irritação que lhe causavam as exigências dos patriotas. O povo inglês não pode ouvir falar em que a Irlanda se separe, e se constitua em república: mas está pronto a ordenar que se lhe dê um justo regime de propriedade.

O erro dos *Fenians* foi confundir a questão nacional com a questão agrária: o rendeiro miserável aparecia então aos ingleses com o aspeto de um rebelde à União; e envolvendo-os ambos no mesmo ódio, porque lhes supunha idênticas ambições, sufocou, sem discernimento, a voz que só pedia pão e a voz que reclamava autonomia.

E todavia o povo inglês sentiu sempre instintivamente que a
Manda sofria. Muitas vezes pediu para ela uma reforma das leis agrárias. Era, porém, um pedir vago, sem coesão: mais a expressão de sensibilidades feridas, do que a intimação da vontade nacional.

De sorte que os parlamentos, saídos das classes que têm interesse em manter a Irlanda na miséria, contentavam-

se em fazer reformas de detalhes, reformas insignificantes e impercetíveis, para dar uma satisfação à compaixão inglesa: e o regime antigo ficava inatacado como dantes. Mas isto bastava para que alguns humanitários dissessem com um suspiro de alívio: «Enfim lá se fez alguma coisa pela Irlanda!» De facto não se tinha feito nada.

Era, pois, necessário que a questão da propriedade fosse separada da questão da independência: que se fizesse um movimento legal dentro da constituição, com o fim exclusivo de terminar os abusos dos *land-lords*, calando toda a ideia de arrancar a Irlanda ao Reino Unido. Então haveria a certeza de que o povo inglês, vendo a questão agrária e os seus horrores, isoladamente,

no seu relevo próprio, desembaraçada das reclamações rebeldes e das agitações separatistas — determinasse dar a tantos males, e tão antigos, um remédio radical. Foi isto que tentou a *Liga Agrária*.

Esta carta é longa: e apresentando esta formidável entidade — a *Liga Agrária*, eu devo fazer como o ilustre Ponson du Terrail, quando introduziu um novo personagem, o herói providencial, num fim de folhetim: deixar a história das suas façanhas, das suas virtudes e da sua beleza, com o interesse suspenso, até ao folhetim seguinte. Não se esqueçam que ficamos no momento em que, neste palco da História Irlandesa, subitamente aparece ao fundo, misteriosa e grave, a *Liga Agrária*.

Capítulo 8 — Lorde Beaconsfield

1

Recomeçando hoje estas Cartas de Inglaterra — que eu não podia escrever de Lisboa, onde estive alguns meses gozando os ócios de Titiro, sub *tegmine fagi*, à sombra dessa faia constitucional que se chama o Grémio — devo memorar, ainda que tarde, a morte de Benjamim Disraeli, Lorde Beaconsfield, ocorrida no dia 19 de maio, pela madrugada, em Londres, na sua casa de Curzon-Street. A doença de Lorde Beaconsfield, uma complicação de gota, asma e bronquite, arrastou-se cruel e longa; o mal, porém, foi debelado e Lorde Beaconsfield sucumbiu realmente à fraqueza, à fadiga dos setenta e sete anos de uma existência

tão episódica, tão cheia, tão emocionante, que ela ficará como o seu melhor romance, bem superior em estilo e interesse a *Tancredo* ou a *Endymion*.

Desde o primeiro dia, Lorde Beaconsfield perdeu logo a esperança de se restabelecer; mas passou a encarar a morte, como encarara sempre as suas derrotas políticas: com uma coragem desdenhosa e fria e um ar de fácil superioridade. Durante a doença, aos acessos agudos da dor, respondia ele com esses sarcasmos mordentes e rebrilhantes, que tinham sido sempre a sua desforra querida perante um adversário mais forte.

No dia 18, à noite, caiu pouco a pouco numa sonolência comatosa, e assim permaneceu até ao romper da manhã; momentos antes de morrer, agitou-se,

ergueu-se, ainda dilatou o peito, lançou os braços ao ar — como costumava fazer nos grandes debates da câmara; depois recaiu sobre o travesseiro, estendeu as mãos a Lorde Rowton e Lorde Barrigton, seus secretários, e murmurou debilmente: *Estou vencido!* — e ficou como adormecido para sempre. E, considerando que, nesse momento, toda a Inglaterra, o mundo inteiro esperavam ansiosamente notícias daquele quarto de Curzon-Street, onde expirava o homem que sessenta anos antes era um pobre escrevente de cartório — pode-se dizer que nesta carreira tão feliz a morte mesma foi feliz.

O seu próprio funeral teria agradado à sua imaginação — a certos lados delicados da sua imaginação de artista. O testamento que deixou não

permitiu que se celebrassem funerais públicos na Abadia de Westminster— disposição estranhável num homem que mais que tudo amou a pompa e os grandiosos cerimoniais: mas não teve também o lúgubre cenário da morte, os crepes, as plumas negras, as tochas, os fumos, as caveiras bordadas — tudo isso que deveria ser tão antipático ao seu luminoso espírito. Foi sepultado no seu querido castelo de Hughenden, no meio das árvores do seu parque, por uma fresca manhã de maio, na capela toda ornada de flores como para uma alegria nupcial; o caminho que lá levava ia por entre jasmineiros e rosais; em vez do dobre dos sinos de Westminster teve o gorjear das suas aves; e o caixão, seguido pelos príncipes de Inglaterra, por todos os

embaixadores, pela aristocracia que ele governara — desaparecia sob coroas, ramos, molhos de *primroses*, que a rainha Vitória mandara, com estas palavras escritas pela sua mão: «As flores que ele amava».

Depois, ao outro dia, em todas as catedrais da Inglaterra, em cada capela rústica, o clero fez do púlpito o elogio de Lorde Beaconsfield; nas universidades, nos institutos, nas academias os professores comemoraram aquela carreira, soberba; pelas plataformas dos *meetings*, nas assembleias comerciais, em qualquer parte onde se juntam homens, alguma voz se ergueu a honrar os seus serviços e o seu génio; Lorde Granville, na Câmara dos Lordes, na câmara dos comuns Gladstone, fizeram, em sessão

solene, o seu panegírico público; e durante dias, toda a imprensa inglesa, a imprensa de todo o mundo civilizado (exceto a de Portugal, infelizmente) vieram cheias do seu nome, da comemoração dos seus livros, da sua pitoresca história.

E assim Lorde Beaconsfield desapareceu como fora o desejo de toda a sua vida — num rumor de apoteose.

E todavia nada parece mais injustificado, que uma tal apoteose. Lorde Beaconsfield, por fim, foi um homem de estado que fez romances. Ora os seus romances, como obras de arte, já começam a aparecer, a esta geração de ciência e de análise, tão falsos, tão fictícios como as novelas lírico-religiosas do Visconde de Arlincourt; e como

homem de estado o nome de Lorde Beaconsfield não fica decerto ligado a nenhum grande progresso na sociedade inglesa. Criar o título de Imperatriz das Índias para a rainha de Inglaterra, roubar Chipre, restaurar certas prerrogativas da coroa, tramar o *fiasco* do Afeganistão, não constituem decerto títulos para a sua glorificação como reformador social: por outro lado escrever *Tancredo* ou *Endymion*, não basta para marcar numa literatura, que teve contemporaneamente Dickens, Thackeray e Georges Eliot.

Como sucede, depois disto, que a Inglaterra, país tão prático, tão bem equilibrado, se deixe levar em um tal arranque de admiração pelo homem que foi a personificação, a encarnação de tudo quanto é contrário ao temperamento, às

maneiras, ao gosto inglês? É que Lorde Beaconsfield, mais que nenhum outro contemporâneo, impressionou a imaginação inglesa — e na fria Inglaterra, como sob céus mais cálidos, são grandes as influências da imaginação.

Podia-se às vezes sorrir das suas fantásticas obras de arte, protestar contra as suas teatrais combinações políticas, mas através de protestos e sorrisos a sua própria personalidade nunca deixou de maravilhar e de fascinar. Qualquer inglês, medianamente educado, a quem se pergunte a sua opinião sobre Lorde Beaconsfield, dirá: *Foi um homem extraordinário!*

Extraordinário — é como ele se nos representa, agora que se vê o conjunto da sua existência, que não parece ter sido

um produto natural dos factos ou das ocasiões, mas uma criação subjetiva da sua própria vontade, e como um enredo de romance talhado pela sua pena. Se não veja-se. Tendo nascido judeu — tornou-se o chefe de uma aristocracia saxónia e normanda, a mais orgulhosa da terra; começando em um obscuro círculo literário e vegetando algum tempo em um cartório de Londres — veio a ser o mais famoso primeiro ministro de um grande império; não possuindo senão dívidas — bem cedo se tornou o inspirador das grandes fortunas territoriais; homem de imaginação, de poesia, de fantasia, foi o ídolo das classes médias de Inglaterra, as mais práticas e utilitárias que jamais dirigiram uma nação comercial; sem religião e sem moral, governou um

protestantismo que não concebe ordem social possível fora da sua estreita religião e da sua estreita moral; confessando o seu desprezo pela omnipotência da ciência moderna — foi o grande homem de uma sociedade que quer dar a todo o progresso uma base puramente científica; enfim, sendo o *menos inglês possível*, tendo um modo de ser e de sentir quase estrangeiros, dirigiu anos e anos a Inglaterra, o país mais hostil ao espírito estrangeiro, e que conhecia bem que não era compreendida pelo homem que a governava. Tudo isto parece paradoxal — e a existência de Lorde Beaconsfield foi com efeito um perpétuo paradoxo em ação. Para realizar tudo isto era necessário que o seu génio, por um lado, por outro a sua habilidade, fossem

grandes. E realmente em dons pessoais nada lhe faltou: prodigiosa finura de espírito, uma vontade de aço, uma coragem serena de herói, uma infinita veia sarcástica, um fogo ruidoso de eloquência, o absoluto conhecimento dos homens, a luminosa penetração no fundo dos carateres e dos temperamentos, um poder subtil de persuasão, um irresistível encanto pessoal — e tudo isto envolvido (como numa atmosfera luminosa) por alguma coisa de brilhante, de rico, de largo, de imprevisto, que era ou fazia o efeito de ser o *seu génio*.

Eu por mim começo por admirar a sua própria aparência. Diz-se que Tora formoso como um Apoio — e que isto concorrera muito para os seus primeiros triunfos; agora, já tão velho, era apenas

pitoresco.

A sua grande testa, sobre a qual caíam aqueles dois extraordinários caracóis paralelos, o seu olhar recolhido e como concentrado em pensamentos muito fundos, o nariz de pura raça israelita, a boca descaída na sua eterna curva sarcástica, o beiço inferior muito recurvo e muito pendente, e a sua estranha curva de Mefistófeles — constituíam uma destas fisionomias que se sente que vão ficar na galeria da história, e que servirão a futuros historiadores para explicar um destino e um génio. Em novo, e quando as modas românticas o permitiam, vestia-se de cetim e veludo, recobria-se de um luxo de medalhões e joias, as suas próprias calças tinham bordados de ouro. Agora era mais sóbrio de *toilette:* usava apenas

esses casacos compridos como túnicas, a que os homens de origem judaica são particularmente afeiçoados, e o seu único adorno eram os belos ramos que lhe enchiam o peito. Um jornalista francês, num dia de crise política, em que Lorde Beaconsfield devia fazer um discurso decisivo, encontrou-o momentos antes, num dos salões da câmara, ocupado a encher de água o tubozinho, de cristal que, por trás da botoeira da casaca, conservava frescas as suas rosas. Todo o homem está neste traço.

De raça oriental, teve sempre o amor do fausto, das pedrarias, dos ricos tecidos, da pompa; os seus romances transbordam de descrições de palácios, de festas perante as quais as mais ricas galas de Salomão são como desbotados

cenários de teatro de feira; o seu estilo ressente-se deste gosto: é um sumptuoso estofo, com recamos de ouro, cravejado de joias, cintilante e espesso, caindo em belas pregas ao comprido da ideia. O dinheiro, o ouro, preocuparam-no sempre, menos pela sua influência social, que pelo mero esplendor da sua amontoação. Os seus heróis possuem fortunas tão prodigiosas que seriam impossíveis, nas condições económicas do mundo moderno: Lotário, o famoso Lotário, querendo dar um presente de anos a uma senhora católica, oferece-lhe uma catedral toda de mármore branco, que ele mandou construir e que dedicou à santa do nome dela; o seu custo excederia decerto dois mil contos fortes. Confessemos que é *chic*. Pois bem: presentes destes, dava-os

Lotário todos os dias. O banqueiro Sidónia, uma das mais curiosas criações de Lorde Beaconsfield, dando ao seu amigo Tancredo uma carta de crédito para os banqueiros da Síria, redige-a deste modo: «Pague à vista, ao portador, tanto ouro quanto seria necessário para reconstruir os quatro leões de ouro maciço, que ornavam a porta direita do templo de Salomão». Também muito *chic*.

Estou certo que um dos grandes prazeres de Lorde Beaconsfield, era poder manejar os milhões de Inglaterra. Todos os seus ministérios custaram caudalosos rios de dinheiro; gastava o ouro como a água — e dava-se o luxo de realizar por si, e à custa do seu país, as larguezas épicas do seu banqueiro Sidónia. Mesmo quando estava no poder,

estava ainda no romance.

As linhas da sua biografia são conhecidas. Seu pai era um destes literatos, medíocres e trabalhadores, que vão desenterrando e colecionando, através de infólios e bibliotecas, casos curiosos e arcaicos de história e de literatura.

Benjamim Disraeli nasceu por isso entre os livros, literalmente entre os livros, porque a casa em que viviam os Disraeli oferecia o espaço de uma boceta, e no quarto da criança, entre a acumulação vetusta dos calhamaços, havia apenas espaço para uma cadeira e para um berço. O velho Disraeli era judeu: mas felizmente para os destinos futuros de seu filho rompeu com a sinagoga, e todos os Disraeli se fizeram cristãos. Benjamim

tinha então, dezassete anos, e o seu padrinho na pia batismal foi um certo Samuel Rogers, notável por ser ao mesmo tempo um dos mais ricos banqueiros da *City* e um dos poetas mais elegíacos do seu tempo — e notável ainda por não ficar na história, nem como banqueiro, nem como poeta, mas como um requintado *gourmet*, o grande Lúculo de Londres, que deu os mais célebres, os mais finos jantares da Europa.

Assim marcado com o rótulo cristão, Benjamim Disraeli largou a caminhar pela vida fora, mas foi encalhar bem depressa num cartório de tabelião — onde se diz que, durante dois anos, este moço orgulhoso, que já então se considerava um semideus, redigiu procurações e testamentos. Com a mesma

pena, porém, ia escrevendo Vivian *Grey:* e da tempestuosa sensação que este romance produziu, data a sua grande carreira. A obra, à parte algumas fugitivas cintilações de um génio ainda desequilibrado, é, no seu conjunto, ao mesmo tempo pesada e vaga; mas satisfazia os gostos escandalosos e intrigantes da sociedade de então, pondo em cena todas as individualidades marcantes de Londres, políticos, *dandies*, rainhas da moda, poetas, especuladores.

O melhor resultado de Vivian *Grey*, foi tornar Disraeli Júnior (como ele então se assinava) e favorito de Lady Blenington e do conde de Orsay, as duas dominantes figuras de Londres dessa época, e que tinham de *sociedade* o mais seleto, mais inteligente, mais apetecido

salão de Inglaterra.

Estes dois formavam um tipo destinado a reinar. Lady Blenington era uma mulher de graciosa e olímpica beleza, de uma extrema audácia de caráter e de alta energia intelectual. O conde de Orsay, esse era o homem que durante vinte anos governou a moda, o gosto, as maneiras, com a mesma indisputada autoridade com que hoje o príncipe de Bismarque arbitra na Europa.

Usar um modelo de gravata ou admirar um poeta que não tivessem sido. aprovados pelo conde de Orsay, seria correr o mesmo risco de uma nação que hoje, sem autorização secreta do príncipe de Bismarque, organizasse uma expedição militar. Lady Blenington, entre outras coisas embaraçadoras, tinha uma filha: e o

belo de Orsay, não sei porque, nem ele o soube jamais, casou com essa menina. Os noivos vieram viver com Lady Blenington; e, bem depressa, entre seu brilhante marido e sua resplandecente mãe, a pobre condessa de Orsay foi como uma pálida lâmpada bruxuleando entre dois astros. Fez então uma coisa sensata e espirituosa: apagou-se de todo, desapareceu. E o conde de Orsay e Lady Blenington, livres daquela senhora que entristecia, regelava as salas com o seu ar honesto e frio, começaram então a cintilar tranquilamente, como constelações conjuntas no firmamento social de Londres. E Londres curvou-se diante desta nova e original situação doméstica, como se curvava diante de uma nova sobrecasaca do conde de Orsay, ou diante

de uma decisão literária de Lady Blenington.

Benjamim Disraeli tornou-se bem depressa um dos heróis deste salão — onde desde logo se mostrara com esse ar de tranquila superioridade, de correto desdém, que foi um dos segredos da sua força. Ordinariamente conservava-se calado, apoiado ao mármore da chaminé, numa pose de Apoio melancólico, abandonando-se à carícia ambiente dos olhares das damas, que viam nele a encarnação radiante do poético Vivian Grey. As pessoas mais íntimas, começando por Lady Blenington, já lhe chamavam sempre Vivian, *querido Vivian*. O conde de Orsay fizera-lhe o retrato a sépia— honra que ele dava raramente, e a mais apetecida nesse

curioso mundo.

Todos estes triunfos de Disraeli Júnior não deixavam de surpreender Disraeli Sénior. Um dia, dizendo-lhe alguém que seu filho estava compondo um romance, em que entravam duques, e toda a sorte de grandes, o velho e laborioso literato exclamou:

— Duques, senhores! Mas meu filho nunca viu um sequer!

Viu muitos depois, viu-os todos — e governou-os com uma vara de ferro. Mas nesse tempo o belo Disraeli Júnior era ainda radical, ou tomara ao menos essa atitude. Meditava mesmo a sua *Epopeia da Revolução*, a sua única obra em verso, uma vaga rapsódia, que eu nunca li, mas de que os críticos mais benévolos falam como, de um volume de

duzentas páginas, sem uma só linha tolerável. E, coisa curiosa, este homem tão fino, tão cético, tão experiente, nunca perdeu a candura quase cómica de se considerar um grande poeta como Virgílio ou como Dante, e a esperança fantástica de que as gerações futuras poriam a *Epopeia da Revolução* ao par da *Eneida*, ou da *Divina Comédia*.

Apesar de poeta abominável e de perfeito dândi — ou talvez por isso, mesmo — Benjamim Disraeli era conhecido nesse tempo como um dos chefes do movimento da *Jovem Inglaterra*.

A *Jovem Inglaterra* consistia num grupo de rapazes, ardentes e aristocratas, que se tinham embebido da Revolução através da literatura; falavam muito da

Humanidade e queriam sobretudo um *burgo podre* que os nomeasse deputados; cultivavam pelos salões o amor platónico, quereriam ver o povo feliz, contanto que estivessem eles no poder para promover essas felicidades, e (traço decisivo das suas maneiras e da sua *pose)* quando se escreviam uns aos outros, tratavam-se por *my darling — meu amor!*

Tinham ainda outros distintivos: usavam o cabelo à *nazarena*, mostravam a coragem (enorme nesse tempo) de admirar o odiado Byron, e procuravam elevar e aperfeiçoar a arte da cozinha em Inglaterra!

No entanto Benjamim Disraeli já estava bem decidido a sacudir o seu radicalismo — quando fosse necessário aos interesses da sua carreira. E essa

carreira via-a ele então, apesar de desconhecido e pobre, tão claramente triunfante no futuro, como se a tivesse diante dos seus olhos escrita, parte por parte, num programa.

Em pleno reinado dos *tories*, é característica já a sua resposta a Lorde Melbourne, primeiro ministro então, que lhe perguntava o que ele tencionava fazer.

— Ser eu o primeiro ministro daqui a pouco — respondeu o dândi com as suas grandes maneiras à Vivian Grey.

Lorde Melbourne viu nesta resposta uma odiosa e insolente jactância. E assim parecia, quando, tempo depois, Disraeli, já deputado por Wycombe, fez o seu primeiro discurso — e o viu sufocado pelas gargalhadas e pelos apupos. Como não podia dominar o tumulto, calou-se,

dizendo apenas estas palavras mais:

— Hoje não me quisestes ouvir. Um dia virá em que eu me farei escutar!

E um dia veio, em que não só a câmara dos comuns, mas a Inglaterra, todo o continente, a terra civilizada, escutavam com ansiedade as palavras que iam cair dos seus lábios, e que traziam consigo a paz ou a guerra na Europa.

2

A reputação de salão, que gozava Lorde Beaconsfield, levou algum tempo a transformar-se em popularidade; mas a sua popularidade, apenas obtida, penetrou rapidamente a enorme massa trabalhadora, e tornou-se em poucos anos essa vasta e ressoante nomeada, que fez o seu nome familiar, quase doméstico, em toda a parte onde se fala inglês, na mais rude aldeia de pescadores de Cornwall, no *bush* da Austrália, entre os mesmos montanheses bárbaros das *Highlands*, e que, quando ele se dirigia ao congresso de Berlim, atraía às estacões; do caminho de ferro as populações da Alemanha a contemplarem o *grande inglês*. E, este

reconhecimento de glória, constitui um dos fenómenos mais curiosos da carreira de Lorde Beaconsfield; porque, em geral, não se avalia bem a dificuldade portentosa de obter uma fama, mesmo medíocre.

Não há nada tão ilusório como a extensão de uma celebridade; parece às vezes que uma reputação chega até aos confins de um reino — quando na realidade ela escassamente passa das últimas casas de um bairro.

No momento da sua prodigiosa voga, o velho Alexandre Dumas ficou assombrado de que o magistrado de uma vila vizinha de Paris, homem ilustrado, de resto, não soubesse com que letras escrevia esse glorioso nome de Dumas!

E se nós pudéssemos reduzir a

números as proporções das glórias contemporâneas, ficaríamos aterrados perante a grotesca mesquinhez dos resultados. Nós outros jornalistas, críticos, artistas, homens de estudo e de curiosidade literária, julgamos quase impossível que haja alguém na Europa que não tenha lido Vítor Hugo, ou que, pelo menos, não conheça esse nome de sílabas fáceis, que há meio século fere, a grande estrondo, o ouvido humano; pois bem, pode-se dizer que fora de França apenas cinco mil pessoas terão talvez lido Vítor Hugo — e que não passará decerto de dez mil o número de criaturas que lhe saiba o nome, incluindo mesmo a vasta massa democrática de que ele é o épico oficial. E já isto constitui um famoso progresso — desde o tempo em que

Voltaire ambicionava ter *cem leitores!*

A conhecida alegoria da Fama, cantando o nome de um varão com as suas cem bocas, aplicadas às suas cem tubas, e voando de um a outro confim do Universo — é uma das imagens mais descaradamente falsas que nos legou a Antiguidade. Esse estrondear das cem tubas, morre como um suspiro dentro da área humilde de um corrilho ou de uma *coterie:* e nada viaja com uma lentidão igual à da Fama. Um fardo de fazendas gasta quatro dias a vir de Londres a Lisboa — e os nomes de Tennyson, Browning, Swinburne, os três grandes poetas de Inglaterra, e que há quarenta anos são a sua mais pura glória, ainda cá não chegaram. É verdade que todo o mundo necessita flanelas — e nem todo o

mundo suporta Poesia.

Mas uma celebridade não encontra só dificuldades em transpor a fronteira — acha-as sobretudo e quase insuperáveis em fixar a atenção da grande turba dos seus concidadãos. Principalmente num país como a Inglaterra, em que a áspera luta pela existência, a sôfrega preocupação do pão diário, o feroz conflito da concorrência, não permitem esses pachorrentos vagares, os vagares portugueses ou espanhóis, em que se está de barriga ao sol, pronto a olhar, a admirar o menor foguete que estala nos ares.

Em Inglaterra o duque de Wellington era decerto popular — porque ganhou a batalha de Waterloo, e portanto, segundo a crença contemporânea, salvara

a Inglaterra da invasão. Gladstone é conhecido em cem cidades e mil aldeias, porque aliviou a nação dos seus grandes impostos. Mas estes formam as exceções; as outras celebridades inglesas, ou sejam políticos como Lorde Salisbury, ou filósofos como, Spencer, ou poetas como Browning, ou artistas como Herkomer — permanecem profundamente ignorados da grande massa do público. São reputações de salão, de academia, de clube, de redação de jornal.

Ora Lorde Beaconsfield, realmente, nunca fez coisa alguma para se tornar popular e sempre lembrado; nunca ligou o seu nome a uma grande instituição, a um grande benefício público, a uma campainha vitoriosa. Tudo, ao contrário, nesta original personalidade, parecia

destiná-lo à impopularidade: a sua origem, os seus gestos e hábitos anti-ingleses, a sua poderosa veia sarcástica; a sua oratória requintada e subtil, o gongorismo metafísico das suas conceções literárias, e certos lados muito acentuados do seu fundo semítico. E a isto acrescia que, para a grande maioria da nação, ele representava um *parvenu* da autoridade oligárquica, surdamente hostil à ideia de democracia e de soberania popular.

A sua assombrosa popularidade parece-me provir de duas causas: a primeira é a sua ideia (que inspirou toda a sua política) de que a Inglaterra deveria ser a potência dominante do mundo, uma espécie de Império Romano, alargando constantemente as suas colónias,

apossando-se dos continentes bárbaros, e *britanizando-os*, reinando em todos os mercados, decidindo com o peso da sua espada a paz ou a guerra do mundo, impondo as suas instituições, a sua língua, as suas maneiras, a sua arte, tendo por sonho um orbe terráqueo que fosse todo ele um império Britânico, rolando em ritmo através dos espaços.

Este ideal, que tomou o nome de *imperialismo*, nos dias de glória de Lorde Beaconsfield, é uma ideia querida a todo o inglês; os mesmos jornais liberais que, com tanto furor, denunciavam os perigos desta política romana, no fundo gozavam uma imensa satisfação de orgulho em proclamarem a sua inconveniência. Havia tanta prosápia britânica em conceber um tal Império, como em o condenar, e em

dizer, com um ar de nobre renunciamento: «Não nos convém a responsabilidade de governar o mundo!»

Lorde Beaconsfield, sendo a encarnação, oficial desta ideia imperial, tornou-se naturalmente tão popular como ela. Foi considerado então como o instrumento da grandeza exterior da Inglaterra, como o homem que a fazia dominante e temida, que mantinha alta e reluzindo terrivelmente aos olhos do mundo a espada de John Bull. Gladstone, Bright, a grande escola liberal, conhecida pela *escola de Manchester*, era agora acusada de ter, com a sua política de abstenção, só ocupada de melhoramentos materiais, de finanças, de civilização interna — deixado definhar, morrer o prestígio inglês na Europa.

E aí vinha agora aquele extraordinário judeu, apoiado na riqueza, na prosperidade interior que lhe tinham legado os liberais, colocar de novo a Inglaterra à frente das nações, fazendo, ressoar ao longe e ao largo a sua voz de leão...

Todo o país andou durante anos inchado, com esta grandiosa filáucia, que Lorde Beaconsfield ia sempre entretendo com os seus discursos belicosos, as ameaças teatrais, as concentrações de frotas, um constante movimento de regimentos, invasões aqui e além, a ocupação de Chipre, a quase absorção da propriedade do istmo de Suez, sempre algum lance brilhante em que a Inglaterra aparecia entre os fogos de Bengala da sua eloquência, como a senhora do mundo. E

John Bull adorava isto, apesar de ver que a espada da Inglaterra, depois de flamejar um momento nos ares, era invariavelmente recolhida à bainha; apesar de compreender que o dinheiro se gastava como a água das fontes; apesar de sentir que os impostos cresciam; apesar de perceber que a Inglaterra estava tomando, sobre os ombros, responsabilidades desproporcionadas com a sua força.

Depois, um dia, o grande senso prático da Inglaterra viu claramente a necessidade de brilhar menos aos olhos do mundo e de se ocupar da máquina interior que começava a desarranjar-se: pôs fora o grandioso Beaconsfield, e chamou o prático Gladstone — o homem que reconstitui as finanças, que alivia os impostos, que faz as grandes reformas

interiores... Mas, apesar de tudo, Beaconsfield ficou como o tipo do estadista que, mais que nenhum outro, amou e desejou a grandeza imperial da pátria.

A esta causa de popularidade deve juntar-se outra— a *reclame*. Nunca um estadista teve um *reclame* igual, tão contínua, em tão vastas proporções, tão hábil. Os maiores jornais da Inglaterra, da Alemanha, da Áustria, mesmo da França, estão (ninguém o ignora) nas mãos dos israelitas. Ora o mundo judaico nunca cessou de considerar Lorde Beaconsfield como um judeu — apesar das gotas de água cristã que lhe tinham molhado a cabeça. Este incidente insignificante nunca impediu Lorde Beaconsfield de celebrar nas suas obras, de impor pela sua

personalidade a superioridade da raça judaica — e por outro lado nunca obstou a que o judaísmo europeu lhe prestasse absolutamente o tremendo apoio do seu ouro, da sua intriga e da sua publicidade. Em novo, é o dinheiro judeu que lhe paga as suas dívidas; depois é a influência judaica que lhe dá a sua primeira cadeira no parlamento; é a ascendência judaica que consagra o êxito do seu primeiro ministério; é enfim a imprensa nas mãos dos judeus, é o telégrafo nas mãos dos judeus, que constantemente o celebraram, o, glorificaram como estadista, como orador, como escritor, como herói, como génio!

Como romancista, Lorde Beaconsfield nunca escreveu propriamente um romance tal como nós

modernamente o compreendemos. Alguns dos seus romances são panfletos em que os personagens constituem argumentos vivos, triunfando ou sucumbindo, não segundo a lógica dos temperamentos e as influências do meio, mas segundo as necessidades da controvérsia ou da tese. Outros formam verdadeiras alegorias, como as tem a pintura decorativa nas muralhas dos monumentos públicos. Num dos mais célebres, *Lothair*, há um mancebo ideal, encarnação do espírito inglês, que ama sucessivamente três mulheres: uma italiana, casada com um americano, bela criatura de perfil clássico, e formas de Deusa, que representa a Democracia; uma ardente rapariga de cabelos negros e revoltos, sempre em êxtase, que é a personificação

da Igreja Católica; e enfim uma doce e loura donzela, séria, grave e terna, que simboliza o Protestantismo. Depois de hesitar entre estas três paixões — decide-se, como um bom inglês, por casar com o Protestantismo, quero dizer, com a loura, conservando um culto vago e secreto pela Democracia, quero dizer, pela soberba americana de perfil marmóreo. Moral: a felicidade de um povo está na posse de uma forte moral cristã, aliada a um uso moderado da liberdade.

Isto dava um excelente e aparatoso *fresco* na sala de um parlamento. E Lorde Beaconsfield acentua os detalhes alegóricos com uma tal ingenuidade, que faz por vezes sorrir; assim, por exemplo, a americana, isto, é, a Democracia aparece sempre, em *soirée s*e festas,

vestida à grega, com uma estrela de brilhantes na fronte, como a cabeça da *república* nas moedas francesas de cinco francos!

O meio, em que os seus romances se passam, tem quase sempre um ar feérico: tudo são, como disse há pouco, palácios de um fabuloso e sombrio luxo, festas como as não tiveram os Médicis, fortunas de banqueiros, de duques, perante as quais os Cresus, os Monte-Cristos, os Rothschildes, todos os ricaços da lenda ou da realidade, aparecem como desprezíveis pelintras.

A linguagem destes personagens corresponde ao esplendor das suas moradas e ao nebuloso, dos seus destinos. *Misses* de dezoito anos, habitando prosaicamente Belgrave Square, falam

aos seus namorados com a pompa alegórica do *Cântico dos Cânticos;* e quando (o que é frequente) dois brilhantes espíritos como Sidónia ou Mrs. Coningsby conversam, veem-se, cruzando rapidamente de um a outro lábio, as imagens rutilantes, os luminosos conceitos, como se as duas criaturas se estivessem recitando um ao outro números do *Intermezzo* ou sonetos de Petrarca.

Esta linguagem, de resto, convém às ideias, sentimentos, às aventuras que ele atribui aos seus tipos principais; tudo o que é humano e real fica absolutamente de fora dessas transcendentes, criações: falando como poetas, comportam-se naturalmente como quimeras.

O seu mais famoso, herói, Tancredo, vai a Jerusalém e à Síria com

este fim: *penetrar o mistério asiático*. Não percebem? É fácil. Sendo Jerusalém e as planícies da Síria o único ponto do Universo, em que Deus, em tempo, conversou com o homem, em que aparecem os profetas, e os Messias, em que, das sarças, do murmúrio dos rios e do eco dos desertos surgiram as Leis Novas, dando à humanidade destinos novos — o moço Tancredo parte, para que lá, nesses lugares, Deus lhe fale, um raio de luz o divinize, uma religião lhe seja revelada, e tendo partido de Londres como simples lorde, possa regressar, a Regent-Street, como Messias e regenerador de sociedades!

E (perguntar-me-ão) o que sucede a Tancredo na Síria? O que sucede a todos, os personagens de Lorde

Beaconsfield, que nas primeiras páginas partem para sobre-humanos destinos, como os antigos cavaleiros da Távola Redonda: sucede-lhe que casa com uma linda e honesta menina, e que tem muitos filhos no meio de muita felicidade...

E o mistério asiático? Parece que o não achou. Mas descobriu coisas curiosas, e de rara fábula: por exemplo, um povo pagão, onde reina uma bela sacerdotisa de Apoio, que celebra ainda hoje nobres cultos helénicos, e que se namora de Tancredo. Mas Tancredo, cavaleiro cristão, depois de a defender da invasão de um outro povo, que adora ídolos infames, foge, foge à desfilada, deixando a clássica rainha a gemer de amor aos pés da estátua de Astarté. Depois ele mesmo está para ser rei do

Líbano. Enfim, uma grandiosa e rutilante salsada. E tudo isto se passa aí por 1855, no tempo da exposição de Paris.

Mas que prodigioso talento, que arte, que amplidão de imaginação para pôr de pé, em todo, o seu brilho, este desordenado monumento de idealismo!

Com efeito, que artista fino, e por vezes poderoso!

Apesar deste abuso do gongorismo na ficção, do vago e ao mesmo tempo do amaneirado das suas conceções, destes enredos e destes personagens que por vezes parecem uma mistificação — os seus romances nunca deixam de interessar, direi mesmo, nunca deixam de cativar. Atravessa-os sempre um entusiasmo sincero — em que se sente o amor poético com que ele segue os seus generosos

heróis, as suas belas mulheres, nesses destinos fora da realidade. Depois a sua fina sensibilidade, o seu idealismo um pouco convencional, mas de grande *elan*, os requintes de um gosto supremo — levam-no a dotar os seus personagens, e a ação em que eles se movem, de uma tal beleza espiritual, de uma tão alta nobreza de costumes, que os olhos enlevam-se, a imaginação namora-se desse mundo fictício, dessa humanidade de poema, onde nada existe de vulgar ou de baixo, e onde brilham formas maravilhosas e transcendentes do pensar, do sentir e do, viver.

Isto dá-lhe uma qualidade encantadora: é *luminoso*. Personagens, paisagens, interiores, o próprio movimento da aventura — tudo está

banhado numa luz serena e graciosa. Pintando as coisas fora da verdade social, não tendo de lhe apresentar as sombras tristes, exclui dos seus vastos quadros tudo, o que na vida é duro, brutal, feio, mau, estúpido — as formas várias da baixeza humana.

Escrevia para uma sociedade rica, nobre, literária, requintada — e mostra-lhe um mundo de ouro e cristal, girando numa bela harmonia, batido de uma luz cor-de-rosa...

Tenho insistido neste lado *não real* dos livros de Lorde Beaconsfield. Todavia, um homem destes, antigo *dandy*, crítico, estadista, habituado a governar, observador por necessidade, não podia deixar de ter acumulado uma grande experiência dos carateres e da sociedade;

e essa experiência deveria necessariamente transparecer nas suas pinturas da vida. E lá está com efeito. Por entre as suas grandes criações simbólicas, de indisciplinada imaginação *(Tancredo*, *Lothair*, *Sibyl*) move-se todo um mundo real, de uma vida exata e forte, figuras de carne, postas de pé com um singular vigor de desenho e cor. São os seus personagens secundários, os seus políticos, os seus intrigantes, os seus homens de letras, as suas mulheres da moda, os seus lordes elegantes. Todos estes tipos foram copiados do natural. Londres conhecia-os, dava-lhes logo os nomes; e o escândalo destes retratos foi mesmo uma das grandes causas do sucesso de Lorde Beaconsfield. Mas, mesmo para quem não frequenta a sociedade de Londres, e não conhece os

originais, estes tipos interessam — porque *vivem.*

Ordinariamente são apenas esboços, mas magistrais; e aparecendo assim em destaque, ao lado de criações de pura imaginação, descomedidamente poéticas e de contornos flutuantes, esses tipos reais adquirem um relevo maior, como perfis da verdadeira humanidade, mostrando-se por entre o nebuloso de uma mitologia.

São eles os que interessam, e da vasta galeria de Lorde Beaconsfield só eles ficarão lembrados.

Seria impossível, neste estudo ao correr da pena, feito só de impressões, marcar todos os traços de uma individualidade tão complexa como a de Lorde Beaconsfield.

Poucos homens têm produzido um tão curioso conflito de apreciações: diz-se dele que foi um grande homem de estado e diz-se também que foi apenas um charlatão; a crítica tem-no apresentado como um romancista de génio — e como um mau alinhavador de novelas! Homem de partido, sofreu em política e em literatura, ora a idolatria, ora o rancor da parcialidade partidária. Uma coisa porém tinha a seu favor; é que todos os medíocres o detestavam.

É difícil, de resto, separar nele o político do romancista: sempre fez política nas obras de arte, que se tornavam assim ressonantes manifestos das suas ideias de estadista — e fez romance no governo, que parecia muitas vezes um *cenário* de drama, sobre o qual

ele estava de pena na mão, combinando os lances de efeito. Seja como for, a Inglaterra perdeu nele um dos seus génios mais pitorescos e mais originais.

Individualmente, foi um *feliz*. Tendo, em novo, lançado o plano da sua vida futura, como quem prepara um enredo de romance, realizou-o plenamente, em todos os pontos, num contínuo triunfo. Foi formoso, foi amado, foi rico, teve a melhor esposa de Inglaterra (como ele dizia), deixou uma vasta obra literária, foi o confidente escolhido da sua rainha, governou a sua pátria, pesou nos destinos do mundo, e findou numa apoteose. Foi então absolutamente, ininterrompidamente ditoso? Não. Este homem triunfante viveu acompanhado de um secreto, de um

pequenino, de um ridículo desgosto: — nunca pôde falar bem francês!

Capítulo 9 — Os Ingleses no Egito

1

Até há cinco ou seis semanas, Alexandria podia ser descrita no, estilo convidativo dos *Guias* de viajantes, como uma rica cidade de 250000 habitantes, entre europeus e árabes, animada, especuladora, próspera, tornando-se rapidamente uma Marselha do Oriente. Nenhum Guia, porém, por mais servilmente lisonjeiro, poderia chamar-lhe interessante.

Apesar dos seus dois mil anos de idade, de ter sido, depois de Atenas e Roma, o maior centro de luxo, de letras e de comércio, que floresceu, no Mediterrâneo, a velha cidade dos Ptolomeus, não possuía hoje nenhum

monumento do seu passado, anão contarmos, ao lado de um velho cemitério muçulmano, uma coluna erigida outrora por um prefeito romano em honra de Diocleciano, conhecida pelo sobrenome singular de *Pilar de Pompeu*, e mais longe, estendido num areal, um obelisco faraónico do templo de Luxor, que gozava a grotesca alcunha de *Agulha de Cleópatra*. E esta mesma relíquia está agora em Londres, no aterro do Tamisa, pousada numa peanha de bronze, alumiada pela luz elétrica, aturdida pelo estrondo dos comboios...

Os bairros europeus de Alexandria quase recentes (há cinquenta anos, antes de Mehemet-Ali dar o impulso à sua reedificação, a grande metrópole que espantava o califa Ornar, estava

reduzida a uma aldeia vivendo, da pesca e do comércio de esponjas), compunham-se principalmente de uma vasta praça, a famosa *praça dos Cônsules*, orgulho de todo o Levante, e de ruas largas, com nomes franceses, estuque francês nas fachadas, tabuletas francesas nas lojas, cafés franceses, lupanares franceses — como um *faubourg* de Bordéus ou de Marselha transportado para o Egito e empenachado aqui e além de palmeiras.

A parte árabe da cidade não tinha nenhum pitoresco oriental: eram arruamentos quase direitos, com casebres lavados a cal e terminando em terraço, pousados num solo, meio de terra e meio de areia, que a menor brisa do, mar espalhava em nuvens pelo ar.

Cidade feia à vista, desagradável

ao olfato, reles, insalubre, Alexandria visitava-se à pressa, ao trote de uma tipoia, e depressa se apagava da memória, apenas o comboio do Cairo deixava a estação, e se ausentavam, entre as primeiras culturas do Delta, ao longo dos canais, as filas de íbis brancos, os mais velhos habitantes do Egito, outrora deuses, ainda hoje aves sagradas...

Todavia, tal qual era, Alexandria, com a sua baía atulhada de paquetes, de navios mercantes e de navios de guerra; com os seus cais, cheios de fardos e de gritaria, os seus grandes hotéis, as suas bandeiras flutuando sobre os consulados, os seus enormes armazéns, os seus centenares de tipoias descobertas, os seus mil cafés-concerto e os seus mil lupanares; com as suas ruas, onde os

soldados egípcios, de fardeta de linho branco, davam o braço à marujada de Marselha e de Liverpool, onde as filas de camelos, conduzidos por um beduíno de lança ao ombro, embaraçavam a passagem dos *tramways* americanos, onde os *sheiks*, de turbante verde, trotando nos seus burros brancos, se cruzavam com as caleches francesas dos negociantes, governadas por cocheiros de libré — Alexandria realizava o mais completo tipo que o mundo possuía de uma cidade levantina, e não fazia má figura, sob o seu céu azul-ferrete, como a capital comercial do Egito, e uma Liverpool do Mediterrâneo.

Isto era assim, há cinco ou seis semanas. Hoje, à hora em que escrevo, Alexandria é apenas um imenso montão de

ruínas.

Do bairro europeu, da famosa *praça dos Cônsules*, dos hotéis, dos bancos, dos escritórios, das companhias, dos cafés-lupanares, resta apenas um confuso entulho sobre o solo, e aqui e além uma parede enegrecida que se vai aluindo.

Pela quarta vez na história, Alexandria deixou de existir.

Tratando-se do Egito, terra das antigas maldições, pode-se pensar, em presença de tal catástrofe, que passou por ali a cólera de Jeová — uma dessas cóleras de que ainda estremecem as páginas da Bíblia, quando o Deus único, vendo uma cidade cobrir-se da negra crosta do pecado, corria de entre as nuvens a cicatrizá-la pelo fogo, como uma

chaga viva da Terra. Mas desta vez não foi Jeová. Foi simplesmente o almirante inglês Sir Beauchamp Seymour, em nome da Inglaterra, e usando com vagar e método, por ordens do governo liberal: do Sr. Gladstone, os seus canhões de oitenta toneladas.

Seria talvez desonesto, decerto seria desproporcionado, o juntar aos nomes dos homens fortes, que nestes últimos dois mil anos se têm arremessado sobre Alexandria e atêm deixado em ruínas — aos nomes de Caracala, o pagão, de Cirilo, o santo, de Diocleciano, o perseguidor, e de Ben-Amon, o sanguinário — o nome do Sr. William Gladstone, o humanitário, o paladino das nacionalidades tiranizadas, o apóstolo da democracia cristã. Mas se por um lado,

evidentemente, a política do Sr. Gladstone não é um produto de pura ferocidade pessoal, como a de Caracala, que fez arrasar Alexandria, porque um poeta dessa cidade finamente dado às letras o molestara num epigrama — por outro lado esta brusca agressão de uma frota de doze couraçados, cidadelas de ferro flutuando sobre as águas, contra as decrépitas fortificações de Mehemet-Ali, este bombardeamento de uma cidade egípcia, estando a Inglaterra em paz com o Egito, parece-se singularmente com a política primitiva do califa Ornar ou dos imperadores persas, que consistia nisto: — ser forte, cair sobre o fraco, destruir vidas e empolgar fazendas. Donde se vê que isso a que se chama aqui a *política imperial de Inglaterra, ou os interesses*

da Inglaterra no Oriente, pode levar um ministro cristão a repetir os crimes de um pirata muçulmano, e o Sr. Gladstone, que é quase um santo, a comportar-se pouco mais ou menos como Aben-Amon, que era inteiramente um monstro. Antes não ser ministro de Inglaterra! E foi o que pensou o venerável John Brigth, que, para não partilhar a cumplicidade desta brutal destruição de uma cidade inofensiva, deu a sua demissão do gabinete, separou-se dos seus amigos de cinquenta anos, e foi modestamente ocupar o seu velho banco da oposição...

Tudo o que se prende imediatamente com a aniquilação de Alexandria, é de fácil história, sobretudo traçando só as linhas principais, as únicas que podem interessar quem está, moral e

materialmente, a três mil léguas do Egito e das suas desgraças.

No princípio de junho passado, o almirante inglês Sir Beauchamp Seymour achava-se nas águas de Alexandria, comandando uma formidável frota, e tendo ancorada ao seu lado uma esquadra francesa, com o pavilhão, do almirante Conrad. A França, e a Inglaterra estavam ali com morrões acesos, vigiando Alexandria, de camaradagem, como tinham estado nos últimos dois anos no Cairo, de pena atrás da orelha, fiscalizando, de camaradagem, as finanças egípcias: porque sabem, decerto, que, tendo o Egito (endividado até ao alto das pirâmides para com as burguesias, financeiras de Paris e Londres) omitido o pagamento de alguns *coupons* — a França

e a Inglaterra, protegendo maternalmente os interesses dos seus agiotas, instalaram no Cairo dois cavalheiros, os Srs. Coloin e Blegnières, ambos com funções de secretários de fazenda no ministério egípcio, ambos encarregados de colher a receita, geri-la e aplicar-lhe a parte mais pingue à amortização e juros da famosa dívida egípcia!

De sorte que as duas bandeiras, de Inglaterra e da França, eram na realidade dois enormes papéis de crédito, içados no tope dos couraçados. No almirante Seymour e no almirante Conrad reapareceram os dois burgueses, Coloin e Blegnières. E na baía de Alexandria, perante o Egito, um dos grandes falidos do Oriente, as frotas unidas das duas altas civilizações do Ocidente, representavam

simplesmente a usura armada.

Isto era assim na realidade. Oficialmente, porém, os couraçados estavam ali fazendo uma demonstração naval, de facto realizando uma intervenção estrangeira — porque se tinham dado casos no Egito e o Kediva declarara-se *coato*. Todos os que conhecem a história contemporânea de Portugal e de outros curiosos países constitucionais, sabem o que significa esta deliciosa frase: *El-rei está coato!* Isto, quer dizer que Sua Majestade se acha em palácio, cercado de uma populaça carrancuda que agarrou em chuços, arranjou uma bandeira no alto de um pau, e vem impor esta fórmula prodigiosamente desagradável para el-rei: diminuição de autoridade régia e aumento

de liberdade pública...

Se el-rei conserva por trás do palácio alguns regimentos fiéis, enverga nesse momento a farda de generalíssimo, e manda acutilar o seu povo: se desgraçadamente, porém, os soldados estão unidos aos cidadãos, então el-rei *declara-se coato*, e pede a um rei vizinho, mais forte e menos atarantado, que lhe mande uma divisão, a *restabelecer a ordem* — isto é, a assegurar a Sua Majestade a sua soma intacta de autoridade régia, dispersando a tiro a tentativa de liberdade pública. Isto hoje, realmente, já se não usa na Europa: mas no Oriente, ao que parece, é ainda um método muito decente de acalmar os descontentamentos nacionais.

O Kediva, esse excelente e pacato

moço, tinha sido vítima de um *pronunciamento* planeado, à maneira espanhola, mas posto em cena à moda turca. Um coronel, Arabi-Bey, que em breve ia ser o famoso Arabi-Pachá, apresentou-se com outros oficiais no palácio, e depois do salamaleque, que na etiqueta turca consiste em beijar devotadamente a aba da sobrecasaca do Kediva, como nós em Lisboa beijamos a túnica de Santo António, lembrou a, Sua Alteza a necessidade de fazer reformas, algumas puramente militares e em proveito dos coronéis, outras políticas, para bem da grande populaça fellah, e tão largas que constituíam uma mudança de regime. Sua Alteza escutou, murmurou aquelas frases sobre o *amor da nação*, *a felicidade dos súbditos*, que o cerimonial

indica nas ocasiões de atrapalhação régia e pareceu tão satisfeito com o interesse, que aqueles oficiais tomavam pela prosperidade do vale do Nilo, que os recompensou à maneira oriental — convidando-os a um banquete. Em torno da festiva mesa a cordialidade foi grande, o *champagne* espumou contra as prescrições do Alcorão, e entre o sabor das trufas e o aroma dos ramos, o futuro do Egito apareceu cor-de-rosa. O café foi servido nos jardins: e quando de um lado entravam os escudeiros com os licores, do outro surgiram beleguins com algemas. Arabi e os seus camaradas, levando ainda na boca o último charuto, que lhes oferecera Sua Alteza, foram conduzidos às palhas do cárcere.

Não há nada mais delicioso —

nem mais turco.

A Europa toda, a quem agrada a energia, aplaudiu com estrépito a energia de Sua Alteza!

2

O Kediva teve em seguida alguns tranquilos dias de triunfo.

Ao abrir o seu *Times* ou o seu *Journal des Débats* (porque este príncipe é ilustrado), ele podia regozijar-se, vendo que esses dois ponderosos órgãos da opinião europeia o consideravam um potentado enérgico e cheio de nervo, como cabe a um descendente do grande Mehemet-Ali, vivamente zeloso dos seus direitos, sabendo manter a ardem nos seus estados com duas mãos de ferro, digno enfim da simpatia das potências.

Uma manhã, porém, o palácio apareceu cercado de tropas— doze mil homens com dezoito peças de artilharia

— suplicando que Sua Alteza soltasse Arabi e lhe confiasse o ministério da guerra. E davam esta razão, honrosa para a lógica árabe: que, aprovando o exército as reformas de Arabi-Bey, entendia que ele as executaria muito mais confortavelmente sentado na poltrona de ministro da guerra, do que estirado nas palhas do cárcere.

O Kediva, que acabava talvez de saborear no Times mais uma glorificação da sua energia, concordou e declarou até que sempre respeitara Arabi. Ali mesmo, sobre o joelho, o nomeou Pachá: — e Arabi-Pachá passou da enxovia para o poder, ao som das bandas marciais...

Em tais circunstâncias um caudilho europeu lança o seu programa tão ruidoso, tão brilhante, subindo tão alto

no céu do progresso, como os foguetes que estalam nesse dia — e de que ordinariamente, como dos foguetes, fica apenas um tição apagado. E estamos tão acostumados a isto, aqui nestas regiões privilegiadas, onde a locomotiva silva, que as gazetas sisudas começaram a desconfiar de Arabi, desde que o não viram adiantar-se com o seu programa nas mãos. Não o tinha.

Em país muçulmano, sob a lei do Alcorão, não os há: nem era de resto natural que um soldado egípcio (como disse, com uma goche e desnecessária ironia, o Sr. Gambeta) tivesse encontrado por acaso *princípios de oitenta e nove inéditos* nos sarcófagos dos Faraós. Não, decerto. Mas Arabi trazia três, ou quatro ideias que, se houvesse uma Europa

decente, que lhe permitisse a realização, podiam ser o começo de um novo Egito, um Egito possuindo-se a si mesmo, um Egito governando-se a si mesmo, um *Egito para os Egípcios* — não uma raça escrava enfeudada à família de Mehemet-Ali, muito menos um refeitório franco para os esfomeados europeus.

A meu ver, o que impediu sempre que Arabi fosse um reformador — era o ser ele um coronel fellah, filho de fellah, nascido numa dessas tristes aldeias, montões de choças feitas de lama seca, que negrejam ao comprido do Nilo. Tendo vivido na abjeta miséria dos fellahs — a pior que existe sobre a terra — ele, mais que ninguém, tinha direito a erguer-se em nome dos longos agravos do fellah. Mas, ao mesmo tempo, Arabi era um soldado

que ganhara os seus postos nas prolongadas guarnições do Alto Egito e nas campanhas do Sudão, que voltara de lá com todo o orgulho da farda, e todo o pedantismo do sabre, não só repassado de militarismo, mas enfrascado em militança — e, portanto, pronto, desde que a sua voz ressoava tão alto, a pô-la ao serviço das pretensões do exército... Ele representava, por origem e por profissão, as duas grandes classes do povo egípcio — o soldado e o fellah; — e desde o momento em que entre os egoístas, os voluptuosos, os escravos e os interesseiros, ele pareceu ser o único homem no Egito que se arriscava, de bom grado, pelas suas ideias, ao exílio e à enxovia — tornou-se bem depressa, e naturalmente, chefe do *partido popular*

que queria as grandes reformas nacionais, e pela mesma ocasião caudilho do *partido militar*, que só apetecia vantagens de classe. Assim, em Arabi, o patriotismo confundia-se infelizmente com a insubordinação.

Nas suas reformas encontravam-se, numa triste mistura, ao lado de ideias largas, liberais, contendo a reivindicação dos direitos do trabalhador, as mais especiosas exigências do quartel, revelando o oficial revoltado. Era com o mesmo entusiasmo, e como se as duas coisas tivessem igual valor na obra da regeneração do Egito — que ele pedia uma constituição parlamentar, e aumento de soldo e subida de posto para os coronéis seus camaradas. Que aconteceu? Que na Europa, aqueles que desejavam a

continuação do regime kedival (empresa financeira de onde saíam grossos dividendos), fizeram tanto ruído em torno das escandalosas, pretensões da tropa, que não deixaram escutar os justos pedidos do povo, e desacreditaram facilmente Arabi, escondendo o seu bom lado de patriota, pondo em relevo o seu mau lado de coronel turbulento.

Toda a revolução dirigida por coronéis, é justamente suspeita ao nosso moderno espírito europeu; mas Arabi é um egípcio; e no Egito, onde o povo fellah, apesar de tão inteligente como qualquer das nossas plebes, é pouco mais que uma irresponsável horda de escravos, e onde o exército constitui a classe culta — a obra de progresso tem necessariamente de ser feita pelo soldado.

Na Europa, porém, não se sabe isto — ou, antes, finge-se que não se sabe. As exigências da tarimba puseram na sombra as reclamações da cabana — e Arabi perdeu na Europa a autoridade que podia ter como chefe dos fellahs, por falar de espada na mão, de entre um quadro de soldados...

Decerto, Arabi não é um Mazzini, nem um Luís Blanc. É um árabe do antigo tipo, que apenas leu um livro — o Alcorão. Mas, como homem, possui qualidades de inteligência, de coração, de caráter, que não ousam negar aqueles mesmos que o estão combatendo tão brutalmente. E como patriota, está à altura dos grandes patriotas: havia certamente muito egípcio no Egito que abominava o sórdido regime kedival e sofria de ver o

rico vale do Nilo devorado pelo estrangeiro, como outrora pelos gafanhotos — mas esses limitavam-se a curvar tristemente os ombros, invocando o nome de Alá.

Este é o primeiro que entendeu que Alá, apesar de grande e forte, não pode atender a tudo, e que, portanto, se resolveu a tirar a espada em nome do fellah, contra a opressão coligada dos pachás-turcos e dos agiotas cristãos.

Quais eram, por fim, as reformas de Arabi, esse monstro de sedição?

Arabi queria, em primeiro lugar, o fim da autoridade absoluta do Kediva, e o Egito governado por uma Assembleia eleita; e, como consequência desse novo regime, uma reforma radical no uso dos dinheiros públicos, que até aí iam parte

para a corte do Kediva, parte para o harém do Sultão, senhor suserano do Egito, parte para as cortes cerradas de funcionários estrangeiros, parte, uma grande parte, para pagar os *coupons* de dívida em Paris e Londres, ficando tão pouco para as necessidades do país, que havia dois anos que quase se não dava soldo ao exército!

Arabi não negava a dívida externa, contraída por esse esplêndido perdulário Ismail-Pachá, mas reconhecida pela nação e, garantida pela sua honra: — somente não admitia que a França e a Inglaterra estivessem instaladas no Cairo, à boca dos cofres, esperando a chegada do imposto, para empolgar uma parte leonina; de tal sorte que, para satisfazer a voracidade do credor europeu, esmagava-

se com tributos o fellah, que, por mais que se esfalfasse dia e noite, tinha por fim de recorrer ao usurário europeu. Coisa estupenda! A Europa apresentava-se oficialmente como credora, e, para se fazer embolsar, fornecia secretamente o agiota!...

Mas o ponto delicado das reformas de Arabi era quando tocavam com a situação dos estrangeiros do Egito. Havia aí pretensões monstruosas. Arabi exigia que se abolisse o privilégio pelo qual os estrangeiros, estabelecidos no Egito e enriquecendo no Egito, não pagam imposto. O desalmado queria que não houvesse esses tribunais de exceção para os estrangeiros, que, sob o nome de *tribunais mistos*, distribuem duas justiças — uma de mel para o europeu, outra de

fel para o árabe. Enfim, esse homem fatal pretendia que os empregos públicos não fossem dados exclusivamente a estrangeiros — e que se não pagassem anualmente, como se pagavam, mais de *três mil contos* de bom dinheiro egípcio, a franceses, ingleses e italianos repoltreados em sinecuras em todas as repartições do vale do Nilo, e quase todos tão úteis ao Estado como aquele inglês que, com uma carta de recomendação de Lorde Palmerston, foi nomeado coronel do exército egípcio e ao fim de nove anos, depois de ter recebido perto de oitenta contos de soldos, ainda, não tinha visto o seu regimento e *ainda mesmo não tinha uniforme!*

Tais eram, em resumo, as abomináveis ideias de Arabi, e não se

imagina facilmente a apoplética indignação que elas causaram à França republicana e à livre Inglaterra. Arabi foi considerado uma fera. Na bolsa de Paris, no *Stock-exchange* de Londres, onde os fundos egípcios tinham descido, pedia-se com energia a supressão imediata desse iníquo aventureiro.

Os gritos estridentes dos estrangeiros no Egito, ameaçados nas suas pessoas e nos seus privilégios, enterneciam a Europa.

As potências ocidentais *trocaram as suas vidas*, segundo a hedionda frase diplomática, e concordou-se que o Egito *estava em anarquia*. O Kediva, esse já se declarara *coato*, e urgia *descoactar* rapidamente esse amável príncipe, tão doce ao estrangeiro. A Inglaterra e a

França, pois, (países que dizem ter interesses superiores no Egito) mandaram as suas esquadras às águas de Alexandria, para aterrar Arabi. Pode-se perguntar até que ponto seis couraçados, sem tropas de desembarque e ancorados numa baía, conseguiriam atarantar um ministro da guerra, seguro no Cairo, a dez horas de caminho de ferro, cercado de vinte mil homens de tropas regulares, apoiado por quatro milhões de população fellah, aliado aos grandes chefes beduínos, e santificado pela aprovação religiosa dos Ulemas...

Hoje, aqueles mesmos que aconselharam essa manifestação, como o *Times*, confessam com o rubor nas colunas, que foi uma insensatez. Em todo o caso fez-se — e acompanhada de um

documento, um papelucho diplomático que, pelo cómico intenso do seu conteúdo, parecia arrancado a alguma farsa descabelada de Labiche. Esse escrito, apresentado gravemente pelos cônsules de França e Inglaterra, intimava o Kediva a que demitisse Arabi, o exilasse para o Alto Egito, para além das cataratas, conservando-lhe, para o não descontentar de todo, as suas honras de pachá e os seus soldos de coronel! Não sentis aqui, amigos, toda a folia de um *vaudeville*? De um lado o Kediva abandonado, em palácio, envolvido por uma revolução vitoriosa, refugiado, na equívoca fidelidade de alguns ajudantes de campo e de alguns eunucos; do outro lado Arabi tendo por si o exército, a nação, o deserto e as mesquitas. E a Europa sugere àquele

Kediva que desterre para a Núbia este Arabi! Conheceis coisa alguma que mais reclame a *verve* do chorado Offenbach? Os jornais ingleses hoje confessam também entre dentes que o papelucho era estúpido. Se o era! E estão daí a ver o resultado: Arabi encolheu os ombros, adjudicou-se mais o ministério da marinha, e substituiu alguns dos outros ministros, antigos familiares do Kediva, por homens seus, gente de nervo e de arranque.

Perante esta resposta dada ao seu *ultimatum*, a Europa ficou, se me é lícito este dizer irreverente — *de orelha murcha*. E então tomou a decisão das grandes crises; delegou diplomatas que se sentaram em torno de uma mesa de pano verde, e enterraram pensativamente a

cabeça entre os punhos. Chamou-se a isto a *Conferência de Constantinopla.* O seu fim, todo louvável, era *resolver a questão do Egito.*

E ainda lá está, fina e subtil, a resolver! Alexandria ardeu, deixou de existir; o canal de Suez é patrulhado par canhoneiras inglesas; o general Sir Garnet Wolseley marcha sobre o Cairo; aterra do Egito é terra britânica — e ela ainda lá está, a resolver!

Quanta habilidade naquela assembleia! Naquela assembleia quanta autoridade! Ainda lá está...

Ainda lá está, à margem das águas doces do Bósforo, em torno da mesa de pano verde, com a cabeça enterrada entre os punhos!..

Depois de reunida a *Conferência,*

a Europa, naturalmente, lembrou-se que o Egito é ainda uma dependência dos estados do Sultão, paga tributo ao Sultão, e que portanto ao Sultão competia ir restabelecer a ordem nos seus agitados domínios.

Questão obscura e embrulhada, esta das relações do Egito com a Turquia.

É o Kediva um príncipe vassalo? A diplomacia hesita. Por um lado, os Kedivas sucedem-se por hereditariedade, têm exército, armam marinha, cunham moeda, declaram guerras, fazem tratados; por outro lado, pagam tributo. Mas constitui ele uma afirmação de vassalagem de pachá a sultão? É uma simples oferta de príncipe muçulmano ao chefe do Islão, como o presente que o rei católico de Espanha manda todos os anos

ao Papa? É uma prestação anual de tremenda soma, porque Mehemet-Ah e depois Ismail-Pachá, compraram aos Osmanlis a sua independência? É simplesmente um *pourboire?*... Seja como for, o tributo existe — e, fundado nele, a Europa apelou para o Sultão. Arabi, bom crente, devia venerar o Sultão; o Sultão, bom pai podia exterminar Arabi. E aqui começa a famosa comédia das vacilações do Sultão.

Por um lado, o Sultão desejaria mandar tropas ao Egito, ocupá-lo sob o pretexto de o tranquilizar e refazer dele uma província turca, um pachalato dependente do serralho, tal qual era antes de Mehemet-Ali, quando na riqueza do vale do Nilo estava o verdadeiro, tesouro dos califas; por outro lado, porém, o

Sultão não queria desembarcar no Egito como cabo de polícia da Europa, pela razão de que, prevendo este caso, os *ulemas*, da mesquita de El-Azhar, o grande centro religioso, e o grande centro letrado do Islão, o Vaticano e a Sorbona do Oriente, possuindo no mundo muçulmano uma autoridade igual à de um Concílio no mundo católico — tinham declarado que, se o Sultão, em nome da Europa cristã, pegasse em armas contra gente maometana, tornava-se *ipso-facto* apóstata, e *ipso-facto* perdia o califado. Por um lado também o Sultão, tendo, ao que se diz, recebido, de Arabi promessas de depor o Kediva e proclamar em seu lugar Helim-Pachá, que é em Constantinopla o conselheiro e o favorito do serralho — conspirava com Arabi

contra o Kediva; mas por outro lado, tinha notícia das inteligências de Arabi com o xerife de Meca, que, sendo o descendente direto de Maomé, possui mais que o Sultão direitos ao califado, e é nesta santa pretensão apoiado por todas as tribos da Arabia; e, receando assim que Arabi se tornasse o autor de um cisma ao islamismo, o sultão, procurava minar-lhe a influência crescente — conspirava com o Kediva contra Arabi. Por um lado ainda, uma vaga revolução constitucional empais muçulmano, era odiosa ao Sultão; mas, por outro, a maneira como Arabi, alma desse movimento, estava tratando de alto, parte da Europa coligada, lisonjeava profundamente o seu coração turco. Enfim, este miserando chefe dos crentes não sabia onde havia de dar com a sua

cabeça imperial... Não se pense, por este dizer ligeiro, que eu não respeito o Sultão: Abdul-Hamid não é um califa do antigo tipo, embrutecido pelo uso de três mil mulheres — mas, segundo a expressão do príncipe de Bismarque, «um dos espíritos mais finos da Europa». Ora, o príncipe de Bismarque é um entendedor; ainda que, a meu ver, duas coisas estragam esta famosa finura: primeira o ser excessiva, de modo que Abdul-Hamid, a maior parte das vezes, tropeça e fica enredado na engenhosa complicação dos seus próprios fios; depois o estar ao serviço, não de ideias práticas, mas de fantasias místicas, como a que se lhe atribui de renovar, na ordem espiritual e em seu proveito, o império profético de Maomé.

Enfim, instado pela Europa a intervir no Egito, e não querendo que a Europa interviesse, porque isso seria a perda do seu pingue tributo anual, o Sultão decidiu-se a enviar Dervich-Pachá, uma velha raposa podre de manhas, com a missão de fazer reentrar Arabi no aprisco dos humildes. Mas apenas Dervich-Pachá começava esta operação, eis que o Sultão inquieto, vendo Arabi e o xerife de Meca de mãos dadas sobre o túmulo do Profeta, remete a Arabi a grande ordem do Medjidieh, a mais nobre condecoração turca, o favor supremo que pode cair das mãos do califa, acompanhada de uma florida carta de amizade e de uma esplêndida placa de diamantes.

Isto tudo dá a medida da confusão do Grão-Turco.

Arabi, assim glorificado pelo califa, resplandeceu aos olhos do mundo muçulmano com um prestígio maior; Dervich-Pachá, um instante aturdido, redobrou de duplicidade: — e foi então entre Dervich, e Arabi, e o Kediva, e o Sultão, e as potências, e os cônsules, e os pachás, e os coronéis, uma intriga tão emaranhada que eu preferiria fazer-lhes um resumo lúcido dos vinte e cinco volumes das *Façanhas de Rocambole*, do que penetrar na espessura inextricável deste imbróglio turco-europeu — uma dessas intrigas fastidiosas que devem enervar, fazer chorar de seca e de fadiga a Providência, se ela, como afirmam filósofos que estão na sua intimidade, é obrigada a observar minuciosamente todos os sucessos humanos! Quanto o

homem com a sua tolice deve, por vezes, fazer bocejar Deus!

Durante estes sucessos, enquanto a Europa chafurdava no atoleiro diplomático, as duas esquadras, de França e de Inglaterra, lá continuavam diante de Alexandria *manifestando*. Do romper do sol ao ocaso, imóveis nas águas calmas, com as camisolas da marujada secando nas vergas, ali estavam *manifestando*...

Os oficiais repousavam de vez em quando desta rígida atitude de *manifestação*, arranjando um *pic-nic* em terra, indo fazer um *robber* de *whist* ao clube inglês, ou organizando, sob as sombras dos jardins de Ramleh, honestas partidas de *cricket*.

3

Achando-se as coisas assim, amanheceu o dia 11 de junho, que de ora em diante na história — nesse curto instante de notoriedade humana, que enfaticamente se chama a *história* — será conhecido por este galicismo: o massacre *de Alexandria*.

O primeiro episódio oriental que eu vi, ao desembarcar há doze anos em Alexandria, foi este: no cais da alfândega, faiscante sob a luz tórrida, um empregado europeu — europeu pelo tipo, pela sobrecasaca, sobretudo pelo boné agaloado — estava arrancando a pele das costas de um árabe, com aquele chicote de nervo de hipopótamo, que lá chamam

courbach, e que é no Egito o símbolo oficial da autoridade.

Em redor, sem que esse espetáculo parecesse desusado ou escandaloso, alguns árabes transportavam fardos; outros empregados agaloados, de chicote na mão, davam ordens por entre o fumo do cigarro...

Saciado ou cansado, o homem do *courbach*, que era um magrizela, atirou um derradeiro pontapé à anatomia posterior do árabe — como quem, ao fim de um período escrito com *verve*, assenta vivamente o seu ponto final — e, voltando-se para o meu companheiro e para mim, ofereceu-nos, de boné na mão, os seus respeitosos serviços. Era um italiano, e encantador. A esse tempo o árabe (como quase todos os fellah, um

soberbo homem de formas esculturais) depois de se ter sacudido como um Terra-Nova ao sair da água, fora-se agachar a um canto, com os olhos luzentes como brasa, mas quieto e fatalista, pensando decerto que Alá é grande nos céus e necessário na terra o *courbach* do estrangeiro.

Quando, no dia 11 de junho, eu li esses telegramas, repassados de pânico, em que se anunciava à Europa que a população árabe massacrava os europeus nas ruas da Alexandria — não sei porque revi logo o cais da alfândega, o italiano serviçal de boné agaloado, o *courbach* estalando nas costas escuras do árabe. Isto não é trazido como alegoria, para dizer que as relações dos europeus e dos egípcios se reduziam a estas duas atitudes

— um braço com manga de pano fino erguendo o *courbach*, e um dorso seminu esperando a sova: muito menos quero insinuar que o massacre do dia 11 foi a tardia vingança destas brutalidades burocráticas...

O Egito não é a Serra Leoa; e o crescente ainda não anda tão de rasto que consinta em ser sistematicamente espancado pela cruz. Mas a verdade é que no Egito um qualquer empregado europeu da alfândega, das docas, ou dos caminhos de feiro, que não ousaria erguer a mão para um carrejão europeu — retalha a pele de um egípcio, tão naturalmente e com tanta indiferença como se sacode uma mosca importuna.

É que o europeu de Alexandria considerava o fellah egípcio como um ser

de raça ínfima, incivilizável, mero animal de trabalho, pouco diferente do gado; e se tivesse o estilo de La Bruyère, descrevê-lo-ia como La Bruyère descrevia os aldeãos do tempo de Luís XIV, «vultos escuros, curvados sobre a terra e tendo a vaga aparência de seres humanos ...»

Nestas condições de desprezo, usa-se facilmente o *courbach* e invariavelmente a insolência...

E note-se que o europeu não tinha muito mais respeito pelo egípcio das classes superiores ou cultas. Qualquer amanuense de consulado julgaria da sua dignidade de europeu não ceder o passo ao mais velho e nobre scheik, senhor de dez tribos e descendente do profeta; e o mais insignificante empregado dos telégrafos, leitor do *Figaro*, não nutriria

senão desdém pelos sábios doutores da Universidade de El-Azhar, que não vão ao café ler o *Figaro*, e pouco sabem de telegrafia.

Mas este absurdo desprezo por uma nobre raça, a quem a civilização tanto deve, não se manifestava só entre os europeus de Alexandria, Colónia de aluvião, formada pelos detritos das populações do Mediterrâneo: não ouvimos nós ainda há dias o próprio Sr. Bambeta declarar das alturas da tribuna da câmara francesa, esse Sinai da burguesia, que o povo egípcio só podia ser governado a chicote?...

A complicada abundância da nossa civilização material, as nossas máquinas, os nossos telefones, a nossa luz elétrica, tem-nos tornado intoleravelmente

pedantes: estamos prontos a declarar desprezível uma raça desde que ela não sabe fabricar pianos de Erard; e se há algures um povo que não possua como nós o talento de compor óperas cómicas, consideramo-lo *ipso-facto* votado para sempre à escravidão...

Por outro lado, os egípcios olhavam para o europeu como para a última e mais terrível praga do Egito, uma outra invasão de gafanhotos, descendo — não do céu, onde ruge a cólera de Jeová, mas dos paquetes do Mediterrâneo, com a sua chapeleira na mão — a alastrar, devorar as riquezas do vale, do Nilo. E este prejuízo não é especial às classes incultas: o pachá mais bem informado, educado em França, lendo como nós a *Revista dos Dois Mundos*, nunca

reconhecerá o que o Egito deve à energia, à ciência, ao capital europeu; para ele, como para o último burriqueiro das praças do Cairo, o europeu é mais que o intruso — é o *intrujão*.

O árabe de modo nenhum se julga inferior a nós; as nossas indústrias, as nossas invenções não o deslumbram; e estou mesmo que, do calmo repouso dos seus haréns, o grande ruído que nós fazemos sobre a terra, lhe parece uma vã agitação. Ele sente por nós o pasmo misturado de desdém que pode sentir um filósofo, vendo trabalhar um pelotiqueiro. O pensador diz consigo que não é capaz de equilibrar uma espingarda sobre o nariz, e lamenta-o; mas consola-se refletindo que o saltimbanco não é suscetível de ligar duas ideias. Assim, o

muçulmano admira um momento o nosso gás, os nossos, aparelhos, os nossos realejos, todo o nosso génio mecânico; depois cofia a barba, sorri, e pensa consigo: «Tudo aquilo prova paciência, e engenho, mas eu tenho, dentro em mim coisa de melhor, e superior mesmo ao vapor e à eletricidade é a perfeição moral que me dá a lei de Maomé».

De resto, nós o sabemos pelas xácaras da nossa mocidade, sempre o crescente detestou a cruz; e pode-se imaginar quais são os seus sentimentos, agora que a cruz, em lugar de o combater como paladino, o explora como agiota.

Se em cidades como Damasco ou Beirute o europeu *touriste* inofensivo, que passa com a bolsa aberta, excita olhares e murmúrios de ódio, somente porque tudo

nele é diferente, desde os dogmas da sua religião até à forma do seu chapéu — calcule-se o que se dá em cidades como Alexandria e como Tunes, onde o europeu não é *touriste* amável que distribui gorjetas, mas o agenciador sôfrego que vem instalar-se ali como em terra que conquistasse para arredondar depressa um pecúlio, sob a bandeira do seu cônsul.

Acrescente-se que no Egito o europeu aparecia aos olhos do árabe com o caráter odioso de um privilegiado.

Uma coisa parecia intolerável — é que o europeu empolgasse todos os lugares, todos, desde as gordas sinecuras até os diminutos empregos de cem francos por mês.

Vagava um obscuro posto de carteiro ou de telegrafista — e

concorriam, de um lado, um árabe honesto e ativo, do outro um sacripanta de nacionalidade grega ou malteza. A quem se dava o emprego? Ao sacripanta.

Este sistema, fecundo a princípio, quando o Egito era uma bárbara província turca, e os europeus chamados eram homens de saber especial e de integridade, começou no tempo de Mehemet-Ali, que tentava fazer uma nação sobre as ruínas do velho pachalato, e que convidava para essa obra a ciência e o capital europeu: continuou depois com Said-Pachá, esse delicioso *bon-vivant*, tão francês que passava os dias a fazer *calembourgs*, e que não admitiria em torno de si, e nas repartições de estado, senão cavalheiros capazes de apreciar o *Charavari:* mas a grande invasão de

empregados europeus consumou-se no tempo de Ismail-Pachã — que aceitava tudo o que vinha da Europa, os especialistas e os vadios, os que traziam uma ideia e os que só traziam dívidas...

O Egito renovou então, a velha lenda do El-Dorado. Quem em Paris, ou em Londres, ou em Roma, se via filado pelos credores, com a derradeira sobrecasaca a coçar-se nos cotovelos, e sem poder voltar ao seu clube, por dever dez francos ao porteiro, obtinha de um diplomata ou de um príncipe uma carta de recomendação, para o Kediva e tomava o paquete de Alexandria.

Lá, nos primeiros dias, tinha o hotel pago, por Sua Alteza— ao fim do mês emprego dado por Sua Alteza. Qualquer coisa: se era um velho tenor de

sala, já sem voz, nomeava-se coronel de cavalaria; se era um militar desacreditado, despachava-se inspetor das escolas. Quem não podia alcançar uma carta para o Kediva, ia rojar-se aos pés do cônsul. Quem não ousava apresentar-se ao cônsul, empregava as influências transversais do paço, as mais poderosas — os eunucos, os cozinheiros, as dançarinas... O emprego vinha, fácil e pingue. E o fellah pagava toda a malta.

Mas o pior ainda eram os funcionários superiores, que as potências instalavam no interior da administração egípcia — tão ciumentas umas das outras, que, se por exemplo, a França conseguia acomodar um francês na diretoria geral das finanças, logo a Inglaterra, para contrabalançar essa parcela de influência,

empurrava um inglês para dentro do estado-maior da marinha; e por seu turno a Itália, já desconfiada, metia à força um filhote de Roma na direção da instrução pública. Alguns destes cavalheiros tinham decerto habilidades de especialistas; mas a sua abundância mesmo enredava o movimento da máquina administrativa. Está hoje provado que o Kediva, cedendo a estas pressões, era obrigado a ter *seis empregados para fazer o simples trabalho de um!* Todo este mundo formava um estado no estado.

Nas suas repartições de finanças, nos seus tribunais, nos seus estados-maiores, nas suas comissões, em todos os recantos da sua administração, o Egito só via faces estrangeiras, só escutava línguas estrangeiras, só sentia interesses

estrangeiros; e o dinheiro egípcio mantinha esta coorte, que só estava ali para anular a influência egípcia. E eram ao menos úteis?... O cônsul-geral dos Estados Unidos conta, num livro recente sobre o Egito, que jantara um dia no Cairo com seis empregados superiores, todos estrangeiros, cujos ordenados somados subiam anualmente a perto de *cem contos!* Nas suas repartições, a correspondência, a escrituração, a contabilidade, tudo era feito em língua árabe: e *nenhum deles sabia o árabe!*

Não havia talvez sobre a terra pior população que a de Alexandria. Essa cidade, que fora outrora o refúgio, do saber e do luxo do oriente, tornara-se nos nossos dias, sob o Kediva Ismail-Pachá, o barril de lixo da Europa meridional. Todo

o refugo humano da Grécia, das ilhas do Arquipélago, da Itália, da Sicília, de Marselha (e Deus sabe quanto estas belas paragens clássicas abundam em meliantes!) se esvaziava instintivamente sobre Alexandria, alastrava-a, tornava-a sob o seu belo céu azul-ferrete uma fétida estrumeira social.

Bastava atravessar uma rua, para compreender o conjunto dos costumes.

A cada esquina, um *café-cantante* atulhado de uma malta enxovalhada, que berra, cachimba, emborca aguardente, enquanto sobre o tablado, por trás da ribalta, uma matrona despeitorada e caiada vai rouquejando um estribilho obsceno... De dez em dez casas um lupanar, separado apenas da rua por uma simples cortina... Por toda a parte o jogo:

um sacripanta traz uma pequena roleta, um banco, e no meio da rua instala a batota; em redor apinham-se logo outros sacripantas, e daí a momentos a polícia tem de acudir, porque corre sangue...

O viajante de gosto e de educação tinha de fugir bem depressa desta atmosfera, refugiar-se em algum quieto café muçulmano, à beira da água tranquilo. Aí ao menos só havia árabes que fumavam gravemente o seu *chibouk*, falavam entre si com polidez, comportavam-se com dignidade.

Ah!, estou daqui a ver a primeira mesa redonda a que me sentei em Alexandria!

Era presidida por um grego de pele lívida, de suíças reluzentes como verniz de sapatos, com um grilhão de ouro

sobre o colete decotado e brilhantes, talvez verdadeiros, numa camisa de oito dias! Que intrujão! que bandido! Como aquilo rolara por todas as trapaças, todos os deboches do litoral levantino! O bom era ouvi-lo falar do Egito como de um país conquistado, terra de ilotas que tinha obrigação de o vestir, de o calçar, de lhe encher a bolsa a ele, e aos outros que o aplaudiam em torno da mesa redonda, todos europeus, agenciadores, empregadotes, simples vadios, todos de grilhões de ouro no relógio, de colarinho decotado, o carão ressudando vício, o falar parlapatão, galãs de espelunca...

— *L'arabe, monsieur* — dizia-me este equívoco personagem, num francês do Pireu — *ce n'est qu'une infete canaille!*

O infeto canalha eras tu, lívido grego!

É evidente que o que tornou Arabi mais popular no Egito, foi a sua hostilidade aos estrangeiros. *O Egito para os egípcios!* Esta frase, todo um programa, calou fundo no ânimo do povo inteiro.

O Egito para os egípcios — não para os empregados estrangeiros, nem para os agiotas estrangeiros...

Ah! esta questão dos credores! A famosa questão da dívida egípcia! Em que gastou. Ismail-Pachá esses centenares de milhões que a Europa lhe emprestou, e que o pobre fellah está pagando? Em primeiro lugar, na realização de uma ideia económica — o converter o Egito, que é um país agrícola, numa nação industrial.

O Egito produzia o açúcar — porque o não refinaria? Possuía o algodão — porque o não teceria? E aí começou, à força de milhões, a cobrir as margens do Nilo dessas colossais fábricas, de que hoje só restam ruínas; — ruínas de ferro enferrujado e de madeira podre, tão miseráveis e tão tristes, ao lado das belas ruínas graníticas dos templos faraónicos, representando, como elas, a servidão de um povo, mas, pela sua fealdade, não podendo ao menos servir, como elas, nem para assunto de uma aquarela...

A outra causa da ruína do Kediva foi a sua prodigalidade. Quem não conhece essa lenda ilustre? Quem se não lembra das festas do canal de Suez? Aí cada verba se contou por milhões. Dois milhões para a iluminação do Cairo.

Quatro milhões para o banquete de Ismailia. Despesas com os dois mil convidados durante quinze dias no Cairo e no Canal — setenta milhões!... Para o *champagne* bebido nessas semanas de bambocha — dois milhões! O fellah pagava.

Eh! E eu que estou aqui a falar — também o bebi, esse *champagne* que era no fundo o suor do fellah espumante e açucarado! Também eu fui hóspede de Ismail-Pachá, à custa do fellah! Também eu... Calemo-nos, cubramos a fronte de cinzas, imploremos o perdão do fellah!

O resultado destas fantasias industriais, destes luxos, de Salomão, foi que o Egito, se achou devendo à Europa centenares de milhões, por que pagava um juro de *sete por cento*, e, como burguesa

prudente que zela os seus interesses, a Europa tinha pouco a pouco tomado conta da administração do Egito...

Quando Arabi quis modificar este sistema, que convertia o povo egípcio numa horda de servos trabalhando para os financeiros de Paris e Londres — as esquadras de França e Inglaterra apareceram logo, pedindo o desterro de Arabi, e o licenciamento do exército, que era o instrumento e a força do partido nacional. Os árabes viram nisto um odioso abuso da força, a Inglaterra e a França querendo manter à bala os interesses dos possuidores dos títulos da dívida egípcia e os privilégios, dos intrusos.

Desde esse momento Arabi tornou-se um libertador; e o Kediva, que

as, esquadras vinham proteger contra Arabi, passou a ser o renegado, o traidor.

Esta era a situação no dia 11 de junho. Alexandria tornara-se uma fornalha de excitação. Nas mesquitas pregava-se com furor a cruzada contra o cristão: nos bazares falava-se, do estrangeiro como do cão maldito, da ave de rapina, pior que o gafanhoto que devora a seara nos campos férteis do Nilo; e, ou fosse o fanatismo que despertasse, ou fosse a miséria que se queria vingar — todo o bom muçulmano se armava.

Nestas circunstâncias, de uma chufa de botequim pode nascer uma guerra de raças. E, pouco mais ou menos, assim sucedeu. Na manhã do dia 11, na Rua das Irmãs, uma das mais ricas do bairro europeu, um inglês, por um velho hábito,

deu chicotadas num árabe; mas, contra todas as tradições, o árabe replicou com uma cacetada. O inglês fez fogo com um revólver. Daí a pouco o conflito entre europeus e árabes, em pleno furor, tumultuava por todo o bairro... Isto durou cinco horas — até que, por ordens telegrafadas do Cairo, a tropa, até aí neutral, acalmou as ruas. E o resultado, bem inesperado, mas compreensível, desde que se sabe que os árabes só tinham cacetes e que os europeus tinham carabinas — foi este: perto de cem europeus mortos, mais de trezentos árabes dizimados. Os jornais têm chamado a isto *o massacre dos cristãos:* eu não quero ser por modo algum desagradável aos meus irmãos em Cristo, mas lembro respeitosamente que isto se chame *a*

matança dos muçulmanos.

4

Esta *matança de cristãos* — para continuarmos a dar-lhe a sua alcunha diplomática— puxou bruscamente a atenção do mundo que lê jornais para o Egito, e por isso devem aí ter presentes e vivos — sem que se torne necessário o rememorá-los, detalhe a detalhe — todos os episódios que numa semana se desencadearam uns sobre os outros, com uma barafunda de melodrama: a indignação excessiva e tumultuosa da Europa, excitada pelo clamor e pelos gritos da imprensa inglesa; o desordenado pânico que se apossou dos europeus residentes no Egito; e o facto, estranho mesmo nessa terra de clássicos êxodos,

de uma colónia de mais de *cem mil* almas abandonando de repente o solo, onde, desde gerações, se estabelecera, deixando ocupações, interesses, empregos, casa e fazenda, precipitando-se apavorada para os cais de embarque, apinhando-se em paquetes, em navios de carga, em barcaças, em qualquer coisa que pudesse flutuar na água, e fugir da terra funesta, pagando a peso de ouro o direito de se agachar num buraco de porão; a maneira magistral como a Inglaterra, pelos oficiais da sua armada, organizou e policiou esta nova fuga dos hebreus; enfim, a chegada a Alexandria do Kediva, que perdera toda a autoridade no Cairo, e colhia a oportunidade de vir abrigar os restos esfrangalhados da sua realeza, sob os canhões do almirante Seymour.

Arabi-Pachá, que se tornara, de facto, ditador, correu também a Alexandria — e o seu primeiro passo foi estabelecer tribunais marciais, para julgarem os *massacradores* do dia 11.

Note-se que se não tratava, nem por sombras, de punir os europeus que tinham mandado *trezentos* muçulmanos desta terra de misérias para o paraíso de Alá; mas somente os muçulmanos suspeitos de terem posto mãos violentas sobre cristãos. Ainda assim, os jornais ingleses bradaram logo que não se podia ter confiança na justiça, na imparcialidade dos magistrados egípcios, tão hostis ao estrangeiro como à populaça — e que tais julgamentos não passavam de uma farsa, onde os réus, que se mostravam um momento à Europa carregados de ferros

postiços, eram depois, por detrás dos bastidores, aclamados como bons patriotas.

Arabi-Pachá propôs então que esses tribunais se compusessem de juízes árabes e de oficiais ingleses. Isto indicava um desejo vivo, quase uma sofreguidão de justiça. E, com efeito, se o partido nacional agora todo-poderoso, se não mostrasse severo — *corria o* perigo de passar por cúmplice; e se as suas reformas tinham já inspirado tanta antipatia à Europa — o que seria se a ele se pudessem plausivelmente atribuir tais atentados?

De resto, para um muçulmano, ortodoxo e fino como Arabi, toda a violência contra o estrangeiro, contra o hóspede, constitui a mais negra violação

da lei santa. Arabi era sincero. Mas a Inglaterra não aceitou as suas propostas...

A Inglaterra não aceitou. A Inglaterra estava armada a bordo dos seus couraçados. E, todavia, mais que nenhuma outra nação, ela sofrera com os tumultos de Alexandria: o seu cônsul, brutalmente espancado, achava-se à morte; alguns dos oficiais da esquadra tinham recebido no uniforme, que é o orgulho da Grã-Bretanha, a lama e as pedradas da populaça egípcia; a maior parte dos europeus assassinados eram de nacionalidade inglesa; contra a Inglaterra se pregara a guerra nas mesquitas, nos bazares, e até sob a tenda beduína...

Mas a Inglaterra, generosa e paternal, queria esquecer essas injúrias. Pudera!

É que não lhe convinha reconhecer as atrocidades do dia 11 como um mero e casual episódio de fanatismo muçulmano, a que algumas grilhetas e algumas cordas de forca poriam definitivamente termo; nem lhe convinha descer dos seus couraçados, unicamente para ir a um tribunal ajudar a sentenciar dez ou doze facínoras.

O que à Inglaterra convinha, era atribuir a este conflito local a magnitude de uma anarquia nacional, e oferecer ou impor o seu préstimo — não para castigar os tumultos de um bairro, mas para pacificar todo um país em desordem. E assim ela rejubilava, com a chegada desse dia tão apetecido, tão pacientemente esperado desde o começo do século, tão ansiosamente espiado desde a abertura do

canal de Suez, em que teria enfim um pretexto para assentar na terra do Egito o seu pé de ferro, essa enorme pata anglo-saxónia, que, uma vez pousada sobre território alheio, seja um rochedo como Gibraltar, uma ponta de areia como Aden, uma ilha como Malta, ou todo um mundo como a Índia — nenhuma força humana pode jamais arredar ou mover.

Já se não tratava de libertar o Kediva coato, de defender as algibeiras dos portadores do empréstimo egípcio. Um interesse mais alto, ligado com os destinos do Império, levantava-se, dominava tudo.

O *Egito estava em anarquia:* logo competia à Inglaterra, paladino da civilização, restabelecer lá a ordem, e impedi-lo de recair no estado bárbaro.

O *Egito estava em anarquia:* logo competia à Inglaterra, como grande potência oriental, defender essa parte preciosa da terra egípcia — o canal de Suez, e evitar que ele caísse nas mãos de Arabi ou de outro ditador muçulmano, hostil aos benefícios da civilização.

É o que pouco mais ou menos respondia a Inglaterra, e bem alto, para que o mundo ouvisse — quando Arabi-Pachá lhe propôs uma aliança judicial para punir o crime muçulmano do dia 11.

— Não — dizia John Bull — não se trata do dia 11! Esqueçamos o dia 11. Esqueçamo-lo, como se ele fosse apenas o dia 7. A questão é outra. O *Egito está em anarquia.* É necessário salvar a civilização!

E estas nobres palavras

significavam, despidas dos seus atavios humanitários, que a Inglaterra, sob o pretexto de pacificar o Egito, desembarcaria em Alexandria, ocuparia por motivo de operações militares Port-Said e Suez, as duas portas do canal, e depois — depois nunca mais, nesses pontos estratégicos do caminho da Índia, se arriaria a bandeira inglesa!

E, feito isto, ficava realizado o grande sonho britânico: — posse absoluta da estrada das Índias; John Bull fazendo sentinela a todas as portas sucessivas que conduzem ao seu império do Oriente: à entrada do Mediterrâneo, Gibraltar e o seu rochedo inexpugnável; no Mediterrâneo, Malta e Chipre, duas ilhas, dois colossais, depósitos de guerra: à entrada do canal, Port-Said; ao fim do

canal e à boca do Mar Vermelho, Suez; à beira do Golfo Pérsio, Adém; e daí por diante as suas esquadras varrendo os mares...

Diante desta esplêndida oportunidade se achou a Inglaterra, depois das carnificinas de Alexandria; e, tendo logo declarado *oficialmente* o Egito em anarquia, sem perda de um momento, começou a armar-se.

E, no meio de tudo isto — a Europa? Oh! a Inglaterra convidava, com belos ademanes de desinteresse, a Europa a partilhar com ela a honra de pacificar o Egito! Mas sabia bem que nenhuma das potências moveria um soldado: nem mesmo a França, que tinha uma frota na baía de Alexandria e colaborara nas manifestações platónicas; a França,

governada por uma democracia burguesa que enriquece, e tornada toda ela uma vasta casa de negócio, não quereria por coisa alguma perturbar aquela paz tépida e doce em que amadurece o Milhão.

Além disso, as potências já tinham ressalvado a sua dignidade, sentando-se em torno da mesa verde da conferência, à beira das águas luminosas do Bósforo, meditando com a cabeça entre os punhos a solução da questão egípcia. E, enquanto ao resto, estavam-se observando, armadas até aos dentes, desconfiadas, ciumentas, odiando-se, mas imobilizadas reciprocamente pela própria magnitude dos seus armamentos.

A França receia a Alemanha; a Turquia teme a Rússia; a Áustria está contida por ambas; a Itália necessita a

benevolência de todas; e cada uma por seu turno treme do Sr. de Bismarque, o hediondo papão, o Júpiter trovejante do Olimpo diplomático, que no seu retiro de Varzim, torturado por toda a sorte de males, passa parte do tempo sob a influência da morfina...

De resto, que todas apeteciam os despojos do Egito, só o pode duvidar quem ignore os instintos de pilhagem, de gatunice, de pirataria, que alberga sempre a alma de um povo civilizado; mas nenhuma das potências é, como a Inglaterra, uma ilha cercada de um mar agitado, onde se move a maior frota da terra; e, apertadas no estreito continente, ombro contra ombro e espada contra espada, nenhuma delas ousaria dar um passo para o lado do Egito, com receio

que o vizinho lhe saltasse às goelas. Limitavam-se, por isso, cheias de rancor, a trocar frases de diplomática doçura, sentadas à mesa da *conferência*.

Quando, diante de uma casa fechada, os que lhe apetecem as riquezas, discutem, de pena na mão a melhor maneira de lá entrar — a vantagem pertence toda àquele que, em lugar de uma pena, se muniu de um machado e atira de súbito, a primeira machadada à porta. Foi o que fez a Inglaterra. Enquanto os outros faziam planos *pró-forma* em cima de uma carteira — ela fez fogo obre Alexandria.

Somente não se pode atacar uma cidade inofensiva sem um pretexto. E a Inglaterra foi, à falta de outro melhor, forçada a apresentar um tão mau, que, como dizia a *Associação dos Positivistas*

Ingleses, no seu protesto contra a invasão do Egito, a sua puerilidade só consegue aumentar a sua imoralidade.

Perante os armamentos da Inglaterra, Arabi-Pachá, se lhe não compreendia as intenções espoliadoras, devia pelo menos concluir que era contra ele, contra o partido que ele dirigia, e contra as ideias que ele encarnava, que a Inglaterra se estava preparando; e, muito naturalmente, na expectativa de um ataque, organizou a sua defesa, artilhando os fortes de Alexandria, e erguendo baterias novas pela costa.

Foi contra isto que a Inglaterra protestou; e foi disto que fez um *casus belli* — declarando que, se as obras dos fortes não cessassem, ela destruiria os fortes!... Sem estar em guerra com o Egito,

ela, considerava-se no direito de reunir diante de Alexandria uma frota ameaçadora; mas não admitia que as autoridades de Alexandria consertassem sequer as brechas das velhas fortificações de Mehemet-Ali!

E que explicações estupendas o Sr. Gladstone dava à Europa, para justificar o *casus belli!* As baterias que Arabi ergue (dizia ele), os novos canhões que monta, *põem em perigo os couraçados ingleses!* E os couraçados não punham em perigo os fortes? Mas ao lado da esquadra inglesa estavam navios de guerra franceses, alemães, italianos, gregos, austríacos — tão expostos às balas de Arabi como os que hasteavam o pavilhão britânico: e esses não se julgavam *em perigo!*

Que diria a Inglaterra se o comandante de algum dos couraçados franceses ou alemães, que por vezes vêm ancorar nas águas de Portsmouth ou de Southampton — mandasse de repente proibir, ao governador de uma dessas praças, a continuação das obras de defesa que aí se vão incessantemente aperfeiçoando, sob o pretexto de que tais baterias *poderiam fazer mal* ao navio de seu comando?... Com tal precedente, os almirantes ingleses, que honram frequentemente o humilde porto de Lisboa com a presença dos seus pavilhões — estariam autorizados a exigir a destruição da torre de S. Julião, do Bugio e de Belém! Dir-se-ia que não é de prever que o português, pacato e bonacheirão, faça fogo — muito menos sobre couraçados

ingleses. De acordo. Mas que ganharia Arabi-Pachá em mandar de surpresa algumas balas à esquadra inglesa — e, portanto às outras que estavam no mesmo ancoradouro — senão o atrair sobre si, e o seu partido, e o seu país, a pavorosa vingança da Europa inteira, injuriada em todos os seus pavilhões?

Arabi fez uma coisa fina: cedeu, prometendo interromper os trabalhos de defesa. E a Inglaterra ficou desapontada. Esta submissão de Arabi desmanchava o seu engenhoso plano.

Alguns jornais, mais cínicos e impacientes, chegavam a aconselhar que se não respeitasse a palavra de um vil muçulmano — e que s*e fosse bombardeando!* O trabalho então da frota foi vigiar incessantemente as

fortificações, na esperança de descobrir algum sapador, de enxada ao ombro, que desmentisse a promessa de Arabi. De noite, os couraçados projetavam sobre a costa longos e vivos raios de luz elétrica, movendo-os lentamente ao longo das baterias, pesquisando ansiosamente os menores recantos, procurando o mais leve vestígio de trabalho — fosse ele um cesto de pedras esquecido; e assim foi que uma noite — noite venturosa para o governo do Sr. Gladstone! — a esquadra, descobriu dois soldados limpando um velho canhão! Que alívio para a Inglaterra! Imediatamente o almirante Seymour mandou este *ultimatum* a Toulba-Pachá, governador da cidade: — dentro em vinte e quatro horas os fortes deveriam ser entregues às tropas inglesas,

ou toda a linha de couraçados abriria fogo sobre Alexandria. A isto, realmente, só se pode responder com a grande palavra de Cambronne em Waterloo.

Lamento que Arabi a não dissesse: era a segunda vez na história que John Bull a receberia em plena face.

A véspera do bombardeamento foi dramática. O almirante Seymour fez sair da baía todos os navios mercantes; e, depois, com a usual etiqueta, convidou os navios de guerra de outras nações a fazerem-se ao largo, levando para fora da linha de fogo a neutralidade das suas bandeiras. Essa longa procissão de couraçados de toda a Europa, deixando lentamente as águas da Alexandria, para que a Inglaterra pudesse livremente cometer o seu atentado — é descrita pelos

correspondentes ingleses como cheia de solenidade e de cerimonial. As salvas sucediam-se; uns aos outros cortejavam-se os pavilhões dos almirantes. Os últimos a sair foram os navios franceses, os aliados na *manifestação*, que, honra lhes seja, não quiseram ser aliados no crime: — e a *tricolor* afastou-se também, saudada pelo almirante Seymour, entre os *hurrahs* de despedida da marinhagem e o estridor da *Marselhesa*. A tarde estava bela; tudo era luz na baía; os minaretes de Alexandria branquejavam no azul... Magnífico espetáculo, sem dúvida: — somente que pensariam dele os milhares de pobres árabes, de mulheres e de crianças, que o contemplavam das alturas da cidade, e sobre os quais iam cair no dia seguinte bala, metralha e bomba?

Por fim, a noite desceu e estrelou-se; à beira da água calma luziam as luzes de Alexandria; tudo ficou em silêncio na baía.

Estavam a sós, frente a frente, sob a paz dos céus, uma grande esquadra inglesa e a cidade inofensiva que ela, na madrugada seguinte, para satisfazer a sofreguidão mercantil de um povo de lojistas, ia friamente arrasar.

5

O almirante Seymour, dias antes, tinha declarado que em duas breves horas desmantelaria os fortes de Alexandria. Ao cabo, porém, de nove compridas horas,, ainda não fizera calar as baterias egípcias; e ainda justamente uma bomba vinha escavacar a câmara do comandante do *Inflexível*.

Sir Beauchamp Seymour reconheceu, nos seus despachos para o almirantado, «que os melhores artilheiros da Europa se poderiam orgulhar de uma tão bela resistência». Mas nem coragem, nem redutos, nem muralhas de granito prevalecem contra esses negros monstros que desfeiam os mares — o *Monarca*, o

Alexandra, *o Soberbo*, o *Sultão*, o *Invencível*, o *Minotauro*, e tantos outros que lá estavam, movediços castelos de ferro, servidos pelas forças combinadas do vapor, da hidráulica, da eletricidade, devastadores como um cataclismo e exatos como uma ciência.

Pobres fortalezas de Mehemet-Ali! Foi a velha fábula da panela de barro contra que tombou a panela de bronze. Ao anoitecer, eram apenas montões de ruínas fumegando em silêncio...

Estava consumada a façanha! Na baía, agora, tudo caíra numa grande paz; a noite descera calma e escura; os enormes couraçados repousavam; da cidade vencida não vinha o menor ruído! Só num ponto de terra o palácio de Ras-el-tin ardia ao abandono. Foi então que o

eloquente correspondente do *Standard* telegrafou para o seu jornal esta frase que merece fama: — *A situação não pode ser mais satisfatória!*

Pelo meio da noite, porém, da parte de Alexandria, onde ficava a *Praça dos Cônsules*, começou a erguer-se um vasto clarão. Ali, evidentemente, havia um incêndio. Mas como? Porquê?

O almirante Seymour lavaria daí as suas mãos — se tivesse a bordo a bacia de Pôncio Pilatos.

Ele concentrara escrupulosamente o seu fogo sobre os fortes: uma ou outra bomba poderia ter caído nos bairros árabes — e nada mais legítimo, nem de mais salutar terror; mas a parte europeia de Alexandria fora poupada... E, todavia, era lá que o incêndio se estendia

avermelhando, aquecendo o céu; e de outros pontos vizinhos iam subindo na noite altas labaredas. Diabo! A situação já não era tão satisfatória...

Ao outro dia houve um tempo muito nublado, com um mar muito forte. Os couraçados, por precaução, fizeram-se ao largo. Quando, horas depois, vieram retomar as suas posições de combate, Alexandria, diante deles, ardia toda como uma monstruosa fogueira. Positivamente, não era nada satisfatória a situação!

Não era. Arabi-Pachá abandonara. Alexandria, levando o grosso do exército. E a população muçulmana, enfurecida por nove horas de bombardeamento, sem polícia para a conter, com os ulemas a excitá-la, tomada da cobiça da pilhagem, e inflamada pela fúria das represálias,

correra aos bairros europeus — e incendiou, saqueou, matou, destruiu; matou pela raiva de matar, porque até pobres cavalos de carruagem apareceram esquartejados: destruiu pela raiva de destruir, porque se acharam nas ruas, aos pedaços, vestidos de senhoras, relógios de sala e óculos de teatro...

Ferocidades de fanatismo, que se arremessa numa vingança indiscriminada sobre tudo o que lhe represente a raça, os costumes, as ideias que ele odeia — sobre os homens e sobre os espelhos. — Isto não se dá só em país muçulmano. Sempre que os parisienses invadiam as Tulherias, rasgavam à ponta de sabre o cetim das poltronas...

Colocou-se a população de Alexandria, por tais excessos, fora da

humanidade? Os ingleses dizem que sim; eu digo que nós teríamos feito o mesmo, nós europeus, cristãos e podres de civilização.

Se, quando os alemães estavam bombardeando, Paris — os parisienses vissem no centro da sua cidade um bairro exclusivamente alemão, compacto, monumental, luxuoso, erguido pelo dinheiro que o alemão ganhara a explorar a França — resistiriam os parisienses, os mais civilizados dos mortais, a besuntá-lo de petróleo e fazê-lo flamejar por uma bela noite de inverno?

A resposta é fácil, lembrando-nos que, quando por seu turno o Sr. Thiers, esse homúnculo de estado, bombardeou Paris, os parisienses apressaram-se a destruir o palacete do Sr. Thiers.

Foi Arabi que ordenou o incêndio de Alexandria? Não, evidentemente. Arabi não é um patriota selvagem, do tipo desse Rostopchine que queimou Moscovo: é um fellah fino e sagaz, que sabe que na Europa, na Inglaterra sobretudo, onde afetamos todos uma sensibilidade humanitária, nada desacredita mais que uma fria crueldade. Basta observar a atitude polida, quase paternal que ele toma com os prisioneiros ingleses — o guarda-marinha Chair, por exemplo.

Quando este oficial foi levado ao acampamento árabe, Arabi disse-lhe logo, depois de um *shake-hands:*

— Escreva a sua mãe, conte-lhe que está entre mãos leais, e tire-a de inquietações...

Isto era decerto sincero — mas sobretudo hábil: e uma tal palavra voou direita ao coração de todas as mães inglesas. Desde os conflitos de Alexandria, o empenho de Arabi tem sido proteger os europeus que ainda restam nas vilas do interior. Os *cadis* que não evitaram o massacre dos empregados do caminho de ferro do Delta, foram decapitados. A ele se deve a tranquilidade do Cairo, onde existe uma enorme massa de propriedade e riquezas europeias. Que ganharia Arabi em destruir esta próspera cidade egípcia, no começo da campanha e com o seu exército intacto? Apenas a fama de um monstro bocal.

A Inglaterra cabe a responsabilidade da catástrofe. As bombas do almirante talvez, com efeito,

não tivessem arrasado mais que alguns casebres árabes; mas à imprevidência do governo se deve a ruína de Alexandria.

Desde o meado de junho, o mais experiente, mais autorizado dos seus agentes diplomáticos, o Sr. E. Malet, cônsul geral do Egito, não cessou de bradar — que se o bombardeamento era inevitável, Sir Beauchamp Seymour devia ter tropas de desembarque, para ocupar a cidade, apenas os fortes fossem destruídos, e impedir assim que, no caso provável de Arabi se retirar para o interior, ela ficasse à mercê de uma plebe semibárbara...

Nada disto se fez.

Sir Beauchamp Seymour bombardeou, arrasou, repeliu virtualmente de Alexandria a Arabi, a única força que

continha uma população de cem mil fanáticos — e, depois, ficou a bordo do seu couraçado, vendo tranquilamente arder, diante de si, uma das mais ricas cidades do Mediterrâneo.

Por outro lado, a quem aproveitava, o incêndio? A Inglaterra. O pretexto de que os fortes *punham em perigo os couraçados britânicos*, só a autorizava, perante os escrúpulos da Europa, a destruir os fortes, não a ocupar a cidade. Agora, porém, que ela estava em chamas, abandonada à anarquia, à pilhagem, ao ataque das hordas beduínas que corriam do deserto — agora ela tinha o direito — mais, ela tinha o dever! — de desembarcar e ir salvar de uma total aniquilação tanta riqueza, tão esplêndido centro de comércio!...

Generosa Inglaterra! E desembarcou logo, aquartelou tropa, plantou bandeira. Tinha diante de si um monte de ruínas, e em poucos dias foi dando forma, a uma Alexandria nova, já com feição inglesa e administrada à inglesa.

Os incêndios foram dominados; as ruas desentulhadas; estabeleceu-se uma polícia terrível, que executava sumariamente os ladrões e os incendiários; abasteceu-se a cidade; a alfândega reabriu as portas; em substituição das lojas destruídas, armaram-se barracões de venda; o maquinismo judicial foi posto em movimento; reparou-se a fábrica do gás, a cidade foi reiluminada; os bancos voltaram a funcionar.

E, como era necessária uma autoridade, em nome de quem se reorganizasse a vida municipal, os ingleses, que apenas estão ali (diziam eles) como um corpo de polícia, foram buscar o Kediva a uma casa dos arredores, onde ele se refugiara durante o bombardeamento, e instalaram-no solenemente no palácio de Ras-el-tin, palácio meio ardido, onde ele é uma autoridade meio morta!

Desde este momento, a situação tornou-se muito definida, muito simples. Os ingleses possuíam, governavam Alexandria, tão naturalmente como se ela estivesse situada no condado de Yorkshire; e defronte de Alexandria, nessa espécie de istmo arenoso que a liga à terra do Delta, estava Arabi num

acampamento entrincheirado, governando daí todo o vale do Nilo, e o deserto até ao mar. Os ingleses recebiam incessantes reforços de casa e da Índia. Arabi chamava à guerra contra os ingleses todo o povo fellah. A Inglaterra preparava uma invasão. Arabi organizava uma grande defesa nacional. Nada mais claro. A questão é entre a Inglaterra, procurando estabelecer um protetorado sobre o Egito, arrancar-lhe as cidades estratégicas que dominam o canal, e Arabi-Pachá, um patriota, que quer o Egito para os egípcios, que receia a proteção do estrangeiro como a pior desgraça de um país fraco, e que entende que, pelo, facto de que Alexandria, Port-Said e Suez se acham desgraçadamente no caminho da Índia, não é motivo para que se tomem

guarnições inglesas. E dos dois lados, grande entusiasmo.

Em Londres, onde acabou a *season* e começa a monotonia das praias de banhos, o partir para conquistar o Egito passou a considerar-se uma feliz aventura. Se o ministério da guerra o consentisse — toda a mocidade de ouro, ou apenas de latão dourado, se alistaria, porque é do mais requintado chic ir dar cabo de Arabi!

O duque de Connaugth, um dos filhos de S. M. a Rainha, faz parte da expedição, e o duque de Teck, seu cunhado, não sendo militar, partiu, diz-se, como simples empregado do correio. Os oficiais dos regimentos de guardas, essa pura nata da aristocracia e flor da finança, tiveram a ventura de ver os seus luxuosos

regimentos, de ornamentação monárquica, expedidos para o Egito; somente este natural prazer foi em parte estragado pela severidade do ministério da guerra, que, como se tratava de uma campanha e não de um torneio, não consentiu que esses gentis-homens fossem seguidos por equipagens, criados de librés, tendas de luxo e caixas de vinho de Champanhe.

Um destes oficiais, exprimiu alto a sua indignação, porque o estado-maior só lhe consente três cavalos de sela, dois criados de quarto e cinco malas de bagagem!

Por outro lado, ao comprido do Nilo, toda a população fellah, se declarou por Arabi; como por ele se declararam as classes letradas, as mesquitas, os *ulemas*, os *coptas*, os próprios príncipes parentes

do Kediva. Os *mudirs*, governadores de províncias, pagam-lhe a ele os impostos. Os *scheiks* do deserto mandam-lhe a sua cavalaria.

E este ardor é tanto maior, quanto Arabi-Pachá foi de há muito profetizado; já a sua inesperada entrada no governo se considerou um advento divino; e este rebelde (como outros rebeldes que tão gloriosamente fizeram o seu caminho, na terra e no céu) é Messias!

Uma antiga profecia muçulmana anuncia que, no século décimo terceiro da Hegira, nascera à beira de um grande rio um homem de raça vil, pelo nome Ahmet, que se revoltará, e restaurará o esplendor do Islão; ora, os árabes, estão no século XIII da Hegira, e Arabi, cujo nome é Ahmet, cuja origem é *fellahina*, tendo

nascido numa aldeia à margem do Nilo, revoltou-se contra o seu califa. Assim, ele reúne o duplo prestígio de um Espártaco e de um Cristo.

Concentrada a questão entre (uma poderosa nação invasora e um patriota que defende o seu solo — a Europa tornou logo a sua tradicional atitude: isto é, murmurou algumas palavras de branda admoestação, e depois recuou para longe, a observar como um braço forte sabe usar da sua força, a estudar como se consuma a espoliação de um fraco.

Nos últimos quinze anos a Prússia roubou a Dinamarca, e depois foi pela Alemanha saqueando reinos e grão-ducados; em seguida, desmembrou a França; mais tarde a Rússia espatifou a Turquia; há dois anos, subitamente, a

República Francesa caiu sobre Tunes, e empolgou esse desventurado estado barbaresco. Em cada um destes casos a Europa comportou-se como um coro das óperas de antiga escola, quando membrudo barítono, aí pelo quarto ato, erguia o ferro sobre o tenor gentil e magrizela: o coro adianta-se, modula uma larga frase, agita os braços em cadência, faz o comentário amargo da ação, brada talvez; *suspendei!* Depois, afastando-se em grande compostura, deixa à boca da cena o tirano barbudo, sondando tranquilamente com a ponta da lâmina o interior do galã...

Não falemos mais na Europa. Não há, nunca houve *Europa*, no sentido que esta palavra tem em diplomacia. Há hoje apenas um grande pinhal de Azambuja,

onde rondam meliantes cobertos de ferro, que se odeiam uns aos outros, tremem uns dos outros, e, por um acordo tácito, permitem que cada um por seu turno se adiante — e assalte algum pobre diabo que vegeta ou trabalha ao canto de seu cerrado. Nas largas e bem traçadas estradas do Direito Internacional, alumiadas por Ortolan e outros lumes, rouba-se de carabina alta, e rompem a cada momento brados de povos assassinados. A Europa, como os campos de corridas em Inglaterra, devia estar coberta destes avisos em letras gordas: *Beware of pick-pokets!* Cautela com os salteadores.

A pequena propriedade política tende a acabar. Toda a terra vai em breve reunir-se nas mãos de quatro ou cinco

grandes proprietários... Ontem, era Tunes — porque a França necessita proteger a fronteira da Argélia. Hoje, é o Egito — porque a Inglaterra precisa assegurar o caminho da Índia. Amanhã, será a Holanda — porque a Alemanha não pode viver sem colónias. Depois, a Sérvia — por motivos que a seu tempo a Áustria dirá. Mais tarde, a Roménia — porque a Rússia é forte. Depois a Bélgica — porque sim. Depois...

Este assunto, é lúgubre. Voltemos ao vale do Nilo!

6

Postos estão frente a frente
Os dois valorosos campos...

Esta melancólica xácara que, se bem me recordo, chora as desgraças de Alcácer-Quibir — serve para pintar graficamente a situação estratégica de ingleses e egípcios, desde que se abriu a campanha.

Para compreenderem bem, imaginem um grande A. O triângulo interno da letra é o Delta — essa terra amada dos deuses, tão rica, que ela, só por si, outrora alimentou o império romano; ao alto da letra, na ponta, está o Cairo — de sorte que um poeta persa

pôde dizer gentilmente que o Delta é um leque verde fechando sobre um botão de diamante, que se chama o Cairo. À base da perna direita do A fica Alexandria, e aí permanece uma parte do exército inglês, defendido pelas fortificações de Ramleh — e tendo diante de si, a tiro de peça, o grande campo entrincheirado de Arabi-Pachá, que se chama Kraf-Daonar, contendo 18 mil egípcios, enormes parques de artilharia, e fechando a marcha pelo Delta. A outra parte do exército inglês, comandada pelo próprio general em chefe Sir Garnet Wolseley, dirigiu-se por mar à base da perna esquerda do A, que e, pouco mais ou menos, Ismailia, e daí subiu por essa linha até Kassassine, onde parou e se fortificou; achando-se igualmente a pouca distância, outro

enorme campo entrincheirado, onde Arabi tem quinze mil homens, que se chama Tel-el-Kebir. E estes quatro campos, postos frente a frente, e observando-se, constituem até hoje a guerra do Egito.

Para chegar, pois, ao Cairo, seu objetivo militar e político, Sir Garnet precisa tomar as posições egípcias de Kraf-Daonar, se quiser ir pelo Delta — e as de Tel-el-Kebir, se tentar avançar pelo deserto.

Até hoje os quatro campos limitam-se a trocar entre si, em certas escaramuças, algumas lânguidas balas. Os jornais de Londres, naturalmente, noticiam estes tiroteios de vanguarda com um tremendo aparato de letras de palmo, mapas litografados, e largos rufos de prosa — fazendo maior alarido do que se

tivesse sido pelejada de novo a batalha de Waterloo; mas isto é simplesmente para promover a venda do número.

Os egípcios, entrincheirados em seus campos, contam com poderosos aliados: do lado do Delta, confiam no Nilo, o velho e bondoso Nilo, que não poderá deixar de ser fiel àqueles que há séculos nutre, e que, dentro em pouco, inundando as terras do Delta, e ajudado pelos engenheiros de Arabi, que certamente obstruirão os canais, terá convertido num imenso estendal de lamas inatravessáveis esse caminho do Cairo, o mais favorável para os ingleses, pois seria como marchar numa rica e infindável granja, entre pomares, jardins, frescuras e celeiros cheios... Do lado do deserto, os egípcios contam com o sol,

com a seca e com a areia. Pode-se imaginar o que sofrerão essas tropas do frio Norte, marchando em areais abrasados, numa reverberação de luz que estonteia, sob um calor tão tórrido, que o *metal dos estribos cresta os botins*, e tendo para beber só água barrenta, que é necessário ferver primeiro! Já as insolações, as disenterias, a nostalgia, dizimam os regimentos — e como o comissariado inglês, sempre mau, encontra aqui dificuldades de transporte, as tropas de S. M. a Rainha Vitória já *têm sofrido fome!* Ah!, custa caro o caminho das Índias!

Além destes aliados que ele possui na natureza, Arabi espera ainda nas tribos beduínas, e nessas hordas errantes de árabes a cavalo que estão chegando do

lado de Trípolis a combater o *cão estrangeiro*, e que, se diz, constituem um reforço de trinta mil homens...

Por seu lado, os ingleses contam apenas consigo. E isto não é pouco. Como diz a sua célebre canção de guerra — *eles têm os navios, têm o dinheiro, e têm os homens*. Têm também essas magníficas tropas Índias, que riem do sol, da seca, e das areias de África. E isto levou Sir Garnet a declarar que a campanha estaria finda no dia 15 de setembro. É verdade que nós estamos a 7 de setembro, e ele, entrincheirado em Kassassine, tendo diante de si a barreira formidável de Tel-el-Kebir, ainda está pedindo reforços. Mas isto prova só que esse raio de guerra, tendo hábitos diferentes dos de César, *chegou, viu, e refletiu*. Demos-lhe mais

um mês; demos-lhe três largamente; o certo será que ao fim deste ano, Arabi, os seus campos, o seu exército, a sua bela aspiração a uma nacionalidade egípcia, tudo isso se terá esvaído — como se esvai uma nuvem nesse seco céu africano.

Os ingleses poderão sofrer reveses, perder milhares de homens, gastar milhões de libras; mas, tendo uma vez comprometida a honra da sua bandeira, com um fim de engrandecimento imperial, não embainharão a espada antes de ter instalado na cidadela do velho Cairo, ao som do *God save the Queen*, um governador inglês.

Evidentemente o Sr. Gladstone fala apenas de *restabelecer a ordem e restaurar o Kediva*. Meras locuções diplomáticas. O *Times*, que é o velho de

Inglaterra, esse fala, sem rebuço, em *protetorado*.

E há muitos ingleses, ainda menos reservados que o *Times*, que dizem, redonda e secamente — *conquista*.

Mesmo quando o Sr. Gladstone, que é, a seu modo, um democrata dentro dos limites do Evangelho, e o seu ilustre colega Lorde Granville, que é um jurista e um diplomata, quisessem, em respeito ao liberalismo, à Europa, ao direito internacional e a outras coisas vagas, deixar o Egito reorganizar-se a si mesmo — saindo eles de lá com as mãos vazias, depois de terem suprimido Arabi e o seu turbulento partido — a Inglaterra inteira, em massa, protestaria contra este filosófico desinteresse...

Há alguém aí assaz ingénuo para

supor que John Bull, essa torre de senso prático, consentiria em que se lhe dizime o exército, em que se lhe gaste o dinheiro como ele gasta a água das fontes, em que se lhe aumente o *income-tax* — só para que o Kediva, esse amável moço, continue a fumar o *narghilé* do poder sob as sombras dos jardins de Choubra? John Bull não ficará satisfeito senão com este resultado maciço e duradouro — um *Egito inglês*, tendo dentro do seu território, como um corredor de casa particular, o canal de Suez, caminho das Índias. Um ministério que, depois de ter enterrado nos areais da África milhões de libras e milhares de vidas, não lhe der isto — receberá no mesmo instante, na parte posterior da sua individualidade, o bico da bota de John.

Mas se Arabi, derrotado, conseguir levar o Xerife de Meca a proclamar contra a Inglaterra Um *jehad* — que é uma guerra santa, uma cruzada, um levantamento em massa do mundo muçulmano?

Bons espíritos, em Inglaterra, dizem ser este um grande perigo — pois que só na Índia há cinquenta milhões de maometanos. Eu não creio, porém, que haja aqui motivo para John Bull empalidecer. E lamento-o! Porque é de um belo pitoresco essa ideia de um *jehad* com o seu cerimonial — o Xerife de Meca desenrolando o estandarte verde de Maomé, os doutores do Islão assinando todos o *fetva* fatal, e logo, de cada canto da Ásia e da África, a torrente dos crentes precipitando-se em nome de Alá! Belo

motivo de ode — a que não corresponde nenhuma realidade...

Em primeiro lugar, nunca se fez! O crescente tem sido muitas vezes humilhado, pela cruz, o Islão tem recebido na face a mão da Europa cristã, o Califa, tem falado repetidamente em proclamar um *jehad* — e todavia o estandarte do Profeta continuou enrolado nos sacrários de Meca. E a minha opinião é que se ele fosse um dia desenrolado — haveria apenas um pedaço de pano verde mais, flutuando ao vento do céu.

E querem que lhes diga porquê? Porque penso que os muçulmanos estão a esta hora tão céticos como nós outros, os cristãos. Nas areias do deserto, como nas nossas praças alumiadas a gás — já não será fácil encontrar mil homens de boa

vontade, que peguem em armas em nome do, seu Deus.

Decerto todo o bom muçulmano, a certas horas do dia, se orienta para o lado de Meca e se prostra nas reverências rituais: pura questão de educação, de boas maneiras, de hábito, como nós outros tiramos o chapéu ao passar por um calvário de aldeia. Ou então, superstição vaga, vago terror nervoso, como o de certos filósofos e positivistas das minhas relações, que sempre, ao saltar da cama, fazem o sinal da cruz.

Dentro do Alcorão vê-se já o caso, melancólico de uma lei divina ir caindo em desuso. O Sultão recebe a jantar os embaixadores, e bebe com eles *champagne*: a polícia do Cairo prende os santos *dervixes* vagabundos, e já não é

respeitado o jejum do Ramadão.

Como o nosso Evangelho, a palavra de Maomé vai-se tornando objeto de poesia, de comentário, de controvérsia. Há Renans no Islão; e o verbo divino, uma vez analisado, deixa de inspirar a fé que leva à morte.

O mundo muçulmano está no seu século décimo terceiro, na sua plena meia-idade, e certamente há muito beduíno sob a tenda, tão crente, tão penetrado de Maomé, como aqueles corações simples, que, ainda há pouco no deserto dos nossos claustros, choravam ao ler a paixão de Jesus; mas não creio que mesmo esses patriarcas deixassem os seus oásis, os seus rebanhos, o seus haréns, para virem gratuitamente, sem outro pré a não ser o sorriso das houris nos jardins do

Paraíso, suportar o fogo dos canhões Krupp. E enquanto às classes cultas de Constantinopla, do Cairo, de Esmirna, de Tunes, essas acreditam tanto na promessa das houris, como nós outros, aqui em Regent-Street, nas palmas verdes da Bem-aventurança e no coro dos Serafins...

Por todo o universo a religião desaparece das almas; e apenas lá fica essa vaga religiosidade, feita em parte do abalo que deu ao nosso coração uma tão longa sujeição ao sobrenatural, em parte do confuso terror que impera neste grande universo que nos cerca, tão simples e tão mal compreendido. Neste estado negativo, de passividade na dúvida, não se gera facilmente um impulso de ação forte. Um *jehad* no Islão é tão impraticável — como uma cruzada no Cristianismo. Pedro

Eremita hoje iria acabar na polícia correcional, por perturbador da ordem pública e das relações internacionais; e os fanáticos que, ainda hoje, às portas das mesquitas do Cairo, bradam contra o *touriste* estrangeiro as injúrias aconselhadas pela boa doutrina, são imediatamente levados para a enxovia, *por fazerem alarido nas ruas!*

Maomé, nas suas mesquitas, Cristo, nas nossas capelas, vão singularmente envelhecendo; o nosso Messias vai-se cobrindo pouco a pouco do pó que levanta o forte arado da razão, lavrando um mundo novo; e o profeta do Islão, tendo perdido a força da sua unidade, subdividido em mil profetas menores que presidem a mil seitas diferentes, mal pode resistir à lenta

avançada da civilização ocidental. E com Cristo e Maomé, que eram os princípios militantes e vivos das suas religiões, desaparece o que nessas religiões havia de vivo e de militante. Resta Deus, resta Alá. Sublimes abstrações, incapazes de inspirar amor ou heroísmo.

O que mais faz amar a Divindade, é a quantidade de humanidade que ela encerra. Clovis batia-se por Jesus, que tinha um peito de homem como o dele, e nesse peito humano cinco chagas abertas; Soliman morreria feliz por Maomé, que em como ele um guerreiro, e como ele amava a beleza.

Mas quem se vai bater por Deus, por Alá, essas entidades tão vastas que enchem todo o céu e tão pequenas que não bastam a satisfazer o nosso coração, que

nos são subalternas, porque são feitas à nossa imagem, e são no fundo a nossa própria alma alargada até ao infinito, com todas, as suas fraquezas?!

De resto, é possível que eu esteja aqui atribuindo, a fortes corações de Meca e do deserto os ceticismos literários de *Pall-Mall* e do *Boulevard de la Madeleine*. Que sabemos nós do que se passa dentro do Islão? Tão-pouco como os letrados da mesquita de El-Azhar sabem o que por cá vai dentro do nosso confuso catolicismo.

Mas, mesmo que se efetuasse um *jehad*, seria apenas motivo para a Inglaterra gastar mais alguns milhões e sacrificar mais alguns regimentos. Nem o Alcorão, nem o famoso estandarte verde, nem o próprio Maomé, que voltasse à

terra a desfraldá-lo, impediriam que John Bull se estabeleça no Egito...

Já lá está, nunca mais de lá sairá!

Estão em toda a parte, esses ingleses! O século XIX vai findando, e tudo em torno de nós parece monótono e sombrio — porque o mundo se vai tornando inglês. Por mais desconhecida e inédita nos mapas que seja a aldeola onde se penetre, por mais perdido que se ache num obscuro recanto do Universo o regato ao longo do qual se caminhe — encontra-se sempre um inglês, um vestígio de vida inglesa!

Sempre um inglês! Inteiramente inglês, tal qual como saiu da Inglaterra, impermeável às civilizações alheias, atravessando religiões, hábitos, artes culinárias diferentes, sem que se

modifique num só ponto, numa só prega, numa só linha o seu protótipo britânico. Hirtos, escarpados, talhados a pique, como as suas costas do mar, aí vão querendo encontrar por toda a parte o que deixaram em Regent-Street, e esperando Pale-Ala e *roast-beef* no deserto da Petreia; vestindo no alto dos montes sobrecasaca preta ao domingo, em respeito à igreja protestante, e escandalizados que os indígenas não façam o mesmo; recebendo nos confins do mundo o seu *Times* ou o seu *Standard*, e formando a sua opinião, não pelo que veem ou ouvem ao redor de si, mas pelo artigo escrito, em Londres; impelindo sempre os passos para a frente, mas com a alma voltada sempre para trás, para o *homme;* abominando tudo o que não é

inglês, e pensando que as outras raças só podem ser felizes possuindo as instituições, os hábitos, as maneiras que os fazem a eles felizes na sua ilha do Norte!

Estranha gente, para quem é fora de dúvida que ninguém pode ser moral sem ler a Bíblia, ser forte sem jogar o *cricket*, e ser *gentleman* sem ser inglês!

E é isto que os torna detestados. Nunca se fundem, nunca se *desinglesam*. Há raças fluidas, como a francesa, a alemã, que, sem perderemos seus carateres intrínsecos, tomam ao menos exteriormente a forma da civilização que momentaneamente as contêm. O francês no interior da África adora sem repugnância o *manipanço*, e na China usa rabicho. O inglês cai sobre as ideias e as maneiras

dos outros, como uma massa de granito na água: e ali fica pesando, com a sua Bíblia, os seus *clubs*, os seus *sports*, os seus prejuízos, a sua etiqueta, o seu egoísmo — tornando-se na circulação da vida alheia um incomodativo tropeço.

É por isso que, nos países onde vive há séculos, é ele ainda o *estrangeiro*.

Em toda a parte onde domine e impere, todo o seu esforço consiste em reduzir as civilizações estranhas ao tipo da sua civilização anglo-saxónia. O mal não é grande quando eles operam sobre a Zululândia e sobre a Cafraria, nessas vastidões da Terra Negra, onde o selvagem e a sua cubata mal se distinguem das ervas e das rochas, e são meros acessórios da paisagem: aí encontram apenas uma matéria bruta, onde nenhuma

anterior forma de beleza original se estraga, quando eles a refundem para a fazer à sua imagem. Vestir o desventurado rei negro Cetewayo, como eles agora fizeram, de coronel de infantaria, obrigar os chefes dos Basutos a saber de cor os nomes da família real inglesa, são talvez atos de feroz despotismo, mas não deterioram nenhuma primitiva originalidade de linha ou de ideia. Para Cotewayo, que andava nu, uma fardeta, mesmo de infantaria, não faz senão vestilo; e é indiferente que dentro do crânio dos Basutos haja só fórmulas de invocação ao *manipanço*, ou também nomes de príncipes da casa de Hanôver.

Mas quando eles trabalham sobre antigas civilizações como a da Índia, onde existem artes, costumes, literaturas,

instituições, em que uma grande raça pôs toda a originalidade do seu génio — então a política anglo-saxónia repete pouco mais ou menos o atentado sacrílego de quem desmantelasse um templo búdico, belo como um sonho de Buda, para lhe dar na sua reconstrução as linhas hediondas do *Stock Exchange* de Londres; ou ainda de quem se fosse ao mármore divino da Vénus de Milo, e tentasse, à força bruta de martelo e cinzel, dar-lhe o feitio, as suíças e a sobrecasaca de Lorde Palmerston! A expansão do inglês para o Oriente, seu objetivo imperial, seria tolerável, mesmo aos nervos de um artista — se ele se contentasse em levar para lá os seus tecidos, as suas máquinas, os seus telégrafos, os seus *railways*, deixando depois que essas raças usassem esse

colossal material de civilização, em se desenvolverem no sentido do seu génio e do seu temperamento. Que por todos os modos se forneça à santa cidade de Hiderabad gasómetros e iluminação — mas, por Deus! que se não metam à força bicos de gás dentro dos seus templos, se isso ofende os seus ritos e repugna ao seu gosto! Que a Índia, por exemplo, seja coberta de caminhos de ferro, fornecidos pelos industriais de Northumberland e pagos pelo índio — excelente! Mas ao menos que as aldeias onde eles passam, essas aldeias que os mesmos ingleses descrevem como pequenos paraísos de paz, de trabalhos simples, de costumes doces, de frugalidade, de frescura, de beleza moral, não sejam tornadas tão tristes como as tristes paróquias de

Yorkshire, introduzindo-se logo lá o *policeman*, o depósito de cerveja, a capela protestante de tijolo, o livreiro de Bíblias, o vendedor de *gin*, a fumaraça de uma fábrica, a prostituição e a *workhouse!...*

Mas deixemos isto. É fácil maldizer da Inglaterra. Basta abrir os livros dos seus grandes homens, desde Thackeray, o artista que, com um tão frio rancor lhe fez a sátira sangrenta, até Carlisle, o filósofo, que passou a existência a fulminá-la com uma tumultuosa cólera de profeta...

Da Inglaterra pode-se dizer que — ao contrário da generosa França — as suas virtudes só a ela aproveitam e os seus vícios contaminam o mundo.

É à Inglaterra que se deve o

egoísmo crescente que nos vai petrificando o coração — esse, egoísmo tão particularmente inglês, que faz com que em Hyde-Park, no seu centro de luxo, trezentas pessoas, em torno de um lago, vejam uma pobre criança afogar-se, sem que nenhuma se incomode a tirar o charuto da boca para lhe estender uma tábua! E à Inglaterra que devemos esta crescente hipocrisia que invade o mundo, e que faz com que em Londres, nos cartazes que anunciam as peças de Sardou ou Dumas, se ajunte esta estupenda declaração: *adaptada às justas exigências da moralidade inglesa;* — enquanto que, na rua, por baixo desses mesmos cartazes, rola, sem cessar, a mais vil torrente que o inundo viu de bêbados e de prostitutas!

Mas deixemos as máculas da

Inglaterra: a lista é longa — quero só aludir a um outro abominável defeito que ela sempre teve, e que, agora, desenvolveu em proporções intoleráveis; — a sua espantosa filáucia, a sua ruidosa bazófia, o seu tremendo ar *mata-sete!*

É sobretudo neste momento, desde o começo da guerra do Egito, que os que, como eu, amam a Inglaterra, sofrem de lhe ver estes extravagantes modos de valentão de romance picaresco. Os telegramas que os correspondentes dos jornais enviam das operações da guerra, sobretudo os comentários dos próprios jornais, seriam lamentavelmente grotescos, se não fossem odiosamente impertinentes. Os franceses (que não são modestos) puseram trinta mil alemães fora de combate na batalha de Gravelotte, e todavia não fizeram a

décima parte do alarido, da gloriola, do espalhafato com que os ingleses celebraram a escaramuça de Ramleh, onde os egípcios perderam *quarenta e tantos homens!* Parece faltar-lhes o sentimento da proporção das coisas. Um correspondente do *Daily News* anunciava, há dias, como um feito heroico, digno de ir à posteridade, o terem alguns soldados em marcha dado um pedaço de pão de munição a um árabe que morria de fome à beira de um caminho! Era espanto de encontrar dentro de peitos ingleses um resto de piedade humana? Não. Queria provar que nenhum exército no mundo faz a guerra, com uma tão profunda clemência!

Ou celebrem o aspeto físico dos regimentos ou a afinação das

bandas de música, a pontaria dos artilheiros ou a forma dos capacetes, os talentos do Estado-Maior ou a excelência da bolacha de munição, vem logo em letras gordas, a frase tola — *o que há de melhor no mundo!*

Faz uma vedeta inglesa fogo sobre uma vedeta egípcia e depois recolhe à trincheira? Logo este facto é declarado *tão nobre pelo heroísmo como hábil pela prudência!*

Os coros que se entoam em torno do general Wolseley, pertencem à pura farsa.

Eu quero crer que ele é um grande homem — ainda que por ora nada mais fez que debandar uma pobre horda de negros armados de flechas, que vegetavam junto a não sei que rio de África; mas que

se pode pensar quando se lê, no *World* e em outros papéis, que ele é o *maior general do século?* Onde vive um certo Moltke? Quando existiu um chamado Napoleão?

O melhor, mais bem feito, mais importante jornal de Londres, a *Pall-Mall Gazette*, envergonhado de tudo isto, explica, com a sua usual habilidade, que estas fanfarronadas não são destinadas à Europa, mas ao Egito «para levantar o moral das tropas!» Têm pois esses regimentos em campanha nos areais da África, diante de um inimigo formidável, vagares para ler as gazetas? Recebe cada soldado raso, com o seu rancho da manhã, um número do *Times?* A respeitável *Pall-Mall* blagueia. Para animar, recompensa as tropas, lá estão as proclamações dos

generais. Aí, sim, a ênfase deve correr em torrentes: e quando um desgraçado homem depois de ter marchado todo um dia, com fome, com sede, com os pés em sangue na areia e um céu de fogo nas costas, volta à noite ao acampamento, estendido numa maca com duas balas no corpo — não é muito que se lhe diga que ele é o primeiro soldado do mundo!

É também «para levantar o moral das tropas» que o *Times* e o *Spectator*, falam, de mão na cinta, e suíça ao vento, de «impor à Europa a vontade da Inglaterra?»

Não: é mera fanfarronada.

E não é só nos jornais. Entre-se num clube, num restaurante, converse-se com um conhecido, entre duas chávenas de chá — e vem logo a mesma jactância

de roncador: «Vamos dar cabo de tudo. Temos dinheiro a rodo. Cá, ao pulso inglês, nada resiste... E se o mundo respinga, quebram-se-lhe as ventas!...»

A Inglaterra perdeu as suas boas maneiras.

É forte, decerto — mas fala da sua força com a brutalidade de um Hércules de feira que esbugalha os olhos e mostra os músculos; é rica, decerto — mas fala do seu dinheiro com a grosseria de um ricaço que abarrota fazendo tinir as libras na algibeira...

Onde está a famosa *self-possession* da Inglaterra, a sua tranquila dignidade? John Bull tornou-se Ferrabraz. Ora uma muito velha banalidade ensina-nos que não há verdadeira força sem serenidade e que sem modéstia não há

verdadeira grandeza.

Capítulo 10 — O Brasil e Portugal

Os jornais ingleses desta semana têm-se ocupado prolixamente do Brasil. Um correspondente do *Times*, encarregado por esta potência de ir fazer pelo continente americano uma «vistoria social», definitiva, deu-nos agora, em artigos repletos e maciços, o resultado do seu ano de jornadas e de estudos.

O último artigo é dedicado ao Brasil: eu, que nunca visitei o império, não tenho naturalmente autoridade para apreciar essas revelações (porque o correspondente toma a atitude de um revelador) sobre a religião, a cultura, os

produtos, o comércio, a emigração, o caráter nacional, o nível de educação, a situação dos portugueses, a dinastia, a Constituição, a república, *et de omni re brazi-liensi* e não posso transcrevê-las também porque elas enchem, no *Times*, vasto como é, mais espaço que o próprio Brasil ocupa no território da América do Sul. Esse artigo excitou o interesse e os comentários da *Pall-Mall Gazette* e de outros jornais, e aí se rompeu a falar do Brasil com simpatia, com curiosidade, com essas admirações ingénuas pela sua rutilante flora, esse pasmo quase assustado pela sua vastidão, que decerto tiveram nossos avós, quando o bom Pedro Alvares Cabral, largando a procurar o Preste João, voltou com a rara nova das terras entrevistas do Brasil...

Devendo mostrar-lhes a opinião presente da Inglaterra sobre o Brasil, desses artigos floridos, escolho o do *Times*, anotando e glosando o trabalho do seu enviado. (É deste modo respeitoso que se deve falar sempre de um correspondente do *Times)*.

Começa, pois, o grande jornal da *City* por dizer — «que a descrição do vasto Império do Brasil, com que foi fechada a série das *cartas sobre o continente americano*, deve ter feito transbordar o sentimento de admiração pelo esplendor, etc...» Seguem-se aqui, naturalmente, vinte linhas de êxtase. É, em prosa, a ária do 4.º ato da *Africana:* Vasco da Gama, de olhos húmidos e coração suspenso no enlevo de tanta flor prodigiosa, de tão raros cantos de aves

raras...

Depois vem o espanto clássico pela extensão do Império: «Só o simples tamanho de um tal domínio (exclama) na mão de uma diminuta parcela de humanidade é já em si um facto suficientemente impressionador!»

E todavia esta admiração do *Times* pelo gigante é misturada a um certo patrocínio familiar, de ser superior, — que é a atitude ordinária da Inglaterra e da imprensa inglesa para com as nações que não têm duzentos couraçados, um Shakespeare, um *Bank of England*, e a instituição do *roast-beef*... Neste caso do Brasil, o tom de proteção é raiado de simpatia...

Depois o artigo rompe de novo num hino: «A natureza no Brasil não

necessita do auxílio do homem, para se encher de abundâncias e se cobrir de adornos!... Para seu próprio prazer planta, ela mesma, luxuriantes parques! E não há recanto selvagem que não faça envergonhar as mais ricas estufas da Europa...» Isto é decerto exato: mas o *Times*, receando que os seus leitores viessem a supor que a natureza do Brasil está de tal modo repleta, tão indigestamente atestada, que não permite, que se recusa com furor a receber no seu ventre empanturrado uma semente mais sequer — apressa-se a tranquilizá-los: «Mas (diz este sábio jornal judiciosamente) ainda que a natureza dispense bem todo o trabalho do homem, que outros solos menos generosos requerem para se abrir em flores e frutos

— *não o repele todavia*». Isto sossega os nossos ânimos: ficamos assim certos que nenhum fazendeiro, nos distantes cafezais, ao atirar à terra, a *terra-mãe*, com a enxadada fecundadora a semente inicial, corre o risco atroz de ser por ela atacado à pedrada ou a golpes de bananeira... Nem outra coisa se poderia esperar da doce e pacífica Ceres.

Tendo assim floreado, de penacho oratório, ao vento, o *Times* investe com as ideias práticas. E começa por declarar, que, segundo o copioso relatório do seu correspondente, «o que surpreende na América do Sul, (se excetuarmos aquela tira de terra que constitui a república do Chile, e alguns bocados da costa do enorme império do Brasil), é a grandeza de tais recursos comparada à

desapontadora magreza dos resultados». Seria fácil responder com a escassez da população. O *Times*, de resto, sabe-o bem, porque nos fala logo dessa população nas repúblicas espanholas, mas não a acha escassa; o que a acha é torpe!... A pintura que nos dá do Peru, Bolívia, Equador e consortes é ferina e negra: «Essa gente vive numa indolência vil, que não é incompatível com muita arrogância e muita exagerada vaidade! Desse torpor só rompe, por acesso de frenesi político. Todo o trabalho aí empreendido para fazer produzir a natureza, é dos estrangeiros: os naturais limitam-se a invejá-los, a detestá-los por os verem utilizar oportunidades que eles mesmos não se quiseram abaixar a usar!» Isto é cruel: não sei se é justo: mas entre

estas linhas palpita todo o rancor de um inglês possuidor de maus títulos peruanos. «E se o nosso correspondente (continua o artigo) oferece de alto o Brasil à nossa admiração, não é em absoluto, é relativamente, em contraste com os países que quase o igualam em vantagens materiais, como o Peru e o Rio da Prata, mas onde a discórdia intestina devora e destrói todo o progresso nascido da atividade estrangeira. O Brasil é português e não espanhol: e isto explica tudo. O seu sangue europeu vem daquela parte da Península Ibérica em que a tradição é a da liberdade triunfante, e nunca suprimida». O *Times* aqui abandona-se, com excesso, às exigências rítmicas da frase: parece imaginar que, desde a batalha de Ourique, temos vindo

caminhando numa larga e luminosa estrada de ininterrompida democracia!...

Mas, enfim, continua: «Quando o Brasil quebrou os seus laços coloniais, não tinha a esquecer feias memórias -de tirania e rapacidade; nem teve de suprimir genericamente todos os vestígios de um mau passado». Com efeito, pobres de nós! nunca fomos decerto para o Brasil senão amos amáveis e timoratos.

Estávamos para com ele naquela melancólica situação de um velho fidalgo, solteirão arrasado, desdentado e trôpego, que tremo e se baba diante de uma governanta bonita e forte. Nós verdadeiramente é que éramos a colónia: e era com atrozes sustos do coração que, entre uma *Salve-Rainha e um Lausperenne*, estendíamos para lá a mão à

esmola...

O *Times* prossegue: «Ainda que independente, o Brasil, ficou português de nacionalidade e semieuropeu de espírito. Pelo simples facto de se sentir português, o povo brasileiro teve, e conserva, o instinto do grande dever que lhe incumbe: tirar o partido mais nobre da sua nobre herança... Sejam quais tenham sido os erros de Portugal, não se pode dizer que se tenha jamais contentado com o mero número das suas possessões, sem curar de lhes extrair os proventos...» O *Times* aqui dormita, como secular Homero.

E justamente o que nos preocupa, o que nos agrada, o que nos consola é contemplar *simplesmente o número* das nossas possessões; pôr-lhes o dedo em cima, aqui e além, no mapa; dizer com voz

de papo, *ore rotundo:* «Temos oito; temos nove: somos uma nação colonial, somos um povo marítimo!... Enquanto a *extrair-lhes os proventos*, na frase judiciosa do *Times*, desses detalhes miseráveis não cura o pretor, nem os netos de Afonso de Albuquerque?... Mas prossegue o *Times*. «O império colonial de Portugal talvez tenha sido outrora caracterizado por desfortuna — quase nunca por estagnação». *Talvez* é bom: com o império do Oriente no nosso passado, que é um dos mais feios monumentos de ignomínia de todas as idades... Continuemos.

«Da origem de onde o Brasil deriva a sua atividade, deriva também (o que não é menos importante) o respeito pela opinião da Europa. O vadio das ruas de Lima, de Caracas ou de Buenos-Aires,

nutre um soberano desprezo pelos juízos que a Europa possa formar das suas tragicomédias políticas... Não tem consciência de coisa alguma, não ser do seu *sangue castelhano*...Sente decerto o inconveniente de ser expulso do crédito e das bolsas da Europa... Mas avalia esta circunstância apenas pelos embaraços momentâneos que ela lhe traz. O financeiro brasileiro, porém, esse presta uma tão respeitosa atenção ao *temporamento* das bolsas de Paris e Londres, como ao da mesma Praça do Rio de Janeiro...»

O *Times vê* neste sintoma a consideração que o Brasil tem pela opinião da Europa.

Mas, onde o *Times* se engana, é quando pretende que o Brasil deve ao seu

sangue português esta bela qualidade de obedecer aos juízos do mundo civilizado. Não há país no universo onde se despreze mais, creio eu, o julgamento da Europa, que em Portugal: nesse ponto somos como o vadio das ruas de Caracas, que o *Times* tão pitorescamente nos apresenta: por que eu chamo desdenhar a opinião da Europa, não fazer nada para lhe merecer o respeito. Com efeito, o juízo que, de Badajoz para cá, se faz *de* Portugal, não nos é favorável, nós sabemo-lo bem — e não nos inquietamos! Não falo aqui de Portugal como Estado político. Sob esse aspeto gozamos uma razoável veneração. Com efeito, nós não trazemos à Europa complicações importunas; mantemos dentro da fronteira uma ordem suficiente: a nossa administração é corretamente

liberal; satisfazemos com honra os nossos compromissos financeiros.

Somos o que se pode dizer um *povo de bem*, um *povo boa pessoa*. E a nação vista de fora e de longe, tem aquele ar honesto de uma pacata casa de província, silenciosa e caiada, onde se pressente uma família comedida, temente a Deus, de bem com o regedor, e com as economias dentro de uma meia... A Europa reconhece isto: e todavia olha para nós com um desdém manifesto. Porquê? Porque nos considera uma nação de medíocres: digamos francamente a dura palavra — porque nos considera uma *raça de estúpidos*. Este mesmo *Times*, este oráculo, augusto, já escreveu que Portugal era, intelectualmente, tão caduco, tão casmurro, tão fóssil, que se tornara um

país bom para se lhe passar muito ao largo e *atirar-lhe pedras* (textual).

O *Daily Telegraph* já discutiu em artigo, de fundo este problema: Se seria possível sondar a espessura da ignorância lusitana! Tais observações, além de descorteses, são decerto perversas. Mas a verdade é que numa época tão intelectual, tão crítica, tão científica como a nossa, não se ganha a admiração universal, ou se seja nação ou indivíduo, só com ter propósito nas ruas, pagar lealmente ao padeiro, e obedecer, de fronte curva, aos editais do governo civil. São qualidades excelentes, mas insuficientes. Requer-se mais; requer-se a forte cultura, a fecunda elevação de espírito, a fina educação do gosto, a base científica e a ponta de ideal que em França, na Inglaterra, na

Alemanha, inspiram na ordem intelectual a triunfante marcha para a frente; e nas nações de faculdades menos criadoras, na pequena Holanda ou na pequena Suécia, produzem esse conjunto eminente de sábias instituições, que são, na ordem social, a realização das formas superiores do pensamento.

Dir-me-ão que eu sou absurdo ao ponto de querer que haja um Dante em cada paróquia, e de exigir que os Voltaires nasçam com a profusão dos tortulhos. Bom Deus, não! Eu não reclamo que o país escreva livros, ou que faça arte: contentar-me-ia que lesse os livros que já estão escritos, e que se interessasse pelas artes que já estão criadas. A sua esterilidade assusta-me menos que o seu indiferentismo. O doloroso espetáculo é

vê-lo jazer no marasmo, sem vida intelectual, alheio a toda a ideia nova, hostil a toda a originalidade, crasso e mazorro, amuado ao seu canto, com os pés ao sol, o cigarro nos dedos e a boca às moscas... É isto o que punge.

E o curioso é que o país tem a consciência muito nítida deste torpor mortal, e do descrédito universal que ele lhe atrai. Para fazer vibrar a fibra nacional, por ocasião do centenário de Camões, o grito que se utilizou foi este: — Mostremos ao mundo que ainda vivemos! Que ainda temos uma literatura!

E o país sentiu asperamente a necessidade de afirmar alto, à Europa, que ainda lhe restava um vago clarão dentro do crânio. E o que fez? Encheu as varandas de bandeirolas, e rebentou de

júbilo a pele dos tambores. Feito o que — estendeu-se de ventre ao sol, cobriu a face com o lenço de rapé, e recomeçou a sesta eterna... Donde eu concluo que Portugal, recusando-se ao menor passo nas letras e na ciência para merecer o respeito da Europa inteligente, mostra, à maneira do vadio de Caracas, o desprezo mais soberano pelas opiniões da civilização. Se o Brasil, pois, tem essa qualidade eminente de se interessar pelo que diz o mundo culto, deve-o às excelências da sua natureza, de modo nenhum ao seu sangue português: como português, o que era lógico que fizesse era voltar as costas à Europa, puxando mais para as orelhas o cabeção do capote...

Mas, retrocedendo ao artigo do *Times*, a conclusão da sua primeira parte

é que «em riqueza e aptidões, o Brasil leva gloriosamente a palma às outras nacionalidades da América do Sul». Todavia, o *Times* observa no Brasil circunstâncias desconsoladoras: «Doze milhões de homens estão perdidos num estado maior que toda a Europa: a receita pública, que é de doze milhões de libras esterlinas, é muitos milhões inferior à da Holanda e à da Bélgica: com uma linha de costas de quatro mil milhas de comprimento, e com pontos de uma largura de duas mil e seiscentas milhas, o Brasil exporta, em valor de géneros, a quarta parte menos que o diminuto reino da Bélgica».

O *Times*, todavia, tem a generosidade de admitir que nem a densidade de população, nem o total das

receitas, nem a cifra das exportações, constituem a felicidade de um povo e a sua grandeza moral. A Suíça, que tem dois milhões de habitantes e justamente os mesmos dois milhões de libras de receita, vive em condições de prosperidade, de liberdade, de civilização, de intelectualidade bem superiores à tenebrosa Rússia, cornos seus oitenta milhões de libras de receita, e os mesmos oitenta milhões em homens. «Todavia, continua o *Times*, se a escassez da população, de rendimento e de comércio, não colocam o Brasil num estado de adversidade, são uma prova que faltam a esse povo algumas das qualidades que fazem a grandeza das nações. Que os colonizadores portugueses, apenas apoiados pelo pequeno trono português,

tivessem feito da metade do novo mundo, que lhes concedeu o Papa Alexandre, mais que os colonizadores espanhóis que tiravam a sua força da grande nação de Espanha, é uma coisa que prova a favor do sangue português, comparado com o sangue castelhano, andaluz ou aragonês. Mas que as conquistas feitas no Brasil à natureza sejam tão insignificantes, e tão vastos os espaços que permanecem não só inconquistados, mas desamparados — indica que são análogos os defeitos da colónia espanhola e da colónia portuguesa...»

O resto do artigo é mais sério; e eu devo transcrevê-lo sem interrupção: «O brasileiro não é, como o peruano ou boliviano, altivo demais, ou preguiçoso demais para se dignar reparar nos meios

de riqueza e de grandeza, tão prodigamente espalhados em torno de si. Não; o brasileiro tem energia suficiente para ambicionar e para calcular. A sua atenção está fixa nas férteis regiões do interior. Desejaria bem ver a rede dos seus rios navegáveis cobertas de barcos e vapores. Sucede mesmo que, nos pontos mais ricos da costa, o habitante queixa-se que uma excessiva porção dos impostos, com que é sobrecarregado, vai ser gasta em colossais trabalhos empreendidos em vantagem de remotas e incultas regiões que nunca ou, ao menos, só daqui a longos anos, poderão aproveitar com eles. Mas, em todo o caso, o Brasil sente em si força suficiente para dar, ao seu vasto território, os benefícios de uma sábia administração».

O *Times* aqui tem um pequeno período, aludindo à nobre ambição que têm os brasileiros de fazer tudo por si mesmos, vendo com aborrecimento as grandes obras entregues à perícia estrangeira, preferindo os esforços da ciência e do talento nacionais, ainda mesmo quando eles falham, custando ao país milhões perdidos... Depois prossegue:

«Mas enquanto o brasileiro, se mostra assim, em teorias políticas e administrativas, ansioso por fomentar ele mesmo, por ele mesmo fazer todas as obras dos seus cinco milhões de milhas quadradas — às suas mãos repugna o agarrar o cabo da enxada, ou tomar a rabiça do arado, que é justamente o serviço que a natureza reclama dele. Num

continente, que depois de três séculos e meio continua a ser um torrão noivo, a grandeza das Repúblicas ou dos Impérios depende exclusivamente do trabalho manual.

«Italianos, alemães, negros, têm sido, estão sendo importados para fazerem o trabalho duro, que repugna aos senhores do solo. Mas, inaclimatados, em certos distritos, eles nunca poderiam labutar como os naturais dos trópicos. Nem mesmo nas províncias mais temperadas do Império, jamais os imigrantes trabalharão resolutamente — até que o exemplo lhes seja dado pela população indígena, senhora da terra. O brasileiro ou tem de trabalhar por suas mãos, ou então largar a rica herança que é incompetente para administrar. A maneira

que o tempo se adianta, vai-se tornando uma positiva certeza que todos os grandes recursos da América do Sul entrarão no património da humanidade.»

O *Times* aqui embrulha-se. Prefiro explicar a sua ideia, a traduzir-lhe a complicada prosa; quer ele dizer que o dia se aproxima em que a civilização não poderá consentir que tão ricos solos, como os dos Estados do Sul da América, permaneçam estéreis e inúteis, e que, se os possuidores atuais são incapazes de os fazer valer e produzir, para maior felicidade do homem, deverão então entregá-los a mãos mais fortes e mais hábeis. É o sistema de expropriação por utilidade de civilização. Teoria favorita, da Inglaterra e de todas as nações de rapina...

Continua depois o artigo, com ferocidade: «No Peru, na Bolívia, no Paraguai, no Equador, em Venezuela... em outros mais, os atuais ocupadores do solo terão gradualmente de desaparecer e descer àquela condição inferior, que o seu fraco temperamento lhes marca como destino. (Nunca se escreveu nada tão ferino!) O povo brasileiro, porém, tem qualidades excelentes e a Inglaterra não chegará prontamente à conclusão de que ele tem de partilhar a sorte de seus febris ou casmurros vizinhos... Mas, dadas as condições do seu solo, o Brasil mesmo tem a escolher, entre um semelhante futuro, ou então o trabalho, o duro esforço pessoal, contra o qual até agora se tem rebelado. Se o seu destino tivesse levado os brasileiros a outro canto do continente,

nem tão largo nem tão belo, poder-se-ia permitir-lhes que passassem a existência numa grande sonolência. Mas ao brasileiro está confiada a décima quinta parte da superfície do globo: essa décima quinta parte é, toda ela, um tesouro de belezas, riquezas e felicidades possíveis; e de tal responsável — o brasileiro tem de subir ou de cair!»

E com esta palavra, à Gambeta, termino. Já se alonga muito esta carta, para que eu a sobrecarregue de comentários à prosa do *Times*. No seu conjunto é um juízo simpático. O *Times*, sendo, por assim dizer, a consciência escrita da classe média da Inglaterra, a mais rica, a mais forte, a mais sólida da Europa, tem uma autoridade formidável; escrevendo para o Brasil, eu não podia

deixar de recolher as suas palavras — que devem ser naturalmente a expressão do que a classe média da Inglaterra pensa ou vai pensar algum tempo do Brasil. Porque a prosa do *Times* é a matéria-prima de que se faz em Inglaterra o estofo da opinião.

E reparando agora que, por vezes nestas linhas, fui menos reverente com o *Times* — murmuro, baixo e contrito, um peccavi...

Capítulo 11 — A Festa das Crianças

A mais engraçada festa das crianças de que me lembro, foi em Inglaterra, na casa de campo dos meus amigos Birds, no país de Cornwall. Era uma mascarada reproduzindo, em miniatura, a corte de el-rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda. E o que tornava interessante a ressurreição deste mundo heroico e gentil, popularizado por Tennyson, é que nós estávamos ali justamente na região de Cornwall, onde viviam, entre saraus e batalhas, Artur, a sua rainha Guinevra e os doze valentes da Távola. A pouca distância do parque dos

Birds, numa colina coberta de carvalheiras, a tradição coloca os paços de Artur e a maravilhosa e sombria cidade de Caerleon. O rio em que pescavam trutas era o velho Usk. Nas suas frescas margens erguera-se outrora o mosteiro, onde o irmão de Percival, uma noite, da janela da sua cela, viu passar numa nuvem cor-de-rosa, entre aromas de junquilhos, o vaso do Santo Graal cheio de sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. E das varandas da sala de jantar podiam avistar-se, em dias claros, lá ao longe, na costa, e entre as rochas, as ruínas desse castelo de Tintagil, que aparece em todas as baladas do Rei Artur, negro e triste junto ao mar de Cornwall.

A corte começou a reunir-se cedo, à hora do *lunch*, no grande salão branco,

sobre o jardim. Era o filho dos Birds quem esplendidamente recebia, vestido de Rei Artur. O primeiro personagem da lenda que chegou, acompanhado pela sua governanta, foi o feiticeiro Merlino, um adorável bebé, gordo e embezerrado, com a coroa de hera, uns cabelos louros e umas enormes barbas proféticas enchendo-lhe a bochecha cor-de-rosa. Depois, seguidos das mamãs, vieram entrando todos os outros figurões da romântica crónica, cavaleiros de cinco anos armados e emplumados, mongezinhos nédios, bispos quase de mama com os seus báculos nos braços, bardos rabugentos, mesteirais vestidos de seda, e fadas mais lindas que as fadas. As três rainhas místicas do Walhalla chegaram por último, gravezinhas, todas

três pela mão, cobertas de véus negros, escoltadas por um grande lacaio empoado.

Pouco a pouco o salão ficou animado como a velha Caerleon numa manhã de torneio. O pequeno Bird, de Rei Artur, com seu manto bordado de ouro, os cabelos frisados saindo em anéis de sob a coroa carregada de pedras, passeava majestoso, entre os seus irmãos de armas. Uma senhora, encantada, quis dar-lhe um beijo. Ele repeliu-a asperamente, como teria feito o casto Rei Artur. Mais orgulhoso do que ele, só o bravo Lancelote do Lago, a quem tinham pintado um buço, e que revestido de armas negras, com uma longa pluma escarlate ondeando-lhe desde o elmo até às esporas de ouro, não tirava a mão da espada. E o que

parecia ensoberbecê-lo mais, era a sua faixa de gaze branca, passada sobre a couraça, e feita em rígida obediência à epopeia, de um véu da rainha Guinevra. Essa era a grande beleza do sarau, a rainha Guinevra, uma irlandesazinha com as duas tranças negras e os olhos verdes como os prados de Erin. Séria e fria, envolta na pesada capa de cetim azul, conservava-se no meio de um sofá, imóvel com um sorriso que lhe punha uma covinha no queixo, indiferente aos madrigais, insensível às proezas dos cavaleiros, e sempre de olhos baixos, ou por ela os bardos firam as harpas, ou por ela se batam os vassalos junto ao mar de Cornwall.

Um escudeiro anunciou o *lunch*, tocando uma buzina de prata, tal qual

como em Caerleon. E pelo corredor, aos pares, toda a corte seguiu à sala de jantar o Rei Artur, que levava pela mão, com uma graça solene, a linda Rainha Guinevra. Depois, mas não sem alguma confusão, em que necessariamente as mamãs tiveram de ser enérgicas com os cavaleiros, ficou completa a Távola Redonda, ornada de baixelas e flores. E nada faltava do que mandam as poéticas crónicas.

Ao fundo da mesa, na sua cadeira esculpida pelos Génios, lá se achava o velho feiticeiro Merlino, a quem a governanta, para ele comer com limpeza a sua sopa, tirara as barbas proféticas. Não havia um javali assado sobre um prato de ouro. Apenas um modesto *roast-beef*. Mas o Rei Artur levantava o seu copo de água,

misturada de uma gota de Bordéus, com a nobreza com que o outro, há tantos centos de anos e naquela mesma colina, erguia a taça de hidromel em dias de vitória. De resto a sala, com o seu teto de carvalho lavrado, tinha o severo aparato doutras eras e através da janela lá estavam, como nos versos da *Morte de Artur*, as ruínas do Castelo de Tintagil, negro e triste junto do mar de Cornwall.

A Corte mostrava tanto apetite como à volta de uma batida aos lobos nos bosques, que avizinham o Usk. Até as fadas devoravam. Sir Galahad, esse que possuía a força de mil, porque o seu coração era virgem, já por vezes reclamara *pudding* de batatas, batendo furiosamente com o garfo sobre o seu morrião de prata, posto ao lado da mesa

entre os cristais.

Fora preciso, por causa da sua magnífica túnica, de cetim verde, atar um guardanapo ao pescoço do cavaleiro Bors, essa radiante flor de bravura cristã. No meio de toda a alegria o forte Percival, incomodado com a sua armadura, permanecia manso e corado com o ar de estar pensando (como o outro Percival) em se recolher ao mosteiro de Wik. Depois, de repente e inexplicavelmente, rolou abaixo da cadeira, entornando todo o molho nos joelhos do intrigante Modred, o mais violento cavaleiro da Távola.

Modred despropositou e arrepelou os cabelos de ouro de Percival. A tia do herói acudiu assustada, e então, como o famoso Lancelote do Lago se estava

tornando turbulento, foi arrancado da Távola Redonda ignominiosamente, nos braços de um escudeiro, aos berros.

Depois do *lunch*, a corte de el-rei Artur voltou ao sarau a regozijar-se com danças. Sarau delicioso! Havia dois monges extraordinários, de buréis brancos, tão pequenos e tão trôpegos que as senhoras tinham de os segurar pelos braços nas quadrilhas e que queriam constantemente dançar, mais joviais que os cavaleiros, prontos a atirar-se sempre aos bracinhos das camponesas toucadas de flores.

O puro Sir Galahad, já sem broquel e sem morrião, galopava doidamente com uma ligeira fada, chegada nessa manhã da Bretanha, das florestas de Broceliande. Um bardo, com a coroa de

folhas de carvalho enterrada até aos olhos, chorava por ter perdido a sua harpa. Havia também um príncipe do Mar do Norte, um castelão de Erin e o bravo cavaleiro Bors, que se tinham refugiado a um canto, por detrás de um sofá, onde, sentados no chão, continuavam na sua divertida merenda com bolos, dando gritos, quando as senhoras queriam pôr cobro àquela gula tão imprópria de paladinos cristãos.

No corredor o pai Bird teve de suster um rechonchudo abade, que arregaçava as vestes sacerdotais e ia, furioso, sovar o intrigante cavaleiro Modred. E não foi possível realizar a parte mais picante da lenda, fazendo com que Lancelote do Lago cortejasse Guinevra. O bravo Lancelote (bem

diferente do outro) parecia de coração duro e sem gosto pelo sorrir das damas. Terminou mesmo por ter uma hedionda perrice, e caiu nos joelhos da mamã, com duas grossas lágrimas nas pestanas e a sua bela pena escarlate caída no chão, como numa tarde de derrota.

Cedo os bebés começaram a estar cansados. Eu mesmo, no meio da festa, tive de levar ao colo o venerável bispo de Blackburn com a sua mitra e com o seu rico báculo. Os seus doces olhinhos azuis fechavam-se de sono. Deitei-o no sofá, junto da mais pequenina das rainhas do Walhalla, que já ali dormia sob o céu negro, com os cabelos de ouro soltos e o lírio do Paraíso entre as mãozinhas cruzadas...

E o santo bispo, candidamente,

adormeceu ao lado da mística rainha.

Capítulo 12 — Uma Partida Feita ao «Times»

É ao mesmo tempo lamentável e picaresco o caso sucedido ao *Times*. Este nobre infólio diário, que inspira orgulho a todo o inglês sinceramente patriota, e que aos olhos respeitosos do estrangeiro aparece como uma das mais fortes colunas da sociedade inglesa, como a própria consciência da Inglaterra posta em letra redonda; este augusto periódico que nunca, desde a sua fundação, citou o nome de um colega, nem jamais se baixou a uma controvérsia, pelas mesmas razões de inflexível etiqueta que vedariam a Luís XIV argumentar com Colbert; esta austera

gazeta que preferiria despedaçar as suas magníficas máquinas e consentir que elas imprimissem um *bon-mot*, uma pilhéria, uma linda bagatela ou uma jovial anedota; este papel tão pudico que evita o nome de Zola, como uma indecência — o *Times*, enfim, o venerando *Times*, foi ultimamente vítima de uma dessas *partidas*, como nós dizemos, *facécias em ação*, como dizem os americanos, que são ao mesmo tempo nefandas e patuscas, que nos abrasam a face de indignação e nos arrancam aos lábios um sorriso, que nos fazem vituperar publicamente o farsante e saborear secretamente a farsa, como se víssemos um rabo de papel pregado ao manto de el-rei, ou sobre os cabelos em caracóis da imagem do Senhor dos Passos — um chapéu alto.

Todas as pessoas que têm folheado esses vastos lençóis de matéria impressa, que constituem um número *do Times*, sabem que a quinta página é ordinariamente destinada à publicação dos discursos pronunciados por homens eminentes da política, da literatura, da ciência, da arte, em *meetings*, comícios, banquetes, inaugurações *conversazioni*, em todos esses ajuntamentos de *ladies and gentlemen* onde a Inglaterra dá razão ao seu tumultuoso fluxo labial!...

O *Times* é famoso por estas reproduções. Não são resumos, nem extratos: são as arengas, palavra a palavra, especialmente taquigrafadas para o *Times* por um pessoal experimentado, com as interrupções corretamente transladadas, os murmúrios

religiosamente marcados, sem que lhes falte um *meus senhores!* sem que ficasse perdido um *oh!* ou um *ah!* e revistas, esmiuçadas, zeladas como se tivessem caído dos lábios de Sócrates, ou de Cristo pregando outro Evangelho.

Este simples serviço custa por ano ao *Times* milhares de libras — mas dá-lhe a vantagem de ser ele a ata oficial do verbo público da Inglaterra. Todos os jornais da Europa assim o reconhecem: quando se discute um discurso do Sr. Gladstone, uma conferência do professor Huxley ou uma prédica do arcebispo de Canterbury, tem-se presente, como texto sagrado, o texto do *Times*. Um orador pode negar a incorreção de um adjetivo, a violência de uma apóstrofe, quando a apóstrofe ou o adjetivo tenham aparecido

nos resumos rápidos de outro jornal: nunca, quando hajam aparecido nas colunas infalíveis do *Times*. Sabe-se a despesa, o desvelo, a minuciosidade, empregada para obter a exatidão — e essa exatidão nunca é contestada.

Quando o Sr. Gladstone, na campanha eleitoral da Escócia, soltou essa famosa invetiva contra o império dos Habsburgos — o protesto cortês do embaixador da Áustria era fundado em citações do *Times*. Um orador que, querendo deixar um monumento sólido da sua arte, publique os seus discursos em volumes — colige-os do texto seguro do *Times*. O *Times* tem aqui o valor de uma reprodução fotográfica. Insisto nisto, para tornar mais vivo o horror da facécia.

Há semanas Sir William Harcourt,

o ministro do interior, fez um discurso em Manchester, discurso considerável, muito anunciado, muito esperado, tocando todas as questões que inquietam agora a Inglaterra, a anarquia da Irlanda, o tratado de comércio com a França, a intervenção no Egito, a criação do governo Municipal de Londres, outras coisas graves ainda.

Esta arenga, taquigrafada pelo pessoal do *Times* em Manchester, telegrafada para os escritórios do *Times* em Londres, foi composta, lida pelos revisores, revista pelo secretário de Sir William Harcourt, verificada, comprovada, relida ainda, e, enfim, definitivamente instalada na sua página... E aqui se coloca a facécia.

Mas é necessário primeiro, para maior indignação e maior gozo, conhecer

Sir William Harcourt. De todos os membros do ministério Gladstone, Sir William é o mais austero. Já a sua aparência intimida: grosso, membrudo, de ombros compactos, com uma face imperiosa, pálida, rapada, Sir William tem as linhas solenes e marmóreas do busto de César.

E dentro desta forma romana habita um espírito rígido de doutrinário: liberal (em comparação com o marquês Salisbury, que é quadradamente feudal) Sir William representa no governo a tradição, a fórmula *whig*. É o contrapeso conservador deste ministério radical: está ali como um bloco de granito constitucional para impedir que os outros ministros, Chamberlain, Sir Charles Dilk, os discípulos de Stuart Mill, se adiantem

muito pela grande estrada da Revolução: e tem por isso essa ampla solenidade de maneiras, essa cadência pomposa de expressão, de quem se honra em guardar as coisas supremas — a coroa, a igreja, a aristocracia territorial, os privilégios, a integridade do império... É um solene. Mesmo abotoado no paletó, parece embrulhado numa toga. É moroso, maçudo, incapaz de sorrir, tem essa espécie de majestade oficial que faz lembrar ao mesmo tempo Guizot e um elefante.

E quando a gente o contempla no parlamento, grave, ríspido, vestido de negro — não o pode conceber nas atitudes triviais da vida, fumando um cigarro num sofá, com uma perna por cima da outra, muito menos de joelhos, com uma linda

mão de mulher entre as suas, murmurando coisas temas e tontas...

E é isto que torna atroz e deliciosa a facécia... O discurso solene deste solene estadista estava, pois, paginado, pronto para passar às máquinas, quando, aproveitando um momento em que a polícia interior dos escritórios do *Times* casualmente afrouxara de vigilância, *alguém*, um monstro, um celerado, subtilmente, pé-ante-pé, foi ao discurso, arrancou-lhe dez ou doze linhas, e substitui-as por outras, compostas de antemão, pérfida e habilmente compostas! E que linhas!, meu Deus!, como posso eu, conservando-me casto, explicá-las aos leitores da *Gazeta de Notícias?*

Essas linhas, intercaladas no severo discurso do severo ministro, eram

(tremo de dizê-lo) eram linhas eróticas! Era um grito convulsivo de desordenada lubricidade; era o ruído de uma besta agitada por todas as fúrias de Vénus; era como esse rouco e seco bramar dos veados, nos bosques, sob a calma do estio; era a balbuciação ébria dos Faunos da fábula, do Deus Priapo, dos Sátiros caprinos que vagueavam pelos pendores sagrados do monte Olimpo, ululando, trincando a brancura dos lírios, violando o coração das rosas, arremessando-se com pulos ferozes de bodes ao entreverem, entre as ramagens dos olmos, as claras ninfas das águas... Era tudo isto, e era ainda mais.

E, para requinte da facécia, isto não destoava, não chocava, aparecendo bruscamente e sem ligação, como um

monturo imundo entre róseas flores de retórica. Não: tinha sido *encaixado* com uma habilidade diabólica. Sir William Harcourt estava acusando os conservadores de afetarem uma patriótica melancolia em presença dos supostos perigos, que sob o regime liberal, correm os grandes princípios da ordem monárquica, a integridade mesma da Inglaterra. E aqui perguntava-lhes, naturalmente num natural movimento de oratória: «Porque são esses gemidos? Porque é essa exageração de tristeza pública? Decerto a questão da Irlanda e a do Egito são graves: mas o governo de Sua Majestade sabe que as soluções proveitosas e gloriosas não tardarão... Nós estamos tranquilos. Eu, por mim, sinto-me na disposição de quem, depois

de cumprir um dever oficial, tem para o recompensar o sorriso sereno e aprovador da consciência, etc., etc.»

E justamente aqui as linhas perversas entravam naturalmente traçadas, desenvolvendo mais esta afirmação de contentamento íntimo, mostrando a exuberância de espírito de um ministro galhofeiro, que, em presença do glorioso estado da coisa pública, admite que o regozijo da nação tome a forma excêntrica mais justificável, de uma tremenda bambochata, de um regabofe de estalar tudo... Sir William prosseguia (compreendem bem que eu uso só expressões aproximativas e atenuadas; traduzir à letra o que apareceu publicado no *Times*, seria arruinar para sempre os créditos da *Gazeta de Notícias)*. Sir

William prosseguia: «Eu, por mim, estou contente. Acho-me até capaz de uma bela folia! Porque não nos daremos com efeito a uma rica patuscada, com vinhaça e mulherinhas? Oh, as mulherinhas! Senhoras que me escutais, arremessai chapéus e vestidos, e toca a pandegar e a bater um rico batuque!... *Evohé! Viva o* deboche! Olé, *champagne!* Abracemo-nos, deliremos!...» Isto é só para dar ideia: o que se lia no *Times*, tinha outra crueza de expressão, outro arranque de orgia!...

Imaginem o efeito ao outro dia, quando milhares de números do *Times*, contendo esta abominação, penetraram nesses recatados interiores ingleses, onde (segundo aqui dizem) habita o tipo superior da família cristã. O *Times*, o

mais caro dos jornais, é a folha querida da aristocracia, da alta burguesia, da grande finança. Não se compreende um *gentleman* inglês, do padrão clássico, sem ter logo pela manhã percorrido conscenciosamente o seu *Times:* é como o coração mesmo da Inglaterra, que ele sente um momento entre as mãos e onde verifica cada dia com orgulho um acréscimo de força, uma pulsação maior de vitalidade. Ordinariamente é ao almoço que se lê o *Times:* e nessa manhã, vendo-se na quarta página, em letras grossas, o Discurso de Sir William Harcourt em Manchester, corria-se naturalmente a ele com curiosidade, já pelo interesse nacional, já pela simpatia que inspira Sir William, o seu nome histórico, a sólida pureza dos seus

princípios, a sua alta posição...

Imaginem-se então as cenas! Aqui é uma velha e devota duquesa, cheia de entusiasmo pelas questões sociais, que se aconchega na sua rica poltrona de tapeçaria, para melhor saborear a nobre oratória de Sir William — e que de repente estaca, encara o *Times*, limpa as lunetas, imaginando ter lido mal, torna a percorrer o período, passa a mão trémula pela face, procura ansiosamente o seu frasco de sais, volta ainda a verificar se a não enleia uma alucinação, e, arremessando enfim, para longe, a gazeta imunda, sai da sala a passos ofendidos, pensando consigo que são esses os resultados de um século de democracia, de materialismo e de libertinagem!

Além é um casal de noivos, que,

anichados no mesmo sofá ao pé do fogão, com os braços entrelaçados, percorrem o *Times*, menos para saber da questão no Egito, do que para ler o *compte-rendu* de outros casamentos elegantes ou as notícias de Paris, onde tencionam ir findar a sua lua de mel; mas encontram o discurso de Sir William, dão-lhe um olhar distraído, quando de repente lhes salta de entre as linhas o jorro imundo das apóstrofes eróticas!

Noutra casa é uma fresca e loura criaturinha de dezoito primaveras, puro lírio doméstico, que faz a leitura do *Times* a um velho tio general, tolhido de gota, relíquia veneranda das guerras peninsulares; o velho escuta, pouco atento à política do dia que detesta, mas muito ao encanto daquela voz de ouro ao seu

lado; de repente, porém, o pobre anjo gagueja, para, fez-se da cor de uma rosa, treme, a sua vergonha é tal que lhe saltam as lágrimas dos olhos, e foge, deixando o imundo *Times* nas mãos do general assombrado — ou então, caso pior, a doce rapariga, na sua candura de flor de estufa, não compreende, imagina que aquilo é política, continua a ler com a sua voz de ouro — e o venerável tio ouve de repente sair dos lábios de botão de rosa, feitos só para murmurar o que há de mais casto na música de Weber, um enxurro torpe de babujes lúbricas.

É medonho! E uma feição curiosa do incidente, é que este negro atentado só foi descoberto nos escritórios do *Times*, às onze horas da manhã: isto é, quando o jornal já estava distribuído em Londres,

levado pelos trens de madrugada para toda a província, e pela mala de Dover para toda a Europa! A administração do *Times* telegrafou logo a todos os seus agentes no *mundo*, para suspender a distribuição e *comprar por todo o preço* os torpes números já espalhados.

Só estes telegramas custaram perto de dois contos de reis. Mas o melhor é que apenas se soube a história da catástrofe, e que o *Times* comprava por todo o preço o número maldito — esse número tornou-se logo um valor, um papel de crédito, base de especulação, com cotações no mercado iguais, se não superiores, aos fundos de muita nação civilizada. Eu sei de um restaurante que toma regularmente quatro números do *Times* — e que vendeu os seus

exemplares imundos a duas libras cada um.

Realizaram-se, porém, ganhos maiores. O *Times* não regateia, paga. E até hoje diz-se que em comprar essa fatal edição, tem gasto já perto de *quarenta contos*.

O autor da facécia ainda se não descobriu. É sem dúvida um monstro, e seriamente merece a tremenda sentença com que decerto os tribunais ingleses o demoliriam, se ele aparecesse. Mas, por outro lado, considerando que quarenta contos são apenas uma soma mínima para a fortuna do *Times* e que esta gazeta austera leva o seu pedantismo e a sua empolada *pruderie* a sustar, como obscena, a menção sequer dos livros de Zola e de outros realistas — eu não posso

deixar de pensar, com laivos de regozijo, que a Providência, tem armas oblíquas e terríveis!

Nunca, decerto, desde a invenção da imprensa, aconteceu um jornal publicar, na sua melhor página, em letras salientes, doze linhas imundas de desbragada obscenidade; e ser o *Times*, o primeiro que o fez, o *Times*, o mais pesado, mais moroso, mais solene, mais pedagógico, mais reverente de todos os jornais que têm existido desde a invenção da imprensa — é, digam o que disserem, divertido.

E, terminando, peço às almas caritativas e justas uma boa risada à custa do *Times*.

ECOS DE PARIS

Primeira edição: 1905

Paris e Londres

Eu não direi, como Lord Beaconsfield, que «no mundo só há de verdadeiramente interessante Paris e Londres, e todo o resto é paisagem». É realmente difícil considerar Roma como um ninho balouçando-se no ramo de um ulmeiro, ou ver apenas no movimento social da Alemanha um fresco regato que vai cantando por entre as relvas altas.

Não se pode negar, porém, que a multidão contemporânea tende para esta opinião do romanesco autor de *Tancredo* e da guerra do Afeganistão: nada vê no universo mais digno de ser estudado e gozado do que a sociedade, essa coisa cintilante e vaga que pode compreender

desde as criações da arte até aos *menus* dos restaurantes, desde o espírito das gazetas até ao luxo das librés — e, muito racionalmente, corre a observar a sociedade, a penetrar-se dela, onde ela é mais original, mais complexa, mais rica, mais pitoresca, mais episódica, em Paris e em Londres: ao resto da Terra pede apenas cenários de Natureza, relíquias de arte, trajes e arquiteturas...

Em Roma contempla os ornamentos do passado — o Coliseu e o papa; em Madrid interessam-no só os Velásquez e os touros; ninguém viaja na Suíça para estudar a constituição federal ou a sociedade de Genebra, mas para embasbacar diante dos Alpes. E assim, para a turba humana, mais impressionável que crítica, o mundo aparece como uma

decoração armada em torno de Paris e Londres, uma curiosidade cenográfica que se olha um momento, pedindo-se logo toda a atenção na tragicomédia social que palpita ao centro.

Isto é uma superstição. Mas se realmente, o mundo fosse apenas uma paisagem acessória — a devoção burguesa por Paris e Londres, residências privilegiadas da humanidade criadora, seria justificável: porque, na verdade, o interesse do universo está todo na vida, na sua luta, na sua paixão, no seu cerimonial, no seu ideal e no seu mal. O Sol, nascendo por trás das Pirâmides, sobre o fulvo deserto da Líbia, forma um prodigioso cenário; o vale do Caos, nos Pirenéus, é de uma grandeza exuberante — mas todos estes espetáculos hão de ser

sempre infinitamente menos interessantes que uma simples comédia de ciúmes, passada num quinto andar. Que há, com efeito, de comum entre mim e o Monte Branco? Enquanto que as alegrias amorosas do meu vizinho, ou os prantos do seu luto, são como a consciência visível das minhas próprias sensações.

O grande Dickens, diante dos Alpes ou dos palácios de Veneza, punha-se a pensar com saudades nas tristes ruas de Londres, num rumor de fim de dia e no prazer de surpreender as expressões de ansiedade, triunfo ou dor, nas faces dos que passam, alumiados pelo gás vivo das lojas. É que o melhor espetáculo para o homem — será sempre o próprio homem.

Se sobre a Terra só houvesse fachadas de catedrais ou vulcões

flamejantes, a Terra parecer-nos-ia tão insípida como a Lua, ou (ainda que isto seja talvez exagerado) como a própria Lisboa. Por mais cantantes que sejam as águas correndo, por mais fresco e umbroso que se alargue o vale — a paisagem é intolerável, se lhe falta a nota humana, fumo delgado de chaminé ou parede rebrilhando ao sol, que revele a presença de um peito, de um coração vivo.

Mas a verdade é que fora de Paris e Londres há também humanidade. Sampetersburgo não forma só sobre a neve outra ondulação de neve; Berlim não é uma floresta com uma população de seiscentos mil castanheiros; em Lisboa mesmo se encontra, de vez em quando, um homem. Que importa! O mundo persiste

em considerar essa humanidade de Berlim, de Lisboa ou Sampetersburgo como um mero acessório da decoração, como aquele arabezinho diminuto que os fotógrafos colocam sempre à base das minas de Palmira, ou como esses pastores vestidos de um farrapo de púrpura que nos quadros do século XVII ornam as paisagens ideais.

O que essa humanidade de província faz, diz, sofre ou goza — é-lhe indiferente. Não é a ela que vai ver, se visita os lugares que ela habita: o que lá lhe move a curiosidade apressada é algum monumento, algum panorama — a paisagem, como diz Lord Beaconsfield. Para o estrangeiro, Portugal é Sintra, a Alemanha é o Reno: até mesmo na ideia de Lord Byron, e de outros depois dele, o

que estraga a beleza de Lisboa é a presença do Lisboeta — como a mim o que me estraga a Alemanha é a presença do Prussiano. Positivamente a multidão só reconhece uma sociedade — a de Paris e de Londres.

Mas, dentro em pouco, nem ruínas, nem monumentos haverá dignos de viagem; cada cidade, cada nação, se está esforçando por aniquilar a sua originalidade tradicional, nas maneiras e nos edifícios, desde os regulamentos de polícia até à vitrina dos joalheiros — a dar-se a linha parisiense. No Cairo, cidade dos califas, há cópias do Mabile, e os ulemás esquecem as metáforas gentis dos poetas persas, para repetir os ditos do *Figaro*; o primeiro som que ouvi, ao penetrar as muralhas de Jerusalém foi o

cancã da *Bela Helena*, e saiu da habitação de um rabi, de um doutor da lei santa; nas margens do Jordão, sobre a areia dourada, que os pés de Jesus pisaram, achei dois velhos colarinhos de papel, modelo Smith: bem sei que não pertenciam nem ao Salvador, nem ao Precursor, mas lá estavam, e despoetizavam suficientemente aquela riba sagrada.

O mundo vai-se tornando uma contrafação universal de Bulevar e da Regent Street. E o modelo das duas cidades é tão invasor que, quanto mais uma raça se desoriginaliza, e se perde sob a forma francesa ou britânica, mais se considera a si mesma civilizada e merecedora dos aplausos do *Times*. O Japonês julga-se, na escala dos seres, muito superior ao Chinês, porque em

Yedo já o indígena se penteia como o tenor Capoul e lê Edmond About no original; enquanto que a China, obsoleta nas vetustas ruas de Pequim, ainda vai no rabicho e em Confúcio. E, ainda assim, nas margens do Amor já há fábricas de tecidos de algodão, como em Manchester.

Positivamente, inclino também para a ideia de Lord Beaconsfield: a originalidade viva do universo está em Paris e em Londres: tudo mais é má imitação de província. Por isso que a curiosidade pública é impelida para lá — dando ao resto do mundo apenas aquele olhar rápido que se tem para o fundo dos retratos, onde verdejam vagos de paisagem ou se perfilam linhas de um pórtico.

É por isso que ninguém que tenha

o orgulho de se considerar ser racional prescinde de se informar diariamente de tudo que se passa em Paris ou em Londres, desde as revoluções até às *toilettes*, desde os poemas até aos escândalos.

O desejo mais natural do homem é saber o que vai no seu bairro e em Paris.

Que importa o que sucede na Ásia Central, onde os Russos se batem, ou na Austrália, onde há crise ministerial? O que se quer saber é o que fez ontem Gambetta, ou o que dirá amanhã o professor Tyndall.

E com razão: a Ásia Central e a Austrália não ensinam nada, e Paris e Londres ensinam tudo.

Tendo assim sacrificado suficientemente à regra, que quer que todo

o escritor da raça latina nunca enuncie a sua ideia ou conte o seu facto sem se fazer preceder de frases genéricas armadas em pórtico — creio que devo começar esta crónica falando hoje de Paris, capital dos povos e pátria genuína de Mr. Prudhomme...

O acontecimento saliente e comentado destes últimos dias é a manifestação do dia 23 de maio. Lembram-se que há nove anos, nessa data, na semana sanguinolenta da derrota da Comuna, os regimentos de Versalhes, invadindo Paris, numa demência de represálias, fizeram uma exterminação à antiga, fuzilando sem discernimento, pelos pátios dos quartéis, entre os túmulos dos cemitérios, sob o pórtico das igrejas, todo o ser vivo que era surpreendido com as

mãos negras de pólvora e um calor de batalha na face.

Trinta e cinco mil pessoas foram aniquiladas nesta Saint-Barthélemy conservadora, nesta hecatombe da plebe, oferecida em sacrifício à ordem com o delírio com que o rei de Daomé decapita tribos inteiras em honra do ídolo Gri-Gri, ou os Cartagineses imolavam uma mocidade, toda uma primavera sagrada, para aplacar o mais cruel dos Baals, o negro e flamejante Moloch.

Onde foram sepultados tantos montões de cadáveres?... Apenas se sabe que parte foi arremessada à vala comum do Père-Lachaise.

Os anos passaram, e os vencidos de então são hoje cidadãos formidáveis, armados não da espingarda

revolucionária, mas de um legal boletim de voto, e que, em lugar de erguer barricadas nas ruas, fazem deputados socialistas nas eleições.

No dia 23 de maio, pois, aniversário do extermínio dos seus, preparavam-se eles para ir através das ruas de Paris, numa vasta procissão funerária, com coroas de perpétuas na mão, visitar essa lúgubre vala onde apodrecem os seus mortos.

O Governo do Sr. Grevy, porém, inquietou-se com este cerimonial, e, ou prometendo concessões ao velho mundo *communard* a troco da desistência desta pompa fúnebre (tão parecida com uma comemoração triunfal), ou ameaçando mandar carregar vinte mil homens contra o préstito e fazer assim recair sobre os

chefes da manifestação a responsabilidade de um conflito civil — conseguiu que nesse dia a massa comunista ficasse chorando os seus mortos, no silêncio das suas alcovas. Mas alguns exaltados, desatendendo a disciplina do partido, persistiram na demonstração lutuosa; e assim como de uma nuvem negra, que ameaça um dilúvio, só vêm a cair aqui e além algumas gotas de água, assim de toda aquela população que devia descer dos *faubourgs* apenas se viram pelas ruas grupos de dez, quinze pessoas, dirigindo-se ao Père-Lachaise com a sua blusa nova, e a coroa de perpétuas na mão: somente por amor do símbolo, as coroas eram vermelhas.

Estes mesmos fragmentos de manifestação desagradaram ao Governo e

à Prefeitura, e viu-se então um espetáculo bem próprio a regozijar o coração do homem livre: quando, no Père-Lachaise, onde se apinhavam batalhões de polícias, um homem se aproximava da vala a depor a sua coroa sobre a erva verde, um *sergent de ville* precipitava-se, verificava de sobrolho duro que as perpétuas eram escarlates e arrastava o indivíduo ao cárcere; e se o cidadão, ignorando que sob a república é um crime chorar os mortos e ornar-lhes a sepultura, protestava com veemência, a polícia demonstrava-lhe, a pranchadas, que a república é um governo forte e contundente...

Mas o que iam eles fazer ao Père-Lachaise com as suas perpétuas simbólicas, estes revoltados, estes

exaltados, que em princípio abominam a religião e os seus cerimoniais?

O mais ilustre jornal do partido, o *Mot d'Ordre*, descrevia há dias uma festa no Sacré-Coeur nestes termos fantásticos: «Ontem havia, no Sacré-Coeur, uma reunião de indivíduos celebrando algumas cerimónias bárbaras em honra de um personagem esquisito e obscuro, vulgarmente designado pelo nome extravagante de Deus.» Ora parece extraordinário que indivíduos que possuem frases tão avançadas vão comemorar um aniversário de morte — da morte que não deve ser para eles mais que uma banal transformação da substância, com as tradicionais etiquetas do catolicismo; e que procedam, diante de um túmulo amigo, como se acreditassem

que o corpo jaz ali intacto e paciente, sob as flores agrestes, esperando o toque do clarim do Juízo Final, enquanto a alma paira no éter místico, misturando-se à vida terrestre e gozando a oferta de símbolos saudosos...

Mas, mais estranho que tudo, é a influência do *vermelho* no âmbito da polícia, como entre nós nos temperamentos dos touros.

Pode até certo ponto compreender-se que uma bandeira vermelha, batendo o ar desfraldada, lembrando arrogantemente a insurreição, possa irritar a bílis de uma polícia bem organizada; mas onde está o crime de uma pobre coroa de perpétuas tingidas de vermelho?

Porque, como muito nitidamente o

explicou o Sr. Andrieux, prefeito da polícia, o que ofendeu a república e a ordem foi a imprudência daquele escarlate! Se as perpétuas fossem amarelas, a república teria generosamente permitido a manifestação saudosa...

Logicamente, pois, uma rapariga que passe no Bulevar com duas rosas vermelhas ao peito deve ser arrastada diante de um conselho de guerra. A papoula torna-se um delito; e o mbor de uma face casta é ofensa à constituição.

Quando o senhor prefeito da polícia corta o seu dedo augusto com o seu canivete oficial, que deve fazer em presença do escândalo do seu sangue vermelho? Algemar-se a si mesmo, e a si próprio arremessar-se à palha húmida das masmorras. Mas o verdadeiro culpado é o

bom Deus, que prodigaliza o escarlate e as suas gradações nas flores, nas nuvens e, se nos não mente a Bíblia, até nas túnicas dos seus serafins! Ao cárcere o bom Deus!

Esta extravagância do chefe da polícia é melancólica.

Na Inglaterra reúnem-se em Hyde Park, quinze, vinte mil pessoas em *meeting*, com toda a sorte de emblemas, estandartes e charangas, todas as cores que a Providência fez e ainda todas as que a indústria inventou; declama-se, uivam-se cantos sagrados e ímpios, atira-se velha hortaliça à face dos oradores, absorvem-se pipas de cerveja, e a formidável polícia inglesa, de braços cruzados, sorri com bonomia à orgia cívica. É que todas estas vociferações e

todas essas cores deixam as instituições tão intactas e tão firmes como os velhos robles de Hyde Park; e, finda a hora do *meeting*, a grande massa dispersa com um sossego de fim de missa. Em França um grupo de homens vai em silêncio depor, sobre uma campa, flores de melancolia, e tudo treme, num receio que a forte república do Sr. Gambetta cambaleie ferida no coração!

Realmente, Calígula e Carlos IX fazem às vezes saudades...

Era Alfred de Musset que dizia nas suas patéticas estâncias à Malibran que, em França, quinze dias fazem de uma morte recente uma novidade. Talvez, quando é a Malibran que morre — um gorjeio de ave que se perde na noite. Mas, se o que desapareceu se chama Gustave

Flaubert e é o autor de *Madame Bovary* e da *Educação Sentimental* — quinze dias ou quinze anos podem passar sobre essa perda sem que a dor envelheça: sobretudo quando se pensa que esse poderoso artista, um dos maiores deste século, nos é estupidamente arrebatado no espaço de uma hora, por uma apoplexia, em plena força criadora, na véspera de terminar um livro supremo, em que pusera dez anos de trabalho, o melhor do seu génio e a sábia experiência de uma vida inteira.

Não é para esta crónica o estudar Gustave Flaubert. Só direi que a sua alta glória consistira em ter sido um dos primeiros, mais original em dar à arte contemporânea a sua verdadeira base, desprendendo-a das conceções idealistas do romantismo, apoiando-a toda sobre a

observação, a realidade social e os conhecimentos humanos que a vida oferece. Ninguém jamais penetrou com tanta sagacidade e precisão os motivos complexos e íntimos da ação humana, o subtil mecanismo das paixões, o jogo dos temperamentos no meio social; e ninguém marcou tão vasta e penetrante análise numa forma mais viva, mais pura e mais forte.

As suas criações — Madame Bovary, Homais, o farmacêutico, Leão, Frederico, Madame Arnoux — pelo poder de vitalidade que ele lhes imprimiu, participam de uma existência tão real, quase tão tangível como a nossa. Quando o seu enterro, em Ruão, passava junto do Sena, defronte de uma das lindas ilhas que ali verdejam, os que o acompanhavam

paravam um momento a olhar, a mostrar-se o sítio na fresca ilha em que Madame Bovary passeava com Leão, como se estivesse vendo por entre a folhagem dos choupos a sua figura nervosa e ligeira, e o vestido de merino claro que ela levava aos *rendez-vous*.

Madame Bovary é hoje uma obra clássica e decerto o seu melhor livro. Quem a não conhece e a não relê — essa história profunda e dolorosa de uma pequena burguesa de província, tal qual as cria a educação moderna desmoralizada pelos falsos idealismos e pela sentimentalidade mórbida, agitada de apetites de luxo e de aspirações de prazer, debatendo-se na estreiteza da sua classe como num cárcere social, correndo a esgotar de um sorvo todas as sensações e

voltando delas mais triste como dos funerais da sua ilusão, procurando alternadamente a felicidade na devoção e na voluptuosidade, ansiando sempre por *alguma coisa de melhor*, e arrastando uma existência minada desta enfermidade incurável — o desequilíbrio do seu sentimento e da razão, o conflito do ideal e do real: até que uma mão-cheia de arsénico a liberta de si mesma!

Na *Educação Sentimental*, concebe esta ideia de génio: pintar numa larga ação a fraqueza dos carateres contemporâneos amolecidos pelo romantismo, pelo vago dissolvente das conceções filosóficas, pela falta de um princípio seguro que, penetrando a totalidade das consciências, dirija as ações; e explicar por esta efeminação das

almas todas as instabilidades da nossa vida social, a desorganização do mundo moral, a indiferença e o egoísmo das naturezas, a decadência das classes médias, a dificuldade de governar a democracia...

Salambô é a prodigiosa reconstrução de um povo, de uma religião extinta, do violento e complicado mundo cartaginês: na *Tentação de Santo Antão*, de uma tão forte intuição, de uma erudição tão larga, pinta-nos tumultuosa a confusão mística de um cérebro de asceta, e atinge aí talvez a perfeição de uma forma tão viva, tão quente, tão elástica, que só a poderia comparar a uma carnação humana.

Particularmente, era o melhor dos homens. Tinha a nobre e santa faculdade

de admirar sinceramente; era destes a quem um belo verso, uma figura elevada, fazem humedecer os olhos de ternura: só sentia indiferença pelo pedantismo triunfante, e a indignação só lhe vinha diante do egoísmo burguês.

Viajou longos anos, foi amado, foi ilustre. Mas, -como disse Zola, o melhor das suas alegrias e das suas mágoas teve-as dentro da sua arte. Era verdadeiramente um monge das letras. Elas permaneceram sempre o seu fim, o seu centro, a sua regra. Vivia nelas como numa cela, alheio aos rumores triviais da vida. Foi um forte. A sua província vai erguer-lhe uma estátua: e decerto nunca fronte mais digna, modelada em mármore, reluziu à luz dos céus.

Os Duelos

Estas últimas semanas, em França, têm sido sanguinolentas. Os duelos sucedem-se tão regularmente como as madrugadas; e o primeiro espetáculo que o Sol, o velho e dourado Febo, avista, ao assomar a rósea varanda do Oriente, é um francês em mangas de camisa e de florete na mão, à beira de um arroio ou nas ervas de um prado, procurando varar com arte as vísceras essenciais de outro francês.

Parece que estamos sob o reinado do melancólico Luís XIII, quando, apesar dos éditos, mal tocava às ave-marias, não havia recanto sombrio do velho Paris onde não lampejassem duas espadas cruzadas, ou em tempos da república

romântica de 1848, em que dois sujeitos que não concordavam sobre a questão da Polónia, ou divergiam acerca de Jesus Cristo — um considerando-o um imortal filósofo, outro apenas um pequeno Deus sem importância —, corriam a retalhar-se ao sabre, nas sombras do Bosque de Bolonha.

Não pode agora um honesto melro gorjear pacificamente as suas reflexões da alvorada, sem que o venha interromper uma velha caleche a trote donde emergem, soturnos e de negro vestidos, sujeitos com um molho de espadões debaixo do paletó.

Não ficam cadáveres pelos campos; mas a epiderme dos jornalistas e dândis é abundantemente deteriorada.

Duelo de Rochefort com Koechlin; duelo de Laffite, do *Voltaire*, com o conde

de Dion; duelo de Fronsac, do *Gil Blas*, com o príncipe de Santa Severina; duelo de Lajeune-Villars com Lepelletier, do *Mot d'Ordre;* duelo em Avinhão, em Montplier, em Rennes, em Lião. Sem contar os duelos do conde de Hauterive, que esta semana se tem batido quatro vezes, ferindo todas as manhãs o seu homem com o mesmo florete entre o pulso e o cotovelo!

Este caso pitoresco faz-me lembrar os «combates do Sr. Paulo».

Não conhecem os combates do Sr. Paulo? É uma curiosa história do Bairro Latino, dos tempos em que ainda alvejava, entre as verduras do Luxemburgo, o vestido de cassa de Mimi. O Sr. Paulo era um discípulo ardente de Proudhon, que costumava ir todas as noites tomar o seu

grogue a um café da Rua Jean-Jacques Rousseau, e soltar, com voz rouca de profeta irritado, as frases célebres do Mestre: «Deus é o mal! A propriedade é o roubo! Queremos a liquidação social!»

A sua aparência era hoffmânica; duas longas pernas de cegonha triste, olhos rutilantes numa face ascética e uma gaforina descomunal, crespa, revolta e cor de estopa. De resto, bravo e honesto. Uma noite, o Sr. Paulo instalava-se diante do seu grogue, quando avista sobre a mesa um papelinho pérfido, contendo esta abominável sextilha:

A loura e doce Maria,
Que a ninguém de amores maltrata
Foi avisada outro dia
Que Paulo a vem visitar,

E ei-la que rompe a gritar:
— Depressa!, fechem a prata!

Só Homero, que disse os furores de Ájax, poderia pintar a cólera do Sr. Paulo e os seus repelões à guedelha... Logo ao outro dia tinha descoberto que o deplorável poeta era um sujeito obeso, de olho oblíquo, exalando um cheiro adocicado de sacristia — que saboreava também os seus grogues no café e dirigia um jornal jesuíta — *A Palavra.* A sextilha tomava, assim, as proporções sociais de uma injúria arremessada pela Igreja contra a revolução. Era a graça caluniando a consciência.

Daqui a um duelo no Bosque de Vincennes... Caminham um sobre o outro de pistola alta. Fogo! A bala do homem

d'*A Palavra* vai cravar-se na anca de um jumento, que a distância retouçava pensativamente a erva; a do Sr. Paulo, essa vai varar o chapéu alto de um dos padrinhos do devoto. Este sujeito franziu consideravelmente o sobrolho.

À noite, um excelente rapaz, Jacques Morot, reacionário também, abre a porta do café da Rua Rousseau e pergunta para dentro avidamente:

— Então, o duelo? Houve morte de homem?

— Não — respondeu alguém de uma mesa ao fundo. — Houve morte de jumento.

— O quê! Morreu Paulo?

E o Paulo que, ao lado, sorvia galhardamente o seu grogue, ergue-se, de juba eriçada e a injúria no lábio... E daí

outro duelo, à pistola também.

Foi no Bosque de Bolonha, esse, ao primeiro cantar da cotovia. A bala reacionária de Jacques perdeu-se entre as folhagens, mas a do Sr. Paulo lá foi varar o chapéu alto do padrinho — do mesmo, precisamente o mesmo que na véspera, ao lado do beato pançudo, tivera já o seu chapéu atravessado e franzira tanto o sobrolho.

— Compreendo! — rosnou este indivíduo lívido.

E à noite, no café, dirige-se à mesa onde o Sr. Paulo absorvia o seu grogue, exalando o seu socialismo, e acusa-o friamente, «de lhe querer tirar a vida dé um modo desleal e infame»!

— Pois atreve-se?... — ruge o Sr. Paulo.

— Sei o que digo: infame e desleal!

— Insolente!

— Garoto!

Novo duelo. Mas então os padrinhos assistiram de longe, estirados entre as ervas altas como lagartos assustados. Por precaução tinham-se recoberto de colchões... E as duas balas, com efeito, perderam-se pela amplidão dos céus. De uma dizia-se no café que fora parar a Pequim; da outra corria que, por um funesto hábito adquirido, andava ainda pelo Bosque de Bolonha, procurando entre os arvoredos o chapéu alto para se alojar.

Tais foram os combates do Sr. Paulo, discípulo de Proudhon.

Os conflitos de honra que têm este

final de *vaudeville* são, por fim, os mais aceitáveis.

Há de haver sempre duelos. É evidente que, enquanto os jornais publicarem em letra gorda e glorificadora as atas do desafio; enquanto os olhos das mulheres sorrirem ao ferido interessante que atravessa a sala pálido e de braço ao peito, ou o espadachim feliz que retorce o bigode; enquanto na rua burgueses pararem pasmados, murmurando ao ouvido da família: «Lá vai ele! Foi aquele que se bateu!», nem o código, nem o bom senso, nem melífluas máximas humanitárias impedirão jamais que o homem, publicamente ridicularizado ou publicamente injuriado, salte sobre a sua espada, gritando à turba: «Cá vou defender a minha honra!»

Haverá sempre quem consinta em esvair-se em sangue — tendo em redor as aclamações de um circo.

No mais grave dos homens há uma fibra de histrião.

O que convém, pois, à sociedade é que, nestes conflitos impostos pela exigência da vaidade e pelo despotismo do prejuízo, o sangue derramado se limite às três ou quatro gotas que um lenço de cambraia estanca.

No fim, a moralidade dos duelos está toda num dito de Rochefort.

— Tem sido feliz em seus desafios? — perguntava-lhe alguém.

— Felicíssimo. Tenho-me batido vinte e tantas vezes e volto sempre com a consciência serena e uma ferida séria...

Não se pode realmente vir

almoçar com a «consciência serena» quando se deixou um homem a agonizar numa poça de sangue; mas é triste também que para se poder gozar, com a alma tranquila, a omeleta do almoço, se deva voltar do campo de ventre rasgado ou com a clavícula em pedaços.

De sorte que o sujeito que quer defender a sua honra *a sério* por estes meios tem diante de si duas perspetivas amáveis: ou a permanente tortura de um remorso, ou a eterna paz de uma campa; e quando se é muito feliz, como Rochefort, dois meses de cama com uma víscera despedaçada.

Bem hajam, pois, os que nos seus duelos, como no caso do Sr. Paulo, atiram as balas para Pequim ou se arranham ligeiramente nos cotovelos!

Compreendem a sabedoria: a sociedade, a vaidade, os jornais, a opinião, as mulheres, pedem-lhes sangue? Bem!, vão a um recanto do Bosque, e extraem-se um ao outro, da ponta do dedo, a gota reclamada pela honra. A sociedade, a vaidade, etc., sorriem satisfeitas; e eles, serenos de consciência, curam-se pondo uma dedeira. Salutar prudência! E são igualmente heróis nas gazetas!

Foi votada na Câmara a amnistia, e sê-lo-á certamente no Senado. Nenhum vestígio, pois, restará da insurreição da Comuna em 1871. As casas ardidas foram reedificadas; há longo tempo que secaram as poças de sangue nas ruas; a hera disfarça poeticamente as ruínas das Tulherias; os fuzilados de então são hoje terra fértil onde a erva cresce, alta e

vasta: os degredados, os fugitivos, reentram na vida legal; a *questão da amnistia*, que se arrastava nas controvérsias dos jornais como um farrapo sinistro de guerra civil, é varrida para o lixo; e sobre aquela pavorosa loucura cai enfim solenemente uma lápide de esquecimento. Viva a França!

Tudo isto é excelente: não haveria mesmo o direito de vencer, se não houvesse o direito de perdoar.

O Sr. Grevy, que restituíra a pátria a centenares de comunistas por compaixão — não podia deixar outros centenares no degredo, por legalidade. Não era lógico que os que fuzilavam os dominicanos pudessem fumar o seu cigarro no Bulevar, enquanto Rochefort, que a Comuna condenou à morte, sofria o melancólico

exílio de Genebra, e Trinquet, reabilitado publicamente por Gambetta, fabricava tamancos nos presídios da Nova Caledónia. Mas dá-se uma circunstância singular: há três meses o ministro Freycinet declarava, entre as aclamações da maioria, que a França não estava suficientemente pacificada, nem a república talvez bastante forte, para deixar voltar a legião da Comuna, e ontem o mesmo Sr. de Freycinet, aos aplausos da maioria, afirmava que era tão sólida a unidade da república, tão completa a quietação dos espíritos, que não se podia adiar por mais um dia esta larga absolvição das barricadas de 1871.

Em março a amnistia era uma imprudência, em junho é uma necessidade! Noventa dias não são

suficientes para que mudassem assim tão radicalmente a opinião da França e o interesse da república. Portanto, aqui, como se dizia nas óperas cómicas da minha infância, *há um mistério*. Qual é, pois, esse mistério? É a vontade do Sr. Gambetta. Foi ele, esse todo-poderoso, esse Deus de Israel, esse Luís XIV da república, esse augusto dono de França — que assim o decidiu. Ele via que a recusa da amnistia o despopularizava já na forte maioria da democracia: percebia que ia sendo aí considerado como a encarnação mesma da república burguesa e o continuador do doutrinarismo do Sr. Thiers; sentia que os seus bairros proletários, Montmartre e Belleville, já lhe retiravam os votos e a confiança para os darem a Clemenceau.

Gambetta reconhece bem que, hoje, a burguesia já não é um terreno suficientemente sólido para edificar nele uma fortuna política, é na força do proletariado que se quer apoiar — e, portanto, resolveu, como um Jeová prudente, readquirir a devoção do seu povo, restituindo-lhes os profetas exilados. E aí está como a amnistia não é um grande ato de reconciliação pública, mas uma astuta manha do ditador, para não ser perturbado na lenta jornada que o vai levando à presidência da república, se não a um cesarismo jacobino. Para mudar a opinião do ministério Freycinet, bastou-lhe ordenar; e para convencer a câmara, bastou-lhe falar.

No dia da discussão do projeto da amnistia deixa melodramaticamente a sua

cadeira de presidente, e de gravata branca, rubro como uma papoula, com a sua cabeleira solta à maneira de uma juba, aparece na tribuna; e não creio que desde os Gracos, ou desde Mirabeau, jamais a palavra de um homem revolvesse tanto um país! Todos os jornais, os mais hostis, reconhecem que nunca Ele fora tão poderoso.

Vai o E maiúsculo, porque parece que se trata verdadeiramente de um Deus.

Na rua vê-se gente de olho esgazeado, e arrepiada de emoção, murmurando: «Gambetta falou!» Assim se devia dizer em Israel, quando corria voz pelas tendas dispersas das tribos que Jeová perorava de entre a sua sarça ardente. Eu não o ouvi. O seu discurso lido aqui no jornal afigura-se-me uma

prosa ressoante e oca como um tambor, mais própria da ênfase castelhana que da língua lúcida e disciplinada em que Voltaire escreveu. Parece, porém, que a sua formidável figura, os acentos pungentes da sua voz cativante, soltando os grandes nomes de *França* e *pátria* e *república*, os seus gestos de apóstolo possuído do espírito; maioria de pé, numa aclamação, como nos dias patéticos da Convenção; a direita muda e aterrada, as galerias num êxtase vibrante — tudo isto formou um quadro grandioso, quase heroico.

Eu espero, para o admirar, que um mestre o imortalize na tela e o popularize pela litografia. Até lá, por Júpiter, sustento que esta arenga não me parece do meu Gambetta, do antigo e forte Gambetta;

dir-se-ia antes ser do copioso Odine Barrot. Não vejo aqui as ideias que fundam, nem as palavras que ficam. O que abunda, sim, é o emprego triunfante do pronome pessoal *eu*.

«*Eu* consultei o país! *Eu* disse à Europa! *Eu* faço! *Eu* quero!» E assim se desfaz, enfim, o equívoco enorme; é ele realmente que governa, possui a França: o Sr. Grevy está ali como uma figura ornamental; o Sr. de Freycinet e o seu ministério são o coro explicativo; a câmara um mero serviço de votação. Só ele fica acima destas frações, como a mesma alma da república. E pela segunda vez, desde Mazarino, com respeito o digo, um italiano é o senhor das Gálias.

Não creio, porém, que esta amnistia, tão generosamente concedida

pelo Sr. Gambetta, desarmará o socialismo, e o reconciliará com a república conservadora. Espanto-me mesmo que haja velhos jornais, cobertos de experiência e de cãs, que o acreditem, com a ingenuidade de tenros entusiastas. E o mesmo Gambetta parece crê-lo quando exclama que, eliminada esta questão irritante, haverá só um república e uma só. França.

Retórica. A *questão da amnistia* era decerto, nas mãos da esquerda intransigente, uma arma útil: «Vede essa república de conservadores, que deixa nas galés os vossos irmãos, os vossos maridos!» Este grito ia direito à indignação dos homens e à sensibilidade das mulheres.

Para resolver o operário era

decerto um ótimo grito: mantinha-o em desconfiança e em hostilidade; e nas eleições próximas levaria decerto a turba proletária para os candidatos do socialismo. Mas perdida esta arma contra a república do justo meio, esta durindana brilhante do *Rappel* e do *Mot d'Ordre*, restam inumeráveis máquinas de guerra no vasto arsenal da questão social. Basta por exemplo pôr em posição a famosa catapulta da separação da Igreja e do Estado, para abalar a frágil muralha do gambettismo.

Os conservadores, para se conservarem a si mesmos, terão de ceder: e de concessão em concessão, como um sapo aos saltinhos sucessivos, irão cair na goela escarlate da serpente socialista. Todas as medidas destes últimos dois

anos, «depuramento do funcionalismo, expulsão dos jesuítas e volta dos comunistas», têm sido exigências da extrema-esquerda, do mundo do *Rappel*, da *Justice* e do *Mot d'Ordre*.

E outras reclamações virão — todas necessariamente satisfeitas — e cada uma tirando um cabelo a Sansão e uma parcela da sua força à república... A questão está colocada entre o *proletário* e o *burguês*. É Clemenceau contra Gambetta. E *isto* que é o socialista Clemenceau matará fatalmente *aquilo* que é o jacobino Gambetta: e *isto* que é o sapateiro Trinquet eliminará mais tarde *aquilo* que é o filósofo Clemenceau...

Mas por estes dias ao menos, esta república moderada está sólida. Tem por si a burguesia: os burgueses de hoje são a

antiga população das Gálias — que já no tempo de César amava sobretudo as palavras sonoras e as espadas atrevidas. Por isso a burguesia se sente segura apoiando-se na oratória de Gambetta e no sabre de Gallifet.

Para nós, que não somos franceses, preparam-se-nos horas de jovialidade, porque vêm aí os exilados e à frente Rochefort. Se o grande panfletário, o *gaiato sublime* como lhe chamou Michelet, o ardente sagitário, não perdeu nas amarguras do desterro a sua *verve* prodigiosa, o ardor acerado, as luminosas flechas que feriram de morte o império — por Júpiter! — vai ser curioso vê-lo erguer-se no Bulevar, como nos dias inolvidáveis da *Lanterna*, com a face pálida e a sua gaforina de Satanás,

heroico e ágil diante do passado, do presidente Gambetta.

O jornal que vai fundar chama-se o *Intransigente*. Já é bom! E vem azedado por dez anos de exílio injusto, porque (ninguém o ignora) foi a *Lanterna* e a sua luta contra o império que o levaram à Nova Caledónia por sentença de um conselho de guerra, composto dos velhos generais de César, e não a sua participação na Comuna, que ele combateu implacavelmente e que o condenou à morte. Por isso ele permaneceu querido de toda a França, esse homem que tem o espírito de Voltaire, a temeridade heroica, a honradez de um Bayard; este marquês de Rochefort e de Luçay, que as duquesas chamam o primo Rochefort, generoso paladino dos

humildes, que foi durante os últimos anos de Napoleão a alegria viva da França e uma das honras da liberdade. Os seus mesmos inimigos o admiram: e foi por terror ao seu espírito que a república conservadora o manteve no exílio perpétuo, excluído de todos os perdões. E vem aí! Positivamente, vamos rir.

Os comunistas entram e os jesuítas saem. Nada me parece mais insensato que esta expulsão.

Deus sabe que eu não amo os jesuítas: tudo neles me é antipático — a sua face descaída e olho oblíquo, a roupeta lúgubre, a sua moral, a sua abominável *suma teológica*, a sua ciência seca e hierática, o seu frio estilo de arquitetura, a sua maneira de enriquecer, com contabilidade escrita em grego, a sua

grosseira e equívoca idolatria pela Virgem Maria, a sua organização tenebrosa e conspiradora, que faz assemelhar a Companhia a um carbonarismo teocrático. Mas dispersá-los parece-me singularmente impolítico, ilógico e pueril; se se pretende destruir a sua funesta influência na sociedade francesa — então é necessário expulsar o clero inteiro, pois ninguém ignora que a Igreja hoje está totalmente penetrada do espírito jesuítico. O catolicismo é o jesuitismo.

Quem governa a Igreja não é Leão XIII, o *Papa Branco* é o *Papa Negro*, o padre Beichx. E esta solidariedade com a Companhia — o clero regular aceita-a, reveste-se dela como de uma insígnia, e considera-se ferido pelas leis dirigidas

contra o Instituto de Santo Inácio. Se se quer eliminar o ensino dos jesuítas, fatal à alma das gerações novas, recaímos na mesma necessidade lógica de suprimir todo o ensino clerical, semelhante, paralelo, ao que emana dos jesuítas. De que serve fechar três ou quatro estabelecimentos da Companhia — se fica todo um clero compacto para os substituir como pedagogos, como conspiradores e como inimigos da democracia?

Além disso os jesuítas expulsos das suas grandes residências irão ensinar particularmente, dispersos pelas cidades e pelos campos; em lugar da roupeta vestirão a quinzena — e nem por isso o seu ensino será mais democrático. E se ainda lhes forem arrancados os livros da escola — lá ficam os dominicanos, os

maristas, os lazaristas, os franciscanos, os irmãos cristãos, e outros inumeráveis para ensinarem o mesmo com a exaltação de quem espalha uma ideia perseguida.

É pueril; os republicanos que hoje governam riam quando o império imaginava extinguir o socialismo dispersando a Internacional; e recaem no mesmo erro pensando aniquilar o clericalismo fechando três conventos de jesuítas!

Será necessário eliminar as mães devotas e os pais católicos; proibir que haja almas que por debilidade, ou religiosidade terna, se precipitem para as lições da mística de S. Tomás como para o melhor alimento terrestre. Se o ensino teológico é perigoso oponha-se-lhe o ensino científico. Esmaguem o padre com

o filósofo. Mas não é rasgando uma roupeta que se reprime um ideal.

E depois, para quem ama realmente a liberdade, é repugnante estar lendo todos os dias nos jornais que já os jesuítas e as outras congregações ameaçadas começam a encaixotar os seus livros, a enfardelar tristemente os seus trapos, a despregar um ou outro painel da sua cela, porque se aproxima o dia 29, em que dois gendarmes de espadão à cinta virão arrancá-los aos conventos que são seus, edificados pela sua diligência, pagos com o seu metal e tantos anos habitados pela sua devoção.

Há nisto um sabor desagradável à revogação do Édito de Nantes, à expulsão dos judeus, a missionários apupados pela população chinesa.

Há dias vi um velho frade franciscano, assustado e melancólico, comprando timidamente uma maleta; havia tanta amargura no olhar que o pobre mendicante dava àquele saco de couro que ia ser seu companheiro de exílio — que me veio uma cólera, uma revolta contra o Sr. Jules Ferry e o seu racionalismo prudhonesco.

Ora nada mais impolítico que provocar este sentimento: o frade torna-se mais interessante; e os fracos, os sentimentais, os religiosos, as mulheres, são atraídos para este exilado, este mártir errante, esta vítima dos Dioclecianos de chapéu alto, que se lhes afigura a encarnação mesma do crucificado.

Eu não sou um devoto, mas parece-me ímpio exilar aqueles que não

têm as nossas opiniões. E uma república que expulsa uma classe inteira de cidadãos por acreditarem na graça, acenderem luzes à Virgem Maria e considerarem o conde de Chambord como um ser providencial e um messias forte — mostra uma falta de senso político, e pratica um vergonhoso abuso da força.

Mas suponhamos que eles são grandes criminosos. Pois bem! Estamos agora num momento de clemência pública, perdoou-se ontem àqueles que consideram Deus um tirano; perdoe-se hoje àqueles que consideram Luís XVI um santo. E aqui está o que eu humildemente proporia — que a amnistia dada aos comunistas se estenda às congregações religiosas!

Ainda nesta carta lhes não falo da Inglaterra. A culpa é toda dela. Caso

extraordinário; há já semanas que este grande e amado país não produz um acontecimento, um escândalo, um livro, um sistema filosófico, uma religião, uma máquina, um quadro, uma guerra ou um dito! Está nesse brando repouso a que se abandona sempre aos primeiros calores de junho. Deixemo-la descansar reclinada sob a sombra da frondosa faia, nestes ócios que lhe faz a suprema liberdade na suprema força.

O Imperador Guilherme

«Lui, toujours lui!... Ele, sempre ele!...» Assim, no tempo das *Vozes Interiores*, clamava Victor Hugo, cansado, quase estafado de que ao seu espírito de poeta que tantos problemas divinos e humanos solicitavam, se impusesse ainda com imperiosa insistência, monopolizando os pensamentos melhores e os melhores alexandrinos, a imagem atravancadora de Napolão, *o Grande*. Nós hoje também podemos murmurar com impaciência: «Lui, toujours lui!... Ele, sempre ele!» — perante esse outro imperador que ainda não venceu a batalha de Marengo nem a de Austerlitz e que todavia, em meio de todos os problemas

sociais, morais, religiosos, políticos e económicos que nos devoram, tão estranha e ruidosa expansão dá à sua individualidade, e tão confiadamente a arremessa através dos nossos destinos, que ele próprio se tornou um problema europeu — e ocupa tanto o nosso pensamento como o socialismo, a evolução religiosa, ou a crise capitalista! Talvez mais — porque até o próprio Sr. Renan, cuja alma, pelo exercício constante do ceticismo, ganhou a impermeabilidade e a doce indiferença de uma cortiça, para quem toda a vaga é embaladora e boa, declara na sua derradeira epístola aos incrédulos que só lhe pesa morrer (e pelas suas confissões bem sabemos quanto a vida lhe corre deliciosa e perfeita!) por não poder

assistir ao desenvolvimento final da personalidade do imperador da Alemanha!

Com efeito, desde que subiu ao trono, Guilherme II, imperador e rei, ainda não deixou de atrair e reter sobre si a curiosidade do mundo, uma curiosidade divertida e arregalada de público que espera surpresas e lances — como se esse trono da Alemanha fosse na realidade um palco vistosamente ornado no Centro da Europa. E esta é até agora a obra pitoresca de Guilherme II — o ter convertido o trono dos Hohenzollerns num palco onde ele constantemente e soberbamente se exibe com caracterizações inesperadas. Bem pode, pois, o sentimental heresiarca da *Vida de Jesus* lamentar que a morte lhe não

consinta assistir, no quinto ato, à solução deste imperador problemático! Pois que, por ora, neste primeiro ato de três anos, desde que ele trilha o seu palco imperial, Guilherme II, pela diversidade e multiplicidade das suas manifestações, só tem revelado que existem nele, como outrora em Hamlet, os germes de homens vários, sem que possamos preconceber qual deles prevalecerá, e se esse, quando definitivamente desabrochado, nos espantará pela sua grandeza ou pela sua vulgaridade. Realmente, neste rei, quantas encarnações da realeza!

Um dia é o rei-militar, rigidamente hirto sob o casco e a couraça, ocupado somente de revistas e manobras, colocando um render da guarda acima de todos os negócios de Estado,

considerando o sargento instrutor como a unidade fundamental da nação, antepondo a disciplina do quartel a toda lei moral ou da Natureza, e concentrando a glória da Alemanha na hirta precisão com que marcham os seus galuchos. E subitamente despe a farda, enverga a blusa, e é o rei-reformador, só atento às questões do capital e do salário, convocando com fervor congressos sociais, reclamando a direção de todos os melhoramentos humanos, e decidindo penetrar na história abraçado a um operário como a um irmão que libertou. E logo a seguir, bruscamente, é o rei de direito divino, à Carlos V ou à Filipe Augusto, apoiando altivamente o seu cetro gótico sobre o dorso do seu povo, estabelecendo como norma de todo o governo o *sic volo sic jubeo*, reduzindo

a «suma lei à vontade do rei» e, certo da sua infalibilidade, sacudindo desdenhosamente para além das fronteiras todos os que nela não creem com devoção. O mundo pasma — e, de repente, ele é o rei de corte, mundano e faustoso, atento meramente ao brilho e ordem sumptuosa da etiqueta, regulando as galas e as mascaradas, decretando a forma do penteado das damas, condecorando com a Ordem da Coroa os oficiais que melhor valsam nos *cotillons*, e querendo volver Berlim num Versalhes donde emane o preceito supremo do cerimonial e do gosto. O mundo sorri — e repentinamente é o rei moderno, o rei século dezanove, tratando de *caturra* o passado, expulsando da educação as humanidades e as letras clássicas,

determinando criar pelo parlamentarismo a maior soma de civilização material e industrial, considerando a fábrica como o mais alto dos templos, e sonhando uma Alemanha movida toda pela eletricidade...

Depois, por vezes, desce do seu palco — quero dizer do seu trono — e viaja, dá representações através das cortes estrangeiras. E aí, desembaraçado da majestade imperial, que em Berlim imprime a todas as suas figurações um caráter imperial, aparece livremente sob as formas mais interessantes que pode revestir nas sociedades o homem de imaginação. A caminho de Constantinopla, singrando os Dardanelos, na sua frota, é o artista que em telegramas ao chanceler do império (em que assina *imperator rex*) pinta, numa forma carregada de

romantismo e cor, o azul dos céus orientais, a doçura lânguida das costas da Ásia. No Norte, nos mares escandinavos, entre os austeros fiordes da Noruega, ao rumor das águas degeladas que rolam por entre a penumbra dos abetos, é o místico, e prega sermões sobre o seu tombadilho, provando a inanidade das coisas humanas, aconselhando às almas como única realidade fecunda a comunhão com o eterno! Voltando da Rússia é o alegre estudante, como nos bons tempos de Bona, e da fronteira escreve para Sampetersburgo ao marechal do palácio uma carta em verso, fantasistamente rimada, a agradecer o caviar e as sanduíches de *foie-gras* colocadas no seu vagão como provido farnel de jornada. Em Inglaterra está em um luxuoso centro

de sociabilidade, e é o dândi, com os dedos faiscantes de anéis, um cravo enorme na sobrecasaca clara, borboleteando e furtando com a veia soberba de um D'Orsay!... E subitamente, em Berlim, por alta noite, as cometas soltam ásperos toque de alarme, todos os fios da Agência Havas estremecem, a Europa, assustada, corre às gazetas, e um rumor passa, temeroso, de que «haverá guerra na primavera»! Que foi? *No es nada*, como se canta no *Pan y Toros*. É apenas Guilherme II que ressubiu ao seu palco — quero dizer ao seu trono.

O mundo perplexo, murmura: «Quem é este homem tão vário e múltiplo? O que haverá, o que germina dentro daquela cabeça regulamentar de oficial bem penteado?» E o Sr. Renan

geme por morrer talvez antes de assistir, como filósofo, ao desenvolvimento completo desta ondeante personalidade! Assim, Guilherme II se tornou um problema contemporâneo — e há sobre ele teorias como sobre o magnetismo, a influenza, ou o planeta Marte. Uns dizem que ele é simplesmente um moço desesperadamente sedento da fama que dão as gazetas (como Alexandre, *o Grande*, que, em risco de se afogar, já sufocado, pensava no «que diriam os Atenienses») e que, mirando à publicidade, prepara as suas originalidades com o método, a paciência e a arte espetacular com que Sara Bernhardt compõe as suas *toilettes*. Outros sustentam que há nele apenas um fantasista em desequilíbrio, arrebatado

estonteadamente por todos os impulsos de uma imaginação mórbida, e que, por isso mesmo que é imperador quase omnipotente, exibe soltamente sem que uma resistência vigilante lhos coíba e lhos limite todos os desregramentos dà fantasia. Outros, por fim, pretendem que ele é apenas um Hohenzollern em que se somaram e conjuntamente afloraram com imenso aparato todas as qualidade de cesarismo, misticismo, sargentismo, bureaucratismo e voluntarismo que alternadamente caracterizavam os reis sucessivos desta felicíssima raça de fidalgotes de Brandeburgo...

Talvez cada uma destas teorias, como sucede felizmente com todas as teorias, contenha uma parcela de verdade. Mas eu antes penso que o imperador

Guilherme é simplesmente um *diletante da ação* — quero dizer um homem que ama fortemente a ação, compreende e sente com superior intensidade os prazeres infinitos que ela oferece, e a deseja portanto experimentar e gozar em todas as formas permissíveis da nossa civilização. Os diletantes são-no geralmente de ideias ou de emoções — porque para compreender todas as ideias ou sentir todas as emoções basta exercer o pensamento ou exercer o sentimento, e todos nós, mortais, podemos, sem que nenhum obstáculo nos coarte, mover-nos liberrimamente nos ilimitados campos do raciocínio ou da sensibilidade. Eu posso ser um perfeito diletante de ideias, modestamente fechado com os meus livros, na minha biblioteca — mas se

tentasse ser um diletante da ação, nas suas expressões mais altas, comandar um exército, reformar uma sociedade, edificar cidades, teria de possuir, não uma livraria, mas um império submisso. Guilherme II possui esse império; e hoje que se libertou da dura superintendência do velho Bismarck pode abandonar-se ao seu insaciável diletantismo da ação com a licença «com que o corcel novo (como diz a Bíblia) galopa no deserto mudo». Quer ele o gozo de comandar vastas massas de soldados, ou de sulcar os mares numa frota de ferro? Tem só de lançar um telegrama, fazer ressoar um clarim. Quer ele a delícia de transformar, nas suas mãos potentes, todo um organismo social? Tem só de anunciar: «Esta é a minha ideia.» E lentamente a seus pés começará

a surgir um mundo novo.

Tudo pode, porque governa dois milhões de soldados e um povo que só zela a sua liberdade nos domínios da filosofia, da ética ou da exegese, e que quando o seu imperador lhe ordena que marche — emudece e marcha.

E tudo pode ainda porque inabalavelmente acredita que Deus está com ele, o inspira e sanciona o seu poder.

E é isto o que torna, para nós, prodigiosamente interessante o imperador da Alemanha — é que, com ele, nós temos hoje neste filosófico século, entre nós, um homem, um mortal, que mais que nenhum outro iniciado, ou profeta, ou santo, se diz, e parece ser, o íntimo e o aliado de Deus! O mundo não tornara a presenciar, desde Moisés no Sinai, uma tal intimidade

e uma tal aliança entre a criatura e o Criador. Todo o reinado de Guilherme II nos aparece assim como uma ressurreição inesperada do mosaísmo do *Pentateuco*. Ele é o dileto de Deus, o eleito que conferencia com Deus na sarça ardente do *schloss* de Berlim, e que, por instigação de Deus, vai conduzindo o seu povo às felicidades de Canaã. É verdadeiramente Moisés II! Como Moisés, de resto, ele não se cansa de afirmar estridentemente, e cada dia, para que ninguém a ignore, e por ignorância a contrarie, esta sua ligação espiritual e temporal com Deus, que o torna infalível e, portanto, irresistível. Em cada assembleia, em cada banquete em que discursa (e Guilherme é de todos os reis contemporâneos o mais verboso) lá vem logo à maneira de um mandamento,

esta afirmação pontifical de que Deus está junto dele, quase visível na sua longa túnica azul dos tempos de Abraão, para em tudo o ajudar e o servir com a força desse tremendo braço que pode sacudir através dos espaços, os astros e os sóis, como um pó importuno. E a certeza, o hábito desta sobrenatural aliança vai nele crescendo tanto que de cada vez alude a Deus em termos de maior igualdade — como aludiria a Francisco de Áustria, ou a Humberto, rei de Itália. Outrora ainda o denominava, com reverência, o «amo que está nos céus», o «muito alto que tudo manda». Ultimamente, porém, arengando com champanhe aos seus vassalos da marca de Brandeburgo, já chama familiarmente a Deus — o «meu velho aliado»! E aqui temos Guilherme & Deus,

como uma nova firma social, para administrar o universo. Pouco a pouco mesmo, talvez Deus desapareça da firma e da tabuleta, como sócio subalterno que entrou apenas com o capital da luz, da Terra e dos homens, e que não trabalha, ocioso no seu infinito, deixando a Guilherme a gerência do vasto negócio terrestre — e teremos então apenas Guilherme & C.ª. Guilherme, com supremos poderes, fará todas as operações humanas. E «companhia» será a fórmula condescendente e vaga com que a Alemanha de Guilherme II designará Aquele para quem todavia, segundo cremos — Guilherme II e a Alemanha toda são tanto, ou tão pouco, como o pardal que neste instante chalra no meu telhado!

Um magnífico e insaciável desejo de gozar e experimentar todas as formas de ação, com a soberana segurança que Deus lhe garante e promove o êxito triunfal de cada empreendimento — eis o que me parece explicar a conduta deste imperador misterioso. Ora, se ele dirigisse um império situado nos confins da Ásia, ou se não possuísse na Torre Júlia um tesouro de guerra para manter e armar dois milhões de soldados, ou se estivesse cercado por uma opinião pública tão ativa e coercitiva como a da Inglaterra, Guilherme II seria apenas um imperador, como tantos, na história, curioso pela mobilidade da sua fantasia e pela ilusão do seu messianismo. Mas, infelizmente, plantado no Centro da Europa trabalhadora, com centenares de

legiões disciplinadas, um povo de cidadãos disciplinados também e submissos como soldados — Guilherme II é o mais perigoso dos reis, porque falta ainda ao seu diletantismo experimentar a forma da ação mais sedutora para um rei — a guerra e as suas glórias. E bem pode suceder que a Europa um dia acorde ao fragor de exércitos que se entrechocam — só porque na alma do grande diletante o fogoso apetite de «conhecer a guerra», de gozar a guerra, sobrepujou a razão, os conselhos e a piedade da pátria. Ainda há pouco, de resto, ele assim o prometia aos seus fiéis solarengos do Brandeburgo: «Levar-vos-ei a belos e gloriosos destinos.» Quais? A várias batalhas decerto, onde triunfarão as águias germânicas... Guilherme II não o duvida

— pois tem por aliado, além de alguns reis menores, o Rei Supremo do Céu e da Terra, combatendo entre a *Landwehr* alemã, como outrora a Minerva Ateneia, armada da sua lança, combatia contra os bárbaros em meio da falange grega.

Esta certeza da aliança divina!... Nada pode dar mais força a um homem, na verdade, que uma tal certeza, que quase o diviniza. Mas, também, a que riscos ela arrasta! Porque nada pode fazer tombar mais fundamente um homem do que a evidência, perante a crua contradição dos factos, de que essa certeza era apenas a quimera de uma desordenada fatuidade. Então verdadeiramente se realiza a queda bíblica do alto dos céus. Houve um povo que se proclamava outrora o eleito de Deus: mas apenas se provou que Deus não

o elegera, nem o preferia a outro, por isso que o abandonava desdenhosamente, foi desmantelado com incomparável furor, disperso e apedrejado por todos os caminhos do mundo, e encurralado em guetos onde os reis lhe estampavam sobre a casa e sobre a campa uma marca como a que se estampa sobre a moeda falsa.

Guilherme II corre este lúgubre perigo de cair nas Gemónias. Ele assume hoje temerariamente responsabilidades que em todas as nações estão repartidas pelos corpos de Estado — e só ele julga, só ele executa, porque é a ele, e não ao seu ministério, ao seu conselho, ao seu parlamento, que Deus, o Deus de Hohenzollern, comunica a inspiração transcendente.

Tem portanto de ser infalível e de

ser invencível. No primeiro desastre, ou lhe seja infligido pela sua burguesia ou pela sua plebe nas ruas de Berlim, ou lhe seja trazido por exércitos alheios numa planície da Europa, a Alemanha imediatamente concluirá que a sua tão anunciada aliança com Deus era uma impostura de déspota manhoso.

E não haverá, então, da Lorena à Pomerânia, pedras bastantes para lapidar o Moisés fraudulento! Guilherme II está na verdade jogando contra o destino esses terríveis *dados de ferro*, a que aludia outrora o esquecido Bismarck. Se ganha dentro e fora da fronteira, poderá ter altares como teve Augusto (e de facto também Tibério). Se perde é o exílio, o tradicional exílio, em Inglaterra, o cabisbaixo exílio, esse exílio que ele hoje

tão duramente intima àqueles que discrepam da sua infalibilidade.

E não se mostraram já os prenúncios vagos do desastre? O grande imperador há dias recebeu apupos nas ruas de Berlim. As plebes desconfiam de Guilherme e do seu Deus. E (sinal temeroso) os pensadores e os filósofos que foram sempre, na muito intelectual Alemanha, os formidáveis esteios do despotismo militar dos Hohenzollerns, começam a amuar com o trono e a retroceder, pelos caminhos vagarosos do liberalismo, para o povo e para a justiça social de que ele tem a consciência ainda tumultuosa, mas exata. Onde estão os tempos em que Hegel considerava a autocracia prussiana quase como uma parte integrante da sua filosofia e da

ordem do universo? Onde estão as admirações de Hebart pelo «Estado concentrado no soberano»? Onde estão esses altos entendimentos ensinando nas universidade que a suma da sapiência política na Prússia era «Deus salve o rei»? Onde estão esses louvores ao direito divino dos Hohenzollerns, cantados por Strauss, por Mommsen, por Von Sybel? Tudo passou! A metafísica rosna descontente. Das duas grossas pedras angulares da monarquia prussiana, o filósofo e o soldado, Guilherme II hoje só tem o soldado — e o trono, sobrecarregado com o imperador e o seu Deus, pende todo para um lado, que é talvez o do abismo...

Conseguirá o filósofo persuadir o soldado a sacudir por seu turno o peso

sob que geme e mesmo sob que sangra, se são verídicas as acusações do príncipe Jorge de Saxe? O soldado sai do povo, e sabe ler. E se, como a Alemanha toda afirmou, foi o mestre-escola quem venceu em Sadova e em Sedan — é talvez ele ainda, com o seu novo livro e a sua nova férula, que vencerá em Berlim.

O Sr. Renan tem, pois, razão, grandemente: e nada mais atrativo, neste momento do século, de que assistir à solução final de Guilherme II. Dentro de anos, com efeito (que Deus faça bem lentos e bem longos), este moço ardente, imaginativo, simpático, de coração sincero e talvez heroico, pode bem estar, com tranquila majestade, no seu *schloss* de Berlim gerindo os destinos da Europa, ou pode estar, melancolicamente, no Hotel

Metrópole, em Londres, desempacotando da maleta do exílio a dupla coroa amolgada da Alemanha e da Prússia.

O Grand-Prix

Na semana passada o Grand-Prix — que é a solenidade oficial do *sport*, do jogo e das *toilettes*. Todos estes elementos estiveram magnificamente representados na planície de Longchamps, sob um sol mais severo que o de Java. Os cavalos eram tão bons que o vencedor, um cavalo francês com o nome de um herói húngaro, venceu apenas por uma *quarta parte do focinho*. As apostas elevaram-se a mais de *seis milhões*. E havia *toilettes* portentosas, entre as quais um vestido negro, todo ornado de crisântemos brancos.

A tribuna republicana do presidente estava salpicada de sangue

real: a rainha-mãe de Portugal, D. Maria Pia; a duquesa de Aosta, cunhada do rei de Itália, uma mulher esplêndida, que parece uma Vénus de Milo metida dentro de um vestido da Laferrière, e que seria realmente digna da Grécia se não fosse um não sei quê de japonês nos olhos oblíquos. E depois um príncipe índio, o marajá de Laore, infelizmente de sobrecasaca preta e sem diamantes. (Que diriam a esta sóbria sobrecasaca os seus rutilantes avós que já reinavam muito séculos antes de Cristo?)

O calor era horrífico. (Creio que já aludi a este calor, que ainda sinto.) À noite, no Jardim de Paris, houve, sob as árvores e os bicos de gás, a orgia tradicional. Toda a mocidade estava brilhantemente borracha *sicut licet*. A

única inovação foi a troca geral de chapéus: os homens tinham coroado as cabeças, frisadas ou calvas, com os floridos e emplumados chapéus das mulheres; e elas, as doces criaturas, arvoravam todas chapéus altos. Este modesto delírio não deve fazer supor que Paris perdesse a seriedade.

Nunca existiu cidade mais grave do que Roma (a verdadeira, a romana). Pois no dia das Saturnais, que era uma espécie de Grand-Prix, os cidadãos mais circunspectos, mesmo magistrados, bailavam nas praças, de toga arregaçada — e o austero Catão aparecia no Senado com um grande nariz postiço.

Nesta semana festiva não há política. Os ministros andam todos pelas províncias, fazendo inaugurações e

discursos. Um americano, muito engenhoso, já afirmou que o que caracterizava a civilização francesa era ser uma civilização completa, acabada, com todos os pontos sobre os ii. O conceito é agudo e brilhante. Mas não parece verdadeiro; porque cada semana, através da França, se inaugura alguma coisa que faltava — uma estrada, um aqueduto, um porto, um farol. Sobretudo estátuas de grandes homens. A França não acaba realmente de fundir em bronze todos os seus beneméritos.

Desde 1875, o ano em que começou a estabilidade republicana, cada mês — que digo eu?, cada semana! — se desvenda algures uma estátua de alguém entre discursos, tambores e champanhe. Já lá vão quase vinte anos deste fervente

trabalho, e ainda há todavia génios que não têm estátua. Em compensação, há outros que têm duas, como um certo Guérin de quem falava recentemente Jules Simon. Digo um *certo* Guérin, porque eu não lhe conhecia a existência antes dessa alusão de Jules Simon, que foi o inaugurador dos dois monumentos, um em Pontivy, outro em Nantes. Decerto, talvez Guérin seja amplamente merecedor de campear assim em duas praças, sobre dois pedestais de granito. Há aí alguém que saiba quem é Guérin? Em França, para que um grande homem consiga estátua é essencial sobretudo que tivesse deixado um filho com influência na política ou na sociedade. Dumas pai arranjou o seu monumento da Praça Malesherbes menos por causa de D'Artagnan que por causa de

Dumas Filho. E Balzac, como não deixou filho, não tem estátua.

Nem Chateaubriand. Nem Victor Hugo. Quem tem já duas é Guérin.

Não sei se falei já do calor. Está terrífico. E o que o torna mais duro de atravessar é a greve dos cocheiros. Paris está sem tipoias — o que é, sobretudo neste momento, como o deserto sem camelos. Se nesta supercivilizada cidade o serviço dos ónibus ou dos bondes fosse fácil, exato e rápido, a falta de carruagens não causaria desgostos — e seria mesmo uma salutar instigação à economia. Mas o ónibus e o bonde em Paris são instituições rudimentares. É mais fácil para um parisiense entrar no céu — do que num ónibus. Para obter o lugar na bem-aventurança basta, segundo afirmam todos

os santos padres, ter caridade e humildade. Para obter o lugar no ónibus, estas duas grandes virtudes são inúteis — e mesmo contraproducentes. Antes o egoísmo e a violência. Depois de conquistado o lugar, a outra dificuldade insuperável é sair dele — por aquele meio natural e lógico que consiste em chegar e apear. Nunca se chega — senão quando já é desnecessário. Eu e um amigo partimos um dia da gare de Orleães, à mesma hora; eu no comboio para Portugal, ele no ónibus para o Arc de l'Étoile. Quando eu cheguei a Madrid soube, por um telegrama, que o meu amigo ia ainda na Praça da Concórdia. Mas ia bem. O ónibus em Paris é o grande refúgio e local do namoro. Quanto mais comprida a jornada, mais demorado portanto o

encanto. O meu amigo encontrara no seu ónibus a criatura dos seus sonhos. Era uma loura com sardas prometedoras. Quando enfim chegaram ao Arco da Estrela estavam noivos — ou pior. São estas pequenas comodidades da vida sentimental que conservam a freguesia aos ónibus.

Uma das causas, ou antes, a causa da greve, é que os cocheiros querem ser funcionários públicos. Nem mais, nem menos. A sua pretensão é que a municipalidade de Paris se torne proprietária das tipoias de praça e que eles passem, portanto, a ser empregados municipais, com ordenado e aposentação. Cada carruagem constituirá assim uma verdadeira repartição de que o cocheiro será, a todos os respeitos, o diretor-geral.

Não sei o que o público lucraria em se ligarem todos os carros ao carro central do Estado. O funcionário francês é um sujeito tremendamente empertigado. O cocheiro de Paris já é horrivelmente impertinente. O que será quando fizer parte da administração? Acresce que a famosa administração francesa envolve e embaraça todos os atos da vida do cidadão com formalidades inumeráveis. É pior que a administração chinesa — e menos pitoresca. Basta lembrar que quem queira canalizar gás para sua casa tem de implorar licenças sucessivas a vinte autoridades sucessivas — entre as quais o ministro do Interior! É pois quase certo que, quando os serviços dos trens de praça passarem para o Estado, o cidadão que aspire a ocupar um desses trens

públicos terá de meter previamente requerimento, e em papel selado! O cocheiro, por outro lado, há de querer manter o seu direito de deferir ou indeferir. Estou pois já vendo, num dia de dezembro, uma família à hora do teatro, com os pés na lama, apresentando humildemente a um cocheiro a sua petição para ocupar a tipoia: e o digno funcionário, com as rédeas embrulhadas no braço, depois de percorrer o documento, respondendo com superioridade: «Indeferido por causa da distância e do mau tempo!»

Não sei porque, falando de ónibus, me lembro de Victor Hugo. Decerto porque o divino poeta gostava de percorrer o seu Paris, meditando e compondo versos, no alto desses

pachorrentos veículos.

Victor Hugo publicou este mês mais um volume — *Toute la Lyre*. Como o Cid, que ainda vencia batalhas depois de morto, Hugo cada ano atira de dentro do seu sepulcro um radiante e vitorioso poema. A propósito deste, de novo se discutiu se estas publicações póstumas de versos, que ele em vida atirava para o canto, aumentam realmente a glória poética de Hugo. Discussão ociosa. Decerto não aumentam a sua glória. Essa já está estabelecida e fixa no seu máximo esplendor, com as *Contemplations*, a *Légende des Siècles* e os *Châtiments*. Mas aumentam o nosso conhecimento do poeta, revelando novos pensamentos, novas emoções ou formas diferentes no exprimir as emoções e os pensamentos

que lhe eram habituais. Victor Hugo era um grande espírito que sentia e pensava em verso. Cada verso novo que nos é desvendado constitui pois um documento novo sobre o poeta — sobre a sua visão espiritual ou sobre o seu verbo lírico. Ora quantos mais documentos se reúnem sobre um homem de génio como Hugo, mais completo se torna o trabalho crítico sobre a sua individualidade e sobre a sua obra. Para alargar e completar o conhecimento dos grandes homens, publicam-se-lhe as cartas, todos os papéis íntimos — até as contas do alfaiate. Assim se tem feito para Lamartine, para Balzac, etc.

Ainda há pouco foi estabelecido, e provado com documentos, o número de pares de meias de seda que Napoleão usava cada ano. Eram trezentos e sessenta

e cinco. Ninguém se queixa. Foi um detalhe histórico, geralmente apreciado. Ora se, para proveito da história, se põem assim à mostra as peúgas de um grande homem de guerra, que tem iguais — é bem justificado que se publiquem os versos, todos os versos, ainda os menos interessantes, de um poeta que, sem contestação, é o maior de todos, em todos os séculos.

A moda, ou antes aqueles que a fazem, acaba de tomar uma resolução sapientíssima. Paris, de ora em diante, fica sendo considerado, durante os meses de verão, para todos os efeitos sociais, como campo e não como cidade. É permitido, portanto, passear, fazer visitas, ir ao teatro, etc., de chapéu de palha, jaquetão claro e botas brancas. Nada mais

justo. Era com efeito absurdo que Paris nos servisse trinta graus à sombra — e que os Parisienses continuassem a sofrer a tirania da sobrecasaca apertada e do duro chapéu alto. A moda mesmo deveria ir mais longe e permitir a tanga. O vestuário foi inventado por causa da temperatura, e deve portanto variar com ela harmonicamente. A neve pede peles, peles suplementares, arrancadas a animais. O sol do Senegal ou de Paris, em julho, só pede a própria pele — sem mais nada, além de uma folha de vinha. Esta seria a lógica das coisas. A moda não ousou ser tão radical — e foi só até à palha e à alpaca.

Mas é um primeiro passo no bom senso. Para o ano, talvez nos seja permitido o ir à Ópera, como deveríamos,

em mangas de camisa. Aí no Rio, segundo me afirmam, mesmo no verão, se anda de sobrecasaca de pano. É um lamentável excesso de decoro social. Ainda se compreendia no tempo do império, quando a constante sobrecasaca preta do imperador dominava nas instituições, e portanto determinava os costumes. Hoje a república devia apagar esse verdadeiro vestígio do velho regime, e derrubar a tirania do pano e do chapéu alto. Estou convencido mesmo que essa grande reforma influiria vantajosamente no estado dos espíritos. Um povo que com quarenta graus de calor, anda entalado em casimiras sombrias e sobrecarregado com um chapéu alto de cerimónia, é necessariamente um povo constrangido, cheio de vago mal-estar, propenso à

melancolia e ao descontentamento político. Que a esse povo seja permitido pôr na cabeça um fresco chapéu de palha, e refrigerar o corpo com cheviotes claros, alegres e leves — e ele respirará consolado, e tudo desde logo lhe parecerá aprazível na vida e no Estado.

O 14 de Julho

Paris está amuado com a república. E, para mostrar bem visivelmente o seu despeito, não embandeirou, não iluminou, não dançou e não berrou na festa nacional de 14 de julho. Nunca tivemos, com efeito, um 14 de julho mais silencioso, mais apagado, mais vazio, mais descontente — acrescendo que o Sol também amuou e o horizonte todo apareceu colgado de longas e fuscas nuvens de crepe. Nas ruas, desertas, com a sua poeira imperturbada, só aqui e além alguma bandeira tricolor pendia, esmorecida, da varanda das repartições ou dos cafés. Nenhuma goela entusiasmada rouquejava *A Marselhesa*.

As filas de fiacres dormiam pelas esquinas. E o préstito do Sr. Carnot e dos grandes corpos do Estado, recolhendo-se da revista de Longchamps pelos Campos Elísios, entre esquadrões de couraceiros, trazia a lentidão e a gravidade enfastiada de um enterro cívico.

Nem um «viva Carnot!» Nem uma palma ao velho Saussier, governador militar de Paris, e ao seu muito emplumado estado-maior! E quando Paris não aplaude os penachos — é que Paris está realmente macambúzio.

Uma tal taciturnidade, uma tal apatia, não provêm só de os Parisienses estarem despeitados, porque a polícia republicana e o Governo republicano os acutilaram consideravelmente. É certo que em cada bairro se formou uma comissão

para *desorganizar* a festa e promover uma *melancolia* de protesto — mas essas comissões só impediram luminárias que já estavam decididas a não iluminar, e só fecharam nas gavetas bandeiras que realmente nunca tinham tencionado tremular. A verdade é que Paris e a França cada vez se desinteressam mais da festa de 14 de julho. Ela nunca foi essencialmente popular. Se o povo dançava, é porque o Estado lhe estabelecia uma orquestra nas praças, entre lanternas chinesas — e onde quer que haja uma flauta e uma rebeca, com luzes entre verdura, imediatamente raparigas e rapazes se enlaçarão para uma polca. Mas espontaneamente, se o Estado não fornecer a orquestra (como sucede desde os últimos anos), não há povo que a

alugue e que dance só porque em certo dia, há cem anos, se derrubou uma certa fortaleza. Em que pode a tomada da Bastilha entusiasmar o povo? Querem dizer que ela era a suma e o símbolo do despotismo monárquico e do direito divino. Mas esse despotismo, na Bastilha, só se exercia sobre os fidalgos. A plebe não gozava a honra de ser encarcerada na Bastilha. Se a sua destruição deve regozijar uma classe, será a classe nobre, a aristocracia do Bairro Saint-Germain. A essa competia alugar a orquestra e polear no dia 14 de julho. Em vez disso, a aristocracia, nessa data ilustre, volta a face com tédio, cerra as vidraças, foge para o campo, a esconder-se nos parques. Lamenta portanto a perda da Bastilha. Quereria ainda, no meio de Paris, as

quatro grossas torres onde pudesse ser sepultada *pro vita* ao bel-prazer de el-rei. Ora se a aristocracia, que é a interessada, não se regozija com o dia que a libertou — porque se há de regozijar o povo de Paris?

Além disso, festas decretadas, impostas por lei, nunca se tornam populares, nem duram, porque são horrivelmente fictícias. E o que sucede com os aniversários de constituições. Nos primeiros tempos, quando ainda vivem os homens que fizeram a constituição, lá se vão pondo pelas janelas alguns molhos de bandeiras e lá se acendem algumas centenas de lanternas, que fazem sair à noite para a rua as famílias, a «gozar a iluminação». Depois os anos passam, pouco a pouco se vai esquecendo o facto

mesmo de que existe uma constituição, a municipalidade diminui as lamparinas, já ninguém sai à rua e a data gloriosa só fica interessando os estudantes, que têm feriado. Em Lisboa a festa da proclamação da Carta Constitucional está reduzida a quatro lampiões muito baços e muito tristes, que se penduram no alto do Castelo de S. Jorge. Já ninguém sabe mesmo que há uma festa. Na verdade, já ninguém sabe que há uma Carta Constitucional.

Festas nacionais, festas para celebrar uma ideia ou um facto histórico, nunca causarão no povo entusiasmo, nem o tornarão festivo, porque o povo não se importa, nem com ideias, nem com a história, é por natureza *simplista*, só se move por sentimentos simples e

individuais, e assim como só se afeiçoa a indivíduos, só compreende festas celebradas em honra de indivíduos. Por isso, as únicas festas que profundamente animam o povo são as religiosas, as dos santos. Para o povo, os santos, os santos populares e democratas, como S. João, S. Pedro, Santo António, são indivíduos que ele conhece, com quem conversa nas orações, com quem convive, que tem dentro de casa sobre o altarinho doméstico, e de quem recebe constantemente serviços e patrocínio. A vida desses santos, as suas façanhas, a sua face barbada ou rapada, as suas vestes, os seus atributos, tudo lhe é familiar — e eles são como verdadeiras pessoas de família, ligadas a toda a história doméstica, e por isso profundamente

amadas. Quando chega o dia da sua festa, os «seus anos», é com genuíno fervor que se arranjam ramos de flores, e se cozinha um prato de doce, se acendem à noite luminárias, e se dança no terreiro, e se atiram alegres foguetes. A folgança de cada lar faz o festival de toda a cidade — e é o doce amigo, o padroeiro que está no céu, que se celebra com carinho, na certeza que ele vê a festa, e se mistura a ela do alto das nuvens, e sorri de reconhecimento e ternura aos seus amigos da Terra. Mas se, em vez de S. João ou de S. Pedro, fosse imposto ao povo o dever de celebrar um grande acontecimento da Igreja, como a conversão de Constantino ou os artigos do Concílio de Niceia, não haveria nem uma luminária, nem um foguete. E o povo diria com razão: «S.

João é um amigo meu, muito íntimo, cuja imagem eu tenho à cabeceira, a quem devo favores e que festejo com imenso prazer; mas essa Niceia que eu não sei onde é, e esse Constantino, com quem nunca travei relações, não valem para mim o preço de uma lamparina.»

É o que sucede com as festas nacionais por acontecimentos públicos. Pertencem muito ao domínio dos princípios e aos movimentos sociais para que o povo, que é todo individualista, sinta por eles a menor migalha de entusiasmo ou carinho. Para que a república pudesse ter uma grande festa, devia organizá-la em favor de um grande republicano. Mas aí é que está a dificuldade. Qual grande republicano? Nenhum reúne a admiração unânime.

Se se decretasse a festa de Robespierre, todos os liberais-girondinos protestariam com furor e haveria sangue.

Se se decretasse a festa de Danton, todos os jacobinos autoritários desceriam à rua com cacetes. Em verdade vos digo, só o céu nos envolve a todos e só S. João pode ser festejado sem descontentar a ninguém.

Há, ao que parece, uma grave, muito grave novidade internacional.

A França e a Inglaterra estão arrufadas. Mais: estão franzindo terrivelmente, uma para a outra, o sobrolho e falando com azedume de *casus belli*. Este latim, que significava outrora «caso de guerra,» quer apenas dizer hoje, na moderna linguagem internacional, que dois amigos se zangam, se tratam de

«pulhas» e «malcriados», se mostram mutuamente o punho e mutuamente se voltam as costas.

Este rompimento de relações entre a França e a Inglaterra tem por motivo o Sião. O Sião é um reino do Extremo Oriente, muito rico e, portanto, muito apetecível. Tem um rei bastante curioso, segundo se depreende da sua fotografia, porque da cinta para cima anda vestido à chinesa, e da cinta para baixo à Luís XV! E todo o reino, ao que dizem, participa assim da Ásia e da Europa. As suas fortalezas oferecem uma arquitetura fantasista de mágica — e estão armadas de canhões *Krupp*. Além do seu rei, Sião possui toda a sorte de riquezas naturais, em plantações e em minas. É portanto um delicioso e proveitoso país para possuir.

Se eu tivesse meios de me apoderar de Sião, já esse reino seria meu, e eu exerceria lá os meus direitos de conquistador com doçura e magnanimidade. Mas não tenho meios de me apoderar de Sião. A França tem. A Inglaterra também. E ambas, muito naturalmente, se encontram há anos nesses confins do Oriente, lado a lado, com o olho guloso cravado sobre Sião. E não as censuro. Eu próprio, como disse, se possuísse exércitos e frotas, teria já empolgado Sião. O animal inconsciente foi posto sobre a Terra para nutrir o animal pensante — e por isso com bois se fazem bifes. Os países orientais são feitos para enriquecer os países ocidentais — e por isso com os Egitos, os Tunes, os Tonquins, as Cochinchinas, os Siãos (ou

Siões?) se fazem para a Inglaterra e para a França boas e pingues colónias. Eu sou civilizado, tu és bárbaro — logo, dá cá primeiramente o teu ouro e depois trabalha para mim. A questão toda está em definir bem o que é ser civilizado. Antigamente pensava-se que era conceber de um modo superior uma arte, uma filosofia e uma religião. Mas como os povos orientais têm uma religião, uma filosofia e uma arte melhores ou tão boas como as dos ocidentais, nós alteramos a definição e dizemos agora que ser civilizado é possuir muitos navios couraçados e muitos canhões *Krupp*. Tu não tens canhões, nem couraçados, logo és bárbaro, estás maduro para vassalo e eu vou sobre ti! E este, meu Deus, tem sido na realidade o verdadeiro direito

internacional, desde Ramsés e o velho Egito! Que digo eu? Desde Caim e Abel.

Em virtude, porém, de um respeito inapto pelas exterioridades (que data da folha da vinha), os homens criaram ao lado deste descarado direito internacional um outro, o direito cerimonial, todo cheio de fórmulas e de mesuras, e segundo o qual não é permitido a qualquer nação apoderar-se de outra com a simplicidade com que numa estrada uma criança colhe um fruto. Hoje está estabelecido entre os povos civilizados que para que o forte ataque e roube o fraco é necessário ter um pretexto. Tal é o grande progresso adquirido.

Ora a França acaba de achar, com júbilo imenso, o pretexto para cair sobre Sião. O pretexto é múltiplo e complicado:

há uma vaga questão de fronteira numa região chamada Mekong; há uma canhoneira que ia subindo um rio e que apanhou um tiro siamês; há um marinheiro que foi preso, ou que caiu à água; e há uns siameses que berraram «hu! hu!» Tudo isto é gravíssimo. Parece também (e isso infelizmente é doloroso) que houve em tempos um negociante francês assassinado. E sobretudo sucedeu que uns oficiais siameses arvoraram a bandeira de Sião por cima da bandeira da França. Se não foram eles — foram os seus pais, como disse o lobo ao cordeiro. Enfim, o que é certo é que o povo francês necessita, para sua honra, vingar a afronta feita ao pavilhão tricolor. E não há dúvida que os dias de Sião acabaram. A França tem o seu pretexto. Adeus, meu bom rei de

Sião, vestido da cintura para cima à chinesa e da cintura para baixo à Luís XV!

Calculem, pois, o furor da Inglaterra! Havia longos tempos que ela se instalara ao pé de Sião, à espera de um pretexto para devorar aquele belo bocado do Oriente — e é a França, a nação entre todas rival, que apanha o pretexto! É contra a França, não contra ela, que os siameses berraram «hu! hu!» É sobre a bandeira da França, não sobre a dela, que os oficiais siameses hastearam imprudentemente a bandeira de Sião! É a França enfim que está na deliciosa posse destas afrontas, que saboreia a preciosa felicidade de ser insultada — e que portanto tem o rendoso direito de se vingar! Tanta fortuna não deve ser tolerada — e a Inglaterra não a tolera. E

já o declarou, através dos seus jornais, através do seu parlamento: «Uma vez que nesta ocasião Sião não pôde ser para mim, também não será para ti! Que a França faça o que julgar necessário à sua honra, mas que não toque, nem com uma flor, na independência de Sião! A autonomia de Sião é coisa sagrada. O mundo, para permanecer em equilíbrio, precisa que Sião seja livre. Sião só para Sião (desde que não pode ser para a Inglaterra). E se a França atentar contra a independência de Sião, às armas!» Eis o que diz, num dizer mais diplomático e solene, aquele excelente John Bull.

E aqui está como, de repente, por causa de um pedaço de terra e de um pouco de minério, duas grandes nações, guardas fiéis da civilização e da paz, se

assanham, ladram, investem, como dois simples cães vadios diante de um velho osso.

O que mais uma vez prova a suprema unidade do universo, pois que nações, homens e cães todos têm o mesmo instinto, o mesmo pecado de gula, e, diante do osso, o mesmo esquecimento de toda a justiça.

A França e o Sião

A França começou enfim a devorar Sião. Este ingénuo, amável e polido povo recebeu, há quatro ou cinco dias, um ultimato em que era intimado a entregar, sem demora, à França uma imensa porção do seu território e uma não pequena porção do seu dinheiro. Segundo a prudente maneira dos Orientais, o Sião nem consentiu, nem recusou. Com aquela mansidão e humildade que tão própria é de budistas e de fatalistas, replicou que não compreendia bem as exigências da França, que apetecia a paz, e que por amor dela estava disposto a dar algum dinheiro, mas não tanto, e a abandonar algum território, mas não tão vasto.

Outrora, quando os costumes internacionais eram mais doces e complacentes, e os povos orientais gozavam ainda (por menos conhecidos) de uma feliz reputação de lealdade, esta discreta resposta teria dado motivo a novas negociações; novos telegramas, infindáveis cavaqueiras de embaixadores.

Hoje, as maneiras internacionais são mais bruscas e rudes: os países do Oriente têm uma deplorável fama de duplicidade e falsidade; e a França, sem se deter em mais explicações com o infeliz Sião, bloqueou-lhe as costas e fez marchar sobre as províncias do interior as suas tropas coloniais da Cochinchina.

Perante estes atos, tão decididos, o furor dos Ingleses tem sido medonho. Mas é um furor unicamente de políticos,

de jornalistas e de comerciantes que tinham grandes negócios com o Sião. O povo, a massa do povo, permanece indiferente. Não tem sentimento nenhum pelo Sião, não acredita que ele seja indispensável à felicidade da Inglaterra, não percebe porque a Inglaterra cobice ainda mais terras no Oriente, e vê a França cair sobre o Sião sem que isso lhe irrite o patriotismo ou lhe torne amarga a cerveja. Ora, em Inglaterra, que é uma verdadeira democracia, quando o povo se desinteressa de uma questão, os políticos e os jornalistas têm também de a abandonar, porque aí não se criam artificialmente correntes de opinião; e o Governo que provocasse um conflito europeu sem se apoiar num forte entusiasmo popular não duraria mais que

as rosas de Malherbe, que, como todos sabem, duram apenas o espaço de uma manhã.

Não!, não há hoje já a possibilidade que duas nações europeias se batam por causa de terras coloniais. Os Europeus só se movem por interesses ou sentimentos europeus, e só por eles arrancam a espada.

Para as questões de colónias lá estão os congressos e os tribunais de arbitragem. E uma senhora que ultimamente, num salão, considerava como a coisa mais pueril e mais grotesca que duas nações tão elegantes como a França e a Inglaterra, se batessem por causa de *bichos tão feios como os siameses* — estabelecia, sem o saber, a verdadeira doutrina do século. Quando a

França e a Inglaterra não vieram às mãos por causa do Egito, que é a joia do mundo, a terra entre todas preciosa pela qual se têm dilacerado todos os povos desde o Dilúvio — não há receio que jamais duas nações da Europa quebrem a doce paz por causa de interesses orientais.

De sorte que todas as declamações dos jornais sobre guerra são um mero desabafo de retórica heroica. E como não há o menor perigo (e eles perfeitamente o sabem) de se chegar à boa cutilada, não é desagradável, nestes ociosos dias de verão, roncar de alto, com o sobrolho franzido e a mão nos copos do sabre. Assim se vai gastando, com arreganho, alguma tinta — sem medo que se venha a gastar sangue.

Em todo o caso, nestas rivalidades coloniais entre a França e a Inglaterra, eu penso que a Inglaterra tem, em princípio, mais direitos. Quando ela se apodera de um desses desgraçados reinos do Oriente (como a Birmânia, há pouco) sabe ao menos como há de utilizar e valorizar a sua conquista.

Em primeiro lugar tem logo um número limitado de homens, enérgicos e empreendedores, que, ou sós, ou com as famílias, embarcarão para ir povoar, colonizar, cultivar, industrializar, por todos os modos explorar a nova terra inglesa. Depois tem uma prodigiosa quantidade de produtos fabris para exportar para lá, e lá vender, sem concorrência. Depois tem uma colossal frota mercantil para fazer com a nova

possessão um comércio ativo e contínuo. E enfim tem uma formidável frota de guerra para defender a sua aquisição. A França, essa, não tem nada disto — nem frota, nem produtos, nem homens. Não tem sobretudo homens, porque a população da França não chega mesmo para a França. Quando ela se apossa violentamente de Tunes ou do Tonquim, o único ato colonial que depois pratica é remeter para a recente colónia alguns soldados e muito empregados públicos. A França faz conquistas para exportar amanuenses. No Tonquim, por exemplo, ela possui, no solo, ocultas riquezas maravilhosas; mas não tem colonos que as vão explorar. A expansão colonial da França não dá assim lucro nenhum, ou alargamento à civilização geral. Apenas promove,

através dos mares, uma deslocação de amanuenses aborrecidos e enjoados. Ao contrário, cada palmo de chão que a Inglaterra ocupa entra no movimento universal da indústria e do comércio.

A Inglaterra tem virilidade colonial e a França só impotência. Quando um homem novo, robusto, ativo, penetra numa aldeia e rouba uma linda rapariga, comete decerto um ato escandaloso, e que todos devem condenar, com severidade. Mas esse valente homem tem uma justificação, um motivo que se compreende (e com que mesmo se simpatiza): e se, desse enlace, lamentavelmente ilegítimo, nascerem filhos são, fortes, ativos, há ali um positivo lucro para a humanidade e para a civilização. Quando, porém, é um velho

de oitenta anos, regelado, caquético e a babar-se, que penetra na aldeia e rouba a linda moça, estamos então diante de um escândalo que não tem justificação possível. É um escândalo ignominiosamente estéril. Nada lucra com ele a humanidade, nem o velho. E só podemos cruzar os braços com espanto e indignação, e exclamar: «Para que quer aquele velho aquela moça?»

E é o que exclamamos agora, também, cruzando os braços: «Para que quer esta França este Sião?»

Eu tenho um amigo que esteve nesse pobre Sião, hospedado pelo rei, no palácio, e conta detalhes bem pitorescos.

Todo o reino de Sião pertence ao rei, tão completamente como aí uma fazenda de café pertence ao fazendeiro. O

rei é o dono do solo, dos edifícios, dos habitantes e da riqueza dos habitantes. Pode, querendo, doar, hipotecar, trocar ou vender o reino com tudo o que está dentro das fronteiras.

É uma posse agradável. O povo, por seu lado, considera o rei não só como seu dono, mas como seu deus. E a fórmula religiosa (como se disséssemos o artigo da constituição) que define as relações e deveres entre povo e rei é esta: «Do rei o povo recebe a vida, o movimento e o ser.»

O rei tem um nome imenso, chama-se Prabat-Tomedetch-Pra-Parammdir, etc., etc., etc. Todo ele não caberia em cinquenta linhas. E de cada vez que se fala ao rei (só os nobres gozam esse privilégio) é da etiqueta invocá-lo com o nome todo.

Uma conversa com sua majestade dura assim longas e longas horas, por causa do nome. De facto, a mais laboriosa e pesada ocupação da corte, é pronunciar o nome de el-rei.

Pessoalmente o rei é um homem excelente, cultivado afável, gracejador, bondoso. É mesmo bonito, para siamês.

E as suas maneiras têm nobreza. O que o estraga é o seu ilimitado poder, a sua posição de divindade, e a prodigiosa, inverosímil adulação que o cerca. Assim é uma regra (e cumprida com fervor) que todo o siamês que tem uma filha bonita a dê de presente ao rei. As suas concubinas oficiais excedem em número as de Salomão. São aos milhares. E o rei, apesar de novo, de não contar ainda quarenta anos, já tem cento e oitenta e

tantos filhos! Tudo isso, esposas e filhos, vive no palácio, que oferece as proporções de uma vasta cidade. Há ruas inteiras de esposas! Há bairros inteiros de filhos! Toda esta imensa família vive com um luxo imenso, e o rei, apesar de dispor de todas as riquezas do Sião, como suas, está horrivelmente endividado em Londres. As vezes, porém, ele próprio procura fazer economias: e foi assim que, no momento em que o meu amigo estava no Sião, el-rei deu ordens para que, por economia, se não ferrassem mais os cavalos da cavalaria. Havia cem cavaleiros, eram cem ferraduras poupadas. Eis aqui um traço bem siamês!

O rei nunca sai do palácio, não conhece o seu reino, mal conhece a sua capital, que é Banguecoque. Quando por

acaso dá um passeio, é uma grande festa, uma grande gala. As ruas são aplainadas e areadas; pintam-se as casas de fresco; os canais (porque Banguecoque assemelha-se a Veneza) levam uma rápida limpeza; toda a população se lava, se alinda, se cobre de joias; e para que não chova, celebram-se preces nos templos. Depois o rei recolhe, e por muitos e muitos meses Banguecoque recai no usual desleixo e porcaria. Só no palácio há asseio. De resto, o palácio é que é a nação.

Mas basta de Sião! A culpa é de Paris que não se quer ocupar senão deste remoto reino cuja existência ele, ainda há oito dias, ignorava. Porque o Francês, e sobretudo o Parisiense, continua a ser aquele que Goethe descreveu — «um indivíduo de muitos cumprimentos, que

não sabe geografia». É talvez mesmo para ensinar geografia ao povo francês que o seu Governo empreende conquistas. Para que, fora da Europa, ele conheça uma nação, o Governo previamente faz dela uma colónia.

Assim se irá alargando a instrução geográfica em França. E, com as aquisições coloniais feitas neste século, já o Francês, quando se lhe perguntar quantas são as partes do mundo, poderá (o que outrora não podia) responder com um saber exato e forte:

— Cinco: a Europa, a Argélia, Tunes, o Tonquim, Sião!

A Questão Buloz

Por fim o Sião cedeu — e, muito avisadamente, para evitar a imensa maçada de se bater (o que é extremamente penoso, no verão, para um oriental de hábitos doces e lânguidos), para evitar também a horrível seca de ser vencido, e talvez destronado, o rei de Sião entregou à França, incondicionalmente, todos os milhões e todas as províncias que ela reclamava para «vingar a sua honra».

Pode, pois, esse excelente e ameno monarca continuar placidamente a educar nas ideias da civilização ocidental (de que ele acaba de ter uma tão direta experiência) os seus cento e oitenta filhos. E o Sião desaparece das preocupações do

mundo. Era tempo. Havia semanas que se desleixavam os grandes assuntos, os que verdadeiramente interessam a humanidade, como o caso do Sr. Buloz.

Não sei se conhecem aí a questão Buloz. Pois é uma questão tremenda. Basta ver como diariamente os jornais a retomam, a sondam em todos os seus escaninhos, lhe anunciam a evolução, lhe profetizam soluções, fazem depender dela os destinos das boas letras francesas. Não há ninguém que não conheça Buloz. Pelo menos ninguém deve ignorar o seu nome *nesses dois mundos* que ele, todos os quinze dias, esclarece, educa e entretém, por meio da sua ilustre e famosa Revista. Porque é dele que se trata, de Buloz, do verdadeiro Buloz, o único Buloz, de Buloz diretor da *Revista dos Dois*

Mundos!

Que memórias este nome de Buloz nos traz da nossa mocidade! Nenhum havia então que nós pronunciássemos com mais alegre horror — porque ele representava, para o nosso grupo revolucionário e entusiasta das formas novas e audazes, tudo quanto na literatura havia de mais conservador e burguês. Toda aquela sua séria e ponderosa *Revista dos Dois Mundos*, nos parecia então exalar um cheiro horrendo a bafio e a letras mortas.

E escrever na *Revista*, pertencer à *Revista*, era para nós uma maneira especial de ser fóssil.

Quantas alcunhas pitorescas postas a essa majestosa *Revista*! Quantas fantasias edificadas sobre a sua faculdade

de adormecer e de embrutecer! Um amigo nosso compusera um conto em que o herói, traído num amor sincero, e apetecendo a morte, escolhia, em vez de um frasco de láudano, um número da *Revista dos Dois Mundos* — e ao chegar às últimas páginas, à «Crónica da Política Estrangeira», mergulhava com efeito no sono eterno. Ainda me lembro de uma definição da *Revista*, dada por um de nós: «Uma publicação cor de tijolo, que tem dois leitores no Havre!»

Tudo isto era excessivo e injusto. A *Revista* de facto tinha leitores por todo o mundo — e, como se sabe, e já tem sido dito, todo o mundo é um sujeito que tem muito mais espírito que Voltaire. Com os seus trinta anos de valente existência, ela era já então uma larga e fecunda

remexedora de ideias e de factos — e não houvera de resto nenhum grande francês, desde Alfred de Musset, que não tivesse cometido esse ato, para nós tão vergonhoso: «Escrever na *Revista*.» Todos tinham escrito — mesmo Murger, o boémio. Nós, porém, só começámos a desarmar do nosso rancor, quando ela publicou versos dos dois grandes ídolos dessa geração — Lecomte de Lisle e Baudelaire. É verdade que os versos de Baudelaire, tirados das *Flores do Mal*, apresentou-os ao público, por assim dizer, na ponta de tenazes, e com imensas precauções sanitárias, havia por baixo dos versos uma nota da direção, toda enojada, em que ela repelia qualquer solidariedade com semelhante infeção, e jurava que só a exibia como uma lição

moral, para mostrar a que excessos e a que desordens pode rolar a literatura, quando sacode audazmente a salutar disciplina e as boas regras de Boileau. Mas, enfim, publicava Baudelaire (mesmo alguns dos versos mais temerários) — e esta concessão, este começo de homenagem prestada ao satanismo (o satanismo era então uma escola, e todos nós nos considerávamos satânicos) adoçou um pouco as nossas relações intelectuais com a *Revista*. Modificámos mesmo a definição irrespeitosa. Era então uma «publicação cor de salmão, que tinha já dois leitores no Inferno»!

Tão persistentes são as impressões da mocidade que ainda hoje eu não vejo a *Revista dos Dois Mundos* sem um sentimento vago e inexplicável de

tédio. Sei perfeitamente que ela é cheia de bom senso e de saber especial, possui uma língua sóbria e pura, tem muita elegância e finura académica, e por vezes se lhe encontra, aqui e além, um sopro de forte originalidade. Mas quê! A sua presença é para mim como a de uma grave matrona, pesada, rica, bem colocada no mundo, cujos lábios descorados, faltos de sangue vivo, só deixam cair, com uma arte discreta, o que está absolutamente dentro do decoro e da tradição. Não duvido que a convivência com essa matrona seja salutar, proveitosa e conducente a boas vantagens sociais; mas prefiro ainda assim uma musa alegre do Quartier Latin. E talvez para fingir a mim próprio que ainda sou moço.

Foi por isso com certa alegria

maliciosa que eu li nas gazetas que o Sr. Buloz e com ele a pudibunda *Revista dos Dois Mundos* se achavam envolvidos num escândalo de amores e de intrigas. O quê! Ela, a *Revista* que, com tão austera altivez, denunciara durante tantos anos Zola à excreção pública, ei-la agora atolada, e até ao pescoço, numa aventura escabrosa! Como assim? Buloz, o próprio Buloz, que fazia uma tão severa polícia dentro da sua *Revista*, que esquadrinhava todos os romances, com terror de que lá estalasse nalgum canto algum beijo mais voraz, que perseguia rancorosamente, com a férula da honestidade, e em nome do «pudor doméstico», toda a literatura de observação, sincera e livre, ei-lo agora por terra, enrodilhado em saias ligeiras e ilegítimas! Como assim? E tudo isto, pelo

contraste eterno entre o que frei Tomás prega e o que frei Tomás faz, me parecia divertido.

Depois, mais informado, lamentei sinceramente o excelente Buloz e a excelente *Revista*. Porque não havia aqui realmente um romance desses que o próprio Buloz condenava sombriamente como «infetos» — mas um roubo, um longo e abjeto roubo, organizado contra Buloz, e portanto contra a *Revista* de que ele é a encarnação viva, por dois desses horríveis personagens a que Balzac chamava impropriamente os *tubarões de Paris*. Tubarões sim, no sentido de nadarem ansiosamente no oceano parisiense à cata da presa. Mas isso mesmo fazem todos os peixes, no mar e em Paris.

Os tubarões, porém, e é essa a sua feição característica, engolem indiferentemente e com igual apetite uma velha garrafa vazia, ou uma gorda e suculenta pescada; e estes tubarões de Paris, de que fala Balzac, escolhem com cuidado a presa, e só arremetem contra ela quando ela é tão suculenta e gorda como Buloz.

O caso, tal como transparece, através de tantas versões e mesmo de tantas ficções, é lamentável. Buloz há anos, no meio do caminho da sua vida (como diz o Dante, que tinha um modo incomparavelmente magnífico de contar estes casos), encontrou uma rapariga. Não era uma Beatriz, mas uma fulana qualquer, que nem ao menos tinha beleza justificativa. Mas, quando se tem vivido,

durante vinte anos, dentro da *Revista dos Dois Mundos*, toda a face moça, com um pouco de lume no olho, parece uma visão de alto esplendor. Buloz, apesar de diretor da *Revista*, era homem e sensível. Teve numa hora nefasta (talvez entre dois artigos de Charles de Mazade!), uma daquelas tentações que, a acreditarmos Santo Agostinho, nenhuma alma, nem mesmo robustecida na constante convivência dos Broglie e dos Remusat, evita ou vence.

Buloz cedeu — ou, antes, a rapariga cedeu. (E o ingrato Buloz agora pretende, em confidências que fez a um repórter do *Gaulois*, que «foi uma sensaboria».) Sensaboria ou delícia, desde esse momento supremo ele passou a ser o homem mais explorado de toda a

cristandade e mesmo de toda a mourama. Pagou, naturalissimamente, as *toilettes* da menina e da família da menina; mobilou para a menina casa no campo e casa na cidade; e para a tornar mais respeitável, e robustecer a sua posição na sociedade, deu um dote e um marido à menina.

Educado no idealismo incorrigível dos romances da *Revista*, imaginava Buloz que, tendo fornecido o dote e o marido, liquidara para sempre o erro sentimental da sua vida. Buloz ignorava a realidade humana, e sobretudo parisiense. Desde esse instante, ao contrário, a menina e o marido tomaram posse definitiva de Buloz. Ameaçando o desventuroso homem de revelarem a sua «infâmia de sedutor» a Madame Buloz e à *Revista dos Dois Mundos*, o horrendo

casal passou a saquear Buloz, como se saqueia uma cidade conquistada.

Ao princípio com método, com ordem, mensalmente. No primeiro do mês, os dois bandidos apresentavam a conta do seu silêncio — e Buloz pagava pontualmente o silêncio dos dois bandidos. Depois as exigências foram mais urgentes e tumultuosas. É o comer que faz a fome. O abominável par queria reunir rapidamente uma fortuna — e cada dia, agora, às vezes por dia, Buloz recebia a reclamação de novas somas a pagar. E pagava — para manter intacta no mundo, com a sua posição doméstica, a sua situação social de diretor grave de uma revista grave. Estava quase arruinado — e a menina e o marido não estavam saciados. Ao contrário! Fartos das

pequenas somas «que não luzem» queriam a grossa soma — e, com ameaças mais ferozes, forçaram o infeliz homem a assinar uma letra promissória de perto de *setecentos mil francos*.

Buloz todavia já tinha dado mais de um milhão!

Segundo ele afirma, Buloz queixou-se à polícia. Mas ao que parece os dois bandidos, por isso mesmo que estavam ricos, tinham já adquirido respeitabilidade e amigos. Havia grossas influências que os protegiam contra as queixas de Buloz — influências pagas talvez com o dinheiro sacado a Buloz. Aliança de «tubarões» — como diria Balzac. O facto é que a polícia se conservou numa marginal indiferença. Então, estonteado, desesperado, Buloz,

um dia, foi contar tudo à sua mulher e à sua *Revista*. Imediatamente, implacavelmente, Madame Buloz se separou do seu marido, e a *Revista dos Dois Mundos* se separou do seu diretor. E o grosso escândalo doméstico e literário estalou sobre Paris.

Que fará em definitivo Madame Buloz? Sobretudo, que fará em definitivo a *Revista dos Dois Mundos*? Era esta, durante semanas, a interrogação ansiosa de Paris, que, mais que nenhuma outra cidade da Europa, se compõe de comadres mexeriqueiras. A solução não tardou — e cruel.

Uma sentença do tribunal dos divórcios pronunciou secamente o divórcio entre Buloz e Madame Buloz. E uma assembleia dos acionistas da *Revista*

pronunciou igualmente o divórcio entre a casta *Revista dos Dois Mundos* e o seu galante diretor Buloz. Assim Buloz, ao fim da vida, perde a sua mulher e a sua revista. E porquê? Por ter sido abjetamente roubado, durante anos, por dois odiosos bandidos. Esses é que não perderam nada, os bandidos, nem mesmo a consideração do seu bairro, porque durante todo o escândalo os seus nomes não foram sequer pronunciados, à maneira de nomes sagrados. Tal é Paris.

Sobre a resolução de Madame Buloz, não é permissível fazer comentários. Mas a resolução dos acionistas da *Revista* parece-me excessivamente austera e ilógica.

Durante esta sua amarga aventura, Buloz não fez senão adquirir noções

exatas sobre as realidades da vida — e o seu pecúlio de conhecimentos sobre o homem e a mulher deve-se ter singularmente enriquecido. Está pois, mais que nunca, nas condições experimentais de dirigir uma revista, sobretudo aquela secção da *Revista* de que ele com mais particular amor se ocupava, a do romance. Agora realmente é que a opinião de Buloz sobre enredos, carateres tortuosos de heroínas e misérias finais de todo o sentimento teria valor e autoridade. E agora justamente é que o afastam dessa cadeira diretorial de alta crítica, para a qual as suas desventuras o tinham, enfim, tornado idóneo! Há aqui evidentemente um erro de critério, além de uma falta de misericórdia.

Em todo o caso, assim acaba na

Revista dos Dois Mundos a grande dinastia dos Buloz. Este, se não me engano, era Buloz III. Que diria Buloz I, o fundador, se soubesse que a sua raça fora destronada da *Revista* por um escândalo de coração? Tal é a ironia das coisas! A mais austera, solene, pudica de todas as publicações europeias, tendo chegado aos sessenta anos, sem que nunca uma realidade ardente das coisas de amor houvesse maculado as suas páginas, tem de repente de se separar do seu diretor, do homem que a simbolizava, por motivos de patuscada em alcovas ilegítimas! *Habent sua fata Revistae*.

Paris fugiu de Paris. Com este calor de fenómeno (quarenta graus à sombra) em que se pode torrar o café dentro das casas, só com estendê-lo

simplesmente sobre o chão, a população abandonou a cidade, num verdadeiro êxodo, e maior que o de Moisés, porque esse foi só de quarenta mil hebreus, e daqui, segundo afirmam os jornais, abalaram ontem, em centenas de comboios, cerca de cento e trinta mil pessoas.

Só ficaram os empregados públicos. E ainda assim, havia há dias uma administração de bairro em que todos os empregados, desde o chefe ao contínuo, se achavam no campo ou no mar.

Era um vizinho da repartição, um lojista, que fazia o serviço, por dedicação cívica.

Em todos os Campos Elísios, só raramente se avista alguma carruagem arquejante. Toda a folhagem das árvores

secou.

Aqui e além, nas ruas desertas, passa por vezes, fugindo à pressa, um guarda-sol: é um dos derradeiros parisienses que corre do café onde se atestou de cerveja para outro café onde se vai inundar de limonada. Os cavalos das carroças trazem chapéu; e a acreditar os jornais, já se pensa em lhes fazer usar, por causa da grande reverberação da luz, lunetas defumadas.

Todavia Londres está mais ardente. Aí o calor produz quase uma crise nos costumes. Ontem os membros do parlamento celebraram a sessão, na Câmara dos Comuns, em mangas de camisa.

As Eleições

As eleições em França, celebradas no último domingo, foram talvez o mais sólido e completo triunfo que a democracia tem obtido nestes vinte anos: pelo menos foram a sua mais franca, mais positiva e mais corajosa afirmação.

Nessa abrasada manhã de missa, com efeito, o sufrágio universal consultado (esse sufrágio universal que ainda há pouco, em departamentos remotos, os homens de campo consideravam como um personagem vivo, vestido, condecorado, cheio de poder, de quem particularmente dependiam as leis do imposto e do serviço militar) começou por eliminar da representação nacional

todos aqueles que, nos derradeiros tempos, se tinham erigido como paladinos da moralidade pública e limpadores valentes de cavalariças de Augias: e assim os que, durante a legislatura passada, se ergueram, na tribuna e no jornal, contra a corrupção parlamentar e financeira, como Drumont, Andrieux, Delahaye, etc., foram derrotados em todos os círculos, com um entusiasmo esmagador e jovial.

Feita esta primeira eliminação, o sufrágio universal passou a riscar cuidadosamente do parlamento todos os políticos profissionais e militantes, que, na direita ou na esquerda, faziam essa política negativa, só diluidora e desmanchadora, ocupada apaixonadamente, e com uma arte subtil, a

embaraçar ministros e desorganizar ministérios.

E assim homens como Clemenceau e Cassagnac, que entravam na câmara com unanimidades triunfais, estão, se não já derrotados, pelo menos humilhantemente empatados, e prestes no próximo domingo a voltar àquela ocupação tão justamente louvada pela sapiência antiga, e que consiste em cada um plantar as suas couves dentro do seu quintal.

Terminada esta segunda limpeza o sufrágio universal passou a expulsar da representação nacional todos os ideólogos, todos aqueles que procuram fazer a remodelação das formas sociais por meio de uma revolução nas ideias morais. E assim um nobre homem como o conde de Mem, o cavaleiro andante do

socialismo cristão, é vencido na Bretanha, sua pátria espiritual, por um pequeno advogado bretão que, em vez de anunciar aos eleitores o próximo advento do céu sobre a Terra, lhes promete, muito comezinhamente, uma reforma do imposto rural.

Realizada esta terceira expurgação, o sufrágio universal passou a banir das câmaras, enojado, os artistas, os cinzeladores da palavra, os mestres inspiradores da oratória. «Basta de lira!», gritavam em 1848 os operários famintos a Lamartine, uma tarde em que ele, na cadeira do *hotel de ville* estava arengando e sendo sublime. Toda a França industrial e agrícola repete agora o mesmo grito positivo. Basta de lira! Abaixo a eloquência! Fora a retórica e a sua rajada

ardente!

E assim todos os grandes oradores contemporâneos da tribuna francesa ficam de repente sem tribuna e sem profissão, porque (caso único na história) a democracia rejeita definitivamente a eloquência como fator do seu progresso.

Tendo realizado estas sucessivas depurações, e repelido para longe, para os seus elementos naturais, os catões, os obstrutores, os ideólogos e os artistas, o sufrágio universal passou a eleger com cuidado e amor uma câmara bem mediana, bem ordeira, bem prática, bem positiva, toda experiente em cifras, superiormente conhecedora dos interesses regionais, capaz de trabalhar catorze horas nas comissões, e feita à imagem e para o útil serviço desta França nova que é

simultaneamente um banco, um armazém e uma fazenda. Depois o sufrágio universal descansou — e viu que a sua obra era boa.

Com efeito é uma boa obra de democracia. Em primeiro lugar, todas as superioridades que podiam desmanchar e desnivelar a igualdade intelectual da câmara (e a igualdade deve ser o cuidado sumo de toda a democracia) foram eliminadas com aquela decidida franqueza com que o bom Tarquínio outrora cortava, no seu horto, as cabeças purpúreas e brilhantes das papoulas mais altas.

Na câmara não haverá senão espíritos médios e planos — e toda ela será realmente como uma longa planície, produtiva e chata, sem uma eminência, uma linha que se eleve para as alturas,

moinho torneando ao vento ou torre airosa donde voem aves.

Depois todos os moralistas de moralidade rígida, e quase abstrata, foram suprimidos como incompatíveis com a realidade social, com os costumes financeiros de uma democracia industrial, com o regular e fecundo funcionamento dos negócios. O sufrágio universal entendeu que, para bem da democracia, de que ele é o motor inicial, o lugar destes homens, desarranjadores estéreis de todos os arranjos úteis, era não nos bancos de um parlamento, mas nas celas de um mosteiro, ou no deserto entre os santos que, como S. João, lá pregam por gosto e profissão.

Depois todos os ideólogos, os filósofos, os homens de altos sistemas

sociais, que constantemente tentam introduzir nas coisas públicas Deus, a alma, o infinito, a bondade progressiva e outras entidades que lhes são inteiramente estranhas e prejudiciais, foram escorraçados como perturbadores impertinentes da boa ordem democrática, onde as massas disciplinadas, com os olhos praticamente postos em terra e na ferramenta, se devem ocupar unicamente de produzir bem e de vender bem.

E finalmente os oradores, os artistas, os poetas, foram, por este sufrágio universal e segundo o prudente preceito de Platão, ignominiosamente expulsos da república.

Estas eleições, pois, foram incontestavelmente uma boa obra de democracia. E por isso os jornais afirmam

que a França purificada, enfim, e livre dos elementos mórbidos que a agitavam e debilitavam, vai entrar num período ditoso de estabilidade e de força fecunda. Amen.

Enquanto o sufrágio universal estava assim tonificando a república, um conflito entre operários franceses e italianos, num departamento do Sul (em Aiguesmortes) veio avivar e exacerbar esta inimizade, mais política que nacional, que há anos vem crescendo entre a Itália e a França.

Foi a antiga história dos salários. O italiano emigra para a França, como emigra para a América, a buscar o trabalho cada vez mais difícil na Itália, que, à parte um bocado suculento da Sicília, e um pingue bocado da

Lombardia, é toda ossos e montanha. Ou por ser de uma raça mais sóbria, ou de uma raça mais indigente, o italiano aceita salários muito inferiores aos do operário francês. Como ao mesmo tempo tem muita inteligência e muita destreza, é naturalmente preferido pelos patrões — porque o capital é cosmopolita. Daqui despeito, rancor do operário francês, ameaçado no seu pão — e constantes rixas, em que o italiano naturalmente puxa a faca, essa faca meridional que enche de horror e de asco os povos do Norte.

Foi o que aconteceu em Aiguesmortes, com a agravante lamentável de que um bando de italianos que, depois de uma tremenda batalha, se tinham refugiado numa mata, foram aí perseguidos pelos franceses, monteados

como lobos e dizimados a tiro, um a um.

Indignação imensa em toda a Itália. Manifestações em Roma, em Génova, em Nápoles. Assaltos aos consulados de França, ultrajes à bandeira da França. E, como nas Vésperas Sicilianas, o velho grito de «morra o Francês!», acompanhado agora, para maior ofensa, do grito novo de «viva a Alemanha!»

Os Franceses ainda podem tolerar magnanimamente que a Itália, que eles consideram como obra sua, feita pelas suas armas e com o cimento do seu sangue, berre: «Abaixo a França!» Há aí apenas, para eles, esquecimento e ingratidão. Mas não podem suportar que a Itália grite: «Viva a Alemanha!» Ai já há um desafio, e como uma afronta à

dignidade da nação. De sorte que se os italianos assassinados em França indignaram a Itália — a indignação da Itália, sob esta forma oblíqua e quase irónica de entusiasmo pela Alemanha, indignou muito mais profundamente a França. E as duas nações estavam já assim, há duas semanas, em face uma da outra, quietas, mas penetradas de mútua hostilidade, tanto maior da parte da França quanto tem de ser, por prudência, silenciosa. Mas eis que agora, nestes últimos dias, a Itália praticou, para com o sentimento francês, um outro e supremo ultraje.

O imperador da Alemanha vem este ano dirigir as grandes manobras militares nas províncias francesas conquistadas. Alsácia e Lorena. E quem

acompanha o imperador da Alemanha, como seu hóspede e aliado? O príncipe real de Itália. Ora, para os Franceses, esta presença do príncipe italiano na terra alsaciana é uma ofensa monstruosa. E é realmente uma ofensa?

Há aqui uma suscetibilidade, muito delicada, que é difícil criticar. Em boa verdade, hoje a Alsácia e a Lorena são geograficamente e administrativamente províncias alemãs como a Pomerânia ou o Brandeburgo: e não parece que, no facto de o príncipe da Itália ir a Estrasburgo haja maior injúria do que ir a Berlim ou a Leipzig. Além disso a sua presença não vai consagrar a conquista, que é um facto consumado há mais de vinte anos, e não precisa consagração. Acresce ainda que o

imperador da Alemanha não vem à Alsácia e Lorena com intenções arrogantes de desafio: e o príncipe de Itália não está portanto colaborando tacitamente numa provocação alemã. Depois ele foi solenemente convidado a assistir às manobras alemãs, que se realizam por acaso nas províncias anexadas: e se o *aceitar* um convite para essa região é ofender a França, o *recusar* o convite seria, pelos mesmos motivos, insultar a Alemanha. Tudo isto é indiscutível. Mas o patriotismo, como o amor, não se raciocina, quando ferido. Para os Franceses a Alsácia e a Lorena são duas terras francesas que gemem sob a opressão. E o facto de o príncipe de Itália vir caracolar sobre esse solo vencido e dorido, ao lado do opressor, é

para os Franceses uma afronta incomparável. De sorte que uma reconciliação entre a França e a Itália é hoje quase impossível, tanto mais que às questões de política se juntam questões de dinheiro (sempre irritantes), e a estas ainda uma outra questão sentimental de «gratidão», mais irritante que a de pecúnia.

Com efeito, a França pretende que a Itália esteja para com ela num perpétuo e enternecido estado de gratidão. E esta exigência da França tem o condão de enervar a Itália — de a enervar até ao desespero. É um facto psicológico bem conhecido (e Labiche superiormente o pintou numa das suas comédias geniais) que o libertado sente sempre um secreto tédio pelo libertador. Mas quando o

libertador constantemente e garrulamente cita, lembra e celebra o benefício da libertação — não é tédio então, é intenso e vivo ódio que o libertado começa a nutrir pelo herói que o libertou. É bem natural — porque o fraco não pode esquecer o que o apoio trazido pelo forte foi uma demonstração pública e aparatosa da sua fraqueza. Todos aqueles que Hércules outrora veio salvar, com grande alarido e grande farófia, ficaram detestando Hércules.

Ora a Itália realmente tem sido libertada de mais pela França desde Carlos VII! E todas estas intervenções libertadoras lhe foram horrendamente caras, além de algumas delas lhe serem desoladoramente inúteis.

A de Napoleão I quase a arruinou,

além de a anarquizar. E Napoleão III, que concorreu efetivamente para fazer o reino de Itália, voltou de lá bem pago em boas terras, com Nice e com a Saboia. Mas além disso a França tomou o hábito arrogante e humilhador de afirmar que ela e só ela criou o reino da Itália, pela força das suas armas e do seu dinheiro, quando realmente a Itália pretende, e com razão, que ela sobretudo concorreu grandemente para esse resultado magnífico com o seu dinheiro, as suas armas, o seu patriotismo e a habilidade suprema dos seus homens de Estado. Nestas condições é fácil compreender a irritação dos Italianos quando os Franceses os acusam de ingratidão, e lhes lembram altivamente que se a Itália hoje é uma nação é porque, assim o quis a França na sua

magnanimidade.

Tudo isto vai levando a uma guerra. E é uma dor que duas nações como a Itália e a França se venham a dilacerar. Há aí o que quer que seja de semelhante a um parricídio. A Itália, é certo, nos seus velhos dias, tem sido ajudada — mas foi ela, na sua soberba mocidade, que nos fez a nós todos, povos da Europa ocidental, e nos civilizou e nos modelou à sua imagem. Ela é e permanecerá a Italia Mater, a mãe venerável das nações. Todos nós somos ainda religiosamente, e juridicamente, e intelectualmente, províncias de Roma. Quando a sua tutela política findou, nós ficámos ainda, e para nossa grandeza, sob a sua tutela espiritual. Ainda não há duzentos anos que, como derradeiro presente, ela nos deu a música.

As Festas Russas

Neste momento o Brasil só muito justamente se interessa pelo Brasil — e se pudesse dar ainda aos ecos da Europa uma atenção apressada seria decerto àqueles que lhe levassem a impressão da Europa ou pelo menos de Paris, que é um resumo da Europa, sobre a luta que a ele tão tumultuosamente o perturba.

Mas Paris, apesar de alardear sempre a sua generosidade messiânica e o seu amor dos povos, é uma cidade burguesmente egoísta que só se comove com o que se passa dentro da linha dos bulevares, quando muito dentro do recinto das fortificações.

Além disso, as notícias do Brasil

chegam tão truncadas, tão vagas, tão discordantes, que nem sabemos ainda se são simplesmente pessoas, se verdadeiramente princípios que aí se combatem; e esta incerteza esbate, se não impede totalmente, a emoção.

Depois ainda, as nações, à maneira que aperfeiçoam as suas formas de civilização, requintam no sentimento de neutralidade, que é a suprema polidez das nações. De sorte que, nesta dúvida e nesta reserva, tudo quanto a Europa agora pode sentir pelo Brasil é o desejo forte de que o patriotismo aí alumie as almas e que Deus torne bem viva essa luz.

De resto, a Europa não está também estendida sobre rosas festivas. Pelo contrário: cada pobre nação sofre dolorosamente da sua chaga ou da sua

febre. O Velho Mundo é um verdadeiro hospício onde o ar viciado pelas teorias se tornou mortífero. Países que ainda não têm trinta anos, como a Itália, que todos nós vimos nascer e batizar, estão inválidos. Mesmo os mais ricos e os mais fortes padecem por motivo da sua própria riqueza, que é uma origem constante de revoluções sociais, e por motivo ainda da sua força, que faz pesar sobre eles a perene e arruinadora ameaça da guerra. Por toda a parte greves, e sangrentas; por toda a parte ruínas causadas pelos apetites materiais ou pelos idealismos políticos. Em Espanha não se passa um dia sem uma revolta regional ou municipal. Até a Holanda, tão tradicionalmente pachorrenta, alimentada a queijo e leite, envolta em névoas emolientes, se tornou

uma fornalha de anarquismo. E a única nação que realmente mostra equilíbrio e saúde é a Suíça, não por ser uma república (não parece haver salubridade segura nesse regime) mas talvez por se ter desinteressado de todas as teorias e de todos os ideais, e de ter adotado, no alto dos seus montes, a ocupação entre todas pacata e higiénica de dona de hospedaria.

Apesar deste estado mórbido, a Europeu todavia ainda se diverte — e aqui temos a França, há um mês, organizando ardentemente, quase convulsamente, uma festa suprema e sumptuosa. A Rússia, ou antes o czar (porque o czar é que é verdadeiramente a Rússia, e todos os jornais de Paris, mesmo os mais revolucionários e os que mais zelam a soberania popular,

aconselham que se grite, não «viva a Rússia!» mas «viva o czar!», manda este mês a sua esquadra do Mediterrâneo a Toulon a pagar aquela respeitosa visita que há um ano a esquadra francesa fez à Rússia, quero dizer ao czar. E a França toda, desde Paris até às minúsculas aldeias que quase não têm nome, procura realizar uma demonstração de amizade pela Rússia, tão ardente e estridente que fique histórica e que marque mesmo o começo de uma nova era histórica.

Com efeito, esses quatro ou cinco couraçados russos que vêm ancorar no porto de Toulon, criam quase uma transformação na política da Europa. Desde 1873, e ainda até há um ou dois anos, a França estava numa dessas situações que, pelo contraste violento do

mérito e da sorte, são tão particularmente penosas a uma nação altiva.

Fidalga entre todas, com pergaminhos históricos de incomparável nobreza (outrora Deus, quando queria realizar no mundo um grande feito, encarregava dele os Francos — *gesta Dei per Francos)*, a França estava, na Europa, entre as velhas monarquias aristocráticas, com o ar embaraçado de uma merceeira entre duquesas! Guerreira entre todas, poderosamente armada, com três milhões de soldados facilmente mobilizáveis, a França estava entre as grandes potências militares com o ar inquieto e timorato de um fraco entre valentões! Situação absurda mas lógica, porque era republicana e fora vencida. As antigas casas reinantes viam o seu republicanismo

com desconfiança, se não com desdém. E a sua derrota, e o isolamento que ela lhe trouxera, autorizavam os chefes de guerra a terem por vezes para com esta nação forte, e apesar da sua força, ares fanfarrões e provocantes que a enervavam. A França realmente estava sempre na possibilidade de ser desdenhada ou brutalizada. Com todos os seus pergaminhos, que datam de Clóvis, com os seus três milhões de soldados, politicamente, na Europa, ela estava de fora, à porta. E só se desforrava desta humilhação por aquela sua outra influência, que é inobscurecível e invencível, a da literatura e da arte.

Para que tal situação mudasse era necessário que uma grande nação amiga, uma potência militar e aristocrática a

viesse buscar à porta, a levasse pela mão para dentro do concílio das nações, a proclamasse, apesar de republicana, como sua semelhante e sua irmã, e, pondo fim à sua solidão política, a salvaguardasse para sempre de ameaças e provocações bruscas. E esta nação fraternal foi a Rússia. O czar não veio pessoalmente a Paris, como viria, talvez, se a França tivesse um rei. Mas vem moralmente, mandando uma frota, que é como uma embaixada de aliança. Durante dez ou doze dias, a França e a Rússia, a grande república e a grande autocracia, vão juntar diante da Europa as suas bandeiras, e, pelo impulso sentimental de todas as multidões, as suas almas. E desde esse momento não só a França, como república, recebe o reconhecimento

supremo, o último que lhe faltava, o de uma aliança monárquica tão real e natural como se Mr. Carnot fosse um rei de direito divino — mas ao mesmo tempo a França, como França, recebe ao lado da sua própria força o adicionamento de uma força irmã que a torna invencível. De sorte que a visita do almirante Avelane abre, realmente, um novo e interessante capítulo de história.

Há aqui, em resumo, o quer que seja de parecido (salvas, meu Deus, as proporções!) com o caso do corretor de Hamburgo e do velho Rothschild. Não sei se conhecem a anedota, que é clássica. Um certo corretor de Hamburgo, apesar da sua honestidade, da sua inteligência e mesmo de um começo de fortuna, não conseguia vencer na Bolsa uma vaga

hostilidade que o envolvia, misturada de desdém; e não lograva portanto arredondar o seu milhão. Parece que o homem casara deploravelmente com uma lavadeira e, ainda em relação com esse erro sentimental, recebera bengaladas em um cais de Hamburgo. Daí a sua situação de pestífero. Um dia, porém, este corretor, feliz ou hábil, apareceu na Bolsa de braço dado com o velho Rothschild, o primitivo chefe da casa imensa. E durante uma hora, a de maior afluência e publicidade, o corretor, desprezado e o banqueiro venerado passearam por entre os grupos, conversando, com as mangas das casacas bem coladas e bem íntimas. Para quem conhece os homens é inútil acrescentar que desde essa manhã o corretor foi cercado de uma consideração ardente, viu

a sua doce lavadeira convidada para as festas cívicas e arredondou obesamente o seu milhão. Era o amigo de Rothschild! E quem é visto na intimidade de um poderoso possui desde logo no mundo uma parte do poder.

A diferença aqui está em que o corretor de Hamburgo não experimentava nenhum prazer real e material em sentir a sua manga roçar carinhosamente a manga (decerto gasta e sebácea) do velho Rothschild. Todo o seu prazer, como todo o seu interesse, estava em que os outros corretores e os negociantes espalhados pelo peristilo da Bolsa vissem, durante toda uma manhã, as duas mangas bem juntas e bem casadas.

A França pelo contrário sente um prazer intrínseco e genuíno em abraçar

triunfalmente o honesto, e bom, e forte czar. Decerto lhe é grandemente grato que toda a Europa, e sobretudo a Alemanha, veja a estreiteza e a veemência do abraço — e por isso o quer bem demorado, alumiado por todos os lados a fogos de Bengala, e destacando ricamente num fulgor de apoteose!

Mas a França é uma francesa — com todas as suas graças de sensibilidade e de sociabilidade, e com o coração sempre pronto a bater perante uma homenagem que seja simultaneamente fina e natural. O acolhimento solene e carinhoso que o czar fez no ano passado, com grande surpresa da Europa, à esquadra francesa do Norte, enterneceu a França, de todo a conquistou, e a França, que é uma francesa, está hoje namorada de

Alexandre III.

Quando os jornais de Paris o proclamam agora um justo, quase um santo, escrevem, não com o seu interesse, mas candidamente e com a sua emoção. Ele é o guerreiro forte que inesperadamente abriu os braços fortes à França abandonada, e lhe disse a doce palavra que ela há muito não ouvira: «Sê minha irmã e minha igual.» Como não amar o homem magnânimo, o Teseu salvador? Tudo nele parece belo, a sua estatura, a formidável rijeza dos seus músculos, a sua larga e tocante paternidade, a quietação grave da sua vida familiar. E estou certo que, na alta burguesia conservadora, já muito bom francês pensou secretamente quanto ganharia a França em ter um rei do tipo

moral e físico do czar. Por isso estas festas vão ter não sei quê de nupcial.

O czar esposa a França. Não faltarão talvez mesmo as bênçãos da Igreja. E ou me engano, ou esta França racionalista e radical, que riscou Deus dos compêndios e exilou os crucifixos, vai celebrar te-Deums louvando o Senhor por esta aliança cheia de incomparáveis promessas.

Aliança feita particularmente pelo povo francês e pelo czar. Os políticos profissionais, os homens de Estado, os governos sucessivos da república desde 73, não a promoveram nem a previram. Pelo contrário: liberais e parlamentares, as suas simpatias foram sempre pela Inglaterra parlamentar e liberal. O czar, autocrata e absoluto, só inspirava aos

estadistas radicais do tipo de Ferry, Spuller, Goblet, etc., uma antipatia que nenhum interesse político podia dominar. E aquela parte de influência que ainda pertencia à França, mesmo vencida e isolada, foi sempre posta por eles ao serviço da Inglaterra, e portanto contra a Rússia. No congresso famoso de Berlim, foi a França que mais concorreu para arrancar à Rússia as vantagens e os territórios que ela conquistara à Turquia, depois de uma longa e penosa guerra. E a desconfiança do grande «déspota do Norte», o horror dos democratas a qualquer imisção dele, mesmo remota, nos negócios republicanos da França, subiu a tal ponto que, quando o general Appert, embaixador de França na Rússia, se começou a tornar muito íntimo e familiar

do czar e a tomar chá no Palácio de inverno mais vezes do que as exigidas pelo protocolo, o general Appert foi brutalmente demitido!

Por baixo, porém, dos políticos estava a multidão (que não tem em França grande compatibilidade de espírito com o pessoal que a governa) — e estavam patriotas como Deroulède e outros, mais intimamente em comunhão com os desejos e as esperanças da multidão. Foram estes que semearam, às mãos-cheias, a boa semente. Na Rússia, porém, nenhuma semente frutifica sem o consentimento do czar. Ora o czar não só admitiu esta semente, mas até a regou. Começaram então essas repetidas visitas dos grão-duques a Paris, que eram como as andorinhas do Norte, anunciando a

esperança do renascimento. Pouco mais faziam estes grão-duques do que almoçar pela manhã no Voisin, e jantar à noite no Paillard. Pelo menos os jornais não lhes narravam outros factos, mas já, de restaurante a restaurante, ou por onde quer que fossem, os acompanhava um sulco largo de simpatia popular. E nenhum grão-duque chegava, ou nenhum grão-duque partia, sem que as gares estivessem todas floridas e ressoassem já os primeiros e tímidos clamores de «viva o czar!»

Depois, alguns homens de letras, sobretudo Mr. De Nogüé (que já fizera particularmente a «aliança», casando com uma senhora russa), começaram a popularizar a literatura russa. Tolstoi foi revelado à França. O seu neo-evangelismo, nascido do pavoroso

espetáculo da miséria rural no Centro da Rússia, entusiasmou aqueles que em Paris também se voltavam para o idealismo, por fadiga e fartura das velhas e secas fórmulas positivistas. Mas Tolstoi e os outros romancistas russos foram, sobretudo, aclamados pelos mesmos motivos por que o eram os grão-duques. A clara e bem equilibrada inteligência crítica do Francês, no fundo, não compreende nem pode amar a dolorosa e tenebrosa literatura russa. A natureza do espírito dos dois povos é tão diferente como os seus dois estados sociais. Não só já nas suas formas de pensar, mas mesmo nas suas formas de sentir, o Francês e o Russo divergem — e quase se pode dizer que um e outro amam e odeiam de modos que são totalmente diversos na sua

essência e na sua expressão. Em tudo o que mais fundamente constitui a civilização, em matéria de religião, de família, de trabalho, de estado, as duas nações discordam — porque uma é ainda primitiva, governada por crenças primitivas, organizada por instituições primitivas, enquanto que a outra é uma nação trabalhada violentamente, no fundo da alma e em toda a sua ordem social, por quatro séculos de filosofia e um temeroso século de revoluções.

Mas esta mesma popularização da literatura russa concorreu para a confraternização. A França, repito, é uma francesa — e, como tal, extremamente sensível ao brilho das letras e da cultura.

Não creio que fosse jamais popular em França a aliança com um povo

estúpido e sem livros. Todo o ser de alta civilização espiritual gosta que os amigos, com quem se mostra perante o mundo, pertençam à mesma, alta *élite*.

Assim lentamente se fez esta fraternidade das duas nações, que marcará talvez na história. Os Franceses agora pretendem que ela realmente existiu sempre (é agradável prender tudo a uma velha tradição) — e vão buscar mesmo a sua origem ao fundo do século XVIII (antes disso também quase não existia a Rússia), ao czar Pedro, *o Grande*, que foi esplendidamente festejado em Paris, na corte jovial do regente, onde a sua força colossal, os seus bigodões, a sua brutalidade encantavam *les petites dames*. Mas vão sobretudo filiar esta fraternidade na Guerra da Crimeira em 1851, onde

oficiais franceses e russos confraternizavam nas trincheiras, entre dois combates, bebendo champanhe. Boa novidade! Já outrora, durante as velhas Guerras dos Cem Anos, os cavaleiros ingleses e franceses, depois das duras brigas, ou no repouso dos assédios, se juntavam, deslaçavam os morriões de ferro, para bazofiar de armas e de amores, tragando por grossos pichéis a zurrapa do Rossilhão. Em todos os tempos, nos exércitos aristocraticamente organizados, os oficiais fidalgos, quando se não batiam, bebiam, segundo as circunstâncias, zurrapa ou champanhe.

Não! A aliança franco-russa, se se realizar, é obra especial, pelo lado da França, desta nova geração que sucedeu à guerra, e, pela parte da Rússia, do czar.

Na Rússia não foi o povo que a fez, porque o povo não tem opinião e portanto politicamente não existe. E em França não foi o Governo que a fez, porque os homens que o constituem são ainda dos que gritavam, há vinte anos: «Viva a Polónia! Abaixo o czar!»

É esta a sua originalidade, de resto consequente com os estados sociais das duas nações. Uma grande democracia trata diretamente e particularmente com um grande autocrata. E um homem e uma multidão assinam, sem papel e sem tinta, um tratado formidável e pitoresco.

Aliança Franco-Russa

Estamos, enfim, no redemoinho e brilho e estridor das festas. O almirante Avelane e os oficiais da frota russa desceram sobre Paris. Digo *desceram*, como se se tratasse de seres chegados da brancas esferas celestes, porque o próprio almirante classificou esta visita de *sobrenatural*, e o Sr. Hervé, diretor do *Soleil*, um académico, um moderado, um cético, não hesitou em lhe atribuir um caráter *miraculoso*. Deve haver aqui, pois, o quer que seja de transcendente. E Paris está em delírio — mas um delírio cheio de bonomia e mesmo cheio de diplomacia.

Louvemos sem reserva este povo

eminentemente racional. Todos os seus amigos estavam receando (e todos os seus inimigos esperando) que Paris, na alegria do seu grande sonho enfim realizado, e no orgulho da sua nova força, se exaltasse desmedidamente, deixasse escapar, em tumulto e sem escolha, todos os sentimentos que o agitam, e no meio das aclamações aos seus amigos lançasse, aqui e além, alguma grossa injúria ao seus velhos inimigos. Receios iníquos, esperanças indiscretas! Paris está mostrando a prudência de um diplomata encanecido na carreira — e os próprios garotos se comportam como Metternichs.

Nunca decerto, como hoje, Paris pensou tanto na Alemanha; e no fundo, todas estas bandeiras se desfraldam, e todas estas luminárias se acendem, e todo

este champanhe estala, tanto pela Rússia como contra a Alemanha. Mas esse pensamento fica cautelosamente aferrolhado nos mais fundos recantos da alma — e o que transborda é apenas o clamor do entusiasmo e da fraternidade. É como se não existisse Alemanha, nem a ingrata Itália, nem tríplices alianças. Há só dois povos, o francês e o russo — e, como eles se abraçam, o mundo todo se converte num amável santuário de paz.

Oito dias são passados desde que os russos estonteiam Paris. A cidade toda está na rua. O tempo vai quente e abafadiço. Por toda a parte a cerveja e o vinho transbordam, como numas colossais bodas de Gamacho. E todavia, em nenhum bairro, mesmo nos mais ruidosos e excitáveis, houve ainda um grito, uma

pilhéria num café, uma alusão que desmanchasse a harmonia pacífica do soberbo festival.

Isto prova, uma vez mais, que Paris não é como se pensa a cidade que entre todas se embriaga e se dementa. E prova ainda que nenhuma outra há em que a inteligência geral seja tão aberta, acessível e pronta — isto é, em que uma ideia, considerada justa ou necessária, penetre tão claramente e tão unanimemente nas multidões. Em Londres é fácil, extremamente fácil, fazer sentir às classes cultas, mesmo à pequena burguesia, a beleza ou a vantagem de tomar e conservar, num grande momento público, uma certa atitude, mesmo contrária a sentimentos legítimos; mas como fazê-la sentir àquela turba obtusa e

rude, que os Ingleses chamam os *roughs*, os «ásperos»? Para esses não há interesse público que lhes refreie ou modifique o instinto ou a paixão. E não seriam eles, se Londres tivesse sido durante seis meses cercado e brutalizado pelos Alemães, que se privariam, numa festa igual, de desabafar o velho rancor e de lançar por entre o muito alto grito de «viva a Rússia!» brados ainda mais altos de «morra a Alemanha!» Ainda há pouco o provaram (por ocasião do curto ressentimento entre a França e a Inglaterra, a propósito do Sião) quando uma plateia de rapazes de comércio, no Teatro da Alhambra, ao aparecer, não sei em que bailado, a bandeira francesa, rompeu em urros de furor e se arremessou sobre o palco para despedaçar e

espezinhar a tricolor. Foi apenas um momento, uma brusca ebulição do forte sangue saxónio. O bailado continuou — e cada um recomeçou serenamente a rir e a emborcar *bocks*.

No fundo é tudo talvez uma questão de polidez e doçura. Matthew Arnold, o mais fino crítico que tem tido a Inglaterra, sustentou sempre que estas duas inapreciáveis qualidades faltam inteiramente ao Inglês. Era decerto uma generalização excessiva, que provinha de esse delicado espírito se ter nutrido e enlevado demasiadamente na literatura francesa do século XVIII. Mas é certo que, pelo menos, a polidez e a doçura, em Inglaterra, faltam à população. Em França, nem a essa faltam.

Nestas festas russas, com efeito,

para mim, a coisa mais interessante e tocante tem sido a multidão. Há dias que dois milhões de parisienses vivem em permanência apinhados em três ruas: o Bulevar dos Italianos, a Avenida da Opera e a Rua de la Paix. A clássica sardinha na sua clássica lata, um maço de cigarros densamente apertado, grãos de café dentro do saco pançudo que quase estoura — são frouxas imagens materiais para exprimir esta massa compacta de criaturas de Deus, que se move com a espessura e lentidão de um metal mal fundido. E a inumerável multidão do tempo de Boulanger, o derradeiro criador de multidões. Mas não há agora a vivacidade, a vibração petulante e batalhadora desses dias de cesarismo. Esta multidão é enternecida e grave. E

sobretudo doce. Não há uma brutalidade, uma impaciência, um empurrão. As mulheres vieram confiadamente, trazendo filhinhos ao colo. Tanto é o decoro e o recolhimento, que lembra uma turba devota dentro dos muros de um templo.

Toda esta parte de Paris, com efeito, em redor do Clube Militar onde se hospedaram os russos, se tornou como um vago templo de fraternidade e de paz.

Esse espírito pacífico e fraternal que aqui erra, esparsamente, até se comunica aos animais.

Na Avenida da Ópera um grande *mail-coach*, tirado por quatro puros cavalos, fica encravado, atolado na densa massa viva. No tempo de Boulanger seria um escândalo de berros e coices, porque, para homens e bichos, os tempos eram

agressivos. Agora, o cocheiro lá no alto, puxou risonhamente a charuteira e acendeu um paciente charuto. Os cavalos não se moveram, discretos e corteses. A gente que se achava colada a eles terminou por se encostar, familiarmente, descansando, às garupas fumegantes. Os animais, por seu turno, também derreados, descansavam os focinhos sobre o ombro do cidadão. Por cima, as janelas embandeiradas estão cheias de mulheres, que atiram flores, atiram mesmo beijos, por entre as pregas amarelas do pavilhão do czar. O próprio céu se enfeita — e toma agora sempre, ao fim da tarde, um tom de ouro e apoteose.

Por vezes, entre couraceiros que cercam um landau, alvejam ao longe os bonés brancos dos oficiais russos. Uma

aclamação rompe logo de «viva o czar, viva a Rússia!» Toda a maciça multidão arremete numa ansiosa ondulação; os chapéus tremulam freneticamente entre o esvoaçar dos lenços. É uma curta explosão de amor. De novo o decoro, a compostura risonha se estabelecem, mais largos. Nem sequer se levantou um pó importuno. Ninguém sua. Toda esta turba cheira agradavelmente a água-de-colónia e a violetas de outono. Até o ar se aveludou. As vidraças dos prédios dardejam lampejos de alegria. Os cidadãos trocam o lume dos charutos com um sorriso de gratidão e concórdia. Tudo é harmónico, suave, polido, amável e fino. No fundo toda esta ordem é simplesmente o resultado precioso de uma muito velha civilização. E é em dias destes, no meio

de dois milhões de populares apinhados pelo entusiasmo em três ruas estreitas, que se apreciam os benefícios de uma antiga cultura, que através dos tempos tem afinado o animal humano. Eu por mim, durante toda uma hora que levei a atravessar a Praça da Ópera, sem que ninguém me empurrasse, me pisasse, me empecesse, me contrariasse — não cessei de louvar Júlio César, por ter, tão cedo, e tão antes do meu tempo, feito a conquista das Gálias.

Enquanto às festas propriamente, creio que foram medíocres — sobretudo as festas exteriores e de rua. O Francês nunca teve o génio decorativo — nem soube a arte sumptuosa de organizar uma gala. Esse dom pertence ao Italiano. O Francês só é hábil em ornamentar um

salão — ainda que ultimamente o classicismo, que é um dos feitios da sua inteligência, o tenha imobilizado em dois géneros que repete monotonamente, infinitamente, o Luís XV e o Henrique II. Em todo o caso, possui grandemente a ciência das luzes e das flores. E todas estas festas realizadas em salão, os banquetes, os bailes, a gala da Opera (que é um salão), tiveram muito requinte e muito brilho. Nas ruas o esforço inventivo não passou de algumas bandeiras tricolores, fixadas nas varandas, ao lado do pavilhão amarelo com a águia negra de duas cabeças.

A Rue de la Paix oferecia uma decoração de mastros de navios, com vergas, o velame apanhado, e flâmulas no topo, que a assemelhava a uma linda doca

de ópera cómica. A Rua Quatro de setembro, com o seu longo toldo de lanternas chinesas, lembrava uma rua de Cantão, em noite de devoção budista.

As festas, além disso, foram muito acumuladas. Todas as instituições, corporações, associações, clubes, armazéns, queriam ansiosamente honrar os russos — e houve tal dia pavoroso em que o almirante Avelane e os seus oficiais foram forçados a partilhar de três almoços, quatro lanches, dois jantares e cinco ceias! Apenas acabavam aqui de engolir o café, tinham de saltar à pressa para dentro das carruagens, para ir além recomeçar a sopa. É grave pensar que estes homens inocentes tiveram de comer oito e dez vezes, por dia, salmão à russa ou codorniz trufada. E como nestas ágapes

de aliança o ato importante eram os *toasts*, as saudações de confraternidade e de reverência pelo czar, não é menos grave considerar que a cada um desses marinheiros fortes, coube, durante o seu dia, esgotar de setenta a oitenta copos de champanhe.

Enfim, se já no tempo de Henrique IV Paris *valia uma missa*, não há dúvida que, agora, com todos os progressos de três séculos, vale bem uma dispepsia.

Mas as festas foram talvez menos deslumbrantes por causa das casacas pretas do Governo. O Estado em França, como republicano que é, não tem uniforme: nas grandes festas oficiais é obrigado a aparecer de casaca e gravata branca, como os escudeiros que servem o *punch*. Este inconveniente, tão

considerável num país habituado há oito séculos ao esplendor sumptuário da monarquia, nunca ressaltou tanto, nem se tornou tão patente, como agora nestas festas, que eram sobretudo militares. Em meio das fardas, dos penachos, dos bordados, das couraças, dos ouros, das armas ricas — alguns sujeitos circulavam, encafuados, mesmo de dia, sob o esplendor do sol, em sinistras casacas negras. Quem eram? Os ministros, o Governo, o Estado, a França. Aí está a que chegara a seda branca recamada a pérolas dos Valois, o veludo bordado, e os laços floridos, e os diamantes, e os altos empoados dos Bourbons, e as fardas faiscantes dos napoleões: a uma casaca de pano preto, quase sempre mal feita, como a de um criado de copa ou de um servente

de enterro!

Todo Paris sentiu e sofreu a humilhação desta pelintrice oficial. E jornais sérios, em artigos sérios, lembram a necessidade de que se estabeleça para o presidente da República, para os presidentes das câmaras, para os ministros (os três poderes do Estado), um uniforme, nobre e severo, que lhes dê prestígio — esse prestígio material e exterior que, para um povo amigo da arte e da beleza das formas, é talvez o mais persuasivo e durável. Isto é extremamente sensato. É necessário que o poder inspire sempre o sumo respeito. Ora, entre dois chefes de Estado — um revestido de uma couraça rutilante, com um capacete emplumado, e outro metido dentro de um paletó negro, com um chapéu-coco — o

respeito instintivo da multidão impressionável vai para o guerreiro da bela couraça e não para o sujeito do coco triste. Pelo menos para ele vão os olhares das mulheres — e logo portanto atrás, por uma lei natural, a consideração dos homens. Os filósofos, está claro, não regulam a força moral e o valor por estas exterioridades. A pompa toda de Alexandre não conseguiu impressionar Diógenes. Mas a turba não se compõe de filósofos — e para ela, perpetuamente, a magnificência solene será a prova real do poder.

Mas que uniforme se deverá impor ao Sr. Carnot? Não sei. Evidentemente não deverá ser o fato de Luís XV, de cetim branco, e o manto de papo de tucano que o imperador do Brasil por vezes revestia —

e de que ele próprio se ria tão alegremente. Mas é bom que não continue a ser essa lamentável casaca civil, envergada logo de manhã à luz irónica do Sol, de que o imperador tanto gostava e que tanto o prejudicou.

E já que, através de fardas e casacas, vim a recordar o Brasil, como não aludir discretamente ao grande silêncio que subitamente se fez em França sobre a revolta que o agita? Apesar de atulhados com as narrações das festas e com a Rússia (que é volumosa), os jornais de Paris ainda assim reservam sempre algumas linhas, vinte ou trinta, aos casos curiosos do mundo.

Debalde, porém, se procura agora uma notícia, mesmo falsa, sobre o Brasil. Nada! É como se o almirante Melo e os

seus couraçados se tivessem sumido para sempre nas brumas atlânticas. Que digo? É como se o Brasil tivesse desaparecido — ou antes tivesse entrado naquela era de felicidade, classicamente conhecida, em que os povos deixam de ter história. E assim parece ser, pois que o único rasto do Brasil se encontra nalgum boletim financeiro, onde se dizem os sacos de café vendidos e a cotação do câmbio. E esse mesmo câmbio, outrora tão agitado, nos aparece agora cheio de quietação e repouso — porque a descrição que dele se faz é sempre idêntica: *inchangé*.

«Un silence parfait règne dans cette histoire», como diz Musset. É de bom prenúncio este silêncio, é de mau prenúncio? Em todo o caso, é único na história das revoluções. Havia tiros,

sangue, cólera, tumulto. De repente tudo se cala, tudo se some — e aqui ficamos na Europa boquiabertos, diante de uma forte revolta que se esvaiu no ar, como uma visão de mágica. Onde estão os couraçados? Onde estão os fortes? Onde estão os regimentos? Não há nada — não se entrevê um vulto, não se escuta um rumor.

Decerto aí, no Rio, se estimaria saber a impressão que se tem aqui em Paris dessa luta desoladora. Pois a impressão é esta, não outra, há uma longa, vagarosa semana. O pasmo diante de uma coisa real e terrível, que troava e flamejava, e que de repente desaparece, se funde na nudez e na sombra. E aqui estamos espantados, arregalando os olhos para o Brasil — tendo apenas a vaga

consciência de que lá se continua pacificamente a vender café.

A Espanha

O «teatro dos acontecimentos» (como outrora se dizia), que é decerto um teatro ambulante, atravessou os Pirenéus — e é agora de Espanha que nos chegam esses ecos com que se faz história. Isto desde logo garante que eles devem ser interessantes — porque de Espanha nada pode vir que seja mesquinho ou banal, a não ser por vezes versos e discursos.

A Espanha é hoje, na Europa, a última nação heroica — pelo menos é a última onde os homens publicamente, e nas coisas públicas, se comportam com aquela arrogância, e bravura estridente, e magnífica imprudência, e soberba indiferença pela vida, e desdém idealista

de todos os interesses, e prontidão no sacrifício, que constituem, ou nos parecem constituir, o tipo heroico (porque nem os dicionários nem as psicologias estão bem de acordo sobre o que é um herói).

Assim, eu não creio, por exemplo, que haja nada mais espanhol, e que se nos afigure mais heroico, do que o atentado contra o marechal Martinez Campos. O velho general está passando uma revista numa praça de Barcelona, cercado de oficiais e de populares, que em Espanha se misturam sempre familiarmente aos estados-maiores. De repente um rapazola de vinte anos, um anarquista, atravessa o grupo, desata tranquilamente, e de cigarro na boca, as pontas de uma pequena trouxa, e atira sobre o marechal uma bomba de dinamite. Há uma horrenda explosão, uma

nuvem de pó e de estilhas, gritos, todo o tropel e tumulto de uma catástrofe. Mas uma grande voz ressoa, uma voz de comando, serena e quase risonha. É Martinez Campos, de pé, coberto de sangue, que brada com a mão no ar: «No és nada, no és nada!» O seu cavalo jazia despedaçado numa poça de sangue. Em torno, no chão escavado pela bomba, estão caídos uns poucos de oficiais e de populares, mortos ou terrivelmente feridos e gemendo. O marechal tem a farda em farrapos, donde pinga sangue. E, todavia, indignado que se erga tanto alarido por causa de uma bomba, continua a encolher os ombros, a gritar: «Pero si no és nada, hombre, si no és nada!»

Mais adiante soa outro grito ainda mais alto. É o do rapazola, o anarquista,

que agita o boné, berra em triunfo: «Fui eu! Fui eu!» Tem vinte anos, acaba de cometer um crime que o levará à forca, e está ansioso por que todos saibam que *foi ele, só ele!* Não vá outro ser preso, roubar-lhe ali diante do povo, diante de todas aquelas mulheres, a glória do seu feito anarquista! Através do terror, da confusão, podia fugir. Mas quê! Perder todo o prestígio que lhe cabe pela sua façanha? Não! Por isso bate no peito, chama os gendarmes, brada: «Fui eu! Fui eu!» E quando o prendem, vai pelas ruas, já de mãos amarradas, clamando ainda com orgulho para as janelas cheias de gente que *fora ele, só ele!*

Ao mesmo tempo, por outra rua, vai o velho marechal, em braços, meio desmaiado, continuando a sorrir e a

afirmar que «no és nada, que no és nada!»

O quadro é admiravelmente espanhol — e só pode ser espanhol.

O Espanhol é heroicamente bravo; mas outras raças, o Inglês, o Russo, o Francês, possuem esse heroísmo especial que consiste em soltar um grito, florear a espada, e correr soberbamente para a morte. Onde o Espanhol se mostra único é no desprendimento com que sacrifica todos os interesses, desde que se trate da honra da Espanha, ou do que ele pensa momentaneamente ser a honra da Espanha. Aí invariavelmente reaparece o sublime D. Quixote.

E tanto mais heroicamente que ao Espanhol não faltam o raciocínio, e a prudência, e o claro sentimento da realidade, e o amor dos bens acumulados,

e mesmo um certo egoísmo pachorrento — como superiormente o prova Sancho Pança. Mas conhecendo e pesando bem o que vai perder — marcha jovialmente e tudo perde com entusiasmo, porque se trata da sua pátria.

Não há na alma espanhola sentimento mais poderoso que este de pátria. Os cafés de Madrid, ou de Sevilha, estão atulhados todas as noites de descontentes, que maldizem da coisa pública, e berram, emborcando largos copos de água e anis, que em Espanha tudo vai mal e que a Espanha está perdida! Mas que alguém de fora passe e atire uma pedra à terra de Espanha, ou finja simplesmente que atira a pedra — e todo esse povaréu se ergue, e ruge, e quer matar, e quer morrer, para vingar não só a

pedrada, mas o gesto.

O Espanhol, com efeito, apesar do que tanto resmunga nos botequins, tem uma ideia imensa da sua terra. Basta testemunhar a maneira ardente e ovante como ele pronuncia «mi terra»! Para ele a Espanha é a maior das nações — pela força e pelo génio.

Há aqui certamente um orgulho tradicional, hereditário, vindo dos séculos de dominação e de verdadeira superioridade. Muito bom espanhol vive ainda, por uma ilusão magnífica, na Espanha do passado, e não se compenetrou da decadência, e ainda pensa que os regimentos de Madrid são os velhos e temerosos terços de Carlos V, e que qualquer piloto do Ferrol ou de Cartagena poderia redescobrir as índias, e

que cada novo romancista continua Cervantes, e cada pintor sevilhano ressuscita Murillo. Mas além deste hábito de se sentir grande, natural de resto numa raça que chegou a dominar o mundo e que deu à humanidade algumas das suas almas mais fortes e dos seus génios mais profundos, há ainda no Espanhol um amor prodigioso pela terra de Espanha, pelo torrão que os seus pés calcam, pelo monte e pela planície, pelas cidades ou pelas aldeias que aí se erguem, por cada tufo de cardo que brota entre cada rocha. O Inglês, outro grande patriota, ama ardentemente e exclusivamente a civilização que criou na sua ilha, e as suas instituições, e os seus costumes — mas não tem nenhum entusiasmo pela ilha, ela própria, que abandona mesmo com

facilidade e prazer. E contanto que leve para a Itália, ou para outro clima doce, a sua cozinha, os seus *sports*, os seus jornais, as suas distinções sociais e o seu clube, prefere sempre a suavidade de um ar luminoso aos ásperos nevoeiros do seu sombrio Norte. Por isso emigra, e vai fundando em solos mais amenos que o seu uma correnteza infinita de pequenas Inglaterras. Para o Inglês a pátria é uma entidade social e moral. Para o Espanhol a pátria é o bocado de terra que os seus olhos abrangem, e que ele ama como se ama uma mulher, com um amor ciumento e carnal. Esse amor cria nele naturalmente a ilusão — e o Manchego e o Navarro, que habitam duas das mais feias e tristes regiões da Terra, não as trocariam pelo Paraíso, porque nada lhes parece

realmente tão formoso e radiante como a Mancha ou a Navarra. Eu já vi um homem, e muito inteligente, que era de Mérida (um dos mais lúgubres buracos do mundo), declarar muito seriamente e convicto que Paris, como monumentos, e interesse, e brilho, «no valia Merida»! De resto, quem não tem ouvido espanhóis, muito cultos, muito viajados, preferirem candidamente qualquer Mérida sua a Roma ou a Londres, e considerar tal politiquete da sua província maior que Gladstone e Bismarck, e achar em certo folhetim, publicado num jornal de Andaluzia, mais génio que em toda a obra de Hugo? A isto se chama ordinariamente a exageração espanhola. Não! É apenas a cândida ilusão de um patriotismo transcendente.

Considerando assim a sua pátria,

tão formosa, tão grande, tão forte, tão genial, e prestando-lhe um culto como à verdadeira e única divindade, como não há de o Espanhol exaltar-se até ao tresloucamento, quando a supõe ultrajada? Para ele uma ofensa à Espanha é um sacrilégio, e tem então o santo furor de um devoto que visse alguém cuspir num crucifixo. Para castigar a profanação abominável, fará com entusiasmo todos os sacrifícios, e logo imediatamente o da vida.

Todos se lembram ainda da famosa «questão das CaroImas». Uma manhã, Madrid sabe que, muito longe, em mares remotos, um oficial alemão plantara numas certas ilhas vagamente espanholas, e chamadas Carolinas, a bandeira alemã.

Ninguém em Madrid conhecia a

existência, das Carolinas, nem a geografia das Carolinas. Mas os jornais contavam que a Espanha fora ofendida — e Madrid inteiro, todas as classes e todas as idades, fidalgos, carreteiros, toureiros, padres, magistrados, velhos, crianças de escola, senhoras e servas, tudo correu para praticar o ato mais imediato e mais urgente: ultrajar a bandeira alemã, matar o embaixador alemão, arrasar o edifício da embaixada da Alemanha. E depois a guerra! Uma guerra implacável, toda a Espanha em armas, caindo sobre a Alemanha! Não havia tropas?, cada homem seria um soldado! Não havia armas?, cada um tomaria o seu cajado ou a sua navalha! Não havia dinheiro?, as mulheres empenhariam até a cruz do pescoço. E através deste delírio, ninguém

ainda percebia onde eram as Carolinas. Também, na Primeira Cruzada, quando as multidões, povos inteiros, partiam a vingar a ofensa feita pelo Turco ao sepulcro do Senhor, ninguém sabia onde era Jerusalém...

Foram dois dias sublimes, esses de Madrid. O velho Bismarck, atónito e aturdido, recuou, mandou retirar a bandeira alemã das Carolinas, apelou para o papa... A Alemanha realmente, perante aquela explosão magnífica da velha alma castelhana, empalidecera. E a Espanha saiu da aventura mais engrandecida, mais consciente da sua grandeza, e cercada das admirações do mundo. É que nada se impõe aos homens como a afirmação heroica de um sentimento justo.

Pois agora vai talvez suceder uma igual aventura. A Espanha foi ferida no seu patriotismo e no seu orgulho. A ofensa não veio de europeus, mas de africanos. É, porém, indiferente para a Espanha que o sacrilégio seja forte ou fraco, civilizado ou bárbaro. Houve o sacrilégio, isto é, houve um ultraje à bandeira da Espanha, e, portanto, às armas e guerra implacável!

A Espanha possui no Norte da África, além de Tetuão, de Ceuta e de outros pontos fortificados, uma pequena cidade pouco maior que uma cidadela, que se chama Melila. Em torno há, como em todas as outras possessões, uma zona de cultura, defendida por trincheiras e fortes. E para além são serranias povoadas por tribos mouriscas, a que se dá o nome genérico de Mouros do Rif, ou

Rifenhos.

Os Mouros naturalmente odeiam os Espanhóis, seus inimigos hereditários, com o ódio de raça e com o ódio de religião — e os Espanhóis estão ali portanto num permanente estado de defesa. Ultimamente, depois de vagas questões que tinham surgido entre espanhóis e mouros na feira vizinha de Frejana, as tribos rifenhas mostraram uma agitação tão visivelmente hostil que o governador de Melila, general Margallo, mandou reforçar as obras de defesa em torno da zona cultivada, e construir, num certo ponto mais aberto, um forte.

Ora, justamente nesse sítio, existia um antigo cemitério mourisco. Nada há mais sagrado para o muçulmano do que um cemitério, porque não só aí repousam

os mortos, mas aí vêm orar e meditar, estudar e celebrar assembleias, e mesmo celebrar festas, os vivos. O cemitério, no mundo maometano, constitui o verdadeiro centro de piedade e de convivência.

Os Mouros do Rif representaram pois ao general Margallo que aquele forte, naquele sítio, vinha dominar e devassar o seu cemitério — e constituía, portanto, uma invasão material e moral do seu território. Foi por um motivo idêntico, por causa da famosa Torre Antónia, que sobrepujava e devassava o templo de Jerusalém, que os Judeus tantas vezes se sublevaram sob a dominação romana. O general espanhol respondeu (como costumava responder o procônsul romano) que dentro da sua zona ele tinha o absoluto direito de erguer todos os fortes

que julgasse necessários à sua segurança. E mandou construir a obra. Os mouros, de noite, desceram das alturas e destruíram a obra. Com a costumada teima espanhola, em lugar de conciliar, de escutar as razões que eram atendíveis, porque nasciam de um sentimento religioso, o general Margallo ordenou a reconstrução do forte. Os rifenhos desceram mais numerosos e redestruíram o forte. Diabo!, não se podia continuar assim, em plena mourama, esta teia de Penélope tecida ao sol, desmanchada ao luar. O general Margallo recomeçou as obras e colocou-as sob a proteção de um destacamento de sessenta soldados. Os mouros imediatamente soaram o alarme através dos aduares, baixaram e desmantelaram as obras e atacaram o destacamento. Tinha corrido

sangue — era a guerra.

O que depois ocorreu, não está ainda bem aclarado. O general Margallo, sem esperar reforços, fez, com a sua pequena guarnição de recrutas, para castigar as tribos, uma surtida temerária — que resultou numa tremenda derrota dos espanhóis (apesar da bravura esplêndida com que se bateram) e na morte do próprio general Margallo, varado, logo no começo da ação, por três balas. Entre os oficiais gravemente feridos havia um infante de Borbón. Os mouros tinham capturado dois canhões e uma bandeira — que os espanhóis retomaram.

Quando o desastre se soube em Madrid, foi outro «dia das Carolinas». Madrid inteiro correu ao palácio, aos

ministérios, gritando por vingança e guerra. Todo o homem válido se quis alistar como voluntário. Para que não faltasse dinheiro (e o Governo não o tem), o Banco de Espanha ofereceu oitenta milhões, as grandes casas fidalgas prometeram largos donativos, as próprias igrejas desejavam dar as suas alfaias. A Espanha toda rompeu numa outra das suas sublimes explosões de patriotismo. O reizinho, que tem sete anos, cercado no Passeio do Prado por uma imensa multidão que o aclamava, ergueu-se de pé, no assento da carruagem, largou a gritar: «Vamos todos a matar los moros!» Foi um delírio. E a Espanha, entusiasmada, lá vai para a guerra!

E em que momento ela vem! Quando a Espanha, muito pacientemente,

com um esforço em que também havia heroísmo, estava reconstruindo, dia a dia, migalha a migalha, as suas finanças arrasadas. A guerra é a ruína — porque as tribos do Rif podem pôr em armas sessenta mil homens aguerridos, de incomparável bravura, com espingardas *Remington*, e tendo por couto as suas serranias inacessíveis. Para vencer esta formidável guerrilha — é necessário uma expedição pelo menos de trinta mil homens, que têm de ser alimentados de Espanha, porque no Rif só há areais. São as finanças espanholas desorganizadas por infinitos anos. E ainda o perigo de complicações europeias, porque a Espanha será forçada a penetrar no território de Marrocos (os Mouros do Rif são súbditos do sultão de Marrocos), e aí

encontra a oposição da Inglaterra, da França, da Itália, que têm todas três pretensões, por motivos de dominação estratégica no Mediterrâneo, a esse vasto e rico sultanato. A questão de Marrocos substituiu hoje na Europa, pelos seus perigos, a antiga e clássica questão do Oriente.

Lord Salisbury afirmava ainda há pouco que, se a paz do mundo viesse a ser quebrada, seria decerto por causa desse terrível Marrocos. E a Inglaterra já tem em Gibraltar, diante das costas da África, à cautela, uma grossa esquadra de couraçados. Assim a Espanha arrasa as suas finanças, e arrisca uma medonha guerra europeia. Mas que lhe importa? Foram mortos oficiais espanhóis, foi ultrajada a bandeira de Espanha — e ela

vende as alfaias dos seus templos, e marcha sublimemente.

Eu, pelo menos, acho sublime este patriotismo veemente, todo este nobre *arranque*. Heroica Espanha! Deus lhe dê ventura! Ainda que os Mouros do Rif, com o seu piedoso amor pelo seu velho cemitério, não deixem de ser interessantes.

E assim, em pleno século XIX, temos de novo, como no *Romancero*, a cruz contra a crescente, e a Espanha na sua antiga e laboriosa ocupação de «matar los moros».

O Sr. Barthou

Houve em França subitamente uma queda, ou antes, um desconjuntamento de ministério. Os ministros, que eram uns de substância radical e outros de substância conservadora, estavam mal grudados. O calor das primeiras discussões, na câmara nova, descolou estes pedaços heterogéneos de poder executivo. Imediatamente, porém, se manufaturou outro Governo. E a única feição desta crise, digna de ficar nas crónicas, foi o ter aparecido de repente, e por motivo dela, um homem de Plutarco.

Este homem é o Sr. Barthou.

É necessário reter este nome — Barthou — porque ele representa um

justo. A Bíblia diria um «vaso de eleição»; mas esta imagem é arriscada e dá lugar a equívocos lamentáveis, quando se trata de homens e de coisas parlamentares.

Quem é o Sr. Barthou?

Um político e, portanto, um ambicioso. Além disso, um inteligente e ardente. E que fez o Sr. Barthou?

O Sr. Barthou realizou um feito sem precedentes na história constitucional: convidado, nesta nova organização de ministério, para secretário de Estado das Colónias, recusou.

E recusou por um motivo que o eleva justamente a essas alturas morais em que Plutarco se começa a entusiasmar. O Sr. Barthou recusou, porque (segundo disse) «não estava habilitado, nem pelos

seus estudos anteriores, nem pela experiência, a tomar conta dessas funções». Conhecem alguma resolução mais heroica? Eu não conheço. Um político de profissão, um ambicioso que se nega a entrar num ministério por não se considerar competente, nem teórica, nem experimentalmente, para gerir um certo ramo da administração — é verdadeiramente prodigioso! E nós todos os que nascemos sob o regime das cartas constitucionais não podíamos realmente supor que existisse algures, nesta Europa política e parlamentar, um bacharel que sinceramente se julgasse inapto para governar, do fundo do seu gabinete, fumando a *cigarette* do poder, as colónias do seu país!

No antigo regime de direito

divino, frequentemente se viu ser chamado um cabeleireiro para salvar as finanças do reino. Mas nesses tempos deliciosos tudo dependia do bel-prazer de el-rei. As vezes o cabeleireiro, mostrando os seus pentes, confessava aterrado a sua incompetência. El-rei, porém, mandava — e o cabeleireiro, com as mãos ainda gordurentas das pomadas, tomava conta do tesouro real. Quando Filipe II de Espanha deu ao duque de Medina Sidónia o comando da Grande Armada, que partia a conquistar a Inglaterra — o pobre duque escreveu ao seu rei e senhor uma carta desolada, em que lhe dizia que estava velho e cheio de achaques, que enjoava horrivelmente no mar e que não sabia comandar uma frota!... Filipe II franziu o sobrolho e ordenou ao duque que

embarcasse. O desgraçado lá embarcou, já enjoado — e todos sabem a boa conta que ele deu da Grande Armada. Para evitar esta deplorável confusão das profissões — se fez a revolução de 89. E dela surgiu então essa classe de políticos, possuidores de aptidões universais e de ciência universal. Todo aquele que, por gosto ou necessidade, se incorporava nessa classe, parecia receber logo do Espírito Santo o dom de tudo conhecer e de tudo poder. O médico largava as suas lancetas e ia, absolutamente seguro da própria capacidade, confecionar códigos. O folhetinista arrojava a pena, empolgava a espada, e lá partia, com uma soberba confiança, para o Ministério da Guerra a reorganizar os exércitos. Nenhum jamais hesitara. E tal que duvidaria, por causa da

sua inexperiência, aceitar a administração de uma horta de couves — estava pronto, soberbamente pronto, a dirigir um Ministério da Agricultura e Comércio.

Esta confiança dos políticos em si próprios terminava por se comunicar ao público. E todos nós, desde que fulano era eleito deputado, ficávamos certos de que, tocado de uma luz divina, da *língua de fogo*, como os apóstolos, ele poderia, se não falar todos os idiomas, pelo menos dirigir, sob todas as formas, os grandes serviços públicos da sua terra, e indiferentemente, segundo as circunstâncias, salvar as finanças ou comandar as frotas.

A estranha confissão do Sr. Barthou vem desmanchar esta confortável confiança. O quê! Há pois políticos que

não conhecem, nem por estudos anteriores, nem por experiência adquirida, os negócios coloniais? Diabo!, como tem sido então o mundo, até agora, governado? Será possível que tenhamos tido por ministros e governantes outros Barthous que, ao contrário deste, cuidadosamente esconderam a sua incompetência?

Não sei. Mas certamente a declaração do Sr. Barthou, singularmente honrosa para ele, é altamente nociva para a sua classe. Cria uma larga suspeita entre nós outros, os governados.

Se há um político a quem o Espírito Santo não concedeu o dom do universal saber — é bem possível que outros muitos tenham encontrado da parte do Espírito Santo a mesma resistência em

lhes outorgar o dom divino. E já não podemos ver um bacharel subindo de cabeça alta e luneta faiscante os clássicos degraus do poder, sem murmurar dentro de nós mesmos, olhando de revés o galhardo moço na sua ascensão: «Diabo!, será este maganão um Barthou — que se calou?»

Desinteressante pelo lado da política, Paris está, ao que parece, interessante pelo lado dos teatros. Para começar, temos Sófocles, no Teatro Francês, com a sua velha *Antígona*. Invejável destino o deste Sófocles! Há já mais de dois mil e trezentos anos que ele gozou o seu primeiro «sucesso», em Atenas, no dia em que Címon derrotava os Persas nas margens do Eurímedo — e aí o temos ainda, depois destes vinte e três

séculos, fazendo derramar em Paris as mesmas lágrimas que fazia correr pelos belos olhos das atenienses, quando Antígona, cobrindo a face com o véu, marchava para a morte. Quantos impérios, quantas raças, quantas civilizações têm passado? Quando ele em Colona, em casa de seu pai, que era um simples fabricante de armas, desenrolava verso a verso, nas tabuinhas enceradas, à sombra de alguma oliveira, os queixumes de Édipo, Paris não era mais que uma escura floresta, onde de noite uivavam os lobos, vindo beber às lagoas. E no sítio dessa vetusta mata, convertida ela, por seu turno, numa Atenas, infinitamente mais complicada, todas as noites milhares de vozes trémulas de emoção continuam a gritar: «Bravo, Sófocles!» E decerto devotos do seu

génio iriam, como os soldados de Lisandro, coroar de flores o seu túmulo, se ainda fosse possível saber onde se encontra o seu túmulo. Dizem que era na Decélia — e que, quando já não existia lá o túmulo, nem mesmo já havia Decélia, ainda os pastores notavam que constantemente ali zumbiam abelhas em grandes enxames dourados. É que as abelhas, desde séculos, eram atraídas para aquela colina pela doçura e pelo aroma que exalavam os restos de Sófocles.

Esta *Antígona* que agora se representa no Teatro Francês, foi para Sófocles a peça mais rendosa — porque valeu ao poeta ser nomeado general ou estratego, como os Gregos diziam, numa expedição a Samos. Singulares *direitos de*

autor! E singular povo que recompensava a beleza de uma tragédia como o comando de um esquadrão! Mas servir a cidade, ganhar a Atenas uma batalha, era, nesses tempos de civismo heroico, a mais esplêndida, a mais nobre das tarefas humanas — e não se podia dar melhor recompensa a um grande poeta do que fornecer-lhe a possibilidade de se tornar um grande cidadão. De resto, Sófocles era soldado — já se batera em Salamina, onde também combatera o velho Ésquilo.

Assim os dois trágicos concorreram pela «pena e pela espada» a assegurar o predomínio da civilização helénica e da civilização ocidental.

E não foi só como combatente que Sófocles cooperou em Salamina — mas como poeta: porque pela sua beleza e

pelo seu génio lírico foi escolhido para corifeu dos coros de mancebos, que, com cantos e danças, celebraram durante três dias essa magnífica vitória, que nos salvou a todos nós, homens de raça ariana, de sermos ainda hoje orientais e talvez persas!

Pois a *Antígona* continua a ser rendosa. Nem Sófocles nem os seus herdeiros aproveitam dos cinco ou seis mil francos que ela lança todas as noites ao cofre do Teatro Francês. Mas não é menos rendoso para a sua glória imortal que, ao fim de vinte e três séculos, este dramaturgo de Atenas continue a enriquecer os outros. Deixemos porém a *Antígona* e Sófocles — porque, das peças representadas em Paris, a que mais interessará decerto no Brasil é *Os Reis*

(Les Rois), de Jules Lemaître.

Este drama, tão esperado, tão louvado, começa com efeito por uma história da revolução do Brasil. Exatamente como lhes conto! Por uma história da revolução do Brasil — da outra, da antiga, da que derrubou o império.

Quando o pano se levanta, vemos diante de nós a sala do trono do palácio real da Alfania. A Alfania é um grande reino, uma monarquia absoluta, com trinta e oito milhões de vassalos — mas esta sala não apresenta mais luxo ou majestade que a da câmara municipal de uma vila democrática. A primeira impressão é que na Alfania as artes decorativas e sumptuárias estão em deplorável decadência — mas dentro em breve se

descobre que as colgaduras de seda e brocado que deviam revestir esta sala real foram arrancadas das paredes para se fazerem com elas as *toilettes* de Madame Sara Bernhardt, que é a princesa real da Alfania.

Pela porta nobre desta sala desguarnecida entram dois senhores de casaca e calção de corte, com grã-cruzes que me pareceram ser da Ordem da Conceição. Um, o mais gordo, é o bibliotecário do rei de Alfania, Cristiano XVI. O outro, um moço louro e alegre, é o ministro dos Estados Unidos do Brasil. Exatamente como lhes conto, ministro do Brasil — que aqui na peça e na Alfania tem o nome de «República das Cordilheiras». O ministro, esse, dá pelo nome cavalheiresco e espanholesco de

Alvarez! Muito jovialmente e não sem malícia, este ministro Alvarez começa a contar ao bibliotecário (de quem foi condiscípulo no Colégio Stanislas em Paris) as suas atribulações diplomáticas.

Há dois meses que ele foi nomeado ministro para Alfania, há dois meses que reside na corte de Alfania, e ainda não conseguiu que o velho rei Cristiano reconhecesse a República do Brasil! Bem compreensível, de resto, esta resistência de Cristiano XVI, que tem oitenta anos, é um autocrata de direito divino, vive no santo horror de todo o liberalismo e de toda a democracia, e não pode compreender que o povo da «Cordilheira» expulsasse um velho imperador tão magnânimo e tão paternal.

E todavia (como Alvarez explica,

parte para o bibliotecário e parte para o público) nunca houvera no mundo uma revolução republicana mais repassada de bons sentimentos monárquicos.

O povo da «Cordilheira» não detestava, antes amava, o seu imperador. Mas quê!

Esse imperador nunca residia no seu império — e constantemente percorria a Europa, cercado de eruditos, robustecendo a sua ciência das línguas mortas e lendo manuscritos no seio das academias. Ora um povo que não se ocupa de filologia — não gosta de ser governado por um filólogo. Sobretudo por um filólogo que parece preferir ao seu trono o seu banco do Instituto de França. O trono estava sempre vazio, a cobrir-se de pó — e o imperador sempre em

França, no Instituto, a esmiuçar raízes hebraicas. Além disso aquele império da «Cordilheira» desmanchava a harmonia republicana da América do Sul. O quê!, todos os países em redor com uma república — e só a «Cordilheira» sobrecarregada com uma monarquia e uma corte! Era discordante.

De sorte que o povo decidiu despedir o seu imperador. Mas este ato de bom senso político fora feito com toda a delicadeza, todo o respeito, toda a bonomia. A república surgiu uma madrugada serenamente e naturalmente, como o Sol. O Governo Provisório fretou logo um vapor (um vapor muito confortável, acrescenta Alvarez), meteu dentro o seu velho imperador com todas as cautelas, saudou e mandou largar para

a Europa. Nem uma palavra, nem um gesto que revelassem azedume ou cólera nesta separação.

Pelo contrário! O povo tinha os olhos enevoados de lágrimas — o imperador também. E durante muito tempo um na praia, outro no convés do vapor confortável se acenaram em um longo, eterno adeus, ambos cheios de simpatia e cheios de saudade. E realmente não havia motivo para que o velho Cristiano XVI se recusasse a reconhecer uma república, uma república tão cortês, tão amável — e no fundo tão monárquica!

Assim narra o ministro Alvarez, no primeiro ato d'*Os Reis*, esta risonha revolução que fez o ministro. E com que ironia a conta! Não dou muito pela fidelidade deste funcionário. Mas apenas

ele terminara a história da tão bela aventura em que se lançou o seu país — entra toda a corte da Alfania.

É que estamos num considerável momento histórico. O velho rei da Alfania vai abdicar. Não é só por velhice, por doença, por fadiga daquela coroa secular. É que já não compreende o seu povo — e receia que o seu povo já não compreenda o seu rei. Até aí ele fora simplesmente o pastor muito solícito de um rebanho muito manso. Agora, porém, sob o seu cajado, via, não carneiros, mas homens. E esta nova ciência de governar homens, e não carneiros, ele, rei de outras eras, não a possuía. Por isso passa o cajado a seu filho, o príncipe Hermann. Esse não só é novo pelos anos — mas é novo pelas ideias. Príncipe de direito divino, foi

todavia educado noutros tempos, e por outros livros — e conhece os direitos humanos. Todas essas liberdades estranhas que o povo da Alfania reclama (liberdade de voto, de imprensa, de associação, de reunião, etc.) e que ao velho Cristiano parecem horrendos atentados contra a sua autoridade real são para este bom príncipe Hermann aspirações legítimas, que deverão ser satisfeitas com uma generosidade prudente. De sorte que, com este novo povo da Alfania, tão diferente do velho rebanho gótico, e já hoje cheio de teorias, e meio revolucionado, melhor se entenderá o príncipe novo do que o rei velho — e Cristiano XVI abdica.

Lá está ele na sua poltrona real, todo vestido de verde, com a sua branca

cabeça pendida ao peso dos pressentimentos tristes — enquanto o chanceler do reino lê o rescrito que entrega a regência do reino da Alfania ao democrático e humanitário Hermann. Este pobre príncipe também não parece feliz, tomado já pelo terror das suas responsabilidades. Quem resplandece é a princesa, Madame Sara Bernhardt, uma arquiduquesa do seco e puro tipo feudal, sôfrega de majestade e poder. Mas, enfim, eis Hermann regente da Alfania, recebendo as homenagens dos grandes dignitários. E sabem qual é o seu primeiro ato de regente? O reconhecimento da República do Brasil! Exatamente como lhes conto. Quando o ministro do Brasil, por seu turno, o vai saudar e render-lhe preito, o príncipe Hermann diz com ar

grave e decidido de quem faz a sua primeira afirmação democrática:

— Senhor Alvarez, apresente-me amanhã as suas credenciais!

Nem mais, nem menos. Está reconhecido o novo Brasil pelo novo rei da Alfania. O pobre Cristiano suspira — e Alvarez parece bem contente.

Obtido este esplêndido resultado, nada mais nos resta senão sair do teatro e da Alfania, esfregando as mãos. Mas não! Devemos ficar para ver no segundo ato uma situação verdadeiramente bela, de um patético novo, e mais comovente e profundo que os que resultam dos conflitos da paixão. É aqui uma verdadeira tragédia intelectual.

O pobre príncipe Hermann, mais que democrata, realmente socialista, já

deu ao seu povo todas as liberdades políticas, e até um parlamento e uma carta constitucional.

O velho reino da Alfania está todo transformado e arranjado à moderna, no melhor estilo Luís Filipe. O primeiro-ministro é um jacobino que, como ele mesmo confessa, passou a sua mocidade a fazer revoltas contra o antigo Cristiano, e a ser preso como cabecilha irreconciliável. Mas o povo, todavia, permanece descontente. Há uma crise industrial em toda a Alfania, uma intensa miséria trazida pelas greves, e os operários da capital, obedecendo à velha ilusão de que o exercício de mais direitos políticos lhes trará mais salários, preparam uma tremenda manifestação nas ruas para reclamar o sufrágio universal. O

príncipe Hermann permite alegremente a manifestação — porque (como ele diz) se o sufrágio universal não cura os males do proletariado, ao menos serve-lhe de consolação, põe-lhe na alma uma esperança; e o proletário sofre tanto, e está sob o peso de tão fatais injustiças, que por todos os moldes deve ser consolado e atendido nas suas exigências reais ou fictícias. O que o bom Hermann quereria (como ele também declara) era distribuir pelos pobres o supérfluo dos ricos — mas como essa liquidação social não é possível imediatamente, e como se não pode dar ao proletário todo o pão que ele necessita, dê-se-lhe ao menos todo o voto que ele reclame. E a manifestação dos vinte mil operários já vem na rua, imensa e clamorosa.

No palácio reina o terror.

Esses milhares de operários, soltos na capital, permanecerão ordeiros e disciplinados? Os próprios ministros, antigos jacobinos, duvidam — tanto mais quanto a manifestação é capitaneada por anarquistas que estavam presos, e a quem Hermann, apenas regente, logo amnistiou com entusiasmo. E com efeito não tardam as más notícias. Os manifestantes arvoraram a bandeira negra. Já aqui e além houve conflitos — e as tropas foram apedrejadas. E eis que, agora, a enorme massa popular avança sobre o palácio! Mas Hermann sorri tranquilamente. Que pode recear, ele, que ama tão ardentemente os pobres, e que é na verdade o rei dos pobres? O povo avança sobre o palácio? Pois que se escancarem,

bem largas, todas as grades dos jardins, que o povo entre, porque o seu rei ali está e lhe estende com amor os braços. E ele mesmo abre as janelas — por onde penetra um longo, sombrio e suspeito tumulto de brados.

Mas eis um ajudante de campo anunciando que a turba está em plena revolta, assalta os postos da guarda e começa a saquear as lojas. Que espanto para o pobre Hermann! O quê! Pois o povo não compreende que ele o ama, e que trabalha para a sua felicidade, e que vai ele próprio, socialista coroado, fazer lentamente, e de alto, a revolução social?

Não, o povo não parece compreender, porque rompeu justamente a apedrejar as janelas do palácio. Já uma pedra ia matando o principezinho real,

uma pobre criança doente, nos braços da sua governanta. Hermann, aflito, corre a uma varanda, para gritar ao povo toda a verdade. Cai sobre ele uma saraivada de calhaus. E não são já somente calhaus — são tiros. Outro ajudante, esgazeado, corre a contar que a guarda real está sendo desarmada pelo povo. É a revolução! Que fazer? Madame Sara Bernhardt (que é aqui magnífica) arrasta-se aos pés de Hermann, suplicando-lhe que salve a coroa, que salve o reino! Ainda é tempo! As tropas, absolutamente fiéis, estão nas ruas, só esperam uma ordem para carregar, varrer a populaça!... Mas Hermann hesita, lívido numa agonia, gritando somente: «Oh!, os brutos, os brutos, que não compreendem!»

Outro ajudante. A revolução

triunfa! Vai acabar o reino secular da Alfania! Já o povo quebra as portas do palácio. Em pouco aquela rica cidade será saqueada por uma plebe feroz. E o general governador manda intimar o rei a que lhe diga claramente o que deve fazer, como general! Hermann, numa voz de moribundo, murmura:

— O seu dever de soldado!

E cai numa cadeira, aniquilado. Fora há um lento rufar de tambores. E o primeiro e lúgubre aviso para que a multidão disperse, antes que sobre ela rompa o fogo. Hermann ainda se precipita à janela, grita: «Não! Não!» É tarde. Uma descarga, outra descarga... E logo após o horrendo clamor dos gritos. São os que morrem!

Um silêncio sinistro. Está salva a

ordem, com ela a coroa. Um oficial aparece, todo pálido, com o uniforme em desalinho. A princesa, que caiu de bruços para cima de uma mesa, ergue lentamente a face, pergunta por entre lágrimas:

— Mulheres mortas?

O oficial murmurou:

— Muitas.

— Criancinhas?

— Também...

Hermann, esse, ficou como petrificado, sem voz, sem vida, com os olhos cravados no tapete. É que está vendo nele, cobertos de sangue, os pedaços do seu belo sonho humanitário, que se despedaçou. Ele é o primeiro rei democrata da Alfania; e eis que, por muito amar o povo e o encher de grandes esperanças e o lançar largamente no

caminho de todas as satisfações sociais, se vê forçado pela lógica terrível das coisas a erguer-se diante do seu povo como um repressor violento, e a metralhar o seu povo — o que nunca sucedera na velha Alfania quando o povo era um rebanho pastando mansamente a sua ração de erva, sob o cajado dos seus velhos reis. O seu socialismo naufragara em sangue.

A cena é verdadeiramente bela — e pela reaparição da fatalidade, esse grande fator de toda a tragédia, mas uma fatalidade nova, tirada das leis sociais, dá uma tão forte emoção como a podem dar Ésquilo ou Sófocles. Depois o drama acaba mediocremente num desastre de amor, que é ao mesmo tempo vulgar e complicado e cheio de ironia. E não

voltamos a ver Alvarez.

Ligeiro e jovial, como me pareceu, estou receando que ele se dedicasse a galantear com as damas gentis da corte da Alfania, em lugar de compor e mandar ao seu governo um relatório instrutivo mostrando, pelo exemplo alfanico, o perigo que se corre em destruir, por amor das teorias, um regime cheio de paz, de ordem, de prosperidade e de crédito, para lançar a nação num caminho incerto e escuro onde ela vai cambaleando através do descrédito, da desordem, da ruína e da guerra.

Mas Alvarez não é homem para compreender as lições da história.

Os Anarquistas

Desde que nos não vimos, caros colegas e amigos, este velho mundo foi de novo abalado por uma bomba anarquista, a bomba de Vaillant.

Esta, porém, não causou os estragos em pedra e cal da bomba já clássica e quase simbólica de Ravachol: nem fez também a devastação mortal da bomba espanhola do teatro de Barcelona.

A bomba de Vaillant apenas deteriorou alguns veludos de poltronas e pedaços de estuque dourado; e o único ferimento perigoso que causou (e hoje curado) foi o de um primo intelectual do anarquismo, de um socialista neocristão, o doce abade Lemire. Mas espalhou um

terror mais intenso que a de Ravachol ou a dos espanhóis, porque, pela primeira vez, a sociedade sentiu a temerosa dinamite arremessada contra um dos seus grandes órgãos vitais, contra o centro regulador das suas funções, contra o parlamento! As outras bombas só pretenderam destruir prédios ricos, como sendo as formas mais materialmente palpáveis do capitalismo — ou então burgueses abastados, no ato de gozarem um luxo que ofende especialmente a miséria, o da Opera. A bomba de Vaillant, porém, estoura com imprevista audácia sobre o «seio augusto da representação nacional». Numa república parlamentar, o parlamento é o rei. Portanto Vaillant verdadeiramente cometeu um regicídio. E não há crime que impressione mais do que

o regicídio, porque numa sociedade onde se não eliminou inteiramente a ideia de que o chefe é pai, ele participa da natureza do parricídio.

Decerto sabem pelo telégrafo, pelos jornais, a história do feito. No Palais Bourbon, estando a câmara em sessão e um deputado na tribuna. Vaillant atira a sua bomba, composta de pregos e pólvora verde, dentro de uma caixa de lata, que bate numa coluna, estala no ar antes de cair. Densa fumarada, gritos, terror, tumulto — e imediatamente, também, entre os deputados, aquela serenidade corajosa, ainda que um pouco afetada, que é uma tradição das assembleias francesas, acostumadas desde 1789 a ser invadidas, assaltadas e mesmo espingardeadas pelas plebes em revolta.

Todas as portas do Palais Bourbon se fecham — e as salas de comissões são convertidas em ambulâncias, onde, sobre colchões trazidos à pressa de um quartel, os feridos recebem curativos sumários. Entre esses feridos há um, com pregos espetados nas pernas, que hesita ao dar o seu nome e o seu endereço, e que desperta portanto o faro embotado da polícia. É conduzido ao hospital por dois agentes que se estabelecem ao lado da cama, e começam com ele, amigavelmente, uma conversa hábil sobre anarquistas e fabricação de bombas. O ferido, por um desses impulsos de vaidade bem francesa, bem humana (e que Balzac se deleitaria em notar), alardeia logo o seu conhecimento íntimo com os chefes do anarquismo e com os processos

empregados na composição das bombas. Os outros encolhem os ombros, negam a sua competência. E o homem, irritado com a contradição, termina por gritar:

— Pois bem, fui eu! Fui eu que deitei a bomba! Viva a anarquia! E agora não me macem mais que quero dormir.

Era Vaillant. E sabem, decerto, também, que foi condenado à morte — por um júri que se mostrou feroz, para que em Paris, e sobretudo no seu bairro, não o supusessem medroso. O que é ainda bem francês e bem humano.

A bomba de Vaillant e a sentença que condena Vaillant à morte, sendo dois atos no fundo idênticos porque ambos procuram aniquilar um princípio pela violência — são também dois atos absolutamente inúteis.

Num crime como o de Vaillant entram, em resumo, três impulsos ou motivos determinantes. Primeiramente há um desejo de vingança, todo pessoal, por misérias longamente padecidas na obscuridade e na indigência. Há depois o apetite mórbido da celebridade — como o prova o facto de Vaillant, nas vésperas de lançar a bomba, se ter fotografado, numa atitude arrogante, voltado para a posteridade. E enfim há o propósito de aplicar a doutrina da seita, que, tendo condenado a sociedade burguesa e capitalista como único impedimento à definitiva felicidade dos proletários, decretou a destruição dessa sociedade. Só este lado sectário do crime particularmente nos interessa relativamente à sua inutilidade. (Porque,

pelos outros dois lados, o ato não foi inútil, visto ter Vaillant realizado a sua vingança e alcançado a sua celebridade.)

Aqui temos pois Vaillant, como anarquista, com a sua bomba na mão, preparado a demolir, para vantagem do proletariado oprimido, um bocado da sociedade que o oprime, alguns dos seus membros mais ativos e potentes, e portanto, para ele, mais opressores. Lança a sua bomba — e suponhamos que, causando um máximo inverosímil de destruição, ela mata os seis ministros, aniquila os quinhentos deputados, e arrasa o edifício do parlamento! Que sucederia? Que vantagens traria este feito estupendo ao proletariado escravizado, e que prejuízos causaria à sociedade escravizadora? Primeiramente espalhar-

se-ia por toda a Europa um terror, uma comoção maiores (porque hoje somos mais sensíveis, e o telégrafo e a reportagem dão um alimento mais pronto e mais abundante a essa sensibilidade) que a comoção e o terror causados pelo terramoto de Lisboa em 1755. Depois, imediatamente, o poder executivo, que não fora demolido, nomearia um ministério em substituição do ministério assassinado; e esse novo ministério, mesmo assumindo provisoriamente a ditadura, fixaria uma data para que a nação elegesse uma câmara nova em substituição da câmara desbaratada. Em seguida a França faria aos mortos funerais magníficos. Vaillant seria guilhotinado, visto não existir, mesmo para crime tão prodigioso, pena mais completa que a

guilhotina.

O Governo decretaria terríveis leis de repressão e, com o apoio entusiasta do país todo, os anarquistas seriam perseguidos, em montarias, como lobos. O Estado reedificaria o edifício do Parlamento com condições mais seguras, e com linhas decerto mais belas. E finalmente de novo a câmara se reuniria no seu novo edifício, e o tempo, que é um grande apagador, iria apagando a impressão pungente da catástrofe, e os pobres sofreriam as mesmas necessidades, e Rothschild gozaria os mesmos milhões, e a sociedade burguesa e capitalista continuaria o seu movimento sem ter perdido um átomo do seu capital e do seu burguesismo. Do feito horrendo só restariam, pelos cemitérios do Père-

Lachaise ou de Montmartre, algumas viúvas chorando. E o proletariado anarquista que teria conseguido? O ódio insaciável dos egoístas, a desconfiança dos próprios humanitários. E teria ainda logrado criar, para sua confusão e maior humilhação, ao lado da classe já desagradável dos *mártires da liberdade*, a classe, ainda mais desagradável, dos *mártires da autoridade*. De sorte que estas bombas arremessadas contra a sociedade, mesmo quando tivessem meios destrutivos que são hoje ainda inconseguíveis com a nossa limitada ciência, nunca passariam, relativamente à força e estabilidade dessa sociedade, de atos impotentes e tão inúteis como bolhas de sabão lançadas contra uma muralhas.

A isto replicam os anarquistas:

«Assim é, mas nós não pretendemos destruir, desejamos só aterrar!» Raciocínio vão. O que significa, neste caso, *aterrar*? Significa provar, pela experiência de uma pequena destruição, a possibilidade de uma destruição imensa. Significa inspirar à burguesia, demolindo-lhe um prédio e matando-lhe três membros, o terror de que lhe possa ser arrasado um bairro e desfeitos em estilhas três mil dos seus mais beneméritos. Mas está comprovado que, por maiores que sejam essas devastações pela dinamite, mesmo quando subitamente por uma delas pudesse desaparecer todo o poder executivo e todo o poder legislativo, os milhões de burgueses que governam e que conservariam intactos o seu exército, o seu ouro, todas as suas forças, não

consentiriam em abdicar de direitos que eles consideram como quase divinos e os únicos capazes de manter ordem e segurança nos agrupamentos humanos. É a eterna inutilidade do regicídio, que, matando o homem, não mata o sistema.

O niilismo russo experimentou essa inanidade da violência: um czar era assassinado, logo outro era coroado, que do próprio crime cometido sobre o pai parecia tirar um acréscimo de força e como uma nova sanção. Por isso Proudhon, que o anarquismo venera como um de seus santos-padres, pregou constantemente contra o tiranicídio, contra as tendências tiranicidas dos jacobinos do Segundo Império (hoje homens de poder e autoritários), como pregaria, se vivesse, contra a bomba dos anarquistas, por

constituir uma outra forma de tirania e ser sobretudo um tão lamentável desperdício de energia heroica.

Mas, por outro lado, se a bomba de Vaillant, e de muitos Vaillants, é impotente para arrasar, ou mesmo aterrar eficazmente, a sociedade burguesa — a sentença que condena à morte os Vaillants é impotente para suprimir ou sequer assustar o anarquismo. Com estas sentenças, inspiradas por um dever e por uma esperança, o dever fica decerto cumprido porque o criminoso fica castigado; mas a esperança não se realiza, porque nem os anarquistas diminuem, nem se tornam mais raros ou mais tímidos os seus assaltos contra a sociedade. Pelo contrário! Está demonstrado, e pela própria polícia, que, desde as primeiras

bombas e portanto desde as primeiras repressões, o número dos anarquistas tem crescido na proporção formidável de *um* para *mil;* e enquanto que a primeira bomba foi lançada contra um simples prédio, a última é já arremessada contra o próprio parlamento em sessão, exercendo soberania. O que era um bando está organizado em seita.

E ódios dispersos, operando sem método e sem dogma, fundiram-se numa religião (ou, se quiserem, numa heresia) em que o ódio decerto é ainda um fator, mas em que é um fator maior o amor, o amor dos miseráveis e dos oprimidos, e que, portanto por este lado, tem uma grande força de propaganda e uma segura condição de vitalidade. Sobre esta seita, a que bem podemos chamar religiosa (ou,

se querem, herética) as sentenças de morte não têm ação, porque não fazem mais que vibrar um golpe unicamente material sobre o que é imaterial, a crença, e assemelham-se portanto a cutiladas atiradas ao vento. A guilhotina decepa uma cabeça, mas não atinge a ideia que dentro residia. Durante um momento, decerto, à força de buscas, de prisões, que são o acompanhamento usual da sentença, a seita fica desorganizada, desconjuntada — mas para imediatamente se reorganizar além, mais numerosa, mais fanatizada, por isso que vem padecer uma perseguição. Tais sentenças não têm senão o efeito desastroso de criar mártires. Ora não há semente mais fecunda que uma gota de sangue de mártir, sobretudo quando cai num solo tão preparado para que ela

frutifique, como é a alma especial dos humanitários que chegaram à exacerbação do humanitarismo, não por teoria, mas através de realidades dolorosas e de uma experiência constante das misérias servis. Pense-se o que será (quando um Vaillant é guilhotinado) uma reunião secreta de anarquista, dos verdadeiros, dos puros, desses milhares de operários de coração generoso e exaltado, para quem o anarquismo é a verdadeira redenção da humanidade, e que admiram no homem que se sacrificou por essa ideia santa um mártir do amor dos homens! O júri só viu o bruto que quis matar: eles só veem o justo que quis libertar. Numa tal reunião, onde cada um traz a sua cólera e a sua maldição, é inevitável que alguma alma mais violenta se inflame, apeteça também

o martírio, e corra dali a fabricar a nova bomba que, na sua ilusão quase mística, concorrerá a remir o proletariado. Aqueles que não podem morrer pela causa querem ao menos sofrer de algum modo por ela, e pela sua justiça. Entre os anarquistas presos recentemente havia um que se fizera gerente responsável de um jornal anarquista só para ter a glória, o prazer espiritual de sofrer os meses de prisão em que os redatores incorressem pela violência das suas imprecações. Por isso o anarquismo, como a primitiva seita cristã, tem já os seus *Atos dos Mártires*. A vida e suplício de Ravachol andam escritos e são meditados como o mais puro exemplo da fé e da confissão anarquista. Todos os objetos que pertenceram a Ravachol ganharam o

caráter augusto de relíquias. Há um cântico a Ravachol — a *Ravachole*. E cada coração anarquista lhe é um altar.

As perseguições, as execuções, em lugar de diminuírem a seita, só lhe comunicam uma veemência mais devota e portanto mais perigosa. E quando a sociedade mata os anarquistas — é a sociedade que fabrica as bombas.

A violência não cura — e o anarquismo é uma doença. O anarquismo é uma exacerbação mórbida do socialismo.

O germe e os desenvolvimentos desta doença não são difíceis de precisar. No Antigo Regime, o proletário, mantido em servidão dentro de uma organização social muito forte, colocara a sua esperança de felicidade, não já nesta vida

que ele via irremediavelmente votada à pena, mas na outra vida, para além da campa, como lho recomendava a Igreja, sua mãe e sua educadora, dando-lhe como garantia a promessa de Jesus que reservava para os pobres o reino do céu.

Neste nosso século, porém, o proletário, doutrinado pela classe média que se tornara desde 1789, em substituição à Igreja, a sua nova educadora, começou a acreditar que, sendo homem, e tendo portanto todos os direitos do homem, poderia realizar a sua felicidade ainda em vida, neste mundo, e sob a garantia de leis. Para isso, segundo lhe afirmava a classe média, bastava que ele demolisse o velho edifício social, a monarquia e as instituições monárquicas, que constituíam o único obstáculo à

«felicidade das massas». O proletário, convencido, saiu em tamancos dos seus velhos covis e começou a destruir. Fez três revoluções, ergueu barricadas inumeráveis, exilou reis, incendiou castelos, aboliu privilégios — e pediu em gritos, e com as armas na mão, todas as reformas e liberdades políticas que a classe média lhe indicava ao ouvido e que deveriam realizar essa felicidade terrestre tão largamente anunciada. Enfim, ao cabo de setenta anos de lutas, o povo, tendo arrasado o velho edifício da monarquia, construiu o novo edifício da república, cheio dos confortos e invenções novas da civilização política, a liberdade de reunião, de associação, de imprensa, e todas as outras entre as quais, bem agasalhado e bem provido, senhor seu, ele

começaria enfim a conhecer a ventura de viver. Assim soberbamente instalado, esperou. Os anos passaram. A felicidade anunciada não veio. Apesar de todos aqueles confortos políticos (liberdade disto, liberdade daquilo), continuava, como no antigo edifício feudal, a ter fome e a ter frio. Quando chegava a neve, o direito de voto não o aquecia — e à hora de jantar, a liberdade de imprensa não lhe punha carne na panela vazia. Pelo contrário, reconheceu que, apesar do nome de «soberano» que lhe tinham dado, continuava na realidade a ser servo — e que o seu novo amo, o burguês capitalista, era muito mais exigente e duro que o antigo amo que ele guilhotinara, o fidalgo perdulário. Todas as suas barricadas, pois, e todas as suas revoluções tinham

sido feitas em proveito da classe média, que lhe metera as armas na mão, o impelira ao assalto do Velho Regime! O seu sangrento esforço só servira para entregar o poder à classe média, que se aproveitava desse poder, não para dar ao proletário dentro do novo regime a sua legítima parte de bem-estar, mas para lhe explorar o trabalho como lhe explorava a cólera, e fazê-lo esfalfar para o seu enriquecimento material, como o fizera combater para o seu engrandecimento político!

A deceção foi tremenda — e tremendos o ódio, o desejo de vingança contra o traiçoeiro burguês. A parte mais inteligente, mais pacífica, ou mais legal do proletariado concebeu logo a necessidade de fazer uma outra e

derradeira revolução, não contra a estrutura política da sociedade nova mas contra a sua organização económica, porque não era agora por causa do regime político que o proletariado sofria, mas por causa do regime económico, nascido das invenções mecânicas, das descobertas químicas, dos excessos de produção, da concorrência de todos os progressos do século, realizados só em benefício da classe média, e cada vez mais tendentes a separar as duas velhas «nações» de Aristóteles, os pobres e os ricos, atribuindo a uma todos os proveitos e impondo à outra todas as fadigas. Desde esse momento nascera, ou aparecera, organizado na república, o socialismo. Uma outra parte, porém, do proletariado, a mais inculta ou a mais violenta, ou

simplesmente a mais naturalista, concebeu uma outra ideia, e estranha. Para essa, a revolução económica pregada pelo socialismo e concebida ainda dentro de um funesto espírito jurídico é ineficaz, quase pueril, porque não atinge o mal! Associações, *trade unions*, barateamento do capital, seguros de velhice, reclamação para o domínio social dos serviços coletivos, regularização da concorrência, etc., etc., todas essas reformas revolucionárias tentadas pelo socialismo são tigelas de água morna deitadas sobre uma gangrena. São ainda subterfúgios traiçoeiros do horrendo burguês. O mal, o verdadeiro mal que é necessário extirpar, é a própria ideia de direito, de lei, de autoridade, de Estado.

O homem nasceu livre como

nasceu bom, e próprio para ser feliz: e todavia por toda a parte está escravizado, e pena sob essa escravidão. Mas quem o escraviza, quem o faz penar? A sociedade, com toda a sorte de peias, de estorvos que se opõem à livre expansão da natureza humana, que é fundamentalmente e inatamente boa, e que não poderia nunca ser senão um radiante progresso do homem no sentido do bem. Esses empecilhos odiosos são as leis, a autoridade, o Estado. A própria moral é, como o direito, fictícia, e um outro jugo imposto ao homem. Tudo isso pois tem de ser destruído, para que a nova humanidade realize, na absoluta liberdade, a absoluta felicidade. Mas como a sociedade está irremediavelmente impregnada desses funestos conceitos, que

são a sua alma, e o seu princípio de coesão, é inútil fazer revoluções para a transformar ou melhorar; porque, qualquer que seja a forma que se dê à sociedade, ela conterá sempre em si o vírus horrível — o princípio do direito, de Estado, de autoridade!

A única solução portanto é arrasar completamente a sociedade, matando e sepultando para sempre sob os seus destroços esses princípios fatais que até agora a têm governado, e depois recomeçar de novo a história desde Adão. E a sociedade tem de ser destruída, em bloco, toda ela, sem se empurrarem para um lado os culpados, e sem se resguardarem para outro lado os inocentes. No mundo atual não há inocentes. Decerto existe uma classe mais

especial e odiosamente criminosa — a classe dos ricos, que foi quem concebeu, para seu proveito, e contra os pobres, esses estorvos morais e sociais que se chamam direito, autoridade, Estado, e que são a causa de todo o mal humano. Mas a sociedade inteira é solidária e responsável do mal. Todo aquele que pacificamente se aproveita da proteção das leis é tão culpado como o monstro que inventou as leis. E uma costureira que se priva de apanhar uma flor num jardim público é já uma cúmplice da sociedade, porque, pelo seu consentimento tácito, ela concorre a que se perpetue o despotismo do regulamento. É pois necessário destruir tudo — e atirar indiscriminadamente a bomba redentora contra as classes exploradoras, contra as

classes voluntariamente exploradas, contra a cidade onde se realiza a exploração, contra as próprias crianças que nascem, porque elas já trazem em si o vírus da submissão explorável.

Tal é em resumo, muito em resumo, a teoria do anarquismo.

Basta que ela seja enunciada para que se lhe reconheçam logo todos os sintomas de uma alucinação mórbida. Não há nela proposição que não seja quimérica. Uma só é exata, aquela pela qual o anarquismo se prende ao socialismo, e que estabelece, com razão, que a presente organização social, em que uma classe possui todos os gozos e outra sofre todas as misérias, é iníqua.

Partindo do facto desta grande e atroz injustiça, o anarquista começa, logo

que dele se afasta, para lhe procurar a causa e a cura, a delirar. Delira quando, ao procurar a causa do mal, a encontra no princípio do direito: e deliria ainda mais quando, ao procurar a cura do mal, a entrevê ou, antes, claramente a vê, na destruição da humanidade pela dinamite. O anarquista é pois, no fundo, um socialista que caminhou seguramente, por um caminho racionável enquanto foi, como socialista, acusando a organização da sociedade — mas que depois, ou impaciente desse lento caminho jurídico, ou cedendo aos impulsos de uma natureza desequilibrada, deu um grande salto para fora da realidade, rolou no absurdo e, cabriolando através de uma metafísica insensata, veio cair miseravelmente em práticas de uma ferocidade selvagem.

Há pois razão para dizer que o anarquismo é uma doença, uma exacerbação mórbida do socialismo.

Mas como é que esta seita de doentes, tão disparatada na sua doutrina e tão impotente nos seus meios de ação (o que obsta sempre à eficácia de qualquer propaganda), se mantém e alastra na proporção de um para mil? O anarquismo decerto se desenvolve, como todas as epidemias, por ter achado em torno uma atmosfera propícia e mesmo simpática. A verdade é que toda a sociedade que eles desejam arrasar é tacitamente cúmplice dos anarquistas.

Esta cumplicidade, que mal percebemos, mas que é real e ativa, tem dois motivos: um extremamente nobre e honroso, que é a nossa filantropia, a nossa

crescente piedade pelos que sofrem, e outro, extremamente baixo e vergonhoso, que é o nosso doentio entusiasmo por tudo quanto é extravagante, monstruoso, histérico, fora da calma razão e do equilíbrio da vida. No anarquista nós vemos dois homens, com quem secretamente e sinceramente simpatizamos: um é o desgraçado, que padeceu frio e fome; outro é o alucinado, que se ergue da sombra, com a sua bomba na mão, para fazer de todo este mundo, de todas as suas glórias e de todas as suas riquezas, um montão de negros destroços sem forma e sem nome! E tão pervertidos estamos que eu não sei realmente por qual deste dois homens nos interessamos mais — se por aquele que sensibiliza o nosso coração, se por aquele que excita a nossa

imaginação. Francamente, qual nos emociona mais — o infeliz ou o monstro? Desconfio que é o monstro.

Em todo o caso, nós estamos tacitamente, pelo coração e pela imaginação, em simpatia com o anarquista. E quase se pode dizer que, excetuando a porção mais egoísta e espessa da burguesia, e alguns homens de Estado a quem por profissão são vedadas a sensibilidade e a fantasia, todas as classes mundanas, intelectuais, artísticas, ociosas, se estão abandonando com voluptuosidade às emoções novas do anarquismo. Desde já existe, e muito contagioso, o diletantismo anarquista. Duquesas moças, cobertas de diamantes, condenam a má organização da sociedade, comendo codornizes trufadas em pratos de

Sèvres. Nos cenáculos decadistas e simbolistas, a destruição das instituições pela dinamite aparece como uma catástrofe cheia de grandeza, de uma poesia áspera e rara, e quase necessária para que o século finde com originalidade. E nada caracteriza mais estes estados de espírito, onde alguma sinceridade se mistura a muita afetação, do que a frase já histórica do poeta Tailhade. Ao saber, em uma cervejaria literária, que Vaillant acabava de atirar a sua bomba na câmara dos deputados, este simbolista exclama languidamente e quase em êxtase:

— Já vai pois desabando o velho mundo!... O gesto de Vaillant é belo!

«O gesto é belo!» Todo Paris repetiu, com mal escondida admiração,

esta frase que revelava aos profanos a beleza estética do crime anarquista. «O gesto é belo!» E muito honesto moço, incapaz de pisar voluntariamente o pé do seu semelhante, reconheceu, sentiu a beleza do gesto de Vaillant — a beleza daquele braço magro que se ergue lentamente, solenemente, e deixa cair a morte sobre um mundo condenado. Os anarquistas, eles próprios, já falam na beleza do seu gesto. Numa sociedade tão culta como a nossa, e tão saturada de arte, uma revolta social deveria necessariamente ter, além da justiça, a elegância plástica, a graça majestosa mesmo no seu furor. O anarquismo já se sentia justo. Os poetas mais entendidos em harmonia e ritmo acabam de lhe assegurar que ele é também esteticamente

belo.

Mas é sobretudo na imprensa que o anarquismo encontra um mais vivo estímulo ao seu desenvolvimento. Todos os jornais de Paris, quer sejam ferozmente hostis aos anarquistas, quer nutram por eles uma mal disfarçada benevolência, são unânimes num ponto — em os cercar da mais pródiga e ressoante celebridade. Um general vitorioso, um grande homem de Estado, um poeta como Hugo, um sábio como Pasteur, nunca tiveram na imprensa de Paris um reclamo tão minucioso como tem qualquer aprendiz de anarquista, que atire contra um velho muro uma bombazinha tímida.

Se é anarquista, se lançou a bomba — é dele a fama universal, que nem sempre conseguem os santos e os génios.

Mal se pode imaginar a que excessos se abandonou a reportagem de Paris a respeito de Vaillant. Os menores atos da sua vida, a gola de astracã do seu casaco, o seu modo de enrolar o cigarro, o que comeu, o que disse, o sobrolho que franziu — tudo foi miudamente e clamorosamente contado ao mundo com um calor em que a própria indignação tinha não sei quê de laudativa. De sorte que hoje em Paris, para se ter uma verdadeira celebridade, é melhor atirar uma bomba a qualquer corpo do Estado do que escrever a *Lenda dos Séculos*.

Assim fanaticamente convencido da justiça superior da sua ideia e tornado mais fanaticamente desesperado pelas brutais leis de exceção que contra ele decreta o Estado; cercado das simpatias

dos humanitários; declarado esteticamente belo pelos poetas; apreciado como uma novidade picante pelo diletantismo mundano e magnificamente popularizado pela imprensa — como não há de o anarquismo alastrar nessa proporção tenebrosa de um para mil?

Para que não crescesse, como planta bem regada, e ao contrário se estiolasse, seria necessário que ele próprio se persuadisse, se não já da falsidade da sua ideia, ao menos da inutilidade das suas práticas; que o Estado não suscitasse contra ele leis de exceção, odiosas e intoleráveis ao espírito de equidade; que os humanitários o reprovassem pela sua indiscriminada condenação de inocentes e culpados; que os poetas e os artistas descobrissem que o

gesto é meramente bestial; que o diletantismo se desinteressasse dele como de um banal partido político; e que a imprensa o envolvesse em silêncio regelador.

Então sim! Talvez eliminadas estas condições que a favorecem, a febre que produz o anarquismo se calmasse, e o anarquista, restituído à saúde intelectual, reentrasse no largo e fecundo partido socialista, de que ele se separara em um momento de delírio.

Assim possa ser. As guerras servis (e o anarquismo é uma guerra servil) nunca conseguiram senão desenvolver nas classes opressoras os instintos de tirania e retardar funestamente a emancipação dos servos. Cada bomba anarquista, com efeito, só adia, e por muitos anos, a

emancipação definitiva do trabalhador. Além disso, os anarquistas que até agora têm lançado a bomba não são puros; têm todos no seu passado um crime, e um crime feio, de malfeitor. De sorte que não se sabe bem se a bomba é neles um primeiro ato de justiça, se um derradeiro ato de perversidade. Para que a bomba pudesse ter uma alta significação social, seria necessário que fosse lançada por um justo, ou por um santo. Até que surja esse santo para santificar o anarquismo, o melhor que se pode dizer dele, quando se não seja um capitalista apavorado e enfurecido pelo pavor — é que o anarquismo é uma epidemia moral e intelectual.

Ora, o dever da sociedade, perante uma epidemia, é circunscrevê-la,

isolá-la — não criar em torno dela, por curiosidade depravada de um mal original e raro, uma vaga atmosfera de simpatia, de admirações literárias, de piedades estéticas e de delicioso terror que goza à novidade do seu arrepio.

Toda esta larga aragem de favor é um crime — porque, animando indiretamente a obra abominável do anarquismo, retarda diretamente a obra útil do socialismo, e concorre para que se prolongue, mais revigorada pela reação, esta ordem social, que é tão cheia de desordem.

Mas de mais falámos de bombas! Bem vos basta, caros colegas e amigos, as que aí vos caem em casa (e que decerto também não compreendeis bem), sem terdes ainda de vos preocupar, por dever

crítico, daquelas que aqui estouram sobre o nosso Velho Mundo. Todas estas bombas, com efeito, são bem difíceis de explicar, de deslindar... Rebentam, matam, há mulheres que choram e a desordem social cresce. Todavia elas são arremessadas com convicção e por um amor ardente do bem público. Enfim, o que podemos afirmar sinceramente é que — cá e lá más bombas há.

Outra Bomba Anarquista

As bombas anarquistas (porque tivemos outra, a bomba de Henry, lançada no Café Terminus e que feriu trinta pessoas) vão entrando lentamente na classe dos acidentes naturais, onde tomam um modesto lugar, logo depois das inundações e dos incêndios. Evidentemente o primeiro rio que alagou os primeiros campos cultivados, ou o primeiro fogo que rebentou na primeira cidade edificada, encheu os homens de um terror tanto mais desordenado quanto por trás dessa rebelião de elementos eles viam a cólera de um Deus ofendido. Cada várzea inundada, cada cabana queimada, dava assim motivos a longas cerimónias

expiatórias, à invenção de novas fórmulas litúrgicas, a um desenvolvimento excessivo da autoridade sacerdotal, e mesmo a especulações lírico-metafísicas dos vates, que eram então os filósofos que tudo explicavam. Depois, quando se observou que estas violências da água e do lume ocorriam tão regularmente como as estações, e que cada inverno os vales se submergiam, e cada verão ardiam as choças de madeira e colmo, não houve mais coração que palpitasse de pavor místico. Mesmo acreditando sempre que, através de tais desastres, se manifestava o descontentamento divino, foi a autoridade civil e não já à casta sacerdotal que se pediram medidas preventivas ou salvadoras. E nem se lhe conferiram poderes novos e excecionais, na certeza

que, para conter a água e apagar o fogo, bastaria apenas alguma vigilância e saber técnico da administração urbana e rural.

Com efeito há já alguns milhares de anos que os rios devastam searas e o lume devora prédios, sem que por isso a Igreja ou o Estado se comovam ou tremam pela sua estabilidade.

É exatamente o que vai sucedendo com os anarquistas. Às primeiras bombas houve um tumultuoso terror, como perante uma estranha e demoníaca demência que ameaçava a velha estrutura social. Cada explosão foi motivo para que se promulgassem leis de exceção, para que se reforçasse temerosamente o braço penal dos governos, para que os filósofos formulassem complicadas receitas sociológicas, e mesmo para que certos

espíritos mais impressionáveis suspirassem pela intervenção divina de um messias, como único capaz de pacificar os homens. Depois, quando se ouviu cada semana estalar uma bomba, e sem destruir mais propriedades ou vidas do que certos desabamentos de terrenos ou descarrilamentos de comboios, o medo fantasmagórico de uma catástrofe social imediatamente findou: o hábito embotara a emoção, e estas explosões revolucionárias começaram a ser equiparadas às que fatalmente e inevitavelmente se produzem dentro de uma civilização industrial e mecânica, as do gás, das caldeiras de vapor, das peças a bordo dos couraçados e do grisu no fundo das minas. Contra elas já não parece necessário improvisar códigos

mais repressivos, nem invocar a interferência messiânica. E a opinião tranquilizada só reclama, para domar a bomba, essas medidas preventivas que na indústria se esperam da prudência técnica dos contramestres e na ordem civil da vigilância profissional dos comissários de polícia.

É neste espírito que a polícia em Paris está procedendo à prisão sistemática de todos os anarquistas.

Cada madrugada se faz através da cidade uma colheita de sectários. Ontem quinze, hoje vinte... Os jornais apenas publicam, sem comentários, a lista seca dos nomes. Alguns destes homens têm mulher, têm filhos, a quem o pão vai faltar. Mas desses detalhes mínimos, neste momento de saneação pública, não cura o

pretor. A coisa essencial é que não reste, livre nas ruas de Paris, um proletário capaz de misturar um pouco de glicerina a um pouco de ácido nítrico. Nem é mesmo necessário que o anarquista seja militante. Os simples teóricos, que professam e metodizam o anarquismo no livro ou no jornal, são igualmente levados na vasta monteria policial. De resto, o que o Governo pretende, com esta encarceração geral de anarquistas, é conhecê-los, fotografá-los, estudá-los, surpreender as suas ligações e filiações, e formar assim um registo muito minucioso e muito documentado de toda a seita.

Findo este vasto inquérito prático, todos serão soltos, como se soltam as manadas dos bois nas lezírias, depois de bem numerados e bem marcados.

Indubitavelmente é uma dura lei — mas vem de uma dura necessidade. Era realmente intolerável que, numa cidade do século XIX, um pacífico homem não pudesse entrar num café, ou num teatro, com a mulher e o filho, sem correr o risco de voltarem de lá, ele e os seus, crivados de pontas de pregos, em nome de uma heresia digna do século IH. Porque o anarquista é com efeito um socialista que se tornou herético. Este nosso anarquista está para o socialismo, como estavam para o cristianismo nascente os montanhistas, e os valentinistas, e os carpocráticos que pregavam o amor livre, e os circoncélios que pregavam a destruição universal, e tantos outros, extravagantes e terríveis. Todos esses heréticos, tortulhos venenosos da árvore

evangélica, não fizeram senão deturpar e desacreditar a pureza da doutrina, retardar-lhe a obra regeneradora e atrair-lhe perseguições sangrentas. Eram por isso ainda mais odiados pelos bispos cristãos que pelos pontífices pagãos. E quando sobre eles caía a lei do império, com ferocidade, como sobre inimigos do género humano, havia tanto regozijo do lado de Jesus, como do lado de Júpiter.

Igual regozijo acompanha esta perseguição, que nada tem, louvado seja o nosso tempo, da crueldade da de Décio ou de Diocleciano. Mesmo os que lamentam que ela espalhe tanta miséria entre mulheres e crianças abandonadas, desejam veementemente que a seita seja, se não esmagada, ao menos inutilizada. A obra do Estado seria pois perfeita se,

inspirada simultaneamente pelo sentimento de ordem e de humanidade, ele, pelo lado da polícia, prendesse os anarquistas, e, pelo lado da assistência pública, lhes e socorresse as famílias que ficam sem o pão do salário perdido.

Mas infelizmente, entre tantos órgãos de que está provido o Estado, não há nenhum que tenha a forma, mesmo vaga, de um coração humano.

Não sei se conhecem o Sr. Brunetière. O Sr. Brunetière é hoje nas letras francesas um grande personagem — quase devia dizer, dada a qualidade do seu espírito e das suas funções, um grande mandarim. Quando o velho Buloz foi exilado da *Revista dos Dois Mundos*, por ter amado fora da *Revista*, e com uma espécie de amor que a*Revista*não permite,

a assembleia de acionistas dessa venerável publicação nomeou para o cargo de diretor o Sr. Brunetière. Além disso, o Sr. Brunetière era já o diretor, se não espiritual, ao menos intelectual, das damas letradas do Faubourg St. Germain, tendo portanto a gloriosa missão de ensinar o que, em matéria de literatura, uma duquesa deve aceitar ou deve rejeitar para conseguir um lugar no reino dos bons espíritos. Como consequência destes dois nobres empregos, o de diretor da *Revista* e confessor literário das almas aristocráticas, o Sr. Brunetière foi por influência das senhoras (e entre as senhoras incluo a *Revista*) eleito membro da Academia Francesa. E finalmente, para consagrar a sua reputação, a mocidade das escolas apupou furiosamente o Sr.

Brunetière, e, assim como a democracia revoltada outrora queimava o trono dos tiranos (não sei se aí no Rio, na revolução de novembro, se omitiu esta formalidade clássica), quebrou a poltrona professoral, onde ele, na Sorbona, pregava a boa doutrina, desmantelava o naturalismo e explicava às suas devotas a maneira mais delicada de saborear Bossuet. Eu conto estes guinchos e furores da mocidade como um dos elementos da sua glória, se não já do seu valor, porque desde que as ideias gerais recomeçaram a apaixonar os espíritos moços e que nos pátios das universidades se trocam outra vez bengaladas por causa de teorias, um professor só poderá ser considerado suficientemente original, vivo, forte, fecundo, quando o seu ensino tenha

provocado rancores ou entusiasmos.

Os antigos portugueses tinham, da nossa história trágico-marítima, tirado este provérbio: «Só a grande nau, grande tormenta.» E por isso significavam implicitamente um certo desdém por toda a barcaça chata e nua que passava despercebida do vento e da vaga. O Quartier Latin está criando um provérbio paralelo: «Só a grande professor, grande berreiro.» Quando o professor é chato ou oco, em torno dele ou do seu ensino há indiferença e calmaria. O escândalo, ao contrário, prova um mestre.

Ora, de um homem por tantos motivos importante como o Sr. Brunetière, todas as palavras são importantes. Por isso, a feroz verrina que ele, no seu discurso de receção na Academia

Francesa, lançou contra os jornais e os jornalistas mereceu mais atenção do que geralmente merecem estras grande e usuais imprecações contra a imprensa, as mulheres, o vinho e outros males.

Eu conheço imperfeitamente o Sr. Brunetière, que é um crítico de profissão. Se nesta nossa idade de colossal e quase abusiva produção (só a França publica por ano doze mil volumes!) já não há tempo para ler os autores — quanto menos os comentadores! O Sr. Brunetière ensina agora na Sorbona a compreender e amar Bossuet. Mas quem teve o vagar ditoso de ler primeiramente Bossuet, se é que o não leu no começo da sua educação clássica? Eu, na minha mocidade, folheei os *Sermões* e as *Orações Fúnebres:* mas não cheguei a penetrar, como devia, no

Discurso sobre a História Universal. E desde então, desgraçadamente, não logrei ainda um momento para absorver a teoria do grande bispo sobre a série dos tempos, das religiões e dos impérios. Quando muito conheço a página clássica, tão majestosa e rica, em que ele pinta a omnipotência de Augusto e a beleza e recolhimento da paz romana, nas vésperas de nascer Jesus. É pouco. Mas se tão pouco conheço Bossuet, não me deve ser censurado o ignorar quase inteiramente o seu apologista.

Pelo que tenho ouvido, porém, parece-me que o Sr. Brunetière está para as letras como um botânico está para as flores. Percorrendo os canteiros de um jardim, o botânico conhece cada flor, e o seu nome latino, e o número das suas

pétalas, e todas as suas variedades, e o largo género em que se filia, e a zona e o terreno que melhor convém ao seu desenvolvimento, etc., etc. Há só na flor uma coisa sobre que o juízo do velho botânico sempre claudica, ou porque a desdenhe ou porque a não sinta — e é beleza especial da flor, que está talvez na cor, nas dobras das folhas, na maneira por que se mantém na haste, em mil particularidades indefinidas nesse *não sei quê* que lhe habita as formas e que faz que diante dela paremos, e a contemplemos, e a apeteçamos, e a colhamos. O Sr. Brunetière é este sapiente botânico entre flores. Que lhe deem um poeta, e ele imediatamente o classificará, lhe colocará um rótulo nas costas, mostrará o género que cultivou, desfiará as qualidades que

revelou nesse género, exporá as influências de raça, e de meio, e de momento histórico que concorreram para o desenvolvimento dessas qualidades, etc., etc. Será superiormente erudito — e só lhe faltará o sentir, pelo gosto, esse *não sei quê* de íntimo que constitui a beleza ou a grandeza do poeta. O Sr. Brunetière é um botânico das letras. E de resto esta comparação não lhe poderia desagradar, porque ele é um dos que recentemente, ao que parece, mais se têm aplicado a introduzir nas ciências morais o método das ciências naturais, e a considerar as obras humanas, e sobretudo as obras de literatura e de arte, como produtos de que a crítica e a estética só têm a verificar os carateres e a esmiuçar as causas. Isto desde logo o torna para

mim um crítico extremamente respeitável e pouco simpático. Ignorante como sou, eu gosto de um crítico que me possa explicar as causas e os carateres da obra de Musset, mas que sinta palpitar o coração quando lê as *Noites* e a *Carta a Lamartine*, ou porque se lhe comunicou a emoção do ardente lírico, ou porque se enlevou na contemplação da beleza realizada. Sem a faculdade emotiva e o gosto, o crítico pertence àquela espécie de esmiuçadores de causas e arrumadores de géneros que Carlisle chamava os *ressequidos*.

Além disso, segundo ouço, o Sr. Brunetière é um ríspido, um inflexível, todo ele dogmatismo e intolerância, sem uma gota, para o amolecer e lubrificar, daquele *leite da humana bondade* de que

fala outro inglês, o muito adorável Dickens. E esta outra qualidade do Sr. Brunetière aumenta a minha antipatia, toda de instinto, para com este homem de talento e de bem. Não posso por isso ser considerado suspeito, no aprovar, como aprovo, todas as acusações que, no seu discurso de receção na Academia, ele desenrolou contra os jornais, contra os jornalistas e, portanto, contra mim, que sou, a meu modo, e de um modo bem imperfeito, uma espécie de jornalista.

O Sr. Brunetière censura à imprensa a sua superficialidade, a sua bisbilhotice e escandaloso abuso de reportagem e o seu sectarismo. Ser superficial, bisbilhoteiro e sectário é ter realmente uma respeitável soma de defeitos.

Uma só basta para desacreditar em matéria intelectual ou social. Todos juntos pedem as Gemónias. E todavia a imprensa, que os possui todos, está num trono e resplandece. Mas Nero e Vitélio governaram o mundo — e a sua triunfal autoridade não lhes tira a indecente monstruosidade!

A imprensa, que também hoje governa o mundo, não é, Deus louvado, nem indecente, nem monstruosa. Todos esses vícios, porém, que lhe atribui o Sr. Brunetière, é certo que ela os pratica, em proporções diversas, segundo o seu temperamento de raça e as suas condições funcionais. O *Times* e outros jornais ingleses, riquíssimos e possuindo toda uma coorte de especialistas, pronta a tratar todas as matérias, desde as de

culinária até as de metafísica, apresentam geralmente, sobre as questões ocorrentes, estudos sólidos em que está resumido muito saber e muita experiência. Por outro lado, na Alemanha, país das ideias gerais, e que só se interessa por ideias gerais, e em Portugal e na Espanha, onde todos herdámos dos nossos avós, Godos e Árabes, o respeito quase sacrossanto da vida íntima — os jornais não são bisbilhoteiros, nem abusam indiscretamente da reportagem miúda.

Em média, porém, afoitamente se pode afirmar que na Europa e na América a imprensa é superficial, linguareira e sectária. Ora, estes defeitos não são, a meu ver, somente perniciosos por enfraquecerem, como pretende o Sr. Brunetière, a autoridade da imprensa e

fazer lamentar os tempos sólidos de Armand Carrel, em que se punha na composição de um artigo mais cuidados do que hoje se põe na preparação de uma enciclopédia. Tais defeitos são sobretudo nocivos porque a imprensa os comunica ao público, com quem está em permanente comunhão, e assim, em lugar de educadora, se tem lentamente tornado uma viciadora do espírito e dos costumes.

Incontestavelmente foi a imprensa, com a sua maneira superficial e leviana de tudo julgar e decidir, que mais concorreu para dar ao nosso tempo o funesto e já irradicável hábito dos juízos ligeiros. Em todos os séculos se improvisaram estouvadamente opiniões: em nenhum, porém, como no nosso essa improvisação impudente se tornou a

operação corrente e natural do entendimento. Com exceção de alguns filósofos mais metódicos, ou de alguns devotos mais escrupulosos, todos nós hoje nos desabituamos, ou antes nos desembaraçamos alegremente do penoso trabalho de refletir. E com impressões que formamos as nossas conclusões. Para louvar ou condenar em política o facto mais complexo, e onde entrem fatores múltiplos que mais necessitem análise, nós largamente nos contentamos com um boato escutado a uma esquina. Para apreciar em literatura o livro mais profundo, apenas nos basta folhear aqui e além uma página, através do fumo ondeante do charuto. O método do velho Cuvier, de julgar o mastodonte pelo osso, é o que adotamos, com magnífica

inconsciência, para decidir sobre os homens e sobre as obras. Principalmente para condenar, a nossa ligeireza é fulminante. Com que esplêndida facilidade declaramos, ou se trate de um estadista, ou se trate de um artista: «É uma besta! E um maroto!» Para exclamar: «É um génio!» ou «é um santo!», oferecemos naturalmente mais resistência. Mas ainda assim, quando uma boa digestão e um fígado livre nos inclinam à benevolência risonha, também concedemos prontamente, e só com lançar um olhar distraído sobre o eleito, a coroa de louros ou a auréola de luz.

Nestes tempos de borbulhante publicidade, em que não ladra um cão em Constantinopla sem que nós o sintamos, e em que todo o homem tem o seu momento

de evidência, nós passamos o nosso bendito dia a promulgar sentenças e a lavrar diplomas. Não há facto, ação individual ou coletiva, personalidade ou obra humana, sobre que não estejamos prontos, apenas elas nos sejam apresentadas, a formular muito de alto uma opinião catedrática.

E a opinião tem sempre e apenas por base aquele pequenino lado do facto, da ação, do homem, da obra, que aparece, num relance, ante os nossos olhos fugidios e apressados. Por um gesto julgamos um caráter, por um caráter avaliamos um povo. A antiga anedota daquele inglês funambulesco que, desembarcando em Calais de madrugada, e avistando um coxo no cais, escreve no seu livro de notas: «A França é habitada por homens

coxos», ilustra e simboliza ainda hoje a formação das nossas opiniões.

E quem nos tem enraizado estes hábitos levianos? O jornal, que oferece cada manhã, desde a crónica até aos anúncios, uma massa espumante de juízos ligeiros, improvisados na véspera, das onze à meia-noite, entre o silvar do gás e o fervilhar das chalaças, por excelentes rapazes que entram à pressa na redação, agarram numa tira de papel e, sem tirar mesmo o chapéu, decidem com dois rabiscos da pena, indiferentemente sobre uma crise do Estado, ou sobre o mérito de um *vaudeville*. Como exemplo picante eu poderia citar o modo por que a imprensa de Paris tem comentado a revolta do Brasil e julgado o povo do Brasil, sobre vagos bocados de telegramas truncados

— se não receasse entrar em um caminho escorregadio, onde me arriscaria a esbarrar com os nossos queridos colegas do *Pays* e do *Temps*, armados da sua férula.

Lembrarei apenas que, ainda não há uma semana, o articulista encarregado no *Figaro* de criticar cada dia os acontecimentos políticos da Europa, e que, portanto, deve conhecer a Europa, estudando a situação económica de Portugal, afirmava, e com uma soberba certeza, que «em Lisboa os filhos das mais ilustres famílias da aristocracia se empregavam como *carregadores da alfândega*, e ao fim de cada mês mandavam receber as soldadas *pelos seus lacaios*»! Estes herdeiros das grandes casas de Portugal, carregando pipas de

azeite e fardos de café no cais da alfândega, e conservando todavia criados de farda para lhes ir receber o salário — formam um quadro simplesmente portentoso. Pois quem o traça é o *Figaro*, um dos mais considerados jornais de Paris, e um dos que tem um pessoal mais largo e mais remunerado. E Lisboa todavia está a dois dias e meio de Paris! Mas Londres dista apenas sete horas e meia de Paris — e constantemente os jornais franceses escrevem sobre a Inglaterra, e as coisas inglesas, com a mesma segura ciência com que o *Figaro* descrevia as ocupações da nobreza de Portugal.

Ora, dizia não sei que sentencioso crítico espanhol que, quando se lê constantemente Séneca, ganha-se os

hábitos e o espírito de Séneca. E quando se tem como usual alimento do espírito o *Figaro* e consortes (e é destas magras viandas que hoje se nutre a memória dos civilizados), facilmente se toma o hábito de ir espalhando estouvadamente, sobre os homens e sobre os factos, juízo efémeros e ocos. E eu próprio, por humildade, para não ostentar uma orgulhosa abstenção do pecado comum, comecei por dar aqui, sobre o Sr. Brunetière, um juízo ligeiro, nascido de impressões fugidias.

A outra acusação feita à imprensa pelo douto académico é a da bisbilhotice, da indiscreta e desordenada reportagem.

Há aqui alguma ingratidão da parte do Sr. Brunetière. Para a crítica, sobretudo como ele a compreende e

exerce, a reportagem é a grande abastecedora de documentos. Quanto mais detalhes a indiscrição dos repórteres revelar sobre a pessoa do Sr. Zola, e os seus hábitos, e o seu regime culinário, e a sua roupa branca, tantos mais elementos positivos terão os Brunetière do futuro para reconstruir com segurança a personalidade do autor de *Germinal*, e, através dela, explicar a obra. Não é indiferente saber como era feito o nariz de Cleópatra, pois que do feitio desse nariz dependeram, durante um momento, como muito bem diz Pascal, os destinos do universo. Mas, como a reportagem hoje se exerce, não só sobre os que influem nos negócios do mundo ou nas direções do pensamento, mas sobre toda a «sorte e condições de gente», desde as cocotes até

aos jóqueis e desde os dândis até aos assassinos, sucede que esta indiscriminada publicidade, sem concorrer em nada para a documentação da história, concorre, e prodigiosamente, para o desenvolvimento da vaidade.

O jornal é hoje, com efeito, o grande assoprador da vaidade humana. Em todos os tempos houve vaidosos — e não querem decerto que eu estafadamente cite o estafado Alcibíades cortando o rabo do seu estafado cão, para que se fale dele nas praças de Atenas. A vaidade é mesmo muito anterior a Alcibíades, já aparece a páginas três da Bíblia, e a folha de vinha, bem colocada, é o seu primeiro ato mundano. Incontestavelmente, porém, em nenhum tempo a vaidade foi, como no nosso, o grande, o principal motor das

ações e da conduta. Nestes estados de alta civilização, que produzem cidades do tipo de Paris e de Londres, tudo se faz por vaidade, e com um fim de vaidade.

E dessa forma nova e especial da vaidade só o jornal é culpado, porque foi ele que a criou. Essa forma consiste na notoriedade que se obtém através do jornal.

«Vir no jornal!» Ter o seu nome impresso, citado no jornal! Eis hoje, para uma forte maioria dos mortais que vivem em sociedade, a aspiração e recompensa supremas.

Nos regimes aristocráticos, o grande esforço era obter, se não já o favor, ao menos o sorriso do príncipe. Nas nossas democracias é alcançar o louvor do jornal. Para conquistarem essas

dez ou doze linhas benditas, os homens praticam todas as ações — mesmo as boas. Não é mesmo necessário que essas linhas contenham um panegírico: basta que ponham o nome, a personalidade em evidência, numa tinta bem negra, que hoje tem um brilho mais desejado que o antigo nimbo de ouro. E não há classe que não esteja devorada por esse apetite mórbido do reclamo. Ele é tão vivo no mundano, no homem de prazer, na mulher de luxo, como naqueles que parecem preferir na vida a obscuridade, o silêncio. Porque vêm agora, nestas semanas, esses frades dominicanos, do fundo dos seus claustros, pregar nos púlpitos de Paris sermões de Quaresma grandemente teatrais e criadores de escândalo? Para terem uma celebridade no género Coquelin, e

interviews nos jornais de literatura elegante, e o seu retrato, no hábito do grande S. Domingos, exposto entre jóqueis ilustres e as cancanistas do Moulin Rouge. É esta esperança do «artigo no jornal», que, como outrora a esperança do céu, governa a conduta e as ideias — e para «vir no jornal» é que os homens se arruínam, e as mulheres se desonram, e os políticos desmancham a boa ordem do Estado, e os artistas se lançam na extravagância estética, e os sábios alardeiam teorias mirabolantes, e de todos os cantos, em todos os géneros, surge a horda sôfrega dos charlatães. Cada um se empurra, se arremessa para a frente, quer fazer estalar, bem alto no ar, o seu fogo de artifício, para que o jornal o comente, e a multidão se apinhe e

murmure boquiaberta: «Ah!»

Mas, por Deus!, agora reparo que estou aqui compondo uma página de moralista amargo, o que é faltar ao bom gosto do nosso tempo, e sobretudo aos santos preceitos da ironia. Imediatamente me calo — e estou mesmo pronto a concordar que o jornal também incita à virtude... E tal magnífico banqueiro judeu dá, pelo Natal, cem mil francos aos pobres, para que a sua caridade venha no jornal! Bendito seja o jornal!

Nem mesmo, com receio de tomar o desagradável tom de um censor dos costumes, quero insistir na outra acusação formulada pelo Sr. Brunetière contra a imprensa — a de partidarismo e de sectarismo. De resto, é por pura humildade cristã que eu, que me considero

a meu modo um jornalista, confessei, falando do jornalismo, estes pecados em que colaboro impenitentemente.

Estamos na Semana Santa, e é de bom exemplo que cada um rosne o seu *mea culpa* e cubra a cabeça de uma pouca de cinza. Além disso, queridos amigos e confrades no pecado, esta carta, em que contritamente apontei alguns dos vícios mais dissolventes dos jornais, a sua superficialidade, a sua bisbilhotice, o seu partidarismo, vícios que os tornam tão pouco próprios para serem lidos pelo homem justo, já vai copiosamente larga — e eu tenho pressa de a findar, para ir ler os meus jornais com delícia.

As Interviews

Apesar desta democracia crescente que tudo vulgariza, ou antes (sejamos prudentes), que tudo igualiza, nem cada dia um jornalista consegue *interviewar* um rei. (Este vocábulo *interviewar* é horrendo, e tem uma fisionomia tão grosseira e tão intrusivamente ianque, como o deselegante abuso que exprime. O verbo *entrevistar*, forjado com o nosso substantivo *entrevista*, seria mais tolerável, de um tom mais suave e polido. *Entrevista*, de resto, é um antigo termo português, um termo técnico de alfaiate, que significa aquele bocado de estofo muito vistoso, ordinariamente escarlate ou

amarelo, que surdia por entre os abertos nos velhos gibões golpeados dos séculos XVI e XVII. Termo excelente portanto para designar um ato em que as opiniões tufam, rebentam para fora, por entre as fendas da natural reserva, em cores efusivas e berrantes. Mas *entrevistar* tem um não sei quê de sorrateiro que desagrada — e só alguém com muita autoridade e muita audácia o poderia impor. *Interviewar*, ao menos, é bruto mas franco. Temos pois de empregar resignadamente este feio americanismo — já que os nossos idiomas neolatinos não estão preparados, na sua nobre pobreza, a acompanhar todas as ruidosas intervenções do engenho anglo-saxónio.

Vós aí no Brasil, amigos, possuís a arte subtil de cunhar vocábulos que são

por vezes geniais. Fabricai um que substitua o *interviewar* e sereis benditos.

E no entretanto iremos dizendo que, apesar da nossa igualização democrática, nem todos os dias um jornalista *interview* a um rei. Não parece de resto haver proveito na tentativa. Se os reis são de direito divino, as suas intenções devem permanecer tão impenetráveis como as de Deus, de quem emanam, e que os inspira. Quando alguém ousasse interrogar o imperador da Rússia sobre os seus planos, ele muito logicamente apontaria silenciosamente para o céu. Os reis desse transcendente tipo são agentes submissos, quase inconscientes, da Providência. Antes trepar às nuvens e formular um interrogatório direto à Providência. Se os

reis, porém, são constitucionais, então os seus desejos, como os seus atos, só têm valor quando confirmados pelo ministério, pelo parlamento, por todas as instituições tutelares de que os cercou, com que os peou, a constituição. Mais útil, rápido e de melhor cortesia será *interviewar* o ministro ou chefe da maioria. É por estes motivos certamente que os repórteres, que, com a imprudência dos pardais, se abatem e piam sobre as coisas mais veneráveis, nunca assaltam os tronos.

O caso, porém, é diferente com o rei de Itália. Humberto é um rei constitucional que diz sempre «o *meu* povo... o *meu* exército... a *minha* armada». Estas expressões, indicando um senhorio direto da nação, sancionado pelo

direito divino, só o czar, hoje (além do sultão), as pode empregar legitimamente. Por toda a parte, fora da Rússia, da Turquia (e de algumas repúblicas da América Central), os povos pertencem a si próprios, ou pelo menos conservam essa ilusão que lhes é preciosa; e os exércitos pertencem ao Estado, que deixou de ser idêntico com o rei desde que Luís XIV teve a fístula. Estas expressões, porém, do «*meu* povo, do *meu* exército», que consideraríamos singularmente impróprias na boca constitucional do rei dos Belgas, não destoam quando usadas pelo rei da Itália. Na realeza de Humberto, chefe da Casa de Saboia, há um não sei quê de pessoal e absoluto que se nos afigura legítimo. Para os Italianos, em quem possa sobreviver o

espírito municipal das velhas democracias, talvez ele seja apenas o primeiro magistrado da Itália — para nós ele aparece, até certo ponto, como o senhor da Itália, porque na sua qualidade de segundo rei de Itália ele é ainda a razão e a força da unidade italiana.

Em todos os tempos foi a ambição dos reis que fez a unidade dos estados. Esta ideia mesmo de unidade, e o amor da unidade, só nasce no povo desde que a vê realizada, e sente experimentalmente a sua grandeza material, ou a sua beleza histórica. A conceção abstrata de uma pátria una nunca pode surgir espontaneamente no povo, que só compreende e ama a sua aldeia ou a sua cidade, e não pensa na cidade próxima e na aldeia vizinha senão para as desdenhar

ou para as invejar. Decerto a língua, o parentesco da raça, a identidade de caráter constituem fortes tendências para a unidade: mas de nada servem, se não houver conjuntamente um rei ambicioso que as aproveite para sobre elas construir a união nacional. Sem esse príncipe ambicioso, ladeado por um ministro de género de Bismarck ou Cavour, e instigado por três ou quatro patriotas idealistas, as cidades continuavam a falar a mesma língua, a nutrir-se intelectualmente numa literatura comum, a prestarem um culto irmão aos mesmos grandes homens, mas não sairiam nunca do seu municipalismo ou do seu provincialismo histórico.

Esta lei, que se pode observar em todos os estados, é manifesta na história

da Itália. Tendo mantido sempre a unidade da sua civilização, tão sólida que se impôs a todas as raças que a conquistaram; tendo construído na Europa, pelo Papado, a unidade espiritual — a Itália todavia nunca realizou a sua unidade política, e desde a Meia Idade permanece fragmentada em municípios e repúblicas, cuja existência, tempestuosamente agitada entre a anarquia e a tirania, é uma série lacrimosa de martirológios.

O caráter social da Itália é então a divisão levada até à última molécula social. As cidades vivem isoladas, num violento ciúme mútuo, travando constantemente guerras e traindo-se com uma pérfida que ficou proverbial. Dentro das cidades, os cidadãos vivem tão divididos como elas, armando todos os

dias brigas de rua a rua, e de cada casa fazendo a cidadela de uma fação. E dentro das casas as famílias estão ainda sombriamente divididas, e pais e filhos e irmãos não se reúnem na mesma sala sem trazerem cautelosamente debaixo dos gibões o seu punhal escondido. Todavia, todo este mundo mutuamente hostil se injuria na mesma língua, lê o mesmo Ariosto, reza à mesma Madona, celebra as mesmas festas cívicas e sente o orgulho comum da grandeza passada. Mas o longo hábito da vida local, do governo comunal, lançara raízes quase irradicáveis, criara no Italiano como um modo especial de pensar e de sentir, que o abandonava indefeso às violências da demagogia, ao abuso da força e da intriga dos pequenos tiranetes, à ferocidade de todos os

invasores. Acrescia que estes velhos instintos municipais eram explorados maquiavelicamente pelos papas, que se serviam deles para esmagar em qualquer dos estados a menor tendência à hegemonia, e através dela à formação de uma Itália unida. Soberano espiritual, o papa não podia sofrer ao seu lado um soberano temporal — e para manter a sua independência, fomentava a desunião. A pobre Itália ia assim ficando repartida em republicazinhas anémicas e despotismozinhos sangrentos, amolecendo-se em todas as suas qualidades, depravando-se em todos os seus costumes, sob o patrocínio da tiara, que a impedia de se unir, sem ter a força de a proteger. A consequência é que a Itália foi assaltada, saqueada,

espezinhada, retalhada, vendida ou doada, como um despojo de guerra. Caiu em decadência, caiu em servidão... Pior ainda, caiu em ridículo! E a terra fecunda dos génios e dos santos não apareceu mais na história senão como um povo piolhento e sonolento governado por cortes minúsculas, que não passavam de uma coleção bufa de caturras, cortesãos, parasitas, jograis, monsenhores, sacristães, sigisbeus, tenores castrados e bailarinas. E porquê? Porque lhe faltara até aí o rei ambicioso e patriota que, para ser rei da Itália, quebrasse as velhas tradições do municipalismo latino, e no meio das grandes monarquias militares desse à Itália um governo central, leis uniformes, um exército permanente, as condições todas que a ela lhe

consolidariam a unidade e a ele a soberania. Este rei salvador surgiu finalmente em Turim. Todos nós fomos ainda seus contemporâneos, e o celebrámos como *rè galantuomo*. Vítor Manuel foi o instrumento essencial da ressurreição da Itália. À sua voz é que a grande Lázara, ligada e estendida no sepulcro bourbónico, se ergueu e marchou. Outros decerto trabalharam habilmente e heroicamente na grande obra; mas foi ele que a assinou, e, para os olhos da multidão que nunca aprofunda, só ele ficou com a sua força representativa e a garantia da sua duração. Por maiores limitações que a constituição impusesse à sua autoridade, ela não podia deixar de ser, através das fórmulas parlamentares, suprema como a de todo o criador.

Humberto, seu filho, continuador e consolidador da obra, herda ainda desta prerrogativa de chefe paternal. Nunca ele poderá ser um rei do puro tipo constitucional, como Leopoldo da Bélgica, que, segundo a fórmula belga, não é senão o «primeiro dos seus administrados». Os futuros reis da Itália (se os houver) poderão ser reduzidos a esta subalternidade de funcionário irresponsável. Humberto não — e, para ele, *reinar* ainda há de ser *governar*. E quando ele fale do *seu* povo, do *seu* exército, a Europa não lhe contestará a legitimidade dessas expressões autocráticas.

Além disso, Humberto foi coroado em Roma. Ora, Roma é essencialmente cesariana, e comunica, imprime caráter

cesariano àqueles que a governam. Ela mesma foi sempre cidade-soberana, ou no temporal ou no espiritual. Só há cem anos é que deixou de vir lá de entre as sete colinas, ou sob a forma de édito imperial, ou sob a forma de encíclica papal, a ordem suprema que se impunha a rei e povos, e regia os nossos bens ou as nossas almas. E o senhor da cidade de Rómulo sempre partilhará desta supremacia que lhe é inerente. Mas este ponto de vista é talvez mais estético do que político.

Em todo o caso, por todos os motivos, Humberto é dos poucos reis *interviewáveis*. É um rei que quer e que pode. E não é todavia bastante de direito divino para se considerar um emissário da Providência, e, como ela, esconder os

seus desígnios, que só por ela podem ser compreendidos ou julgados. Ao rei Humberto é permitido dizer: «Eu farei isto, as minhas intenções são estas...» A sua autoridade na nação comporta estas afirmações pessoais e soberanas. Qualquer outro rei, estritamente constitucional, quando atacado por um repórter, só poderá encolher os ombros e murmurar: «Não sei, veremos o que faz o ministério...»

Há, pois, aparentemente, utilidade para um repórter de alta reportagem em sondar e puxar para fora o pensamento íntimo do rei Humberto. A dificuldade única estaria na operação da sondagem — porque, apesar de se ter suprimido a hirta e encarceradora etiqueta do tempo de Carlos V, os reis ainda não são acessíveis

a qualquer sujeito de chapéu-coco que se apresente com uma carteira e um lápis, a «fazer perguntas». Mas o *Figaro*, barbeiro astuto, acostumado desde a sua mocidade a deslizar subtilmente pelas portas escusas e a penetrar no segredo dos Bártolos, realizou esta bela façanha — e *interviewou* o rei Humberto. E quando ele anunciou, rufando ufanamente o seu grosso tambor, que ia publicar as declarações do rei de Itália, a Europa, excitada, aguçou vorazmente as suas longas orelhas. Com efeito, que maravilhosa ocasião de conhecer enfim o segredo da Tríplice Aliança! É ocasião única! Porque dois dos aliados, o imperador da Alemanha e o imperador da Áustria, sendo mandatários da Providência, têm de permanecer impenetráveis. O rei de Itália, porém, é

apenas o mandatário de um povo, e de um povo ilustre nos fastos da loquacidade. E o rei da Itália ia falar!... Falou. O *Figaro*, barbeiro ditoso, imprimiu com alarido as suas palavras. E desde então ainda não cessaram, em torno delas, controvérsias que me espantam e devem espantar todos os simples pela sua ingenuidade.

Parece haver, com efeito, imensa ingenuidade em esperar com inquietação, e depois discutir com paixão, as declarações públicas, oficiais, de governos ou de governantes. Por pouco que elas anunciem conduta, e constituam programa, tais declarações têm necessariamente de ser generalidades otimistas e virtuosas. Que pode, por exemplo, um governo novo prometer aos cidadãos, senão que todos os seus

esforços tenderão energicamente a manter a *ordem*, favorecer a *moralidade* e promover a *economia*? Não há possibilidade de que um governo se apresente gravemente ante o país e, pondo a mão leal sobre o coração sincero, declare que vai fomentar a *desordem*, animar o *desperdício* e proteger a *imoralidade*! Os cidadãos não acreditariam — e esse governo, talvez verídico, seria escandalosamente expulso como farsante.

Há nos programas políticos uma convencionalidade mutuamente consentida, que é comum a todas as manifestações públicas, e que corresponde à necessidade climatérica e moral, hoje tornada instinto, de cobrirmos a nossa nudez. É uma mera questão de

decência, de respeito social, quase de etiqueta. O chefe de Estado, quando fala à nação, tem de exibir uma decorosa virtude nos seus intentos, pelos mesmos motivos por que tem de vestir a sua farda, e trazer o seu séquito, nos grandes cerimoniais. «Todas as minhas forças, caros concidadãos, serão votadas a alargar a prosperidade!, etc., etc.», todas estas patrióticas, íntegras frases, devem ondular em tons claros, como os penachos de gala. Os experientes sorriem, mas murmuram: «Muito bem, muito bem!» E não tolerariam que o chefe de Estado, com honrosa sinceridade, declarasse que se preparava a fazer escândalos e prepotências — como não permitiriam que ele nessa cerimónia, onde viera lançar o seu programa, se apresentasse nu

ou simplesmente em ceroulas. É uma questão de decoro. Esta necessidade de pudor público, perfeitamente a compreendo. O que sempre me pareceu incompreensível foi o ingénuo que arregala os olhos, sorve com delícias cada promessa do programa, como se elas caíssem do alto do Sinai, e vai exclamando, radiante: «Enfim, temos um governo, temos um homem que quer implantar a *moralidade*, reafirmar a *ordem*, promover a *economia*, etc., etc.» E ainda menos compreendo talvez os que se lançam sobre o programa e o analisam, o dissecam, tiram dele, por entre as linhas, esperanças ou receios, e discutem apaixonadamente cada uma das suas palavras sacramentais como se fossem realidades vivas.

Que poderia dizer jamais o rei da Itália a um repórter que o interroga sobra as intenções da Itália? Que poderia dizer, justos céus, senão que ele e o seu povo amam todos os seus vizinhos como irmãos e só querem, só apetecem a paz? E foi justamente o que afirmou Humberto. Nem era humanamente verosímil que ele franzisse o sobrolho e exalasse, em vocábulos troantes, o seu ódio à França, a sua sede de guerra... Qualquer declaração sua, destinada a um jornal, tinha de ser inevitavelmente fraternal, pacífica, otimista. Os céticos podem sorrir, mas têm de murmurar: «Muito bem, muito bem.» O rei da Itália, com efeito, teve a atitude que pedia a decência. Recebendo um jornalista francês, vinha vestido e afiançou a paz. Tão estranho seria que

anunciasse a guerra — como que aparecesse em mangas de camisa.

E todavia estas declarações previstas, obrigatórias e que não têm mais significação que a farda ou a sobrecasaca que o rei vestia, estão sendo escrutinadas, pesadas, filtradas, estudadas pelos analistas políticos, com ardor, como se contivessem no fundo das suas sílabas os segredos do destino. Uns, de aquém-Reno, gritam: «O rei Humberto não é sincero, que dê provas!...» Outros, de além-Reno, clamam: «Haverá nestas palavras de Humberto intenções de desdenhar as alianças juradas?...» E o *Times*, há três dias, em pesadas colunas está perguntando aos ecos leais do monarquismo se é lícito duvidar da afirmação de um rei!...

A um inocente, como eu, tudo isto

parece funambulesco. Oh, boas almas, ainda uma vez mais, que esperáveis vós que dissesse o rei da Itália? Que pode responder o diretor de um banco a quem lhe pergunte se ele é pela probidade ou se tende para a trapaça e roubo aos acionistas? Que pode responder um chefe de Estado a quem se pergunte se ele é pela paz — ou se pende para a guerra e mortalidade dos povos?

De resto é inata no homem esta tendência a fazer perguntas tão inúteis que são néscias e a que ele sabe de antemão as respostas necessárias e coerentes. Não há ninguém que, entrando numa mercearia a comprar um quilo de queijo, não tivesse já papalvamente perguntado ao merceeiro: «É bom o seu queijo?» Como se jamais, desde que há homens e queijos, um

merceeiro tivesse respondido, com asco: «Não senhor, não presta!» E se ele desse esta resposta, por espírito sublime de veracidade intransigente, então é que nós começaríamos a desconfiar do lojista, como de um ser anormal, extravagante e perigoso. Um amigo meu, viajando em Inglaterra, parou num hotel e, depois de instalado e barbeado, desceu a almoçar. O dia era de junho, ele apeteceu um vinho fresco e leve. Percorreu pensativamente a lista dos vinhos e perguntou ao criado, com a tradicional e humana ingenuidade:

— É bom este *Chablis?*

O criado, um velho de suíças brancas, grave e um pouco triste como um embaixador em disponibilidade, abanou a cabeça e respondeu secamente:

— É uma peste.

O meu amigo considerou com espanto, e um espanto desagradável, aquele homem verídico. Depois repercorreu a lista.

— Bem, traga-me então deste *Médoc*... É bom, o *Médoc?*

O criado, muito sério, replicou:

— É horrível.

Perturbado, o meu amigo murmurou timidamente, numa desconfiança vaga e escura que o invadia:

— Bem, beberei cerveja... Que tal a cerveja?

O criado volveu, convencido e digno:

— Droga muito medíocre... Extremamente medíocre!

O meu amigo tremia já, num positivo terror. Mas ainda balbuciou:

— Que hei de eu então beber?

— Beba água, ou beba chá... Ainda que o chá que agora temos é realmente detestável.

Então o meu amigo repeliu violentamente guardanapo e talher, galgou as escadas do seu quarto, reafivelou as correias da sua maleta, saltou para uma tipoia e fugiu.

Porquê? Nem ele sabia. Tudo quanto me pôde explicar é que, perante tanta sinceridade, perante tanta veracidade, ele sentiu em torno de si, naquele hotel, alguma coisa de anormal, de extravagante, de perigoso. E o ato do meu amigo, dado o nosso secular hábito da mentira, da ficção, da convenção — é bem humano.

O Salão

O mês de maio, em Paris, é dedicado à estética.

Então se abre com uma certa solenidade, em que colabora mesmo o chefe do Estado, a exposição de belas-artes, a que os Franceses chamam o «Salão», sem dúvida por causa da graça, da polidez e da sociabilidade da sua arte. Todas as classes de Paris (com exceção dos operários, que só se apaixonam pela política) tomam um interesse, se não intelectual pelo menos social, nesta abertura do Salão, mesmo aquelas que no resto do ano vivem tão indiferentes e separadas das coisas de arte como das coisas da teologia hindu. Há assim, em

todas as cidades, um dia tradicionalmente consagrado, ou ao espírito, ou ao *sport*, ou à devoção, que tem o dom de reunir no mesmo entusiasmo, ou pelo menos na mesma disposição festiva, todos os cidadãos. Em Londres, milhares de pessoas que nunca pegaram num remo, nem compreendem que a honra ou proveito se tire de remar com perícia, mostram, e realmente experimentam, a mais excitada simpatia pela regata clássica entre as Universidades de Oxford e de Cambridge. E em Lisboa, mesmo os ímpios, pelo ar de festa que tomam, concorrem, no devoto 13 de junho, a festejar Santo António. As almas dos homens, andando hoje tão dispersas, necessitam fundir-se, ao menos uma vez por ano, num sentimento comum.

Acresce que o Salão, no dia cerimonioso da sua abertura, oferece dois grandes atrativos além dos quadros e das estátuas. Nesse dia os artistas expõem, não só as suas obras, mas as suas pessoas — e contemplar um artista, o corte da barba e a forma do chapéu do artista, é um precioso regalo para o Parisiense, como já era para o Grego, que vinha da Grande Grécia e das ilhas a Atenas, não para escutar Platão, mas para ver Platão. No Salão, tal que apenas lança um olhar indolente à telas de Bonnat segue através das salas durante uma hora o próprio Bonnat, repastando-se com delícias na admiração do homem cuja obra lhe foi indiferente. É que para esses, a quem o bom Flaubert chamava com tão truculento rancor «os burgueses», todo o artista é um

ser excecional, vivendo uma vida excecional, feita de requintes, aventuras, de estranhas festas e de voluptuosidades magníficas. Um tão grande privilegiado excita uma insaciável curiosidade — como tudo o que no bem ou no mal, pelo brilho ou pela força, se ergue acima do cinzento e medíocre nível humano. E mal sabem os «burgueses» que o artista quase sempre (a começar pelo próprio Flaubert) é também um burguês pacífico, sóbrio, cordato e estreito.

Mas no Salão há ainda, no dia da sua abertura, uma outra vistosa atração que por certos lados se prende às belas-artes — a das*toilettes*.Com efeito está na antiga tradição parisiense que as mulheres de luxo, aquelas para quem o luxo é um instrumento da profissão, e aquelas para

quem o luxo é um hábito natural, que lhes vem da riqueza, da posição, ou do gosto inato, arvorem então as modas novas de primavera, as criações mais delicadas e mais artísticas das grandes costureiras de arte. São outros tantos quadros que circulam aparatosamente pelas salas, e que a multidão olha e admira, com muito mais curiosidade do que os outros pregados em redor nas paredes, dentro dos seus caixilhos. E ao lado das elegantes enxameiam as próprias costureiras, que vêm, exatamente como artistas, observar com ansiedade o «efeito» produzido pela composição, pelo colorido, pelo vigor ou pela finura das suas obras. Destas obras especiais apenas entrevi duas com alguma fantasia e audácia. Em ambas a figura das senhoras,

a sua «plástica» concorria a dar um relevo picante e divertido à *toilette* e aos acessórios da ornamentação. Uma, muito delgada, bem lançada, com uma gracilidade serpentina, trazia uma saia curta, de seda murmurosa e lustrosa, recoberta de falbalás Pompadour: os cabelos fulvos, pintados com o louro do Ticiano, caíam em cascatas e ondas ricas sobre colo e ombros, como uma juba superiormente frisada e bem empomadada por Lentheric (o mais ilustre cabeleireiro do século); as abas do chapéu eram tão vastas que sob elas se poderia abrigar do sol ou da chuva um grupo de viajantes, com os seus cavalos e com as suas bagagens e estavam ainda encimadas por uma triunfal montanha, fofa e tremente, de plumas multicores; a sua mão, calçada de

luva negra, bordada a ouro, e que subia amarrotada até ao ombro, apoiava-se no castão de ónix de uma bengala de marfim, mais alta que um báculo ou que uma lança; a cada passo que dava, as sedas crepitavam e lampejavam, a massa alterosa de plumas tremia e flutuava, o conto do bengalão ressoava majestosamente, e um sorriso fugia dos lábios da dama, tão vermelhos que pareciam uma ferida em carne viva e sangrenta. Assim ia entre a multidão — e eu não comento. Arredai-vos, amigos, e deixai-a passar.

A outra senhora, anda mais pitoresca, era enorme, transbordante, construída de rolos e bolas, com uma pele escabrosa, a que, mesmo sob o pó de arroz aplicado sem economia, se sentia a

cor de açafrão. As suas tremendas massas de carne bamboleante vinham apenas envoltas numa túnica diáfana, de um amarelo ardente e brilhante, como as florinhas do campo de Portugal chamadas botões-de-ouro, e feita certamente daquele antigo tecido que se fabricava na ilha de Cós, e que pela sua transparência e leveza aérea os poetas da Grécia diziam ser feito de luz e vento.

Como chapéu tinha apenas alguns amores-perfeitos, em grinalda, também amarelos. Era uma ninfa, e assim montanhosa, sobrancelhuda, beiçuda, de venta larga, com um saracoteio que lhe colava a túnica e lha enrodilhava nos vastos membros de elefante ameno, fendia soberbamente a turba, meneando um imenso leque, ainda amarelo,

furiosamente amarelo. Tais eram estas duas parisienses, as duas obras vivas de parisianismo que mais me impressionaram nesta festa de Santa Estética. Dizem que Paris continua a impor ao mundo a regra do gosto e do bem-vestir, e que, tendo perdido todo o predomínio em matéria de filosofia e de ciência positiva, exerce ainda uma influência intensa através das suas costureiras. Por isso traslado fielmente, para uso das raças menos inventivas, estes dois figurinos que se me afiguraram consideráveis.

Enquanto às outras obras expostas no Salão, os quadros e as estátuas, a primeira lição que lhes tirei foi meramente sociológica; e por via delas *(mirabile dictu!)* mais uma vez reconheci quanto é fácil governar as democracias. O

grande obstáculo, que os teóricos de temperamento tímido têm antevisto à estabilidade dos agrupamentos democráticos, é a independência da razão individual e o seu livre exercício, garantidos por leis, tornados mesmo alicerces primordiais da estrutura pública.

Desde que não exista uma regra, como a velha regra católico-monárquica, que obrigue todos os espíritos a ter a mesma opinião e a regularem por ela a sua conduta, não parece possível (afirmam esses pálidos teóricos) manter em harmonia alguns milhões de cidadãos, todos eles possuidores de uma ideia original e própria, e determinados, por interesse ou por convicção, a que só ela prevaleça.

A servidão intelectual, entendida à

boa e rija maneira dos jesuítas, aparece assim como a condição suprema de toda a harmonia social.

Mas como a democracia, de colaboração com a filosofia, tem justamente por fim abolir esta servidão, dar uma ilimitada alforria aos entendimentos, ela cria desde logo e sem remédio esse estado, previsto tão melancolicamente pelo nosso velho provérbio, em que «cada cabeça dá a sua sentença». E (concluem enfim os teóricos) como não há melhor gozo para uma cabeça humana do que conceber e impor uma sentença, resulta que, apenas se quebre o jugo salutar da regra, todas as cabeças se sacodem desafogadamente, atiram para o ar com ímpeto a sua sentença e fazem uma dessas horripilantes

desafinações sociais só comparáveis às de uma orquestra, sem regente e sem batuta, em que cada instrumento geme, silva, tilinta ou rebumba uma música diversa e contrária. Tudo isto é um erro — e os teóricos que a sustentam nunca foram, como eu, ao Salão, no dia da sua abertura, quando em matéria de arte cada cabeça, depois de ter pago a entrada, pode liberrimamente proclamar a sua sentença. Se tivessem feito essa peregrinação instrutiva, verificariam que o servilismo intelectual é no homem um vício irredutível, e que por mais que se facilite o largo e livre exercício da razão, e que se lhe ensine a sacudir o despotismo dos oráculos — sempre ele por instinto, por covardia, por indolência, por desconfiança de si próprio, abdicará o

direito de pensar originalmente e se submeterá com prazer, com alívio, a toda a autoridade, que, à maneira de um pastor entre um rebanho, se erga, toque a buzina e lhe aponte um caminho com o cajado. Realmente a humanidade é gado — e o primeiro movimento de toda a cabeça livre é pender para o sulco aberto, enfiar para debaixo da canga.

Estas reflexões, de resto pouco novas (miraculoso seria que ao fim de tantos séculos ainda se pudessem desenterrar novidades do fundo da índole humana), as fiz eu, com alguma tristeza misturada de muita alacridade, notando para que quadros e para que estátuas se dirigiam, no Salão, a curiosidade e a admiração do público.

Como uma fila submissa de bons

carneiros, todos estes milhares de seres pensantes, e únicos donos do seu pensamento, marchavam arrebanhadamente para aquelas obras que, na véspera, o estudo crítico, ou antes o guia crítico do Salão, publicado pelo jornal, lhes indicava, ou melhor lhes impusera, como as únicas diante das quais deviam parar, e fazer «ah!» e sentir uma emoção e depor um louvor. Não só o jornal previdentemente lhes apontara a obra, mas lhes ensinara mesmo a emoção especial que deviam experimentar, e até lhes redigira a fórmula laudatória que deviam balbuciar. E os milhares de seres pensantes (muitos com o jornal na mão) lá se apinhavam, em densos magotes, diante da tela, recebendo obedientemente a emoção ensinada, recitando, sem omitir

um adjetivo, a fórmula do louvor decretado. Um padre da Companhia de Jesus teria saboreado deliciosamente este salutar espetáculo de disciplina mental.

Todavia este povo fez, com intensa paixão, três revoluções sangrentas para alcançar o direito de livre exame e de livre juízo. Essa conquista, simbolizada sempre na clássica tomada da clássica Bastilha, é, com razão, um dos seus altos orgulhos e foi ela que o autorizou a revestir-se entre as nações do caráter messiânico, e a intitular-se «redentor dos povos», o que tanto fazia rir o amargo Carlyle. Com efeito, a liberdade de ter uma opinião não só em matéria política, mas mesmo em matéria filosófica e portanto em matéria estética, nem sempre foi garantida aos Parisienses, e

houve tempos (talvez ditosos) em que ele, tal qual como o habitante de Damasco ou de Bagdade, não podia, sem perigo do cárcere e da tortura, divergir das opiniões dogmáticas dos seus doutores.

Quando a Faculdade de Paris (que, segundo diz Voltaire, tão poucas faculdades possuía) lançou um decreto negando a existência das «ideias inatas», todos os espíritos foram obrigados a repelir com nojo a abominável noção das «ideias inatas»; e quando, anos depois, fazendo uma pirueta metafísica, a mesma faculdade atirou outro decreto afirmando a existência das «ideias inatas», todos os mesmos espíritos, piruetando também, tiveram de proclamar com reverência a certeza das «ideias inatas». A memória dessa afrontosa escravidão intelectual

ainda hoje amargura o Francês, que em princípio, teoricamente, considera a vida sem valor logo que ela não seja acompanhada e enobrecida pela liberdade de pensamento.

É essa liberdade alcançada enfim tão penosamente que constitui a sua melhor superioridade sobre o pobre homem de Bagdade ou de Ispahan, a quem ainda não é permitido raciocinar de um modo diferente do que raciocina o cádi ou o ulemá. Ele, Francês, graças às suas três revoluções, pode pensar como lhe aprouver sobre todas as coisas da Terra e do céu. É o seu mais augusto direito. E esta certeza de o haver conquistado lhe basta largamente. Porque, de resto, para ter uma opinião, espera sempre que o seu cádi ou o seu ulemá, dogmatizando no

jornal, lhe indique a opinião que ele deve adotar e a maneira por que a deve exprimir, ou se trate de um ministério e o cádi seja Magnard do *Figaro*, ou se trate de um *vaudeville* e o ulemá seja Sarcey do *Temps*.

Donde se poderia concluir, alargando o conceito, que o homem verdadeiramente não apetece ser livre e apenas deseja que lhe não chamem escravo. Contanto que a sua liberdade esteja consignada em letra redonda, algures, numa constituição ou nas paredes dos edifícios, ele está contente e não exige que essa liberdade se traduza realmente em factos. O dístico lhe basta. Qualquer república se pode converter no mais rígido despotismo, contanto que se continue a denominar «república». Nero,

intolerável sob o nome de imperador, é popularmente consentido sob o nome de presidente. Em matéria social é o rótulo impresso na garrafa que determina a qualidade e o sabor do vinho. O governo das sociedades parece portanto ser essencialmente uma questão de léxico. O melhor meio de dirigir os homens será talvez gritar-lhes com entusiasmo: «Vós sois livres!» E depois, com um tremendo azorrague, à maneira de Xerxes, obrigá-los a marchar. E marcham contentes, sob o estalido do açoite, sem pensar mais e sem mais querer, porque a *palavra* essencial foi dita, eles são livres, e lá está Xerxes no seu carro de ouro para querer e para pensar por eles.

De resto, talvez toda esta gente ande bem avisadamente em admirar, sem

iniciativa própria, as obras de arte que os críticos lhe mandam admirar. Há aqui uma reserva e economia de força pensante que bem pode ser louvável. Nesta nossa atulhada civilização, em que tão contínuos esforços são exigidos de cada homem, para que lhe possa caber a sua fatia de pão no famoso «banquete da vida», parece realmente excessivo que ele se sobrecarregue ainda com o trabalho de conceber e formular opiniões estéticas. Um amanuense das finanças, que nascera com espírito, dizia outrora a Voltaire: «É para mim uma grande infelicidade, mas nunca me sobrou tempo para ter bom gosto!» Palavra triste e profunda — e que se já era verdadeira no século XVIII quanto mais exata é no século XIX! Para ter um gosto próprio e julgar com alguma

finura das coisas de arte é necessária uma preparação, uma cultura adequada. E onde tem o homem de trabalho, no nosso tempo, vagares para esse complicada educação, que exige viagens, mil leituras, a longa frequentação dos museus, todo um afinamento particular do espírito? Os próprios ociosos não têm tempo — porque, como se sabe, não há profissão mais absorvente do que a vadiagem. Os interesses, os negócios, a loja, a repartição, a família, a profissão liberal, os prazeres não deixam um momento para as exigências de uma iniciação artística — e numa cidade de dois milhões de almas, como Paris, há por fim apenas meia dúzia de almas que possam sentir com verdade e profundidade a beleza ou a grandeza de uma obra, e que diante de um

quadro de Velásquez e de um quadro de Bonguereau saibam qual pertence à arte e qual pertence ao artifício. Por isso a oleografia triunfa, e Ohnet e outros tiram a cem mil exemplares, e as comédias mais desprezivelmente idiotas congregam as multidões. E não é culpa da multidão. Ela pode dizer como o amanuense a Voltaire: «Não me sobra tempo para ter bom gosto!»

Por outro lado, hoje, todo o homem civilizado, ou que vive num meio civilizado, está sob o dever de se interessar ou de parecer que se interessa pelas grandes expressões da civilização. Sem essa manifestação de cultura, ele é considerado pelos seus vizinhos como um selvagem. O desdém, ou simples indiferença pela literatura ou pela arte, já

não é permitido ao habitante de uma capital: e os tempos vão longe em que os senhores feudais se gabavam com orgulho de não saber ler. Hoje, em todas as classes que estão para cima do lavrador e do carrejão é tão indispensável mostrar um certo gosto pelas coisas do espírito, como usar, pelo menos ao domingo, camisa engomada. É um preceito de decência e respeitabilidade. Por mais bacalhoeiro que se seja, e enfronhado no bacalhau, e indiferente a tudo, fora o arrátel e o meio arrátel, não se ousa desprezar publicamente (ainda que se desprezem em particular), as letras e as artes, como não se ousa ir ao Passeio em chinelos e sem gravata. Tudo neste nosso século é *toilette*, dizia o velho Carlyle.

O apreço exterior pela arte é a

sobrecasaca da inteligência. Quem se quererá apresentar diante dos seus amigos com uma inteligência nua?

Numa cidade como Paris e perante um acontecimento tão artístico como é todos os anos a abertura do Salão, cada bom burguês (para usar o termo querido de Flaubert) se vê forçado pelo decoro a ter sobre três ou quatro quadros uma opinião, uma frase, para trocar com as suas relações no café. Mas construir essa opinião, redigir essa frase é um trabalho que pede reflexão, tempo, um dicionário. E para quem passa o seu cansado dia no escritório, no armazém, na repartição, no bilhar ou na atarefada ociosidade mundana, isto desde logo se torna uma sobrecarga impraticável. O expediente natural portanto é recorrer àqueles que

têm por profissão e especialidade fornecer, sobre coisas de arte, opiniões e frases. Estes são os críticos e têm a sua loja de retalho no jornal. Nada mais cómodo, mais rápido, pois, do que comprar ao crítico, pela tolerável soma de dez réis, três ou quatro opiniões, como se compram no luveiro três ou quatro pares de luvas, escuras ou claras. Enverga-se a opinião como se calça a luva, e desde logo se fica apto a aparecer na sociedade com o ar e a elegância moral de um ser culto. Esta é a grande vantagem de viver nas cidades onde tudo se fabrica e tudo se retalha. Um qualquer pode estar de manhã completamente nu, de corpo e de espírito, sem um trapo e sem uma ideia. Daí a um momento, dispondo de algum dinheiro, graças ao armazém de

fato feito, e ao armazém de ideias feitas (que se chama o jornal), pode estar todo e dignamente vestido, por dentro e por fora, e sair à rua, e ser um senhor.

Esta gente pois que aqui anda, com o seu jornal na mão, consultando nele as obras que há de admirar e as frases em que há de moldar a sua admiração, não é talvez o rebanho humilde que marcha sob a férula da autoridade. É antes uma turba de amanuenses, que, como o outro do tempo de Voltaire, não tiveram vagares para adquirir bom gosto. Quando Voltaire escreveu, não havia quase jornais, o único crítico de arte era Diderot e ainda se andava compilando a *Enciclopédia*. Aquele amanuense estava realmente muito desajudado. Hoje, com tantos e tão baratos jornais e uma tal legião de

grandes e verbosos críticos, não há desculpa para que um amanuense, mesmo sem ter relações com Voltaire, se não forneça de dois ou três quilos de bom gosto. E fornece, porque sabe as vantagens de ter alguma estética e alguma poética, quando se vai à noite tomar chá com senhoras. Aí os vejo todos, trazendo o jornal cheio de opiniões, como um cartucho — e, diante da estátua de Dubois ou do quadro de Bonnat, dizendo com segurança, depois de meter a mão no cartucho, o que este ano se deve decente mente dizer sobre Bonnat ou Dubois.

E aqui está como, divagando com o costumado vício latino, através de um pórtico de considerações gerais, eu vos retive, amigos, todo este tempo, à entrada do Salão, sem vos mostrar sequer um

bocado de cor sobre um bocado de tela. Mas quando eu vos tivesse contado do *Cavaleiro das Flores*, de Rochegrosse, ou do *Papa e o Imperador*, de Laurens, ou da *Brunehilde*, de Luminais, vós apenas ganharíeis algumas linhas de prosa desbotada e fugaz.

Estes quadros estão em França, vós estais no Brasil, e de permeio há três mil léguas de longo e sonoro mar. É difícil sentir uma obra de arte a três mil léguas, através de um mero fio de retórica rala. A pintura é, segundo todos os fortes definidores, uma imitação da Natureza. Portanto eu só vos poderia oferecer a descrição de uma imitação da Natureza. Mas como eu próprio só conheço quase todos estes quadros, que são três mil, pelo que deles li numa revista, realmente de

boa-fé, só vos poderia fornecer uma reprodução de uma descrição de uma imitação da Natureza. E como desconfio, além disso, que o estudo desta revista era já compilado sobre as notas de jornais, eu, na verdade e sinceramente, só vos dava a transcrição de uma reprodução de uma descrição de uma imitação da Natureza. O que seria petulante.

Carnot

O presidente Carnot foi assassinado em Lião. Para desde logo caracterizar este contrassenso sangrento, eu deveria dizer que o presidente Carnot foi inverosimilmente assassinado em Lião.

Com efeito! Que rara inverosimilhança!

O mais inocente, o mais legal, o mais irresponsável, o mais impessoal dos chefes de Estado, morrendo de uma punhalada, como César, como Henrique IV ou como Marat!

Carnot saía, às nove horas de noite, do banquete que lhe oferecera a municipalidade de Lião, para assistir, no

Grand-Théâtre, a uma representação de gala.

O seu landau, aberto e desprotegido, rolava vagarosamente por entre uma multidão que o aclamava no fulgor das ruas iluminadas. Um homem, trazendo numa das mãos um ramo de flores e na outra um papel enrolado à maneira de um requerimento, saltou bruscamente, e como um gato, sobre o rebordo do landau, tocou no peito do presidente com as flores ou com o papel. O *maire* de Lião, sentado em frente de Carnot, ainda atirou, com o punho, uma pancada à cabeça do homem, que fugira, e que alguém na turba imediatamente filara, por instinto, como um ladão. Tanto o *maire* de Lião como aqueles mais próximos, que tinham entrevisto num

relance o salto mudo e felino, pensaram que o homem se arremessava sobre o presidente *para lhe arrancar e lhe roubar a placa de diamantes da Legião de Honra!* E esta ideia, a primeira, como a mais natural, que a todos acudiu, perfeitamente define o presidente da República. Carnot era desses homens que se não supõe que possam ser acometidos — senão para serem roubados.

Ele não tinha inimigos. Não tinha mesmo adversários — porque não representava um partido e muito menos um princípio. A Constituição reduzira a sua autoridade a uma sombra incerta e ténue; e essa mesma parcela de autoridade ele a exerceu sempre com uma reserva que a muitos parecia indiferença e a outros nulidade. Carnot passou a sua

presidência constantemente torturado e peado pelos escrúpulos pungentes da legalidade. Decerto tinha os seus gostos e as suas preferências — mas eram preferências de homens por homens, e nunca por ideias. Estas mesmas preferências por estadistas do seu tipo, discreto e neutro, como Mr. Loubet, Tirard e outros, tantas vezes lhe foram censuradas pelas oposições extremas que ele terminou por imolar dentro de si esta derradeira e modesta expressão da sua força pensante. Foi então que ganhou a reputação fantasista de *ser de pau*. A sua vontade imóvel ou imobilizada traduzia-se na rigidez hirta da sua atitude. Quase não ousava mover um braço com receio de magoar um artigo da constituição. Quando muito saudava e sorria. Assim,

pelo menos, o pintavam os caricaturistas e os cancionistas. E se a história da sua presidência fosse mais tarde estudada nestas obras ligeiras do humorismo parisiense, elas dariam ideia de um chefe de Estado cujos únicos atos históricos foram saudar e sorrir. Carnot não era mais que a imagem ornamental e simbólica da república, como essa estátua de ouro da Vitória que protegia o Império Romano. E o partido político que, com um fim político, assassinasse este chefe seria tão insensato como uma tripulação revoltada que, querendo apoderar-se de um navio para lhe dar um ramo novo, decepasse expressamente e furiosamente a figura de pau esculpida na proa.

Por isso o crime de Lião foi logo, e sem outro exame, atribuído ao

anarquismo — porque só os anarquistas, hoje, nesta nossa civilização raciocinadora, utilitária, conservam, como os selvagens, a ferocidade pueril de cometer crimes inúteis. São eles que, para destruir todo o capital opressor, arrasam um prédio qualquer de três andares, e para demolir a burguesia autoritária matam a estilhas de bomba alguns empregados do comércio sentados num café a beber *bocks*. Os seus crimes nem somente são inúteis — são ainda contraproducentes, porque vão formidavelmente fortalecer tudo quanto eles querem destruir, e indefinidamente retardam todos os progressos que eles pretendem com ânsia precipitar. Esta seita, que tem por princípio a supressão de toda a autoridade, tornou-se assim uma

estúpida e inconsciente fautora do abuso da autoridade. E chegou a um ponto que o anarquismo parece ser secretamente assalariado pelo despotismo.

O assassino de Carnot ainda se não confessou anarquista; de facto, ainda não descerrou os lábios, senão para rosnar algumas indicações de naturalidade e residência, numa rude algaravia incompreensível, que não é francês, nem italiano, e que se não sabe mesmo se é natural, se fingida. Mas desde logo a conclusão geral foi que havia ali um anarquista — porque só um anarquista, com aquele obtuso fanatismo que dementa a seita poderia esquecer quanto o assassinato de um chefe de Estado, tão legal e irresponsável como Carnot, iria, pela natural irrupção de cólera e dor, pela

unanimidade de simpatias acumuladas em torno da França e do seu Governo, pelo sentimento do perigo despertado em todos os outros chefes de Estado, exacerbar por toda a parte a reação e a perseguição, não só contra o anarquismo, mas contra os partidos avançados e de ideias justas, de que ele é o filho bastardo e celerado. Mais que nunca, desta vez o anarquismo trabalhava, furiosamente, contra essa liberdade de que pretende ser a expressão suprema e perfeita — e a sua arma não era mais do que uma nova e ensanguentada ferramenta posta, por ele, de noite, nas mãos da burguesia capitalista.

Anarquista ou não, porém, esse rapaz misterioso, que permanece mudo num cárcere de Lião, fez, se não uma

daquelas «vítimas de eleição» de que falam os Evangelhos, uma vítima que todos os homens de bem podem lamentar com mágoa pura e sem mescla de outro sentimento. Carnot foi, por excelência, o magistrado íntegro.

Sem nenhuma das qualidades brilhantes de espírito que cativam os lados imaginativos da raça francesa, ele foi todavia popular, e, apesar dos leves sorrisos que provocava o seu feitio exageradamente empertigado, o mais popular talvez de todos os chefes de Estado, neste últimos cinquenta anos em França. E a razão é que ele encarnava admiravelmente todos os outros lados do temperamento francês, os do bom senso positivo, da prudente moderação, do trabalho zeloso, da probidade e da

veneração pela lei. Todos estes traços de caráter se encontram em França, principalmente na burguesia provincial; por isso Carnot era sobretudo querido nas províncias e se podia considerar como um presidente não parisiense, mas provinciano, o que constitui, para quem conhece Paris, um dos seus méritos, se não o seu mérito maior. Decerto para a sua popularidade concorreram três grandes factos que ele pessoalmente não criou, mas a que soube presidir com perfeita dignidade e tato: a supressão do boulangismo, último ferimento do espírito cesarista; a Exposição Universal de 1889; e a aliança ou festas aliadas da Rússia e França. Todos estes acontecimentos, de resto, se prendiam com aquela ordem de preocupações que nele eram mais vivas, a

da grandeza material da França e do seu predomínio social na Europa. Peado, travado pelos seus escrúpulos de legalidade em tudo o que se relacionava com a política interna (ao contrário de Grévy, que só se interessava pelo parlamentarismo e pelos seus episódios), era para as relações exteriores da França, para a sua situação e glória na Europa, que Carnot dirigia, se não uma franca iniciativa, ao menos aquela porção de iniciativa secreta de que se considerava ainda legalmente senhor. E aí os seus serviços foram reais e eminentes, porque, se não teve em política externa dessas ideias seguidas, novas ou fortes, que outrora, quando havia reis, se chamavam «as grandes ideias do reinado», mostrou na sua conduta de chefe de Estado,

exposto à observação das chancelarias europeias, tanta correção, e prudência pacífica, e sentimento da grandeza nacional, que fez acreditar à Europa numa França tão digna, tão prudente, tão pacífica e tão forte na consciência da sua grandeza como se mostrava o chefe que ela escolhera. Por esse lado, Carnot foi um valioso cooperador da confiança da França em si mesma e da paz em toda a Europa.

Particularmente, era o mais excelente dos homens — afável, caritativo, leal, clemente, cultivado.

A multidão, que o via sempre tão teso, metido numa casaca que parecia de ferro, com a barba muito negra e dura, a barra vermelha da Legião de Honra destacando sem um vinco no peitilho

rígido, tendia a pensar que tudo, no homem interior, era também seco, rígido, duro.

A multidão enganava-se redondamente. Carnot era um brando, quase um sentimental.

Há assim destas figuras de madeira, que vivem por dentro de uma vida ignorada, que é cheia de sensibilidade e de calor afetivo.

Um jornal que sempre incondicionalmente o honrou, e que costuma pôr nas suas palavras uma sisudez ponderosa, e mesmo solene, o *Temps*, resume o elogio fúnebre de Carnot afirmando que ele era *un brave homme*. A expressão assim, isolada, pode parecer familiar, talvez rasteira, mesmo laivada de vago desdém. Mas, quando junta a

todas as outras que definem o seu caráter público, logo se sente que esta as completa, as embeleza, e espalha sobre elas como um indefinido perfume de bondade e doçura, sem as quais nunca há verdadeira superioridade moral. E Carnot, ele próprio, na lista extensa das suas virtudes íntimas e cívicas, apreciaria, mais que todas, esta, que tem um feitio tão simples, de *brave homme*. Na sua vida, na sua alta magistratura, foi sempre um *brave homme*.

E isto, no chefe eleito de uma democracia, é talvez a melhor condição — porque dos grandes génios vêm por vezes grandes males, e nunca vem senão bem de uma bondade honesta e grave.

A Morte e os Funerais de Carnot

Paris, sentado nos terraços dos cafés, bebendo aos goles, devagar, limonada ou xarope de groselha e soda, enxuga a testa e repousa das emoções por que passou nesta semana, com trinta e cinco graus de calor (à sombra). Que emoções, com efeito, e tão atropeladas, tão desencontradas, desde essa manhã de segunda-feira em que cada um de nós foi acordado quase violentamente pelo seu criado, que, sem abrir as vidraças, espalhando logo na penumbra da alcova um pouco do assombro e do horror que invadira a cidade, exclamava ou

balbuciava: «O Sr. Carnot foi assassinado em Lião!» Depois disto não era possível, nem readormecer, nem preguiçar. Paris inteiro, sem banho, quase sem almoço, desceu à rua, como Atenas nos grandes dias cívicos, e ficou na rua durante uma semana, falando alto e comprando vorazmente jornais. Tantos jornais arrebatava e logo arremessava que, à noite, macadame e asfalto desapareciam sob uma camada de lixo impresso, o mais triste de todos os lixos.

Esta multidão, tão sobre-excitada interiormente, conservava todavia uma compostura calma, semelhante à de um público num teatro, que, enquanto os heróis agonizam no tablado, se sente perfeitamente seguro, e seguras, em torno dele, a vida e a ordem da cidade. E que a

morte de Carnot só afetou realmente a imaginação de Paris. Era como uma tragédia improvisada por um forte génio trágico, representada inesperadamente uma noite em Lião, e de que os jornais viessem contando os lances de sangue e luto.

O punhal do italiano, escondido entre as flores, à boa maneira italiana da Renascença, não ferira, ferindo Carnot, nenhum desses interesses que são para o homem, individualmente, como pedaços da sua própria carne, ou para a sociedade como o cimento donde depende a sua estabilidade O bem-estar mais íntimo dos cidadãos, hoje, não se altera com as catástrofes sofridas por aqueles que os governam: e o Estado não sofre uma arranhadura quando o seu chefe morre de

uma punhalada. Outrora, a supressão violenta do chefe causava um abalo universal, uma tumultuosa deslocação de interesses, quase uma transformação de costumes. Quando Henrique IV é assassinado na Rua de la Feronnerie, como Carnot, toda a França, horas depois, segundo a viva expressão de Michelet, ficou revirada de dentro para fora como uma luva. A laboriosa obra do reinado desaba bruscamente; o tesouro amontoado por Sully é esbanjado ao vento; todas as construções, por falta de dinheiro, se interrompem; todas as grandes manufaturas se fecham, e os operários vagueiam famintos; a trama das alianças, tão habilmente urdida, num instante está desfeita — e aí temos em breve a Guerra dos Trinta Anos! Aquele rei morto levava

consigo para o túmulo o pão, a paz, a posição, as vaidades de milhares de vassalos. Por isso em Paris foi terrível a desolação. Como diz ainda Michelet, cada cidadão se considerou pessoalmente perdido: e nas casas, como uma desgraça doméstica, as mulheres gritavam arrepelando os cabelos!

Com a perda do Sr. Carnot, assassinado como Henrique IV, nenhum cidadão (supérfluo é lembrar) se considera perdido: e as mulheres, em vez de arrepelar o cabelo, põem mais cuidado em o pentear, para assistirem, com uma curiosidade ligeira, à festa dos funerais.

Não há obras interrompidas, nem operários despedidos. Pelo contrário! O trabalho cresce. Os jardineiros, os floristas, os fabricantes de coroas,

embolsam mais de três milhões de francos. O assassinato do chefe do Estado anima o comércio. De facto, não há nada mudado em França — apenas um bom francês de menos.

Isto não prova a fraqueza das instituições monárquicas, porque depois de Henrique IV morto houve logo Luís XIII posto, e o trono de França, com as mesmas flores-de-lis, ainda durou triunfalmente dois séculos. Mostra apenas que hoje o Estado já não está todo contido dentro do chefe — e que o chefe é apenas o remate decorativo do Estado, podendo ser bruscamente derrubado por uma rajada de crime sem que o edifício que ele rematava se abale, e nem por um momento diminua, ou se modifique, ou sequer se interrompa, a vida intensa que

circula dentro do edifício e que o torna vivo. O regicídio deixou assim de ser uma tragédia política — para se tornar simplesmente uma tragédia doméstica, que no povo não pode interessar mais que a imaginação.

O que Paris durante esta semana sentiu (além de uma compaixão natural pelo bom homem morto e pela admirável viúva) foi uma curiosidade feroz do detalhe trágico. Os jornais concorreram para exaltar esta curiosidade, menos pelas coisas dolorosas que vinham contando, como pela maneira terrífica com que as anunciaram, em tipo disforme, letras de três polegadas, de um negrume sinistro, enchendo toda uma folha, e na sua nudez mais estridentes que gritos! São estas letras de descomedido espalhafato,

imitadas da América e exageradas como toda a imitação interesseira, que exacerbam a sensibilidade moderna. As pestes, as guerras, as quedas de impérios, eram outrora narradas pelos jornais no seu tipo miúdo e ordinário e a notícia das catástrofes entrava no nosso espírito de um modo manso e discreto, sem produzir nele alvorotos violentos. Agora, estas letras espaventosas invadem com pavor o nosso pobre cérebro; e à maneira de touros que se precipitam dentro de um templo, põem a quieta assembleia das nossas ideias em confusão e terror. Uma tarde desta semana, nos bulevares, um jornal astuto e videiro, a *Cocarde*, apareceu ostentando na sua primeira página, larga como uma página da *Gazeta*, estas duas linhas únicas, num tipo

despropositado, sem precedentes, que se avistava a uma milha: «O embaixador de França foi assassinado em Roma!» Vi mulheres, ao receberem nos olhos desprevenidos este tremendo berro tipográfico, quase desmaiarem: e por onde passavam os vendedores, agitando o cartaz pavoroso, a multidão redemoinhava, como sob um grande vento de medo e cólera!

Assim, durante a longa semana, andou veementemente sacudida a nossa imaginação.

De resto a tragédia de Lião era bem própria a agitar as imaginações mais ronceiras e dormentes. Raramente o destino ou o acaso (se é que o destino se conservou indiferente) envolveu um regicídio em cenário mais comovente, de

contrastes mais patéticos, acumulando nele uma tal profusão de detalhes horríveis na sua trivialidade, e quase medonhamente grotescos através do seu horror. Essa noite parece composta por Shakespeare e retocada aqui e além, depois, por Hoffmann. Quem mais a saberá e a contará em toda a sua miúda realidade? E que contraste intenso já, em que o mais doce e ordeiro dos homens assim findasse na mais cruenta e atabalhoada das tragédias! Carnot morre com um requinte dramático que faltou a César! Vede logo o cenário! Não é a sala grave do Senado, onde os punhais se erguem com a serenidade raciocinada de uma votação — mas a rua iluminada de uma cidade em festas, numa noite de gala. Todas essas flâmulas, e bandeiras, e

rutilantes arcos de gás, e festões multicores de lanternas chinesas, e esparsos fogos de Bengala, e escudos de luz, e palanques, e orquestras são para celebrar o homem que passa no seu landau, e saúda, e sorri. Uma multidão sincera, de uma boa sinceridade provinciana, para quem esse homem, com a placa e grã-cruz da Legião de Honra, cercado de couraceiros, encarna realmente a majestade de França, grita: «Viva Carnot! Viva Carnot!» E de repente a majestade da França cai para cima das almofadas do coche, com a face descomposta, lívida! Foi um qualquer, surdindo das profundidades da plebe, com os sapatos rotos, uma velha jaqueta de pano cor de mel, que, num relance, lhe enterrou um punhal no ventre. Punhalada

quase impessoal, em que o braço não é mais do que a prolongação inconsciente da lâmina de ferro, e que vem de baixo, de longe, de muito longe, das camadas escuras do proletariado esfaimado... E o landau lá vai, lá foge a galope, entre o ansioso tropear da escolta, levando o chefe de Estado que se escoa em sangue. (O Estado, recentemente, para o proteger, gastara mais um milhão de francos em reforçar a polícia!)

Oh!, esta sinistra fuga, para o palácio da Prefeitura, do landau de corte tornado bruscamente carro de hospital! Já para dentro saltara um cirurgião, que, de mangas arregaçadas, tendo desabotoado as calças do presidente, palpava a ferida, vedava o sangue com os lenços emprestados pelos lacaios. E assim

galopa um quarto de hora furiosamente, sob as bandeiras, os arcos de buxo e as grinaldas de luzes. Um mero cidadão seria logo transportado, e em braços, ao pátio de uma casa, ao balcão de uma botica. Mas o presidente tem de recolher ao palácio, ainda que se esvaia em sangue, porque, mesmo numa república, é severa a regra do protocolo! Nas ruas, a multidão, que nada sabe da punhalada e vê passar entre os couraceiros o landau de Estado, onde vagamente se agitam e brilham plumas e dragonas de generais, bate as palmas festivas, aclama Carnot! Mas em cima, nas janelas, a gente que as enche tem uma visão estranha, terrível, quase burlesca — o chefe do Estado estendido, com a grã-cruz, a placa de diamantes da Legião de Honra e o ventre nu, a fralda da

camisa flutuando, já tingida de sangue! Visão espantosa que passa entre ovações — ao clarão dos fogos-de-benguela, sob o estalar dos foguetes. Passa, desaparece, num galope de cavaleiros, deixando apenas o sulco arrepiador daquela fralda branca e sangrenta!

A porta do palácio da Prefeitura a confusão é tão grande que dois-repórteres, sôfregos de se envolverem num acontecimento histórico, se apoderam do corpo do presidente e o arrancam do landau, um agarrando uma perna, outro um braço. Começa o penoso, hesitante transporte através das escadarias e passagens da Prefeitura, um palácio novo, mal conhecido ainda, estreado nesses dias de gala.

Logo no primeiro patamar há um

embaraço angustioso... O presidente só devia recolher tarde, depois da representação de gala no Grand-Théâtre; toda a criadagem, com três horas livres, abalara para as festas, para os fogos da Exposição — e as luzes estavam apagadas, todos os corredores em trevas! E ninguém tinha um fósforo! O ferido, desmaiado, arrefece, perde o sangue. E a ansiedade toda é por um fósforo. Enfim, lá dardeja ao fundo um bico de gás. O corpo do presidente é pousado sobre a colcha de seda do seu leito de cerimónia.

Mas, através das portas escancaradas da Prefeitura, penetrara uma imensa turba, que atulhava os corredores, invadia o quarto, estorvava os serviços dos cirurgiões. Foi necessário que acudisse polícia e tropa para rechaçar,

através do palácio, aquela multidão, tomada de uma curiosidade furiosa, e onde autoridades, magistrados, ministros, se debatiam, berravam, repelidos no longo rolo. Um magote mais tenaz, em que havia senhoras, permaneceu fincado diante da porta do quarto lamentável. Não há nada, já notou Victor Hugo, que mais aguce a curiosidade do que um muro, uma porta fechada, por trás da qual se está passando alguma coisa de irreparável.

Quando essa desejada porta se abria, dando passagem a algum general com bacias ou panos ensanguentados, todos, homens e senhoras, se empurravam, se esticavam para contemplar o chefe de Estado no seu leito, ainda de casaca, ainda de grã-cruz, com o ventre nu, as pernas nuas...

Assim morria nesta desordem, o mais decoroso dos chefes de Estado.

César ao cair deu um grande movimento à toga, para se tapar todo, numa suprema decência — e em torno dele não havia senão os brancos mármores do Senado deserto, e ao fundo um personagem consular, muito velho, muito gordo, que adormecera, nada percebera do feito supremo e continuava ressonando, com o lábio pendente, enquanto esfriava o corpo gasto do vencedor das Gálias e se mudava a ordem do mundo.

Enfim o presidente está morto, lavado, vestido, com a sua casaca, as suas insígnias — e apertando na mão já hirta um par novo de luvas brancas. Defunto, Carnot parece manter aquela correção

oficial que fora o seu cuidado durante a vida. Para comparecer na presença de Deus, como chefe de Estado, ele tem a sua placa de diamantes, a sua grã-cruz e nas mãos as suas luvas novas. Estas luvas de além da campa muita gente as acha estranhas! Elas são todavia do velho cerimonial funerário de França. Os reis de França eram enterrados com luvas. O grande cavaleiro Roldão, ao morrer em Roncesvalles, tira, no derradeiro arranco, o seu guante de escamas de ferro e entrega-o ao arcanjo S. Miguel, que ao lado esperava para conduzir ao Senhor o alto paladino da cristandade. Era da etiqueta feudal, nos tempos carlovíngios, que o vassalo, ao penetrar no solar do seu suserano, despisse o guante da mão direita e o abandonasse a um pajem.

Roldão não esquece este ato de vassalagem. Ao transpor as portas do céu, que é o solar de Deus, suserano absoluto, ele tira o guante e gravemente o entrega ao arcanjo, como a um pajem celeste.

Todos sabem, porque bons livros o contam, como Deus acolheu o cavaleiro perfeito e lhe chamou sorrindo *seu filho*. Assim, através das idades, a tradição liga Carnot a Roldão.

Considerai também como é dramático o modo escondido e calado com que regressou a Paris o corpo de Carnot. Na gare não havia uma autoridade, um ministro, ninguém do grande pessoal do Estado, quando o comboio que trazia o cadáver, apareceu, sem um sinal, sem um apito, sem um rumor, deslizando fúnebre e mudamente,

como um fantasma de comboio, vago e coberto de crepes. De uma portinhola saiu, no mesmo silêncio, Madame Carnot, vestida como na véspera, quando correra a Lião, com um chapéu enfeitado de flores vermelhas. O caixão é metido à pressa num carro, sem solenidade civil e religiosa; e à pressa, num trote fugidio, através das ruas mais desertas, onde clareava a madrugada, levam-no para o Eliseu. O morto como que é recolhido às ocultas ao seu palácio, para se instalar metodicamente na sua capela-ardente, e depois, quando não faltasse uma colgadura nem um tocheiro, abertas as portas, e com a sumptuosidade que lhe competia, receber as supremas honras funerais. Atrás dele, pelas ruas desertas (segundo contam) só o acompanhou um

fiacre, com vadios e mulheres noturnas, fumando cigarros, de perna estendida. Estranho remate de uma noitada estroina — seguir num fiacre o cadáver do chefe do Estado!

Ao outro dia, porém, com a luz, começaram a pompa e o luto público. Mas então cessam também os lances inesperados e melodramáticos. Tudo se torna regular, fixo e pautado pelo protocolo. Hoje Paris desfila, com curiosidade e emoção, ante o ataúde do presidente, posto em capela, no devido luxo de flores e de luzes, coberto com a tricolor. Amanhã Paris, numa curiosidade crescente, mas já diminuída a emoção, fará densas alas ao presidente que passa para o Panteão.

Funerais magníficos decerto —

mas de uma magnificência muito cerceada pela sobriedade do gosto francês e pela simplicidade oficial da democracia. A democracia, oficialmente, usa casaca de pano preto — e o severo gosto, em França, não permite nestas pompas outro luxo, além do luxo das flores. Tudo o que outrora na Antiguidade, e depois na Renascença, fazia o esplendor das cerimónias fúnebres — a sumptuosidade dos trajes, as sedas negras caindo dos balcões, os incensadores fumegando, os coros dolentes, os corcéis ricamente ajaezados, as insígnias simbólicas, os troféus, os andores, os estandartes, os carros de deslumbrante arquitetura, a riqueza patrícia, as criadagens agaloadas, e o incomparável fausto da Igreja com os seus báculos, as suas mitras, as suas

púrpuras, as suas casulas de ouro — toda essa magnificência estética aqui falta. Um pobre carpinteiro de Florença ou Roma, da Florença dos Medieis ou da Roma de Leão X, nunca acreditaria, contemplando esta procissão funeral, que uma opulenta e artística nação estava fazendo a apoteose do seu chefe assassinado. Todavia a França, dentro das restrições impostas pela sobriedade do seu gosto e pela simplicidade da sua democracia, prestou a Carnot, largamente, todas as homenagens e preitos simbólicos. As flores que lhe ofertou foram incontáveis, custaram mais de três milhões de francos, e durante todo um dia perfumaram o vasto ar de Paris. E toda a França organizada, desde os corpos de Estado até aos clubes ginásticos, acompanhou o seu féretro ao

Panteão, que a pátria reconhecida reserva aos grandes homens.

Mas essas flores, uniformemente arranjadas em coroas, e acumuladas sobre carros, ou conduzidas isoladamente em andores, algumas enormes, de dois metros de diâmetro, e semelhando bolas pintadas de cores vistosas, não podiam formar, na sua uniformidade dogmática, um quadro de beleza, só impressionavam pela abundância, pela ideia mercantil dos milhões gastos, e em breve murchos.

E a França toda atrás era apenas uma infinita e cerrada fila de casacas pretas. Interminavelmente passavam na irradiação do sol de julho as casacas negras. Aqui, além, por vezes, um grupo de embaixadores, as fardas de um estado-maior, os juízes com as suas becas

escarlates destacavam, numa mancha fugitiva de brilho e cor. Mas logo se prolongavam, se eternizavam, as calças pretas, as casacas pretas, marchando em cadência. Nos olhos pesados, no espírito meio entorpecido, não restava por fim senão a impressão dormente de um mudo e lutuoso perpassar de fato preto.

E aos olhos cansados, ao espírito adormentado, voltava, para embotar mais a emoção artística desta pompa, a memória de outras pompas, a de Thiers, a de Gambetta, a de Victor Hugo, em que também assim marchavam, em longas milhas, calças pretas, casacas pretas.

Uma novidade, porém, e singular, impressionava nestes funerais de Carnot: e era que, atrás do féretro, coberto com a bandeira tricolor, se entreviam num carro

batinas e sobrepelizes de padres. Depois, à frente dos embaixadores, marchava o núncio do papa, nas suas grandes vestes roxas. E por todo o préstito, mesmo misturadas aos uniformes, apareciam, aqui, além, sotainas de padres. Novidade considerável! E então se atentava mais em que esta tragédia do presidente assassinado fora realmente, toda ela, em todos os seus atos, seguida e ministrada pela Igreja. Carnot moribundo recebeu os santos óleos das mãos do arcebispo de Lião.

Na capela-ardente, entre os generais que o guardam, rezam padres e freiras desfiam os seus grossos rosários. Ao pé do caixão há um hissope, numa caldeira, com que Paris, ao desfilar, asperge as pregas da bandeira que cobre o

corpo, de modo que ao fim do dia a tricolor está toda orvalhada de água benta. É o cura da Madeleine, de cruz alçada, com o seu clero, que vem ao pátio do Eliseu fazer a entrega do corpo, segundo o velho ritual de Paris. Agora aqui vão padres atrás do carro funerário. Toda esta pompa marcha para Notre-Dame. As portas da antiga catedral, o arcebispo de Paris reza os responsos finais, e do púlpito, como nos tempos de Bossuet, faz a oração fúnebre do presidente da República. Os radicais, os livre-pensadores, entraram na sombria nave, e de joelhos, por decência, abalados por vagas memórias, baixaram a cabeça ao levantar da hóstia. E depois outros padres irão ao Panteão, desconsagrado pela república, para rebenzer o jazigo do

presidente, que é ao lado do jazigo de Voltaire!

Estranhas vicissitudes! Carnot, morto, leva atrás de si pelas ruas de Paris o radicalismo compungido — e é para os altares que o vai levando.

Conheço uma velha gravura alegórica do século XVI, em que, atrás de um cortejo, e também funerário, se vê um personagem de cornos, de pés de bode, que, todo torcido, como o rabo vexadamente metido entre as pernas peludas, vem rosnando e roendo as unhas, numa evidente mostra de humilhação e rancor. É o Diabo. Pois também neste cortejo derradeiro de Carnot, me pareceu avistar, lá ao longe, o nosso velho amigo, o jacobinismo de barrete frígio, com a face baixa, o ar pelintra, roendo as unhas,

horrendamente humilhado.

Toda esta semana, com efeito, tem sido para ele de humilhações. Mas o desventurado já as não conta! Desdenhado pela ciência, mais desdenhado ainda pela filosofia, rechaçado pelas letras, abominado pela arte, espancado pela mocidade no pátio das escolas, troçado pelos caricaturistas, apupado pela plebe, esse pobre jacobinismo, tornado um objeto de escândalo e tédio, anda aí mais escorraçado, neste fim do século XIX, do que o Diabo, nos fins do século XVIII, nas vésperas da sua morte. A sua maior humilhação, porém, vem de que a França, a França que o produziu, e que ainda hoje, de certo modo, o produz, nesse mesmo dia dos funerais, e pela voz de um dos seus melhores espíritos, o declarou, com

aviltante desdém — um produto de exportação!

Oh!, empertigados manes de Robespierre! O jacobinismo declarado em Paris — produto de exportação! Tal é a fragilidade das seitas. *Sic transit gloria diaboli*.

João de Deus (Os de Paris a João de Deus)

A alma poética do povo português encarnou em João de Deus. E por esta encarnação, que o tornou um poeta ingénuo e profundo, infantil e sublime, se explica a sua vida e a sua lenda, a sua fluida e singela maneira de improvisador e rapsodo errante, os temas eternos e simples sobre que incessantemente se exerce o seu poder de idealização, a graça da sua melancolia e a suavidade da sua ironia, a viçosa duração dos seus versos, sobrevivendo a todas as evoluções da arte e do gosto, que tanto verso atiram para o lixo das literaturas, a luminosa facilidade

com que cativa os espíritos mais primitivos, e ainda os mais saturados de cultura crítica; e enfim esta simpatia que irradia, por todos sentirmos nele como a expressão genuína dos nossos ideais nativos, e que hoje nos traz aqui, com ramos verdes, a cantar os seus louvores em romaria amorável.

João de Deus, o João (porque a popularidade eliminou os apelidos que o prendiam a uma família, e apenas lhe deixou um nome, como aos santos, que são de todos), não se sentiu poeta lendo os poetas. Exatamente como o povo, foi pela música, cantando à viola dos campos, que ele penetrou na poesia. As suas primeiras estrofes foram arrancadas, como soluços naturais, pela morte, pela injusta morte, a daquele «lírio delicado e

frágil» que tão docemente se debruçava de uma janela da velha Coimbra romântica, e que murchou antes de abrir. Depois, muito naturalmente também — porque se uma flor seca, outras desabrocham e dão o seu pleno aroma —, cantou a beleza forte e o amor. Mas pelo amor facilmente se vai a Deus, e o seu génio poético tomou o hábito desse caminho transcendente, e por ele se passou a sua existência lírica, peregrinando da Terra ao céu, recolhendo do divino ao feminino, ora arroubado ante o poder do Senhor, ora ante a graça de dois olhos finos, de tal sorte que, na adoração contínua do seu verso, se confunde por fim Maria que está nos céus e aquela que fazia meia, sentada à porta do seu casal, com o peito redondo e

arqueado.

Como de pomba farta e satisfeita...

E para ele, como poeta, não existiram mais senão estes dois interesses, a mulher e a divindade. A todo o seu século, a este fecundo e revoltoso século, permaneceu sempre alheio, senão pela inteligência, ao menos pelo sentimento. Nem a ruidosa deslocação de classes, nem as ilusões humanitárias da democracia, nem a conquista violenta dos direitos políticos, nem a obra grandiosa da ciência experimental, nem as audácias da mecânica, nem revoluções sociais, nem transformações espirituais — o comoveram ou tiraram um som à sua lira amorosa e sacra.

Menos ainda influíram na sua arte de cantar, essa passagem de formas novas que vão surpreendendo e mudando o gosto desde Lamartine até Verlaine. Como se fosse o primeiro homem, antes de nascerem outros homens, e começarem os livros, João de Deus ficou sempre fechado no seu Paraíso poético — com Eva e com Jeová.

Mas pela nobreza dos seus instintos religiosos, pela força da sua retidão intelectual, pelo sentir intenso da beleza — ele, sem passar pelos dogmas, procurou e por vezes encontrou a divindade; ignorando as *Poéticas*, realizou supremamente a poesia, e, sem atender às metafísicas, chegou, na sua obra e na sua vida, à pura verdade moral.

É pois bem justo, e útil para a

dignidade pensante da nossa terra, que entre todos apontemos para este homem, tão poético como os poemas, murmurando, com a reverência e o amor do velho florentino: «Onorate l’altissimo poeta!»

Paris, 22 de fevereiro de 1895

BILHETES DE PARIS

Primeira edição: 1907

Revolta de Estudantes

Paris está em revolta — quase se podia dizer em revolução. Tem havido com efeito todas as cenas clássicas das revoluções parisienses: assalto à Prefeitura de polícia: barricadas feitas com ónibus derrubados: incêndios de quiosques; destruição de cafés; *comité* sem permanência; corte de canos de gás, lançando em treva ruas e bulevares; polícias arremessados ao Sena; e clamores de «viva a anarquia!» Nada falta.

Dizem (talvez exageradamente) que os mortos são quase trinta e que os feridos excedem dois mil!

Porquê esta revolta assim

sangrenta? Por causa de uma mulher nua e de um senador pudibundo! Não é decerto a primeira vez, desde Helena de Troia, que os homens se entretrucidam por causa da nudez de uma mulher. Mas é certamente a vez primeira que uma cidade levanta barricadas por causa da pudicícia de um senador. A história é grotesca e lamentável. Os estudantes da Escola de Belas-Artes de Paris organizam todos os anos um baile, que não é público, e que pelos elementos que o constituem se intitula o «Baile das Quatro Artes». É sempre uma festa extremamente fantasista. E onde se poderá produzir mais naturalmente a fantasia do que num baile de artistas, moços e livres, que nos domínios da imaginação têm mesmo o direito nato de serem fantásticos? Ora este

ano os escultores do *atelier* de Falguière resolveram aparecer no baile levando em triunfo sore um andor, como uma deusa de beleza, e na atitude de Diana armando o arco, uma certa Sara Brown, que é dos mais lindos e perfeitos modelos de Paris. Escuso acrescentar que essa Sara, na sua qualidade de Diana, ia pouco vestida. Na verdade, para cobrir o esplendor do seu corpo, que tem sido reproduzido largamente no mármore e na tela, ela levava apenas (anacronismo deplorável) meias de seda preta e sapatos. Seria de mais, na Grécia, e no tempo de Diana. Em Paris, em 1893, é talvez pouco — e uma leve túnica, um véu, um cendal, teriam poupado os desastres e o sangue. No entanto, da parte dos estudantes não havia, nesta exibição triunfal da bela Sara,

nenhuma intenção.

Eram artistas que em sua casa, numa festa particular onde só se podia penetrar por convite, celebravam com honras pagãs um tipo perfeito de beleza feminina. Penso mesmo que eles mostraram pouca fantasia e invenção — porque repetiram numa noite de festa as ocupações habituais dos dias de escola. A sua profissão, como artistas e escultores, é contemplar, compreender, reproduzir a forma humana. E levando consigo para o baile o modelo nu numa atitude de estátua, estes rapazes transformavam a festa em *atelier* e não estavam fazendo uma pândega — mas estudando uma lição.

Não pensou, porém, assim o senador Berenger. E aqui aparece este terrível homem.

O senador Berenger é o presidente da Liga contra a Indecência nas Ruas. Os fins desta associação, para quem conhece Paris, e sobretudo a linha dos bulevares da Madalena à Bastilha, não necessitam de ser explicados — nem justificados. É uma útil associação, quase providencial. E quem tenha filhas, e por vezes necessite atravessar com elas os bulevares, deve concorrer, com a sua quota mensal, para a força, eficácia e desenvolvimento da Liga. O seu único defeito é o seu presidente — porque este homem excessivo, que tem setenta anos e uma pudibundice maníaca, não só investe, em nome da Liga, contra todas as indecências incontestáveis e patentes das ruas — mas contra todo o ato humano que vagamente se lhe afigure revelar uma tendência impudica. E para

este ancião, catónico e caturra, tudo no universo é impudicícia. Uma senhora, para atravessar a lama, levanta um pouco a saia — imediatamente Berenger chama um polícia. Na vidraça de um livreiro, sobre a capa ilustrada de um romance, há uma imagem um pouco decotada — logo Berenger, com os cabelos eriçados de horror, querela do livreiro e do livro. Por trás de uma porta soa o rumor de um beijo — sem demora Berenger pretende arrombar a porta e autuar o cupido. Ultimamente chamou aos tribunais o autor de um livro científico, de medicina, *por indecente*! É ele que conspira para que se cubram com grossas camisas de lona todas as estátuas antigas do Museu do Louvre — e se Berenger triunfasse veríamos nas igrejas S. Sebastião metido

castamente dentro de uma longa sobrecasaca de pano preto. Até a nudez dos animais o indigna — e afirmam os seus amigos que ele se prepara a apresentar um projeto de lei para que todos os cães e cavalos de Paris andem de tanga! O seu horror, que lhe amargura a velhice, é que haja dois sexos. Berenger queria que houvesse um só — o neutro. E não podendo realizar esta reforma na humanidade — trabalha para a realizar na gramática. Assim ele evitará o afrontoso escândalo de haver substantivos masculinos e femininos, vivendo promiscuamente, fechados no mesmo dicionário, e fazendo talvez lá dentro *poucas-vergonhas*! Tal é Berenger.

***

Imaginem, pois, o furor deste varão castíssimo ao saber do Baile das Quatro Artes, e da bela Sara nua! Trémulo, pulou à tribuna do Senado, e trovejou! Dali correu aos tribunais e querelou! E eis a pobre Sara, a gentil Diana, e os estudantes requintadamente estéticos que a tinham conduzido em triunfo — citados perante o correcional como promotores de *indecências públicas*.

O furor pudico de Berenger fora grande — mas como dizer o furor artístico dos estudantes? Havia neles muitos sentimentos ofendidos — sentimentos de arte, sentimentos de classe, sentimentos de liberdade, sentimentos de tradição escolar e de tradição estética. E a ideia de que

este velho caturra arrastava aos tribunais, como *obscenos*, artistas de vinte anos, que, à maneira dos seus antigos confrades da Grécia e da Itália, celebravam, numa festa particular, toda sua e somente escolar, a beleza de um modelo, que eles todos os dias copiam na escola, e que o seu mestre Falguière já reproduziu em mármores ilustres — pareceu intolerável. Daí ódio imenso a Berenger. E, portanto, troça imensa organizada contra Berenger. Não sei como procedem os estudantes de São Paulo ou do Rio, para celebrar as suas grandes troças oficiais. Em Coimbra é uma enorme multidão armada de tambores, panelas, latas, ferragens, apitos estridentes, buzinas horrendas, que, alta noite, se acerca da casa do «troçado» e rompe bruscamente num charivari

descomunal, que não cessa, vai mesmo crescendo demoniacamente, até que o «troçado» fuja pelos telhados, ou morra de terror, ou se humilhe e implore absolvição. Em Paris a grande troça escolar é feita por meio do *monómio*, que é uma longa bicha de mil ou dois mil estudantes, serpenteando pelas ruas, berrando o nome do «troçado» e intimando as populações a que o «vilipendiem». E há alguma coisa de imponente e de dramático nesta imensa fila escura, semelhante de longe a uma cobra infindável, que se estende, coleia pelas vielas estreitas do Bairro Latino, e clama, como ultimamente, no mesmo compasso lento e sinistro: «Vilipendiai Berenger! Vilipendiai Berenger!»

Ora, quando um destes monómios,

domingo passado, ia vilipendiando Berenger, teve um conflito com a polícia. Ou antes, ao que parece, o monómio findara, os estudantes tinham-se estabelecido no Café d'Harcourt, para descansar e refrescar, quando a polícia, despropositadamente, invadiu o café, fez um rolo medonho e brutal. E por grande desgraça, na balbúrdia foi morto um pobre rapaz, que tomava pacificamente o seu *bock*, que não era estudante, e apenas amigo e camarada de estudantes.

Daqui imediatamente se seguiram todos os incidentes tradicionais de uma revolta académica: imensa excitação; formação de um *comité* de resistência; intimação ao Governo para que demitisse o prefeito da polícia, responsável pela injustificada brutalidade dos seus agentes;

e perante a recusa do Governo, a desordem nas ruas, o assalto à Prefeitura, os recontros sangrentos com as forças policiais, o Bairro Latino em estado de sítio e metade de Paris cheio de baionetas.

Os estudantes, geralmente, têm a revolta muito fácil, mas muito curta. E desde que os barulhos são feitos unicamente por estudantes, a ordem renasce de repente, quando uma madrugada eles se sentem esfalfados de tanto berro e de tanto encontrão, e recolhem-se a casa para mudar de roupa e de entusiasmo. Mas em Paris, desgraçadamente, mais que em nenhuma outra cidade, há uma verdadeira classe revolucionária, que é composta das derradeiras, das mais baixas, mais

viciosas e mais violentas camadas do proletariado. São os selvagens da civilização (a frase é conhecida). E são eles que tornam qualquer motim em Paris excessivamente perigoso, porque acodem logo a agravá-lo, introduzindo nele a violência bestial, o furor de destruição e a desordem por amor da desordem. Que o motivo do tumulto seja uma justa teoria política, ou uma indignação humanitária, ou um entusiasmo patriótico, o «selvagem», que nada sabe de pátria, nem de humanidade, nem de justiça, corre logo com o seu cacete, a sua faca e a sua lata de petróleo, ávido de desancar, de queimar, demolir.

E foi justamente o que sucedeu nesta simpática arruaça dos estudantes, onde a legítima cólera não excluía uma

alegre moderação. O selvagem apareceu e logo tudo tomou um caráter feroz e sangrento. Desde esse momento, o Governo exerceu uma repressão especial — não prudente e adequada a estudantes, mas implacável e adequada a bandidos. E daí se seguiram todos esses incidentes, de que os jornais contam a crónica lamentável, e que pela audácia dos tumultuosos e pela imensa brutalidade da polícia deram por triste resultado, ao que se diz, trinta mortos e dois mil feridos.

E porquê? Por causa do bailarico das Quatro Artes! Por causa também deste calor temeroso que excita os temperamentos. É hoje um facto cientificamente explicado que as revoltas populares só se dão, sobretudo nos países do Norte, durante os meses quentes do

ano. O termómetro com quarenta graus à sombra, uma atmosfera pesada e elétrica, leva as multidões a enfurecer-se por coisas que, durante o inverno e com as ruas cheias de neve, as deixaria indiferentes. E não compreendo como se não tentou ainda, de um modo metódico (porque casual e irregularmente já se tem feito), sufocar as arruaças por meio de água fria. O sistema já o possuímos, admiravelmente organizado, no serviço de incêndios. Uma revolta é sempre comparada em literatura a um grande incêndio. E não há motivo para que se não apague, na realidade, por meio de bombas. Três ou quatro bombas a vapor, esguichando sobre uma multidão formidáveis e irresistíveis jatos de água fria, seriam, a meu ver, mais eficazes do

que cargas da cavalaria. Uma carga irrita sempre aqueles contra quem ela se dá — e o instinto da coragem, o desespero da desforra, o fundo de heroísmo que têm em si todas as multidões, impele à resistência e à luta. Mas o desforço, a resistência são impossíveis contra uma bomba de incêndio a esguichar. O homem acutilado pela polícia quer acutilar também, porque tem uma arma igual e se sente bravo. O homem alagado, encharcado, perde todo o valor — porque se sente grotesco. Não vê ante si outro homem sobre quem se vingue — vê apenas um longo esguicho de água que o ensopa e o constipa. É uma humilhação acabrunhadora. Não se pode apedrejar um esguicho, nem esfaquear um esguicho.

Diante de um esguicho — só resta

fugir para secar. Além disso, as plebes têm um horror imenso à água fria — e tal que afrontaria uma bala, larga a correr diante de um duche. Acresce ainda que não há ninguém que não receie a água, desde que está vestido. Nu, o homem marcha ainda para o elemento líquido. Mas de casaco e de chapéu — não o acomete.

A bomba de incêndio, adotado este método, não só operaria como afugentadora, mas como sedativa. Calmaria e exaltação e com ela a revolução. E depois seria uma repressão perfeitamente doce, humanitária. Não mais feridos, nem mortos. Apenas molhados. Quando muito, endefluxados. Findo o motim, os vencidos iriam tomar um grande suadouro e a ordem ficaria

satisfeita. Ao século XIX competia, dado o seu espírito humanitário, fazer esta reforma considerável na supressão das revoluções.

Festas Russas — As Decorações

A França, nação ditosa, durante três dias caminhou, como Ruy Blas, *toute vivante dans son rêve étoilé*, ruidosamente desperta e vivendo o sonho radiante que nestes três anos andara sonhando, entre tanta esperança, tanta ansiedade e tanto remoque irónico das velhas monarquias que a cercam. Durante três dias o czar esteve em Paris. O czar em Paris! Dois milhões de parisienses, a que se juntou um milhão de provinciais, contemplaram enfim o senhor de todas as Rússias, real, não pintado, numa caleche que tinha na portinhola o brasão de Paris,

com os joelhos a tocar nos joelhos do presidente da República, entre as escoltas da Guarda Republicana, circulando nas ruas e na poeira de Paris, visitando o presidente do Senado e o presidente da Câmara, penetrando em Notre-Dame para se inclinar ante a Virgem a que rezou Joana d'Arc, descendo às criptas do Panteão para depor uns ramos de orquídeas sobre a tumba de Camot, assistindo a uma sessão da Academia Francesa em que os imortais disseram versos e discutiram o dicionário (que nesse dia, simbolicamente, chegara ao substantivo amizade), cimentando a pedra inicial da Exposição de 1900, folheando nos arquivos da Sainte-Chapelle o vetusto pergaminho esclavónico sobre que juraram os primeiros reis de França,

bebendo champanhe *Montebelo* no *hôtel de ville* com a municipalidade radical e socialista, percorrendo os Inválidos por entre as bandeiras tomadas na Crimeia, até ao túmulo de Napoleão, passando revista, no acampamento histórico de Châlons, a oitenta mil homens do exército reconstituído, rindo na Comédie Française com a mais clássica das comédias de Molière, e rindo também na galerias de Versalhes com a mais garota das farsas de Meilhac, prestando um preito igual à velha França e à França nova, e sobretudo, mais que tudo, espalhando por sobre a multidão encantada um olhar que os jornais mais cometidos classificam de *doce e carinhoso*. Durante três dias a França condensada em Paris gozou, deslumbrada, esta realização triunfal do

seu sonho de três anos. Ah! Se, depois dos abraços de Cronstadt e das efusões de Toulon, e do almirante Avelance acolhido nos bulevares como outrora a pomba foi acolhida na arca, o czar viesse a Paris!... O czar veio a Paris. Veio a Paris trazendo a Rússia, porque a Rússia toda se resume nele, e trazendo a imperatriz e a sua filhinha Olga, e até o seu cão *Lofki*.

Para receber este bem-desejado a França alvoroçadamente prodigalizou o seu dinheiro, o seu génio decorativo e o seu entusiasmo. E o resultado, meus queridos, não se me afigurou sumptuoso. O Francês, por isso mesmo que é eminentemente intelectual, não tem o engenho decorativo, nem o plástico dom de criar o pitoresco. Quando as suas glórias o levam a enfeitar as suas cidades,

nunca a sua invenção vai, além de mastros, colunas de lona pintada e molhos de bandeiras que emergem de escudos de papelão cinzento formando uma panóplia triste. E depois deste esforço os decoradores municipais ficam exaustos. Desta vez, como o patriotismo os exaltava, tiveram um arranque de imaginação e cobriram os ramos desfolhados dos castanheiros dos Campos Elísios com florinhas de papel escarlates e brancas. Paris inteiro se maravilhou com esta ornamentação, que é usual em todas as aldeias da China, e que os bons burgueses alemães de Vurtemberga tinham já inventado em 1805, para festejar Napoleão. Qualquer vila da Itália, da Espanha ou de Portugal desenvolve realmente mais cor e brilho, no adorno

das suas ruas, para solenizar o seu santo padroeiro (com quem todavia é familiar, e de quem já nada espera, nem mesmo chuva em tempo de seca) do que este rico e genial Paris para festejar o grande soberano que lhe trazia a segurança e a paz. Para todo o Francês, de resto, é mais fácil compor uma lúcida, fina e bem coordenada tese histórica do que guarnecer a sua janela com elegância aceitável.

Pelo mesmo motivo, pelo admirável equilíbrio da sua razão, o Francês não tem a vistosa e sonora arte do entusiasmo. Os Espanhóis dizem que quem em certas ocasiões não perde a cabeça é porque não tem cabeça para perder. Os Franceses (pelo menos do Ródano para cima) desmentem

completamente este rifão da terra privilegiada dos belos gestos e dos belos gritos. Têm cabeça, e muito bem construída, muito sólida, funcionando com superior pressão e eficácia — e nunca absolutamente a perdem. A sua razão está sempre fazendo a polícia das suas paixões. Amando ou odiando, as emoções do Francês invariavelmente se movem entre alas vigilantes de raciocínios, que, à maneira de gendarmes no meio de uma turba, as alinham e as contêm.

Este discreto temperamento, apurado ainda pela cultura e disciplina social, tem gradualmente tirado ao gesto do Francês toda a vivacidade arrebatada e à sua voz, mesmo em dias de vitória, toda a sonoridade ovante. Onde o Espanhol, num rasgo imenso, atira ao ar, *caramba!*,

a alma e o *sombrero*, e onde o Inglês, puxando todo o sangue à face, lança hurras que abalam as chaminés e fazem redemoinhar as nuvens — o Francês esboça um aceno risonho e murmura um viva!, com a amabilidade muito quieta com que nós, nas terras trigueiras da oliveira e de milho, dizemos a um velho amigo: «Seja muito bem aparecido!»

Este povo equilibrado nunca desenfreia. E, tão naturalmente alegre, mesmo quando mais se alegra, está sempre vigiando que a sua alegria não flameje e não atroe. Alguém observou já que a França por dentro e por fora é *cinzenta*. Pelo menos é toda em tons neutros. O seu céu, mesmo no julho mais ardente, nunca é rasgadamente azul, mas discretamente azulado. A sua vegetação

nunca brota vivamente verde, mas de uma cor sóbria e moderada de reseda. As mesmas flores silvestres, e por isso mal-educadas, como a papoila, o botão-de-ouro, que em toda a parte rutilam com descarada magnificência, não ousam, nas campinas desta terra comedida, vestir o seu escarlate e o seu ouro. São assim, em tons neutros e pardos, as suas cidades, os trajes do seu povo. São assim, em tons neutros e finos, a sua literatura e os seus sentimentos.

Até o gás e a eletricidade, mesmo em noites de gala, se coíbem, retêm o seu fulgor. A Natureza aqui, como a sociedade, tem horror ao excessivo. Por isso a França sobretudo se reconhece e se ama na sua bela Touraine ou no país angevino, tão decentemente francês, com

as suas imensas planícies calmas e os seus choupos muito finos, em renques muito regulares, ao longo de rios muito direitos e de uma água muito clara. Por isso em literatura o seu grande homem será eternamente Boileau (a não ser que um dia seja Sarcey). Por isso em política ela procurará sempre ressuscitar Luís Filipe. Esbater, mondar, alisar, polir, eis a missão da França. Este é o país que, se tivesse leões, os caçaria para lhes pentear a juba, lhes limar as garras e lhes ensinar a rugir pelos métodos do Conservatório. De uma tal raça não haveria a esperar, mesmo que o Filho de Deus de novo encarnasse e viesse passar alguns dias ao Grand Hotel, festejos e aclamações que condignamente celebrassem tão prodigiosa visita. E assim foi que, apesar

de se terem gasto, ao que parece, sete milhões de francos (que são aí, no Rio, com este horrendo câmbio, mais de sete mil contos) e de andarem por essas ruas de Paris durante três dias quatro milhões de povo contente, as festas não foram mais pitorescamente originais ou mais genialmente festivas do que as que nós em Portugal fazemos todos os anos ao nosso velho Santo António ou ao nosso amado S. João — e o imperador da Rússia nunca viu em torno de si o entusiasmo ardente que vê o toureiro Mazantini, em Madrid, na Plaza Real, quando mata o touro, em sorte larga com uma estocada fina e limpa, e as palmas retumbam, e os lenços palpitam, e as flores juncam a arena. Mesmo os poetas, encarregados pelo Estado de celebrar o hóspede adorado,

entoaram cantos singularmente franzinos e moles. Coppée, a quem couber saudar o czar em nome da Academia Francesa, foi tão banal como o banal tapete que se estendia por sob a poltrona imperial. Incumbido de cantar os soberanos quando eles lançavam os alicerces de uma ponte de Paris, Herédia, o sonoro Herédia, que é um cinzelador em ouro, nesta ocasião tão rara cinzelou em chumbo umas estrofes delgadas que tinham a cor, a moleza, o som morto do chumbo. E Sully-Prudhomme, a quem o protocolo pedira que na festa de Versalhes cumprimentasse o czar em nome do Grande Século, foi incomodar uma ninfa e depois acordar a sombra de Luís XIV, para lhes fazer gemer, através dos lábios plangentes de Madame Sara Bernhardt, concertos

filandrosos que adormeceram o próprio protocolo... Porque fraquejaram assim estes três poetas que representam na poesia francesa o pensar grave, a forma rutilante e a graça familiar? Por acaso as musas de França (sempre tão destras em celebrar o poder que chegaram a inspirar essa obra-prima do cortesanismo poético — a *Ode a Namur*) perderam, nestes vinte anos de república, a arte de incensar os reis do mundo? Ou foi que os poetas, amantes da simetria, não quiseram desmanchar a tonalidade neutra destas festas e de propósito rasparam o relevo dos seus pensamentos e apagaram o fulgor das suas imagens? Não sei — mas foram baços, muito baços. E assim foi Paris, e até o próprio céu sobre Paris, que se manteve sempre entre cor de pérola e cor

de cinza, retraído e reservado, sem enegrecer e sem verter chuveiros descorteses, mas também sem francamente se vestir de luxuoso azul e espargir os seus raios de festa, como o faria o céu de Espanha.

Bilhetes de Aquém-Mar: Ainda as Festas Russas — Os Jornais

Notava eu ontem a recatada sobriedade destas festas. E no entanto todos os jornais de Paris vos afirmaram em colunas sólidas que as festas realizaram as maravilhas sempre irrealizáveis das *Mil e Uma Noites*, e que o entusiasmo abalou o firmamento atónito, e que uma inspiração nova e rara arfou na lira dos poetas! Não há aqui todavia exageração. Os Parisienses (ainda que pela maior parte nascidos em Marselha) não são exagerados.

Há aqui apenas um excelente

sistema, desde longos anos adotado pela imprensa de Paris, que nós deveríamos sofregamente seguir no Brasil e Portugal, e que consiste em afirmar, com afoita certeza, sem escrúpulos, sem pudores, que tudo quanto se diz ou se faz em Paris é perfeito, do mais nobre gosto, de um esplendor soberbo, e desmedidamente superior ao que se faz e se diz nas outras nações subalternas. Excelente e fecundo sistema! Ele termina por plantar fortemente, no espírito dos outros, como um dogma, a ideia da supremacia total da França — e sobretudo convence a França da sua supremacia, e absolutamente a penetra daquela confiança própria que é sempre a inspiradora dos grandes feitos e das grandes obras.

Meus amigos, louvor bem

entendido deve começar por nós, porque nesse caso ele se torna uma verdadeira forma da caridade. Mal daqueles que, por humor sombrio ou por desalento muito expansivo, se cobrem de cinza diante do mundo porque o mundo imediatamente, por cima da cinza, os cobre de lama. A humildade só foi possível na Tebaida — e os próprios santos nunca se mostram aos homens sem a sua pomposa auréola.

A ovelha, enquanto balava timoratamente e baixava o focinho, foi sempre tosquiada pelo tosquiador e comida pelo lobo; até que um dia (segundo nos ensina uma venerável fábula oriental), tendo envergado uma pele de pantera para substituir o seu pobre pelo rapado, viu o lobo tremer diante dela e recuar, o tosquiador fugir com as suas

luzidias tesouras, e findou por se instalar e pastar tranquilamente no relvoso vale onde o lobo reinava. Esse desde a Antiguidade se adotou o pavão como a ave mais ornamental e a mais bela, é porque desde os primeiros dias da história o pavão se empavonou, e desdobrou a cauda, e reluziu magnificamente ao sol, e impôs a sua plumagem à admiração dos povos e dos reis. «Tem a confiança em ti, proclama o teu valor, e logo possuirás a perfeita arte de viver.» Assim prega o Mefistófeles de Goethe. Mas o bom Mefisto, tão astuto psicólogo, devia acrescentar que a proclamação do nosso mérito é um exercício excelente para aumentar e mesmo para adquirir efetivamente esse mérito. Um outro apólogo oriental conta

que a negra gralha tanto e tão estridulamente afirmou que era branca que terminou por embranquecer.

É este um fenómeno que o fabulista antigo não conhecia, mas que anda hoje em todos os compêndios de fisiologia e que se chama a*auto-sugestão.*Com efeito, quem sem descanso apregoe a sua virtude, a si próprio se sugestiona virtuosamente e acaba por ser às vezes virtuoso. A exaltação afetada da nossa força atua como um estímulo permanente, que equivale realmente à força. E quem engrandece desmedidamente o seu pequenino feito mostra que sente a nobreza de empreender altas coisas, prova o seu gosto pelos aplausos dos homens e está portanto já no caminho e com o feitio moral para

praticar um feito grande.

Não suponhais, pois, amigos, que nestas túrgidas narrativas dos jornais de Paris há uma pueril e palavrosa exageração. Não! Há o intento muito legítimo e muito patriótico de afirmar a superioridade da França, mesmo em matéria de flores de papel e de colunas de lona — e de manter portanto nos ânimos alheios esse respeito e nos próprios essa confiança que são para os homens e para as nações dois formidáveis elementos de êxito. Também eu outrora supunha que essas amplificações que de uma lamparina fazem um sol provinham sempre de um espírito exagerado, inconsciente, falseador de proporções. Mas fui muito finamente esclarecido por um mestre eminente. Este mestre era um cozinheiro

chinês. Não se mostrou, porém, sempre a China uma segura mestra da humanidade?

Pois há muitos anos, uma tarde, na Havana, estando com um amigo no seu jardim a tomar chá gelado, sob um caramanchão de magnólias, vimos de repente o cozinheiro da casa, esse chinês, correr, de rabicho eriçado gritando que matara uma cobra! O meu amigo, que era alemão, banqueiro e erudito, e portanto triplamente amador de dados positivos, quis logo saber o tamanho exato dessa cobra, que assim invadira os seus quietos arvoredos.

Então o chinês, à moda chinesa, desenhou, com um pau que trazia na mão, sobre a areia lisa do jardim, uma imensa cobra, uma jiboia, de três longos metros, mais grossa que um tronco de palmeira, e

com umas goelas tão furiosamente escancaradas que o banqueiro e eu recuámos, inquietos, para o fundo do caramanchão. E o bom chinês, para nos sossegar, passou o pé pela areia, apagou o monstro desenhado, com a serenidade forte com que derrubara o monstro vivo.

Foi louvado, foi recompensado — e nessa tarde o seu arroz de caril cubano, o seu pato da Florida à vera-cruzana atingiram uma perfeição em que todos sentimos o esforço de um génio que um triunfo estimula a outros triunfos.

Ao outro dia, porém, de manhã, o cocheiro, a quem decerto as glórias do chinês tinham impacientado, apareceu diante de nós, na varanda, trazendo na mão, embrulhada num velho jornal, a cobra.

Oh!, furor! Era um bichinho discreto, quase uma lombriga, de vinte ou trinta centímetros, e pouco mais encorpado que um lápis! O chinês foi chamado, posto diante da realidade, interpelado com tumultuoso azedume.

— Para quê... — bradava o meu amigo, brandindo o seu enorme cachimbo de porcelana —, para que foi essa indecente, essa infame exageração?

Com uma perfeita segurança de modo e de alma, o chinês respondeu:

— Não foi exageração, amo. Foi para me convencer a mim e para que os outros se persuadissem que eu era capaz de tanto, e para me dar ânimo noutra ocasião a matar uma cobra maior! Mas não é exageração.

Então eu, com o clássico cruzar de

braços com que outrora Pilatos perguntou a Jesus o que era a verdade, exclamei:

— Homem, mas que é então exageração?

O admirável chinês pousou sobre mim os olhinhos oblíquos, onde senti a madureza e a suculência de um saber quarenta vezes secular, e deixou escorregar estas palavras profundas:

— Exageração era pintar a cobra e depois pôr-lhe quatro pernas!

Mais uma Vez as Festas Russas — O Povo

Mas que as festas de Paris não fossem festivas, e as suas iluminações não fossem iluminadas, e as suas poesias não fossem poéticas, nada importa, porque o czar não veio de tão longe (não falo naturalmente de Sampetersburgo, que dista apenas três dias do Bulevar, mas do seu trono de autocrata, que fica a muitos milhares de léguas e a muitos centos de anos da praça do *hôtel de ville*) para admirar estrelas de gás ou saborear versos perfeitos.

Veio essencialmente para ver como é este formidável povo que, em

menos de um século, matou um rei, depôs e expulsou furiosamente outros dois, escangalhou dois impérios napoleónicos, sacudiu várias ditaduras, fez e desfez inumeráveis constituições... E veio ainda para observar como é o exército de que dispõe este povo, exército esmigalhado, há vinte anos, em vinte campos de batalha, e que agora nos aparece tão inteiro, tão novo, tão forte, tão viçoso, tão reluzente, como se nunca tivesse servido. Pois bem, sendo assim, a França plenamente contentou o imperador da Rússia. Esta cidade de Paris, incorrigível destruidora dos seus próprios tronos, começou por se mostrar encantadoramente respeitadora dos tronos alheios.

A atmosfera republicana de Paris, durante três dias, não cessou de ressoar

com sinceros e convencidos gritos de «Viva o imperador! Viva a imperatriz!» Não houve nesta população radical, enquanto o czar foi seu hóspede, a menor, a mais fugitiva expressão de radicalismo.

A muito socialista municipalidade de Paris recebeu os autocratas russos, tipos supremos do despotismo supremo, com a etiqueta e grave reverência com que um parlamento no velho regime teria acolhido o rei de França e o seu manto de flores-de-lis.

O feroz espírito igualitário foi sufocado para se admirarem, sem reserva, com risonho agrado, a pompa monárquica, os uniformes de corte, os grandes lacaios empoados. Nos velhos *faubourgs* revolucionários, na clássica região das barricadas, foi arvorada em cada janela a

bandeira imperial do czar, essa bandeira amarela onde a águia negra empolga numa das garras o globo, que simboliza o povo, e na outra o cetro, que simboliza o látego. Não houve cidadão por mais livre que não tomasse, por um momento, diante do senhor da Rússia, a atitude reverente de um mujique russo — e a liberdade não cessou de oferecer à tirania as mais belas flores dos jardins de França.

Mas sobretudo, meus amigos, que ordem, que disciplina, que polidez, que magnífica doçura mostrou esse revolucionário povo de Paris!

Mais de quatro milhões de gente se amontoaram nesta cidade, que só tem espaço para dois milhões (e metade desse espaço escandalosamente tomado pelas mangas bufantes e pelos chapéus floridos

das mulheres), e não houve uma briga, um atropelamento, um destes violentos redemoinhos de cólera ou medo que ensanguentam sempre as festas cívicas.

Na própria coroação deste czar apenas se juntara uma turba de quatrocentos mil homens numa livre e vasta planície de Moscovo, e logo morreram esmagados quatro mil! Aqui eram quatro milhões, em mas estreitas entalados entre casas e filas de cavalaria, e (segundo juram as estatísticas da polícia) morreu unicamente um sujeito da província, já velho, pela rutura de um aneurisma. E era uma multidão mal dormida, porque não achava cama nos hotéis, mal comida, porque não conseguira mesas nos restaurantes, e portanto com desculpáveis tendências a

esse humor áspero e brigão que dá um chouriço mal mastigado sobre um banco de praça que serviu de colchão.

Mas não! Paris, que recebia um imperador, quis ser todo ele, durante uns dias, uma verdadeira corte, e mostrou as maneiras nobres de uma populaça palaciana. E o czar assim o reconheceu declarando que Paris lhe parecera, pela ordem e pela polidez, *um imenso salão*. Era um salão, mas um salão do Velho Regime, daqueles que frequentava sem receio Mr. de Coislin, o homem mais bem-educado de todos os tempos e de todas as raças — porque nos salões democráticos, e mesmo constitucionais, há sempre empurrão, costelas pisadas, sobretudo à meia-noite, quando se abrem ao fundo as portas benditas do bufete da

ceia. Bem sei que César conquistou as Gálias, e que há aqui portanto o delicioso resultado de dezoito séculos de civilização.

Mas as legiões de César também circularam em Espanha, também desembarcaram em Inglaterra, e nesses dois países admiráveis não há gala sem pancada, nem turba sem rolo grosso. Não regateemos pois os louvores a este povo, que é ainda mais bem-educado do que Mr. Coislin.

Além da França civil, que tanto contentou o czar, este senhor de todas as Rússias vinha também ver a França militar. Esse solene exame teve lugar no campo histórico de Châlons. Oitenta mil homens manobraram e desfilaram diante do imperador a cavalo, e diante do

presidente da República, sentado entre as senhoras, num landau.

(Oh! Esta abominável teima da república, que impõe ao chefe do Estado, como uniforme, a casaca preta de criado de hotel, lhe não permite os dois atos tão essenciais numa democracia armada, o andar a pé e o andar a cavalo, e o cola fatalmente, em virtude mesmo da sua grandeza, às almofadas pacatas de uma caleche civil!).

Tem havido grandes batalhas em que não chegaram a entrar os oitenta mil soldados que se apresentaram nesta revista de gala. Na batalha de Farsália, que decidiu da sorte do mundo, apenas combateram setenta mil homens.

A batalha de Hastings, que consumou a conquista da Inglaterra pelos

Normandos; a batalha de Azincourt, que deu metade da França aos Ingleses; a batalha de Lutzen, em que morreu Gustavo Adolfo e que terminou a Guerra dos Trinta Anos; a batalha de Marengo, que entregou a Itália aos Franceses, outras muitas foram pelejadas com menos de oitenta mil homens.

Foi pois uma cerimónia grandemente militar, apesar de que o chefe do exército, segundo a constituição, estava no landau, de casaca, entre as senhoras. E tão bela, na sua totalidade e nos seus detalhes, provando tão soberbamente a grandeza militar readquirida pela França, que logo depois, ao almoço, no meio de quinhentos oficiais, o czar ergueu o seu copo de champanhe e proclamou a

confraternidade de armas entre Franceses e Russos.

Portanto, amigos, esta visita certamente pôs no espírito do senhor de todas as Rússias muita segurança, porque ele verificou que este povo que lhe estende os braços, há três anos, como noivo deslumbrado, é na sua cidade em festa extremamente doce, e é no campo em armas extremamente forte.

Ora, que mais se pode desejar num amigo, com quem se vai trilhar um bocado de caminho na história, do que muita doçura aliada a muita força?

Mas o povo francês, esse, com que segurança ou certeza ficou depois que a vasta Rússia veio a Paris, na pessoa um pouco franzina e melancólica desse seu césar a que ela chama *paizinho*! Essa

impressão talvez se resuma nas palavras consideráveis que eu ouvi a um condutor de ónibus. Chovia: apenas três passageiros ocupavam as longas banquetas de veludo; e o digno homem, na plataforma, filosofava sobre as festas russas, com um sujeito bilioso, zarolho, de barbicha rala e ruiva, que parecia minado por um ceticismo mortal.

O imenso ónibus parara na estação do Arco da Estrela. E o condutor concluiu, à pressa, num gesto que trasbordava e triunfava:

— Enfim, seja como for!... Agora é trabalhar para a Exposição, e já se não está sempre com medo e podem vir os reis e os imperadores, sem que a república fique aí para um canto envergonhada!

Admirei esta síntese. E senti que ela resumia numa forma grossa e rápida, numa forma adequada a um ónibus, o sentimento das classes que se chamam dirigentes.

Este homem de boné agaloado, que vive carimbando bilhetes, sem dúvida pertence por nascimento, se não já por direito democrático, à casta política. Há nele em botão um próximo conselheiro municipal, talvez um deputado, em todo o caso um dirigente. E a sua opinião sobre a amizade franco-russa, ainda que enunciada sem elegância académica, não seria decerto desmentida pelos altos corpos do Estado.

Mas o sentimento do povo miúdo, dás classes dirigidas, esse mais especialmente me foi revelado por um

pequeno de sete anos, que toda esta tarde, sob os castanheiros e as faias do jardim vizinho, brandindo uma bandeira russa e esporeando um corcel de pau, ainda não cessou de ganir esta copla decisiva:

La Russie, la France,
Se donnant la main,
Garden l'espérance
D'aller à Berlin
Dire ao vieux Guillaume...

Através da folhagem copada que este fusco outubro ainda não arrancou do arvoredo, não logrei perceber o que a França e a Rússia, assim de mãos dadas, iam a Berlim dizer ao velho Guilherme... E porquê ao velho Guilherme? Esse avô augusto morreu. E agora há em Berlim um

Guilherme novo, a quem é excessivamente perigoso o dizer coisas.

Em todo o caso, a copla esganiçada do meu pequeno vizinho desenha muito graficamente a atitude das duas nações que se entrefestejam. A França, a Rússia, com efeito, deram as mãos, estas mãos tão diversas, uma tão fina e criadora, outra tão grossa e inerte, e têm entre si uma esperança... Qual? Possa ela ser a esperança de ficarem cada um em sua casa, tratando dos seus complicados negócios domésticos, sem dizerem nada aos Guilhermes, velhos ou novos, e deixando a pobre Europa passar com tranquilidade os derradeiros anos deste agitado século.

Aos Estudantes do Brasil — Sobre o Caso que Deles conta Madame Sara Bernhardt

1

Madame Sara Bernhardt publicou recentemente no *Figaro* uma concisa apologia da sua vida e do seu génio.

Apesar da concisão, tão substancial e recheado de factos nos aparece este papel que bem penso que a considerável senhora o poderia ter intitulado: «História da Minha Missão e da Minha Influência Civilizadora na América do Norte e do Sul». E se em tal documento, desde hoje histórico, há verdade histórica, vós, aí no Brasil, meus amigos, sois estranhamente culpados! Sois horrendamente culpados, oh!, meus doces amigos!

Ora, eu creio que a apologia de

Madame Sara Bernhardt é sólida e verídica. Ela não nasceu nem da vaidade, nem da ilusão. Não temos aqui uma velha e manhosa atriz que, por hábito de camarim e de maquilhagem, devendo recapitular diante de um público crédulo a sua carreira, a sobrecarrega à pressa com grossas pinceladas de púrpura e de ouro, para lhe dar a radiância postiça de um sol. Não temos aqui também uma ingénua criatura que, vivendo sempre dentro de uma luminosa névoa de louvores, perde o sentimento exato da sua estatura, se considera tão grande como esse iluminante nevoeiro a aparenta, e, docemente embriagada, alude à sua grandeza com a simplicidade e a graça lhana com que aludiria à cor dos seus olhos que não pode disfarçar nem pintar.

Não! Nesta apologia de Madame Bernhardt há meramente uma mulher muito conscienciosa, muito séria, que, em perfeito silêncio e perfeita solidão, longe do sussurro adulador das turbas, se coloca em frente da sua vida, a interroga, a esquadrinha, e a vive, e não encontrando através dela senão altos feitos, conceções geniais, triunfos radiosos, influências nobremente exercidas, se vê forçada (apesar da sua modéstia e da sua humildade) a confessar publicamente, estridentemente, que é heroica, que é genial, que é triunfadora e que bem mereceu dos povos! Por isso Madame Bernhardt, muito candidamente e baixando os olhos, chamou ao seu documento *Exame de Consciência*.

De resto, os motivos que a

levaram a empreender este grave *Exame* garantem a sua veracidade. Senão, vede! A literatura de Paris, aquela parte da literatura que mais especialmente vive do teatro, criando, criticando, noticiando, ou apenas parasitando, resolveu celebrar a apoteose de Madame Sara Bernhardt. Apoteose absolutamente legítima. Madame Bernhardt não é somente a atriz de garganta de ouro e alada inspiração, que, através dos dois mundos, com muita glória e muito lucro, nos tem arrulhado e rugido *D. Sol*, a *Dama das Camélias*, a *Fedra*, a *Teodora* e outras tocantes ou terríveis.

Um mérito mais raro e mais esteticamente precioso a torna merecedora de todas essas honras cesarianas, quase divinas, que (segundo

ela afirma) a Terra unânime lhe tem prodigalizado. Como muito bem notou o bom poeta Rostand, num dos sonetos jaculatórios que foram declamados nesse dia de apoteose (porque agora, em Paris, como em Lisboa no tempo do senhor D. João VI, não há festa sem soneto), Madame Bernhardt é a derradeira inspirada que nos resta, neste século de chata e monótona materialidade, capaz de ressuscitar, com sumptuoso idealismo, as emoções e as maneiras das idades épicas e romanescas. E este dom é inestimável. Só Madame Bernhardt, com efeito, sabe ainda descer uma branca e trágica escadaria e parar pateticamente em cada branco degrau com solenes brocados brancos a arrastar, exalando toda ela fatalidade e terror! Só ela sabe, num

altivo cenário de arcarias e douradas abóbadas, atravessar entre alas de escravos ou de príncipes, toda rutilante e hirta com o peso das pedrarias, os olhos hieraticamente estáticos, erguendo na mão um lírio pálido! Só ela ainda sabe, com o braço nu, brandindo um ferro, lançar uma imprecação ao destino. Só ela pode ainda ser, entre nós, a cortesã hindu, coroada de rosas e enamorada de um deus! Só ela, nestes tempos de crime deselegante, assassina com elegância!... Ora, no meio do descorado burguesismo do drama contemporâneo, e da chocarrice vilã das comédias e da universal fealdade das atitudes, estas coisas grandiosas que Madame Bernhardt ainda sabe fazer, com tão esplêndido relevo, são uma consolação para os que conservam o

salutar amor do pitoresco e do romanesco. E acresce ainda que esta privilegiada mulher, quer represente em Paris, quer se exiba em Nicarágua, todas as noites, depois de muito arrulhar e tão arrulhadamente que ninguém percebe as doçuras que ela arrulhou, e depois de rugir e tão rugidoramente que ninguém compreende os furores que ela rugiu, tem sempre aí, cerca das onze horas ou onze e meia, um momento, dois momentos, em que é genuinamente e incomparavelmente sublime.

De sorte que ninguém, com algum gosto pela paixão e pela sua expressão decorativa, pode regatear a apoteose a esta princesa dos gritos magníficos e rainha das nobres atitudes.

A apoteose devia consistir num

almoço no Grand Hôtel, a trinta francos por cabeça, vinho compreendido... Sim, amigos velemos a face, gemendo! Grand Hôtel, trinta francos — vinho compreendido!... Que quereis? É a irremediável pelintrice dos tempos. Ah!, não! Não estamos no século radiante, nesse Domingo de Páscoa em que Petrarca, vestido com a túnica de púrpura que lhe dera Robert de Anjou, trovador e rei de Nápoles, precedido pela assembleia da nobreza, toda emplumada e coberta também de escarlate e de ouro, seguido pelo Senado nos seus grandes mantos de brocado verde, atravessava as ruas de Roma, entre as aclamações de um povo deslumbrado, sob uma perfumada chuva de flores, para receber nas escadas do Capitólio, das mãos do síndico

romano, a coroa de louros, a coroa dos antigos triunfos, enquanto ressoavam as tubas e repicavam os sinos, e diante do poeta se inclinavam todos os estandartes da Itália.

Ah!, decerto Madame Sara Bernhardt seria a mulher para atravessar os bulevares de Paris soberbamente envolta na túnica de púrpura de Robert de Anjou.

Mas só ela nos resta — e tudo o mais nos falta! Já não há rei de Nápoles, bom humanista e bom trovador, para remeter por uma embaixada a púrpura augusta! Já não há nobreza que, para uma gala poética, se cubra de veludos recamados de ouro! Já não há senadores arrastando brocados verdes sobre um chão juncado de rosas! Já não há sinos

que repiquem, nem pendões que se inclinem quando um poeta passa! Já não há nada — há só Madame Bernhardt, o Grand Hôtel e um resto de vinho falsificado. Todavia sejamos justos. Além do almoço, e do hino, e do soneto inevitável de Coppée, havia no programa da apoteose — uma surpresa. Todo Paris, todo Paris de teatro, se entreolhava sorrindo com enternecimento (ou com malícia) e se entressegredava a surpresa. Na véspera da apoteose, os jornais, piscando o olho, aludiram à surpresa. Já mesmo Madame Bernhardt, séria e grave, conhecia a surpresa. Sabeis qual era a surpresa?... No dia da apoteose, cedo, de manhã, o Estado iria ao Grand Hôtel, penetraria pé ante pé na sala do almoço ainda deserta, e, diante do lugar bem

enfeitado de Madame Bernhardt resvalaria sorrateiramente, entre o prato e o guardanapo, a cruz da Legião de Honra! Esta era a surpresa.

E foi então que o *Figaro* (com aquele seu belo faro espanhol pelas coisas intensamente picarescas) pediu a Madame Sara Bernhardt que procedesse a um *exame de consciência*, recolhesse a sua vida tão largamente espalhada pelo mundo, a interrogasse com severa sinceridade e declarasse depois, perante a Europa, pondo a mão sobre o ardente coração, se na realidade se considerava merecedora da apoteose, do almoço, do hino, do soneto e da surpresa. Madame Sara Bernhardt, naturalmente habituada aos lances patéticos, não hesitou. E, durante uma longa noite, na sua alcova (ou

no seu oratório, que esta terrível mulher é capacíssima de o ter!), recolhida, ensimesmada, segundo a velha fórmula metafísica, esmiuçou toda a sua vida, nos seus motivos e nos seus resultados, com o escrupuloso rigor de quem, estando diante de si própria, se sentia diante de uma divindade... E ao outro dia de manhã subiu à mais alta coluna do *Figaro*, e muito sobriamente, recusando ao seu discurso esses bordados e lavores que prodigaliza nos seus vestidos, declarou que, tendo examinado a sua consciência, considerava-se merecedora da apoteose, do almoço, do hino, do soneto e da surpresa! E assim se considerava porque, além de ser uma artista genial e de ter herculeamente trabalhado, concorrera (escutai!, escutai!, não percais isto!) —

concorrera a civilizar a Austrália, o Canadá, sobretudo a América do Sul, e a implantar nessas regiões o amor da França, das letras francesas e da civilização francesa! E de um modo tão insinuante, com uma graça tão intelectual, que recebera desses povos (escutai!, escutai!, por Deus!, não percais agora este final!) — recebera desses povos ovações, preitos, vassalagens, gritos de reconhecimento, honras quase divinas, como só as recebem os conquistadores de almas e os anunciadores de evangelhos!... E seguidamente Madame Bernhardt citou, como provas históricas, esses preitos, essas vassalagens. Disse o desembarque triunfal na Austrália. Disse o portentoso cortejo no Canadá, sobre a neve. Disse o episódio pavoroso com as senhoras do

Chile. E, por fim, disse o caso supremo, o caso que ultrapassa todos os casos, o caso com os estudantes do Brasil!

Ah!, meus doces amigos, é verdade!... Mas, para conversar sobre este caso, que me sufoca, eu necessito o ar, o espaço e a tranquilidade de outro bilhete.

2

Agora, neste bilhete, mais arejado e espaçoso, podemos sem precipitação conversar, ó meus amigos, sobre o caso sufocante. E vós mesmos reconhecereis que ele é supremo e ultrapassa em sombria estranheza todos os casos gloriosamente sucedidos a Madame Sara Bernhardt durante a sua jornada civilizadora através dos continentes novos. Senão, vede! Tomemos respeitosamente o primeiro feito contado pela genial senhora com uma simplicidade tão nobre, no seu *Exame de Consciência*. É a chegada à Austrália. Madame Bernhardt aporta a essa tema privilegiada da lã e do ouro. No cais de desembarque,

tapetado e florido, está esperando por ela, numa trémula ansiedade, a municipalidade de Melbourne, com todas as insígnias tradicionais dos velhos municípios ingleses, a dalmática de romeira de arminhos, os quatro trombeteiros, porta-espada e o porta-cetro. Nas docas os apitos de todos os vapores encorados apitam com desesperado entusiasmo. Em cada torre adeja a tricolor. Madame Bernhardt desembarca com essa simplicidade com que sempre desembarcam os verdadeiros conquistadores, os verdadeiros civilizadores — Santo Agostinho na Inglaterra, Cortez no México. Entra no seu hotel; põe um pouco de pó de arroz; janta; representa a *Tosca* — e imediatamente (como ela diz, em palavras memoráveis

que eu não altero) «a colónia francesa, que até aí vivera numa posição subalterna e oprimida, ergueu livremente a cabeça e começou a dominar na Austrália!» Isto é certamente inesperado. Mas não há, neste feito de Madame Bernhardt, nada de extravagante ou de estranho. É a clássica façanha, tantas vezes consumada através da história — a libertação de uma raça! Madame Sara, como Joana d'Arc, arranca à opressão dos Ingleses um precioso bocado da França. Com pequeninas diferenças (que nada importam em questões de heroísmo) ela é a *Pucelle* de Melbourne. E notai mesmo a superioridade humanitária de Sara. A Virgem de Orleães desoprimiu a França derramando o sangue dos Ingleses e Borgonheses, e muitas canadas desse

sangue pela sua mão, porque a forte virgem não desgostava das rijas cutiladas. Madame Bernhardt, ao contrário, não libertou os seus irmãos matando — mas morrendo! Morrendo no quinto ato da *Dama das Camélias*, no quinto ato do *Hernâni*, no quinto ato da *Fedra*! Morrendo sempre, pelo punhal, pelo veneno, pela tuberculose! E a cada sacrifício da sua vida correspondia um benefício para a sua pátria! Quanto mais ela desabava morta no tablado, com aquele sublime morrer que é só dela — mais a colónia francesa, levantando a cabeça, se afirmava e estendia o seu domínio! De tal sorte que se ela não cessasse de morrer por ter findado a sua escritura, a Austrália seria hoje uma província de França, exclusivamente

francesa, onde o último inglês estaria comendo o último canguru à sombra do último eucalipto!

Mas atravessemos os mares e observemos os triunfos novos com que Madame Sara Bernhardt é acolhida no Canadá. «Aí (conta a sonora artista, em frases que humildemente copio) o meu trenó andava sempre seguido e acompanhado por todos os senadores e deputados!» Sem dúvida este cortejo é raro! Mas não há ainda aqui nada de exótico ou de sombrio. Ao contrário! É um claro, delicado, alegre quadro de neve e de representação nacional. A neve, toda branca, sob um céu todo branco, cobre o Canadá: envolta em peles, Madame Bernhardt ocupa soberanamente um trenó dourado que fende finamente a neve: e em

torno dela, sobre patins ligeiros, de mãos na cinta, a assembleia legislativa desliza pela dura neve em curvas airosas, com garbo parlamentar, segundo a ordem do dia. Porque, notai bem o que especializa Madame Bernhardt. Não são dois ou três deputados galanteadores, ou algum senador desgarrado que segue o trenó de Sara. Não, são os senadores e deputados *reunidos em assembleia*! Quem vai correndo no sulco branco, através da neve branca, é o poder legislativo! De outro modo não haveria (conforme acentua Madame Bernhardt) a intenção social e nacional de lhe dar preito a ela, como a altíssima representante da França. E bem podemos, pois, pensar que as duas câmaras eletivas seguiam Madame Bernhardt *funcionando*, providas do seu

presidente e dos secretários, e da tribuna, e do copo de água, e que celebravam em torno do trenó divino, na carreira jovial, a sua sessão ordinária. Naquele puríssimo ar, sob o fino sol que arranca um fulgor argênteo à neve, enquanto o trenó corria, e com ele corria a representação nacional, proveitosamente se cruzavam as interpelações, as moções, as remessas para a mesa, as emendas ao orçamento, as afirmações tranquilizadoras do ministério «que há de sempre manter a ordem», e os apartes vibrantes de uma oposição irritada! Abafada, com uma nobre elegância, em espessas peliças, imperialmente reclinada naquele trenó que é um trono, correndo as pálpebras langorosas, num sorriso indulgente, Madame Bernhardt recolhe

silenciosamente (para a transmitir à França) esta homenagem imensa da constituição do Canadá! E por vezes mesmo, sem querer, ao saudar um membro do Parlamento, com um jeito do regalo, ela choca e derruba um projeto de lei, um fecundo projeto de lei, que por sobre o trenó ia voando da câmara eletiva para a câmara alta, e que cai, fica perdido na neve, enquanto o triunfante cortejo rola, e legisla, e já se perde nos horizontes encaramelados onde se agita, negro sobre a alvura, o braço do presidente, que repica a campainha, porque Madame Bernhardt vai para o ensaio e a sessão está encerrada! Contemplemos ainda um instante este quadro consolador, o mais belo, talvez, de que se ufana a história constitucional do século XIX, e

embarquemos de novo, descendo ao longo da luminosa costa do Pacífico.

Estamos no Chile e Madame Bernhardt está connosco. «*Aí* (diz ela no seu *Exame de Consciência* e em palavras impressionantes que eu, com pena rendida, traslado) as senhoras mais distintas e os homens mais elegantes da sociedade chilena recitavam diante de mim, para me prestar homenagem, folhetins inteiros de Jules Lemâitre no *Journal des Debats* que eles tinham aprendido de cor! «Ah, meus amigos! Desde que pisámos a América do Sul já as coisas se vão estragando — e não nos encontramos aqui diante de manifestações tão naturais e tão socialmente singelas como as do Canadá e as da Austrália. Considerai este quadro, que me parece

inquietante. Um largo salão, bem alumiado, senhoras decotadas, com flores nas tranças, nos olhos um fulgor redobradamente chileno, e o doce peito nacarado a arfar. Em frente, noutra ala, cavalheiros elegantes, talvez condecorados, sorrindo, com o sorrir lívido e arrepanhado de atrapalhação (essa atrapalhação que vós reconheceis, a atrapalhação de manhã de exame!) e palpando no bolso traseiro da casaca o jornal que decoraram. No fundo, mamãs gordas de nariz pensativo. Entre as portas, papás, passando sobre a calva uma lenta mão que a ansiedade humedece. Dez horas. Um rolar de coche. Madame Sara Bernhardt entra, arrastando um desses tremendos vestidos de um esplendor quase furioso, compostos especialmente

para a repúblicas espanholas do Pacífico. E imediatamente as lindas damas decotadas, os cavalheiros condecorados, erguendo o braço direito, recitam, num coro largo, os folhetins de Jules Lemâitre no *Journal des Debats*! Não sei se havia acompanhamento de orquestra. Madame Bernhardt, no *Exame de Consciência*, não alude à orquestra. Era, pois, um recitativo seco, em que os barítonos exprimiam o que nos folhetins de Lemâitre há sempre de filosófico, e os sopranos, de rutilantes olhos, exprimiam o que neles há de ornadamente melódico. No meio da sala, sob o lustre, Madame Bernhardt respirava o aroma intelectual e crítico daquela personagem estupenda. Os folhetins de Lemâitre ocupavam então no *Journal des Debats* duas páginas, e por doze colunas

se alastravam. Certamente, de vez em quando, os criados circulavam, oferecendo aos coristas arquejantes água nevada e *azucarillos*. Depois de novo os braços se erguiam, o coro majestoso recomeçava e através das janelas abertas os periódicos melódicos de Lemâitre rolavam, lentamente se esvaíam na noite estrelada do Sul, como um incenso de fabricação francesa ofertado ao génio da terra francesa. E, sempre no meio da sala, Madame Bernhardt, imóvel no seu mirabolante vestido de exportação, com um sorrir divinal, aquele sorrir que hoje é só dela, depois de ter sido de Melpómene, aprovando a boa pronúncia e a boa memória da próspera nação chilena...

Meus amigos, fujamos deste espetáculo horrífico! Depressa, corramos

ao cais de Santiago! Depressa, trepemos ao tombadilho do paquete que fumega! O mar é benigno porque sabe quem sobre ele vai navegar... Já estamos passando o estreito de Magalhães, e ao longe, na costa, avistamos os fogos dos Patagónios. Na Patagónia... Mas deixai que eu consulte o *Exame de Consciência*, glorioso roteiro desta jornada gloriosa. Não! Na Patagónia. Madame Bernhardt, que vai connosco, não teve nenhuma ovação, nem sob a forma de folhetins, nem sob a forma de sessão legislativa. A proa do nosso paquete já rasga firmemente as águas onde se balançaram, hesitantes, as caravelas de Pedro Álvares. Eis o Rio de Janeiro. Salve, terra amável! O pão de Açúcar surge todo cor-de-rosa com uma fronte que a alegria ilumina...

Mas a folha do meu bilhete findou — necessito outra folha. Assim, folha com folha, se faz um bosque: um bosque onde eu me quereria esconder para não presenciar os casos estranhos e sombrios que, com Sara e por Sara, se vão passar nesta terra que é quase a minha terra.

Mas aí vem a catraia da Alfândega, e a *Dama das Camélias*, *D. Sol*, *Fedra*, outras ainda, tocantes ou terríveis, todas numa só, desembarcaram.

3

Enfim eis Madame Bernhardt nessas terras tão famosas de Santa Cruz, que (segundo se depreende do seu *Exame de Consciência*) ela, à maneira dos Sousas e dos Anchietas, foi simultaneamente conquistar e civilizar. E eu tenho pressa de chegar também ao caso estranho, à homenagem estranha que ela de vós recebeu, oh!, meus amigos, tal como vem nesse *Exame de Consciência*, com uma simplicidade, um tom de grave modéstia, que são deliciosamente tocantes. «No Brasil (diz Madame Bernhardt, em palavras que copio e que desejo fiquem para sempre adicionadas à história da república), no Brasil os

estudantes arrancavam os sabres e distribuíam cutiladas, porque os não deixavam desengatar os meus cavalos, meter os ombros nos varais e puxar eles a minha carruagem!»

Aqui está! É simplesmente esta beleza! E agora dizei se tal caso não ultrapassa em estranheza sombria todos os casos passados com Sara na sua imortal missão através da América! Ele contém todos os horrores. É a arma furiosamente arrancada! É o golpe e o sangue pingando! É toda-uma mocidade, primavera sagrada, que se engata aos varais de uma caleche e puxa trotando! Porque vós não puxastes... E o que torna o vosso ato humanamente atroz (por ser tão contrário à leis sagradas da humanidade nas suas relações com os veículos de rodas) é que vós não puxastes

envolvidos e como impelidos por um sentimento universal e congénere. Se todo o Brasil, num unânime entusiasmo, bradasse — *puxemos!* — vós poderíeis muito justificadamente, como cidadãos de uma república, obedecer a essa ardente decisão da soberania popular. Mas não! Ao contrário! Houve *alguém*, e alguém muito respeitável (como observou e contou Madame Bernhardt), que vos queria impedir de meter os ombros livres aos varais, e puxar! Quem foi esse *alguém?* O Estado, ciumento de que puxásseis a um carro que não era o carro dele? O génio da liberdade, indignado? Simplesmente a polícia zelosa, para obstar a que nas ruas se estabelecesse uma confusão deplorável entre as funções que pertencem aos cavalos e as funções

que pertencem aos estudantes? Não sei, Madame Bernhardt não o revela — mas houve *alguém.* Houve um peito generoso que se colocou entre vós — e os arreios que apetecíeis. Vós trespassastes esse peito com um ferro iracundo — e correstes para os arreios! É pois para esse degradante fim que a mocidade académica do Brasil arranca as espadas que lhe pendem da cintura airosa?... Mas sossegai — eu não lançarei aqui um paralelo sublime entre aqueles que se batem para sacudir um jugo e aqueles que se batem para obter um freio!

E não me digais, contritos, que Madame Sara é mulher, e que tem génio, e que visitou a Academia, e que vós contais vinte estouvadas primaveras, e que o sol do Brasil escalda — e que todas estas

circunstâncias estonteadoras vos precipitaram (uma noite em que o vinho de Colares estava especialmente fresco e saboroso) da intelectualidade na cavalidade! Ocas desculpas, meus doces amigos. Quando eu era estudante, também Coimbra foi visitada por belos génios, sob o sol exaltador de maio, estando já desabrochada a flor do Ponto. Veio um prestidigitador; veio um rabequista; veio a divina Gabriela, que já me não recordo se dançava na corda, se representava melodramas, mas que era divina. Nós acolhemos todos esses génios soberbamente, como homens livres. Convidámos o rabequista a cear, na taverna do Cavalheiro, essa sardinha e esse bife sombrio que, desde os tempos de el-rei D. Dinis, a Academia de

Coimbra oferece às almas onde descobre verdadeira grandeza. Nessa ceia, justamente, o *Colares* esteve, como nunca, fresco e saboroso — e mais tarde, alta noite, na Couraça dos Apóstolos, sob o luar enfiado de maio, espancámos o rabequista. À divina Gabriela dedicámos sonetos excelsos, de subtil e coruscante rima. Depois um belo moço passou, cravou em Gabriela um olhar fatal e negro e Gabriela seguiu o belo moço para uma casinha branca que ficava entre as acácias de Santa Clara, onde a vida lhe correu, submissa e doce, consertando a roupa branca do belo moço que passara. Assim Coimbra, no seu tempo, tratava os génios que a visitavam, exatamente como Jerusalém tratava os profetas que a ela vinham — e que logo eram submetidos

pela sua força, ou corrompidos e presos pelo encanto da sua graça. Decerto, ninguém na Europa quereria que vós espancásseis Sara. Esses desastres são mais adequados aos rabequistas. Mas seria honroso para o Brasil e para a sua mocidade que Sara, a triunfal, se quedasse entre vós, com o coração vencido, nalguma clara chácara, entre mangueiras, consertando roupa branca! Não!, em vez disso, depois de duras cutiladas naqueles que vos queriam salvar do humilhante serviço — desengatastes as éguas de Sara, lançastes aos ombros democráticos os tirantes de Sara, e puxastes a caleche de Sara, trotando, talvez relinchando!

Caso horrífico — e inesperadamente novo. Que o céu seja ardente ou gélido, por toda a parte a

mocidade é excessiva e fantasista. Em Coimbra eu assisti aos delírios mais variados — e de todos partilhei. Fizemos três revoluções; derrubámos reitores excelentes, só pelo prazer de derrubar e exercer a força demagógica; proclamámos uma manhã a libertação da Polónia, mandando um cartel de desafio ao czar; penetrámos, em comissão, num cemitério para intimar a morte a que nos revelasse o seu segredo; destruímos uma noite, através da cidade, todos os mastros e arcos de buxo e molhos de bandeiras e obeliscos de lona, erguidos para celebrar não sei que glória nacional, porque eles contrariavam as leis da nossa estética; abandonámos a Universidade, num clamoroso êxodo, para ir fundar nos arredores do Porto uma civilização mais

ou menos em harmonia com o nosso horror aos compêndios; atacámos e dispersámos procissões por as não considerar suficientemente espiritualistas; organizámos uma associação secreta para renovar a guerra dos titãs e destronar Jeová... Fomos medonhos — e quase todos os anos nos batemos com as tropas que o Governo mandava para nos manter dentro da decência e do raciocínio. Na realidade (com exceção de estudar) tudo fizemos — mas nunca metemos os ombros aos varais de carros, nunca puxámos...

E todavia, todavia... Sim!, puxámos! Nem eu desejo esconder esse facto, que nos honra. Puxámos, em 1867. Puxámos uma pesada caleche forrada de damasco azul, a galope, relinchando de puro entusiasmo... Mas sabeis vós quem

nós assim puxávamos através das históricas ruas de Coimbra? O vigésimo oitavo rei de Portugal, que descera do seu trono oito vezes secular para visitar a Academia. E sabeis vós o que fizera esse rei para que nós assim o puxássemos com tão quadrupedante e relinchante amor? Esse rei magnânimo, logo ao entrar em Coimbra, por aquela Ponte Velha, que foi talvez o mais doce, poético e encantado lugar da Terra, ergueu a sua mão real e concedeu à Academia oito dias de feriado! Oito dias de feriado!... Desde logo (como compreendeis) este nobre rei tomou para nós as proporções augustas de um Trajano, de um Tito, de um Marco Aurélio, de um desses imperantes providenciais, a quem Deus, por suas próprias mãos, compõe uma alma

especialmente virtuosa para que eles tornem os povos ditosos. Um tão imenso benfeitor não poderia ser puxado através das ruas de Coimbra pelos mesmos animais inferiores que puxam os ónibus, as carroças do lixo ou as vitórias da burguesia iletrada. À sua grandeza moral competiam, como à glória de Alexandre, *o Grande*, ao entrar em Babilónia, fulvas parelhas de leões de juba heroica. Em Coimbra, porém (pelo menos no meu tempo), não abundavam os leões. Os únicos animais superiores e heroicos éramos nós, os estudantes. Os lentes, esses sempre os considerámos como animais inferiores e, além disso, irracionais. De sorte que não hesitámos perante este serviço de cocheira. E para que esse nobilíssimo rei fosse nobremente

puxado — puxámos nós, com nobreza. Metendo os ombros aos varais cumprimos um alto dever cívico, porque conservámos àquele rei admirável, que nos dera oito dias de feriado, o prestígio e o brilho vitorioso que lhe falhariam se o puxassem simples cavalos sem educação, sem exames de latim e lógica, sem noções de direito romano, sem opiniões metafísicas, sem luvas, sem ideal!

Aqui estão os motivos transcendentes por que nós puxávamos a carruagem. Mas vós, desgraçados!... Madame Bernhardt não vos deu oito dias, nem mesmo um solitário e curto dia de feriado — e vós desengatais os cavalos da *Dama das Camélias* e trotais sob as rédeas de *Fedra*! Que fareis vós, então, quando de novo possuirdes um imperador

ou um rei, e esse imperante, na sua amorosa visita de reconciliação à mocidade, vos der oito, ou talvez (porque no Brasil é tudo grande) dezasseis dias de feriado! Dezasseis dias! Oh!, meus irmãos de além-mar — dezasseis dias! Que fareis então, nesse deslumbramento incomparável? Decentemente não podeis prestar a esse imperante magnífico as horas que destes a uma bela dama, só porque ela recitava Racine — pondo os seus moribundos olhos em alvo. Vós desperdiçastes assim, com uma simples atriz ambulante, a homenagem que a humanidade (pelo menos deste lado do Atlântico) reserva para os profetas, os enviados de Deus, os grandiosos dadores de feriados!

E o mais desgraçado é que agora

toda a cómica genial ou dançarina sublime que vá ao Brasil espera a vassalagem que prestastes a Sara e que Sara papagueou logo estridentemente ao mundo, em cima da coluna triunfal do *Figaro*. Certamente em breve recebereis a visita da falada Réjane, de Hading, a bela, ou da muito garota e muito plangente Ivette Guibert. E, arrepiado de horror, já daqui vejo essa Guibert, horas depois de desembarcar na vossa terra, descendo as escadas do hotel, calçando aquelas imensas luvas pretas que são a parte mais considerável do seu talento, e dizendo risonhamente ao criado:

— Estou pronta... Mande engatar os estudantes.

E por fim, para findar, sabeis vós qual é o verdadeiro e íntimo horror do vosso caso? É que vós nunca arrancastes

essas espadas (que de resto não usais) e nunca na realidade puxastes a essa carruagem que Madame Bernhardt concebeu. Mas todos vós, que tendes algumas noções, mesmo incertas, de metafísica, conheceis o grande princípio de Kant. Este ultraprofundo filósofo estabeleceu que para nada importa a existência ou não existência das coisas — e só importa a crença ou não crença que os homens têm nas coisas. Assim é perfeitamente indiferente que Cristo, como Cristo, existisse realmente numa certa província romana que se chamava a Judeia: o que importa, e importou para a transformação do mundo, foi que os homens acreditassem na existência de Cristo, como Cristo. No universo não existe, com certeza, senão o pensamento

— e desde que o pensamento se concretiza e cria um ser ou um facto, esse facto ou esse ser *existem*, e de uma existência indestrutível, porque participa da indestrutibilidade do pensamento. Ora, hoje toda a Europa culta que lê o *Figaro* claramente e firmemente crê que vós puxastes a essa carruagem que o fogoso pensamento de Sara criou, para sua maior glória. E, portanto, segundo esse sólido princípio de Kant que todas as escolas reconhecem — vós puxastes... E agora, para todo o sempre, na Europa que lê o *Figaro* a ideia de estudantes do Brasil se ligará a arreios, a freios e a uma caleche cheia de Bernhardt, que rola, num trote entusiástico, levando entre os varais, em vez de burros, doutores.

Tal é a derradeira criação da

pérfida Sara! Quando ela voltar ao Brasil não lhe arranqueis o coração pelas costas. E depois considerai que a inspirada senhora necessitava justificar a cruz da Legião de Honra — e deslumbrar, com uma estupenda lista de triunfos, o Estado, que lha devia resvalar entre o prato e o guardanapo. Por isso no Brasil ela vos atrelou à sua carruagem! Por isso na Canadá arrastou atrás do seu trenó o poder legislativo! Por isso forçou aquelas pobres senhoras do Chile a' recitar os folhetins do bom Jules Lemâitre, que é influente na *Revista dos Dois Mundos* e portanto nos ministérios... E tudo debalde, oh gentil *D. Sol*! O Estado, obtuso e duro, não se comoveu, não foi ao Grand Hôtel, pé ante pé, meter entre o guardanapo e o prato de Sara a cruz da Legião de Honra.

Madame Bernhardt necessita portanto apresentar outra lista de triunfos ainda mais decisivos, de homenagens ainda mais prodigiosas! E para o ano, quando voltar a estação das apoteoses e das cruzes, a boa Madame Bernhardt, rigidamente sincera e verídica, trepará de novo à alta coluna do *Figaro*, e publicará, perante a Europa atónita, outro *Exame de Conciência*, em que dirá, com palavras que para sempre ressoarão através da história: «Nos Estados Unidos do Norte, todas as manhãs, antes de almoço, eu trotava pelas avenidas de Washington montada no presidente MacKinley!»

As Catástrofes e as Leis de Emoção

Desde que não conversamos, meus amigos, este nosso Velho Mundo e os outros mais velhos que se estendem para Oriente têm sido visitados por males inumeráveis, uns trazidos pelas violências da Natureza, outros pela violência dos homens, porque o consciente e o inconsciente (se é que este realmente existe) rivalizaram, como sempre, na produção da dor.

No Japão foi um desses pavorosos «macaréus», que tanto assustavam os nossos navegadores do século XVI, invadindo em desmedido vagalhão léguas

de costa e lambendo aldeias, cidades, centenas de milhares de criaturas, como se fossem apenas conchas e areia leve. Na China a costumada transbordação de rios, afogando nessa noite quinhentos mil chineses, um milhão de chineses, todo um imenso e escuro formigueiro chinês, com a simplicidade com que entre nós um riacho, depois da chuvas, alaga um feijoal em uma horta ribeirinha. Na Índia a peste junta com a fome, à velha maneira oriental, com esse horrendo feitio das expiações bíblicas em que os esfaimados findam por comer os cadáveres, e os pestíferos, aos centos, agonizam à beira dos caminhos, em breve todos brancos de ossadas.

Na Arménia uma prodigiosa matança de trezentos mil cristãos,

metodicamente dirigida pelas autoridades muçulmanas, com muita ordem, muito vagar, horas regulamentares para assassinar e para descansar e uma escrupulosa escrituração.

Na Turquia e na Grécia uma guerra, que não ressuscitou a luta clássica do orientalismo e do helenismo (porque já não há orientais e ainda menos helenos), mas renovou uma briga entre a cruz e o crescente, briga toda concebida no espírito do século XIX, racionalista e positiva, em que os príncipes cristãos (até o papa) se colocaram num utilitário entusiasmo do lado do crescente, de sorte que a cruz teve de fugir com um dos braços partidos por esses caminhos tessálicos por onde outrora o Grego costumava alegremente acossar o Persa

numeroso. Na ilha de Creta, tão querida a Júpiter, horrores inenarráveis, sob a vigilância pensativa e paternal de seis esquadras da Europa. Em Espanha bombas e suplícios. E enfim neste Paris o dia doloroso em que a ciência, sob a forma de um cinematográfico, queimou por seu turno, num vasto auto de fé, a religião, representada por piedosas senhoras que celebravam uma festa de devoção e caridade católica...

Mas eu não sei, meus amigos, se estas desgraças realmente vos interessam, vos comovem — porque a distância atua sobre a emoção exatamente como atua sobre o som. A mesma dura lei física rege desgraçadamente a acústica e a sensibilidade. É sempre em ambas o idêntico e tão racional princípio das

ondulações, que vão decrescendo à maneira que se afastam do seu centro, até que docemente se imobilizam e morrem: se elas traziam um som que vinha vibrando — o som cala quando elas param: se traziam um terror que vinha tremendo — o terror finda quando elas findam.

Bruscas, grossas, frementes, rápidas em torno ao choque que as produziu, essas ondulações não são mais, nos horizontes remotos, do que um vago, quase liso arfar, que mal se diferença da inércia. Senão vede! Em Pequim, subitamente, uma tarde, ribomba um pavoroso trovão — e ao mesmo tempo pega fogo na vistosa cabaia de um mandarim muito ilustre, que morre queimado. Por todo Pequim a impressão é

tremenda. Até o imperador, filho do Sol, nos seus grandes jardins, estremeceu, aterrado com aquele imprevisto troar de um céu puro: e nas vielas mais sórdidas os *coolies* mais piolhentos interromperam um momento o seu negro trabalho para lamentar com exclamações o mandarim muito ilustre. Mas aí está! A vinte ou trinta léguas de Pequim o terrífico trovão foi apenas um rumor que se confundiu com o rolar das carroças nas lajes — e, quando se contou nas lojas loquazes dos barbeiros o desastre do mandarim em chamas, só algum nédio funcionário, com sabão na bochecha, murmurou oficialmente algum «ah!» desinteressado e mole...

É que o som do trovão e a emoção do desastre vieram trazidos por

ondulações, que, a trinta léguas de Pequim, seu centro vivo, já se alisavam, imobilizavam, morriam. E quando aqui na Europa, de manhã, sabemos pelo telégrafo bisbilhoteiro do mandarim e do trovão, nem o nosso ouvido sente o mais ténue som, nem o nosso coração a mais ténue piedade.

Não ondularam até nós as ondulações acústicas e emotivas. E é com absoluta placidez que murmuramos: «Houve em Pequim um grande trovão; e — tem graça! — ardeu um mandarim!»

Mas então essa confraternidade humana — pela sublime força da qual nada do que é humano deve ser alheio ao homem? Não existe? Oh, certamente — mas para todo o homem, mesmo o mais culto, a humanidade consiste

essencialmente naquela porção de homens que residem no seu bairro. Todos os outros restantes, à maneira que se afastam desse centro privilegiado, se vão gradualmente desarmonizando em relação ao seu sentimento, de sorte que os mais remotos já quase os não distinguem da Natureza inanimada. Quando qualquer de nós, no seu quieto e salubre bairro, ouve contar que uma furiosa peste matou trinta mil patagónios, fica exatamente penetrado daquela quantidade de compaixão que o invadiria ao saber que um furacão derrubara trinta mil árvores de um bosque. E de um bosque muito longínquo, de uma região muito desconhecida! Porque se as árvores destruídas fossem as do nosso doce Bosque de Bolonha, que nós amamos, tão ornadas e verdes em

maio, tão puramente vestidas de branca neve quando o inverno se faz elegante e fino — a nossa mágoa teria uma intensidade infinitamente mais viva do que com a aniquilação desses vastos milhares de patagónios.

E esta estreiteza da emoção deriva de leis tão fatais que não se dá somente nas almas de caridade estreita — mas ainda nas mais temas e nas mais largas, naquelas que parecem abrigar na sua amplidão do padecer humano... O bom senhor S. Vicente de Paulo, a quem o encontro de uma criancinha tremendo de frio ao canto de uma rua arrancava prantos desolados, que corriam enquanto ele corria com a criancinha sofregamente apertada nos seus braços, só teria um pálido e resignado suspiro quando

ouvisse que, também na Tartária, em outras vielas regeladas, outras criancinhas tiritavam e choravam — se é que a homem tão ocupado com as misérias de França restava tempo para suspirar com as misérias da Tartária. E até talvez o muito divino S. Francisco, o adorável pobrezinho de Assis, irmão de todos os seres e para quem os próprios passarinhos das veigas de Itália eram irmãos muito queridos, não sentisse a sua costumada ternura, tão alvoroçada e ativa, pelos pobres da Noruega, e não se reconhecesse inteiramente irmão dos pardaizinhos da Finlândia!

A superior sapiência das nações já formulou esta lei naquele seu fino adágio: «O coração não sente o que os olhos não veem.» Para chorar é necessário ver. A

mais pequenina dor que diante de nós se produza e diante de nós gema, põe na nossa alma uma comiseração e na nossa carne um arrepio, que lhe não dariam as mais pavorosas catástrofes passadas longe, noutro tempo ou sob outros céus. Um homem caído a um poço na minha rua mais ansiadamente me sobressalta que cem mineiros sepultados numa mina da Sibéria — e um carro esmagando a pata de um cão, em frente à nossa janela, é um caso infinitamente mais aflitivo do que a heroica e adorável Joana d'Arc queimada na praça de Ruão!

A distância e o tempo fazem das mais grossas tragédias ligeiras notícias — onde nenhum espírito são, bem equilibrado, encontra motivo de angústia ou pranto. Hoje certamente ninguém, a não

ser algum velho e alto dignitário da Igreja ou do Estado, assistiria, com os olhos secos e o coração quieto, ao suplício de Joana d'Arc — mas nenhum fisiologista garantiria a sanidade intelectual de um sujeito que, na solidão da sua alcova, com as janelas cerradas, se desfizesse em lágrimas por os Ingleses terem outrora supliciado Joana d'Arc.

No entanto, vós observais, amigos, que já repetidamente chorastes (porque sois bons) com dores humanas, não somente sucedidas longe do vosso bairro, mas fora do vosso século; e algum mesmo me mostrará, como emblema irrecusável da confraternidade humana, o lenço sentidamente humedecido na véspera ao escutar os adeuses de Luís XVI aos filhos na prisão do Templo, ou mesmo a antiga

Inês de Castro balbuciando as suas suplicias aos pés do antigo Afonso IV!

Decerto! E mesmo já muitas vezes tereis sufocado generosos soluços com misérias e tormentos de criaturas que só viveram no mundo aéreo da imaginação e do sonho. Mas quando, onde foi que assim vos comovestes, tão humanamente? Quando? Onde? No teatro, ou nas páginas de um romance, ou mesmo através dos sinceros versos de um poema, quando a arte, encarnando os seres dolorosos que concebeu ou ressuscitando com flagrante e magnífica realidade as figuras mortas da história, torna durante um momento essas criaturas, não somente vossas contemporâneas, mas vossas vizinhas, moradoras no bairro em que morais, respiradoras do ar que respirais, e

pertencentes portanto àquela porção de humanidade próxima e tangível, cujas dores se partilham, porque confinam com as nossas... E depois, tal sujeito — que choramingou, no fundo do seu camarote, assistindo à morte da Dama das Camélias, morta pela milésima vez, na sua alcova de lona e papelão — recolherá a casa e lerá no jornal, com absoluta indiferença, mastigando a torrada, que duzentas mulheres, com os filhinhos nos braços, morreram afogadas num naufrágio, longe, nos mares da Indochina! Sim, amigos, essas duzentas mães afogadas nas vagas indochinesas certamente vos serão estranhas, e como não existentes! Se elas tivessem naufragado nos mares dos Açores, já sem dúvida tão patética nova vos arrancaria algum vago murmúrio de

simpatia.

Mas se elas houvessem perecido, elas e os pobres filhinhos, na baía do Rio de Janeiro, que incomparável catástrofe — e como vós correríeis pelas ruas, pálidos cheios de espanto!

Que digo eu? Para vos comover nem seriam necessárias duzentas desgraçadas — bastaria que naufragassem *duas*, se vós as conhecêsseis de nome e de rosto! Porque, segundo a cruel lei física que regula os fenómenos da emoção — um empregado da Alfândega que caiu de um barco e desapareceu na baía do Rio de Janeiro vale, para o habitante do Rio, mil pescadores despedaçados sobre os rochedos nas costas da Islândia!

Ah, esta abominável influência da distância sobre o nosso imperfeito

coração!

Bem recordo uma noite em que, numa vila de Portugal, uma senhora lia, à luz do candeeiro, que dourava mais radiantemente os seus cabelos já dourados, um jornal da tarde. Em torno da mesa outras senhoras costuravam.

Espalhados pelas cadeiras e no divã, três ou quatro homens fumavam, na doce indolência do tépido serão de maio. E pelas janelas abertas sobre o jardim entrava, com um sussurro das fontes, o aroma das roseiras. No jornal que o criado trouxera e ela nos lia, abundavam as calamidades. Era uma dessas semanas também em que pela violência da Natureza e pela cólera dos homens se desencadeia o mal sobre a Terra.

Ela lia as catástrofes lentamente,

com a serenidade que tão bem convinha ao seu sereno e puro perfil latino. «Na ilha de Java um terramoto destruíra vinte aldeias, matara duas mil pessoas...» As agulhas atentas picavam os estofos ligeiros; o fumo dos cigarros rolava docemente na aragem mansa — e ninguém comentou, sequer se interessou pela imensa desventura de Java. Java é tão remota, tão vaga no mapa! Depois, mais perto, na Hungria, «um rio trasbordara, destruindo vilas, searas, os homens e os gados...». Alguém murmurou, através de um lânguido bocejo: «Que desgraça!» A delicada senhora continuava, sem curiosidade, muito calma, aureolada de ouro pela luz. Na Bélgica, numa greve desesperada de operários que as tropas tinham atacado, houvera entre os mortos

quatro mulheres, duas criancinhas...

Então, aqui e além, na aconchegada sala, vozes já mais interessadas exclamaram brandamente: «Que horror!... Estas greves!... Pobre gente!...» De novo o bafo suave, vindo de entre as rosas, nos envolveu, enquanto a nossa loura amiga percorria o jornal atulhado de males. E ela mesma então teve um «oh!» de dolorida surpresa. No Sul da França, «junto à fronteira, um trem descarrilando causara três mortes, onze ferimentos...». Uma curta emoção, já sincera, passou através de nós com aquela desgraça quase próxima, na fronteira da nossa península, num comboio que desce a Portugal, onde viajam portugueses... Todos lamentaríamos, com expressões já vivas, estendidos nas poltronas, gozando a

nossa segurança.

A leitora, tão cheia de graça, virou a página do jornal doloroso, e procurava noutra coluna, com um sorriso que lhe voltara, claro e sereno.... E, de repente, solta um grito, leva as mãos à cabeça:

— Santo Deus!...

Todos nos erguemos num sobressalto. E ela, no seu espanto e terror, balbuciando:

— Foi a Luísa Carneiro, da Bela Vista... Esta manhã! Desmanchou um pé!

Então a sala inteira se alvorotou num tumulto de surpresa e desgosto.

As senhoras arremessaram a costura; os homens esqueceram charutos e poltrona; e todos se debruçaram, reliam a notícia no jornal amargo, se repastavam da dor que ela exalava!... A Luisinha

Carneiro! Desmanchara um pé! Já um criado correra, furiosamente, para a Bela Vista, buscar notícias por que ansiávamos. Sobre a mesa, aberto, batido da larga luz, o jornal parecia todo negro, com aquela notícia que o enchia todo, o enegrecia.

Dois mil javaneses sepultados no terramoto, a Hungria inundada, soldados matando crianças, um comboio esmigalhado numa ponte, fomes, pestes e guerras, tudo desaparecera — era sombra ligeira e remota. Mas o pé desmanchado da Luísa Carneiro esmagava os nossos corações... Pudera! Todos nós conhecíamos a Luisinha — e ela morava adiante, no começo da Bela Vista, naquela casa onde a grande mimosa se debruçava do muro, dando à rua sombra e perfume.

CARTAS FAMILIARES DE PARIS

Primeira edição: 1907

Joana d’Arc

1

Meus amigos: aconteceu uma desgraça a Joana d'Arc. A donzela de Orleães, a boa e forte lorena, salvadora do reino de França, foi beatificada pela Igreja de Roma. E (sem malícia voltairiana o digo) com a sua entrada no céu ela está perdendo o prestígio que tinha na Terra, e a sua santidade já irremediavelmente estragou a sua popularidade.

Não havia, contudo, figura da história aperfeiçoada pela lenda que fosse mais popular em França que Joana d'Arc, *La Pucelle*. Também nenhuma outra concorda mais estreitamente com os gostos, os ideais e as qualidades melhores

da raça francesa. Em primeiro lugar, é mulher, e moça, e bela, e loura, e soberbamente feita, como afirmam todas as crónicas, desde a *Espanhola* até à de João de Metz — e isto desde logo a devia tornar querida a um povo tão sensível, como o francês, às graças e influências da formosura, ao povo que verdadeiramente criou, no culto da Virgem, o culto da mulher, rainha de graça. Depois saíra da plebe, de uma família de lavradores da aldeia de Domremy, na Lorena, que da servidão dos senhores de Joinville tinha passado para o direto domínio da coroa, que trabalhavam a terra por suas mãos ou pastoreavam o gado, enquanto ela ficava fiando à lareira com a mãe, numa simplicidade de vida tão grande que nunca soube ler nem escrever — e a

humildade desta origem naturalmente encantou sempre a gente humilde que, no fundo da Inspirada, da companheira do rei de França, encontrava uma irmã em ignorância e pobreza, coberta com um mau saiote escarlate, uma *paupercula bergereta*. Depois a sua ação no mundo é de guerreira que assalta as muralhas, ergue um pendão, desbarata hostes — e esta é a glória mais amada e popular entre a raça gaulesa, raça de guerra e de ruído, cujo génio não foi ao princípio senão movimento e conquista, e que, como diz Estrabão, é «doida pela espada e sempre sôfrega de brigas». Depois a sua missão foi expulsar o verdadeiro inimigo da França, o inglês invasor; e nenhuma outra poderia exercer mais prestígio entre um povo que conserva como uma das formas

do patriotismo a antipatia tradicional pelo Anglo-Saxónio. Enfim, tão profundamente francesa é Joana d'Arc que permanece absolutamente francesa, mesmo naqueles estados de alma que são mais alheios ao génio da França — os de alucinação e de inspiração mística.

Imagine-se uma espanhola, do tipo de Santa Teresa, que recebesse como Joana tão repetidas e visíveis visitas do arcanjo S. Miguel, armado da sua couraça de diamante e transmitindo-lhe o grave recado de Deus, a incumbência heroica de desbaratar os inimigos da Espanha!

O que não faria a espanhola — que transportes, que intensidade de paixão trasbordando em gritos e hinos, que arrojos de demência divina! A donzela lorena, essa, cercada de vozes, de

claridades celestes, tratada como uma irmã por grandes santas, levada pela vontade de Deus como num rijo vento, conserva-se muito simples, muito prudente, cheia de bom senso, penetrando e decidindo as coisas da guerra e do Estado com o propósito sagaz e bem-avisado de um conselheiro que encaneceu nos negócios.

É isto que dá à pobre pastora, *paupercula bergereta*, uma tão encantadora originalidade.

Visões, como as dela, quem as não teve na Idade Média? A França, mesmo no tempo de Joana, estava cheia de inspirados que conversavam com Cristo, suavam sangue, arrastavam multidões pelo enlevo das suas prédicas ou a evidência dos seus milagres. Mulheres tomando uma

lança, combatendo nos assédios, derrotando astutos capitães, também não eram raras, mesmo nesse prosaico século XV; e, contemporaneamente com Joana, as matronas da Boémia batalhavam nas guerras dos Hussitas como «muito ferozes diabos», segundo diz o velho Monstrelet. Inspiradas e amazonas não faltavam — o que nenhuma tinha, como Joana, era o sério e fino juízo no meio da alucinação mística e doçura e bondade tema em meio dos recontros e da brutalidade das armas. Esta é a sua privilegiada originalidade. E foi ela que atraiu essa esplêndida popularidade de padroeira nacional.

Esta glória de Joana, todavia, nem sempre permaneceu intacta e luzente. E bem se pode afirmar que, logo em seguida à sua reabilitação por Calisto III, e como

se a França tivesse saldado a sua dívida para com a pastora, que por ela vivera e sofrera, Joana d'Arc começou a ser esquecida. A sua memória devia ser mesmo importuna à coroa e às classes nobres. Ter recebido um trono, e um trono hereditário, das mãos de uma guardadora de ovelhas, nunca pode ser uma recordação agradável para uma velha casa real. O clero, esse não tinha senão interesse em que se estabelecesse um pesado silêncio sobre aquela santa, que ele queimara por um desses enganos tão frequentes nos cleros constituídos, desde o pavoroso engano do Gólgota. E o povo então, em França, ainda não existia como povo francês — era apenas um agregado de povos diferentes, sem comunhão de sentimentos, donde nascesse um culto

patriótico por quem tão apaixonadamente trabalhara na unidade da pátria. Creio em verdade que, quando o último daqueles capitães ingleses, para cuja expulsão ela se armara à voz de Deus, deixou o solo de França, já Joana era apenas lembrada com amor por algum obscuro servo da sua aldeia de Domremy, ou por algum grato burguês dessa Orleães que ela salvara.

Os poetas do século XVI todavia ainda cantam a virgem lorena; mas, através do naturalismo pagão da Renascença, ela aparece com feições lamentavelmente deformadas. Já não é a doce, a cândida virgem cristã, iluminada por Deus para tirar da sua dor o pobre reino da França — mas uma valente amazona, amando o sangue, a guerra, e correndo a ela pelo mero e brutal desejo

de destruir, de retalhar! Assim a representa um poeta do tempo, armada, como uma Diana, de arco e de flechas, e toda consagrada ao homicida Marte...

Para o ilustre Malherbe, Joana é um hércules feminino, um grosso hércules façanhudo, cuja violenta morte vem como natural conclusão de violentas aventuras, e que:

...Ayant vécu comme un Alcide
Devait mourir comme il est mort.

Assim desfigurada pela Renascença, a donzela lorena conserva no entanto uma certa grandeza heroica. Está tomada numa virago, do tipo truculento da nossa padeira de Aljubarrota, mas ainda se impõe pela força, pela bravura, pelo

patriotismo. Chega porém Chapelain... Conhecem decerto Chapelain, o único homem, desde que há homens, educado cuidadosa e expressamente pela família para ser um poeta épico!

E foi, com efeito, um poeta épico — e de todos os poetas, em todos tempos, o mais estupidamente fastidioso e ridículo. O assunto do seu enorme poema foi (infelizmente para ela) a infeliz Joana d'Arc. Um segundo processo de condenação não teria sido mais funesto à boa libertadora do reino de França do que esta medonha epopeia que a sublimava.

A fogueira atiçada na praça de Ruão apenas a matou — mas o poema de Chapelain tornou a sua memória perfeitamente risível. Com tão difusa pieguice e patetice celebrou este cruel

homem durante trinta intermináveis cantos a virgindade de Joana, que ninguém mais depois pôde pensar nessa virgem sem ter a tentação de lhe troçar a virgindade. O poema era tão tolo que pedia represálias. Foi Voltaire que se encarregou das represálias, nessa famosa e conhecida gaiatice a que deu o mesmo nome da epopeia de Chapelain, *La Pucelle*.

Voltaire fez mal — e decerto hoje, se ressuscitasse, reconheceria que a virgem exaltada e vitoriosa que restituiu a terra de França ao rei de França, merecia melhor que a troça cintilante de um satirista genial. É um erro porém supor, como pretendem agora os católicos e os patriotas, que já no tempo de Voltaire a sua grande facécia sobre a boa donzela lorena fora reprovada. Pelo contrário!

Todo o século XVIII aplaudiu a facécia — e a conceção de uma Joana d'Arc patusca e libertina foi considerada como perfeitamente racional. As pessoas mais graves saboreavam e sabiam de cor cantos inteiros da *La Pucelle*, de Voltaire. O virtuoso Malesherbes, ele próprio, pesadíssima coluna de respeitabilidade, costumava recitar, com gosto, alguns dos trechos mais picantes deste gaiato poema. Era uma ideia geral então, por todos recebida, que só se podia falar da donzela lorena galhofando.

2

Ao nosso século romântico e romanesco, sensível e simpático a todos os complicados e exaltados estados de alma, cheio de uma piedade filial pelo passado e sôfrego de espiritualidade, competia empreender a reabilitação de Joana d'Arc. Já Chateaubriand, no seu majestoso passeio através da história da França, encontrando Joana d'Arc, lança aos seus pés, de passagem, algumas maravilhosas flores de eloquência, como as sabia produzir esse mágico renovador do estilo e da imaginação.

Mas a verdadeira reabilitação foi feita realmente por Michelet, em três ou quatro capítulos da *História de França*,

que fixaram a beleza e a grandeza moral de Joana. A figura que Michelet impõe, porém, à nossa adoração não é rigorosamente histórica. Como sempre, aquele vidente da história idealiza e simboliza com excesso e paixão. *La Pucelle* não era exatamente essa pastorinha doce, toda inocência e bondade, tímida e pensativa, murmurando apenas sublimes palavras de caridade e ternura divina, cheia de horror pela violência e pelo sangue, tão evangelicamente pacífica no meio da guerra que trazia uma bandeira ou um bastão, para que as suas mãos cândidas nem sequer tocassem a espada que fere e mata. Todas as testemunhas contemporâneas nos contam uma outra Joana bem diferente, e talvez mais

interessante, por ser mais humana. A virgem lorena, sem ter nada da virago hercúlea e façanhuda que cantavam os poetas da Plêiade, era uma vigorosa e corpulenta moça alegre, quase folgazã, sem timidez, de uma grande audácia de palavra e de ação, cheia de confiança em si e na sua missão e não desistindo por vezes de uma boa e dura briga. É ver como ela graceja como Robert de Baudricout, capitão de Vaucouleurs, a quem viera pedir salvo-conduto e cartas credenciais para se apresentar a Carlos VII. O bravo capitão, com a sua grossa malícia tarimbeira, chasqueia a moça, por escolher a carreira das armas, em lugar de casar honestamente na sua aldeia com um belo mocetão que lhe faça belos filhos. Ao que *La Pucelle* responde logo, com

agudez e desenvoltura alegre:

— Mais tarde, mais tarde! Quando eu tiver cumprido tudo o que Deus me manda, então conto arranjar três filhos, e o primeiro há de ser papa, e o segundo imperador, e o terceiro talvez rei!

O bom capitão acode com redobrada galhofa:

— Por Deus!, então quero ser o pai de um deles! Que se têm de ser pessoas de tão grande marca, arranjo assim protetor para a velhice!

E a donzela lorena replica com singular finura:

— Não, não, gentil Robert! Quem os há de fazer é o Espírito Santo!

Linda réplica! Mas como estamos longe da virgem timorata e cândida de Michelet!

Enquanto ao seu caridoso horror pela guerra e pelo sangue, é certo que ela disse mais de uma vez, e com sincera dor, que «nunca via derramar sangue francês, sem que se lhe erguessem os cabelos na cabeça»! Assim era para com o sangue francês — mas a sua compaixão diminuía consideravelmente quando se tratava de sangue de borgonheses ou de ingleses. No cerco de Orleães, o seu intendente Aulon conta que a viu repetidamente acutilar o inimigo *bastamente e rudemente*. No assalto ao bastião de Saint-Loup, Joana planta o seu estandarte nos fossos: os ingleses que estão dentro, uns trezentos, oferecem render-se, se lhes dão vida salva; Joana recusa, gritando «que os há de agarrar um a um»! São agarrados, e um a um passados a fio de espada. Ela

própria fala de uma certa catana tirada a um prisioneiro borgonhês, e de que gostava de se servir, por ser muito cómoda e larga para a *boa pranchada*. O que mostra que, se a valente virgem nem sempre acutilava, pelo menos sempre pranchava.

De resto, bater com um pau, um rijo bastão, que segundo a moda do tempo ela trazia sempre na mão, era um dos seus hábitos mais espontâneos em dias de ação e de pressa.

Nenhum destes traços diminui *La Pucelle* — antes a toma mais tocante, porque a mostra mais real.

Enquanto à sua castidade, essa era perfeita, absoluta. O seu heroísmo, a origem celeste da sua missão, a simplicidade infantil da sua virtude, quase

a tomavam insexual. Os rudes homens que a cercavam (como eles mesmo contam) não sentiam diante dela nem a fugidia picada de um vago desejo, apesar da sua beleza robusta e grandemente apetecível. Só a sua coragem lhes fazia lembrar que Joana era uma mulher, para mais estranhamente a admirarem.

O duque de Alençon, o mais formoso dos cavaleiros que a seguiam, e o seu preferido como sobrinho do duque de Orleães, a cuja causa ela se votara, conta que muitas vezes dormira ao lado de Joana, debaixo da mesma barraca, e a vira despir a armadura, mostrar o quem couraça escondia *(videbat ejus mammas quae pulchrae erant),* sem que o importunasse um único desejo de carne e de pecado. Pelo contrário! Dormia mais

serenamente, por se sentir sob uma proteção angélica. E se ela para os homens era assim tão pouco mulher — para ela os homens com quem vivia promiscuamente, moços, e galantes, e bravos, eram, pelo lado da virilidade, menos que sombras ou abstrações.

Todas estas feições formam uma Joana d'Arc muito viva, muito real, perfeitamente compreensível, e de todo adorável. Mas, ao lado desta, Michelet compôs uma outra Joana, de uma graça mais frágil, cheia de caridade, da angelidade resignada de uma mártir — e foi essa que a poesia, e a arte, e o povo escolheram para adorar e celebrar.

Esta popularidade, esta devoção, subiu ao seu maior fervor depois dos desastres do Ano Terrível. A França,

então, num certo ponto se assemelhava à França dolorosa de Carlos VII — e era que metade do seu território estava invadido pelo estrangeiro, e que os alemães de Moltke, como os ingleses de Bedford, acampavam também em Orleães.

E havia ainda outra lamentável semelhança — é que em Paris se batiam franceses contra franceses, como no tempo dos Borgonheses e dos Armanhacs. Bem natural era que o pensamento dos vencidos se voltasse para a pobre pastora, que outrora, em dias de perigos iguais, fora a grande salvadora. Desta vez não surgira uma donzela inspirada do fundo da Lorena, nem Deus interviera por meio do seu arcanjo S. Miguel.

A própria Lorena deixou de ser terra francesa, e S. Miguel parecia estar

aliado com o Hohenzollern. Mas por isso mesmo que não fora salva, a França sentiu e compreendeu melhor a grandeza daquela alma simples e forte, que, outrora, com tanta força e tanta simplicidade a salvara. A mágoa de não ter já uma Joana d'Arc, e estarem para sempre passados os tempos em que eram possíveis as Joanas d'Arc, levou este povo de imaginação e sentimento a amar, com um amor renovado e mais ardentemente expresso, aquela que outrora possuíra, que fora uma raridade no mundo, e que nunca mais poderá ser repetida.

A corações em que as desgraças tinham exaltado a ideia de pátria — Joana apareceu como a encarnação mais bela e mais pura dessa ideia excelsa.

A França começava a viver para a

esperança da desforra, e necessitava uma padroeira, como Atenas a tivera em Minerva. Quem poderia ser senão a virgem elegida de Deus, que outrora aparecera com a sua roca à cinta, se oferecera para ser o supremo instrumento de uma desforra milagrosa? Desde então, só desde então, nasceu verdadeiramente em França o culto de Joana d'Arc. Culto sem descrentes e sem heréticos. Aquela pastora que, como devota, era inspirada pelo arcanjo S. Miguel para servir como vassala o rei Carlos VII, encontrou franca adoração mesmo entre os que têm por profissão liberal rir dos arcanjos e abominar os reis. A história, a poesia, a arte, encetaram ardentemente a glorificação da maravilhosa donzela. Os dois capítulos de Michelet, impressos

num pequeno volume popular, tornaram-se um manual de patriotismo. Os grandes poetas, é verdade, uns confinados na antiguidade mítica e clássica, outros votados somente à modernidade, outros transviados pela metafísica, outros teimosos ainda sobre o amor e os seus martírios, outros dedicados a um artifício pueril e picaresco, que parece ter relação com a reforma do dicionário, mas que se não sabe realmente a que tende, e que se chama o *decadismo* — não se ocuparam de Joana d'Arc: e nenhum canto verdadeiramente belo a desforrou da ignomínia de ter sido cantada por Chapelain. Os pintores, porém, e os escultores ressuscitaram com entusiasmo a boa lorena, uns preferindo-a na sua singeleza tocante de guardadora de

ovelhas, outros na sua audácia pitoresca de desbaratadora de ingleses. E como em França não há verdadeira glória sem a consagração do teatro — Paris cada noite aplaudiu a donzela, posta magnificamente em melodramas e em pantomimas militares.

Foi então também que por todos os sítios da velha França por onde ela passou, ou triunfante ou humilhada, em Vaucouleurs, em Orleães, em Reims, em Ruão, se ergueram, em sua honra, esses monumentos cuja enumeração cansaria um tão incansável enumerador de monumentos como o velho Pausânias. Em Paris a sua estátua (que é de Fremiet, o animalista, e bem medíocre) não cessou mais de estar coberta de coroas de perpétuas, de flores, de pequeninos ramos

de um *sou* que lá pousava a piedade dos simples. Orleães, que ela libertou, todos os anos celebrava a sua festa cívica. Domremy, e a casa em que ela viveu, tomada relicário, foi um lugar de peregrinação. E o maior número dos três mil volumes que formam hoje a bibliografia de Joana foram publicados neste período de fervor.

Tudo isto constitui mais que a popularidade — é já um culto. A donzela estava tornada em França uma deusa civil.

3

A Igreja não podia ficar alheia a este movimento nacional. É verdade que fora a Igreja que queimara a doce libertadora — e que, depois de a queimar, e para justificar a fogueira, a caluniara atrozmente, não só pela sua voz, já forte, mas pela voz, então terrivelmente dogmática, da sua filha predileta, a Universidade de Paris. Verdade é também que, passados uns trinta anos, o ilustre papa Calisto III, por um rescrito pontifical, ordenara ao arcebispo de Reims que, assistido de dois bispos e do inquisidor-geral das heresias em França, fizesse a revisão do processo de Joana d'Arc.

A primeira reunião deste tribunal apostólico teve lugar em Paris, na Catedral de Notre-Dame. Aí compareceu a idosa mãe de Joana, toda de luto e em lágrimas, acompanhada dos seus dois filhos, Pedro e João, e de um grande povo que chorava também e clamava justiça. Estes clamores, estes prantos de uma multidão invadindo uma igreja, a suplicar que se restitua a graça a uma alma condenada, eram frequentes na Meia Idade e ainda no século XV. Os delegados do papa não se comoveram. Ao que parece mesmo, chamaram a mãe de Joana à sacristia para lhe recomendar que se calmasse, não suscitasse embaraços, nem se alargasse em queixumes talvez levianos, pois que «os juízes que tinham condenado Joana como herege eram

homens revestidos de altas dignidades eclesiásticas, e a quem se não devia imputar facilmente dolo ou injustiça...» Assim falou na sacristia o arcebispo de Reims. A fogueira nesse momento ainda lhe parecia justa, por ser eclesiástica.

No entanto, em obediência ao rescrito pontifical, começou a lenta e laboriosa revisão do processo de Ruão. E em Ruão mesmo, um ano depois, foi proclamada a decisão dos revisores em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Bem podia enfim secar as suas lágrimas a mãe de Joana. A sentença lavava a boa donzela «de toda a culpa de impostora, bruxaria, magia, cisma, sacrilégio, idolatria, apostasia, blasfémia, e outras práticas abomináveis, por que fora condenada, segundo os artigos do

processo, os quais desde agora ficavam cassados, anulados, aniquilados, lacerados, pois que eles revisores diziam, pronunciavam, decretavam, declamavam que tais artigos e processos estavam contaminados de dolo, calúnia, contradição, iniquidade, erro, etc., etc., e etc.!...»

Enfim, com toda esta temerosa fraseologia, entornada aos baldes, a Igreja apagava juridicamente a fogueira que trinta anos antes acendera. O corpo puro da donzela lá ficava em torresmos entre os tições da fogueira (excetuando o coração, que, apesar dos teimosos esforços do carrasco, nunca quis arder, e que foi necessário afogar no Sena). Mas a alma, e isso era a parte importante no século XV, essa ressurgia do lume

absolvida e limpa. Depois, tendo concluído este ato que ela considerava mais de misericórdia do que de justiça, a Igreja não se tomou a ocupar de Joana. Os seus afazeres eram consideráveis — e havia outros justos, e sábios, e filósofos, e profetas, que estavam necessitando atenção e fogueira. E não creio que, durante os séculos seguintes, a Igreja desse à donzela um pensamento. E natural mesmo que no século XVIII os galantes *abbés*, de batina de cetim e pós de íris na coroa, muitas vezes lessem em serões mundanos os trechos picantes de *La Pucelle*, de Voltaire, com alegria e com gosto.

Quando, porém, há vinte anos, se deu a ressurreição patriótica de Joana, e começou o seu culto civil, a Igreja

imediatamente se lançou no movimento com santo calor. Enquanto os seculares pediam simplesmente, para a boa lorena, estátuas e festas — o clero francês, subindo logos aos limites extremos da glorificação, reclamou que ela fosse canonizada. Àquela a quem o génio nacional estava prestando homenagens, que só eram e só podiam ser da Terra, a Igreja, mais rica em Deus, oferecia logo a homenagem suprema — o céu!

Neste entusiasmo havia muita sinceridade. Todos os motivos que levavam a multidão leiga a amar e a exaltar Joana atuavam também no espírito do clero — que é grandemente inteligente a patriótico. Mas a este entusiasmo também se misturava muito interesse.

Não era bom, nem útil, que nessa

história de Joana, agora sempre lembrada e constantemente mostrada como a maravilhosa realização de todas as virtudes francesas, a Igreja só aparecesse como perseguidora, ao lado do carrasco, com o facho da fogueira na mão evangélica. Por outro lado, convinha que a libertadora do reino de França fosse uma enviada de Deus, como tal reconhecida e venerada pela Igreja, e que, portanto, no espírito do povo a ideia de desforra nacional se misturasse intimamente à ideia de intervenção divina. E, finalmente, desde que Joana d'Arc, outra vez, como no tempo de Carlos VII, tinha o dom de arrastar as multidões, era vantajoso para a Igreja que uma tão grande despertadora de fé, de emoção, de poesia e de patriotismo estivesse

colocada sobre um altar, no interior de um templo — porque todo o templo e os altares vizinhos não teriam senão a lucrar com hospeda tão popular e atraente.

Influíssem estes, influíssem outros motivos, o facto considerável é que o clero francês começou a promover em Roma a canonização de Joana d'Arc com um vigor, uma abundância, um ruído, que inquietaram a França radical e livre-pensadora. Os bispos gritavam todos os dias, num entusiasmo impaciente e textualmente: «Santíssimo Padre, apressai-vos a pôr sobre a fronte de Joana a auréola divina!» E o radicalismo descontente murmurava: «Para quê?...» Em Roma tudo se faz com uma prudente lentidão: e além disso o Sacro Colégio, a Congregação dos Ritos, o papa, todos

tendiam a considerar a boa donzela mais como uma heroína, do que como uma santa. A auréola tardava. E perante esta demora, o Governo da república julgou hábil republicanizar Joana d'Arc, instituindo em sua honra uma festa nacional e civil, como a da tomada da Bastilha, com iluminações e danças, de modo a imprimir definitivamente à glorificação de Joana um caráter civil e oficial. Mas esta festa, que devia ser votada pelo parlamento, também se retardou — porque o Estado em França é uma máquina que ainda se move com mais morosidade do que a Igreja. Os bispos então redobravam os esforços, fizeram ressoar todo o Vaticano de súplicas. E a sua íntima intenção lá se ia revelando, pois que uma das vozes eclesiásticas mais

potentes e cheias de autoridade, a do padre Monsabré, apresentava como argumento que, desde que a Igreja exaltara na pessoa do reverendo La Salle o *ensino católico*, para o proteger contra todas as «intervenções nefastas», deveria sem demora exaltar na pessoa de Joana d'Arc o *patriotismo católico*, para que a pátria francesa pudesse reconquistar o seu lugar no mundo, como verdadeira filha que é, e filha mais velha, de Deus...

O radicalismo e o livre-pensamento empalideceram. O plano dos bispos era manifesto. Assim como tinham tentado monopolizar o ensino, tentavam agora monopolizar o patriotismo — e aferrolhando Joana d'Arc dentro da Igreja, utilizando a sua força em serviço da Igreja, procuravam tomar-se eles os

dispensadores exclusivos da fé patriótica, e estabelecer no espírito das multidões a ideia de que a França só pode ser salva pelo heroísmo que os bispos benzem. O livre-pensamento, ao que parece, ainda tentou afastar da cabeça de Joana a auréola que a ia tomar propriedade do clero. Mas era tarde. Leão XIII, cedendo às exigências do episcopado, e certo, de resto, que santificar Joana era ainda honrar a França — canonizou a donzela de Orleães.

Assim temos no calendário uma nova santa, virgem e mártir, e mártir que não sofreu martírio por editos pagãos de Diocleciano ou de Décio, mas por uma sentença eclesiástica, assinada por bispos. Creio que pela primeira vez se dá o caso singular de a Igreja adorar como

santa uma mulher que ainda não há muito queimara como bruxa. E ambos os julgamentos, o que a queimou e o que a santificou, foram dados em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, e sob a garantia da sua inspiração. Tal é a certeza e a infalibilidade da Igreja. E agora que um espírito novo a espiritualiza, e que através das minas do fanatismo ela tenta recuar até à pureza primitiva, bem devia realmente a Igreja rever os processos de outros ilustres queimados. Quem sabe se muito deles, bem examinado de novo o seu caso, não mereceriam passar da fogueira para o altar? E nas trevas inferiores, onde jazem por sentença eclesiástica muitos outros mártires, como Bruno e Savonarola, estão talvez, ao sentir o aroma de incenso que

se evola para a antiga sacrílega e nova santa, murmurando amargamente: «E nós?...»

4

Enfim, eis a donzela de Orleães canonizada — e bem se pode compreender a sofreguidão com que o clero se apoderou dela e a levou em triunfo para a sombra sagrada dos templos, para longe dos mações, dos radicais e dos livre-pensadores, que a maculavam com o bafo impuro do seu entusiasmo literário e racionalista.

Ainda não secara a tinta da sentença beatificadora, e já em Notre-Dame de Paris se estava celebrando, com o devido esplendor, a sua festa, a primeira festa, com órgão e procissão, de Santa Joana d'Arc. O clero todo bradava vitoriosamente, pela voz de monsenhor

Gouth-Soulard, arcebispo de Aix: «*Joana nostra est!* Joana é nossa!»

E o arcebispo de Aix não só afirmava a propriedade da Igreja sobre a alma de Joana, mas sobre todos os seus feitos. «Joana é nossa!», exclamava o digno prelado numa carta pública. «Agora só é nossa! Só nós, católicos, temos a propriedade exclusiva dos seus milagres. Vós, racionalistas, guardai os vossos outros grandes homens. Colocai-os no Panteão ao lado do vosso Voltaire. Ninguém vo-los disputa, ninguém vo-los quer. Mas Joana é nossa, *nostra est*! E o que é do céu não é do mundo!»

Assim falava o arcebispo de Aix, em palavras aladas, como diz o bom Homero — e o radicalismo rugia de furor. E ao mesmo tempo aquela numerosa

França, que, sem ser radicalista, nem livre-pensadorista, não se reclama todavia da Igreja católica-apostólica-romana, pensava que sendo Joana uma francesa que vivera e sofrera pela França devia pertencer a toda a França. E o próprio Governo republicano se sentia embaraçado, porque realmente a república não podia prestar honras oficiais a uma santa do Paraíso. Arrancar Deus do ensino, secularizar todas as instituições e, conjuntamente, decretar uma gala e iluminar os edifícios públicos em honra de Santa Joana, seria um contrassenso que nada justificaria, nem o facto de Joana ter libertado a França das hostes de Bedford, pois que também Santa Genoveva salvou Paris das hordas de Átila, e nem por isso o Estado lhe celebra

a festa. (Pelo contrário! Expulsou-a da sua velha igreja, para lá colocar Victor Hugo e depois Carnot.) E para Joana d'Arc, o primeiro resultado da sua santificação foi o Estado retirar-lhe a aparatosa festa cívica que lhe estava prometendo em nome da pátria.

Em outros tempos, com outro povo, tudo se poderia conciliar — e Joana teria a sua festa religiosa na igreja e a sua festa cívica na praça, como sucede em Portugal a S. João, a Santo António e a S. Pedro. Mas nesta França, dividida em duas Franças, a católica e a não católica, ambas hostis, nada querendo ter em comum, e cada uma conspurcando o que a outra adora, a boa donzela de Orleães, guerreira e santa, nunca poderia reunir e gozar pacificamente e simultaneamente o

preito da Igreja e o preito da sociedade civil. Para ela, ou a popularidade secular, e desde logo a desconfiança e a indiferença da Igreja — ou a glória sobre os altares, e desde logo a descrença e a desafeição entre as multidões racionalistas.

E foi o que sucedeu. Apenas o clero a quem ela fora atribuída a instalou devotamente na sua capela nova — não houve mais para a França livre-pensadora, nem Joana d'Arc, nem boa lorena, nem donzela de Orleães. Foi como se a guerreira, que era amada pelo povo, porque no meio dele vivia, se retirasse bruscamente do mundo e o renegasse, para se esconder na sombra devota de uma sacristia. Ninguém mais a compreendeu, nem a reconheceu mais, sob aquela túnica

de santa que agora a cobria em vez da armadura de aço, e com aquela palma verde na mão, em lugar da rija espada borgonhesa, que tão bem pranchava nas trincheiras de Orleães. O Estado já passara um traço amargo sobre o projeto de festa nacional com que a queria exaltar. As municipalidades interromperam logo a construção dos monumentos que lhe estavam erguendo. Os escultores abandonaram-na aos santeiros. Os poetas não a celebraram mais em poemas, porque ela agora pertence aos fazedores de loas. E o teatro deixou de pôr Joana d'Arc em melodramas e pantomimas bélicas, desde que ela, pela sua beatificação, voando da Terra ao céu, perdia a sua realidade e se desfazia em mito.

Mas o egoísmo do clero tomou

ainda mais aguda esta desafeição. Era de uso em Paris, nestes últimos anos, depor flores e coroas no pedestal da estátua de Joana d'Arc. Nunca lhe faltaram, vistosas e frescas. Para significar claramente, porém, que essas coroas eram dedicadas à guerra e não à santa, os não católicos começaram a pintar-lhe este dístico: «A Joana, queimada por herética.» Os católicos, indignados com essa recordação histórica ultrajosa para a nova santa, vinham de noite arrancar estas coroas e deitá-las ao Sena. Mas quando as substituíam por outras, dedicadas, em largos rótulos «a Santa Joana d'Arc» — eram os livre-pensadores que corriam de noite e arrojavam ao rio as coroas devotas... E assim, pela primeira vez desde 1871, se vê a estátua da donzela

desguarnecida de flores, com o pedestal nu, como o de uma heroína desdenhada ou de quem se esqueceu o heroísmo.

Pobre Joana d'Arc, tão amada, tão entronizada há pouco na alma da França! Ela mesma esperara outrora, durante as angústias de Ruão, que um dia «todos lhe quereriam bem». E esse dia chegara, reparador e triunfal. Todos lhe «quiseram bem» — e todos lhe «quereriam sempre bem», se ela continuasse pertencendo a todos, ou se as consciências em França não estivessem divididas, como estavam divididos os interesses no tempo dela, quando havia duas Franças, a França dos Borgonheses e a França dos Armagnacs.

Já não há Borgonheses e Armagnacs — e a França politicamente é uma. Mas há uma separação mais funda:

de um lado os católicos, do outro os racionalistas. Desde que a boa donzela foi, como santa, entregue ao culto ritual da Igreja, não podia conservar mais o culto afetivo do racionalismo. Para este, o clericalismo é, será ainda por muito tempo, o inimigo. É pois como se Joana passasse, com as suas armas e a sua bandeira, para o inimigo. Decerto, a pobre heroína não tem culpa da sua santificação. E a sua alma não é menos divina por estar divinizada. Mas o bom racionalista não pode, em boa consciência, prestar a sua homenagem patriótica a uma grande figura que está coberta de todos os atributos místicos, a auréola, a palma verde, a túnica de bem-aventurança, e cujos heroísmos foram convertidos em milagres. A França

republicana ainda poderia adorar uma inspirada, mas nunca uma taumaturga.

E se não lhe retira inteiramente nestes primeiros tempos o seu amor — abstém-se pelo menos de o traduzir em uma expressão pública. Para ela, de ora em diante, não mais coroas ante a sua estátua, nem monumentos nas praças, nem livros celebradores, nem festas nacionais — isolada no seu altar, na sombra da igreja, só gozará, cada ano, a sua missa, com tochas, música, sermão. E uma decadência. E aqui está como a santidade mata a popularidade e como uma grande alma, por ter penetrado no céu, se toma esquecida na Terra.

Porque não pode haver dúvida. A Igreja mesmo a esquecerá. Nestes anos chegados, enquanto durar a geração

clerical que a conserva, e ela conservar o verniz fresco da uma santa nova, não lhe faltará certamente um culto destacado e ruidoso. Ela é por um motivo de batalha religiosa, como a Helena de uma Troia devota — e o aparato e estridor do seu culto é uma das formas e das estratégias da batalha. Mas quando os tempos passarem, e vierem novas gerações eclesiásticas, novos bispos, Santa Joana d'Arc não será, para esses, especialmente distinta de outros santos de França, santificados também pelos seus feitos, como Santa Genoveva ou S. Luís. Terá o seu altar, as duas velas que lhe competem segundo o ritual — e nada mais, nem mesmo uma genuflexão especial dos sacristães. O pó dos tempos, que tudo vai cobrindo, e que cobre também os santos,

apagará lentamente o brilho com que ela por ora brilha. Pouco a pouco se tomará uma antigualha da Igreja, como Santa Genoveva. E como hoje já se não escrevem hagiológios, a sua lenda, que já esconde a sua história, cairá no esquecimento. A Igreja tem tantas santas, todas elas com direitos tão iguais ao mesmo culto, que não pode realmente devotar todo o seu fervor e todo o seu cerimonial a uma única, posta num altar mais alto por uma liturgia privilegiada. Santa Joana d'Arc tem de se contentar com o que se contenta Santa Eufrósina. Será uma santa como outras santas, e como elas mal distinta, vaga e perdida na celeste névoa luminosa que a todas envolve. Em cem anos, só algum padre muito erudito saberá ainda os feitos e os

milagres da donzela de Domremy. O povo, lançado decerto nos ardores de uma religião nova, terá totalmente esquecido Joana d'Arc, que pertencerá então a um culto, desalojado por outro culto superior. E quando algum curioso de ruínas, nesses dias, penetrando num templo do passado, e avistando sobre um altar vetusto uma figura de mulher com uma bandeira na mão, perguntar de quem é essa imagem poeirenta e desbotada, o guarda trôpego do templo encolherá os ombros sem saber. Se, porém, casualmente, aí passar algum arqueólogo, bom ledor de antigualhas, talvez pare e murmure:

— Essa? É uma Santa Joana das muitas Santas Joanas, que fez não sei que milagres, numa batalha com ingleses, para os lados de Reims ou de Orleães.

E a esse tempo, fora, nas praças da cidade, os heróis que não foram canonizados, que ficaram entre os homens, na sua simples glória humana, conservarão as suas estátuas, bem limpas, bem visitadas, sempre contempladas, com uma ou outra flor no pedestal — e serão ainda heróis.

O Conde de Paris

O conde de Paris teve, como chefe da Casa de França e portanto pretendente à coroa de França, o defeito de não possuir senão virtudes.

Nascido simplesmente numa velha família patrícia, como os La Tremouille ou os Mirepoix, a nobreza dos seus instintos, a sua absoluta retidão, a sua inteligência, absorvente e destra, a sua vigorosa cultura, a dignidade puríssima dos seus costumes domésticos, o ativo sentimento das suas responsabilidades sociais, a sua infatigável aplicação ao dever, a sua bondade amável, a sua acolhedora urbanidade, fariam do conde de Paris um raro e superior exemplar de

fidalgo, espalhando sobre a sua classe, agora que ela está inativa e repelida da vida pública pelas desconfianças da democracia, aquele lustre que ela já não pode ganhar pela ação coletiva, mas apenas pelo valor intelectual e moral de algum dos seus membros que se destaque e se eleve.

Se ele pertencesse ainda a uma antiga família parlamentar, dessa alta burguesia parisiense que hoje entrou na república, onde representa os elementos de ordem, de tolerância e de probidade, o conde de Paris, como um colaborador natural da França democrática, teria sido um grande e útil cidadão, pois que as suas qualidades e as suas ideias eram justamente as que mais se necessitaria num homem de Estado, neste momento

histórico da França em que, sob a dissolução das velhas doutrinas políticas, afloram com tanta impaciência as novas e irredutíveis forças sociais. Em qualquer dos casos, ao menos o conde de Paris teria sido (o que não foi) um homem feliz. Viveria pacificamente e largamente nesta terra de França, que era o seu amor e o seu cuidado; exerceria uma influência contínua e legítima, não fragmentária, disfarçada e constantemente sobressaltada; escreveria sobre as questões económicas, que lhe eram caras, livros sólidos, bem documentados, que, por virem de um espírito muito sincero e muito livre, teriam autoridade, se não popularidade; seria da Academia, do parlamento, do Governo; certamente a natureza especial das suas virtudes

públicas o levaria à mais alta magistratura da república; e sobretudo teria a satisfação, para ele suprema, de servir facilmente e naturalmente a França como um bom francês.

Mas, em vez deste calmo destino, nasceu, como outrora se dizia, «nos degraus de um trono», neto do último rei dos Franceses, herdeiro de um princípio, portanto herdeiro de um direito que ele considerava perfeitamente legítimo, e ao mesmo tempo de um dever que ele considerava absolutamente sagrado. E aqui aparece logo a excelência moral deste príncipe. Ser rei de França para ele não era só a realização de um velho direito — mas antes de tudo, acima de tudo, o cumprimento de um grande dever. Morto o conde de Chambord, tomado ele

o chefe da Casa de França, representante único do princípio monárquico — a ele incumbia, por herança, o dever de restaurar em França, para glória e felicidade da França, esse princípio de que era a encarnação. Dever para consigo, dever para com sua casa, dever para com a sua pátria, dever mesmo para com Deus — pois que a monarquia francesa é na Terra uma das grandes servidoras do céu. E assim claramente visto e compreendido o seu dever, este príncipe admirável imediatamente se aplicou a cumpri-lo, com a consciência, a seriedade, o zelo religioso com que se aplicava a todos os deveres. Não palpitava nele a mínima fagulha de ambição — o que o levava era antes a submissão fiel a Deus que o fizera nascer de reis de França, o marcava para

rei de França, e uma submissão patriótica aos interesses da pátria que só na monarquia poderia de novo encontrar a paz, a unidade moral, o prestígio histórico.

No cumprimento deste dever ele contrariava todas as suas inclinações, todos os seus gostos íntimos. As tendências, os gostos do conde de Paris eram mais elevados, mas não eram dissemelhantes dos do conde de Chambord, que nunca quis ser rei, porque o agitado Paris e o Palácio das Tulherias, encravado entre as sombrias cantarias do Louvre, lhe pareciam desagradáveis, cheios de responsabilidades e cuidados, em comparação dos quietos confortos do castelo de Frohsdorff e dos fundos bosques onde ele caçava rijamente, tão

irresponsável e livre. O conde de Paris, decerto, não queria permanecer um simples cidadão, para poder ser um simples caçador. Mas, a todos os brilhantes destinos, sem dúvida preferiria viver no seu castelo de Eu, como um fidalgo rural, administrando dignamente os seus bens, educando superiormente os seus filhos, compondo narrações da sua mocidade militar, publicando nas revistas doutos artigos de sociologia, e envelhecendo docemente entre carinhos e leais amizades. O exílio inquieto, estéril, amargamente errante em que se consumia, mais apetecida lhe tomava esta larga vida estável, fecunda em alegrias e obras. Ele próprio, de resto, pensava que nunca seria Filipe VII — senão no desterro. Mas que lhe importava? O dever que o conde de

Chambord não cumprira, por um egoísmo que disfarçava em escrúpulo, tomando a realeza impossível para que ele não fosse um rei possível — esse dever era agora o seu. Tomou pois corajosamente sobre os ombros a sua cruz de pretendente — e marchou.

Mas imediatamente, nessa marcha para o trono, se ergueram contra ele todas as suas virtudes. Um pretendente necessita de certos defeitos, alguns brilhantes e que o mundo aclama, outros condenáveis e que desolam a pura moral, mas todos úteis, indispensáveis, quando não queira ser como esse estranho Borbón de Espanha, Francisco III, que há dias nos aparece reclamando também a coroa da França, mas declarando que respeita a república, e que não deseja ser senão,

como rei de França, um bom general de brigada em Espanha.

O pretendente que não se limite ao platonismo superplatónico deste delicioso Francisco III tem de pôr em atividade todos esses defeitos clássicos e que são, sobretudo: audácia temerária; ruidosa prodigalidade; o charlatanismo que produza lenda; o desprezo de todas as fórmulas legais ou expressões de soberania popular que não sejam a confirmação do seu direito pessoal; uma bela indiferença, uma indiferença de príncipe, pela fortuna e pela vida de todos os seus partidários; e a capacidade de montar a cavalo e surgir uma manhã na praça, com uma espada nua... Ora o conde de Paris (e é esta a sua glória de cidadão) tinha justamente o horror quase pudico

destes defeitos, e o culto quase supersticioso das virtudes opostas, sendo desses, cada dia mais raros, para quem as regras da moral pública não se distinguem das regras da moral privada. Dessas virtudes, nele, a maior era o seu respeito da legalidade e da soberania popular. A coroa de França, que era dada outrora por Deus por amor do povo, queria ele que lhe fosse dada pelo povo sob a inspiração de Deus — convencido que essa dádiva era absolutamente segundo o direito, e que a aceitação era absolutamente segundo o dever. Tão claro, e positivo, e inequívoco queria ele ver o consentimento da nação, que não aceitaria ser rei numa monarquia estabelecida por uma maioria parlamentar: a sua ideia era de um grande plebiscito, em que a França toda votasse

livremente a monarquia.

Realmente, a sua consciência só ficaria satisfeita quando ele próprio separasse, contasse, verificasse, os dez ou doze milhões de boletins de voto, contendo, em letras bem inteligíveis, estas linhas bem expressivas: «Queremos Filipe, conde de Paris, para rei dos Franceses!»

A república era para ele um facto que o desolava, mas uma constituição legal que respeitava. A França caíra de novo na velha ilusão jacobina — mas dera a essa ilusão uma forma constitucional e jurídica, que só ela na sua soberania absoluta podia destruir. O seu dever, pois, era arrancar suavemente a França a esse erro em que ela se debatia e em que se enfraquecia: e a sua ação como

pretendente foi por isso simplesmente persuadir, pregar, lançar manifestos, criar *comités* de propaganda, disseminar artigos de jornais, desrepublicanizar lentamente a França por meio da dialética. Cada eleição decerto lhe provava que a França persistia na sua ilusão, complicando-a mesmo com ilusões novas, traduzidas em seitas novas, e que cada dia se afastava mais, e por caminhos mais obscuros, da sólida e segura realidade monárquica. Que lhe importava a ele, homem de dever? Recomeçavam os *comités*, os manifestos, a dialética. E havia aqui alguma coisa de religioso, do que há de mais nobre no espírito religioso, que nunca descrê da conversão do pecador e da eficácia da graça.

Este defeito, tão grave num

pretendente — o respeito da legalidade —, era o suficiente para o inutilizar — e decerto, na pura esfera da consciência, o conde de Paris se sentia feliz em se saber anulado. Mas todas as suas virtudes de homem concorriam para o anular, como pretendente. Nada o prejudicou mais que a sua modéstia, recato em esconder o que nele havia de moralmente superior. Nunca consentiu que em tomo da sua pessoa se formasse uma lenda atraente. A cabotinagem napoleónica, repetida depois por Boulanger, era odiosa à sua natureza fina e grave.

Apesar de entre os seus partidários abundarem os homens de letras, não existem sobre ele livros que o contassem à nação — quase não existem retratos seus, e o conde de Paris é ainda,

para uma grande massa da França, mais um nome do que uma pessoa.

Era o seu delicado horror à exibição que o fazia mergulhar durante meses, quase durante anos, numa penumbra discreta, donde a sua voz por fim surgia nas colunas do *Figaro* e do *Soleil*, e que, por vir assim do remoto e do vago, mal ecoava, se perdia logo entre o rumor da atualidade e da vida.

Em vez de animar as lendas favoráveis, deixava mesmo correr sobre o seu caráter pequeninas lendas desagradáveis e falsas, sem que erguesse um dedo para as deter e desmanchar, como se fosse simplesmente um filósofo na sua cabana, para quem não existe o mundo exterior. Assim toda a França o considerava um avarento. Era o velho

rótulo da avareza, que fora colado a Luís Filipe pelos românticos e humanitários de 1830, e ficou depois tradicional para toda a família de Orleães. As nações mais democráticas como a França conservam ainda, dos tempos em que a liberdade dos príncipes era a riqueza dos particulares, a ideia de que à realeza compete a prodigalidade, e que só hábitos faustosamente perdulários provam uma alma verdadeiramente real. Quando os príncipes (que a democracia muito justamente nivela com os cidadãos) se comportam como qualquer cidadão, administrando com economia e cautela a sua fortuna para garantirem a liberdade moral, a dignidade da vida e os dias de escassez que lhes possa trazer a desumanidade das revoluções — são logo

acusados desdenhosamente de forretas. Esta acusação parte principalmente de entre a classe média, que condena nos príncipes, como fraqueza e vício, aquilo que ela em si própria exalta como virtude e força. A classe média involuntariamente descobre, deste modo, o fundo da sua natureza interesseira e servil — servil, porque gratuitamente atribui aos príncipes uma natureza superior, que não pode ser governada pelas regras comuns à mediana humanidade; e interesseira, porque indiretamente lamenta todo aquele dinheiro que os príncipes aferrolham e que, dissipado, rolaria por um declive natural para a algibeira burguesa. Os «cortiços» do conde de Eu foram, creio eu, uma das grandes indignações democráticas do Rio de janeiro, em

nenhuma outra classe era ela mais viva do que na dos proprietários de «cortiços». Em Inglaterra, as economias do duque de Edimburgo eram ultrajadas com rancor por todos aqueles que tinham enriquecido com as dissipações do príncipe de Gales. A França, nação sublimemente avara, que inventou o mealheiro (donde realmente tira, louvado seja ele!, a sua força, a sua fortuna, a sua grandeza), censurava asperamente o mealheiro do conde de Paris; e o partido republicano todos os dias escarnecia a parcimónia com que ele subsidiava os jornais monárquicos! De facto, o conde de Paris era um desses homens económicos que, sob a solicitação de um dever, se tomam logo pródigos. A sua caridade não tinha brilho, mas solidez. Do seu rendimento uma parte

considerável era gasta em esmolas, fundações, dons, escolas, obras de beneficência. E depois da sua morte, os seus amigos puderam enfim desafogadamente contar que, levado pelos encargos crescentes da sua generosidade, aquele príncipe avarento, nos últimos anos, gastava *mais que o seu rendimento*, como um mero e alegre estroina.

Mas prodigalidade por ambição, decerto, a não tinha nem sequer a compreendia — e era esse outro dos seus defeitos como pretendente. Hoje já se não compra o império por uma soma de ouro posta em cima de uma mesa, como sucedia em Roma, depois da geração dos Antoninos; o dinheiro, porém, ainda se conserva um supremo instrumento das revoluções e das restaurações. Numas e

outras, porém, desgraçadamente, ele é aplicado sobretudo ao soldado, e o que com ele se paga sempre é a indisciplina. Não há portanto, como agente político, outro mais dissolvente e mais vil, porque com o pretexto de conquistar a liberdade, ou com o pretexto de restaurar a autoridade, não faz mais que criar na nação grandes massas de rebeldes ou grandes massas de desertores. E não há também outro mais funesto para quem o empregue, seja a república, seja a monarquia — porque todo o governo que se estabeleça sobre a rebelião, ou deserção de tropas, não é senão um governo nominal e sem soberania: a verdadeira soberania não está mais então no povo, nem no príncipe, mas no soldado. Um tal governo é criado

exclusivamente para utilidade do exército ou, antes, de um grupo de coronéis. É esse grupo de coronéis que delibera, administra, dispõe da riqueza pública, mantém ou derruba os chefes aparentes, se toma o violento senhor da rua e o dono dos cidadãos... Tais formas políticas são hoje impossíveis dentro da civilização europeia. A Espanha foi o último país onde elas se produziram, mas onde agora, depois de passados trinta anos de disciplina, elas já aparecem anacrónicas e bárbaras às novas gerações militares, educadas no patriotismo e no respeito racional da legalidade. E mesmo em Espanha, realmente, nunca foi sobre o dinheiro, sobre uma desbragada prodigalidade com as tropas, à velha maneira pretoriana, que se levantaram e

se mantiveram as formas revolucionárias — mas sobre o idealismo político. Pagar cada manhã os janízaros para governar com eles (e no fundo para eles) só se dava outrora na Argélia no tempo do bei ou do Egito antes de Mehemet Ali — e só se pode dar hoje em civilizações muito atrasadas, onde não existam nem princípios, nem costumes. Pensemos pois o que devia ser, para um homem do valor moral, e do patriotismo, e da alta cultura política do conde de Paris, a ideia de dar um cêntimo para insubordinar um soldado!

Se o conde de Paris, porém, fosse chamado ao trono, ou por uma revolução, ou por um plebiscito, ou ainda pelos desastres de uma nova guerra, todos estes defeitos de pretendente se converteriam

em virtudes de rei — e ele seria incontestavelmente (nenhum republicano o nega) um rei admirável. Admirável, ainda que talvez não popular, porque em França a popularidade iria espontaneamente para um rei do tipo de Henrique IV (apesar de o Francês do século XIX ser tão diferente do do século XVI): e ninguém menos do que o conde de Paris se parecia com esse façanhudo, jovial, sensual, cético e bonacheirão Henrique IV. O conde de Paris era essencialmente o homem íntegro, grave e crente. Se de seu pai, o duque de Orleães, herdara a fina inteligência e a generosidade humanitária — de sua mãe, princesa luterana, recebera um espírito piedoso e sério, que, desenvolvido através de uma forte educação inglesa, o assemelhava sobretudo ao *gentleman*

inglês na sua expressão perfeita. Ora o feitio moral inglês nunca pode ser popular em França. O conde de Paris daria antes um rei do tipo de seu avô Luís Filipe — com mais elevação, mais requinte, uma ciência mais funda do governo e um sentimento mais exato das ideias e ideais do seu tempo. Seria como ele um príncipe sóbrio e casto, impondo o salutar exemplo de todas as virtudes domésticas — mas sem ter como o avô, no seu palácio, lacaios especialmente encarregados de mostrar às famílias o leito real, com as duas fronhas postas lado a lado, numa ostentação oficial de união conjugal. Seria um rei simples, eliminando da realeza toda a pompa e luxo nocivo — mas sem passear pelas ruas de Paris com um enorme guarda-sol vermelho debaixo do

braço, como emblema constitucional de patriarcalismo. Culto e letrado também, como Luís Filipe — mas mais sensível do que ele às letras e à sua força e dignidade, e preferindo sempre governar pelas ideias a governar pelos interesses. Incapaz, como ele, de amargura ou rancor — mas capaz, como o outro não era, de gratidão e reconhecimento aos serviços prestados e aos bons servidores. Forte, como Luís Filipe, na ciência dos detalhes, dos factos, das datas, dos nomes, dos números — mas sabendo também, o que o avô ignorava, as tendências, as aspirações, as correntes invisíveis das consciências. Cioso decerto da autoridade real — mas preferindo exercer a influência a exercer a vontade, e a dominar mais pela cabeça do que pela coroa. De resto, como Luís

Filipe, tranquilo, trabalhador, minucioso, intrépido, observador, organizador, afável, superiormente bom. Com todas estas qualidades, numa grande nação, é fácil ser um grande rei.

E estas qualidades vêm da família, são ingénitas nos Orleães. O grupo doméstico que saiu de Luís Filipe é realmente admirável. Dos filhos dele, já dizia o velho Metternich serem «rapazes como se não veem e príncipes como não há». Todos os homens, entre os Orleães, são bravos, todas as mulheres virtuosas. O talento neles anda misturado com a bondade. Poucas famílias representaram em França, com mais brilho, as virtudes próprias da raça francesa — a coragem, o senso, a graça, a sociabilidade, a ordem, o gosto, a elegância afável. Mesmo

fisicamente, são excelentes exemplares de força viril, ou de beleza plácida e doce. As suas existências têm sempre uma dignidade especial, e não caem nunca na inutilidade tumultuosa ou mole que parece ser o destino dos príncipes. Uns escrevem livros de história ou compõem memórias, outros viajam e exploram regiões remotas, outros aperfeiçoam sem descanso os seus talentos militares, todos de qualquer maneira procuram servir a França, de que são uma honra.

E do conde de Paris se pode ainda dizer que ele serviu a França mostrando por toda a parte, da Europa até à América, através dos seus dois exílios, o que é a virtude, a coragem, o saber, a polidez, a bondade de um príncipe francês. Por este lado, o seu desterro foi uma espécie de

emprego público cheio de responsabilidades: e ele achou ainda aí o meio de se dar todo a um dever e de exercer, com amor e nobreza, uma alta função patriótica. Exilado de França, o conde de Paris, por toda a parte e em todas as circunstâncias, nas cortes, nos acampamentos, nas academias, na vida social, como príncipe, como soldado, como pensador, como escritor, como homem de família, incessantemente e magnificamente, ocupou-se em popularizar e fazer amar a França.

Os Chineses e os Japoneses

A nordeste da China, ou antes da Manchúria chinesa, entre o mar do Japão e o mar Amarelo, há uma tristonha península de costas escarpadas, que a si própria se enfeitou, desde o ano de 1392, quando começou a reinar a dinastia que ainda hoje reina (ou que ainda reinava no mês passado) com o nome risonho, luminoso e fresco de Reino da Serenidade Matutina. Os Japoneses, seus vizinhos, chamam a esta terra Ko-Rai; nós, mais comodamente, Coreia. É um país tão silencioso, tão recluso, tão separado de toda a humanidade, mesmo dos seus parentes asiáticos, que no Japão e na China o designam pela alcunha de País

Ermitão.

O que dele, na Europa, nós melhor conhecemos, por estampas, é a figura dos seus habitantes, homens esguios e graves, de longos bigodes pendentes, que usam o mais extraordinário chapéu de que reza a história das modas, o formidável chapéu coreense, muito alto, muito pontiagudo e de abas tão vastas que sob ele um patriarca pode abrigar toda a sua descendência, os seus móveis e os seus gados. Estes homens falam um chinês mascavado de tártaro, vivem de arroz e habitam casas rudimentares, feitas de bambu, adobe e papel.

Há aí, como na China, uma classe superior de letrados, mas enxertada sobre a antiga casta nobre de senhores feudais: e são estes senhores, educados

sumariamente pelos livros chineses, que, depois de passados seus exames públicos e obtidos seus diplomas escolares, exercem os empregos, comandam as forças, governam as províncias, escrevem as gramáticas, administram a justiça e formam a corte. Todos os outros serviços são feitos por escravos. As classes letradas professam como moral, se não como religião, um confucionismo todo enferrujado de enguiços e magia. O povo nos campos adora o Sol e as estrelas. Toda esta gente bebe cozimento de arroz. O chá é um luxo da família real. A arte mais estimada é a música, que faz parte do ensino primário, como na Grécia de Péricles. As suas indústrias, se existem, são desconhecidas. Quando a Europa lhe manda missionários, a Coreia mata os

missionários. Por capital têm a velha cidade de Seul, que todos os coreenses consideram como sendo, sobre a Terra, o centro supremo do fausto, dos prazeres, das belas maneiras, das existências ditosas.

É por causa deste Reino da Serenidade Matutina que o Império Florido do Meio está em guerra com o Império do Sol Nascente... Assim contada desta maneira (que é a maneira oficial), a luta da China e do Japão parece um enredo de mágica, ou o começo de um desses romances alegóricos, que tanto deleitaram o século XVIII, nos tempos do Palácio Rambouillet, da boa Mademoiselle de Scudery, de *Artamène ou le Grand Cyrus*. E, com efeito, para o grande público, para todos aqueles que

não são profissionalmente diplomatas, sociólogos ou estratégicos, esta guerra entre as duas nações fortes do Extremo Oriente oferece apenas o interesse divertido de uma pantomima militar, passada numa região de fantasia, onde a política é dirigida pelas fardas e os príncipes são picarescos. O Europeu tem decerto viajado desde que se criou a Agência Cook, folheia narrações de viagens (quando abundam em anedotas e diálogos), e já não exclama, à maneira das damas eruditas e dos espíritos picantes do século XVIII: «Como é possível ser persa.» Hoje começamos realmente a compreender (com certas reservas) que se possa ser chinês. Mas esses povos da extrema Ásia, por ora só os conhecemos pelos lados exteriores e excessivos do seu

exotismo. Com certos traços estranhos de figura e trajo, observados em gravuras, com detalhes de costumes e cerimónias aprendidos nos jornais (artigo «Variedades») e sobretudo com o que vemos da sua arte, toda a caricatural ou quimérica — é que nós formamos a nossa impressão concisa e definitiva da sociedade chinesa e japonesa. Para o Europeu, o Chinês é ainda um ratão amarelo, de olhos oblíquos, de comprido rabicho, com unhas de três polegadas, muito antiquado, muito pueril, cheio de manias caturras, exalando um aroma de sândalo e de ópio, que come vertiginosamente montanhas de arroz com dois pauzinhos e passa a vida por entre lanternas de papel, fazendo vénias. E o Japonês é ainda para nós um magricela de

crânio rapado, com dois enormes sabres enfiados na cintura, jovial e airado, correndo, abanando o leque, dissipando as horas fúteis pelos *jardins de chá*, recolhendo à casa feita de biombos e crisântemos para se cruzar numa esteira e rasgar o ventre! A ambos concedemos uma habilidade hereditária em fabricar porcelana e bordar a seda. Como por vezes as suas populaças trucidam os nossos missionários, a estes traços de caráter (tão exatamente deduzidos) juntamos o da ferocidade. Porque os Chineses não querem ter caminhos de ferro, nem fios de telégrafo, nem candeeiros de gás, que constituem para nós as expressões sumas da civilização, concluímos rasgadamente que são bárbaros. E enquanto aos Japoneses, que

já copiaram as locomotivas e os telefones, só nos parece que essa civilização importada, macaqueada e mal usada, os toma irreparavelmente grotescos. Que por trás do rabicho e dos guarda-sóis de papel, e das caturrices, e de todo o exotismo, existam sólidas instituições sociais e domésticas, uma velha e copiosa literatura, uma intensa vida moral, fecundos métodos de trabalho, energias ignoradas, o europeu mediano não o suspeita.

Mesmo que conhecesse todas essas forças e virtudes, não se impressionaria, nem votaria mais respeito a essas pobres raças, que só o divertem. Quando uma civilização se abandona toda ao materialismo, e dele tira, como a nossa, todos os seus gozos e todas as suas

glórias, tende sempre a julgar as civilizações alheias segundo a abundância ou a escassez do progresso material, industrial e sumptuário. Pequim não tem luz elétrica nas lojas; logo, Pequim deve ser uma cidade inculta.

Aquele loquaz personagem de Edmond About que desprezava profundamente os Árabes, porque «os desgraçados ainda nem sequer possuíam cafés-concertos», representa, em caricatura, o europeu mediano, julgando as civilizações asiáticas. Milhares, se não milhões, de europeus não acreditam ainda, verdadeiramente, que os Romanos e os Gregos fossem povos civilizados, pois que não conheciam a máquina a vapor, nem a máquina de costura, nem o piano, nem outras grandezas do nosso grande

tempo.

Por isso damos a esta guerra do Japão e da China uma atenção errante e sorridente. É apenas uma grossa e rude bulha entre dois países bárbaros, um dos quais não é menos bárbaro que o outro, por andar mascarado com rabonas e armas da Europa. Pretendem alguns visionários, desses que gostam de profetizar sombriamente, que essas centenas de milhões de bárbaros, um dia, munidos do formidável material da nossa civilização, descerão sobre nós, assolarão a Europa... A ideia faz sorrir — e todo o europeu, olhando em tomo de si a sua força, a sua riqueza, as inumeráveis invenções do saber, tanta máquina, e a Natureza domesticada e trabalhando à sua ordem, sorri regaladamente.

Assim o Galo-Romano outrora na sua linda vivenda de campo, repousando com um douto pergaminho no joelho sob os frescos pórticos de mármore, ou passeando no seu horto entre o acanto e as roseiras entrelaçadas aos bustos dos deuses e dos filósofos, sorria quando lhe contavam das hordas selvagens, francos ou godos, que tinham atacado alguma velha legião romana, longe, na terra dos pântanos e das brumas. Que podiam importar essas gentes bestiais? Não era a Gália, toda a Itália, uma maravilha de força, de riqueza, com tanta máquina de guerra, tão fortes invenções do saber?... Depois, uma manhã, o Godo ou o Franco aparecia, montado num potro bravo, com um simples chuço, e do Galo-Romano, dos pórticos de mármore, do quieto

jardim cheio de rosas, dos filósofos e de todas as invenções do saber, só restava um pouco de sangue e de poeira.

O motivo por que se estão batendo Chineses e Japoneses não é o que particularmente nos interessa. Ambos querem dominar o Reino da Serenidade Matutina. Os Chineses, porque esse domínio é para eles uma tradição secular. Os Japoneses, porque receiam (segundo dizem os seus diplomatas) que a Rússia, através da fraqueza ou da condescendência interesseira da China, se estenda pela Coreia, ocupe algum dos seus portos fronteiros ao Japão (como Fusan), domine portanto no mar do Japão, que os Japoneses consideram seu, e venha, se não ameaçar a independência japonesa, a prejudicar o seu

desenvolvimento comercial... Mas tudo isso é uma questão de remota política asiática. O que ardentemente nos deve ocupar, a nós Europeus, e mesmo a vós Americanos, são as consequências da guerra — sobretudo as consequências de uma derrota da China, de uma boa derrota, bem estridente e humilhante, que penetre até ao mandarinato, até ao inacessível orgulho da dinastia manchu. Se fosse o Japão o esmagado, não viriam daí inquietações para o nosso mundo ocidental. Era apenas um povo ligeiro e atrevido que levava uma sova. A China vitoriosa seria a China readormecida. A China vencida — é a Europa ameaçada.

A China é um povo de quatrocentos milhões de homens (quase um terço da humanidade!), todos

extremamente inteligíveis, de uma atividade formigueira, de uma persistência de propósitos e tenacidade só comparável à dos buldogues, de uma sobriedade quase ascética e com inacreditável capacidade de aturar e sofrer. Os europeus que habitam e visitam a China acrescentam que eles são, além disso, muito falsos, muito mentirosos, muito covardes, muito larápios e muito sujos. Mas estes europeus, verdadeiramente, da China só conhecem a orla marítima, os portos abertos ao comércio europeu, as «concessões», Hong-Kong e Xangai. E nestes portos só conhecem materialmente aquela populaça chinesa, iletrada e grosseira, que se emprega nos misteres inferiores de barqueiro, carregador, criado, moço de

fretes, vendedor ambulante, etc. Ora, avaliar por esta baixa matula toda a sociedade chinesa é como julgar a França pelos maltrapilhos que fervilham nos cais de Marselha, ou criticar o Brasil, e a sua educação, a e a sua cultura, e a sua força social, pela gente baixa que carrega e descarrega fardos dos trapiches para os armazéns. Viajantes que se tenham alongado para o Centro da China, e observado alguns modos e costumes das classes cultas, e espreitado aqui e além, através das fendas de portas, um pouco da vida íntima, da família, das ideias, das crenças, podem ser contados pelas pontas dos dedos. Os próprios residentes estrangeiros de Pequim, formando o pessoal das legações, não penetram na sociedade chinesa, vivem enclausurados

dentro dos muros das residências, como os antigos judeus nos guetos, e só se familiarizam com os aspetos externos, ruas, lojas, frontarias de templos e perpassar das multidões. Só um desses residentes tinha aprofundado a China. Era um secretário da legação inglesa, que falava com perfeição o chinês, não só o idioma popular, mas a linguagem mandarina e clássica, e que deixara crescer um enorme rabicho. Durante trinta anos, todas as noites, este homem absolutamente achinesado vestia a sua cabaia de seda, soltava o rabicho, tomava um leque e ia passar algumas horas amáveis com as famílias nobres de Pequim. Esse realmente conheceu a China; mas, tomado chinês e portanto discreto, não escreveu as suas impressões — e

morreu.

Recentemente alguns empregados europeus do Governo chinês, como os engenheiros e professores do arsenal de Fucheu, têm entrado suficientemente no âmago do mundo chinês. E todos esses voltam contando uma China muito diferente da dos turistas que desembarcam uma manhã no cais de Xangai e à noite estão avaliando a civilização sessenta vezes secular de um povo de quatrocentos milhões de homens pelo que observaram de reles, de sujo, de grotesco e de velhaco no *coolie* que lhes carregou a maleta para o hotel. Os que assim se internam pela China vêm na realidade maravilhados — e tendo ido para ensinar os operários chineses a construir metralhadoras, confessam que aprenderam, na

convivência da burguesia culta e letrada, lições de conduta, de ordem, de respeito filial, de profunda união doméstica, de inteligente economia, de trabalho metódico, de subordinação, de pureza, de zelo moral e de toda a sorte de virtudes íntimas, que garantem melhor a grandeza, estabilidade e ventura de uma nação do que a mais subtil arte em fabricar obuses e manobrar torpedeiros.

Só se queixam da falta de higiene municipal e da porcaria das ruas — que, sobretudo nas províncias (mesmo em Cantão e Pequim), são quase tão mal varridas, e tão abundantes em lixo, como as de Paris aqui há cinquenta ou sessenta anos, quando já o papá Hugo lhe chamava a «cidade radiante», alma do mundo, e toda a Europa lhe imitava, mais que hoje,

os modos, as modas, as graças e os vícios.

Mas que os Chineses tenham só defeitos ou só qualidades, o certo é que arranjaram a seu modo uma civilização que possui sem dúvida uma força prodigiosa, pois que tem sobrevivido a todas as formas de civilizações criadas pelo génio da raça ariana: e que possui decerto também uma grande doçura, porque o tema invariável e secular da literatura chinesa, desde as máximas dos filósofos até às canções dos lírios, é celebrar a inefável e incomparável felicidade de ser chinês, de viver na China!

Com efeito, tudo tem havido na China, neste últimos dez mil anos mais chegados — exceto um pessimista. Dentro

dessa civilização forte e doce vivia a China encerrada, como todos perfeitamente sabem, porque a Muralha da China tem sido uma das metáforas mais ativas da retórica ocidental. Todos os que se prezam em arquivar os feitos civilizadores do século sabem também como a Inglaterra, ajudada pela França, abriu brechas nessa muralha para meter para dentro o ópio — o ópio que o Governo da China não queria admitir, pela razão verdadeiramente intolerante de que o ópio enerva, envenena, destrói, desmoraliza as raças! A esse feito se chamou a *guerra do ópio* — e por ela triunfaram os sagrados direitos do negócio.

Depois de entrar vitoriosamente em Pequim, e de ter, à velha maneira dos

Átilas e dos Tamerlãos, «flagelos de Deus», roubado e queimado o Palácio de verão, que era o inestimável museu imperial da arte chinesa, e com ele bibliotecas, arquivos históricos, toda a riqueza literária daquela letrada nação, a Europa força a China a abrir na sua carta cinco portos ao comércio europeu, aos algodões, às ferragens, ninharias ocidentais, e sobretudo ao ópio, ao imenso ópio, a seis a sete milhões de quilos de ópio por ano!

Ora sucedeu que por esses portos, ou portas rasgadas na vetusta Muralha da China, onde entravam os Europeus, saíram os Chineses a ver enfim o mundo, e esta família humana de que há tantos mil anos andavam separados... De então-; com efeito, datam os dois factos consideráveis

da nova China — a emigração e as missões mandadas à Europa para estudar as nossas ciências, as nossas indústrias, as nossas frotas e os nossos exércitos.

Estas missões saíram da China com curiosidade — mas também com imensa repugnância. O Chinês tem pelo Europeu um horror, de instinto e de razão, fisiológico e raciocinado, que está muito bem caraterizado numa página dos *Anais Populares do Império* em que se conta a primeira aparição dos holandeses em Macau, e nas vizinhanças de Cantão. «Estes homens (diz essa amarga narração) pertencem a uma raça selvática que habita regiões escuras e húmidas, e que nunca teve a vantagem de se relacionar e aprender com a China. São criaturas avermelhadas, de olhos azulados e

estúpidos, e imensos pés de mais de um côvado. Parecem lamentavelmente ignorantes. E como aspeto exterior nada se pode imaginar de mais exótico e repelente!» Aí está a impressão que os bons flamengos (que nos parecem tão sólidos, sãos e limpos tipos de homens) fizeram aos Chineses. E os portugueses que nos fins do século XV apareceram nas costas da China, e os ingleses e franceses que vieram depois no rasto das nossas caravelas, não foram mais simpáticos aos filhos do céu. Todos estes forasteiros lhes pareceram grotescos e hirsutos de figura, grosseiros e brutais de maneiras — e, como costumes e moral, perfeitamente desprezíveis. Para que tinham eles atravessado o mar nos seus grossos navios? Para piratear ou, quando muito,

para traficar. Ora a classe culta da China, a grande burguesia letrada, considera o negócio como ocupação inferior e baixa — e a avidez do ganho, a fome do ouro, como a evidência de uma natureza vil. Naqueles homens turbulentos, de face dura e arrogante, que berravam, constantemente sacavam de grossas catanas, e para quem a arte de viver se resumia na arte de mercadejar, os Chineses não podiam encontrar as únicas qualidades que para eles constituem o *homem bom* — a quietação, a polidez, a tolerância, o sentimento de equidade, o amor das letras e da palavra escrita, o culto da tradição e da autoridade. E desde então a ideia do Europeu ficou associada no Celeste Império à ideia do homem maléfico. O nome com que geralmente nos

honram é o de *fan-kuci*, que significa o *diabo estrangeiro*, o ser que traz de fora e espalha o mal. De resto todos os outros europeus que, desde a abertura dos portos, se estabelecem na China ou a visitam, não melhoram esta impressão de desconfiança e desprezo. São, na quase totalidade, homens de negócio, secos, sacudidos, ocupados só de enriquecer, passando uma vida toda material, sem gosto pelas coisas do espírito e do saber — e portanto, segundo a ideia do chinês letrado, abjetos. São também em grande parte marinheiros que desembarcam, e pela sua indisciplina, as suas rixas, as suas bebedeiras, escandalizam e desolam o Chinês, o mantêm na opinião de que na raça europeia, além de avareza, só há brutalidade. Os missionários, que

deveriam ser os representantes autorizados das nossas virtudes espirituais, não os impressionam senão desagradavelmente. Na sua religião eles não mostram, nem unidade, nem dignidade, tratando-se mutuamente de «heréticos», de um lado a Igreja Católica, de outro a Igreja Protestante, esta contraminando aquela, que intriga contra a outra, e ainda dentro de cada igreja, divididos em seitas que se guerreiam, calvinistas contra anglicanos, jesuítas contra dominicanos. Nos seus costumes não mostram humildade nem unção, dando-se logo todos como altos funcionários europeus, usurpando as insígnias exteriores dos dignitários chineses (como a liteira verde de quatro carregadores), desprezando as leis do

império, escarnecendo os ritos e os sacerdotes budistas, e tendo uma conduta toda de intolerância e arrogância. Além disso, a sua doutrina (sobretudo na parte moral, que é a única que importa ao espírito chinês) não parece superior nem nova a quem foi educado nos livros de Confúcio ou nos conceitos budistas. Na realidade o letrado chinês não encontra no cristianismo senão contradição, inverosimilhança e névoa; e no pouco que ele tem de bom, os seus preceitos morais, só vê, com desdém, pálidas e imperfeitas imitações do confucionismo e do budismo.

De tudo isto resulta, para o Chinês, um tremendo desdém pelo Europeu e a convicção de que, intelectualmente, moralmente e

socialmente, lhe é de todo o ponto superior, e deveria ser seu mestre. Todavia há uma qualidade que ele reconhece no Europeu — é a de mecânico. É esta, de resto, a única superioridade que nos concedem os Orientais: e qualquer brâmane hindu ou qualquer ulemá muçulmano concordará que, lamentavelmente medíocres, como somos, nos nossos sistemas religiosos e éticos, na nossa metafísica, na nossa literatura, nas nossas doutrinas sociais, temos todavia uma habilidade de mãos verdadeiramente infernal para fabricar máquinas a vapor, aparelhos telegráficos, toda a sorte de ferramentas astutas. Este talento nosso, todo o Oriente decerto o considera inferior, manual, próprio de mesteirais e de escravos. Mas concorda

na sua grande utilidade (não há nada, mesmo para um mandarim da academia de Han-Li, como uma locomotiva quando ele queira andar depressa) e reflete que, se adquirir esse talento, se tomará um homem verdadeiramente completo, pois que à superioridade intelectual juntará a superioridade industrial, e será duplamente forte pela moral e pela mecânica.

Foi neste espírito que os Chineses mandaram as suas primeiras missões escolares à Europa e começaram a sua aprendizagem científica.

Esta iniciação, porém, teria sido muito fragmentária, toda casual e sempre contrariada pelo velho e intratável conservantismo chinês, se a não estimulasse por outro lado o orgulho

político dos mandarins e as suas violentas rivalidades com o Japão. A China, desde séculos, detesta o Japão por motivos um pouco semelhantes aos que mantêm a França e a Inglaterra num perpétuo e surdo estado de antagonismo e desestima. São as duas grandes nações do Extremo Oriente, onde ambas aspiram o predomínio; têm um desenvolvimento idêntico, em literatura, em arte, mesmo em certas indústrias nacionais que ambas exportam e que se chocam nos mercados, o que ajunta à emulação intelectual a emulação comercial: os seus temperamentos, além disso, são dissemelhantes como o do Francês e do Inglês, um grave e prático, outro ligeiro e fantasista, o que cria, no constante encontro dos homens das duas raças, uma

multiplicidade de pequeninas antipatias individuais, que se prendem e se somam, num vasto ódio internacional. Gueixas sucessivas têm intensificado essa rivalidade — e realmente o Chinês e o Japonês, que ambos mutuamente se tratam de *bárbaros* e de *escória da Terra*, só tinham tido até hoje um impedimento para se entredilacerarem, que era o mar que os separa, a insuficiência das suas marinhas e o medo comum da Europa.

Ora, o Japão, como todos sabem, realizou uma transformação extraordinária e decerto única na história. De uma manhã para a tarde, sem descanso, com um ardor frenético, este povo ligeiro e gárrulo sacudiu as suas tradições, as suas instituições, as suas leis, os seus costumes, os seus trajes, as suas maneiras

— e envergou de uma só vez, e toda completa, como uma farpela, a civilização europeia, comprada por preços ruinosos num «armazém de civilizações feitas». Nada representa ou deve representar melhor um estado do que o seu chefe — e ainda há pouco eu considerava duas estampas que pintam com um relevo desolador (para o artista) a transformação do velho em novo Japão. Numa é o micado, ainda imperador omnipotente e hierático, meio homem, meio deus, alçado no seu trono, que mais parece altar, todo envolto num manto de seda cor de palha, com uma mitra de laca branca, onde faíscam pedrarias, imóvel e de olhos baixos à maneira de um ídolo, enquanto o fumo do incenso se eleva das caçoletas, e velhos daimios feudais e samurais

magníficos, vestidos de brocados, de bronzes dourados, os dois sabres na cintura, as duas antenas de ouro tremendo no elmo, se prostram ante a majestade do Filho do Sol, tocam com a fronte as finas esteiras claras, juncadas de flores de *nassari*. Na outra estampa, de cores vivas, é ainda o mesmo micado, anos depois, mais pequeno e como diminuído, com uma farda vermelha de general inglês que lhe faz rugas no sovaco, um capacete branco de general prussiano que lhe tomba para os olhos, umas calças azuis de general francês que lhe fogem dos tornozelos, sentado de esguelha numa poltrona, dentro de uma estação de caminho de ferro, enquanto em redor se agitam funcionários constitucionais, de chapéus de bico, de chapéus altos, de

chapéus-coco, apelintrados e contrafeitos, e ao longe uma locomotiva fumega e vai partir por sob um arco de lona que ostenta este lema estupendo: «Viva a constituição!» Este é o Japão novo. É lúgubre.

Mas é forte — porque, com os nossos horrendos chapéus de bico e as nossas pantalonas agaloadas, adotou também os nossos couraçados, as espingardas *Lebel*, as metralhadoras, toda a nossa organização e ciência militar. E, como não lhe falta a inteligência destra para aplicar os nossos princípios e usar o nosso material, e como os seus oficiais são educados nas escolas, nos arsenais, nos campos de manobras da Europa, em breve o Japão pitoresco se tomou o Japão formidável, e, apesar de as fardas mal

feitas lhe darem um ar xexé de Entrudo, ficou sendo a grande potência do Extremo Oriente.

A China observou com indizível nojo esta revolução social do Japão — mas também com uma vaga inquietação. Os homens que aboliam o mais santo dos cultos, o culto do passado, que se enfardelavam com a rabona estrangeira, que abandonavam as suas festas religiosas para aplaudir em casinos alumiados a gás as cançonetas torpes de Marselha, eram sem dúvida vis: mas os seus portos estavam cheios de couraçados, os seus arsenais de armamentos, um saber novo penetrara na sua educação, e podiam portanto, apesar de ignóbeis, ser perigosos. A manhosa e forte civilização dos «diabos europeus» convertera-os

numa grande potência asiática, comunicando-lhes as suas manhas e a sua força — convinha portanto adquirir também essa força e essas manhas para que o Império do Meio não fosse sobrepujado pelo pequeno Império do Sol Nascente, uma vez que está desgraçadamente provado que a espingarda *Lebel* mata melhor que a elegante e venerável flecha dos avós.

Foi portanto o Japão que forçou sobretudo a China a entrar, bem a seu pesar, na imitação europeia — e este passo humilhante, tão contrário a todos os seus sentimentos sociais, políticos e religiosos, a que a China era impedida pela indecente europeização do vizinho Japão, mais irritou os mandarins contra o Governo, agora constitucional, do micado.

O velho Japão já era antipático à China — o novo Japão, apetrechado à europeia, com gás e com telefones, tomou-se-lhe intoleravelmente odioso. A própria questão da Coreia, tão antiga entre os dois povos, se complicou, se azedou com esta questão recente e singular das inovações ocidentais. Em Seul, na corte do pobre rei da Coreia, as influências chinesa e japonesa, em hostilidade latente desde longos anos, combateram-se agora, nestes derradeiros tempos, acerca dessas formas de civilização que o Japão, com o zelo dos novos convertidos, tentava introduzir na Coreia, e que a China se esforçava em repelir, com rancor. Assim o Japão levava o fraco e aturdido Governo coreense a criar uma escola militar de tipo europeu — e imediatamente a China conseguia a

sua supressão. Depois, foi um caminho de ferro, a que a influência japonesa assentara os primeiros *rails* — e que a influência chinesa logo tortuosamente embargou e por fim destruiu.

E, apesar de tudo, a China continuava a importar as nossas armas, a reproduzir os nossos modelos — mas lentamente, a custo, sem grande confiança na sua eficácia, e certa ainda que, numa guerra, o Japão, com todo o seu material e ciência trazidos da Europa, seria esmagado pelo número incontável das velhas tropas chinas, manchus e tártaras.

Era uma ilusão. Apenas declarada essa guerra, em poucas semanas o Japão ocupava a Coreia, escangalhava o velho rei e o velho Governo, repelia o exército chinês, destroçava a armada chinesa,

invadia o solo chinês e começava uma marcha sobre Pequim, para impor ao Filho do Céu, dentro da sua cidade santa, uma paz cheia de vergonha e ruína.

Por ora o Japonês ainda marcha, ainda está longe de Pequim. Mas quando lá entrar, como tudo o pressagia, a China terá sofrido a maior afronta de toda a sua história de seis mil anos. E que, em consequência dessa humilhação, a atual dinastia manchu desabe ou permaneça, o mandarinato, que é eterno e sobrevive a todas as dinastias, há de raciocinar (porque é essa a sua profissão) que a ultrajante derrota provém só de a China não possuir as armas e os métodos europeus, tão intrinsecamente fortes que, mesmo usados por homens tão vis como os Japoneses, «escória da Terra»,

triunfam irresistivelmente de um tão augusto poder como o do Império Florido.

E deste raciocínio justo resultará que, pelo menos militarmente, a China se vai tornar europeia, no que a Europa tiver de mais engenhoso, de mais científico, de mais moderno. Ela fará exatamente o que nestes derradeiros quinze anos fez o Japão, nas proporções superiores de quem tem quatrocentos milhões de homens e inumeráveis milhões de dólares, e com aquela inteligência, e tenacidade, e senso prático, e método que caraterizam a raça. Em vinte anos, em menos, a China pode ser a mais poderosa nação militar da Terra.

E não precisa para isso, como nós precisamos, de inventar, de criar laboriosamente: basta que compre e que

aprenda, o que é fácil ao seu agudo engenho, ao seu imenso dinheiro. O génio ariano cá está no Ocidente, na sua sublime e natural tarefa de calcular, de descobrir — o mongol de rabicho só tem que olhar, escolher, adotar.

Ora quando a China se tomar uma nação militar, extremamente poderosa, a Europa ficará numa situação singularmente perigosa. Não que devamos recear, como tanto receiam e já profetizam, uma nova invasão de bárbaros da Ásia. Mesmo quando na China surgisse um Átila, capaz de reunir pela energia do seu génio todos o povos do Oriente, para os lançar sobre o Ocidente — a nossa civilização nunca poderia ser submergida, nem mesmo parcialmente desmantelada. A sua coesão é enorme, há uma resistência

invencivelmente forte na sua unidade social e moral — e a Rússia forma um baluarte que nenhum poder, mesmo organizado e apetrechado à europeia, poderá jamais transpor.

Além disso, a China está prodigiosamente velha — e essas aventuras reclamam um sangue novo e rico, como era o dos Hunos ou dos Godos. De resto, o Chinês é, como todos os povos rurais, um povo essencialmente pacífico. A sua educação, desde longos séculos, tem sido antiguerreira — e toda a sua literatura, como toda a sua ética, ensina o desprezo pelo homem de armas. A China é uma raça de lavradores, governada por uma classe de literatos; e com estes elementos não se criam hordas invasoras. Creio, pois, que o Galo-

Romano pode passear sossegadamente, sob os pórticos pintados da sua vila, entre as flores e os bustos dos sábios. O homem amarelo não descerá do seu peludo corcel tártaro, soltando o velho grito de Tamerlão: «Haï-up! Haï-up!»

Mas virá, todavia, o homem amarelo! Virá muito humildemente, muito pacificamente, em grandes paquetes, com a sua trouxa às costas. Virá, não para assolar, mas para trabalhar. E é essa a invasão perigosa para o nosso velho mundo, a invasão surda e formigueira do trabalhador chinês. A Califórnia mostra, nas pequenas proporções de uma província, o que poderá ser, no nosso populoso continente, uma ilimitada vinda de chineses. Foi em 1852 que chegaram a São Francisco da Califórnia os primeiros

cem imigrantes, ainda tímidos e incertos, procurando trabalho nas minas. Dez anos depois eram cem mil. Seriam hoje um milhão, muitos milhões deles, se o estado da Califórnia não os tivesse repelido como uma praga, como se repelem na Argélia os gafanhotos, ou na Austrália os coelhos. Não é, como se pensa, a fome e a miséria que os expulsam da China. Ao contrário! Todos estes imigrantes que vêm das ricas províncias do Sul da China pertencem a uma classe rural remediada, possuem uma instrução média, trazem o seu pecúlio. Não há neles o espírito errático de aventura — mas o propósito muito raciocinado de fazer fortuna comedida e sólida, e de voltar para a China, onde deixaram a casa, as mulheres, uma família, um centro estável com quem

comunicam constantemente, fielmente.

Toda esta imigração estava admiravelmente organizada, por meio de associações (tudo na China se faz por associação) cujos chefes, já instalados na Califórnia, promoviam a passagem dos imigrantes, os recebiam, os instalavam, lhes procuravam emprego, julgavam as suas dissensões, velavam sobre eles paternalmente. Assim se forma logo sempre na cidade estrangeira uma cidade chinesa, fechada e compacta, com os seus altares, as suas lojas, os seus hospícios, as suas escolas, o seu mandarim, todos os órgãos necessários a uma pequenina China. Daí irradiam os trabalhadores. E nunca lhes falta trabalho. Em primeiro lugar, porque se contentam com a terça parte do salário do trabalhador branco. O

Chinês não tem necessidades: uma única cabaia de chita ou lã grossa lhe basta para uma existência: um pouco de arroz e dois goles de chá o alimentam. Onde o branco, comilão e vicioso, precisa de ganhar dois mil réis por dia, o Chinês está feliz com três tostões, e acumula. Em segundo lugar, tem admiráveis qualidades de trabalhador — pontualidade, atividade, docilidade, adaptação perfeita a todas as formas de serviços. São superiormente inteligentes e inacreditavelmente sofredores. As colossais obras de aterramento feitas na Califórnia, na Serra Nevada, só podiam ser executadas pela dureza e infatigabilidade do nervo chinês. Sem eles, o grande caminho de ferro do Pacífico nunca teria sido construído tão rapidamente, tão habilmente. Na Havana,

nas grandes plantações de tabaco, de açúcar, de algodão, em serviço onde todas as raças sucumbem, mesmo a negra, o Chinês prospera, fica mais luzidio e gordo. Sóis tórridos, chuvas trespassantes, terrenos paludosos, micróbios e toxinas não têm ação sobre aquele ser, de aparência mole e como feito de borracha. De resto, como se sabe, a sensibilidade nervosa do Chinês é mínima, e por isso eles são quase indiferentes às penalidades usuais do código chinês, a bastonada e a canga. Toda a sua sensibilidade é moral e assim, na Havana, o castigo terrível e verdadeiramente doloroso que se impõe ao Chinês é cortar-lhe o rabicho. O rabicho é o símbolo exterior da sua dignidade, como outrora, para os

cavaleiros godos ou francos, os densos cabelos anelados.

O Chinês, logo que reúna pelo trabalho do campo, da mina, ou da fábrica, um saco de economias, vem estabelecer-se na cidade, como jardineiro, lavadeiro, alfaiate, sapateiro, cozinheiro, ourives, etc.

E nestes misteres é incomparável pela habilidade, a rapidez, a originalidade, a excelência da mão de obra. Quando as economias crescem, abandona a pequena indústria, entra no comércio — onde é prodigioso, pela lealdade, a finura, o faro, a prontidão em compreender todos os métodos e manhas da praça. Depois, apenas faz fortuna, abala para a China, levando o dinheiro do branco, e um desprezo mais intenso ainda

do que trouxera pela civilização europeia.

Um imigrante com estas capacidades é terrível, sobretudo em países industriais, porque altera profundamente a balança dos salários. O capital produtor tem o sonho ansioso (e legítimo) de diminuir, pela baixa dos salários, as despesas de produção.

Quando lhe aparece, portanto, um operário hábil, incansável, pontual, dócil, que não faz greves, nem política, é apenas um complemento inteligente das máquinas, e oferece o seu trabalho por metade ou um terço do salário normal, imediatamente o aceita, com alacridade, sem curar de que ele tenha raça amarela, branca ou verde. Foi o que aconteceu na Califórnia. O celestial começou lentamente a expulsar o ianque de toda a atividade assalariada.

Nas minas, nas estradas, nas fábricas, nas indústrias, por toda a parte onde se necessitavam braços os amarelos eram preferidos aos brancos. E como esta imigração se desenrolava sempre cada dia mais densa, e o seu crescente conhecimento do país lhe aumentava os meios de expansibilidade, a concorrência chinesa em breve pesou vitoriosamente no mercado, e a taxa do salário baixou de um modo esfaimante para o trabalhador de raça branca. A consequência foi que a raça branca (que tem inventado as teorias mais nobres sobre a liberdade do trabalho) passou a impedir violentamente os chineses de trabalharem. Nas mesmas fábricas, por toda a parte, o Chinês era escorraçado, espancado, esfaqueado e a polícia da Califórnia desviava os olhos

benévolos. Além disso os políticos, sob a influência da população operária que dispõe de voto, começavam a criar leis opressivas contra o Chinês, para lhe tomar a vida intolerável, o desgostar para sempre as doçuras da Califórnia. O Chinês, porém, com a tenacidade da sua raça, persistia. Cada paquete do Pacífico desembarcava em São Francisco mil e quinhentos, dois mil chins. Era como uma velha praga da Bíblia. A populaça operária, submergia, ameaçava o Estado com uma revolução. Os políticos então, repuxando até ela estalar a doutrina de Monroe, conseguiram uma lei que proibia ao habitante da China penetrar no solo da Califórnia!

Mas como se pôde estabelecer uma tal lei, tão escandalosamente

violadora de todos os direitos divinos e humanos? Porque a China era fraca, e não tinha esquadras nem exércitos para fazer respeitar nos seus nacionais o direito que a todo o habitante da Terra assiste de percorrer a Terra, e de escolher nela um canto onde se instale, pacificamente trabalhe e se nutra.

Como me dizia a mim mesmo um mandarim (o único que me foi dado conhecer, homem magnífico, de maneiras antigas e incomparavelmente aristocráticas, e vestido com uma cabaia de seda verde-mar e fio de ouro que me perturbou), como ele pois me dizia: «O Chinês não poderá viajar enquanto não possuir, à maneira da Europa, couraçados para o comboiar.» E por isto significava aquele venerável mandarim que a China,

quando fosse preste, deveria fazer à Europa o que a Europa fez à China — obrigá-la a receber os seus trabalhadores sob pena de a metralhar.

E aqui está o perigo económico que nos virá do Império Florido, quando ele, derrotado pelas armas europeias do Japão, sacudir o antigo torpor sob que se tem enferrujado, atirar para o lixo a flecha tártara, e se armar e construir frotas, e conhecer profundamente o modo de as manobrar e se converter numa imensa potência militar e marítima — o homem amarelo fará logo a sua trouxa e embarcará, confiado e seguro, para vir explorar a Europa. Será um movimento lento (tão lento como foi o das hordas bárbaras para dentro do Império Romano), mas que fatalmente se dará

como a natural consequência de quatrocentos milhões de homens reentrarem de novo na família humana. O pequeno formigueiro chinês que alastrava a Califórnia até que o ianque o esmagou sob o seu grosso sapato ferrado de pregos — recomeçará em proporções imensas para toda a América, para toda a Europa. E então não se poderá contra ele decretar a perseguição, muito menos a expulsão — porque detrás do imigrante chinês avançará o couraçado chinês: *comer um chinês*, segundo a expressão americana, será então uma aventura tão indigesta e tão cheia de perigo como é hoje na China *comer um inglês*.

A desorganização económica que se deu na Califórnia virá repetir-se na Europa com descomunal magnitude. Nas

fábricas, nas minas, no serviço dos caminhos de ferro, não se verão senão homens de rabicho, silenciosos e destros, fazendo por metade do salário o dobro do serviço — e o operário europeu, eliminado, ou tem de morrer de fome, ou fazer revoluções, ou de forçar os estados a guerras com quatrocentos milhões de chineses.

E esta a invasão a recear — não a invasão tumultuária à moda vandálica. E será tanto mais temerosa que terá por si a força do direito, sem que seja fácil exercer contra ela o direito da força. Ela terá além disso como cúmplice e instigador o interesse do capitalismo: porque, à maneira que as nossas classes operárias, mais educadas, se tomarem mais indisciplinadas (ou antes, mais

legitimamente exigentes) e o capital europeu travar uma luta mais áspera com o trabalho europeu, a sua tendência irresistível será utilizar a enorme massa dócil e facilmente contente que cada ano lhe remeterá a inesgotável China. Em cada centro industrial da Europa haverá assim um permanente e atroz conflito de raças — como já hoje se dão, e por motivos idênticos, conflitos de nacionalidades, em que o Francês espanca o Italiano, porque o homem trigueiro de além dos Alpes come menos carne e pede menos salário.

E se a invasão operária chinesa não triunfar (porque a força e a influência do proletariado são já imensas e ainda crescem), essa invasão será, num grande período do século XX, uma nova e intensa complicação, sobrevindo a tantas, já tão

temerosas, que esperam os nossos pobres netos.

Mas basta de Chineses! Vós, amigos, aí no Brasil, parece que os desejais, para vos plantar e vos colher o café. Sereis inundados, submergidos. Virão cem, virão logo cem mil. Daqui a dez anos em São Paulo e no Rio tereis vastos bairros chineses, com tabuletas sarapintadas de vermelho e negro, fios de lanternas de papel, covis empestados de ópio, toda a sorte de associações secretas, uma força imensa crescendo na sombra, e cabaias e rabichos, sem cessar fervilhando. Mas tereis cozinheiros chineses, engomadores chineses — e sabeis enfim o que é uma sopa superlativamente sublime e um peitilho lustroso e digno dos deuses. Todas as

outras colónias, portuguesa, italiana, alemã, serão insensível e subtilmente empurradas para as suas pátrias de origem — e o Brasil todo, em vinte anos, será uma China.

Os nativistas estourarão de dor e nojo. E como, por caridade intelectual, é necessário que a todo o espírito se dê alimento — metade da *Gazeta de Notícias* será impressa em chinês. Bom é, pois, que comeceis a reler o vosso Confúcio, camaradas — e que vos inicieis nos divinos livros fundamentais, o *Chu-King*, que é o Livro das Memórias, o *Chi-King*, que é o Livro das Imaginações, o *Ji-King*, que é o Livro das Mudanças, e o *Li-King*, que é o Livro dos Ritos.

De resto, todo esse chinesismo não será para o Brasil senão um ligeiro

acréscimo de confusão. E depois, quem sabe? Talvez a influência ambiente do confucionismo infiltre enfim e derrame no país os princípios salutares da doutrina perfeita — o amor da disciplina, do respeito, da tolerância, da ordem e da paz laboriosa.

O Czar da Rússia

O czar Alexandre III, que a Rússia está há três semanas sepultando com uma pompa tão morosa e difusa, era um homem excelente, pacífico, probo e patriota. Estas qualidades, estimáveis e puras, não merecem geralmente canonização. Delas, quando possuídas e exercidas por um merceeiro, não resultarão, como benefício para a humanidade, senão alguns quilos de açúcar pesados com honestidade, ou luminárias penduradas de uma varanda nos aniversários festivos de príncipes e constituições. Possuídas, porém, e exercidas por um autocrata todo-poderoso, elas ganham uma magnitude e uma irradiação proporcionadas à vontade

ilimitada que as exerce, e delas podem provir bens inestimáveis para um povo, mesmo para todo um agrupamento de povos. Ora, o czar é um autocrata omnipotente e de uma omnipotência sem igual na história, pelo menos na história da Europa civilizada. Mesmo nas grandes civilizações asiáticas, os soberanos não dispõem de um poder tão incircunscrito. Assim na China, além dos costumes imutáveis e dos ritos que peiam a autoridade do imperador, há ainda, para a conter e reter, a força dos vice-reis, como o vice-rei de Cantão ou o vice-rei de Pechili, que, dispondo sem fiscalização dos tesouros e dos exércitos das suas províncias, constituem úteis e formidáveis centros de oposição e de resistência.

Na Rússia, porém, a autocracia é

absoluta e mais ilimitada que a dos césares de Roma, de quem os czares, como herdeiros do cisma grego e através dos césares de Bizâncio, são os sucessores remotos. Os césares não eram propriamente déspotas, tal como se entendia então o despotismo, e como ele existia no Oriente, sobretudo na Pérsia, onde não havia estado, nem leis, nem opinião, nem propriamente homens conscientes, apenas uma horda tremenda de escravos que o grande rei podia mutilar, matar, vender, lançar em manadas para aqui ou para além, como gado vil. Decerto Roma viu formas violentas de tirania, sob certos príncipes de natureza perversa ou transviados por esse desequilíbrio da vontade absoluta que se chamou a «loucura cesariana». Mas eram

crises transitórias — não situações normais. O cesarismo foi sempre na realidade uma monarquia temperada. Assim o consideravam os contemporâneos e os que estavam ainda próximos de um Nero, de um Cláudio, de um Domiciano. «Não se deve confundir (diz o liberal Plínio) o principado romano com o despotismo.» As antigas liberdades não só, depois do império, tinham ficado nas leis, mas nos costumes.

Em face dos césares restavam ainda muitas forças vivas para os constranger e moderar. Todas as magistraturas que eles nomeavam e que os ajudavam a governar o império, esse Senado augusto cuja autoridade era mais antiga que a sua e revestida de caráter religioso, a opinião pública impaciente e

loquaz, as tradições, as maneiras, a sociedade, o patriciado, o culto, o próprio passado glorioso de Roma, a memória sempre viva dos altos feitos e das altas virtudes, eram outras forças essas que podiam fortemente limitar, e limitavam, o poder dos césares. Somente, e daí provinha o mal, a marcação desses limites não se achava constitucionalmente determinada e fixa. Nero dizia, com razão, que os imperadores nunca sabiam exatamente o que lhes era permitido ou vedado. O mesmo podiam afirmar os magistrados e o Senado. Através desta incerteza se puderam produzir os males e os crimes que enegrecem a história augusta. O poder cesariano não era ilimitado, era antes mal limitado. Mas mesmo dentro desses limites incertos ele

foi sempre em princípio (princípio que ainda, sob imperadores deleitáveis, se traduzia em realidades) exercido em nome do povo e do Senado. Com o povo, na verdade, os imperadores não contavam, porque o povo, desde Augusto, se desinteressara das coisas públicas e já nem compreendia o orgulho ou o proveito da liberdade. Quando Calígula reuniu novamente os comícios populares, suprimidos por Tibério, nem um só homem da plebe romana apareceu para votar. Estavam todos nos teatros, nos banhos, nas festas, nas romarias. Contando que as subsistências permanecessem baratas e os espetáculos interessantes, o velho povo romano aplaudia o seu príncipe. Também se o pão encarecia, se os jogos circenses eram

chochos, a velha independência e altivez romanas reapareciam e as estátuas do imperador, por vezes mesmo a pessoa do imperador, recebiam dessas vaias de infinita malícia que os Italianos foram sempre magistrais. Os imperadores sorriam paternalmente e confiados. Fora a plebe que os fizera, tirava deles um lucro seguro e não havia receio que o trocassem pelas contingências e misérias da rebelião.

O Senado, porém, esse era o terror dos imperadores. O sacro e augusto corpo dos padres conscritos conservava todo o seu prestígio, e o mundo romano era para ele que olhava e dele que esperava. O que contribuía para a sua importância universal e mantinha a certeza (e mesmo a lenda) do seu poder eram as largas

mostras de respeito, de respeito humilde e filial, que lhe prodigalizavam os césares. Todos desde Augusto se esforçavam em não aparecer senão como servidores do Senado. Mesmo sob os mais demagógicos e violentos, ele permanecia, segundo a expressão de um deles, de Othon, «a cabeça e a honra do império». O próprio Nero concorreu para lhe aumentar o brilho e a dignidade, e portanto, numa sociedade tão jerarquizada como a sociedade romana, a influência e o mando.

As perseguições que um Cláudio ou um Domiciano exerceram contra ele provavam ainda o seu poder e a pesada sombra que ele fazia à autoridade imperial. Decerto o Senado deu por vezes, em tempos já muito servis, o exemplo de todos os servilismos, porque

a fraqueza dos homens vicia e anula as instituições mais fortes. Mas não impede que, durante todo o império, os césares sentissem sobre eles aquele soberano corpo político, e a um ponto que o mais intratavelmente orgulhoso, um Tibério, não praticava ato de que não desse explicações ao Senado numa dessas «grandes e verbosas cartas» que a cada instante chegavam de Capreia.

O imperador da Rússia é que não tem explicações a dar a ninguém, senão a Deus. O seu poder, mais absoluto que o de Luís XVI porque não é contrabalançado pelos parlamentos, mais absoluto que o de Filipe porque não é coartado pelos *fueros*, corresponde de facto ao do grão-sultão, no velho Império Otomano, que só tinha por limites a religião. Com a

diferença, porém, que o sultão podia ser deposto por um decreto dos ulemás e dos *mollahs* congregados em concílio — e não há concílio de metropolitas russos que possa suprimir uma parcela de poderio dos czares. Essa soberania é una, indivisível, inalienável. Fundada sobre o sistema dos principados feudais, ela é como uma propriedade, um morgado herdado por cada imperador, e seria nele quase uma covardia, pelo menos uma baixeza, o abandonar aos seus vassalos, individualmente ou constituídos em assembleia, uma porção, ainda mínima, do depósito que recebeu intacto dos antepassados e que deve transmitir intacto a seus filhos. Não só pela tradição medieval o czar é o proprietário, o dono da Rússia e de todos os russos, mas pela

teoria dos legistas é, como czar, o único e perpétuo representante da nação, e ainda pela doutrina dos teólogos é, como David, o delegado especial de Deus sobre a Terra. Tem a tríplice consagração do costume, da lei e do dogma. A civilização, a filosofia, a ciência, a absorção da cultura europeia têm adoçado nas suas formas, mas não alterado na sua essência, esta vetusta conceção da soberania russa.

O excelente Alexandre Hl era, na realidade, tão absoluto como o medonho Ivan III, há trezentos anos. Esse Ivan dizia aos Russos, para lhes definir bem as relações de czar a vassalo: «Eu sou o vosso deus, como Deus é o meu!» E o povo russo assim o entendia. Por isso suportava todas as crueldades do soberano, não só em perfeita submissão,

mas ainda adorando, e com as mãos erguidas para ele, como as raças muito crentes, quando Deus lhe manda as privações da fome ou da peste. Alexandre Hl não dava da sua soberania a mesma fórmula de Ivan, mas, no fundo, tinha dela a mesma ideia: e a Rússia continua a consentir nessa ideia, se não já com fervor devoto, como nas idades bárbaras, pelo menos com respeito jurídico.

Ora, num soberano possuidor de tal poder, estas virtudes simples de doçura, probidade, patriotismo, espírito pacífico, respeito da vida humana, que num mero cidadão não têm senão uma ação restrita à família, e num rei constitucional não têm senão uma ação restrita à corte — são de um alcance universal e influem nos destinos do

mundo, sobretudo quando a omnipotência desse omnipotente se estende a cento e cinquenta milhões de homens! Mais que tudo ainda quando a essas virtudes se junta, como no imperador Alexandre, o sentimento religioso da sua responsabilidade para com Deus — e quando, sob o olhar desse Deus, que ele sente e que o manda, se aplica a exercer com indomável tenacidade, com um impulso nunca afrouxado, no que é grande e no que é mínimo, essas virtudes que recebeu de Deus. Então a sua doçura natural pode produzir ao longe a felicidade de vastas massas populares; a sua probidade instintiva dilatar-se-á em fecunda gerência da riqueza pública.

O seu patriotismo criará talvez a expansão e engrandecimento da pátria; as

tendências do seu coração pacífico podem dar a paz ao mundo. A sua omnipotência opera como uma alavanca, que, sob a pressão de cinco dedos, e não dedos enormes do gigante Golias, mas dedos usuais e frágeis do mediano homem que passa, levantará facilmente a mais monstruosa das rochas. E assim, por possuir as três ou quatro qualidades que quase todos possuímos, permanecendo com elas em incurável obscuridade, o soberano absoluto, do tipo do czar, fica ilustre e um homem da história, principalmente se teve a felicidade de viver num tempo como o nosso, tumultuoso e vazio, tempo de muita turba e poucos homens.

O czar Alexandre era caracteristicamente um russo. Ele próprio

costumava dizer, segundo contam, «que a única justificação de um czar era o seu russianismo». Mais que russo, o czar era um mujique, um genuíno mujique coroado. Do mujique tinha a robustez enorme e mal feita, o andar bovino e lento, o olhar cismador. Os seus prazeres eram os trabalhos rudes de homem dos campos, em luta com a Natureza áspera — desbastar mato, derrubar árvores, rachar lenha. Em Gatchina, onde ele se escondia como numa cidadela, havia sempre, durante o inverno, algumas ruas do parque a que se não limpava a neve — porque era o imperador que todas as manhãs a levantava com uma imensa pá proporcionada à sua imensa força e uma pesada carroça, a que o senhor da Rússia se atrelava. E com tudo isto, numa ternura

de simples, devotamente fiel à czarina, em adoração diante dos filhos, tremendo se um deles tossia ou dormia mal, e sacudindo papéis de Estado e cuidados do império para lhes ir consertar bonecos, ou para os divertir no jardim com engraçadas façanhas de força.

A sua inteligência era lenta e pouco curiosa. Nunca foi homem de livros, nem o interessavam as coisas da corte. O seu gosto tendia antes para o que é intrinsecamente precioso e que brilha — e colecionava com ardor obras de ourivesaria, pedrarias, baixelas. No teatro, estimava sobretudo os dramalhões tremendos em que se chora, em que ele chorava. A sua superioridade residia toda no caráter — e sobretudo na incomparável probidade, no zelo ansioso

com que cumpria o seu ofício de reinar. O império, para Alexandre III, não era uma sinecura esplêndida. Assim como possuía todos os poderes, tomava a seu cargo todas as funções. Naquela centralização grosseira, sem fiscalização e sem publicidade, ele tinha de substituir a sua vontade e a sua ação a todas as ações e vontades abolidas. Assim que se tratasse de uma aliança política ou do conserto de uma estrada, era o imperador quem decidia e dava o impulso. Um tal regime necessita uma energia indomável, uma severidade minuciosa, um discernimento quase infalível. Na realidade, necessita génio. O imperador substituía a pequenez do génio pela imensidade da aplicação. Para governar por um tal sistema, Frederico II da Prússia levantava-se

estremunhado às quatro da manhã; e Napoleão trabalhava dezoito horas por dia; e mesmo à mesa, ou no banho, ou enquanto o criado o esfregava todo com água-de-colónia, ditava aos seus secretários. E nem um nem outro dirigiam máquinas que se possam comparar com a Rússia, pela complicação, pela grandeza e pela irregularidade. O czar realmente morreu desse trabalho sobre-humano. Mesmo durante as suas férias, no verão, quando residia na Dinamarca, continuava a governar a Rússia, em todas as miudezas, do fundo do seu quarto do castelo de Trendenburg; e, para o auxiliar na tarefa pavorosa, trazia apenas consigo um copista! Era sofreguidão de autoridade ciumenta? Desconfiança de colaborações infiéis e interesseiras? Paixão de

burocrata, como tem o sultão? Talvez um pouco de tudo — mas acima de tudo o sentimento austero da sua responsabilidade. O seu zelo administrativo era ainda uma forma do seu zelo religioso. À noite, aquele imperador era o homem mais esfalfado de todo o império. O trabalho aqui, pela magnitude, quase condizia com o salário. Poucos mujiques, nos campos, teriam arquejado sobre a tarefa tão duramente como o grande mujique coroado. Com os ombros caídos, como se em cima carregasse a Rússia, recolhia então ao quarto da imperatriz, onde, pai simples, cercado dos seus, era ele que fazia o chá.

A ideia dominante deste verdadeiro russo foi russificar completamente o império, fundir numa

forte unidade política e religiosa todas as raças e todos os credos, de modo que não houvesse dentro da Rússia senão russos, e russos ortodoxos. Assim fortalecia a sua própria autoridade, porque o czar, chefe temporal, é também chefe espiritual. Para esse imenso fim, não desdenhou nenhum meio, mesmo pequeno — como quando ordenou que na corte se empregasse só a língua russa, e que as senhoras restaurassem os antigos trajes russos. Nem todos os seus métodos de russificação foram decerto eficazes e hábeis — porque não é com finlandeses oprimidos que se fazem russos leais: e a expulsão dos judeus, por princípio ortodoxo, não consolida a ortodoxia, nem a purifica, porque toda a seita que se toma perseguidora perde da sua força e

corrompe o seu espírito. Mas no seu antissemitismo, o czar obedecia fatalmente às suas íntimas antipatias de mujique. Esforço mais coerente e eficaz foi a sua metódica eliminação do elemento e da influência germânica. Sob o seu reinado, a Rússia quase inteiramente se desgermanizou. E aqui ainda o seu interesse político concordava com a sua simpatia doméstica — porque à czarina, filha do rei da Dinamarca, o antigo vencido de Koenisgratz, era naturalmente odioso todo o germanismo.

Mas a obra grandiosa do czar foi a lenta extensão da Rússia para a Ásia, a marcha sobre o Afeganistão, realizada com uma tenacidade, um método, um saber admiráveis, apesar de todos os obstáculos geográficos, da resistência de

populações ferozes e fanáticas, da esterilidade das regiões, nunca até aí transpostas, e do dispêndio incalculável de milhares de homens.

Para levar a cabo esta colossal ramificação do seu império asiático, o czar necessitava de dinheiro e paz. E estes preciosos fatores da obra só a França lhos poderia garantir — porque as duas outras nações ricas e fortes, a Alemanha e a Inglaterra, rivais da Rússia nas suas fronteiras da Europa e da Ásia, nunca concorreriam, com empréstimos ou alianças, para o seu engrandecimento. Por isso o czar naturalmente se voltou para a França. E nunca houve uma aliança mais lógica, fundada em interesses mais positivos.

Os Franceses, que gostam de

embelezar todos os seus negócios com uma auréola de sentimento, falam da fraternização irreprimível da «alma russa e da alma francesa». Estas «almas», que não se conhecem e que nunca se compreenderam, foram inteiramente alheias a essa aliança ou acordo, que consistiu numa troca muito tangível de serviços muito materiais. A França deu à Rússia quatro milhões, para que empreendesse a sua conquista asiática; e a Rússia, em recompensa, tirou a França do isolamento político em que ela jazia, fraca, apesar de tão forte, perante os sete milhões de soldados da Tríplice Aliança. Por sobre isto, é certo, muitos abraços se trocaram, muito champanhe estalou, muito lirismo bateu o voo. Mas, na realidade, foi uma transação, e extremamente seca.

A França entregou quatro mil milhões de francos — a Rússia prometeu quatro milhões de soldados. Mil francos por cada soldado. Não é caro, para a França.

O czar nunca estimou nem podia estimar a França. Àquele autocrata devoto e pudico, tudo na França lhe devia repugnar — o seu radicalismo político, o seu cetismo religioso, o sensualismo da sua literatura e da sua arte e mesmo o cosmopolitismo leviano da sua capital. Decerto a Alexandre III a França aparecia como o país de todas as irreverências e de todas as libertinagens. A grande obra civilizadora da França, se jamais refletiu nela, certamente a atribuía e a limitava à antiga França histórica, a França governada pelos seus reis. Com efeito, a

influência da civilização francesa sobre a Rússia, no tempo em que foi mais viva, no século XVIII, era toda de sociedade e de corte e ia para São Petersburgo, não da França, nem mesmo de Paris, mas diretamente de Versalhes. As classes russas afrancesadas ainda o são à maneira do século XIII; e, mesmo lendo os livros modernos de Paris, procuram em Zola e em Bourget aquela coisa especial que procuravam em Dorat ou em Crebillon. Ora, este mesmo feitio francês da sociedade russa era profundissimamente desagradável ao czar. Para aquele puro e devoto monarca, o espírito da França sempre pareceu venenoso.

Amava ele ao menos o caráter dos Franceses, a sua sociabilidade, a sua limpidez intelectual, a sua graça inventiva

e fácil, a sua fina arte de alindar e popularizar? É duvidoso que a natureza do czar fosse acessível à sedução destas qualidades. O que é, porém, certo é que o povo, que em cem anos tem demolido treze vezes a sua estrutura política e que se não cansa em a tomar cada vez mais radical, mais positiva, mais irreligiosa, devia chocar todas as opiniões e crenças daquele soberano de direito imutável, absoluto e divino. E no dia em que ele, num banquete de gala, se ergueu, escutou de pé *A Marselhesa*, fez indubitavelmente ao patriotismo e aos interesses da Rússia o sacrifício de sentimentos muito íntimos, e muito enraizados, e muito queridos.

E a França, compreende ela e estima a Rússia?

Certamente que não — apesar do

que tanto se tem declamado (mais em Paris que em São Petersburgo), nestes dois derradeiros anos, acerca da união das duas almas. Não pode haver ligação de almas onde não exista identidade de ideias, de crenças e de costumes. Seria impossível uma estreita aliança moral entre Franceses e Turcos. Ora a Turquia não está moralmente mais separada da França do que a Rússia. Entre Paris e Moscovo não existem somente, para as distâncias, milhares de quilómetros (que de resto os comboios expressos cada dia encurtam); existem sobretudo centenas de anos, quatro ou cinco longos séculos. E sempre entre a Rússia e a França se deu este radical desencontro de progresso e barbaria. No século XIII, quando a França e a Europa ocidental estão na plenitude da

civilização medieval, e nas escolas ressoa o tumulto da filosofia, e nos concílios se deliberam as mais subtis questões espirituais, e os mosteiros são centros fecundos de saber, e a arte gótica desabrocha em maravilha, e por toda a parte resplende a honra a polidez da cavalaria — a Rússia é ainda mais uma floresta que uma nação, onde os eslavos da planície, hirsutos, mudos, cobertos de peles, esconchados em choças, são menos homens que bichos. Nos fins do século XV, na Renascença, durante o máximo esplendor do génio europeu, no tempo dos grandes poetas, dos grandes pintores, dos grandes humanistas, quando a diplomacia substitui a força e os prazeres mais procurados são os do espírito, e o mundo está cheio de letrados e de finos amores

de conversas doutas, e os reis e os papas se disputam a posse dos artistas, e Francisco I apanha os pincéis de Ticiano, e o faustoso D. Manuel passeia pelas veigas de Sintra, entre Gil Vicente e Garcia de Resende — na Rússia o czar Ivan IV, o homem mais civilizado do seu império, decepa por sua mão, com um grande cutelo, as cabeças dos boiardos, faz cozer em caldeirões de cobre os príncipes apaniguados e, depois de comer brutalmente, como uma fera, vem para os pátios da sua negra cidadela ver ursos devorar as crianças. No século XVII, no grande século, quando Luís XIV resplandece em Versalhes como o Sol, e a graça e nobreza da vida e das maneiras atingiram a perfeição suprema, e a cultura e as belas-letras se respiravam como o ar,

e qualquer burguesa do Marais escrevia tão puramente como os melhores da Academia, e os escritores eram Boussuet, e Pascal, e Molière, e Corneille, e Racine, e La Rochefoucauld, e Boileau — na Rússia, em São Petersburgo, os homens de grenhas incultas até à cintura, de barbas esquálidas até ao umbigo, arrastavam pela lama grosseiras túnicas tártaras; mesmo os nobres só tinham por distrações bebedeiras e brigas; as mulheres, tapadas com espessos véus, viviam aferrolhadas, sem permissão de sair à rua, de aparecer a uma fresta, como nos haréns de Bagdade; e nas casas, mobiladas com rudes trastes de pinheiro mal pranchado, não havia um quadro, nem havia um livro, porque ninguém na Rússia sabia ler. Pedro, *o Grande* (esse czar

genial que, quando assistia às sessões do Senado, terminava sempre por desancar os senadores com uma furiosa bengala), mandou, é verdade, por decreto, cortar todas as barbas e encurtar todas as túnicas; libertou, também por decreto, as mulheres da sua reclusão de serralho persa; tomou obrigatórias, ainda por decreto, as reuniões sociais e os saraus discretos; e estabeleceu, sempre por decreto, as maneiras com que os fidalgos se deviam conduzir, os copos de aguardente a que se deviam limitar, os gestos de cortesia e deferência com que deviam saudar as damas, e o número moderado de chicotadas que poderiam descarregar sobre os lacaios. Era um admirável czar — e vivia no tempo em que Racine escrevia a *Athalie* e em que

Luís XIV, quando encontrava nos corredores de Versalhes uma criada, se cosia com a parede e tirava o seu grande chapéu cheio de pedrarias e plumas. Ao fim de trinta anos de energia, à força de rapar barbas, de substituir túnicas tártaras por bigões franceses e de impor aos seus nobres, por decreto imperial e sob pena de prisão, alguma amabilidade com as damas, conseguiu dar à Rússia, pelo menos às classes superiores da Rússia, uma vaga e exterior aparência europeia.

Mas, sob as barbas cortadas, as novas casacas de seda e as contumélias mal aprendidas — as almas ficavam russas, profundamente russas, como a do próprio Pedro, *o Grande*. Tão russas como eram no tempo de Ivan IV, tendo apenas por fora, na roupa e nos modos,

uma casquinha de Paris. E russas permanecem ainda, sob este czar gentil, de olhos pensativos, que se chama Nicolau II, e que é no fundo ainda um verdadeiro Ivan IV por aquilo que mais importa num czar — o poder, o poder indiscriminado, em frente ao qual não há outro poder. A distância moral, pois, que vai da França à Rússia é a que vai de um Casimire Périer a um Ivan IV. Maior ainda! Porque a França, pelo seu espírito, já está no século XX — e a Rússia ainda se arrasta escuramente no espírito do século das Cruzadas, do Velho da Montanha e de Pedro, *o Eremita*.

A Rússia de facto é uma velha casa asiática, que tem uma varanda rasgada sobre a Europa. A essa varanda ela surge frequentemente e, de cima dela,

intervém, com a sua força e com a autoridade que a força lhe dá, nos negócios da Europa.

Nesses momentos, a Rússia parece europeia, porque se reveste de um traje europeu, se serve de fórmulas europeias.

Um pouco do ar da Europa penetra então pela varanda, levando o rumor das nossas ideias e das nossas inovações morais. Mas é um ar que mal passa das grades. E, quando as portas da varanda se cerram, só há dentro um Oriente antigo e muito estranho, que nós não podemos compreender.

Mas, apesar de tão remotas moralmente, a França e a Rússia seguirão politicamente unidas, porque, ainda que ricas e fortes, uma precisa sempre de mais dinheiro para se estabelecer na Ásia, e a

outra sempre de mais exércitos para se defender na Europa. Não creio, pois, que os Franceses se devam inquietar acerca das ideias deste inédito czar Nicolau.

Da sua varanda da Europa, ele continuará, necessariamente, como o pai, a estender, por causa da Alemanha, um olhar amorável para a França e para a sua grande força vital — o bom camponês de blusa azul que amontoa as boas peças de cinco francos, arrancadas à seara e à vinha. Quem mais se deverá preocupar com as ideias do czar moço e todo-poderoso são os Russos, os vastos eslavos na planície russa, para quem ele é Deus e pai. Terão esses um czar de progresso, como o aristocrático e humanitário Alexandre II, acessível à infiltração das ideias germânicas e

renovadoras, ou um czar de retrocesso, como o devoto e plebeu Alexandre III, hostil a todo o germanismo e protetor ultrarrusso do velho partido russo? Como dizia não sei que poeta, num verso verdadeiro e detestável:

Não se podem prever as coisas de tão longe.

E de resto, qualquer que seja o temperamento desenvolvido pelo czar Nicolau, a Rússia continuará a ser Rússia — isto é, um imenso império, três quartas partes do qual são asiáticas, e que tem portanto de ser governado como se fosse todo asiático, pela vontade única e indiscutida de um autocrata, através de um funcionalismo todo dependente dessa

vontade e tremendo sempre no salutar terror dela, e sob a sanção tradicional de um clero servil e ignorante. Só assim se governam os estados da Ásia. E, como a Rússia tem também uma fronteira europeia, conservará, como fator da vida social e para de algum modo praticar das agitações intelectuais da Europa, um ou outro Tolstoi, pregando um idealismo evangélico, feito de renunciamento e humildade, um pouco semelhante ao faquirismo dos países budistas e ao santonismo dos países muçulmanos, e que é a única filosofia possível e permissível num estado autocrático, de raiz oriental, e ainda enfaixado e imobilizado nas conceções sociais da Meia Idade.

A Sociedade e os Climas

Há anos, há muitos anos, quando nós todos éramos novos e a política se conservava ainda tão romântica como a literatura, um estadista nosso, Fontes Pereira de Melo, aquele a quem se chamava concisamente o popularmente «o Fontes», dizia num discurso de Estado, comparando Portugal às outras nações da Europa, estas palavras consoladoras: «É certo que a nossa pátria não possui como outras a riqueza comercial, as numerosas vias férreas, as incontáveis fábricas, os estaleiros, a ferramenta industrial, os fortes fatores do progresso: mas tem sobre elas uma superioridade, que lhe garante vida mais fácil e mais livre, e é este

luminoso e magnífico céu azul que nos cobre!»

Todos nós, então moços e pervertidos pelos livros sonoros de Eugéne Pelletan, o divinizador da máquina, o bardo heroico do progresso, rimos estridentemente deste homem de Estado lírico, quase idílico, que considerava um pedaço de céu azul como uma força civilizadora, antepunha a doçura do ar a todas as magnificências da ciência, celebrava a sua terra pelos mesmo motivos por que a exaltavam os poetas do *Almanaque de Lembranças*, e decerto quando lhe pedissem ideias de governo, de administração e de fomento, se contentaria em mostrar os raios do sol meridional, batendo, com providencial radiância, nas folhas dos laranjais. Rimos

estridentemente. Mas o nosso riso era todo feito de inexperiência e de ignorância.

Fontes, relacionando a sociologia e o clima, fazendo depender da atmosfera as qualidades e, portanto, a felicidade das nações, estava com efeito dentro de uma doutrina muito medíocre, apesar de o século XVIII, tão sôfrego de ciências exatas, se ter deleitado com ela, e de Montesquieu se ter constituído o seu defensor paternal e clássico. Segundo essa teoria, em cada região o solo e atmosfera influem irresistivelmente sobre todos os produtos da Natureza, a começar pelos homens e a acabar pelos cogumelos. Tudo provém (como demonstra o grande autor do *Espírito das Leis)* da ação que o ar exerce sobre as fibras exteriores do

nosso pobre corpo. O ar frio, como o da Inglaterra ou da Suécia, aperta essas fibras, aumenta a sua elasticidade, dá-lhes, portanto, resistência e vigor. O ar quente, pelo contrário, como o de Nápoles ou de Portugal, relaxa essas fibras, diminui a sua elasticidade, faz-lhes decrescer a presteza e a força. Quem ganha ou sofre com isto é o coração, que recebe um influxo de sangue mais ativo e vivo, quando as fibras têm robustez e elasticidade, e mais lento e mole, quando, sob a influência de um ar cálido, as fibras são lassas, lentas e frouxas. (É ainda Montesquieu que está falando.) Daqui resultam os corações fortes dos homens do Norte e os corações fracos dos homens do Sul. Ora, é o coração que faz o caráter. Os homens do Norte terão, pois, por causa

desta fortaleza do coração, mais confiança em si, o que importa mais coragem: e terão uma consciência mais clara da sua superioridade, o que lhes dará franqueza, lealdade, generosidade, audácia de empreendimento, tenacidade de conduta, um espírito igual e justiceiro, horror às intrigas, às manhas, às traições e às vinganças oblíquas. O desgraçado homem dos climas quentes (sempre seguindo o grande autor do *Espírito das Leis)*, esse terá todas as qualidades inversas, para sua eterna humilhação. Para ele, e em virtude das suas fibras moles e relaxadas, a covardia, a volubilidade, a inconstância de propósito, a indolência de corpo e alma, a deslealdade, a desconfiança, o amor da intriga, os gostos traiçoeiros e vingativos.

Nos países frios (continua Montesquieu) estão os povos sãos e bem constituídos, abundantes em virtudes, com poucos vícios, todos cheios de sinceridade e de clareza, amando só os prazeres que são viris e puros. Nos climas temperados estão as gentes sensíveis, impressionáveis, imaginativas, inconstantes tanto nas virtudes como nos vícios, incapazes dos grandes esforços, loquazes e vãs. Mas quando se penetra nos climas verdadeiramente quentes (e aí está Montesquieu convosco, amigos!) parece que nos achamos a milhares de léguas da própria moral: aí o corpo não tem resistência e o abatimento contamina o espírito: não há nenhuma alta curiosidade, nenhuma nobre empresa, nenhum sentimento generoso: todas as

inclinações são passivas ou baixas; a felicidade consiste na preguiça, o egoísmo é o móbil supremo: as más paixões multiplicam os crimes torpes: e, para não fazerem sequer o esforço de se conduzirem e governarem a si próprios, os homens preferem a escravidão!

O quadro é medonho. Mas como é falso e estouvadamente improvisado! E como são corredias e fáceis as objeções que se podem pôr aos manes veneráveis de Montesquieu, sobre a sua dileta doutrina das influências climatéricas. O solo e a atmosfera de Atenas não mudaram desde que essa atmosfera e esse solo criaram a raça que repeliu as invasões do Oriente, deu à humanidade os maiores dos filósofos e os maiores dos artistas e foi a mãe augusta da civilização.

Como sucede então que, nesse mesmo solo e sob essa mesma atmosfera, vive e respira hoje apenas uma populaça ignara, onde não há um filósofo nem um artista, e tão frouxa que não consegue desembaraçar-se sequer das suas quadrilhas de salteadores, ela que outrora sacudiu como simples pó os exércitos de Xerxes? O mesmo fácil argumento se podia transportar para Roma, que conserva o mesmo solo, o mesmo ar, e que todavia (sem fazer ofensa aos seus generais, aos seus poetas, aos seus oradores) não é a Roma dos Cipiões, dos Césares, dos Virgílios, dos Tácitos, dos Catões. Mas é sobretudo Paris, o próprio Paris, que deve embaraçar Montesquieu. O imperador Juliano, que muito tempo habitou entre os Parisienses, nestas

margens do Sena, diz no seu livro do *Misopogon* que o que mais o encantava nesses Parisienses era a gravidade do seu caráter e a austeridade dos seus costumes! Ora o mesmo rio corre entre as mesmas margens: ainda nelas restam as ruínas do palácio de Juliano e das termas que ele edificou: e o mesmo solo, segundo a teoria de Montesquieu, devia produzir os mesmos carateres graves, e a mesma atmosfera devia produzir os mesmos costumes puros. E onde estão elas hoje, essa austeridade e essa pureza? O próprio nome de Paris simboliza tudo quanto não é grave nem puro — e Paris é, segundo todos os escritores que o têm explicado e celebrado, o berço natural dos risos, dos jogos, das graças inconstantes e dos vícios amáveis e finos. Pode, pois, haver

ainda alguma esperança para os povos que vivem com trinta e quatro graus de calor à sombra, e que o duro Montesquieu condena por isso a uma fatal e irresgatável inferioridade. Os climas não são, como ele pretende, tão rigidamente lógicos na sua ação.

Sobre o mesmo solo e dentro do mesmo ar pode haver duas Atenas, uma grandiosa, outra reles. E debaixo dos trópicos, esses criadores fatais da moleza, do vício e da servidão, brota muita energia, muita virtude, muito civismo. As qualidades fortes e as qualidades fracas não estão divididas na Terra por zonas, como as plantas — de outro modo os Lapónios e os Gronelandeses seriam os povos superiores da humanidade, e não se poderiam explicar o heroísmo, a nobreza

e a disciplina social dos Zulos, que ocupam algumas das mais tórridas regiões da África. De facto, por esta teoria, toda a história se tomaria incompreensível — e a civilização do Alto Egito, as destemidas conquistas de Cartago, a grandeza intelectual dos Hindus seriam fenómenos absurdos, ó meu ilustre Montesquieu!

Se esta teoria dos climas, como a popularizou o espirituoso autor do *Espírito das Leis*, na sua generalização tirânica, não se mantém perante a ciência e a história — é certo que a felicidade dos homens e dos povos depende consideravelmente do solo e do ar em que Deus os colocou. Há em primeiro lugar a tremenda questão dos confortos materiais! São eles, sobretudo eles, que complicam a vida, a dificultam, lhe dão o seu áspero

caráter de luta. O nevoeiro, a humidade, o frio, a neve, causam em grande parte os males humanos — os males morais e os males sociais. Para se resguardarem dessas intempéries é que os homens necessitam casas bem apetrechadas, e fogões, e caloríferos, e tapetes, e grossas cortinas, e veludos pesados, e mobílias acolchoadas, e peles, e carruagens, e a abundância das luzes alegres. É de facto para contrabalançar a miséria dos climas ríspidos que o homem apetece o luxo. Só na beleza, no brilho, nas formas ricas das coisas íntimas que o cercam ele consegue esquecer a fealdade e a monotonia de céus sempre cinzentos e soturnos. Ora como nestas nossas imperfeitas civilizações os confortos e o luxo não se alcançam sem dinheiro, e o dinheiro, desde os grandes

erros de Eva e de Caim, não se alcança sem esforço, eis a vida tomada uma luta ansiosa e dolorosa para a conquista de um pouco de ouro, ou de pedaços de papel enxovalhado que represente ouro. Daí estas nossas sociedades ocidentais tão tumultuosas, tão confusas, com as suas fábricas, os seus bazares, os seus bancos, as suas bolsas, a sua agiotagem, as suas greves, as suas revoltas, os seus crimes, a sua febre, a sua instabilidade, as suas opressões escandalosas, as suas incuráveis misérias. E tudo porque durante sete meses do ano do Senhor chove, venta, neva, gela, e o céu é como um teto mortuário, forrado de papel pardo. Que se compare o homem de Londres, de Paris, de Berlim — com o homem do Oriente, o feliz habitante de

Damasco, ou o árabe da Palestina, ou o hindu na sua aldeia. Um abafado em peles até aos olhos, com as calças arregaçadas, as mãos ambas agarradas ao guarda-chuva, cortando o vento, chapinhando a neve, com trevas por cima e trevas em redor, arrepiado e sujo, lá vai numa azáfama, por entre a turba azafamada, aos encontrões, na sôfrega luta para ganhar artificialmente aquilo que a Natureza lhe recusou, um pouco de calor, uma pouca de claridade, um pouco de conforto, um pouco de bem-estar. À mesma hora, o hindu na sua aldeia, o árabe de Damasco no seu quintalejo, serenos, sem pressas e sem cuidados, estão cobertos pelo esplendor de um céu que é uma fonte de alegria: um ar mais doce e macio que todos os nossos veludos envolve-o numa

constante carícia: para se cobrir, um côvado de linho branco lhe basta, um pouco de arroz e milho colhidos sem esforço, os frutos de cada árvore, a água límpida da fonte comum são o banquete que Deus cada dia lhe oferece: em tomo só vê formas graciosas e luminosas: a sua vida é toda de repouso e não tem terrores. Mas nem precisamos peregrinar tão longe, à Síria ou à índia. Paremos em Espanha ou Portugal, e comparemos o trabalhador do Algarve, ou das veigas da Inglaterra. Um traço único marca as diferenças que opera um céu hostil ou um céu afável. No Sul o trabalho é todo feito a cantar, como uma devoção; no Norte o trabalho é feito sombriamente, quase amargamente, como uma condenação. Ao fim do labor, largada a enxada ou a ferramenta, o repouso do

homem do Sul é ainda gozado entre cantigas e danças, porque do seu dia afadigado só lhe resta satisfação e esperança; o homem do Norte procura o repouso na garrafa de gim ou de álcool, porque do seu dia só quer esquecer a miséria e a aspereza. E porque é esta diferença entre os dois trabalhadores? Porque um trabalha numa Natureza que o afaga — e o outro numa Natureza que o atormenta.

Mas é sobretudo nos temperamentos que os climas influem de um modo tirânico. Paris é um exemplo, quase tão doloroso, dessa lei crua.

Na primavera, sob o afago macio do ar resplandecente, tudo nesta cidade é amável e fácil. O homem e as próprias coisas têm não sei que indefinido sorriso

de universal cordialidade. Toda a cidade se toma hospitaleira e bem acolhedora. As melhores qualidades da raça francesa, a polidez, a sociabilidade, a graça, parecem reverdecer, com uma frescura nova, como as folhas nas árvores. O estrangeiro sente em torno de si uma ambiência fraternal. As próprias paixões políticas, que em Paris nunca desarmam, perdem da sua ira e do seu azedume. Os jornais são ligeiros e cheios de novas que alegram e repousam. Todos os cuidados vão para as coisas da inteligência, da arte e do gosto. Os cocheiros de fiacres amansam. Pelas ruas, a multidão, em lugar de se empurrar febrilmente, aos encontrões, desliza, como se na vida só houvesse vagares delicados. Paris é então verdadeiramente, como a que riam e cantavam os poetas do século

XVIII, a cidade dos jogos e dos risos.

Mas vem o inverno, os primeiros frios, as primeiras névoas — e adeus o Paris cordial e doce. Toda a cidade se enruga e escurece. Já não há face que sorria, e os próprios muros, tornados cor de fuligem, se mostram carrancudos. Ninguém mais pensa nas coisas da inteligência e da arte. Quem triunfa é a Bolsa e a aspereza egoísta dos negócios. A política imediatamente se toma feroz e ressuma rancor. Os jornais, alçando o tom violento e sinistro, trasbordam de injúrias e só contam crimes. O estrangeiro deixa de ser o hóspede apetecido e passa a ser o intruso irritante. Dos cocheiros não há mais a esperar compaixão. Os fornecedores apresentam as contas rangendo os dentes, com ferocidade. Nas

ruas só há repelões e pressa brutal. E Paris todo parece, findos os jogos e os risos, a pátria natural da desconfiança e da cólera. Que causou esta lamentável transformação? Unicamente o desaparecimento do Sol, o céu sempre cor de chumbo, as névoas glaciais, a lama, a tristeza invernal.

Grande razão tinha o nosso Fontes! Não há bem maior para uma nação que um clima suave e luminoso. Riqueza, força, grandes indústrias, minas auríferas, um comércio trasbordante, nada, para a felicidade de um povo, vale um lindo sol e um ar aveludado. Tudo se simplifica numa região tépida e clemente. O contentamento do corpo envolto em luz e calor contrabalança, calma, quase faz esquecer os descontentamentos públicos.

As diferenças de sortes e de fortunas, que são a origem dos males sociais, perdem da sua irritabilidade e do seu amargor sob um céu benévolo onde respirar, passear, contemplar, são prazeres superiores que Deus concede mesmo ao mendigo errante pelas estradas. A beleza exterior do mundo exterioriza a vida; a alma não se concentra nem se dobra sobre si mesma, muito menos a si mesma se consome. Terra de atmosfera transparente não é propícia aos rancores, aos despeitos, às surdas invejas. A própria política é aí sem violência; o dinheiro quase não tem egoísmo. Uma bonomia esparsa envolve os corações. Todos os interesses se amolecem sob um fermento de vaga fraternidade. Como se vive na rua e ao ar, e as existências se misturam, todos se

conhecem e todos se toleram. A sociedade tende a estar em harmonia com a Natureza, e o impulso universal vai sobretudo para as coisas agradáveis. A dor nunca conserva aí persistência e lancinância, e para secar lágrimas não há como o sol. Uma manhã radiante consola do maior desapontamento. As paixões são amenas, e se o ciúme é um pouco mais ruidoso é também mais rápido, e nunca envenena lentamente, nem corrói... Mas o bem maior está nas poucas necessidades da vida e portanto na sua simplificação e liberdade. Todos esses *impedimentos* (como dizem os Ingleses), que tanto atravancam as sociedades setentrionais, são ou podem ser ignorados. Portugal viveu muito tempo, e foi feliz, com quatro cadeiras de palhinha em salas soalhadas

de pinho branco. O homem não é escravizado pela amontoação dos confortos e pode mover-se sem ter de deslocar consigo, como o homem dos climas frios, uma montanha de coisas. Daqui provém logo a modéstia das indústrias, as menores exigências de capital, o adoçamento das questões sociais. Quantos bens inumeráveis... Sem contar que nas terras do sol a imaginação dos homens nunca é sombria, e portanto estão-lhe poupados os tormentos piores, os da imaginação. O Sol, que tudo alumia, enche também de claridade o espírito. Não há fantasmas interiores. O mundo nítido, repassado de luz, não oferece mistérios nem terrores. Enfim, o nosso Fontes tinha superiormente razão — e um bom clima é ainda a melhor base de um

estado feliz.

Todas estas reflexões me vieram deste longo, fresco e tristonho inverno. Há seis meses que Paris não vê o Sol.

E como se ele tivesse para sempre ficado no mar, onde mergulhou numa das últimas tardes de agosto — Febo indolente que se não quis arrancar mais ao seio verde de Anfitrite. Desde então, para Paris, não há firmamento — apenas um teto mole e sufocante de algodão sujo. Dizem os entendidos que o Sol está velho, muito velho, e que já não tem o esplendor e o vigor dos tempos em que era adorado como o único deus visível e o único compreensível. O astro primordial sofre de anemia, de tanto se ter prodigalizado a mundos talvez ingratos — e, com as pavorosas tempestades e revoluções que

nestes últimos tempos o agitam sem cessar, a sua face apresenta só manchas e rugas, como qualquer face humana que as aflições devastaram. Assim é talvez — e os mundos dançam e cantam o seu canto pitagórico em tomo de um moribundo. Mas decrépito, e enrugado, e clorótico, como ele está, os homens não o podem dispensar — sobretudo para o seu equilíbrio moral. Os corpos, à custa de fogões, de tapetes, de peliças, vão vegetando — mas as almas, com toda esta sombra que as envolve, vão ganhando um feitio sombrio. A alma de Paris está sombria. E é este hoje o lugar melhor para se lembrar com saudade e inveja o velho verso de Eurípides que diz: «Felizes os que se movem com espírito sereno e livre num ar luminoso e macio!»

Casimire Périer

O Sr. Casimire Périer deu a sua demissão de presidente da República como um caixeiro maltratado e zangado que em dia de crise comercial se despede bruscamente do patrão e abala, desabafando contra as torpezas da loja e atirando furiosamente com as portas. Na longa história das abdicações, desde a do velho Diocleciano, tão preparada, tão prudente, tão cuidadosa do bem do Estado, não creio que se encontre uma outra mais despida de preparo, de prudência e de consideração pelo Estado e pela sua segurança. O presidente nem realmente abdicou o poder: mas uma fria manhã saiu do palácio, atirou o poder

para o meio da rua com uma sacudidela a que não faltou nem coragem nem independência, e encaminhou os passos para casa, para as doçuras da irresponsabilidade. Não é um vencido que se retira — é um enfastiado que se safa.

Toda a imprensa o cobre de injúrias. «É o covarde! É o desertor! E o leviano que aceitou funções para que se sabia incapaz! E o fracalhão que por vaidade se mascarava de valentão! E o egoísta que sacrifica os interesses da sua pátria ao sossego da sua digestão! É o capitão que abala porque rompeu o fogo! É o caprichoso que amua porque lhe disseram que *não*.» Os próprios jornais que, durante estes seis meses, mais concorreram, com assaltos ferozes, para o desgostar e desalojar do poder, fulminam

agora triunfalmente contra a sua impotência e contra a sua deserção.

Tudo isto, a meu ver, é excessivo — e provém do feitio do espírito francês, sempre idealista, tendendo incorrigivelmente para as generalizações absolutas, e que exige dos homens a força abstrata que só pertence aos princípios. Mas um homem realmente não pode ter a rigidez impassível de um princípio. Os princípios são insensíveis e intangíveis — e os homens são um feixe de nervos sujeitos a todas as influências, mesmo as da chuva e do vento. É absurdo pretender que um poeta seja tão poético como os seus poemas, um padre tão transcendente como o seu dogma — e que um estadista, elevado ao poder para representar uma ideia, se tome tão impessoal como ela, e

como ela prossiga impassivelmente na sua evolução, mesmo quando a Terra trema e os céus em tomo caiam.

O Sr. Casimire Périer era simplesmente um homem, com todos os nervos e suscetibilidades e irritabilidades de um homem. Talvez mesmo, herdeiro único e chefe de uma dinastia (a dos Périer), rico, inteligente, adulado pelos seus e pela sua clientela, habituado a exercer um império fácil, poupado reverentemente pela contradição, ele se tomara o que nós chamamos em Portugal um *menino mimalho.* Se como presidente da República tivesse encontrado diante de si um caminho seguro, aplainado, cheio de um doce murmúrio de louvores, sobretudo bem defendido por aqueles que tinham interesse na sua marcha vitoriosa, e

oferecendo apenas aqueles obstáculos que uma vontade mediana prontamente costeia ou destrói — sem dúvida teria cumprido toleravelmente a sua missão, porque não lhe faltavam intenções excelentes nem capacidade ativa. Mas, em vez disso, achou diante da sua sagrada pessoa um caminho intransitável, inóspito, varrido de ventos glaciais, infestado de bichos venenosos, ensopado de lodo que lhe salpicava para as faces, e sobretudo atravancado de obstáculos que os seus colaboradores, aqueles mesmos que lhe deviam assegurar e defender a marcha, vinham de noite sorrateiramente erguer e eriçar de espinhos bravos O resultado foi que o pobre presidente, regelado, arranhado, apupado, topando contra pedregulhos, resvalando em barrancos

lamacentos, desanimou e fugiu por um atalho, gritando indiscretamente que aquela estrada, que era a da república, não oferecia segurança e conduzia a desastres. Certamente um herói, um hércules, teria avançado — mas o Sr. Casimire Périer não é um hércules, nem um herói, e como a França, sobretudo a burguesia francesa esgotada, já não produz heróis, parece insensato exigir dele uma grandeza de alma e força que não são próprias da raça, e muito menos da sua classe.

A sua eleição, feita numa quase unanimidade, entre grandes esperanças, logo depois do assassinato de Carnot e quando toda a França ordeira tremia do papão anarquista, teve uma significação essencialmente conservadora. Ele era o

homem do pulso forte que a França chamava para suster, com esse forte pulso, a marcha das «hordas revolucionárias». Fora a sua reputação de energia, herdada do avô, o ministro de Luís Filipe, o grande consolidador da classe média, que o indicara para um governo que todos queriam resoluto e autoritário. O que se esperava era que, do ramo mais grosso da árvore da liberdade, ele fizesse um cacete. A França teria preferido um general com uma espada.

Mas como os tempos ainda não estão maduros para o advento dessa espada de soldado — a França contentava-se com o cacete do burguês. Em todo o caso a sua eleição foi um alívio, uma esperança — e toda a França que tem uma conta no banco e que deseja,

portanto, tranquilidade e ordem em tomo do banco aclamou o homem forte.

Nestas condições Casimire Périer podia legitimamente pensar que seria um presidente popular. Foi uma ilusão que durou ainda menos que a rosa de Malherbe. Na primeira manhã que ele saiu no landau de Estado, com a sua escolta de couraceiros, avistou diante de si uma França muda e glacial. Nem um sorriso afável que o acolhesse, nem um viva alegre que o animasse. Tão estranho era este silêncio, esta ausência das aclamações tradicionais do expansivo Paris, que os seus amigos a explicavam pelas dificuldades eufónicas do seu nome — Casimire Périer —, que, composto de sílabas longas, não se presta a ser lançado num viva curto e brilhante. E todavia ele

nada mais fizera ainda do que mostrar a sua face à nação. Mas essa mesma face logo desagradou.

Com efeito, na sua fotografia oficial, exposta em todas as vidraças e publicada em todos os jornais, ele aparecia com uma carantonha agressiva, um ar de buldogue extremamente desamável.

Era talvez mera culpa do fotógrafo. Assim a popularidade de um chefe de Estado depende por vezes da perfeição ou imperfeição de um cliché! Além disso, o presidente usava uns colarinhos singulares, revirados, prodigiosamente decotados, que não convieram a este povo acostumado aos colarinhos corretos, hirtos e majestáticos do Sr. Carnot. Imediatamente se

esquadrinharam outras razões de o suspeitar. Os radicais já andavam denunciando com alarido as suas relações mundanas e aristocráticas. Muito amargamente se contava que quando ele soube do assassinato de Carnot, estava numa *soirée* ouvindo música, sentado entre a princesa de Hennin e a condessa de Grelhufe. A democracia não lhe perdoou mais esta condessa e esta princesa, que o contaminavam. Desde logo se profetizou com rancor que o Eliseu seria um centro escandaloso de aristocracia orleanista. Não era ele próprio um velho amigo dos Orleães? Não dera ele a sua demissão de deputado, quando se decretara a expulsão do conde de Paris? Evidentemente a sua presidência seria o prólogo sorrateiro da

monarquia...

Mas o que mais irritava era a sua imensa fortuna, os seus três milhões de renda. A democracia (todos os publicistas o afirmam) é invejosa — e este presidente da República que possuía um palácio na Rua Nicot, tão aparatoso como o Eliseu, e vivendas de campo que valiam as vivendas reais, e coutadas de caça, e uma criadagem de grande estilo, e requintes da vida privilegiada — parecia um contrassenso, a negação mesmo da igualdade republicana, um perigo, quase uma afronta.

Quando a opinião assim se formava, veio a eleição pelo círculo que, ao subir à presidência, ele deixava vago. Era o seu velho círculo, a sua cidadela política. Por ele devia ser naturalmente

eleito um sub-Casimire, do mesmo feitio conservador, que continuasse nas câmaras a obra de resistência à invasão socialista. Qual! O círculo elegeu justamente um socialista! Todo o país riu com gosto desta ingratidão, que era uma lição. O presidente estava definitivamente impopular, mesmo entre a sua antiga clientela. O radicalismo não cessou mais de o cobrir de ultrajes — e de pilhérias. Drumont lançou contra ele raios e Rochefort piparotes. Os seus milhões, as suas librés, os seus bigodes, os seus colarinhos, os seus avós e a sua energia hereditária — tudo foi vilipendiado ou achincalhado.

Tinha ele ao menos a afeição e o apoio dos conservadores? Também não: também se lhes tomara suspeito. Vendo

que ele não brandia o famoso cacete, cortado na árvore da liberdade, e que a «horda revolucionária» não cessava de avançar, os partidos conservadores começaram a descrer da força conservadora do seu eleito. A afirmação constante que ele fazia da sinceridade do seu republicanismo, a sua afetação em se pronunciar contra as suas tradições de classe e em se isolar das suas relações elegantes eram outros motivos de irritação para os moderados. De bom grado lhe diriam como o personagem de Shakespeare: «Vós provais de mais, meu belo senhor, provais de mais!» Além disso, por se ser conservador não se deixa de ser parisiense: e a irreverência, o espírito *frondeur*, o assalto irónico contra todo o chefe de Estado que mostre

hesitação ou fraqueza, é um dos hábitos mais incuráveis do espírito de Paris. Os próprios jornais que o tinham proclamado como o esteio forte da ordem começaram também contra ele um tiroteio maligno. Por ocasião do Grand Prix, o Sr. Casimire Périer, penetrado da velha ideia de que a pompa reforça a autoridade, resolvera ir a Longchamps, à solenidade clássica do *sport* francês, em grande estado, com grandes librés, e precedido de batedores à antiga maneira imperial. Apenas, por uma indiscrição dos jornais, se conheceu esta tentativa de restaurar na república o luxo real, todo o Paris começou a rir — e ninguém riu com mais malícia que o *Figaro*. O presidente, assustado, suprimiu à última hora os batedores, e atravessou num landau democrático os Campos

Elísios, onde se juntara uma multidão imensa, elegante e divertida, para assistir a essa magnificência de librés e lacaios, tão nova e tão pouco gozada pela geração republicana. Quando se avistou o landau sem picadores e sem librés, seco como a virtude, foi um desapontamento e uma troça.

Aquele presidente que de repente, por medo, recolhia todo o seu luxo, o deixava escondido no canto mais escuro das cocheiras do Eliseu, pareceu indizivelmente ridículo. Tudo isto é minúsculo. Mas para uma população tão ligeira e mundana como a de Paris são estas coisas minúsculas que levantam ou derrubam uma popularidade e, por vezes, uma forma de governo.

Mas os maiores tédios do

presidente vinham dos seus próprios ministros. Por deferência para com o seu pobre antecessor, o Sr. Casimire Périer conservava o velho ministério em cujos braços morrera Carnot.

Em lugar, porém, de dirigir o seu ministério, e de fazer prevalecer uma política conforme as suas ideias pessoais, o presidente em breve reconheceu que não era mais de que «uma máquina de assinar». Todos os negócios consideráveis se tratavam sem que ele fosse escutado, sequer consultado. Se tentava afirmar a sua autoridade de presidente, imediatamente lhe recordavam a conduta exemplarmente discreta de Carnot, que nunca impusera as suas opiniões, se submetera sempre, com todo o rigor constitucional, às dos seus

ministros. Assim todos os planos, todos os projetos de reforma, que ele esperava realizar sob a sua presidência, encontravam uma oposição cortês, mas irredutível. O presidente ultimamente ignorava mesmo o que se fazia nos diferentes ministérios, porque a mais tímida e modesta informação que pedia era tão demorada, tão adiada, tão habilmente sonegada, que, de pura fadiga, ele terminava por desistir, emudecer. Se indicava, por exemplo, a nomeação de um funcionário era certo que de todos os modos subtis e oblíquos lhe recusavam. Se ao contrário punha objeções à escolha de um prefeito, ou de um general, ou de um governador de colónia, era certo também que, dias depois, essa nomeação reapareceria, teimosamente entre os

decretos apresentados à sua assinatura formal. E se ele ainda se retraía, hesitava, o decreto, passado uma semana, tornava a surgir entre os papéis, implacável. A política internacional é aquela em que tradicionalmente o presidente é sempre ouvido com deferência. O Sr. Casimire Périer, que justamente saía do Ministério dos Estrangeiros e trazia portanto o conhecimento e a experiência dos negócios diplomáticos, nunca era consultado.

Como o nosso D. João VI, depois da revolução de 1820, ele só sabia de manhã, pelos jornais, o que se decretara, em seu nome, na véspera. Não era propriamente um chefe de Estado — era uma estaca de Estado. Estava ah plantado no Eliseu. E não se lhe atribuía mais

sensibilidade moral do que a uma estaca. Os seus ministros, o seu partido, tinham deixado elevar à presidência da câmara Brisson, o chefe do radicalismo, seu inimigo pessoal. E esse mesmo partido decretara uma acusação contra Reynal, seu amigo íntimo. Era uma estaca, tendo a tiracolo a grã-cruz da Legião de Honra, e a que se prestavam honras régias, mas que na realidade não contava nem na política, nem na nação. A única coisa para que servia — era para que os jornais lhe atirassem lama.

Nestas condições, uma bela manhã, o Sr. Casimire Périer, vendo que o ministério oportunista caíra, que se lhe devia seguir um ministério radical e antevendo que, tão desconsiderado já pelos seus amigos, o seria ainda mais

pelos seus inimigos, agarrou no poder, na grã-cruz da Legião de Honra, nos seus direitos majestáticos, na sua casa civil e militar, na sua escolta de couraceiros, em todas, as suas honras, atirou tudo, de escantilhão, para o meio da rua e sacudiu os ombros livres. Farto de ser uma estaca — quis tomar a ser um homem. O desejo é legítimo — e no «gesto», como agora se diz, não deixa de haver audácia e elegância.

O Inverno em Paris

Este inverno em Paris, reuniu todas as condições para ser esplendidamente elegante e alegre.

Teve dezasseis graus abaixo de zero, a neve endurecida e branqueando o Bosque de Bolonha, todos os lagos gelados e um sol claro e fino num céu de tons delicados.

Há dez anos, mesmo sob a república (que por profissão se deve sempre mostrar modesta e austera), tais belezas invernais excitariam de modo sobreagudo esse famoso *amor do prazer* que todos os moralistas afirmam ser o motor natural do caráter francês. Assim como o verão atrai os homens para as

simplicidades e verdades da Natureza — o inverno por toda a parte incita aos requintes da sociabilidade: mas principalmente em Paris, onde o frio e a neve foram sempre os principais criadores dessa atividade mundana que tantas formas interessantes reveste, abrangendo, já na ordem intelectual, já na ordem física, tuna infinidade de exercícios e de emoções, desde a patinagem até ao neo-evangelismo. Atividade absolutamente incongénere com o verão, o pó, o sol rutilante, e as árvores todas cheias de folhas e pássaros. A própria produção das ideias necessita o inverno, o conchego pensativo dos fogões acesos e céus velados, árvores despidas, uma Natureza sem brilho que não distraia das contemplações abstratas. Nunca se

concebeu um poema, ou uma grande e nova teoria científica, em maio ou julho, quando os prados estão em flor, e as águas murmurantes, as densas e frescas sombras despertam irresistivelmente no homem os velhos instintos adâmicos da ociosidade divina.

Mas é necessário também que o inverno, para ser fecundo, se conserve luminoso, seco, vivo, fino, crespo, com aquela ligeireza de ar, abundante em oxigénio que tão bem excita e tonifica a vitalidade nervosa. inverno morrinhento, pardo, mole, momo, grosso, é inteiramente hostil às alegrias da sociabilidade, às invenções do espírito, a toda a espécie de atividade quer ele se traduza por bailes, quer por livros. Mas é sobretudo desfavorável ao brilho faustoso de uma

cidade mundana — porque inteiramente adormenta e debilita toda a energia festiva. Ora em Paris, este inverno foi favoravelmente seco, assoalhado, bem gelado, vivificante e excitante — e todavia foi triste. Nem festas, nem pompas, nem a tradicional representação das classes patrícias, nem o luxo casual e exuberante que transborda para as ruas, nem sequer aquele movimento de uma cintilação, um pouco febril, que, no simples e vivo cruzar das carruagens, na mera animação de um olhar que passa e sorri, prova quanto uma sociedade se está divertindo com segurança e com vigor. Pelo contrário! Paris teve neste inverno um ar parado e pensativo. Reparando bem, existia mesmo um estranho constrangimento e mal-estar moral.

Ninguém parecia disposto ao prazer — ou havia em todos como um receio, um escrúpulo de se abandonarem ao prazer ruidosamente e despreocupadamente. E claro que Paris, meus amigos, não se tomou de repente um mortificado convento de trapistas. Ainda se dança, ainda se abrem garrafas de champanhe, ainda se encomendam nas modistas vestidos de três mil francos. Mas não houve, não há já aquele viver ardente e livre, e a elegância petulante, e a jovial audácia no prazer, e a estonteada acumulação de festas, que eram a glória mundana destes invernos de Paris, quando Deus os dotava de toda a sua beleza invernal. E porquê?... Por um motivo que não é só parisiense, mas europeu, e que seria grandemente honroso se nele entrasse apenas a generosidade, e

não entrasse também muito egoísmo, e algum medo.

Paris, o Paris rico não se diverte com tão brilhante despreocupação porque não há em roda dele, em frente dele, um outro grande Paris, o Paris pobre que o entristece e que o intimida. Esse Paris miserável é muito velho — e nunca impedira até há pouco, nem impusera reservas ao esplendor ruidoso do Paris opulento. O que é novo, o que vem datando destes anos recentes, é o sentimento que ele inspira, um sentimento atento e inquieto, misturado de ternura e de terror. Apesar de o Evangelho ser tão antigo, e de haver em todas as revoluções feitas por Paris um fundo de instintos evangélicos ao lado das reivindicações políticas, o pobre, tão recomendado pelo

Evangelho, foi sempre para o parisiense de prazer e de luxo um ser pouco interessante, quase importuno, que maculava a magnificência harmónica da cidade, que podia ser casualmente socorrido, mas que devia ser sobretudo vigiado e reprimido. Nunca até há pouco a ideia de que em Paris se morre de fome e de frio atormentara o coração parisiense. A miséria era mesmo considerada como uma exageração oratória dos tribunos revolucionários. No meio de uma civilização tão produtiva, como poderia faltar trabalho, e portanto pão, ao homem laborioso e decidido? Os desgraçados, se existiam tal como os pintava pateticamente a literatura humanitarista, só à sua indolência e instintos de vício deviam certamente a sua desgraça.

Assim pensavam os ricos — o que não impedia que exercessem uma certa caridade desde que ela era motivo de bazares elegantes ou de *cotillons* patrocinados por duquesas.

De resto lá estava o Estado que se encarregava dos pobres — ou para os socorrer, por meio da assistência pública, enquanto eles se mantinham submissos, para os reprimir por meio da polícia, quando uma exagerada noção dos seus direitos à vida e à igualdade os tomava turbulentos.

Este modo de sentir, em que havia mais leviandade do que dureza, tem sido, nestes últimos anos, inteiramente modificado, louvado seja Deus e louvado seja Paris. Muitas causas determinaram esta evolução, que é uma considerável

revolução moral. Mas a principal é que o pobre saiu do seu obscuro e silencioso opróbrio, apareceu como classe, revelou a sua força e falou. Apesar de todas as revoluções, o pobre, em França, permanecera sempre, de facto, calado. Ainda em 1848, durante um período aliás repassado de humanitarismo sentimental, se gritava na Assembleia Nacional e com aplauso de todas as classes: «Silêncio ao pobre!» O pobre era um mudo, que passava isoladamente na sombra e de olhos baixos. De vez em quando, furioso, roubava uma espingarda e assaltava a sociedade. O exército acudia, sufocava a escandalosa revolta. A sociedade respirava, e continuava o jantar interrompido, declarando com indignação que o pobre era uma fera. E o pobre,

como uma fera, recolhia silenciosamente ao seu covil.

O seu primeiro triunfo foi quando, em vez de se revoltar, se começou a explicar, tranquilamente, como um ser sensato e cheio de justiça. Esta voz nova, triste e profunda, impressionou, foi escutada.

O rico só desde então verdadeiramente conheceu o pobre — começou a saber o que é ser pobre. As duas classes viviam totalmente separadas, uma no seu escuro inferno, outra no seu vistoso paraíso — e os paletós, bem acolchoados, só tinham uma noção muito vaga de que havia farrapos, por os avistar de longe, na rua e na penumbra. Em Londres, há dez ou doze anos, foi uma tremenda surpresa quando, por ordem do

parlamento, se fez um demorado inquérito aos *slums*, os bairros indizivelmente miseráveis, onde vive, ou antes, onde lentamente morre a mais desgraçada, faminta e lúgubre populaça de toda a Europa. O quê!

Havia pois famílias que andam quase nuas, e dormem durante os mais duros invernos na terra húmida, e comem apenas as hortaliças podres que são apanhadas à noitinha no lixo e nos enxurros, à roda dos mercados. A gente que tem uma conta larga no alfaiate, e é muito difícil na escolha do seu champanhe, não podia acreditar que na rica Londres do século XIX houvesse tais vergonhas públicas. E o sentimento geral, mesmo entre os mais duros, foi que misérias tão dolorosas se não deviam

permitir numa terra cristã.

O mesmo espanto se tem dado em Paris, e com a mesma revolta da consciência perante a revelação real e minuciosa das misérias do proletariado, que é uma das dores do socialismo, e a mais fecunda, a mais prática, porque opera sobre o sentimento. É desde então que grandes forças sociais como são a Igreja, a literatura, a arte começaram a preocupar-se com o pobre, a compreender amoravelmente a justiça e o amor que se lhe deve, e a espalhar nas almas, cada uma pelo meio que lhe é próprio, a salutar lição, não só da bondade ativa e militante, mas do renunciamento, de um verdadeiro renunciamento social, em que os ricos se despojem para que chegue a todos um pouco do pão da terra. E digo a Igreja

também, porque também ela andava esquecida dos pobres, apesar de ser a sua mãe natural. Todos tínhamos, com efeito, esquecido o pobre, nesta grande ilusão e deslumbramento do progresso material que nos absorveu e obcecou setenta anos. Enganados pela ciência, embrulhados nas subtilezas balofas da economia política, maravilhados como crianças pelas habilidades da mecânica, durante setenta anos construímos freneticamente vapores, caminhos de ferro, máquinas, fábricas, telégrafos, uma imensa ferramentagem, imaginando que por ela realizaríamos a felicidade definitiva dos homens e mal antevendo que aos nossos pés, e por motivo mesmo dessa nova civilização utilitária, se estava criando uma massa imensa de miséria humana, e que, com

cada pedaço de ferro que fundíamos e capitalizávamos, íamos criar mais um pobre! No fim destes setenta anos de martelar e de forjar, havia com efeito alguns sujeitos muito gordos e muito ricos — mas havia uma multidão de famintos, mais faminta e maior que nenhuma que o mundo vira desde o velho patriciado romano.

Foi esta multidão, setenta anos muda e trabalhando, que por fim, sem cessar de trabalhar, falou; contou o seu opróbrio, pediu justiça. E como a alma humana não é pior nem melhor que no tempo de Jesus, contemporâneo de Tibério, a dolorosa voz entrou nela, e trá-la desde então entristecida e inclinada ao amor.

Não, já não há hoje, sobretudo nas

civilizações muito intelectuais, aquele duro e soberbo egoísmo que tomava os felizes tão alheios aos desgraçados e às causas da sua desgraça! Todo o homem digno desse nome se sente hoje solidário com os homens todos e não separa inteiramente o seu bem-estar do bem-estar universal. Já o desconforto do nosso vizinho nos impede de gozar, com um gozo pleno e sem mistura, o nosso próprio conforto. E quando sejam ainda raros os que empregam toda a sua energia em melhorar a sorte dos que não têm sorte, são inumeráveis já aqueles que dão ao seu semelhante desvalido um pensamento constante de piedade e simpatia. É ainda uma fraternidade platónica, passada nas regiões do coração: mas que progresso enorme, desde o tempo em que essa ideia

de fraternidade não saía das regras frias da razão filosófica! Que um homem hoje se não possa sentar diante da sua mesa farta sem pensar, com fugitiva melancolia, nos que têm fome, e que não estenda à noite os pés para o lume do seu fogão, ouvindo fora silvar o nordeste gelado, sem ter um momento de piedade pelos que estão sofrendo frio — são fortes evidências estas de uma alta revolução moral. E são estados de alma muito novos.

Sempre existiu a piedade pelos que sofrem — mas era a piedade pelo indivíduo isolado, e que os nossos olhos testemunhavam e palpavam o sofrimento. Sempre o pobre que batia à porta, mostrando a sua magreza, os seus farrapos, a sua chaga mal lavada, excitou

as compaixões momentâneas, levou no saco a sua esmola. Esta grande emoção, porém, que se sente hoje pelo coletivo de vastas classes proletárias, este desejo de lhes garantir um alívio durável, este esforço humanitário que trabalha e conspira para nivelar as fortes desigualdades económicas — são produtos morais deste tempo, e a sua obra mais difícil e mais honrosa.

Ora esta preocupação nova das almas influi necessariamente nos costumes. O homem, quando sensibilizado, põe logo nos seus menores modos de ver uma certa reserva e gravidade pensativa. E toda a nossa Europa ocidental anda profundamente sensibilizada. Um tépido bafo de espiritualismo e de amor humano, vindo

de horizontes ainda desconhecidos, amacia e aquece os corações. Neste estado de sentimentalidade afetiva, a inteligência, que se toma sempre mais reta quando o sentimento a inspira, facilmente reconhece a injustiça afrontosa das desigualdades sociais. E assim existem já hoje ricos que consideram quase injusto o excesso da sua riqueza. Ainda decerto não atingiram (nem atingirão talvez jamais) aquela perfeita elevação evangélica que levava os santos a partilhar com os famintos, com os regelados, a metade do seu pão e da sua capa. Mas onde evidentemente já chegaram é a um certo escrúpulo moral de tomar muito patente o escândalo da sua fortuna e de ofuscar a indigência com a publicação da sua abundância. Desde que tanta gente morre

positivamente de fome, e que toda uma legião de profetas clama contra uma sociedade em que tal morte é possível, há naturalmente da parte dos ricos uma grande timidez em abrir as suas janelas e revelar a fortuna ostentosa da sua mesa. A nova corrente de ideias criou esta coisa estranha — a riqueza envergonhada. O milionário, por pudor, esconde os seus milhões. Assim como nos primeiros tempos da grande revolução, e ainda mesmo depois em 1830, muitos fidalgos ocultavam os seus títulos, se proclamavam plebeus, se gabavam de ter por suas mãos cavado a terra ou manejado o martelo, os ricaços de agora afetam uma estreita mediocridade de fortuna, e disfarçam pudicamente o seu ouro. Ninguém ousa fazer tilintar a sua bolsa cheia. E como as

festas, os bailes, os jantares são a mais natural manifestação da riqueza, numa cidade tão ativamente social como a de Paris, todo esse movimento sumptuoso se acalma, se esconde, desaparece lentamente, insensivelmente. Há como um receio delicado de ofender o pobre. Todos sentem que o dinheiro dissipado no luxo deveria antes ser empregado na caridade — e não se celebram festas de riqueza, por isso mesmo que elas parecem roubos feitas à pobreza. Realmente com que coragem se pode dar um rico jantar, cujo luxo e flores e requintes serão contados na mesma página do jornal em que virá a história angustiosa de velhos ou de crianças encontrados nas suas trapeiras, entre farrapos, mortos de fome, de pura fome? Outrora a neve, a neve dura

sob um sol resplandecente, era em Paris o motivo de um luxo especial de inverno, que ia até aos trenós dourados sulcando as avenidas do Bois... Mas quem se atreve a todas estas ostentações hoje, quando os jornais radicais (e muito justamente radicais) contam cada dia que criancinhas sem abrigo, sem um tição que as aqueça, sem uma côdea que as reconforte, morrem, transidas de frio, sob as pontes de Paris?

Cada fogão aceso quase que faz mancha, numa cidade onde tantos milhares de criaturas não têm um *sou* para comprar uma acha.

E se ninguém ainda, por este sentimento, se priva de acender o seu fogão — muitos fecham as janelas para que o brilho do lume rico não seja visto

de fora por aqueles que erram, com escassos farrapos, por entre neblinas geladas.

É só delicado pudor, generosidade de quem não quer, mostrando a riqueza própria, tornar mais pungente nos miseráveis o sentimento da sua miséria? Não, decerto. É também medo. E o medo crescente que os ricos têm dos pobres — desde que os pobres são uma irresistível força, que se une, se disciplina, se concentra, se prepara. Não se mostra hoje o luxo sobretudo para que ele não irrite mais a indigência. Todo o milionário se sente ameaçado, e evita prudentemente estender, como outrora, os seus milhões ao sol. E que outrora o Estado por meio da sua polícia, do exército, de todos os instrumentos de governo, defendeu sempre

o milionário e o seu milhão. Ainda o defende, ou seja monarquia ou seja república, porque tem ainda a sua base nas classes médias, possuidoras da riqueza. Mas hoje já se considera provável, talvez próxima, uma outra organização social em que o Estado tenha por base as grandes massas proletárias, e, em lugar de consolidar, desmanche o poder, do capitalismo. Quem diria, há dez anos, que nas ruas de Paris, duzentas mil pessoas gritariam como gritaram no dia em que Drumond amnistiado voltou de Bruxelas: «Abaixo Rothschild»? Grito estranho, que revela o advento de um mundo novo. Por isso Rothschild (e tomo aqui Rothschild como um símbolo capitalista) se retrai, se esbate, elimina em si, em tomo de si, tudo o que muito

brilhantemente mostre e prove o seu rothschildismo.

É ainda a antiga história, história da aristocracia escondendo nos armários as fardas douradas dos lacaios, raspando nas portinholas dos coches os brasões muito vistosos. Por seu turno a plutocracia se faz toda modesta e simples. Nem estrondo de festas, nem luxo que cintile ao longe. Tudo muito discreto, muito disfarçado. As cortinas das janelas bem corridas para que não se aviste de fora a luz dos lustres. Só três ou quatro amigos a jantar, com um champanhe tímido. E quando se dança é por subscrição, em benefício de algum asilo ou creche, para que até o prazer pareça estar ao serviço do sofrimento.

E eis aí por que o inverno foi tão

triste em Paris. A cidade das graças e dos risos apaga o antigo fulgor do seu riso, e esconde a vivacidade da sua graça um pouco por deferência, muito por medo daquela outra cidade que está em tomo, mostrando como uma acusação permanente a sua face esfaimada, onde os risos são raros, e quando vêm são amargos. É quase às escondidas, de portas bem calefetadas, que Paris se diverte. E este constrangimento espalha sobre os seus próprios divertimentos uma indefinida sombra de tédio — porque, como diz um dos mais velhos e mais sinceros provérbios de França, e em que o povo francês se pintou todo — *ou il y a de la gène il n'y a plus de plaisir.* Assim um dos primeiros e inesperados resultados do momento socialista é a

austeridade de Paris, o seu renunciamento forçado ao prazer vistoso e franco. A festiva cidade está passando por aquela crise de gravidade sorumbática que Londres atravessou no tempo de Cromwell e dos puritanos, quando era quase um crime de Estado cantar uma canção numa taberna, ou apertar o gibão com um laço de cores garridas.

Crise perigosa, porque a deusa da Alegria, como a deusa da Fortuna, raras vezes volta aos sítios donde foi expulsa por motivos de doutrina. A Inglaterra, que até Cromwell era tão cheia de festivais e folganças que se chamava Merry England, a jovial Inglaterra, passou a ser a terra clássica da insipidez. Debalde a monarquia foi restaurada, e os puritanos desapareceram com as suas longas capas

negras, o seu rancor a toda a graça e todo o riso — o puritanismo ficou pesando sobre a pobre Inglaterra, como uma grande sombra de jazigo. As almas tinham tomado resignadamente o hábito da sensaboria, e já vegetavam nela como num escuro elemento natural. Só agora, depois de quase três séculos, é que, por esforço lento do velho temperamento saxónico, ela começa a emergir dos cinzentos véus puritanos, e a retomar um pouco do lustre, da espontaneidade jucunda, da ligeireza galante do tempo em que era a Merry England, a jovial Inglaterra.

Quem sabe também se a França não está rindo em surdina os seus últimos risos — e se, com o advento do quarto estado, com o triunfo social do proletariado, ela se não tomará, por seu

turno, a pátria clássica da melancolia! Com efeito uma velha profecia do monge de Orval anuncia que, aí por 1897 ou 1898, Paris *deixará de rir*. O terrível monge, que viveu no século XV, previu Luís Filipe, profetizou a guerra de 70. E esta nova ameaça, o fim do riso de Paris, bem se pode também realizar: porque já aquele riso que tem sido, desde o século XVIII, a sedução da Europa, se produz com esforço em lábios que estão pálidos e começam a murchar.

Que aproveitem pois este resto de alegria, e corram depressa antes que ela se extinga, aqueles que vinham a Paris, sobretudo com o fim profano de serem os hóspedes acariciados e deliciosamente acolhidos dos jogos, das graças e dos risos.

A Propósito da Doutrina de Monroe

Venezuela deve ter atingido, neste momento, o ponto supremo da sua felicidade nacional — se é certo que a nação reproduz sempre, coletivamente e com intensa magnitude, as virtudes e os defeitos do indivíduo. O homem de Venezuela, como geralmente os homens das repúblicas latinas que cercam o golfo do México (se é que eles conservam as naturezas que lhes conheci), tem o apetite constante e infartável do brilho, da publicidade, da nomeada, da importância ruidosa e que reluza. (Talvez por isso eles se carregam tão profusamente de joias —

para faiscarem ao longe.)

Este prurido de gloríola, de caráter mórbido, constitui uma verdadeira inflamação aguda da personalidade. É uma herança do velho sangue espanhol, apesar de tão adelgaçado e aguado hoje nas veias por onde corre. Ainda por isso, às vezes, leva ao heroísmo; mas quase sempre para no alarde e na farófia. Transportado para a Europa, onde a expansão da personalidade é mais difícil porque há menos espaço social, esse prurido toma aquele feitio a que os Franceses deram o curioso nome de «rastaquerismo». De resto, o «rastaquerismo» não é uma especialidade exótica do Americano da costa do Pacífico e do golfo do México, porque o Francês, e sobretudo o Parisiense,

também o cultiva largamente e com estridor. E o *rastaquère* nascido em Paris e no Bulevar é mesmo infinitamente mais desagradável que o *rastaquère* importado de Guatemala ou do Peru, porque neste há um simpático fundo de ingenuidade, e no outro só se encontra secura e perversão.

Em todo o caso, esta fome canina da celebridade dá gozos excecionalmente fortes àquele que a satisfaz. Não é fácil calcular, pela tabela de medidas de que dispõe a civilização, a alegria colossal de um crioulo, cujo nome e pessoa e feitos consigam um dia ocupar a página culta de um jornal da Europa. Se ele alcança a glória superior do telegrama, então a sua felicidade só poderá ser comparada à de um santo que, ao fim de penosos anos de penitência e de ermo, veja escancaradas

diante dos seus passos as portas refulgentes da bem-aventurança... Ora, Venezuela (se é que a nação reproduz o indivíduo) está hoje saboreando com indizíveis delícias este triunfo inesperado. Não só vem nos jornais de toda a Europa, não só vem nos telegramas de todas as agências — mas, por causa dela, duas altas nações do mundo estão em áspero conflito, e a diplomacia hesita esgazeada, e as bolsas cambaleiam tomadas de pânico, e pelos ares passa, com o seu costumado ruído de ferro e dor, a velha Belona, deusa da guerra!

Não há, na história moderna, mais curioso conflito do que este que surge entre a Inglaterra e os Estados Unidos da América do Norte por causa de algumas milhas de terra perdidas no fundo da

Venezuela. É certo que dentro desse bocado de terra existem minas de ouro — e onde aparece o ouro, o terrível ouro, imediatamente os homens em redor se entreolham com rancor e levam as mãos às facas. Foi por causa de umas imaginadas minas de ouro que a Inglaterra tão vorazmente tentou arrancar a Portugal o território de Manica, em África. Por fim, em Manica não havia ouro — porque já os diligentes Fenícios, há três mil anos, o tinham extraído e fundido com ele ídolos e alfaias para os colégios sacerdotais de Cartago e de Tiro. Os bons Ingleses, nessas minas vazias, só encontraram cacos, vasos de barro e ferramentas roídas por uma secular ferragem, sobre as quais passaram logo, com mal disfarçada melancolia, a

escrever dissertações eruditas para a *Revista de Edimburgo*. Porque tão forte é esta raça que até transforma em proveitos da ciência os desapontamentos que, por vezes, encontra no exercício da rapina. Nessas minas, porém, de Venezuela afiançam os exploradores ingleses e americanos que ainda resta ouro, muito e delicioso ouro, porque os Astecas justamente tinham aí os seus jazigos mais ricos e fundos. Eu desconfio desse ouro. Os Astecas segundo as últimas revelações das ciências etnológicas, descendem dos Fenícios, que nas suas esguias trirremes e olhando a pálida Estrela Polar, navegaram todos os mares, aportaram a todas as costas, tiveram Gamas e Colombos mais de dois mil anos antes das nações ibéricas, e conheceram realmente o mundo

quase tão bem como o velho Eliseu Réclus. Ora, se os Fenícios, esses formidáveis esgravatadores de ouro e de metais preciosos, estiveram jamais nas regiões de Venezuela, receio bem que não se encontre nelas, como não se encontrou em Manica, ouro bastante para cunhar uma libra falsa.

Em todo o caso a *auri sacra fames* (a «maldita fome do ouro», ou a «sagrada fome do ouro», segundo a tradução mais ou menos psicológica que se fizer do versículo) não constitui senão um fator subalterno desta brusca dissidência anglo-americana. Os dois fortes irmãos estão em cólera, quase estão em guerra, com fins mais nobres, por causa de uma doutrina — por causa da tão falada e tão incompreendida doutrina de

Monroe. Seria, pois, essa uma guerra (se a houvesse) originada num ponto de casuística política. Amplo e legítimo orgulho para todos os legistas e todos os fazedores de sociologias. Já havia séculos que os homens, materializados, se não batiam por divergirem na interpretação de um ditame. Agora, ao menos, alvorece sobre nós a doce e feroz esperança de que se alague de sangue e se cubra de minas um certo parágrafo obscuro e tortuoso do tratado de direito internacional.

Oh!, esta doutrina de Monroe! Que estranha evolução ela sofreu desde que saiu, tão gravemente formulada, dos lábios do presidente Monroe, até se tomar esse aforismo oco e mal-avisado que hoje todo o ianque (e à imitação dele todo o homem da América) lança com tanta

inconsideração e arrogância.

A América para os Americanos! Nesta fórmula, que é doutrinalmente incompreensível, e praticamente cheia de perigos, se converteu a prudente doutrina do presidente Monroe, no curto espaço de oitenta anos e através de uma civilização cujo objeto mais constante tem sido a fusão e a confraternização dos homens!

Começa por ser singularmente errada esta expressão *doutrina*, aplicada à declaração muito simples e muito prática que o presidente Monroe fez na sua mensagem ao Congresso de Washington, em dezembro do já muito remoto ano de 1823. Monroe era um homem medíocre e limitado, totalmente incapaz de conceber e desenvolver uma doutrina política — e só pensava ou

falava sob o bafo e inspiração do seu secretário de Estado, Quincy Adams. Foi este fino e forte estadista, hoje esquecido no pó desinteressante dos arquivos americanos, que ideou e redigiu essas frases famosas da mensagem de 1823; mas foi o feliz Monroe que penetrou na posteridade, trazendo bem alta nas mãos, como Moisés ao descer do Sinai, a tábua com a sua doutrina. Assim ficou este homem insípido e nulo com a singular glória de ter traçado o forte programa político que conduziria a América aos seus altos destinos, e de ser o Sólon ianque. Muito bem me recordo de ver, nos Estados Unidos, um busto dele, com a coroa de louro e hera, a coroa profética que compete aos grandes legisladores de povos. E esta coroa era tanto mais

divertida quanto sucede à sua doutrina o que sucede a outras obras consagradas — que toda a gente a cita, e ninguém jamais a leu.

E todavia essa doutrina (para lhe conservar a aparatosa alcunha), quando se lê, parece excelente — e foi realmente excelente dentro do momento histórico que a originou. Era então o devoto e bourbónico ano de 1823, e a Europa estava nos grandes dias de Metternich e da Santa Aliança. Tão radicalmente mudou a face política, moral e social do mundo, que o conhecimento íntimo desta famosa Aliança, que a si própria se chamava e se considerava *santa*, pertence quase exclusivamente à erudição histórica. Não a caluniamos decerto dizendo que ela foi uma aliança dos reis

contra os povos. Nascida no Congresso de Verona, depois da queda de Napoleão e sob o medo pânico que inspirava ainda a Revolução (de que Bonaparte fora uma encenação agressiva sob a forma cesariana), a Santa Aliança partiu de um princípio inteiramente novo, desconhecido no século XVIII, e mesmo no século XVII durante o grande prestígio das monarquias. Segundo esse princípio, os reis formavam uma família superior e única, com interesses dinásticos e majestáticos muito diferentes dos interesses dos povos: e portanto deviam coligar-se e manter entre si uma harmonia imutável, para poderem livre e seguramente sufocar todo o espírito de liberdade e de revolução em qualquer povo que ele se produzisse, e defenderem

assim coletivamente os seus direitos sacros de dinastia e majestade. Esta aliança, de que Matternich, primeiro-ministro da Áustria, era a alma motriz, funcionou com brilho até 1830: e foi em obediência ao santo princípio donde se originara que os reis, santamente aliados, mandaram um exército austríaco sustentar o rei de Nápoles destronado pela revolução constitucional do general Pepe e depois um exército francês libertar o rei de Espanha, que se achava *coagido* pela revolução de Riego, forçado aos sacrifícios mais pungentes, até a expulsar os jesuítas, até a abolir a Inquisição! Tendo deste modo esmagado gloriosamente os primeiros rebentos liberais no Piemonte e em Nápoles e restituído à Espanha os pitorescos

benefícios de Fernando VII, da Inquisição e da forca, a Santa Aliança declarou, à maneira de uma intimação final aos povos, que ela desde então e para sempre considerava «como nula e desautorizada pela lei pública da Europa qualquer pretendida reforma efetuada por meio da revolta e da força popular; e que se arrogava o imprescritível e sagrado direito de tomar uma atitude hostil contra qualquer nação que, em qualquer parte do mundo, ou sob qualquer forma, derrubasse o seu legítimo governo e desse assim um pernicioso exemplo de rebelião e infidelidade social aos súbditos dos reis aliados...» Ora, havia então uma parte do mundo que estava dando esse escandaloso exemplo, e onde cada ano um povo se erguia batendo ignominiosamente e

expulsando com irrisão o seu venerável e legítimo governo. Era a América. Por toda a sua costa, do Atlântico ou do Pacífico, não se viam senão vice-reis espanhóis, fugindo com os baús de couro carregados de uniformes e de dobrões, para bordo de velhas naus que viravam cabisbaixamente as proas para a Espanha. Uma a uma todas as colónias, aproveitando as guerras de doutrina política que assolavam a mãe-pátria, se iam emancipando dela e dando começo a essa bela pândega anárquica em que se têm deliciado há setenta anos, entre muita gritaria, muita poeira e muito sangue. Em 1803 foi a Venezuela, que sacudira as «algemas espanholas»; depois, já em tempo da Santa Aliança, tinham sido Guatemala e o Peru — e esta ingratidão do Peru amargurou mais

penosamente do que as outras o coração paternal de Fernando VII, que dele esperava sempre, por tradição, uma fonte de riqueza perene e fácil. Tais emancipações constituíam esses atos de «rebelião e força popular», tão soberanamente condenados pela Santa Aliança. Para os anular e os governos que deles tinham saído (governos viciosos e falsos, pois que se baseavam sobre o vício e a falsidade da soberania nacional) é que a Santa Aliança se criara e se armara, sob o olhar aprovador de Deus, amigo particular da Casa de Áustria. Por isso a Santa Aliança, apenas acabou de consertar os negócios de Fernando VII em Espanha, e de aferrolhar os liberais nas prisões do Santo Ofício e nos presídios de África, começou a pensar em lhe

consertar também os negócios na América espanhola, e em lhe reduzir de novo as novas colónias a uma sujeição filial, redourando assim o necessário prestígio dos Bourbons, e dando simultaneamente uma ríspida lição aos povos que se quisessem abandonar à desleal quimera da liberdade. Com tão santos intuitos se reuniu o Congresso de Verona, onde se deviam assentar as bases de uma ação entre todas as potências aliadas, para o extermínio dessas abomináveis repúblicas latinas, formadas com os pedaços partidos do Império Espanhol.

Foi então perante esta possível invasão da América espanhola republicanizada que se levantou pesadamente a voz deselegante, mas justa, do presidente Monroe. A situação dos

Estados Unidos era com efeito difícil. Todas as colónias espanholas tinham apenas imitado o exemplo revolucionário da colónia inglesa — e cada uma aclamava o seu pequeno Washington. As constituições políticas com que se tinham dotado eram traduzidas da constituição dos Estados Unidos — e assim concorriam para dar a todo o continente uma vasta harmonia política e económica. Por virtude dessas rebeliões, o solo da América ficara limpo de todas as máculas do absolutismo; e do rio da Prata ao rio de S. Lourenço não havia já, felizmente, nem um penacho de vice-rei, nem uma roupeta de jesuíta, nem um cárcere de Inquisição.

Podiam, pois, os Estados Unidos consentir que uma frota aliada, com

pavilhão apostólico, viesse desmanchar esta obra de liberdade e mesmo de civilização de que ela fora a inspiradora e a mestra? E a condenação, pela Europa, dessa soberania que os crioulos espanhóis se tinham legitimamente arrogado não era a condenação injusta e implícita do direito com que os Estados Unidos tinham sacudido o domínio inglês? A opinião, em toda a América do Norte, foi logo rancorosamente hostil a qualquer ação da Santa Aliança contra as novas repúblicas latinas, ainda fracas e convalescentes da causa espanhola. E o presidente Monroe não fez mais, na sua famosa mensagem de 23 de dezembro, do que traduzir este pronto e vivo sentimento da nação. Não houve aí pois uma *doutrina* nova, saída como uma Minerva armada da sua cabeça,

que certamente não era olímpica. Monroe apenas formulou oficialmente a vontade íntima e popular dos estados. E deu mesmo à sua fórmula o tom mais discreto e mais modesto. Nesses tempos distantes os Estados Unidos ainda não tinham adotado, nos seus modos políticos, essa arrogância estridente a que os Ingleses chamam *estilo de águia desfraldada*.

Monroe, falando à Santa Aliança, não esquece que ela se compõe de reis da Casa de Bourbon e da Casa de Habsburgo. E na sua mensagem, através da firmeza que dá à consciência do direito, há um agradável vislumbre da antiga polidez colonial. «A nossa política para com a Europa (diz ele nessa mensagem tão famosa) consiste em não intervir nunca nos negócios internos das

potências, considerar como legítimos todos os governos *de facto*, manter com eles relações cordiais, conservando uma atitude franca e viril, sem recusar nunca as reclamações justas e sem nunca nos submeter a ofensas ou injustiças... Enquanto porém ao continente da América, as circunstâncias são eminentemente e conspicuamente diferentes. É possível que as potências aliadas estendam e transportem os seus sistemas políticos para este continente, sem grave risco da nossa paz e da nossa felicidade: nem é fácil de acreditar que os nossos irmãos do Sul, abandonados à sua inspiração, adotassem semelhantes sistemas. É portanto perfeitamente impossível que *nós víssemos com indiferença* qualquer intervenção, e sob

qualquer forma, das potências aliadas...»

Tais são as recatadas palavras que constituem aquilo que tão pomposamente se chama hoje a doutrina de Monroe. Que elas são justas e práticas e que em 1823, nas vésperas do Congresso de Verona, se tinham tomado grandemente necessárias, ninguém o pode negar, desde que conheça a história do domínio espanhol na América e o espírito arcaicamente absolutista do metternichismo e da Santa Aliança: mas é também inegável que esta declaração política está rigorosamente limitada pela sua própria data, nada significa fora do momento histórico que a originou e só poderia ser desenterrada dos arquivos e reaplicada se as potências da Europa se coligassem de novo para arvorar a bandeira apostólica e tentar na

América o restabelecimento de sistemas obsoletos, que elas próprias já arremessaram para o lixo do passado... E notemos ainda que a declaração de Monroe, nem ao menos no momento em que se produziu, em 1823, teve eficácia — pois não foi ela nem o sentimento dos Estados Unidos, de que era a expressão, que atemorizaram a Santa Aliança e a impediram de repelir para além do Atlântico as façanhas restauradoras de Espanha e de Nápoles, reintegrando o bom do Fernando VII na posse aurífera da sua Venezuela, do seu México, do seu Peru. Não! O que deteve a Santa Aliança foi simplesmente a atitude da Inglaterra, que protegeu as tenras repúblicas da América do Sul, as reconheceu logo como governos legítimos — com o vivo

mercantil receio de que a restauração da política da Espanha no Novo Mundo fosse (como fatalmente seria) a restauração paralela do seu sistema económico, que excluía dos portos coloniais todo o tráfico, produção e indústria ingleses. A mensagem do presidente Monroe era um decreto-protesto, desacompanhado de força; e a Santa Aliança podia bem impunemente encolher os seus reais ombros e mandar vogar as suas frotas, levando já vice-reis e inquisidores-mores, envernizados de fresco e com garrotes novos. Mas a oposição da Inglaterra era um obstáculo absoluto, porque em 1823 todas as esquadras juntas da Santa Aliança e as do mundo todo não podiam arriscar sequer a ponta das suas proas fora dos portos onde se abrigavam sem

permissão da Inglaterra, já então, e mais que hoje, senhora soberana dos mares.

Pois foi desta frase do presidente Monroe, já platónica e estéril em 1823, que os ianques, com o natural orgulho de quem sente cada dia surdirem em si forças novas, e com a ambição de passarem perante o mundo como criadores únicos da sua grandeza, e ainda também com esse surdo despeito que os povos coloniais conservam contra os seus antigos dominadores, cuja civilização mais requintada, por ser mais velha e complexa, eles nunca podem igualar na sua beleza, estabilidade e brilho histórico — extraíram essa singular fórmula da *América para os Americanos!* O que significa (se eu não interpreto mal o sentimento que inspirou a fórmula) que a

América, sendo uma obra exclusiva da raça americana, só pertence à raça americana, e só pela raça americana pode ser explorada e gozada.

Ora, dos dois termos que ela encerra logo um me parece fictício e não existente: porque se todos sabemos muito toleravelmente, aprovados no atlas, o que é e onde está a América, não se percebe tão facilmente o que seja e onde esteja a *raça americana*. Certamente existiu (e ainda existem dela restos dizimados e perseguidos) uma verdadeira *raça americana*, que todos os compêndios de etnologia escrevem, e que se compunha amontoadamente dos Tinehs, dos Algonquins, dos Iroqueses, dos Apalaches, dos Astecas, dos Incas, dos Caraíbas, dos Guaranis e de toda a

gigantesca gente patagónia. Esses sem dúvida, ou fossem bascos, ou indígenas da África setentrional, ou homens do Extremo Oriente, ou tivessem ido através do submerso continente da Atlântida, ou tivessem subido pela Alta Sibéria e penetrado pelo estreito de Bering, esses eram os legítimos donos da América, cujos desertos povoaram e onde estabeleceram civilizações primitivas e originais, que iam desde a tribo caçadora, até às cidades dos Astecas cheias de templos e de artes. Mas não é decerto para esses que os compatriotas do presidente Monroe reclamam o domínio e o gozo exclusivo da América — pois que esses (também por uma estranha aplicação da doutrina de Monroe) são perseguidos, exterminados, como animais que, pela sua

própria animalidade, maculam o esplendor da civilização americana e ocupam no solo, com as suas pobres choças, um espaço que pertence ao civilizado e aos seus prédios de dezasseis andares. Fora desses, porém, hoje raros, tão raros que só constituem uma curiosidade etnológica e como que pertencem já ao bricabraque humano, eu, na América, só vejo uma raça, que é a europeia, nas grandes famílias em que a geografia e a história moderna a dividiu — os Saxónicos, os Germânicos, os Escandinavos, os Franceses, os Italianos, os Espanhóis, os Portugueses... Em todo o vasto continente americano não há uma cidade, um centro ativo, onde exista, se possa descobrir um único *americano.* Em Nova Iorque, onde se agitam dois milhões

de homens que são irlandeses, ou ingleses, ou escoceses, ou alemães, ou suecos, ou franceses, ou italianos, ou russos, ou espanhóis, ou portugueses, é fácil ainda encontrar chineses, japoneses, hindus, tártaros, persas, marroquinos, árabes do deserto, negros dos mais negros fundos de África: mas é impossível descortinar um homem, que, no puro sentido etnológico, seja um americano.

Para se ver este espécime venerável dos velhos senhores do solo é necessário empreender uma viagem, passar para além de Omaha, para além do território do Nebrasca, para além do país dos búfalos; e aí será possível, em torno a alguma estação do caminho de ferro do Pacífico, avistar um *americano*, cor de cobre, de longas guedelhas corredias,

mirrado e embrutecido, que pede esmola e se coça por entre os farrapos da camisa e das pantalonas recebidas, pelo Natal, na grande distribuição, como esmola do *alto pai*, do *grande chefe branco que está em Washington*.

Ora, sendo estes realmente os únicos puros americanos, a grande máxima política tem de ser interpretada deste outro modo, mais coerente e mais franco: «A América pertence exclusivamente aos europeus que nasceram na América.» É este o seu verídico sentido. E dele provém a doutrina ruidosa do nativismo.

Não há todavia nenhuma originalidade nesta doutrina do nativismo. Nem ela nasceu na América. Mais de dois mil anos certamente são passados desde

que a China a concebeu e a praticou. O nativismo é, com efeito, um produto chinês, adotado durante algum tempo pelo Japão, depois por ele abandonado como caduco e caturra, e agora posto, com grande alarido, em circulação pelos povos americanos.

Foi durante a dinastia dos Tsin e reinando o imperador Huang-Ti que apareceu na China e se apoderou dos espíritos este princípio novo do nativismo. Esse imperador Huang-Ti era um bandido, de ilimitado orgulho, ignorante e falso, que alterou toda a constituição política da China, delapidou as finanças, inventou uma religião grotesca em que confusamente entravam a humanidade e três espíritos que habitam numa ilha, cometeu o sacrilégio de

reformar o calendário, perseguiu os poetas e os eruditos e queimou todos os livros sagrados da China. (O que prova que as ideias extravagantes nascem sobretudo nos tempos de anarquia e de decadência moral.)

Somente os Chineses puseram na aplicação deste princípio, imposto por um tirano fantasista, aquela coerência forte e rigor que sempre os carateriza na prática das suas instituições. Desde que o escandaloso Huang-Ti e os seus mandarins (entre os quais dominava um certo Liseu, meio letrado e meio feiticeiro) conceberam a ideia de que o uso da China devia ser vedado a todos os que não fossem *nativos* — fecharam a China, fecharam materialmente toda a China do lado da terra com a Grande

Muralha, e do lado do mar, nas embocaduras dos rios, com fortes correntes de bronze e hediondos dragões de madeira pintada. Depois, assim enclausurados na sua China como uma imensa e silenciosa cidadela, o mundo nunca mais soube deles e quase perdeu a noção da sua existência entre as gentes. De resto, durante os seguintes séculos, se, apesar de todas essas correntes e muralhas, algum estranho penetrava na China por motivos espirituais ou temporais, logo uma populaça nativista corria sobre ele com bambus e cutelos, e do intruso abominável só restava em breve uma massa roída e retalhada em cima de um charco de sangue. Os Japoneses, mais doces e de natureza cética, nunca se abandonaram a estas

ferocidades nativistas, e quando muito corriam o estrangeiro à pedrada, pelas ruas, até ao batel de que ele desembarcara. E na América, ainda mais doce e mais polida, o nativismo todo se limita a uns gritos nos jornais — e o intruso é meramente corrido a adjetivos. Assim, as ideias fortes, na sua costumada marcha de oriente para ocidente, se enervam e se amolecem.

Considerando, porém, com seriedade, e sem desejos de sorrir, esse curioso fenómeno do nativismo chinês, muito facilmente se lhe encontra justificação e até grandeza. Os Chineses não são somente os primitivos senhores da China, mas são os primitivos e únicos criadores da sua civilização, que é só deles, bem original e bem própria, sem

mistura de ideia ou forma alheia. Foram eles, só eles, que tiraram da sua razão, do seu sentimento e da sua fantasia tudo o que temporalmente e espiritualmente constitui a China, a sua organização política, a sua religião, a sua moral, o seu direito, a sua agricultura, a sua indústria, a sua literatura, a sua arte, os seus cerimoniais, as suas armas, os seus trajes... Toda a China é absolutamente e unicamente de invenção chinesa. Não há ideia ou costume, nem mesmo uma pequena regra de etiqueta, nem mesmo uma ligeira forma de vaso, que fosse importada do mundo exterior, que para eles é bárbaro, e que fica para além da Grande Muralha e do mar Amarelo. E tão intensamente homogénea é esta civilização que qualquer ideia ou costume

que chegue de fora e consiga cair nesse compacto fundo de costumes e de ideias não se funde, não penetra na circulação da vida ambiente: fica enquistada, no lugar onde pousou, como um caroço estéril, e em breve se mirra e se desfaz. E pelo mesmo motivo, para onde quer que emigre (agora que emigra) o Chinês instala uma pequena China, onde vive de uma existência só chinesa, tendo já ao lado um esquife chinês para que, apenas morto, o reconduzam dentro dele à grande China.

Dada pois esta absoluta originalidade e homogeneidade da sua civilização, o nativismo chinês é lógico e legítimo. O Chinês prova soberbamente que, para construir uma civilização completa, toda inteira, desde as bases da moral até ao feitio dos sapatos, e

solidamente estável (a mais estável que conhece a história), não lhe foi necessário importar um único princípio, um único utensílio, uma única forma linear — e portanto muito justamente pensa que o homem alheio à China, o estrangeiro (que era um selvagem quando ele já exercia todas as artes) não tem direito a gozar e a partilhar os benefícios de uma obra que nada lhe custou, nem a ele nem aos seus, e para a qual não contribuiu com nenhum elemento fundamental nem mesmo com nenhum retoque que a embelezasse. Por outro lado, essa civilização, que só ele concebeu, tanta felicidade lhe dá (para o Chinês, como todos os moralistas e poetas afirmam, não há ventura mais certa na Terra do que nascer e ser chinês) que não pode admitir que o estrangeiro venha, com

as suas ideias, e as suas crenças, e os seus métodos desmanchar a harmonia da sua ordem social, macular-lhe talvez a pureza, abalar-lhe talvez a solidez e comprometer portanto essa imensa felicidade que nela encontram há mais de quatro mil anos mais de quatrocentos milhões de homens. O sentimento dos Chineses realmente equivale ao que seria o nosso, na Europa, se os Amarelos viessem, com missionários, com empreiteiros, com letrados, com artífices, instar, fazer propaganda para que nós usássemos rabicho, habitássemos casas de bambu e papel e viajássemos em liteiras de machos, só lêssemos o livro dos *Deveres Filiais* e queimássemos cada manhã um rolo de cera perfumada em louvor de Confúcio. Como a Europa então soltaria o

grito unânime e feroz de supremo nativismo: «Fora os Chineses!»

A Europa é para os Europeus! De resto, esse grito rancoroso já o brama sem cessar a Califórnia, contra os pobres *celestiais* que vêm trabalhar a S. Francisco, e sem que eles intrusivamente missionem as suas ideias ou os seus costumes (como nós fazemos na China), e só porque no meio da cidade branca, de raça saxónica irisada de espanhola, faz uma mancha irritante aquela colónia amarela, de cabaia e de rabicho, que cheira adocicadamente a ópio.

Mas se o nativismo chinês, fundado, na originalidade e intransigência da sua civilização, é claramente compreensível — quem pode compreender o nativismo americano e a

pretensão estranha de excluir a Europa do uso e gozo de uma América que a Europa fez, com o esforço do seu génio, e que todos os dias, incessantemente, continua fazendo como a sua obra mais querida. Todos os dias! Pois, como disse com fina profundidade um humorista inglês, o que a Inglaterra sobretudo exporta para os Estados Unidos é *os próprios Estados Unidos*. Com efeito, de cada porto da Europa, em cada paquete, vão Estados Unidos para os Estados Unidos (assim como vai Brasil para o Brasil) — vão os homens, e vão as ideias, e os obreiros, e vão os materiais com que se erguem civilizações. E cada semana, por cada paquete, a América recebe um bocado de si mesma, com que se vai robustecendo e com que se vai alargando. De norte a sul,

não há em todo o continente americano (com exceção dos toucados de penas dos índios) um único princípio, um único costume, uma única forma que fosse originariamente inventada na América. Tudo foi aqui concebido por nós e por nós experimentado num prodigioso labor de séculos. Os Chineses criaram a sua religião, o seu direito, a sua moral, a sua filosofia, a sua arquitetura, o seu alfabeto. Mas a arquitetura, a moral, os códigos, os dogmas usados na América, todas as instituições fundamentais da sua sociedade, são a obra magnífica de alguns europeus que nunca conheceram a América. As línguas em que a América proclama os princípios do seu nativismo foram pela Europa inventadas e polidas.

A própria tinta com que imprimem

os jornais em que nos acusam de intrusos fomos nós que a imaginámos e remexemos. E se os Europeus nunca tivessem fabricado sapatos — ainda as finas damas de Nova Iorque andavam descalças!

Os elementos primordiais desta civilização foram levados, é certo, para a América pelos primeiros europeus nas primeiras naus. Mas depois desses dias imprudentes de Colombo, de Cabral, de Magalhães, de Balboa, de Grijalva, quase quatrocentos anos são passados. Neste comprido espaço de história os Americanos, estabelecidos no seu continente, tendo fixado as divisões geográficas, tendo experimentado as terras aráveis, com o *habitat* e o pão seguros, bem poderiam ter desenvolvido

esses elementos e completado uma civilização sua, própria, adaptada ao seu clima, à sua natureza, às necessidades novas das raças fundidas. Mas não! Essa América, que tanto se ufana de génio inventivo, nada inventou nestes últimos trezentos anos, que têm sido os mais fecundamente ativos da humanidade. E fomos nós, aqui nesta esfalfada Europa, que, suando e gemendo, continuámos a espantosa tarefa da civilização, descobrindo as leis universais, criando as ciências naturais, construindo os sistemas de filosofia, apurando a beleza das artes, fundando indústrias, dando ao mundo a imprensa, a eletricidade, o gás, o vapor, os teares, os telégrafos, milhões de livros, toda a sorte de ideias!...

E desses benefícios inumeráveis

recebidos pelas naus da carreira, logo a boa América se utilizava e gozava, conspirando já, surdamente, contra a nossa supremacia. O motivo que ela invocava para esta sua soturna abstenção na obra humana do progresso era que o génio estava sufocado sob a dureza do regime colonial. Vieram as independências, findaram os regimes coloniais — e a América continuou unicamente a viver à custa intelectual da Europa. Em mais de um século de independência, esses próprios Estados Unidos, que se proclamam o povo iniciador da América, não têm concorrido para a obra da civilização do mundo com uma ideia nova, nem com uma forma nova. Quando muito, fazem aplicações subalternas e complicadas dos nossos

princípios originais. A sua única invenção é talvez o telefone — que, se não fosse emendado e refundido pelos mecânicos ingleses, ainda hoje permaneceria um aparelho grotesco e radicalmente inútil.

Ora, é esta América, a quem a Europa forneceu todos os elementos essenciais para ela existir socialmente, e politicamente, e intelectualmente, e industrialmente, que agora grita à Europa com soberano desplante: «Fora deste continente, que é nosso e que nós fizemos! A América é exclusivamente para os Americanos! Nós não queremos cá nem a vossa influência, nem a vossa atividade, nem quase a vossa presença!» É grave. E há aqui certamente uma escandalosa ingratidão. Porque, se Europeus e Americanos definitivamente se

desquitassem e cada um recolhesse aquilo que é obra lenta do seu génio, os Americanos ficariam subitamente sem religião, sem leis, sem moral, sem ciência, sem artes, sem indústrias, sem costumes, sem tudo o que constitui a vida superior de um povo, e seriam apenas uns selvagens louros, uns «peles-brancas», absolutamente iguais aos peles-vermelhas que eles consideram uma mancha na civilização do continente e que por isso perseguem a tiro, como os ursos e como os búfalos.

Não! Só é legitimamente admissível o nativismo num povo que, como o Chinês, tenha originalmente concebido e realizado a sua civilização e que não quer portanto que o estrangeiro, introduzindo nela princípios e formas

heterogéneos, lhes desmanche a beleza e a utilidade. Uma Muralha da China é então uma construção perfeitamente racional. Um tal povo já soberbamente provou que a si próprio se basta e se completa, e que, na ordem espiritual e na ordem material, é independente de todos, não sendo, pela força experimentada das suas instituições, inferior a nenhum.

O seu nativismo representa então a justa e necessária defesa dessas instituições, onde encontrou felicidade e estabilidade. Mas entre povos de civilizações idênticas, e dos quais um, o nativista, tudo recebeu do outro, desde os dogmas até às ferramentas, o nativismo é simplesmente o *medo egoísta da concorrência*. E de que pode provir esse medo? Unicamente do *sentimento da*

própria inferioridade.

E eis aí porque eu não compreendo o nativismo em povos tão orgulhosos como os povos americanos — pois que dele resulta meramente que o homem da América se declara em altos brados, e ante o mundo, inferior ao homem da Europa.

O que significa realmente o Americano proclamando nos seus jornais ou nos seus parlamentos que aquele seu bocado da América é só para ele e que não quer lá, nem a influência, nem a atividade, nem mesmo a presença do Europeu? Significa no fundo simplesmente esta confissão bem humilhante: «Eu sou indolente, o Europeu é laborioso; eu sou obtuso, o Europeu é inteligente; eu sou fraco, o Europeu é forte... Se o Europeu

aqui entra, eu, na luta é concorrência da vida, sou indubitavelmente vencido! Portanto ergamos contra o Europeu uma grande muralha, à boa moda da velha China!» Oh, Americano, meu valente, como podes tu, sem corar, fazer uma confissão de fraqueza? E depois considera que se tu próprio te declaras inferior ao Europeu em atividade, inteligência e força — implicitamente reconheces que o Europeu, possuindo qualidades superiores às tuas, poderá muito melhor que tu explorar, valorizar, civilizar, para bem geral da humanidade, esse pedaço de América de que tu és o dono geográfico. Os interesses superiores da humanidade reclamariam, portanto, que esse bocado de terra te fosse expropriado, e que outros (que tu próprio reconheces

como mais fortes e mais hábeis) fossem aí criar a obra de civilização, que tu, com as mãos contritas sobre o peito, te confessas impotente para fundar.

E se insistisses na tua muralha, não deverias estranhar que os outros a atacassem em nome desses altos interesses humanos, e fundados nas confissões de inferioridade intelectual e física — que tu fizeste, tão transparentemente, quando pregavas o teu nativismo com um ímpeto que era todo feito de abdicação!

Nativismo! Quem pode conceber a Inglaterra, ou a França, ou a Alemanha, ou nações onde haja um pensamento e um braço, pregando o nativismo, e regateando a qualquer homem o direito de vir para o meio delas labutar na obra humana? De

resto não existem, na realidade, povos nativistas. O que existe em cada povo é um certo número de nativos que, por falta de qualidades ativas, destras e rijas, sucumbem e murcham naquelas mesmas carreiras em que outros, que não são nativos, prosperam e florescem.

É o lojista que tem de fechar a loja deserta, enquanto ao lado o lojista estrangeiro alarga a sua, onde a multidão se apinha. E o escritor que vê os livros estrangeiros vendidos, discutidos, envolvidos na vida intelectual, enquanto os seus ao fundo dos armazéns apodrecem, no silêncio, na escuridão e no pó das obras mortas. É o arquiteto a que nem o Estado, nem os particulares confiaram a construção de um muro de quintal, e que assiste aos triunfos do

arquiteto estrangeiro, encarregado de cobrir a cidade de casas e monumentos. É o médico sem doentes que por trás dos vidros, roendo sombriamente as unhas, conta a longa fila de clientes que enfia para dentro da porta do seu vizinho, o especialista estrangeiro. É sobretudo o homem das profissões liberais, ávido de publicidade, de posição, de influência, que permanece na obscuridade, no abandono, ao passo que o estrangeiro é acolhido, reclamado, festejado. Estes são os verdadeiros nativistas — os que *falharam* em face do estrangeiro que *acertou*. A ilusão e a vaidade nunca lhes consentiriam reconhecer que a sua derrota proveio da sua insuficiência — e é como consolação interior, e mesmo como desculpa pública, que eles se consideram

e se proclamam vítimas de uma vasta calamidade social, a invasão das raças estrangeiras, que alastra, tudo atravanca, se impõe pela brutalidade do número e pela parcialidade do privilégio, e tiram ao pobre nativo esmagado a parte que lhe competia do pão e do solo natal. A identidade do descontentamento faz que todos estes descontentes se juntem, mutuamente desabafem, e se exaltem, e findem por organizar uma seita que vá pregando a salvadora ideia nativista. E na maior parte dos casos não é com a esperança que essa ideia triunfe, pois que eles sentem bem quanto ela é socialmente intriunfável, mas apenas com o intuito, em parte ingénuo e em parte astuto, de encontrarem no exercício dessa estranha profissão de *nativista* os proventos, a

influência fácil e a posição que não souberam granjear nas outras profissões em que a sua mediocridade foi fator da sua derrota. E esse intuito frequentemente o logram — porque tão profunda é a credulidade emotiva das multidões que não há bandeira nova, por mais frágil, com um mote novo por mais irracional, que, bem desfraldada na rua, não reúna e levante uma legião. E durante esse curto momento, um bom nativista saboreia as glórias de um chefe, de um messias. Mas também tão rápida é a reação do bom senso nas multidões educadas que, reconhecida a fragilidade da bandeira e a irracionalidade do mote, a legião que se formava ao começo da rua fica reduzida, antes mesmo que se desemboque na praça, a alguns arruaceiros e a alguns

simplórios.

E esse o desagradável momento para o nativista — porque então se descobre que aquilo que se julgara ser o movimento forte de uma nação era apenas o despeito, ou a manha, ou a ilusão de alguns falhados.

Por isso nunca me inquietei quando, há un ano, tanto se falava na agitação nativista do Brasil. O Brasil nativista! Porquê?

E possível que aí, como em toda a parte, haja um outro ladino que visse no exercício do nativismo uma profissão fácil, sem habilitações obrigatórias, sem horas presas, altamente rendosa e mesmo divertida. (Não se tomou hoje em França o antissemitismo uma carreira soberba que leva à celebridade e à fortuna?) É

provável também que, sobretudo no Rio, onde a concorrência já é áspera, alguns derrotados da vida atribuam candidamente a sua derrota, não à própria inabilidade e fraqueza, mas à força esmagadora de um fenómeno social, ao número invasor das raças alheias. E é quase certo ainda que muitos moços, com a ingenuidade um pouco tumultuosa que é própria da nossa raça, confundindo *nativismo* com *nacionalismo*, tivessem concebido o sonho de um Brasil só brasileiro. Estas ideias e interesses, tendo um fundo idêntico de negação, sem dúvida se juntariam, atravancariam a rua com o seu bando e a sua bandeira, e por motivo daquela excitação contagiosa, que tanto prejudica as sociedades meridionais, encontrariam apoio, por um momento,

entre multidões crédulas e com os nervos ainda abalados por uma dura guerra civil. Mas essa influência do nativismo só podia ser (como foi, creio eu) muito transitória, no meio de uma nação tão amorável, tão generosa, tão hospitaleira, *tão europeia* e de tão vasta fraternidade como é o Brasil, para sua grande honra entre as nações.

As repúblicas semimortas da América Central, uma Guatemala, uma Nicarágua, um Equador, são nativistas com paixão, e o seu nativismo é compreensível — porque nelas não só abundam os homens *falhados*, mas elas próprias são *países falhados*.

Começaram a sua carreira de nacionalidades sem para isso terem habilitações ou capitais, e em breve caíram em tal desordem civil e em tal

miséria moral que toda a inteligência, toda a atividade, toda a força gradualmente se lhes sumiram, e hoje qualquer aventureiro que lá entre, sendo um pouco esperto e um pouco vidente, se pode tomar num instante o seu explorador e mesmo seu dono. Mas o Brasil, esse, nativista! Como poderia ser?

O nativismo na América espanhola é sempre sentimento invejoso de mulato que tem alma mulata e que falhou. Ora, o Brasil é branco, de alma branca — e está, como nação, em pleno e vivo êxito (apesar destes anos de atrapalhação política, que vem não da falta de ideias, mas da falta de pessoal, junta a um individualismo exagerado que produz indisciplina). E nem pode deixar de estar em êxito, sendo como é um povo

superiormente inteligente, provadamente ativo e escandalosamente rico. Com tais qualidades, que inveja pode ele ter do estrangeiro e que medo da sua concorrência? E não tem, como soberbamente o prova cada dia com a sua magnífica franqueza hospitaleira; porque a hospitalidade não é somente um sinal de doçura, é sobretudo um sinal de força.

E aqui está como, levado pela tagarelice godo-latina, eu me deixei da doutrina de Monroe, para divagar através do nativismo, seu filho bastardo e petulante.

De resto, agora que ela foi bem definida num relatório parlamentar ao Senado, em Washington, essa boa doutrina interessa menos os estados da Europa do que as nações do continente americano —

porque desde hoje ela já não constitui uma defesa contra a preponderância da Europa na livre América, mas estabelece um verdadeiro princípio de agressão contra a autonomia das repúblicas américo-latinas. Em virtude da antiga doutrina, tal como ela era pregada ainda há pouco pelos patriotas de Washington, os Estados Unidos pretendiam que nenhuma nação europeia pudesse, pela força e pela conquista, adquirir um pedaço qualquer do continente americano, onde fossem estabelecer os seus métodos vetustos de política e de administração.

Agora, porém, os patriotas de Washington decretam que nenhuma nação do continente americano poderá ceder, trocar ou vender a uma nação da Europa uma parcela, mesmo mínima, do seu

território, sem o consentimento dos Estados Unidos, que nunca o darão, para evitar que se formem sobre o limpo solo da América focos de infeção europeia! Ora o direito de proprietário inclui necessariamente o direito de ceder, trocar, doar, vender, a totalidade ou uma parte da sua propriedade. É este um princípio que está em todos os códigos dos civilizados e mesmo em todo o direito costumário dos selvagens. Desde que se contesta ao possuidor o direito de dispor da coisa possuída, implicitamente se lhe contesta a plenitude direta da propriedade. Proprietário direto e pleno é aquele que, usufruindo a terra, tem simultaneamente o direito de a alienar. Aquele que habita a terra, e a cultiva, e vive dos frutos dela, mas não tem a faculdade de alienar nem

uma árvore nem uma pedra — é usufrutuário, não senhorio. Se alguém, vindo de longe, lhe propõe a compra dessa pedra ou dessa árvore, o usufrutuário nada pode resolver sem tirar respeitosamente o seu chapéu e implorar a permissão do senhorio. Ora, os Estados Unidos pretendem, por uma votação do Congresso, determinar que os povos do continente americano são meramente usufrutuários dos territórios que habitam, pois que só têm direito de os fruir, não de os alienar sem consentimento — e conjuntamente, pela mesma votação, eles se declaram senhorios diretos de todo o continente, pois que só a eles pertencerá dar ou negar esse consentimento. É uma portentosa conquista, tão portentosa e fácil que quase parece cómica. Uma tarde,

de repente, no fim de uma sessão do Congresso, o ianque surge como o dono de toda a América. Em torno já não haveria senão nações usufrutuárias. O povo brasileiro pensa possuir o Brasil?

O Brasil todo, desde o rio Parima até ao rio Paraná, é do ianque. Ao povo brasileiro só pertence habitar o solo, plantar nele zelosamente o seu café e estar quieto. Mas se um dia tiver a livre ideia de vender ao Inglês ou ao Turco três metros de areal ou de sertão terá de ir, com a fronte baixa, implorar a licença do ianque, que lha recusará, rispidamente, com um vasto gesto senhorial... E ainda há aqui moderação da parte dos Estados Unidos — porque poderiam, em vez de declarar os povos da América simples usufrutuários, decretar que eles seriam, a

partir deste ano de 1896, meros rendeiros, devendo pagar-lhes cada semestre a renda dos territórios fruídos, sob pena de expulsão. Os Franceses dizem, com a sua usual razão e finura, que *quand on prend du galon on n'en saurait trop prendre*. Se os Estados Unidos estão em veia forte de arrebatar propriedade, porque a não arrebatam toda e completa com os deleitáveis benefícios da renda? Seria isso um grandioso domínio à velha moda oriental. Só povos tributários em toda a América e lá no alto o ianque, grão-senhor! E todos os anos, então, subiriam do Sul e do Centro lentas filas de emissários, uns sobraçando velhas carteiras ajoujadas de papel (à falta de ouro), outros carregando fardos cheios de cacau ou de café, e todos a caminho de

Washington, a depor o tributo nos degraus do Capitólio, aos pés do presidente dos Estados Unidos, o presidente dos presidentes, dono supremo dos homens, como o velho Xerxes. Esse espetáculo deleitaria o coração de todos aqueles para quem a grande fraternidade democrática da América é a mais divertida de todas as pilhérias sociais deste século.

Na minha aldeia, no Norte de Portugal, se um lavrador que durante anos amanhou uma terra recebe bruscamente de um cavalheiro seu vizinho a intimação de que essa leira de vinho e pão lhe pertence por posse direta, como antigo senhorio — começa por coçar a cabeça e comer nessa noite, à lareira, o seu caldo com mais lentidão e silêncio. De manhã, ao primeiro sol, enverga a jaqueta e vai ao

letrado, a quem escuta pensativamente e paga cinco tostões. Depois volta ao lugar e pede, de chapéu na mão, ao cavalheiro as suas provas, os seus papéis. O cavalheiro não tem provas — tem só a sua arrogância, o seu palacete, os seus criados de estrebaria e monte, a sua influência na freguesia. E quer a terra! Então o lavrador volta ao canto da lareira e agarra no cajado. E nessa tarde há, junto de qualquer sebe onde se enrosca e rescende a madressilva, um cavalheiro com uma clavícula e três costelas absolutamente partidas. É assim na minha pequenina aldeia. Não sei como é nessa imensa América.

A Propósito do *Termidor*

Victorien Sardou, há cinco ou seis anos, escreveu (ou antes *maquinou*, porque este verbo melhor lhe compete) um drama intitulado *Termidor*, que foi representado uma vez na Comédie Française e imediatamente proibido pelo Governo como funesto para a república e para a liberdade. *Termidor*, com efeito, ressuscitava uma época essencialmente antilivre e antirrepublicana, pois que durante ela se desenrolou o reinado do Terror e a sangrenta tirania de Robespierre.

Mas, coisa democraticamente divertida, a peça de Sardou foi interdita, em nome da república e da liberdade, por

isso mesmo que, através dela, em falas amargas e em episódios demonstrativos, se condenava o despotismo. A razão aduzida pelo Governo ou, antes, pela maioria das câmaras, que, sob o comando fogoso de Clemenceau (então omnipotente), votou a proibição de *Termidor:* porque todo o verdadeiro e leal republicano deve aceitar a Revolução Francesa *em bloco.* Nesse dia nasceu ou, pelo menos, foi cunhada em aforismo e penetrou na circulação banal a doutrina, hoje famosa, do *bloco.* Consiste ela em que o bom republicano, verdadeiramente útil à república, deve adotar a Revolução Francesa em todo o seu conjunto, na sua absoluta totalidade, com todos os seus benefícios magníficos e todos os seus crimes bestiais, sem separar, sem

escolher, sem sorrir a Camile Desmoulins, porque ele foi generoso e poético, sem repelir Marat, porque ele foi sórdido e sangrento, amando tudo, reverenciando tudo, os homens todos, as festas todas, os heróis e os canalhas, a abolição dos direitos feudais e as matanças de setembro, como se essa revolução fosse na realidade um bloco, um bloco de metais fundidos, onde se não pudesse estremar o ouro puro do chumbo vil e onde o chumbo estivesse tão sumido no ouro que na realidade tudo parecesse e valesse ouro. E segundo esta dogmática doutrina, um governo republicano, mesmo reconhecendo a sós com o seu penacho que Robespierre foi vagamente ridículo como papa (papa do Ente Supremo) e secamente sanguinário como ditador,

nunca poderia permitir que Robespierre, que é um dos bocados considerados do *bloco*, afrontasse uma pateada num teatro de Paris.

Daí a supressão ditatorial de *Termidor*. E havia ainda a velha razão dos governos (tão velha, e decrépita, e trémula, e tonta, que eu pasmo como ela ainda pode aparecer nas assembleias e ser tomada por uma realidade viva), a safada razão da ordem pública.

Com efeito, segundo afirmava o Governo, os jacobinos e os sebastianistas (porque esta alcunha do Brasil, tirada da poética seita de Portugal, convém admiravelmente aos realistas de França) tinham planeado descer em massas densas sobre a Comédie Française, uns para apupar o reinado do Terror e aclamar

Sardou, que o denegria, os outros para vitoriar Robespierre e quebrar Sardou e os bancos: e ambos para uivarem e mutuamente se tratarem de «garotos», em nome de 89 e da Declaração dos Direitos do Homem.

Até se murmurava com terror que nessa noite devia aparecer Lissagaray, o próprio Lissagaray, o formidável Lissagaray. Eu nunca soube quem fosse esse homem assustador, nem mesmo se era um homem ou um símbolo como Ferrabrás e Polifemo. Na minha mocidade, quando eu conspirava em Lisboa, na Travessa da Conceição Nova, contra Napoleão III, havia em Paris um Lissagaray, também terrível, em quem Rochefort dera alegremente ou estocadas ou bengaladas. Seria ainda esse, e ainda terrível? Em

todo o caso, símbolo social ou homem mortal e espancado, Lissagaray nessa noite devia vir! O Governo sufocou Sardou para salvar a ordem. E a Comédie Française, em vez de *Termidor*, deu a peça que melhor convinha, como comentário — o *Tartufo*.

Pois bem! Cinco anos vão passados, como se dizia nos romances românticos. E aí temos nós *Termidor* representado no teatro da Porte St. Martin, durante dois meses, sob a benevolência paternal do Governo e no meio de uma risonha e deliciosa ordem pública! E notai que mestre Sardou, sagaz cozinheiro de guisados teatrais, sabendo bem que nunca se deve servir um prato da véspera sem um molho novo e fortemente apimentado, introduziu em *Termidor* episódios inéditos

e todos desagradáveis para a Revolução, uns mostrando a sua incoerência anárquica, outros enegrecendo a sua ferocidade impiedosa. Até há uma sessão da Convenção, a sessão de 9 de Termidor, em que Robespierre foi acusado e derrubado, reconstituída num cenário erudito, com as bancadas e as tribunas, e os convencionais mais ilustres, e o povo tumultuoso, e as grandes invetivas históricas, e os gestos, os apupos, os rugidos, os ultrajes, e Robespierre de casaca cor de pinhão, com o punho fechado, gritando ao presidente Collot-d'Herbois: «Pela última vez te peço a palavra, presidente de assassinos!» E todavia, apesar destas exibições irritantes, que o Governo há cinco anos temia, ou afetava temer, por causa da

velha ordem e da reverência que se deve ao *bloco*, todas as noites *Termidor* se desenrola no meio de um sossego atento, como se em vez da Revolução se tratasse da Renascença ou da Guerra dos Cem Anos. O que interessa não é a sorte de Robespierre, mas a arte de Coquelin. Ninguém pensa nos princípios através do prazer que dão a cor e a animação dos cenários. E jacobinos e sebastianistas saem do teatro e acendem pacificamente os seus charutos, com a sensação muito certa de se terem divertido. Ora há cinco anos, se o Governo se não tivesse espavorido, com os seus vivos pudores ordeiros e revolucionários, *Termidor* correria entre o mesmo sossego, apenas aquecido por uma chamazinha mais viva de curiosidade e de excitação.

E daqui a dez anos, se o mesmo Sardou ou outro Sardou voltar com outro drama da Revolução, contendo Danton ou Marat, reinará em tomo dele um sossego ainda mais parado, e os jacobinos e os sebastianistas nem mesmo se divertirão; antes, ao sair do teatro, acenderão os seus charutos com o vago cansaço e tédio de quem tivesse visto durante cinco atos passar e repassar, entre pórticos, Belisário ou Artaxerxes.

E porquê? Porque (ai de nós!) uma grande indiferença, à maneira da sombra de um crepúsculo, começa a descer sobre a Revolução Francesa. É a mesma indiferença que, numa camada mais densa, já cobre Luís XIV e o Grande Século, e depois, em camadas sucessivamente mais espessas e negras, cobre e abafa a

matança de S. Bartolomeu, e a Guerra dos Cem Anos, e a expulsão dos Mouros da Península, e a invasão dos Bárbaros, e a queda de Jerusalém, e a conquista das Gálias, e as Guerras Púnicas, com o seu Aníbal e o seu Cipião, e todos os feitos e todos os homens por aí acima até Nemrod e as suas façanhas.

Entre nós e a queda simbólica da Bastilha já medeia um século, e o século mais cheio, mais fecundo, mais rico em homens e feitos de que se gaba a história. Já houve pois tempo para que o mundo se restabelecesse do imenso abalo e emergisse do imenso deslumbramento que lhe dera aquele tumultuoso cair de Bastilhas, de instituições e de cabeças. Nenhuma época houve, é certo, que prolongasse tanto, como a época da

Revolução, o calor intenso das suas paixões para além das datas cronológicas que a limitam. E nenhum grupo de homens históricos continuou a viver para além da campa, entre as gerações sucessoras, como estes de 1789 e de 1793, que eu, na minha primeira mocidade, ainda conheci vivos; vivos de uma vida real e quase física; vivos pela expressão, pela voz, pelo gesto, pelo traje; vivos sobretudo pelos entusiasmos ou cóleras que inspiravam, como só as inspiram os vivos.

Em Coimbra, na ardente e fantástica Coimbra do meu tempo, no meio das nossas discussões de princípios, tão tremendas e tão vagas, ainda se ouviam destes gritos, lançados por um camarada, de punho fechado, contra outro

camarada, de olhos faiscantes: «Danton! Diante de mim não te atrevas a falar desse modo de Danton! Olha que esqueço que somos amigos! Danton é sublime!» Ou, então, ainda num furor maior, com patadas atroantes no soalho: «Marat é um monstro! Conheço perfeitamente Marat! É um monstro! E se o negas, é porque o não conheces, ou mentes, ou estás miseravelmente vendido!» De Marat, de Camile Desmoulins, de Saint-Just, de todos os homens da Revolução nunca dizíamos *era*, mas *é*, no presente do verbo, porque para nós eles estavam presentes, sempre vivos, habitando Paris, habitando também Coimbra, vivos e presentes em todo o lugar onde houvesse um coração revolucionário para os compreender.

E todos nós os conhecíamos pessoalmente, familiarmente, e sabíamos os seus hábitos, os seus amores, as suas manias, os seus gestos e a cor das suas casacas. Vi companheiros meus profundamente namorados da princesa de Lamballe. Ainda se faziam então sonetos, repassados de devoção, a Charlotte Corday, E o ser guilhotinado, depois de uma ceia como a dos Girondinos, entre belas palavras históricas lançadas à posteridade, parecia a muitos de nós o melhor e mais ditoso fim de uma vida de homem verdadeiramente digno da humanidade. Portugal nesse tempo andava sempre uns vinte ou vinte cinco anos atrasado da França. (Hoje anda apenas quinze dias, quando não adianta.) E o estado de espírito de Coimbra, não era

mais que a tradução sincera dos sentimentos que agitavam a mocidade de Paris de 1840.

Ora, se em Paris, em 1840, se representasse um *Termidor*, o rolo seria pavoroso.

Apeados da sua coluna, recolocados entre a mediana humanidade, os homens da Revolução apareceram como realmente tinham sido, nem deuses, nem demónios, mas simples homens capazes de sublimidade e capazes de perversidade, como tantos outros que fizeram outros capítulos de história. São para adorar? São para maldizer? Não. Eram ideólogos enfáticos — mas sacrificavam a vida por dedicação a um teorema. Eram asperamente egoístas — mas as suas simpatias envolviam a

humanidade inteira. Eram de uma medonha vaidade — mas de um patriotismo magnífico. Eram sanguinários — mas exerciam a crueldade sob a ilusão do bem universal. Eram céticos, eram sensualistas, eram ridículos — mas lutavam pela verdade abstrata e tinham como fim a salvação do mundo.

Eram homens cheios de ideias grandes e de ideias mesquinhas, de qualidades baixas e de qualidades magnânimas. Mas, desde que uma história verdadeiramente crítica e não cantada ao som da lira ou rugida como um vitupério, à Carlyle, os mostrou assim simples homens — todo o interesse vivo e fumegante que eles se inspiravam se apagou. Ah!, a Revolução Francesa não é uma epopeia super-humana, no género da

guerra dos titãs?... Então não gastemos mais com ela as nossas preciosas emoções.

Que fique de uma vez e definitivamente arrumada no catálogo geral da história, como a Reforma, ou a Jacquerie, ou a Guerra dos Cem Anos, ou o império português do Oriente. Não lhe devemos já a nossa paixão — apenas a nossa investigação. Seria pueril que nos exaltássemos mais por Danton e Robespierre do que por Cipião ou por Carlos, *o Temerário*. O que a uns e outros compete são dissertas teses, bem documentadas, com notas e com glossários.

Mas, desde que nós não conservamos mais a Revolução entre o vivificante calor das nossas discussões, e

não a abrigamos sob os nossos entusiasmos, ela ficou como abandonada e sem defesa contra a goela tragadora do tempo. Não é hoje um pedaço da nossa vida — é apenas um capítulo da História Moderna. Já se tomou coisa morta — está para além do Letes, do rio dos mortos. E essa côncava goela do tempo a que o poeta chamava o «Pórtico do Esquecimento», já começa a estirar sobre ela a sua sombra densa. Nós assistimos assim ao esvaecimento da Revolução. Cada ano que passa a vai levando mais para longe de nós, num alongamento que lhe esbate os fortes relevos e em que as suas vivas, ardentes cores, desmerecem, esmorecem.

Era um grupo movente de gente viva — não é mais que uma galeria de

figuras paradas, sob uma luz neutra. Ainda se veem ao longe os madeiros da guilhotina (é mesmo o que se vê mais nitidamente): mas já se não percebe aquele jorrar e fumegar de sangue, que há pouco era motivo de tanta cólera e tanta dor. A Convenção está como esborratada, sem que se lhe possam reconhecer as faces violentas e populares. O Clube dos Jacobinos não é mais que um tremer de manchas negras e anónimas. A graça tocante ou o heroísmo das Charlotte Corday, das Lamballe, está tão desbotado que nem o coração mais sectário por elas se entusiasma. A vasta voz de Mirabeau, que ainda há pouco ressoava entre nós, nos fazia estremecer, é simplesmente um murmúrio indistinto.

De Danton, que enchia o mundo,

resta uma sombra sobre um muro. E já nem se percebe a cor da casaca de Robespierre! Todos nós a conhecíamos, essa casaca que ele trazia tão escovada, tão tesa, tão autoritária... E já não nos lembra, nem podemos verificar a esta distância de além-Letes, se era azul ou cor de pinhão.

Será definitiva esta entrada da Revolução na paz silenciosa dos arquivos? Ressurgirá ela desse jazigo erudito, como agora ressurgiu Napoleão? Duvido. Napoleão é um herói simples, compreensível, fácil de reconstruir, sem os profundos trabalhos para que o nosso tempo é impróprio. A Revolução, pelo contrário, é imensa e complicada, cheia de ideias e de homens, um pesado mundo, difícil de ressuscitar e de repuxar para a

luz. É pois quase certo que ela ficará no vasto cemitério do passado, ao lado das outras grandes épocas mortas. E quando algum dos seus heróis voltar a aparecer, durante algumas noites, no tablado de um teatro de Paris, não despertará mais entusiasmos ou mais cóleras do que Carlos V ou César Bórgia, quando esses ilustres, vestidos de trajes ricos, exprimem sentimentos fortes por meio de belos versos. De facto a Revolução já está bastante morta para começar a ser tratada em verso. *Termidor* ainda é em prosa. Daqui a alguns anos Mirabeau, Marat, Robespierre, dirão as grandes ideias e as grandes paixões da Revolução através de cinco atos, em alexandrinos sonoros, de rima preciosa. Anos depois os três homens terríveis, à boca do

proscénio, cobertos de veludo, com a mão sobre o peito, entre largas rajadas de orquestra, cantarão um terceto sublime de tenor, barítono e baixo.

Não me atrevo a prever quando a Revolução será posta em bailado. Mas no dia glorioso em que Danton, vestido de malha cor-de-rosa e dançando um *pas-de-deux* patriótico, ordene por mímica as matanças de setembro, e em que Madame Rolland, de saias de gaze tufadas e os braços em arco, suba com piruetas graciosas a uma guilhotina, toda engrinaldada de flores, podemos respirar e considerar que se fechou o ciclo histórico da Revolução e saudar os tempos novos.

NOTAS CONTEMPORÂNEAS

Primeira edição: 1909

Carta a um Redator do *Jornal do Comércio*

4 de maio de 1871

Senhor redator do *Jornal do Comércio:* no seu número de terça-feira 2, dando você a notícia da criação de um clube republicano na Rua da Prata, vejo com admiração o meu nome citado entre os dos fundadores. Seria para mim extremamente honroso ser do centro de uma propaganda democrática, filosófica, doutrinal, elevada e séria — sobretudo em camaradagem com o superior espírito do meu amigo Antero de Quental. Mas a verdade é que nunca fundei nem na Rua da Prata, nem em alguma outra rua, nem

clube republicano, nem centro político. Rogo a você tome nota desta negativa enérgica, que eu faço todavia sem pavor constitucional, e unicamente para estabelecer a verdade: pelo mesmo motivo, se você noticiasse que eu ia fundar uma camisaria, protestaria igualmente, porque não é verdade.

Aceite os protestos da minha consideração,

De V. etc.

Eça de Queirós

Três Americanos

Três. Três americanos completos, desde os chapéus até ao génio. Direitos, secos, hirtos, firmes, com o seu andar reto e rijo, o peito saliente, como uma proa segura que corta o destino, os pés largos e vastamente pousados, o ar sério e apressado. Vêm de desembarcar do paquete. É em Lisboa. Só aqui, entre estas figuras incaraterísticas e banais, que amolecem as ruas, as suas pessoas originais têm o relevo pitoresco e o destaque especial.

De onde vêm? De toda a parte. Para onde vão? Para o dinheiro. Tudo na sua figura revela este caminhar resoluto e direito para o ganho; no rosto, nos gestos,

na *toilette*, nas rugas, nas barbas, sente-se a grande vontade americana — lucrar depressa. O nariz erguido fareja subtilmente o metal. O olho firme olha para a frente magneticamente. Os lábios finos contraídos, económicos de palavra, parecem secos da quantidade de cifras que têm pronunciado. Os fatos são curtos, cortados, fatos de agilidade e de movimento, que indicam a pressa, a áspera carreira atrás do dólar. Poucas malas que embaracem e retenham a atividade. Um bom *reflard* para as chuvas, um chapéu-capacete para o sol. Como a vida é uma guerra, a *toilette* torna-se uma armadura. Mas sobretudo o andar. É ele que revela o homem de lucro: nada é indolente, distraído, *flaneur*, naquele andar mecânico, conciso e sôfrego: cada

passada é um ato de tomar posse, as solas rangem de impaciência. Para que a articulação esteja mais livre põem polainas de linho, as biqueiras arreganhadas têm um ar orgulhoso, por serem as primeiras que chegam. As correntes de relógio tilintam de alegria, e a gaze que lhes flutua no chapéu acena vitoriosamente, como a bandeira da agiotagem. Vejam-nos bem. O primeiro é dos estados do Sul, da Carolina ou da Luisiarta. O sol deu-lhe mais a ênfase meridional, é o mais rápido, o mais flexível, o mais pomposo; vai como a coberta de um paquete: os braços parecem duas velas suplementares e o charuto fumega-lhe como um cano. Tem o chapéu-capacete da Índia e da Austrália. É o mais seco, o mais febril, o mais ardente.

Prefere os altos negócios, as empresas de caminho de ferro, a mina de ouro. Vem decerto da Califórnia ou da planura do México, onde há a prata; com a sua saúde elástica e de cauchu, dá-se tão bem nas febres da Bolívia como no sereno ar de Florença. O Sul pôs-lhe no cérebro uma ponta de febre. Como prefere os negócios violentos e aventurosos, quer as orgias desesperadas. Precisa gastar-se, prodigalizar-se, espalhar-se, exalar-se. É ele que dá nos teatros os pequenos gritos agudos, como ganidos. É ele que ama os concertos onde se pontua a música com tiros. É ele o violento: quando o não servem a tempo no restaurante, crava uma navalha nas costas de *Werther*. É ele que canta estranguladamente as canções retalhadas e metálicas, que parecem um

tilintar de libras, seco, musculoso, duro, esguio, adunco, quando não tem uma companhia a fundar, um preto a espancar, uma floresta a devassar, vai para casa desesperado, toma uma cadeira e corta-a aos bocados com um canivete.

O outro é do Norte — grosso, vermelho, forte, leva em si todo o orgulho da América. Sente-se cheio de honra de ser um cidadão dos Estados Unidos. É por isso que entende que se deve dar a todos os deveres civis da União; é brucheiro, fundou uma escola ou um clube, odeia a Inglaterra, masca o inglês, vota por Grant, que se embebeda, e detesta Greeley, que só bebe água. Julga-se obrigado a amar fraternalmente o Negro, mas, se o encontra no alto de um ónibus ao pé de si, atira-o nobremente ao lajedo; sente-se

ainda nele o ianque mal desbastado, tem orgulho nisso, acentua a sua espessura, e põe pontos e vírgulas na brutalidade; se lhe pisam um pé no estrangeiro, pede seis mil libras de indemnização: traz a Bíblia no bolso, tendo à margem apontamentos de negócios e fileiras de cifras; usa chapéu de cortiça por ser mais prático, mas entende, à americana, que deve parecer bem, e põe-lhe uma pena de pavão. Joga a luta, é casado, tem a especialidade dos ventos, é ele que leva nas noites de eleições a bandeira em que vai o nome de *Sumner*, e, para mostrar bem que descende do primitivo ianque, traz uma argola na orelha.

O outro, de barbas grandes, cabelo comprido e caído em roda da cabeça, como a aba de um capacete, é do Canadá;

raça que pretende ter teorias; é dissidente no protestantismo, mas espalha Bíblias. Ocupa-se sobretudo de estatística. Vejam: vai em redor observando. Olha para trás. Os outros, que são da América, arrastam-no na sua carreira para o dinheiro, mas ele demora-se, observando; quereria tomar apontamentos, conta o número dos trens, quantas lojas há de máquinas de costura, e estuda os costumes. E ele que se interessa pela descoberta de Livingstone. É ele que tem uma fábrica de cerveja, que tem por fora o aspeto de uma capela gótica. E ele que ao domingo, sob a chuva miúda do Norte, trepa a um banco, a uma esquina, e, com o guarda-chuva aberto, gravemente, explica uma passagem da Bíblia, e no fim distribui anúncios de uma fábrica de fundição.

É cauteloso, sempre vestido de flanela, é da sociedade para animar a salvação dos afogados. É casado, e todos os dias à noite faz o seu diário. Um dia escreveu-lhe: hoje, dez horas, adquiri a certeza de que minha mulher me trairia. Um lanche, cinco, leitura de um *Tratado sobre a Moralização dos Pequenos Peles-Vermelhas*.

Três são. Uma coisa têm de comum — a individualidade, o *myself*. Eu mesmo, eu cidadão americano, de resto nada. Outro ponto de contacto: nunca se espreguiçam. De resto, com toda a sua civilização, a sua riqueza, o seu ouro, o seu *myself*, o seu ruído sobre o planeta, a sua intimidade com Deus, não seriam capazes, todos juntos, desde o Canadá até Filadélfia, desde o presidente Grant até

ao Negro, que agora geme atrelado ao algodão, de fazer um verso de Musset, ou um desenho de Delacroix. E têm outra desgraça: assoam-se muito.

De resto, magníficos.

Ramalho Ortigão (Carta a Joaquim de Araújo)

Newcastle, 25 de fevereiro de 1878

Meu caro colega: recebi a carta de você pedindo-me, com pressa, a biografia de Ramalho Ortigão. Creio que o que você deseja é a biografia do espírito de Ramalho Ortigão, a história interior, a do seu talento, não a história exterior, a da sua vida. Um homem de letras que não escreve as suas memórias tem realmente direito a que os outros lhas não escrevam. De resto, a história de Ramalho Ortigão conta-se facilmente: tem vivido com honra e trabalhado com valor. Pode-se

acrescentar que nasceu no Porto (intelectualmente em Lisboa) e que possui duas qualidades eminentes, de grande resultado moral, raras nos seus contemporâneos: não é bacharel e tem saúde. A biografia do seu espírito é mais complexa.

Diz-se geralmente — Ramalho Ortigão, autor de *As Farpas*; não seria inexato dizer — *As Farpas*, autoras de Ramalho Ortigão. A sua obra tem-no criado. Se ele, há sete anos, dá a *As Farpas* tempo, cuidados, estudo — *As Farpas* têm-lhe pago regiamente, têm-no *feito*. Têm-lhe dado a disciplina de raciocínio, a observação, a exclusiva fé na ciência, a crítica, uma bela elevação moral, uma forma magistral. *As Farpas* têm sido, para ele, a grande escola da

ironia: Ramalho tem feito na ironia a sua educação e a sua carreira. A epígrafe invocativa de *As Farpas* é inteiramente exata, como história do seu progresso: é a ironia que o tem libertado da rotina, da adoração dos falsos deuses e dos falsos diabos, das mistificações da política, das pequenas ambições, dos pequenos luxos, da enfatuação, da melancólica escravidão dos partidos, das superstições sociais e dos mandamentos transcendentes. É a ironia que, fazendo-o livre, o tem feito justo.

Ramalho Ortigão *depois* de *As Farpas* é um homem inteiramente diferente de Ramalho Ortigão *antes* de *As Farpas*. E, todavia, ainda não há um ano que eu vi um estudo pintando-o como um janota amigo dos cortes excêntricos, e

julgando o Bulevar a mais nobre instituição dos tempos modernos. Esta apreciação não era uma perfídia, nem um erro: era um velho cliché, a tiragem recente de uma antiga estampa: era uma «rotinice».

A rotina, numa das suas formas mais estúpidas, é a persistência caturra numa primeira impressão. É o grande vício chinês. Há dois mil anos a China, num momento de grande impulso interior, abriu os olhos da alma e concebeu, num relance, uma certa ideia do universo, do homem, da arte e da sociedade: dois mil anos passaram e a China persiste, impassível, na adoração e no uso destas conceções primitivas. O Português moderno tem muito do Chinês. A primeira impressão que nos vem à retina fica-nos

perpetuamente no espírito. Ramalho Ortigão, há anos (o seu talento podia dizer há séculos), foi visto no Chiado com um chapéu panamá, gabando os méritos de Mademoiselle Rigolboche, a antiga Carlos Magno da prostituição; há sujeitos para quem Ramalho, apesar de trinta volumes de *Farpas*, é ainda hoje o homem do chapéu panamá e o Plutarco de Mademoiselle Rigolboche.

Eu conheci-o antes de *As Farpas*. Já tinha então as qualidades eminentes de corpo e de coração: era forte, era são, era bom, era alegre; mas dos cabelos aos bicos dos sapatos era, em cada polegada, um literato; mais — era um janota. O chapéu panamá era então exato. Paris — ou antes um dos lados de Paris, o Paris do chique, das cocotes, das operetas, dos

boursiers, dos jóqueis, das dançarinas e dos pequenos tiranos — deixara-lhe nos olhos e no espírito um grande deslumbramento: se lá se tivesse estabelecido então teria escrito, com fervor, no *Figaro;* teria ido todas as tardes ao Bois curvar o espinhaço diante da libré verde e ouro do personagem taciturno e caquético que então dominava o mundo; iria, por estilo, jantar Chez Vachette, com o ramo de violetas de uniforme e gabar as grandes ideias do remado, bebendo *Romanée-Imperial;* publicaria em casa de Michel Levy um volume intitulado os *Contos do Asfalto;* e, declarada a guerra, como era bravo, ter-se-ia alistado nos zuavos e morrido heroicamente em Gravelotte ou Saint-Privat. Em Portugal era a contrafação

lisboeta deste tipo amado; dizia-se conservador; admirava, Deus me perdoe, os tenores de S. Bento (de que mais tarde devia fazer a prodigiosa caricatura); detestava a democracia, porque lhe supunha caspa: era, entre nós, barbado, o S. Paulo do «crevetismo»; escreveu um livro, *Em Paris*, que foi a sua «Carta aos Coríntios»; se não era inteiramente devoto, achava a religião um acessório indispensável ao homem bem-educado; e preferiria decerto ter escrito a *Família Benoiton* a ter composto *Os Lusíadas*. Ao mesmo tempo, conservara-se na forma um literato português; era um purista — tinha o estilo vernáculo, quinhentista, arcaico, obsoleto: exprimia as suas preferências de bulevar na linguagem de Bernardes; as suas ideias eram de dândi, a sua prosa de

frade.

E em dez anos, por um prodigioso trabalho dentro de si, sobre si — é o autor de *As Farpas!*

As suas primeiras revelações tinham sido no *Jornal do Porto:* havia já então nos seus folhetins saídas, *boutades*, repentes, jatos de veia, que mostravam um espírito original, mais sarcástico que irónico, petulante, amando a luta. Mas a sua bela veia natural era inteiramente inutilizada pela sua pesada prosa vernácula; era como um ágil jogador de críquete metido dentro de uma armadura do tempo de D. Sancho II; depois, não tinha disciplina, vadiava, entretido com bagatelas, ocupando-se a desmantelar aqui uma pacata assembleia da Foz, além um pobre poeta lírico da Rua das Hortas.

Não tinha as armas modernas, nem via o inimigo moderno: a sua ironia precisava um estilo e uma filosofia.

Pertencem a este período, creio, as *Histórias Cor-de-Rosa*. Li-as há dez anos, e tenho a impressão de um livro arranjadinho com jeito, deste romantismo modernizado em que os gritos de paixão plebeia são substituídos pelos suspiros de uma sensibilidade elegante; alguma coisa de ornamentado, acetinado, precioso, *d'étagère* rica; e terminando por uma página admirável, a «Visita de Pêsames», em que já se entrevia o realista, o caricaturista, com os processos quase científicos do escárnio.

O grande sucesso da *Lanterna*, tendo posto à moda, como sistema, o riso de oposição, deu, talvez, origem às

Farpas: mas a intenção, cabe-me dizer a pretensão de *As Farpas*, era mais larga, bem mais crítica; um vaudevillista heroico, representante da *gaminerie* na Revolução, lançava a *Lanterna* contra um homem: nós queríamos lançar *As Farpas* contra um mundo. Tais são os ardores, as destemidas ilusões da mocidade!

Apenas n'*As Farpas*, Ramalho Ortigão bem depressa achou a sua forma: desembaraçou-se da velha armadura quinhentista — e saltou de dentro, rápido, vivo, brilhante, vergando e sacudindo a sua frase como uma lâmina de florete. Mas antes de atacar, ele não pode negar, teve um momento de hesitação, muito perdoável, decerto; via diante de si, na fileira inimiga, tantos santos da sua antiga devoção! É duro, por exemplo, para um

velho conservador ter de atirar estocadas ao belo peito do orador do parlamentarismo, de voz sonora e presença agradável: é duro para um antigo literato, frequentador do Amor e Melancolia, ir perseguir de ferro em punho, até debaixo das saias da Academia, todo um povo agachado e trémulo de tropos e de lirismo. Debalde vozes exaltadas e tentadoras lhe diziam que todo aquele grupo de abusos políticos, literários e sociais eram antigos réus, a que o bom senso e o bom gosto (para não invocar entidades mais altas) tinham feito um processo profundo, e que haviam condenado à morte: estavam ali, contra um muro; podia com a consciência calma atirar-lhes, segundo o seu temperamento — balas ou cebolas.

Ramalho hesitava: aqueles réus eram os seus deuses. Teve um ato de grande, de tocante honestidade: foi, ele mesmo, refazer-lhes o processo... Voltou desolado: os deuses eram de palha! Testas, corações, que julgara cheios, davam o som de oco. E o seu velho mundo, que amara e que sempre julgara forte e são como o mármore, tinha fendas esbeiçadas por onde escorria vérmina!

Não tornou a hesitar: o folhetinista diletante acabava; começava o panfletário ilustre.

O primeiro fim de *As Farpas* foi promover o riso. O riso é a mais antiga e ainda a mais terrível forma da crítica. Passe-se sete vezes uma gargalhada em volta de uma instituição, e a instituição alui-se; é a Bíblia que no-lo ensina sob a

alegoria, geralmente estimada, das trombetas de Josué, em torno de Jericó. Há uma receita vulgar para produzir o riso: toma-se, por exemplo, um personagem augusto; puxa-se-lhe a língua até ao umbigo; estiram-se-lhe as orelhas numa extensão asinina; rasga-se-lhe a boca até à nuca; põe-se-lhe um chapéu de bicos de papel: bate-se o tambor e chama-se o público. Mau método, meu caro! Apenas a multidão ri o seu riso, e sai — o personagem recolhe a língua, contrai a orelha, franze a boca, esconde o chapéu de bicos — e continua a ser augusto! *As Farpas* tinham inteiramente outro processo: era obrigar a multidão a *ver verdadeiro*. Um grande pintor de Paris dizia-me o ano passado: «A multidão vê falso.» Vê: em Portugal sobretudo. Pela

aceitação passiva das opiniões impostas, pelo apagamento das faculdades críticas, por preguiça de exame — o público vê como lhe dizem que é. Que amanhã o *Diário de Notícias*, ou outro órgão estimado, declare que o Hotel Aliança, ao Chiado, é uma maravilhosa catedral gótica, que insista nisto na local e no folhetim — e numa semana o público virá fazer no largo do Loreto semicírculos extáticos e *verá*, positivamente *verá*, as ogivas, as rosáceas, as torres, as maravilhosas esculturas do Hotel Aliança. Um dos fins da arte realista é obrigar a *ver verdadeiro*. *As Farpas* tinham esta maneira: fazer rir do ídolo, mostrando por baixo o manequim. Ramalho Ortigão era admirável nestas demonstrações. Por exemplo, um orador ilustre falava em S.

Bento; ninguém como Ramalho para recolher numa bacia os períodos escorridos — e mostrar ao público que aquela eloquência sublime eram as fezes biliosas de velhos compêndios decorados.

Para fazer isto é precisa uma certa coragem. Os Franceses dizem: é necessário uivar com os lobos. Eu digo: é útil balar com os carneiros; ganha-se a estima dos nédios, as cortesias dos chapéus do Roxo, palmadinhas doces no ombro, de manhã à noite uma pingadeirazinha de glória. Mas ir sacudir, incomodar o repouso da velha tolice humana, traz desconfortos; veem as caluniazinhas, os odiozinhos, os sorrisos amarelos, a cicuta de Sócrates às colheres. Todavia, Ramalho Ortigão foi sempre estimado; nunca, creio, nem nos

jornais, nem nesse grande *Diário de Notícias* falado que se chama, em Portugal, conversação, se remexeu seriamente cicuta para Ramalho. Isto, dizem os céticos, provém de que geralmente, num país civilizado e onde a arnica não é barata, se respeita uma consciência limpa que usa uma bengala sólida. De modo nenhum: provém de que Ramalho Ortigão não põe azedume na sua ironia.

II n'y a pas d'enfer dans ce feu de la forge.

Nunca odiou. Quase inútil é dizer que nunca invejou. Não faz privilégios, nem tem ressentimentos; quando eu, o seu melhor amigo, escrevo uma página medíocre (o que me sucede diabolicamente com frequência) diz-mo

logo, furioso: que B hoje o insulte, esmaga-lhe o crânio: que B amanhã escreva *Os Lusíadas*, beija-lhe as mãos.

Este culto da justiça foi, desde que começou *As Farpas*, a sua religião. E pelo princípio de que um poeta deve ser tão poético como os seus poemas e um moralista tão moral como o seu ensino — aplicava a justiça a si, com um rigor de místico. Decidindo-se a fazer *Farpas* contra tudo que não fosse reto, fazia às vezes, na intimidade, *Farpas* temerosas contra si; se sentia um desfalecimento, ou uma parcialidade, ou um despeito, ou uma preguiça, ou uma tentação, meditava, falava artigos terríveis contra Ramalho Ortigão. Quando, debaixo do crítico, o dândi queria reaparecer, atirava-lhe ditos tão cruéis, tiradas tão flamejantes — que

o dândi, embrulhado na tempestade, sumia-se, como um diabo de mágica, nas trevas do subsolo. «Meu caro», ensinava-me ele, «muitas vezes, quando se critica os outros, é necessário ser-se irrepreensível.»

Não me compete a mim, seu colaborador de então, falar desse primeiro período de *As Farpas*. Às vezes releio um desses velhos números; e a verdade é que os meus artigos parecem-se antiquados, frios como um mosaico, de uma graça senil, inteiramente desbotados; e nos dele que vigor!, que frescura!, que cor! Conservam todo o calor com que foram escritos, o riso tem a mesma sonoridade cantante. É que o verdadeiro espírito de *As Farpas* estava com Ramalho. Eu achava-me, naquela

publicação, não inteiramente como Pilatos no Credo, esta comparação seria irreverenciosa para *As Farpas*, mas como um curioso numa profissão alheia. Eu era um diletante de oposição. E para Ramalho Ortigão *As Farpas* eram a *sua obra:* iam já tomando, para ele, a gravidade de uma missão.

Elas tinham sido, até aí, simplesmente um instrumentozinho de demolição: uma pequena catapulta, envernizada, de pau-preto, com ferrarias muito lustrosas — ora aplicada contra um ridículo, um abuso, um vício, um sistema, ora, mais alto, contra uma instituição, casualmente, raramente, contra um indivíduo, tipo, símbolo de tendências ou de ideias (raramente, porque ele e eu tínhamos horror ao nome próprio: nas

provas, antes de pentearmos os períodos, catávamos os nomes próprios).

Mas Ramalho Ortigão já nesse tempo pensava em dar a *As Farpas* uma feição mais larga. Estava cansado de rir, dizia. *As Farpas*, segundo as declarações do editor, tinham dois mil assinantes; isto representava de cinco a seis mil leitores: se, propunha ele, aproveitando um tal auditório, nós lhe ensinássemos alguns princípios? Fiquei aterrado: ensinar! Eu era, sou ainda, em filosofia, um turista facilmente cansado, em ciência um diletante de coxia. Converter a alegre catapultazinha numa austera cadeira de professor!... Fui prudentemente para Havana.

E Ramalho, só, fez as novas *Farpas*, as boas, as grandes, as ilustres.

São as que realmente me agradam. As outras estimo-as pelas recordações que me trazem desse tempo alegre e moço: estas admiro-as pelo seu valor moral e literário, amo-as pela glória que elas dão ao meu amigo.

Para ensinar há uma formalidadezinha a cumprir — saber. E Ramalho, havia tempos, andava-a cumprindo com ardor: entrava na ciência com a exaltação de um convertido. Reconhecera que o moderno homem de letras deve possuir, em uma generalidade suficiente, os princípios do movimento científico contemporâneo; e, como um guerreiro que num arsenal se arma rapidamente para uma batalha urgente, começou a prover-se dos elementos essenciais da filosofia, da economia, da

moral, da política, da história, das belas-artes, da ciência, da indústria. Foi um período da sua vida muito grave, de grande elevação moral, quase religioso. A ciência deu ao panfletário o deslumbramento que Paris tinha dado ao dândi: tornou-se a sua preocupação, o seu fim, o seu vício, mas a sua força. Com que ardor trabalhava! Como se tivesse diante de si um monte de dois mil anos de ciência e só doze horas para o desbastar! Naturalmente, o seu trabalho tinha, tem ainda talvez, a irregularidade da sofreguidão: ia do socialismo à astronomia, da história à química, lendo hoje um estudo sobre o jubileu de Bonifácio VIII, amanhã um *compte-rendu* sobre a refinação dos açúcares. Enchia-se de noções, de factos, de pontos de vista,

de ideias. E dava tudo a *As Farpas:* elas eram então como uma janela aberta, por onde entravam para o país grandes rajadas de civilização e de educação, irregulares e imetódicas, como todas as rajadas, mas varrendo os miasmas e trazendo sempre alguma boa semente. Que admirável, por exemplo, o volume dedicado à «Instrução em Portugal»! A pedagogia tinha-o constantemente atraído: o espetáculo de uma geração atrofiada de espírito e raquítica de corpo desolava-o: e não tem deixado de pedir uma reforma da educação — que faça os corpos sãos e as almas livres.

Alguns amigos nossos achavam então (e diziam-lho) que *As Farpas* tinham um «excessivo aparato científico», e que ele, como acontece aos pobres que

herdam grandes fortunas, não podia quase tirar o lenço do bolso sem mostrar habilmente maços de notas de banco. Eu mesmo, creio, o censurei: parecia-me que ele estava torcendo a vocação a *As Farpas:* elas eram uma sátira — não um curso. Na invasão asiática do cristianismo — havia a legião dos iconoclastas, para derrubar os ídolos e, atrás, a corte dos apóstolos, para fundar a Lei Nova. *As Farpas* eram os iconoclastas: vinham para desmantelar os bustos olímpicos: deviam deixar aos S. Paulos o cuidado de plantar as cruzes. Mas, no fundo, ele tinha razão; não espalhava erudição por vaidade, mas por filantropia. Via o país numa ignorância crassa, fradesca — e com a liberalidade de um filantropo, que considera dos pobres todo o dinheiro que

ganha, apressava-se em atirar profusamente, aos destituídos de espírito, todo o seu pecúlio de ideias. E depois tinha outra razão: é que os da sua geração que, com grande ciência e grande autoridade podiam ensinar, persistiam num silêncio impassível. Realmente, a não ser o silêncio de Antero de Quental, o maior de todos, a mais poderosa organização filosófica e crítica da Península neste século, silêncio imposto até aqui pela doença, como explicar a mudez marmórea dos outros? Há quase doze anos apareceu, vinda parte de Coimbra, parte daqui, parte de acolá, uma extraordinária geração, educada já fora do catolicismo e do romantismo, ou tendo-se emancipado deles, reclamando-se exclusivamente da revolução e para a

revolução. Que tem feito ela? A não ser Teófilo Braga, constantemente, Oliveira Martins, nos intervalos das empresas industriais, e Guerra Junqueiro, o grande poeta moderno da Península — quem trabalha? Onde estão os livros? Esta geração tem o aspeto de ter *falhado*.

O tempo urgia; ninguém falava. Ramalho achou-se sentado num pequeno púlpito, com quatro ou cinco mil ouvintes, e julgou necessário, em lugar de os divertir, instruí-los: fizera-os rir — agora fazia-os pensar. E o que sentiu muito bem, num artigo sobre a literatura portuguesa, o *American Correspondent*, de Nova Iorque:

«No meio do marasmo ignóbil das letras portuguesas», diz em resumo, «uma só individualidade vive: é Ramalho

Ortigão. N'*As Farpas* faz a sátira do seu tempo, mas dá também noções muito justas sobre as questões mais vitais; encarrega-se do trabalho de demolição e de reconstrução.»

As Farpas, com efeito, tal qual ele as criou modernamente, são a obra mais viva da literatura portuguesa. Poderia parecer cómico que eu tivesse esta opinião de uma publicação que, na sua capa azul, tem o meu nome, fazendo ângulo com o dele, ao lado da cabeça do famoso diabo, se não fosse absolutamente conhecido em Lisboa, na província, que eu há seis anos não escrevo n'*As Farpas;* ele deixou lá o meu nome, deu-lhe mesmo o melhor lugar, no alto, por uma tocante superstição de amizade. De resto, no estrangeiro, onde *As Farpas* são

conhecidas, também o sabem: leio no *Dicionário Universal do Século XIX*, de P. Larousse, no artigo «Ramalho Ortigão (José Duarte)»: «...Esta publicação (*As Farpas*, que ele traduz *Les Flèches)* não deixa de ter analogia com as *Guêpes*, de Alphonse Karr, mas com uma crítica mais larga e mais acerada, de ideias muito avançadas tocando em todas as questões da política, da arte e da ciência. Ramalho Ortigão redige-a só, desde 1872.»

Nos trinta volumes de *As Farpas*, que ele tem publicado só, há com efeito tudo: há ciência, há crítica, há arte, há paisagem, há romance.

Tem perseguido, sem descanso, os vícios portugueses — pequenos e grandes. Não os deixa: ora vergastando-os com sarcasmos, ora persuadindo-os com

reflexões. As vaidades do falso janotismo, os hábitos dissolventes do namoro, a dependência do patrocinato, as educações atrofiadoras, o sentimentalismo mórbido, o desleixo dos interiores domésticos, a religião por chique, a porcaria inveterada, etc., etc., etc., tudo tem procurado destruir pela ironia e pelo argumento, pela troça e pela lógica. O Lisboeta deve-lhe ser grato. Ramalho tem-se ocupado paternalmente dele: enquanto a maioria da imprensa, com um desprezo superior pela felicidade material e moral do Lisboeta, apenas regista as suas datas biográficas — nascimento, jornadas, anos e óbito —, Ramalho tem procurado reformar os seus costumes, ensinando-lhe a educar os filhos, a escolher uma esposa, a arranjar o conforto da casa, a trabalhar,

a formar o espírito: tem, por todos os modos, procurado desviá-lo da preguiça, da frequentação da poesia lírica, do abuso de mexeriquice, das fortunas arruinadas em chapéus novos e fraques de casimira; tem reclamado para ele, com impaciência, quase com cólera, as ruas limpas, a água abundante, a canalização purgada, a arborização; tem-lhe querido evitar os ridículos — as corridas de cavalos com um só cavalo, as tragédias em que o único verbo é o verbo *haver*, a fundação de restaurantes tristes, em que uma perdiz dura uma geração, as exposições de pintura, compostas invariavelmente e exclusivamente de um carneiro e de uma Vénus, etc., etc., etc. Lisboa deve-lhe uma estátua.

Em política, tem-se dito que

Ramalho Ortigão é republicano. Nada menos exato. Ramalho, creio, teme a república, tal qual é tramada nos clubes amadores de Lisboa e Porto. A república, em verdade, feita primeiro pelos partidos constitucionais dissidentes e refeita depois pelos partidos jacobinos, que, tendo vivido fora do poder e do seu maquinismo, a tomam como uma carreira, seria em Portugal uma balbúrdia sanguinolenta.

(Peço desculpa à nobreza e ao povo, se estou dizendo barbaridades: sou um simples artista, a minha crítica política é medíocre. Constitucionais, socialistas, miguelistas e jacobinos, de resto, para mim, como romancista, são todos produtos sociais, bons para a arte, quando são típicos, todos igualmente explicáveis,

todos igualmente interessantes. O dever do artista é estudá-los, como o botânico estuda as plantas, sem se importar que seja a beladona ou a batata, que envenene ou nutra.) O que Ramalho mais tem odiado e invetivado na política é a retórica: é o que o exaspera no constitucionalismo: e a prodigiosa caricatura que tem feito da retórica parlamentar, da retórica ministerial, da retórica régia, da retórica burocrática, é que lhe tem dado a reputação republicana. Não penso, porém, que ele fosse hostil ao sistema, se o sistema não tivesse um tão desordenado fluxo labial. Se o sistema trabalhasse praticamente, em lugar de perorar com furor, estou convencido que Ramalho não o importunaria: ele supõe, creio, que o que há de mais urgente, certas

reformas sociais, pedagógicas, económicas, poderiam bem fazer-se dentro do sistema, se os tropos não tomassem todo o lugar das ideias. É contra este abuso do tropo que Ramalho tem conduzido, bem inutilmente, uma campanha viva, astuta, arrojada, pertinaz. A retórica é como a sua filha querida, a hidra de Lema: por cada velha cabeça decepada nasce-lhe uma cabeça nova. Tenho visto imagens, lirismos, figuras, terem uma vitalidade que desconcerta, aterra a imaginação do homem simples. Esta frase, por exemplo: «O nosso programa é ordem e moralidade», tem resistido a tudo o que Ramalho lhe tem aplicado — a injúria, a moca, o veneno, a maldição, a apóstrofe, a suplica, o murro, o nitrato de prata —, tudo! De que

substância é feita?

Se Ramalho tem guerreado a retórica conservadora, não tem poupado a retórica democrática, que não é em Portugal menos nociva: é a sua vaga fraseologia idealista, que mantém tanto moço estimável num humanitarismo enevoado e sentimental, em que aspiram a ver toda a Europa livre, sem pauperismo, sem guerra, sem prostituição, sentando-se em banquetes fraternais, presididos pelos génios, numa concórdia universal, sob a proteção de Jesus, não do Jesus católico, mas do Jesus revolucionário, democrata, que sorri do alto dos céus, enquanto as searas nascem por si, em campinas arcádicas, ao som dos coros da liberdade... Não é neste estilo que escrevem os nossos jornalistas

democratas, os nossos operários? E ainda a remota influência deste lirismo democrático que faz dizer aos conservadores de cinquenta anos, com o sorriso melancólico de quem fala em amores defuntos: «Ah, a república é uma bem formosa quimera!»

Mas a glória de Ramalho é o seu estilo e as suas conceções satíricas. E, sem dúvida alguma, o estilista mais poderoso de Portugal: tem uma linguagem viva, colorida, bem cunhada, de uma grande elasticidade e de uma grande solidez, ferindo admiravelmente, colando-se à ideia como um estofo, ao mesmo tempo prática e resplandecente. É um grande paisagista, por exemplo. Diz-se geralmente que Júlio Dinis é o *nosso* paisagista. Júlio Dinis, com efeito, faz

sentir admiravelmente a impressão genérica da paisagem: sente-se bem a grandeza nobre da montanha, quando lá nos leva, sente-se bem o plebeísmo humilde do faval, quando no-lo faz atravessar. Mas Ramalho dá-nos o *realismo* da paisagem. O outro é um Fromentin, menos a cor. Este é um Corot, com mais relevo. A sua descrição da galeria do senhor visconde Daupias é, em pura literatura, uma página inexcedível. Teophile Gautier, o mestre, não tem nada superior. Certas pequenas paisagens de *As Farpas* são prodigiosas: é a Natureza surpreendida em flagrante, com o tom, o verde, o luminoso, o esfumado ou o saliente, o fresco ou o tórrido: na sua pena há um pincel. A mesma maravilhosa execução na reprodução ou na criação de

tipos, de figuras, sobretudo dos que têm um destaque cómico: com um traço sóbrio, intenso, incisivo, põe o personagem em vida, num relevo indelével. Seria um romancista extraordinário, se fosse psicólogo como é desenhista e se tivesse o instinto certo do momento dramático como tem a visão exata da atitude caraterizante. Precisa experimentar. Uma obra admirável que ele poderia fazer seria uma larga caricatura da época, à Pickwick, dando apenas as superfícies da vida, as grandes linhas, pondo em relevo, com uma fatura ampla de contornos grossos, o *cómico* contemporâneo. Mas, como ele diz, habituou-se a fazer *Farpas*, só pretende fazer *Farpas*.

Falarei do seu *espírito*? É a sua

glória incontestada. Ele negou um dia, n'*As Farpas*, que o tivesse: chamou ao espírito uma lesão cerebral, que faz ver os objetos, criticá-los, fora das correlações gerais, de um modo imprevisto, disforme e cómico. Declarou-se de simples bom senso burguês, jurou que era como toda a gente. Vaidade, grande vaidade! É apenas como ele só. É, no fim, o espírito, a *verve*, que darão a *As Farpas* a imortalidade a que elas possam aspirar: não é a sua filosofia, a sua exegese, a sua estética, a sua ética, que o levarão à glória: é o seu espírito, a sua imensa veia cómica.

O espírito não é uma lesão cerebral que faz *ver cómico:* é uma disposição cerebral que faz *descobrir o cómico*, que o faz descobrir através das exterioridades convencionais e as formas

consagradas; achar o *cómico* numa má instituição ou num mau costume (maus pela sua ampla existência, ou maus por se perpetuarem além do momento histórico que os justificam) é pô-lo em contradição com o bom senso e com o bom gosto, é anulá-lo. Um ato de espírito pode ser assim um ato de grande justiça social. A palavra *espírito*, ultimamente, tem sido amesquinhada; fazem-no significar as saídas picantes da conversação engraçada, o *bon mot*, o *lazzi*, a chalaça. Mas ele é uma mais alta entidade: é a crítica pelo riso; é o raciocínio pela ironia. Quem são os grandes precursores da revolução, na literatura? Os grandes escarnecedores: Rabelais, Cervantes, Lesage, Voltaire. De *Gargântua* ao *Casamento de Fígaro*, por quem é

conduzida a campanha social e revolucionária? Quem desprende a ideia puramente racional dos mitos retóricos do paganismo e dos mistérios confusos do cristianismo? Quem vem conduzindo a civilização para a justiça? Os que riem: *Pantagruel*, *D. Quixote*, *Gil Brás*, *Cândido*. Porque é Boileau ilustre? Pelos lirismos insuportáveis das suas odes? Credo! Pela ironia gaulesa do seu *Lutrin*.

O riso é a mais útil forma da crítica, porque é a mais acessível à multidão. O riso dirige-se não ao letrado e ao filósofo, mas à massa, ao imenso público anónimo. É por isso que hoje é tão inútil como irreverente rir das ideias do passado: a multidão não se ocupa de *ideias*, ocupa-se das *fórmulas* visíveis, convencionais das ideias. Por exemplo: o

povo em Portugal, nas províncias, não é católico — é *padrista:* que sabe ele da moral do cristianismo? Da teologia? Do ultramontanismo? Sabe do santo de barro que tem em casa e do cura que está na igreja. E *As Farpas* mostram um alto bom senso, argumentando sobre as ideias parados letrados — e rindo das fórmulas para o público: e esta parte é decerto a mais brilhante, ainda que Ramalho faça mais gosto na outra.

O seu *espírito* tem feito grandes serviços; é o seu processo, o seu instrumento, é a sua força. É a mesma medula de *As Farpas:* se um dia lho tirar, como nos ameaça às vezes, elas perderão a viabilidade, a vitalidade, o movimento, o arranque, e morrerão de doença de espinha, sobre almofadas de prosa.

Falei do arranque de *As Farpas:* é uma das belas qualidades do seu valor: têm um ímpeto, um brio, que entusiasma, como todas as proezas da força racional e disciplinada. Há artigos que têm um passo de marche-marche, um impulso de vigor alegre para diante, um sopro de conquista — que o espírito vai-os seguindo a compasso, eletrizado, como um rapaz ao lado de uma banda marcial. São a expressão da natureza de Ramalho, impulsiva, lutadora, *mouvementée*.

Ramalho Ortigão quase me parece comparável a um artista da Renascença italiana. Parece-lhe que não? Tem uma certa parecença com aqueles pintores que tomavam na história os nomes da sua pátria, o *Veronês*, o *Calabrês*, o *Bolonhês*, homens de ação e de arte,

pintando com fuga, batendo-se com valor, apaixonados dos luxos, das galas, das aventuras, adorando a cor, em revolta contra as instituições. Naturalmente, numa cidade constitucional, cheia de bicos de gás e de polícia, não se pode viver a vida artística da Renascença; não há duelos ao luar numa esquina do palácio ducal, nem se suspendem escadas de seda dos balcões das Biancas e das Fiorelas, não. Ramalho é um artista da Renascença, dentro da Carta Constitucional; isto é, a vitalidade brilhante recolheu-a dos seus atos ao seu espírito: por dentro, é um artista da Renascença; por fora, é um súbdito de sua majestade. Tem, em primeiro lugar, o culto da força física e da plástica humana: ama os valentes e, apesar de o negar, tem preferências

secretas pelos heróis; gosta de todos os jogos de destreza, e é o que lhe inspira aquela admiração devota pela educação física dos Ingleses; tem o amor do luxo artístico, do bricabraque, e vê-se bem pelo prazer, pela *gourmandise*, com que descreve, sempre que pode, pompas ou arquiteturas, mobílias ou joias; adora a cor — em pintura, Fortuny e a sua escola, em música, Meyerbeer e os fortes mestre da instrumentação, e a sua prosa escorre de cor, com os tons crus mas fortes dos que têm sonoridade e refração; gosta de toda a explosão de força e adora Balzac pela exuberância monstruosa do seu génio indisciplinado; se ama a luta, o combate, a Fronda, o assalto — *As Farpas* o mostram; e, enfim, grande traço de semelhança, tem o génio decorativo e

seria feliz se pudesse organizar galas e triunfos.

O seu programa de uma grande «revista rural», por ocasião da visita do príncipe de Gales *(Carta a John Bull)*, é prodigioso e faria honra a um artista florentino, ordenador de festas históricas. E uma página soberba, e seria o mais belo espetáculo que podia dar um povo agrícola. Primeiro, põe «ao norte do grande campo duzentos carros de trabalho formados em linha, cheios de mulheres e de moços do campo, puxados pelos grandes bois de jugos ornados de topes vermelhos, com os largos chocalhos...»; depois, faz desfilar, com pompa, as grandes lavouras do Ribatejo e da Golegã «com os lavradores na frente, vestidos à portuguesa, de jaleca e cinta, montando os

cavalos de Alter e de Castelo Melhor, ajaezados à marialva, com o xairel de pele de cabra, a sela semiárabe, os estribos de pau...»; em seguida, vêm os arados, as grades, as charruas puxadas por quatro ou seis juntas de bois; depois, a longa e pitoresca procissão de animais, com os guardadores; em seguida, os instrumentos de lavoura; atrás, os frutos, desde «as altas pirâmides de laranjas» até aos «feixes do trigo, do centeio e da cevada»; e enfim, num troféu especial, «o odre, o simpático odre, o melhor símbolo da abundância e da riqueza das nossas terras, as terras do azeite e as terras do vinho!». É um programa de génio: vale tanto como as melhores galas dos Médicis, e o homem que o concebeu é um grande português e um grande artista. É

por este detalhe que me parece um pintor da Renascença, apesar de ser um cidadão lisboeta: os homens assemelham-se pelo que pensam, não pelo que fazem.

A figura de Ramalho (uma vez que se trata do seu retrato) tem, no meio da figura anémica e derreada dos seus contemporâneos, o mesmo destaque vivo que tem o seu espírito entre os espíritos neutros e apagados. Tem a saúde, a firmeza, a força, a linha desempenada, a marcha sólida, o movimento ágil. Quando chego a Portugal, depois de um ano de Inglaterra — além de tanta, tanta, tanta coisa que estranho —, há uma coisa que me deslumbra e outra que me desola: deslumbram-me as fachadas caiadas e desola-me a população anémica. Que figuras! O andar desengonçado, o olhar

mórbido e acarneirado, cores de pele de galinha, um derreamento de rins, o aspeto de humores linfáticos, a passeata triste de uma raça caquética em corredores de hospital: e depois um ar de vadiagem, de «ora aqui vou, sim senhor», de madracice, olhando em redor com fadiga, o crânio exausto, e a unha comprida, para quebrar a cinza do cigarro, *à catita*.

Triste, triste! Dá-me muita melancolia — e a minha consolação é ver duas ou três sólidas figuras, sobretudo Ramalho Ortigão. Este sim, é o verdadeiro tipo .do homem moderno, sólido h fadiga, alegre ao trabalho, podendo caminhar quinze milhas, trabalhar doze horas, defender-se bem se o atacarem, sem medo à chuva nem ao Inferno, crendo em si e querendo por si. *A*

first-rate man! A capital man!

É uma das mais belas organizações que eu conheço: tem a força, tem a bondade, tem a alegria. Tem uma alegria serena, luminosa, o que os Ingleses chamam a *cheerfull mind*. Nunca o vi dar uma gargalhada; às vezes dá uma boa e sã risada, e raras vezes o vejo sem um sorriso. Educado fora do romantismo, ou antes, do romanticismo, não tem o vício sentimental da *rêverie*, da tristeza mórbida, da desconsolação melancólica: é um são — no sangue e na alma. Tem duas adoráveis formas de bondade: aquele *milk of human kindness* de que fala o poeta, e que era um sentimento tão caraterístico de Dickens, o amor dos pequenos, dos simples, dos fracos, dos oprimidos — e essa outra forma que é a

sensibilidade pronta: uma bela obra, uma boa ação, um heroísmo, uma dedicação, trazem-lhe logo aos olhos o brilho húmido da admiração enternecida.

É um homem simples, no fundo: não tem ambições — exceto saber; não tem receios — exceto errar.

E uma das personalidades eminentes do Portugal contemporâneo. Escrevendo a sua língua — é um mestre incomparável; satirizando o seu tempo — é um artista completo; vivendo a sua vida — é um homem de bem.

Acabo de reler estas páginas. Para que me pediu você a mim, pobre artista, a biografia intelectual de um homem ilustre? Aí tem o resultado: em lugar de uma metódica coordenação de ideias críticas — uma narração de impressões. Que a

minha desculpa seja que lhe escrevo esta carta num sábado. Se você já viveu em Inglaterra, na província, numa cidade industrial típica, sabe o que é o sábado: uma imensa multidão brutal, rude, barulhenta, enche estas largas ruas, cruamente alumiadas dos renques fulgurantes do gás, das vitrinas das lojas; os bares, os palácios do álcool, flamejam; os *cabs* rolam, entre as estações, com uma bulha estridente; bêbedos cambaleiam e boxam-se; um pregador da rua, tomado de um ataque religioso, uiva a uma esquina versículos da Bíblia; dos salões de música saem ganidos de flautins e o estrondo de tacões de tachas batendo uma polca animal; uma prostituição insolente impõe-se, reclama salário; garotos esguedelhados, agitando os jornais, gritam

com furor as «traições da Rússia»; dois enormes polícias arrastam uma velha que blasfema, bêbeda; magotes de mineiros, de cachimbo na boca, seguidos de galgos, falam a áspera língua da Nortúmbria; pares amorosos passam enlaçados, beijocando-se sem pudor; os silvos dos comboios cortam o ar espesso; uma névoa húmida, amarelada, fétida, gela, impele ao álcool; e pelas praças, pelos becos, nos pianos dos restaurantes, patriotas exaltados de bebidas cantam a nova canção guerreira: *We don't want to fight, but by Jingo if we do!...* afirmando ainda num berreiro que: «Os Russos não irão, não, a Constantinopla!»

Num dia como este um português só pode aspirar a uma aldeia do Minho ou à paz de um convento; e é desculpável

que, tendo de fazer a biografia de um escritor seu amigo, não possa, inteiramente embrutecido, produzir as reflexões sábias que inspira uma obra ilustre, e se deixe ir a recordar apenas as impressões luminosas que lhe deixou uma convivência querida.

Sou, com toda a consideração,

De V. dedicado colega,
Eça de Queirós

Idealismo e Realismo (A Propósito da 2ª Edição de *O Crime do Padre Amaro)*

Aqui está pois um livro que eu escrevo pela segunda vez! *Habent sua fata libelli!*

Considerar-se-á talvez que esta reconstrução paciente é uma puerilidade, uma lamentável dissipação de esforço; que, num romance eivado originariamente de defeitos indestrutíveis, não é com adjetivos intercalados, entrelinhas e tiras coladas ao lado que se melhoram os carateres mal observados, que se dá luz e cor a paisagens mortas e que se retificam os desenvolvimentos de uma paixão,

erradamente seguidos...

Isto creio que é exato quando se trata de um trabalho puramente imaginativo, conto de fadas ou novela ideal.

Se eu criei um príncipe encantado ou um galã à Antony, e lhes dei, na minha edição original, cabelos louros e sonhos místicos — não é realmente útil refazer, numa nova edição, o meu trabalho, para dar ao herói cabelos negros e pesadelos carnais. E uma fantasia substituindo outra fantasia. Melhor seria escrever um livro novo e apresentar o mesmo galã com outro nome, outra barba e outras paixões.

É porém diferente, penso eu, tratando-se de um romance de observação e de realidade, fundado em experiências, trabalhado sobre documentos vivos. Se eu

quiser apresentar o tipo de um jogador e o improvisar com reminiscências de leituras meio esquecidas — e sem mais notas do que aquelas que tenha acolhido uma noite, numa *soirée* honesta de praia de banhos, vendo primos joviais talharem uma batota doméstica a feijões —, arrisco-me a fazer um *jogador* falso, pueril, vago e convencional.

Mas se, depois, eu frequentei a roleta bem instalada que o Estado patrocina, ou as baixas espeluncas da população do vício, se analisei, observei, colhi em flagrante a paixão, as expressões vivas em plena ação, estou habilitado talvez a pintar um jogador mais real e mais humano; e se, pela graça de um Deus favorável, o meu livro tiver uma segunda edição, eu devo claramente reconstruir o

meu tipo com as observações e os documentos que acumulei — exatamente como, num tratado de medicina, um prático introduz, numa segunda edição, os últimos resultados das experiências recentes.

Quando publiquei pela primeira vez *O Crime do Padre Amaro*, eu tinha um conhecimento incompleto da província portuguesa, da vida devota, dos motivos e dos modos eclesiásticos. Depois, por uma frequência demorada e metódica, tendo talvez observado melhor, eu refiz simplesmente o meu livro sobre estas novas bases de análise.

Quer isto significar que *O Crime do Padre Amaro*, publicado agora, dá em absoluto, na sua realidade complexa, o padre e a beata, a intriga canónica, a

província em Portugal nesse ano da graça de 1879? Oh!, certamente que não! O quadro tem infelizmente lacunas, lados de natureza mal estudados, recantos de alma explorados incompletamente, amplificações, exageros de traço... É, no entanto, toda a soma de observação e de experiência que eu possuo sobre este elemento parcial da sociedade portuguesa. A outros, mais penetrantes e mais hábeis, compete recomeçar este estudo, e decerto com realidade superior.

É por meio desta laboriosa observação da realidade, desta investigação paciente da matéria viva, desta acumulação beneditina de notas e documentos, que se constroem as obras duradouras e fortes. Se as minhas são fracas e efémeras, é que não soube

surpreender a verdade com suficiente penetração, e não provém decerto de que o método não seja eficaz.

A arte moderna é toda de análise, de experiência, de comparação. A antiga inspiração que em quinze noites de febre criava um romance é hoje um meio de trabalho obsoleto e falso. Infelizmente já não há musas que insuflem num beijo o segredo da Natureza! A nova musa é a ciência experimental dos fenómenos — e a antiga, que tinha uma estrela na testa e vestes alvas, devemos dizê-lo com lágrimas, lá está armazenada a um canto, sob o pó dos anos, entre as couraças dos cavaleiros andantes, as asas de Eloá, a alma de Antony, os suspiros de Graziela e os outros acessórios, tão simpáticos mas tão arcaicos, do velho cenário romântico!

O Crime do Padre Amaro recebeu no Brasil e em Portugal alguma atenção da crítica, sobretudo quando foi publicado, ulteriormente, um romance intitulado *O Primo Basílio*. E no Brasil e em Portugal escreveu-se (sem todavia se aduzir nenhuma prova efetiva) que *O Crime do Padre Amaro* era uma imitação do romance do Sr. Zola *La Faute de l'Abbé Mouret* — ou que este livro do autor do *Assommoir* e de outros magistrais estudos sociais sugerira a ideia, os personagens, a intenção de *O Crime do Padre Amaro*.

Eu tenho algumas razões para crer que isto não é correto. *O Crime do Padre Amaro* foi escrito em 1871, lido a alguns amigos em 1872 e publicado em 1874. O livro do Sr. Zola *La Faute de l'Abbé Mouret* (que é o quinto volume da série

«Rougon-Macquart») foi escrito e publicado em 1874.

Mas (ainda que isto pareça sobrenatural) considero esta razão apenas como subalterna e insuficiente. Eu podia, enfim, ter penetrado no cérebro, no pensamento do Sr. Zola, e ter avistado, entre as formas ainda indecisas das suas criações futuras, a figura do abade Mouret — exatamente como o venerável Anquises, no vale dos Elísios, podia ver, entre as sombras das raças vindouras, flutuando na névoa luminosa do Lete, aquele que um dia devia ser Marcelo! Tais coisas são possíveis. Nem o homem prudente as deve julgar mais extraordinárias do que o carro de fogo que arrebatou Elias aos céus — e do que outros prodígios provados.

O que, segundo penso, mostra melhor que a acusação carece de exatidão é a simples comparação dos dois romances. *La Faute de l'Abbé Mouret* é, no seu episódio central, o quadro alegórico da iniciação do primeiro homem e da primeira mulher no amor. O abade Mouret (Sérgio), tendo sido atacado de uma febre cerebral, derivada principalmente da sua exaltação mística no culto da Virgem, na solidão de um vale abrasado da Provença (primeira parte do livro), é levado para convalescer ao Paradou, antigo parque do século XVII a que o abandono refez uma virgindade selvagem e que é a representação alegórica do Paraíso. Aí, tendo perdido na febre a consciência de si mesmo a ponto de se esquecer do seu sacerdócio e

da existência da aldeia, e a consciência do universo a ponto de ter medo do sol e das árvores do Paradou como de monstros estranhos — erra durante meses pelas profundidades do bosque inculto, com Albina, que é o génio, a Eva desse lugar de legenda.

Albina e Sérgio, seminus como no Paraíso, procuram sem cessar, por um instinto que os impele, uma árvore misteriosa, da rama da qual cai a influência afrodisíaca da matéria procriadora; sob este símbolo da árvore da ciência se possuem, depois de dias angustiosos em que tentam descobrir, na sua inocência paradisíaca, o meio físico de realizar o amor. Depois, numa mútua vergonha súbita, notando a sua nudez, cobrem-se de folhagens; e daí os expulsa,

os arranca, o padre Arcângias, que é a personificação teocrática do antigo arcanjo.

Na última parte do livro, o abade Mouret recupera a consciência de si mesmo, subtrai-se à influência dissolvente da adoração à Virgem, obtém por um esforço da oração e um privilégio da graça a extinção da sua virilidade, e torna-se um asceta sem nada de humano, uma sombra caída aos pés da cruz; e é sem que lhe mude a cor do rosto que ele asperge e responsa o esquife de Albina, que se asfixiou no Paradou, sob um montão de flores de perfumes fortes.

E dito isto parece ficarem indicados e suficientemente lúcidos os motivos que tenho para não supor *O Crime do Padre Amaro* uma tradução mal

feita de *La Faute de l'Abbé Mouret*. E não insisto na diferença das datas apesar de ela constituir o que se chamava, creio eu, em lógica, uma *impossibilidade metafísica*, porque sou bom cidadão e o artigo sexto da Carta impõe implicitamente o dever de não descrer dos milagres. Somente devo dizer que os críticos inteligentes que acusaram *O Crime do Padre Amaro* de ser apenas uma imitação de *La Faute de l'Abbé Mouret* não tinham, infelizmente, lido o romance maravilhoso do Sr. Zola, que foi, talvez, a origem de toda a sua glória. A semelhança casual dos dois títulos induziu-os em erro.

Com conhecimento dos dois livros só uma obtusidade córnea ou má-fé cínica poderia assemelhar esta bela alegoria idílica, a que está misturado o patético

drama de uma alma mística, a *O Crime do Padre Amaro*, simples intriga de clérigos e de beatas, tramada e murmurada à sombra de uma velha sé de província portuguesa.

«Mas», dir-me-ão indignadamente pessoas bem-intencionadas, «como se podem produzir tais acusações?» Meu Deus, bem simplesmente. Dos dois livros, a crítica decerto conheceu primeiro *O Crime do Padre Amaro*, e quando um dia, por acaso, descobriu, anunciado num jornal francês, ou viu, numa vitrina de livreiro, *La Faute de l'Abbé Mouret* estabeleceu imediatamente uma regra de três, concluindo que *La Faute de l'Abbé Mouret* devia estar para *O Crime do Padre Amaro* como a França está para Portugal. Assim achou sem esforço esta

incógnita: *plagiato!* Ou ainda, o que é mais provável e mais grato ao Sr. Zola, conhecendo já *La Faute de l'Abbé Mouret*, apenas viu anunciado *O Crime do Padre Amaro* estabeleceu logo a mesma regra de três — com os termos invertidos — e achou a mesma incógnita: *plagiato! Sic itur ad abyssum!*

Mas parece que esta *Faute de l'Abbé Mouret* tem sido para mim uma vasta e rica mina de arte, de onde eu vou, todas as manhãs, desenterrar a minha provisão de carateres, de paisagens, de imagens e de adjetivos. Assim fui amargamente acusado de ter copiado o Paraíso de *O Primo Basílio* do Paradou de *La Faute de l'Abbé Mouret*. O Paraíso, se por acaso leram e se lembram daquele meu livro, é um terceiro andar

barato, para os lados da Bemposta, alugado ao mês, onde uma senhora e um cavalheiro se vão amar duas vezes por semana, do meio-dia às três. O Paradou, como já disse, é aquela vasta e maravilhosa floresta, onde erram, quase nus, Sérgio e Albina, procurando num instinto amoroso a árvore iniciadora da ciência!

«Mas então», dir-me-ão ainda, «onde está a imitação?» Pois não veem? Para-dou, Para-íso — há evidentemente *plagiato* nas duas primeiras sílabas!

Que isto não pareça provir de um espírito rebelde e irreverente para com a crítica. Ninguém a respeita mais do que aqueles que fazem obras de observação e de realidade.

Os românticos (como confessa

Sainte-Beuve) odiavam a crítica, e com razão, pelo mesmo motivo por que os monarcas absolutos detestavam a opinião pública. Para os românticos, a poesia ou a prosa desciam diretamente da inspiração, como o direito dos reis descia diretamente de Deus. O crítico, simples raciocinador, não tinha direito a achar defeitos ou mesmo a examinar de perto o que a inspiração, a musa, mandavam lá de cima a um Musset ou a uma George Sand. A poesia era um presente divino. O crítico não iniciado não podia avaliar pelas regras triviais do senso comum aquilo que cantava ou declamava um homem que vivia em comunicação permanente com o ideal. O poeta, o artista, o romancista, eram assim seres excecionais, fora da lei e da regra humana, eleitos, formando uma

legião de seres entre o homem e o anjo! A sua vida mesmo não participava das condições humanas:

Aimer, prier, chanter, voilà toute ma vie...

diz Lamartine! Pode compreender-se a sua irritação quando um Cuvillier-Fleury, um Pontmartin, um Planche, pretendiam julgá-lo pelas leis razoáveis com que julgavam os outros homens.

«Nós somos cristos!», exclamava Novalis. E um Cristo suporta mal um folhetim hostil...

Nós, porém, burgueses que não vivemos em comunicação permanente com o ideal, que nunca recebemos o beijo da musa, a quem a forma aérea jamais disse:

Poète, prends ton luth et me donne un baiser...

nós, homens, consentimos em ser julgados por homens. Estudando a realidade humana e social, aceitamos como um favor um conselho, uma prática, todas as admoestações daqueles que, vivendo na humanidade e na sociedade, têm uma experiência própria dessas realidades.

E isto não é só respeito pelos críticos, pelos príncipes da crítica, pelos seus *gros bonnets*, os ditadores da opinião, os especialistas — e de qualquer homem, o mais obscuro, ainda que nunca escrevesse uma linha, podemos aceitar indicações preciosas.

Quando se trata de eloquência ou de retórica, decerto só se pode admitir o

crítico que conheça estas artes ilustres. Mas quando escrevemos de paixões ou de vícios, todo aquele que os sentiu, ainda que os não saiba exprimir, pode julgar-nos e apontar-nos o erro. Só um poeta sabe apreciar *Graziela*, obra de eloquência lírica, mas um simples carpinteiro pode discutir o *Assommoir*, obra de realidade social.

Eu, por mim, adoro a crítica: leio-a com unção, noto as suas observações, corrijo-me quando as suas indicações me parecem justas, desejo fazer minha a sua experiência das coisas humanas.

Foi por ocasião do aparecimento destes meus livros, *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio*, que se começou a falar em Portugal no *realismo* e numa outra instituição que me dizem

chamar-se a *ideia nova*. Ora o meu nome tem sido geralmente, em Portugal e no Brasil, associado a este *realismo* e a esta nova instituição. Designo-a pelo nome genérico de *instituição* porque ignoro se é uma nova arte, uma nova política, uma nova religião ou uma nova filosofia; não sei mesmo se não será um novo clube ou uma companhia de seguros! Não creio que tivesse nascido em França, em Inglaterra ou na Alemanha, as três grandes nações pensantes. Suponho que é de origem portuguesa e inteiramente local. Ignoro os seus fins, o seu programa, os seus métodos, se já lançou, como é do estilo, a sua «Carta aos Coríntios» e se nos traz alguma nova conceção do universo!

Contudo, eu sou, nos documentos que tenho presentes, designado como «um

dos seus chefes». Deduzo pois que há outros — talvez sete, como diante de Tebas! Num livro de versos que recebo agora, comentado por um mestre douto e amado, leio a pág. 2, que «Lisboa recebeu com hossanas os pregoeiros da ideia nova». Concluo que tivemos, como outros quaisquer, a nossa entrada triunfal em Jerusalém, e vejo daqui a nossa estimável estação dos caminhos de ferro, sonora de cantos e verde de palmas!... Em todo o caso, parece que foi breve o dia das alegrias e dos risos, porque um jornal recente me diz: «Aí estão, pois, aos golpes desse prodigioso atleta, prostrados por terra e mordendo o pó os da ideia nova!» Concluo que fomos derrotados por um monstro solitário, um ser disforme no género de Polifemo ou do amante de

Ônfale, e que, dos da *ideia nova*, como da ala dos cavaleiros saxónios depois da jornada de Hastings, não resta mais do que um estendal de cadáveres, sobre que pairam os corvos de Usk!...

Tal foi a vida breve e morte trágica de uma *ideia* nacional que, segundo os jornais me afirmam, nos custou a vida, a mim e aos outros chefes!...

Eu sou, pois, associado a estes dois movimentos, e se ainda ignoro o que seja a *ideia nova* sei pouco mais ou menos o que chamam aí a *escola realista*. Creio que em Portugal e no Brasil se chama realismo, termo já velho em 1840, ao movimento artístico que em França e em Inglaterra é conhecido por *naturalismo* ou *arte experimental*.

Aceitemos, porém, *realismo* como a alcunha familiar e amiga pela qual o Brasil e Portugal conhecem uma certa fase na evolução da arte.

Este movimento tem encontrado em Portugal grandes hostilidades. Também no Brasil (não o digo sem algum despeito patriótico) se tem combatido o realismo com um talento superior e com ideias.

A opinião, porém, que os nossos inimigos fazem deste movimento literário parece ser a seguinte: «Que é uma *escola* e se chama a *escola realista*. Que foi o Sr. Zola que a inventou, um belo dia, em Paris. Que o seu fim é pintar com minuciosidade quadros obscenos. E, finalmente que tem uma retórica especial, abstrusa, torturada, rutilante, sem

gramática e sem vernaculidade!»

É-me desagradável afetar um tom pedagógico e vir dar um desmentido autoritário a estas afirmações de pessoas estimáveis...

Mas na realidade o naturalismo nem foi inventado pelo Sr. Zola, nem consiste em descrever meticulosamente obscenidades, nem tem retórica própria, nem sobretudo é uma escola!

Em Portugal sempre houve uma tendência tenaz para subdividir a arte em escolas — o que prova, de resto, uma literatura de gramáticos e retóricos. Inventámos assim toda a sorte de escolas literárias — mais, certamente, em número, do que as de instrução primária! Chegámos a ter a escola de Lisboa, a escola de Coimbra, a escola de Castilho...

coisas que nos parecem hoje tão antigas como o rapto de Helena ou as façanhas do impetuoso Ájax. Ainda conservamos, porém, as grandes escolas: clássica, romântica, satânica, elegíaca, e toda a sorte de confrarias das letras, isoladas em cubículos e celas, separadas por paredes-mestras: o cubículo de Boileau, o cubículo de Lamartine, o cubículo de Byron, o cubículo de Petrarca... Até o subtil e fino Baudelaire tem o seu cubículo! E aqueles grupos inimigos, arreganhando-se o dente, uns usando a cabeleira de Racine, outros o capacete de Percival, outros os cornos de Satã, outros a frauta pastoril de Semedo, ali vivem sepultados nas suas prosódias rivais, murando-se dentro delas, como o anão chinês dentro do seu vaso de porcelana...

Agora, temos a escola realista!

Não — perdoem-me — não há escola realista. Escola é a imitação sistemática dos processos de um mestre. Pressupõe uma origem individual, uma retórica ou uma maneira consagrada. Ora o naturalismo não nasceu da estética peculiar de um artista; é um movimento geral da arte, num certo momento da sua evolução. A sua maneira não está consagrada, porque cada temperamento individual tem a sua maneira própria: Daudet é tão diferente de Flaubert como Zola é diferente de Dickens. Dizer *escola realista* é tão grotesco como dizer *escola republicana*. O naturalismo é a forma científica que toma a arte, como a república é a forma política que toma a democracia, como positivismo é a forma

experimental que toma a filosofia.

Tudo isto se prende e se reduz a esta fórmula geral: que fora da observação dos factos e da experiência dos fenómenos o espírito não pode obter nenhuma soma de verdade.

Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões *a priori;* hoje, analisa-se *a posteriori*, por processos tão exatos como os da própria fisiologia. Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca de uma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito de uma donzela,

que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar. O verdadeiro autor do naturalismo não é pois Zola — é Claude Bernard. A arte tornou-se o estudo dos fenómenos vivos e não a idealização das imaginações inatas...

É fácil deduzir daqui que não foi o Sr. Zola o inventor do naturalismo. Ele é, decerto, uma forte e grande personalidade que deu ao movimento um grande e forte impulso. Ninguém como ele, nos seus escritos, o tem defendido e desprendido melhor do vago de teoria — e, sejam quais forem os seus defeitos, o homem que escreveu o *Assommoir* ficará como

um dos mais prodigiosos artistas deste século de artistas. Mas seria tão absurdo dizer que ele inventou o *naturalismo*, como dizer que Gambetta inventou a *democracia*!

Neste século, porém, no período científico do naturalismo, o Sr. Zola teve precursores ilustres: antes dele, estão os Goncourts; antes dos Goncourts, Flaubert, Taine e Sainte-Beuve — porque o método do crítico penetrante que estuda um romancista não difere do método do romancista que estuda um personagem — e, antes destes, havia ainda Stendhal, e ao lado dele Balzac e, no século passado, Molière... Não me obriguem a remontar até Homero!... É verdadeiramente uma genealogia ilustre!

Mas, dir-me-á o leitor — o

verdadeiro leitor, o cidadão que não é letrado nem teórico, mas simplesmente um ser impressionável, um átomo do grande público, que é no fim de tudo quem faz a arte —, em que consiste pois esse famoso naturalismo? Que tenho eu com isso? Que posso eu lucrar com essa descoberta? Em que me interessa ela? Em que me educa, me diverte, me mostra a sua superioridade sobre a velha novela idealista? Porque me querem forçar a comprar o Sr. Zola em vez de levar o meu dinheiro ao Sr. Jules Sandeau?

Ora aqui tens, meu caro concidadão: supõe que tu queres ter na tua sala a imagem de Napoleão I passando os Alpes (estas fantasias são-te permitidas: a parede é tua, e podes cobri-la de escarros ou de figuras imperiais; são coisas que

ficam com a tua consciência e com o Deus severo que te há de julgar um dia). Que fazes tu? Chamas dois pintores: um que é idealista e que vem com a sua grenha, o seu casaco de veludo e o seu chapéu de aba larga, e outro que é realista e que vem, como tu, de chapéu alto, com a sua caixa de tintas debaixo do braço. Dás-lhes o teu assunto e vais aos teus negócios.

E aqui está o que se passa na tua ausência sobre a tua parede: o pintor idealista arregaça as mangas e brocha-te imediatamente este quadro: um píncaro de montanha; sobre este píncaro, um cavalo com as proporções heroicas do cavalo de Fídias, empinado; sobre esse cavalo, premindo-lhe as ilhargas, Napoleão, de braços e pernas nuas, como um César romano, com uma coroa de louros na

cabeça. Em volta, nuvens; em baixo, a assinatura.

Dir-me-ão: «É falso!» Como, falso? Este quadro foi, creio que é ainda, uma das joias do Museu do Luxemburgo.

Durante este tempo, o pintor realista, tendo lido a história, consultado as crónicas do tempo, estudado as paisagens dos Alpes, os uniformes da época, etc., deixou na tua parede o seguinte quadro: sob um céu triste, um caminho escabroso de serra; por ele, resfolgando e retesando os músculos, sobe uma mula; sobre a mula, Bonaparte, abafado em peles, com um barrete de lontra e óculos azuis por causa da reverberação da neve, viaja, doente e derreado...

Qual destes quadros escolhes tu,

caro concidadão? O primeiro, que te inventou a história, ou o segundo, que ta pintou? O idealista deu-te uma *falsificação*, o naturalista, uma *verificação*. Toda a diferença entre o idealismo e o naturalismo está nisto. O primeiro falsifica, o segundo verifica.

Dir-me-ás talvez: «Mas isso é simples matéria de acessório, de decoração! E quando se trata de pintar a alma, o ser interior...»

Perfeitamente, aqui tens outro exemplo.

Suponho (tudo é permitido a uma alma como a tua, amante da arte e curiosa da vida), suponho, digo, que se trata de te descrever uma menina que mora ali defronte, num prédio da Baixa.

Apresentam-se dois novelistas —

o idealista e o naturalista. Tu dás-lhes o teu assunto: uma menina que se chama Virgínia e que habita ali defronte.

O idealista não a quer ver nem ouvir; não quer saber mais detalhes. Toma imediatamente a sua boa pena de Toledo, recorda durante um momento os seus autores e, num relance, cria-te a menina Virgínia deste modo: na figura, a graça de Margarida; no coração, a paixão grandiosa de Julieta; nos movimentos, a languidez de qualquer odalisca (à escolha); na mente, a prudência de Salomão e, nos lábios, a eloquência de Santo Agostinho...

Dir-me-ão: «E mentira!» Como, mentira? Vejam a criação de *A Morgadinha dos Canaviais*, um romance, e feito pelo talento delicado e paciente de

Júlio Dinis, o artista que entre nós mais importância deu à realidade. E, todavia, a sua Morgadinha é bem extraordinária. Ali está uma burguesinha da serra, vivendo na serra, educada na serra e querendo ser a personificação da mulher da classe média em Portugal: ama com a sinceridade heroica de Cordélia; tem com os sobrinhos o tom de maternidade romântica da amante de Werther; pensa, em matéria de moral, com a altivez de Bossuet; fala da Natureza com o colorido místico de Lamartine; junta a isto, em intrigas sentimentais, a finura das duquesas de Balzac — quando fala de amor, julgamos ouvir Rousseau declamar. Sem contar que tudo quanto diz de poesia, de arte ou de religião é de Chateaubriand!...

Mas voltemos à nossa Virgínia,

que mora ali defronte. E agora o escritor naturalista que a vai pintar. Este homem começa por fazer uma coisa extraordinária: vai vê-la!...

Não se riam: o simples facto de ir ver Virgínia quando se pretende descrever Virgínia é uma revolução na arte! É-toda a filosofia cartesiana: significa que só a observação dos fenómenos dá a ciência das coisas. Este homem vai ver Virgínia, estuda-lhe a figura, os modos, a voz; examina o seu passado, indaga da sua educação, estuda o meio em que ela vive, as influências que a envolvem, os livros que lê, os gestos que tem — e dá enfim uma Virgínia que não é Cordélia, nem Ofélia, nem Santo Agostinho, nem Clara de Borgonha — mas que é a burguesa da Baixa, em Lisboa, no ano da graça de

1879.

Caro concidadão, a qual dás tu a preferência? O primeiro mentiu-te. A Virgínia que tens diante de ti é um ser vago, feito de frases, que não tem carne nem osso, e que, portanto, não pertencendo à humanidade a que tu pertences, não te pode interessar. É uma quimera, não é um ser vivo. O que ela diz, pensa ou faz não te adianta uma linha no conhecimento da paixão e do homem.

Uma tal Virgínia não pode ficar como documento de uma certa sociedade, num determinado período: é um livro inútil.

Tens diante de ti uma moeda falsa.

O segundo dá-te uma lição de vida social: põe diante dos teus olhos, num resumo, o que são as Virgínias

contemporâneas; faz-te conhecer o fundo, a natureza, o caráter da mulher com quem tens que viver. Se a Virgínia, em conclusão, não é boa — evitarás que tua filha seja assim; podes-te acautelar desde já com a nora que te espera; é-te lição no presente e, para o futuro, ficará como um documento histórico.

É uma verificação da Natureza.

E aqui tens, caro concidadão, reduzido a fórmula familiar, ao alcance da tua compreensão e despido de névoas filosóficas, o que é o idealismo e o que é o naturalismo, na pintura, no romance e no drama.

Bristol, 1879

Brasil e Portugal

Bristol, 14 de dezembro de 1880

Meu caro Pinheiro Chagas: recebi o número do *Atlântico* contendo o seu excelente artigo — «Brasil e Portugal.» Como hoje é domingo, chove e eu não posso ir passear para debaixo das belas árvores do Sevem conversarei consigo um momento, aqui, ao canto do meu lume.

Evidentemente, porém, o homem que lhe escreve não é aquele que você há meses abraçava, inteiro e intacto, à esquina sagrada da Casa Havanesa; esse demoliu-o você, desmantelou-o com as três pesadas colunas do *Atlântico*, brandidas às mãos ambas num esforço

entumecido de Sansão. Não conheço realmente, na história ou na legenda, exemplo de uma ferocidade igual, a não ser talvez a daquele centurião muito barbado que nas litografias do martírio de Santo Estêvão está arremessando, com os dentes arreganhados, um penedo horrível sobre o crânio aureolado do desventurado confessor...

Assim você me esmaga sob pedregulhos desproporcionados: é a crítica histórica, a teoria científica do meio, o reverendo Bernardo de Brito, Darwin, a revolta do Maranhão, o general Madeira, a Casa Havanesa e o seu tabaco, as Molucas (pois todas as Molucas, Pinheiro Chagas?), Lord Wellesley, rajás da Índia um a um, a Holanda e as suas colónias, Cochim e Cananor, o cadáver de

Lord Mayo, a *emissão* de Newton, sinais algébricos, operações cabalísticas, a regra de três, os climas, as raças que são iguais a n, Pernambuco e o universo!

E tudo isto arrojado sobre a minha miserável carcaça — com arte, com eloquência, com luxos de atitude, com as elegâncias sábias de belo atleta!

Porque a hediondez da sua ferocidade não exclui, meu caro Pinheiro Chagas, a excelência do seu talento. Mas, sinceramente, você foi excessivo. Desde que recebi o seu «Brasil e Portugal», de chofre, tenho estado ocupado em apanhar laboriosamente, aqui e além, pelo chão, os pedaços de mim mesmo. Tão violentamente, porém, me despedaçou você que não consigo reconstruir-me: não sei, por exemplo, onde para a minha perna

direita; falta-me todo um pedaço do fígado; e é apenas com dois dedos e meio que estou traçando estas regras...

Toda essa indignação, meu caro Chagas, foi provocada ao que parece (porque o caso é obscuro) por ter eu, segundo você proclama, «injuriado e descomposto Portugal!»

De que modo pérfido e vilão? Com duas frases que intercalei de comentário a um artigo do *Times* sobre o Brasil, traduzido na minha correspondência para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

Essas duas frases eram apenas duas afirmações históricas: a primeira, «que, nos fins do século passado e começos deste Portugal se tinha tornado como uma colónia do Brasil»; a segunda,

«que o nosso império do Oriente fora um monumento de ignomínia...»

De onde você conclui que eu insultei a minha pátria!

De onde eu concluo, meu caro Chagas, que você, apesar de habitar a Lisboa contemporânea de 1880 é realmente um velho personagem do século XVIII, com mais de cento e quarenta e cinco anos de idade, pintado por fora de uma cor natural de vida moderna, mas ressequido e pulverulento por dentro, que tendo escapado milagrosamente aos anos e às revoluções, anda agora entre nós representando os modos de pensar e de falar que caraterizaram a sociedade portuguesa do tempo da senhora D. Maria I.

Você ainda se lembra que, nessas

épocas piedosas, *criticar* era sinónimo de *injuriar*; em literatura só se admitia a epístola laudatória; e, como comentário às coisas públicas, só se tolerava a cantata. Quando o seu contemporâneo e amigo, o padre Macedo, achava mau um verso de Bocage — Bocage, como você decerto se recorda de lho ter ouvido no Nicola, declarava o padre Macedo um *bêbedo*. E note que eu vou logo aos dois grandes homens do tempo; porque, nas camadas subalternas da plebe do Parnaso, o poetastro atacado no seu estro ia fazer uma denúncia à Intendência da Polícia.

A crítica histórica não corria tais perigos. Não existia então entre nós. Mas se, nos belos tempos do senhor intendente Pina Manique, tivesse aparecido um historiador como o Sr. Alexandre

Herculano ou o Sr. Oliveira Martins — você (que tantas vezes cavaqueou com o grande intendente pelos pátios dos conventos e lhe conhecia bem a energia e a fibra) sabe perfeitamente que o Sr. Martins ou o Sr. Herculano teriam ido apodrecer para uma masmorra. E porquê? Justamente por terem «descomposto o país e insultado a pátria». Por isso, você, antigo amigo de Manique, seu colega de novena, acusa-me, diante da opinião, exatamente com as mesmas palavras e justamente pelos mesmos motivos com que teria sido formulado em 1801 contra um historiador um libelo da Intendência da Polícia!... Ah, meu caro Pinheiro Chagas, com o seu espírito e com a sua *verve*, como deve ser interessante, por uma noite de inverno, ouvi-lo contar os

casos desse tempo, da Lisboa do século XVIII em que você floresceu — os celestiais encantos da grade, as comédias do Pátio das Arcas, os gorjeios da Caffarelli, as merendas, as procissões e os dias gloriosos em que você, entre açafatas e frades, de súcia com a negrinha anã D. Rosa e o senhor arcebispo de Tessalónica, acompanhava a corte que ia caçar a Salvaterra!...

Olhe, isso que você publicou no *Atlântico* tinha-o já dito na véspera, à noite. Sabe aonde? Num sarau, em casa do senhor marquês de Marialva — naquele sarau do tempo da senhora D. Maria I, que tão admiravelmente descreve o Sr. Oliveira Martins no seu belo monumento a *História de Portugal*. Se eu sei até com quem você entrou! Foi com o senhor

conde de Vila Nova; tinham vindo ambos de acompanhar o viático com as suas opas vermelhas.

Apenas no salão, você, meu caro Chagas, com o sapato de fivela em passo de minuete, foi saudar uma das meninas, sécia galante da época — e comparou-lhe os olhos negros, a «duas figas de Cupido». Isto foi julgado em redor lindamente mavioso. Mas você não pôde prosseguir — porque já o Policarpo, castrado da capela real, estava cantando ao cravo...

Depois a senhora marquesa, batendo com o leque na mesa de xarão a seu lado, exclamou no silêncio: «Lá vai mote!»

E logo o nosso Chagas a glosar! E com que ternura, com que langor, o

recompensaram dos requintes floridos do seu estro os dois belos olhos negros, as «duas figas de Cupido!»

Começou então o voltarete do senhor marquês. Você não foi admitido à partida do fidalgo: fez apenas um gamão subalterno com um monsenhor da Patriarcal. E pela sala, no entanto, iam sussurrando as conversações.

Discutia-se o processo de uma linda mulher de Alfama que comia crianças em salada: um desembargador aconselhou, para curar quartãs, pérolas que tivesse usado a rainha, moídas em pó: falou-se da escandalosa aparição de Belzebu no convento do Sacramento de Alcântara: e uma dama contou do judeu que dera uma dentada na perna do Senhor dos Passos da Graça!...

Isto arrepiou de horror. E foi então que você, Pinheiro Chagas, disse, depois de se pitadear com gozo: «Mas há pior! Há pior!...»

Pior que a dentada? Não, ninguém podia acreditar que houvesse pior!

E você, pausado e grave, narrou o meu nefando caso: um herege, um jacobino, um traidor comprado pelo ouro do Brasil, tinha escrito que Portugal fora uma colónia brasileira, e que houvera horrores na nossa dominação da Índia!...

Fez-se na sala um silêncio trágico. As sécias, apavoradas, encolheram-se contra os monsenhores. De comovido, o herdeiro ilustre da casa de Ângela perdeu a vaza. E os morrões das tochas pareceram mais tristes...

O senhor prior de S. Julião,

esgazeando o seu olho de coruja, exclamou a tremer:

— E o monstro ainda não está no Santo Ofício?

— Trago-o de olho, meu reverendo — disse você severo —, e hei de ir falar ao Manique...

Ciciou então pelo sarau um suspiro de alívio. A sociedade estava salva! Chagas velava.

Já em baixo tilintavam os guizos das liteiras. Saiu-se. E foi você que, chegando-se ao senhor arcebispo de Tessalónica, e querendo resumir numa palavra todo o mundo de verdades e de ideias que se agitara nesse sarau, o esplendor intelectual que aí brilhava e para que você concorrera — disse respeitosamente ao prelado:

— Portugal é pequenino, mas é um torrãozinho de açúcar.

E sua eminência replicou, depois de arrotar:

— Tem você razão, brigadeiro Chagas.

Brigadeiro, sim! Brigadeiro do tempo da senhora D. Marial! O último brigadeiro patriota!

Você lembra-se do tipo? Eram aparatosos e formidáveis; tinham estado no Rossilhão; nas festas de família, noivado ou dia de anos eram eles que se erguiam à sobremesa e, com uma lágrima no bigode, batendo sobre o coração, falavam do *Velho Portugal*. Possuíam opiniões; e não compreendiam que o Estado fizesse outra coisa senão espanejar os louros de Arzila, nem que o

pensamento passasse além das maravilhas da *Nova Castro*. Decrépitos, comandando três veteranos num forte, ainda todas as manhã, depois da sua genebra, batiam furiosamente com a bengala nas lajes e queriam tragar o mundo. Excelentes almas! Deixavam sempre dinheiro a uma sobrinha e sabiam deitar fundilhos nuns calções. Odiavam o pedreiro-livre: atribuíam-lhe todos os males da pátria; e, para ele, fazer a crítica histórica do passado era ofender as glórias da nação! Você é o último desta nobre raça.

Bem sei, bem sei o que o meu caro Chagas me vai dizer: «E os meus livros? Os meus trabalhos? As minhas opiniões liberais? A minha democracia?...»

Eh, meu caro Pinheiro Chagas, os seus livros ninguém os admira mais do

que eu! E folgo dizê-lo aqui. Vejo-o há mais de dez anos na brecha, lutando, forjando violentamente o romance, o drama, o verso, a crítica, a história — e enche-me de respeito uma vida moça, agitada assim de um tão vasto labor intelectual. Talvez eu ache, com as minhas «detestáveis teorias», como você diz, que, nessa produção rica e exuberante, a parte artística (que não é menos valiosa) esteja um pouco concebida fora da realidade e da experiência social. Mas isso é um detalhe. A verdade é que toda a sua obra vai atravessada por um forte e harmonioso sopro de eloquência e que a veia que ali corre é larga, límpida e bela. A sua *verve* fumegante, a sua imaginação delicada e engenhosa, deram-lhe já um grande, um nobre lugar, na história literária de

Portugal; e o seu saber, a sua palavra de orador, que acende e revolve, destinam-no a ter em breve um lugar, maior ainda, na sua história política. Mas isto, meu caro amigo, não impede que você, como patriota, seja um brigadeiro.

E o curioso é que você tornou-se brigadeiro (ninguém o nasce) com as intenções mais belas e mais generosas. Como todo o espírito ativo e ambicioso, quando você começou a sua carreira desejou distinguir-se e destacar-se da geração sua contemporânea por uma originalidade forte. Isto é nobilíssimo: nada mais miserável do que sair da escola e ir logo tomar um lugar servil na fila balante dos carneiros de Panurgo. Por isso você, para se orientar, olhou em redor. E que viu? Um espetáculo triste:

uma mocidade arrasada e cética, descrente de si mesma e do país, ignorando a tradição e escarnecendo as instituições, queixando-se da falta de tudo e não tratando de se prover de coisa nenhuma, odiando o solo em que nascera, a língua que falava, a educação que recebera, amuada dentro desse ódio estéril, como um mocho dentro do seu buraco, e de facto tão alheia à pátria e ao seu génio como se tivesse sido importada de França, em caixotes, pelo paquete do Havre! Isto era suficiente para indignar um coração elevado como o seu. Mas, além disso, você imediatamente compreendeu que no meio de tal geração, de tal mocidade, de tal literatura, a alta originalidade, o grande relevo, estaria nisto — *ser patriota*. Desde esse

momento você possuía a sua especialidade, a sua nota individual, o seu campo próprio a cultivar — o *patriotismo*. E com que sofreguidão, meu caro Chagas, você se apoderou dessa mina de ouro! Pudera! É que o *patriotismo* seria daí por diante para si não só uma doutrina, mas *um assunto!* Assunto para drama, para ode, para folhetim, para discurso, para grito, para soluço! Enfim, o *patriotismo* era a sua magnífica carreira.

Carreira original — e para que você se preparou com uma sinceridade, um labor, uma dedicação que o honram.

Outro qualquer ter-se-ia contentado em folhear um livro de história, para colher, aqui e além, datas ou nomes de batalhas. Você, não. Você

encerrou-se dentro da história, como Carlos Magno, revolvendo o pó dos antepassados, procurando penetrar-se da nobre fé que os fez grandiosos, dormindo com as façanhas do condestável Nun'Álvares debaixo do travesseiro, para surpreender e poder imitar as palpitações daquele puro coração do herói. In-fólios, códices, manuscritos, memórias, forais, crónicas — tudo você absorveu. Mil vezes você passou e repassou, como diz Michelet, «o sombrio rio dos mortos». Dia a dia, reviveu todo o passado épico. E enfim uma hora chegou em que você decerto se considerou digno de ter recebido em Sagres, nalguma véspera de partida de caravelas, as confidências sublimes do infante D. Henrique.

Então você abriu de par em par as

portas do santuário em que até aí se encerrara; e adiantando-se para o público, com a mão sobre o peito, soltou o seu grande grito patriótico!

Mas, oh, surpresa! Quando você, eu, todos imaginávamos que o público ia erguer-se arrebatado, gritar numa aclamação: «Eis um grande patriota!», o público deixou-se ficar sentado e disse simplesmente: «Eis um belo brigadeiro!»

E um desastre medonho, bem sei, e ninguém o lamenta mais do que eu. Mas confessemos, meu caro Chagas, que a coisa era prevista. Quando nesta nossa idade, que marcha para o futuro com a faiscante velocidade de um expresso, nesta idade em que o feito da véspera fica logo tão para trás como a queda de Troia e em que o herói de ontem, apenas morto,

se torna logo tão vago como o mesmo Ájax — um homem que nos venha falar de Cochim e de Cananor, que reproduza as bazófias honrosas mas obsoletas do patriotismo de Jacinto Freire de Andrade, que nos agarre pelas abas da sobrecasaca para que fiquemos a chorar com ele o desastre de Alcácer Quibir — um tal original, no meio de uma sociedade que o não compreende, termina por parecer alguma coisa de defunto, de arcaico, de desenterrado, um verdadeiro brigadeiro do tempo da senhora D. Maria I, que a morte esqueceu e que erra por entre nós, aturdido, como uma coruja na luz.

O seu plano de ser patriota, caro Chagas, era sublime e fecundo. Sabe qual foi o seu erro? Que em lugar de apoiar o seu patriotismo nas forças vivas da nação,

inspirando-se delas para as ajudar a dirigir, você foi apoiá-lo sobre o pó dos heróis mortos, tornando-o assim desde logo seco.

O seu patriotismo, em vez de ser de utilidade pública, era apenas de curiosidade arqueológica. Você não estivera tirando da história uma forte lição moral; recortara lá simplesmente pitorescos casos de guerra e de armada. Não trazia um programa para o movimento social das gerações futuras — apenas uma recapitulação sonora de façanhas vetustas. Esperava-se um revelador de verdades, apareceu um cronista de mosteiro.

Por isso o público exclamou: «Eis um belo brigadeiro!» E não foi bastante severo. Deveria talvez ter dito: «Eis um

bonito sebastianista!»

É que há duas espécies de patriotismo, meu caro Chagas.

Há em primeiro lugar o nobre patriotismo, dos patriotas: esses amam a pátria, não dedicando-lhe estrofes, mas com a serenidade grave e profunda dos corações fortes. Respeitam a tradição, mas o seu esforço vai todo para a nação viva, a que em torno deles trabalha, produz, pensa e sofre: e, deixando para trás as glórias que ganhámos nas Molucas, ocupam-se da pátria contemporânea, cujo coração bate ao mesmo tempo que o seu, procurando perceber-lhe as aspirações, dirigir-lhe as forças, tomá-la mais livre, mais forte, mais culta, mais sábia, mais próspera, e, por todas estas nobres qualidades, elevá-la entre as nações.

Nada do que pertence à pátria lhes é estranho: admiram decerto Afonso Henriques, mas não ficam para todo o sempre petrificados nessa admiração: vão por entre o povo, educando-o e melhorando-o, procurando-lhe mais trabalho e organizando-lhe mais instrução, promovendo sem descanso os dois bens supremos — ciência e justiça.

Põem a pátria acima do interesse, da ambição, da gloríola; e se têm por vezes um fanatismo estreito, a sua mesma paixão diviniza-os. Tudo o que é seu o dão à pátria: sacrificam-lhe vida, trabalho, saúde, força. Dão-lhe sobretudo o que as nações necessitam mais, e o que só as faz grandes: dão-lhe a verdade. A verdade em tudo, em história, em arte, em política, nos costumes. Não a adulam, não

a iludem: não lhe dizem que ela é grande porque tomou Calecut, dizem-lhe que é pequena porque não tem escolas. Gritam-lhe sem cessar a verdade rude e brutal. Gritam-lhe: «Tu és pobre, trabalha; tu és ignorante, estuda; tu és fraca, arma-te! E quando tiveres trabalhado, estudado, quando te tiveres armado, eu, se for necessário, saberei morrer contigo!»

Eis o nobre patriotismo dos patriotas.

O outro patriotismo é diferente: para quem o sente, a pátria não é a multidão que em torno dele palpita na luta da vida moderna — mas a outra pátria, a que há trezentos anos embarcou para a Índia, ao repicar dos sinos, entre as bênçãos dos frades, a ir arrasar aldeias de mouros e traficar em pimenta. Esse, a sua

maneira de amar a pátria é tomar a lira e dar-lhe lânguidas serenadas. Esse sobe à tribuna do Parlamento ou ao artigo de fundo e de lá exclama, com os olhos em alvo e o lábio em luxúria: «Oh, pátria! Oh, filha! Ai, querida! Oh, pequena! Que linda que és!», exatamente como tinha dito na véspera, num restaurante, a uma andaluza barata. Esse, coisa pavorosa!, não ama a pátria, namora-a; não lhe dá obras, impinge-lhe odes. Esse, quando a pátria se aproxima dele, com as mãos vazias, pedindo-lhe que coloque nelas o instrumento do seu renascimento — põe lá (ironia magana!), o quê? Os louros de Ceuta! Quando o povo lhe pede mais pão e mais justiça, responde-lhe, torcendo o bigode: «Deixa lá... Tu tomaste Cochim.»

É esse patriotismo que, quando

alguém solta uma verdade, acode de mão à cinta e, com a *Monarquia* de frei Bernardo de Brito apertada ao coração, exclamando: «Olá, que injúria é essa à pátria? Pois não sabes tu, ignorante, que nós somos ainda temidos na Índia? E a prova tenho-a neste in-fólio!» E querendo garantir a indolência própria, por uma grande inércia pública, esse patriotismo aconselha que se não faça nada, nada se estude, nada se crie — porque o senhor D. Manuel foi outrora um grande rei! E apenas um homem sincero tenta despertar a alma portuguesa e o seu génio do sono em que ela se afunda — esse patriotismo corre, debruça-se, e procura tornar esse sono da pátria mais pesado e mais profundo, cantando-lhe ao ouvido a lenda embaladora da tomada de Arzila!

Este patriotismo, caro Chagas, é o dos brigadeiros vestidos à moderna. E, lamento ter. de dizê-lo, parece-se muito com o seu. Os Franceses chamam-lhe *chauvinisme:* eu chamar-lhe-ia, entre nós, *patriotice*. E aos que o cultivam daria os nomes (segundo os seus diferentes temperamentos) de — *patriotaças*, *patríotinheiros*, *patriotadores*, ou *patriotarrecas*. É ele que, não deixando fazer nada sob o pretexto que já se fez tudo, imobilizando a nação num pasmo fictício para o passado que a impede de trabalhar pelo futuro — é ele que dá à Áustria Sadova e à França Sedan. É ele que grita no Bulevar: «A Berlim! A Berlim!», quando moralmente no Bulevar já marcham os Prussianos. Fazendo discursos como Mr. Prudhome, produz

finais como Ésquilo. E têm depois os patriotas de vir recompor as ruínas que fizeram os patriotinheiros!

Felizmente, o mundo vai vendo desaparecer essa praga funesta. Nem a Áustria, nem a França sofrem já com ela. Depois da vitória, o bom senso da Alemanha livrou-se dela bem depressa. Nestas nações, como nas mais pequenas, o que resta são patriotas que dizem a verdade à pátria. De facto, uma tal jactância de glórias mortas, obstruindo os progressos vivos, só existe em duas sinistras classes de indivíduos — os paxás de Constantinopla e os mandarins de Pequim!

Portugal estava também até aqui isento do *patriotaça*. Nem no Governo, nem no ensino, nem na literatura, hem na

administração, nem no povo, nem na burguesia, eu jamais percebera essa perigosa tendência a renovar as prosápias de Jacinto Freire de Andrade. Pelo contrário, duvida-se de mais do país, das suas forças, do seu génio e da sua vitalidade latente. E é para mim uma surpresa dolorosa que você, com a autoridade do seu saber e a luz do seu talento, queira fazer aparecer entre nós a grotesca, a perigosa patriotice dos paxás, dos mandarins e dos brigadeiros do reinado da senhora D. Maria I.

E quem senão um brigadeiro desse tempo, um contemporâneo e amigo dileto do senhor arcebispo de Tessalónica, frequentador galante de grades, tendo freira no Sacramento a Alcântara — poderia vir, em 1880, ter em público esta

opinião, tão eloquentemente expressa por você no artigo do *Atlântico*: «Que se injuria um país quando se lhe critica o passado; e que é insultar Portugal dizer que, nos fins do século XVIII e começo deste, ele foi como uma colónia do Brasil!»

Mas, caro Chagas, o insultador, então, não sou eu. É o Sr. Alexandre Herculano. Ele disse-o, eu segui-o.

A pág. 245 do segundo volume da *História de Portugal*, do Sr. Oliveira Martins, eu li esta citação: «Portugal, o velho colonizador da América, *diz o Sr. Alexandre Herculano*, tinha-se tornado por sua vez uma colónia do Brasil, onde um Governo corrupto, etc...»

Quem insulta o país, segundo a sua pobre expressão, é o Sr. Alexandre

Herculano. E vai então a pátria erguer-lhe uma estátua? E ao lado do Épico luminoso que a cantou vai resplandecer, à luz dos céus, em bronze ou mármore, a face fusca daquele que a insultou? E consente-o você, Pinheiro Chagas? E não há de você despedaçar por suas mãos o monumento maldito? Porque a *História de Portugal*, a *História da Inquisição*, são insultos tremendos...

Mas eu sei que você é um patriota: e o Sr. Herculano não terá a sua estátua! Você vela, de espada alta, ao lado do *Velho Portugal*: todo aquele que ao passar não se curvar, murmurando: «Só tu foste sublime e grande, e contigo tudo morreu!», você decepa-lhe a cabeça!

Tenha, pois, a bondade de decepar, não a minha, mas a cabeça do Sr.

Oliveira Martins, que foi ele que, de pág. 197 a 297 da sua *História de Portugal* me provou, contando-me em cada frase uma torpeza, que «o império de Portugal no Oriente foi um feio monumento de ignomínia». Esta foi a minha outra afirmação na *Gazeta de Notícias* que lhe pareceu a você «uma injúria à pátria». Aqui agora o injuriador não é o Sr. Herculano, é o Sr. Oliveira Martins. Esse é que é a hidra: corra você a matá-la! Ela lá está, essa hidra, esse monstro, no seu antro da Rua da Boavista, no Porto, entre as suas flores e os seus livros. Você sentirá, logo ao começo da rua, aquele cheiro de enxofre e anarquia que se exala de todas as cavernas onde existe um dragão de escamas de bronze trincando a ordem sobre esqueletos de instituições.

Mas de nada se teme um bom cavaleiro! E em serviço do seu Deus, do Deus de Ourique, das crónicas, das damas, das Molucas e dos louros de Ceuta — não é mais bravo que você, Lançarote do Lago, o bom senhor Percival, que traz um pelicano no elmo, ou esse raro e lustroso espelho de cavalaria, o louro Galaad, que anda procurando o Santo Graal e que tem a força de mil porque o seu coração é virgem!...

Mas fez-me você uma outra acusação, mais grave e mais vaga: diz você que «eu chamei a Portugal um país de bestas». Isto é divertido: e eu vejo-me forçado a citar as minhas palavras da *Gazeta de Notícias*. Leem-se aí, na coluna quarta, estes períodos: «... O juízo que de Badajoz para cá se faz de Portugal não

nos é favorável.,. Não falo aqui de Portugal como estado político. Sob esse aspeto, gozamos uma razoável veneração. Com efeito, nós não trazemos à Europa complicações importunas; mantemos dentro da fronteira uma ordem suficiente; a nossa administração é corretamente liberal; satisfazemos com honra os nossos compromissos financeiros. Somos o que se pode dizer *um povo de bem*... A Europa reconhece isto; e todavia olha para nós com um desdém manifesto. Porquê? Porque nos considera uma nação de medíocres, digamos francamente a dura palavra, porque nos *considera uma nação de estúpidos*. Este mesmo *Times*...»

Aqui eu citava o *Times*, o *Daily Telegraph* (poderia ter citado mil), que nos têm acusado de estúpidos, de

mazorros e de intelectualmente fósseis. E depois acrescentava estas palavras minhas: «Tais observações são decerto, além de descorteses, perversas!»

Neste momento, eu vejo daqui o leitor honesto, que vai percorrendo estas linhas, parar, pousar o jornal, o seu charuto; e dizer de si para si ou às senhoras que costuram ao lado: «Esta, é singular! Caso lamentável e raro! O quê! É isto o que ele tinha escrito? Então, o procedimento do senhor Pinheiro Chagas não me parece regular. Pois o outro cita as palavras de um jornal inglês, ofensivas para Portugal, condena-as como perversas e descorteses, e o autor de *A Morgadinha de Valflor* atribuiu-lhas a ele e quer-lhe fazer suportar a responsabilidade delas? Se isto são costumes e maneiras literárias,

bem faço eu em odiar os literatos! Porque é que o senhor Pinheiro Chagas não citou o que o outro escrevera? Caso triste e antipático!...»

Riamos, meu caro Chagas, riamos aqui a este canto, abraçados um no outro! Rebolemo-nos! Como se vê que aquele honrado homem, que lê o *Atlântico*, ignora as amarguras, as necessidades formidáveis do jornalismo... A querer que você me citasse! O ingénuo! Se você me citasse, não podia fazer o artigo: e você tinha absolutamente de fazer o seu artigo!...

Eu conheço a situação: é medonha. Na véspera tem-se dito ao diretor do jornal, apertando-lhe ferventemente a mão e com a voz a tremer: «Palavra de honra, menino. Pela minha vida que tens lá o

artigo, além de amanhã, às nove horas. Eu sou incapaz de te comprometer! Juro-to pela alma de meus filhos... Boa noite. Lá o tens!»

Depois, naturalmente, como você sabe, não se pensa mais no artigo. Mas, cruel destino!, no dia aprazado, lá toca a campainha, lá chega, fatal, implacável, irrevogável — o moço da tipografia.

É horroroso. Sobretudo quando ele usa botas que rangem! Fica à espera, passeando no pátio ou no corredor: e aquele lento gemer de solas tristes, cadenciado e acusador, alucina!

E cá no nosso gabinete, que pavorosa luta! As cinco tiras de papel ali estão sobre a mesa, lívidas, irónicas, vazias: e é necessário enchê-las todas, de alto a baixo, com coisas extraídas do

nosso interior.

É trágico. A parte da carcaça humana a que se recorre primeiro é naturalmente ao crânio, depósito de ideias, impressões, adjetivos e teorias; aperta-se o crânio nas mãos frementes; sacode-se o crânio como uma velha algibeira: nada sai do crânio. E as botas, ao longe, a ranger!

Maldição! Recorre-se então ao peito, asilo dos afetos, dos sentimentos generosos. Talvez de lá saia um canto, um grito, uma apóstrofe. Arranha-se convulsivamente o peito; bate-se desesperadamente no peito como numa porta fechada: o peito fica mudo como o crânio. E as botas ao longe a ranger!

Inferno! E então os crentes rezam à Virgem Maria; os ateus invocam a morte,

a doce aniquilação da matéria; os mais violentos pensam em atrair o moço da tipografia com palavras doces, cortá-lo aos pedaços com uma navalha de barba, esconder os fragmentos na sarjeta doméstica... E as botas, lá no fundo, ironicamente, rangem!

Ah, caro Chagas, é daí que vêm as cãs precoces. Sabe você o que eu fiz numa destas agonias, sentindo o moço da tipografia a tossir na escada e não podendo arrancar uma só ideia útil do crânio, do peito, ou do ventre? Agarrei ferozmente da pena e dei, meio louco, uma tunda desesperada no bei de Tunes...

No bei de Tunes? Sim, meu caro Chagas, nesse venerável chefe de Estado que eu nunca vira, que nunca me fizera mal algum e que creio mesmo a esse

tempo tinha morrido. Não me importei. Em Tunes há sempre um bei: arrasei-o.

Por isso eu compreendo bem que você não me pudesse citar. Que diabo! Se me citasse, adeus belas frases!, adeus belo patriotismo!, adeus belo artigo! E você ouvia, no corredor, as solas malditas rangendo. Talvez eu, no seu caso, tivesse feito pior...

O leitor compreende agora as razões de ordem íntima que impediram o meu amigo e colega Pinheiro Chagas de me citar? Bem: deixe-me então pôr-lhe diante dos olhos outro período da *Gazeta de Notícias*. Escrevi eu: «Mas a verdade é que numa época tão intelectual, tão crítica, tão científica como a nossa, não se ganha a admiração universal, ou se seja nação ou indivíduo, só com ter propósito

nas ruas e pagar lealmente ao padeiro. São qualidades excelentes, mas insuficientes. Requer-se mais: requer-se a forte cultura, a fecunda elevação de espírito, a fina educação do gosto, a base científica, a altura de ideal, que na França, na Inglaterra, ou na Alemanha inspiram na ordem intelectual a triunfante marcha para a frente, e nas nações de faculdades menos criadoras, na pequena Holanda ou na pequena Suécia, produzem esse conjunto eminente de sábias instituições que são, na ordem social, a realização de formas superiores de pensamento.»

Este é que devia ser (e creio que realmente é) o ponto em discussão entre nós. Eu digo que Portugal, nesta época em que não pode fazer conquistas, nem tem já

continentes a descobrir, deve esforçar-se por ganhar um lugar entre as nações civilizadas pela sua educação, a sua literatura, a sua ciência, a sua arte — provando assim que ainda existe, porque ainda pensa.

Fomos grandes pelo que outrora fazia as nações grandes — a força; procuremos tornar-nos fortes pelo que hoje faz as nações fortes — a ideia. Foi esta nobre superioridade que eu desejei à minha pátria.

Você, meu caro Chagas, a isto responde: que Portugal não necessita ciência, nem gosto, nem literatura, nem arte, nem cultura, nem um conjunto de sábias instituições; e que desejar-lhe tais vantagens é insultá-lo! E você dá a razão por que Portugal não precisa nada disto:

é, diz você, porque Portugal outrora possuiu Cochim e Cananor, e porque o nome português é ainda respeitado em Ceilão!

Porque o não tinha dito há mais tempo, meu caro Chagas?

Estou vencido. Eu (que, como você afirma, sou um ignorante) não sabia realmente desse respeito que nos tributa Ceilão. Mas agora vejo com evidência que Portugal não necessita nem forte cultura intelectual, nem educação científica, nem elevação de gosto; não precisa ter escolas, nem mesmo saber ler: esses esforços são para a França, a Inglaterra, a Alemanha, países não privilegiados; Portugal, esse, tem tudo garantido, a sua grandeza, a sua prosperidade, a sua independência, a sua

riqueza, a sua força — desde que (como você afirma com a autoridade do seu saber) há nos mares do Oriente uma ilha onde, debaixo de um coqueiro, à beira de um arroio, estão quatro indígenas, de carapinha branca e tanga suja, ocupados de cócoras a respeitar Portugal!

Com efeito, tendo isto, Portugal tem tudo. Você está bem certo que os indígenas existem lá debaixo do coqueiro? Assevera-nos que não se acham ali comendo banana, ou entrançando esparto, ou pensando no Buda divino? Afiança-nos que, dia e noite, eles não fazem mais que respeitar Portugal, ali firmes, de cócoras, sob o coqueiro? Bem. Então somos grandes: é evidente! Somos fortes: está provado!

Não, meu bom Pinheiro Chagas,

não, eu não «descompus a pátria» — como você afirma com a sua pena de pato, trémula de horror. Somente amo o meu país de um modo diferente, de um modo íntimo — e burguês como eu: é por isso que nos não compreendemos. Não sendo poeta ou orador como o meu caro Chagas, não posso dedicar cantatas à pátria, nem balançar diante dela, como incensadores, as frases rangentes, de onde sai um aroma. Numa alma discreta de burguês hão há lugar para esses grandes sopros patrióticos que atravessam as almas do trovador, largas e profundas como o mar. Em nós outros não é por gorjeios de rouxinol parlamentar, por apóstrofes balbuciadas aos pés das Molucas, por soluços de um peito sufocado de êxtase, por serenadas e endechas, que se traduz o

amor do país; é por emoções pequeninas, triviais e caseiras, que pouca relação têm com a estrondosa tomada de Ormuz: emoções de burguês que vive no estrangeiro, ao canto solitário do seu lume solteirão.

Não lhas descrevo, porque temo o seu sarcasmo... Mas, enfim, para que não seja eu só a rir-me nesta carta — aí entrego à sua justa hilaridade esta ridícula confissão: é verdade, amigo, é verdade, é com um secreto enternecimento que eu vejo por aqui às vezes, em dias de festa, pendendo de uma humilde janela, sobre o seu formoso campo azul e branco, a venerável imagem das Quinas, que não tem culpa das odes em que serve de rima, nem das arengas em que serve de tropo, e que lá se balança à brisa estrangeira,

modesta e grave, como convém a quem viu tanto perigo e tanto mar!...

Você, bem sei, acha isto risível. Mas que diabo! Você é um poeta, um orador, um lutador — e eu sou apenas um pobre homem da Póvoa de Varzim.

Creio que temos conversado bastante. Não terminarei, porém, sem aludir a uma parte do seu artigo que me não parece prudente: é quando você fala de somas recebidas da *Gazeta de Notícias*, do alto preço por que me vendi para injuriar o país, etc.... Eu bem sei que você usou notáveis precauções oratórias: mencionou o boato e demoliu logo o boato; depois, tornou a pôr de pé o boato, para volver a derrubá-lo com furor. Isto é amável; mas, enfim, você traiu a confidência que eu lhe fiz. Lembra-se,

Chagas? Foi naquela noite de tormenta, na encruzilhada, a poucos passos da capela solitária onde estava dobrando a finados. Eu cheguei rebuçado num manto cor de treva, punhal à ilharga, deixando pela sombra um tinir de esporas. Um relâmpago fuzilou e houve um *tremolo* na orquestra. Até eu lhe disse, lembro-me bem:

— Meu Chagas, esta situação patética parece mesmo inventada por você, amigo!

Você respondeu, com engenho:

— Parece. Eu teria colocado alguma luz elétrica, batendo as roupagens de uma virgem, cuja alma o mundo não compreende...

Então eu arrastei-o para o pé do cruzeiro, onde bruxuleava uma lâmpada;

e, sentados sobre os degraus de pedra fria, eu comecei a contar-lhe o meu segredo: que a *Gazeta de Notícias* me dava um milhão (um milhão em ouro) para eu injuriar semanalmente Portugal, deitar peçonha nas nascentes do Alviela e fazer saltar pela dinamite a estátua de Camões!

Você tremeu, amigo! E murmurou-me ao ouvido estas palavras:

— Prudência, prudência...

Eu repliquei com furor:

— Hei de beber o sangue a Portugal. Hei de beber-lho!

Um trovão retumbou. Sobre um dos braços da cruz piou um mocho. E separámo-nos, na estrada negra, quando dava a meia-noite na torre da catedral.

Você tinha-me jurado segredo. E vem agora publicar tudo no *Atlântico!* Hei

de assassiná-lo no quinto ato...

Agora outra coisa, meu caro Chagas. Você conhece a história do judeu?... Mas, enfim, sabe que a Bíblia, a Lei, o Talmude, Jeová e outras instituições terríveis proíbem aos Israelitas comer toucinho...

Um dia, a um lanche, um judeu é convidado pela dona da casa a servir-se de fiambre. O homem hesita, tentado por Belzebu. O sorriso da dama era adorável, o presunto corado e tenro... Mas a lei santa? Uma raça, tão maltratada já pelo seu Deus, não se arrisca facilmente a injuriá-Lo.

Enfim, sucumbindo à gula, o bom israelita estende a mão trémula às escondidas (às escondidas de Jeová!) e recolhe subtilmente do prato uma fatia

gorda do fiambre.

Imediatamente no céu, que estava turvo e pesado, rebenta um trovão enorme.

«Ora aí está!», exclama o filho de Israel, deixando pender desconsoladamente os braços. «Sempre a mesma exageração! Todo aquele barulho, pelos céus fora, por causa de um bocadinho de toucinho!»

Creio que esta será, a nosso respeito, a impressão geral e definitiva: estamos fazendo muito barulho por causa de muito pouco toucinho...

E pensarmos nós, caro Chagas, que enquanto você está aí ocupado a compor no *Atlântico* uma formidável equação algébrica, para provar (Deus me perdoe!) não sei que coisas sinistras sobre as Molucas, enquanto eu me estou

aqui abandonando a este palrar indiscreto — o grande Darwin publica o seu livro do *Movimento das Plantas*, o professor Huxley lança o seu grande manifesto da *Educação Científica contra a Educação Clássica*, Zola dá-nos o seu prodigioso trabalho sobre *Gustave Flaubert*, tantos outros trabalham e criam, e o génio do século forja, com um ruído sublime, na sua bigorna de bronze e ouro, as ideias e as palavras que ficam!

E nós, aqui, a escrevinharmos não sei que coisinhas minúsculas, que, apenas rabeiam um momento sobre o papel, são logo pó impercetível!... Você não tem vontade de se atirar a um poço? Eu tenho.

Em todo o caso, amigo, você sabe como o estimo e quanto os seus artigos me serão sempre agradáveis, ainda que me

imolem em holocausto a Ceilão. E depois, caro Chagas, como a Ovídio exilado entre os Bárbaros, é-me doce tudo o que vem daí, de Roma, da imperial Roma, chegando-me na cadência de ouro do falar latino com um aroma dos jardins de Augusto — ainda mesmo que sejam os brandos epigramas de Higino.

Afetuoso aperto de mão de quem é amigo e confrade

Et nunc et sempre
Eça de Queirós

***

Bristol, 28 de janeiro de 1881

Meu caro Pinheiro Chagas: o

Atlântico, rompendo os temporais, só agora me trouxe as suas duas cartas, ambas muito alegres, muito eruditas ambas. E creio realmente que podemos findar aqui este memorável recontro.

Estamos, há semanas, neste circo de acaso, trocando golpes espaçados e moles, diante de César, que, sob o velário de púrpura, não repara em nós; diante do renque de cavaleiros ocupados das coisas superiores da vida, a renda da casa, o namoro e a política; diante de uma plebe que, por estes tempos de miséria e frio, só pode pensar no lume e no pão, desgraçada dela!, quando os tem; e diante de vestais... Talvez seja melhor não falar nas vestais.

Se lhe parece, pois, aproveitemos esta indiferença do anfiteatro para depormos sorrateiramente as armas no

chão — e conversarmos aqui a um canto, limpando as bagas de suor sob o elmo!...

Pois, amigo Chagas, a coisa esteve linda! E os seus três artigos hão de ficar, inquestionavelmente, como três ricas e consideráveis peças de prosa. O que os estraga, a meu ver, é o encarniçamento excessivo com que a cada passo você fulmina a minha ignorância — e o deleite baboso com que constantemente alude à sua sabedoria!

De resto, um espetáculo delicioso; e só lamento que Molière não estivesse presente. A ele pertencia (a ele ou talvez a Henri Monnier) este belo documento humano: Pinheiro Chagas, o nosso amável Pinheiro Chagas, de fronte alta e mão na ilharga, falando da teoria do meio, dos processos científicos, da crítica científica,

do positivismo, da raça latina, do saque de Roma, de Maquiavel, do assassinato de Guise e de S. Francisco Xavier; e julgando, com uma ingenuidade que arranca lágrimas, que todos esses pedaços de velha fraseologia crítica, apanhados pelo lixo de vetustas *Revistas dos Dois Mundos*, que todos esses feitos e nomes arrastados desde gerações pelos compêndios do liceu são enormes revelações filosóficas, críticas e históricas — voltar-se para a minha humilde pessoa e exclamar por cima do ombro, num tom de piedade e desdém: «Tudo isto para si, meu caro senhor, são coisas inteiramente novas!»

A mim, Molière! A mim, Henri Monnier, descobridor de Prudhome! A mim, fino Labiche, da Academia

Francesa!...

Depois, se eu, tímido e assustado, arrisco uma opinião, você, meu Chagas, imediatamente, dando um pontapé nas restrições que a polidez impõe à enfatuação — classifica-a de-*disparate!* (Textual.)

A ele, Lord Chesterfield! A ele, marquês de Coislin! A ele todos vós que marcastes, na sociedade, as regras da cortesia!

Você é terrível, Chagas! Ou se trate de um livro, ou de um raciocínio, ou de um herói, ou de um sistema, eis que você me aponta a dedo e exclama com tédio: «Vejam aquilo! Que ignorância! Não leu nada. Não sabe nada.»

Depois uma pausa. E pondo-se bem em evidência, batendo na barriguinha

pedagógica palmadinhas acariciadoras, eis que você murmura para os lados, banhado em riso e gozo: «Agora, olhem para mim! Vejam isto! Que sabedoria! Li tudo, sei tudo.»

Talvez você reprove, amigo, esta maneira de o apreciar, traçando-lhe o contorno e surpreendendo-lhe o movimento, numa crítica dramatizada e tratada a cores. Que quer, Chagas? Da sua carta não me ficou a impressão de uma ideia, mas só a lembrança de uma atitude; de sorte que para a julgar tenho de empregar, não os métodos do raciocínio, mas as artes do desenho.

De resto, caro Chagas, você tem razão. Ninguém ignora que eu sou um camelo. O meu lugar não é aqui no *Atlântico:* é lá ao longe, na extensa fila da

minha caravana, pelo deserto fora, em direitura à costa do Hejaz, levando um fardo entre as duas corcundas, ruminando a ração de cardos, de olho cerrado e lábio pendente, balançando-me em cadência à melopeia de marcha que o guia vai cantando às estrelas. Enquanto que você, a própria sabedoria, com todos os atributos divinos da antiga Minerva, da Palas vencedora, a luminosa padroeira de Atenas, você tem o capacete, a lança, a dupla couraça de ouro sobre os dois seios e a túnica caindo em pregas dogmáticas: assim se explica o nimbo cor da aurora que o acompanha e o suave aroma de ambrósia e rosa que de si se exala. Você é Minerva, você é deusa.

Somente, deixe-me lembrar-lhe que Minerva era modesta. Em geral, os

deuses eram modestos: misturando-se tanto à vida dos homens, temiam-lhes muito o sarcasmo. E os homens mesmo, presentemente, quando têm algum valor também são sempre modestos. Os grandes ares de sabichão, como os ares de ricaço, como os ares de valentão, passaram totalmente de moda.

Há hoje nas sociedades cultas um tom geral de bom gosto, de ironia, de fino senso, que põem bem depressa no seu lugar os fanfarrões da sabedoria, do milhão ou do músculo.

Ao nababo que nos agita diante da face uma bolsa cheia de ouro, dizendo: «Pobretões, eu cá sou rico!», responde-se tranquilamente: «Talvez, mas és grosseiro!»

Ao mata-sete que nos mostre os

seus pulsos de Sansão e nos grite: «Fracalhões, eu cá sou forte!», replica-se friamente: «Talvez, mas és brutal!»

E ao sabichão que, com quatro volumes debaixo de cada braço, nos venha dizer, de alto: «Ignorantes, eu cá sou sábio!», responde-se serenamente: «Talvez, mas és pedante!»

E este tom, meu caro Chagas, é indispensável. Se não, os ricaços, os valentes e os sabichões, coligados entre si, tornariam bem cedo a sociedade inabitável.

Estas coisas passam-se assim nas relações de homem para homem: mas, evidentemente, outro e bem diverso é o nosso caso. Eu (como você diz) sou um camelo; você (como eu afirmo) é Minerva. Está claro que devem ser

reguladas por uma lei diferente as relações entre uma deusa e uma besta de carga.

Isto em quanto à forma, caro Chagas: em quanto ao fundo mesmo da nossa copiosa discussão, ensoberbece-me o ver que você, nestas últimas cartas, traz às minhas ideias o formidável apoio do seu sobredito saber. De facto, essas cartas, se lhe despregarmos as ricas bambinelas de estilo, se as desembaraçarmos da sua formosa ornamentação científica, aparecem-nos simplesmente como a comprovação desenvolvida das minhas ideias e das minhas palavras — palavras e ideias que, agora, me voltam revestidas de uma autoridade imprevista e suprema!

Tomemos, por exemplo, essa fatal

frase da *Gazeta de Notícias*, em que eu ousei dizer que «a nossa dominação no Oriente fora um monumento de ignomínia». Ao princípio o seu furor foi grande, Chagas! Essa frase humilde, composta de quatro palavras, atacou-a você, fero e carniceiro, com um aparato de erudição suficiente para demolir os alicerces de uma obra em vinte volumes! A frase, porém, resistiu. Depois eu perdi-o de vista; você partira desvairado, dentro de uma nau, e andava gritando coisas patrióticas lá por longe, muito longe, pelo Indostão, por Ceilão, pelas praias das Molucas!

Agora, nesta penúltima carta, você aparece, à volta da viagem, mais circunspecto e mais grave: e, apertando-me enternecidamente a mão, confessa-me

«que a nossa dominação no Oriente fora, com efeito, um monumento de ignomínia!»

E você prova-o: prova-o com um prodigioso luxo de saber! Estende pelo *Atlântico* a baixo o façanhudo sudário das históricas torpezas: lá se vê o famoso D. Duarte de Meneses pirateando, lá se contempla o terrível Afonso de Albuquerque degolando o infeliz mouro de Ormuz! E a sua justiça, tardia mas implacável, vai agora por essa história fora arrancando a cada estátua o seu dourado fictício: Vasco da Gama, cujas cinzas você ajudou a transportar, numa grande apoteose cívica, é agora apenas, segundo você, um criminoso e um assassino. Esse D. Francisco de Almeida, causa de tanta prosápia, é, segundo você agora, um sinistro autor de bárbaras

carnificinas. A sua gráfica descrição da tomada de Dabul gelou-me o sangue. E, ao lê-lo, todos os nossos heróis do século XVI me aparecem como uma turba bestial de furiosos irresponsáveis, assolando terra e mar!

E exclama você ainda que as infâmias são tão numerosas, tão bastas, que com elas pôde encher dois grossos volumes! Dois grossos volumes passados a fazer uma carnificina crítica de todos os varões ilustres da pátria! *Dois grossos volumes!* Ah!, Chagas injusto, Chagas parcial! — e troveja você contra mim por eu ter composto *uma só frase*!

Mas acrescenta você que, se eu tivesse o menor bocadinho de crítica histórica (além das minhas duas corcundas de camelo), devia considerar

que estes homens, vivendo no século XVI, partilhavam da ferocidade do seu tempo. É cómico vê-lo argumentar comigo, como se eu, sobre o assunto, tivesse escrito um in-fólio! Nessa frase curta feita de quatro palavras como podia eu meter todos os desenvolvimentos críticos, científicos, filosóficos que você reclama? Ainda assim não dei a entender que as conquistas do Oriente se tivessem passado ontem à noite no beco venerável do Fala-Só, ou dentro da Arca, sob o olho paternal de Noé. Sim, amigo, foi no século XVI: e deixo mesmo passar sem discussão essa ideia nevoenta que você me parece ter da Renascença, considerando uma era bárbara o que na realidade foi todo um mundo de humanidade e de simpatia universal; como

não questiono essa comparação do saque de Roma, que não foi uma expedição como as nossas à Índia, organizada por um estado civilizado, mas uma feroz correria de mercenários, de demagogia militar, que nada tinha de comum com os exércitos imperiais de Carlos V, anarquia armada, semelhante à dos mercenários que atacaram Cartago, multidão de rapina que a fome impelia — onde Bourbon não era um chefe único, mas um rebelde a mais.

Estes, porém, não são os meus pontos. Aqui está o meu ponto: dei, numa linha, o resumo de uma época; e você, homem de erudição, acumulando factos sobre factos, prova que o meu resumo foi correto.

Parece, pois, que tendo você

concordado com os meus dizeres — resta apenas cairmos, com um grito de reconciliação, nos braços um do outro. Não! Porque você está ainda arrufado comigo. Porquê? Por eu ter ido beber as minhas informações à *História de Portugal* do Sr. Oliveira Martins — em lugar de as ter procurado, com sofreguidão, na sua *História de Portugal*, na *História de Portugal* de Pinheiro Chagas! Eu compreendo o furor de um historiador que tem *História* com a tabuleta e porta para a rua ao ver o freguês ir alegremente fornecer-se de ciência à *História* do vizinho e do rival: são momentos esses que bastam para depor numa alma de compilador ou de lojista insondáveis camadas de fel. E o público mesmo, o público sério,

constitucional e parlamentar, pode talvez estranhar que eu, tendo aqui a *História de Portugal* de Pinheiro Chagas, monumento decerto grandioso, de onde salta, por torneira de ouro, o puro e forte jorro da verdade, fosse beber à *História de Portugal* de Oliveira Martins, fonte feita de um tijolo entre duas ervas, de onde pinga espessamente a baba crassa do erro! O meu comportamento parece, com efeito, uma ofensa a todas as leis humanas — mas eu vou justificá-lo...

Meu caro Chagas, conhecendo bem as suas belas obras de teatro, de polémica, de poesia e de crítica — eu totalmente ignorava que você fosse um historiador e tivesse escrito uma *História de Portugal*. Sabia, decerto, que você publicava estudos, fragmentos, episódios,

constituindo uma interessante série de ensaios históricos; e a eles aludi quando procurei analisar a sua organização de brigadeiro.

Encontrara também nas *Notas sobre a Historiografia em Portugal*, de Oliveira Martins (sempre este homem fatal!), menção de «uma compilação que, sob o nome de *História de Portugal*, deu à luz uma Sociedade de Literatos (o Sr. Pinheiro Chagas)». E desta curiosa frase deduzi, como todo o mundo deduziria, que alguns literatos tinham compilado uma dessas histórias anedóticas e populares que publicam as bibliotecas recreativas, e que você fora encarregado pelo editor de planear, dirigir, rever essa compilação. Francamente, pensei isto: vejo que cometi um erro abominável. Você, com efeito,

escrevera uma verdadeira *História de Portugal* sob o numeroso pseudónimo de uma «Sociedade de Literatos», justamente como se pode publicar um poema sob este pseudónimo múltiplo: «As Onze Mil Virgens», ou uma opereta por «Uma Sociedade Filarmónica».

Agora que sei que esse trabalho existe e que deve ser (se você pôs nele a elevação e eloquência dos seus outros livros) uma obra forte, sólida e bela — irei lá aprender de ora em diante a amar melhor a minha pátria...

Há outro ponto em que também lhe agradeço ter concordado comigo: é acerca do *patriotismo*. No seu primeiro artigo você mostrou-se (como se tem mostrado desde o dia em que tão gloriosamente se estreou nas letras) partidário apaixonado

desse patriotismo que prega que a melhor maneira de atravessar o conflito da vida contemporânea — é ir contemplar o brilho das glórias passadas: patriotismo que entende que, para termos direito a um lugar respeitado entre as nações cultas, não precisamos literatura, nem ciência, nem arte, nem maneiras, nem bom senso, nem bom gosto — mas que basta dar uma envernizadela fresca nos velhos louros de Arzila e mostrar ao estrangeiro como eles ainda reluzem. Eu, então, modestamente (como compete a um camelo que deixa a sua caravana para vir agitar com homens, e entre homens, estas altas questões), lembrei-lhe, meu caro Chagas, que havia um patriotismo melhor, «o patriotismo ativo, que pensa, trabalha, cria, etc...» (vide *Atlântico)*.

E você pode bem imaginar o meu júbilo ao vê-lo correr agora para mim e — arrojando para longe as crenças de toda a sua vida como farrapos importunos — gritar-me, de braços abertos, que sim, que só há um patriotismo nobre e útil, o que pensa, trabalha e cria, etc., etc.!... E que o outro — aquele que você há quinze anos canta em folhetim canoro e canora estrofe — é um patriotismo oco, estéril e lamentável!

E tudo isto o diz você com uma exaltação de convertido, os cabelos ao vento, a pupila acesa — usando as minhas próprias frases!

Muito bem, Chagas, muito bem! Há só um pequeno incidente picaresco: é que você, nesse impaciente fervor de que são tomados os que abraçam uma fé nova,

esquecendo que é apenas neófito e julgando-se já messias — está pregando contra mim o sermão que eu antes de ontem preguei contra você. A carta que eu lhe escrevi, explicando-lhe a boa doutrina — remete-ma você a mim próprio como sua, requentada e com salsa fresca em redor, para parecer um acepipe novo. É o coríntio convertido escrevendo ao seu S. Paulo — a «Carta aos Coríntios!» E o mouro batizado, o cristão-novo, que no seu entusiasmo de *parvenu* da cartilha se volta a ensinar o padre -nosso ao prior que o converteu, exclamando, com os olhos em pranto: «Prior, quando deixarás tu de ser mouro?»

E com as minhas mesmas frases, pérfido!

E eu tinha-lhe dito ao ouvido:

«Meu Chagas, nada de declamações, é necessário trabalhar!» Você agora ergue-se em bicos de pés e berra: «Nada de declamações, amigo, é necessário trabalhar!»

Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,
E não a mim — autor do que escreveis!

Desculpe esta correria dentro dos domínios poéticos — mas o júbilo de o ver convertido desvaira-me!

Parece, pois, que, concordando tão intensamente sobre a noção do patriotismo e sobre o juízo que se deve formar do nosso império do Oriente, só nos resta cairmos nos braços um do outro, com um berro de reconciliação.

Você termina a sua carta pedindo-

me numa apóstrofe comovida — que não desdenhe tanto da minha pátria!

Deixe-me tranquilizar o seu coração sobressaltado: há coisas na minha pátria que eu amo profundamente e há homens na minha pátria que eu profundamente admiro. Somente creio que as nossas admirações — não são as mesmas. Você vive num mundo fictício, convencional, artificial, por que eu apenas me posso interessar como artista, seguindo-o com um olhar curioso e triste, nesse declive por onde ele vai rolando aos abismos: por outro lado, o mundo mais vivo e real, a que eu pertenço, vê-o apenas você através de um vago nevoeiro mental que lhe falseia a proporção e a verdadeira significação das coisas. De modo que não nos podemos jamais

entender...

Não, engano-me. Há um ponto em que nos entendemos lindamente, uma admiração em que estreitamente estamos de acordo! Ambos nós admiramos um homem, profundamente, prodigiosamente: e esse homem é você mesmo.

Com o que sou, caro Chagas, servidor e amigo

Eça de Queirós

Testamento de Mecenas

Esta carta de Inglaterra é datada de Portugal e tem por assunto o Brasil. Mas eu sou um homem de letras, um simples *fazedor de livros*, como dizia o rude filósofo Carlyle, e portanto, para mim, mais interessante do que a Irlanda coberta neste momento de forcas; mais interessante que a Exposição das Artes da Pesca, aberta agora em Londres, tão completa que se veem barcos japoneses pescando ao candeio nos riachos do parque de Kensington, como numa paisagem de leque, e tão minuciosa que as divinas trutas da Noruega são fritas por peixeiras vindas expressamente da Dalecárlia; mais interessante que os

esplendores sombrios e bárbaros da coroação do czar; mais interessante que os nomes feios que um certo fabricante de tapetes baratos nos chamou no parlamento inglês, esse rico e ruidoso clube onde se conversa, irresponsavelmente e de chapéu na cabeça, sobre todos os negócios do universo; mais interessante mesmo que essa rajada de paixão patriótica que atravessou Portugal e que nos levou a pedir à Europa, por meio de folhetos em verso, que se «aniquilasse a Inglaterra»; mais interessante que tudo, para mim, homem de livros — é o singular e brilhante testamento do comendador Peres Cardoso.

Foi em meados de abril que os jornais de Lisboa, num tom feito de assombro e de incredulidade, copiaram

dos jornais do Rio de Janeiro a notícia de ter morrido um comendador chamado Peres Cardoso, natural de Cinfães, deixando um testamento extraordinário, concebido quase todo em favor da literatura, com maços de apólices a distribuir entre poetas e romancistas, doações de livros, em lotes de cinquenta volumes, a todo o escritor que fizesse cortejo ao seu caixão, deixas de prédios para fundar jornais — a esplêndida despedida de um mecenas que atravessa da sua biblioteca para a sua sepultura arremessando punhados de ouro sobre a multidão de letras. E entre todas estas prodigalidades lá sobressaía uma, a mais tocante, a que me põe agora a pena na mão — os doze contos de réis, em apólices da Dívida Pública, deixados, não a seis

padres, nem mesmo a seis advogados, mas a seis simples fazedores de livros portugueses, João de Deus, Crespo, Junqueira, Camilo, Chagas e eu.

A impressão foi grande aqui, nesta terra, pouco acostumada a tais larguezas. Estes casos são frequentes lá fora. Em Inglaterra, o pomposo Macaulay, o bom Dickens receberam, em legados de dinheiro e de obras de arte, testemunhos repetidos do amor ou do orgulho que inspiravam aos seus concidadãos. Na Alemanha, não é raro que um banqueiro judeu de Berlim ou de Frankfurt deixe no seu testamento, por mero fausto, alguns centos de florins a um filósofo que anda arranjando uma nova explicação do universo, ou a um desses sábios como os amava Hoffmann, que passam quarenta

anos na trapeira de uma melancólica cidade universitária, ressequindo-se dentro de uma especialidade inverosímil — como aquele que escreveu doze grossos volumes sobre a «fisionomia das serpentes». A Holanda ainda há pouco deu, por subscrição pública, uma fortuna a esse subtil e amargo humorista que assina «Multatulli». Em França, os homens ricos dão toda a sorte de coisas boas aos homens grandes: Victor Hugo recebeu um dia, de um dos seus fanáticos, cinquenta pipas de rum da Jamaica: a Júlio Verne, esse encanto das crianças e dos convalescentes, foi agora doado um palácio em Itália dentro de um parque, verdadeiro paraíso de cardeal, com águas vivas cantando em bacias de mármore...

Em Portugal, porém, foi-se sempre

lamentavelmente mesquinho com os homens de letras. Mesmo quando a literatura vivia exclusivamente da generosidade da nobreza e era o luxo de toda a casa morgada ter, além do seu capelão privado, o seu vate doméstico — um espírito da ordem do Nicolau Tolentino o mais que granjeava, a troco de trabalhoso soneto ou cansativa ode, era algum resto de peru assado, sobejo frio da copa; e em ocasiões de munificência, dia de anos ou batizado, lá vinha então uma vara de briche para calções ou uma peça de sete mil e quinhentos réis, embrulhada num papel — e às vezes falsa. Mas desde que as brutalidades da democracia desarranjaram esta bela ordem de coisas e que nunca mais houve em Portugal um fidalgo que tivesse peru de sobejo —

nenhum escritor tornou jamais a receber, em metal ou comestíveis, o menor testemunho de simpatia literária dos seus compatriotas liberais...

E isto faz-me pensar como em Portugal as pessoas dos escritores inspiram pouca curiosidade e perturbam pouco as imaginações meridionais. Lá fora, em França, na Inglaterra, na Alemanha, mesmo sem contar os semideuses radiantes e irresistíveis, como Byron, como Lamartine, como Goethe, não há poeta que não tenha recebido um dia alguma dessas vagas e difusas cartas de amor, algum desses anónimos presentes de flores ou de almofadas bordada que revelam que existe algures uma doce criatura a quem o poeta parece tão poético como os seus poemas, e que está

desejando sentir bater o mais perto possível do seu coração, à distância de um corpete de vestido, de um chambre, ou ainda de menos, o coração eloquente e cálido donde brotou tanta paixão bem rimada... Em Portugal, não consta das indiscrições pessoais, nem dos anais literários, que jamais isto sucedesse — nem mesmo àqueles que foram, por profissão ou temperamento, *poetas de sentimento.*

Os volumezinhos de João de Lemos, de Soares de Passos, estiveram anos sem conta em todos os cestos de costura: e essas composições poéticas, tão doloridas e libidinosas, que eles intitulavam *A Ti! A Ela!*, fizeram suspirar e cismar sobre os seus bordados, ou sobre os seus tachos de doce, duas gerações de

senhoras... Poucas eram então as *soirées* de terra pequena em que lindos olhos negros se não humedecessem quando um bacharel se erguia, depois do chá, e, com o lenço branco na mão, dizia às senhoras o *Noivado do Sepulcro*, os dois amorosos esqueletos enganchados um no outro, ou então esse famoso *Adeus*, que foi nestes reinos, durante vinte anos, a expressão oficial, e a única garantida pela Academia, das dores da separação e das torturas da ausência. E a quantas janelas de província, por noites claras de estio, não se veio apoiar um vulto, de xaile pelos ombros e os cabelos já dentro da rede, murmurando a *Lua de Londres*, enquanto por baixo o quintal dormia e o relógio da casa da Câmara ia batendo tristemente as dez! Pois, que se saiba,

nenhum destes poetas, nem dos outros que têm sido entre nós os fornecedores seletos da sentimentalidade da província, teve jamais a alegria de receber qualquer prova anónima de simpatia inspirada — uma farta lampreia de ovos ou um par de suspensórios bordados a missanga. E, todavia, quem como eles falou de amor e de beijos, de delírios, de corpos enlaçados, de virgens que lhes caíam aos pés, de corações patrícios sangrando por entre as cordas das suas liras? Com todo este tremendo reclamo feito aos seus encantos pessoais e ao seu extraordinário vigor amoroso, nunca houve em toda essa província uma exaltada, uma idealista, uma esposa de boticário, que lhes oferecesse, pelo correio, «um coração que ainda não bateu senão por vossa

excelência...»

Humilhante indiferença para a literatura portuguesa! Alfred de Musset encontrava, quase todas as manhãs, sobre a mesa do almoço, um bilhete aromatizado, cuja letra assustada e tremida revelava bem que a mão que a traçara estava ainda nervosa de ter tocado as páginas ardentes de *Namouna* ou de *Rolla*. As madeixas de cabelos anónimas, remetidas a Balzac pelas suas admiradoras que julgavam reconhecer-se na *Mulher de Trinta Anos*, no *Lírio do Vale* ou na duquesa de Maufrigneuse, foram em tal número que o autor do *Père Goriot* pôde encher com elas esses extraordinário tubo de vidro que lhe servia de bengala — e que não passava, na realidade, de um chouriço de provas de

afeto. Estes poetas, aqui, não recebem nada! É como se as nossas concidadãs lhes considerassem os poemas como obras impessoais — coisas mandadas fazer numa fábrica, pelo Governo, para uso da melancolia nacional!...

Os únicos escritores portugueses que receberam anonimamente alguma coisa, por meio do correio, fomos nós, Ramalho Ortigão e eu, quando redigíamos ambos *As Farpas*: recebíamos então regularmente do Brasil — promessas de bordoada.

Foi por isso larga e ruidosa a sensação — quando nos chegou a nova tocante desse testamento, em que seis escritores portugueses eram publicamente coroados com apólices da Dívida Pública. A imprensa, um momento

surpreendida, impressionou-se, aqueceu e fez uma ovação ao comendador Peres Cardoso; este defunto obscuro saboreou assim, durante semanas, a popularidade de um herói vivo. Às portas das tabacarias (onde Lisboa faz sobre os seus bocados de impressões os seus bocados de frases) o testamento do comendador era mais discutido que a questão do Zaire, como se sentisse, enfim, que o que se prende com a nossa literatura interessa mais a nossa nacionalidade do que a posse ou a perda dessas estúpidas terras negras, que só nos dão humilhações e febres... Nas salas, as senhoras interessavam-se por este homem: achava-se que ele tinha feito alguma coisa de brilhante e de chique: e desejava-se saber a sua idade, a sua figura, os seus gostos e

o romance da sua vida. Não houve então brasileiro residente em Lisboa que não fosse detido duas e três vezes no seu caminho, com a mesma pergunta, no mesmo sorriso: «Quem é o comendador Peres Cardoso? Que sabe você do Peres Cardoso?...» Este estremecimento de simpatia ondulou até para além da fronteira: os jornais espanhóis falaram do comendador, chamando-lhe «um nobre fidalgo» e tratando-o de mecenas... Era, enfim, um enternecimento, um vasto reconhecimento público — como se o país tivesse pela primeira vez recebido uma afirmação positiva, explícita e visível da sua superioridade intelectual.

Ama Lisboa os seus homens de letras? Não direi que os ame. Mas, há tempos para cá, Lisboa — vendo nas suas

ruas os trâmueis americanos, e os jornais franceses apregoados à porta dos seus teatros, e fotografias de cocotes nas vitrinas das suas lojas — imaginou que isto era a civilização, e passou a considerar-se a si mesma cidade civilizada. Desde então Lisboa corrigiu-se cuidadosamente de alguns defeitos selvagens, lavou-se, apurou-se, e, para manter a sua linha de Capital culta e chique, impôs-se a si mesma certos hábitos e constrangeu-se a certas poses. Lisboa já põe casaca à noite; anda-se arruinando com um bulevar; finge entender de bricabraque; já vai às corridas e já aposta com coragem a sua placa de cinco tostões — e Lisboa, enfim, já não despreza os seus homens de letras. Aqui há vinte anos, quando se dizia de um

desgraçado «que ele era um literato» — tinha-se dito dele tudo quanto a imaginação burguesa podia conceber de mais humilhante e de mais esmagador. Hoje, se o mesmo sujeito passa na rua, Lisboa (já civilizada, mas encostada ainda às esquinas) observa-o com simpatia e diz com respeito: «É um rapaz de muito talento.» Nós agora, aqui em Lisboa, temos todos muito talento!

Enfim, Lisboa ainda se não elevou decerto à compreensão de que uma literatura é a melhor justificação de uma nacionalidade — e muitos anos passarão antes que ela acredite que são os homens de letras que dão, a um país, a sua posição e o seu valor na civilização; que um soneto pode salvar uma nação do esquecimento e que, se ainda hoje se fala

tanto de Roma, é isso devido às odes de um sujeito que no seu tempo não foi nem senador, nem banqueiro, mas um simples *bon vivant*, e que se chamava Horácio. Mas é certo que Lisboa já vai considerando os seus literatos como um luxo que se deve ter, alguma coisa de decorativo que fica bem dentro de uma cidade, o. quer que seja de brilhante que destaca da melancólica rotina das democracias. O seu sentimento pelos homens de letras é o de um burguês pelos belos móveis de cetim da sua sala rica: gosta deles, usa-os pouco e estima, sobretudo, que os outros lhos gabem. E assim se explica o rumor de simpatia que se elevou, ondulou, em torno do testamento do comendador Peres Cardoso. O público viu nele mais do que um frio

papel selado, contendo as últimas vontades de um proprietário generoso. Viu nele um verdadeiro artigo de crítica, um original artigo de crítica em ação sobre a literatura portuguesa, feito por um homem de gosto à hora da sua morte. Somente os escritores, ali, não eram julgados por meio de frases.

O comendador Peres Cardoso não era um Taine, nem um Sainte-Beuve. Era antes um manejador de fundos públicos. Para ele, nem a frase nem talvez mesmo a ideia constituíam a coisa bela e suprema em que se pode ocupar uma vida de homem: para ele essa coisa suprema e bela estava no papel de crédito donde se tira um juro. Por isso, quando, na sua revista através das letras portuguesas, ele encontrava um poeta ou um romancista

que o satisfizesse, não lhe marcava o valor por meio de uma dessas frases, joias de subtileza, que deixam em torno do artista e da sua obra uma vaga claridade de auréola. A sua aprovação tomava uma outra forma rude e sincera: abria a gaveta e depositava sobre a obra de arte, e com endosso ao artista, duas apólices da Dívida Pública. Assim considerada, a apólice vale bem uma coroa, feita de velhas flores de retórica: e, positivamente, eu não julgo esta maneira de fazer crítica inferior à de Sainte-Beuve e à de Taine!

A Inglaterra e a França Julgadas por um Inglês

Há dias encontrei sobre a minha mesa, enchendo com desordenadas garatujas três folhas de papel *Whatman*, uma carta em que o meu cão *D. José* conta as suas impressões de França à minha gata *Pussy*.

D. José é um cão inglês, gordo, sisudo, conservador, que, agora, pela primeira vez saiu de Inglaterra comigo e veio descansar de um rude inverno saxónio nestes ares suaves, tépidos, quase latinos, do país de Anju. *Pussy* é uma gata inglesa, cor de manteiga, que ficou em Inglaterra, caseiramente, a dormir ao

canto do fogão.

D. José pertence a essa raça de cães, ilustre e histórica, que os Ingleses chamam *pug*e os Franceses *carlin*. Italiano de origem, introduzido em França pelo cardeal Mazarino, o *carlin* tornou-se, desde o século XVII, o cão favorito da monarquia, como o galgo tinha sido o cão fiel do feudalismo. É, com efeito, no fim da Fronda, depois desse derradeiro esforço do espírito feudal, que o *carlin* mete pela primeira vez o focinho na história. A turbulência aventurosa dos galgos fazia-os incompatíveis com uma aristocracia pacificada e policiada, em que já também não havia lugar para a galanteria heroica das Longueville, das Chevreuse, das Chatillon — essas damas sediciosas e sentimentais que alternavam

as preguiças do amor com a fadiga das campanhas e, ainda amarrotadas da *chaise longue*, iam com chapéus de plumas e cercadas de galgos guerrerear, na Picardia, Turenne ou Monsieur le Prince. O *carlin* pesado, obeso, pacato, cerimonioso, era realmente o cão que convinha agora à França centralizada e unificada sob a autoridade real. Por isso ele é essencialmente o cão de Luís XIV e de Versalhes — tão caraterístico do Grande Século como as cabeleiras de cachos, a tragédia clássica e a aparatosa simetria dos jardins de Le Nôtre. À maneira que Luís XIV envelhece, que vai absorvendo todo o Estado dentro da sua própria majestade, de sorte que já se não vê a França e vê-se apenas o rei — a importância do *carlin* cresce

paralelamente. Ele chega a tomar parte nos conselhos de Estado, tão nutrido que se não pode mover do coxim, entre Luís XIV, já cheio de rugas, já com a fístula, mortalmente enfadonho, e Madame de Maintenon, hipocondríaca, coberta de negro, com o seu livro de rezas na mão. Da residência em Versalhes o *carlin* conserva a nobreza das belas maneiras, as atitudes de gala, a majestade do focinho, e esse modo de olhar, com a pele franzida, em que se sente o orgulho dos Bourbons e do direito divino. O seu mesmo estilo de ladrar tem um ritmo pomposo que se não ouve nos outros cães; não direi que seja tão suave como os versos de Racine; mas percebe-se que esta raça ouviu pregar Bossuet. Durante o reinado de Luís XV, o *carlin* permanece cão da corte e da Casa

de França. Nas gravuras do tempo, nos retratos, nas paisagens de leque, não se vê nenhuma graciosa dama de anquinhas sem ter, como o contraste pitoresco da sua graciosidade, um pajem negro e um *carlin* gordo. A grande glória, todavia, do *carlin* do século XVIII foi ter sido adotado pela filosofia e pelas letras. Havia *carlin* no salão erudito de Madame du Deffand. Diderot tinha um *carlin*. E, atendendo à influência que o cão exerce sobre o homem, pode-se dizer que o *carlin* não é alheio à *Enciclopédia*. Foi então que a Inglaterra recebeu da França o *carlin*, como já recebera outras formas do gosto, a polidez, o corte dos casacos, a correção da prosa, a ligeireza moral, os bailados e a eloquência sacra.

Mas é só verdadeiramente durante

a Revolução que o *carlin* se estabelece em Inglaterra. Depois da tomada da Bastilha, ele atravessa o canal da Mancha com a aristocracia emigrada; e tendo encontrado enfim uma terra em que o povo se não considera feito do mesmo osso que a nobreza e acha até excelente que rasteje no enxurro, enquanto os lordes beberricam nas nuvens — o *carlin* torna-se o *pug*, faz da Inglaterra a sua pátria e fixa-se confortavelmente, e para sempre, na paz luxuosa dos castelos, ao abrigo da democracia e da *blague*.

Foi assim que o *carlin* desapareceu da França. Hoje constitui uma antiqualha. Se por acaso ainda se encontra, é nalguma silenciosa rua de vila dormente de província, seguindo tropegamente uma velha marquesa de

caracóis brancos, que, encolhida no seu mantelete de franjas e cosida com os muros tristes dos conventos desertos, se vai arrastando para o lausperene...

O *pug* é hoje, pois, um cão exclusivamente inglês, desprendido da sua pátria francesa, podendo simpatizar com ela ou detestá-la segundo uma impressão pessoal, sem que na sua clara razão atuem ou influências de origem ou recordações sentimentais. Para o *pug*, o Francês não passa de um estrangeiro: e, seguindo os hábitos da nação que o perfilhou, ordinariamente ladra-lhe. Por isso esta carta de *D. José* me parece um documento sincero e instrutivo. E aqui a transcrevo, com as suas incorreções, os bruscos resumos, as generalizações excessivas, em que se sente o animal que pensa por

grosso, sem as nossas distinções esmiuçadoras, a delicadeza crítica das nossas meias-tintas.

Pussy amiga: aproveito a ocasião em que o nosso amo foi à biblioteca, lugar de sabedoria e de solidão, onde eu não sou admitido, para te escrever o que penso desta terra de França, como to prometi ao deixar a Inglaterra, naquela manhã em que fazia um nevoeiro tão triste... Aqui não há nevoeiro — e é esta a primeira superioridade da França sobre a nossa pátria gloriosa e fusca. Sob este céu desanuviado, as nebrinas do espírito dissipam-se também. Aí as ideias (e as minhas não são difíceis) apareciam-me

sempre tão vagas e indeterminadas como os nossos edifícios de tijolo através da névoa húmida: aqui tenho as ideias tão nítidas como estas casas caiadas que se recortam, com precisão e relevo, sobre o céu azul-ferrete. De manhã, no pátio do hotel, entre as plantas em flor, quando me estiro ao sol, com todo este azul por cima e a carícia macia do ar a correr-me pelo lombo — pensar torna-se para mim um prazer delicado.

Esta mesma influência do céu doce tem-me tirado a hipocondria; já não sinto, como em Inglaterra, o atormentado desejo de uivar; antes me apetece agora um ladrar ligeiro e cantante, que é como a expressão

triunfal da alegria de viver. É este céu temperado que dá aos Franceses as maneiras suaves. Entre nós a bruma regelada atua sobre os carateres como sobre a pele: greta-os, torna-os ásperos ao contacto. Aí, quando nos encontramos, grunhimos torvamente; aqui, lambemo-nos. Nada facilita mais uma civilização que um bom clima. Ainda ontem o dizia um inglês gordo que está aqui no nosso hotel e que manda correspondências para o *Times* sobre política e sobre moral, com a assinatura de "Um Amigo da Imparcialidade", ainda ontem ele dizia com aquela profundidade que o carateriza: "Sempre que o homem está ao sol e que este não incomoda,

experimenta, tanto moralmente como fisicamente, uma satisfação maior do que quando está à chuva.”

A primeira impressão que me deu a França, *Pussy*, foi de uma adorável variedade, proveniente talvez da democracia. Tomo, por exemplo, as fisionomias de cães. Em Inglaterra, nós estamos divididos em cinco ou seis raças isoladas umas das outras como castas na Índia, sem convivermos, sem nos cruzarmos, inconciliáveis e quase hostis. O resultado é que em cada classe o tipo inicial reproduz-se em todos os seus indivíduos, fielmente, fotograficamente, com uma monotonia intolerável. És tu capaz de distinguir um cão *fox-terrier* dos

outros oito mil ou dez mil *fox-terriers* que honram a nossa pátria? Não. Todos são brancos como este papel, macios como casimira, do mesmo tamanho, com o mesmo toco de rabo curto e direito, uma malha castanha no focinho, o ar ligeiro, honesto e temo. Parecem cunhados pelo mesmo molde, como as libras: e o homem que perde o seu cão, não o pode distinguir mais do cão do seu inimigo.

Por outro lado também, como em Inglaterra todos os homens da mesma classe têm o mesmo feitio e cor de suíça, ç usam exatamente o mesmo casaco, e trazem na botoeira a mesma flor, e calçam luvas da mesma cor, e caminham com a

mesma elasticidade de passo, e falam com o mesmo timbre de voz, e saúdam do mesmo modo brusco — se um cão perde o seu dono não o pode diferençar da multidão uniforme. Dirás tu que o deve conhecer pelo cheiro. Difícil, *Pussy*, muito difícil! Todos os homens em Inglaterra têm o mesmo cheiro, que é composto de sabão *Windsor*, tabaco *Maryland*, água-de-colónia e carvão. Dirás tu ainda que um cão pode interrogar seu amo e diferençá-lo pelas opiniões: não porque todos os ingleses têm as mesmas opiniões e exprimem-se pelas mesmas frases. A posição de um cão neste caso é estonteadora; e é por isso que temos muitas vezes pensado em pôr

coleiras a nossos amos.

O mesmo sucede com as casas. Como pode um pobre cão, que não sabe ler números, distinguir a habitação de seu amo nesses longos quarteirões de tijolo, sem fisionomia e sem individualidade, em que todas as fachadas têm a mesma porta pintada de preto, o mesmo transparente meio erguido na mesma janela e, por trás da mesma vidraça, o mesmo vaso branco com o mesmo gerânio triste? Dirás tu, *Pussy* engenhosa, que é fácil penetrar pela porta entreaberta e reconhecer a casa pela mobília: não, porque todas têm a mesma cadeira coberta de bezerro ao canto do fogão, o mesmo espelho na parede forrada do mesmo papel e,

nos mesmos caixilhos floridos, as mesmas gravuras enternecedoras. O grande horror da nossa pátria é a *mesmice*. Ora, como diz o “Amigo da Imparcialidade” com aquela elevação de ideias que o torna tão venerável — “quando as coisas se parecem absolutamente umas com as outras, começa a deixar de haver variedade”.

Aqui, neste país que me custa a entender — e onde os marqueses são socialistas da subdivisão anarquista e a restauração do direito divino é reclamada por boémios sem botas da Taverna do Gato Negro —, as raças diferentes de cães, cruzando-se, têm produzido uma deliciosa infinidade de tipos. Que

fantasia, que imprevisto, que originalidade, que pelo, que focinhos, nesta malta de cães nascidos da mistura de sangues diversos e da baralhada de temperamentos contraditórios! Só queria que visses um amigo que tenho aqui no hotel. O seu nome clássico é *Príamo:* muito velho, muito pequeno, tem uma obesidade de cónego, padece de reumatismo, resmunga e geme, entrega-se à devassidão e gosta de cerveja: quando se move é a rebolar-se, com o aspeto toucinhento de um porquinho-da-Índia: mas ordinariamente, sobretudo depois da cerveja, está sentado de costas contra uma porta, com a barriga ao

léu, o olho choroso, um bocado de língua vermelha pendendo-lhe do focinho, imagem estupenda de um silenozinho borracho!...

E as cadelas, *Pussy!* Ai, as cadelas... Que graça, que gosto, que finura, que ar leve e vibrante, que tom irresistível de ladrar, que *pshutt* no farejar! *Pussy*, se não fosse a respeitabilidade que me dá a nutrição e o resguardo que deve ter um cão da minha tradição histórica — eu fazia tolices. E as senhoras têm os mesmos encantos. Acho-lhes um sentimento mais pronto que o das nossas inglesas cor de ouro e de marfim, e de uma expressão mais agradável. Uma dama inglesa, se me encontra com meu amo, diz-me,

como lhe diz a ele e como diria a Jesus se O cruzasse na rua: “Good morning, Sir!” Aqui as francesas que me veem caem de joelhos, com o coração e os olhos em alvo, beijam-me todo o focinho, gritam num êxtase: “Oh, le beau toutou! Oh, le beau chéri! Oh, qu’il est beau!” Talvez as outras, com o seu seco e correto *good morning*, sejam mais sinceras e mais profundas do que estas com os seus *toutous* e os seus *chéris*. Não importa: para mim vale mais uma beijoca, que eu gozo logo no focinho, do que uma grave simpatia de alma que fica escondida dentro das varas do colete. Como diz o sapientíssimo “Amigo da Imparcialidade”, numa daquelas

admiráveis máximas que lembram os Platões e os Aurélios — “as coisas que estão à vista, consideradas em relação às coisas que estão ocultas, têm, tanto para o indivíduo como para a sociedade, a vantagem de se poderem ver!”

Nós em Inglaterra afirmamos, com a Bíblia apertada contra o coração e a garrafa de gim escondida debaixo da mesa, que a moralidade dos nossos costumes é superior à de todas as nações do universo. Tu sabes, *Pussy*, como esta pudica afetação nos parece divertida, a nós, cães e gatos, testemunhas permanentes da vida íntima, diante de quem os seres racionais, no seu imbecil orgulho e supondo que

somos mudos, não se dão ao incómodo de ter recato... A Inglaterra é uma pocilga de devassidão. A França é um salão de libertinagem. Pocilga, salão — a diferença está aqui. O pecado, entre estes amáveis franceses, é amável também; doura-o um estouvamento moço; tem no fundo uma ponta de sentimento ou de sensibilidade; e no beijo mais superficial há sempre bastante emoção para, sendo necessário, fazer uma lágrima. Em Inglaterra o pecado é bruto e cheira a aguardente.

Nós dizemos também em Inglaterra que os Franceses, cão e homem, tendem a vadiar, não apreciam o encanto do lar como ele se aprecia aí em Inglaterra, e não têm

como aí a veneração das coisas domésticas. De todos os nossos alardes, *Pussy*, é este decerto o mais desfaçadamente impudente. Tu sabes, *Pussy*, como aí os nossos amos, apenas se acende o gás, largam tão direitos <e tão lépidos para o clube — como estes aqui para o botequim. Somente em Inglaterra todo o ser racional, com calças, tem um clube, frequenta um clube, que o retém, pelo baralho e pela bebida, longe do lar doméstico: e aqui os que vão à noite para esses lugares forrados de espelhos onde se joga um sereno dominó e se filosofa amenamente são em geral celibatários e boémios — os mesmos que aí vão sorumbaticamente para uma taverna

sem espelhos emborcar copos de conhaque. Há decerto, entre nós, sujeitos que, de vez em quando, passam a noite em chinelos ao canto do seu fogão: mas tornam eles por acaso, com a sua presença, a sala mais animada e mais alegre o serão da família? Nós sabemos, *Pussy*, como se passam essas horas sombrias, em que o tédio escorre das paredes, penetra pela frincha das portas, acumula-se nas pregas das cortinas... O cavalheiro, de cachimbo nos dentes, lê soturnamente o jornal, tendo ao lado o copo de conhaque; *madame*, de touca e broche de ouro, tendo ao lado o copo de conhaque, lê desenxabidamente o magazine. De vez em quando pousam o papel e

ralham; e se sucede viverem numa harmonia bem remendada deixam cair a prosa e dormitam. Os filhos, se são pequenos, vivem desterrados lá em cima, na *nursery*, com a criada; o papá tem apenas a respeito deles a vaga ideia de que estão vivos e continuam a consumir a sua copiosa ração de pão com manteiga. Se os filhos são crescidos, estão nas colónias ou no bairro vizinho, mas sempre fora de casa e sem relações, nem por visita nem por carta, com o lar de origem. Se são prósperos e ricos, o pai tira-lhes o chapéu, ou fala às vezes deles às senhoras; se falharam na vida, passam a-ser para o seu progenitor como velhas caixas de sardinhas de Nantes vazias,

destinadas ao lixo social. Por seu lado, os filhos, se se não separam da lareira paterna, consideram negligentemente o pai como um mero dono de hotel, e nem “pai” lhe chamam, chamam-lhe *governor*, o governador; a mãe, essa, é boa para tratar da roupa branca, e é denominada *the old woman*, a velhota; e ordinariamente estas pessoas sentam-se à mesa, em volta do bule do chá, para dizerem uns aos outros coisas desagradáveis... No entanto, que está lendo a dama no seu magazine? Que só em Inglaterra existe o sentimento doméstico e que só aí o lar é doce e unido! Ora nisto é que nós somos admiráveis — no reclamo. Atribuímo-nos

majestosamente todas as virtudes, negamo-las aos outros com amargor, e esperamos que o mundo nos incense na nossa perfeição. E o mundo, ingenuamente, credulamente, incensa. Quando uma nação afirma, com energia de ferro e uma voz de trovão, que é grande — ela passa imediatamente a ser grande. As outras não têm tempo de ir lá verificar e, como diz o "Amigo da Imparcialidade", com o seu habitual esplendor de pensamento — "nunca se pode afirmar com certeza que uma proposição é falsa enquanto se não sabe com evidência que ela é contrária à verdade".

Outra coisa que me espanta aqui é o sentimento de igualdade.

Ainda ontem vi um esbelto galgo, da mais velha nobreza da Normandia, com avós citados nas crónicas de Froissart, correndo e brincando com um canzarrão proletário, de pelo rude, pertencente às últimas camadas caninas, socialista talvez. Em Inglaterra, um cão da Câmara dos Lordes preferiria cortar o seu rabo a ser visto conversar com um cão da plebe, fosse ele tão honesto como Catão, ou sólido no trabalho como uma máquina. E o que me surpreendeu é que o proletário estava inteiramente à vontade, sem timidez e sem servilismo, falando ao galgo como a um igual, certo de que Deus os fizera a ambos cães e com idênticos direitos aos ossos deste

mundo! Em Inglaterra, o cão plebeu perderia a voz de comoção, ou se arrojaria a lamber com idolatria as patas do galgo lorde — se um galgo da aristocracia, por uma aberração mórbida, ou num momento faceto de embriaguez, ou para ganhar uma aposta excêntrica, viesse um instante fraternizar na rua com um cão da ralé. Ora se a civilização não significa igualdade — então não significa nada. Nós, os Ingleses, somos um povo de livres que é ao mesmo tempo um povo de sevandijas.

E todavia, como diz o nosso compatriota, o erudito “Amigo da Imparcialidade”, com aquela sagacidade de vistas que lhe há de

obter o hábito de Sant'Iago — "é melhor que o homem não se abaixe porque tem então, segundo as leis da Natureza, uma grande probabilidade de se conservar direito".

Passando incidentalmente a outro formoso lado da civilização francesa, deixa-me falar-te, *Pussy*, da cozinha. Que cozinheiros estes filhos da Gália! E como, ao pé destes requintes e destes molhos, nós somos ainda o silvestre bretão, coberto de peles de feras, que no fundo lôbrego da sua caverna abocanhava pedaços sangrentos de carne mal assada, antes de S. Patrício ter aportado a estas ilhas com a sua cruz na mão a contar-nos as coisas tristes que se tinham passado em Jerusalém!... Tu

sabes que eu gosto sempre de comer, com a minha sopa, uma cenoura. Em Inglaterra dão-ma invariavelmente dura, meio crua, sem sabor e lívida: aqui é tenra, é doce, é perfumada e é de um lindo tom vermelho... E apenas uma cenoura: mas, neste pouco, meu Jesus, quanta graça e quanta perfeição!

Dirás tu, *Pussy*, que em compensação nós possuímos o império das Índias. De acordo. Mas eu uso a cenoura por causa dos meus incómodos intestinais de cão gordo: e a cenoura bem cozinhada dá-me alívio — que de modo nenhum me dá a certeza, aliás lisonjeira, de que sua majestade a rainha Vitória, a quem os anjos sorriam, é imperatriz das

Índias. E se houvesse um criado tão impudentemente patriótico que, ao servir-me em Inglaterra a costumada cenoura rija e pálida, me recordasse, como consolação e compensação, o nosso domínio nas Índias — eu mordia-lhe.

De resto, *Pussy*, eu sou inglês: sei que à Inglaterra pertence o governo dos continentes; sei que o seu lugar na civilização é o mais vasto e o mais nobre. Não é uma cenoura mal cozida que me esconde a grandeza moral da pátria. E sou da opinião do profundo "Amigo da Imparcialidade", que diz com a sua usual vastidão de ideias, na sua frase tão tersa: "Suprimi a Inglaterra da face do globo, e imediatamente

vereis, com surpresa e com dor, que a superfície do globo tem uma nacionalidade a menos.”

Muito justo, mas...

Aqui, sentindo-me voltar da biblioteca, *D. José* interrompeu a sua carta. Eu não concordo com algumas das suas opiniões, excessivamente genéricas. Todavia estas mesmas generalizações, abrangendo tudo numa só cacheirada, são carateristicamente inglesas. Ainda ontem eu lia numa revista de Londres, a *Modern Society*, o estudo de um autor estimado sobre as «mulheres francesas». E logo na primeira página esse crítico, que tem a cabeleira entremeada de louros, surpreendeu-me singularmente, dizendo-me — «que as francesas *são todas*

pequeninas, de cabelo muito negro e áspero como clinas, com uma cor de pele esverdinhada e escura, o ar oleoso, e um buço tão forte no lábio superior que é quase um bigode!» É evidente que este escritor se enganou. Ao compor laboriosamente o seu artigo, baseado no *Dicionário de Geografia Universal*, tomou da estante, por equívoco, o tomo sobre Marrocos em lugar de tirar o volume sobre a França, e, querendo descrever as francesas de Paris, descreveu as marroquinas de Fez. Enganos destes são fáceis; e não obstam a que um autor continue a ser aclamado pelos seus concidadãos...

Assim também, há dias, o mais esclarecido jornal de Londres, o *Dail News*, dizia num ponderoso artigo de

fundo, a propósito da guerra no Tonquim — «que Paris não é em coisa alguma superior a Pequim». É claro que este jornalista estava embriagado. Acasos destes podem suceder: marcha-se num dia frio para a redação, entra-se num confortável café, carrega-se um pouco no conhaque, sai-se pesadote e confuso; e Pequim e Paris, dançando uma sarabanda alegre no crânio do crítico, aparecem-lhe, através das fantasmagorias do álcool, ambos ornados de rabicho. Ocorrência explicável — e que não impede que um jornal continue a banhar largamente de luz o intelecto dos seus assinantes...

Somente, não vos parece, amigos, que já no caso do equívoco com o dicionário, já no outro mais lastimoso da embriaguez, esta prontidão em generalizar

tudo denota uma tendência condenável no espírito inglês e na imprensa inglesa, essa lâmpada condutora da Terra? Pois então «todas» as damas, mesmo que seja em Marrocos, com bigode? Não haverá sequer, na sombra lânguida dos haréns do xerife, uma mais favorecida por Maomet, que tenha o doce lábio limpo de pelo? E Paris «coisa nenhuma» superior a Pequim? Eh, senhores!, pois nem a Avenida da Ópera será pouco melhor que a famosa Rua da Chua, a principal de Pequim, onde os mendigos nus roem ossos no enxurro e às esquinas pendem gaiolas de vime, com as cabeças dos decapitados a gotejar sangue? Pois nem ao menos Renan e o velho Hugo, e Pasteur, e Vacherot, e Taine serão mais interessantes que esses sábios mandarins que recebem

o botão de cristal de sabedoria desde o momento em que são aprovados em gramática?...

Evidentemente, estas generalizações são desconsoladoras. E elas são a maneira usual de julgar na imprensa inglesa, nos livros de viagem ingleses e numa conversa inglesa.

Por isso as desculpo em *D. José*. Nele, de resto, não há o traço grosseiro e brutal. *D. José*, de todos os escritores ingleses, parece-me o mais moderado. E esta moderação torna-se até estreiteza, retrai-se em acanhamento — quando tem de escolher adjetivos para designar o «Amigo da Imparcialidade». Chama-lhe o «sapientíssimo», o «eruditíssimo», o «ilustre», o «profundo»... Aceitáveis adjetivos quando se fale de Aristóteles ou

de Buffon; mas, quando se trata deste assombroso colaborador do *Times*, de todo o ponto mesquinhos e insuficientes.

A Propósito do Mandarim (Carta que Deveria ter sido um Prefácio)

Senhor Redator da *Revue Universelle*:

Pretende o senhor dar aos leitores da *Revue Universelle* uma ideia do movimento literário contemporâneo em Portugal, e deu-me a honra de escolher *O Mandarim*, um conto fantasista e fantástico, onde se vê ainda, como nos bons velhos tempos, aparecer o Diabo, embora de sobrecasaca, e onde ainda há fantasmas, embora com muito boas intenções psicológicas. Tem aqui, senhor,

uma obra bem modesta é que se afasta consideravelmente da corrente moderna da nossa literatura, tornada, nestes últimos anos, analista e experimental; todavia, precisamente porque esta obra pertence ao sonho e não à realidade, porque é inventada e não observada, carateriza fielmente, parece-me, a tendência mais natural, a mais espontânea do espírito português.

Porque, embora hoje toda a nossa juventude literária, e até alguns dos antepassados fugidos do romantismo, se aplique pacientemente a estudar a Natureza, e faça esforços constantes para meter nos livros a maior porção de realidade viva — permanecemos aqui, neste canto soalheiro do mundo, muito idealistas no fundo e muito líricos.

Gostamos apaixonadamente, senhor, de envolver tudo em azul; uma frase bela agradar-nos-á sempre mais do que uma noção exata; a fabulosa Melusina, devoradora de corações de homens, encantará sempre muito mais as nossas imaginações incorrigíveis do que a muito humana Madame Marnesse; e consideraremos sempre a fantasia e a eloquência como os dois sinais, e os únicos verdadeiros, do homem superior. Se, por acaso, Stendhal se lesse em Portugal, nunca se poderia saboreá-lo: o que nele é exatidão, considerá-lo-íamos nós esterilidade. Ideias justas, expressas numa forma sóbria, já não nos interessam: o que nos encanta são emoções excessivas traduzidas num grande fausto plástico de linguagem.

Espíritos assim formados devem sentir-se necessariamente afastados de tudo quanto seja realidade, análise, experimentação, certeza objetiva. O que os atrai é a fantasia, sob todas as suas formas, desde a canção até à caricatura; também, em arte, temos produzido sobretudo líricos e satíricos. Ou ficamos de olhos erguidos para as estrelas, deixando subir vagamente o murmúrio dos nossos corações; ou, se deixamos cair um olhar sobre o mundo circundante, é para rir dele com amargura. Somos homens de emoção, não de raciocínio.

Sabemos cantar, por vezes escarnecer, nunca explicar. Eis porque não há crítica em Portugal. Também o romance e o drama, até estes últimos tempos, não passavam de obras de poesia

e de eloquência, às vezes argumentações filosóficas, outras vezes elegias sentimentais; A ação era aí concebida fora de qualquer verdade social e humana. As personagens eram anjos que ocultavam as asas debaixo das sobrecasacas, ou então monstros simbólicos, talhados segundo o velho padrão de Satã: nunca homens. Um estilo rico e metafórico cobria tudo isto com flores e penachos. Os autores dramáticos, os romancistas, ao criarem os seus episódios, apenas tinham de abandonar-se a esta espécie de embriaguez extática que faz cantar os rouxinóis nas nossas belas noites de lua cheia: logo de seguida o público embevecia-se. Avaliava-se então uma peça de teatro pelo esplendor da retórica.

Isto não podia continuar,

sobretudo após a evolução naturalista ter triunfado em França e a direção das ideias, em matéria de arte, parecer dever ficar nas mãos da ciência experimental. Porque nós imitamos ou fingimos imitar em tudo a França, desde o espírito das nossas leis até à forma do nosso calçado; a um tal ponto que, para um olhar estrangeiro, a nossa civilização, sobretudo em Lisboa, parece ter chegado na véspera de Bordéus, em caixotes, pelo paquete das Messageries. Todavia, mesmo antes do naturalismo, já alguns espíritos jovens haviam, entre nós, compreendido que a literatura de um país não podia permanecer para sempre alheia ao mundo real, que trabalhava e sofria à sua volta. Isolando-se nas nuvens, ocupada a cinzelar preciosidades de

estilo, arriscar-se-ia a ser, numa sociedade viva, um objeto de bricabraque. Impôs-se portanto corajosamente o dever de nunca mais olhar o céu — mas a rua. Só que, é preciso dizê-lo?, executava-se esta nobre tarefa, não por uma inclinação natural da inteligência, mas por um sentimento de dever literário — ia quase dizer de dever público. Pela honra das modernas letras portuguesas procurava-se meter nas obras muita observação, muita humanidade; mas sucedia que ao estudar conscienciosamente o seu vizinho, pequeno rendeiro ou pequeno empregado, se lastimava os tempos em que era permitido, sem estar fora de moda, cantar os belos cavaleiros de armaduras reluzentes. Os tempos de devaneio ideal

através dos bosques da fantasia tinham passado, infelizmente! A arte já não era um desabafo fácil da alma excessivamente carregada de sonho, mas uma rude e severa pesquisa da verdade. Era agora preciso, durante grandes volumes de quinhentas páginas, misturar-se com uma humanidade que já não tem asas, que nos parece só ter chagas, e era-se forçado a mexer com uma mão, habituada à penugem das nuvens, toda a espécie de coisas entristecedoras e baixas, a pequenez dos carateres, a banalidade das conversas, a miséria dos sentimentos... Mesmo a língua, esta língua poética e carregada de imagens que agradava falar, já não podia servir para tornar estas coisas humildes e verdadeiras; era necessário servir-se de uma língua exata, seca, como a do Código

Civil... Ora bem, senhor, neste meio real, contemporâneo, banal, o artista português, habituado às belas cavalgadas através do ideal, sufocava; e, se não pudesse, por vezes, fazer uma escapadela para o azul, bem depressa morreria com saudades da quimera. Eis porque, mesmo depois do naturalismo, nós ainda escrevemos contos fantásticos, verdadeiros, daqueles em que há fantasmas e em que se encontra ao canto das páginas o Diabo, o amigo Diabo, este delicioso terror da nossa infância católica. Então, pelo menos durante um pequeno volume inteiro, deixa-se de suportar a incómoda submissão à verdade, à tortura da análise, à impertinente tirania da realidade. Fica-se em plena licença estética. Pode meter-se no coração da porteira todo o

idealismo de Ofélia e fazer falar os camponeses da aldeia com a majestade de Bossuet. Douram-se os adjetivos. Fazem-se caminhar as frases através da página branca como através de um largo cheio de sol com pompas cadenciadas de procissão que avança no meio das juncadas das rosas... Após a última folha escrita, a última prova corrigida, abandona-se a rua, retoma-se o passeio, e volta-se ao estudo severo do homem e da sua miséria eterna. Contente? Não, senhor, resignado.

Eça de Queirós

Lisboa, 2 de agosto de 1884
(*traduzido do francês por João Costa*)

Victor Hugo (Carta ao Diretor de *A Ilustração)*

Bristol, 20 de julho de 1885

Meu caro amigo: quando Paris se preparava, com um patriotismo ruidoso, para celebrar a deificação cívica de Victor Hugo — você desejou que fosse eu, devoto do Mestre, quem recordasse n'*A Ilustração* a genial grandeza do homem e da sua obra. Respondi-lhe que, nesse momento, eu sentia apenas a mesma emoção confusa que agitava Paris — e que só saberia juntar-me ao tumulto da glorificação oferecendo a minha pobre palma verde e deitando também alguns

grãos de incenso sobre as chamas sagradas. E hoje que a apoteose do épico de *Os Miseráveis* parece já tão remota como a coroação do prosador da *Henríada* descubro ainda — perante a sua amável insistência em conhecer qual foi a ação de Hugo na minha geração literária — que este fanatismo do Mestre, de que não me quero curar, me impede toda a crítica lúcida e calma.

Eu admiro Victor Hugo, meu amigo, justamente como ele admirava Shakespeare — *comme une brute*. Amo-o em toda a sua luz solar e em todas as suas estranhas manchas: mesmo diante daqueles lados da sua vida e da sua obra de onde todos se retiram, impacientes e sorrindo, eu permaneço obtusamente prostrado. Eu sou, meu amigo, dos que

acreditam ainda na sociologia de Hugo! Já vê você que *A Ilustração* nada tem a ganhar com as opiniões de uma pessoa tão embrutecida na sua superstição.

Nem sei mesmo, francamente, o que você deseja averiguar: a influência que Hugo teve na minha geração literária limita-se à influência geral que ele exerceu na literatura francesa, de que a nossa é um reflexo ao mesmo tempo bisonho e afetado. Os meus mais queridos camaradas de letras (com exceção do poeta, irmão de Juvenal, que escreveu a *Morte de D. João*) nem jamais se impregnaram de Hugo, nem mesmo o admiram senão incidentalmente, pela sua fortaleza de lutador e pelo raro poder do seu verbo lírico: de resto, mantêm por ele uma respeitosa aversão.

Não é para uma carta familiar explicar esta dissidência dos meus amigos, em que entram razões de filosofia e razões de temperamento: basta dizer que a um deles, um dos mais nobres e altos espíritos críticos do nosso tempo, ouvi eu, com inexplicável horror, chamar ao Mestre «papalvo de génio» e «foco de infeção espiritualista»; e outro, a quem coube a glória de ressuscitar o velho Portugal histórico, que dormia no fundo de vetustas crónicas coberto de rapé de frade, pintou-nos Hugo recentemente, no prólogo de um livro de versos, como um enorme Sileno, borracho de ênfase, pondo à boca um cântaro colossal a transbordar de retórica.

Em quanto à geração mais moça, primavera sagrada que dá a sua flor

«nesses escritos publicados todas as manhãs», como diz pudicamente o arcebispo de Paris — essa alude sempre a Hugo misteriosamente, chamando-lhe o «titã», o «colosso», a «águia», o «vulcão». Não se pode saber por tais exclamações qual seja a impressão que lhe deixou a *Lenda dos Séculos;* porque esta maneira de falar de um poeta, tratando-o de «vulcão», é apenas um modo inábil de se desembaraçar do severo dever de o compreender. Suponho que a influência de Hugo, entre nós, se manifestou sobretudo na imitação daquilo que mais nos importa como meridionais — a forma, a imagem, a maneira luxuosa de enroupar a ideia... Homens voluptuosos do país do sol, amando principalmente os sons e as cores, num

poeta admiramos apenas o brilho do verbo no que ele tem de mais material; por isso, com Hugo, aplicamo-nos principalmente a arremedar o modo estridente e lampejante de chocar a antítese. Creio que não nos preocupamos de mais nada — como recentemente no naturalismo, de todo indiferentes aos novos métodos de análise que ele trazia, apressamo-nos apenas a contrafazer os seus feitios inesperados de traço e de colorido. Em todas as evoluções da arte, nós nunca aproveitamos com os princípios e ficamos sempre com os maneirismos.

Em quanto à influência que Hugo teve em mim vale por acaso a pena, caro amigo, memorar coisa tão pessoal e tão desinteressante? Eu aprendi quase a ler nas obras de Hugo: e de tal modo cada

uma delas me penetrou que, como outros podem recordar épocas de vida ou estados de espírito por um aroma ou por uma melodia, eu revejo de repente, ao reler antigos versos de Hugo, todo um passado, paisagens, casas que habitei, ocupações e sentimentos mortos... Fui realmente criado dentro da obra do Mestre — como se pode ser criado numa floresta: recebi a minha educação do rumor das suas odes, dos largos sopros da sua cólera, do confuso terror do seu deísmo, da graça da sua piedade e das luminosas névoas do seu humanitarismo. Tudo isto erguia em torno de mim como uma floresta: e ela comunicou-me, para bem ou para mal, muito do seu vago, das suas sombras e das suas injustificáveis visões. Foram meus, com paixão, os seus

ódios; e corri enlevado atrás do voo lírico dos seus entusiasmos. É assim que sempre fiquei detestando esse personagem sorumbático e narigudo que dá pelo nome equívoco de Napoleão III nas sentinas da história — sem que de nada me tivesse servido o verificar mais tarde que ele era apenas no fundo um pobre César, quimérico, hipocondríaco, debochado e banal. É assim que me conservei acreditando dedicadamente nos Estados Unidos da Europa, mesmo quando amigos caritativos me procuravam arrancar, com súplicas e sarcasmos, para fora dessa crença infantil. Acompanhei Hugo na sua indulgência arrebatada por todos os transviados, todos os vencidos e todos os «miseráveis». O deísmo de Hugo foi o meu; como ele, tive fé no messianismo da

França — e um horror irraciocinável, indominável, a esse quartel besuntado de metafísica que fica para além do Reno. Eis a minha lamentável confissão. É humilhante; dá-me a aparência de uma erva reles, tremendo junto às raízes de um cedro e vivendo dos restos da sua seiva. Tem havido, é certo, bruscas revoltas, na minha idolatria. O mesmo povo de Israel com toda a sua frenética paixão por Jeová — achava-o às vezes intolerável. E quando eu via ultimamente Hugo mofar o venerando e santo Darwin, como um inglês petulante e vão, de monóculo e de luvas amarelas, que pusera, por excentricidade e humorismo, um rabo de macaco nas costas do homem — deixava pender a cabeça entre as mãos, cheio de vergonha e de dor... Mas, enfim, ainda

realizo com suficiente perfeição o tipo do «hugólatra». Para mim, o Mestre permanece excelso e augusto entre os homens. *Je l'admire comme une brute*.

Amo toda a sua obra — romance, sátira, drama, visão, poema, crítica, discurso, cântico e canção da rua.

Ela impõe-se-me pela sua grandiosa e harmoniosa unidade. Hugo é um poeta épico: e nele, tudo, ou seja romance social, ou estrofe a *Jeanne*, ou estudo sobre Voltaire — toma a forma épica. Toda a sua obra é, de facto, uma vasta epopeia, em mil fragmentos de prosa e de verso, tendo por assunto a luta do homem e da fatalidade — fatalidade da Natureza, fatalidade da religião, fatalidade da sociedade.

Pode, por vezes, pintar esse

formidável combate em uma completa e patética história como os *Travailleurs de la Mer;* pode murmurar-lhe apenas uma fugitiva e trémula impressão junto de um berço, ou vendo nos campos os semeadores deitar o grão à terra. Nas estrofes de avô enternecido, ou na larga imprecação de profeta, tudo pertence à mesma epopeia.

Essa dolorosa batalha do homem e da fatalidade — Hugo não a analisa, nem a explica. Canta-a com a exaltação de um bardo — ora cheio de infinita compaixão, ora tomado de infinita cólera. Sob a indignação ou sob a piedade, porém, palpita sempre e fortemente a certeza da definitiva vitória do homem: e ele vê-o enfim, em todo o esplendor de um Adão perfeito, desembaraçado das religiões,

máscaras sufocantes e falsas do rosto de Deus, livre da realeza, forro de todas as servidões sociais, quase libertado das leis mesmas que fixam os seus pés à terra e remontando às nuvens nas invenções do século XX. Esta afirmação do triunfo último de Adão é toda a sua filosofia: e toda a sua prodigiosa arte foi empregada em contar os heroísmos e os desfalecimentos dessa desesperada ascensão para a luz.

Para dizer tão sublime conflito — ele criou o verbo mais poderoso e mais belo que jamais, creio eu, encantou ouvidos humanos. A língua polida e sóbria de Ronsard, de Racine, de Voltaire, admiravelmente trabalhada para exprimir sentimentos medianos e equilibrados e por isso perfeita como instrumento de

crítica — seria inteiramente impotente para esta esforçada epopeia. Teve por isso de construir outra linguagem que pudesse traduzir todo o homem, toda a Natureza, nos seus mais adversos extremos, desde o bestial ao divino: tão fina, delicada e transparente que nela pudesse transmitir-se, sem se evaporar, o aroma de uma simples flor silvestre; tão forte e resplandecente que, através dela, ganhassem brilho e força o diamante e ouro; tão dúctil, penetrante, transcendente, que pudesse modelar o invisível e *dizer o indizível*. Hugo *disse o indizível*, desde o esparso cismar dos olhos azuis de uma criança até às cordas do vento que varrem o mar da Mancha... Por isso, quando considero esta assombrosa epopeia, agitando a mais alta questão que se pode

levantar ante os homens e cantada, ao som da lira de mil cordas, numa língua como jamais houve outra na Terra — parece-me que os meus amigos queridos exageram, dizendo que este homem que assim falou — era um «papalvo genial» e um «Sileno borracho de ênfase...»

Sim, decerto, Hugo não tem simplicidade, nem ironia. Divaga às vezes acerca de uma árvore, ou sobre o canto musgoso de um muro, com o clamor e o estonteamento de um profeta. É porque Hugo, como todos os profetas, vive na chama de uma ideia única — a peleja veemente do homem e do fado. Ela é a companheira espectral da sua vida: surge-lhe de repente detrás das coisas mais singelas, solicitando-lhe a comiseração ou a ira: e, assim, na ramagem que geme

sacudida pela tormenta ele sente logo as lamentações de uma multidão oprimida, e não pode debruçar-se sobre um berço adormecido sem que tanta paz lhe recorde as violências que revolvem o mundo. E falta também a Hugo a ironia: testemunha dessa contenda de que o seu olho de vidente julga surpreender a cada instante os invisíveis e terríveis episódios, ele permanece num perpétuo estado de vibração trágica — em que se não poderia jamais produzir a ironia.

Esta ausência de ironia faz decerto cair o grande poeta em grandes fraquezas, não sendo delas a menor esse pavor misturado de adoração que lhe inspira o universo — e que nos parece, a nós, tão anticientífico. Nenhum de nós, com efeito, que fizemos com honra o nosso exame de

«introdução aos três reinos», imaginaria jamais que nas fibras da urtiga, que Hugo tão grandiosamente e espavoridamente invetiva nas *Contemplations*, se debate presa, e para sempre eriçada de cólera, a alma negra de Judas. Nós, infinitamente mais instruídos, conhecemos, graças a Deus, a honesta natureza da urtiga — e estamos ao facto de que Judas foi apenas talvez um patriota exaltado e insofrido. Encontrando aos pés uma pedra, nós não ficamos num tremor de emoção, a interpelá-la em violentas estrofes, à espera que uma voz de dentro responda revelando o inefável mistério: homens positivos, as pedras utilizamo-las para levantar mais o nosso muro ou apedrejar mais o nosso semelhante. Mas um alto espírito poético que, num perpétuo

arranque, quer penetrar para além do mensurável e do tangível, decifrar a pedra e tocar no segredo das coisas — se não produz verdades que a ciência possa registar sobe, mais que nenhum outro espírito, até às proximidades desse ideal a que nós damos, por convenção, o nome tradicional e teológico de «Deus»... E se esse ansioso esforço para «chegar à beira de Deus», como diz Proudhon, não faz que a terra nos dê mais frutos, nem que decresçam as dores humanas — promove uma alta educação espiritual, levanta os corações, eleva da pesada materialidade para as formas mais belas e mais puras do pensar e do sentir, e dá docemente à vida não sei que gosto divino... Hugo é de todos os poetas aquele que, no seu ardente idealismo, mais «chegou à beira de

Deus».

Esse soluço agitado que arfa através de toda a obra de Hugo parece tirar-lhe a superior serenidade — que é a beleza soberana da arte. Mas serenidade não é indiferença. Nada havia mais sereno (se você me permite esta livre comparação) que Minerva, padroeira de Atenas; e todavia, como você sabe, ela ingeria-se nas contendas dos povos, arrepelava os cabelos dos heróis e bateu-se furiosamente, armada de diamante, em Salamina e em Plateia. A sua imortal serenidade consistia em que todas as suas ações de deusa concorriam, em uma bela harmonia, para um fim justo e belo — a independência e a glória de Atenas, o vitorioso aperfeiçoamento da sua raça formosa, a pacífica eflorescência do seu

génio equilibrado, a concertada majestade da sua república, perfeita de formas como o frontão de um templo. Assim sucede com a musa de Hugo: couraçada de ouro, ei-la traspassa de flechas os opressores, geme sem fim sobre os vencidos, perturba toda a Natureza, revolve toda a história; mas este aparente delírio tende a um fim de excelsa serenidade — a concórdia universal, a resgatadora igualdade, o reino imperecível da justiça... E este paraíso prometido pelo poeta, distante como está, banha toda a sua obra de uma imortal claridade — que é a essência da serenidade. E a alta beleza da obra de Hugo está justamente neste forte otimismo, esta grandiosa fé no homem, a certeza radiante de que ele triunfará das fatalidades e dos cativeiros.

O que apenas destoa talvez — é o excessivo papel que ele dá à França. Ninguém mais do que a França tem contribuído para fazer do rude bárbaro do século VI o homem culto do século XIX. Ela possui no mais puro grau essas divinas qualidades espirituais de *doçura e luz* que são os mais penetrantes agentes da educação humana. Ninguém como ela deu ao mundo a grande lição da igualdade; e a igualdade é decerto a maior evidência de civilização. Mas, mesmo amando-se a França, não é possível aceitá-la tal como Hugo a concebia e como a pintou em versos bem conhecidos — coberta de ouro e de sinopla, vindo a combater só em campo o grande combate, seguida submissamente por um leão familiar, que é Deus. A criação do paraíso

humano, se ela é de todo realizável, não será obra exclusiva da França armada trazendo Deus atrás, como um molosso de batalha; mas será obra coletiva de nós todos, Latinos e Saxónios, que pertencemos a essa nação brilhante de claridade, sem fronteiras e sem capital, que se chama o espírito...

Em todo o caso foi este messianismo da França, sem cessar e esplendidamente cantado aos ouvidos franceses como um ato de esperança, que tornou Hugo tão prodigiosamente amado da França; além da necessidade que a França teve, depois da derrota de 1870, de opor à supremacia política da Alemanha uma supremacia intelectual, encarnada, como pedia o instinto latino, não em uma classe, mas em um herói. De

resto, é Hugo perfeitamente um francês, um gaulês? Antes me parece às vezes celta e teutónico. O seu génio sombrio; a sua visão descomunal; o seu inquieto espiritualismo; esse esplendor de linguagem que torna as suas ideias difíceis de circulação — porque em vez dessa ligeireza da medalha que dá às ideias francesas a sua facilidade de transmissão elas oferecem a pesada complicação de um monumento —, tudo isso se me afigura estar em contraste com o espírito francês definido, sóbrio, exato, regrado, claro, terso e positivo.

Ele mesmo diz algures que Hugo é um nome saxónio. Pelo pai pertence aos Vosgos, terra de gente tenaz; daí herdou talvez o seu férreo heroísmo de vontade. Pela mãe era da Bretanha, o reino poético

das sete florestas, a mais bela das quais, a de Broceliande, pertencia de direito às fadas: daí tirou talvez a sua vasta e umbrosa imaginação. No fundo, todavia, é bem francês, e tem as duas qualidades latinas — ordem e luz. Há simetria no seu delírio; e as suas mais violentas conceções são repassadas de luminosidade interior.

Uma grandeza de Hugo, bem francesa, é a sua larga clemência, a sua infinita piedade pelos fracos e pelos pequenos... E nisto a sua ascendência pesou consideravelmente sobre o século. Hugo decerto não inventou a misericórdia; mas popularizou-a. No próprio Evangelho, ainda há muita cólera: Jesus tem palavras inexoráveis de condenação e de castigo. Hugo, sobretudo na sua

velhice, tinha chegado a um tal estado de «piedade suprema» — que perdoava mesmo aos tiranos, aos ferozes exterminadores de povos, aos monstros. E a sua justificação de Torquemada, que queimava por amor, para purificar a criatura e dar-lhe, a troco de uma angústia fugitiva, a bem-aventurança eterna, constitui, além de uma obra de arte incomparável, o ponto culminante da excelência moral de Hugo. Ele deu um profundo abalo de compaixão à alma humana: a filantropia, que é a aurora confusa e vaga do socialismo, coincide, como prática social, com a sua predicação lírica da bondade. O seu nobre clamor pelos fracos, penetrando as almas, terá uma ação nos códigos; e, porque um poeta cantou, o mundo torna-se

melhor.

Por uma razão paralela eu considero como eminentemente fecunda a ação política de Hugo. No seu tempo, Hugo não era um homem de Estado como Turgot: Hugo é o bardo da democracia. A ele não compete organizá-la; compete anunciá-la. Ele prega, num radiante lirismo, o advento do reino do homem; e a sua voz ritmada chama a ele as multidões. As instintivas massas humanas não se movem senão pela imaginação e pelo sentimento: a lógica persuade o homem culto, mas não converte o simples. Um apelo à liberdade e à justiça, feito em estrofes que seduzem como as antigas «vozes do céu», arrebata turbas que longos volumes de filosofia deixariam indiferentes. Quando se quer fazer

marchar um regimento não se lhe explica, com a subtileza de um protocolo, os motivos que levam à guerra; desdobra-se uma bandeira, faz-se soar um clarim e o regimento arremete. O cristianismo foi feito assim, com imagens, com parábolas, com *declamações*. Todavia no tempo de Jesus, antes dele, houvera homens como Hillel, Schammaï e o nobre Gamaliel, cujas prédicas continham já todas as sementes do cristianismo. Mas quê! Eram doutores, argumentadores, políticos, homens práticos. Ninguém os escutou. Surge um inspirado, lá do fundo da Galileia, que vem falando vagamente da piedade, de amor, de fraternidade e do reino delicioso de Deus — e o mundo, maravilhado, deixa os velhos cultos e as velhas religiões e vai atrás dele, preso

para sempre. São os hinos que fazem as revoluções: e não conceder influência social a Hugo porque ele não escreveu como Stuart Mill parece-me não querer perceber que em todos os movimentos sociais o mais poderoso agente é o sentimento, e que tão benemérito é da democracia o que a exalta nos seus cantos, como aquele que, legislando, a torna depois estável e forte.

Esta carta, caro amigo, começada para lhe recusar, como inúteis e pouco originais, as minhas impressões de sectário, vai descaindo numa infindável jaculatória ao altíssimo Poeta. E ao terminar, recordando esta imensa obra, tão espalhada glória, pergunto o que ficará, daqui a séculos, de Victor Hugo? Talvez apenas o nome — como ficaram o de

Homero, o de Ésquilo, o de Dante. Com o longo volver dos tempos, os nobres génios que fizeram vibrar mais fortemente a alma do seu tempo passam pouco a pouco a ser apenas — o estudo dos comentadores. Profeta popular outrora, aclamado nas praças — hoje in-fólio de biblioteca, a que só a alta erudição sacode o pó. Quem lê hoje Homero. Quem lê Dante? Qual de vós, qual de nós, leu a *Odisseia*, e os *Sete diante de Tebas*, e Sófocles, e Tácito, e o *Purgatório*, e os dramas históricos de Shakespeare, e até Voltaire, e até Camões? Decerto, têm-se opiniões sobre o «nosso estilo de Tácito», e a «ironia de Aristófanes»; mas essas sentenças transmitem-se, já feitas, para o uso da eloquência, um pouco apagadas e cheias de verdete, como os patacos que

vão de mão em mão. Cita-se Virgílio — mas lê-se Daudet.

Apenas aos vinte anos, ao entrar para uma universidade, no começo de uma carreira de letras, se abre aqui e além esses que chamamos «os clássicos», e se percorre distraidamente algum episódio mais famoso — como o de *Francesca de Rimini* ou uma arenga do *Cid*. Depois, só se torna a encontrar o grande poema ou o grande drama mais tarde, numa sala, sobre a mesa, com ilustrações de um Doré, uma encadernação tão dourada como a caixa de uma múmia egípcia, e servindo de ornamento, ao lado de um cofre de marfim, ou de rosas frescas num vaso da China. A *Divina Comédia*, o *D. Quixote*, a *Ilíada*, são hoje, a não ser para os comentadores, ou para espíritos

requintadamente literários — volumes decorativos. A multidão conhece apenas Hamlet por o ver constantemente em oleografias, vestido de negro, entre a neve de um cemitério, com a caveira de Iorique na mão. E Fausto escaparia da nossa memória — se não se apresentasse todas as noites diante dos lustres, a contar-nos, ao som dos violoncelos, os anseios da sua vasta alma, arranjados em árias e em valsas onde se embala o cismar das mulheres.

Todavia, uma coisa fica dos grandes génios: o contorno lendário da sua personalidade. É como um retrato moral que se fixa na imaginação e que se vai reproduzindo através dos longos tempos: assim perpetuamente vemos Dante nas suas longas vestes fúnebres,

lívido e sinistro, e contemplado nas ruas com terror, como aquele que voltou do Inferno. E essa imagem material torna o homem de génio tanto mais amado quanto ela mais simboliza a atitude moral que o seu espírito tomava no serviço da humanidade: assim veneramos a figura de Voltaire, que invariavelmente nos aparece na sua poltrona em Ferney, soltando de lábios que *sorriem sempre*, e que já não podemos conceber *senão a sorrir*, esses epigramas que iam ferir mortalmente no flanco a velha sociedade.

Por isso eu suponho que, daqui a quinhentos anos, apenas se saberá o nome de Hugo. A mocidade, nas suas primeiras curiosidades literárias, lerá uma ou outra das suas poesias líricas; e só, confusamente, se conhecerá quem era Jean

Valjean ou Triboulet.

Mas a sua personalidade será sempre lembrada: e eternamente será visto, em infinita glória, como ele mais impressionou o seu século — não pacífico e ancestral, cercado da idolatria de Paris, mas longe, na sua ilha de Guernesey, sombrio e agitado, lançando imprecações contra os tiranos, defendendo todos os oprimidos, e por sobre o rumor do mar falando aos homens, esplendidamente, de piedade, de paz, de fraternidade, de liberdade e de perdão.

De. V. colega e amigo,
Eça de Queirós

Ao Diretor do Jornal *A Província*

Bristol, 20 de maio de 1886

Senhor diretor de *A Província:* no número de *A Província* de 14 de maio, chegado hoje aqui, encontro no «Correio da Capital» uma anedota literária, em que eu apareço, por ocasião da primeira representação do *Drama do Povo*, de Pinheiro Chagas, sentado na plateia do D. Maria, entre o meu amigo Ramalho Ortigão e o meu amigo Guerra Junqueiro, chacoteando ruidosamente a peça e indo, nos intervalos, apertar com efusão as mãos ambas do autor!

Sem me referir à divertida falta de coerência moral que me atribui o seu correspondente, sem me referir mesmo à inverosimilhança de eu ter rido de um drama de Pinheiro de Chagas — devo declarar a você para que esses grandes factos vão bem apurados, se tiverem de passar à história, que eu não assisti à primeira representação, nem assisti jamais, infelizmente, a nenhuma representação do *Drama do Povo*.

Lembro pois a você a justiça de fazer retificar essas risadas que eu não dei, num sítio em que eu não estava, com um drama que eu nunca vi.

De V., etc., etc.
Eça de Queirós

Prefácio a *O Brasileiro Soares*, de Luís de Magalhães

Bristol, 21 de maio de 1886

Meu caro Luís de Magalhães: quando você, no ano passado, me leu o esboço de *O Brasileiro Soares*, o que nele logo me prendeu foi a originalidade, larga e rigorosa, com que estava modelada a figura do seu Joaquim Soares da *Boa Sorte*. E todavia se há um «tipo» de que o romance e o teatro, em Portugal, tenham usado imoderadamente é, decerto, esse lavrador minhoto, enriquecido e vestido de pano fino, a que nas aldeias se chama *o brasileiro!*

Há mais de trinta anos, em novela, em drama, em poemeto, o romantismo (ou antes o maneirismo sentimental que entre nós representou o romantismo) tem utilizado *o brasileiro* como a encarnação mais engenhosa e a mais compreensível da sandice e da materialidade. Sempre que o enredo, como se dizia nesses tempos vetustos em que as musas viviam, necessitava um ser de animalidade inferior, um boçal ou um grotesco, o romantismo lá tinha no seu poeirento depósito de figuras de papelão, recortadas pelos mestres, *o brasileiro* — já engonçado, já enfardelado, com todos os seus joanetes e todos os seus diamantes, crasso, glutão, manhoso, e revelando placidamente na linguagem mais bronca os sentimentos mais sórdicos. Bastava só

colar-lhe na nuca um nome bem plebeu, arranjar-lhe uma aldeia de origem que cheirasse bem a curral, atirá-lo para o meio de páginas trémulas e regadas de lágrimas — e ele começava logo a ser bestialmente burlesco e a enojar os delicados.

Nisto, os mestres do romantismo não procederam, originariamente, por animosidade contra uma classe cujos modos, gostos, interesses, lhes repugnassem: obedeciam de instinto a um idealismo nevoento, à teoria da alma profundamente separada do corpo e à consequente divisão dos «tipos» literários em ideais e materiais, segundo eles personificavam o sentimento, coisa nobre e alta da vida, ou representavam a ação, que ao romantismo aparecera sempre

como coisa subalterna e grosseira. Ora em Portugal o homem que mais evidentemente simbolizava a ação aos olhos turvos do romantismo era esse labrego, que, largando a enxada, embarcava para o Brasil num porão de galera, com um par de tamancos e uma caixa de pinho — e anos depois voltava de lá, na Mala Real, com botas novas de verniz, grisalho e jucundo, a edificar um palacete, a dar jantares de leitão ao abade, a tramar eleições e a ser barão...

E note você que este mesmo cavador endinheirado comovia o romantismo até à elegia quando ele era ainda *o triste emigrante*, parando uma derradeira vez na estrada, para ouvir o ruído do açude entre as carvalheiras da sua aldeia; quando ele era o pobre

embarcadiço, de noite, no mar gemente, encostado à borda da escuna *Amélia*, erguendo os olhos chorosos para a lua de Portugal!...

Apenas voltava, porém, com o dinheiro que juntara carregando todos os fardos da servidão — *o saudoso emigrante* passava logo a ser *o brasileiro*, o bruto, o reles, o alvar. Desde que ele deixara de soluçar e ser sensível, para labutar duramente de marçano nos armazéns do Rio, o romantismo repelia-o como criatura baixa e soez. O trabalho despoetizara o triste emigrante. E era então que o romantismo se apossava dele, já rico e *brasileiro*, para o mostrar no livro e no palco, em caricatura, sempre material, sempre rude, sempre risível — não por um justo ódio social contra um

inútil que engorda, mas por aversão romanesca ao burguês positivo, videiro e ordeiro, que não lê versos, que se ocupa de câmbios, só olha a Lua quando ela anuncia chuva e só repara em Beatriz e Elvira quando elas são roliças e fáceis.

Em contraste com este «materialão» estava o homem de poesia e de sonho, magro, altivo, malfadado, eloquente, e «trazendo (como diziam a sério os estilos de então) um inferno dentro do peito». Este permanecia pobre, ou desdenhava liricamente o dinheiro: a sua ocupação especial e única era a paixão: por ele as mulheres pálidas, todas de branco, iam chorar, agarradas às grades dos mosteiros. Nos finais de atos, ele, só ele, lançava, num gesto sombrio, «as palavras sublimes», dolentemente

sublinhadas pelos violoncelos, ao rumor dos prantos abafados. *O brasileiro*, esse, dizia as sandices que nas farsas mais francas eram também sublinhadas — com um estouro sobre o tambor.

Estes dois tipos, insipidamente falsos como generalização, pareciam ainda mais postiços, mais distantes da vida e da realidade, como fatura. O homem ideal era invariavelmente um grande boneco esguio, com longos e tristes bigodes de crepe, uma aguada de amarelidão na máscara de cera sempre contraída de amargura e umas luvas brancas que ele torcia na tortura perpétua do seu atroz destino: por dentro, para lhe dar uma aparência de alma, metia-se-lhe, ao acaso, como se machuca a palha para dentro dos judas de Aleluia, um molho

seco de frases lacrimosas e balofas.

O homem material, *o brasileiro*, esse consistia num outro boneco, achamboado, tosco, com um colete amarelo, pelos nas orelhas e joanetes — os imensos joanetes que o romantismo, de pé pequeno, nunca deixava de acentuar com um traço de sarcasmo e asco. Este boneco por dentro não tinha nada, nem frases, nem palha.

E o curioso, meu caro Luís, é que, de todos os tipos habituais do nosso romance romântico — só o *brasileiro* tem origem genuinamente portuguesa, de raiz. O homem fatal e poético; a mulher de negros cabelos revoltos que perde; a mulher de pestanas baixas que salva; o arrogante fidalgo, com longos nomes e hostil ao século; o padre risonho que

bendiz e afaga — todos esses vieram importados de França: e as suas dores, as suas descrenças, os seus murmúrios de amor, tudo chegou pelo paquete e pagou direitos na Alfândega, misturado aos couros ingleses e às peças de pano Sedan. O nosso romantismo não é responsável por essas gentis criações de além dos Pirenéus. Elas já aportavam ao Tejo e ao Douro, assim falsas e malfeitas, fora da natureza e da verdade. O romantismo acolhia-as com uma submissa reverência provinciana: e assim as mandava imprimir à Casa Moré e à Casa Roland, tais como as recebia, traduzindo-lhes apenas em vernáculo os martírios e os júbilos.

O brasileiro, porém, era só nosso, todo nosso, deste solo que pisamos, castiço e mais originalmente português

que a chalaça e a louça das Caídas. Mais que nacional, era local. Era do Minho, como o vinho verde. Ora o romantismo que sendo triste amou sempre essa província verde-triste, encontrava lá *o brasileiro* constantemente, na feira, na romaria, na igreja, na várzea, na vila. No mirante caiado de amarelo, que ele avistava entre as ramadas, estava tomando o fresco *o brasileiro:* na caleche forrada de repes azul, que ele cruzava na estrada e que o empoeirava, vinha *o brasileiro*, de perna estendida. Muitas vezes o romantismo (incoerências inevitáveis da vida terrestre) jantava com *o brasileiro*. Assim, profusamente, acotovelando por essa província brasileiros inumeráveis, vira-os de todos os feitios exteriores: secos, obesos, de barba, rapados,

miudinhos, espadaúdos, calvos, guedelhudos, fracos e fortes como os bois de Barroso. Vira-os, homens vários, com as várias, múltiplas qualidades humanas: bons e velhacos, ridículos e veneráveis, generosos e torpes, finos e suínos... Que importa!

O romantismo deduzira uma vez do seu ódio à ação e ao «homem que sua» um tipo simbólico de brasileiro gordalhufo e abrutado — e assim o apresentava invariavelmente, implacavelmente, em novela, em drama, em poema, como se não houvesse existido jamais senão aquele *brasileiro* e fosse tão impossível mostrá-lo sem os atributos de materialidade que o individualizavam, como é impossível pintar Marte sem a sua armadura, ou contar Tibério sem esboçar

Cápreas ao longe, nas brumas do mar... *O brasileiro* da rua a cada passo desmentia *o brasileiro* do livro? Que importa! O bom romântico não cuida da ma: se é um mestre, marcha altivamente, com os olhos alçados às nuvens; se é um discípulo, segue cautelosamente, com os olhos atentos às pegadas dos mestres.

Extraordinários, estes românticos! E bem simpáticos — os primeiros, os grandes, os que tinham talento e uma veia soberba — com este inspirado, magnífico desdém pela Natureza, pelos factos, pelo real e pelo exato! Os discípulos, esses, louvado seja Nosso Senhor, são bem pecozinhos e bem chochinhos!

Ora, você, caro amigo, nascido já fora do romantismo (que a nós, mais velhos, nos enternece como uma pátria

abandonada), tendo aprendido a ler em Flaubert como nós aprendemos a ler em Lamartine, faz uma coisa bem simples, que revoluciona a velha novela, hoje rara, mas ainda cultivada por alguns retardatários, no meio da evolução naturalista, com a lúgubre puerilidade de quem está espetando rosas de papel no meio de um jardim de maio, cheio de roseiras em flor. Querendo estudar um *brasileiro*, num romance, você faz isto, que é tão fácil, tão útil e que nenhum dos antepassados da literatura quis jamais fazer: abre os olhos, bem largos, bem claros, e vai de perto olhar para *o brasileiro*, para um qualquer, que passe num caminho, em Bouças, ou que esteja à porta da sua casa, na Guardeira, com o seu casaco de alpaca. E imediatamente

reconhece que ele, como você e como o seu vizinho, é um homem, um mero homem, nem ideal nem bestial, apenas humano: talvez capaz da maior sordidez e talvez capaz do mais alto heroísmo: podendo bem usar um horrível colete de seda amarela e podendo ter por baixo dele o mais nobre, o mais leal coração: podendo bem ser ignóbil e podendo, porque não?, ter a grandeza de Marco Aurélio!...

Aquele que você encontra na Guardeira, o Joaquim da *Boa Sorte*, era excelente, cândido, casto, trabalhador, verdadeiro, magnânimo, de alma forte e amante. E você muito simplesmente, muito rigorosamente, tendo de contar como o viu e como o sentiu, comete esta audácia pavorosa, que vai fazer praguejar de

cólera os veteranos do idealismo: dá ao antigo grotesco, a *o brasileiro*, todas as qualidades de coração que pertenciam exclusivamente, pelo dogma, do romantismo, ao homem pálido, ao homem de poesia e de sonho...

E como procede com sinceridade, desenhando do natural, você conserva a este brasileiro, que ama e sofre, toda a sua *realidade material* — não se julgando forçado, por o ter sentido capaz de emoção e tormento moral, a dar-lhe todos os atributos poéticos, a plástica macilenta e lânguida que o romantismo considerava inseparável da dor e da paixão.

Não compreendendo que um gordo e um rubicundo pudesse amar — o novelista romântico faria logo o pobre Joaquim da *Boa Sorte* magro como um

Lara, de bigodes tristes: e nunca mais o deixaria comer consoladamente o seu leitão! Dos lábios do Joaquim, tornados convulsos, penduraria cachos de palavras gementes: e, para o preparar ao seu fim trágico, não lhe permitiria mais que ele se ocupasse, honesto e pacato, da sua fábrica de papel, trazendo-o sempre, de página em página, a olhar torvamente as pedras do cemitério, ou a corrente que referve entre rochas... Isto, está claro, se por uma concessão inverosímil o romantismo, um dia, permitisse a *o brasileiro*, ao *torna-viagem*, ao seu bobo encartado, ter um coração humano e batendo humanamente.

Você, porém, não viu assim o bom Joaquim da *Boa Sorte*. E apesar de esse *brasileiro* ter realmente, mais que qualquer homem de poesia, «um inferno

dentro do peito», você conserva-o, no livro, como ele apareceu na Guardeira, bebendo regaladamente o vinho fresco, com um casaco mal feito e suíças mal cortadas! Sim, você, esquecido da retórica, nossa mãe comum, chega a esta monstruosidade: tem um herói que ama ardentemente, que morre desse amor e que usa grossas suíças! Assim tu és, mocidade irreverente e revolta, que não respeitas os velhos ideais nem as velhas regras, nem as velhas barbas — tais como os mestres as cortavam na face dos seus heróis, para glorificação deles ou para sua humilhação!

O seu livro, caro Luís, tem a realidade bem observada e a observação bem exprimida — as duas qualidades supremas, as que se devem procurar antes

de tudo na obra de arte, onde outrora se admirava principalmente a imaginação e a eloquência. Mas você faz além disso, com o seu *Brasileiro Soares*, uma verdadeira reabilitação social.

Entre nós os romances, mesmo falsos e distantes da Natureza, têm uma influência lenta nos costumes e mais lenta, mas bem percetível, na formação das ideias. Nós somos, como meridionais, uma raça imitadora e copista: domina-nos sempre a tendência a repetir e a gozar, em nós mesmos, os modos de ser e os modos de sentir dos personagens que nos sensibilizaram nos livros admirados e relidos. O «homem poético», por exemplo, produziu outrora por esse comprido reino, desde Melgaço até Faro, inumeráveis homens poéticos, de atitude e

de palavra. Hoje quase desapareceram, nesta vasta maré positiva da democracia e da indústria: mas ainda existem, aqui e além, solitários e tristonhos, como em certos adros antigos onde se estabeleceu uma fábrica, se ergue ainda, esquecido, um cipreste. Não é raro, em vilas tristes de província, encontrar às trindades, caminhando só, rente ao muro do cemitério, um moço pensativo e guedelhudo, embrulhado num xaile-manta: é um derradeiro *homem poético*, que, antes de recolher à assembleia, a ler os jornais da capital, anda ali a espairecer sombriamente, vendo só em torno de si, vendo só fora de si, um mundo que desmorona.

Por outro lado, paralelamente a estes modelos dados à província, o

romance ajudou a formarem-se certos critérios consagrados. E assim sucedeu que esse *brasileiro* do romantismo, aparecendo constantemente, em novela e drama, soez e faceto — conseguiu criar, numa sociedade que não conhecia o brasileiro da realidade, a ideia de que todo o homem que voltava do Brasil, com dinheiro e brilhantes na camisa, era irremediavelmente um boçal, um burlesco. Pouco a pouco, formou-se assim uma larga corrente de antipatia social por *o brasileiro:* não se compreendia que ele pudesse ter elevação no sentimento, nem gosto nas maneiras, nem cultura no espírito: e de antemão se concluía que a sua figura devia reproduzir, em fealdade chavasca, a grosseria interior. *O brasileiro*, segundo esta lenda, tornava-se

a coluna da estupidez, o esteio da banalidade: ele era o popularizador do feio e do reles: era ele que maculava as veigas bucólicas do Minho com os seus palacetes rebocados de verde-gaio; era ele que introduzia a «imoralidade» nas nossas aldeias, virginais como as da Arcádia, no tempo de Teócrito. *O brasileiro* aparecia como uma nódoa escandalosa no suave idílio português!... E assim uma criação convencional da ironia romântica chegou a envolver toda uma classe de cidadãos num descrédito que, se já não dura tão intenso e tão acre, ainda se arrasta em todos esses numerosos espíritos que, tendo uma vez formado laboriosamente uma ideia, não a mudam, não a corrigem, por indolência, por impotência e, sobretudo, por indiferença

pela exatidão das ideias.

Você, portanto, indo buscar *o brasileiro* a esses limbos da caricatura disforme para o fazer reentrar na Natureza e na partilha comum do bom e do mau humano; revestindo-o, pela verdade observada, de todas as excelências morais de que o despira, sistematicamente, a calúnia romântica; mostrando no antigo tipo do bruto a possível existência do santo — executou uma verdadeira reabilitação social. Você desbrasileirou *o brasileiro*, humanizando-o; e como todo aquele que, com um tranquilo desprezo das convenções, faz uma obra de verdade, você elevou-se insensivelmente a esse feito mais raro, e melhor, que se chama uma boa ação.

Eça de Queirós

Prefácio a *Azulejos*, do Conde de Arnoso

Bristol, 12 de junho de 1886

Meu caro Bernardo: nos tempos em que Voltaire, já depois de *Cândido*, mesmo já depois da *Pucelle*, se contentava com cem leitores — tempos que nos devem parecer bem incultos, neste ano da graça e de voraz leitura em que o *Petit Journal* tira oitocentos mil números, e *Germinal* é traduzido em sete línguas para que o bendigam sete povos — esses cem homens que liam e que satisfaziam Voltaire eram tratados pelos escritores com um cerimonial e uma

adulação que se usavam somente para com os príncipes de sangue e as favoritas. Em verdade o leitor de então, *o amigo leitor*, pertencia sempre aos altos corpos do Estado: o alfabeto ainda se não tinha democratizado: quase apenas sabiam ler as academias, alguns da nobreza, os parlamentos, e Frederico, rei da Prússia: e naturalmente o homem de letras, mesmo quando não fosse um poeta parasita do melancólico tipo de Nicolau Tolentino, ao entrar em relações com esse leitor de grandes maneiras, emplumado, vestido talvez de arminho, empregava todas as formas e todas as graças do respeito, e punha sempre, genuínos ou fingidos, os punhos de renda de Mr. de Buffon.

Mas esta cortesia, em que havia emoção, provinha sobretudo de que o

escritor, há cem anos, dirigia-se particularmente a uma pessoa de saber e de gosto, amiga da eloquência e da tragédia, que ocupava os seus ócios luxuosos a ler, e que se chamava *o leitor*, e hoje dirige-se esparsamente a uma multidão azafamada e tosca que se chama *o público*.

Esta expressão, *a leitura*, há cem anos, sugeria logo a imagem de uma livraria silenciosa, com bustos de Platão e de Séneca, uma ampla poltrona almofadada, uma janela aberta sobre os aromas de um jardim: e neste retiro austero de paz estudiosa, um homem fino, erudito, saboreando linha a linha o *seu livro*, num recolhimento quase amoroso. A ideia de leitura, hoje, lembra apenas uma turba folheando páginas à pressa, no

rumor de uma praça.

Ora quando este leitor, douto, agudo, amável, bem empoado, íntimo das idades clássicas, recebia o escritor na sua solidão letrada — o escritor necessitava apresentar-se com reverência e *modestement courbé*, como recomenda Beaumarchais. É um homem culto que vai a casa de outro homem culto — e esse encontro está regulado por uma etiqueta tradicional e graciosa.

Nem o filósofo que vem submeter um sistema, nem o poeta laureado no *Mercúrio Galante* que traz a sua ode, nem Chénier com as suas tragédias, nem Massilon com os seus sermões, nem os rígidos, nem os ligeiros, nenhum por mais ilustre irrompia bruscamente na atenção do leitor, sem espera e sem mesura, como

se entra num pátio público. Tinha de haver uma apresentação condigna, solene, copiosa; e isso passava-se nesse pedaço de prosa em tipo largo, com citações latinas, que se chamava o *Prefácio*. Aí, o autor, *modestement courbé* diante do leitor acolhedor e risonho, falava com prolixidade de si, das suas intenções, da sua obra, da sua saúde; dizia-lhe doçuras, chamava-lhe *pio, perspicaz, benévolo:* justificava os seus métodos, citava as suas autoridades: se era novo, mostrava, corando, a sua inexperiência em botão: se era velho, despedia-se do leitor à maneira de Boileau, numa pompa triste, como da borda de um túmulo. Trocadas estas cortesias, não se entrava logo secamente nas ideias ou nos factos: se o livro era de versos, o poeta, tendo o leitor ao seu lado,

balançava o incensador e fazia uma invocação aos deuses como nos degraus de um santuário; se era tratado de moral ou história, havia no limiar do Capítulo I, para que o escritor e o leitor repousassem, um pórtico de considerações gerais, dispostas com simetria à maneira de colunas de puro mármore, onde se enrolavam, em festões, flores de linguagem, viçosas ou meio murchas. Depois o autor ia levando o leitor pela mão através da sua obra como através de um jardim que se mostra, repercorrendo com gosto as áleas mais enfeitadas de erudição, parando por vezes a conversar docemente à sombra de um pensamento frondoso. Assim se formava entre ambos uma enternecida intimidade espiritual. O leitor possuía no homem de

letras um companheiro de solidão, de um encanto sempre renovado. O autor encontrava no leitor uma atenção demorada, fiel, crente: como filósofo tinha nele um discípulo, como poeta um confidente.

Depois, numa manhã de julho, tomou-se a Bastilha. Tudo se revolveu: e mil novidades violentas surgiram, alterando a configuração moral da Terra. Veio a democracia: fez-se a iluminação a gás: assomou a instrução gratuita e obrigatória; instalaram-se as máquinas *Marinoni*, que imprimem cem mil jornais por hora: vieram os clubes, o romantismo, a política, a liberdade e a fototipia. Tudo se começou a fazer por meio de vapor e de rodas dentadas — e para as grandes massas. Essa coisa tão maravilhosa, de

um mecanismo tão delicado, chamada *o indivíduo*, desapareceu; e começaram a mover-se as multidões, governadas por um instinto, por um interesse ou por um entusiasmo. Foi então que se sumiu o leitor, o antigo leitor, discípulo e confidente, sentado longe dos ruídos incultos sob o claro busto de Minerva, o leitor amigo, com quem se conversava deliciosamente em longos, loquazes proémios: e, em lugar dele, o homem de letras viu diante de si a turba que se chama «o público», que lê alto e à pressa no rumor das ruas.

As maneiras do escritor para com estes cem mil cidadãos que estendiam tumultuosamente a mão para o livro — não podiam ser seletas e polidas, como as que tinha para com o leitor clássico que

lhe abria, sorrindo e já atento, a porta da sua intimidade erudita. Para descer à praça do público não eram necessários os punhos de renda de Mr. de Buffon, como para penetrar na livraria do leitor amigo — onde o escritor ia encontrar Cícero e Aristóteles vestidos de marroquim e ouro.

Imediatamente deixou de haver essa amável e conversadora apresentação que se chamava «o proémio»: nunca mais o homem de letras desfiou ao leitor os seus motivos para discorrer ou cantar, pedindo-lhe com humildade um lugar na estante. Agora, finda a obra, o escritor, ainda suado e com o jaquetão de trabalho, atira-a para a rua brutalmente. A obra já não é a sábia composição, feita pelos ditames das artes poéticas, para ser agasalhada e encadernada por mecenas.

Ideia ou imagem, deve ser coisa viva — e como tal se arremessa ao redemoinho da vida, para ir rolar com ela, sob o pleno sol.

Assim se tornou inútil a carícia aduladora com que no antigo regime se atraía, se prendia o leitor. Já não se conversa intimamente com ele, caminhando ao seu lado, através de páginas galantes ou solenes. O historiador, o romancista, que hoje interrompesse o correr das suas deduções para dar um jeito aos punhos de rendas e dizer: «Nota tu, leitor amigo...», seria considerado um intolerável caturra das idades caducas. O leitor deixou de ser uma pessoa a quem se fala isoladamente e com o tricórnio na mão: e o escritor tornou-se tão impessoal como ele. Não

são individualidades cultas comunicando; são duas substâncias difusas que se penetram, como a luz quando atravessa o ar.

Todavia ainda hoje há escritores que, seduzidos pela graça nobre das maneiras clássicas, quando procuram o público com um livro amorosamente trabalhado querem pôr nesse encontro as formas aparatosas da etiqueta de outrora. São aqueles, sobretudo, que, escrevendo delicadamente e para delicados, contam apenas com o leitor dos velhos tempos — que já não usa decerto espadim, nem cita finamente Horácio, sacudindo o rapé dos bofes de rendas, mas possui todas as finuras novas do novo gosto e agasalha e encaderna os estilistas, os parnasianos, os femininos, os Coppée, os Daudet, os

Verlaine, com o carinho religioso com que os mecenas da época de Boileau encadernavam e reliam Tácito e Catulo.

Tu és desses: a grossa turba assusta-te um pouco com a sua desatenção ruidosa: e confias sobretudo nesse leitor perfeito, amador raro das lindas flores modernas de fantasia e de estilo. Mas sabes como ele ama as praxes graciosas que enobreciam a vida antes da tomada da Bastilha: e nem por um lugar no céu, entre Santo Hilário e Santo Hilarião, tu o quererias ofender, irrompendo bruscamente e democraticamente na sua atenção preciosa. Por isso desejas levar ao teu lado alguém, já mais familiar com ele, que lhe diga, seguindo as boas tradições dos saudosos proémios, *modestement courbé:* «Leitor pio,

benévolo e amigo, aqui te apresento...» E sou eu que tu escolhes para esta gentil cerimónia, perfumada de arcaísmo, entre os teus amigos «simples fazedores de livros», como dizia altivamente o velho Carlyle.

Eu aqui estou, amigo. Mas receio que te suceda como àquele cavaleiro de balada, de quem eu li a história num velho in-fólio espanhol, onde ela aparecia, conceituosa e florida, para ilustrar *los peligros de las malas compañias*. Este moço, heroico e cândido, resolvera por um desses motivos de crença, de guerra ou de amor, que eram os únicos que então dirigiam as ações humanas, ir ofertar a sua grande espada a uma Nossa Senhora, cuja clara ermidinha, num pendor de serra, entre murmuroso arvoredo, era

como uma fonte espiritual de onde perenemente corriam os misericordiosos milagres.

Tinha este poético moço um amigo, que, nesses ardentes tempos de Santa Teresa, de S. João da Cruz e de*la Caballeria a lo divino*, era secretamente, sob a sua cota de malha, um ateu — como se já lesse todas as noites no seu alcáçar, à luz radical do petrolino, *o Rappel* e o *Intransigeant!* Como este incrédulo, chapeado de ferro, conhecia bem os trilhos da montanha, quis o devotíssimo cavaleiro que ele o acompanhasse na sua bucólica romagem. E mal suspeitava o ingénuo herói que, enquanto ele subia, com um alvoroço piedoso, esses caminhos um pouco íngremes como os da fé, o seu camarada ia ao lado lamentando

amargamente que uma tão boa espada, de golpe tão forte, de tão bela linhagem, forjada em Toledo por mestre Francisco Roiz, nata de espadeiros, ficasse daí por diante a enferrujar-se aos pés de uma Senhora — que era apenas um tosco pedaço de madeira, com dois olhos de vidro e um pouco de cetim por cima, bordado de lantejoulas... E sabes o que sucedeu? Que apenas o cavaleiro, de joelhos e murmurando a *Ave Reyna de Gracia*, colocou junto à imagem a lâmina puríssima — a imagem baixou severamente os olhos e repeliu a espada com o pé justiceiro e doce que ao mesmo tempo esmaga a serpente e acaricia a Terra. A folha de aço estreme de mestre Francisco Roiz fez-se em pedaços negros, da cor do tição, que é a cor do Demónio:

e sobre a selva, cheia de gorjeios e aromas, espalhou-se uma escuridão — como se a luz que a dourava se tivesse recolhido toda sob as pestanas cerradas da Senhora ofendida! Ai de mim, porque não escolhera o beato moço, para seu companheiro, algum padre íntimo do céu ou um escudeiro lealdoso e bom rezador do seu rosário? A imagem era espanhola, portanto impressionável; e vendo o cavaleiro e a sua espada escoltados por um cético, que orgulhosamente pensava que não haveria santos se não houvessem santeiros, logo inconsideradamente se regulou pelo adágio que é de Espanha e de outras terras — *dime con quien irás, te diré lo que pensarás!*

Esta história, como todas aquelas em que aparecem santos e cavaleiros,

encerra fecunda lição. E não receias tu, amigo, que, à semelhança daquela Senhora espanhola, os espíritos tímidos, para quem escreveste tão acariciadoramente os teus *Azulejos*, baixem os olhos e rejeitem o livro gracioso ao verem que o vem acompanhando por estes brejos da publicidade um infiel, um renegado do idealismo, um servente da rude verdade, um desses ilegíveis, de gostos suínos, que fossam gulosamente no lixo social, que se chamam «naturalistas» e que têm a alcunha de «realistas»? *Dime con quien irás, hijo mio, te diré lo que pensarás*. Não receias que te julguem também um «realista»?

Não temes que o teu livro, flor de literatura casta de aroma e de cor, seja

tratado como um desses frutos podres que ama o naturalismo? Frutos medonhos que têm depravado o paladar das multidões, a um ponto que só eles apetecem e só eles se vendem, e já ninguém vai feirar aos gigos onde vermelham os frescos morangos acabados de colher no morangal do romantismo!

Ah!, se a nossa amada Lisboa, velha criada de abade que se arrebica à francesa, tivesse já compreendido o que, neste ano da graça de 86, já largamente compreendeu a aldeia de Carpentras, famosa pela sua caturrice — que o naturalismo consiste apenas em pintar a tua rua como ela é na *sua* realidade e não como tu a poderias idear na *tua* imaginação — seria honrar o teu livro suspeitá-lo de naturalismo! Obra

naturalista significaria então — para a nossa bondosa Lisboa — obra observada e não sonhada; obra modelada sobre as formas da Natureza, não recortada sobre moldes de papel; obra pousada nas eternas bases da vida e não nesse monturo mole, feito de sentimentalismo bolorento e de cascalho de retórica, que ainda atravanca um canto da arte, e onde se vê ainda, por vezes, brotar uma florzinha triste e melada que pende e que cheira a mofo.

Mas como tu sabes, amigo, nesta capital do nosso reino permanece a opinião cimentada a pedra e cal, entre leigos e entre letrados, que naturalismo, ou, como a capital diz, realismo — é grosseria e sujidade! Não tens tu reparado que, quando um jornalista, copiando no

seu jornal com pena hábil a parte de polícia, que é o rosbife da imprensa, menciona um bruto que proferiu palavras imundas nunca deixa de lhe chamar com uma ironia cujo brilho raro o enche de justo orgulho — *discípulo de Zola!* Não tens notado que nos periódicos, quando se quer definir uma maneira especial de ser torpe, se emprega esta expressão consagrada — *à Zola!* Não tens tu visto que, ao descrever um caso sórdido ou bestial, o homem de gazeta acrescenta sempre, com um desdém grandioso: «Para contar bem como tudo se passou precisávamos saber manejar a pena de *Zola»?* Assim é, assim é! Estranha maravilha da asneira! O nome do épico genial de *Germinal* e da *Oeuvre* serve para simbolizar tudo que, em atos e

palavras, é grosseiro e imundo! Isto passa-se numa terra que na geografia política é uma capital e se chama Lisboa — mas que, na ordem do pensamento e do saber, é um lugarejo sem nome!

Meu Deus, sejamos justos! Também em França, em Inglaterra, há quinze anos, houve a mesma opinião sobre o naturalismo; também gritaram *grosseria, sujidade,* os néscios e os malignos, ao aparecerem essas vivas, rijas, fecundas, resplandecentes criações do *Assomoir* e de *Naná*. Somente em França, em Inglaterra, bem depressa" os néscios compreenderam (como já muito bem tinham compreendido os malignos) que se não tratava de uma literatura expressamente libertina, filha de Bocácio, de Brantôme e de Piron, especulando com

o vício e fazendo dinheiro com ele — como paralelamente o Sr. Ulbach e outros pudicos piores procuram judiciosamente acumular pecúnia fabricando corretos quadros de virtude para uso dos colégios de meninas: mas que se estava em presença de uma larga e poderosa arte, fazendo um profundo e subtil inquérito a toda a sociedade e a toda a vida contemporânea, pintando-lhe cruamente e sinceramente o feio e o mau, e não podendo, na sua santa missão de verdade, ocultar detalhe nenhum por mais torpe, como, na sua científica necessidade de exatidão, um livro de fisiologia não pode omitir o estudo de nenhuma função e de nenhum órgão. Ora esta nobre arte não julga dever mutilar a realidade ou falseá-la, comprometendo assim o seu grandioso

fim moral, só porque poderia fazer corar as meninas — as meninas que, segundo nos revelou ultimamente o castíssimo e idealíssimo Feuillet, conhecedor perfeito dos costumes da virgindade, quando estão juntas, todas de branco, num canto de sala, têm conversas *qui feraient rougir un singe*, que fariam corar um macaco! E em verdade vos digo, oh, meus concidadãos, o macaco é desde Plínio considerado como a mais impudente, a mais obscena das criaturas que saíram das mãos inesgotáveis do Senhor!

Mas a nossa terra, amigo, nunca assim o compreenderá. Para ela naturalismo é coisa suja — e coisa suja ficará. Desde que nós, Portugueses, laboriosamente conseguimos arranjar uma ideia dentro do crânio — a nossa preguiça

intelectual, o nosso desleixo, este fundo de desdenhosa indiferença que todos os meridionais têm pelas ideias e pelas mulheres, impede-nos de lhe mexer, de a tirar do seu canto, onde ela fica ganhando bolor em tranquilidade e para sempre. Em literatura, em costumes, em política e no fabrico do chinelo de ourelo nós estamos vivendo e estamos morrendo deste obtuso, viscoso, aferro ao vago das primeiras impressões. Seria inútil ir explicar, em berros, por uma tuba de bronze, aos ouvidos da nossa suave Lisboa, acocorada à beira do Tejo a ver correr a água — o que significa naturalismo. Depois de estoirarmos o peito a bramar-lhe que ele não se filia no marquês de Sade, que não é *grosseria* nem *sujidade* e que vem de Homero, através de

Shakespeare e de Molière, a deleitosa cidade, leiga ou letrada, desviaria da corrente o olho lento, e murmuraria com aquela voz pachorrenta e bonachã que é tão sua: «O naturalismo? Está falando do naturalismo? Bem sei, é *grosseria* e *sujidade*...»

Assim ela é docemente cabeçuda. O que não impede que se arremesse com voracidade sobre todas essas *Nanás*, esses *Pot-Bouilles*, brochados de amarelo, que declarou grosseiros e sujos! E a ponto que não tolera, e deixa cobrirem-se de bolor nas livrarias, os biscoitos inofensivos que os mestres lhe cozinham com a pura farinha do idealismo. Não lhes pega! Quer lodo, o lodo que ela condena nas salas, decotada e austera.

De tal sorte que assistimos a esta coisa pavorosa: os discípulos do idealismo, para não serem de todo esquecidos, agacham-se melancolicamente e, com lágrimas represas, besuntam-se também de lodo! Sim, amigo, estes homens puros, vestidos de linho puro, que tão indignamente nos arguiram de chafurdarmos num lameiro, vêm agora pé ante pé enlambuzar-se com a nossa lama! Depois, erguendo bem alto as capas dos seus livros, onde escreveram em grossas letras este letreiro — *romance realista* —, parece dizerem ao público, com um sorriso triste na face mascarada: «Olhem também para nós, leiam-nos também a nós... Acreditem que também somos muitíssimo grosseiros e que também somos muitíssimo sujos!»

Todavia, há ainda nesta terra espíritos escrupulosos e tímidos que, considerando ingenuamente os livros naturalistas como imundícies in-octavo, os repelem com um desdém que é pueril e sincero, cómico, mas honroso. E para esses se torna necessário ir já gritando pela serra a cima — que o teu livro, apesar de acompanhado por um desses esgaravatadores de verdades que fossam nos monturos humanos, longe de ser um dos frutos podres que ama o naturalismo é uma flor bem viçosa, bem graciosa, bem aromática! Mas preciso também dizer aos espíritos mais numerosos e superiores que detestam flores de papel — que o naturalismo aceita a tua flor como sua, por ser natural, forte de seiva, com seguras raízes no solo da Natureza.

Tu puseste ao livro amável o nome de *Azulejos* — nome claro, alegre, lustroso e bem meridional!... Ele exprime, gentilmente, a natureza dos teus contos, que oferecem cada um o desenho vivo e curto de um bocado da vida real, entrevisto, fixado ligeiramente, na primeira frescura da emoção. Decerto te foi sugerido por esses revestimentos de azulejos que tanto alindam as paredes de conventos, de velhas vivendas de campo, e onde se veem, dentro de uma bordadura ingénua de folhagens de acanto, num debuxo azul e nítido, cenas concisas da vida ativa — uma caçada com lanças, uma comitiva de fidalgos viajando, barcos à vela descendo um rio, frades em recreio sob as árvores de uma cerca... Assim, tu traças nos teus *Azulejos* breves esboços

da vida interior e afetiva: é aqui a história discreta de uma paixão romanesca, dessas que encheram de lágrimas o começo do século, no tempo dos brasões, dos mosteiros e das xácaras; é a ternura singela e absoluta de uma pobre costureira, rosa meio murcha de água-furtada, que o primeiro sopro da realidade inclemente faz tombar de todo esfolhada: é uma devoção de pai, religiosa e simples, toda perfumada dessas crenças de aldeia, que são fumo, como o fumo das lareiras, mas como ele revelam o descanso, a paz íntima, a alma aconchegada e contente na sua fé: é a *Guitarra do Brás*, gemendo pelas tabernas a sentimentalidade doentia e viciosa dos bairros de fábricas... E todos estes quadros são azulejos,

verdadeiramente tratados à maneira dos azulejos de louça num corredor de mosteiro: não há neles nada de duro, de opaco, de empastado: são fáceis e límpidos: têm a precisão fina e graciosa de um contorno azul sobre um fundo branco.

E o que me agrada no teu livro é esta maneira fugitiva, alada, acariciadora, de pintar as coisas em *azul e branco*. Revelas-te, assim, um delicado. Sem te ser estranha a essência da vida e da realidade, não parece estar no teu gosto, no teu temperamento, talvez, ir revolvê-la até ao âmago com a curiosidade áspera da paixão. A tua pena roça simplesmente os contornos da Natureza, marcando-os com um traço macio e ténue. Não escava para baixo, onde está a hulha e o ouro.

Compreendes bem a utilidade e a beleza de descer até às sombrias entranhas da vida, a surpreender a palpitação que tudo determina; mas achas, com razão, mais atrativos em ficar à superfície, onde os jasmins florescem e cantam os melros.

O filho mais moço do desleixado Augias, que era também um artista em faiança, foi o único a dar o vinho da boa acolhida e aplaudir Hércules quando ele chegou para limpar as pavorosas cavalariças do rei seu pai. Mas apenas o sereno herói, pondo a um canto a sua clava, partiu a afrontar as seculares imundícies, o filho de Augias refugiou-se na mais alta torre onde não pudesse perceber o sobre-humano trabalho de Alcides, nem sentisse os cheiros que dele se iam exalar: e aí, graciosamente,

começou a pintar num vaso uma cavalariça, mas toda de jaspe e de ouro, onde estavam presos, fulvos e cor de aurora, os quatro cavalos de Febo. Assim tu, compreendendo a grandeza magnânima de quem remexe lodos e detritos para purificar o ar de um reino, achas todavia mais doce ficar a espalhar cores num vaso, vendo brilhar por entre os esteios da vinha o azul do mar da Helénia. Bem fazes tu! Colhes apenas a flor das coisas que pode ser roxa e melancólica ou amarela e festiva, mas é sempre uma flor; enquanto nós nos dobramos a analisar cientificamente as raízes, que são negras, que são feias, e vêm sujas da terra rude em que mergulham e sugam.

Para fixar esses bocados de vida real, entrevistos e pressentidos, tens uma

forma excelente, toda de naturalidade e de transparência. Falta-te decerto esse relevo crespo, intensamente lavrado, que em França tanto surpreende e agrada modernamente e onde se trai o doloroso esforço do artista, numa ânsia de originalidade, gemendo e empalidecendo sobre o seu buril. Ainda bem! Foi essa forma francesa (de que os Goncourts lançaram a semente imprudente e de que os parnasianos em prosa e verso produziram as flores extremas, frias e brilhantes como lavores de joalharia) que, desembarcada, num dia desastroso, de um paquete de França, e logo macaqueada sem senso e sem gosto, originou entre nós esses estilos grotescos e insensatos que infestam toda a obra escrita da geração nova, desde o relatório até ao madrigal;

estilos disparatados, pícaros, reles, eles lembram a incoerência de quem baralha palavras no tresvariar de uma febre e lembram a pelintrice de quem, numa vila sertaneja, arvora gravatas de veludo verde-gaio julgando reproduzir «os requintes de Paris»; e assim dão o horror inesperado e arrepiador de uma coisa que é ao mesmo tempo delirante e pulha!

A tua simplicidade, Deus louvado, é fluida e correta: e possuis assim a melhor maneira na arte do conto, com essa meia-tinta, essa aguada límpida, que não empasta e deixa ver até ao fundo diafanamente.

No conto tudo precisa ser apontado num risco leve e sóbrio: das figuras deve-se ver apenas a linha flagrante e definidora que revela e fixa

uma personalidade; dos sentimentos apenas o que caiba num olhar, ou numa dessas palavras que escapa dos lábios e traz todo o ser; da paisagem somente os longes, numa cor unida. Tu em boa hora seguiste fielmente esta poética, que é velhíssima, que já vem de Horácio. E isso forma um dos encantos dos teus *Azulejos*.

Mas o encanto maior, para mim, está nessa vibrante e fina sensibilidade, meio chorosa e meio risonha, que em cada página palpita. Tu começas por ter uma emoção triste em presença da vida. Oh, não derramas decerto os prantos obstinados do elegíaco, nem te devasta a desolação do profeta! Bem longe disso! A tua é uma melancolia leve, resignada, como a pode sentir quem, tendo um temperamento simpático às dores

humanas, compreende ao mesmo tempo que elas são a parte iniludível, quase necessária, de um mundo em que é delicioso viver. Ora esta fé mundana no encanto da vida mantém desde logo a tua emoção num tom justo: impede-a de cair no *sentimentalismo* e no *sensibilismo:* e é ela que te dá essa ironia, tímida e esbatida, mas bem visível, que paralelamente a uma tristeza doce atravessa os teus contos, corrigindo o teu vago enternecimento de apaixonado com o seu traço de finura crítica.

E assim sensibilizado, vibrando suficientemente para sentir a subtil poesia das coisas; armado de uma ponta de ironia para impedir que as tuas criações se te azulem de todo sob a pena, num impulso de piedade sentimental, e se tornem

romanescas e portanto falsas — tu pudeste fazer obra delicada e original, misturando o teu livro de graça poética e de verdade humana. São os teus contos, pois, ainda por este lado, realmente *azulejos*. A cor é azul e, portanto, idealizada: mas nessa idealização de tom que pertence à imaginação e ao sonho — as figuras, pela exatidão do desenho, permanecem na realidade e são seguras expressões de vida.

Esta maneira de pintar a verdade, levemente esbatida na névoa dourada e trémula da fantasia, satisfazendo a necessidade de idealismo que todos temos nativamente, e ao mesmo tempo a seca curiosidade do real que nos deram as nossas educações positivas — parece, de resto, a maneira melhor e mais

interessante para quem, como tu, nada mais quer nas regiões da arte do que saber de vez em quando, com senso e com gosto, contar uma história, imaginada ou lembrada. Doce ocupação essa, amigo, a de contista, nos vagares de um casto *Decâmeron*: nela encontrarás um prazer adoravelmente fino e perfeito. A arte, para os que não se enclausuraram todos nela como nos muros de um mosteiro, poetiza singularmente a existência. Se ela é na intimidade uma esposa ciumenta, absorvente e devoradora — mostra-se àqueles que apenas de longe a longe dão com ela um passeio furtivo nos velhos bosques de louro Délfico, cheia de graças e de encanto que eleva! Pegar penosamente à rabiça de um arado de ferro, ei-lo empurrando desde a alva ao

crepúsculo, por uma gleba ressequida e empedernida, é labor doloroso e que enche o ar de gemidos: é o labor de um Flaubert, erguendo heroicamente palavra a palavra o seu monumento, com uma pena rebelde. Mas, neste mesmo campo, tratar de um canteiro de rosas, na limpidez da tarde, quando há frescura e sombra, é coisa repousante e salutar: e o conto é esta leve flor de arte que se cultiva cantando. Distração que encerra uma educação: passar o dia, longe da Casa Havanesa e das suas pompas, aperfeiçoando uma frase a buril, recortando uma imagem no tecido alado da imaginação, colorindo de luz e verde um canto de paisagem — é uma alta lição de gosto que enobrece e afina mais delicadamente todo o ser.

E depois, amigo, a arte oferece-nos a única possibilidade de realizar o mais legítimo desejo da vida — que é não ser apagada de todo pela morte. Agora que o espírito, tendo uma consciência mais segura do universo, se recusa a crer na capciosa promessa das religiões de que ele não acabará inteiramente e irá ainda, em regiões de azul ou de fogo, continuar a sua existência pelo êxtase ou pela dor — a única esperança que nos resta de não morrermos absolutamente como as couves é a fama, essa imortalidade relativa que só dá a arte.

Só a arte realmente pode dizer aos seus eleitos, com firmeza e certeza: «Tu não morrerás inteiramente: e mesmo amortalhado, metido entre as tábuas de um caixão, regado de água benta, tu poderás

continuar por mim a viver. O teu pensamento, manifestação melhor e mais completa da tua vida, permanecerá intacto, sem que contra ele prevaleçam todos os vermes da terra; e ainda que, fixado definitivamente na tua obra, pareça imobilizado nela como uma múmia nas suas ligaduras, ele terá todavia o supremo sintoma da vida, a renovação e o movimento, porque fará vibrar outros pensamentos e através das criações deles estará perpetuamente criando. Mesmo o teu riso de um momento reviverá nos risos que for despertando; e as tuas lágrimas não secarão porque farão correr outras lágrimas. Ficarás para sempre vivo, para te misturares perpetuamente à vida dos outros; e as mesmas linhas do teu rosto, o teu traje, os teus modos, não morrerão,

constantemente rememorados pela curiosidade das gerações. Assim, não desaparecerás nem na tua forma mortal: e serás desses eternos viventes, mais eternos que os deuses, que são os contemporâneos de todas as gerações e vão sempre marchando no meio da humanidade que marcha, espíritos originais a que se acendem os outros espíritos, para que se não apague o fogo perene da inteligência — iguais a essas quatro ou cinco lâmpadas que leva a grande caravana de Meca, para que a elas se acendam lareiras e tochas, e a caravana possa sempre marchar, orando sempre, e segura.»

E esta promessa, amigo, não é falaz. A arte é tudo porque só ela tem a duração — e tudo o resto é nada! As

sociedades, os impérios, são varridos da Terra, com os seus costumes, as suas glórias, as suas riquezas: e se não passam da memória fugidia dos homens, se ainda para eles se voltam piedosamente as curiosidades, é porque deles ficou algum vestígio de arte, a coluna tombada de um palácio, ou quatro versos num pergaminho. As religiões só sobrevivem pela arte, só ela torna os deuses verdadeiramente imortais — dando-lhes forma. A divindade só fica absolutamente divina — quando um cinzel de génio a fixa em mármore; inspira-lhe então o grande culto intelectual, que é o único desinteressado e o único consciente; já nada tem a sofrer do livre exame: entra na serena região dos incontestáveis e só então deixa de ter ateus. O mais austero

católico é ainda pagão, como se era em Citera, diante da Vénus de Milo. E a Nossa Senhora do céu só tem adorações unânimes e louvores sem contestação quando é o pincel de Murillo que A ergue sobre o orbe, loura e toucada de estrelas.

A arte é tudo — tudo o resto é nada. Só um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo. Leónidas ou Péricles não bastariam para que a velha Grécia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos espíritos: foi-lhe preciso ter Aristófanes e Ésquilo. Tudo é efémero e oco nas sociedades — sobretudo o que nelas mais nos deslumbra. Podes-me tu dizer quem foram, no tempo de Shakespeare, os grandes banqueiros e as formosas mulheres? Onde estão os sacos de ouro deles e o rolar do seu luxo? Onde

estão os claros olhos delas? Onde estão as rosas de Iorque que floriram então? Mas Shakespeare está realmente tão vivo como quando, no estreito tablado do globo, ele dependurava a lanterna que devia ser a Lua, triste e amorosamente invocada, alumiando o jardim dos Capuletos. Está vivo de uma vida melhor, porque o seu espírito fulge com um sereno e contínuo esplendor, sem que o perturbem mais as humilhantes misérias da carne!

Nada há mais ruidoso e que mais vivamente se saracoteie com um brilho de lentejoulas — do que a política. Por toda essa antiga Europa real se veem multidões de politiquetes e de politicões enflorados, emplumados, atordoadores, cacarejando infernalmente, de cristã alta. Mas

concebes tu a possibilidade de que daqui a cinquenta anos, quando se estiverem erguendo estátuas a Zola, alguém se lembre dos Ferry, dos Clemenceau, dos Cánovas, dos Brigth? Podes-me tu dizer quem eram os ministros do império em 1856, há apenas trinta anos, quando Gustave Flaubert escrevia *Madame Bovary?* Para o saber precisas desenterrar e esgaravatar com repugnância velhos jornais bolorentos: e achados os nomes nunca verdadeiramente poderás diferençar com nitidez o sujeito Baroche do sujeito Troplong: mas de *Madame Bovary* sabes a vida toda, e as paixões e os tédios, e a cadelinha que a seguia, e o vestido que punha quando partia à quinta-feira na *Hirondelle* para ir encontrar Léon a Ruão! Bismarck todo-

poderoso, que é chanceler e de ferro, daqui a duzentos anos será, sob a ferrugem que o há de cobrir, uma dessas figuras de Estado que dormem nos arquivos e que pertencem só à erudição histórica: o papa Leão XIII, tão grande, tão presente, que até as crianças lhe sabem de cor o sorriso fino, não será mais, na longa fila dos papas, que uma vaga tiara com um número; mas duzentos anos passarão, e mil — e o nome, a figura, a vida de certo homem que não governou nem a Alemanha nem a cristandade estará tão fresca e rebrilhante como hoje na memória grata dos homens. Porquê? Porque um dia, numa ilha da Mancha, ao rumor dos mares e dos ventos, ele escreveu alguns centos de versos que se chamam a *Lenda dos Séculos*.

Bem melhor do que eu o diz a curta canção:

De vingt rois que l'on encense
Le trepas brise l'autel,
Mais Voltaire est immortel!

Quer isto dizer, amigo, que os teus *Azulejos*, pelo mero facto de não serem um relatório, hão de viver tanto como os mármores do Pártenon! Ai de ti!, ai de mim! O Sol dá luz, existe assim coruscante e redondo há centenas de séculos, e a ciência ainda lhe afiança longos milhares de anos de esplendor e de glória no alto dos céus: mas em nossas casas os fósforos de cera também pertencem à substância que dá luz, e quando alumiam tremulamente um minuto,

já lhes gabamos a qualidade, reconhecidos. Os teus contos são flores de arte, modestas e simples: contenta-te que, como flores, eles durem uma manhã de verão. Feliz serás! As minhas obras, essas, não contam mesmo para viver com esse «espaço de uma manhã» que Malherbe garante às rosas. Não sei como é: dou-lhes a minha vida toda e elas nascem mortas; e quando as vejo diante de mim pasmo que depois de tão duro esforço, depois de tão ardente, laboriosa insuflação de alma, saia aquela coisa fria, inerte, sem voz, sem palpitação, amortalhada numa capa de cor!

Mas, enfim, consolemo-nos, amigo! Pode bem suceder que um dia, mais tarde, um desses amadores de antiguidades que se entretêm a revolver o

lixo dos tempos encontre, num recanto esquecido de velha livraria, entre o pó e o bolor, amarelado e roído dos vermes, um dos nossos livros, estes teus mesmos *Azulejos* agora tão frescos e tão lustrosos ao sol. E, por curiosidade arqueológica, pode ser que esse paciente escavador das idades sacuda a poeira ao volume caduco, o folheie aqui e além... E quem sabe? Talvez a *Guitarra do Brás*, gemendo dolentemente do fundo do passado, o enterneça um momento: talvez respire nos *Aromas Campesinos* o viço e a graça idílica de aldeias e várzeas sobre que já então terá rolado, niveladora e despoetizadora, uma nova máquina da civilização... E lerá o livro todo; e o que tu pensaste fá-lo-á pensar, e sorrirá com o teu sorriso! As tuas criações perpassarão,

queixosas ou alegres, com a vida que tinham no teu espírito, por diante da sua lâmpada — tendo recebido no espírito dele uma encarnação fugitiva: e por elas o teu ser, disperso na substância, estará um instante misturado a um ser vivo e palpitando na sua vida toda... E quem ousará dizer que isto não é uma ressurreição?

Só por isso, amigo, vale a pena que te venhas juntar àqueles que, como dizia Carlyle, são «simples fazedores de livros». E se, por acaso, nunca tivesse de chegar esse dia do reviver — ao menos em vida, achando-te entre «fazedores de livros», estarás na confraternidade de homens que têm uma nobre ocupação na existência, uma magnífica ambição, generosidade, alegria, calor e entusiasmo.

E isto não se encontra em todos os vassalos de el-rei!

Traz pois o teu livro, uma resma de papel para fazeres outro e toma o teu lugar, seguramente e largamente, nesta ilustre companhia.

Eça de Queirós

Carta-Prefácio ao Poemeto *Luís de Camões* (1887), de Joaquim de Araújo

Bristol, 15 de junho

Meu caro amigo: se eu tivesse a divina faculdade improvisadora de Ariosto ou essa colossal facilidade à Dumas — que cria uma obra entre dois cigarros — não deixaria decerto, pela muita simpatia que você me merece, de satisfazer o seu pedido de um prólogo quase pela volta do correio.

Infelizmente, para mim o trabalho não é um doce deslizar pela corrente serena do ideal — mas uma subida

arquejante por uma dura montanha a cima. As dezasseis ou vinte páginas que você me pede, à pressa, levar-me-iam um longo tempo a escrever — e eu teria de interromper obra que está na forja, quente e fumegante, para ir malhar outro ferro. Não sei além disso muito bem o que poderia dizer sobre os seus sonetos; se obedecesse ao meu impulso natural diria apenas uma palavra: *isto* é docemente lindo — e não saberia acrescentar mais nada. Para fazer um estudo sobre a evolução moderna da poesia, necessitava a largueza do livro; não me bastaria o artigo.

Os seus sonetos, para encantarem, não necessitam dos meus laboriosos comentários. Se os rouxinóis, por motivos filosóficos, se decidissem a não cantar

sem terem ao lado um crítico hábil que lhes explicasse o canto — deve confessar, meu caro Araújo, que os arvoredos perdiam logo todo o seu idílio e todo o seu mistério. As obras de arte devem falar *por si mesmas*, explicar-se *por si mesmas*, sem terem necessidade de pôr ao lado um cicerone. Acompanhar um livro de versos de crítica *já feita* é querer impor um guia à emoção do leitor. O leitor detesta isto. Creia que os seus sonetos serão mais belos, vistos sós, na sua pureza escultural de linhas nobres — sem lhes pôr em redor toda a compilação da minha prosa. O meu prólogo seria um bocado de chumbo atado à asa de uma linda e ligeira ave... Publique os seus sonetos *sós*, e os homens de gosto ficar-lhe-ão agradecidos.

De resto, como lhe disse, a dificuldade é você ter pressa e eu ser um homem de inspiração tão lenta.

Creia-me, meu caro Araújo,

Seu muito dedicado

Eça de Queirós

Mr. Cumberland (Sessão do Grande Adivinho na Redação de *A Província)*

Mr. Cumberland é um *gentleman* gordo, de cabelo cor de milho, corado, próspero, mostrando no porte e nos modos o tranquilo bebedor de cerveja e o homem correto de negócios. Vestido de preto, com luvas claras e uma gravata tranquila, Mr. Cumberland só revelava os poderes sobrenaturais de que o dotou o destino por cinco caveirinhas de ouro que lhes tilintam nos berloques do relógio. Tem maneiras sóbrias, reservadas, e, na breve conversação que tivemos com ele, no vão de uma janela, mostrou-se homem culto,

penetrante e conhecedor a fundo da questão palpitante dos tabacos. De vez em quando, contrai a venta, como um coelho manso, e pisca o olho direito: nestas ocasiões, derrama-se-lhe na fisionomia alguma coisa de sinistro e de amável, que prende.

No momento em que Mr. Cumberland, depois de ter dado explicações repassadas de cortesia ao nosso amigo Araújo, se adiantou, sacudindo risonhamente os seus berloques lúgubres, — o aspeto das salas era tão surpreendente que fazia pensar nos esplendores de Harun al-Raschid.

Como a multidão dos convidados, a emoção, o gás, as digestões difíceis e aquele ardente calor que as ideias fortes sempre deixam nos lugares em que se

agitam tornariam os salões um forno sufocante, os nossos lacaios tinham aberto largamente as janelas ogivais que dão sobre os nossos jardins.

Das nossas magnólias em flor subia um aroma capitoso e tão romântico, tão inebriante de mistério e paixão, que, por momentos, vimos emagrecer Borges e a Sr.ª D. Guiomar Torresão.

Felizmente, os nossos repuxos espalhavam uma frescura adorável, cantando com tão doce melodia que o mimoso conselheiro Tomás Ribeiro correu à varanda, julgando distinguir neles o ritmo do seu *D. Jaime*.

Entre as nossas roseiras alvejavam os nossos mármores; nas nossas relvas lantejoulavam as nossas iluminações; no céu rebrilhava a nossa

lua.

Dentro, os divãs, as poltronas, os bancos de carvalho lavrado, desapareciam sob as sedas amplas dos vestidos e as abas ligeiras das casacas. Na primeira ansiedade de bem examinar Mr. Stuart Cumberland, renques de cavalheiros, encarrapitados sobre as nossas mesas da Renascença italiana, tocavam com as calvas ou com as guedelhas nos caixilhos das nossas telas de Velásquez, de Parrásio e de Resende, e na orla dos mapas, onde estão desenhadas, a cores ou em relevo, passadas e futuras campanhas... eleitorais.

Na massa pálida dos focinhos alvoroçados reluziam os óculos do Sr. Borges, promontoriava o queixo do Sr. Luciano Cordeiro, destacava o nariz triste

de Eurico, *o Presbítero*. A cuia da Sr.ª D. Cecília Fernandes cobria sobre os mapas geográficos o disputado círculo de Baião. Hírcio e Pansa, velhos cônsules do quadro, graves nas suas togas, cochichavam mirando de soslaio, com pasmo, o chinó do Sr. Machado de Eça em quarto crescente. Era solene!

Logo que se fez um silêncio, Mr. Cumberland, dirigindo-se ao nosso redator-chefe, teve a amabilidade de dedicar ao nosso jornal a sorte inédita que ia apresentar.

Dirigiu-se ao senhor visconde de Correia Botelho e, pedindo-lhe que escondesse o seu objeto mais odiado, retirou-se imediatamente para o nosso esplêndido gabinete persa, onde lhe tínhamos preparado algumas velhas

garrafas de Porto, 1640 (réis) — data memorável. O adivinho sorriu, sem adivinhar a nossa sugestão.

Apenas Mr. Cumberland se retirou, o senhor visconde de Correia Botelho sobraçou o ilustre autor do *Amor de Perdição*, e, contendo-lhe com a mão de ferro o estrebuchar, dirigiu-se à varanda para o ir esconder no saguão,

A assembleia protestou contra a irreverência:

— Não!, nunca? É uma glória nacional!

Debalde um dos nossos redatores explicou adverbiosamente que o nosso saguão não era o saguão comum, mas um *parterre* de roseiras. Os gritos continuavam:

— Não!, nunca! Ao saguão, nunca!

O senhor visconde teve que ceder. Com o esguio autor das *Memórias do Cárcere* a debater-se-lhe debaixo do braço, olhou em volta e dirigiu-se a um dos nossos vastos tinteiros de prata manuelinos. Ouviu-se o baque de um corpo magro em tinta grossa — e viram-se dois pés agudos a pernear no alto.

E — quanto pode a sugestão! — logo começaram a transbordar, em vez de tinta, obras de todas as cores, feitios e tamanhos, já impressas e brochadas: romances, contos, biografias, dicionários, defesas da religião, ataques à mesma, fantasias, folhetins, tão copiosos, tão torrenciais, que de toda a parte se elevou um grito:

— Basta! Basta! Não nos afogue! Tire-o! Tire-o!

O senhor visconde, contrariado, tirou o romancista do negro charco, sacudindo-o com esmero. Dos pingos espargidos em redor, sobre os tapetes, verificámos ao outro dia terem ainda nascido tortulhinhos de prosa...

Hesitou um pouco o senhor visconde e, de repente, com o romancista debaixo do braço, a pernear sempre, correu, num lampejo de inspiração, a escondê-lo no seio vasto e gracioso daquela senhora a quem Mr. Cumberland, com um correto anglicismo, chamara a Sr.ª Torrezona.

Raras vezes temos visto, na nossa longa carreira jornalística um escritor pernear tão desabridamente. Por fim rompeu aos gritos:

— Brutalidades, não! Estamos

aqui para nos divertirmos entre cavalheiros de sociedade... Violências, não!

A assembleia condenou, com um murmúrio, a sanha odienta do senhor visconde, que, encolhendo os ombros, com o gesto de César, nas Termópilas, sorriu, abriu desmesuradamente a boca e, como quem engole espadas, absorveu o romancista.

O pasmo era esmagador. Pairava nos ares a majestade de Mr. Cumberland, invisível como a Providência. Olhava-se por toda a parte. Seria uma ilusão? As senhoras sacudiam os vestidos, os homens palpavam as algibeiras. Sumira-se o autor da *Corja*! O glorioso humorista estava definitivamente eliminado. E, no meio da sala, de pé, o senhor visconde emudecera,

empanzinado.

Foi então que, num silêncio em que se podiam ouvir segredar os nossos antípodas, surgiu, risonho e-agitando os berloques fúnebres, o sugestor Cumberland.

Não hesitou um momento; caminhou direito ao senhor visconde, agarrou-lhe o pescoço com uma das mãos, com a outra os tornozelos; e, com a facilidade de quem quebra uma cana, fê-lo estalar pelo meio! Houve desmaios. Do senhor visconde escoou-se no chão um corpo ténue: e Mr. Cumberland, tomando-o na ponta dos dedos, mostrou à assembleia o Sr. Camilo Castelo Branco.

Mas, ai!, quão mudado! Onde se sumira o sarcástico arreganho? Para onde fora o lábio fremente de *verve*? Onde se

escondia aquela direitura de porte, que parecia espartilhada em adjetivos de aço? Tudo desaparecera! Tudo estava perdido para as letras!

Na nossa assembleia havia uma sussurração de desconsolo e saudade. Meninas suspiravam; e a Sr.ª Torrezona comprimia ais no seu copioso seio.

Então o Sr. Camilo Castelo Branco, esvaído e diminuído, murmurou:

— Metam-me outra vez dentro do senhor visconde! Só lá dentro estou bem! Bem para dentro, lá no meio — onde está a coroa!

Logo Mr. Cumberland ajustou de novo o titular partido, metendo-lhe o recheio do romancista; e, no meio de palmas, hurras, gritos, urros, cacarejar de galos e piar de corujas, terminou esta

sorte, que ficará memorável na história literária, e gravada nos anais gloriosos de *A Província*.

O ilustre poeta de estado honorário senhor conselheiro

Tomás Ribeiro foi o herói deste episódio memorável da nossa *soirée*.

Havia um certo cansaço depois de tão fortes emoções; e Mr. Cumberland, adivinhando o desejo de todo o «madamismo», convidou o festejado estadista a recitar alguns dos seus bocadinhos de ouro, em obséquio às senhoras.

— Minhas senhoras — retorquiu o senhor conselheiro —, é muito lisonjeiro, muito honroso para mim, mas não vinha preparado... Se tivesse tido alguma antecipação...

A instâncias do senhor duque de Ávila nomeou-se uma comissão para implorar a sua excelência que recitasse alguns dos seus harmoniosos decretos ou das suas mimosas portarias.

O senhor conselheiro não resistiu mais e, acompanhado pela Sr.ª Torrezona, que desferia eolicamente o Sr. Alberto Pimentel, tirou o lenço bordado, prenda de misteriosa odalisca, cofiou o bigode plangente, afogou o olho em ternura nova e, com voz oleaginosa, trinou:

Sou par do reino, bacharel formado,
Lírio nevado, trovador cristão.
Brisas do Tejo, que passais balsâmicas,
Epitalâmicas, tara, tan, tão...

Trazei, pousai-me nesta fronte bela,

Pura e singela, divinal, gentil,
Os beijos castos, que as meninas Peres
Dão aos alferes, sob o céu d'abril!

Trazei-me os sonhos perfumados, ledos,
Almos segredos que, escutando bem,
A meia-noite Julieta arrulha,
Quando a patrulha vai passando além!

Trazei-me os ecos dos defuntos pianos,
Que eram há anos, ao ouvir meus ais,
Martirizados pelas viscondessas,
Em cem cabeças de comarca, ou mais!

Sou par do reino, bacharel formado,
Condecorado com a Conceição;
Tarirarira, rira, rira, rira,
Tarirarira, rira, rira, rão!

— Bis!, bis! — exclamaram todos.

E o Sr. Borges gritava entusiasmado:

— Vis!, vis!

Então o senhor conselheiro, sorrindo, repetiu:

Tarirarira, rira, rira, rira,
Tarirarira, rira, rira, rão!

Foi um delírio!

Mefistofélico, com o seu nariz adunco, na primeira fila, via-se o nosso Guerra Junqueira, nessa noite particularmente glorioso. Passavam-lhe na mente, incendiada pelos esplendores da festa, trovões, montanhas, abismos e vozes do infinito. Mr. Cumberland

adivinhou imediatamente que a alma do grande Hugo se aninhara no cérebro do nosso querido Junqueira e lhe estava revelando lá dentro um grande segredo poético.

E, não querendo privar os nossos convidados de uma *primeur* póstuma do épico da *Lenda dos Séculos*, tomou pela mão, que a cerveja respeitara, o nosso querido Junqueira, levando-o à pedra, obrigou-o, por sucessivas sugestões, a vomitar as porções de Hugo que o afrontavam:

Je suis mort. Me voilá. Je rayonne dans l'ombre.
Je suis l'éclair, je suis la voix, je suis le nombre!

Les soirs, autour de moi, comme un essaim d'abeilles,
Voltigent. Oh, firmament, jardin de fleurs vermeilles,

Que mon souffle caresse et que ma vaste main
Cueille d'un large geste, auguste et surhumain,

Je t'habite! Oh lueur! Je rève sur la cime!
Et mon nombril s'étale aux bords noirs de l'abime.

Je suis tout. Oh!, je suis le repos et la lutte,
De l'infini muet. Je suis l'harmoniflûte!...

II dit. Et dans la fauve et sombre immensité,
Dans un nimbe ejfrayant d'horreur et de clarté,

Étonnant l'ouragan, et l'aigle, et l'escargot,
Sous Dieu le Pére on vit — percer le père Hugo!

[Versos de Antero de Quental]

Estes quatro últimos versos, que o nosso glorioso Junqueira adicionou à confidência astral de Victor Hugo, fizeram dizer ao nosso Eça de Queirós:

— Sempre odiando o Padre Eterno, que tanto fez por ele!... Bem ingrato, este Abílio!

Uma parte da assembleia desgraçadamente, por ignorar a língua francesa, não pode apreciar as belezas fortes desta poesia épica de Hugo. Os leitores de *A Província* dirão se ela é sublime ou não.

Mas, decididamente, não foi este o mais belo sucesso da *soirée*. Pois merecia sê-lo!

O Francesismo

Há já longos anos que eu lancei esta fórmula: «Portugal é um país traduzido do francês em vernáculo.» A secura, a impaciência, com que ela foi acolhida, provou-me irrecusavelmente que a minha fórmula era subtil, exata, e se colava à realidade como uma pelica. E para lhe manter a superioridade preciosa da exatidão fui bem depressa forçado a alterá-la, de acordo com a observação e a experiência. E de novo a lancei assim aperfeiçoada: «Portugal é um país traduzido do francês em calão.» E desta vez a minha fórmula foi acolhida com simpatia, com rebuliço, e rolou de mão em mão como uma moeda de ouro bem

cunhada e rutilante, que é agradável mostrar, fazer tinir sobre o mármore dos botequins. Já a encontrei brilhando num almanaque, numa comédia do Príncipe Real e num sermão. Porque foi este novo, carinhoso acolhimento? Quem sabe? Talvez porque a ideia da vernaculidade desagradava, lembrando pedantismo, caturrice, a Academia das Ciências, o pingo de rapé, outras coisas antipáticas. Enquanto que a ideia de calão nos sugere, sobretudo a nós, Lisboetas, chalaça alegre, bacalhau de cebolada, Chiado, Grémio, pescada frita nas hortas, em tarde de sol e poeira, e outras delícias de que eu, ai de mim, estou aqui privado!

Em todo o caso, ou à maneira de Curvo Semedo, o clássico, ou à maneira do Zé Pinguinhas, o fadista, é evidente

que há quarenta anos, desde a Patuleia, Portugal está curvado sobre a carteira da escola, bem aplicado, com a ponta da língua de fora, fazendo a sua civilização, como um laborioso tema, que ele vai vertendo de um largo traslado aberto defronte — que é a França. Quem dependurou ali o traslado para que Portugal copiasse, com finos e grosso? Talvez os homens de 1820; talvez os românticos da Regeneração. Eu não fui; tenho sido acusado com azedume, nos periódicos ou naqueles bocados de papel impressos que, em Portugal, passam por periódicos, de ser *estrangeirado*, *afrancesado*, e de concorrer, pela pena e pelo exemplo, para *desportuguesar Portugal*. Pois é um desses erros de salão, em que tão fértil é a frivolidade

meridional. Em lugar de ser culpado da nossa desnacionalização, eu fui uma das melancólicas obras dela. Apenas nasci, apenas dei os primeiros passos, ainda com sapatinhos de croché, eu comecei a respirar a França. Em torno de mim só havia a França. A minha mais remota recordação é de escutar, nos joelhos de um velho escudeiro preto, grande leitor da literatura de cordel, as histórias que ele me contava de Carlos Magno e dos Doze Pares. Havia aí certamente grandes lições de valor, de lealdade, de heroísmo: mas eram virtudes cavalheirescas que se provavam todas nos montes da Provença ou de Navarra. De cavaleiros portugueses que dessem cutiladas nos mouros nunca me contaram história alguma à lareira. Também o meu preto lia contos tristes das

águas do mar. Era as aventuras de um Jean de Calais. As naus afundavam-se, os gajeiros gritavam «terra», mas era tudo em frios mares da Bretanha. De navegadores portugueses, em galeões portugueses, não me contaram jamais história alguma à lareira.

Depois ensinaram-me a ler: e o Estado, que certamente tinha interesse em que eu soubesse ler e que, por meio das suas repartições públicas, estudara prudentemente o livro que melhor me convinha, como lição moral e como lição patriótica, meteu-me nas mãos um volume traduzido do francês e chamado *Simão de Nântua*. Eram as aventuras de um justo: abundavam lá os exemplos de modéstia, de diligência, de caridade, de pudor; mas todas estas virtudes, suaves e íntimas, se

exibiam longe, em Dijon, na AIsácia, e nas estalagens da Picardia. De sorte que, para mim, todos os justos, bem como todos os heróis, só em França se produziam na perfeição, como os espargos, nessa França de onde tudo que é amável vinha, de onde eu mesmo viera, como outras crianças, num açafate de alfazema e cravo. Depois, comecei a subir o duro calvário dos preparatórios: e, desde logo, a coisa importante para o Estado foi que eu soubesse bem francês. Decerto, o Estado ensinava-me outras disciplinas, entre as quais duas, horrendas e grotescas, que se chamavam, se bem recordo, a lógica e a retórica. Uma era destinada a que eu soubesse bem pensar, e a outra, correlativamente, a que eu soubesse bem escrever. Eu tinha então

doze anos. Para eu saber pensar, o Estado e os seus professores forçavam-me a decorar diariamente laudas de definições, de fórmulas misteriosas, que continham a essência, o segredo das coisas, compiladas do francês, de velhos compêndios de escolástica. Era terrível! O lente, casmurro e soturno, perguntava:

— Quantos são os impossíveis?

Eu devia papaguear em voz clara:

— Dois. O impossível físico, que o homem não pode fazer, mas Deus pode; por exemplo: ressuscitar. O impossível metafísico, que nem ao homem nem a Deus mesmo é permitido, como, por exemplo, que uma coisa, ao mesmo tempo, seja e não seja!

«Que nem a Deus é permitido!» Havia pois alguma coisa que nem a Deus

era permitida? E quem era então esse outro poder que, mais omnipotente, mais alto nas nuvens, lho não permitia? A minha cartilha, traduzida também do francês, com a aprovação de um bispo francês, ensinava-me, por outro lado, que Deus é absoluto, de ilimitado poder, e que as suas vastas mãos, que o universo fizeram, podem o universo desfazer. Qual tinha pois razão destes dois livros que o Estado me impunha? A Cartilha? A lógica? Dúvida pavorosa, primeiro tormento de alma, em que só antevia uma coisa certa, inevitável: o R, a *raposa*. Mas bem depressa compreendi que esta lógica, com a divertida, faceta, incomparável, retórica, que tive de decorar durante um ano, eram decerto disciplinas em que o Estado não tinha

interesse que eu fosse perfeito. O seu desejo estava todo em que eu soubesse bem francês. Quando cheguei na diligência a Coimbra, para fazer o exame de lógica, retórica e francês, o presidente da mesa, professor do liceu, velho amável e miudinho, de batina muito asseada, perguntou logo às pessoas carinhosas que se interessavam por mim:

— Sabe ele o seu francês?

E quando lhe foi garantido que eu recitava Racine tão bem como o velho Talma, o excelente velho atirou as mãos ao ar, num imenso alívio.

— Então está tudo ótimo! Temos homem!

E foi tudo ótimo, recitei o meu. Racine, tão nobremente como se Luís XIV fosse lente, apanhei o meu *nemine*, e à

tarde, uma tarde quente de agosto, comi com delícia a minha travessa de arroz-doce na estalagem do Paço do Conde. E desde então nunca mais saí do francês. Quando, no último ano de preparatórios, o Estado, subitamente, se lembrou que era conveniente que eu tivesse algumas noções do universo, foi através de um compêndio francês, o *Langlebert*, que me relacionei com os três reinos da Natureza. Conheci mais tarde em Paris este Langlebert, que é um médico, no Quartier Latin. E contei-lhe como nas páginas tão sabiamente por ele compiladas eu aprendera de cor a fórmula química da água e a teoria do para-raios. Langlebert, coçando risonhamente o seu espesso colar da barba, considerou-me com ternura, como a um bárbaro que dá proveito:

«Oui, oui, vous n’avez pas de ces livres là-bas... Et j’en suis bien aise! Ça me fait une jolie rente...»

Creio bem que lhe fizesse uma linda renda não termos esses livros «cá em baixo»!

E outros decerto faziam lindas rendas, eles ou os editores, porque, apenas entrei na Universidade, fui abrindo o meu rego de bacharel através de livros franceses. Direito natural, direito público, direito internacional, todos os direitos, ou em compêndios ou em expositores, eram franceses, ou compilados abertamente do francês, ou secretamente surripiados do francês. E sobre a mesa de pinho azul dos meus companheiros de casa, só se apinhavam livros franceses de matemática, de cirurgia, de física, de

química, de teologia, de zoologia, de botânica. Tudo francês! Algumas lições eram dadas em francês, por lentes preclaros, carregados de condecorações, que pronunciavam *il faut — ile faúte*. Aquele corpo docente nunca tivera bastante atividade intelectual para fazer os seus compêndios. E todavia Coimbra fervilhava de lentes, que decerto tinham ócios. Havia-os no meu tempo inumeráveis, moços e vetustos, ajanotados e sórdidos, castos e debochados, e todos decerto tinham ócios; mas empregavam-nos na política, no amanho das suas terras, no bilhar, na doçura da família, no trabalho de dominar pelo terror o pobre académico encolhido na sua batina; e o saber necessário para confecionar a sebenta iam buscá-lo todos os meses aos

livreiros da Calçada, que o recebiam de França, encaixotado, pelo paquete do Havre.

Ora naturalmente até aqui, simples estudante, eu do vasto mundo só vira, só me interessara, por aquele detalhe que mais se relaciona com o estudante — o compêndio. E só encontrava, só respirava o francês. Mas depressa, compreendendo que por aquele método de decorar todas as noites, à luz do azeite, um papel litografado que se chama a sebenta eu nunca chegaria a poder distinguir, juridicamente, o justo do injusto, decidi aproveitar os meus anos moços para me relacionar com o mundo. Comecei por me fazer ator do Teatro Académico. Era *pai nobre*. E, durante três anos, como *pai nobre*, ora grave, opulento, de suíças

grisalhas, ora aldeão trémulo, apoiado ao meu cajado, eu representei entre as palmas ardentes dos académicos toda a sorte de papéis de comédias, de dramas — tudo traduzido do francês. Por vezes, tentávamos produzir alguma coisa de mais original, de menos visto que a *Dama das Camélias*, ou o *Chapéu de Palha de Itália;* reunimo-nos, com papel e tinta; e entre aqueles moços, nascidos em pequenas vilórias da província, novos, frescos, em todo o brilho da imaginação, uma só ideia surgiu: *traduzir alguma coisa do francês*. Um dia, porém, Teófilo Braga, farto de França, escreveu um drama, conciso e violento, que se chamava *Garção*. Era a história e a desgraça do poeta Garção. Eu representei o Garção, com calções e cabeleira, e fui

sublime; mas o Garção foi acolhido com indiferença e secura. E um só grito ressoou nos bastidores: «Ora aí têm... Um fracasso! Pudera! Peças portuguesas!...»

Imediatamente nos refugiámos no francês e em Scribe.

O teatro, pouco a pouco, pusera-me em contacto com a literatura. Encontrei, organizada, completa, uma larga sociedade literária a que em parte presidia o homem, entre todos excelente e grande, que é mais que uma glória da sua pátria, porque é uma glória do seu século. Mas, à parte esse, em quem as largas, fecundas correntes do saber contemporâneo não alteravam de todo esse feitio especial, profundamente português, de ilhéu de boa raça, descendente de navegadores do século

XVI — todo o resto desse rancho encantador parecia ter chegado na véspera do Quartier Latin. Sobre as mesas, só havia livros franceses; nas cabeças só rumorejavam ideias francesas; e o cavaco, entre a fumaraça, tomava invariavelmente o picante gosto francês. O que se lia? Só a França. Toda a França — desde Mery a Proudhon e desde Musset a Littré. Em todo o tempo que vagueei pelas margens do Mondego, creio que não abri um livro português a não ser em vésperas de ato, e com infinita repugnância, a *Novíssima Reforma Judiciária*. Mas conhecia, como todos os meus amigos, cada romancista, cada poeta francês, não só na sua obra, mas na sua vida — nos seus amores, nos seus tiques e no seu estado de fortuna. Foi por esse tempo que eu e alguns camaradas

nos entusiasmámos pela pintura francesa!... É extraordinário, bem sei, considerando que estávamos então a seis longos dias de viagem do Louvre, e do Luxemburgo, e do Salon. Mas tínhamos os críticos, todos os críticos de arte, desde Diderot até Gautier, e era na prosa deste que nós admirávamos extaticamente a sobriedade austera de Ingres ou o colorido apaixonado de Delacroix. E em tudo isto eu obedecia sempre a um impulso, a uma grande corrente, como uma folha que boia na água.

Com a minha carta de bacharel num canudo, trepei enfim um dia para o alto da diligência, dizendo adeus às veigas do Mondego. Justamente nesse mesmo tejadilho ia um francês, um *commis-voyageur*. Era um colosso, de

lunetas, duro e brusco, com um queixo maciço de cavalo, que, à maneira que o coche rolava, ia lançando através dos vidros defumados um olhar às terras de lavoura, aos vinhedos, aos pomares, como se os sopesasse e lhes calculasse o valor, torrão a torrão. Não sei porquê, deu-me a impressão de um agiota, estudando as terras de um morgado arruinado. Conversei com este animal; ele pareceu surpreendido da minha facilidade no francês, do meu conhecimento do francês, da política de França, da literatura de França. De facto, eu conhecia romancistas, filósofos franceses, que ele ignorava. E ainda recordo o tom de alta proteção com que me disse, batendo-me no ombro, enquanto nós rolávamos na estrada, vendo em baixo, no vale, o

Mosteiro da Batalha:

«Vous avez raison, il faut aimer la France... II n’y a que ça! Et puis, vous avez, il faut que nous vous fassions des choses, des chemins de fers, des docks, des choses... Mais il faut nous donner votre argent...»

Creio que realmente, depois, temos dado *notre argent* à França, largamente!

Enfim, cheguei à capital de Portugal — e lembro-me que a primeira coisa que me impressionou foi ver a uma esquina um grande cartaz, anunciando a representação de «cançonetas francesas», no Casino, a brilhante Madame Blanche e a incomparável Blanchisseuse. Era outra vez a França, sempre a França. Eu deixara-a dominando em Coimbra, sob a

forma filosófica; vinha encontrá-la conquistando Lisboa, de perna no ar, sob a forma de cancã...

Começou então a minha carreira social em Lisboa. Mas era realmente como se eu habitasse Marselha. Nos teatros — só comédias francesas; nos homens — só livros franceses; nas lojas — só vestidos franceses; nos hotéis — só comidas francesas... Se nesta capital do reino, resumo de toda a vida portuguesa, um patriota quisesse aplaudir uma comédia de Garrett, ou comer um arroz de forno, ou comprar uma vara de briche — não podia.

Nem nos palcos, nem nos armazéns, nem nas cozinhas, em parte alguma restava nada de Portugal. Só havia arremedos baratos da França. A particular

atmosfera de coscuvilhice política, que é tão peculiar a Lisboa como o nevoeiro a Londres, forçou-me, a meu pesar, a embrenhar-me também na política. Em que política? Boa pergunta! Na francesa! Porque havia então em Lisboa toda uma classe culta e interessante de políticos «franceses», que, no Grémio, na Havanesa, à porta do Magalhães, faziam uma oposição cruel, amarga, inexorável, ao Império Francês e ao imperador Napoleão!

Também havia decerto, na Baixa, no Passeio Público, imperialistas, que tinham empreendido a campanha da ordem contra Rochefort e contra Gambetta. Mas era uma minoria. Lisboa toda arreganhava o dente para o imperador. E, naturalmente, eu, moço e ardente, cheio de ideias de

liberdade e de república, transbordando de ódio contra essa corja dos Rouher e dos Baroche, que proibiam o teatro de Hugo e tinham levado à polícia correcional Gustave Flaubert, lancei-me vivamente na oposição às Tulherias. O que eu conspirei!, Jesus, o que eu conspirei! O meu desejo era filiar-me na Internacional! E lembra-me que uma noite, a propósito de não sei que novo escândalo do império, achando-nos uns poucos no Martinho, em torno de um café, exclamámos todos, pálidos de furor, cerrando os punhos: «Isto não pode ser! Já sofremos bastante. E necessário barricadas, é necessário descer à rua!»

Descer à rua, era a ameaça terrível. E descemos o degrau do Martinho! Depois, na rua, sob o quente

luar de julho, ouvindo os foguetes para os lados do Passeio Público, voltámos para lá os passos frementes — porque um de nós, o mais exaltado, encontrava lá uma certa senhora, em noites de fogo preso. Ah, mocidade, mocidade, incomparável encanto! Onde estão os entusiasmos de então, a santa palidez que nos cobria a face ante o espetáculo da injustiça, e a doçura que encontrávamos nos luares de maio, e os foguetes alegres do Passeio?

Enquanto à política propriamente portuguesa, escuso dizer que nenhum de nós verdadeiramente sabia se o regime que nos governava era a Constituição ou o absolutismo. De tais detalhes portugueses não curavam os filhos de Danton. E enquanto às divisões parlamentares de regeneradores, históricos, reformistas,

nem sequer as suspeitávamos, nós que conhecíamos as menores *nuances* da oposição francesa, e que distinguíamos as pequenas subtilezas de opinião que dividiam Jules Favre e Gambetta, Picard e Jules Simon.

Mas para que hei de continuar? Não quero escrever uma página de memórias. Apenas mostrar tipicamente como eu e toda a minha geração (excetuando espíritos superiores, como Antero de Quental ou Oliveira Martins) nos tínhamos tornado fatalmente franceses no meio de uma sociedade que se afrancesava e que, por toda a parte, desde as criações do Estado até ao gosto dos indivíduos, rompera com a tradição nacional, despindo-se de todo o traje português, para se cobrir — pensando,

legislando, escrevendo, ensinando, vivendo, cozinhando — de trapos vindos da França!

Esta geração cresceu, entrou na política, nos negócios, nas letras, e por toda a parte levou o seu francesismo de educação, espalhou-o nos livros, nas leis, nas indústrias, nos costumes, e tornou este velho Portugal de D. João VI uma cópia da França, malfeita e grosseira. De sorte que, quando eu, lentamente, fui emergindo dos farrapos franceses em que essa educação me embrulhara e tive consciência do postiço estrangeiro da nossa civilização, eu pude dizer que «Portugal era um país traduzido do francês» — no princípio em vernáculo, agora em calão.

Mas dir-me-ão: «Tudo isso é uma

pequena minoria, feita de alguns políticos, alguns literatos, alguns banqueiros e alguns mundanos; a vasta maioria do país, a burguesia das vilas, a gente dos campos, permanece portuguesa, conservando no seu sentir e no seu pensar o fio da tradição, que seria fácil ir buscar lá, para com ele se continuar a tecer a nossa verdadeira civilização de feitio português.»

Nenhum erro maior! Essa vasta maioria não conta. Um país, no fundo, é sempre uma coisa muito pequena: compõe-se de um grupo de homens de letras, homens de Estado, homens de negócio e homens de clube, que vivem de frequentar o centro da capital. O resto é paisagem, que mal se distingue da configuração das vilas ou dos vales. E a

gente sonolenta da província, que apenas se diferencia das pequenas vielas, tortuosas e sujas, onde vegeta; são os homens do campo, que mal se destacam das terras trigueiras que semeiam e regam. A sua única função social é trabalhar, pagar. A direção de um país é dada justamente por essa minoria da capital. Quando algum jornalista e algum político de Paris quiser que a França seja republicana, proclama-se a república; quando preferir que haja monarquia, sobe um sujeito, com uma coroa na cabeça ao trono de Luís XIV. Não são os camponeses da Beauce, nem os burgueses de Orleães que escolhem para a França o barrete vermelho ou a coroa fechada. A moda dessa *coiffure* vem de Paris, de algumas redações do Bulevar ou dos

corredores do Palais Bourbon. Na mesma Inglaterra, com a sua vasta descentralização intelectual e social, a classe média não conta, porque, na realidade, os círculos eleitorais das províncias só em questões muito graves, em questões de dinheiro ou dignidade nacional, têm uma opinião sua e a fazem ouvir de alto: de resto, ocupada no seu trabalho, aceita submissamente as opiniões dos clubes de Pall Mall e dos jornalistas de Fleet Street, como aceita a forma de paletós que, para a *season*, é decretada pelos cortadores de Cook ou de Poole. Que será pois em Portugal, onde, fora do pequeno centro de Lisboa, não há vida intelectual nem social?

O que um pequeno número de jornalistas, de políticos, de banqueiros,

de mundanos decide no Chiado que Portugal seja — é o que Portugal é. Se um grupo amanhã decidir que Portugal seja turco — através do país inteiro todos os chapéus altos, todos os chapéus desabados, todos os cocos, todos os barretes de varino, tenderão lentamente mais ou menos a tomar a forma de turbante. Por ora, todavia, tudo é francês. A toda a parte chega esta ondulação do francesismo partida do Chiado — mais forte no Porto do que em Guimarães, mais visível em Guimarães do que em Lamaçal de Bouças, mas sensível para quem sabe ver debaixo das superfícies. Pode-se conservar o chinelo de ourelo e ser-se fiel ao sarrabulho de porco, mas por toda a parte há vagamente essa tendência, essa aspiração, esse desejo escondido de não

se ser como foram nossos avós, mas de outro modo, como se é lá fora. E lá fora — é a França.

O pai de um amigo meu, em 1836 ou 1848, num ódio repentino a tudo que lhe lembrava o velho Portugal, foi-se à sua mobília antiga, de pau-preto torneado e de assentos de couro lavrado, e num só dia vendeu, queimou, sepultou em sótãos, dispersou todas essas formas vetustas, que lhe vinham do passado; depois, correu a um estofador da esquina e comprou, ao acaso, num lote, uma mobília francesa. O que este homem fez, todo o Portugal o fez. Num rompimento desesperado com o velho regime, tudo quebrou, tudo estragou, tudo vendeu. Achou-se de repente nu; e como não tinha já o caráter, a força, o génio, para de si mesmo tirar uma nova

civilização, feita ao seu feitio e ao seu corpo, embrulhou-se à pressa numa civilização já feita, comprada num armazém, que lhe fica mal e lhe não serve nas mangas.

Como acontece sempre nestas *toilettes* feitas à pressa, veem-se ainda, por baixo do arrebique francês, os restos do fato primitivo e rude. Portugal ainda usa tamancos. Mas mesmo onde este desventuroso país usa tamancos tem o seu coração, o seu desejo voltado para a bota de verniz bicuda, que vem de Paris. Numa velha vila da província, um amigo meu entrou numa loja, uma sombria loja, cheirando a mofo, alumiada a azeite, para comprar um guarda-chuva. E, oh horror!, eis que o lojista, um pouco pálido, de quinzena de cotim, lhe pergunta,

erguendo-se detrás do balcão com o *Gil Blas* na mão: «Vossa excelência leu hoje esta deliciosa fantasia de Catulle Mendès?» Naquela loja respeitável, onde seu pai, de chinelos, apilhava, honradamente, os briches e as saragoças, o miserável lia Catulle Mendès! Mais ainda. Um dia, em Braga, abro um jornal e vejo este anúncio: «Na rua de tal, velas de cera, círios, tochas de qualidade superior, tudo o que há neste género de mais *pshutt* e *becarre*.» Oh, miséria incomparável! Os santos encantadores do nosso calendário, patronos das nossas casas, fiéis e doces protetores do nosso lar, alumiados nos altares com círios *pshutts* e com molhos de velas *becarre!* A este abismo levou o francesismo, na velha e católica Braga, o venerável e patriótico negócio da cera.

Desgraçada cera, desgraçada Braga!

Mas é sobretudo na minha especialidade, na literatura, que esta cópia do francês é desoladora. Como aqueles patos que Zola tão comicamente descreve na *Terre*, aí vamos todos, em fila, lentos e vagos, através.do caminho da poesia e da prosa, atrás do ganso francês. Quando ele embica para a relva, vamos bamboleando, pata aqui, pata acolá, em direitura à relva; se ele para, com o bico no ar, todos paramos, com o bico no ar. De repente ele abre as asas, saltita pesadamente, e eis a fila grotesca, e pesada, e saltitante, correndo confiadamente para o charco! Fomos sucessivamente, em imitação do ganso francês, românticos, góticos, satânicos, parnasianos, realistas. Toda a

incoerência, toda a afetação, toda a extravagância de uma literatura em decadência, ávida de originalidade, e desengonçando-se no esforço violento de encontrar uma altitude nova que espante o público — é imediatamente macaqueada a sério, com uma gravidade melancólica, que é o fundo do caráter nacional, por uma infinidade de moços honestos e simples.

Há dois ou três anos, esse colossal blagueador e cabotino chamado Richepin publicou um livro, *Les Blasphèmes*, em que se propunha simplesmente a acabar de vez, por meio de algumas rimas brilhantes, com o sentimento religioso na humanidade, descrevendo obscenamente a afeição íntima de seu pai e de sua mãe. Era em casa de Oliveira Martins, e todos

achámos imensamente divertida esta nova forma de respeito filial. Antero de Quental, porém, não ria.

«Isto para nós é grave», disse ele. «Porque amanhã vão aparecer aí, por todos esses jornais, estrofes de poetas novos, começando assim:

Meu pai era ladrão, minha mãe meretriz!

E vinte horas não tinham passado sem que todos, no espanto desta profecia, lêssemos, em jornais de Lisboa e Porto, poesias em que moços de maior honestidade, de famílias honradíssimas, acusavam as suas mães de prostituição e tratavam os pais de «lúbricos machos». Aí está onde leva a França!

Mas, se os que escrevem ou

escrevinham vivem da França, o que leem ou os que apenas folheiam nutrem-se exclusivamente da França. Quem passeia pelas ruas de Lisboa vê que nas vitrinas dos livreiros só há livros franceses; e quando se sobe às casas, se penetra na sociedade, só lá se descobrem (desde que a conversação se eleva acima das coisas locais), leituras francesas, admirações francesas, frases francesas. Quase toda a nossa mocidade culta recebe a sua luz intelectual do *Fígaro*. E o banalíssimo, mediocríssimo Wolf é ainda, para muitos homens inteligentes, o representante do espírito francês. Porque é necessário observar que tanto os que escrevem como os que leem tomam ingenuamente o Bulevar pela França. Para além da França nada se conhece — e é como se,

literariamente, o resto da Europa fosse uma vasta charneca muda, sob a bruma. Da nossa vizinha Espanha, nada sabemos. Quem conhece aí os nomes de Pereda e de Galdós? A literatura inglesa, incomparavelmente mais rica, mais viva, mais forte e mais original que a da França, é tão ignorada, apesar de geralmente se saber inglês, como nos tempos remotos em que vinte longos e laboriosos dias eram necessários para ir de Lisboa a Londres. Há alguns anos, um personagem, um político, um homem de Estado, perguntava-me, com um ar de suficiência e superioridade: «Lá por Inglaterra também há alguma literatura?»

E ainda recentemente um homem excessivamente culto, conhecendo perfeitamente o inglês, me dizia: «A

respeito da literatura, imagino que deve ser alguma coisa de muito brilhante e de muito grande; mas, a não ser Dickens, que morreu há vinte anos, não posso citar um só nome e de nenhum outro posso citar uma só linha!»

E todavia não é a curiosidade que nos falta. Mas estamos colados às saias da França como às de uma velha amante a que nos acorrente o vício e o hábito, e de quem não ousamos afastar-nos para ir falar a alguma mulher mais interessante e mais fresca. Há tempos, na curta distância que vai do Rossio ao Loreto, eu fui assaltado por seis ou sete pessoas, que me travavam do braço, me arrastavam para a esquina, para me perguntar ansiosamente: «Quem é uma certa Rhoda Brougton que escreve romances?» E eu ia já indignar-

me, pensando que isto era uma *scie* montada contra mim, quando soube que o *Fígaro* da véspera tinha um artigo sobre a graciosa e fina criadora da *Família Maubrey*.

Da rica e grande literatura da Alemanha, podemos dizer, como o meu amigo: nem um nome a citar, nem uma linha a lembrar! E se agora conhecemos alguns romances russos, é porque «estão na moda» no Bulevar.

Mas, pergunto eu, este *collage* com a França, esta imitação, esta preocupação da França, é uma tendência fatal, necessária, de temperamento, de congeneridade, de similitude, a que não possamos escapar, como a Dinamarca não pode escapar a imitar a Alemanha e a Bélgica se não pode eximir a imitar a

França? Não creio. O dinamarquês é um alemão desbotado. A Bélgica é uma edição barata da França. Mas não há similitude alguma de temperamento, de feitio moral, entre nós e a França. Nada mais diferente do que um francês e um português; nem eu compreendo que satisfação, que gozo, possa achar o espírito português em se nutrir, em se banhar, nas criações do espírito francês. A França é um país de inteligência; nós somos um país de imaginação. A literatura da França é essencialmente crítica: nós, por temperamento, amamos sobretudo a eloquência e a imagem. A literatura da França é, desde Rabelais até Hugo, social, ativa, militante. A nossa, por tradição e instinto, é idílica e contemplativa. Não é só por uma fria

imitação de Teócrito e dos bucólicos latinos que nós, desde Rodrigues Lobo até aos elegíacos da Arcádia, amamos a écloga pastoril: é porque nós somos realmente o povo que se compraz em estar quieto entre os choupais, a ver correr as águas meigas, pensando em coisas saudosas. Fomos à Índia, é verdade, mas quase três séculos são passados, e ainda estamos descansando, derreados, desse violento esforço a que nos obrigaram alguns aventureiros que tinham pouco do fundo comum da nossa raça e que, a julgar por Afonso de Albuquerque, deviam ser de origem fenícia, puros cartagineses, talvez da famílias dos Barças. Enfim, o símbolo da França será eternamente o galo, o galo petulante e lustroso que canta claro, com uma limpidez de clarim, no

fresco arrebol da manhã: e o nosso emblema é e será eternamente o rouxinol, que geme na espessura mal alumiada dos arvoredos, o rouxinol «amavioso e saudoso» que faz chorar Bernardim.

A alma de um povo define-se bem a si mesma pelos heróis que ela escolhe para amar e para cercar de lenda. O grande rei para os Franceses é e será sempre Francisco I, enorme, robusto, ligeiro, rindo alto, batendo-se valentemente, amando mais valentemente ainda, radiante, gozando largamente a vida, poeta em certos momentos, artista por ostentação e falador eterno... O nosso genuíno herói, e isto resume tudo, é o poético e pensativo D. Sebastião.

Ora se nenhuma congeneridade de ideia, de sentimento, de natureza, de

temperamento, nos cola irremediavelmente à França, ser-nos-á fácil, sem dúvida, separar-nos dela, sem que se dilacerassem as raízes mesmas da nossa sociedade. Nós estamos apenas colados à superfície, somos um parasita. E se nos desprendêssemos desse grande corpo, em que sugamos para viver, poderíamos, sem emagrecer e sem deterioração do nosso organismo, ir procurar noutro corpo social a vida do nosso espírito. Como parasitas prudentes, e o Português é prudente, podemos talvez perguntar a nós mesmos se nos convém continuar a sugar a pele francesa, e se ela realmente oferece todos os elementos de uma suficiente alimentação para que, como uma pulga obstinada que pica o seio ressequido da carcaça de uma velha, onde

não há seiva e sangue, não estejamos nós mordendo, chupando, onde não há sangue e seiva que nos alimente.

É tempo, pois, de considerar se nos convém, como *table-d'hôte*, a literatura da França — a nós, parasitas, que em questões de literatura e de tudo vamos comer às casas alheias. Afoitamente digo que nos não convém. A literatura francesa, neste último quartel do século, sofre de um obscurecimento, um desaparecimento de sol entre nuvens, de que o seu génio decerto sairá mais radiante e iluminado; mas por ora só nela há uma grande sombra, que passa. De cima a baixo, das regiões do alto saber e do alto pensar até à literatura do Bulevar, há um enfraquecimento, um desequilíbrio, um enervamento, que, de um lado, leva à

extravagância e, do outro, à banalidade. Extravagância, banalidade! O grande, luminoso, exato, crítico espírito francês está oscilando entre estas duas inferioridades. E em toda a linha de criação literária assim oscila, ora dando pulos grotescos com o desagradável Richepin, ora estendendo-se, chatissimamente, ao comprido, com o detestável Ohnet. Veja-se a mais alta figura literária da França, e a mais francesa — Renan. Espírito da mais requintada e subtil finura crítica, saturado de saber, possuidor de uma língua a mais luminosa e a mais bela, tendo o que há de melhor em Racine e de melhor em Voltaire, com alguma coisa de mais aveludado, de mais acariciador, que prende, irresistivelmente arrasta a alma

— que ensina ele, hoje, este mestre, este francês, que domina com a dupla influência da fina crítica e da forma perfeita?

Este mestre ensina-nos simplesmente que nada na Terra vale, ou tem importância, senão os gozos que dá o amor, ou o esquecimento que dá a morte. Certamente, em boa filosofia, as duas coisas correlacionam-se: a morte e o amor; e há aqui uma grande lógica. Mas nem por isso deixa de ser o mais forte sintoma da decadência intelectual da França que este mestre, este sábio, não abra os lábios, não tome a pena, senão para nos apontar alternadamente — ou para a alcova ou para o cemitério. E se, de Renan, descemos à grande massa da literatura — o estonteamento é ainda mais

caraterístico. No romance, que é a forma preferida da arte moderna, temos mais que em nenhuma outra a banalidade e a extravagância, instintivamente usadas para os dois grandes fins, os dois grandes objetos de todo o esforço parisiense — ganhar dinheiro e espantar a galeria, o gozo ou a gloríola. Na banalidade, com mais ou menos distinção (porque tal é o requinte moderno que mesmo na banalidade há distinção), temos duas ou três individualidades que dão o tom por que as outras atrás afinam. É o Sr. Ohnet, o medíocre Sr. Ohnet, que ganha centenares de mil francos fabricando, com pena fácil, para uso de uma larga democracia igualitária que tem um fundo de educação aristocrática, quadros burgueses, em que os donos de forjas,

empreiteiros, proprietários de armazéns de retalho, toda uma classe industrial, aparecem com os sentimentos de cavalheirismo, orgulho, heroísmo, romantismo, que essa pequena burguesia estava habituada a admirar secretamente na classe aristocrática, na gente de privilégio e de espada, nos *grands seigneurs!* E depois o Sr. Bourget, um parisiense com um ligeiro toque de inglesismo, como pede a moda, que leva para o Faubourg Saint Germain, num fiacre, os seus métodos de psicologia, de uma psicologia que cheira bem, que cheira a opopânace, e, tomando uns ares infinitamente profundos, remexe os corações e as sedas das senhoras para nos revelar segredos que todo o mundo sabe, num estilo que todo o mundo tem.

Por outro lado, gesticulando violentamente, há um pequeno grupo de extravagantes, que se estorcem, se esfalfam para achar alguma coisa inesperada que faça deter os *badauds* no Bulevar que, com efeito, espantam por vezes como saltimbancos muito destros, mas que no momento em que findam as suas cabriolas, arquejando, são esquecidos pelo homem sério, que para a olhar e que passa. Tudo isto é francês, especialmente nascido das condições especiais de Paris, e não vejo o que aqui tenha a admirar ou a imitar um bárbaro honesto que vive para cá dos Pirenéus. E de todos estes romancistas talvez aqueles que nós pudéssemos com mais utilidade imitar são os muito simpáticos e estimáveis Verne e Boisgobey, que ao

menos, com suas viagens, suas intrigas, são um encanto providencial das crianças e dos convalescentes.

Na poesia francesa, tão admirada entre nós, a decadência é maior. Os Franceses nunca foram poetas, e a expressão natural do génio francês é a prosa. Sem profunda, religiosa, ardente emoção, não há poesia; e a França não se comove, permanecendo sempre num razoável equilíbrio de sentimento e de razão, bem senhora da sua clara inteligência. Os clássicos da poesia francesa, Mathurin Regnier, Boileau, La Fontaine, são justamente os homens de bom senso, de fria crítica, de honesta moral. Os bons conhecedores da poesia, em França, admiram sobretudo os poetas, quando eles têm em alto conceito estas

qualidades superiores, que são, na realidade, qualidades de prosa. A limpidez nobre de Racine, a graça subtil de La Fontaine, serão o encanto eterno da França. Victor Hugo, com o seu violento voo lírico, com o esplendor do seu verbo, teve a admiração, mas nunca teve a estima literária da França. E hoje os poetas mais estimados de França são-no ainda por qualidades que pertencem à prosa — Coppée, pela sua facilidade clara e breve, Leconte de Lisle, pela sua majestade lapidar. A poesia francesa são alexandrinos em prosa. Baudelaire escrevia primeiro em prosa os seus poemas.

Nunca a França teve um só poeta comparável aos poetas ingleses, a Burns, a Shelley, a Byron, a Keats, homens de

emoção e de paixão, tão poéticos como os seus poemas; e hoje que poeta há em França que se possa pôr ao lado de Tennyson, de Browning, de Rossetti, de Matthew Arnold, de Edwin Arnold, de Austin, etc.? Um só poeta francês teve a emoção: Musset. Colocado no centro do romantismo, abalado por largas correntes de emoção que vinham de Inglaterra e da Alemanha, dotado de uma exaltação natural, apaixonado, ardente, inspirado, este francês singular sofreu e cantou como sofreu; e, conservando-se francês, foi profundamente humano. Mas a França culta, literária, muito tempo se recusou a ver nele um grande poeta. Diz Paul de Musset que, quando apareceram, na *Revista dos Dois Mundos*, as «Estâncias à Malibran», «As Noites», os verdadeiros

homens cultos permaneceram frios! Como havia, porém, naquela poesia, e expressas sinceramente, coisas que são eternas, a mocidade, o amor, a voluptuosidade, a dor — a França, pouco a pouco, foi atraída para aquele canto vivo e doloroso. A simpatia das mulheres venceu a resistência dos críticos. Musset, hoje, é oficialmente um grande poeta, mas nunca veio a ser um clássico. E a França conserva diante dele uma reserva, misturada de desdém e de amor, reprovando e amando, e sentindo que tem naquele homem, que a Europa tanto lhe aclama, um poeta que é ao mesmo tempo medíocre e imortal.

De resto, a inteligência e a poesia raramente vão juntas. Eu só conheço um homem, uma exceção, em que o sumo

génio poético se alia à suma razão filosófica. É o nosso Antero de Quental. Nos seus *Sonetos*, exprime esta coisa estranha e rara — as dores de uma inteligência. E uma grande razão debatendo-se, sofrendo, e formulando os gritos do seu sofrimento, as suas crises, a sua agonia filosófica, num ritmo espontâneo, da mais sublime beleza poética; cada soneto é o resumo poético de uma agonia filosófica. E é por isso que a Alemanha se lançou sobre este livro de *Sonetos* (que Portugal não leu) e os traduziu, os comentou, os fixou religiosamente na sua literatura, como uma coisa rara e sem precedentes, uma pérola fenomenal de criação desconhecida, única no grande tesouro da poesia universal. Mas em França não há

disso. E a sua clara inteligência tem-lhe vedado os triunfos poéticos. Depois da curta emoção de Musset, a França recaiu mais que nunca na poesia que é admirada por ter as qualidades da prosa.

E isto, naturalmente, devia levar, e levou num momento em que toda literatura decai, e em que a emoção de todo se esvai, e o espírito crítico um momento se embota — devia levar e levou à banalidade ou à extravagância. Mas se a parte da banalidade é grande no romance — os poetas, que estão naturalmente mais longe do grande público, foram forçados a chamar-lhe a atenção mais violentamente, e, numa ânsia de originalidade e de novidade, precipitaram-se em massa na extravagância. Daí provêm todos esses movimentos do satanismo, que desandou

noutro, chamado, Deus me perdoe, o nervosismo! Mas aí ainda havia o desejo, no fundo intelectual, de dar um estremecimento, um arrepio novo à alma.

Por fim, toda a intenção intelectual foi posta de parte e ficou a preocupação meticulosa, requintada da forma — de uma forma que tivesse a extrema originalidade no extremo relevo. O sentir foi substituído pelo cinzelar; e uma estrofe, um soneto, foram trabalhados com os lavores, os polidos, os retorcidos, os engastes, as cintilações de um broche de filigrana, tendo apenas, como a filigrana, um valor de feitio, como ela agradável à vista mas deixando o espírito indiferente. Estes homens chamaram-se a si mesmos «os parnasianos» — e, entre nós meridionais, que amamos o lavor e o

feitio, o brilho, o luxo da forma, exerceram uma influência devastadora. A eles se devem esses estilos delirantes que tomaram nestes últimos anos a poesia, em Portugal, uma coisa grotesca e picara.

Mas mesmo em França a sua influência, ou antes o seu contágio, não foi menos lamentável. Nada há mais tirânico do que a moda nas formas: a bota bicuda, sendo moda, impõe-se irresistivelmente aos espíritos mais profundos; e a cabeça de artista em que brilhem as ideias do mais puro gosto, ou rolem os sistemas mais profundos, submete-se resignadamente ao chapéu que decrete em Londres *The Journal of Fashino*. Ninguém gosta de aparecer na rua menos bem entrapado que o seu concidadão, seja em casaco ou em estilo. E foi assim que

veneráveis poetas franceses caíram, já entrados nos dias da sua velhice, no parnasianismo: Autran e Laprade, eles mesmos, passaram uma camada de esmalte novo, das cores da moda, sobre os seus severos e suculentos alexandrinos: e viu-se o bardo Banville, o amável e fecundo bardo que desde 1830 cantava de *omne re scibile* numa lira larga e fácil, descer ao Bulevar e espantar a multidão, mais fecundo e amável que nunca, com ritmos e rimas tão sarapintados, tão desengonçados, que não se sabia bem se aquilo que cabriolava e reluzia no papel eram os versos de um poeta ou as bolas de um pelotiqueiro.

Mas estes tempos dos parnasianos ainda eram os bons tempos. Hoje, que os poetas aclamados depois da geração de

Hugo, de Lamartine, de Gautier — os Prudhommes, os Lisle e outros —, têm entrado na Academia e no silêncio, e a sua influência salutar foi arrefecendo como um sol que declina, rompeu, com o crepúsculo, uma imensa, infrene orgia no Parnaso francês. Tão infrene que as pessoas tímidas e honestas não se arriscam a aproximar-se — e, como no tempo de Baco, os homens graves da planície param aterrados e de longe contemplam, sem ousar ver de perto, as tochas e os gritos das coribantes perpassar, enchendo de desordem, de troça e de escândalo a espessura do bosque sagrado.

Eu, pelo menos, educado com Musset e Hugo, não ouso aproximar-me desses coribantes e dos seus livros.

Jamais abri um desses livros amarelos, dentro dos quais passam estrofes com bulhas e gritos intoleráveis. Sei apenas que esses novos se chamam a si mesmos, com uma sublime sinceridade, «os decadentes», «os incoerentes», «os alucinados». Têm as suas *coteries*, como quem diria os seus colégios sacerdotais, celebram em comum os seus ritos e, como todos os colégios sacerdotais, redigem os seus anais, em cadernetas que se chamam o *Journal dos Incoerentes*, a *Revista dos Alucinados*... Zelosos dos seus privilégios, detestando as confrarias rivais, todo o tempo em que não desonram o Monte Olimpo, com desabaladas orgias de ritmo, o passam, como os gramáticos do Baixo Império, a questionarem sobre precedências e valores relativos da sua

escola: é assim que alguns poetas ultimamente declaravam em todos os jornais que fulano de tal, poeta, não era de modo nenhum o chefe dos incoerentes, e que esse chefe ilustre dos incoerentes, o homem inspirado e supremo, que em si resumia toda a incoerência, era Verlaine, só Verlaine, e não outro. E Verlaine, indisputadamente, guarda a coroa da incoerência.

É necessário dizer-se, todavia, que há aqui talento! Há mesmo muito talento, uma habilidade de ofício maravilhosa, uma presteza de mão que surpreende, uma técnica de rima, uma abundância de cor, uma arte no detalhe que maravilha. Somente, nestes milhares de versos admiráveis — não há um verso poético: estes poetas não têm poesia: e,

entre tantos talentos, não há uma só alma!

A Europa

Não sei o que aí se passa nessa viçosa América. Mas aqui neste ressequido continente, há já mais de dois anos, «aqueles que se distinguem por conhecer as coisas das nações», como dizia o velho escriba egípcio do tempo de Thutmés III, recomeçam a inquietar-se e a gritar sombriamente: «A situação da Europa é medonha. Sob as crises que a sacodem, já a máquina se desconjunta. Nada pode suster o incomparável desastre. Este fim de século é um fim de mundo!» E com efeito, com efeito!, se, a este prolongado e triste brado, o homem que trabalha, quieto na sua morada, repara mais atentamente na Europa — ela

aparece-lhe como uma sala de hospital, onde arquejam e se agitam nos seus catres, estreitos ou largos, os grandes enfermos da civilização.

Logo aqui, debaixo da minha janela, nesta Inglaterra, de aparência tão rubicunda, as «crises» se acumulam mais numerosas que as chagas no corpo clássico de Job. Primeiramente, a mais intensa e mais extensa, a que arranca mais gemidos, é a crise industrial, nascida da necessidade que a prolífica e atulhada Inglaterra tem de vender o que fabrica para comprar o que come — necessidade implacável que a força a procurar desesperadamente mercados por toda a Terra; a arranjar povos vassalos para obter povos fregueses; a considerar toda a honesta concorrência ao seu produto como

uma perversa hostilidade contra o seu pão; a permanecer para com as nações, apesar do seu humanitarismo, num estado latente de sôfrega guerra comercial; e em breve talvez, como já prevê o professor Huxley, a fazer francamente fogo sobre todo aquele que ouse, como ela, vender algodões, ou, como ela, vender ferro. E logo depois a crise agrícola, cada dia mais áspera, produzida por esses portos livres por onde torrencialmente lhe entra todo o fruto da terra alheia, desde as searas da América até aos pomares da Normandia; pelas extorsões desordenadas do capital intermediário; pela divisão mesma do solo, já na sua quinta parte improdutivo, porque a aristocracia territorial o conserva cerrado em parques de luxo e em imensas coutadas de caça. E

depois a crise social, pela consequente conversão das classes rurais em classes industriais; a lavoura abandonada pela fábrica; uma afluência tumultuária às cidades, fazendo que o trabalho cada vez rareie mais, sob a indefinida multiplicação da plebe operária; e daí a formação dessas turbas esquálidas de proletários esfomeados e regelados, sem lugar na sociedade e sem conforto na Natureza, rolando do *meeting*, onde a polícia os espanca, à taverna, onde o gim os embrutece. E depois a crise política, múltipla e confusa, feita da revolta nacional da Irlanda, do descontentamento agrário da Escócia, da desafeição eclesiástica de Gales, complicada ainda pela onda crescente de uma democracia de feitio continental, que desagrega os

velhos partidos históricos, azeda o conflito das ideias com o rancor das personalidades e, pela lógica da sua tendência descentralizadora, põe em perigo a solidez mesma do velho império colonial. E depois da crise religiosa: a progressiva hostilidade contra a igreja oficial, levando as populações a armarem-se para não pagar o dízimo; o desdém cada vez mais acentuado das massas pelas seitas não conformistas, que até agora as mantinham numa salutar disciplina moral; a Bíblia, a grande lição e a grande consolação, caída em descrédito como voz divina, tornada mero livro de literatura, lirismo e crónica de um povo findo; e, enfim, pior que tudo, as almas procurando na religião menos uma regra do que uma excitação, fugindo do

abstrato puritanismo para as flores e cantos dos tempos ritualistas, ou para as bandeiras e pandeiretas da grosseira Salvation Army. E ainda por cima, como complemento, a crise moral, a inquietadora degeneração dos costumes: as altas classes aristocráticas e plutocráticas refazendo a sociedade leviana e galante dos Stuarts; a sensualidade bruta, que é o fundo do temperamento inglês, irrompendo, quebrando todas as barreiras, as mais fortes, mesmo as da respeitabilidade; o amor do luxo, do gozo, da ostentação, e do dinheiro que os compra, tornado o supremo motor da existência; o jogo adotado como a profissão melhor por essa imensa classe, composta de «bela gente», que aposta pelo jóquei, pelo remador,

pelo atleta, pelo andarilho e pelo boxador; a honestidade apagando-se nos sentimentos como nas transações — o negociante falsificando tudo o que vende, as famílias desfazendo-se no tribunal do divórcio, os filhos das velhas casas históricas roubando nos campos de corridas...

Mas se da verde Inglaterra passarmos ao continente, lá encontramos, nos outros organismos, reproduzidas as mesmas lesões. Todos sofrem de uma crise industrial, de uma crise agrícola, de uma crise política, de uma crise social, de uma crise moral. E cada um, por cima, pena de um mal seu e próprio — que é hereditário ou nascido dos desregramentos da vida. Logo para além da Mancha vemos a França, a nossa mãe

latina, segunda pátria de todo o espírito bem-nascido, a braços com a sua Terceira República, que não consegue desembaraçar-se do seu caráter provisório, nem pelo voto do *paysan*, nem pelo dinheiro da burguesia, e que na sua eterna aspiração à unidade procura o homem providencial que a cimente e a fixe no solo, levando ao poder estadistas sucessivos, que logo freneticamente derruba e arroja ao lixo, voltando-se, ora para um general, ora para um advogado, ora para um engenheiro, estonteada, ofegante, nesse afã que a traz, desde 79, *cherchant son sauveur!* Como corolário, a ânsia mórbida de enriquecer depressa, caraterística de todos os regimes instáveis, estabelecendo desde o Havre até Marselha uma imensa Bolsa, com um

agent de change em cada prédio, um sindicato colado em cada instituição, a lotaria infiltrando-se na indústria e o *krach* todos os cinco anos! Através disto, em torno disto, uma plebe democratizada até ao fio, subdividida em tantos partidos militantes quantas são as teorias sociais, todos irreconciliáveis, todos agressivos, cada um com o seu clube, a sua gíria, o seu herói e a sua substância explosiva. Depois, que grossas crises especiais — a das finanças, a da administração, a da Igreja, a dos costumes! Um orçamento que, cada dia, se desequilibra mais, sob o peso de ferro de um exército enorme, que o orgulho patriótico a obriga a manter, o dedo no gatilho, voltado para os Vosgos. A administração, o eixo resistente sobre que a França, desde Colbert, rolara com

suficiente equilíbrio, através de guerras e revoluções, enfraquecido, rachado, lascado pela República, roído pela traça da corrupção. A Igreja, de que a França era a filha mais velha e bem-amada, volvida para metade da sua família espiritual em objeto de escândalo e cólera. O miasma do Bulevar alastrando-se, espargido pelo vapor e pela eletricidade, a todos os cantos da França e deteriorando mesmo a velha burguesia provincial, a austera depositária *de la haute honnêteté française*. Depois, para cúmulo, Paris complicando tudo com a sua comuna, o seu *hotel de ville*, a impressionabilidade das suas massas, a garrulice da sua imprensa, a sua *blague* e a sua miséria, o seu ideologismo e o seu *cocotismo*... Mil males — e o meu

querido Oliveira Martins esfregando as suas mãos de filósofo, e ameaçando já esse Paris, «Capital dos Povos», de brevemente ficar reduzido a uma Corinto, aonde sempre abundará o dinheiro estrangeiro, as cortesãs subirão aos altares, o estômago terá a sua glória, Aríon inventará ritmos novos, e toda a noite, entre cantares e luzes, a orgia rolará da Porta de Sício à Porta de Cencreia, sob a invocação de Afrodite!

Se atravessamos o Reno, a Alemanha surge, compacta e maciça, como uma torre de incomensurável força. Mas aqueles «que se distinguem por conhecer as coisas das nações» sabem bem quanto ela é quebradiça! Numerosos estados, cada um com o seu «particularismo», como eles próprios

dizem, dissemelhantes de temperamento, de costumes, de caráter, de religião, de interesses, agregados uns aos outros à maneira de animais domésticos num pátio de granja, quando sentem em torno uivar o lobo — eis a Alemanha! O que desde 70 a retém unida sob a bandeira amarela e negra é o seu receio constante que o urso moscovita levante as patas de um lado, e do outro bata as asas e solte o seu toque de clarim o petulante galo francês. Só por meio deste terror Bismarck consegue fazer flutuar, com tolerável estabilidade, a vasta jangada germânica: a um ponto que, para obter uma miserável lei de tabacos ou três sacos de florins, ele tem de criar um pânico de guerra nas suas gazetas, descer depois ao Reichstag com as suas altas botas de couraceiro, a despertar o *furor*

teutonicus, apontando através das perífrases délficas para os canhões já prontos do lado da Polónia ou do lado da Lorena. E daqui, quantas «crises» minando a grande Minerva armada! Os seus seis milhões de soldados sugam-na fibra a fibra. O solo avaro que mal a nutre, os impostos intoleráveis, a mesquinhez das profissões liberais, expatriam a mocidade burguesa e agrícola para a Inglaterra e para a América: a pequenez dos salários, que, permitindo produzir barato e vender barato, dá à sua indústria uma semelhança de prosperidade, atua realmente como causa constante e surda da decadência moral e física do operário; e por fim a disciplina de quartel, militarizando tudo, desde a escola até às gares, uniformizando o

Alemão no corpo e na alma, diminui-lhe a individualidade moral, como lhe anula a coragem civil. Entalada na fardeta prussiana, a Alemanha perde tudo o que havia de livre, de expansivo e de grande na sua natureza. O próprio génio se lhe estreita sob o peso do capacete. Onde está essa literatura tão viva, original, profunda, radiosamente variada, que saia das pequenas cortes polidas e cultas em que Goethe um semideus, e Hegel, como um profeta, acolhia peregrinos? Tudo se apagou. E descontentes com o tempo presente, as inteligências mergulham na erudição e no pó da arqueologia!

E se continuarmos, males iguais toparemos por essa Europa, em todas as nações, desde a imensa Rússia até à esguia Suécia. Sempre a dissipação dos

estados, sempre a miséria das plebes! Na Rússia, as despesas do Governo (não contando obras de utilidade, nem mesmo armamentos de ataque) subiram, sem que os rendimentos aumentassem, de *cento e cinco por cento* em dez anos. Ora, como o pai, o czar, gasta assim, os seus oitenta milhões de filhos, os mujiques, têm de pagar: acabrunhado de impostos, o pobre mujique corre ao agiota, vende à pressa, vende com perda, mal aparece à beira dos campos o coletor fiscal entre baionetas; e a ignorância em que o Estado o traz abafado é tão sistemática, que, no ano de 1886, no mercado de Carcóvia, enquanto os agentes da pequena nobreza, mais esclarecidos sobre o preço da Europa, vendiam a medida da aveia por *setenta copeques*, o desgraçado mujique,

embrutecido, ignorando o valor do seu grão, rolando confusamente entre os dedos trémulos o grosso barrete de peles, deixava ir a mesma medida, o suor do seu ano, por *vinte* miseráveis copeques! Na laboriosa, plácida, Suécia, por outro lado, para tudo resumir no horror de um número, o Estado tem de alimentar, pela caridade oficial, quase a *décima parte* da população — um pauperismo quatro vezes maior que o da Irlanda, esse húmido formigueiro de turbulentos mendigos!

Será necessário, para mostrar a máquina desconjuntando-se, esmiuçar a Itália, inventariar a Espanha, indefinidamente desfiar o rosário de «crises»? Será caritativo falar de nós? No nosso canto, com a azulada doçura do nosso céu carinhoso, a contente

simplicidade da nossa natureza meio árabe (duas máximas condições para a felicidade na ordem social), nós temos, ao que parece, todas as enfermidades da Europa, em proporções várias — desde o *deficit* desconforme até a esse novo partido anarquista que cabe todo num banco da Avenida. E desgraçadamente, além destes males, uns nascidos do nosso temperamento, outros traduzidos do francês, morremos a mais de um outro mal, todo nosso, e que só a Grécia, menos intensamente, partilha connosco: é que, enquanto contra as tormentas sociais nas outras naus se trabalha, na nossa rota e rasa caravela tagarela-se! Tagarela-se num desabalado fluxo labial, cuja qualidade, desde 1820, não tem deixado de descair, da eloquência degenerando na

loquacidade — da verbosidade descambando na verborreia!

De sorte que, olhando em resumo para o norte e para o sul, bem podem aqueles que «se distinguem por conhecer as coisas das nações» sombriamente afirmar que a máquina se desconjunta, e que a situação da Europa é medonha!

E todavia, no fundo, a situação é simplesmente normal. Natural e normal, e para ninguém pode ter terrores. Já não falo como um bicho egoísta e caseiro que, através de todas estas agonias de impérios, continue a saborear os pequenos regalos da vida, o calor do lar, a amizade dos livros, o bom arroz de forno, o cigarro palreiro e os pássaros cantando nos folhedos da primavera. Mas mesmo para o crítico ou para o humanitário,

sobretudo para esses, este *fim do mundo* nada oferece de pavoroso.

A situação da Europa, na realidade, nunca deixou de ser medonha. Tem-no sido melancolicamente e apaixonadamente todo este século. Foi-o durante todo o século XVIII, através de mais indiferença e de uma maior doçura de vida. Tem-no sido em todos os séculos, desde que os Árias aqui chegaram, cantando os Vedas e empurrando os seus rebanhos para oeste. A «crise» é a condição quase regular da Europa. E raro se tem apresentado o momento em que um homem, derramando os olhos em redor, não julgue ver a máquina a desconjuntar-se, e tudo perecendo, mesmo o que é imperecível — a virtude e o espírito. Já o velho cronista medieval murmurava com

infinita desconsolação: «Tudo se desconjunta, e mesmo entre os homens se vai embotando a ponta da sagacidade.» Já o mais velho poeta clássico, o comedido e satisfeito Horácio, cantara tristemente, quando sobre o mundo começava a espalhar-se a imensa majestade da paz romana: «Tudo se afunda e, mais que nenhum outro, este tempo é fecundo em misérias.»

Naturalmente não se queixavam de *deficit s*ou de crises industriais, mas daquilo que então mais preocupava os homens cultos — o enfraquecimento da virtude, da moral, da religião, do patriotismo, da segurança pública. E gemidos iguais ouviríamos percorrendo os anais, os poemas e os textos — até aqueles que são pintados a cores vivas

nos pilones de Tebas, ou gravados a fogo lento nos tijolos assírios do palácio de Senaquerib.

Mas o que são no fundo estes lamentos? São apenas, num tom mais solene e amplo, aquele queixume familiar que cada ano redizemos, quando as folhas caem e os céus se recobrem de névoas: «Aí vem o inverno e a noite!»

É que a sociedade assemelha-se à Natureza. E na Europa, como em qualquer espesso bosque, num fundo de vale, um momento vem em que tudo decai e fenece: os ramos secam e racham, os mais altos carvalhos tombam de velhice, mil podridões fermentam, o solo desaparece sob os destroços, a obscuridade aterra, um longo soluço passa no vento. E, a quem então o atravesse, o bosque afigura-

se na verdade coisa confusa, arruinada e medonha. E, todavia, tudo isso — é simplesmente dezembro. É a vida; é a ordem. Das ramagens apodrecidas já se estão nutrindo as sementes que hão de ser árvores: e através das decomposições conserva-se a seiva que tudo fará reflorir e reverdecer, quando março chegar. Ora estes tempos que vamos atravessando são o outubro fusco que anuncia um dos grandes Dezembros do mundo. Temos já misérias, crises, dissoluções, velhas raízes que se despegam, prantos no vento; pior nos irá quando dezembro vier: mas através de todas as vicissitudes sempre se conservará, como na Natureza, a eterna seiva, que é a eterna força.

Somente as folhagens novas de março não ressurgem mais verdes nem

mais duradouras por terem recolhido a seiva das camadas de folhas caídas; na Natureza a força não tem um fim, não leva a nada de melhor; e não sendo moral, nem imoral, a Natureza não recua, nem progride. As árvores que nos cobrem, não são mais frescas, nem mais frondosas que as que davam sombra aos homens do Lácio; e a geada, o vento leste, a poeira não nos incomodam menos do que no tempo das *Geórgicas*.

Verdade seja, também o homem não melhora, nem se aperfeiçoa no que lhe é inato.

Não possuímos hoje, decerto, mais força nos músculos do que os soldados da invasão persa, mais beleza nas linhas do que os modelos da estatuária grega; não nos podemos também gabar de mais

coragem que Leónidas, de mais génio que Platão, de mais poesia que Virgílio, de mais virtude que Marco Aurélio. Mas o conjunto dos homens, a sociedade, progride cada dia pela sucessiva acumulação do esforço, do trabalho, da virtude, do génio, da poesia, da coragem de cada geração que passa. E se realmente não pensamos mais profundamente do que em Atenas, sob os plátanos da Academia, nem combatemos mais heroicamente do que no desfiladeiro das Termópilas — temos decerto repartido entre nós mais justiça do que no tempo dos Gracos, e há mais saber divulgado entre nós do que no tempo de Aristóteles. E nesse século XX, de que já nos ocupámos com tão paternal solicitude, haverá ainda mais saber espalhado e haverá mais justiça realizada.

De sorte que os males presentes, as crises, as misérias, não são mais que o natural deperecimento de dezembro na floresta humana, de onde surgirá uma mais viva, mais rica vegetação de liberdades e de noções.

Essas mesmas, por seu turno, criarão dificuldades novas na sociedade e incertezas novas no espírito. Outra vez voltará dezembro.

Vozes sombrias afirmarão de novo, em línguas ainda não faladas, que tudo se desconjunta, que a situação é medonha! Mas quando março por sua vez voltar, e se vir mais claro num céu mais limpo, reconhecer-se-á que, em suma, a humanidade deu outro passo decidido para a frente, no caminho da justiça e no caminho do saber. E assim, aos tombos e

aos socos, ora destroçado, ora reflorido, o mundo avança irresistivelmente!

A Propósito do Incêndio do Teatro Baquet do Porto

Os artistas da Renascença, quando pintavam o Dilúvio, nunca deixavam de mostrar, em evidência na tela, como alegoria e como lição, um cabeço de cerro — onde se amontoavam animais contrários, as feras e as presas, cordeiros e lobos, gazelas e tigres, os que assaltam e os que fogem, colados dorso a dorso, buscando um no outro refúgio, no pavor comum da maré negra que em torno sobe e os vai todos tragar...

Assim devia ter sido nessa primeira desgraça do mundo. E assim é hoje, entre os homens, quando uma

catástrofe, a terra que treme, um rio que submerge os campos, o chamejar de um vasto incêndio, nos dão o inesperado terror desta bruta e divina Natureza que nos contém, que é mãe e tutelar nutridora e que bruscamente nos ataca com uma violência que nada discerne, e que, indiferentemente, cai sobre a fraqueza e sobre a arrogância, sobre o que já vai murchando e sobre o que ainda não floriu, sobre o monstro e sobre o santo.

Há então um ansioso aglomerar de gente, a mais oposta e mais vária, na mesma ideia — a ideia de fraternização, de unidade, de aliança contra a Natureza, se não já para debelar o desastre com que ela a todos podia esmagar, ao menos para minorar as curáveis misérias que o desastre a todos poderá estender. E este

sentimento, este confuso medo de uma Natureza incerta e traiçoeira, que inspira, no fundo, as grandes correntes de piedade e de caridade.

Depois, está claro, volvido o rio ao seu leito, apagadas as labaredas, clareadas as ruínas e acalmada a Natureza, todos, já sem susto, se vão pouco a pouco desagregando, cada um volta ao seu interesse e ao ódio do seu vizinho — e o lobo recomeça a devorar o cordeiro. Mas, enfim, houve uma bela hora de harmonia, de fé partilhada, em que os corações bateram em ritmo, as vontades trabalharam em concordância — e da mesma emoção nasceu o mesmo heroísmo. Há, por isso, alguma coisa de nobre e de tocante em querer prolongar, mesmo artificialmente, este radiante

momento de união moral. Eu, por mim, acho bom que ele se alargue, se exagere, ganhe até um começo de rotina e de maneirismo. É um instante amável de paz que se rouba ao contínuo conflito humano! É como quando, num longo e áspero inverno, rompe um dia de sol e doçura, em que tudo parece embelezar, uma bondade esparsa flutua, o céu azula a vida e os homens, sem motivo, sorriem quando se cruzam. Quem não desejaria espaçar este relance de suavidade e de luz?

Bem cedo voltará o vendaval e o negrume — e nos montes, como nas cidades, o lobo recomeçará a devorar o cordeiro.

Bristol, abril de 1888

A Academia e a Literatura (Carta a Mariano Pina)

Bristol, 25 de janeiro de 1888

Meu caro amigo: à volta do campo, no Ano Bom, encontrei *A Ilustração*, sempre bem-vinda, trazendo-me a sua vigorosa e generosa crónica sobre o concurso da Academia. Depois recebi um velho número do *Jornal do Comércio* com a designação do júri, a votação e o relatório de Pinheiro Chagas. De sorte que, tendo agora sobre a mesa o facto e os comentários, posso mais seguramente conversar sobre o divertido episódio que, durante um momento, tirou a

Academia dessa sonolência em que ela se eternizava, muda e mole, com a face venerável caída sobre as folhas brancas do seu dicionário. É bem provável, porém, que todo o interesse pela ilustre assembleia que vive a Jesus, e pelo seu lento despertar, se tenha já esvaído na nossa Lisboa ligeira. E como da Malibran morta — *peut-être il est trop tard pour parler encore d'elle...*

Pois eu por mim, caro amigo, nunca senti por esse concurso nem interesse, nem curiosidade. E esta indiferença provém simplesmente de que eu mandei *A Relíquia* à Academia já com a certeza, a mais visível, mais maciça certeza, de não empolgar essa apetecível inscrição de conto, torcida e arredondada em coroa de louro... A isto, você

exclamará surpreendido: «Que foi então *A Relíquia* fazer à Academia»?

A Relíquia, caro Pina, foi à Academia como você pode ir a casa de Madame de Trois-Étoiles, senhora feia, de caracóis e laçarotes amarelos, que cita Marmontel e La Harpe. Não é certamente aprazível penetrar num interior onde se cita La Harpe e Marmontel com lentidão e gula, passando por lábios pintados um lenço pretensioso feito de rendas de sobrepeliz. Mas se Madame de Trois-Étoiles lhe oferece todas as semanas um lugar no seu camarote da Ópera ou da Comédie Française, que faz você, caro amigo, quando, pela Páscoa ou pelo Grand-Prix, a hedionda senhora dá uma dessas receções escancaradas, atulhadas, que em Inglaterra se chamam um *esmagão*

e na América um *suadouro?*

Você por gratidão, por dever, toma melancolicamente um fiacre; sobe, de claque debaixo do braço, a clara escadaria entre palmeiras e azáleas; curva o espinhaço diante de Madame, que sorri, e mergulha num frufru de sedas; rompe até ao bufete onde colhe uma sanduíche d*e foie gras;* e, com o pensamento nos amigos alegres que o esperam à esquina do Café de la Paix, esgueira-se subtilmente murmurando: «Irra!, que maçada!» Ora justamente assim, por dever, num fiacre e de casaca, foi *A Relíquia* à Academia — onde todavia não teve sanduíche.

Você sabe (ou não sabe, porque estas coisas não as conta a Agência Havas) que, há anos, a Academia das

Ciências me ofereceu aquilo que aí, na Academia Francesa, se denomina um *siège* — um assento à mesa dos seus trabalhos. Se estes assentos se conservam altamente privilegiados por só os ocuparem os homens de saber forte e de viva originalidade, ou se, por degeneração, se tornaram tão acessíveis, fáceis e desacreditados como os bancos do Rossio — não me competia a mim averiguar. Quando Madame de Trois-Étoiles o convida para o seu camarote da Ópera, você agradece a afabilidade sem esquadrinhar primeiro se, nas banquetas de veludo, se sentam somente arquiduques da Casa de Ausburgo, ou também caixeiros do Bon-Marché. Eu faço o mesmo, escrupulosamente. Todo o português o deve fazer — porque já a

sabedoria da nossa nação o ensinou em versos medíocres e imortais:

Pilriteiro, dás pilritos...
Porque não dás coisa boa?
Cada um dá o que tem,
Conforme a sua pessoa.

No assento que a Academia me deu só vi, como devia, o favor, a simpatia, a honra. E quando pela primeira vez, depois de uma comprida existência de reclusão, ela abre largamente as suas portas, convida todos os homens de letras a trazerem as suas obras para coroar a mais digna — pareceu-me que se eu, desprezando este apelo aparatoso, me conservasse afastado, de costas voltadas para a arena, sem me misturar aos meus

companheiros de literatura-, num soberbo desdém da Academia e das suas coroas, me mostraria singularmente descortês e pedante. Por isso, atirando uma capa de papel pardo aos ombros do meu livro, o único que tinha nesse ano do Senhor, *A Relíquia*, ordenei-lhe que fosse à Academia, entrasse, fizesse à douta assembleia a sua reverente mesura, aceitasse o que lhe dessem, empurrão ou sorriso, e continuasse o seu natural caminho que é o da grande rua e da vida... *A Relíquia* foi, recebeu na lombada um empurrão e remergulhou na turba livre, rosnando talvez como você no pátio da senhora atroz que cita Marmontel: «Irra!, que estopada!» Mas assim ficava paga à preclara assembleia essa visita formal — que os compêndios de civilidade chamam

de *digestão*.

Você dirá talvez (e essa impressão me parece transparecer em outros comentários) que os personagens de *A Relíquia* — Teodorico Raposo, Maricoquinhas, a doce Adélia da Travessa do Caídas, e mesmo esse rabi Jeschua Natzarieh, preso por pregar contra os cultos, as autoridades e as academias do seu país — não eram talvez os mais corretos para levarem as minhas saudações a uma corporação tão profusamente composta de conselheiros de Estado. Não creio, caro Pina. Aos nossos conselheiros e académicos (honra eterna lhes seja nesta voluptuosa terra do Sul!) não desagradou jamais encontrarem, naquele lusco-fusco em que se compraz o naturalismo, os olhos da Adélia,

reluzentes, maganos, prometendo mil coisas. Assim o insinuou, muito finamente, com um sorriso disfarçado e picante, Pinheiro Chagas no seu relatório. E além disso, misturados a esses indignos, quantos outros personagens n'*A Relíquia* gostosos a uma Academia! Não ia lá o facundo Topsius, historiador dos Herodes e dos Lágidas, membro do Instituto Imperial de Escavações Históricas? Não ia lá o Dr. Margaride, que, pelas suas duas tragédias de mocidade, pelo feitio rotundo do seu verbo, pelo seu afinco em «saborear o sublime», tem decerto um lugar já marcado entre os «imortais» do Arco de Jesus? Não ia lá, sobre todos, com as suas contas e as suas meias, D. Patrocínio das Neves, de natureza tão congénere com a Academia que uma

compreende a religião exatamente como a outra compreende a literatura?...

E de resto, caro amigo, a minha desculpa em enviar esta gente pecadora e plebeia está na decisiva máxima que a nossa nação pôs em versos imortais:

Pilriteiro, dás pilritos...
Porque não dás coisa boa?
Cada um dá o que tem,
Conforme a sua pessoa.

Eu não podia dar à Academia senão o que tinha então, e o que, ai de mim!, tenho sempre — *pilritos*.

Em todo o caso, não foi esta torpeza dos meus homens e das minhas mulheres que desde logo me assegurou a impossibilidade de embolsar esse conto

— para mim fantástico como os de Hoffmann. Nem foram também, por outro lado, as imperfeições da obra.

A Relíquia é certamente um livro malfeito. Às suas proporções falta harmonia, elegância e solidez; certos personagens, apenas recortados e não modelados, oferecem uma notação uniforme e esfumada; a forma não tem suficiente fluidez e ductilidade, antes por vezes encaroça e empasta, e por querer ser grave parece hirta, como sucede aos grandes homens de província, etc., etc... Mas estes defeitos, que só podem ser sentidos por um gosto muito afinado na perene convivência das coisas de arte, nunca poderiam provocar a condenação de um livro numa academia que não está povoada de artistas. Não penso nisto ser

irreverente para com os meus esclarecidos colegas. Como disse o príncipe de Gales ao velho e glorioso alfaiate Poole, numa circunstância conhecida e já clássica: «Não se pode razoavelmente esperar que num país todos os homens eminentes sejam alfaiates.»

O que me assegurava, pois, de antemão que o meu livro, apresentado à Academia, não obteria nem coroa nem meias coroas?

Uma coisa bem honrosa para a Academia, meu caro amigo! A certeza de que ela obedeceria, inconscientemente, como todas as assembleias, ao surdo, seguro instinto do seu fim e da sua missão nas letras. E por isso eu não concordo, incondicionalmente, com o seu vivo, áspero ataque, nascido de resto de um

amor muito pobre por toda a independência espiritual.

Desde que uma academia existe, qual é, no fundo, a sua missão? Evidentemente constituir um diretório intelectual que mantenha na literatura o gosto impecável, a delicadeza, a finura do tom sóbrio, as purezas de forma, o decoroso comedimento, todas -as qualidades de distinção, de proporção e de ordem. Daqui se deduz logo que as academias devem ter uma regra, uma medida, uma poética, dentro da qual seja o seu encargo fazer entrar, pelo exemplo e pela autoridade, toda a produção do seu tempo. E simultaneamente se depreende que elas devem condenar, como tribunal intransigente, toda a obra que, brotando do vigor inventivo de um temperamento

indisciplinado, se apresente em revolta contra essa poética, revestida, para os que têm o privilégio de a conservar, da sacrossantidade de uma escritura.

Ora eu não afirmo nem nego a influência literária das academias e a sua utilidade na vida pensante de uma nação. Sem academias a Inglaterra produziu, produz, uma literatura de incomparável nobreza e originalidade. Mas, no dizer de dois mestres, Sainte-Beuve e Renan, à Academia deve a literatura francesa aquelas qualidades perfeitas que a tornaram em todos os tempos e em todos os géneros um modelo, e que no século XVIII fizeram dela o mais persuasivo e efetivo agente da civilização que houve na Europa. Por outro lado, nos países do Sul, a Espanha tem uma Academia muito

pomposa e uma literatura muito medíocre. E em Portugal não se pode avaliar a eficácia da Academia — como se não pode apreciar a utilidade de um instrumento durante longos anos esquecido ao canto de um casarão, enferrujando-se e apodrecendo sob a escuridade e o bolor.

Em todo o caso concedo que, se a uma literatura faltar, sempre presente e sempre ativa, uma consciência literária, representada por uma Academia que dê a regra e o tom, essa literatura pode por vezes cair na extravagância — sobretudo se nela abundam os génios veementemente enérgicos, sinceros e apaixonados, como na literatura inglesa. Mas sobretudo sustento que, se a uma literatura faltarem os inovadores, revolucionando

incessantemente a ideia e o verbo, essa literatura, Sujeita a uma disciplina canónica, bem cedo se imobilizará sem remissão numa mediocridade castigada e fria — sobretudo se nela predominam as inteligências claras, flexíveis, comedidas e imitativas, como na literatura francesa. De sorte que, para possuir uma literatura ideal, forte mas fina, original mas equilibrada, fecunda mas sóbria, será necessário que nela de certo modo se contrabalancem estas duas forças — a tradição e a invenção; que de um lado, antes de tudo, surjam os revoltosos, dando as emoções novas e criando as formas novas; e que do outro, secundariamente, atuem as academias canalizando dentro do gosto, da elegância e do purismo estas correntes inesperadas de sensação e de

ideia. Isto será, de resto, na esfera intelectual o que é na esfera social o equilíbrio da tradição e da revolução.

Nesse equilíbrio está a condição própria da ordem — da ordem que, na sociedade, se reveste do nome de justiça e, na arte, resplandece sob o nome de beleza. Sem a tradição, os estados e, porventura, as literaturas rolariam na anarquia de um desordenado e estéril individualismo. Sem a revolução, os estados incrustar-se-iam numa tirania inerte, produzindo, acima de todos os males, o enfraquecimento dos carateres; e as literaturas inevitavelmente cairiam na rotina, produzindo, acima de todos os males, o adormecimento das inteligências.

Aplicando, pois, estes princípios, eu não fiz decerto mal em lançar um livro

de humorismo e de ironia, rebelde à santa regra; e bastaria que a esse rebate, dado por mão inábil mas genuína, um só espírito acordasse e se pusesse em marcha, para que o livro não fosse totalmente inútil. Mas, por outro lado, a Academia (desde o momento em que ainda existe e teve a desabalada fantasia de acordar e de se manifestar) foi perfeitamente coerente condenando o livro de revolta, em nome da regra de que ela se arrogou a guarda e a defesa; e bastaria que a esse aviso, estreito mas honesto, um só espírito arremessado já na extravagância reentrasse na ordem para que esse voto, que você reprova, não fosse inteiramente inútil. Portanto, creio eu, a rejeição d'*A Relíquia* é honrosa para a Academia. Mas é também honrosa para

mim, louvado seja o Senhor!

Dirá, porém, você, incrédulo e sorrindo: «Porque não deu então Pinheiro Chagas, no seu relatório, para excluir *A Relíquia*, estas razões — que seriam as boas, as grandes, as que ilustrariam o relator e passariam uma caiadela fresca na desbotada autoridade da Academia?»

Quem sabe, meu caro Mariano Pina! Talvez por temer que estas razões não fossem compreendidas por alguns dos académicos, alheios às coisas da literatura e da crítica. Talvez por sentir que estas razões não podiam ser aduzidas em nome de uma Academia que, durante os prolongados anos da sua existência, nada tem feito para ressalvar na literatura as regras do gosto, da pureza e da delicadeza — antes tem concorrido, por

pensamentos e obras, para estragar essa literatura com uma retórica, ora pançuda, ora choramingona, e sempre lamentavelmente reles.

O facto é, caro Pina, que Pinheiro Chagas no seu relatório não dá, com indizível assombro meu, as razões honrosas e altas. Antes pelo contrário! Apresenta, para repelir *A Relíquia*, razões estranhamente comezinhas e miudinhas, rasteiras e grosseiras, como se, em lugar de falar numa Academia, se achasse conversando num botequim diante de homens incultos, incapazes de compreender tudo o que é elevado ou profundo!

Senão, veja você. O que revolta Pinheiro Chagas n'*A Relíquia*? O que aponta ele à reprovação da Academia? O

sonho de Teodorico — esse sonho em que o obsceno homem presencia aquilo que Pinheiro Chagas reverentemente chama «as grandiosas cenas da Paixão».

Mas, nesse sonho, que feição mais particularmente escandaliza e amargura o relator? Porventura lhe desagrada, como erudito, a reconstrução da velha Jerusalém, o templo tumultuoso e a ênfase dos seus rabis? Porventura o ofende, como crente, a explicação familiar e petulante de mistérios garantidos e protegidos pelo Estado? Porventura o desgosta, como académico, a falta de sobriedade, de harmonia, de proporção, de purismo? Não! Acha tudo perfeito. O que indigna Pinheiro Chagas, o que ele designa à Academia como imperdoável, é ter Teodorico visto a paixão na sua

comovente possibilidade histórica — em lugar de a ter visto, como ele textualmente escreve, «sob as formas de um Evangelho burlesco!»

Quer dizer: para que *A Relíquia* agradasse a Pinheiro Chagas e merecesse a coroinha da Academia, eu deveria ter mostrado Jesus de chapéu de coco e lunetas defumadas, Pilatos deixando cair o pingo de rapé sobre o *Diário de Notícias* e, ao lado, Oseias, vogal do Sanedrim, numa fardeta de polícia civil, com um número na gola, escabichando um dente furado.

É isto um académico falando numa academia? Não. É um homem, espirituoso e hábil, dando num botequim, para condenar um livro, as razões chocarreiras, as mais apropriadas, as únicas acessíveis

à compreensão escassa dos sujeitos que em torno atiram a genebra às goelas: «Vede, rapazes, que livro inferior! Jesus a sério, como no Testamento! Pilatos a sério, como na história! Assim ninguém ri, assim ninguém goza! O que nós queríamos era Jesus a caminho do Calvário, de botas cambadas, manquejando com uma dor num calo!»

Mas, ao mesmo tempo, Pinheiro Chagas sente que esses homens, ainda que toscos, devem ter um resto de confuso e supersticioso respeito pela religião desse Jesus, dentro da qual a sua vida foi moldada. E, muito sagazmente, no seu esforço de atrair a desaprovação sobre o livro, apela também para esse sentimento. Mas como? Acusando alguma brutal negação do que é dogma, ou alguma

atrevida simplificação do que é mistério? Não. Tudo isso Pinheiro Chagas o julga muito complicado para essas inteligências subalternas. E aponta então o detalhe comezinho e rasteiro, o detalhe que aqueles homens broncos mais facilmente poderiam apreciar — o cigarro que Teodorico acende no Pretório. Com a mão trémula, Pinheiro Chagas mostra o cigarro blasfemo. E exclama textualmente: «Arrepia, arrepia na verdade ver aquele cigarro no meio de tão sublime agitação!»

Portanto, em resumo, o que revolta Pinheiro Chagas neste infeliz livro — é que nele Jesus de Galileia não aparece suficientemente burlesco, e que nele Teodorico Raposo não aparece suficientemente sério.

Nunca numa Academia se disse

nada tão extraordinário! E nunca se tratou uma Academia com tanto desdém pela sua inteligência, pela sua gravidade e pela sua autoridade literária.

E aí tem você; pois, caro Mariano Pina! Se eu dependuro da túnica de Jesus um grande rabo de papel, era laureado! E o conto seria meu — se eu tenho prudentemente arrancado das mãos de Teodorico o cigarro funesto de Xabregas! Sempre Xabregas! Pinheiro Chagas, naquela ruidosa e valorosa azáfama que o traz redemoinhando com tanto brilho da política à literatura, confunde a Academia com o parlamento, toma-me estonteadamente por um ministro da Fazenda e investe contra mim por causa da questão dos tabacos!

Mas enfim, louvado Deus, se as

razões do relatório para excluir *A Relíquia* não são as boas — a decisão da assembleia, rejeitando pelo silêncio o livro indigno dela, foi admirável, quer nascesse de uma reflexão muito nítida, quer de um instinto enevoado... E esse silêncio mesmo constitui o único traço literário que avisto neste concurso de literatura. Porque tudo o resto se me afigura deplorável.

A ideia do concurso, em si, é excelente, e revela naquele que a concebeu um sentimento muito lúcido e muito exato deste país, onde toda a produção, além da azeitona e do milho (bendito por ambos seja Deus!), tem de ser forçada e arrancada de um solo esterilizado por meios artificiais, oficiais e de estufa. Mas a organização do

concurso é particularmente e conjuntamente desgraçada!

Quem a fez? Foi um académico? Foi um dentista? Sob o rei Luís XV, e ainda sob Luís XVI, quando em Versalhes se necessitava de um financeiro (assim o assegura Beaumarchais) invariavelmente se chamava um dançarino. Quis a Academia, nesta clássica conjuntura, traduzir Versalhes em calão? Precisando da experiência de um escritor para organizar o seu concurso — apelou ela, com a graça leviana de Luís de França, *o Bem Amado*, para a habilidade de um barbeiro? Não sei. Mas se o encarregado foi um académico, então aí temos outro Pinheiro Chagas, zombando impudentemente da inteligência, da seriedade e da autoridade da Academia!

Eu não conheço, muito infelizmente para mim, nenhuma das obras oferecidas a concurso e mais detidamente louvadas pelo relatório. Basta-me, porém, saber que havia um livro de viagens, um livro de odes, um drama em verso e um romance arqueológico para desde logo pensar que qualquer preferência, entre obras tão heterogéneas e tão insuscetíveis de comparação, nunca poderá ser determinada por motivos puramente literários e críticos. E para a Academia permanecer na equidade forçoso lhe seria decidir — não pelas qualidades dos escritos, mas pelas qualidades dos escritores, todos homens, todos cidadãos, todos mortais e todos comparáveis, já no seu peso em quilos, já na sua pontualidade à missa, já no asseio da sua roupa branca.

Como se podem, por Deus, comparar livros de versos com livros de prosa, quando a natureza das duas formas e as propriedades que as caraterizam são essencialmente diferentes — uma nascendo toda da emoção e a outra da reflexão?

Quem pôde jamais comparar cartas de viagem e odes pindáricas? As qualidades de graça, de observação, de facilidade, de ligeireza, de *humour*, que fariam das cartas uma obra cheia de gosto e de interesse, desnaturariam as odes até ao grotesco — ao passo que o vasto sopro lírico, a majestade rítmica necessária para cantar Leónidas, ou mesmo o senhor duque de Ávila, dariam às cartas uma afetação intolerável.

Quem pôde jamais escolher, por

comparação, entre um drama romântico em verso e um romance arqueológico em prosa, um vivendo da paixão, outro vivendo da erudição, um dando a síntese dos carateres pela eloquência, outro dando a análise dos carateres pela investigação? As qualidades cénicas do drama tornariam o romance enfático e vago — e os predicados de reconstrução, de ressurreição histórica, de sábio detalhe, que dariam ao romance uma viva possibilidade, converteriam o drama numa obra didática, difusa, chata e votada ao assobio!

Suponha você que eu penetro na Academia Francesa com dois volumes na mão, e — exclamando «qual destes é o melhor?» — mostro de um lado o *Ruy Blas* e do outro a *Salambô*? Vê você daí o

encolher de ombros, o sorriso dessa assembleia — onde se senta Taine e onde se sentou Sainte-Beuve? Diz você que no júri do concurso não havia Taines nem Sainte-Beuves. Não sei — porque muitos académicos qe o compunham me são, com minha grande mágoa e desproveito, absolutamente desconhecidos. Mas vejo entre eles três ou quatro homens certamente familiares com as coisas da literatura. E como sucede que esses, ao menos, não protestaram com o encolher de ombros, o sorriso dos quarenta imortais? Qual! De ombros quietos, com os lábios sérios, votaram, escolheram, uns o drama, outros o romance, com a mesma simplicidade com que se decidiriam à ceia pela perna ou pela asa do frango! Mas, por Júpiter, nenhum poderá, penso

eu, fundamentar o seu voto em razões que não sejam patuscamente alheias à literatura!

Caso surpreendente! E sobretudo surpreendente para mim, porque descubro que a Academia tem sobre livros a opinião do meu velho criado Vitorino! Este benemérito, quando em Coimbra lhe mandávamos buscar a um cacifo, apelidado «Biblioteca de Alexandria», um livro de versos, trazia sempre um dicionário, um Ortolan, ou um tomo das *Ordenações*; e se, por maravilha, nos apetecia justamente um destes tomos de instrução, era certo aparecer Vitorino com Lamartine ou com a *Dama das Camélias*. Os nossos clamores de indignação deixavam-no superiormente sereno. Dava um puxão ao colete de riscadinho, e

murmurava com dignidade: «Isto ou aquilo tudo são coisas em letra redonda.»

Ora o júri da Academia parece também pensar que livros de viagens, odes, comédias, dramas em verso, romances arqueológicos — «tudo são coisas em letra redonda».

Vitorino ainda vive, conserva a mesma dignidade fria e é servente de botica no Porto. E, dada uma tal similitude de opiniões literárias, quem poderia na Academia recusar-lhe o seu voto — se Vitorino quisesse pertencer à Academia? Ninguém logicamente.

Mas basta... Creio que já superabundantemente tagarelámos sobre esta desditosa assembleia, parecida com uma destas mães de melodrama de quem os filhos mais amados e amimados, como

Pinheiro Chagas, desdenham e escarnecem, e que o filho desquerido e abandonado, como eu, piedosamente acode a defender quando um belo cavaleiro como você lhe chama, rindo — velha ridícula e tonta.

Aperta-lhe a mão, caro amigo,

o seu dedicado

Eça de Queirós

Ainda Sobre a Academia

Nada me poderia, neste vale de lágrimas, pesar tanto como a melancólica e enfadonha obrigação de replicar ao artigo («Eça de Queirós e a Academia»), em que o meu velho amigo Pinheiro Chagas recombateu, aqui mesmo, o bom combate pelo júri, o relatório, o concurso e o prémio! Só, na verdade, por Pinheiro Chagas, cujos golpes são, como os de Roldão, uma honra que pede logo grande tropel e grande batalha — eu afrontaria o atroz e intenso tédio de remexer novamente no júri, no relatório, no concurso e no prémio, pulverulentas e defuntas coisas que pertencem às trevas do passado tão legitimamente como os

muros de Troia, o clube dos Camilos e os poemas do poeta sem par que se chamou Guilbert de Pixérécourt.

Já num desventuroso dia de loquacidade meridonal eu estirei por este *Repórter* fora, sob a forma de carta a Mariano Pina, cinco infindáveis léguas de prosa no interesse do júri, do relatório, do concurso e do prémio. Repisar, teimar ainda, uma vez mais exumar esses cadáveres, o júri, o relatório, o concurso e o prémio — é monstruoso! A quanto me força esse desapiedado e querido inimigo!

Felizmente, por mais que rebusque e fareje no vasto artigo, não encontro nada essencial que, por amor das minhas ideias, eu tenha a debater com o meu fecundo e ardente confrade. Toda a sua eloquência e graça, que são

consideráveis, passam através da minha carta a Mariano Pina como esta brisa de junho através das árvores do meu quintal. Há um largo e estouvado sussurrar de folhas — e nenhuma folha cai.

Os dois pontos vivos dessa carta, que a enchiam e lhe davam valor e feição — nem Pinheiro Chagas os ataca, nem sequer levemente lhes roça com a pena.

O primeiro desses pontos, com efeito, a minha laboriosa justificação do voto que excluiu *A Relíquia*, não podia ser decentemente assaltado por Pinheiro Chagas. Esse ponto é tanto meu — como do meu douto amigo. Toda a minha argumentação leva, por estradas diretas e limpas, exatamente à mesma conclusão a que Pinheiro Chagas já chegara no seu relatório — através de vielas tortuosas e

mal frequentadas.

Cada um seguiu o caminho que lhe reclamava a sua conveniência ou o seu temperamento: mas encontrámo-nos pontualmente no mesmo sítio, à porta do recinto sagrado da Academia, atirando ambos um pontapé paralelo à lombada do livro infeliz!

Se eu vim por uma velha avenida real e Pinheiro Chagas por um atalho de cabras — que importa? Ambos nos achamos lado a lado e quase abraçados, ao cumprir o ato de segura justiça. Agora Pinheiro Chagas, ansioso por acumular todos os louros, pretende — que só o repelão que ele deu ao livro era o bom e só as suas razões para dar o repelão eram as boas.

Perfeitamente! Não lho contesto.

Tudo isso no fundo se limita a uma questão de gostos e de hábitos. Eu entendo que, em nome de uma Academia, só se devem apresentar razões graves e académicas; Pinheiro Chagas entende que, em nome da Academia, só se devem oferecer razões de folhetim e de cavaqueira. Bem!, não lhe chicano essa opinião que depende sobretudo do juízo que cada um forma da Academia.

Na conclusão final, porém, estamos concordes? Certamente. Então, nada se ganha em esmiuçar pueris detalhes. O corvo e a serpente, como se conta na fábula Índia, mataram ambos o sapo. Um chegou, voando, o outro, rastejando. Mera diferença de naturezas que nada tem com o merecimento pessoal dos bichos. Ambos são bichos

respeitabilíssimos. O corvo teve a intimidade de S. Vicente e a serpente a amizade de Salomão.

O outro ponto fundamental da carta a Mariano Pina — a minha tese, bem ou mal estabelecida, de que o concurso estava absurdamente organizado e de que se não podiam, por heterogéneos, comparar um drama romântico em verso e um romance arqueológico em prosa, o *Ruy Blas* e a *Salambô* — Pinheiro Chagas não o ataca e não me põe, portanto, na difícil necessidade de o defender. Não o ataca com as suas duras armas, nem sequer lhe bole com o dedo, para ver se ele é de granito ou de papelão. Deixa-o intacto, sem a arranhadura de um adjetivo, fresco, sólido, como novo, pronto a servir noutra campanha. Apenas ao passar, de

longe, muito de longe, me dardeja a mim uma olhadela oblíqua, rosnando: «Dizes isso por despeito, por não teres apanhado o prémio!»

Em geral, a todos os meus argumentos, Pinheiro Chagas, por entre os ornatos e as flores de linguagem, lança constantemente esta réplica tão caraterística, tão literária, tão crítica, de tão bom gosto: «Tudo isso é ferro por não teres apanhado o conto!» Aqui, porém, neste ponto da organização do concurso, ele não se contenta em insinuar, mas claramente proclama o «meu despeito e o meu ferro». Dizer a Pinheiro Chagas que não cabe um desapontamento onde não houve -uma expectativa e que, mandando o livro à Academia *com a certeza* de que ele não alcançaria prémio, nunca me

poderia espantar ou irritar de que ele regressasse das portas da Academia sem prémio — seria inteiramente inútil. Nunca Pinheiro Chagas (a não ser que eu lhe falasse um momento ao ouvido) acreditaria nesta minha *certeza* e nesta indiferente falta de expectativa.

Esse querido amigo tem vinte anos de jornalismo, de currículos, de política, de S. Bento e de partidos — e nunca lograria desembaraçar-se suficientemente do seu ceticismo, para chegar a acreditar que eu falei por amor dos princípios desatendidos e não por despeito dos pintos perdidos.

Suponhamos portanto que eu beiro por despeito — e que toda a face se me acende de rancor e de inveja. Pois bem! Neste vil estado de alma, que enojaria

Marco Aurélio, eu fiz uma afirmação: afirmei que Pinheiro Chagas não podia, como crítico e criticamente, comparar, para um fim de escolha e de prémio, um romance arqueológico em prosa e um drama romântico em verso. Lívido e roído pelas cobras verdes do ciúme, eu estabeleci esta tese. Mas desde que a estabeleci por escrito, num jornal — ela fica separada da minha personalidade, torna-se impessoal e abstrata, vivendo só por si e pela razão que em si contém.

Nada importa para o seu mérito que ela provenha de um vil despeito pessoal ou de uma alta convicção literária. A origem, torpe ou nobre, de uma ideia nada tem que ver com a sua exatidão. Quando Pinheiro Chagas, no parlamento, no seu banco de oposição,

atira um argumento contra o projeto de um ministro — este argumento possui um valor próprio, intrínseco, independente de ter a sua origem no zelo de Pinheiro Chagas pelo bem público, ou no despeito de Pinheiro Chagas por não ser já ministro. Ruidosa e legítima seria a indignação de Pinheiro Chagas se, em tal caso, o ministro atacado lhe retrucasse. «Você fala assim por lhe terem tirado a farda, o correio e a tipoia ao mês!» Pois é isto que Pinheiro Chagas, *mutatis mutandis*, me diz a mim, com a face tranquila. Eu não me indigno. Limito-me a pedir ao meu erudito amigo Pinheiro Chagas que não faça aos outros em literatura — aquilo que não quereria que outros lhe fizessem a ele em política. Limito-me a rogar-lhe que separe os meus

motivos — dos meus argumentos. Os meus motivos são torpes. Mas os meus argumentos aí estão — com a sua existência própria e o seu peso próprio — para Pinheiro Chagas os atacar como tais e implacavelmente os reduzir a pó!

Toda a questão fica assim clara, simples, limpa de individualidades.

A minha tese tal como a formulei na carta a Mariano Pina (para me resumir e só aludir ao drama e ao romance) é que se não pode escolher, por comparação e para um fim de prémio, entre um drama romântico em verso e um drama arqueológico em prosa — um vivendo da paixão, outro vivendo da erudição, um dando a síntese dos carateres pela eloquência, outro dando a análise dos carateres pela investigação.

O meu argumento é, além disso — que as qualidades cénicas e teatrais do drama tornariam o romance enfático e vago; e que os predicados de reconstrução e de ressurreição erudita, de sábio detalhe, que dariam ao romance uma viva possibilidade histórica e o tornariam merecedor de prémio, converteriam o drama numa obra didática, difusa, chata, votada ao assobio e completamente indigna de prémio. E que portanto eles se não podem comparar, que entre eles se não pode escolher e que não pode um júri dizer qual é preferível como obra literária — se o *Ruy Blas* se a *Salambô*.

Nisto consiste o meu argumento. Ele é sem dúvida facilmente destrutível, e Pinheiro Chagas vai destruí-lo com um sopro. Mas para me esclarecer, para me

instruir, eu desejo testemunhar esse decisivo desbarate. Não quero porém frases, nem chistes, nem decrépitas e balofas declamações «sobre o talento», nem velhos croquetes de retórica, requentados e servidos num bocado de jornal. Quero razões nítidas, positivas, especiais, técnicas, de *homem de ofício*. Quero literatura e crítica — e não ênfase e rabulice. Quero a demolição, argumento por argumento, da minha tese. Quando eu a vir por terra, com o lamentável aspeto de uma ruína mole de cartão, baterei então no peito, altamente afirmarei que o concurso foi uma coisa excelente que a minha ignorância não compreendera, e que ninguém tem honestamente o direito de se queixar dele nas gazetas.

Mas enquanto os meus argumentos

conservarem estabilidade e fôlego, eu continuarei placidamente a afirmar que o concurso foi uma burla, uma ficção — e que, preferindo o drama, se fez uma escandalosa injustiça ao ilustre autor do romance. E se, por causa da manifesta honestidade do júri, não se torna admissível a suposição de injustiça — então resta-me o direito de concluir que o júri e Pinheiro Chagas, à maneira do meu velho criado Vitorino, têm por opinião que poemas, romances, dramas, livros de viagens, odes e almanaques, tudo são coisas comparáveis — «por serem em letra redonda!»

Em resumo: eu, neste caso, ou possuo uma crítica muito curta, ou tenho uma razão muito forte. Das duas torres deste dilema ninguém certamente me

desaloja. Infelizmente, desconfio que possuo uma crítica muito curta: e já todo eu tremo, e ao mesmo tempo me regalo, pensando que a demolição dos meus argumentos por Pinheiro Chagas (que pouco mais lhe custará que o esforço de levantar a pena) — vai ser para mim simultaneamente uma sova e uma luz. Mas, enfim, é possível que a minha tese se mostre inexpugnável. Todo o génio de Napoleão se quebrou contra os quatro muros velhos de S. João de Acre. Nada ouso pois assegurar — enquanto se não realiza esse arrasamento que me vai conjuntamente educar e desancar.

Quando ele vier, largo e superior, eu quero logo gritar a Pinheiro Chagas com entusiasmo: «Relator do concurso, és um mestre!» Se, porém, Pinheiro Chagas

não arrasar a minha tese, então, com a familiaridade a que me autoriza a nossa velha camaradagem e relembrando a história simbólica do meu criado Vitorino (para quem, a respeito de livros, «isto ou aquilo tudo era a mesma coisa, por ser em letra redonda»), eu tomarei a liberdade grande de dar uma palmadinha no ombro do meu ilustre amigo e de lhe murmurar risonhamente: «Relator do concurso, és um *Vitorino!*»

E de *vitorinice* (e mesmo de ficção e chalaça) continuará este concurso a ser acusado, enquanto se lhe conservar a absurda organização que, agora, inteiramente o desvirtua. Cada ano surgirão dificuldades mais marcadas — levando às decisões mais disparatadas: e de cada vez irá crescendo no público o

desdém pela Academia.

Assim, suponhamos que para o próximo concurso apenas se apresentam dois livros: um volume de história e um volume de poesia. E, para exemplificar com mais precisão, suponhamos ainda que um se chama a *História da República Romana* e outro as *Flores do Campo*.

Neste caso nem mesmo se pode tomar para termo de comparação, como Pinheiro Chagas vagamente tentou, a importância dos dois géneros. Ninguém pode afirmar com segurança qual é mais importante para a educação e elevação do espírito humano, se a história se a poesia, se Tácito ou se Virgílio. Ambos são fatores igualmente indispensáveis às duas grandes faculdades que dirigem o homem e lhe modelam o destino — a razão e a

emoção. E, eliminando este termo de comparação (que ainda poderia ser aduzido tratando-se de uma série de estudos históricos e de uma coleção de receitas de cozinha), nenhum outro termo resta. Que vão então fazer na Academia?

Um estudante de retórica, e nela três vezes reprovado, sente confusamente a impossibilidade de comparar entre uni grande historiador e um grande lírico. Numa ordem mais baixa, o mais bronco cortador dos talhos municipais sabe claramente que se não podem comparar as histórias que ele ouviu da *Maria da Fonte* e os versinhos que ele canta ao fado corrido. Só a Academia, a grande corporação literária do país, nada parece saber. E com a maior simplicidade, placidamente, compara e equipara, para

entre ambos escolher — um estudo sobre as campanhas da Gália e versos feitos a uma rosa!

É perfeitamente fantástico!

Em contraste com estes dois pontos essenciais da minha carta a Mariano Pina, que Pinheiro Chagas deixou intactos — há no seu artigo toda uma coorte de acusações que eu por mim não posso consentir que permaneçam de pé e prontas a servir noutra campanha.

Numa delas, a mais considerável, declara-me Pinheiro Chagas «desleal» por ter desnaturado o seu pensamento, afirmando que ele queria n'*A Relíquia* a paixão de Jesus vista pelo lado burlesco. Uma acusação de deslealdade é sempre grave. Felizmente, por um fausto acaso, eu guardei o relatório de Pinheiro Chagas e

posso, portanto, copiar aqui as frases formais que me levaram a essa asserção. Aqui está uma dessas inequívocas frases: «Este homem (Teodorico) devia dar ao mundo um Evangelho *burlesco*, ímpio decerto, mais escandaloso do que as memórias de Judas, mas que seria em todo o caso uma obra de arte notável.» Há ainda outras, tão explícitas, desenvolvendo eloquentemente a mesma ideia. Mas esta basta! E se ela não quer dizer que eu devia ter dado ao mundo um Evangelho *burlesco* que quer dizer então, justos céus? Em nome da verdade e da luz, o que quer ela dizer? Pretende agora Pinheiro Chagas, se não me engano, que, falando do Evangelho *burlesco*, ele subentendia outra coisa. Qual fosse «essa coisa» não o chega a explicar nitidamente.

Em todo o caso, desde que o meu verídico amigo assegura que não quis mentalmente dizer o que as suas palavras literalmente significavam — eu suplico a Pinheiro Chagas que, na sua benevolência, me perdoe o ter tão levianamente avaliado o seu pensamento pelas suas palavras. Mas que Pinheiro Chagas, por seu turno, apague e raspe essa incriminação de deslealdade. Pinheiro Chagas só deve queixar-se de que eu sou tão limitado — que apenas compreendo o que a sua pena publicamente escreve, e não consigo adivinhar o que o seu espírito secretamente pensa. Houve em mim condenável falta. Mas não foi a de ser desleal — foi a de não ser feiticeiro!

Depois acusa-me Pinheiro Chagas (ainda que sob uma forma genérica) de

«ter condenado como imbecil a escolha feita pela Academia...» Que replicar a isto, Deus clemente? Não há na minha carta a Mariano Pina um período, uma fugidia frase, um pobre verbo assolapado, uma vírgula sequer, que implique ou insinue uma semelhante condenação! Nada!, nada! Quem se abalance ao fastidioso trabalho de reler essa carta, pode logo ver, tão distintamente como se vê o Sol, que eu condenava em geral *qualquer escolha*, *toda a escolha*, partindo sempre do meu princípio, bom ou mau, de que se não pode comparar o *Ruy Blas* com a *Salambô*, ou cartas de viagem com odes ao duque de Ávila!

Em seguida acusa-me Pinheiro Chagas (ainda que genericamente) de «procurar rebaixar o merecimento do

escritor que todo o país exaltara e apresentá-lo como indigno de me disputar o prémio». Isto é simplesmente prodigioso! Não há também na minha carta uma linha, não há um simples ponto de reticência, por onde se possa desconfiar de que eu, mesmo remotamente, mesmo escondido por trás de rebuços e véus, tentasse amesquinhar o simpático autor do drama laureado. Uma semelhante amesquinhação seria tão grosseira e, sobretudo, tão lorpamente inábil!... Nem o mais tosco simplório, ainda fresco dos matagais da serra, cairia em mostrar assim, como num espelho, o seu despeito e o seu rancor.

É uma mera e transparente invenção do meu bom Pinheiro Chagas — que pode ser acolhida, segundo o

temperamento de cada um, com um sorriso de misericórdia ou com um empurrão irritado.

Eu, que conheço Pinheiro Chagas, aconselho o sorriso.

Tudo isto, na verdade, constituiria uma abominação se se tratasse de um escritor que, nos seus escritos, pusesse ao mesmo tempo — mais seriedade e mais perversidade. Teríamos então aqui uma dessas repulsivas tricas de polemista rábula, que, retrucando a um artigo publicado há longas semanas, e de que ele supõe que o público já se não recorda, lhe atribui perfidamente toda a sorte de feias proposições, que o pobre artigo não encerra, com o fim de tornar o autor desagradável e antipático aos olhos dos simples e aos olhos dos esquecidos.

Encontraríamos de facto aqui uma aplicação da velha e sólida máxima de D. Basílio: «Calomniez, calomniez, il en restera toujours quelque chose!»

Somente, tratando-se de Pinheiro Chagas, o caso é radicalmente diferente. Ele é o mais honesto dos homens. Nunca da sua pena saiu voluntariamente uma falsidade ou uma perfídia. Reto, bom, amável, generoso, leal, largo de coração, ele senta-se candidamente à banca, toma a pena — para afirmar apenas o que é verídico e defender apenas o que é justo. Não sei se a pena de Pinheiro Chagas é de pato ou de aço: em todo o caso deve ter, como todas, uma haste ligeira que ele ao princípio sustenta e domina entre os dedos. A vela arde e o ilustre escritor começa a escrever... E eis que, instantes

depois, aquela curta haste, conduzida pela mão já excitada, sob os impulsos impacientes da imaginação que aqueceu — larga, abala, corre, galga, pula, cabriola, redemoinha, mais tonta e levantando mais pó que um potro bravo do Hedjaz solto através do deserto. Já Pinheiro Chagas a não pode sopear. De facto, já o nosso desditoso amigo vai arrastado por ela, como Mazepa pelo seu corcel — e foge, rompe, fende, salta aqui as balizas da cortesia, atropela além a nudez da verdade, tudo escangalha e tudo espezinha, até que escritor e pena rolam no pó, exaustos, arquejantes, inúteis para tudo e irresponsáveis por tudo!

Pinheiro Chagas é o Mazepa do folhetim — um Mazepa de chapéu alto. Com a diferença, porém, de que Mazepa

se ergueu ao fim da fabulosa carreira, para encontrar em torno de si uma horda bárbara que o aclamava rei! E Pinheiro Chagas, quando se levanta, acha-se rodeado de amigos que apenas sorriem e lhe gritam com uma repreensão cheia de carinho: «Oh, homem, quando há de você ter juízo?» E ele próprio, limpando o suor e olhando para trás, para as conveniências que transpôs, para a verdade que pisou, suspira, com aquela sua honestidade que é tão alta e aquela sua inteligência que é tão clara, e, descontente de si, recolhe desconsoladamente a pena.

Depois, no dia seguinte, recomeça.

Que longo discurso! E com que susto, com que fastio, com que contrariedade o venho desenrolando! Todas estas coisas locais, caseiras,

lisboetas — o júri, o concurso, o prémio —, que em Lisboa, no seu elemento próprio, me teriam interessado por lhes sentir bem a realidade, chegam-me aqui, através dos mares, já desbotadas, vagas, esfumadas, confusas, espectrais. Caem num meio totalmente alheio e diferente; e, vistas ao lado de outras ideias e de outros interesses, as suas proporções encolhem até à minusculidade, a sua solidez adelgaça-se até à diafaneidade. Parece-me que estou aqui a vibrar grandes lançadas contra pequenos rolos de névoa.

E para quê! Que me pode importar a maneira, ignara ou sábia, como a Academia organiza o seu concurso? Que esperança nutro eu de que as minhas objeções sejam atendidas pela douta assembleia? Perco aqui, palrando, o meu

útil dia de trabalho e o meu útil dia de passeio — e a Terra continua a girar, o relatório de Chagas a ser considerado uma soberba obra de crítica, e a Academia a decidir gravemente entre as manobras de César na Gália Narbonense e as pétalas de uma rosa em verso!

Mas quê! Pinheiro Chagas arremete contra mim, com o seu usual transporte, um verdadeiro *furor chaguensis*, como diria Bismarck, se conhecesse este meu interessante e impetuoso amigo, e eu, pela consideração devida a um homem cujos golpes, como os de Roldão, são uma honra que reclama logo grande tropel e grande batalha — sou forçado a defender a minha humilde carcaça... Mas faço-o, o céu me é testemunha, com infinito respeito e doçura

— mostrando sempre que, quando Pinheiro Chagas me joga golpes que parecem traiçoeiros, quando atribui as minhas convicções de literatura a despeito de pecúnia, quando inventa pelas costas que eu quis «amesquinhar o candidato laureado», quando declara que eu votei *por mim* nessa carta em que eu dei o meu voto *contra mim* — procede por impulso da sua leviandade e não por cálculo da sua malícia. Não abriga malícia aquele coração limpo. E se eu procuro atirar pelos ares a estouvada pena de Pinheiro Chagas — é só, só, para mais livremente poder apertar a sua mão honrada e amiga.

Bristol, 1888

Prefácio às *Aquarelas*, de João Dinis

O que principalmente tem caraterizado, nestes últimos vinte anos, a poesia francesa (única que conhecemos em Portugal) é, creio eu, o extremo requinte e a ciência extrema da forma.

No período lírico que vai de Lamartine a Brizeux, a poesia brotava da emoção, tão naturalmente como da terra brota uma nascente — que se prolonga, corre, abundante e fácil, refletindo no seu curso toda a vida e toda a Natureza, céus, arvoredos, moradas marginais e os homens que se debruçam sobre a sua transparência. Hoje (para continuar esta

imagem) a divina nascente parece ir secando. Já não borbulha entre as relvas simples, está canalizada numa fonte de mármore: mas apenas dela, a espaços, cai alguma gota solitária, que na atmosfera glacial deste século de análise e de crítica, tão incongénere com a poesia, imediatamente gela e se faz cristal. São estes cristais que poetas, cheios de arte e paciência, engastam em filigranas de ouro, orlam de pedrarias e põem à venda Chez Lemerre. A estes poetas deu-se em França o nome de *ciseleurs*. A sua obra, realmente, pertence mais à joalharia do que à poesia.

Devemos concluir daqui que a alma francesa vai perdendo a divina qualidade da emoção? Evidentemente em França, como em toda a parte, as almas já

não vibram ao contacto de certos sentimentos coletivos que outrora foram os grandes inspiradores. A religião é hoje, em Paris como em Lordelo, incapaz de produzir um único alexandrino sincero. O patriotismo tem a mesma impotência, porque as desgraças de 1870 só deram um poeta, Paul Deroulède — que, por isso mesmo que conseguiu inspirar-se da pátria, criou infindável surpresa, tornou-se esplendidamente popular, foi investido de um pontificado, presidiu associações, derrubou ministérios, quase fez tratados de aliança. A Natureza, por seu lado, também não comove o poeta francês, que nunca foi idílico, muito tempo só conheceu os prados e as searas pelas traduções de Teócrito e de Virgílio; e quando, no período romântico, se decidiu

a comunicar com os arvoredos foi para descobrir, sob a direção do panteísmo germânico, um fragmento de Deus em cada ulmeiro de Bougival. Resta, porém, o homem interior — o sentimento, a paixão. E pode-se acaso dizer que o Francês já não ame, já não chore, já não passe pelos êxtases e pelos amargores que são obra da sensibilidade? Não, certamente. Apesar do que afirmam críticos subtis, estou seguro de que ainda hoje em França, quando se é moço, o coração bate tão sinceramente e tão ruidosamente como batia no tempo de Lamartine.

De que provém, pois, que, nos escassos poetas que produz a França (cujo génio crítico tem por expressão mais natural a prosa), haja tão pouca emoção

apreciável? Provém, julgo eu, das qualidades mesmas do espírito francês, tão eminentemente literário. Provém de que os poetas mais modernos, entrando na arte quando o brilhante verbo romântico descaíra já numa retórica arrastada pelos almanaques, procuraram naturalmente evitar todas as velhas formas poéticas com que o romantismo traduzira a sua emoção. Trabalham por isso com a ansiedade constante de produzir formas novas, inesperadas, que surpreendam. Quando Lamartine vogava no *Lago* com Elvira, à claridade da Lua — deixava transbordar o êxtase que o sufocava no murmúrio mais natural e mais cândido: «Como és bela! Como a noite é serena! Como o lago é azul!» Quando, por seu turno, Mallarmé ou Verlaine vão ao lago

com Elvira experimentam decerto a mesma emoção, porque têm a mesma mocidade e Elvira a mesma beleza. Somente nem por todos os tesouros de Salomão traduziriam essa emoção nas formas claras e largas de Lamartine. Isso seria antiquado, retórico e banal. O seu gosto apurado e afinado, ávido de modernismo e de originalismo, leva-os a cantar o lago e Elvira, requintando tão subtilmente a expressão do seu sentimento, entrelaçando-a em tantos lavores e floreios, que o sentimento, já de si depurado e adelgaçado, inteiramente desaparece sob este luxo plástico que o afoga. Diz-se logo: «Pobreza de poesia, disfarçada sob a riqueza da forma.» Não. A poesia lá estaria, e genuína, nascendo da sensibilidade moça. Somente foi toda

diluída em literatura.

Esta é, se me não engano, a explicação do parnasianismo, cuja prática consiste em nunca chamar a um «gato» singelamente um «gato», como era o ideal de Boileau — mas, pelo contrário, em exprimir as coisas ou as sensações mais simples numa forma que seja, como um dos parnasianos ensinou, «rutilante de inauditismo». Duas palavras que constituem toda uma poética. E poética admirável, porque ao mesmo tempo estabelece o preceito e formula o exemplo. Deve-se ser sempre original — e, para começar, à própria originalidade se deve chamar «inauditismo».

Ora se isto é feito por poetas de Paris ou de Londres, temperamentos de artistas servidos por um gosto perfeito,

trabalhando línguas dúcteis e maleáveis, próprias para qualquer subtilização da ideia, produzindo-se dentro de uma atmosfera congénere de superior elegância, já educada no artificial — a obra parnasiana pode oferecer ainda muito encanto.

É o que sucede com as extravagâncias do vestuário de um alto dândi de Paris ou de Londres. Quando Lord C. ou o duque de M., soberbamente brilhantes e ricos, com quarenta cavalos nas cavalariças, parques, castelos e toda uma lenda galante de amores e duelos, se apresentam num baile, entre uma sociedade que tudo compreende, vestidos de casaca de veludo verde-escuro e calção de cetim preto — há nisto alguma coisa de fantasista e de petulante que pode

seduzir. Mas que um amanuense da administração do Marco de Canaveses, querendo reproduzir estas audácias (que leu em *O Primeiro de Janeiro*), apareça num baile da terra com uma casaca de veludo e calções feitos num algibebe de escada — e, em lugar de um dândi de corte, temos logo um xexé de Carnaval. Foi justamente o que aconteceu, quando, há alguns anos, os poetas moços em Portugal se lançaram na indiscreta e desastrada imitação do parnasianismo francês. Tudo estava contra eles: o seu temperamento, a sua educação, o meio literário, o feitio da sociedade, a própria língua que manejavam. O que surgiu fatalmente foi a contrafação achavascada de uma afetação requintada. O parnasianismo, na realidade, já era uma

retórica: em Portugal foi esta coisa hedionda — o calão de uma retórica. Ainda me recordo, como modelo instrutivo desse género, de certa poesia em que um parnasiano cantava a sua amante, uma «duquesa», pisando o «asfalto» do Chiado, por entre as «acácias em flor», com botinas de «cetim verde» e uma cauda de seda «cor de *vieil-or»*, enquanto ele a seguia de longe, cheio de «desprezo por Deus», triturando maquinalmente entre os dedos a «flor de Angsoka!» Nada mais completo. E o que são no fundo esta duquesa, estas acácias no Chiado, estas botinas de cetim verde, esta flor de Angsoka, que é uma flor fabulosa, todas estas coisas ingénuas, delirantes e pavorosas? A casaca de veludo verde-negro de Lord C. nos

ombros do amanuense do Marco de Canaveses.

Felizmente este parnasianismo entre nós tende, creio eu, a desaparecer: o espírito, como o corpo, não pode permanecer muito tempo numa atitude violenta e contorcida. Conheço muito imperfeitamente a poesia dos poetas mais novos de Portugal; mas penso que uma salutar reação, um regresso à simplicidade e ao lirismo nativo começam a acentuar-se, com infinito alívio do bom senso e do bom gosto.

Dito isto — quase me resta só apontar para as páginas mesmas deste livro gentil, que pertence a esse movimento de sincera e pura poesia, para desde logo lhe ter dado o louvor melhor e o mais exato.

Aqui está, pois, um poeta que ousa modestamente esta coisa rara — ser singelo e ser claro. Não é por um esforço doloroso da imaginação, burilando com o suor na fronte lavores atormentados sobre o «verso», que ele lança no mundo o seu canto. Pelo contrário! Abandona-se simplesmente, francamente, à sua emoção, e quando ela aparece, despertada pela Natureza ou pelo sentimento — deixa-a correr numa forma límpida como a fonte, donde vem, saudável, fresca, que vai seguindo, que vai cantando, à maneira de um desses modestos regatos de prado onde por vezes se reflete o céu inteiro.

De resto a sua musa tem gostos simples. Não se abalança a remontar às estrelas, nem a mergulhar nos mistérios; e o caminho por onde de preferência conduz

o poeta é o familiar e estreito caminho que incessantemente trilham os passos humanos. São por isso de todos os dias as coisas que o comovem: um belo ocaso, uma lágrima surpreendida, uma paisagem, uns lindos olhos entrevistos, uma fragilidade que faz sorrir, bastam para que ele corra os dedos nesse pequeno alaúde onde as cordas não são de ouro nem de bronze — e por isso mesmo talvez dão uma vibração mais humana.

Para fielmente cantar o que sinceramente sente não lhe são, pois, necessárias essas formas novas que devem «rutilar de inauditismo». Poderia certamente produzi-las — porque a sua fatura não é difícil, havendo muito vagar e papel; mas ao servir-se delas sentiria sem dúvida o embaraço de quem, para beber

água de um regato, numa sesta de verão, tivesse de usar um pesado cálice do século XVII, todo de ouro, cravejado de pedras, tirado de um museu de artes decorativas. A ele basta-lhe um copo de cristal — quero dizer, os termos transparentes do verbo familiar. Se a tarde cai, diz com singeleza: «A tarde vai caindo»; quando lhe vem uma lágrima, não a lapida no angustioso esforço com que os judeus de Amsterdão lapidam os diamantes; e se ri não sobrecarrega o seu riso com pesadas instrumentações à Wagner. E vede para logo a recompensa desta honestidade de espírito! Como deixa exalar livremente a alma e o verbo, encontra coisas de toda a beleza, de pura e genuína poesia, sentidas com a mais fina sensibilidade, expressas com uma

delicadeza rara e cheia de encanto. Quanta graça e quanta real emoção nos tercetos do soneto «Dolor», chorando a dispersão de um lar feliz:

Ninho de rósea luz, que um só momento
Levou a dispersar, varreu desfeito
Para não mais! E corpo, e pensamento,
Circunscritos da vida ao giro estreito,
Parecem ter agora o movimento
De uma levada que não acha o leito...

Alguns julgarão perceber aqui talvez um lindo eco da maneira de João de Deus. Já isto seria excelente — lembrar um mestre tão encantador. Mas o poeta das *Aquarelas* é dos que pensam como Musset, que, «quoique le verre soit petit, il faut toujours boire dans son verre»: e

ninguém melhor que ele sabe que nada se ganha, antes se corre a um desastre certo, querendo imitar a poesia intensamente lírica de João de Deus, ou ainda a poesia epicamente satírica de Guerra Junqueira, ou ainda, num esforço maior e mais ambicioso, a poesia tão nobremente intelectual de Antero de Quental.

Ele contenta-se, pois, com traduzir a seu modo o seu sentimento próprio — esse sentimento tão meigo e sóbrio que transparece naqueles tercetos e que vai reaparecendo por todo o livro. Mas não é ele só que o carateriza. Aqui e além, repetidamente surge o lampejo fugidio de uma ironia. É o poeta que, no caminho por onde a musa o leva, ao lado de uma coisa melancólica encontrou uma coisa risível. Nada, porém, sai de seus lábios que tenha

aspereza ou amargura. Apenas uma ironia velada de doçura, que resvala, não apoia, lança, ao passar, sobre uma fraqueza humana, o breve clarão de um riso amável: e logo foge, se some, na corrente mais larga de simpatias poéticas...

Mas para que insistir? A natureza mesma desta poesia não suporta os comentários. Intolerável seria um jardim onde cada flor tivesse preso à haste o grosso capítulo de botânica que a explica e descreve. Prefácios para versos sinceros são infinitamente arriscados. Quando se quer mostrar a beleza de um cristal, movendo-o muito com os dedos — quase sempre se finda por lhe empanar a transparência e o brilho casto.

Bristol, 1888

Nota de Apresentação (No 1.º Folhetim da Versão Portuguesa de *As Minas de Salomão*, de H. Rider Haggard, Publicado na *Revista de Portugal*, Outubro de 1889)

Apresentando hoje, em conformidade com o programa da *Revista* (que, através de dificuldades, vamos lenta e progressivamente realizando), a tradução de uma obra de literatura estrangeira, e escolhendo-a na literatura inglesa, tão rica e tão desconhecida entre nós, demos a preferência, por motivos

muito compreensivos, a uma obra de imaginação, a um romance que nestes últimos cinco anos tem, em Inglaterra, obtido a mais larga e mais duradoura popularidade. Sem ser um desses trabalhos de alta literatura, que se impõem pela elevação das tendências, pela profundidade e delicadeza da observação, pelo forte e fino estudo da Natureza e da vida e pelo brilho de uma forma superior, as *Minas de Salomão*, de Rider Haggard, tiveram centenas de edições e, pela excelência da fatura, as *Minas* permanecem o inigualável modelo. A popularidade das *Minas* provém, sem dúvida, de que Rider Haggard, compreendendo que o meio em que se move o romance moderno está demasiado e fatigantemente explorado, arrasta o

leitor para muito longe da sua civilização, dos seus hábitos, das suas paixões, do seu cenário habitual — e lança-o na *África portentosa*, nesse secreto e escuro continente onde, como diz um dos seus exploradores, tudo sucede, *o impossível e até mesmo o que é possível!* A África, todavia, com as suas regiões e os seus povos, já em parte popularizados por narrações de viagens, não seria suficiente para prender o leitor se Rider Haggard não tivesse colocado nesse meio — a ação mais nova e mais estranha, já pelos extraordinários episódios, já pelas inesperadas revelações da vida negra, já pelas singulares paisagens, já pelo fim a que toda essa ação se dirige, fim tão cheio de mistério e de irresistível fascinação. A maioria dos leitores procura na mera obra

de ficção, que serve para encher e encantar as horas livres, alguma coisa *nova e emovente*. Essa *emoção* e essa *novidade* dá-as Rider Haggard — e numa forma literária excelente, graciosa, cheia de relevo. Isto, decerto, trará às *Minas de Salomão*, em Portugal e no Brasil, o vasto número de leitores que, por toda a Europa, tem granjeado este raro e originalíssimo livro.

A Crítica a *Os Maias* (Carta a Fialho de Almeida)

Os Franceses falam muito do espalhafato que faz Satanás quando o mergulham *dans un bénitier*. Eu nunca assisti a esta escandalosa afronta feita ao venerável pai da mentira; nem você também, suponho eu. No entanto imagina você bem como Belzebu berrará e escoucinhará ao sentir o contacto untuoso do detestado líquido. Pois, querido amigo, assim eu escoucinhei e berrei, enquanto você, com mão dura e forte, me estava mergulhando na água benta da sua crónica sobre *Os Maias*.

Você concordará que esta analogia

é rigorosa. Eu, com efeito, represento para você Satanás, o pai de toda a falsidade. Eu sou aquele mafarrico que escolhe, para personagens do seu livro, não sei que janotas petulantes e estrangeirados, em vez de dar, nessas páginas, o lugar proeminente ao marquês da Foz, aos empreiteiros das obras do porto de Lisboa, aos rapazes beneméritos que foram premiados na escola, aos construtores do Bairro Estefânia, ao Conselho de Estado, etc., etc. Eu sou aquele porco-sujo que pretende que as mulheres de Lisboa têm amantes e que, nos jantares de sociedade, em vez de discutirem Hegel, o positivismo e a psicologia *(sic)* das religiões, falam de criadas e de cabeleireiros! Eu sou aquele génio da maledicência que afirma que os

esplendores da Avenida são talvez inferiores aos da Via Apia e que a sociedade que a frequenta não é talvez nem a mais culta nem a mais original do universo, etc., etc., por aí além.

Por outro lado, a sua crónica, meu caro Fialho, é uma bela pia de mármore, cheia a transbordar de água benta da virtude, do patriotismo e da fé em Lisboa *como capital da civilização*. E, portanto, o que você fez, com a sua costumada veemência, foi *plonger le diable dans un bénitier*. Daí os berros e os couces.

Couces e berros, sobretudo de espanto. Porque, enfim, eu tudo podia esperar do seu espírito, tão impressionável e ardente, menos essa atitude de pudicícia ofendida e de magoado patriotismo. O que era com

efeito de esperar, dada a sua índole e os seus escritos, era que você criticasse o livreco, sob o ponto de vista do próprio livreco: e que, como legionário da mesma legião, ocupado também neste belo trabalho da literatura contemporânea que consiste em fazer o inquérito experimental das sociedades, me censurasse só por os meus golpes não serem bem destros, nem bem certeiros, nem bem úteis, nem bem claros, nem bem eficazes. Mas vê-lo de repente surgir no campo inimigo, com uma sobrecasaca séria de conselheiro de Estado, gritando: «Em Lisboa não se deve tocar! Tudo aqui é puro, belo, e grande! Vergonha ao maldizente que ouse rir da cidade incomparável, *perfectissima urbs*!», eis o que verdadeiramente me assombrou! Porquê tão singular mudança?

Ó Fialho, foi você eleito diretor-geral de um banco? É você o inspirador de um sindicato? Recebeu você, das mãos do monarca, a Grã-Cruz de Sant'Iago? Está você diretor-geral de uma grande repartição do Estado? Que interesse supremo o faz aliar-se ao conselheiro Acácio? Está você, por acaso, apaixonado pela mulher de Acácio e finge-se assim pudico, ordeiro e patriota, para lisonjear o benemérito e cornudo homem?... *Sapristi, je crois que j'ai touché juste!* Nessa sua crónica sobre *Os Maias*, Fialho, há uma mulher!!! Se assim é (e estou certo que é assim), como você deve ter sofrido, pobre amigo! Conheço essa situação, é medonha!... É *ela* ao menos bonita e *cochonne?*

Sério, sério — a sua crónica,

escrita com a sua costumada *verve*, espantou-me. Que você fizesse ao calhamaço um *enterrement* de primeira classe, bem está! O grosso cartapácio, com mil bombas, fervilha de defeitos! As duas próprias cenas que você incondicionalmente louva estão bem longe de me agradar! Mas que você fizesse a vista grossa sobre esses defeitos para se lançar sobre mim com indizível fúria e acusar-me de falta de respeito pelas nossas virtudes, pela nossa *elevação moral*, pela grandeza da nossa civilização e pelo esplendor de Lisboa *como capital* — é forte! Coisa espantosa ver o meu velho e rebelde Fialho repetir, quase *ipsis verbis*, um grande rasgo patriótico do Tomás Ribeiro, há anos, nas câmaras, declarando «traidores os que faziam, em

escritos públicos, a crítica dos nossos costumes»! O Ramalho fez, sobre essa saída do lírico da *Judia*, um artigo extraordinário n'*As Farpas*.

Esta carta já vai longa. E não me alargo por isso mais, além deste ponto de vista da sua crónica — que foi o que me impressionou. Havia, porém, nela, ainda outros detalhes, que eu desejaria discutir com você, violentamente. Assim, diz você que os meus personagens são copiados uns dos outros. Mas, querido amigo, numa obra que pretende ser a reprodução de uma sociedade uniforme, nivelada, chata, sem relevo e sem saliências (como a nossa incontestavelmente é) — como queria você, a menos que eu falseasse a pintura, que os meus tipos tivessem o destaque, a dissemelhança, a forte e

crespa individualidade, a possante e destacante *pessoalidade* que podem ter, e têm, os tipos de uma vigorosa civilização como a de Paris ou de Londres? Você distingue os homens de Lisboa uns dos outros? Você, nos rapazes do Chiado, acha outras diferenças que não sejam o nome e o feitio do nariz? Em Portugal há *só um homem* — que é sempre o mesmo, ou sob a forma de dândi, ou de padre, ou de amanuense, ou de capitão: é um homem indeciso, débil, sentimental, bondoso, palrador, *deixa-te ir*, sem mola de caráter ou de inteligência que resista contra as circunstâncias. E o homem que eu pinto — sob os seus *costumes* diversos, casaca ou batina. E é o Português verdadeiro. É o Português que tem feito este Portugal que vemos.

Outra coisa bem singular é você duvidar da exatidão de certos detalhes, traços de sociedade, como as senhoras *falando de criadas* ou *apostando dez tostõezinhos* nas corridas, etc. Oh, homem de Deus, onde habita você? Em Lisboa ou em Pequim? Tudo isso é visto, notado em flagrante e por mim mesmo aturado *sur place!*

Mas não palremos mais. Vocês, em todo o caso, hão de findar por me fazer zangar. O Carlos Valbom acusa-me de escrever à francesa e com *galicismos* que *o arrepiam*: e diz isto em períodos absolutamente construídos à francesa, e metendo em cada dez palavras cinco galicismos! Você, por outro lado, nunca tomou a pena que não fosse para cair sobre os homens e as coisas do seu tempo,

com um vigor, uma veia, um espírito, um *éclat* que fazem sempre a minha delícia. E quando eu faço o mesmo, com mais moderação, infinitas cautelas, *et une touche très juste* — você aparece-me e grita «aqui d'el-rei patriotas!» E escandaloso. Para vocês tudo é permitido: galicismos à farta, pilhérias à Pátria, à *bouche que veux-tu*? A mim, nada me é permitido! Ora sebo!

Positivamente, basta de cavaqueira.

Diga ao Oliveira Martins que eu lhe mando, por este correio, mais *fradiquice*. E você, caro Fialho, creia sempre na sincera estima e verdadeira admiração com que lhe aperta a mão o seu muito amigo

Eça de Queirós
Bristol, 8 de agosto de 1888.

A Propósito de *Os Maias* (Carta a Carlos Lobo de Ávila)

Meu caro Carlos: se aí no *Tempo* há bastante espaço para que um homem de letras desfaça, publicamente, uma lenda que foi enxertada sobre a sua obra, e que dela continua a viver, conceda você a estas tiras de papel o agasalho que elas só merecem pela sinceridade e veracidade de que vão repassadas.

Esta manhã, recebi um jornal do Rio de Janeiro, o *País*, onde destacava um artigo de Pinheiro Chagas (sempre este homem fatal!) cujo título — «Bulhão Pato e Eça de Queirós» — logo me causou

confusão e assombro! Imaginei ao princípio que se tratava de um desses paralelos literários dados outrora como temas nas aulas de retórica e em que se comparava, com sonora facúndia, o génio de César ao génio de Pompeio, as virtudes de Catão às virtudes de Séneca... Mas não! O artigo de Pinheiro Chagas versava sobre factos bem definidos, autenticados, com um ar sólido de pedaços de história, que deram ao meu assombro e confusão, já grandes, uma intensidade quase dolorosa. Era um artigo condenando com a máxima rispidez certa injúria que eu em prosa fizera a Bulhão Pato — e celebrando em períodos que se babavam de admiração e ternura certa desforra que Bulhão Pato tomara em verso.

A minha injúria consistira em *caricaturar* Bulhão Pato n'*Os Maias*, sob os bigodes e os rasgos de Tomás de Alencar, e a desforra de Bulhão Pato fora correr à sua grande lira e lançar contra mim uma grande sátira! Tais se me apresentaram os factos. E perante eles o meu assombro e confusão provinham de que, nesta fria manhã de janeiro do ano da graça de 1889, antes de ler o *País* — eu ainda ignorava totalmente a ofensa contra o simpático autor da *Paquita* e o castigo retumbante que recebera do autor cruel dessa andaluza.

Talvez pareça pouco natural, sobretudo àqueles para quem a Casa Havanesa e o Café Martinho formam os confins do mundo, que eu não conhecesse um feito literário tão considerável, de tão

largo eco como a sátira.

A *existência dessa peça poética*, com efeito, não me era completamente alheia. Já aqui, em Paris, alguém um dia me falara dela rindo: mas dessas galhofeiras palavras, trocadas à pressa, no rumor da rua, depreendi que era uma sátira literária, impessoal, continuando um conflito de escolas, pairando nas generalizações estéticas — uma sátira em que o nosso Pato, na provinciana e académica suposição que em arte há duas grandes falanges com duas grandes bandeiras, a dos românticos e a dos naturalistas, vinha uma vez mais, paladino da alma, arremessar o seu dardo de ouro contra a soldadesca da matéria.

Que ela fosse uma sátira pessoal, *direta e crudelíssima*, como diz Pinheiro

Chagas, atacando sem dúvida os meus costumes, os meus princípios, a minha moral, a minha vida — isso só hoje, nesta fria manhã de janeiro, o vim a saber pelo artigo do *País* tão sentido e fremente!

Só hoje, através das amargas repreensões de Chagas, vim a saber que a sátira me fora vibrada pelo autor da *Paquita* em desforra, em ostentosa e berrante desforra de eu o ter encarnado na pessoa de Tomás de Alencar! E apenas recebi de chofre estas revelações murmurei comigo, sem hesitar, imensamente divertido e imensamente contente: «Ainda bem! O que o nosso Pato gozou em se imaginar retratado n'*Os Maias*.»

«Ser retratado» num romance ou numa comédia constitui há muito, como

você sabe, caro amigo, a mais decisiva evidência da celebridade. Desde Aristófanes, que põe Sócrates em cena nas *Nuvens*, até Pailleron, que retrata Caro no *Monde où l'on s'ennuie*, sempre a personificação de um contemporâneo aparece como a definitiva consagração da sua importância na sociedade, na política ou nas letras.

Logo que Sainte-Beuve sobe a pontífice da crítica, Balzac passa a representá-lo através da *Comédia Humana*, com tenaz e leónica ironia.

Apenas Gambetta se afirma como o homem providencial da Terceira República — logo Sardou o reproduz, sobre o palco, no fanfarrão *Rabagas*. A celebridade do marquês de Bute em Inglaterra leva Lord Beaconsfield a

dedicar-lhe todo um romance, *Lotário*. E não podendo dar um livro a cada um dos dois dominantes dândis Morny e Cadet-Russe, Óctave Feuillet funde-os num só, no supremo Mr. Camors. Em literatura o «retrato» torna-se assim a investidura oficial da glória.

Daqui logicamente resulta, meu caro Carlos, que «figurar» num romance ou num drama é a ambição suprema e o prazer inefável de todos os glutões de celebridade — sobretudo daqueles que vão sentindo essa celebridade murchar e desfolhar-se como uma coroa que foi feita das rosas frágeis de um dia... O nosso bom Bulhão Pato saboreia há meses, segundo me afirma Chagas, esse contentamento inefável!

Mas para que vem então a sátira

— a sátira investindo e rugindo, com os seus alexandrinos mais eriçados que as cerdas bravas de um javali?... A sátira, caro amigo, vem muito habilmente, com o astuto fim de alvoroçar o público, criar um tumulto de curiosidade, obrigar todos os olhos a volverem-se para o motivo que a provocou, para o «retrato», evidência de glória, instintiva homenagem dada ao alto poeta.

A sátira vem, assim estridente e alardeada, para que o público saiba, creia que houve realmente um retrato, e que tão grande é ainda a situação do poeta na literatura do seu tempo, tão penetrante a sua influência no mover das ideias, que um artista se decidiu a prestar-lhe esse preito sumo que a arte, através dos séculos, tem concedido a todos os

ilustres, desde Sócrates, o divino, até Morny, o mundano.

Aí está para que veio a sátira! Mas enquanto ela, diante do público, ruge com um som de latão — o estimável autor da *Paquita* banha-se todo ele num mar de leite, de mirra e de rosas.

Foi «retratado»! E, pois, ilustre! Um artista, durante novecentas páginas, aplicou-se a detalhar-lhe o feitio imortal! A sua glória faísca em plena brasa!... E os dias de Bulhão Pato agora correm em incomparável delícia, estirado numa cadeira, lendo, relendo *Os Maias*, e sorrindo beatificamente como ídolo por entre o incenso.

Pois bem! Por mais que me custe perturbar este gozo do interessante autor da sátira, eu sou, pela iniludível verdade,

obrigado a declarar que o meu Tomás de Alencar não é a personificação do Sr. Bulhão Pato — e que, durante o longo tempo que fui pondo de pé, traço a traço, a figura de Tomás de Alencar, nem uma escassa vez me cruzou na memória a ideia, a imagem, o nome sequer do poeta da *Paquita*!

Para retratar um homem — já o disse com a sua costumada profundidade Mr. de La Palisse — é necessário, pelo menos conhecê-lo. Conhecer a sua fisionomia exterior e interior — as suas ideias, os seus hábitos, os seus gostos, os seus sentimentos, os seus tiques, os seus interesses, tudo o que diversamente e unicamente constitui um caráter.

Ora conheço porventura deste modo íntimo e miúdo o Sr. Bulhão Pato?

Não — nem intimamente, nem quase superficialmente. Quantas vezes, nestes derradeiros dezasseis ou dezoito anos, nos teremos avistado, através das nossas desencontradas e remotas existências? Cinco ou seis vezes, fugitivamente — na rua, nalguma sala, a uma mesa de restaurante! Nada sei da sua vida, dos seus costumes, das suas opiniões. Nunca provei da sua cozinha. E acrescentarei mesmo (já que a defesa me impõe esta confissão dolorosa que me acabrunha) que quase não provei ainda da sua melhor poesia! Por circunstâncias inexplicáveis, e que me vexam, eu nunca li a *Paquita*. Nada sei dele! Se alguém me pedisse para traçar num papel três ou quatro feições caraterísticas da fisionomia moral e literária deste poeta, eu ficaria com a

pena suspensa no ar, na mais absurda e ignara hesitação.

Como ousaria eu então tentar, durante um longo romance, a pintura de um vivo de quem não conheço a vida, de um poeta de quem não conheço a poesia?

A maior razão, porém, para mim mesmo de que, criando o tipo de Tomás de Alencar, eu nunca pensei em Bulhão Pato — é que pensei sempre noutro. Tomás de Alencar, com efeito, representa alguém que viveu. É um retrato. Um retrato desenvolvido, completado com traços surpreendidos aqui e além na velha geração romântica.

Eu conheci Tomás de Alencar. Conheci-o na província, de onde nunca saiu, quando ele já tinha o seu longo bigode romântico embranquecido pela

idade e amarelecido pelo cigarro, como n'*Os Maias*. Não era este homem profissionalmente um poeta — quero dizer, nunca fabricara livros de versos para vender a editores. Fazia, porém, versos, que apareciam num jornal de... E era ainda poeta pela sua maneira especial de entender a vida e o mundo. Desde o primeiro dia em que o tratei, senti logo nele uma soberba encarnação do lirismo romântico. E desde logo tive o desejo, a fatal tendência, de convertê-lo num personagem, Já, com efeito, este homem perpassa n'*O Crime do Padre Amaro* — tão rapidamente, porém, que o tipo vem todo condensado numa só linha. Ninguém hoje se lembra já d'*O Crime do Padre Amaro*, por isso cito esse episódio. E na praia da Vieira, uma praia de banhos ao

pé de Leiria, à hora do banho: «As senhoras, sentadas em cadeirinhas de pau, de sombrinhas abertas, olhavam o mar palrando: os homens, de sapatos brancos, estendidos pelas esteiras, chupavam o cigarro, riscavam emblemas na areia — enquanto o *poeta Carlos Alcoforado*, muito fatal, muito olhado, passeava só, soturno, junto à vaga, seguido do seu terra-nova.» Mais nada.

Não volta mais em todo o livro. Mas nessa curta linha passa ele real, como era, tão vivo que o revejo agora, magro, com a grenha sobre a gola, fatal e soturno, admirado das mulheres, seguido do seu terra-nova. E revejo-o ainda, como numa das derradeiras vezes, anos depois, passeando rente de um muro de cemitério, ao cair da tarde, numa quieta vila da

província, mais grisalho, mais soturno, falando de versos e das tristezas da vida, com o chapéu desabado sobre os olhos, embrulhado num xaile-manta cinzento, seguido do seu terra-nova.

O meu trabalho n'*Os Maias* foi transportá-lo para as ruas de Lisboa, acomodá-lo ao feitio de Lisboa, começando por o desembrulhar do seu xaile-manta e separá-lo do seu cão — porque estes dois atributos não se coadunam com os costumes da capital. Completei-o também dando-lhe esse horror literário do naturalismo que Alcoforado nunca tivera — porque nesses tempos ditosos ainda se não parolava em Portugal acerca do naturalismo, nem o nosso bom Chagas conhecia ainda, para de ele se rir, de alto para baixo, o épico

de *O Germinal*.

Em todas as feições fundamentais, porém, ele permaneceu no romance, exatamente como foi na vida.

Era dele a solenidade do Alencar. Dele a voz cavernosa e lenta. Dele o hábito (que o ajudou a matar) de atirar às goelas copinhos de genebra. Dele o costume de empregar o invocativo *filhos*! — tão inveterado que este plural vinha mesmo quando se dirigia a uma só pessoa, como se em espírito falasse a uma descendência de espíritos. Eram dele, enfim, a lealdade, a honestidade impecável, a bondade, a generosidade, a alta cortesia de maneiras: e é bem petulante que alguém tente à força encafuar-se dentro destas nobres qualidades e procure resplandecer perante

a multidão com o brilho que elas irradiam, repetindo assim a fábula sempre grotesca e sempre irritante da gralha que se reveste com as penas melhores do pavão!

Porque é esta questão das qualidades que faz a estupenda absurdidade do caso. Por onde se reconheceu o Sr. Bulhão Pato no Sr. Tomás de Alencar? Pelo feitio exterior?... Foi pelos bigodes? Todos em Portugal usamos esse retorcido apêndice. Pelas receitas de cozinha? Todos os homens de letras, desde Virgílio a Dumas pai, ensinavam a arte sem igual. Pela efusão dos gestos? Todos nós, nestas terras expansivas do Sul, lançamos os nossos gestos até às nuvens... Em quais destes traços se reconheceu Bulhão Pato?

Pinheiro Chagas, no artigo do *País*, afirma que há em Alencar dois hábitos que são a reprodução escandalosa de dois hábitos de Bulhão Pato: o andar sempre puxando a pera e sempre recitando maus versos! (textual). Ora sucede justamente que Alencar não têm pera, apenas longos bigodes cheios de poesia e tristeza.

E em quanto aos versos, é certo que os de Alencar são maus; mas Pinheiro Chagas parece-me injusto quando implícita e explicitamente declara que são maus também os de Bulhão Pato. Como já confessei, suando de vergonha, nunca desgraçadamente li a *Paquita:* tenho, porém, a certeza que ela não é inferior ao *Poema da Mocidade* do severíssimo Chagas. Nalguma estrofe de Pato que tem sido meu encanto e privilégio ler —

encontrei sempre facilidade, elegância e doçura. E os traços portanto que Pinheiro Chagas cita, para provar a parecença do poeta vivo e do poeta imaginado, são contraproducentes — porque onde Alencar recita versos maus, Pato recitaria bons versos, e onde Pato tem pera, Alencar só tem queixo!

Tudo isto, caro amigo, é deploravelmente cómico, insuscetível quase de ser comentado com gravidade. A julgar por estes traços exteriores, poderiam considerar-se retratados no Alencar, e vibrarem sátiras contra mim, todos os homens que em Portugal têm bigodes, cometem versos, gesticulam largo e sabem modos de cozinhar o bacalhau — isto é, uma farta metade dos habitantes do reino!

Não!, estes traços de superfície, comuns a todos, não individualizam ninguém. O que diferença e carateriza os homens — é o seu modo de ser moral, o conjunto das qualidades e dos defeitos. Ora Tomás de Alencar tem defeitos e qualidades, separados e alternados, que vão desde a carraspana até ao cavalheirismo. Em quais das virtudes ou dos vícios se reconheceu o poeta da *Paquita!*

Se foi nas virtudes, então aqui vemos um homem que solenemente se adianta, cercado dos seus amigos, e exclama para o público, com a fronte alçada: «Apareceu aí um romance, em que há um tipo de poeta que tem lealdade, generosidade, uma honradez perfeita!... Ora com tão esplêndidas qualidades só eu

existo, em Portugal. Esse poeta, portanto, *sou eu!*»

Neste caso, nunca nas idades modernas se teria visto um tão burlesco exemplo de pedantismo e de farófia.

Mas se o Sr. Bulhão Pato se reconheceu nos defeitos, então aqui temos um homem que, em meio dos seus amigos, se acerca do público e declara com serenidade: «Apareceu aí um romance em que há um poeta que é um medíocre, um palrador, um farfante e um piteireiro. Ora com tão pífias qualidades só eu existo em Portugal. Esse poeta, portanto, *sou eu!*»

Neste caso, nunca no mundo se teria visto um tão doloroso exemplo de rebaixamento e de aviltamento próprio.

Paro, pelo respeito que devo ao poeta. Mas quantas cruéis e esmagadoras

conclusões uma pena mais hábil e maligna do que a minha poderia sacar desse paralelo a que o autor da *Paquita* tão gratuitamente se ofereceu e em que se comprazeu tão levianamente!

Paro também para não tomar mais tempo ao *Tempo*. Foi necessária, porém, esta prolongada e miúda explicação para mostrar que nada há de comum entre Tomás de Alencar e o Sr. Bulhão Pato, além daqueles traços literários pelos quais um poeta romântico é sempre parecido com outro poeta romântico. Foi igualmente necessária para mostrar que só uma indiscreta ilusão e um zelo excessivo pela glória própria puderam levar o autor da *Paquita* a introduzir-se, com tanto ruído e tanta publicidade, dentro do autor da *Flor de Martírio*. E visto que nada

agora pode justificar a permanência do Sr. Bulhão Pato no interior do Sr. Tomás de Alencar, causando-lhe manifesto desconforto e empanturramento — o meu intuito final com esta carta é apelar para a conhecida cortesia do autor da *Sátira* e rogar-lhe o obséquio extremo de se retirar de dentro do meu personagem.

Em quanto à sátira, não tenho a ocupar-me dela, mercê de Deus! Nunca a li. Naturalmente nunca a lerei. Pinheiro Chagas afirma que ela é *direta e crudelíssima:* da sua vernaculidade e concordância com as regras da poética é-me garantia a alta situação académica do satirista: fica-me pois a grata certeza que fui por Bulhão Pato tratado de infame, segundo todos os preceitos de Horácio! Isto me basta: e como homem e como

escritor plenamente me satisfaz.

Eis o que eu tinha a dizer sobre este incidente, filho misérrimo da ilusão e da vaidade. E tendo-o hoje esgotado tão largamente que receio que esta carta não caiba no *Tempo*, nem no espaço — não haverá sátira nem elegia, nem protestos nem queixumes que me levem a dedicar-lhe de novo uma só linha ou honrá-lo com um só pensamento.

Paris, 1889
Eça de Queirós

«Os Vencidos da Vida»

O amável *Correio da Manhã*, fazendo hoje o retrato social de «Os Vencidos da Vida», um por um, para lhes contestar este título acabrunhante, continua e engrossa o ruído de publicidade que a imprensa tem erguido ultimamente em torno deste grupo jantante, com considerável desgosto dos homens simples que o compõem. Pode parecer talvez estranho que esta ressoante publicidade assim magoe os derrotados. Não permitem eles que hebdomadariamente as gazetas anunciem a sua reunião em torno da mesa festiva? E verdade. Mas se o fazem é para que a opinião se não possa, de modo algum,

equivocar sobre o motivo íntimo que todas as semanas os arranca dos seus buracos, para os juntar num gabinete de restaurante, ao lusco-fusco, no isolamento sumptuoso de quatro cortinas de repes.

Homens que assim se reúnem poderiam logo, neste nosso bem-amado país, ser suspeitados de constituir um sindicato, uma filarmónica ou um partido. Tais suposições seriam desagradáveis a quem se honra de costumes comedidos; o respeito próprio obriga-os a especificar bem claramente, em locais, que se em certo dia se congregam é apenas para destapar a terrina da sopa e trocar algumas considerações amargas sobre o *Colares*. De resto, o sussurro atónito que de cada vez levantam estas refeições periódicas não é obra sua — mas da

sociedade que, com tanto interesse, os espreita. Eles comem — a sociedade, estupefacta, murmura. O que é, portanto, estranho não é o grupo de «Os Vencidos» — o que é estranho é uma sociedade de tal modo constituída que, no seu seio, assume as proporções de um escândalo histórico o delírio de onze sujeitos que uma vez por semana se alimentam.

O que de resto parece irritar o nosso caro *Correio da Manhã* é que se chamem «Vencidos» àqueles que, para todos os efeitos públicos, parecem ser realmente *vencedores*. Mas que o querido órgão, nosso colega, reflita que, para um homem, o ser vencido ou derrotado na vida depende, não da realidade aparente a que chegou — mas do ideal íntimo a que aspirava. Se um sujeito largou pela

existência fora com o ideal supremo de ser oficial de cabeleireiro, este benemérito é um *vencedor*, um grande *vencedor*, desde que consegue ter nas mãos uma gaforina e a tesoura para a tosquiar, embora atravesse pelo Chiado cabisbaixo e de botas cambadas. Por outro lado, se um sujeito, aí pelos vinte anos, quando se escolhe uma carreira, decidiu ser um milionário, um poeta sublime, um general invencível, um dominador de homens (ou de mulheres, segundo as circunstâncias), e se, apesar de todos os esforços e empurrões para diante, fica a meio caminho do milhão, do poema ou do penacho — ele é para todos os efeitos um vencido, um morto da vida, embora se pavoneie por essa Baixa amortalhado numa sobrecasaca do Poole e

conservando no chapéu o lustre da resignação. Dito isto, só podemos juntar que «Os Vencidos» oferecem o mais alto exemplo moral e social de que se pode orgulhar este país. Onze sujeitos que há mais de um ano formam um grupo, sem nunca terem partido a cara uns aos outros; sem se dividirem em pequenos grupos de *direita* e *esquerda*; sem terem durante todo este tempo nomeado entre si um presidente e um secretário .perpétuo; sem se haverem dotado com uma denominação oficial de «reais vencidos da vida» ou «vencidos da vida real» ou «nacional»; sem arranjar estatutos aprovados no Governo Civil, sem emitirem ações; sem possuírem hino nem bandeira bordada por um grupo de senhoras «tão anónimas quanto dedicadas»; sem iluminarem no

primeiro de dezembro; sem serem elogiados no *Diário de Notícias* — estes homens constituem uma tal maravilha social que certamente, para o futuro, na ordem das coisas morais, se falará dos «onze do Bragança», como na ordem das coisas heroicas se fala dos «doze de Inglaterra».

Dissemos.

Notas do Mês — El-Rei D. Luís (Colaboração na Revista de Portugal)

Aos cinquenta e dois anos de idade, depois de vinte e oito anos de reinado, morreu na manhã de 19 de outubro, na cidadela de Cascais, o vigésimo oitavo rei de Portugal, o senhor D. Luís I. Por longos e lamentosos dias velou a sua agonia a rainha — cheia daquele ânimo magnífico e grave com que na Casa de Saboia, desde os velhos tempos de Humberto, senhor de Tarentesia, os homens afrontam os perigos e as mulheres as provações. E toda a nação o chorou numa infinita piedade.

Com el-rei D. Luís, findo um período interessante da nossa história. Durante ele, Portugal, emergindo da anarquia doutrinária que o desmantelava desde 1820, consuma o seu desquite com o passado, quebra o seu pacto com os ideólogos — e entra resolutamente, para ventura sua ou para maiores e inéditos males, no caminho do utilitarismo, do fomento e do progresso material. Para presidir a esta revolução, que cobriu a terra de instrumentos de riqueza e radicou na gente a importância dos interesses, el-rei D. Luís era, pelas favoráveis feições do seu espírito liberal, transigente, modernizado, acessível às inovações, o chefe mais congénere e perfeito. Daí proveio, entre o rei, beneficamente inclinado às reformas, e o reino, que

ardentemente se reformava, uma harmonia sólida e séria que, em vinte e oito anos, não sofreu uma interposição nem foi toldada por uma sombra.

Na paz política que assim se criou (e que exteriormente teve considerável beleza), pôde lentamente, através do rei, ser observado o homem; e este desde logo cativou o país pela sua genuína e positiva bondade. Victor Hugo afirmava que só existiam duas coisas verdadeiramente grandes — o génio e a bondade; Michelet acrescentava que dessas duas grandezas só uma era verdadeiramente real — a bondade. Decerto estes dois homens, supremamente bons e geniais, entendiam por bondade — aquela virtude ativa que, pela elevação e amplitude das suas manifestações, participa do heroísmo. O

exercício, porém, desta bondade heroica, necessita de uma ilimitada potência e expansão de vontade, de uma vontade sublimemente alheia ao mundo, como num S. Francisco de Assis, ou irresistivelmente dominante no mundo, como num Trajano — incompatível portanto com as limitações impostas, nas democracias, a um rei constitucional. Dentro dos nossos organismos sociais, a virtude nativa de um rei só se pode traduzir nas manifestações discretas e quase íntimas da generosidade, da indulgência, da cortesia, da afabilidade, da benquerença. Todas estas expressões de bondade as teve o rei lamentado: e ninguém mais do que ele, na terra em que reinou, foi amável, polido, modesto, caridoso, sereno e bem acolhedor.

Às excelências de coração, el-rei D. Luís aliava qualidades de espírito estimáveis e delicadas. As coisas do saber, da literatura, da arte, permaneceram sempre para ele superiormente valiosas e queridas. Não foi, como outros, um protetor das letras condescendente e distante; mas ele próprio entrou ativamente nas letras como um diligente e bom obreiro, comentando e trasladando as obras de Shakespeare que, por ser o génio que maior soma de verdade humana pôs dentro de maior soma de poesia imagética, seduzia mais que nenhum outro o espírito de el-rei, onde se misturava ao bom senso dos Braganças um doce elemento de imaginação germânica.

Desse fundo de realidade e de

fantasia lhe veio o seu imutável amor pela pintura e pela música. Ambas estas nobres artes praticou com um gosto firme; e de ambas se cercou profusamente, não como complementos ricos de uma vida bem ornada, mas como fontes de emoções e de sentimentos, onde a sua alma, quando invadida pela desilusão dos homens e das coisas, achou encanto e consolação.

Inteligente e bom, ele reuniu as duas superioridades que perpetuam a memória de um homem. A sua intelectualidade, porém, era mais própria para agradar aos espíritos letrados e eruditos; e a forma da sua bondade própria, sobretudo, para prender as multidões simples e emotivas. Por isso, a sua bondade será sempre mais lembrada do que a sua cultura. Talvez o povo,

renovando um costume sentencioso das idades passadas, lhe venha a dar o nome de Luís, *o Bom*. Hoje, nas sociedades democratizadas, não há já possibilidade histórica de que um rei conquiste o cognome de *Grande*. Mas se tal conquista ainda fosse realizável no nosso tempo, nenhum louvor maior se poderia prestar a el-rei D. Luís do que afoitamente afirmar que ele próprio preferiria ficar simplesmente nos corações como Luís, *o Bom*, a entrar solenemente na história como Luís, *o Grande*.

Um príncipe moderno, brilhante, cultivado, requintado, de aptidões complexas e fortes, de inteligência largamente absorvente, de vida excelentemente pura, sobe por seu turno ao trono sete vezes secular.

Começa este reinado no momento em que, pela dispersa hesitação das inteligências, pelo incurável enfraquecimento das vontades, pela desorganização dos partidos, pela inércia das classes — o rei surge como a única força que no país ainda vive e opera. E por isso mesmo que a autoridade vital, que desde 1820 se escoara do trono e se espalhara pelas instituições democráticas e pelos corpos que as encarnam, parece refluir ao trono para nele se condensar de novo — o reinado abre entre dificuldades que lhe impõem responsabilidades. Os deveres de el-rei, nestas condições, encontrarão certamente no seu patriotismo a inspiração mais segura e mais pura. Os nossos deveres, esses, claros e singelos, consistem em cercar de facilidades o rei

que dá os seus primeiros passos reais, em todo o viço do pensar e do querer — acompanhado por uma princesa adoravelmente preparada para colaborar na obra da coroa, com esses finos dons de graça e de doçura herdados da sua raça e da sua pátria, e que sempre, desde todos os tempos, foram os mais eficazes para vencer e reter, não só o pronto coração, mas a razão resistente dos homens.

Revista de Portugal

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor:

A *Revista de Portugal*, que dentro em pouco completa o seu primeiro ano, está hoje firmemente estabelecida como a mais séria e importante publicação do país. Colaborada por uma plêiade de espíritos eminentes nos ramos diversos da literatura, a *Revista*, durante os oito meses da sua existência, conseguiu apresentar uma série de trabalhos, indubitavelmente os mais elevados e valiosos que nesse período saíram da nossa atividade intelectual. Toda a produção superior dos nossos escritores tende, com efeito, a

convergir para a *Revista de Portugal:* e é nas suas páginas que em breve o leitor terá de procurar o que Portugal produz de mais profundo, de mais exato, de mais original, de mais interessante como ensino, como investigação histórica ou científica, como crítica, como obra de imaginação.

Para o demonstrar basta citar alguns dos estudos insertos nestes últimos meses na *Revista* sobre filosofia, história, crítica, economia, política, literatura geral, etc.

Na *Revista* Antero de Quental publicou, em séries, sobre as *Tendências da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX,* um trabalho que mesmo na Alemanha, na Inglaterra ou na França destacaria com incomparável

superioridade, pela certeza do saber e a profundeza do pensar.

Oliveira Martins deu na *Revista* um dos seus livros de história mais animados, mais vivos, mais fortes, *Os Filhos de D. João I*.

Teófilo Braga apresentou eruditos estudos sobre o século XVIII, e no seu trabalho em séries a *Epopeia da Humanidade* expôs uma parte considerável do seu ensino filosófico.

Rodrigues de Freitas, no seu extenso estudo sobre *Um Economista Português*, fez um, excelente e instrutivo quadro da evolução da ciência económica em Portugal.

Na crítica da sociedade e dos costumes, Ramalho Ortigão reuniu, no seu *Quadro Social da Revolução Brasileira*,

a mais segura soma de observações que até hoje obtivéramos sobre o estado da sociedade brasileira.

Em crítica, os trabalhos de Moniz Barreto sobre a *Literatura Contemporânea em Portugal* constituem o mais claro e mais pensado balanço que ultimamente se tem dado ao nosso progresso intelectual. Na *Evolução da Literatura Brasileira*, Oliveira Lima estabeleceu um resumo muito completo das influências que, desde o século XVII, têm atuado na formação das letras brasileiras.

Na ordem de estudos políticos, a *Revista*, publicando o artigo de Eduardo Prado os *Destinos Políticos do Brasil*, teve a rara fortuna de prever, quase denunciar, de antemão explicar nos seus

fatores, a Revolução pela qual, daí a dois meses no Brasil, pontualmente, o império se transformou numa república.

As monografias do conde de Sabugosa sobre as *Touradas em Portugal*, as de Cristóvão Aires sobre a *Cavalaria Portuguesa na Idade Média*, são trabalhos de incontestado valor para todos os que se interessam pelas instituições ou costumes do nosso passado.

Na literatura propriamente dita, a *Revista* tem publicado as *Cartas de Fradique Mendes*, de Eça de Queirós — e contos dos nossos mais finos e populares contistas, como Luís de Magalhães, Bento Moreno, Fialho de Almeida, etc.

Tais são alguns dos principais ensaios publicados já pela *Revista de*

Portugal. O leitor que todos os meses folheia esta publicação não se pode compenetrar com exatidão da sua definitiva importância vendo passar, sucessivamente, estes artigos alternados, soltos, cortados em séries: mas apenas tenha presente os volumes completos, por semestres (como aquele que os editores acabam de brochar), grossos volumes de oitocentas páginas magnificamente impressos, reconhecerá então, com surpresa, que está diante de uma verdadeira «biblioteca da literatura contemporânea», onde se arquivou, se reuniu tudo o que durante o ano Portugal criou de mais elevado, de mais pensado, de mais brilhante, de mais atraente em história, filosofia, crítica, economia, sociologia, arte, romance e poesia. Sem o

esforço de os colecionar, adquiridos por um preço mínimo, juntos em volumes de grande excelência tipográfica, o leitor português, assim, possui ao fim do seu ano não só os melhores livros, mas os melhores estudos (que pelas suas proporções não podem formar livros) produzidos durante esse tempo pelos homens que mais ilustram as letras portuguesas.

A *Revista de Portugal* todavia apresenta ainda hoje deficiências. E a experiência alcançada, durante este primeiro semestre, pelos que a dirigem e pelos que a colaboram vai desde já ser tenazmente empregada em a reorganizar, de modo a que ela ofereça sobretudo interesse, a variedade, a atualidade, o movimento e a vida — que lhe têm faltado

— naqueles altos cimos da literatura em que, por uma altiva ambição, a *Revista* desde o seu começo se isolou demasiadamente.

Com este fim, duas reformas (entre outras) se impõem desde logo como essenciais: em primeiro lugar, tornar a *Revista* mais adaptada ao gosto geral do público, que numa publicação busca mais que tudo a ocupação e encanto das horas livres, desenvolvendo as secções de biografias, viagens, memórias, romances, curiosidades, etc.; e em segundo lugar, dando à *Revista* mais atualidade, uma intervenção mais direta na sociedade política (onde tantas transformações se anunciam) desenvolvendo as secções de política interna, de política colonial, administração, finanças, etc.

Com o mesmo fim, na ordem literária, a *Revista* dará maior amplitude à parte bibliográfica, oferecendo em cada número uma lista e uma resumida notícia dos livros que mais convenha ler (história, crítica, literatura geral, romance, poesia, etc.) publicados em França, Inglaterra e Alemanha. E, no mesmo espírito de informação, inovará uma secção, do mais novo interesse, em que apresentará um resumo (com curtos extratos quando se torne útil) dos *principais artigos publicados nas principais revistas estrangeiras*: e por meio desta secção nova (cuja organização ainda há pouco seria impossível), o leitor português poderá conhecer o que se publica de mais instrutivo ou de mais recreativo nas publicações estrangeiras,

sem a considerável despesa e trabalho de as colecionar.

Assim completada e desenvolvida, a *Revista de Portugal* — sendo definitivamente a única publicação que fielmente representa e arquiva o nosso movimento intelectual — tem direito a reclamar apoio franco e contínuo de todos aqueles que verdadeiramente amam a pátria e a desejam ver justamente considerada pelo valor da sua cultura. Uma nação, hoje, é tanto mais respeitada nos seus direitos quanto mais ela se impõe à estima da Europa pelos seus trabalhos de inteligência. Países como Tunes, o Egito, a Turquia, a Sérvia, etc., são menosprezados na Europa sobretudo por não concorrerem com esforço algum para o progredir das ideias, para as aquisições

do saber. Portugal desgraçadamente tem sido muitas vezes desdenhado pela sonolência do seu pensamento, a inferior escassez da sua atividade literária. Ora a *Revista de Portugal* tem justamente por fim despertar esse pensamento, excitar essa atividade — facilitando a publicação de obras, ensaios, estudos, que sem ela não se realizaria, ou permaneceriam inéditos, ou se dispersariam, obscura e fragmentariamente, nas folhas efémeras da imprensa militante.

Sustentar portanto esta publicação é nobremente concorrer para que o nosso país alargue, desdobre a sua riqueza intelectual, base única de todo o progresso social, e consequentemente receba da Europa culta aquela consideração que hoje só se dá às nações

que, pela inteligência, se mostram vivas e fortes.

Os Gregos, modernamente, no seu plano tenaz de levantar e afirmar a sua nacionalidade, consideram um dever cívico comprar todo o livro, assinar toda a publicação que dignamente, e com incontestado valor, prove a vitalidade intelectual da Grécia. É um dos seus modos de ser patriotas — e certamente um dos mais elevados. Nenhum outro costume poderíamos nós imitar do estrangeiro que, tanto como este dos Gregos, nos honrasse e nos aproveitasse.

A *Revista de Portugal* é uma publicação de preço extremamente acessível. A sua excelência tipográfica satisfaz os mais delicados. Nas suas páginas encontram leitura congénere tanto

os que procuram ensino como os que apenas procuram recreio. À sua colaboração afluem os mais ilustres espíritos de Portugal. As suas coleções completas constituem uma rica e valiosa biblioteca de literatura. Porque não encontrará ela então no público um acolhimento largo e seguro?

Se o não tem alcançado ainda, tão franco e seguro como mereceria a sua incontestável superioridade, provém isso talvez de que ela não teve ainda a fortuna de ser através do país bem conhecida, bem compreendida nos seus fins. Por isso nós julgamos útil apelar direta e individualmente para todos aqueles que, pela ilustração e pelo patriotismo, mais aptos e preparados estão a reconhecer a utilidade nacional desta publicação e a

conveniência de que ela se mantenha, se afirme na plenitude da sua influência, para honra e proveito moral do país. E fiados no patriotismo e na ilustração de vossa excelência, afoitamente esperamos que vossa excelência consentirá em subscrever por algum tempo para a *Revista de Portugal*, certos de que, apenas, pela regular leitura dos seus fascículos, se tenha compenetrado do seu valor, do seu alto interesse e da sua importante ação no desenvolvimento da cultura, vossa excelência, espontaneamente, lhe quererá prestar um apoio contínuo e constante.

Notas do Mês — A Revolução do Brasil

A revolução do Brasil (tal como a contam os telegramas passados através da censura republicana) é menos uma revolução do que uma transformação — como nas mágicas.

O marechal Deodoro da Fonseca dá um sinal com a espada: imediatamente, sem choque, sem ruído, como cenas pintadas que deslizam, a monarquia, o monarca, o pessoal monárquico, as instituições monárquicas desaparecem — e, ante a vista assombrada, surge uma república, toda completa, apetrechada, já provida de bandeira, de hino, de selos de

correio e da bênção do arcebispo Lacerda. Sem atritos, sem confusão, esta república começa logo a funcionar. Nas repartições do Estado, os amanuenses, que já tinham lançado no papel dos decretos a velha fórmula «em nome de sua majestade o imperador», riscam, ao ouvir na rua aclamações alegres, este dizer anacrónico e, sem mesmo molhar novamente a pena, desenrolam no seu melhor cursivo a fórmula recente — «em nome do presidente da República». E quem saíra tranquilamente de sua casa com o seu guarda-sol aberto para ir à secretaria entregar um memorial ao Sr. Albuquerque, ministro do Império — encontra o Sr. Bocaiuva, ministro da República, que sorri e recebe o memorial! Toda essa revolução, segundo os

telegramas, foi feita antes do almoço. Os Brasileiros que, regressando à pátria, desembarcaram essa manhã no cais do Rio de Janeiro, ainda pisaram o *solo do império*, como se vinha dizendo havia sessenta anos; mas, ao saírem as portas da Alfândega, depois de despachadas as bagagens, já pisavam o *solo da república*, como se estava dizendo, havia sessenta minutos. Se os telegramas, pois, são fiéis, esta revolução é simultaneamente grandiosa — e divertida.

A surpreendente facilidade com que a república se substituiu ao império provém de que há muito no Brasil nada separava a república da monarquia — senão o imperador. E o imperador tinha-se a tal ponto desimperializado que, entre monarquia e república, não havia

realmente senão um fio — tão gasto e tão frouxo que, para o cortar de um golpe brusco, bastou a espada do marechal Fonseca.

Todo o mundo no Brasil era republicano — mesmo os diplomatas, os bispos e os camaristas do paço. O próprio imperador, por vezes, em viagem, nas salas de hotel, se declarava republicano. O movimento revolucionário, porém, vinha sobretudo dos bacharéis, dos moços saídos das escolas, que ansiavam pela república, não porque o império lhes fechasse o acesso às carreiras (tão abertas que alguns republicanos foram ministros do império), mas para poderem realizar um velho ideal jacobino, já entre nós desacreditado e um pouco obsoleto, e que no Brasil domina ainda as inteligências

tropicalmente entusiásticas e crédulas. Os melhores espíritos brasileiros ainda admiram Pelletan — que, em São Paulo e no Rio de Janeiro, se lê desesperadamente. E a república ainda representa para esses a realização de certas fórmulas idealistas, cuja falsidade ou inanidade já foi entre nós largamente demonstrada pela ciência e pela experiência. Por outro lado, se as leituras jacobinas fortaleciam os Brasileiros nesta ilusão, nenhuma realidade ambiente havia que os pudesse desiludir. Toda a América é republicana: e as duas repúblicas que os Brasileiros melhor conhecem, o Chile e a Argentina, são, depois de tormentosos períodos de anarquia, superiormente prósperas e sérias. Outro modelo perigoso para o Brasil estava nos Estados

Unidos do Norte, cuja imensa civilização deslumbrava os Brasileiros — que não refletiam que é o caráter das raças, e não a forma dos governos, que faz ou impede as civilizações. Uma república na Turquia, mesmo com todos os *direitos do homem* traduzidos do francês, seria sempre turcamente abjeta: e o Canadá, governado por um vice-rei, delegado de uma rainha e de uma oligarquia, cada dia se afirma mais altamente em riquezas e progresso. Todos os argumentos, pois, militavam no espírito dos ideólogos em favor de uma república — mesmo a sua *barateza*, pela supressão da lista civil (argumento que impressiona as classes comerciais). Com efeito, o presidente dos Estados Unidos pouco mais ganha do que um ministro no Rio de Janeiro: mas os

Brasileiros ignoravam (como nós, de resto, na Europa, imperfeitamente sabíamos antes da publicação do livro do americano William Ivins, *Machine Politics and Money in Election)* que a eleição do presidente dos Estados Unidos custa cada quatro anos mais de *noventa mil contos*, o que, dividido pelos quatro anos que dura um presidente, dá *vinte e dois mil e quinhentos contos* por ano — soma amplamente suficiente para pagar todos os soberanos da Europa e o seu luxo, incluindo o sultão e o papa.

Além dos bacharéis civis, a república tinha como pessoal os oficiais, que, saídos das mesmas escolas e das mesmas leituras, são no Brasil verdadeiramente *bacharéis armados*. Quase todo o exército se compõe de

oficiais — e todos eles eram republicanos por teoria e por interesse. Os poucos soldados, esses, apanhados a «cordel», mal pagos, mal alimentados, ociosos, perfeitamente iletrados, sem noção de disciplina ou de patriotismo, formavam uma massa excelente para ser lançada contra qualquer regime, pela mera promessa de mais um pataco de pré.

Nas classes comerciais não havia também uma opinião monárquica. O comércio, sobretudo o de retalho, sempre o mais ativo e influente, está todo, ou quase todo, nas mãos das colónias estrangeiras: portuguesa e italiana. Todo este mundo era sinceramente indiferente a um regime dentro do qual ele não podia exercer voto nem funções públicas. E de resto a forma de governo nada importava

a este pequeno comércio, estrangeiro e naturalmente egoísta — porque, ou se viva sob uma república ou sob um império, é sempre necessário comprar a mesma porção de manteiga. Além disso, obedecendo a um impulso (constatado por inúmeros observadores), o emigrante desenvolve sempre uma hostilidade vaga e inconsciente contra o regime do país em que vive — concentrando, contra essa expressão concreta da nação, as pequeninas e surdas antipatias que diariamente lhe causam em redor as diferenças de natureza, de hábitos, de costumes, de interesses, de língua ou de acento.

Que classe pois restava que se não sentisse no fundo republicana? Os grandes proprietários rurais. Mas esses, habitando

o interior, a enormes distâncias, não possuíam o sentimento vivo das ideias fundamentais do império — unidade nacional, centralização política, representação exterior, etc. Para eles o único mundo exterior é o que compra café: o império limitam-no todo ao bocado de sertão onde se estendem as suas plantações: e a centralização só a compreendem na capital da sua província. Todo o seu interesse está na colheita do café — e portanto no negro que faz a colheita. Aderiram ao império enquanto ele, mantendo o *statu quo*, mantinha o escravo. Consumada a libertação — nenhum outro laço os prendia ao regime que nalguns sítios os empobrecia e noutros os arruinava.

O império pois estava, não

enraizado, mas pousado ao de leve sobre o Brasil. Substituí-lo pela república não foi mais difícil — do que trocar sobre uma mesa o busto de César pelo busto de Bruto.

Nada verdadeiramente se interpunha entre a monarquia e a república — senão a pessoa do imperador. E de há muito se combinara cortesmente que, para derrubar a monarquia, se esperasse a morte do monarca.

O reinado da princesa D. Maria e do conde de Eu, ninguém o queria — nem mesmo talvez o imperador, no fundo do seu espírito, por motivos de ordem filosófica. Duas lendas se tinham espalhado sobre o «beatério» da princesa e sobre a «agiotagem» do príncipe, ambas fatais num país de instintos grandemente

generosos e terrivelmente livre-pensador. Todo o caixeiro tremia de furor voltairiano quando se contava na loja que a princesa imperial, por suas mãos, varria as igrejas de Petrópolis: e não havia senão maldições contra os *cortiços*, verdadeiros ou falsos, do conde de Eu.

O imperador, por outro lado, não era genuinamente popular. Os políticos mais cultos reconheciam os seus serviços ao império: mas o seu feitio excessivo, de sócio correspondente do Instituto de França, desagradava. A ciência do imperador, concentrada nas especialidades da arqueologia, da filologia, da astronomia, etc., não era de natureza a torná-lo estimado como homem superior entre os Brasileiros, que, nas manifestações da inteligência, só se

entusiasmam pela eloquência e pela poesia. O Brasileiro é extremamente literário — pelo menos no Rio de Janeiro e em São Paulo: e decerto um imperador de elevada inteligência se poderia tornar popular se as manifestações dessa inteligência fossem daquelas que cativam a vasta massa dos bacharéis, dos jornalistas e da mocidade culta. O estudo, porém, de monumentos fenícios e de textos hebraicos não basta para atrair, no Brasil, essa útil corrente de simpatia intelectual: o imperador só seria realmente popular se tivesse publicado uma coleção de líricas. Acresce que ele parecia o menos brasileiro de todos os brasileiros: e um rei só alcança verdadeiro amor quando em si encarna as qualidades e defeitos do seu povo.

Além disso, como deve suceder ao rei superiormente cultivado de um reino que o não é em tão alto grau, D. Pedro, que não acreditava no direito divino mas acreditava no direito intelectual, tendia a absorver o Estado em si, com a muito nítida consciência de que ele era nesse Estado o homem mais instruído. Toda a imprensa europeia celebrava os seus méritos, a sua filosofia, a sua semelhança com Marco Aurélio. Ora um Marco Aurélio tende a não dar muita importância ao simples burguês que ele julga incapaz de compreender as *Meditações*.

Daqui nasciam atritos, despeitas, uma crescente impaciência contra o crescente autoritarismo do imperador, que não exercia esse autoritarismo para fortalecer as instituições, mas para fazer

prevalecer vontades. Assim o imperador, único obstáculo à república, ia cada dia perdendo popularidade, força, razão de existir. Que um descontente, menos disposto a esperar que a clássica foice da morte cortasse o fio que ainda prendia o Brasil ao império, se decidisse a cortá-lo ele próprio com uma espada mais ou menos ilustre — e estava feita a república. Esse impaciente apareceu no marechal Fonseca.

Com o império, segundo todas as probabilidades, acaba também o Brasil.

Este nome de *Brasil*, que começava a ter grandeza, e para nós, Portugueses, representava um tão glorioso esforço, passa a ser um antigo nome da velha geografia política. Daqui a pouco, o que foi o império estará fracionado em

repúblicas independentes, de maior ou menor importância. Impelem a esse resultado a divisão histórica das províncias, as rivalidades que entre elas existem, a diversidade do clima, do caráter e dos interesses, e a força das ambições locais. Já mais de uma vez as províncias têm feito enérgicas tentativas de separação: e o separatismo tornara-se, nestes derradeiros tempos, um dos mais poderosos fatores da política.

O Brasil, além disso, não está forçado a conservar-se unido pelo receio dos ataques ou represálias de uma metrópole forte, de quem acabasse de se emancipar, nem tem possibilidades algumas de aspirar, como os Estados Unidos, a uma supremacia política ou económica de que a unidade seria a

inevitável condição. Nenhuma das razões que impuseram a união aos americanos do Norte se dão no Brasil. Por outro lado, há absoluta impossibilidade de que São Paulo, a Baía, o Pará, queiram ficar sob a autoridade do general fulano ou do bacharel sicrano, presidente, com uma corte presidencial no Rio de Janeiro. Para que isso se realizasse, mesmo por alguns meses, seria necessário que surgisse um homem (que não há) de popularidade universal, incontestada e irresistível em todo o império, como a de um Washington. Os Deodoros da Fonseca vão-se reproduzir por todas as províncias. Já decerto em Mato Grosso há um Deodoro que afivela a espada. Ora a condição de popularidade para estes ambiciosos será proclamar o exclusivismo dos interesses

provinciais; e já disso mostra sintomas o presidente do Pará, querendo fechar a navegação do Amazonas.

Os estados, uma vez separados, não poderão manter paz entre si, sendo abundantes os motivos de conflitos — as delimitações de fronteira, as questões hidrográficas e as alfândegas com que todos naturalmente se hão de querer criar rendimentos. Cada estado, abandonado a si, desenvolverá uma história própria, sob uma bandeira própria, segundo o seu clima, a especialidade da sua zona agrícola, os seus interesses, os seus homens, a sua educação e a sua imigração. Uns prosperarão, outros deperecerão. Haverá talvez Chiles ricos e haverá certamente Nicaráguas grotescas. A América do Sul ficará toda coberta com

os cacos de um grande império!

Notas do Mês — O Ultimato

Durante o desagradável mês de janeiro, Portugal atravessou uma crise — que é incontestavelmente a mais severa, talvez a mais decisiva que esta geração tem afrontado.

Através dos últimos dez anos, a Inglaterra, por uma sequência de factos, alguns imprevistos (ocupação do Egito, pacificação temporária do Sudão, marcha de um exército até Cartum, reorganização das missões do Niassa, descoberta dos jazigos auríferos na terra de Lobengula, etc., etc.), começou a entrever, como sonho realizável, a fundação de um grande império africano. E, com aquela viva clareza de propósito e segura tenacidade

de execução que constituem a sua força, encetou uma série de atos que, terminando há tempos pela criação da East-African Company, autorizam os seus estadistas e os seus publicistas a considerar esse império como uma realidade esplêndida, de que gozarão os filhos dos homens sem justiça e sem escrúpulo que lhe lançaram as primeiras bases.

Esse império, segundo o traçam nos seus largos contornos as publicações inglesas, estender-se-á de Alexandria ao Cabo. O Nilo, desobstruídas as cataratas, será a grande estrada de água até aos lagos centrais; dos lagos, um sistema de caminhos de ferro abrirá comunicações para Zanzibar e para a embocadura do Zambeze; duas vice-realezas, uma estabelecida no Cairo outra em Zanzibar

(que, pela população e pelo comércio, é quase uma feitoria Índia), governarão e manterão a ordem nessa vasta colónia, por meio de um exército organizado (à maneira do exército indígena da Índia) com negros e sudaneses, e por meio de alianças com as tribos mais aguerridas (à semelhança das alianças feitas na Índia com os Afredis e os Chittagongs); um imposto territorial (ainda pelo sistema índio) e a multiplicação dos portos fornecerão o orçamento; e a gradual dominação dos distritos do interior, as explorações bem organizadas e com objetos definidos, terminarão a conquista desta nova Índia e firmarão sobre ela, como diz o *Spectator* com o seu habitual pedantismo, a «imensa majestade da paz britânica».

O povo duro que britanizou a Índia pode talvez justificadamente conceber, e tentar mesmo, esta empresa portentosa. Mas, na sua execução, ele tinha necessariamente de encontrar obstáculos — desses que eram outrora considerados pelas solenes regras do direito internacional como insuperáveis.

Portugal oferecia à Inglaterra um desses obstáculos. Entre os atos diferentes, mas logicamente relacionados, com que a Inglaterra lenta e progressivamente prepara desde já a realização remota do seu sonho, houve (para simplificar, sem inútil desenrolamento de detalhes geográficos e históricos) dois que, sem remédio, colocaram a atividade colonizadora da Inglaterra face a face com a nossa

propriedade histórica. Um, foi a criação da East-African Company, com domínio sobre uma região conhecida pela terra de Lobengula (que é um velho rei e um malandro) e que compreende um território imenso chamado Masona, na margem sul do Zambeze. O outro ato consistiu na apropriação ou reclamação de uma região entre a margem norte do Zambeze, o rio Chire e a margem ocidental do lago Niassa, conhecida pela região do Niassa ou do Chire. A posse destes territórios excitava furiosamente a cobiça da Inglaterra, porque assim lhe ficava aberto o caminho político e comercial desde a colónia do Cabo até ao lago de Tanganhica, e daí até ao Vitória Niassa e ao Nilo Branco. E esse caminho criava, ainda que frouxa em partes, a espinha

dorsal do futuro império africano. Somente ocorria esta dificuldade: que Portugal há duzentos anos possuía, trilhara, explorara, ocupara essa região de Masona e essa região do Niassa. Se nós fôssemos fortes, ou se ainda reinasse o direito internacional, este impedimento seria como uma montanha que se não transpõe. Mas a ciência do direito internacional acabou como a astrologia e a escolástica; nós somos, por nossa máxima culpa, deploravelmente fracos e o obstáculo foi transposto pelo leão britânico com aquela simplicidade sobranceira com que ele tradicionalmente salta por cima dos muros alheios, desde que não haja do outro lado o cano de uma espingarda.

Em todo o caso, a princípio esta

dificuldade deu apenas origem a uma longa e lenta troca de comunicações e de notas entre Lord Salisbury e o Sr. Barros Gomes — acompanhada, nos jornais de Inglaterra e de Portugal, por uma serena discussão geográfico-histórica dos nossos direitos e das pretensões inglesas. Quando se desenrolava esta controvérsia (que já em setembro começava a impacientar os Ingleses), um incidente sobreveio inesperadamente, que transformou essa argumentação quase académica numa pendência quase sangrenta. Uma expedição nossa, que, sob o comando do major Serpa Pinto, estudava o traçado do caminho de ferro do rio Chire (que ultimamente nós resolvêramos construir para suprir as obstruções da navegação no Zambeze), tendo penetrado na terra dos

Macololos, antigos vassalos da coroa, encontrou um gentio hostil que lhe impediu a passagem, arvorou no topo das cubatas bandeiras inglesas e terminou por fazer fogo sobre os nossos com aquelas espingardas do valor de cinco xelins, que são um dos comércios ingleses mais rendosos no interior da África.

Para desimpedir o caminho, afirmar a soberania e castigar o ultraje, os nossos (depois de tentarem conciliação) dispersaram o gentio — matando infelizmente uma centena desses negros, que são no fundo os verdadeiros senhores da região. Todos os dias sucedem estes casos na África e em cada uma das suas viagens, Stanley, herói aclamado nos dois hemisféricos, pratica destas execuções de pretos, em proporções que as tornam,

segundo a caraterística expressão comercial dos Ingleses, *wholesale slaugters* (matanças por grosso). O incidente dos nossos foi logo telegrafado para Londres pelo secretário da African-Lakes Company, com aquela concisão do telégrafo, que é por vezes tão fatalmente prejudicial à justa compreensão das coisas como a redundância da retórica — e a imprensa conservadora, ou mais especialmente aquela abominável parte da imprensa conservadora de há muito ridicularizada e desacreditada sob a alcunha de *Jingo*, já impaciente pelas demoras da controvérsia geográfica e histórica, rompeu num desses furores arrogantes em que é vezeira quando fala a nações desarmadas — e ameaçou Portugal com uma frota de couraçados, uma

ocupação da Madeira, o bloqueio de Lisboa e outras bravatas das que ordinariamente lançam, de punho na cinta, esbraseados de vinho, os rufiões de feira. Os pretextos desta indignação da imprensa *Jingo*, sempre falha em boas maneiras e bom gosto, eram — que a expedição portuguesa invadira domínios britânicos, pisando a terra dos Macololos; afrontara a humanidade, trucidando cem negros; e injuriara a bandeira inglesa, dispersando o gentio que a hasteara entre guinchos. A resposta acudia facilmente. A expedição, achando-se no território dos Macololos, pisava um território tão português que os cônsules e missionários ingleses, para lá ir mercadejar ou intrigar, pediam salvo-conduto às autoridades de Moçambique; a expedição, dispersando

os Macololos, antigos vassalos da coroa, e matando (infelizmente) cem no conflito, procedia como todas as nações colonizadoras para com indígenas sublevados — e especialmente como a Inglaterra, mestra em colonização e destruidora encartada das raças inferiores do globo; e finalmente a expedição, encontrando a bandeira inglesa nas mãos de negros que não eram soldados ingleses, ou sobre cubatas que não eram cidadelas inglesas, não lhe devia mais respeito que a outro qualquer pedaço de paninho vermelho e azul. A bandeira tira a sua significação da mão que a empunha — e se um homem é agredido num caminho por outro que traz às costas a tricolor não ofende decerto a França, atirando ao chão com uma paulada o agressor, que assim se

embandeirou a si próprio com jovial fantasia.

Em todo o caso, o incidente em breve passou dos ataques e defesas da imprensa para a região mais serena e grave das notas diplomáticas. Lord Salisbury lançou reclamações que a imprensa portuguesa considerou moderadas. O Sr. Barros Gomes ofereceu explicações que a imprensa inglesa considerou conciliadoras. E as negociações prosseguiam assim em cordura e cortesia — quando uma manhã, bruscamente, sem razão, sem incidente lateral, o ministro inglês em Lisboa, Mr. Petre, apresentou ao Sr. Barros Gomes um ultimato, com aquela brutal surpresa com que outrora José do Telhado, ou outro dos nossos salteadores lendários, apontava,

num caminho de pinheiral, o bacamarte ao peito de um marchante em jornada. Esta comparação, já muito usada, tem todo o relevo safado. Mas não há outra mais precisa e gráfica.

O ultimato, curto e seco, exigia que dentro de onze horas o Governo português fizesse sair as suas tropas e as suas autoridades das regiões disputadas do Chire e de Masona. Se o Governo português não acedesse, o representante da Inglaterra retiraria com o seu pessoal para bordo do aviso *Enchantress*, deixando toda a ulterior ação às esquadras inglesas reunidas em Lourenço Marques, Cabo Verde e Gibraltar.

Foi durante horas uma pavorosa crise. O Conselho de Estado reunido — decidiu que se passasse sob a exigência

de Lord Salisbury, visto que a resistência importaria uma ocupação de Moçambique e de Lourenço Marques (de onde a Inglaterra não sairia mais, como não saiu mais do Egito), feita por essas esquadras, que, enquanto o Foreign Office elaborava notas corteses, se acercavam dos nossos portos, à sorrelfa, em silêncio, exatamente como as galeras de Barba Ruiva deslizavam para dentro das enseadas da Itália ou da Sicília, à busca da presa cristã. Ocupam-se recentemente nestes feitos as frotas que comandou Nelson. Portugal, nessa noite, perdeu dois consideráveis territórios de África. De manhã, o ministério caiu. E assim findaram três anos de política colonial.

Já não interessaria porém apreciar essa política, mesmo que para isso

possuíssemos uma documentação completa e positiva — porque, na realidade, as questões de África perdem do seu valor diante do inesperado movimento nacional que, através de todo o país, tão vasta e ruidosamente rompeu, sob o espinho das humilhações que essa África Negra nos trouxe. É com efeito mais importante para Portugal possuir vida, calor, energia, uma ideia, um propósito — do que possuir a terra de Masona: mesmo porque sem as qualidades próprias de dominar de nada serve ter domínios. Se, como nação, estamos findos, sem força, sem alma, sem vontade, as Macololos, o Masona, o Niassa, os lagos e toda a África serão para nós tão inúteis, como inúteis eram ao pobre rei Senaquerib — que tinha cento e

dez anos e tremia de frio sob o sol da Assíria — as virgens esplêndidas que os seus intendentes lhe iam buscar à África, terra de todos os ardores e da divina fecundidade: «Como posso eu produzir vida», tartamudeava o pobre Senaquerib, «se vida em mim já não tenho?» Sem vida em nós mesmos, como poderíamos nós levar vida à África?

Por isso, na verdade, a questão do Niassa e de Masona desaparece perante este movimento, tão real, tão intenso, tão persistente — primeira e única afirmação de vida que Portugal tem dado nestes últimos trinta anos, molemente estragados na mudez e na inércia.

Belo e de bom presságio se nos apresenta este movimento! Mas todavia, por ora, não há nele senão os sintomas

materiais de vida. É o respirar, o mover, o palpitar, o falar de um corpo que muitos julgavam morto, gelado, fácil de pisar e talvez de retalhar. E resta agora .saber em que séria e útil ocupação, em que fim de alto patriotismo, se vai empregar essa vida que tão inesperadamente o país em si surpreende e que tão dispersamente manifesta na primeira e imensa alegria de a sentir correr, quente e forte, nas veias?

That ist the question, se esta citação ainda é permissível... Porque se todo o patriota se alegrou como nós ao ver o esplêndido movimento da nação, nenhum verdadeiro patriota pode conservar alegria ao verificar que esse movimento se começa a perder em direções desviadas, transversais, inúteis — à maneira de uma torrente que, em

lugar de correr direita ao moinho para o fazer trabalhar, se espalha pelos lados em riachos esguios e lentos que bem depressa a areia suga!

As primeiras manifestações deste movimento foram as instintivas, as da irrefletida cólera do homem que subitamente na rua leva com lama na face. Todas as multidões, em todas as capitais, se têm um dia abandonado a estas violências clássicas. Mas, encadeadas com estas e numa rapidez de rastilho aceso, começaram logo as manifestações de indivíduos e de corporações contra a Inglaterra — cada um sinceramente, na sua possibilidade, praticando um ato de desforra ou tomando uma decisão de hostilidade. E aqui, começámos a assistir a atos menos justificáveis. O sentimento

inspirador era sempre muito belo, muito nobre — mas a expressão exterior e especial desse sentimento nem sempre participava dessa beleza e dessa nobreza. Com efeito, quando homens respeitáveis devolviam à legação de Inglaterra as medalhas ganhas ao seu serviço, ou se demitiam de empregos remunerados por companhias inglesas, estávamos claramente em presença de atos de seriedade e dignidade. Quando, porém, professores dos liceus reclamam, como defesa nacional, que se elimine a língua inglesa do ensino das línguas vivas — estamos já diante, não de um ato de patriotismo, mas de ignorantismo. E quando as atrizes dos teatros, para mostrar como Portugal sabe repelir um ultraje, resolvem por declaração pública

retirar do palco os seus sorrisos desde que surja na plateia um espectador inglês — estamos diante de um ato positivamente risível. Os jornais, registando destes e de outros protestos, bem-intencionados e desastrados, exclamavam por vezes com inquietação: «Meu Deus!, não tornemos as nossas manifestações ridículas ou odiosas!» Mas por causa de indiscriminadamente se registarem os protestos dignos e os protestos cómicos (que a imprensa estrangeira reproduzia) — estivemos nós arriscados a que a Europa misturasse ao respeito pelo nosso brio algum desdém pela nossa extravagância.

Tudo isso, porém, passou: e bem depressa os protestos individuais se fundiram, desapareceram, na vasta,

magnífica e consoladora unanimidade das manifestações coletivas vindas dos municípios, das escolas, das associações, dos institutos, das assembleias, de vilas inteiras, de todo um povo que acorda, se levanta e, ainda trôpego do seu extenso sono, afirma claramente qu*e*, *pensa* e afirma fortemente que *quer*.

O quê? Porque isto sobretudo se nos afigura essencial: o verificar o que o país, enfim desperto e decidido à ação, pensa e quer — e em que direção vai desenvolver essa ideia, e sobre que objeto vai aplicar essa vontade. Ora, a julgar pelos incontáveis protestos, declarações, manifestos, cartas, apelos, etc., que trasbordam na imprensa, não nos parece que por ora o pensar e o querer do país se estejam exercendo para fins

verdadeiramente sérios, úteis, práticos e patrióticos. De todos esses documentos, com efeito, em que o país, decerto reflectidamente e serenamente (porque num longo mês sobra tempo para serenar e refletir), tem exprimido a sua ideia e a sua vontade — que propósito exato e definitivo ressalta com saliência? Um só: *fazer mal à Inglaterra*. Como? Injuriando a Inglaterra; fomentando o ódio à Inglaterra; boicotando; tirando a freguesia à Inglaterra.

Três atos naturais, legítimos, supremamente justificáveis. Mas bastam? É neles, só neles, que se deve empregar e consumir o pensar e o querer da nação? Quando tivermos acumulado sobre a Inglaterra todos os vocábulos afrontosos do nosso dicionário; quando tivermos

penetrado o coração dos nossos filhos de um ódio tão complexo à Inglaterra que eles não possam encontrar um volume de Shakespeare sem empalidecer de furor; quando tivermos retirado totalmente a nossa freguesia às carvoeiras de Cardif ou aos teares do Lancashire — estará realizado o fim imenso de uma nação que, abalada por uma crise brutal, desperta, se ergue e desesperadamente afirma que vive e que quer viver? Ou muito erramos, ou esse fim, longe de estar obtido, está perdido.

Injuriar a Inglaterra! De que serve? Se o fazemos por meio daquele processo que se denomina «chamar nomes» (e que parece exclusivo de Portugal e da Inglaterra, porque só estas duas nações possuem nos seus idiomas

essa expressão), não aproveitamos decerto os primeiros dias do nosso despertar patriótico em obra muito bela, nem muito digna. Ressurgir de um longo adormecimento para «chamar nomes» é de péssimo presságio para a seriedade e fecundidade desse ressurgimento. E, por outro lado, se o fazemos de um modo mais grave, denunciando e verberando todo o mal da Inglaterra (onde o mal tanto abunda), dissiparemos o tempo a repetir, com pálida superfluidade, tudo que contra a Inglaterra já demasiadamente vociferaram os seus próprios filhos, os melhores, os mais ilustres, com soberba eloquência e certeza impecável. Quem mais grandemente do que os escritores de Inglaterra tem flagelado os vícios da Inglaterra? Quando mal findava a

literatura inglesa do século XVIII, limitada, conservadora, respeitosa e insular — logo um poeta surge, o maior dos seus poetas, que da Itália onde o levara o tédio da sua pátria, austeramente pedante e mercantilmente egoísta, a cobre de maldições e de sarcasmos. E depois de Byron e de Shelley, a legião dos acusadores segue, implacável e genial. E Dickens (para citar os mais populares) ridicularizando as suas instituições; é Thackeray revelando com fria ferocidade todo o seu convencionalismo social e maculando-a com o nome que lhe ficou de *country of snobs;* é Carlyle, com clamores de profeta, fulminando o seu egoísmo, o seu mercantilismo, o seu materialismo; é Ruskin acabrunhando de ironias a grossa materialidade da sua

civilização; é Arnold acusando-a da sua insipidez, do seu azedume, da sua aspereza; é ainda toda uma coorte de publicistas, de panfletários, de ensaístas, de artistas, de caricaturistas, fulminando o seu pietismo, o seu *cant*, a sua hipocrisia, a sua desumanidade... E que faz a Inglaterra? A Inglaterra cobre de aclamações estes acusadores que a ilustram pelo génio; dá-lhes, quando eles morrem, uma sepultura de honra no panteão real de Westminster — e continua a cultivar com cuidado e a desenvolver estes defeitos de convencionalismo, de egoísmo, de mercantilismo, que a têm tornado por esse mundo tão vasta, tão forte e tão rica. Faz mais! Pela voz do seu maior orador neste século proclama o egoísmo como programa político,

justifica-o pela «luta pela vida» e afirma, em plena Câmara dos Comuns, entre universais aclamações: «No dia em que déssemos aos outros a justiça, chamaríamos sobre nós a mina!»

Empregar o tempo a chamar a uma nação deste feitio nomes feios em prosa e verso — *pirata*, *ladra*, *infame*, etc. — é uma puerilidade de fracos.

Odiar a Inglaterra! Sentimento bem legítimo — porque, por muito cristão que se seja (e nós somos inteiramente pagãos), não podemos abençoar quem nos brutalizou. Mas o ódio fixo, em perpetuidade, cultivado e organizado como programa nacional (e assim o pregam os manifestos), que significa? O ódio pode formar um fator na vida de um povo, quando apaixonadamente incite e

aqueça a atividade que prepara a desforra. Ora a desforra consiste em derrotar quem nos derrotou, humilhar quem nos humilhou. E que esperança pode ter este frágil reino de abater o mais forte dos impérios, dura ressurreição do duro Império Romano? Se nós pressentíssemos razoavelmente a possibilidade de um dia, por nossa vez, mandar à Inglaterra um ultimato sublinhado com esquadras — então, sim, por Deus, que o ódio fosse o nosso inspirador! Mas para que tal se realizasse teríamos de esperar até aos tempos (entrevistos justamente por um humorista inglês) em que o Império Britânico ficará reduzido ao condado de Middlessex. Esses tempos jazem muito longe, nas profundidades do futuro; e não podemos realmente passar os séculos que

deles nos separam, quietos, hirtos, de dentes cerrados, de olhos flamejantes, absortos e mobilizados nessa única e estranha função social — *odiar!*

O ódio é um sentimento negativo que nada cria e tudo esteriliza — e quem a ele se abandona bem depressa vê consumidas na inércia as forças e as faculdades que a Natureza lhe dera para a ação. O ódio, quando impotente, não tendo outro objeto direto nem outra esperança senão o seu próprio desenvolvimento — é uma forma da ociosidade. E uma ociosidade sinistra, lívida, que se encolhe a um canto, na treva.

Não, por Deus! O povo alegre e franco que outrora em Diu atirava por entre as bombardas gracejos aos mouros e

que é hoje ainda na Europa o único que trabalha cantando — não pode empregar e estragar os seus dias nessa negra e fúnebre ocupação, o *ódio!*

Detestemos a Inglaterra, de acordo, toda a Inglaterra — mesmo sem distinguir se foi a Inglaterra como nação, ou apenas um partido inglês, como Governo, que nos ultrajou. Mas que esse sentimento seja secundário na vasta obra que temos diante de nós, agora que acordámos — e não essencial, supremo e tão absorvente que só ele ocupe a nossa vida e se substitua à própria obra.

Os que afirmam (e muitos afirmam) que «o único dever de Portugal agora é odiar a Inglaterra», ou se contentam com um desabafo vão — ou sinceramente aconselham ao país que

nada faça, permaneça na sua inferioridade e acentue mais a sua impotência final entregando a direção da sua vida a um sentimento impotente.

Se tais conselhos são considerados como nobres expressões de patriotismo — então o patriotismo, como ideia, tem mudado desde as idades em que, nas praças de Atenas, os patriotas que iam, em Plateia e Salamina, dar ao mundo o inigualável exemplo do patriotismo heroico exclamavam: «Não se trata de parolas e de odiar a Pérsia — trata-se de atos e de salvar a Grécia!»

Temos depois, como plano, boicotar a Inglaterra. Ideia bem natural e bem lógica. A Inglaterra é uma imensa loja. Nós somos dos seus mais antigos fregueses. A prosperidade de uma loja

depende da sua freguesia: retirando portanto a nossa freguesia à Inglaterra comprometemos a sua prosperidade. É perfeito. Resta averiguar se é eficaz.

Os homens positivos, experimentados e práticos, afirmam que, desgraçadamente, este plano, tão tentador na sua simplicidade, não dará resultado que nos console e vingue — porque ao fim de um tempo, para a Inglaterra, não será sensível a conta do seu prejuízo, enquanto para nós montará pavorosamente a conta do nosso dano. Se nós hoje, que não possuímos indústrias nacionais, formos buscar a outros mercados o que costumamos trazer de Inglaterra — encheremos a nossa casa de produtos *piores e mais caros*, o que duplamente aumentará o custo da nossa vida. Logo,

este começo é péssimo. Por outro lado; quebrando as relações comerciais com a Inglaterra deixamos logicamente de ser fregueses da sua marinha mercante. Ora os Ingleses, que possuem a maior marinha mercante e de maior tonelagem de todas as nações, são os grandes transportadores do universo, os que através dos mares levam e trazem mais homens e mais fazendas. E não admitindo nós que navios ingleses entrem nos nossos portos, a buscar ou a trazer — matamos o grande plano dos últimos tempos, que era tornar Portugal o rico e forte centro do movimento comercial entre o velho e novo mundo. Para isso, com sacrifícios enormes, estamos construindo o porto de Lisboa e o porto de Leixões. Mas esses portos, excluindo das suas docas dois

terços dos navios que sulcam os mares, não obterão rendimento apreciável: e nós teremos de pagar o que essas obras custaram sem poder embolsar o que elas por si renderiam. E há mais. Assim como não queremos comprar nada aos Ingleses, nada lhes queremos também vender. Ora o Inglês é o nosso maior freguês: e não teremos pois de ora em diante quem nos consuma na sua quase totalidade o nosso vinho do Porto; os nossos minérios, as nossas frutas, o nosso sal, a nossa cortiça. Para não arruinar o Porto, Aveiro, Setúbal, o Alentejo, etc., seremos forçados a procurar novos fregueses — o que, neste século de áspera, feroz, tumultuosa concorrência, se vai tornando a mais pavorosa das dificuldades humanas. Ora, insistem os homens

práticos, como nós já frequentemente tentámos, sem resultado, obter pequenos mercados para artigos parciais da nossa produção — não lograremos agora decerto alcançar um vasto mercado que substitua a vasta Inglaterra. De sorte que, em resumo, ao fim de um ou dois anos de quebrar as relações comerciais com a Inglaterra teríamos as nossas despesas consideravelmente elevadas, os nossos rendimentos consideravelmente diminuídos, obras colossais a pagar e nenhum lucro a tirar delas.

Assim dizem os experimentados. Resta porém saber se estes sacrifícios não seriam bem pagos pelo justo regalo de ferir a Inglaterra num ponto que é nela mais vivo que o orgulho — o interesse; e se não compensaríamos amplamente o

desgosto de ver os transtornos que sobre nós acarretámos — pela delícia de constatar as ruínas que na Inglaterra acumulámos.

E, aqui, voltam os experimentados (verdadeiramente patriotas) explicando que a Inglaterra, para o nosso caso, é uma loja cuja prosperidade ou decadência se verifica pelo seu balanço e pelos seus livros. Ora, examinando as contas-correntes de Inglaterra (pelo último balanço feito, o de 1888) vemos que o seu movimento comercial com Portugal, isto é, o valor do que nos comprou e do que nos vendeu, monta à soma redonda de trinta mil contos. Verba considerável. Mas em que proporção entra ela no movimento geral da loja? A falta de um freguês deste valor dará à loja um golpe definitivo e

mortal, ou fará apenas uma arranhadura insensível e reparável? Examinando o balanço total do Império Britânico, verificamos que o seu movimento monta à soma, que quase custa a ler em cifras, de quatro milhões novecentos e vinte mil setecentos e cinquenta contos!

Como estas somas disformes estonteiam, quase não têm realidade para um meridional — digamos, tornando as cifras mais acessíveis, que a nossa abstenção como fregueses da Inglaterra diminui trinta contos no seu movimento de quatro mil novecentos e vinte contos. E portanto como se um particular egoísta e brutal, possuindo uma renda de quatrocentos e noventa e dois contos, fosse prejudicado em três pobres contos de réis por um vizinho ofendido que, para

tomar essa desforra que ele julgava mortal, se sacrificasse até à ruína!

Decerto, esses trinta mil contos de menos vão momentaneamente prejudicar certas indústrias inglesas. Mas essas indústrias são justamente as mais fortes (carvão, ferro, tecidos, etc.). Todas elas têm afrontado crises infinitamente mais terríveis, que atravessaram com triunfal serenidade. E quando nós começarmos apenas a penar as primeiras dores do nosso sacrifício — já elas terão galhardamente reconstituído o seu equilíbrio.

De resto, Portugal não desceu ainda tanto na universal jerarquia que se levante todo, num esforço unido de nação unida, com o fim único de encalacrar os Srs. fulano & C.ª, carvoeiros de

Newcastle, ou os Srs. Sicranos & Filhos, com fábrica de lanifícios em Bradford. O único objeto por que dignamente poderíamos sofrer perdas e angústias seria, como se tem dito nos manifestos e protestos, o de matar o leão britânico! Mas que conseguimos? Arrancar-lhe alguns pelos da juba bruta, que bem cedo renascerão — mais duros e fortes.

Todo este movimento público, pois, que, para *fazer mal* à Inglaterra, se impõe como missão odiar a Inglaterra, ofender a Inglaterra, boicotar a Inglaterra — a si mesmo se esteriliza, errando a sua direção: porque, evidentemente, como movimento nacional, nascido da alma da nação para proveito da nação, nunca lhe cumpriria tomar por fim único o *fazer mal à Inglaterra*, mas, antes de tudo e

sobretudo, *fazer bem a Portugal*.

Uma vez que, segundo tão altamente se proclama, acordámos do nosso letargo, urge empregar este alento que nos volta, não na teima improfícua de destruir o que é indestrutível — mas de reconstruir tudo o que em torno de nós se deteriorou e derrocou durante o nosso imenso sono. Esta seria a direção única a imprimir ao movimento nacional — que se não deve dispersar em tentativas ou brados efémeros contra a Inglaterra, mas concentrar em obras sólidas a proveito de Portugal. Até agora nada se fez, porque (como todos violentamente constatam por experiência própria) jazíamos ressonando, no esquecimento de todo o dever cívico. Pois bem!, agora que todos se declaram despertos e saltam para a

arena, bradando, de braços arregaçados, prontos para a faina — comece a empresa, única verdadeiramente patriótica, que é a de reconstituir a pátria. Se as forças e as vontades abundam (como afirmam manifestos e protestos), não faltará também obra urgente e boa em que elas se empreguem com glória. Temos quase tudo por fazer — tudo teríamos a refazer. Teríamos antes de tudo de criar riqueza, porque, sem esse instrumento, o braço mais forte fraqueja. Teríamos de criar a riqueza, como povo agrícola que somos, pelos meios que o saber positivo tem indicado e que a política tem desdenhado. Criar riqueza, através do fomento rural — repovoando o reino pela colonização interior; metodizando as culturas; congregando a propriedade

excessivamente fragmentada, criando o crédito rural; dirigindo o aproveitamento das águas públicas e organizando a economia hidráulica; fazendo a repovoação florestal do país; regulando o exercício da caça e da pesca, etc, etc. Teríamos ainda de fundar indústrias, nacionalizando os fornecimentos públicos para as fazer viver e nacionalizando os transportes para as fazer circular... Obtidos estes primeiros recursos, teríamos então de alargar a nossa marinha de guerra, reorganizar o nosso exército, construir as defesas dos nossos portos. Teríamos ainda de reformar o ensino científico e fundar seriamente o ensino técnico. Teríamos enfim (para não desanimar as boas vontades com um programa muito pesado) de preparar, por

meio de educação física, gerações que possuam o músculo, o vigor, a saúde e o poder de arrostar trabalhos — que a nós nos falta tão lamentavelmente. E teríamos ainda (só este detalhe mais) de criar em nós mesmos hábitos de energia e disciplina, ordem, força, perseverança — refletindo que sem bons costumes de nada valem as boas instituições, e que já um poeta, que era todavia o mais risonho dos céticos, disse:

Quid leges, sine moribus
Vanae, proficiunt?

Eis, na nossa ideia, talvez excessiva e errada, o que deveriam fazer esses patriotas que, com tanta esperança nossa, se declaram acordados do seu sono

histórico, prontos a trabalhar na regeneração da pátria. Tudo isso depende deles, só deles. Não dos governos ou dos ministérios. Depende meramente da sua iniciativa, do seu esforço, da sua constância, da sua propaganda. Depende do seu honesto propósito de escolher homens capazes que, no parlamento, vão enfim criar as leis exatamente correspondentes às nossas necessidades — e, no Governo, vão enfim assegurar a execução exatamente indispensável a essas leis salvadoras.

Assim julgamos que devia ser utilizada e regularizada essa bela efervescência de vida, que se denomina o «movimento nacional». Porque de resto, bradar nas ruas contra a Inglaterra, elaborar manifestos, fundar comissões,

agitar archotes, desfraldar bandeiras, abater tabuletas, não nos parecem na verdade os modos de um povo que, sob o impulso do patriotismo, se prepara para a regeneração: antes se nos afiguram os modos de um povo que, através do patriotismo, se está educando para a insurreição.

E que a mocidade das escolas dê, ela, o exemplo mais direto e melhor. Por toda a parte se afirma que da sua paixão generosa e pura partiu o primeiro arranque deste movimento. Honra grande lhe seja mais tarde na história. Mas a mocidade já se manifestou amplamente. Que, agora, se retire das ruas e dos comícios, se recolha e ofereça, ela, esperança de todos, messe rica do futuro, o modelo superior do patriotismo,

passando a cumprir com sereno amor esse dever patriótico que tão especialmente cabe a estudantes — e que consiste em estudar.

E deixemos a Inglaterra, que, quieta na sua ilha, digere sombriamente, como nação de rapina, a presa que rapinou. Chamar pelas praças *delenda Cartago* é excelente — quando já estão reunidas no porto de Óstia as galeras que vão levar Cipião à África. Mas nós não nos podemos ufanar, por ora, nem de galeras nem de Cipião. De que valem pois brados vãos? O grande grito a gritar não é *delenda Britannia!* O grande grito a gritar é *servanda Lusitania!* Porque se não trata infelizmente de destruir a Inglaterra — mas de conservar Portugal.

Através destas sugestões que

vimos timidamente arriscando, de propósito omitimos o facto magnífico da subscrição nacional. Só ele, todavia, e o sentimento coletivo que revela, as justificam — porque sem ele todas as nossas considerações montariam à puerilidade de querer dirigir, regularizar e aproveitar para um fim permanente uma chama que passa e que morre! A forte, sólida e tenaz unanimidade, porém, com que a nação inteira, que tão pobre é, acode a abrir a sua bolsa para um alto objetivo nacional prova que este movimento, tendo raízes na razão e na consciência do país, não somente na sua imaginação móbil, constitui uma força duradoura e viva que convém dirigir para onde ela possa fecundar e criar. E indicar a sua direção é concorrer para a sua

fecundidade — porque decerto aqueles que tão ardentemente querem preparar a defesa exterior não se mostrarão menos prontos a trabalhar na ordem interior. De pouco serviria ter muralhas novas por fora e só velhas ruínas por dentro. A peito doente nada vale couraça de bronze!

Fraternidade

Nunca na Europa se falou com tanta segurança, como hoje, de «fraternidade, de concórdia entre os povos, de fusão das raças numa simpatia»; e ainda há pouco em Paris, num congresso, um moralista, um sábio, predizia, entre aclamações, que bem cedo da linguagem purificada dos homens desapareceria este vetusto e bárbaro termo — *o estrangeiro*.

De facto, porém, nunca entre as nações existiu, como neste declinar dos velhos regimes, tanta desconfiança, tanta malquerença, ódios tão intensos apesar de tão vagos. Não se encontram hoje na Europa dois povos genuinamente

fraternais; e nos países cujos interesses mais se entreligam as almas permanecem separadas. O Alemão detesta o Russo. O Italiano abomina o Austríaco. O Dinamarquês execra o Alemão. E todos aborrecem o Inglês — que os despreza a todos.

São estes antagonismos, irracionais e violentos, tanto ou mais que as rivalidades de Estado, que forçam as nações a essa rígida atitude armada em que elas se esterilizam e se enervam: e hoje, diferentemente dos tempos antigos, o amor e o cuidado da paz estão nos reis, e nos povos o impulso para a guerra.

Isto provém de que o poder, ou a influência sobre o poder, passou das castas para as massas, das oligarquias para as democracias. Outrora as

oligarquias, tornadas «cosmopolitas» pela educação, pelas viagens, pelas alianças, pela comunidade de hábitos e de gostos, pela similitude dos deveres da corte, pela tolerância geral que dá a cultura e pelas especiais afinidades de espírito que criava a cultura clássica, não odiavam nunca as outras nações — porque as outras nações se resumiam para elas nas outras oligarquias com que se sentiam congéneres em todos os modos de viver, de pensar, de representar, de governar. As democracias, ao contrário, profundamente nacionais e nunca cosmopolitas, conservando com tradicional fidelidade os seus costumes próprios, e intolerantes para os costumes alheios — apenas se conhecem (através das noções estreitas de uma instrução fragmentária) nas suas

feições mais nacionalmente caraterísticas e portanto mais irreconciliavelmente opostas: e dessas diferenças que entre si pressentem ou constatam lhes vem por instinto um mútuo afastamento e como uma antipatia etnográfica. O operário inglês, há cem anos, não conhecia sequer a existência do Russo. Hoje sabe, imperfeitamente, por leituras apressadas de jornais e de magazines populares, que o Russo é um homem que dele absolutamente difere no tipo, no traje, no idioma, nas maneiras, nas crenças... Daqui uma primeira repulsão: e como, além disso, sabe vagamente pela imprensa que esse homem, tão dissemelhantemente de si, vai marchando sobre a Índia «para se apossar dos domínios da rainha», enxerta sobre o seu antagonismo de raça a sua

indignação de patriota, e chega a odiar o Russo tão intensamente que se não pode em Londres, num café-concerto ou num circo, desdobrar a bandeira da Rússia sem que rompam das bancadas do povo apupos e clamores de cólera.

Por toda a parte assistimos assim ao desenvolvimento exaltado do indivíduo nacional. E com o advento definitivo das democracias haverá na Europa não a universal fraternidade que os idealistas anunciam, mas talvez um vasto conflito de povos que se detestam porque se não compreendem e que, pondo o seu poder ao serviço do seu instinto, correrão uns contra os outros — como outrora, nas velhas demagogias gregas, os homens da Mégara se lançavam sobre os homens da Lacónia, e toda a Ática se eriçava de

armas por causa de um boi disputado no mercado de Fila ou de uma bulha de rufiões nos grandes pátios de Aspásia.

Novos Fatores da Política Portuguesa

Depois do ultimato de 11 de janeiro e do frémito de indignação que percorreu todo o país até às mais obscuras vilas, houve um momento em que justificadamente se pôde supor que a nação, enfim despertada do seu sono ou da sua indiferença, pronta a retomar a posse de si mesma, e certa de que a vida que vinha levando nestes últimos vinte anos a votava irrevogavelmente às humilhações e aos desastres, decidira, num ingente esforço de vontade, começar uma *vida nova*.

Não escaparam a esta ilusão

cabeças que se prezam de friamente raciocinadoras. E quem estas linhas escreve, apesar de dois lustros inteiros de desilusões, chegou a crer que realmente existia no fundo da nação, sob a sua aparente apatia, uma grande reserva de força, capaz de inspirar e de impor, sem resistências possíveis, uma reorganização política e económica do Estado.

A ilusão, como dissemos, em breve se sumiu por esses ares. Poucas semanas bastaram a evidenciar que não há no país uma força latente donde pudesse vir o movimento de reorganização nacional, ou que, se a há (é sempre grato guardar uma esperança), o ultimato do dia 11 e a perda de territórios maninhos de África, que quase ninguém sabia onde ficavam, não foi abalo bastante decisivo

para a fazer despertar e operar. Nem todos os choques do ferro conseguem, com efeito, fazer saltar o fogo das entranhas da pedra.

Mas se fora das regiões da política, na massa geral da nação, o ultimato não logrou produzir um movimento que viesse trazer transformações essenciais à nossa vida administrativa e económica, sucedeu que, dentro dessas próprias regiões da política, esse mesmo ultimato e as manifestações tumultuárias que o acompanharam vieram alterar o equilíbrio dos elementos regulares com que a política jogava, fazendo aparecer nela elementos novos, novos fatores, com que é forçoso doravante contar, e que, coisa estranha!, fazem o Portugal de 1890

politicamente diferente do Portugal de 1889. É esta nova situação que convém estudar com clareza e franqueza. Estender sobre ela um véu pudico, disfarçar-lhe discretamente, por falsas e injustificáveis conveniências públicas, os perigos que ela contém, não a querer dissecar abertamente com o temor de patentear realidades desagradáveis, seria o mesmo que impedir uma cura ainda possível pelo desejo de não aludir a um mal manifestamente certo. Seria um crime de lesa-patriotismo.

1

O Partido Republicano não é certamente de criação recente. Desde 34, desde 20, sempre em Portugal existiram republicanos e jacobinos. Foi possível, porém, durante muito tempo contá-los, como se diz, pelos dedos de uma só mão. Eram ideólogos isolados, um pouco vaidosos do seu isolamento, vaidosos sobretudo da sua independência e isenção, e da superioridade intelectual que as suas ideias lhes davam ou lhes pareciam dar, de resto universalmente respeitados e respeitadores eles mesmos do regime sob que viviam e de quem por vezes aceitavam empregos.

O primeiro ensaio de

republicanismo, com visos de organização, foi devido, aí por 1867 ou 68, a um guarda-livros da antiga Casa Bertrand, moço excelente, mas fanático, que consumiu o seu pecúlio e a sua saúde no empenho de fundar um clube, menos como núcleo de ação que como núcleo de propaganda. Esse clube (se nos não falha a memória) chegou a funcionar numa casa da Rua do Príncipe, e a ele pertenceram alguns homens hoje ilustres nas letras e mesmo famosos pelas suas ideias autoritárias. De resto, nesse clube tratava-se mais de estimular a fraternidade humana, de libertar as raças oprimidas, etc., do que propriamente de abalar o poder que residia na Ajuda. Era um clube de humanitários e de idealistas, donde apenas saiu um ato prático, as

conferências chamadas «do Casino», instrumento de propaganda que tinha naturalmente mais de literário do que de política. Muito bem nos lembramos de ir lá ouvir o nosso saudoso amigo Augusto Soromenho, o erudito auxiliar de Alexandre Herculano, discorrer sobre Chateaubriand; e dias depois o senhor Eça de Queirós apresentar, muito antes de Zola, as bases de uma nova estética: o *realismo*. Apesar de não ameaçarem muito seriamente a ordem, ainda assim foram estas palestras julgadas subversivas pelo duque (então marquês) de Ávila, que as proibiu no dia em que um dos conferentes (o senhor Batalha Reis, se não nos enganamos) ia falar sobre a «Divindade de Jesus». A imprensa de oposição exibiu a costumada indignação

liberal; o senhor Dias Ferreira fez uma interpelação ao ministério; e não se falou mais nas Conferências do Casino, de que apenas resta como vestígio uma verdadeira joia de crítica histórica, um folheto do senhor Antero de Quental, hoje muito raro, sobre a *Decadência dos Povos Peninsulares*. O clube da Rua do Príncipe morreu de inanição, e este ensaio jacobino fundiu-se ou perdeu-se no movimento socialista que, aí por 1871 e 72, ainda sob a iniciativa do senhor Fontana e doutros, englobou em si uma considerável porção da classe operária de Lisboa. Esse movimento socialista, que era uma ramificação entre nós da famosa Internacional, fracassou quando essa sociedade, por motivos que não vem para aqui compendiar, perdeu a sua ação sobre

a massa dos trabalhadores europeus. Depois disso, a corrente republicana, que várias causas tinham continuado a desenvolver surdamente, aflorou de novo à superfície e fez sentir a sua ação por ocasião do centenário de Camões. E finalmente a sua entrada como partido organizado na sociedade política pode ser datada da questão de Lourenço Marques.

Não tomámos a pena para fazer a história, ainda pouco acidentada, do Partido Republicano. Essa história, por enquanto, reduz-se principalmente a números. Um deputado republicano por Lisboa há quinze anos não reuniria *cem votos*. Nas últimas eleições, os republicanos tiveram *alguns milhares de votos*. E estes milhares de votos têm uma significação grave, não tanto por virem do

apoio progressista (ainda que este apoio é também significativo e sintomático), mas por virem de uma forte massa de eleitores independentes, pertencendo pela maior parte às classes liberais e à classe comercial, que até aqui se abstinham de votar.

Um tal desenvolvimento de republicanismo é obra recente destes últimos anos. E a sua causa tem sido simples e unicamente o descontentamento: isto é, o Partido Republicano tem-se alastrado, não porque aos espíritos democratizados aparecesse a necessidade de implantar entre nós as instituições republicanas como as únicas capazes dé realizar certos progressos sociais — mas porque esses espíritos sentem todos os dias uma aversão maior pela política

parlamentar, tal como ela se tem manifestado, com o seu cortejo de males, nestes derradeiros tempos.

O Partido Republicano em Portugal nunca apresentou um programa, nem verdadeiramente tem um programa. Mais ainda, nem o pode ter: porque todas as reformas que, como Partido Republicano, lhe cumpriria reclamar já foram realizadas pelo liberalismo monárquico. De sorte que se vai para a república ou se tende para ela não por doutrinarismo, por urgência de mais liberdade e de instituições mais democráticas, mas porque numa já considerável parte do país se vai cada dia radicando mais este desejo: *antes qualquer outra coisa do que o que está!*

Esta é a mais recente e desgraçada

fórmula política da nação. É a fórmula que se ouve repetida por toda a parte onde dois homens se juntam a comentar as coisas públicas. Ora que pode ser *essa outra coisa*? Não pode ser o governo pessoal, fórmula para que apenas se inclinam alguns espíritos superiores, mas odiosa à generalidade da nação, de todo democratizada, ou antes, irradicavelmente impregnada de liberalismo; tem pois, na ideia dos descontentes, de ser a república, uma república que, eliminando pelo mero facto do seu triunfo todo o pessoal do parlamentarismo e as suas práticas, proceda, sem desatender os interesses conservadores, a uma reorganização administrativa e económica da nação. Essa reorganização parece-nos, a nós, conservadores, que poderia ser realizada

dentro da monarquia. Mas os descontentes respondem que a monarquia se acha inevitavelmente, fatalmente vinculada e soldada a esse pessoal do constitucionalismo, cuja incompetência e corrupção eles julgam ter sido superabundantemente comprovadas em anos já longos de desgoverno: que resta, portanto, uma única solução, a república: e que o momento vem chegando de salvar por esse meio o país, que já não pode ser salvo pela monarquia.

Cremos que ninguém, com uma clara inteligência das coisas, negará ser esta a corrente de ideias ou de impressões que tem desenvolvido o Partido Republicano. Do seu mais recente e inesperado engrossamento neste último ano houve causas mais diretas e mais

especiais, internas e externas. Das internas, a maior foi, sem dúvida, o último período da administração progressista. Não queremos por modo algum nestas páginas da *Revista*, onde só podem ter cabimento as apreciações genéricas de ideias, doutrinas ou movimentos sociais, fazer acusações específicas a grupos políticos. Mas ninguém hoje contesta, mesmo dentro das fileiras progressistas onde preclaramente sobram os homens sinceros e de bem, que os erros dessa administração foram fatais ao sistema parlamentar e à monarquia que é a sua expressão suprema.

A parte sã da nação ficou seriamente desgostosa. E as lamentáveis desordens parlamentares desse triste ano político, as violentíssimas e desmandadas

polémicas, as mútuas e terríveis recriminações com que, obcecados pela paixão, os partidos se feriam uns aos outros na sua honra, deixaram no país, que assistia espantado a uma tal *lavagem pública de roupa suja*, o sentimento desalentado que ele exprime por esta fórmula: «Tão bons são uns como outros.» É esta uma outra das recentes e desgraçadas fórmulas da opinião pública em Portugal. Ora se, dos que estão, «tão bons são uns como os outros» no sistema parlamentar — para onde ir, para que apelar? Naturalmente para a república e para os homens novos e puros que ela possa trazer.

Uma outra causa exterior que veio concorrer para o engrossamento do Partido Republicano foi a revolução do

Brasil. Feita por uma raça filha da nossa, que fala a nossa língua e tem tantos interesses ligados aos nossos, e feita aparentemente com uma cordura, uma generosidade, uma ordem que espantou (e enganou) o mundo, esta revolução veio entre nós, de mil maneiras indiretas, desenvolver o sentimento republicano; já provando, como sem desordem social se pode melhorar um regime político; já mostrando tentadoramente a que fastígios de poder pode galgar, numa manhã, qualquer obscuro articulista ou qualquer obscuro professor; já dando a esperança de um forte apoio moral e (porque o não diremos?) de um forte apoio material. A revolução do Brasil, tranquilizando os ordeiros, excitando os ambiciosos e dando confiança a todos pela esperança

de apoio e recursos positivos — foi um golpe que das instituições brasileiras repercutiu indiretamente sobre as nossas instituições.

Não menor ação estimuladora trouxe aos nossos republicanos a consolidação da república em França, tão ameaçada, ainda antes das eleições de setembro, pela coligação monárquico-cesarista. A França, pelo simples facto de ser república e como tal prosperar, é hoje o mais poderoso instrumento de propaganda republicana entre os povos latinos. Não se reflete bastante que às qualidades da sua raça, não à forma das suas instituições, deve ela a sua prosperidade; e que a Exposição seria tão brilhante sob o reinado de Filipe V, como foi sob a presidência de Carnot. O que se

vê é a república robustecendo o exército e a armada, construindo enormes obras de defesa, reorganizando superiormente os seus novos domínios, alargando imensamente a instrução, favorecendo o movimento dos negócios a ponto de tornar o próprio capital republicano, mantendo admiravelmente a ordem e, apesar da sua democratização, conservando todas as elegâncias da vida e da sociedade. Tudo isto se atribui à república, quando é unicamente obra da França.

Finalmente entre as causas estranhas se pode contar o ultimato do dia 11, que, se não arrancou o país à sua apatia, lhe deu subitamente o sentimento mais claro, e por assim dizer agudo, da sua própria fraqueza e desorganização; fraqueza e desorganização que,

aparecendo dentro deste regime, podem ser (e são) obra de certas fatalidades, mas são evidentemente também obra desse regime. «Aqui está onde nós chegámos!», foi então a dolorida exclamação que resumia o sentir público.

Assim, progressivamente, se tem ido o Partido Republicano recrutando entre todas as classes e todas as profissões, a advocacia, a magistratura, o professorado, o comércio, e mesmo a propriedade rural, pela ação lenta de causas diferentes, das quais a maior incomparavelmente, e a única que incessantemente opera, é a de um forte descontentamento político.

E o que torna este descontentamento político tanto mais vivo, e por assim dizer ativo, é que ele

tem o estímulo constante de um imenso descontentamento individual, nascido das dificuldades de vida que cada um experimenta. É a nossa pobreza geral que complica singularmente a nossa crise política. Em casa onde não há pão todos ralham e *todos* têm razão — porque é deste modo que o provérbio deve ser entre nós emendado. O célebre publicista Edmond About afirmava que nada era mais favorável aos governos em França do que o vento do sudoeste — porque é ele que traz as chuvas e prepara as boas colheitas. A oposição a um governo ou a um regime nunca toma, com efeito, um caráter impaciente, violento e destrutivo quando cada um tem pão bastante na prateleira ou um saldo favorável no seu banco. Todo o regime parece bom, pelo

menos perfeitamente tolerável, ao pai de família que se sente na abundância. A mudança de regime, e as perturbações sociais que lhe vêm inerentes, só lhe inspiram então inquietação, por poderem alterar ou anular as condições favoráveis em que a sua prosperidade se produziu. Entre nós é justamente o contrário que sucede. Ninguém vive na abundância e todos se encontram em dificuldades. Sofre o empregado pela pequenez dos ordenados; sofre o operário pela escassez dos salários; sofre o lojista pelos limitados meios de comprar de que dispõe o público; sofre o comerciante pela estagnação das transações; e sofre o agricultor pela longa crise agrícola que lhe desvaloriza a propriedade. Todos sofrem; e ainda que muitos só se deveriam

queixar da sua falta de iniciativa, de persistência e, mesmo, de coragem civil, todos à uma se voltam contra um regime que eles consideram como o causador de todos esses males públicos donde datam os seus males particulares. Em todas estas classes se encontra, com efeito, a mesma opinião expressa pela mesma fórmula: «Isto assim não pode continuar!» Isto é a desorganização administrativa, política e económica.

Constitui esta massa já considerável de descontentes um partido militante e organizado? Não, certamente. Esta massa não está ainda filiada no Partido Republicano, não pertence ainda a clubes, não obedece ainda a um programa. Quando muito lê *O Século*. Mas constitui essa classe, por assim dizer, *não*

monárquica que no Brasil permitiu que se fizesse a revolução no espaço de duas horas e que é tão perigosa para a segurança das instituições pela sua total indiferença e desamor, como o seria pela sua intervenção hostil e combatente.

Tais são os elementos de que já efetivamente se compõe ou com que condicionalmente já conta o Partido Republicano. É todavia este partido um perigo imediato e iminente para as instituições? Longe de toda a ilusão otimista, afigura-se-nos que esse partido, no dia de hoje, oferece um perigo ainda mínimo, porque tem a impotência de uma multidão a que falta a direção. Entre os republicanos organizados, filiados, arregimentados, quantos se contarão que sintam confiança real no seu diretório e

seus chefes oficiais? Raros, segundo nos afirmam aqueles que por experiência própria o sabem. Pode haver, e há, por esses chefes simpatia individual; pode haver, e há, crença na sua sinceridade. Mas não há já a fé na sua coragem, na sua habilidade, ou na sua competência como organizadores de um movimento. E enquanto à massa dos descontentes, dos que chamamos *não monárquicos*, esses nunca consentiriam certamente em admitir como chefes, e portanto como futuros promotores da reorganização nacional, os indivíduos, aliás pessoalmente estimáveis, que hoje têm a direção aparente, e queremos supor que real, dos interesses republicanos. E sem desejar ser descorteses para com personalidades — somos forçados a constatar que os atuais

chefes republicanos, como tais, como chefes, fazem sorrir toda a parte séria da nação.

Isto todavia adia simplesmente o perigo até ao momento em que homens de capacidades mais altas, ânimos mais decididos, e sobretudo de mais hábeis manejos, tomem conta do partido já organizado e da multidão descontente que em torno dele se agita, e deem a este conjunto de forças vagas a direção que elas reclamam e parecem prontas a aceitar de quem lhes traga uma garantia de êxito.

Mas ainda mesmo sem direção, ou com uma direção impotente porque incompetente, o Partido Republicano existe, exibe-se, fala, escreve, vota; e por este mero facto de existir obriga as classes governamentais a uma atitude

legítima de defesa e de resistência. E eis aqui, se não erramos, uma outra fatalidade que vem aumentar os perigos do republicanismo. Desde que, desgraçadamente, se não pôde impedir por uma sábia administração que se viesse a formar esta massa de descontentes, prestes a tornar-se revolucionária, as classes governamentais são necessariamente obrigadas, desde que ela se formou, a mantê-la em respeito e a procurar inutilizá-la por meio da repressão. Os próprios republicanos, por mais fanáticos, não esperam decerto que o Governo lhes entregue espontaneamente as secretarias, o tesouro e a direção dos serviços públicos. Desde que do seu lado comece a ação — do lado do poder deve começar a repressão. Ora esta repressão

só se pode efetuar coartando certas liberdades — liberdade de imprensa, liberdade de reunião, liberdade de associação — que entre nós penetraram profundamente nos costumes públicos e que formavam, além disso, o único recurso deixado ao descontentamento para desafogar e se consolar. A perda do direito de usar (e sobretudo de abusar) dessas liberdades vai portanto originar uma imensa irritação e um acréscimo de descontentamento tanto mais intenso quanto mais comprimido. As repressões são sempre as grandes fautoras das revoluções. Um partido perseguido cresce na proporção geométrica dessa perseguição. Na Alemanha, há sete anos, os socialistas reuniam menos de uma *dezena de milhares* de votos; vieram as

famosas leis de repressão e a política terrorista-de Bismarck; e ao fim de seis anos os socialistas obtinham *mais de um milhão* de votos, e o próprio Bismarck caía. As classes governamentais sabem isto perfeitamente bem, e não procedem por obcecação ou por um leviano desdém das repetidíssimas lições da história. Fazem o que não podem deixar de fazer — o que é o seu dever que façam; sobretudo quando o partido de revolução reclama não um conjunto de justas reformas, que elas poderiam *oportunamente* conceder, mas a derrocação pura e simples de todo o regime constituído, sem um programa melhor de ideias para substituir as dele, só com o fim de destruição e de deslocação de pessoas. A repressão

porém só se pode fazer com certeza de êxito pacífico quando exista por trás, a sustentá-la, uma quase unânime corrente de opiniões, uma larga maioria nacional, fielmente vinculada e aferrada às instituições monárquicas, só delas esperando a salvação, e não compreendendo que a nação possa sem elas ser nação. Foi esta funda corrente de opinião, esta forte maioria nacional que faltou no Brasil ao ministério Ouro Preto. Existe essa maioria nacional entre nós, uma maioria amando tanto as instituições que esteja pronta, e com alacridade, a dar por elas o dinheiro dos seus cofres e o sangue das suas veias? Infelizmente, por mais que lhe contemos e recontemos os elementos, não nos parece que exista. Na classe média uma minoria é republicana;

uma parte importante é indiferente, senão hostil; e uma outra parte tende para a hostilidade pelo mero facto de estar excluída do poder e dos seus benefícios. No povo, o das cidades é republicano; e o do campo, alheio a princípios políticos, nunca se move e nunca se moverá talvez senão para defender o seu pão, se novos e fortes impostos lho ameaçassem.

Resta, portanto, uma metade da classe média fiel às instituições, porque fiel ao partido político que nesse momento as defenda. Mas foi essa mesma metade da classe média que no Brasil, acabando de dar uma larga maioria parlamentar ao ministério Ouro Preto e estando justamente a *promover uma subscrição para levantar uma estátua ao visconde de Ouro Preto*(!) — ficou muito

quieta nas suas casas, nos seus empregos ou nos seus escritórios, quando alguns jornalistas e alguns tenentes que iam reclamar uma mudança de ministério se lembraram de proclamar uma mudança de regime! Esta curiosa lição da história atual, se outras não tivéssemos, bastaria a mostrar que confiança se pode ter, neste último quartel do século XIX, na fidelidade política da classe média.

Ora se esta maioria nacional falta às instituições, elas têm de se apoiar necessariamente numa outra força que, entre nós, só pode ser o exército.

2

Em geral desde que o regime constituído, para se manter, necessita o apoio de uma força disciplinada; e quando, por outro lado, existe um partido de revolução que não pode tirar dos seus próprios elementos populares os meios precisos de ação e só poderia triunfar pelo auxílio de uma força indisciplinada — o exército torna-se necessariamente o ponto para onde convergem todas as esperanças e o elemento de êxito com que contam todos os interesses políticos. O exército é assim fatalmente arrastado para dentro da esfera dos partidos; e começa logo a haver em torno dele uma surda e constante campanha de sedução, o partido

de revolução procura atrair o sargento que é o mesmo que conquistar o soldado; e o regime constituído procura muito justamente, e com honrosa facilidade, conservar fiéis os coronéis e os generais. E isto o que durante longos anos se deu (e ainda se dá) na Espanha; e é isto o que desde já se vai anunciando entre nós, onde, como dizia ultimamente um oficial superior, «o exército está sendo requestado como uma menina rica». A responsabilidade da desorganização assim introduzida no corpo social (e quanto é formidável essa responsabilidade a anarquia do Brasil o prova) pertence toda e exclusivamente, está claro, ao partido de revolução. Não tratamos porém aqui de averiguar a quem pertencem as responsabilidades de que a

história mais tarde julgará, mas de constatar e enfileirar os factos tais como eles são e de os seguir nas suas consequências. Ora o facto incontestável (e que seria antipatriótico disfarçar) é que o Partido Republicano procura atrair o exército; e que, forçado a defender-se, o regime constituído apela por seu turno para o concurso leal do exército, decerto inabalável na sua lealdade.

Mas pelo simples facto de o exército ser a força essencial com que conta o regime constituído e com que conta o partido de revolução ele toma fatalmente uma preponderância inesperada nos nossos destinos políticos. Dele parece depender tudo e, portanto, ele torna-se tudo. Assim como em Inglaterra, e já agora em França, o boletim de voto é

tudo, e sobre ele se exerce ardentemente a propaganda dos partidos, assim entre nós parece desenhar-se o momento em que a espada do exército será tudo, e sobre ela, e só sobre ela, se concentrará a ação e a influência dos que legitimamente possuem ou que subversivamente pretendem o poder.

Isto, se não nos enganamos, pode importar proximamente no advento do militarismo. Dirão (e dizem) os otimistas que o exército em Portugal nunca sairá da sua devida submissão ao poder civil. Assim o supomos. Mas nunca se deve basear um sistema de ação política no otimismo, na hipotética perfeição dos homens e das coisas e em frases. O exército não é composto de entidades abstratas e impessoais como princípios: é

composto de homens de carne e osso, suscetíveis de todas as fraquezas e de todas as tentações humanas. Ora desde que uma classe sente que só ela é a força única, e que tudo gravita em torno dela pode, mesmo mau grado seu, e pelo irresistível impulso da sua própria força, ser levada a tudo querer dominar, e fazer prevalecer, como superior a todos, o seu interesse de classe. Pode mesmo fazê-lo por uma nobre ilusão patriótica, considerando que, desde que tudo em torno dela é fraco e impotente, e está morrendo dessa impotência e dessa fraqueza, no predomínio da sua força reside a salvação da pátria.

Decerto ao general Deodoro foi agradável e vantajoso passar de um comando numa província remota ao

governo absoluto da nação, com cento e vinte contos de lista civil, um palácio para habitar, honras régias e a adulação de todos: mas é bem possível que o general Deodoro muito sinceramente acreditasse (visto que assim lho afirmavam os que da sua espada necessitavam) que ele, e só èle, podia fazer a felicidade do Brasil. E de resto a história está cheia de exemplos em que chefes militares muito candidamente viram no seu engrandecimento pessoal o meio único de promover a regeneração nacional.

É claro, claro como o sol, que não há o mínimo, o mais remoto sintoma de que possa surgir entre nós um general ambicioso. Mas dar uma importância suprema ao elemento militar é preparar o

terreno propício ao desenvolvimento possível dessas ambições. Querer sistematicamente afastar esta suposição, declarando que «tal é impossível, que nunca tal se dará na nossa terra, porque o exército sabe o que deve à honra e à pátria, etc.», é fazer ato de imprevidência ou de ingenuidade, ambas culpadas. O homem de Estado digno desse nome deve tudo prever, tudo calcular — e ter sempre presente que os homens são homens, nascidos com as paixões humanas, e não anjos, abstrações ou princípios encarnados. Eis de resto tudo o que convém dizer; porque nisto se encerra tudo o que convém meditar.

3

Assim viemos expondo, tais como os compreendemos, os elementos da crise política que se desenha, e que, nascendo da nossa crise crónica, a crise económica, se vai ajuntar a ela ajudando a agravá-la por diversos modos.

A situação é esta. Uma parte importante da nação perdeu totalmente a fé (com razão ou sem razão) no parlamentarismo e nas classes governamentais ou burocráticas que o encarnam; e tende, por um impulso que irresistivelmente a trabalha, a substituí-las por *outra coisa*, que ela ainda não definiu bem a si própria. Qual pode ser *essa outra coisa*? Que soluções se

apresentam?

Por um lado, a república não pode deixar de inquietar o espírito de todos os patriotas. Ela seria a confusão, a anarquia, a bancarrota. Além disso (é de urgente patriotismo falar com franqueza), a república entre nós não é uma *questão de política interna, mas de política externa*. Um movimento insurrecional em Lisboa, triunfante ou semitriunfante, seria no dia seguinte um exército de intervenção marchando sobre nós da fronteira monárquica da Espanha. E se a Espanha, pela morte da criancinha inocente que é rei, se convertesse numa república conservadora — um movimento paralelo em Portugal, apoiado por ela e coroado de êxito, seria o fim da nossa autonomia, da nossa civilização própria, da nossa

nacionalidade, da nossa história, da nossa língua, de tudo aquilo que nos é tão caro como a própria vida, e porque temos, durante séculos, derramado sangue e tesouros.

Por outro lado, uma «revolução feita de cima», uma concentração de força na coroa (que a muitos espíritos superiores e que veem claro se apresenta como a nossa salvação), concentração que, apoiada na parte mais inteligente e mais pura das classes conservadoras, procedesse às grandes reformas que a consciência pública reclama, não seria compreendida pela nação irremediavelmente impregnada de liberalismo e que nessa concentração de força só veria uma restauração do absolutismo e do poder pessoal.

Que resta no meio destas duas soluções? Restaria ainda a solução quase milagrosa de que as classes conservadoras e parlamentares, cônscias enfim dos perigos que as envolvem, procedessem heroicamente à sua própria depuração e moralização; e, tendo readquirido por esse nobre regeneramento o apoio da maioria sã do país, se lançassem à obra patriótica e exclusiva de reorganizar a nação administrativa e economicamente. Mas este milagre não é provável. Não há exemplo na história dos séculos de que uma classe conservadora, por uma lenta evolução da consciência, a si mesma se regenere, se depure e se moralize.

Que resta, pois? Resta, como esperança, o sabermos que as nações têm

a vida dura, e que o nosso Portugal tem a vida duríssima. E se os que estão no poder porfiarem sempre em cometer a menor soma humanamente possível de erros e realizar a maior soma humanamente possível de acertos, muitos perigos podem ser conjurados e a hora má adiada. O interesse de quem tem o poder (como dizia ultimamente, nestas mesmas páginas, tratando do Brasil, o Sr. Frederico de S) está *todo e unicamente em acertar.* Senão já por dever de consciência e de patriotismo, ao menos por egoísmo, por vantagem própria e individual, por ambição mesmo do poder, o esforço constante de um governo *deve ser acertar.* Entre nós tem-se visto governos que parecem absurdamente apostados em errar, errar de propósito,

errar sempre, errar em tudo, errar por frio sistema. Há períodos em que um erro mais ou um erro menos realmente pouco conta. No momento histórico a que chegámos, porém, cada erro, por mais pequeno, é um novo golpe de camartelo friamente atirado ao edifício das instituições; mas ao mesmo tempo tal é a inquietação que todos temos do futuro e do desconhecido que cada acerto, cada bom acerto, é uma estaca mais, sólida e duradoura, para esteiar as instituições. Toda a dúvida está em saber se ainda há, ou se já não há, em Portugal, um governo capaz de sinceramente se compenetrar desta grande, desta irrecusável verdade.

Um espectador

Notas do Mês

O parlamento, em França, abre proximamente, possuindo como novidade — mais um partido parlamentar com o seu chefe no exílio.

Foi este o resultado das eleições de 22 de setembro e do desesperado esforço que os partidos organizados e definidos desde 1872 tentaram para arrancar ao sufrágio universal o segredo da sua definitiva preferência. O sufrágio universal quis, além dos quatro velhos partidos, oportunista, radical, orleanista e bonapartista, um outro partido novo no parlamento — o boulangista. Com efeito, enquanto os quatro partidos chegam das mãos do sufrágio com o seu pessoal

inalterado e quase intacto — o boulangismo, que era um bando vago e errante, aparece convertido pela eleição num partido compacto e estável. Paris (o voto de Paris outrora, como a cançoneta de Paris, alastrava, percorria toda a França!), Paris declarou-se boulangista com a unanimidade de 27 de janeiro. Por outro lado, certos departamentos enfeudam-se definitivamente ao boulangismo. E tendo sido uma guerrilha de *dez* aventureiros na câmara passada, o boulangismo vem ser na câmara atual um partido de *cinquenta* deputados.

É uma vitória. Mas uma vitória que importa a anulação do boulangismo e do general Boulanger — porque este homem, improvisado na rua, numa cidade e num momento histórico em que uma

cantiga dá mais reputação que dez batalhas, ganhava em continuar a receber unicamente a sua força dos entusiasmos e das correntes emotivas da rua. Só pela rua ele galgaria ao poder — e quanto mais se constitucionaliza, mais se despopulariza. Paris nomeou e aclamou Boulanger em 27 de janeiro, para que ele lhe fizesse, depressa e *tambour battant*, uma revolução contra o parlamentarismo. Desde que ele, porém, se torna também parlamentar, a sua utilidade cessa, o seu brilho morre — e chefe ausente, com um partido na câmara girando dentro da constituição, ele é apenas um pretendente mais, sem valor pessoal e sem tradição histórica, que erra em torno das fronteiras da França, esbatido nas bramas do exílio.

Os ganhos eleitorais de 22 de

setembro provieram da indignação contra os excessos judiciais da Haut-Cour; do espírito *frondeur* e sempre antigovernamental de Paris; de um resto considerável de simpatia; e da teimosa esperança em que o antigo Messias e os seus apóstolos fizessem enfim a revolução adiada. Ainda na manhã de 22 os boulangistas afirmavam nas suas proclamações: «Se hoje vencermos pelo voto, completaremos à noite o triunfo com as armas!» A vitória eleitoral não veio: e em Paris, hoje com o general Saussier no comando da praça, o exército absolutamente disciplinado e fiel, as ruas asfaltadas e estrategicamente dispostas, e a massa burguesa hostil a todo o mundo que estrague os lucros da Exposição — é impossível uma surpresa revolucionária

tentada por uma minoria. Tudo tem de ser feito dentro do parlamentarismo: e desde que o general Boulanger e os seus, transformando-se de bando em partido e subindo da praça ao parlamento, ficam envolvidos no maquinismo constitucional e reduzidos a essa eloquência estéril e a essas estéreis combinações que eles com tanto furor denunciavam, a sua missão e razão de ser findaram — e a corrente cesarista, que só pode vencer pela revolução, tem de se voltar para outro lado, à procura de outro César.

A segunda feição da câmara será a decadência (dentro dela) do radicalismo, que volta da uma diminuído em número, com os seus chefes e inspiradores (Clemenceau, Goblet, Yves Guyot, Lockroy, etc.) ou derrotados, ou

desprestigiados pelo ultraje do *empate;* e por outro lado, paralelamente, a influência crescente dos homens (Léon Say, Germain, etc.) que no Partido Republicano representam mais salientemente as ideias de reforma económica, de tolerância religiosa, de moderação e de paz. Perante isto os oportunistas ou moderados exultam com estridor e proclamam que a estabilidade política está finalmente criada. Mas nunca na realidade a França esteve tão instável: provindo sobretudo essa instabilidade de que os cem votos de maioria, de que se ufanam os republicanos, não formam a segurança e a defesa de um partido, mas a única defesa e segurança do próprio Estado. *Cem* votos de maioria — eis o que em França garante e sustenta a forma

do Governo! *Cem* votos de maioria — eis toda a base que têm em França as instituições! Na Inglaterra — quer as eleições sejam ganhas pelos conservadores ou pelos liberais — o regime permanece tão sólido e indiferente a essa mutação como o próprio solo geológico. Em França, que amanhã esses cem votos (obra de duzentos mil eleitores) passem dos republicanos para os conservadores — e eis por terra o regime, o pessoal, os costumes e as instituições republicanas! A França está dependente de uns poucos de papéis brancos lançados numa caixa de pau. Ora esta instabilidade, alimentando sempre a esperança dos partidos monárquicos e aviventando sempre a desconfiança das velhas monarquias, impede que a França

consiga a fusão dos seus partidos e conclua tratados de aliança: e assim se tornam cada vez mais irrealizáveis os dois grandes desejos do patriotismo — a pacificação dentro da fronteira e a desforra para além.

Em Londres, organizam-se consideráveis greves como corolário da greve dos trabalhadores das docas, que findou — cedendo a companhia a todas (ou às mais essenciais) exigências dos operários.

Quatro feições interessantes e novas caraterizaram essa greve instrutiva e fecunda — e são talvez para as outras de excelente promessa. Em primeiro lugar, os trabalhadores (pertencentes todos às mais incultas e violentas classes de Londres) mostraram durante semanas

um respeito da ordem e da propriedade, uma atenção inteligente às razões económicas, uma capacidade de sofrer com serenidade, um sentimento de disciplina, uma pertinácia moral, que fariam honra aos cidadãos mais fortes e elevadamente educados para a vida civil e para os deveres do patriotismo. Em segundo lugar, as classes superiores, as menos inclinadas a compreender ou atender as reclamações das plebes, manifestaram por elas uma simpatia de razão e de coração raras e inesperadas nessa Inglaterra que Taine ainda há anos representava, e muito justamente, como uma besta rude e fera (a plebe) que um cavaleiro brilhante e delicado (alta burguesia e aristocracia) monta e subjuga por meio de fortes cadeias de bronze, não

lhe permitindo sequer o queixume e negando-lhe quase a razão. Em terceiro lugar, os bispos, à maneira dos bispos da Meia Idade, intervieram nesta luta do feudalismo capitalista e das plebes operárias proclamando oficialmente esse socialismo cristão que hoje agita a Igreja em Inglaterra e que (segundo foi definido na conferência diocesana reunida ultimamente em Carlisle) tende em todas as questões sociais a tomar francamente e apaixonadamente o partido do pobre, sem todavia lhe radicar a ideia de que tudo está salvo e a sua felicidade feita em céu e terra desde que ele coma com mais abundância e vista com mais conforto. Enfim, a quarta feição desta greve foi o começo da descentralização comercial de Londres, dispersando parte do movimento

marítimo por Southampton, Cardif e Liverpool, com ele esvaziando Londres da sua aglomeração excessiva de operários e desobstruindo assim uma cidade que, pelo seu acréscimo de oitenta mil almas por ano, se vai tornando um monstro social e económico, ingovernável e perigoso para o equilíbrio do Estado.

A morte do príncipe reinante do Mónaco e os renovados boatos do abandono de Roma pelo papa têm uma relação pitoresca — porque de há muito que o principado de Mónaco é considerado como o lugar que a política e a geografia marcam como o mais adequado à residência do papa.

Este estado, que se compõe de um rochedo e de alguns jardins e que é independente há novecentos anos sob o

domínio dos Grimaldis, apresenta-se, já pela sua situação, já pela sua tradição, como o único refúgio possível e durável para um papa independente e soberano. As anemias e doenças de velhice, de que ordinariamente sofrem os papas, encontrariam além disso em Mónaco o mais salubre e favorável clima. A centralidade do principado poria o chefe da Igreja em fácil e acessível contacto com as populações católicas do Meio-Dia. O ciúme tradicional da França e da Itália, em questões de papado, garantiria a segurança e a independência a um pontífice colocado entre elas. O palácio atual de Mónaco, se não é tão sumptuoso como o Vaticano, é ainda aceitável para o chefe de uma religião de pobreza. Os grandes fundos acumulados pelo subsídio

italiano (em que o papa nunca tocou) bastariam a construir outros edifícios para as congregações e para o Sacro Colégio. Os Monaquenses, excelentes católicos, cercariam o papa de amor e de respeito. Esse amável e ditoso povo que não paga tributos (quem os paga por ele é o casino do jogo) não seria também tributado pelo papa, a quem deve bastar o dinheiro de S. Pedro: e, além de ganhar espiritualmente, remindo-se, pela contemplação direta da virtude, do inferno a que o tem votado a contemplação direta do vício, o Monaquense ganharia ainda materialmente — porque, como objeto de peregrinação universal, o papa vale a roleta.

Por outro lado, morto o velho Carlos III — monaquense aferradamente apaixonado pelo seu rochedo —, o seu

sucessor, o novo chefe da Casa dos Grimaldis, venderia decerto o reino em condições excecionalmente vantajosas. Este moço virtuoso e superior abomina o jogo, nunca habita o principado, ocupa-se sobretudo de explorações submarinas e a sua tendência é para viver em Paris, onde o chamam os seus gostos de erudito e as relações da sua noiva, a senhora duquesa de Richelieu, parenta de Henri Heine e milionária.

O papa, fora de Roma, desmancharia a beleza e a unidade da tradição histórica: mas a sua instalação em Mónaco terminaria um grande escândalo no seio da cristandade e livraria dois dignos e excelentes príncipes, Leão XIII e Humberto I, de um insolúvel e torturante embaraço,

A China vai aproveitar-se enfim de um dos grandes instrumentos da civilização ocidental. O novo imperador, Kuang-Sou, autorizou a construção de um caminho de ferro de Pequim a Hankow — numa distância de setecentas milhas. Esta obra estava já planeada: mas o velho partido conservador obstara sempre à sua realização, com a razão (ou com o pretexto) de que uma ruidosa aceleração de movimento perturbaria a tranquilidade rural da China, provocaria a repugnante presença do estrangeiro e, ofendendo, com a aplicação de *rails* e perfuração de túneis, a santidade e recolhimento da terra, poderia desgostá-la e levá-la a esses movimentos impacientes que nós chamamos terramotos. A imperatriz regente partilhava estas ideias. O novo

imperador, porém, que é (segundo afirmam os três ou quatro europeus que, com Sir Robert Hart, têm os privilégios de grandes dignitários chineses) um moço de fortes capacidades e de esplêndida energia, decretou a inovação europeia por motivos de ordem económica e política.

Economicamente, este caminho de ferro construído sobre terreno que não custa quase nada, por trabalhadores que quase nada ganham, deve necessariamente dar lucro ao Estado — porque o alimentar e o vestir Pequim garante um imenso tráfico de mercadorias, e o movimento de uma população, tão móbil e flutuante como a chinesa, garante um prodigioso tráfico de passageiros.

Politicamente, por meio de caminhos de ferro, o imperador consolida

o predomínio e absolutismo de Pequim — até hoje embaraçado no seu exercício pelas vastas distâncias, pela dificuldade de fiscalizar os mandarins governadores de províncias remotas, pelo custo de concentrar a expedir rapidamente tropas e pela impossibilidade de centralizar o comércio e as finanças na capital.

Toda a Europa folga com este decreto; a Inglaterra, sobretudo, porque vê nele uma primeira aceitação das ideias ocidentais, e através delas um acréscimo de influência no mandarinato de Pequim.

Parece prematuro este folgar. Não será por viajar mais rapidamente que a China perderá o seu desprezo e horror pelo estrangeiro. Esse desprezo tem raízes na. moral e na religião, que nenhum melhoramento nos meios materiais de

transporte conseguirá modificar. Nem os nosso progressos industriais, nem a nossa inteligência e ciência constituem influências bastante fortes para deschinesar o Chinês. Pelo contrário! Quanto mais nos conhece — menos respeita uma civilização que se lhe afigura singularmente tumultuosa e estéril. Os chineses que habitam a Califórnia e durante um tempo se misturam ao que a civilização material tem de mais moderno e completo voltam para a China com um patriotismo duplamente enraizado e fanático: e ainda há pouco um chinês erudito e europeizado nos afirmava «que quanto mais estudava Paris — mais admirava Pequim». As nossas classes operárias e rurais parecem-lhes atrozes e os nossos conflitos sociais de capital e

trabalho uma rude e estúpida manifestação de barbaria.

Todo o ganho da Europa com os caminhos de ferro de que a China se vai talvez cobrir — será expedir para lá alguns engenheiros, exportar alguns milhares de toneladas de ferro e colocar com melhor juro o dinheiro que, agora, recolhe uns lânguidos dois e meio por cento. O seu comércio com China decerto crescerá — ainda que esse comércio (e sobretudo a sua fiscalização e direção) não sairá das mão dos Chineses. E a sua influência e predomínio decrescerão — porque o Governo de Pequim, sentindo-se mais forte, tornar-se-á mais intransigente.

Em todo o caso o imperador revela nesta decisão as primeiras linhas de uma nova e grande política.

Infelizmente dizem que a sua saúde já decai: é enfezado, pensa e estuda em demasia, tem o crânio desconformemente desenvolvido e sofre de uma melancolia incurável.

Portugal realizou o cerimonial exterior das suas eleições: porque as eleições, elas próprias, já estavam feitas havia muito, segundo o costume consagrado e venerável, por meio de uma lista de círculos e um lápis, no remanso das secretarias. Restava só a solenidade de *ir o povo às urnas*. Todos sabemos, porém, que em muitos círculos se evita o barulho e a poeira desta cerimónia — reduzindo a eleição a uma simples ata que as autoridades lavram depois da missa, a um canto da sacristia. O povo, esse, fica nas suas moradas, quieto e certo de que o

senhor administrador está «fazendo» o senhor deputado. Há nisto uma louvável e notável simplificação do sistema. Mas uma simplificação maior seria que o Governo nomeasse os deputados por meio de portarias, e que eles, desde logo, como empregados públicos, pagassem direitos de mercê.

O Sr. D. Pedro IV, como ele mesmo diria, «constitucionalizou Portugal à força», como uma vara de aço que se verga, impelindo-o «à iniciativa dentro do regime representativo». Na sua índole, porém, e nos seus costumes, Portugal ficou em pleno século XVIII — e, como a vara que se levanta logo que a mão forte a abandone, o país vai regressando à sua atitude natural, que é «a obediência dentro do regime pessoal». Uma maioria

nomeada pelo Governo e que passivamente obedece às instruções do Governo; um Governo organizado por um chefe e que fielmente segue as indicações desse chefe — eis o nosso estado político atual, que não difere muito, na sua essência, do que caraterizou os reinados dos avós do nosso rei. Um chefe de partido entre nós, tendo a confiança da coroa, é um verdadeiro ditador — e o nosso regime uma ditadura real, exercendo-se dentro de um constitucionalismo fictício. Isto poderia ser um mal se nos surgisse um dia um ditador do tipo Guzman Blanco — mas pode ser um bem se um dia esse chefe de partido for um magnífico Bismarck. Não é todavia provável que este país, onde gradualmente calmou e se sumiu toda a

violência nativa, produza Guzman Blancos. O presente regime portanto afigura-se-nos excelente — e só nos cumpre, dentro dele e abrigados por ele, esperar com paciência e bonomia que nos apareça numa manhã de nevoeiro esse Bismarck genial e providencial.

A Europa em Resumo

De todas as cinco partes do mundo, a Europa, apesar de tão gasta, permanece incontestavelmente a mais interessante: e só ela, entre todos os continentes, constitui na realidade um continente geral de instrução e recreio. Não tem, é certo, como sua mãe, a Ásia, essa esplêndida diversidade de raças, de instituições, de mitologias, de arquiteturas, de trajes, de cerimoniais, que oferece aos olhos maravilhados do artista, desde Jafa até ledo e desde Ceilão até ao Tibete, um incomparável tesouro de formas e de cores: nós aqui somos todos indo-germânicos, usamos todos o mesmo chapéu alto, vivemos todos dentro do

mesmo estuque caiado e o tom das nossas multidões é pardacento. Não tem também, como a África, a irresistível sedução do desconhecido, de um vasto solo que os africanistas afirmam estar cheio do divino ouro: aqui não há monte ou vale de que não se fizesse já uma fotografia ou uma descrição nos guias de Baedeker, e de ouro não possuímos uma parcela — tudo é papel. Não podemos também, como a América, ofertar ao diletantismo crítico o sugestivo espetáculo de povos velhos transportados para um torrão novo, e ocupados uns, no Sul, em construir com ânsia uma ordem social que constantemente se lhes desfaz entre as mãos, outros, no Norte, em unificar tanto a ordem material e tanto mecanizar a vida que, só com pousar o dedo sobre um

botão, o homem possa, segundo a necessidade especial da hora, tomar banho ou constituir família. Nós, aqui na Europa, ainda conservamos a nossa antiga e desgraciosa estrutura social, burgueses por cima e plebeus por baixo, que de vez em quando rebocamos com sangue e lama, e os nossos confortos materiais vão tão atrasados que no inverno, quando o nordeste sopra, ainda há homens de génio que dependuram os casacos diante das fendas das portas. Não existem também nesta pobre Europa, como na Oceânia, essas maravilhas da Natureza, que são, ao que parece, as obras mais originais e mais fortemente inspiradas do grande paisagista que está nos céus: hoje a Europa toda, desde a costa do Atlântico até à fronteira da Tartária, forma uma

massa compacta de casas e bicos de gás.

E todavia esta é a mais interessante parte do mundo — a única na verdade interessante, porque só ela conserva preciosamente esse radiante dom da raça ariana que eu chamarei a fantasia. O mundo só vale pelo homem; os mais solenes trabalhos da Natureza, o Niágara, o monte de cristal cor-de-rosa da Nova Zelândia, essas florestas do Amazonas de que Darwin, já velho, se recordava com assombro — são menos merecedores da nossa admiração consciente do que o simples cérebro de um pobre oleiro, que modela, curvado sobre o barro, a curva de um vaso liso. Mas o homem só vale pela fantasia — e os negros de África, que se contam por milhões, pesam menos no mundo do que

— não direi já um Balzac, ou um Wagner — mas um derreado poeta de café-concerto, rimando uma cançoneta num quarto andar da Rua Taibout.

Ora, de todos os homens, só o Europeu verdadeiramente possui fantasia — quero dizer, a faculdade de ser ou de *criar* com genuína originalidade. Só ele põe fantasia, não só na sua obra, mas também na sua vida. Fantasia que, como eu aqui a entendo, vai na obra, desde o *couplet* rimado na Rua Taibout até ao sistema de filosofia concebido em Conisberga; e vai na vida, desde esse inglês, que, para não ver os seus semelhantes, construiu um palácio debaixo da terra, até Tolstoi, artista e príncipe, que, por espírito de comunismo evangélico, guarda os porcos dos seus

aldeões e mendiga pelos caminhos.

De sorte que, sob o impulso desta fantasia, sempre viva e sempre operando, todos os dias, neste decrépito continente, há na esfera do pensamento ou da ação alguma coisa nova, inédita, rara, sugestiva, pitoresca, que seduz e que retém.

A Europa é, por isso, sobre o nosso globo, o mais delicioso dos teatros públicos. Dentro dos seus amplos bastidores de mar e céu representam dezasseis nações, algumas supremamente inteligentes. O pano nunca desce: e, em qualquer momento que chegue, o homem de outros continentes tem a certeza de se entreter magnificamente com o que no palco se *está dizendo* ou se *está fazendo*. Constantemente se desenrola aí alguma

cena dessas velhas e sempre refeitas tragicomédias que se chamam a *política*, a *religião*, o *dinheiro*, a *sociedade*... E ou seja um poeta que diz o seu poema, ou uma cidade em festa que aclama o seu herói, ou apenas um excêntrico que lança a sua excentricidade, o homem do outro continente que pare e atenda com certeza recolherá uma noção ou uma emoção, um motivo para ir pensando ou um motivo para ir rindo!

Mas por isso mesmo que a Europa é o continente mais interessante — é também o mais habitável? Não. Além de que o clima está estragado, de que as casas são mesquinhas e tristes, de que o viver se tornou extracaríssimo e de que o intenso rumor e movimento da comédia fatiga os nervos — sucede ainda que a

Europa, como todos os teatros, vista de dentro, dos bastidores, não dá ilusão e, portanto, não dá prazer. As civilizações muito brilhantes e as mágicas são para contemplar de longe, através da vibração luminosa da rampa. Subindo ao tablado, vemos logo que o mármore do palácio que nos deslumbrava está pintado no papelão e que os ondeados cabelos de ouro, de que já nos íamos namorando, são uma peruca tingida, que custou quinze tostões no cabeleireiro. Aquele que vive misturado a esta representação da Europa topa a cada instante com o avesso sórdido das coisas belas.

Desse poeta que pela manhã nos encantava, recitando a sua obra, vamos à noite saber que é um borracho que espanca a mulher. O heroísmo que

víramos aclamado na cidade, e que nos elevara o coração, vamos daí a pouco descobrir que fora pago com um cheque — e vemos o cheque. Não há aqui possibilidade da ilusão — que é a fonte perfeita de todo o gozo.

E o Europeu termina por ser o mais enfastiado dos homens — porque, movendo-se entre os cenários e os personagens, a cada instante palpa os papelões, reconhece sob o brilho do semideus a pelintrice do histrião, e verifica, como um budista, a completa inanidade de todas as aparências. Grande senso mostrou esse humorista americano que tendo, em Londres, conhecido um alto estadista e um alto poeta se recusou a conhecer outros e abandonou a Inglaterra dizendo: «Da minha pobre casa de

madeira, no Texas, pareciam-me estes homens feitos de uma substância divina; agora descubro que são fabricados do mais ordinário dos barros. Homens e factos de uma forte civilização é necessário lê-los de longe. E, para conservar a preciosa faculdade de admirar, vou prudentemente recolher-me ao Texas!»

Justas palavras!

Com efeito, para saborear sem desilusão esta tão interessante Europa, é necessário estar longe, no Texas — ou algures, além dos mares. O ideal, penso eu, seria habitar, por exemplo no Brasil (logo que haja ai uma pouca de ordem e de juízo público), sob um céu que não tenha, como o nosso, o peso e a melancolia de um teto enfarruscado,

dentro de uma casa que não pareça, como as nossas, uma boceta forrada a veludo e de micróbios, junto da água que não corra, como a nossa, através de canos pútridos, num ar em que não estrondeiem, como no nosso, os ruídos grosseiros de um materialismo desordenado — e aí, em alegria e paz abundante, sob as magnificências da luz natural, dentro do conchego fresco, numa boa poltrona, fumando um charuto que não seja de couve de Hamburgo, observar, curiosamente, finamente, com vagar e diletantismo, esta nossa Europa, em tudo o que ela *faz* e tudo o que ela *diz*, individualmente e coletivamente, desde o fútil até o grande, nessa infinita e tumultuosa vaga de ideias e factos, onde a última *toilette* de Vórmia se embaralha

com a última encíclica do Santo Padre, e onde Paulo sobrenada ao lado de Bismarck, que se afunda.

Ora, foi para que o Brasil pudesse realizar ideal tão cómodo que nós criámos este «Suplemento». Ele é o *compte-rendu* desta famosa representação que se dá no teatro da Europa, mandado cada semana pelo paquete, para que o enredo e os atores possam ser conhecidos sem o cansaço, a despesa, o tempo consumido em atravessar as águas e vir ao teatro, que não é confortável nem bem ventilado e está cheio de lazaretos. Melhor ainda! É a própria representação condensada em meia folha de jornal, com uma seleção cuidadosa dos seus episódios mais atraentes, dos seus personagens mais caraterísticos, das suas decorações mais

vistosas e ricas. Neste «Suplemento» vai o resumo de uma civilização. E toda ela deste modo se goza no que tem de mais belo ou de mais fino — sem a desconsolação de perpetuamente se surpreender a rude realidade do seu avesso. Se a Europa, como disse não me lembro que afetado poeta alemão, é no mundo «o jardim da inteligência» — nós remetemos para aí, Brasil ditoso, um ramalhete das suas flores melhores, de modo que tu te possas regalar com o encanto das cores e a harmonia dos perfumes, sem teres de descer ao jardim e sofrer-lhe a humidade, os espinhos, as lagartas e os estrumes.

Não sei qual destas luxuosas imagens te agrade mais? É a Europa um teatro, ou um jardim?

Nós começamos. Se é um jardim, recebe, como dizia Virgílio, a braçada dos lírios. Se é um teatro — *plaudite, cives*!

1892

A Decadência do Riso

Foi o grande mestre Rabelais que disse:

…Riez! Riez!
Car le rire est le propre de l'homme!

«Ride! Ride!, porque o riso é próprio do homem!» Mas como poderia pensar de outro modo o tão forte e tão profundamente humano abade de Meudon? Quando ele lançava esse salutar ditame, o mundo todo, em torno, era alegre e ria! A Meia Idade, a idade em que o homem mais bocejou (a um ponto que, na devota Bretanha, havia orações contra o bocejo), findara ou parecia findar — e com ela

findava esse irradicável desalento, tão bem simbolizado pelo velho Albert Dürer, na sua gravura da *Melancolia*, naquele formoso moço de asas potentes, que, em meio de um vasto laboratório onde se acumulam todos os instrumentos das ciências e das artes, deixa pender entre as mãos a cabeça coroada de louro, e fica inerte, considerando a *inutilidade de tudo*, enquanto um imenso morcego por trás, se desdobra e tapa o disco do Sol. Nos dias de Rabelais —já esse formoso moço erguera a face, se revelara em toda a sua beleza e força como o génio da Renascença, e apanhando os instrumentos esparsos pelo laboratório começava, brilhante de esperança e vida, a reconstrução de um mundo.

A Terra toda oferecia então o

viço, o tenro brilho, o rumor germinante de uma primavera e de uma ressurreição. O morcego teocrático da *Melancolia* fugira espavorido — e outra vez o Sol refulgia, calmo e fecundo, como no belo céu da Hélade. As soturnas torres feudais eram abandonadas às corujas e aos fantasmas — e os novos palácios abriam à luz os seus pórticos de mármore branco. Às estamenhas da penitência sucediam os brocados de gala. A vida inteira, e até a morte, era uma festa. A própria Inglaterra, o país das névoas e das feiticeiras, «qui même ses plaisirs les prennait moult tristement», como afirma o bom Froissard, entra ruidosamente na alegria universal, e a si mesma se intitula Merry England, a galhofeira Inglaterra.

Por toda a parte, a fantasia vai

batendo o voo ligeiro; e o *Orlando*, de Ariosto, ensina as formas novas do heroísmo, como as ondinas de Jean Goujon ensinam as formas novas da graça.

As maravilhas da arte antiga surgem dos subsolos góticos — e Vénus, ressuscitada de novo, é deusa e reina. A cada instante o homem adquire um domínio mais direto e largo sobre o universo: as naus portuguesas descobrem mundos, e os vidros de Copérnico revelam as realidades dos céus. Através de Cervantes, de Montaigne, de Shakespeare, a alma aprende a conhecer-se melhor e sente a sua grandeza. Q mesmo Cristo, a Virgem, os santos, perdem, sob o luminoso pincel dos Italianos, a sua magreza, a sua dor macilenta, ganham as cores da paz do

bem-estar divino, são consoladores e são amáveis.

Na face do Padre Eterno aparecem, enfim, por sob as rugas do fero déspota, os sorrisos do doce pai.

A humanidade aprende a cantar. E o bom Rabelais, em meio desta larga esperança e de tanto esforço triunfal, bem pode dizer:

…Et maintenant riez!
Car le rire est le propre de l'homme!

Mas hoje se, para grande vantagem da paróquia de Meudon e do universo, Rabelais ressurgisse e de novo caminhasse entre nós com o seu *Gargântua*, que diria o nobre mestre? Decerto, folheando os nossos livros,

cruzando as nossas multidões, vivendo o nosso viver, o bom Rabelais diria que «chorar é próprio do homem» — porque o largo e puro riso do seu tempo não o encontraria em face alguma. Nós, com efeito, filhos deste século sério, perdemos o dom divino do riso. Já ninguém ri! Quase que já ninguém mesmo sorri, porque o que resta do antigo sorriso, fino e vivo, tão celebrado pelos poetas do século XVIII, ou ainda do sorriso lânguido e húmido que encantou o romantismo — é apenas um desfranzir lento e regelado de lábios que, pelo esforço com que se desfranzem, parecem mortos ou de ferro.

Eu ainda me recordo de ter ouvido, na minha infância e na minha terra, a *gargalhada* — a antiga

gargalhada, genuína, livre, franca, ressoante, cristalina!... Vinha da alma, abalava todas as vidraças de uma casa, e só pelo seu *toque* puro provava a força, a saúde, a paz, a simplicidade, a liberdade!

Nunca mais a tornei a ouvir, esta gargalhada magnífica da minha infância. O que hoje se escuta, às vezes, é uma casquinada ou uma cascalhada (por ter o som do cascalho que rola), seca, dura, áspera, curta, que vem através de uma resistência como arrancada por cócegas, e que bruscamente morre, deixando as faces mudas e frias. Eis a risada do nosso século! E o que mais dolorosamente a carateriza é essa resistência que se lhe opõe, a pressa ansiosa de a recalcar e de a sufocar como ruído importuno e incongénere com o nosso estado de alma.

Ninguém ri — e ninguém quer rir. Temos todos o indefinido sentimento de que o riso estridente e claro destoa na atmosfera moral do nosso tempo. O rir de Lutero, que se ouvia no fim das longas ruas de Vórmia, o rir do grande Leonardo da Vinci, «que fazia tremer os mármores», seriam hoje atos de impertinência e de irreverência. Que olhares de surpresa e censura não provoca numa multidão num teatro alguma gargalhada que tenha ainda por acaso o brilhante e são retinir do riso antigo!

Coisa monstruosa! Nós ensinamos a nossos filhos a supressão disciplinar do riso! «Filho, que risada essa! Tem juízo!, não rias assim!» Todos os dias estas repreensões temas e graves abafam nos nossos lares a alegria das crianças, que,

tendo apenas imergido da santa natureza animal, conservam ainda, animal e santamente, *le rire qui est le propre de l'homme!*

De que provém esta desoladora decadência do riso? Haveria um estudo a compor sobre a «Psicologia da Macambuzice Contemporânea».

Eu penso que o riso acabou — porque a humanidade entristeceu. E entristeceu — por causa da sua imensa civilização. O único homem sobre a Terra que ainda solta a feliz risada primitiva é o Negro, na África. Quanto mais uma sociedade é culta — mais a sua face é triste. Foi a enorme civilização que nós criámos nestes derradeiros oitenta anos, a civilização material, a política, a económica, a social, a literária, a

artística, que matou o nosso riso, como o desejo de reinar e os trabalhos sangrentos em que se envolveu para o satisfazer mataram o sono de Lady Macbeth. Tanto complicámos a nossa existência social que a ação, no meio dela, pelo esforço prodigioso que reclama, se tornou uma dor grande: e tanto complicámos a nossa vida moral, para a fazer mais consciente, que o pensamento, no meio dela, pela confusão em que se debate, se tornou uma dor maior. Os homens de ação e de pensamento, hoje, estão implacavelmente votados à melancolia.

Esse pobre homem de ação que todas as manhãs, ao acordar, sente dentro em si acordar também o amargo cuidado do pão a adquirir, da situação social a manter, da concorrência a repelir, da

«íngreme escada a trepar», poderá, porventura, afrontar o Sol com singela alegria? Não. Entre ele e o Sol está o negro cuidado, que lhe estende uma sombra na face, lhe mata nela, como a sombra sempre faz às flores, a flor de todo o riso. Por outro lado, o homem de pensamento que constantemente, pelo fanatismo da educação científica e crítica, busca as *realidades* através das *aparências*, e que no céu só vê uma complicada combinação de gases, e que na alma só descobre uma grosseira função de órgãos, e que sabe que porção de fosfato de cal entra em toda a lágrima, e que diante de dois olhos resplandecentes de amor pensa nos dois buracos da caveira que estão por trás, e que a todo o sacrifício heroico penetra logo o motivo

egoísta, e que caminha sempre à procura da lei estável e eterna, e que a cada passo perde um sonho, e que por fim não sabe para onde vai, e nem mesmo sabe quem é — não pode ser senão um triste!

Desde que homem de ação e homem de pensamento são paralelamente tristes — o mundo, que é sua obra, só pode mostrar tristeza. Tristeza na sua literatura, tristeza na sua sociedade, tristeza nas suas festas, tristeza nos fatos negros de que se veste... Tristeza dentro de si, tristeza fora de si. E quando por acaso alguém por profissão tradicional, como os palhaços, ou por contraste, ou pela saudade da antiga alegria e o desejo de a ressuscitar, procura fazer rir este mundo — só lhe consegue arrancar a tal casquinada curta, áspera, rangente, quase

dolorosa, que parece resultar de cócegas brutais feitas nos pés de um doente.

Não há que duvidar! Voltaram os tempos de Albert Dürer! Outra vez o famoso moço de asas potentes, no meio dos inumeráveis instrumentos das ciências e das artes, que atulham o seu laboratório, e diante das obras colossais que com eles construiu, sente, sob esta produção excessiva que o não tornou nem melhor nem mais feliz, um imenso desalento e, considerando a *inutilidade de tudo*, de novo deixa pender sobre as mãos a testa coroada de louro.

Pobre moço, que, de muito trabalhar sobre o universo e sobre ti próprio, perdeste a simplicidade e com ela o riso, queres um humilde conselho? Abandona o teu laboratório, reentra na

Natureza, não te compliques com tantas máquinas, não te subtilizes em tantas análises, vive uma boa vida de pai próvido que amanha a terra, e reconquistarás, com a saúde e com a liberdade, o dom augusto de rir.

Mas como pode escutar estes conselhos de sapiência um desgraçado que tem, nos poucos anos que ainda restam ao século, de descobrir o problema da comunicação interastral e de assentar sobre bases seguras todas as ciências psíquicas?

O infeliz está votado ao bocejar infinito. E tem por única consolação que os jornais lhe chamem e que ele se chame a si próprio — *o Grande Civilizado.*

Um Santo Moderno

O cardeal Manning, cardeal-arcebispo de Westminster, primaz da Igreja Católica em Inglaterra, foi um santo — mas foi um santo do século XIX. A essência da santidade não difere com os tempos; e a alma de um santo que viva, neste ano da graça de 1892, no fragor e na fumaraça de Londres é ainda idêntica, nas suas qualidades melhores, à alma de um Santo Antão no seu deserto, ou de um S. Francisco de Assis.

A forma, porém, dessa santidade tem de ser completamente diferente para que os homens a compreendam, lhe reconheçam a origem divina e a aceitem como força remidora que os vem tornar

melhores. Um Santo Antão, coberto de chagas de penitência, comendo raízes numa toca, à beira de um rio caudaloso e rechaçando de noite, com brados desoladores, os assaltos de Satanás; um S. Francisco de Assis, roubando o pai para edificar capelas, abraçando as árvores a chorar da abundância do seu amor e pregando ardentemente às aves e aos gados no meio dos campos; um S. Juan de Dios, despindo-se todo, numa praça de Sevilha, para agasalhar criancinhas nuas — não poderiam persistir durante um dia no meio da nossa civilização, onde tudo o que excede a mediania e desconcerta a rotina harmoniosa é eliminado pela polícia em nome da ordem.

Estes três grandes santos, dos mais puros da cristandade, considerados hoje

pela magistratura e pela ciência como vagabundos ou insensatos, terminariam o seu sonho celeste em asilos, senão em prisões. O santo que a Inglaterra acaba de perder (na Idade Média o cronista diria «de alcançar»), o arcebispo-cardeal de Westminster, tinha uma alma de tanta piedade como Santo Antão e de tanta caridade como S. Juan de Dios. Se houvesse nascido sendo Eduardo, o *Confessor*, rei de Inglaterra, certamente em dias de neve se despiria também nas ruas de Londres para agasalhar as criancinhas. Mas nasceu depois da *Enciclopédia*, foi educado na Universidade de Oxford, viveu na era vitoriana — e a sua santidade tomou naturalmente a *forma social*, única que poderia ser compreendida nos nossos

tempos e produzir neles um bem visível.

Como santo, a sua vida íntima todavia não se afasta muito da vida dos outros santos do hagiológio. Começou, como tantos, desde Santo Agostinho, por viver no erro — ou naquela fé que ele depois descobriu ser o erro. Sofreu as paixões da carne — é delas só conservou a tristeza e a amargura. Fez penitência — e, como outros santos, *conheceu enfim o Senhor.*

Rico, espalhou todos os seus bens pelos pobres. Prelado e príncipe da Igreja, manteve um austero viver de renúncia e abstinência. Se não se alimentava de raízes podres, como S. Pacómio, nunca cuidou do corpo mais do que o necessário para reter a lama. Habitava no palácio episcopal o quarto

mais estreito e o mais frio. A sua ocupação preferida foi constantemente a oração. Teve para toda a culpa um perdão fraternal — e nenhum coração se separou dele inconsolado. A sua própria figura, descamada, emaciada, cor de velho marfim, era a de um S. Bruno. À maneira de todos os ascetas, viveu muito para além dos oitenta anos, sempre fraco, mas sustentado pela graça. As suas derradeiras palavras foram: «Paz, imensa paz!», como santo já educado em Oxford, que sabe bem que o céu não é um *sítio*, mas um *Estado*. Todas estas feições podiam formar uma *vida devota* nos bolandistas. Não Houve nela milagres — mas por culpa de Voltaire, de Darwin e dos tempos modernos. E, se as imaginações do nosso século possuíssem a infinita potência de

visão das imaginações do século XII, os cónegos de Westminster, que cercavam o seu leito, teriam decerto visto resplandecer no ar a brancura e as asas dos anjos que desciam a recolher a alma do santo cardeal, para a conduzir, cantando, ao Senhor.

Publicamente, porém, a vida do cardeal Manning foi a de um tribuno e de um reformador. E aquele espírito, que só apetecia a paz do céu, teve, para realizar os mandados do céu, de se misturar ao mundo, aos clamores e às lutas do mundo, com paixão, por vezes com violência. Dois grandes motivos dominaram esta sua rija atividade temporal: estender na Inglaterra a influência da Igreja Católica e melhorar em toda a Terra o viver das classes pobres. Dentro das limitações do

tempo e da doutrina — foi um S. Paulo e um Karl Marx. E estas duas grandes obras de igreja e de revolução confundiam-se no seu espírito, que era simultaneamente ultramontano e democrático. O fim do catolicismo neste último quartel do século XIX devia, na sua ideia, ser a definitiva redenção dos operários, os modernos escravos do industrialismo: e essa redenção só poderia ser tentada e realizada pela Igreja de Roma, com o seu conquistador espírito de universal caridade.

O cardeal pôs ao serviço destas duas obras uma alta inteligência e (o que num apóstolo vale talvez mais) um subtil poder de sedução. E era mesmo talvez por esta qualidade que ele mais seguramente triunfava. A sua inteligência,

principalmente nos derradeiros tempos, estava um pouco envolta numa névoa filosófico-humanitária, que lhe diminuía a precisão, a vividez, a certeza — e, portanto, a força persuasiva. Mas o seu entusiasmo, as nobres simpatias do seu vasto coração, a sua doçura, a sua enternecida bondade, o seu «magnetismo espiritual», esses operavam sempre com irresistível supremacia. A sua natureza era emocional, não intelectual. Não prendia pelo seu pensar, mas pela sua humanidade sensível.

O cardeal Manning foi um grande fascinador de almas. Já no púlpito e no confessionário de Santa Maria dos Anjos, pequena capela em Bayswater e sua verdadeira sé pastoral; já nas poderosas sociedades que fundara e que dirigia para

melhorar todo o viver moral e material dos pobres; já nas greves, nos ásperos conflitos do trabalho e do capital, em que ele aparecia como venerado árbitro — foi pela sedução e não pelo raciocínio que ele sempre convenceu e venceu. Nisto ainda mostrava um dom especial dos santos.

Assim, durante perto de meio século, com inquebrantável querer, ele fez a propaganda da Igreja romana e da justiça social.

Mas o apostolado pela sua Igreja, que ao começo da sua carreira fora ruidoso, polemista, controversial, agressivo para com as igrejas dissidentes, tornara nestes últimos tempos uma feição mais discreta, quase íntima; e do antigo fragor da sua batalha teológica apenas

restava um murmúrio de confessionário. Ao contrário, o amor dos pobres, que, nos seus primeiros anos de atividade, fora nele somente um passivo e poético humanitarismo, tornara-se depois a sua missão máxima, uma missão exaltada, inventiva, iniciadora, que o lançava sempre para o lado daqueles que sofrem e que pedem uma melhor distribuição dos bens humanos.

Possuidor de uma imensa autoridade moral, príncipe da Igreja e como tal resumindo em si uma larga porção da força da Igreja, centro de uma farta corrente de beneficência que lhe trazia o ouro às mãos-cheias — ele tudo pôs do lado dos pobres, ouro, influência da Igreja e suave prestígio da sua virtude. Pobre ele próprio, porque a sua fortuna se

fora toda em caridade, era menos como um majestoso protetor do que como um irmão simples que se misturava às plebes. Para ele, como para os santos da Meia Idade, *aquele que tinha fome e sede* era o eleito de Deus, o bem-aventurado, por Deus mandado, a quem na Terra todos os respeitos são devidos, antes que lhe seja dado o reino final do céu: e a história que dele se conta de ter um dia, na antecâmara do palácio episcopal onde o esperavam uma pobre velhinha e uma duquesa, corrido a tomar as mãos da mendiga sem mesmo saudar a fidalga perfeitamente simboliza, talvez num começo de lenda, a sua índole de santo, os seus íntimos impulsos de ascetismo medieval. Por isso Londres lhe chamou «o cardeal dos pobres». E são sobretudo os pobres que,

pela sinceridade da sua dor, lhe estão convertendo a morte numa apoteose. Quando todos os jornais de Inglaterra lhe dedicam comovidos estudos, quando em todos os púlpitos os pregadores protestantes celebram com veneração a memória do prelado católico, quando a corte, a magistratura, as academias, as associações, prestam ao seu esquife o preito tradicional das flores — é apenas uma sociedade muito culta e consciente que lamenta a perda de um cidadão grande pelo saber, pela virtude, pela energia civilizadora. Mas quando de todos os bairros humildes de Londres acodem multidões ao palácio episcopal a contemplar, pela última vez, na capela-ardente onde ele repousa, o velho cardeal dos pobres; quando milhares de

operários, numa reverente procissão que se estende por três milhas de ruas, acompanham o seu funeral; quando mulheres de trabalho e crianças vão deitar ramos de flores silvestres sobre a terra que o cobre — é um povo que chora o seu bom amigo, o pai que viveu para lhes fazer bem e pelo bem que lhes fez subiu ao céu. Hoje já não é o papa, mas o povo que canoniza. E neste momento, em pleno século XIX, a Inglaterra — que foi outrora a terra dos santos e onde tão intensa e pura se conserva a emoção religiosa — está criando e consagrando um santo.

Colaboração Europeia: Primeiro de Maio

A Europa, há dois meses, está tremendo e gritando com o terror do papão. Essa temerosa e vaga abantesma, que, como todas as abantesmas, parece, através da treva que a envolve, mais vaga e mais temerosa — é o anarquismo. E o anarquismo é um filho bastardo do socialismo, que abomina este nosso velho edifício social, onde ele habita as trapeiras piores, e procura, com a tradicional violência dos bastardos, arrasá-lo por meio da bomba de dinamite.

Nem este fim nem os meios são inéditos na história. Desde que nas

sociedades apareceu a ordem, houve sempre bandos de homens que, sistematicamente desfavorecidos por ela, ou não se tendo jamais submetido aos seus preceitos, tentaram destruí-la e por vezes a destruíram. (Já antes da humanidade, Lúcifer, por não gozar na hierarquia dos céus os mesmos foros que Jeová, assaltou a ordem divina, se manifestou como o primeiro anarquista — e ficou desde esses tempos transcendentes o padroeiro dos oprimidos.) E os meios destruidores, esses sempre o anarquismo os escolheu entre os que a civilização lhe fornecia como mais eficazes e mais baratos. Nas idades rurais — era o desgrenhado molho de palha a arder que ele arremessava contra as instituições. Hoje, neste século de química soberana, é a dinamite, a

melanite e a sebanite, dentro de caixas de lata corretas e sérias.

Tudo isto é antigo e está nas crónicas. O que nos surpreende como novo é a imensidade, a superagudeza do terror que se apossou da Europa, sobretudo da França — um terror de velha, muito velha, muito tímida, que por noite negra sente surdos golpes de machado arremessados contra a sua porta mal pregada e perdida no ermo.

Nunca na história se tremeu de um tal tremor. Viena, Madrid, Berlim, Roma, cidades que são vastos quartéis, estão, desde este luminoso meado de abril, acocoradas, esgazeadas, estarrecidas, à espera do papão que há de vir com o seu saco de bombas: e eis que Paris, entre todas valente, Paris, que desbaratou

cantando dez séculos de monarquia, foge no primeiro de maio para os campos, deixando as suas alegres ruas tão desertas como as de Florença, outrora, nos anos da peste negra, quando se sentia do Batistério à Ponte Vecchia o ranger de ossos e o arrastar de foice da morte que passeava! Muito deste pavor, certamente, é fictício, afetado. Todos nós (e muita honra nos seja) gostamos de atribuir motivos grandiosos às nossas emoções: e tal matrona do Faubourg Saint Honoré, que, nestes vinte anos quietos e gordos da república conservadora, nunca teve oportunidade -de tremer senão de ratos, toda se desvanece de poder enfim palpitar no susto de uma revolução social e murmurar entre amigas, à tarde, molhando o brioche no chá: «Ah ma chère, c’est

terrible! C’est la fin d’un monde!»

Mas há evidentemente também muito pavor genuíno — sobretudo pavor pelo prédio, pelo santo prédio colocado numa rica avenida, que rende doze por cento e que uma caixa de sardinhas de Nantes pode rachar e arrasar. De resto, não se decretou à pressa a guilhotina contra todo aquele que, com dinamite, faça saltar as meras vidraças de uma adega abandonada? Todo o medroso é cruel na proporção do seu medo — e aqui a severidade da represália só prova a intensidade do terror.

De que forças formidáveis dispõe então o anarquismo? Pobre dele! De algumas teorias, de um ou outro Ravachol temerário e de raros cartuchos de dinamite, mal roubados e mal usados.

E a sociedade, que tanto se encolhe e geme, que forças tem contra o anarquismo? Todas. Todas as forças inumeráveis que a civilização criou, desde os bancos repletos de dinheiro até os arsenais repletos de armas. E além da tremenda potência destes dois irresistíveis metais, o ouro e o ferro, tem ainda todas as entidades inumeráveis que ela para sua defesa inventou, desde o carrasco até ao padre. E assim, rica, armada, santificada, invencível — ei-la que rompe em gritos, pedindo a Deus e ao verdugo que a salvem, só porque algures, num subúrbio, um vago Ravachol está misturando numa panela velha enxofre e limalha de ferro.

Ainda não há quatrocentos anos (quase anteontem), esta mesma França,

que hoje tanto se apavora, viu um dia um outro anarquismo surdir bruscamente do seu velho opróbrio e arremeter desesperadamente contra a sociedade feudal. Do nome do seu chefe, Jacques, esse anarquismo rude foi chamado a *jacquerie*. Era também uma revolta de servos — não da indústria, como os de agora, mas da lavoura — e escolheu também, para irromper, o doce mês de maio e a doce festa do Corpo de Deus. Cem mil trabalhadores do campo, famintos e em farrapos, armados de foices e de paus, tendo por estandarte dois panos, um vermelho e outro azul, que eram as cores dos Parisienses, arremessaram-se nesse devoto dia contra os nobres e os seus castelos, e, através de duas ricas províncias, saquearam,

incendiaram, trucidaram, arrasaram em semanas uma considerável porção de feudalidade. Mais de cem solares foram destruídos na Picardia! Mais de cem castelos no Valois! Mais de cem nas pingues dioceses de Laon e de Soissons! O seu fim, de resto, como afirma o bom cronista Froissart, era «destruir assim, e sem razão, e só para que ficassem destruídos, todos os senhores e fidalgos do mundo...» E destruíam.

Eram, portanto, anarquistas — bem mais terríficos decerto que os que racharam as paredes do prédio da Rua de Clichy, escangalharam as grades do quartel Lobau e trazem a França toda a tremer! E, todavia, então, ninguém tremeu. Os senhores esperavam, bebendo e folgando, o ataque dos *jacques*. Só

quando correu voz que a senhora duquesa de Orléans e as princesas e trezentas damas nobres estavam cercadas em Meaux e ameaçadas por um troço de mais de dez mil *jacques* é que a petulância pareceu excessiva e fatigou a paciência senhorial — tanto mais que, como conta o cronista, as damas «tinham aí grande medo de serem violadas e depois mui trucidadas por tão malditas gentes!» A nobreza, então, arma-se e, sob os pendões do conde de Jogny e do galante conde de Foix, aí mesmo, às portas de Meaux, desbarata os pobres *jacques*, «dando neles caça como em bestas bravias, e numa só fornada matando mais de sete mil, que foi coisa grande de ver!» Assim outrora a França feudal tratava os seus anarquistas!

Porque foi tão serena afoiteza diante de uma revolta de brutos, que em semanas arrasa trezentos castelos e solares, e porque é hoje tanto tremelicar e tanto gritar perante uma conspiração de teóricos, que em longos meses só destrói, além de duas desgraçadas vidas, algumas vidraças de prédios?

Estará a França irremediavelmente efeminada?... É certo que a velhice, a riqueza, o requintado conchego, a placidez das ocupações efeminam — e não se pode esperar de uma burguesia educada com flanelas, em alcovas e escritórios, a risonha bravura de uma nobreza que, durante tantos séculos, no campo ou na estacada, nunca desafivelou a armadura nem limpou o sangue à espada.

Decerto! Nesta nossa nédia burguesia escasseia a bravura! Mas o que lhe falta sobretudo é essa soberba força moral que não faltava à nobreza — a certeza do seu direito.

O senhor do século XIV, esse bom conde de Joigny ou o garboso conde de Foix, tinha a inteira, irradicável certeza de que ele, homem de guerra, e o servo, animal de trabalho, eram sobre a Terra e perante Deus dois seres diferentes, feitos de substâncias diferentes, e que, por uma lei tão eterna e necessária como a que move os astros, ele, senhor, seria sempre, o senhor, o possuidor de tudo e o que goza, e o outro seria perpetuamente o servo, o possuidor de nada e o que sofre. Assim Deus, todo sapiente, os formara, e assim os separara, um no seu paço, outro

no seu covil, e assim deveriam permanecer para todo o sempre, para que se mantivesse a ordem por Deus preceituada!

Portanto, quando o servo se revoltava e reclamava para o seu quinhão de bens terrestres mais do que essa choça e essas ervas que Deus sabiamente lhe distribuíra e que ele partilhava com o gado, seu semelhante — o senhor matava o servo, com simplicidade e quietação de alma (sete mil numa só jornada!), como mataria o porco, se o porco, embravecido e volvido em javardo, pretendesse, quebrando todas as regras da Natureza e espantando o universo, comer no prato senhorial e habitar o quarto senhorial. Isto era tão certo e provado para um conde de Joigny ou de Foix como a volta do Sol

cada manhã e o correr do Sena para o mar.

Hoje, porém, o burguês, o barão industrial, nascido da Revolução, trabalhado por uma democratização lenta que ainda não cessou desde os fins do século XVIII, dotado, como todos os homens deste tempo, de uma sensibilidade porosa, por onde constante se embebe de humanitarismo — vive já na certeza de que ele e trabalhador são dois seres do mesmo sangue e da mesma substância, que não há lei divina ou humana que a um atribua privilegiadamente todos os regalos e a outro todos os sofrimentos, e que a ambos, em suma, assiste o direito sacrossanto de partilhar os bens terrestres *proporcionalmente*. O burguês senhorial, hoje, só pretende que a divisão seja

proporcional — reservando inquietamente para si, por algum tempo e enquanto uma ordem social mais perfeita não fizer uma repartição mais equitativa, a maior e melhor *porção*. Quando, portanto, o trabalhador se levanta e reclama que se igualizem mais as proporções — ele ainda defende a sua posse atual, mas sem acreditar já no seu direito definitivo. E em lugar de matar tranquilamente o servo, à boa lei do conde de Foix, como violador imperdoável de uma lei eterna — treme e grita, à maneira daquele que, gozando há muito, além da sua leira de terra, a leira do seu vizinho, visse de repente surdir furiosamente esse vizinho com o seu direito e o seu grosso cajado.

Não há já possibilidade de desconhecer a justiça do pobre — por

isso mesmo que a sua pobreza é tão patente e tão visível. Outrora a riqueza e a miséria estavam não só hierarquicamente mas materialmente separadas, sem comunicação — uma em cima, no seu paraíso, outra em baixo, no seu inferno. Nunca o eleito descia a visitar o precito nem lhe suspeitava as torturas, e era sincera aquela boa duquesa (a duquesa de Maine, creio eu) que, ouvindo de uma aldeola tão pobre — que nunca nela se comera carne e apenas ervas fervidas —, exclamava, assombrada: «Mas porque não comem galinhas?» O Antigo Regime imaginava, com efeito, que todos, neste mundo para ele tão doce, possuíam uma galinha — e que, quando muito, a alguns faltava a trufa para a rechear. A noção de que a galinha rareia entre o pobre é nova,

nasceu da revolução — alastrou sobretudo desde que, com a prudente invenção da filantropia, o argentário começou a subir às trapeiras do proletário. Então se deu o facto precioso do século — a divulgação, a larga publicidade da miséria, feita como num livro que todos pudessem ler. Agora sabemos tudo — a fome, o frio, a criancinha sem leite e em farrapos, a enxerga nas lajes e os prantos de cada dia sem o pão de cada dia. O rico, enfim, conhece intimamente o pobre — e daí nasceu, na nossa sociedade democratizadora e humanitária, esta ideia nova de que o mundo por fim está deploravelmente desequilibrado, que há riqueza escandalosa de um lado e do outro miséria escandalosa, e que na verdade os

famintos têm direito de exigir e comer tudo o que sobre aos fartos. Esta ideia, que outrora pertencia aos santos, flutua hoje no espírito de todos, mesmo dos pecadores. Se todos abominam a bomba de dinamite e o seu bruto destroço que não discrimina — poucos há que não reconheçam secretamente a legitimidade do desespero transviado que a arremessou. E os tempos chegaram em que Rothchild pensa consigo que, se não fosse Rothchild, seria talvez Ravachol!

Ora desde que uma sociedade vive sob um regime de riqueza que o séu sentimento condena como injusto e, portanto, a sua razão reconhece como fraco — que pode ela fazer quando uma ação coletiva e sistemática se produza, tentando a destruição desse regime por

meio de bruscos e oblíquos ataques?

Se estivéssemos tão certos da justiça e da solidez do nosso regime como estavam do seu os Srs. De Joigny ou De Foix — apenas Ravachol emergisse da sombra com a sua bomba nós esmagávamos serenamente Ravachol e íamos dançar para o terreiro. Mas assim! Com este sentimento de que a miséria de Ravachol, que agora conhecemos dor por dor, justifica a desesperação de Ravachol — que faremos senão tremer e gritar?

Decretamos ainda a guilhotina, matamos ainda Ravachol, no primeiro e bruto impulso da defesa e do egoísmo — mas continuamos a gritar e a tremer por sentir bem que, contra esse mundo que a bomba de Ravachol anuncia, temos já os braços moles, irremediavelmente moles,

afrouxados pela piedade, mais preparados para abraçar do que para estrangular. A alma humana, desde o pessimista Hobbes, cresceu em bondade e doçura. O ensino todo da literatura, nestes derradeiros sessenta anos, tem sido a bondade — desde Hugo, que a cantava heroicamente em epopeias, até Renan, que a aconselha finamente em prefácios. Nós começamos a ser bons — condição deplorável para manter, com eficácia, um regime social que é cruel.

Nesta Quaresma, em Paris, na Madalena, igreja rica de burguesia rica, o ardente pregador dos dominicanos, o padre Didon, exclamava com santa cólera: «Quando vejo uma criancinha em farrapos, que chora com fome, odeio, como Jesus, meu amo, e como Ele

amaldiçoo todos os repletos e todos os fartos!» E na nave da rica igreja, atulhada de repletos e de fartos, passou um longo frémito, como se, ante os farrapos e os choros da fome evocados, todos os corações concorressem no ódio e na maldição do nobre dominicano! Daí a dias Ravachol lançava a sua segunda boma. E entre todos os repletos e todos os fartos foi grande o temor e grande a grita... Temor de quê — de Ravachol? Não. Temor da emoção que na Madalena os impelira a compartilhar a maldição do padre Didon, que, no seu púlpito e sob o seu hábito, era já Ravachol — menos a irracionalidade e menos a nitroglicerina.

Todos estes terrores, estes clamores perante o anarquismo, vêm do nosso interesse que se sente traído pela

nossa piedade. O anarquismo, com os seus cem cartuchos de dinamite, é apenas um grosso papão. Alguns gendarmes bastam para o conter, inerme, na sombra onde trama e ronda. O perigo para a sociedade está nela mesma — nessa imensa corrente de bondade e de justiça para com os miseráveis que surdamente a trabalha e vai lentamente dissolvendo o duro egoísmo que, como um cimento forte, ligava todos os interesses e fazia deles uma torre formidável. A torre hoje oscila. Cada bomba anarquista pressagia a sua queda atroadora. E os que a habitam tremem e gritam não com medo da força da bomba mas com medo da fraqueza da torre, que eles todavia, insensivelmente, obedecendo a impulsos superiores, cada dia abalam e mais desagregam. Eis aí por

que, há dois meses, toda a França treme e grita...

De sorte que, em resumo, se eu não venho errando — Ravachol e a sua bomba, e sobretudo o nosso pavor, são coisas consoladoras porque provam progressos humanos. Tão brando se tornou o anarquismo que, em lugar de destruir, na sua cólera de semanas, centenas de moradas e milhares de vidas, como no século XIV, tem apenas em longos meses causado duas mortes e rachado vinte paredes. Tão branda se tem tornado a ordem que, em vez de matar com simplicidade e alegria sete mil desordeiros numa só tarde, como o conde de Foix e os seus cavaleiros, que eram a ordem do século XIV, se perturba quando atacada, e grita, e treme, e a si mesmo

ansiosamente pergunta se não deve desaparecer para dar lugar a outra ordem mais igual e mais justa. Que é tudo isto senão o mundo avançando seguramente para a bondade, fim supremo do ser?

E se assim é, o primeiro de maio, tão temido, tem de ser marcado com traço de ouro, porque nos mostra maior doçura, maior paz entre os homens — e como outrora, neste dia de renovação primaveril da Terra, deveremos, em agradecimento aos deuses, pendurar à nossa porta ramos de giestas em flor.

Os Grandes Homens da França

A França está neste momento ocupada em verificar com ansiedade, mas com método, quais são os seus grandes homens. Este inesperado e interessante exame de consciência é limitado ao século XIX, e o seu motivo foi a decisão tomada pelo Governo da república de criar um panteão nacional, onde esses grandes homens (ou antes os seus ossos), depois de bem escolhidos e de bem estremados, *requiescat in pace et gloria*.

O Panteão já existe — e fora outrora uma igreja. Quando Victor Hugo morreu e a França o deificou, foi

necessário, naturalmente, procurar um templo para alojar o deus novo. A escolha recaiu sobre a Igreja de Santa Genoveva, que de resto, durante alguns anos da Primeira República, já constituíra um panteão, votado (segundo a inscrição que a orna), «aos grandes homens», pela «pátria reconhecida». Eu, que sou um hugólatra impertinente, não me queixo de que assim se despojasse Santa Genoveva.

A igreja não guardava o corpo da santa — tinha apenas o seu nome. A gloriosa padroeira de Paris já gozou longos séculos de adoração — e a sua santidade, perfeitamente estabelecida nas almas, não necessita a comprovação material de um altar. Victor Hugo, esse, é um deus moderno — e convinha que, deste modo visível e compreensível às

inteligências simples, fosse consagrado o que no seu génio havia de inconsciente e de divino. A igreja do Panteão, pois, cuja cúpula é uma das linhas aéreas de Paris mais familiares, ficou sendo o mausoléu do poeta da *Lenda dos Séculos*. Jazem lá também, ao que parece, no fundo de criptas mal conhecidas, os ossos de Voltaire e de Rousseau. Mas esses restos dos dois precursores, colocados devotamente no Panteão pela Revolução, depois arrancados de lá com rancor pela Restauração e atirados a valas incertas, depois recolhidos à pressa e com entusiasmo confuso pela República de 1848 — não têm autenticidade. E as relíquias dos dois filósofos naturalistas, expostas à veneração preguiçosa da democracia, são ainda menos genuínas

que as relíquias dos santos de que eles tanto se riram no século em que se ria. Ninguém sobe à montanha de Santa Genoveva para visitar com convicção Voltaire ou Rousseau. Como santuário, até hoje, o Panteão era unicamente o santuário do divino Hugo.

Mas agora morre Renan. E a França, sem grandes dissidências, procedeu à sua canonização secular. O autor da *Vida de Jesus* era, decerto, um grande homem: ou antes, continha em si uns poucos de homens (um heresiarca, um artista, um arqueólogo, um moralista, um metafísico e um sacerdote), todos eles distintos e mesmo superiores, que, prestando uns aos outros o auxílio de suas aptidões especiais, formavam exteriormente a aparência muito aceitável

de um grande homem. O artista emprestava ao erudito a graça da sua arte; o erudito comunicava ao artista a suculência do seu saber. O sacerdote adoçava o heresiarca; o metafísico vivificava o arqueólogo, e todos assim concorriam para construir um admirável Renan. O homem todavia que, dentro de Renan, mais ajudou à glória de Renan — foi o artista. Ele tinha o dom inefável de cativar as multidões, como Orfeu, só com tirar da lira uns sons doces e delicados. Não creio que com esse mero tanger, de melodia alada, ele edificasse, à maneira de Orfeu, cidades duradouras: mas, como Orfeu, fascinou, pela lira, muita pedra e muita alimária. Em resumo, porém, era um razoável grande homem. E como, além disso, foi um justo (alguns mesmo dizem

um santo), largamente merece a sua canonização.

Canonizado, devia naturalmente recolher ao Panteão. Mas desde logo o Panteão deixava de ser um santuário privilegiado de Hugo, deus único das nossas letras. E desde que assim se abria a porta, democraticamente, a outros deuses, era coerente que se deixassem penetrar no santuário todos aqueles em quem a multidão tivesse reconhecido o sinal da divindade. O Estado, portanto, declarou o Panteão acessível a todos os grandes homens de França.

Mas imediatamente surgiu esta temerosa dúvida: quem são realmente os grandes homens de França? E depois outra dúvida mais perturbadora: como se reconhece um grande homem? O que é um

grande homem?

O Governo do Sr. Carnot (onde há filósofos e humanistas da Escola Normal) já tem uma opinião muito nítida e já a formulou num decreto. De facto, o Governo nomeou já por decreto três grandes homens. Esses três grandes homens (os únicos por ora que a França possui oficialmente), a quem se votou como um triunfo póstumo o Panteão, são Renan, Michelet e Quinet! E, segundo os considerandos do decreto, a grandeza é atribuída a estes três homens «por eles terem defendido o livre pensamento» e lutado pela razão contra a fé. De sorte que segundo a definição oficial — grande homem é aquele que ataca superiormente o catolicismo e a Igreja. Todavia, este decreto de grandeza, que desde logo

exclui de entre os grandes homens de França Pascal e Bossuet, é, por outro lado, injusto porque não compreende, entre outros, o supremo paladino da razão contra a fé, o heroico Proudhon. Porquê? Porque Proudhon foi um socialista militante. Logo, segundo o Governo, grande homem, em França, é aquele que ataca a Igreja dentro de um liberalismo ordeiro! Há espíritos exigentes que consideram esta regra como intoleravelmente reles.

Pelo menos, é uma regra nascida de um sectarismo muito estreito e muito seco. E por isso de todos os lados surgiram reclamações impacientes. O Sr. Leon Say e outros académicos do Centro Esquerdo requereram imediatamente que a esses três grandes homens, insuficientes,

se adicionasse um outro, o maior entre todos — Thiers, precetor da Terceira República e libertador do território... (A cunhada do Sr. Thiers acudiu, porém, suplicando ao Estado que não perturbasse os restos desse homem ilustre.) Mas já poetas e letrados declaravam, com vivacidade, que nunca seria compreensível um panteão onde não estivesse Lamartine! E simultaneamente a Academia de Medicina protestou, com indignação, contra uma lei que excluía da grandeza o único homem verdadeiramente grande que a França teve neste século, Claude Bernard, o pai da fisiologia.

A este tempo já os romancistas perguntavam com azedume se a França, na sua distribuição de glórias póstumas, ia esquecer Balzac? E os músicos acudiam

também bradando contra a indignidade de se não abrir o Panteão a Berlioz! Ninguém todavia reclamou com mais alarido que os pintores, que consideravam uma ofensa à arte francesa o não se conceder a canonização secular ao grande Delacroix e ao grande Meissonier!

Além destas reivindicações de classes (porque vieram os químicos, os engenheiros, os militares, os antiquários, os matemáticos, os economistas, etc.), outras surdiram individuais, todas justas e persuasivas. O quê! Será possível, entre os grandes homens, não colocar logo, no melhor pedestal, Chateaubriand? E Champollion, que leu os hieróglifos dos monumentos do Egito e revelou ao mundo a antiguidade faraónica? Decerto, Champollion é grande... Mas o marechal

Bugeaud!, o marechal Bugeaud, que, conquistando a Argélia, deu à França uma colónia magnífica! Que é isso diante de Arago, o astrónomo que, através dos espaços, descobriu mundos e completou o mapa do céu! E Guizot? Vamos nós deixar Guizot, sem grandeza, à porta do Panteão! Vós falais, amigos, e todavia ainda vos esqueceis do maior!... Com efeito, ninguém se lembrara de Augusto Comte! De acordo, Augusto Comte... Mas que a consagração de grande homem seja dada também oficialmente ao velho A. Dumas! E assim, pela patente justiça de todas estas reclamações, o Estado, aturdido, reconheceu que não haveria jamais panteão onde coubessem tantos grandes homens de França.

Daqui, a necessidade de uma

seleção severa. E imediatamente a dificuldade inquietadora reaparece: quem são realmente os grandes homens de França? Porque sinais se reconhece um grande homem? O que é, no fundo, um grande homem?

A definição de «grande homem» está feita já, e com exatidão. O grande homem é aquele que pelo raciocínio atingiu a uma maior soma de verdade ou pela imaginação as maiores formas de beleza, ou pela ação os mais altos resultados do que todos os seus contemporâneos na latitude do seu século. Esta obra superior em verdade, em beleza, em bondade ou utilidade, é produzida por um *não sei quê* que possui o grande homem, que se chama génio, cuja natureza não está suficientemente

explicada, mas que constitui uma força infinitamente maior que o simples talento, o simples gosto ou a simples virtude.

Dada, porém, a definição, permanecemos nas mesmas dificuldades — e nunca poderemos, só por ela, organizar uma lista de grandes homens do século XIX, para colocar em um panteão. Sistemas de raciocínio que há cinquenta anos pareciam definitivos, formas de beleza que há cinquenta anos pareciam perfeitas — estão hoje em abandono ou desprestígio. E feitos de homens, grandes pela ação e que em tempo passavam por feitos sublimes, vieram por fim a ser amaldiçoados, porque em definitiva só acarretavam desastres. (Vide Napoleão.)

A única regra talvez segura para decretar um grande homem será ainda o

entusiasmo da multidão. Não a popularidade — porque então o maior francês do século seria talvez Offenbach! *(Proh pudor!)* Mas esse entusiasmo inconsciente, quase religioso, seminascido da adivinhação, que faz exclamar, sem provas, sem elementos de seguro juízo: «Aquele é um grande homem.» Essa vaga *vox populi* é talvez o indício mais certo da presença de Deus. O instinto das turbas foi sempre divinatório: e só ele pode talvez surpreender bem, através das fraquezas, dos erros e da obra imperfeita, a existência, dentro de certo homem, de qualidades superiores às de todos os homens e que acima de todos o devam elevar, mesmo quando as limitações do tempo e da civilização ambiente ou as próprias limitações

humanas lhes não permitiram o desenvolvimento pleno e perfeito.

Ora, a julgar pela suprema voz do povo, o único grande homem que a França tem tido neste século é — Victor Hugo. Pode o Estado decretar e as academias decidirem que há outros grandes homens. A multidão só conhece e aceita Victor Hugo. Porquê? Ela, decerto, não sabe. Admito mesmo (como afirmam críticos) que ela nunca tivesse lido os poemas de Hugo. Que importa! Victor Hugo é apenas para ela um nome vago — mas é um nome vago e sublime que enche o século e o mundo. Que a filosofia de Hugo tivesse tanta puerilidade como a sua sociologia, que a sua visão fosse descomunal e falsa, que o seu lirismo se ache repleto de ênfase — isso é com os críticos, com os

letrados. A multidão não leu, não esmiúça.

O que conhece apenas são as grandes feições, como que exteriores, que constituem a esplêndida personalidade de Hugo: o seu nome revoando por toda a Terra; a ilha altiva e agreste que habitava, no meio do mar; os seus combates de hércules contra todas as tiranias; o enternecimento dos seus apelos sublimes à bondade e à clemência; a sua larga fraternidade; a sua piedade infinita pelos simples e pelos fracos; a sua volta do desterro num incomparável triunfo; a sua velhice augusta celebrada por toda a França em festas quase religiosas; o seu fim de apoteose, e todas as cidades da Terra celebrando os seus funerais.

É isto que a multidão conhece — e por estes sinais, que não encontra em

nenhum outro, ela sente e consagra o grande homem.

Debalde lhe dirão que há outros tão grandes como este e que merecem que a pátria os honre — o Sr. J. B. Say, o Sr. Ingres, o Sr. Arago, etc. A multidão nunca acreditará.

E o Governo, que, numa democracia, deve ser a consciência superior da multidão, faria excelentemente não procurando mais grandes homens e limitando-se a possuir este, e a deixá-lo solitário no seu Panteão, como foi único no século, pelo génio e pela universalidade da glória.

De todos os outros não se pode afirmar que são grandes, sem dar, em longos considerandos, as razões dessa grandeza. Todos eles necessitam o*quod*

est demonstrandum.

E a demonstração fica sujeita a dúvidas, a contestações, a protestos. Fica, sobretudo, incompreendida pela multidão.

Victor Hugo, pelo menos, é um grande homem — que não necessita demonstração.

Espiritismo

Há dias, por uma das raras tardes deste fusco inverno em que no céu se espalhou alguma doçura e um pouco de sol desbotado, um amigo meu, E. P., que se ocupa de espiritismo, de teosofia, de magia e de ciências ocultas, por diletantismo intelectual, desejou que eu o acompanhasse ao Centro Espiritista, em Paris, onde ele ia contratar médiuns e magos para uma experimentação solene de fenómenos psíquicos.

E eu acedi — mais pela sedução do sol cor de canário que amaciava a tarde do que pela curiosidade dessas artes negras, que se não combinam com a nitidez e a simplicidade de um espírito

latino.

O Centro Espiritista, em Paris, é na redação da *Revista Espiritista* (creio que os adeptos vernáculos dizem *Spirita)*. E logo este local me pareceu bem caraterístico do nosso século escrevinhador. Na Antiguidade, um centro sério do sobrenatural seria numa floresta como a de Broceliande, ou numa caverna como em Samotrácia, ou num rico templo, bem apetrechado de sacrários tenebrosos e de terrores, como os de Dodona ou Delfos. Hoje, é num escritório de jornal com tabuleta à porta, campainha e capacho. De resto, todas as religiões nascentes se alojam burguesamente. Até ao tempo de Trajano, as assembleias dos cristãos, as *igrejas*, eram em terceiros andares de prédios alugados, em

cubículos tristes, mal alumiados por duas ou três lâmpadas de barro, que os diáconos traziam, escondidas sob os mantos.

A capela espiritista está também num terceiro andar pacato da Rua Chabannais. São duas pequenas salas, de soalhos gastos pelas botas dos médiuns, com bicos de gás, forradas de estantes, onde se acumula, em filas densas, a literatura do ocultismo. Os livros em nada se parecem com esses in-fólios sombrios e temerosos, encadernados em pele humana, com pesados fechos de ferro, que outrora folheavam os Faustos, os Nostradamos, ou os mágicos de Toledo. Pelo contrário! Não há aqui senão amáveis e ligeiros volumes, brochados de capas alegres, amarelas ou cor de salmão,

a três francos e cinquenta cêntimos. Mas, se não impõem pela sua majestade soturna, assombram pela sua abundância facunda. Justos céus!, quão prodigiosamente se tem escrito já sobre o espiritismo! Quanta afirmação sobre tanta incerteza! São tratados, guias, confissões, compêndios, monografias, histórias, sistemas, vulgarizações, seletas, diálogos, poemas — e tudo versando sobre nada... Sobre *nada!* Não. Sobre uma possibilidade, sobre uma nuvem que talvez esconda Juno, ou antes Psique, a Psique real e viva... Uma força existe, encerrada no mais recôndito do ser, e a que nós surpreendemos, aqui e além de anos em anos, uma manifestação fugitiva, indecisa, mal verificada, como um pontinho de luz indistinto, logo sumido,

que picasse vagamente uma vasta e maciça abóbada de treva. E sobre este ponto de claridade, entrevisto incertamente através de um buraco de agulha, já escribas diligentes compuseram e imprimiram dez mil volumes! Na Antiguidade, com isso, escassamente se teria feito um verso, um epigrama. Tal é, neste século de papel, o nosso desalmado furor de escrevinhar, *scribendi sacra fames!*

Enquanto eu percorria, assombrado, os fundos renques de prosa ocultista, o meu amigo interrogava o secretário da redação, um moço nédio e corado, de pena atrás da orelha, que indicava médiuns, apreçava prodígios, com método, folheando livros de escrituração, como um zeloso caixeiro do

sobrenatural. Arrancou logo vivamente ao meu amigo duas assinaturas da *Revista Espiritista*. Sacando a pena da orelha, lançou num belo cursivo endereços de casas que fornecem *mesas falantes*. E, risonhamente guiados por ele, penetrámos noutra saleta forrada também de livros ocultistas e onde ardia um lume pálido numa chaminé adornada com o busto patrocinai de Alan Kardec. Aí justamente havia um homem, um velho, acaçapado num escabelo baixo, todo curvado, aquecendo as mãos ao fogo — e a que nós só víamos os longos cabelos brancos e o *macfarlane* que lhe caía dos ombros, até ao chão, em pregas copiosas de manto antigo. Os nossos passos, a nossa conversa, não o perturbaram. De costas, encolhido no lume, todo ele nos parecia,

naquela postura familiar e borralheira, um simples chinó branco, de um branco sujo, pousado, para aquecer, sobre uma peanha, que um pano negro recobrisse.

O meu amigo, no entanto, insistia com o secretário, reclamando médiuns (o secretário dizia *intermediários)* que exercessem um domínio definitivo sobre as coisas inanimadas — obrigassem as mesas a ascender ao ar como santos em êxtase e as cadeiras a pular como faunos numa bacanal.

O secretário coçava o queixo, pensativo:

— Difícil, muito difícil. Já experimentou Madame Ravier?

Sim, o meu amigo já experimentara Madame Ravier. Oh!, mas Madame Ravier... Sob os seus dedos

afilados e lívidos as mesas adquiriam uma mudez e uma estabilidade de bronze. E depois era extremamente desagradável o tom fanhoso e choroso com que ela invocava os espíritos.

O secretário passara a coçar a nuca:

— Difícil, muito difícil... Se cá estivesse Samperini!

— Quem é Samperini?

— Samperini! Ora essa! O grande intermediário italiano! Samperini! Mas infelizmente está em Itália, em Milão, onde tem espantado a Escola de Medicina. Oh!, milagres enormes! E comprovados, verificados por fisiologistas, por cirurgiões. Samperini é monumental. Só o temos em Paris na primavera, em maio. Sofre dos brônquios,

Samperini... Há também Slade. Mas Slade está em Chicago.

Então, de dentro da chaminé onde a cabeleira branca mergulhava mais a colher o calor derradeiro das brasas mortiças, surdiu uma voz lenta, repousada, penetrada de autoridade e certeza:

— Slade saiu ontem de Chicago para Nova Iorque. Slade é hábil.

O secretário baixou logo os ombros com um olhar, um movimento dos braços gordos, que significava: «O mestre falou! O mestre sabe!» E o meu amigo, a quem a curiosidade já consumia, como a mim, interpelou então timidamente aquelas costas misteriosas, cobertas de *macfarlane:*

— O senhor conhece Slade?

Vagarosamente o homem estranho

rodou sobre o escabelo e mostrou enfim a face — uma face macerada, escavada, cor de antigo pergaminho, com tons azulados nas sombras como têm os cadáveres, e eriçada de uma barba grisalha e rude. Não respondeu ao meu amigo — ficou com os olhos postos nele, uns olhos de onde toda a luz viva se retirara, parados, quase vítreos. Depois, tirando das profundidades do *macfarlane* as mãos esguias, mais amarelas que cidra, que cruzou sobre os joelhos, murmurou meditativamente sem despegar do meu pobre amigo o olhar inanimado e gelado:

— Estou reconhecendo em si um médium e um vidente.

A esta imprevista, espantosa revelação, o meu amigo recuou tão bruscamente que veio dar com os ombros

na estante, contra a literatura ocultista. Por fim, balbuciou:

— Um vidente? Está reconhecendo em mim um vidente?... Porquê?

O homem volveu com simplicidade:

— Porque vejo. Não é um *ver* com os olhos, mas com a alma, que penetra na sua, lhe descobre o poder latente. O senhor *pode* (se à faculdade juntar a vontade) pressentir o futuro, avistar o invisível. Mas essa força não lhe pertence propriamente por ser em si inata e imanente: é-lhe comunicada por um espírito que o acompanha.

O meu companheiro exclamou, com legítima emoção:

— Um espírito que me

acompanha? A mim!?

O homem mantinha os olhos vítreos cravados no meu amigo, ou antes, num ponto, só para ele visível, por cima do chapéu do meu amigo. E repetiu, com uma impassibilidade grave:

— Sim, que o acompanha, que está aí junto de si.

O meu amigo atirou para os lados, espavoridamente, o olhar esgazeado:

— Aqui!? Junto de mim?

— Junto de si.

O secretário, no entanto, alargava os braços, no mesmo gesto de plena aceitação e reverência, que significava: «Se ele o diz... Que homem!, que mestre!» E o meu camarada, que se abatera numa cadeira esmagado pela revelação, terminou por murmurar:

— E é um espírito bom ou mau?

Sem descruzar as mãos dos joelhos, nem desviar a fixidez do olhar abstrato, o homem disse:

— Excelente. É um espírito que só conhece os caminhos direitos e só conduz por caminhos direitos.

O meu pobre E. P. respirou:

— Ainda bem! Ao menos há essa segurança! E é o espírito de alguém que eu tivesse conhecido, que me pertencesse?

O homem considerou novamente o *ponto*, só para ele percetível, por cima do chapéu do meu amigo. E no mesmo tom sereno e certo:

— Não, não o conheceu. Mas é o espírito de alguém que lhe pertenceu, um espírito doméstico. É a irmã de seu pai!

O meu companheiro teve como um

vago gemido de assombro. Com efeito, uma irmã de seu pai morrera muito nova, havia cinquenta anos, deixando entre todos que a tinham amado uma memória, nunca desvanecida, de inteligência e doçura! E era tão impossível que este homem, neste terceiro andar de uma rua de Paris, conhecesse a existência daquela senhora morta em 1840, no Brasil — como era impossível que nós conhecêssemos o nome do soldado que àquela hora se achava de guarda a uma das portas do palácio imperial, na cidade interdita, em Pequim! O meu amigo limpava o suor da testa e balbuciava:

— Prodigioso! Prodigioso!

Então, mais para que descansasse um momento e se equilibrasse a alma abalada do meu amigo do que para

verificar se também me envolviam influências sobrenaturais, interpelei o homem alegremente:

— E eu?... Também me acompanha algum espírito?

Ele voltou para mim a face de pergaminho vetusto, e sem hesitação, com o seu modo sossegado e seguro:

— Nenhum.

Senti uma tranquilidade misturada de humilhação. E gracejei com a temeridade de quem está fora do mistério, na alumiada e sólida região da realidade:

— Caminho pois na vida desacompanhado, sem inspiração transcendente, sem egéria, sem voz socrática!...

Mas o homem nem me atendeu, só interessado pelo meu amigo, que ele

contemplava com uma complacência de iniciado. E dizia, conservando sempre em cruz sobre os joelhos as mãos transparentes:

— Às vezes, muitas vezes, somos seguidos por espíritos e não lhes sentimos a influência. Assim uma pedra está envolvida pelo sol e não tem consciência da luz nem do calor. É necessário que a alma, por educação ou esforço, se afine, se subtilize, adquira uma tal superacuidade, como direi?, um tão livre e fino poder de penetrar no invisível, de se fundir, de se consubstanciar com ele, que os espíritos se lhe tornem visíveis, audíveis e compreensíveis, como as formas são para os sentidos. Só então a influência dos espíritos é real e ativa. Estamos desde logo diante deles como

discípulos entre mestres omniscientes. E nesse momento que eles nos podem guiar, ensinar, revelar... De facto, é como se momentaneamente esta forma material do nosso corpo, que encarcera a alma, a limita, lhe comunica todas as qualidades da matéria e lhe impede o exercício espiritual em toda a sua absoluta plenitude, perdesse a sua densidade, a sua opacidade de muro, e o espírito que está em nós e que forma a nossa individualidade, e os espíritos já libertos que erram no espaço, pudessem irradiar mutuamente e confundir-se como luzes através de uma vidraça... Não é bem isto. Mas o verbo humano é tão impotente! Ora esta comunicação, mesmo para os mais favorecidos, para os mais *espiritualizados*, nem sempre se pode

dar: e há períodos de semanas, de meses, em que a alma está como incomunicável, fechada dentro do seu cofre mortal. É o que me sucede a mim! Eu escrevi um livro, um livro definitivo...

O secretário correu à estante, berrou, brandindo um volume de capa vermelha:

— Está aqui! Um livro admirável! Trezentas páginas! E tudo verdadeiro, verificado!...

O homem prosseguiu gravemente:

— Sim, é um bom livro. Há aí uma metafísica tão rigorosa como uma geometria. De resto, não fui eu que o escrevi. Todo ele me foi ditado pelos espíritos, linha a linha. E sabe quanto tempo gastei em o compor? Sete anos. É verdade. Trezentas páginas em sete anos.

E porquê? Porque a minha comunicação com os espíritos era irregular e rara. Decorreram semanas, longos meses, em que havia em torno de mim como uma solidão e um silêncio de deserto. Depois, um dia, às vezes nos momentos mais incómodos, ao calçar as botas, ao entrar para um ónibus, sentia bruscamente o impulso de tomar o lápis... Trazia sempre comigo papel e lápis. E o lápis corria sobre o papel, desordenadamente, em garatujas disformes, sem que eu tivesse consciência do que ele escrevia, ou antes do que o espírito escrevia pela minha pobre mão. Era sempre uma frase, por vezes um período. Estes fragmentos juntos lado a lado, como pedaços de um mosaico, formaram ao fim de sete anos um livro. Só o li depois de impresso. E era

perfeito.

— Sublime! — acudiu o secretário, com uma convicção magnífica.

E o homem prosseguiu, sempre imóvel, como um ídolo, fixando serenamente o meu amigo:

— Já vê, por este meu caso, que se pode andar acompanhado de um espírito tutelar, como esse que a si o segue, sem que a alma o pressinta ou o suspeite. Porquê? Porque não se estabeleceu a afinidade espiritual. O espírito aí está ao seu lado, preparado e esperando. Mas que importa, se a sua alma jaz muito em baixo, inerte, sob densas camadas de materialidade? Por isso caridosamente o avisei. Já conhece o espírito que o segue: só lhe resta romper, pelo esforço, pela educação especial, o

muro bruto da matéria, e remontar à pura espiritualidade. O espírito gentil está à sua espera.

E, de repente, sem que o sentíssemos mover, o homem apareceu de pé, ereto e rígido. Era extremamente alto e o seu *macfarlane* negro descia até ao chão.

O meu companheiro ainda estendeu a mão, implorou um esclarecimento:

— Mas essa educação especial para que eu possa romper a matéria, quem ma há de dar? Quem me dirigirá nesse esforço que me faça penetrar na espiritualidade? O senhor vive em Paris?

— Parto esta noite para Nova Iorque... daqui a instantes.

— Vive em Nova Iorque?

— Às vezes. Outras vezes em Constantinopla. Na Índia, também... Na Rússia, em certos meses. Vagamente pelo mundo...

O secretário bracejou com entusiasmo:

— Sempre a caminho!... Ora aqui, ora além! Anda pelo ar. Há semanas estava na Califórnia. Passou aqui, aqueceu as mãos, partiu para o Egito. Chegou ontem... Vem, aquece as mãos, desaparece. É prodigioso!

Eu lembrei, rindo:

— Exatamente como Apolónio de Tiana.

O homem volveu para mim, com severidade, os olhos vazios e pálidos:

— É bom nunca pronunciar em vão o nome de Apolónio de Tiana!

E, secamente, caminhou para a porta. Nós seguimos com o secretário, que, vergado e risonho, esfregando as mãos, «desejava ao mestre uma jornada fecunda em obras». Ele desceu com lentidão a escada já escura. Quando chegámos ao portão, onde morria a derradeira claridade do crepúsculo, o homem estranho parou, medindo a rua, com um leve balançar do corpo — como o de uma cegonha que hesita antes de soltar o voo. E subitamente desapareceu.

O meu camarada ainda julgou entrever, ao longe, sob um bico de gás, o comprido e tenebroso *macfarlane*. Mas eu penso que o homem, que era uma sombra, se fundiu na sombra.

Na carruagem que nos levava, o meu amigo E. P. fez estas sábias

considerações:

— A minha alma, segundo afirma aquele homem diabólico, jaz enterrada sob densas camadas de materialidade. Acredito. Mas ela está lá muito quieta, muito confortável, muito feliz. Para que hei de eu desbastar, adelgaçar e furar essas abóbodas de matéria, para que a minha alma se escape para as regiões tormentosas e aterradoras da espiritualidade? É uma coisa perigosa, uma alma assim solta pelos ares, em companhia de espíritos... Não lhe parece?

— Também me parece!

— Nada! A minha rica almazinha continuará cá dentro muito quieta. E o mais que farei, para a entreter, é carregar nas doses de Descartes e de Espinosa.

E como se o seu corpo, que

todavia não é magro nem frágil, não lhe parecesse suficiente para reter a alma cativa e segura — o meu amigo cruzou ainda e apertou com força o paletó em que se agasalhava.

Desde essa tarde não aludimos mais ao homem estranho do *macfarlane*. E é tudo por ora o que eu conheço do espiritismo.

Uma Coleção de Arte

Havia, até há pouco, em Paris um homem que se chamava Spitzer. Tão mal conhecido era este nome daqueles que se não ocupam absorvente e unicamente de curiosidades de arte e de coleções de arte que eu não sei se o escrevo com rigor e todas as suas letras. Entre aqueles, porém, felizmente numerosos, que têm a religião do objeto de arte e para quem o colecionar é a forma superior do viver, Spitzer era tão popular e venerado como Descartes entre filósofos ou Colombo entre navegantes. Muito rico, muito erudito, de um gosto seguro, de uma tenacidade inabalável, este homem dedicou cinquenta anos da sua vida

laboriosa a acumular uma coleção de objetos de arte da Renascença, tão preciosa, tão completa, com um tão grandioso ar de museu nacional, que ele parecia, no meio dela, não o dono, mas apenas o cicerone zeloso e desvanecido. Para inspirar, àqueles que não são finos entendedores, o respeito que esta coleção magnificamente merece direi apenas que ela valeria aí, no Brasil, pelo câmbio, de vinte a vinte e cinco mil contos. E uma soma que já faz pensar. E não se encontram lá nem ouros, nem pedras preciosas. Apenas, aqui e além, uma prata branca ou dourada. As maravilhas são em barro, em vidro, em cera, em pau, em cobre, em ferro. Os vinte mil contos foram lá postos pelo génio de uma civilização.

Aos bons entendedores, a esses,

só posso aconselhar que venham percorrer as dez ou doze salas do palacete da Avenida do Bosque, onde se estendem espaçadamente, numa ordem clara e simples, esses móveis, estofos, louças, esmaltes, ferragens, armas, relicários, iluminuras, cofres, dalmáticas, lâmpadas, alfaias, imagens, que dão melhor que nenhum livro ou museu uma lição tangível do luxo faustoso com que a Renascença revestiu toda a sua vida civil, militar e religiosa. Nada mais instrutivo, por exemplo, que as armas. A contínua e mais deliciosa ocupação do homem, durante esses tempos violentos de paixões irreprimidas, foi matar ou, pelo menos, ferir o seu semelhante. A esta operação corrente, comezinha, de todos os dias, parece que deviam bastar instrumentos

simples, baratos, cómodos, rapidamente forjados, que se pudessem embotar, despedaçar, abandonar e logo substituir sem que isto constituísse um encargo grave no pecúlio doméstico. É este pelo menos o princípio da nossa civilização prudente — que só embeleza com riqueza os objetos reservados à vida, cerimonial. A não ser aquele delicioso presidente, não sei se do Paraguai se da Colômbia, que há anos espantou o Rio de Janeiro com um guarda-sol bordado a matiz e cravejado, no castão e na ponteira, de diamantes enormes, ninguém hoje pensaria em amontoar sobre o seu guarda-sol os lavores e as pedrarias de um cetro.

Ora, para os sanguíneos e os bravios da Renascença, a espada, a adaga, o punhal, a couraça, eram objetos tão

indispensáveis, logo desde manhã, nas ruas e nos campos (mesmo dentro das casas, onde florescia a traição), como é a bengala, ou o guarda-chuva para nós, os anémicos deste século tímido. E, todavia, rara é a arma desses tempos sobre que se não tivesse exercido com ostentação e requinte a arte profusa e subtil do cinzelador e do joalheiro. Há na coleção Spitzer montantes, espadas enormes para descarregar às mãos ambas, armas de grande batalha e não de gala, embotadas e ainda enferrujadas de sangue — que são mais preciosamente trabalhadas do que as joias da rainha de Sabá. O cabo de um desses montantes, de uma madeira rara, esplendidamente esculpida, representa um presépio! Todo um presépio: a creche, Jesus entre as palhas, a procissão dos reis

Magos, S. José que sorri enternecido — adoráveis figurinhas; de uma graça piedosa, que duros guantes de ferro empolgavam com furor. Um artista gastava, na sua escura oficina, um ano de inspiração a produzir uma destas armas — que um aventureiro, depois, esmigalhava em meia hora, entre gritos, sobre o ferro bruto das armaduras.

E o luxo complicado e bárbaro não está só nas armas. O bom Spitzer aí nos mostra uma surpreendente coleção de chaves, que perturba e humilha a nossa singeleza democrática. Este modestíssimo, utensílio, a chave, que o serralheiro da esquina nos forja por alguns tostões, tomava na Renascença as sumptuosas proporções de uma alfaia, tão lavrada e rica como um cálice de altar —

e Benvenuto Cellini fazia chaves. Nem todas elas se destinavam às câmaras dos Médicis ou dos papas. E tal honesto burguês de Florença abria, ao escurecer, a sua porta, perdida num canto de rua lôbrega, com uma chave que hoje príncipes e banqueiros vão admirar com assombro e pagam com centos de libras. E campainhas! E as cobertas de cama! E os cabos de facas! Na coleção Spitzer brilha um renque extenso de facas, de garfos, cujos cabos são delicados, maravilhosos grupos de figurinhas de marfim. Todas estão nuas, todas são amorosas, todas desceram do Olimpo. Aqui temos Vénus escandalosamente enlaçada a Adónis. Além se avista um sátiro que está positivamente abusando de uma ninfa. E aquela se não me engano, é Psique, mais

colada a Cupido do que convém à decência. Em que ceias galantes, de cardeais e cortesãs, se usavam estes talheres licenciosos? Eles não têm armas, não pertenciam a uma casa patrícia e eclesiástica. E era talvez algum sisudo mercador de Veneza, um armador de galeras, que, entre a sua vasta família, dadas as graças ao Senhor, empunhava, para comer a sua honrada *polenta*, estes garfos, onde um artista ainda pagão esculpira, com entusiasmo, a lubricidade dos deuses.

Mas toda esta magnificência da Renascença é conhecida, a teoria histórica que a explica está superabundantemente estabelecida (esse excelente Taine, que acabámos de perder, tem sobre ela centenares de páginas documentadas e

decisivas) — e não é esta a lição que se tira do deslumbrante museu Spitzer. A lição é outra, não nova também, mas que se destaca aqui com especial e triunfal relevo. Através dessas largas galerias, onde rebrilha toda a arte decorativa da Renascença, estão espalhadas, aqui e além, pequenas estátuas de marfim, de madeira, de faiança, de bronze, de épocas diferentes e de sentir diferente, entre os séculos XIII e XVI. Nenhuma pertence à grande estatuária. São imagens de santos, obra de santeiros por vezes ingénuos e por vezes excessivos, provenientes de capelas ou de oratórios fidalgos. Ali temos as esguias e primitivas virgens de marfim, conservando a atitude arqueada do dente em que foram esculpidas, o que lhes dá um ar diáfano e aéreo de aparição,

pronta a remontar aos céus, recostada na redondeza de uma nuvem. Além está um S. Cristóvão, rudemente talhado em carvalho, como compete a um santo que nunca se desprendeu bastante da grossa materialidade da Natureza. Acolá vemos um adorável Menino Jesus, vestido de infante espanhol, de veste de brocado e sapatos bicudos, repoltreado numa poltrona abacial, de couro lavrado, onde adormeceu a sorrir, com a bochecha encostada à mãozinha cheia de anéis — e o mundo, como uma pela, esquecido sobre o regaço. E tão confiadamente dorme, com o orbe assim abandonado, que dá vontade de lhe tocar de leve, de lhe murmurar: «Acorda, meu menino, acorda, que é por tu dormires e te esqueceres dele que este teu mundo vai tão mal!»

Ora, para completar a história desta estatuária de oratório e ligar as épocas, o erudito Spitzer colocou, numa sala mais remota, a um canto, como um apêndice histórico a um livro de arte, uma breve e modesta coleção de terracotas gregas. Nada de extraordinário: apenas quinze ou vinte dessas figurinhas, cor de greda, de roupagens ligeiras, designadas pelo nome vago de tânagras, representando deusas ou mulheres divinizadas, que se vendiam outrora por toda a Grécia nas barracas dos oleiros e se colocavam em nichos, mais por ornato que por devoção, nas paredes dos gineceus. São obras pertencentes à indústria mais que à arte. E é depois de percorrer cinco ou seis salas cheias da exuberante e luxuosa fantasia da

Renascença que o olhar, já cansado, encontra, numa vitrina discreta, estas figurinhas de barro e repousa um momento na sua graça simples e pura. Uma Diana apertando o coturno de caça; Leda sorrindo ao cisne que arqueia o pescoço para a beijar; outra deusa com um espelho caído no regaço; uma ninfa conversando com um fauno sobre um tronco caído — tais são os motivos familiares e singelos destes grupos, que não têm nem um palmo de altura e encerram um infinito de harmonia e de beleza. E esta beleza não deslumbra, nem sacode violentamente a imaginação. E na inteligência que se insinua, que produz uma emoção toda intelectual. A sua influência vem da sua simplicidade. Num corpo que se inclina, em finas pregas que caem, num jeito, numa

linha, surge todo o ideal...

Depois outras salas se sucedem, o olhar remergulha nos esmaltes de Limoges, na aparatosa ourivesaria eclesiástica, nos marfins mais trabalhados que rendas, nas faianças de Palissy, onde os reinos da Natureza se entrelaçam ricamente, em toda essa prodigiosa invenção de formas, e lavores, e recamos, com que a Renascença sobrecarregou todo o profano e todo o sagrado. As estatuetas gregas esqueceram, como esquece a luz de um céu puro se um espalhado incêndio, todo em ouro e púrpuras, de repente rompe e nos ofusca.

Eram apenas quinze ou vinte figuras, e tão pequeninas, alvejando sobre o veludo vermelho, com contornos tão simples!...

Tudo, porém, finda, mesmo a coleção Spitzer. Também o próprio Sptizer findou, podendo dizer como o velho califa de Bagodá: «Gastei cinquenta anos a acumular tesouros, e não levo comigo nem um caco!» Os tesouros do velho Spitzer, que foram o sobre-humano trabalho de toda a sua vida, cá ficaram, para que o martelo do leiloeiro os espalhe agora por todos os caminhos da Terra, como o vento faz às folhas secas. Já esta consideração entristece. E, como toda a arqueologia tem um não sei quê de frio e morto que fatiga e melancoliza, é com prazer que se abandonam aquelas galerias cheias de armas, que já se não usam, e de santos, que já se não adoram, e de in-fólios, que já se não leem, para respirar na Avenida do Bosque o ar da primavera

e a frescura das primeiras folhas, que têm sempre atualidade.

E é então, quando por um dever de crítica e de gosto se procura recapitular e rememorar, conversando, as maravilhas visitadas, que se descobre, com assombro, que nenhuma delas penetrou e ficou isoladamente na memória! Só com esforço, coçando a testa, verificando ansiosamente o catálogo, apelando para as notas dos amigos, se consegue reconstituir, e muito vagamente, sempre com grossas lacunas, a forma de certo relicário, ou as linhas de certo bronze. Nenhuma imagem nítida, que enriqueça o pecúlio da educação artística, se trouxe daquelas vastas galerias, onde, todavia, está soberbamente representado o génio ornamental de uma grande civilização. Há

apenas a impressão rica, mas informe, de um montão de lavores, recamos, ornatos, florões, engastes, lampejos de metais, vidrar duras de faianças, tons mortos de velhos brocados... Cada obra por si esqueceu, com a sua beleza própria. Da coleção imensa só resta, no espírito, a vaga refulgência de um tesouro.

Tudo esqueceu? Não. Nesta difusa impressão, algumas imagens começam logo a destacar, muito precisas, muito claras, dando pela recordação o mesmo encanto que deram pela contemplação.

E são as quinze ou vinte terracotas gregas, as pequenas estatuetas de deusas ou de mulheres divinizadas, que há três mil anos os santeiros de Atenas vendiam por meio dracma. Só essas humildes figurinhas de meio dracma lembram, de

todo aquele museu que vale, pelo câmbio do Brasil, vinte mil contos. E não há movimento, atitude, prega de roupagem, que não nos ficasse na lembrança, indelevelmente. O olhar interior revê, maravilhado, a sandália de Diana, e o gesto de Leda que não repele o cisne, e o repouso nobre com que a ninfa escuta o fauno. Quanto graça, quanta pureza, quanta beleza! E eis aí! De tantos centenares de obras de dois séculos, altamente imaginativas, regiamente instaladas em veludo pelo velho Spitzer, só meia dúzia de figurinhas de barro, saídas das mãos de um obscuro santeiro grego e esquecidas a um canto, nos deixou uma emoção durável. É esta a lição que se tira do museu Spitzer. Não direi mesmo lição, porque nada mais temerário do que

prelecionar sobre questões de gosto e arte. E apenas uma sugestão, mas salutar... Em arte, a copiosa, exuberante, luxuosa e florida fantasia cansa, esquece e passa — e só há eternidade para a beleza pura e simples.

Cozinha Arqueológica

Há dias, folheando os três pesados tomos de Ateneu, pensava eu quanto — através desta nobre, piedosa e filial curiosidade, que nos leva a esquadrinhar toda a civilização antiga, sobretudo a greco-latina, em cada uma das suas manifestações, desde a religião até à jardinagem — tem sido esquecida, ou menos atendida, uma das mais interessantes dessas manifestações, justamente uma das que melhor revelam o génio de uma raça: a cozinha!

Ateneu, que assim me fez lembrar esta injustiça da erudição arqueológica do nosso século, era um tremendo roedor de livros, que, sob Marco Aurélio e Sétimo

Severo, se aplicou a vulgarizar toda a sorte de noções miúdas, e mesmo caturras, sobre boas letras, história, desporto, gramática, etiqueta, comestíveis, etc., numa vasta obra intitulada *Deipnosophistae* ou *Doutores Jantando*. Estes doutores que jantam vão ao mesmo tempo conversando, com gravidade romana e volubilidade grega, sobre toda a coisa sabível, desde as magnificências de Homero até às propriedades da abóbora. Na sua qualidade de doutores, todos eles são inesgotáveis citadores de textos — e nunca arriscam uma afirmação sem a especar com uma citação, ordinariamente de um poeta, por isso que os poetas possuíam entre os Antigos, que acreditavam sobretudo na intuição divinatória, aquela autoridade impecável

que nós hoje, curvados somente ante a experimentação comprovada, atribuímos aos naturalistas. É mesmo por causa destas citações, de que a sua obra está toda incrustada e rebrilhante, que Ateneu se tornou precioso para os filólogos e para os eruditos. Ele salvou e conservou assim os nomes e fragmentos de *setecentos* poetas da Antiguidade, que pereceram todos nesse abominável incêndio das duas bibliotecas de Alexandria, a *Mãe* e a *Filha*, tão injustissimamente imputado ao pobre califa Omar. O incendiário, na realidade, foi o patriarca de Alexandria, Teófilo, horrendo destruidor de livros e de obras de arte, e tão comprometedor como campeão de Cristo que S. João Crisóstomo, quando fala nele, se vê

forçado a velar a face e a chamar-lhe Teófilo Diabo!

Para mim, porém, que não me reclamo da erudição filológica, o que mais me prende nas páginas de Ateneu não são esses Arquéstratos, esses Dífilos, esses Baquílides, esses centenares de poetas que ele citou a tempo, antes que o fogo católico os devorasse — mas as noções e notícias da cozinha grega, romana e alexandrina, as três grandes escolas de cozinha da Antiguidade, que ele nos conservou com enternecido cuidado, prevendo talvez a chegada dos Bárbaros, e para que se não obliterasse entre os homens a arte superior de bem comer. O comer bem foi, com efeito, uma das grandes preocupações do homem antigo, tão grande talvez como servir o

Estado — e assim têm podido assegurar alguns moralistas dispépticos que Roma pereceu pela barriga. Já a Grécia mesma, que era sóbria por temperamento e por educação, elevou a uma alta dignidade a arte da cozinha. Platão não duvidou de a equiparar à oratória: e num dos seus diálogos magníficos envolve nos mesmos louvores os que «guisam e apresentam bem as ideias e os alimentos». Tal era a cultura, o fino engenho, a influência social dos cozinheiros, que a Grécia, resumindo em símbolos compreensíveis e populares as glórias da sua civilização, celebrou ao lado dos seus *sete sábios* os seus *sete cozinheiros*. O maior deles era Aegis, de Rodes, o único mortal que tem sabido assar sublimemente um peixe. Outro era Nereu, de Quio, cuja sopa de congro foi

cantada por poetas e recompensada em toda a Ática com coroas cívicas. Outro ainda, Aftonetes, de Atenas, levantou a tal perfeição a ciência dos molhos que, para o possuir como chefe de cozinha, os reis travaram entre si longas guerras... Para que citar outros? São apenas nomes, nenhum vestígio resta do seu génio adorável. De Sófocles temos as *Tragédias*, de Teócrito as *Éclogas*. Mas onde estão os molhos de Aftonetes?

Se era assim entre os Gregos, simples e metafísicos, que dizer dos Romanos, que Salústio (bastante livre, todavia, nos seus costumes) acusa já de escravos do ventre, *dediti ventri?* A comezaina foi entre eles um poderoso fator social, quase uma razão de Estado. Catão fez decidir a última guerra púnica

mostrando, aos olhos gulosos do Senado, a beleza e o tamanho dos figos de Cartago.

À maneira que se alargavam as fronteiras da república, cresciam em Roma as escolas de cozinha — mais numerosas, já no tempo de Cláudio, do que as de filosofia e de gramática.

O ofício de cozinheiro tornou-se o mais rendoso e um dos mais privilegiados. Era quase um cargo público pelas honras que conferia — e chegou a existir uma corporação de cozinheiros do Estado. Sob Alexandre Severo, os governadores das províncias recebiam, ao partir, entre outras dotações de baixelas, de cavalos, de armas de luxo, um cozinheiro, um cozinheiro oficial, que deviam restituir ao Estado quando findava

o período do seu governo.

Desses cozinheiros, os mais ilustres foram os Apícios, que formaram uma verdadeira dinastia, desde Sila até Trajano. O último Apício, o mais célebre, redigiu enfim o código supremo da cozinha, no seu livro monumental *Da Arte Culinária*. Pouco a pouco, a vida se identificava com a mesa: e a palavra *convivium* já nos dias de Cícero significava indiferentemente a sociabilidade moral, que liga os homens, e o banquete, que os reúne materialmente em torno do mesmo guisado.

De resto, a mesa constituiu sempre um dos fortes, senão o mais forte, alicerces das sociedades humanas. Já os Gregos diziam, na sua linguagem pitoresca e livre, que «a mesa é a

alcoviteira da amizade!» Não só na vida íntima, mas na vida pública das nações, o jantar constitui a melhor e a mais solene cerimónia que os homens acharam para consagrar todos os seus grandes atos, imprimir-lhes um caráter de união e de comunhão social. Outrora não havia fundação de cidade, declaração de guerra, tratado de paz, instalação de magistratura, que não fosse acompanhada e corroborada por um festim. Ainda hoje se não cria um grémio ou um sindicato sem que os sócios jantem, cimentando os estatutos com champanhe e túbaras. As próprias relações do homem com a divindade estabeleceram-se sempre através da comida. O sacrifício da rês, sobre a ara, era uma espécie de merenda espiritual, em que o Deus, atraído pelo cheiro da carne

assada, descia e se tornava acessível ao crente, partilhando com ele das vitualhas santas. O cristianismo, neste ponto, concordou com o paganismo — e a missa, pela consagração do pão e do vinho, é um verdadeiro banquete celebrado entre a terra e o céu.

Ora, por isso mesmo que a cozinha e a adega exercem uma tão larga e direta influência sobre o homem e as sociedades é que eu estranhava, há pouco, folheando Ateneu, que a erudição arqueológica não estudasse de um modo mais experimental e íntimo a cozinha dos Antigos para lhes aprofundar mais completamente a estrutura moral. Diz-me o que comes, dir-te-ei o que és. O caráter de uma raça pode ser deduzido simplesmente do seu método de assar a carne. Um lombo de vaca

preparado em Portugal, em França ou na Inglaterra faz compreender talvez melhor as diferenças intelectuais destes três povos do que o estudo das suas literaturas. O macarrão é por si só o mais instrutivo comentário da história das Duas Sicílias. E, sendo esta uma verdade admitida já desde Montesquieu, porque se tem descurado tão levianamente o estudo prático da culinária greco-latina?

Decerto, não são os documentos que faltam. A mesa e os seus prazeres foram um dos assuntos sobre que se exerceu, com mais afinco, o génio poético e mesmo filosófico dos Antigos. Horácio, filho delicado do Epicuro, não cessou de cantar honestamente a garrafa e o prato. Todo um livro dos *Epigramas* de Marcial é consagrado a celebrar o que se come e o

que se bebe. Com o mesmo cálamo que traçava a *Eneida*, Virgílio compôs um poema sobre os doces de sobremesa. O mais severo dos homens, Catão, dedica páginas graves à couve, às suas variedades, às suas virtudes, à sua ação nos costumes. De uma simples ceia, Petrónio tirou todo um livro. E a *História do Mundo*, do sábio Plínio, é quase uma história universal dos comestíveis.

Também, por isso, não há detalhe exterior que nós não conheçamos, desde que se trate de um jantar romano — sobretudo nas casas luxuosas. Logo as salas nos são familiares, com os seus soalhos de mosaico ou de madeiras preciosas incrustadas de pedras faiscantes, ou de mármore numídico que se juncava de violetas e rosas; com os

seus tetos de cristal, ou feitos de lâminas móveis de marfim, para que de entre elas pudessem chover sobre os convivas aromas ou flores...

Tudo isto é conhecido, assim como as mesas, que se mudavam a cada serviço, umas de cedro, outras de marfim, outras de limoeiro com relevos de ouro, sustentadas por pés de ónix. Uma dessas mesas magníficas custara a Cícero, simples advogado sem grande fortuna, perto de *quarenta contos*. Mas que é isso em comparação dos tapetes de Élio Vero, um elegante enfastiado e doente, que valia cada um *cento e vinte contos?* Do esplendor das pratas e das baixelas, e dos seus preços esmagadores, contam superabundantemente os coscuvilheiros e anedóticos historiadores da *História*

Augusta.

Sobre a etiqueta dos banquetes temos também uma ciência segura; porque ela era tão essencial, de uma tão séria influência na vida pública, que Paulo Emílio, o vencedor de Perseu, considerava igualmente necessário ao homem de Estado, ao verdadeiro romano, o saber organizar uma batalha e dispor um festim. Por isso os tratados abundam, marcando rigorosamente as horas mais favoráveis para um jantar delicado, o número dos convivas (que nunca deve ser inferior ao das graças, nem superior ao das musas), as conversações mais conducentes a uma boa e ditosa digestão (evitando sempre tudo o que se refira a processos ou negócios), a duração dos serviços, a sequência dos vinhos, o

momento dos coros e da música, a ordem das saúdes oficiais e íntimas, os lugares de honra (os lugares *consulares)* nos triclínios, o modo de usar as coroas de flores e a qualidade dos presentes que à sobremesa o anfitrião distribuía ao som das harpas.

E do jantar propriamente possuímos centenas de *menus*. Começava-se sempre simbolicamente pelos ovos: *ab ovo*. E desde logo aqui aparece, a meu ver, a lamentável deficiência da nossa erudição. Nós desconhecemos como se cozinhavam os ovos — ou pelo menos ignoramos o gosto, o sabor especial desses ovos iniciais. E, de facto, ignoramos o paladar de todos os pratos da alta cozinha clássica. Neste nosso fecundo período de reconstituições históricas,

ainda não apareceu um cozinheiro bastante douto que acendesse os seus fomos e refizesse um jantar romano, segundo as receitas da *Arte Culinária* do grande Apício. Os arquitetos têm reconstruído, com um saber forte e sagaz, os templos, as casas de cidade e de campo, as ornamentações dos jardins, os próprios sistemas de esgotos. A pintura tem ressuscitado em telas tão minuciosas que cada pincelada resume um tratado, todos os aspetos do viver greco-latino: as ruas, os mercados, as lojas; uma primeira representação num teatro; a Via Ápia, à tarde, à hora do passeio; a leitura pública de um poeta no Foro; uma sesta luxuosa nas Termas... Armas, carruagens, trajes, mobílias, joias, tudo está modelado com paciente perícia. Toda a civilização

material e sumptuária da Antiguidade a podemos ver, palpar, usar. Só não tratámos ainda de conhecer o sabor dos petiscos que comeram Lúculo ou o vasto Vitélio.

Há aqui uma lacuna crassa. E tanto maior quanto o sabor de um pitéu nos dá uma ideia mais completa do povo que o prefere do que a forma de uma lança ou de um jarro. O homem põe tanto do seu caráter e da sua individualidade nas invenções da cozinha, como nas da arte. O Pártenon, a Vénus de Milo e as *Anacreônticas* dão menos ideia da doçura, da graça, da delicadeza, da ligeireza dos Atenienses do que aquela sua sobremesa tão predileta e que consistia em maçãs cozidas desfeitas em mel, depois cozinhadas em folhas de rosa.

E não basta afirmar doutoralmente que o imperador Maximino preferia o pato, que Alexandre Severo só se alimentava de lebre, que Augusto era um amador constante de pescadinhas, que Albino comia quatrocentas ostras, que Adriano tinha por prato favorito a empada de pavão, que Tibério se deleitava no pepino, que na mesa de Górdio II havia todo o ano maravilhosos melões e que Tácito amava ainda mais a salada do que a verdade. O interessante seria conhecer o preparo e o sabor destes pratos diversos, e reconstituir, com todos os seus condimentos, as pescadinhas de Augusto e o pepino de Tibério. Logo por esta paixão do pepino está Tibério explicado, se acreditarmos no ilustre Dífilo, que, mais que nenhum antigo, possuiu a ciência dos

legumes, e que afiança que o pepino produz «bílis, sentimentos amargos e misantropia». Nesta apreciação do pepino está Tibério todo revelado. E o povo romano não se revela ele também, todo inteiro, naquele petisco chamado *moretum*, que era uma paixão nacional e sobre o qual Virgílio, como poeta nacional, rimou um poema?

O *moretum* era um guisado, uma moxinifada genial, em que entrava galinha, peixe, queijo, frutas, legumes e carne migada! E tudo isto se fundia, se unificava, fazia um petisco imortal. Quem não vê aqui manifestar-se o próprio génio de Roma, cujo esforço foi sempre criar a unidade na universalidade? O *moretum* é o mais profundo e eloquente símbolo da história política e social do império.

É pois urgente que, como um elemento de crítica, reconstituamos a cozinha antiga.

Nada mais fácil, tendo um avental, um forno, e a *Arte Culinária* de Apício.

Eu não possuo nem conheço este tratado venerável. Mas, através de ténues e modestas leituras, tenho recolhido algumas receitas, suficientes para aqueles espíritos curiosos que queiram investigar sem cansaço, sem extensos estudos, esta feição do génio antigo.

Marcial ou Aulo Gélio, não recordo qual, assegura que um bom jantar pode constar de um peixe, um bolo ou pudim e uma garrafa de vinho. Era este um jantar muito usual na Grécia, e depois, em Roma, para a gente azafamada ou sóbria, que queria comer rapidamente, sem

despesa e sem pesadume. Equivale ao jantar moderno, em Paris ou Londres, engolido à pressa antes do teatro, mesmo no mundo do luxo, e que se compõe de uma sopa, de uma costeleta, de uma fruta e de meia garrafa de *Bordéus*. Pois eu sei como se cozinhava este jantar em Atenas ou Roma, aí pelos tempos de Augusto e ainda mesmo sob os Antoninos. O peixe, por exemplo, pode ser uma tainha. E aqui está como ela se prepara, ó estudiosos! Tomai essa tainha. Escamai e esvaziai. Preparai uma massa bem batida, com queijo (que hoje pode ser parmesão), azeite, gema de ovo, salsa e ervas fragrantes, e recheai com ela a vossa tainha. Untai-a então de azeite e salpicai-a de sal. Em seguida assai-a num lume forte. Logo depois de bem assada e alourada,

humedecei-a com vinagre superfino. Servi — e louvai Neptuno, deus dos peixes.

O outro prato, pois que se trata de um festim ligeiro, pode ser um queque ou pudim feito pela receita do ilustre mestre Crisipo. Tomai duas ou três alfaces, bem repolhudas. Lavai e enxugai. Deitai vinho dentro de um largo almofariz e pisai, mortificai nele as folhas de alface. Passai por um ralo para que todo o líquido se escoe; e à alface assim machucada no vinho, juntai farinha de trigo, uma pouca de manteiga e pimenta. Pisai de novo, até obterdes uma massa firme. Dai a esta massa a forma de um bolo chato e redondo. Colocai-o na frigideira com azeite, e frigi em um lume vivo. Toda a Antiguidade considerou este bolo uma delícia, e chamava-se *catillus ornatus*.

Não sei se gostareis. Era um prato dileto de Pompeu.

Poderemos depois findar, se quiserdes, pela famosa empada de rosas. Era um acepipe muito usado em todas as festas do culto de Vénus. Para o realizar, descei ao jardim, colhei as rosas mais largas e as mais cheirosas. Pisai-as no almofariz. Ajuntai miolos de galinha, de pombo e de perdiz, muito bem cozidos, e depois de os terdes desembaraçado das mais pequeninas fibras. Acrescentai ainda duas gemas de ovos, um fio de azeite puro, pimenta e vinho velho, de *Malvasia*. Depois de ter bem mexido tudo, até conseguir uma massa leve e fina, deitai numa caçarola nova de barro, e colocai sobre um fogo lento e contínuo. Logo que a superfície se aloure, servi. Por toda a

sala se espalhará um aroma de rosa — e a vossa alma bendirá Apício Célio, criador desta maravilha.

E já que tivemos rosas em empada, porque não beberíamos o famoso vinho rosado? As receitas para o fazer diferem — mas a mais simples e rápida é a de Pausânias. Desfolhai um ramo de rosas, guardai-as durante um dia e deitai-as dentro de dois ou três litros de vinho velho (de *Bordéus*, hoje). Ao fim de três ou quatro semanas, juntai um arrátel de mel. E se pensais que o gosto e o saber de Heliogábalo podem ser seguidos com confiança, acrescentai ao vinho, horas antes de o beberdes, um punhado de pinhões esmagados, como fazia esse esplêndido e imperial estroina.

Aí está, pois, um muito fácil e

acessível jantar greco-latino. Para o saborearem condignamente, e com proveito crítico, os convivas deverão estar reclinados num triclínio e coroados de flores. Com um sofá e uma coberta de seda, arma-se um triclínio suficientemente romano-. Não considero a toga ou o laticlávio indispensáveis. Um simples *robe de chambre*, de estofo macio e delgado, reproduz, com tolerável exatidão, as amplas comodidades da roupagem clássica. Sobre o que convém exercer vigilância é sobre os assuntos de conversação — e para isso reler de antemão as *Simposíacas* de Plutarco, que são um tratado superior do regime intelectual a seguir durante um banquete. O grande moralista debate aí e resolve quarenta e cinco questões consideráveis.

A décima segunda é esta: «Quais são os gracejos permissíveis ou inaceitáveis durante um jantar?» A décima terceira rola sobre outro ponto importante: «Devem-se tratar à mesa matérias filosóficas?» A décima quarta versa sobre outra dúvida, ainda mais grave: «Convém falar, ao jantar, de política?»

É de alta prudência estudar estas páginas das *Simposíacas* antes de reconstituir o festim greco-romano. Mas bem absorvida que seja a sua doutrina, e se os pratos forem cozinhados com reverente exatidão histórica, eu penso que os estudiosos que celebrarem este festim realizarão um dos mais úteis, mais práticos e mais decisivos estudos que se têm tentado sobre as civilizações antigas.

Desenterrar do subsolo de Roma

ou Delfos mais uma estátua, imprimir um papiro, achado entre velhos códices de um mosteiro do monte Atos e contendo a *Constituição de Atenas*, de Aristóteles — de que vale? E mais um mármore, é mais uma teoria. Mas verificar enfim o sabor do *catillus ornatos* e da empada de rosas; reconstituir o estado especial de espírito que produzia a cozinha greco-romana; ressuscitar por um momento a disposição, as ideias, as emoções de um antigo, jantando — eis aí um incomparável serviço feito ao estudo do passado. E não creio que possa, no atual momento das ciências arqueológicas, haver investigação mais digna de ocupar uma inteligência culta. Já vastamente explorámos a Antiguidade nas suas letras: é tempo de a esquadrinharmos nos seus

petiscos.

Que os estudiosos, pois, fechem os livros — e preparem as caçarolas.

As Rosas

1

Estamos no mês de maio — e convém falar de rosas. Quando na poesia, como num reino bem organizado, havia classes e uma pragmática, era a corporação venerável e ligeira dos *Poetas da primavera* que celebrava pontualmente nesta fresca mocidade do ano, com o coração contente e a lira fácil, a chegada das rosas. O poeta, nesses tempos arcádicos, corria constantemente por outeiros e prados, como o antigo Silvano, atento só às belezas simples e compreensíveis da Terra. Hoje, nesta anarquia que baralha as classes, o poeta invadiu a alma humana, desalojou dela os filósofos, seus caseiros hereditários desde

Platão, e é ele quem tece a teia da psicologia e sopra a braseira da metafísica, de onde se elevam tão densos, tão enrolados fumos... Nos sítios tradicionais da poesia, entre as relvas, junto às fontes, sob as sombras, .já se não encontra um poeta. Estão todos encafuados dentro da alma.

E neste ano da graça de 93, neste mês de maio, de tão suave esplendor, foi um erudito, um gramático, um professor da Universidade de Aix, autor da *Fonética Normanda* e das *Funções da Letra C nas Línguas Românicas*, que, por falta de poetas, teve de celebrar as rosas num tomo ponderoso de quinhentas páginas, repleto de notas, em que narrou todos os empregos da flor adorável através dos tempos, na poesia, na

arquitetura, no culto, na mística, na farmacopeia e na culinária! Assim a ciência vai usurpando as mais preciosas funções da poesia. São agora os astrónomos, e não os poetas, que penduram sonhos na Lua e nos raios das estrelas. E é um velho filólogo que se torna bucólico e que celebra as glórias da rosa.

Ela merece realmente ser cantada, porque nunca houve flor, entre as flores, com uma carreira mais triunfal. Em tudo o que profundamente interessa o homem, o amor, a religião, a guerra, a lei, a morte, se achou sempre envolvida a rosa — e a civilização inteira está repassada do seu perfume. E todavia ela não pertence à grande aristocracia floral, como a açucena ou o loto. Os seus pergaminhos, as suas

cem pétalas, são recentes — e existem na Índia, nas faldas do Himalaia, príncipes com genealogias mais remotas que a da rosa. Os *Vedas* não a mencionam; e os Árias, tão sensíveis a todas as forças e graças da Natureza, decerto teriam entrelaçado a rosa nos seus hinos sacros e nos seus rituais, se ela florescesse no vale feliz de Septa-Sindhu. Nos monumentos do velho Egito, onde os escribas gravaram cuidadosamente toda a flora faraónica, não se descobre a roseira entre os arbustos nutridos pelas águas benditas do Nilo. Os velhos hebreus, nos primeiros tempos da Bíblia, pelo menos até ao cativeiro de Babilónia, não conheceram também a rosa; e se Raquel e Rebeca se toucavam de flores, era de anémonas, desses lírios vermelhos dos campos, que

Jesus depois considerava mais vistosos e ricamente trajados que el-rei Salomão em toda a sua magnificência.

A rosa aparece no mundo grego com Homero. Mas é ainda a rosa plebeia, silvestre, de cinco folhas, que nasce nas sebes. Homero mesmo não a apresenta como uma flor de beleza, mas de utilidade — uma humilde planta medicinal, de que se extraía esse óleo com que Afrodite, na *Ilíada*, unta o corpo de Heitor. É só verdadeiramente com Píndaro, com Arquíloco e com o augusto *Hino a Deméter*, que a rosa, já perfeita, com as suas cem pétalas, todo o seu aroma e muitos dos seus espinhos, entra na vida dos homens e dos deuses, e enceta as suas aventuras maravilhosas.

Uma das primeiras foi a sua

mudança de cor. A rosa, primitivamente, quando nasceu nas lânguidas praias de Citera, sob os pés de Vénus, que, nesse sublime momento, imergia da espuma das ondas e pisava a tenra — era branca como os pés que a faziam brotar. Foi depois o sangue de Vénus que a tornou vermelha, uma tarde em que a Deusa, na Síria, correndo em socorro do seu lindo Adónis, ameaçado por Marte (sempre bestial e truculento), espetou o pé nos espinhos de uma roseira. Este caso lamentável foi testemunhado por muitos deuses e depois por eles contado, sob os arvoredos do Olimpo, a Hesíodo, a Bion e a outros poetas, que o espalharam logo, em versos indiscretos, por todas as ilhas da Jónia. Assim nascida do pousar do seu pé divino na terra humana, e tornada vermelha pelo

seu sangue, a rosa ficou sendo para Vénus a flor bem-amada e filial.

A afeição de Vénus pela rosa foi imediatamente partilhada pelos deuses — para quem as preferências de Afrodite constituíam sempre ditames supremos. E tanto amaram a rosa que criaram num vale da Frigia esse incomparável jardim chamado Jardim de Midas, onde só cresciam roseiras e que espargiu o seu aroma sobrenatural por toda a antiguidade pagã. Era de ouro a grade que o fechava; e as ruas que lhe dividiam os maciços tinham sido areadas pelos coribantes com o pó de coral e de diamante. Com tanto zelo o jardinavam os deuses que Baco não confiava a ninguém o cuidado de regar o glorioso vergel. E poetas privilegiados, como Anacreonte e Propércio, puderam

ver muitas vezes pelas sestas de maio o grande deus da uva, o conquistador das Índias, com um regador de ouro nas mãos possantes, dando de beber às rosas uma água de admirável pureza, que as náiades conduziam da fonte Castália. Neste jardim colhia Vénus as rosas que costumava mandar àqueles mortais perfeitos por quem bruscamente e doidamente se namorava, nos seus passeios pelas colinas pastoris da Hélade. Foi também no Jardim de Midas que Sileno, vindo da Trácia, tomou essa espantosa bebedeira que durou cem dias e em que delirou tão escandalosamente, e em tantos arremessos lascivos investiu contra as deusas que Marte e Mercúrio tiveram de o amarrar, espumante e rubro, a um grosso pé de roseira, com cordas de púrpura, que ainda

viu o velho Heródoto. Júpiter descia por vezes familiarmente, sem águia e sem raio, a este jardim terrestre — e era aí que Mercúrio e Ganímedes lhe segredavam os nomes e as moradas das mais lindas virgens da Grécia e da Ásia. Ali vinham também, à hora do orvalho, as nove musas tecer as suas coroas de rosa. E era tão penetrante a influência deste jardim que no monte Bórmio, seu vizinho, nunca invernava, os lírios silvestres floriam mesmo em janeiro, e os pastores, que pelas suas encostas guardavam os gados, conservavam até aos cem anos a flor da sua mocidade.

2

Esta ditosa flor, assim preferida e honrada pelos deuses, foi bem depressa adorada pelos homens. O douto autor das *Geopónicas* começou por estabelecer neste tratado das coisas rurais, como princípio botânico, que «a rosa é de natureza divina». E Anacreonte não tardou a exclamar, enternecido: «Que seria a humanidade sem a rosa?»

A humanidade, nesses tempos, já arranjava as rosas em coroas e grinaldas. Foi Jano (o das duas caras), esse benéfico civilizador, que inventou a arte gentil de colher e juntar as flores em ramalhete. Mas foi uma certa Glícera, ramalheteira de Ciros, que criou o *ramo*, o verdadeiro

ramo atado com fitas, o ramo da afeição, o ramo de festa, o terrível *bouquet* que tão despoticamente se implantou nos hábitos cultos, e que, pelo preço a que subiram as flores (quatro rosas espetadas em arames e presas por um barbante custam em Paris seis mil réis), esmaga e desorganiza o orçamento do homem sociável! Glícera, destra ramalheteira de Ciros, porque não deixaste tu as flores onde elas mais felizes estavam, nas suas hastes airosas, embaladas por Zéfiro, filho da Aurora?

Ao menos, nessas idades ditosas, os ramos só se ofereciam aos deuses. E com tal generosidade que o velho Pausânias (não o vencedor de Plateia, mas o outro, o que escreveu a *Descrição da Grécia)*, indo a Talamas, na Messénia,

visitar uma afamada estátua de Ino (que era uma deusa do mar) não lhe pôde ver as formas, afogada como estava até aos ombros em densos montões de rosas.

O culto na Grécia e na Itália punha o seu luxo na profusão das rosas. Rosas em torno às imagens e juncando as aras. Rosas coroando os áugures e pontífices. Rosas sobre o dorso e nas pontas das reses votivas. Rosas em festões, de coluna a coluna, rosando a palidez dos mármores.

Nas festas chamadas Rosálias, dedicadas a Vénus, nas calendas de maio, todas as cortesãs de Roma, envoltas em véus amarelos, numa procissão lasciva e devota, ao som lento das cítaras, iam levar à Grande Deusa, sua padroeira, as primeiras rosas do ano.

Era como a proclamação sacramental da primavera e do amor. Numa outra das lindas festas rurais da Itália, as de Dea-Dia, deusa da lavoura e dos campos, a confraria dos Freires Arvales ofertava, nos altares, pães cobertos com rosas, e depois da oblação, quando se dispersava gritando a palavra de bom agoiro: *Feliciter! Feliciter!*, ia atirando pelas ruas e sobre o povo, às mãos-cheias, as rosas que o contacto do altar tornara sagradas. Em maio, todos os lares domésticos eram enfeitados com rosas. E não havia colono na terra pagã que, ao primeiro bafo dos zéfiros quentes, não pendurasse um ramo de rosas à entrada da sua cabana, ou do tronco rude do deus dos hortos, ou entre os cornos de Pã.

Pouco a pouco, como a filosofia vinha afirmando à alma do homem que ela é imortal, à maneira dos deuses — estas grinaldas e capelas de rosas, que se davam somente aos imortais, começaram a ser ofertadas aos homens, sobretudo às mulheres, pelo que nelas havia de divino. A rosa tornou-se em breve a flor oficial do amor. Era em forma de coroa que as rosas se depunham, no fresco alvor da madrugada, à porta da bem-amada, para lhe honrar e ornar a casa como um templo. A coroa de rosas recolhida significava da parte dela um «sim» de doce promessa. As rosas deixadas fora desdenhosamente, a murchar ao pó e à chuva, exprimiam o amargo «não».

Tíbulo, numa das suas elegias, lança em rosto a uma insensível dama a

imensa e dispendiosa quantidade de coroas que ele depusera em vão no limiar da sua morada. Esta amontoação de rosas desprezadas, apodrecendo à porta das matronas, chegou mesmo, no tempo em que se conservava nos lares romanos a. tradição forte das Lucrécias e das Pórcias, a inquietar os edis, responsáveis pelo asseio das ruas — e a virtude doméstica foi. a desolação dos varredores urbanos, quase todos escravos asiáticos e (oh!, humilhação!) lusitanos! Depois, com o declinar da república e dos costumes, todo o ramo de rosas depositado a uma porta com o nome do namorado (e o endereço) era vivamente arrebatado para dentro por belas mãos complacentes.

Já se não encontrava nas ruas uma rosa morrendo ao abandono. O austero

Juvenal rugia: mas que repouso para os edis e para os Lusitanos, nossos avós!

Além das declarações de amor serem assim silenciosamente feitas por meio de rosas, toda a entrevista de amor, na sociedade culta, devia ser poetizada e perfumada com rosas. A dama que ia encontrar nalgum bosque votado a Vénus, ou num cubículo do Velabro, o seu amante, levava uma grinalda de rosas na mão, uma rosa solitária na cintura, e ao avistar aquele por quem ia ofender o amável deus Himeneu atirava-lhe à face, docemente, um punhado de rosas soltas. Depois...

Mas passemos, abafando os passos... Deixemos o par no seu êxtase — e que as rosas do Lácio lhe sejam leves!

Se a rosa estava assim associada

ao cerimonial dos amores, não presidia menos profusamente à composição dos festins. O mundo antigo comia entre rosas. Coroas de rosas nas cabeças frisadas ou calvas dos convivas; cordões de rosas, a tiracolo, alegrando a túnica escura dos escravos; festões de rosas nos muros de mármore cor-de-rosa; rosas tapetando o chão; rosas alastrando a mesa; pétalas de rosa flutuando no vinho; chuva de rosas chovendo dos tetos e dos velários, ao estridor ardente das liras. Mesmo uma parca merenda no campo não se fazia sem luxo de rosas. O simples e honesto Horácio consente em que tudo falte na sua mesa rural menos o aroma e brilho das rosas. «Sim, meu Délio», canta ele, «jantemos sobriamente, à sombra de um pinheiro, na relva bem verde, junto de um

regato sussurrante, e que não haja senão um prato e uma ânfora — mas braçadas de rosas!»

Roma chegou a ter o vício das rosas — e o império todo sufocava deliciosamente no seu perfume. Verres, aquele que Cícero tão famosamente verrinou, só sabia viajar numa larga liteira cheia de rosas de Malta, coroado ele de rosas, com festões de rosas a envolver-lhe o corpo, e levando na mão um saco de rede recheado de rosas, que a cada instante apertava sobre a face para sorver até à alma o aroma — alma da flor. E Roma toda se abandonava às rosas, com a voluptuosidade de Verres. O super-requintado Élio Vero não podia adormecer senão sobre camadas de rosas. Outros elegantes forravam as câmaras

desde os soalhos de cedro até aos tetos ebúrneos de rosas de Pesto. Galiano, quando foi imperador, mandava juncar todas as manhãs as salas e os pórticos da Domus Palatina de braçadas de rosas! O delicioso Heliogábalo, nos seus acessos de animalidade estética, espolinhava-se e foçava sobre montanhas de rosas!

Nestas convivências efeminadas e sensuais, a pobre rosa arriscava grandemente a sua reputação. Espalhada por sobre leitos pouco castos, debruçada dentro das ânforas orgíacas, entrelaçada nos cabelos das servas de Vénus, ela poderia bem ficar na história e na memória dos moralistas como a flor da libertinagem. Felizmente para ela, a rosa, através de todas as suas fraquezas nunca deixou de andar ligada a duas coisas

graves e fortes — a guerra e a morte.

Não havia triunfo sem rosas; e nenhum funeral seria sentido e piedoso sem que as rosas nele recordassem a fragilidade da vida. A coroa de rosas era devida, mesmo mais que a de louro, a todo o vencedor de uma batalha; e a ilustre flor, vezes sem conta, recompensou a salvação da república. As galeras vitoriosas, ao entrar no porto, traziam a alta proa enfeitada de festões de rosas. E nos cortejos triunfais uma das alegrias era a chuva inumerável de rosas, caindo de todos os terraços sobre o carro lento, em marcha para o Capitólio.

Para os mortos, a rosa era a flor consoladora. O corpo ia coberto de rosas como para um supremo noivado: e a piedade dos parentes e dos amigos nunca

deixava as sepulturas sem roseiras que a florissem... A festa das Parentálias, celebrada em memória dos mortos, era em maio, para que estivessem já abertas as rosas, que depois do banquete funerário se levavam em cestos, se desfolhavam lentamente por cima das sepulturas. A esperança dos que se sentiam morrer era que sobre a sua lápide nunca faltassem rosas. Para que não escapasse esta consolação aos seus manes, muitos deixavam pingues legados.

Uma dama, Cláudia Severa, no seu testamento, destinou doze contos para que as rosas no seu túmulo fossem sempre as mais belas da Campânia. E aqueles que não eram ricos faziam gravar nas campas uma súplica, pedindo ao viandante a doce esmola de uma rosa:

Sparge, precor, rosas, supra mea busta, viator!

Conservando assim estas nobres atribuições, flor de glória e flor de piedade, a rosa escapou ao desdém dos moralistas. Mas o que verdadeiramente a salvou foi a literatura. Por isso mesmo que tanto a amavam, os poetas foram levados a comparar a rosa, rainha de graça na Natureza, com a mulher, rainha de graça também e também flor da humanidade. Logo entre os líricos gregos a rosa, por causa do seu botão, foi proclamada emblema da inocência. Mas aí teve de manter uma luta desesperada com a açucena. E esta rivalidade entre as duas nobres flores, que transparece já no

antigo *Hino a Ceres*, ambas reclamando privilégio de representar na arte a candura, a frescura da virgem, só verdadeiramente acabou na poesia latina, em que a açucena ficou definitivamente simbolizando a pureza virginal e a rosa o rubor, ainda pudico, mas já amoroso e ardente. Desde então não houve formosura ou virtude da mulher que não fosse comparada à rosa, assim tomada pela poesia a suma e o arquétipo da perfeição, onde se resume tudo o que pode encantar o olhar e a alma. Ela é, dirão os poetas, a tentação dos mortais, o enfeite da terra, o amor das graças, a alegria dos deuses... Assim, antes da Virgem, a rosa possui já a sua ladainha adoradora. Filóstrato declara-a, com horrenda ênfase, «o olho do mundo!» Outro, mais rebuscado, diz «o

astro das flores».

As próprias belezas da Natureza, ainda as menos concretas, são comparadas à rosa e à sua cor adorável. São de *rosa* os famosos dedos com que a Aurora, durante dezassete séculos de poesia, abriu as portas do Oriente. É de rosa o vapor que se exala dos cavalos do Sol, fumegando no seu galope faiscante. É *róseo* também o carro em que a Lua rola silenciosamente nos céus noturnos... De facto, quando os poetas latinos querem louvar qualquer forma do ser, ou pela sua força, ou pelo seu brilho, ou pela sua doçura, chamam-lhe *rósea*. Para Valério Flaco, um moço formoso é *róseo*. Claudiano, impressionado com as margens do Douro, lança-lhes imediatamente o inesperado epíteto de

róseas — quando bem devia ver que, feitas de granito e de vales escalvados, crestados do sol, elas eram pardacentas ou lívidas.

Assim Roma, na sua poesia e na sua vida, delirava pelas rosas. Para saciar esta paixão, toda a Itália se cobrira de bosques de roseiras. As mais célebres, por serem as mais vermelhas e perfumadas, floriram em Pesto, em Preneste e na Campânia. Mas mesmo pela beira do mar, de Taormina à Sicília, toda a costa era um lindo roseiral. O império envelhecia afogado em rosas. E longe, para além das fronteiras do Reno e do Danúbio, os Hunos, os Ávares, os Vândalos, sob os céus cinzentos, nas suas cabanas baixas, à beira das lagoas, dilatam já a narina ávida e brutal a esta

fragrância imensa da rosa romana...

3

Antes, porém, que os Bárbaros descessem, já a rosa atravessava uma crise difícil — a sua crise cristã.

Flor dos deuses, tendo participado de todas as delícias da carne pagã, ela não podia deixar de ser suspeita aos primeiros doutores da Igreja, que fixaram, como a nova doutrina, os novos costumes.

O cristianismo, a princípio, foi uma religião triste, indigente e nua. As suas assembleias eram de noite, em cavernas, nos cemitérios, em cubículos de ruas escuras — e os fiéis, encolhidos numa pobre túnica, com os cabelos em desalinho, sujos por excesso de espiritualismo, vinham ali menos para

celebrarem as esperanças do céu do que para gemerem sobre as dores e a maldade da Terra. Nos seus banquetes, os famosos ágapes que constantemente celebravam (porque quase todos se recrutavam nas confrarias de mesteirais, onde o banquete comum era a mais querida das tradições), a melancolia alternava com a violência, e o pão, o peixe frito, acepipe da plebe em todas as cidades mediterrâneas, era engolido, se acreditarmos as narrações de S. Paulino e de S. Cipriano, entre queixumes e desalentos, ou entre furiosas brigas teológicas. Mesmo o amor com que o novo misticismo excitava a lascividade pagã era neles sombrio e funerário — e quase sempre tinha por leito as lápides dos cemitérios. Nesta tristeza fundamental, base da doutrina, não havia

realmente lugar para a rosa alegre de Baco e de Vénus. E desde logo, com efeito, ela e as suas pétalas, e a sua cor, e o seu perfume, foram banidos da Igreja, que assim surgia entre lágrimas. Tertuliano começou por fulminar, com toda a dureza do seu latim de África, num amargo panfleto intitulado *De Corona*, todos os ramos e grinaldas, emblemas de prazer e festa. Logo depois S. Clemente de Alexandria, no seu *Pedagogo*, ataca mais diretamente a rosa como a grande efeminadora das almas. O velho Prudêncio exibe como prova da sua virtude o seu desdém das rosas, e felicita por verdadeiros e fiéis servos de Deus aqueles que a destruírem como planta venenosa. Assim a Igreja se arma toda — e lança a roncante falange dos seus

doutores contra uma fraca flor delicada.

Felizmente, nesses primeiros tempos, ela conservava a proteção, o carinho inteiro dos imperadores e dos pontífices. Era ainda a flor do Senado e do povo romano. Em todas as instituições civis e religiosas, ainda pendiam magnificamente as grinaldas de Pesto... Mas eis que uma tarde, junto de Cremona, Constantino, marchando contra Maxêncio, vê de repente, por cima do Sol que declinava, a cruz, essa famosa cruz, toda de ouro, aureolada pela promessa divina em letras de ouro: *In hoc signo vinces!* Tarde fatal para as rosas! Nela começou realmente a debandada dos deuses. Dentro de anos, já não haverá na Itália um templo livre e seguro onde se possa ofertar uma pomba a Vénus. Jesus de Nazaré (ou

antes, o Jesus do Concílio de Niceia), até aí perseguido, errante pelas catacumbas e pela névoa dos cemitérios, está instalado na Domus Palatina, lança éditos de dentro do Senado — e sobre o Capitólio negreja uma cruz nova e de ferro. Uma manhã, sob a presidência de Teodósio, o último refúgio da crença pagã e do patriotismo romano, o altar da Vitória, é destruído entre a imensa e rancorosa alegria dos bispos, que batem nos fragmentos de mármores com os seus báculos já duros. No céu, lavado das últimas nódoas de ambrósia, triunfam as virgens e os mártires. E na Terra, enfim, a derradeira ninfa foge dos campos do Lácio levando escondida no seio a derradeira rosa votiva.

4

Decerto esta crise foi terrível para a misérrima rosa. Mas outra, mais decisiva, quase mortal, se acercava — porque de todos os lados a forte estrutura do Império Romano se fendia, e os Bárbaros vinham entrando. Até aí ela era uma pobre flor decaída, despedida com ignomínia dos altares e das instituições. Proclamada outrora, pessoalmente por Júpiter, em concílio dos deuses, *Rainha das Flores* (segundo afirma Ausónio), ela perdera o seu trono e reentrava na obscuridade silvestre. Mas, ao menos, continuava pacificamente a florir nos vergéis e nos prados, onde o velho Zéfiro, à tarde, vinha fielmente conversar com ela

dos esplendores passados. Já os pontífices a não colhiam de madrugada com a foice de prata para perfumar e tornar mais santas as aras de Afrodite. Já, em dias de triunfo, coroando a fonte de um César ou de um Paulo Emílio (ou mesmo de um cocheiro vencedor do seu circo), ela não partilhava das aclamações de Roma. E nunca mais entrara na Domus Palatina! Mas vivia, corada e sã (o que é melhor para toda a flor que tenha uma compreensão real e naturalista da vida) — e recebia, como na sua idade ditosa, a carícia dos orvalhos, e podia sentir, nos beijos longos e lentos do sol, que Febo lhe era constante.

Agora, porém, a pobre rosa estava ameaçada na sua existência material — na sua raiz, na sua semente, em cada uma das

suas pétalas, outrora bafejadas pelos deuses. Os Bárbaros desciam inumeráveis e devastadores. Era como se sucessivas manadas de touros bravios investissem, furiosamente, pelas portas indefesas e abertas do palácio da civilização. No mundo, durante três séculos, não se ouviu senão o fragor melancólico da grande obra greco-latina ruindo aos pedaços. Hunos, Finlandeses, Sicambros, Visigodos, Suevos, Ostrogodos, hordas após hordas, rolavam do norte e do leste, e, entrechocadas, arrancavam furiosamente, umas às outras, os farrapos da sociedade antiga.

Quem dirá o incomparável desastre? Povos inteiros, pacíficos e cultos, desapareciam como formigueiros varridos. Claras cidades de luxo e

repouso eram apenas montões de cinzas fumegando. Dos campos, tão sabiamente cultivados pelos preceitos de Varro e Columela, restavam apenas charnecas, onde uivavam os cães famintos. Todo o saber, toda a arte, jaziam apagados, espezinhados, como tochas sob pés brutais. Na imensidade do desastre, onde iam as pobres rosas? Se a erva da Gália, tão vivaz e dura, secava sob as patas da égua de Atila, como poderiam resistir as rosas? Ao cabo de trezentos anos, não restava um jardim em toda a Itália. Como se conservariam jardins, se já nem existiam searas? Em cada cinquenta anos, havia quarenta anos de fome. Fome tão dura que se comia carne humana. E através desta imensa desgraça do mundo que decerto ia findar, sempre pelos vales

assolados, em longas filas, com os chuços altos, as fêmeas fortes e brancas apinhadas nos carros estridentes, os molossos latindo — hirsutos, fétidos, os trapos em sangue, passavam e repassavam os Bárbaros.

5

Passando assim e repassando nos vales, os Bárbaros avistavam sempre, nas alturas, grossas e tristes muralhas encimadas por uma cruz. Eram os mosteiros. A princípio subiam ao monte, arrombavam as portas a machado. Depois, convertidos, ajoelhavam nas lajes, para tocar nas relíquias santas. Dentro desses muros, assaltados ou transpostos com reverência e temor, encontravam silenciosas arcadas, homens com a face pálida sumida no capuz traçando linhas sobre pergaminhos, uma capela escura, e ao fundo, para além do poço, um horto onde se erguia, entre ervas aromáticas ou medicinais, um arbusto coberto de flores

vermelhas que os Bárbaros não conheciam.

Era a rosa — a rosa greco-romana que, no vasto desastre, encontrava entre os monges um refúgio seguro e doce. Ali estava escondida na clausura com os outros restos da grande civilização destruída — esses rolos de pergaminho que os monges pensativamente reliam e copiavam. Assim se tinham salvado as glórias e as graças da sociedade antiga — e a rosa sobrevivera, por cuidado da Igreja, com Horácio que a cantara.

Os chefes bárbaros respiravam com delícia aquela flor singular. E quando, acalmada como uma derradeira vaga a derradeira invasão, a barbárie tendeu à estabilidade e se edificaram burgos, e os chefes começaram a erguer

nos cimos, ao lado ou defronte dos mosteiros, os seus fortes castelos, não se esqueceram de ir buscar ao horto monástico a flor de linda cor e de rico aroma, que os maravilhava. Foram os chefes merovíngios, na sua admiração pela vida romana, que primeiramente traçaram e cultivaram o novo jardim feudal. E já o poeta Fortunato, no século VI, celebra os rosais da rainha da Austrásia, todos cobertos em maio de rosas, «que embalsamavam como se viessem do Paraíso!» Enfim Carlos Magno desce a Itália, entra em Roma e recebe aí a revelação das artes, dos palácios, das magnificências e das delicadezas da vida.

As suas residências de Ingelheim e de Aix-la-Chapelle são, por sua ordem,

adornadas de pórticos, de vinhedos, de jardins. E, no seu entusiasmo, o grande imperador da barba florida termina mesmo numa capitular por decretar a cultura da rosa!

Eis, pois, a rosa penetrando no mundo feudal, sob o patrocínio do grande imperador do Ocidente! A sua carreira recomeça com renascente glória. Já cada morada senhorial, mesmo dentro das cidades, tem belos canteiros de rosas. Ela é a flor da nobreza, como será da realeza, quando Luís XI (que, todavia, não passa por sensível às graças da Natureza) mandar emissários por toda a parte *querir des roses et des boutons*. Os grandes senhores que davam então a moda, um Tibalto, conde de Champanha, um Renato de Anju, cercam os seus castelos de

densos bosques de rosas. As damas, sobretudo, adoram a flor nova. É no vergel, entre os rosais que se passam todos os amores da Meia Idade. E, para que a sua existência seja protegida por carinhosos cuidados de cultura, o grande mestre das ciências, o ilustre Alberto Magno, compõe um tratado sobre a rosa.

Como as «rosas são para servir», segundo já cantava Hesíodo, em breve as donas e aias as apanham às braçadas, nos jardins, para juncar os tapetes nupciais e ornar as mesas festivas. A rosa recomeça, de facto, a sua alegre vida romana — e poderia pensar que os Bárbaros tinham sido apenas um sonho e que se encontrava ainda em casa de Mecenas ou de Lúculo, se em torno não fossem tão incultas e rudes as barbas, as maneiras, as

conversas e as grossas peças de carne.

Mas, ao menos, o amor pelas rosas é tão vivo e sincero já como em Roma. Em ramo, em grinalda, solitária ou desfolhada, ela enfeita e perfuma toda a vida gótica. Quando, depois de sete séculos de porcaria, a humanidade se recomeça a banhar, e nos castelos se estabelece, como costume gentil e prudente, oferecer um banho aos hóspedes que chegam em poeirenta e ruidosa cavalgada, desfolham-se nas banheiras, sobre a água, rosas vermelhas e brancas. Outra moda que se generaliza é a dos *chapéus de rosas*, verdadeiros turbantes feitos de rosas, com que se cobrem as damas nos bailes, os trovadores nos torneios, os mensageiros de boas novas, todos os camponeses no primeiro dia de

maio. Nos banquetes reais, o condestável servia o rei de França coroado de rosas. Nas danças do século XII e XIII, os pares trazem na mão ramos de rosas que trocam ao compasso das doçainas e flautas. Um dos tributos feudais mais zelosamente exigido era o das rosas, que os solarengos e colonos deviam trazer, cada semana de verão, ao vilico do castelo, em cestos a trasbordar. Muitos fidalgos, foreiros de terras pertencentes aos conventos de monjas, pagavam por foro de S. João coroas e ramalhetes de rosas. Nos torneios, a rosa era tão essencial como a lança: com ela se enfeitavam os estrados das damas, com ela se coroavam os elmos dos vencedores. Na Provença, em Espanha, havia mesmo os famosos *torneios de rosas*, galantes combates em

que donas e cavalheiros se entrearremessavam, com ternura e valor, pesados ramos de rosas. Mesmo na vida política e forense se instalara a flor bem-amada. Um antigo costume, mantido até ao século XVI, obrigava os duques e pares de França a ofertar, no primeiro de maio, ao parlamento de Paris, um grande ramo de rosas numa salva de prata. Esta homenagem, chamada *baillée des roses*, era o emblema da suserania jurídica do parlamento. Que contarei mais?... A rosa conquistara os Bárbaros: e agora que eles iam laboriosamente, e com os destroços do passado, construindo uma civilização sua, por toda a parte a perfumavam de rosas.

6

Contarei ainda a sua entrada triunfal na Igreja, de onde fora excluída, como pagã, por Clemente e Tertuliano, e onde agora alastra os altares, invade as procissões, domina o ritual, dá o seu nome às festas mais santas e se torna tão dogmática que em Roma, na festa da Ascensão, as suas pétalas, desfolhadas do alto da Igreja de Santa Maria Rotonda pelas mãos do papa, representavam os dons do Espírito Santo?

Contarei a sua ascensão ao céu?... Porque, consumando a sua apoteose, a rosa entra no céu católico! Flor de origem essencialmente divina, como provou cientificamente o autor das *Geopónicas*,

ela não pode deixar de ser adotada por todos os deuses que se sucedem nas alturas, e é acolhida por Maria e Jesus tão benevolamente como o fora outrora por Ceres e Apoio. Mesmo a religião nova reclama para si, em oposição à religião antiga, o privilégio honroso de ter dado à rosa o que ela tem de mais belo, o seu aroma e a sua cor. E é Santo Ambrósio, o grande Santo Ambrósio, no seu *Comentário aos Salmos*, que assegura ser a rosa vermelha de cor por ter caído sobre ela o próprio sangue do Senhor! Não é, pois, o sangue de Vénus, na Síria, que tornou as rosas vermelhas. É o sangue de Jesus, correndo do Calvário sobre o mundo!

S. Bernardo, porém, é ainda mais afirmativo, mais decisivo. O sublime

monge de Claraval sustenta (e ninguém mais profundamente do que ele penetrou nos segredos do céu) que «as rosas são chagas de Jesus». «Contemplai», exclama ele numa das suas *Homilias sobre o Evangelho*, «esse brilho e cor de púrpura das rosas! A que pode ser devido senão a ter caído sobre elas o sangue do Salvador? Olhai! Tantas são as chagas do divino corpo, tantas são as rosas! Nos seus pés, nas suas mãos traspassadas, não vedes rosas que desabrocham? Mas a rosa maior está na chaga do seu coração!»

E, todavia, se a rosa é assim, ao princípio, a flor de Jesus — não tardará a pertencer de preferência (como no Olimpo) ao que o céu católico possui de mais delicado, de mais doce, de mais amante — À Virgem Maria. Assim outrora

ela findara por ser a flor privativa de Vénus. Da Meia Idade à Renascença, todos os místicos vão pouco a pouco separando a rosa de Jesus, para a consagrar toda a Maria. Desde o século XIV, a rosa é o apanágio essencial da rainha dos anjos. Maria não tem então companheira mais fiel, nem emblema mais radiante. Quando ela se mostra aos homens, as rosas nascem sob os seus pés.

Já não são estrelas, mas rosas que a toucam. Ao subir ao céu, ela deixou o seu túmulo cheio de rosas — e ela é verdadeiramente a rosa que renasce de toda a morte.

Já mesmo a flor da Terra e a Mãe do Céu se confundem aos olhos extáticos dos devotos. A Virgem nasce do cálice da rosa e dela recebe todas as suas virtudes.

Ela é a rosa sem espinhos, ela é a rosa de todas as rosas. E em breve a Igreja, determinando definitivamente a essência da Virgem, a proclamará *Rosa Mística!*

Eis a rosa, pois, tornada deusa, erguida no altar. E depois de uma tal glória e apoteose suprema que dizer mais desta flor e da sua prodigiosa carreira? Nascida em botão de entre os pés de Vénus, ei-la desabrochando no seio de Maria! A sua história magnífica vai de um céu a outro céu.

Flor de maravilha, ela embeleza o amor, ela consola a morte. Com ela se coroam os que triunfam na guerra e os que triunfam na arte. Os césares declararam-na flor do Estado e os papas flor da Igreja. Toda a festa humana é incompleta sem a sua fragrância. Nenhum génio

passou sobre a Terra, desde Homero a Hugo, sem a cantar com reverência. Os prodígios e os milagres só verdadeiramente se operam por ela, desde os de Apoio até aos de S. Francisco de Assis. Cada deus que se apodera do céu a reclama logo, lhe comunica a sua divindade, e através dela se humaniza. E do Oriente a Ocidente, todas as civilizações, umas após outras, proclamam e se transmitem o grande culto da rosa! Flor de maravilha!

E flor profundamente interesseira e astuta! Já no dia primeiro de maio, que se vai tornando o grande festival do proletariado, eu vejo a rosa quieta e contente nas calosas mãos dos operários em folga. Nos jardinetes dos mineiros, em Inglaterra e em França, já floresce

sempre, entre as saladas democráticas, um pé de roseira viçoso e prometedor. Em todos os *meetings*, nas greves, é usual que a rosa venha armando a casaca dos chefes, ou apareça, bordada e já com a autoridade de um emblema, nas bandeiras das associações... E estou antevendo que esta hábil e intrigante flor, que foi sucessivamente helénica, pagã, imperial, feudal, católica, mística; que, captando-lhes o amor, partilhou o poder dos heróis, dos senados, dos césares, dos barões, dos papas, dos santos; que se identificou arteiramente com Vénus, quando era Vénus que no seu cinto fechava o mundo todo, e se identificou logo com a Virgem Maria, quando por seu turno foi a Virgem que pousou os pés sobre o orbe — anda a realizar a sua lenta conversão e pouco a

pouco se insinua e se entrelaça no novo e tremendo poder que se levanta, e toda ela se prepara, e se avermelha, e se perfuma, para ser, oficialmente e ritualmente, a flor do socialismo.

Positivismo e Idealismo

1

Os espíritos sérios de Paris, e mesmo os fúteis (pois que descubro uma sombra na face do *Fígaro),* têm nestes últimos tempos mostrado, e talvez sentido, uma preocupação ansiosa acerca da «mocidade das escolas».

É deste nome coletivo, marcando classe e casta, que se revestem os dois ou três mil rapazes ruidosos e desalinhados que, no Bairro Latino, no país da boémia, frequentam as escolas — e sobretudo as cervejarias. Não os acuso desta frequentação mais especialmente festiva, porque desde Descartes e Espinosa a cerveja foi sempre uma companheira e uma inspiradora da filosofia. Apenas

noto, e como um mérito dos seus anos alegres, que, se eles dedicam a sua atenção ao livro, votam o seu entusiasmo ao *bock* — e há assim em todos os seus atos e palavras, além de muito raciocínio, muita cerveja. Por cerveja eu entendo o impulso e turbulência do sangue quente — e aquecido. Em todo o caso, se alguns ficam regaladamente nos bancos da cervejaria quando se trata dos trabalhos que a escola impõe — todos, sem que um único deserte, se reclamam da escola e dos seus bancos, desde que se trate dos privilégios que ela lhes confere como seus filhos espirituais.

Um desses privilégios, e o mais precioso para os estudantes das escolas de Paris, é o poder espancar, com tranquilidade e impunidade, todos aqueles

que não partilhem as suas conclusões ou simplesmente as suas tendências em matéria de filosofia, de sociologia, de história e de estética. Deste lado do Sena, nos bairros que não são latinos e que portanto são bárbaros, o cidadão que, num café, atire bengaladas a outro cidadão, porque esse não admira como ele o talento estridente de Sara Bernhardt, ou o antissemitismo rábico do Sr. Drumont, ou simplesmente as pintas de uma gravata comprada no Bon-Marché — é considerado um brutal e conduzido aos empurrões para a humidade dos calabouços.

Do outro lado do Sena, nos bairros latinos e, portanto, de alta cultura, o estudante idealista que, nos pátios da Sorbona, agarre pelas goelas o estudante

positivista, o entale contra um muro e aí lhe prove, por uma tremenda sova, a superioridade de Royer-Collard sobre Augusto Comte — é considerado um entusiasta, protegido pela polícia no legítimo exercício da sua intolerância metafísica e aplaudido paternalmente por velhos moralistas humanitários, como o Sr. Jules Simon. Este doce e antigo privilégio, que vem já dos tempos de Filipe Augusto, quando os «escolares» da montanha Santa Genoveva desancavam regularmente os sargentos do preboste de Paris, assaltavam a residência dos legados do papa, demoliam as tabernas, aturdiam a cidade com as suas brigas teológicas, sempre sob o patrocínio dos príncipes — tem nestas últimas semanas convertido os pátios da Sorbona em

ululantes e pulverulentos campos de batalha, como diz um dos nossos clássicos. Com efeito, nessas rixas houve apenas poeirada e uivos — mas o motivo que as provocou é, na realidade, mais alto e de uma importância mais universal do que aqueles que têm originado, desde a guerra de Troia, tantas guerras, onde morrem milhares de homens e se fundem milhares de contos. E todavia, aparentemente, o motivo foi apenas o professor Aulard.

Este Sr. Aulard, até há pouco pacificamente obscuro, é, ao que parece, um jacobino que começou neste ano a professar na Sorbona um curso especial da história da Revolução Francesa, com a paixão, e portanto com a estreiteza, de um sectário. Não sei que data da Revolução o

Sr. Aulard estava comentando, e se ainda ia em Mirabeau e no humanitarismo ou já chegara a Robespierre e ao sangue — o certo é que uma considerável porção da «mocidade das escolas», irritada com esta apologia do jacobinismo feita na Sorbona e com o positivismo pregado pelo Sr. Aulard em conferências através do Bairro Latino, invadiu as aulas, sufocou com berros e guinchos a facúndia do professor, apupou ignominiosamente os imortais princípios de 89 e espancou sem piedade os camaradas que estavam ali absorvendo a boa doutrina positivista e revolucionária! Estes são os escandalosos factos; e a evidência que deles desde logo resulta é que nesta mocidade — nascida e educada dentro do jacobinismo (e ideias congéneres), quando ele era

superiormente atrativo como partido de oposição ao império decadente, e ainda depois da guerra de 1870, quando ele se tornou superiormente influente como partido de governo — há uma grande massa, uma maioria, para quem esse jacobinismo é absolutamente intolerável. Tão intolerável que o pretende expulsar do ensino das escolas a cacete!

Já isto é estranho e grave. A gravidade e a estranheza, porém, crescem quando se verifica que esta reação não é somente tentada contra a política, mas contra a estrutura geral da sociedade contemporânea, tal como a tem criado o positivismo científico. Sob todas as formas da atividade pensante se revela, se alastra, na geração nova, esta reação, de um modo inarmónico, a que falta o

esforço e a convergência para a unidade, mas que vem fortemente caraterizado pelo propósito de mudar as fórmulas que governam.

Assim, em história, estamos assistindo à ressurreição da lenda napoleónica, que todos imaginavam enterrada, e para sempre, no funesto vale de Sedan. Engano! Eis o grande imperador que volta *en redingote grise*, que circula triunfantemente por Paris, redivivo, aureolado em todos esses livros que cada dia agora se publicam sobre ele e sobre as suas campanhas, e sobre as suas amantes, e sobre os seus marechais, e sobre os seus fornecedores, e sobre os seus nervos, e sobre tudo quanto miudamente o mostre na sua imperialidade e na sua humanidade.

E cada página destas se devora com paixão, como se os novos se quisessem consolar da mediocridade inglória da república burguesa, revendo, pela imaginação, as aventuras, as marchas, as vitórias, as fanfarras da epopeia imperial.

Em literatura, estamos assistindo ao descrédito do naturalismo. O romance experimental, de observação positiva, todo estabelecido sobre documentos, findou (se é que jamais existiu, a não ser em teoria), e o próprio mestre do naturalismo, Zola, é cada dia mais épico, à velha maneira de Homero. A simpatia, o favor, vão todos para o romance de imaginação, de psicologia sentimental ou humorista, de ressurreição arqueológica (e pré-histórica!) e até capa e espada,

com maravilhosos *imbróglios* como nos robustos tempos de D'Artagnan.

No teatro, além de uma recrudescência de fidelidade à tragédia clássica (Racine é definitivamente deus) e de uma renovação do gosto pelo drama romântico (*Hernâni* retomou posse dos corações), vemos com espanto a multidão culta correr ao melodrama de 1830 e atulhar os teatrinhos populares, onde ele se refugiara com as suas incomensuráveis paixões e terrores. E ao passo que algumas raras tentativas de comédia naturalista, repuxada até aos confins da lógica naturalista, são apupadas, repelidas para a polícia correcional — o parisiense cético vai chorar com os dramas sacros, os piedosos autos e mistérios em que Cristo, amarrado numa cruz de papelão,

sobre um Gólgota de tabique, promete em versos alexandrinos o sumo progresso espiritual, a evolução do homem ao anjo, e um Paraíso que sublimemente nos compense dos bulevares deste mundo. Em poesia, a reação é tão larga que Coppée e os poetas da realidade estão, apesar de vivos, mais esquecidos que Florian e os bucolistas do século XVIII.

A voga voa toda para o rutilante Herédia, que nos canta luxuosamente os heróis e os semideuses, ou para os simbolistas, que, com bocados esfumados de verbo e farrapos indecisos de sentimento, nos arranjam um destes nevoeiros poéticos onde as almas agora têm a paixão de se aninhar e de se esconder da vida. De facto, toda a poesia é bem-vinda, contando que nos não conte

o *Cocheiro de Onibus*, *A Festa de St. Cloud* e *O Pequeno Tendeiro de Montrouge*, que ainda há quinze anos pareciam ser os únicos temas dignos das inteligências positivas, sôfregas de realidade ambiente e de modernismo. De novo se reimprime e se lê com ternura Lamartine! A lua das *Meditações* passa outra vez, pálida e meiga, sobre o lago — e o rouxinol e Deus reentraram na estrofe.

Nas artes plásticas, a reação contra o naturalismo e o *pleno ar* é decisiva. Sobre a exata, luminosa, sã e suculenta pintura da escola francesa vai-se espalhando, e cada vez mais densa, uma névoa de misticismo. Todas as formas se afinam, se adelgaçam, se esvaem em diafaneidade — no esforço de traduzir e pôr na tela o *não sei quê* que

habita dentro das formas, a pura essência que conserva apenas o contorno indefinido do seu molde material.

Já muito raramente se pinta a paisagem tal como a viram os sinceros e claros olhos dos Daubigny, dos Th. Rousseau; e a ambição é fixar por meio de manchas, de lampejos, de fundos de sombras, de abstrações, a emoção risonha ou dolente que a paisagem dá à alma. Os próprios retratos nos aparecem esfumados, envoltos numa cinza esparsa do crepúsculo, como para desprender, tanto quanto possível, o homem da sua carnalidade, e não lhe perpetuar mais que a semelhança do espírito. Os temas preferidos são os que contêm o mais subtil simbolismo — e os mestres admirados e seguidos são Bume-Jones,

Moreau, Aman-Jean, que nos conduzem a imaginação para o turvo país dos mitos.

2

Mas onde esta reação contra o positivismo científico se mostra mais decidida e franca é em matéria religiosa. Ah!, o nosso velho e valente amigo, o livre-pensamento, vai atravessando realmente uma má crise! Talvez a mais aflitiva que ele tem afrontado desde que nasceu sob os claros céus helénicos e que balbuciou as suas primeiras lucubrações cósmicas e éticas sobre os joelhos de Tales e de Sócrates.

Este pobre livre-pensamento está com efeito passando por aquela tortura, que ele já infligiu ao cristianismo no tempo de Voltaire, que é a mais humilhante que pode sofrer uma filosofia

— e que consiste em ser troçado, crivado de pilhérias, apupado pelas ruas como um xexé de Entrudo. Quem jamais o diria? O livre-pensamento chasqueado alegremente, neste século e neste Paris que parecia ser o seu domínio feudal! Assim é! E o próprio Sr. Aulard o confessa — o Sr. Aulard que é hoje o .mais glorioso paladino, e como o Roldão do livre-pensamento. No seu último e muito famoso discurso à Liga Democrática da Mocidade (que foi uma das causas do rolo e da bengalada), ele reconhece, com melancolia, que o livre-pensamento está sendo, neste Paris da Terceira República, ainda mais achincalhado do que o catolicismo no Paris de Luís XV, quando Voltaire era rei. E não só reconhece o facto, mas concede

que ele é em parte justificado — «porque (acrescenta o Sr. Aulard) tem realmente havido livres-pensadores muitíssimo fanáticos, muitíssimo estúpidos, muitíssimo grosseiros, muitíssimo intolerantes e muitíssimo reles!» Assim se lamenta o Sr. Aulard sobre os cimos da Sorbona.

E com razão se lamenta e se assusta, porque tal princípio — que resiste facilmente ao martírio — sucumbe à troça. Sobretudo quando, ao mesmo tempo, começa a ficar *fora da moda* e se vai tornando tão impossível de usar na rua como uma cabeleira empoada ou uns calções de portinholas. Ora o Sr. Aulard confessa ainda que (coisa horrível!) o livre-pensamento está *fora da moda*, entre a mocidade. Hoje, neste ano de 1893, é de

mau tom em Paris ser livre-pensador! É um velho chique pseudocientífico, horrivelmente burguês, que nenhum moço intelectual, de alma verdadeiramente fina e de alto estetismo, consentiria ainda em adotar — e que se abandona aos velhos tendeiros liberais, aos Prudhommes do jacobinismo, da espécie grotesca de *Mr. Homais* ou de *Mr. Cardinal*, pai das meninas *Cardinal*.

Tudo isto é desolador. Tanto mais que ao lado deste movimento negativo contra o positivismo — surge e cresce paralelamente um movimento afirmativo de espiritualidade religiosa. Não é já aquela vaga religiosidade que aqui há anos pareceu, sobretudo na literatura, mera forma de diletantismo poético, que achava requintadamente original o dar

interpretações modernas à ternura mística de S. Francisco de Assis ou ao furor de sacrifício dos mártires do século III. E não é decerto também ainda, na mocidade, o propósito de ir moralmente a Canossa bater com as mãos contritas às portas maternais da Igreja. Não! É uma outra e renovada ansiedade de descobrir, neste complicado universo, alguma coisa mais do que força e matéria; de dar ao dever uma sanção mais alta do que a que lhe fornece o Código Civil; de achar um princípio superior que promova e realize no mundo aquela fraternidade de corações e igualdade de bens que nem o jacobinismo nem a economia política podem já realizar; e de achar, enfim, alguma garantia da prolongação da existência, sob qualquer forma, para além

do túmulo. Esta é realmente a grande ansiedade, porque quanto mais a vida para cá do túmulo se alarga em atividade e se multiplica em força mais profundamente se infiltra na alma a ânsia do *não cessar*... Em suma, esta geração nova sente a necessidade do divino. A ciência não faltou, é certo, às promessas que lhe fez: mas é certo também que o telefone, o fonógrafo, os motores explosivos e a série dos éteres não bastam a calmar e a dar felicidade a estes corações moços. Além disso, eles sofrem desta posição ínfima e zoológica a que a ciência reduziu o homem, despojado por ela da antiga grandeza das suas origens e dos seus privilégios de imortalidade espiritual. É desagradável, para quem sente a alma bem conformada, descender

apenas do *protoplasma*; e mais desagradável ter o fim que tem uma couve, a quem não cabe outra esperança senão renascer como couve. O homem contemporâneo está, evidentemente, sentindo uma saudade dos tempos gloriosos em que ele era a criatura nobre feita por Deus, e no seu ser corria como um outro sangue o fluido divino, e ele representava e provava Deus na criação, e quando morria reentrava nas essências superiores e podia ascender a anjo ou santo.

Tão tumultuosamente esta geração nova apetece o divino — que, à falta dele, se contenta com o sobrenatural. Assim sucede que, enquanto alguns rondam já com os braços em cruz, em torno do cristianismo, e outros mais ousados

penetram na Índia a procurar o budismo — há um número considerável que se senta em torno de uma mesa ou de um chapéu e se instala confortavelmente no espiritismo. Em Paris, em todas as grandes cidades onde o materialismo excessivo exasperou as imaginações, não se veem senão homens inquietos batendo de novo à porta dos mistérios.

3

Estes são os factos visíveis e diurnos. E deles provém a preocupação dos bons espíritos que já passaram os cinquenta anos a respeito desta geração nova que chega, que vai «entrar na carreira», como diz *A Marselhesa*, e dominar intelectualmente o seu tempo. Quais serão as suas ideias (era a pergunta incessante) e quais, portanto, as formas que ela manterá ou inovará na sociedade? Todos pensavam que ela continuaria a revolução, só acreditaria na ciência e nos laboratórios e seria jacobina, positivista e naturalista. Mas eis que de repente ela se revela e, por meio de bengaladas enérgicas, manifesta que a sua tendência é

espiritualista, simbolista, neocristã e místico-socialista. É uma surpresa enorme — e desagradável para o positivismo científico, que se considerava o incontestado senhor das inteligências e das vontades, universalmente reconhecido como único capaz, pela verdade e utilidade das suas fórmulas, de dar estabilidade às sociedades, e que de repente recebe sobre os ombros a bengala irreverente e rancorosa da mocidade, que crescera até agora, submissa e contente, entre as promessas do seu ensino.

Quais são as causas, quais as consequências desta revolta? A causa é patente, está toda no modo brutal e rigoroso com que o positivismo científico tratou a imaginação, que é uma tão inseparável e legítima companheira do

homem, como a razão. O homem desde todos os tempos tem tido (se me permitem renovar esta alegoria neoplatónica) duas esposas, a razão e a imaginação, que são ambas ciumentas e exigentes, o arrastam cada uma, com lutas por vezes trágicas e por vezes cómicas, para o seu leito particular — mas entre as quais ele até agora, viveu, ora cedendo a uma, ora cedendo a outra, sem as poder dispensar, e encontrando nesta coabitação bigâmica alguma felicidade e paz. Assim, Arquimedes tinha por emblemas na sua porta um compasso e uma lira.

O positivismo científico, porém, considerou a imaginação como uma concubina comprometedora, de quem urgia separar o homem; e, apenas se apossou dele, expulsou duramente a pobre

e gentil imaginação, fechou o homem num laboratório a sós com a sua esposa clara e fria, a razão. O resultado foi que o homem recomeçou a aborrecer-se monumentalmente e a suspirar por aquela outra companheira tão alegre, tão inventiva, tão cheia de graça e de luminosos ímpetos, que de longe lhe acenava ainda, lhe apontava para os céus da poesia e da metafísica, onde ambos tinham tentado voos tão deslumbrantes. E um dia não se contém, arromba a porta do laboratório, espanca o Sr. Aulard, que o guardava, e corre aos braços da imaginação, com quem larga a vaguear de novo pelas maravilhosas regiões do sonho, da lenda, do mito e do símbolo.

Em quanto às consequências desta fuga, é mais difícil antevê-las — e sobre

elas divergem os homens ilustres que estão sendo consultados, em Paris, sobre a inesperada aventura.

O Sr. Vogué, na sua qualidade de neo Chateaubriand, vê em tudo isto o advento do neocristianismo, talvez mesmo um regresso das gerações novas à Igreja, e já está amassando a hóstia para a magnífica reconciliação. Dumas Filho, que nos seus velhos dias se voltou para os pensamentos graves, trocou o Demi-Monde pelo Demi-Ciel e é, entre os jornalistas do Bulevar, um tremendo profeta, um Baruch de alcova, esse vê nesta atitude dos novos um sintoma evidente de que os homens «se vão amar entre si com desesperada fraternidade». Jules Simon, que, além de filósofo, é senador, só vê e só considera os perigos

que destas veleidades místicas podem advir à República. Coppée (porque também o bom Coppée foi consultado) entende que a ciência falhou e que portanto os homens, desiludidos e enfastiados dessa impostora, se voltam contritamente para a fé! Zola, esse encolhe os ombros cheio de incerteza, reconhece que o ar contemporâneo está, com efeito, todo toldado de espiritualismo e que o mais prudente para a geração nova *é trabalhar*, porque, sob o domínio da ciência ou sob o domínio da fé, o trabalho é o único promotor da felicidade. E os outros homens ilustres dizem assim, igualmente, coisas ilustres.

Eu, por mim, registo os factos. E penso que, agora que o homem retomou posse da sua ardente companheira, a

imaginação, e que tornou a provar, francamente e *coram populo*, as delícias que só ela lhe pode dar, não consentirá, nestes anos mais chegados, que o sequestrem dessa Circe adorável que transforma os seus amigos não em porcos — mas em deuses.

Por outro lado, também já não é possível que com a experiência de todos os confortos, e ordem, e fecundas e úteis verdades que em torno dele, e para sua grandeza e segurança, estabeleceu a razão, ele lhe fuja de todo e se abandone completamente, como na remota Meia Idade, à direção ondeante e quimérica da outra esposa, da imaginação. Haverá, é certo, entre os homens que chegam uma reação contra os rigores do positivismo científico. Muitas almas, temas,

apaixonadas, feridas pelo materialismo do século, se refugiarão no deserto. O estridente tumulto das cidades, a exageração da vida cerebral, a imensidade do esforço industrial, a brutalidade das democracias, hão de necessariamente levar muitos homens, os mais sensíveis, os mais imaginativos, a procurar o refúgio do quietismo religioso — ou pelo menos a procurar no sonho um alívio à opressão da realidade. Mas esses mesmos não podem nem destruir nem sequer desertar o trabalho acumulado da civilização. Estão dentro dela, encarcerados nela — e o mais que podem é reagir, com o seu idealismo exacerbado, sobre o materialismo ambiente. O que sucederá é que, sobre muitos problemas que a ciência não pôde ainda resolver, se

vai exercer, como um socorro imprevisto, a ação da fé, de uma fé renovada e transformada, acomodada às exigências da civilização e da própria ciência, que poderá ser chamada neocristã — e que não será talvez mais que uma espécie de protestantismo à Schleiermacher, filosófico e requintado. É esta ação que nós estamos vendo, ainda vaga mas já viva, operar sobre as questões sociais com o nome de socialismo cristão. Em suma, parece certo que por algum tempo, como sucede sempre nas épocas, como esta, de grandes dissoluções de doutrinas, o mundo será atravessado, se não purificado, por um forte vento de idealismo...

Mas tudo isto são temerosas questões. Descendo delas, mais

especialmente para este renascimento espiritual, este nevoeiro místico que em França e em Inglaterra está lentamente envolvendo a literatura e a arte, eu penso que ele será benéfico — benéfico como todos os nevoeiros repassados de fecundo orvalho e de onde as flores emergem com mais viço, mais cor, mais graça e mais doçura de aroma. Nunca mais ninguém, é certo, tendo fixo sobre si o olho rutilante e irónico da ciência, ousará acreditar que das feridas que o cilício abria sobre o corpo de S. Francisco de Assis brotavam rosas de divina fragrância. Mas também nunca mais ninguém, com medo da ciência e das repreensões da fisiologia, duvidará em ir respirar, pela imaginação, e se for possível colher, as rosas brotadas do sangue do santo incomparável.

E isto é para nós, fazedores de prosa ou de verso, um positivo lucro e um grande alívio.

O Bock Ideal

Este nome, que deveria ser o de uma cervejaria em uma tabuleta onde espumasse num cristal muito frio uma cerveja muito loura, é na realidade o nome de uma larga associação de estudantes, no Bairro Latino, que se reúne três vezes por mês para conversar, fumando e bebendo, das coisas do espírito, da moral, das religiões e das sociedades.

Emborcar *bocks* e desenrolar teorias não constituem ocupações heterogéneas nem novas. Desde Espinosa, talvez mesmo desde Aristóteles, a cerveja anda infimamente ligada à metafísica. Em velhas cidades escolares da Alemanha,

muitas vezes tem surgido do fundo de um *bock* uma síntese do universo. E mesmo em Paris, em cafés com nomes onde não entra o *ideal* e perfeitamente torpes, como o Rato Morto ou a Porca Que Foge, sempre que rapazes de vinte anos, que já tenham folheado num livreiro algum volume de Kant ou de Hegel, se sentam a uma mesa livre — imediatamente se cachimba, se cerveja, se filosofa. A feição original desta associação do Bock Ideal é que ela foi organizada (segundo as derradeiras afirmações do seu chefe), não só para beber o *bock* — mas sobretudo para procurar o ideal.

Se bem compreendo este moço ardente, o que a sociedade deseja é descobrir e assentar a forma ideal das sociedades futuras, e, depois de feita e

comprovada a descoberta maravilhosa, dedicar inteligências e corações à valente realização dessa forma perfeita. Não pode haver fim mais nobre (outros diriam: mais santo). Para o conseguir, esta mocidade viçosa celebra assembleias, à noite, num velho prédio do Quartier Latin. Bebe o *bock*. Diz versos — versos à Lamartine, amorosos e crentes; versos à Musset, dolorosos e dândis; versos à Leconte de Lisle, decorativos e majestáticos... E depois escuta com reverência o Sr. Melchior de Vogué. E este o momento grave e fecundo dos trabalhos da associação, porque ao Sr. Melchior de Vogué confiou ela a missão apostólica de a conduzir (através do *bock)* à busca e à conquista do ideal.

O Sr. Melchior de Vogué é hoje

uma alma muito em voga em Paris. A sua influência espiritual vai desde as escolas até aos salões. A Academia Francesa já o acolheu como um mestre. Em certas *brasseries* mais idealistas do Quartier Latin exerce a supremacia remota de um profeta fidalgo e delicado, que ensina do alto da sua nuvem. E, moralista eminentemente parisiense, tem tanta clientela na *Revue des Deux Mondes* como nesse considerável *Chat Noir*, que tão habilmente mistura no seu programa de literatura e de arte o misticismo e o canalhismo.

Casado com uma senhora russa, foi o Sr. De Vogué quem revelou à França os romancistas russos — que a França adotou (apesar de tão incongéneres com a sua límpida razão crítica) por tocantes

motivos de servilismo político.

E foi justamente no seu livro *Le Roman Russe* que o Sr. De Vogué pela primeira vez manifestou as disposições morais e filosóficas com que entrava, apóstolo preciosamente literário, nas lutas de pensamento e de doutrina. Ao contrário dos mestres intelectuais da geração do Segundo Império (os Taine, os Renan, os Flaubert, etc.), que, por sentirem a sociedade contemporânea tão diferente dos ideais da beleza e nobreza que tinham na alma, a repudiavam como forma feia e baixa e se refugiaram num ceticismo superfino — o Sr. De Vogué aderiu desde logo, de espírito e de coração, ao mundo moderno, por amor dos dois factos que nele dominam, ambos de incomparável beleza e grandeza: a vitória da verdade

pela ciência e a vitória da igualdade pela democracia.

Até aqui nada há essencialmente novo — e muitas inteligências antes da do Sr. De Vogué têm tido a compreensão e a paixão do mundo hodierno. E quando o Sr. De Vogué estabelecia, com a solenidade de uma revelação, a vasta lei da unidade segundo a qual a vida moral da sociedade, como a vida física da Terra, é o resultado da «evolução anónima dos infinitamente pequenos, átomos ou almas» — não nos dava decerto também uma novidade fascinante. Já os astrónomos nos tinham afirmado que com humildes e obscuras moléculas de vapor se fez o orgulhoso Sol que nos alumia. Já os geólogos nos tinham contado que esses Alpes que nós vamos, nas férias de verão, contemplar com

religiosa reverência são a obra coletiva e paciente dos grãozinhos de areia que os nossos pés pisam com desdém. Já os psicólogos nos tinham ensinado que por meio de pequeninas e brutas perceções inconscientes se criam consciências tão claras e fortes como foi a de um Sócrates. E já bons historiadores nos tinham provado que a história não é feita pelos reis e pelos heróis, mas por esses escuros rebanhos de seres que nós chamamos «as populaças».

Algumas destas conclusões do saber já se achavam mesmo traduzidas em factos de civilização — e enquanto os laboratórios reconheciam que o governo do mundo pertence aos átomos (e, ai de nós, aos bacilos!) já as instituições iam resignadamente entregando às multidões a

direção dos estados.

A única fascinação nova nestas ideias do Sr. De Vogué vinha da forma magnífica com que ele as ornava e ordenava — porque o Sr. De Vogué é um estilista de imenso luxo, possui os gostos e a opulência de um Chateaubriand, e nunca deixa sair os seus princípios à rua sem os cobrir de veludos e rendas, em cortejo vistoso.

Onde o Sr. De Vogué se mostrou mais interessante foi perante alguns discretos reparos postos a estas tão celebradas vitórias da democracia e da ciência. São elas, realmente, duas grandes vitoriosas? Não se têm elas, ao contrário, mostrando impotentes no seu desesperado esforço? A democracia, saída toda inteira da *Declaração dos Direitos do Homem*,

que afirmara soberbamente a sua liberdade e a sua igualdade, encontra no homem um ser mesquinhamente sujeito a todas as fatalidades físicas e a todas as dependências sociais, e não consegue libertá-lo delas — porque contra os *direitos do Homem*, declarados, protestam as *realidades da Natureza*, experimentadas. Daí todas as angustiosas contradições do século. Em lugar da fraternidade, vem a guilhotina operar como fator de civilização — e em vez das raças fundidas numa concórdia universal crescem as nacionalidades antagónicas, que se abominam e vivem cobertas de ferro e armas, espreitando, por cima das fronteiras, o apetecido momento psicológico de se entredilacerarem. Da aristocracia territorial e senhorial

decepada renasce, como cabeça número dois da hidra, a aristocracia argentária e industrial — e o mundo, que deixara de ver escravos revoltados e *jacqueries*, de novo as encontra ante si, mais implacáveis e dolorosas, sob o nome de comunismo e de niilismo. E, como se isto não bastasse, a própria ciência nega a origem da democracia, que se dizia ser a *igualdade* natural — provando que a única lei universal é a *desigualdade;* que o homem, como os outros seres, está sujeito à seleção evolutiva; que o direito das espécies à vida se avalia na proporção da sua capacidade para viver; que quem triunfa e sobrevive é o mais forte; e que, portanto, só há realidade de direito quando há manifestação de força. Diremos ainda que a democracia é uma

vitoriosa?

E a própria ciência? A ciência, que tão duramente destrói assim as promessas da democracia, tem ela realizado as suas promessas? Não, meu caro Sr. De Vogué. A ciência tem somente, pela magnitude e extensão do seu esforço, tornado mais saliente a pequenez da sua obra. O que acontece com a nossa arrogante ciência? Que em torno de cada curta verdade que ela conquista — se estende logo e irremediavelmente um imenso campo de incerteza.

Mais ela avança — mais se sente e se verifica a pavorosa extensão do escuro caminho a atravessar. Apenas ela consegue, suando e gemendo, arrombar a porta que julgávamos ser a última do sacrário — imediatamente diante de nós

aparece uma porta maior, mais dura, mais impenetrável. A chamada «luz da ciência», a cada instante mais viva e mais alta, só nos serve, por isso mesmo que aumenta em altura e brilho, para nos mostrar quanto é infinita e inacessível, em redor, a tremenda treva metafísica. A ciência realmente só tem alcançado tornar mais intensa e forte uma certeza: a velha certeza socrática da nossa irreparável ignorância. De cada vez sabemos mais — que não sabemos nada.

Perante estas modestas e usuais reflexões, é que o Sr. De Vogué triunfa. Sim, decerto, diz ele com doçura, a democracia e a ciência têm sido impotentes no seu esforço — porque foram viciadas no seu princípio; mas há um princípio, um supremo princípio, que

está fora e mais alto que a ciência e que a democracia, e que as pode inspirar, penetrar e dirigir de tal sorte que elas, de impotentes que têm sido, ganhem a máxima potência criadora e se tornem conjuntamente os dois sublimes e únicos instrumentos da regeneração do mundo e do estabelecimento definitivo da ordem social. E esse princípio — é o Evangelho, a caridade evangélica!

Não esperávamos talvez tal afirmação, nem que aos nossos males sociais e intelectuais fosse prescrito, como remédio, esse «amai-vos uns aos outros», que já não era novo no tempo de Jesus e já não era novo no tempo de Platão.

Mas, evidentemente, ela corresponde a alguma corrente de emoção

piedosa que trabalha as almas moças, a uma surda reação espiritualista contra o materialismo dos tempos, porque ao ouvir a proclamação deste doce e antigo preceito a mocidade intelectual rompe em gritos de alegria e de esperança, como se de repente, na fome e sede do seu deserto, começasse a cair o maná milagroso. Querem dizer alguns que neste neo-evangelismo da mocidade do Quartier Latin há meramente uma outra manifestação dessa vaga religiosidade literária, derradeira emanação do romantismo, que está hoje levando os artistas e os poetas a tomarem por temas preferidos as lendas cristãs e as vidas dos santos.

Talvez. O certo é que aí vemos o Bock Ideal aclamando com fervor e

crença o Sr. De Vogué quando ele afirma, na sua maneira nobre e vaga (mas que satisfaz o Bock), que só o espírito do Evangelho dará à democracia essa alta direção moral, esse espírito de simpatia e sacrifício, essas formas de amor e renunciamento, únicas capazes de fundir as classes, proteger os interesses da justiça, combater a tirania do dinheiro e realizar a igualdade na Terra. E mais o aclamam ainda quando ele afiança que esse espírito evangélico reformará os ditames muito duros da ciência, fazendo-lhe verificar, para além da lei da seleção e da concorrência vital, uma outra lei tão experimental e científica como esta: a lei do amor divino, inato e imanente no amor humano...

As aclamações, de resto, são

justas; tudo isto é belo e doce de ouvir. Mas, meus amigos do Bock Ideal, receio que estejais sendo logrados pelo Sr. De Vogué! Porque ele mesmo confessa (e com alacridade) que há-se ser necessária uma alta autoridade moral, um grande corpo social para fazer penetrar na democracia, nas vastas e rudes massas humanas, este espírito evangélico, e desenvolver nelas constantemente, pelo raciocínio e pela emoção, pelo ensino e pelo exemplo, esta compreensão superior e prática da justiça e da caridade que um dia regenerarão e porão em ordem o mundo. Assim ele o confessa, o doce apóstolo! E quando se lhe pergunta qual será essa forte autoridade, esse corpo social, ele logo, resplandecendo, declara que só pode ser a Igreja — a Igreja Cristã, a Igreja Católica.

E ardentemente o prova. Quem senão a Igreja será capaz de dar uma direção divina à democracia contemporânea? Não sai ela do povo, recrutada entre o povo e vivendo no povo, em perpétua comunhão, no pensar e sentir, com o povo? Não é ela a grande desinteressada — porque nasceu daquele que primeiro, no templo, expulsando os mercadores, exprimiu o seu alto desdém do capital?

Quem mais do que ela ama com doçura os humildes? Pobre, sempre triunfou pelos pobres. O seu primeiro papa era um proletário, que vivia de lançar as redes nas águas de Genesareh.

Que instituição humana há aí que mais completamente concorde e ajuste com a evolução democrata do tempo? Ela

já realizou nas almas uma verdadeira república internacional: porque se lhe não entregará a missão mais fácil de a realizar nas instituições?

Oh, está claro, há de ser preciso que a Igreja se transforme um pouco, *um quase nada* — que passe da estreiteza do romantismo para uma catolicidade mais larga: que em lugar de mandar às nações núncios lhes mande apóstolos; que retome a obra da primitiva Igreja, desentulhe o princípio cristão de todas as aluviões temporais que o sufocam e de novo assuma o governo puro das almas, para as conduzir à justiça social!... E na verdade vos digo, meus filhos, não há salvação para o mundo fora da Igreja!

Assim prega no Bock Ideal o Sr. De Vogué. E a mocidade, primavera

sagrada da França, recebe com enlevo o ensino deste socialismo evangélico ou católico. Há nele, ao que parece, para estas almas novas, um delicioso refúgio contra a dureza materialista da vida. Errante através da penumbra anárquica do pensar contemporâneo, a mocidade tropeçava, procurando a orientação segura que a levasse a um futuro de justiça e verdade — quando o Sr. De Vogué surgiu ao seu encontro, lhe tomou a mão trémula e, cantando-lhe as harmonias embaladoras de um *novo génio do cristianismo*, a veio, muito docemente e habilmente, conduzindo aos pés da cruz. A mocidade encontra-se de novo nas veigas suaves da Galileia. A voz, infinitamente pura, que desce da montanha murmura: «Amai-vos uns aos outros...» Lugar augusto e único

em que jamais o homem verdadeiramente aprendeu a ser humano. E bem iria ao futuro se a mocidade aí permanecesse, por algum tempo, a receber inolvidavelmente a suprema lição da bondade, da caridade, do amor dos pobres e do amor dos pequenos.

Mas o que me inquieta (e aqui me parece ser logro) é que nesse lugar divino, nessa nova Galileia onde o Sr. De Vogué levou a mocidade, não estão somente Jesus e a sua doce lição. Para além, na sombra, por trás do Sr. De Vogué, parece-me avistar um sacristão! Erra aqui um cheiro eclesiástico de incenso e cera — e há pouco, quando o Sr. De Vogué citou Virgílio, o doce verso ressoou neste ar abafado de capela com a melancolia de um *Ite, missa est*... Lugar

suspeito, este Bock Ideal! A democracia aqui usa o báculo de ouro da teocracia. A sobrecasaca do Sr. De Vogué tem uma severidade triste de batina... E já não há dúvidas, meus pobres amigos! Viestes aqui abrir a alma para receber nela a verdade, e a verdade que recebeste é toda embrulhada em hóstia. Não sei se isto vos apraz ou vos desapraz... Mas evidentemente o que tendes diante de vós não é o *bock* — é a galheta.

Prefácio ao *Almanaque Enciclopédico* para 1896, 1.º Ano

Conta uma velha lenda talmúdica que, nas vésperas do Dilúvio, dois sábios, dois videntes, que eram filhos de Seth e conheciam as tenções de Deus, descendo por um caminho da Mesopotâmia, numa tarde triste, naquela imensa tristeza das últimas tardes do mundo, estremeceram, pararam, ao avistar por trás dos montes Górdios as nuvens que subiam, tenebrosas, enroladas, já carregadas da chuva suprema e vingadora. E o que então os contristou não foi a destruição dos rebanhos, das fortes cidades muradas, de

tantos povos dóceis, pois bem sabiam os dois videntes que, retiradas as águas, encalhada a Arca nas colinas moles, em breve outros homens, pais de outros povos, pastoreariam rebanhos mais densos através de prados mais férteis e ergueriam novamente cidades com vigias nas torres e o incenso fumegando nas aras. Não!, o que os angustiou foi pensarem que a ciência, a ciência tão penosamente adquirida e acumulada desde o Paraíso, pereceria com os homens sapientes que a possuíam, de repente, como se evapora a essência rica do nardo quando o vaso fino se quebra — e que as raças renascidas sobre a terra renascida deveriam recomeçar a áspera aprendizagem, e por longos tempos errar de rio a monte numa apagada e muda simplicidade de espírito,

não sabendo mais que matar a caça com uma lasca de rocha, e, ao desdobrar da sombra, buscar o refúgio de alguma toca, com medo da noite e dos seus astros incompreendidos.

Então, naquele caminho perdido da Mesopotâmia, sob a tristeza imensa da tarde, os dois sábios, filhos de Seth, determinaram arquivar, escrevendo em matéria imperecível, a ciência que possuíam, que era a ciência total daquela primeira humanidade. Durante três dias, durante três noites, num vale onde acendiam fogos, à beira de uma fonte que rugia, inchada com a cólera que Deus já comunicara a todas as águas — os dois sábios, sem repouso, ansiosamente, espreitando as nuvens, gravaram sobre o granito e gravaram sobre o tijolo o livro

de todo o saber. Depois, na derradeira madrugada, finda a obra, estendidos como páginas, pelo vale, os tijolos e os granitos onde ficava inscrita toda a ciência inicial, os dois sábios, levantando as faces cansadas, louvaram o Senhor que lhes concedera tempo de cumprirem para com os homens da outra humanidade aquele dever final de fraternidade magnífica: e do céu caíram lentamente sobre as faces erguidas dos dois filhos de Seth as primeiras gotas, pesadas e mudas, da grande chuva de Deus.

Que continham, gravados pelo cinzel generoso dos dois filhos de Seth, esses tijolos, esses granitos, páginas imperecíveis do livro de todo o saber, enterradas há 4240 anos num vale da Mesopotâmia? Certamente nas suas

primeiras linhas o livro revelava o começo e a idade do mundo. (Dois sábios antediluvianos, filhos de Seth, não deixariam de registar esta augusta cronologia.) Depois, sem dúvida, ensinava a jornada que o Sol faz no zodíaco, as inconstâncias da Lua, as influências dos ventos, a previsão das borrascas pela forma das nuvens que o Senhor na sua cólera enegrece, e doura na sua alegria. Como a ciência de propiciar Deus é a mais útil ao homem que começa a sua carreira terrestre, necessariamente o livro indicaria as épocas em que convém subir aos montes para adorar a divindade, e os carmes rituais que melhor a glorificam, e as oferendas votivas de animais, frutas ou essências com que ela mais se deleita. Escrevendo para seres tão

noviços como fora Adão na semana genesíaca, o livro incontestavelmente instruía esses simples nas artes de cardar a lã, torcer a corda, forjar o ferro, amassar o barro. Logo adiante, começaria o bom ensino rural, as sementeiras, as vindimas, e como se atrai o enxame das abelhas, como se espreme a azeitona no lagar, como se alternam as pastagens dos rebanhos. Longos tijolos seriam dedicados aos segredos de curar as feridas da flecha, a mordedura das serpentes, os arrepios e suores que vêm da passagem de ventos malignos e as chagas que tornam inúteis as pernas dos velhos. Também o bom livro marcaria as estradas que levavam à Fenícia, à Bactriana, ao Egito, mostrando como se percorre o deserto sob a guia doce das

estrelas e como, pela cor da terra, se descobre a água escondida. Um tijolo com certeza daria a velha tabela mesopotâmica dos pesos e medidas. E outro talvez ao lado arquivasse a filiação dos grandes chefes cananeus e a sua riqueza em gados, armas, escravos e vasos de ouro... Que direi? O livro de todo o saber, gravado para a humanidade vindoura sobre o tijolo e o granito, nas vésperas do Dilúvio, por dois sábios, filhos de Seth, era na realidade e simplesmente — um almanaque.

É que o almanaque contém essas verdades iniciais que â humanidade necessita saber, e constantemente rememorar, para que a sua existência, entre uma Natureza que a não favorece e a não ensina, se mantenha, se regularize e se

perpetue. A essas verdades, chamam os Franceses, finos classificadores, «verdades de almanaque». São as altas verdades vitais. O homem tudo poderia ignorar, sem risco de perecer, exceto o mês em que se semeia o trigo. E se os livros todos desaparecessem bruscamente, numa fogueira atiçada pelo Senhor, restando apenas entre o montão de cinzas um almanaque inocente, a civilização, guiada pelas indicações genéricas que ele desse sobre a cronologia, a religião, o estado, a lavoura, o direito, poderia continuar, sem esplendor e requinte, mas com fartura e com ordem, a sua marcha de caravana para a sua ignorada Meca. Por isso os homens se apressaram a arquivar essas «verdades de almanaque» — antes mesmo de fixar em livros duráveis as suas

leis, os seus ritos, os seus anais. O almanaque antecedeu o código, a cartilha e a história.

Entre os lixos pré-históricos que cada dia se desenterram, muitas vezes se encontra um pedaço de dente de mamute, onde algum ousado artista, que floresceu há duzentos mil anos, gravou uma imagem da Lua, ora redonda como um escudo, ora arqueada como um batel. São rudimentos de almanaques. E o homem hirsuto, ainda sem alfabeto, quase sem linguagem, que do fundo da toca onde come crua, como uma fera, a carne das feras observa espantado as viagens dos astros, e com uma lasca de pedra tenta fazer o seu almanaque. Depois passados centos de mil anos, quando se abrem as portas já sólidas da história, em que ocupação

surpreendemos os primeiros povos, os Caldeus, os Assírios? Nos altos terraços dos templos, observando os eclipses, dividindo pensativamente o ano e o mês, calculando os pesos e as medidas, regrando a colheita do bálsamo, regulando a data das feiras — compondo almanaques.

O almanaque, com efeito, é o livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas dentro das quais circula com precisão toda a nossa vida social. O tempo, essa impressão misteriosa a que chamamos tempo, é para o homem como uma planície sem forma, sem caminho, sem fim, sem luz, onde ele transita guiado pelo almanaque, que o segura pela mão, o vai puxando e a cada passo murmurando: «Aqui, estás em setembro!... Além, finda a

semana!... Em breve alcanças o vinte e oito... Hoje é sábado...» Se o almanaque de repente, por facécia ou perfídia, lhe soltasse a mão, o abandonasse, o homem vaguearia irremissivelmente confuso e perdido dentro da vacuidade de o não ser do tempo. Sumida a noção do ano, do mês, do dia, ele não poderia mais cumprir, com ordem proveitosa, os atos da sua vida urbana, rural, religiosa, política, social — e logo se arriscaria àqueles dois erros de que galhofava o provérbio antigo: a semear o seu trigo em julho e a celebrar a sua Páscoa em novembro. Só com o almanaque, sempre presente e sempre vigilante, pode existir regularidade na vida individual ou coletiva: e sem ele, como uma feira, quando se abatem as barreiras e se

recolhem as cordas divisórias, o que era uma sociedade seria apenas uma horda e o que era um cidadão seria apenas um trambolho.

Por isso cada povo que se organiza e se prepara para a história imediatamente redige o seu almanaque, com o cuidado e a previsão com que traça as ruas da sua cidade. De facto, ainda Roma é um terreno mal armado, mal murado, com barracões rudes para os homens e estacadas para os gados — e já Rómulo, ansiosamente, recolhendo, através de velhos áugures sabinos, as tradições dos magos caldaicos, se ocupa em organizar o ano, arranjar dez meses que o encham harmoniosamente, distribuir por eles os dias, fixar o calendário, estabelecer o almanaque romano. Mas o

rude fundador que mamara os peitos da loba não tinha a fina arte do almanaque. Guiada pelo «almanaque» de Rómulo, Roma começa a hesitar, a tropeçar na sua vida civil e sacra, errando lamentavelmente, ora na celebração dos ritos, ora na reunião dos comícios... Então Numa, o prudente Numa, tudo abandona, a construção do Foro e do Aqueduto, a organização dos sacerdócios e das milícias, para acudir à necessidade suprema, e, sob o bafo e inspiração das sibilas, refazer o almanaque, criar um almanaque que conduza Roma, com segurança, aos seus altos destinos. Assim, Roma ainda não tem um livro — e já possui dois almanaques, e um deles velho, atirado para entre o cascalho e o lixo do Capitólio que se ergue. Para evitar estes

erros, funestos à república, e dar à veracidade do almanaque uma sanção religiosa, a redação do livro vital foi confiada, como um rito, aos pontífices. E como os pontífices não saíam de uma casta sacerdotal, mas eram anualmente escolhidos entre os personagens do Estado superiormente magníficos (os imperadores, mais tarde, exerceram o pontificado), não houve em Roma patrício de grande nome e de grande clientela que se não tivesse ocupado, durante o período augusto da sua existência cívica, em redigir, com estilete de marfim ou ouro, o almanaque do ano. César, através da conquista do mundo, incessantemente pensa em reformar o calendário, refazer o almanaque romano, em harmonia com a sociedade romana que ele vai refazer. No

Egito as suas noites pertencem, *sicut licet*, à maravilha do Egito, a Cleópatra: mas os dias são dados ao velho e hirsuto Sosígenes, astrónomo muito famoso do Serapeum, com quem o vencedor das Gálias colabora no grande almanaque juliano. E os papas, que tanto herdaram dos césares, herdam também este cuidado, tenazmente se esforçam por harmonizar o ano da Terra com o ano do céu, até que um, Gregório XIII, melhor jurista, melhor teólogo, vendo no seu pontificado a Páscoa a correr, aflita, esguedelhada, sem encontrar o seu dia, decreta este calendário, estabelece este almanaque, que, em alegria ou em tristeza, nos vai conduzindo através do tempo e da sorte.

Já então o almanaque, além da sua imensa importância civil, tem uma

profunda importância religiosa — porque a cada dia do ano a Igreja adjudicou a festa e a adoração de um santo. Mas o ano oferece apenas trezentos e sessenta e cinco escassos dias — e no céu vivem decerto milhares de santos: só a Irlanda, a Verde Erin, a esmeralda céltica, produziu três mil, e dos melhores, uns reis, outros porqueiros, mas todos fortes vencedores do Demónio. Roma, pois, suspirando, teve de fazer uma seleção, separar uns quatrocentos santos, mais mártires ou mais doutos, sobretudo mais latinos, que ela distribuiu pelos dias do ano — empurrando às vezes dois e três em reverência, mas com força, para dentro do mesmo dia. Esses formam a aristocracia celeste. Os outros milhares constituem uma divina plebe que está no céu sem

estar no calendário, que nós ignoramos, que Deus conhece, e a quem talvez redobradamente ama pela sua obscuridade tocante. O almanaque era assim para os santos o que era para os fidalgos o *Livro de Ouro da Nobreza*. Por isso, durante toda a Idade Média ele anda colado aos livros de horas e de orações. Pelo seu caráter santificado quase se confunde então com o Breviário. E a sua leitura não só interessava os homens da Terra, mas os santos no céu — pois que cada um podia aí encontrar o seu nome, com gosto, na aureolada lista da nobreza divina, e verificar risonhamente o dia em que, por escolha da Igreja, os homens lhe deviam incenso, sermões, fogueiras, cantos e ramalhetes. Decerto no céu (pelo menos durante a Idade Média) os santos tinham

um almanaque. Na biblioteca do Paraíso não havia livro mais pedido nem mais folheado. Que outras imaginações humanas podem prender os santos a não ser o culto vistoso e amoroso que nós lhes votamos, e que é na verdade a mais linda e genial das nossas conceções! E é doce pensar que nas coruscantes manhãs de bem-aventurança eterna, nos inefáveis ócios daquelas manhãs que não têm tarde, os santos se juntam, se recostam sobre uma fresca nuvem, folheiam curiosamente um almanaque, já luminoso de ter sido tão manejado por luminosas mãos, e seguem, com olhares húmidos de gosto e riso, as linhas do calendário... Então S. João Nepomuceno exclama, com encantada surpresa: «Começa amanhã a minha novena!» E S. Camilo de Lelis, cofiando a

barba perfumada, calcula e murmura deleitado: «Faltam três dias para a minha festa, com música na Madalena!...»

Mas pelos santos ou pelos pecadores o almanaque foi sobretudo lido com avidez e amor, depois da invenção da imprensa, quando ele deixou de ser o custoso e fidalgo manuscrito, em pergaminho, rebrilhante de iluminuras e iniciais floridas, e se popularizou, se tornou o folheto de papel pardo, de grossas letras negras, que todos os anos, aos primeiros frios, antes do Natal, entrava pelos castelos, rompia alegremente pelos casebres, ainda húmido do tempo e da tinta gorda, e à noite, ao serão, acabava de secar diante da lareira, contando as grandes coisas do céu e da Terra. Já então o bom almanaque se

despegara dos livros de orações e dos breviários — e não se contentava em desfiar, de mãos postas, o devoto calendário. A humanidade, saindo do fundo da Meia Idade e passeando ao sol da Renascença, descobrira uma inesperada maravilha, a Natureza, andava toda no deslumbramento e na paixão da Natureza — e o almanaque, que depende da humanidade, imediatamente se fez naturalista. Vivera até aí nas igrejas com os padres — agora não sai dos laboratórios, de entre os sábios. Se volta ainda cada ano à igreja, não passa da porta da sacristia, onde consulta o sacristão e toma uma nota concisa das novenas e dos lausperenes. Mas alinhavado o calendário (porque o mundo, mesmo sob os papas pagãos, ainda é

católico) — todo o seu volume, já grosso, o entrega aos sábios com quem vive, com quem se deleita, para que eles o encham, lhe deem a dignidade apetecida de manual do saber. E quem são esses sábios? No alvorecer da Renascença são simplesmente os astrólogos e os médicos. O almanaque constitui então para estes dois facundos personagens uma forma de publicidade inesperada e preciosa. Só dois livros se vendem, penetram nas massas humanas — a Bíblia e o almanaque. Mas a Bíblia é um livro definitivo, fechado, pois que o céu o ditou e depois de o ditar emudeceu. O almanaque, esse, engrolado o calendário que a tradição lhe impõe, tem largas páginas brancas. Nelas se instalam, para longos séculos — o médico e o astrólogo.

Eis o almanaque — que os Caldeus e os Etruscos, e depois Rómulo, e depois César, tinham procurado ansiosamente tornar o «livro de verdade» — cheio de horóscopos, de vaticínios, de prognósticos, de oráculos, de revelações, de esconjuras, de nicromancias, de terrores! É o astrólogo que pontifica, com o seu negro funil sobre a guedelha, o óculo de papelão inspirado para o alto, a simarra negra salpicada de meias-luas caindo em pregas fatídicas, as barbas a esvoaçar. E logo adiante surge o médico, de óculos redondos na ponta do bico, sobraçando a seringa imensa. Esse traça os récipes, lança os aforismos, estabelece os ditames, desenrola as virtudes dos simples e dos metais e revela misericordiosamente os grandes segredos

— desde o raminho de cinco-em-rama trazido sobre o peito, que faz secar as almorreimas, até às pílulas de azebre e mirabolanos, que, tornadas em sumo de couve, aumentam a memória e os poderes do raciocínio. O ano de 1550 é a data gloriosa para este novo almanaque secularizado, convertido em fonte de saber — porque nesse ano o ilustre, o tremendo Nostradamo, o astrólogo venerado de Carlos IX e de Henrique II, o mestre das grandes artes, o adivinhador da história, o confidente dos astros, vota toda a sua ciência espagírica, toda a sua experiência dos quatro elementos, à redação de um almanaque. Desde então o almanaque fica uma obra extremamente nobre, a que se pode atrelar com honra um génio, um vidente, um profeta. O bom

folheto de papel pardo imediatamente se incha com esta consagração quase pontifical — e a sua voz retumba como a dos velhos oráculos. Já não se contenta em predizer ao varão nascido sob o signo do Touro que «viajará em países estrangeiros e aos quarenta anos, por causa do fígado, se tornará taciturno»: mas, mergulhando o óculo astrológico na densa treva do futuro, anuncia os destinos, dos reis e dos povos. E todavia, meus irmãos, com esse óculo de que hoje nos rimos viu ele, o astuto almanaque do século XVI, catástrofes, minas nossas! E no seu almanaque que Nostradamo vaticina as matanças de padres e fidalgos na Revolução de 93. É noutro almanaque que o monge Orval prediz a guerra da França e da Alemanha em 1870, duas

províncias levadas e Paris incendiado.

Talvez por tanto esticar os olhos, e de tão longe, para o futuro, é que o almanaque chegou a não compreender, a quase ignorar, o esplêndido presente que o cercava; e assim, durante todo o século XVII, ele se torna, no meio da fértil corrente das ideias e das ciências, uma verdadeira rocha, onde se isola e se agarra, como uma tartaruga com a sua velha casca, a pesada e chata rotina. Entre o novo saber que se constitui e se abastece pela observação dos fenómenos, o almanaque fica como o refúgio derradeiro das fórmulas escolásticas. Já a maçã (essa medíocre fruta, que tanto tem feito pela ciência desde os dias do Paraíso) revelara a Newton a gravitação dos corpos, e já Newton morrera

deixando a astronomia constituída — e ainda o almanaque, fiel a Ptolemeu, ou com medo do defunto cardeal Belarmino, ensina aos camponeses e à fidalguia de província que a Terra está fixa, e em volta dela, numa marcha respeitosa, gira o Sol com todos os seus astros, e o céu com todos os seus santos. Já Torricelli descobrira o barómetro e a pressão do ar e Higgens formulara a teoria da luz com movimento — e ainda o nosso querido almanaque teimava numa vetusta física do tempo de Arquimedes, explicava que a «água sobe nas bombas porque a Natureza tem horror do vácuo», e forçava povos estimáveis a viver no constante horror deste vácuo de que até se horrorizava a Natureza! Já Harvey achara a circulação do sangue e a medicina se ia metendo

pelas estradas do raciocínio — e ainda o bom almanaque corre todos os anos, alvoroçado, pela cidade e pelo campo a espalhar a certeza imensa de que doença e saúde dependem de termos o fígado de compleição quente, de compleição fria, de compleição seca ou de compleição húmida... Assim disserta o almanaque, no século XVIII, nas vésperas da *Enciclopédia*! Que digo eu? Em 1815, quando este nosso século XIX já é um moço prodigioso que conhece o vapor e medita no telefone, puxando o buço — ainda por toda a terra de Espanha circula com grande autoridade um almanaque, impresso em Valência, cheio de «coisas notáveis e de grande utilidade», onde se populariza uma astronomia anterior a Ptolemeu, uma física anterior a

Arquimedes, uma medicina anterior a Galeno e uma botânica anterior a Adão.

Pobre e descuidado almanaque! Bom risco corria ele de se tornar perfeitamente desprezível, quando Franklin lhe estendeu a mão amorável, lhe limpou o bolor da rotina e o tornou «raciocinado e científico» com o seu esperto *Almanach du Bonhomme Richard*. Era esse o curioso momento do século XVIII em que as ciências naturais, as ciências económicas, as ciências políticas, toda a ciência, e com ela a filosofia, estavam «em moda», constituíam o regalo e o cuidado mundano da sociedade, que então se chamava a «boa companhia». Todo o salão de Paris, verdadeiramente superior e bem formado, devia ter os seus filósofos, os seus

economistas, os seus matemáticos; e a conversa preferida, a mais picante, à ceia, quando se serviam os vinhos do Tokay, preconizados, através de D'Alembert, por Frederico, rei da Prússia, era sobre zoologia ou sobre química. À cabeceira de todo o leito, mesmo dos mais levianos, havia um grosso tomo da *Enciclopédia*. Em cartas, ou passeando no Cours-la-Reine, os namorados discutem as questões da filosofia, uns sendo pelo deísmo dos Escoceses, outros, naturalmente, pelo sensualismo de Condillac. E as damas correm de Versalhes em coche, e decotadas, para ouvir um novo opúsculo de economia política de Mr. de Quesnay. A ciência e as suas teorias eram para esta boa companhia do século XVIII (fina flor do género humano, como afirma Voltaire)

o que a religião e as suas controvérsias tinham sido, no tempo de Port Royal, para a sociedade do século XVII, que então se chamava «a gente do belo ar». De facto, a religião agora, a única que tinha fanáticos, era a ciência. O *Almanach du Bonhomme Richard* foi o seu catecismo popular. Aí a ciência, sem o aparato das escolas e sem o requinte oratório das salas, vestida de briche e com a cabeleira despolvilhada, como o próprio Franklin (que tinha também a alcunha de *Bonhomme),* ia contar caseiramente, pelas vilas e pelas aldeias, as maravilhas do universo.

Tão popular em toda a Europa se tornou este almanaque que a literatura teve pungentes ciúmes da propaganda que ele fazia à ciência. E a poesia, que era a grande forma literária do século XVIII,

inventou para seu uso o *Almanaque das Musas*. Nesse, nem astronomia, nem física, nem medicina, nem mesmo economia política, apesar de tão mundana, tão patrocinada pelas damas. Apenas um calendário seco, em letrinha miúda, quase sem santos — e depois trezentas páginas de cançonetas, quadrinhas, éclogas, ditirambos, epicédios, epigramas, epitalâmios, elegias, fábulas, sátiras, epístolas e madrigais em flor. O *Almanaque das Musas* foi o grande viveiro dos vates do século XVIII. Por vezes mesmo, Mr. De Voltaire, velhíssimo, mirrado, em *robe de chambre*, com uma perna metida na sepultura e com a outra atirando piruetas, vinha aí trautear, em falsete rachado, alguma quadra, maligna ou tema, de verso falsete e

também rachado. Mas que êxito incansável, o deste *Almanaque das Musas*, de bordas douradas! Nascido sob Luís XV, viu Luís XVI; viu Robespierre e o Terror; viu o Diretório; viu Napoleão; viu os Aliados em Paris; viu Luís XVIII; viu Carlos X... E sempre poetando! Alguém houve pois que rimou galanteios a Clóris durante as matanças de setembro! Alguém houve que fez espumar um ditirambo e gritou «evohé!» enquanto a guarda morria em Waterloo! Caduco, caquético, com caruncho nas rimas, o *Almanaque das Musas* morreu, enfim, quando Victor Hugo já escrevera os *Burgraves*, já era par de França!

Assim o almanaque propagava pelas cortes a poesia galante de Paris, ou derramava, pelas pequenas vilas

adormecidas, o gosto da ciência raciocinada. Mas uma missão mais ruinosa lhe restava ainda nos fins desse século XVIII — a de vulgarizar a revolução, denunciar «os velhos abusos», ensinar «os novos princípios». Desde 1787 é o *Almanach du Père Girard* que vai por todas as aldeias de França, se senta às lareiras, conversa das geadas e dos ventos, e depois, quando todos esses olhos tristes de aldeões famintos estão cravados nele, volta sorrateiramente a folha e começa a ensinar que a nação é soberana, que todos os cidadãos nascem iguais e livres, que os direitos feudais devem findar e que no mundo, tornado justo, vai reinar a fraternidade...

Proudhon conta orgulhosamente que seu pai, durante o longo e terrível

inverno que precedeu a Revolução, ia através da França, com grossos tamancos sobre a neve dura, espalhando o *Père Girard*, que ele levava dentro de um alforge, e que deixava sobretudo nas residências dos curas, para que o lessem aos fiéis como um novo e melhor evangelho. E esta tradição de utilizar os almanaques como agentes formigueiros da Revolução persiste em França, onde, de 1830 a 1850, aparecem, sucessivamente mais radicais, mostrando como a Revolução se alastra das estreitas fórmulas políticas para as vastas transformações sociais — o *Almanaque dos Amigos do Povo*, o *Almanaque do Verdadeiro Republicano*, o *Almanaque Democrático*, o *Almanaque do Trabalhador Emancipado*, o *Almanaque*

do Socialismo, o *Almanaque da Ideia Comunista*... Um dos primeiros cuidados de Napoleão III, antigo conspirador que conhecia as boas armas, foi mandar calar os almanaques. Eis o nosso brilhante amigo, depois de funções tão intelectuais e cívicas, reduzido humildemente a anunciar eclipses e marés. Mas não lhe convém perder esse hábito que o torna tão querido e necessário — o doce hábito de conversar ao serão com o seu leitor do campo e da vila, que tem nele o conversador mais instruído de quantos lhe batem à solitária porta. Em França era nesse momento proibido pensar — mas era permitido rir. Até mesmo o riso, como clássico espalhador de males, agradava a César. Então o almanaque, astuto, desata a rir. Daí nasceram esses almanaques,

imitados por toda a Europa e que também floresciam em Portugal — o *Almanaque para Rir;* o *Almanaque Cómico;* o *Almanaque Satírico;* o *Almanaque das Cem Pilhérias;* o *Almanaque das Gargalhadas*... Uma atroante hilaridade, patrocinada benignamente por um imperador taciturno, de fígado congestionado, que nunca ria — e que ignorava que o riso é um rude demolidor de instituições. Nesse tempo, desgraçadamente, andavam muito atrasadas as ciências psicológicas — sobretudo a psicologia das multidões, sem o conhecimento da qual não pode haver estadista nem mesmo estado que sejam estáveis. Não se tinham também interpretado veridicamente os grandes símbolos históricos: e ainda se ignorava,

mesmo na Academia das Inscrições, que se Jericó caiu tão facilmente é porque Josué, que chegava do deserto e da verdade das coisas naturais e livres, fez girar em torno àquelas muralhas, onde se abrigava o bolorento anacronismo das ideias cananeias, o triplo som de gargalhadas heroicas. A Bíblia diz «trombetas» — porque os Orientais, em matéria de religião ou de negócio, que são os supremos interesses da sua vida, se exprimem sempre por parábolas e emblemas.

Rindo, cheia de *Almanaques para Rir* e com aquele olhar vagamente obscurecido de quem muito ri — a França esbarrou em Sedan. Nação de guerra, «soldado de Deus» e tendo até aí posto toda a sua honra nas armas, não quis

confessar que fora vencida pela espingarda do soldado alemão — e imaginou, ou pelo menos afirmou, que fora vencida pelo compêndio do professor alemão. Com efeito, o professor lá estava também, nos altos de Sedan, de óculos, de grossas barbas ruivas — mas sem compêndio, com uma espingarda: e quem comandava era Moltke e não Hegel. Na realidade não vencera nem o compêndio, nem a espingarda — mas a forte alma germânica, a alma submissa a séria que estava no soldado e estava no professor. Ao fim da batalha, os Franceses, encurralados no vale de Sedan, choravam, clamavam, injuriavam o imperador, desabafavam em blasfémias, tentavam arremetidas furiosas... E no entanto, sobre as colinas, os exércitos alemães, trezentos

mil homens, com uma só grande voz, uma lenta e grave voz, repassada de reverência e crença, cantavam na sombra crepuscular o *Coral* de Lutero. Este *Coral* cantado em Sedan por um exército, numa tarde de batalha, explica, melhor que todos os relatórios do Estado-Maior, as vitórias da Alemanha — as que passaram e as que virão.

Mas a França estabelecera, como consolação ou como esperança, que a ciência vencia, *in hoc signo*, como outrora a cruz, pela sua própria virtude — e começou a prestar à ciência um culto exclusivo e magnífico. Ao contrário dos tempos ligeiros de César, já não era permitido rir — só era permitido saber. Logo no seu primeiro ano, a república gasta centos de milhões em escolas — e

toma por padroeira Nossa Senhora da Erudição. Mas não é a ciência do século XVIII, elegante, embelezada pela oratória, toda em nobres teorias, que as damas de Versalhes debicam, por entre «sonhos de ananás», sorrindo meigamente aos zoólogos e aos químicos. É uma ciência positiva, experimental, toda em factos, que não vem para ornar a inteligência mas para enriquecer a bolsa, e por isso indiferente aos sistemas, só atenta às aplicações. Todas as formas da atividade intelectual se reclamam logo desta ciência experimental. A crítica pretende ser equiparada à botânica. O romance exige que o considerem como um ramo da fisiologia. O almanaque imediatamente se tornara também científico. Não o fora ele sempre desde Nostradamo até Franklin? E

como esta ciência nova é, por natureza, especialista — ele se encarrega de a vulgarizar, nas suas especialidades, através das artes e dos ofícios.

Então aparece o *Almanaque do Químico;* o *Almanaque do Construtor; o Almanaque do Destilador;* o *Almanaque do Vinhateiro;* o *Almanaque do Mestre de Forja;* o *Almanaque do Mineiro;* o *Almanaque do Cervejeiro*, que sei eu?... Até ocupações que andavam abandonadas à direção do instinto procuram a garantia da observação e pedem regras, bem experimentadas, bem comprovadas, que o bom almanaque logo serviçalmente se presta a codificar: e assim temos o *Almanaque do Caçador;* o *Almanaque do Remador;* o *Almanaque do Pescador à Linha; o Almanaque do Biciclista;* o

Almanaque do Valsista!

Ora, sempre que se acentua um fenómeno de especialização muito disseminada surge logo, sobretudo no espírito latino, amador teimoso de simetria e de unidade, uma tendência a generalização bem concentrada, bem apertada. Assim desabrochou naturalmente a ideia lucrativa de estabelecer um almanaque genérico, que, abrangendo todas as especialidades, atraísse todas as clientelas, fosse tão prestante ao mineiro como ao biciclista, e realizasse na ordem das informações o que, na ordem das provisões, tão inesgotavelmente realizam certos armazéns de Londres (como o Whiteley), onde se pode obter, indiferentemente, só com mudar de balcão, um chapéu, um

elefante, um trombone, um bote ou o osso de um mártir... E aqui está este almanaque, por cujas primeiras páginas vamos andando e conversando, que é simplesmente *enciclopédico*.

Ideia subtil e fértil. As enciclopédias, tais como elas se edificam, desde a «Grande», a do século XVIII, a de Diderot e D'Alembert, são obras aterradoras. Compridas como a curiosidade humana, construídas em in-fólios que pesam cinco e sete quilos, elas atravancam as nossas livrarias, que tornam maçudas e tristes, empolgam o lugar devido aos poetas e aos filósofos, esbarrondam os soalhos, e pelas suas alterosas proporções desanimam o espírito investigador, como uma enorme, sombria montanha assusta e desalenta o

peregrino. Ah!, realmente nesta nossa atulhada Europa, onde já há tantos homens que se entressufocam, não resta espaço para os conhecimentos, desde que eles se materializem e se encarnem em tornos mais grossos que os homens. Em Paris, onde mesmo os palácios são estreitos, como o génio da raça que os edifica (nenhuma senhora, em Portugal, alojaria as suas criadas nos cubículos que Maria Antonieta ocupava em Versalhes), não existe casa, por mais estudiosa, que se resigne a conter a nova *Enciclopédia Universal*, dirigida por Berthelot — e ainda essa torre augusta da sapiência vai nos primeiros andares, na letra C. A *Enciclopédia Britânica* já não cabe em Londres, onde todavia cabem seis milhões de seres — dos quais três são mulheres, e

usando essas mangas tufadas que tiram ao civilizado o espaço que lhe pertence na civilização e o impelem a emigrar para a Austrália e África. Assim, que providencial invenção o editar todo o saber em volumes portáteis, fáceis, que um erudito anémico possa manejar, que não tirem lugar à imaginação e à razão criadora, que possam dormir connosco na alcova com os livros de rezas e que nos ofereçam as noções facilmente, e tão fáceis de colher como flores de um canteiro baixo! Preciosa ideia, sobretudo, não arremessar sobre nós toda a ciência bruscamente, num só baque, em pedreira que desaba, mas espalhar discretamente, suavemente, por cada ano, um pedaço da *Re Scibile*, de modo que ela seja como um magnífico país onde pelo outono, quando

vem o almanaque, empreendemos uma bela excursão, ora para ver os seus frescos vergéis, ora as suas eruditas cidades... Assim em 1896 andamos pelo céu, com a meteorologia, observando divertidamente como se formam as nuvens e como os flocos de neve se aligeiram e se vestem de gaze branca para a sua dança pensativa e muda. Em 1897 desceremos talvez, com a geologia, ao centro da Terra, para contemplar da borda negra das rochas o vasto mar do fogo central, rolando e rugindo. O ditoso leitor do *Almanaque Enciclopédico* é assim, cada ano, nas férias, procurado pela ciência, uma ciência moça, de roupagens ligeiras, ágil e familiar, que o toma pela mão, o conduz alegremente, sem soalheiras e sem estalagens, a um dos seus maravilhosos

domínios. Vai levado como se o ar o levasse e não tem ele de se erguer num esforço, de se vestir todo de sisudez, de marchar pensabundamente e de procurar a ciência.

Ninguém, de resto, nesta nossa idade leviana, a procura, nos seus domínios especiais e alcantilados, a não ser os que dela comem profissionalmente ou os que nela se perdem todos, corpo e alma, como num amor sublime. Onde houve aí homem resoluto que, sem essa grossa urgência da profissão ou esse impulso de alta voluptuosidade intelectual, desvie os passos do seu prazer ou do seu negócio, os endireite bem firmes a uma biblioteca, para sinceramente e fundamente se iniciar nos costumes e instituições dos Egípcios do

tempo de Ramsés II?

Nunca houve! Houve Décio, que em Roma, por amor de Roma, se arrojou vivo a um sorvedouro que é perfeitamente lendário. Mas nunca houve o outro, o homem que se erguesse e marchasse para o Egito de Ramsés. Para tão temerosas jornadas é necessário que sejamos docemente arrastados por algum velho e sociável amigo, que nós sabemos não ser pedante, nem maçudo, nem pastoso, e que na sua convivência sempre nos habituou a horas festivas e amáveis. O almanaque é esse amigo sociável e fiel. Bem o conhecemos, desde os primeiros serões da nossa mocidade, que ele encheu e maravilhou. As suas histórias eram tão risonhas! Quanta agudeza nos seus logogrifos! Quadras que ele nos cantou

ainda nos repicam na alma! Será certamente de boa aventura a estrada por onde ele nos leve... E lá vamos confiados, lentamente avançamos, escutando o bom almanaque, que nos ensina uma data, nos revela uma receita frutuosa, nos murmura maliciosamente uma picante estatística, até que nos encontramos muito longe, à beira de um grande rio: e é o velho Egito, por Deus!, estamos justamente entre os Egípcios do tempo de Ramsés II!

Ah!, almanaque, almanaque!, nunca nós treparíamos a esta remota Antiguidade, se não fora a tua sedução, companheiro de palestra douta e fácil! E agora, que de tão longe viemos, será divertido percorrer este vale do Nilo de há quatro mil anos e observar este povo polido, silencioso, vestido de linho

branco, docemente caturra, que traz uma flor na mão e saúda com reverência os gatos. Como vão e vêm nobremente, sobre o rio sagrado, as vistosas barças de vela escarlate, com a sua alta popa que é o loto desabrochado! Olá!, bem gráceis e moreninhas e tenras são as duas harpistas que cantam agachadas, acolá, à porta da taberna, rente ao caramanchão de grades douradas, onde dois homens, um escriba e o outro, de simarra bordada, certamente mercador de Susa, bebem um vinho cor-de-rosa desmaiado, e tão leve, e tão fresco, que me está doidamente tentando! Oh!, o curioso pátio, e o tanque imenso de granito verde, e os dois sacerdotes lançando bolos de mel, devotamente, a um velho crocodilo sagrado que tem as patas medonhas carregadas de manilhas de

ouro! Decerto, além, na margem arábica, passa um chefe, um príncipe, porque pontas de lanças faíscam entre leques de plumas, e um carro lento que rebrilha, esmaltado, toldado de sedas finas, rola com majestade na estrada que airosas núbias, de véus amarelos, vão regando, perfumando e juncando de anémonas. Esta cidade, que se estende até ao deserto líbico, cheia de obeliscos, de pilones, de esfinges, de palácios, de jardins, de piscinas, com avenidas areadas de azul, é decerto Tebas. Já o Sol vem rompendo dos lados do mar. E eis justamente o grande pontífice, esguio e pálido como um círio, que surge entre as cortinas desfranzidas do pórtico de Ámon, ergue as mãos espalmadas para o astro e murmura num êxtase: «Oh, verídico, oh,

benéfico, oh, bem desejado dos homens, oh, senhor radiante dos dois horizontes!...» Linda prece, e deliciosa foi esta jornada, meu bom *Almanaque!* Para o ano, se voltares, irei contigo a Atenas, quando o lance for mais interessante, e o Persa numeroso vier marchando da Dorida, e Esquilo velho, e Sófocles moço, e os poetas divinos se estejam armando para se baterem em Salamina!

Mas não é certamente por esta ciência fácil que o almanaque me encanta: e se ainda o desejo louvar é pelo incomparável benefício de nos tornar o tempo visível e como palpável. Consideremos que um dia esquecido, não registado no almanaque, seria absolutamente como um negro pedaço de não ser por onde um pedaço da nossa vida

se afundaria, se iria em nada. Só o almanaque verdadeiramente nos penetra da realidade da nossa existência, porque a circunscreve, a divide em talhões regulares, curtos, compreensíveis, fáceis de desejar e depois fáceis de recordar por terem nome e quase terem forma, e onde se vão depondo, e onde vão ficando, os factos da nossa feliz ou desgraçada história. As datas, e só elas, dão verdadeira consistência à vida e à sorte. Um bem que nos veio «no dia 17 de agosto, que era uma quarta-feira», fica alumiando a nossa alma com uma claridade muito diferente do bem que nos sucedesse, incertamente, no tempo, sem dia e sem data. Quando em Roma mais confuso se tornara o calendário, antes do almanaque de César, os cônsules,

comandando as legiões, ganhavam batalhas — mas nunca se podia inscrever com exatidão nos fastos o dia certo das vitórias. E era um deles, o velho Pansa ou Caio Metelo, que exclamava uma tarde no Senado: «Que valem triunfos que não têm data?» Que valem, na verdade? É a certeza da data que imprime realidade às coisas que, sem essa certeza encarnadora, apenas passadas, se desfariam na diafanidade e impalpabilidade do tempo. Todo o nosso viver consiste num rolo de sonhos que se vão desprendendo de nós, fugindo para trás como o fumo de uma tocha que corre, depressa adelgaçados, logo esvaídos. São as datas que prendem, retêm esses sonhos: nelas ficam imóveis, em torno delas se condensam, por elas ganham forma e duração.

Foi entrevendo esta verdade que Bossuet, numa grande imagem, comparou os dias felizes de uma existência a pregos de ouro cravados numa parede escura. Esses pregos eram as datas, onde as venturas dessa existência, que já voavam, se iam dissipar na eternidade, ficaram presas, imóveis, resplandecendo como pontos de ouro. Mas as nossas dores são da mesma essência e vão pelo caminho das nossas alegrias. E que vantagem tiramos de que as nossas dores fiquem retidas e vivendo na ponta de uma data, e dela dardejem periodicamente o seu dardo, e não se desfaçam na vacuidade do tempo? A vantagem de permanecerem, e sobre nós renegrejarem, e dentro em nós redolorirem — pois que é só relembrando, revivendo, ressofrendo as

suas .dores que a alma se corrige, se liberta, se aperfeiçoa, se torna mais própria para Deus.

E mesmo nesta aproximação do céu, quanto ainda, de outro modo, devemos ao almanaque! E ele que, retomando as meigas funções do anjo da guarda, constantemente nos avisa e nos avizinha dos deveres que salvam. Com que desvelo nos empurra ele para a convivência dos santos! E sem capciosas e subornantes promessas de bem-aventurança — sem impertinentes e descorteses ameaças de fogo eterno! Não! Muito simplesmente, muito discretamente, lembrando cada manhã o santo que devemos adorar, ou na capelinha do nosso coração, ou na boa igreja da freguesia onde essa adoração esteja preparada de.

véspera, com sanefas e órgão. E isto sem insistir, cheio de confiança na prontidão da nossa fé, murmurando apenas, ao passar, com um leve murmúrio de folha roçada: «Hoje, quarta-feira... S. José... Cardais da Graça!...»

Assim o bom almanaque se torna o cicerone adoravelmente zeloso das estradas que levam ao céu. Que digo? Ele arranja, na realidade, que essas estradas, tão várias, umas lajeadas de obras, outras de pensamentos, desemboquem todas na nossa vida — e cada fresca manhã, por uma dessas luminosas estradas, nos traz um santo que connosco fique durante o dia festivo em salutar convivência, e nos console, e nos fortaleça, e nos agasalhe sob o seu doce manto para nos contar a sua doce história... Daqui resulta a

frequência incessante dos pecadores e dos santos, tão útil para ambos — pois que por ela uns são remidos e os outros justificados. Desatentos e envolvidos no fragor e rolar do mundo, enfronhados em manejar a matéria, vagamente familiarizados com o Demónio, nunca nós correríamos voluntariamente ao encontro de S. Ciríaco — nem mesmo saberíamos onde o encontrar nesse infinito céu, tão atulhado de santos que as onze mil virgens e as suas vinte e duas mil asas não são mais que um pontinho de luz, muito cândido, que palpita nas profundidades. E o almanaque que, pontualmente, sem jamais olvidar, no dia 8 de agosto, logo de manhã, nos traz S. Ciríaco, que, inefavelmente bom, se deixa trazer e escuta com paternal riso e favor esses

complicados empenhos que um pecador tem sempre a pedir a um santo... Na antiguidade pagã os deuses viviam mais na Terra do que no céu — e era fácil de noite, nas vielas escuras de Atenas, esbarrar num deus, de cujo corpo ressaltava, com o choque, um fulgor sublime entre um perfume. Para se conversar pessoalmente com Apoio, bastava alugar uma mula por um dracma e trotar para Delfos. Vénus era certa em todo o vale onde mais densamente florisse o tomilho, nua e séria, farejando os pastores formosos. Em qualquer mata propícia à lebre se encontrava Diana com o seu arco de ouro... O cristianismo, esse, arremessou os santos tutelares para alturas abstratas — e aqui deixou, sobre este grão de terra, o homem abandonado,

sem ter, para se alçar ao céu onde habitam os seus padroeiros, outra escada além do pensamento, e sempre portanto no inextricável embaraço de atingir o que é infinito por meio do que é finito. Mas o almanaque chega, corrige o Concílio de Trento, e sem alarde, muito comezinhamente, mistura a Terra e o céu.

E não só na nossa vida religiosa o almanaque nos guia, mas também na nossa vida civil, com o desejo carinhoso de que, além de bons católicos, sejamos bons cidadãos. Quanto devemos ao almanaque! Não será por culpa dele que descuraremos os nossos deveres cívicos — pois que incansavelmente ele se debruça sobre o nosso ombro, lembrando o ato que nos cumpre executar para bem do Estado, e que nós, ávidos de

individualismo, cada vez mais desapegados do Estado, já contaminados de anarquia, nunca cumpriríamos se não fossem as súplicas do almanaque, paternais e graves. A sociedade tem nele um poderoso promotor da ordem. Sem ele, sobretudo nestas terras distraídas e irreverentes da vinha e da oliveira, só haveria indisciplina e todos os despeitos que ela gera. E não há outro livro que preste tal serviço público. O código, impassível, imóvel no alto do seu Sinai, define os direitos, regra os deveres, abstratamente, com os olhos mergulhados nos princípios, sem mesmo entrever os homens. O almanaque, esse, corre atarefadamente pela casa dos cidadãos, cada manhã, a gritar: «Acorda, hoje é o dia do recenseamento dos jurados! Deixa

o passeio, vai à recebedoria, declara o teu prédio, que é a formação da matriz! Já namoraste bastante, trata de pagar a contribuição!» Quanta solicitude! Quanto amor do nosso bem, através do bem da nação! Assim duplamente o almanaque nos leva, com irresistível insinuância, a dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César. E esta, segundo o ensino de um mestre sublime, é a suprema lei do bem viver.

E não só nos habilita a que vivamos bem, na larga vida social e espiritual, mas a que vivamos bem, com doces facilidades, na vida pequenina e caseira. Vede simplesmente a abundância, a diversidade, a magnífica utilidade das receitas que ele nos ensina, em cada página generosa. É talvez por esta ciência

que eu o louvo com redobrado enternecimento. Quanto mais vantajosa e necessária na sua humildade ela se torna ao homem, através da sua carreira terrestre, do que a altiva ciência das escolas! Consideremos que todo o homem pode percorrer uma farta, saudável, próspera, venerada existência, até à velhice, sem nunca, num só dia, ter necessitado conhecer o sistema filosófico de Descartes ou a história dos deuses fenícios; mas que nunca houve um homem que, numa longa vida, não precisasse, durante um momento e urgentemente, saber como se tira uma nódoa de azeite numa fazenda de lã ou como se desenferruja uma chave velha... E como esta ciência de almanaque excede no engenho a ciência das escolas! Uma noção

só vale pela quantidade de certeza que encerra; só por essa certeza se mantém e dura; e a prova do génio daquele que a formulou está unicamente nessa duração. Ora sistemas de filosofia, teorias do universo, conceções da sociologia, síntese da história, duram geralmente cinquenta anos: uma geração as ergue, outra geração as derruba. Mas a receita de matar moscas por meio de quássia é eterna: e enquanto houver quássia e houver moscas, ambas, uma matando, as outras morrendo, provarão triunfalmente a genialidade da invenção. Ciência certa, ciência útil, que outra se lhe compara?

E sobretudo ciência adoravelmente prestável e serviçal! A soberba ciência das escolas transpõe a minha morada, nalgum grave e gordo

tomo, sobe à estante como a um sólio e ali espera, em majestosa inércia, que eu lhe entreabra reverentemente as folhas para lhe admirar a profundidade e o rigor. A boa ciência do almanaque,-essa, rompe pela minha casa, arregaça as mangas, e imediatamente, cantarolando, esfrega os tachos, limpa os candeeiros, reaviva as pinturas antigas, reverdece as flores murchas, emudece as portas que rangem, recola o verniz que lascou... Se eu, vermelho, ofegante, curvado sobre um velho pergaminho, me esforço por limpar a nódoa de gordura que o maculou e o avilta, bem pode jazer ao lado, sobre a mesa, um ponderoso volume de química, da melhor ciência de Tyndall ou de Berthelot, que se não moverá, não emergirá da sua mudez soberana para me

aconselhar, salvar o meu pobre pergaminho engordurado, gozando mesmo malignamente, no seu orgulho doutoral, a miséria do meu engenho! Mas a amorável ciência de almanaque correrá logo, com as saias a bater alegremente as portas, gritando: «Mistura pedra-ume queimada e flor de enxofre em pó! Molha o teu pergaminho! Esfrega com o dedo, de leve!» Oh!, a boa dona, resplandecente de sapiência e bondade! E todavia esta ciência do almanaque, tão dada e fraternal, de grossos braços úteis, que me lustra os tachos e me cola os vernizes, é de uma nobreza bem mais alta, oh, quanto mais alta!, que a empertigada ciência das escolas. Porque essa é a vaga filha bastarda de uns alquimistas e astrólogos que se entregaram a práticas tenebrosas

nos começos rasteiros do século XV, e acabaram na fogueira ou na forca. E a outra, a franca, sadia, caseira e natural ciência do almanaque, descende, numa linha muito pura, daquele muito grão-senhor que se chamou Aristóteles.

Mas basta... Já este bom *Almanaque Enciclopédico* se prepara a partir, lançando sobre a lombada a sua vistosa capa, onde refulge um grande sol. Com boa razão tomou ele este emblema, um sol de ouro sobre um céu de azul — pois que, fixando as datas e espalhando as noções, verdadeiramente regula e alumia... Em boa aurora te ergue, pois, bom almanaque, e rebrilha com modéstia, que és ainda um sol muito cheio de manchas! Vai porém sinceramente, como és, porque já nos homens, já nos livros, a

sinceridade resulta em força. E por votos de boa jornada, como te reclamas do Sol, retomarei para ti as invocações que há pouco, no velho Egito de Ramsés, indiscretamente ouvimos ao grande pontífice de Ámon, no seu templo de Tebas, imóvel e com as mãos espalmadas para o divino astro que subia. «Sê verídico!, sê benéfico!, sê bem desejado dos homens!, e indo de entre nós, que vemos a Estrela Polar, para aqueles outros irmãos nossos, que veem o Cruzeiro do Sul, domina radiantemente nos dois horizontes!...»

Um Génio que era um Santo (Antero de Quental)

1

Em Coimbra, uma noite, noite macia de abril ou maio, atravessando lentamente com as minhas sebentas na algibeira o Largo da Feira, avistei sobre as escadarias da Sé Nova, romanticamente batidas pela lua, que nesses tempos ainda era romântica, um homem, de pé, que improvisava.

A sua face, a grenha densa e loura com lampejos fulvos, a barba de um ruivo mais escuro, frisada e aguda à maneira siríaca, reluziam, aureoladas. O braço inspirado mergulhava nas alturas como para as revolver. A capa, apenas presa por uma ponta, rojava por trás, largamente, negra nas lajes brancas, em

pregas de imagem. E, sentados nos degraus da igreja, outros homens, embuçados, sombras imóveis sobre as cantarias claras, escutavam, em silêncio e enlevo, como discípulos.

Parei, seduzido, com a impressão que não era aquele um repentista picaresco ou amavioso, como os vates do antiquíssimo século XVIII — mas um bardo, um bardo dos tempos novos, despertando almas, anunciando verdades. O homem com efeito cantava o céu, o infinito, os mundos que rolam carregados de humanidades, a luz suprema habitada pela ideia pura e

...os transcendentes recantos
Aonde o bom Deus se mete,
Sem fazer caso dos Santos

A conversar com Garrett!

Deslumbrado, toquei o cotovelo de um camarada, que murmurou por entre os lábios abertos de gosto e pasmo:

— É o Antero!...

Deus conversava com Garrett. Depois, se bem me lembro, conversava com Platão e com Marco Aurélio. Todo o céu era uma radiante academia. Os santos mais ilustres, os Agostinhos, os Ambrósios, os Jerónimos, permaneciam fora, pelos pátios divinos, sumidos num névoa subalterna, como plebe imprópria a penetrar no concílio dos filósofos e dos poetas. Mas o escravo Epiteto aparecia, ainda coberto das cicatrizes do látego e dos ferros — e Deus estendia ao escravo Epiteto a sua vasta mão direita, de onde

se esfarelava o barro com que ele fabrica os astros...

Epiteto, meu amigo,
Quero ouvir o teu ditame
E aconselhar-me contigo...

Então, perante este céu onde os escravos eram mais gloriosamente acolhidos que os doutores, destracei a capa, também me sentei num degrau, quase aos pés de Antero que improvisava, a escutar, num enlevo, como um discípulo. E para sempre assim me conservei na vida.

Intimidade, porém, com aquele que eu depois chamava «Santo Antero», só verdadeiramente começou na manhã em que o visitei, com muita curiosidade e

muita timidez, na sua casa do Largo de São João. Era o hereditário quarto da velha Coimbra, com as portas rudemente besuntadas de azul, o teto alto de madeira fusca e a cal das paredes riscada por todas as cabeças de lumes-prontos que em cinquenta anos ali se tinham raspado, com preguiça, para acender a torcida de azeite, à hora triste em que toca a «cabra». A um canto um leito de ferro, num alinho rígido. Diante da janela a banca de Coimbra dos meus tempos, tábua de pinho sobre quatro pés toscos, onde uma Bíblia, um Virgílio, o caderno de papel, o maço de cigarros, pousavam numa ordem curta e árida. E no meio desta quietação das coisas, e de todo o azul e todo o ouro da manhã de maio que entravam pelas janelas, Antero, batendo com grossos sapatos o soalho mal

aplainado, parecia um leão, cheio de desordem interior e de sanha. O «olá!» que me atirou foi perfeitamente rugindo. Que dor ou que afronta lhe eriçavam assim a juba loura? Abrira um gavetão e tirava de dentro cartas, papéis, ferozmente, como se arrancasse entranhas. Num arremesso empurrou para a mesa uma pobre cadeira caduca onde se abateu com amargura — e começou então a destruir as cartas e os papéis de um modo estranho, que me maravilhou. Dobrava cada folha ao meio, esmeradamente: depois, violento e certeiro, ainda a dobrava em quarto; depois com uma atenção sombria, ainda a dobrava em oitavo. Sob a unha raivosa achatava as dobras — e, empunhando uma faca como um ferro de vingança e morte, cortava os

papéis finamente, fazendo com dois golpes pequenos maços bem esquadrados, que ia amontoando numa resma nítida e fofa. E todo este lento, paciente trabalho de precisão e simetria, o continuava com um modo revolto e trágico. Fascinado, surdi do vão da janela onde me refugiara, e parando à borda da mesa:

—Oh, Antero, quanta ordem você tem na destruição!

Ele dardejou sobre mim dois olhares devoradores. Depois considerou, ainda enrugado, a pilha acertada dos papéis cortados, e um sorriso, aquele sorriso de Antero que era como um sol-nascente, iluminou, fez toda clara e rósea a sua boa face onde havia um não sei quê de filósofo de Alexandria e de piloto do Báltico:

—O ritmo — murmurou — é necessário mesmo no delírio.

E com efeito, naquela alma estética, sempre as angústias mais desordenadas se moldaram em formas perfeitas.

2

Foi isto, creio eu, em 1862 ou 1863. Antero já publicara a *Beatrice*, talvez mesmo o *Fiat Lux;* e todos conheciam, ainda manuscritas, as *Odes Modernas*. Nesse tempo ele era em Coimbra, e nos domínios da inteligência, o príncipe da mocidade. E com razão — porque ninguém resumia com mais brilho os defeitos e as qualidades daquela geração, rebelde a todo o ensino tradicional e que penetrava no mundo do pensamento com audácia, inventividade, fumegante imaginação, amorosa fé, impaciência de todo o método, e uma energia arquejante que a cada encruzilhada cansava.

Coimbra vivia então numa grande atividade, ou antes, num grande tumulto mental. Pelos caminhos de ferro, que tinham aberto a Península, rompiam cada dia, descendo da França e da Alemanha (através da França), torrentes de coisas novas, ideias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários... Cada manhã trazia a sua revelação, como um sol que fosse novo. Era Michelet que surgia, e Hegel, e Vico, e Proudhon; e Hugo, tornado profeta e justiceiro dos reis; e Balzac, com o seu mundo perverso e lânguido; e Goethe, vasto como o universo; e Põe, e Heine, e creio já que Darwin, e quantos outros! Naquela geração nervosa, sensível e *pálida* como a de Musset (por ter sido talvez como essa concebida durante as guerras civis),

todas estas maravilhas caíam à maneira de achas numa fogueira, fazendo uma vasta crepitação e uma vasta fumaraça! E ao mesmo tempo nos chegavam, por cima dos Pirenéus moralmente arrasados, largos entusiasmos europeus que logo adotávamos como nossos e próprios: o culto de Garibaldi e da Itália redimida, a violenta compaixão da Polónia retalhada, o amor à Irlanda, a Verde Erin, a esmeralda céltica, mãe dos santos e dos bardos, pisada pelo Saxónio!...

Nesse mundo novo que o Norte nos arremessava aos pacotes, fazíamos por vezes achados bem singulares: e ainda recordo o meu deslumbramento quando descobri esta imensa novidade — a Bíblia! Mas a nossa descoberta suprema foi a da humanidade. Coimbra de repente

teve a visão e a consciência adorável da humanidade. Que encanto e que orgulho! Começámos logo a amar a humanidade, como há pouco, no ultrarromantismo se amara Elvira, vestida de cassa branca ao luar. Por todos os botequins de Coimbra não se celebrou mais senão essa rainha de força e graça, a humanidade. E como num meridional de vinte anos, lírico de raiz, todo o amor se exala em canto — não houve moço que não planeasse um grande poema cíclico para imortalizar a humanidade. O do meu vizinho era «A Lira» — uma destemida lira de ouro enchendo os espaços, e cada corda encarnando uma idade humana, onde os imensos dedos de Deus, alternadamente, desferiam sons de glória e sons de martírio. Do meu poema não recordo nem

o tema nem o título, e apenas que deveria abrir por uma tremenda invocação à Índia, aos Árias, à sua marcha sublime desde Gau até Septa-Sindhu!... Não éramos, todavia, inteiramente desregrados e vãos — porque se o fim de toda a cultura humana consiste em compreender a humanidade já é um louvável começo discorrer sobre ela em poemas mesmo pueris. E outro bom sinal do despertar do espírito filosófico era a nossa preocupação ansiosa das origens. Conhecer os princípios das civilizações primitivas constituía então, em Coimbra, um distintivo de superioridade e elegância inteletual. *Os Vedas*, *O Maabarata*, *O Zendavestá*, *Os Edas*, *Os Nibelungos*, eram os livros sobre que nos precipitávamos com a gula tumultuosa da

mocidade que devora, aqui, além, um trecho mais vistoso, sem ter a paciência de se nutrir com método. Formoso tempo, todavia, esse em que eu, ignorante, mas amando religiosamente a ciência dos outros, perguntava a um camarada, com os olhos esbugalhados de respeito e santa inveja: «Ó menino, já conheces bem a Caldeia?»

E nem por isso éramos menos alegres e fantasistas. O nosso mote, como a nossa vida, todo se encerrava naqueles dois belos versos:

A galope, a galope, ó fantasia,
Plantemos uma tenda em cada estrela!

E em cada estrela plantávamos uma tenda, onde dormíamos e sonhávamos

um instante, para logo a erguer, galopar para outra clara estrela, porque éramos verdadeiramente, por natureza, ciganos do ideal. Mas o ideal nunca o dispensávamos, e nem as sardinhas assadas das tias Camelas nos saberiam bem se não lhes juntássemos, como um sal divino, migalhas de metafísica e de estética. A pândega mesmo era idealista. Ao segundo ou terceiro decilitro de carrascão rompiam os versos. O ar de Coimbra, de noite, andava todo fremente de versos. Por entre os ramos dos choupos, mal se via com a névoa das nossas quimeras... Outra das ocupações espirituais a que nos entregávamos, era interpelar Deus. Não o deixávamos sossegar no seu adormecido infinito. Às horas mais inconvenientes, às três, quatro

da madrugada, sobre a Ponte Velha, no Penedo da Saudade, berrávamos por Ele, só pelo prazer transcendente de atirar um pouco do nosso ser para as alturas, quando não fosse senão em berros. Com um intenso poder de idealização revestíamos todos os entes, os mais triviais, de beleza ou de grandeza, de poesia ou de terror, no desejo inconsciente de que a realidade correspondesse ao nosso sonho. Inventávamos génios. De quantas tricanas fizemos Ofélias! Antero, ainda nos últimos anos, se lamentava por ter conservado este vício imaginativo de criar fantasmas. Todos nos movíamos com efeito entre fantasmas, por nós gerados para gastar sobre eles a abundância do nosso entusiasmo, ou sobre eles cevar

santas indignações. O pobre Napoleão III foi para essa nossa Coimbra um Nero, um Anticristo: tal escolasta, destro em argumentar, tomava logo as proporções augustas de um S. Tomás de Aquino, que nos deslumbrava: o bom Castilho passou por um opressor das inteligências, de cujas mãos caía a treva sobre o mundo e que estorvava o caminhar dos tempos! Mas nada pinta melhor este engano de espírito do que a admiração, o espanto, inspirados por certo lente de teologia, ainda moço, de face chupada e amarela, a quem nós atribuíamos uma patética revolta contra os dogmas, não sei que sublimidade herética e estranhas práticas de misticismo sensual. Era um teólogo de costumes quietos, que lia Balmes e sofria do fígado. Pois corria pelos cenáculos

que este padre sombrio, todas as noites, colocava uma Bíblia aberta «sobre os seios nus da sua amante» e à luz de uma tocha se repastava das amarguras do Eclesiastes! E todos nós acreditávamos com inveja nesta Bíblia, nestes seios, nesta tocha... Assim era essa geração.

Em torno dela, negra e dura como uma muralha, pesando, dando sobre as almas, estava a Universidade. Por toda essa Coimbra, de tão lavados e doces ares, do Salgueiral até Cheias, se erguia ela, com as suas formas diferentes de comprimir, escurecer as almas: o seu autoritarismo anulando toda a liberdade e resistência moral: o seu favoritismo, deprimindo, acostumando o homem a temer, a disfarçar, a vergar a espinha: o seu literalismo, representado na horrenda

sebenta, na exigência do *ipsis verbis*, para quem toda a criação intelectual é daninha: o seu foro, tão anacrónico como as velhas alabardas dos verdeais que o mantinham: a sua negra torre, de onde partiam, ressuscitando o *precetto* da Roma jesuítica do século XVIII, as badaladas da «cabra» por entre o voo dos morcegos; a sua «chamada», espalhando nos espíritos o terror disciplinar de quartel; os seus lentes crassos e crúzios, os seus Britos e os seus Neivas, o praxismo poeirento dos seus Pais Novos, e a rija penedia dos seus Penedos! A Universidade, que em todas as nações é para os estudantes uma *alma mater*, a mãe criadora, por quem sempre se conserva através da vida um amor filial, era para nós uma madrasta amarga, carrancuda, rabugenta, de quem todo o

espírito digno se desejava libertar rapidamente, desde que lhe tivesse arrancado pela astúcia, pela empenhoca, pela sujeição à sebenta, esse *grau* que o Estado, seu cúmplice, tornava a chave das carreiras. Verdadeira *chave dos campos*, no dizer francês, abrindo para a independência, para a vida e para a beleza das coisas naturais. No meio de tal Universidade, geração como a nossa só podia , ter uma atitude — a de permanente rebelião. Com efeito, em quatro anos, fizemos, se bem me recordo, três revoluções, com todos os seus lances clássicos, manifestos ao país, pedradas e vozearias, uma pistola ferrugenta debaixo de cada capa e as imagens dos reitores queimadas entre danças selváticas. A Universidade era, com efeito, uma grande

escola de revolução — e pela experiência da sua tirania aprendíamos a detestar todos os tiranos, a irmanar com todos os escravos. O nosso entusiasmo pela Polónia nascia de nos sentirmos oprimidos como ela por um czar de borla e capelo, que se chamava Basílio. Aqueles de nós que hoje leiam uma história da vida e da sociedade em Roma, nos fins do século XVIII, quando toda a cultura livre era vedada, e a banalidade tinha a estima do Governo por ser uma condição da docilidade, e os melhores bens se obtinham pela intriga e o favoritismo, e se educava o homem para a baixeza, e a independência se arrancava como erva venenosa, e a polícia intervinha até na maneira de atar a gravata, e não se permitia aos cidadãos

andar fora de casa depois das ave-marias — julga ver a escura imagem da vida universitária há trinta anos, quando se impunha ao estudante, com a batina de padre, a regra canónica do Gesu. E era por nos sentirmos envolvidos numa opressão teocrática que, além de pendermos para o jacobinismo, tendíamos, por puro acinte de rebeldia, para o ateísmo. De sorte que a Universidade, ultraconservadora e ultracatólica, era não só uma escola de revolução política, mas uma escola de impiedade moral.

Antero resumiu, com desusado brilho, o tipo do académico revolucionário e racionalista: e daí começou a sua popularidade — e a sua lenda. Não recordo, nem sei se é

histórica, essa temerária noite em que ele, durante uma trovoada, e de relógio na mão, intimou Deus a que o partisse com um raio, dentro de sete minutos, «no caso de existir». Desconfio do altivo episódio. Antero não tinha relógio; a sua exegese era já muito fina para assim confundir as maneiras de Jeová com as de Júpiter: e se lançou o desafio satânico foi rindo alegremente do excesso da sua fantasia. Mas é certo que ele se afirmou sempre como o grão-capitão das nossas revoltas, desde aquela que derrubou o bom tirano Basílio até à que nos levou para o Porto, uma noite, entre archotes, ganindo *A Marselhesa*. Todos os «Manifestos ao País», que a tradição nos impunha no começo destas sedições, saíam da pena de Antero — porque já ele era, além da

melhor ideia da Academia, o seu melhor verbo. E enfim foi ele ainda que se rebelou contra outro e bem estranho despotismo, o da literatura oficial, na tão famosa e tão verbosa Questão Coimbrã. Já não é fácil, depois de tantos séculos, relembrar os motivos dogmáticos por que se esgadanharam as duas literaturas rivais, de Coimbra e de Lisboa... O velho Castilho, contra quem se ergueram então tantas lanças e tantos folhetos, não se petrificara realmente numa forma literária que pusesse estorvo à delgada corrente do espírito novo. Fora, é verdade, trovador e bardo; mas renovara o naturalismo clássico com as suas traduções de Virgílio; e passara para a nossa língua Molière, um dos mais nobres avós da família psicóloga. Todas estas almas

diversas (é certo) as moldava dentro de uma vernaculidade arcádica que as deformava: mas a sua arte de escrever era polida, e houve dignidade e beleza no seu prolongado amor das letras e das humanidades. (Seriam hoje úteis, entre nós, um ou dois Castilhos.) Em todo o caso, relativamente a Antero de Quental e a Teófilo Braga, o vetusto árcade mostrou intolerância e malignidade, deprimindo e escarnecendo dois escritores moços, portadores de uma ideia e de uma expressão próprias, só porque eles as produziam sem primeiramente, de cabeça curva, terem pedido o selo e o visto para os seus livros à mesa censória, instalada sob a seca olaia do seco cantor da *primavera*.

O protesto de Antero foi portanto

moral, não literário. A sua faiscante carta «Bom Senso e Bom Gosto» continuava, nos domínios do pensamento, a guerra por ele encetada contra todos os tiranetes, e pedagogos, e reitores obsoletos, e gendarmes espirituais, com quem topava ao penetrar, homem livre, no mundo que queria livre. Para Teófilo Braga, essa luta coimbrã foi essencialmente uma reivindicação do espírito crítico; para os outros panfletários, todos literatos ou aliteratados, uma afirmação de retórica: para Antero, de todo alheio ao literalismo, um desforço da consciência e da liberdade. Por isso, o seu ataque sobretudo nos impressionou, não só pelo brilho superior da sua ironia, mas pela sua tendência moral e pela quantidade de revolução que continha aquela altiva troça

ao déspota do purismo e do léxico. Castilho, armado da sua férula e tendo a pretensão de dar com ela palmatoadas nas almas, aparecia aos nossos olhos, criadores de fantasmas, como um verdadeiro monstro: Antero, crivando de setas de ouro os flancos vernáculos do monstro, foi para nós como um sagitário libertador. Eu digo «nós», uso este plural de casta nobre, unicamente porque *nos simul in Garlandia fuimus*, nos mesmos bancos nos sentámos, sob o mesmo luar devaneámos. De resto, eu era meramente um ator do Teatro Académico («pai nobre») e rondava em torno destas revoluções, destas campanhas, destas filosofias, destas heroicidades ou pseudo-heroicidades, como aquele lendário moço de confeiteiro que assistiu à tomada da

Bastilha com o seu cesto de pastéis enfiado no braço, e quando a derradeira porta da fortaleza feudal cedeu, e a velha França findou, deu um jeito ao cesto leve e seguiu, assobiando a *Royale*, a distribuir os seus pastéis.

Mas era um devoto (o termo não é excessivo) do poeta das *Odes Modernas*. Todos, desde então esperamos dele a renovação de um mundo, do nosso pequeno mundo, para nós imenso — e imenso na verdade, porque uma simples alma é um vasto mundo, e a sua renovação, no sentido da justiça ou da bondade, uma vasta obra. Antero era não só um chefe — mas um messias. Tudo nele o marcava para essa missão com um relevo cativante: até a bondade iniciadora do seu sorriso, até aquela grenha cor de

ouro fulvo que flamejava por cima das multidões. E havia já com efeito hábitos messiânicos nesse bando de discípulos que o acompanhavam através de Coimbra, de capa solta, enlevados na sua palavra. Essa luminosa palavra de Antero era uma das suas magníficas forças de atração. Ninguém jamais possuiu um verbo de tanta solidez, harmonia, finura e brilho. Todo o século XVIII considerou como um dos maiores regalos da inteligência o ouvir Diderot conversando. Foi um dos encantos no nosso tempo ouvir conversar Antero. Em Coimbra a sua veia vibrava em pleno esplendor. Era uma lira, a lira divina de sete cordas, em que não interessava e deslumbrava menos que as outras a corda de bronze do sarcasmo. Sarcasmo que nada encerrava de triste ou

amargo, como o de um Que vedo. Antero, mesmo troçando e amaldiçoando, era um ateniense: e à sua ironia convinha, mais do que a nenhum outro ironista, o nobre epíteto homérico de «alada». Os seus ditos abriam, através da sua geração, grandes sulcos luminosos e puros.

Mas sobretudo se impunha pela sua autoridade moral. Antero era então, como sempre foi, um refulgente espelho de sinceridade e retidão. De nascença a sua alma viera toda limpa e branca, e quando Deus a recebeu encontrou-a decerto tão limpa e branca como lha entregara. Nunca, através da vida, tomou um caminho escuro ou oblíquo: com a face levantada, como um sol, rompia a passos direitos e sonoros — e se topava com um desses muros que constantemente

se erguem nas estradas humanas, ou o demolia ou retrocedia, mas nunca condescendeu em o ladear com astúcia, mesmo quando para além reluzisse o tesouro que a sua ideia ou o seu sentimento apeteciam. Antero foi um caráter heroicamente íntegro. E não se necessitava, para lho reconhecer, uma longa e penetrante intimidade: a sua lealdade magnífica resplandecia toda nos seus olhos claros, como uma luz santa às portas de um sacrário. O granito, o cristal, tudo o que é límpido, tudo o que é sólido, eram menos límpidos e sólidos que a sua amizade. Apesar de algum ceticismo e muita ironia, tropeçou simplesmente em grossos enganos, porque o espírito translúcido não previa, nunca se lembrava do dolo e da falsidade. Naquele erudito

pessimista houve sempre um inocente. A justiça era nele ingénita. Assim era a verdade.

Que dizer da sua bondade? Por um constante aperfeiçoamento, ela chegou, nos últimos tempos, a ser perfeita. Mas já na idade ligeira e romanesca de Coimbra era imensa — e se manifestava por uma alegria magnânima. O «claro riso dos heróis», que Michelet raramente encontrou na história e que o arrebatava, foi o riso de Antero. Riso generoso do ser que ama todos os seres e que pelo menos dentro desse amor acha que o mundo é ótimo e se sente soberbamente otimista e doce. Ele teve a caridade nos anos em que, por se não conhecerem ainda as misérias do coração e do mundo, nunca se é caridoso — e nele foi natural e simples,

não como a da mocidade neo-evangélica (que, agora, por Paris e Londres, languidamente ensina o bem), sugada, ou antes decorada, na *Vida de S. Francisco de Assis*. Nessas mesmas pugnas, nessas derrocações de Bastilhas em que parecia feroz, a sua bondade andava toda inquieta enquanto a sua cólera trabalhava. Como o sagitário antigo, apenas despedia do grande arco a grande frecha, atirava largamente um passo para diante — mas era já com o desejo de ir curar a ferida que o seu dardo rasgara. Quando, depois do encerramento tão bruto das Conferências do Casino, ele esmagou o considerável marquês de Ávila sob aquela «Carta» de tão alegre, picante e patrício desdém, soube por um amigo que o pobre marquês se magoara até se lhe

humedecerem os olhos com uma acerada alusão à origem do seu nome de *Ávila*. Antero, angustiado, com os olhos também húmidos, correu à *Revolução de setembro* a gritar «errei! errei!», e a imprimir uma retratação apiedada que consolasse o velho...

Toda esta alma de santo morava, para tornar o homem mais estranhamente cativante, num corpo de Alcides. Antero foi, na sua mocidade um magnífico varão. Airoso e leve, marchava léguas, em rijas caminhadas que se alongavam até à mata do Buçaco: com a mão seca e fina, de velha raça, levantava pesos que me faziam gemer a mim, ranger todo, só de o contemplar na façanha: jogando o sabre para se adestrar, tinha ímpetos de Roldão, os amigos rolavam pelas escadas ante o

seu imenso sabre de pau, como mouros desbaratados: e em brigas que fossem justas o seu murro era triunfal. Conservou mesmo até à idade filosófica este murro fácil: e ainda recordo uma noite na Rua do Ouro, em que um homem carrancudo, barbudo, alto e rústico como um campanário, o pisou brutalmente e passou em brutal silêncio... O murro de Antero foi tão vivo e certo que teve de apanhar o imenso homem do lajedo em que rolara, de lhe limpar a lama da rabona e de o amparar até uma botica, onde lhe comprou arnica, o consolou, citando Golias e outros gigantes vencidos. No Garrano, nas Camelas, um prato com três dúzias de sardinhas e uma canada do tinto não o assustavam, nem lhe pesavam. Pelo contrário! Depois, em face da Lua, na

Ponte ou pelo Choupal, as suas cabriolas pelos céus da metafísica eram mais fulgentes e destras.

3

Já, porém, no meio destas qualidades esplêndidas que lhe garantiam uma vida forte e superiormente feliz existia um fermento de dor. Bem se descobre ele em alguns dos sonetos desses anos, que são (como todos os seus sonetos) sublimes notas postas à margem de uma alma que se interroga. Já então o ditoso Antero, tão prodigamente dotado por Deus, se considera um filho abandonado de Deus: já o mundo lhe parece perder a cor e ele próprio a perde também, devendo para sempre ficar *pálido e triste*: e a beleza que então lhe aparece não a goza plenamente, porque ela lhe lembra outra, transcendente e de

mais puros gozos. O seu presente é uma atormentada aspiração ao futuro: mas o que é o futuro senão sombra movediça e mentirosa? Ele, tão seguido, tão amado, erguido como chefe por uma mocidade feita à sua imagem, já se sente solitário entre turbas vãs: e os braços, que a sorte lhe deu tão fortes e movidos por uma alma tão alta, já se prepara para os cruzar com melancolia.

Todavia, em volta dele, esse era o tempo de um otimismo universal. Nas duas grandes nações pensantes que o inspiravam triunfava o otimismo — lírico em França, filosófico na Alemanha, mas em ambas rosado e risonho. Todos os hegelianistas prussianos eram, creio eu, otimistas: e Pelletan, para cá do Reno, convidava o homem, tornado omnisciente

e omnipotente pelo progresso, a afirmar soberbamente, e cantando, a sua realeza sobre os céus. Decerto já existiam desiludidos: mas era ainda o antigo desiludido do século XVIII, o *Candide*, depois de reconhecer que no mundo a melhor ocupação, a única que não resulta em logro, consiste em plantar quietas saladas num murado e frondoso quintal. Ainda então não saíra da sua hospedaria de Frankfurt o bom Schopenhauer, bem penteado, de calças cor de alecrim, para tirar das mãos de *Candide* a enxada e o regador e lhe provar que a sabedoria realmente consiste em entrar num convento de Trapistas ou, como um *yoghi* hindu, em jazer rigidamente sob a mangueira de Lovelane, meditando a inanidade e o mal das coisas. Ninguém

então, do Reno para cá, lera ainda Schopenhauer. E um no seu quarto de Frankfurt, metodicamente, tomando o seu chocolate, outro em Coimbra, atormentadamente, porque é poeta e meridional, chegam ao mesmo resumo, num raciocinado, no outro soluçado:

Que sempre o mal pior é ter nascido!

Daqui provinham certos modos de Antero ainda então inexplicáveis — dias de tristeza e esparsa cólera, um querer e não querer entrechocados, entusiasmos que logo escarnecia, bocados de vida que deixava sumir em fumo, e esses apetites de solidão, esses períodos de trapismo artificial em que desaparecia, se embrenhava sozinho pelas espessuras do

Buçaco. O espírito de sociabilidade, é certo, sempre nele triunfava; e também essa alegria, de raízes vivazes, subsistente sob as névoas do mais denso desalento, e que mesmo depois, nos piores dias, reaparecia — apenas ele se encontrasse entre camaradas de espírito congénere e crepitasse o lume das controvérsias. Mas já nesse tempo de Coimbra, Antero, por momentos, ante a face mais florida de mocidade e saúde, pensava na caveira.

Pessimismo, sobretudo nos seus começos, não vai sem inação — e a inação é verdadeiramente a sua primeira e ligeira forma. Se tudo no mundo conduz a desilusão e poeira — como se podem considerar sem riso e sem compaixão esses rijos esforços que cuidam revolver mundos, quando estão meramente

remexendo fumo? Daí, essas indiferenças, desprendimentos, bruscas desistências da energia, que, da parte de Antero, surpreendiam e contristavam os seus amigos. Durante a grande Questão Coimbrã, quando mais ressoante rolava a briga contra a Troia literária de Castilho, ele, o nosso invencível Aquiles — um dia desaparece.... Era um abandono? Pactuara o herói secretamente com Príamo? Assim o pensaram os acaios fanáticos. Não!, abalara para a Figueira, com saudades da solidão e do mar. Que importância podia ter essa rixa de literaturas e vaidades para quem, desde os dezoito anos e dos primeiros versos, viera sempre desdenhando alegremente a superstição da glória e das letras? De resto todo o esforço em Antero era acompanhado pelo

sentimento secreto e divertido da sua inanidade — e a ironia nele andava sempre ao lado da ação, soltando o seu assobio malicioso. Para quê, meus amigos? Tudo é fumo e em fumo se espalha!... Esta universal desilusão, este escuro e mudo nada para onde correm, como para um mar, todos os desejos humanos, não era todavia afirmada por Antero com amargura — antes com uma resignação risonha. «O amor e o bem (ensina ele então, ou parece ensinar) não se realizam nesta vida contingente e escrava, e só na outra, na absoluta, quando o espírito atinja perfeição e liberdade... No entanto, amigos, vamos aceitando as aparências imperfeitas deste mundo onde há bosques, roseiras, artes delicadas, e as mulheres entreabrem

amorosamente a sua porta, e um curto heroísmo por vezes enobrece as cidades, e até se pode colher um fugitivo gozo com um cesto de laranjas e uma guitarra, de tarde, num barco, por este Mondego a cima...» Assim este homem, em cuja alma iam enegrecendo as nuvens de uma áspera tormenta intelectual, era ainda para todos, nesses tempos de Coimbra, «da encantada e fantástica Coimbra» de então, um viçoso camarada, cheio de exuberância e fantasia, apaixonado e luminoso, nobre amigo dos homens, embebendo os olhos francos na beleza das coisas e tumultuosamente esperando que da revolução e da filosofia altos bens viessem à Terra. Do negro fermento de desilusão e dor que ele trazia já dentro da alma, só conheciam alguns amigos, a

quem ele lia os seus sonetos confessionais e que ficavam espantados escutando a confissão e contemplando o homem que a confessava. Desse poéta de face ardente e veia rutilante, todo idealização, todo paixão, metafísico e batalhador, bem se podia esperar uma epopeia, o apostolado de uma religião, longas aventuras sonoras — nunca a passiva dor de um budista aspirando palidamente ao não-ser.

E a sua vida, com efeito, desde que saiu dessa «encantada e quase fantástica Coimbra», foi toda de movimento e de força. Antero anda então ansiosamente procurando um emprego para a sua grande alma. Viaja pela Europa ocidental, ou antes, passeia através dela os seus sonhos de liberdade e de justiça, para encontrar algures um mundo que lhes

seja congénere e onde os possa plantar e cultivar com magnificência. Atravessa o Atlântico, por puro desejo de espaço e liberdade, num pequeno iate; e durante semanas de tormenta trabalha descalço na manobra, ou metido no seu beliche, que as ondas alagam, embrulhado num oleado, relê o *D. Quixote*, com um interesse e uma paixão renovadas, talvez por sentir que nessa grande história da ilusão está lendo a sua história. Percorre a costa da América, até à Nova Escócia; e aí, um domingo, tem uma visão que nunca esquece, a de uma cidade puritana (Halifax ou Lunenberg), silenciosa, como adormecida no Senhor, toda de tijolo cor-de-rosa sob um céu cor de pérola, com fundas avenidas mais pensativas que as dos Elísios, onde os namorados passeiam,

numa mudez de sombras, de dedos enlaçados, de pálpebras baixas, respirando sem outro desejo a flor da sua emoção.

Quantas vezes Antero me contava dessa piedosa e suave cidade e do longo apetite que ela repentinamente lhe dera de quietação eterna! Ao cabo dos grossos mares atlânticos, Deus talvez lha mostrou como um prenúncio do seu destino: uma grande tormenta, depois um grande descanso — e um descanso a que Deus não era alheio.

Enfim Antero volta a Lisboa, encontra o cenáculo. Encontra o nosso querido e absurdo cenáculo instalado na Travessa do Guarda-Mor, rente a um quarto onde habitavam dois cónegos e sobre uma loja em que se agasalhavam,

como no curral de Belém, uma vaca e um burrinho. Entre essas testemunhas do Evangelho e esses dignitários da Igreja, rugia e flamejava a nossa escandalosa fornalha de revolução, de metafísica, de satanismo, de anarquia, de boémia feroz. J. Batalha Reis era o dono do aposento temeroso, e Via Láctea, galego ilustre, o seu servo. Via Láctea dormia pendurado, como um paio, da chaminé da cozinha. As suas ocupações não consistiam em escovar ou varrer. A Via Láctea fora confiada a missão transcendente de espreitar a passagem da ideia ao longo do rio do espírito, para nos avisar, e nós corrermos e a prendermos na rede rutilante do verbo. Durante dois anos, cada dia, a horas de sol e a horas de treva, empurrámos nós com fragor a porta

da cozinha e berrávamos em ânsia: «Via Láctea, Via Láctea, viste enfim a ideia pura boiando na corrente espiritual?...» E durante dois anos Via Láctea, de dentro da chaminé ou de sobre a tampa de um caixote, imutavelmente rosnou com uma dignidade triste: «Num bi nada.» Aí Antero apareceu numa fria manhã — e foi aclamado. Naquela viela de Lisboa ressuscitou então, por um momento, a «encantada e quase fantástica Coimbra» de que ele sempre conservara uma saudade romântica. Antero, porém, que desembarcara em Lisboa como um apóstolo do socialismo, a trazer a palavra dos gentílicos, em breve nos converteu a uma vida mais alta e fecunda. Nós fôramos até aí no Cenáculo uns quatro ou cinco demónios, cheios de incoerência e

de turbulência, fazendo um tal alarido lírico-filosófico que por vezes, de noite, os dois cónegos estremunhados rompiam a berrar, o burro por baixo zurrava desoladamente e no céu, sobre os telhados fronteiros, a Lua parava, enfiada. Mas toda a nossa alma se ia nesse alarido, e o vento vão da boémia a levava para onde leva as almas descuidadas e as folhas de louro secas... Sob a influência de Antero logo dois de nós, que andávamos a compor uma ópera bufa contendo um novo sistema do universo, abandonámos essa obra de escandaloso delírio — e começámos à noite a estudar Proudhon nos três tomos da *Justiça e a Revolução na Igreja*, quietos à banca, com os pés em capachos, como bons estudantes. Via Láctea começou a varrer. E do Cenáculo,

de onde, antes da vinda de Antero (que foi como a vinda do rei Artur à confusa terra de Gales), nada poderia ter nascido além de chalaça, versos satânicos, noitadas curtidas a vinho de Torres e farrapos de filosofia fácil, nasceram, *mirabile dictu*, as Conferências do Casino, aurora de um mundo novo, mundo puro e novo que depois, ó dor!, creio que envelheceu e apodreceu...

De resto o Cenáculo estava nas vésperas de se dispersar — porque a cada um de nós, bruscamente (nessa mesma esquina da Travessa do Guarda-Mor), aparecera a vida, enrugada, de dedo ameaçador, a avisar que ela não é musa ou ninfa que se trate com ligeireza, indiferença e cantando. Assim aquele cavaleiro que uma noite em Paris, na

Pont-Neuf, surgiu ante o senhor D. Gil, do solar de Vouzela, lhe deteve os passos que corriam ao pecado e lhe gritou brandindo a lança: «Homem, para trás, para o Senhor!» Nós vimos a lança; e saudosamente entre nós murmurámos: «Irmãos, não mais cavalgadas sobre o dorso macio da quimera: é tempo de irmos a concursos...»

Fomos a concursos. Antero, esse, encontrara Oliveira Martins, que era um pensador, e José Fontana, que era um agitador; e ardentemente penetrara no Movimento Socialista, então iniciado em Lisboa com os fervores e os segredos poéticos de uma religião. Simultaneamente propagava a união ibérica, fundava sociedades operárias, instalava a Associação Internacional,

lançava panfletos, conspirava, apostolava... Era, como ele dizia, «um pequeno Lassale». E, como Lassale, já invadido por um vago mal-estar, no meio da popularidade que o começava a cercar — e a sufocar.

Eu não fui testemunha dessa sua vida militante. Por meu turno, partira a percorrer os mundos deste mundo, dos velhíssimos aos novíssimos, da magoada Jerusalém à estridente Chicago. Longe, porém, soube que Antero se afastara inesperadamente da atividade revolucionária. Porquê? Abalara ele, como durante as grossas guerras coimbrãs, para a Figueira, com saudades dos areais e do mar? Não: harmonizara simplesmente a sua conduta e a sua natureza. O elemento natural do espírito

de Antero era a abstração filosófica, e só dentro dela respirava e vivia plenamente. Além disso, descendente de uma muito velha família, já ilustre na corte de Afonso V, ele nunca se desembaraçara de certas hereditariedades de raça e de casta, e conservava, sob a sua vasta humanidade, um não sei quê de antiquado e de estreitamente fidalgo. Enfim, era um superfino artista... Como direi? O artista, o fidalgo, o filósofo, que em Antero coexistiam, não se entenderam bem com a plebe operária. Sempre sincero, lavou as suas mãos e proclamou que só os proletários eram competentes para exprimir o pensamento e reivindicar o direito dos proletários. E amando ainda os homens, mas desistindo de os conduzir a Canaã, subiu com passos desafogados

para a sua alta torre bem-amada, a torre da metafísica.

Quando, volvidos dois ou três anos, regressei a Lisboa, encontrei o meu amigo estirado numa cama, no quarto mais remoto de uma casa remota, quase numa trapeira, para que não lhe chegassem os ruídos da cidade, morbidamente intoleráveis à sua supersensibilidade nervosa. Ali, em solidão e imobilidade, Antero estava travando com o seu pensamento uma luta, de que os sonetos, de 1874 a 1880, são a notação magnífica e dolorosa. E o seu pensamento em breve o arrastara a um pessimismo negro, repassado de desespero. A certeza de morrer levara Antero a indagar mais fundamente a razão de viver — e por mais que aprofundasse a existência ela só lhe

aparecia como uma tortura gratuita, confusa, inútil. Pedia ele então à inteligência a explicação da existência. E a sua inteligência, como ele depois contava, toda penetrada do naturalismo, que era a atmosfera onde se desenvolvera, só lhe oferecia a solução naturalista — só lhe podia afirmar que a vida, na sua forma empírica, é a luta obscura de forças obscuras, e na sua forma filosófica e intelectual apenas a contemplação egoísta dessas lutas instintivas. Não há, pois, senão vácuo, confusão e inutilidade universais! E certo que uma flor misteriosa, semelhante àquela que rompe através da neve estéril, revelando as fecundidades subjacentes da terra, surge por vezes do fundo da consciência e espalha por toda ela o seu perfume

tímido... Mas não nos prendamos já a essa falsa esperança, porque a flor murchará apenas entreaberta e o seu perfume

no vácuo eterno se esvairá disperso!

A consciência é uma outra ilusão, uma modalidade efémera, pois que nada de eterno se pode nela realizar. De que serve ter sido, ou procurar ser, justo e bom? Justiça e bondade findam no pó, infecundos como o pó. A vida é um desolado logro. E o melhor é morrer, pois que nos liberta da miséria, da vergonha, do horror da universal falsidade. Tal era então o sombrio e secreto monólogo de Antero naquele leito estreito — de onde ele todavia, quando os seus amigos apareciam, sorria tão alegremente e tão

meigamente aos seus amigos.

É que não o deixara nunca o espírito consolante de sociabilidade, e esse adorável bom-humor que era nele como um sol imanente por trás de nuvens transitórias, e ainda essa polidez superior, quase transcendente, forma graciosa da caridade, que não lhe consentia alongar por sobre a alma dos outros a sombra dos fantasmas de que a sua andava povoada. Por mais descido e fundo que o seu espírito jazesse, naquele «poço húmido e morno» de que fala num dos seus sonetos, bastava que da borda o chamasse uma voz fraternal para que o seu espírito subisse, com compostura risonha, sem vestígios da treva inferior de onde emergia, penetrando logo nas alegrias e cuidados alheios, e tomando um interesse

acariciador pelas coisas mesmas que, para ele, na vida, eram mais desinteressantes e vãs. Muito bem me recordo de uma noite em que subi à sua alcova com um velho amigo dele e meu, Carlos Mayer. Antero lá estava, estendido no seu leito, com uma manta por cima dos pés, a face emaciada, e sobre ela espalhada aquela sombra, semelhante a um reflexo de coisas negras, que outrora deu a Dante a reputação de descer cada noite ao inferno. Pois essa mesma face, num momento, se iluminou de afabilidade e graça fácil. Carlos Mayer andava nessa ocasião envolvido na ciência e cuidados de uma grande indústria de destilação — e a conversa rolou sobre máquinas, processos, fermentos, salários, lucros, milhões. Antero circulava ardentemente

dentro daquelas questões de química, mecânica, economia, como se elas constituíssem a paixão suprema dos seus dias solitários. O ar do seu quarto de metafísico ficou em breve mais cheio de cifras, de vozes técnicas, que o de um escritório da City. Depois, talvez porque a esse tempo eu me preocupava com a civilização chinesa, deslizámos a conversar da China. Carlos Mayer atacou rancorosamente o Império Florido. Antero, arrojando a manta, exaltou logo o Chinês e a sua pedagogia, e a sua agricultura, e a sua arte, e a sua sociedade, e a solidez e pureza das suas instituições domésticas — com o saber miúdo e grave de um mandarim. E não era só a erudição que surpreendia, mas o fogoso interesse, como se o seu

pensamento habitasse constantemente e só se comprazesse entre a Grande Muralha e o mar Amarelo. E ao mesmo tempo quanta abundância cómica, que finura e firmeza de juízos, que dizer tão luminoso e perfeito!

Já tarde, ao alvorecer, Antero chamara o criado estremunhado para nos acompanhar, quando um de nós lhe perguntou por versos. Como Antero não compunha versos por uma faculdade poética bem cultivada, e apenas certos estados da sua razão e da sua sensibilidade cristalizavam naturalmente em verso, era esta uma interrogação familiar sobre a sua saúde moral. E muito facilmente, como dando uma informação íntima, Antero tirou de entre as folhas de um livro um papel e leu sem entono

amargo ou dolorido, com a simplicidade corredia de uma nota a lápis, aquele seu poema que Oliveira Martins depois salvou da destruição, o *Hino à Manhã*, um dos mais angustiosos lamentos que têm escapado a um forte e altivo coração de homem. Assim podia aquele Antero singular, durante toda uma noite, aplicar à mecânica e à defesa histórica da China um pensamento tão profundamente ferido, tão arquejante ainda das lutas tenebrosas com a esfinge.

4

Passaram anos em que não vi Antero, instalado então em Vila do Conde. Sabia que o meu amigo estava quase são, quase sereno. Mas foi uma preciosa surpresa quando, ao fim dessa separação, chegando ao Porto e correndo com Oliveira Martins a Vila do Conde, avistei na estação um Antero gordo, róseo, reflorido, com as lapelas do casaco de alpaca atiradas para trás galhardamente e meneando na mão a grossa bengala da Índia que em Lisboa eu lhe dera para amparar a tristeza e a fadiga. Era uma regressão, quase o antigo Antero coimbrão, mais amadurecido, mais doce: apenas, no lugar da fulva grenha flamante

e romântica, alvejava um sereno começo de calva socrática. Era sobretudo uma ressurreição moral, à velha maneira de Lázaro, uma miraculosa saída do túmulo pessimista e das sombras da negação. Findara a luta implacável: o seu grande coração, enfim, descansava em paz!

Como chegara Antero a esse repouso apetecido? Escutando com uma atenção mais grave, mais crente, aquela voz da consciência, que tanto tempo desconhecera e que, apesar de todos os desenganos e sempre

em segredo, protesta e afirma o bem.

Fora atendendo reverentemente essa doce voz; e conseguindo, por um desesperado esforço do pensamento,

penetrar a sua significação; e refazendo, guiado por ela, a sua educação filosófica; e procurando depois a sua confirmação na história, nas doutrinas dos moralistas, nas confissões dos místicos — que ele chegara a descobrir, a compreender bem o fim último e verdadeiro de tudo, não só do homem moral mas de toda a Natureza, mesmo na sua modalidade física. E essa descoberta é de inefável beleza e contentamento — pois que o fim de tudo é o bem! O universo tem por fim o supremo bem: o bem é o momento final e augusto de toda a evolução do universo.

Possuía pois Antero, enfim, a «sua filosofia», essa filosofia que ele tantos anos perseguira como deusa esquiva entre selvas duvidosas e que fora sempre para os seus amigos, alternadamente, motivo de

esperança, de desconfiança, de entusiasmo e de sarcasmo... Mas agora Antero alcançara a deusa esquiva. E a lei moral dessa filosofia (de que ele deu na *Revista de Portugal* um esboço eloquente e poético) consistia em renunciar a tudo quanto limita e escraviza o espírito — egoísmo, paixões, vaidades, ambições, contingências, materialidades do mundo — e em procurar a união do espírito, assim libertado e limpo de todo o pesado lodo terreno, com o seu tipo de perfeição que usualmente se chama «Deus». Essa união, em que a vontade limitada se dissolve na vontade absoluta, será tanto mais eficaz quanto mais completa for a renúncia a tudo o que é egoísta, particular, individual. E só pela união com o ser perfeito, de que essa renúncia é

instrumento e condição, se realiza o bem, o bem supremo, fim verdadeiro de toda a vida, fim divino a que tende o universo. Em resumo, a lei moral do homem é o constante aperfeiçoamento e a progressiva santidade.

De toda a filosofia de Antero (que sou bem incompetente para interpretar) só quero reter esta linha ética, porque ela o explica nesses anos de paz e de admirável doçura. A vida de Antero em Vila do Conde era então verdadeiramente edificante — e constituía, sem doutrina, um forte ensino moral. O velho Santo Antão no monte Colzin não vivia um viver mais puro, mais entregue ao ideal, à perfeição, à «vida eterna», do que Antero naquela casa de Vila do Conde, simplificada até ao cenobitismo, e onde

por único adorno, além de livros numa estante de pinho, havia flores das sebes em púcaros de barro. Era aquele o retiro muito nu e muito limpo (porque Antero tinha o asseio e a ordem rígida de uma freira velha) de quem alegremente se despojou de tudo quanto embaraça, atravanca a vida de cada dia, para encetar a alta conquista da liberdade moral. Com ele viviam as duas meninas que adotara, «as suas pequenas», que então ensinava e educava, e que, pelos cuidados da paternidade, o prendiam ainda ocasionalmente à sociedade. Fora desses cuidados ele só se ocupava com o aperfeiçoamento da sua alma, ou, como diria um católico, com a sua «salvação». Não salvação individual e egoísta, como a dos santos — mas salvação de todos,

salvação para todos, penetração lenta no bem próprio para dele fazer um instrumento do bem universal. Leituras intermináveis e longamente pensadas; solilóquios constantes de um espírito que constantemente se confessa para constantemente se corrigir; intensas meditações em que a sua vida se confundia na vida do ser, num desejo permanente de sentir na sua consciência de homem latejar a consciência do universo — eis o abstrato emprego dos seus nobres dias. Outro não era o dos solitários, nos desertos do Alto Egito, tentando a suprema fusão com Deus. Como regressos ao mundo, de onde por virtude e mesmo por gosto se não sequestrara, tinha as suas visitas ao Porto, a Oliveira Martins. Era o que ele chamava

as grandes «dissipações».

Oliveira Martins vivia então na sua linda e recolhida casa das Águas Férreas. Se já houve em Portugal um delicado e grave retiro de estudo e de trabalho, sereno, hospitaleiro, superiormente polido e culto, forte em afeições, fecundo em obras, belo pela consciência e pela ciência e como espiritualizado pelas correntes de pensamento que nele tão livremente circulavam, foi esse da saudosa casa das Águas Férreas — enquanto não veio bater à porta a política, disfarçada, trazendo sobre a face torpe a máscara nobre do civismo. A biblioteca ficava em baixo, abrigada no silêncio propício de vielas desertas: aí viveu Oliveira Martins os seus dias mais doces e escreveu os seus

livros mais fortes, numa regra e concentração de beneditino, cortadas às vezes por tumultuosas inspirações de artista, como quando ao reviver a *História da República Romana*, durante quarenta horas, sem descanso, sustentado a café, ele foi empurrando com pena magnífica, através das ruas de Roma, da porta Carmental ao Capitólio, o triunfo de Paulo Emílio. Antero encontrava aí alguns dos seus companheiros de Coimbra, mais amadurecidos, disciplinados pelo trabalho, cada um ancorado na sua pequena Ítaca, mas conservando todos o gosto das viagens incertas pelos mares da fantasia. A «encantada e fantástica Coimbra» de outros tempos ressurgia, com mais ordem intelectual, um saber mais positivo e uma outra consciência da

vida e da sua seriedade. E, como em Coimbra, Antero era ainda a curiosidade e o encanto daquelas tertúlias, misturadas de alto critério e de belo riso, onde por vezes toda uma metafísica em plena expansão tropeçava e desabava sobre a ponta aguda de um calembur. O seguro renovo de saúde, depois das desesperanças da doença, sobretudo a paz filosófica, tinham robustecido a alegria nata de Antero — e dado à sua natureza, até aí alternadamente meiga e violenta, uma serenidade igual e contemplativa como a luz de um belo dia de outono. Aquelas indignações de insurreto, em que outrora constantemente o lançavam os seus instintos de superior justiça e certos laivos persistentes de radicalismo, eram agora raríssimas nele: e as misérias ou

vergonhas da política (que em casa de Oliveira Martins, já diretor de *A Província*, repercutiam com particular intensidade) só causavam a Antero uma compaixão tranquila. Ele, de resto, ainda acreditava então que misérias e erros provinham do vício ou da incompetência da pequena casta política que, através de Lisboa, domina a nação — e que, no fundo do povo, existia latente mas intacta uma grande energia viva, capaz de reconstituir, sob a direção da virtude e da capacidade, a ordem na sociedade portuguesa. Mas desse movimento reconstituidor (para que entrevia já os chefes predestinados), Antero só queria ser a testemunha consolada, quando muito o filósofo tutelar. O seu espírito só se interessava pela essência pura das ideias

— e creio que dos seus tempos de propagandista lhe ficara uma pudica repugnância pelo manejo direto dos homens e dos factos. E todavia ninguém como ele possuía o dom melhor para arrastar homens através de desertos — a força e graça da sedução. Antero nascera pastor de almas — mas um pastor que, infelizmente, não tolerava a grosseria e a materialidade do rebanho.

O seu cuidado, nesse ano formoso em que tanto vivemos nas Águas Férreas, era construir definitivamente a «sua filosofia», que não queria desenrolar num tratado mas (como ele dizia, rindo) condensar num catecismo, muito claro, muito simples, todo em aforismos, de quinze ou vinte páginas, que se encadernasse em marroquim, se trouxesse

na algibeira como um viático da razão pura. Rindo também, muitas vezes se lamentava de não ter três ou quatro discípulos que iniciasse no seu evangelho e que, depois de o compreenderem finamente, escrevessem por ele as epístolas aos Galácios e aos Coríntios.

Eu sempre ardentemente me ofereci para ser o seu S. Paulo, afrontar os gentílicos, derramar o verbo. Mas Antero receava que, como artista, eu materializasse as suas ideias em imagens — imagens floridas, cinzeladas, pitorescas, e arrepiadoras portanto para quem como ele abominava o pitoresco. Creio, de resto, que Antero não sentia prazer nem utilidade em publicar o seu pensamento. Considerando o estado mental da sociedade portuguesa, ele

reconhecia quanto a sua doutrina e as suas conclusões pareceriam incompreensíveis, estranhas, fantasmagóricas. No seu país, Antero era como um exilado de um céu distante; era quase como um exilado no seu século. Para que, pois, mergulhar na multidão, anunciar uma verdade que a todos se afiguraria um sonho, e um sonho nem ao menos composto com os elementos e os pedaços de realidade que entram sempre no arranjo dos sonhos? Seria o pueril labor do profeta no deserto — enquanto a caravana bebe nos costumados poços, retrilha o costumado trilho e avança para a costumada Meca, onde morre da costumada peste. Antero era desses que intelectualmente antedatam e que, quando escrevem, como dizia Stendhal, têm de esperar oitenta anos para

serem lidos — e contestados. Por isso preferiu permanecer calado — tendo por consolação entrever «o norte para que se inclina a divina bússola do espírito humano». Só mais tarde, por um esforço de amizade, para favorecer a *Revista de Portugal*, e também para entreter a solidão espiritual em que o deixara a partida de Oliveira Martins, instalado em Lisboa e na política, é que Antero esboçou rapidamente algumas ideias, certas tendências do seu espírito, que ele considerava, e com razão (o neoidealismo crescente da literatura e da arte, nestes últimos anos, o prova) serem as tendências gerais do espírito filosófico no fim do século XIX.

Antero, com efeito, vivia muito solitário em Vila do Conde — sem mesmo

a companhia das suas «pequenas», que, agora crescidas e necessitando uma educação feminina e doméstica, ele colocara, depois de muito escolher, de muito cogitar, no Convento das Doroteias. Como regressos ao mundo, «grandes dissipações», somente lhe restavam as visitas a Luís de Magalhães, à Quinta do Mosteiro. Antero amava a farta lavoura, a forte vida naturalista e sã que enchiam aquela antiga vivenda de frades. Mas sobretudo lhe era doce e talvez salutar ver, em meio de vida tão verdadeira e livre, Luís de Magalhães, robusto, exuberante, patriarcal, com aquela sua clara alma onde a alegria repica de matinas e trindades, arando os seus campos e fazendo os seus versos, como outrora Virgílio. Estas visitas, depois a

sua solidão e sobretudo o motivo que a avivara, a definitiva entrada de Oliveira Martins na ação, levaram Antero a considerar com mais atenção, quase com paixão, a política, os seus atos e os seus homens. Sempre intensamente português, nunca alheio ao que interessava a nação, era natural todavia que a política se tornasse para ele uma realidade mais sentida, desde que um nobre amigo, um irmão, passara das ideias para os factos e surgia como um reformador, empurrado, aclamado por tantas esperanças puras e crentes. Este novo interesse de Antero não veio senão desmanchar a suave paz intelectual que o envolvia. Seguindo o movimento do mundo político com a curiosidade com que se olha para um mar onde o barco de um irmão anda a

manobrar e a rolar — Antero foi recebendo repetidas impressões de tédio e de desesperança. Aquele espírito pacificado, e tão feliz quando contemplava metafisicamente o universo, porque sentia o fim soberanamente perfeito a que ele marcha na sua evolução — perdia a paz, perdia a felicidade, quando observava o pequeno Portugal e este curto momento histórico em que ele se debate entre tanta baixeza e miséria moral. É certo que a sua supersensibilidade de artista, de metafísico e de solitário exageravam essa miséria e essa torpeza. E quando uma tarde, passeando por Lisboa, ele confessava a um amigo, com terror sincero, que em todos aqueles homens que se cruzavam, na fria tarde de inverno,

distinguia nitidamente o signo fatídico da aniquilação iminente e a ferocidade mal escondida de seres esfaimados que se vão entredevorar — evidentemente estava sofrendo de uma visão e não exercendo o seu destro e lúcido raciocínio. Assim S. Pacómio, descendo da alta Tebaida a Alexandria, soltava gritos pelas ruas, porque, sob as túnicas moles e bordadas daqueles alexandrinos votados à sensualidade e à falsa dialética, ele via claramente o pé de bode que revela os demónios. Mas, de resto, a visão de Antero tinha um seguro núcleo de realidade. E pelo exame dessa realidade, a que ele desfazia não somente todos os fios visíveis mas antevia os prolongamentos ainda encobertos, viera a descrer de Portugal, com uma descrença

que lhe era angústia. Angústia bem contraditória num grande intelectual que sentia o mundo, através de todas as aparências perversas, marchar sublimemente para o bem, supremo e consolante momento da evolução do ser. Que pode importar uma chaga em corpo que, por efeito mesmo dessa chaga e da sua decomposição, se está transformando no puro espírito, no anjo? Tais contradições, porém, pululam no misticismo, enchem a história dos santos do deserto.

E a angústia era tanto mais pungente quanto Antero via o seu grande amigo Oliveira Martins que se debatia, já vacilando, no meio desse mundo por ele considerado de irresgatável torpeza. Hércules partira para limpar as

cavalanças de Augias: Antero animara, acompanhara Hércules até às portas da escura infeção — e agora o lodo, em vez de diminuir sob o esforço (que se julgara invencível) do filho forte de Zeus, parecia crescer, cada manhã mais espesso, para o imobilizar e sufocar. Desalento amargo para Antero — e repassado de cólera. Quando eu, justamente por esse tempo, o convidava a traçar na *Revista de Portugal* um «quadro da sociedade portuguesa», ele recusou asperamente, declarando que a respeito de Portugal só «podia rugir, vomitar amargores, e esses rugidos e amargores, sem o aliviar, magoariam e contristariam outros». Era ainda aqui o homem que, no meio da grande cólera, não esquece a grande caridade.

Dentro dessa caridade estava já a

semente de uma nova e definitiva pacificação. Mas tinha ainda de ser fantasticamente iludido, de criar outro imenso fantasma, para o servir com amor. E seguindo fantasmas, através do «palácio encantado da ilusão», que afinal vem a repousar deliciosamente na paz do Senhor. Essa singular ilusão foi a Liga Patriótica do Norte. Ele próprio lhe chamava «o seu derradeiro fantasma». Antero acreditou então, e com deslumbrado ardor, em coisas inacreditáveis: na mocidade iniciadora; na contrição dos velhos partidos pecadores; na alma quinhentista de Portugal ressurgindo; no despertar de um povo com a vontade bem consciente, e formulada em comícios, de ser novamente esforçado e grande!

Trazido por uma turba de estudantes, que a força de uma lenda impelia e que agitavam tochas e bandeiras, deixou o seu retiro de Vila do Conde. Sem ainda saber o que se pedia à sua forte autoridade moral, foi aclamado numa assembleia do Porto, onde os secos burgueses do tristonho burgo se entretocavam o cotovelo, murmurando com desconfiança: «Quem é ele?» Era um símbolo. Na casa em que se hospedara, tremulava sobre uma varanda o estandarte de Portugal, anunciando, à velha moda feudal, a presença do senhor da terra, defensor das gentes e dos gados. Tão simbólico era que alguns mais exaltados, ou mais estéticos, estudavam a forma de uma dalmática de doge, toda em veludo e arminhos, com que ele devia presidir às

sessões da Liga!... E a Liga, que ainda mal nascera, já findava, decomposta. Tão decomposta que dentro dela não restava outro movimento senão o fervilhar dos vermes partidários, regeneradores e históricos. Quando se acabaram de elaborar os estatutos, que eram o programa muito complexo da nova vida, a Liga já não existia, dispersa, sumida, toda fugida para os hábitos da vida velha. Os políticos tinham recolhido aos seus centros — a mocidade que fora arrancar Antero à metafísica regressara, cansada desse esforço, às banquetas e aos *bocks* dos cafés da Praça Nova. Na sessão em que se leram os consideráveis estatutos só havia, na vastidão dos bancos, quinze membros que bocejavam. E numa outra final, como ventava e chovia, só

apareceram dois membros da Liga, o presidente, que era Antero de Quental, e o secretário, que era o conde de Resende. Ambos se olharam pensativamente, deram duas voltas à chave da casa para sempre inútil, e vieram, sob o vento e sob a chuva, acabara sua noite em Santo Ovídio.

Assim se sumiu a Liga. E, desfeitas as formas revoltas desse estouvado sonho, Antero reentrou numa paz magnífica. Nunca, com efeito, como nessa primavera, quase toda passada em Santo Ovídio, o conheci tão sereno, tão estável na vida, de uma tão diligente e risonha sociabilidade, movendo o espírito dentro de uma liberdade tão rica. Se algum amargor lhe ficara dessa ilusão derradeira, a que tão candidamente se abraçara e que tão chochamente se

esvaíra, decerto a sua ironia lho adoçou ou de todo lho dissipou. Foi talvez mesmo um motivo para subir de novo àquelas altura do pensamento de onde as coisas se avistam na sua essência e verdade intrínsecas, sem que importem os acidentes, as modalidades e as imperfeições transitórias. Ei-lo pois de novo refugiado na impassibilidade subjetiva, na alva torre de marfim. O seu país, é certo, apodrece... Que importa — se o universo todo, onde ele é apenas uma mancha esverdinhada, se move divinamente para o bem, para a verdade, e para a beleza?

A este equilíbrio de alma correspondia então nele uma verdadeira pacificação fisiológica. A não ser por certos cansaços e pelo hábito de comer,

como os faquires da Índia, uma única vez de sol a sol (o que à nossa voracidade godo-latina se afigura uma deficiência mórbida), Antero possuía todas as facilidades e exterioridades da saúde, começando pelas rosas desabrochadas que lhe resplandeciam em cada face. E neste sossego de alma e de corpo, depois dos tormentos que ambos tinham atravessado, brilhava, com uma luz mais alta e mais visível, a sua excelência moral. Conviver então com Antero foi um encanto e uma educação. Não conheço virtude que ele não exercesse: e com uma graça tão fina g fácil que a virtude, através dele, aparecia não só como a suprema utilidade mas como a suprema elegância da vida. A alma de Antero, com efeito, foi sempre superiormente elegante.

Logo os seus modos tinham uma harmonia carinhosa, envolvedora, que era melhor que a boa cortesia social e que não nascia somente da raça e da cultura, mas do nobre fundo dos instintos, do seu amor e alta caridade humana. Não havia nele nenhum dogmatismo nem orgulho de casta filosófica: e mesmo sobre doutrinas e em coisas da sua fé nunca usava aquela «ponta agressiva da contradição» que todos os teólogos concordam ser a qualidade mais desagradável do Diabo. Era cheio de paciência, de atenção afável, para os seres mais fastidiosos, mais viscosos. Todas as manias e preconceitos o encontravam risonhamente misericordioso. E sem esforço, a cada instante a sua inteligência, acostumada às alturas, descia até às familiaridades da

rua, pequeninamente simples com os simples, tão fácil que uma criança podia brincar com ela, semelhante a essa estrela da lenda que era um mundo e que na cabana da pastorinha vinha prestar os mais humildes serviços, e ser a fagulha que acendia a lenha e a luzinha que tremia na candeia. Por isso Antero cativava «toda a sorte e condições de gentes várias», como diz a Bíblia. Vi lavradores, diplomatas, industriais, toureiros, meros vadios, voltarem da sua companhia gratamente encantados e cada um louvando nele um dom diverso, qual o bom senso, qual o saber especial, qual a gentil graça, qual a doçura. Tacanhos beatos, de relicário e opa, amavam aquele livre filósofo: e mundanos, de estouvada mundanidade, viviam no entusiasmo

daquele asceta. Isto provinha menos da sua ilimitada aptidão para compreender que da sua amorável facilidade em se interessar — e ainda também daquela sua delicada arte, tão rara e benéfica, provando sempre nobre raça e muita humanidade, a arte de «saber escutar». E não só de escutar, mas de ajudar o pensamento dos outros a surgir dos embaraços da expressão perra, a lançar o seu pequenino brilho: e assim muitos afirmavam que, conversando com Antero, se sentiam inesperadamente mais inventivos, mais inteligentes... A inteligência era a dele, que, como o generoso sol, feito de ouro candente, tudo doura em redor.

Era tocante como atraía as crianças. Muitas noites em Santo Ovídio,

quando junto do fogão Antero conversava, sentado no meio de um divã, na sua atitude costumada, com as pernas cruzadas, as duas mãos cruzada-sobre o joelho magro, surpreendi pequenos de seis e sete anos que, desviando os olhos de algum livro de estampas, o contemplavam maravilhados. Ele possuía, de resto, a subtil ciência de tratar com crianças, sendo ainda ele próprio como uma criança, porque a sua alma, que tanto vivera pela cogitação, nada perdera da candidez — e era assim ao mesmo tempo muito velha e muito inocente.

O motivo desta incomparável sedução era a sua bondade tão luminosa, tão repassada de intelectualidade. Antero nesse tempo, tornado verdadeiramente Santo Antero, irradiava bondade. Como

naqueles jardins espirituais celebrados pelos místicos, de onde se varreram todas as folhas secas, de onde se arrancaram todas as ervas más, muito limpos e enfeitados para receber a visita do Senhor — na alma de Antero, de que ele fora jardineiro cuidadoso, não restava erva má ou folha seca, nem egoísmo, nem soberba, nem intolerância, nem desdém, nem cólera. Só as flores do bem (de cuja duração e perfume ele outrora duvidara) floriam, e tão lindamente e frescamente que o jardineiro agora repousava, e a cada hora de sol ou de crepúsculo o Senhor podia descer e visitar o seu jardim... Quando muito, aqui, além, numa ponta de folha mais lustrosa, corria uma faísca de ironia.

Mas o sarcasmo, esse,

inteiramente o abandonara, como arma de batalha que se deixa enferrujar logo que vem a bela e doce paz. Também o meu santo amigo perdera aquela exuberante veia cómica que fazia da sua conversação como um seguido estalar de foguetes, enchendo o céu de festivo ruído, de estrelas quase verdadeiras, de sulcos cor de ouro, onde se iam levados o nosso pasmo e os nossos «ahs!» deleitados. O seu conversar agora era calmo e liso, desadornado de todos os brilhos intensos, de uma elegância muito leve, de uma lucidez muito insinuante, sempre risonho, sempre sociável, e tão naturalmente harmonioso que formaria páginas de uma incomparável prosa só com ser transcrito, sem necessidade de lima e arte que o apurasse. A grande obra de Antero, na

verdade, foi a sua conversação. O que resta em panfletos, artigos, ensaios, representa tão incompletamente o seu pleno, rico, povoado, fecundo espírito, como secas folhas de árvore entre folhas de papel representam um fundo bosque da Florida. Só os que o escutaram, na intimidade ficaram conhecendo a prodigiosa abundância, originalidade, finura, profundidade e força do seu pensamento. A antiquada comparação do «relâmpago» alumiando subitamente horizontes, campos, estradas, casais, toda uma vastidão de vida e terra que se não suspeitava sob a escuridão, descreve muito graficamente o efeito intelectual de Antero conversando. E o encanto estava em que todo este deslumbramento era produzido com muita simplicidade —

quase com humildade.

Tão fortes qualidades morais fundidas numa graça tão cativante, modos tão suaves e amoráveis servindo uma tal energia pensante, faziam de Antero de Quental uma personalidade magnificamente consoladora. No meio da mediocridade espiritual e da inconsiderada rudeza dos costumes, e do materialismo argentário, os espíritos delicados encontravam na sua intimidade, e mesmo na sua fugidia convivência, um repouso semelhante ao que o corpo cansado e pisado do calor, do pó, dos encontrões de uma feira de gado, recebe ao penetrar na frescura e na elevação de um templo.

Antero possuía uma alma onde na meiga e intraduzível expressão de França

— *il faisait três bon*. Por isso todos os intelectuais que uma vez o encontrassem lhe conservavam para sempre um sentimento que era misturado de amor e não dissemelhança da devoção. E tínhamos ainda nele um confortante orgulho, pois bem sentíamos que esse homem tão simples, com uma má quinzena de alpaca no verão, um paletó cor de mel no inverno, vivendo como um pobre voluntário num casebre de vila pobre, sem posição nem fama, sempre ignorado pelo Estado, nunca invocado pelas multidões, era o elo rijo, o mais rijo elo de fino ouro, que prendia Portugal ao mundo do pensamento. Ora uma nação só vive porque pensa — e pelo que pensa. *Cogitat*, *ergo est*. Naquele humilde, pois, que se comprazia entre os humildes,

estava a mais larga e mais rica soma da verdadeira vida de Portugal.

Como aquela noite de Coimbra em que o conheci, era também de primavera e de luar a noite derradeira que passámos juntos em Santo Ovídio. De tarde andáramos por sob os nobres e seculares arvoredos da quinta. Depois, ele descansou no meu quarto, estendido na cama, com o seu cigarro, como nos tempos escolásticos. Pela varanda, orlada de glicínias, aberta sobre os jardins, entrava frescura, paz, o murmúrio dos repuxos dormentes, todo o aroma esparso das rosas de maio. Antero amava aquela velha vivenda patrícia, refúgio excelente para um erudito ou para um magoado da vida que procurasse um ermo ainda florido e onde a severidade fosse risonha.

E assim viemos a conversar desta materialidade dos tempos, e estridor das cidades, e exageração da atividade cerebral, e aspereza das democracias, que começam a empurrar tantos seres sensíveis, ou piais imaginativos, para a quietação religiosa e para o deserto moral. Antero pensava que uma forte reação espiritualista e afetiva se seguiria à materialidade deste duro século utilitário e mercenário; e, rindo, relembrou a sua antiga ideia, a fundação da Ordem dos Mateiros. Estes monges do idealismo teriam por missão o reconstituir, em toda a sua beleza e dignidade primitivas, a vida rural, a mais elevada, porque imolando toda a civilização sumptuária, e portanto todos os apetites, e paixões, e necessidades

falsas que dela derivam, e reclamando apenas ao seu bocado de terra o seu bocado de pão, conquista socialmente a verdadeira liberdade, e através dela se prepara a atingir espiritualmente a verdadeira perfeição. Mas não era esta a obra melhor dos «mateiros». Toda essa reorganização do mundo, na forma de quietos e fecundos hortos, servia de base a uma alta renovação religiosa. Qual? Antero tendia para uma mistura do platonismo e do budismo. Eu preferia que os «mateiros», retomando a grande obra de cultura que fez a conversão do cristianismo católico em cristianismo histórico, a adiantassem, deslocassem o cristianismo da região da história para a região da psicologia, removessem toda a aluvião eclesiástica e teológica e

descobrissem, revelassem o ponto verdadeiramente divino — o estado da consciência de Cristo... Tudo isto ocorria muito familiarmente, sem pompas exegéticas ou filosóficas; e terminámos mesmo por escorregar da filosofia para a fantasia, organizando a ordem, os seus estatutos, a sua disciplina, o seu traje, o seu cerimonial. Toda a dificuldade foi que, para esta adorável reconstrução da terra e da humanidade, repercorrendo os nossos amigos, só encontrámos três «mateiros» sérios. E eu próprio, tão delicado, reclamava já confortos, regalias estéticas e uma poltrona no deserto. Depois apareceu o conde de Resende, que imediatamente pediu o hábito e a enxada e ofereceu, para se erguer o primeiro mosteiro, uma das suas terras, Canelas ou

Resende. A velha quinta de Resende parecia a Antero excelente, quase fatídica para uma obra de conquista espiritual — pois sob os seus históricos arvoredos fora educado Afonso Henriques, de entre eles saíra a velar as armas na sé de Zamora e, depois, cavaleiro cristão, a bater o Mouro e a fundar o reino cristão. Aceitámos a quinta com apostólico fervor. Mas o senhor de Resende teve exigências tão epicuristas a respeito do refeitório que Antero, indignado, apesar da magnífica oferta, o expulsou logo da ordem como tinhoso, servo irremível da carne... Assim ríamos, brincando com os problemas, entre o aroma das rosas, naquela noite de maio.

Já tarde acompanhei Antero à casa que ele habitava na Rua de Cedofeita.

Conversámos sobre os seus planos — porque agora as «pequenas», crescidas, iam sair das Doroteias, e para as instalar no mundo devia ele repenetrar no mundo. Pensava pois em voltar à sua ilha, a São Miguel, como sendo um mundo mais sereno, mais puro, mais fácil. Lisboa, para Antero, era uma Nínive revolta e sórdida. Diante da sua porta aberta ainda nos retardámos em pensamentos ligeiros da vida e da sorte. Por fim: «Adeus, Santo Antero!» — «Velho amigo, adeus!» Ele mergulhou lentamente na sombra do corredor... E não o vi mais, nunca mais!

Foi para São Miguel, para o seu mundo mais doce, mais fácil... Depois, uma tarde, como aquele filósofo Demónax, de quem fala Luciano, «concluindo que a vida lhe não convinha,

saiu dela voluntariamente e por isso muito deixou que pensar e murmurar aos homens de toda a Grécia». O que dele pensam os homens da nossa Grécia não o sei — pois que de há muito na nossa Grécia uma apagada tristeza traz os homens desatentos e mudos. É morta, é morta a abelha que fazia o mel e a cera! Quem se nutre ainda do gostoso mel? Quem se alumia com a pura cera? Por mim penso, e com gratidão, que em Antero de Quental me foi dado conhecer, neste mundo de pecado e de escuridade, alguém, filho querido de Deus, que muito padeceu porque muito pensou, que muito amou porque muito compreendeu e que, simples entre os simples, pondo a sua vasta alma em curtos versos — era um génio e era um santo.

A Revista

A direção da *Revista Moderna* deseja que eu a explique e a louve diante dos amigos que ela já pressente, e risonhamente espera, no Brasil e em Portugal. E tal louvor é docemente fácil. Aparecendo neste meado de maio, com as flores de maio, sem ruído, na ponta ligeira das suas páginas bem ornadas, tão silenciosamente como as próprias rosas de maio, ela tem por programa dar notícias e dar imagens: e eu não conheço programa que, sob esta simplicidade familiar, imponha trabalho mais áspero e, depois de realizado com disciplina e com gosto, seja de uma utilidade mais substancial para todos aqueles,

inumeráveis, que no imenso in-fólio do mundo apenas têm o vagar de percorrer açodadamente o índice!

À notícia e a imagem são com efeito os resumos supremos, postos em curtas linhas e em finos traços, de vastos e complicados movimentos do pensamento e da ação. Quando o meu jornal conta que se achou e venceu o bacilo de uma peste — quantos anos de paciente experimentação, de atenta e sagaz análise, de ansiedades e lutas com a matéria rebelde, ele resume nessa linha apressada e seca! Quando a minha ilustração, numa estreita gravura, me mostra uma inundação ou um incêndio ou uma batalha, quantos desesperos e angústias, e bestiais egoísmos, e renunciamentos magníficos, e tormentos da carne, e espantos da alma,

ela condensa e imobiliza nesses contornos ligeiros sem consistência e quase sem sombra! Notícias e imagens são assim extratos fortemente concentrados da vida ambiente, que, caindo na nossa imaginação, desenvolvem nela toda a emoção viva que em si contêm — exatamente como essas gotas de essências, que, entornadas num vaso de água, o repassam do seu sabor, do seu aroma, da sua virtude nociva ou benéfica. O tempo, o velho da negra fouce, é quem ordinariamente se encarrega de reduzir a notícias e imagens os mais complexos e longos factos do espírito ou da vida. Tudo quanto subterraneamente ou ambientemente serviu para os criar, desenvolver e vivificar, ele vai cada dia eliminando e tragando, até que o facto fica

desbastado, descarnado, na nudez do seu esqueleto essencial, cabendo todo numa linha impressa ou nos curtos riscos de um lápis esperto. Os maiores acontecimentos da história, que agitaram durante séculos impérios e massas humanas, andam hoje comprimidos dentro da página de um compêndio que as crianças decoram, merendando e rindo. Todas as grandezas e conquistas, e devastação de raças, edificações de cidades que tornaram Ramsés igual aos deuses, não dão para mais de uma frase erudita, nem para mais de um desenho representando um vago faraó de barba encaracolada, com as duas mãos imóveis sobre os joelhos. E daqui a quatro ou cinco mil breves anos a Revolução Francesa, cuja história atulha bibliotecas e ainda se não completou —

andará contada nas escolas em vinte ou trinta palavras, e a única imagem suficientemente expressiva para a comentar será um bando de esfarrapados derrubando uma fortaleza.

Ora, fazer rapidamente, e cada semana, esta simplificação concentrada da história, como o tempo detidamente a faz através dos séculos vagarosos, é tarefa mais arquejante do que fabricar uma nobre teoria social ou desenrolar uma nova fórmula de arte. Com duas resmas de papel, uma coleção de sistemas, alguma fantasia especulativa, muito vagar, muita independência, facilmente se constrói um sistema filosófico ou estético, decente e até vistoso... Mas resumir nitidamente, substancialmente, numa coluna, toda esta tenebrosa, intrigada, conflitiva, dispersa

história da guerra turco-grega — eis aí façanha de que Hércules, com toda a sua leviandade heroica, se arredaria, preferindo com certeza voltar às cavalariças de Augias!

E no entanto essa tarefa difícil é a mais utilmente generosa que pode hoje empreender uma revista. Tão profusa, e complicada, e tumultuária, e rápida se tem tornado a vida moderna que, se os seus factos dominantes não fossem flagrantemente apanhados em imagens concretas e fixados em resumos límpidos, nós teríamos sempre a aflitiva sensação de irmos levados num confuso e pardacento redemoinho de ruído e poeira. Seria como se diante de nós se folheasse vertiginosamente um livro ou passassem, em manchas sucessivas e fugidias, grossas

estampas que o vento baralhasse e levasse: e assim ficaríamos sem ler jamais o enredo da nossa própria história, ou sem demorar nunca os olhos nos gestos da nossa ação. Sobretudo sofreriam esta estonteada impressão aqueles que vivem longe da Europa, e todavia incessantemente olham para a Europa como para o palco onde se representam cada dia as mais pitorescas, as mais instrutivas, as mais patéticas, as mais alegres, as mais profundas, as mais bem escritas tragicomédias humanas. Sem alguém bem dedicado que lhes resuma finamente os entrechos e lhes transmita num traço verídico a originalidade das atitudes, esses não distinguiriam de longe, neste magnífico teatro, mais do que um rolo de sombras, sem forma e sem nome,

tumultuando em ações que não pareceriam ter razão nem fim. A *Revista* é essa dedicada amiga que destaca da massa sombriamente movediça as cenas e os atores que, por um momento, merecem risos ou lágrimas...

Mas o melhor serviço desta *Revista* será quando nos guie através da obra incessante da civilização — ou antes vigie à beira da imensa torrente da civilização e rapidamente detenha e colha as obras melhores, antes que todas tumultuariamente passem e mergulhem no escuro mar que as devora. Pensemos que a França escreve cada ano dez mil livros!, e a Inglaterra catorze mil!, e a Alemanha dezasseis mil! E quantos quadros se pintam! E quantas estátuas se modelam! E quantas conclusões da ciência! E quantas

invenções da fantasia! Toda esta produção rola com brilho vacilante: e como poderiam, aqueles que não vivem parados a observar a estranha corrente, saber do bom livro, ou da fina obra de arte, ou da descoberta do saber, ou da gentil elegância, se a *Revista*, com rápida segurança, não escolhesse e apanhasse, de entre a vaga fugitiva, a obra que merece ficar, enquanto as outras se embrulham e se somem na névoa que tudo apaga?

Mas se eu tentasse celebrar todos os serviços que presta a *Revista* condensando a história, murmurando a anedota, detalhando os costumes, resumindo as letras, expondo a arte, contando a ciência, engastando a fantasia, mostrando todo um mundo a outro mundo, eu não lhe deixaria, nestas páginas de

estreia, espaço para ela começar alegremente as suas ondeantes e esparsas funções, que podem ir desde a crónica de uma revolução até ao desenho de um figurino. Nem me retardo mesmo em a louvar pela graça e luxo com que ela se veste e se adorna, para passear, conduzindo o seu público, através da civilização... De resto eu notava que ela nasce em maio e com as flores de maio. Ora de nada serve espetar diante de uma roseira um eloquente cartaz, exaltando as rosas que vão abrir, o brilho da sua carnação, a fina excelência do seu aroma, os cuidados que se empregaram na sua cultura e os ramos que, com elas, se comporão para embelezar a vida. Q melhor é que a roseira desabroche — e, se as flores forem de resplandecente viço,

não faltará quem as admire, e as respire, e as corte, e as conserve. Sobretudo uma roseira que, como a da velha e graciosa lenda do Indostão, sabe os anais dos povos, desfia os segredos da Natureza, murmura os boatos dos palácios e das choupanas, repete as nobres coisas que estão nos livros, ensina as maravilhas escondidas na arte, conhece divertidas ou tocantes histórias, e depois, só por si, é, como qualquer outro florido e perfumado arbusto de jardim, um «ser de beleza» e portanto, segundo afirma o poeta inglês, um «criador de felicidades!»

Na Praia

Numa praia da Normandia, ao entardecer, diante do mar que lentamente adormece e do céu onde apenas resta a vermelhidão afogueada e cansada do coruscante sol que o sulcou, está estendida sobre a fina areia uma família, gozando a majestade e a frescura do crepúsculo, naquele recolhimento decoroso que compete a quem alugou um chalé de três mil francos e acarretou de Paris cavalos e carruagens para comunicar luxuosamente com a Natureza.

No meio avulta fortemente a madama, obesa, entronada sobre a sua cadeirinha de palha, com uma boina branca e, sobre os ombros mais largos

que ancas de égua, uma capelina a que se sente, mesmo de longe, a riqueza e o preço alto. Ao lado, o marido, magricelas e mole, desenha apenas, na areia pálida, um traço escuro. Outra forma encolhida, com os joelhos agudos contra o queixo agudo, é talvez de um parente pobre ou de um parasita. E a única linha nobre e digna, ressalta de dois cães enormes, sentados com o focinho para o mar, em desconfiança, na esperta guarda dos seus donos, atentos àquele rolar da vaga, pequenina e lenta, mas que teimosamente avança para eles, espumando e rosnando.

Nesta beleza e nesta quietação magnífica alguém aparece, atravessa, vagarosa e pensativamente, por trás, sobre as dunas do areal. Aos brandos passos, imediatamente, os dois cães saltam

latindo com furor, arremetem contra aquele temerário que ousou pisar a areia dos seus amos e caminhar para o mar dos seus amos. Inquieto, o marido corre, em largas pernadas esguias, de bengala erguida, retendo e ameaçando os cães... E então da vasta massa da madama rompe um brado rouco, um brado áspero, um brado sublime: «Imbécile! Qu’est-ce que vous avez a gronder ces pauvres chéris? Eh bien!... Quand ils mordront on paiera le médecin!»

Os cães recolheram, de rabo encolhido, sob a ameaça balbuciada do senhor. Com o dorso vergado, o senhor recolheu sob a ira soberana da madama. E quem vinha passando, passou.

«Quando eles morderem se pagará ao médico!» Grito precioso, na verdade,

porque nele vêm resumidas todas as fealdades de uma alma, como por vezes, num único bafo de aragem à esquina de uma viela, vêm todos os fedores de um bairro sujo. Desde logo se reconhece que a nédia matrona é uma ricaça, uma argentária, dona de belos prédios, com um cofre profundo no Banco de França, longamente acostumada a comandar e dispor, secamente desdenhosa de graças e sensibilidades, mole e toda de banhas por fora, por dentro toda dura e de ferro. O seu sentimento mais vivo reside no zelo violento, quase feroz, pelos privilégios de todos os seres que fazem estreitamente parte da sua casa — sobretudo dos seres favoritos, ou porque lhe afagam o capricho ou porque lhe honram o luxo. Nesta, os seres favoritos são os dois cães,

que evidentemente se tornaram o cuidado supremo do seu vago bocado de coração e como uma parte mesmo da sua gorda substância. Ela e os seus dois cães constituem, portanto, o universo — o resto é uma sombra-que, como todas as sombras, se pisa. Se os seus cães querem morder, toda a perna humana, segundo a ideia da boa madama, pertence legitimamente aos seus cães. Que as mais belas ou as mais úteis pernas fiquem dilaceradas — mas que os seus cães se regalem, se satisfaçam, provando, com a mesma dentada, vivacidade, audácia e o louvável rancor das pernas estranhas que podem transpor o muro da casa sagrada. E aquele que impeça os cães de ferrar, gozar a delícia sangrenta de um rasgão em carne sã, esse, na ideia da madama, será um

impertinente que priva os seus animais de uma regalia e a ela lhe impõe uma afronta. Por isso, quando o pobre marido despega os ossos magros dá areia fina e acode, tropeçando, de bengala trémula, ela fulmina o entremetido, grita furiosamente: «Imbécile!» Como ousou ele, com efeito, interromper «ces pauvres chéris» no momento triunfante em que eles vão, os pobres queridos, esfrangalhar o homem temerário que invadira ao crepúsculo aquela praia, onde os seus donos digeriam, e, portanto, dominavam? E é ela então que os chama, quando eles voltam de rabo humilhado, os anima, os consola, e lhes promete mudamente que, noutra tarde, não serão empecidos, morderão todas as pernas a que têm direito, por serem os cães dela, matrona muito rica,

muito nédia e muito poderosa.

Ivan, *o Terrível*, senhor das Rússias, alimentava os seus ursos favoritos com criancinhas de mama, porque os ursos, pobres queridos, se deleitavam com essa caminha muito tenra, de um sabor de leite. Era um monstro... Mas, no fundo, a alma de Ivan não é moralmente mais monstruosa do que a desta burguesa do Bulevar Haussmann. Toda a diferença está na largueza do poder. O sinistro Ivan possuía a omnipotência — era, por direito, tão dono das crianças como dos ursos, a quem podia, com a mesma segurança, atirar uma criança ou todo um povo, A roliça madama, essa ;m a ferocidade severamente limitada pela polícia — e só não oferece, todos os dias, uma perna

humana ao dente dos seus cães porque ainda é mais egoísta do que feroz, e teme para a sua própria e rica pele as violências do Código Penal... A sua torpe alma, porém, é genuinamente ivânica.

Como o velho Ivan, ela tem a suprema e descarada indiferença do sofrimento alheio. Naquele bojudo seio não passou a mais fugitiva inquietação pelo mal que fariam os dois formosos brutos quando se arremessaram, furiosos, para as dunas. Os brandos passos podiam ser de uma criança, desviada um momento do amparo da mãe, correndo na areia; ou os de um velho, doente, alquebrado, frágil; ou os de uma linda e alegre rapariga no viço do seu desabrochar; ou os de um mendigo, ou os de um príncipe... Que importava à obesa fêmea? Não era

gente da casa, porque contra essa os cães não romperiam. Era apenas alguém de *outra* casa, portanto da *outra* humanidade, alguém para cães — exatamente como se fosse febra morta em torno de um osso... «Que tem que eles mordam?» A ardente dor, o sangue pingando, uma larga ferida a curar, não a comovem mais do que os riscos que o seu guarda-sol de cabo dourado cava na areia. E não é propriamente nela gosto perverso e material do sangue. A vista de uma canela rasgada, mesmo pelos seus cães, pobres queridos, seria repugnante à vasta madama, ofenderia o seu amor ordeiro das coisas sãs e limpas. Não!, o que ela tem é soberana insensibilidade por todo o sofrer, quando ele não desmanche o seu gozo contínuo e regrado da vida. Dor que

grite e se estorça junto dela decerto a emociona, porque a incomoda; e solicitamente fará tudo (até emprestará talvez a sua carruagem!) para que a dor vá berrar para longe, muito remotamente, onde os berros não encham o *seu* ar, que respira, de tumulto e de agonia. Nisto se diferença do bárbaro Ivan, para quem gemidos, convulsões, sangue golfando, eram incomparáveis delícias. Não!, a nossa madama já pertence ao século XIX, por esta delicadeza afinada e educada dos sentidos recobrindo um fundo de sentimentos selvagemente cruéis; e é dessas que, fugindo horrorizadas de um dedo que se cortou e sangra, permanecem marmoreamente desinteressadas e serenas diante das mais sombrias desgraças morais. O velho Ivan teria corrido

sofregamente, para gozar os seus cães estrancinhando o homem que passava. A toucinhenta madama, essa, depois de os seus cães morderem e se saciarem decerto se afastaria com a mão na face — para não presenciar, ela tão limpa e calma, os gemidos, a nojenta carne rasgada...

Mas onde a madama absolutamente se diferença de Ivan, *o Terrível*, é na certeza que tem, e em que foi rigidamente criada, da omnipotência do dinheiro. «Quando eles morderem se pagará ao médico!» Esta é a parte preciosa do seu dito ilustre. Está aqui toda a moral, e toda a religião, e toda a lei do mundo argentário. A rodela de ouro, o papel azul do banco, constituem as únicas realidades do universo. Só o dinheiro importa, só pelo dinheiro o homem sofre,

só pelo dinheiro o homem se contenta. Ingenuamente, ela pensa que o mordido se não desolaria com o mal da mordedura — mas com a despesa do médico. Para quem vive exclusivamente entre o metal, no cuidado do metal e que por isso se metalizou, a perda do metal é a única dor verdadeira. Se os médicos fossem gratuitos, como o ar (único dos quatro elementos que ainda se conserva relativamente gratuito), esta boa matrona não compreenderia que os seus cães causassem dano esfrangalhando uma perna humana — nem que o homem da perna realmente padecesse transtorno com as dentadas que o estropiavam. Que lhe podia, na verdade, importar a ferida desde que o tratamento era gratuito? Não havia desembolso — logo não havia

sofrimento! Sucede porém, neste imperfeito mundo, que os médicos são dispendiosos: e, portanto, a nossa obesa madama, no fundo da sua obesidade, reconhece que os seus doces cães, mordendo, fazem um mal — porque originam uma despesa. Pois bem: ela, rica, muito rica, paga a despesa! É exatamente, para o dorido, como se os médicos fossem gratuitos. Que razão lhe resta, pois, de se queixar (e mesmo de não querer ser mordido) desde que, para ele, dessa aventura de praia e cães, não resulta despesa? E ela que paga, magnanimamente. Rica, muito rica, pode bem pagar, e com gosto, as *despesas* que os cães fazem nas pernas que passam. Os seus cães não se privam — ela goza. E uma mera tabela de preços. Se os cães

escavacam um bocado do homem — ela paga o bocado; se escangalham o homem todo — ela paga o enterro.

E esse marido *imbecil* (como ela tão justificadamente gritou) que ideia o impele, quando assim corre, com a bengala irada, ameaçando, castigando os cães? Penetrado dos sãos princípios da sua madama sobre o dinheiro e o mal humano, ele acudira decerto, polidamente, para poupar ao homem uma despesa... Mas não sabia o imbecil que ela paga sempre esses gastos de luxo? Com que direito impede, pois, que os seus pobres queridos, transportados àquela praia de Normandia para arejar e recrear, saltem às canelas que não são do seu rancho? Esse seu movimento arrebatado de bengala nasceria, de uma baixa

inquietação de avarento? Assim ela decerto o pensa: por isso o injuria. Retendo os cães, o magricelas só procurou talvez economizar sordidamente uma conta de médico!... Quanto custaria o conserto da perna? Trezentos francos? E por trezentos francos, então, ele rouba aos seus cães um gozo e os humilha publicamente, e dá publicamente uma prova de adunco apego ao dinheiro, naquela praia onde alugaram um chalé de três mil francos, com cocheiras! Imbecil, escandalosamente imbecil!

Madama ao menos mostrou a sua largueza generosa — pronta a pagar qualquer perna, por mais valiosa, que os seus cães consumirem. E é por isso que o acha *imbecil* e o despreza — porque, ao lado dele, se sente magnânima e sensível.

Sim, magnânima, sensível! Nunca ela brutalizaria os seus cães por eles mostrarem alegria e força! Nunca ela consentiria que homem mordido pelos cães desembolsasse dinheiro, precioso dinheiro, na custosa cura das feridas!... E talvez ante aquela grave e fresca paz do crepúsculo de julho, que lentamente se estendia sobre a terra e o mar, a nédia matrona respirasse contente, porque desinteressadamente, diante do céu e do mar, que nunca a convidarão a jantar nem a saudarão no Bois, mostrara magnanimidade e mostrara sensibilidade!

É uma fera, uma deselegante fera, com aquela deformidade adiposa que só tem a fera humana quando é fêmea? Não. E uma madama civilizada do Bulevar Haussmann. Somente, é uma dessas almas

especialmente secas e duras, como as têm feito, na sua classe, desde o reinado de Luís Filipe, a democracia, o predomínio do dinheiro, a educação positiva e a decadência do Evangelho.

No Mesmo Hotel

Já Alfred de Musset, em versos medíocres mas imortais, nos ensinou que quinze dias, quinze curtos e ligeiros dias,

Font d'une mort récent une vieille nouvelle!

De uma morte recente uma velha notícia... Com efeito! E não só a notícia envelhece, desbota, engelha, desce ao lixo como o jornal em que primeiramente rebrilhou e ressoou — mas também, com cada sol que se afunda no mar, o morto mais morre, mais se afunda na terra. Há pouco era uma personalidade que revolvia, atravancava todo um reino;

agora é uma forma inerte, embrulhada num pano, que cabe num caixão esguio: dois meses rolam, como duas gotas numa vaga, e já nem mesmo se lhe distingue o vulto na vasta impersonalidade do pó! Assim, vinte curtos dias correram desde que D. António Cánovas caiu morto, com um tiro, no hotel de Santa Águeda: e eis que já a ardente, esvoaçante, estridente notícia da sua morte caducou, regelou, se alinhou, seca e rígida, entre os parágrafos mortos da história, e já D. António Cánovas, o homem forte que enchia a Espanha de oceano a oceano, desde Cuba até às Filipinas, se esvai, recua diluidamente para o passado, sombra ténue confundida com outras sombras ténues, um incerto Cánovas que se perde entre os vagos Metternichs e os esfumados Cavours...

Mas o que não caduca, o que permanecerá, dando sempre um arrepio novo, é a história tão simples e trágica daqueles cinco dias de verão em que o assassino viveu, quietamente e cortesmente, no mesmo hotel, com o homem que vinha assassinar! Não, nem na realidade ambiente nem nas coisas criadas pela imaginação existiu nunca episódio mais intensamente sinistro! E numa pequena estação de águas, em Santa Águeda, onde Cánovas toma banhos termais para o seu reumatismo e habita o único hotel daquela aldeia entre montes. Uma tarde, num banco do jardim que precede o hotel, ele conversa alegremente (era exuberante e subtil conversador), quando de um ónibus, do ónibus que chegava do caminho de ferro, se apeia um

sujeito, de paletó alvadio, segurando a sua maleta de lona. Ao passar, este homem, avistando o presidente do Conselho, o senhor constitucional da Espanha, poderoso e ilustre, ergue com reverência o seu chapéu mole. E Cánovas, na sua familiaridade fácil, tão grandemente espanhola, saúda logo, com um aceno de mão, condescendente e afável. A quem acenou assim, risonhamente, D. António Cánovas? À morte — à *sua* morte, que o vem buscar a Santa Águeda. Foi a morte que chegou agora das profundidades do destino, agasalhada num paletó alvadio, com a sua foice dentro da maleta de lona. E Cánovas, no banco do jardim, junto de uma moita de flores frágeis que lhe hão de sobreviver, continua contando, gracejando — enquanto a morte, a sua morte, paga ao

cocheiro do ónibus e serenamente, sem pressa, transpõe a porta do hotel.

A morte entrou. A morte pede um quarto, simples e barato, no último andar, para onde sobe atrás do criado, que lhe leva a mala onde ela leva a foice. Aí dependura o paletó no cabide, lava as mãos da poeira da jornada — e, debruçada da estreita janela, a morte estende os fundos e agudos olhos para baixo, para o jardim, para o *seu* homem. Ele não se moveu, recostado no banco, entre o seu rancho, conversando com a viveza, o contentamento saudável, a renovada elasticidade de vontade e pensamento que lhe deram aqueles limpos ares, as benéficas águas que curam dores nos joelhos. Porque Cánovas veio a Santa Águeda curar as dores ligeiras que o

inquietam... A morte espreita da janela alta. E para além, através das árvores, aparecem os tricornes de oleado, os vivos talabartes amarelos da Guarda Civil, destacada em Santa Águeda para cercar, honrar, velar, o presidente do Conselho... Mas uma sineta tilinta vagarosamente. É o jantar. A morte desce a escadaria de pedra. Sem rumor, modestamente, quase encolhida, ocupa a sua cadeira na comprida mesa, onde já abancaram, com ruído, nédias matronas de buço e altos pentes de tartaruga, coronéis agaloados e desabotoados, clérigos que murmuram as graças apalpando o pão. Também, decerto, por entre os vasos com flores do monte, alguns belos olhos, num. oval perfeito de quente palidez, refulgem, espargem a sua aveludada carícia. Mas a

morte não repara. Ainda que a dizem irmã do amor, não foi para aquelas moças, de franzina cinta, que ela veio a Santa Águeda, das profundidades do destino, no caminho de ferro, em segunda classe. Concentradamente percorre o *menu*, desdobra o seu guardanapo. O criado barulhento serve a sopa; e a morte, cansada e com apetite, come daquela sopa, de que, ao lado, numa mesa reservada, na mesa de sua excelência, está também comendo o *morto*.

Então começa a espantosa história dos cinco dias. Constantemente, nos corredores, nas ruas mal calçadas da encovada aldeia, nas estradas assombreadas de carvalho e pinheiral, o assassino cruza o homem que vai assassinar. E é sempre o mesmo

respeitoso erguer do chapéu mole — o mesmo aceno afável da mão poderosa. Até se encontram de manhã cedo, ambos em chinelas, na galeria dos banhos. À remota Santa Águeda, perdida nas serras, só se afoita quem toma os banhos que curam as dores; e a morte, resignadamente, cada manhã, toma o banho que a disfarça. Cánovas já conhece aquele homem, que sempre encontra, muito modesto, quase bucólico, nos caminhos das colinas mais verdes — ou contornando o muro do jardim com pensativa lentidão. Já mesmo uma tarde murmurara, com distraída indiferença, ao chefe da Polícia: «Quem será este homem?» E o chefe da Polícia afirmara com imensa certeza: «E o correspondente de um jornal de Itália, que toma os

banhos...»

Cánovas findara talvez por simpatizar com aquele jornalista de face inteligente, que, para proveito do seu jornal, se embebia na estudiosa contemplação do homem forte que governava a Espanha. Toda a vida do presidente, de resto, mesmo o seu trabalho político, se desenrolava diante do homem pensativo de chapéu mole. Nesses dias abrasados de agosto; naquela aldeia termal afundada entre montes, era do arejado jardim do hotel que o estadista dirigia o Estado. Com a pasta pousada no banco, abria os telegramas, relanceava os relatórios, defendia Cuba, reprimia as Filipinas, exercia a sua omnipotência escrevinhando sobre o joelho — e a morte rondava e olhava para ele. Quantas vezes,

nesse banco, conversando com os secretários, depois do almoço, naquele límpido metal da sua voz que o gesto decidido atirava para longe soberbamente — ele mencionou planos, reformas, ideias de força, enredos de prudência, todo um trabalho de governo, potente e dúctil, demandando um viver longo, um domínio firmado, a sequência de uma energia que não oscila sobre a sua vasta base de ferro. Os secretários admiravam... Ele exclamava, seguro: «Mais tarde eu direi!... Para o ano eu farei!...» E o homem do chapéu mole pensava: «Talvez o mate antes de anoitecer!» Isto durou cinco dias.

Porque tardou assim cinco dias o homem do chapéu mole? E que, coisa sinistra!, a morte sabia que, matando,

morreria. Para ele e com clara consciência, também aqueles dias de banhos na quieta Santa Águeda eram os derradeiros do mundo. De manhã, acordando no seu quarto do terceiro andar, abrindo a janela à fina aragem da serrania e ao aroma dos pinheiros, decerto considerava que talvez não tornasse a ver nem montes nem pinheirais nem gados pastando nem crianças brincando à beira das sebes — e que nunca mais abriria uma janela cheia de sol e de azul, porque, para todas as horas restantes numa espessa masmorra, as suas mãos estariam amarradas por algemas de ferro. Hesitava? Não! Uma justiça superior o marcava gloriosamente para vingar os seus irmãos torturados e toda a miséria humana!... Mas talvez essa tortura

lhe aparecesse mais incerta e essa miséria menos pungente, ali, longe das famintas vielas das duras cidades, entre a doce quietação das colinas eternas, contemplando a suavidade dos vales, com os seus verdes retalhos de lavoura, onde o homem acha, em segurança, o pão e a liberdade. E talvez então murmurasse: «Bem, será para amanhã!...» Era mais um dia para passear nas frescas alamedas, e respirar o crespo e cheiroso ar da serra, e recolher sossegadamente à tardinha quando a sineta do hotel, sonora em todo o vale, toca para o jantar... Mas certamente o mataria! Jurara vingar os tormentos dos seus irmãos — e depois, incessantemente, o fascinava a ideia do seu nome retumbando em toda a Espanha, enchendo o mundo. O homem que

executara Cánovas!... Era o seu retrato em todas as vidraças — a sua vida, de revoltado humanitarismo, contada com ardente curiosidade como se conta a dos heróis! Que espanto e escuro terror inspiraria o seu grande gesto! Mas nos desolados recantos onde se abriga, sem lume, quase sem pão, no seu secular opróbrio, a plebe sofredora — de quanto amor e admiração seria o seu nome cercado! Oh!, devia matar, fatalmente, nessa tarde! O revólver enlanguescia, esperando, no fundo da maleta de lona... E todavia, ao atar em roda do pescoço a gravata, sentia, num curto arrepio, o frio ferro do garrote. «Talvez hoje não possa... Mas será amanhã!»

E esse dia, como sempre, era ocupado em solitárias caminhadas. Que

pensamentos o acompanhavam pelas silenciosas estradas orladas de carvalho e faia? Sempre os mesmos e vagos: vingar a humanidade, entrar na história... E, certamente também, fugir depois de matar. Estudou talvez, através dos montes, atalhos e esconderijos. Mas não se fortaleceria nessa esperança. Depois, a grandeza da sua missão reclamava nobreza de atitude. Que humilhação perante o mundo se soldados, correndo, o apanhassem encolhido, solapado no mato, como um larápio! E a fuga, se a realizasse com segurança, era o seu nome sem assombro, sem glória, sem bênçãos... Revolvendo estas coisas confusas, muitas vezes, na estrada, alcançava Cánovas, entre o seu rancho, perseguido alegremente por pequenos esguedelhados

a quem distribuía pesetas. Logo o chapéu mole se erguia, respeitoso — e lá vinha, para a morte, o aceno superior da mão poderosa. E ambos recolhiam, na frescura da tarde, enquanto a sineta do hotel, sonora em todo o vale, chamava para o jantar. E quando, à noite, as senhoras na sala abandonavam a costura e o *whist* findava, ambos subiam pelas mesmas escadas, Cánovas para o seu quarto atulhado de papéis de Estado, de longos planos demandando um viver longo, e a morte para cima, para o terceiro andar, onde apenas, a um canto, pousava a maleta de lona... Santa Águeda adormece no silêncio que baixa dos montes. Só algum cão uiva, num casal remoto. E no corredor o velho relógio trôpego, com o seu tiquetaque, marcha, tiquetaca para a

hora derradeira do homem poderoso, bem defendido, certo do poder e da sorte — enquanto por cima, sem se apressar, a morte se despe, a morte apaga a vela.

Enfim amanhece, é domingo. Porque escolheu esse dia o homem do chapéu mole? Ah! Estes domingos em que a burguesia mais vistosamente se mostra no seu luxo ricaço e no seu tradicionalismo estreito, as senhoras rojando as grandes sedas de missa, os homens resplandecendo nas suas botinas de verniz novo, e todos numa fileira decorosa arrebanhando para a igreja, para a reverência dos dogmas — enervam sempre asperamente os racionalistas, os igualitários... Cánovas voltou da missa. Sentado no banco do jardim, junto de uma porta envidraçada, corre o jornal, olha o

seu relógio, esperando o almoço. Tique, tique, tique — o ponteiro corre... O homem forte que governa a Espanha tem apenas um minuto a viver, sob aquele generoso sol que cobre Santa Águeda. A morte trepou ao seu quarto, abriu a sua maleta, tirou a sua foice. Já desce a escadaria, cruzando as senhoras que sobem com as suas sedas de domingo, os seus devotos livros de missa. E depois...

Mas então a tragédia perde o seu interesse violento. Há apenas um nobre homem morto, que os seus amigos, numa assombrada dor, levam, para começarem a sua apoteose. E há outro homem com as mãos algemadas e também já morto, que os soldados arrastam para o garrote.

No entanto, pelas quietas colinas de Santa Águeda, os pinheirais, altos no

desatento azul, não cessam o seu indolente, eterno ramalhar; robustas vacas pastam num prado, onde um esperto arroio reluz e corre atarefado; e nos silvados as borboletas, aos pares, voam deslumbradamente por cima das madressilvas e das amoras maduras.

Antigas Visitas

A França, oficialmente e como estado, devia desde o século XVIII quatro visitas imperiais à Rússia... Oh!, visitas cerimoniosas e de amizade, porque Napoleão I com a Velha Guarda em Moscovo, e Alexandre I com os cossacos em Paris, nos Campos Elísios, não se podem realmente contar entre as visitas de festa e de boa esperança — ainda que Napoleão levava aos Russos o que eles mais necessitariam, a ideia da liberdade civil, e Alexandre trazia aos Franceses o que eles sempre adoram, a certeza de uma mudança de governo... A primeira visita russa foi a de Pedro, o *Grande*, quando o rei de França, Luís XV, menino e formoso,

ainda dormia ao lado do seu aio, o pomposo marechal de Villeroy, e duas saias governavam a França em nome do regente — a de Madame de Parabére e a do cardeal Dubois. A segunda foi a do *czarvich* Paulo (depois Paulo I) em 1782, quando Maria Antonieta resplandecia em Versalhes e Robespierre copiava minutas de testamentos num escuro cartório de Arras. A terceira foi a de Alexandre II, na Exposição de 1868, quando Napoleão, com os seus grandes bigodes encerados, aparecia, por sobre a Europa, como o árbitro pensativo e forte. A quarta enfim foi a de Nicolau II, no ano passado, no outono, quando as árvores dos Campos Elísios, entusiasmadas, se cobriram de flores de papel. E pelos acasos, às vezes divertidos, às vezes profundos, da

democracia e da sorte, coube ao presidente da República retribuir estas antigas visitas devidas à Rússia pelo império e pela monarquia. Assim, pela força iniludível da continuidade histórica, o Sr. Félix Faure em Sampetersburgo representou um pouco os Napoleões e um pouco os Bourbons. E não havia, neste encargo herdado dos regimes mortos, incoerência política ou social. As classes elevadas (e na Rússia só elas existem, todo o resto é paisagem e gado) apreciam essencialmente a França pelo seu brilho militar — que é obra do império — e pela sua elegância culta — que é obra da monarquia. A essa sociedade, que ainda há pouco falava mais gramaticalmente o francês que o russo, a França aparece como o harmonioso conjunto de uma

civilização perfeita, já acabada quando a monarquia acabou — e que a república não juntou nem traço, nem retoque, nem camada de novo e superior verniz. Na realidade, o Sr. Félix Faure deve um terço da sua receção esplêndida à batalha de Austerlitz — e outro terço à *Athalie*, de Racine. E talvez mesmo a feitos mais subalternos e fáceis! Não seria o Sr. Félix Faure aclamado pela sociedade de Sampetersburgo, menos como presidente da República Francesa do que como presidente do Paris cosmopolita? Uma princesa russa (todos os jornais o contaram com orgulho) abraçou, no delírio do seu francesismo, o criado de quarto do presidente da República! Foi este considerável abraço dado por amor dos serviços magníficos que a república

tem feito à instrução, ou por medo das tropas alemãs estendidas ao comprido da fronteira russa?... Não!, não creio que ela procurasse, de braços ávidos, esse peito bem engomado para adorar nele a política colonial do Sr. Ferry ou para nele se abrigar do furor germânico. O que a simbólica princesa simbolicamente abraçou, no escudeiro do Sr. Faure, foi a delicada cozinha do Paillard, as comédias de Meilhac, o gosto de Madame Paquin e a doçura da Avenida das Acácias nas finas tardes de maio. Ah! Nestas simpatias de nação para nação, quando elas germinam em classes aristocráticas e ligeiras, não se imagina quanto por vezes influi a ciência de um cabeleireiro?

Mas das quatro antigas visitas russas que o presidente da República

agora pagou com tanto tato e tanto garbo, só duas, realmente, pelo seu caráter afetivo, penetrante, enternecido, mereciam ser retribuídas com a cooperação sentimental de toda a França — a de Nicolau II e a de Paulo I. O imperador Alexandre II veio a Paris, à Exposição de 1868, como a uma feira, num confuso rancho de soberanos em que, por ter faltado o papa, se salientou o sultão. E a viagem do outro, do pai da Rússia, de Pedro, *o Grande*, foi a brusca arremetida de um urso, um urso curioso das coisas que luzem, que, pela rudeza do seu pelo e modos e as suas prendas geniais, assombrou, escandalizou e divertiu. Desta visita, ao menos, ficou para a França e para a sua literatura uma página de Saint-Simon, de grande vida e de grande cor.

Mas da outra, da de Alexandre II, nada restou — a não ser, por amor da Polónia, um pobre polaco preso e, por especulação com a mesma Polónia, o Sr. Floquet para sempre ilustre! Não!, as belas visitas, bem ornadas, bem conduzidas, e em que a etiqueta apenas policiou o sentimento, foram as duas — a que Paulo I fez à monarquia de Versalhes e a que Nicolau II fez à república do Eliseu. E de resto como elas se assemelham, apesar do imenso e atulhado século que as separa — e durante o qual tudo mudou em França, a não ser o que nela é imutável, o espírito clássico! E não somente se parecem no programa das festas, inspirado por esse espírito clássico, mas sobretudo no fervor com que os dois czares, idênticos esses, feitos da mesma massa autocrática, foram

acolhidos pelas duas Franças tão diversas — a França do tempo de Paulo, em que a força do Estado se resumia toda num homem gordo com um manto de flores-de-lis, e a França do tempo de Nicolau, em que a força do Estado (segundo afirmam) se fragmentou, se dispersou por inumeráveis homens gordos, em mangas de camisa, vendendo vinho por trás de balcões de zinco...

Foi em maio de 1782 que Paulo, então *czarvich*, veio em nome de sua mãe, a grande Catarina, visitar Luís XVI. A revolução andava então no seu agradável período filosófico — e Maria Antonieta, com tamancos de camponesa, fabricava requeijões na leitaria de Trianon, ao som galante das árias sabiamente rústicas de Gluck e de Piccini, tocadas em redor,

sobre as relvas, por pastores vestidos de cetim. A corte de França, como a literatura, era bucólica — e em toda ela palpitava não sei que graça ligeira de bailado e de ópera cómica. Para a visitar, o *czarvich* Paulo, muito coerentemente, tomou um título de ópera, o título de conde do Norte. Era um homem franzino e pequenino, como sucede às vezes aos Romanoffs, com uma face chata e redonda de calmuco, onde todavia os olhos revelavam doçura e finura. Mas a condessa do Norte (uma princesa de Vurtemberga) impressionou a corte pela opulência viçosa da sua beleza loura, láctea e rósea, que lembrava Maria Antonieta — em muito grosso e muito empastado. Logo no dia da sua chegada, o conde do Norte correu sofregamente a

Versalhes, incógnito, para contemplar a maravilha do mundo. Como era domingo, assistiu do fundo de uma tribuna à missa, depois à soberba procissão tradicional dos cavaleiros do Espírito Santo. E voltou deslumbrado com os trajes, as maneiras, a harmonia e a pompa — sobretudo com o encanto sumptuoso de Maria Antonieta. Bem se compreende, pois, a emoção com que ele, e a condessa do Norte, e os «outros bárbaros» (assim se dizia) se prepararam para o enorme dia, para a receção solene em Versalhes!

Logo às cinco horas da madrugada os cabeleireiros, comandados pelo sublime Léonard, começaram a construir o penteado monumental da senhora condessa do Norte — que se espartilhou desesperadamente num prodigioso vestido

de brocado, couraçado de pérolas, com uma profusão de pedrarias e majestosas anquinhas de seis côvados de roda! Toda esta vasta e cintilante armação atulhava um coche imenso, em que se sumia, abafado, o herdeiro de todas as Rússias. Ah!, não era decerto uma pura delícia essa infindável jornada de Paris a Versalhes, aos solavancos tilintantes das berlindas douradas, pela estrada mal empedrada, no terror ansioso de amarfanhar as anquinhas e os falbalás e de escangalhar a preciosa arquitetura do penteado imenso, de onde a cada balanço se evola uma nuvem de pós, embaciando as altas vidraças. Todo esse fastidioso caminho o passou a senhora condessa do Norte em transes mortais... E depois houve surpresa e desapontamento na

receção. Luís XVI sempre acanhado, com um embaraço afogueado de gordo, baixou as pálpebras espessas, adiantou o pesado beiço, murmurou tardios e vagos sons, quando o conde do Norte findou o seu cumprimento bem preparado e bem sentido. De sorte que o *czarvich* apresentou à pressa ao rei duas cartas que trazia, uma de Nápoles, outra de Parma, e passou, em procissão, aos quartos do pequenino delfim (o primeiro, o que morreu em 1789, na véspera da Revolução), a quem abraçou, beijou, felicitando a governanta, a senhora princesa de Guéméné, por ter o encargo de tão adorável, excelsa criança...

— Recorde sempre, minha senhora, ao senhor delfim, esta visita que eu faço ao seu berço, como uma prova de

afeição profunda e como penhor da amizade e *aliança* que eu desejo eternas entre os nossos estados!

Estas palavras voaram através de Versalhes, aplaudidas como muito avisadas e muito belas! Ainda que a corte, que acabara de humilhar a Inglaterra, favorecendo triunfalmente a independência da América do Norte, sorriu a esta expressão de *aliança*, que pareceu, sobretudo aos duques e aos marechais, ligeiramente ousada e intrusa. E logo ao jantar de gala, nessa tarde, Luís XVI se mostrou mais familiar, mais afetuoso. De resto, a hora das comidas era sempre, para este bondoso príncipe, aquela em que o seu coração se dilatava e se entregava. Mas a afabilidade e efusão cativante do acolhimento aos russos veio

toda de Maria Antonieta, que não cessou de louvar a condessa do Norte, indagar dos seus gostos, suplicar a sua amizade — e que terminou ao fim do jantar por lhe oferecer um leque todo cravejado de diamantes, com uma luneta presa ao cabo, picada também de pedrarias.

— Sei — disse a rainha à condessa — que tem como eu a vista curta. Consinta, pois, que lhe dê o remédio com esta bagatela, que a fará lembrar de mim...

— Toda a vida conservarei este leque — volveu a condessa do Norte à rainha —, pois que lhe deverei a felicidade de ver melhor a vossa majestade!

Esta linda réplica encantou Versalhes. Depois houve um concerto,

com todas as galerias iluminadas, de incomparável esplendor. Os condes do Norte recolheram a Paris às três horas da madrugada, tão estafados que ambos adormeceram no coche; e a senhora condessa conservou dois dias uma atroz enxaqueca de todo aquele brilho, aquele aparato e, sobretudo (como ela se queixou), do longo esforço «para fazer frases graciosas».

Depois começou para o *czarvich* Paulo o programa de festas que a República, por não possuir outras magnificências além das que criou a monarquia, e em obediência ao espírito clássico, repetiu docilmente na receção do czar Nicolau. Visita aos Inválidos. Visita ao Louvre. Visita a Notre-Dame. Visita a um túmulo ilustre (nessa ocasião

foi o de Richelieu). Representação de gala no Théâtre-Français com uma comédia então muito famosa, o *Mercúrio Galante*. Representação de gala na Opera com a *Ifigénia em Tauride*, de Gluck, e o *Devin de Village*, «palavras e música de Jean-Jacques Rousseau...». Nestas galas, a estas visitas (está claro!), nunca assistia o rei, que a sua grandeza retinha em Versalhes. Não compareciam mesmo os príncipes de sangue. Quando muito, às vezes, o introdutor dos embaixadores, Monsieur de Lalive, acompanhava suas altezas imperiais. Assim foi na visita à Academia Francesa, que celebrou uma sessão em honra dos condes do Norte. Aí o inevitável La Harpe declamou no seu costumado tom «áspero e horripilante» uma tremenda epístola poética em louvor

do conde do Norte, que corou, se recusou, quando (em versos chatos mesmo para La Harpe) foi comparado a Pedro, *o Grande*. Depois, La Harpe, voltado para a condessa do Norte, princesa alemã, exerceu o seu sacerdócio, esboçou um quadro crítico da poesia alemã — e foi então a condessa que corou, escondeu a face embaraçada por trás do leque, porque o grande crítico citava erradamente os poetas, confundia as obras, baralhava a§ épocas, espargia inépcias, com pompa estridente. Mas já Monsieur de Arnaud se erguera, com um ponderoso manuscrito onde o doutíssimo homem, sem compaixão dissertava sobre Júlio César. Hora dolorosa em que (segundo o testemunho de uma das damas da grã-duquesa) os condes do Norte se

retinham num esforço sublime para não ceder ao mole bocejo que corria através de toda a ilustre companhia. Depois perorou o grande Condorcet, com engomada ênfase, sobre a filosofia alemã — e de novo a desditosa condessa do Norte (que, como toda a princesa alemã do século XVIII, manuseara a sua metafísica) teve de se refugiar por trás do leque, arrepiada, porque o grande Condorcet ia desenrolando, sobre o absoluto e o contingente, banalidades vergonhosas. Quando ele acabou, o ilustre D'AIembert distribuiu aos príncipes e à sua comitiva as «senhas» de marfim da sessão — dirigindo a todos saudações e cumprimentos galantes. Infelizmente D'Alembert, além de uma fealdade desabrida, possuía uma voz muito

estridente, quase ladrada — de sorte que os príncipes, espantados e recuando, não sabiam se ele lhes declamava louvores, se lhes gania injúrias. E a sessão findou conversando a senhora condessa do Norte com todos os Imortais, a todos citando o título ou mesmo trechos das suas obras, por entre amabilidades que o bom grão-duque teve de encurtar — porque passava das três horas e o jantar da «gente de qualidade» era então às duas, e todo o séquito imperial, sobretudo as damas, em movimento desde a madrugada por causa dos penteados e das anquinhas, desfalecia de debilidade.

Dias depois foi a festa de Trianon, oferecida especialmente pela rainha, com ópera e bailado. As senhoras estrearam então um penteado, que depois se tornou

muito querido na cidade e na corte, apesar do seu peso e do seu perigo. Consistia ele em entremear os cabelos, elevados em outeiro, de ramos de flores naturais, cujos pés, para que elas conservassem frescura e brilho, se metiam em garrafas chatas cheias de água, muito astuciosamente disfarçadas entre os grossos rolos empoados. Era um jardim sobre a neve. Algumas damas traziam assim sobre a cabeça seis, oito garrafas de cristal, com o seu peso de água e de flores. Por vezes de uma garrafa desprendida dos ganchos, desequilibrada, escorriam doces e lentas gotas sobre os ombros nus e radiantes. Então era um fio de cascata caindo de um alto rochedo florido. A condessa do Norte, porém, desdenhou esta inovação, plantando simplesmente nos cimos do seu

toucado um pé de roseira, toda de ouro, sobre a qual, com delicadas moías, se balançava, batias as asas, abria o bico, pipiava, um passarinho todo de pedrarias. Maria Antonieta, maravilhada, louvou, até apeteceu esta joia! A ópera nessa noite cantada no Trianon foi a muito deliciosa, muito famosa *Zémire et Azor*, em que a rainha discretamente colaborara com Grétry. Mas os condes do Norte sobretudo se encantaram com o bailado, cheio de graciosa melancolia e de sensibilidade, da *Jovem Francesa Cativa no Serralho*. Depois nos jardins, iluminados como um Paraíso, houve uma ceia de trezentos talheres, muito suave e risonha. Madame Elisabeth, a irmã de Luís XVI, teve aí, conversando com a condessa do Norte, um dito que revoou por Paris, entrou na

história, a tornou tão tocante como uma princesa de conto moral:

— Não quero casar. Eu só poderia desposar o filho de um rei... Ora um príncipe deve governar os estados de seu pai. E para reinar ao longe eu perderia a doçura de ser francesa e viver junto do trono de França...

Mas, de todas as festas em honra dos condes do Norte, nenhuma se comparou à de Chantilly, onde durante quatro deslumbrantes dias se exerceu, com suprema magnificência, a engenhosa e histórica hospitalidade dos Condés. Para os cento e cinquenta convidados do príncipe de Condé circulavam quinhentos escudeiros de libré (sem contar a criadagem imensa do parque e das coutadas), e com uma ordem tão discreta e

silenciosa que todo o palácio, como notou a senhora condessa do Norte, lembrando o estrépito eslavo, parecia servido por «espíritos invisíveis». Cada dia, quase cada hora, trouxe o seu deslumbramento, em banquetes, cortejos através do parque, festas sumptuosamente rústicas, óperas, bailados, mascaradas, iluminações, fogos, adoráveis concertos nos lagos, caçadas à luz dos archotes, surpresas causando tanta delícia em viver que a senhora condessa, à noite, ao adormecer entre o sussurro embalador de músicas errantes, suspirava e murmurava: «Ah!, se o *czarvich* fosse delfim de França!...» Penso, no entanto, que havia momentos menos divertidos, porque de vez em quando (sobre Chantilly pesou sempre a fatalidade da erudição) o príncipe de Condé arrastava os condes do

Norte e os hóspedes mais grados para o seu gabinete de história natural — e dissertava. E era necessário também escutar os feitos de guerra do grande Condé e admirar com religiosa emoção as suas armas, os seus mapas, as suas relíquias militares... Mas finda esta hora severa (em que de resto se comprazia o *czarvich),* o príncipe de Condé era o mais apressado em restituir os seus convidados aos jogos, às graças e aos risos. Maria Antonieta não se consolou de que a etiqueta e a desconfiança tristonha do pobre Luís XVI a impedissem de assistir a este elegante conto de fadas — sobretudo a certa ceia, na Ilha do Amor, tão divinamente iluminada que cada folha parecia uma estrela, e em que, à sobremesa, o deus tutelar da ilha, um

delicioso cupido vivo, surdiu de repente, com as suas armas e as suas flechas, de dentro de um ananás perfumado... Mas tudo finda, e depressa, sobretudo prazeres de príncipes... Quando chegou a tarde docemente melancólica em que os condes do Norte recolhiam a Paris, quase brotaram lágrimas de todos esses nobres olhos. O duque de Enghien, esbelta criança de dez anos, ofereceu à grã-duquesa um ramo de esplêndidas flores, que ela beijou, que a encantou, porque a boa alemã adorava as flores, e não podia saciar esse amor no seu sombrio Sampetersburgo. E foi então que, já à portinhola dos grandes coches, o príncipe de Condé disse ao *czarvich*, com uma seriedade sensibilizada:

— Vamos estar bem longe um do

outro, meu senhor!... Mas se vossa alteza imperial o permitir e o rei não se opuser, poderei talvez um dia ir a Sampetersburgo pagar a visita tão preciosa que vossa alteza fez à França.

O *czarvich* acudiu, também comovido:

— Oh, com que entusiasmo receberemos um príncipe de França!... E minha mãe, a imperatriz, teria particular prazerem acolher vossa alteza nas nossas bárbaras terras.

O príncipe de Condé suspirou, sorriu:

— Ai de mim, meu senhor, são sonhos!

Eram sonhos. Nenhum príncipe da Casa de França deveria jamais, em nome da França, visitar as «terras bárbaras do

Norte». E depois sucedeu que para todos esses príncipes em breve o destino (outros dizem a justiça imanente que habita o invisível) mandou horas temerosas. O mais alto de todos, o rei de França, foi guilhotinado. A rainha Maria Antonieta foi guilhotinada. Madame Elisabeth, que só podia desposar um filho de rei, foi guilhotinada. O duque de Orleães foi guilhotinado. Todos aqueles fidalgos e delicadas damas de Trianon e Chantilly foram guilhotinadas, mortas a tiro e a chuço, como bichos, nos pátios das prisões. Depois o lindo duque de Enghien, que tão gentilmente oferecia flores, foi fuzilado nos fossos de Vincennes. O duque de Bourbon foi assassinado... De facto, quase nenhum dos que tanto folgaram e resplandeceram

nesse radiante maio da visita russa morreu no seu leito e na paz de Deus, de que tão pouco se lembravam! Sim! O *czarvich* Paulo, já imperador, já Paulo I, morreu no seu leito — estrangulado.

E por ter esta sociedade magnífica de França acabado assim no cadafalso, no exílio, na miséria das revoluções, é que coube ao Sr. Félix Faure o pagar à corte da Rússia a visita devida, já prometida nos fins do século XVIII, uma tarde, em Chantilly, pelo senhor príncipe de Condé.

França e Sião

As relações de corte entre a França e o Sião, avivadas agora pela visita semipasmada, semienfastiada, de Chulalongkom, datam de 1685 — quando em Marselha e depois em Paris apareceram dois siameses, de simarra e mitra, perguntando, sem ansiedade nem ruído, se alguém avistara uma embaixada mandada, havia longos meses, com preciosos presentes, por el-rei de Sião a el-rei de França... Uma embaixada? Não! Ninguém em Marselha, nem em Versalhes, vira essa embaixada magnífica... Os siameses suspiravam de leve. Bem!, então é que o mar amargo a tragara, como traga tudo o que vem do lustroso Oriente, até

cada tarde o Sol! E os dois siameses, sem mais pesar ou embaraço, começaram a contar, desde Marselha até Paris, o imenso entusiasmo que el-rei de Sião sentia pelo cristianismo, e sobretudo por aquele grande rei de França, que lhe aparecia como o mais sapiente e o mais forte da cristandade... De sorte que se o grande rei lhe mostrasse estima e confraternidade real, sob a forma solene de uma embaixada, decerto ele abandonaria os falsos deuses e, lavado pela concha de água que tudo lava, penetraria na verdade, para se tornar também o rei muito cristão do Oriente!

Este preito à sua grandeza, igual aos que outrora recebera Salomão, e a probabilidade de uma conversão tão vastamente útil à cristandade

impressionaram Luís XIV, que acabava de revogar o Édito de Nantes, se considerava lugar-tenente de Deus (como ele declara no seu *Manual* para uso do delfim), e fora por esse tempo comparado a Deus, e com vantagem, por alto teólogo da Provença.

O grande rei entrara então na sua desagradável velhice. Perdera todos os dentes — e já os beiços moles se encovavam, repuxados pelas gengivas nuas, causando desgosto a Vénus. A larga face conservava majestade, mas rígida, com as rugas como entalhadas em madeira. E o olhar, outrora brilhante, era agora apenas agudo e triste. Além disso, desde que, na sua evolução através dos pecados mortais, ele deslizara da luxúria para a gula, sofria de indigestões, cólicas, acidezes, gases retumbantes, que o

tornavam taciturno e amargo. Quantas cruéis perseguições dos protestantes provieram do intestino doente de el-rei! A seca e meticulosa Madame de Maintenon, com quem Luís casara, era tanto enfermeira como esposa, e portanto duplamente omnipotente sobre um rei beato e priápico, que amava a carne, temia a morte e não queria amar nem morrer fora de braços não autorizados pela Igreja.

Esse casamento do rei de França, celebrado uma noite de inverno em Versalhes, às escondidas, pelo simples cura da paróquia (que recebeu como espórtula um bispado), e tendo por únicas testemunhas dois criados de quarto, fora resultado de um pacto taciturno entre a Maintenon e os jesuítas. Em troca da

coroa secreta que recebia, a austera viúva de Scarron, antiga huguenote, deveria obter do rei a perseguição dos huguenotes... E o pacto foi lealmente cumprido. Tendo já composto uma *Memória para Aconselhar a Perseguição*, a devota dama, que dera a Luís o requinte superior de concubinar com uma santa, empregou então outros meios, além dos doutrinários, para persuadir o baboso e majestoso rei de França. Por seu lado a Companhia, discretamente, num murmúrio, de olhos baixos, aconselhou o casamento. Desde esse dia, Madame de Maintenon serviu fielmente a Companhia, tão largamente servida, de resto, e tão poderosa que os bispos de françа tremiam do criado de quarto do Pére-Lachaise. E foi ainda a ex-

viúva Scarron que trabalhou para esta embaixada ao rei de Sião, que era toda virtualmente em proveito e glória da Companhia.

Na escolha, porém, do embaixador, apareceu logo uma dessas influências de camarilha que tornavam tão pitoresco o antigo regime. Para uma missão toda religiosa, toda espiritual, que tendia a converter um rei idólatra e com ele todo um reino, foi escolhido um velho capitão de fragata, o cavalheiro de Chaumont. Com razão o Grande Seminário das Missões, arrepiado, exalou a sua inquietação. Certamente, Mr. de Chaumont possuía crenças muito fortes, uma devoção muito edificante... Mas a ciência teológica? Poderia ele discorrer proveitosamente sobre a religião e,

sobretudo, desfazer as objeções que o rei idólatra, sob a inspiração do Demónio ameaçado na sua posse, não deixaria de apresentar com capciosa abundância? Por isso o Seminário propunha que se completasse a embaixada com um coadjutor, teólogo forte, bom dialético e dotado da insinuância cortesã indispensável para a conversão de um rei do Oriente. A proposta surpreendeu Luís XIV:

— Um coadjutor de embaixada! Nunca ouvi falar desse estranho cargo de coadjutor de embaixada... Todavia, na espécie, é razoável, pela importância e perigos da viagem, e por ser obra de Deus.

E assim foi adjunto ao capitão de fragata de Chaumont, como coadjutor, o

abade de Choisy, superiormente douto em matéria de proselitismo e propaganda, pois que escrevera uma *História da Igreja* em catorze facundos volumes. Além deste abade, acompanhavam a embaixada seis padres jesuítas — mas esses como matemáticos, geógrafos, botânicos, sem encargo especial da alma do rei, e só destinados a restabelecer o mapa e a estudar os recursos de um reino onde a Companhia esperava em breve ter colégios e plantações. Outro membro eminente da embaixada era o conde de Forbin, oficial da marinha, que, tendo escaramuçado com os piratas de Argel, passava na corte por possuir uma «considerável experiência do Oriente»-, e a quem por isso o ministro da Marinha, o horrendo Seignelay (que lançara catorze

mil obuses sobre Génova, cidade aberta e desartilhada!), distribuiu o cargo, não menos pitoresco que o do abade de Choisy, de «major da embaixada», com deveres de língua, dragomano e mestre-de-cerimónias. E enfim havia uma comitiva de fidalgos menores e filhos segundos que partiam, não por curiosidade ou apetite heroico de aventuras, mas, como diz nas suas memórias o próprio Forbin, «para agradar e fazer a sua corte ao rei!»

A embaixada embarcou em duas fragatas, *L'Oiseau* e *La Maligne*, onde seguiam também os dois siameses que a tinham motivado, trazendo a estranha nova desse remoto rei do Oriente, deslumbrado pela grandeza de Luís e sôfrego da verdade católica... E foi através deles,

durante os primeiros repousos de um mar muito sereno até Tenerife, que a embaixada começou a suspeitar vagamente o estado do país desconhecido para onde ia vogando com tanta confiança e tanto aparato.

O rei de Sião, como Luís XIV, envelhecera — e o poder resvalara para um certo aventureiro grego da ilha de Samos, chamado Constâncio, que desembarcara uma manhã nas costas de Sião, sem sapatos nem gibão, e começara logo a exercer as suas divinas prendas de grego. Dentro de poucos dias, era secretário do primeiro-ministro, ou, como se dizia em siamês nesse tempo, do *barcalon*. E meses depois era ele o *Barcalon*, pois que o rei, fascinado com a graça, a astúcia, a eloquência, a destreza,

as invenções daquele divino grego, se desembaraçara do outro *barcalon*, bronco e ronceiro — e, da melhor maneira, da bela maneira definitiva que se usa no Oriente, e que impede as intrigas importunas do ministro despedido, separando do corpo a cabeça que as urdiria.

Erguido a *barcalon*, o admirável Constâncio (cujo pai, na velha Samos, continuava vendendo tranquilamente, na sua taberna, o áspero vinho de odre das colinas de Âmpelo), teve uma ideia ocidental — a de apoiar o seu poder na amizade e na força de um rei da Europa. Mas qual? Dos povos então fortes no mar, o Inglês e o Holandês só o sustentariam se ele, como *barcalon* todo-poderoso, lhes garantisse grossos lucros mercantes no

Sião — e o Sião, apesar da reluzente lista que Fernão Mendes Pinto deixou das suas riquezas, é na realidade país escasso. Aos Portugueses não desejava o astuto Constâncio dar entrada larga no Sião. Ah!, os Portugueses (como ele depois confessava) eram feras do mar! E bem poderiam, desapossados da Índia, buscar desforra no Sião, que eles sempre lamentavam de não terem, por seus pecados, conquistado em lugar da fatal Índia! Restavam pois os Franceses, que o bom Constâncio considerava «mais fáceis de enganar», sobretudo acariciando a sua leviana e confiada vaidade. E o grego, impudente como seu avô Ulisses, engodara o grande rei de França com a promessa daquela conversão à complicada e trabalhosa fé cristã,

conversão inverosímil da parte de um soberano velho, que, em matéria espiritual, se achava perfeitamente ditoso dentro da fácil e repousada fé budista.

No entanto, as fragatas vogavam; e ao fim de três meses lograram avistar o cabo que fora das Tormentas e agora, por fortuna de el-rei D. Manuel, o era da Boa Esperança. O fero Adamastor, que se tornara português desde que Camões o cantara, causava sempre tormentas e danos a todas as naus que entrassem naquelas águas, de que a maligna Tétis o continuava cercando, sem levarem no estandarte, sobre campo branco, a cruz vermelha de Cristo. Mas, ao tempo desta embaixada já findara a pagã Renascença, e com ela a força um momento revivida das ninfas e dos tritões. Apesar de muito

ranger os dentes amarelos e muito sacudir a barba esquálida, ante aquelas naus que arvoravam as flores-de-lis, o bom Adamastor apenas as pôde empurrar para uma enseada baixa, com correntes traidoras entre rochedos, de onde logo um vento, já internacional e cosmopolita, chasqueando o velho gigante, facilmente as safou. E a derrota seguiu durante outros três lentos meses, com sobressaltos, com transtornos, até que enfim assomaram a um pardacento banco de lodo, que era a barra de Sião.

O conde de Forbin, começando os seus deveres de mestre-de-cerimónias, saltou num bote para cumprimentar o governador da barra, levando um dos submissionários na esperança de atacar logo alguma das almas rebeldes. Mas aí

começou, para o brilhante mestre-de-cerimónias, um amargo e humilhante desapontamento. De recamado uniforme, coberto de plumas, com talabarte de seda e matiz, viera ele, esperando visitar um personagem no seu palácio. Encontrou uma cabana de bambus, coberta de folhas de palmeira, e dentro, num esguio espaço «sem poltronas, sem tapetes, sem lustres» como ele conta, três indivíduos «sem sapatos, sem meias, sem cabeleira, sem chapéu, com um vil paninho à cinta para lhes velar a nudez indecente!» Todavia, apesar do seu escândalo, o major da embaixada, à porta, rojando na lama as fofas plumas do seu chapéu, numa cortesia funda, à moda grande de Versalhes, perguntou onde se encontrava o governador da barra. Um dos sujeitos

seminus e encruzados sorriu e murmurou com doce polidez: «Sou eu!»

O senhor major da embaixada recuou, com nojo daquele selvagem. Mas depois, a tudo o que ele lhe pediu, lhe indagou ou lhe propôs, o selvagem redobrava de polidez e doçura para murmurar: «Amay, amay!...» E *amay* em siamês (pelo menos no siamês desse tempo) é uma expressão comodamente genérica que significa «não sei», «não há», «não posso»...

O major voltou para bordo, lívido e indignado. E as duas fragatas foram subindo o rio desconsoladamente, sem «encontrar aldeias ou castelos», até Banguecoque, onde o governador, ainda mais polido que o da barra e tão nu como ele, continuou a murmurar *amay*. Mas aí

os dois siameses trazidos de França, desembarcaram à pressa para ir à capital, a Ódia, anunciar ao rei de Sião a chegada do embaixador de França.

A corte levou quase um mês a preparar o cerimonial da entrada. Depois ainda a embaixada consumiu quinze mortais dias até chegar a Ódia, onde foi alojada, com alarido dos fidalgos, em cabanas de bambu. E finalmente quase outro mês se arrastou em decidir a questão gravíssima, quase terrível, da entrega da carta de Luís XIV a el-rei de Sião. Essa carta devia passar diretamente da mão do embaixador para a mão do rei, como logo exigiu Mr. de Chaumont com altiva, inquebrantável firmeza. Mas aí surgia a dificuldade inextricável! El-rei de Sião não recebia os embaixadores num

trono, com degrau, e acessível; recebia numa vasta sala nua, com um muito alto postigo aberto no topo, junto ao teto, onde o rei, desfranzida uma cortina, aparecia, saudava e desaparecia. Como se poderiam assim encontrar as duas nobres mãos? Os franceses sugeriam a construção de uma escada, tapetada de brocados, por onde o embaixador solenemente trepasse ao real postigo... Horror intenso dos siameses! Um rei assim tão aproximado seria para sempre um rei poluído! E por seu turno, com uma imaginação toda oriental, propuseram que o embaixador levasse na mão uma vara de ouro, de três metros, terminada numa taça, também de ouro, onde pousaria a carta, que el-rei de Sião colheria, levemente e afavelmente debruçado do postigo.

E assim foi. No grande dia o embaixador e a sua comitiva, uns em palanquim, outros a cavalo, com um estrepitoso séquito de mandarins, entre alas de povo prostrado e de testa no pó, entrou pelo muro exterior do palácio, atravessando primeiro um pátio cheio de elefantes, dominados pela massa soberana do sagrado Elefante Branco — e depois outro pátio onde se enfileiravam, sentados no chão, quinhentos homens com os braços pintados de listas azuis, *que eram os carrascos*!

Precedido de arautos, entre bandeiras, o embaixador transpôs a sala de audiência, com a vara de ouro na mão. Depois, ao cabo de longas etiquetas e prostrações, um tambor ressoou, toda a corte se agachou, de face nas lajes, e no

alto do postigo, entre a cortina desfranzida, el-rei surgiu. Era um velhito magrinho, enrugadinho, todo rapado, com uma enorme verruga no queixo, eriçada de dois pelos longos e mais rijos que piaçaba. Imediatamente o embaixador avançou, com a vara de ouro na mão... Mas, ou porque a vara fosse realmente curta, ou porque o embaixador, por altivez francesa, para afirmar bem a grandeza do rei de França, não a erguesse suficientemente, el-rei de Sião. para colher a carta, tanto se debruçou que se despenharia, se mãos invisíveis e decerto trémulas o não tivessem apanhado, com ânsia, pelas abas do seu gibão cor de fogo! Toda a corte estremeceu de terror sagrado. E todos os fidalgos da embaixada romperam a rir

desabaladamente, certos da orgulhosa malícia do embaixador e felizes de testemunharem enfim, depois de tão fastidiosos meses naquelas terras selvagens, alguma coisa (como dizem as memórias) «bem espirituosa, bem brilhante e bem francesa!»

E Constâncio? Esse não descansava, metido com o embaixador e com os jesuítas em fundos conciliábulos onde se decidiu que a aliança de Sião (isto é, de Constâncio) e da França se selaria definitivamente quando el-rei de Sião mandasse a Versalhes uma autêntica, numerosa e deslumbrante embaixada. E essa embaixada veio, tão autêntica, tão siamesa, que Versalhes e mesmo Paris, não compreendendo que realmente existisse um povo com tais trajes, e tais

modos, e tal língua, sinceramente acreditaram que a embaixada era uma luxuosa mascarada, engenhada por Madame de Maintenon para divertir o tédio de Luís XIV e lhe acariciar o voraz orgulho.

Depois sucedeu uma coisa inesperada... Este embaixador siamês, voltando ao Sião com o prestígio que dão as viagens e a frequentação das cortes estrangeiras, criou um partido, tramou uma revolta, depôs o velho rei da verruga peluda e prendeu o astuto Constâncio, que, para maior segurança, mandou serrar entre duas tábuas! No Sião era esse, e ainda é, o meio de inutilizar um homem de génio ardente... E então, serrado assim pelo meio aquele subtil Constâncio e enterrado Luís XIV em Saint-Denis entre

os apupos da populaça, a França e o Sião mutuamente se esqueceram durante dois longos séculos.

Encíclica Poética

Nosso Santo Padre Leão XIII, acatando, como bom pontífice e cuidadoso colono do Lácio, os preceitos venerandos de Columela e Varrão, começou, nas calendas de setembro, por um tempo muito claro e muito doce, a vindimar com amor a vinha do Vaticano. No Vaticano há uma frondosa vinha... Nem ela podia faltar na morada do papa, pois que Jesus, na noite da Ceia, recordando os vergéis e as parreiras de Chorazim e Cesareia e os cachos maduros a que os vindimadores espremiam o suco, como sangue generoso destinado a levantar os corações dos homens, murmurou triste e pensativamente: «Eu sou a vinha e meu

Pai é o vinhateiro!...» De resto, desde os tempos vetustos da Roma dos reis, sempre a vide rastejou ou se enroscou ao olmo sobre a colina do Vaticano. Mas, ou por causa da insalubridade desses ares pesados do Mons Vaticanus, que já Tácito acusava, ou por causa da escassez do solo duro que desconsolava Cícero — o vinho da colina era tão delgado e rascante que Marcial, superfino conhecedor, o considerava uma peçonha e, no Livro VI dos *Epigramas*, grita assustado ao seu amigo Amiano, que erguia a taça: «Vaticana bibis? Bibis venenum!» (Bebes vinho do Vaticano? Bebes veneno!) Sob a vigilância, porém, dos papas sumptuosos como Inocêncio VIII, e Leão X, e Alexandre VI, e Júlio II, essa vinha pontifical, tratada pelos ditames do saber

renascido, acabou por produzir um vinho tão seivoso e perfumado que os Bórgias, os Carafas, os Farnésios, o preferiam ao de Chipre, e mesmo ao de Siracusa, para administrar aqueles venenos de Estado tão proveitosos, durante a Renascença, à supremacia, opulência e majestade das grandes famílias papais. Hoje essa vinha, decaída da sua importância trágica, honesta e fraca como o papado, dá dez pipas de um vinho também decaído, claro e palhete, que o Vaticano bebe e reparte com os hospícios de Roma.

Antes, porém, de começar a sua vindima, nosso Santo Padre Leão XIII, tão benéfico para os nossos corpos como para as nossas almas, desejou ensinar aos seus filhos espirituais o avisado regime que melhor conserva a saúde, robustece a

força, torna o espírito subtil e livre e conduz a uma velhice verdejante... E ainda neste cuidado observou ele, como puro papa romano, a tradição ritual de Roma — porque, sempre outrora no Lácio, em manhã de vindimas, um grande pontífice, o *Flamen Dialis*, cercado pelo colégio pontifical, com o ramo de oliveira na mitra branca, descia às vinhas e, antes de imolar a ovelha a Júpiter, de pisar uns bagos na taça sagrada para ofertar aos deuses as primícias do vinho novo, recitava paternalmente algumas das antiquíssimas máximas do tempo de Numa, em que se aconselhava a sobriedade, as serenas e fáceis alegrias, a asseada singeleza e esse desdém dos mármores, dos vasos de Corinto, dos acepipes raros, que dera tão doce

quietação aos Sabinos, e tornara a Etrúria tão forte... Para nos penetrar dessa fecunda lição o papa empregou também o verso latino com aquela elegância límpida, ainda que um pouco mole, que o tornaria merecedor de pontificar, senão nos tempos de Ovídio, ao menos nos tempos de Ausónio. E com tão sábia minuciosidade tratou, nestes hexâmetros copiosos, dos aprestos da mesa e da escolha atenta dos vinhos na adega, e da excelência da galinha e do anho, e da preparação prudente dos ovos, e dos legumes onde deve sobressair a «couve saborosa», e da sobremesa onde cumpre que resplandeça a «maça rubicunda» — que essa dissertação, ainda que sob a forma de epístola, e dedicada a um certo Fabrício Rufo, patrício romano, constitui

realmente, para todos os católicos, uma «Encíclica Poética sobre a Alimentação Cristã». Decerto ela não foi metrificada em concílio ecuménico, sob o bafo e a inspiração do Espírito Santo, e não a reveste, portanto, o selo sagrado da infalibilidade papal. Mas todas as recomendações que emanam do papa, mesmo familiares e murmuradas sobre o prato, possuem inevitavelmente um cunho de certeza, pois que foram elaboradas naquele espírito que, único entre todos os espíritos, não pode vacilar nem errar. A água de uma fonte não muda na sua pureza e eficácia segundo foi recolhida em vasos santos, com pausados ritos, por um grande bispo, para batizar um rei sicambro — ou por uma velha, de touca e tamancos, numa chaleira, para ferver o chá de um herege.

E nós, mortais confusos, atarantadamente enrodilhados na dúvida, temos fatalmente de venerar e sofregamente seguir como dogmas os conselhos do único mortal que, neste mundo de incerteza e obscuridade, permanece seguro e lúcido. Ainda mesmo sob a sua forma risonha, e destinada a deleitar nos Elísios a alma douta de Fabrício Rufo, esta epístola do Santo Padre baixa, pois, sobre todos os católicos, com a força e a autoridade de um mandamento.

E foi por isso que, com respeitosa mágoa, encontramos neste polido mandamento, de tão esbelta latinidade, uma doutrina que desmente toda a sublime experiência da vida evangélica e se coloca em mundano antagonismo com a seráfica história dos doutores e dos

santos. E tanto que, na primeira surpresa, julgamos ser essa uma epístola inédita de Horácio, composta pelo delicioso e impenitente pagão, mestre persuasivo da mediania ditosa, numa tarde de maio, entre as roseiras de Prenestes, enquanto Cloe, coroada de violetas, arrefecia na fonte os cântaros dos dois divinos vinhos misturados, o faustiano e o mássico! Mas não! O sapiente poema gastronómico fora trabalhado pelo herdeiro de Pedro, dentro da atormentada barca de Pedro!

Deslizemos sem reparo sobre os primeiros versos da epístola, em que Leão XIII, com o seu fino e amorável sorriso, estende sobre a mesa a toalha que ele deseja muito fina, muito alva, ornada de alguma prata. A limpeza, apesar de esquecida no catecismo, é na realidade a

quarta virtude teologal. Santo Agostinho, na sua casa de Hipona, mantinha um asseio estremado — e, sob os olhos consentidores de sua mãe. Santa Mónica, comia com colheres de prata. Oh!, bem sei!, a alma de Santo Agostinho era uma açucena cristã, com as raízes ainda mergulhadas no torrão da idolatria, e por vezes embalada e até perturbada por aragens muito doces que sopravam da Sicília e da Grande Grécia, acarretando o aroma das essências queimadas nos altares de Afrodite! S. Tomás de Villeneuve, porém, rígido santo esse, limpo de toda a poeira pagã, possuía um saleiro de prata — pequeno, leve, sem valor, mas de prata! O ardente S. Remígio era também o proprietário tímido de uma colher de prata — única, lisa, sem

lavores, mas de prata, e com que ele comia as suas ervas nos grandes dias, como quando converteu Clóvis, rei dos Francos. Tão excelsos precedentes de bispos e doutores autorizam santamente o Santo Padre a aconselhar que, na mesa muito vistosa que nos oferece, o asseio dos puros linhos seja avivado com o brilho de algum metal precioso.

Mas logo posta a mesa, o bem-amado pontífice contraria toda a experiência da história eclesiástica, recomendando, com jucundo zelo, que se subam da adega os vinhos mais finos e frescos, «pois que eles espalham a alegria na alma e a libertam do escuro cuidado!» Não, Santíssimo Padre, toda a rutilante legião dos santos, bispos nas cidades ou eremitas no deserto, protesta, mostrando

os *Ata Sanctorum*, contra o vosso preceito horaciano. S. João Crisóstomo, o esforçado Santo Elói, S. Pedro Damiano, que purificou a cristandade, S. Leão, que, com o seu cajado, repeliu das portas de Roma as hordas de Átila, tantos ainda, inumeráveis como as estrelas e como elas rebrilhantes de claridade imanente, nunca beberam vinho! Se S. Policrono, às vezes, à noite, sorvia de leve meio cálice, era com choroso sacrifício, para se libertar das gastralgias que o impediam de arrebanhar robustamente para Cristo o duro e resistente povo da sua sé de Babilónia. Mas Santo lago nunca percebeu sequer que verdejassem vinhas sobre a terra! E S. Romualdo colocava diante da sua gruta um jarro de vinho velho de Quio, para o escarnecer, como

licor grotesco que leva aos esgares, aos passos cambaleantes, aos dizeres asininos e babados... A clara bebida destes justos foi a água! E alguns só a aceitavam quando ela se tornara bem morna e salobra. S. Porfírio expunha a sua bilha ao sol, à poeira dos caminhos, a babuge dos bichos, para que ela se corrompesse e, assim impura, ficasse própria da sua impureza. Santa Catarina de Génova entornava no seu púcaro vinagre e sal — para não beber menos amargamente do que Jesus bebera no Calvário. E esta mesma água, estragada com amor, só a provavam aos goles, não para contentar mas para exasperar a sede e produzir o precioso sofrimento de onde sairia o precioso resgate. Durante os oito derradeiros anos da sua espantosa vida, S.

Lupicino não bebeu: e no ardor dos estios, entre os rochedos abrasados onde escolhera a sua cova, mergulhava as mãos num balde de água lodosa, para acalmar a pele que lhe estalava, encarquilhada, como um pergaminho sobre o lume. S. Lupicino não bebeu durante oito anos — mas Santo Alberto não bebeu durante vinte, e a sua cabana dominava um vale todo cortado de frios regatos, saltando de rochas claras.

E onde houve, Santíssimo Padre, robustezas magníficas e almas lavadas de cuidados que se comparem às destes ditosos? S. Zebino, aos oitenta e seis anos, caminhava carregado de grossas cadeias de ferro enrodilhadas no peito e nos braços, e arrastando, com tal peso e fragor, que atroavam as solidões de Ceto.

S. Nilo vivia, e muito gostosamente, com o pescoço metido numa canga imensa, feita de grossos toros de árvore. A força destes santos, que apenas se dessedentavam, como as feras dos seus desertos, no fio barrento de algum regato avaro, excedeu a dos heróis de Homero, que jantavam um boi, despejavam um tonel e morriam moços. Solitários houve que, importunados de um modo excessivo por Satanás, lhe arremessavam aos cornos um penhasco ou a coluna tombada de uma vasta ruína. E a alegria destes simples era tão perfeita, tão transparente a quietação dos seus corações, que só o contemplar o translúcido lampejo dos seus olhos sumidos nas rugas, ou o riso inefável das suas velhíssimas bocas desdentadas, curava as maiores melancolias humanas.

Em Alexandria, todos os atormentados, todos os doloridos de alma, os filósofos que na filosofia não encontravam repouso, os voluptuosos que na voluptuosidade só recolhiam a amargura, empreendiam a dura jornada ao monte Colzin para considerar durante momentos, com um casto céu de serenidade, de onde a serenidade descia, a face de Santo Antão...

Mas se nosso Santo Padre, no carinhoso desejo de nos ser indulgente, se esqueceu da influência da água sobre o corpo, a quem comunica a sua elasticidade, e sobre o espírito, que penetra da sua limpidez — como perpassou ainda sem proveito por sobre a ensinadora história dos santos, quando, para a mesa do seu dileto Rufo, a fim de

que ele cresça em energia de entendimento e rija atividade de corpo, recomenda a vaca, a galinha e a vitela?... Galinha e vitela! Ah! Ah!... Galinha e vitela! Mas os mais resolutos e diligentes santos nunca provaram desses pratos, que lhes pareceriam de culpada, escandalosa gula! Os solitários só comiam pão, aquele duro bolo chato, do tamanho da roda de um carro sabino, que cada mês, pela lua nova, os serventes dos mosteiros da Tebaida traziam em enormes ceirões, nas ancas dos dromedários, e repartiam pelos eremitérios, anunciando também as novas de Roma e das Sete Igrejas da Ásia. S. João Capristano, Santo Ambrósio de Sena, S. Carlos Borromeu, S. Macário, S. Basílio, viveram de ervas, de côdeas secas, que alguns salpicavam de cinza, e

outros, como S. Lourenço, arcebispo de Dublim, mergulhavam para mais funda humildade na água suja dos porcos. Outros desdenhavam soberbamente estas côdeas de Epicuro. Santo Onofre comeu cem anos de uma palmeira que crescia junto à sua caverna. Durante quarenta anos um molho de ervas, borrifadas de vinagre, bastou ao grande S. Conrado. S. Gezolino, de rastos pelos sombrios bosques de carvalhos, roía as bolotas que apanhava, cantando a magnanimidade do Senhor!

E agora, recordada a áspera abstinência destes homens, recordai as suas obras sublimes! Mais mal alimentados que os bichos das matas em tempo de neve, eles possuíram uma energia e uma largueza de atividade que por vezes, de repente, mudava o feitio

moral do mundo. Certo alegre esfarrapado, que trincava os agriões do seu jantar conversando com os passarinhos — foi S. Francisco de Assis! Um monge que só comia, numa tigela de pau, a sopa de folhas de faia por suas magras mãos cozinhada, foi S. Bernardo, em Claraval. E o macilento espanhol que se nutria de umas vagas folhas de couve — foi Santo Inácio de Loiola. S. Mauro, velhíssimo, sustentado com três favas por dia, estendeu à hora de adormecer no Senhor, no seu catre de trapos e cinzas, os descamados braços, e abençoou os cento e vinte mosteiros de que fora fundador. E S. Bento, que raramente juntava algumas ervilhas ao seu pão, pôde depois, através de séculos, no céu, correr cada alvorada às portas do céu, que se abriam, e se

abriam, e se abriam, para receber cinco mil santos, que eram todos da sua regra!

Mas que valem estas obras do mundo e perecíveis? Contemplai antes os portentos da vontade super-humana! S. Romualdo, que escarnecia o vinho, escarnecia também a carne — e só consentia em raízes amargas. Pois um dia S. Romualdo, caminhando para a Itália, atravessava os Alpes num rude carro, pesadamente puxado por dois bois da Camarga. Numa volta de cerro parou e desceu, afastando os passos nus através da neve densa, para rezar retiradamente no abrigo de uma gruta. E eis que, ao voltar, encontra os seus bois devorados por dois terríficos ursos, que, por sobre as carnes rasgadas e os ossos, ainda grunhiam, com o focinho babado de

sangue! Então S. Romualdo cravou nos ursos um olhar de tão sublime mando, tão radiantemente descido das maiores alturas divinas a que se pode erguer uma alma humana, que as duas feras, com as patas dóceis, desatrelaram as carcaças sangrentas dos bois, e a tremer, submissamente, se engataram à pesada canga... E S. Romualdo, direito no carro, com o capuz aberto, a testa reluzente no reluzir da manhã, penetrou nas planícies da Lombardia puxado por dois grandes ursos.

E tal energia, Santíssimo Padre, fora estimulada com raízes amargas! Mas que vale o raio dardejante deste olhar omnipotente — perante o familiar, fácil, distraído, risonho aceno de S. Macário? Este delicioso santo, quando habitava na

margem líbica do Nilo e queria atravessar para a margem arábica, ou descer às santas cidades de Ptolemais e de Antínoo, caminhava para a beira da água, procurava entre o bando de crocodilos que boiavam ou se aqueciam ao sol algum de dorso bem largo e bem cómodo — e risonhamente movia o dedo num aceno risonho. Imediatamente o monstro fendia a corrente até à areia lisa, onde se arrimava como um barco se arrima a um cais. S. Macário saltava para o dorso do crocodilo; e sentado, afagando mesmo distraidamente a grossa crosta rugosa, atravessava ou descia o velho rio, estrada real do Egito, com a face envolta na luminosa doçura do ar tebano, a alma erguida às deslumbradoras esperanças do céu.

Onde existe feito de energia moral comparável a este quieto domínio sobre a Natureza bravia? Só talvez o feito de governar homens superiores, porque esse demanda, certamente, uma mais intensa irradiação de força espiritual do que atrelar ursos a carros ou navegar sobre crocodilos! Pois bem! Muitos destes santos, que se sustentavam de ervas secas, mal amolecidas em água salobra, governavam as grandes «lauras» do deserto, conventos contendo um povo ardente de monges, dois e três mil monges, e todos eles tão santos, e férteis em milagres, e prediletos de Deus como o abade que os governava! E como louvaremos outros que, quando se construíam essas vastas «lauras» e a pedra faltava para claustros e celas,

desciam à orla do Nilo, a algumas das poderosas ruínas dos tempos faraónicos, fitavam os muros rígidos, as enormes pilastras caídas, e murmuravam num sopro brando: «Vinde!» E atrás do santo, a caminho do mosteiro em construção, mais doces que anhos, os muros marchavam sulcando o deserto, os pilares logo erguidos seguiam, direitos na aragem, como os mastros de uma armada. Estes eram na verdade homens! E, só de os nomear, os joelhos se vergam de deslumbrada adoração!

Pois para viverem assim, tão sobrenaturalmente fortes, não se nutriam desses ovos, e mel do Himeto, e galinha, e vitela, e couve saborosa, e pêssego rubicundo, e quentes vinhos — que nosso Santo Padre, com tão meiga solicitude

pelos seus filhos em Cristo, nos prescreve em lustrosos versos latinos. Ao contrário! Por lhes faltarem os gordos capões, e as vitelas tenras, e os cálidos falemos que, engordando a carne, pesam na alma, a oprimem, a amolentam, a retardam, a escurecem — é que a alma deles reinou sobre o mundo tão rija, liberta, rápida, clara e triunfadora.

Nem esse confortável regime, Santíssimo Padre, prolonga a vida! Nunca a efémera vida humana atingiu tão descomedidas cifras de anos como nesse deserto do eterno jejum! Um pontífice de setenta anos passaria aí por um moço tenro, frágil, inexperiente, incapaz de se livrar dos assaltos, já não do grande Satanás, mas dos mafarricos, dos diabinhos de chavelho curto e curta

malícia, que apenas sabiam arranhar os pés dos cenobitas, ou entornar as bilhas de água, ou meter entre os dentes da caveira da meditação algum gordo chouriço mal fingido e pueril. A idade madura de um monge da Tebaida começava aos cem anos. Aos cento e trinta ainda muitos, cada dia, durante doze horas, cavavam, sob o duro sol, o seu duro horto, cantando os salmos com tão potente voz que espantava as águias. Alguns houve de quem se não sabia a idade e apenas se reconhecia serem velhos, muito velhos, por já não andarem, apenas engatinharem, com as rugosas mãos sobre as pedras, emaranhando a cada esforço os joelhos despelados entre as nevadas, imensas barbas. Outros tanto viveram que transpuseram o período

consciente da santidade, e recaíram no pecado pelas fraquezas e birras da decrepitude. Assim aquele extraordinário Santo Áspar, que se não movia, agachado à porta da sua toca, todo encarquilhadinho, todo mirradinho, e que quando, com os seus olhitos sempre curiosos e rebrilhantes, avistava as filas de peregrinos que avançavam para o admirar lhes fazia horrendas carantonhas e lhes atirava pedras, assanhado e a baba a escorrer... E estes portentosos velhos nunca conheceram carne, ou galinha, ou vinho, ou a fruta cheirosa, senão quando o negro tentador lhas apresentava, em sorrateiro e pérfido silêncio, sobre mesas decorosas e asseadas — estranhamente semelhantes a esta que o Vigário de Cristo tão bem ornou e forneceu para gosto e

proveito de Fabrício Rufo...

Ousarei ainda desenrolar a minha surpresa perante os versos da epístola em que o Santo Padre recomenda o café, com bondoso fervor, insistindo mesmo que o tomemos de Moca e o saboreemos lentamente, em regalados goles! O café! Mas o café foi logo, desde a sua aparição, a bebida dileta, quase oficial do racionalismo! Estimulando a imaginação e a razão indagadora — ele implicitamente dissolve o respeito pela regra e pelo dogma imutável. O café, mais que a *Enciclopédia*, fomentou a grande revolução. Bebido, com o alvoroço da sensação nova, por Buffon, Diderot, D'Alembert, Rousseau, ele aqueceu mais aquelas almas calorosas, aguçou mais aqueles espíritos penetrantes: e Michelet

não duvida afirmar, com gongorismo mas com rigor histórico, que essa geração forte descobriu no fundo das chávenas, através da negra e perfumada bebida, o luminoso raio de 89! Os ímpios do século XVIIII foram insaciáveis bebedores de café — e, na primeira mesa do botequim do Procópio onde ele se bebeu, se improvisaram decerto as primeiras pilhérias sobre Jeová. Voltaire tirou da cafeteira toda a sua obra demolidora. Esse diabólico rei da Prússia, Frederico, *o Grande*, que morreu dos excessos de café e que se regalara de não acreditar nem em Deus nem na vida eterna, exclamava, moribundo: «Já não sou nada, já não bebo café! O café, a quem devo tanta ideia!... Agora ao almoço só sete chávenas e ao jantar apenas catorze!»

Voltaire, Frederico da Prússia!... Estes dois únicos homens deviam tornar para sempre suspeitos à Igreja os escuros grãos de onde eles tiraram a força, o ardor, a petulância e «as ideias». E agora nosso Santo Padre, num largo e doce gesto, *urbi et orbi*, chama a cristandade ao café!

Mas por fim o que mais nos surpreende e perturba é que tão doce e humano papa, de génio tão espiritual e papa que tanto amamos, levante assim nos cimos da Igreja uma tão apetitosa mesa e a alastre de galinhas, de vitela, de vinhos suaves e de frutas rubicundas, e a ela se sente risonhamente conversando com um pagão — enquanto em redor arregalam os olhos tristes tantas criancinhas famintas, e por trás delas as mães pálidas apertam aos farrapos do seio outras criancinhas

ainda mais pálidas, e para além os pais sem trabalho e sem lenha no lar enrugam a face sombria, e mais longe os velhos de secular miséria murmuram amargamente...

Na verdade, na verdade! Grande é a certeza do papa e larga a sua ternura! Mas não penso que, diante desta esfaimada e rota plebe, nem S. Bento, nem o pobrezinho de Assis, nem o bom senhor S. Vicente de Paula, nem esse tresloucado S. João de Deus, nem o nosso velho Santo António, nem S. Gregório ou Pio V, que eram também papas e devotos das letras antigas, se entregassem ao regalo de compor, sobre a arte de bem comer, uma honesta epístola horaciana, de elegante latinidade.

O Marquesinho de Blandford

Bem sei, meu Deus, que nem todas as crianças podem nascer sobre as palhas de um curral, entre a vaquinha e o burrinho, com uma grande estrela espreitando, deslumbrada, através das vigas rotas do telhado! Muitas crianças têm necessariamente de nascer num quarto aconchegado, bem tapetado, onde as fraldinhas finas aquecem diante de um lume alegre, e a gorda ama espera, risonhamente desabotoada, sustentando o peito enorme, túmida promessa de todas as abundâncias. Outras mesmo, e numerosas, são forçadas a encetar a vida com tradicional sumptuosidade, logo lavadas em velhas e pesadas bacias de

prata, deitadinhas logo, sob preciosas rendas, em berços de mais rico lavor que uma alfaia de altar... Assim o determina a lei imutável e rígida das desigualdades humanas.

Mas realmente este recente e pobre marquesinho de Blandford, filho primeiro do duque de Marlborough, entrou no mundo entre pompas e riquezas de uma excessiva, quase inumana severidade. Todos os jornais da Europa e da América, em fila pasmada, e o velho *Times* na frente deles gaguejando de emoção, desenrolam reverentemente a lista desses terríveis esplendores: e essa lista, na verdade, arrepia! Para criar e realizar, com um luxo inédito na história do luxo, o enxoval deste pobre marquesinho, sua avó venerável abriu um

concurso de arte entre todos os artistas de raça anglo-saxónia: e assim tal ilustre pintor de história sacra velou meses para conceber o feitio sublime de um cueiro; tal arquiteto, interrompendo uma catedral, espremeu todo o seu génio nos ornatos de um sapatinho... Mas também que maravilhas! Uma das colchas do seu berço absolutamente ofusca, pela nobre elegância e imaginosa invenção dos bordados em relevo de ouro, as portas do Batistério de Florença. Nalgumas das toucas há ornamentações subtis, gracilidades rebrilhantes de gemas entrelaçadas, que os nossos velhos ourives do século XVI não sonharam ao trabalhar na custódia de D. Manuel, feita com as páreas do Oriente.

Mas como a beleza puramente

estética deste enxoval não impressionaria a alma das nossas democracias utilitárias, todos os jornais, e na frente deles o *Times* com as folhas a palpitar de orgulho, proclamaram o preço minucioso, em divina moeda sonante, de todos estes prodígios. Assim sabemos, louvado Deus!, que cada cueiro (e o marquesinho de Blandford muito previdentemente possui doze dúzias) custou a soma de quinze mil réis em bom papel de Portugal, que correspondem, em papel também bom do Brasil, a uns cinquenta ou sessenta mil magnificentíssimos réis. Despesa, de resto, perfeitamente discreta: apenas, em moeda portuguesa, dois contos de réis de cueirinhos. As camisinhas são cinquenta — e destas há vinte e cinco muito singelas, muito despretensiosas,

bocadinhos de cambraia leve e frágil como um floco de neve de abril, destinadas pudicamente à intimidade materna, que valem cada uma cinquenta mil réis. Para uma camisa de criancinha, que terá a deliciosa responsabilidade de roçar carninha divinamente inocente, não é o preço impudente. As outras vinte e cinco camisas, essas sim, foram pagas, cada uma, segundo confirmam os jornais de Nova Iorque com um justo rubor de glória, a cento e cinquenta e mesmo duzentos mil réis! Mas quê! São camisinhas de gala, para os dias nobres em que um imperador, ou um Rothschild, ou mesmo talvez um poderosíssimo fabricante de chouriços de Chicago, tome nos seus braços augustos, por um momento, com inquietação e afastando as

calças, o herdeirinho da casa de Marlborough. Todavia, relativamente mais sumptuosos me parecem os babeiros, onde se desenrolam, por entre os bordados que grandes artistas desenharam, dísticos galantes e piedosos que finos poetas rimaram. Cada um, sem contar o preço do verso e do debuxo, só pelo tecido e renda que o orla, ficou pela soma já empertigada e ducal de vinte mil réis... Os jornais sérios de Londres divergem dos jornais sérios de Nova Iorque sobre o número exato destes babeiros. Eu pendo (e os historiadores do século XX penderão comigo) para a versão dos Ingleses, sempre mais rigorosos em matéria de investigação histórica, que afirmam serem os babeiros trezentos e oitenta — quinze mais,

portanto, do que os vestidos que possuía a grande rainha Isabel, quando, destruída a Grande Armada, ela tomou o cetro dos mares. Em quanto às capas, toda a imprensa harmoniosamente concorda: são quarenta; a raridade preciosa das peles luta nelas com a preciosa antiguidade das rendas: e as mais simples e lisas custaram entre formosos quatrocentos e formosíssimos quinhentos mil réis. Dos vestidos, porém, não vos posso contar, ó mães atónitas de aquém e de além-mar, porque os jornais de Nova Iorque e de Londres, tão rijamente habituados às emoções da história ambiente, ao atacar este capítulo dos vestidos do marquesinho de Blandford apenas balbuciam, deslumbrados, com as letras todas a arfar: «Um prodígio! Um sonho! Uma

vertigem!...» Quanto teriam custado estas dúzias de vertigens? Meu Deus!, ponhamos uns delgados sessenta contos — e passemos, respeitosos.

Todo este temeroso enxoval de que o marquesinho de Blandfor é o inconsciente manequim está marcado com o seu brasão, a sua coroa, o seu mote. Assim, escudo de armas, em arrogante relevo, sobre as toucas, sobre cada sapatinho, entre os bordados das meias, na frente dos babeiros que tomam a rijeza heráldica de dalmáticas de arautos! Assim, escudo de armas nas fraldas, nos cueirinhos... E aqui me toma uma inquietação, considerando que um brasão de armas (e de armas tão engrossadas pelas alianças como as dos Marlborough), mesmo bordado com sedas ténues,

formará sobre os linhos finos uma saliência dura — e que muitas vezes o marquesinho de Blandford berrará, roxo e perro, entre os carinhos inúteis de toda a Casa de Marlborough, e será simplesmente porque o escudo da sua raça ilustre lhe está trilhando as nadegazinhas tenras, cor de açucena e da rosa! E sinto ainda outra inquietação ante estas fraldinhas carregadas de brasões gloriosos, inquietação que comigo partilhará todo o colégio heráldico do Reino Unido, pensando que, a dormir ou a mamar, não só no macio segredo do seu berço mas diante das nações atentas, o herdeiro dos Marlborough constantemente fará chichi sobre as armas dos Marlborough!

Felizmente, para o enxugar logo,

impedir que o seu brasão ensopado se resfrie e incomode a doce criaturinha, dez aias o velam com ansiada solicitude! E este número, ainda que generoso, não parece extravagante, pois que o marquesinho de Blandford (conforme nos informam ainda os jornais com embevecida ternura) tem quatro amas, para poder, em tardes de fastio, escolher entre os quatro leites, depois de palpar, com mãozinha entendedora, a tumidez e o calor dos oito seios. Mais profuso se me afigura o número das governantes, que são três — duas a mais do que tinham os filhos de França no Grande Século, em Versalhes, quando a Europa não distinguia bem se a majestosa luz que caía sobre ela irradiava do Sol ou de Luís XIV.

Mas que são estas magnificências

de fraldas, esta vasta camarilha de aias, perante as riquezas, as propriedades soberbas, os dinheiros estonteadores de que o marquesinho se apossou apenas o envolveu o ar deste mundo, para ele especialmente aquecido, purificado e embebido de aromas? Logo que as comadres, os médicos (e creio que os repórteres), verificaram que era um varão, e que o era com energia — a criancinha ficou virtualmente dona desse Palácio de Blenheim, que a Inglaterra deu como recompensa nacional ao primeiro Marlborough, ao galante e amável John Churchill, com os seus trezentos quartos mobilados, os seus parques de sete mil hectares, os seus rios, os seus lagos, e a grossa estátua do herói, já de bronze, numa excelsa coluna, trajando de

imperador romano!... Mas o mesmo sucede a todos os primogénitos de Casa de Marlborough. E de resto outras crianças, ao entrar na vida, chupam, através da primeira gota de leite, um castelo de muitos quartos com um parque de muitos hectares. O caso especialmente grave deste pobre marquesinho de Blandford (e que nunca sucedera a nenhum Marlborough) foi que, apenas o lavaram, entrou na tremenda posse de duzentos milhões de dólares, de duzentos mil contos de réis!... Quando o tiraram da bacia vinha todo a pingar de ouro! Depois, bem sequinho, bem polvilhadinho, embrulhadinho nas suas flanelas de duzentos mil réis, preparado portanto a descansar num soninho tépido — imediatamente recebeu, para que esse

descanso fosse bem seguro, um palacete em Nova Iorque, que as gazetas, num gesto largo, avaliam em quinze milhões. Assim, com o seu teto bem garantido para bem o abrigar, esse teto que o Filho do Homem outrora, numa estrada solitária de Galileia, se lamentava de não possuir, o filho dos Marlborough foi maciamente aconchegado no seu berço sublime. Mas ainda a sua cabecinha mole e penugenta se não sumira entre esplendor das rendas, já lhe fora entregue, para os vagares do verão, outro palacete à beira-mar, Marble Hall, solar de mármore, mas realmente de ouro, porque, segundo o brado dos repórteres, vale catorze milhões. Habitar junto do mar com tanto esplendor e não o navegar com esplendor paralelo seria bem humilhante para um anglo-saxónio; e

antes, pois, que adormecesse recebeu o pobre marquesinho um iate de recreio, muito famoso, chamado *Valente*, não pelas suas valentias, mas pelos doze milhões que o pagaram! Tem palácio na cidade, palacete nas areias de Newport, o *Valente* sobre as águas — e todavia o marquesinho de Blandford mexe e geme...

Dorme, dorme, meu menino
Que a tua mãe foi à fonte...

À fonte!... Sim, à Fonte do Ouro Perene, porque aí trazem ao pobre menino, não um cântaro de fresco barro, mas um cofre de negro ferro, contendo todas as joias que ele já possui por ter nascido e que, em roda do seu berço, os repórteres, estranhando que não venha

também a mirra e o incenso, avaliam excitadamente em sete milhões! Enfim o marquesinho, derreado, imobilizado sob esta espantosa carga de milhões, sossega, vai adormecer!...

Não! Pois que um carteiro esbaforido, acompanhado de outro tropel de repórteres, se acerca alvoroçadamente do berço, estendendo à criancinha a sua primeira carta registada! Quem escreve já ao marquesinho, que ainda agora desceu do céu dentro do seu açafate de rosas? Alguém decerto que amorosamente o esperava, que se apressa em lhe mandar a palavra que lhe explicará a vida e lhe ensinará o que na vida superiormente vale, e lhe apontará o fim a que tende a vida. Com efeito! É do avô, do enternecido avô, a carta que se abre, e que

os repórteres leem com a face esgazeada, e que copiam sofregamente, e que contém esta profunda linha: «Meu neto, marquês de Blandford, aí te remeto essa quantia para teu dinheiro de algibeira!» E pregado à carta, com alfinete de ouro, um cheque, um cheque sobre o Banco de Inglaterra, um cheque de um milhão de dólares, um leve cheque de mil contos! Quem é esse avô? Céus piedosos, que tudo sabeis, quem é este avô? Quem assina este temo cheque, de ricacíssima ternura? O bom avô que assina o bom cheque é Vanderbilt, o milionário Vanderbilt, o milionaríssimo Vanderbilt, o americano mais milionarizante da América milionarizadora!

E agora, amigos, compreendeis! Sim, perfeitamente... O duque de

Marlborough casou com uma senhora Vanderbilt, goza por sogro o velho Vanderbilt, trata por cunhados os moços Vanderbilt e ele mesmo está todo vanderbiltizado! E daí os cueiros bordados a ouro, e os babeiros de quinhentos mil réis, e os centos de milhões, e o palacete de Nova Iorque, e a casa de mármore, e o *Valente* sobre as águas, e as joias, e os mil contos para a algibeira da fraldinha, e toda esta portentosa pecúnia estendida diante da porta do velho castelo de Blenheim, bem espalhada ao sol, mostrada estridentemente a todos os repórteres anglo-saxónios, e empurrada para diante da gente distraída que passa e a quem se grita com delirante orgulho: «Olhai, admirai os milhões de Vanderbilt!»

Estampido horrendo de milhões remexidos, que te não deixam dormir o teu primeiro sono da vida, marquesinho de Blandford! Ah!, meu doce menino, se teu pai, esse gentil duque de Marlborough, tivesse desposado (como podia, apesar da vossa delgada nobreza, de raiz magra e curta) uma senhora da grande casa de Northumberland, que reinou na Nortúmbria, ou uma das Cecil, que tão belas são e tantos homens fortes têm dado à pátria, ou uma Arundel, dessa raça de Norfolk, onze vezes secular, onde já el-rei D. João I de Portugal se honrava de casar uma filha amada, decerto, gordo anjinho, não possuirias um iate antes de engatinhares, nem mil contos para algibeira antes de usares algibeira — mas, deitadinho num confortável berço,

entre uma velha, elegante e calada riqueza, brandamente dormirias sem que o teu soninho fosse estragado e a tua candura quase maculada com este brutal, insolente fragor de milhões revolvidos, alardeados, tilintados através dos jornais, para que o mundo saiba que tu és muito rico e que Vanderbilt é o teu avô!

Porque agora só esse será o teu avô, o teu único e grande avô, aquele que o nosso século conhecerá e admirará, aquele que supremamente te cercará de prestígio, aquele que, pela sua força, absorverá a tua raça enfraquecida, de tal sorte que quando, por teu turno, chegares a avô terás por neto, e neto muito ilustre, o duque de Vanderbilt!

O outro, o que está empoleirado na sua coluna, vestido de imperador

romano, dominando os prados e arvoredos de Blenheim, esse não apresenta ações que interessem ou deslumbrem o nosso tempo positivo. Era um mero soldado, bonito e esbelto, mas tão ignaro que apenas sabia assinar o seu obscuro nome de Churchill e lia com uma dificuldade aflitiva. Todavia, assim iletrado, fez dez campanhas triunfais contra todo o poder de Luís XIV. Na primeira desembarca e, de vitória em vitória, toma as cidades de Venloo, de Ruremonde e de Liége. Depois, na outra primavera, em poucas semanas, conquista todo o país riquíssimo que se estende entre o Reno e o Mosa. Depois toma Donauwert, passa o Danúbio, e ganha a batalha de Blenheim, que fez perder cem léguas de terra aos Franceses. Depois

vence em Ramillies, vence terrivelmente em Malplaquet, abala a monarquia de Luís XIV, destrói o prestígio militar da velha França. E com todas estas glórias, engraçado e alegre, fraternal ao soldado, leal e afável aos vencidos, de uma serenidade corajosa e cheia de elegância que lembrava os heróis gregos! Deslumbrante em manhãs de batalha, com a sua fina espada erguida, a imensa cabeleira a flutuar ao vento — à noite na tenda, entre os cangirões de vinho, ainda deslumbrava, conversando, os generais prisioneiros que vinham de Versalhes, onde quando havia sermão era Bossuet que o pregava, e quando havia comédia era Molière que a escrevia. De tal sorte que nunca ninguém conquistou tanto pela força — que depois tanto seduzisse pela

graça. Por isso a França, que ele esmagara, o imortalizou numa canção toda cheia de flores:

Marlborough s’en va-t-en guerre,
Vivent les roses!
Qui sait quando il reviendra...
Vivent les roses et les Mas!

Esse era o teu outro avô, marquesinho de Blandford! Mas esse partiu para a guerra *s'en alla-t-en guerre*, e quem sabe quando voltará! Para ti — nunca mais! Já não vivem os lilases, murcharam as rosas. E a linda canção de França risonhamente to diz:

Mr. de Marlborough est mort,
Vivent les roses!

Bien mort et bien enterré,
Vivent les roses et les lauriers.

Bem morto e bem enterrado! E agora positivamente é que ele mais se afunda, bem fundo, na sua funda cova! Sobre ele pesam, carregando o seu corpo ligeiro, abafando o seu nome sonoro, os imensos milhões de Vanderbilt! E no fulgor do ouro, irradiado por essa opulenta massa de ouro que atulha a Casa de Marlborough, quem pode ainda enxergar o lampejo fino da fina espada na manhã de Malplaquet? «Mr. de Marlborough est mort!» Não vivem as rosas — menos os louros! O teu verdadeiro avô agora, o» único compreensível para o nosso tempo, não é o herói, é o milionário — com grande

vantagem do teu crédito, da tua celebridade, da tua autoridade no clube e da tua influência sobre as mulheres... Não te agites no teu berço, marquesinho de Blandford, descontente, nessa inocência das coisas do mundo que ainda trazes do céu! Hoje, avô que dê proveito e honra a um neto não é aquele que, ao som áspero dos pífanos, entre os estandartes soltos, entra nas sessenta praças de guerra que o seu génio tomou — mas aquele que, sentado à banca, abre um caderninho e, com pena larga e fácil, assina um cheque de mil contos. E tu ou não viverás — ou serás exclusivamente o neto de Vanderbilt. Sê pois rendosamente o neto de Vanderbilt!

Mr. de Marlborough est mort,

Bien mort et bien enterré...

Os louros secaram — vivam os dólares!

A Rainha

Dieu!,qu'il fait bon la regarder,
La gracieuse, bonne et belle!
Pour les grands biens qui sont en elle,
Chacun est prest à la louer...

Assim Carlos de Orleães, poeta e príncipe francês, cantava com enternecida e grave elegância numa das suas mais puras canções, rimada em louvor de B ne d'Armagnac, sua mulher, ou talvez daquela filha tão amada, a princesa Joana de Orleães, que, nesse ano de 1421, casara com o duque de Alençon, o desventurado valente da batalha de Verneuil. E em toda a fina canção, depois de jurar aos céus que não existe dona ou donzela que se compare a essa, aquém ou

além-mar (o curto mar do Passo de Calais!), sempre termina por voltar, com admiração, ao dom que ele julga o melhor, o mais suave e o mais poderoso — *qu'il fait bon la regarder!...*

Realmente, este dom de uma beleza compreensível e simples, que encanta desde que aparece, sem necessitar mesmo, nesse ato de sedução, o socorro da inteligência ou da virtude, é dom precioso para uma princesa. Outrora Platão ensinou que a beleza é o esplendor da verdade: e o mundo antigo sempre exigiu que as suas profetisas fossem belas, para que a perfeição da face garantisse a veracidade da inspiração. Depois, através dos séculos maceradamente cristãos, esta ideia de harmonia esmoreceu; e até, na

desesperada opressão com que a alma esmagou o corpo, a fealdade, sobretudo acompanhada de tristeza e farrapos, se tornou uma condição de santidade. A sábia Renascença restabeleceu o luminoso ditame platónico. E hoje, apesar de uma teimosa educação espiritualista, todos tendemos a crer, como os homens da Ática, que as linhas muito puras do rosto traduzem os modos muito puros do espírito, e que Deus, confirmando Platão, carinhosamente aformoseia a morada que destina a uma alma que lhe é cara.

Ora, para as rainhas que a etiqueta (sobretudo nestas cortes peninsulares, onde desde Carlos V se entendeu que reclusão imprime majestade) obriga a habitarem numa elevação solitária, sob um dossel, apenas contempladas na

rigidez da pragmática, sem que a multidão tenha delas mais conhecimento do que aquele, tão exterior, que se tem de uma imagem de altar, cuja túnica resplandecente pode recobrir pinho tosco ou metal precioso, há um proveito superior em possuírem a irrecusável e esplêndida autoridade da beleza. Como observa o prudente Montaigne, «beauté est une pièce de grande recommandation». De todas as verdades estabelecidas pela Terra, ou ensinadas pelo céu, só nessa os homens concordam, submissamente, com deslumbrada unanimidade. Cada poeta, desde Orfeu, para lhe exprimir a virtude dominadora e persuasiva, a considerou como uma realeza; e contra essa realeza nunca rugiram jacobinos, nem antes nem depois de Robespierre.

A rainha de Portugal recebeu do céu favorável este dom de uma beleza adoçada de graça, *qu'il fait bon de regarder*, e que, só porque aparece, governa. E esta qualidade de mulher quase se torna social, quase se torna uma virtude de Estado, entre um povo, como o português, tão prontamente, tão finamente sensível à formosura, sobretudo quando ao prendedor encanto da presença se junta, como na rainha, para mais lhe alargar a irradiação, o espírito de sociabilidade, que ela herdou da sua raça e que foi sempre uma das elegâncias morais da sua casa.

Muito subtilmente se tem discutido sobre a qualidade original com que o espírito francês concorre para a grandeza do espírito humano. Uns votam pela

finura; outros pela clareza; outros pela ordem. Mas qualquer dessas qualidades, ou todas elas, exerceram sempre a sua influência na Europa através do espírito de sociedade, que no século XVII se chamou, à maneira romana, «urbanidade», e depois no século XVIII, quando em França o génio nacional mais perfeitamente se harmonizou com o regime político, se chamou francamente «a arte de agradar». A esta arte, que torna os carateres macios, arredondados e polidos, como os seixos que um arroio manso envolve e docemente rola, deve a França (mesmo agora que o arroio se desmanchou em torrente turva e brava) o ser a nação onde as relações da vida se conservam mais fáceis, mais comodamente suavizadas, e de uma

harmonia tão tolerante na sua ligeireza que ela concorre para a solidez da sua unidade. Na rainha de Portugal, este encanto de sociabilidade está todo na sua dignidade familiar, repassada de atenção, penetrada de sensibilidade, fácil em docemente se interessar, fácil em discretamente se igualar, mas séria e concertada, e que um poeta um pouco precioso, como Carlos de Orleães, compararia ao arbusto grácil que se debruça, espalha perfume, derrama frescura e logo formosamente retoma a sua elevação natural! A nós. Portugueses, povo de porte taciturno que durante longos séculos se embuçou sempre em grandes capotes e carregou sobre os olhos largos sombreiros, esta fácil, ridente, aberta e desembuçada sociabilidade

desconcerta; e mesmo lhe impusemos outrora, no começo do século, quando de França só conhecíamos, por um lado, os dançarinos e, por outro, os terroristas, o nome desdenhoso e desconfiado de *francesismo*. O nosso velho escarpamento moral quase nos impossibilitava de compreender que uma afabilidade sempre ativa e difusa, um interesse atento que todo se alvoroça, uma efusão em que se entrega a alma no lampejar de um sorriso, não proviessem do esforço da astúcia, para captar perfidamente a clientela dos simples... E, certamente, a simplicidade conversável da rainha, a sua afluência de simpatia, a graça acolhedora da sua expressão surpreenderam, quase inspiraram desconfiança a este povo habituado, desde o estabelecimento da

monarquia absoluta, a não separar majestade de imobilidade. E data este sentimento do Portugal restaurado, porque então se cimentou entre nós a hirta pragmática cesariana, deixada em Lisboa pela realeza de Espanha, que a herdara da Casa de Áustria. No tempo dos nossos velhos reis, ao contrário, todos os educadores de príncipes lhes ensinavam o alto dever real de comunicar docemente com o povo. Na sua *Doutrina ao Infante D. Luís*, o douto humanista Lourenço de Cáceres gravemente lhe recomenda «que se não aparte da afabilidade nem dê pouca parte de si ao povo, pois que não há erro mais nocivo para quem haja de senhorear ânimos portugueses!» E D. Aleixo de Meneses, na sua fala e despedida sublime a el-rei D. Sebastião, lança estas grandes

palavras: «O excesso de afabilidade, senhor, não compromete a autoridade do príncipe... Mas muitos príncipes, relaxando a sua autoridade com os validos e conservando trato altivo para o seu povo, vieram a ser aborrecidos de uns e desestimados de outros.» Hoje, Deus louvado, na nossa sociedade tão igualada como um campo de restolho, já não existe possibilidade para reis «de trato altivo»: como na nossa mudada Lisboa já não existem mas por onde um D. Pedro I dançasse, metido com os mesteirais, ao clarão festivo das tochas, ao clangor das longas de prata. Todavia, ainda compreendemos mal o imperador da Alemanha, derradeira encarnação filosófica do direito divino, trajando uma farda esbelta e simples e jantando, com

intimidade alegre, em casa de um poeta ou de um sábio. E só recentemente esta amenidade francesa da rainha começou a ser entendida na sua exata essência, como a irradiação muito natural de uma bondade muito culta. Desde então; porém, é com essa bondade acariciadora que ela, como dizia o velho Cáceres, «senhoreia os ânimos portugueses». Sob a nossa casca fusca e rugosa, nós somos realmente um povo doce, que adora a doçura; e apenas este povo descobriu que esta afabilidade da rainha não era um artifício de corte, mas uma expressão de alma, logo entre rainha e povo se estabeleceu essa simpatia que se alarga e que talvez constitua, insensivelmente, uma força social... Sim, uma força, pois que só agora, que se estudou tão penetrantemente

a psicologia das multidões, se compreendeu quanto num velho trono vale um brando gesto.

Esta afabilidade transparente da rainha permite que se distingam alguns modos do seu pensar e modos do seu sentir, sempre tão difíceis de perceber em príncipes, pois que três opacas muralhas os dissimulam: a etiqueta, o resguardo contra a familiaridade e a timidez, inconveniente tão congénere em príncipes que não falou a Luís XIV nem a Augusto! Ora, de muitas mulheres, sobretudo de muitas rainhas, apenas se relatou a sua elegância e a sua gentileza — logo se findou a sua curta e mundana história. Na rainha, porém, para além do brilho visível, existe ainda um harmonioso conjunto de ideias e de sentimentos,

interessantes de estudar pela sua elevação e retidão — e ainda porque, pertencendo a uma rainha de Portugal, esses pensamentos e esses sentimentos, beneficamente reverterão, como diz a nossa velha lei, «a prol do comum e aproveitança da terra».

O que logo surpreende e cativa na rainha é a sua completa e carinhosa nacionalização portuguesa; e, no entanto, bem sabemos, nós todos que lidamos com a história, quanto a flor-de-lis é flor difícil e rara de enxertar! Mas aqui o lírio de França mergulhou tão profundamente a raiz no torrão português e tão gratamente absorveu a sua substância que, hoje, na forma, na cor, no aroma, já se não diferença de qualquer fresca e genuína rosa de Portugal. A rainha ama a nossa

terra como se dela houvesse brotado. Um tal amor era sempre instintivo numa rainha da Meia Idade ou ainda da Renascença — porque a realeza se compunha então de paternidade e de posse. O rei governa e protege como pai e dono. Não há vila, cabana, ovelha ou árvore a que ele não deva cuidado paternal e em que não exerça domínio senhorial — que os costumes lhe continuam, mesmo quando as leis lho arrebatam. A ternura pelo povo e pela terra é ampliação natural da ternura pelo filho e pelo património. Como não amaria, de resto, um rei do século XIV ou XV, numa terra toda sua, uma turba humana toda sua, dócil e filial, que para ele lavra, para ele edifica, para ele combate, para ele ergue as mãos, mesmo antes de as erguer para Deus? Mas uma

rainha, hoje, sabe que o povo que a aclama lhe pertence tanto como a qualquer outra mulher que passe ao lado, com o seu cântaro, para a fonte. O título que ela conserva e que outrora lhe conferia, espiritualmente, um direito positivo hoje só lhe confere, socialmente, uma função cerimonial. E nem o patriotismo mais ciumento poderia reclamar que uma senhora de terra alheia, desde que entregou a mão, numa igreja, diante de um bispo, a um príncipe nosso, logo entregasse o coração todo, sentidamente, ao povo e à terra de que um contrato a ergueu rainha. Mas, realmente, a rainha, desde que a lei a tornou portuguesa, logo se desejou portuguesa. Juntando inteligência e sentimento, alargou os seus belos olhos, avisou o coração, tentou

compreender e estimar. A terra logo a enlevou pela sua maravilhosa graça rural. Depois, conheceu a gente, o seu labor paciente, a sua robusta sobriedade, o seu carinho do lar, a sua reverência meiga e sem adulação, a risonha simplicidade com que acolhe a ventura, a tocante conformidade com que aceita a desventura. E desde que tudo compreendeu, tudo amou. Esta afeição, pois, da rainha por Portugal é não só de simpatia, mas de raciocínio. Pôs nela toda a sua sensibilidade, mas também toda a a sua vontade. E bem podemos, pois, louvar nesta rainha, como consciente virtude, o que noutra rainha, Isabel de Portugal, uma grande santa, de grande altar, não passaria de inconsciente instinto...

De muitos modos, todos

inteligentes e úteis, a rainha nutre e aviva esse seu amor por Portugal. Sem que o crespo e seco dizer dos nossos cronistas a assuste, ela mergulha piedosamente nas nossas crónicas. As nossas velhas indústrias caseiras são um dos seus ternos cuidados. Não podendo restaurar todos os monumentos decaídos, a todos estuda, desenha e indaga a história, para se penetrar da robusta alma que os criou. E o seu entusiasmo não cessa de estimular a inesperada e prometedora renascença do nosso nacionalismo.

Uma das feições mais tocantes da sua alma portuguesa é a admiração pelos homens fortes que fizeram o reino forte. Filha de França, terra de tão alta valentia que Deus a escolheu para seu soldado e por ela fez os seus grandes feitos, *gesta*

Dei per Francos; princesa de uma casa onde os heróis decerto não escasseiam, pois que quarenta e nove dos seus antepassados morreram soberbamente em combate — a rainha, hoje, sem abandonar a sua afeição filial pelos paladinos da França, sente uma admiração talvez mais enternecida pelos de Portugal, ou por compreender já que eles mais concorreram para a grandeza da humanidade, ou porque, pertencendo ela mesma à história de Portugal, se afeiçoou por aqueles que tornaram essa história tão poética e tão heroica. Talvez esse Bertrand du Guesclin, de quem, na sua infância, tanto lhe contariam, se ande já desvanecendo no seu espírito ante a sombra mais vasta e nobre do nosso Afonso de Albuquerque; e receio mesmo

que o puro dos puros, a flor de toda a cavalaria feudal, o bom senhor de Bayard, seja esquecido por aquela maior pureza e melhor flor de cristandade, o santo e grão condestável! Mesmo na sua preferência pelas residências históricas, ela mostra esta religião do velho Portugal. Em Vila Viçosa, que contém tão curioso pedaço da nossa história, desejaria ela decerto que a corte permanecesse, com o seu antigo estado paternal e solarengo, entre um povo amorável e familiar, para quem fosse menos a rainha do que a «boa senhora». Ou então, ditosamente, habitaria esse Castelo da Pena, que, sobre a fresca serra, revive, na nossa idade, um castelo de lenda, semiencantado, com mouras nas fontes, todas as tardes misteriosamente embrulhado entre nuvens, e pelas nuvens

levado, e nas nuvens desfeito... De resto, Portugal inteiro a encanta e a retém, como pátria sua: e onde esta princesa de França agora se sente estranha, e vagamente exilada, é na terra de França!... Oh!, decerto a ama — porque não é esta pátria que se esqueça, sobretudo quando se vem dos reis que a criaram. Mas mesmo neste velho Paris, entre o Louvre e Notre-Dame, tão cheios dos seus, talvez ela se surpreenda a pensar saudosamente naquela quieta, e simples, e assoalhada calçadinha que sobe para as Necessidades...

A rainha, como a sua graça afável o anuncia, possui a bondade nas suas formas amáveis — a tolerância, a bem-querença, a doçura com os humildes, a piedade de todo o mal. Mas na sua alma

portuguesa a bondade floresce principalmente, sob uma forma toda nossa e do nosso povo — a caridade. Oh!, bem sei! A caridade pertence a todas as terras, porque a todas, com um fulgor mais intenso ou mais ténue, penetra o espírito de Deus. Há caridade entre os homens peludos e quase inumanos da Terra do Fogo e entre os Inoítos das últimas neves que nunca conheceram relvas ou flores — porque a há entre os bichos, onde os naturalistas, sem se surpreender, descobriram associações de beneficência. No entanto, a sua expressão é diferente nas sociedades, e de desigual beleza. Enquanto que a caridade, na Inglaterra, reveste um caráter todo social e se exerce para manter a grandeza harmoniosa do Estado, e em França toma um caráter todo

racional e se professa para adiantar a igualdade jurídica — entre nós ela é simplesmente emocional, brotando dos impulsos do coração, sem considerações pela sociedade, sem submissões ao raciocínio, arremessada difusamente, apaixonadamente, na pressa de um enternecimento, que, ante qualquer miséria, só anseia por que ela se alivie, ante qualquer pranto, só deseja que ele se enxugue, mesmo sem gratidão. Por isso, a sua forma corredia e fácil é a esmola — a esmola que os economistas condenam como imoral, porque, calmando a necessidade, protege a ociosidade, e que os socialistas combatem como funesta, porque, adiando a revolta, prolonga a injustiça. Portugueses não se enredam nestas subtilezas de doutrina. Perante a

mão que suplica, não parámos a desejar que ela agarrasse antes uma ferramenta para obter a abundância individual, ou que empolgasse antes uma arma forte para impor a igualdade social. Não: muito candidamente, escandalizando o economismo e o socialismo — palpamos o bolso, com viveza amorável, e damos.

A rainha tem esta expressão sentimental e antidoutrinária da caridade portuguesa. E uma senhora de grande e delicada esmola. E a sua esmola não baixa majestosamente do trono, numa salva, entre alabardeiros. Ela própria a leva, sob um véu espesso, a todos os recantos onde pressinta uma lareira apagada, farrapos tão rotos que já nem se remendam, a enxerga pisada pelo lento sofrer. Mas ao mesmo tempo, como

francesa, ama a caridade racional, que se organiza, se arma em instituição, derrama o-bem por estatuto. Dessa nasceu o seu dispensário admirável. E, assim, a senhora excelente dá com a razão, dá com o coração; dá calculadamente, por livros bem escriturados, e dá compassivamente, ao acaso da sua sensibilidade, talvez errando pelo lado da ciência, mas acertando pelo lado de Deus. Virtude transcendente e inédita? Oh!, não! Todas as rainhas professam a caridade, porque a regra monárquica, copiando a tradição feudal, lhes destinou essa suave função no Estado: e modernamente, em Portugal, quer as rainhas nos venham da Alemanha, de Itália ou de França, todas, na doce continuidade de um encargo santo, enchem o seu regaço com os pães de Santa Isabel.

O encanto especial da esmola da rainha está no silêncio abafado com que a espalha. E não pelo receio de que a sua esmola pareça, aos que a testemunham, o preço tortuoso da sua popularidade — mas pelo desejo que a esmola chegue àqueles que a recebem como o escondido quinhão da sua fraternidade. E o outro encanto ainda reside nesse complemento da caridade que os santos padres tanto exaltam, a avareza para connosco, bem apertada, acompanhando a liberalidade para os outros, bem solta! A rainha, moça, bela mas não rica, poupa no seu luxo para esbanjar na sua beneficência; e a sua simplicidade é mais que uma escolha de gosto, é uma imposição do dever.

Conta uma lenda antiga que no céu, ao lado do Senhor, hum escabelo de

ouro, um anjo arrola, num fólio felizmente imenso, as esmolas que se espalham na Terra. Este pobre anjo, por vezes, suspende a diamantina pena e hesita e suspira ao inscrever certas liberalidades que avançam faustosamente pela rua, entre pregões e tambores atroantes. Mas a coluna da rainha deve andar toda esparrinhada de coruscante tinta, pelo alvoroço ditoso com que o anjo, decerto, marca esmolas dadas com tão gentil piedade e discreta emoção.

Uma bondade assim forte e ativa, nos limites em que a encerram a etiqueta e os costumes reais, já denota um espírito sério. Mas toda a vida da rainha constitui uma manifestação perene dessa seriedade desejável. Se percorrermos a história íntima dos estados, observamos logo, com

tristeza ou com malícia, que o mal da frivolidade grassa fundamente nas rainhas, e que, ou se ocupem de luxo, ou de sentimentalidade galante, ou de intrigas dinásticas, ou de enredos de corte, ou de parcialidades de religião, ou de tramas políticos, as suas vidas se resumem em confusão e ruído estéril. Ditosa ainda a nação, quando, à poeira que elas ergueram, se não mistura sangue! Neste século, porém, mesmo sem aludir à triunfal soberana que o enche e que, como Augusto, criou uma era, a era vitoriana, abundam rainhas estimáveis pelo caráter, pela inteligência, pela compreensão da dignidade real, pelo fecundo emprego da existência. A rainha de Portugal pertence a essas soberanas bem louvadas, que, por lhes faltarem já tantos direitos e, não

desejando definhar na inutilidade através das frias salas dos paços, se impõem muitos e graves e laboriosos deveres. E a dois desses deveres se aplica a rainha com tocante atenção, ao dever íntimo e *teologal*, como lhe chamaria um padre da Igreja, do aperfeiçoamento próprio; e ao dever público, nacional, da educação dos príncipes.

No aperfeiçoamento próprio, a rainha conserva sempre presente, além da necessidade superior de ornar o espírito, a obrigação de se abastecer, de se completar para a sua missão real. As suas leituras, copiosas e cuidadas, todas se concentram sobre as memórias que oferecem ainda o mais seguro caminho de se penetrar nas almas e nos motivos humanos. Mesmo as artes, que ama com

uma fidelidade fina, sobretudo a pintura, em que revela observação e a certeza fácil do traço expressivo, ela as aproveita para mais e melhor se impregnar das feições, dos costumes, dos aspetos do povo e da terra de que é rainha. Na música, a sua afeição vai para as cantigas populares deste velho Portugal que galanteia cantando, trabalha cantando, fala a Deus cantando e, cantando, embala a morte. E mesmo nesse robustecimento do corpo que a Antiguidade estabeleceu como um dever religioso e que nós estamos, felizmente, organizando como um dever social, a rainha prefere a todos os exercícios de um cunho rija e velhamente português; e se a sei apaixonada da *Nobre e Liberal Arte de Bem Cavalgar Toda a Sela*, não a suponho menos afeiçoada a

toda essa destra, valente e salutar campanha que Portugal mantém com o touro, desde a ferra até à lide!

Assim, além da larga porção do cerimonial de estado que a constituição lhe impõe (e que a nós, solitários trabalhadores da pena, parece tão acabrunhadora), a rainha passa uma vida de labor intelectual, esmerado, fecundo e patriótico. Mas o seu trabalho genuinamente patriótico é o da educação dos príncipes. E não porque ela se esforce em os tornar dois *príncipes*, no rígido sentido monárquico, mas porque aspira a que neles cresçam dois *homens*, no mais vasto e nobre sentido humano. A educação de um príncipe! Ponderoso problema filosófico de todo o erudito século XVII e ainda do ligeiro e generoso século XVIII!

Nenhum tema, como este, afiou a sagacidade dos moralistas. Quantos suculentos e majestosos programas! Quantos tratados facundos, embebidos de todas as preciosidades da ética, de toda a experiência do classicismo, de toda a comentação da Natureza! E o resultado desta tão repleta pedagogia do Estado, para que concorriam prelados, humanistas, magistrados, filósofos, poetas, marechais, era quase sempre, em toda a pobre Europa, uma série de príncipes detestáveis ou risíveis. Todavia, em obediência ao exemplo sublime de Alexandre, o maior dos príncipes, educado por Aristóteles, o maior dos homens, sempre os reis deram aos filhos, como precetores, os personagens superiormente ilustres do reinado.

Debalde! Fénelon transformou o duque de Borgonha, que «nascera terrível», como afirma Saint-Simon, num filósofo cheio de dignidade e mansidão; mas todos os precetores famosos falhavam, e das suas lições doutíssimas, dos seus cuidados piedosos, surdia ora um insignificante, ora um burlesco, ora um monstro! Porquê, severos céus? Porque os nobres precetores já recebiam os principezinhos do escuro fundo dos paços, com a natureza irremediavelmente estragada pela camarilha interesseira de saias e de librés!

Para além dos Pirenéus, só uma casa real, a Casa de Orleães, ao findar o século XVIII, educava os seus príncipes com verdadeiro amor pelo caráter e pela inteligência. Então aparecera, sem a

virtude, e a beleza moral de Fénelon, mas com uma visão talvez mais segura dos destinos da realeza, a ideal educadora de príncipes, Madame de Genlis. Dessas educações fortes, claras, profundamente humanas, vieram esses príncipes cultivados, valentes, brilhantes, superiormente franceses, em quem os pensadores deste século, os mais desencontrados, desde Mettemich, o estreito estadista do direito divino, até Victor Hugo, o enternecido lírico da democracia, admiraram «homens como há poucos, e príncipes como nenhuns há». A uma princesa dessa casa cabe hoje educar dois filhos, príncipes de Portugal. E nesta missão, ao que parece, os seus cuidados tendem menos a ensinar prendas do que a criar virtudes. Neste singelo programa de

pedagogia maternal, vede já que fecunda revolução! E quando a rainha a tiver realizado, se a realizar com ventura, terá cumprido esplêndido feito. Branca de Castela quase ficou santa de calendário por ter guiado, para a santidade, S. Luís, rei de França. A sua glória reluz também, na história, por ter feito de Luís, não o doce santo, mas o nobre rei.

Todavia, mais a eleva entre as mulheres, e lhe rende os corações, o ter formado, em Luís, aquele perfeito espelho de doçura, clemência, renunciamento, misericórdia, e quase divina amizade pelos homens.

S. Luís é uma encantadora imagem, para que eu me detenha junto dela nestes pensamentos sobre a sua neta excelente. De resto, antes esta princesa

qu'il fait si bon regarder, graciosa, boa e bela, tão portuguesa, tão doce de emoções, tão reta de instintos, desejosa de bem-fazer, atenta a bem pensar, leal e amena, corajosa com a serena coragem da sua casa, sensata com o luminoso senso da sua raça, toda penetrada dos seus deveres reais, toda alvoroçada pelos seus deveres maternos, de uma dignidade benigna, de uma seriedade carinhosa — eu não tentei compor um retrato como eles se usavam e estimavam nas polidas letras do século XVIII. E como poderia? E como saberia? Sempre a obscuridade e a sorte me trouxeram alheio à cortç. Na minha terra, onde nem vivo, eu sou apenas um cansado e velho fazedor de livros, que passa. Só raramente penetro no Paço, por aquela grata escada que em Versalhes se chama

Vescalier des poetes, e por onde se sobe, menos à presença do rei do que ao trato interessante do erudito e do artista que é rei. De príncipes, só conheço o coração àqueles, tão raros!, que foram poetas, como o meu gentil Carlos de Orleães, e que puseram todo o seu coração em rondós e vilancetes. Depois, a presença angustiosa das misérias humanas, tanto velho sem lar, tanta criancinha sem pão, e a incapacidade ou indiferença de monarquias e repúblicas para realizar a única obra urgente do mundo — «a casa para todos, o pão para todos», lentamente me tem tornado um vago anarquista entristecido, idealizador, humilde, inofensivo... Anarquismo, mesmo vago; tristeza, mesmo filosófica; idealização, mesmo escondida — não compõem um

bom cortesão. Mas uma rainha *graeieuse*, *bonne et belle*, certamente me encanta. E, pois que o nosso pobre mundo tanto necessita de doçura e bondade, sinceramente creio na vantagem social de que, por vezes, uma rainha irradie um pouco da sua doçura, da sua bondade, da sua beleza, sobre os costumes, os espíritos e as leis. Assim eu tivera a fina arte de tornar esta, que é rainha de Portugal, bem compreensível... Não tenho — porque, «pássaro solitário e humilde», como diz Camões, mal posso eu mesmo compreender quem se move em paragem tão complicada e remota da minha «riba solitária e simples...»

...Et, pour ce, Princesse,
Quand ainsi devant vous seray,

Veuillez, par votre grant humblesse.
Me pardonner se je ne sçay
Parler de vous comme devrays…

Deus — Duse («A Duse», 1898)

Deus consagrou-a emprestando-lhe
as letras do seu nome — Duse
Lorjó Tavares

Na arte, quando forte, fina e superior — a *simplicidade* resulta sempre de um violento, quase doloroso esforço. Não se coordena com clara elegância uma conceção, não se atinge a uma expressão fácil, concisa e harmoniosa, sem longas, tumultuárias lutas em que arquejam juntos espírito e vontade.

E assim é na Natureza...

O que ela nos oferece de mais simples, uma linha de horizonte, bem

unida e lisa, esconde um revolto infinito de forças e formas. E há mundos tenebrosos na água mais límpida.

Lisboa, 23 de abril

Eduardo Prado

A qualidade dominante de Eduardo Prado, a sua *qualité maîtresse*, segundo o termo escolar da velha psicologia francesa, a qualidade motora da sua vida pensante e mesmo da sua expressão social, é certamente a curiosidade. A curiosidade, instinto de complexidade infinita, leva por um lado a escutar às portas e por outro a descobrir a América: mas estes dois impulsos, tão diferentes em dignidade e resultados, brotam ambos de um fundo intrinsecamente precioso — a atividade do espírito.

Um espírito indolente não se arremessa com magnificência para os

mares desconhecidos; também não se arrasta mesquinhamente para as fendas das portas: imóvel, como uma árvore sobre as raízes, ondula e rumoreja, dá a sua folha ou o seu fruto, derrama a sua curta sombra sobre o seu curto chão, e na mesma imobilidade, direito sobre as raízes, murcha, caduca e perece. O espírito, porém, que incita o homem a deixar a quietação do banco do seu jardim, a trepar a um muro escorregadio, a espreitar o jardim vizinho, possui já uma estimável força de vivacidade indagadora — e a tendência que o moveu é essencialmente idêntica à tendência que, noutro tempo, levara outro homem a subir às rochas de Sagres, para contemplar com sublime ansiedade as neblinas atlânticas. Ambos são dois espíritos muito ativos,

almejando por conhecer o mundo e a vida que se estendem para além do seu horizonte e do seu muro.

O valor tão violentamente discordante das obras dependerá apenas do quilate dos dois espíritos e das condições em que se exerçam, largas aqui com toda a largueza da omnipotência, mais estreitas além do que a choça de um servo. Um nascido com aladas aspirações de conquista e de fé, trabalhando sobre as energias novas de um povo forte, revelará aos homens o segredo da Terra o outro, de índole peca, enlevado na importância da comadre e da couve, não cessará de esfolar os joelhos, no esforço de trepar aos muros para espiolhar as vidas e as couves alheias. Depois um, ao acompanhamento das liras épicas, penetra

na imortalidade: o outro não passa do muro, onde certamente o apedrejarão. Mas ambos eles, o criador de civilização e o criador de escândalo, obedeceram à mesma energia íntima de iniciativa descobridora. São dois espíritos governados pela curiosidade, «vil curiosidade», como lhe chama Byron, com romântica ignorância... E de resto, sem essa qualidade vil, nunca o primitivo Adão teria emergido da caverna primitiva, e todos nós, mesmo o curiosíssimo Byron, permaneceríamos, através dos tempos, solitários e horrendos trogloditas.

As fadas benéficas, que rodearam o berço de Eduardo Prado, dançando levemente, carregadas de dons, também lhe trouxeram na almofada mais rica esse

dom fecundo da curiosidade. As qualidades primaciais são precoces: o divino Hércules, apenas embrulhado nos seus cueiros pelas luminosas mãos de Alcmena, estrangulou logo, como risonho ensaio de mais altos trabalhos, duas serpentes terríficas. Eduardo Prado começou seguramente por desmanchar e remexer o seu berço, no apetite de conhecer bem o arranjo e a espessura das penas. Afirma Carlyle que o período da curiosidade passou como o período da cavalaria — e que no homem se não mantém, puro e afiado, aquele belo instinto que impele a criança a arrombar os tambores para descobrir o esconderijo do som. Carlyle denegriu sempre o seu tempo... Ainda surgem entre nós alguns magníficos curiosos — como ainda pelas

ruas perpassam paladinos, cuja bengala é realmente uma lança disfarçada.

Eduardo Prado conservou esplendidamente o instinto: na sua mocidade, como já outro descobrira a América, não sei se escutou muito às portas do saber: mas, concluído aquele bacharelato que nos países latinos se tornou um complemento do batismo, logo anelou por escutar e olhar, para além do seu bocado de América, a Terra toda, em toda a sua falada redondeza. Este desinquieto desejo não escasseia entre os civilizados — agora que percorrer o mundo já não é, como no século XV, empreendimento de grande confusão, alarido e dano. Com todos os nossos mares aclarados, nenhum tenebroso, e divertidos hotéis boiantes para os

atravessar, providos de adega e de inglesas sensíveis — milhares de sujeitos, constituindo já uma classe, possuindo já um rótulo, *globetrotters* (trotadores do globo), trotam, assobiam, dão vivamente a volta ao mundo, com a facilidade, se não com a filosofia, do fino De Maistre dando a volta ao seu quarto. Mas estes sujeitos trotam pelo gosto corporal de trotar, «para se dissiparem, não para se acrescentarem», segundo a forte expressão eclesiástica; e no seu trote contínuo através dos continentes vão assobiando, porque não vão pensando. Na realidade são vagabundos.

Prado foi um viajante do tipo pensativo de Anacársis (sem a sua austeridade e a sua facúndia, louvado Deus!). Viajou vastamente, viajou

intensamente: não como vagabundo, mas como filósofo, para quem o mundo constitui aquele livro que louva Descartes, o mais proveitoso de folhear, ainda que o mais dificultoso de compreender, porque esse vive e os outros livros são almas embalsamadas. Toda a Europa, a Arábia, a Palestina, o Egito, a Índia, a Austrália, as duas Américas, as ilhas do Pacífico, terras fortemente estudadas, finamente assimiladas, lhe penetraram no espírito para sempre — e, como aquele de quem cantou o poeta, também ele traz «o mundo em si, com as cidades e os homens...»

Ora, tendo recebido simultaneamente das fadas benéficas o dom inestimável de se interessar — Prado, no seu correr do mundo, não se

limitou a contemplar «as faces dos homens e as pedras das cidades». Espíritos que o século aclama, espíritos diligentes e inventivos, se contentaram com esse exame, ligeiro e tão fácil, dos trajes, das arquiteturas, das paisagens, visitando as nações como museus, para gozar formas e cores. Mestre Gautier, um erudito, trilhou a Espanha com amorosa curiosidade sem reparar numa alma — notando apenas pregas de estofos, lavores de pedras, belezas de céus... Prado, ao contrário, com a sua ativa simpatia humana e social, desejou penetrar, penetrou no viver dos homens e no organismo das sociedades. E, pela força dessa simpatia, não resvalou no erro hereditário de viajantes muito ilustres e muito doutos — não desdenhou nunca

costumes ou ideias, simplesmente porque eles divergiam do tipo genérico e mediano da civilização francesa, em que o seu espírito crescera e se formara. Toda a sociedade do século XVIII, composta dos D'AIembert, dos Chamfort, dos Fontenelle, das Madame Geofrin, das Madame de Tencin, exclamava com elegante espanto: «Que esquisitice, haver Persas!» Era esse o tempo em que a França (e com ela a Europa deslumbrada) não compreendia que se fosse humano não se sendo francês. Hoje a Europa já admite que existam Persas e índios — sobretudo para lhes sugar a substância valiosa.

Eduardo Prado, porém, pertence àqueles que não só consideram muito racional, em tão vário universo, a existência dos Persas — mas que

sustentam que os Persas podem ser amados desde que sejam compreendidos. E fervorosamente procurou compreender, e através dessa compreensão amar todos os povos a que aportava — estudando em cada um a virtude, ou a beleza, ou a energia próprias, enternecido aqui pela doçura rural, impressionado além pelo fragor industrial, igualmente partidário do beduíno no seu deserto e do construtor de Glásgua nos seus estaleiros, romano em Roma como manda Santo Anselmo, e tanto deleita, mas hindu na Índia, e tão harmonicamente congénere entre os monges de algum sumido e secular mosteiro do Líbano como entre os faustosos negociantes de lã nos clubes de Melbourne. Para conversar afetuosamente com as nações, como deseja Montaigne —

não se importou jamais que elas fossem amarelas, ou cor de breu, que vestissem cabaia ou jaquetão de cheviote cortado na City, ou nem jaquetão nem cabaia e apenas um colar e uma lança aguda. E assim, de todas as sociedades em que mergulhou, recebeu um ensino inestimável, o mais fecundo e o mais puro, o ensino de que todo este largo mundo é uma pequena cidade, a verdadeira cidade entrevista por Epiteto, onde a diversidade dos hábitos esconde a identidade das almas, e onde Deus só espera que todos os que a habitam verdadeiramente se entreamem, para então a tornar celeste e a habitar Ele também. Se as viagens a todos trazem riqueza intelectual — a Eduardo Prado deram riqueza moral. E eis a vantagem, quando

se trota no globo, de ir mais pensando do que assobiando.

Este mesmo impulso de curiosidade e rápida simpatia humana que espalhou Eduardo Prado através dos continentes, o concentrou no estudo apaixonado da história. E nesta outra peregrinação não se contentou também em observar a fachada monumental dos tempos, feita de reinados, de leis, de tratados, de núpcias, de rebeliões, de guerras, toda salpicada de nomes e datas, com semblantes de heróis em gesso ou mármore: mas penetrou para além da fachada sintética, no esforço de conhecer sobretudo o pensar, o sentir, o viver costumário, o ser moral, a alma palpitante dos tempos. De resto, a história, nessa forma externa, é apenas um seco e

sombrio registo de crimes, desvarios, misérias. Toda ela se compõe, na realidade, das más ações dos grandes homens. Os destruidores, os opressores, os enganadores, os malfeitores, todos «grandes homens», atravancam a superfície da história, bem juntos, a couraça de um roçando na simarra do outro, de modo que o passado inteiro aparece apenas como um grupo das suas desconformes figuras, coroadas, mitradas, inchadas de orgulho. E a história, assim feita, assim lida, é simplesmente uma sátira da humanidade... Ora Eduardo Prado é sobretudo um amigo dos homens. Por isso na história procurou sempre aquele coração íntimo das multidões, que nunca se mostra nos anais e às vezes surge nas anedotas, e que, com a sua eterna

mistura de credulidades, desalentos, terrores, sacrifícios, cóleras, êxtases, mortificações, nos faz fundamente sentir a funda unidade humana, renova através dos séculos a fraternidade das gerações e me torna a mim, que escrevo, um contemporâneo moral dos remotos escribas que gravavam as lendas de Izdubar sobre os tijolos duros da Assíria.

A leitura da história, assim dirigida, desenvolveu nele um dos seus fortes sentimentos inatos — o amor do passado. Eduardo Prado permanece com efeito um devoto das idades antigas — devoção esmorecida, quase desaparecida, neste nosso século XIX, que, por ter surripiado casualmente três ou quatro segredos à Natureza e saber manejar com mais destreza a matéria, e conseguir

alguma aceleração de movimento por meio da água a ferver, e alguma rapidez de transmissão por meio de uma força que não compreende nem domina, se considera excelsamente superior a todos os tempos em que os povos não conversavam por meio de fios de arame. Ah! No século XVII, quando trovejava a contenda sonora «dos antigos e dos modernos» — com que ardor e afã ele correria a proclamar a superioridade dos antigos, apesar de os modernos de então serem Molière, La Fontaine, Bossuet e Corneille! Ainda hoje o julgo capaz de afirmar que o homem de tudo pode rir, pois que «rir é próprio do homem» — exceto dos Gregos e dos Romanos. E, segundo Goethe, nunca um homem revela mais o seu caráter e a sua inteligência —

do que por aquilo que ele considera risível. Mas o seu culto da Antiguidade não se confina, como o de um velho humanista, nas letras clássicas — antes abrange toda a vida antiga, em todas as suas expressões, íntimas ou cerimoniais, desde o gineceu até ao Foro. À maneira de S. Gregório, ele pede certamente a Deus a salvação da alma de Virgílio (que decerto está salva); mas sobretudo lamenta, como Santo Agostinho, que Deus o não destinasse a assistir, misturado entre os senadores ou mesmo suando com a plebe nalguma esquina do Velabro, ao esplendor de um triunfo romano. E um dia me confessava que a sua emoção mais sinceramente intelectual a sentira diante de um bronze — mas esse bronze era a estátua aos pés da qual tombara, nas

pregas bem arranjadas da sua toga, César, apunhalado.

Este culto do passado não só atua sobre o desenvolvimento incansável da sua cultura — mas dirigiu docemente a evolução da sua consciência. E a ele talvez, mais que às influências de educação (e mais decerto que às desilusões do mundo), deve o seu catolicismo, forma em que cristalizou com solidez, e muita transparência, e vigor de detalhes, a religiosidade errante que lhe bastara nos anos de errante mocidade. Como Chateaubriand, que insaciadamente relê e absorve, o que o atraiu no catolicismo foi a sua beleza inefável, a graça das suas criações celestes, a transcendente ternura das suas lendas, o fausto do seu rito, a harmonia das suas

jerarquias, a nobreza da sua unidade, a majestade da sua duração... Decerto não pretendo que Eduardo Prado seja católico — por gosto de antiquário... E de resto outras razões, de temperamento, de cultura, de opinião social, o governam — pois que, dentro da Igreja, mesmo para as necessidades espirituais, sempre prefere, sempre procura, na parte mais rica e mais forte da Igreja, o ministério das congregações militantes. Mas sem dúvida a Beatriz teológica que no meio da sua «estrada» (porque todos a têm, mesmo no bulevar) o tomou pela mão, o iniciou, era criatura toda de beleza — e a augusta poesia do passado cantava na sua voz persuasiva. Ele mesmo reconhece que esta foi a envolvente atração. E ainda recordo a sua impressão assustada quando, uma

noite em que conversámos destes altos interesses da consciência, ele, tomando ao acaso a *Imitação de Cristo*, deparou com esta linha, que lhe pareceu um aviso repreensivo mandado de cima: «Escuta a palavra de Deus pela verdade, não pela beleza! *Veritas est in Scripturis Sanctis quoerenda, non eloquentia.*» Agora está tranquilo e confiado — porque a beleza confortavelmente o conduziu à verdade. Mesmo sem a doçura das amoráveis lendas, sem a majestade secular dos ritos, ele consideraria ainda a Igreja Católica como o mais salutar, mais amável, mais fresco asilo da alma, doente ou sã. E, todavia, se o dogma da Santíssima Trindade, ou outro tão essencial, fosse decretado agora, neste mês de agosto, em concílio ecuménico e lhe chegasse de

Roma num mandamento, com a tinta mal seca, os carimbos do correio ainda frescos, ele acolheria o grande dogma sem entusiasmo, como conceção desautorizada, quase deselegante, por ser tão contemporânea!

A este amor do passado se pode ainda ligar a sua ruidosa cólera quando o Brasil consumou a revolução a que ele meses antes estudara as causas com tanta serenidade e filosófico desinteresse. Sem estimar consideravelmente os métodos do império, Prado amava o trono imperial pela antiguidade que lhe davam, não os anos mas a hereditariedade, a continuidade histórica, como ramo mais poderoso e mais frutífero do velho tronco colonial que apodrecera. Era para ele uma instituição de raiz, de comprida raiz,

funda e largamente mergulhada no solo moral da nação, que ela tornava mais consistente e a que comunicava, como as raízes de um velho roble ao chão em que se cravam, um aspeto de duração e venerável repouso. E quando a soube desarraigada bruscamente, numa madrugada de novembro (e pela ferramenta menos limpa e destra para desarraigar instituições, uma espada), todos os seus fortes sentimentos de patriota, de legista, de intelectual, mesmo de artista, se rebelaram, escandalizados. Com o desaparecimento do império ele temia o desaparecimento do velho Brasil, da sua sociedade esmerada e culta, dos seus costumes graves e doces, da sua disciplina social, da sua segurança legal, da sua harmonia económica, da sua

autoridade entre as nações, de toda aquela ordem formosa que o erguia na América como o representante mais alto da civilização latina.

E a este desaparecimento desastroso ainda acrescia, para o indignar e aterrar, o advento do jacobinismo.

Um dos espíritos mais profundos e decerto o mais lógico da revolução, o homem que na igreja socialista tem a proeminência simultânea de um S. Tomás e de um Santo Agostinho, P. J. Proudhon, encontrara no jacobinismo (através de longos anos de observação experimental) tanta carência de conceito filosófico, tanta hostilidade ao espírito crítico, tanta incompreensão da justiça, tanta desconfiança da liberdade, tanta intolerância terrorista, tanta malícia

inquisitorial, tanta tendência a governar por meio dos instintos e grosseiras paixões, tanto zelo em estreitar e retesar as fórmulas autoritárias, tanta confusão de ciência e consciência, tanto imobilismo intelectual, tanta inconsistência agitadora, tanta arrogância, tanta inveja, tanta garrulice, tanta futilidade — que terminou por considerar seriamente o jacobinismo não como uma doutrina, mas como uma doença maligna do coração e do cérebro!

Mas a estes desagradáveis vícios que lhe analisou, com tristeza e tédio, o grande lógico da Revolução, ainda o jacobinismo junta um outro, abominável para um espírito tradicionalista como o de Prado — a violência iconoclasta. O jacobinismo possuí, por único princípio, um quiproquó — a substituição da

soberania do rei pela soberania do povo. Vive de uma impudente escamotagem de coroas, do salto de uma ficção para outra ficção, de uma mudança de absolutismo — e desastrosa, porque sempre o absolutismo impessoal da multidão será mais rude, fantasista e cruel do que o autoritarismo de um homem, pesado pelas considerações de dinastia e de sociedade e acessível às influências do terror, quando o não seja às da justiça. O jacobino, portanto, também se reclama de um direito divino — que ele denomina direito popular: é o concorrente nato da realeza: e, desde que governa, procede logo, mais por instinto do que por sistema, a destruir toda a obra secular da monarquia. Para ele não há tradição nacional — pois que a nação só

legitimamente data do dia em que ele se coroou e reinou! O seu desejo e interesse seriam anular toda a história. Mas a história é tão indestrutível como o solo; e assim se abaixa o jacobino, na plena força do poder, a derrubar crucifixos, a apear estátuas, a raspar coroas na fachada dos palácios, a mudar nomes nas esquinas das ruas, com aquele fanatismo e zelotismo empolado e minucioso que exasperava Proudhon, e o levou a alcunhar esses sectários amargos de «fariseus da revolução!» A tal seita julgou Prado que ia pertencer a sua pátria, que cinquenta anos de ordem, de trabalho, de cultura, de paz, tinham elevado no mundo. E correndo à *Revista de Portugal*, a denunciar o atentado, obedeceu a um puro instinto... Obedeceu ao instinto de um fino amador

de arte que, avistando um bando bárbaro em torno de um monumento que honra a cidade, com os camartelos erguidos para o destruir — corre à janela, e braceja, e grita, não somente para assustar o bando funesto, mas para despertar a resistência da cidade ultrajada.

Também o culto do passado se revela, em Eduardo Prado, pelo seu carinho quase filial ao velho torrão lusitano. Poucos portugueses amarão Portugal com um amor tão inteligente e crítico, em que não entra sentimento atávico, e que todo ele nasce da observação, da comparação, de um estudo atento feito por meio de jornadas, depois completado por meio de leituras, duas fontes do saber de limpidez desigual, mas ambas agradáveis e recomendadas por

Aristóteles.

Sólido conhecedor da nossa história, mesmo da história anterior às primeiras colonizações do Brasil (porque sobre aquela que se desenrolou depois a sua erudição faz autoridade), tudo o que a ela se prende, como tudo o que se prende à etnografia portuguesa, tradições, lendas, superstições, festas, cantigas, anexins, costumes populares representando estados sociais, velhos casos da vida cerimonial, enredadas genealogias de uma família histórica, o encanta, o apaixona. E a mesma sedução o leva, sempre que aporta à Europa, a percorrer as nossas províncias, familiarmente, de carruagem, como quem visita terra sua, espalhando a atenção com zelo igual pelos monumentos e pelos homens, pelo que se semeia e pelo

que se pensa, tão contente de espírito quando, entre eruditos, consulta os velhos pergaminhos de uma colegiada, como contente de corpo quando entre camponeses, à volta de uma romaria, bebe o fresco vinho verde sob as ramadas do Minho.

Rico de amigos, em Lisboa, por Portugal inteiro, todo o movimento da corte, da sociedade, da política, o interessa — como as oscilantes manobras de um barco onde os seus amigos navegam, uns confiados, outros inquietos... Prado, esse, não receia pelo barco! Especialmente para Portugal, Prado é um imenso otimista, não de um otimismo indulgente e bonacheirão à Pangloss, mas de um otimismo raciocinado, deduzido da história. Ele

pretende que Portugal, sempre, desde Afonso Henriques, viveu enredado em dificuldades — que sempre invariavelmente venceu pela tenacidade, pela coragem, pela destreza, pela adaptação muito elástica a todas as renovações sociais, e também pelo favor da Providência que, desde a planície de Ourique, o vela e o ama. Desta teoria otimista da imortalidade de Portugal tira ele a certeza de ser a nossa terra, além da mais doce e livre, a mais segura de habitar. Mas no seu desejo, agora renovado, de habitar uma quinta em Portugal entra muito o gosto moral de colocar, de ano a ano, a sua vida harmoniosamente num meio onde ele já fixou muito do seu espírito e, pelas simpatias dadas e recebidas, já colocou

uma parte do seu coração. E, de resto, talvez o que o chama assim a Portugal seja esse conjunto de crenças e costumes que em nós persiste porque condiz com o nosso génio nacional, onde ele encontra os moldes ancestrais do seu Brasil, e que do seu Brasil receia desapareçam rápida e tumultuariamente.

Porque a afeição de Prado por Portugal é o complemento natural do seu amor pelo Brasil. E nele esse amor patriótico nunca sofreu diminuição, nem degeneração, bem sólido, bem alto, rijamente cimentado nas profundidades mesmas do seu ser. Há talvez, agora, por vezes, um ténue arrufo quando a sua pátria se abandona ligeiramente a braços que ele imagina não possuírem nem robustez nem perícia. E quando desconfia que esses

braços de mau amparo, de guia incerta, a deixaram tropeçar, rasgar um pouco a túnica frigia, também o atravessa o curto gosto de murmurar: «Aí está! Desgraçadamente eu bem dizia!...» Mas são fugidias sombras... Na realidade, ele permanece o puro e forte patriota que traz sempre da pátria, consigo, não só o espírito, mas a imagem.

As dilatadas viagens, as residências nas capitais de mais sedução, as afeições floridas longe da pátria, têm encontrado nele uma natureza magnificamente impermeável, não já ao cosmopolitismo incompatível com individualidade tão acentuada — mas mesmo àquela influência das civilizações muito fortes, muito criadoras, muito rebrilhantes, que atuam no espírito como o

sol dos países de grande sol atua sobre a pele, tornando uma rósea e nívea filha da Escócia, depois de três anos de Índia, mais morena e mais lânguida que as *bayaderas* do Nepal. Este homem, que há vinte anos trilha o Bulevar, não tem (louvado ele seja, e por tal louvar louve ele a Deus!) um traço mínimo de bulevarismo. E o seu espírito, sempre em movimento dentro do movimento intelectual da França, permanece tão livre e próprio da sua raça como se sobre ele nunca pousasse sequer a sombra amável de uma ideia francesa...

Sim, talvez o antissemitismo! Mas o antissemitismo é uma ideia neogótica, ressuscitada em França e pintada de cores novas, de vermelhões infinitamente artificiais, para ajudar ao assalto do

capitalismo. Ora Prado, nos Judeus, não detesta só o despotismo financeiro — mas também o advento social... Detesta que eles tenha surgido da sordidez do gueto, que não usem sobre a roupa as infamantes rodelas cor de açafrão e que nunca morram em fogueiras cristãs. O seu antissemitismo não o aprendeu com os Franceses depois da Exposição de 1889 — mas no século XIV, com os dominicanos.

Não!, não há nele nenhum francesismo — todo ele se apresenta moralmente vernáculo. Até esta civilização, sempre em fermento, o fatiga. E quanto mais rebrilha a atividade social de Paris ou Londres, mais ele lamenta, com fina saudade, o verde-negro sossego do seu Brejão. Talvez mesmo agora nunca

deixasse a sua pátria, se, de ano a ano, franzindo o sobrolho, a sua pátria o não sacudisse para as pátrias alheias. Atravessa então os sertões, sulca três mil léguas de mar incerto, remergulha no bulício europeu, e ao cabo de seis meses recomeça sorrateiramente a refazer as malas para se escapar com delícias para o silêncio dos cafezais.

É que na Europa sobretudo lhe falta terra sua, terra em que brotem frutos seus, terra em que pastem gados seus. Porque este homem de biblioteca é também essencialmente um homem da Natureza — e a ciência formosa «de produzir as risonhas messes, de remexer a terra sob o signo favorável, de multiplicar o armamento, de cuidar da abelha próvida» não tem mais sincero, reverente

amador. Ama a terra não somente pela sua beleza, pela inocência das suas tarefas salutares, pela quietação que ela verte na alma — mas sobretudo pela sua ação libertadora, pois que bem sabe que só vive livre quem dela vive. O fado irónico dispôs que ele habitasse cidades, se enfronhasse em livros, se votasse a teorias económicas, pelejasse por instituições políticas: mas ele paga ao fado irónico com redobrada ironia, cumprindo muito intermitentemente, muito negligentemente, esta missão imposta — e reservando toda a solicitude e continuidade de aplicação para as coisas amadas da Natureza e da terra. É possível que Eduardo Prado esqueça ou mesmo abandone, com risonho e leve gesto, o jornal que fundou, o comício que

convocou — mas à planta que ele plantar não faltará nem adubo, nem sacha, nem rega, nem temos cuidados!

Estas qualidades, a não ser a do patriotismo, não influenciaram, nem se mostram nos seus livros. É que, além de uma *Viagem no Oriente* (repassada de verdade, interessante saber, vigor luminoso), Prado concebeu e trabalhou todos os seus livros num momento de urgência, por impulsivo patriotismo, para atacar ideias ou homens de quem receava a desorganização do Estado, ou para animar aqueles que reagiam contra essa desorganização pela força latente de alguma virtude social.

Assim, a vitória do jacobinismo político e do fanatismo positivista determinaram essas veementes crónicas

de Frederico de S., os *Fastos da Ditadura*, que acompanharão, na história, a ditadura, com um silvar, decerto amortecido, mas perenemente desagradável de látego. Assim as tendências norte-americanistas da república provocaram esse esplêndido libelo, a *Ilusão Americana*, o mais forte que se tem instruído contra a raça neo-anglo-saxónica, tal como a moldou na América um solo novo, o uso muito duro da escravatura, o contacto violento com raças bárbaras, o excesso de democracia utilitária e a carência de uma tradição. E quando, por outro lado, agora que a nação reentra com segurança na normalidade da vida, ele pressente um salutar retrocesso ao idealismo religioso, logo reúne e fortifica as almas, contando ardentemente

a alma de um doce santo, o padre José Anchieta.

Sempre torna a pena num momento de pressa social ou moral — como se agarra uma espada que rechaça ou conduz. Todos os seus livros políticos (desde os *Destinos do Brasil*, perfeito estudo de psicologia social) são pois panfletos, ainda que não se compõem de uma «folha ou folha e meia de papel, repleta de veneno», segundo a famosa definição que deu de panfleto o lendário Artur Bertrand, livreiro, jurado, capitão da milícia nacional e homem excessivamente bem-pensante... E pertencem, portanto, a um «género» superiormente nobre, porque dele se serviram para grandes feitos Proudhon, Pascal, Cícero, S. Basílio, Tertuliano, S. Paulo, é até Isaías e

Ezequiel.

Se não cabem na definição do ilustre Artur os livros de Prado — certamente realizam, e com singular rigor, a definição de panfleto formulada pelo mestre panfletário deste século, P. L. Courier. O que é um panfleto? «Uma ideia muito clara, saída de uma convicção muito forte, rigorosamente deduzida em termos curtos e límpidos, com muitas provas, muitos documentos, muitos exemplos...» Este é, segundo P. L. Courier, um panfleto — e também «a mais corajosa, mais útil, mais pura ação que um homem pode praticar no seu tempo, porque se a ideia é boa derrama verdade, e se má logo aparecerá quem a corrija, e a correção produzirá exame, comparação, contraprova, e portanto aproximação da

verdade!»

Ora, pelo ditame de P. L. Courier, Eduardo Prado é um incomparável mestre do panfleto. Antes de tudo, possui sempre uma convicção forte, de boa raiz, raiz que ora mergulha na razão, ora apenas no sentimento, mas suga sempre num solo vivo. Sem diletantismos letrados, sem necessidade profissional (de resto enleado sempre numa certa indolência contemplativa), ele só se acerca do trabalho por dever, a uma solicitação urgente da consciência. Candidamente e tenazmente julga então possuir a verdade: e, como nos domínios da inteligência, junta muita probidade a muita temeridade — a sua verdade não a vela, nem a limita, nem a adoça, nem lhe mostra só os lados mais amáveis e macios. E a verdade

rompe dele como habita no seu poço, nua, com uma corajosa nudez de selvagem ou de deusa. Depois as suas ideias são muito claras, de uma clareza seca de cristal bem talhado, com finas arestas onde a luz refulge. Confuso nos desejos, nos planos e nos modos, Eduardo Prado é, quando pensa, um lúcido — e não de uma lucidez esparsa, alumiando amplos espaços com tenuidade, mas concreta, por isso mesmo ricamente intensa como um fino dardo que vara horizontes.

A esta clara visão ele junta um raro poder de deduzir, de desfiar, de subtilmente desfiar, e de ligar depois os fios subtis numa trama miúda e resistente que, quando combate, se torna aquela rede de ferro com que os gladiadores no circo imobilizavam para a morte os contendores

— e, quando solicita ou propaga, aquela doce rede de seda aconselhada pelos santos padres para docemente pescar as almas... A todas estas superiores potências junta a potente paciência de esquadrinhar os textos, desenterrar os documentos, amontoar os exemplos, percorrer toda a história e toda a Natureza para recolhei um facto, um precedente, uma analogia — de sorte que a sua lógica, bem armada e destra, sempre combate sobre uma maciça, formidável muralha de prova. E em todo este esforço é ajudado por uma memória de prodigiosa diligência e segurança. Ora a memória é a décima musa — ou talvez a mãe das musas.

A sua maneira de utilizar estes dons, o seu estilo, é o melhor, o mais adequado a um publicista — e participa

superiormente da natureza desses dons. E limpo, transparente, seco, quase nu, sem roupagens roçagantes e bordadas que lhe embaracem a carreira destra ou deformem as linhas puras ao raciocínio. Não há nele molezas, repousos, tendências a vaguear e a cismar — mas sempre o mesmo ímpeto elástico o anima e arremessa. Ainda menos tenta essas fugas vistosas, de foguete que estala nos ares — cuidadoso em nunca perder o solo maciço da realidade que a todos, como a Anteu, comunica força invencível: e quando por vezes atinge essa plenitude e abundância sonora que se chama a eloquência é porque inesperadamente o exaltou a grandeza da verdade entrevista, um arranque generoso de indignação, alguma brusca emoção de piedade, ou aquela

segura proximidade do triunfo que solta todo o som aos clarins. Dentro de um tal estilo toda a expressão cabe, porque a sua ductilidade se presta tanto à grossa risada como ao soluço lírico. E Eduardo Prado para tudo o faz servir: lutando ou doutrinando, segundo a necessidade da causa santa, ele emprega a ironia alada, o sarcasmo estridente, a prédica catedrática e de toga, a murmuração familiar em chinelos, a rápida e remexida rebusca dos factos, e mesmo a compassada e ponderosa procissão das teorias.

A este estilo falta naturalmente aquela luminosa e ondulosa harmonia que os Gregos amavam e chamavam *euritmia*. Porquê? Porque todos os seus livros são guerras — e ele é, intelectualmente, um guerrilheiro. Logo, desde a primeira

página, ao primeiro frémito, as ideias alçam o seu pendão, as ironias despedem a sua flecha, os argumentos brandem a sua clava, as citações clamam, as cifras silvam — e na pressa a excitação da lide tudo rompe um pouco tumultuariamente, num arranque para avante, contra a coisa detestada que urge demolir!... E mesmo, quando em dias de paz, recolhido e quase ajoelhado, glorifica, como na apologia do padre Anchieta, ainda alguma confusão se estabelece no seu estilo — mas docemente alvoroçada e enternecida, como a de turba piedosa que se empurra para um altar amado. É que os seus livros são sempre atos intensamente vivos — ora uma hoste em marcha, ora um povo em prece.

Não contei, depois de tanto contar,

o seu mais cativante dom — o seu espírito de sociabilidade. Eduardo Prado é uma alma superiormente sociável. E decerto esta superioridade ressalta com brilho inegável de sol, pois que os amigos, os indiferentes, os que o praticam desde longos anos, os que o conheceram durante uma curta tarde, os que ele favoreceu, os que ele despeitou, os que só dele colheram carinho, os que só dele receberam sarcasmo, todos se juntam para afirmar que — pela inata alegria, pela vivacidade inventiva, pela veia ricamente cómica, pela abundância e delicioso humorismo da anedota, pela simplicidade que se pueriliza permanecendo fina, pelo elegante desdém da ostentação, pela bendita facilidade em se interessar, pela prontidão do entusiasmo, pela inteligente

mansidão, pelo apego afetivo, não há mais desejável companheiro! Meu Deus! Bem sei que tal elogio se tem gravado sob a imagem de muitos ilustres malfeitores. Mas vede! A qualidade sociável que merecera o louvor esbateu, recuou para um piedoso esquecimento os malefícios ilustres, e só ela ficou gravada e lembrada. É que as grandes virtudes, como nos ensinou Platão, são para os grandes dias — e uma doce sociabilidade serve para todos os pequenos dias, neste nosso pequeno mundo, e de cada dia pequeno faz uma larga doçura.

Eis aqui, pois, um brasileiro singularmente interessante, que na verdade honra o Brasil. E eu, meramente arrolando, sem as estudar, algumas das qualidades, doces ou fortes, que ele

herdou da sua raça, e a que deu relevo e rebrilho todo seu, sinto a dupla felicidade de louvar, através de homem que tanto prezo, terra que tanto amo!

ÚLTIMAS PÁGINAS

Primeira edição: 1912

Lendas de Santos

S. Cristóvão

1

Um dia, numa floresta, ao entardecer, quando por sob as frondes ressoavam as buzinas dos porqueiros, e lentamente na copa alta dos carvalhos se calavam as gralhas, um lenhador, um servo, de surrão de estamenha, que rijamente trabalhara no souto desde o cantar da calhandra, prendeu a machada ao cinto de couro, e, com a sua égua carregada de lenha, recolheu, pelos caminhos da aldeia, ao castelo do seu senhor.

Diante de cada cruz pregada nos troncos da mata, tirava o seu barrete de pele de coelho, rezava uma ave-maria. Ao passar na lagoa, mais reluzente, sob a amarelidão da tarde entre os seus altos canaviais, que uma moeda de ouro nova, deixou um molho de carqueja e de achas para o ermita, que ali erguera a sua choça de rama. E adiante, num pinheiral, apesar de já luzir no alto a estrelinha da tarde, e o bom trabalhador ter fome, parou até encher o saco de uma velhinha que, tremendo, e arrimada a um bordão, apanhava agulhas e pinhas. A velha murmurou: «Deus te dê alegria em tua casa!»

Longamente ainda, ora por caminhos claros que soavam como lajes, ora sob a ramaria alta, por veredas fofas

de musgo, tilitavam no silêncio e na penumbra os guizos da égua. E a noite cerrava-se, quando para além de uma ponte de tabuado que tremia sobre uma torrente, seca por aquele lento agosto, o povoado apareceu entre o arvoredo do vale, com a capela branca e toda nova que o senhor do castelo andava erguendo a S. Cosme.

O lenhador, com a sua égua, meteu por uma longa alameda de faias, atrás de um carro que chiava lentamente, carregado de mato. A estacada, que outrora cercava a aldeia, apodrecera sob os sóis, sob as chuvas, ao abandono, durante os longos e fartos anos de paz: e as cabanas repousavam entre os pomares, em segurança e fartura. Dos tetos, bem cobertos de colmo, seguros por lascas de

lousa, subia o fumo lento e cheiroso das pinhas e das agulhas ardendo com abundância nas lareiras. Em todas as cortes grunhiam porcos. Pelas quelhas mais escuras, as raparigas passavam para os serões, sem temor, com a sua roca à cintura. Por trás dos muros de adobe, morria o murmúrio dormente dos terços e das coroas rezadas em coro, nas contas. Raramente um rafeiro latia por trás da cancela ou das sebes. No adro, o forno senhorial ainda ardia, tanta era a fartura do pão a cozer. E junto da fonte toldada pelas ramagens de um ulmeiro, no banco de pedra onde aos domingos os velhos vinham julgar os pleitos de gados ou de águas, os dois archeiros do castelo, que todas as noites rondavam a aldeia, dormiam sem cuidados como frades, com

os seus arcos caídos no chão.

Lentamente, ao rumor lento dos guizos, o bom lenhador e a sua égua passaram, ao fim do povoado, a alta taberna do Galo Preto, que estendia através da estrada a sua comprida vara enfeitada de louro. Dois romeiros, com vieiras na murça de burel, bebiam à porta por grossos pichéis de estanho. Dentro um pobre menestrel, de longa guedelha caída sobre o gibão em farrapos, tangia a sua viola de três cordas: e um frade mendicante com a sacola sobre os joelhos, um caldeireiro com os tachos de latão e a ferramenta pousada ao lado no chão de terra negra, jogavam os dados sobre um banco, na penumbra das grossas pipas, que tinham todas uma cruz branca, para que os maus espíritos não azedassem

o vinho.

O bom lenhador apressava a sua égua: e bem depressa, do alto de um cerro coberto de azinheiras, avistou em baixo o rio, o largo rio escuro que corria, mudamente, sob os quatro arcos de uma velha ponte romana, que tinha ao meio uma capelinha nova, onde palidamente, na névoa húmida, bruxuleava uma lâmpada. Para além, na outra margem, era uma longa colina suave, onde se erguia, acompanhado de arvoredos e cercado de muralhas como uma cidadela, um mosteiro rico de Domínicos.

Mas, descendo o cerro, o caminho estreito, por onde, sob a estrelada mudez da noite, iam tilintando os guizos da égua, corria fundo e negro entre altos barrancos. E como aí, por vezes, de noite, aparecia

um estranho pastor, de cabelos cor de fogo, e seguido por dois lobos familiares, o bom lenhador murmurou, voltado para o santo lugar onde nasce a estrelinha de alva, o nome do anjo Gabriel.

Depois, sem temor, atravessou o pinheiral. Já então trilhava as terras do solar do seu senhor. Vastos pastios de gado, campos onde se fizera a ceifa, desciam até ao rio, que um choupal bordava, escuro e cheio de rouxinóis. E sobre um forte outeiro, logo o castelo apareceu, negro, formidável, com altas muralhas, os grandes cata-ventos em forma de dragões e de aves heráldicas no cimo de cada torre, e, na mais alta, a chama clara do seu alto farol.

Uma calçada de grossas lajes, orlada de faias, conduzia ao terreiro, para

onde abria, sob a torre de menagem, a estreita porta chapeada de ferro e a ponte levadiça, que sempre descida, naqueles doces anos de paz, tinha as cadeias de ferro enferrujadas. De um lado do terreiro havia um pequeno alpendre, coberto de rama, onde se vendia, à vasilha, o bom vinho branco das vinhas senhoriais. Do outro lado, negrejavam os grossos barrotes das forcas patibulares. Um velho olmo assombreava o banco de pedra, onde, pelas tardes de verão, o senhor vinha julgar os delitos, receber vassalagens, ou marcar as portagens devidas pelos mercadores que, com longas récuas de machos carregados, passavam por dentro das suas terras. Nenhuma claridade saía das janelas das torres, mais esguias que fendas. As rãs

coaxavam na água negra dos fossos.

O bom lenhador costeou as compridas muralhas, onde por vezes uma mancha mais clara, na pedra negra, era como uma cicatriz de batalha numa face requeimada; e passando pela alta cancela de uma sebe, que ao longe se perdia nos prados escuros, penetrou por uma estreita poterna, aberta na muralha como uma fenda abobadada, e guardada por um cão enorme, cuja corrente de ferro arrastava nas lajes.

Dentro, no vasto recinto murado, para além de um poço de bordas baixas, encimado por um pombal, a casa senhorial erguia a sua fachada simples e severa, de onde saía, através dos vidros miúdos encaixilhados em chumbo, a claridade pálida dos brandões da sala, ao

lado da luz mais vermelha das cozinhas. Um torreão redondo, com balcão, erguia a uma esquina o seu agudo teto de escamas de lousa, encimado por um vasto cata-vento em forma de bandeira desdobrada. Aos cantos da casa, esguios dragões alados voltavam para o pátio as goelas escancaradas, por onde as chuvas se escoavam nos regueiros da cisterna. E a lanterna de um servo, que passava sobre o terraço, alumiava grossas filas de abóboras pousadas no parapeito, secando ao sol.

O bom lenhador descarregou a égua na tercena da lenha. Depois, tirando o seu barrete de pele de coelho, empurrou a grossa porta da cozinha, armada de puas de ferro. Sob a chaminé, enfeitada de réstias de cebola e de ramos de louro

seco, tão vasta que abrigava, de cada lado da lareira, um longo banco de carvalho, uma chama clara de troncos, ardendo sobre brasido, alumiava as paredes caiadas, onde pendiam de ganchos de ferro odres de vinho, caldeirões reluzentes, e os sacos de especiarias. Com o seu longo avental de couro, um barrete de couro na cabeça rapada, o mestre cortava, sobre um cepo imenso de pau, um anho esfolado. Um servente, de braços nus, regava de molho, com uma longa colher de ferro, as grossas peças de carne que assavam nos espetos, mais longos que lanças de guerra. Dois lebréus brancos enroscados dormiam diante do lume. E rente do muro, sentados em tripeças, já os moços das abegoarias, os pastores, os cordoeiros, esperavam a ceia, calados,

com os seus gorros na mão.

Mas um pajem, de longos cabelos encaracolados, e trazendo um jarro lavrado, ergueu ao fundo a grossa cortina de estamenha, que tapava uma imensa porta em arco, ornada com duas cabeças de lobos. E o bom lenhador dobrou humildemente o joelho, entrevendo para além, já alumiada para a ceia, por tochas de cera, a sala senhorial: a vasta mesa tapetada de ervas frescas; as duas lanças transversais por cima, suspensas do teto por correntes de ferro, carregadas de grossos pães de sêmea; a alta cadeira de espaldar, no topo, encimada por um alto brasão, tendo ao lado um poleiro onde dormiam dois falcões; a imensa chaminé de pedra, ao fundo, com figuras em relevo que agitavam armas. Todos os servos se

tinham erguido. E quase imediatamente, arrastando os seus sapatos de pano amarelo, o despenseiro apareceu, calvo e gordo, com o seu molho de chaves. Era ele que distribuía as rações aos pastores, aos cordoeiros, aos tosquiadores, aos forneiros, e aos outros servos do domínio que não ceavam nas cozinhas do solar: e bem depressa o bom lenhador recebeu no seu saco de estopa o pão de sêmea, o pichel de vinho, e a posta de carne salgada, devida nos dias de grande corte.

De novo o bom lenhador empurrou, sem ruído e humildemente, a porta da cozinha. Passou a poterna da muralha, que abria para os jardins e para o jogo da bola. Atravessou a rua de limoeiros que dividia os jardins e o pomar, onde docemente cantavam na

sombra os repuxos e a água das regas; ladeou a casa do cabanal e a eira, alvejando, toda caiada de fresco, sobre a claridade das estrelas; e passando entre as abegoarias e a liça dos pajens, que desenrolava entre mastros enfeitados de bandeirolas a sua pista arada de saibro, saiu por uma porta da alta estacada, que circundava a quinta senhorial. Para além eram vastos prados, pastagens descendo até ao rio, onde uma larga avenida de olmos abrigava a cordoaria do castelo. Um outro cerrado de sebe espinhosa cercava estas fartas dependências rurais, defendidas ainda por armadilhas para os lobos, valas eriçadas de puas, e pequenas torres de adobe onde ardia uma lanterna.

O bom lenhador passou esta sebe, e meteu pelas azinhagas, a caminho da sua

cabana, aninhada entre os pinheiros e faias à orla da floresta, que, desde os coutos onde ele todo o dia trabalhava, vinha pelo interior das terras vestindo vale e monte. Por entre os troncos dos pinheiros mansos, o largo rio alvejava em baixo à claridade das estrelas. Os pirilampos faiscavam na ponta das sebes. Um aroma de madressilva adoçava o ar.

O bom lenhador atravessou, sobre uma ponte feita de troncos, um riacho que saltava entre rochas, onde os pajens da castelania vinham pescar trutas. Um rouxinol cantava em baixo entre a ramaria dos choupos. Adiante havia uma cruz de pedra coberta de heras, que tinha um braço partido. Piedosamente o bom lenhador tirou o seu barrete de pele de coelho. O seu coração simples, nessa

noite, sentia como um contentamento desacostumado. Ouvindo o sino do mosteiro, que nas colinas além do rio tocava a vésperas, murmurou uma salve-rainha, com uma devoção maior, certo de que a Virgem o escutava, debruçada do Céu, toucada de todas aquelas estrelas que rebrilhavam mais que o ouro. Já, a distância, sob o céu pálido, se arredondavam os cimos dos arvoredos, onde se escondia a sua cabana. A mulher, a boa companheira, esperava por ele fiando à lareira. Estugou o passo e, subitamente, da sombra de um chorão debruçado à beira do caminho, surgiu um moço, de olhos brilhantes como lumes, coberto com uma túnica branca, encostado a uma vara branca, que parou diante dele, e disse sorrindo:

— Entra contente na tua morada, que teu filho há de ser um grande santo!

E subitamente desapareceu. Um aroma vivo, como de incenso misturado a cravos, passou de leve no ar. E as relvas altas do prado ondeavam, dobradas, como se as roçasse um manto de seda fina.

O bom lenhador ficara imóvel, tremendo, na sombra que se adensou, mais cerrada, sob as ramagens das faias. E mal compreendia a quem tão docemente falara aquele moço, de olhos mais claros que lumes de altar. A sua boa companheira não lhe dera ainda um filho naqueles longos anos, tão serenamente passados, desde a manhã de Natal em que por sobre a neve dura brilhando ao sol, ao fino som da rabeca que o menestrel tangia, coroada de rosas, ele a trouxera à cabana

construída por suas mãos, com a madeira por suas mãos rachada. Como poderia, pois, no seu lar que nenhum riso de criança alegrava, crescer, para sua glória, um grande santo?... Arrepiado, penetrou por sob a ramaria, espreitando, escutando, na esperança e no terror de surpreender ainda uma claridade, um rumor daquele mensageiro estranho, que vestia de branco como os anjos. Todo o bosque estava mudo e ermo. Então entrou na sua alma simples um grande medo de todos os seres invisíveis que, vindos do Céu, ou vindos do Inferno, de repente surgem nos caminhos escuros. Começou a correr por uma estreita azinhaga até aos castanheiros que abrigavam a sua cabana. Uma fenda de luz saía da porta, entreaberta à frescura doce da noite. O rafeiro que a guardava,

com a sua coleira eriçada de pregos, latiu alegremente. Entrou, limpando na face o suor que o alagava.

Sentada à lareira numa tripeça, a sua boa companheira esperava, fiando. A panela de ferro fervia, suspensa por uma corrente sobre o lume. A um canto da arca, as malgas vidradas, as canecas de estanho reluziam bem limpas. Sobre a palhoça do catre, o lençol de estopa era branco e fresco. Todo o dia a boa companheira lidara para o asseio do seu lar. O lenhador pendurou junto à chaminé o seu machado, e, nem à ceia, nem deitado junto dela no catre, revelou à mulher o encontro com aquele moço de olhos resplandecentes. Receava que ela, tão séria e justa, repreendesse o seu orgulho. Por que mandaria Deus um anjo, com tão

maravilhoso recado, a um rude servo, de saião de estamenha? Decerto não fora a ele que o moço, brilhante de claridade, anunciara a santidade de um filho... Se Deus os tivesse escolhido para tão grande ventura, não seria por ele, rude como os troncos da sua mata, mas pela sua boa companheira, tão séria, diligente no trabalho, clara de alma, compassiva aos mais pobres, sempre alegre, e tão leal! Nela e não nele estavam decerto os méritos divinos.

E enquanto ela, direita, robusta, e corada como uma maçã, enchia as malgas da ceia, o lenhador sentia abrir-se no seu coração, como uma flor que sob o orvalho reflorescesse, uma ternura doce e melhor por aquela que, em tantos anos, tornara a sua pobre cabana lugar mais apetecível

que a casa rica de um senescal ou o castelo do seu senhor.

2

Era o tempo das vindimas nas vinhas da castelania. Uma manhã, cedo, ao cantar das calhandras, quando o bom lenhador prendia ao cinto o seu machado, partindo para o castelo onde ia rachar a lenha miúda, a sua companheira, que se sentara na arca com os braços cruzados, disse de repente, toda séria e vermelha:

— Meu homem, vamos ter um filho.

Ele ficou diante dela, mudo, como

no espanto de um milagre. Depois balbuciou, pediu uma certeza. Ela estava tão segura, que já na véspera, enquanto ele andava trabalhando no souto, fora ao mosteiro comungar, para que a Santa Hóstia fosse o primeiro alimento da criancinha que em si trazia, e que assim recebia logo o corpo e o sangue de Jesus. O bom lenhador tornou a emudecer, como deslumbrado, coçando a barba rude. Então a boa companheira, pensando que ele, assim silencioso, se amargurava n'alma com aquele filho que vinha para ser, como eles, um servo, preso àquela terra de florestas como qualquer carvalho que só serve para render, e quando não rende se abate, lembrou quanto a vida servil era fácil e branda nos domínios do bom castelão. Já tão velho, paternal, o

bom senhor amava os seus servos, e velava por eles como searas dos seus campos. Havia tantos anos que as masmorras estavam vazias, que o senescal perdera as chaves. Sempre que os homens eram chamados para compor os telhados ou limpar os fossos, voltavam contentes com um bom salário. Quando, montado na sua mula, percorria as terras, parava a aconselhar os trabalhadores, sem mesmo consentir, nos dias de vento, que eles tirassem os seus barretes. O preço da moagem, e o da fornada, no moinho e no forno senhoriais, fora por ele abaixado... E a boa menina, a herdeira daquele domínio, onde haveria outra tão caridosa e suave? Era ela que ligava, com os seus dedos mais brancos que os de uma Nossa Senhora, as feridas dos pegureiros. Se a

ventania levava o colmo de uma cabana, logo ela o mandava consertar. Nos grandes frios, distribuía pelos velhos vinho antigo e peles de carneiro... Se a vida era assim fácil e branda na castelania, bem podiam eles estar contentes com o filho que lhes nascia, para ser um servo contente sob aqueles bons senhores.

— Não é verdade, meu homem?

A face do lenhador resplandecia, como um ouro sem liga sob um raio de sol.

— Bendito seja Deus por eu te ter conhecido, mulher!

Apertou fortemente nos braços a companheira valente, e partiu para o trabalho. Pelo caminho que levava ao castelo, sorria, vaga e deslumbradamente,

para o céu e para as árvores. E a cada instante lhe alvoroçava a alma aquela promessa lançada, sob a escuridão das faias, pelo moço de olhos resplandecentes. Era esse, pois, o filho anunciado que se devia tornar um grande santo? Quase assustado, não ousava crer num tão maravilhoso favor de Deus. Um servo gerar um santo! Quando o seu Senhor, tão poderoso, doador de capelas, acolhedor de peregrinos, que fora em moço libertar Jesus Cristo da maldade dos Turcos, não lograva o favor de um filho, para governar as suas terras, seria ele, servo rude, de saião de estamenha, rachador de madeira, o escolhido por Deus para dar àquelas gentes o dom maravilhoso de um santo, para as proteger, e chamar sobre elas a amizade

dos Céus? Tal não podia ser, e mesmo em o pensar, em o esperar, ele sentia confusamente o perigo de um orgulho que ofenderia Jesus e os outros santos, e desde logo alhearia a sua proteção do menino que lhe ia nascer.

Decidiu então não pensar mais naquela promessa: mas quando ao recolher à cabana, de noite, passava junto ao bosque de faias, os seus passos, a seu pesar, se tornavam mais lentos, e parava, escutava, com o coração a bater tão fortemente, que as suas pancadas ansiosas eram como as que se dão a uma porta fechada sobre um tesouro. E a mudez, a negrura impassível do bosque davam uma indefinida, fugitiva tristeza ao seu coração, como se uma água fresca, em hora de sede, se lhe secasse entre as

mãos.

Entrando, porém, na cabana, todo ele sorria contente, vendo a sua companheira que fiava já a teia do enxoval. Ele tomava a um canto as madeiras que escolhera com carinho, as ferramentas que lhe emprestara o carpinteiro do castelo, e trabalhava no berço do seu menino: — porque em ambos todas as ocupações, todos os pensamentos eram unicamente em serviço daquele filho, que lhes parecia milagroso e raro como uma estrela que de repente brotasse, e começasse a dardejar os seus raios na ponta de um galho seco. Ambos começavam a ter ambições: ela quereria ser, depois de criar o menino, a tecedeira do castelo: ele pensava no lugar do chefe-mateiro, que estava velho e pedira ao

senhor para repousar. Quando o inverno começou, consideravam mesmo quanto a sua cabana era desabrigada e rude; e o bom mateiro começou todas as manhãs, mal luzia a primeira claridade, a trabalhar nos reparos, pondo colmo novo no teto, tapando fendas, preparando um chão de tabuado, onde mais tarde os pezinhos nus do menino não sentissem a frialdade da terra negra. Depois limpou, areou a horta, que cercou de um silvado, defendendo, isolando mais o seu lar, que ia encerrar um tesouro.

Por vezes a sua companheira queria ajudá-lo nestas tarefas piedosas. Ele não consentia, num receio constante de que se fatigasse, viesse mal àquele corpo precioso, que a seu pesar, por vezes, imaginava escolhido por Deus, e

que contemplava então com pasmo como um relicário numa capela. Era sempre para ela a malga maior, a fatia mais larga de pão, no desejo de a sentir forte, comunicando força ao seu filho; procurava por toda a floresta mel silvestre, para misturar ao vinho que ela bebia aquecido à lareira; e como a moleira do moinho senhorial, junto ao rio, assistia na hora dolorosa a todas as servas da castelania, o pobre mateiro não cessava de a servir, de lhe levar sacos de pinhas, de lhe rachar a lenha, e mesmo, arregaçando as mangas de estamenha, pretendia limpar as rodas da azenha. A boa comadre, cruzando os braços sobre o avental enfarinhado, dava os seus conselhos; e já por ordem dela, o bom mateiro todas as noites, com uma longa

vara, batia as ramas do arvoredo que abrigava a sua cabana, para que não viesse nelas pousar alguma coruja, que, piando de noite, faria nascer a criança medrosa e com os olhos tortos. Mas o seu maior cuidado era queimar na lareira galhos de azinho, para que o leite da mãe fosse abundante e forte.

O inverno no entanto viera, tormentoso e negro: e nos longos crepúsculos, sentados na tripeça, ao lume da lareira, estes dois servos simples pensavam somente no seu filho. Ele contava, recontava na memória as peças de ouro poupadas naqueles longos anos e enterradas debaixo da arca, e noutras ainda que pouparia, para pagar o padre-mestre que ensinasse ao seu filho as letras e o latim... Por que não? Quantos filhos de

servo tinham cantado missa nova! E a seu pesar, aterrado sob o seu orgulho incorrigível, via o seu filho com uma mitra cravejada de ouro, em vestes recamadas de ouro, atravessar sob um pálio os caminhos de aldeia, juncados de rosas e de erva-doce. A mãe, essa, calada, movendo o seu fuso, só via o seu filho pequenino, muito gordo, com a face cheia, lisa, e corada como uma manhã, rindo sobre o seu colo.

Uma noite, que ela assim pensava, adormeceu, fatigada de ter lidado, já pesada, todo aquele dia de abril, quente e longo. E quase imediatamente se viu sentada, no adro da capela, na aldeia, um domingo de festa, no primeiro dia de maio: em volta as raparigas dançavam, ao som da rabeca que tocava um menestrel;

os moços mais fortes lutavam sobre a relva; um servo do castelo vendia vinho de uma grande pipa enfeitada de louro; e um cavaleiro, todo armado, segurava um cavalo de grandes clinas, tão bravo que ninguém o podia montar... E eis que, de repente, o seu filho aparece com um gibão de pano azul, um capuz escarlate como o filho de um mercador, e logo derruba na luta os mais fortes, amansa o corcel indomável, faz empalidecer de amor todas as raparigas só com volver os olhos radiantes, e, tomando a rabeca do menestrel, começa tão divinamente a tanger, que todos os pássaros saíam das ramarias, e vinham, maravilhados, pousar nos seus ombros largos. Ela tremia, num infinito orgulho. E em roda todos, erguendo os barretes, bradavam:

— Eis o mais belo, o mais destro, o mais forte. Seja ele o Rei de maio!

Acordou ao clamor triunfal. O seu homem areava o seu machado. E quando ela, ainda ofegante, lhe contou o seu sonho, ele permaneceu muito tempo pensativo, porque os sonhos são como tapeçarias que os anjos desenrolam e em que estão bordados, em cores claras, os destinos que hão de ser.

Ambos acordavam de manhã, a um grande canto de pássaros, tão alegre e ruidoso como se todas as cotovias e melros, da floresta, estivessem celebrando uma festa sobre o colmo da sua cabana: e em torno ao catre flutuava estranhamente um fresco cheiro de verduras e flores novas. Mas a mulher do lenhador não se podia erguer, num

cansaço que a tornava mais pálida que um linho muito lavado: e bem depressa, gemendo, pediu ao seu homem que fosse buscar a moleira caridosa e hábil, porque chegava a sua hora de glória e de dor. E, ainda gemendo, a boa mulher começou logo a sua oração a Santa Margarida.

Atirando o machado que apertara ao cinto de couro, o bom lenhador correu através dos campos, ansiosamente, pisando sem dor os milhos novos, saltando as sebes em flor. A moleira carregava um saco cheio sobre o seu jumentinho branco. Descarregou logo o saco, saltou ela para sobre o jumento, e através das azinhagas, a moleira galopando, o lenhador correndo, pararam à porta da cabana, quando do seu beiral se erguia, tomando o voo, um casal de

pombas brancas. Era um feliz prenúncio: — e enquanto o lenhador ia prender o jumentinho no eido, a moleira entrou na cabana depois de riscar no chão uma cruz com o pé, murmurando o nome de Santa Margarida. Mas voltou logo, trazendo nas mãos um largo cinto de couro, com que a boa fiandeira apertava as saias, e gritou pelo lenhador, para que ele corresse à capela, atasse o cinto na corda do sino, e repicasse nove repiques, rezando nove ave-marias. Eis de novo o bom lenhador correndo, com o cinto apertado ao peito, preciosamente: desceu aos choupais, frescos e cheios de sombra; correu ao comprido do rio, todo reluzente de sol, que uma grossa barca, com armas de um D. Abade e toda carregada de pipas, subia lentamente à sirga; galgou os lameiros,

onde os gados pastavam, ao som das flautas dos pegureiros; abalou pela estrada, por diante da taberna do Galo Preto, de onde carvoeiros da mata o chamavam, erguendo alegremente os pichéis de estanho... Ele, sem escutar, seguiu: mas teve de parar, de repente, porque dos lados da ponte, com um lampejar de armas e um brilho de sedas claras, desembocava uma rica cavalgada, a caminho do castelo. Um clarim soava triunfalmente; guardas barbudos e graves traziam as lanças erguidas, ao alto; uma bandeira, no ar, desdobrava o seu grande brasão de cores estridentes; os pajens, empoeirados dos caminhos, conduziam à rédea azémolas carregadas de pesados cofres pintados a escarlate e ouro; — e um fidalgo, moço, de barba negra, com um

falcão no punho, ria de cima do seu alto corcel, coberto com um xairel de veludo azul, com um frade que cavalgava ao lado, numa mula toda branca. Galgos ágeis corriam em roda; e um troço de lanças seguia, erguendo grande poeira.

Curvado, cosido contra a sebe espinhosa, com o seu barrete na mão, o bom mateiro saudava humildemente, esperava com o coração a bater de ansiedade. Ao seu lado, outros vilões dobravam o joelho; e um velho alto murmurava que aquele era um barão de outras terras, que chegava para noivar coma a filha do bom castelão. Mas de repente alguns cavaleiros paravam: uma das azémolas, espantada, atirara ao chão os cofres de escarlate e ouro: e um senescal, correndo logo, reclamou todos

os vilões ali juntos para virem erguer os cofres, carregar novamente a azémola. E o bom mateiro lá se adiantou, aflito, com os olhos quase enevoados de lágrimas, mal podendo atar as cordas que prendiam os cofres nas andilhas da azémola. Três vezes o senescal o injuriou. E a sua pobre companheira sofrendo por não repicarem os santos sinos, que amansariam a sua dor!

Mas o animal, carregado de novo, aquietou, levado à rédea pelos pajens; e os cavaleiros trotaram na poeira, que o sol dourava. Então, livre, o lenhador correu desesperadamente à capela que servos do castelo andavam caiando de fresco. Ajudado pelo sacristão, um velho corcunda a quem ele às vezes rachava lenha, atou o cinto de couro à corda

grossa do sino: — e bem depressa, no azul cheio de sol, cantavam alegremente os novos repiques devotos. Para maior segurança acendeu ainda, num altar, duas velas a Santa Margarida. Depois, confiado na misericórdia do Céu, recolheu à sua cabana.

Os olhos quase se lhe enevoavam de lágrimas, quando, da azinhaga por onde ia arquejando, a avistou, sob as grandes árvores. Mas não lhe pareceu nesse instante tão escura e humilde. O sol, que batia em redor nas ramagens, tinha um desacostumado esplendor. A cruz branca, que ele pintara na porta para afugentar os demónios, reluzia, como feita de uma luz clara. Das sebes, a seu lado, saía um aroma mais doce que incenso. As grandes papoilas entre a erva, as flores silvestres,

pareciam maiores, com grandes cores de festa. Regatos que não via borbulhavam alto, com um som fresco de riso.

Ele pasmava desta beleza rara, que nunca vira nestes caminhos familiares. E eis que, subitamente, do lado do rio, rompem, num repique festivo, os grandes sinos do mosteiro, e do lado do castelo a sineta da capela lança também pelo azul um repique argentino. Todo o céu tinha uma alegria de festa. E quando chegou à porta da sua cabana, os pinheiros em redor, movendo as altas ramas, pareciam cantar.

Entrou. Sobre o catre, a sua companheira jazia imóvel, branca como o lençol, já composto e liso, que a cobria. E, diante do lume que estalava, a moleira, abatida sobre uma tripeça, sustentava no

colo o menino, estendido num pano branco... Mas o pobre lenhador, que estendera os braços, como se ante ele se abrissem as portas do Céu, recuou espavorido. O seu filho era um monstro!

Escuro, coberto de uma pele rugosa e áspera; com uma face vaga, informe, onde as feições faziam como vagas protuberâncias nodosas; as mãos enormes enclavinhadas sobre o ventre felpudo; torto das pernas que findavam em dois pés agudos, como os de um fauno, todo ele parecia uma raiz sombria, raiz de árvore estranha, ainda negra da terra negra de que fora arrancada. E nem gemia. Era como o rudimento de um ser vegetal!

Duas lágrimas amargas e lentas rolaram pela barba do bom lenhador. Deu um passo para a beira do catre. Na face

branca, e como morta, da sua companheira, duas lágrimas corriam também, como na amargura de um sonho desfeito.

3

Como aquele ser informe decerto ia morrer, o próprio pai, aterrado e chorando, o batizou, e lhe deu o nome de Cristóvão.

Durante três dias, durante três noites, Cristóvão não mamou, não gemeu, imóvel no berço, que o lenhador e a sua companheira constantemente velavam, numa esperança teimosa, sentindo naquela

pele rugosa e dura o calor de um sangue forte. Uma tarde que ambos cansados tinham adormecido, sentiram subir, de entre os lençóis do berço que rangia, um rumor singular como o lento balar de um anho muito robusto. Cristóvão descerrara as pálpebras moles, e eles viram enfim os seus olhos de um azul-pálido, como a flor da pervinca. A mãe, radiante, arrebatou-o contra o seio que a abundância de leite sufocava: — e em poucos sorvos, largos e fundos, Cristóvão esvaziou um dos peitos.

Começou então a viver de uma vida intensa e rápida. Dormindo, a sua respiração era mais que uma brisa entre ramos; ao acordar os seus gritos abalavam a cabana; e na sua voracidade, sem parar, secava o leite da mãe, chupava através de um pano largos pedaços de mel silvestre,

e ficava trincando com impaciência o dedo que, para o consolar, o pai lhe metia entre as gengivas, mais duras que pedras.

E, no entanto, aquela monstruosidade, que o assemelhava a uma grossa e negra raiz, compunha em formas familiares de um corpo grosseiro, mas humano. A pele, perdida a aspereza negra, era lisa e vermelha como uma casca de maçã: a cabeça emergia dos ombros como numa decisão de começar a vida; e as pernas agora direitas, com dois grandes pés chatos, eram tão fortes que, se as agitava, quase fazia tombar o berço.

E bem depressa, com terror da mãe, não coube no berço. Como era no calor de maio, o bom lenhador fazia com musgo seco, recoberto de um mantéu, um leito na horta, onde o deitavam sob uma

mimosa em flor. Mas Cristóvão rolava para fora do mantéu, procurando a terra quente e mole, onde se estendia, se dilatava com delícia, como num elemento preferido, sorrindo quieto, num sorriso mudo, que deixava já transparecer o brilho de um dente. Começaram então a aparecer, voando, por sobre os legumes da horta, borboletas de cores prodigiosas, como o lenhador nunca vira. Uma roseira seca havia um ano, e que tinha apenas o tronco mirrado, rebentou em grandes rosas que perfumavam todo o ar. Os melros que ali acudiam, fazendo um canto incessante e festivo, emudeciam quando a enorme criança dormia, com os seus grossos punhos fechados. A mimosa, todas as árvores em redor, vieram estendendo as suas ramarias, como toldos de abrigo,

para o lado onde se estendia o mantéu. E um dia a mãe, entreabrindo a porta do eido, avistou, espantada, um enorme veado, que por cima da sebe, com os altos paus entre a folhagem, contemplava Cristóvão, com a gravidade de um avô.

Era então tão pesado que a boa mulher vergava, mal o podia transportar da porta para o berço. E todavia tinha só seis meses. A moleira que parava, com o seu jumentinho carregado de sacos, diante da cabana, para o ver, pasmava das suas cores vermelhas, da sua força, dos seus membros perfeitos e daquele sossego em que permanecia, todo um longo dia de verão, sentado, cravando na mesma pedra ou no mesmo ramo os seus olhos azulados, sem brilho e sem vida. E ela via nesta transformação um milagre de Santa

Ana.

Muito antes do Natal, Cristóvão começou a andar. Já corria toda a horta, era quase da altura da sebe — e se, para se segurar, atirava a mão a um ramo, o ramo rachava como sob o esforço de um homem forte. O pai vivia no encanto e deslumbramento desta força magnífica: — e o seu prazer era contemplar a criança erguendo uma grossa panela de ferro, ou caminhar para a lareira abraçado a duas imensas achas de lenha. Não duvidava que ele viria a ser o homem mais valente de toda a castelania, e já o imaginava soldado, com uma pesada armadura, comandando os terços da castelania. No coração da mãe havia uma surda, vaga tristeza, por aquele crescer maravilhoso de força e de formas. Já o não podia

trazer ao colo; Cristóvão tinha apenas um ano, e já não era o seu menino, o seu pequenino. Os ternos cuidados da sua maternidade eram já para ele inúteis. Não necessitava amparar-lhe os passos, nem meter-lhe na boca a comida. Enorme, tão forte como ela. Cristóvão, quando tinha fome, levantava a tampa da arca e partia ao meio as broas mais duras. O lenhador marcara na parede, com um traço branco, a altura do filho, pelo Natal: — e cada dia os riscos subiam mais alto, quase rente à prateleira da louça. Aos dois anos a sua cabeça pequenina, coberta de uma lã espessa e loura, já dava pelo cinto do lenhador. Os saiozinhos de pano, que ela cosera com tanto amor, jaziam inúteis no fundo da arca, sem que ele tivesse jamais sido bastante pequenino para se mostrar,

com eles, pela sua mão, aos domingos, no adro da aldeia. E quando o via, ainda mudo e inocente como uma criancinha de peito, e já tão grande, enchendo quase a porta da cabana, onde costumava estar horas, parado, a olhar monotonamente o ar e o sol, a pobre mãe, desconsolada, sentia uma lágrima humedecer-lhe a face.

O que a consolava era senti-lo tão manso e doce. Se ela, assustada, lhe tirava o machado do lenhador, que ele gostava de erguer, ou se o afastava do lume, que incessantemente o atraía, ele não mostrava nem resistência nem impaciência. Não era mais inerte um fardo de lã. Permanecia longas horas na tripeça em que o sentava, ou à sombra, debaixo da cerejeira da horta. O seu encanto era ver fiar a mãe, atento profundamente ao rodar, ao cantar

do fuso. E a cada instante lhe tomava a mão, para nela pousar um beijo mudo, sem brilho, que não findava. Ela apertava-o ao seu coração, murmurando, desolada:

Por que não és tu mais pequenino?

E, no entanto, já perto dos quatro anos, não falava. O único som que saía, cavo e grosso, dos seus lábios cor de aurora, era: *Han! Han!* Se tinha sede apontava com um grande dedo, rosnava: *Han! Han!* Para sair mostrava a porta, e grunhia, com os olhos vagos, para a mãe: *Han! Han!* A pobre mulher já perdera a doce esperança de o ouvir jamais chamar *mãe* e *pai*. Já não duvidava de ter concebido um mudo, um imbecil. E na sua dor, num resto de orgulho, não permitia que Cristóvão transpusesse a sebe da horta, descesse abaixo, aos caminhos,

com receio que os trabalhadores da floresta, as vizinhas da aldeia, o encontrassem, descobrissem a sua monstruosidade, lamentassem a tristeza do seu lar.

Mas o que sobretudo a aterrava era a insensibilidade de Cristóvão à dor, como coisa diabólica. Uma vespa mordera-o na face, e ele nem chorava, nem a pele lhe inchara. Sentava-se indiferentemente sobre musgo fresco, ou sobre as selvas espinhosas. E um dia mergulhara a mão na água a ferver, e retirara-a, quieto, como se ela fosse de pedra.

— Ai! Meu homem — murmurava a pobre mãe —, que malogro o nosso!

Ele suspirava, sombriamente. Toda a sua alegria, diante daquela

robustez primeira do filho, tão prometedora, se mudara em dor constante, perante a sua deformidade — porque Cristóvão não falava, tinha a simplicidade de um serzinho no berço, e já lhe dava pelo ombro, forte como ele, com grandes músculos, mãos formidáveis que brandiam no ar a sua machada tão facilmente como uma varinha de olmo. Já não falava no seu filho aos outros servos da castelania, carvoeiros, serradores, companheiros da floresta. Se ao menos Cristóvão falasse, tivesse, naquela estatura de homem, os modos de um homem... Iria com ele para o trabalho, não revelaria a sua idade — e seria como um companheiro moço e robusto que habitava no seu lar. Mas, assim, imenso, com uma vasta face, os ombros de atleta, ele passava horas,

esgaravatando a terra, como uma criancinha, contemplando de rastos o caminhar das formigas, ou, quieto, chupando um dedo.

Já na aldeia, entre os servos do castelo, corria que o filho do lenhador era um monstro. Decerto fora algum feiticeiro, seu inimigo, que assim lhe lançara uma sorte temerosa. E alguns, mais afoitos, vieram rondar, espreitar em torno da cabana de Cristóvão, para ver o enfeitiçado. A pobre mãe, uma tarde, sentira grossas risadas, rente à sebe da horta, adivinhara estas curiosidades que vinham escarnecer a dor do seu lar. Tinha agora sempre fechada aquela porta da sua cabana, tão limpa, tão honesta, e por onde até aí ela deixara passar os olhares de todos, tão livremente como os raios do

Sol. Quando alguma comadre da aldeia, alguma serva do castelo, a chamava de fora, ela, antes de abrir, empurrava para fora, para o escuro das árvores, o seu pobre monstro, que lá ia movendo os pés tardos, com baba ao canto do queixo. O seu desejo seria erguer em torno da sua morada um muro, um alto cerrado de tábuas, que a isolasse de toda a terra. E juntamente sofria em ter assim enclausurado o seu pobre Cristóvão, naqueles escassos palmos de cabana e de horta, em o trazer escondido como um fruto amaldiçoado, de que ela se envergonhava. Toda a sua alma simples e reta andava afogada em tristeza e sombra. E já não duvidava que a monstruosidade do seu filho era o castigo que a Virgem Maria dera ao seu orgulho de mãe. Tão

certa andara de que o seu Cristóvão seria divinamente lindo, como o Menino Jesus que S. José erguia nos braços, que a Virgem se escandalizara no fundo dos Céus. E bem justamente! Como poderia o fruto, de um ventre servil, ser igual em beleza ao fruto de um ventre divino?

Uma tarde que assim pensava, movendo o seu fuso, sentiu na horta um rumor, e como pedras batendo a folhagem da cerejeira. Inquieta, abriu o loquete, e viu três pajens do castelo que por trás da sebe, joviais e cruéis, escarneciam o seu filho, e lhe atiravam, como a um bicho numa toca, pedras e torrões secos. E Cristóvão, mais forte que os pajens, mas sem compreender, apenas erguia a mão ante a face, imóvel no meio da horta assoalhada. Ela arrebatou-o

desesperadamente para dentro, atirou a porta, enquanto os pajens, ofendidos com a audácia da serva, apedrejavam os muros da cabana. Desde esse dia a pobre mãe começou a definhar. Era uma dor surda, um desconsolo de tudo, que a deixava longas tardes imóvel, com a roca esquecida na cinta, o fuso caído no chão, perdida, entorpecida numa melancolia sem fim e sem nome. Todo o trabalho lhe pesava como um fardo inútil. Quase lhe custava a vestir Cristóvão, que nem o seu grosso gibão de estamenha sabia enfiar, e que quase fazia corar a pobre mãe, com o seu enorme corpo nu, grande como o dela, e que lhe parecia a nudez de um estranho, de um homem, que invadira o seu lar. A noite, silenciosa e pálida, repelia a sua malga de caldo, que Cristóvão logo

devorava em silêncio. E não queria que o seu homem, assustado, chamasse o físico do castelo. Para quê? «O meu mal», murmurava, «há de *crescer*, e *crescer*...» As tardes na cabana eram tristes como as de um hospital. Tão fraca que se não podia mover do catre, ela contemplava o seu homem, sentado ao lado, com um longo olhar de saudade, o olhar humedecido de quem vai partir. Ele, com as mãos entre as suas, só instava para que ela experimentasse algum dos remédios, que aconselhava a moleira, contra aquela míngua de corpo: e para o contentar, ela acedeu a atar ao pescoço um saco onde estava metida uma rã e a comer um caldo de margaridas apanhadas à Lua cheia. Mas, sem dor, sem agonia, o seu pobre corpo ia como que desaparecendo, tão

magro e transparente, que ela via a vermelhidão da lareira através das mãos abertas.

Desde que eia adoecera, Cristóvão não abandonara a beira do catre, pasmando para a mãe, ansiosamente, como no esforço de compreender por que ficava ela deitada e de olhos adormecidos, quando o sol envolvia a cabana, e até as árvores tinham acordado. Por vezes, tocava-lhe o braço, o ombro, com um pequenino gemido, triste. Ela murmurava, com toda a sua alma: — «Meu pobre filho! Meu pobre filho!» Mas voltava o rosto amargamente, se o via ir, com os seus passos lentos e balançados de urso doméstico, erguer com uma só mão a pesada bilha de água, esvaziá-la de um trago.

Era então o fim do outono. Já o lenhador, ao recolher, sacudia o saião, todo molhado da humidade da floresta: e um grande vento por vezes gemia nos pinheirais. Toda a noite a candeia ficava acesa. Numa enxerga, ao lado da lareira, Cristóvão dormia sobre peles de cabra, fazendo um grande vulto na sombra, ressonando tão fortemente como uma forja. E a pobre mulher, o homem ao lado, sentado na tripeça, entorpecido de fadiga e de sono, não dormia, pensando no abandono e na tristeza em que cairia aquela pobre cabana, de que ela fizera um ninho tão doce! Quem cozinharia a sopa do seu homem, quem trataria daquele pobre monstro, que nem sabia enfiar o seu gibão? Um grande soluço sacudia o seu peito magro: — e o lenhador,

despertando, estremunhado, arranjava a manta que cobria o catre, ou ia remexer as brasas da lenha.

Uma noite, em que havia um grande silêncio no arvoredo e no ar, porque caía a neve, ela sentiu um grande frio que lhe passava no rosto, e através do desmaio que a tomava, estendeu a mão, apalpando para dizer para sempre adeus ao seu homem. E os seus olhos vagos e lentos encontraram então os olhos do seu Cristóvão, que se erguera, embrulhado numa pele de cabra, e estava aos pés do catre, atento, e como esperando, num espanto. Moveu os lábios para lhe pedir que se deitasse, se agasalhasse, mas só pôde suspirar, desfalecida... E pareceu-lhe que, diante, o seu filho começava a crescer visivelmente; já os seus cabelos

ruivos tocavam o teto da cabana: o colmo esgaçou, e, através da abertura, Cristóvão crescia para o céu mais alto que os pinheiros, já com a face perdida entre os flocos de neve; e tão feio e monstruoso que as estrelas fugiam pelo ar, como almas assustadas. Deu um grito. O pobre lenhador despertou, debruçado logo sobre ela, a tremer. A sua companheira parecia adormecida. Então Cristóvão veio lentamente em torno do catre, e pondo as mãos, de leve, sobre os cabelos que um suor humedecia, gritou:

— Ó mãezinha, mãezinha, não durmas!

Cristóvão falara! O seu filho falava! Um rubor de infinito contentamento subiu-lhe ao rosto macerado, que ficou imóvel, sorrindo: —

e a boa fiandeira partia desta terra, para além...

4

A cerejeira na horta estava coberta de cerejas: o lenhador outra vez trabalhava nos soutos, desde o cantar da calhandra: — e a viúva de um carvoeiro da mata vinha, todos os dias, cuidar da cabana e guardar Cristóvão. Era uma velha muito magra e sombria, que surdia de entre os pinheiros, encostada a um bordão, acompanhada por um gato negro. Nos primeiros dias, a cada passo, agachada sobre o lume, ou fiando à porta,

voltava para os membros imensos de Cristóvão com inquietação os seus olhinhos luzidios, que os grossos pelos das sobrancelhas cobriam. Aquele ser disforme, que o pai chamava «o menininho», e que ela vinha guardar, enchia-a de espanto, quando erguia até à boca o enorme cântaro cheio de água, ou tapava toda a porta da horta, parado, a chupar o dedo, a olhar para o Sol. Debalde o bom lenhador lhe afiançara a sua mansidão, a sua simplicidade: a velha serradeira temia aquela mansidão muda, como uma toca escura e sem ruído, de onde pode surdir uma fera. Mas quando, durante longos dias, ela o viu quieto sob a cerejeira, sorrindo às formigas que lhe trepavam pelas pernas já peludas, ou, encruzado diante da horta, pasmar,

chupando um dedo, para o fuso que ela fiava — a velha reconheceu a sua simplicidade, e considerou que ele era como um animal caseiro, porco gordo ou borrego, que pertencesse à choupana. Para não sentir mesmo pousados nela aqueles olhos azulados e sem brilho, e aquele corpo disforme atravancando a cabana, tapando a luz, empurrava-o para a horta, e lá lhe levava, ao bater do meio-dia, a sopa e a ração de broa, numa grande malga, que pousava no chão: e Cristóvão ali passava os seus dias, sentado, remexendo a terra com os dedos lentos e vagos, seguindo o ramalhar das folhas, ou, a passos lentos, rente da sebe, alongava para os campos, para os arvoredos de além, o olhar pasmado e sem brilho, com a quietação do boi farto. A serradeira, no

entanto, varria o chão, areava as ferragens do armário, batia o colchão do catre, ou sentada à porta fiava até que, às Trindades, soavam no caminho os guizos da égua branca, que o bom lenhador trazia à rédea.

Logo à porta a velha, apertando as mãos, contava como Cristóvão se conservava quieto, e tão bom, brincando na horta ou atento às histórias, que ela sabia, de fadas e de mouros. O lenhador coçava a barba, contente: — e Cristóvão, diante da lareira, onde a lenha estalava, sorria pasmadamente, sacudindo as mãos cheias de terra.

Quando os frios vieram, a serradeira, às vezes, ao lidar na cabana, gemia, esfregando os joelhos. Cristóvão arregalava para ela os olhos

compadecidos. E um dia que ela coxeava, gemia mais, saindo para a fonte, Cristóvão timidamente tocou na asa do grosso cântaro de barro, murmurando, muito vermelho: «Eu vou.» Espantada, ela deixou, ficou à porta vendo Cristóvão desaparecer entre os olmos e logo voltar, subindo a vereda, sob a chuva fria, com o cântaro que lhe pesava menos no braço estendido que uma malga ligeira. Todo ele sorria, com um contentamento profundo. A velha limpou-lhe os cabelos molhados — e, pela vez primeira, desde que guardava a cabana, tomando Cristóvão como um ser humano, falou das dores dos seus pobres ossos, no seu homem que lhe deixara a velhice sem pão, na morte que vinha perto com uma grande foice. Mas a face que Cristóvão erguia para ela, agachado à

lareira, voltara à imobilidade, sem alma e sem calor, de uma face feita de pedra. E foi para o seu velho gato, que tomara no regaço, não para Cristóvão, que a serradeira prolongou, no silêncio, os queixumes da sua velhice. Nessa tarde, porém, Cristóvão varreu a cabana com a vassoura que a velha, coxeando e gemendo, lhe metera nas mãos.

E, desde então, ele começou a fazer pouco a pouco todos os trabalhos domésticos. Através do longo inverno a serradeira não se moveu mais do canto da lareira, fiando na sua roca, com o gato agachado aos pés. Cristóvão ia encher a bilha à fonte, acendia a lareira, areava a panela, polia as ferragens do armário, batia os colchões dos catres — e mesmo aos sábados, numa dorna cheia de água

quente e cinza, fazia a barreia da roupa. E, em todos estes serviços, punha uma aplicação, um interesse profundo. Todo o seu imenso corpo se tornava mais ágil, mais pronto. Já dos seus grossos lábios, que só se alargavam num sorrir pasmado e morto, saíam murmúrios vivos: «Está bem! Ficou bem... Cristóvão limpou!»

À noite, à ceia, esfarelando com lentidão a boroa no caldo, o lenhador contemplava com espanto o seu Cristóvão, que lhe parecia diferente, mais atento, desentorpecido, conhecendo já que ele abatia árvores numa floresta, que a égua branca, e as terras, e os gados que pastavam, pertenciam a um senhor, e que aos domingos se descansava para visitar Deus na sua casa, onde os sinos cantavam no ar. Mas o que encantava o bom

lenhador era o cuidado novo de Cristóvão em o servir — desejo que lhe nascera no coração de repente, sem que ninguém lá o semeasse. Mal o sentia subindo das terras, ia, com o seu andar embalado e lento, tomar a rédea da égua, para a levar para o curral, onde a palha estava serrotada, e o balde cheio de água; na cabana, de joelhos, desapertava-lhe os cordões das grossas botas de couro, que a lama cobria; e estendia diante do lume, com cuidado, o seu surrão de estamenha, trespassado das humidades da mata. O bom lenhador murmurava, radiante como um bem-aventurado: «Foi Deus que te mandou, filho meu!» E nos olhos com que Cristóvão lhe sorria, ele, apesar de rude e simples, percebia uma claridade, um brilho desacostumado. O seu inocente já

pensava, já compreendia. Pálida ainda e hesitante, mas certa e de todo visível, uma almazinha despontava naquele corpo imenso, como uma pequena luz numa grande torre.

Depois da ceia, aproveitando o resto do candil, o lenhador tinha já o contentamento inefável de conversar com o seu filho, como outrora com a sua boa companheira — contar o seu duro dia na mata, a árvore que fora derrubada, as madeiras vendidas para as obras do mosteiro, as queixas dos serradores contra o senhor senescal. O seu pobre lar perdia a frialdade e o silêncio, que até aí, engolido tristemente o caldo, o fazia estirar no catre viúvo, tão triste que até o ramalhar dos sobreiros lhe parecia um gemer humano. Agora tinha um

companheiro — e podia, com felicidade, começar a envelhecer.

Teve então orgulho no seu filho, desejou que na aldeia o conhecessem. Cristóvão crescia sempre — e era já antes dos dez anos como um homem de grande corpo e de grande força, que conservasse, na face lisa e sem barba nem penugem, a candidez de uma criança, alta apenas como uma sebe. Um cabelo ruivo e encaracolado, que lhe nascia nas sobrancelhas cerradas, cobria-lhe a cabeça pequenina, como um barrete muito justo de lã de carneiro, até ao pescoço, onde os músculos tinham a saliência, a rijeza, a amplidão dos de um touro. A boca larga constantemente se alargava mais num sorrir para tudo, de candidez e pasmo. E os seus olhinhos, pequeninos

como contas azuis, tinham uma doçura que se derramava, em redor, como uma carícia vagarosa e compassiva. Todos os seus vastos membros se moviam com uma lentidão tímida: e, mesmo para descer à fonte ou contornar a sebe da horta, se acostumara a trazer um bordão, a que apoiava, quando parado, as duas mãos enormes, e por cima o queixo pesado, marcado com uma cova funda. De uma peça de camelão azul, que o pai há muito guardava na arca, o alfaiate dos pajens do castelo talhara-lhe um capuz de romeira, e um gibão direito como um saco que, franzido na cinta por uma tira de couro, caía em pregas longas e grossas sobre as botas escarlates, com relevos cosidos de cordovão amarelo. E, assim enroupado e limpo como um filho de mercador, o

levava o pai todos os domingos, sorrindo de orgulho, pelos caminhos, à missa na aldeia.

Cristóvão penetrava na velha igreja, de muros severos como os de uma cidadela, com um enleio, um medo vago. Ele sabia que aquela alta casa de pedra, com lâmpadas que rebrilhavam, era de Deus Nosso Senhor, que tinha uma assim em cada aldeia, onde, nos dias quietos e silenciosos em que se não trabalhava, o povo, vestido de panos novos, O vinha visitar e louvar. E desde o domingo de maio, em que ele descera da cabana, através dos campos verdes, entre as sebes de madressilvas, para ouvir a sua primeira missa, sempre aquela casa de Deus Nosso Senhor deixara, na sua alma simples, o terror de um lugar muito rico,

muito triste, e todo cheio de mistério. Uma grande sombra fria caía das abóbadas escuras. Todas as imagens, sobre os altares, lívidas, emaciadas, pareciam sofrer: — o moço nu que torcia o corpo amarrado a uma árvore, e trespassado de frechas; a rainha, tão triste, sob a sua coroa de ouro, e no seu manto de cetim, com o coração varado por sete espadas; o monge, com um resplendor de prata, que mostrava as chagas das mãos abertas. Em tocheiros de ouro lavrado ardiam longos lumes de tristeza. Panos de veludo, de seda, com recamos rebrilhantes, tapavam recantos de onde por vezes saía como o murmúrio de um gemido. Toda a multidão dobrava para as lajes as faces cheias de um pensar triste. E a faixa de luz de uma fenda, aberta na muralha, alumiava a

melancolia maior, o Homem pregado numa cruz com pregos, com sangue vivo nos joelhos, no peito, nos pés, que erguia a face atormentada para o Céu e parecia chamar, num abandono. E assim, pois, era a casa do Senhor, cheia de ouros, de sangue que escorria, de veludos magníficos, de tristeza e de mudez!

Diante do altar maior, no entanto, um velho, todo calvo, coberto com uma capa resplandecente, alargava os braços, beijava a toalha bordada da ara, voltava as folhas de um grande livro, ofertava para as alturas um bolo de farinha muito alva, bebia por um copo onde joias faiscavam. Voltado para ele, ao lado do pai, Cristóvão ajoelhava como o pai sobre as lajes, traçava uma cruz sobre a testa, martelava o peito com os seus duros

punhos: — mas permanecia tão insensível e alheio à adoração que ante ele se desenrolava, como o pilar de pedra escura, a que findava por se encostar, fatigado daquela melancolia da casa de Deus. Os seus olhos então embebiam-se numa grande pomba branca, que se conservava imóvel, com as asas abertas, por cima do sacrário, e que cada domingo o atraía mais, sempre ali, fiel, paciente, sem que uma das suas penas estremecesse: só ela era doce, alegre, natural, na sua brancura adorável, e macia à vista: com um bico claro, patas rosadas, só ela não tinha, no seu corpo de pomba, nem ouro, nem sangue: natural e igual às outras pombas, só ela o não assustava, nem deslumbrava: — e Cristóvão não compreendia por que se conservava ali,

naquela sombra fria, entre granitos, ao lado de agonias e dores, e não vinha voar e arrulhar com as outras, sobre os castanheiros do adro.

O seu incerto pensamento ia então para os prados que atravessara, descendo das cabanas, para a verde frescura do choupal, para o soí que aquecia os lagartos dormindo nas pedras brancas. Teria decerto gostado de ficar lá, pelos campos, pela beira do rio, todo o longo domingo, sentindo a erva fresca entre os joelhos, roçando a mão pela frescura das ramagens baixas. Mas nos domingos era necessário visitar, louvar a Deus Nosso Senhor. Só assim, como lhe afirmava o pai, se subia depois ao Céu. Ele, decerto, iria um dia para o Céu. E uma inquietação passava na sua alma, porque o Céu, como

a igreja, se lhe afigurava escuro, pesado, com ouros, grandes panos de seda, Homens cobertos de sangue, Rainhas com o pobre coração varado de espadas — um sítio, além, nas alturas, muito rico e muito triste. Quanto melhor a horta em que vivia, com a cerejeira, a sebe de madressilva, e a salsa junto da doma! Um rumor passava entre os pilares de pedra, todas as faces sorriam, mais claras. O senescal descia do seu banco, a missa findara. E um contentamento enchia o coração de Cristóvão, tornando a ver os castanheiros do adro.

Então, pouco a pouco, tomou mais familiaridade com florestas e prados. Já corria a sua grossa mão sobre a doçura dos musgos; trepava aos troncos para espreitar para dentro da densidão das

folhagens; estirava-se no meio das relvas altas, rolando os seus cabelos crespos pela brancura das margaridas. E ao mesmo tempo descobria, dentro de toda esta natureza, uma vida múltipla, vasta, ativa e maravilhosa. A terra, que ele remexia com os seus dedos grossos, estava toda mole dos vermes que a habitavam; cada hastezinha de relva abrigava um povo de insetos, mais numerosos que a gente da aldeia, aos domingos, sob os castanheiros do adro; cada folha cobria uma asa; nas espessuras, longos dorsos peludos roçavam as suas pernas lentas; olhinhos brilhantes espreitavam de entre a negrura das tocas; o restolhar dos matos dizia a passagem das feras. Um confuso, obscuro amor por todos estes seres, crescia no seu

coração simples. Passava horas encantadas, estirado nas ervas à beira de uma poça clara, admirando os insetos de grandes patas que riscam a água lisa; chamava com as mãos, sorrindo, todos os veados que, à orla das clareiras, subitamente mostravam a face majestosa e séria, entre os troncos dos castanheiros; e parava nos carreiros verdes de humidade e musgo para acariciar o dorso dos sapos.

Assim a floresta se lhe tornava familiar e íntima, e nela passava os dias, nos retiros mais densos, enterrado entre as verduras, agachado contra uma rocha, de bruços sobre uma poça de água, sem se mover, vegetando na doçura infinita de sentir os seus longos cabelos emaranhados nas folhas, os ombros aquecidos pelo mesmo sol que batia as

pedras, as rãs saltando sobre os seus pés como sobre troncos meio enterrados nas ervas húmidas. Só a fome o fazia recolher à cabana. Os seus passos desprendiam-se a custo, como se já tivesse raízes: todo ele cheirava a torrão e humidade, e era, na penumbra da tarde, como um tronco que se separava de outros troncos. Crescera tão prodigiosamente que se agachava todo para transpor a porta da cabana. Como nenhuma tripeça sustentava o seu peso, sentava-se no chão diante da lareira aos pés do pai, embebido no espanto, na admiração daquela força.

O bom lenhador então já lhe não dizia ao partir para a mata: «Cristóvão, não saias da nossa horta, que te pode vir mal.» E pouco a pouco começou então a percorrer, maravilhado, os prados, as

bordas do rio, os densos arvoredos, para que tantas vezes da porta da cabana se tinham alongado os seus olhos pasmados e vagos. Lento e incerto, como uma rês tresmalhada, descia pelos caminhos abertos, orlados de sebes, parando a cada passo, ficando a pasmar para os trigais altos, para os longos prados, macios e doces à vista como veludo verde, todos avivados de margaridas, papoilas e botões-de-ouro; cortando pelos choupais, ia admirar, durante longas e mudas horas, o correr e o brilhar do grande rio; ou penetrava sob os pinheirais, onde se esquecia até ao entardecer, vago e pensativo, respirando com espanto e amor a frescura, o silêncio e o aroma das resinas. Depois recolhia à cabana devagar, com os braços caídos, a face no

ar, risonha e contente.

De noite sonhava com ramagens tenras que lhe acariciavam a face, com águas claras e frias que fugiam, cantando, entre os seus pés nus, enterrados na areia. E quando de manhã outra vez, fechando o loquete de pau da cabana, descia para os campos, era em todo o seu coração como um desejo de abraçar, num abraço inteiro, toda a terra que via, desde as flores silvestres dos caminhos até à vasta floresta que cobria as colinas, magnífica e sombria. Mas era nele como uma timidez, um pudor, que o retinha mesmo de tocar nas amoras...

Os pajens que, pela tarde, vinham à fonte rir com as moças, tendo falado dele, nas veladas do castelo, o castelão quis vê-lo. E uma manhã, seguido do pai que pusera os seus melhores trajes, subiu a colina, que levava à ponte levadiça. Dois archeiros, com saiões de couro, guardavam a porta; e os molossos no pátio puxavam furiosamente as correntes que os prendiam, ladrando, com as patas erguidas, contra o gigante que passava. A fachada do castelo erguia-se majestosamente, com um alto portão ogival sobre degraus de mármore, duas torres aos cantos com telhados agudos, cobertos de lousa em escamas; e a cada janela havia um vaso de barro amarelo,

onde crescia um craveiro.

Um pajem levou-o pela alta escada, e tendo erguido uma tapeçaria, deixou-o numa sala, em abóbada, onde um tronco de árvore ardia sob uma alta chaminé, e lanças agudas brilhavam encostadas às paredes nuas e frias. Um galgo branco entrou correndo e pulando, e logo atrás o castelão e uma dama apareceram, com pajens que os seguiam, e um padre que trazia nas mãos um breviário. Uma túnica de veludo orlada de peles envolvia o corpo magro do senhor, caindo sobre os sapatos pontiagudos, também orlados de peles. A barba ruiva avançava, dura e pontiaguda: o nariz era como o de um abutre: e sob o barrete de veludo, a grenha crespa fugia para trás, como uma romeira hirta. O alto *beguin* da

dama roçava quase o alto da porta; o seu vestido escuro arrastava nas lajes, e os olhos baixos pareciam contemplar as mãos caídas e cruzadas, mais pálidas que cera, de onde pendia um rosário. Um truão ao lado deles, anão e corcunda, pousava com um orgulho burlesco a mão nos grossos copos de uma espada de pau.

O pai de Cristóvão caíra de joelhos, e como Cristóvão permanecia de pé, com o seu barrete de pele debaixo do braço, ele puxava-lhe pelo saio para que ajoelhasse também. Os seus joelhos por fim vergaram, ressoaram nas lajes. E diante do senhor, puxando entre os dedos os pelos da barba dura, a dama com um sorriso tímido, e o capelão de mãos cruzadas no ventre, contemplavam os grossos membros de Cristóvão. A uma

ordem do senhor, ele ergueu-se, deu um passo. O senhor apalpou-lhe os músculos, puxou-lhe mesmo a carapinha: — depois, a nova ordem sua, três homens trouxeram uma enorme espada de ferro, enferrujada, que parecia a clava de Hércules. Com um movimento ligeiro, Cristóvão brandiu-a no ar. Então o truão, arrancando a sua espada de pau, avançou para Cristóvão com os ademanes de um espadachim: os guizos do seu barrete tilintavam; a sua corcunda torcia-se grotescamente; e com uma vozinha esguia, gritava: «Peravante! Deus o manda!» Então Cristóvão baixou a espada de ferro; a sua boca fendeu-se, mostrou uma cavidade imensa — e saiu dela uma risada enorme, troante, ressoante, que abalou os vidros nos seus caixilhos de chumbo. A dama tapou os

ouvidos com as mãos pálidas; os pajens por trás abafavam o riso; — e com um gesto da sua mão cabeluda, o senhor mandou que conduzissem Cristóvão às cozinhas.

Em baixo, na cozinha, sob a alta chaminé, grandes peças de carne, em espetos, assavam diante de uma fogueira enorme que estalava — enquanto que, nas caçarolas suspensas de correntes de ferro, a água fervia fazendo palpitar as tampas. Os cozinheiros, com rolos de pau muito branco, enrolavam massas; um jorro de água cantava numa bacia de pedra; e duas aias muito velhas, sentadas em escabelos, fiavam junto da janela, onde cresciam manjericões. Um servo trouxe uma malga enorme, onde uma enorme colher de pau vinha espetada na espessura dos legumes

e das febras de carne. Com a cabeça baixa, Cristóvão devorava: — mas, junto da porta escura, subiam, vindos de baixo, gemidos de homens como no esforço de carregar um fardo muito pesado: Cristóvão deixou a colher, limpou a boca com as costas da mão, e desapareceu sob o arco escuro: — e daí a momentos subia trazendo às costas uma vasta pipa de arcos de ferro: atrás vinham dois homens, limpando ainda o suor, a arquejar. Para recompensar Cristóvão, o cozinheiro ofereceu-lhe uma terrina cheia de vinho: ele bebia lentamente, segurando-a nas duas mãos, com os olhos cerrados.

Depois, apanhando o seu barrete de pele de coelho, saiu. As aias corriam às janelas para o ver. De sobre as ameias os homens de armas debruçavam-se: e ele

caminhava, confuso, coçando devagar a grenha.

No entanto o inverno sobreveio. Os caminhos estavam brancos de neve. E sobre os ramos descarnados e nus, os pássaros caíam mortos. Uma tarde o pai de Cristóvão voltou pálido da floresta, e sentou-se à porta a olhar o Sol que descia ao fundo do vale. Cristóvão estava adiante, sentado, encabando toscamente uma lâmina de foice. Quando o Sol se sumiu sentiu por trás um gemido; voltou-se: — o pai estava com a cabeça caída contra a parede da casa, a mão sobre o coração. De noite, os gritos de Cristóvão atroavam a aldeia. Vieram homens com forquilhas, mulheres encolhidas nos mantéus, erguendo, diante da face, uma lanterna. O cadáver estava estirado no

chão sob um lençol. E à porta, que enchia com o seu vasto corpo, Cristóvão chorava estridentemente.

Dois dias, duas noites, Cristóvão ficou estendido à porta com a face contra o chão: por vezes um soluço sacudia-o todo; depois a sua imensa forma era tão imóvel como os troncos em redor, derrubados e rígidos. O inverno e a fome tinham espalhado pelos caminhos gente sinistra, que assaltava os casebres. Um bando veio subtilmente numa dessas noites: e, penetrando pela janela aberta, roubou tudo dentro, os vestidos, as ferramentas, o grão da arca, as roupas do catre — enquanto, prostrado, Cristóvão ressonava lentamente, como o ruído de um rio na escuridão.

De manhã, vendo o casebre vazio,

Cristóvão desarraigou um choupo novo, limpou-o de todos os ramos e, apoiando-se ao vasto tronco, subiu pelo monte, desapareceu.

6

Durante um ano viveu na serra. E pouco a pouco, naquela solidão, longe de toda a vida humana, ele quase perdeu a sua humanidade, e foi como um pedaço da montanha que o cercava. Sentado durante dias, imóvel, os seus grossos membros broncos não se distinguiam das rochas: o mesmo vendaval esguedelhava-lhe os cabelos e as ramarias das árvores: e a sua

voz, quando se erguia, confundia-se com o rugir das torrentes. As feras não tinham medo dele; as aves pousavam sobre os seus braços como sobre troncos dobrados. A serra era solitária. Outrora vivera lá um ermita, mas as penitências tinham-no extenuado. Um anjo descera a buscá-lo, e a cabana que ele habitava desfizera-se, prancha a prancha, sob os chuveiros do inverno. Durante um ano Cristóvão não vira um olhar humano pousar-se nele, nem uma voz humana tinha alegrado o seu coração.

Quase esquecera os homens: e no seu espírito simples apenas muito confusamente restava a memória dos casais, dos lugares, e das crianças rindo por trás das sebes. Os seus dias passava-os imóvel, olhando: por vezes movia um

braço com a lentidão de um ramo sacudido da aragem: e quando os trovões estalavam, erguia um instante a face para o céu; depois, recaía na sua imobilidade.

Um dia, porém, sentiu tilintar guizos, e vozes que falavam. E por trás de umas rochas surgiu uma fileira de mulas carregadas, que homens armados conduziam. Como a noite descia, os homens pararam numa clareira: daí a pouco ardia um fogo claro, tapetes juncavam o chão, e os homens, sentados em roda, passavam de mão em mão um pichel de vinho. Cristóvão toda a noite, de entre a floresta, os espreitou: — e uma curiosidade infinita tomava-o de ouvir de perto as suas falas, beber do pichel, aquecer-se ao fogo claro. Se eles quisessem, ele conduziria algum dos

fardos.

Um estranho, singular impulso o levava a querer bem àqueles homens — e toda a noite rondou para que as feras não atacassem o rancho.

De manhã, eles enrolaram os tapetes; a longa fila de machos desceu a encosta, e os guizos que tilintavam perderam-se pelas quebradas.

Então, um frio estranho, um frio que ele não compreendia, que não vinha do vento, nem da neve, arrefeceu Cristóvão até ao coração. E, através da sua simplicidade, sentia que não teria tanto frio, se ouvisse outras vezes vozes humanas, e os passos de animais conduzindo fardos, e uma fogueira acesa por mãos de homens.

Começou então a percorrer a

serra, os desfiladeiros, os barrancos, os vales, os bosques, as rochas que conhecia. E de cada vez aquela sensação de frio o mordia tanto, e tanto, que subitamente se sentiu como exausto: a cabeça pendeu-lhe entre as mãos, e grandes lágrimas rolaram-lhe pela face. A tarde caía; a noite veio, cheia de estrelas. E Cristóvão, imóvel, sentia, através das lágrimas, surgirem-lhe como visões de coisas desvanecidas, uma velha carregada de lenha, e arquejando sob o fardo; crianças que não podiam passar um rio; uma junta de bois que não podia puxar um carro carregado de pedras. E um desejo imenso vinha-lhe de sacudir aquele frio, trabalhando, carregando o fardo da velha, ajudando a junta de bois. Tomou o seu cajado, e começou a descer a serra.

7

Uma tarde, na fonte, as mulheres viram como uma torre que avançava: as mais novas fugiram de medo, mas outras mais velhas erguiam as mãos e diziam: «É Cristóvão! É Cristóvão!»

O seu vasto corpo crescera ainda, e a sua grenha ruiva ia mais alta que as mais altas árvores; lento nos movimentos, cada um dos seus passos parecia despregar-se do chão, com dificuldade; todo ele cheirava a torrão e a arvoredo; uma barba ruiva, como um capim queimado, cobria-lhe a face: — e os seus

olhos azuis conservavam, como os de uma criança, um espanto perpétuo.

Ao chegar junto da fonte baixou a cabeça, bebeu com lentidão; depois, limpando os beiços, olhava, com um bom sorriso, as mulheres, que já sem medo, reconhecendo o filho do lenhador, se juntavam em torno dele, tocando-lhe com as toucas altas pelo joelho, e erguendo os olhos pasmados para as alturas da sua face.

Obtuso de espírito, ele não reconhecia ninguém — mas sorria sempre. Pouco a pouco, porém, na grande penumbra do seu espírito, decerto surgiram certas memórias dos tempos, que, ainda pequeno, era o servo da aldeia, e os seus enormes braços moveram-se com lentidão como procurando de novo

fardos a levantar, fraquezas a socorrer. E quase imediatamente, vendo uma velha que passava, vergada sob um molho de lanha, tirou-lho e meteu-o, como uma simples acha, sob o braço; depois como um carro com pedra passava, tão pesado que os bois o não podiam puxar, desatrelou o gado, tomou o timão. Mas avistando ainda o moleiro, que picava o seu velho burro carregado de sacos de farinha, com os seus cinco enormes dedos ergueu os fardos do jumento: atirou ainda para os ombros um pobre velho, manco, que mal se arrastava — e assim, com o molho de lenha debaixo do braço, o velho pendurado do pescoço, os sacos pendentes da mão, o pesado carro de pedra preso pelo outro braço, começou a caminhar para a aldeia, seguido das

mulheres, que acenavam para o lado, para as portas dos casais, e gritavam: «É Cristóvão! É Cristóvão!»

Despojado dos fardos, foi-se sentar no cruzeiro — e a sua cabeça chegava ao seio de Jesus crucificado, e parecia repousar sobre ele. No entanto, de toda a aldeia, gente corria a ver Cristóvão. Os homens vinham da taberna, limpando à pressa os beiços: as mulheres vinham fiando, outras trazendo ainda na mão as hortaliças dos caldos. As crianças, ao princípio assustadas, vendo que ele lhes estendia a mão com um bom riso, saltavam-lhe para cima da palma, e ficavam de lá rindo e acenando com os barretes, como do alto de um eirado. O regedor das terras veio por fim diante de Cristóvão rolando os olhos redondos,

coçando o queixo, e falando baixo ao archeiro que o seguia, desconfiado decerto daqueles fortes músculos, que podiam arrasar a aldeia, tudo roubar, e vencer os archeiros; mas decerto todas as suas algemas não eram bastante fortes para algemar aqueles enormes pulsos, por onde as crianças trepavam, como por troncos de olmeiros; e afastou-se com dignidade, coçando sempre o queixo agudo. Mas duas mulas zurravam, por trás do caminho — e apareceram dois guardiões do convento, que, decerto avisados, desviavam-se do caminho para ver o enorme gigante. Todas as mulheres dobraram o joelho, e os homens, com os barretes na mão, baixavam os olhos: — e então o mais velho espicaçou a mula com os calcanhares até a fazer chegar junto de

Cristóvão. Para experimentar, com receio que em tão grande corpo habitasse Satanás, fez o sinal da cruz, murmurou três vezes o nome de Jesus. Cristóvão fez também uma cruz sobre a testa. Então, tranquilo, o guardião começou a andar em volta dele, batendo os calcanhares nos ilhais da mula, para o examinar, como um monumento. E a cada grosso músculo, a cada detalhe de força, uma ideia surgia nele: e falava baixo ao outro, que aprovava, com um sorriso reverente. Por fim o guardião gritou: «Cristóvão, se queres ganhar o teu pão, vai amanhã, a matinas, à portaria do convento.»

Os dois frades picaram as mulas. Pouco a pouco a gente recolhera aos casais, de onde saía o fumo das lareiras acesas. Uma a uma, as estrelas brilhavam.

E Cristóvão, só, cansado, estirou-se junto ao cruzeiro, onde o sacristão veio acender uma lâmpada.

Estirado de costas, Cristóvão olhava as estrelas. Eram as mesmas que ele tantas vezes contemplava na serra:— mas pareciam-lhe mais brilhantes, mais próximas, e derramando um calor como lâmpadas que alumiam uma morada humana. E ele mesmo, enfim, sentia vir daqueles casebres, que em volta se acendiam e mandavam o seu fumo para o céu, um calor que o penetrava até ao coração. Adormeceu sorrindo.

De manhã, chegou do outro lado do vale, em frente do mosteiro. Uma muralha envolvia-o como a um castelo: — e por trás da porta, de grossa pregaria, os cães inquietos agitavam as cadeias de

ferro. No pátio enorme uma faia abrigava a roldana de um poço. Altas fachadas, com reixas nas janelas, erguiam-se em redor: — e ao fundo, junto à entrada da capela, havia um banco de pedra onde um guardião lia o breviário.

Ao ver Cristóvão, fechou o breviário — e examinou-lhe outra vez, com satisfação, os grandes membros serviçais. Depois, por um corredor, alto e fresco, levou-o a um claustro que cercava um jardim: ruas areadas contornavam os canteiros de flores; ao meio cantava um repuxo; e um espaço, entre paredes que a hera revestia, estava lajeado, como chão de igreja. Aí quatro frades, de hábitos arregaçados, jogavam a bola; outros, mais longe, conversavam ao sol; e sob um caramanchão o abade dormitava, com as

mãos cruzadas no ventre.

Mas quando Cristóvão apareceu, tudo se interrompeu, todos ergueram as faces, um rumor correu de espanto: — e o guardião diante de Cristóvão, que hesitava, com o seu barrete na mão, fazia-lhe sinais para o levar até ao abade.

Sua Senhoria deu um salto na cadeira ao encarar com o monstro. Depois ergueu as mãos ao Céu, com olhos de piedade. Para mostrar a força de Cristóvão, o guardião mandou-lhe erguer uma pilastra partida que jazia no chão. Cristóvão brandiu a pilastra, como um simples cajado: e todos os frades recuaram com grandes *ahs* maravilhados.

Cristóvão fora trazido para servir no convento, fazendo o trabalho de muitos serventes. O rancheiro, porém, perguntava

se era na realidade uma economia — porque ele igualmente comeria a ração de muitos homens. Os frades argumentavam com gravidade. O abade, porém, decidiu. Além da economia, o convento ganhava a glória de possuir o mais forte de todos os homens. E imediatamente Cristóvão foi levado às cavalariças, para as limpar.

Foi o servo da comunidade — e sobre ele recaiu todo o serviço do convento, onde havia oitenta frades, trinta noviços e dependências inumeráveis. Varria os pátios, limpava as mulas, cavava as hortas, caiava os muros, carregava os sacos de farinha, acarretava os feixes de lenha — e era ele que trazia das pedreiras as grandes pedras para as obras da lavandaria. Durante longos meses os seus fortes ossos rangeram sob o

trabalho violento. Substituía as cavalgaduras, puxando os carros pesados, com eixos de ferro. Todo o dia, dentro do convento, na cerca, sob o sol ou sob a chuva, a sua forte figura se movia no trabalho contínuo: só por vezes descansava, para tirar do poço um balde de água, que punha à boca, e secava de um trago. À noite, estendido sobre as lajes do pátio, dormia de um sono de animal, entre os cães soltos, que lhe punham as patas sobre o peito, como sobre um rebordo de muralhas, para ladrar contra os ruídos da noite.

Todos os anos, na véspera da Candelária, o padre-mestre reunia os serventes e interrogava-os sobre a doutrina. Cristóvão não pôde responder, nem sequer enfiar o padre-nosso. Não

sabia quem criara o Mundo — e eram-lhe desconhecidos os casos do Paraíso. Aterrado com tão negra ignorância, o abade ordenou que Cristóvão assistisse à aula de História Sagrada. O seu imenso corpo não cabia nos bancos da escola: — e o padre-mestre dispôs que Cristóvão, encostando-se ao muro do pátio, aplicasse a cabeça à janela aberta da aula.

Quando a sineta do estudo tocava, Cristóvão chegava ao muro: — e a sua imensa grenha surgia no parapeito da janela. Todos os discípulos riam — e os mais inquietos atiravam-lhe aos olhos caroços de frutos ou vibravam-lhe, como pequenas lanças, penas de pato que se lhe enterravam na grenha. Ele sorria, com paciente respeito.

Sentado no estrado o mestre

ensinava — e Cristóvão, como através de uma névoa, entrevia as coisas maravilhosas do começo do Mundo. Um Deus enorme, grande como ele, alargando os seus braços potentes, separava o Sol e a Lua; a sua voz era o trovão que rolava e o seu sopro ora fazia curvar as florestas, ora encapelava as vagas. Mas os homens começavam a povoar a Terra, e Deus entrava logo em grandes cóleras. Ao seu capricho as cidades tombavam, sepultando sob as ruínas as criancinhas que sorriam nos berços; vastos prados secavam, e os gados balavam lamentavelmente de fome; um grande terror tomava a terra: — e os homens viviam no terror daquela mão imensa, que só saía das nuvens para os devastar.

De noite, o doce sono fugia de

Cristóvão. E, encolhido, voltava para o céu os olhos desconfiados. Se Deus reparando nele, de repente, fizesse sobre ele cair o fogo que queimara Gomorra? Todo o barulho o inquietava: e numa noite de trovoada os seus gritos acordaram todo o convento.

Mas o padre-mestre bem depressa começou a explicar os dogmas. E foi como se toda a Terra e Céu perdessem a sua realidade, ficando apenas deles baixas névoas que flutuavam. Nas alturas já não governava um homem forte e velho, de longas barbas: — mas uma trindade, que era de três, mas que formava um só, e era um Pai, um Filho, e um Espírito que tinha asas. O pecado não era fazer mal, mas nascer, e a água, escorrendo de uma concha, lavava-o como um linho sujo.

Cristóvão arregalava os olhos desmedidamente — e as prédicas do padre-mestre eram como névoas que flutuavam intangíveis, logo esvaídas apenas formadas. Sentia como uma tristeza diante daquelas coisas inacessíveis: — e o suspiro que lhe fugia do peito, fazia voltar os noviços, que, às escondidas do padre, lhe faziam visagens como de demónios.

Um só parecia simpatizar com Cristóvão. Era um moço franzino, que tinha a sua banca junto da janela, sobre a qual caíam os caracóis dos seus cabelos louros. As suas mãos pálidas folheavam de leve um in-fólio: — e havia em todo ele como a gravidade de um letrado e a doçura de uma virgem.

Todos os dias Cristóvão o via

chegar da aldeia com o seu tinteiro metido no cinto, o rolo de papel sob o braço: e todas as tardes o seguia com os olhos quando ele, finda a aula, regressava à aldeia, folheando ainda pelo caminho algum livro onde havia cores brilhantes. Por vezes via-o parar, colher as flores silvestres do caminho. Ou alegremente, deitando os seus longos cabelos para trás, cantava sob a doçura da tarde.

Sempre que passava junto de Cristóvão, dizia-lhe: «Deus te salve!» E Cristóvão sentia como uma carícia na alma. Muitas vezes pensava nele — e voltava-lhe à lembrança o que ouvira ao padre-mestre, dos anjos que desciam à Terra, se misturavam às ocupações humanas. Ia então colocar-se no caminho em que ele passava. E um dia que os

caminhos estavam alagados pela chuva, Cristóvão ofereceu-se para o passar ao colo. Desde então procurava maneiras de o servir. Nos dias de calor, tinha para ele a bilha de água mais fresca: e nos dias de frio, fazia depressa no pátio um fogo de rama, para ele aquecer os pés húmidos antes de subir aos claustros. Por fim, como o inverno se avizinhasse, com os crepúsculos mais escuros, Cristóvão seguia-o na sua volta à aldeia, para o proteger dos lobisomens, ou dos maus encontros: e quando vieram as chuvas, ofereceu-se para o levar às costas como um macho, até à porta da sua morada. Então pelo caminho conversavam baixo: Cristóvão contava os seus trabalhos no convento, o moço dizia os seus desejos de ser militar, conhecer o mundo, percorrer

as cidades. Seu pai era o regedor das terras e destinava-o para padre; mas ele queria casar com uma prima, chamada Etelvina, que morava ao pé do castelo, para além do Pego das Donas. E um dia que assim conversava, o moço contou a Cristóvão que às vezes ia encontrar essa rapariga, longe, à orla de um bosque; mas temia que a surpreendessem os archeiros do pai, que rondavam os campos, ou os servos do castelo mandados pelo pai de Etelvina. Se Cristóvão quisesse, podia ficar à orla, vigiando os caminhos, como uma torre, e se viesse alguém chegando, avisá-los com um grito. Cristóvão disse: «Irei para onde me mandares.»

8

O sítio onde se encontravam era num claro de árvores derrubadas, à orla do bosque. Havia ali uma torre outrora erguida pelo conde da Ocitânia. O Diabo um dia derrubara-a; e ainda se distinguiam nas pedras tisnadas os vestígios das garras do Tentador. Um terror afastava dali os passos humanos: mas a abundância das flores silvestres, a doçura dos musgos, oferecia, aos audazes que lá chegavam, um asilo fresco de paz silvana. Era ali que se encontravam Alfredo e Etelvina. Para chegarem mais depressa, Cristóvão tomava Alfredo aos ombros, e com passadas de côvados, saltando as ribanceiras, transpondo os lameiros,

chegava lá primeiro, ao cair fresco da tarde. Por um caminho que contornava a colina, viam descer Etelvina, que levantava o seu vestido cinzento, por causa dos espinhos das sebes. Como voltava da igreja, trazia um livro na mão. As suas duas tranças louras caíam-lhe pelos ombros. As longas pestanas, dos seus olhos baixos, faziam-lhe uma sombra na face da cor e doçura de uma rosa branca. E junto da sua escarcela soavam as tesouras, as chaves, o dedal, pendentes da cinta por correntes de prata. O bom estudante dobrava diante dela o joelho: e tomando-a pela mão delicada, caminhava com ela pelo bosque, parando para lhe tirar, da orla do vestido, as silvas que se lhe prendiam. Ela tinha sempre para Cristóvão um sorriso, a que se misturava

o brilho dos seus olhos: e ele de pé, vigiando o caminho, ficava pensando naqueles olhos, que lhe pareciam estrelas. No arvoredo em torno cantavam as aves: um aroma de verduras, de pinheiros, de madressilvas, flutuava no ar: e por vezes os passos de uma corça roçavam por entre a espessura das faias tenras. E Cristóvão, apoiado a um forte cajado, lançava os olhos em redor, pelo vale. Mas ninguém se aproximava da torre derrocada. E ele, pouco a pouco invadido pela doçura da tarde, pensava em doçuras que recebera — na carícia das mãos de sua mãe sobre a grenha crespa, nas festas das crianças que por vezes sem medo lhe trepavam aos joelhos. Uma melancolia tomava-lhe o peito. E, na sua vaga ternura, desejava apertar contra si todo aquele vale, e as

nuvens dos céus, e a água que fugia cantando.

No entanto Alfredo e a sua bem-amada vinham repousar, sentados numa pedra. Ele olhava a fímbria do seu vestido, ou segurava os seus dedos delicados, que arrancavam uma a uma as flores dos malmequeres. Por vezes ele colhia um ramo; ou apanhando o livro dela, que caíra a seus pés, voltava as folhas; ela debruçava-se, e os fios soltos dos seus cabelos roçavam os ombros de Alfredo; e muitas vezes assim se esqueciam, com os olhos postos na mesma página que não voltavam, corados, com o peito a arfar.

Mas um dia que ambos passeavam longe, ao fundo dos pinheirais, com os ombros juntos, Cristóvão ousou tocar o

livro, esquecido sobre uma pedra, e com os seus grossos dedos voltar as folhas. Eram linhas negras que não compreendia; mas uma emoção tomou-o diante das imagens cheias de cor. Parecia ser uma história — e começava por uma criancinha, que num curral, entre uma vaca e uma jumenta, sorria, toucada de estrelas, nos joelhos de uma mulher pálida. Depois a mesma criança, já maior e sempre coroada de estrelas, falava diante de um grupo de velhos barbudos, que espalmavam as mãos com espanto. Quem era esse, pois, que, tão novo, assombrava a velhice sapiente? Mais longe os dedos de Cristóvão, virando as folhas duras, encontravam o mesmo ser, que ele reconhecia pelo seu aro de estrelas, já homem, envolto numa túnica,

passeando à beira de um lago: e não cessava mais de aparecer, pondo as suas mãos sobre os entrevados, estendendo os braços para as crianças, desatando as ligaduras dos mortos, consolando as multidões. Montado num burro, penetrava as portas de uma cidade, entre um povo que o aclamava movendo folhas de palma; sentado sob um sicômoro, ouvia duas mulheres, que fiavam a seus pés; de joelhos, entre oliveiras, orava sobre um monte; preso em meio de soldados, com tochas, comparecia ante um juiz que erguia o dedo, pensando.

E Cristóvão sentia uma ansiedade de compreender, quando viu diante de si os dois noivos com os braços enlaçados, que sorriam. Surpreendido, Cristóvão fechou o livro. E como Etelvina, vendo a

sua larga face perturbada e cheia de piedade, lhe perguntava se ele amava o Senhor, Cristóvão moveu a cabeça, sem compreender. Pois quê? Ele não conhecia o Senhor e não amava a sua doçura? Ião grande escuridão naquela alma encheu-a de piedade: e um escrúpulo rosou-lhe as faces, pensando que, enquanto ela se ocupava de amar, alguém, ao pé dela, vivia sem conhecer o Senhor. E então, para que bem merecessem de Jesus, e para recompensar a proteção de Cristóvão, ela pediu a Alfredo que lessem o santo livro àquele homem simples, que o ignorava.

Foi ao outro dia, por uma tarde de outono. Já as árvores se desfolhavam; mais tristemente cantava o regato; e uma palidez banhava o céu. Para ouvir melhor,

Cristóvão sentara-se sobre um alto monte de pedras derrocadas. Alfredo, rindo, trepara ao seu vasto joelho — e Etelvina sentou-se no outro joelho, tão simplesmente como se fora uma rocha ou um cômoro de relva. Os seus pezinhos cruzaram-se como os de um anjo: as suas mãos pousavam castamente no regaço. Defronte, Alfredo abrira o livro: — e com a vasta face de Cristóvão entre eles, era como se estivessem sentados nos membros frios e duros de uma enorme estátua de pedra.

E toda a tarde no silêncio do arvoredo, Alfredo leu a vida do Senhor. Disse a estrela brilhando sobre o seu berço, e os pastores de longe vindo para ele, misturados aos Reis que traziam tesouros. Depois homens duros chegavam

com alfanges: e o Menino sorria adormecido no colo da mãe, enquanto a burrinha, toque, toque, os levava para o Egito. Lá repousavam sob uma palmeira: o Sol vermelho descia nas areias do deserto: e o Menino, rindo, puxava as barbas de seu pai, cujo cajado floria como um ramo de açucena. Mas era tempo que, o longo rolo sobre o joelho, Santa Ana ensinasse a ler o Menino: seu pai sorria por trás na sua grande barba: S. Joãozinho, ao lado, escutava com a mãozinha apoiada à face; e dois anjos no alto erguem a mão, param os ventos, para que nenhum ruído perturbe o Menino que aprende. Depressa o Menino aprendeu, porque eis que velhos barbudos, de mitra, arregalam os olhos espantados do seu saber...

Cansado de ler, Alfredo parava, com o dedo entre as folhas do livro. E na face simples de Cristóvão havia tanto espanto, como na dos doutores: o seu grosso lábio tremia. E murmurou humildemente, e já cheio de amor:

— Mas que fez o Menino?

Quem sabe? Um doce silêncio caía sobre a terra. Em Nazaré, o carpinteiro aplaina a sua tábua, e S. João com os cabelos ao vento partia para o deserto. Mas já ao longe brilham as claras águas de um lago, com barcos amarrados na areia: Jesus fala devagar, erguendo o braço; e os pescadores deixam as suas redes, os semeadores esquecem a sementeira, os publicanos deixam os seus postos, os pobres saem dos cotovelos das estradas, e Jesus, seguido de todos,

começa a caminhar pela Judeia. Uma incomparável doçura enche a vida dos homens. Jesus está entre eles. Os que não podiam ver, aclamam o esplendor da luz; os que não andavam, galgam, cantando, as colinas; todos os demónios se somem; os mortos desatam as suas ligaduras; não há dor que não espere consolação; as crianças têm um amigo, e as multidões, nas aldeias, veem o pão nascer do pão.

Por que vai ele a Jerusalém, terra dura, onde os homens, com as barbas agudas, gritam uns contra os outros, brandindo rolos da Lei? Mas que importa! Ele vai para tornar os homens melhores, e o povo vai com ele, cantando. É então que o céu se começa a tornar escuro. Os fariseus tramam baixo sob as arcarias do templo. E uma ansiedade pesa na terra...

E uma ansiedade enche também a face de Cristóvão. Por que não permanecera ele sempre Menino, sobre os joelhos da mãe, quando a Estrela luzia, e ele estendia a mãozinha para o focinho da vaca? Ou, se devia ser homem, por que deixou ele a beira do lago, e os caminhos verdes, onde a cada um dos seus passos a terra se tornava melhor, e melhor a alma dos homens?

— Tens pena, Cristóvão?

Era Etelvina que assim murmurava com os olhos apiedados.

Ele moveu a cabeça, em silêncio. O seu vasto peito arfava, e um terror invadia-o de o ver a ele, tão bom, naquela cidade onde os homens eram tão duros.

— E depois?

Alfredo disse então os dias

derradeiros. Tristemente, Jesus, sozinho, sobe, ao cair da tarde, para o vergel de Betânia. Aí são as melancolias de uma felicidade que finda. Madalena, desgrenhada, lava os seus pés cansados. Marta fia, com um fiar tão lento como se fiasse um sudário. Mas já Jesus se senta para a última ceia. S. João inclina a cabeça sobre o seio do Mestre. Judas aperta, sob a túnica, a sua negra bolsa. Jesus diz: «Em breve não estarei mais entre vós.» A noite é escura; Jesus sobe devagar o monte, onde há oliveiras; e um anjo, todo coberto de negro, marcha no ar ao seu lado. Um vento passa no ramo das oliveiras. Um rumor de armas vem com o vento que passa...

Nos olhos de Cristóvão borbulhavam grossas lágrimas. E Alfredo

dizia as tochas surgindo na escuridão das ramagens, os soldados brutais, e a prisão do Senhor. Por que o prendiam assim, e levavam, a ele, mais doce que o anho? Ei-lo que passa! E os seus pés, que encontravam o caminho do bem, sangram sobre as lajes, duras, da casa de Pilatos à casa de Caifás. Traz sangue na face, as mãos arroxeadas pelas cordas, os ombros riscados pelas vergas: — e a sua doçura é tão grande que diz: «Por que me bateis?» A cruz que lhe dão é tão pesada, que cai uma vez, outra vez, ferindo os joelhos nas pedras, com grandes bagas de suor na face... Mas eis que em tropel todos sobem a colina: cravam com grandes pregos as suas mãos sobre o madeiro; cravam no madeiro os seus pés, com grandes pregos... E da água com que ele secava a

sede das multidões pede, sem que ninguém o escute, um trago que mate a sua sede. Os homens maus atiravam pedras à sua cruz. E todo o mal era feito Àquele que não fizera senão bem!

E então um grande suspiro abalou o vasto peito de Cristóvão, e, na solidão do bosque, gritou:

— Oh! Por que não estava eu lá com os meus braços!

Os dois bem-amados estavam de pé diante dele, e o homem enorme chorava. Chorava pela morte d'Aquele que conhecera tão tarde. Chorava por todos os que, morto ele, perdiam o amigo melhor dos homens. — Mas por que o mataram? Por que o mataram? E Cristóvão, deixando os dois, desceu a colina, chorando.

A noite caía no vale. Um vento triste vergava os canaviais. Cristóvão seguia e chorava. Os seus vastos pés empurravam as rochas como seixos. O seu ombro, ao passar, quebrava os ramos tenros. Oh!, se ele estivesse então no monte escuro onde o prenderam! O seu braço sacudiria, como ervas secas, as espadas reluzentes. Tomaria sobre o seu ombro o Mestre adorável. Fugiria com ele para a paz dos campos; e como um cão fiel, junto aos seus passos, defenderia dos soldados, dos padres, aquele corpo que era de Deus, e espalhava Deus entre os homens.

A noite caíra, Cristóvão parou. E sentado sobre uma rocha, com grandes lágrimas sobre a face, olhava as estrelas que, uma a uma, marcavam os pontos do

céu. Era ali, naquela altura, que ele habitava. Oh!, se ele pudesse subir lá, e ver como era a sua face, e sentir a doçura das suas mãos! Por que não voltaria ele mais para consolar os pobres, secar as lágrimas, agasalhar as criancinhas, e nutrir as multidões? Agora, que todos o amavam, ninguém o prenderia: o caminho que ele seguisse seria juncado de rosas; os bispos, nas suas capas de ouro, cantando e balançando os incensadores, viriam ao seu encontro. E para o defender, os barões correriam, cobertos de ferro e com lanças, nos seus grandes corcéis! Por que não voltava? Ele seguiria pelo mundo os seus passos ligeiros: a cada instante afastaria as silvas, que o não magoassem, com grandes brados espantaria os cães que ladram às portas dos castelos; fardos

que houvesse, com alegria ele os levaria; só ele, e mais ninguém, colheria os frutos para o Senhor, ou iria buscar a água às nascentes melhores. De noite, faria com rama uma cabana para o abrigar do vento mau: — e estenderia o seu braço, para que nele repousasse a sua cabeça cansada. E assim pensando, um imenso amor erguia-lhe o peito: — e, de pé numa rocha, os seus braços estendiam-se para o céu, para neles estreitar Aquele que, para o salvar, fora pregado na cruz. E três vezes chamou: «Jesus, Jesus, Jesus!»

Então, perto dele, ouviu como um pranto que cortava o silêncio da noite. Vinha de longe, de onde brilhava uma luz de cabana. Os seus passos foram para lá, esmagando a terra fresca. E mais perto reconheceu o soluçar de uma mulher que

chorava. Decerto alguém sofria muito. Havia ali orfandade ou viuvez, uma miséria que erguia os braços para o céu. Por que não vinha o Senhor? Se ele habitasse a Terra, para aquele casebre iriam os seus passos. Ele iria atrás humildemente, seguindo-o. Mas Jesus estava além, por trás daquelas estrelas. Por que não iria ele, como se seguisse o Senhor? Mais vivo e triste, o pranto cortou a noite. E Cristóvão devagar, e com medo, bateu à porta do casebre.

9

Longos dias são passados, e

Cristóvão, na aldeia, é o servo de todos. As portas do convento nunca mais as transpôs: porque lá habitam a paz e a abundância, o celeiro está cheio de trigo, a adega cheia de vinho, uma grande alegria e orgulho reinam nos corações — e para lá não iriam decerto os passos de Jesus, nem os seus a seguir o seu Senhor. Mas na aldeia há os velhos, os mendigos, os tristes, os órfãos, as viúvas; e a força dos seus braços pertence a esses, como o amor do seu coração, porque assim mandaria o seu Senhor.

Simples e tímido, Cristóvão impõe os seus serviços: mas toda a fraqueza, que recorre à sua força, ganha a gratidão da sua alma. E pouco a pouco, sentindo nele um amparo, todos os fracos vieram a ele — de sorte que, desde que nasce a estrela

de alva até que a noite cobre o vale, Cristóvão trabalha com tanta alegria, que o pesar dos maiores fardos lhe parece uma carícia, e nas feridas piores de curar sente um perfume inefável. Ele lavra a terra dos velhos; desbasta as florestas a grandes golpes de machado; seca os pântanos, com grossas pipas que carrega às costas; puxa os carros para que os bois não se esfalfem; transporta aos ombros os coxos; guia os passos dos que não veem; vai ao longe mendigar o pão e a lenha dos pobres; embala os berços; cava as sepulturas dos mortos: — e quando não há vento, ele, retesando os braços, faz girar a mó dos moinhos. Constantemente o seu nome é gritado por cima das sebes dos casais. Este tem o burro doente, e é Cristóvão quem transporta os fardos;

aquele precisa um ceifeiro, e Cristóvão parte com a foice; aquele teto precisa colmo, e Cristóvão trá-lo às braçadas; para fazer o casebre da viúva não há pedra, e Cristóvão chega da remota pedreira, gemendo sob os blocos da rocha. É Cristóvão quem sopra o fogo do ferreiro; é Cristóvão quem sopra o fogo do ferreiro; é Cristóvão quem sacode, a matinas, a corda do sino; é ele que, sozinho, abre nos lameiros a calçada nova; é ele quem escava os poços nos pátios dos casais. À noite estava prostrado. Quando os grandes invernos alagavam a aldeia, abrigava-se num vasto alpendre que mal o cobria todo: de verão estendia-se junto ao cruzeiro, e os primeiros pássaros, chalrando de madrugada, pousavam os seus ombros,

como sobre colinas escuras.

Aos domingos repousava, e esse era o seu dia melhor, porque as crianças brincavam com ele. Sentindo-o doce e paciente, todas corriam para ele como para um grande bicho que as divertia: e trepando por ele, era como o vivo prazer de trepar a árvores e a torres. Por vezes, com as mãos pousadas na terra, ele oferecia o seu vasto dorso, em que cavalgavam, presos pelas cintas, uma longa fileira de corpinhos ágeis e vivos: e dando corcovos, imitava, entre as risadas alegres, o urro do leão ou o heroico relinchar de um corcel. Além disso sabia fazer, com as suas mãos cabeludas e cheias de terra, todas as sortes de brinquedos — flechas de caça, pequenos carros que rodavam no pó, barcos com

velas para vogar no pego. Para tudo as crianças o tinham pronto — e só se recusava quando eles tentavam estragar a fruta verde, ou fazer mal aos melros.

Mas, de todas as crianças da aldeia, uma governava superiormente o seu coração. Era a filha de uma viúva — daquela que Cristóvão ouvira chorar, e à porta de quem batera, como mandado por Jesus, seu amo. O pai morrera nessa noite — e à pobre mulher não restava ninguém no mundo para tratar as terras, cuidar das ovelhas. Mas, desde essa noite, uma grande força útil entrara no casebre. Cristóvão foi o servo fiel: — e nenhuma horta na aldeia andou mais bem regada, nenhum gado apascentado em prados melhores, nenhum torrão mais fundamente arado. Um riso da criança (que se

chamava Joana), o seu jeito de lhe puxar as barbas, recompensava-o de todo o trabalho. Mesmo brincando com as outras, era em Joana que pensava. De noite rondava a porta do casebre, a escutar se ela chorava no seu berço. Cedo, de manhã, ia postar-se na horta entre os limoeiros, à espera que ela corresse de dentro com os seus bracinhos abertos: e todo o dia ficava sentindo nos cabelos, nas barbas, a doçura das suas mãozinhas, que o arrepelavam. Ele amava-a por toda a sua pessoa — a covinha da face quando ria, a graça da sua voz hesitante, os seus pés mal seguros sobre a terra lavrada. Amava-a sobretudo pela sua fraqueza — e não antevia vida melhor do que passar eternamente a servi-la, e a ser alegremente arrepelado. O seu prazer

maior era trazê-la escarranchada aos ombros; ela ria, agarrada aos seus longos cabelos; e ele caminhava grave e vaidoso, como se conduzisse a sagrada hóstia.

Por vezes comparava-a ao Menino, ao Menino divino, que ria no seu curral, e aprendia a ler no grande livro de Santa Ana. Os seus olhos claros e largos deviam ser como os de Joana. E o seu pesar era não saber ler, para abrir sobre os joelhos um livro, onde o seu dedinho espetado fosse seguindo as letras grossas. Decerto, Jesus, se conhecesse Joana, a devia amar. Ela era inocentinha como uma flor do valado; e o seu anjo da guarda esperava quieto, quando ela parava no caminho, a remexer na terra, à procura de bichos. Por mais longe que andasse trabalhando, sentia a voz de Joana se ela o

chamava, como se a voz viesse de cima, do Céu — e apressava então a obra. à força dos braços para correr ao seu encontro, não se esquecendo de trazer as amoras de que ela gostava, ou medronhos, menos corados que a sua facezinha. Durante horas então acamaradavam — e Cristóvão era tão simples que, para a entreter, só sabia repetir a voz dos bichos, dançar pesadamente como um urso. A mãe dizia:

— Cristóvão, Cristóvão, muito tempo gastas com a menina... Olha a lenha... Olha o gado...

Ele baixava a cabeça, abria a cancela: e ainda se voltava, já longe, para sorrir, com a sua vasta face iluminada.

Ora no meio desta felicidade, começou um murmurar na aldeia. O

guardião do convento não perdoara a Cristóvão ter ele abandonado os seus serviços à ordem; e os frades que passavam, ou os que vinham pregar à tarde no adro, diziam depois que, segundo os livros, todos os gigantes tinham pactos com Satanás. Decerto, este era doce e serviçal. Mas assim eram as artes dos servos do Demónio, que durante um tempo se faziam doces e afáveis, para melhor se apoderarem das almas. As mulheres, ouvindo isto, ficavam pensativas. Era então em maio; já as macieiras tinham flor, e as primeiras espigas dos trigos saíam da terra, e os prados enverdeciam. Mas eis que, uma noite, grandes relâmpagos luzem sobre o vale, um trovão rola sobre as serras — e subitamente, com o estalido de lanças entrechocando-se,

caiu o granizo. Longo tempo caiu, arrasando o colmo dos casebres, matando os rebentos novos, esmagando as frutas, devastando o gado nos apriscos. De manhã toda a aldeia estava pobre: — e os homens corriam pelos campos, a olhar os destroços, enquanto as mulheres, juntas no adro, carpiam como num funeral. Um padre veio logo do convento, e estendendo a mão, demonstrou que, por causa dos endurecimentos das almas, viera aquela visitação. Por que persistiam eles em acamaradar com um servo do Demónio? Cristóvão, como todos os gigantes, era um emissário de Belzebu: — via-se-lhe o Inferno nos olhos, nas barbas que o fogo crestara, e na sua fingida humildade. Mas eles continuavam a dar-lhe o pão e o sal, e aí estava que o Senhor

lhes devastara as sementeiras. Toda a tarde assim falou — enquanto Cristóvão andava no campo, atando os ramos caídos, secando os charcos, compondo os tetos dos casebres.

Os homens, no entanto, tomavam os seus cajados. O balio, chamado, tocou a trompa para reunir os seus archeiros. As mulheres escondiam as crianças: outras plantavam cruzes à porta da casa. O abade mandara tocar o sino. E era como quando na aldeia aparecia um bando de lobos.

Cristóvão devia vir por uma azinhaga, onde se postaram os homens com os cajados, os archeiros com os seus arcos retesados, e o padre, atrás, alçando a cruz com mão trémula. E num bando as mulheres da aldeia, até as velhas trôpegas, esperavam para ver o feiticeiro

espancado e expulso. Todos eles tinham recebido os serviços de Cristóvão; a todos ele cavara a terra, transportara os carretos, rachara a lenha, tosquiara o gado. Mas, em cada um desses serviços, cada um via agora como um ardil de Satanás. Mil coisas lembravam, que o condenavam. Uma noite aparecera um velho desenterrado. Quem o desenterrara senão Cristóvão? Às vezes, de noite, luziam na treva da aldeia dois grandes olhos vermelhos. De quem seriam senão de Satanás, que vinha alta noite conversar com Cristóvão? Por que não rezava ele nunca no adro? Outros acudiam, afirmando que ele tinha, nas costas, pintada uma caveira. Era decerto o sinete da Morte. E alguns que duvidavam, lembrando-se da sua doçura, da sua

bondade, receavam defendê-lo, para que não parecessem, diante do frade, ter inclinação pelo Inimigo.

Assim o esperavam, quando, pelo caminho que descia da serra, ele apareceu, vergado sob um imenso molho de troncos. O padre imediatamente ergueu alto o crucifixo, e os archeiros retesaram o arco — e do bando um clamor subiu, enquanto se abaixavam a apanhar grossas pedras.

Cristóvão parara espantado: — e tão certo estava do amor de todos, que se virou para trás, para ver que inimigo ruim ou homem de temer subia o caminho, e despertava assim a cólera da aldeia. Mas o caminho estava vazio, já escuro. E era contra ele que o frade erguia a cruz, os besteiros apontavam os dardos, e os

punhos tremiam de cólera no ar!

— *Vade retro! Vade retro!* — gritava o frade.

— Aos corvos! Aos corvos, o malfazejo! — clamava a multidão.

Deixando escorregar dos ombros o molho de troncos, que tombou esmigalhando a sebe, Cristóvão ergueu a face, alargou os braços: — e durante um momento o espanto fez tão feia a sua face, que o bando recuou, as mulheres fugiram alçando os braços. Mas o frade, com o crucifixo trémulo no ar, acumulava os exorcismos; o balio, com a vara, acirrava a multidão — e as pedras partiram, arremessadas com tanto medo, que todas se perderam no mato, em redor. Então, sem temor, Cristóvão deu um passo lento. Os seus olhos esbugalhados sondavam a

turba ruidosa: via ali, gritando contra ele, todos os que auxiliara: o moleiro, a quem servira de alimária, e carregara os fardos, brandia contra ele um cajado; a viúva do ferreiro, a quem soprara a forja, tinha duas pedras nas mãos; — e as crianças, que ele acariciava no adro, gritavam: «Aos corvos! aos corvos!» Então uma grande dor varou o seu coração simples: «A aldeia não o queria mais. Como um bicho malfazejo, como um lobo, ele era escorraçado. Duas lágrimas enevoavam as suas vastas pupilas, que reluziam: e baixando a cabeça, com humildade, Cristóvão desceu o caminho. Então a multidão ganhou ânimo. As pedras, voando, bateram nas suas espáduas, cansadas de todos os fardos; uma seta emaranhou-se na sua guedelha hirsuta.

Cristóvão desapareceu.

Diante dele estava a serra: para a serra subiu lentamente. E uma só dúvida tumultuava no seu coração: — por que o tinham perseguido? Que fizera ele? Amava a todos, servia a todos. Era que o seu trabalho não parecia bastante útil? Ele não podia tirar mais força dos seus músculos, nem fazer que, para a labutação, os dias fossem maiores. Por que o apedrejavam então? E uma recordação entrou na sua alma, a memória de Jesus, que só fizera o bem, e que os homens tinham flagelado contra uma coluna de pedra. Ele era, pois, como o Senhor, um perseguido. E um amor maior crescia na sua alma por Jesus, sentindo confusamente que houvera entre os seus destinos uma igualdade de sofrimento...

Os seus braços erguiam-se para a Lua que subia. Ali, nas alturas, estava o Senhor. E mesmo vendo a Lua tão brilhante e triste, ele pensava se não seria essa a face do Senhor!

Assim pensava, sentado numa rocha. Os olhos de um lobo luziram entre o mato. Ele pensou que talvez, esfomeado, o lobo descesse à aldeia. E erguido, deu um brado, espantou a fera para os altos, para longe dos caminhos que desciam à aldeia. Ele via-os, esses caminhos, por entre os pinheiros. E, em baixo, as luzes mortiças, mais longe o Pego da Dona, brilhando como um disco de prata. Aí era o casebre onde, a essa hora, Joana dormia. Nunca mais ele a veria deitada na sua canastra, coberta com o mantéu negro da mãe. Nunca mais as suas mãozinhas lhe

arrepelariam as barbas. E uma tristeza imensa tomava-o, uma vontade de se deitar para sempre na serra, e ficar ali até que os seus ossos brancos se não distinguissem das rochas brancas. Mas quem faria rir Joana, como ele, quando a erguia nos braços até à rama dos mais altos pinheiros? E quem lavraria o campo da viúva? Essa, decerto, lamentava a sua saída da aldeia. Nela sempre encontrara doçura, e um rosto que sorria na sua tristeza. Se ela o visse, decerto diria: «Cristóvão, olha o gado; Cristóvão, olha a lenha!...» Se os outros o perseguiam, ela ao menos o acolheria. E agora Cristóvão esperava a madrugada para descer ao casebre de Joana.

Ténue e fresca, a madrugada nasceu por fim na serra. Rastejando entre

os arvoredos, agachado para que a sua cabeça no fosse vista acima das árvores, rodeou a serra, veio ao casebre da viúva. A cancela estava fechada. O galo cacarejava, sobre o monte de mato. Já decerto o lume se acendera dentro, porque da telha vã saía fumo: e as cotovias cantavam muito alto no céu claro. Cristóvão apareceu por trás, defronte da porta do aido. Um grito assustado cortou o ar. A viúva vira Cristóvão, e, arrebatando Joana, que brincava no chão, fugiu para dentro do casebre, gritando como o padre: *Abrenuntio!*

Cristóvão ficou imóvel. Também ela, pois, o temia, não o queria mais! Não havia em toda a aldeia já um coração que se lembrasse. As crianças fugiam dele. Porquê? Lentamente afastou os passos, tão

triste que o canto das cotovias quase o fazia chorar. Ao lado o Pego da Dona rebrilhava, como um espelho redondo. Debruçado sobre ele, olhou a sua face. Então, pela primeira vez, sentiu a sua fealdade. Decerto o repeliam por ser disforme. Esse era o seu pecado. E carregado com o peso da sua fealdade, Cristóvão para sempre deixou os lugares onde nascera.

10

Longos dias caminhou. O país era deserto, com rochas, grandes despenhadeiros. A sede levou-o a um

regato, que cantava entre pedras. Bebeu, e foi seguindo aquela água clara que fugia. Ao fim de longas marchas encontrou um rio. Colinas suaves, onde branquejavam casas, erguiam-se dos dois lados da corrente serena e muda, orlada de salgueiros. Uma ponte antiga ligava as duas margens — e tendo-a passado avistou, erguidos, recortados na manhã clara, os muros de uma cidade. Quase de repente duas portas, sob uma torre que encimava a muralha, rodaram: — e delas irrompeu uma multidão que fugia. Era gente que trazia às costas as enxergas, as bilhas de água. As crianças, chorando, agarravam-se às saias das mães; os velhos erguiam os braços, para que esperassem por eles; — e por vezes todos se afastavam de algum cavaleiro, que,

embuçado no manto, a pluma do chapéu ao vento, se escapava ao galope de um ginete magro. Um fumo, como de fogueiras, subia por trás das muralhas; as ameias não tinham sentinelas; e todo o ar estava cheio de dobrar de finados, badalado nas torres.

A turba que fugia, vendo Cristóvão, corria mais espantada, tropeçando, caindo sob o peso dos fardos; ele estendia os braços para amparar os velhos; o terror crescia: — e em torno das suas pernas, como em volta de torres, a multidão debandava, gritando.

Chegou por fim à entrada da cidade. Dois soldados, atónitos, fecharam as portas. Cristóvão galgou o fosso, transpôs as muralhas. Diante dele abria-se uma rua, com trapos caídos nos enxurros,

e todas as portas fechadas sob as tabuletas, que rangiam na haste de ferro ao vento agreste. Um fétido terrível tornava o ar pesado: e dois frades, erguendo o hábito, fugiam de um homem em que se espojava no chão, com a face toda verde, a boca escancarada, gritando por água! Cristóvão correu para ele, ergueu-o nos braços, levou-o a um chafariz, onde a água jorrava de carrancas. O homem bebeu a largos tragos — as suas pernas inteiriçaram-se, e ficou nos joelhos de Cristóvão morto, já quase decomposto. Mas, de uma casa próxima, gritos soavam; e, erguendo a face, viu uma velha, esguedelhada, que da esguia janela, onde restava um pé de flor seca num vaso, chamava por socorro, torcendo os braços. Das janelas vizinhas faces pálidas

espreitavam. Mais longe, prantos novos se ergueram. Cristóvão, tendo posto o cadáver no chão, olhava espantado sem compreender a dor, que parecia pesar na cidade. De uma taberna, subitamente, saíram soldados bêbados, cambaleando, cantando, com as faces lívidas de uma noite de vinho e de orgia. Cristóvão ia interrogá-los — quando um de repente caiu, torcendo-se numa agonia. Os outros, subitamente desembriagados, fugiram. E Cristóvão acudia ao agonizante, quando ele ficou hirto, morto. Ao fundo da rua passava uma procissão, em que um padre, de túnica branca, erguia um relicário que reluzia, enquanto mulheres, atrás, descalças, desgrenhadas, torciam os braços, clamando para o Céu misericórdia. Os sinos não cessavam o

seu dobre a finados: e homens trazendo barricas de breu, acendiam às esquinas fogueiras que subiam ao ar, fazendo estalar os vidros das gelosias.

Um padeiro, mais pálido que uma tocha, abria a uma esquina as tábuas da sua loja. Cristóvão dirigiu-se a ele, e curvando-se, com as mãos nos joelhos, perguntou-lhe que mal corria na cidade, e por que soavam tantos prantos. O homem recuara, inquieto, perguntando por seu turno se ele viera com saltimbancos para se mostrar. Cristóvão disse que não, e com um gesto mostrou o horizonte distante de onde vinha. Então o homem aconselhou-lhe que fugisse, porque a cidade toda morria da peste negra.

Quando assim falavam, um ruído de correntes arrastadas ressoou no lajedo.

E dois homens, com cadeias de ferro presas aos pés, apareceram, trazendo um morto numa padiola. Atrás outros homens, de faces sinistras, com correntes aos pés, traziam outros mortos... Eram os forçados das galés, que iam enterrar os mortos, guardados por soldados, que faziam estalar no ar compridos látegos de couro. Então Cristóvão tomou aos ombros os dois mortos que jaziam junto à fonte, e começou a seguir os forçados. Assim saíram as portas, até chegar a um olival, onde estava plantado uma cruz. Uma vala irregular e tortuosa atravessava sob a ramaria pálida. À pressa, os forçados atiraram os mortos para dentro, e com as enxadas lançaram sobre eles uma ligeira camada de terra. Ao ruído, bandos de corvos, que pousavam nas oliveiras,

bateram o voo, grasnando furiosamente.

Cristóvão sacudiu as mãos da terra, e sem atender aos brados dos soldados que o chamavam, recolheu à cidade, ao acaso, por outra porta, que estava toda tomada por outro funeral, onde havia frades, escudeiros com círios em torno de um caixão, cujo pano de veludo tinha um brasão bordado. Então, todo o dia percorreu as ruas, socorrendo os que caíam, desviando os mortos do meio das calçadas — e ao escurecer já se tornara tão familiar, que das gelosias gritavam: «Eh, homem!» Ele vinha, carregava os mortos para a vala, limpava as imundícies dos pátios, corria a encher as bilhas de água — e mesmo alimentava as crianças que choravam sozinhas nos casebres.

Como em todas as casas havia um morto, e se receava o contágio, a multidão errava pelas ruas, entregue ao terror e ao delírio. As mulheres, os velhos, corriam às igrejas, a implorar as relíquias, saltavam por cima dos cadáveres que atulhavam os adros. Estes, julgando que o mundo ia findar, corriam às tabernas, arrombavam as pipas, e as blasfémias dos ébrios juntavam-se ao pranto das mulheres. A cada esquina havia rixas — e por vezes, numa rua deserta, onde todos os moradores tinham morrido, Cristóvão tinha de expulsar os porcos, que roíam ossos humanos. De resto, os animais, abandonados, percorriam as ruas, e por vezes um cavalo espantado, um touro fugido do matadouro, corriam, esmagavam a gente, e era Cristóvão que os segurava

com os seus punhos enormes.

A cada instante os gritos dos doentes abandonados o detinham. De rastos, ele introduzia o seu vasto corpo pelas escadas estreitas, e ia dar de beber aos doentes, limpar-lhes as imundícies, oferecer-lhes o seu vasto peito para eles morrerem sobre o calor de um coração humano. Por vezes um moribundo queria a extrema-unção; mas os padres tinham fugido, os raros que ainda havia não bastavam para tantos moribundos; e Cristóvão, tomando um crucifixo, de joelhos, bradava junto do leito fétido: «Jesus, meu Senhor, sê com este infeliz!»

Todas as noites havia grandes penitências. Bandos de homens, de mulheres seminuas, corriam as ruas, rasgando as carnes, cobrindo a face de

lama, cantando cânticos ferozes em que as invocações ao Senhor se confundiam com apelos ao Demónio. Por vezes, de repente, uma voz gritava: «É culpa dos judeus!» E a multidão, tomando chuços, agarrando fachos, corria às casas dos judeus, que apareciam oferecendo sacos de ouro, e caíam sob os golpes, ou ficavam com as barbas queimadas.

Nas ruas ricas os palácios estavam fechados: e através das janelas sentiam-se músicas e o tinir das baixelas de prata, porque alguns pensavam que se devia esperar a morte no seio do prazer. Outros, porém, iam de casa em casa, em festas seguidas: — e viam-se cavaleiros, sem manto, com gotas de vinho nas barbas agudas, caminharem na rua, entre tocadores de bandolim e de flauta,

tropeçando com os seus imensos sapatos bicudos nos cadáveres abandonados: e, para os ver passar, surgiam aos balcões mulheres pálidas, com o seio descoberto, peles de arminho na orla do vestido, e a cabeça coberta de uma mitra aguda de onde pendiam molhos de longas fitas, que o vento fazia ondear como flâmulas de mastros.

Toda a noite Cristóvão trabalhara. Como os guardas não fechavam as portas, por vezes os lobos, atraídos pelo cheiro da podridão, apareciam nas ruas escuras. E Cristóvão, que juntava os cadáveres, corria contra eles bradando, com uma tocha na mão. Os mortos, que assim juntava, ia-os de manhã sepultar nos campos de oliveiras. Depois ia colher à serra ervas aromáticas, que salvam da

infeção, e pondo-se às esquinas oferecia-as à gente que saía das suas moradas e que, tomando um molho, se afastava respirando-o com confiança. Como os ladrões abundavam, Cristóvão vigiava as casas dos cambiadores da moeda, dos joalheiros: e se surpreendia uns homens correndo, com alguma coisa escondida sob o saião, tirava-lha e ia depositá-la numa igreja. Era ele quem distribuía a água, varria as imundícies, acendia fogueiras para depurar o ar. E pouco a pouco, era tão conhecido, que as mulheres, vendo a sua sombra passar rente das gelosias, chamavam sobre ele a bênção do Senhor. Os ricos atiravam-lhe bolsas com que ele ia comprar pão às viúvas. Os seus passos eram por vezes embaraçados pelas crianças, que se

prendiam às suas pernas como a colunas. Os mercadores confiavam-lhe as suas tendas. Quando ele se ajoelhava à porta de uma igreja, dentro as orações eram mais ardentes. E como ele acarretava as lenhas dos soldados, polia as suas armas, rondava por eles as portas — os soldados gritavam na rua: «Viva Cristóvão!»

Uma tão grande popularidade inquietou o sobrinho do príncipe, que, tendo seu tio fugido da peste, cora os seus tesouros e concubinas, governava a cidade, e queria, por ambição do poder, ganhar as simpatias do povo. Mas a sua face lívida e dura, sobre um corpo enfezado e corcunda, desagradava às mulheres pela sua fealdade, aos soldados pela sua franqueza. Um dia em que ele seguia uma procissão, com as relíquias de

S. Teódulo, o povo, à sua passagem, permaneceu com o joelho apenas dobrado. Logo atrás, porém, entre o povo vinha Cristóvão, como uma torre entre casebres. Um mercador rico dera-lhe vinte varas de pano de Flandres, para um saio: e todo ele sorria na sua simplicidade, agitando duas palmas verdes que as confrarias dos Irmãos Hospitaleiros lhe tinham dado, como emblema da sua caridade. Ao vê-lo, o povo, que se apertava contra as portas fechadas, rompeu a gritar o seu nome entre bênçãos: «Bom Cristóvão! Cristóvão grato ao Senhor!» Uma dama atirou-lhe a flor que tinha no seio. Os velhos baixavam a cabeça como na passagem de um justo.

O conde, adiante, tornara-se mais

pálido. E nessa noite dizia, sentado à lareira, desapertando o gibão: «Quem me livrará daquele monstro que transvia o povo!» Os guardas, tendo combinado baixo, a um canto, vieram, cercando a sua alta cadeira de espaldar, animar por adulação o seu secreto pensamento. Não era conveniente, na verdade, que um ser disforme, dos que se mostram nas feiras, ganhasse assim raízes no coração do povo... De resto, a sua força seria depressa domada com fortes correntes de ferro. E não havia, fora da cidade, um despenhadeiro, onde se poderia lançar o corpo do imenso bruto? E quando, na manhã seguinte, Cristóvão começava o seu almoço junto da catedral, um pajem veio, sorrindo, e convidou-o a ir à presença do príncipe, que lhe queria dar

ouro, e vestidos que conviessem a um homem tão serviçal. Pensando que os vestidos serviriam a cobrir os presos, que a miséria trazia nus, Cristóvão sacudira as mãos, onde a broa se esfarelara, e obedeceu ao pajem, que corria para lhe seguir as passadas.

Apenas Cristóvão entrara no palácio, as grossas portas, eriçadas de ferros, foram fechadas. O conde, que estava num balcão, gritou agitando o gorro emplumado: «Eh, Cristóvão!» E como ele movia um passo, sorrindo, com a face erguida para o balcão, de onde pendia um veludo franjado de ouro — dois soldados meteram-lhe bruscamente entre as pernas uma trave, e Cristóvão tombou no lajedo. Logo, de todas as portas, romperam homens inumeráveis, que cobriram o

imenso corpo deitado, como as formigas cobrem um tronco. Num montepio foi amarrado com grossas correntes de ferro: e para que nenhum grito dele saísse, uma mordaça tapou-lhe a boca. Depois todos, recuando vivamente, contemplaram em silêncio o gigante vencido. O príncipe desceu para o ver, com damas, cujas caudas eram como longas tiras de tapete sobre o pátio. E os pajens cuspiam sobre a sua face barbuda. Ele pensava no Senhor que fora flagelado — e mais nos pobres que ele servia, e que decerto nesse dia sentiriam a sua falta. Todo o dia assim ficou, cercado de lacaios, de cozinheiros, que deixavam o serviço para o vir ver. E no coração de alguns havia uma compaixão.

A noite desceu, escura, sem uma

estrela. Então Cristóvão abriu os olhos. Os cães de fila, soltos, rondavam o pátio. A sentinela dormia, à porta, encostada à lança: e das altas ogivas do palácio vinha um clarão, e um rumor de violinos. Então Cristóvão retesou os músculos — e com grande ruído todas as correntes estalaram, Diante da grande forma erguida, os molossos fugiram, latindo. A sentinela, largando a lança, fugiu. E Cristóvão, de um só golpe de ombros fazendo estalar a porta, saltou o fosso, entrou nas ruas desertas. Mas de repente parou, pensando que, se revelasse a traição do conde, o povo, os soldados, que o não amavam, lhe fariam mal, e, se a calasse, o conde, decerto, o faria matar. Assim se ficasse, ou o seu sangue correria, ou correria o sangue dele por sua causa. E então

Cristóvão dirigiu-se à grande porta da cidade. À luz de um retábulo da Virgem os soldados jogavam os dados. E vendo Cristóvão, perguntaram-lhe se o príncipe lhe dera uma bolsa, ou panos para um vestido. Cristóvão murmurou:

— O príncipe deu mais que eu esperava.

E passou, penetrou nos caminhos, deixando para sempre a cidade onde fora bom aos aflitos.

11

Longos dias Cristóvão errou pelos caminhos — até que uma tarde chegou ao

sopé de uma montanha, cujas rochas o sol-poente cobria de cor-de-rosa. Um homem, com um hábito de frade, um longo capuz de onde saía uma barba branca, subia lentamente os córregos alcantilados, gemendo sob um molho de lenha. Cristóvão pedira ao velho para carregar ele a lenha. O frade, receando um demónio, traçou no ar uma cruz, e como Cristóvão repetisse sobre o peito as linhas santas, o frade consentiu que ele lhe tirasse o molho dos ombros. E limpando o suor com a manga esfarrapada do hábito enquanto caminhava ao lado de Cristóvão, perguntou-lhe se ele fugira dos homens que o mostravam numa feira: e como Cristóvão dissesse que vinha da cidade, de além, o frade compreendeu que ele viera decerto atraído pela santidade

daquela montanha povoada de ermitas. E pensava: «Aqui está um homem, decerto simples, e de força imensa, que poderia aliviar dos seus trabalhos os santos varões que ali habitam, deixando-lhes mais tempo para aperfeiçoar a alma, e dar batalha segura ao Tentador...»

Então foi guiando Cristóvão até que chegaram a uma choupana feita de ramos, entre pedras alcantiladas. À porta da cabana, cravada entre duas pedras, erguia-se uma cruz tosca, e ao pé, sob uma caveira, pousava, aberto, um grande in-fólio. Dentro da cabana havia só um leito de folhas secas e uma bilha com a asa quebrada.

O ermita, tendo indicado a Cristóvão o sítio onde devia deixar o molho de lenha, tomou de uma buzina

pendurada à porta da cabana, e afastando os longos pelos do bigode branco, lançou três sons roncos, que ecoaram nas quebradas. Cristóvão, tímido, considerava cada movimento do ermita como uma ação de santidade. Então, das sendas várias do monte, começaram a aparecer, caminhando devagar, uns apoiados a bordões, outros com as mãos escondidas nas mangas, ermitas, a quem um longo capuz escondia a face. O primeiro que chegou, dando com Cristóvão, fez o sinal da cruz, e depois, com um gesto, chamou os outros, que, assim apressados, saltaram de rocha em rocha. Quase todos tinham longas barbas, grisalhas e incultas, as túnicas esfarrapadas, e o lodo dos caminhos seco em crosta nas pernas. Com um gesto lento coçavam pelo corpo a

vérmina que os cobria: e, se as pernas ou os braços se lhes tinham chagado, erguiam as túnicas como tirando contentamento daquelas misérias da carne. Alguns, porém, eram novos, ainda robustos, mas tão pálidos já, que as faces sob o capuz eram como uma cera na sombra. Todos se curvavam diante do monge que guiara Cristóvão; e depois ficavam mais calados e mudos que imagens sobre um túmulo. Mas então o ermita, que parecia ter a autoridade de um prior, explicou que, ao sopé da montanha, voltando de recolher a lenha, encontrara aquele homem de corpo imenso e de imensa força, mas tão simples que não sabia de onde viera, nem em que terra nascera. E logo lhe acudira, como inspiração de cima, a ideia de o recolher, e de o ocupar no serviço dos santos

irmãos que habitavam a serra, à maneira do que praticara Santo Antão no Egito, que, para que os seus irmãos do ermo, e ele próprio, se absorvessem melhor na oração, e mais livres ficassem para dar combate ao Demónio, tomara um negro de muita força, que conduzia a água, rachava a lenha, segurava nas mulas dos peregrinos, transportava as coifas das provisões. Assim, de ora em diante, tendo quem os servisse, nas suas almas não haveria mais cuidados do que a conquista do Céu. Tendo findado, e baixando a face sob o capuz, como recolhido em oração — os ermitas, sem quebrar a sua mudez, retomaram os caminhos da serra, e um a um foram-se sumindo entre as rochas e os robles.

Só com Cristóvão, o ermita,

voltando à cabana, trouxe um pedaço grosso de broa, de que deu uma parte a Cristóvão. Ambos beberam da bilha: — e tendo ordenado a Cristóvão que fosse com a lenha às costas, através da serra, para a distribuir pelas ermidas esparsas, estendeu-se em frente da cruz, e, pousando a cabeça sobre uma pedra, ficou mergulhado em oração.

Cristóvão partiu. Cada ermita lhe ensinava, sem falar, com um mover lento da mão, a ermida mais vizinha. Em todas, a mesma caveira alvejava ao pé da mesma cruz. E àquela hora da tarde todos estavam à porta da ermida partindo o seu pão, e tendo ao lado, interrompido, ou o livro que liam, ou o grande rosário que desfiavam, ou algum cesto que encanastravam, ou as esteiras que teciam.

À porta de cada cabana pendia uma buzina e um molho de disciplinas, com pontas de ferro. Quando Cristóvão chegava, todos alçavam o olhar baixo: nalguns o olhar era sereno, de uma serenidade morta; noutros refulgia com um vago clarão de terror, ou uma viva luz, que parecia alongar-se numa curiosidade sem fim. Humildemente, Cristóvão depunha o molho de lenha com respeito, como junto de um altar: e os monges, tendo seguido o seu movimento, baixavam de novo a face sob o capuz. Quando Cristóvão voltou à ermida do prior — ainda o encontrou estendido, com a cabeça pousada na pedra, dando por vezes um suspiro. Então, calado, foi sentar-se a distância numa pedra.

O Sol descia ao longe, vermelho

como uma amora. Nenhum rumor cortava a placidez do ar. Os homens pareciam estar muito longe: — e depois daqueles dias passados na cidade empestada, Cristóvão sentia toda aquela serenidade entrar-lhe na alma como uma carícia sem fim. Mas lembrava todos aqueles que deixara, e mesmo lhe parecia ver certos detalhes — a casa da esquina onde ele ia levar pão às crianças abandonadas, o velho a quem ia chegar a bilha da água. Decerto sentia a falta desses seres que socorria: — mas naqueles ermitas havia tanta fraqueza, tanta necessidade que decerto seria doce ocupar-se no seu serviço. O Sol desaparecera. Todo o vale de rochas estava negro. Por vezes um grande pássaro escuro esvoaçava. Uma estrela pequenina luzia, depois outra. O

santo prior orava, com a face sobre a pedra fria. E Cristóvão, cansado, estendeu o imenso corpo na terra, adormeceu.

Alta noite acordou: — um som lento, desolado, de buzina, caía de rocha em rocha pelo silêncio da serra. Era como o apelo de um coração aflito: — e imediatamente o prior, correndo de dentro da cabana, se atirou de joelhos diante da cruz, rezando, com furor tumultuoso. Decerto, longe, algum irmão estava sofrendo uma tentação do Inimigo, e já meio vencido, soprava a buzina avisando todos os ermitas para que o ajudassem com as suas orações a rechaçar Belzebu. Sentado no seu rochedo, Cristóvão olhava, cheio de simplicidade, sem compreender, com as mãos pousadas sobre os joelhos — quando de outro lado

da serra, lá no cimo, outra buzina soou, chamando socorro para outra alma atacada. Mais tumultuosas se precipitaram as orações do ermitão. Mas a buzina ressoava mais aflita! E então o santo homem, desesperado, gritou a Cristóvão que acendesse uma fogueira perto da cruz, para que ela, destacando em negro sobre o vermelho do lume, fosse vista pelos demónios, que nessa noite pareciam dar um ataque terrível à santa montanha.

Ferindo lume com duas pedras, Cristóvão, rapidamente, fez uma fogueira, soprando com as faces inchadas: a lenha nova estalou, uma chama subiu, outros lumes em breve apareceram na negrura da serra: — e os sons das buzinas decresciam como as ânsias de um coração que sossega. Um silêncio pesou então.

Cristóvão cerrara as pálpebras. E o prior, um momento, aqueceu à chama as suas mãos trémulas.

Mas os seus olhos ficavam-se na chama, com uma atração crescente: um clarão de cobiça iluminava-lhe a face, e a sua língua apareceu à beira da boca seca, como adiantando-se para uma grande peça de carne tenra, vermelha, chiando ainda no largo prato onde fora assada... Chegou mesmo a estender a mão aberta. Mas deu um grito. Onde tinha ele os espíritos, que não reconhecera uma ilusão do inimigo, que o vinha tentar pela gula?! Furioso, ordenou a Cristóvão que apagasse a fogueira.

Com os braços em cruz, passeou então no estreito terraço bordado de pedras. A sua boca seca mascava com um

ruído contínuo: — e ia balbuciando orações. Os olhos de Cristóvão, fixos no brasido vermelho que restava do fogo, iam-se cerrando. Toda a montanha se calara. E como insensivelmente atraído, o ermita voltou a olhar o brasido, que vermelhava numa brasa viva. O que ele agora via eram montões de dinheiro, ducados de ouro, montes de rubis escarlates que se esboroavam, uma infinita rutilação de tesouros. Bastava baixar a mão, e teria tesouros para comprar um condado, erguer catedrais, assalariar mercenários, comprar joias às rainhas, ter todas as satisfações do poder, e do amor, e do orgulho eclesiástico. E todavia o ermita sorria, sacudia a barba branca, murmurando: «Bem vejo a tua ilusão, ó maldito, que me julgavas

desprevenido! Mas a minha alma está forte, e nela, como o archeiro na torre, a oração vigia, cheia de força!...» E com o pé espalhou os carvões ardentes. E Cristóvão pensava na sua simplicidade: «Quantas coisas vê este homem, que eu não vejo! Decerto é por causa da sua sabedoria e da sua santidade.»

No entanto, o ermita recolhera à sua cabana: mas, apenas entrara, soltou um grito, e saiu recuando, com os braços abertos, que pareciam sacudir uma visão. Era uma mulher, de esplêndida brancura e toda nua, que ele encontrara deitada de costas sobre o seu catre de folhas, com braços abertos que o esperavam e o chamavam. E durante um momento, as suas mãos, como impelidas por uma força oculta, tinham-se estendido para ela

irresistivelmente; mas nos pés, tão brancos, reconhecera um pé de cabra — e, tendo-se benzido freneticamente, a mulher evaporara-se, como um fumo negro, através dos ramos da cabana. Mas quase cedera à temerosa ilusão — e se no momento em que lhe estendia os braços tivesse morrido, era o Inferno, a danação completa! Então agarrou violentamente as disciplinas, e arrancando a túnica, gritou: «À obra, à obra santa!» As duras correias de couro de boi, armadas de unhas de ferro, cingiam-lhe a cinta, rasgavam-lhe a pele do dorso. A cada golpe, dava um gemido rouco: mas, pouco e pouco, de duros e aflitos os gemidos tornaram-se lentos e lânguidos: — e o pobre ermita, a cada vergastada, murmurava: «Socorro, meu Senhor, socorro, que estes golpes que

dou em mim começam a ser como um contacto delicioso!... Faz que eu sofra. Senhor! Dá ardor infinito aos vergões que sulcam a minha carne! Sopra para dentro das feridas a tua cólera! Que ela me queime e arda, como um pez inflamado!...» E, de repente, caiu como morto, com os braços estendidos.

Cheio de piedade. Cristóvão ergueu-o do chão, e empurrou-o como um corpo morto para dentro da cabana, onde ele ficou estirado, com algum lento gemido que por vezes o sacudia.

Amanhã clareava. Cristóvão adormeceu.

Então começou, desde esse dia, o seu serviço entre os ermitas. Todas as manhãs ia buscar um tonel à fonte, que brotava em cima, de entre rochas, e ia

enchendo, de ermida em ermida, as bilhas de barro. Depois cortava a lenha, amassava o pão, que se cozia num forno de tijolo, junto de uma capela onde os santos homens ouviam missa e comungavam. Era ele quem tocava o sino, punha giesta sobre o altar — e, por ordem do prior, espalhava seixos sobre o chão da capela, para que os joelhos dos ermitas se macerassem. Pela tarde, tendo reunido as esteiras, as alpercatas, os cestos; que os ermitas fabricavam, descia a uma povoação do outro lado da serra, onde trocava aquelas obras das santas mãos pela farinha, por ervas, e pelo vinho das galhetas. Todos estes serviços eram fáceis e doces. Mas, pouco a pouco, Cristóvão sentia como uma melancolia e um desejo das cidades e da vida dos homens. A

montanha era triste e sem verdura; — mas a sua tristeza vinha sobretudo do silêncio, da amargura, da desolação dos santos que a povoavam. Todo o dia era por eles consumido a gemer, mesmo quando trabalhavam — e o seu esforço constante era a martirização dos corpos, onde se lhes instalava o Inimigo. Mesmo imóveis, quietos, se estavam mortificando: uns traziam um cinto de pregos, que lhes rasgava a carne; outros introduziam debaixo do hábito formigas ou vespas que os picavam; outros suspendiam do pescoço uma pedra enorme, e caminhavam arquejando e tropeçando. Toda a doçura humana lhes era alheia. Ao pão que coziam misturavam terra; a água, só a queriam já envelhecida e pútrida. Por vezes alguns permaneciam, dias e dias,

imóveis, de pé sobre uma pedra, com as mãos espalmadas, sob a chuva, e, quando o sono ou a fome os iam vencer, enterravam uma espinha aguda no peito; outros dormiam com a cabeça sobre uma pedra, outra pedra sobre o estômago, outra sobre as pernas juntas, e eram como cadáveres de justos lapidados. Por vezes, Cristóvão oferecia-se para lavar as chagas, tirar os espinhos dos pés, curar com cinza e água a mordedura dos insetos. Mas todos o repeliam, e para tornar as feridas mais irritáveis expunham-se ao sol ardente, ou deitavam-lhes areia fina. Um imenso sofrimento cobria a montanha; e sobre ela o Sol parecia uma lâmpada triste, através dela o vento um gemido angustiado.

Era, porém, de noite, que ela se

tornava terrível. Animados pela escuridão, os demónios subiam por cada caminho, para atacar os santos homens. Em cada cabana era uma luta temerosa. Os santos tinham a oração, as suas longas disciplinas armadas de unhas de ferro: mas os demónios, por seu lado, tinham as coisas deliciosas a que as almas sucumbem. Aos ermitas que vinham esfomeados os diabos ofereciam longas mesas, cobertas de flores, onde os pavões assados arqueavam as penas entre os montes de fruta e os blocos de gelo; aos que tinham sido cavaleiros mostravam montes de ouro, armas invencíveis, longos exércitos para ir conquistar reinos e saquear cidades ricas; aos velhos faziam ofertas de mitras, que lhes dariam entre os homens a suprema autoridade das coisas

santas; — e a todos a tentação suprema, a Beleza, a Mulher, ora magnífica, desenrolando as tranças, erguendo uma túnica de gaza, ora delicada, escondendo com os braços o peito nu, e sorrindo fragilmente.

Mas quando as seduções não bastavam, os demónios, furiosos, tentavam o terror. Então eram serpentes pavorosas, surgindo de entre as rochas; vastas asas moles e fétidas que, com um golpe, derrubavam; figuras colossais, listradas de branco e negro, que. brandiam forquilhas, vertendo uma baba de fogo. Os gritos dos ermitas atroavam a serra; as buzinas ressoavam; uma furiosa rajada de orações subia para as nuvens; as correias das disciplinas voavam no ar, com gotas de sangue: — e, espantados pela grandeza

da penitência, os demónios cediam, abalavam, limpando o suor, esfalfados.

Uma grande piedade enchia então o coração de Cristóvão. Por que sofriam assim aqueles homens, que encanastravam as vergas, caminhavam com a face baixa, não faziam nenhuma ofensa e só apeteciam o Céu? O seu desejo era ajudá-los, rechaçar ele só, com a sua grande força, as turbas negras do Inferno. Então, ao menor apelo da buzina, corria para o lado do ermita atacado. Arquejando, com os imensos punhos fechados de santa cólera, avançava na escuridão. Mas onde estava o Demónio? Ele via o santo ermita recuar com pavor, via o escuro lugar para onde ele estendia a cruz, como uma lança... Mas se se arremessava para lá, os seus braços vingadores só encontravam a noite

negra. Quantas vezes ele encontrava o ermita, que tremia todo e murmurava: «Oh, como é branca, e doce à vista, e cheia nas suas formas!...» Cristóvão compreendia: era decerto uma mulher, a temida Mulher, que arqueava os braços, descobria o peito... Para a empolgar, a esganar, ele quase rastejava no chão, colhendo o hábito. Mas as suas mãos indignadas só agarravam o tojo, os musgos de uma pedra fria. Então ele próprio clamava para os terríveis demónios: «Vinde para mim, vinde para mim!» E, arrancando um tronco, atirava tremendos golpes, ou, arrancando uma imensa lasca às penedias, arremessava-a através da noite. Os troncos batiam contra os troncos; as rochas, com estridor, quebravam sobre as rochas. E diante dele,

nada havia, senão a montanha. Pois era possível que ele nunca ferisse um dos demónios inumeráveis, que ali vinham de noite? Ia então, mal clareava a madrugada, procurar, com a cabeça baixa, as pegadas dos diabos fugidos, algum chifre que lhes tivesse partido, ou sobre a terra chamuscada alguma gota do sangue maldito. Encontrava apenas as violetas lustrosas de orvalho. E então recolhia à sombra dos seus robles, bocejando com lentidão.

Pelas festas do ano, o povo da aldeia subia à montanha, vinha visitar os ermitas. Uns, doentes, aflitos com males, amparados pelos parentes, vinham implorar a saúde àqueles amigos do Senhor. Outros pediam a sua intervenção para obter uma colheita abundante, ou a

herança perdida. As mulheres traziam os filhos para que eles, tocando-os na cabeça, lhes dessem vida forte e próspera: — e as que eram estéreis vinham implorar as doçuras da maternidade. A montanha era como um arraial de peregrinos. As crianças, correndo, tropeçavam nas muletas dos coxos. As raparigas, com uma flor metida na orelha, formavam danças no adro da capela. Os que tinham feito promessas arrastavam-se de joelhos sete vezes em torno das cruzes, ou penduravam no altar pés de cera, laços de fitas e cestos de frutas. Como voltariam tarde para a aldeia, quase todos traziam provisões, e, dependurando os mantéus nos troncos das árvores, faziam grande círculo em torno das melancias abertas, bebendo dos

pichéis de vinho.

Os ermitas iam por entre a turba, e por vezes mal podiam mover os passos lentos, envolvidos, suplicados pelos feridos que, fartos de unguentos, pediam que lhes tocassem nas chagas com o rosário, pelos mendigos que queriam que lhes sarassem a sarna, pelas velhas hidrópicas que descobriam o ventre, esperando um remédio do Céu. Outros queriam apenas a bênção. Havia faces inquietas que pediam uma profecia sobre as vindimas. Outros estendiam os rosários para eles os benzerem. E os ermitas tocavam as feridas, prometiam boas colheitas, sossegavam as mães dos endemoninhados.

Depois o prior subia ao púlpito rústico, feito de pedras, e enumerava as

obras gloriosas da montanha. Onde houvera, mesmo no Tebaida, no tempo sublime dos Antãos, dos Pacómios, uma penitência mais alta? E mostrava as suas faces emagrecidas pelos jejuns, as suas carnes rasgadas pelas flagelações. Uma imensa admiração arrebatava as turbas piedosas. E todos queriam ver nos corpos dos santos a evidência da sua santidade. E só havia então ermitas mostrando as chagas que eles tinham assanhado, as pisaduras que lhes deixavam as pedras onde dormiam, os dentes estragados pelo pão azedo a que misturavam cinza. As mulheres erguiam as mãos chorando. As mais ardentes arrancavam pedaços da túnica dos ermitas, que guardavam no seio como relíquias. Os velhos beijavam a terra onde eles tinham pousado os pés.

Diante das cabanas havia multidão a admirar a dureza dos leitos, a bilha quebrada, o grande in-fólio. Alguns julgavam ver as pegadas dos anjos que visitavam os ermitas. Outros queriam provar o pão, ou, cheios de respeito, tocavam com o dedo nas disciplinas. Cristóvão era invejado por viver entre eles. Muitos queriam abandonar os casais, para vir servir os santos: — e havia sempre algum que, para ficar na montanha, se escondia entre as rochas, e que era necessário expulsar quando o Sol descia, e a hora chegava da solidão e da prece.

Mas nessas noites, depois dos arraiais, as orações não eram tão profundas, nem as penitências tão altas. Cansados, sentados à porta das suas cabanas, os ermitas saboreavam, no

silêncio do seu coração, a sua imensa santidade. Cada um se sentia famoso, falado nas lareiras do vale. Decerto a fama da sua santidade chegaria aos castelos. Os bispos falariam deles nos concílios. E mais tarde talvez as suas imagens se ostentariam sobre os altares. E Cristóvão então via-os olhar complacentemente, acariciar as feridas da penitência, escolherem uma pedra maior para encostar à noite a cabeça. O prior vinha então congratular os seus irmãos. A sua face resplandecia. E era ele que relembrava os movimentos da multidão, e como as suas chagas tinham sido beijadas. E já certo do poder da sua voz, falava em descer à planície, pregar contra a relaxação dos Beneditinos. A sua estatura cada vez se erguia mais. Um dia mesmo

mostrou em triunfo uma carta do conde da Ocitânia, que o consultava sobre os dízimos. E Cristóvão entristecia. Era como uma saudade de outros homens mais humanos, e do riso das crianças. Era sobretudo como uma impaciência de toda aquela inutilidade dos ermitérios, os longos e ocos silêncios, as horas passadas com a fronte sobre uma pedra, aquela imobilidade contempladora de onde não saía nenhum bem, nada que aquecesse o coração. Povoada por toda aquela inércia, a montanha ainda lhe parecia mais inerte. E vinha-lhe como um desejo de sacudir aquela imobilidade dos homens e das coisas, e com as suas mãos arremessar conjuntamente os ermitas e os robles, as caveiras e as rochas, e empurrá-los para alguma ação útil, mandá-los de roldão,

pela montanha abaixo, a ser úteis aos homens!

O seu coração pouco a pouco se destacava daqueles amores. Já não corria tão alegremente a encher as bilhas; tanta cruz envolta por tantos braços, não lhe causava doçura na alma; e aborrecia as caveiras, cora o seu riso imóvel, oferecendo ao Sol a sua frialdade branca. Quando de noite as buzinas soavam, implorando o auxílio de orações irmãs, não se erguia em sobressalto, apiedado. Toda a flagelação o impacientava. E nos dias de festa embrenhava-se nos altos da serra, para não presenciar o orgulho dos ermitas, mostrando as feridas das disciplinas.

Um dia o prior mandou-lhe construir, com um madeiro, uma cruz da

altura de um homem. Três dias Cristóvão trabalhou. E quando, enfim, cravou a cruz num ponto evidente da serra, onde não havia arvoredos, o prior chamou os seus irmãos de ermitério. Um por um, desceram, rezando baixo. O prior encostara-se à cruz, com o corpo colado ao madeiro, e abriu os braços ao longo dos braços da cruz — cruz humana, colada à cruz de lenha. Depois ordenou um cântico. Quando ele cessou:

— Agora — disse o prior — vou ficar aqui, sem comer, sem dormir, durante três dias, pelas três pessoas da Santíssima Trindade. Esta obra é gloriosa!

Todos ergueram as mãos ao Céu, edificados. Cristóvão, nessa tarde, desceu o córrego até ao vale, e, sem sequer volver os olhos, abandonou para sempre a

montanha.

12

Cristóvão tomou o caminho do lado oposto aos povoados — e começou a caminhar, ao acaso, pela longa ravina que contornava a serra. Era como o leito de uma antiga torrente, que seguia funda entre rochas, seca e triste infinitamente. Toda a noite caminhou à luz de uma grande Lua cheia. De madrugada dormiu à boca de uma caverna. A solidão era como a de um mundo deserto, onde só ele habitasse. Cristóvão sonhou com prados e regatos muito frios, muito límpidos, que corriam entre aloendros em flor. Quando acordou teve sede, e em roda só havia um torrão tão estéril, que nem nele crescia o tojo.

Todo o dia, marchando sempre, Cristóvão padeceu sede. Ao pôr do Sol,

julgou ver ao longe uma água que rebrilhava. Eram largas lajes de pedra como restos de um terraço, ou do lajedo de um solar. Deitado, esperou ali a manhã: e, através de um sono incerto, julgava ver como olhos luzidios de lobos, que passavam, se sumiam para além de um barranco. De manhã dirigiu os passos para esse barranco, e aí ao fundo havia como uma água lodosa e pútrida, que ele bebeu com delícia.

Durante dois dias mais, caminhou; e o deserto não cessava, com vales estéreis, penedias alcantiladas, e um solo pedregoso, negro, gretado, que escaldava sob o sol de agosto. Sentado por vezes contra uma rocha, Cristóvão cerrava os olhos sob a fadiga, o ardor da estiagem, e parecia-lhe ver grandes pedaços de pão, e

frutos que caíam de maduros ao passar de um vento fresco. Estendia a mão, e só encontrava as pedras quentes. Retomava a marcha, e, marchando sempre, padecia fome.

Mas uma tarde que caminhava, já tão fraco que os seus pés tropeçavam a cada instante, encontrou-se de repente numa encosta, onde uma floresta sombria verdejava. Cristóvão mergulhou na espessura. Bem cedo sentiu um murmúrio de água. Mais longe, uma carvalheira estava carregada de bolota. Cristóvão focou ali dois dias, consolando com lentidão a fome e a sede. Depois, quando emergiu da floresta, avistou diante de si uma região com árvores, um riacho que fugia, muros, e uma tranquilidade habitada. Um fumo lento subia, a

distância, para o claro céu. Cristóvão alongou para lá os passos. O fumo subia de um casebre queimado; ao lado havia barricas arrombadas; o cadáver de uma vaca, meio seco, desaparecia sob o zumbido das moscas; o pomar estava arrancado e devastado; e em redor todo o solo, a erva, estavam espezinhados, como por um tropel de cavaleiros em marcha.

Cristóvão seguiu, caminhando à beira do regato. Grandes prados verdejavam, cobertos de botões-de-ouro. As ramas dos salgueiros mergulhavam na água fugidia e clara. Os pássaros chalravam na frescura. E no meio desta paz, um moinho com a porta arrombada, e pendente dos gonzos, os grandes paus das velas partidos, as paredes chamuscadas do lume, jazia com a tristeza de um

cadáver num prado de primavera. Cristóvão dirigiu-se para o moinho. De uma árvore meio partida, que se erguia por trás, junto às escadas, pendia um velho enforcado, com uma pedra amarrada aos pés. Ao lado negrejavam os tições apagados de uma fogueira, e junto dela uma lança esquecida.

Cristóvão foi seguindo. Por todo o caminho havia as confusas pegadas de cavaleiros em marcha; todas as sebes estavam rotas; uma ponta rústica fora partida a machadadas; outros casebres apareciam devastados, nus, com o colmo queimado: — e nem uma criatura se via, entre aquelas ruínas.

Ao fim de um longo dia, porém, tendo-se sentado junto de um casebre em ruínas, sentiu um ruído entre as árvores:

— e um homem apareceu, em farrapos, lívido, escaveirado, e logo se sumiu entre a espessura das árvores. Para o deixar livre de medo, Cristóvão ergueu-se e foi mais adiante, onde havia uma colina com rochas. Um grande roble crescia à boca de uma caverna. E ao ruído dos seus passos, uma cabeça de velha apareceu à boca da caverna, e logo se sumiu assustada. Cristóvão pensava com dor por que se esconderiam estes homens. Por que seria aquela terra povoada por gente que se escondia nos bosques, nas tocas dos bichos, debaixo das penedias?... Porquê? Uma grande piedade já o ia tomando. Se ouvia um rugir de ramagens afastadas, gritava: *Paz! Paz!*, para tranquilizar aqueles corações aterrados. Mas logo as ramagens se fechavam e tudo ficava mudo.

Ia caminhando. Bebia nos regatos, comia a bolota e as ervas dos prados. Um dia avistou uma aldeia de casebres de colmo juntos em torno de uma igreja, cuja torre estava em obras. Um caminho seguia entre filas de plátanos. Ao penetrar nele, uma mulher que, agachada com uma criança, procurava ervas, fugiu tão tontamente, que deixou a criança no chão. Cristóvão apanhou a criança, tão magrinha que se palpavam os seus pobres ossinhos, sob a pele cheia de feridas: e nem chorava, com a mãozinha sobre a testa, onde as chagas eram maiores. Todo o coração de Cristóvão se enchia de dor. Lançou um grande brado pela mulher. Ninguém respondeu. Então, tomando a criança ao colo, seguiu sob os plátanos. Mas sentia, através das folhagens, alguém

que o seguia. Pousou no chão a criança, afastou os passos. E voltando-se bruscamente, viu a mulher que saltava de entre o tojo, arrebatava a criança e de novo se sumia no mato.

Ao fim do caminho era a aldeia. As primeiras casas, junto de uma paliçada de estacas, estavam desertas, nuas por dentro, como saqueadas. Nem uma rês de gado se via nos aidos. Nem uma foice pendia sobre a lareira. A uma porta, uma velha, mais magra que um esqueleto, olhava com os olhos fixos cavados no vago, e como deslumbrados de espanto. Um cadáver abandonado, que ninguém enterrara, tinha as mãos decepadas. Por vezes uma figura passava correndo, com os cabelos ao vento. Uma figura de mulher, de bruços, com os cabelos soltos,

estava agarrada a um berço vazio.

Mas ao fim da aldeia, junto de um calvário, viu correr gente em magote. Um frade meio descalço, sem capuz, de olhos ardentes, erguia uma cruz, chamava a justiça de Deus. Como podiam os homens sofrer mais sobre a terra? Os senhores andavam em guerra, e daí vinha o mal dos pobres. Os barões corriam as suas terras, e tudo saqueavam, tudo roubavam para adestrar soldados, ter hostes brilhantes. Se outros, mais fortes, os faziam prisioneiros, de novo voltavam nos seus grandes corcéis, a saquear, roubar, tirar ao pobre a última acha, a última mão-cheia de favas, para reunir o preço do resgate. Se ficavam vencedores, eis que voltavam a saquear os restos, a arrancar a seara ainda mal madura, para celebrar

festas e erguer solares ricos. Depois, atrás, passavam ainda as companhias de mercenários, que, nada encontrando, queimavam os muros, destruíam os arvoredos, e matavam as crianças nos berços. Quanto tempo mais consentiria o Senhor este mal que ia na Terra? Por toda a parte que ele andara, só vira a fome. As mulheres comiam os cadáveres dos filhos. Os homens em breve seriam como feras. E ai dos que se encontrassem no caminho da turba esfaimada!

A sua mão tremia no ar cheia de ameaças. E em torno dele os moços lívidos apertavam os punhos, com olhares que procuram uma arma. Mas outros baixavam a cabeça. Que podia o pobre, só, na sua terra estéril? A justiça devia vir de Deus. Uma mulher gritou: «Ou antes do

Demónio!...» Um murmúrio de terror passou entre a gente.

Cristóvão saiu da aldeia com o coração esmagado. Os seus olhos erguiam-se para o céu. Ali, por trás do azul, estava o Senhor! Decerto ele via tantos sofrimentos, as guerras, as fomes, as pestes.

Por que não descia do seu trono de ouro? Uma carícia da sua mão direita daria aos pobres a abundância, os frutos, as tulhas cheias de pão; e os bandos negros dos senhores cruéis desapareceriam como nuvens que o Sol desfaz, ao mover da sua mão esquerda... Por que não vinha o Senhor?

As terras que Cristóvão atravessava continuavam desoladas, até que, penetrando numa região mais amável

e fértil, com pradarias, aldeias, viu ao longe longos fumos esguios que se elevavam para o céu. Um grupo de soldados derrubava árvores. E bem depressa viu as barracas de um acampamento. Era uma companhia de tunos. As tendas estavam alinhadas sem ordem, ao acaso, todos procurando a maior proximidade do rio. E como era à hora do rancho, viam-se os soldados, de bruços, mergulharem na água as grossas panelas de ferro. Por toda a parte, sobre as fogueiras acesas, suspensos de varas de ferro ensarilhadas, ferviam os caldeirões: — e junto aos carros, onde vinham as barricas de vinho roubadas nos casais e nos mosteiros, os homens juntavam-se, com os seus pichéis na mão. Dois carniceiros esfolavam um boi

estirado no chão: — e o trabalho era feito num rumor incessante de pragas e cantos.

Todos os homens, de barbas incultas, grandes cicatrizes nos rostos, imundos, tinham um curto saio de malha de ferro: e como estavam num país vencido, sem receio de surpresas, os morriões e os broquéis pendiam à entrada das tendas rotas, umas de lona, outras de peles de carneiro. Sobre um cômoro era a dos chefes, com bandeiras flutuando. Por todo o acampamento circulavam mulheres, que seguiam os soldados, umas roubadas nos assaltos das aldeias, outras que acompanhavam, por deboche, o bando dos homens; todas tinham o ar cansado dos grandes furores que suportavam. Aqui e além, um monge descalço, com uma adaga na corda no hábito, o olhar ardente, ia de

tenda em tenda. Alguns homens jogavam os dados. Outros limpavam as armas. Os falcões gritavam sobre os seus poleiros, feitos de lanças.

Serenamente, na sua simplicidade, Cristóvão atravessou o acampamento.

Como os bandos cada dia recrutavam novos tunos, ou aprisionavam servos, ninguém estranhava a sua presença. «A quem pertences?», perguntavam-lhe. Ele atirava um gesto vago para as tendas. E julgando-o idiota, como todos os gigantes, deixavam-no ir, ou aproveitavam a sua força para mover os pipos, rachar lenhas, descarregar dos machos os grandes fardos amarrados com cordas. Tendo trabalhado, Cristóvão comeu e bebeu. A noite caiu: as estrelas luziram. Por toda parte se acenderam

fogos. Em torno deles os homens bebiam, jogavam os dados, ou escutavam um monge contando histórias do Diabo. Por vezes um grito de mulher espancada cortava o ar. As canções imundas abafavam o grito das sentinelas. E da colina, onde acampavam os chefes, vinha uma música doce de pífanos e atabales.

Cristóvão, no entanto, ia através das tendas. Se via um tuno ferido que punha panos nas chagas, agachava-se para ajudar. Aos cavalos presos, que relinchavam voltando o focinho para a água, ia buscar uma dorna cheia. E aliviava as mulheres dos fardos de lenha que os homens as obrigavam a acarretar. Mas aquela gente era má, queimava as aldeias, arrombava os sacrários, espancava duramente os animais, deixava

as crianças morrendo à míngua nos silvados dos caminhos — e Cristóvão, alta noite, saiu do acampamento, pensando, na sua simplicidade, que Jesus, seu amo, não o que quereria entre aqueles corações duros.

Três dias e três noites caminhou, e penetrou por fim numa região de grande penúria. A terra seca, gretada, abandonada, nem produzia cardos. Toda a flor secara nas árvores. A cada instante, ossos de animais branquejavam nos caminhos. As gentes dos campos, que ele encontrava, não tinham mais que ossos sob os trapos que os cobriam, e os seus olhos brilhavam como os das feras. Por vezes, à beira de um riacho, viam-se mulheres, crianças, maceradas, arrastando-se, devorando as raízes das

árvores. Nas terras mais nuas, era a terra mesma que eles comiam às mãos-cheias entre lágrimas que lhes caíam nos dedos. Uma noite, passando junto de um cemitério, viu figuras sombrias, que, tendo desenterrado um morto, o talhavam em postas junto de uma fogueira. Depois foi um mendigo que lhe pediu para o proteger, porque a gente daqueles sítios atacava os pobres mais fracos, para ter carne humana. Todo um dia Cristóvão caminhou com o mendigo às costas. E, batendo os dentes de horror, o mendigo contava de pais que comiam os filhos pequenos, de outros que atraíam os viajantes para os matar. Ao fim do dia, tendo posto o pobre coxo no chão para descansar, viu-o suspirar e morrer. De noite, por todas as partes luziam os olhos

dos lobos, esfaimados também, correndo a roer os cadáveres. Negros bandos de abutres torneavam no ar.

E a dor de Cristóvão era tão grande que erguia os braços ao Céu, e gritava pelo Senhor. Ele decerto não escutava. À porta das ermidas, debalde o povo se apinhava, implorando misericórdia: os santos não desciam dos seus altares; as relíquias dos mártires pareciam ter perdido a força; e, desiludida do Céu, essa gente apedrejava os sacrários.

Quem salvaria os homens? E Cristóvão caminhava cheio de dor, por não os poder salvar. De que lhe servia a força dos seus grandes braços, toda a vontade do seu coração?! Alargando os passos, atirando os olhos ao longe, ele só

procurava um meio de servir os homens: — e mesmo por vezes lhe vinha à ideia reunir alguns miseráveis e dar-lhes a sua própria carne a comer.

Um dia que assim pensava, chegou a uma terra onde viu homens cavando o torrão, outros arando, outros semeando. Um troço de besteiros vigiava aqueles homens, que a fome emagrecera: — e um monge, com um tinteiro metido no cinto de corda, lia um rol de nomes. Eram os abades dos mosteiros, os bispos em concílio, que assim arregimentavam os mais fortes das aldeias, e por uma ração de pão os obrigavam a trabalhar, para que as terras não ficassem incultas e não fosse maior o tormento da fome. Eram homens de braços fortes, mas emagrecidos pela fome. As mulheres, os filhos, vinham com

eles para partilhar da magra ração de pão. Cristóvão pediu uma enxada; e, tendo admirado a força dos seus braços, o monge indicou-lhe um campo a limpar de pedregulho e do tojo. Com que paixão ele se lançou ao trabalho! Era como se já estivesse saciando todas as fomes futuras. O tojo arrancado fazia montes junto aos seus grossos pés nus: — e ainda por vezes acudia a ajudar os mais fracos, que tropeçavam sob um carreto de pedras, ou, exaustos, deixavam fugir a enxada das mãos. Em torno as mulheres, sentadas, imóveis, com os filhos em redor, esperavam que os homens trouxessem ao fim da tarde a ração de pão, junta num cesto que os besteiros guardavam: mas a sua fome era tanta que se precipitavam sobre os semeadores quando,

mergulhando a mão na sacola, atiravam, com um gesto lento, um punhado de grão. Os besteiros tinham de correr, repelir as crianças que gritavam.

Os olhos de Cristóvão estavam cheios de lágrimas. Por vezes, cavando a terra, dizia baixo: «Oh, terra, dá depressa o pão! Oh, terra, tem piedade!» E então os seus golpes de enxada tornavam-se mais doces, quase tímidos, como se receasse magoar aquela que implorava. Quando se distribuía o pão, ele tomava apenas uma côdea, e fazia partes iguais que dava às escondidas às crianças. Todos os olhos das mães se voltavam para ele. Os homens murmuravam pensativamente: «Tu és o melhor...» De noite ele seguia o bando dos cavadores, que iam dormir em largos alpendres, à orla da floresta. Mas

raros eram os que se atiravam para cima dos molhos de palha. Uma grande velha, descarnada e esguedelhada, cujos olhos rebrilhavam como brasas, vinha rondar em torno aos casebres apoiada a uma forte vassoura. Ao encarar a sua sombra negra passando no luar, os homens soltavam um suspiro, outros murmuravam: «É a sina!» As mulheres, à pressa, adormentavam as crianças, procuravam entre a palha vassouras, ou pequenas cabaças, ou um pedaço de véu branco. E todos, uns depois dos outros, em silêncio, desapareciam sob o arvoredo. Uma noite uma forte criatura, de olhos ardentes, disse a Cristóvão: «Vem.» E ele, na sua simplicidade, tomou o bordão e partiu. Por toda a floresta, por baixo de toda a folha, se sentia o roçar de gente que

caminhava em silêncio. Por vezes um grito prolongado cortava o grande silêncio. E, mais rápidas, as formas perpassavam sob a folhagem que rumorejava. Assim, Cristóvão chegou a uma clareira, cercada de velhos e altos carvalhos, onde a lua mal penetrava. Uma multidão já a atulhava, trazendo candeias, ou alguma tocha fumarenta que bailava entre os ramos. Uma vasta mesa de pedra alvejava no meio; e um raio de luar, caindo em cima, alumiava um alguidar de ferro, junto de uma tripeça, coberta por uma pele de chibo. Uma impaciência parecia agitar toda aquela negra turba, onde por vezes um olhar reluzia, como o de uma fera na espessura. Uma voz, ao longe, gania: «Voa, voa!» E, umas após outras, vozes lamentosas e dolentes

murmuravam: «Voa!»

Então a grande velha descarnada avançou, escarranchada sobre a vassoura. Outra correu atrás dela, com os grossos cabelos ao vento; e outra ainda — até que uma longa cauda de mulheres, esguedelhadas, com o peito nu, grande cendal branco voando ao vento, começou a girar em torno da mesa, lamentável, com um mover de braços abertos semelhante a um bater de asas cansadas. Deram assim uma volta lenta — até que, parando diante da tripeça vazia, a grande velha estacou, e erguendo os braços lançou uma invocação:

S. Marcos te amarque,
S. Manços te amanse,
A Graça te fique,

A Hóstia te pique!
Sempre que me vires
Em mim te remires,
E quando me não vires
Contra mim suspires!

E soturnamente toda a turba gemeu, com a cadência de um martelo que cai na bigorna:

S. Marcos te amarque,
S. Manços te amanse!

Subitamente a grande fila de mulheres largou numa correria, onde os cabelos se misturavam, as saias meio rotas se espedaçavam, gritando, clamando, uivando, desesperadamente:

Sempre que me vires
Em mim te remires,
Quando me não vires
Contra mim suspires.

Cada vez mais rápida girava a grande ronda, com pulos enormes, que atiravam as fraldas brancas pela cabeça, misturavam as grenhas, faziam entrechocar no ar as vassouras e rocas. Já de entre a turba, que olhava em volta, partiam grandes brados. Aqui e além um braço erguia-se, sacudindo furiosamente uma tocha. Pulos furiosos mostravam uma saia esvoaçando no ar. Havia uivos de lobisomens. E entre as pernas de Cristóvão, aterrado, grandes figuras, como de cães, fugiam com as mãos galopando na terra. Mas mais alta que

todos os clamores, uma buzina de corno ressoou. Então houve um silêncio tão grande, que se sentia as folhas mover-se ao vento lento da noite.

De novo a grande velha estava defronte da tripeça, agitando a sua grande vassoura. E lentamente, baixo, numa suplica humilde, começou:

Eu te encanto e recanto
E ainda te sobreencanto,
E por um sino-saimão
Metido num coração,
E por fel d'excomungado,
E pelo bode pintado,
E pela asa do morcego,
E pelo seixo do rego,
E pelo sangue do drago,
E por tudo o que te trago,

Vem!

Um imenso apelo ressoou: «Vem!» Todos os braços se erguiam desesperadamente para a tripeça vazia. E a velha, como possuída do delírio, bradava em apelos agudos que varavam o ar:

— Vem contra o Senhor! Vem contra o Bispo! Vem contra o Letrado! Vem contra o Rico!

E cada vez a turba clamava mais ansiosamente: «Vem!, vem!»

Uma grande restolhada cortou a espessura — e sobre a mesa, escarranchado, apareceu um homem enorme, de longa barba preta, todo coberto de pelo preto, que o assemelhava a um bode. Uma aclamação soou, um

delírio arrebatou a todos. As mulheres pulavam, os homens sacudiam os barretes — enquanto a criatura negra, imóvel, dardejava em silêncio os seus olhos coruscantes. Depois, quando se fez de novo um silêncio, a criatura, estendendo o pé, gritou numa voz rouca:

— Adorai!

Todos lhe beijaram o pé, que desaparecia sob os felpos longos do pelo.

Mas então um homem, envolto num grande lençol branco arranjado como uma dalmática de bispo, e com uma mitra negra na cabeça, veio caminhando a coxear para o altar, a ler um livro que segurava nas mãos. Cristóvão conhecia-o. Era o coxo que trabalhava ao lado dele, rosnando palavras ininteligíveis.

Tendo posto o livro sobre o altar,

o homem abriu os braços, e começou a celebração de um rito, que, com horror, parecia a Cristóvão semelhante à missa da sua aldeia. Curvado sobre o livro, com as mãos postas, ele resmungava uma leitura; erguendo os braços, saudava a criatura felpuda; e quando, voltando-se para a turba, lançava uma bênção, todos se curvavam, e risos bestiais estalavam com amargura. Imóvel, a criatura, com as mãos pousadas nos joelhos, recebia o culto. Um acólito, lindo como um pajem, misturava um líquido negro num vaso. E dos grandes carvalhos em redor caía uma sombra negra, que a lua, aqui e além, cortava de manchas lívidas.

Como na missa, uma campainha ressoou. O homem mitrado recebeu o vaso, fez uma invocação, derramou uma

gota sobre os pés juntos da criatura negra, bebeu o resto — e tendo limpado os beiços à porta da sua dalmática, subiu a uma tripeça, e ficou recolhido, como um pregador que vai lançar o seu texto. Um silêncio caiu, tão fundo, que se sentia o menor rumor das folhas. Um raio de Lua batia a face barbuda do coxo, que começou a pregar.

Erguendo os braços, perguntou onde se encontraria felicidade para o pobre? A terra era para ele lugar de desolação. E desde que nascia até que o levavam para a vala, ele não fazia mais que gemer na escravidão. Da alvorada à noite, trabalhava. E para quem ia todo o fruto do seu trabalho? Para o Senhor, para Bispo, para o Intendente que vinha com archeiros. Para que o Senhor tivesse

armas, ele não tinha lume, e tremia de frio. Para que o Bispo tivesse banquetes, ele não tinha pão, e empalidecia de fome. Para que o Intendente vivesse em casas cobertas, ele vivia em tocas que as suas mãos cavavam na terra.

E era só necessidades que sofria? Não. Era espancado, arremessado para o fundo de prisões, morria entre tormentos... Se a sua mulher era bela, vinham homens de armas que a levavam. Se a sua cabra dava bom leite, vinha o senescal do convento que a confiscava. Tinha de pagar para nascer, tinha de pagar para morrer. Nos homens, para ele, não havia piedade. E havia-a porventura no Céu? O Céu mandava as fomes, mandava as pestes. Quem salvaria o pobre?... Amo forte, que o protegesse, só lhe restava Aquele que

vive debaixo da terra e que tem todos os poderes. Ele reunia os seus filhos, ali, onde eram livres e onde não chegava a lança do Senhor, nem o báculo do Abade. Ele ensinava os remédios que livram da peste. Ele fazia achar os tesouros. Ele fazia reflorir a terra. Ele dava do seu corpo o comer aos que têm fome, do seu sangue o beber aos que têm sede. Glória a ele nas trevas!

E a multidão gritava: «Glória a ele nas trevas!»

Então, saltando da tripeça, o coxo gritou:

— É a hora! Vinde comer e beber, amai a quem vos ame, e sede homens livres no fundo da noite livre!...

Subitamente, dois homens apareceram, trazendo um grande carneiro

assado que, com facas, começaram a retalhar. Outros colocaram na mesa de pedra uma pipa de vinho. Com um clamor bestial, toda a turba se arremessou para o feiticeiro. A criatura negra bradava: «Comei do meu corpo, bebei do meu sangue!» Os pedaços sangrentos da rês desapareciam nas docas vorazes. Em malgas de louça, em vasos de buxo, o vinho negro espumava. Alguns fugiam com a sua ração para a devorar em silêncio. Outros lutavam entre si, como cães disputando um osso. As mulheres empinavam as malgas do vinho, que lhes escorria nos peitos. Havia outros que, na alegria do comer, dançavam, brandindo um osso esburgado. Sob a mesa, havia braços descarnados lutando pelos restos. Já uma embriaguez aquecia as almas.

Gritos roucos partiam das bocas das mulheres. E de pé, o grande bruxo, intimava a Lua a que se escondesse, para que os homens fossem mais livres, no fundo da noite livre. Cristóvão, imóvel, olhava, encostado a um tronco, a cabeça escondida na ramagem ligeira. Por vezes, um pastor, agarrando uma das mulheres, arrebatava-a para a escuridão. Gemidos de pecado contente soavam na negra espessura. As feiticeiras rasgavam os últimos trapos, e nuas, hediondas, galopavam escarranchadas sobre as vassouras. A grande mulher trigueira arrebatou e enlaçou Cristóvão, com olhos que o devoravam, murmurando: «Vem!»

Ele suavemente empurrou a criatura — e só, triste, de uma tristeza infinita começou a caminhar através do

mato espesso. O seu coração sangrava. Aquela gente clamorosa não era amiga do Senhor. Perdidas estavam as suas almas. Mas por que sofriam eles tanto? O coxo dissera a verdade. Para o pobre só havia miséria. O Senhor vinha com a sua grande lança, depois o bispo como o seu duro báculo. E quando nada restava ao pobre, uma mulher branca surgia, encostada a uma vara branca — que era a Peste. Pobres homens! Pobres criancinhas! Por que não vinha o Senhor?

13

Assim pensando, caminhava

Cristóvão. Todo o dia caminhou. Desde a véspera não tivera pão, nem água: — e ao fim do dia, sentado numa pedra à beira de um caminho, ele pensava onde encontraria o pão dessa ceia. O sítio em torno era deserto e triste. Nenhum caminho conduzia a moradas humanas. Ao lado estendia-se uma grande lagoa. Altos canaviais erguiam as suas maçarocas negras. E a água parecia dourada, tocada do Sol que descia. Um bando de patos bravos voava no alto. E o silêncio era triste e profundo.

Cristóvão ia seguir, marchar, quando o rumor de uma cavalgada ressoou ao longe, e uma comitiva apareceu, caminhando com lentidão. Dois besteiros a pé marchavam na frente. Um servo trazia molhos de archotes, para a primeira

escuridão da noite. E logo atrás caminhava uma vasta liteira, com cortinas de couro vermelho e topes de plumas aos cantos. Duas damas, ao lado, montavam mulas brancas. Em roda vinham cavaleiros com lanças. E as arcas das bagagens carregavam duas fortes mulas, emplumadas de vermelho.

Cristóvão, logo de pé, tirou humildemente o seu barrete. E vendo aquela forma enorme, esguedelhada, negra, na claridade dourada da tarde, os dois archeiros, estacando, retesavam o arco, uma das damas deu um grito. A liteira parara, e de entre as cortinas uma dama muito velha, envolta em peles, espreitou, pondo ante os olhos a mão, coberta com um guante de caça. Mas Cristóvão, humildemente, caíra de

joelhos. Então a dama deu uma ordem: — e um escudeiro, rudemente, mandou aproximar o homem enorme. Ele veio por entre os cavaleiros, cujas altas lanças direitas, nas selas, não lhe chegavam aos ombros largos. E pelas cortinas da liteira, descerradas, a velha dama, outra mais nova e pálida, e uma criança loura como um anjo, olhavam com espanto. Cristóvão caiu de joelhos junto da liteira. E como lhe perguntassem a que terra senhorial pertencia, e por que andava só nos caminhos, Cristóvão, na sua simplicidade, só pôde murmurar que vinha de além e tinha fome. A dama mais nova palpou a sua escarcela — e a criança gritou: «É o gigante que servia Roldão!» Em roda os cavaleiros riram com respeito. E subitamente o pequeno fidalgo, sentado

sobre os joelhos da velha, pediu, com um lindo mimo, para ter ele também um gigante, que o seguisse, com uma clava. A velha sorria. E, sem hesitar, deu ordem aos cavaleiros para que trouxessem Cristóvão. Com um gesto foi mandado marchar ao lado das bagagens. E de novo os guizos dos machos tilintaram, e a comitiva seguiu lentamente. O Sol descera. Os escudeiros acenderam os archotes. E a cada instante, de entre as cortinas da liteira, aparecia a cabeça loura da criança que espreitava, queria ver se vinha o seu gigante. E Cristóvão soube pelos estribeiros que aqueles eram os senhores do castelo de Riba Dona, que ficava para além das lagoas.

Bem depressa, no alto de uma colina, entre grandes bosques que desciam

para ò vale, surgiram as altas torres. Na mais alta ardia uma chama, que se torcia ao vento. Longas buzinas soaram. E à entrada da ponte levadiça apareceram tochas inumeráveis, que os escudeiros erguiam alto.

O intendente, o senescal, dois frades com hábito, outros cavaleiros esperavam no pátio. Nas janelas ogivais brilhavam claridades. E o sino da capela repicava alegremente. Um escudeiro, cuja barba branca caía sobre um corpete de couro branco, recebeu nos braços a criança loura, que as damas cortejavam, mergulhando nas suas longas saias de cauda, orladas de peles. Um tapete fora desenrolado sobre a vasta escadaria. Os cães latiam alegremente. E sob a grande porta, que sustentava um escudo de armas,

uma camareira esperava, com um jarro de prata na mão, enquanto outras ao lado tinham uma bacia que rebrilhava, e uma branca toalha fina. A cauda enorme da velha que levava a criança pela mão, desapareceu sob o alto portão. Os estribeiros levavam os cavalos à rédea, outros recolhiam as lanças. E os cavaleiros, cujas esporas retiniam sobre os lajedos do pátio, contavam ao intendente e ao padre como a jornada fora boa, com a ajuda do Senhor, sem encontro de touros nem de lobisomens.

Mas, no entanto, todos os criados cercaram Cristóvão, com espanto. Ele torcia o seu barrete nas mãos, humildemente. Os pajens riam da sua grenha hirsuta, da imensidade dos seus pés cheios de terra. Os mesmos

cozinheiros tinham corrido para o admirar. Os cães, assustados, latiam.

Mas um pajem veio correndo chamar Cristóvão à sala de armas: — e através de um corredor abobadado, por onde ele tinha de caminhar todo vergado e de portas de carvalho que mal podia passar, levou-o a uma sala que era grande como a nave de uma igreja. Pelas paredes estavam encostados molhos de lanças. Das traves do teto pendiam bandeiras, e ao fundo, numa vasta chaminé, ardiam troncos de árvores, a que os cavaleiros, de pé, aqueciam as mãos. Uma cortina ergueu-se e as duas damas apareceram com a criança no meio delas, e seguidas dos pajens, que traziam tochas de cera.

O pequeno senhor do castelo (porque seu pai morrera, havia dois anos,

na guerra do rei da Ocitânia) tinha feito seis anos pelo Natal, e era tão delicado e louro que pareceu a Cristóvão o Menino Jesus que havia no altar da capela. Mas desde criança, fora educado para ser um cavaleiro forte: todas as manhãs lhe esfregavam os lábios com um pedaço de ouro bento, para que as suas falas fossem honestas e brilhantes; a sua roupa era secada ao lume sobre o fio de uma grande espada, para que crescesse forte e amigo das armas; e trazia ao pescoço um pedaço do Santo Lenho, para que o seu coração se enchesse do amor do Céu. O seu encanto fora sempre ouvir as histórias dos Paladinos. De noite sonhava com Roldão, e estendia o braço para empunhar a grande trompa que soara em Roncesvales. E desejava libertar damas presas em

torres, domar dragões e ser servido por um gigante armado de uma clava.

E ali o tinha, o seu gigante, maior de que todos aqueles de que ouvira falar, nos serões de inverno, aos trovadores que passavam esmolando, ou aos peregrinos que tinham visto as maravilhas da Terra Santa. Direito, a mãozinha assente na cinta, o olhar rebrilhante, estava diante de Cristóvão — que sorria, com a vasta face barbuda toda pendida e enternecida para ele. Então, erguendo o dedo para o alto, onde estava o ombro de Cristóvão, disse muito sério:

— Quero subir lá acima.

O seu aio ergueu-o nos braços, mas não chegava àquela altura. As damas riam; os cavaleiros também, metendo os dedos entre os fios das barbas. Então

Cristóvão agarrou delicadamente na criança, e pousou-a no seu grande ombro. Lá no alto, a criança sorria, vendo todos em baixo, tão pequenos, junto dos joelhos do gigante. Espicaçou o ombro de Cristóvão, gritou: «Caminha!» E Cristóvão marchou, através da sala. Para passar, a criança afastava as bandeiras que pendiam. Os seus olhos, cheios de orgulho, reluziam como estrelas. Mas a mãe inquieta erguia as mãos, chamava: «Ruperto! Ruperto!» — E o aio, todo erguido nas pontas dos pés, estendia os braços para as alturas de Cristóvão, para receber Ruperto que se atirara de lá, rindo e sem medo.

Então a dama velha deu as suas ordens ao senescal. Cristóvão foi levado às cozinhas — onde os pajens, os criados,

correram para ver Cristóvão, sentado no chão, com uma bacia de barro nos joelhos, cheia de vinho, esfarelar dentro grandes broas, que um criadito lhe trazia, ajoujado.

Deitado, nessa noite, numa velha cavalariça abandonada, Cristóvão sentiu uma grande paz, e como um calor que o envolvia, vindo menos da palha fresca em que jazia do que do sentimento vago de que alguém o estimava; o queria, necessitava dele. Era aquela criança tão linda, tão nobre, com os seus longos cabelos de ouro. E toda a noite sonhou que uma criança assim, cujos cabelos louros caindo sobre a camisa branca o envolviam num brilho de ouro, vinha desde a ponta dos seus pés, caminhava ao comprido do seu corpo, como por uma

estrada desigual que galga montes e vales: os seus pezinhos mal pousavam; e chegada junto da sua face, a criança parava, e debruçada sobre os seus grandes olhos, parecia contemplar dois lagos tranquilos e claros como espelhos. Depois no mesmo silêncio, e caminhando sobre o seu corpo, recuava até à ponta dos seus pés, de onde se elevava para o ar, resvalando num raio oblíquo da Lua, que entrava por uma fenda.

Ao primeiro alvor da madrugada, antes que a buzina das sentinelas anunciasse o dia, Cristóvão, saindo por uma porta aberta, foi rondar em torno do castelo. Nunca ele vira construções tão magníficas. Uma longa muralha envolvia toda a colina. Os nenúfares cresciam na água dos fossos. E para além eram

arvoredos, terras de cultura, por onde um rio, coberto àquela hora de névoa, serpeava por entre grandes choupos.

Desde tanto tempo havia paz naqueles feudos senhoriais, que a erva crescia nas fendas da ponte levadiça. A forca patibular, sob a clemência das damas que governavam, tinha as vigas apodrecidas e verdes de musgo. E sobre o torreão erguia-se uma lança, com um morrião espetado, e uma cabaça, significando que ali se dava hospitalidade a cavaleiros e peregrinos. As torres, de telhados agudos, eram inumeráveis, tendo todas bandeiras ou flâmulas, vermelhas e verdes, que esvoaçavam na brisa. Dragões, debruçados das ameias, vomitavam a água das chuvas. E em cada janela ogival, com brasões nas vidraças,

havia um vaso escarlate, onde crescia uma açucena.

Dentro das muralhas, tudo era magnífico. Os lajedos dos pátios, polidos como os de uma igreja, eram cercados de uma bordadura de terra onde cresciam roseiras. O poço era encimado por um pombal que terminava por uma imagem de S. Marcos, onde as pombas vinham pousar, beijando-se sobre o seu grande livro aberto. Por trás da negra torre isolada, que servia de tesouro e de arquivo, havia um jardim em flor: e aos lados um coberto para o jogo da bola, uma álea para o jogo da lança.

E na tranquilidade daquele solar de damas, alheias a coisas de guerra, respeitadas nas longas léguas dos arredores, as sentinelas, sobre as ameias,

jogavam os dados, ou dormiam como frades repletos.

Cristóvão pasmava destas maravilhas, quando um pajem o chamou à presença de um intendente. Numa sala abobadada, sentado numa vasta cadeira de carvalho lavrado, diante de uma mesa coberta de rolos de pergaminho, de in-fólios com armas estampadas, o intendente marcou a Cristóvão as suas obrigações, que consistiriam em acompanhar o senhor sempre que ele saísse, a pé, ao lado do seu ginete, e armado de uma clava. Depois um homem, um corcunda, entrou, e trepando vivamente a uma cadeira mediu Cristóvão, com um côvado de madeira, desde a cabeça aos pés, e saiu, recuando e saudando, com um molho de tesouras e de

agulheiros tinindo à cinta.

Quando o fato que ele assim medira ficou pronto, Cristóvão recebeu ordem para talhar uma maça num tronco de árvore, e, vestido, acompanhar o senhor, que ia visitar as suas florestas: e enquanto o esperava, na clara manhã de agosto, Cristóvão não cessava de se mirar na água clara da cisterna, pasmado das bragas de pano às listas azuis e vermelhas, que lhe cobriam as pernas, e do gibão vermelho e azul, que lhe cobria o peito, tendo bordadas as armas da senhoria.

Bem depressa o senhor apareceu montado num potro branco, com plumas brancas na gorra, sob a qual caíam os seus cabelos louros. Um aio, ao seu lado, levava o falcão no punho. E dois

cavaleiros seguiam, de lança alta. Vendo Cristóvão, o menino gritou de alegria: e três vezes fez correr o potro, que se espantava, em torno de Cristóvão imóvel, com a sua maça ao ombro. Depois, atravessando a ponte levadiça, correu pelo caminho largo, voltando-se na sela, airoso e vivo, para ver Cristóvão, que trotava com as suas vastas passadas, a longa guedelha ao vento. Pelas portas dos casebres, os vilões do castelo ajoelhavam à passagem do Senhor, que lhes atirava moedas de cobre, da sua escarcela: depois, em grupo, com os braços estendidos, ficavam a olhar o gigante que corria atrás.

Ao fim do passeio, tendo parado numa clareira onde se erguia orna torre, o menino não quis montar o potro, mas

voltar ao castelo, cavalgando Cristóvão. Debalde o aio, com um joelho em terra, o potro pela rédea, lhe pediu para montar. Com olhar vivo, ele disse só: «Mas quero!» E, suspirando, o velho aio ajudou-o a trepar até ao pescoço de Cristóvão, onde ele montou, com as suas esporas fixadas no peito de couro.

Então a sua alegria foi extrema. Era como se estivesse no alto de uma torre que caminhasse. Ora o fazia parar para apanhar as mais altas flores dos medronheiros, que atirava ao chão; ora queria espreitar os ninhos; ora, espicaçando o peito de Cristóvão, corria agarrado aos seus cabelos, como às rédeas de um ginete. E assim voltou ao castelo, onde a mãe e a avó, na grande varanda de pedra, apertavam as mãos,

entre inquietas e agradadas, ao ver assim o menino cavalgar o gigante, como nos contos dos menestréis,

E desde esse dia a melhor alegria do menino foi cavalgar Cristóvão. Eram então grandes correrias em torno às muralhas, ou em volta dos fossos, por vezes mais longe, até à floresta, Cristóvão sempre trotando, o menino sempre rindo. E assim pouco a pouco o menino se afeiçoara a Cristóvão, como a um cavalo que o compreendia, o fazia rir, com corcovos violentos, ou passos largos e ondulados, como os de um vasto dromedário. Cristóvão também, pouco a pouco, se dera de todo o coração à criança. Quando o sentia sobre os ombros, toda a sua face se alumiava. Por mais fortemente que ele lhe puxasse os cabelos,

só sentia a carícia das suas mãos. Para o fazer rir, relinchava como um corcel de guerra; ou fingia medo, não queria avançar, e as esporas do menino rasgavam o couro do seu tabardo. Nos dias em que chovia e o menino não saía do castelo, todo o dia Cristóvão rondava tristemente pelos pátios, com a melancolia da sua ociosidade: e de noite não recolhia à sua estrebaria, com os olhos na janela onde luzia a luz que alumiava o menino.

Por vezes, porém, o menino queria que Cristóvão viesse assistir ao seu jantar: — e então dois pajens abriam mais largos os grandes reposteiros de tapeçaria para que Cristóvão penetrasse na vasta sala, onde o teto era pintado de azul, e salpicado de flores que brilhavam como recortadas em ouro. Imóvel a um canto,

ele contemplava o menino, que se sentava ao lado da avó, numa cadeira de alto espaldar como a dela. Por trás, o seu aio tomava os pratos da mão do escudeiro. Sobre a mesa, coberta de linho fino, retiniam os copos de prata. Os bufetes vergavam ao peso das baixelas. Uma grande fogueira bailava na chaminé, onde estava representado o cerco de Antioquia: — e sobre os poleiros, de ferro polido, os falcões afiavam o bico.

Mas, por vezes, o menino queria Cristóvão mais perto. Então a mãe, resignada, fazia um gesto seco: — e Cristóvão, muito humilde, assustado dos esplendores senhoriais, vinha, vergando os ombros, com o seu barrete na mão. O menino queria-o de joelhos, com as mãos no chão, e batia-lhe nas costas, estendia-

lhe pedaços de carne, que ele comia com ruído, para o divertir mais.

Outras vezes, à noite, um pajem vinha buscar Cristóvão às cozinhas, e entrava na grande sala, onde ardia uma fogueira na chaminé. Sentada na sua cadeira, a avó tinha um livro de horas aberto nos joelhos, com o menino ao lado. Defronte a mãe fazia tapeçaria. E um trovador, ao pé, sentado num escabelo, contava um longo romance de cavalaria e de amor. Era sempre um paladino de armas negras, uma dama encerrada nalguma alta torre, um gigante guardando a porta de um castelo encantado. O menino exclamava:

— Também eu tenho um gigante!

E fazia então erguer Cristóvão, que parecia monstruoso, com os grossos

joelhos vivamente alumiados pela chama dos troncos ardendo, a cabeça quase perdida na sombra das altas vigas. O frade erguia as pálpebras dormentes; a dama ficava com a longa agulha suspensa sobre a tapeçaria; e todos, olhando Cristóvão, sentiam mais real e viva a longa história de fadas e cavaleiros. Depois os escudeiros serviam bolos secos, e as grandes canecas do hipocraz.

Assim os dias tranquilos passavam no castelo tranquilo. O vigia, invariavelmente, ao anunciar, com um toque de buzina, o nascer do Sol, içava no mastro da torre de menagem a grande bandeira de seda com as armas do senhor. As janelas do castelo abriam-se; o sacristão varria a capela; o servo dos currais chegava, ajoujado com os seus

cântaros de leite; e os pajens, cantando como pássaros que acordam, desciam correndo para o jogo da bola, ou para a liça coberta, onde o mestre de armas já experimentava as espadas, vergando as lâminas, ou examinava os ferros das lanças.

Se o tempo era claro, as damas e o menino davam um passeio pelos altos terraços. O menino, por vezes, debruçando-se, gritava por Cristóvão, enquanto as damas respiravam o ar fresco, ou seguiam o voo dos falcões novos, que os falcoeiros adestravam.

Ao meio-dia dois trombeteiros anunciavam o jantar dos senhores; ao portão do castelo iam-se juntando os pobres das terras senhoriais, para receberem depois nos saiões estendidos o

resto dos pães, ou a carcaça das aves.

As vezes, pela tarde, um repique de pandeiretas, de guizos, anunciava a chegada de uma companhia de menestréis e jograis: um deles, com o barrete na mão, pedia permissão para dar uma representação no pátio. As damas vinham ao balcão; todos os pajens corriam, o arquivista deitava a cabeça fora da janela da torre, os cozinheiros espreitavam de entre as reixas de ferro: — e no pátio os jograis, atirando bolas, dançando na corda, erguendo pesos, ou representando farsas, levantavam grandes *ah!*, *ah!* lentos e maravilhados. Quando saíam, sempre algum deles chamava Cristóvão com um gesto discreto — e fora da ponte levadiça persuadiam-no a vir com eles, na vida livre e alegre, percorrer os castelos,

visitar as feiras, entrar nas cidades, ganhar dinheiro para a velhice. Ele recusava, com um mover lento da cabeça. E eles seguiam voltando-se ainda para o ver, calculando os ganhos que teriam com a exibição daquele gigante.

Outras vezes era uma comitiva de fidalgos que chegava em visita. O pátio estava todo sonoro do relinchar dos corcéis. Os pajens corriam azafamados. Nas janelas batiam-se as alcatifas: — e nas cozinhas, o mestre, mais afogueado e vermelho que um pimentão, preparava grandes empadões, de onde sairiam pombas vivas. Nesses dias o menino tinha orgulho de mostrar o seu gigante: e, diante dos cavaleiros pasmados, Cristóvão corria em torno com o menino a cavalo no ombro. E o capelão dos hóspedes tomava

sempre as medidas de Cristóvão, para relatar nas histórias.

Outras vezes, já por noite escura, ressoava às portas do castelo uma trombeta de guerra. E um cavaleiro entrava, silencioso, coberto de ferro, seguido do seu escudeiro. Uma camareira corria com o gomil de água perfumada para lhe derramar nas mãos; um pajem desembaraçava-o da sua lança; outro marchava adiante, com uma tocha de cera; — e o cavaleiro, com o seu elmo na mão, sacudindo os cabelos, lançava um nome sonoro de paladino, famoso já naquelas terras. Ou então era um peregrino, que os escudeiros levavam primeiro à cozinha, onde ele alargava o seu manto diante do lume, para o secar da humidade dos caminhos. Cristóvão segurava com

respeito o seu bordão, de onde pendia uma cabaça. Em breve um capelão o conduzia às damas, a quem ele contava as suas jornadas, as maravilhas do Santo Sepulcro: — e Cristóvão esperava, para lhe beijar a orla da sua esclavina, que tocara no túmulo do senhor.

Assim os anos passavam. O menino crescia — e agora começava a ser ensinado em tudo o que respeita às coisas da caça e às coisas da guerra. Todos os dias o monteador trazia cães, para completar a matilha do senhor: e chegavam, às costas das mulas, caixas contendo armas tauxiadas, para o menino lhes aprender o manejo. Mas, por desejo da avó, que era dada às coisas do *alegre saber*, o menino passava longas horas com o capelão, que lhe ensinava a conhecer as

letras, os números, e a traçar o seu nome num pergaminho. Pouco a pouco, o menino perdera a sua curiosidade por Cristóvão. E já por vezes passava diante dele sem lhe sorrir, ou lhe acenar com a mão, já calçada com o guantezinho de caça.

Mas Cristóvão não vivia ocioso. Os pajens davam-lhe as armas para limpar. O sacristão, velho e trôpego, pedia-lhe para varrer a capela — e mesmo era ele quem acendia os fornos da cozinha, ou lavava a baixela suja. Depois, um dia, a avó, lendo uma história em que um gigante guardava um tesouro, quis que Cristóvão guardasse a torre onde estavam os arquivos e as arcas de dinheiro. A torre, então, foi o seu cuidado: constantemente a vigiava para a limpar

dos musgos ou das ervas. Todas as manhãs e todas as tardes batia as reixas das janelas esguias, para que nenhum ferro estivesse frouxo ou dessoldado. Era ele que levava o jantar, a ceia, ao arquivista, sempre debruçado sobre os seus pergaminhos. E agora dormia à porta da torre, com a grande chave de ferro toda fechada na mão. Todavia o menino, às vezes, ainda queria ser seguido por Cristóvão. Eram esses os seus dias alegres. Como um cão meio abandonado, os seus olhos simples e bons imploravam uma carícia. Mas em breve, o menino, com um gesto, o despedia; agora só se interessava por armas, por falcões, por ginetes de guerra. E Cristóvão, suspirando, com o coração pesado, ia estirar-se junto da torre, com a sua grossa

chave sobre os joelhos.

Depois, um dia, um parente chegou ao castelo, trazendo de presente ao menino um anão disforme, pouco mais alto do que uma seta, com uma cabeça enorme de olhos maus, e uma longa barbicha rala, que lhe fazia como o queixo de um bode. O menino teve então a paixão do seu anão. E nunca mais reparou em Cristóvão.

A dor de Cristóvão foi imensa. E o castelo tornou-se-lhe subitamente tão frio e deserto, como um cerro que as nortadas batem. Todo o dia os seus olhos espreitavam os terraços onde o menino passeava, a porta por onde saía, a liça onde ele vinha jogar a seta. E quando ele aparecia, Cristóvão escondia-se por entre os ângulos das torres — não se querendo

mostrar por sentir que não era desejado, ou pelo receio de ver que não era chamado com o riso alegre de outrora. E na sua simplicidade pensava: «Que lhe fiz eu? Por que me não quer?» Todas as noites sonhava com ele. Era sempre a mesma criança, com os cabelos louros sobre uma camisa muito branca, que caminhava sobre o seu corpo, mas, em lugar de vir espreitar a sua face, só vinha para lhe enterrar a ponta da sua seta, no sítio onde sentia bater o coração, com um jeito que era seco e cruel.

Sentado à porta da torre, pensando naquela ingratidão, soltava grandes suspiros; e o arquivista debruçava a cabeça calva pelo postigo, aos ruídos daquela dor. Para ao menos estar misturado às coisas do menino, era ele

quem limpava o seu potro favorito: mesmo por vezes lhe beijava o focinho; e a sela em que o menino montava, as rédeas cobertas de veludo, os seus estribos de prata, eram como coisas sagradas, em que tocava com devoção.

Por esse tempo, uma manhã, houve um grande rumor no castelo. O menino estava doente. Bem depressa dois pajens partiram galopando — e não tardou a chegar, montado na sua mula, o Físico, com a sua caixa de drogas. Foram então dias de inquietação. A capela estava todo o dia acesa, e as aias rezando. De um convento vizinho vieram as relíquias de S. Teódulo. Os pajens, sem jogar, sem lutar, cochichavam com medo pelos cantos: — e outros iam procurar pelos caminhos peregrinos, ou mercadores ambulantes,

que trouxessem de longe alguma receita nova e ignorada. Cristóvão não dormia. Toda a noite, os seus olhos estavam cravados na janela dos aposentos do menino. Interrogava, tremendo, as camareiras. Ia pelos casais de colmo, dos servos, perguntando por ervas. Foi muito longe consultar um pastor feiticeiro. E para que nenhum rumor inquietasse o menino, ia de noite, com uma grande vara, bater a água dos fossos, para fazer calar as rãs.

Um dia, porém, o menino apareceu no terraço do castelo, apoiado às duas senhoras, pálido ainda, sorrindo ao sol de inverno. Todos os criados, os servos, correram, saudando-o de longe com os barretes. A sineta da capela repicava alegremente. E Cristóvão, com as mãos

postas, esperava ansiosamente que os olhos do menino se pousassem nele. O menino acercou-se da beira do terraço — e os seus olhos, ainda vagos e tristes, pareceram nem reparar no seu gigante. Cristóvão foi recolher à sua torre, com duas grossas lágrimas rolando-lhe por entre as barbas.

14

O castelo perdeu então para ele todo o seu encanto: — E, como que sufocado entre os seus altos muros, voltava os seus pensamentos para os campos e para as moradas dos servos,

entre quem nascera. Como a paz era tão grande, nenhum dos serviços de guarda era feito com exatidão: as sentinelas dormiam nos torreões, como frades no locutório; os porteiros deixavam os molhos de chaves pendentes das argolas de ferro; e a torre dos arquivos não precisava ser guardada. Logo pois que a varria, Cristóvão, tomando o bordão, ia pelas terras do feudo, pelos casebres dos colonos e servos.

Todos o conheciam. Havia sempre para ele um pichel de vinho: — e Cristóvão brincava com as crianças ou ajudava a tosquiar os anhos. Pouco a pouco, tornou-se o serviçal de todos, e, como outrora na sua aldeia, era ele que acarretava os fardos, rachava a lenha, compunha os telhados, lavrava os chãos

mais duros. Mesmo por vezes ia pastorear os rebanhos ou guardava os moinhos. A noite ficava entre aquela pobre gente, sem pena do bom calor das cozinhas do castelo, do pão fresco, e da sua larga porção de carne salgada. Reunidos à lareira, num dos casebres, eles passavam o fim da tarde já escuro, olhando o lume, onde as raparigas assavam castanhas na cinza. E Cristóvão, no meio deles, escutava o seu falar lento e grave. Os mais velhos contavam histórias do velho conde, homem cruel, que nos campos impelia o seu corcel contra os lavradores, ou talava os vergéis. Dizia-se que tinha pacto com o Demónio: — e muitos o tinham visto caçar de noite, à luz de tochas, guiado por um caçador todo escarlate, que tocava uma trompa de onde

saíam chispas de lume. Outros tempos mais doces tinham vindo com o outro conde, o que morrera nas guerras, e com as damas, tão clementes, que as forcas patibulares estavam apodrecendo. Mas quanto lhes pesava ainda aquele alto castelo, de brasões e de flâmulas! Que dura era ainda a vida, sempre sujeita, toda de duro trabalho! E cada um contava a sua miséria, o labutar incessante, o pão escasso, os filhos rotos pelos grandes frios, a fome por vezes vindo com os seus dentes de loba... As vozes iam-se tornando mais tristes. O vento entrava pelas fendas dos casais. As mães, com um suspiro, embalavam os berços, onde dormiam inocentes, votados à mesma servidão e à mesma miséria. Cristóvão sentiu o seu coração doer, com uma

compaixão infinita.

Às vezes um frade mendicante batia ao portão, e, entrando, deitando as bênçãos, arrumando a um canto o seu alforge, ia aquecer às lareiras os pés doridos dos caminhos, lacerados pelas urzes, e o hábito de burel que fumegava. Filho de vilões, tendo nascido nas lavouras, conhecia as misérias da servidão: e, frade pobre, sofria da opressão, do orgulho dos prelados ricos, com castelos e terços armados. Então sentado na melhor tripeça, com o seu rosário caído entre os joelhos, ele falava também da miséria dos tempos. Certamente Nosso Senhor, cansado de tanta maldade dos grandes, não tardaria a voltar à Terra, distribuir melhor o pão, reformar as ordens, abater o orgulho dos

ricos-homens. E quem sabe? Incompreensíveis são os caminhos da Providência! Talvez, para castigar os castelos, Deus revoltasse as cabanas. Um chuço fura a melhor armadura, quando é a mão de S. Miguel Arcanjo que o impele. Talvez na Terra se repetisse em breve a batalha do Arcanjo e do Demónio. Já um fogo andara no céu, para o lado do oriente. E sobre o mar tinham-se visto, erguidas e entrechocando-se, uma foice e uma lança. E então, baixando a voz, contava como nos condados, que atravessara, os homens se juntavam de noite numa floresta e tramavam o fim da servidão.

Cristóvão recolhia ao castelo pensativo. E todas aquelas torres, aquelas muralhas lhe pareciam de um aspeto cruel

e hostil ao pobre. Por que não haveria para todos a mesma lareira, o mesmo pão? Aqueles tesouros, que ele guardava na torre, seriam a abundância para criancinhas sobre toda a terra. Para que eram tantas armas? Os homens não se deviam combater, mas somente abraçar, em concórdia.

Um dia que ele assim pensava, sentado à beira dos fossos, um velho veio a passar, um dos servos do castelo, picando o seu burro carregado de erva. Parecia ter pressa, e no seu olhar havia como uma inquietação. Ao ver Cristóvão, parou dizendo: «Novas más, novas más!» E como Cristóvão arregalava os olhos simples, o servo contou que no mercado, de onde viera, corria entre a gente que um bando de servos se levantara, num

domínio, além, para trás das colinas, tendo por brado: «Morte aos castelos!» Outros servos se tinham juntado, com chuços. Toda a terra parecia em revolta. E já dois castelos tinham sido atacados, as damas mortas, as crianças mortas, e agora as duas torres ardiam sobre a colina. E, sem outra palavra, picou o seu burro carregado de erva. Mas imediatamente Cristóvão se ergueu e o começou a seguir. Quando chegou, atrás dele, à aldeia, já havia grupos no adro, já se falava baixo à porta dos casais. A nova viera no vento, e a todos espantava. Nas faces dos homens moços havia como uma emoção, uma dúvida, se não seria o dever de todos tomar as foices, as enxadas, fazer armas com o ferro dos arados, ir juntar-se aos irmãos de servidão, vingar os pobres. Os

velhos abanavam a cabeça, numa grande prudência. De que serviria? Sempre os barões venceriam, descendo nos seus grandes corcéis. E as mulheres, inquietas, lembravam a bondade das damas do castelo, as suas esmolas, os pedaços de anho que pelo Natal mandavam a todos os casais. Que seria se o bando viesse atacar o castelo? Não havia soldados para o defender, nem armas. Pobres senhoras, tão sós e fracas! Pobre condezinho tão fraco e só!

Cristóvão escutara em silêncio. E em silêncio, também, recolheu ao castelo. Toda essa tarde rondou as muralhas, como para lhes estudar a solidez e resistência. Depois, com os seus punhos fortes, palpou as portas. E como nesse momento o intendente passava, seguido do seu grande

cão, perguntou:

— Que fazes, Cristóvão?

Ele respondeu:

— Anda gente má pelos campos: é necessário levantar a ponte.

O intendente sorriu, encolheu os ombros — e nessa noite fez rir as damas, contando os terrores do gigante. Cristóvão, porém, não dormia. No alto da torre da almenara, toda a noite espreitou as terras em redor. Ao longe, sobre uma colina, havia como fogos de um acampamento. Mas nenhum rumor se ouvia, senão o cantar dos sapos na planície. Quando a alvorada veio, Cristóvão desceu: — e indo às abegoarias, escolheu duas trancas enormes de ferro, que serviam para trancar as portas, agora desusadas.

Depois a sineta tocou à missa no ar fino. O arquivista veio sentar-se entre os seus in-fólios, e as damas distribuíam o trabalho às fiandeiras e às servas. E todo o castelo repousava na santa paz do domingo — quando um pajem, que nas ameias fazia uma armadilha aos pássaros, soltou um grito, que acordou os archeiros, adormecidos na sua guarita de pedra. Logo um som de buzina, um grande apelo de alarme ressoou. Todos os pajens correram às ameias. As damas apareceram por trás das vidraças do balcão. E os cozinheiros saíam aos pátios, com as suas caçarolas na mão.

Bem depressa correu o grito de que um bando armado avançava sobre o castelo. Os pajens correram em confusão à sala de armas, a tomar espadas, lanças.

Os guardas trancavam as portas, desesperadamente. E o intendente, com os cabelos ao vento, gritava que se aquecesse o pez, o alcatrão, para despejar sobre o bando, se ele quisesse escalar as muralhas. Mas ninguém escutava, na desordem. A longa paz desabituara os habitantes do castelo da disciplina, da prontidão. Não havia um cavaleiro para comandar. E as mulheres, correndo para a capela, e chorando, amoleciam os corações.

Subitamente um grande alarido ressoou sob os muros. Cristóvão subiu às ameias: — viu um bando imenso de homens, servos em farrapos, furiosos, brandindo foices, chuços, tochas, amontoando-se na ponte levadiça, que ninguém se lembrara de erguer, enquanto

outros em redor, a grandes machadadas, abatiam as forcas patibulares e o banco de pedra da justiça, que o musgo cobria, sob o olmo senhorial. Já golpes de machado ressoavam contra a porta, fazendo saltar faíscas. Um tronco enorme, que mãos inumeráveis sustentavam, foi trazido, arremessado, como um aríete, contra a porta, em que ele marrava como um carneiro. De cima os archeiros despediam frechas com mão mal segura. Cada grito de ferido mais excitava a turba, as machadadas redobravam — e a velha porta bem depressa foi aberta em lascas. Então os archeiros, os pajens, desceram para se refugiar na torre — e Cristóvão, tomando nas mãos as trancas de ferro, correu para a torre senhorial. Dentro, na grande sala abobadada, estavam as damas

pálidas, uma junto da outra, com o condezinho entre elas, quase escondido nos seus vestidos. O velho senescal rezava de joelhos. E, em torno, amontoavam-se os in-fólios, os arquivos da casa, as grandes árvores geneológicas, tudo o que fazia o orgulho daquela família. Era como a cidadela do feudalismo, onde tudo se achava resumido, a esperança de uma casa, os seus títulos, os seus tesouros, todo o seu orgulho. E tudo aquilo era ameaçado por uma plebe revolta!

Cristóvão fora humildemente postar-se ao fundo da sala abobadada. E tão grande era o terror, tão arreigado o desdém pelos servos, que não era nele que os senhores pensavam, nem no poderoso socorro da sua força indomável,

mas nas espadas dos pajens, a quem elas gritavam que defendessem a porta.

Através dos pátios, no entanto, já os gritos dos feridos ressoavam por entre o clamor da turba de Jacques, que vinha como uma onda que arrebentou os diques. E mal a porta da torre fora fechada, que sobre ela caíram enormes machadadas, entre uivos de furor, o ruído dos vidros que se partiam, os gritos dos servos assassinados. Dentro ninguém falava, todos com os olhos cravados naquela porta atacada — velhas pranchas de carvalho e ferrugentas chapas de ferro, que eram a única defesa contra a morte. Os pajens, mais pálidos que a cera, amolecidos pelos anos de paz, sem educação guerreira, faziam diante das mulheres uma sebe de espadas — espadas

cujas pontas tremiam. O capelão rezava de braços. E o arquivista estendia os braços por cima dos seus in-fólios, como para os proteger, com os olhos cravados na porta, e estremecendo a cada machadada. Só a avó parecia serena, sustentada pelo seu orgulho, com o peito direito, como preparado para a morte, enquanto a nora sucumbia agarrada ao filho, banhando-o de lágrimas. E pela escada de caracol, que subia ao pavimento superior, apinhava-se a criadagem, as aias — algumas ainda com a sua roca na mão.

Sob os golpes desesperados a porta cedia! Pelas fendas da muralha entrava o fumo das fogueiras, que os Jacques acendiam no pátio para pegar o fogo ao castelo, com os móveis que

arrastavam das salas, cadeiras brasonadas, arcas cheias de estofos. Já ninguém contava com a vida. Duas aias velhas, de rosários na mão, pediam a absolvição ao padre, que as não escutava, de joelhos, batendo os queixos, entre gritos de *misereres*.

De repente a porta cedeu, tombou sob os seus grandes gonzos estalados — e pontas de chuços, de foices, faces lívidas, braços descarnados, irromperam numa fúria de matança. As damas tinham fugido. Já um grande velho, em farrapos, pulava por sobre a porta, com uma foice em cada mão — quando, do fundo da abóbada, Cristóvão surgiu, enorme, com a face ardente, uma barra de ferro em cada mão.

Foi como uma aparição — e a turba furiosa recuou com terror. Era como

se surgisse ante ela, visível, real, esse gigante monstruoso, guardador de torres, de que eles tinham ouvido falar, pálidos de espanto, nas histórias contadas à lareira. E nesse momento de espanto, Cristóvão, com um grande brado, carregou sobre a turba, que recuou em tropel, recolhendo os chuços e as foices. Baixando a cabeça, Cristóvão rompeu da porta como uma grande torre, e no grande ar do pátio a sua figura escura, coberta de" uma pele de lobo, com duas chamas brilhando sob a hirsuta sebe das sobrancelhas, pareceu saída do Inferno, e como cheia de força invencível. Os seus brados faziam tremer os muros: — e as duas barras de ferro furiosamente cortavam o ar, silvando. A cada um dos seus largos passos, a turba recuava, com

um rouco murmúrio de terror. Alguns tinham fugido por entre as fogueiras, onde ardiam os grandes móveis de carvalho lavrado. As mulheres do bando gritavam que era o Demónio: — e um ou outro chuço que se erguia voava em lascas sob o golpe da barra de ferro.

Para trás, para trás, sempre para trás, ia a turba, reatravessando os pátios, tropeçando nos servos que matara, caindo por sobre os lumes que acendera. Já estavam contra a muralha. Já as costas se voltavam para fugir. Então, com um último urro, que atroou toda a colina, carregou sobre a turba — que, num súbito pavor, varou a porta aberta, galgou a ponte levadiça, desceu de roldão a colina, até parar no vale, onde os carros esperavam. E Cristóvão, passando também a ponte,

ficou no meio da colina, imóvel, grande como uma torre, apoiado à sua barra de ferro e limpando o suor. Mas então, de entre a multidão que em baixo se agitava, um velho avançou, sem armas, com um ramo de oliveira na mão — e caminhou para Cristóvão. A meio da colina parou, e erguendo os braços perguntou a Cristóvão por que os atacava ele, servo, que decerto sofria da servidão, a eles, servos também, que no fim de tantos tempos de sofrimento, só queriam partilhar de algumas das doçuras da terra? Não era só pelo mal de destruir que eles atacavam os castelos. É que ali, entre as suas muralhas, estava a gente orgulhosa que os escravizava, causava a fome dos seus filhos, o frio das suas moradas, as fadigas sem nome — e eles vinham simplesmente

matar o mal da terra. Ele, velho, que lhe falava, trabalhara cinquenta anos a gleba, tivera o corpo vincado pelos azorragues, vira a sua choupana queimada pelo senhor: em torno dele, longos tempos seus filhos tinham gritado de fome, tremendo de frio — e, escorraçado, esmagado, pisado, espremido pela força como um trapo vil, tomara uma faca, e partira a fazer justiça no mundo. De todos os seus, só lhe restava um neto, um neto pequenino, de seis anos, inocente e simples como um anho. E porque ele tirara uma maçã às macieiras do pomar do castelo, onde era servo, o senhor fizera-o dependurar pelas mãos de uma árvore, acirrara contra eles os cães, e toda uma noite de inverno o deixara nuzinho sob a neve. Quando o despregaram da árvore,

estava moribundo. E a voz do velho tremia. Cristóvão deixara cair a barra de ferro, e com as mãos vazias e vagas, e abertas no ar, a cabeça caída, parecia pensar, no fundo da sua simplicidade. E o velho avançando, perguntava-lhe por que não viria com eles abater os monstros que matam crianças nos seus negros castelos, acabar com os amos cruéis, para que sob o céu, um momento, os humildes respirem e limpem as lágrimas. E o velho limpava as suas lágrimas, com as suas pobres mãos que tremiam. Então, lentamente, Cristóvão apanhou a sua barra. Pouco a pouco desceu a colina. E o velho adiante gritava agitando o ramo, tropeçando nos pedregulhos:

— Este é o grande gigante que nos vem libertar!

Os Jacques mal compreendiam. Alguns, vendo descer Cristóvão, fugiam saltando os valados. Outros, furiosos, enristavam os chuços. Mas Cristóvão, brandindo a barra, gritou:

— Vinde!

E num impulso irresistível, todo o bando o seguiu numa aclamação — enquanto das muralhas do castelo o intendente, entre os homens de armas, de pé nas ameias, estendia o braço, mostrando Cristóvão, que se bandeava com os Jacques, e partia através das campinas.

Todas as manhãs marchavam através de terras, duramente. Era o velho que os guiava — e Cristóvão, em silêncio, caminhava ao seu lado, com a sua barra de ferro ao ombro. Atrás, era a longa fila dos maltrapilhos em farrapos, com velhas cotas de armas, cuja malha se desfazia, morriões amolgados, onde alguns tinham espetado plumas, as pernas nuas, as mãos erguendo foices, chuços, fueiros. As mulheres vinham depois, umas com filhos magros pendurados das saias, outras trazendo os mais pequeninos ao colo, e as mais velhas vergando sob fardos, onde se tinha reunido o que restava nas arcas, algum escasso alqueire de pão, uma almotolia de azeite, um pedaço de carne salgada; e atrás ainda era outra fila de

homens, velhos, pastores com o seu cajado e o seu molosso, ceifeiras erguendo ao alto a foice, servos fugidos, mendigos, longas filas de miseráveis que de esfomeados não podiam marchar depressa, e deixavam uma longa nuvem de poeira, que ficava suspensa no ar.

Pelo começo da tarde, guiados pelo velho, acharam-se subitamente, depois de terem costeado um pinheiral, diante de um castelo que duas torres flanqueavam: e nesse momento, vinha saindo da ponte levadiça, a cavalo, um senhor de longas barbas brancas, sem armas; ao seu lado, montada numa hacaneia branca, uma aia sustentava no colo uma menina, e atrás seguiam quatro escudeiros armados de lanças. Ao ver subitamente aquela turba que avançava, o

senhor estacou, um dos escudeiros tocou desesperadamente a buzina, enquanto outros toques respondiam sobre as ameias. E, voltando a égua, a aia galopou para dentro do castelo. Já as muralhas se cobriam de soldados. Mas o senhor, desarmado, fixara, sem se mover, os seus olhos de águia sobre a turba imensa de maltrapilhos, que numa fila, sobre o caminho tortuoso, soltava grandes gritos de ataque, brandindo os ferros. Então Cristóvão, com um grande gesto da sua barra de ferro, deteve a turba, que parou. E, arrojando a barra, avançou só com os braços abertos para o senhor, imóvel no seu grande corcel. Toda a muralha em cima estava coberta de archeiros, de homens de armas. Todo o caminho em baixo estava negro da multidão dos

maltrapilhos. E na ponte levadiça, o cavaleiro e o gigante ficaram sós, face a face.

Então, arrancando uma grande voz do peite, Cristóvão gritou:

— Vimos em paz. Trazemos as mulheres e as crianças. Nada temos contra ti... Mas todos os que me seguem têm fome. Detrás das tuas muralhas, há tesouros, arcas cheias de pão, grandes peças de carne diante da lareira... Estes, que vêm comigo, não têm uma moeda de cobre, trabalham toda a vida, sofrem da fome, veem as criancinhas devorar as raízes, morrem pelos cantos dos bosques como um lobo, e a vida toda para eles é um tormento... Dá uma esmola da tua abundância a toda esta pobreza que passa. Se queres, vem, não receies, passa através

dessa multidão, olha para esses corpos magros, vê as criancinhas chorando com fome, as velhas tropeçando sob os fardos, toda uma miséria que já não pode sofrer mais... Tem piedade!

E tendo assim falado, Cristóvão recaiu na sua simplicidade, ficou mudo, estúpido, com os seus grandes olhos de boi de trabalho pregados no castelo. Devagar, o senhor voltou rédeas, e a passo, com a cabeça baixa e pensativa, sumiu-se sob a porta do castelo. Mas as portas não se fecharam — e de dentro, em pouco, um servo saiu arrastando uma vaca; outros trouxeram carneiros; outros fortes gigos com pão, sacos de favas; outros uma arca, que vinha cheia de dinheiro; e tendo juntado tudo num monte diante da ponte levadiça, um dos servos

gritou, retirando:

— Este é o dom do meu senhor aos pobres que passam!

E a ponte levadiça subiu com um forte ranger de correntes de ferro.

Comandados pelo velho, sem desordem, os Jacques carregaram às costas, nos carros, o dom do senhor, e de novo se meteram ao caminho, levando na frente Cristóvão, que parecia mudo e quedo e como espantado, com a sua grande barra de ferro.

Um regato corria, na falda da colina. E aí ficaram os Jacques, para passar a noite. Em breve se acenderam fogos. O velho pôs sentinelas a todos os cantos. E nessa noite as crianças não choraram com fome, e houve uma gratidão no coração dos homens. Cristóvão não

quis mais que um pedaço de pão. Bebeu da água pura do regato — e toda a noite, sentado numa pedra, enquanto estirados no chão, sob as árvores, os Jacques dormiam, ele olhou as estrelas e pensou em Jesus, que estava por trás, e àquela claridade das suas lâmpadas, o via talvez entre esses desgraçados, como um pai entre os seus filhos.

De madrugada, os Jacques levantaram o campo, e guiados sempre pelo velho e pelo frade, partiram ao longo do regato, até que, chegando aos primeiros carvalhos de um grande bosque, sentiram um cheiro nauseabundo, e viram um homem, um servo, enforcado num ramo de árvore, e já meio roído pelos corvos. Uma indignação ocorreu entre os Jacques, quando alguns que se tinham

adiantado descobriram outros corpos pendentes das árvores. Ao rumor dá turba, os corvos fugiram de entre a ramagem: e sob os pés dos mortos, suspensos no alto, o chão estava todo espezinhado das patas dos lobos. Lá em cima, numa colina, negras na luz clara, apareciam as torres de um castelo. E aquilo era decerto a justiça do senhor!

Então um clamor de cólera correu entre os Jacques. Uns queriam logo lançar fogo à floresta, para envolver o castelo. Outros falavam em abater árvores, para fazer aríetes com que bater as muralhas. E Cristóvão, impelido pela multidão, que atrás dele brandia as foices e os chuços, começou a subir um caminho que levava ao castelo, entre rochas que o musgo cobria.

Avistaram, por fim, ladeando uma torre de menagem, altas muralhas negras e sombrias, com grandes manchas brancas de pedra nova, que eram como cicatrizes de assédios. A ponte levadiça estava fechada, o gradil de ferro descido. E uma estacada de vigas cercava o fosso, de água esverdeada. Nem um rumor saía das altas muralhas. Tudo parecia abandonado. De um dos lados, grandes rochas rolavam em desordem, para um precipício. Uma águia voava nas alturas.

Uma inquietação deteve os Jacques ante aquele silêncio sinistro. Alguns, pensando o castelo abandonado, gritavam que se seguisse. Outros falavam de o escalar. E Cristóvão, ao acaso, caminhou para a ponte levadiça. Mas, subitamente, as correntes rangeram, a

ponte abateu, e das portas que se escancararam, um troço de cavaleiros saiu, de viseira baixa, a lança em riste, num grande galope e estridor de armaduras. Os Jacques recuaram em massa. Cristóvão estava só no planalto.

À frente dos cavaleiros, um, de grandes plumas brancas no elmo, a lança enristada, correu sobre ele. Cristóvão já não tinha a sua barra de ferro.

Mas correu a um pinheiro, agarrou-o às mãos ambas, arrancou-o da terra, e tomando-o como uma monstruosa vassoura, atirou-o, num gesto de servo que varre, contra o cavaleiro e o cavalo, que rolaram, com um estampido de armas, embrulhados na rama densa. Num pulo Cristóvão empolgou o cavaleiro, e segurando-o entre os joelhos como uma

criança débil, partiu-lhe as fivelas do elmo, descobriu uma cabeça lívida, uma espessa barba ruiva. Depois, erguendo-o ao ar como um broquel contra os outros cavaleiros, que tinham estacado num espanto mudo, gritou desesperadamente: «Resgate, resgate!» Os Jacques cercavam Cristóvão, querendo despedaçar o senhor prisioneiro. E ele erguia mais alto o miserável, que nem se movia, seguro nas mãos de ferro, e gritava: «Resgate, resgate!»

Os outros cavaleiros, num furor súbito, correram sobre ele. Mas Cristóvão, saltando para a beira do precipício, debruçou sobre ele o prisioneiro, como se o fosse despenhar na corrente e nas penedias, gritando sempre: «Resgate!» Então os cavaleiros pararam,

e rapidamente consultaram-se, com grandes gestos dos seus guantes de ferro até que um, avançando, bradou: «Está resgatado.»

O velho então avançou também, e expôs o resgate. Queria dinheiro, vinte sacos de pão, vacas, vinho, para sustentar a sua gente, um juramento sobre a cruz de que não seriam perseguidos, e dois carros para levar os mantimentos. O cavaleiro estendeu a mão sobre a cruz do frade, e jurou.

Então, os Jacques, abaixando as armas, esperaram — enquanto Cristóvão, sentado na rocha, tinha o cavaleiro atravessado sobre os joelhos, com a mão direita agarrando-lhe as pernas, com a esquerda a garganta. Pouco a pouco os servos saíram do castelo trazendo o

resgate — e os Jacques desceram o caminho, rodeando os animais e os dois carros com os sacos, o ouro e os odres de vinho. Cristóvão ficara só com o cavaleiro. Quando o último homem desapareceu para além da colina, ele pousou o cavaleiro no chão com cuidado, e murmurou simplesmente: «Vai.»

E, sem se voltar, passo a passo, foi-se juntar aos Jacques.

Então começou, de castelo em castelo, através das províncias, a marcha dós Jacques. Das aldeias por onde eles passavam corriam a juntar-se-lhes miseráveis, servos revoltados, mendigos. Agora era uma multidão imensa que enchia os caminhos. Mas não havia neles nem violência, nem cólera. Iam mostrando, através das baronias ricas, a

sua miséria de servos, e sem violência pediam esmola. Cristóvão era como um grande pai, que mendigava com os seus filhos, pelos caminhos. Ao chegar diante dos castelos, mostravam os seus andrajos, as faces maceradas, as cicatrizes da servidão, e gritavam por pão. As portas abriam-se com fragor, e uns por piedade, outros por temor, davam dos seus cofres e dos seus celeiros. Dia e noite, Cristóvão mantinha a ordem na turba imensa. Não permitia que despojassem as árvores dos frutos, que se tomasse o gado nas pastagens. Só era aceite o que a caridade dava. Se encontrava mendigos, histriões famintos, gritava com um grande gesto: «Vinde também.» O seu coração queria abrigar toda a miséria humana, levá-la a esmolar pelas estradas do mundo. Do

dinheiro recebido, repartia com as aldeias pobres. As crianças corriam estendendo os saios, que ele às mãos-cheias enchia de grão, de fava. Uma doçura ia tomando aqueles corações da turba miserável. Alguns tinham arrojado a foice. Outros, ao passar pelas ermidas ou pelos cruzeiros, caíam de joelhos, chorando.

E sempre adiante, Cristóvão ia como uma torre que marchava. Uma adoração subia para ele. «Santo é o nosso gigante» — diziam. E, na sua confiança, julgavam que a vida seria assim, eternamente, uma marcha pelos caminhos, recolhendo os bens que os pobres repartiam com os pobres. Decerto Jesus voltara à Terra. Em breve todos os castelos se abririam, e partilhadas as riquezas, quebradas as armas, não haveria

fomes nem guerras, e apenas, na paz dos campos doces, irmãos abastados. O acampamento, quando paravam, era como uma aldeia em festa, onde a carne abunda no espeto, e todas as mãos têm uma fatia de pão. Já a marcha se abrandava, e por vezes ficavam num vale, ou à beira de um ribeiro, num repouso feliz, esquecidos de todas as misérias. Dos filhos, das mulheres que tinham ficado nas aldeias, ninguém sè inquietava — porque, cada dia, partiam mensageiros a levar aos casebres dinheiro e provisões. Mas alguns tendo feito o seu pecúlio, recolhiam às suas moradas distantes, sem receio, tanta era a confiança em Jesus.

E Cristóvão sentia uma alegria imensa. De dia e de noite vigiava a turba enorme, para que nela nada houvesse de

violento ou de brutal. As questões que surgissem, aplacava-as estendendo os braços. Se alguém roubava as frutas dos caminhos, expulsava-o da turba. A todos distribuía a sua justiça. A todos dava a sua caridade. E era ele, não outro, que tirava os espinhos dos pés feridos, ou amparava os velhos fatigados das marchas.

Assim vagueavam, quando uma tarde, chegando a uma grande lagoa, que, orlada de canaviais, brilhava ao sol do outono, viram do outro lado um longo troço de cavaleiros, cujos pendões tremulavam no ar. Costeando a lagoa, decerto se encontrariam: e os Jacques e os cavaleiros pararam, um momento surpresos.

Uma grande planície estendia-se

entre eles, toda cheia e coberta da erva amarela do outono, desenrolando-se até uma fileira de colinas, que grandes pinheirais vestiam. O sol brilhava sobre as águas da lagoa — e havia um vasto silêncio.

À frente dos Jacques inquietos, Cristóvão ficara pensativo, um instante: — e ia marchar para os cavaleiros, pedir a caridade para os seus pobres, quando por trás a turba gritou:

«Para!, para!» Os homens de armas, desenrolando uma longa linha de batalha, galopavam com as lanças enristadas contra a turba miserável. Com um brado, o velho mandou-os erguer os chuços, as foices, as lanças, fazendo uma sebe de ferro contra aquela pesada cavalaria, toda negra e de ferro, que fazia

tremer o chão. Já chegavam, já Cristóvão sentia o arquejar dos cavalos — quando um grande, imenso clamor soou, e a confusa massa de ferro, abateu sobre os Jacques, com um grande ruído de armas, furiosos golpes de montantes, cavando, com o peitoral em esporão dos cavalos, grandes sulcos entre os Jacques, que tombavam varados pelas lanças, decepados pelos espadões vibrados às duas mãos. A legião dos Jacques ficou separada em dois pedaços — com uma grande fenda no meio, toda cheia de cadáveres, espezinhados pelas patas dos grandes corcéis. E já esses dois pedaços corriam sobre o troço dos cavaleiros, quando este se separou em dois, fazendo face às duas alas dos Jacques, e enchendo a planície com o clamor de duas batalhas.

Peões, cavaleiros, misturados, faziam duas massas clamorosas, onde os chuços dos Jacques se quebravam contra as armaduras, e as longas clavas com puas dos cavaleiros esmagavam crânios, que apenas algum velho morrião de ferro protegia. Os clarins dos cavaleiros tocavam furiosamente. Um relampejar de ferro enchia o ar, por entre o esvoaçar dos grandes penachos.

Os Jacques, tendo bem depressa quebrado o seu pobre armamento, arremessavam-se sobre os pescoços e garupas dos cavalos e derrubavam a braço o cavaleiro que, tombando com um grande ruído de armas, desaparecia, sob os braços armados de facas. Outros, com foices, abriam o ventre aos cavalos. Alguns cavaleiros combatiam a pé,

fazendo largos círculos com as espadas: — e as pedras, que os Jacques lhes arremessavam, soavam furiosamente sobre o metal das couraças. Quatro grandes ceifeiros, caminhando a passo como num milharal maduro, iam, com um movimento regular, lançando as suas foices, que apanhavam os jarretes dos cavalos, levavam braços de onde se tinham desprendido as braceiras de ferro, apanhavam pelas gorjas guerreiros sem capacete. E no meio do combate, sem armas, como não querendo derramar sangue, Cristóvão, esguedelhado, enorme, ia com os seus enormes braços arrancando cavaleiros das selas e atirando-os para o chão como fardos de ferragens. O sangue já lhe escorria, da face, do peito, através do seu saião de

couro, retalhado em longas fendas. Os seus imensos brados faziam empinar os cavalos. Lançando mão aos montantes, quebrava-os como palha. As puas e os broquéis que arrancava iam pelos ares, como folhas que uma rajada leva. Por vezes, correndo, com os dois braços e os punhos fechados, mais grossos que cabeças de carneiros, atirava por terra, com um baque seco, os cavalos e os seus cavaleiros. Tendo dado com o pé num montão de cordas, apanhou-o, e quando agarrava algum passava-lhe um nó nas pernas e assim o deixava deitado no chão, como uma rês num mercado. Pouco a pouco, todos os guerreiros se tinham voltado contra ele. E sem armas, tendo apanhado pelos pés um cadáver coberto de armadura, que usava como uma maça,

ele ia recuando, até à alta colina coberta de pinheiros. Sobre ele caíam as flechas, sobre ele ressoavam as pedras dos fundeiros. O gigante recuava mais — e subitamente, correndo contra os assaltantes, derribava um, prostrava outro, com grandes pancadas do cadáver, que já perdera o capacete. O círculo dos cavaleiros crescia todavia sobre ele, gritando-lhe injúrias, arremessando-lhe de longe as maças. E cada vez esse círculo era mais estreito, e todo eriçado de ferros que rebrilhavam. Ele, sereno, fazia girar em torno o cadáver, cuja armadura, se quebrara pouco a pouco, não tendo mais que os coxotes das pernas por onde o segurava Cristóvão, e mostrando já a carne branca, os cabelos duros do peito. Mas de tanto bater, por fim, foi pouco a

pouco perdendo a força da ossatura, tinha o crânio quebrado, os braços moles como trapos, a arca do peito esmigalhada — e aquela arma terrível não era já nas mãos de Cristóvão, mais que uma tira de carne mole. Mas chegara à colina. Aí, em cada pinheiro, tinha uma arma. E já se voltava, atirava as mãos a um tronco enorme para o desarraigar, quando uma flecha, varando-lhe o joelho, o abateu um momento, fazendo-o escorregar no declive húmido da colina. Então, num instante, um grande corcel negro veio sobre ele, uma lança faiscou — e Cristóvão ficou prostrado, imóvel, com uma espuma de sangue na boca.

Todos se tinham precipitado sobre ele, quando um clamor surgiu por trás. Eram os Jacques que se tinham reunido, e,

guiados pelo frade, vinham contra aquele grupo de cavaleiros, entalados contra a colina, nas terras moles onde os pés dos cavalos se enterravam. Então os homens de lança voltaram rédea, e fugiram entre a colina e os Jacques, de novo direitos à planície, juncada de mortos. Os Jacques bradaram vendo fugir os cavaleiros, e começaram a correr atrás deles, atirando as últimas flechas — arremessando mesmo por escárnio grossos torrões de terra lamacenta. Mas, vendo os peões assim expostos na planície, os cavaleiros deram uma volta brusca, e abateram-se contra os miseráveis. Foi uma grande matança, o frade caíra logo com o crânio aberto, a sua cruz apertada na mão. E os que fugiam eram perseguidos por toda a parte, até que, atirando-se para a lagoa, as

grandes lanças por trás os faziam arremessar à água.

Agora, na vasta planície, só havia homens de armas. Os Jacques juncavam a terra em negras poças de sangue. Lentamente, trotando, os cavaleiros acabavam os feridos, que gritavam de sede. Outros, parados, tirando os morriões, limpavam as grossas gotas de suor. Os físicos amarravam os braços feridos. E os pajens passavam com grandes pichéis de vinho. O Sol desaparecia, e toda a lagoa era como de ouro, por trás dos seus grandes canaviais negros. Uma revoada de patos passou no céu, já pálido. E ao toque do clarim os senhores, ainda esparsos, vieram-se juntando, retomando a fila. Os feridos foram postos sobre as carretas. E, a

passo, o torço de cavaleiros retomou o caminho, em torno à lagoa, onde o brilho de ouro se apagara, deixando-a agora toda negra e triste.

Na vasta planície, jazem os Jacques mortos. Findou a grande marcha, que levava aos castelos e abadias a visão estranha das grandes misérias da terra. Nenhum mais voltará à cabanas da aldeia, onde os filhos esperam até tarde na lareira apagada. Os Jacques estão mortos, a terra limpa dos seus andrajos.

Cristóvão jaz estendido na colina, entre os pinheiros. Um vento passa, frio e triste. Ele abre os olhos, e a custo, erguendo-se sobre a mão, olha a planície. E em toda a sua extensão vê montões de corpos mortos, entre os quais reluzem já os olhos dos lobos. A grande lagoa está

imóvel. Por cima passa a Lua cheia. Unta dor imensa arrefece o seu coração. De novo os seus olhos se fecharam — e caiu inanimado.

Toda a noite, no entanto, ele reviu a batalha. Dos montões de Jacques mortos outros Jacques se levantavam, com outros trajes, outras armas, impelidos à revolta pela mesma miséria que os oprimia. E sempre do fundo do horizonte, dos altos dos montes, dos cimos, desciam cavaleiros, que tinham armas diversas, gritos de guerra diversos, que carregavam, esmagavam os Jacques, os deixavam mortos, sob a grande Lua cheia. Mas desses, pouco a pouco, mais pálidos, outros se erguiam, brandindo picaretas de mineiros, ferramentas de oficina, mostrando os seus andrajos, os filhos

esfaimados, clamando justiça. E logo, a um brado do alto, fortes esquadrões desciam, trazendo à frente magistrados togados, homens carregados de sacos de ouro, e essa massa, caindo sobre os Jacques, de novo os prostrava, os deixava num montão, que a Lua, mais pálida e mais desmaiada, cobria de alvura e silêncio. E assim, indefinidamente, os Jacques renasciam dos ossos dos Jacques mortos, cada vez mais numerosos, até que a planície toda era uma sarça de braços magros, clamando, pedindo igualdade. E imediatamente outros esquadrões desciam, mais diminuídos, com um arranque menos vivo, hesitando, lançando golpes mais frouxos. Até que, por fim, os Jacques eram tão inumeráveis, que da planície se estendiam aos montes, e a Lua,

que já desmaiara de todo, alumiava multidões disciplinadas, armadas, conscientes, que avançavam com ordem e ritmo. Os esquadrões, mandados contra estas coortes, fundiam-se como cera numa chama. Os Jacques ocupavam a terra. Um último cavaleiro veio ainda, e, derrubado, largou as armas, desapareceu. E sobre a terra só ficavam Jacques, que cantavam em triunfo na frescura da manhã clara.

Então, sentindo na face esta frescura, Cristóvão entreabriu os olhos, ainda vago, meio dormente, como num sonho. A luz fria e pura da manhã penetrava sob as ramagens que o cobriam. As aves cantavam finamente nos ninhos, com frufrus de asas, de ramo em ramo. Um doce cheiro de rosmaninho e verduras novas perfumava o ar. E na relva toda

húmida, lustrosa de orvalho, havia em redor flores silvestres, botões-de-ouro, papoilas frescas. Um fio de água cantava friamente de pedra em pedra.

E então pareceu a Cristóvão que via um moço, de longos cabelos louros, com uma túnica branca, onde se cruzavam as pregas de um manto branco, surgir entre as ramas dos pinheiros, ao longe, vir para ele encostado a uma vara branca. Os seus passos eram tão leves, tão leve decerto o linho do seu vestido, que as papoilas não se dobravam, quando ele sobre elas passava, ligeiro e branco. E na penumbra dos arvoredos, um sulco branco ficava, por onde ele passava, com um aroma tão doce como se desabrochassem naquela terra flores que não são da terra. Pouco a pouco se aproximou: — e

Cristóvão podia ver os seus olhos pousados sobre ele, como duas estrelas da tarde. Docemente ajoelhou ao lado de Cristóvão, pousando o seu bastão tão levemente que nem vergou as pontas finas das ervas. Com os dedos mais macios que veludo, percorreu as feridas de Cristóvão, que sentia as dores desaparecerem e como uma força nova que lhe voltava. Depois rasgou uma tira do seu manto, pousou-a sobre as feridas, a da perna, a do peito; e aquela tira de linho parecia a Cristóvão leve como o ar e perfumada como um jasmim. Depois, apanhando o seu bastão branco, em silêncio, partiu, penetrou no bosque, e pouco a pouco se perdeu entre os troncos negros, que um momento conservaram como a claridade daquela passagem branca. Os pássaros

recomeçaram a cantar. De novo as ramagens se moveram brandamente. Então Cristóvão moveu os braços — depois ergueu o seu imenso corpo. Todas as suas feridas estavam fechadas. E sentindo uma força nova, aquele bom gigante cortou através do pinheiral, e recomeçou a correr mundo.

16

Percorreu então longas terras. E por cidades e campos só buscou, na simplicidade do seu coração, ser útil e bom. Batia à porta das cabanas, perguntava se eram necessários ali dois

braços fortes, para todos os trabalhos. Não pedia salário. A côdea menor de pão era a que lhe bastava. E a água tinha-a nos regatos mais frescos. Nenhum serviço por mais forte, ou vil, lhe custava. Limpava todas as imundícies, com um cuidado piedoso: e pedia sempre para si o maior fardo. Tirava a machada das mãos dos lenhadores, para abater as florestas. Puxava os barcos à sirga. Atrelava-se aos varais dos carros. E se um camponês queria mandar o seu burro à igreja, para ser benzido e libertado de todo o mal, ele carregava o burro às costas, com tanto cuidado como se fosse uma donzela. Se o injuriavam, baixava a face humildemente. Se o espancavam, ficava imóvel e quieto sob os golpes. Se o despediam, apanhava o seu bordão e partia suspirando.

Nos caminhos, sentava-se nas encruzilhadas para guiar os peregrinos ou histriões. Se havia algum grande lamaçal, ficava à beira dele para passar aos ombros os homens e os animais. Era ele que partia as rochas, para se construírem caminhos. E nas florestas onde sabia que deviam passar caravanas de mercadores, acendia grandes fogueiras para afugentar os javalis.

Por vezes aceitava servir só um amo. Foi assim o servo de um curandeiro e puxava, como um macho, a grande carriola, onde tilintavam os boiões das ervas simples e dos unguentos, e que parava nos adros das igrejas à, tarde, depois das missas.. Mas sentindo que o físico era interesseiro e duro — deixou o serviço. Foi depois o escudeiro de um

cavaleiro errante, que encontrou banhando a ferida de uma perna à beira de uma fonte. Cristóvão sarou-lhe a ferida, e começou a segui-lo nas suas aventuras, caminhando, atrás do seu corcel, com uma maça feita de um pinheiro. Com o cavaleiro fez grandes proezas. Libertou servos que um senhor duro levava a enforcar por eles não lhe terem tirado o barrete na estrada; desbaratou salteadores que infestavam o bosque; restituiu a um órfão o condado que lhe haviam roubado parentes avaros; — mas, como o cavaleiro tivesse ajudado a salvar uma dama, veio a casar com ela, teve um solar, abandonou ao caminhos, e Cristóvão, não querendo ficar naquela ociosidade, deixou o bom cavaleiro, levando, como paga, uma bolsa farta de ouro, bons vestidos

quentes, que ele logo distribuiu aos pobres.

Então, seguindo o exemplo do cavaleiro, passou a socorrer os oprimidos. De noite, ao passar pelos castelos, derrubava as forcas patibulares. Se sabia de um campo que fora roubado, forçava o ladrão à restituição. Salvou os bandos de mercadores que os senhores, com grandes lanças, assaltavam nos caminhos para os roubar. Onde soubesse, que o senhor tinha imposto um trabalho excessivo aos servos, ia ele, não outro, fazer o trabalho. Nunca diante dele deixava castigar uma criança. Se, passando num casal, ouvia uma mulher chorar, e rumor de pancadas, quebrava a porta, tirava o pau das mãos do marido. Quando soldados deviam passar numa

aldeia, ele ficava de guarda, para impedir as crueldades da tropa. E ninguém ousava afrontá-lo. Já ia, então, envelhecendo. Os seus cabelos tinham-se tornado mais crespos, hirsutos; trazia sobre o corpo farrapos e a barba era rude e forte como um mato. Sob a barba, e sob as sobrancelhas, ficava invisível a doçura incomparável do seu olhar, do seu sorrir — e para os que o viam, na verdade o seu aspeto era horrendo e temeroso.

Quando entrava nas cidades, as crianças fugiam, todas as portas se fechavam — e os homens de guarda acudiam a saber de onde viera, a que baronia pertencia, e se tinha licença de vaguear nos caminhos. Ele respondia que só queria trabalhar: e tão humilde e quieto ficava, junto de uma fonte ou ao canto de

uma praça, que bem depressa as portas se abriam, e, já sorrindo, as crianças voltavam. Todas faziam lembrar a Cristóvão a Joana da sua aldeia. A essa hora ela devia ser mulher, e talvez, por seu turno, trouxesse pendurada das saias uma criança loura e graciosa como ela fora. Chamava algumas das crianças espantadas, fazia-as saltar sobre os joelhos. Das gelosias as mães sorriam. Já ninguém receava o gigante — e ele, sentindo-se aceite, começava logo a ajudar os trolhas que erguiam uma casa, ou a empurrar um carro atolado nas lamas. Bem depressa todos queriam os serviços daquela força imensa. E era ele que limpava os mercados, caiava as torres de fresco, transportava os fardos, apanhava a neve dos rios no inverno, regava o pó das

ruas no verão, consertava os telhados, apagava os incêndios — e, sentado à porta dos hospitais, ia enterrar os mortos pobres. Colando a face às altas grades das prisões, consolava os presos, ajudava nos seus trabalhos os forçados, e tendo reunido o seu salário em pão ou em dinheiro, sentava-se num adro, e distribuía-o pelos mendigos.

Ora um dia, saindo de uma cidade, encontrou no caminho um pobre histrião, com uma perna de pau, e acompanhado pela mulher doente, que amamentava o filhinho. Eram tão miseráveis e tristes, ele com uma espada debaixo do braço, ela suspendendo aos ombros um saco de bolas e peloticas, que Cristóvão começou a caminhar ao seu lado. Assim soube que outrora percorriam os caminhos e as

feiras, ganhando amplamente a sua vida, e (desde que ele, numa queda, perdera a perna) mostrando cães sábios e um macaco, que faziam sortes maravilhosas. Havia dias, porém, estando numa taberna, numa estrada, a repousar, tinham chegado os escudeiros e homens de armas de um senhor, que, embriagados, e numa rixa, lhe tinham, a grandes cutiladas, morto o macaco e os pobres cães. Com eles se fora a sua fortuna. Trabalhar não podia, assim manco. E agora só lhes restava mendigarem, até que o frio, a fome, os prostrassem uma noite, a eles e à criança, mortos à beira de um caminho. E o saltimbanco acrescentava: «Bem feliz és tu, que te fez Deus tão grande, e te podes mostrar nas feiras ganhando mais do que um letrado a escrever!» Decerto, o

saltimbanco o tomava a ele, Cristóvão, por um desses gigantes que se mostram nas feiras. E apenas assim pensara, Cristóvão, com simplicidade, propôs ao saltimbanco que a troco do pão, e da metade do ganho, o levasse a uma feira, para o mostrar numa barraca. O pobre saltimbanco quase chorou de alegria — e logo dali partiram para uma grande feira, que todos os anos, pelo S. Miguel, se fazia junto de uma grande cidade murada.

Chegaram lá de noite, e tendo obtido licença dos guardas para entrar, o saltimbanco foi logo a um desses judeus que trocam dinheiro, pediu emprestado o que era necessário para construir uma barraca, erguer estrados, suspender lonas vermelhas, e possuir um tambor que anunciasse o gigante. O judeu, tendo

examinado Cristóvão e certo que era monstro de boa mostra e de boa renda, contou, uma a uma, dez peças de prata na palma do saltimbanco: — e, tendo assinado o papel diante do corregedor da feira, o saltimbanco partiu com Cristóvão, a construir a barraca. Toda a noite trabalharam, pregando, martelando, enquanto a mulher do palhaço cosia à pressa uma túnica escarlate para Cristóvão.

Ao outro dia tudo estava pronto, e posta sobre dois postes a grande peça de paninho branco, em que se anunciava o maior gigante e o maior atleta de Navarra e dos Mundos. Cristóvão, sentado numa vasta caixa que um tapete recobria, esperava, enquanto fora o saltimbanco, tocando tambor, anunciava a maravilha, e

a mulher, com cequins de metal nas tranças caídas, como uma moura, esperava diante de um prato de cobre, onde deviam cair as entradas.

A feira era enorme, num vasto prado que defrontava com os muros da cidade. As barracas de lona, de madeira, de tapetes, de ramagens, alinhavam-se em grandes ruas. No topo dos mastros flutuavam bandeirolas. E homens enfarpelados como orientais, mulheres com plumas na cabeça, outras com trajes de nações estranhas, conservavam-se por trás dos balcões, onde, segundo a rua, e os mesteres, se desdobravam panos, reluziam joias em caixas gradeadas, se perfilavam os frascos de essência, se amontoavam as peles, se confundiam as armas tauxiadas. Noutras ruas, sob tendas de lona, havia

cozinhas, grandes barricas de cerveja ou de vinho. E os saltimbancos ocupavam um lugar perto do rio, que longos olmeiros assombreavam. Em volta, por toda a vasta planície, era uma confusão de carros descarregados, de pilhas de madeira, de cavalgaduras presas pelas patas, de grandes gigos onde se debatiam aves.

Apenas as portas da cidade se abriram, a multidão começou a encher as ruas da feira, onde a erva desaparecera sob os pés. E bem depressa começou o vozear dos pregões, os brados dos que chamavam fregueses, os atabales tocando à porta das tabernas, as sinetas repicando.

Mas ninguém fazia maior barulho que o saltimbanco coxo, rufando desesperadamente o tambor diante da tenda onde aquele bom gigante esperava,

pensativo. Bem depressa, homens do burgo, mulheres com crianças pela mão, os feirantes, começaram a entrar, deixando cair uma moeda de prata no vasto prato de cobre. E apenas se levantava a cortina, era em todos os lábios um longo *ah!* lento e maravilhado. A barraca era alta, em forma de torre: — e, vestido com uma longa túnica escarlate, bordada a lantejoulas e ouropéis, com um turbante onde ondeavam enormes plumas verdes, um colossal alfange de pau passado na cinta amarela. Cristóvão era, na verdade, um assombro e como um ogro disforme dos contos de fadas. Cheio de timidez, não movia os braços: e um grande rubor invadia-o todo diante daquelas faces atónitas, onde havia terror da sua força, e como uma piedade da sua

deformidade. As crianças escondiam-se nas saias das mães: — e os homens, espantados, queriam apalpar a rijeza dos seus músculos. Cada grupo que saía ia contar nas tabernas, espalhar por toda a feira a maravilha daquele gigante. Já uma lenda circulava — e era ele, não outro, que derrotara o imperador da Ocitânia, matara um grande dragão que infestava os Algarves, e, só com a empurrar, derrubara a torre construída pelo Diabo para Roberto de Normandia. Todo o dia uma grande fila esperou à porta da barraca — e à noite sobre o prato de cobre havia um monte de dinheiro esboroado.

Pouco a pouco, Cristóvão habituara-se à multidão e mesmo, para fazer rir as crianças, fazia esgares, ou agarrava um homem pelas pernas e

erguia-o como uma palha ligeira. Depois levantou com dois dedos uma barrica cheia de pedras, torceu com os dentes grossas barras de ferro, e de uma só pancada, com o punho fechado, fendeu uma mó de moinho.

A noite estava coberto de suor: — e enquanto o saltimbanco e a mulher, com a face radiante, faziam as pilhas do dinheiro, ele tomava ao colo e embalava a criancinha, que nos seus braços tinha um sono mais doce.

A sua fama correra no burgo — e o próprio príncipe que ali reinava, e o bispo, vieram em grande comitiva, com cavaleiros e pajens, ver o gigante. Foi grande neles a maravilha. E o príncipe, homem de grandes músculos, queria medir as forças com Cristóvão, jogando a qual

deles vergaria a mão do outro. E diante daqueles cavaleiros, por humildade, Cristóvão cedeu, e deixou que a mão cabeluda do príncipe vergasse a sua. Os cavaleiros aclamavam o senhor. E o príncipe, radiante, despejou a sua bolsa cheia de ouro nas mãos de Cristóvão, isentou a barraca do saltimbanco de todos os impostos ao corregedor, e mandou, de noite, moços da cozinha com tochas, trazer uma perna de veado e empadões da sua mesa.

Todas as noites, o saltimbanco, partindo o dinheiro, dava a sua metade a Cristóvão — que ele guardava numa cova, a um canto da barraca, coberto com uma mó de moinho. Depois ia pela feira solitária, e todo o serviço era ele que o fazia. Carregava as barricas de vinho,

descarregava os fardos, limpava o chão das barracas, e, à porta das cozinhas, fazia a lavagem dos pratos de estanho.

Mas o fim da feira chegara, e uma noite, em que sentia o barulho das barracas que se desmanchavam, o saltimbanco contou os seus ganhos — e as lágrimas bailaram-lhe na face, porque para sempre estava ao abrigo da miséria. Então Cristóvão desenterrou o seu tesouro, e em silêncio veio juntá-lo ao dinheiro do saltimbanco, murmurando: «É para a criança.» Duas moedas de cobre tinham rolado no chão. Cristóvão apanhou-as, beijou-as como uma esmola que lhe atirassem, beijou a criança, saiu da barraca. E, tendo comprado uma broa e um pichel de vinho, deixou a feira que se desmanchava.

17

De novo Cristóvão correu o mundo, servindo os homens. Pelos descampados e pelos povoados, por longos Invernos, por longas Primaveras, correu o mundo, oferecendo os seus braços. Os anos tinham passado, e Cristóvão era mais velho que os mais velhos carvalhos. Os seus longos cabelos tinham embranquecido, e a sua força já não era tão forte. Mas cada dia o seu coração se enchia fie uma ternura maior e mais vaga. Por vezes, sentado numa pedra, à beira de um caminho, olhava as

árvores, os campos, os montes, e as simples flores silvestres, e sentia então como o desejo de apertar toda a Terra contra o seu peito. Depois pensava que sobre ela viviam tantos miseráveis, tantos humildes, tantos enfermos — e era um desejo de sondar até aos últimos recantos aquele mundo, e de curar cada dor, matar cada fome, tornar o mundo alegre, são, perfeito. Partia então — e através das estradas mendigava para dar aos mendigos. Colocava-se à entrada das pontes, como um socorro sempre pronto — a ajudar um velho ou a carregar um fardo. O seu desejo seria sofrer ele só todas as opressões, carregar ele só todos os fardos humanos. E por vezes parava, olhava em redor, como procurando, nos vastos horizontes, serviços a prestar,

fraquezas a socorrer. Depois pensava que eles, inumeráveis, decerto se apresentariam cedo aos seus olhos. E partia, ficando triste, quando durante o dia os seus braços tinham permanecido ociosos. Para que lhos dera então Jesus tão grossos e fortes? Ia então sentar-se à entrada das pontes, onde a passagem era maior, como uma força pronta a trabalhar, pronta a socorrer. Se era um cavaleiro que passava, corria a buscar água para dar ao cavalo. Se era um carreteiro, ajudava as mulas a empurrar o carro. Se era um mendigo, mendigava para ele.

Pouco a pouco, a sua bondade ocupou-se dos animais. Também eles sofriam e tinham sobre a Terra o seu quinhão de miséria e de dor. Quando via então um animal carregado, tomava sobre

os seus ombros o fardo. Recolhia ossos, pelas esquinas dos mercados, para distribuir aos cães famintos. Era o enfermeiro dos animais feridos, a quem lavava as chagas, onde as moscas se prendiam. Um passarinho, voando, enchia-lhe o peito de ternura. E penetrava nas florestas, na esperança de cuidar dos velhos lobos doentes, ou dos veados que morrem de fome pelos tempos de neve.

Depois, pouco a pouco, na sua alma densa e simples veio a nascer lentamente a ideia de que as árvores também sofriam, bem como as florinhas dos campos. E desde então nunca mais cortou um tronco, para dele fazer um cajado. Todo o ramo, partido e seco no chão, o compadecia. Arredava-se para não pisar a erva. E pelos tempos de seca

fazia longas caminhadas ao rio para trazer água, e dar de beber às plantas sufocadas pelo pó dos caminhos. Nas pedras mesmo, veio por fim a suspeitar que podia haver um sofrimento. A picareta que as cortava, as duras rodas que as vincavam, o sol que as escaldava, a neve que as cobria, não lhes fariam uma dor, que elas guardavam na profundidade da sua mudez? E muitas vezes, com o seu vasto corpo, fez sombra às rochas; com as suas mãos, à maneira de longas pás, livrava as pedras das frialdades do gelo.

A sua ternura abrangia o universo. Por vezes, de noite, olhando o céu, vinha-lhe como um grande amor pelas estrelas. Elas eram claras e puras. Um momento brilhavam, depois partiam. E a Lua que chegava então era tão triste, que um

suspiro, sem som, levantara o coração de Cristóvão. Para onde iam assim todos aqueles astros, correndo, correndo? E viera a pensar que seriam almas subindo, subindo nos espaços, mais altas à medida que eram mais puras, ganhando uma légua por cada bondade que realizavam, e tendendo assim à perfeição, até se tornarem dignas de se abismar no seio sublime de Jesus.

18

Assim envelhecia aquele bom gigante. Ora, um dia que caminhava por uma colina entre rochedos, ouviu um

rumor de vozes que parecia vir do fundo do despenhadeiro. Desceu, agarrando-se à ponta das rochas. E viu um largo rio, negro e tumultuoso, que corria espumando sobre as rochas que o cortavam, com um mugido sombrio. À beira dele, estava um grupo de mercadores com os seus machos carregados. E do outro lado eram rochas, a pique, um monte que se elevava, coroado de negros pinheiros.

Cristóvão desceu, apareceu diante dos homens. Todos se juntaram, tirando facalhões do cinto, no terror daquela força e daquela deformidade. Depois, como ele de longe lhes falou com humildade, todos, pouco a pouco, o cercaram, perguntando o que acontecera à ponte que ali havia. Cristóvão não sabia. E então disseram-lhe que aquele era um caminho curto e fácil

que havia naquelas terras. Mas tinha aquela passagem má, o rio tumultuoso. Outrora houvera ali uma ponte de barças amarradas com correntes. Mas o rio quebrara as correntes, levara as barças, como palhas secas. Depois tinham lançado uma ponte de madeira e o rio outra vez levara a ponte. No entanto, o senhor daquelas terras morrera, e tendo elas passado a um outro que vivia nas cidades, ninguém mais se ocupara de fazer uma ponte aos viandantes. E agora ali estavam eles, sem poderem passar, e as mulheres e os filhos esperavam-nos, debalde, nas suas moradas para além dos montes.

Cristóvão, no entanto, olhava a água. E em silêncio mergulhou no rio, e começou a atravessá-lo. A água cobriu os

seus joelhos, subiu até à cintura, por fim bateu furiosamente sobre o seu peito, como sobre o pilar de uma ponte. E Cristóvão caminhava. Depois a cinta de Cristóvão saiu da água, depois apareceram os seus joelhos, e a escorrer, ele pôs pé, enfim, nas rochas duras da outra margem, onde um caminho íngreme subia entre fragas. Cristóvão passara o rio.

Voltou, e abrindo os braços para os mercadores espantados, gritou:

— Quem quer passar?

Um mais novo logo se ofereceu. Cristóvão tomou-o sobre os seus largos ombros, em cada braço carregou um fardo, enquanto os outros, ansiosos, rezavam à Virgem. Cristóvão passou — e do outro lado, o mercador, radiante, fazia

grandes gestos aos companheiros, gritava que o gigante era seguro. Então Cristóvão passou os homens, depois os fardos. E por fim agarrando as mulas, que zurravam espantadas, conduziu para o lado de lá toda a caravana, sem que um pelo dos animais, ou uma corda dos fardos, ou um sapato dos homens se tivesse molhado. Tendo combinado baixo, os homens puseram-lhe na mão um punhado de dinheiro, deram-lhe um rolo de cordas, e deixaram-lhe pão para uma semana.

Logo nessa tarde Cristóvão, examinando aquele lugar agreste, recolheu troncos quebrados, ramarias secas, e calando a madeira na fenda das rochas, arranjou com a corda um longo, estreito telheiro, onde o seu corpo se abrigasse das chuvas e das neves. Depois, tendo

desembaraçado dos pedregulhos o caminho, esperou, sentado na grande solidão, que aparecessem viandantes. Não tardaram a aparecer na outra margem um grupo de frades, que viajavam com o abade, montado numa mula. Apenas os viu, Cristóvão atravessou — enquanto os frades, aterrados, lhe faziam grandes acenos, para que se não arriscasse naquelas águas da torrente. Mas quando o viram chegar, enorme, a escorrer água, e com os braços abertos para os receber, hesitaram, pensando ser uma cilada do Demónio. A cruz que o abade traçou no ar, e que Cristóvão repetiu sobre o peito, logo os tranquilizou — murmurando entre si que então, certamente, era um auxílio do Senhor. Um por um, arregaçando o hábito, cavalgaram Cristóvão, e no meio

do rio, sentindo a água furiosa bater a cinta do gigante, gritavam o nome da Virgem; Estrela dos Náufragos. Depois, quando Cristóvão os pousava na outra margem, enxutos, era um espanto, e baixando os hábitos, reapertando as sandálias, riam daquela ponte viva que trabalhava nas águas. O abade passou, passou a sua mula. E os frades deixaram a sua bênção ao gigante e um ramo de buxo benzido.

Começou então para Cristóvão uma vida estável, quieta, junto daquele rio. Nas horas em que não havia gente, esperava sentado numa pedra, olhando correr a água, ou então alargava o caminho e construía à beira de água, com pedras, como um cais onde a gente lhe subia para as costas. A cada instante,

porém, havia alguém a passar — e como Cristóvão era já conhecido, os viandantes, do alto da colina, vinham logo gritando: «Eh, gigante!» Alguns, mais brutais, se ele se demorava, rompiam em injúrias. Outros, que o vinho bebido nas tabernas da estrada excitava, arrepelavam-lhe os cabelos. Ele, quieto e humilde, fendia as águas. Por vezes era um cavaleiro que, com a sua pesada armadura, lhe esmagava os ombros, e rindo o espicaçava com os acicates. Outras vezes era uma dama que se horrorizava com a fealdade de Cristóvão, tapava a face, e apenas passada para a outra margem lhe fugia das mãos, mostrando o seu nojo. O maior trabalho era com os animais. Havia rebanhos que levavam todo um dia a passar. Os ginetes de guerra, furiosos,

mordiam-lhe os braços. E os galgos, latindo, queriam saltar para o rio, entre a indignação dos fidalgos, que atiravam pedras a Cristóvão. Nenhum esforço custava ao bom gigante. Passava os fardos mais duros, grossas barricas de vinho, pedras enormes para a construção das abadias. Passou touros, que iam para um curro de fidalgos. E passou um bando de leprosos, que fugiam de uma cidade, e lhe deixavam sobre a pele o pus das suas fístulas.

Se lhe não pagavam, baixava a cabeça, saudando com humildade. Se lhe pagavam, beijava a escassa moeda de cobre: — e guardava debaixo de uma pedra esse dinheiro, para o repartir com os mendigos.

Assim vivia desde longos anos. A

sua cabeça já se vergava, os seus braços já não eram tão fortes. Por vezes, sob os grandes fardos, gemia lamentavelmente. Todos os seus membros estavam como troncos nodosos, inchados pela humidade constante. De todo ele saía um cheiro a vasa e a limo. E as suas pernas, sempre na água, tinham um tom verde, como as estacas de uma levada.

O seu leito de folhas secas era-lhe doce, e quando sentia vozes que o chamavam, era com um gemido que se erguia. Já lhe levava o dobro do tempo a cortar a corrente — e por isso eram constantes as injúrias que recebia. Para se apoiar na água, sentindo que as suas forças diminuíam, teve de fazer um grande bastão aguçado, com um tronco. E cada inverno pensava, com inquietação, se a

força lhe sobraria para fender a corrente furiosa do rio mais cheio.

Agora, apenas passava os viajantes, logo se vinha deitar. E chegou mesmo a pedir, por caridade, que lhe deixassem um pouco de vinho, para tomar nas noites muito duras, como um cordial que o amparasse. Oh!, muito pouco, um pichel somente... Ele, cautelosamente, o pouparia.

Ora uma noite de grande inverno, em que ventava, nevava, e o rio muito cheio mugia furiosamente, Cristóvão, já muito velho, trôpego, com feridas nas pernas, dormia no seu chão molhado — quando fora, na noite agreste, uma voz pequenina e dolorida gritou: «Cristóvão! Cristóvão!»

Com um gemido, logo se ergueu

aquele bom gigante. Abriu o loquete da sua choça. E viu diante de si uma criancinha, pisando descalça a relva, com os cabelos a esvoaçar no vento e na chuva, e apertando sobre o peito, com as mãozinhas, a camisa muito branca que o cobria. Espantado, com lágrimas, Cristóvão abriu os braços.

— Oh, meu menino, quem te trouxe?

E tremendo toda, no frio e na neve, a criancinha murmurou:

— Cristóvão, Cristóvão, estou sozinho e perdido, e por quem és te peço que me leves a casa de meu pai!

Já Cristóvão arrancara dos ombros a pele em que se agasalhava, e envolvia nela o corpinho tenro que tremia.

— Oh, meu menino, onde é a casa

de teu pai?

A criancinha estendeu o braço para o outro lado, onde os montes negros se erguiam. E murmurou muito baixo:

— Além, para além, muito longe...

Mas um espanto tomava Cristóvão. Porque debaixo da pele negra de cabra, de novo a camisinha da criança aparecia rebrilhando na noite negra, toda branca de linho. Muito humilde, baixando para ele a face, o bom gigante disse, muito humilde:

— Oh, meu menino, vem, que eu te levo ao colo.

A criança estendeu os braços pequeninos. Cristóvão com cuidado e docemente a foi pondo ao ombro. Mas, bruscamente, os seus joelhos vergaram, tocaram a rocha, sob o imenso peso que o

esmagava. Ah!, quanto pesava o menino! Com custo, se firmou nas suas velhas pernas doridas. Desceu, arrimado ao seu bastão, o caminho escorregadio, mergulhou na água os pés — e logo a corrente que mugia furiosamente em redor, atirando a espuma até aos pés da criança. Arquejando, Cristóvão rompeu a água. O vento imenso silvava, e atirava-lhe sobre os olhos, que a humidade embaciava, os seus longos cabelos grisalhos. Ele disse: «Ah!, meu menino, meu menino!» A cada passo sentia que o leito limoso do rio lhe fugia sob os pés. Todo ele tremia, firmado no bordão. E a água, toda branca de espuma, empurrava-o furiosamente, com um marulho medonho. Na densa escuridão nada distinguia, nem sabia onde estava a outra margem. Grossas pedras de granizo

de repente caíram, e o menino, arrepiado, todo se aconchegava à sua face. Já a água temerosa lhe chegava ao peito. Tropeçou numa rocha, e, quando se susteve, sentiu a água, furiosa, gelada, correndo a roçar-lhe as barbas. Arrojou o bordão, e com as mãos ambas ergueu o menino ao ar. Mas mal o podia sustentar, grandes vagas já lhe batiam a face. Arquejando, parava para respirar fora da água, e bebia a espuma turva e amarga. Grossas traves, que a corrente acarretava, batiam-lhe o corpo. Os seus pés rasgavam-se em pedras agudas. E ele, num esforço enorme, os braços esticados ao alto e todos a tremer, sustentando o menino, arrojava o peito para a frente, com gemidos que eram mais fortes que o vento. Duas vezes os seus joelhos fraquejaram,

ia cair sob a força da torrente; duas vezes, com um esforço sobre-humano, se manteve firme, erguendo ao alto o menino. A água já lhe chegava pela barba, e a espuma das vagas humedecia-lhe os olhos. E, sempre arquejando, rompia, com as mãos a tremer todas do peso imenso do menino. Mas os seus pés encontraram uma rocha firme, e a água desceu outra vez até ao peito. Na rocha resvaladiça, porém, os seus passos mal se podiam sustentar. E era por um esforço da alma, que se empinava, arquejando. Mas ia saindo do rio. A água já lhe descera à cintura. E o fragor da torrente parecia abrandado e como remoto. Grandes pedras emergiam da água. Já apenas tinha mergulhados os pés, que ele sentia dilacerados. Um esforço mais, e estava na margem, salvo,

apertando contra o peito o menino.

Mas, naquele esforço supremo, toda a sua vida se fora. Não podia mais. E já se sentava, exausto, numa rocha, quando o menino lhe murmurou que não parasse, que marchasse ainda, o conduzisse à casa de seu pai. E Cristóvão, arquejando, começou a trepar o íngreme caminho da serra. Uma vaga claridade errava nos altos. E as rochas, os abetos, emergiam da treva densa, que os afogara. Uma frialdade trespassava o ar — e Cristóvão tiritava, com o seu pobre saião de estamenha encharcado, que ia pingando na terra mole. E mais baixo murmurava: «Ah!, meu menino! meu menino!...»

Cada vez mais escarpado, entre rochas, se empinava o caminho da serra. E Cristóvão todo curvado, com os seus

cabelos caídos sobre a face e pingando, arquejava a cada passo. Subiria ele jamais até à morada do menino? E uma grande dor batia-lhe o coração, no terror de cair sem força, e a criancinha ficar ali, naquele ermo rude, entre as feras, sob a tormenta. A cada instante tinha de arrimar a mão a uma rocha, desfalecido, de se prender à ramagem de um abeto. E a claridade crescia; já, no alto dos montes, ele via palidamente alvejar a neve.

— Oh, meu menino, onde é a casa de teu pai?

— Mais longe, Cristóvão, mais longe...

E aquele bom gigante, agasalhando os pés do menino na dobra da pele de cabra, que o vento desmanchava, seguia com longos gemidos no caminho

infindável, que mais se apertava entre rochas, eriçadas de silvas enormes. Por fim, mal podia passar; as pontas das rochas rasgavam-lhe os braços, os longos espinhos, atravessados, levavam-lhe a pele rude da face. E seguia! Já das feridas lhe pingava o sangue, e os olhos embaciados mal distinguiam o caminho, que parecia oscilar todo como abalado num tremor de terra. Uma luz, no entanto, mais viva, cor-de-rosa, já subia por trás das linhas dos cerros.

Mas Cristóvão parou, sem poder mais. Com o menino agarrado nos braços, ficou encostado a uma pedra, arquejando.

— Onde é a casa de teu pai?

— Mais longe, Cristóvão, mais longe...

Então o bom gigante fez um

prodigioso esforço, e a cada passo, meio desfalecido, os olhos turvos, a cada instante lançando a mão para se arrimar, tropeçando, com grossas gotas de suor que se misturavam a grossas gotas de sangue, rompeu a caminhar, sempre para cima, sempre para cima. Os seus pés iam ao acaso, no desfalecimento que o tomava. Uma grande frialdade invadia todos os seus membros. Já se sentia tão fraco como a criança que levava aos ombros. E parou, sem poder, no topo do monte. Era o fim: um grande Sol nascia, banhava toda a Terra em luz. Cristóvão pousou o menino no chão, e caiu ao lado, estendendo as mãos. Ia morrer. Mas sentiu as suas grossas mãos presas nas do menino — e a terra faltou-lhe debaixo dos pés. Então entreabriu os olhos, e no

esplendor incomparável reconheceu Jesus, Nosso Senhor, pequenino como quando nasceu no curral, que docemente, através da manhã clara, o ia levando para o Céu.

Santo Onofre

1

Onofre, desde os vinte anos, vivia no deserto da Tebaida.

A sua caverna de Solitário era no alto de um monte, todo de rocha avermelhada e nua, sem um tojo ou musgo que lhe amaciasse a aspereza; — e decerto outrora abrigara salteadores sarracenos, porque a vasta laje que diante dela se estendia, em eirado, estava cerrada e defendida por um muro de pedras soltas, enegrecidas pelo fumo de

labaredas, e com seteiras, como as de uma cidadela. Rudes degraus, escavados na penedia, desciam tumultuosamente a um vale, onde um fio de água, caindo de fraga em fraga, criara um horto de ervas silvestres, tamargueiras, terebintos, três altas palmeiras, e mesmo uma mimosa, que em cada primavera floria e perfumava o ermo. Para além, depois de grossos penhascos de pórfiro, eram as areias, as imensas areias arábicas, ondulando até ao mar Vermelho, lisas, fulvas, como a pele de um leão.

Cada vez que a mimosa se cobria de cachos amarelos, Onofre, com um ferro de lança encontrado no fundo da sua caverna, entalhava na rocha um risco, como os que seu pai, na sua taberna, em Afrodite, sobre o Nilo, traçava no muro

para apontar os anos do vinho mareótico.

Todos os três meses, um monge aparecia, montado no seu dromedário, trazendo em seirões de esparto esses pães de aveia, duros e mais largos que rodas, que os abades dos mosteiros distribuíam pelos Solitários. Sem descer do dromedário, o monge dava a Onofre o seu pão, bebia uma malga de água fresca, contava a nova considerável de algum édito imperial sobre os Cristãos, de um outro César aclamado pelas legiões, ou de uma heresia inesperada que afligia a Igreja — e partia, desaparecia entre as dunas, curvado sob o seu longo capuz, ao lento badalar dos guizos do seu dromedário. Por muitas luas, Onofre não avistava outra face humana. E a sua vida recomeçava, sempre igual, como a água

do seu horto, que, com o mesmo rumor, escorria nas mesmas pedras.

Cada noite, ainda com as estrelas empalidecendo no céu, deixava o montão de folhas secas que lhe servia de leito, atava uma corda em torno da sua túnica de pele de cabra, e ajoelhado, com os braços abertos diante de uma cruz de pau cravada entre duas lajes, no eirado, começava a sua oração, até que ao fundo dos areais já rosados o Sol surgia no céu sem nuvens, já ardente, todo de brasa e de ouro. Direito, então, Onofre entoava um cântico, agradecendo ao Senhor o dia novo. Depois, em obediência ao preceito de Santo Antão, que atribuía ao trabalho tanta virtude como à prece, tomava a sua enxada, o seu podão, o seu balde de couro, e descia, ainda cantando, a

trabalhar em baixo naquele horto que a água criara, e que ele alargava, pacientemente, por sobre as areias, para que a Palavra se cumprisse, e o *Deserto se cobrisse de flores*. Quando o céu pesado flamejava na sua imobilidade, e as ramarias enegreciam como bronze na refulgência ambiente, e a terra lhe escaldava os pés nus, Onofre, esfalfado, sedento, fumegante como um boi na lavragem, subia à sua caverna, desenrolava os rolos de papiro, que continham os Quatro Evangelhos, e encolhido numa tira de sombra, depois de beijar as linhas divinas, mergulhava numa meditação, em que toda a vida do Senhor revivia lentamente na sua alma, e a inundava de doçura, ou a trespassava de dor. Prostrado, com a face nas lajes

abrasadas, orava: — e de novo descia ao seu duro labor, cantando salmos, enquanto a enxada batia o torrão, ou os ombros lhe vergavam sob o carreto de pedregulhos, para que, sem descontinuar, subisse do ermo para o Céu, como um fumo de ara que nunca se apaga, o preito do seu coração.

Lentamente, monte e rochas se tingiam de uma cor rosada, semelhante a um rubor humano: as alturas eram de âmbar fino; nas folhagens, mais leves, e como aliviadas, passava um frémito de asa, um pio fugidio das aves que vinham beber à fonte: — e quando Onofre recolhia ao alto eirado, com a sua enxada ao ombro, todo o deserto, em baixo, até ao mar, rebrilhava como uma lâmina de cobre. O Sol descia por trás de nuvens,

que ensanguentava — e era então que o Solitário, aliviando a fadiga num longo suspiro, se sentava, com uma côdea de pão duro e umas poucas de tâmaras no regaço, e a sua cabaça de água fresca pousada junto da cruz. Com os olhos derramados pelas areias imensas que empalideciam, Onofre comia lentamente.

Cada sorvo de água espalhava no seu ser, com a frescura, o contentamento de um dia todo consumido a trabalhar na obra de Deus. E a sua Oração de Graças era tão enternecida, que as lágrimas, uma a uma, lhe rolavam nas barbas poeirentas.

A Lua, curva como uma barca do Nilo, ou redonda e faiscante como a roda de um carro sagrado, roçava o cimo negro da Cordilheira Arábica. Na ravina os chacais uivavam descendo à fonte.

Depois, tudo emudecia — e Onofre, encostado ao parapeito, embebido na frescura e na paz do luar, sentia, naquele silêncio universal, o bater cansado do seu coração. Mas mesmo esses instantes de repouso os dava ao Senhor — atribuindo somente à sua misericórdia o impulso que a arrancara de entre os homens, e do lodo em que eles se debatem, e o trouxera à pureza desta solidão, onde a eterna verdade se avista tão claramente, como aquela grande Lua, lustrosa e consoladora. No seu reconhecimento, de novo se abatia ante a cruz, e era de joelhos, cantando um derradeiro salmo, que, depois de se arrastar três vezes em torno do seu eirado, Onofre penetrava na sua negra caverna, e se estendia, contente, no seu leito de folhas secas.

Assim naquela vastidão de areias, que ondulava do Egito até à Arábia, sob essa imensa curva do céu onde se cansava a asa das águias e dos ventos, se movia aquela forma solitária, única entre tanta imensidade, sempre diligente como uma abelha que faz o seu mel — orando de braços abertos, cavando a terra, folheando o livro santo, trepando os degraus da caverna com o seu odre de água, de rojo nas lajes ante a cruz, entoando da borda do seu eirado um cântico de grande esperança, mergulhando na treva da sua caverna, emergindo ansiosamente dela para voltar à oração, ao labor, ao êxtase, à penitência incansável. Deus olhava — e esperava.

2

Mas como o Solitário ia entrando na perfeição — o Demónio, inquieto com o Santo novo que surgia, correu ao ermo: — e desde então começaram na alma de Onofre os sustos, as surpresas, os ruídos, os combates de uma cidadela cercada. O cenobita com quem ele ao princípio habitara no deserto de Cétis, o velho Apolónio, que transpusera um cento de anos, e só conseguia caminhar com as mãos no chão, muito longamente o instruíra sobre as artes múltiplas e ondeantes de Satanás, que invade os corações, menos pela força e despedaçando, que por uma penetração de

horrenda, abominável doçura. E, todavia, tão serenos e seguros foram os seus primeiros tempos no deserto, que Onofre, como uma sentinela que vê em torno a planície só coberta de espigas e luz, e se encosta à lança e adormece, deixara o Inimigo penetrar no seu ser, com a facilidade de uma cobra que escorrega entre as tábuas mal juntas de uma cabana. Ainda ele, cada dia, ao escurecer, repousando à borda do seu eirado, com os olhos afogados nas estrelas, agradecia ao Senhor aquela doce misericórdia que caía na sua alma como uma fonte de leite — e já a Serpente bebia desse leite. O arbusto dá o perfume da sua flor, e não sente o verme: — Onofre não sentia o Demónio deteriorando a raiz da sua perfeição. Era então apenas nele, a essa hora de silêncio,

de estrelas, uma recordação tão doce da cidade de Afrodite e da taberna de seu pai, que a cabeça lhe pendia contra a rocha e cerrava as pálpebras para reter, mais perto da alma, essas imagens, inesperadamente belas, de arvoredos, e casas alvejando entre os arvoredos, e alegres rumores humanos.

A taberna de seu pai era no bairro grego de Afrodite, junto à Porta das Areias, à orla de um bosque de mimosas e sicômoros que, por sobre uma colina mais alta que as muralhas, se estendia até um pequeno santuário de Esculápio.

Por aquele lindo bosque acompanhava ele sua mãe — que era grega, das ilhas Egeias — quando ela, já pálida, consumida pelos ardores do Egito, ia suplicar a saúde ao deus helénico, o

claro ídolo de barbas douradas, e derramar sobre a sua ara o puro azeite da Ática, que ele levava na mão numa infusa pintada. Era sempre de madrugada, quando, nos vergéis do Santuário, cantavam os galos votados a Esculápio.

Do lado das muralhas, onde se aquartelava a Legião Germânica, vinha o som áspero e grave das tubas, que o faziam pensar em marchas triunfantes por países bárbaros e altas cidades cercadas. E sua pobre mãe parava cansada, com a mão transparente contra um tronco de árvore, respirando o aroma esparso de violetas entre a relva, que lhe lembravam a doçura da sua pátria.

Por aquele bosque também todas as tardes, com a sua infusa de greda sob o manto de linho, descia, a buscar à taberna

cerveja da Cilicia, ou vinho mareótico, o velho Amónio, o arquivista do Santuário, que lhe ensinava as letras, os números, certos ditames da música, as divisões do Império Romano, e mesmo, sobre uma esfera feita de verga fina, o caminhar das estrelas. Bom Amónio, que sempre o amara, lhe admirava tanto a inteligência, e mesmo aconselhava a seu pai que o mandasse estudar, às escolas de Alexandria, a Gramática e a Retórica!

Nem todos os pagãos, decerto, pertencem ao Inferno. Aquele era simples, doce, humano — e esfarelava sempre, na taberna, sobre o chão areado, um pouco do seu pão para as andorinhas e os íbis...

Assim Onofre cismava e recordava, à porta da sua caverna, entre as rochas, envolto pelo deserto. E como

hóspedes bem acolhidos em casa aberta e farta, que voltam contentes, trazendo outros camaradas — estes pensamentos invadiam cada noite a alma do Solitário, arrastando outros, mais ligeiros, mais cheios de rumor e da alegria do mundo que ele abandonara. Todos vinham sempre daquela taberna do Galo, tão ciara e fresca entre os sicômoros. Como ela era asseada e bem regulada! Junto da porta estava pendurado o longo azorrague para os servos que não estendessem, bem finamente, pelos pátios, a areia vermelha entre as sebes de rosas — ou que não esponjassem cada madrugada, sobre os muros caiados de amarelo, o sulco fumarento das lâmpadas; mas, na verdade, só sobre o açoite se amontoava o pó, tanta era a diligência e a ordem. Nenhum pão se

amassava em Afrodite mais ligeiro, e branco, e doce, que o do Galo! E para comer as ostras de Canópia, que todos os dias chegavam pelos barcos do Nilo, em grossas caixas forradas de limo, vinham lá mercadores ricos, e até sacerdotes — porque os que servem os ídolos são sempre vorazes. Também os gregos, naquele bairro novo, escolhiam sempre o Galo para rematar, à noite, com danças, as horrendas festas dionisíacas. Quantas vezes, antes que a Verdade o penetrasse, ele ajudara culpadamente a pendurar lanternas no largo, espalhando sicômoro, que assombreava o pátio, do lado das muralhas. Ao escurecer, os místicos apareciam, em bando, moços e raparigas, de volta do templo, coroados de hera e choupo, disfarçados com máscaras,

embrulhados em peles de bode, cantando os hinos de Iacos. Os servos subiam logo da adega segurando pelas asas um vasto cântaro de vinho novo. Caraças e peles eram arremessadas para junto das mesas, armadas sob o velário de esparto, cobertas de azeitonas, de bolos de mel, de frutas em cestas, e de gelo que rebrilhava. Todos corriam a refrescar as faces, esbraseadas e cheias de pó, na larga piscina ao lado do alpendre dos dromedários. Dois moços dos mais ágeis, então, dançavam a pírrica, erguendo vasos à maneira de escudos, e brandindo, como lanças num combate, os tirsos de mirto e rosas. Depois o cântaro enorme de vinho era arrastado para o meio do terreiro, coroado de flores — e todos, de mãos dadas, rapazes alternando com as moças,

a força entremeada à graça, bailavam, ao som triunfal das flautas e dos crótalos, a coreia sagrada, gritando: «Iacos!, sê connosco!» Delírios abomináveis! Mas, no dançar daquelas pagãs, votadas aos fogos do Inferno, mais brancas que mármores, e com formas impuras de deusas, quanta arte perversa, e quanta beleza!

Uma sobretudo, Glicéria, que era filha de um gravador e pedras finas, e morava tão perto do Galo que ele a sentia cantar, fiando, sentada à beira do seu eirado, ou pendurando nos ramos do limoeiro as roupas do irmão pequenino! Muitas vezes passando pela sua porta, de madrugada vira sobre ela, traçados com gesso, louvores à sua formosura, e à graça do seu andar: — *Glicéria, por ser a mais*

bela, inquieta Vénus! — Os teus pés, oh, Glicéria! correriam sobre lírios sem lhes macular a pureza! — E ele corava indignado, como se surpreendesse um ultraje. Tinha então quinze anos — ela vinte: e quando a avistava à beira do terraço, ligeira e branca, com o irmãozinho no colo, uma melancolia sem razão, doce como o crepúsculo, descia sobre o seu coração. A última vez que a encontrara fora nessa manhã, em que ele subira ao templo de Esculápio, para se despedir do velho arquivista, seu mestre.

Era à hora da sesta — e em torno do Santuário, branco e lustroso, o bosque sagrado repousava no esplendor do sol de agosto, sem um murmúrio de ramagem, abrigando aqui e além, na sombra fresca alguma nudez de estátua, que rebrilhava.

E no silêncio, o gotejar dormente das águas lustrais sobre as bacias de pórfiro, o arrulhar fugitivo de uma rola, eram ainda como rumores religiosos, cheios de gravidade e doçura.

O vasto Esculápio, sobre o seu altar, no alto das escadarias de mármore cor-de-rosa, sorria beneficamente na sua barba dourada, encostado ao seu bastão onde se enroscava uma cobra de bronze. Numa gaiola de cedro as duas serpentes rituais, gordas, mosqueadas de amarelo, dormiam com beatitude enroscadas sobre fofas lãs de Mileto. A um canto, na sua cadeira de marfim, o sacerdote de serviço dormia também, com as mãos, resplandecentes de anéis, pousadas sobre o ventre, e uma ponta do manto de linho estendida sobre a face, suada e nédia. E

na ara de bronze, coberta de brasa, um fumo leve, e lento, e direito, e perfumado, subia como uma prece contínua e serena. À espera do seu mestre, ele passeava na frescura dos pórticos, entre as colunas de mármore, cobertas de esteias votivas, e de cachos de mimosas, abafando, sobre as lajes bem lavadas, o ruído das suas sandálias — quando ela apareceu na longa avenida de palmeiras. Lenta, pensativa, com as mãos embrulhadas no véu leve cor de açafrão, que lhe pendia dos cabelos, ela veio caminhando, pela tira de sombra, até à escadaria de mármore, que os seus joelhos tocaram, levemente. E os seus olhos, que ergueu vagarosamente para o Deus e onde uma lágrima bailava, eram como duas pedras preciosas refulgindo sob água. Depois,

com a mão que desembrulhara do véu, deixou cair na ara um punhado de incenso. Contemplou um instante o fumo aromático que envolveu a face do ídolo — e desceu a avenida, com passos lentos, e pesados de cuidado, sob a sombra estreita das palmeiras. Ela resplandecia de saúde e viço. Para que ser bem-amado viera pois implorar o seu Deus? Longe, sob as árvores, o seu véu, colhido num raio de Sol, reluziu como ouro. E ele não a vira, nunca mais...

Ora uma noite que assim cismava, com a cabeça encostada às rochas, sentiu perto como um rumor de sandálias, e um aroma lento de incensos. Abriu os olhos, num espanto — e no sítio da sua negra caverna alvejavam os mármores do templo, Esculápio sorria nas suas barbas

douradas, a ara fumegava docemente, e Glicéria, sem véus, estendia os braços! Mas era para ele, não para o Deus, que estendia os braços suplicantes e nus. Sob a túnica, mal franzida, o seu seio arfava, como num desejo que anseia e se retém. Toda ela sorria, com as pálpebras pesadas. E o calor do seu corpo radiava através dos tecidos leves.

Tão viva e real era aquela presença que Onofre, a tremer, murmurou: «Que queres?» E já se erguia, as suas mãos mergulhavam naquelas brancuras de carne e mármore — quando tudo subitamente desapareceu, como sorvido pela boca negra da caverna. Onofre, então, com imensa tristeza, reconheceu que o Demónio penetrara enfim na sua solidão. Aquelas recordações dos antigos

dias, que julgara mandadas por Deus, para que ele agora, vivendo nas delícias da verdade, as contemplasse com o salutar horror com que o homem, um momento transviado, considera as nódoas de vinho na túnica que de si arrojou — eram trazidas pelo Demónio, que as embelezava, para que o que nele restava ainda de humano e carnal se prendesse à sua doçura.

E com efeito ele estremecera, suspirara... A sua alma, pois, que fechara toda dentro de Deus, não estava ainda bem segura!

Rojado nas lajes, com os braços lançados em torno da cruz, Onofre toda a longa noite implorou, ao Senhor, fortaleza.

3

Como uma sentinela desconfiada, à porta de um castelo, ele vigiou então severamente os pensamentos que se lhe apresentavam vindos do seu passado, e só recebeu aqueles que traziam a marca luminosa da Graça.

O mais doce desses era o do bom Amés, um escravo núbio, que seu pai comprara a um bando de sarracenos nómadas, e que, tendo percorrido a Arábia, e a Mauritânia, e a África até ao país dos Garamantes, lhe contava, na sua infância, maravilhosas histórias de guerras, de leões, de povos temerosos, e de tesouros escondidos em cavernas. Seu

pai, desde que findara a perseguição de Diocleciano, costumava alugar dromedários aos cristãos de Alexandria e do Delta, que subiam o Nilo até Afrodite, em peregrinação aos mosteiros da Baixa Tebaida. Amés que conduzia, como cameleiro, essas caravanas piedosas, adorara muitos deuses, porque servira muitos amos. Mas, desde essas primeiras jornadas à Tebaida, reconheceu e compreendeu o Deus verdadeiro, através da bondade e da caridade, tão novas para ele, desses doces cristãos, pacientes e piedosos, que lhe ajudavam a arrear os dromedários, lhe tiravam dos pés os espinhos ou as lascas de conchas, partilhavam com ele das suas porções de lentilha e de azeite, e, sob a tenda, diante das fogueiras, ou pelas sestas, à beira dos

poços, o chamavam, lhe abriam lugar, como a um semelhante e a um irmão. As águas inestimáveis do Batismo tinham, enfim, banhado resgatadoramente o seu miserável corpo de escravo, mais lustroso que o ébano e todo coberto das cicatrizes do açoite e dos ferros.

O bom Amés, desde então, resplandecia de contentamento e paz. E fora esse pobre servo, resgatado na alma, que lhe contou desse Deus novo que nascera humildemente num curral, errava pelos caminhos da Terra com os pés nus, e cercado de pobres, ensinava a Caridade, e a Bondade, e a Humildade, parava à porta dos casais a beijar as criancinhas, e quisera morrer, por amor dos escravos, numa cruz, como um escravo.

Era sempre de noite no cubículo

em que ele dormia, sob o alpendre dos dromedários, que o bom Amés, agachado numa esteira, com os olhos a reluzir como estrelas, lhe desenrolava esta história maravilhosa — a daquele grande Reino celeste, além das nuvens, para onde todos aqueles que amassem Jesus e cumprissem a sua doce lei, iriam, logo depois da morte, sem demora, começar uma vida incomparável, toda feita de delícias, entre vergéis de cristal e ouro.

E ele, a estas revelações de Amés, sentia na sua alma um rumor, um brilho de claridades, e a frescura de um ar mais puro, como se ela fosse uma casa muito tempo fechada e abafada, onde alguém, bruscamente, e uma a uma, abrisse as janelas à brisa e ao sol da manhã.

Que alvoroço, então, quando

aparecia na taberna, conduzida pelo gordo Basílio, diácono da igreja de Afrodite, alguma pequena companhia de cristãos, que desembarcava e vinha apreçar dromedários! Até esse dia sempre se afastara deles, num vago susto, uma desconfiança que lhe ficara do tempo em que sua mãe lhe contava que os cristãos «comiam criancinhas embrulhadas em farinha» e para lhe abafar os choros e as perrices, murmurava apontando para a porta: «Cala, filho, cala, senão vêm os cristãos que te comem!»

Mas depois! Mal eles apareciam, corria, mais reverente que nenhum servo, para os aliviar das trouxas e das bagagens e acarretava alegremente a água para as abluções, e estendia tapetes sob os pés dos mais velhos, atento aos seus menores

movimentos como a atos consideráveis de santidade. Quando seu pai, tomando as lâminas de chumbo, e o estilete, começava a somar as despesas, ele corava, tremendo da sua cupidez. À Porta das Areias, esperava longas horas, entre os publicanos, o regresso das caravanas. E se ao chegarem, algum dos peregrinos cristãos, poeirento e tisnado dos sóis, o reconhecia, lhe acenava logo, sorrindo do alto do seu dromedário — o seu coração batia de alegria e de orgulho.

Depois, nessas noites, no seu cubículo, não se fartava de escutar o bom Amés, contando as marchas e os repousos, e os mosteiros florindo no deserto, e as novas façanhas dos grandes Solitários — Múcio, para que os seus discípulos se abrigassem, fazendo reverdecer uma

acácia seca, ou Pacómio, para atravessar o Nilo, acenando a um crocodilo e montando sobre o seu dorso! O desejo de acompanhar também as caravanas, e testemunhar tão doces maravilhas, foi então, na sua alma, mais imperioso e ardente que uma longa sede num areal deserto. Mas essa sede, de que sofria, com quanta pressa e misericórdia lha contentaria o Senhor?!

Dois monges da Síria, Germano e Cassiano, tinham então, depois de uma longa peregrinação pela Nitria e Deserto Líbico, chegado a Afroditopólis para tomarem dromedários, e visitar os mosteiros da Baixa Tebaida, até Colzim e o mar Vermelho. E seu pai que desejava então contratar com os abades desses mosteiros o fornecimento de trigo, e

óleos, e lãs, determinou, de repente, que ele partisse nessa caravana dos dois monges sírios, levando cartas de Arquébio, bispo de Pafenísia. Que surpresa, que alvoroço! João Cassiano e o seu companheiro eram do país dos Citas, mas polidos por uma longa residência na Ásia Menor, e ambos homens de grande saber e doçura. E quando naquela primeira noite, em que acamparam junto às grandes serras de onde se tira o mármore vermelho, ele, tremendo, suplicou a João Cassiano que tomasse a sua alma para a conduzir à Verdade, foi como se, pela primeira vez, soubesse o que era a ternura de um pai. Ó incomparável jornada, em que cada passo, mais gostoso que o de um triunfo, o avizinhava do Céu!

Então conheceu inteira, e mais verdadeira do que lha soubera ensinar o bom Amés na sua simplicidade, a Lei de Jesus: — e a fé penetrou no seu coração, com a certeza e o fulgor de uma espada. O céu não era mais luminoso do que a sua esperança, naquela madrugada em que avistaram o mosteiro de Cétis — e as três palmeiras que estão à entrada, tendo cada uma, pendente dos ramos baixos, disciplinas de corda, de couro e de ferro, porque a sua regra é austera. A buzina do velador, que observa as estrelas na torre da igreja, acorda de noite, de hora em hora, os monges para que eles rezem, de pé, nas suas cabanas, estreitas como esquifes, sem porta, apenas guarnecidas de uma grade baixa contra os escorpiões. De dia cada um permanece isolado na sua

cabana, encruzado sobre um montão de folhas de papiro, que lhes serve de leito, a rezar sem repouso, a trabalhar sem repouso — tecendo esteiras, copiando evangelhos, cosendo odres, polindo ágatas. Ao declinar do Sol, o despenseiro vem colocar silenciosamente, a cada porta, um pão duro. Então, no ar mais fresco, passa o lento, longo suspiro daqueles penitentes, que enfim descansam. No curto crepúsculo, com os braços ociosos, eles contemplam, da abertura avara das celas, os altos montes que cercam o mosteiro, e o Céu que é o cuidado das suas almas. À noite, os chacais uivam nas quebradas. Na escuridão de cada cela há gemidos, e o silvar dos azorragues. Depois tudo emudece: — e dois monges dos mais

velhos, sumidos nos seus capuzes, rondam através do mosteiro adormecido, com lâmpadas e grandes cruzes, para afugentar os demónios, que sob formas horrendas ou formosas, àquela hora invadem o ermo. Oh!, a regra é dura — mas como ela dá o contentamento e paz infinita a todas aquelas almas, por sentirem tão certo e vizinho o Paraíso!

Por isso ele, depois de receber o Batismo, em dia de Páscoa, e de ter comido o bolo de mel, e revestido a túnica de inocência, suplicara, em lágrimas, ao velho abade Serapião, que lhe concedesse uma cela para viver entre os seus monges, no trabalho perpétuo, na perpétua oração... Mas o bom abade não consentira — porque a sua fé era recente, o que um sopro levanta um sopro o abate,

e só almas experimentadas em maior aspereza e solidão podiam recolher, nas doçuras espirituais daquele mosteiro ilustre, o preço da sua fortaleza.

Então, por conselho de Serapião, ele penetrara mais longe, no Deserto, para além da Planura dos Carros, nas agrestes serranias que se alongam até Colzim. E aí fora servir um velhíssimo Solitário, a quem o derradeiro discípulo fugira, com um bando de sarracenos, para remergulhar no Pecado. Nilo era o nome desse solitário espantoso, que tinha cento e vinte e três anos, e já não podia caminhar senão de rastos com as mãos sobre as pedras.

Tão longa e alta fora a sua penitência, naquela solidão, durante um século, que não temia Deus, nem orava — e, como um obreiro que findou a obra,

apenas se contentava em olhar o céu, silenciosamente, à espera do seu salário. Durante três anos que servira aquele Santo terrível, nunca dele recebera um sorriso, uma consolação, um amparo — porque de tanto viver na solidão arenosa e pedregosa, aquela alma ganhara a secura das areias e a rigidez das serranias. Mas se ele, entre duas longas orações, estendia mais o seu repouso, ou se retardava à beira do poço salobre que lhe dava a água — logo os olhos do Solitário, aqueles seus olhos pequeninos e rebrilhantes entre densas pestanas brancas, o traspassavam numa repreensão muda e dura. Ah!, ele nunca decerto compreendera aquela virtude medonha!... A fama da sua velhice, da sua santidade, invadira todo o Egito. Dos montes e das cidades acudiam

monges, acudiam mesmo pagãos, para o visitar, uns na admiração de tão espantosa penitência, outros na esperança de serem por ele curados de feridas e males. O terrível velho, porém, nem sequer consentia que eles se aproximassem da sua caverna: — e um dia mesmo tentou arremessar contra um mais ousado, que lhe queria tocar o corpo ou a túnica de pele, uma pedra que o seu corpo já não pôde erguer. Era de longe que os peregrinos o contemplavam — enquanto, sentado no chão, com os olhos baixos ou perdidos no céu, e tão alheio àqueles homens como se fossem as pedras do seu deserto, bocejava com lentidão, ou metia a mão por entre a túnica para coçar sobre o peito, e sobre os rins, as feridas incuráveis que lhe deixara o cilício.

Enfim uma madrugada, indo ele junto do monte de folhas secas que lhe servia de leito para o ajudar a erguer, encontrou o Solitário morto! Morto, como adormecido, na postura de uma criancinha, com a mão sob a face, os joelhos junto do peito, tão pequenino, que as ervas secas do leito eram mais longas: e a sua face, tornada cor-de-rosa, sorria com serenidade.

Por suas mãos o enterrara na areia, junto da grande cisterna: — e quando a cova ficou bem coberta com pedras por causa das feras, ele sentiu penetrar na sua alma o heroísmo penitente do velho Solitário. Era como se tivesse herdado aquela alma formidável, que se reunira à sua e lhe comunicava a sua fortaleza invencível. Transportado numa

imensa esperança, apeteceu ansiosamente, também, uns cem anos de deserto, e de oração, e de mortificação, e o seu nome espalhado por todo o Egito cristão, e uma morte igual, com a mão sob a face, sorrindo, e tão pequenino que coubesse nos braços de um anjo! Recolheu então a túnica de pele que usava Nilo, e o seu rolo da Escritura, e o seu bordão, e a sua cabaça, e avançara pelo deserto, para o lado do Oriente e do mar. O seu sustento todo fora um pão trazido da caverna do velho; para evitar que um bando de nómadas o levasse como escravo, estivera uma noite inteira agachado, enterrado nos lodos fétidos de uma lagoa; lutara, às pedradas, contra as hienas; uma planície de sais, grossos e cortantes, retalhara-lhe os pés; marchando sob o sol, chorava de

sede, contente de chorar porque bebia as lágrimas... E sob estas angústias e terrores da carne, a sua alma resplandecia, certa de que cada sofrimento era um degrau subido na longa escadaria do Céu. Por fim, uma madrugada, avistara aquelas palmeiras ramalhando ao vento, e a mimosa em flor, e no alto, aberta, como se o esperasse, a caverna.

Com que felicidade a visitara, e toda a serra de rocha em rocha, e a fonte clara e fria que cantava no vale, e os arbustos que a ensombravam! Oh, maravilhosa granja, em que era escravo, para viver sozinho com o seu Senhor! Todo esse dia cantara cânticos de Graça. E desde que ali habitava — já três vezes a mimosa se cobrira de flores!

Assim rememorava Onofre, cada

dia, o seu passado piedoso. E sempre emergia desta meditação com um contentamento maior, mais vivo, pela sublime obra que empreendera.

Ela era magnífica e rara entre os homens. Os monges de Tebane, de Cétis, da Nitria, do lago Maria, viviam nas doçuras da comunidade, e viam girar, no alto das colinas, os moinhos que lhe moíam a farinha, e se as febres os assaltavam, o irmão sabedor das artes médicas corria com o seu frasco de óleo e o molho de plantas salutares. Os Solitários não se afastavam das cercanias do mosteiro, ou do Nilo, que é a rica, populosa estrada do Egito. Antão mesmo! O velho túmulo em que se enterrara vinte anos, estava a dois dias de Afrodite, no caminho das caravanas. Mas ele!, mais

solitário que todos os Solitários, habitava os confins do mundo. A ocidente eram léguas sem fim de areias e rochas; a oriente, o mar estéril; e só ele, naquelas solidões pavorosas, lançando o seu cântico perene para o Céu. Por isso também o olhar de Deus o distinguiria mais claramente, assim destacado e único, naquela imensa extensão de terra.

E depois com que facilidade ele abandonara o mundo, e os homens, e todas as alegrias da humanidade! Um pobre escravo, simples, inculto, conta-lhe um dia desse Deus novo que nascera em Galileia — e eis que ele sacode de si, como uma velha sandália, crenças, e afeições, e as riquezas de seu pai, e as promessas surpreendidas nos olhares das mulheres, e logo se dá inteiramente e para

sempre, e parte, e penetra nas solidões, para servir e amar em silêncio esse Deus, ainda mal conhecido e indistinto, como uma estrela entre nuvens! Onde houvera aí fé mais pronta e mais confiada?!

Por isso também Deus, reconhecido, lhe dera aquela serenidade em que ele vivia, já havia três anos, sem saudades que o pungissem, nem terrores que o arrepiassem, seguro naquelas bravias serras, como um rei no seu palácio.

Oh!, sem dúvida, o olhar de Deus estava sobre ele, e todo o envolvia no seu esplendor sublime; e o Demónio e o seu sopro mundanal não podiam transpor, nem sequer roçar aquela Graça que o defendia.

Ora uma noite que ele assim pensava, sentiu como o deslumbramento

de uma claridade — e erguendo os olhos, viu, entre a treva rasgada como um pano, uma vaga nuvem refulgente, de onde Jesus, debruçado, com a sua cruz entre os braços, espreitava para baixo, para a terra do Egito.

E, oh, dor!, não era para ele, único e tão visível, naquela grande solidão, que se voltava e sorria a face do Crucificado — mas para além, para o lado das cidades, para uma multidão que se agitava, miúda, e escura, e ínfima, como um formigueiro, entre searas e muros!

Atirou os braços ao céu, gritou desesperadamente:

— Oh, meu Senhor, estou aqui, teu servo no teu deserto!

Mas, entre as sombrias cortinas que se cerravam, a face do Senhor

desapareceu, desatenta, como se para ele não houvesse nem servo, nem deserto! E tudo recaiu em mudez e treva.

Então, com os cabelos eriçados de horror, Onofre compreendeu que aqueles pensamentos em que se comprazia, como se fossem flores da sua piedade, eram subtis rebentões do seu orgulho. Numa lacrimosa oração, prometeu ao Senhor repelir da sua alma todos os pensamentos do passado, pois que todos eles, mesmo os da sua doce ascensão para as Verdades, traziam consigo a mácula do mundo, como raízes que, ou sejam de planta salutar ou de flor venenosa, vêm sujas do lodo negro em que mergulharam.

E para maior humildade, selou a sua promessa com o sangue que as disciplinas toda a noite lhe arrancaram do

corpo.

4

Então, para que esses pensamentos da sua vida entre os homens não lhe turbassem a alma, Onofre, na curta hora de repouso, ao escurecer, forçava os olhos a contemplar, uma a uma, as aparências do seu deserto. Imóvel, à beira do seu eirado, considerava longamente as formas e as semelhanças das rochas — umas escarpadas, lisas, como muros de cidadelas, outras agudas, avançando na sombra crepuscular como proas de galeras encalhadas, outras redondas, em

montão, de um alvor fúnebre, como crânios que restassem de uma antiga, esquecida matança. Meditava as serras que se estendem para o sul, a sua aspereza e nudez, os antros que decerto as escacavam, e os fundos barrancos, mudos, abafados em treva. Mais longe seguia a infindável lividez do areal, ondeando à maneira de um sudário onde o vento fez pregas, até às orlas de um mar bravio, que não se avistava... E, para além das areias, e das rochas, e dos montes, havia ainda outros montes, e penedias, e dunas, e pântanos, e solidões que o separavam dos homens.

Então, lentamente, foi nele nascendo o espanto, depois o terror da sua solidão. Arrepiado, ele recordava as histórias outrora ouvidas no Galo a Amés,

a velhos cameleiros das caravanas entre Berenice e a Líbia, sobre as gentes medonhas, as feras que povoam aquela região, a mais bravia de toda a terra. Pelas bordas do mar, erram as horrendas tribos troglodíticas, que não têm deuses, nem leis, se nutrem de peixe cru e das cobras dos rochedos, bebem sangue, possuem em comum as fêmeas felpudas, e saem de rastos dos seus covis de lama, para uivar à Lua. Ali, naqueles descampados, vive a mais pavorosa das feras, o touro-sarcófago, que come a carne humana, é cor de fogo, expele um bafo que resseca as plantas, e, alternadamente, deixa pender os cornos como membranas moles, ou os enrista para o ataque, tão agudos, e longos, e duros como dardos de ferro! Mas, terríveis entre todas as feras,

eram essas serpentes do deserto Arábico, tão compridas e grossas, que em repouso, e quando tartas fazem na planície como uma colina de roscas e escamas, onde luzem no cimo, e se avistam de longe, as duas brasas dos seus olhos... E era no meio de serranias, povoadas por estes monstros, que ele vivia desamparado.

Então, desvairado pelo medo, começou a fortificar, como na véspera de um assalto, o largo eirado, onde se abria a sua caverna. Em longos dias de suado trabalho, conseguiu rolar um penedo para defronte dos rudes degraus, que desciam para o vale e para o horto. E apenas reconheceu a inanidade da sua obra! Selvagens e feras podiam descer sobre ele dos cumes do monte, que do lado do sul se ligava, por um dorso fácil, a outras

serras, aos areais. Recomeçou: arquejando e gemendo, acarretou grossas pedras para a boca da sua cova, onde todas as noites erguia laboriosamente um muro que, cada madrugada, desfazia. Mas, assim emurado, ainda não sossegava. Constantemente, silvos, mugidos, o rojar de pedras sob patas moles, sacudiam, sobressaltavam o seu dormir ansiado. Certo bater de asas, sobretudo, semelhante a grossos tapetes que se sacodem, tornava agora a cada instante sonoro aquele ar tão mudo e limpo do seu deserto: — e ele não duvidava que fossem essas horrendas aves, de face humana, que assaltam os viajantes solitários, os embrulham nas asas felpudas, lhes chupam o sangue. Quantas vezes ele ouvira contar a Amés como dois soldados da Coorte,

estacionada em Fulacon, para escoltar as caravanas da Líbia, tinham sido devorados por estes vampiros!

Uma noite sentiu desabar, com estrondo, o muro que fechava a sua caverna. Até que a madrugada clareasse, não cessou de tremer, agachado num recanto, com os cabelos eriçados, e o rolo do Evangelho aberto diante do peito, como um escudo. Que valiam, com efeito, pedras, mal postas sobre pedras? Só do Senhor devia esperar a defesa que nenhuma força derruba.

E não tornou a erguer aquela vã e frágil parede. Diante da caverna, plantou a cruz de madeira. Mas o deserto parecia agora cheio de rumores e de formas. Cada hora de escuridão se tornou um imenso pavor.

Com que inquietação ele via descer, ao longe, sobre os desertos da Líbia, o Sol, que era a sua proteção! Não se sente mais desamparada uma criancinha que a mãe abandona numa estrada escura. Apenas a sombra se estabelecia nas quebradas, e toda a cor se apagava sobre as rochas, começava, em torno do Solitário, o mover e rumorejar de uma vida tenebrosa e disforme. Bafos mornos e fétidos passavam logo sobre a sua face; tropéis de patas, o duro entrechocar de cornos, roncos ásperos, estalidos de galhos que se partem, não cessavam na treva densa: longe, no areal, corriam, volteavam, clarões de fachos, guedelhas sacudidas no ar, e panos lívidos como sudários; — e até lhe parecia que os montes se mexiam, como dorsos cansados

que se estiram. Debruçado da sua esplanada, ele distinguia então o lento ondular de alguma serpente, cujas escamas raspavam as rochas: mais grossa que um tronco de cedro, ela avançava, silvando, colava a cabeça à alta escarpa do seu monte, e lentamente, viscosamente, subia, crescia tão perto, que as duas brasas dos seus olhos lançavam sulcos escarlates no rochedo. Com um grito, Onofre recuava, para se esconder na sua caverna — e surpreendia então alguma anca negra, uma cauda felpuda, desaparecendo pela abertura baixa. Cercado de monstros, caía no chão, a arquejar, esperando a morte, numa derradeira oração ao Senhor: — e quando erguia a face, tudo reentrara em imobilidade e mudez, e uma estrela luzia

no céu, com serenidade. Mas o seu repouso não durava; outras visões surdiam logo da sombra inesgotável.

À beira da escarpada rocha onde se abria a caverna, no alto, começou, durante longas noites, um silencioso e confuso mover de larvas que se recortavam, nas suas formas diferentes, com uma cor lívida, sobre a negrura do céu. Eram gordas massas rastejantes, esguias figuras semelhantes a obeliscos, pescoços que se torciam no ar como fitas ao vento, tendo na extremidade uma cabeça guedelhuda... Em baixo, no meio do eirado, Onofre tremia, esperando a cada instante que elas se precipitassem, se abatessem sobre o seu corpo misérrimo. Mas nenhuma se descolava da borda da rocha, no seu perpassar incessante e

mudo: apenas por vezes um longo braço mole escorregava, pendia, raspando a pedra com garras ásperas; ou uma longa asa se espreguiçava por sobre a cabeça do Solitário, muito no alto; ou uma face horrenda se debruçava, a espreitar, com a língua pendente e cor de fogo. Se ele se refugiava na caverna, sentia por cima, como se a densa massa de rocha fosse apenas um soalho ténue, o pesado tropel de patas moles — e pelas rachas da abóbada, de repente, caía uma ponta de rabo que sé torcia, ou descia um dedo com uma longa unha de ferro. Todo o monte parecia fervilhar de vidas monstruosas. Debaixo dos seus pés nus, a pedra tinha o calor, a moleza viscosa de um ventre. A própria abertura da sua cova, ora se alargava, ora se cerrava,

como uma boca que espera a presa.

De madrugada, o seu cansaço era tão grande, que mal podia segurar a enxada para cavar o seu horto: — e, muitas vezes, adormecia exausto sobre as folhas abertas do Evangelho. Para espantar os monstros, imaginou acumular galhos e ervas secas, na sua esplanada, e acender de noite uma fogueira.

Imediatamente, nas contorções da chama, apareceu um medonho basilisco, serpente cor de brasa, que tem dois cornos — e o fumo formava longos fantasmas cinzentos, que se enrodilhavam no pescoço do Solitário, e o esganavam.

Certo então da sua destruição próxima, pois que toda a Natureza arrojava contra ele os seus monstros, desde os mais pesados aos mais subtis,

Onofre aceitou com submissão o destino que lhe marcava o Senhor: — e, uma noite, ajoelhou diante da caverna cruzou firmemente os braços, e não se moveu, esperando, quase apetecendo, o remate dos longos tormentos. Imediatamente uma aventesma monstruosa e estranha apareceu, e, sem um rumor, sem que um dos vastos membros se movesse, ficou diante dele na rigidez e a inércia pesada de um monte. Todo o seu vasto corpo se perdia na sombra, para além da esplanada — e Onofre apenas lhe avistava o gordo e enorme focinho, alongado em tromba, e dois olhinhos, meio cerrados, perdidos na gordura, de uma imensa, intolerável estupidez e tristeza. Era essa certamente a alimária suprema que o vinha devorar: — e tapou a face, com as mãos trémulas e

frias, murmurando a oração derradeira.

Quando de novo olhou, o monstro lá permanecia, imóvel e mudo. Um pelo ralo, e nojento, cobria todo o imenso focinho, onde reluzia, como supurado da sua gordura, um óleo grosso, e em bolhas. A abertura das ventas desaparecia sob o monco que nelas coalhara. E os seus dois olhos pequeninos, baços, não se desviavam de Onofre, tão medonhamente estúpidos, e de uma tristeza tão crassa e densa, que ele fugiu, para os não suportar, rolou para o fundo da caverna, soluçando de desespero. Longas, intermináveis horas passaram: voltou de rastos, a espreitar; a avantesma lá jazia, imóvel, luzidia de gordura, mais estúpida e triste. Furioso, o Solitário agarrou uma pedra, que lhe arremessou contra a tromba. A pedra não

deu som: — o monstro, impassível, olhava estupidamente, tristemente o Solitário.

Gritou, com um grande gesto de excomunhão, o nome de Jesus Cristo: — e apenas o som da invocação santa morreu no ar mudo, a avantesma lá estava, maciça, crassa, gordurosa, soturna, olhando o Solitário com a sua tristeza estúpida. E assim foi durante intermináveis, angustiosas noites. Ou Onofre orasse, ou corresse aflito pela esplanada, ou se encolhesse a um canto da caverna com a face nas mãos — o monstro lá estava, na sua pavorosa imobilidade, tão lúgubre, tão estúpido, tão gorduroso, que parecia comunicar às rochas em redor, aos montes, aos céus, às nuvens, a sua gordura, a sua estupidez, a

sua imensa tristeza. Onofre passava as noites chorando, gritando, de fastio e de horror.

Um momento chegou, mais desesperado, em que Onofre decidiu abandonar aquele deserto. Tomou o seu rolo da Escritura, a cruz que fora de S. Nilo, e um dia, antes do declinar do Sol, começou a caminhar para ocidente, para as serras do mosteiro de Cétis.

Estava à orla da grande planície arenosa, quando a escuridão o colheu. Para comer o punhado de tâmaras que trouxera, e beber da sua cabaça, descansou numa rocha — e imediatamente viu diante a alimária disforme, que, sentada, sem que as patas se distinguissem do corpo, jazia como um monte sobre a areia, com a vasta tromba pendente, e

cravados nele os olhos, de estúpida e horrenda tristeza. O desgraçado Onofre fugiu para trás, para o seu rochedo, onde ao menos a sua caverna o escondia. E quando de novo, alta noite, alagado em suor, arquejando, pisou as lajes costumadas — o monstro lá estava, com a sua tromba, a sua tristeza, a sua estupidez.

Então o Solitário sentiu um intolerável horror à vida — e os seus olhos devoravam ansiosamente a borda daquele alto rochedo, de onde podia cair para sempre na paz e na insensibilidade. Não se matara Saul? Não procurara e se dera a si mesma a morte Pulquéria de Antioquia, que toda a Igreja louvava? O que era a confissão da Verdade, perante os pretores romanos, senão a voluntária entrada na morte?

E quando assim pensava — eis que, de repente, a tromba do monstro se abre com lentidão, e aparece, sangrenta e profunda, a sua imensa goela. Decerto Deus determinara que aquele fosse o seu fim sobre a Terra. E ele, com arrebatada gratidão, o aceitava, pois que seria assim mais portentoso que o de todos os confessores nos martírios! Ah!, não estarem ali multidões para testemunhar a heroicidade da sua fé, e a sua confiança no Senhor!

Encarou; erguendo bem a cabeça (pois que decerto os anjos o contemplavam) aquela goela, horrenda mais que todos os horrores, e que esperava escancarada para o tragar. Mais vasta que um antro, com dois renques de presas, de onde gotejava um sangue

espesso, a sua profundidade desaparecia sob uma névoa e um vapor cor de sangue. E não se movia, com a indiferença de um abismo natural, certa de o devorar. Então Onofre alargou os braços, entoou furiosamente um cântico alegre, e marchou para o monstro, e para a morte. Subitamente tudo desapareceu, como uma sombra numa parede.

Imóvel, à beira do eirado, Onofre esfregava os olhos, espantado, como quem emerge de um sonho sinistro. E sentia um cansaço tão pesado, que ali mesmo se deitou sobre as lajes, e todo o seu ser se dissolveu num sono benéfico e calmo. A madrugada que o despertou era a mais fresca, e rósea, e doce, que ele experimentara no ermo. Quando desceu ao seu horto, a encher a bilha, encontrou a

mimosa toda em flor e aroma.

Chegara pois a estação, doce entre todas no Egito, *Shá*, a estação dos Renovos. Já, a essa hora, na negra Etiópia, o divino Nilo estremecia, e recolhendo a boa terra negra, como um esmoler que enche os sacos, começava a sua marcha magnífica para o norte, e para os vales... E nessa noite a Lua, a que perpetuamente morre e perpetuamente renasce, surgiu sobre o deserto, redonda e cheia como um seio, derramando a sua luz como um leite carinhoso.

Toda a noite, sentado à porta da sua caverna, Onofre embebeu os olhos na Lua. e recordava, a seu pesar, vagamente, uma cantiga da sua ama, uma escrava de raça cananeia, em que se celebrava a Lua, e a sua influência que faz fermentar os

vinhos e governa o amor das mulheres.

A Lua parara sobre o mar; Onofre sentia a carícia da sua luz macia: — e todo o deserto, com os seus rochedos e dunas, parecia voltado para ela, para se mirar no seu brilho, como num espelho suspenso.

Doces noites, então, assim passou, num imenso repouso, estirado nas lajes, e bebendo a espaços a água fresca da sua cabaça — porque a estação dos Renovos é quente e sem orvalhos. Todo o deserto jazia em redor, alumiado, limpo inteiramente de fantasmas e monstros, numa larga inocência, e mais seguro que um templo. O Senhor, na sua misericórdia, varrera para longe, com mão forte, o tropel disforme e roncante dos fantasmas e dos monstros. A névoa, onde se

formavam os terrores, fora dissipada — e a Natureza reaparecia na sua inocência real e magnífica. E tão limpo e purificado estava todo o ar, que o canto fino da fonte subia até ele, misturado ao perfume das flores das acácias.

Como era doce, assim, a solidão!

Até as rochas perdiam, naquela suavidade da primavera, a sua rigidez — e nem eram proas de galeras naufragadas, nem montões de crânios alvejando. Na sua brancura havia agora um calor de vida: redondas, emergindo da encosta negra, lembravam a curva macia de um ombro nu, se a túnica, cor de jacinto, escorregou; altas e lisas eram como os claros muros de uma cidade bem acolhedora, onde o viajante, que atravessou desertos, encontrou a frescura das termas, e o

alegre bulício das ruas, que cheiram a sândalo e mirra...

Um cansaço doce e lânguido oprimia o Solitário; e do seu peito, que se levantava como uma onda, saía, por vezes, sem razão, um suspiro soluçado.

Na sua caverna, não encontrava, como outrora, um sono fácil e sereno: a abóbada negra, o duro chão da rocha, exalavam um calor macio, tocado de aroma, como se um frasco de essência se tivesse entornado, e em torno pendessem estofos e peles; e sobre o seu montão de papiros secos, ele torcia os braços, sufocado, num espreguiçamento que lhe fazia estalar os ossos fortes.

Saía ao eirado, para respirar, ocupar a vigília com a oração: — mas o nome mesmo do Senhor lhe morria nos

lábios, distraído por sons estranhos, certos cheiros estranhos, que vinham de longe, da sombra. Era por vezes um riso esquivo, fino, de mulher, que se perdia entre as ramagens do horto; um bafo de forno, com um bom aroma de pão quente, trazido por uma aragem; um véu amarelo que se abria devagar, arrastava sobre as rochas. Debruçado da muralha, com o coração batendo fortemente, Onofre espreitava, escutava: — e por vezes toda a noite ali ficava, sem se mover, com os olhos cravados na escuridão, à espera, como se alguma coisa devesse chegar, deliciosa, e que ele ansiosamente apetecia, e de que não suspeitava nem o nome, nem a forma.

O dia, o radiante Sol, não lhe afugentavam estas imaginações. E

cavando a terra, empedrando os canais de rega no seu vergel, ele parava, colhido vivamente pela lembrança do riso esquivo e lânguido, ou pelo cheiro do pão ao sair do forno. Ao chegar de manhã à fonte, lavava os braços nus, as pernas, acamava o cabelo que lhe caía revoltamente sobre a túnica de pele de cabra: esmagava sobre as mãos certas plantas que tinham um bom aroma: — e tinha gosto, considerando os seus músculos, em pensar que era forte e airoso. A chegada da noite já o não assustava — antes a apetecia, pelo seu mistério e por aquela sua vasta sombra, que é como uma cortina que tudo esconde. Mas como ela era solitária e vazia! Se, ao menos, tivesse, como alguns cenobitas, um companheiro moço, com quem pudesse passear, naquelas veredas do monte,

passando o braço sobre o seu ombro!

Juntos cantariam os hinos santos — e murmurariam, um ou outro, para se fortalecerem, as tristezas dos seus corações. Oh!, se algum desses monges, que erram de mosteiro em mosteiro, ou dos que percorrem, para se instruir, os retiros dos Solitários, ali passasse, naquelas serranias!

As palmeiras do seu horto bastariam para sustentar dois ou três irmãos — e na sua caverna havia espaço para abrigar outros sonos...

Com uma esperança, sem razão, ficava então espreitando longas horas, debruçado do seu eirado; e ante os seus olhos, cravados na penumbra, fatigados de esperar, surgiam, então, imagens estranhas: — Um canto de rua, com flores

pendentes de um terraço; um pátio, com uma mesa cheia de taças, de pedaços de gelo, abrigadas por um velário; uma cortina que se descerrava, deixava entrever uma mulher, derramando um perfume sobre os braços nus... Onofre estremecia, como despertando, e reentrava na caverna, atribuindo aquelas visões à debilidade, aos longos jejuns. Ah!, se ele pudesse um dia comer uma carne forte, beber um longo trago de vinho — mais longas podiam ser as suas orações, e na sua doçura salutar se desfaria toda a inquietação da sua alma.

E sempre que assim pensava, logo um prato de argila, cheio de ostras de Canópia, alvejava no chão, ao lado de uma vasilha de vinho, que espumava, ou um cheiro de anho assado e fumegando, se

espalhava na treva. Era uma realidade, uma ilusão? Bem podia ser um dom milagroso do Senhor! Não alimentara Ele Elias no deserto? Não fizera Ele brotar, aos pés de Pacómio, que a sede torturava, um ramo carregado de damascos? E uma noite, que ele viu, ao lado do seu leito de folhas, um pão muito fresco e muito branco, e uma taça larga de vinho onde flutuava gelo — não duvidou da Misericórdia do Senhor, e, rindo de gozo, estendeu a mão trémula. Deu um grito: sentira o ardor de uma brasa! Era pois uma horrenda oferta do Demónio, e no Inferno se amassara aquele pão, no Inferno se vindimara aquele vinho! Se ele tivesse morrido nesse momento era a perdição irreparável! Agarrou o açoite — e, despindo a túnica furiosamente, açoitou

a carne infetada de gula.

Mas logo os primeiros golpes, em lugar de o ferirem, lhe deram o incompreensível, estranho gosto de uma carícia, era como se braços nus se colassem ao seu corpo nu. Arrojou de si o azorrague, num imenso terror: — e as negras tiras de couro tomaram, caídas sobre a rocha, a forma redonda e branca de braços cansados, que se estiram. Caiu de joelhos — e de joelhos, diante dele, estava uma figura, uma mulher, cujos olhos muito negros, cujos lábios muito escarlates, transpareciam através do véu que ela apertava contra o seio com os braços redondos, cheios de frescura e de aroma...

Então, longos dias, não comeu, não bebeu — e nunca foi mais dolorosa e

furiosa a sua luta com o grande Inimigo. Torturado pela fome, torturado pela sede, a cada instante Onofre encontrava diante de si uma larga mesa, com uma resplandecente toalha de linho, coberta de todas as delícias da cozinha, do pomar e da adega, carnes que fumegavam com um aroma rico, legumes que, de tenros e bem cozidos, se desfaziam dentro do seu molho transparente, montes de frutas cuja polpa suculenta estalava de madura, frascos com vinho cor de ametista e cor de ouro, esfriando entre blocos de gelo que reluziam.

E a tentação era tão deliciosa e forte — que Onofre, diante, tremia todo, com uma espuma na boca ressequida, e grossas lágrimas rolando pelas barbas. Fugia: a mesa reaparecia tão rente do seu

peito, que ele sentia a frescura da neve, o fumo da carne, e um aroma de pomar regado, e de flor de romãzeira, e de flor de laranjeira. Dava um brusco empurrão àquelas delícias do Inferno: — as frutas esboroavam-se sobre os seus pés, rachando de maduras, os vinhos entornados faziam regatos cheirosos na areia. Desesperado, torcia os braços, gritava pelo Senhor! «Socorro, meu Deus, socorro!» Tudo desaparecia: — mas logo sobre ele pendiam grossos ramos, carregados de laranjas, de romãs, de cachos de moscatel, de damascos dourados — e do chão rebentava uma chama clara onde um anho, gordo e branco, alourava no espeto... Onofre espedaçava os ramos, Onofre espezinhava o lume. «Socorro, meu Deus, socorro!» E

ia cair, quase desmaiado, à porta da sua caverna, escondendo a face na areia quente, que bebia as suas lágrimas.

Um ano inteiro assim combateu — e todos os seus cabelos embranqueceram. Um dia, que ele recolhia exausto do seu trabalho, e se sentara numa rocha, à beira de água, encontrou de repente, no regaço, um pão pequenino, louro e tostado, quente ainda como saído do forno. Então o Solitário começou a rir serenamente. O quê? Tanto se esvaziara o Demónio que, depois de mesas mais ricamente cheias que as do Imperador, só lhe restava agora para o seduzir um pão miserável, de legionário! E com aquele riso, uma paz imensa entrou no seu coração. O Demónio, assim humilhado, abandonou o deserto.

5

Mas poucas luas tinham passado, quando, uma tarde, ao escurecer, voltando do mosteiro longínquo de Tebane onde fora buscar semente para semear, encontrou, sentado pensativamente numa pedra, um homem, um velho, com uma túnica severa de filósofo, e um bastão na mão, que se ergueu, o saudou, e começou a caminhar a seu lado, com respeito e calado.

Estranhando o seu silêncio, Onofre murmurou:

— Bem-vindo sejas, meu irmão

em Jesus, filho de Deus Padre, que por nós padeceu!

O velho, sem levantar os olhos do chão, onde as suas sombras se estendiam longamente, disse com lentidão:

— Deus é um, e imaterial, e não podia ter filhos.

E como Onofre recuava, escandalizado, o outro, retendo-o pela manga, rompeu em palavras estranhas e magníficas. Se Jesus era filho de Deus, por que se chamara a si mesmo filho do Homem? Tudo nega, em cada uma das suas ações, e das suas palavras, a sua essência divina. Se ela era Deus, para que necessitava o Batismo? Como poderia o Demónio tentar, pela oferta de um reino na Terra, aquele que ele sabia possuir, como Deus, os reinos da Terra e do Céu?

Quando a Madalena lhe tocou a túnica, ele exclamou: «Quem me tocou?» Logo não sabia: onde estava então a sua omnisciência de Deus? Em Emaús, depois da ressurreição, Ele pede aos discípulos que lhe apalpem as chagas. Logo, mesmo depois de ressurecto, era um corpo material, suscetível de verter ainda sangue...

Onofre dilatava os olhos, estupidamente. E então o homem, apontando com o báculo para o lado do deserto, onde o Sol desaparecia, tornou:

— O meu caminho é para além... Mas a tua alma é digna de receber a Verdade. Outros virão que ta ensinarão.

E outros vieram — uns solitariamente e em silêncio, surgindo de entre as rochas, que ressoavam sob os

seus bastões ferrados, outros, em bando, através dos areais, como mestres marchando entre os seus discípulos. Era de noite e sob a Lua cheia. E por vezes o eirado, diante da cova de Onofre, ficava atulhado de uma multidão de homens, de longas barbas, soltas e entrançadas, envoltos em mantos negros ou ostentado simarras de cores estridentes, todos mais pálidos que marfim, com olhos encovados que refulgiam, e agitando nas mãos inquietas grossos rolos de papiros, ou tabulários escritos. Ora um só, de pé, falava com abundância e cadência: ora todos, tumultuosamente, disputavam, mas sem se encararem, com os raios negros das pupilas ardentes cravados no Solitário. Encruzado à porta da sua caverna, com os longos dedos

descarnados pousados sobre os ossos salientes dos joelhos, Onofre pasmava para aquelas facúndias sonoras.

Através delas, uns após outros, sem respirar, enchendo o deserto de ruído, aqueles homens (que eram decerto doutores) afirmavam princípios, cheios de irrisão ou mentira. — O Deus de Israel era um anjo subalterno! Jesus não passava de uma simples continuação de Adão! O Mundo fora criado por um delírio do Senhor! Para vencer a carne era necessário contentá-la — e só pelo vício se atingia a perfeição! Há só uma alma, que está tanto nos homens como nas rochas! Só a matéria é eterna, e os deuses morrem. O Mundo foi concebido pelo Diabo! Jesus é filho de Achmaroth e a sua residência é o Sol! O Espírito Santo é

uma mulher! Só Caim é verdadeiro!

E a cada uma destas revelações, lançadas com estridor, Onofre ora entreabria uma boca néscia ora rompia num riso largo e límpido, que lhe sacudia as costelas sob o seu surrão de peles. Então, arremessados sobre ele, todos lhe brandiam junto da face os seus papiros, os seus tabulários. Eram as Provas! Eram as Escrituras! Eis a Profecia de Maxila! Eis o Tratado de Apolónio! Eis o Tratado da Alma Adventa!...

— Compreendeste?

E o mais novo dos doutores, que tinha uma mitra oriental, suplicava Onofre, curvado sobre ele, com sofreguidão:

— Faz um esforço! Faz um esforço! Diz que percebes!

Silenciosamente, com um resto de riso que lhe faiscava nos olhinhos miúdos, Onofre encolhia os ombros, murmurava:

— Só creio no Padre, no Filho, no Espírito Santo!

Então um murmúrio de tédio, de indignação contra tanta simplicidade, corria entre os doutores subtis. Os mais violentos arremessavam-lhe injúrias. Outros, majestosamente, voltavam as costas largas cobertas de largos mantos que roçagavam. E todos se sumiam por entre as rochas, em tumulto.

Mas, com o crepúsculo, voltavam — e Onofre lá estava sentado à entrada da sua cova, já risonho, como quem numa feira se prepara a gozar as artes divertidas dos mágicos.

E a grande lição recomeçava

ressoante e facunda. Cada dia surgia algum doutor novo, com um dogma novo. E sempre o riso do Solitário lhes respondia! Sempre a confissão da sua fé cândida e simples, no Padre, no Filho e no Espírito Santo. Até que uma noite, em que a douta contenda se alongara, e a Lua já desmaiava — como Onofre, fatigado, apesar de terem sido mais profundas e sublimes as conceções dos doutores, começasse a bocejar, cerrando as pálpebras — um que tinha uma mitra bicórnea, onde lampejavam pedrarias, ergueu o braço, clamou subitamente:

— Deixai esse bruto!... Vinde!

E num grande silêncio, o bando dos doutores, todos hirtos e juntos, elevaram-se no ar, e fundiram-se, docemente, na claridade última da Lua. Já

Onofre dormia.

Não voltaram: — mas foi então, no Solitário, como uma saudade daqueles homens, e daquelas vozes, que cada noite povoavam a sua solidão. E mais deserto lhe pareceu o deserto. E às horas em que eles costumavam aparecer, como sombras que se desprendiam da sombra, e ele, depois do labor do longo dia, se encruzava no chão, preparado a gozar, como em recreio, as suas arengas sonoras como músicas de batalha — subia às penedias, aguçando os olhos, a espreitar se algum, ou todos, não voltariam, pelo caminho estreito, apanhando os mantos por causa dos tojos ásperos.

O caminho permanecia ermo, e não havia nem estrelas nem Lua: e vazio e largo lhe parecia o deserto, em redor — e

dentro do seu coração.

Mas uma noite, que ele assim espreitava do cimo das rochas, pensou ouvir de repente o tinir lento e triste dos guizos de um dromedário. E tochas fumarentas bailaram na sombra.

Alvoroçado, ele gritou, agitando os braços:

— Por aqui! Por aqui!

E imediatamente, com um rumor de armas em marcha, surdiram em fila, do caminho estreito, soldados barbudos, com os escudos metidos em sacos; uma liteira emplumada, de panos de púrpura, que se balançava sobre os ombros de escravos; as insígnias de Roma; e dromedários com fardos e odres. Vozes bradavam entre o fagulhar das tochas:

— É aqui que vive o Santo

Ermita?

O Solitário, espantado, balbuciou:

— Onofre, servo de Deus, aqui vive!

Então, de entre os panos franzidos da liteira, que estacara, um homem, togado de branco, e todo ele mais branco que um mármore, escorregou, pousou no chão os seus borzeguins de escarlate e ouro. Os contos das lanças ressoaram no chão, duas buzinas ásperas estrugiram, o dromedário ajoelhou. E o homem, arrepanhando as pregas da sua vasta toga, caminhou para o Solitário, com lentidão e majestade. Depois, na grande mudez do deserto e da noite, começou, direito, grave, como se arengasse num Senado:

— Onofre, a nomeada da tua pureza e das tuas penitências transpôs o

deserto, chegou a Roma. E eu venho em nome de Honório, César, três vezes Augusto, Invencível e Senhor do Mundo, e que te saúda!

E saudou. Um brado correu entre soldados e escravos:

— Glória a César, três vezes Augusto!

E, bruscamente, o homem togado abeirou-se do Solitário que recuava, intimidado, apertando contra o peito as mãos magras por sobre as longas barbas — e num murmúrio familiar e risonho continuou:

— Onofre, aqui está a coisa imperial e formidável de que se trata. Honório, atraído pela Verdade, quer conhecer a Lei Nova. Mas quem seria bastante puro, e inspirado do Céu, para

lha ensinar? Só tu, amigo! Os doutores de Alexandria e da Palestina têm almas cheias de ambição e mentira. A tua é cândida! E, pela pureza perfeita, tu atingiste a vontade perfeita. Em Roma viverás no palácio de César. E, quando César conhecer a Lei Cristã, convocará o Senado e todo o Império será proclamado Cristão. Hem? Tu mesmo, por tua mão, fecharás as portas dos templos. E, sem mesmo despires esse surrão, em toda a tua simplicidade, oferecerás ao teu Deus Roma, as Legiões, as Províncias, e todo o Género Humano. Hem?

Debruçado, com os braços abertos, de onde pendiam os panos rubros do manto, ele parecia uma ave de rapina, coberta de sangue, e de asas já cerradas sob a presa fácil.

E, num bafo ardente, murmurava:

— Que ocasião, Onofre, que ocasião! O que não fez Paulo, nem Gregório, nem o grande Atanásio, nem o imenso Orígenes, tu o farás só com falar de manso e finamente junto à orelha de César! Bem sei! Não é o orgulho do esplêndido feito que te impele... Decerto. Mas pensa! Todos os martírios findos, os ídolos cobertos de bolor, a terra cheia de cantares, e o Cordeiro no seu Redil. Hem?

Onofre tremia todo, deslumbrado. Balbuciou:

— E o imperador?

— Quer! Pois se já, nos Idos de março, uma noite, ele vos viu em sonhos, a ti e a ti e ao Outro — ao Outro com a sua coroa de espinhos, e as mãos ainda com os pregos, que te empurrava, para

diante de César, e gritava, em grego: — *Este te ensinará o que convém saber!* E eras tu, tu com essa pele de cabra, essas barbas, e essa beleza clara e majestosa, que te comunica a virtude. Oh, Onofre, a terra cansada é por ti que suspira! Vem.

E Onofre passou longamente as mãos pela face, sorrindo. E deu um passo, depois outro, com o pulso já preso na garra do homem de púrpura. E ia, como no esplendor de um sonho, todo feito de certeza!... César esperava por ele para confessar a fé! Por que não? O imperador Constâncio escrevera duas cartas a Antão, e as patrícias de Alexandria faziam a travessia do deserto para beijar os joelhos chagados de Pacómio. E a sua vida não fora menos terrível que a desses Solitários magníficos! Não havia forma de

dor que ele não tivesse atravessado: — e as suas lágrimas de penitência, juntas, podiam fazer um rio no deserto! Mas, enfim, Deus elegia-o para o feito melhor dos tempos! E ele marchava, firme, sob o olhar contente do Céu! Todo o erro ia desaparecer da Terra; e desde o primeiro dia, ele persuadiria o imperador a exilar os heréticos para os confins das nações, onde começam as neves e os mares tenebrosos. Todos os templos seriam destruídos, e queimados os livros dos filósofos que perpetuam o erro. Depois, reformaria as igrejas da Ásia. E, num grande concílio, a doutrina pura seria estabelecida, para sempre imutável. Então, começaria uma grande paz divina. Que obra! Que obra! Ao lado do imperador, ele percorreria as províncias.

Mas para si não queria honras, nem poder sobre as almas... Talvez, apenas, o governo dos mosteiros do Egito. E, junto da púrpura de César, os povos prostrados pasmariam do seu surrão de pele cheio ainda dos espinhos do tojo! Que obra! Que obra! Todo ele crescia — e parecia ver as estrelas de mais perto, como se fossem já a sua coroa imortal.

— Chegai a liteira! — clamava o homem purpurado. — E vós saudai o Mestre de César, o possuidor da Verdade!

Todos os ferros das lanças retiniram, as insígnias de Roma ondearam no ar, os escravos estavam rojados no pó. E o homem então, junto das barbas do ermita, murmurou, na abundância da sua vitória:

— Em Roma verás multidões mais

prostradas! Todas as igrejas da Ásia porão o teu nome nas Escrituras! E bem o mereces! Porque o Outro, em Galileia, só converteu pecadores — e tu, persuadindo César e com ele o mundo, és maior, és maior! Vem!

Maior que o Senhor! Então, foi na alma de Onofre como um clarão que alumia um precipício! Sacudiu com um grito a mão do homem que o escaldava. E no seu olhar, reconheceu o lume do Inferno. Na sua angústia só pôde suspirar: «Oh, Jesus! Oh, Jesus!» Subitamente, o grande manto de púrpura, mole e como vazio, abateu no chão e, ao longe, a liteira emplumada, o dorso do dromedário, as lanças em confusão, fugiam em debandada, e num rolo de fumo.

Onofre caiu de joelhos. Diante

dele o manto enrodilhado fazia uma mancha vermelha. Palpou muito de leve com os dedos: — era sangue! Arrepiado, num terror infinito, recuou — e o sangue começou a rebrilhar, tão liso e vidrado, que ele avistou nele, como num espelho, a sua face. Não a vira desde que entrara no deserto — e recuou, espavorido, ante a fealdade com que ela lhe reaparecia, dura, esbraseada de orgulho, toda entumecida de Pecado.

Muito tempo, então, chorou amargamente! Oh, miséria, oh, dor! Em tantos anos de penitência e ermo, o seu coração não obtivera purificação — e permanecia coberto de uma crosta de maldade. Decerto mil noites de dura peleja ele rechaçara o Pai da Mentira! Mas esses eram os triunfos fáceis que os

mesmos pagãos, sem o socorro de Jesus, alcançam sobre a Carne. Quando, porém, o grande Mentidor vem, e do cimo de uma rocha, como ao Senhor, lhe promete uma grande glória entre os homens, logo ele se deixa levar pela mão, consentindo com uma facilidade de prostituta. Oh, alma miserável, há tanto fora do mundo, e ensopada ainda no orgulho do mundo, como uma esponja que saiu da água podre! Que penitência, e que exercício heroico de humildade havia aí, que pudesse espremer, até à última gota impura, aquela soberba que transbordava, empestava todo o seu ser! Trinta anos se flagelara! Trinta anos se esfomeara! A sua oração subia para o Céu tão constantemente como o seu hálito. E arrastara correntes de ferro; velara meses,

com os joelhos em pedras agudas, e os olhos risonhos postos nas claras estrelas, ou dormira embrulhado em cardos; dera a beber do seu sangue às vespas; esmagara os ossos debaixo de grossas pedras... E em vão!... Que podia então ainda fazer naquele ermo? Onde havia martírios mais dolorosos? Onde se aprendiam preces mais estáticas?... Onde?

Sentado, abatidamente, sobre os calcanhares, com a barba descendo em flocos entre os braços caídos, Onofre erguia os olhos arrasados de lágrimas, suplicando ao Céu um ditame.

Porventura aquela vida solitária seria estéril para o Bem?... Na verdade — entre aqueles areais e aquelas penedias, como exercer suficientemente a humildade, a caridade? Ele não tinha

sequer ao seu lado um cão, para quem pudesse ser paternal. E se a humildade passava dentro da sua alma, sem que o mundo a testemunhasse, ou com ela aproveitasse — era fácil, e era vã. Que fazer? Deitar o ermo? Voltar para entre os homens?

Lentamente murmurou, no silêncio:

— Voltar para entre os homens!...

E, ante os seus olhos, que se embebiam nas estrelas, julgou vagamente entrever a forma de um homem: — estava sentado junto de um muro, quase nu, e gemia coberto de chagas! Depois o muro prolongou-se, e era um alpendre, onde outro homem, um escravo, muito velho, com o dorso vincado dos açoites, arquejava, fazendo mover a pesada mó de um lagar! Depois a mó do lagar separou-

se em lajes, e era uma estrada onde seguiam, ligados por cangas, arrastando grossas algemas, bandos de cativos, que soldados impeliam com picadas das lanças. Depois as lanças ficavam cravadas no chão, e eram cruzes, onde agonizavam, listrados de sangue, corpos que os abutres, voando em redor, batiam com as asas negras. E dos olhos de Onofre, que seguiam estas dores, as lágrimas caíam em fio, silenciosas e quentes.

A cada lágrima que assim caía, Onofre sentia no seu coração um alívio inesperado e novo.

— Muitas lágrimas chorara no ermo — mas nunca tão consoladoras! E todavia eram as memórias das dores do Senhor, do seu doce corpo cheio de

chagas, do seu suor de aflição, e da sua queda, na áspera serra, sob o ultraje dos soldados e da cruz, que lhas fizeram derramar, em noites de piedoso cismar. Por que eram mais doces e pacificadoras estas, que lhe arrancavam as chagas, e os trabalhos, e os cativeiros, e os suplícios dos homens mortais? As lágrimas vertidas pelas dores humanas eram, pois, mais gratas ao Céu, que as lágrimas derramadas pelas dores divinas! Decerto, então, servir os homens no mundo, seria mais apreciável no Céu, do que servir a Jesus na solidão...

De pé, atirou os braços para as estrelas, e murmurou:

— Oh, meu Senhor, ensina o teu servo, que sofre o tormento da incerteza!

Um desejo, bruscamente, entrou na

sua alma — de ir ser bom e humilde no mundo.

Então, com a mão ainda toda trémula, limpou as lágrimas. Alegremente, entrou na sua cova, apanhou o seu bordão, meteu no seio, sob o surrão de pele, a cruz preciosa, que fizera Antão, na cidadela do Alto Egito.

Depois subiu às rochas — envolveu num longo olhar o deserto, a horta, nunca acabada, que cultivara, as palmeiras benéficas que o tinham alimentado, o arbusto, que flor a flor lhe marcara os anos de penitência, o regato que fora a frescura do seu deserto. E com um longo suspiro, tomando pelo rumo das estrelas o caminho do sul e do Grande Mar, Onofre voltou para entre os homens.

6

O primeiro que encontrou junto a uma aldeia que aparecia num alto, toda escura, e de adobe, foi um velho, muito alquebrado, vergado sob um feixe de lenha, e conduzindo um jumento ruço, muito velho também, já manco, que carregava um saco de grão. E, um atrás do outro, o velho em farrapos, o jumento com chagas no lombo magro, iam arquejando, e mancando, por uma calçada íngreme, sob o sol e as moscas, entre piteiras poeirentas.

Humildemente, Onofre abeirou-se do velho e lembrou que, sendo mais forte,

melhor conduziria pela subida a lenha e o grão. E, sem esperar o consentimento do velho, que mal compreendera, vago e senil — tomou sobre o ombro o molho de lenha, sobre o outro o saco de grão, e atrás do seu homem, e do seu jumento, assim aliviado de todo o fardo, foi marchando contente e cantando os louvores do Senhor.

O velho era o servo de uma viúva, pobre, entrevada — que só o tinha a ele, e àquele jumento, e uma horta mal tratada de poucas ervas. Onofre nessa tarde amassou a farinha, rachou a lenha, acarretou água do poço, cavou o talhão de cebola, tirou os espinhos dos pés do servo, lavou as velhas chagas do burro, e junto do catre da viúva, que era cristã, para a consolar, contou a paixão do

Senhor. E assim começou Onofre a sua obra entre os homens.

Mas bem depressa deixou a aldeia, que, rodeada de terras férteis, com poços abundantes, sob um ar muito doce, não abrigava, nos seus casebres, nem indigência, nem males. A simplicidade dessa vida não oferecia ação a um coração sedento de humildade.

A dois estádios, porém, da aldeia, havia a velha cidade de Bubastes, entre as águas Pelusíacas e o canal de Nécio, onde cada ano vinha de todo o Egito a festiva peregrinação ao velho templo de Ftás, então dedicado a Ártemis Grega.

Bubastes era rica em obeliscos e termas. As suas muralhas formidáveis estavam cobertas de estátuas. E nas longas avenidas, ao comprido das águas, sob os

sicômoros e as palmeiras, todo o dia as tabernas e as casas esguias das cortesãs ressoavam dos cantos e dos folgares pagãos.

O pretor romano era aí doce aos Cristãos; — mas a heresia dilacerava a Igreja já considerável e ativa, de que era bispo Alexandre, homem austero e rude, que guardara cabras na Galácia. Onofre foi habitar Bubastes. Como as suas longas barbas inspiravam respeito, e alguns fiéis o saudavam nas ruas, cortou as barbas — e trocou o seu surrão de Solitário por um saião de escravo. Ele logo, na verdade, se tornara o escravo dos pobres. Junto ao muro, ricamente ornado de esculturas, que cercava o templo e os bosques sagrados, costumavam, desde o romper da alva, juntar-se doentes e mendigos. E aí, desde

alva também, depois da noite velada em orações, Onofre trabalhava no serviço dos miseráveis, arranjando leitos de folhas para os velhos, lavando os trapos à beira do canal, cobrindo de fios as chagas, catando a vérmina nos cabelos intonsos. Depois ia mendigar para os seus pobres, por toda a cidade, desde as casas mais ricas, onde os cães lhe ladravam, até às tabernas dos canais, ou às cubatas das prostitutas, de onde trazia sempre no saco algumas côdeas de pão, restos de peixe, ou uma maquia de lentilha: — e não duvidava mesmo entrar no templo de Ártemis, ou, ao fim da larga avenida, no templo de Hermes, e esmolar dos deuses pagãos, pela mão dos seus sacerdotes, um pouco de óleo, para amaciar os membros doridos dos seus enfermos. Outras vezes

alugava o seu pobre corpo descarnado aos mais duros serviços — e puxava à sirga os barcos nos canais, acarretava pedras para a reparação das muralhas, rachava na caserna romana a lenha de coorte: — e as moedas de cobre, que lhe atiravam à palma da mão, vinha trazê-las, correndo, a algum casebre onde conhecia crianças sem pão. De noite, com uma tocha, alumiava os tresnoitados — ou impedia que os ébrios, saindo das tabernas dos canais, rolassem à água escura. Como recompensa, recebia ultrajes. Ele replicava com bênçãos.

E nunca como então gozara uma paz tão perfeita. No deserto, os seus rudes labores de enxada e rega, para combater a esterilidade das areias e concorrer para a realização da divina promessa, não lhe

davam alegria: — e a fadiga com que deles saía, era inquieta e melancólica. Na oração, que aí perenemente enviava para o Céu, a sua alma não se desafogava, nem por ela obtinha do Céu o dom da apetecida misericórdia: — e havia apenas uma alma mais turva diante de um céu mais mudo. Agora, ao contrário, o cansaço naqueles longos dias de caridade era cheio, era feliz e repassado de doçura: — e a mais curta oração, balbuciada à pressa, fazia descer das alturas sobre o seu coração, como uma longa e vaga carícia que o refrescava deliciosamente. Mas o melhor bem logrado era a libertação do Demónio. Não voltara mais, o Pai das Imposturas, nas suas formas variáveis de sedução e terror: — e a terra toda estava para ele como limpa e vazia

de Satanás, como um altar lavado de fresco.

Nas ruínas de um templo muito antigo, junto das muralhas, e onde escolhera, para se abrigar, o túmulo de um faraó, sob a terra, havia, pintadas e entalhadas sobre o resto dos muros, figuras execrandas: — e era um lugar temido dos cristãos, porque de noite todas essas imagens se despegavam da pedra, reviviam, e celebravam, sob a lividez da Lua, ritos abomináveis. Mas, para ele, só houvera naquelas ruínas solidão e sossego: — e até mesmo, desde que as habitava, na estação das chuvas, tinham nascido nas fendas das pedras flores silvestres, que se alargavam, trepavam, e punham em redor dele, e das suas longas orações, um perfume casto e grave de

capela em festa.

Mas, ao fim de um ano que ali vivia, aquele terreno, foi escolhido pelo pretor para a edificação de uma larga cisterna; Onofre, desalojado, dormia então nos currais: — e se os servos o repeliam, ia estender-se contente entre o lixo das ruas. Tão descarnado se lhe tornara o corpo, que as crianças, brincando na rua, nos bairros pobres, lhe chamavam o *Pai da Morte*. Muitas vezes lhe atiravam pedras ou lama. Ele parava, sorrindo, a receber aqueles ultrajes como carícias.

Uma noite que Onofre orava, sob as árvores do canal, passou sobre a cidade, no céu, de oriente para ocidente, uma grande tocha fumarenta. As sentinelas, sobre as muralhas, soltavam

sons de buzina, como num alarme: e nos terraços das casas surgiram figuras espantadas, que batiam desesperadamente na face, para conjurar o presságio. Logo no outro dia, rompeu um incêndio no bairro remoto e miserável, onde viviam os embalsamadores de cadáveres — e em breve foi por todo o casario até ao templo de Hermes, uma imensa labareda. Onofre correu para as chamas com a multidão que acudia, no terror de que fossem consumidos os corpos de parentes, de amigos, confiados aos embalsamadores.

Já uma fila de escravos, de cidadãos, misturados, se formara pela rua até aos canais, para o carreto da água. Onofre, repelindo o balde de couro, que soldados distribuíam, penetrou nas chamas, onde os gritos eram mais

dolorosos. Em breve reapareceu logo, com fagulhas no pelo da túnica, trazendo um velho às costas: — e remergulhou seis vezes no braseiro tumultuoso., trazendo através das traves abrasadas, dos tetos que abatiam, crianças, uma mulher aleijada, outro velho, até mesmo um anho, que lhe balava entre os braços. Todo o cabelo lhe ficara crestado das queimaduras; das pernas ficou para sempre coxeando.

Depois do seu espanto, o povo acusou do incêndio os judeus e os cristãos. Os mais pobres, que não pagavam ao templo de Ártemis um tributo secreto, para evitar as perseguições, foram carregados de algemas, arremessados aos ergástulos; Onofre que por miserável não fora perseguido,

percorreu as prisões consolando os irmãos, ajoelhando através das grades; — e na manhã em que eles foram açoitados defronte dos pórticos da Basílica, ele, meio nu, em face aos flageladores, não cessou de cantar hinos, vergastando o seu corpo miserável, e ainda cheio de queimaduras, com disciplinas de ferro.

Impelidos, pelo velho gramático Flaco, alguns mais furiosos assaltavam com pedras Onofre, que injuriava a majestade da Lei. E decerto ia ser lapidado e martirizado, junto a uma casa em obras, onde se refugiara — quando uma grande chuva, tempestuosa e brusca, dispersou a turba praguejadora. Foi a água do céu que lavou as feridas de Onofre.

A Assembleia dos Fiéis era junto

ao mercado do peixe, num terceiro andar de uma casa velha, ao fundo de um terraço de onde não passavam os catecúmenos, ainda não iniciados no Mistério dos Sacramentos, ou que estavam cumprindo penitência por culpas confessadas em segredo ao bispo. Para além da porta santa, guardada pelo porteiro, encruzado no chão, com os tabulários que continham o rol dos fiéis, só havia uma sala vasta, nua, mal caiada, onde ardiam doze lâmpadas. Na sexta-feira que se seguiu à flagelação dos Irmãos, quando Onofre, como sempre descalço, com o rolo da Escritura metido no seio da túnica, aí penetrou e se colocou, humildemente, num canto — todos o saudaram, com o cântico que se deve aos mártires. Um diácono correu, murmurando: *Sanctum! Sanctum!*,

para o conduzir junto da mesa coberta de linho branco, que servia de ara: — e até o bispo Alexandre se ergueu, apoiado ao báculo, para o beijar nas duas faces. Onofre permanecia mudo, assustado com a veneração e os louvores. E apenas, findas as preces, os Irmãos trocaram o ósculo ritual, ele correu, cosido com os muros, como um culpado, até ao templo de Ártemis, para junto dos seus mendigos e dos seus estropiados — e deliciosamente reentrou na sua humildade.

Mas a fama da caridade de Onofre era já grande entre os Irmãos: — e uma diácona, senhora de muitas terras e de muitos gados, a quem a velhice, a doença, impedia os exercícios santos, chamou Onofre a sua casa, e apontando para um cofre de cedro, disse: «Aqueles bens

eram para os pobres, e para os pobres tos entrego... Leva, tira, até que eu depressa fique pobre também.» Onofre, com a voracidade de um avaro, mergulhou as mãos no cofre — e abalou, rindo, deslumbrado, com as pregas do saião pesadas de ouro.

Foi então, por Bubastes, o grande bodo dos miseráveis. Logo à alvorada estava no mercado, atulhando de provisões, de legumes, uma carriola, a que ele se atrelava como um animal, e que arrastava pelos bairros mais pobres, deixando em cada morada o bendito pão de cada dia. Às viúvas dava dinheiro, beijando-lhes a orla da túnica. Vestia todas as crianças. E comprara mesmo um campo, onde andava erguendo um barracão para abrigar todas as velhices e

todas as enfermidades.

Não cuidava só dos corpos, mas também das almas — a ponto de empregar três copistas, pobres e que inclinavam para a fé, em preparar cópias das Sant.is Escrituras, que ele distribuía aos mesteirais à hora da sesta, aos que descansavam sob os plátanos no pátio das termas, e mesmo aos viandantes que chegavam, com fardos, pela porta Pelúsica. Aqueles a quem saciava a fome, contava sempre, docemente, do Reino de Deus, onde todas as fomes são saciadas: — e aos que nessa cidade de César eram, por condição, os mais *ínfimos*, afiançava no céu, naquele céu azul e tão sereno que os cobria, uma outra cidade, verdadeira e eterna, a cidade de Deus, onde eles seriam os *supremos*, e teriam mais alegria

que nunca tiveram ricos senadores, abundantes em escravos e terras.

Mas aos gentílicos, oferecia a verdade, de leve, e sem intransigência — porque o homem, por mais sedento, repele com cólera a água que mãos brutais e autoritárias lhe queiram introduzir por entre os lábios ressequidos. Não injuriava os deuses, nem os ritos. E o seu ensino era todo para o coração, contando a vida do Senhor, e a sua humildade, e as suas visitas aos casais e aos lugares, e a sua morte, tão triste como a de um pobre escravo. Jesus só queria que os homens se amassem uns aos outros! Para ele tanto vale um oleiro como um procônsul, e no seu Reino não haverá nem escravos, nem tormentos. Para que ele se alegrasse, o rico devia partilhar com o pobre. Que era

a vida aqui, senão uma caminhada breve e trabalhosa que vai de rua a rua? Mas a vida além, no Céu, ao seu lado, era a verdadeira, e nela os que trabalharam repousarão, os que padeceram folgarão, e os que obedeceram mandarão. E se fordes bons — dizia — vós que de alvorada à noite trabalhais, tereis glória, e sereis imortais, e bebereis o vinho do Senhor: — e talvez o mesmo não suceda a César!

Assim ele ensinava nas ruas pobres, à hora em que os escravos despegam do trabalho, sentado a uma porta amiga, com crianças sobre os joelhos. E quando Onofre, beijando os homens na face, ou na mão, humildemente, tomava o seu cajado e se afastava — sempre algum dos que escutavam, obreiro, escravo, ou mesmo homem livre e senhor

de bens, o seguia, e lhe ia puxar, a uma esquina, pela ponta da túnica rota, e muito baixo perguntava: «Onofre, como se faz para pertencer a esse Deus, que é tão bom?» Mesmo um dia, Simeão, um avarento, correra atrás dele, apertando uma bolsa e balbuciara, com a inquietação de uma alma tentada fortemente: «Onofre, quanto se paga, para se ser acolhido por esse teu Deus?» Onofre rira, com um sincero e grande riso. Mas Simeão, desde então, deu largas esmolas.

Esta santa popularidade, que o trazia por vezes seguido de gente, pelas ruas — suscitou, todavia, desconfiança entre os diáconos, zelosos da autoridade espiritual. E os judeus mais velhos da Assembleia viam com cólera que ele distribuíra as esmolas de Petronila fora

dos bairros dos judeus, e mesmo entre obreiros pagãos. Então, na Assembleia, surdiram murmúrios — e Onofre foi acusado de receber esmolas das cortesãs, de aceitar óleos, medicinais dos arúspices, de frequentar os pagãos e mesmo de tender para as doutrinas de Marcos, o Herético.

O bispo Alexandre chamou o velho à casa pobre em que vivia, e onde fabricava esteiras para viver do seu trabalho, e asperamente censurou a sua humanidade indiscreta. Onofre beijou, chorando, a orla da túnica de Alexandre: — e desde esse dia, não transpôs mais a porta da Assembleia, ficando fora, no terraço, entre os penitentes, com a cabeça sobre as lajes, que ele regava de lágrimas, como na expiação de um sombrio pecado.

Por esse tempo, a velha Petronila morreu, e os seus herdeiros, avidamente, invadiram a casa, com escribas do Pretório, que selavam as arcas, arrolavam os bens. Secara a larga fonte de caridade, que através dele refrescara tanta miséria! E os seus Irmãos em Jesus não o amavam! Onofre tinha então setenta anos.

Começou então pela cidade a mendigar para os seus pobres. Pensou mesmo em se vender como escravo — e ser apregoado no bazar, com a cabeça rapada, um rótulo no peito, e os pés pintados de branco. Mas que valia aquele seu pobre corpo descarnado e vergado, com as mãos todas trémulas? Cinquenta dracmas? E amarrado a uma servidão, não poderia velar pelos velhos, pelos enfermos, que dependiam da sua caridade.

Ele conhecia agora todas as misérias da cidade — e o seu amor crescia cada instante por aqueles miseráveis, que já não podia socorrer, e de quem, um por um, sabia as fomes, as chagas, as dores e a solidão. De noite, aflito, nos terrenos vagos, nas ruínas, para onde ia orar, erguia os braços para o Céu mudo, gritava: «Socorro, meu Senhor, socorro!»

Mas como o socorro não descia do Céu, cada manhã ele recomeçava desesperadamente, pela cidade, as suas súplicas lamentáveis, com uma velha panela atada ao pescoço por duas cordas, as mãos sempre estendidas. Assim estacionava nas praças, ou onde os canais se cruzavam, gritando: «Pão para os pobres! Pão para os pobres!»

Era então a estação das grandes

chuvas: — e aquele velho, imóvel sob as grossas cordas de água, com os cabelos brancos empastados nas covas da face, e puxando a pobre túnica colada aos ossos que lhe tremiam, causava piedade: as esmolas caíam ressoando na panela de barro. Por isso Onofre temia os céus alegres e o ar doce, que aligeirando as almas, as desviam da compaixão...

Por vezes, passavam longos dias sem que tivesse alcançado esmola, ou um trabalho, por mais vil, que lhe desse um salário. E então ia pelos caminhos, chorando no silêncio da noite. Chorava pelas fomes que não podia fartar, por todos os males que não podia sarar. A sua miséria própria, a sua nudez, a sua fome, eram as únicas consolações — porque ao menos o tornavam igual, pela miséria,

àqueles que amava, esse amor infinito e insondável, era tudo o que podia dar aos pobres, seus irmãos. Mas ele saía do seu coração tão intenso e ardente, que Onofre, por vezes, pensava que poderia, mesmo de longe, e invisível, consolar e dar esperanças, como o Sol, centro de calor, aquece e faz reviver. Quantas vezes ele alargava os braços na solidão, com um desejo desesperado de poder apertar neles, contra o seu seio, todos os que sofrem — e com eles morrer, deixar este mundo impiedoso. Atormentava então o Céu com orações ansiosas. Com os olhos postos nas alturas, a mão estendida como se visse Deus de perto, e lhe falasse, revelava, lembrava a Deus, como a um pai distraído, certas misérias era certas moradas: — e murmurava: «Meu Senhor,

Senhor do meu coração, há na Rua das Lojas uma pobre viúva com três filhinhos, sem amparo, sem pão; volta para lá os teus olhos piedosos!» E esperava com os braços estendidos a esmola de Deus — até que os braços lhe caíam cansados, e cansadas lhe caíam as lágrimas.

7

Ora uma tarde, ao anoitecer, depois de um dia estéril em que nada recolhera para os pobres, nem achara trabalho, por mais vil, que lhe desse salário, errando assim junto das muralhas, perdido nestas dores, e a chamar por Deus

— ouviu de repente, ao fundo de uma viela, um pranto dolorido e agudo, como é o dos funerais. Correu, numa grande compaixão. À porta de um casebre de adobe, onde ainda ardia o lume pobre da ceia, estava estirado um homem, com a face escondida num pano, e os dois braços nus e moles, cobertos de sangue negro. De joelhos diante dele, uma mulher, esguedelhada, gritava, com longos ais magoados e lentos. Três criancinhas juntas abriam grandes olhos aterrados. Outras mulheres, dos casebres vizinhos, apinhadas em roda, batiam na face, soltando também longos ais! E os camaradas, que o tinham trazido, contavam ainda a um soldado barbudo e louro, da Legião Germânica, que acordara aos gritos — como uma grande pedra,

caindo de um guindaste, nas obras das muralhas, esmigalhara os dois braços ao miserável, e o abatera como morto.

Onofre, através das lágrimas que o turvavam, recordava aquele casebre pintado às listas pretas, aquelas crianças quase nuas, de grandes olhos famintos. Já ali decerto trouxera consolação e pão... e ajoelhando, arredou devagar os panos da face do homem, que jazia inanimado. Então reconheceu um pobre chamado Ozias, escravo de um homem cruel, um empreiteiro de obras. Oh, pobre Ozias! Desde longos meses tinha aquela mulher, doente e definhando, e mal podia, com o salário da servidão, ter pão bastante para os seus três filhinhos, arrolados já como escravos. Quem o ganharia agora, aos três desgraçadinhos, o pão incerto! Oh, dor!,

oh, dor! E então, nesse instante, o pobre homem abriu lentamente os olhos, de onde duas lágrimas correram, pesadas, e lentamente murmurou num sopro débil, de infinda dor:

— Ai!, os meus filhos... os meu pobres filhinhos!

Então, Onofre, desesperadamente, todo o tremer, atirou para o Céu:

— Oh, Deus misericordioso! Oh, Jesus, meu Senhor!, pelas tuas chagas, e por todas as minhas orações, dá-me a vida deste homem!...

Os seus joelhos bateram o chão. E tremendo, tremendo todo, com os ralos cabelos eriçados de terror divino, Onofre arrebatou contra si o corpo inanimado, ergueu-o, e recuou!...

Um brado ressoou de pavor e

prodígio. O homem estava de pé, com um sangue novo na face, retesando fortemente os braços brancos, reverdecidos — e sãos! Milagre! Milagre! Todas as mulheres se arremessaram para dentro do casebre, gritando, numa ânsia de palpar, sentir a pele refeita e quente daqueles braços de milagre. O soldado barbudo da Legião Germânica fugira, espavorido.

E Ozias, como tonto, com lágrimas que lhe corriam sobre o riso da face, abandonava os braços, repelia as mulheres, experimentava a força recuperada agarrando os filhos, considerava com espanto os músculos refeitos, balbuciava e gritava:

— Estou são! Estou são!

Com o grande rumor, já vizinhos abriam os loquetes das portas, erguiam ao

alto lâmpadas de barro. E o clamor erguido pelos dois camaradas de Ozias, engrossava, rolava:

— Milagre! Prodígio! Foi Onofre! Vinde ver!...

Mas Onofre desaparecera! Como levado por um vento largo, sem sentir os passos trôpegos, atravessara a Praça dos Obeliscos, transpusera a muralha derrocada e caminhava junto ao rio, sob o silêncio das estrelas.

E ia num deslumbramento! Por vezes estacava, alargava os braços, murmurava: «Fiz um milagre! Fiz um milagre!» Onofre, o mais humilde e rude servo do Senhor na Igreja de Bubastes, fizera um milagre! E não desses tão fáceis, e nascidos da ilusão, como os sabem fazer os discípulos de Simão, o

Mágico! Mas um milagre profundo, que tornara a Morte em Vida, como só os tinham feito os homens apostólicos, depois do Senhor. Porquê? Por que lhe era concedido um tão divino poder?

Decerto ele fora abundante em obras! Longos anos gemera do deserto, longos anos servira com humildade os homens. Mas Alexandre vivera no ermo, confessara a fé nos tormentos, ganhara almas inumeráveis para o Senhor, era Bispo e era Santo — e todavia nunca fizera um milagre! E Palemo, abade de Tebane, e Panúcio, abade de Antínoo, que governavam comunidades na Tebaida, e recebiam de noite, de Jesus, a suma da Regra Monástica, não faziam milagres! Por que o escolhera o senhor a ele — escravo que mendigava entre os escravos?

Sem dúvida porque a sua vida, as suas longas penitências, a sua oração, tinham, mais que as de nenhum outro, em cidade ou ermo, satisfeito o Senhor!

Ele, pois, realizara a obra sublime de contentar Deus — e tão bem limpara a sua vontade de toda a culpa, e tão transparente e brilhante de pureza a tornara, que Deus, desde já, lhe confiava, na Terra, um poder transcendente... Mas então — era um Santo! Presa ainda com a cinta vil da carne, a sua alma já recebera do Senhor a sua santificação. Brevemente libertado da carne, e da sua miséria, ascenderia fácil e naturalmente àquele céu, salpicado de estrelas. Entre esses divinos lumes habitaria, enterrando os pés nus no azul macio, vendo a face do senhor sorrir, no resplendor inefável. Da terra

subiriam para ele, Onofre, longos rolos de orações: — e os restos da sua argila mortal, os seus ossos, receberiam também a veneração dos homens, guardados em sacrários — entre lâmpadas e flores. Oh, maravilha!

Mas aquele poder do Milagre seria perdurável, constante, enquanto vivesse? Poderia ele agora, com segurança, curar *todas* as feridas, e sanar *todas* as misérias?

E uma inquietação apertava o coração de Onofre. Se aquele milagre tivesse sido isolado e único! Se amanhã, ante uma verdadeira e profunda dor, semelhante à de Maria, irmã de Lázaro, ele se encontrasse de novo impotente para a desfazer, como antes da sua penitência no deserto? Fora ele, pela sua vontade,

que curara os braços esmagados de Ozias — ou fora a vontade de Deus que operara, passando apenas através da sua alma, como o sol através de um vidro! Se experimentasse!... Se experimentasse ali mesmo, sob o testemunho das estrelas? Além, o rio alagara hortas humildes, empobrecera colonos. Se ele marchasse para o rio, lhe gritasse: «Volta ao teu leito, abandona esses campos que assolas!?»

E já caminhava para a água, espalhada em largas poças, que reluziam, como discos de aço. Mais longe, a inundação invadira casais — de que se viam os colmos, ou os terraços de adobe, quase esboroados, e as pontas dos tamarindos, que outrora delimitavam os campos. Um grande sulco de lua tremia na

água imóvel: — e havia uma longa mudez de abandono e ruína.

Onofre olhou em silêncio, apoiado ao seu bordão. Longe, uma fila branca de cegonhas dormia, rente da água, coberta de nenúfares. Se, à sua intimação, aquelas águas recolhessem ao seu leito, deixando enxutos os casais, e mais adubadas as leiras — certo estava então estabelecido o seu poder sobre as coisas. E na ansiedade de uma certeza, ergueu devagar o braço, bradou, arrepiado de emoção e temor.

— Rio, recolhe ao teu leito!

A água toda tremeu. As poças que rebrilhavam, bruscamente se sumiram, deixando um limo grosso e rico: — e além os casebres, os tamarindos, os papiros, emergiam lentamente da água,

pingando, e reluzindo à Lua. O rio obedecera a Onofre — e um frémito corria sobre a terra e o ar, como o de um terror submisso ante uma presença divina.

Então uma alegria sobre-humana transbordou no coração de Onofre! Era dele, era dele, e permanente, o Dom do Milagre! Oh!, quanto bem faria aos homens! E, no seu deslumbramento, corria através dos campos, com os braços abertos, como para acolher, estreitar, o Universo sofredor. Onde havia aí agora chaga que ele não sarasse? Onde havia mãe debulhada em lágrimas, sobre um esquife, a quem ele não restituísse o filho? Escravo que ele não remisse? Terra estéril de onde não fizesse brotar a lentilha e o vinho? — «Oh, meus irmãos, meus irmãos, não receeis mais, Onofre

pode, e está convosco!»

Ah!, como Deus o amava! Mas também que obras! Cinquenta anos ele padecera pelos homens. Por cada dia de fome que ele arrostara no deserto, o Senhor dava-lhe agora o poder de saciar a fome de um lar. E porque ele se abaixara a tanta humildade, ascendia agora a tanto poder! Um poder insondável e magnífico, que descia até aos reinos escuros da Morte! César não tinha mais poder. Com os seus prefeitos, os seus lictores, e legiões mais bastas que as aves do ar, e máquinas de guerra rolando através da terra, César seria impotente para deter uma gota de água, caindo de uma nuvem. E ele, Onofre, escravo de escravos, só com estender o braço, recuava as correntes do Nilo, o grande rio que desce

do Paraíso... Se ele era mais poderoso que César — deveria, pela manifestação desse poder transcendente, forçar César a reconhecer a Verdade!

Nem Paulo, nem Marcos, nem Barnabé, tinham suficientemente deslumbrado os gentílicos! Intimações, orações nos *Forum*, epístolas arguciosas — que importavam? Os pagãos tinham um saber sólido, e retóricos mais facundos. Só pelo Milagre se poderia triunfalmente provar Jesus! Pois bem: ele, Onofre, iria a Roma! Se as ondas cruéis assaltassem a proa da sua galera, amansaria as ondas: — e espalharia os prodígios, ao comprido da estrada que o levasse à cidade! Nos átrios de César, ante aquela face que assusta e enche de sombra o mundo, ele diria com simplicidade: «Adora o

Senhor!» E quebraria, como galhos secos, as espadas que se erguessem contra o seu peito! Com um sopro derrubaria os ídolos do bronze mais eterno! E se contra ele se erguessem, no Pretório, filósofos ou gramáticos — ele imediatamente lhes secaria as línguas impuras nas bocas impuras, ou os faria ladrar como cães contra a Lua. Roma tremeria toda sob os seus prodígios, como uma cabana ao vento. E quando César, vencido, rojando, a púrpura no pó do seu átrio, lhe perguntasse: «Que queres?» — ele diria então com simplicidade: «O mundo, para o restituir a Deus!» E a Deus daria, com efeito, as cidades, os homens. Por que não? Em verdade, ele seria César!

E com a face erguida, no seu imenso sonho de orgulho, Onofre riu

largamente. Era César!

Então, larga e áspera, uma outra risada soou por trás dele na solidão. Num terror, Onofre olhou em redor, ansiosamente. «Quem ri?», exclamou. Aqui, além, através do ar tão sereno e repassado de luz, a risada áspera e lenta, saltava, estalava. E já os joelhos de Onofre, tremendo, desciam para a terra — quando longos dedos moles o repuxaram, e uma voz acudiu, mais dura e seca que o rolar de calhaus:

— Oh, Onofre! Oh, César que tudo podes! Olha o rio! Olha o rio! Do alto do teu orgulho, oh, meu irmão, olha o rio!...

Diante de Onofre, até às colinas, até aos muros derrocados de Bubastes, o Nilo subira, mais largo, mais devastador. A Lua brilhava sobre as águas. As

cegonhas fugiam no silêncio. E uma onda fria, que marulhava encrespada, batia já aos pés do velho. Tentou recuar, mas todo se sentiu enlaçado naqueles dedos moles, que se alongavam, se enroscavam, como serpentes frias em ramos de árvore. Então compreendeu: — o seu milagre fora uma ilusão do Demónio! Um longo grito rompeu da sua alma: «Jesus!» E caiu por terra, coberto de um suor tão frio, que ele pensou ser a água que o devorava.

Quando se ergueu — com tantas, tão densas lágrimas, que mal podia, através da sua névoa, achar o bordão a que se arrimava — foi para considerar o pecado insondável em que se despenhara. Como outrora, na sua cova do ermo, caíra pelo Orgulho! Na sua alma tão bem defendida, o orgulho abrira à traição uma

fenda — e por ela entrara todo o Inferno. Oh, miséria incomparável! Tão longos e ardentes anos trabalhara para limpar a sua alma, que a julgava toda transparente, e branca, e rebrilhante, como uma água muito pura num cristal muito polido. Não suspeitava, que, escondido no fundo, ainda restava um pouco de Iodo primitivo — e eis que o Demónio a invade, e nela se debate furiosamente, e agita o lodo fundamental, e a torna tão turva e fétida como um charco espezinhado e fossado por um bando de porcos. Oh, miséria, oh, dor! Como ele toda essa noite, sob o testemunho dos lumes divinos, ofendera audazmente o Senhor! E de que modos afrontosos e diversos ele o ofendera — tomando como uma força da sua virtude o que era apenas uma graça caída da

misericórdia de Deus! Longe de se regozijar com o pobre pedreiro, e com ele ficar, em humildade, louvando o Senhor — correra para longe, a saciar-se voluptuosamente, na solidão, e sonhos ardentes de soberba e glória. E em vez de aproveitar aquele prodígio, tão doce e tão humano, para o derramamento da Verdade entre os gentílicos, só sofregamente o considerara como proveito da sua ambição transcendente. Oh, quanto ofendera o Senhor! Num momento estragara uma longa vida de penitência — e todo se tornara de novo, da cabeça à sola dos pés, uma crosta fétida de pecado. Onde havia na terra monstro bastante imundo, para ser congénere do seu corpo, e da alma imunda que dentro dele apodrecia? E agora, tão velho, como

poderia ainda, através da penitência, alcançar a purificação! A morte já se avizinhava, e a alma que tinha para restituir a Deus estava coberta toda de lepra do mal. E sem tempo para a limpar, pela oração e pela humildade — era o Inferno, o Inferno iniludível! Oh, miséria!

Seguro com aquela infinita paz, em que deliciosamente se movia, como no inefável ar do Paraíso — ele esquecera o Demónio. Mas, pacientemente, o Inimigo do homem rondava em torno dele, subtil e mudo, como um vento de pestilência. E ele respirava tão profundamente esse vento pestilento, que cada um dos seus pensamentos fora então como uma chaga que supura. Com os pés enterrados na lama, ele considerava o Céu como já seu, ousando pensar que era um Santo! E entre

aquelas estrelas marcara o seu lugar de beatitude! Horrendamente desvanecido, calculava, como um conquistador que conta as suas coroas triunfais, as lâmpadas e as flores, e as oferendas, que cercariam o altar onde pousassem os seus ossos! E, certo da divinização, antegostara as orações, que por ele se elevariam da terra! E como se lhe não bastasse no Céu a beatitude, apetecera desde já, na Terra, o Império. Sonhara com Roma — e queria César, vencido e humilde, oferecendo-lhe o mundo como um fruto maduro. Sete vezes insensato! Que, enquanto assim medrava horrendamente em soberba, e se divinizava em Terra e Céu, o Demónio estava em torno dele, e dentro dele, ocupando, saturando cada recanto do seu

ser, como a água faz a uma esponja.

Que lhe restava! Só a penitência, feita na solidão, longe, muito longe de todas as suspeitas dos homens, para que nunca ela pudesse ser estragada pelos louvores humanos. Longe, muito longe dos homens — porque toda a virtude que entre eles se manifesta, logo que lhes arranca uma admiração, é mais cheia de perigos, que um aroma muito sensual, ou um canto muito amoroso. A mais humilde esmola, a chaga de um mendigo que se lava, uma simples consolação, desde que se mencionem, são perigos terríveis para a alma, porque a persuadem da sua caridade e excelência. Pelo bem que semeamos nos outros, só colhemos dentro em nós orgulho — e cada obra da nossa caridade desmancha a obra da nossa humildade.

Só lhe restava procurar uma cova bem funda — e, aí, tão profundamente humilhar a sua alma, que ela, só pelos olhos de Deus, pudesse ser diferençada do lodo ou das imundícies.

8

Assim Onofre gemia sob o esplendor das estrelas. Quando a madrugada já clareava, apanhou o seu bordão, e marchou para os lados do deserto líbico. Quando já as palmeiras apareciam mais raras e espaçadas, e nas areias, rosadas pelo sol, apenas aqui e além rebrilhava alguma derradeira poça

da água do Nilo, ele avistou um chacal, que rastejava entre pedras procurando o covil — e considerou quanto se assemelhava àquele animal imundo, que fugia da luz, e dos homens. Só na verdade os diferençava, não a alma porque a dele se bestializara pelo Pecado — mas o corpo, que nele caminhava erguido, com a face para o céu, à maneira do homem mais justo, e na fera pousava sobre as quatro patas, com o focinho baixo, como mal despegado ainda na argila original de onde nascera. Então, para mais completamente se humilhar, e nada reter da humanidade superior, que não merecia, decidiu igualizar o seu corpo ao do bruto — e penetrar de rastos na Penitência e no deserto. Arrojou o bordão, despiu o saio de lã, atirou as mãos sobre a areia, e

começou a caminhar de rojo, lentamente, entre a erva já rara e amarelada, como uma alimária ferida.

Toda a verdura findara e só havia agora terra seca — a planície arenosa, coberta de um rubor matutino, estendendo-se às montanhas líbicas, que pareciam de um mármore fino e cor-de-rosa. Onofre avançava, orando, gemendo, com a longa barba a arrastar. A espaços, parava, não para repousar, mas para descobrir na areia os sulcos que os seus joelhos pesadamente cavavam — e sentir bem, nesse rasto de fera, a imensidade da sua abjeção. E se avistava seixos aguçados ou uma pedra áspera, por sobre eles se empurrava, para abater, pela dor da carne débil, a rebelião da alma soberba. Já a sede o devorava, e bebia, com avidez e

gosto, as lágrimas grossas que lhe arrancavam as saudades dos seus anos de paz e pureza.

O dia ia em meio: todo o deserto refulgia, lívido, de uma horrível secura. As montanhas, ao longe, na tremura do ar quente, eram amarelas — e só havia, em toda a extensão, silêncio, solidão e sol.

Onofre avançava, arquejando, com a língua seca e pendente. Um poço de caravana, marcado ao longe por um círculo de pedras e dois tamarindos negros, surgia como uma tentação: — mas o penitente afastou a face, mais ansiosamente rastejou, fugindo daquela água, decerto turva e lodosa como de uma voluptuosidade mortal. E não cessava de orar. Quando encontrava ossadas de animais, esparsas no pó, erguia os olhos

embaciados às alturas, murmurava: «Meu Deus, faz que os meus ossos vis assim também branquejem perdidos!»

As angústias da fome, que o assaltavam, foram para ele como bem-vindas — e ofertou essas dores ao Senhor como lhe ofertara a da sede. O destroço do seu corpo era tão grande, que cada pousar da mão esfolada na areia ardente lhe arrancava um gemido: — e já por momentos se abatia, estirado, inerte, como morto, sob a dardejação crua do Sol. E era então nele um terror angustioso da morte, que lhe abreviaria os tormentos, e lhe impediria o resgate.

A refulgência do deserto esmorecia, e um lento véu anilado revestia a cordilheira líbica. Era o descer da tarde — e com ela descia sobre Onofre

uma sonolência, fria e funda, como um desmaio.

Para a sacudir tentava cantar hinos santos: — mas a sua pobre boca, ressequida e rígida, como de greda, só lançava sons roucos, que se perdiam entre gemidos. E marchar, já não podia, porque os seus joelhos eram duas chagas, onde se empastavam areia e sangue. Rasgou um pedaço da túnica, para os embrulhar: — e como o Sol se escondera e ao longe, um monte de pedra, uma magra palmeira, indicavam outro poço, para lá se arrastou, receando tombar num estado de inanição, que lhe encurtasse a penitência. A água do charco era negra e lodosa: — mas sobre essa pedra havia uns restos de farinha e de fava crua, desses que as caravanas deixam para as divindades do deserto.

Comeu enfim, bebeu enfim! Lavou as feridas — e mesmo deixou que os olhos se lhe cerrassem, mas, de pé, apoiado ao gume de um penedo, para que o sono fosse doloroso e breve. Despertou aos uivos tristes dos chacais. Todo o céu se enchera de estrelas: — e Onofre pousando na terra dura as mãos em chagas, recomeçou a avançar no deserto. Tão radiantes e largos eram os astros, que a ilimitada areia alvejava sob a muda palpitação, com a lividez de um sudário — e então grossas formas, terríveis pela sua bestialidade, vieram aterrar o coração cansado do penitente. Ora era um vasto macaco, de dorso arqueado, que sobre as quatro mãos caminhava ao lado dele, como ele, e quando ele gemia, gemia e quando ele orava, guinchava. Ora era um licorne, que

vinha do fundo do ermo a galope, e estava diante de Onofre, com o seu corno enristado entre os olhos, refulgindo intoleravelmente. Depois eram disformes morcegos quase tapando o céu, que se abatiam com um voo mudo e mele, e o cobriam com as suas asas, que tinham o calor de uma carne nua. E Onofre ia caminhando no ermo, rodeado de monstros.

Para os espantar, o desgraçado gritava o nome de Jesus — e eles recrudesciam, inumeráveis e silenciosos. Não eram, pois, demónios?

E Onofre deixou cair o corpo, como esmagado sob tanta cólera do Céu. Imediatamente, todas as formas medonhas, os dorsos, os focinhos, as asas frementes, se abateram, se estenderam como um pano

fúnebre sobre o areal. E só houve um silêncio sob o grande céu estrelado.

Onofre cerrara os olhos, inanimado. E através de um descanso que o envolvia, doce como o da noite, entrevia a distância, batido por um sol de madrugada, um bosquezinho de palmeiras e sicômoros, que era o da morada em que nascera. Um fio de água descia de um tanque de pedra, cantando entre os linhos verdes. Os íbis pousavam na borda do terraço. Para além alvejavam os propileus, cobertos de relevos, do templo de Serápis. O velho escravo, que lhe ensinara as letras, lá estava no seu costumado assento de pedra, envolto nos panos brancos, todo rapado, cheio das rugas do saber, e imóvel, com as mãos longas, de cera, pousadas sobre os

joelhos magros, meditando a eternidade.

Homens graves, com a túnica branca dos cristãos, que se preparavam para atravessar o deserto, em peregrinação às ermidas da Tebaida, esperavam sob a ramada de vinha, com os seus embrulhos no chão, e por cima o cajado. O velho escravo núbio Amés, carregava com lentidão os odres de água sobre os dromedários — e cantava um antigo canto da Núbia. Mais doce e triste era o canto, nos seus ais prolongados, que as ramas das palmeiras na sua cadência!... E ele, Onofre, lá estava também, curioso, pasmando para os homens que iam assim tão longe visitar Antão, e Pacómio, e Paulo, e os Santos magníficos que habitavam sepulcros...

Um enternecimento infinito

penetrou Onofre — e estendeu ansiosamente os braços para aquelas imagens, tão antigas e doces. Oh!, se ele recuperasse a simplicidade desses tempos, naquele bosquezinho de mimosas... As lágrimas brotaram quentes e densas dos seus olhos cerrados — e através da névoa deles, arvoredos e casas, e o dromedário, e o velho núbio, com a sua tanga branca, tudo se confundiu e desvaneceu.

Então naquele imenso deserto, que o cercava, sentiu mais profundamente o seu abandono, e a sua miséria. Deus, seu socorro e força no ermo da sua antiga penitência para sempre agora se retirara da sua alma. E era solitário, desamparado do Céu, tão velho, cheio de chagas, e deixando o seu sangue em rastos pelas

areias, que ele tinha de afrontar as solidões, os transes, as necessidades, e os demónios. Que importa? Devia caminhar, e padecer.

E de novo recomeçou a rastejar, balbuciando louvores ao Senhor. Todas as estrelas se tinham apagado. Das formas monstruosas que há pouco o cercavam, nenhuma se destacava, ou movia na escuridão ilimitada. Apenas restava a mudez, a treva, e a solidão infinita. E sob aquele vasto céu negro, por sobre aquele imenso deserto negro — Onofre lá seguia, única forma viva, negra também, de rastos como um bicho, todo ferido, todo sangrento, gemendo com longos gemidos, que se perdiam na treva. E não cessava de avançar, nem de gemer. Sempre para diante, pousando na areia as mãos roídas

e gastas, arrastando na areia os ossos descamados dos joelhos — e chorando, e gritando: «Senhor, tem piedade! Senhor! Tem piedade!»

Mas já a alma ia perdendo o domínio sobre o corpo: — e era só o seu desejo que caminhava para além, para as montanhas, porque a cada instante os braços se lhe estiravam pelo chão, moles e inertes, e entre eles a cabeça, coberta de suor regelado, ficava rolando na areia, na tontura de uma agonia. Tentava então, desesperado, arquejando, solevar aquela carne miserável que o traía. E não podia, não podia! Só lhe restava acabar ali, naquela areia, sem alcançar o resgate encetado do seu pecado. E com a face voltada para o céu, para o céu negro, sem uma luz, que lhe fosse como uma

esperança, esperou a Morte. Mas a Morte não vinha. Ante os seus olhos, embaciados e lívidos, como que surgia uma claridade. Era como uma névoa, vaga e rosada — e através, vinha de longe, tristemente, o tanger lento de uma sineta em marcha.

Subitamente sentiu rumores, vozes. E entreabrindo as pálpebras, distinguiu faces escuras e ardentes, que se debruçavam sobre ele, um cavaleiro com uma lança, e longos pescoços de dromedários, carregados de fardos. Uma cabaça foi posta contra os seus lábios, e bebeu dela, avidamente. Já havia mãos fortes que o erguiam — e sobre os seus joelhos feridos caía deliciosamente um fio de óleo muito fresco. E já de pé, entre os braços que o amparavam, Onofre

desmaiou, docemente.

Mas, através do seu desmaio, ele sentiu que o içavam para cima de um dromedário, onde ficara como um fardo, estendido entre fardos. Houve brados. E a sineta recomeçou tilintando lentamente, em cadência — enquanto ele, embalado pelos passos do dromedário, que já por vezes chapinara água, recaíra naquele desmaio tão doce, em que todas as misérias da sua vida adormeciam, como dores que se calmam num banho.

9

Era uma caravana, que trazia

gomas da Cirenaica, que assim o recolhera por compaixão da sua velhice, e do sangue que lhe corria das feridas. E quando Onofre reabriu lentamente os olhos, a manhã clara enchia o céu, um cheiro de verdura tenra errava no ar macio, e os íbis esvoaçavam pelos ramos das mimosas. O seu dromedário ajoelhara — e os mesmos homens de faces queimadas e ardentes o ergueram, e levaram para um pobre casebre, com um vergel, onde mulheres, sob uma palmeira, pisavam, cantando, o grão de centeio. Turbas correram, um velho acudiu, com o seu balde de rega — e estirado sobre um montão de folhas secas de papiros, dentro do casebre, Onofre sentiu ainda, através de um rumor de piedade, que lhe limpavam as faces, lhe deitavam sobre as

feridas um óleo salutar. Depois readormeceu.

Ao declinar da tarde, quando acordou, o velho estava diante dele numa contemplação grave, sentado com as mãos pousadas sobre os joelhos, como uma estátua de escriba. E as duas filhas esperavam, agachadas sobre esteiras de cores, com lentilhas numa malga, e um púcaro de água do Nilo. Onofre comeu e depois ergueu a custo o corpo do leito de folhas, para retomar o caminho do deserto. Mas, por humildade e exemplo, contou a sua história, a sua penitência, os seus pecados, e como caíra exausto no grande areal, sob a cólera do Senhor.

Então de repente o velho, erguendo as mãos espalmadas, gritou:

— Oh, homem cheio de anos e de

virtude, tu és daqueles que sabem as palavras novas que consolam! Fica entre nós, come do nosso pão, e ensina as nossas almas.

E Onofre, espantado, soube que, havia tempos, ali tinham vivido dois monges, que todos amavam pela sua caridade, pela sua ciência das ervas que curam, a sua arte em expulsar os demónios, e ainda pelas doces festas com que celebravam o rejuvenescer da primavera.

Mas um dia tinham partido para um mosteiro, no Alto Egito — e desde então toda a aldeia os lamentava, e lamentava as doces histórias que contavam do Menino nascido no curral, e de um reino no Céu em que todos comeriam de frutas divinas, e da cruz de

escravo, em que a Vítima tomara sobre si todos os pecados humanos.

Assim, oh!, alegria!, Onofre, fora trazido para entre almas quase irmãs! Nos olhos negros das duas raparigas, que se erguiam para ele, brilhava um calor de fé. E o velho, alargando os braços, murmurava ainda com ardor:

— Oh, homem justo, que sabes a natureza dos deuses, e as coisas que estão para além da vida, fica na nossa morada, come do nosso pão!

No coração de Onofre ia um grande alvoroço. Fora por acaso, por determinação do Senhor que ele viera, trazido do fundo do ermo, para que sob o seu ensino a Verdade, já em botão, de todo florescesse naquelas almas simples? Então o Senhor convertia, a privação da

sua penitência, na glória de um apostolado! Porquê? A noite de agonia, de onde vinha, fora bastante resgatadora, para que sobre ele descesse já a misericórdia do Céu?... Não lhe competia a ele, servo do Senhor, penetrar os motivos de seu Amo. Para entre aquelas almas, onde já se enterrara a boa semente, fora ele trazido — e só lhe cumpria trabalhar como bom lavrador, no campo precioso que Deus lhe confiava. E humildemente murmurou:

— Pois que de mim necessitais, entre vós ficarei.

E ficou — escolhendo logo para morar um alpendre, aberto a todos os ventos, em que o velho recolhia os seus búfalos. Em breve, por todas as choupanas, se espalhou que outro monge

chegara à aldeia — que sabia também as histórias divinas do Menino que nascera na Síria, e de seu Pai que acolhia os servos mais humildes, num Céu todo cheio de cantos e de abundância. De todos os casais logo as mulheres acudiam, trazendo a Onofre presentes de frutas, e bolos de mel, e linho tecido. De joelhos, diante do seu alpendre, Onofre orava, com os braços abertos, a face voltada para o Céu: — e todos pasmados para aquela velhice tão macerada, para as longas barbas brancas que no chão rojavam, erguiam também como ele, mudamente, para o Céu, os olhos cheios de uma esperança nova. O que contemplava ele assim, no Céu radiante? Quais eram essas orações que ele sabia, e como se falava a esse Deus tão bom, e tão amigo dos pobres? E

quando Onofre recomeçava a contar do Senhor, e dos seus grandes ensinos de caridade, e de bondade, e de amor, um doce murmúrio de contentamento corria entre os simples, como de famintos que são saciados. Uma lenta adoração inconsciente e ainda gentílica, começava a envolver Onofre, saída ardentemente daqueles corações simples — que não diferençavam bem o Deus Novo do velho Solitário que o revelava. Quando ele atravessava os bosques, ou os atalhos entre os campos — a gente prostrava-se ante ele, com uma reverência misturada de medo: as mães traziam os filhos, nus e coroados de flores, como quando os votavam aos antigos altares, para que Onofre lhes desse a Boa Sorte: — e os casaleiros vinham puxar pela ponta da sua

túnica, mostrando, com o olhar suplicante, os campos que desejavam que ele fecundasse.

Um surdo temor, então, invadiu Onofre — porque, naquela reverência pela sua virtude, ele só via perigos para a sua humildade. Quando lhe traziam doentes para que ele os sarasse, ou mulheres possuídas de um demónio para que ele as purificasse — já Onofre recuava aterrado, batia no peito, gritava: «Mas eu não sei!, não posso! Quem sou eu? O mais vil dos pecadores. Pedi a Deus, orai a Deus.» Mas a dor daquelas almas crédulas ante as suas súplicas desatendidas, dilacerava o coração de Onofre. E não era menor o tormento da sua dúvida. Se ele possuía na verdade, por graça do Senhor, o dom de sarar a

carne doente, calmar as almas, quanta era a sua crueldade em não suprimir essas aflições? Mas também no exercício do milagre, quantas pavorosas tentações do orgulho! E cada dia este tormento se alargava. Aquelas mães desgrenhadas, que lhe gritavam entre soluços: «Tem piedade do meu pobre filho!» Aqueles velhos aleijados, que do chão onde os retinha o mal, estendiam os braços para ele, com ansiedade, murmurando: «Ah, se tu quisesses!» E ele, forçado pelo terror de Deus, e dos riscos que corria a sua alma — forçado a não ter piedade, e forçado a não querer!

Mas não comprometia ele também, com aquela dura inércia, o derramamento da Fé, e da Lei do Senhor? Não findariam, aquelas gentes simples, por se desprender

de um Deus que eles viam tão desatento e alheio às suas misérias? Já quando ele ensinava o Deus Novo, nas faces, em redor, havia desconfiança e desdém. Nas suas longas orações, então, pedia ao Céu uma inspiração. Mas do Céu emudecido, e fechado para ele, nenhuma inspiração descia sobre o seu espírito angustiado. Redobrava as penitências, torturava com o cilício o seu pobre esqueleto, alongava os duros jejuns, clamava por Deus do fundo da sua incerteza. E Deus permanecia impenetrável. Com esta dor da sua alma, ele ia ficando mais macerado, mais abatido, mais velho, do que com trinta anos de trabalhos no deserto. Já quase não se sustentava direito: e caminhava tão trémulo, apoiado ao seu bordão, que um pouco de vento o

poderia derrubar. A sua consolação seria que aquele povo o ultrajasse pela sua crueldade, a sua resistência a fazer o bem supremo. Oh!, se o amaldiçoassem! Se o apedrejassem! Cada pedra, que o ferisse, a ofertaria ele ao Senhor, como uma evidência da sua humildade. Mas, doce e tímida, aquela gente só se lamentava, como os que são abandonados. E sem sacudir a esperança, voltavam, insistiam em suplicar a sua intervenção omnipotente.

10

Um dia uma filha do velho que o

recolhera, não acordou — e ficou branca e imóvel no seu catre, como se a alma, durante o sono, a tivesse para sempre deixado. Diante dele, de joelhos, o velho suplicava e chorava:

— Tu podes tudo. Sabes as artes. És amado de Deus! Os outros monges curavam, dispunham da vida. Salva, salva a minha filha do meu coração!

E, cheio de lágrimas também, Onofre sentiu a certeza de que se tocasse com as mãos na face da pobre rapariga, ela se ergueria curada, e sorrindo. E já estendia as mãos — quando, bruscamente, no seu espírito, passou, como o clarão do Inferno, o orgulho do seu poder.

Então recuou, aterrado, a tremer.

O velho, de rojos, beijava os pés de Onofre.

— Sê bom!, sê bom!

Mas Onofre via o Inferno — e fugiu, fugiu, soluçando, arrepelando as barbas, num desespero infinito... Fugiu do casebre, fugiu da aldeia. Duas vezes caiu, tão trôpego e débil. E ia atirando sempre os passos trémulos para longe dos homens e do seu perigo, para a solidão inviolável, onde não estivessem os homens, e estivesse a Morte. Todo o dia assim se arrastou. E o Sol descia num céu de ouro, quando os seus olhos, cansados, e mal seguros através das lágrimas, avistaram arvoredos, e casais, outra aldeia, na orla dos areais. Onofre tinha fome e tinha sede: — e querendo só forças para continuar o sofrimento, arrastou os passos para uma cabana mais isolada, feita de adobe e canas, apoiada contra um longo

muro, um antigo resto de muralha. Uma rapariga, que voltava da fonte, pousara à porta da cabana, sobre uma pedra, o seu cântaro de barro; e vendo aquele velho, de imensas barbas, em farrapos, que avançava tropegamente na poeira do caminho arrimado ao seu bordão, ficou como à espera dele, com uma piedade nos seus largos olhos negros. Onofre estendeu a mão para uma esmola. Ela entrou na cabana onde uma criança chorava lentamente, num choro cansado, doente.

Quando voltou com um pedaço de pão duro e velho, já Onofre se abatera, de fadiga, sobre o chão, com a cabeça encostada ao muro, os olhos tristemente perdidos no céu, naquele céu, para onde em vão a sua alma aspirava. Os íbis esvoaçavam, recolhendo aos ninhos.

Longos raios de ouro-pálido passavam através das palmeiras, e longe, do lado do rio, vinha o mugir lento dos búfalos. Onofre comeu o pão da esmola; — e a boa rapariga inclinou, para a sua pobre boca ressequida e poeirenta, a borda do cântaro, murmurando: «Que esta água alegre o teu coração!»

Ele bebeu, louvando o Senhor, que manda a água aos que têm sede: — depois apanhou o seu bordão, e, ajudado pela boa rapariga, de novo se ergueu, com um suspiro tão doloroso, que os dois belos olhos negros se humedeceram.

E seguia — quando à porta da cabana uma mulher, pálida e magra, apareceu, trazendo ao colo uma criancinha que um farrapo embrulhava. E Onofre parou, tomado de uma infinita piedade por

aquele pobre pequenino, todo encolhido nos braços da mãe, com a facezinha caída contra o seu ombro, como uma flor tenra, quebrada pela haste, e já morta. Grossas crostas, de feridas arroxeadas, cobriam a sua miserável cabeça, onde todo o cabelo se despegava; a orelha era uma chaga; um trapo manchado de sangue seco cobria um dos seus olhos, recaía ainda sobre o outro, amortecido, toldado de lágrimas; uma pele lívida e mole recobria os seus ombros; e o seu gemer não cessava, lento e cansado.

Com tanta dor e ternura o considerava Onofre, que a pobre mãe contou como aquele mal lhe viera, quando ele chegara aos dois anos, e ela ficara viúva, e a miséria se abatera sobre o seu casebre. Com o filho nos braços,

mendigando o seu pão, ela percorrera os templos, onde os males se curam, escutara os conselhos dos que vêm de longe e conhecem as ervas salutares. Mas o mal de seu filho, nem homens nem deuses lho tinham curado. Tão pobre era que nem um pouco de leite alcançava para o consolar: — e sempre com ele nos braços, adormentando o seu sofrer, e sobre ele chorando, como podia trabalhar? A caridade dos vizinhos, pobres também, já se cansava. E em ninguém tinha esperança. Em ninguém tinha esperança.

Onofre murmurou:

— Jesus foi pequenino, e sofreu!

E então uma Voz, lenta e triste, mas em que havia a certeza e o orgulho de uma Força, murmurou dentro dele: «Ah! Se tu quisesses, Onofre!...»

Todo ele tremeu. Se quisesse! Era outra vez o Inimigo incansável que lhe soprava na alma o calor do Pecado. Sim! Se ele quisesse — aquelas feridas secariam, e aquele gemer findaria, e o pobre corpinho, como um galho seco, reverdecia, cheio de seiva nova. E logo nele, para sua perdição, se desencadearia o orgulho do seu Poder! Não, não! Ele bem sentia o Inimigo, tentando penetrar nele pela porta da sua piedade entreaberta. E sempre a sua perdição estava onde estivesse a humanidade! Só no ermo havia segurança. Murmurou uma bênção à mãe desgraçada, e ia partir, desesperado. Mas a criancinha gemeu — ele parou ainda com um longo suspiro. Oh!, doce inocentinho, que toda a longa noite ia assim gemer tão dolorido, talvez

com fome!... E ninguém o curava. E não tinha ninguém! Os lábios de Onofre tremiam.

— Oh, meu pobre menino, meu pobre menino! — exclamou.

Então a criancinha ergueu a cabeça devagar, e com um gemido maior, um *ai* tão triste, levou a tremer a mãozinha magra ao seu pobre olho coberto de trapos.

Uma violenta, desesperada piedade invadiu o coração de Onofre. Arrojou o cajado, gritou:

— Pois bem, que importa! Que a minha alma se abisme no orgulho e no mal!

E com a face que flamejava, os cabelos eriçados de terror divino, arrebatou a criança, levantou-a toda para

o Céu. E diante da mãe espavorida, Onofre bradava:

— Meu Deus, dá-me o meu salário. Setenta anos te servi. Por ti sofri todos os tormentos do deserto! E, sem descanso, sem um queixume, sem um pedido, trabalhei na tua obra. Dá-me o salário que me deves! Que esta criancinha me sare aqui entre as mãos — e estou pago. Depois, se quiseres, abandona a minha alma!

Os seus braços trémulos, sem força, deixaram cair a criança — que a mãe agarrou, apertou sofregamente. Mas, oh, prodígio!, estava sã! Secas todas as feridas da face! Redivivos e límpidos os olhos, que num momento se alargavam e sorriam! Fresca, e cheia, e rosada por um sangue novo, a criancinha, que o mal

chupara, colhida agora nos braços da mãe, já adormecera num longo, doce, infinito e profundo repouso.

Com ele assim no colo tão quieto, tão são, ela, na grande alegria do prodígio, nem se movia, sufocada: — e dos seus lábios trémulos, só fugira por fim um grito abafado de inquietação:

— E para sempre? E para sempre?!...

Mas Onofre já desaparecera.

Deslumbrado, espavorido, corria tropeçando, ao longo da velha muralha, com os cabelos ao vento, as mãos ao céu.

Furiosamente, na sua alma. se erguera logo a certeza da sua santidade. E debalde ele queria recalcar, sufocar aquela afirmação do orgulho, que nele se desenroscava como uma serpente

acordada e faminta. «Não! Não era tanto. Fora Deus, só Deus que fizera o prodígio. Só ele devia ser louvado, na sua Misericórdia sublime!»

Mas vozes confusas, violentas, silvavam, cantavam nas profundidades do seu ser: «Foste tu! Deus só escuta aqueles que ama. Tu és o amado de Deus. A manifestação do seu amor é a concessão da Bem-aventurança. O Céu é teu. Em ti reside a virtude celeste! Toca com as tuas mãos um galho seco e ele reverdecerá!»

Estava, pois, plenamente invadido pelo irremediável Orgulho. Só aniquilando o seu espírito, ele poderia destruir o Mal que nele habitava. Toda a mortificação da carne era inútil — porque sempre aquela luz de inteligência, que dentro dele tremia, seria feita de fogo do

Inferno. Estava perdido! Estava perdido!

Caiu com a face no chão, junto às muralhas que o sol-poente cobria de cor-de-rosa, e ali ficou, para sempre, e para morrer. Aquela alma perversa, que ele trazia em si como uma fera indomável, estava destinada aos tormentos sempiternos. Pois bem! Que neles se afundasse depressa — porque, quanto mais errasse sobre a Terra, mais afrontaria o Senhor. Adeus, pois, oh, Vida! Quão estéril e inútil lhe fora, pois que lhe não servira para vencer a Morte!

E com a face no pó, os braços estendidos no pó, colando-se a todo aquele pó, em que queria abismar o seu ser, soluçava:

— Vida inútil, vida estéril!...

Mas, então, pensou naquela

criancinha que, agora, dormia, sã, livre de toda a dor, e tão docemente nos braços de sua mãe. Inútil a sua vida? Não. Ele descia aos abismos arrastado pelo orgulho — mas, ao menos, no mundo ficava, por obra dele, esse pobre pequenino, que já não sofria, nem levava, gemendo, a mãozinha à sua pobre face cheia de chagas!

Então, uma Voz muito doce murmurou sobre ele:

— Onofre!

O velho ergueu a face lentamente, depois o corpo trémulo, e começou a caminhar. Mas os seus passos tremiam tanto, que se encostou ao velho muro que ele mal via já, sob a névoa de lágrimas, e no desmaio, que lho velava.

Assim se arrastou um momento,

tremendo, gemendo.

Mas, doce e cheia de carinho, a Voz ao seu lado murmurou:

— Onofre!

Então Onofre voltou a face — e avistou uma forma que resplandecia toda, de brancura, na solidão do crepúsculo. Mudo, já todo frio, deu para ela um lento passo — e desfaleceu, caiu sobre o seio de Jesus Cristo, Nosso Senhor, que o apertou docemente nos braços, e o levou consigo para o Céu, no esplendor de ouro da tarde.

S. Frei Gil

1

O solar de D. Rui de Valadares, senhor de Mortágua e Gonfalim, era a duas léguas duras de Vouzela, numa colina, por onde descia, espalhada até ao rio, entre olivais e vinhedos, a aldeia de Gonfalim. Um fosso, uma muralha delgada e simples como um muro de herdade, uma torre construída em tempos da Senhora Rainha D. Tareja, defendiam a casa térrea, a capela, os celeiros, o forno, o pátio bem lajeado, onde dois chorões davam frescura e sombra a uma fonte de

bronze. Para além um alto silvado, coberto de amoras pelo S. João, envolvia a abegoaria, a eira clara, o redil, um pomar bem regado, e o campo de tavolagem: — e depois, por todo o outro pendor do outeiro, lento e suave, verdejavam os pastios de gado.

No fundo do vale, o ribeiro, frio e límpido, toldado de arvoredo, saltava e espumava entre grossas pedras claras: um mosteiro rico de Domínicos ocupava toda a colina fronteira a Gonfalim, com a sua vasta, frondosa cerca: — e as duas margens eram ligadas por uma velha ponte romana de um só arco, onde o bom senhor, para purificar a obra e a pedra pagã, mandara erguer um cruzeiro.

Desde muito, naquelas terras, os anos tinham sido de paz; as correntes da

ponte levadiça, que se não levantava, estavam perras e cobertas de ferrugem; as ervas bravas cresciam nos fossos secos; na velha torre de onde se retirara, até o besteiro, que lá costumava dormitar, havia agora um pombal: — e o bom senhor D. Rui engordara tanto, que nem saía à serra com os seus falcões, nem mesmo cavalgava o seu bom ginete, por nome *Almançor*, muito gordo também, e para sempre ocioso diante da manjedoura cheia.

D. Rui desposara a neta de mestre Ariberto, cancelário do Senhor Rei D. Sancho; e não havia, em toda a Beira, dona de melhor diligência e ordem no governo de sua casa. Trigueira, de olhos pestanudos e meigos, com um buço, e um peito de rola farta, D. Tareja, logo desde

a alvorada, fazendo tilintar o seu grosso molho de chaves, distribuía a tarefa às aias, visitava a despensa e a capoeira, vigiava a fornada do pão, escolhia a fruta no pomar — e mesmo, arrastando o seu longo vestido sobre a terra ainda húmida, ia procurar as ervas salutares, para compor os unguentos domésticos. Todo o solar, por isso, resplandecia de gravidade e asseio. Nas lajes do pátio não crescia uma erva. No rebordo de cada janela havia um manjericão bem regado e fresco. Bem esfregados a carqueja, os soalhos pareciam sempre de madeira nova. Das arcas, cheias de roupa de linho, saía um bom cheiro de alfazema. Os pratos e os pichéis de estanho, sobre os bufetes, refletiam, como espelhos, os lavores das altas cadeiras de espaldar, as listas

vistosas das cortinas, ou os ramalhetes de açucenas e rosas, trasbordando dos vasos de barro vidrado.

Ocioso e risonho, com uma larga simarra de pano orlada de peles de raposa, que lhe descia até aos sapatos de couro vermelho, o bom senhor D. Rui cofiava a sua barba, através do seu solar, gozando esta paz e esta ordem. Os seus dias corriam retirados e doces, como num mosteiro rico — e raramente tomava o seu bastão de cabo de prata, para transpor a velha ponte levadiça. Pelos tempos chuvosos, o bom senhor, de janela em janela, contemplava o vale, o arvoredo molhado, as duas torres do mosteiro; ou aquecia pacientemente as mãos ao braseiro; ou abria o cofre de ferro, pregado no chão aos pés do seu leito, e

contava o seu dinheiro; ou ia observar no bocal de vidro se as sanguessugas, subindo à flor da água, anunciavam o norte e o bom tempo. Nos dias de sol percorria devagar a sua horta, pelas ruas orladas de alfazema; visitava os seus galgos, que, ociosos e gordos também, dormitavam pesadamente; descia ao lagar, depois à eira, sorrindo paternalmente aos servos, que dobravam o joelho; e terminava por descansar, num caramanchão de rosas, escutando o murmúrio lento das águas de rega.

O toque de Trindades anunciava a ceia. Na sala, separada da cozinha por um arco de cantaria, as grossas malgas de caldo fumegavam sobre o carvalho nu da távola, entre pães de sêmea e fortes pichéis de vinho. O bom senhor, tendo

lavado as mãos na água perfumada de vinagre, que o servo entornava de um grande jarro de cobre, ocupava a sua cadeira senhorial. O capelão defronte dizia o *benedicite:* — e D. Tareja tirava todos os seus anéis, para deitar dentro da sua malga a côdea escura do pão. O bom senhor comia com lentidão e silêncio. O vinho do seu pichel era renovado pelo intendente que, a cada instante, se erguia com a boca cheia e ia encher o pichel senhorial ao pipo pousado a um canto, sobre barrotes de madeira. Depois do porco assado, vinha uma ave, galinha ou pato, que D. Rui partia com os dedos, limpando-os aos pelos do lebréu, sentado a seu lado, à espera dos ossos. Nas tardes de verão, o maioral dos gados vinha junto da janela da sala, tocar na flauta de barro.

E quando o servo retirava as frutas, apinhadas em seiras de esparto, e outro punha sobre a mesa vazia dois candis, o capelão ia buscar um grosso in-fólio, que abria, e lentamente, emperrando nas letras, lia a vida de um santo, ou uma batalha do *Tesouro das Batalhas*, que conta todas as grandes guerras, desde a que os anjos maus travaram com os anjos bons. D. Tareja tomava a sua roca e fiava, ou dava alguns pontos no frontal, que havia dez anos andava bordando para a igreja do convento. O bom senhor, com as mãos sobre o estômago, dormitava. E quando o capelão parava, a beber um golo de água, ouvia-se ranger o cata-vento de ferro — ou, nas noites de verão, o canto triste dos sapos nas relvas.

Mas, com um gesto, D. Tareja

detinha o santo homem, que fazia uma dobra na página do seu fólio. O intendente, à porta da cozinha, batia as palmas, todos os servos entravam, mesmo o pastor com o seu surrão. E era o bom senhor que de pé, e ainda sonolento, rezava a primeira *ave-maria* do Terço. Depois D. Tareja fechava os bufetes, tomava um candil, um pichel de vinho preparado com mel e canela, e subia com o seu senhor para o quarto, a repousar no vasto leito de carvalho, que tinha três varas de largo.

Assim a existência corria, igual e serena, no solar de Gonfalim. As vezes algum rico-homem dos arredores, parente de D. Rui, vinha, com os seus cães e escudeiros, desmontar no pátio tranquilo. D. Tareja corria ao portal, trazendo uma

toalha bordada, um jarro de água, que derramava sobre as mãos do hóspede. Atirava-se à pressa lenha na lareira, para assar, nos espetos de azinheiro, um cabrito ou um leitão: das arcas saía um tapete do Oriente, que se estendia sobre as lajes do quarto de honra, onde as maçãs, apilhadas sobre os armários, davam um cheiro doce e acre: as tochas de cera ardiam na sala até tarde — e os senhores conversavam de parentes, de colheitas, de algum novo milagre, das honras devassadas pelos corregedores de el-rei, e dos maus tempos que corriam para os homens fidalgos.

Outras vezes eram menestréis errantes que passavam, pediam agasalho — e depois da ceia, tangendo o violino ou a frauta, cantavam as cantigas novas,

diziam histórias maravilhosas de paladinos de França — ou repetiam as histórias que tinham ouvido, nas estalagens, ou nas lareiras de outros solares, sobre as guerras que o Senhor Rei fazia aos mouros, para além do Tejo. Mas o que mais agradava a D. Tareja era a passagem dos monges mendicantes: esses sabiam os milagres novos, os casamentos fidalgos de Viseu e de Lamego, receitas de doces ou de unguentos, e histórias de peregrinos que tinham afrontado os mares, e visto o vero túmulo do Senhor Jesus Cristo, ainda tinto do seu sangue fresco.

Estas eram as distrações destes senhores excelentes. Pelo Natal havia um presépio na capela, com missa cantada pelos frades do convento e uma ceia em

que se comia o porco novo. Nos anos de D. Rui, arrombava-se uma pipa de vinho, no campo da tavolagem, e os moços de Gonfalim faziam grandes jogos de bola, e lutas. E não havia naqueles arredores mais alegre fogueira, do que a que se acendia, entre danças e cantos, no terreiro, em frente da ponte levadiça, por noite de S. João.

Assim os anos tinham corrido, no solar de Gonfalim, quietos e iguais, quando D. Tareja sentiu, alvoroçada, em si, um começo de maternidade.

Foi um pasmo, uma magnífica alegria. Longos anos eles tinham desejado, esperado com ardor, um filho; — e para o obter D. Tareja fizera promessas, invocara todos os padroeiros da fecundidade, acendera durante trinta

dias trinta velas a Santa Margarida, bebera água de sagna-canina, trouxera muito tempo sobre a cinta uma pele de coelha. Mas a doce esperança não se encarnava; e o bom senhor D. Rui, resignado, decidira deixar o seu senhorio, e o dinheiro das suas arcas, a um afilhado de sua mulher, moço lido em livros, e que era provedor de el-rei em Lamego. Muitas vezes, porém, suspirava, vendo, diante de um casebre, um vilão que, com o filho sobre os joelhos, construía uma armadilha para os pássaros — ou um velho que sorria, amparado nos seus passos trôpegos por um moço forte, e cheio de respeito. Agora, porém, chegava o bem de que desesperara. O bom senhor, repentinamente remoçado, com a face toda risonha e dilatada no orgulho da sua

paternidade, começou, por todos os arredores, a anunciar a nova esplêndida — até a um sórdido ermitão que vivia numa cova no fundo do vale, até ao tosquiador que viera à tosquia dos gados. Um recoveiro partiu logo para Lamego, a encomendar ao mestre entalhador um berço de grande riqueza. Todas as aias, tirando das arcas os linhos mais finos, trabalhavam no enxoval: — e D. Tareja, ao fim do primeiro mês, fora comungar ao mosteiro, para que a Hóstia divina fosse o primeiro alimento do menino bem-desejado.

De que cuidados cercava o bom senhor aquela dona excelente, cujo ventre lhe parecia precioso como um sacrário!

Inquieto, constantemente lhe tirava das mãos com brandura as chaves da

despensa, para que ela se não fatigasse nos governos do solar. Ele, só ele, preparava o vinho reconfortante, com canela, mel, ervas aromáticas, que lhe devia dar forças e valor: — e sem cessar, quando ela caminhava, estendia os braços, receando todos os degraus, qualquer pedra, uma prega do vestido em que ela tropeçasse.

Era então inverno, um inverno muito duro, que todas as manhãs branqueava de neve os prados, e os tetos dos casebres: e D. Rui e D. Tareja, sentados ao braseiro, infindavelmente conversavam sobre o «seu menino». Ele tinha já o seu destino tão claro e marcado, como se um letrado o tivesse escrito num códice. O seu nome seria Gil Mendo: os melhores ledores do mosteiro vizinho e

amigo lhe ensinariam as letras, a escrita, e a arte de contar: escudeiros hábeis viriam adestrá-lo na arte de cavalgar, no manejo das armas, e tudo o que pertence à caça: depois ele, D. Rui, o levaria aos bispados de Lamego, do Porto, de Coimbra, para conhecer as cidades, e tratar com os ricos-homens. Depois casaria com uma dama virtuosa, de rica linhagem, e governaria, em tranquilidade, o seu senhorio — porque nenhum deles desejava que o seu filho afrontasse os perigos das guerras, ou se partisse para terras estranhas.

E quando assim conversavam, a ambos vinha uma inquietação que não diziam — porque certas palavras, quando soltas, são apanhadas pelos espíritos maus, que as condensam e delas fazem

coisas reais e vivas. Se Gil nascesse torto ou mudo?... Então D. Tareja ia escondidamente à capela fazer promessas à Senhora da Boa Saúde — e D. Rui reclamava do capelão que mais uma vez percorresse o Tombo do seu solar, para ver se jamais, varão da sua raça, nascera com algum defeito. Mas a certeza que todos os seus avoengos, desde os godos, eram robustos, e de belo porte, não calmava a sua inquietação: — e tendo uma manhã avistado uma gralha que pousara no rebordo do seu aposento, o que poderia tornar o menino gago — de tanta angústia se tomou, que os maus humores se lhe extravasaram, e amarelo como uma cidra, jazeu uma semana no seu vasto leito, entregue às drogas do Mestre Álvaro Porcalho, o bom físico que viera à

pressa de Viseu, montado na sua mula. Por conselho dele, D. Tareja nunca mais tocou água fria, e só bebeu caldos de cobra. Mas uma ansiedade maior entrou na alma do bom senhor — porque Mestre Porcalho, depois de bem examinar o interior das pálpebras de D. Tareja, e certas sardas que tinha na testa, abanava a cabeça, gravemente, e não podia afirmar que a criança fosse um varão! Decerto o bom senhor amaria uma menina que viesse, com as suas frágeis graças, e a sua doçura, alegrar a severidade fria da sua vivenda. Mas com quanto mais amor, e orgulho, e tranquilidade juntamente, ele receberia um varão, para continuar a sua casa, reger os seus bens! Mandou então chamar um astrólogo famoso, Mestre Leonardo, que vivia numa velha ruína do

tempo do Conde Ordonho, junto aos muros de Lamego.

Bem provido, com um cântaro de vinho e um empadão, o douto homem passou a noite, uma clara noite de março, com astros bem claros e fáceis de ler, na torre de menagem, de onde espantara as pombas, a preparar o seu horóscopo: — e D. Rui teve a dita de ouvir que seu filho seria varão, venceria os infiéis, entraria nos conselhos de el-rei, e desposaria a filha de um rico-homem poderoso, que tinha três castelos, e vassalagem de três vilas. Senhorialmente pago, Mestre Leonardo recavalgou a sua mula, e deixava o solar, quando, junto da ponte levadiça, indo o Sol já alto, encontrou Mestre Porcalho que, com a sua caixa de simples a tiracolo, a seringa de estanho

dentro de um saco, recolhia de visitar o armeiro de Gonfalim. Imediatamente os dois sábios, do alto das suas muares, trocaram duros sarcasmos, depois injúrias: — e ambos saltando abaixo das cavalgaduras, com as suas longas garnachas, se arremessaram corpo a corpo, tão ferinamente, que ambos rolaram no fundo dos fossos.

2

Mas Mestre Leonardo acertara — e foi um varão! E mesmo a comadre e as aias afirmavam que, pela força com que chorara, e sacudira os pezinhos roxos, ao

penetrar na vida, o Senhor D. Gil seria homem de grande valentia e ação. O que a todos, porém, espantava, debruçados sobre o seu berço, era a sua perfeita beleza e inteligência. Gordo, todo redondo, branco como os linhos finos do seu lençol, com uma boquinha que parecia uma folhinha de rosa, e dois grandes olhos negros resplandecendo sob a testa muito clara — ele parecia ter já uma alma e compreender. Duas aias constantemente o velavam, sentadas em esteiras, baloiçando um leque de penas, para preservar das moscas a frescura do seu sono, ou cantando, para o embalar, *Dormi, dormi, senhor meu:* — e um mês passara, já os arcos de buxo erguidos nas alegres festas do Nascimento estavam murchos, já D. Tareja, purificada e de novo corada e

ágil, fazia tilintar as suas chaves pelo corredor do solar — e ainda Gil não chorara. Uma gota de leite do peito cheio da ama, bastava para o adormecer docemente: — e acordado, os seus olhos negros, largos, rutilantes, constantemente procuravam, seguiam, ou as réstias de sol, ou o brilho de um jarro de estanho, ou as cores mais vivas de um véu. Vindo a cada instante em pontas de pés entreabrir as cortinas do berço, o bom senhor não esquecia nenhuma das práticas que concorrem a tornar a criança perfeita. Para que ele tivesse uma voz forte e bela, esfregava-lhe a boquinha com uma velha moeda de ouro. Ele mesmo desfizera sal virgem em água tirada da fonte ao nascer do Sol, que faz com que o cabelo das crianças nasça encaracolado e basto. Para

que ele tivesse força, trouxe uma antiga espada do seu avô D. Fruías, e pousou-a entre as mãozinhas de Gil: — e para que, à força do corpo, se juntasse a força da alma, três domingos a seguir o capelão veio ler sobre o berço o Evangelho dos três Reis.

Pelo batizado foram celebradas grandes festas. O padrinho foi D. Mendo, um parente de Mortágua — a madrinha Nossa Senhora da Saúde e no caminho para a igreja, juncado de rosas e erva-doce, ao lado de D. Mendo, magnífico, com as suas barbas de neve sobre o saio de escarlate, caminhava, no seu andor, aos ombros de quatro cavaleiros peões de Gonfalim, a Senhora Madrinha, coroada de ouro, com um manto novo, onde as estrelas de ouro, sobre o azul do veludo,

faziam como um céu de verão. Para maior honra (e para que o menino não fosse surdo), foi D. Mendo, o padrinho, que puxou a corda do sino, deu os primeiros repiques festivos.

Toda a pedra da igreja desaparecia sob as colgaduras de veludo branco. E quando a ponta de uma faixa de seda que se prendia, pela outra ponta, às mãos da senhora, veio tocar a penugem fina e loura da cabeça de Gil, nuzinho e quieto, nos braços do padre, sobre a pia — todos observaram, com espanto, que o menino sorria às luzes das tochas, e as pontas dos palmitos se agitaram, e alguma coisa de branco, como o sulco de uma asa, passou na penumbra do Batistério.

Depois um enorme festim, tumultuoso e voraz, reuniu a rude aldeia.

No terreiro três vitelas inteiras assavam, em fogueiras claras. O vinho, correndo sem cessar das pipas enfeitadas de louro, fazia poças roxas, onde as crianças se rolavam. A cada instante os alaúdes e violas dos menestréis chamavam os moços e as raparigas, afogueados, com a boca cheia, e toucados de rosas, a longas danças estonteadas sobre a relva pisada. Um empadão imenso trazido numa padiola, e precedido por dois anões que cabriolavam, apareceu ao fim da tarde, entre aclamações: tirando a espada, um cavaleiro-peão fendeu-lhe a tampa, maior que um teto de cabana: — e de dentro fugiu um bando de pombas, que batiam no ar, com esforço, as asas pesadas de gordura, perseguidas pelos moços, que as apedrejavam com pedaços de terra, com

grossos pães de sêmea e com os pratos de estanho.

Mas de repente, junto da ponte levadiça, surgiu uma bandeira: — e ao lado de D. Mendo, e seguido do capelão, do intendente, e das aias, com altas toucas de renda, apareceu o bom Senhor D. Rui, pálido de alegria, de orgulho, que trazia nos braços, todo coberto de rendas, para o mostrar ao povo, o seu filho, o seu herdeiro. Raparigas correram com cestos cheios de folhas de rosa que lhe atiravam: — e, da mesa de honra onde estava o meirinho de el-rei, dois velhos vieram, um com um prato cheio de sal, que simboliza a Agudeza de Espírito, outro trazendo um ovo que significa a Duração da Vida, para oferecerem ao menino, como votos tangíveis. E foi um espanto,

um longo murmúrio maravilhado, quando Gil, debatendo-se entre as rendas, estendeu um bracinho para o sal, e outro para o ovo. Os velhos, muito graves, reconheceram que o menino era um eleito de Deus — e ninguém duvidou que ele chegaria à extrema velhice, através da extrema sapiência.

Ele, com efeito, cada hora crescia em força e beleza. A sua cabecinha redonda bem depressa se cobriu de anéis finos como seda, e cor de ouro: — e todos os dentes lhe vieram, sãos e fáceis, sem lhe custar uma lágrima. Quando não dormia, do seu dormir tão sereno que parecia uma rosa sobre uma almofada, passava horas nos braços das aias ou da mãe deslumbrada, quieto, imóvel, já direito, com os olhos resplandecendo, e

parecendo pensar em coisas profundas. Um tão raro encanto se exalava daquele corpinho, todo em rugas gordas, brancas e duras como mármore, que as aias se não podiam apartar do seu berço, esquecendo as horas de comer: — e os que um dia passavam no solar, e o viam um momento, ainda depois nas suas moradas, e entre outros cuidados, ficavam pensando, com ternura, naqueles cabelos de ouro puro, e nas duas estrelas dos seus olhos.

No aposento, onde estava o seu berço, não era necessário no inverno aquecer o braseiro, nem, nas canículas, entreabrir as janelas à aragem — porque havia ali sempre um ar igual, doce, tépido, fresco, e que cheirava bem: — mesmo este aroma ia crescendo, e tanto, sobretudo em volta do seu berço, que

Mestre Porcalho, que reprovava as essências derramadas junto dos berços, batia o pé impaciente cada manhã que lá entrava, e dizia, franzindo a venta: «Mas aqui cheira a jasmim! Mas aqui cheira a rosa!» Mais de uma vez também sucedera que, apagando-se a lâmpada, o quarto continuara alumiado, de uma luz translúcida, vaga, láctea, que era mais ténue junto dos altos muros, mais viva, e como irradiada, em torno do berço: a ama, sentada, erguia o cortinado e encontrava o menino a sorrir no seu sono: — e se então visitava os seus cueirozinhos, mais se assombrava não os reconhecendo como os do rico enxoval, mas diferentes, de um linho mais fino que todos os linhos, alvos como outra alvura não havia, e tão doces e macios à mão,

que o seu contacto tinha a doçura de um beijo. O bom Senhor D. Rui ouvia estas maravilhas — e grossas lágrimas de gosto rolavam na sua barba ruiva.

As pombas, que tinham o seu pombal na velha torre da atalaia, começaram então a vir todas as manhãs, em bando, pousar sobre o rebordo da janela do menino: — e mesmo, se encontravam as portas abertas, algumas mais ousadas, por serem mais brancas, voavam em torno do seu berço, de um voo subtil e sem rumor. Gil seguia-as com os seus grandes olhos ou atirava as mãos para as apanhar: — e se tocava em alguma que pousasse nas grades do berço, essa tomava logo o voo, triunfantemente, mergulhava muito alto no azul, e não recolhia ao pombal.

Mas não eram só as pombas que amavam o menino. Borboletas raras, de cores radiantes, vinham bater contra os vidros, aos bandos, como folhas vivas e soltas de flores que não há na Terra. Uma amendoeira que havia em baixo, no pátio, rompeu a crescer, a subir, como se, com as pontas das suas ramagens, tentasse espreitar para dentro do aposento: — e depois cobriu-se de flores em janeiro; e um rouxinol veio, durante todo o inverno, cantar sobre ela maravilhosamente. Mas a surpresa maior foi que no canto do pátio lajeado, onde se despejara a água em que D. Gil tomara banho, começaram a crescer por entre as lajes umas florinhas azuis, brancas e cor de ouro, que nenhum jardineiro jamais vira, e que perfumavam todo o ar.

No dia em que o menino fez um ano, estando no colo da mãe, com o seu saiotezinho de brocado branco todo bordado de pérolas, escorregou-lhe subitamente dos braços para o soalho, e deu o seu primeiro passo na Vida. Todos os braços em redor se estenderam, ansiosos, para o amparar: — mas ele ia firmando os pezinhos, redondos e lentos, sem tropeçar, atento e direito a uma réstia de sol que entrava pela janela — com a mãozinha aberta e erguida, como amparada por outra mão que se não via, e que docemente o levava. E assim mergulhou na réstia de sol, onde ficou quieto, com um riso que resplandecia, todo aureolado de ouro. Frei Múnio murmurou: «Neste menino há maravilha!»

3

O seu crescer foi então igual e são, como o de uma flor, que, em terra bem regada e sob a fiel carícia do sol, desabrocha com esplendor. Nenhum dos males que Mestre Porcalho receava, carregando o sobrolho agoirento, veio interromper a sua florescência — e todos os dentes lhe nasceram, sem uma dor ou uma lágrima. A sua fala era tão doce, e graciosa, que a todos fazia sorrir de ternura, como o cantar de um pássaro, nas ramarias. A brancura ebúrnea da sua pele nem parecia pertencer a um corpo mortal: e, em todo ele, a inteligência resplandecia

mais visivelmente do que uma luz por trás de um vidro. Uma curiosidade inquieta, insaciável, constantemente o levava, correndo, e espalhando o brilho dos seus olhos negros, através da velha morada senhorial. Não havia já na torre de Ermigues, nos pátios, nos escuros sótãos, recanto que ele não tivesse rebuscado, no impulso irresistível de tudo saber. As aias constantemente o encontravam, procurando, com os seus pequeninos braços, frágeis como hastes de flor, erguer as pesadas tampas das arcas: e se encontrava uma aberta, eram gritos impacientes até que lhe deixassem desdobrar as peças de linho, desenrolar os rolos de fitas, destapar os cofres, remexer as rendas, amontoar em torno de si, sobre o soalho, um vasto bragal

devastado.

Já mais crescido, brincando pela quinta, mergulhava em todas as espessuras de folhagens, de rastos, como um bicho, emaranhando o cabelo nas silvas, para conhecer o que se ocultava nas sombras húmidas: escavava em torno das plantas para conhecer a forma das raízes: e espreitando o voar dos pássaros, trepava às árvores, para saber o segredo dos ninhos. Nada o assustava. Quando o pai, para o adestrar na grande arte de cavalgar, o montou uma manhã num potro, ele, empurrando o cavalariço que segurava o freio, largou a galopar, em torno do silvado da quinta, bem colado à sela, com os cabelos ao vento, gritando de pura glória. Se sentia ao fim da tarde os chocalhos, e a fila da boiada recolhendo,

nada o detinha, e corria a bater as palmas, provocando os novilhos, ou os bois de mais largas pontas: — e constantemente o aio, aterrado, tinha de o agarrar, para que ele não descesse dentro do balde à cisterna, ou não percorresse o topo da velha muralha, saltando de ameia em ameia. Depois, à noite, à ceia, ouvindo, absorto, com a face entre os punhos, o olhar deslumbrado, as histórias de batalhas, que lia Frei Múnio no seu grande in-fólio — soltava brados de alegria, quando vinha um desses golpes de espada que partem o elmo, racham o cavaleiro e matam ainda o cavalo; ou quando, nos assaltos das vilas, a força de um só braço quebrava uma porta de bronze. De noite, no seu catre, gritava, sonhando com recontros de lanças. E a mãe que corria,

pondo a mão diante da lâmpada, quase se aterrava, vendo na linda testa do seu anjo adormecido uma ruga de cólera heroica.

Mas D. Rui sorria, deslumbrado, certo que seu filho seria um dia um grande conquistador. Era todavia admiravelmente sensível e bom: — e Frei Múnio antes via nele os prenúncios de uma caridade que ilustraria a Igreja. Amava todos os animais, sobretudo os pequeninos: e o seu cuidado era que as pombas não sofressem sede, e não faltasse a ração farta aos galgos, no seu canil. Protegia os sapos por os saber desprezados; e se encontrava um, na erva húmida, rente da nora, com as suas mãos, e sem nojo, o levava para longe, para que a vaca atrelada à roda dos alcatruzes o não pisasse, no seu giro dormente. Aos domingos, descendo, com

os pais, a avenida de castanheiros para a igreja, a cada passo se detinha, a procurar na escarcela uma moedinha para os pobres: — e na igreja, de joelhos sobre a almofada, no altar-mor, com as mãos postas, e o seu gorro de plumas pousado no chão, tanto se penetrava da pobreza e dor por que Jesus passara, vendo o seu corpo nu e pequenino nas palhas do curral, a sua túnica rasgada pelos açoites, as suas mãos, tão doces aos tristes, varadas pelos pregos, que os olhos se enchiam de lágrimas. À porta da igreja todo o povo de Gonfalim se juntava para o ver passar, com os seus cabelos louros, em anéis sobre os ombros, coberto com os veludos de um príncipe, fino e direito como uma espada toledana — tão simples e familiar que reconhecia os criados,

gritava rindo os seus nomes — ou atirava às crianças, no colo das mães, beijos que cantavam no ar.

Aos oito anos, tendo Frei Múnio preparado um quarto da torre de Ermigues, por ser mais silenciosa, livros, folhas de velino, e grossas penas, Gil começou a aprender as letras, a escrita, a História Santa, e os cálculos dos Árabes. Por mais lenta e longa que fosse a lição, ele permanecia atento e grave. A sua alegria foi ruidosa quando soube escrever o seu nome e os seus apelidos, com letras ornadas e floridas. Mas quanto mais viva e funda a dos pais, quando o ouviram ler, sem gaguejar, no grande livro de Frei Múnio, as batalhas de Alexandre, e de Roldão, par de França!

Tão orgulhoso andava o bom

senhor do saber do seu filho, que o quis mostrar aos santos padres beneditinhos, seus vizinhos e aliados. Montado na sua mula branca, com Gil ao lado sobre o seu alazão, passaram a velha ponte romana, uma tarde, subiram a calçada nova, que por entre álamos levava à grossa porta chapeada de ferro, como a de uma cidadela. E logo no pátio, bem plantado de ciprestes, encontraram, entre dois fortes carros de bois, o D. Abade, dirigindo o carregamento de seis pipas de vinho branco, dos vinhedos do convento, que ia mandar de presente ao Papa.

Com grande contentamento, acariciando os lindos cabelos de D. Gil, o prelado muito sapiente conduziu os seus vizinhos para os lados do claustro, mandando a um leigo que trouxesse um

açafate de fruta, e um pichel daquele vinho branco que era a glória da sua herdade. Mas, no claustro, como era sábado, toda a sábia comunidade, numa longa fila, só com a túnica, e sem capa, estava sendo barbeada: — e o D. Abade caminhou para a entrada da cerca, onde se sentou, entre os seus hóspedes, num banco de pedra, junto de uma fonte, que de entre rochas cantava num tanque de mármore.

Aí o bom senhor contou ao prelado o grande amor do seu Gil aos estudos, e como já traçava a letra grande e miúda, e quanto lhe eram familiares todas as sagradas histórias: — e andava ele pensando se seu filho, bem ensinado por outro mais lido em livros que Frei Múnio, não se tornaria um bom escolar em leis, ou fino sabedor das Artes de Curar. Então

o bom prelado, tomando a mão de Gil, e indicando a pedra polida e branca que encimava a fonte, convidou risonhamente Gil a ler a inscrição que lá gravara, havia anos, um douto monge daquele mosteiro. Sem esforço, o moço gentil decifrou as rudes letras entalhadas, que diziam: — «Clara e prene, como sai esta água desta rocha, brota a bondade dos nossos corações...» E o bom abade admirou este precoce saber. Mas quanto mais o seu grande conhecimento das Histórias Sagradas! Direito, com um brilho nos lindos olhos, e como se conversasse de coisas familiares e íntimas, o moço gentil, interrogado pelo D. Abade, contava a grande cólera de Jeová, Caim fugindo através dos montes, a chuva durante quarenta dias, José governando o Egito, o

Povo errando no deserto, Jericó caindo ao estridor das trompas...

Todos os pássaros se tinham calado, em redor, na ramaria da cerca. A água caía da rocha, com um murmúrio abafado. Uma doçura maior amaciara o ar: — e os raios do Sol que descia ficaram parados, dourando com tons de ara o banco de pedra, onde Gil dizia as divinas histórias. Então o bom abade, pousando a sua gorda mão sobre a cabeça de Gil, afirmou que havia ali um agudo entendimento, e que bem devia D. Rui, pois tinha cabedal, mandar aquele moço estudar a França, terra de grande sapiência... O pai murmurou: «Tão longe!»

Não. Não havia longes terras para ir buscar o Saber. Mais longe se ia a

Jerusalém, para alcançar a Graça!, e a sapiência, tanto como a Graça, conservava a alma limpa do mal... — desejou então que D. Rui provasse o seu vinho branco. E tendo dado a ambos a bênção de Deus, e ordenado a um hortelão, que ali regava as plantas, que metesse num açafate cerejas e rosas para a Senhora D. Tareja, tomou o braço do noviço, porque tocara a vésperas e ele devia dispor uma remessa de relíquias destinadas a uma herdade do convento, visitada recentemente pelos repetidos flagelos do fogo, lobos e sezões. Os dois senhores beijaram a sua mão reverenda — e recolheram contentes ao solar, pelo caminho da ermida.

Gil começou então a estudar com tanto fervor — pensando sempre nos

louvores de D. Abade — que bem depressa soube tudo quanto sabia o doce Frei Múnio. Mesmo muitas vezes perturbava este discreto mestre, com a sua curiosidade temerária, que tudo queria compreender, até a Ordem da Natureza. Era sobretudo à tarde, quando para repousar das práticas estudiosas, ambos subiam ao eirado da torre de Ermigues, e lentamente passeavam em volta das ameias, todas verdes de hera. O céu arqueava por cima a sua abóboda de azul-claro, imutável e sempiterna. O Sol, como uma roda de metal candente, roçava a espinha dos montes, dardejando longos raios. E a terra, escura e maciça, estendia a sua ondulação de vales e serras, até onde o olhar se perdia.

Então D. Gil queria saber qual

era, na verdade, a forma da Terra: para onde ia o Sol, quando se sumia tão serenamente por trás dos montes: e quem sustentava assim, tão firme, a abóbada do céu. Para satisfazer o seu discípulo, Frei Múnio folheava os in-fólios, que pedia emprestados à livraria do convento, sobre os *Ensinamentos da Prudência*, obra mirífica que, nas suas laudas fortes, encerrava a suma do saber beneditino. E pondo o dedo na lauda, explicava a Gil que a Terra é quadrada, tendo por centro, na face voltada para o Céu, a santa cidade de Jerusalém: que o Sol, de noite, vai alumiar o mar, e por vezes, em dias de festa, alumiar o Purgatório: e que, quem ampara esta abóbada, cheia de luz, de estrelas e nuvens, de ventos, são os quatro evangelistas, aos quatro cantos do mundo,

com as suas mãos que tudo podem, por terem tocado as mãos do Senhor.

Mas nem sempre D. Gil parecia persuadido. E puxando para si o in-fólio, relia a boa doutrina, mais detidamente, como quem, para um recanto mal alumiado, chega uma luz mais forte. Tanto amor ganhou então a estes livros, e ao saber que deles tirava, que não houve mais para ele outro interesse ou cuidado. Logo desde a alvorada se encerrava na torre de estudo diante da vasta mesa que os fólios majestosos cobriam: — e muitas vezes às horas de comer, tendo já o varlete da mesa tocado três vezes a buzina, tinha D. Rui de subir a escadaria da torre, e sacudir-lhe o braço, para o arrancar ao estudo, onde a alma se lhe afundava, como num mar de deleite.

Passeando na quinta, a cada passo tirava da escarcela um pedaço de velino, e, encostado a um tronco de árvore, com o olhar ora esparso pelo chão, ora alçado lentamente ao céu, traçava linhas vagarosas. Tão alheado vivia no seu pensar, que D. Tareja tinha de lhe pentear os cabelos que ele deixava emaranhados, e de lhe laçar os atilhos dos seus borzeguins de couro mole. De noite, com o candil pendurado junto do leito, e um fólio no travesseiro, lia ainda, lia tanto, que já as andorinhas cantavam no beiral da sua janela quando ele, com um suspiro, e a custo, cerrava os fechos do fólio.

Começou a emagrecer, a sua pele tomou a palidez de uma cera de altar — e Mestre Porcalho declarou, sinistramente, que já nos olhos do senhor D. Gil se

sentiam os prenúncios do tresler.

Então, para o afastar dos livros, D. Rui organizou para ele uma matilha de caça. O canil foi alargado, coberto de colmo novo: e o latir dos mastins, dos perdigueiros, dos lebréus barbarescos, atroava o solar. Ao lado havia um alpendre para os falcões: — e um homem hábil, que viera de Viseu, estava instalado na abegoaria, fazendo redes, armadilhas, laçarotes, e capuzes de couro para os açores.

D. Tareja, abraçada no filho, conseguiu dele a promessa que todas as manhãs sairia a montear, para que, nos fortes ares da serra, lhe voltassem as cores da saúde. Mas ele quis primeiro aprender a Arte de Caçar — e foi ainda um motivo de se enterrar entre velhos

cadernos, de letra miúda, em que se ensina a adestrar os lebréus, a afoitar os falcões, a conhecer as pegadas do lobo, o cheiro dos veados, e ainda os ventos mais propícios à caça, as orações que se devem a Santo Humberto e o modo de impedir que os espíritos malignos transviem na serra a caçada. Depois desejou ainda aprender nos livros os hábitos dos animais — a que horas bebe o veado, onde faz ninho a perdiz, que manha tem o javardo, e o rumo do voar das águias.

Em tantas leituras, mais se definhou — e perante as lágrimas da mãe, decidiu enfim começar as grandes manhãs de caça.

Com que alegria D. Rui e D. Tareja, do alto das escadas do solar, o

viram, montar no seu alazão, airoso na sua cota de couro branco, com o talcão emplumado sobre o guante — e em volta os lebréus, puxando as trelas e latindo. O monteiro soou a trompa — e, bom caçador, voltando-se ainda na sela para atirar um beijo à mãe, passou a ponte levadiça, num grande brilho de sol, que então saía de entre as nuvens.

Voltou por noite cerrada, com uma cor forte nas faces, um cheiro de mato nas roupas, tendo morto um veado, lebres, todo um bando de codornizes — mas descontente das suas proezas. Não iam ao seu coração doce as violências da caça; e os lebréus partindo a espinha dos coelhos, entre as urzes; o falcão, espedaçando nos ares uma pobre ave, e voltando a pousar-se no guante, todo enrufado; as setas

espetadas no pescoço dos veados, que ficavam bramando, com grandes olhos agoniados; todas estas ferocidades, findo o impulso que as inspirara, entre os gritos dos monteiros, e o ressoar das buzinas, lhe davam como a tristeza de um arrependimento. E, de noite, no seu catre, só, chorou pelos animais mortos.

Voltou ainda uma manhã à serra com falcões e lebréus. Mas nenhuma seta saiu da sua aljava de couro suspensa do arção da sela; todo o caminho os monteiros, retesando as trelas, contiveram os cães, que latiam desesperadamente: e debalde os falcões, retidos pelos laços de couro, batiam as asas impacientes sobre o braço dos falcoeiros. Nem animal nos cerrados, nem ave no ar foi molestada. Gil galopava contente, respirando os ares

ásperos e fortes da serra. Pela tarde, cansado, dormiu à sombra de um roble. E quando recolheu, na doçura da tarde, de todos os lados do caminho, dos cerrados e das tocas saíam animais, que o espreitavam, e seguiam mesmo algum tempo, confiados e alegres: dois pavões, de repente, quando ele passava, desdobraram as suas caudas como para o festejar; uma cobra enorme, que atrancava o caminho, desenroscou-se para ele passar; muito tempo, um bando de rolas brancas, voou a seu lado serenamente. E quando ele entrou no pátio do solar, todos os galos cantaram.

Desde esse dia não voltou a sair com falcões e lebréus. Mas ganhara o amor das longas galopadas nas serras — e, todas as manhãs, no seu ginete

aragonês, levando apenas uma espada, transpunha a ponte levadiça, penetrava nas terras. Sob o Sol, sob a chuva, todo o dia caminhava, ora galopando nas planícies, ora a passo, gozando a frescura das ramagens, bebendo no fio dos regatos, comendo amoras silvestres; ou por vezes, no alto de um cerro, desmontado, com o seu ginete à rédea, contemplava pensativamente os vales, os caminhos coleando nas encostas remotas, os horizontes remotos, pensando no mundo tão vário, que ficava para além. À noite recolhia, enlameado, com silvas no fato, um grande cheiro dê mato e de serra, o olhar todo brilhante — e era ele quem entretinha o serão, conversando, e com tanta verdade e saber, e tão belas histórias, e uma tão perfeita graça no

dizer, que o pai, a mãe, embevecidos, ora lhes parecia ouvir a sapiência de um missal, ora a doçura de um canto.

4

Mas em pouco o senhor D. Gil começou a andar pensativo. Já não gastava então o dia todo nos campos: — mas só a certa hora, a mais quente, quando todos repousam, ele mesmo arreava o seu ginete, e partia, sem ruído, como se receasse ser apercebido, mesmo dos cavalariços. Depois, quando voltava, um brilho de singular felicidade aureolava o seu rosto, tão lindo: — mas, todo o serão

permanecia calado, como num doce e ditoso cansaço, que por vezes cerrava as suas longas pestanas negras, enquanto D. Rui, grave na sua cadeira de espaldar, afagava a barba grisalha, e D. Tareja, já mais pesada, retardava os fios lentos da sua tapeçaria.

Às vezes mesmo, como se a sala, alumiada por duas tochas, o abafasse, abria as portadas da janela, e, sentado no peitoril de pedra, olhava as estrelas, pensativamente, ou a Lua.

Certas noites, mesmo, saía para o pátio, onde a lentidão pensativa dos seus passos traía algum cuidado muito fundo da sua alma: — e a mãe, que deixando escorregar a tapeçaria, o ia espreitar, entre os vidros, sentia-o por vezes suspirar e com suspiros que não eram

tristes. Os seus livros jaziam na torre fechados e cobertos de pó. E a sua ocupação era antes percorrer o jardim, onde por vezes apanhava um botão de rosa que guardava no seio do gibão.

Quis então aprender a viola e o canto, como se as coisas vagas e sem nome, que lhe tumultuavam na alma, só pudessem ser traduzidas pela doçura do tanger, e do trovar. E agora, muitas noites, quando todo o solar dormia, e dormia o rio e o vale, e na terra se não via luz, além da lâmpada que ardia no cruzeiro da velha ponte romana, Gil, à janela do seu quarto, soltava, no silêncio e na escuridão suave, uma doce vibração de cordas, e um murmúrio de endecha, em que vagamente cantava de uma selva, de uma fonte clara, e da alma que lá lhe ficara.

Era com efeito para uma selva frondosa, a uma nascente de água viva, que todos os dias, à hora da sesta, ele voltava o galope do seu alazão aragonês. Ficava esse doce sítio no fundo de um vale, de onde nada se via, de entre o arvoredo que o cercava, senão o grande azul do céu benéfico. Uma água fria saía de entre rochas, e, caindo de pedra em pedra, formava um riacho claro, que ia cantando e fugindo, sob a ramagem de grande arvoredo. Mas, num sítio onde as árvores clareavam, a água mais lisa e larga fazia um remanso, como um lago pequenino — e, daí, subia desde a margem húmida e florida de margaridas, até ao cimo de um doce outeiro, uma relva igual e tenra, onde os gados podiam pastar.

Ali desmontava D. Gil, prendia o seu cavalo a um tronco de árvore: — e se tudo estava deserto, tocava na sua buzina. Bem depressa um rafeiro ladrava: — e pelo alto do outeiro, redondo e verde, aparecia uma pastora, com a roca à cinta, e com ela, um rebanhozinho de ovelhas. Ambos sorriam, corando, a pastora, e o senhor D. Gil. E enquanto o gado bebia na água clara, ambos se sentavam na relva, à sombra da mesma faia que os tinha abrigado, na tarde em que D. Gil, vindo ali descansar de uma longa correria nas serras, lá encontrara a pastora, no momento em que uma nuvem grossa passava, e dela caía um grosso chuveiro.

Desde então, todas as sestas ali se encontravam, na mesma relva se sentavam, e mesmo sem que falassem, só

por se sentirem junto um do outro, naquela solidão, sob as sombras que na véspera os tinham coberto, os seus olhos, brilhando e rindo, se humedeciam de felicidade.

Um pobre surrão de estamenha, cingido à cinta por uma corda, era todo o vestuário da pastora; através dos rasgões que nele tinham feito os silvados, a pele do seu peito, do seu joelho, brilhava, com a brancura macia de um mármore fino; e sob os cabelos despenteados, na face linda que o sol e o ar da serra crestara, o largo azul dos seus olhos grandes, que pareciam sempre maravilhados, tinham o brilho divino do azul do céu, e a graça tímida do azul dos miosótis. Gil só sabia que ela se chamava Solena, e que servia de pastora, desde pequena, a um velho que tinha sua granja para além das

colinas. Sentados na relva fresca, tinham grandes silêncios: ele tomava a mão da sua amiga, e fazia girar, sorrindo, um pobre anel de chumbo, que lhe enfeitava o dedo; ela erguia da relva o gorro de Gil, e acariciava as plumas brancas que o ornavam. Brincando, ela lavava, no riacho claro, os seus pobres pés que a serra endurecera; e ele apanhava flores silvestres, que lhe metia, rindo, no cabelo. O cuidado de ambos era saber se tinham pensado um no outro; e baixo, com os dedos enlaçados, contavam os sonhos que lhes tinham encantado a noite.

Nunca Gil falava do rico e nobre solar que habitava, mas ela decerto o considerava como filho de um rei, igual ao de uma história de fadas que sabia, porque às vezes lhe dizia: «Um dia vais, e

não voltas mais.» Ele jurava, muito grave, que passariam a vida juntos, sentados naquela relva, vendo correr a água clara.

As ovelhas brancas pastavam pela encosta. O rafeiro dormia ao lado de Solena. E ela então, prendendo um joelho entre as mãos, os seus claros olhos erguidos para as ramagens quietas, começava a cantar. E era tão doce o cantar, e tão linda a cantiga, que Gil se punha a pensar em cantos que ouvira às aias, quando era pequeno, e em que fadas adoráveis tomam a forma de pastoras, e cantando como Solena cantava, atraem para o alto das serras os cavaleiros que passam. Como ele iria contente, mesmo para a morte, levado por ela! De tão perto, então, mergulhava os seus olhos nos dela, respirava o seu respirar, que o seio

pequenino de Solena arfava, sob a dura estamenha. Um enleio, que era cheio de doçura e tristeza, invadia os seus dois corações. Ambos sentiam como vontade de chorar. E por vezes, ambos bruscamente se afastavam, como envergonhados — ele indo bater no pescoço do seu ginete, que escarvava a relva impaciente, ela dando alguns passos, ao longo do riacho, com a sua roca, e fiando, com os dedos tão trémulos, que o fuso lhe caía na relva. Mas bem depressa ele gritava: «Solena!», corria atrás dela, passava o braço em torno da sua cinta, que ele sentia quente e como nua, através do surrão: e assim, iam calados, ao comprido da água murmurosa, para se sentarem mais longe, noutra relva, à sombra de outro arvoredo.

Mas pouco a pouco a tarde caía. Ela de novo apanhava a sua roca, chamava o rafeiro. Gil murmurava: «Ainda não!» E quando por fim, tendo infinitamente repetido «Adeus, Deus te leve», Solena subia o outeiro, com as suas ovelhas atrás, ele ficava ainda revendo os lugares onde tinham pisado a relva, a água em que ela mergulhara os pés, todo aquele arvoredo, por onde se evolara o seu canto. Depois, montando com um grande suspiro, recolhia sob a doçura da tarde, sentindo também na sua alma a tristeza de um escurecer.

Um dia, chegando junto do ribeiro, e tendo tocado a sua buzina, não ouviu ladrar o rafeiro — nem Solena apareceu, com as suas ovelhas atrás. Impaciente, correu ao cimo do outeiro — e, até onde

os seus olhos inquietos podiam abranger, não avistou o rebanho, nem pastora. Ainda esperou, errando, tristemente, junto à água, e sob as árvores. E só quando escureceu, tornou a cavalgar, recolhendo a passo, as rédeas caídas, tão triste, que um bando de ceifeiras, que passavam cantando, cessaram o seu canto, e o ficaram a olhar, compadecidas. À ceia, os seus lábios nada tocaram — e apenas Frei Múnio dera as graças, ele, beijando a mãe com uma ternura mais viva, correu para o seu aposento, caiu sobre um escabelo, diante de um retábulo da Virgem, e ali ficou toda a noite, perdido numa saudade, que não tinha nome nem fim.

Com que ansiedade, logo de madrugada, correu de novo à fresca fonte, onde «a alma lhe ficara!» Mas o Sol ia

alto, três vezes ele tocara a sua buzina — e nem o rafeiro latiu, nem apareceu a pastora! Então, desesperado, largou a galopar por vales e outeiros, sondando todas as espessuras de bosques, parando a olhar o fundo dos barrancos, subindo aos cimos, gritando, pelas quebradas, o nome de Solena. Mas, em torno dele, só havia solidão e mudez.

Pela tarde, avistou uma velha, que subia uma encosta, apoiada ao seu bordão, carregando um molho de lenha.

Correu, interrogou a velha — mas ela, tonta e vaga, não compreendia, e Gil outra vez abalou, sem esperança, não vendo os caminhos por onde corria, com as lágrimas que lhe bailavam nos olhos. Já o Sol descia, quando junto de uma cruz que se erguia entre três carreiros,

encontrou dois homens, que descansavam, um segurando pela mão um burro carregado de vasilhas, outro com duas lebres mortas às costas, penduradas numa lança: ao ver Gil que colhera as rédeas, o caçador tirou a gorra de pele de raposa e dobrou o joelho como um servo: — mas quando Gil lhe perguntou pela pastora e pelo rebanho, nem ele, nem o homem do burro, o souberam informar. Gil, com um grande suspiro, meteu pelo caminho de Gonfalim.

Toda a noite velou numa ansiedade mortal. Ora a supunha inconstante, esquecida dele, tendo levado para outro sítio, para a beira de algum pastor como ela, o seu rebanho, o seu lindo cantar; ora a imaginava na granja do amo, doente, ou morta talvez, devorada

pelos lobos, levada pelas águas de uma torrente.

E o seu desespero era não saber qual o amo, a granja, que ela servia, onde ele pudesse correr, e saber a verdade. A tocha de cera, que ardia a um canto, estava derretida. Já a manhã clareava. Abriu a porta, desceu ao pátio, à quinta, a espalhar a sua dor na frescura das ramagens. Um homem, que apagava uma lanterna no muro da cavalariça, correu para ele, tirando o seu gorro de pele de raposa, Gil reconheceu um Pero Malho, falcoeiro, que desde o Natal tomara serviço no solar.

— Meu senhor! — disse o homem —, a pastora por que ontem perguntáveis, no Cruzeiro, quando eu lá estava, com duas lebres às costas, guardava umas dez

ovelhas e tinha um podengo amarelo?...

Gil agarrou o braço do homem:

— Diz!

Então Pero contou que o podengo fora encontrado morto; um almocreve achara adiante as ovelhas perdidas; de madrugada passara nesse sítio um bando de homens de armas, que vinha das bandas de Aguiar. A pastora fora decerto roubada.

Gil ficou mais branco que a cal do muro que lhe ficava por trás. E com um tom de comando e de força, como se aquela dor por que vinha penando do donzel houvesse feito surgir o Homem, ordenou a Pero que desse o alarme aos moços de armas, se armasse ele de ascuma e longa, e estivessem todos, com cavalos, ao pé do Portelo da Faia.

Depois, subiu as escadarias de pedra, e na velha sala de armas, onde há tanto tempo só entrava o serviçal para sacudir a poeira, vestiu a cota de malha, e o capeio, que seu pai lhe dera, escolheu uma lança de monte, e armado, tendo feito o sinal da cruz, desceu devagar para que nem as aias se apercebessem, e foi ter ao Portelo, onde, um a um, espantados, ainda com os olhos inchados do sono, vinham chegando os homens de armas.

Eram os sete que havia no solar — e já velhos, tendo perdido nas tarefas da lavoura os hábitos do capelo e da cota, que se tinham enferrujado, e com as lorigas de couro mal juntas, os coxotes mal afivelados, montando velhos ginetes, a que quietos anos de sono e ração farta tinham tirado a ligeireza e o garbo,

formavam um troço de homens toscos e moles, de que se riria qualquer bom cavaleiro, voltando da Fronteira e dos Mouros.

Mas, quando o senhor D. Gil, no seu grande fouveiro, sacudiu a lança e partiu, lá galoparam, mal acostumados à sela, enrolando por vezes na clina as mãos calejadas do arado e do malho.

Bem depressa, porém, a carreira parou, no encontro de dois caminhos, porque D. Gil mal sabia o que o levava, assim armado, com a sua ronceira mesnada de sete homens de lavoura, através dos campos quietos. E os seus belos olhos de novo se enevoaram de lágrimas de donzel, sentindo que a sua grande cólera era vã, e sem alvo, como uma lança arremessada contra o vento!

Para onde ir? Contra quem correr? Se a pobre Solena fora roubada, para onde a tinham levado os seus roubadores? A que solar pertenciam? Como tomar a desforra com esses sete homens mal armados?

— Que fazer, Pero?

A seu lado Pero Malho, montando um ginete pequeno de longas clinas, com uma loriga de tiras de couro negro, tomara o lugar de escudeiro. E com a sua ascuma atravessada na sela, coçando o queixo rapado, pensativamente, terminou por aconselhar que se fossem pelos caminhos, e pelas herdades, indagando da passagem desses homens armados, que tinham vindo de Aguiar.

— Assim seja, Pero.

E todo o dia, por vales e outeiros daquela terra pouco habitada, a cavalgada

trotou, sob o sol de agosto.

Mas nem um almocreve, que conduzia, cantando, os seus machos, nem um bando de jograis que iam para a feira de Vouzela, nem duas moças que cavavam à beira de uma herdade solitária, lhes souberam dizer dos homens que procuravam. Pela tarde, quando o Sol descia, indo por um carreiro entre cerros, avistam no alto a torre negra, as ameias de um paço acastelado. A levadiça estava erguida, e tudo parecia deserto, na tristeza do poente. D. Gil fez soar a sua buzina: — nenhuma atalaia apareceu entre as ameias. Mas, tendo costeado o cerro, e entrando num campo, que um valado cercava, dois homens correram, com chuços, gritando:

— Cá por aqui é honra! A que vindes?

— Pero, alçado nos estribos, gritou:

— De quem a torre?

— De Lanhoso, e não há cá ninguém.

A cavalgada seguiu — enquanto outros homens, besteiros e moços do monte, se acercavam também do silvado, gritando também, com tom de ofensa e de briga:

— Cá por aqui é honra!

D. Gil, cujos olhos faiscavam, colhera as rédeas, apertava a lança — mas já Pero Malho o retinha, com bom conselho. De que servia brigar? Com sete homens não se assaltava um castelo.

Os beiços de D. Gil tremiam. Talvez, dentro daqueles muros, estivesse agora a pobre Solena, perdida sem

remissão. De que servia andar na vã empresa? Os homens violentos que a tinham levado estavam decerto metidos com ela dentro de muralhas e torres. Só o poder de el-rei a poderia libertar. Não ele, com os seus sete criados... E mesmo que corresse sobre aqueles, ou homens de outro castelo, como saber se eram esses na verdade os culpados, e se não estaria inocente o sangue que então corresse? Só lhe restava chorar aquela flor, que ele descobrira, e que outros tinham colhido.

Nesses pensamentos o colheu a noite, e foram pernoitar a uma herdade, onde o pobre fazendeiro, um velho, ficou aterrado ao ver aquele senhor, com os seus homens de armas, que de certo esvaziariam a sua capoeira, e levariam a palha do seu palheiro, sem lhe dar um

maravedi. Mas quando Gil declarou que tudo pagaria pelo preço de Vouzela, foi uma festa na herdade, até desoras, em torno de uma grande fogueira, e os homens de armas esvaziavam os pichéis de vinho, rindo das histórias que contava o facundo Pero Malho.

D. Gil, embrulhado no seu mantel, pensava em Solena, nas tardes junto à ribeira, e naquela fraqueza dos seus braços, que a não podiam salvar. Mas, mesmo que a arrancasse de entre os homens brutais que a tinham levado, seria ela a mesma Solena, que embalava nos braços o anho branco? Não, Virgem Santa! A lama sujara a água clara. A pata do boi pisara a flor silvestre. Ai dele! Da Solena, que conhecera, nada restava, e era como se ela morresse, e o seu lindo

corpo, que alvejava entre os rasgões do surrão, estivesse apodrecendo na vala escura. As lágrimas, ao pensar assim, caíam nas suas faces: — mas a violenta angústia cessara, como um temporal, e agora uma saudade se estabelecia na sua alma, calma e doce como o luar triste que se espalha pelos campos, depois que passou a tormenta.

De manhã, tendo os seus homens já montado, não quis recolher ao solar. Era como uma esperança de poder ainda talvez socorrer a mísera pastora, e uma vergonha de voltar a depor na sala de armas, entre a poeira, a sua lança que não servira.

Todo o dia ao acaso trilhou os caminhos. Ao passar pelas granjas, fazia ressoar a sua buzina. Se avistava algum

cavaleiro, montado na mula de jornada, estacava, com a lança a prumo sobre o coxote; o cavaleiro passava tirando o gorro; e D. Gil retomava a marcha. Por vezes, enervado, impaciente, despedia numa longa carreira — até que homens e cavalos estacavam arquejando.

E no despeito fundo que sentia, com aquelas correrias sem destino, e sem glória, desejava ao menos encontrar um lobo, um touro bravo a derrubar. Os homens, cobertos de poeira e suor, praguejavam já surdamente.

Ao descer do Sol, à vista de um pinheiral que cobria um outeiro, sentiram de repente um grito, depois outro. «Louvado seja S. Tiago!», exclamou logo Pero. D. Gil, largando a rédea, correu para o bosque escuro — e num barranco,

avistaram, entre fardos e caixas caídos da mula que os carregava, três homens de armas que amarravam a um tronco um velho, enquanto atavam com uma corda os pés de um rapazito, cheio de sangue na boca. Os três cavalos dos homens esperavam à orla do pinheiral: e antes que D. Gil pudesse usar a lança, já os três homens, saltando sobre os ginetes, fugiam furiosamente.

O bom cavaleiro largou sobre eles com dois dos seus solarengos: — mas, conhecendo decerto os caminhos que se cruzavam entre o arvoredo, os três homens tinham desaparecido na espessura. Então, voltou para o velho, que Pero desamarrara, e que, tremendo todo, e gaguejando, contou que ia com o neto levar duas jardas de pano de almafega ao

paço dos senhores de Solores, quando fora assaltado e espancado. O rapazito tinha dois dentes partidos, um ombro com a carne rasgada de uma lasca de pedra, e D. Gil lamentou não saber, como todo o cavaleiro deve, a arte de curar as feridas. Fez montar a criança, que desmaiava, à garupa de Gundes, o seu homem de armas que trazia o cavalo mais forte; a carga foi arrumada sobre a mula; e três dos seus solarengos com Gundes, acompanharam o recoveiro ao solar de Solores. Depois, quando viu o velho partir, assim bem escoltado, largou a galope para Gonfalim, tão alegre agora, e satisfeito com a vida, que rompeu a cantar.

A noite cerrara, quando a cavalgada chegou à levadiça do solar.

Serviçais esperavam com tochas

— e Gil, desmontado, caiu nos braços de D. Rui e D. Tareja, que, sem saber para onde partira o filho do seu coração, com cavalos e armas, tinham passado dois dias no alto da torre de atalaia, olhando sofregamente os caminhos, tremendo a cada rolo de poeira que ao longe se enovelava, e fazendo ricas promessas a todos os santos do Céu. Mas, quando o viram tão airoso e forte, na sua armadura, nem o repreenderam do terror que lhes dera, embevecidos com o seu belo cavaleiro, que lhes parecia tão belo como S. Miguel armado. D. Tareja passava as mãos com amor na cota brunida. Foi D. Rui que o desembaraçou da rodela e da lança. E quando à ceia o bom senhor soube de como ele libertara o recoveiro, e o neto, e os três bandidos tinham fugido

— não se conteve, no seu entusiasmo, e gritou com uma punhada na mesa que fez tremer os pichéis de estanho:

— Vida de Cristo! Que nunca ouvi, nem sei que se conte nos livros, de mais justa façanha!

5

Então começou este moço gentil a amar grandemente as armas. Mas, por elas, não esquecia a linda Solena roubada: — e até, se agora se empenhava em ser um forte e destro cavaleiro, é que, sonhando uma noite com ela, a vira, no fundo de uma torre, com os cabelos soltos

e grilhões nas mãos, que lhe dizia através de lágrimas: «Se não pudeste socorrer-me, a mim, pobre pastora, que só te tinha a ti no mundo, dedica-te, por amor e lembrança de mim, a socorrer todas as fraquezas, amparar todos os desamparos.»

Depois, a torre e Solena tinham-se sumido — e ele vira Jesus Nosso Senhor, de repente, que, sorrindo, lhe oferecia uma grande espada, mais clara que um diamante. Então, começou a pensar em correr mundo, como paladino errante, para socorrer todos os fracos: — e agora, que aprofundava aquela ideia, nenhuma existência lhe parecia mais nobre e mais bela.

O mundo vira já muitos desses cavaleiros famosos. Mudos, cobertos de ferro, seguidos de um só escudeiro com a

lança, eles percorriam os reinos da Terra, protegendo os pobres e os mesteirais, libertando damas encerradas em torres, derrotando os gigantes daninhos, derrubando os príncipes dos tronos usurpados, remindo povos cativos, destruindo as feras que assolam as searas, e, a caminho de conquistar um reino, parando a consolar uma criança que chorava num horto. Um anjo voava por trás deles com as asas abertas: — e as suas façanhas não provinham da irresistibilidade da sua força, mas da evidência da sua justiça. Uma tal vida deslumbrava D. Gil — e a sua possibilidade era clara, pois que, sem procurar aventuras, só porque sete lanças o seguiam, ele, libertando o recoveiro no pinhal, fizera obra de paladino.

Então todos os seus pensamentos foram dados a esta empresa. Todos os dias se adestrava em jogar a espada com qualquer mão, em disparar bestas, em vibrar o montante — e o velho D. Rui, do balcão da sala de armas, aplaudia estes exercícios, que tanto convêm a um fidalgo que preza Deus, a honra e a linhagem. Por sua ordem, o intendente comprou o melhor alazão de guerra, que nesses tempos apareceu na grande feira de S. João, em Viseu: todos os homens de armas foram providos com lorigas novas, ascumas de largo cutelo, cascos que reluziam como espelhos: — e a armadura de Gil, que a mãe com o dinheiro das suas arras lhe quis dar, era tão bela, que esteve, durante todo um domingo, exposta na capela do solar.

Pero Malho constantemente acompanhava D. Gil nestas ocupações de cavaleiro. Era ele quem polia as armas, dava a ração ao ginete, cuidava dos galgos favoritos de D. Gil, tudo dispunha para os exercícios de armas: — e mesmo, como a idade e os achaques iam tornando mais trôpego o aio de D. Gil, era Pero quem dormia, atravessado à porta do seu aposento, e lhe batia as roupas com um junco, e, à mesa, lhe enchia o pichel de vinho. D. Gil começava a ganhar grande afeição a este escudeiro.

Era Pero um mocetão, mais moreno que um mouro, esperto, destro e destemido, de uma alegria que lhe trazia sempre descobertos os dentes magníficos, grande sabedor de histórias e rifões, lindo bailador em festas de adro, e tão rijo, que

podia passar dois dias de jornada, sem sono, sem ração, bebendo apenas nas fontes um golo de água, pela borda do sombreiro. Sabia tudo quanto compete à caça e à guerra — e D. Gil tanto se ia afeiçoando a este moço, que já decidira levá-lo por escudeiro, se jamais partisse a correr mundo, como cavaleiro andante.

O seu desejo, agora que era destro em todos os exercícios das armas, era ser armado cavaleiro. E como D. Rui lhe prometera essa honra para quando tivesse vinte anos, e apenas faltavam duas semanas de agosto, logo se começou a preparar a grande festa — e se armaram arcos de buxo desde o solar até à igreja do mosteiro, onde D. Gil devia velar as armas. Nessa noite por toda a aldeia, junto do velho solar e no terreno do

convento, se acenderam pipas de alcatrão e fogueiras, onde o povo dançou, em grande ruído, ao som de violas e doçainas.

Um velho parente, D. Soeiro, senhor de Tondela, que comandava trinta lanças, e tinha voz em três castelos, veio, com linda comitiva, dar a pranchada em D. Gil.

No terreiro do solar, duas vacas inteiras assavam em espetos maiores que lanças. Das pipas, juntas em cima dos carros e toldadas de louros, o vinho corria como de fontes públicas. O clangor das longas festivas misturava-se aos cantos dos jograis. E quando pela tarde se baixou a levadiça, e D. Gil, todo armado, seguido de homens de armas, de escudeiros, de moços de monte, saiu ao

terreiro, e empinando o ginete, brandiu três vezes a lança — todos os sinos repicaram, bandos de pombas soltas branquearam o espaço, punhados de rosas voltearam no ar, e uma chuva de moedas de prata e de cobre caiu sobre o povo, como no advento de um rei.

Depois, de novo o solar caiu em quietação e em silêncio. E D. Gil, que abandonara os livros, e não tinha já quem encontrar na solidão do bosque, e se saciara do exercício das armas, começou a achar os dias pesados e longos. As correrias pelos campos, com os seus homens de armas, agora bem armados e bem montados, não tinham motivo, nem destino: — e depois de galoparem nalguma planície, atravessarem alguma herdade, fazendo latir os cães e fugir as

galinhas, descansarem à sombra de um arvoredo, e atroarem os vales com toques de buzina à mourisca, nada mais lhes restava que recolherem, pelo fim da tarde, cobertos de poeira, cansados, e sem aventura para contar à ceia.

Para seguir então, mais fielmente, a vida dos paladinos, como a aprendera nos livros, saía só com o seu escudeiro Pero, que vestia um saio azul e branco (que eram as cores dos Valadares), trazia duas longas plumas brancas e azuis no gorro, e levava o montante e o broquel do seu amo. Ia então, para esperar aventuras, postar-se, como Roldão, no encontro de dois caminhos, ou, como D. Clarimundo, à entrada das pontes. Mas só encontrava algum almocreve, que o saudava humildemente, ou um frade mendicante

que lhe dava uma relíquia a beijar, algum pobre menestrel que a troco de um maravedi, lhe cantava um vilancete, ou a gente dos arredores, lavradores e mesteirais, que todos o conheciam e lhe diziam, com agrado: «Deus salve o Senhor D. Gil.» E bem depressa abandonou estas cavalgadas solitárias — passando os dias no solar, pela quinta, com um látego inútil na mão, a visitar as cavalariças, o telheiro, onde os falcões engordavam entorpecidos, o lagar ou a eira. Na grande sala, D. Rui, que ia embranquecendo, dormitava, já muito gordo e pesado, na sua alta cadeira de carvalho, com os pés numa grande almofada, as mãos cruzadas e escondidas, como as de um padre, nas mangas da sua simarra. D. Tareja, com o cabelo todo

branco, sentada numa esteira no chão, trabalhava entre as aias: — e todas as noites Frei Múnio recomeçava a batalha de Dario, ou os milagres de Santa Úrsula.

Às vezes, seguido só do seu alão, D. Gil descia através da aldeia a uma pequena casa, junto do rio, onde Mestre Porcalho, muito velho também, enriquecido pelos dons de D. Rui, se retirara a repousar, cultivando o seu horto.

Encontrava sempre o douto velho, com os seus longos cabelos brancos, muito compridos, soltos sobre a garnacha negra, cuidando do cebolinho, do feijoal — ou à mesa da cozinha, coberta de plantas secas, dispondo folhas entre as páginas de um in-fólio.

D. Gil amava este douto prático — e gostava de o interrogar sobre os

segredos do corpo humano, a sua estrutura, os seus humores, e as influências que o regem. Mas agora, que já não exercia a sua ciência, o bom Porcalho, franzindo as grossas sobrancelhas brancas sobre os olhos cavos e muito luzidios, declarava nada saber, menos que um porco — porque só havia três ciências de curar. Uma, a dos monges, por meio de peregrinações, milagres e contactos de relíquias, e era esta falsa, porque o ilustre físico árabe Rahzei provara que Deus não se intromete com a saúde das criaturas. A outra, a do Povo, feita toda de feitiços, esconjures sortilégios, era ilusória porque vem do Diabo, e o Espírito do Mal não pode promover o bem humano. E a terceira, a verdadeira, a eficaz, essa ainda não

chegara a estes reinos de Portugal, e estava toda em França, terra de grandes escolas.

No entanto ele, Porcalho, fizera importantes achados! Era incontestável que a pedra de ágata facilitava as dores da maternidade, como ele provara com a Senhora D. Tareja; que a sangria de março devia ser feita nas veias do peito; e que a hipocondria era produzida por um vento funesto, que vinha da Lua e que inchava o fígado! De resto, descobrira alguns simples maravilhosos — e a ele, não a outro, se devia que em toda a terra do Douro ou das Beiras se reconhecia hoje a excelência da mandrágora! Dizia estas coisas profundas com um grande ar inspirado e sinistro. Em redor, toda a cozinha estava cheia de almofarizes,

grossas garrafas com líquidos de cores radiantes, aves empalhadas, molhos de ervas secas pendurados das traves defumadas do teto: um cheiro doce e triste perturbava a alma: e nos vastos in-fólios, com fechos de metal, parecia dormir uma ciência imensa e profunda.

D. Gil voltava para o solar, devorado pela curiosidade daquele saber. Nenhum poder humano lhe parecia mais alto do que aquele que suprime as dores, luta com a influência do invisível, e vence a Morte. Quanto bem a derramar pelo mundo, quando se possua aquele divino saber! Se era já belo e grande tomar armas e ir pelo mundo livrar os homens dos males que os homens lhes fazem, quanto maior e mais belo libertar o pobre corpo dos males infinitos que lhe faz a

Natureza! E bem compreendia agora aquela regra, tão fundamental, dos livros de boa cavalaria, que todo o bom cavaleiro devia saber a arte de curar as feridas que a lança faz. Não era pois indigno, antes nobremente próprio de um fidalgo, conhecer os simples, as influências, a arte do bem-sarar. Por aquela ciência, como por uma escada sem fim que mergulha nos céus, o homem ascende aos altos segredos! Aquele a quem um mal aflige pode então recorrer a esse alto saber, tão eficazmente como a Deus por meio da prece: — e, na verdade, o bom sabedor da Grande Arte é como um Deus que percorre o Mundo distribuindo a vida.

E destes pensamentos, que o conservavam de noite desperto, resultou

que o gentil cavaleiro, deixando as armas cobrirem-se outra vez de poeira, se quis preparar, antes de novamente as tomar, com a grande ciência dos simples e das drogas. Começou então a estudar, assiduamente, com Mestre Porcalho, que se orgulhava deste discípulo, tão gentil e tão nobre. O seu dia todo se passava no horto, ao pé do rio. Sentados ambos sob a latada, D. Gil, com um pergaminho no joelho, escrevia todos os preceitos que lhe revelava o velho Mestre, para depois os decorar, passeando até desoras no seu quarto. Já sabia os princípios de Galiano e dos Gregos, as receitas de Rhazei e dos Árabes. E por um caderno mirífico, que Mestre Porcalho obtivera de um judeu, e que continha extratos do *Cânon* de Avicena, já conhecia vinte doenças, e as

suas vinte causas, e os seus vinte remédios. Mas a experiência original e própria do Mestre não era menos valiosa: — e por ela aprendeu D. Gil todas as medicações que se devem aplicar segundo os meses — em janeiro tomar poção de gengibre, em fevereiro sangrar na veia do peito, em março pôr ventosa no fígado...

Por meio de ossos humanos, que o Mestre outrora, com grande risco, roubara num cemitério, e que guardava numa arca sob o leito, conheceu os segredos da estrutura humana: e ao ver uma caveira que nunca vira, e que o fez persignar-se para afastar o *mau olhado*, pensou, sem saber porquê, em Solena, no brilho do seu olhar, na sua pele tão macia e doce. Depois, diante dele, Mestre Porcalho uma noite matou um bácoro, e Gil conheceu as

veias, os tendões, e o saco do estômago, onde «o ar penetrando decompõe os alimentos».

6

No solar o velho D. Rui estranhava a nova existência de Gil — que, agora, das suas caminhadas solitárias, sem galgo, sem escudeiro, voltava carregado de ervas, como um aprendiz de ervanário. Mas quando soube que ele andava aprendendo a arte de curar, a sua admiração por aquele filho excelente cresceu, e não duvidou que ele viesse um dia a ter fama, em todo o reino,

pelo seu saber maravilhoso: — e uma tarde, montando com custo na sua mula, foi ao mosteiro levar ao D. Abade a notícia desta empresa nova, a que se lançara o grande espírito do seu doce Gil.

Era no tempo dos figos — e tendo demasiadamente comido desta fruta, o bom abade fora atacado de um duro mal. Na sua cela, onde recebeu afavelmente o seu vizinho, as relíquias do convento estavam expostas, sobre um pequeno altar, para dar saúde ao bom abade.

Um frade rezava junto ao vasto leito de carvalho. Outro pisava uma massa dentro de um almofariz — e dois noviços, com ramos de louro, sacudiam as moscas da face venerável, que o mal empalidecera.

D. Rui lamentou o bom abade —

e, sentado num escano aos pés do leito, contou logo como, justamente o seu Gil, começara agora com o grande desejo de saber a arte de curar aquele e outros males.

— Pois mandai-o estudar a França!... — acudiu logo o D. Abade, estendendo a mão fora da roupa, com um gemido. Não sei que haja mais útil saber. Mas nós, aqui neste reino, nem uma dor sabemos calmar... Não o digo pelos doutros padres desta casa!... Mas já desde domingo, que foi a merenda, estou aqui em trabalhos... Estamos em grande atraso. Mandai-o estudar a França.

E, pregando os olhos nas santas relíquias, ficou mudo.

Só quando D. Rui lhe beijou o anel da mão, caída sobre a colcha de

seda, tornou a voltar o rosto, a murmurar:

— Mandai-o estudar a França.

D. Rui recolheu ao solar melancolicamente. Deus, decerto, pela voz do D. Abade, que sofria cercado de relíquias, lhe indicava aquele dever de mandar o seu filho a França, para se ilustrar no saber. Mas a ideia de o ver partir e ele já tão velho, cortava o seu coração.

Quase desejava que seu filho fosse um moço de espírito simples, contente em caçar, e justar as armas no pátio do seu solar. E nem contou a D. Tareja esta visita ao mosteiro, o conselho penoso que lá fora escutar.

E era então com mágoa que via agora o seu filho cada dia mais devotado aos livros. Tendo começado por estudar a

arte dos Simples e das Drogas, como complemento da sua educação de cavaleiro, ele começava agora a amar esse saber, como o fim supremo da vida.

Como um peregrino que percorre um templo, e a quem a beleza ou raridade de uma capela inspira o desejo devoto de percorrer as que além, na sombra, fazem cintilar os seus ouros, este gentil cavaleiro, de cada estreita região do saber em que penetrava, recebia a nobre tentação de invadir outras, que ao longe faziam cintilar a maravilha dos seus segredos.

As secas plantas, com que Mestre Porcalho lhe ensinara a fazer emplastros para curar humores, lhe tinham dado o desejo de conhecer toda a vasta natureza que cobre a terra, e a estrutura dessa terra,

onde se escondem os metais e o fogo: a terra, ela mesma, lhe fizera sentir o desejo de conhecer tudo o que a cerca, os ventos que a sacodem, as nuvens que sobre ela formam um todo de multicor beleza, os astros pequeninos e grandes que sobre ela derramam o seu brilho fulgurante ou meigo. Do Homem, de quem o velho físico lhe explicara os ossos, ele bem depressa quis conhecer a alma, e as leis múltiplas e maravilhosas que a regem... Por que aspirava ele ao bem? Por que sentia uma resistência ao mal? De onde nascia o amor? Por que pensava, e em que parte íntima do homem brotava a fonte imperecível do pensar? Depois era ainda a curiosidade de saber o que o Homem, desde tão longas idades criado, tinha feito na terra, e as cidades que fundara, e as

grandes guerras que travara, e as leis que criara para se conservar manso e sociável... E, do Homem, a sua curiosidade ascendia aa Deus que o criara. Qual era a sua essência, onde habitava, que cuidado tinha ele pela humanidade que criara? — E assim, este moço gentil, a quem a barba mal nascera, aspirava a percorrer todas as ciências, a compreender todo o ser. Mas entre as velhas muralhas daquele solar, naquela quieta aldeia, adormecida sob o olivedo e a vinha, como poderia adquirir todo esse saber, que ocupa, para ser codificado e aclarado, monges de tantos mosteiros, escolares de tantas escolas! Todos os trinta e três livros, que formavam a rica livraria do convento Beneditino, lhe tinham sido emprestados, por supremo

favor, e em todos, confusamente e tumultuosamente, aprendera milagres de santos, leis visigóticas, batalhas da antiguidade, receitas de drogas e notícias dos países que estão para o Oriente: — mas eram como curtas fendas, num teto de maciças traves, por onde entrevia pontos vivos de luz, aqui e além, e tudo o resto era escuro, e a luz completa estava por trás, sem a alcançar.

Mesmo por vezes lera um grande tomo, de Aristóteles ou de Séneca — mas sentia que o seu espírito solitário, sem um guia, ia através daquele saber, como um homem perdido de noite numa montanha desconhecida.

A sua alma então, nessa grande sede que não podia ser saciada, porque estava tão longe de toda a fonte, caiu

numa melancolia. Abandonou os grossos in-fólios onde já nada novo podia aprender — e não o atraía a companhia de homens que nada lhe podiam ensinar. Só, com um galgo, partia de manhã, penetrava nos campos, procurava a solidão das quebradas e dos vales: e aí, caminhando devagar, ao comprido de um ribeiro, ou deitado à sombra de uma árvore, ele pensava na inutilidade da vida...

Aquilo, pois, era viver — esta monótona sequência dos atos instintivos: acordar, comer, caminhar entre as árvores, voltar à mesa onde as malgas fumegam, e, quando a luz finda, adormecer? Assim vivia qualquer bicho no mato! Mas de todas as ocupações humanas qual era verdadeiramente digna de que o homem nela pusesse a sua alma inteira, e a

tomasse o fim do seu esforço na Terra? Não decerto vestir as armas, seguir um pendão, rasgar as carnes de outros homens, gritar no estridor das batalhas, para que o Senhor Rei possua mais um castelo, ou alargue, para além de um rio, as fronteiras do seu reino! Não decerto juntar maravedis, com eles comprar mais terras e mais servos, engrossar rendas, atulhar as arcas de sacos de ouro! Não decerto andar de solar em solar, com plumas no gorro, e um falcão em punho, galanteando as damas, conversando de linhagens, justando nos pátios, e escutando os jograis que cantam ao serão!...

O quê então? E o seu espírito recaía naquela ambição vaga que o torturava, a ambição de tudo saber, de se

elevar, pela posse dessa ciência, acima dos homens, e exercer essa supremacia toda em favor e bem dos homens. Quereria ter um saber que lhe permitisse fazer as leis mais justas, curar todos os males do corpo, enriquecer as multidões, estabelecer a paz entre os Estados, e guiar todos os seres vivos pela larga estrada do Céu. Para tal fim, só para ele valeria a pena viver. E, para o conseguir, não haveria trabalho a que se não sujeitasse, fadiga que não afrontasse. Veria, sem dor, o seu corpo penar, comeria as ervas dos campos, vestiria os trapos mais sujos, serviria nos misteres mais rudes — contando que a alma se fosse enchendo desse grande saber, cada vez mais alto, mais belo, dominando todas as almas pela abundância de verdade que possuísse, e

pela eficácia do bem que espalhasse. Mas esta ambição, como a realizar? Onde, como, adquirir esse saber benéfico? E quando o tivesse adquirido, de que modo fazer que ele aproveitasse aos homens, para se tornarem melhores, e serem aliviados dos males da vida?

Seria um grande físico, que fosse pelo mundo curar os males da carne? Seria um grande teólogo derramando a paz nas almas? E mesmo que melhorasse algumas almas, ou sarasse alguns corpos, quantos ainda por todo o vasto mundo ficariam sem remissão e bem-estar? Qual era o meio de fazer o bem, simultaneamente, a grandes multidões?

Assim pensava D. Gil na solidão dos vales. Este moço tão gentil tinha então vinte e dois anos — e era tão belo e

airoso, que a gente se voltava nos caminhos, e o ficava a olhar, com doçura.

Os seus longos cabelos, de um louro-escuro, caíam em anéis como os de um arcanjo. Nada havia mais doce e luminoso que o olhar dos seus olhos escuros. Um buço, apenas nascente, dava uma sombra de virilidade à sua pele ebúrnea, como a de uma virgem: — e no seu andar havia uma graça altiva, como a de um príncipe em plena felicidade. Os seus modos eram tão doces e corteses, que logo prendiam as almas.

Nenhuma pessoa, por mais humilde, o saudava, sem que ele gravemente erguesse o seu gorro de fidalgo: e nos caminhos estreitos encostava-se às sebes, para deixar passar os velhos, ainda que fossem mendigos.

Ainda que naquela farta e quieta aldeia não havia pobreza, a sua escarcela saía cheia, e voltava sempre vazia. Amava todos os animais — e as crianças faziam-no parar, sorrindo, enternecido.

Com esta cordura de monge, tinha todas as prendas de um cavaleiro. Ninguém justava, jogava o tavolado, domava um potro bravo, erguia uma barra de ferro, com mais força e primor.

Nada temia — nem os homens, por mais fortes, nem as feras por mais bravias, nem os duendes por mais malignos. Mas na casa de seu pai era obediente como uma criança — e era ele quem servia o velho, o ajudava a erguer da sua cadeira, e mesmo lhe penteava os seus cabelos brancos. Um olhar de sua mãe era para ele como um mandamento

divino — e com tanta devoção lhe beijava a mão, que outra maior não tinha com a Mãe do Céu.

Nunca sua alma, branca como a água mais pura, fora toldada pela passagem de um pensamento injusto ou impuro. A Justiça era para ele tão necessária como a luz: — e se testemunhava uma injustiça, sofria, como se um guante alheio lhe tivesse batido a face, sentindo-se ofendido na ofensa que via fazer aos outros. Adorava a Verdade, logo abaixo da Virgem Maria: — e todo o olhar que não fosse franco, toda a palavra que não fosse livre, lhe davam o horror de uma coisa suja.

Queria que todos os solarengos lhe falassem sem submissão: — e, amando todos os homens como iguais, a

servidão parecia-lhe uma ofensa ao seu amor.

Assim o Senhor D. Gil era, nesses anos ainda curtos, uma das almas melhores da cristandade.

Um dia, tendo despertado com o cantar das calhandras, e sentindo a alma mais triste, partiu só, com um grande lebréu, e levado pelos seus pensamentos, foi dar ao alto de uma colina, que era a mais alta naqueles sítios, e se chamava a serra do Bruxo. Dali via, mais abaixo, a vasta colina onde negrejava o seu solar, a aldeia de Gonfalim, espalhada entre a verdura, o branco Convento dos Beneditinos, o rio, luzindo entre as margens altas, e a ondulação dos cabeços, até ao extremo azul: — e de pé, envolto no vento largo que soprava, Gil começou

a considerar quanto era estreito aquele horizonte, e quanto seria impossível, na verdade, que dentro dele se realizassem sonhos que abrangiam o mundo todo. Que havia ali, naquele círculo de colinas? Os muros do seu solar, um convento de velhos frades, uma aldeia de pobres colonos, e para além, terras bravias, matos, colinas, que o tojo vestia! Como poderia jamais ser ali o homem que desejava, o homem de grande saber, de grande ação? E quando, por um dom divino, assim se tornasse, onde havia ali uma humanidade múltipla e larga, para ele exercer a ação da sua alma? Mas para além havia outras terras, grandes reinos, cidades ricas, grandes escolas, mosteiros de alto saber, e multidões inumeráveis, sobre quem uma alma forte e bem provida

podia exercer uma supremacia que valesse a pena conquistar. Se ele deixasse o seu lar estreito! Se ele partisse!

Um alvoroço encheu o seu coração — e quase imediatamente sentiu ao lado, entre umas fragas, uma voz moça e fresca que cantava:

Pelo mundo vou,
Onde chegarei?
E o que procuro
Onde encontrarei?

E um moço apareceu, ligeiro e magro, pobremente vestido, que trazia uma sacola de mendicante a tiracolo, um forte bordão ao ombro, e duas grandes penas de galo no seu gorro remendado.

Uma alegria, franca e livre,

alumiava a sua face magra. Todo ele parecia respirar com delícia o ar áspero e livre da serra: — e os seus olhos refulgiam, com um grande fulgor risonho.

Diante de Gil, parou, batendo com o bastão na rocha.

— Como se chama esta serra e onde leva este caminho?

Gil tirou o seu gorro, com cortesia.

— Esta serra não tem nome, e este caminho só leva a outras serras... Para onde ides?

O moço limpou lentamente o suor, que lhe alagava a testa:

— Vou procurando terras de França...

— Assim, para tão longe, a pé!

O moço riu alegremente:

— É que o Senhor Rei, quando distribuiu as terras e os solares, esqueceu-se de me dar uma, e uma mula para jornadear custa bom ouro. Mas as pernas são rijas e mais rijo o coração. É ele que me leva, neste desejo de ir a França, para entrar nas escolas, e saber o grande saber, e vir a ser físico-mor no paço de um rei, ou ensinar decretais num conselho. Na herdade em que nasci só havia um livro, que era o missal da capela. E como em todo o mosteiro há uma côdea de pão para um mendigo, e nos ribeiros não falta água, aqui me vou, com o meu cajado, cantando por estes caminhos da terra.

Os seus olhos fulguravam como duas chamas — e do cajado que ele assentara, rindo, sobre uma pedra, chisparam longas faíscas. E continuou:

— Só me falta um companheiro. Moço sois, forte pareceis; em França as mulheres são lindas; nas grandes escolas aprende-se o segredo das coisas; e as guerras não faltam a quem apetece a glória. Vinde também comigo, e seremos dois a cantar.

Gil respondeu gravemente, mostrando Gonfalim e o paço acastelado:

— Acolá fica a casa de meu pai.

Então o moço tirou o seu gorro:

— Rico sois! Ajudai um pobre estudante.

Gil abriu a escarcela, e, corando, tirou uma moeda de prata que pôs na mão do estudante. E, sem saber porquê, sentia uma atração para ele, como um desejo estranho de se juntar àquele destino errante. Mas o moço, atirando o cajado

para as costas, dando um jeito à sacola, partiu. E de novo cantava:

Dia e noite caminho,
Para onde irei?
E o saber que procuro,
Onde encontrarei?

A meio da encosta ainda se voltou, acenou com a mão a Gil — e subitamente desapareceu. No chão, em que os seus pés se tinham pousado, a erva secara toda.

7

Gil recolheu ao solar,

pensativamente. Aquele moço pobre partia, sem temer as misérias do caminho, pronto a esmolar o seu pão pelos mosteiros — só para adquirir, longe, nas grandes escolas, o saber a que aspirava. E ele, rico, que poderia partir, com bolsa farta, escudeiros e bagagens, hesitava em partir, para satisfazer as justas e nobres ambições do seu espírito! Se Deus lhe pusera na alma aquele ideal elevado, era por acaso para que ele o deixasse morrer insatisfeito e inútil? Dava-lhe Deus uma luz clara, para ele alumiar os outros, e em vez de a tornar mais viva e clara, tão alto, quanto alta possa ser uma luz da Terra, ele deixaria, por timidez e enleio da vontade, que ela esmorecesse e perecesse entre as abóbadas de um velho solar? Não, decerto! E como, pensando assim,

avistasse à beira do caminho um cruzeiro — tirou o seu barrete, e jurou pela cruz que nessa noite falaria a seu pai, e lhe pediria para ir estudar a França.

E foi num caramanchão, no pomar, que ele revelou a D. Rui e a D. Tareja este grande desejo do seu coração. A ambos pedira para o acompanharem ao pomar, que tinha grande nova a dar a quem tanto amava... E sentado num rude banco de pedra, sob um caramanchão, onde se entrelaçavam rosas e madressilvas, tendo numa das mãos presa a mão de seu pai, na outra a da boa dona, lhes disse quanto lhe penava o passar os anos naquele solar, sem proveito para si, e utilidade para os outros homens, seus irmãos: — tinha a ambição da glória, de honrar o seu nome, e de espalhar o bem

pelo mundo: mas o serviço das armas, se lhe poderia dar glória, não o atraía, porque na guerra não havia senão miséria e mal: — e depois de muito cogitar, decidira que o seu desejo se satisfaria indo estudar às escolas de França, para voltar ao reino, como um grande escolar em Medicina, que era um saber próprio de nobres.

Apenas um ou dois anos por lá passaria. Daria de si novas constantes — e ainda eles não teriam começado a sentir a longura da separação, já ele estaria de volta, licenciado no grande saber, para espalhar o bem em todo o reino, e ser bendito dos homens.

— Isto vos peço, pelas chagas de Cristo, que me não negueis este desejo, que é para bem dos homens, e por Jesus

inspirado.

As lágrimas caíam pelas faces dos dois velhos. E elas e o seu silêncio, bem mostravam quanto eles julgavam nobre o desejo do seu Gil, inspirado pelo Céu, e difícil de ser recusado.

Mas dois anos de separação — e eles já velhos, e a França tão longe!

Como se ele já partisse, e ela o quisesse reter, a mãe abraçava o filho e murmurava:

— Em tanto mimo criado... E partires só para essas terras! E tão grandes os perigos e as tentações! Nós, sós, sem ti, como viveremos!

Mas o velho, mais forte, recalcando a emoção, exclamou:

— Tão nobre desejo não pode ser negado. O nosso filho tem altos

espíritos... Não é nesta aldeia, neste velho solar, que ele pode ganhar fama e servir o reino. Não seria o amor de pai que, para não sofrer um ano, deixasse aqui neste ermo apagar-se, sem serventia, luz de tamanha promessa. Não te pese que choremos... Cumpre tu o teu dever de homem bom. Deus te leva, Deus te trará.

Gil murmurou:

— Deus decerto me trará.

Ficaram um instante todos os três abraçados — depois, em silêncio, foram à igreja, onde muito tempo rezaram.

Sem outras lágrimas, ainda que com grave melancolia, foram feitos os aprestos da longa jornada. Duas possantes mulas de caminho, uma para Gil, outra para o seu escudeiro Pero, vieram da Feira da Covilhã, com os seus arreios

novos. Os alforges de couro foram atulhados de roupas novas: — e o ovençal de D. Rui reuniu quinhentos maravedis de ouro. O bom abade dos beneditinos deu cartas de boa acolhida para os conventos de Espanha e de Provença, e um monge, que fizera a jornada, marcou num grande pergaminho o roteiro que, através de Castela e de Leão, levava à cidade de Paris. Na véspera da jornada, a capela do solar e a igreja de Gonfalim estiveram toda a noite alumiadas, com capelães e os solarengos rezando, para que o Senhor guardasse o fidalgo que partia. D. Tareja lançou ao pescoço do filho uma relíquia, um pedaço do manto da Virgem, dentro de um escapulário. Nessa madrugada Gil ouviu missa — e o velho Frei Múnio deu a bênção a tudo o que ele levava, armas,

alforges, o grande lebréu e a mula. Pelas horas de matinas, estando todas as aias e serviçais reunidos no pátio — D. Gil apareceu, entre o pai e a mãe, pálido, com o seu grande feltro de jornada, um brial escuro, e grandes botas de couro cru, onde brilhavam acicates de ouro. De joelhos, recebeu a bênção do pai, longamente esteve fechado nos braços da mãe. Todos os sinos então repicaram. Os solarengos, erguendo os sombreiros, bradaram: «Boa ida, boa volta!» E, com os olhos vermelhos, mais pálido que uma cera,,o senhor D. Gil, a galope, transpôs a levadiça do solar.

Amparados um ao outro, os dois velhos subiram à torre de atalaia. E quando viram as duas mulas desaparecer, ao fundo da azinhaga, caíram de joelhos

nas lajes duras, tremendo, chorando, murmurando o padre-nosso.

À entrada da ponte, um velho de cabelos brancos, sobre a sua garnacha negra, deteve D. Gil que trotava, soluçando. Era Mestre Porcalho, que lhe vinha dizer o adeus da partida. O fidalgo e o velho físico longamente se abraçaram.

— Lede Galeno — murmurava o prático entre lágrimas mal reprimidas. E quando Gil de novo trotava sobre as lajes sonoras da velha ponte romana, ainda o físico lhe bradou, com a mão descarnada no ar:

— Lede-me sempre Aristóteles!

Doze dias tinha D. Gil caminhado com o seu escudeiro Pero Malho; — e tão fastidiosa e monótona se estendia a longa jornada, sob a ardência de agosto, que por vezes o moço gentil dormitava como um frade, ao lento passo da sua mula, ou, acordando, suspirava com uma saudade do seu solar e dos frescos arvoredos de Gonfalim. Desde que tanto se alongara da sua aldeia, nas serras da Beira, nada encontrara que lhe fizesse sentir a beleza ou variedade do mundo.

Sempre os mesmos rudes e estreitos caminhos, escavados pelo trilho das cavalgaduras, ou dos carros, se sucediam, através de terras pobres, sem verdura e sem homens, de uma cor seca de

greda, com alguma árvore poeirenta, onde as cigarras cantavam. Por vezes avistava uma pequena aldeia de adobe e tetos de colmo, agachada em torno de uma velha igreja, meio arruinada, findando por uma taberna, que estendia por cima do caminho o seu ramo de louro, preso na ponta de um pau. Gil desmontava aí, fatigado; havia sempre algum frade mendicante, de aspeto torvo, bebendo o seu pichel de vinho, ou dois mesteirais errantes jogando os dados sobre um toro de carvalho; e a taberna, os homens, toda a aldeia em redor, eram tão tristes, tão rudes, que Gil tornava a partir, preferindo dormir à beira da estrada, sob a luz das grandes estrelas de verão, junto de uma fogueira que acendiam, por causa dos lobos.

Outras vezes, caminhando na planície, avistavam num alto de colina, entre rochas, um negro, severo castelo; para lá trepavam; e depois de longas vezes tocarem a buzina, aparecia entre as ameias algum velho servo, que gritava para baixo, num tom rouco: «Ninguém está, e ninguém entra.» Nas ermidas que topavam, encravadas entre fragas, os ermitões pareciam entontecidos pela velhice ou pela penitência, recusavam abrigo aos cavaleiros, ou fugiam para o alto do monte: — e nunca nestas ermidas havia cruz ou imagem santa. Longos dias tinham passado sem que encontrassem uma capela, um cruzeiro, onde ajoelhassem, dissessem as suas rezas. O pão que por vezes compravam nalguma rara taberna, a água quente e turva de

algum poço, fora todo o seu alimento: — e Gil pensava consigo que guerra assolara aquelas regiões, ou se seria assim, árida e triste, toda a terra de Portugal, para além do vale de Gonfalim.

— Meu bom senhor — murmurava então Pero Malho —, nós vamos errando caminho.

E sucedia então que sempre algum pastor, ou frade mendicante, de barba revolta, ou caçador com a sua besta ao ombro, surgia de um valado, ou de entre rochas, e lhes afirmava ser aquela, bem direita, e bem certa, a estrada que os levaria a Zamora.

Pero Malho, derreado, com os pés caídos fora das largas estribeiras, coçava a cabeça, pensativamente.

— Senhor meu amo, estes

caminhos parecem arranjados para o Diabo andar de jornada... Já reparou Vossa Mercê que ainda não encontrámos nem capela, nem mosteiro, nem cruz a que se reze um padre-nosso? E o que mais me arrenega é que ainda não topámos com águas claras, com águas correntes... Onde não está água, não está Deus. Chão de greda é condado do Demónio.

E como D. Gil permanecia mudo, alongando os olhos para os secos descampados, onde só vivia a urze e a piteira. Malho recuava a mula para trás de seu amo, e suspirava baixinho:

— Ai, Portugal, Portugal!

Uma manhã tinham penetrado entre grandes serranias de rocha, seguindo o leito seco de uma torrente. Tão grande era a solidão e o silêncio, que D. Gil sentia

como o terror de uma treva, e como se estivesse para sempre separado do mundo e das coisas vivas. O Sol, no alto, faiscava furiosamente através de um ar tão espesso que se lhe via a vibração, o tremor luzidio, como de um pó de vidro suspenso. As patas das mulas estremeciam a cada passada, tocando a ardência das pedras e do chão: — e dos altos muros de rocha, aos dois lados, vinha um calor áspero, seco, como se fossem os muros de tijolo de umas termas acesas. D. Gil arquejava, procurando uma cova, uma fenda de rocha, onde achassem sombra e refúgio; mas as duas encostas só ofereciam, nos seus dorsos redondos, como de grandes fornos, estendais secos e lisos de pedregulho miúdo, que faiscava.

— E serem isto terras de el-rei de

Leão! — murmurava Pero Malho, com tédio.

Então D. Gil, para depressa fugir daquele vale ardente, de mortal secura, picou com furor os ilhais da mula.

Naquele sinistro silêncio da terra morta, sob o faiscar inclemente do Sol, muito tempo galoparam, saltando por duas vezes sobre grandes ossadas de cavalos, que, ainda inteiras, branquejavam entre as pedras. Quando estacaram, esbaforidos, com grandes flocos de espuma caindo dos freios das mulas, estavam em frente de uma vasta planície, deserta, nua, como varrida por um grande vento de assolação e de morte: — e, por cima, o Sol faiscava furiosamente. D. Gil murmurou: «Deus da Boa Viagem nos valha!» Desde a véspera, em que numa choça deserta uma velha

lhes dera, rosnando e praguejando, um pedaço de chouriço e uma malga de vinho, nada tinham comido; já a sede os atormentava e na infinita planície não havia caminho marcado... Que fazer?

— É andar, senhor meu amo — aconselhou Pero Malho. — Devagar e a direito, e cantando, para espairecer.

E o alegre escudeiro tomou a sua viola de duas cordas, e começou um longo canto mourisco, dolente e dormente — enquanto, a passo, sacudindo a espuma dos freios, as duas mulas arremetiam através do descampado ardente. Nem um galho de tojo seco nem uma lâmina de piteira, surgiam naquele vasto deserto, chato, onde a terra estalava toda em fendas, sob as patas das mulas. Longos sulcos tortuosos marcavam por vezes os

riachos secos. E a única nota viva era o zumbir de grandes moscardos.

Com os pés caídos fora dos estribos, as abas dos sombreiros descaídas sobre a face, as rédeas abandonadas, D. Gil sentia amolecer, fundir-se, naquela grande tristeza da solidão e do calor, a vontade, o desejo de ação, que tão alegremente o fazia galopar nos primeiros dias de jornada, como para uma conquista: — e agora, o seu pensamento voltava-se para ideias de repouso, de indolência, entre mármores frescos, em jardins bem regados. Ao seu lado, com a perna encolhida sobre o arção da sela, Pero Malho feria as cordas da viola num don-dlin-don seguido, cantando, para animar a marcha, as trovas de um cavaleiro que, atravessando um

laranjal, encontrara uma infanta a pentear os cabelos de ouro. E a imaginação de Gil seguia aquela infanta, sentia a frescura do laranjal — dos cabelos da dama passava aos seus braços brancos, que se arqueavam, no mover do pente. Uma sonolência lânguida ia-o invadindo, naquela fraqueza crescente do jejum e da sede. A grande planície, lívida, flamejava em silêncio. Muito cansadas, as mulas mal sacudiam o pescoço baixo, que os moscardos mordiam. Grandes bafos de calor passavam por vezes tão espessos, que as faces dos dois viajantes lhes sentiam o embate mole e ardente. E, incansáveis, teimosos, para animar a marcha, os dedos de Pero feriam a viola com um dlin-dlon seguido. O cavaleiro, na sombra do laranjal, ajoelhado na relva

aos pés da dama, beijava a franja do seu cinto branco. Gil mal seguia o canto, o suor pingava da sua face pálida, o pó branquejava as pregas do seu brial, e com os olhos meio cerrados, do cinto da dama vinha a pensar no corpo airoso que ele cingia.

Por que não encontraria ele, na sua jornada, um fresco laranjal assim povoado? A viola fazia dlin-diin-dlon. A terra seca esfarelava-se sob as patas das mulas. E assim seguiam, por aquele ermo do Reino de Leão, sob o grande sol de agosto, o Senhor D. Gil e o seu escudeiro, nas suas mulas cansadas, cobertos de pó, cheios de sede, ao som dormente e áspero da viola mourisca.

Um cismando, outro cantando, entre aquela radiação de luz que os

ofuscava como uma névoa de ouro fosco, não tinham os dois cavaleiros reparado que a terra, por onde caminhavam, se ia elevando em colina, docemente. Mas, de repente, um ar mais fresco, onde errava um aroma de verdura, bateu na face do Senhor D. Gil. Despertando daquele tanger que o entorpecia, estacou a sua boa mula. Estavam no cimo de um outeiro: — e em baixo, num vale, cavado e fundo, verdejava um grande bosque, e tremia como um brilho de água.

Com que ansiedade tangeram as mulas! E com que consolo, com que largo suspirar, penetraram sob folhagens e sombras! Era um belo arvoredo, de troncos espaçados, já velhos, onde se prendia, tapando o sol, uma longa renda de folhagens de um verde claro e tenro,

como não há em agosto. Todo o chão era um musgo fresco. E no silêncio fino e alto, aqui e além, um melro cantava. Com os sombreiros na mão, a passo, respirando deliciosamente, eles penetraram naquela frescura bendita, por entre os altos troncos alinhados, como ruas de uma coutada real.

E o bosque parecia infindável, cada vez mais fresco, mais verde, mais silencioso. Por fim, um espelho de água, que o sol batia, brilhou entre os últimos troncos: — e, espantados, os dois cavaleiros pararam à beira de um belo lago, todo cercado de arvoredo, cujas longas ramagens pendentes roçavam a água. Tão clara e pura era ela, que eles viam no fundo reluzir uma areia muito fina e como misturada de pó de ouro. No meio

surgia uma ilha como um arvoredo, que fazia um grande ramalhete verde. E, à beira da água, seguia um pequeno caminho, limpo e branco, orlado de flores silvestres.

Por esse caminho meteram lentamente, quase esquecendo a fadiga e a sede, no assombro daquele divino recanto de verdura e paz silvana: — e de repente, saindo do arvoredo, encontraram uma vasta e fresca relva, à beira da água, onde estava preguiçosamente estendido um cavaleiro, tendo ao lado um grande alforge aberto, e, espalhados na relva, garrafas, empadões, e fundas taças de prata. Ao tronco da árvore, que lhe dava sombra, estava encostada uma enorme lança branca; dos ramos estendidos como um toldo, pendia o seu escudo negro. Dois

cavalos morzelos, com rédeas de couro escarlate e freios de ouro, pastavam junto da água: — e um escudeiro, que, debruçado, desarrolhava uma garrafa que entalara entre os joelhos, voltou para os cavaleiros uma face estranha e grotesca, rapada como a de um frade, com dois olhos negros que chamejavam.

Cortesmente, D. Gil tirara o sombreiro. Com grande cortesia também, o cavaleiro se ergueu da relva.

Era um formidável homem de armas, de barba ruiva, findando em bico, as cores vivas e quentes de um flamengo, e largo, robusto peito cingido numa sobreveste negra. O cabelo, mais ruivo ainda que a barba, erguia sobre a testa uma poupa aguda e flamante, e recaía em grossos anéis sobre os ombros fortes,

capazes do mais duro esforço, e cobertos por um brial escarlate. Dos olhos deste homem, pequenos e redondos, saía um brilho infinitamente esperto, decidido e risonho.

— Bem fatigado deveis vir, senhor cavaleiro, com tanta calma e pó! — exclamou ele. — Esta sombra chega para dois, a merenda está sobre a relva e quem vos convida, que é o Senhor de Astorga, só quer alegria e paz... Harbrico!

A este grito, que um vivo olhar acentuara, o escudeiro de face de frade correu a segurar o estribo, para que o Senhor D. Gil desmontasse. Mas já Pero Malho, mais pronto, agarrara o loro: Harbrico então, risonhamente, correu a tirar de dentro do alforge, de cores estridentes, um estofo de samite, rico e

macio, que estendeu na relva, para o Senhor D. Gil se recostar.

O moço gentil corava de gosto a estas honras que lhe fazia o Senhor ilustre de Astorga.

— Bendigo — murmurou ele com a mão sobre o peito — bendigo os duros caminhos que me trouxeram a tão doce acolhimento... O meu nome é D. Gil de Valadares, e o solar de meu pai é bem falado, e bem honrado na nossa terra da Beira.

Com os dedos gordos, que findavam em unhas muito agudas e curvas, o Senhor de Astorga aguçava a ponta da barba, pensando:

— Valadares, Valadares... Um D. Rui de Valadares, conheci eu em Coimbra, que tinha casa de boa pedra, no bairro

cintado ao pé da Sé, e era vedor do Senhor D. Sancho II de Portugal…

— Meu avô.

O Senhor de Astorga atirou uma palmada à coxa:

— Pois soberbo avô tínheis, Senhor D. Gil, homem de boa alegria e façanha! Muito bem me lembro de uma tarde de maio, em Lorvão... Mas melhor vão, à sesta, as histórias alegres! Agora todo esse suor e pó vos está pedindo água clara e lustral...

E, diante de D. Gil, o ondeante Harbrico sustentava numa das vastas mãos cabeludas uma bacia de prata, na outra uma fina toalha, que arrastava sobre a relva as rendas ricas da sua franja. Com que delícia banhou a face! Da água saía um aroma de benjoim. E uma frescura

penetrante calmou de repente toda a sua fadiga dos ermos atravessados... Mas já o ágil Harbrico arrojara toalha e bacia, e voltava, todo ele ondulando, com um denso molho de penas rutilantes de galo: — e tão fina e destramente lhe sacudiu o espesso pó dos caminhos, que a sobreveste negra, os boteirões de couro escarlate, pareceram como novos, sem ter servido, e as esporas de ouro rebrilharam com um lampejo desusado!

D. Gil grandemente se maravilhava. E por trás dele, Pero Malho, tendo limpo e pendurado as armas do amo, e lançado a pastar as suas mulas, junto aos dois corcéis negros, considerava o Senhor de Astorga com assombro e desconfiança. Era sobretudo aquele tufo de cabelo erguido na testa, como uma

cristã flamante, que o inquietava. E que alforge era aquele que continha, na sua estreita bolsa, bacias de prata, bragais de linho fino, toda a hucharia de uma mesa real, e tapizes de rico samite? E onde houvera mais coruscante olhar, negro como fendas do Inferno, do que aquele do estranho Harbrico? O bom Pero coçava o queixo, com um desejo, que o invadia, de gritar de repente, por sobre o fidalgo, o escudeiro, e os alforges, o nome afugentador de Jesus, Maria, José.

Mas, justamente, Harbrico espalhava diante dos cavaleiros uma deliciosa e irresistível merenda! Eram gordas perdizes aloiradas, um vasto salmão frio e cor-de-rosa, com um molho de salsa e cravo que perfumava o ar, cestos de pêssegos e uvas, como só há nos

pomares de el-rei... E às garrafas, cobertas de veneráveis crustas negras, deitadas com cuidado na relva, o destro Harbrico ajuntou pichéis de vinho espumante e branco, que ele trouxera de entre a espessura do bosque, e onde cintilavam pedras de gelo. Esfomeado, sedento, o bravo Pero escancarava os lábios de onde escorria uma baba. E, com convicção, pensou: «Venham de Deus, venham do Demónio, quando há fome e sede, não se recusam vinho nem perdiz.» E, servilmente, fraternalmente, sorriu a Harbrico, que mostrou também a grande dentuça amarela e aguda, como a de um lobo.

Todos aqueles bons comeres, e frescura de vinhos, grandemente encantavam D. Gil! Ele, que, em

Gonfalim, nas festas do solar, sempre fora indiferente aos mimos melhores da fornalha e da adega, agora, desde que naquele fresco prado se estendera ao lado do Senhor de Astorga, só pensava nos regalos da boa merenda! Ao enterrar a faca aguda no peito da perdiz, sorria, com os beiços lustrosos, como um frade guloso: — e quando Harbrico lhe deitou na vasta taça de prata um vinho gelado que espumava, a sua mão de cavaleiro tremia de gozo e gula. O Senhor de Astorga apenas colheu alguns bagos de uva. Mas que rijo beber! Rejeitando as taças, agarrava com a sua vasta mão cabeluda os garrafões, e, de um trago breve e ansioso, os despejava, sem que na sua barba ardente restasse um brilho de humidade. E, no entanto, cuidava da

satisfação de Gil.

— Provai daquele empadão de Alsácia... Aquela pimenta amarela vem das pimenteiras do Papa...

Depois, estendendo mais na relva as suas longas pernas, calçadas de botas negras:

— Há na verdade horas doces na vida! — observou. — Que melhor alegria que uma boa merenda, com esta frescura de vinhos, por uma sesta quente de agosto, entre esta bela verdura!

— Grande razão tendes, Senhor de Astorga! — exclamou D. Gil, cujos olhos resplandeciam, e que esvaziara um copo de vinho de Chipre. — E depois de tão feia jornada, como venho passando, desde que entrei em terras de Leão, esta hora que vos devo é muito para ser lembrada.

O Senhor de Astorga pousou, sorrindo, os seus olhos redondos em D. Gil.

— Muito me recordais por vezes no jeito, no dizer, o vosso avô D. Rui!... E para onde vos ides assim, em tão longa jornada?

— A Paris, Senhor de Astorga.

O Senhor de Astorga moveu lentamente a cabeça:

— Grande cidade, fina cidade... Bons amigos lá tenho! Na Corte e nas Escolas.

Foi uma interessante surpresa para o Senhor D. Gil. Como! O Senhor de Astorga assim conhecia Paris, e as Escolas? Mais venturoso ainda fora, pois, aquele encontro, que dele podia tirar grandemente ensino e conselho. Que para

as Escolas, em Paris, ia ele, por aquela jornada... Mas pouco sabia, na verdade, dos mestres que lá ensinavam, e dos usos dos escolares com quem ia acamaradar, e dos preceitos que se impunham a quem procurava o bom saber... Só estava certo, que assim era a fama em Portugal em Portugal, que para quem desejava aprender, se devia ir às Escolas de Paris. Estava ali a Verdade.

O Senhor de Astorga alçou com solenidade as suas espessas sobrancelhas, alargou os olhos claros, e teve este ditame:

— Para o grande saber, só há na Terra uma escola, e essa em Toledo.

E como Gil o olhava perplexo:

— Que pretendeis vós aprender?

— As artes médicas.

O Senhor de Astorga encolheu os ombros, com um largo e risonho desdém:

— Oh, para isso decerto tendes em Paris mestres que bastem. E mesmo em Zamora encontrareis o bom físico árabe Reimão Esterrávia! E até na vossa Coimbra tendes homem professo, que tudo vos podia ensinar, em Mestre Esteves Garracho!... Mas vós, Senhor D. Gil, um moço de tão boa feição, de altos espíritos, que decerto amais a fama, como vos quereis amesquinhar em saber tão mesquinho?

D. Gil, que corara aos louvores, murmurou surpreendido:

— E que outro saber há mais?

Mas uma risada aguda, silvada, cascalhante, ressoou por trás, entre os troncos das árvores. E os dois cavaleiros,

voltando o rosto, viram Harbrico, sentado na relva, ao lado de Pero, com vitualhas e garrafas espalhadas diante, que se torcia, com as mãos nas ilhargas magras, a boca fendida numa hilaridade disforme, gritando «que rebentava!» — enquanto ao lado, debruçado sobre ele, com o olho brilhante, o dedo espetado, Pero lhe segredava uma história. Os dois molossos, sentados em frente, conservavam uma gravidade sombria.

— Divertido escuteiro tendes, Senhor D. Gil — murmurou, sorrindo, o Senhor de Astorga. — E, pela viola que lhe vi ao ombro, penso que sabe trovar. Ocasião terei de o ouvir por essas estradas, agora que há Lua, porque, como ides a Segóvia, o nosso caminho é o mesmo até Zarro! E agora deveríamos

descansar, e fazer a sesta à mourisca, para montar e partir pela frescura da tarde...

E imediatamente D. Gil sentiu que os olhos se lhe cerravam, e, reclinado no coxim de veludo, docemente adormeceu.

Mas, adormecido, percebia a frescura das grandes árvores, via o brilho do claro lago: — e, sem saber se era já a viola de Pero que tocava, começou de ouvir uns sons muito lentos e doces, que tremiam como fugindo de cordas afinadas. Depois uma fina flauta suspirou, depois um lento gemido de harpa passou. E bem depressa uma doce, grave melodia encheu tão completamente o bosque, como se fossem os ramos que cantassem. E era um canto todo de adoração, mas contido, apenas murmurado, como de uma multidão invisível que, estaticamente, esperasse

uma aparição maravilhosa. Uma imensa languidez passou no ar. Todo o sol que caía na água, nas folhas, rebrilhou com uma cintilação mais intensa.

Mas o canto subia, mais ardente, quando por detrás da ponte da ilha, que verdejava no meio do lago, surgiu a proa de uma barca que tinha a forma de um cisne, todo enrufado e nadando. E foi então apenas um murmúrio infinitamente doce, errando na umbrosa espessura do arvoredo. Lentamente a barça avançava: — e nela, de pé, vinha uma mulher de beleza maravilhosa. Entre o vestido negro que a cobria, o seu colo e os ombros nus lançavam uma claridade, como a da neve sob o Sol. Por sobre o manto negro, cujas pregas desciam, pesadas e hirtas, enchendo o barco, os seus imensos

cabelos caíam em outro manto de ouro fulvo. Nenhuma joia a enfeitava, uma languidez negra e profunda cerrava quase os seus olhos, nos seus lábios vermelhos errava a tristeza de um sorriso. Lenta e serena, a barca fendia a água sem deixar sulco; e pouco a pouco o canto em redor, no fresco arvoredo, era mais sumido e vago.

Quando a barca tocou a margem de relva verde, o cântico findou, e houve só em redor um êxtase mudo, da verdura, das águas, da luz. D. Gil esperava, sem se mover, deslumbrado. Então a mulher maravilhosa deu um passo lento na relva, depois outro: o seu grande manto arrastava pesadamente: — e, sob a orla do seu vestido, brilhava a brancura dos seus pés nus. Assim, docemente, se

acercou de D. Gil, cujo coração batia ansiosamente: — e à medida que ela assim se avizinhava dele, o casto moço percebia que o pesado vestido negro, o pesado manto negro, se adelgaçavam, se tornavam transparentes. Já deixavam distinguir, sob as suas pregas, as brancuras vagas de um corpo divino. O longo manto não era mais que um véu tão leve, que nem vergava as pontas finas das relvas. O vestido era tão fino, que se colava aos seios, se enrolava nos joelhos. E, quando a mulher maravilhosa chegou junto do seu rosto, toda a sua nudez, mais bela que a de Helena de Vénus, resplandecia, mais branca, sob a ténue névoa de uma gaze negra.

Então aquele corpo maravilhoso se debruçou sobre ele, que lhe sentia o

calor, o perfume. E os lábios vermelhos e fortes deram nos seus, que tremiam, um beijo tão profundo, que um grande grito de gosto doloroso fugiu do seu peito. Acordou: — e ao lado, de pé, já com o seu largo sombreiro posto, o Senhor de Astorga afivelava o cinturão da espada.

— Boa sesta fizemos, Senhor D. Gil! A tarde está fresca e é tempo de cavalgar, se queremos ainda hoje chegar a Alba de Tormes.

D. Gil ainda tremia. Os seus olhos inquietos procuravam em redor, numa saudade daquele sonho divino que findara.

Montou em silêncio na sua mula, que Pero Malho já tinha à rédea. E quando saiu daquele doce prado, ainda se voltou na sela, olhou a relva, a água serena do

lago, a ilha, o arvoredo todo — e um suspiro fugiu-lhe dos lábios.

Muito tempo cavalgaram calados. A estrada agora era entre grandes arvoredos, fresca e risonha.*

*Termina aqui o manuscrito.

Artigos Diversos

Carta a Camilo Castelo Branco

Exmo. Sr.

Um tardio correio trouxe-me ontem um número, já quase velho, das Novidades, com um artigo, Notas à Procissão dos Moribundos, em que V. Ex.ª resmungando e rabujando, se queixa ao público de que eu e os meus amigos *implicamos consigo, sempre que isso vem a talho de foice, e lhe assacamos aleivosias*. Como exemplo deste indecoroso hábito, cita V. Ex.ª um período da minha carta a Bernardo Pindela nos Azulejos, em que eu alegremente me rio dos discípulos do Romanticismo que,

depois de clamarem contra certos escritores, como realistas e chafurdadores do lodo, apenas imaginam que o público só esse lodo apetece, para seu consumo intelectual, se apressam a escrever na capa de seus livros: *romance realista*, para que o público, aliciado pelo rótulo, os compre também a eles, e os leia também a eles... E V. Ex.ª, meu caro confrade, acrescenta logo com a mais consciente certeza: «Ora isto é comigo!»

Suponha que um dia, numa novela, V. Ex.ª descreve, com o seu vernáculo e torneado relevo, certo animal de longas orelhas felpudas, de rabo tosco, de anca surrada pela albarda, que orneia e que abunda em Cacilhas... E suponha ainda que, ao ler essa colorida página, eu exclamo, apalpando-me ansiosamente por

todo o corpo: «Grandes orelhas, rabo tosco, anca pelada... É comigo!» Que diria V. Ex.ª, meu prezado confrade?

V. Ex.ª balbuciaria aturdido: «Eu não sei, eu vivo longe... Se as suas orelhas são assim longas, e se o albardão o despelou, há realmente concordância... Mas, na verdade, creia que, mencionando esse animal venerável, não me raiou no ânimo a mais ténue, remota intenção...» Assim, embaraçado e surpreso, diria V. Ex.ª. E assim eu digo. — V. Ex.ª deve conhecer melhor que eu, que sou distraído e vivo longe, as capas dos seus livros: se V. Ex.ª, para atrair a multidão, nelas colou, ou consentiu que os seus editores colassem, esse rótulo: romance realista — por não poderem legalmente adorná-las com esse outro mais cativante: romance

obsceno — então decerto aquilo é consigo. Mas a intransigente verdade me força a confessar que, escrevendo esse período da carta a Bernardo Pindela, eu não pensava no autor da *Corja*. Se eu quisesse acusar dessa abjeta concessão, às exigências da venda, um homem que há trinta anos é ilustre na literatura portuguesa — teria escrito o nome todo de V. Ex.ª, sem omitir um só título. Há personalidades a quem por isso mesmo que são fortes, se não alude timoratamente e de longe. Já deste modo se pensava na corte de el-rei Artur. «Se queres falar de Percival, diz bem alto: Percival, e tira a espada.» Assim gritava esse cavaleiro, flor dos bons, na velha cidade de Camerlon, uma tarde em que havia algazarra e ciúmes junto à Távola

Redonda. Não se trata, decerto, aqui, de compridas espadas a desembainhar. Mas não deixa de ficar bem a um débil homem de letras, como eu, o seguir essa lição de lealdade e valor dada pelo possante homem de armas Percival.

Assim o exemplo aduzido por V. Ex.ª, para demonstrar o meu escandaloso hábito *de implicar consigo* — é realmente mal escolhido. Mas permanece, todavia, a queixa, feita ao público com tanta rabuge e tanto azedume, de que — *eu e os meus amigos, sempre que isso vem a talho de foice, lhe assacamos aleivosias*.

Aleivosia é um termo formidável e sombrio que, se me não engana o vetusto e único Dicionário que me ampara nesta dura labutação do estilo, significa — maldade cometida traiçoeiramente com

mostras de amizade, insídia, perfídia, maquinação contra a vida e reputação de alguém, etc.» Tudo isto é pavoroso. Mas eu suponho que, sob essas vagas palavras de *implicação* e *aleivosia*. V. Ex.ª quer muito simplesmente queixar-se de que eu e os meus amigos o não consideramos um escritor tão ilustre, com um tão alto lugar nas letras como o costumam considerar os amigos de V. Ex.ª. Ora aqui V. Ex.ª se ilude singularmente.

Eu nunca tive, é certo, a oportunidade deleitável de apreciar, nem em copioso artigo, nem sequer em curta linha, a obra de V. Ex.ª. Mas sou meridional, portanto loquaz. Por vezes, entre amigos e fumando a *cigarette*, tem vindo «a talho de foice» conversar sobre a personalidade, literária de V. Ex.ª. E,

louvado seja Apolo aurinitente!, sempre me exprimi sobre o autor do *Esqueleto* de um modo que é irrecusavelmente mais digno dele e da sua obra, do que esse outro estranho modo por que o costumam decantar aqueles que se ufanam, já na palestra, já na imprensa, de serem seus amigos e seus discípulos.

Porque eu, falando de V. Ex.ª, considero sempre a sua imaginação, a sua maneira de ver o mundo, o seu sentimento vivo ou confuso da realidade, o seu gosto, a sua arte de composição, a fraqueza ou a força do seu traço; e, pelo menos, admiro sem reserva em V. Ex.ª o ardente Satírico, neto de Quevedo, que põe ao serviço da sua apaixonada misantropia, o mais quente e o mais rico sarcasmo peninsular. E os seus amigos, esses, admiram apenas

em V. Ex.ª, secamente e pecamente, o *homem que em PortugaI conhece mais termos do Dicionário!*

Sempre, «a todo o talho de foice», em artigo, em local, em anúncio de partida, em felicitação de dia de anos, V. Ex.ª é pelos seus discípulos e amigos louvaminhado e turibulado — como o grande homem do Vocábulo, esteio forte de Prosódia, restaurador da ordem gramatical, supremo arquiteto das frases arcaicas, acima de tudo castiço, e imaculadamente purista! E ainda mais na intimidade, os amigos de V. Ex.ª o celebram como o homem que *melhor sabe descompor o seu semelhante!* E isto tão obstinadamente murmurado ou clamado, que esta geração mais nova, para quem já vou sendo um velho e V. Ex.ª quase um

fantasma, não tendo como eu e os do meu tempo rido e chorado sobre os seus livros de paixão e de ironia, o imaginam a V. Ex.ª um intolerável caturra, de capote de frade, debruçado sobre um sebento Léxicon, a respigar termos obsoletos para com eles apedrejar todos os seus conterrâneos!

A V. Ex.ª, crítico sagaz de si mesmo, melhor compete avaliar o que, neste vale de prosa e lágrimas, tem feito para merecer que os seus amigos, como os amigos de César no dia das Lupercais, teimem em lhe enterrar até aos ombros esta dupla e pesada coroa da *vernaculidade* e da *descompostura*.

A mim só me compete lamentar que a estas mofinas proporções tenha sido reduzida, pelo zelo crítico dos seus

amigos, a larga individualidade que nos deu o *Amor de Perdição*. Mas ao mesmo tempo adquiro o direito de rogar a V. Ex.ª que, quando se queixar aos ventos e ao Chiado das pessoas que *implicam consigo*, como V. Ex.ª diz, ou que *desdouram a sua glória*, como eu traduzo, não se volte para mim e para os meus amigos — mas olhe em torno de si para os seus admiradores, e para dentro de si mesmo, talvez.

A guerra de *realistas* e *idealistas*, causa primordial destas explicações, tornou-se já quase tão desinteressante e sediça, meu prezado confrade, como a guerra dos Clássicos e Românticos, a das Duas Rosas, ou essa outra que, para vantagem única dos livreiros que editam Homero, dois povos semibárbaros

tiveram a paciência de arrastar dez anos em torno de uma vila da Ásia Menor murada de adobe e tijolo. Renovar tão antiquada guerra nas Gazetas é já um ato imperdoavelmente provinciano: mas mais provinciano ainda é estarmos nós aqui, com grãos de incenso nas mãos, e pedras nas algibeiras, fazendo, através do grande mar, mútuas e lentas mesuras. V. Ex.ª, de lá, de entre os seus sinceros arvoredos minhotos, ajanota as suas frases pelos figurinos de Filinto Elísio, para me dizer gaguejando, e com agridoce generosidade: «O meu caro amigo tem muito talento, com exceção de escrever muita tolice.» E eu de cá, mais pérfido, porque habito as cidades, grito sem gaguejar, e com polida efusão: — «E o meu caro amigo tem ainda muito mais, sem exceção absolutamente

nenhuma.»

É infantil. Antes desperdiçássemos o nosso tempo, preguiçando patriarcalmente, neste doce calor de junho, sob a figueira e a vinha... Mas quê! V. Ex.ª, que estava brincando funebremente, a fazer no soalho, com tochas de fósforos, uma procissãozinha de moribundos, ergue-se de repente, corre para o público, mesmo sem tirar o babeiro, e acusa-me, entre lágrimas de furor, de *estar sempre a implicar consigo!* Que havia eu de fazer, eu inocente e justo? Corro também para o público, mesmo de jaquetão de trabalho, e brado profusamente com as mãos sobre o peito: «Nunca! É falso! Jamais impliquei com ele, e não lhe quero senão bem!»

A culpa de toda esta inútil prosa é

portanto toda a sua; e para que ela se não prolongue mais, apresso-me, prezado confrade, a dizer-me

De V. Ex.ª
Sincero e antigo admirador
Eça de Queiroz

Última Carta de Fradique Mendes

(Inédito da «Correspondência de Fradique Mendes»)

A Eduardo Prado

Meu caro Prado:

A sua tão excelente carta foi recebida no devoto dia de S. João, neste fresco refúgio de arvoredos e fontes onde estou repousando dos sombrios esplendores da Amazónia, e da fadiga das águas Atlânticas.

Não esquecerei as queijadas da Sapa; Ficalho, que aqui jantou e filosofou ontem *sub tegmine fagi*, recebeu das minhas mãos o exato estudo e as estampas

do seu compatriota sobre a *Mucuna Glabra;* os dois vasos do Rato, com a cruz de Avis, partem domingo, e Deus lhe faça abundar dentro deles, sempre renovadas e frescas, essas *rosas da vida* que Anacreonte promete aos justos. Tudo isto foi fácil e de amável trabalho. Mais duro e complicado é que eu lhe dê (como V. reclama tão azafamadamente) a minha opinião sobre o seu Brasil... E V., menos cético que Pilatos, exige a Verdade, a nua Verdade, sem *chauvinismo s*e sem enfeites... Onde a tenho eu, a Verdade? Não é, infelizmente, na quinta da Saragoça que se esconde, sob o cipreste e o louro, o poço divino onde ela habita. Só lhe posso comunicar uma impressão de homem, que passou e olhou. E a minha impressão é que os Brasileiros, desde o imperador ao

trabalhador, andam a desfazer e, portanto, a estragar o Brasil.

Nos começos do século, há uns 55 ou 60 anos, os Brasileiros, livres dos seus dois males de mocidade, o ouro e o regime colonial, tiveram um momento único, e de maravilhosa promessa. Povo curado, livre, forte, de novo em pleno viço, com tudo por criar no seu solo esplêndido, os Brasileiros podiam, nesse dia radiante, fundar a civilização especial que lhes apetecesse, com o pleno desafogo com que um artista pode moldar o barro inerte que tem sobre a tripeça de trabalho, e fazer dele, à vontade, uma vasilha ou um Deus. Não desejo ser irrespeitoso, caro Prado; mas tenho a impressão que o Brasil se decidiu pela vasilha.

Tudo em redor dele, desde o céu que o cobre à índole que o governava, tudo patentemente indicava ao Brasileiro que ele devia ser um povo rural. Não se assuste, meu civilizadíssimo amigo. Eu não quero significar que o Brasil devesse continuar o patriarcalismo de Abraão e do livro do Génesis, reproduzir Canaã em Minas Gerais, e pastorear o gado em torno das tendas, vestido de peles, em controvérsia constante com Jeová. Menos ainda que se adotasse o modelo arcádico, e que todos os cidadãos fossem Titiros e Marílias, recostados sob a copa da faia, tangendo a frauta das Éclogas... Não; o que eu quereria é que o Brasil, desembaraçado do ouro imoral, e do seu D. João VI, se instalasse nos seus vastos campos, e aí quietamente deixasse que,

dentro da sua larga vida rural e sob a inspiração dela, lhe fossem nascendo, com viçosa e pura originalidade, ideias, sentimentos, costumes, uma literatura, uma arte, uma ética, uma filosofia, toda uma civilização harmónica e própria, só brasileira, só do Brasil, sem nada dever aos livros, às modas, aos hábitos importados da Europa. O que eu quereria (e o que constituiria uma força útil no Universo) era um Brasil natural, espontâneo, genuíno, um Brasil nacional, brasileiro, e não esse Brasil, que eu vi, feito com velhos pedaços da Europa, levados pelo paquete, e arrumados à pressa, como panos de feira, entre uma natureza incongénere, que lhes faz ressaltar mais o bolor e as nódoas.

Eis o que eu queria, dileto amigo!

E considere agora como seria deliciosamente habitável um Brasil brasileiro! Por toda a parte, ricas e vastas fazendas. Casas simples, caiadas de branco, belas só pelo luxo do espaço, do ar, das águas, das sombras. Largas famílias, onde a prática das lavouras, da caça, dos fortes exercícios, desenvolvendo a robustez, aperfeiçoaria a beleza. Um viver frugal e são; ideias claras e simples; uma grande quietação de alma; desconhecimento das falsas vaidades; afeições sérias e perduráveis...

Mas, justos Céus! Estou refazendo o Livro II das *Geórgicas! Hanc olim veteres vitam coluere Sabini*... Assim viveram os velhos Sabinos; assim Rómulo e Remo; assim cresceu a valente Etrúria; assim Roma pulquérrima, abrangendo sete

montes, se tornou a maravilha do mundo! Não exijo para o Brasil as virtudes áureas e clássicas da Idade de Saturno. Só quereria que ele vivesse de uma vida simples, forte, original, como viveu a outra metade da América, a América do Norte, antes do Industrialismo, do Mercantilismo, do Capitalismo, do Dolarismo, e todos esses *ismos* sociais que hoje a minam, a tornam tão tumultuosa e rude — quando os colonos eram puritanos e graves; quando a charrua enobrecia; quando a instrução e a educação residiam entre os homens da lavoura; quando poetas e moralistas habitavam casas de madeira que as suas mãos construíam; quando grandes médicos percorriam a cavalo as terras, levando familiarmente a farmácia nas bolsas

largas da sela; quando governadores e presidentes da República saíam de humildes granjas; quando as mulheres teciam os linhos de seus bragais e os tapetes das suas vivendas; quando a singeleza das maneiras vinha da candidez dos corações; quando os lavradores formavam uma classe que, pela virtude, pelo saber, pela inteligência, podia ocupar nobremente todos os cargos do Estado; e quando a nova América espantava o mundo pela sua originalidade, forte e fecunda.

Pois bem, caro amigo! Em vez de terem escolhido esta existência que daria ao Brasil uma civilização sua, própria, genuína, de admirável solidez e beleza — que fizeram os Brasileiros? Apenas as naus do senhor D. João VI se tinham

sumido nas névoas atlânticas, os Brasileiros, senhores do Brasil, abandonaram os campos, correram a apinhar-se nas cidades e romperam a copiar tumultuariamente a nossa civilização europeia no que ela tinha de mais vistoso e copiável. Em breve o Brasil ficou coberto de instituições alheias, quase contrárias à sua índole e ao seu destino, traduzidas à pressa de velhos compêndios franceses. O Jornal, o Artigo de Fundo, a balofa Retórica Constitucional, a tirania da Opinião Pública, os descaros da Polémica, todas as intrigas da politiquice, se tornaram logo males correntes.

Os velhos e simples costumes foram abandonados com desdém: cada homem procurou para a sua cabeça uma

coroa de barão, e, com 47 graus de calor à sombra, as senhoras começaram a derreter dentro dos gorgorões e dos veludos ricos. Já nas casas não havia uma honesta cadeira de palhinha, onde, ao fim do dia, o corpo encontrasse repouso e frescura: e começavam os damascos de cores fortes, os móveis de pés dourados, os reposteiros de grossas borlas, todo o pesadume de decoração estofada com que Paris e Londres se defendem da neve, e onde triunfa o micróbio. Imediatamente alastraram as doenças das velhas civilizações, as tuberculoses, as infeções, as dispepsias, as nevroses, toda uma surda deterioração da raça. E o Brasil radiante — porque se ia tornando tão enfezado como a Europa, que tem três mil anos de excessos, três mil anos de ceias e

de revoluções!

No entanto já possuía a Democracia, o Industrialismo, a Sociedade por ações em todo o delírio das suas formas infinitas, a luz elétrica, o «veneno francês» sob as marcas principais do Champanhe e do Romance. Estava maduro para os maiores requintes, e mandou então vir pelo paquete o Positivismo e a Ópera bufa. Foi uma tremenda orgia: ensinou-se aos sabiás a gorjear *Madame Angot*, e vendedores de retalho citavam Augusto Comte... Para que prolongar o inventário doloroso? Bem cedo, do Brasil, do generoso e velho Brasil, nada restou: nem sequer brasileiros, porque só havia doutores — o que são entidades diferentes. A Nação inteira se doutorou. Do Norte ao Sul, no

Brasil, não há, não encontrei senão doutores! Doutores, com toda a sorte de insígnias, em toda a sorte de funções! Doutores, com uma espada, comandando soldados; doutores, com uma carteira, fundando bancos; doutores, com uma sonda, capitaneando navios; doutores, com um apito, dirigindo a polícia; doutores, com uma lira, soltando carnes; doutores, com um prumo, construindo edifícios; doutores, com balanças, misturando drogas; doutores, sem coisa alguma, governando o Estado! Todos doutores. O Dr. Tenente-Coronel... O Dr. Vice-Almirante... O Dr. Chefe de Polícia... O Dr. Arquiteto... Homens inteligentes, instruídos, polidos, afáveis — mas todos doutores! E este título não é inofensivo: imprime caráter. Uma tão

desproporcionada legião de doutores envolve todo o Brasil numa atmosfera de doutorice.

Ora o feitio especial da doutorice é desatender as realidades, tudo conceber *a priori*, e querer organizar e reger o mundo pelas regras dos compêndios. A sua expressão mais completa está nesse doutor, Ministro do Império, que em todas as questões públicas nunca consultava as necessidades da Nação, mas folheava com ansiedade os livros, a procurar o que, em casos vagamente parecidos, Guizot fizera em França, Pitt em Inglaterra. São estes doutores, brasileiros de nacionalidade, mas não de nacionalismo, que cada dia mais desnacionalizam o Brasil, lhe matam a originalidade nativa, com a teima doutoral de moralmente e materialmente o

enfardelarem numa fatiota europeia feita de francesismo, com remendos de vago inglesismo e de vago germanismo.

Assim, o livre génio da Nação é constantemente falseado, torcido, contrariado na sua manifestação original — em tudo; em Política, pelas doutrinas da Europa; em Literatura, pelas escolas da Europa; na Sociedade, pelas modas da Europa.

A famosa carta de alforria de 29 de agosto de 1825 não serviu para as inteligências. Intelectualmente o Brasil é ainda uma colónia — uma colónia do Boulevard. Letras, ciências, costumes, instituições, nada disso é nacional; — tudo vem de fora, em caixotes, pelo paquete de Bordéus, de sorte que esse mundo, que orgulhosamente se chama

novo, o Novo Mundo, é na realidade um mundo velhíssimo, e vincado de rugas, dessas rugas doentias, que nos deram, a nós, vinte séculos de Literatura.

Percorri todo o Brasil à procura do novo e só encontrei o *velho*, o que já é velho há cem anos na nossa Europa — as nossas velhas ideias, os nossos velhos hábitos, as nossas velhas fórmulas, e tudo mais velho, gasto até ao fio, como inteiramente acabado pela viagem e pelo sol. Sabe o que me parecia (para resumir a minha impressão numa imagem material, como recomenda Buffon)? Que por todo o Brasil se estendera um antigo e coçado tapete, feito com os remendos da civilização europeia, e recobrindo o tapete natural e fresco das relvas e das flores do solo... Concebe V. maior horror?

Sobre um jardim perfumado, em pleno viço, tudo tapar, tudo esmagar, rosas abertas e botões que vão abrir, com um tapete de lã, esburacado, poeirento, cheirando a bafio!

E haverá remédio para tão duro mal? Decerto! Arrancar o tapete sufocante. Mas que Hércules genial empreenderá esse trabalho santo? Não sei.

Em todo o caso, creio que o Brasil tem ainda uma *chance* de reentrar numa vida nacional e só brasileira. Quando o império tiver desaparecido, perante a revolução jacobino-positivista que já lateja nas escolas, e que os doutores de pena hão de necessariamente fazer de parceria com os doutores de espada; quando, por seu turno, essa República

jacobino-positivista murchar como planta colocada artificialmente sobre o solo e sem raízes nele, e desaparecer de todo, uma manhã, levada pelo vento europeu e doutoral que a trouxe; e quando de novo, sem luta, e por uma mera conclusão lógica, surgir no Paço de S. Cristóvão um novo imperador ou rei — o Brasil, repito, nesse momento tem uma *chance* de se desembaraçar do «tapete europeu» que o recobre, o desfeia, o sufoca. A *chance* está em que o novo imperador ou rei seja um moço forte, são, de bom parecer, bem brasileiro, que ame a natureza e deteste o livro.

Não vejo outra salvação. Mas no dia ditoso em que o Brasil, por um esforço heroico, se decidir a ser brasileiro, a ser do *novo mundo* —

haverá no mundo uma grande nação. Os homens têm inteligência; as mulheres têm beleza — e ambos a mais bela, a melhor das qualidades: a bondade. Ora uma nação que tem a bondade, a inteligência, a beleza (e café, nessas proporções sublimes) — pode contar com um soberbo futuro histórico, desde que se convença que mais vale ser um lavrador original do que um doutor mal traduzido do francês.

Não me queira mal por toda esta desordenada franqueza, e creia-me tão amigo do Brasil como seu.

Paris, 1888.
Fradique Mendes

Testamento de Mecenas

(Inédito das «Cartas de Inglaterra»)

Esta carta de Inglaterra é datada de Portugal e tem por assunto o Brasil. Mas eu sou um homem de letras, um simples *fazedor de livros*, como dizia o rude filósofo Carlyie, e portanto, para mim, mais interessante do que a Irlanda coberta neste momento de forcas; mais interessante que a *Exposição das Artes da Pesca*, aberta agora em Londres, tão completa que se veem barcos japoneses pescando ao candeio nos riachos do parque de Kensington, como numa paisagem de leque, e tão minuciosa que as divinas trutas da Noruega são fritas por peixeiras vindas expressamente da

Dalecárlia; mais interessante que os esplendores sombrios e bárbaros da coroação do Czar; mais interessante que os nomes feios que um certo fabricante de tapetes baratos nos chamou no Parlamento Inglês, esse rico e ruidoso clube onde se conversa, irresponsavelmente e de chapéu na cabeça, sobre todos os negócios do Universo; mais interessante mesmo que essa rajada de paixão patriótica que atravessou Portugal e que nos levou a pedir à Europa, por meio de folhetos em verso, que se *aniquilasse a Inglaterra;* mais interessante que tudo, para mim, homem de livros — é o singular e brilhante testamento do comendador Peres Cardoso.

Foi em meados de abril que os jornais de Lisboa, num tom feito de

assombro e de incredulidade, copiaram dos jornais do Rio de Janeiro a notícia de ter morrido um comendador chamado Peres Cardoso, natural de Cinfães, deixando um testamento extraordinário, concebido quase todo em favor da literatura, com maços de apólices a distribuir entre poetas e romancistas, doações de livros, em lotes de cinquenta volumes, a todo o escritor que fizesse cortejo ao seu caixão, deixas de prédios para fundar jornais — a esplêndida despedida de um Mecenas, que atravessa da sua biblioteca para a sua sepultura, arremessando punhados de ouro sobre a multidão de letras. E entre todas estas prodigalidades lá sobressaía uma, a mais tocante, a que me põe agora a pena na mão — os doze contos de réis, em apólices da

dívida pública, deixados, não a seis padres, nem mesmo a seis advogados, mas a seis simples fazedores de livros portugueses, João de Deus, Crespo, Junqueiro, Camilo, Chagas, e eu.

A impressão foi grande aqui, nesta terra, pouco acostumada a tais larguezas. Estes casos são frequentes lá fora. Em Inglaterra, o pomposo Macaulay, o bom Dickens receberam, em legados de dinheiro e de obras de arte, testemunhos repetidos do amor ou do orgulho que inspiravam aos seus concidadãos. Na Alemanha, não é raro que um banqueiro judeu de Berlim ou de Francoforte deixe no seu testamento, por mero fausto, alguns centos de florins a um filósofo que anda arranjando uma nova explicação do Universo, ou a um desses sábios como os

amava Hoffmann, que passam quarenta anos na trapeira de uma melancólica cidade universitária, ressequindo-se dentro de uma especialidade inverosímil — como aquele que escreveu doze grossos volumes sobre a *fisionomia das serpentes*. A Holanda ainda há pouco deu, por subscrição pública, uma fortuna a esse subtil e amargo humorista que assina *MultatuIIi*. Em França, os homens ricos dão toda a sorte de coisas boas aos homens grandes: Vítor Hugo recebeu um dia, de um dos seus fanáticos, cinquenta pipas de rum da Jamaica: a Júlio Verne, esse encanto das crianças e dos convalescentes, foi agora doado um palácio em Itália dentro de um parque, verdadeiro paraíso de cardeal, com águas vivas cantando em bacias de mármore...

Em Portugal, porém, foi-se sempre lamentavelmente mesquinho com os homens de letras. Mesmo quando a literatura vivia exclusivamente da generosidade da nobreza, e era o luxo de toda a casa morgada ter, além do seu capelão privado, o seu vate doméstico — um espírito da ordem do Nicolau Tolentino o mais que granjeava, a troco de trabalhoso soneto ou cansativa ode, era algum resto de peru assado, sobejo frio da copa; e em ocasiões de munificência, dia de anos ou batizado, lá vinha então uma vara de briche para calções ou uma peça de 7$500 réis, embrulhada num papel — e às vezes falsa. Mas, desde que as brutalidades da Democracia desarranjaram esta bela ordem de coisas, e que nunca mais houve em Portugal um

fidalgo que tivesse peru de sobejo — nenhum escritor tornou jamais a receber, em metal ou comestíveis, o menor testemunho de simpatia literária dos seus compatriotas liberais...

E isto faz-me pensar como em Portugal, as pessoas dos escritores inspiram pouca curiosidade e perturbam pouco as imaginações meridionais. Lá fora, em França, na Inglaterra, na Alemanha, mesmo sem contar os semideuses radiantes e irresistíveis, como Byron, como Lamartine, como Goethe, não há poeta que não tenha recebido um dia alguma dessas vagas e difusas cartas de amor, algum desses anónimos presentes de flores ou de almofadas bordadas, que revelam que existe algures uma doce criatura a quem o poeta parece tão poético

como os seus poemas, e que está desejando sentir bater o mais perto possível do seu coração, à distância de um corpete de vestido, de um chambre, ou ainda de menos, o coração eloquente e cálido de onde brotou tanta paixão bem rimada... Em Portugal, não consta das indiscrições pessoais, nem dos anais literários, que jamais isso sucedesse — nem mesmo àqueles que foram, por profissão ou temperamento, *poetas de sentimento.*

Os volumezinhos de João de Lemos, de Soares de Passos, estiveram anos sem conta em todos os cestos de costura: e essas composições poéticas, tão doloridas e libidinosas, que eles intitulavam *A ti! A ela!*, fizeram suspirar e cismar sobre os seus bordados, ou sobre

os seus tachos de doce, duas gerações de senhoras... Poucas eram então as *soirées* de terra pequena, em que lindos olhos negros se não humedecessem, quando um bacharel se erguia, depois do chá, e, com o lenço branco na mão, dizia às senhoras o *Noivado do Sepulcro*, os dois amorosos esqueletos enganchados um no outro, ou então esse famoso *Adeus!* que foi nestes reinos, durante vinte anos, a expressão oficial, e a única garantida pela academia, das dores da separação e das torturas da ausência. E a quantas janelas de província, por noites claras de estio, não se veio apoiar um vulto, de xale pelos ombros e os cabelos já dentro da rede, murmurando a *Lua de Londres*, enquanto por baixo o quintal dormia, e o relógio da casa da câmara ia batendo tristemente as

dez! Pois, que se saiba, nenhum destes poetas, nem dos outros que têm sido entre nós os fornecedores seletos da sentimentalidade da província, teve jamais a alegria de receber qualquer prova anónima de simpatia inspirada — uma farta lampreia de ovos ou um par de suspensórios bordados a missanga. E todavia, quem como eles falou de amor e de beijos, de delírios, de corpos enlaçados, de virgens que lhes caíam aos pés, de corações patrícios sangrando por entre as cordas das suas liras? Com todo este tremendo reclamo feito aos seus encantos pessoais e ao seu extraordinário vigor amoroso, nunca houve em toda essa província uma exaltada, uma idealista, uma esposa de boticário, que lhes oferecesse, pelo correio, *um coração que*

ainda não bateu senão por V. Ex.ª!...

Humilhante indiferença para a literatura portuguesa! Alfredo de Musset encontrava, quase todas as manhãs, sobre a mesa do almoço, um bilhete aromatizado, cuja letra assustada e tremida revelava bem que a mão que a traçara estava ainda nervosa de ter tocado as páginas ardentes de *Namouna* ou de *Rolla*. As madeixas de cabelos anónimas, remetidas a Balzac pelas suas admiradoras que juigavam reconhecer-se na *Mulher de Trinta Anos*, no *Lírio do Vale* ou na duquesa de Maufrigneuse, foram em tal número que o autor do *Père Goriot* pôde encher com elas esse extraordinário tubo de vidro que lhe servia de bengala — e que não passava, na realidade, de um chouriço de provas de

afeto. Estes poetas, aqui, não recebem nada! É como se as nossas concidadãs lhes considerassem os poemas como obras impessoais — coisas mandadas fazer numa fábrica, pelo Governo, para uso da melancolia nacional...

Os únicos escritores portugueses que receberam anonimamente alguma coisa, por meio do correio, fomos nós, Ramalho Ortigão e eu, quando redigíamos ambos as *Farpas:* recebíamos então regularmente do Brasil — promessas de bordoada.

Foi por isso larga e ruidosa a sensação — quando nos chegou a nova tocante desse testamento, em que seis escritores portugueses eram publicamente coroados com apólices da Dívida Pública. A imprensa, um momento

surpreendida, impressionou-se, aqueceu, e fez uma ovação ao comendador Peres Cardoso; este defunto obscuro saboreou assim, durante semanas, a popularidade de um herói vivo. Às portas das tabacarias, (onde Lisboa faz sobre os seus bocados de impressões os seus bocados de frases) o testamento do comendador era mais discutido que a questão do Zaire, como se sentisse, enfim, que o que se prende com a nossa literatura interessa mais a nossa nacionalidade do que a posse ou a perda dessas estúpidas terras negras, que só nos dão humilhações e febres... Nas salas, as senhoras interessavam-se por este homem: achava-se que ele tinha feito alguma coisa de brilhante e de chique: e desejava-se saber a sua idade, a sua figura, os seus gostos e

o romance da sua vida. Não houve então brasileiro residente em Lisboa que não fosse detido, duas e três vezes, no seu caminho, com a mesma pergunta, no mesmo sorriso: «Quem é o comendador Peres Cardoso? Que sabe V. do Peres Cardoso?...» Este estremecimento de simpatia ondulou até para além da fronteira: os jornais espanhóis falaram do comendador, chamando-lhe *um nobre fidalgo* e tratando-o de Mecenas... era, enfim, um enternecimento, um vasto reconhecimento público — como se o país tivesse pela primeira vez recebido uma afirmação positiva, explícita e visível da sua superioridade intelectual.

Ama Lisboa os seus homens de letras? Não direi que os ame. Mas, há tempos para cá, Lisboa — vendo nas suas

ruas os *tramways* americanos, e os jornais franceses apregoados à porta dos seus teatros, e fotografias de *cocottes* nas vitrinas das suas lojas — imaginou que isto era a civilização, e passou a considerar-se a si mesma cidade civilizada. Desde então Lisboa corrigiu-se cuidadosamente de alguns defeitos selvagens, lavou-se, apurou-se, e, para manter a sua linha de capital culta e chique, impôs-se a si mesma certos hábitos e constrangeu-se a certas *poses*. Lisboa já põe casaca à noite; anda-se arruinando com um *boulevard;* finge entender de bricabraque; já vai às corridas e já aposta com coragem a sua placa de cinco tostões: — e Lisboa, enfim, já não despreza os seus homens de letras. Aqui há vinte anos, quando se dizia

de um desgraçado *que ele era um literato* — tinha-se dito dele tudo quanto a imaginação burguesa podia conceber de mais humilhante e de mais esmagador. Hoje, se o mesmo sujeito passa na rua, Lisboa (já civilizada, mas encostada ainda às esquinas) observa-o com simpatia e diz com respeito: «É um rapaz de muito talento.» Nós agora, aqui em Lisboa, temos todos muito talento!

Enfim, Lisboa ainda se não elevou decerto à compreensão de que uma literatura é a melhor justificação de uma nacionalidade — e muitos anos passarão antes que ela acredite que são os homens de letras que dão, a um país, a sua posição e o seu valor na civilização: que um soneto pode salvar uma nação do esquecimento; e que, se ainda hoje se fala

tanto de Roma, é isso devido às odes de um sujeito que no seu tempo não foi nem senador, nem banqueiro, mas um simples *bon-vivant*, e que se chamava Horácio. Mas é certo que Lisboa já vai considerando os seus literatos como um luxo que se deve ter, alguma coisa de decorativo que fica bem dentro de uma cidade, o quer que seja de brilhante que destaca da melancólica rotina das democracias. O seu sentimento pelos homens de letras é o de um burguês pelos belos móveis de cetim da sua sala rica: gosta deles, usa-os pouco, e estima sobretudo que os outros lhos gabem. E assim se explica o rumor de simpatia que se elevou, ondulou em torno do testamento do comendador Peres Cardoso. O público viu nele mais do que um frio papel selado,

contendo as últimas vontades de um proprietário generoso. Viu nele um verdadeiro artigo de crítica, um original artigo de crítica em ação, sobre a literatura portuguesa, feito por um homem de gosto, à hora da sua morte. Somente os escritores, ali, não eram julgados por meio de frases.

O comendador Peres Cardoso não era um Taine, nem um Saint-Beuve. Eira antes um manejador de fundos públicos. Para ele, nem a frase, nem talvez mesmo a ideia constituíam a coisa bela e suprema em que se pode ocupar uma vida de homem: para ele essa coisa suprema e bela estava no papel de crédito de onde se tira um juro. Por isso, quando na sua revista através das letras portuguesas, ele encontrava um poeta ou um romancista

que o satisfizesse, não lhe marcava o valor por meio de uma dessas frases, joias de subtileza, que deixam em torno do artista e da sua obra uma vaga claridade de auréola. A sua aprovação tomava uma outra forma rude e sincera: abria a gaveta e depositava sobre a obra de arte, e com endosso ao artista, duas apólices da Dívida Pública. Assim considerada, a apólice vale bem uma coroa, feita de velhas flores de retórica: e, positivamente, eu não julgo esta maneira de fazer crítica inferior à de Saint-Beuve e à de Taine!*

*No fim deste manuscrito há a rubrica *«Continua»*, mas a continuação não apareceu entre os papéis do autor.

O «Francesismo»

Há já longos anos que eu lancei esta fórmula: — *Portugal é um país traduzido do francês em vernáculo.* A secura, a impaciência, com que ela foi acolhida, provou-me irrecusavelmente que a minha fórmula era subtil, exata, e se colava à realidade como uma pelica. E para lhe manter a superioridade preciosa da exatidão, fui bem depressa forçado a alterá-la, de acordo com a observação e a experiência. E de novo a lancei assim aperfeiçoada: — *Portugal é um país traduzido do francês em calão.* E desta vez a minha fórmula foi acolhida com simpatia, com rebuliço, e rolou de mão em mão como uma moeda de ouro bem

cunhada e rutilante, que é agradável mostrar, fazer tinir sobre o mármore dos botequins. Já a encontrei brilhando num almanaque, numa comédia do *Príncipe Real* e num sermão. Por que foi este novo, carinhoso acolhimento? Quem sabe? Talvez porque a ideia da vernaculidade desagradava, lembrando pedantismo, caturrice, a Academia das Ciências, o pingo de rapé, outras coisas antipáticas. Enquanto que a ideia do calão nos sugere, sobretudo a nós lisboetas, chalaça alegre, bacalhau de cebolada, Chiado, Grémio, pescada frita nas hortas, em tarde de sol e poeira, e outras delícias, de que eu, ai de mim, estou aqui privado!

Em todo o caso, ou à maneira de Curvo Semedo, o clássico, ou à maneira do Zé Pinguinhas, o fadista, é evidente

que há quarenta anos, desde a Patuleia, Portugal está curvado sobre a carteira da escola, bem aplicado, com a ponta da língua de fora, fazendo a sua civilização, como um laborioso tema, que ele vai vertendo de um largo traslado aberto defronte — que é a França. Quem dependurou ali o traslado para que Portugal copiasse, com finos e grossos? Talvez os homens de 1820; talvez os românticos da Regeneração. Eu não fui; — tenho sido acusado com azedume, nos periódicos, ou naqueles bocados de papel impressos, que em Portugal passam por Periódicos, de ser *estrangeirado*, *afrancesado*, e de concorrer, pela pena e pelo exemplo, para *desportuguesar Portugal*. Pois é um desses erros de salão, em que tão fértil é a frivolidade

meridional. Em lugar de ser culpado da nossa desnacionalização, eu fui uma das melancólicas obras dela. Apenas nasci, apenas dei os primeiros passos, ainda com sapatinhos de croché, eu comecei a respeitar a França. Em torno de mim só havia a França. A minha mais remota recordação é de escutar, nos joelhos de um velho escudeiro preto, grande leitor da literatura de cordel, as histórias que ele me contava de Carlos Magno e dos Doze Pares. Havia aí certamente grandes lições de valor, de lealdade, de heroísmo: mas eram virtudes cavalheirescas que se provavam todas nos montes da Provença ou de Navarra. De cavaleiros portugueses, que dessem cutiladas nos mouros, nunca me contaram história alguma à lareira. Também o meu preto lia

contos tristes das águas do mar. Eram as aventuras de um João de Calais. As naus afundavam-se, os gajeiros gritavam *terra*, mas era tudo em frios mares da Bretanha. De navegadores portugueses, em galeões portugueses, não me contaram jamais história alguma à lareira.

Depois ensinaram-me a ler: e o Estado, que certamente tinha interesse em que eu soubesse ler, e que, por meio das suas Repartições Públicas, estudara prudentemente o livro que melhor me convinha, como lição moral, e como lição patriótica, meteu-me nas mãos um volume traduzido do francês e chamado *Simão de Nântua*. Eram as aventuras de um justo: abundavam lá os exemplos de modéstia, de diligência, de caridade, de pudor; mas todas estas virtudes, suaves e íntimas, se

exibiam longe, em Dijon, na Alsácia, e nas estalagens da Picardia. De sorte que, para mim, todos os justos, bem como todos os heróis, só em França se produziam na perfeição, como os espargos, nessa França de onde tudo o que é amável vinha, de onde eu mesmo viera, como outras crianças, num açafate de alfazema e cravo. Depois, comecei a subir o duro calvário dos Preparatórios: e desde logo, a coisa importante para o Estado foi que eu soubesse bem francês. Decerto, o Estado ensinava-me outras disciplinas, entre as quais duas, horrendas e grotescas, que se chamavam, se bem recordo, a *Lógica* e a *Retórica*. Uma era destinada a que eu soubesse bem pensar, e a outra, correlativamente, que eu soubesse bem escrever. Eu tinha então doze anos.

Para eu saber pensar, o Estado e os seus professores forçavam-me a decorar diariamente laudas de definições, de fórmulas misteriosas, que continham a essência, o segredo das coisas, compiladas do francês, de velhos compêndios de Escolástica. Era terrível! O lente, casmurro e soturno, perguntava:

— Quantos são os impossíveis?

Eu devia papaguear em voz clara:

— Dois. O impossível físico, que o homem não pode fazer, mas Deus pode; por exemplo: ressuscitar. O impossível metafísico, que nem ao homem, nem a Deus mesmo é permitido, como, por exemplo, que uma coisa, ao mesmo tempo, seja e não seja!

«Que nem a Deus é permitido!» Havia pois alguma coisa que nem a Deus

era permitida? E quem era então esse outro poder, que, mais omnipotente, mais alto nas nuvens, lho não permitia? A minha cartilha, traduzida também do francês, com a aprovação de um bispo francês, ensinava-me, por outro lado, que Deus é absoluto, de ilimitado poder, e que as suas vastas mãos, que o Universo fizeram, podem o Universo desfazer. Qual tinha pois razão, destes dois livros que o Estado me impunha? A Cartilha? A Lógica? Dúvida pavorosa, primeiro tormento de alma, em que só antevia uma coisa certa, inevitável: — o R. a *raposa*. Mas bem depressa compreendi que esta Lógica, com a divertida, faceta, incomparável Retórica, que tive de decorar durante um ano, eram decerto disciplinas em que o Estado não tinha

interesse que eu fosse perfeito. O seu desejo estava todo em que eu soubesse bem o francês. Quando cheguei na diligência a Coimbra, para fazer o exame de Lógica, Retórica e Francês, o presidente da mesa, professor do Liceu, velho amável e miudinho, de batina muito asseada, perguntou logo às pessoas carinhosas que se interessavam por mim:

— Sabe ele o seu Francês?

E quando lhe foi garantido que eu recitava Racine tão bem como o velho Talma, o excelente velho atirou as mãos ao ar, num imenso alívio.

— Então está tudo ótimo! Temos homem!

E foi tudo ótimo, recitei o meu Racine, tão nobremente como se Luís XIV fosse lente, apanhei o meu *nemine*, e à

tarde, uma tarde quente de agosto, comi com delícia a minha travessa de arroz-doce na estalagem do Paço do Conde. E desde então nunca mais saí do Francês. Quando no último ano de Preparatórios, o Estado, subitamente, se lembrou que era conveniente que eu tivesse algumas noções do Universo, foi através de um compêndio francês, o *Langlebert*, que me relacionei com os três reinos da Natureza. Conheci mais tarde em Paris este Langlebert, que é um médico, no Quartier Latin. E contei-lhe como nas páginas tão sabiamente por ele compiladas, eu aprendera de cor a fórmula química da água e a teoria do para-raios. Langlebert, coçando risonhamente o seu espesso colar da barba, considerou-me com ternura, como a um bárbaro que dá proveito:

— *Oui, oui, vouz n’avez pas de ces livres là-bas... Et j'en suis bien aise! Ça me fait une jolie rente...*

Creio bem que lhe fizesse uma linda renda não termos esses livros *cá em baixo!*

E outros decerto faziam lindas rendas, eles ou os Editores, porque, apenas entrei na Universidade, fui abrindo o meu rego de bacharel através de livros franceses. Direito Natural, Direito Público, Direito Internacional, todos os Direitos, ou em compêndios ou em expositores, eram franceses, ou compilados abertamente do francês, ou secretamente surripiados do francês. E, sobre a mesa de pinho azul dos meus companheiros de casa, só se apinhavam livros franceses de Matemática, de

Cirurgia, de Física, de Química, de Teologia, de Zoologia, de Botânica. Tudo francês! Algumas lições eram dadas em Francês, por lentes preclaros, carregados de condecorações, que pronunciavam *il faut — ile faúte*. Aquele corpo docente nunca tivera bastante atividade intelectual para fazer os seus compêndios. E todavia Coimbra fervilhava de lentes, que decerto tinham ócios. Havia-os no meu tempo inumeráveis, moços e vetustos, ajanotados e sórdidos, castos e debochados, e todos decerto tinham ócios; mas empregavam-nos na política, no amanho das suas terras, no bilhar, na doçura da família, no trabalho de dominar pelo terror o pobre académico encolhido na sua batina; e o saber necessário para confecionar a *sebenta*, iam buscá-lo todos os meses aos

livreiros da Calçada, que o recebiam de França, encaixotado, pelo paquete do Havre.

Ora naturalmente até aqui, simples estudante, eu do vasto mundo só vira, só me interessara, por aquele detalhe que mais se relaciona com o estudante — o compêndio. E só encontrava, só respirava o Francês. Mas depressa, compreendendo que por aquele método de decorar todas as noites, à luz do azeite, um papel litografado que se chama a *sebenta*, eu nunca chegaria a poder distinguir, juridicamente, o justo do injusto, decidi aproveitar os meus anos moços para me relacionar com o mundo. Comecei por me fazer ator do Teatro Académico. Era *pai nobre*. E, durante três anos, como *pai nobre*, ora grave, opulento, de suíças

grisalhas, ora aldeão trémulo, apoiado ao meu cajado, eu representei entre as palmas ardentes dos académicos, toda a sorte de papéis de comédias, de dramas — tudo traduzido do francês. Por vezes, tentávamos produzir alguma coisa de mais original, de menos visto que a *Dama das Camélias*, ou o *Chapéu de Palha de Itália;* reunimo-nos, com papel e tinta; e entre aqueles moços, nascidos em pequenas vilórias da província, novos, frescos, em todo o brilho da imaginação, uma só ideia surgiu: *traduzir alguma coisa do Francês*. Um dia, porém, Teófilo Braga, farto da França, escreveu um drama, conciso e violento, que se chamava *Garção*. Era a história e a desgraça do poeta garção. Eu representei o Garção, com calções e cabeleira, e fui

sublime; mas o Garção foi acolhido com indiferença e secura. E um só grito ressoou nos bastidores:

— Ora aí têm... Um fracasso! Pudera! Peças portuguesas!...

Imediatamente nos refugiámos no Francês e em Scribe.

O Teatro, pouco a pouco, pusera-me em contacto com a literatura. Encontrei, organizada, completa, uma larga sociedade literária a que em parte presidia o homem, entre todos excelente e grande, que é mais que uma glória da sua pátria, porque é uma glória do seu século. Mas, à parte esse, em quem as largas, fecundas correntes do saber contemporâneo não alteravam de todo esse feitio especial, profundamente português, de ilhéu de boa raça,

descendente de navegadores do século XVI — todo o resto desse rancho encantador parecia ter chegado na véspera do *Quartier Latin*. Sobre as mesas, só havia livros franceses; nas cabeças só rumorejavam ideias francesas; e o cavaco, entre a fumaraça, tomava invariavelmente o picante gosto francês. O que se lia? Só a França. Toda a França — desde Mery a Proudhon e desde Musset a Littré. Em todo o tempo que vagueei pelas margens do Mondego, creio que não abri um livro português, a não ser, em vésperas de ato, e com infinita repugnância, a *Novíssima Reforma Judiciária*. Mas conhecia, como todos os meus amigos, cada romancista, cada poeta francês, não só na sua obra, mas na sua vida — nos seus amores, nos seus tiques, e no seu estado de fortuna.

Foi por esse tempo que eu e alguns camaradas nos entusiasmámos pela pintura francesa!... É extraordinário, bem sei, considerando que estávamos então a seis longos dias de viagem do Luvre e do Luxemburgo, e do *Salon*. Mas tínhamos os críticos, todos os críticos de arte, desde Diderot até Gautier, e era na prosa deste que nós admirávamos estaticamente a sobriedade austera de Ingres ou o colorido apaixonado de Delacrois. E em tudo isto eu obedecia sempre a um impulso, a uma grande corrente, como uma folha que boia na água.

Com a minha carta de bacharel num canudo, trepei enfim um dia para o alto da diligência, dizendo adeus às veigas do Mondego. Justamente nesse mesmo tejadilho ia um francês, um

commis-voyageur. Era um colosso, de lunetas, duro e brusco, com um queixo maciço de cavalo, que, à maneira que o coche rolava, ia lançando através dos vidros defumados um olhar às terras de lavoura, aos vinhedos, aos pomares, como se os sopesasse e lhes calculasse o valor, torrão a torrão. Não sei porquê, deu-me a impressão de um agiota, estudando as terras de um morgado arruinado. Conversei com este animal; ele pareceu surpreendido da minha facilidade no Francês, do meu conhecimento do Francês, da política de França, da literatura de França. De facto, eu conhecia romancistas, filósofos franceses, que ele ignorava. E ainda recordo o tom de alta proteção, com que me disse, batendo-me no ombro, enquanto nós rolávamos na

estrada, vendo em baixo, no vale, o mosteiro da Batalha:

— *Vous avez raison, il faut aimer la France... Il n'y a que ça! Et puis, vous savez, il faut que nous vous fassions des choses, des chemins de fers, des docks, des choses... Mais il faut nous donner votre argent...*

Creio que realmente, depois, temos dado *notre argent* à França, largamente!

Enfim, cheguei à capital de Portugal — e lembro-me que a primeira coisa que me impressionou foi ver a uma esquina um grande cartaz, anunciando a representação de *Cançonetas Francesas*, no Casino, a brilhante M.me Blanche, e a incomparável *Blanchisseuse*. Era outra vez a França, sempre a França. Eu

deixara-a dominando em Coimbra, sob a forma filosófica; vinha encontrá-la conquistando Lisboa, de perna no ar, sob a forma de cancã...

Começou então a minha carreira social em Lisboa. Mas era realmente como se eu habitasse Marselha. Nos teatros — só comédias francesas; nos homens — só livros franceses; nas lojas — só vestidos franceses; nos hotéis — só comidas francesas... Se nesta capital do Reino, resumo de toda a vida portuguesa, um patriota quisesse aplaudir uma comédia de Garrett, ou comer um arroz de forno, ou comprar uma vara de briche — não podia.

Nem nos palcos, nem nos armazéns, nem nas cozinhas, em parte alguma restava nada de Portugal. Só havia

arremedos baratos da França. A particular atmosfera de coscuvilhice política, que é tão peculiar a Lisboa como o nevoeiro a Londres, forçou-me, a meu pesar, a embrenhar-me também na política. Em que política? Boa pergunta! Na francesa! Por que havia então em Lisboa toda uma classe culta e interessante de políticos «franceses», que, no Grémio, na Havanesa, à porta do Magalhães, faziam uma oposição cruel, amarga, inexorável, ao Império Francês e ao Imperador Napoleão!

Também havia decerto, na Baixa, no Passeio Público, imperialistas que tinham empreendido a campanha da Ordem contra Rochefort, e contra Gambetta. Mas era uma minoria. Lisboa toda arreganhava o dente para o

imperador. E, naturalmente, eu, moço e ardente, cheio de ideias de Liberdade, e de República, transbordando de ódio contra essa corja dos Rouher e dos Baroche, que proibiam o teatro de Hugo, e tinham levado à polícia correcional Gustavo Flaubert, lancei-me vivamente na oposição às Tulherias. O que eu conspirei! Jesus, o que eu conspirei! O meu desejo era filiar-me na Internacional! E lembra-me que uma noite, a propósito de não sei que novo escândalo do Império, achando-nos uns poucos no Martinho, em torno de um café, exclamámos todos, pálidos de furor, cerrando os punhos:

— Isto não pode ser! Já sofremos bastante. É necessário barricadas, é necessário descer à rua!

Descer à rua era a ameaça terrível. E descemos o degrau do Martinho! Depois, na rua, sob o quente luar de julho, ouvindo os foguetes para os lados do Passeio Público, voltámos para lá os passos frementes — porque um de nós, o mais exaltado, encontrava lá uma certa senhora, em noites de fogo preso. Ah, mocidade, mocidade, incomparável encanto! Onde estão os entusiasmos de então, a santa palidez que nos cobria a face ante o espetáculo da injustiça, e a doçura que encontrávamos nos luares de maio, e os foguetes alegres do Passeio?

Enquanto à Política propriamente portuguesa, escuso dizer que nenhum de nós verdadeiramente sabia se o regime que nos governava era a Constituição ou o Absolutismo. De tais detalhes portugueses

não curavam os filhos de Danton. E enquanto às divisões parlamentares de Regeneradores, Históricos, Reformistas, nem sequer as suspeitávamos, nós que conhecíamos as menores *nuances* da oposição francesa, e que distinguíamos as pequenas subtilezas de opinião que dividiam Jules Favre e Gambetta, Picard e Jules Simon.

Mas para que hei de continuar? Não quero escrever uma página de memórias. Apenas mostrar, tipicamente, como eu, e toda a minha geração (excetuando espíritos superiores, como Antero de Quental ou Oliveira Martins) nos tínhamos tornado fatalmente franceses no meio de uma sociedade que se afrancesava e que, por toda a parte, desde as criações do Estado até ao gosto dos

indivíduos, rompera com a tradição nacional, despindo-se de todo o traje português, para se cobrir — pensando, legislando, escrevendo, ensinando, vivendo, cozinhando — de trapos vindos da França!

Esta geração cresceu, entrou na política, nos negócios, nas letras, e por toda a parte levou o seu francesismo de educação, espalhou-o nos livros, nas leis, nas indústrias, nos costumes, e tornou este velho Portugal de D. João VI uma cópia da França, malfeita e grosseira. De sorte que, quando eu, lentamente, fui emergindo dos farrapos franceses em que essa educação me embrulhara, e tive consciência do postiço estrangeiro da nossa civilização, eu pude dizer que *Portugal era um país traduzido do*

francês — no princípio em vernáculo, agora em calão.

Mas dir-me-ão: — Tudo isso é uma pequena minoria, feita de alguns políticos, alguns literatos, alguns banqueiros e alguns mundanos; a vasta maioria do país, a burguesia das vilas, a gente dos campos, permanece portuguesa, conservando no seu sentir e no seu pensar o fio da tradição, que seria fácil ir buscar lá, para com ele se continuar a tecer a nossa verdadeira civilização de feitio português.

Nenhum erro maior! Essa vasta maioria não conta. Um país, no fundo, é sempre uma coisa muito pequena: compõe-se de um grupo de homens de letras, homens de Estado, homens de negócio, e homens de clube, que vivem de

frequentar o centro da capital. O resto é paisagem, que mal se distingue da configuração das vilas ou dos vales. É a gente sonolenta da província, que apenas se diferencia das pequenas vielas, tortuosas e sujas, onde vegeta; são os homens do campo, que mal se destacam das terras trigueiras que semeiam e regam. A sua única função social é trabalhar, pagar. A direção de um país é dada justamente por essa minoria da capital. Quando algum jornalista e algum político de Paris quiser que a França seja republicana, proclama-se a república; quando preferir que haja monarquia, sobe um sujeito, com uma coroa na cabeça, ao trono de Luís XIV. Não são os camponeses da Beauce, nem os burgueses de Orleães, que escolhem para a França o

barrete vermelho ou a coroa fechada. A moda dessa *coiffure* vem de Paris, de algumas redações do Boulevard ou dos corredores do Palais-Bourbon. Na mesma Inglaterra, com a sua vasta descentralização intelectual e social, a classe média não conta, porque, na realidade, os círculos eleitorais das províncias só em questões muito graves, em questões de dinheiro ou dignidade nacional, têm uma opinião sua, e a fazem ouvir de alto: de resto, ocupada no seu trabalho, aceita submissamente as opiniões dos clubes de Pall-Mall, e dos jornalistas de Fleet-St., como aceita a forma de paletós que, para a *season*, é decretada pelos cortadores de Cook ou de Poole. Que será pois em Portugal onde, fora do pequeno centro de Lisboa, não há

vida intelectual nem social?

O que um pequeno número de jornalistas, de políticos, de banqueiros, de mundanos decide no Chiado que Portugal seja — é o que Portugal é. Se um grupo amanhã decidir que Portugal seja turco — através do país inteiro todos os chapéus altos, todos os chapéus desabados, todos os cocos, todos os barretes de varino, tenderão lentamente mais ou menos a tomar a forma de turbante. Por ora, todavia, tudo é francês. A toda a parte chega esta ondulação do francesismo partida do Chiado — mais forte no Porto do que em Guimarães, mais visível em Guimarães do que em Lamaçal de Bouças, mas sensível para quem sabe ver debaixo das superfícies. Pode-se conservar o chinelo de ourelo, e ser-se

fiel ao sarrabulho de porco, mas por toda a parte há vagamente essa tendência, essa aspiração, esse desejo escondido de não ser como foram nossos avós, mas de outro modo, como se é lá fora. E lá fora — é a França.

O pai de um amigo meu, em 1836 ou 1848, num ódio repentino a tudo que lhe lembrava o velho Portugal, foi-se à sua mobília antiga, de pau-preto torneado e de assentos de couro lavrado, e num só dia vendeu, queimou, sepultou em sótãos, dispersou todas essas formas vetustas, que lhe vinham do passado; depois correu a um estofador da esquina, e comprou, ao acaso, num lote, uma mobília francesa. O que este homem fez, todo o Portugal o fez. Num rompimento desesperado com o velho regime, tudo quebrou, tudo estragou,

tudo vendeu. Achou-se de repente nu; e como não tinha já o caráter, a força, o génio, para de si mesmo tirar uma nova civilização, feita ao seu feitio, e ao seu corpo, embrulhou-se à pressa numa civilização já feita, comprada num armazém, que lhe fica mal, e lhe não serve nas mangas.

Como acontece sempre nestas *toilettes* feitas à pressa, veem-se ainda, por baixo do arrebique francês, os restos do fato primitivo e rude. Portugal ainda usa tamancos. Mas mesmo onde este desventuroso país usa tamancos, tem o seu coração, o seu desejo voltado para a bota de verniz bicuda, que vem de Paris. Numa velha vila da província, um amigo meu entrou numa loja, uma sombria loja, cheirando a mofo, alumiada a azeite, para

comprar um guarda-chuva. E, oh, horror!, eis que o lojista, um pouco pálido, de quinzena de cotim, lhe pergunta, erguendo-se detrás do balcão com o *Gil Blas* na mão: «V. Ex.ª leu hoje esta deliciosa fantasia de Calulle Mendès?» Naquela loja respeitável, onde seu pai, de chinelos, apilhava, honradamente, os briches e as saragoças, o miserável lia Catulle Mendès! Mais ainda. Um dia, em Braga, abro um jornal e vejo este anúncio: «Na rua de tal, velas de cera, círios, tochas de qualidade superior, tudo o que há neste género de mais *pshutt* e *becarre*.» Oh, miséria incomparável! Os santos encantadores do nosso calendário, patronos das nossas casas, fiéis e doces protetores do nosso lar, alumiados nos altares com círios *pshutts*, e com molhos

de velas *becarre!* A este abismo levou o francesismo, na velha e católica Braga, o venerável e patriótico negócio da cera. Desgraçada cera, desgraçada Braga!

Mas é sobretudo na minha especialidade, na literatura, que esta cópia do Francês é desoladora. Como aqueles patos que Zola tão comicamente descreve na *Terre*, aí vamos todos, em fila, lentos e vagos, através do caminho da poesia e da prosa, atrás do ganso francês. Quando ele embica para a relva, vamos bamboleando, pata aqui, pata acolá, em direitura à relva; se ele para, com o bico no ar, todos paramos, com o bico no ar. De repente ele abre as asas, saltita pesadamente, e eis a fila grotesca, e pesada, e saltitante, correndo confiadamente para o charco! Fomos

sucessivamente, em imitação do ganso francês, românticos, góticos, satânicos, parnasianos, realista. Toda a incoerência, toda a afetação, toda a extravagância de uma literatura em decadência, ávida de originalidade, e desengonçando-se no esforço violento de encontrar uma altitude nova que espante o público — é imediatamente macaqueada a sério, com uma gravidade melancólica, que é o fundo do caráter nacional, por uma infinidade de moços honestos e simples.

Há dois ou três anos, esse colossal blagueador e *cabotin* chamado Richepin publicou um livro, *Les Blasphèmes*, em que se propunha simplesmente a acabar de vez, por meio de algumas rimas brilhantes, com o sentimento religioso na humanidade, descrevendo obscenamente a

afeição íntima de seu pai e de sua mãe. Era em casa de Oliveira Martins, e todos achámos imensamente divertida esta nova forma de respeito filial. Antero de Quental, porém, não ria.

— Isto para nós é grave — disse ele. — Porque amanhã vão aparecer aí, por todos esses jornais, estrofes de poetas novos, começando assim:

Meu pai era ladrão, minha mãe meretriz!

E vinte horas não tinham passado sem que todos, no espanto desta profecia, lêssemos, em jornais de Lisboa e Porto, poesias em que moços de maior honestidade, de famílias honradíssimas, acusavam as suas mães de prostituição e tratavam os pais de «lúbricos machos».

Aí está onde leva a França!

Mas, se os que escrevem ou escrevinham vivem da França, os que leem ou os que apenas folheiam nutrem-se exclusivamente da França. Quem passeia pelas ruas de Lisboa vê que nas vitrinas dos livreiros só há livros franceses; e quando se sobe às casas, se penetra na sociedade, só lá se descobrem (desde que a conversação se eleva acima das coisas locais), leituras francesas, admirações francesas, frases francesas. Quase toda a nossa mocidade culta recebe a sua luz intelectual do *Fígaro*. E o banalíssimo, mediocríssimo Wolf é ainda, para muitos homens inteligentes, o representante do espírito francês. Porque é necessário observar que tanto os que escrevem, como os que leem, tomam ingenuamente o

Boulevard pela França. Para além da França nada se conhece — e é como se, literariamente, o resto da Europa fosse uma vasta charneca muda, sob a bruma. Da nossa vizinha Espanha, nada sabemos. Quem conhece aí os nomes de Pereda e de Galdós? A literatura inglesa, incomparavelmente mais rica, mais viva, mais forte e mais original que a da França, é tão ignorada, apesar de geralmente se saber inglês, como nos tempos remotos em que vinte longos e laboriosos dias eram necessários para ir de Lisboa a Londres. Há alguns anos, um personagem, um político, um homem de Estado perguntava-me, com um ar de suficiência e superioridade:

— Lá por Inglaterra também há alguma literatura?

E ainda recentemente um homem excessivamente culto, conhecendo perfeitamente o inglês, me dizia:

— A respeito da literatura, imagino que deve ser alguma coisa de muito brilhante e de muito grande; mas, a não ser Dickens, que morreu há vinte anos, não posso citar um só nome, e de nenhum outro posso citar uma só linha!

E todavia não é a curiosidade que nos falta. Mas estamos colados às saias da França, como à de uma velha amante, a que nos acorrente o vício e o hábito, e de quem não ousamos afastar-nos, para ir falar a alguma mulher mais interessante e mais fresca. Há tempos, na curta distância que vai do Rossio ao Loreto, eu fui assaltado por seis ou sete pessoas, que me travavam do braço, me arrastavam para a

esquina, para me perguntar ansiosamente: «Quem é uma certa Rhoda Brougton que escreve romances?» E eu ia já indignar-me, pensando que isto era uma *scie* montada contra mim, quando soube que o *Figaro* da véspera tinha um artigo sobre a graciosa e fina criadora da *Família Maubrey.*

Da rica e grande literatura da Alemanha, podemos dizer, como o meu amigo: nem um nome a citar, nem uma linha a lembrar! E se agora conhecemos alguns romances russos, é porque «estão à moda» no Boulevard.

Mas, pergunto eu, este *collage* com a França, esta imitação, esta preocupação da França, é uma tendência fatal, necessária, de temperamento, de congeneridade, de similitude, a que não

possamos escapar, como a Dinamarca não pode escapar a imitar a Alemanha, e a Bélgica se não pode eximir a imitar a França? Não creio. O Dinamarquês é um alemão desbotado. A Bélgica é uma edição barata da França. Mas não há similitude alguma de temperamento, de feitio moral entre nós e a França. Nada mais diferente de um francês do que um português; nem eu compreendo que satisfação, que gozo possa achar o espírito português em se nutrir, em se banhar nas criações do espírito francês. A França é um país de inteligência; nós somos um país de imaginação. A literatura da França é essencialmente crítica: nós. Dor temperamento, amamos sobretudo a eloquência e a imagem. A literatura da França é, desde Rabelais até Hugo,

social, ativa, militante. A nossa, por tradição e instinto, é idílica e contemplativa. Não é só por uma fria imitação de Teócrito e dos bucólicos latinos que nós, desde Rodrigues Lobo até aos elegíacos da Arcádia, amamos a écloga pastoril: é porque nós somos realmente o povo que se compraz em estar quieto entre os choupais, a ver correr as águas meigas, pensando em coisas saudosas. Fomos à Índia, é verdade, mas quase três séculos são passados, e ainda estamos descansando, derreados, desse violento esforço a que nos obrigaram alguns aventureiros que tinham pouco do fundo comum da nossa raça, e que, a julgar por Afonso de Albuquerque, deviam ser de origem fenícia, puros cartagineses, talvez da família dos

Barças. Enfim, o símbolo da França será eternamente o galo, o galo petulante e lustroso que canta claro, com uma limpidez de clarim, no fresco arrebol da manhã: e o nosso emblema é e será eternamente o rouxinol, que geme na espessura mal alumiada dos arvoredos, o rouxinol «amavioso e saudoso» que faz chorar Bernardim.

A alma de um povo define-se bem a si mesma pelos heróis que ela escolhe para amar e para cercar de lenda. O grande rei para os Franceses é e será sempre Francisco I, enorme, robusto, ligeiro, rindo alto, batendo-se valentemente, amando mais valentemente ainda, radiante, gozando largamente a vida, poeta em certos momentos, artista por ostentação, e falador eterno... O nosso

genuíno herói, e isto resume tudo, é o poético e pensativo D. Sebastião.

Ora se nenhuma congeneridade de ideia, de sentimento, de natureza, de temperamento, nos cola irremediavelmente à França, ser-nos-á fácil, sem dúvida, separar-nos dela, sem que se dilacerassem as raízes mesmas da nossa sociedade. Nós estamos apenas colados à superfície, somos um parasita. E se nos desprendêssemos desse grande corpo, em que sugamos para viver, poderíamos, sem emagrecer e sem deterioração do nosso organismo, ir procurar noutro corpo social a vida do nosso espírito. Como parasitas prudentes, e o Português é prudente, podemos talvez perguntar a nós mesmos, se nos convém continuar a sugar a pele francesa, e se ela

realmente oferece todos os elementos de uma suficiente alimentação para que, como uma pulga obstinada que pica o seio ressequido da carcaça de uma velha, onde não há seiva e sangue, não estejamos nós mordendo, chupando, onde não há sangue e seiva que nos alimente.

É tempo, pois, de considerar se nos convém, como *table-d'hôte*, a literatura da França — a nós, parasitas, que em questões de literatura e de tudo, vamos comer às casas alheias. Afoitamente digo que nos não convém. A literatura francesa, neste último quartel do século, sofre de um obscurecimento, um desaparecimento de sol entre nuvens, de que o seu génio decerto sairá mais radiante e iluminado; mas por ora só nela há uma grande sombra, que passa. De

cima a baixo, das regiões do alto saber e do alto pensar até à literatura do Boulevard, há um enfraquecimento, um desequilíbrio, um enervamento, que de um lado leva à extravagância, e do outro à banalidade. Extravagância, banalidade! O grande, luminoso, exato, crítico espírito francês está oscilando entre estas duas inferioridades. E em toda a linha da criação literária assim oscila, ora dando pulos grotescos com o desagradável Richepin, ora estendendo-se, chatissimamente, ao comprido, com o detestável Ohnet. Veja-se a mais alta figura literária da França, e a mais francesa — Renan. Espírito da mais requintada e subtil finura crítica, saturado de saber, possuidor de uma língua a mais luminosa e a mais bela, tendo o que há de

melhor em Racine e de melhor em Voltaire, com alguma coisa de mais aveludado, de mais acariciador, que prende, irresistivelmente arrasta a alma — que ensina ele, hoje, este mestre, este francês, que domina com a dupla influência da fina crítica e da forma perfeita?

Este mestre ensina-nos simplesmente que nada na Terra vale, ou tem importância, senão os gozos que dá o amor, ou o esquecimento que dá a morte. Certamente, em boa filosofia, as duas coisas correlacionam-se: a morte e o amor; e há aqui uma grande lógica. Mas nem por isso deixa de ser o mais forte sintoma da decadência intelectual da França que este mestre, este sábio, não abra os lábios, não tome a pena, senão

para nos apontar alternadamente — ou para a alcova ou para o cemitério. E se, de Renan, descemos à grande massa da literatura — o estonteamento é ainda mais característico. No romance, que é a forma preferida da arte moderna, temos mais que em nenhuma outra a banalidade e a extravagância, instintivamente usadas para os dois grandes fins, os dois grandes objetos de todo o esforço parisiense — ganhar dinheiro e espantar a galeria, o gozo ou a gloríola. Na banalidade, com mais ou menos distinção (porque tal é o requinte moderno que mesmo na banalidade há distinção), temos duas ou três individualidades que dão o tom por que as outras atrás afinam. É o Sr. Ohnet, o medíocre Sr. Ohnet, que ganha centenares de mil francos, fabricando,

com pena fácil, para uso de uma larga democracia igualitária que tem um fundo de educação aristocrática, quadros burgueses, em que os donos de forjas, empreiteiros, proprietários de armazéns de retalho, toda uma classe industrial, aparecem com os sentimentos de cavalheirismo, orgulho, heroísmo, romantismo, que essa pequena burguesia estava habituada a admirar secretamente na classe aristocrática, na gente de privilégio e de espada, nos *grands seigneurs!* E depois o Sr. Bouget, um parisiense com um ligeiro toque de inglesismo, como pede a moda, que leva para o Faubourg St. Germain, num fiacre, os seus métodos de psicologia, de uma psicologia que cheira bem, que cheira a opopânece, e tomando uns ares

infinitamente profundos, remexe os corações e as sedas das senhoras, para nos revelar segredos que todo o mundo sabe, num estilo que todo o mundo tem.

Por outro lado, gesticulando violentamente, há um pequeno grupo de extravagantes, que se estorcem, se esfalfam para achar alguma coisa inesperada que faça deter os *badauds* no Boulevard que, com efeito, espantam por vezes como saltimbancos muito destros, mas que no momento em que findam as suas cabriolas, arquejando, são esquecidos pelo homem sério, que para a olhar, e que passa. Tudo isto é francês, especialmente nascido das condições especiais de Paris, e não vejo o que aqui tenha a admirar ou a imitar um bárbaro honesto que vive para cá dos Pirenéus. E

de todos estes romancistas, talvez aqueles que nós pudéssemos com mais utilidade imitar, são os muito simpáticos e estimáveis Verne e Boisgobey, que ao menos, com suas viagens, as suas intrigas, são um encanto providencial das crianças e dos convalescentes.

Na poesia francesa, tão admirada entre nós, a decadência é maior. Os Franceses nunca foram poetas, e a expressão natural do génio francês é a prosa. Sem profunda, religiosa, ardente emoção, não há poesia; e a França não se comove, permanecendo sempre num razoável equilíbrio de sentimento e de razão, bem senhora da sua clara inteligência. Os clássicos da poesia francesa, Mathurin Regnier, Boileau, La Fontaine, são justamente os homens de

bom senso, de fria crítica, de honesta moral. Os bons conhecedores da poesia, em França, admiram sobretudo os poetas, quando eles têm em alto conceito estas qualidades superiores, que são, na realidade, qualidades de prosa. A limpidez nobre de Racine, a graça subtil de La Fontaine, serão o encanto eterno da França. Vítor Hugo, cora o seu violento voo lírico, com o esplendor do seu verbo, teve a admiração, mas nunca teve a estima literária da França. E hoje os poetas mais estimados de França são-no ainda por qualidades que pertencem à prosa — Coppée, pela sua facilidade clara e breve, Leconte de Lisle, pela sua majestade lapidar. A poesia francesa são alexandrinos em prosa. Baudelaire escrevia primeiro em prosa os seus

poemas.

Nunca a França teve um só poeta comparável aos poetas ingleses, a Burns, a Shelley, a Byron, a Keats, homens de emoção e de paixão, tão poéticos como os seus poemas; e hoje, que poeta há em França que se possa pôr ao lado de Tennyson, de Browning, de Rossetti, de Matthew Arnold, de Edwin Arnold, de Austin, etc.? Um só poeta francês teve a emoção: Musset. Colocado no centro do Romantismo, abalado por largas correntes de emoção, que vinham de Inglaterra e da Alemanha, dotado de uma exaltação natural, apaixonado, ardente, inspirado, este francês singular sofreu, e cantou como sofreu; e, conservando-se francês, foi profundamente humano. Mas a França culta, literária, muito tempo se recusou a

ver nele um grande poeta. Diz Paulo de Musset, que, quando apareceram, na *Revista dos Dois Mundos*, as *Estâncias à Malibran*, *As Noites*, os verdadeiros homens cultos permaneceram frios! Como havia, porém, naquela poesia, e expressas sinceramente, coisas que são eternas, a mocidade, o amor, a voluptuosidade, a dor — a França, pouco a pouco, foi atraída para aquele canto vivo e doloroso. A simpatia das mulheres venceu a resistência dos críticos. Musset, hoje, é oficialmente um grande poeta, mas nunca veio a ser um clássico. E a França conserva diante dele uma reserva, misturada de desdém e de amor, reprovando e amando, e sentindo que tem naquele homem, que a Europa tanto lhe aclama, um poeta que é ao mesmo tempo

medíocre e imortal.

De resto, a inteligência e a poesia, raramente vão juntas. Eu só conheço um homem, uma exceção, em que o sumo génio poético se alia à suma razão filosófica. É o nosso Antero de Quental. Nos seus *Sonetos*, exprime esta coisa estranha e rara — as dores de uma inteligência. É uma grande razão debatendo-se, sofrendo, e formulando os gritos do seu sofrimento, as suas crises, a sua agonia filosófica, num ritmo espontâneo, da mais sublime beleza poética; cada soneto é o resumo poético de uma agonia filosófica. E é por isso que a Alemanha se lançou sobre este livro de *Sonetos* (que Portugal não leu) e os traduziu, os comentou, os fixou religiosamente na sua literatura, como

uma coisa rara e sem precedentes, uma pérola fenomenal de criação desconhecida, única no grande tesouro da Poesia Universal. Mas em França não há disso. E a sua clara inteligência tem-lhe vedado os triunfos poéticos. Depois da curta emoção de Musset, a França recaiu mais que nunca na poesia que é admirada por ter as qualidades da prosa.

E isto, naturalmente, devia levar, e levou num momento em que toda a literatura decai, e em que a emoção de todo se esvai, e o espírito crítico um momento se embota — devia levar e levou à banalidade ou à extravagância. Mas se a parte da banalidade é grande no Romance — os poetas, que estão naturalmente mais longe do grande público, foram forçados a chamar-lhe a

atenção mais violentamente, e, numa ânsia de originalidade e de novidade, precipitaram-se em massa na extravagância. Daí provêm todos esses movimentos do Satanismo, que desandou noutro, chamado, Deus me perdoe, o Nervosismo! Mas aí ainda havia o desejo, no fundo intelectual, de dar um estremecimento, um arrepio novo à alma.

Por fim, toda a intenção intelectual foi posta de parte e ficou a preocupação meticulosa, requintada da forma — de uma forma que tivesse a extrema originalidade no extremo relevo. O sentir foi substituído pelo cinzelar; e uma estrofe, um soneto, foram trabalhados com os lavores, os polidos, os retorcidos, os engastes, as cintilações de um broche de filigrana, tendo apenas, como a filigrana,

um valor de feitio, como ela agradável à vista, mas deixando o espírito indiferente. Estes homens chamaram-se a si mesmos os Parnasianos — e, entre nós meridionais, que amamos o lavor e o feitio, o brilho, o luxo da forma, exerceram uma influência devastadora. A eles se devem esses estilos delirantes, que tornaram nestes últimos anos a poesia, em Portugal, uma coisa grotesca e picara.

Mas mesmo em França a sua influência, ou antes o seu contágio, não foi menos lamentável. Nada há mais tirânico do que a moda nas formas: a bota bicuda, sendo moda, impõe-se irresistivelmente aos espíritos mais profundos; e a cabeça de artista em que brilhem as ideias do mais puro gosto, ou rolem os sistemas mais profundos, submete-se

resignadamente ao chapéu que decrete em Londres *The Journal of Fashion*. Ninguém gosta de aparecer na rua menos bem entrapado que o seu concidadão, seja em casaco ou em estilo. E foi assim que veneráveis poetas franceses caíram, já entrados nos dias da sua velhice, no Parnasianismo: Autran e Laprade, eles mesmos, passaram uma camada de esmalte novo, das cores da moda, sobre os seus severos e suculentos alexandrinos: e viu-se o bardo Banville, o amável e fecundo bardo que desde 1830 cantava de *omme re scibile* numa lira larga e fácil, descer ao Boulevard e espantar a multidão, mais fecundo e amável que nunca, com ritmos e rimas tão sarapintados, tão desengonçados, que não se sabia bem se aquilo que cabriolava e

reluzia no papel, eram os versos de um poeta ou as bolas de um pelotiqueiro.

Mas estes tempos dos Parnasianos ainda eram os bons tempos. Hoje, que os poetas aclamados depois da geração de Hugo, de Lamartine, de Gautier — os Prudhommes, os Lisle e outros, têm entrado na Academia e no silêncio, e a sua influência salutar foi arrefecendo como um sol que declina, rompeu, com o crepúsculo, uma imensa, infrene orgia no Parnaso Francês. Tão infrene que as pessoas tímidas e honestas não se arriscam a aproximar-se — e, como no tempo de Baco, os homens graves da planície param aterrados, e de longe contemplam, sem ousar ver de perto, as tochas e os gritos das Coribantes perpassar, enchendo de desordem, de

troça e de escândalo, a espessura do bosque sagrado.

Eu, pelo menos, educado com Musset e Hugo, não ouso aproximar-me desses Coribantes, e dos seus livros. Jamais abri um desses livros amarelos, dentro dos quais passam estrofes, com bulhas e gritos intoleráveis. Sei apenas que esses novos se chamam a si mesmos, com uma sublime sinceridade, os *Decadentes*, os *Incoerentes*, os *Alucinados*. Têm as suas *coteries*, como quem diria os seus colégios sacerdotais, celebram em comum os seus ritos, e, como todos os colégios sacerdotais, redigem os seus anais, em cadernetas que se chamam o *Jornal dos Incoerentes*, a *Revista dos Alucinados*... Zelosos dos seus privilégios, detestando as confrarias

rivais, todo o tempo em que não desonram o Monte Olimpo, com desabaladas orgias de ritmo, o passam, como os gramáticos do Baixo Império, a questionarem sobre precedências e valores relativos da sua escola: é assim que alguns poetas ultimamente declaravam em todos os jornais que fulano de tal, poeta, não era de modo nenhum o chefe dos Incoerentes, e que esse chefe ilustre dos Incoerentes, o homem inspirado e supremo, que em si resumia toda a Incoerência, era Verlaine, só Verlaine, e não outro. E Verlaine, indisputadamente, guarda a coroa da Incoerência.

É necessário dizer-se, todavia, que há aqui talento! Há mesmo muito talento, uma habilidade de ofício maravilhosa, uma presteza de mão que

surpreende, uma técnica de rima, uma abundância de cor, uma arte no detalhe que maravilha. Somente, nestes milhares de versos admiráveis — não há um verso poético: estes poetas não têm poesia: e, entre tantos talentos, não há uma só alma!

Mais Dois Dispersos de Eça de Queirós

Recentemente veio-nos às mãos o *número único* de uma publicação intitulada LISBOA-PORTO, publicação essa feita pela imprensa de Lisboa em benefício das vítimas sobreviventes do incêndio do Teatro Baquet. Nele colaboraram os nomes mais brilhantes da época, como sejam, entre tantos outros: El-Rei D. Luís I, S.M. a Rainha D. Maria Pia, S. A. Real o Príncipe D. Carlos, S. A. R. D. Amélia, o Infante D. Afonso, Rafael Bordalo Pinheiro, Columbano Bordalo Pinheiro, Eduardo Coelho, Teófilo Braga, Henrique Lopes de

Mendonça, Jaime Batalha Reis, Eça de Queirós, etc., etc.

Entendemos ser o nosso dever corresponder à sorte que nos foi dada usufruir com este achado, reproduzindo as linhas que o insigne romancista. Eça de Queirós, escreveu para esse número único.

Julgamos que, igualmente, devíamos inserir neste volume o artigo «Fraternidade», que Eça de Queirós escreveu para *Anátema*, número único da iniciativa de António Vaz de Macedo e Artur Pinto da Rocha, publicado em maio de 1890, a favor da Grande Subscrição Nacional, por motivo do ultimato de 11 de janeiro de 1890; e que a revista *Ocidente*, de Lisboa, reproduziu no seu n.º 91, de novembro de 1945.

Os Editores

Do «Lisboa-Porto»

A propósito do incêndio do Teatro Baquet, no Porto, em 1888

Os artistas da Renascença, quando pintavam o Dilúvio, nunca deixavam de mostrar, em evidência na tela, como alegoria e como lição, um cabeço de cerro — onde se amontoavam animais contrários, as feras e as presas, cordeiros e lobos, gazelas e tigres, os que assaltam e os que fogem, colados dorso a dorso, buscando um no outro refúgio, no pavor comum da maré negra que em torno sobe e os vai todos tragar...

Assim devia ter sido nessa primeira desgraça do mundo. E assim é hoje, entre os homens, quando uma

catástrofe, a terra que treme, um rio que submerge os campos, o chamejar de um vasto incêndio, nos dão o inesperado terror desta bruta e divina Natureza que nos contém, que é mãe e tutelar nutridora, e que bruscamente nos ataca com uma violência que nada discerne, e que, indiferentemente, cai sobre a fraqueza e sobre a arrogância, sobre o que já vai murchando e sobre o que ainda não floriu, sobre o monstro e sobre o santo.

Há então um ansioso aglomerar de gente, a mais oposta e mais vária, na mesma ideia — a ideia de fraternização, de unidade, de aliança contra a Natureza, senão já para debelar o desastre com que ela a todos podia esmagar, ao menos para minorar as curáveis misérias que o desastre a todos poderá estender. É este

sentimento, este confuso medo de uma Natureza incerta e traiçoeira, que inspira, no fundo, as grandes correntes de piedade e de caridade.

Depois, está claro, volvido o rio ao seu leito, apagadas as labaredas, clareadas as ruínas e acalmada a Natureza, todos, já sem susto, se vão pouco a pouco desagregando, cada um volta ao seu interesse e ao ódio do seu vizinho — e o lobo recomeça a devorar o cordeiro. Mas, enfim, houve uma bela hora de harmonia, de fé partilhada, em que os corações bateram em ritmo, as vontades trabalharam em concordância — e da mesma emoção nasceu o mesmo heroísmo. Há, por isso, alguma coisa de nobre e de tocante em querer prolongar, mesmo artificialmente, este radiante

momento de união moral. Eu, por mim, acho bom que ele se alargue, se exagere, ganhe até um começo de rotina e de maneirismo. É um instante amável de paz que se rouba ao contínuo conflito humano! É como quando, num longo e áspero inverno, rompe um dia de sol e doçura, em que tudo parece embelezar, uma bondade esparsa flutua, o céu azula a vida e os homens, sem motivo, sorriem quando se cruzam. Quem não desejaria espaçar este relance de suavidade e de luz?

Bem cedo voltará o vendaval e o negrume — e nos montes, como nas cidades, o lobo recomeçará a devorar o cordeiro.

Bristol, abril de 1888.

Fraternidade

Nunca na Europa se falou com tanta segurança, como hoje, de «fraternidade, de concórdia entre os povos, de fusão das raças numa simpatia»; — e ainda há pouco em Paris, num congresso, um moralista, um sábio, predizia, entre aclamações, que bem cedo da linguagem purificada dos homens desaparecia este vetusto e bárbaro termo — *o estrangeiro.*

De facto, porém, nunca entre as nações existiu, como neste declinar dos velhos regimes, tanta desconfiança, tanta malquerença, ódios tão intensos apesar de tão vagos. Não se encontram hoje na Europa dois povos genuinamente

fraternais; — e nos países cujos interesses mais se entreligam, as almas permanecem separadas. O Alemão detesta o Russo. O Italiano abomina o Austríaco. O Dinamarquês execra o Alemão. E todos aborrecem o Inglês — que os despreza a todos.

São estes antagonismos, irracionais e violentos, tanto ou mais que as rivalidades de Estado, que forçam as nações a essa rígida atitude armada em que elas se esterilizam e se enervam: — e hoje, diferentemente dos tempos antigos, o amor e o cuidado da paz está nos reis e nos povos o impulso para a guerra.

Isto provém de que o poder, ou a influência sobre o poder, passou das castas para as massas, das oligarquias para as democracias. Outrora as

oligarquias, tornadas «cosmopolitas» pela educação, pelas viagens, pelas alianças, pela comunidade de hábitos e de gostos, pela similitude dos deveres da corte, pela tolerância geral que dá a cultura e pelas especiais afinidades de espírito que criava a cultura clássica, não odiavam nunca as outras nações — porque as *outras nações* se resumiam para elas nas outras oligarquias com que se sentiam congéneres em todos os modos de viver, de pensar, de representar, de governar. As democracias, ao contrário, profundamente nacionais e nunca cosmopolitas, conservando com tradicional fidelidade os seus costumes próprios, e intolerantes para os costumes alheios — apenas se conhecem (através das noções estreitas de uma instrução fragmentária) nas suas

feições mais nacionalmente características e portanto mais irreconciliavelmente opostas: — e dessas diferenças que entre si pressentem ou constatam, lhes vem por instinto um mútuo afastamento e como uma antipatia etnográfica. O operário inglês, há cem anos, não conheça sequer a existência do Russo. Hoje sabe, imperfeitamente, por leituras apressadas de jornais e de *magazines* populares, que o Russo é um homem que dele absolutamente difere no tipo, no traje, no idioma, nas maneiras, nas crenças... Daqui uma primeira repulsão; e como sabe além disso vagamente, pela imprensa, que esse homem, tão dissemelhantemente de si, vai marchando sobre a Índia «para se apossar dos domínios da rainha», enxerta sobre o

seu antagonismo de raça a sua indignação de patriota, e chega a odiar o Russo, tão intensamente, que se não pode em Londres, num café-concerto ou num circo, desdobrar a bandeira da Rússia, sem que rompam das bancadas do povo apupos e clamores de cólera.

Por toda a parte assistimos assim ao desenvolvimento exaltado do indivíduo nacional. E, com o advento definitivo das democracias, haverá na Europa, não a universal fraternidade que os idealistas anunciam, mas talvez um vasto conflito de povos, que se detestam porque se não compreendem, e que, pondo o seu poder ao serviço do seu instinto, correrão uns contra os outros — como outrora, nas velhas demagogias gregas, os homens da Mégara se lançavam sobre os homens da

Lacónia, e toda a Ática se eriçava de armas, por causa de um boi disputado no mercado de Fila ou de uma bulha de rufiões nos grandes pátios de Aspásia.

A CAPITAL

Primeira edição: 1925

1

A estação de Ovar, no caminho de ferro do Norte, estava muito silenciosa, pelas seis horas da tarde, antes da chegada do comboio do Porto.

A uma extremidade da plataforma, um rapaz magro, de olhos grandes e melancólicos, a face toda branca da frialdade fina de outubro, com uma das mãos metida no bolso de um velho paletó cor de pinhão, a outra vergando contra o chão uma bengalinha envernizada, examinava o céu. De manhã chovera e a tarde ia caindo com uma suavidade muito pura. Laivos rosados esbatiam-se nas alturas como pinceladas de carmim muito diluído em água, e longe, sobre o mar,

para além da linha escura dos pinheirais, por trás de grossas nuvens tocadas ao centro de tons de sanguínea e orladas de ouro vivo, subiam quatro fortes raios de sol, divergentes e decorativos — que o rapaz magro comparava às flechas ricamente dispostas de um troféu luminoso.

Na estação, havia apenas um passageiro esperando o comboio: era um mocetão do campo que se conservava imóvel, encostado à parede, com as mãos nos bolsos, os olhos duramente cravados no chão; ao lado, sentadas sobre uma arca nova de pinho, estavam duas mulheres, uma velha e uma rapariga grossa e sardenta, ambas muito desconsoladas, tendo aos pés, entre elas, um saco de chita e um pequeno farnel de onde saía o

gargalo negro de uma garrafa.

O chefe da estação, gordo, com o queixo amarrado num lenço de seda preta, o boné de galão sujo posto muito ao lado, apareceu à porta da sala das bagagens, de charuto nos dentes. O rapaz magro dirigiu-se timidamente para ele:

— Creio que o comboio vem atrasado...

O chefe afirmou silenciosamente com a cabeça, e depois de uma fumaça:

— Vem sempre atrasado aos sábados... É a demora em Espinho.

O rapaz esteve um momento raspando o chão com a bengalinha — e foi andando devagar ao longo da plataforma. Reparava agora no moço do campo: decerto ia a Lisboa, embarcar para o Brasil; e sensibilizado pela face

tão desolada da velha, pensava que o Emigrante daria um motivo tocante de poesia social, quadras de cor rica — os vastos azuis do mar contemplados de uma amurada de paquete, as noites saudosas, longe, numa fazenda do Brasil, quando a lua é muito clara e os engenhos estão calados... E aqui, no casebre da aldeia, os pais chorando à lareira e esperando o correio... Entrevia mesmo os primeiros versos:

Ei-lo que deixa o lar, a mãe chorosa,
Os verdes campos, o casal risonho...

Procurava a rima, já interessado, quando um sujeito baixote e bochechudo, de boné escocês, apareceu na grade da estação, com uma chapeleira de papelão

azul, a galhofar com duas raparigas que o seguiam, oferecendo ovos moles ou mexilhões para ele levar para Lisboa.

— A ti é que eu te levava, Mariquinhas; queres tu vir?

— É já, Sr. Joãozinho... Vou buscar o Sr. Padre Mendes, que nos casa aqui mesmo.

Mas o sujeito bochechudo avistou o rapaz magro, de paletó cor de pinhão, e exclamou:

— Olá, *sô* Artur! Então também se vai até Lisboa?

O Sr. Artur sorriu:

— Quem dera! Não; vim apenas esperar meu padrinho que vai de passagem para lá.

O outro puxou as calças para a cinta e disse, rindo:

— Homessa! E vem o amigo de Oliveira de Azeméis aqui, para ver passar seu padrinho no comboio?...

— Então? Para lhe apertar a mão, desejar-lhe boa viagem...

— Diabo! — disse o outro. — Já é ser bom afilhado!... Eu não o fazia nem por meu pai. — Pousou a chapeleira, petiscou lume e tirando uma fumaça do cigarro, continuou com satisfação: — Pois eu vou-me até à capital!... Desenferrujar!... Se quiser alguma coisa...

— Que se divirta!

— Fica por minha conta! Há de encher-se este ventrezinho! E então que vamos ter um rico inverno em Lisboa! Sassi em S. Carlos, cancanistas francesas no Casino... Naturalmente fornada nova de espanholas... Não lhe digo mais nada...

Deu outro puxão às calças e foi colocar com prudência a chapeleira de papelão ao lado de um saco de tapete. Artur seguia-lhe o dorso grosso, curvado sobre a bagagem, os quadris de obeso sobre que estalava uma calça cor de avelã; e pensava com desconsolo, que era aquela criatura endinheirada que ia para Lisboa, o Joãozinho Mendes, de Ovar, a quem chamavam em Coimbra o *Chouriço* e era incapaz de compreender um livro ou mesmo um dito! E lembrava a noite em que o Taveira, no Carneiro, muito bêbedo, improvisara injúrias ricas ao Joãozinho Mendes:

Lá na eterna Salgadeira,
Ensacando de uma vez,
Dentro da tripa da Asneira,

Um naco gordo e roliço
Do lombo da Estupidez,
Fez-nos Deus este Chouriço!

O Taveira, com todo o seu génio, era um advogado pobre no fundo de Trás-os-Montes e o *Chouriço*, proprietário, ia em primeira classe ouvir Meyerbeer... Aquele bochechudo, em Lisboa, parecia-lhe semelhante a um lagarto de couve pousado sobre o mel de um cálice de madressilva; e esta comparação subtil, que o *Chouriço* nunca poderia ter inventado, consolou-o durante um momento da diversidade amarga da fortuna...

Mas um silvo penetrante de locomotiva cortou o ar calado e imediatamente o comboio apareceu,

deslizando sobre os *rails*, dardejando ao alto jatos direitos de fumo branco.

— Pois eu — disse o *Chouriço*, aproximando-se com júbilo, enquanto o comboio parava — estendo-me agora ao comprido e levo a noite de uma soneca até Lisboa. Sei-a toda, hem? E amanhã a estas horas, na pândega! Vem pouca gente... Caramba, bonita pequena!

Era uma senhora, com um vestido de xadrez, que se debruçara à portinhola de um vagão de primeira classe; tinha um livro fechado na mão e o seu chapéu pequenino, feito de penas, parecia o peito roliço de uma ave negra.

Artur seguiu ao longo do comboio, procurando o padrinho: não o encontrou. Quis interrogar o condutor que ao fundo verificava uma descarga de caixotes. Mas

o homem não o atendeu, atarantado, de boné para a nuca, os olhos esgazeados: em volta dele, um guarda, o chefe da estação com as mãos atulhadas de papéis, o cocheiro do *char-à-bancs* da vila, vociferavam e bracejavam, tão aturdidos em torno dos quatro caixotes, como se os surpreendesse a acumulação inesperada de todas as mercadorias do Universo. Por trás da grade fechada da estação, as raparigas vozeavam também, oferecendo mexilhões e ovos moles de Aveiro. Artur, desconsolado, voltou ainda a olhar pelas portinholas até à terceira classe, onde soldados que conduziam um desertor beberricavam de uma garrafa.

Aí, o rapaz do campo acomodava devagar, debaixo do assento, o seu saco de chita e o farnel; passou depois o lenço

pela testa como para limpar o suor, e, muito pálido, com os beiços a tremer:

— Adeus, mãe! — disse.

A velha abraçou-se-lhe desesperadamente ao pescoço:

— Meu filho! meu rico filho, que não te torno a ver! Oh! meu filho, oh! Senhor, que não o torno a ver!

— Adeus, mãe! Adeus, Joaquina! Tem de ser, tem de ser!

Beijou violentamente a velha na face, apertou nos braços a rapariga, saltou para o vagão e ficou com a cabeça enterrada nos punhos, aos soluços.

Artur comoveu-se. Pensou ainda na tristeza dos que emigram, nos pobres, nas existências trabalhosas em que o pão é um cuidado amargo. Quando viria à terra uma revolução de paz e de justiça

dar a cada um, um campo próprio a lavrar, uma lareira farta na velhice?

Veio andando devagar junto ao comboio. O *Chouriço* já se instalara numa primeira classe, de gabão pelos ombros, charuto nos dentes.

— E então o padrinho? — perguntou galhofando.

— Não veio.

O *Chouriço* esfregou as mãos, divertido:

— É boa! É muito boa! E vir o amigo expressamente de Oliveira de Azeméis... — E depois de um momento: — A propósito, diga-me uma coisa, como vai o Teodósio?

— Não o tenho visto. Está prá quinta.

— E o que faz o amigo por

Oliveira?

— Pra lá estou.

— Ainda se faz seu versinho, hem?

Artur sorriu ambiguamente. O *Chouriço* tirava o relógio, impaciente. O guarda fechava as portinholas. As raparigas, com os tabuleiros à cabeça, recolhiam à vila; havia agora um silêncio na plataforma, de onde tinha desaparecido o chefe e o condutor. Naquela estação sonolenta, o comboio parecia ter adormecido, sob a tarde serena; só uma rapariguita ia dizendo a espaços, num tom plangente e fanhoso: água! água! E sem descontinuar, adiante, a máquina resfolgava baixo.

— Então nós ficamos aqui toda a vida? — exclamou uma voz irritada.

Era um sujeito gordo, que vinha com a senhora de vestido de xadrez. Artur então reparou nela; e pareceu-lhe tão linda, que ficou com os olhos pasmados num enleio que o invadia, sentindo bater forte o coração: nunca vira aquela delicadeza fina de pele, nem uma doçura tão tenra da linha oval; os seus olhos negros de grandes pestanas, um pouco tristes, enterneciam. Estava ainda debruçada à portinhola com o livro amarelo na mão; era pequenina e delicada e o corpete justo do vestido desenhava um seiozinho que devia caber na cova da mão.

Ela pareceu notar também aquele rapaz tão admirado; retirou-se devagar para dentro da carruagem, mas tornou logo a debruçar-se à portinhola,

compondo ligeiramente o laço da gravata de renda — e os olhos de ambos encontraram-se.

— Boa pequena, hem? — disse o *Chouriço*. — Eu estive para me meter na mesma carruagem e tinha divertimento para toda a noite. Mas embirrei com a cara do marido.

Artur achou-o também odioso — com as suas bochechas balofas e brancas, o chapelinho de casimira sobre o cabelo encarapinhado, o beiço sensual de comilão e um enorme *pince-nez*, com a fita passada por trás da orelha.

— Eu parece-me que o conheço de Lisboa, creio até que é barão — disse o *Chouriço*.

Mas o chefe da estação badalava a campainha e o comboio começou a rolar

devagar com estalidos secos dos freios retesados.

— Adeus, amigo, saúde! — exclamou o *Chouriço*.

— Até à vista!

Os olhos da senhora de vestido de xadrez pousaram-se ainda um momento nos de Artur. Outras faces passaram diante dele, apoiadas aos vidros: os soldados e o desertor galhofavam de garrafa à boca e o rapaz do campo, com os olhos vermelhos como carvões, dizia adeus agitando um grande lenço; a velha ia seguindo o vagão, a gemer, estendendo-lhe ainda desesperadamente as mãos duras e negras. Por fim o trem, com um silvo penetrante, desapareceu na curva, entre os pinheirais já escurecidos.

Artur sentia-se triste. Toda a noite,

assim, aquele comboio rolaria, passando as estações iluminadas, as aldeolas adormecidas, levando o *Chouriço*, feliz, estirado no seu gabão, o pobre emigrante banhado em lágrimas, o desertor para a enxovia, aquela linda mulher para o seu palacete. De madrugada chegariam a Lisboa: a Lisboa que lhe parecia mais desejável, pensando que era só lá que uma civilização superior produzia aquelas belezas delicadas de perfil patrício, como certas flores preciosas que só nascem em terrenos muito preparados! Quem seria ela? O gordo de *pince-nez* era, decerto, o marido; e sentia ali duas existências discordantes: ele pesado e material, ela de uma sentimentalidade subtil... Desejaria saber o seu nome e o seu passado, os seus gostos, o tom da sua voz

e que poeta preferia. Feliz o que escrevera aquele volume que ia lendo e que a fazia cismar: devia ser talvez um romance de Daudet ou de Sandeau, uma obra delicada e nobre. Em que pensaria ela durante essa noite toda, com a cabecinha pálida apoiada ao encosto do vagão, enquanto, defronte, o marido muito prosaicamente ressonasse? Lembrar-se-ia da estação de Ovar!...

Artur deu ainda um olhar aos *rails* que iam assim, continuamente, paralelos e luzidios, até Lisboa e atravessou para o outro lado da estação onde o esperava o *char-à-bancs* de Oliveira de Azeméis.

Estava tão pensativo, que o Manuel cocheiro teve de lhe perguntar duas vezes «se o padrinhozinho não aparecera».

— Não veio. Vamos lá, vamos lá!

Atirou-se para um canto do *char-à-bancs*, e enquanto o carro rolava surdamente na estrada já escura, Artur, fitando pela vidraça aberta uma claridade terna de luar que aparecia por cima da linha negra dos pinheiros, recitava versos de Hugo, sufocado de uma melancolia deliciosa:

Et j'étais devant toi plein de joie et de flamme
Car tu me regardais avec tout ton âme...

Artur tinha então vinte e três anos. Pertencia a uma família burguesa, originária de Lisboa, mas dispersada na província desde a guerra civil. Seu bisavô paterno, que ficara na tradição familiar

como uma glória doméstica, pertencera, em Lisboa, ao grupo de poetas parasitas que se entusiasmavam platonicamente nos botequins por Mirabeau e Robespierre, faziam sonetos aos fidalgos em dias de anos, desejavam morrer pela liberdade e espancavam a ronda ao sair dos saraus, onde eram admitidos para recitar elegias às Malvinas. Já velho, começara a traduzir em verso as Ruínas de Volney, e os seus manuscritos eram propriedade de uma das suas netas, que casara em Oliveira de Azeméis e levara para sua companhia as duas irmãs mais novas, Ricardina e Sabina. Seu avô, esse, fora, no Porto, tabelião correto e obscuro. Seu pai, depois de ter, na primeira mocidade, publicado duas *Meditações* funerárias num seminário do Porto, casara com a Sr.ª

D. Maria das Neves Alpedrim, senhora pálida e magra, que tocava harpa e fora comparada num folhetim do tempo a uma *Virgem de Ossian*; mais tarde estabelecera-se seriamente em Ovar; onde tinha obtido o lugar de escrivão de Direito.

Foi lá que Artur nasceu, anos depois — e a mãe, encantada, dera-lhe este nome, em memória dos seus tempos de harpa e dos cavaleiros de xácara, cujos amores e proezas na Terra Santa tanto a tinham comovido.

O pai, esse, homem excelente e terno que até aí se desolara com a esterilidade do seu casamento, adorou logo a criança e com o seu respeito supersticioso pela magistratura, ainda Artur não fora batizado, já o bom Manuel

Corvelo decidira economizar com método, para mais tarde o levar a Coimbra a fazer dele um bacharel; mas, secretamente, esperava que o filho cultivasse as Belas-Letras, e a sua esperança era que o Arturzinho, um dia, reunisse em si as qualidades dos dois homens que ele mais admirava em Ovar — o delegado Pimenta, de argumentação tão capciosa, nutrido de legislação, um Pegas destinado a uma desembargadoria, e o advogado Silveira, de imagens floridas, célebre na comarca pelos seus folhetins poéticos no *Campeão de Aveiro*!

Às vezes, quando o pequeno Artur rabujava muito — o pobre pai, alta noite, de chinelos e paletó, embalava-o nos braços pelo quarto, cantarolando-lhe, numa voz roufenha, o *Gentil Pajem de El-*

Rei até o adormentar; e ficava, então, enlevado a olhar para aquele rostozinho amarelo de lombrigas, ainda com uma lagrimazinha nas pestanas, imaginando-o já na sua beca de desembargador, célebre como Lobão e autor de um livro querido como *Amor e Melancolia*! Ele, por esse tempo, coitado, estaria velho: não poderia trabalhar, mas aquele serzinho que, agora, a sonhar lhe mamava no dedo, seria então um filho ilustre e bom, que, pela posição na Magistratura, lhe faria a velhice farta e pela glória nas Letras lhe tornaria o nome clássico.

Foi grande a sua alegria quando notou que nada calmava as raras perrices do Arturzinho, como folhear algum venerável in-fólio de antiga legislação; e sobretudo, mais tarde, quando viu que o

divertimento querido do pequeno, não era rufar em tambores ou cavalgar vassouras, mas, aninhado nas saias da mãe, coser caderninhos de papel, que cobria de capas cor-de-rosa e de que acumulava coleções com a devoção de um velho bibliófilo.

— Sinais de inteligência — dizia muito sério, o bom homem.

Por isso, bem cedo, Artur começou a trabalhar o seu Tito Lívio e o seu Telémaco. Mas a mãe, que depois do parto ficara sempre adoentada, afligia-se do tamanho das lições, e se o rapaz, com sono, não fazia o tema, mandava ao outro dia secretamente um arrátel de chá ou de açúcar ao mestre João Grainha, para lhe acalmar a severidade. De verão e de inverno cobria-o de flanelas, e se o ouvia espirrar, fazia-o beber ao jantar copinhos

de água quente; nunca o deixava adormecer sem verificar se ele tinha aos pés a sua botija, à cabeceira a imagem de Nossa Senhora, e ao lado a campainha, a lamparina, a chazada, o açucareiro e um ladrilhozinho de marmelada. E o próprio pai o ia buscar à escola, para impedir que os outros pequenos o fizessem correr ou lhe dirigissem chufas.

O rapaz, sob este regime, não se desenvolveu. Tinha a palidez, a graça nervosa de uma menina: uma porta que batia de repente fazia-o despedir um grito. A sua sensibilidade era como a corda muito afinada de uma rabeca; uma história triste, um *não* de recusa, punham-lhe logo nas pálpebras duas grossas lágrimas. A sua memória, que retinha longas poesias, fazia o espanto dos amigos da casa, e já

quando ele tinha oito anos, era para o pai um grande orgulho ouvi-lo, nas noites *de partida*, entre o semicírculo enternecido das vizinhas, começar numa melopeia:

É noite, o astro saudoso
Rompe a custo o plúmbeo céu...

— Deve ir longe — dizia num tom profundo o escrivão, acariciando compenetradamente os três pelos da calva. Mas o verdadeiro espetáculo era ouvi-lo recitar ternamente a fábula dos *Dois Pombos*:

Deux pigeons s'aimaient d'amour tendre...

Já então passava os seus fins de tarde, depois da aula, encostado à janela

do quintal, trazendo sempre algum volume da pequena livraria do papá, um tomo de Filinto Elísio ou os Mártires de Chateaubriand, ou, sobretudo, alguma novela da *Biblioteca das Damas*.

Era de resto, como dizia o advogado Silveira, «uma gentilíssima criança». Tinha naturalmente as maneiras de um homenzinho, e a mãe babava-se toda quando o via, na sala, precipitar-se a recolher das mãos de uma senhora a xícara vazia, ou quando ele dava um *shake-hands* ao delegado Pimenta, com os pés muito juntos, todo curvado, como na Corte.

Enfim, um dia, o pai, comovido, surpreendeu os seus primeiros versos, copiados a limpo, numa bonita letra cursiva:

Junto a um ribeirinho serpeante
Um chorão se debruça,
E eu, terno amante...

Foi ao outro dia, no tribunal, com os olhos húmidos, mostrá-los ao advogado Silveira, a maior autoridade literária de Ovar. Silveira elogiou-os largamente — sobretudo o final, de uma cadência lírica tão rica que o surpreendeu:

Celebrarei na minha frauta amena
Teus olhos, morena...

— Os versos estão todos certos — disse Silveira — e há duas imagens opulentas! Gentilíssimo rapaz!

E tomou mesmo tanta afeição a

Artur, que o presenteou com um Eurico, e propôs ao pai que nos dias feriados o deixasse ir para o seu escritório, onde lhe franquearia a sua livraria, «um verdadeiro banquete de inteligência». E assim, aos domingos, enquanto o Silveira à banca, de charuto nos dentes, ia entulhando de imagens o seu folhetim semanal, Artur, a um canto, encolhido numa velha poltrona, devorava novelas e versos de Delille, de Garrett, de Volney e de Lamartine... Voltava sempre para casa exaltado. Fechava-se no quarto a trabalhar no seu Poema, de que já tinha quinze oitavas, e que se passava todo num jardim, entre ele, anjos e cavaleiros. Andava perdidamente namorado pela Joaninha das *Viagens na Minha Terra*, mas de um amor vasto, complexo, que a abrangia a ela, à casinha

branca, ao rouxinol e a todo o vale de Santarém!

Era então um rapazola quieto e triste, de olhos bonitos e cabelo corredio. O crepúsculo, o sino das ave-marias, o fado à guitarra, afogavam-no em melancolia. Pensava muito no amor e às vezes na morte. Tinha gostos delicados, um pudor ingénuo. A cozinheira, uma forte mocetona de Estarreja de olhos de azeviche, roçava-se constantemente por ele, tentada por aquela pele macia de pajem tenro, e uma noite que os pais tinham ido para a *soirée* dos Cunhas, e Artur, constipado, ficara só em casa, de cama — a Luísa entrou-lhe no quarto, sentou-se-lhe ao lado, chamando-o a brincar «seu filhinho», e de repente, toda abrasada, colou-lhe os beiços ao pescoço.

O rapaz repeliu-a, escarlate como uma Ofélia insultada e fechando os punhos de cólera:

— Se tornas a ter desses atrevimentos, digo ao papá, que te corra pela porta fora!

Era de temperamento linfático e calmo — e por esse tempo, tendo já esquecido Joaninha, amava idealmente a mais velha das sete irmãs Teles, senhora alta e vaporosa, sempre coberta de tules esvoaçantes, que ele celebrava misteriosamente sob o nome de Laura de Castela.

O advogado Silveira aconselhara Manuel Corvelo, logo que Artur fez o seu belo exame de retórica, a que o mandasse estudar para Coimbra os últimos preparatórios de Geometria e Introdução:

— «Assim acostuma-se a Coimbra e à vida académica e quando entrar prá Universidade, já não vai como o recruta bisonho, mas bem como o soldado aguerrido» — tinha ele dito com uma das suas formosas e vagas imagens.

E no outubro seguinte, por uma fusca manhã de chuva que as lágrimas da mãe fizeram parecer a Artur ainda mais triste, foi o pai levá-lo a Coimbra, preciosamente. Com muita economia, instalou-o na casa das Barbosas, da Rua da Matemática, e deixou-o recomendado ao filho de um seu velho amigo, o Teodósio Margarido, valentão de grandes bigodes, terrível aos caloiros, grande matador de gatos, que usava uma moca enorme e frequentava o terceiro ano de Direito.

Todo aquele primeiro ano em Coimbra foi triste, tomado pelo estudo da Geometria, de fórmulas positivas que lhe eram antipáticas, dominado pelo pavor incessante de troças e de graus. Ao toque da *cabra*, recolhia pontualmente aos seus compêndios, obedecendo àquela sineta melancólica como quem obedece a um ditame de moral; as únicas horas felizes dessa época passou-as extasiando-se com os luares do Penedo da Saudade, onde ia às vezes sob a proteção de Teodósio, armado da sua temerosa clava, ou, sobretudo, nas vésperas de feriado, no Trony, à sombra sempre de Teodósio, onde admirava os bilharistas famosos da Academia, fazendo sob a luz dura do gás efeitos de carambolas. Mas depois do seu exame, voltou a Ovar, vaidoso da sua

batina e de pertencer à *Briosa*, compenetrado da importância social da Academia, dos seus privilégios e do seu Hino, odiando já o futrica, tremendo diante do lente, sonhando futuros artigos na *Ideia* ou no *Instituto* e já preso a Coimbra por uma afeição sentimental, que abrangia a paisagem elegíaca do Mondego, o cavaco, a batina e a independência alegre da vida escolástica. Trazia além disso um drama quase concluído, o *Conde de Além-Mar*, cujo segundo ato, que julgava sublime, era uma festa à moda da Renascença florentina, passada num vago palácio junto ao Tejo, onde se bebia vinho de Siracusa, havia sicários mascarados e no rio, ao fundo, passavam gôndolas, em que o contralto das mulheres se casava ao gemido dos

oboés.

No ano seguinte, Teodósio, que se afeiçoara à natureza obediente de Artur e queria «ter o seu caloiro à mão», arranjou-lhe um quarto na casa em que vivia, na Couraça. Foi uma aventura, um entusiasmo para Artur, que conhecia de tradição e admirava de longe os companheiros de casa de Teodósio — rapazes extremamente literários, redatores ardentes do jornalzinho o *Pensamento*.

Esta pequena revista semanal fora originariamente fundada num alto espírito de fraternidade moça, para criar recursos ao Taveira, rapaz extremamente pobre e o grande lírico do grupo. Ultimamente era dirigida, porém, pelo Damião, o ilustre Damião, que, tendo levado um *R*, repetia alegremente o seu quarto ano; e apenas o

Pensamento ganhara crédito naquela geração, tinham-se precipitado para ele, como espíritos sufocados pelo anonimato para um respiradouro de publicidade, não só todos os amigos de Damião, que se nutriam de Michelet e de Quinet, mas também aqueles que ainda admiravam Pelletan, e até o grupo de Cesário, que, num progresso revolucionário e científico, já devorava Proudhon, Comte, Littré, Stuart Mill e Spencer — sem contar os temperamentos puramente artistas, que tendo horror à abstração filosófica e aos entusiasmos da Paixão, se retardavam na admiração de Hugo, de Musset, de Vigny e de Byron.

A esta vaga associação de fanatismos, chamavam, em Coimbra, os *Filósofos*, ou também os *Ateus*. Eles

mesmos se denominavam o *Cenáculo*. E ainda que não havia sessões regularmente organizadas, quase todas as noites se juntavam no largo quarto do Damião, na Couraça. E Artur sentiu os olhos humedecerem-se-lhe de entusiasmo quando pela primeira vez, na fumarada dos cigarros, onde os três bicos do candeeiro de latão punham três luzinhas sedentárias, ouviu vozes fanáticas discutirem, em estilo de ode, a Arte, as Religiões, o Panteísmo, o Positivismo, a estupidez dos lentes, o Ser, o Ramaiana, o Messianismo germânico, a Revolução de 89, Mozart e o Absoluto.

Naquela «cavaqueira filosófica»; só o forte Teodósio se conservava mudo, assombrado das ideias, como diante das portas augustas e inacessíveis de um

santuário. Mas a sua presença atlética era querida de todo o *Cenáculo*: além de excelente rapaz, sempre com dez tostões no bolso para partilhar com um condiscípulo pobre, ele tinha uma admiração servil por todos aqueles «génios». Ao lado de tais espíritos, exclusivamente ocupados da Ideia, ele punha a proteção formidável dos seus músculos e da sua moca. Uma noite que o *Cenáculo* discutia furiosamente Lutero e a Reforma, sentiram-se ao fundo da escada os gritos do filho da servente, espancado por futricas. Todos se ergueram para acudir. Então Teodósio trovejou, alçando a mão:

— Ninguém se mexa! Continue-se a bela discussão! Aqui na casa, para a bordoada, só eu!

Desceu com a imensa moca e daí a pouco, na rua, era uma debandada aflita de futricas desbaratados.

Desde então, tacitamente, entre os membros do *Cenáculo*, que se consideravam uma aristocracia da Inteligência, semideuses muito acima da obscura humanidade académica, no cimo de um Olimpo — Teodósio, com os seus bigodes, os seus punhos que erguiam arrobas, e sobretudo a sua tremenda maça, foi o Hércules, o Alcides pagão, o subjugador dos rebeldes — e, ao lado dos Sacerdotes da Ideia, a personificação da Força. Mas isto não bastava a Teodósio e na sua dedicação pelos «génios» com quem vivia, para partilhar mais diretamente dos seus interesses espirituais, servir utilmente o *Cenáculo*,

colaborar no culto da Ideia, não podendo fornecer teorias e frases — encarregava-se pouco a pouco de ir comprando os livros. Filho de proprietários ricos, com uma mesada abundante, era ele que fornecia a Biblioteca do *Cenáculo*, e todas as semanas, seguindo as instruções de Damião ou de Cesário, aparecia trazendo em triunfo um volume de Michelet, de Renan, de Taine, ou de Heine, a quem cortava as folhas reverentemente, dizendo com ar finório:

— Ora vamos a ver o que diz cá o *patrão*!

E depois de ter, por um momento, esgazeado os olhos para o livro, concluía gravemente:

— Já vejo que é obra curiosa e para leitura demorada. Hei de saboreá-la

na cama.

Abandonava o volume a algum do *Cenáculo* e subia para o quarto a estudar a sua lição de viola francesa.

Mas conquistara assim o direito de ser um dos *Filósofos*. Contribuía também largamente para as despesas do *Pensamento* — o que o habilitava, se alguém lhe era antipático, a formular paralelamente estas duas ameaças medonhas: «o peso da sua moca e uma desanda no jornal.» Mas o que o satisfazia mais, era poder pronunciar frases notáveis que recolhia no *Cenáculo*: assim, quando saía com os amigos a matar gatos à moca, nunca deixava de exclamar, mostrando o céu estrelado:

— Isto, rapazes, não é lá qualquer coisa. *É a lepra luminosa da face de*

Deus!

Foi deste modo que Artur se achou, por acaso, no meio que devia desenvolver as tendências do seu temperamento. Ao princípio, naturalmente, admirou sobretudo os indivíduos, as personalidades, a fraseologia nova, as excentricidades estranhas; tremeu de entusiasmo, vendo, numa noite de trovoada, na Feira, o próprio Damião tirar o relógio do bolso, um cebolão de prata, e numa atitude de Satã rebelde, dar cinco minutos a Deus para que o fulminasse, e, passados os cinco minutos num grande silêncio do Céu, atirar desdenhosamente o cebolão para a algibeira, dizendo, com tédio: «está superabundantemente provado que não há nada lá no Céu», e acrescentar,

olhando para as estrelas: «a não ser algum pó luminoso de Deuses mortos!» Extasiou-se diante do ilustre Fonseca, que, no seu horror pelas expressões vulgares, pedia um bife no Carneiro, exclamando: «Traga-me uma lasca do velho Ápis, preparado segundo as fórmulas do progresso!» Palpitou de simpatia com o humanitário Vilhena, ouvindo-o responder a quem lhe estranhara a tristeza: «Como querem vocês que o homem ria, quando a Polónia sofre?» Mas ninguém o impressionou como o grande Marçal, com a sua bela face clássica, a sua cabeleira, e a impassibilidade marmórea de um Deus da Ática. Teve a glória de o acompanhar uma noite que o Marçal ia ver a sua amante, esposa de um professor do liceu. Na rua

estreita, ao chegar debaixo da janela, onde se debruçava um vulto claro, o Marçal, soberbamente sereno, erguendo o rico metal de sua voz, perguntou para cima:

— O veado já saiu?

Do vulto alvo veio como um sopro subtil:

— Foi agora mesmo para o clube.

E então, desdenhoso da presença de Artur e de uma família que passava, no mesmo tom sonoro e cheio:

Deita-me então a escada de Romeu,
Que eu suba a ir beijar-te os peitos brancos.

Estas audácias, estas palavras, pareciam a Artur prodigiosas, de uma

raça de homens superiores aos mortais e ansiava por poder imitá-las. O que o exaltava, porém, acima de tudo, era o cavaco — aquele faiscante cavaco do *Cenáculo*, em que todas as noites se formavam, fumando cigarros, novas conceções do Universo, se decidia em quatro palavras de uma nova Ordem para a Humanidade, com uma pilhéria se aniquilava a glória de um herói, e em que argumentações temerárias iam abalar, no fundo dos Céus, os Deuses mais poderosos. Falavam de todas as mulheres com o esplendor do *Cântico dos Cânticos*; todo o sonho era bem-vindo — e a própria realidade do mundo tangível parecia esvanecer-se quando o Taveira, arrastando pelo quarto a capa esfarrapada, exclamava, atirando com um

grande gesto lírico os braços para o Céu:

A galope, a galope, oh, Fantasia!
Plantemos uma tenda em cada estrela...

Então, para igualar estes génios, poder ter uma frase nestas discussões, Artur começou a devorar todos os livros de Teodósio, com uma sofreguidão confusa, indo de Petrarca à *História da Revolução Francesa*, de St.º Agostinho a Balzac, começando mesmo Hegel e precipitando-se logo para as Orientais e para a legião dos Românticos. E assim, pouco a pouco, perdendo o culto exclusivo pela personalidade do *Cenáculo*, elevou-se na admiração mais vaga de personagens da Arte ou da História, de épocas da Humanidade, de

civilizações e de ideias.

Entusiasmou-o a Meia Idade, as suas catedrais e os seus mosteiros, e o Reno gótico, com os seus castelos de Burgraves heroicos sobre píncaros de rochas; encantou-o o Oriente e as suas cidades eriçadas de minaretes, onde pousam cegonhas — as caravanas no Deserto, os jardins dos serralhos onde suspira, ao murmúrio da água, a paixão muçulmana; depois, atraiu-o a Renascença italiana, os seus decâmerons galantes e as galas dos Papas; um livro de Arsène Houssaye deu-lhe por algum tempo a admiração exclusiva do século XVIII; depois, adorou a Boémia de Murger e de Gerard de Nerval... E tinha outros entusiasmos vagos por paisagens, heroísmos, teorias e atitudes — os rios

sagrados da índia, os corsários patriotas do Arquipélago grego, a regeneração das prostitutas, S. Bernardo em Clairvaux e Danton na Convenção. Torturava-o então o desejo permanente de reproduzir as imagens de que estes entusiasmos e as suas leituras lhe enchiam vagamente o cérebro: mas não sabia ainda que Arte empregaria. Às vezes os seus ideais eram tão indefinidos, que lhe parecia que só árias e melodias os poderiam exprimir; pensava então em estudar música e nenhum génio humano lhe parecia superior a Mozart ou a Beethoven, que nunca ouvira; ambicionava compor sinfonias sobre assuntos que amava e para os quais a poesia lhe parecia insuficiente, como a Morte no Calvário ou o cavaleiro Sir Galaad procurando pela terra e pelos

mares o vaso de S. Graal. Outras vezes, era a cor, a beleza das linhas que o interessava: desejava então ser pintor, lançar na tela o rico esplendor dos estofos, as decorações luminosas de um céu do Oriente, cenas de Shakespeare ou episódios grandiosos da História e nenhum destino humano lhe parecia igual ao de um Miguel Ângelo, compondo o *Julgamento Final*, vivendo de pão e de água e, nos intervalos de repouso escrevendo um soneto imortal.

Já os seus compêndios de Direito Natural e Romano lhe pareciam odiosos e passava as noites a escrever versos. Estes versos só os mostrava a um companheiro que vivia no quarto vizinho, mas que não pertencia ao *Cenáculo*. Este moço, ainda parente do Taveira e como ele de

Bragança, sendo extremamente gordo e falando com frequência do *Pote das Almas*, como da maior impressão que trouxera de Lisboa, era conhecido no *Cenáculo* pelo nome de *Pote-sem-Alma*. Amava loucamente uma prima, que o abandonara por um morgado dos arredores de Bragança, e desde então, a ocupação do *Pote-sem-Alma*, era decorar pontualmente a sua *sebenta* e chorar aquele amor perdido. Era porém sempre no calor da cama que aquela saudade o pungia; e todas as noites, regularmente, a voz de baixo do Pote atroava a casa, bramando de entre os lençóis:

— Ai, que rico bocado de pequena! Ai, quem ma dera aqui!

Este berro lúbrico e doloroso escandalizava o gosto delicado dos

artistas do *Cenáculo*. E um dia, ao jantar, Damião, muito severo, voltou-se para o *Pote-sem-Alma*:

— *Pote*, você todas as noites lamenta a perda da sua prima Felícia, de um modo que nos é insuportável. Você, como homem e como *pote*, é livre, e não podemos proibir-lhe o queixume. Mas temos direito ao menos a que dê à sua saudade uma expressão literária e nobre. E já que Deus, para usar este termo obsoleto e convencional, lhe deu em gordura o que lhe recusou em ideia, aqui o amigo Taveira encarrega-se de lhe formular, em duas ou três estrofes corretas, um grito de desespero decente. E o *Pote* há de ter a bondade de usar, de ora em diante, esta fórmula, sempre que o dilacere a dor dessa paixão infeliz.

A «fórmula», composta por Taveira, era uma imitação de algumas estrofes de *Loksley Hall*, a patética elegia de Tennyson, em que o poeta, revisitando os prados e os areais, onde outrora, com sua prima Amy, dera os passeios sentimentais do amor harmónico, solta o grito tão célebre na tradição romântica:

Oh, my cousin Shallow hearted! Oh my Amy, mine no more
Oh, the dreary, dreary moorland! Oh! the barren, barren shore!

E a composição de Taveira, depois de falar com amargura dos prados e areais de Bragança, onde Felícia e *Pote* se tinham amado, na humidade da relva junto às espumas do mar, terminava com a

mesma apóstrofe dilacerante:

Oh! minha prima Felícia! Nem minha, nem nunca mais!
Desertos, desertos prados! Tristes, tristes areais!

Ao princípio, este mugido lírico assombrou Artur; depois, a proximidade do quarto, trouxe-lhe a intimidade do *Pote*; ouviu-lhe a história da prima e os elogios das «pernas da pequena» e nestas confidências, no cavaco da noite, acabou por lhe ler alguns versos — e sobretudo uma elegia intitulada *Ofélia*, que ele ambicionava publicar no *Pensamento*. O *Pote* levou a poesia ao Taveira — e como era a semana de Entrudo, em que faltou original para o *Pensamento*, *Ofélia*

apareceu em folhetim. Que surpresa para Artur! Que hora deliciosa! Era a entrada numa grande carreira poética. Sentia-se já igual ao Taveira e mais tarde, célebre como Musset, seria o confidente querido das almas ternas. Nesse dia, ao jantar, o Damião disse-lhe protetoramente:

— Você tem a fibra e a forma, caloiro; trabalhe, trabalhe! É necessário ter a ideia. Procure a ideia!

Artur remeteu logo para Ovar vários exemplares do *Pensamento*. Não duvidou do seu génio e começou a procurar a *Ideia*.

Entusiasmou-se então pelo Panteísmo. Decidiu ser o grande poeta panteísta de Portugal; sonhou uma alma nas coisas e parcelas de divindade, nas folhas dos salgueiros. Esboçou

imediatamente o plano de um poema dramático, que seria a explicação do Universo, e em que estrelas, montes, rochas e árvores eram personagens e tinham as paixões, os caprichos e as tristezas de uma humanidade inerte e muda.

Esta ideia, porém, era muito vasta para a sua debilidade de anémico e apenas produziu a primeira estrofe, o Coro dos Montes, monologando ao luar, no silêncio de um céu de verão:

Nós somos os montes. E a fronte de neve
Coroamos à noite d'estrelas brilhantes.
Nós somos os montes, gigantes severos
Cismando ao sussurro das águas cantantes...

Por esse tempo, namorou-se de uma senhora casada, da Calçada, cujos olhos árabes e graça de palmeira nova já tinham sido cantados pelos líricos da outra geração académica; passou então as noites, rolando pensamentos à Romeu, contemplando a janela do quarto, onde ela, de camisola de flanela e os pés sobre a botija, ressonava ao pé do marido. Não ambicionava mais que pousar-lhe um beijo de leve sobre a testa, por um céu de luar; só no seu quarto, apertava convulsivamente as mãos contra o peito, murmurando num delírio vago, «oh, adoro-te!» Esqueceu o seu poema filosófico, caiu no lirismo, prodigalizado em quadras, em que ela era sucessivamente Julieta, a bela Andaluza, ou a Esposa dos Cantares. Julgou que na

vida nada valia senão a paixão; compreendeu, admirou René, Wherther, Rola, Manfredo, Lara, outros piores! E como a felicidade desejada, o beijo ao luar, não chegava — para seguir a tradição dos desesperos românticos, começou a embebedar-se. Eram então, com o Taveira, noitadas de exaltação platónica, regadas com meios quartilhos, na tia Pôncia e no Arsénio. Vinha depois aos bordos para o quarto do *Pote*, declamar os seus desesperos. E o *Pote*, numa saudade que se lhe comunicava, mas obediente ao *Cenáculo*, mugia logo de entre os lençóis:

Oh! minha prima Felícia! Nem minha,
nem nunca mais!
Desertos, desertos prados! Tristes,

tristes areais!

E mais baixo, torcendo-se e roncando de concupiscência:

— Oh, menino, que se a pilhasse aqui!

Enfim, veio o Ato — e Artur levou um *R*. Uma tão grande injustiça deu-lhe o ódio a toda a autoridade: odiou os tiranos, desde Jeová até aos lentes, desde o Czar até ao bedel da Faculdade; ambicionou uma república governada por poetas e por génios; pensou mesmo em abandonar a Universidade, o país que desconhecia assim os seus talentos, partir, ir combater pela Polónia; ser-lhe-ia grato morrer numa batalha pela liberdade, entre cânticos patrióticos, pensando nela!

Seu pai teve um grande desgosto

com o *R*. Artur, porém, numa carta poética, provou-lhe que fora vítima da inveja suscitada por um génio nascente, e manda-lhe uma lista de todos os grandes homens que tinham sido mal apreciados pela Universidade e que, mais tarde, ministros, poetas, sábios, glórias nacionais, conservavam no seu passado camadas de *RR* injustos!

Foi nessas férias que sua mãe, doente desde o inverno, morreu de uma tísica de garganta. O pai, muito afetado, teve os primeiros sintomas de uma doença de coração.

Foi um verão desgraçado para o pobre Artur, naquela casa triste, em que lhe parecia sempre ouvir as marteladas sobre o caixão da mãe e sentir o cheiro das tochas de cera e os suspiros

cerimoniosos de pêsames. As últimas semanas, sobretudo, foram as mais melancólicas, diante daquele pai carregado de luto, com os olhos inflamados das lágrimas e que, agora, tomado também de pressentimentos de morte, lhe falava constantemente do futuro, da necessidade de trabalhar, da dor de o deixar sem recursos. Nem ao menos tinha o seu velho amigo Silveira para desabafar: contara deslumbrá-lo com as histórias do *Cenáculo* e os entusiasmos lá adquiridos, mas o Silveira estava a banhos em Espinho, onde fazia palpitar o coração das senhoras com o seu bigode fatal, as suas imagens, o seu cão da Terra Nova e a sua capa à espanhola. A volta para Coimbra foi para Artur um alívio.

Tinha esquecido inteiramente a

senhora da Calçada. Vinha então com ideias mais definidas de carreira e resoluções de estudar. A publicação do *D. Jaime* dera-lhe a ambição de compor, durante a formatura, um poema histórico; iria depois estabelecer-se em Lisboa, advogar e lançar a sua epopeia. Andava procurando um assunto, quando a leitura da *Vida de Jesus*, de Renan, o entusiasmou pela Judeia e pela legenda Messiânica. Veio-lhe a ideia, que julgou grandiosa, de refazer o Evangelho, pintar num poema social um Jesus pálido e louro, errando pelos vales nazarenos e junto dos lagos sírios, amado das mulheres e das crianças, ensinando a Democracia às almas temas. Mas o Damião, consultado, escarneceu a ideia. No progresso da sua evolução intelectual,

lançara-se, com o grupo do Cesário, no culto exclusivo de Proudhon, Stuart Mill e Augusto Comte, e não compreendia realmente o que vinham fazer Jesus, Madalena e os sicómoros da Betânia, em pleno século XIX, à hora do Positivismo e do Socialismo! Que o caro Artur cantasse a Revolução, o povo e o seu antigo opróbrio! Que fosse Virgílio fazendo a epopeia sintética de um novo mundo, ou Juvenal lançando a sátira de um mundo decrépito... Mas que deixasse os lirismos evangélicos às duquesas cloróticas do Faubourg St. Germain!... Artur não foi Virgílio, nem Juvenal, mas desistiu do poema sobre Cristo, como abandonara o poema histórico sobre D. Sebastião. Caiu então, de repente, sem motivo, numa desconsolação vaga da vida, tomada do

tédio de todas as realidades, a alma cheia de ambições enevoadas de felicidades indefinidas. De novo odiou os compêndios; sentia-se vazio de imagens e de rimas: uma quadra custava-lhe os esforços dolorosos de uma epopeia. De tarde, lá seguia pela Sofia, murcho, encolhido dentro da capa, com o gorro enterrado até ao cachaço, arrastando-se para o Choupal, á saturar-se de melancolia; de noite, ou ia para o Penedo da Saudade, olhar para a Lua, no vale, ou ficava no quarto do Damião, no fogo das conversas do *Cenáculo*, sem achar uma frase, um dito, mais triste por aquela esterilidade.

— Este Artur é prodigioso — dizia o Cesário. — Está aos dezanove anos como Byron aos trinta. Com esta

precocidade de sentimentos, há de vir a ser um grande idiota!

Foi por este tempo que Teodósio o levou, uma noite, a casa de Aninhas Serrana, ao tempo a meretriz mais cara de Coimbra, o sonho ardente de toda a academia pobre, a quem o Taveira, numa poesia delirante, chamara «estrofe de carne e Vénus cristã». A Aninhas tinha na janela cortinas de repes amarelo, usava um roupão cor de fogo e lia a *Dama das Camélias*; contava-se como uma legenda singular que tomava banho e era certo que o Salgado se tinha envenenado por ela. Tanto romantismo fascinou Artur; dedicou-lhe tercetos no *Pensamento* e a Aninhas, conquistada, concebeu por ele um capricho, *grátis*. Na madrugada em que ele saiu do seu leito, extenuado de

amor, sentiu que toda a melancolia daqueles meses passados se lhe dissipara, como uma névoa ao sol quente de maio; a sua vida tinha agora um centro e uma significação: queria ser o Armando Duval daquele anjo, regenerá-lo pelo amor e imortalizá-lo num poema, como o *Intermezzo*.

Duas semanas depois, a Aninhas abandonou-o por um caixeiro da Sofia. Chorou de dor. Na mesma página do *Pensamento* em que a celebrara, insultou-a agora, com estrofes amargas à *Mulher de Mármore*; e no baile de terça-feira de Entrudo, no Teatro D. Luís, exaltado de genebra, vendo-a pular vestida de odalisca, numa polca frenética, exclamou com tremendo escândalo:

— Folga, vil Messalina!... És

podridão e em podridão te tornarás! Perneia, prostituta! Oh, Serrana, oh, magana, restitui-me as peúgas que te deixei no prostíbulo...

O par de Aninhas, um quartanista desempenado, grande ginasta, esbofeteou-o imediatamente. Foi um episódio temeroso. Artur queria esperá-lo à saída para o apunhalar. Enfrascou-se de conhaque até se tornar feroz... E os companheiros tiveram de o arrastar para casa, idiota de álcool, abraçando-se a todos os candeeiros, regando-os de lágrimas, e gemendo:

— Mulher, teu nome é vileza!

Ao outro dia, quis mandar à Aninhas uma placa de cinco tostões — escrevendo-lhe como outrora Armando: *aí vai o preço do teu amor e do meu insulto*.

Mas receou os músculos formidáveis do ginasta, e, furioso, descreu das mulheres.

— Só a Arte não trai, Artur — disse-lhe um dia Taveira.

E Artur lançou-se desesperadamente na Arte. Considerou-se cínico à Musset e à Byron e quis, como eles, dar à sua vida um delírio romântico: recomeçou a embebedar-se. E uma manhã que recolhia estremunhado de um lupanar — como convinha a um irmão de Rola — encontrou em casa uma carta do Silveira: na véspera, enquanto ele, no Garrano, com Taveira, brindava à Morte e à Orgia, seu pai, de repente, ao entrar na Assembleia, tinha caído morto para o lado, murmurando apenas: *Oh, meu filho!*

O pobre moço, que amava o pai, desmaiou, e depois das primeiras

lágrimas, ficou aterrado. Ali estava, só na vida, sem recursos para continuar a formatura, tendo de deixar Coimbra, o *Cenáculo*, a vida poética...

Por conselho do Silveira, foi a Ovar vender em leilão a mobília, algumas pratas da casa. Passou ali uma semana amarga, na hospedaria, coberto de luto, com os olhos vermelhos como carvões, fumando cigarros, fazendo e desmanchando planos, ou, com o nariz contra a vidraça, vendo cair a chuva miudinha de março. Uma noite, enfim, o delegado Pimenta que muito solicitamente dirigira o leilão, veio trazer-lhe quarenta e cinco libras em ouro. Ao ver aquela riqueza, rebrilhando sobre o pano verde da mesa, uma esperança desordenada levantou-lhe a alma. Com uma economia

sagaz, poderia viver dois anos em Coimbra; durante esse tempo, lecionando, fundando uma revista, criaria recursos regulares... E apesar de chorar ainda ao olhar para o daguerreótipo do pai, começou a gozar instintivamente da ideia da sua liberdade — sem família que lhe traçasse autoritariamente um destino e com dois fortes cartuchos de dinheiro na maleta.

Voltou para Coimbra — e daí a duas semanas pagava aos líricos do *Cenáculo* uma orgia na tia Pôncia; depois, comprou todas as obras de Vítor Hugo e um revólver; fez um fato, guitarreou, jogou batota, alugou caleches para ir a Condeixa jantar no Castelo com o Taveira.

No ato seguinte, levou outro *R*. E pelas férias, quando Coimbra começava a

ficar deserta, achou-se com oito mil réis no bolso.

Foi então que se lembrou das tias, que nunca vira e que viviam em Oliveira de Azeméis. Eram duas, Ricardina e Sabina; a mais velha, a tia Loló, morrera tísica, um ano depois do marido.

Escreveu-lhes uma carta patética, com frases à Musset, pedindo às duas velhas que «o ajudassem nesta grande batalha da vida, em que ele se sentia fraquejar, porque era desta geração, nervosa e pálida, que necessita o amparo de uma ternura de anjo...».

Como a resposta tardasse — partiu desesperado para Ovar, para a mesma hospedaria, como se esperasse ver outra vez cintilar, sobre o pano da mesa, o ouro de outro punhado de libras.

Ali, o seu velho amigo, o advogado Silveira, que rompera com o *Campeão* e ia casar com uma viúva rica que fascinara em Espinho, irritou-o com conselhos práticos, solidamente burgueses: «a vida não era poesia, era necessário tratar do pão!» Mas onde? Como? Ir rabiscar papel para casa de um tabelião? Ir vender cheviotes a um balcão do Porto?

— Era imbecilizar-me para sempre, anular as minhas faculdades, Silveira!

Uma manhã, por fim, chegou a carta das tias. Era breve, numa letra bonita de mulher:

Meu querido sobrinho.

Cá recebemos a tua carta, que mostra que tens muito talento e nos fez chorar a todos, que até o Albuquerquezinho pareceu muito afetado. E eu não teria felicidade maior que poder ajudar-te para a tua formatura, pois se vê que tens vocação para doutor e haverias de fazer boa figura. Mas, infelizmente, como tu não ignoras, pois o mano Manuel estava bem ao facto de tudo, nós pouco temos, apenas o bastante para alguma decência. Tu, porém, és do nosso sangue e por isso te posso dizer que nesta casa hás

de encontrar bom agasalho, porque até temos um quarto com alguma mobília e podia servir para ti e mesmo a mana Sabina já lá anda a escarolar, pois esperamos que aceites este oferecimento, que é feito do coração, tanto mais que o Sr. Vasco diz que, agora, são férias em Coimbra. Escreve anunciando o dia em que vens e recebe um apertado abraço da tua tia muito amiga do coração

Ricardina.

O advogado Silveira, a quem ele correra a mostrar a carta, disse-lhe logo,

traçando a perna, com uma das suas imagens floridas:

— Aí tens tu! Eras a barca batida da tempestade: abre-se-te o porto hospitaleiro!

Artur, passeando cabisbaixo pelo escritório, imaginava, por aquele estilo da carta da tia Ricardina, a existência em Oliveira de Azeméis, entre as duas senhoras cheirando a rapé, fazendo à noite uma meia sonolenta, depois do terço rezado com a criada, diante da cómoda armada em oratório.

— Quem será este Albuquerquezinho?

— Algum velho amigo da família... Jogador de gamão, naturalmente — disse o eloquente Silveira.

— Enfim — exclamou Artur —

vamos lá para Oliveira de Azeméis. *Alea jacta est!*

Partiu de Ovar, ao fim de um dia tórrido de agosto — e quando entrou, com o moço que lhe levava o baú, no pátio triste do casarão das tias, a torre de S. Francisco, ao lado, badalava as nove horas, sobre a vila silenciosa.

As senhoras, carregadas de luto, vieram ao topo da escada receber o sobrinho, de braços abertos:

— Oh, menino, pois tu vens a esta hora! — exclamou a tia Ricardina — e sem prevenir! Jesus, que despropósito! Ai, mana Sabina, que é o retrato do mano Manuel! Ai, dá cá um abraço, filho!

Artur, muito embaraçado, pousou no chão a chapeleira, o paletó, o guarda-sol, para receber o beijo da Ricardina,

que o esperava com uma lágrima ao comprido do seu grande nariz de cavalete; depois, foi para os braços da Sabina, toda pequenina, toda enternecida, de uma brancura de marfim sob a sua touca negra.

— Ai, filho — repetia a tia Ricardina, levando-o para a sala — , és o retrato do teu pai! Olha, íamos agora mesmo tomar chá.

Sobre a mesa estava o tabuleiro com as chávenas, e ao lado, à luz de um candeeiro de abat-jour transparente, que representava cenas de neve numa paisagem da Noruega, um sujeito nutrido e calvo fazia uma paciência, muito tranquilamente.

— Albuquerquezinho, aqui está o Arturzinho. É o retrato do mano Manuel...

O homem pousou devagar o

baralho, voltou-se na cadeira e com as pernas muito abertas, as mãos espalmadas sobre os joelhos, examinou longamente Artur, que torcia o buço, todo acanhado:

— Ora viva o meu amigo! — exclamou subitamente, erguendo-se e arrebatando-lhe a mão, que conservou muito tempo, sacudindo-lha compassadamente. — Ora viva o meu amigo! Ora viva o meu amigo!

Sentou-se e depois de ter acamado com método, de um e de outro lado da calva, os três pelos grisalhos, retomou gravemente o seu trabalho.

Mas o moço esperava à porta, e Artur, remexendo no bolso, estendeu-lhe dois tostões.

— Credo! — exclamou Ricardina. — Tu estás doido, menino! Olha o

despropósito! Vai muito bem com quatro vinténs. Vá, Joana, ajude-o a levar o baú para cima. Espera, eu também lá vou. Sempre é melhor que eu lá vá. E tu deves vir a cair de fraqueza, filho. Veja lá se lhe arranja já alguma coisa, mana Sabina. Vá, não fique aí pasmada!

Sabina apressou-se a ir para a cozinha enquanto o Albuquerquezinho, muito sério, ia baralhando sossegadamente as suas cartas.

— Boa viagem? — perguntou, fixando Artur.

— Muito agradecido a V. Ex.ª, fiz muito boa jornada...

— O mar picado?

— O mar?... — murmurou Artur, assombrado. — Eu venho de Ovar...

— Hum! — rosnou

Albuquerquezinho, com desprezo. — Na diligência! Nelson, o grande Nelson andava em diligência...

— Nelson era um almirante e eu...

— Chuta! — fez imperiosamente o Albuquerquezinho, que, tendo disposto um quadrilátero de cartas, ia agora voltando uma a uma as que restavam no baralho: — às! terno! valete! duque!

Artur examinava com espanto a sua cabeça grave de tabelião, a calva polida e lustrosa como madrepérola, com quatro pelos brancos sobre cada orelha, a face rubra e bem nutrida, o beicinho luzidio, as duas suíças pequenas, grisalhas e o majestoso colete branco onde serpenteava um grilhão. Mas o que o maravilhava, eram três galões de ouro, de general, que ele trazia cosidos no canhão

da manga.

— V. Ex.ª é amador de paciências? — perguntou Artur, para quebrar o silêncio.

Um *chuta!* despedido com cólera, emudeceu-o. Artur ergueu-se, ofendido; uma das janelas estava aberta à noite cálida de agosto: defronte, vermelhavam os dois bocais escarlates na vidraça da botica, e em redor, sob o céu negro, todas as casas, a praça, pareciam adormecidas no ar pesado, com uma ou outra janela aberta, mortiçamente alumiada. Devia ser aquele o fim da vila, porque se ouvia no grande silêncio, a distância, para além da massa escura da capela, um coaxar triste de rãs.

Artur acendeu um cigarro e ali ficou, pensando nas noites de verão em

Coimbra, nos luares sobre o Mondego elegíaco... Via-se na ponte com os olhos postos na Lua, redonda e branca — que, àquela hora, contemplavam também o pastor na montanha, deitado sobre uma pedra, o marinheiro nos mares calmos, sobre o tombadilho — e ao lado, a voz extática do Taveira, murmurando: «Lua, hóstia do Infinito!...»

A sala, dentro, parecia continuar a melancolia da praça e da vila, com o seu alto armário de pau-preto, a mesinha de pés torneados, coberta de uma colcha de cetim, sustentando preciosamente um vaso com flores de cera, e um recanto de alcova, com um velho divã cavado pelo uso, onde decerto, de dia, as senhoras caturravam fazendo meia. E a voz grossa do Albuquerquezinho, uma voz de major

enriquecida nas manobras, continuava: quadra, dama, às, terno!...

Mas Ricardina apareceu enfim, azafamada:

— Desculpa, que se te andou a arranjar o quarto. Vires sem prevenir, que despropósito!

Calou-se, cheirando em redor:

— Oh, menino! pois tu fumas? Ai, que peste! Ai, que peste!

Agarrou um guardanapo, bateu o ar violentamente.

— Ai, deves perder o hábito, que o Vasco diz que arrasa a saúde e dá más ideias. Pus-te o baú ao pé da cama. Olha, aí vem a tia Sabina. Vai com ela, que te vai mostrar o quarto, que eu vou-me aqui repimpar e estar um bocado caladinha...

Mas não se calou, contando logo

os seus achaques, o mal que a seca estava fazendo às terras, os bonitos passeios para os lados do Covo, a maravilha da fábrica de vidro...

— Fez a paciência, Albuquerquezinho?

— Duas, menina — disse o velho que baralhava as cartas — duas *imperiais*.

— Logo se marca, que a Sabininha tem de lá ir acima... Ai, que balbúrdia, credo! Pois olha, até estou com dores de cabeça. É do fumo do tabaco. E também de sair dos meus hábitos...

— Chuta! — bradou o Albuquerquezinho que recomeçava o quadrilátero.

E Ricardina, baixando a voz:

— Vá, mana Sabina, vá mostrar-

lhe o quarto, já que tem pernas.

— Por aqui, menino, por aqui — disse logo Sabina, levantando-se.

Artur, atarantado, seguiu-a pela escada íngreme, mas quando chegou ao corredor, parou espantado, vendo a uma porta, postado, de arma ao ombro, um soldado de papel em tamanho natural, colado a uma tábua que fora recortada pelos contornos da figura.

— Que é isto?

— É o quarto do Albuquerquezinho, é a sentinela — disse Sabininha com um sorriso enternecido.

— Quem é aquele sujeito? — perguntou Artur.

— Ai, é um santo! Não deves fazer caso... tem a cabecinha desarranjada, não pensa senão em navios

e coisas do mar.

— Foi oficial da marinha?

— Oh, não! O Albuquerquezinho era um amigo do mano; depois de viúvo começou a tresloucar. E como não tinha parentes e não estava doido declarado para ir para Rilhafoles, trouxemo-lo a viver cá para casa; que o Albuquerquezinho é rico, tem uma fazenda muito boa, ao pé de Santa Eufrásia.

Falava enternecida, com o seu castiçal na mão, ao lado da enorme sentinela de quépi e farda azul, de bigodes napoleónicos. Fora ela que lhe pusera na manga os galões de almirante. Era ela que cosia as velas dos seus navios.

— Ai, coitadinho, é um santo! É só aquela mania das embarcações, que em tudo o mais tem juízo.

Mostrou-lhe então o quarto, pegado ao do Albuquerquezinho. Sobre a cómoda tinham posto um grande ramo de rosas e os lençóis da cama eram bordados.

— Tens aqui água quente... E a vista é linda.

Artur deitou um olhar à janela, mas só viu uma vaga negrura, onde formas de árvores, outra torre distante, punham sombras mais densas, e das quais subia o mesmo coaxar triste das rãs.

Mas Sabininha, ao retirar-se, hesitou um momento e quase com uma suplicação na voz:

— Não te rias, menino, queria pedir-te uma coisa. Sempre que falares ao Albuquerquezinho, chama-lhe «Sr. Almirante».

Quando Artur desceu, o chá estava na mesa e Sabina, muito comovida, arranjava sobre o guardanapo a ceia do «menino». Ele teve então de contar dos seus estudos de Coimbra, como recebera a notícia da morte do pai, o que tinha rendido o leilão...

Mas de repente, o Albuquerquezinho arremessou a torrada que tomara do prato e empertigado na cadeira, fazendo estalar os nós dos dedos, olhou sucessivamente as duas velhas com rancor. Exigia as torradas quentes, louras, a escorrer de manteiga e encontrando uma seca, rosnou com azedume:

— Se sabem que me faz mal! Se sabem que me faz muito mal! E não é uma, são todas que estão secas. Já é desleixo.

Foi um desgosto para as senhoras.

Tinha sido a atrapalhação. Fora com a chegada do menino! O Albuquerquezinho havia de perdoar!

— É por culpa minha — disse Sabina — que as deixei fazer pela Joana.

— Está claro — exclamou Ricardina — é culpa sua! Eu bem lhe tinha dito que deixasse os ovos à Joana e fizesse a menina as torradas. Mas não quer-se sempre regular pela sua cabeça! Veja onde a levou a sua cabeça! — e aflautando a voz, muito tesa: — olhe o desgosto que sofreu!

A Sabininha, encolhida, sorvia a sua pitada. E Albuquerque, voltando-se para Artur, com a testa franzida.

— É que o amigo, que vem de Coimbra, compreende, ou são torradas ou é pão seco!

Artur respondeu, muito sério:

— Tem V. Ex.ª muita razão, Sr. Almirante.

Subitamente o velho calmou-se, passando com satisfação as mãos espalmadas sobre os quatro pelos da calva. As faces das senhoras iluminaram-se num reconhecimento comovido, e a Sabininha, sem se conter, passou os dedos magros pelo rosto de Artur, dizendo enternecida:

— Ai, não podes negar que és filho do mano Manuel. É o mesmo coração de anjo.

E durante um momento Artur sentiu-se bem entre aqueles corações antiquados, tão fáceis de alegrar, naquela casa adormecida, a um canto de vila triste, onde errava por entre os móveis, a

que o longo uso dera quase expressão humana, um cheiro pacato de alfazema.

E mesmo o Albuquerquezinho lhe pareceu tocante, mesmo quando, estendendo sobre a mesa o seu braço agaloado de ouro, lhe declarou com amizade:

— Hei de levá-lo amanhã a bordo.

— É uma grande honra — respondeu sorrindo.

Mas tinham dado as dez e meia e as senhoras ergueram-se para ir, com as duas criadas, rezar o terço ao oratório.

Artur, acanhado, ficou só na sala triste, defronte do Albuquerquezinho, que de mãos cruzadas sobre o ventre, caíra numa sonolência, que lhe vinha geralmente depois do chá.

Quando as tias voltaram,

cabeceando, daquele terço monótono no oratório, o Albuquerquezinho acordou, compôs as repas da calva e erguendo-se, disse com satisfação:

— Pois, senhoras, passou-se o bocadito da noite.

Deram então um castiçal a Artur, com recomendações infinitas: que apagasse a luz antes de adormecer, que não deixasse os fósforos espalhados por causa dos ratos...

— Eu estou lá ao pé, eu estou lá ao pé — disse o Albuquerque. — Eu lá vigiarei. E se o amigo quiser alguma coisa, é bater na parede! Vamos, boas noites!

E subiram para o corredor, o Albuquerquezinho, adiante, devagar, bocejando, puxando-se pelo corrimão.

— Pois amigo — disse — não há nada melhor do que uma sonecazinha, depois das torradas. Que elas hoje estavam más; mas, enfim, foi dia de hóspede. O que o amigo deve vir, é cansado. Três horas de diligência... Ouça lá, as *conveniências* são ao fundo do corredor.

E Artur pasmava de o ver tão sensato, quando o Albuquerquezinho, parando à porta do seu quarto, fez a continência ao soldado de papel e deu este *santo-e-senha*, para entrar a bordo:

— Nelson e Sabininha!

Só no seu quarto, Artur, sentado na cama, começava a fumar o seu cigarro, quando de fora a voz de Ricardina falou pela fechadura:

— Pois tu estás ainda a pé,

menino? Ai, apaga a luz, apaga a luz... Diz se estás a fumar?

— Não, tia Ricardina.

— Ai, filho, pelas chagas de Cristo, tem cuidado com o fogo.

Deitou-se desesperado, pensando no que faria para fugir bem depressa daquela casa embrutecedora, onde nem poderia ler de noite na cama ou trabalhar, sem que uma das velhas viesse, na sua ronda, fazer-lhe soprar a luz e as imaginações.

Ao outro dia, ao erguer-se, foi abrir a janela. Era uma manhã resplandecente. Em baixo, estendia-se toda uma verdura de pomares e hortas, com tanques aqui e além, onde espelhava a água; brancuras de roupa a secar, casas caiadas, faiscavam ao sol. O quintal das

tias, de onde se subia por três degraus de pedra para o pátio da criação, era cercado de um muro baixo eriçado de fundos de garrafas. Estava plantado de couves, alfaces, feijões; pés de roseira e dálias faziam um jardinete ao canto; no fundo, debaixo de árvores, era o poço, e sobre o seu pedestal, uma estatueta de gesso da Fortuna, com o pé no ar, a cornucópia alta, branquejava na luz forte.

E Artur, debruçado, fumava, quando da janela ao lado, saiu um braço agaloado de ouro e imediatamente uma voz formidável retumbou:

— Orça a barlavento! Senhor segundo-tenente, abra as escotilhas da proa! — e uma trombeta soou: traiará, traiará, rá, rá, a...

E então de um porta-voz, que

apareceu fora da janela, saiu um vozeirão:

— Cerre os traquetes! Fogo! Boum! Boum! Boum!... Traiará, traiará, rá, rá, á...

Era Albuquerquezinho, de chapéu armado, comandando, do peitoril da janela, a sua fragata de guerra!

***

Começou então para Artur uma vida desgraçada, em que os dias se seguiam como as páginas brancas de um livro que se vai tristemente folheando. Toda a manhã, as duas senhoras faziam a sua meia na sala, com as janelas cerradas, o soalho regado, num silêncio em que errava a sussuração das moscas.

Às vezes, para o distrair, Sabina

levava-o ao quintal, ver a criação: mostrava-lhe os coelhos novos pulando sobre as camadas de couves molhadas, de nariz franzido, as orelhas direitas, fitando os olhinhos vermelhos como rubis ou negros como vidrilhos nas côdeas que ela trazia; e em torno dela era um correr de pintainhos, redondos como bolas de penugem, um *cué·cué* de patos, um despedir de bufos dos dois perus entufados. Mas o cheiro da capoeira, da coelheira, o bafo morno e acre dos pelos e das penas enjoavam Artur; detestava os bacorinhos, com a pele cor-de-rosa, a suar de gordura, fossando até aos olhos, grunhindo de gozo, na lavagem das gamelas. Só não desgostava do velho galo, o *Pimpão*, de cauda flamante e passadas pomposas: muito atrevido, o

Pimpão plantava-se diante dele, erguendo a crista sanguinolenta, fitando-o de lado com o seu olho rutilante, e de repente, batendo as asas, estendendo o pescoço onde corriam reflexos de esmaltes vermelhos e azuis, lançava o seu toque de clarim; galos, noutros quintais, respondiam; e as galinhas iam dando em redor, no mato estradado, picadelas subtis e vorazes.

Mas Artur declarava que não lhe agradavam senão pombos e pavões — e subia para casa, bocejando, enquanto a tia Sabina, magoada daquela indiferença, ficava a olhar desconsoladamente «a sua bicharada».

Depois do jantar, dadas as graças, era a sesta: tudo parecia adormecer numa lassidão entorpecida, até os móveis e as

moscas. E Artur, estirado sobre a cama, olhava vagamente as tábuas do teto, ruminando pensamentos saudosos de amor, de celebridade, ouvindo fora, nas suas gaiolas de vime, arrulharem as rolas. Ao fim da tarde, as senhoras iam tomar o fresco para o fundo do quintal, ao pé da estatueta da Fortuna, enquanto o Albuquerquezinho fazia navegar no tanque do poço o seu bote cheio de soldados de chumbo; e naquele repouso das folhagens, cansadas da ardência do dia, ouvia-se a água de rega murmurar ao lado, no pomar do Freitas. E ali ficavam até tarde, esquecidas, até que alguma estrelinha tremeluzia no alto e os morcegos esvoaçavam em torno da Fortuna. A essa hora, Artur entrava do seu passeio triste pela estrada de Ovar ou do Covo e o

serão começava, com as janelas, por onde entravam borboletinhas brancas, abertas à escuridão tépida do largo.

Era aquela a hora pior. As meias das duas senhoras, as paciências do Albuquerquezinho, os quartos que caíam plangentemente da torre de S. Francisco, davam-lhe um tédio taciturno. As tias imaginavam que eram saudades do papá:

— Não maluques nisso — diziam. — Quem lá está, lá está.

E Artur detestava-as, por não compreenderem a elevação espiritual da sua melancolia.

Depois, o Albuquerquezinho tomara afeição a Artur e queria mostrar-lhe a sua esquadra. Eram dois grossos cadernos de papel em que ele colava em fila os navios e paquetes recortados nos

anúncios dos jornais, com os nomes escritos a tinta vermelha: *Valoroso*, *Relâmpago*, *Fragata Sabina*, *Nelson*... Havia as esquadras de todos os países da Europa, e, como não cessava de recortar, tinha agora esquadras de terras exóticas: a frota da Lapónia, a frota da Cafraria, a frota da Arábia...

— Hem, meu amigo! Que esquadra... E tudo às minhas ordens! — dizia mostrando os galões da manga. — Dá-me muito que fazer...

— Decerto, Sr. Almirante, decerto!

Ao fim do serão, subindo para o seu quarto, erguia os braços para o Céu numa acusação muda! Quando acabaria aquela vida? Quando voltariam noites como as do *Cenáculo*? Pela janela aberta

entrava a paz escura da vila adormecida. Olhava então as casas apagadas, os telhados fazendo na sombra sombras mais densas: àquela hora, toda uma burguesia dormia, roncando de barriga para o ar; nenhum daqueles seres lera Alfredo de Musset ou compreenderia os sonhos que lhe revoavam na alma como bandos de aves cativas; a obtusidade daquele montão de lojistas e de proprietários sem ideal e sem emoção, ignorando os poetas, ocupados com o preço da carne e o adubo das terras, exasperava-o, dando-lhe desejos vagos de uma Revolução, em que o poder, o dinheiro, pertencessem aos génios e às almas delicadas.

Ocupava-se então, para não perder a comunicação intelectual com o *Cenáculo*, em compor para o Pensamento

uma longa elegia, intitulada *A Morte* e dedicada à memória do pai. Mas Damião, que passava o verão em Coimbra, devolveu-lhe o manuscrito, com uma carta, dizendo que o *Cenáculo* decidira não publicar o *Pensamento* durante as férias; talvez mesmo, no ano seguinte, agora que o Taveira estava formado, o *Pensamento* se tornasse uma revista puramente filosófica e científica, de onde os poetas líricos, como na *República* de Platão, seriam excluídos, «a não ser que, deixando a preocupação estreita da dor individual, se lançassem na simpatia mais larga da humanidade martirizada...». Censuravam-lhe a poesia «cheia de lamentações caóticas e lamartinianas»; aconselhava-lhe um livro forte e democrático: «a morte — dizia — é uma

transformação banal da substância, e não comporta adjetivos tão espantados, verbos tão plangentes e essas fileiras de interjeições, que parecem renques de ciprestes. Só a vida é interessante porque é fenómeno único. Escreva páginas vivas!...»

Aquele fim do *Pensamento*, cortando a sua última comunicação com a vida intelectual, desolou-o. Assim se completava o isolamento da sua alma. De resto, sentia-se vazio de ideias, de imagens, de rimas. Atribuía aquela esterilidade ao meio dormente, à ausência de conversas, de excitação inspiradora. A falta de livros amargurava-o. Os que tivera, vendera-os em Coimbra quando vira o fim das libras do leilão, e não podia obter outros, porque os próprios

cigarros que fumava no quintal, longe da tia Ricardina, tão avessa ao tabaco, comprava-os com alguma placa que lhe dava a boa Sabininha.

O seu tédio era tão grande que se pusera a desejar, como um acontecimento, a aparição aos serões, do Vasco e de D. Galateia, que então convalescia do seu último parto. Sabininha falara-lhe de D. Galateia como de uma «verdadeira beleza» e, por aquele nome literário, pelo que ouvira do seu amor dos romances, do seu talento no piano, viera a conceber uma mulher de olhos tristes e alma impressionável, sofrendo da existência mesquinha da aldeia e sonhando amores elevados. Mas foi uma desilusão quando eles vieram um domingo. D. Galateia era quase uma quarentona grossa e branca, de

buço forte, com uns seios, umas ancas, que sob o vestido forte de cassa clara, lhe davam a aparência flácida de um odre mal cheio. Atravessara o largo em chinelos, com fitas verdes no cabelo, um cartucho de rebuçados na mão — e a sua conversa sobre o leite da ama e os cuidados em que estava com o sarampo do Pedrinho, e a canastra de marmelos que comprara nessa tarde, revoltou Artur, que fez dela esta definição irreverente: *uma vaca!*

O Vasco, esse, pareceu-lhe odioso. Pouca gente lhe tinha visto o rosto todo: com a testa e os olhos sempre cobertos pela pala enorme do boné de pano, o queixo e a boca constantemente abafados num cachené roxo, mostrava apenas a Oliveira de Azeméis um nariz bicudo e lustroso. Vivia numa irritação

permanente. E todo o dia era pela botica um passear furioso, fungando, fazendo estalar violentamente os nós dos dedos, com sacudidelas desesperadas da cabeça, como a fugir ao ferrão de um moscardo invisível, mastigando em seco, dentro do cachené, como se a vida lhe soubesse mal. Ninguém explicava na vila aquele azedume hipocondríaco.

Os serões das Corvelos, porém, pareciam calmá-lo: mostrava então as repas grisalhas que lhe cobriam o crânio estreito e o cachené, alargado, descobria um queixo mole, que lhe fugia para as cordoveias do pescoço. E a cabeça, emergindo-lhe assim dos agasalhos, com aquela longa saliência do nariz agudo, lembrava a de um pássaro pelado.

Artur compreendeu imediatamente

que o Vasco era um ciumento: via-o mudo, de queixo rilhado, os olhinhos de clorótica amarelada cravados ansiosamente, ora nele, ora na grossa Galateia; e quando esta, requebrando-se, o interrogava sobre os seus passeios aos arredores, a sua visita à fábrica de vidro do Covo, o Vasco, retido a distância pela tagarelice da Ricardina, sondava de olhos faiscantes a escuridão debaixo da mesa, no terror de que já houvesse um terno roçar de joelhos. Enfim, quando trouxeram o chá, veio bruscamente plantar-se entre ambos, como um áspero muro eriçado de pregos. Então Artur indignou-se. Ser suspeitado, ele, com a delicadeza fina dos seus gostos idealistas, de desejar aquela matrona de carnes moles!... E para evidenciar bem o seu

desdém pela Galateia, pelas palestras caturras, por toda a vila — subiu para o seu quarto, foi estirar-se na cama, gemendo interiormente da solidão do seu coração. Daí a pouco, a voz da tia Sabina dizia de fora:

— Tu estás incomodado? Vai-se fazer um quino.

Ele veio abrir:

— Não, tia Sabina. Não estou para aturar os Vascos. Diga que estou a escrever para Coimbra. Não jogo o quino.

Em baixo, o nariz de Ricardina, a esta explicação, alongou-se:

— Podia escolher outra hora para escrever!

— Rapazes! — disse o Vasco satisfeito. — Deixou o coração em Coimbra.

E o loto começou em tomo da mesa, enquanto, diante do álbum aberto das esquadras universais o Albuquerquezinho fazia a sua soneca.

Já o Vasco, para sair, recolhera a face de ave triste ao boné e ao cachené, quando Artur desceu. O farmacêutico tomou-lhe a mão com afeto:

— Estimei conhecê-lo... Aquela casa está às ordens... Eu tinha lido a carta que escreveu às titias... É de muito talento. Eu admiro o talento!

Pobre Vasco! D. Galateia, ainda depois de dez anos de casada, lhe dava ardores imoderados e zelos pungentes. Outrora, intercetara um bilhete do seu praticante, em que o moço a tratava por tu e falava dos «*celestes gozos da outra noite*»; mais tarde, surpreendera-a

positivamente nos joelhos do sobrinho do Carneiro, moço imberbe que estudava Geometria. Perdoara, mas desde então a desconfiança, a paixão tenaz, junto à hipocondria de uma doença de fígado, dera-lhe aquele azedume taciturno. A virtude de Artur, que experimentou noutros serões, tornou-lho querido. Depois, tendo conversado com ele sobre assuntos que o interessavam, como a Eletricidade, o Magnetismo animal, deslumbrado por algumas recordações dos compêndios de Introdução, que *Artur bordava de frases do Cenáculo*, concebeu uma consideração ilimitada pelo talento e pela ciência do «Corvelo sobrinho». Mas não se abandonou imprudentemente a esta simpatia, quis sondar-lhe os princípios e o caráter, e um dia que Artur entrara na

botica a buscar o xarope da Sabininha, o Vasco fechou a porta, para fazer uma solidão propícia, e cruzando formidavelmente os braços, atirou-lhe esta interrogação:

— Quais são as suas ideias a respeito da família?

Artur, interdito, balbuciou:

— Eu, parece-me que é uma instituição respeitável.

— De modo que um peralvilho que atenta contra a paz do lar, é um canalha?

— Parece-me que é um canalha!

— Muito bem. E se o Sr. Corvelo fosse legislador, que penalidade lhe infringiria?

Artur passou os dedos pela testa, confuso, procurando penalidades:

— Eu, parece-me que o castigo atual do Código é suficiente... Três ou quatro anos de cadeia...

— Muitíssimo bem! — exclamou o Vasco apertando-lhe a mão. — Estimo que se não afaste desses princípios respeitáveis...

E num reconhecimento às Corvelos, por possuírem um sobrinho de tanta virtude doméstica, pesou um quarto de rebuçados, encartuchou-os e exclamou:

— Para as senhoras suas tias, da minha parte. Compreendo o gosto que fazem em V. Ex.ª.

Foi por esse tempo que o Vasco, desgostoso com todos os praticantes moços que tivera, e que invariavelmente tramavam contra a sua honra, obrigado ultimamente a despedir o hábil Alfredo,

por ser «atiradiço», concebeu um plano — que dali a dias foi muito gravemente comunicar às Corvelos. Era tomar Artur como seu praticante: oh, ele bem sabia que um moço de tais talentos, com dois anos de Coimbra, merecia uma posição mais elevada na Sociedade. Mas enfim, o Sr. Artur estava ali na vila, inativo, comendo o pão das titis... O seu desejo de o possuir era tão forte, que lhe oferecia sete mil e quinhentos por mês! De resto, a farmácia era uma Ciência. Ele estava velho, minado do fígado, ávido de repouso, e se o Sr. Artur revelasse talentos verdadeiramente farmacêuticos, poderia mais tarde passar-lhe a botica, a melhor em todo o distrito. Demais a mais, não seria difícil, em alguns meses, com os estudos que ele tinha, iniciá-lo na

manipulação dos elementos químicos «que é de tanta responsabilidade, minhas boas senhoras...».

Foi uma alegria violenta para as tias. Ainda o Vasco ia no pátio, já elas estavam batendo à porta do quarto de Artur, que se aferrolhara por dentro na composição ardente de quadras entusiastas:

Eu quero uma existência fulgurante!
Mover-me livre sob o livre céu!
Quero a glória épica do Dante
E os amores sublimes de Romeu...

Ficou petrificado, quando Ricardina, enternecida, lhe anunciou a proposta do Vasco, daquele santo!

Praticante de farmácia!

Parecia parvo, de pena na mão e os cabelos esguedelhados, rolando assim dos céus poéticos onde pairava até aos almofarizes da botica do Vasco!!

— É uma ocupação para ti — dizia Ricardina.

— Tens ao menos para o teu fumo e para as tuas extravagâncias... — ajuntou Sabina. — Que nós mesada, não te podemos dar. E quando se te acabar o luto, nem tens para mandar fazer um casaco... e são sete mil e quinhentos...

Não podia recusar-se a trabalhar: balbuciou lugubremente que «sim».

Mas a desconsolação que lhe murchara a face magra foi tão visível que comoveu a tia Sabina:

— É para o teu bem — murmurou. — Que, se fôssemos ricas… Mas enfim,

se te custa muito...

— Que há de custar? Que há de custar? — exclamou Ricardina. — Aí vem a mana com as suas coisas! Olhe o despropósito. Se a deixassem regular-se pela sua cabeça, não iam nesta casa senão desgraças. Veja onde a levou a sua cabeça... Veja o desgosto que sofreu! Vai muito bem, é uma fortuna para ele.

— Sim, tia Ricardina, obrigado. Até estimo...

Quando elas saíram despedaçou os versos. E até ao jantar, movendo-se pelo quarto, tomado de desespero, pensou em fugir de Oliveira de Azeméis. Tinha a certeza de que o seu génio, na frequentação do Vasco, entre os unguentos e os bocais, pereceria como um lírio desfolhando-se numa caverna. Por que

não iria para Paris, ser operário, amar uma Mimi republicana do Faubourg St. Antoine e conspirar contra o Império? Pensou em ir para Lisboa, fazer-se escudeiro numa casa fidalga, onde a sua figura e as suas réplicas profundas, lhe dariam bem depressa o amor da senhora condessa ou da mulher do banqueiro...

Mas tinha as desesperações superficiais — e daí a dias, com o casaco de laboratório que pertencera ao hábil Alfredo, preparava resignadamente, sob o olhar paternal do Vasco, a sua primeira garrafada de mistura salina.

Consolava-se achando, na sua sorte, similitudes com biografias ilustres: pensava em Michelet impressor, em Proudhon conduzindo pelo Ródano carregações de madeira; lembrava-se da

frase de Damião: «o homem moderno deve trabalhar com as suas mãos e filosofar com o seu cérebro.»

Depois, eram sete mil e quinhentos por mês...

De resto o trabalho era breve. O principal negócio do Vasco consistia numas Pastilhas peitorais que inventara e de que fornecia todo o distrito. À noite, dispensava Artur: a essa hora D. Galateia descia à botica e o Vasco, apesar da sua confiança na virtude heroica do novo praticante, não queria, por sistema, depois do lusco-fusco «corações de vinte anos na botica». Temia sobretudo a noite, como mais propícia às fraquezas ternas e à passagem de bilhetinhos sub-reptícios, destruidores da sua honra.

Depois veio-lhe outra felicidade.

Uma manhã que estava só na botica, a porta abriu-se, como arrombada, e apareceu o colosso do Teodósio. Viera à vila de passagem: vinha buscar *pastilhas* do Vasco para uma «pequena que se lhe encatarroara»; fez estalar os ossos do *caloiro* com um abraço, chalaceou sobre a botica, convidou-o a ir à quinta, e, ouvindo-o queixar-se do aborrecimento da vila, da falta de livros, exclamou divertido:

— Ah, *caloiro*, é isso que te falta? Caramba, está a' calhar! Eu trouxe dois caixotes atulhados de livraria, mas lá na quinta não me servem de nada... Se queres mando-te para cá um caixote... Ou ambos! Tem cuidado com as encadernações, que lá nisso faço gosto.

— Dás-me a vida, Teodósio!

— Pois valeu, *caloiro*!

A chegada dos dois caixotes, uma tarde, foi um alvoroço na casa das Corvelos. Artur precipitara-se, em cabelo, da farmácia. E Ricardina, que subira ao quarto a ver-lhos destapar, aterrou-se diante daqueles montões de volumes amarelos, em que decerto se deviam tramar coisas contra a Religião:

— Tu vais tresler, menino... Olha não te faça mal!

Depois do chá, aferrolhou-se no quarto, atirou-se ao seu tesouro, sofregamente, como se tivesse achado no quintal uma panela de dinheiro. Eram romances, poemas, críticas, dramas, filosofias... Mas só os poetas o atraíam e ia através dos volumes espalhados na cama, lendo uma página ou uma estrofe,

logo passando a outra, ávido de versos sonoros, de diálogos, de adjetivos ricos, e cada livro lhe renovava aquela exaltação especial do tempo de Coimbra, acordando-lhe na alma antigos entusiasmos do *Cenáculo*.

Com Vítor Hugo, sentiu-se outra vez panteísta, confundiu-se na alma Universal do Ser, declamou:

Arbres, rochers, roseaux, tout vit! Tout est plein d'âmes!

Todo o platonismo dos meses em que amara idealmente, lhe voltou, com languidezes elegíacas que lhe passavam na alma, relendo em Lamartine:

Un soir, t'en souviens tu, nous voguions

en silence!

E os *lambes* de Barbier fizeram-lhe bater o coração de novo, com as aspirações de uma democracia lírica:

La liberté n ‘est pas une comtesse
Du noble faubourg St. Germain,
Que le son d’un fusil fait tomber en faiblesse,
Qui met du rouge et du carmin.
C’est une fort fille, aux puissantes mamelles,
Aux mains rouges et teintes de sang!

Leu toda a noite, sentado aos pés da cama, respirando a largas golfadas, com a delícia de quem sai de um cárcere, a atmosfera que o envolvia, feita das

emanações de Ideal, exaladas daqueles volumes românticos. E era, entre aquelas paredes do seu quarto, como uma região luminosa, acima da terra, onde não havia tias nem farmácias, onde o sopro das paixões grandiosas se casava à música dos ritmos novos e em que ele se movia arrebatadamente por entre as criações da Arte. Ali, palpitavam no éter as asas de Eloá; a um canto da taverna romântica, vibrava o riso lúgubre de Rola; além, a cotovia cantava no jardim dos Capuletos; não havia uma carruagem que não levasse uma pálida Dama das Camélias; todos os animais eram poéticos como a cabrinha de Esmeralda e, nos cemitérios, Hamlet meditava, fazendo rolar sobre um chão trágico a caveira de Iorique.

Quando a vela de sebo se derreteu

no castiçal de latão, ficou desesperado. Queria prolongar aquela noitada romântica; então saiu pé ante pé, esguedelhado, raspando fósforos. No seu quarto, sob a proteção da sentinela, Albuquerquezinho ressonava; no corredor, os olhos do gato fixaram-no, fosforescentes e aterrados. Não encontrou candeeiro, nem vela... Foi ao oratório. Em cima de uma antiga cómoda com fecharia de metal, erguia-se um alto crucifixo enegrecido dos anos, e em redor apinhava-se toda uma corte celeste, de barro, de massa e de madeira... Uma lamparina ardia perpetuamente aos pés do crucifixo, e naquela alcova abafada, o reflexo da torcida punha uma vaga claridade mística em redor, na auréola pálida de uma santa, no dourado lívido de

um Menino Jesus, na brancura de uma renda de toalha, na encadernação canónica de um velho in-fólio. Errava um cheiro adocicado de junquilhos secos, de cera e de maçã camoesa... Artur arrebatou a lamparina, deixou os santos nas trevas, e todo o resto da noite, aquele pavio devoto, habituado a erguer a adoração da sua luzinha para as chagas de Jesus ou o burel de Santo António, alumiou páginas profanas, cheias dos gritos da Paixão e das rebeliões da Dúvida.

Adormeceu quando a madrugada aparecia nas frinchas da janela, e sonhava que ia remando num barco, com o Taveira, por um rio de legenda, seguindo o corpo de Ofélia que a corrente levava... quando acordou estremunhado, aos gritos da tia Ricardina, que abrira a janela e

apertava as mãos secas na cabeça, atónita, diante da lamparina seca:

— Tu queres-me matar com desgostos, menino! — gritava sufocada. — Pois tu tiraste a luz do oratório?

Artur explicou que fora uma dor de barriga.

— Se ele se achou doentinho... — murmurou logo a tia Sabina, que entrara atrás dela, assustada.

— Não há doenças! Que chamasse! É um desacato! É um desgosto que me há de levar à cova. É primeira vez, em quarenta anos... Como pode alguém esperar a ajuda de Nosso Senhor, se até se lhe tira o bocadinho de luz! Não me venha com as suas, mana Sabina! A sua cabeça bem a conheço. Olhe o que ela lhe custou. Veja o desgosto que sofreu!

E saiu aos *ais* pelo corredor.

Cercado de livros de versos, Artur julgou ter-lhe voltado de novo a «veia», sobretudo, talvez, porque a celebridade, o prestígio poético que eles tinham dado aos seus autores, lhe excitava a ambição. Decidiu reunir, pacientemente, um volume das suas poesias, a que daria o título cintilante de *Esmaltes e Joias*! E, antes mesmo de o compor, já o coração lhe batia à ideia de ver o seu livro na vidraça dos livreiros, com uma capa cor-de-rosa. Decidiu que lhe juntaria o seu retrato, numa atitude de cabeça contemplativa: decerto alguma mulher inteligente o amaria, pela nobre melancolia que os seus olhos revelavam... E a sua vida seria uma continuação de beijos arrebatados e de rimas sonoras.

Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia — e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Joias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia*, *A ti* — que era a Aninhas Serrana, amada — e *Mulher de Mármore* — que era a Aninhas Serrana, odiada! Em obediência a Damião, produzira ainda uma *Ode à Liberdade*. Oliveira de Azeméis fornecera-lhe *A Lua*, *Delírios e Pôr do Sol*. Mas depois destes esforços, a corrente de imaginação, onde flutuavam fragmentos de sonetos, pedaços de imagens, fora-se pouco a pouco imobilizando, como um regato que gela. As vezes, julgava que era o assunto, a

matéria poética que lhe faltava, e ia rebuscá-la pelos livros amados; e quando, depois de uma leitura das *Orientais*, imaginava que o Oriente e o seu pitoresco lhe inspirariam estrofes ricas, ou, depois de uma página de Vigny, lhe vinha o entusiasmo de cantar o amor dos anjos — era a expressão, o verbo que lhe fugiam. Então, desesperado, acusava a monotonia da vila triste que o esterilizava. Ah, se estivesse em Coimbra, em Lisboa sobretudo! Lá, entre os jornalistas, a Ópera, os poetas, o seu cérebro que, agora, lhe parecia uma pedra que apesar de muito batida guarda obstinadamente a sua faísca, flamejaria então numa inspiração contínua.

Mas não desistia, sustentado pela ambição histérica de ver o seu nome em

folhetins, de ser admirado pelas senhoras sensíveis — e as tias não compreendiam o que ele fazia, passeando até altas horas pelo quarto, consumindo regularmente uma vela de sebo por noite, enquanto o Albuquerquezinho, que era doido, esse, no quarto ao lado ressonava sensatamente!

A tia Sabina, um dia, descobriu que o menino fazia versos, e veio perguntar-lhe em segredo, se era para alguma senhora de Coimbra. Quem era?

— Não é para nenhuma senhora, tia Sabina. São versos. É para um livro...

Ela não acreditou, ameaçou-o com o dedo, meigamente:

— Ah, menino! menino!... É da tua idade, filho, é da tua idade!

Mas Ricardina, essa, desaprovou com espalhafato «o despautério do

menino». E era para isso, para fazer versos, que assim arrasava a saúde, deitando-se de madrugada e trazendo aquela cara esverdeada! Que visse onde os versos tinham levado o tio Teotónio! E era um talentão, esse, intimo de fidalgos, conhecido na Corte! Pois por lá morrera, numa enxerga de hospedaria, com uma camisa na mala e um montão de papelada!...

E no seu horror à Poesia, que ela considerava a origem fatal da fome e do vício, pediu ao Vasco que trouxesse o menino a ideias mais sérias, mais práticas, de carreira e de futuro. O boticário fê-lo em frases muito graves, muito meditadas: se o Sr. Corvelo gostava de empregar os seus vagares, como era justo na sua idade, por que não a bela

Física, e bela Química, que lhe seriam de tanto auxílio no seu futuro farmacêutico? E acrescentou com bondade:

— Eu não digo, quando se tem já uma posição na sociedade e alguns vinténs de lado, que não seja bonito poder produzir um bom acróstico, ou, sem malícia, um engraçado epigrama... Mas fazer da poesia a principal ocupação, não! Desculpe-me o Sr. Corvelo, mas é uma grave imprudência e há de concorrer para o desviar dos seus deveres!

Artur empalidecia de raiva.

Só na tia Sabina encontrava simpatia. Essa, desde a descoberta do caderno dos *Esmaltes e Joias*, parecia estimá-lo mais, como se a habilidade poética fosse uma evidência da ternura da alma. Um dia, mesmo, quando ela estava

arranjando o seu gavetão, a doce velha tirou de entre um livro de orações um papel amarelado, de dobras muito gastas e com mistério pediu-lhe que o lesse: mas baixinho!

Eram versos, versos à tia Sabina, versos datados do Porto, de 1841!

Eis chegado o momento de partir,
Dor e luto se apossam do meu ser;
Longe de ti, ó anjo feiticeiro,
A vida é treva, não posso viver.

E havia doze quadras neste estilo, trabalhadas ao gosto do tempo, misturando fanatismos de amor e palpites de morte às melancolias do outono e às tristezas da separação.

Artur disse, sorrindo, numa

complacência de mestre amável:

— São bonitos, tia Sabina, estão bem feitos...

A velha dobrou silenciosamente o papel:

— E eram verdade nesse tempo, filho — murmurou por fim. — Quando a gente é nova!...

Artur teve vontade de a abraçar! O seu acanhamento reteve-o. Mas estimou-a mais desde então: quase desejava contar-lhe as suas melancolias e as suas ambições; mas vendo-as depois, à noite, cabecear com sono sobre a mesa, ou, na sombra do oratório, enfiando salve-rainhas, sentia que a pobre velha não o compreenderia.

Agora, incessantemente, ansiava por alguém com quem desabafar!

Desejaria ler os seus versos, aquecer-se a uma admiração amiga, falar dos seus poetas queridos, de entusiasmos, de aspirações revolucionárias. Mas à casa das tias só vinham os Vascos, e a botica era frequentada apenas por um velhote caturra e obsoleto, o Sequeira, e por um proprietário, o Abreu, que todas as tardes, apoiado ao castão da bengala, murmurava sombriamente as mesmas palavras: «Então, que há de política? As coisas vão mal, as coisas vão mal...». Na vila, havia, na verdade, dois moços bacharéis, mas Artur não os conhecia: eram da Assembleia, das famosas *soirées* das Carneiros, que todos os sábados faziam brilhar na praça escura as três sacadas nobres da sua casa. Muitas vezes, passando por lá, considerava-as com

azedume, pensando como lhe seria fácil cativar ali as senhoras, recitando, tendo ditos poéticos. Mas excluíam-no daquela sociedade brilhante a obscuridade das tias e a sua posição subalterna na farmácia; consolava-se então, pensando que seria aquele um mundo burguês, ocupado das intrigas da vila, indiferente à arte e incapaz de sentir em concordância com ele. Mais valia a sua solidão de alma incompreendida.

Porém, nas noites em que se sentia «sem veia», quando odiava os livros — como se a sua esterilidade lhe tornasse antipática a abundância dos eloquentes —, aquele isolamento completo amargurava-o como um desterro numa rocha deserta. A nostalgia de Coimbra, das cavaqueiras poéticas do *Cenáculo*, daquela vida

intensa que lhe parecia agora sublime, voltava-lhe mais pungente; e ávido de poetas e de filósofos, tinha de vir sentar-se entre as tias, fazendo as suas meias sonolentas, e o Albuquerquezinho, compenetrado, elaborando paciências ou revistando o álbum das esquadras. Se ao menos tivesse uma irmã, inteligente e poética! Fazia-o suspirar, cerrar os olhos, a ideia de uma mulher de alma romântica, que o amasse, recebesse, reconhecida, a revelação das suas sensibilidades e para o acalmar lhe soubesse tocar ao piano melodias de Weber ou árias de Mozart!

Foi esta necessidade de convivência literária que o levou, decerto, a ligar-se com um sujeito da vila, apesar de haver entre ambos um contraste radical de temperamento, de gostos e de

compreensão da vida. Chamavam-lhe em Oliveira de Azeméis o Rabecaz. Era um homenzarrão, de carão audaz e vermelho, fortes bigodes de mosqueteiro, muito teso no seu casaco de alamares debruado de astracã; com o seu chapéu ao lado, a ponta do lenço muito de fora, o grande bengalão de cana-da-índia, parecia a Artur — quando o via passar com os olhos avermelhados de genebra — um destes mestres de armas, capitães a meio soldo, azedados e turbulentos, dos romances de Eugênio Sue. Era empregado da Administração e ninguém sabia como se achava ali havia dez anos. Porque era de Lisboa, amaldiçoava Oliveira de Azeméis; mal sabia redigir um ofício e trovejava livremente contra os governos. Era um bilharista famoso na vila, grande

homem do botequim da Corcovada, onde ficava, das quatro da tarde até à meia-noite, carambolando, atirando para as fauces copinhos de genebra e falando com autoridade de política e de mulheres. Foi ali que se encontraram, numa noite em que Artur, ao passar, se refugiara de uma pancada de água no bilhar quase deserto. O Rabecaz, que batia melancolicamente caramboladas solitárias, propôs a Artur uma partida às vinte e cinco.

— V. Ex.ª, como frequentou Coimbra, deve ser da confraria do taco.

— Jogo mal.

Mas aceitou, com uma curiosidade daquela figura que tinha em Oliveira um relevo pitoresco. E, carambolando, conversaram.

O Rabecaz, imediatamente,

injuriou o Governo — e a simpatia nasceu de se reconhecerem ambos republicanos. No entanto divergiam: Artur queria os Estados Unidos da Europa, governados pelos grandes génios: Vítor Hugo devia presidir à França, Castelar, à Espanha; não haveria exércitos e os povos federados sentar-se-iam fraternalmente em banquetes simbólicos, cantando a *Marselhesa*. Rabecaz exigia um Robespierre, um Cromwell, para guilhotinar os fidalgos, confiscar os bens dos capitalistas e escavacar os padres!

— Nem barões, nem sotainas! — berrou, brandindo o taco.

— Pelo que vejo — disse Artur — V. Ex.ª é da escola de Proudhon.

— Eu não sou da escola de ninguém, meu caro senhor. Eu sou uma

fera! Quando penso no estado a que chegou este país, sou uma fera!

Trovejou então contra o clero: — mas não concordavam também sobre questões religiosas. Artur entendia que se devia adorar a Natureza, nos campos, diante do Céu, templo eterno, e admirava Jesus, filósofo e democrata! Rabecaz não admitia Jesus — «porque, uma de duas, meu caro senhor, ou era um Deus e então tinha o poder, de se não deixar matar, ou não era um Deus, e então não podia ter ressuscitado: porque deixar-se matar, para ter o prazer de se fazer ressuscitar, parecia-lhe uma trica política, imprópria de um ente divino!»

E pousando o taco, convidou o Artur a cear. A Corcovada tinha ao fundo, para os íntimos, entre a cozinha e a

estrebaria, um cubículo com uma mesa de pinho e mochos de palhinha. De uma parede pendia o retrato de Pio IX, de mão erguida numa bênção; defronte, numa litografia colorida, uma odalisca seminua enfiava pérolas. Ouvia-se ao lado rabujar os netos da Corcovada, estalar na lareira a lenha verde e as mulas dos almocreves, puxando a argola das manjedouras, baterem o chão lajeado.

Rabecaz encomendou à Mariquitas, sobrinha da Corcovada, «a bela fritada de ovos e chouriço e dois meios litros reais».

E indicando, com um piscar de olhos, a rapariga sardenta e roliça:

— Boa perna!

Escarrou para o lado, e, instalando-se à mesa quis saber a opinião

de Artur «sobre o gado».

— Que gado?

— O gado, o femeaço...

A expressão brutal escandalizou as delicadezas de Artur e o seu desprezo por Rabecaz foi completo quando o ouviu declarar, com o olho lúbrico, que o que apreciava no gado eram «as boas carnes».

— O amigo nunca esteve em Lisboa?

— Não — disse Artur.

O Rabecaz deu uma palmada na coxa:

— Então, meu caro senhor, não sabe o que é gado! Não faz ideia do que é um pé catita! — E com uma punhada na mesa: — Então, não sabe o que é a pândega!

Falou imediatamente de si. Tinha

vivido em Lisboa, ele, com cavalos, com cadeira em S. Carlos, com carruagem! Fora um príncipe! No tempo em que Madama Ortza era uma beleza e o Marrare um céu aberto! Que batidas para as Portas de Algés! Que orgias com a Contadini!

— Comi tudo, mas regalei-me! — disse, dando um puxão ao bigode.

Artur considerava-o agora com interesse, como uma ruína romanesca.

— O Sr. Rabecaz então devia conhecer bem Lisboa...

— Lisboa?

Bebeu um trago «real» e passando pelos beiços as costas da mão cabeluda:

— Meu caro senhor, conheço Lisboa desde o mais alto — e o seu gesto no ar parecia designar dosséis de tronos

— até ao mais baixo! Ao mais baixo! — E agitava a mão sob a mesa, como revolvendo lamas.

Rabecaz adquiriu logo para Artur uma autoridade imprevista, por aquela experiência tão complexa da grande cidade, das suas glórias, dos seus mistérios. Naturalmente tinha convivido com escritores, com artistas...

— Grande rapaziada! — exclamou Rabecaz. — Conheço-os a todos, de *tu!* Belos pândegos!

Citou nomes. O José Estêvão! O Garrett! A Sociedade do Delírio! Uma troça real!

Mas voltou com íogo às mulheres:

— Não há como Lisboa para se apanhar do bom, do alto! Tudo sedas e veludos! — E repoltreava-se, retorcendo

as guias, significando que se rolara no leito de condessas. — E as espanholas, ó amigo, hem? E as espanholas?

O olho chamejava-lhe. Para ele, não havia como uma rica andaluza, cheia de *salero* e de chique, de cinta de anel, pezinho catita... Oh! menino!

Deu um puxão às calças, bufou de concupiscência.

— Agora aqui é chupar no dedo! — concluiu sombriamente. — Que choldra de vida! Até um homem aqui ganha mofo...

— A mim, paralisam-se-me as faculdades...

— E eu estou a perder a tacada...

Estes gostos baixos, as locuções incultas de Rabecaz, revelaram a Artur um brutal que o dinheiro, a petulância, tinham

misturado casualmente às existências desordenadas das almas ardentes. E, preocupado só do mundo da Arte e da Literatura, interrogou-o ainda sobre os teatros, as dançarinas. Devia ser uma vida deliciosa nos bastidores... ceias com os jornalistas...

— Um delírio, meu caro senhor! De tremer! De vir tudo abaixo!

E Artur entrevia orgias sonoras, o estalar do Champanhe, cancãs, em que cabelos soltos perfumam o ar cálido...

— E vive a gente aqui! — suspirou.

— Na estrumeira! — ecoou Rabecaz.

E azedados à ideia das felicidades inacessíveis, uniam-se numa simpatia nascente.

A Artur, o que lhe valia eram os livros. Recolhia cedo a casa, tomava o seu Vítor Hugo...

Rabecaz arregalou os olhos.

— Vítor Hugo! — rosnou com uma voz cava. — Um mundo!

Aquela admiração, precisada numa palavra profunda, entusiasmou Artur. E com a pupila acesa, os cotovelos na mesa:

— Pois não é verdade? *As Contemplações! Os Miseráveis!* E Lamartine?

O Rabecaz alargou os braços, como para designar um seio de proporções mais que humanas e soltou:

— Lamartine? Um mundo!

— O tipo de Elvira, hem? E o tipo divino de Graziela? Mas Alfredo de

Musset? Oh! Alfredo de Musset!

O Rabecaz refletiu, com um vinco na testa:

— Desse não estou ao facto... Mas Guizot! Um mundo! De tremer tudo!... Mais dois quartilhos, bela Maria...

Eram onze horas quando saíram da Corcovada. Ao passar diante da Igreja de S. José, Rabecaz, excitado, insultou os padres, disse pilhérias sobre os dogmas.

— Para que serve isto, este covil? — E brandia o bengalão para a fachada da igreja negra e muda.

— Deviam ser convertidas em escolas — disse Artur.

O Rabecaz, indiferente à instrução, encolheu os ombros:

— Devia ser tudo arrasado.

Depois, a casa do Carneiro, o rico

lojista de panos, coberta de azulejos, com as suas três varandas de sacada, exasperou-o.

— Grandíssimo burro! Se nós lhe apanhássemos o dinheiro, hem? Era logo comboio para Lisboa, e bater para o Dafundo, com um par de pequenas.

Enterrou as mãos nos bolsos e tornou-se sombrio.

A chuva cessara: um vento frio ia rolando espessuras de nuvens, espaços azuis estrelavam-se.

— Pois tivemos uma bela cavaqueira — disse o Rabecaz, quando Artur parou à porta de casa. — Eu gosto de conversar com quem me entenda e cá o amigo é dos meus. Apareça pela Corcovada. Não se passa mal.

E avistando um gato, atirou-lhe

uma bengalada. Aquela brutalidade escandalizou Artur. Deitou-se, convencido que o Rabecaz era um grosseiro, sem educação literária, de uma lubricidade de bode.

Mas vivera em Lisboa, bebera o champanhe das orgias literárias; sobretudo, era republicano — e, daí a dias, Artur voltou à Corcovada, com o pretexto de pagar a ceia ao Rabecaz — realmente para lhe mostrar a sua *Ode à Liberdade*.

O Rabecaz entusiasmou-se logo, sobretudo quando Artur, afogueado, soltava este final da sua estrofe amada:

A hora já soou, a Aurora vem...
Baqueia a realeza!
E já se ouve na cidade além,

Rugir a Marselhesa!

Rabecaz atirou uma punhada à mesa:

— Caramba! Isso é de artista! Você o que deve é ir para Lisboa, que em Lisboa desbanca-os a todos!

Artur não o duvidava — e essa palavra cimentou a intimidade entre ambos. Aquele aplauso tornou-se-lhe então necessário. Rabecaz era o *seu público*; julgava-o inteligente, de gosto muito certo, desde que ele admirava os seus versos; leu-lhe sucessivamente todas as poesias dos *Esmaltes e Joias* e para o lisonjear nas suas antipatias clericais — espírito efeminado, já adulava servilmente os instintos do *seu público* — compôs uma sátira contra os padres, a

quem chamava «*negros serventes de um estéril dogma*». O seu cérebro pareceu degelar ao sopro quente daquela admiração grosseira; fez sonetos; e o que escrevia agora era sob a preocupação «do que diria o Rabecaz». E, todavia, era sempre a mesma a fórmula crítica do Rabecaz; escutava com os braços cruzados, nobilitando a sua atitude na presença das rimas: se a poesia era lírica e amorosa, tinha um riso mudo que lhe enchia a face de rugas, lhe mostrava a dentuça negra, e arrastando a voz com deleite:

— Está catita!

Se era «uma peça filosófica», arregalava o olho, o nariz alongava-se-lhe, eriçava-se-lhe o bigode e rosnava cavamente:

— Está de arromba!

E terminava por exclamar, com uma palmada no joelho:

— Caramba, Artur, você deve ir para Lisboa! Você vai a ministro!

Artur suspirava. A certeza que o Rabecaz lhe dava da celebridade em Lisboa — ele que a conhecia tão completamente — inflamara-lhe o desejo de lá viver e ser uma das suas personalidades essenciais. Lisboa era agora a sua necessidade, o seu ideal, a sua mania. Pensava que lá, na Capital, as suas faculdades se desenvolveriam prodigiosamente, como certas plantas raras que só medram em terrenos ricos; aí encontraria decerto as glórias do coração em amores aristocráticos, e, discutido nos folhetins, recitado nos teatros, muito alto

na hierarquia das letras, poderia talvez extrair uma fortuna dos cofres dos editores!

Tudo o que o cercava e o retinha, a casa das tias, a farmácia do Vasco, lhe parecia então mais odioso; tudo na vila lhe dava uma sensação de obscuridade que o abafava — as ruas que se lhe afiguravam estreitas como as ideias, as fachadas que eram inexpressivas como os rostos; detestava aquela gente que nunca leria os seus versos, e que decerto o desprezava: o fiel de feitos que ao meio-dia passava na praça, com o seu saco de lustrina cheio de autos e o Carneiro que, de *robe-de-chambre*, a face próspera e farta, fumava o seu charuto à varanda...

E trabalhava num ardor contínuo, forçando a imaginação difícil, ávido da

terminação dos *Esmaltes e Joias*, como se eles fossem o fim de todas as suas desesperanças. As tias, o Vasco, achavam-lhe uma «cara de desenterrado» e as pessoas que moravam na praça, olhavam quase com compaixão aquele moço triste, que passava de manhã e à tarde, de olhos baixos, cabelo muito comprido, encolhido no seu paletó cor de pinhão.

Andava, num desabafo, compondo uma Epístola em quadras, dedicada ao poeta que disse:

Eu nunca vi Lisboa e tenho pena...

Artur, sem o conhecer, tratando-o de tu, numa familiaridade de Parnaso, comungava na mesma ambição. E nas

manhãs em que não havia trabalho na farmácia, era pelo seu quarto um passear desordenado, declamando:

Também eu nunca vi Lisboa, amigo,
Profunda Babilónia junto ao mar!
Oh! que me fosse dado ir lá contigo...

E ao lado, do peitoril da janela, estendendo o braço agaloado de ouro, o Albuquerquezinho berrava num acesso:

— Orça a barlavento! Cerra os traquetes da gávea! Fogo!

Um sopro de loucura parecia correr naquele andar da casa, enquanto em baixo, na sala, as tias faziam a sua meia e o gato branco dormia, numa réstia pálida do sol de novembro.

Foi por esse tempo que o Artur

recebeu do Porto, do seu padrinho, o rico Guedes Craveiro, uma carta estranha, em que lamentava, ainda depois de dois anos, «a morte fatal do meu nunca de mais chorado amigo Manuel Corvelo», falava misteriosamente «de um desgosto cruel com que a Providência o visitara o mês passado» e prodigalizava frases devotas, pedindo a Artur que o não esquecesse nas suas orações.

Em pós-escrito, dizia que passaria em Ovar no sábado, em viagem para Lisboa e seria uma alegria para o seu coração, poder apertar nos braços e conhecer seu estremecido afilhado!

Foi um espanto para Artur. Nunca vira o padrinho Guedes. Lembrava-se que em casa, em Ovar, lhe chamavam o *carola*; mais tarde, durante umas férias,

seu pai, voltando do Porto, falara dos escândalos que dava nesse momento o Guedes... Era uma história triste: o pobre *carola*, numa dessas paixões brutais que fazem irrupção, por vezes, numa existência devota, apaixonara-se furiosamente por uma Lola, comparsa de zarzuela do Baquet, e teria decerto acabado por casar com ela, se Lola não tivesse já um marido, um bandido, que se instalara na quinta do Guedes, lhe bebia o vinho, lhe vestia a roupa branca e lhe arrancava dinheiro com ameaças de suicídio. Desde então, não soubera mais do padrinho, o *carola*, o amante de Lola! O que significaria esta ternura inesperada, esse «desgosto», tantas declamações lúgubres?

Ricardina decidiu logo que o

menino devia ir à estação de Ovar no *char-à-bancs* da carreira. Sabina lembrou que Arturzinho lhe levasse um frango frio «para o homenzinho cear na jornada».

— O «homenzinho», menina? — exclamou Ricardina. — O «homenzinho»? Boa! É um dos cavalheiros mais ricos do Porto! Tem trens, tem tudo!

E o Rabecaz, informado, concluiu com autoridade:

— Deve ir a Ovar. E fazer-lhe tagatés. Se o sujeito tem uma pequena espanhola, é homem de gosto, é cá dos nossos. E ouça cá, se a pequena vier com ele, não se me faça acanhado. É grande cortesia o dizer-lhe: *Salero! Viva la gracia!* Eu conheço as espanholas, gastei disso!

2

Quando o *char-à-bancs* parou à porta de casa de volta da estação, Ricardina, toda curiosa, estava no alto da escada:

— Então?

Não, o padrinho não viera.

Foi um assombro para as senhoras. Tinha ele procurado bem no comboio?

— Fui ver até à terceira classe! Nem sinais!

— Viu no porão? — perguntou Albuquerquezinho, interessado.

— Vi no porão, Sr. Almirante. Ninguém!

— Jesus! — disse Sabininha —

coitadinho, sucedeu-lhe alguma...

— Ai, não me parece bem! Não me parece bem! — exclamou a Ricardina. — Depois de ter prevenido, de obrigar à jornada e à despesa... É um despropósito!

— Serviu-me de passeio — disse Artur, acendendo o seu castiçal. — E a noite está linda.

Galgou os degraus, na impaciência de recordar as sensações da tarde, de pensar naquela figurinha de vestido de xadrez, que já começava a ser: *Ela*. Foi logo ao espelho olhar-se, como para se certificar de que o seu rosto pálido e fino merecia aquela ternura curiosa de uma senhora vivendo em Lisboa, na maior elegância. Nunca vira numa mulher um encanto tão cativante. Adorava sobretudo o seu corpo, pequenino, de Venuzinha de

jaspe, que cabia toda num abraço, podia trazer-se ao colo; todos os seus movimentos tinham uma harmonia rítmica; havia no seu seio uma graça virginal, como que uma provocação sábia, ingénua e coquete. Mas eram os seus olhos negros que acima de tudo o perturbavam; desejaria beijá-los, muito tempo, sentindo entre os lábios as pestanas arqueadas e fortes.

Certo, porém, da sua simpatia, revelada nos dois olhares que lhe lançara, foi à Corcovada interrogar o Rabecaz, que talvez a reconhecesse pela descrição que dela lhe faria.

Mas quando o viu, de cachimbo na boca, taco ao ombro, veio-lhe um pudor, uma repugnância de falar n'*Ela*, ali, naquele cheiro fétido de petróleo, sob o

hálito de genebra do Rabecaz.

— Então viu-os? Que tal é a pequena? — exclamou logo o outro, brandindo o giz.

— Não vi, não vieram — disse Artur.

Quando voltou para casa, fechou-se no quarto e escreveu ao Damião, que então vivia em Lisboa, uma carta em que depois de falar, num lirismo amplo, «da tenebrosa solidão da sua alma», e «das suas aspirações incessantes para um ideal maior», lhe pedia que averiguasse quem era a senhora de vestido de xadrez, de quem fazia uma descrição minuciosa: queria saber onde morava, quais as suas relações, os seus hábitos, «enfim faça-me sobre ela um estudo à Balzac». E começou a esperar a resposta —

pensando n'*Ela*. Era um estado de alma muito novo para ele, muito doce.

Sob a influência permanente da excitação poética, o seu coração fora até aí como um altar vazio, em que tudo está preparado para a adoração, tocheiros, incenso, flores, e a que só falta a santa. A santa viera enfim, bem vestida, aristocrática. E todas as suas ternuras, os seus desejos, as ambições que até ali erravam no vago, como aves inquietas fora dos ninhos, acharam um centro, ordenaram-se, pondo perpetuamente em tomo daquela imagem a sussurração de um culto.

Idealizava-a, como quem cobre um ídolo de camadas de ouro, tornando-a cada dia mais digna da sua poesia, extraindo das menores coisas certezas da

sua perfeição: o seu chapelinho de penas provava a fina originalidade do seu gosto; o livro que levava, Lamartine ou Musset, confirmava o requinte da sua inteligência; a prontidão em se interessar por ele era a garantia da sua constituição amorosa e das impaciências da sua alma ardente.

Mas era apenas um sentimento poético e vago, e, como uma água isolada e perdida que é absorvida ou se evapora, aquele grande amor tendia por vezes a sumir-se; retinha-o então ansiosamente, para manter na sua vida mesquinha um interesse ideal, gozar as melancolias felizes daquela ocupação elevada, possuir também a sua Beatriz. Fazia-lhe versos, tinha com ela longos diálogos imaginados, uma perpétua convivência com a sua imagem invocada; e com efeito — como

quem acaba por adorar um Deus que inventou — não tardou a ter por aquela senhora, entrevista de tarde, num comboio, um sentimento real, formado de vaidade, de desejo, da esperança de a encontrar em Lisboa e das suas necessidades de insatisfeita ternura.

Um soneto que produzira então, trabalhado à maneira de João de Deus com toques de idealismo camoniano, e que era a melhor obra da sua curta carreira poética, dava a explicação da sua alma:

A vida, em que os meus anos se passavam,
Era como um terreno abandonado
Que nunca produziu, nem foi arado,
E que as águas do céu nunca molhavam.

Ali jamais abelhas sussurravam,
Nem d'ave se escutou meigo trinado:
Um ermo escuro sob um céu nublado,
Onde só duros cardos negrejavam.

Mas tu vieste! Assim, por trás dos montes,
Se ergue o divino Sol no fresco ar...
E eu senti logo — oh claros horizontes!
—

Tudo em minh'alma reflorir, brotar,
Aves cantarem, murmurarem fontes,
Searas de desejos a ondular!

Enfim, veio a resposta do Damião:

Caro Artur. — A não ser que

a Biografia da sua dama vestida de xadrez se encontre na «Enciclopédia do Século XIX» do bom P. Larousse, eu não estou habilitado a dar-lhe essas informações à Balzac, que a sua pobre alma reclama. Acho curioso que, num assunto tão mundano que é quase oficial, se dirija a mim: se a pessoa pertence às «classes dirigentes» e é bisneta de um dos brutos que tinham outrora o nome de cavaleiros — por que não escreve diretamente ao Monarca? E se é simplesmente uma «Madalena» ou, como diziam os nossos honrados avós do terceiro estado, uma «barregã» — porque tudo é possível no mundo faceto das baronesas

constitucionais — dirija-se a qualquer das repartições públicas — onde obterá informação abundante e pitoresca. Eu, caro poeta, vivo muito longe da sociedade estabelecida: habito estes quintos andares das cidades modernas, que são para a Democracia o que foram as catacumbas para o Cristianismo...

Tomei devida nota dos seus desesperos românticos. Acho-os patuscos — ainda que inteiramente adequados à tradição lamartiniana. Console-se fazendo um volumezinho de versos — já que as circunvoluções do seu cérebro o levam fatalmente ao verso não sobre as estrelas e os lírios — deve

deixar essas parcelas de substância aos astrónomos e aos jardineiros — mos sobre o Homem, que é a verdadeira matéria poética moderna. E sobretudo venha para cá. A capital é, no fim de tudo, o único ponto vivo desta fétida lesma morta que se espapa à beira do velho Atlântico, sob o nome desacreditado de Portugal. Venha para cá — e terá uma «chance» de encontrar, amar, cantar a sua senhora vestida de xadrez, já que um resto do velho espírito teológico quer que todo o Tasso tenha a sua Leonor, e todo o Dante a sua Beatriz: sem que isto seja fazer-lhe a injúria de o comparar ao Tasso, esse pobre rimador em oitavas dos

decretos do Concílio de Trento, nem ao Dante, esse sorumbático panfletário gibelino. Se vir a besta imunda e felpuda, que tem na terra o nome jocoso de Teodósio, advirta-o com severidade, de que me levou, entre os livros dele, o meu Darwin, «Origem das Espécies». Repugna-me saber o grande naturalista entre os bárbaros — servindo talvez de peanha, sobre uma cómoda de cerejeira, ao busto de Rodrigo da Fonseca Magalhães, ou outro qualquer dos idiotas clássicos do Constitucionalismo. Vale, como dizia esse odioso burguês, Cícero.

Damião.

Esta carta caiu na sua exaltação como álcool numa fogueira! Todo o seu antigo desejo de Lisboa flamejou. Via-se, num relance, lá no quinto andar do Damião, «essa catacumba moderna», palpitando todo nos interesses da Arte e da Democracia, compondo em silêncio um poema, e saindo, alta noite, para a encontrar, a *ela*, num *boudoir*, de rendas e sedas!

E foi então, durante semanas, um suspirar quase histérico por Lisboa — agora para ele duplamente maravilhosa: um paraíso da inteligência e um paraíso da paixão — um anelo permanente que o tomava sob as formas mais pueris — a ponto de olhar com saudade as nuvens que o vento ia levando para o Sul, para os lados de Lisboa, e de invejar o recoveiro

que todos os quinze dias vinha receber ordens à farmácia e partia, choutando na sua égua, a tomar o comboio em Ovar. Às vezes, sentia-se ridículo, ria; mas o seu desejo não tardava a pungi-lo de novo com uma persistência mórbida.

Lisboa! — Concebia a vida que a enchia, violenta e grandiosa, como o mundo da *Comédia Humana*, de Balzac. Era, de resto, pelos romances franceses, que. reconstruía a sociedade de Lisboa e não tinha uma ideia menos desproporcionada da sua edificação, imaginando-a de ruas enormes, sonora de trens e flamejante de gás, assentando a sua pompa movimentada sobre a larga baía azul, onde esquadras manobravam e salvavam as torres de outros séculos! Mas era sobretudo a existência noturna de

Lisboa que o fascinava: imaginava sentir, nos cafés, entre o ouro dos espelhos, balançar-se a sussurração das conversas literárias; via, à porta dos teatros, apinhar-se uma multidão sôfrega de arte, e em redor, nas praças todas alumiadas, grupos discutirem com subtileza a estética dos poetas e a política dos oradores. Depois, parecia-lhe avistar janelas embaciadas de restaurantes, onde artistas e cortesãs celebravam orgias, poéticas como galas; mais longe, distinguia os balcões dos salões aristocráticos, de onde saía uma claridade discreta tamisada pela seda das bambinelas: aí, idealizava a vida de um mundo superior, em que as faces são pálidas da emoção contida nos sentimentos romanescos; aí, diplomatas, cujos sorrisos tinham a frieza da razão de

Estado, trocavam ditos à Talleyrand; aí, sentadas em móveis de veludo e cetim, ideais figuras de beleza patrícia respiravam ramos de violetas, com olhares onde brilhavam, sob um fluido, o ardor dos adultérios; aí, vivia *Ela*, a senhora do vestido de xadrez... E em redor, no mistério da vasta cidade, imaginava a existência das personalidades atormentadas do romance ou do teatro — os Rastignacs, pungidos de ambição, os Yautrins, fazendo temerosamente a caça aos milhões, os Camors, céticos, os Giboyers, sublimes e os visionários, que, num quinto andar, planeiam a destruição da sociedade.

Mas nesta fantasmagoria, entusiasmava-o sobretudo o mundo dos jornalistas: era um ruído incessante de

máquinas de impressão, salas de redação resplandecentes de gás, penas que correm sobre o papel, derrubando ministérios ou edificando glórias, e ditos de folhetinistas, que têm a profundidade de uma filosofia, na precisão de um aforismo!... Via-se lá, revendo provas, lendo o seu nome em cada jornal, fazendo civilização!

Às vezes, oprimido por estas imaginações, ia ao acaso, de noite, pela vila, e aquelas ruas apagadas, onde só se sentia um chorar triste de criança nas casas térreas ou um som retardado de tamancos, mandava-lhe mais vivamente o pensamento para Lisboa, onde, àquela hora, os estribos dos trens se desdobravam no peristilo iluminado dos teatros, e nas salas as rabecas davam as

primeiras arcadas... Imaginava-se então numa *soirée*, já ilustre. Falava baixo, num vão de *boudoir* acetinado, à senhora do vestido de xadrez, que sorria, fanatizada pela doçura dos seus conceitos; pediam-lhe depois para recitar; ele erguia-se devagar, pensativo; em redor murmurava-se: «é o Corvelo, é um génio!» E levado na ilusão, declamava alto, na rua:

Enquanto dormes no divã de seda,
Olho-te o mimo desse lindo rosto...
Assim as aves dormem n'alameda,
Dormem as águas ao luar d'agosto...

A sua voz fazia estacar, sobressaltado, algum burguês que vinha da Assembleia, embrulhado no seu xaile-manta... E Artur recolhia, triste e fatigado

como depois de um excesso, desejando entrar poeticamente num convento, ou viver em Lisboa com um emprego de um conto de réis!

Encontrava em casa o dormente serão em tomo da mesa.

— De onde vens, menino? Vens da cavaqueira do Vasco?

— Não! — exclamava ele, irritado de que lhe suspeitassem qualquer interesse pelas palestras da botica.

Toda a face de Ricardina, então, com o seu longo nariz sobre a mesa, se cobria de severidade carrancuda: sabia que o menino frequentava a Corcovada, e a convivência do Rabecaz, o bilhar, o tabaco, pareciam-lhe hábitos funestos que lhe trariam a mina da saúde e a desconsideração da vila.

— Nem sei que gosto se possa ter em semelhantes noitadas! — rosnava.

— Chuta! — exclamava Albuquerquezinho, todo aceso com a sua *paciência*.

Então, em torno da mesa, fazia-se uma mudez amiga.

— Cá está! — exclamava ele em triunfo. — É a *Imperial*. Marque lá, Sabininha.

Sabina tomava o caderno das paciências felizes, fazia um traço a lápis.

— Quantas *imperiais*, este mês, menina?

— Catorze, Albuquerquezinho.

— Bom mês...

Ela folheava o caderno, muito interessada:

— O mês passado foi melhor.

Vinte e quatro... Mas faltam nove dias para acabar o mês, é preciso contar com isso.

— Chuta! — fazia Albuquerque, que recomeçava a dispor o seu quadrilátero de cartas.

Artur, muito infeliz, subia para o quarto e ali ficava, desesperando-se contra aquela existência, lançando a sua alma para Lisboa, para *Ela* — até que sentia no corredor a voz de comando de Albuquerquezinho, lançar, ao entrar para bordo, o santo-e-senha à sentinela.

Enfim, uma noite, foi à Corcovada declarar ao Rabecaz que estava decidido a partir para Lisboa. Iria em terceira classe e o Damião decerto lá lhe arranjaria um emprego na redação de um jornal ou no serviço de um editor. Em

último caso, com a sua prática, podia colocar-se numa farmácia.

— Despautério! — exclamou com ímpeto o Rabecaz.

Se ele queria ir para Lisboa era para gozar, não é verdade? Portanto era necessário ter cheta. Para ir viver num quinto andar, jantar por quatro vinténs na taverna do *Fumaça* ou ir para outra botica — então, mais valia ficar em Oliveira, com a vaca e o cozido das senhoras suas tias e a amizade do Vasco... Em Lisboa era necessário estar sempre a levar a mão ao bolso...

— Por exemplo, o amigo está num café com a rapaziada: arranja-se uma troça ao Dafundo, com boas pequenas... É preciso fazer saltar, pelo menos, seus três ou quatro mil réis, para tipoia, pinguinha

de Colares, etc...

— Mas não é isso — disse Artur impaciente. — Eu não vou para o deboche! É para estudar, para trabalhar.

Rabecaz cruzou formidavelmente os braços, berrou do alto da sua experiência:

— Trabalhar! Mas em que quer o senhor trabalhar? Nas redações está tudo atulhado. A maior parte escreve de graça... Fazer vintém pela versalhada, isso até faz rir os mortos! E o amigo não sabe fazer mais nada. Eu conheço Lisboa, homem. Se você escrevesse dramas...

— Com um drama, hem?

— Isso sim, isso é melhor que ser diretor-geral!

Explicou-lhe o sistema de *direitos de autor*. Ele fazia uma peça ou uma

magicazinha catita, em cinco atos: em dia de enchente, com o tanto por cento, eram cinco ou seis libras na algibeira!

— E depois, menino, estando-se de dentro com as atrizes, com as pequenas dos coros, apanha-se do bom e *grátis*...

— Não me tinha lembrado — murmurou Artur impressionado.

— Pois pense nisso — disse Rabecaz muito sério. — É de chupeta!

Foi como a aparição de uma luz salvadora! Um drama! O teatro! A ideia atraía-o por todos os seus resultados prováveis: era a glória direta, mais palpavelmente gozada, recebida na face em palmas e *bouquets;* era a celebridade rápida, penetrando todas as classes, ou letradas ou apenas impressionáveis; era o dinheiro, cobrado todas as manhãs, na

caixa, a contado!... E *Ela* viria ver o *seu* drama; ele diria *tu* às atrizes, como um camarada. O Rabecaz tinha razão — devia escrever para o teatro!...

Foi para casa no delírio desta esperança. Mas que escreveria? Uma comédia à Sardou? Um drama à Hugo? Pensou durante uma semana, sem achar. Entrevia títulos, lances, decorações; ouvia as rabecas gemerem nos finais dos atos; via-se curvado, agradecendo... Sentia as palmas — mas não tinha a ideia!

O seu temperamento atraía-o para o drama, histórico em verso, ornado de arquiteturas curiosas e de chapéus de plumas. Mas que facto, que paixão dramatizaria? Conhecia tão pouco a história de Portugal! Empreendera outrora lê-la: mas desde as primeiras páginas, o

estudo das raças iberas, godas, visigodas, galo-romanas, lusitanas, todo aquele mundo bárbaro e defunto, sem episódios e sem personalidades, enfastiara-o prodigiosamente. Desistiu: e todo o passado da sua pátria era para ele como uma vasta treva, onde destacava, aqui e além, num débil relevo gasto do tempo — Egas Moniz com a sua corda ao pescoço, Inês de Castro, morta num trono, um facto vago, que era a revolução de 1640, outro libertino, que era o processo de D. Afonso VI, o Marquês de Pombal e o terramoto... Mas nenhum destes factos, destes personagens mal entrevistos, continha para ele a ideia de um drama!

Decidiu-se pelo moderno. E tendo facilmente encontrado um título — AMORES DE POETA — deduziu dele

uma ação.

O poeta Álvaro — que era ele mesmo, Artur — pobre e sublime, fanatizava e possuía a linda, a doce duquesa de S. Romualdo — que era *Ela*, a senhora do vestido de xadrez. O duque, um caçador obtuso e brutal, com avós até aos visigodos — a que o valente Teodósio servira de modelo — insultava o poeta, arremessando-lhe a luva branca num sarau de máscaras. Batiam-se de madrugada num cemitério, depois de um monólogo, em que, à maneira de Hamlet, Álvaro, tomando crânios nas mãos, meditava sobre a Morte; ferido, o Poeta ia morrer no regaço da duquesa, que corria, vestida de branco, de entre os renques de ciprestes. O drama passava-se, ora num castelo junto a Sintra, ora num vago

palácio, nas proximidades da Rua do Ouro! Em torno da ação moviam-se numerosos personagens subalternos, uns fidalgos vis e embrutecidos, outros, plebeus invariavelmente nobres e eloquentes. Todo o drama era assim um desabafo amoroso e uma prolongada propaganda revolucionária; ele sentia-o e parecia-lhe hábil e profundo pôr na sua obra todos os lirismos da sua paixão por *Ela* e lançar ao povo, ao mesmo tempo, os *avantes* de uma *Marselhesa*. Ela choraria, compreenderia quanto um ardente peito democrático ama melhor que um ressequido coração de barão. Por outro lado, o grande Damião aprovaria o drama. Servindo o seu amor, serviria a democracia! E entusiasmado pela sua ideia, começou ardentemente a trabalhar.

Foi um período muito exaltado, decerto o mais feliz da sua vida. Compunha o papel de Álvaro de tudo o que sentia em si de mais sentimental, quando pensava *n'Ela* e de mais revoltado, quando pisava linhaça no almofariz da farmácia; deu à duquesa todas as graças, todas as dedicações, encheu-a de reminiscências de Julietas, de Carlota, de Lélia, da Dama das Camélias; acumulou no duque o prosaísmo, as materialidades que o indignavam nos burgueses de Oliveira: um dos seus fidalgos era o Vasco, para quem a poesia consistia na habilidade em fazer acrósticos! E pulava pelo quarto, esfregando as mãos, radioso, quando achava réplicas eloquentes para algum dos seus plebeus. Não duvidava então de

que o seu drama faria um *escândalo social!* Relia-o, extasiado; e ia olhar-se ao espelho, como admirando na expressão das suas feições o esplendor das suas faculdades!

Isolou-se. Não apareceu durante muito tempo na Corcovada — onde as tacadas, o cheiro do petróleo, as pilhérias do Rabecaz lhe pareciam odiosas, depois da frequentação ideal dos seus personagens e da pompa dos seus diálogos. Da farmácia corria para casa, sentindo-se prodigiosamente feliz apenas naquela atmosfera especial do quarto, onde lhe parecia errar, como éter, todo o ideal que se exalava das folhas do seu manuscrito.

As tias queixavam-se agora do menino, que passava todas as suas horas

aferrolhado em cima:

— E eu que pensava que nos havia de servir de companhia! — dizia Ricardina com azedume. — É como se não houvesse um homem em casa.

Às vezes mandava a Sabina acima, escutar no corredor «se sentia o menino». Ela voltava desconsolada, dizendo que andava aos pulos pelo quarto, falando só.

— É como o padre Manuel Fernandes, quando andava a decorar o sermão. Que despropósito! Que despropósito! — respondia Ricardina.

E muito chocada, com um carão sombrio, ia picando vivamente a meia com as longas agulhas. Parecia-lhes, a ambas, que o menino não tinha «amizade à família»; sentiam por instinto que ele procurava nos livros e nos papéis

distrações melhores do que aqueles serões pacatos; e isto aumentava a antiga desconsolação de o verem tão indiferente aos interesses da casa e da fazenda.

— É como um estranho, é como ter um hóspede — dizia Ricardina.

Ele descia sempre tarde para o almoço, tendo velado toda a noite sobre o manuscrito.

— Ai! estás hoje amarelo como um desenterrado... Isto até te faz mal... Pois não era melhor passares as tuas noites a dormir muito regaladamente...

— Era melhor, era. Mas então? São gostos — dizia ele rindo.

— Moço concentradíssimo — afirmou o Vasco, no domingo, quando o viu abalar depois de engolir as torradas. — Na farmácia não dá palavra. Mas faz o

serviço com inteligência... Que eu não o perco de olho.

— Macambúzio, macambúzio — disse Ricardina indignada.

Sabina, essa, achava-o apenas «triste».

— Porquê? porquê? Não lhe falta nada — respondia Ricardina. — Pois não é verdade, D. Galateia? É um mono. Ao jantar não se lhe ouve a voz! Depois do chá: é *boa noite* e lá abala para o buraco...

— Ai, eu não gosto de gente assim — dizia D. Galateia com tédio.

— Mas moço de bem, moço de bem — costumava resumir o Vasco.

Enfim, um dia, Artur terminou a cópia do seu quinto ato e foi um momento delicioso, aquele em que escreveu, todo

comovido, na primeira página branca:

AMORES DE POETA
DRAMA EM CINCO ATOS
POR
ARTUR CORVELO

Ali estava, acabado!

Mas então, nos dias seguintes, tomou-o uma lassidão, como que a saudade de um mundo superior perdido, de gloriosas intimidades para sempre cortadas. Mesmo no seu amor pela desconhecida da Estação de Ovar, sentia agora uma diminuição, como se durante o seu trabalho ela se tivesse pouco a pouco esvaído da sua alma, naqueles longos fluxos de lirismo. A Lisboa real já não o fascinava tanto. Era como uma visão que empalidecia — desde que pintara uma

Lisboa dramática, com cores tão intensas. Relia a todo o momento o manuscrito, mas as cenas melhores, agora, pareciam-lhe frias, e foi sem fé que escreveu ao Damião, contando-lhe o enredo, pedindo-lhe como um serviço, a ele e à «Ideia democrática», que lhe alcançasse a representação dos *Amores de Poeta*, em D. Maria ou no Ginásio. E para ele fazer ideia da forma e do estilo, remetia-lhe cópia da grande cena entre Álvaro e a duquesa, num parque, em Sintra.

Semanas passaram e a resposta do Damião não veio. Enfastiava-o então ter ali o manuscrito sobre a mesa, sem tirar dele um proveito direto em aplausos ou dinheiro. Uma noite, não se conteve: correu à Corcovada com o seu drama debaixo do paletó, a procurar Rabecaz.

Instalaram-se no cubículo, com uma garrafa de genebra. Às primeiras cenas amorosas, líricas como um dueto de ópera, o Rabecaz, oscilando a cabeça, de olho cerrado, murmurou apenas:

— Está catita, está catita.

Mas o insulto no sarau de máscaras, a apóstrofe do duque: «*Quem ousar erguer os olhos sequer para a duquesa de S. Romualdo, pode encomendar a mortalha!*», o duelo no cemitério, as declamações da agonia, levantaram o Rabecaz. Atirou um murro à mesa:

— Com mil diabos! isso é a coisa de mais efeito que tem aparecido em Lisboa! Vem a casa abaixo. Irra, que está de arromba! É arranjar empresário! Parabéns, seu diabo! Você tem o Diabo no

corpo!

Aprovou com furor que Artur tivesse escrito ao Damião.

— Que isso, mal se souber em Lisboa, todos os empresários é mais a mim, mais a mim! Está de arromba! Irra!

Artur, comovido, pagou a ceia. E Rabecaz fez planos tremendos: apenas o amigo Artur recebesse a primeira cheta, mandava-lhe um vale do correio e ele ia a Lisboa. E ainda tinha amigos em Lisboa, ele, e haviam de lhe oferecer uma coroa! Irra! Que havia de aquele Mata vir abaixo, com uma ceia formidável! Champanhe e pequenas! Irra!

Artur entrou em casa, numa excitação absurda; agora, aquecido por aquela admiração do Rabecaz, o seu drama aparecia-lhe com um esplendor

imprevisto e não duvidava do «sucesso». Pediria dinheiro adiantado ao empresário, iria ele mesmo dirigir os ensaios!...

Aquela ideia, o coração batia-lhe, no delírio de uma esperança. Via-se já entrando no palco, vestido de preto, muito olhado pelas atrizes; decerto alguma se namoraria dele: seria um parêntesis carnal como no seu grande amor à Petrarca... Até que uma noite, diante de uma multidão imobilizada no santo respeito da Arte, às últimas arcadas da orquestra, erguer-se-ia devagar o pano; *Ela* lá estava num camarote, com diamantes no colo nu, e choraria... a doce criatura choraria, vendo o poeta morrer! — Mas não, tontinha, eu aqui estou vivo, amante, cativo! E toda esta glória é como um tapete que te estendo, para pousares em cima os

pezinhos subtis e breves que te hão de levar aos *rendez-vous* do divino pecado! — E na plateia, num estridor de ovações, sob o brilho do gás, a cidade aclamava-o! Lenços de renda, pelos camarotes, enxugavam rostos mimosos!... Onde se encontraria depois *com Ela?* Num recanto contemplativo? Na frescura das ramagens molhadas, onde os frufrus das asas se misturam ao gotejar das nascentes?... E toda a sua vida lhe aparecia assim, ideal e vibrante, com doçuras de égloga e brilhos de triunfo: os *Esmaltes e Joias*, publicados, tornar-se-iam as estrofes amadas das almas ternas; a sua *Ode à Liberdade* faria empalidecer os conservadores e preocuparia o Governo, poderia talvez chegar a uma alta situação no Estado; viveria gloriosamente,

discutido nos jornais, num primeiro andar de hotel caro, com um *robe-de-chambre* de veludo, tendo aos pés um cão de S. Bernardo. E aquilo passava-se longe, num lugar que devia ser Lisboa, numa cintilação de apoteose!

Abafava: abriu a janela. Uma esplêndida noite de julho enchia o espaço; estrelas sem-fim rebrilhavam; os quintais, as hortas, dormiam; daquela natureza estendida em baixo, parecia sair a respiração de um ser consciente, adormecido; um cheiro morno subia das telhas escaldadas e nas folhagens muito saturadas de sol, no bafo espesso, cheio de ardência do dia tórrido, a evaporação dos tanques fazia passar hálitos frescos; pelos pomares, ao lado, a água das regas murmurava na sombra, docemente; errava

um aroma de clematites e das flores dos feijoais.

— Que bela noite! — disse alto.

Ergueu os olhos, esquecido dos seus desejos, enlevado, para aquele céu rico de verão: era como uma forte poeirada de luz, suspensa e imóvel, muito alta no espaço, com pontos mais grossos que faiscavam numa pulsação febril, outros fixos, num brilho de serenidade eterna. Desejou saber o nome de certas estrelas, desejou habitá-las, e ia seguindo comovido a Via Látea, que se estendia como uma névoa luminosa, com tons de prata antiga, feita de átomos de sóis. Então, diante daquelas profundidades, enterneceu-se religiosamente; sentiu-se muito puro, muito enlevado; necessidades de fé e de sacrifício passaram-lhe na

alma; pensou em Deus, num amor santo e imortal, em livros vagos que escreveria, consolando os infelizes, derramando a paz... Foi a hora mais nobre da sua vida.

Com que palpitação abriu daí a dias, enfim, a resposta do Damião! Eram duas laudas da sua letra torcida, que tinha similitudes com o seu estilo. Dizia-lhe que, pela descrição da peça — «Álvaro, lírico de profissão, vadio e cheio de chamas ilegítimas», lhe parecia inteiramente digno da polícia correcional, a duquesa *idem*, e todo o drama, uma sucursal do Limoeiro. Enquanto «à intenção democrática da obra», afirmava-lhe «que essa democracia lírica, exalada em suspiros, com melancolias humanitárias» — era odiosa. Não era uma ideia, era uma sensibilidade. Se ele,

Damião, chefiasse um dia uma ditadura à Robespierre, esse democrata, não o guilhotinaria, para não desonrar o cutelo de aço que cortou a cabeça a Danton — «derreá-lo-ia à paulada». «Pelo que respeita a empresários — acrescentava — dizem que os há, mas parece que vivem em castelos inacessíveis de onde fazem fogo, e com razão, sobre os poetas românticos. Se o amigo tivesse uma opereta ou uma farsa em calembures não seria difícil encontrar um teatro benigno: mas para fazer representar um drama romântico, é necessário ser ministro ou conselheiro de Estado.» Acumulava outras pilhérias, e ajuntava: «O Artur tem talento e vai por um caminho florido — mas errado. Seja um homem, que diabo! Atire para os estrumes de Oliveira esse

romantismo-fêmea, mórbido e estéril. Não lhe escrevo mais, porque o meu vizinho brasileiro começou agora, como todas as noites, a harpejar na guitarra o hino da Carta: a execução, na bandurra, deste trecho vil — corta-me pela raiz a crítica e a prosa.» E dizia ainda num P.S.: «Devolvo a *cena* que me mandou para apreciar o estilo do drama: francamente, parece-me escrito como um libreto de ópera: há períodos que precisam urgentemente de flautim. Essas florescências de linguagem (que Shakespeare elevou ao sublime, que eram nele a exuberância de um génio bárbaro desprezando as regras, e que são historicamente explicáveis noutros poetas mais calmos e mais conscientes da Renascença), são hoje de um mau gosto

deplorável e de um ridículo desopilante. Eu sei sim, que é nesse estilo que escrevem os génios que gingam pelo Chiado... Mas os génios do Chiado têm por missão histórica fazer rir — rir de um riso consolador e sereno: são a nossa melhor pilhéria, sobretudo, quando são tristes, e constituem a única alegria que um Destino inimigo nos mede escassamente, gota a gota: sem eles, Portugal seria o legendário Solar do Tédio. Amigo! Álvaros, poetas líricos, duquesas sentimentais, cemitérios, interjeições, suspiros ao luar — tudo isso é doentio. Cure-se. A Península Ibérica parece que herdou uma nevrose — que em Espanha se tornou em génio raiado de loucura, e em Portugal degenerou em imbecilidade misturada de velhacaria.

Junte a isso (para Portugal) as influências hereditárias de uma avaria genérica, e explica muita coisa do País. — Perdoe as observações *retro* sobre a sua literatura: elas têm o doloroso e o salutar da cirurgia. Sabe o que lhe aconselho que faça ao seu drama? Como tratamento interno, xarope de Gibert! Como tratamento externo, cautério de nitrato de prata. Amigo inalterável, *malgré tout*. *Damião*».

— Pedante! — rugiu Artur, amarrotando a carta com desesperação. — E agora? Não conhecia ninguém mais em Lisboa, e sentia-se como um homem no fundo de uma cova, que olha para os altos onde se respira e se vive, sem ver uma corda, uma escada, um braço, que se lhe estenda compassivamente! Não o

magoavam as ironias de Damião. Era a inveja! Um pouco também o desprezo filosófico que ele sempre tivera, o pedante, pela poesia e pelo estilo! Era um teórico, enterrado em sistemas abstratos, sem compreender a paixão!... O que mais o enfurecia era que Damião, um camarada do *Cenáculo*, um democrata, que sabia que aquele drama era para ele o amor, o pão, a carreira, em lugar de se precipitar por Lisboa, impelindo influências amigas a abrir-lhe as portas de um teatro — se não movesse da sua «catacumba», escrevendo com egoísmo: *Empresários, dizem que os há*...

Descreu da amizade, do *Cenáculo*, da Democracia. Nessa noite, na Corcovada, com o Rabecaz, foi excessivo: declamou contra os ricos, o

Governo, os poetas publicados, e, como todo o plebeu obscuro e literário, tornando a Monarquia, a sociedade oficial, culpadas da sua obscuridade e da sua literatura inédita, desejou uma Revolução sanguinária... Mas a Democracia, tal como a concebia Damião, tão secamente positiva, ocupada de Direito, ignorando o sentimento, hostil aos poetas, parecia-lhe odiosa.

— Não há nada — exclamava com desalento. — Todo o esforço é inútil neste desgraçado País!

O Rabecaz oscilava a cabeça, com os braços soturnamente cruzados; o Governo Civil do Porto, por esses dias, recusara-lhe uma gratificação, e o Rabecaz também atravessava um período especial de rancor à sociedade.

— Uma choldra — rosnou — uma choldra!

Artur estava, por falta de dinheiro, de amizades sociais, encarcerado no anonimato; e as coisas fortes sobre que desejaria apoiar-se na vida, e de onde quereria tirar a sua própria força, tornavam-se-lhe agora inacessíveis.

— Dá-me vontade de queimar tudo o que tenho escrito!...

O Rabecaz estendeu com autoridade a mão cabeluda:

— Escute! — disse.

E arrancando, uma a uma, as palavras do peito azedado:

— Escute!... Isto é uma choldra!... Mas eu ainda tenho amigos em Lisboa!... Apesar de ter deixado Lisboa há doze anos, caramba, ainda se lá sabe quem eu

sou!... Eu vou escrever ao Melchior, o Melchior da *Opinião*. O Melchior é catita!...

Artur, pálido, pendia-lhe dos lábios espessos, de onde lhe parecia ver correr um mel consolador.

— O Melchior, hem?

— O Melchior! É gajo! O Melchior arranja um teatro!

— Ó Rabecaz, você salva-me!

O Rabecaz atirou de um golpe para as fauces o cálice de genebra, deu um ronco, e disse com segurança:

— Ainda se tem influência na rapaziada!... Ainda se é gajo!

E ali mesmo colaboraram numa carta ao Melchior da *Opinião*, em que, aos lirismos ditados por Artur, se misturava, como bicho entre flores, o

calão do Rabecaz. Um fim de período dizia: «É este pois o esplêndido drama de uma alma de poeta, em que fervem as aspirações sociais mais nobres deste século de Democracia...» e o Rabecaz seguia... «e agora não se me faça você gajo, e bata essa Baixa para arranjar um teatrote que leve a coisa e largue a cheta!»

Artur, então, sentiu a esperança voltar-lhe mais viva. Releu os *Amores de Poeta*, e com o seu antigo respeito pelo Damião, apesar de o odiar agora, esbateu o que havia no papel de Álvaro de excessivamente lírico, introduziu duas cenas de comédia para quebrar a uniformidade lúgubre, e recomeçou os seus sonhos. Mas as semanas passaram e não veio resposta do Melchior da *Opinião*.

— É que escreve noutro jornal — dizia o Rabecaz — não lhe chegou a carta à mão. O Melchior é catita!...

Escreveu então a um sobrinho, o Sr. Venâncio Guedes, empregado no Ministério do Reino, pedindo-lhe informações sobre Melchior Cordeiro «que eu preciso cá para umas coisas teatrais». Dizia-lhe ainda que averiguasse se «em D. Maria poderiam levar uma bela peça chamada *Amores de Poeta*, obra rica por que eu me responsabilizo...».

Daí a dias, na Corcovada, Rabecaz, furioso, mostrava a Artur a resposta do sobrinho, escrita em papel oficial: «Não sei onde mora esse Melchior», dizia o Sr. Venâncio Guedes, «ignoro quem seja, e não frequento literatos. Enquanto a teatros e

empresários, as minhas ocupações não me permitem que malbarate o tempo nessas pesquisas...».

— Que malcriado! — rugiu o Rabecaz. — Um traste a quem eu empreguei! Fui eu que o empreguei, àquela besta! É onde se encontram as piores víboras, é no nosso próprio sangue!...

— É a minha sorte — declarou sombriamente Artur.

Atirou os manuscritos com rancor para o fundo do baú e recaiu numa vida inerte. Agora que da Literatura não podia tirar a celebridade ou uma posição em Lisboa, abandonava os livros.

Pouco a pouco o seu espírito, como uma água isolada e presa numa baixa, que se vai enlodando, morrendo,

foi perdendo a transparência viva que refletia os azuis e as nuvens, e Artur, com uma lassidão quase satisfeita, lia agora na farmácia o *Almanaque de Lembranças*. Por vezes uma mulher entrava, estendia a receita, e sentava-se esperando; algum labrego, de voz entaramelada, vinha pedir um unguento para uma ferida; Artur erguia-se, aviava-os melancolicamente; e quando, num trote cansado, com os tirantes lassos, passava na rua o *char-à-bancs* da carreira, todos se voltavam numa pasmaceira triste.

Todas as noites, regularmente, marchava para a Corcovada. Lá, começava a encontrar considerações. Sob a direção do Rabecaz, ia-se tornando um dos bons tacos da vila e já os frequentadores, pelos bancos, em roda do

bilhar, fumando e cuspilhando para o chão, lhe admiravam as carambolas. Até aí, vendo-o modesto, julgavam-no nulo; mas quando ele, aquecido por aquela simpatia ambiente, começou a parolar, torcendo o buço, diante do seu cálice de genebra, foi escutado com admiração, e consideração «rapaz de talento».

— É profundote — dizia o Vilela, que, sendo o correspondente da vila para a *Verdade*, jornal do Porto, era uma autoridade na Corcovada.

Artur, pouco a pouco, habituara-se às fisionomias que achava agora menos alvares, e às conversas que já lhe pareciam menos caturras; ria mesmo com as graçolas muito aplaudidas do João Valente. Ligou-se com o Vilela; e tornara-se uma personalidade eminente do

botequim, quando veio a guerra Franco-Prussiana e se proclamou a República em França. Um sopro heroico revolveu subitamente o seu romantismo adormecido: — queria ir bater-se pela França, como voluntário de Garibaldi; lia de pé a proclamação de Vítor Hugo; achava sublime que, diante da força desproporcionada da invasão, Gambetta, com os seus exércitos destroçados, com toda a França vencida, se refugiasse, para morrer, no antigo campo entrincheirado das Gálias...

— Grande talento, grande talento — rosnava-se em redor, com vozes sensibilizadas.

Mas o violento Vilela, muito alemão por patriotismo, berrava:

— É bem feito! Abaixo a França!

É para lhes ensinar a pregarem-nos outra como a do *Charles et Georges*...

Artur, exaltado, falava do messianismo da França, dos direitos do homem, dos *boulevards*, de Vítor Hugo; injuriava os Alemães, os bárbaros...

— Mas são muito profundos, são muito profundos — gritava o Vilela, batendo o pé.

— Qual profundos! a França é que é catita! — rugiu o Rabecaz. — Para um bocado de cancã, não há como a bela francesa.

Todos riam, cada um remexia o seu café ou dava um sorvo à genebra, e Artur, passando as mãos pelos cabelos, declarava que, dentro em dois anos, toda a Europa seria republicana.

Tornava-se excessivo; e mesmo,

quando veio a Comuna, impressionado pelo lado dramático da insurreição, disse-se internacionalista, falou em Proudhon, exaltou o operário.

Uma noite, e acompanhado pelo Rabecaz que achava a Comuna «de arromba», entoou a *Marselhesa*. O Vilela pateou, fez alarido; a grossa Corcovada que gostava da animação dos fregueses, correu da cozinha, cercada dos pequenos, escancarando a boca numa satisfação hílare; e na rua, onde chovia forte, pessoas agachadas sob os guarda-chuvas, paravam a olhar pela porta envidraçada.

— Bela orgia! — disse Rabecaz, ao sair com Artur. — Bela orgia!

O Vasco soube-o — e aconselhou Artur com bondade: não lhe censurava as distrações; podia ir ao botequim tomar o

seu café, jogar a sua partida de bilhar; mas pôr-se com descantes e troças, e falar em repúblicas e internacionais!... Isso devia evitá-lo — por si, para não perder o bom nome na vila, em respeito às senhoras suas tias, e enfim por ele, Vasco, pelos créditos da farmácia....

Artur considerou a sua liberdade de pensamento indignamente violada por esta exigência do patrão, e então, com ódio à obtusidade conservadora do Vasco, que personificava toda uma sociedade, as suas opiniões foram um momento sanguinárias. Desejou o comunismo em Oliveira de Azeméis; e as senhoras em casa, ao vê-lo açucarar melancolicamente o seu chá, mal imaginavam que, sob aquela testa pálida, apoiada à mão, rolavam ideias de incêndios vingadores e

de exterminação de classes.

Mas estas imaginações ferozes bem depressa se dissiparam. Por esse tempo, o Vilela, por complicações de demandas e de penhoras, tinha-se achado imprevistamente possuidor de um prelo, e viera-lhe a ideia de fundar um jornal em Oliveira. Falou a Artur, que flamejou logo num entusiasmo desordenado.

Viu-se imediatamente, do banco da redação, dominando Oliveira, temido na Assembleia, sendo uma força no distrito, citado em Lisboa. Achou um título: *A Nova Era;* e foram, durante semanas, entre eles, umas conferências deliciosas sobre o formato, o papel, a casa da redação, a política e a literatura do jornal. Artur queria publicar os *Esmaltes e Joias* em folhetins e defender os princípios da

Revolução Francesa. Vilela queria deitar abaixo o administrador do concelho. Foi Artur que redigiu o prospeto: falava da Humanidade, de Vítor Hugo, da Justiça e de Mozart. O Rabecaz declarou-o «de arromba!» e Artur pensava já em se despedir da farmácia e passar os seus dias na redação, onde ele queria pôr cortinas de repes vermelhos e um sofá.

Mas os prospetos recolheram poucas assinaturas. Dos dois jornais que havia em Oliveira, um, chamava-se *O Oliveirense*, e o outro, *O Eco de Oliveira*, e aquele título *A Nova Era*, considerado muito «filosófico», representando interesses humanitários estranhos à localidade, não atraiu a adesão da vila. De facto, a autoridade, assustada, conspirava ativamente contra a criação da

Era: dizia-se que o Sr. Administrador fora de loja em loja, pedindo que se não animasse «uma oposição facciosa que queria lançar cizânia na vila». A Assembleia, hostil ao botequim da Corcovada, recambiou o prospeto. O João Valente, que prometera generosamente duzentos mil réis para as despesas iniciais — exigiu depois fiador e uma letra do Vilela, a três meses. O Vilela, ofendido, injuriou-o na Corcovada. Romperam. — E a *Era* morreu, como um facho húmido de sarmento, que depois de fumegar um minuto se extingue, sem acender a pilha de lenha sobreposta.

Foi um desgosto para Artur. Mas ficara muito impressionado por esta ideia de influência local. Lisboa parecia-lhe agora inacessível; o seu grande amor pela

linda desconhecida de Ovar, que o atraía para lá, sumira-se insensivelmente como água que a areia absorve. Sem proteção, vivendo naquele recanto de província, nunca lá poderia fazer representar os *Amores de Poeta*. A sua carreira estava limitada à vila e à farmácia...

Pois bem! por que não aplicaria o seu talento, as suas maneiras, a fazer a conquista de Oliveira de Azeméis? Os seus dois anos em Coimbra, o nome respeitado das tias, habilitavam-no a conhecer o Carneiro, as Guedes; poderia ir-lhes às *soirées*. Aí, estava certo, faria sensação pela sua conversa, pelos seus versos recitados ao piano; lançaria a ideia de uma «representação de curiosos». Poderia propor os *Amores de Poeta;* talvez fosse o meio de fazer um casamento

rico...

Começou logo a frequentar a missa das dez, de chapéu novo e luvas pretas, mostrando a sua devoção. Ao fim da missa, cumprimentava respeitosamente os cavalheiros do lado, o bacharel Pimenta, o administrador. Evitava mesmo passear com o Rabecaz. Porém, segundo dizia o Vilela que o admirava e que era o confidente destas ambições, para se «furar em Oliveira» era indispensável pertencer à Assembleia: ele mesmo, cheio de solicitude, se encarregou de sondar o Carneiro, nesse ano presidente da direção.

Às primeiras palavras, porém, o Carneiro recusou; esgazeou os olhos e exclamou:

— O quê? Ora essa! Se deixarmos

entrar o ajudante da farmácia, temos cá amanhã o marcador do bilhar!

— Escute, homem! É o sobrinho das manas Corvelos. São pessoas respeitáveis.

— Parente pobre! Têm-no em casa por esmola. Nada de maltas! Nada de maltas!

Sócios ricaços, como o Castro e o Boavida, informados da pretensão de Artur, tinham mesmo rosnado:

— Olha o garoto!

Um repelão tão injustificável enfureceu Artur, e, na vibração do desespero, rimou um soneto terrível contra a Assembleia e o Carneiro, de quem exclamava:

Ei-lo repoltreado na janela,

Remexendo os cordões do ró-de-chambre,
Tendo na pança a forma da panela,
No nariz o vermelho do fiambre...

E no último terceto declarava que só quisera ir da farmácia à Assembleia:

Munido do meu pó inseticida
Para matar, no nojo da minh'alma,
Os percevejos— Castro e Boavida!

O soneto foi furiosamente aplaudido, à noite, na Corcovada, e, na manhã seguinte, apareceu afixado, em pasquins, em letras colossais, à porta da Assembleia e à esquina da casa do Carneiro.

Que celeuma! Sócios da Assembleia, aterrados como num perigo

público, cercavam o administrador, reclamando que se pusesse «a gente de bem ao abrigo da canalha!»

S. S.ª, torcendo a pera, afetado, rosnou palavras graves sobre «providências... medidas enérgicas...». Na praça havia grupos: dizia-se que o autor era o Artur das Corvelos, e tendo-se visto, ao anoitecer, o Carneiro entrar impetuosamente na farmácia, gente correu, a espreitar por entre os bocais escarlates, na certeza de «que ia haver bordoada».

Mas Artur a essa hora triunfava na Corcovada.

Na manhã seguinte, porém, ao entrar na botica, encontrou sobre o balcão uma carta sobrescrita para ele, com a letra de Vasco — que, no seu canto, parecia abismado no *Comércio do Porto*. A carta

dizia:

Sr. Artur!

O digno proprietário e lojista de panos, o Ilmo. Sr. Carneiro, veio a este estabelecimento queixar-se de um malévolo e ofensivo soneto, que o senhor, sem respeito pela farmácia que goza de antigos créditos, arrojou às faces do digno Sr. Carneiro e de outros membros respeitáveis da sociedade Oliveirense. E não contente com isto, o senhor gaba-se, no aludido soneto, de usar dos produtos deste respeitável estabelecimento, para fins repreensíveis e criminosos. Ora

pois! Espero que tal facto se não repita, para honra desta casa. É em consideração aos seus estudos e ao seu comportamento virtuoso até hoje, bem como às suas respeitáveis tias a quem não desejo dar este golpe, que consinto, por esta vez, em cerrar olhos aos monstruoso delito. Mas aqui o aviso solenemente, de que qualquer outra peça lírica, espalhada em desabono do nobre proprietário Carneiro, ou de outro qualquer cavalheiro Oliveirense, me obrigará a tomar a severa medida de livrar esta honrada farmácia de um inimigo do sossego público. Que a minha vontade seja respeitada, é o que exige

O chefe do estabelecimento
Farmacêutico de 1.ª classe

Vasco da Conceição
Pedroso.

Artur, pálido, adiantou-se para ele com a carta aberta — mas o Vasco ergueu-se impetuosamente e numa voz sibilante, agitando os braços:

— O que está escrito, está escrito! O que escrevi, escrevi!

Tanta imbecilidade indignou Artur:

— Então, quero as minhas contas!

— Que contas, senhor, que contas? Contas me deve o senhor a mim, que lhe dei uma libra adiantada do mês, e estamos

a sete! O senhor foi uma víbora que eu aqueci no meu seio... Um homem a quem eu queria como a um filho... Longe da minha vista, ingrato! Longe desta botica de bem, serpente!

Artur abalou furioso para casa; muito pálido contou, de um fôlego, a «cena com o Vasco». As tias ficaram aterradas. Julgavam-se desacreditadas em Oliveira. Ricardina já imaginava que, por vingança, o Carneiro, a autoridade, lhes aumentariam as décimas!

— Ai que desgraça! Ai que desgraça! — exclamou pela sala, com as mãos na cabeça.

Então, vendo-as chorar tão aflitas, o Albuquerquezinho, que desde a véspera estava agitado, começou a balouçar-se sobre as pernas, de punhos fechados, o

olho vago, murmurando:

— Olá!... olá!

E de repente, largou pelo corredor, galgou os degraus, gritando:

— Ferra o traquete da gávea! Abordagem! Abordagem! Fogo! Poum! Tararará! Hei de vingá-las! Orça a barlavento!

Artur, aturdido, saiu, e topou na escada com o Vasco, que galgava os degraus, resfolgando furiosamente. Vinha dar às senhoras uma explicação de cavalheiro! Leu-lhes o soneto. Citou-lhes as palavras comovidas do Carneiro: «tenho cinquenta e cinco anos honrados, e é a primeira vez que sou insultado publicamente!» Declarou Artur um perverso:

— E quando eu, na minha

bondade, ia perdoar, ia esquecer... rompe contra mim, como uma fera...

Ricardina soluçava.

— Quer-me matar de desgostos! Quer-me matar de vergonha! Pois que se vá, que se vá, que nos deixe no nosso sossego!...

— Não foi de mim, minha senhora — dizia o Vasco, comovido — não foi de mim que veio o golpe. Foi dele, foi do ingrato... Mas agora é *per omnia secula seculorum*... Que eu também tenho o meu brio! Sou Vasco da Conceição Pedroso!... — Olhou para uma e para outra, e repetiu com majestade: — Eu também tenho o meu brio.

E saiu, muito digno.

O jantar foi lúgubre. Até ao cozido, Ricardina não tirou de cima do

prato o carão repreensivo. Sabina, muito pálida na sua touca negra, parecia mais pequenina, encolhida na cadeira, limpando a furto os olhos vermelhos.

E o Albuquerquezinho, sossegado agora, de guardanapo ao pescoço devorava: de vez em quando, pousava o talher, piscava o olho para Artur:

— Boa batalha! Meti-lhe dois balázios no costado!... Mau pirata! Mau pirata!...

Mas Sabina, muito triste, tinha recusado o arroz. E Ricardina, muito seca:

— Ai, não come, mana Sabina? Não vale a pena ninguém afligir-se por quem não o merece...

Artur, furioso, deu um repelão ao prato, levantou-se, foi fechar-se no quarto.

Mas logo um som de dedos bateu na porta timidamente. Era a tia Sabina: vinha fazer-lhe companhia, vinha consolá-lo... A tia Ricardina tinha aquele génio, mas passava-lhe: era tudo pena de lhe ver perder o emprego... Que elas não eram ricas! Mal sabia ele o que lhes custava a viver!... Ai! devia ir pedir desculpa ao Vasco!...

— Antes estourar!... Antes morrer de fome!

Rebuscou furiosamente na algibeira, mostrou à tia um punhado de cobre:

— Olhe, é tudo o que tenho neste mundo! Sete vinténs. Não me importa! Estou farto de sofrer! Acabou-se...

— Jesus, menino, o orgulho é que perde os homens!

Mas que queria ele agora fazer?

— Eu verei, tia Sabina, eu verei — disse ele, passeando pelo quarto, mordendo os beiços, com duas grossas lágrimas nas pálpebras.

Lembrou-se então do padrinho e resolveu escrever-lhe, pedindo um emprego, qualquer colocação... Se nada conseguisse, fazia-se soldado, ia trabalhar de enxada!

E à noite foi à Corcovada, desabafar com o Rabecaz.

Mas o Rabecaz, a quem o administrador censurara nessa manhã severamente as suas relações com o poeta, afetou um interesse absorvente pela partida que jogava com o marcador, e fez-lhe apenas, com dois dedos, um aceno seco. O João Valente abismou a face entre

as mãos, com o nariz sobre o *Comércio do Porto*. Pelas mesas estavam outros frequentadores e Artur sentiu logo, nas *boas-noites* muito secas, nas faces reservadas, uma hostilidade ambiente. O Vilela, por fim, disse-lhe, embaraçado:

— Homem, isto é o diabo... A coisa fez barulho de mais! Sempre foi insultar as pessoas principais da vila. Você compreende... numa terra pequena... todos temos as nossas relações, as nossas dependências... Veja você, lá perdeu o arranjo na botica... Que tolice!... Deve ver se se torna apor de bem com todo o mundo. É necessário nesta vida um bocado de sevandijismo...

E enterrando as mãos nos bolsos, foi examinar, de pernas abertas, o jogo do Rabecaz.

Artur empalideceu. O botequim renegava-o! Saiu, atirando com a porta — e andou pelas ruas, furioso, até tarde, planeando coisas vagas que faria para mostrar o seu génio, vingar-se, humilhar Oliveira. Derreado, entrou no seu quarto, pensando no suicídio.

A porta, então, rangeu devagarinho. Era a tia Sabina, de saiote pelos ombros, que vinha trazer-lhe um pires de marmelada e pão, porque o vira comer tão pouco ao jantar.

Aquela bondade comoveu-o e desatou a chorar irreprimivelmente. A velha apertou-o nos braços, beijou-lhe o cabelo, calada. E tirando de uma algibeira um embrulho de papel, com placas de cinco tostões:

— É para as tuas despesas, meu

filho, agora que não tens outra coisa. São as minhas economias... São três mil e quinhentos... Era para te comprar pano para camisas — para ti era...

***

Daí a duas semanas, um domingo, Artur, voltando cedo do correio, entrou na Corcovada. Escrevera ao padrinho uma carta imploradora e desolada; a resposta tardava, e agora, quase todas as manhãs, depois do velho carteiro passar pela praça, coxeando, ele punha o chapéu e lá marchava, a perguntar ao Gomes do correio «se por acaso não houvera engano, se não teria vindo uma carta que ele esperava».

— Não lha levaram a casa, não?

— resmungava o Gomes, puxando os óculos para atesta. — Então?...

O botequim, àquela hora, estava deserto. Uma faixa de sol tépido de novembro atravessava a saleta, fazendo parecer mais triste o soalho enegrecido, o papel de ramagens azuis riscado de fósforos, a cortina de paninho vermelho sobre a porta envidraçada da cozinha. Um dos pequenos rabujava, e o mestre da filarmónica, que morava por cima, ensaiava-se no clarinete. Artur ficou um momento a fazer no bilhar carambolas melancólicas, depois, a olhar para o João barbeiro, que, defronte, na sua porta, sob a bacia lustrosa de latão, esperava os fregueses com o pente espetado na grenha. Por fim, veio sentar-se defronte do *Jornal do Comércio*, com a cabeça entre os

punhos. Uma local atraiu-o casualmente: era a longa descrição de uma *soirée*, em Lisboa... Logo interessado, devorou-a. Falava-se «da esplêndida decoração da sala de baile, das *toilettes*, das joias — às duas horas tinha-se aberto um delicioso bufete; o amável secretário da Embaixada de Espanha dirigira o *cotillon* com o seu costumado *entrain;* e depois, era um desfilar de convidados, condes, *dons*, deputados, conselheiros, diplomatas, e o poeta aplaudido dos Idílios e Devaneios...»

Uma tristeza invadiu-o. E relia a local, demorando-se em certas frases, vendo através delas — a uma luz vaga, que vinha, em parte, da cintilação dos lustres, em parte, do raio pálido do sol que atravessava o botequim — a sala com

dourados, nudezes de colos, de peitilhos lustrosos das camisas, as casacas negras, e os dois olhos tristes que se tinham fixado nele na estação de Ovar, brilhando agora mais alegres... *Ela* decerto lá estaria...

E, subitamente, o antigo amor reapareceu, enternecendo todo o seu ser: era como numa noite escura um erguer de Lua grave e triste.

E ali ficou muito tempo, com os cotovelos sobre a mesa suja, pensando nela; mas não distinguia já bem as suas feições: pareciam perder-se, dissipar-se no luxo que a cercava, na música da *soirée*, nas luzes, em tudo o que ele próprio desejava: as ruas de Lisboa, as plateias dos teatros, as redações dos jornais; isso mesmo se esbatia em longes

muito vagos, e luzia a uma distância que lhe era inacessível, rolando num rumor de trens ricos, de óperas, de beijos adúlteros e de poemas aplaudidos... Suspirou, muito triste, e levantando a cabeça, viu defronte, pela porta aberta do João barbeiro, um freguês que esperava de pescoço inclinado, a toalha ao pescoço, os queixos brancos de sabão.

Saiu, foi andando para casa. Ia pensando no poeta dos *Idílios e Devaneios*. Os seus versos pareciam-lhe bem banais — como a sua fisionomia, que ele conhecia de retratos — o cabelo apartado ao meio, o grande *pince-nez* sobre o nariz grosso: e estava na *soirée*, apertava a mão dos embaixadores e os jornais festejavam o seu dia de anos!...

Com algumas poesias medíocres,

impusera-se à Sociedade! E isto aparecia-lhe como o resultado de enredos subtis, de influências femininas — porque a Sociedade, que só conhecia através dos romances, afigurava-se-lhe, como o mundo de Balzac, governada pelos caprichos da Beleza e pelo génio dos Intrigantes. Acreditava na influência que pode ter, numa existência, o aperto de mão de um duque, e, como no caso de Vautrin, a proteção secreta de um forçado. A Fortuna era a presa dos fortes — e então, naquela hora de resoluções grandiosas, que atravessam todas as almas débeis — decidiu violentamente ser ele também um forte, sacudir aquelas sentimentalidades estéreis em que se gastava, demolir os obstáculos com o ímpeto de um Alcides, apoderar-se à força da Celebridade, de

um lugar na Civilização e de um sofá no *boudoir d'Ela*. Até aí, o seu desejo carpira — agora, ia lutar... E trilhava a rua, levado por estes ímpetos, a grandes passadas, como se fosse apoderar-se do mundo. O *char-à-bancs*, que batia a galope para a estação de Ovar, obrigou-o a refugiar-se num portal: teve um momento a tentação de se atirar para dentro, ir tomar o comboio para Lisboa, começar a batalha — mas tinha na algibeira três tostões! E a esta picada mesquinha da realidade, aquela amplificação da vontade, engelhou-se-lhe subitamente, como um balão furado.

Quando entrou em casa, a Joana correu da cozinha, dizendo que o Sr. Coutinho, o tabelião, tinha vindo para lhe falar, e depois mandara uma carta pelo

criado... Estava em cima da mesa.

Artur, surpreendido, correu à sala, abriu vivamente a carta:

Ilmo. Senhor.

O meu colega, correspondente do Porto, o Sr. Fernandes Gouveia, da Rua do Loureiro, encarrega-me da dolorosa missão de lhe participar que o seu honrado padrinho, Sr. Guedes Craveiro, faleceu no dia 25 do corrente, pelas cinco horas da manhã — e ao mesmo tempo da grata incumbência de lhe anunciar que por codicilo ao seu testamento de 18 de abril do corrente ano, lhe lega...

— Oh! Santo Deus!...

...lhe lega, para completar a sua educação, como melhor entender, a quantia de dois contos de réis...

Tremia todo, gritou para a porta:

— Joana! Joana!

A velha acudiu, assustada.

— O padrinho deixa-me um dinheirão! Dois contos!

— Oh! meu menino, oh! meu menino! Ai! E as senhoras que estão na missa. Vou chamá-las! Vou a correr...

Mas elas nesse momento entravam.

Ricardina, no pátio ralhava com o

moço da quinta.

Artur correu ao alto da escada, de braços no ar.

— Tia Sabina! Tia Sabina, o padrinho deixou-me um dinheirão! Dois contos!

— Foram as minhas orações! — exclamou a velha agarrando-se ao corrimão quase desmaiada. — Oh! meu filho! Oh! meu filho!...

— Que estás tu a dizer? — gritava Ricardina aos tropeções pela escada.

Entraram na sala, a Joana atrás, e quando Artur lhes acabou de ler a carta, em que o tabelião dizia que o legado se compunha de dois contos, depositados no Banco de Portugal — e que, no dia seguinte, ele receberia uma ordem sobre o Sr. Carneiro, lojista de panos, para

receber, à vista, quinhentos mil réis, ouro ou papel, para as primeiras despesas do luto — as três senhoras e a criada, muito trémulas, romperam a chorar!

— Oh! caramba! oh! caramba! — dizia Artur, andando pela sala, com todo o sangue na face, tropeçando contra os móveis. E pensava com alegria tumultuosa no insulto que faria ao Vasco, que presente daria às tias, por que comboio partiria para Lisboa. Já se lá via, assistindo aos ensaios do seu drama, encontrando a senhora do vestido de xadrez...

— Vou a casa do Coutinho — exclamou de repente — vou ver como é isso da ordem de amanhã!...

— Almoça primeiro, menino — disse Ricardina.

Mas ele, sem a escutar, abalara. Ricardina, então, pôs os óculos, releu a carta, baixo, impressionada com aquelas palavras, «ordem à vista», «depósito no Banco», tomada inesperadamente de um novo respeito pelo menino.

— O Artur agora há de querer voltar para Coimbra — disse por fim a Sabininha, que, sentada à beira da cadeira, com o seu mantelete de seda bordado a vidrilhos e o livro de missa no regaço, ainda limpava uma ou outra lágrima.

— Para Coimbra, credo! — exclamou Ricardina — um rapagão de vinte e cinco anos! Já não está para mestres... O que deve fazer é tomar a farmácia ao Vasco... que ele está morto por a passar! — E depois de um

momento: — Pois olhem, até se me embrulhou o estômago. Uma coisa assim de repente... E a mana não se fique agora com as suas lamúrias... e vá acender outra lamparina no oratório, ande, que se deve agradecer ao Senhor...

Artur não encontrara o Coutinho: tinha ido para a fazenda. Quando atravessava a praça, saía-se da missa das onze. Então, lembrou-se de Deus — e na humildade do seu reconhecimento, murmurou ali mesmo um padre-nosso. O Rabecaz, que apesar do seu ateísmo frequentava a missa, para não ofender as opiniões católicas do Sr. Administrador, apareceu, majestoso, no seu casacão dos domingos, calçando as luvas pretas. Artur correu para ele numa ânsia de desabafar, e com um riso nervoso:

— O padrinho morreu, deixou-me um dinheirão!

— Com mil diabos!

— É verdade, é verdade — disse Artur com os olhos húmidos, esfregando parvamente as mãos. — Dois contos de réis!

— E então? Agora para Lisboa?

— Pudera! — exclamou Artur com fervor.

— Ladrão!

Travou-lhe do braço com paixão, trouxe-o a casa — fazendo logo o plano de se ir encontrar com ele em Lisboa, na primavera. Viveriam ambos juntos, e com a cheta em comum, havia de vir Lisboa abaixo.

Artur ressentia-se daquela participação que o Rabecaz se arrogava

na sua fortuna; disse muito sério:

— Eu vou passar uma vida retirada... trabalhar...

O Rabecaz bateu firmemente com a bengala no lajedo:

— Não me venha com essas pieguices. Mande a literatura ao diabo. Isso é bom para os pelintras. Você agora tem cheta, é gozar, é refocilar... E a primeira coisa que você há de fazer, é mandar-me uma boquilha de espuma...

Ao almoço, a tia Ricardina discutiu o emprego do dinheiro do menino. Tinha agora a sua fortuna certa. O Vasco queria passar a farmácia, e, com aquele dinheiro...

Artur, indignado, pulou na cadeira:

— Ora essa! comprar a farmácia! Enterrar-me em Oliveira! — E declarou,

dando uma punhada na mesa, que ao outro dia partia para Lisboa.

As velhas estavam assustadas da estridência da sua voz, da insensatez das suas resoluções.

— Tu endoideceste, menino?

— Endoidecia se aqui ficasse!

E numa exaltação, pela sala, falou do seu talento, das altas posições que dão as letras, da influência da Imprensa, de uma cadeira em S. Bento e da posteridade.

— Mas nunca hás de ser um Nelson — exclamou o Albuquerquezinho, fixando-o.

— Mas posso vir a ser ministro da Marinha, Sr. Almirante — disse Artur muito sério.

De tarde, espalhara-se na vila a

notícia da herança; uns diziam vinte contos, outros cem; alguns afirmavam que ia haver demanda. O Vasco veio à noite, comovido, com D. Galateia, para abraçar o herdeiro. Mas, a essa hora, Artur estava na Corcovada, instalado diante dos licores do estabelecimento, com uma caixa de charutos ao lado; e o Rabecaz, a cada freguês que aparecia, exclamava mostrando Artur, com um largo gesto à *Ecce Homo:*

— Ei-lo! Está milionário!

E às interrogações ansiosas, respondia vagamente, agitando as mãos:

— Um fortunão! De vir tudo abaixo... Vai bater carruagem em Lisboa. E eu estou aqui, estou lá caído!

Artur voltou para casa tarde, pesado de genebra. A tia Sabina veio-lhe

em pontas de pés ao quarto, falar ainda na farmácia. O Vasco dissera-lhe que a cedia barata, com pagamento a três meses. Depois, elas estavam velhas... não tinham mais ninguém no mundo... Era necessário um homem na casa...

— Por coisa nenhuma fico aqui vinte e quatro horas mais, tia Sabina... É inútil. Irra!

Sabina desceu a chorar. Parecia-lhe que o menino estava embriagado. E diante do leito de Ricardina, já deitada, ia murmurando muito infeliz:

— O maldito dinheiro! O maldito dinheiro!

Ao outro dia, Artur entrava na loja do Carneiro com a letra, muito inquieto, no receio de que, por vingança, o lojista «fizesse dificuldades...».

— Sei ao que vem, recebi o aviso — disse secamente o Carneiro. — Ouro ou notas?

— Ambas as coisas... Eu realmente, Sr. Carneiro, tenho a pedir-lhe desculpa... foi uma rapaziada...

Aquele cavalheirismo da parte de um herdeiro, de um capitalista, o Carneiro enterneceu-se e estendendo-lhe as mãos ambas numa efusão:

— O que lá vai, lá vai... Não me fez dano. Os meus parabéns. É gozar! É gozar!

Fez-lhe recontar as notas, verificou o peso das libras. À vista daquela fortuna ali amontoada, cintilando sobre o balcão, Artur reprimia uma vontade de rir nervosa, e, quando saiu, abotoando com amor o casaco sobre o

dinheiro, sentiu o mundo a seus pés.

As tias quando ele estendeu sobre a mesa o dinheiro para lho guardarem, ficaram aterradas. O quê! Pois ele queria levar para Lisboa aquela riqueza? Até lhes parecia pecado, e olhavam o ouro, o papel, com pavor, pensando no que ia ser devorado na Babilónia, como se vissem reluzir nas libras olhos de sereias e nas notas negrejarem programas de bacanais. E não o queriam guardar! Não queriam responsabilidades...

— Oh, tia, mas eu não hei de andar com esse dinheiro na algibeira. O meu baú tem a fechadura quebrada. Vou até comprar uma mala.

Por fim, elas cederam, e fecharam o tesouro no gavetão da cómoda que servia de altar, no oratório, pondo-o sob a

proteção vigilante dos santos amados.

Nessa noite, por despedida, Artur ceou com Rabecaz, que tinha preparado uma carta de recomendação para o «pândego do Melchior».

— O amigo indaga onde ele vive, entrega-lhe a carta, e ele há de fazê-lo gozar! Onde conta o amigo hospedar-se?

Artur tencionava ir viver com Damião. Afinal era o único amigo que tinha em Lisboa. Além disso, um Damião, um génio, devia estar relacionado na literatura, na imprensa... e, enfim, ele queria sobretudo viver no meio intelectual...

O Rabecaz oscilava a cabeça, desaprovando:

— Ferre-se num bom hotel, ferre-se no *Universal*, no Chiado. Tem as

cantoras à mão... Bela mesa redonda... tudo do fino, tudo do catita. Vá com o que lhe digo, ferre-se no *Universal*.

Mas Artur, nos primeiros tempos, não queria afrontar o luxo desproporcionado de um hotel no Chiado. Mais tarde, sim, quando tivesse feito fato, roupa branca...

— Então, ferre-se no *Espanhol*, na Rua da Prata. Tem boa pândega também... Vá para o *Espanhol*.

E até à porta de casa, foi-lhe fazendo recomendações: que visse Sintra, que fosse ao João da Mouraria, para gozar «o verdadeiro fadinho», que não deixasse de ir às espanholas. E que lhe escrevesse!

Artur, pesado da ceia, escutava-o vagamente, de mãos nos bolsos, charuto caro nos dentes, e, no fundo escuro da

noite, parecia-lhe ver a sua vida em Lisboa erguer-se, muito alta, como um troféu muito ornado, onde, de cima a baixo, felicidades vagas e deliciosas cintilassem.

Quando bateu à porta, ficou surpreendido de ouvir uma voz grave que não conhecia, perguntar com desconfiança:

— Quem é?

Houve um ruído de trancas, de ferrolho corrido, e o forte portão abriu-se devagar. Um rapazote, de espingarda aperrada, esperava no meio do pátio, e a tia Sabina, de saiote pelos ombros, alumiava do patamar. Com tanto dinheiro em casa, não tinham querido ficar sós. O Vasco aprovara, e tinham mandado vir da quinta o moço com a espingarda.

No dia seguinte, a despedida foi triste. Desde manhã, Sabina chorava pela casa. Ricardina, para disfarçar a sua desconsolação, ralhava, muito nervosa. Até o Albuquerquezinho parecia impressionado: toda a manhã passeara pela sala de jantar, de testa franzida, as mãos atrás das costas, rosnando:

— Ingrato... ingrato!

— Mau pirata, mau pirata!

O dia estava escuro e ventoso. Ao lado, na igreja, tocava a finados pela mulher do Dr. Marques, e aquele negrume de inverno, o dobre do sino, pareciam aumentar a melancolia da separação.

Artur, comovido, repetia a cada momento que era só por dois meses:

— Mal comece o calor da primavera, cá estou de volta.

E era sincero, tomado de uma saudade por aquelas afeições simples que deixava, pelo seu quarto, que durante esses longos anos ele povoara de sonhos e de imaginações queridas.

Às duas horas, o moço do *char-à-bancs* veio buscar o baú e Rabecaz apareceu. Ia acompanhar Artur à estação, e conservava-se à porta da sala, de chapéu na mão, ereto, muito digno na presença das senhoras.

— Adeus, tias, adeus!

Então, num romper de soluços, Artur foi dos braços de Ricardina para os de Sabina.

— É por pouco tempo, é por pouco tempo — balbuciava.

— E vai bem recomendado, excelentíssimas senhoras — disse

Rabecaz, curvando-se.

E Artur saiu com os olhos arrasados de lágrimas.

No pátio, encontrou o Albuquerquezinho, de braços abertos:

— Boa viagem, Arturzinho. Fique descansado, eu cá vigiarei. Há de haver ordem a bordo!...

No meio da estrada, um tirante que se quebrou atrasou o carro. Um vento triste gemia entre os pinheirais; já começava a cair gotas de chuva. Artur ia calado, ainda comovido, e o Rabecaz fumava sombriamente, com a chapeleira de Artur entre os joelhos.

Mas à vista da estação, da máquina que já soprava, voltada para Lisboa, uma alegria tumultuosa invadiu Artur: já no vagão, ria, de nervoso,

sentindo a moleza do assento, estofado de casimira suja, ceder confortavelmente, como um antegozo da vida em que se ia instalar agora. À portinhola, Rabecaz continuava os seus conselhos: que fosse às espanholas! Que gozasse!

E de vez em quando, contemplava-o com amargura:

— Seu felizão! — rosnava.

A locomotiva silvou — o comboio rolou.

— Não se esqueça da boquilha! — gritou-lhe ainda o Rabecaz.

3

No Entroncamento, depois de cear, Artur embrulhou regaladamente os joelhos na manta e acendeu o seu charuto com uma felicidade imensa.

O comboio de Madrid, atrasado, acabava de chegar: o trem ia partir. Fora, chovia, ventava forte, e Artur seguia com os olhos uma lanterna avermelhada que errava, do lado dos *rails*, na noite tenebrosa, quando a porta se abriu vivamente, e um sujeito esbaforido apareceu, atirando para o assento uma maleta envernizada, um rolo de *plaids*, outro de bengalinhas, um cesto atado com fitas de seda azul e uma almofada de folhos. Vinha abafado numa peliça, e a

alta gola erguida, o gorro de peles sobre os olhos, apenas deixavam ver uma face rosada e nutrida e uma bela barba aloirada.

Artur supô-lo logo estrangeiro — mas o indivíduo, depois de se instalar, cumprimentou cortesmente, dizendo:

— Que terrível noite!

— Terrível — concordou Artur.

Julgou-o então um diplomata, vindo de Madrid ou de Paris. Examinava-lhe a rica peliça, a charuteira com uma coroa de prata em relevo, de onde escolhia um *breva*, as luvas muito grossas, de uma pele áspera e branca, e pensava, fascinado, que aquela figura digna atravessara salões reais, roçara personagens históricos.

— Para Lisboa, creio eu? —

perguntou-lhe o sujeito.

— Sim, vou para Lisboa — disse Artur.

— Que tal S. Carlos este ano?

Artur cuspilhou uma película de tabaco e corando um pouco:

— Este ano?... Este ano, muito bom.

— Valha-nos isso — disse o indivíduo.

E ficou imóvel, com as pálpebras cerradas, fumando com beatitude.

Artur receou logo outras perguntas sobre Lisboa, famílias fidalgas, músicos, e não querendo revelar ignorância plebeia, ia afetar uma sonolência fatigada, repoltreando-se no seu canto — quando viu o sujeito desapertar as fitas do cesto e tirar para o regaço um cãozinho amarelo,

que lhe pareceu semelhante a um sapo, de focinho negro e achatado, vincado de duas rugas velhas, olhos redondos e estúpidos.

— Tem sido uma jornada trabalhosa — disse o sujeito.

— Tem vindo no cesto?

— Desde Paris, pobre *John!*

Levou-o aos lábios como uma coisa preciosa e santa, e deu-lhe sobre o ventre macio e liso beijinhos chilreados. Chamou-lhe ainda *pérola, anjo*. Acalentou-o sob a peliça, contra o coração. E exclamava, compenetrado, para Artur:

— É um amor! — E depois de uma fumaça: — É para a Sr.ª Marquesa de Folhes... Conhece talvez?

Artur disse baixo:

— Sim...

— Ah, conhece? — exclamou o indivíduo, com a face clareada de riso.

Inquieto, Artur acudiu:

— De nome!

— Ah!... Excelente senhora.

Acomodou maternalmente *John* no cesto, sobre o seu leito de algodão, e estirando discretamente os braços, declarou que o que tinham a fazer era dormir até Lisboa. S. Ex.ª dava licença que corresse o transparente da lâmpada, não? Perfeitamente. Arranjou o travesseiro, estirou-se com um *ah* de gozo, cruzou as mãos sobre a peliça, e cantarolou com melancolia, como uma oração da noite:

Si tu n ‘avais rien à me dire
Pourquoi venir auprès de moi?...

Bocejou enormemente, e daí apouco, ressonava com dignidade.

Artur, fatigado, foi cerrando os olhos, no seu canto, na penumbra do vagão... Parecia-lhe estar numa sala, toda de ouro e veludo, onde a Sr.ª Marquesa de Folhes conversava com a tia Sabina, falando dele... Mas não as ouvia bem por causa de um estrondo de ferragens que rolavam surdamente. De repente, fazia-se um silêncio e acordava: luzes mortiças, ao lado, alumiavam uma estação; vultos abafados, fora, na noite, passavam com lanternas. Chovia sempre; havia um silêncio infinito na negrura dos campos adormecidos, e adiante na sombra, sem descontinuar, a máquina resfolgava baixo. Depois o comboio rolava de novo, e o seu

sonho retomava-o através de uma sensação de frialdade nos pés: reconhecia que era um lago muito azul, batido de luar; o Rabecaz e ele remavam num bote, com o almirante ao leme. Então, junto dele, na escuridão, uma voz de timbre andaluz suspirava o seu nome; voltava-se, via dois olhos árabes, cintilando sob uma mantilha espanhola: ia beijá-los, mas a mantilha, escorregando, descobria uma caveira! Acordou com um estremeção... Uma voz ia dizendo ao comprido do comboio parado:

— Alhandra! Alhandra!

Um ar lívido de madrugada clareava através da neblina chuvosa. Saloios de varapaus, encolhidos nas mantas listradas, passavam; na plataforma, descarregavam-se caixotes;

um comboio de mercadorias rolou ao lado, com vagões carregados de pipas, e outros, gradeados, de onde saíam cornos de bois. Depois, um criado de farda passou, correndo, com um ramo de flores na mão.

O coração de Artur bateu, invadido da alegria daquela proximidade de Lisboa.

O comboio partiu de novo. Pareceu-lhe, através da névoa, avistar uma superfície de rio cor de aço; depois um campo de oliveiras correu ao lado; e os seus olhos, fixos nos vidros embaciados, foram-se cerrando, na fadiga daquela madrugada fria...

— Póvoa! Póvoa!

Despertou.

O sujeito de peliça, sentado,

espreguiçava-se.

— Ora enfim! *Nous voilà!*

Ergueu-se, ajeitou a peliça, pôs um chapéu de casimira, e entreabrindo o cesto do *pug:*

— Amor, estamos no fim dos nossos trabalhos. Como tem dormido o amigo *John*, hem? Chegamos, percebeu?...

Aqui está na pátria de Luís de Camões!

Voltou-se para Artur, rindo do seu gracejo:

— Não é má, hem? — e repetiu ao *pug* que gania: — Aqui estamos na pátria de Camões.

A máquina silvava. E Artur, excitado, via agora, à esquerda, estender-se o rio largo e baço agitado sob o vento. Os montes da outra banda confundiam-se

com o empastamento nas nuvens. Uma falua, de vela cheia, cortava a espuma, à bolina, na manhã áspera. Artur devorava com os olhos aquelas vizinhanças de Lisboa: Uma fachada suja de casa que passava, uma pilha de madeira, altas chaminés de tijolo. Nos Olivais, o sujeito da peliça, julgando ver um amigo entre a gente na plataforma, precipitou-se para a portinhola, gritando:

— Oh, Visconde! oh, Visconde!

Mas o comboio partiu. Antigos vagões desmantelados, um alpendre com fardos, correram ao lado — e um empregado, todo molhado, abrindo vivamente a portinhola, recolheu à pressa os bilhetes.

Artur palpitava todo. Lisboa! Era enfim Lisboa! Abaixara a vidraça e o ar

parecia-lhe cheio de uma vida mais intensa, todo penetrado da respiração larga da cidade que ainda dormia na manhã húmida.

Com um grande estrondo o comboio entrou na estação. A plataforma ficou logo cheia de gente, que ia, arrebatada, com embrulhos, chapeleiras, acotovelando-se. Saloios com os passos pesados das suas solas pregueadas, apressavam-se: havia nas faces um ar estremunhado e pasmado; uma criança chorava desesperadamente, e, quando à porta de saída o empregado lhe quis ver as malas, Artur, empurrado, atarantado, envergonhado, não encontrava as chaves. As mãos tremiam-lhe, sentia-se tímido, quase tinha saudades da casa das tias, da pequenez de Oliveira de Azeméis. E

depois, com o seu bilhete de bagagem, muito embaraçado, quase aflito, errava pela grande sala de espera, dando aqui e além um olhar aos anúncios, onde se lia em grandes letras nomes de cidades — Sevilha, Córdova, Madrid, Paris — que lhe representavam civilizações magníficas e lhe davam um acanhamento maior.

Enfim, um carregador, que parecia ocupado por deleite próprio em resmungar blasfémias, levou-lhe com um ar soturno o baú a uma caleche, e o cocheiro bateu para o *Espanhol*.

À beira do assento, com as mãos nos joelhos, Artur, através dos vidros embaciados, ia olhando avidamente as fachadas das casas, os cartazes nas esquinas, a prolongação das ruas. Galegos curvados sob o barril chapinhavam na

lama, gente passava encolhida sob os guarda-chuvas. Teve um espanto ao ver de repente os arcos do Terreiro do Paço, o rio, mastreações de esquadras! Pela Rua da Prata, ia lendo avidamente as tabuletas. Quem viveria naquelas altas casas, cerradas ainda? Aquela hora, decerto, os jornalistas, as duquesas, dormiam, depois das agitações intelectuais e amorosas da noite... — E uma felicidade exuberante encheu-lhe subitamente o peito.

A caleche parou.

Da escada do *Espanhol*, sombria, saía um cheiro enjoativo de amoníaco. Um criado, de suíças e cabeleira esguedelhada, que o tratou por *usted*, levou-o para um quarto pequeno, forrado de papel verde. A janela abria para um saguão melancólico e a água que caía da

goteira cantava em baixo num balde de zinco.

Daí a pouco, encolhido nos lençóis, Artur dormia profundamente.

***

Acordou ao ruído da porta: o criado, em mangas de camisa, com um par de botas na mão, dizia repreendendo-o: — Então *usted* não vai comer? São cinco horas. Já *usted* vê! *La comida* é às cinco.

Cinco horas já! Artur sentia os rins doridos; o tom crepuscular do quarto, um ruído de pratos que ouvia ao lado, o rabujar de uma criança, deram-lhe uma vaga tristeza.

O criado, então, revirou as botas na mão, considerou um momento com

melancolia o elástico esfiado e o tacão tombado, e rosnou:

— Estão na última...

Artur fez-se vermelho.

— Pois quando *usted* quiser comer, é lá em baixo — acrescentou o homem. E antes de sair, arrastando os sapatos achinelados, repetiu ainda, indicando com tristeza as botas: — Estão na última! Já *usted* vê!

Servia-se a sopa, quando Artur se veio sentar timidamente à mesa. Defronte dele, dois espanhóis, de barbas de azeviche e faces cavadas, comiam, soturnos, com as capas ao ombro; na outra extremidade estava uma rapariga gordita e baixa, bonita, de *robe-de-chambre* escarlate e penteado alto; ao pé dela um indivíduo calvo, de cachaço fradesco,

muita cor nas faces rechonchudas, um bigodito grisalho, via-a jantar, com uns olhinhos de ternura babosa, fazendo entre os dedos bolinhas de pão.

Artur admirou um momento as altas fachadas fronteiras, «tão nobres»! Depois, escutou os espanhóis, que devoravam e falavam baixo, desconfiados; e tendo distinguido os nomes de Castellar Py y Margall, Contreras, Salmeron, concebeu logo uma imensa admiração por eles. Eram republicanos perseguidos; decerto se tinham batido em barricadas, conspiravam; e como um deles estendia o braço para as azeitonas, Artur apressou-se a chegar-lhe o prato respeitosamente. O indivíduo disse, com gravidade, «*gradas, caballero*» e Artur, muito lisonjeado,

pensou que mais tarde poderia conhecê-los, ouvir-lhes episódios históricos, ligarem-se em simpatias revolucionárias!... Que boa ideia vir para *o Espanhol!* Tudo ali lhe agradava — o aparador envernizado, o espelho com o caixilho resguardado por uma gaza cor-de-rosa, e o retrato de Prim, num cavalo empinado, agitando um estandarte. E foi quase com orgulho que, depois do café, acendeu o seu charuto e se foi encostar à varanda: a tarde limpara, as ruas secavam sob o norte frio; uma carruagem que passou, com dois criados de casacos brancos, fê-lo pensar que talvez fosse *Ela*, a sua desconhecida do vestido de xadrez: quando se agachou para espreitar, entreviu um homem gordo de lunetas! Mas todos os seus desejos de amores, de luxo, de

celebridade, tinham-se posto a chalrar como pássaros acordados. Examinava avidamente as *toilettes* dos homens; achou adoráveis duas senhoras que atravessavam a calçada, com os vestidos apanhados, mostrando as saias brancas que lhes batiam o tornozelo. Nunca imaginara Lisboa tão vasta, tão aparatosa, e parecia-lhe que as ideias deviam ter decerto a amplidão das ruas, e os sentimentos a elegância dos vestuários.

A rapariga de *robe-de-chambre* escarlate veio então debruçar-se à varanda próxima: erguia o rosto, olhava o céu e o tempo. Artur achou-a deliciosa, com o seu pescoço muito branco, as formas copiosas, toda roliça e cálida.

— Quem é esta senhora? — perguntou ele para dentro ao criado que

levantava a mesa, cantarolando.

O moço chegou-se, espreitou:

— É a Mercedes. — E fitando as botas de Artur com um bamboleamento triste de cabeça esguedelhada, repetiu ainda: — Estão na última. Já *usted* vê!...

Artur encolheu os ombros, furioso. De resto, observando os homens na rua, já pensara que o seu fato de Oliveira era mal talhado e provinciano: por isso só saiu à noite, depois de aceso o gás.

Com que deleite, pisou enfim as lajes ainda húmidas dos passeios, respirou a friagem de inverno, o ar de Lisboa, que, depois do pesadume das ruazitas de Oliveira, lhe parecia ter a vitalidade oxigenada onde se dilatam as faculdades! Embasbacava para as vitrinas alumiadas das lojas; estacava, pasmando

para os rostinhos pálidos das mulheres que passavam; voltava-se com admiração para seguir as carruagens de criados perfilados; e da claridade do gás, da vastidão das ruas, da multidão sussurrante, vinha-lhe como que uma sensação de atividade espalhadas, de paixões, de grandezas vagas que o perturbava: era como se a atmosfera estivesse saturada das emanações de uma vida rica, sábia, idealizadora e ardente! Mas sentia-se acanhado: apesar de lhe apetecer prodigiosamente uma gravata azul que viu num mostrador, não ousou entrar na loja; o trotar das parelhas entontecia-o; o andar desenvolto dos homens, falando alto, dava-lhe um medo pueril de agressões; tinha vergonha do seu velho paletó, mais curto que as abas da

sobrecasaca que trazia; sentiu-se mesmo agradecido a um sujeito que lhe pediu lume, cortesmente, como se recebesse dele um ato de benevolência. O homem, depois de acender o charuto, disse para outro que esperava, assobiando:

— Para o Martinho, hem?

E Artur foi-os seguindo timidamente, ansioso por ver o Martinho! Pareceu-lhe esplêndido, com a acumulação dos chapéus altos entre os espelhos dourados, sob uma névoa de fumo de tabaco, no *brouhaha* contínuo das conversas. Não se atreveu a entrar. À porta um grupo palrava, e Artur contemplava-o de longe, com devoção, pensando que deviam ser poetas e estadistas... Subiu-lhe então de repente ao cérebro um vapor excitante de emanações

intelectuais: teve pressa de entrar naquela existência — relacionar-se, regalar-se das discussões sobre Arte e Ideal, «ser também de Lisboa»!

Chamou uma tipoia, e mandou bater para a Praça da Alegria, para a casa do Damião! Recomeçara a chover e o lajedo reluzia à luz do gás. E encostado ao fundo do cupé que trotava ao comprido das grades escuras do Passeio, Artur ia pensando no fato novo que faria e nos filósofos que ia decerto encontrar «na catacumba» do Damião.

Ao toque da campainha, uma mulher de pele muito branca e fitas vermelhas no cabelo fê-lo entrar numa sala esteirada, para lhe dizer que o Sr. Damião tinha partido para o Algarve. Examinou rapidamente Artur, e

acrescentou logo — que, se S. S.ª desejava quartos, os do Sr. Damião estavam devolutos...

— Não, obrigado, eu vinha só procurá-lo.

— Ai, pode V. S.ª entrar. — E numa voz muito cantada, muito lisboeta: — O Sr. Damião estava muito contente. É a casa mais sossegada do bairro, tudo na maior limpeza. A Sr.ª D. Ermelinda até me diz sempre: Oh, D. Joana (é o meu nome, minha mana é Adelaide), oh, D. Joana, diz-me a Sr.ª D. Ermelinda, a senhora faz mal em ter tanto cuidado com os hóspedes, olhe que não lho agradecem! E vai eu, digo-lhe: Oh, D. Ermelinda (damo-nos muito) digo-lhe eu, olhe que é génio; em não tendo tudo a preceito, estou num frenesi. O Sr. Damião tinha um quarto só.

Tenho também o Faria, há de conhecer, o Fariazinho...

Aquela verbosidade sem motivo entontecia Artur. Repetia, cumprimentando:

— Sim, eu hei de voltar.

— Ai, pode vir agora. Eu não sou de cerimónias. Até a D. Ermelinda me diz sempre: Oh, D. Joana, por quem é, a senhora deve-se pôr no seu lugar. E digo-lhe eu: Oh, D. Ermelinda, que quer, são génios! E todo o mundo me estima. O Fariazinho está em minha casa há dois anos. Pode-lhe perguntar...

— Pois eu hei de voltar — interrompeu Artur, atarantado. Deu as boas-noites, desceu rapidamente a escada.

Aquela ausência do Damião contrariava-o. Estava muito

desconsolado. Contava com o Damião para o guiar, lhe mostrar Lisboa, apresentá-lo a escritores, escutar o seu drama, e a sua partida para o Algarve parecia alargar em torno dele uma solidão inesperada.

Felizmente tinha as cartas de apresentação do Rabecaz.

Foi então descendo ao acaso o Moinho de Vento, e ao passar por S. Pedro de Alcântara, penetrou sob as árvores e foi encostar-se às grades. A cidade cavava-se em baixo, no vale escuro, picado dos pontos de luz das janelas iluminadas, e, na escuridão, os telhados, os edifícios, faziam um empastamento de sombras mais densas. Aquelas luzes, debaixo daqueles tetos, que fermentação de vida! Quantos amores,

quantos mistérios, crimes talvez! Ali jornalistas compunham artigos, oradores preparavam discursos, estadistas conferenciavam, mulheres aristocráticas, nas suas salas, falavam de amores, e, nos pianos ricos, gemiam as cavatinas apaixonadas. Que grande, Lisboa!

Voltara-lhe a mesma sensação, sempre repetida, de uma capital vasta, com uma intensa vida social, e olhava, vagamente exaltado, como se todas aquelas existências acumuladas lhe mandassem ao coração o bafo das paixões que lhes supunha.

Uma aragem fria fê-lo encolher-se no seu paletó cor de pinhão. Foi descendo, parando junto às vitrinas, voltando-se para os rostos pálidos das mulheres, meio escondidos sob mantas de

lã ou véus escuros, seguindo com os olhos as lanternas das carruagens ricas, que punham claridades sobre os casacos claros dos lacaios. Descendo sempre, chegou junto do rio. Estava escuro, havia um friozinho cortante, e as luzes dos mastros tremeluziam na noite. Veio-lhe, sem razão, uma melancolia, um sentimento de solidão. Àquela hora, todos estavam nas suas casas bem mobiladas, no brilho das *soirées*, no conforto das convivências íntimas; as mulheres recebiam os seus amantes, amigos discutiam, fumando, em volta do *punch*... Como conseguiria fazer conhecimentos, relacionar-se, viver, *furar*, naquela grande cidade rumorosa? Agora tudo lhe parecia mais difícil, e as grandes fachadas sombrias das casas espalhavam em torno dele uma sensação

de isolamento, de inacessibilidade...

— V. Ex.ª quer favorecer um chefe de família desempregado? — disse uma voz lamentosa ao pé dele.

Artur aprumou-se e tirou cinco tostões da algibeira, que meteu na mão que lhe estendia um sujeito de chapéu alto e sobrecasaca coçada, a gola presa com um alfinete.

Aquela miséria entrevista entristeceu-o mais. O Aterro, longo, solitário, com um ventozinho frio, deu-lhe um sentimento de melancolia; o coração confrangeu-se-lhe, sentiu a necessidade de voltar para o Hotel, ver luz, estar debaixo de um teto, reler o seu drama, para se fortalecer com a certeza do seu talento, e contar o seu dinheiro, para se animar com a evidência dos seus recursos. Pôs-se a

caminhar depressa pela Rua do Arsenal; mas no Terreiro do Paço perdeu-se: confundia as ruas largas, já um pouco desertas, paralelas, infindáveis. Andou, voltou: tinha vergonha de perguntar pelo *Espanhol*. Numa rua estreita, vozes por trás de tabuinhas vermelhas, chamavam-no com psiu! psiu! familiares; dois bêbedos assustaram-no, cambaleando, praguejando — e atarantado, já aflito, chamou uma tipoia que passava devagar.

— Para o *Hotel Espanhol!* — disse, subindo para a tipoia.

O cocheiro fitou-o um momento, admirado, mas imediatamente bateu a parelha. Artur sentou-se e acabava de fechar a vidraça, quando o carro estacou.

— Então?

— Cá estamos, meu amo, o

Espanhol é aqui.

Artur saiu, vexado.

— Quanto é? — perguntou timidamente ao cocheiro.

— Uma placazinha...

Com medo de uma questão, Artur pagou.

— Muito obrigado a V. Ex.ª, meu fidalgo — disse o homem.

No corredor do hotel, de uma porta vivamente alumiada, saíam sons de guitarra: uma voz mordente de mulher cantava num tom de *malagueña:*

A la puerta de mi casa
Hay una piedra muy larga,
La, ra, lá, lá...

E mãos batiam em cadência, ao

repenicar dos bordões.

Imóvel, com o castiçal na mão, Artur escutou: vozes espanholas falavam desenvoltamente, rolhas de cerveja estalaram. Pensou que devia ser a rapariga do *robe-de-chambre* escarlate e os emigrados que recordavam canções das suas províncias, e aquilo pareceu-lhe muito poético.

Uma voz forte de homem elevou-se então: fazia estalar os dedos, e num ritmo de gaita de foles, cantarolava:

Doces galleguiños aires,
Quittadoiriños de penas...

Houve risadas, a porta fechou-se bruscamente. Artur foi subindo devagar. Viera-lhe uma recordação de quando era

pequeno e estivera um verão no Porto, com seu pai, na estalagem do Leão de Ouro. Pelas tardes quentes do domingo, cheias de pó, o criado levava-o a uma horta, para os lados da Lapa: comiam tremoços ao pé de um faval, onde sussurrava a água das regas, e iam ver os galegos dançar debaixo do parreiral ao som da gaita de foles que fazia *mu-iñe-ra! mu-iñe-ra!* Depois a caneca de vinho verde passava em redor; sentiam-se ao lado os *pah!* secos do jogo da bola; então uma galega erguia-se, e com as tranças loiras caídas sobre o colete escarlate, os braços abertos, punha-se a girar devagar ao *churre-churre* dos pandeiros! — Há quanto tempo isso fora! Se seu pai o pudesse ver agora, em Lisboa, com dinheiro no bolso, manuscritos no baú! E

reconfortado, estirou-se na cama, murmurando com voluptuosidade: «Estou em Lisboa, estou em Lisboa!»

Ao outro dia, depois do almoço, por um sol magnífico, Artur preparou-se para ir visitar, com a sua carta de recomendação, o sobrinho do Rabecaz, o Sr. Venâncio Guedes. Para se apresentar com chique, comprou, num armazém de fato feito, um paletó de pano azulado com gola de veludo, que lhe aconselhou um caixeiro de ar profundamente infeliz; depois, num sapateiro, ornou-se de botas de verniz, e assim equipado, de luvas pretas, numa bela caleche, dirigiu-se ao Largo do Carmo.

Um indivíduo barrigudo, de fartas suíças cor de azeviche, abriu-lhe a porta, e com uma voz de trombone, roncou para

dentro:

— Um sujeito que o procura, Sr. Venâncio!

— Mande entrar, Sr. Ferraz!

O Sr. Venâncio, à mesa, almoçava. Os gestos miudinhos com que partia os seus ovos quentes, a sua carinha amarela, de beiços finos, o cabelo corretamente acamado, revelavam um individuozinho meticuloso, muito admirador do seu diretor-geral. Abriu a carta do Rabecaz, e começou a lê-la, puxando os pelos do bigodinho loiro, aparados à tesoura. No quarto próximo, por trás de um reposteiro azul, uma voz cantava aos berros:

Aceita o sabre de meu pai!
Aceita o sabre! Aceita o sabre!

Nas paredes pendiam gravuras violentamente coloridas, onde se distinguiam damas e cavaleiros entre paisagens idílicas; um papagaio, no poial de pedra da janela, meneava-se no seu poleiro, e o Sr. Ferraz esperava, com uma das mãos papudas apoiada à mesa, a outra encostada com chique ao quadril obeso.

O Sr. Venâncio pousou a carta, ajeitou nervosamente o *robe-de-chambre* sobre o peito, e com uma vozinha acre, às fisgadas:

— Mas eu não conheço literatos! Eu não conheço literatos, meu caro senhor! Quer que o apresente. Mas a quem? A quem? Se eu não conheço ninguém!

Aceita o sabre, o sabre, o sabre,

Aceita o sabre do papá.
Pan, pa, pa, pa, pum!

gritava a voz estridente.

— Eu vivo muito retirado, meu caro senhor. Vivo para as minhas ocupações. Não conheço dessa gente...

Artur, já envergonhado, acudiu:

— O tio de V. Ex.ª disse-me que talvez V. Ex.ª soubesse a morada do Sr. Melchior Cordeiro...

Venâncio teve um pulinho de contrariedade:

— E V. S.ª a dar-lhe! Eu não conheço ninguém!

O reposteiro azul abriu-se, e um rapaz de grandes bigodes apareceu, exclamando com ímpeto:

— Salta o almocinho! Papagaio

real! Ferraz amigo, os manjares!

— Tu conheces um Melchior Cordeiro? — disse Venâncio, voltando-se para ele, acamando nervosamente o penteado.

O outro estacou, baixou levemente a cabeça a Artur, e retorcendo vivamente o bigode com ambas as mãos:

— Melchior Cordeiro, Melchior Cordeiro... — murmurava.

Artur olhava-o com ansiedade; na rua, pregões cantavam, e para o lado do quartel soavam cornetas de exercício.

— É um jornalista — lembrou Artur.

— Não conheço! — E dirigindo-se jovialmente ao papagaio: — Papagaio real! Viva a Carta Constitucional!

— Já vê — disse Venâncio, com

regozijo mal reprimido. — Ninguém conhece semelhante gente. — E pôs-se com satisfação a esgaravatar os ouvidos.

— Artur, profundamente despeitado, tomou o chapéu.

— E o senhor meu tio ainda se embebeda todas as noites? — perguntou o Venâncio, continuando a partir os seus ovos.

Artur, petrificado, balbuciou:

— Não me consta, não me consta...

Mas o sujeito barrigudo abrira a porta, e descendo a escada, furioso, Artur sentia ainda os gritos do papagaio e a voz jubilante do outro cantar desesperadamente:

Aceita o sabre, o sabre, o sabre!

Aceita o sabre, o sabre do meu papá!

No largo, a manhã resplandecia. Depois dos dias de chuva, aquele sol delicioso dava à cidade a alegria de um renascimento: até dois moços que num pátio lavavam uma carruagem a baldes de água e os galegos que palravam à beira do chafariz, pareciam tão satisfeitos como os canários que gorjeavam nas janelas. Mas Artur estava como que desencantado: Damião partira, o famoso Melchior perdia-se no vago, e naquela cidade tão cheia sentia a concavidade da solidão! A sua vontade, que à maneira de um inválido precisava ser constantemente estimulada e ajudada, recaía desfalecida: a celebridade, as relações, os amores — tudo o que em Oliveira lhe parecera de

conquista fácil, à mão, recuava agora para cimos inacessíveis: tinha a sensação de massas de obscuridade, sufocantes como abóbadas, que o encarceravam no anonimato. As vitrinas das lojas, os altos prédios, as carruagens, davam-lhe uma opressão indefinida; sentia circular em redor um enorme egoísmo burguês, feito do orgulho do dinheiro e do desprezo das ideias; e os rostos, como as fachadas, tomavam para ele um aspeto obtuso e duro que alguns pobres versos delicados nunca poderiam comover! O sentimento da sua solidão sensibilizou-o: se adoecesse, pensou! E, entontecido pelo movimento, abstrato, infeliz, ia descendo o Chiado, com os pés torturados pelo verniz novo aquecido, sentindo-se «gebo», odiando Lisboa, furioso com o sapateiro! Quando

entrou no hotel, atirou-se para cima da cama, e para se reconfortar com a certeza do seu talento, pôs-se a reler, aqui e além os *Esmaltes e Joias*. Mas os versos que em Oliveira lhe pareciam de um ideal tão nobre, lidos agora ali, em Lisboa, tinham um tom de pieguice pueril, no meio das vagas grandezas que sentia em redor e dos vastos interesses que suspeitava. Veio-lhe uma desesperação, achou-se «burro», pensou mesmo em voltar para Oliveira; retinha-o, porém, uma curiosidade da cidade, a esperança de a ver, a *Ela*, e o desejo das satisfações que lhe podia dar o dinheiro — teatros, mulheres... Que diabo! tinha ali no baú, em libras, um conto de réis! E espreguiçou-se sobre o leito com voluptuosidade, como se recebesse de repente, de todos os rostos

lindos que entrevia, das vozes que na véspera lhe faziam psiu! psiu!, por trás das tabuinhas verdes, um eflúvio afrodisíaco. E desceu para o jantar, resolvido «a atirar-se nessa noite à pândega».

Como na véspera, os dois espanhóis lá estavam, e, soturno, ao pé da Mercedes, o sujeito calvo e baboso. Esperando a sopa, Artur abriu o *Jornal do Comércio* que estava sobre a mesa, deu um olhar de lado à espanhola — e, de repente, lembrou-se de que talvez no hotel conhecessem o Melchior, um jornalista!

Perguntou imediatamente ao criado, que entrava com a sopa.

— Ah! o Melchiorzinho! — disse o moço; e dirigindo-se ao calvo: — Ó Sr. Videira, *usted* sabe onde está o Melchior?

— O Melchiorzinho? — respondeu o calvo. — Na redação do *Século*. Para os lados da Rua do Carvalho.

— Já vê *usted!* — disse o criado com satisfação.

Artur, na sua alegria, indiferente ao jantar, agarrou o chapéu, correu à rua, tomou uma tipoia, foi à redação do *Século*. O Sr. Melchior tinha saído, podia encontrá-lo ao outro dia, à uma hora da tarde.

***

Aquela visita preocupou Artur toda a noite. Melchior era um jornalista, um literato e a conversa rolaria decerto sobre livros, estilos, escolas; desejava

mostrar-se elevado nas críticas, original nas frases; preparou mesmo duas definições pitorescas de Lisboa e da Província:

«Lisboa é a *estação central* da inteligência.»

«A Província é a *penitenciária* do espírito.»

E ao outro dia, muito comovido, apeava-se à porta da redação. Um rapazito de blusa azul fê-lo atravessar um pátio sujo, penetrar num corredor carunchoso, e abrindo uma porta:

— Um sujeito, Sr. Melchior!

A uma larga mesa coberta de oleado, dois indivíduos trabalhavam. Um deles, de cabelo à escovinha, escaveirado e de lunetas defumadas, cortava tiras num jornal, com uma tesoura de alfaiate; o

outro, baixo e grosso com a cabeça fincada entre os punhos, parecia absorvido no estudo de uma folha de papel escrevinhada: ergueu-se bruscamente, inquieto. Era Melchior. Tinha a calva precoce, chamada do *deboche*, sobre a qual repuxava um cabelo fino como teias de aranha; sob o nariz carnudo, arqueava-se um bigode espesso.

Abriu a carta do Rabecaz, de pé. As suas mãos papudas tinham uma ligeira tremura habitual, e apenas leu as primeiras linhas:

— Ah, perfeitamente!... Tenha a bondade de se sentar. Pois não! Por quem é, sente-se!... E como vai ele, o maganão? Hem? Sempre patusco? Se V. Ex.ª me permite, eu acabo aqui um pequeno

trabalho e sou todo seu. Tenha a bondade de se sentar. Isto está um pouco desarranjado. Se quer ler os periódicos...

Artur tomou um jornal e sentou-se ao pé da janela. Nas paredes, maços de jornais desdobrados pendiam de ganchos, resmas de periódicos atulhavam os cantos e um ténue véu de poeira cobria tudo: os papéis, as cadeiras, o velho mapa de Portugal e Espanha; a rua, fora, tinha um silêncio pacato; numa janela fronteira, um pintassilgo cantava na gaiola, e as tesouras enormes do sujeito de lunetas iam retalhando os jornais.

— Ó Esteves, trouxeram as *chegadas?* — disse de repente Melchior. E a um sinal afirmativo do outro: — Ditas, fazes favor?

Esteves procurou entre a papelada

uma tira rabiscada a lápis e começou imediatamente, numa voz um pouco rouca, extremamente monótona:

«O conselheiro Abílio de Azevedo, de Vila Nova de Famalicão, hospedado nos Embaixadores...»

Melchior escrevia, murmurando alto:

— «Chegou o nosso prezado amigo o Exmo. Sr. Conselheiro Abílio... Nova de Famalicão...» — Com um *l* só?

O outro moveu afirmativamente a cabeça e prosseguiu:

«O visconde da Ameixoeira, de Viseu, e sua respeitável família... O nosso assinante Tadeu Carneiro... o ilustre proprietário Eustácio Alcoforado...» — Não, este partiu, partiu para Bordéus.

— Partiu ou chegou, menino? É

que não é a mesma coisa! — exclamou Melchior. Deu uma risadinha, volta.do para Artur, tomou uma fumaça do charuto e pediu a Esteves que «por caridade lhe ditasse os anos».

Esteves, com um gesto lasso, tirou de uma gaveta um Almanaque, com folhas brancas intercaladas, bocejou profundamente e começou no seu tom soturno:

«Dia 14 de dezembro... O comendador Figueiredo... grandíssima besta! A Sr.ª D. Ernestina da Conceição Valadares... O engraçado ator Maldonado...»

Melchior suspendeu a pena e olhando para Esteves fixamente:

— Está lá engraçado? Isso é de há dois anos! Agora ele faz papéis sérios.

Esteves refletiu, tirando películas dos beiços:

— Põe o *esperançoso*.

O *esperançoso?* um homem que representava havia doze anos!...

E olhavam-se embaraçados, na urgência de um adjetivo.

Então Artur adiantou o rosto, risonho, obsequiador, e disse:

— O *impressionante*, talvez.

— Magnífico; — exclamou Melchior, escrevendo regalado. E, um momento, olhou Artur com respeito. — Que mais, Esteves? Vá, homem, vá!

«O vereador Fernando Cardoso... A inocente filha da Sr.ª D. Elvira Cunha Rego... O distinto poeta Augusto Roma, ilustre autor dos *Idílios e Devaneios*...»

Uma porta lateral abriu-se, e uma

face branca e balofa, com lunetas de ouro e um bigode tão preto que parecia de crepe postiço, mostrou-se, dizendo com voz de papo:

— Ó Melchior, redige aí uma notícia da chegada do Meirinho, de Paris... O homem já me falou nisso três vezes. Trouxe-me uma lapiseira, coitado. Sete ou oito linhas catitas.

E a porta fechou-se.

Melchior tornou-se grave, esfregou as mãos devagar, acendeu refletidamente outro charuto, e com os cotovelos sobre a mesa, os olhos cerrados, pôs-se a coçar lentamente a calva; depois, escreveu, riscou, releu, recomeçou e por fim, recostando-se na cadeira, murmurou exausto:

— Não estou de maré. Hoje não

vai...

Nesse momento, o sujeito de lunetas de ouro voltou de dentro, de chapéu na cabeça, calçando as luvas:

— Fizeste?

Melchior confessou que estava pesado da cabeça.

— Escreve lá, homem! — disse o de lunetas de ouro, encolhendo os ombros com o desdém de um ricaço de ideias: — «Temos entre nós o nosso prezado amigo João Meirinho, um dos ornamentos mais brilhantes do nosso *high-life*. S. Ex.ª que é igualmente estimado em todas as capitais da Europa...». Hesitou, passou os dedos pelas sobrancelhas e com a testa muito franzida, «... da Europa, onde as suas qualidades eminentes o tornam o alvo dos respeitos de todas as classes, é sempre

bem-vindo à formosa cidade do Tejo, onde...».

— Há dois *ondes* — advertiu baixo Melchior.

— Deixa haver! Põe: «...a cuja sociedade ele traz a animação, que é o distintivo da brilhante...».

— Há dois *brilhantes* — corrigiu Melchior.

A observação, diante de um estranho, decerto irritou o sujeito, que replicou secamente:

— Mete-te lá com a tua vida! — Põe: «...da esplêndida capital de França, esse esplen... esse resplandecente centro da Arte e das Letras». — Ora aí tem o menino, uma noticiazinha chique!

Ia a sair, mas Melchior, erguendo-se cerimoniosamente:

— Quero-lhe apresentar o Sr. Artur Corvelo, um poeta; o Sr. Saavedra, o nosso diretor.

Saavedra apertou, protetoramente, a mão que Artur lhe estendeu com servilismo — e pondo o chapéu mais ao lado:

— Ah, esquecia-me. O João Carolino, do Ministério do Reino, deu-me um folhetim para amanhã... Manda para dentro, ele vem rever as provas.

E antes de atirar o manuscrito sobre a mesa, abriu, leu alto:

«À BEIRA-MAR. — Sentado numa penedia, deixo o pensamento vogar sobre a superfície líquida, onde os dourados raios do sol poente espargem mil cambiantes de luz. E com a alma arrebatada, contemplo a pasmosa

maravilha da criação. Oh! materialistas, escondei o rosto na vergonha de vossa perversa blasfémia! Vinde a este penedo, se quereis ter a certeza da existência de Deus. Vinde a este penedo, gigante de granito...» — Está opulento — murmurou.

Atirou o manuscrito a Esteves, abaixou a cabeça a Artur e saiu trauteando.

Melchior ergueu-se logo e com um sorriso:

— Estou às suas ordens, Sr. Corvelo! Ó Esteves, aqui te deixo as notícias, hem! — E de pé, ia-lhe passando pequenas tiras de papel, de que lia as primeiras linhas, numa verificação rápida: — «Foi despachado aluno pensionista, etc... Foi aprovada a tarifa especial, etc... Parece que o Sr. Vieira não aceita a

nomeação, etc... O conhecido Mesquita faz leilão da sua casa de penhores, etc... Foi aceite, pela Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, a proposta do marchante Augusto, etc... Houve ontem uma desordem no beco do Monete, etc.» Aí tens as duas anedotas que vinham no jornal espanhol. A chegada do Meirinho. É o que há. Não vem mau o número de amanhã...

Foi interrompido por nós de dedos que batiam à porta, e, quase imediatamente, dois homens entraram. Pareciam operários: um deles, atarracado, tinha uma face honesta que atraía, mas foi o outro, franzino e amarelo, quem tomou a palavra. Um pouco embaraçado, puxando os pelos do bigodito e batendo com o chapéu na coxa, devagarinho, começou,

enchendo a voz:

— Nós somos filhos do trabalho... — Hesitou, procurou na presença dos jornalistas, embelezar as suas frases: Somos da fábrica de fiação da Pampulha, e, como V. Ex.ª sabe, estamos em *greve*...A comissão entendeu que deveria publicar um comunicado, para dar coragem, para levantar os ânimos... — Pareceu consultar o companheiro, acrescentou, corando: — Ainda que haja alguma despesa... Que as circunstâncias... — E estendia o manuscrito.

Melchior e Esteves entreolharam-se:

— Não — disse Melchior — não é nada; os senhores estão em *greve* e o *Século* está na oposição... Sai amanhã, podem ir descansados.

— A justiça é por nós — balbuciou o rapaz.

Pareceu querer colocar uma frase final, hesitou, fez um sinal ao companheiro, e saíram ambos devagar, gingando levemente.

Esteves abrira o comunicado e parecia surpreendido. Melchior então, curioso, foi olhar por cima do ombro dele, e leu alto:

«IRMÃOS DO TRABALHO! Quando do alto do Gólgota, o Redentor do género humano, já exangue, soltou o grito supremo, foi para proclamar uma aurora de paz e de esperança e arrancar a cadeia da escravidão dos pulsos dos filhos da democracia...» E continuava assim, em duas laudas, falando da «gargalheira de ferro dos tiranos», do «credo da

liberdade», da «arca da aliança». Explicava a greve da Pampulha, como sendo a «aurora que raia para as vítimas do despotismo»; aconselhava os operários «a que refrigerassem as frontes fatigadas no puro seio das filhas do povo»; e , depois de novas amplificações sobre o Cristo, terminava: «a vossa comissão grita-vos do alto da colina: coragem, heróis do trabalho, coragem!»

— Hem! — fez o Melchior, atónito. — Para ser de um operário! Está esplêndido! Manda-o pôr na segunda página, caramba!

Também Artur estava surpreendido. Que cidade, Lisboa, em que dos empregados aos tecelões, todos tinham a preocupação da eloquência e a fé na publicidade! Não se conteve, soltou a

sua frase:

— Lisboa é a estação central da inteligência...

Mas o rapazito de blusa entrou vivamente na redação:

— Está ali outra vez o homem do hotel com a conta!

Melchior atirou-se com um salto para a saleta interior e pela porta entreaberta, com grandes gestos, a voz abafada:

— Que não estou, que fui para o campo!

Ouviu-se, fora, um vozeirão irritado e o rapazito, esganiçando-se, replicar, quezilado; depois, houve um silêncio, e Melchior, com cautela, mostrou a face inquieta:

— Foi-se?

Esteves, que assobiava a *Sonâmbula*, moveu afirmativamente a cabeça.

— Pois estou às suas ordens — disse Melchior, subitamente tranquilo. Tirou do bolso a carta do Rabecaz e sentando-se: — Pois aqui está o que me diz o maganão do Rabecaz: «aí vai o amigo Artur Corvelo, com versos muito catitas e um drama que é de arromba. Aquela cabeça é um mundo! Quer conhecer a bela rapaziada literata e como seu bondoso padrinho lhe deixou grossa maquia, aí o tens, que quer florear na Capital e encher o ventre da bela pândega».

Artur protestou logo:

— Não, eu venho sobretudo por causa do drama.

— Há tempo para tudo! — disse Melchior, com um grande gesto. — E então demora-se?

— Naturalmente.

— Pois eu estou às ordens, disponha de mim. Com franqueza... Quando é que V. Ex.ª está em casa? Eu vou lá, almoçamos, conversamos, e vamos por aí ver o que há. Serve-lhe?

Artur agradeceu, comovido. Melchior foi a um pequeno lavatório que havia ao canto, lavou as mãos e aproximando-se, a puxar as calças para a cinta:

— Amanhã, por exemplo, hem?

— Perfeitamente. Estou no *Hotel Espanhol*.

— Ó Esteves, esses livros que aí mandaram para anunciar, leva-os ao

Salomão, mas não os largues a menos de três tostões cada um, pelo amor de Deus! — E voltando-se para Artur: — *Andiamo?*

À porta, porém, lamentou não poder acompanhar Artur; tinha um *rendez-vous*.

— Sabe o caminho, não é verdade? Bem. Amanhã, às 11, no *Espanhol!* Almocinho simples! *All right!* Criado de V. Ex.ª.

Mas não veio na manhã seguinte, nem ao outro dia. E Artur, já inquieto, e querendo ao mesmo tempo aproveitar a oportunidade de mostrar estilo, resolvera escrever-lhe um bilhete muito literário: «Decerto os altos trabalhos desse rochedo de Sísifo, que se chama a Imprensa, têm-no absorvido e esqueceu-se de que

prometeu vir partilhar comigo do *leite e castanhas*, de que fala o divino Virgílio...» Tinha fechado o sobrescrito e limpava com água-de-colónia uma nódoa do fraque preto, para sair, quando a porta se abriu devagar e apareceu Melchior.

— Ia-lhe justamente mandar uma carta! — exclamou Artur.

Melchior alegou afazeres, uma pessoa das suas relações que estivera doente...

— Mas estava a limpar o fatinho, pelo amor de Deus, não se interrompa! — Examinou o fraque e observou como entendedor: — Isso, só com benzina.

Artur corou, atirou o fraque para uma cadeira e negligentemente:

— É um fraque velho — disse — tenho de mandar fazer fato...

Melchior tomou um ar muito sério:

— Com franqueza, aconselho-o. Em Lisboa é necessário andar bem vestido. Que tal lhe parece isto? — E rodava nos calcanhares, devagar, mostrando o fato de cheviote claro. — Muito chique, não é verdade? Pois, aqui para nós, mas não o diga, por quem é, não o diga... Dezasseis mil réis. No Strauss era quarenta. Hem! Que espiga!

E em conclusão, provou-lhe que devia fazer fato no «seu homem», que era o Vitorino, o Vitorino dos Calafates.

— Está decidido, hem? Vamos ao Vitorino?

Artur aceitou logo, com reconhecimento — e desceram para o almoço.

O criado pareceu rever com

alegria o *sô* Melchiorzinho. Melchior também se regozijou de encontrar o Manuel; perguntou-lhe mesmo se ainda estava no hotel o Vicente... E a Justina, que era tão bem feitinha? Ah, o *Espanhol* já não era o mesmo! Era igualmente a opinião do Manuel. E tiveram ambos um bamboleamento saudoso da cabeça, deitando o olhar desanimado pela sala, como na muda contemplação de ruínas.

— *Usted* é que sabe — suspirou o Manuel — *usted* é que sabe!

O almoço foi longo, copioso, muito saboreado. E, com grande prazer de Artur, Melchior falou longamente de Lisboa. O que havia de melhor, segundo ele, era a bela rapaziada! Porque lá isso de *soirées*, bailes — histórias! No fim, para que se estava neste mundo? Para

gozar, ter amigos alegres, um bom jantarzinho, uma pandegazinha, umas mulherzinhas de vez em quando. E para isso, não havia como Lisboa!

— O amigo verá! — exclamou, batendo no ombro de Artur.

Parecia simpatizar com ele; ao café propôs-lhe mesmo que deixassem as *excelências;* o melhor era você cá, você lá, e liberdadezinha... Ele gostava de liberdade...

— Como todo o homem inteligente e que tem o espírito moderno — disse Artur, que procurava, com insistência, elevar o tom do diálogo.

— Não é lá de política que eu falo — acudiu Melchior, chupando o fundo do cálice de conhaque — isso são histórias! O que eu digo é cá esta liberdadezinha!

Uma cavaqueira com um bom amigo, uma comidazinha num hotel conhecido... bela rapaziada. O mais *é* parvoíce!

Artur, que a preocupação poética torturava, disse então, um pouco embaraçado, com um sorriso artificial:

— A propósito de liberdade... Se o meu amigo não acha maçada... queria que me desse a sua opinião sobre alguns versos... sobretudo uma *Ode à Liberdade*. Talvez não desgoste...

Melchior bebeu de um trago outro cálice de conhaque e limpando precipitadamente os beiços:

— Às ordens!

E levantaram-se ambos.

Artur, ao subir para o quarto, sentia «cólicas». Ia, enfim, mostrar a sua literatura a um jornalista, a um crítico, a

um lisboeta... Abriu o manuscrito com uma tremura nas mãos.

— Que tal lhe parece o título, *Esmaltes e Joias?*

Melchior, que se sentara aos pés da cama, pesado do almoço, disse agradado:

— Tem chique.

Artur procurou a folha, cuspilhou, e começou:

ODE À LIBERDADE

Ei-la que se ergue na colina santa
A Santa Liberdade.
Contempla o céu e desgrenhada canta:
Acorda, humanidade!

E seguia-se, no mesmo desenho

estrófico, um longo monólogo da Liberdade: amaldiçoava os reis, bendizia os povos; dizia-se «virgem imaculada, visão aérea, pomba da arca e bonina do vale»; prometia searas aos humildes, gargalheiras aos grandes; exaltava a túnica de Cristo e as algemas de Espártaco; e, brandindo no ar da manhã uma espada mística, terminava clamando:

A hora já soou, a Aurora vem...
Baqueia a realeza!
E já se ouve na cidade além,
Rugir a Marselhesa!

— Que lhe parece? — perguntou Artur, ainda ofegante de excitação declamatória.

— Está forte, está forte que tem

diabo! — E Melchior, olhando-o quase com terror, acrescenta: — Safa o amigo tem ideias muito exaltadas! É logo Comuna para a frente, hem? Irra! — Mas se me dá licença, escapou-lhe aí uma cacofonia. É quando a Liberdade entra e diz que arrasta o manto... Ora leia.

Artur releu, inquieto; era uma das suas estrofes queridas:

Chamais-me, Cidadãos? Eu aqui estou:
Alas à Liberdade!
Nunca cauda mais pura se arrastou
Nas lajes da cidade?

— Aí está! — exclamou Melchior. — Cacofonia.

Eu digo isto, o amigo desculpe. Mas vê, *nunca* cauda... ca-cau... cacau!

Eu peço desculpa, mas às vezes são coisas que escapam! E aqui em Lisboa, a crítica começa logo a pegar! É muito severa, é de tremer! Começam logo a achincalhar; ca-cau, cacau do Brasil, chocolate... É o diabo! O amigo tenha paciência. São coisas em que é necessário muita cautela!

Artur estava escarlate; aquela cacofonia na sua ode envergonhava-o tanto como um piolho que lhe encontrassem na gola do fraque; riscou logo o verso com rancor. Aquilo, naturalmente escapara-lhe ao copiar. E para se desforrar — quis ler a *Rosa do Vale*.

Mas Melchior acudiu:

— Olhe que já se faz tarde para o Vitorino, veja lá! — E com um tom

profundo: — É melhor irmos ao Vitorino!

Como lhe devia uma conta e o Vitorino se impacientava, Melchior aproveitava com júbilo aquela oportunidade de «o adoçar» levando-lhe um freguês rico — e ia pela rua, muito chegado a Artur, aconselhando-lhe despesas:

— Faça casaca, deve fazer casaca! Em Lisboa é essencial... E é a especialidade do Vitorino! — E apertando-lhe o braço, muito grave: — E sobrecasaca... É de rigor!

Subiram a um terceiro andar, e numa saleta com transparentes cor de oca na janela e raros cortes de pano numa prateleira envidraçada, o Vitorino, um magricela coxo, cor de limão, recebeu-os aos pulinhos sobre a muleta; havia um

vago cheiro a refogado; num quarto próximo ouvia-se o rabujar de uma criança e o tiquetique de uma máquina de costura — que fez lembrar a Artur o estabelecimento triste do Serrão, o seu alfaiate de Oliveira. Desejaria ter ido a alguma casa célebre, com rimas de fazendas no chão, figurinos pelas mesas e altos espelhos nas paredes, mas dominado pela loquacidade do Vitorino, pelos conselhos entusiastas de Melchior, na vaga inércia mole que lhe dera o almoço e o sol cálido da rua, consentiu em encomendar uma casaca, uma sobrecasaca, calças, e um fato de mescla, sem entusiasmo, muito descontente com as fazendas; aludiu mesmo, mais por complacência com o Melchior do que por influência do seu antigo sonho, a um *robe*-

de-chambre de trabalho, apertado por cordões de borla.

— Também se lhe faz, também se lhe faz — acudiu o Vitorino, excitado.

— De veludo — disse timidamente Artur.

— Cáspite! — exclamou o Melchior, curvando-se profundamente. — Que freguês, hem? Daquilo não pilhava *o sô* Vitorino todos os dias!

O Vitorino correra a buscar amostras de veludilho — quando do quarto próximo, saiu uma mulher bem-feita e de pele muito branca, com uma criança estremunhada ao colo, toda rabugenta. Melchior abriu vivamente os braços com uma exclamação:

— Viva o fidalgo! Então como vai a D. Teresa? Como vai isso?

E precipitou-se a beijocar o pequerrucho, chamando-lhe *seu caro amigo*, fazendo-lhe *beribau* no beicinho, cócegas na barriguinha, roçando-se muito pela mãe.

— Tem estado com uma perrice — disse ela.

— Seu maroto, seu maroto — roncou Melchior com voz de papão. E mostrando-o a Artur: — Que beleza, hem? que beleza!

O pequeno, assustado dos bigodes de Melchior, recomeçou a berrar. O jornalista, muito servil, afagou-o, fez *glou-glou* com a língua, seguiu mesmo a mãe ao quarto, apalhaçando-se, e daí a momentos, decerto para acalmar a criança, Artur ouviu-o repenicar a viola francesa, cantarolando um fado de pretos.

O Vitorino, diligente, ia tomando as medidas a Artur.

— É cá muito da casa, o Melchior! Grande cabeça! A calcinha larga em baixo, hem?

— Sim, larga...

— Há de ser servido a preceito.

Quando saíram, a D. Teresa veio até ao patamar; o pequeno sossegara, com duas grossas lágrimas nas pestanas. Melchior foi logo puxar-lhe as rosquinhas do pescoço, lambuzou-lhe a face de beijocas, chamando-lhe *amor, príncipe;* — depois, apertou longamente a mão ao Vitorino, falou-lhe ao ouvido, abraçou-o mesmo pela cinta.

— Grande gente! — dizia, descendo a escada.

— E a mulher não é feia —

observou Artur.

— Trago-a de olho — disse Melchior.

Na Rua do Ouro pareceu espantado de serem já três horas.

— Que diabo! Tenho um *rendez-vous* às três e meia!

Não ocultou mesmo que era questão de fêmea... Mas custava-lhe largar o amigo Artur. Que bela manhã tinham passado, hem? Caramba, podiam fazer uma coisa! Ele vinha buscá-lo às cinco e iam ambos jantar ao *Hotel Universal!* Havia de ver que jantar! E que bela rapaziada! Valeu, hem? Às cinco!

Artur voltou logo para o hotel. A cacofonia na *Ode à Liberdade*, torturava-o desde manhã, e como esperava ler as outras poesias a Melchior, toda a tarde,

curvado sobre o manuscrito, de lápis na mão — com a atenção esmiuçadora de um jardineiro sobre um canteiro de rosas — catou cacofonias nos versos.

Melchior, muito pontual, encontrou-o ainda trabalhando:

— Com os versinhos a contas, hem?

Sentou-se pesadamente na cama e retorcendo os bigodes:

— E que tal de mulheres, lá por Oliveira?

— Um horror!

— Pezinho descalço, cheirinho a suor! — E reclinando-se com satisfação: — Não deixa de ter seu cabimento...

Artur achou-o «grosseirão», mas sorriu para o lisonjear — e confessou que desejava ler-lhe a *Rosa do Vale*.

— Olhe que se faz tarde para o *Universal!* — exclamou logo Melchior, pondo-se de pé. — Arriscamo-nos a não achar lugar! No *Universal* é muito sério!

Deu uma penteadela rápida no cabelo, nos bigodes e olhando-se satisfeito ao espelho:

— Verá que rapaziada! Muito chique!

Artur lembrava-se das descrições do Rabecaz: decerto ia encontrar no *Universal* literatos, deputados, diplomatas, cantores, um mundo de civilização superior — e um pouco envergonhado do seu fraque preto, quis, ao menos, comprar luvas claras.

— Homem! — disse Melchior — também eu preciso de luvas!

Mas que ferro, tinha-lhe esquecido

o dinheiro! Artur, imediatamente, antes de entrar na loja, ofereceu o seu porta-moedas aberto. Que diabo, entre rapazes...

— Você calha-me, Artur, você calha-me! — exclamou Melchior, com um ímpeto irreprimível de simpatia.

E ambos, de luvas claras, subiram o Chiado, de braço dado — decididos tacitamente a estimarem-se, ligados já por uma amizade nascente.

***

Tinha-se servido a sopa, quando entraram na sala do hotel. E no primeiro relance, o aspeto das mesas, com brilhos de vidros e de *plaqués* faiscando sob a luz crua dos lustres de gás, os ramos de flores fazendo centro à ordenação das

sobremesas, as pessoas bem vestidas que julgava ilustres, as gravatas brancas dos criados, deram a Artur um vivo deslumbramento, imobilizaram-no junto da porta, um pouco embaraçado, passando, com um gesto errante, os dedos, pelo bigode. Mas Melchior, que se apossara de duas cadeiras ao pé de um sujeito pálido, chamava-o muito alto:

— Para aqui, amigo Artur, ficamos aqui ao lado do Carvalhosa!

Ao adiantar-se, perturbado, com as palmas das mãos suadas, tropeçou num criado, que se voltou, furioso, Melchior, imediatamente, apresentou-o ao Sr. Carvalhosa, o ilustre deputado.

— Eu conheci V. Ex.ª em Coimbra — disse Artur com um esforço, corando.

Conhecera-o, quando Carvalhosa

publicava meditações democráticas na *Ideia*, fazia discursos líricos no teatro académico e era ilustre por vícios que lhe tinham deixado para sempre, na face, uma amarelidão de hético. No terceiro ano levara um *R* — e passara desde então a ser na *Briosa* o republicano mais ardente. Porém, nomeado deputado do Governo por influência de um tio, apresentado em Lisboa a Pares do Reino, introduzido em algumas casas onde recitava, entusiasmara-se pelas Instituições e concebera um respeito desmedido pela Monarquia. Tinha uma gula imensa da pasta da Marinha — e falava *de papo* sobre questões de política, à porta da Casa Havanesa, torcendo a ponta da pera com os dedos queimados do cigarro. Era conhecido pelas suas imagens — safadas

pelo uso de gerações, como velhos patacos do tempo do Sr. D. João VI — e os jornais faziam sempre preceder o seu nome do adjetivo *inspirado!*

Abaixou a cabeça a Artur e falou um momento a Melchior com condescendência, como do alto de uma nobre escadaria intelectual. Era da Província, vivia na Província e sentia-se bem, ao ouvi-lo, que os proprietários graves dos Arcos de Valdevez deviam dizer dele na Assembleia, com admiração e desconfiança: — Grande cabeça, mas muito poeta!

— Então deixou Coimbra? — perguntou ele a Artur.

— Há dois anos!

Melchior apressou-se a citar com *verve:*

Coimbra, terra d’encantos
Do Mondego alegre flor...

Artur terminou logo:

Venho pagar-te em meus cantos
Tributo d’antigo amor!

E o Carvalhosa emendou:

Venho pagar-te em escarros
Tributo do meu rancor!

— Bravo! Bravo! — exclamou Melchior com ruído. — Essa é das boas!...

Aquele curto fragmento de diálogos, também pareceu a Artur muito

fino, muito da Capital, e recostou-se na cadeira, com uma satisfação comovida. Toda a sua vaidade se dilatava ao sentir-se ali, a uma mesa rica, entre indivíduos que supunha personagens eminentes da Política, das Letras ou da Finança; todos os detalhes lhe agradavam — a luz forte do gás, os molhos, a atenção dos criados, os sifões — mas movia os braços com cuidado acanhado, como se receasse quebrar alguma coisa, observando-se, impondo-se modos delicados. A sua alegria foi completa, quando um sujeito que estava a seu lado e no qual não reparara, se voltou para ele e lhe disse com amabilidade:

— Então, mais descansadinho da sua jornada?

Não o tinha reconhecido! Era o

sujeito do vagão, que trazia um cãozinho no cesto. Falaram das fadigas do comboio, do cão, da chuva no Entroncamento. Então Melchior, reparando no diálogo, estendeu precipitadamente a mão por trás da cadeira de Artur, exclamando:

— Ó João Meirinho, desculpe, homem, não tinha dado por você!

— Lá vi, lá vi! — acudiu logo Meirinho, com o rosto nutrido, luzidio de reconhecimento. — Lá vi, muito boa notícia! Todos gostaram muito. É de amigo, é de amigo. — E indicando Artur: — Fomos companheiros de viagem.

Artur, lembrado agora da notícia que vira compor no *Século*, ficou todo alvoroçado com a amizade daquele «ornamento do *high-life*», estimado em

tantas capitais da Europa. Julgou delicado dizer-lhe:

— Eu tinha lido a notícia...

— Fazem-me o favor de me estimar — disse Meirinho, enternecido — fazem-me o favor de me estimar!

Tornou-se então muito afável com Artur; ofereceu-lhe da sua água *Apollinaris* para misturar com o vinho, deu-lhe notícias do cãozinho: tinha chegado ótimo, fazia o regalo das meninas! Era um amor! — Depois, falou de si. Havia muita verdade na local do *Século:* em geral era estimado, e a razão era esta: é que gostava de obsequiar! Não imaginava o Sr. Corvelo as encomendas que trouxera de Paris! Vivia em Paris, modestamente, porque não era rico... Bom Deus, longe disso! Mas vinha de dois em

dois anos a Lisboa. Paris, que deliciosa terriola, não é verdade? Ah, tinha lá bons amigos! Até o duque de Grammont lhe dizia sempre: *Merignô, vous êtes tout à fait des nôtres!* Ah, lá isso, era estimado... Mas, no fim, este cantinho do nosso Portugal era muito apreciável. E depois, havia outra coisa: em Lisboa não sofria tanto de nevralgias...

Falava com uma voz baixa, afetuosa, acariciando a sua barba clara, com a mão bem tratada, onde reluzia um brilhante; tinha na sobrecasaca a rosetada comenda de Carlos III de Espanha. E era tão afável que, ao assado, já dizia a Artur: — meu prezado amigo, meu bom companheiro de viagem!

Quis saber se ele vivia em Lisboa.

— Não? Ah, a província é muito

apreciável... Há muita bondade na nossa província, muita bondade. Eu, por exemplo...

Interrompeu-se para responder a um sujeito de aspeto pomposo, belo rosto cor de cera e bigodes tão lustrosos que pareciam envernizados — que do outro lado da mesa lhe perguntava por que não fora na terça-feira a casa de D. Joana Coutinho:

— Não pude, meu bom Padilhão! A Sr.ª Marquesa não consentiu, positivamente não consentiu. Tínhamos uma deliciosa partida de manilha...

Pediu então detalhes da *soirée:* D. Frederico ralhara muito ao *whist?* Tinha estado a divina viscondessinha de Lordelo? E tu que fizeste, Padilhão?

O indivíduo alteou o peitilho

lustroso e muito decotado:

— Na terça-feira passada? *Oboé* e *Emília das Neves*. Gostaram muito.

— Conhece a D. Joana Coutinho? — perguntou Meirinho baixo a Artur.

— Não.

— Ah, pois era um salão adorável. Excelente música, lindas mulheres, dançava-se, recitava-se. Iam muito estrangeiros.

— Deliciosas terças-feiras — disse com beatitude, cerrando os olhos.

Sobre a influência daquela intimidade e do jantar, Artur aclimatava-se; tinha mesmo perguntado, acentuando o seu desembaraço, a Carvalhosa:

— V. Ex.ª não voltou a Coimbra?

— O forçado livre não revisita as galés — respondeu Carvalhosa

secamente.

Artur procurou inutilmente uma frase pitoresca: não a achou, e, calado, começou a escutar aqui, além, curiosamente. As conversas interessavam-no prodigiosamente e nas palavras triviais, novas para ele, parecia entrever, sob as amplificações da imaginação, revelações de existência superiores. Uma discussão, ao alto da mesa, sobre a dissolução da Câmara, cheia de nomes de ministros e de citações de oradores, deu-lhe a admiração da Vida Política, grandiosa pelo domínio dos fortes, pitoresca pelas emoções da intriga e enobrecida pelos idealismos da eloquência. Sujeitos que falavam pesadamente de bancos, letras, fundos, corretagens, interessaram-no pela Vida

Financeira, onde se revolvem milhões e o génio dos Nucingens, como em Balzac, cria tesouros. Ao seu lado, uma questão sobre S. Carlos excitou o seu amor do teatro. Meirinho recomeçara a elogiar as terças-feiras de D. Joana Coutinho e a vida social aparecia-lhe, com todo o romance dos amores aristocráticos, acompanhada de árias ao piano, em salas espelhadas, onde se movia, graciosamente, a gentil senhora do vestido de xadrez!

Que pouco tinha pensado nela, naquele primeiro deslumbramento que lhe dera Lisboa! Decerto, muitos daqueles homens a conheciam, mas eram quase todos de meia-idade, de figuras fatigadas, com interesses positivos, e não sentia ciúmes, na certeza que nenhum a poderia

interessar. E de todo aquele «cavaco» ruidoso se desprendia para ele o indefinido conjunto da vida de Lisboa, complexa, intensa, fortemente dramática — onde, como sobre um fundo luminoso, se destacava a figura delicada da senhora do vestido de xadrez, que adorava agora, naquela dilatação da sensibilidade que lhe dava a excitação do jantar.

Tinha-se servido o café e uma vozearia erguia-se no fumo alvadio dos charutos. Com os cotovelos na mesa, em atitudes pesadas de fartura, sujeitos falavam com intimidade; ao fundo da sala, numa altercação áspera, um indivíduo de lunetas gritava, perguntando se o tomavam por tolo; um homem de pele corada, enfartado, arrotava tranquilamente; o Padilhão queimava conhaque no café, e o

Melchior, excitado, discutia com o visconde, com palavras muito cruas, as pernas da Vizenti, a primeira dançarina de S. Carlos.

Mas Meirinho erguera-se e indo bater no ombro de Melchior:

— Você quer vir cá a baixo ao quarto do Sarrotini? E mais cá o amigo! — acrescentou, dando palmadinhas no ombro de Artur.

— Pronto — exclamou Melchior. E de pé, puxando as calças, o charuto flamejante: — e daqui para S. Carlos, hem, Artur? Vai dia cheio! — chamou o criado: — Dá a conta a este senhor, ó Vicente; depressa, hem? Bom jantarzinho, Meirinho!

Artur também achara o jantar excelente.

— Melhor que no *Espanhol* — acudiu Melchior — não é verdade? Você, Artur, o que devia era vir para cá, para o hotel. Aqui goza-se!

Meirinho disse com autoridade:

— E para quem se quer relacionar, nada melhor.

Artur já entrevira, com delícia, aquela possibilidade. E descendo para o quarto de Sarrotini, o tapete do corredor, o retinir de uma campainha elétrica, um criado apressando-se com um tabuleiro onde tilintavam louças, o som distante de um piano, iam-no persuadindo tentadoramente. Que interessante seria, viver ali!

— Quem é o Sarrotini?

— É o segundo baixo de S. Carlos — disse Melchior. — Grande pândego!

Abriram a porta do quarto, mas Melchior avistando um sujeito de gaforina frisada, que fumava, languidamente estendido no sofá, não entrou: tinham de ir a S. Carlos, não se podiam demorar.

Junto da porta, o Sarrotini, de jaquetão de veludilho sobre calças cor de alecrim, grosso e vermelho, abraçou Melchior, «el ilustre periodista»; apertou a cinta de Meirinho, «dileto amico»; deu um *shake-hands* apaixonado a Artur, falando um italiano misturado de espanhol, verboso e jovial.

Artur olhava curiosamente a saleta: várias pessoas conversavam animadamente, bebendo café; em torno das luzes de um piano aberto, havia uma imponderável névoa de fumo de charutos e um sujeito de óculos de ouro preludiava,

com o olhar errante no teto; sobre uma mesa estava uma rabeca, livros de música enchiam uma poltrona, e de pé, com gestos vivos, um rapaz de fato claro, falava violentamente: discutia-se Arte — e Artur, entusiasmado, ouvia os nomes de Courbet, Corot, Delacroix...

Mas houve um chuta! E um moço pálido, de buço claro, aproximou-se do piano, ajeitou os cabelos para trás das orelhas com um gesto doce, falou baixo ao pianista de óculos de ouro, e cerrando os olhos, com a cabeça inclinada, os lábios entreabertos, cantou. Pela letra, Artur reconheceu ser o dueto de *Romeu e Julieta:* era uma melodia de uma adoração mística e contemplativa, e a voz do moço pálido subia, numa suplicação extática, ao dizer:

Ce n‘est pas l’alouette.
Non, ce n‘est pas le jour;
C’est le doux rossignol, confident de l’amour...

Artur escutava, encantado: parecia-lhe ver, no ritmo da música, dois braços trémulos elevarem-se dos degraus de uma escada de seda para um balcão gótico, de onde se debruça uma forma branca, enquanto o rouxinol canta nos maciços de um antigo jardim...

Mas Melchior, fechando a porta, travou-lhe do braço e foi-o levando pelo corredor, ainda deslumbrado daquela *soirée* de Literatura e de Arte, tão rapidamente entrevista.

— Aquilo é que é passar noites —

disse ele.

— O amigo devia vir cá para o hotel — disse Meirinho.

Melchior insistia, achava que era melhor. E Artur, com um vago sorriso, antevia *soirées* como aquela, cheias de conversas originais, escutando música, na preguiça enternecida das digestões ricas.

— Talvez não haja quarto — lembrou, já seduzido.

— Ora essa! — exclamou Meirinho.

E como o guarda-livros passava assobiando, chamou-o logo, levou-o para um canto, e, como se tratasse um negócio grave, falou-lhe com animação: era um hóspede a mais; ele, o que queria, era que o hotel prosperasse, hem! E esperava que compreendessem que ele fazia tudo para

chamar hóspedes...

O guarda-livros tinha justamente, no terceiro andar, «um quartinho a calhar». E Melchior que se deleitava à ideia de vir jantar repetidamente com Artur, exclamou logo «que o deviam ir ver já, para dar o seu parecer...»

Era um quarto com estofos de repes azul e janela para a rua; a mobília, que à noite, à luz do gás, lhe parecia ter um tom rico, tentava-o. Mas a despesa! No entanto, pensava que era indispensável viver ali, para as suas relações literárias... Era mesmo hábil; depois, um artista devia estudar a vida, não nas suas nobrezas, mas no seu luxo.

— Tem por vizinha a Baretti, a segunda dama — disse o guarda-livros, piscando o olho.

— Rica mulher, caramba! — fez Melchior.

E Meirinho, tocando maliciosamente no braço de Artur:

— É o que lhe convém!

E aquela proximidade de uma cantora bonita, decidiu Artur definitivamente.

Meirinho, que voltava para o quarto de Sarrotini, foi-os acompanhar até à escada. Parecia mais afeiçoado a Artur desde que Melchior lhe dissera rapidamente «que o rapaz herdara um fortunão do padrinho». Apertou-lhe extremosamente a mão, dizendo:

— E à mesa hei de guardar um lugarzinho ao pé de mim. E para o que quiser, o meu forte é obsequiar... Hei de levá-lo à casa de D. Joana Coutinho.

Artur fez-se vermelho de prazer. Já se lá via, numa *soirée*, num recanto menos alumiado, murmurando palavras poéticas junto ao rosto d'*Ela*, da senhora do vestido de xadrez, que sorria por trás do leque.

— Parece-me boa pessoa este Meirinho — disse ele na rua a Melchior.

O outro rosnou, soltando uma baforada de fumo:

— Espertalhão!

Considerava já Artur como *seu* e a influência nascente de Meirinho dava-lhe um descontentamento azedado.

— Grande espertalhão — acrescentou.

E começou a explicar por que não quisera entrar no quarto do Sarrotini: é que estava lá a besta do Guerreiro

Mendes... Fazia-lhe mal aos nervos aquele animal!

Artur admirou-se: o Guerreiro Mendes? O autor da *Margarida*, um romance de uma paixão tão intensa, à Werther?

— É uma besta! — resumiu com tédio Melchior, que antes do jantar parecera a Artur tão cheio de bonomia, e que, agora, sob a ação do Colares e do conhaque, tinha nas expressões e nas opiniões uma dureza irritada. — Aí tem você S. Carlos: chique, hem?

Levou-o logo à bilheteira a comprar duas cadeiras «do lado do Rei» — o diabo do Saavedra não largava a cadeira do *Século!* Em baixo, pediu ao «porteiro amigo», a quem bateu familiarmente no ombro, o binóculo de *sô*

Mesquita; apagou o charuto meio fumado, que guardou a um canto, porque «os tempos não estavam para desperdícios» e tendo cofiado os bigodes — empurrou o batente verde.

***

Como escreveu, no dia seguinte, ao Rabecaz, Artur ficou deslumbrado com S. Carlos; «a majestosa arquitetura dos camarotes, a vastidão do palco, a soberba tribuna real e aquela sociedade elegante, silenciosa, escutando uma divina música, é realmente, amigo Rabecaz, impressionante!»

Cantava-se a *Africana*, e o pano erguera-se para o segundo ato. Sentindo-se olhado, ao atravessar para a sua

cadeira, Artur, atarantado, com todo o sangue na face, ia pisando sujeitos indignados.

— Oh, senhores! — exclamou alguém, torcendo-se furioso na cadeira.

Artur, aflito, nem pôde «pedir perdão», e imóvel na sua cadeira, com o chapéu nos joelhos, o espírito esmagado, pasmava para uma decoração de cárcere, onde uma dama gorda, cor de cobre, barbaramente ornada, junto a um catre onde um homem dormia, balançava, cantando, um leque de plumas. A sua voz cálida, revibrante nos agudos, lasciva nas modulações doces, deu-lhe um arrepio de emoção.

— É a Sassi — disse-lhe baixo Melchior. — Que lhe parece o teatro?

Artur fez apenas um movimento

admirativo com as sobrancelhas. Como Melchior disse depois, «durante todo o ato esteve embatocado». Os personagens, com os seus gestos melodramáticos, pareciam-lhe mover-se vagamente na instrumentação substancial e maciça, como numa atmosfera sonora de sonho. Olhava a decoração, as passadas selvagens de Nelusko, as duas colunas do proscénio, tocadas de alto a baixo de um vivo de luz, os camarotes que lhe pareciam muito distantes, a palidez dos rostos sob a luz do gás, e sentia-se envolvido numa harmonia magnífica e incompreensível, em que por vezes seguia, durante um momento, melodias delicadas que o tumulto da instrumentação bem depressa absorvia. A magnificência orquestral, junto à riqueza social que

sentia em redor, davam-lhe uma vaga opressão. Quando o pano desceu, respirou com alívio.

— Vamos ver o *gado!* — disse logo Melchior, erguendo-se. Saudou em redor com a mão: — Olé, Visconde! Viva, amigo Silva! — e depois de examinar rapidamente os camarotes, declarou com desdém que não estava ninguém decente — e que ia acabar o charutinho.

Intimidado pelo sussurro de vozes que se levantara na plateia, Artur não se mexeu. Os seus olhos saciaram-se dos detalhes, sofregamente. E da alta disposição dos camarotes, de um tom rico e escuro, do lustre com fulgurações de pingentes, pondo na tonalidade sombria relevos claros de envernizados brancos, e de dourados, da gravidade monárquica da

tribuna, desdobrando a sua cortina de veludo cor de cereja entre as cariátides hercúleas, dos Reis, das *toilettes*, das casacas dos homens, desprendia-se como que a evidência da grandeza da Capital e da magnificência da Monarquia. As mulheres, sobretudo, impressionavam-no: na compostura dos seus movimentos, na brancura dos seus pescoços, sentia a influência das genealogias que as enobreciam e dos palacetes que habitavam, admirou as luvas de oito botões e as formas dos penteados; desejava saber o que diziam, por que sorriam. Estaria *Ela?* Procurou-a até às torrinhas, com binóculo. Não a viu — e invadiu-o uma vaga melancolia. O jantar pesava-lhe, o calor amolecia-o Nas filas clareadas de *fauteuils*, reparava agora em

homens, de cabelo lustroso e bem cortado, com peitilhos resplandecentes, em atitudes lânguidas. O seu fato coçado separava-o daquela sociedade bem vestida, com ruge-ruge de sedas e gravatas brancas: havia em todas aquelas pessoas a afinidade de uma frequentação permanente, conheciam-se, sabiam, uns dos outros, os sentimentos, as fortunas, o timbre da voz, os parentescos; sentia-se vagamente um intruso: desejou ser titular — e que o Vitorino lhe mandasse depressa a casaca! Depois, pressentia naquela sociedade, instintivamente, uma indiferença pela Arte, pela Poesia, pelo Génio; havia nas maneiras alguma coisa de fictício, incompatível com a preocupação do Ideal, nas conversas, o que quer que fosse de ligeiro, que

denunciava a trivialidade das ideias. Parecia-lhe agora que o seu livro, os *Esmaltes e Joias*, todas as suas poesias, o seu drama, não seriam bastantes para interessar aquelas indiferenças — como, ai! o seu dinheiro era insuficiente para igualar aquelas elegâncias. Veio-lhe uma vaga melancolia, pelas excelências do seu coração desconhecido e as cintilações do seu talento inédito. E triste, com a desconsolação de se sentir mal vestido, de ser obscuro, tímido, olhava para o braço do rabecão, apoiado à grade da orquestra, pensando no seu quarto em Oliveira de Azeméis, nas noites vibrantes de trabalho, em tantas aspirações de então, que a presença de uma burguesia rica, próspera e aparentada, lhe fazia agora parecer irrealizáveis. E lembrava-

se de Oliveira de Azeméis, como de um elemento natural em que não contrastava.

Mas os músicos, saindo debaixo do palco, instalavam-se e afinações de rabeca corriam na orquestra: o público voltava e o pano, erguendo-se devagar, descobriu um galeão arrogante e decorativo.

Soldados com mosquetes passeavam no castelo da proa. Num cubículo baixo, um fidalgo, de gibão de veludo e gorro de plumas, media com um compasso sobre um mapa; e cercada de comparsas de faces avelhentadas e gastas, uma dama gorda cantava, sentada numa postura de sarau.

A desafinação dos coros irritava os diletantes: havia *ohs!* de escárnio. «Que escândalo!» rosnava-se

grossamente, com indignação. «Ih! Jesus!», gania-se com arrepios. Melchior, afetando horror de crítico, tapava os ouvidos. A dama corava, empalidecia, via-se-lhe um suor aflito — e não tirava de sobre o seio bojudo a mãozinha papuda. Mas uma sineta deu um toque melancólico, e soldados e marinheiros começaram, num canto largo, a orar a S. Domingos. Então, tacões patearam; um sujeito, ao lado, soltou uma brutalidade irritada. Melchior voltava-se para os lados, acusando o ensaiador, a empresa, o Governo, e acabou por se enterrar na cadeira, numa resignação sombria.

— Isto nem é S. Carlos, nem é nada! É uma choldra!

No entanto, Nelusko, aparecendo junto ao mastro, à proa, soltava, numa

grande atitude, o seu *Alerta!*

Alerta marinari
IlI vento cangia...

Apitos de manobra silvaram e na orquestra passaram os rumores grandiosos de um mar desencadeado, que brama sob a cerração temerosa.

Artur, entusiasmado, achava-se em plena *História Trágico-Marítima.* O período das Descobertas, que só conhecia por fragmentos, sempre tivera para ele uma poesia emocionante, e a antiquada estrutura do galeão, as plumas dos fidalgos, o farol primitivo no castelo de proa, atirando á primeira luz às águas virginais, davam-lhe visões de navegações heroicas: parecia-lhe ver as

caravelas do Gama, passando o Cabo; sentia a oração dos homens, com um grande medo no coração; ouvia o brado do mar, dando em vão nos penedos; os gritos que passam no ar e são a alma errante dos mortos naufragados... E aquelas imaginações da arte exaltavam-no retrospetivamente pelas realidades da história.

— Magnífico, Melchior! — disse baixo.

O outro acotovelou-o:

— Veja-me agora isto.

Era Nelusko, que, entre a marinhagem apavorada, com gestos temerosos e cavidades na voz, cantava a cólera do Adamastor. Palmas estalaram, houve gritos, de *bis!* O ruído dos aplausos eletrizou Artur; invejou a glória dos

maestros. Nelusko, com o suor luzidio sobre a face acobreada, agradecia, curvado, e a respiração ofegante erguia-lhe sobre o peito os colares de contas, barbaramente coloridos.

Mas o tenor, depois, desagradou: um murmúrio hostil correu nos *fauteuils*. — E quando, entre tiros de arcabuzes, o pano desceu, Melchior agarrou o chapéu:

— Ora sebo para esta *Africana!* Vamos a um cigarrinho lá fora.

Artur seguiu-o. Estava vagamente fatigado da atmosfera sobrecarregada das respirações, do gás, da admiração, do Colares. Aquela música forte, ressoando-lhe muito perto dos ouvidos, atordoara-o; não encontrara nela a sensação fina que lhe davam as melodias que conhecia, da *Lúcia*, da *Sonâmbula*, que lhe

espiritualizavam o cérebro e traziam às suas ideias, na alegria ou na melancolia, um ritmo cantante. E no pequeno patamar de pedra, em cima, junto ao bico de gás, fumava calado, ao pé de Melchior, com um amolecimento de todos os músculos, um vago bocejo geral.

Um sujeito que descia das ordens superiores embrulhando um cigarro, pediu-lhe «o favor do seu lume». A sua cabeleira, que parecia estopa negra, saía fora da aba do chapéu; era baixo, seco, com uma face trigueira e rapada de seminarista; usava lunetas azuis e a gravata de fustão com pintas brancas caía-lhe, num laço fofo, sobre a sobrecasaca estreita, apertada até acima.

Acendeu o cigarro e agradeceu cortesmente.

— Olha que melro! — rosnou Melchior.

— Quem é?

— O Jácome Nazareno, um republicano da súcia do Matias, um malandro!

Artur quis vê-lo melhor, mas o homem já desaparecera entre a multidão escura dos chapéus altos, que ao fundo dos degraus de pedra se movia num rumor pesado, de onde saía uma espessa fumarada de cigarros.

O Melchior, que parecia detestá-lo e temê-lo, explicava que era um desses *meninos* que tramavam contra o Rei, contra os fidalgos e que queriam a Comuna.

— Que está você para aí a falar de Comuna, seu Melchior? — disse,

parando, um indivíduo alto, de peito côncavo, nariz afilado, que trazia a gola do paletó erguida e tossia secamente.

— Olá, Inglês — fez Melchior — por aqui? Está cá a pequena?

O sujeito tossiu, cuspilhou:

— Está lá em cima com a Lola. — A sua voz rouca parecia difícil, de respiração escassa; os lábios entreabertos, anémicos, mostravam os dentes mal tratados.

— E como vai isso? — perguntou Melchior.

O outro encolheu os ombros, com um jeito triste dos beiços.

— Menos Vénus! Menos Vénus! — exclamou Melchior, chalaceando.

— Seu *gajo* — fez o outro, dando-lhe uma palmadinha no estômago, com um

tom canalha.

E curvado, tossindo, subiu devagar para os camarotes.

— Está com a Concha — disse logo Melchior — uma beleza, menino, a melhor espanhola que tem vindo a Lisboa. Que ele, está aqui, está na cova! Mas a Concha! — E muito entusiasmado: — Vamos a ver se a pescamos!

Entraram. Melchior, de pé, explorava as torrinhas com o binóculo: queria que Artur a visse! Era de endoidecer, uns modos de duquesa, uns olhos, uma cintura!...

Mas não a descobriu — e o pano ergueu-se.

No palco, finas arquiteturas ornadas de monstros quiméricos e de ídolos hieráticos, entre palmeiras cor de

bronze e florescências sanguíneas de catos, esbatiam-se numa pulverização de luz abrasada, como uma névoa imponderável de ouro faiscante.

Pausadas teorias de sacerdotes com barbas de estopa entravam lentamente, magros guerreiros corriam com gestos desengonçados, e as *bayaderas*, as carpideiras, formavam um bailado, que ora parecia um rito nupcial, ora um cerimonial funerário: cambraietas esvoaçavam misturando o negro e o branco, discos de metal retiniam, e a instrumentação, o canto, tinham gravidades de santuário e molezas de serralho.

Em redor, com risadinhas comentavam-se as dançarinas: havia exames lúbricos de pernas e de quadris, e

Artur impacientava-se com aquelas relices de luxúria, cortando sujamente a eloquência da orquestra.

Escutava, imóvel, com a pele arrepiada de admiração, devorando a decoração ardente, o girar das bailarinas, e vinham-lhe pensamentos, reminiscências, sentimentalidades vagas, logo dispersas pelas rajadas da instrumentação. Todo o seu ser, levado nas massas de harmonia, vibrava das emoções que elas continham; os seus ombros vergaram-se quase num movimento de adoração, ao aparecer de Celina, triunfal, no seu *palkê* refulgente de pedrarias, sob dosséis de plumas. Teve o mesmo êxtase que Vasco da Gama, ao penetrar num recanto de bosque sagrado, em que os aromas têm uma sensualidade

venenosa, gorjeios raros erram numa flora flamejante e águas brandas gotejam de taças de jaspe; as largas frases de Nelusko encheram-lhe o peito do sopro das paixões grandiosas; sentiu, com o dueto, todas as febres de um amor asiático e mortal e quando, aos cantos suaves do galeão que se afasta, o pano desceu, ficou como que esmagado, com um cansaço de alma, piscando os olhos ainda cheios dos deslumbramentos da decoração, trémulo de todas as sensações sobrenaturais que percorrera.

Melchior, esse, estava desesperado com o tenor, tinha vontade de lhe dar uma desanda... Um sujeito com tons oleosos na pele e um raminho de alecrim no fraque, quis aplacá-lo: era tão bom rapaz, o tenor...

— Eu não lhe vou às ceias, eu não lhe vou às ceias — interrompeu Melchior irritado, saindo.

— Olha o asno do Melchior — disse o sujeito olhando em redor, atónito. — Forte asno! Que quer ele?

E ia seguindo, ao comprido das cadeiras, com grandes gestos, explicando aos que o interrogavam sobre a sua cólera:

— É o asno do Melchior! Que quer ele? Forte asno!

Artur examinava preguiçosamente os camarotes, quando de repente, na primeira ordem à esquerda, a viu, a *Ela*, à senhora do vestido de xadrez! Que surpresa! O binóculo tremia-lhe na mão. Estava com outras senhoras, uma delas, de idade, de luneta de ouro, e decerto, até aí,

se conservara no fundo do camarote. Com as costas para o palco, voltava o rosto levemente, olhando em baixo a plateia: Artur reparou no seu vestido, escuro, cor de vinho; a luz contornava docemente a adorável redondeza do ombro e a manga punha-lhe em redor do cotovelo um fofo de rendas brancas; com a mão nua onde reluziam anéis, batia no veludo do rebordo, devagar, distraidamente, como num teclado de piano. Toda a fadiga, toda a melancolia de Artur desapareceram. As coisas ambientes adquiriram um encanto inesperado: uma luz mais viva saía do lustre; já se não sentia isolado nem obscuro! Ela decerto se lembraria, repetiria o doce olhar da estação de Ovar. Esse. olhar, queria atraí-lo: fitava-a com intensidade, com magnetismo; tinha

vontade de bater as palmas, soltar um grito. Empurrou violentamente uma cadeira: ao lado um velhote que dormitava, encarou-o, estremunhado, com uns olhinhos subitamente arregalados. Sentou-se então, desesperado. Ela agora falava para o fundo do camarote e ele via o seu *catogan*, onde reluzia alguma coisa de vermelho, flor ou enfeite.

Tinham suprimido o dueto das damas — e o pano ergueu-se, mostrando a negra mancenilheira, numa praia áspera, junto a um mar triste, por uma noite de Lua cheia. As rabecas, em uníssono, romperam os *16 compassos*.

Aquela harmonia, que lhe pareceu sobrenatural, mística, imobilizou-o: invadia-o uma sensação estranha, como se os arcos das rabecas lhe tocassem sobre

os nervos. Ela, agora, olhava para o palco com o binóculo de marfim, e aquela música, que ora parecia a Artur a expressão do vento e do mar numa região desolada, ora o queixume transcendente de uma grande alma ferida, dava-lhe um delírio de amor poético: todo o seu ser sensível se lançava, numa necessidade de adoração, para aquele camarote da primeira ordem; desfalecia à esperança de lhe beijar as mãos; quereria saber-lhe o nome; decidia imortalizá-la num poema e a sua alma estendia-se pelas longas arcadas das rabecas, toda desfalecida de paixão e dolorida de saudade.

Celina, entrando lugubremente sob os seus longos crepes, reteve-lhe o olhar um momento. Quando se voltou, o camarote estava vazio e um sujeito de

casaca, que se adiantara, sentou-se no lugar d'*Ela*, bocejou discretamente e ficou imóvel com a cabeça apoiada ao tabique, catando os pelos do bigode...

E Melchior não voltara, e ele não pudera saber quem *Ela* era!

Todo o encanto do teatro desapareceu e o canto de Celina, a instrumentação, pareceram-lhe muito distantes, recuados infinitamente para um fundo vago e luminoso.

Um sujeito tocou-lhe no braço:

— Olhe que o chamam.

Era Melchior que da portinha lhe fazia gestos impacientes. Tinha de ir à redação, estava-se a fazer tarde... Estivera no palco, ao cavaco.

Saíram. Os trens punham no largo escuro fileiras de luzes avermelhadas ou

pálidas; grupos recolhiam, onde se destacavam as capas brancas das senhoras. No céu, muito negro, havia uma cintilação de estrelas. Melchior assobiava os *16 compassos* e Artur, ao pé, calado, com a gola do paletó erguida, ia pensando em coisas vagas que faria para revelar o seu talento, conhecê-la a *Ela*, falar-lhe, ser ilustre como Meyerbeer, bem-vestido como o visconde. Reminiscências das melodias do bailado passavam-lhe no cérebro, via a Lua cheia luzir o mar triste, por trás da mancenilheira...

— Então, gostou-se, hem? — perguntou Melchior.

— Se lhe parece!

Na saleta da redação, sob o bico de gás, um sujeito de barba grisalha revia as provas. Ergueu os óculos para a testa,

fixou Artur, rosnou um *olá* e depois de tomar uma pitada:

— Há mais alguma coisa a mandar, Melchior?

Melchior pareceu ter uma ideia, olhou Artur, sorriu, e sentando-se com o chapéu para a nuca, molhou a pena, meditou com os cotovelos na mesa, os olhos cerrados, cofiando o bigode com a mão gorda e trémula: escreveu, riscou, entrelinhou e por fim, depois de pigarrear:

— Ora ouça, lá, Artur. — Leu: — «Chegou à Capital e acha-se hospedado no Hotel Universal, o nosso amigo e esperançoso poeta Artur Corvelo» — Artur fez-se escarlate — «que brevemente vai publicar o seu formoso livro *Esmaltes e Joias*. Alguns dos trechos que ouvimos farão por certo sensação.» — Hem?

Artur, com a voz tomada, bateu apenas no ombro de Melchior repetidamente:

— Obrigado, obrigado!

O revisor olhava-o pelo canto do olho, cinicamente.

Daí a pouco, na tipoia que batia a trote para o *Espanhol*, Artur resumia o seu dia. Fora maravilhoso: fizera fato, jantara no *Universal*, conhecera deputados, o baixo Sarrotini, o bom Meirinho, vira-a — a *Ela* — tão linda no luxo da ópera, entre as harmonias divinas da *Africana*, e finalmente, pela local, entrava na celebridade! Sentia-se agora em Lisboa como no seu elemento natural; a vida ser-lhe-ia fácil, sem abalos, luminosa: os *Esmaltes e Joias* torná-lo-iam ilustre; pelo Meirinho conhecê-la-ia,

a *Ela* — amar-se-iam; teria outros dias divinos, com bons jantares, uma ópera escutada de casaca nas cadeiras, e *Ela* do camarote, sorrir-lhe-ia de um modo disfarçado e lânguido. A tipoia parou.

— Quanto é?

O cocheiro saltou da almofada:

— O que V. Ex.ª quiser.

Artur, num movimento de generosidade, de reconhecimento supersticioso ao destino, deu-lhe dez tostões.

— Muito agradecido a V. Ex.ª, Sr. Marquês!

No seu quarto, foi direito ao espelho: achou-se bonito, com um ar próspero. Espreguiçou-se, numa voluptuosa confiança na vida. E daí a pouco, sonhava que passeava com *Ela*,

num bosque sagrado, junto de um templo índio: dos tamarindos em flor vinha o cheiro forte do pelo fulvo das feras; um faquir, nu, descamado, anquilosado, contemplava filosoficamente o umbigo e tigres familiares rondavam, com a língua pendente e vermelha, como pedaços de sangue coalhado.

4

Artur, ao outro dia, instalou-se no *Hotel Universal*. Arrumou a sua escassa roupa branca na cómoda, dispôs sobre a mesa, coberta de um velho pano de pelúcia, cadernos de papel branco e penas novas, e, junto da janela aberta, enterrado numa poltrona de molas rangentes, saturou-se da sensação de luxo que lhe davam os repes azuis, o alto espelho, os cortinados da cama, e o Chiado, em baixo, com o seu movimento de rua rica: aqueles confortos traziam-lhe como que um enobrecimento de toda a sua personalidade.

Sentia, contudo, um remorso indefinido, pensando na pobreza em que

as tias viviam; mas, que diabo, não era com o dinheiro delas que ele se regalava de bons jantares e pagava aquele quarto caro. E depois, esse luxo era-lhe necessário para a sua profissão literária, como um meio de reclamo e de estudo social.

Sentia-se, todavia, um pouco só. Meirinho fora para o Porto, Melchior não aparecia e Artur não tinha voltado à redação, porque julgando-se conhecido desde que fora publicada a local do *Século*, não queria mostrar-se sem o seu fato novo. Ocupou-se então em completar os *Esmaltes e Joias:* tinha um plano de poesias novas, suscitado pela impressão que lhe fizera Lisboa — a *Nova Babilónia*, e o *Galeão*, em que queria versificar os vagos entusiasmos do tempo

das Viagens e das Descobertas, inspirados pela música da *Africana*. Mas estava «sem veia». As comidas davam-lhe um lânguido bem-estar enfartado que lhe entorpecia a imaginação, e o rumor do Chiado, a vaga sussurração da cidade, traziam-no numa distração enleada. Com a janela aberta ao dia esplêndido de um inverno luminoso, fumava, cismando em passeios, *soirées* a que assistiria, futuras críticas dos *Esmaltes e Joias*, aplausos de teatro, gravatas que ambicionava — e com preguiça de trabalhar no seu livro, ficava-se a contemplar, numa vaga e distante fulguração, a celebridade que ele lhe traria.

Por esse tempo recebeu uma carta do Rabecaz que o exaltou: a notícia do *Século* — de que ele remetera para

Oliveira seis exemplares — tinha feito sensação na vila. Ao que parecia, aqueles mesmos que nunca lhe tinham falado, afirmavam agora ter-lhe sempre compreendido o génio e antevisto os altos destinos. O Vasco da botica lia a local a todos os fregueses «para que soubessem que espécie de homem era o seu ajudante». O Carneiro gabara-se na Assembleia de que administrava a fortuna. «E eu» — concluía o Rabecaz «que conheço Lisboa e a rapaziada, todos os dias digo bem alto a esta cambada, que você, e é a minha convicção, vai a ministro!»

Como se aquela glória parcial de Oliveira tivesse saciado por algum tempo a sua gula de celebridade, abandonou todo o trabalho. O Vitorino, muito instado,

urgido, mandara o fato; tinha comprado uma boquilha de espuma que representava uma cabeça de cocote, e, como um cavaleiro impaciente de usar as suas armas, envergou a sobrecasaca nova, e começou «a gozar a rua». A sua vida tinha agora grandes doçuras: o seu melhor momento era, depois do almoço, quando se encostava à janela, a fumar o seu charuto: os dias estavam muito claros, com um pó dourado de luz; no Chiado, os pregões cantavam, os trens rolavam, e ele, no indolente entorpecimento da omeleta e do bife, olhava do alto, com a pupila húmida de bem-estar, a vida em baixo reinar, mover-se, e atirava para o céu luminoso baforadas brancas do charuto caro. Depois, vestia-se com cuidado, encharcava-se de água-de-colónia, e, de

luvas claras, ficava um momento à porta do hotel, saboreando a entrada larga, o guarda-portão decorativo; em seguida, ia à Casa Havanesa florir-se com uma camélia, e de boquilha em riste, fazendo vergar a *badine*, descia o Chiado, errava pela Baixa, dava uma volta no Aterro, numa moleza de vadiagem, procurando encontrá-la, a *Ela*. Mas todas as mulheres novas lha faziam esquecer, voltar-se, com a esperança indefinida de que ia ser amado por esta ou por aquela, impressionadas pela sua figura, pela sua sobrecasaca azul e pela local do *Século*. Dava um olhar distraído às vitrinas dos livreiros — sentindo sempre, por um momento, o desejo agudo de produzir, ver-se impresso: voltaram-lhe então vagos desejos de celebridade literária,

mas o rodar de uma carruagem de libré, os cortes de seda numa montra, dispersavam-lhos subitamente — e abandonava-se às ambições indefinidas que o agitavam agora, de frequentações ilustres, amores fidalgos, assinatura em S. Carlos e uma carruagem da Companhia. Depois, vinha de novo estacionar à porta da Casa Havanesa; e sentia um deleite indefinido em estar ali, imóvel, vendo em redor grupos de deputados, de janotas, de empregados, dilatando-se às emanações intelectuais e sociais que lhe pareciam sair das conversações, dos perfis, das atitudes. Era sempre com uma satisfação vaidosa que, ao ouvir, às seis horas, a sineta do jantar, ia descendo para o hotel: já a tarde caía e aquele crepúsculo de cidade, à hora que precede o gás, tinha

para ele um tom rico, superior, interessante. Da escada do hotel até à mesa saboreava triunfozinhos — o cumprimento do guarda-livros, o pisar do tapete do corredor, o lustre aceso, os ramos de flores no meio das mesas, o sorriso polido do Padilhão, o adeusinho com dois dedos do Carvalhosa, o respeito dos criados de gravata branca. Comia com um apetite provinciano e os nomes franceses dos pratos, aumentavam-lhes o sabor.

Depois, farto, pesado, com uma vaga voluptuosidade, descia ao Martinho, olhando intensamente as mulheres que passavam, recebendo do movimento do Chiado uma vaga excitação.

No café, encontrava geralmente solitário, diante da sua chávena, o sujeito

de cabeleira semelhante a estopa negra, o Jácome Nazareno — o malandro, como dizia Melchior. Artur olhava-o com insistência, imaginando-o chefe de sociedades secretas, temido do Rei, vigiado pela polícia; aquele homem, que julgava ser uma força social, cuja vida, decerto, se movia num perigo dramático incessante, atraía-o com uma simpatia crescente. Ia sentar-se a alguma mesa próxima e espreitava-o por trás de um jornal desdobrado. A sua atitude isolada, fria, muda, dava-lhe a ideia de planos secretos, de preparativos de revolta, que punham na vida de Lisboa um lado pitoresco, parisiense, de insurreição e de tragédia.

À noite, ia a S. Carlos. Tinha comprado um binóculo, e para gozar o

cumprimento dos porteiros que já começavam a reconhecê-lo, tomava sempre o mesmo lugar, do lado do Rei. De resto, encontrava às vezes o Saavedra e gostava de lhe apertar a mão publicamente. Depois, procurava-a, a *Ela*, pelos camarotes. Não a tornara a ver, mas o canto, as decorações, consolavam-no; todas as mulheres o impressionavam e amaria qualquer outra de quem recebesse um olhar como aquele que recebera da senhora do vestido de xadrez, na estação de Ovar; às vezes, acontecia que alguma senhora, num camarote próximo, atraída pelo seu binóculo insistente, reparava nele, fixando-o um momento com curiosidade: Artur exaltava-se logo, entrevendo encontros providenciais, uma paixão dramática, lágrimas, poemas;

depois não pensava mais nisso: ela não tornara a olhar — e ele refugiava-se de novo na preocupação da sua desconhecida, como se o amor fosse um complemento tão necessário à frequentação da ópera, como a casaca ou a flor na lapela.

Quando entrava, à noite, no seu quarto, vinha-lhe uma tristeza mole: a música, as luzes, a presença das senhoras, excitavam-lhe os nervos; o rolar dos trens, as janelas alumiadas do restaurante Silva, davam-lhe ideias de ceias, de *rendez-vous* noturnos, e desconsolava-se da sua vida estéril, desejando amores fidalgos e orgias sonoras. Se tivesse um título! Se ao menos fosse camareiro do Rei! E passeava pelo quarto, de casaca, retardando o momento de a despir, como

se ela representasse a encarnação da vida social que o cativava.

***

Certa manhã, descendo tarde para o almoço, encontrou na sala de jantar o Meirinho, que de madrugada chegara do Porto. Viram-se com júbilo. Que tinha ele feito, o amigo Artur? Tinha visto o maganão do Melchior? Tinha-se divertido?

Artur queixou-se vagamente «de ter estado um bocado só...»

— Ah, mas agora estou eu! — exclamou Meirinho afetuosamente. Pareceu reparar com satisfação na *toilette* mais correta de Artur. Afirmou-lhe «que estava um janota» — e julgando-o,

decerto, bastante bem-vestido para se relacionar, aconselhou-lhe que se fizesse sócio do Grémio. E se ele quisesse levava-o a casa de D. Joana Coutinho! Ela teria muito gosto!

Artur fez-se rubro de alegria. E reconhecido, interessou-se pela jornada de Meirinho. Muito fatigado, decerto?...

— Derreado, amigo — disse Meirinho lamentosamente. Suspirou: — Já não estou para estes excessos! Já não estou! — Ficou um momento a olhar a parede, como se ali visse, num desenho claro, a representação das suas antigas forças, e disse, pousando delicadamente o talher: — Pois olhe que fui forte, menino!

Contou, então, proezas de vitalidade, que personagens ilustres tinham admirado: andar cinco dias de

caminho de ferro, passar três noites em claro... E com um risinho lúbrico:

— E pior! pior!

Descreveu façanhas amorosas... Ah, bons tempos!

— Uma sombra do que fui, meu caro senhor! — E com um tom mais grave: — Em todo o caso, para prestar serviço a um amigo, ainda sou homem para andar um dia e uma noite...

Sorveu o fundo do café, limpou a barba e, erguendo-se, espreguiçou-se: mas pediu logo desculpa daquele abandono familiar — que enfim, entre amigos, entre patrícios...

— Que eu sou do Porto, sou da província...

Riu, sem motivo, com a pele em redor dos olhos muito franzida. Achou a

Artur melhor cara.

— E o nosso bom Padilhão? Belo rapaz, hem? Venha fumar um charutinho cá acima ao meu quarto...

Estava alojado no segundo andar. O quarto, mais largo, melhor que o de Artur, tinha um arranjo minucioso. Havia, metido, num vaso, um espanador de penas, com que ele mesmo perseguia o pó nas frinchas cerradas. Entalados no caixilho do espelho, tinha todos os cartões de visita das pessoas que o visitavam, como a exposição heráldica das suas relações, sobre a cómoda, dispostos em semicírculo, em *passe-partouts* de marfim, figurava a galeria dos seus entusiasmos: — a Rainha, sentada no peitoril de uma janela ornada de hera, a Imperatriz Eugénia, fazendo um rosto

digno de viúva ilustre, *Mademoiselle* Theo, das *Bouffes*, com um sinal assassino, quase na ponta do seio esquerdo, Pio IX, com o seu sorriso quente de pontífice amável, Paulo de Kock, de peliça, Vítor Emanuel, com a sua face de buldogue heroico — e sobre o toucador, uma pregadeira bordada a matiz ostentava um rótulo, como um objeto de museu: — «oferecido no meu dia natalício pela nobre Marquesa de Folhes.»

Meirinho tinha-se estendido languidamente na poltrona e olhava com satisfação os seus chinelos bordados a missanga. Pela vidraça aberta, uma aragem enfunava os repes das bambinelas; defronte, numa janela de peitoril, uma criada sacudia um tapete e os ruídos da rua tinham uma tonalidade alegre, na

manhã muito luminosa.

— Como estará o cãozinho! — disse Meirinho com um sorriso comovido. Pediu licença a Artur para se tornar a espreguiçar, e olhando-o, batendo as pálpebras: — Está-me a chegar a soneca. Quem lhe fez a sobrecasaca? está bem boa.

Artur mirou-se no espelho: parecia-lhe boa, hem?

— Muito boa! — E fitando-o gravemente, como numa resolução profunda: — Mas rica obra vou-lhe eu mostrar!

Levantou-se com esforço e foi tirar do guarda-roupa atulhado um paletó leve, cor de café, com bandas de seda. Expô-lo à luz da janela, e muito sério:

— Que me diz a esta riqueza?

Artur soprou o fumo do charuto para o lado:

— Muito bonito!

— Hem? Pois posso ceder-lho.

Artur, embaraçado, disse:

— Não, não...

— Posso ceder-lho! Palavra! — insistiu Meirinho. — E pelo preço, com franqueza! Nunca o pus. Não me tenho atrevido, é muito claro para a minha idade! Vista-o, vista-o!

Ele mesmo lho enfiou rapidamente, com uma destreza serviçal de criado fino, assentou-lho nas costas, esticou-o — e levando-o diante de um espelho:

— Parece um príncipe! Hem, que chique? Foi feito para si, com certeza! Fique com ele, com franqueza... Cinco

libras. É de graça. É de Paris, de um grande estabelecimento. Aqui não lho faziam.

Artur, tentado pelo paletó e para condescender com o Meirinho, aceitava, corando, quando ele, com um gesto da mão espalmada:

— Perdão, podemos fazer outra coisa.

Foi à cómoda e trouxe solenemente uma pequena caixa de marroquim verde; e com uma lentidão grave:

— Meu caro senhor, vai ver uma preciosidade!

Era um par de pistolas, muito reluzentes, num fundo de veludilho preto.

— Hem? Um primor.

Fez jogar os fechos, colocou-se

em atitude de duelo, depois em posição de suicídio. — Que era para rir, ele não se queria matar: o homem que atentava contra a própria vida, era um ateu! Já ouvira essa opinião a pessoas muito instruídas — era um ateu! Depois, fez pontaria aqui, além; explicou a justeza do tiro... Nenhum rapaz elegante podia estar sem um par de pistolas. Em Lisboa era mesmo malvisto! Dava chique num toucador. O conde de Lambertini, o Alonso, Paulo de Cassagnac, Espeleta, todos os grandes atiradores de Paris tinham daquelas pistolas! O preço era prodigioso: cinco libras! Talvez não acreditasse, nem lhe via nos olhos que não acreditava. Pois era verdade, e a coisa explicava-se...

Mas não a explicou: pôs-lhe a

caixa na mão, dizendo:

— Não falemos mais nisso. O paletó, o par de pistolas — dez libras. Que achado, hem? Mas enfim, fomos companheiros de viagem, vivemos no mesmo hotel, somos patrícios... Ora aí está!

Artur, corando, disse que não tinha ali no bolso...

— Tolice! — interrompeu Meirinho, com um grande gesto. — Logo, amanhã, quando quiser...

Espreguiçou-se: positivamente ia fazer a soneca, que a viagem fora maçadora. Ah, tinha-se lembrado dele...

— Quando nós trouxemos o cãozinho, porque o amigo ajudou-me: eu disse-o à Sr.ª Marquesa de Folhes. — Sorriu na sua bela barba clara. — Como

estará ele, o amor! — Bocejou enormemente: — Pois positivamente vou à soneca.

E Artur, saindo com o paletó no braço e a caixa de pistolas na mão, ouviu-o ainda do corredor cantarolando melancolicamente:

Si tu n'avais rien a me dire
Porquoi venir auprès de moi!...

Aquela despesa inesperada contrariou Artur. Já por vezes lhe tinham vindo inquietações de dinheiro... As libras iam-se, iam-se! Estava em Lisboa havia quinze dias e já gastara *cinquenta libras!* Em quê, Santo Deus? Pôs-se a escrever as despesas que recordava — o fato, o chapéu, a boquilha! Mas quê!

faltavam dezoito, vinte libras talvez. Aterrou-se, quis recordar quantas cadeiras em S. Carlos, quantas luvas, quantas tipoias... Confundiu-se, atirou a pena, impaciente, irritado contra a brutal evidência dos números. Decidiu-se, então, a uma economia cautelosa...

Mas apenas na rua, sentia-se logo fraco, sem resistência contra as tentaçõezinhas, as pequenas vaidades: comprava «mais» um par de luvas, tomava em S. Carlos uma «cadeira», em lugar de uma «geral», decidindo sempre que seria a última vez. Desde que fora com Melchior ao Mata comer ostras, tomara o hábito daquela ceia, e para não perder a consideração do criado, apesar dos seus remorsos bebia um *Sauterne* caro e dava dois tostões de gorjeta.

Justificava-se vagamente, pensando que a publicação dos *Esmaltes e Joias*, a representação dos *Amores de Poeta*, encheriam de novo os cartuchinhos de libras que tinha no fundo do baú, alguns já com o papel vazio e amarrotado.

A conta do hotel que lhe foi apresentada por esses dias, decidiu-o a ir falar com Melchior para a impressão imediata do volume. Queria-se mesmo mal por aqueles remansos ociosos, gastos na rua: o drama, representado, dar-lhe-ia todas as noites seis ou sete libras e via já o seu retrato vendido nas lojas, os folhetins cheios da sua biografia. Já àquela hora poderia ter os seus recursos regularizados, ser conhecido d'*Ela!* E numa súbita impaciência, foi à redação do *Século*.

No começo da Rua do Correio, porém, encontrou Melchior. Vinha com um indivíduo baixo e cheio, de barba preta, fina, a carne mole e baça, as pálpebras inflamadas; a fita do chapéu era gordurosa e o colarinho parecia enxovalhado de roçar no pescoço gordinho; sobre o peito do jaquetão abotoado, pendia um *pince-nez* enorme de vidros defumados, preso por uma larga fita de *moiré*. Era o poeta Roma, autor estimado dos *Idílios e Devaneios*. Teve apenas para Artur um movimento seco de cabeça. E quando Melchior lhe disse que o amigo Artur estivera em Coimbra, teve um sorrisinho franzido, um pouco fungado, e em toda a sua pessoa roliça uma reserva mole. Parecia constipado e de vez em quando ajeitava as calças para cima, com um

gesto torpe.

— Ideias muito exaltadas cá o amigo! — disse Melchior, batendo no ombro de Artur.

— Esperemos que não nos venha fuzilar! — acudiu o Roma.

Quando falava, torcia ligeiramente a boca.

Artur fez-se escarlate. E constrangido pelo aspeto do Roma, disse a Melchior «que ia ali ao Correio», perguntando «quando se poderiam encontrar»?

— Homem, não se incomode, vou jantar com você. Às seis, hem?

Artur sentiu o Roma dar uma risadinha, ao travar o braço de Melchior. Voltou-se e o poeta, pelas costas, pareceu-lhe mais odioso ainda, com os quadris

gordos, as calças esfiadas atrás, a cabeleira seca, cobrindo um cachaço espesso.

Melchior foi pontual, e logo da porta, deitando o chapéu para a nuca:

— Diga cá. Você teve alguma coisa com o Roma?

— Não... Nada. Era a primeira vez que o via!

— Pareceu-me — disse Melchior. E acrescentou, com palavras vagas, que a rapaziada devia ser unida. Questões literárias não serviam para nada... E atirando-se para a poltrona: — Então que me queria você dizer:

Artur explicou: desejava fazer imprimir os *Esmaltes e Joias*.

Segundo Melchior, nada mais fácil: o Gonçalves, o revisor, o das

barbas, um espertalhão, levava-os aos Castros, que lhe faziam um volume catita; depois, o Gonçalves se encarregaria de o pôr nos livreiros à comissão. Lá em editor nem pensar. Um editor para um livro de poesias — era mais fácil achar um diamante no Chiado. Que se fiasse nele!

Artur concordou, e falou dos *Amores de Poeta:* desejava fazer uma leitura a um diretor de teatro. O melhor parecia-lhe o D. Maria...

Melchior, fazendo beiços grossos, cofiava o bigode, calado.

— Isso é mais sério — murmurou por fim.

Artur olhava-o quase ansiosamente.

— É mais sério — repetiu o outro, com um bamboleamento grave de cabeça.

Mas a sineta do jantar tocou, e Melchior ergueu-se de um salto: — estava a cair de fome! E lavando ruidosamente as mãos:

— Havemos de pensar nisso. Isso é mais sério.

Por timidez Artur não insistiu, e mesmo, tirando-lhe a escova das mãos, escovou-lhe nas costas o jaquetão claro.

A extremidade da mesa, junto à porta, estava deserta: sentaram-se ali, e logo depois Meirinho apareceu, esfregando as mãos, jovial, refeito pela soneca; daí a pouco entrou o Padilhão, grave, e, como disse Melchior, «fizeram uma panelinha catita».

Artur, no centro, dilatava-se de prazer. Logo depois da sopa, que era uma má *purêe de petits pois*, e a propósito da

nomenclatura francesa dos *menus*, Meirinho contou anedotas de Paris: era muito bonapartista. Segundo ele, «depois do Império, a França decaía a olhos vistos, Paris já não era Paris». Era também a opinião do Padilhão, que tinha ideias católicas e o amor da aristocracia. Lembrando o Império, Meirinho contou uma história, ligeiramente obscena, da princesa Matilde, «que era de resto uma excelente senhora». Vieram anedotas suas: Melchior disse a do padre surpreendido pelo marido, Meirinho acudiu com a do padeiro e o Padilhão, com a sua bela face pálida, contou, imitando as vozes, a da inglesa e do gendarme. A cada trecho mais torpe, torciam-se de hilaridade: às vezes ficavam sobre os pratos, fungando ainda um momento do sabor da

indecência. Aquilo punha ali um canto privilegiado de alegria chula, e sujeitos graves, no fundo da mesa, mastigando, olhavam com inveja aquele grupo divertido, todo próspero de riso e de chalaça. Um indivíduo de óculos reclamou mesmo, do topo da mesa, «que contassem alto».

— Isto é cá para nós — gritou Meirinho — isto é cá para a panelinha!

Artur recostou-se com satisfação, feliz de ser «da panelinha». Ria exageradamente: contou também uma porcaria e ficou lisonjeado da gargalhada do Meirinho, do riso solene do Padilhão. Acharam-no engraçado. Então Meirinho lembrou que ele devia *pagar a patente*, com uma garrafinha de *Champagne*, mas acrescentou logo, batendo na perna, que

estava a brincar, que era chalaça. Artur porém, insistia — queria *pagar a patente* — e Meirinho, imediatamente, pediu uma garrafa de *Cliquot*. Foi um momento muito cordial de simpatia expansiva.

— Você calha-me, Artur — dizia-lhe Melchior; e como Meirinho e Padilhão falavam de relações, de *soirées:* — Sabe você o que me parece? É que antes de levar o drama ao D. Maria, você devia conhecer a rapaziada.

Mas como? Ele não podia ir em romaria, pelas casas dos poetas, dos folhetinistas, apertar mãos, travar amizades!...

— Tem-me estado a lembrar — disse Melchior, pondo o cotovelo na mesa, falando-lhe infimamente — é necessário apanhá-los juntos. Sabe como?

Num jantarinho.

E muito prolixamente explicou que os literatos eram uns esquisitos. Necessitavam de considerações. Não havia como um jantar: — Você convida os principais, e antes da sopa, zás, lê-lhes as principais passagens do drama. Ao outro dia a imprensa fala, a coisa chega aos ouvidos dos empresários, já prevenidos: e como o drama é bom, traz! Logo em seguida, distribuiçãozinha dos papéis, etc... etc...

Artur, radiante, via-se já no palco, cercado de atrizes lindas, distribuindo criações!

— E depois, há o prazer do jantar — acrescentava Melchior. — Veja você o que nos temos divertido hoje. E então estando a rapaziada! São anedotas,

chalaças, saúdes, uma pândega, imperial. Que diabo, são oito ou dez libras!

— Artur encolheu desdenhosamente os ombros.

— Pois não lhe parece, Meirinho?

Meirinho, esclarecido, concordou com entusiasmo. Era como se fazia em Paris. Era *chic*, era de *gentleman*. Podia-se arranjar um jantarinho delicioso. Era deixar a coisa com ele...

Artur calava-se. Via-se à cabeceira de uma mesa resplandecente e os literatos erguendo para ele, num *toast* frenético, os copos esguios do *Champagne!*

— Há uma dificuldade — disse Melchior. — É que aqui o amigo não conhece ninguém e não pode convidar... Convidar quem? Se ele não conhece

ninguém. Aí é que está!

Meirinho refletiu, passando a mão pela barba.

— É contra a etiqueta — murmurou.

Padilhão, consultado, afirmou que era «inteiramente fora dos hábitos».

— É o diabo! — rosnou Melchior.

E calados, um instante, no embaraço daquela dificuldade, iam mastigando o pudim.

De repente Melchior bateu na testa. Uma ideia! O meio era convidar ele! Ele conhecia toda a rapaziada, convidava, apresentava Artur, que era o herói da festa, lia o seu drama, etc... Hem? — E acrescentou baixo:

— Você, já se sabe, paga o jantar; eu convido, e zás! Hem? Catita, não?

Meirinho aprovou: era o melhor! E muito juntos, cochicharam, combinando a festa.

— Que diabo estão vocês para aí a conspirar? — perguntou o sujeito de óculos, que decerto se aborrecia no topo da mesa e que aquela animação íntima, limitada aos da «panelinha», irritava.

— Nada! Depois se verá! — disse Melchior.

Meirinho, muito interessado, tinha agarrado na manga de Artur:

— Uma coisa elegante — dizia — duas sopas, *hors-d'oeuvres*, duas entradas, assado, caça, *entremets*, um jantarinho para quinze libras...

Artur assustou-se com o preço... Mas os aplausos! A publicidade! Disse mesmo, para parecer largo:

— Sim, quinze ou dezasseis libras...

Meirinho chegou-se-lhe ao ouvido:

— É necessário convidar o Padilhão, homem da sociedade.

— E o Saavedra — acrescentou Melchior, do outro lado — pessoa de influência.

— Com o *menu* impresso — lembrou Meirinho.

— Para ir para os jornais — acudiu Melchior. E esfregou as mãos com grande júbilo.

— O jantarinho de casaca — disse Meirinho.

Melchior que tinha a casaca no prego, escandalizou-se: isso estragava tudo! Era um jantar de rapazes, sem

espalhafato. Nada de *poses!*

Esboçaram a lista dos convidados. Naturalmente os quatro, «a panelinha». Depois, Meirinho lembrou pessoas tão inúteis como o velho D. Frederico. Cada um queria trazer o seu íntimo. Enfim, Melchior, conciliador, disse:

— Você é quem dirige o jantar, Meirinho, mas eu sou quem convida. Eu é que sei que rapaziada se precisa. Divisão de trabalho! Cada um na sua repartição!

— Há de ter um jantarinho falado — afirmou Meirinho.

— E uma sociedade!... — disse Melchior. E deu um assobio admirativo.

Deslumbravam Artur. Iam aperfeiçoando o plano primitivo: além da leitura, poderia haver música; seria necessário convidar o Sarrotini; para

fazer um brinde à imprensa, convida-se o Carvalhosa! E Artur via elevar-se pouco a pouco aquela festa, como um grande troféu que se orna. Melchior acabou por afirmar que a coisa «havia de dar brado no país!»

E combinaram com o guarda-livros, que o jantar seria na segunda-feira, às seis horas.

***

Quando Artur e Melchior entraram no salão reservado, «para ver a mesa», Meirinho, atarefado, dispunha ele mesmo na abertura dos guardanapos raminhos de violetas, com botões de camélia.

A luz abundante do lustre e das serpentinas, os grupos de copos, as

lâminas das taças tinham uma faiscação alegre, atraente, sobre o linho branco da toalha. No pesado aparador de mogno, diante de duas filas escuras de garrafas, estavam dispostos os pratos de ostras. Havia um cheiro de creme queimado, em que errava subtilmente um fiozinho de limão. As duas velas do piano estavam acesas, porque Sarrotini prometera uma ária.

Melchior, entusiasmado, pôs-se diante de Meirinho, batendo devagarinho as palmas, com a face banhada num largo sorriso:

— Bravo! Bravo! Bravo!

— Muita experienciazinha — murmurou — muita experienciazinha! — e mostrou o *menu*, em cartão acetinado, tendo no alto, em letras douradas: *Jantar*

Literário do dia 15 de dezembro.

— Real! — disse Melchior triunfante.

Estava de sobrecasaca, com uma grande camélia branca na lapela. Chamava os criados, contava as garrafas de *Champagne*, falava «nos seus convidados»: de resto, no hotel, dizia-se «o jantar do Melchior». Ele próprio afirmara num grupo, no corredor, que havia de mostrar «a esses senhores o que era dar um jantar *chic*» — e mesmo perguntava-se baixo onde arranjaria Melchior o dinheiro para pagar aquela festa...

Artur, no entanto, estava muito nervoso. Ensaiara-se toda a manhã, declamando cenas dos *Amores de Poeta;* certas frases sonoras davam-lhe a certeza

dos aplausos, mas outras vezes tremia, pensando em faces desconhecidas, entreabrindo bocejos fatigados. Preparava alguns períodos literários para o brinde e só desejava que toda Oliveira de Azeméis pudesse estar, de longe, vendo-o no centro da mesa, entre flores e luzes, aclamado pela Capital!

Quando o relógio deu as seis horas, o estômago contraiu-se-lhe de emoção.

O primeiro que apareceu foi o folhetinista Xavier: debaixo de um nariz grosso, o bigode farto, muito horizontal, tinha a espessura de um rolo de crepe; de face escavada e as fontes reentrantes, usava lunetas defumadas, com o cordão passado atrás da orelha; debaixo do fato preto, adivinhava-se um esqueleto quase

sem carne.

Melchior apresentou-lhe logo Artur:

— Tem um drama, cá o amigo, e vai-nos fazer logo uma leiturazinha... — Interrompeu-se, correu a apertar a mão do ator Cordeiro, um moço galante, tímido, que, com a cabeça um pouco de lado, torcia constantemente, num gesto maquinal, um pequeno buço castanho.

— Drama histórico — perguntou Xavier a Artur.

— Moderno.

— Em que género?

Mas o Padilhão, que entrara solenemente, veio bater no ombro de Artur paternalmente; apresentava-se de casaca, com a pequena cruz de cavaleiro de Cristo.

— O Xavier reparou — e fazendo saltar com o dedo a cruzinha:

— Graçazinha régia, hem?

Padilhão escorreu pelo canto do olho um olhar satisfeito à condecoração, e grave:

— Foi o Ministro do Reino, à força: que a havia de ter, que a havia de ter! Vá lá! Viu-me fazer imitações em casa de D. Joana Coutinho, gostou... Aceitei!

— E como vai D. Joana, essa sílfide? — perguntou Xavier.

Padilhão pareceu chocado daquela expressão familiar, fez-se muito sério, disse:

— Um pouco encatarroada! — girou sobre os calcanhares e afastou-se limpando os beiços a um lenço de monograma bordado.

— Grande tipo! — disse Xavier a Artur. — Aí temos o ilustre Sarrotini.

O cantor entrava com as bandas da sobrecasaca deitadas para trás, o arco do peito saliente no colete decotado, numa vermelhidão próspera na pele, o olho chamejante. Deu um abraço a Xavier, que lhe sacudiu todo o esqueleto, beijou, com escândalo de todos, a face bonita de Cordeiro, que corou como uma virgem, e com gestos de palco e voz dominante, ia dizendo para os lados: *dileto amico! Caríssimo hijo mio!*

Levantou ao ar Meirinho, que gritou, perneando; riram, falaram de forças. Sarrotini foi logo erguer pelo pé uma cadeira e conservou-a no ar, com o braço retesado, a face purpúrea. Depois, pediu *vermouth*e exclamou: *Portucallo e*

Italia siamo fratelli! Achavam-no um maganão delicioso.

No entanto, Artur reparara num indivíduo barrigudo e calvo, que de mãos atrás das costas e passinhos subtis, ia rodando em volta da mesa, das ostras, das garrafas, com um rosto farejante e desconfiado. Ia perguntar a Melchior quem era — quando Saavedra entrou.

Rodearam-no logo. E ele, com a cabeça ereta, consciente da sua importância, o olhar protetor, dizia chalaceando:

— Então, que lhes parece o meu Melchior? Que *chic* que deita! hem?

Sarrotini passava-lhe a mão pelo ombro, apossava-se dele, dava-lhe nomes carinhosos: *gran periodista! dileto amico!* Mas Cordeiro arrebatou-lho,

levou-o para ao pé da janela, cochicharam:

— Você percebe, Saavedra, a rapariguita tem talento, é necessário animá-la. Vai ter um papel na *Princesa Juska*...

Saavedra prometeu, com bondade, a proteção do *Século*.

— É você quem lavra aquilo? — perguntou.

Cordeiro negou languidamente.

— Seu sultão! — disse Saavedra rindo. E com um movimento desdenhoso dos beiços: — É um feixezinho de ossos: eu gosto de carne mais almofadada.

No entanto, junto do aparador, Meirinho e Melchior pareciam questionar vivamente. Artur, inquieto, aproximou-se.

— Estão-se a estragar, estão-se a

estragar! — dizia Meirinho, excitado. E voltando-se para Artur: — Com o calor, com as luzes, estragam-se. É necessário começar já.

Melchior insistia, mas frouxamente: enfim, primeiro a leitura do drama. Senão depois...

— Depois, depois! — exclamou abafadamente o Meirinho. — O drama pode esperar. As ostras é que não podem esperar, amolecem...

Artur ficou aterrado, pálido: tanta despesa e não fazer a leitura! Olhou para o jornalista tão suplicantemente, que Melchior, compadecido teimou: primeiro o drama, as ostras que as leve o diabo.

Meirinho recuou, olhou-os ambos com rancor. E com um grande gesto:

— Bem! É um jantar perdido! Eu

não me responsabilizo por mais coisa nenhuma!

E ia sair, furioso, quando esbarrou com o Roma.

O poeta entrava devagar, com o seu ar de vago despeito tão singular num homem nédio, descalçando as luvas pretas. Pareceu não reparar em Artur. Deu um olhar de lado à mesa, e ajeitando um raminho de alecrim que trazia na lapela, aproximou-se de Xavier, puxando as calças para cima com o seu gesto torpe.

— *Ecco el eggregio oratore!* — fez Sarrotini com uma voz possante que dominou o rumor.

Era o Carvalhosa. Vinha abafado num *cache-nez* roxo e parecia descontente. Disse logo a Melchior que tinha vindo por grande favor, pois que

apanhara uma constipação e precisava cautelas. E palpava a garganta, olhando em volta, desconfiado, procurando uma corrente de ar, uma fresta traiçoeira.

— Isto é um órgão sério — disse para Sarrotini — com a diferença que para os senhores é questão de notas e para nós, de ideias...

E depois de soltar a sua frase, veio para Artur, estendendo-lhe negligentemente a mão:

— Como vai o amigo?

Artur interessou-se servilmente pela sua garganta. Não era nada de cuidado, decerto...

— Porque se espera? — perguntou-lhe Carvalhosa, baixo, franzindo o nariz.

Artur, corando, balbuciou:

— Não sei.

Melchior aproximava-se radiante e batendo uma palmada no ombro de Artur:

— Cá o amigo vai-nos ler o seu drama!

Carvalhosa pareceu interdito, fez:

— Ah!

E foi andando, com olhares para a mesa, para as garrafas, direito ao grupo ruidoso, onde Xavier gesticulava:

— Então — disse Carvalhosa baixo, indignado — temos uma estopada de um drama?

Os outros encolheram os ombros com uma resignação sombria. Roma achava aquilo uma *partida indecente* do Melchior. E era em cinco atos! O Xavier propunha que se fizesse um abaixo

assinado pedindo a sopa. Se se fizesse intervir a polícia?...

Chamaram Melchior, cercaram-no, com olhares interpelantes, sacudiram-no. Que escândalo era aquele de lhes impingir um drama?’ Convidar pessoas inofensivas, desprevenidas...

— Oh, rapazes, por quem sois! — suplicava Melchior. — Então, era uma fatalidade! O diabo do Artur viera-lhe recomendado, prometera-lhe. O rapaz tinha trazido o manuscrito. De resto eram só duas cenas.

— Nem duas sílabas! — disse com furor o Carvalhosa. — Eu vou falar!

Melchior, aflito, agarrou-lhe o braço.

— Oh, filho, pelo amor de Deus! Que me comprometes! Ih, Jesus, que

desgosto! É um instante, coitado do rapaz!

E falava-lhe ao ouvido. Havia risinhos fungados.

Artur, pálido, via de longe aquele grupo, e sentindo que ali se tramava alguma coisa de funesto para os *Amores de Poeta* e para a sua própria dignidade, errava pela sala com as faces abrasadas.

Viu de repente Melchior desembaraçar-se do grupo, correr para a porta e abraçar um sujeito grosso e rubicundo, de xaile-manta, o ar hílare e nédio... Era um tio de Melchior.

Proprietário em Beja, exaltado pelas questões da política local, ardendo num ódio de província pelo governador civil, fundara um jornal de oposição,*A Voz do Distrito*,e não tendo encontrado em Beja um escritor bastante eloquente para

lhe pôr em períodos floridos os insultos à autoridade — vinha procurar a Lisboa um estilista. Oferecia trinta e seis mil réis por mês e casa de habitação com hortaliça. Melchior convidara-o, para lhe fazer admirar o seu jantar, a sua posição social, relacioná-lo com literatos, e, enchendo-o de*Champagne*,dar-lhe uma disposição propícia às doze libras que lhe queria pedir.

Foi logo apresentá-lo ao Xavier, ao Carvalhosa, ao Saavedra.

— Meu tio António de Moura, chefe da oposição em Beja, muito conhecido...

Desembaraçava-o com carinho do xaile-manta, abraçava-o; e repetia arregalando os olhos para os lados:

— Muita influência no Distrito...

muita influência!

Mas vendo entrar um oficial de lanceiros, de peito enchumaçado e bigodes ferozes, exclamou:

— Viva o exército! Estamos todos! Está toda a bela rapaziada!

No meio do grupo dos literatos, o tio António, muito à vontade, com um rizinho fino, explicava as condições em que queria um escritor: destemido, com palavreado, e sem escrúpulos, para dar para baixo. E contava com prolixidade as suas queixas do governador civil, a questão da Junta de Paróquia, do muro do cemitério, do regedor de Reguengos. — Hei de dar cabo deles — dizia, sacudindo a mãozinha gorda.

Em redor chalaceavam, queriam «desfrutá-lo». Xavier aconselhava-o a

que se dirigisse a Alexandre Herculano. Porque não escrevia a Vítor Hugo? Vítor Hugo era o sujeito que lhe estava a calhar!

O tio António ria com bonomia, uma ponta de velhacaria nos olhinhos luzidios:

— Qual, quer-se um rapazola como os senhores, que ladre, que ladre! E que morda! Eh! Eh! Eh!

Artur ia de grupo em grupo: sentia, aflito, uma vaga brutalidade ambiente; batia-lhe o coração cada vez que via um olhar impaciente voltar-se para o relógio, ou uma boca abrir-se devagar num bocejo de debilidade. Aproximou-se um momento de Sarrotini, que, cercado, muito admirado, entre risos, fazia a imitação de um moscardo perseguido: encolhia-se, como no susto de ser mordido, atirava a

mão bruscamente para o agarrar, olhando para o ar, a face atenta; depois, de repente, dava uma palmada no joelho para o esmagar... mas o moscardo, escapo, punha sobre o grupo um zumbido acre, dormente, contínuo. Admiravam-no, riam. Padilhão, com a testa franzida num vinco de reflexão crítica, murmurou:

— De artista, de artista! — E tirando o relógio, voltou-se para Artur: — O Melchior? Está-se a fazer tarde, que diabo!

Artur, fingindo que ia buscar Melchior, afastou-se rubro. Receava agora que não fosse possível fazer a leitura e vinha-lhe a amargura do desespero. Por uma curiosidade simpática, aproximou-se do sujeito calvo, de fato claro. Estabelecera-se entre eles,

por olhares repetidos, uma afinidade: eram os mais obscuros , os mais isolados.

— Muito bonito tempo — disse Artur, sorrindo.

— Lindo — disse o calvo. — E logo mais baixo:

— Diga-me cá, porque se espera? Ouvi falar que tínhamos leitura... Que estopada, hem?

Artur fez-se escarlate. Mas nesse momento Melchior bateu as palmas: rostos voltaram-se com curiosidade.

— Meus senhores... — começou Melchior, junto da mesa, numa atitude grave.

Mas vozes romperam, chalaceando: o Melchior deita fala! Ora adeus! Menos eloquência e mais sopa! Não seja tolo, seu Melchior!

Melchior, irritado, bateu fortemente com uma faca na mesa. Roma disse alto:

— Respeito ao grande orador!

Todos riram.

— Meus senhores — recomeçou Melchior — aqui o meu amigo Artur Corvelo, vai-nos ler o seu drama, isto é, duas ou três cenas do seu drama!

Houve um silêncio côncavo, hostil. Meirinho, que falava baixo com o guarda-livros, ergueu a face para soltar um isolado: muito bem! apoiado!

Tinham arredado dois talheres na mesa, e ao pé do castiçal estava o manuscrito aberto. Artur sentou-se. Tremia todo. Receava que lhe faltasse a voz, que lágrimas nervosas rompessem.

Melchior ia de um a outro pedindo

baixo, por caridade, que se sentassem, que tivessem paciência, era um instantinho...

— Maldito! — murmurou Xavier com raiva.

— Canalha! — fez o Roma, dando-lhe um canelão.

Carvalhosa beliscou-o:

— Hás de mas pagar, assassino!

Ele torcia-se, tinha olhares ansiosamente suplicantes:

— Oh, filhos, por quem sois! É um momento! Pelo amor de Deus! Sejam decentes!

Artur, lívido, sentia a hostilidade. Mas não ler agora, poderia parecer uma desfeita... Depois contava dominá-los pela eloquência do drama. Fez um esforço e disse numa voz, estrangulada:

— Eu não leio tudo...

— Sim — acudiram logo. — Uma ou duas cenas, para fazer ideia!

Melchior, por trás da cadeira de Artur, revirava os olhos imploradores As cadeiras enfileiravam-se em semicírculo: o tio António, com as mãos nos joelhos muito separados, arregalava os olhos na sua face nédia; Sarrotini arqueava o busto forte, os braços soberbamente cruzados sobre o peito; Carvalhosa apalpava a garganta, com olhares desconfiados para a porta, para as janelas; Roma, com as pernas muito estendidas, os pés cruzados, conservava a mão sobre aboca, como para esconder bocejos prováveis; havia queixos melancolicamente descaídos sobre as gravatas; os olhares tinham uma resignação mole. E o guarda-livros,

andando em bicos de pés, acabava de dispor uma nova, densa fileira de garrafas sobre o aparador. Para Artur, aqueles rostos em linha eram quase pavorosos.

Tinha explicado, trémulo, que os *Amores de Poeta* eram a luta entre o talento e os preconceitos sociais.

— Álvaro, um poeta, ama a duquesa de S. Romualdo...

Padilhão pulou:

— Ora essa! E então o que há de pensar a Sr.ª Condessa de S. Romualdo, uma senhora respeitabilíssima!

Artur, atarantado, balbuciou:

— É duquesa...

— Duquesa ou condessa. É um título da casa um título antiquíssimo. Sou relação da família, pessoas da primeira sociedade...

Concordaram, em redor, que era preciso mudar o título. Então todos falaram, numa balbúrdia, que era a desforra do silêncio forçado, lembrando títulos: *duquesa de Val-Formoso*— Não! *Duquesa de Pedras-Negras*— Qual! *Duquesa da Casa-Santa*... Enfim, decidiu-se que fosse simplesmente — *a duquesa!*

Aquele interesse pelo título, animou Artur. Prosseguiu, mais seguro:

— O que lhes vou agora ler, é quando o Poeta fez, em casa da duquesa, o elogio da poesia... E, enfim, verão... É numa *soirée:*

O CONDE DE S. SALVADOR

Leu os «Céus Estrelados», marquesa?

A MARQUESA D'ALVARENGA
(*despeitada)*
Até acho impertinente que mo pergunte, conde! Uma pessoa do meu nascimento e da minha educação, não toca nem com luvas...

O VISCONDE DE FREIXAL
(gaguejando)
A ma-arquesa e-em que-estões de es-es-trelados só-ó o-vos!

Todos riram. Muito bem! muito bem! O Meirinho afetava torcer-se. Atiraram-lhe mesmo um *chut* severo!

— Deixem-me saborear, deixem-me saborear — dizia sufocado, com as mãos nas ilhargas. — Magnífico!

Artur, aquecendo, continuou já com inflexões teatrais:

O DUQUE
A Marquesa tem razão. Platão excluía os poetas da sua república e Platão, a meu ver, era um homem de espírito e um estadista. De que servem os poetas?

O POETA *(que conversava baixo com a Duquesa erguendo-se arrebatadamente)*
De que servem, Sr. Duque?

A DUQUESA *(baixo)*
Álvaro, por quem és, não o irrites que nos perdes!

O POETA *(sem a escutar)*

De que servem ? Semeiam o Ideal!

E o poeta, decerto de pé, com gestos nobres, fazia o elogio da Poesia. Amaldiçoava os Preconceitos, as Inscrições, os Fundos Públicos, os Bancos, todo o materialismo económico. Acusava os fidalgos, seguramente cabisbaixos, de não compreenderem a alma da Natureza, o que dialogam as aves com as flores e o que diz o vento aos pinheirais. «De que vos servem os vossos castelos, o vosso ouro, as vossas librés?» — perguntava desgrenhado. «Que almas tendes consolado? Que lágrimas enxugado?» Artur, agora, levantado nas ondulações da retórica, tinha ênfases de voz, e o seu olhar, os seus gestos, dirigiam-se sobretudo ao poeta Roma,

como para ganhar a simpatia do versificador, incensando-o com aquela glorificação da rima.

Mas Roma tinha posto o seu enorme *pince-nez* e na sua posição estendida, fixava os vidros de reflexos sombrios, na ponta romba dos botins. Quando o Poeta invocava Deus, inclinou-se para o Carvalhosa e murmurou:

— Que besta! Que burro!

O Carvalhosa, que a cada momento apalpava o enfartamento das glândulas, encolheu os ombros com uma resignação sombria; todavia, secretamente, aquele estilo às empolas agradava-lhe como orador; e a Saavedra também, que, bamboleando a perna traçada, afetava uma distração elevada, preocupações políticas. Só o Cordeiro

admirava francamente, mediante atitudes de ator, em concordância com a eloquência da prosa. Padilhão mexia-se na cadeira, indignado, vendo em cada frase insultos aos titulares das suas relações; e ao pé, o tio António, com os braços, como se a cadência dos períodos lhe desse sonolência de um embalar soporífico de berço.

Quando Artur, ofegante, terminou a cena, só Melchior e Meirinho tiveram *bravos!*

Depois de uma pausa, Artur começou a ler o ato do Baile de Máscaras. Era longo: passava-se no palácio do Duque, num lugar indeterminado, na Baixa, com terraços sobre um rio desconhecido de balada. Pelas rubricas, parecia ser uma festa

veneziana da Renascença: uma máscara vestida de trovador cantava uma serenata, dois napolitanos dançavam a tarantela, pajens circulavam com taças de vinho de Siracusa, um bolo roubava com destreza a bolsa aos cavalheiros, e no fundo passava um barco, em que flautas e rabecas alternavam com uma voz de mulher, cantando, na noite, versos de Petrarca.

Xavier, experiente do teatro, comprimia o riso, roxo.

Havia diálogos singulares: «Marquesa, dizia um dominó, não sente nesta festa errar um pressentimento de morte?» A marquesa respondia, passando, a arrastar brocados: — «O amor é um goivo que floresce numa caveira!»

Dois fidalgos desciam à cena:

1.º FIDALGO

Como se portou contigo o destino, no sarau da Princesa?

2.º FIDALGO

Perdi seis mil cruzados aos dados!

Quando Artur leu a apóstrofe do Duque, depois de atuar a luva ao Poeta: «Quem ousar, erguer os olhos para a Duquesa de S. Romualdo, pode encomendar a mortalha!» houve um rumor lento, lânguido de: muito bem! muito bonito! de muito efeito! — Os literatos estavam tranquilos, o ato era idiota, o Artur inofensivo, e gozavam com atitudes recostadas, faces risonhas, a evidência daquela mediocridade. Excelente drama para ser representado numa assembleia de

província, por curiosos de uma filarmónica. Pobre tolo! E Roma cofiava a barba com deleite.

Algumas cenas do quarto ato na casa do Poeta, na véspera do duelo, com uma mãe humilde, criatura sacrificada, fatigaram. Sarrotini torcia-se na cadeira, impaciente do silêncio, da imobilidade; o alferes bocejava sem pudor; puxavam-se os relógios às furtadelas; havia olhares desesperados para o aparador; Carvalhosa, com os cotovelos nos joelhos, enterrava a cabeça nas mãos; e Artur, sentindo o tédio ambiente descer-lhe sobre o cérebro como um pano gelado, apressou-se a dizer:

— Agora vou ler o duelo!

Houve uma respiração aliviada: com a morte do Poeta, chegava decerto o

fim!

Artur prosseguiu com uma voz lúgubre:

— «Um cemitério. Cruzes, campas, ciprestes. — Vem rompendo a madrugada. Um coveiro afasta-se com a enxada ao ombro, cantando.» — E ele mesmo cantou uma melodia singularmente triste, tocante:

Nascem goivos a-a-ah!
E rosas nas sepulturas.
Morte eterna, morte eterna,
Vida que tão pouco duras!

— Bravo! — gritou Sarrotini.

A melodia impressionara. Artur explicou que realmente a ouvira a um coveiro, no cemitério de Oliveira.

Extasiaram-se: ele repetiu-a. E aquela toada, de um vago melancólico, punha ali, na sala, sob o gás, um relance de cemitério de aldeia, num cair de tarde triste.

Animado, Artur começou o monólogo do Poeta, que entrava envolvido numa capa e pousava sobre uma campa duas espadas. As fisionomias recaíram numa fadiga mole, havia uma prostração de fome: o Xavier que sofria do estômago, não se contivera e, em bicos de pés, fora tirar da mesa passas e amêndoas, partilhando-as com Saavedra que se mexia na cadeira desesperado; o oficial de lanceiros então foi buscar uma bucha de pão; o Meirinho desaparecera. O grito do Poeta, ao ser atravessado pelo florete do Duque, espalhou nos rostos uma

alegria feroz.

O Poeta expirava; a Duquesa corria, vestida de branco, de entre os ciprestes. Era a cena mais trabalhada, que lhe custara um mês de rascunhos, de vigílias. Leu-a, trémulo; às últimas palavras do Poeta, estava pálido de emoção, e avela de estearina, ao lado, fazia parecer a sua face mais macilenta — como se lhe espelhasse no rosto a agonia do personagem:

O POETA

Adeus, anjo! Deus te pague toda a felicidade que me deste na Terra. Tu foste a gota de água no deserto, a estrela de alva na cerração. Se alguma vez, nas festas do teu palácio, entre as valsas, os

madrigais e os cortesãos, te vier à ideia o poeta que na campa fria é pasto dos vermes, chora e diz contigo: ninguém, como ele, ninguém sabia amar! Vejo uma luz... É a pátria divina! Júlia, a tua mão! Oh, sofro! Adeus! Ah! (um grito, morre).

A DUQUESA *(caindo de joelhos) Oh, bem-amado, a minha alma vai contigo e este corpo miserável irá fenecer na solidão de um claustro!*

(CAI O PANO)

Ergueram-se com ruído. Havia como que um reconhecimento pela «estopada finda». Artur, muito pálido, de

pé, com os olhos brilhantes, fitava uns e outros.

Mas Roma estava desesperado. No final, reconhecera emoção, ideal, estilo; e muito perfidamente:

— A pilhéria dos ovos é uma obra-prima!

Os outros imediatamente lançaram-se sobre aquele detalhe, exaltaram-no, esmagaram com ele o drama todo. Era a divina a saída do gago. Repetiam-na: *Estrelados, só ovos!* Era soberba. Cercavam-no, pareciam admirá-lo por ter achado aquela facécia. Carvalhosa disse-lhe, muito sério:

— O amigo deve escrever comédias!

— E é que é um rico calembur! — insistia Melchior.

Artur sentia-se constrangido daquela admiração exclusiva por uma pilhéria tão patusca no meio de um drama tão sombrio. Perguntou timidamente o que lhes parecia o final.

— Sim, muito bem — disse o Saavedra. — Mas a dos ovos é esplêndida... não torna a fazer melhor!

Então Melchior exclamou da porta:

— *Messieurs, le dîner est servi!*

Atrás, um dos criados entrava com a terrina. Houve uma aclamação, num ruído de cadeiras. Sentavam-se, falando alto, na aproximação gulosa do jantar tão esperado. Mas subitamente Roma ergueu-se, lívido, exclamando:

— Somos treze!

Contaram-se, inquietos. Sarrotini

afastou-se com horror da mesa. O alferes refugiara-se aterrado, ao pé do aparador. O tio António ria:

— Ora nada de pieguices! Nada de enguiços!

Era necessário chamar alguém; então Melchior agarrou o chapéu e saiu a correr.

Contavam agora desgraças, mortes inesperadas, depois de jantares de treze; estavam de pé; os criados, imóveis, esperavam.

Pouco depois, Melchior entrou com um sujeito de fato claro, despenteado, muito amarelo e que tinha costuras no pescoço. Apresentou-o como o Sr. Galinha, o seu amigo Galinha. Ninguém o conhecia — era o décimo quarto!

E, tranquilos, atacaram alegremente as ostras — enquanto o Sr. Galinha, como que estremunhado, batendo as pálpebras à luz, voltava para os lados uma face avinhada e lívida de deboche!

***

Na manhã seguinte, Artur correu ao café Tavares, na Rua de S. Roque, para ler no *Século* a notícia do jantar. Havia apenas uma curta local:

«O nosso colaborador Melchior Cordeiro deu ontem um lauto jantar aos seus amigos políticos e literários no *Hotel Universal*. O adiantado da hora obriga-nos a reservar para amanhã a descrição desta notável festa.»

Aquela apropriação que o

Melchior fazia do jantar indignou-o. Mas, afinal, não havia que estranhar, pensou: tinha-se combinado que aparentemente o Melchior lhe oferecia o jantar, a ele, Artur. Decerto, ao outro dia, uma notícia circunstanciada explicaria a intenção da festa e as sensações da leitura.

Na manhã seguinte ergueu-se mais cedo e às nove horas entrava no Tavares, com o coração a bater-lhe alto. A notícia enchia duas colunas; dizia:

O JANTAR LITERÁRIO DO UNIVERSAL

O banquete do nosso colaborador Melchior Cordeiro foi uma verdadeira festa da Inteligência. No esplêndido salão do *Hotel*

Universal achava-se reunido o que a Literatura, a Política e o *High-Life* têm de mais eminente: um *bouquete* de celebridades. Vimos o inspirado orador Carvalhosa, o brilhante poeta Roma, o estimado barítono Sarrotini, o social Padilhão, o espirituoso folhetinista Xavier, esse Jules Janin da imprensa portuguesa, o estudioso ator Cordeiro e o nosso querido diretor, Sr. Saavedra.

O *menu* do jantar, elegantemente impresso em cartão acetinado, continha o que a culinária francesa tem inventado de *plus raffiné;* dir-se-ia uma dessas festas do Segundo Império em que o café Inglês recebia, nos seus dourados salões, Imperadores e Reis que

vinham curvar-se ante o poder de *Napoleão o pequeno,* segundo a imortal expressão do vidente d'Hauteville-House. Eis o *menu:*

HUITRES
HORS-D'OUVRE
POTAGES:
Julienne, Tapioca Grécy
POISSON:
Turbot, sauce hollandaise
ENTRÉES:
Escaloppe de veau à la Macédoine
Suprême de volaille à la Melchior
Jambon d'York aux épinards
Filets mignons à la Saavedra
GIBIER:
Perdreaux rotis à la crapaudine
ENTRE-METS:

Charlotte Russe
Dartois doré
GLACES, DESSERT
VINS:
Bucelas, *Colares*, *St. Julien*, *Champagne*, *Porto*
CAFÉ-LIQUEURS

Como os leitores veem, havia dois pratos dedicados — um, ao simpático anfitrião, outro, ao nosso querido diretor Sr. Saavedra, que foi objeto das manifestações mais demonstrativas.

A ornamentação da mesa, bem como a composição do *menu*, foram feitas sob os conselhos inteligentes do popular João Meirinho, que uma longa residência,

nas capitais da civilização, toma *un artiste* nestes episódios da vida elegante e *boulevardière*.

Os brindes foram numerosos e eloquentes: o do Sr. Carvalhosa, à literatura contemporânea, foi um dos improvisos mais brilhantes que temos ouvido e trouxe a todas as memórias a lembrança do génio imortal José Estêvão. O Sr. Roma, recebido entre um entusiasmo exuberante, recitou a sua mimosa elegia, *O Adeus de Elvira:* vimos lágrimas em muitos olhos. Sarrotini cantou, com a sua maestria habitual, uma deliciosa canção napolitana. O amigo Padilhão, sempre obsequiado, deu algumas das suas melhores imitações que tantos aplausos lhe

granjeiam nos salões do *High-Life:* foram notáveis as do *Oboé*, *Emília das Neves*, *Perdiz e Partida de comboio*. Cordeiro, o inspirado galã, recitou com prodigioso talento o monólogo de *Hamlet*,do grande bardo da fria Albion, tão primorosamente traduzido por uma pena real. Houve também a leitura de trechos de uma comédia, escrita por um mancebo de Oliveira de Azeméis, o Sr. Corvelo, se nos não falha a memória, que conseguiu fazer sorrir com alguns calembures.

A maior cordialidade, o espírito mais picante, as anedotas mais finas, as conversações mais espirituosas, ocuparam a noite. Todos se retiraram bendizendo o Sr.

Melchior, que é uma das personalidades mais simpáticas da República das Letras, por ter proporcionado um tão notável meio de se provar que Lisboa não deve ter inveja a Paris, pela sumptuosidade dos hotéis, o talento dos escritores e as boas maneiras do *High-Life*. Estas festas elevam o espírito e fazem remontar a memória aos tempos de Garrett e de D. João de Azevedo, em que a vida elegante se unia em profícuo convívio à vida literária!

***

Artur desceu a Rua de S. Roque, até ao hotel, como uma pedra que rola, praguejando alto de indignação; galgou as

escadas, soprando; no quarto, atirou o chapéu contra a parede: sentia por Melchior um ódio homicida; pensava tumultuosamente em vinganças vagas, batendo o soalho com passadas nervosas. Reparou então numa carta, que fora metida por baixo da porta. Uma explicação do Melchior, talvez? Propostas de retificação?...

Era a conta do jantar. Verificou a soma, trémulo: *vinte e duas libras!*

Deixou-se cair numa cadeira com o papel aberto nas mãos, lágrimas de raiva nas pálpebras, murmurando:

— Canalhas!

5

Tinha recebido, ao outro dia, as provas da primeira folha dos *Esmaltes e Joias*, e muito emendadas, ia levá-las ele mesmo, preciosamente, à tipografia dos Castros — quando, ao chegar à Praça de Camões, no momento em que parava para deixar passar uma carroça, viu, descendo a Rua de S. Roque, a senhora do vestido de xadrez!

No deslumbramento que lhe deu a presença da sua pessoa, o seu rosto oval, alumiado de dois grandes olhos negros, a graça da sua cabeça, toda a sua figura pequenina e mimosa, ficou imóvel. Uma carruagem a trote quase o atropelou: refugiou-se, atarantado, ao pé das grades

da praça e viu-a seguir para a Rua do Correio.

Não reparara nele! Levava pela mão um pequerruchinho. O seu vestido de fazenda azul tinha enfeites de seda de um azul mais escuro; ia devagar, apanhando com graça a cauda do vestido. Trazia luvas de *peau de suède* clara, e, andando, voltava-se, sorrindo para a criança que palrava, com passinhos muito vivos, as perninhas calçadas de meias encarnadas, toda rosada, gorducha, sã, apetitosa como um fruto, fresca como uma rosa.

Foi-a seguindo. Não ouvia os ruídos da rua; as fachadas das casas tinham desaparecido: parecia-lhe que só ela passava nas lajes do passeio e que a claridade do dia adquiria um dourado glorioso. Apesar de magnetizado,

retardava o passo: receava ofendê-la indo muito junto dela, como numa perseguição, e devorava com o olhar os folhos baixos do seu vestido, uma brancura de rendas da saia, os tacões altos das suas botinas.

À esquina de uma travessa, num portal, uma pobre pedia, com uma criança no regaço: ela parou, deu-lhe uma esmola e aquela caridade simples comoveu Artur como a revelação de bondades delicadas, de piedades democráticas; discretamente, para se associar com ela numa generosidade comum, pôs dois tostões na mão descarnada da mulher.

Um amor ávido de se produzir, de se manifestar, enchia-lhe o peito: aquela cinta fina, direita, atraía-lhe os braços, a trança negra, em *catogan*, chamava-lhe as pontas dos dedos; punha toda a alma nos

olhos, tão intensamente, que não ficaria surpreendido se ela parasse, se voltasse e lhe estendesse a mão.

Notava sofregamente todos os seus movimentos, como revelações do seu caráter; viu-a erguer os olhos para um cartaz e lamentou que não fosse a sua peça anunciada ali em grossas letras negras; teve ódio a um galego, que, ao passar pesadamente, quase lhe roçou a manga do vestido azul: como correria se alguém a ofendesse ou a pisasse! E apertava com furor a bengala, olhando em redor, pronto a defendê-la, imaginando que um bêbedo; ao sair de uma taberna, lhe passasse as mãos imundas pelo rosto... Ele precipitava-se: ela refugiava-se nos seus braços, reconhecia-o — e um amor delicioso começava, que seria a glória, o

fim, a alta significação da sua vida. Impelido por aquelas imaginações, ia quase junto dela. Tinham entrado na Rua de S. Bento; pensou então em passar adiante, voltar-se, fitá-la com adoração, dizer-lhe num longo olhar: Sou eu! Olha para mim, não te lembras?

Mas uma timidez retinha-o. Ia enfim adiantar-se, quando ela, atravessando a rua, entrou no portão largo de uma casa espaçosa de um andar! Que ferro!... Mas talvez lhe aparecesse à janela!

Havia uma vidraça entreaberta, por onde ele via, entre o estofo escuro das bambinelas, reluzirem vagamente, no fundo sombrio, dourados de quadros. Acendeu um charuto e pôs-se a passear devagar, esperando a cada momento ver

chegar à varanda a cabecinha pálida e fina, já sem chapéu. Morava decerto ali, e a casa, com sua fachada amarela, as janelas do rés do chão gradeadas, o pátio de uma pedrinha miúda, com dois batentes de baeta verde ao fundo, sobre um degrau, atraía-o singularmente, por uma expressão discreta, aristocrática, como se a querida criatura que lá vivia lhe comunicasse uma graça digna e recolhida.

Um guarda-portão grosso, barbudo, veio colocar-se à porta, rolando em redor olhares majestosos, e Artur, receando que ele reparasse na sua curiosidade inquieta, por prudência, tornou a subir a Rua do Correio. Esquecera agora as provas, o livro, e caminhando rapidamente, pensava com energia em coisas vagas que tentaria para

se fazer conhecer, e conseguir o seu amor! A casa de D. Joana Coutinho, as suas *soirées* aristocráticas e literárias, onde ela, tão bonita, tão nobre, decerto ia, ofereciam-lhe o meio mais acessível. Eram o *rendez-vous* do nosso *High-Life*, dissera Meirinho quando prometera apresentá-lo. Iria de casaca, com uma camélia vermelha... Pediria delicadamente ao Meirinho que o apresentasse... Qual! devia exigi-lo! Tinha direito a isso: comprara-lhe um paletó e duas pistolas, regalara-o com um bom jantar! Era necessário ser «finório». Meirinho devia saber o nome dela, as suas relações, os seus hábitos; Melchior também, ele que dizia conhecer até os cães vadios da rua...

E de repente deu de rosto com o

jornalista, que descia a Rua do Carvalho:

— Homem, vinha a pensar em você — disse expansivamente, esquecido da infâmia da notícia do *Século*.

Melchior tivera um movimento para se esquivar, mas deu-lhe um aperto de mão mole, hesitante, com as faces escarlates.

Que tinha feito? Por que não aparecera na redação? O Saavedra perguntara por ele — gostara imenso do drama, o Saavedra...

Mascava as palavras, espessamente, com um embaraço que lhe intumescia as feições — e de repente, sem transição, muito alto, com grandes gestos que faziam voltar as pessoas espantadas, começou a invetivar o Roma.

Fora o Roma quem escrevera o

artigo do *Século*, aquele patife! Tinha sido uma perfídia! Ele, quando o lera, até arrancara os cabelos...

E cruzando os braços com violência, quase escandalizado com Artur:

— Mas para que me não disse você a verdade? Que tem você com o Roma?

Artur jurou, energicamente, que não tinha nada com o Roma.

— Pois não o pode tragar!

E, para falar com menos reserva, foi-o levando pelas ruas mais isoladas do Bairro Alto.

— Você percebe, eu não podia escrever a notícia! Que diabo, eu é que tinha dado o jantar, não era decente. Pedi ao Roma: sempre é um vulto, é um

estilista! Recomendei-lhe que falasse no drama, com um belo elogio, um elogio de arromba! Pois senhores, escreve aquela infâmia!

Artur então indignou-se. Que pouca-vergonha! E ele então que até admirava o Roma e os *Idílios e Devaneios!*

Pois que tivesse cuidado! Que havia nos *Idílios* muitos podres... Versos errados, imitações, erros de gramática!...

Exaltado, falava alto, com os olhos brilhantes. Melchior olhava-o de lado, inquieto já daquela cólera, inesperada num moço provinciano e acanhado. E exagerava então ele mesmo o seu ódio ao Roma. A afronta era feita a ele, Melchior. Ah! mas o Roma havia de lhas pagar! Fiara-se nele, quê!

— Você não imagina o desgosto que tive, Artur! Eu sou assim. Para os amigos — e você, caramba, calha-me — para os amigos, tudo! Sou uma vítima da minha dedicação. Sou uma vítima!

Com uma verbosidade impetuosa, contou então outros casos em que a sua boa-fé fora surpreendida, indignamente surpreendida! É que ele era um cavalheiro: acreditava no cavalheirismo dos outros! É por isso que não tinha cheta. Era um mãos-rotas para todos. Já fora o mesmo com o inventário do papá: tinha perdido para cima de dois contos de réis. Por quê? Boa-fé, cavalheirismo! Mas, ao menos, passeava na cidade de cabeça erguida...

Aquelas explicações tão íntimas, tão amigas, confidenciais, quase

enterneciam Artur. Sentia-se reconhecido a Melchior de o ver sofrer por causa da notícia do *Século*. Veio-lhe por ele um fluxo de amizade transbordante: desejava passar-lhe a mão pela cinta, oferecer-lhe dinheiro; lembrou-se num relance de lhe dar uma boquilha. Não se tinha zangado com ele, ia dizendo: o Rabecaz sempre lhe afirmara que o amigo Melchior era um rapaz às direitas.

— O Rabecaz é que sabe, o Rabecaz é que sabe! — exclamava Melchior, apossando-se sofregamente daquele testemunho, erguendo as mãos e os olhos para o céu azul.

— Ah, mas não se perdera nada! O Roma fizera a infâmia — mas por que era? Inveja. Todos consideravam o drama uma maravilha...

— Disse-mo o Saavedra: o Artur é um grande dramaturgo. É o único! E o Xavier, que é quem entende, estava entusiasmado! Disse-mo ele. Você a publicar o livrinho de versos e ele a fazer um folhetim que o Roma estoura de raiva... Que ele não pode ver o Roma!

E lamentou então aquelas inimizades entre a rapaziada. A rapaziada devia ser unida!

Vinham descendo a Rua de S. Roque, e Melchior, querendo aplacar inteiramente Artur, declarou que para apagar a má impressão da «notícia do jantar», era necessário fazer outra sobre o drama...

— Por exemplo... — e parado defronte do Tavares, meditava, com um dedo sobre os lábios, o chapéu um pouco

para a nuca. — Uma notícia chique, de estalo... Por exemplo... Espere você...

Mas de repente, dando com os olhos em dois indivíduos que subiam a rua devagar, perturbou-se, murmurou: Oh, diabo, adeus menino! — girou sobre os calcanhares e abalou, fugindo a grandes passadas. Artur, atónito, viu-o cortar, cosido com a esquina, por uma travessa do Bairro Alto.

Os dois sujeitos aproximaram-se tranquilamente rindo: um deles, grosso, de grande pera, deu um olhar de lado a Artur e elevou a voz:

— O covarde do Melchior safou-se à correção. Não as perde. Aquelas orelhas de burro pertencem-me, hei de arrancar-lhas em tempo competente!

E seguiram com um ar de chacota.

***

Nessa tarde, ao jantar, no *Universal*, Artur, timidamente, deu a Meirinho os sinais da senhora de vestido de xadrez, perguntando se a conhecia... Morava na Rua de S. Bento, um palacete de um andar só...

Meirinho pareceu humilhado de a não reconhecer. De resto, como tivera tanto tempo ausente de Lisboa... havia camadas novas. Não era de estranhar que a não conhecesse.

E recostando-se na cadeira, fazendo girar nos dedos o anel de armas, como para se comprazer na pureza da sua estirpe, lamentou a formação de uma aristocracia nova, abrasileirada, que era

quem tinha o dinheiro, as carruagens... Citou a frase do velho marquês de Arrifana, «aquele original»: «Eu, quando passa um rico landau, volto a cabeça, porque tenho a certeza que é gente pulha, mas se vejo um ónibus, tiro o chapéu, porque estou seguro de que vão lá pessoas de nascimento...».

— É bem dito, hem? — Cofiava com satisfação a bela barba clara e inclinando-se ao ouvido de Artur: — Por quê? Temos conquistazinha?

Artur negou. Era pura curiosidade. Encontrara essa senhora, parecera-lhe bonita... Queixou-se então da sua solidão: não tinha relações... Às vezes à noite, enfastiava-se. E disse, rindo negligentemente, como gracejando:

— Então quando vamos nós à D.

Joana Coutinho?

Meirinho engoliu à pressa, bebeu um gole de vinho e pousando o copo:

— Ah, não me tenho esquecido. Eu até faço empenho... É necessário primeiro, naturalmente — é a etiqueta — pedir-lhe autorização. — E mais baixo: — Lá vi, lá vi a notícia do *Século*. Lá me fizeram o favor... Fazem-me o favor de me estimar... — Recostou-se com beatitude, cerrando os olhos, como para saborear a simpatia ambiente: — Que a festa esteve bonita, muito bonita!... Com franqueza — quanto?

Artur corou e disse:

— Vinte e duas libras, salgadinho!

Meirinho refletiu um momento e com gravidade:

— Muito razoável, muito

razoável! E lá vi, lá vi: os calembures, muito bem aceites...

E dirigindo-se a um sujeito pesado, de beiços grossos e barba grisalha, que comia com uma gula lenta, um vago suor oleoso na pele avelhada:

— Oh, Bento Correia, tem aqui um rival!

Ouvindo o nome de Bento Correia, uma celebridade antiga, quase clássica, jornalista, funcionário, Artur fez-se escarlate.

Bento Correia voltou-se e com uma voz empastada, lenta, a boca cheia:

— Então pertence à confraria?

— Havia de ouvir. No jantar do Melchior, leu-nos uma comédia... Oh, menino, de estalar! Calembures deliciosos!

Estava convencido da excelência dos calembures, desde que os vira celebrados num jornal.

Artur, desesperado, envergonhado, acudiu:

— Não, não é só isso... É um drama...

— Não senhor, não senhor! — exclamou Meirinho, como para contradizer aquela modéstia excessiva. — Muito bons! Muito bons! O dos ovos é delicioso! É digno do *Fígaro!*

— Vamos lá a ver o dos ovos — disse Bento Correia, com a sua tranquilidade majestosa e enfartada.

Meirinho citou-o rindo, saboreando-o ainda. Bento Correia parecia satisfeito e disse logo outro que tinha feito na véspera, na reunião da

maioria; repetiu o *boeuf-à-la-mode* e continuou falando no seu tom espesso com um sujeito ao lado que escutava com os olhos, com o queixo, com toda a sua pessoa provinciana, numa admiração de discípulo, esgaravatando os dentes com a unha.

Artur considerava a grossa face lustrosa de Bento Correia, o seu olhar amortecido caindo de sob uma pálpebra pesada, a sua mastigação vagarosa, pensando, exasperado, que, para aquele homem ilustre, ele era apenas um fazedor de calembures, um insignificante! Era, decerto, a opinião dos outros, de todos os que tinham lido *o Século*. Parecia-lhe ver nos rostos clareados de uma satisfação alvar, repleta, um desdém apático pelas suas habilidades de «arranjador de

graçolas». Os lados nobres, elevados, do seu talento, desapareciam sob a popularidade de uma facécia incidental! E fora o Roma, o canalha, que preparara aquela perfídia acabrunhadora! Era o Meirinho, o imbecil, que a exagerava, a prodigalizava! Tinha-lhes ódio! O Meirinho, sobretudo, irritava-o, com o seu gesto de acariciar a bela barba clara, arrebitando o dedo mínimo de unha envernizada. O seu furor cresceu quando o Carvalhosa, que chegara tarde, com o aspeto sujo de quem vem de longe, a testa vermelha do vinco do chapéu, a cabeleira desleixada, lhe disse, sentando-se, com um tom negligente e superior:

— Então temos algum novo calembur?

Positivamente era uma

conspiração! Queriam diminuído, amesquinhá-lo, reduzi-lo às proporções grotescas de um chalaceador de almanaque! Planos vagos atravessaram-lhe o espírito: fazer uma declaração nos jornais, imprimir imediatamente o drama! Desejava, sobretudo, chicotear o Roma. E, furioso, ia erguer-se quando apareceu o Sr. Alvim, adiantando para a mesa a sua carinha velha, muito rapada, de rugas duras, com aqueles tons de greda lívida que a caracterização e o gás dão aos antigos cómicos. Pequenino, subtil, errava todo o dia pelo hotel, fazendo vagamente sortes de prestidigitação às pessoas que encontrava, tirando um limão de uma gola, um bogalho de um nariz, empalmando um par de luvas, sob o olhar atónito de algum provinciano; estendia gostosamente a mão

a uma placa de cinco tostões e o seu sorriso miúdo tinha um servilismo lisonjeador; dobrava-se em cortesias com a elasticidade de um *clown;* dizia-se que conhecia agiotas e que geria um lupanar: era geralmente estimado, era o «maganão do Alvim». Parecera desde o princípio simpatizar com Artur, achando nele uma passividade favorável às suas «sortes». E apenas entrou, aproximou-se na ponta das botas cambadas, seguido de olhares já divertidos, tirou-lhe do queixo, com uma surpresa cómica, uma pera de inverno. Em redor, riram:

— Bravo, seu Alvim!

E o Bento Correia concluiu paternalmente:

— Isso é tirar uma pera de um queixo que a traz rapada!

Era um famoso calembur! Causou deleite! Aquele diabo do Bento Correia!... Aquele era de truz! Meirinho, entusiasmado, acotovelou Artur:

— Este é soberbo, homem! Ponha-o na comédia, ponha-o na comédia!

E Carvalhosa, com a boca cheia, repetia:

— Ponha-o na comédia! É soberbo!

— De artista — disse com autoridade o Padilhão, olhando Artur como para o aconselhar a utilizar aquele soberbo calembur.

Artur sentia diante dos olhos uma névoa sanguínea. Era uma troça com certeza! Abafava. Disse vagamente: que calor! E agarrando o chapéu, saiu, ouvindo ainda as risadas na sala. Riam-se

dele, decerto!

Desceu o Chiado, acotovelando gente, com palavras vagas, murmuradas, que lhe saíam da boca como um vapor de cólera. Entrou no Martinho, e o criado, que limpava o mármore da mesa, ficou admirado do gesto brusco com que se atirou para uma cadeira e da voz furiosa com que pediu genebra.

Quando o seu furor se evaporou, Artur reparou no republicano, no Nazareno, que, ao lado, com a chávena defronte, fumava, a cabeça encostada à parede, as lunetas reluzindo sobriamente. Os burgueses do *Universal* tinham-no indignado tanto que sentiu, num impulso, uma simpatia ardente por aquele homem, hostil à burguesia, que falava nos clubes contra ela e lhe preparava a morte.

Depois das faces alvares que tinham rido do calembur do Bento Correia, achava uma alta expressão inteligente, crítica, naquela fisionomia seca de jacobino, que tomava o seu café com uma mansidão filosófica. Como o seu drama, que era a glorificação democrática do génio plebeu, agradaria àquele republicano, àquele igualitário! Parecia-lhe agora que os Carvalhosas, os Padilhões, queriam amesquinhar o seu drama, por sentir nele um grande sopro revolucionário; e a sua indignação contra os Conservadores, os Bentos Correias, os Meirinhos, decidiu servir as ideias do Nazareno, dramatizá-las. Desejava conhecê-lo, desabafar com ele, dizer mal, odiosamente mal, da canalha que lá em cima, no *Universal*, lambia os bigodes húmidos de café,

partindo nozes apaticamente, no enfartamento de uma nutrição cara. Procurava um meio de lhe falar, quando Nazareno pediu ao criado a *Revolução de setembro* que estava diante de Artur, aberta, enxovalhada, sorrindo; o republicano agradeceu com um movimento reservado, percorreu o jornal um momento, atirou-o para o lado com desdém e bebeu os últimos goles de café. Aquele gesto encantou Artur: mostrava o desprezo do republicano pela literatura dos Romas, dos Xavieres, da Canalha! E pediu outro café, demorando-se, esperando um incidente, um olhar, alguma palavra casual que os reunisse. Mas Nazareno, imóvel, soprava espaçadamente o fumo do cigarro. Era talvez um amigo de Damião, pensou Artur.

Poderia perguntar-lhe, muito naturalmente, a morada do Damião ou quando voltaria do Algarve. E ia falar-lhe, animado por dois cálices de genebra, quando o republicano pôs três vinténs sobre o mármore da mesa, ergueu-se, deu um jeito ao cabelo diante do espelho e saiu, direito e seco. Que ferro!

Saiu também, imensamente desconsolado. Aquela contrariedade fez-lhe pensar, com amargura, nas outras, bem maiores, que lhe estragavam a vida: o seu amor por aquela criatura pequenina e pálida, entrevista, logo perdida; a reputação de farsa dada ao seu drama, tão filosófica; as *soirées* de D. Joana Coutinho, prometidas e sempre adiadas; os seus entusiasmos literários pelo Roma, pelo Carvalhosa, retribuídos com

perfídias, desdéns, troças... Tudo na sua vida era assim incompleto, esboçado, fragmentário; não encontrava nada de sólido em que se fixar, a que se dedicar: amor, relações, glória, tudo lhe escapava de entre as mãos, como a água que uma criança quer apanhar e lhe foge entre os dedos. E sentia uma solidão, uma frialdade, que a noite enevoada aumentava. Caíra um nevoeiro, que os altos prédios entalavam, condensavam, em que a luz do gás se amortecia e os vultos tomavam um tom neutro e encolhido; as fachadas escuras pareciam mais tristes, vagamente fundidas na incerteza baça da bruma.

Artur caminhava triste: sentia a névoa prender-se-lhe ao bigode, às pestanas, amolecer-lhe a goma do

colarinho, e toda aquela humidade depositar-se-lhe na alma. Cheio de tédio, sentindo-se mais só nas ruas vazias de onde o nevoeiro afastara a gente, teve um desejo de se embebedar, aquecer o corpo e o espírito com genebra, rolar-se no deboche. Voltou ao Rossio: entrou num pequeno café, onde a cor suja da parede, o soalho negro, o estuque enxovalhado, comiam a pouca luz dos bicos de gás.

Instalou-se a um canto com a garrafinha de genebra, melancólico, pensando no botequim da Corcovada que, agora, lhe parecia mais confortável, mais amável do que tudo quanto encontrara em Lisboa, com a simpatia verbosa do Rabecaz, o lume a estalar do outro lado do tabique na lareira da cozinha, e as vozes conhecidas caturrando no bilhar.

Um pigarro pertinaz, numa mesa ao lado, fê-lo reparar num sujeito que tomava um *cabaz:* pequeno e grosso, trazia um xaile-manta aos ombros e a face redonda, barbeada, mole, tinha uma cor lívida de pele de galinha; no seu olhar embaciado havia um langor mórbido e grotesco. Sorriu para Artur, dirigindo-se-lhe com uma vozinha fina:

— Má noite!

— Muito má!

O indivíduo imediatamente, arrastou-se pela banqueta de palhinha até junto de Artur, com um movimento derreado dos quadris, os olhos revirados numa ternura chorosa:

— É servidinho de um *cabaz?*

Artur recusou. Aquela proximidade do velho embaraçava-o: o

indivíduo tinha um não sei quê de pegajoso na pele, um roliço de perna efeminado que repelia, e nos seus olhos, de cor indecisa e que não deixavam Artur, errava uma luxúria turva, equívoca, flácida.

— Então por que não vai um *cabazinho?* — disse o homem, mais baixo, chegando-se.

Artur, instintivamente, recuou com nojo. O outro teve um movimentozinho de quadris, tocou-lhe no joelho e muito canalhamente:

— Não tenha medo, menino!

Artur compreendeu, ergueu-se e com os punhos cerrados:

— Seu mariola!

— Então, menino, então! — disse o outro tranquilamente.

Artur berrou pelo criado, atirou uma placa para a mesa e saiu furioso.

O nevoeiro cerrava; e Artur, galgando o Chiado, impelido pela indignação, ia murmurando:

— Canalha de cidade!

***

Daí a dias, de manhã, revia as provas dos *Esmaltes e Joias*, quando a porta se abriu discretamente e Meirinho entrou, pedindo muitas licenças, envolvido no seu belo *robe-de-chambre* de ramagens, o aspeto mais risonho, mais serviçal.

Se estava a trabalhar, não o queria incomodar! A rever as provinhas, hem? Examinou-as por cima do ombro de Artur,

sem o deixar levantar, dizendo:

— Por quem é, por quem é, patrício! Eu não vim incomodar! Bonito tipo; elzeviriano, não? É muito chique. Versinhos de amor, hem? Seu maganão!... Ora vamos a ver, vamos a ver. — E inclinava o rosto para escutar, com êxtase.

Artur, lisonjeado, leu, na folha que revia, algumas quadras às *Colinas de Santo Estêvão* — «que era lá nos seus sítios»:

Oh! colinas verde-negras
Onde se escondem casais,
Pondo brancuras de cal
Nos ramos dos pinheirais...

Colinas de Santo Estêvão,
Onde eu à tarde passeio,

Colhendo nas nuvens brancas
Motivos de devaneio!

Meirinho achou «de apetite». E sorrindo maliciosamente, quis saber se ele não fazia às vezes «versinhos frescos», como os do Bocage, por exemplo...

Artur corou como uma virgem: decerto que não, que horror!

— Pois têm seu cabimento — disse Meirinho com um ar entendido. — Eu pelo-me! E olhe que na sociedade gosta-se! Gosta-se! Já se sabe, nada de grossa indecência! No género do Padilhão. O Padilhão para isso é um Deus! Conhece o *Botão de Rosa*, do Padilhão? Não conhece? — E parecia admirado. — Pois olhe, é falado, e como

o amigo é literato! Mas em Paris é que há meninos para isso! Oh! — e revirava os olhos. — E poetas de fama! São muito apreciados. É muito chique!

Artur, ainda vermelho, estava indignado. Havia na voz compenetrada, nos movimentos de olhos de Meirinho, fazendo o elogio da poesia obscena uma satisfação langorosa que lhe lembrava, por vagas semelhanças, o velho do café do Rossio; e aquelas opiniões estúpidas faziam parecer mais irritante a correção da sua barba e o catitismo do seu belo *robe-de-chambre* de ramagens.

Meirinho passou o lenço de monograma bordado pelo . nariz, e mudando de tom:

— Pois eu vinha saber se o amigo quer ir hoje à D. Joana Coutinho?

Que surpresa! Porém, à alegria repentina que lhe veio, misturava-se um vago medo que lhe fez dizer, sem saber por quê:

— Não, hoje...

Arrependeu-se logo. Queria revogar a palavra. Remexia nervosamente nas folhas impressas do livro, com as orelhas escarlates.

Meirinho exclamou:

— Qual! O amigo não tem que fazer. Eu já falei à D. Joana: ela tem imenso gosto... Recita-se, naturalmente. É necessário levar uma poesiazinha...

Artur, por fim, aceitou, reconhecido. E para esconder o seu entusiasmo provinciano, perguntou a que horas devia ir, quem estaria...

— Ah — fez Meirinho — talvez lá

encontre a tal senhora que mora em S. Bento. Se é pessoa de sociedade, uma ou outra terça-feira, deve lá ir. Vai lá tudo!

Artur fez-se vermelho de prazer. Calculou logo que devia ir comprar luvas cor de palha, uma flor... Sentia uma nova estima por Meirinho: era um bom amigo, este; pensava mesmo em lhe dedicar uma poesia no livro...

— Como o tempo melhorou, hem! — exclamou Meirinho que se aproximara da janela.

De manhã ainda chuviscara, mas agora o céu azul, de um azul terno e húmido, reluzia entre largas nuvens algodoadas que a luz orlava de uma tonalidade macia de leite.

Artur abriu a janela. Ao contentamento do bonito dia, misturava-se

a alegria de ir à *soirée:* sentia-se vagamente enternecido. Via-se lá, numa sala rica, onde caudas de seda rugem sobre os tapetes, falando baixo, a *Ela*, muito junto do leque aberto sobre o lindo rosto corado de sensações doces. Que recitaria?

— Recita-se, hem? — perguntou ainda a Meirinho.

— Costuma-se — disse o outro, que parecia distraído, passeando pelo quarto, afagando a barba, apertando os cordões do *robe-de-chambre*. Às vezes parava, sorria para Artur, cerrava os olhos, dava alguns passos, curvado para as suas chinelas. De repente disse:

— Então às nove, de casaca...

Dirigiu-se para a porta; mas parando, com um grande gesto:

— Homem, esquecia-me! — E riu baixo um momento, como se fosse dizer alguma coisa de muito cómico: — Sucede-me uma história engraçada. Esperava aí hoje uns dinheiros... Tem graça, não? Coisas do país!... É de um ridículo!... Esperava um dinheiro... Pois senhores, descuidam-se... E aqui estou eu... Tem o amigo dez libras, até amanhã?

Artur, um momento surpreendido, foi logo ao baú tirar as libras de um cartucho. E Meirinho, fazendo-as escorregar negligentemente para o largo bolso do *robe-de-chambre:*

— É de um ridículo, hem? Coisas do meu procurador! — Tornou a rir ambiguamente: — E então às nove, de casaca. E gravata preta; é escusado gravata branca...

Sorveu outro riso, e já com a mão no fecho da porta:

— A D. Joana Coutinho há de estimar muito. Já falei nos calemburzinhos. Ela já sabe, ela já sabe!

Riu de novo, e com um deslizar doce das chinelas, saiu, dizendo:

— *Au revoir, cher!*

Artur fixou extremamente agitado. Ia ver enfim essa coisa extraordinária; a SOCIEDADE!

Imaginava vagos diálogos, frases originais que diria, posições em que se sentaria: e sentia já umas indefinidas cólicas, a que se misturava um sopro de vaidade alegre e de timidez retraente. Se *Ela* lá estivesse? Ousaria lembrar-lhe a estação de Ovar? E fumando, pelo quarto, perdia-se em imaginações flutuantes, em

que se formava e desmanchava o romance fragmentado dos seus amores com *Ela* — desde o primeiro olhar até aos ciúmes do marido, até a um duelo possível!...

Nesse momento um criado entrou com uma carta: era do Sr. Melchior e o galego esperava a resposta. «Amigo Artur» — dizia o jornalista — «hoje, por acaso, eu e outro amigo combinámos uma partida ao Dafundo, com damas espanholas. Despesas divididas como num piquenique de amigos. Quer você vir? O outro rapaz é conhecido, é dos nossos. Resposta. O *rendez-vous* é às 9 em ponto na Casa Havanesa. — *P. S.* — A formosa Concha está pronta a ir e você será o seu *cavalière!* Viva a folia!!»

Artur ficou com o bilhete na mão, hesitando: na letra irregular e

desmanchada de Melchior entrevia como que uma impetuosidade de troça, desalinhos de *toilette*. A ideia da orgia aparecia-lhe toda reluzente de tentações: numa abundância de luzes de gás, jatos dourados de *champagne* saltando dos gargalos estreitos, mulheres de decotes atrevidos cantando, valsas improvisadas fazendo saltar os cristais sobre a mesa e em que o frufru das sedas se misturava ao estalar dos beijos!... Desejava muito ir — mas a sua promessa a um homem tão bem relacionado como Meirinho?... A esperança de a ver, a *Ela?*...

Respondeu, não sem orgulho, «que sentia muito, mas já estava convidado para uma *soirée* no *High-Life*».

***

A casa de D. Joana Coutinho, a Santa Isabel, era um antigo prédio, com um pátio lajeado de pedra miúda, onde às vezes se via, a um canto, desatrelada, a carroça da água.

Casada com um fidalgo da província, rico e já de idade, D. Joana Coutinho recebia às terças-feiras; aquelas *soirées* constituíam a sua posição social. De vez em quando, com a prudência de quem esperta uma lareira que tende a esmorecer, alguns amigos (Bento Correia dizia «alguns devotos») faziam publicar nos jornais — «que as deliciosas terças-feiras, da Exma. Sr.ª D. Joana Coutinho eram «*soirées* ecléticas»: viam-se, com efeito, nas três salas seguidas, velhos fidalgos, novos deputados, jornalistas, um

ou outro banqueiro, algum ministro, poetas e estrangeiros. Às vezes recitava-se; quando dominavam as raparigas, valsava-se ao som do piano; e como seu marido conservava muitas relações na província, via-se também errar entre os grupos caracteristicamente lisboetas, algum sujeito embezerrado, de cores sadias, chegado do fundo da Beira ou das alturas de Trás-os-Montes, incomodado na casaca vincada das dobras da mala. O que sobretudo tornava estas *soirées* estimadas, era a disposição da mobília e a moderação da luz: as cadeiras e os sofás, cobertos, de verão ou de inverno, das suas *housses* de fustão branco, estavam dispostos de modo a formar retiros favoráveis à intimidade de um grupo ou de uma *coterie*, recantos obscuros,

excelentes para o diálogo murmurado de um par sentimental. Às vezes, via-se assim, num canto mal alumiado, um peitilho de camisa muito chegado a um leque aberto: — era um escandalozinho em plena função, como dizia o maligno Xavier; outras vezes, de uma daquelas alcovas — Bento Correia dizia, impudentemente, «as alcovas de D. Joana» — via-se erguer um sujeito, com o rosto muito sério, entumecido, escarlate, batendo as pálpebras, como um homem mal acordado e a quem se desejaria perguntar: *fez a sua soneca, hem?*— As luzes, lâmpadas Carcel de globo fosco, com fortes *abats-jours*, concentravam toda a claridade no meio da sala, sobre inocentes álbuns e honestas vistas estereoscópicas, deixando junto às

paredes uma zona de sombra adorável: assim não era necessário às senhoras, como se dizia, «puxar muito à *toilette»:* ligeiras modificações de enfeites, no mesmo vestido, bastavam durante um trimestre; além disso, a penumbra favorecia os rostos muito pintados e as belezas decaídas tomavam, naquele esbatido doce de tons neutros, um encanto imprevisto.

Por isso D. Joana Coutinho era muito estimada. Apesar de ser casada com um velho monótono e passivo e de ter, com os seus esplêndidos olhos negros, a sua alta estatura airosa, «inspirado um bonito par de paixões», era honesta. Tinha grandes amizades femininas: andava às vezes durante o inverno inteiro com alguma rapariga que ninguém conhecia,

desentranhada dos fundos neutros da burguesia, e que ela trazia a seu lado no landau, instalava no melhor lugar do seu camarote em S. Carlos ou no centro da sua sala, às terças-feiras, cocando-a sempre com olhos brilhantes, erguendo-se de repente para lhe ir murmurar um segredo, com risinhos quentes, muito zelosa dos seus olhares, dos seus apertos de mão. Depois, no inverno seguinte, «outra favorita reinava»; as suas criadas tinham a reputação de bonitas e os rapazes costumavam, ao entrar, demorar-se nos corredores, tirando o paletó devagar, na esperança de entrever algum dos rostinhos maganos das «escravas de D. Joana». Estas circunstâncias davam lugar a sorrisos malignos: chamava-se-lhe rindo: *D. Juana*. Mas ela era tão amável, tinha

um sorriso tão bom, os seus apertos de mão faziam-lhe tilintar os braceletes de um modo tão atraente — sempre tão pronta a servir de empenho a um ministro, a organizar um bazar de caridade, a reunir um público para a leitura de um poema triste, que — como dizia Bento Correia — «todo o mundo tinha a caridade de não aprofundar».

Seu marido, de resto, parecia contente e orgulhoso dela. Era um homenzinho amarelo e silencioso, a quem os convidados, ao entrar, davam um aperto mole e as senhoras mostravam os dentinhos num sorriso curto; depois, não se reparava mais nele. Muito metódico, muito económico, toda a noite errava subtilmente pela casa, arranjando uma cadeira, diminuindo no corredor um bico

de gás, levantando um paletó caído. Dizia-se geralmente que sofria de um aneurisma: dois sujeitos, ambos empregados no Ministério do Reino, ambos graves, seguiam com impaciência a marcha da enfermidade, estudando-lhe a amarelidão, os cansaços, na esperança de ainda um dia gozarem os dez contos de réis de renda da viúva. Dizia-se porém que, morto o marido, D. Joana Coutinho se retiraria a um convento — onde o número e a idade das educandas satisfariam amplamente as suas necessidades de ternura feminina.

Davam nove horas no relógio do corredor quando Meirinho e Artur entraram, para despir os paletós, num pequeno gabinete alumiado por serpentinas, ao lado de um antigo tremó

de província. Artur, muito nervoso, encharcado de água-de-colónia, hirto na sua casaca, com uma compressão de medo no estômago, calçava, um pouco trémulo, as luvas cor de palha, quando ouviu, saindo de uma sala próxima, um zurrar clamoroso de jumento! Voltou-se, espantado, para Meirinho... Mas este apenas sorriu, alteou o peitilho, penteou cuidadosamente ao espelho a bela barba e disse:

— É perfeito, hem?

Ao lado, o burro zurrava convulsivamente e aquele ronco bestial, vindo através de um reposteiro de fazenda escura, com um monograma bordado sob uma coroa, dava a Artur a impressão de uma estrebaria instalada numa *soirée*.

— É o nosso amigo — disse ainda

Meirinho. Deu um puxão à casaca e ergueu o reposteiro.

Era com efeito o Padilhão: no meio da sala, torcido sobre uma cadeira, com as mãos nas ilhargas, a face roxa, fazia a sua grande imitação do «burro com cio»!

Admiravam-no! Sujeitos graves, as mãos atrás das costas, tinham nas faces burocráticas expressões aprovadoras e profundas; dos sofás, na penumbra,, estendiam-se magros pescoços avelhentados, bocas de poucos dentes entreabertas de pasmo; e as senhoras, de pé, com o peito alto, a cabeça de lado, o rosto luzidio de satisfação, saboreavam com risinhos cálidos a sensação de bestialidade que espalhava na sala aquele rouco bramar de cio!

— Muito bem! Muito bem! Magnífico!

Ele erguera-se com os olhos injetados, arquejante, alargando o colarinho, murmurando:

— Esta do burro, mata-me!

Trouxeram-lhe água com açúcar; as senhoras cercavam-no, eletrizadas, como procurando nele o cheiro, o calor, a excitação de estio do animal. E pediam-lhe que fizesse a *Emília das Neves!* Só um instantinho! Padilhão repelia-as, quase brutalmente, inchado, bufando, e foi refugiar-se num sofá, ao pé de duas velhas, abanando-se com o lenço:

— Isto não é forja de ferreiro! Isto não é forja de ferreiro! Esta do burro, mata-me!

Meirinho então, correndo para D.

Joana Coutinho que atravessava a sala, apresentou Artur. Ela deu-lhe um grande *shake-hands* varonil, com um sorriso amigo que lhe descobriu os dentes até às gengivas:

— Muito prazer... É admirável o Padilhão! Tem-nos divertido imenso!

Artur olhava-a com admiração: muito alta, de feições um pouco masculinas, as maçãs do rosto salientes e coradas, o nariz grande, os lábios tão vermelhos que pareciam sanguinolentos — a sua força estava nos olhos encovados, muito negros, brilhantes, voluntariosos; da sua cinta espartilhada, móbil, seca, caía uma camada espessa de saias, com um ruge-ruge de engomados e de *faille* dura; e havia na sua magreza, nos seus movimentos de uma ondulação felina,

no seu cabelo preto e forte, no macio das suas mãos longas e estreitas, naquela quantidade de saias rijas, um tom ardente, decidido, que preocupava e irritava.

— Há muito tempo em Lisboa? — perguntou-lhe ela.

Mas Padilhão, erguendo a voz do fundo da sala, de entre um grupo de senhoras:

— Ó Sr.ª D. Joana, venha cá! Venha decidir!

Ela deu um sorriso a Artur e foi logo, balançando a camada sonora das saias.

Artur, só, isolado, procurou Meirinho com um olhar inquieto, e, não o vendo, ficou muito embaraçado, com o *claque* colado à perna, sentindo o acanhamento entorpecê-lo, os dedos

errantes sobre o bigode. A penumbra projetada pelo grosso *abat-jour* verde esbatia as fisionomias num tom neutro, apagado: todas lhe eram desconhecidas. Olhou um momento uma mulher bonita, de vestido de seda amarela, que, enterrada numa poltrona baixa, o leque aberto sobre o colo, o olhar no chão, escutava com um vago sorriso um sujeito de *pince-nez*, de pulsos magríssimos, que gesticulava, muito chegado a ela; junto da mesa, três meninas cochichavam com risinhos, os rostos unidos, examinando um álbum. Artur, então, desejou também um álbum para folhear e os seus olhos voltaram-se ansiosamente para D. Joana Coutinho, que de pé, defronte do Padilhão, muito estirado no sofá entre vestidos de mulheres, ria, toda animada, com o braço

passado pela cinta bonita de uma menina loira e gordinha.

Para não estar imóvel, aproximou-se a examinar um quadro que pendia por cima de uma consola onde havia porcelanas: mas na meia obscuridade que dava o *abat-jour*, apenas via os dourados desbotados do caixilho; voltou-se, mais embaraçado, infeliz: duas velhas com enfeites negros, as mãos no regaço, um aspeto de placidez embrutecida, pareciam examiná-lo com uma curiosidade desdenhosa; quase angustiado, furioso com o Meirinho que desaparecera, com D. Joana que o esquecera — entrou na outra sala, com a esperança de a ver, a *Ela!* Na sua turbação, distinguiu apenas, na mesma penumbra que caía dos *abats-jours*, peitilhos claros de sujeitos recostados,

corpetes de seda onde reluziam medalhões; leques palpitavam devagarinho; falava-se francês. Junto de uma jardineira, no meio da sala, uma magnífica mulher de aspeto escultural, de bela e soberba massa de cabelo loiro, remexia distraidamente em fotografias espalhadas: sentada de lado à beira da cadeira, toda a riqueza das suas linhas ficava em relevo e a longa cauda escarlate do vestido estendia-se amplamente sobre o tapete. Mas *Ela* não estava, não viera, não era talvez mesmo das relações de D. Joana. A *soirée* perdeu para Artur todo o encanto; todo o atraente calor ambiente pareceu-lhe fictício, de um cerimonial frio.

Ia retirar-se, intimidado, quando ouviu a voz do Carvalhosa: gesticulava

entre dois sujeitos, ao fundo, junto da chaminé, onde um guerreiro de bronze, sobre um cavalo empinado, brandia uma espada. Aproximou-se dele, com um sorriso quase servil, todo reconhecido; o Carvalhosa deu-lhe um *olá!* seco, desdenhoso, e mesmo abaixou a voz. Artur então, desesperado, examinou um momento o bronze; sentia os pés pesados como chumbo, as orelhas ardentes; muito perturbado, veio tropeçar na longa cauda de seda escarlate: a senhora voltou-se com um olhar que brilhou e aconchegou o vestido com um gesto brusco, quase irritado.

Artur voltou à primeira sala e ficou um momento junto da porta, imóvel: sentia que as articulações se lhe emperravam. E teria de passar toda a

noite, errando assim de ombreira em ombreira, mudo, grotesco, lúgubre?...

E as três meninas que conservavam ainda egoisticamente o álbum! Como desejaria aproximar-se do Padilhão, refugiar-se nele como numa intimidade animadora; mas via-o tão cercado de saias, de sedas, de penteados enchumaçados, de leques abertos!... E sobretudo, a intimidade que unia aquelas pessoas e as envolvia como uma atmosfera — tornava o seu isolamento mais pungente. Deviam decerto pensar: «que provinciano, que lapuz!» Achou aquela gente artificial, egoísta, amaneirada! Que saudades do seu *robe-de-chambre* de veludo, no quarto do *Universal*, ou do botequim da Corcovada, em Oliveira! Porém não podia ficar ali,

colado à ombreira da porta! Já surpreendera olhares de lado, sorrisos que lhe punham nas costas um suor aflito, e com um esforço da vontade retesada, aproximava-se da mesa, para se apoderar das vistas estereoscópicas, quando D. Joana, o peito alto, batendo o leque, num ruge-ruge de *faille* rica, se dirigiu a ele:

— Então tem gostado de Lisboa?

— Muito, minha senhora! Respondeu com todo o sangue nas faces...

— Ah, gosta-se sempre!... — Sorria por cima do ombro de Artur para o grupo das meninas que folheavam o álbum: ameaçou-as mesmo com o leque, com um rápido brilhar das pupilas negras. — Está um tempo muito agradável, não?

— Adorável!

— E vai durar, é de esperar!... —

Tornou a sorrir para as raparigas, a ameaçá-las com o leque. — E demora-se?

— É provável!

— Terei muito prazer... — abaixou-lhe a cabeça com um movimento lento que lhe cerrou as pálpebras e com outro sorrisinho que lhe descobriu as gengivas, afastou-se, dizendo ainda: — O Meirinho está com o seu *whist*...

Artur viu-a um momento falar às meninas, rindo, com a cinta sempre móbil, como se sustentada no ar pelo tufado das saias; depois, debruçar-se para o álbum, falar-lhes sobre o rosto, pondo a mão no ombro de uma ou de outra, viva, radiante; achava-a provocante com o seu longo nariz, os dentes tão brancos, aquela magreza quase masculina onde corria uma vibração de nervos excitados; e mais

animado, como se as palavras que dissera lhe tivessem dissipado o entorpecimento, atravessou a outra sala, para ir ver o Meirinho na sua partida de *whist*. Havia dois reposteiros; abriu um deles, e topou com uma porta fingida: num vão estava uma vassoura! Vermelho até à raiz dos cabelos, ergueu o outro: ao fundo de uma saleta, Meirinho lá estava a uma mesa de *whist*. Artur apoderou-se avidamente de uma cadeira e instalou-se entre ele e um sujeito de suíças grisalhas e óculos de ouro.

— Então tem-se divertido? — perguntou-lhe Meirinho.

Recebeu as suas cartas e recaiu numa reflexão imóvel, coçando devagar a barba. Artur não sabia o *whist;* mas como se fumava, acendeu um charuto,

mostrando-se interessado pelo jogo, seguindo atentamente as cartas, estabelecido ali como num refúgio amável, no terror da sala, das ombreiras solitárias, das caudas de seda...

O monótono movimento das cartas ia-lhe dando um torpor sonolento: com o *claque* nos joelhos, a cabeça vazia, uma vaga sede, abandonava-se numa inércia mole, enfastiada, de que o tirava o Meirinho de vez em quando, dizendo-lhe, com um tom satisfeito:

— Não se faz vintém!

Aquilo escandalizava o sujeito de óculos, que perdia:

— O que não se faz, o que não é decente é ter uma sorte tão escandalosa!

Parecia ter um génio irritável: certas cartadas faziam-no mexer na

cadeira com um rosnar hostil; já por duas vezes olhara para Artur, de lado, com rancor.

Artur acendia outro charuto, quando o sujeito de óculos que jogara uma carta com ira, batendo-a fortemente na mesa, ao ver Meirinho estender a mão para a vaza, pulou da cadeira, fez estalar os nós dos dedos, repeliu a caixa de rapé, e disse entre os dentes:

— Eu, quando há calistos, não posso! Não posso! Nem o jogo é um prazer!

Artur não sabia o que era um *calisto*, mas estranhou o acento sibilante, furioso, daquela voz caturra: sentia que o sujeito de óculos o detestava; o parceiro dele, mais grave, muito calvo, disse:

— Então não se vai fazer a corte

às senhoras?

Artur respondeu:

— Estou bem, gosto de ver jogar!

O dos óculos torceu-se na cadeira, soprando.

Meirinho, mudo, cofiava a barba, a face risonha, banhada na alegria do ganho.

Deram de novo as cartas, mas ao ver as suas o sujeito de óculos deu uma punhada na mesa:

— Uma coisa assim!

Tinha a face injetada e por trás dos óculos, os olhos pequeninos faiscavam-lhe; de repente, a uma cartada infeliz, recuou a cadeira com um *oh!* surdo, rangeu os dentes e voltando-se para Artur, trémulo de cólera:

— Perdão, eu não tenho o gosto de

o conhecer, mas não posso, não posso! Estes amigos sabem, conhecem-me o génio! Tenha a bondade de mudar de lugar! — E não se contendo, berrou com os punhos fechados: — Eu com calistos não posso!

Artur ergueu-se, pálido, balbuciando:

— Pois não, pois não!...

Atirou o charuto e pisando o tapete com passos nervosos, saiu para deixar a *soirée*, indignado, humilhado, furioso contra Meirinho. Ao erguer o reposteiro deu com D. Joana Coutinho, que, muito afável, o chamou:

— Ia procurá-lo! O Meirinho disse-me que é poeta... Queremos que nos recite logo alguma coisa.

Todo o seu despeito se dissipou;

sentiu envolvê-lo subitamente uma simpatia ambiente:

— Pois não, pois não, minha senhora! Recitarei *A Pomba*.

Curvou-se, enternecido, e entrando na sala foi apoderar-se do álbum que as três meninas tinham deixado, muito entretidas agora com o Padilhão que lhes lia nas palmas das mãos a *buena-dicha*, com cerimónias de bruxo, fazendo voz sepulcral. E riam!...

Artur, folheando o álbum — pessoas reais, vistas da Pena, indivíduos de farda — recordava as estrofes de *A Pomba*. Pelo meio da sala, dois sujeitos passeavam pausadamente: um, muito alto, de perfil espesso, com uma enorme testa deprimida no alto, escutava, com um olhar vazio, sonâmbulo; o outro, magrinho, de

passinho dançado, falava com verbosidade, uma das mãos por baixo da aba da casaca, o, que lhe mostrava um pouco da camisa saída, a outra, de polegar estendido, furando o ar com gestos vivos, aqui e além; Artur ouvia-lhes ao passarem junto dele: «a portaria..., influências da prima..., o Rei é que quis..., o ministro furioso...» Às vezes paravam e o mais alto rolava em redor o bugalho baço dos olhos pasmados. Um indivíduo nutrido falava com duas senhoras de idade da irreligão dos criados! Era coisa que ele não suportava! As velhas lamentavam a perdição dos tempos... O povo estava ímpio, era obra da maçonaria... Mas um velhote, de colarinho enorme e bochechas fortes, aproximou-se, arrastando a perna: perguntaram-lhe se ia melhor: Não; estava

decidido à operação... Talvez fosse fazê-la a Paris. Discutiram então médicos, farmácias e as vozes tomavam tons dolentes, como num quarto onde se agoniza.

Mas Artur teve de se arredar um pouco para dar lugar, à mesa, à senhora de vestido cor de palha, que se aproximara com o rapaz magro de *pince-nez:* era alta, com um seio rico, a pele esplêndida, os olhos grandes; sentou-se, tomou uns poucos de retratos soltos que estavam num cesto de filigrana; o rapaz magro disse-lhe ainda algumas palavras baixo e afastou-se de cabeça erguida, limpando as lunetas ao lenço. Ela deu um olhar rápido a Artur, outro, lento, à roda do vestido, comprimiu de leve um bocejo e começou a examinar distraidamente os retratos: Artur

admirava-lhe as mãos de uma brancura látea, cheias de pedrarias, o começo do. braço cujo torneado, polido como um mármore, se perdia num fofo de rendas ricas, quando o Padilhão, que acabara de ler a *buena-dicha*, lhe veio falar: nunca a vira com melhores cores... Ela riu:

— Sim?... E então não nos faz outra imitação?

— Ah, já contribuí, já contribuí! A do burro cansa-me muito. Aqui o nosso amigo — e indicou Artur — vai-nos recitar...

Ela olhou para Artur um pouco de lado, e Padilhão, muito correto, apresentou-o:

— O meu amigo Artur Corvelo. E agora — acrescentou — vou ver o D. Frederico, que tem perdido e está

furioso... *Au revoir*, Sr.ª Baronesa!

Artur, vermelho, procurava uma palavra, quando ela, reparando numa das fotografias, lha mostrou:

— É Rochefort, não é?

Artur, quase inconscientemente, soltou:

— Grande apepinador!

E, espantado, aterrado daquela frase quase obscena, que lhe saíra involuntariamente, como um arroto, sentiu a vergonha esbrasear-lhe a pele, pôr-lhe um suor nas mãos, imobilizá-lo. Viu os dois sujeitos que passeavam pararem junto da baronesa: mas através do zumbido que lhe enchia os ouvidos, as suas vozes chegavam-lhe apenas como um murmúrio remoto; percebeu vagamente que falavam do *Fim de D. João* — o

poema recente de um poeta ilustre. A baronesa, que justamente o lera nessa manhã, não gostava: achava que tinha páginas incompreensíveis; o indivíduo magrinho atacava o livro: não que o tivesse lido, oh não! — não tinha tempo para se ocupar de versos, de romances, de literatura — mas constava-lhe que estava recheado de imoralidades e de ideias de Comuna... O indivíduo sonâmbulo, esse, parecia procurar uma frase na lâmpada Carcel, no penteado da baronesa, no peitilho da sua própria camisa, com olhares de uma ânsia abstrata; não a achou e passou os dedos devagar pela testa enorme, com uma lentidão cheia de agonia, enquanto o magrinho continuava a falar: parecia furioso com as ideias novas, os livros novos, os rapazes novos!

Era de opinião que o Governo devia intervir. O sonâmbulo, com um esforço que lhe entumeceu mais o rosto, disse por fim, numa voz espessa, crassa:

— É todavia um rapaz bastante profundo! — teve outro esforço e murmurou num tom cavernoso: — dizem-me que tem muito fundo!

Era possível — mas a Sr.ª Baronesa preferia a todo o *Fim de D. João*, uma simples quadra das *Flores da Alma*: «*As flores d'alma que se alteiam belas*...»

— Ah! — disseram ambos, concordando impetuosamente.

As palavras que chegavam por fragmentos a Artur, através da sua turbação, faziam-lhe entrever na Sr.ª Baronesa leitura, curiosidades artísticas,

um gosto formado, e a sua frase: *grande apepinador!* parecia-lhe então mais estúpida, mais torpe!

Ergueu-se subtilmente, encolhido de vexame, e foi-se refugiar, com a cabeça a arder, na sala amarela, deserta, onde as luzes das serpentinas erguiam grandes chamas direitas. Atirou-se para o sofá, dando uma punhada no joelho, com um *oh!* de raiva. O que lhe fizera partir dos lábios aquela palavra abjeta? Ele, que ao nome de Rochefort sentira apertarem-se-lhe no cérebro apreciações finas, originais, pitorescas! E era àquela mulher, formosa, toda vestida de seda amarela, com uma carnação tão pura e que tinha a majestade de um mármore, que atirara uma tal chulice! Apresentado como um poeta, um estilista, um delicado, abria os

lábios e soltava uma sandice obscena, ele, que mesmo entre homens, quando se desabotoam os coletes e se fala numa fumaraça de cigarro, tinha sempre uma correção honesta de expressões!... Oh! Que pensaria ela? Que diria D. Joana?...

Sons de piano tiraram-no da sua modorra. Ergueu-se: o seu rosto, no espelho, pareceu-lhe envelhecido, parvo, e com o *claque* colado à coxa, chegou-se à porta da sala. Valsava-se.

D. Joana que passava pelo braço do barão, um rapazote gordinho e baixo, de colarinho muito decotado e barbinha rala — parou e voltando o rosto para Artur:

— Quiseram antes valsar. Raparigas!... Mas noutra noite, espero ter a ocasião de o ouvir... Tire par para uma

valsa...

Artur fez-se escarlate:

— Eu não valso.

— Para uns lanceiros, então?

— Não, obrigado, não danço...

— Ah! — fez ela e afastou-se, rindo baixo com o barão.

Artur teve-lhe ódio. Desejou raivosamente um título, uma pasta de ministro, a glória de duelista, uma celebridade qualquer que o tornasse temido e admirado!

— Tem a bondade de deixar passar! — disse-lhe sobre o ombro uma voz impaciente.

Voltou-se: era o rapaz de *pince-nez* que trazia pelo braço a magnífica criatura de grande cauda escarlate. Artur recuou bruscamente e vendo junto de uma

velha uma cadeira desocupada, refugiou-se ali, numa atitude aniquilada e hostil, por trás de uma poltrona, onde pôs o *claque* que o impacientava. Como desejaria entrar naquela sala à frente de uma multidão furiosa, numa noite de revolução! Espedaçar os espelhos à coronhada, carregar de algemas aqueles pulsos de magricelas! Ver aquelas mulheres tão triunfantes, de peitos erguidos, arrastarem-se de joelhos aos seus pés, na imploração soluçante de uma casta vencida!

O sujeito magrinho que admirava as *Flores da Alma*, tocava ao piano o *Danúbio Azul*, com movimentos ternos de cabeça que condiziam com as suas preferências poéticas; tinham recuado a mesa, e no soalho encerado à francesa

quatro pares giravam com um frufru de sedas, num rápido resvalar de solas; as porcelanas sobre a consola tremelicavam levemente; os leques tinham uma palpitação mais rápida; falava-se com uma vivacidade comunicada pelo ondear das saias e a vibração do teclado; as meninas, à beira das cadeiras, com os pezinhos impacientes, tinham um brilho mais vivo nas pupilas, e o globo do candeeiro, sem *abat-jour*, alumiava, defronte de Artur, um vasto quadro à Salvator Rosa, onde havia ruínas, pinheiros mansos e bandidos românticos.

Então a velha senhora de enfeites negros pareceu acordar, bocejou, mastigou em seco e voltando-se para Artur:

— Faz favor de ir dizer à Maria

que vão sendo horas.

Artur hesitou, balbuciando:

— Eu não conheço...

A velha olhou-o com curiosidade, desembaraçou uma luneta de ouro de berloques do relógio, aplicou-o com a cabeça erguida e chamando um rapaz loiro, que veio, todo afável, limpando a testa do suor da valsa:

— Faz favor de dizer à Maria que são horas...

— Oh, Sr.ª D. Sofia, pelo amor de Deus! — acudiu o moço: — Isso é uma tirania. Mais meia hora, pelo amor de Deus! — e abria os braços suplicantes.

— É que eu depois é que a aturo — murmurou a velha; — vá lá, vá lá...

Tornou a mastigar em seco e pareceu readormecer.

Os sapatos de verniz começaram a torturar Artur: decidiu partir e foi à sala de jogo, chamar o Meirinho. Ao vê-lo, o sujeito de óculos teve um movimento de terror e Meirinho que perdia, muito vermelho, respondeu com impaciência:

— Aqui cada um sai quando quer!

E agarrou as cartas furioso.

Aquelas palavras bruscas escandalizaram Artur: lembrou-se com despeito das dez libras emprestadas — resolveu exigir-lhas. Detestava agora o Meirinho, D. Joana, a Sociedade, Lisboa, e vestia na saleta o seu paletó, quando viu com terror que lhe esquecera o *claque*, na sala, sobre a poltrona. Despiu de novo o paletó, desesperado, e voltou à sala. Que raiva! Uma senhora robusta, a quem chamavam familiarmente «a

viscondessa», sentara-se na poltrona! Ainda pensou que ela tivesse visto o *claque*, o tivesse atirado para outra cadeira ao pé: não — gorda, enorme, com uma espessura tremenda de saias e de folhos, sentara-se, sem o sentir, em cima do *claque* chato! Ficou aniquilado. Como ousaria pedir àquela majestosa senhora «que se erguesse, que queria o seu chapéu»? Pensou que se levantaria em breve, libertando assim o seu *claque* e perfilou-se um momento junto à ombreira da porta; depois, foi ver todas as fotografias na sala onde o cavaleiro de bronze erguia a sua espada; foi examinar os livros numa estante envidraçada; não se atrevia a consultar o Meirinho, Padilhão valsava, Carvalhosa saíra. Decidiu então dizer à viscondessa um dito

espirituoso, original, que a fizesse logo erguer, rindo, amável, encantada, mas acudia-lhe apenas a frase natural, seca: «a senhora está em cima do meu chapéu!» De repente lembrou-lhe que talvez fosse uma *partida*, queriam escarnecê-lo, torturá-lo; um sopro de orgulho, de revolta, sacudiu-lhe a vontade: não! Iria à sala, faria levantar aquele enorme corpanzil de matrona obesa, e se visse uma face de homem sorrir, espalmar-lhe-ia uma bofetada! Voltou à sala, resoluto, mas ficou logo inerte, acabrunhado, vendo a viscondessa imóvel, com o seu grande nariz borbónico muito lustroso, cercado do rapaz de *pince-nez*, do sonâmbulo, do magrito!

Teve desejos homicidas: sentia-se tão desgraçado que se lhe humedeceram

os olhos. Sem motivo, de repente, lembrou-se da sua mãe e enternecido voltou à sala amarela, atirou-se para o sofá com a cabeça entre as mãos.

Um frufru de saias roçou o tapete e uma voz disse:

— Está incomodado?

Era D. Joana, pelo braço do barão. Artur ergueu-se bruscamente, explicou que tinha uma enxaqueca...

Sim com efeito, na sala dentro estava um calor... Mas não consentiam que se abrisse uma vidraça... O ar fazia-lhe bem. E acrescentou:

— Ah, se espera pelo Meirinho, olhe que ele não larga o *whist* senão alta noite.

E Artur, atarantado, pensando vagamente que D. Joana o expulsava:

— Ah! eu vou já, não me demoro...

Ela estendeu-lhe a mão:

— Espero tornar a ter o prazer... Às terças-feiras...

Artur, só na sala, pensava: e o chapéu? Agora que se despedira de D. Joana não podia voltar a imobilizar-se na ombreira da porta, esperando que a viscondessa se levantasse. E poderia explicar que o seu *claque* estava debaixo das gorduras da excelente senhora? Ririam, seria prodigiosamente grotesco.

Com uma esperança voltou à sala: lá estava a viscondessa, repimpada, as mãos gordas no regaço, estabelecida, palrando com a sua voz nasal. D. Joana Coutinho, essa pareceu surpreendida de o ver e muito amável:

— Perdeu alguma coisa?

— Não — acudiu — era o Carvalhosa...

— Ah, foi-se! Aquele ingrato, está um momento e desaparece...

Artur inclinou-se e saiu. Estava farto, que diabo! Vestiu o paletó e desceu a escada sem chapéu; mas ficou aterrado: no pátio, havia dois trintanários de casacos brancos e um cocheiro de praça. Tornar a subir?... Não! Retesou a vontade, dirigiu-se para o portão, enquanto o criado, atónito, abria devagar a grossa fechadura. Sentia por trás risinhos fungados, a chave perra parecia resistir. Artur tremia de raiva, de vexame; — enfim a porta maciça rolou, e uma frialdade húmida envolveu-lhe a cabeça: chuviscava.

Então amarrou o lenço com um nó debaixo do queixo e cosido com as casas, querendo enterrar-se na escuridão, apressou-se, correndo quase, com a chuvinha miúda fustigando-lhe o rosto, a garganta túmida de lágrimas. Mas perdeu-se, vagueou pelo Rato, pelo Salitre; pessoas paravam assombradas daquele indivíduo cujos passos pareciam de ébrio, com um lenço apertado na cabeça! Na Rua da Escola, encontrou um trem que recolhia: atirou-se para dentro, gritou:

— Para o *Universal!*

Que alívio ao pisar o tapete do quarto! Despiu a casaca com uma cólera impaciente, arrancou bruscamente a gravata como se quisesse arrojar de si, com a *toilette* que lhe representava a *soirée* odiosa, todos os seus desejos de

sociedade, de encontros amorosos em salas aristocráticas...

Só quando ia apagar a luz é que se lembrou que em casa de D. Joana Coutinho, ao outro dia, encontrariam o chapéu!

Pelas iniciais que ele, tolo, mandara bordar no forro de cetim azul, reconhecê-lo-iam! Que risadas! Formar-se-ia a lenda do poeta de Oliveira que esquecera o *claque*, o peludo! Oh!... Mas que lhe importava! Estava bem resolvido a não voltar lá, nem a outra *soirée!* Isolar-se-ia na Poesia, na Arte! Frequentaria Nazareno, seria um revolucionário, conspiraria contra aquele mundo burguês, bancário, fictício, idiota! E escreveria uma sátira tremenda contra os ridículos jogadores de *whist*, e as grotescas

viscondessas gordas.

— Canalhas! — murmurou, aconchegando-se aos lençóis.

E começava a pegar no sono, quando, como o frio de uma lâmina, lhe atravessou o cérebro a ideia da frase que dissera: *Grande apepinador!* Era a única que pronunciara! Deu um murro no colchão, rugiu uma obscenidade, e com um *oh!* de raiva e de vergonha, enterrou a cabeça no travesseiro.

Toda a noite sonhou com a *soirée*: valsava com a Sr.ª Baronesa, mas no chão encerado escorregava, entre as gargalhadas agudas da velha de enfeites lúgubres; não se podia erguer e aquela gente impiedosa, estúpida, egoísta, continuava valsando alegremente sobre o seu corpo prostrado; sentia sobre a testa,

onde viviam ideias que ela não tinha, pularem os sapatinhos de cetim da senhora de cauda escarlate, e no peito, onde palpitava um coração, que não batia no peito dele, enterrarem-se as tachas dos tacões do sonâmbulo!

***

Dormia, já tarde, ao outro dia, quando a porta se abriu bruscamente, depois a janela, e viu junto do leito, Meirinho, pálido, com os olhos fora das órbitas, e o seu *claque* na mão!

— Então — gritou ele — então o senhor saiu ontem sem chapéu?

Artur fingiu-se estremunhado, bocejou, espreguiçou-se, disse vagamente:

— O que é? O que é?

— O que é? — E o *claque* tremia nas mãos coléricas de Meirinho. — É isto! É o seu chapéu! Então o senhor saiu sem chapéu!

Artur afetou rir: — pensara que o tinha perdido, procurara-o, estava com dores de cabeça, havia uma tipoia em baixo...

Meirinho levou as mãos à cabeça:

— Ih, Jesus! Que vergonha, meu caro amigo! Eu, esta manhã, recebo um chapéu, com um bilhete de D. Joana, dizendo que tinham achado aquele *claque* e que, só depois de muitos tratos à memória, é que descobrira pelas iniciais que era o seu! Estava numa poltrona! A viscondessa, toda a noite, esteve sentada em cima!

Artur tentou rir: até tinha pilhéria!

— Pilhéria! — bradou Meirinho, batendo, assombrado, com as mãos uma na outra. — Pilhéria? É uma vergonha! Que hão de dizer! Eu não me atrevo a ir lá, eu nem me atrevo a ir lá outra vez! Uma coisa assim!...

Levou as mãos à cabeça e saiu desesperado.

O *claque* ficara sobre a cama: então Artur, lívido, agarrou-o e torceu-o com tanto rancor que lhe quebrou a mola. Maldito, vai-te! E atirou-o furioso para o canto da roupa suja.

Saltou com os pés nus para o chão e toda a manhã, esguedelhado, com os olhos vermelhos, embrulhado no *robe-de-chambre*, rimou uma sátira amarga contra a sociedade, contra o *High-Life:*

Oh! corações de pedra, oh! homens do milhão!

6

Nessa noite, entrando no Martinho, viu com prazer um lugar vago junto à mesa onde, como de costume, Jácome Nazareno tomava o seu café. Desde a véspera, o seu desejo de o conhecer redobrara. Repelido da *soirée* de D. Joana pelo mundo conservador, oficial, estabelecido, tendia instintivamente, no seu despeito, a refugiar-se no mundo revolucionário, revoltado, de que Nazareno lhe aparecia como o representante. Amava, sobretudo, a democracia, por certos dados humanitários, sentimentais, reparadores, e supunha, nos homens que a serviam, um calor de coração, uma fraternidade

sensível, que a sua natureza efeminada apetecia — e que faltava à gente seca, fictícia, sem generosidade e sem entranhas que tanto o humilharia em Santa Isabel. Além disso, devorava-o um desejo vago de se vingar da Sociedade e queria concorrer para a sua destruição provável, aliando-se ao Nazareno e aos seus amigos, levando-lhes as suas poesias, o seu estilo, o seu dinheiro e o seu ódio.

***

Para facilitar o conhecimento, teve o cuidado, ao sentar-se, de cumprimentar discretamente o republicano, e como reparara que ele nunca bebia alcoólicos, não tomou a sua genebra habitual: pediu *anisette*. Fumando devagar o seu charuto,

revolvia frases filosóficas que lhe diria, esperando uma casualidade que os reunisse, quando um sujeito de aspeto doente e que parecia saído de um hospital, se aproximou devagar de Nazareno: tinha os lábios naturalmente entreabertos, o nariz afilado, uma palidez oleosa, a barba desmazelada; parecia sair da cama e conservava ainda na pele, na camisa sórdida, na guedelha seca, o cheiro da febre e o relento dos suores; apoiava ao mármore da mesa duas mãos lívidas, moles, pegajosas, de unhas negras e com uma voz débil, de rouquidão asmática:

— Então quando fica pronto?

Nazareno, pousando o cigarro à beira do pires, disse:

— Daqui a quinze dias. Foi necessário pôr papel, que a parede estava

ignóbil.

A sua voz que Artur ouvia pela primeira vez, tinha um timbre enérgico e resoluto. O doente varreu a mesa com a palma da mão, limpou os dentes com a língua e perguntou mais baixo:

— O Matias?

— Tem a nevralgia hoje.

— Lá falei com o homem de Alcântara.

— Então?

O doente estendeu o beiço, oscilou a cabeça:

— Sim, boas ideias, chega-se, mas... É preciso espicaçá-lo. Vou mandá-lo amanhã ao Matias!

— O Matias amanhã tem a nevralgia, tem sempre dois dias de nevralgia.

— Ah! E o Damião? Quando vem?

Nazareno tirou do bolso um maço de papéis e mostrou-lhe uma carta. O doente leu, sorriu, mostrando as gengivas brancas e disse:

— Coisas do Damião... — Derramou em redor o seu olhar mórbido, tossiu com fadiga e erguendo a gola do paletó:

— Vou-me chegando que está húmido... Apareça, Nazareno.

O republicano retomara-o seu jornal, mas Artur tinha agora um pretexto, quase o direito de lhe falar: amigo de Damião, quereria saber se a sua ausência se prolongaria na província. Animou-se, e corando, com o chapéu na mão, a voz acanhada:

— Eu peço perdão a V. Ex.ª. Não

tenho o gosto de o conhecer, mas... ouvi, sem querer, V., Ex.ª, falar no Damião. É o meu amigo íntimo... Desejava saber se se demora, se...

— O Damião ainda tarda um mês.

Dobrou o jornal, bebeu um gole de café e ajeitando as lunetas:

— Então conhece o Damião?

Artur apossou-se de uma cadeira, estabeleceu-se à mesa. Exagerou logo as suas relações com o Damião: eram íntimos já desde Coimbra, tinham sido companheiros de casa, escreviam-se sempre... Ele até viera a Lisboa para viver com ele... Infelizmente tinha partido. — Grande rapaz, hem?

Nazareno teve um gesto de respeito simpático, fez:

— Ah!

Artur então exaltou Damião. Já em Coimbra era o centro das Inteligências. Era uma das fortes cabeças do País. E que espírito, hem?! E bom coração. Não havia melhor no partido democrático... — Repetiu duas vezes: o *partido democrático*, para se pôr com Nazareno em comunhão de ideias. Mas o republicano escutava-o, reservado, quebrando a cinza do cigarro no pires: examinava-o com insistência, pondo nos olhares, abrigados pelas lunetas defumadas, penetrações de bisturi.

— Conhece o Matias? — perguntou-lhe bruscamente.

Infelizmente não, e desejava-o bem. E o Sr. Nazareno conhecia o Fonseca? Não? Grande rapaz! Vivia em Castelo Branco. Ah, havia então, em

Coimbra, no tempo do *Pensamento*, uma grande rapaziada. E havia união... O que faltava em Lisboa era união e — um jornal... — E surpreendido, contente da facilidade com que as palavras lhe acudiam, desforrava-se da mudez que o dominara na *soirée* de D. Joana, mostrando-se ao Nazareno sob um aspeto cativante de moço entusiasta e generoso.

O republicano respondia apenas por monossílabos, uns *sins* rosnados, afirmações de cabeça.

Artur ofereceu-lhe uma *anisette*, alguma coisa; Nazareno recusou tudo, mesmo um charuto. Havia em toda a sua pessoa um retraimento, uma congelação que desanimava Artur e lhe esbatia a verbosidade como a humidade extingue uma fogueira: teve de acender outro

charuto para ocupar uma pausa. Mas Nazareno disse-lhe então:

— O senhor vive em Lisboa?

Infelizmente não. Contou com sinceridade o que o trouxera à Capital: a publicação de um livro de versos, a representação de um drama, o desejo de um meio inteligente, literário e o horror à província...

— E que tal se pensa na província? Boas ideias democráticas?

Artur riu. Qual! Estava-se tão atrasado como no tempo dos frades. Uma coleção de pequenos burgueses, imbecis, rotineiros, caquéticos; meia dúzia de ricaços que seduzem as raparigas e fazem eleições... Citou exemplos de Oliveira de Azeméis, não duvidando, para lisonjear o republicano e ter graça, fazer a caricatura

da estupidez do Carneiro, dos vícios do Rabecaz, da devoção das tias... E o pobre povo...

— Reza e paga — disse sombriamente Nazareno.

Atirou o cigarro para o fundo da chávena, carregou na

copa do chapéu com a mão espalmada e ergueu-se dizendo que, para conversarem, era melhor irem para fora. Havia ali gente que escutava e nem toda a gente devia ouvir. E já à porta acrescentou, aprumando a estatura:

— Que eu para os espiões tenho em casa uma bengala sofrível.

Caminharam calados até ao Rossio. A noite tinha um vago ar lúgubre: nuvens escuras cobriam e descobriam uma Lua fria de inverno, de tons lívidos.

— Peço perdão — disse Nazareno; — a quem tenho a honra?...

— Artur Corvelo.

E para dar ao republicano uma impressão favorável, propôs que fossem conversar para o *Hotel Universal:* tinha lá um quarto confortável...

Porém Nazareno, com o tom hirto de um devoto que alude a uma orgia — respondeu que não frequentava esses covis de conservadores... Todo o luxo, com efeito, o irritava; sem inveja, mas sóbrio e simples, condenava-o como funesto à democracia.

Artur, receando que a elegância da sua instalação o fizesse duvidar da sinceridade do seu liberalismo, apressou-se habilmente a denegrir o luxo — explicando que o que lhe convinha era

viver num quartito modesto, que, no*Universal*,a frequentação dos conservadores e brasileiros o irritava, que fora para lá mal informado, pondo nas suas explicações uma humildade e um fervor que, todavia, não acalmavam Nazareno.

— Não se encontram nesses sítios senão ladrões e devassos — disse ele.

Foi logo a opinião de Artur, e, satisfazendo o seu ódio da véspera, ao mesmo tempo que agradava a Nazareno, citou o Meirinho como a personificação daquela «corja da sociedade»: pintou-o como um idiota, ocupado de cãezinhos de marquesas, intrujão, pedindo dinheiro aqui e além, vendendo por preços de ladrão, fatos feitos que eximia aos direitos, inventando detalhes — para

mostrar a sua *verve* de artista e a sua indignação de justo.

— Todos os mesmos, todos os mesmos — rosnou Nazareno.

Uma mulher coberta de luto adiantou-se para eles, pedindo esmola, com um murmúrio plangente. Artur, para mostrar o seu humanitarismo, apressou-se a dar-lhe uma moeda de prata, dizendo: «pobre criatura, por este frio».

— O povo não precisa de caridade, precisa de justiça — disse dogmaticamente Nazareno.

Artur, um pouco surpreendido da forma literária do princípio, objetou todavia que enquanto não vinha a justiça...

— É mau — interrompeu o republicano — acostumar o povo a contar com a caridade. Ele sabe os seus direitos:

que os realize!

Artur sentia confusamente acudirem-lhe muitas respostas, todas justas; mas, por timidez calou-se, murmurando: «talvez, talvez...»

O republicano começava a desagradar-lhe. As suas naturezas — uma toda de impressões, a outra toda de raciocínio — discordavam, e havia entre eles como alguma coisa de frio, de hostil, que os separava. Mas o que mais descontentava Artur era não ver no republicano aquela bondade quente e evangélica, que era para ele o atributo melhor da democracia.

— Sobre que é o seu livro de versos? — perguntou-lhe o outro.

Para dar uma ideia das tendências do seu livro, falou então na *Ode à*

Liberdade, na sátira *A Sociedade*. Era um livro democrático... A poesia moderna, como dizia Damião, devia ser revolucionária. Mas Nazareno detestava a poesia: a sua forma luxuosa, totalmente idealista, servia apenas para amolecer as virilidades. Nunca lia poetas.

Artur ofendido, exclamou:

— Mas Alfredo de Musset, Garrett?...

— Pulhas! — disse dogmaticamente o republicano. — Musset era um libertino, um bêbedo, um boémio, que nunca compreendeu o seu tempo e que o que soube celebrar foi a luxúria! E Garrett, um janota! Usava espartilhos e em pleno século XIX vem-nos falar de romances de cavalaria e de outras pieguices góticas... Um vendido!

Artur sentia-se indignado. E que tinha a dizer de Lamartine?

— Um erótico!

— Ora essa! Mas em 48...

— Comprometeu tudo. Fez frases. Faltou-lhe a ideia, a inspiração da justiça, a alma do povo! Vinha das salas, das camarilhas. O seu ideal era a regência da Duquesa de Orleães, de quem ele queria ser primeiro-ministro e amante, à Mazarino. Um vendido!

Oh, era de mais! Artur, atónito, procurava razões, frases, parecendo-lhe agora que o republicano era tão seco, tão fictício como os burgueses da *soirée* de D. Joana Coutinho.

— E o seu drama o que é? — disse ainda Nazareno, com um tom interrogante de pedagogo.

Artur, que aquele interesse lisonjeou, descreveu-lhe logo o drama, insistindo no lado democrático — a glorificação do amante plebeu, a humilhação do marido fidalgo — ocultando-lhe o elemento lírico e romanesco do trabalho. O plano, assim contado, pareceu satisfazer Nazareno; porém, deu-lhe conselhos: — para que dar ao protagonista, ao filho do povo a profissão estéril e imoral de poeta lírico? Devia-o fazer engenheiro, médico, empregado de uma companhia; devia seduzir a duquesa, não pelo brilho do seu lirismo, mas pela justeza das suas ideias. Contudo a verdadeira obra de teatro era a comédia satírica à Molière, a comédia aristofanesca, a exposição dos vícios, das infâmias, da imbecilidade desta canalha

lisboeta: alguma coisa de fustigante, de vergastante! Dizia isto com um acento de ódio que lhe passava entre os dentes, e atirava vergastadas ao ar com o guarda-chuva, como se açoitasse num só dorso toda uma Sociedade!

Artur apressou-se a concordar. Essa era a sua intenção: e alargava-se em considerações sobre a Comédia Social, fazendo renascer a simpatia comum. Mesmo, para mostrar a sua vida de observador, para desabafar os seus despeitos, pôs-se a dizer que belo ato daria a *soirée* de D. Joana — «uma *soirée* idiota, onde fora arrastado e que era do melhor que havia em Lisboa» — porque não desgostava de mostrar que tinha relações aristocráticas, mesmo fazendo-lhes a caricatura. Contou a opinião dos

dois homens graves sobre o *Fim de D. João*, a conversa do velho sobre a irreligião do povo, os adultérios que pressentira, a grotesca figura da viscondessa, os vícios de D. Joana...

— Pouh! — fez Nazareno com nojo. — Que sociedade, que asco! Não, realmente, o Matias tem razão, é humilhante lutar contra uma tal sociedade! A luta supõe forças que se encontram! mas assim, temos de um lado a força, do outro a pústula! Pouh! Portugal não deve ser reformado, como diz o Damião, deve ser queimado a nitrato de prata!...

Estavam no Terreiro do Paço: uma Lua lívida deixava cair de entre as nuvens uma mancha luminosa sobre a água sombria.

— Tudo isto precisa ser arrasado!

— disse ainda Nazareno, mostrando em redor as Secretarias negras, de uma uniformidade enfática. Tinha parado e olhava, apertando com cólera o cabo do guarda-chuva, toda aquela reunião de edifícios oficiais, como a pesada e antiquada personificação de regimes funestos — o Banco e o seu ágio, a Alfândega e os seus direitos, os Ministérios e o seu burocratismo — e pensando no mundo estabelecido, farto, que vive daquelas instituições:

— E lembrar-me — exclamou — que um homem como o Matias está reduzido, para ganhar a vida, a rever dicionários, cartilhas e manuais enciclopédicos! Oh! Dá-me vontade de vir para a rua e fazer fogo sobre toda esta gente!

Depois da sua reserva, aquela expansão de cólera impressionava Artur e as injustiças sociais pareciam-lhe maiores, desde que podiam aquecer num desespero tão alto aquela figura seca de seminarista.

Mas Nazareno calmara-se. Pôs-se então a falar do Matias e a sua voz tornou-se grave, quase solene. Matias era um justo: era casto, era incorruptível, de uma alta elevação moral; vivia num quinto andar, pobre, sereno; de dia trabalhava na tipografia, à noite no seu livro; não tinha um pensamento que não fosse pela liberdade e pela revolução.

— É um Robespierre! — resumiu Nazareno, que, com o seu espírito autoritário e dogmático, muito bilioso, tinha um culto pelo chefe do Clube dos

Jacobinos.

Artur, eletrizado, mostrou um grande desejo de o conhecer. Mas algumas gotas de chuva caíram, e Nazareno, abrindo o guarda-chuva, prometeu que lhe falaria. Seria mesmo possível conseguir que o admitissem como sócio do *Clube Republicano*.

Artur experimentava uma satisfação profunda. Era o seu velho ideal enfim realizado! A simpatia generosa de Jácome Nazareno comovia-o; roçava-se por ele, aconchegava-se-lhe, orgulhoso da sua amizade e do abrigo do seu guarda-chuva. O Matias, o Clube Republicano, a ideia vaga de um partido, apareciam-lhe como alguma coisa de forte, em que a sua vida, cheia de flutuações, encontraria enfim estabilidade, regra e uma ideia

elevada, cujo serviço engrandeceria a sua personalidade.

— Eu não valho muito — dizia humilhando-se, mais por ternura que por modéstia — mas enfim, para escrever, para lutar... Se fosse necessário fundos para um jornal... — Oferecia-se com uma dedicação real, desejando naquele momento ter para o serviço da República — génio, tesouros, as forças de um leão!

A chuva cessara e Nazareno, fechando o guarda-chuva:

— Há de achar em que se empregar: todas as aptidões vão ser necessárias para preparar a grande barreia.

— Mas quando virá ela? — disse Artur com desalento, como se lhe tardassem os vagos triunfos, as vagas

vinganças que entrevia na República...

Nazareno parou e disse, brandindo o guarda-chuva.

— A pera está madura! — E explicou jovialmente que era uma pilhéria de 48, em França, nos banquetes reformistas, quando à figura bojuda de Luís Filipe fora dada a alcunha de *pera* e as suas teimas de déspota burguês lhe tinham trazido o ódio público.

Artur, todavia, achava o partido republicano em Portugal bem desunido, bem vago, sobretudo bem limitado...

Nazareno citou logo as forças de que dispunham, ainda dispersas, mas que um sentimento crescente de justiça e de progresso tendia a unir, a organizar. Falou nos operários de Lisboa, do Porto; na pequena burguesia «que é de instinto

republicano». E baixando a voz, grave pela importância da revelação:

— Em Coimbra forma-se um clube, no Porto outro, em Viseu outro... — Calou-se um momento e continuou: — E depois que importa? As ideias fazem o seu caminho sem os homens; não são necessários muitos homens para fazer triunfar uma ideia. Os apóstolos eram doze — e o mundo é cristão!

A chuva recomeçara; e ao fundo da Calçada do Alecrim separaram-se, quando soavam devagar as onze horas na torre da Igreja de S. Paulo.

***

Artur galgou a Calçada do Alecrim, impressionado, exaltado.

Decidia-se agora a abandonar todos os hábitos de sociedade, as esperanças vãs em amores fictícios, a literatura puramente lírica: queria trabalhar para o estabelecimento da República, compor comédias satíricas, à *Casamento de Fígaro*, que abalassem o velho regime; e vinha-lhe um desejo de se dar a todos os que sofrem, como se as palavras de Nazareno lhe tivessem posto na alma uma tão grande energia de amor humanitário, que só se satisfizesse esposando a miséria universal!

E ao mesmo tempo, recordações de leituras da História da Revolução Francesa lhe voltavam ao espírito, dando-lhe moldes para conceber atitudes, situações, episódios: via-se brandindo uma espada, à frente de operários que um

antigo opróbrio enchia de furor; ou de noite, numa vaga sala baixa, onde vagas sombras se agitavam, decretando incêndios de palácios; ou ainda, severo, interrogando o Rei prisioneiro, como na volta de Varennes. E como os impulsos de piedade e de fraternidade lhe voltassem ao coração, olhava em redor, procurando algum pobre que socorresse, algum oprimido a libertar. Viu apenas a patrulha cujas grossas capas de oleado reluziam sob a chuva.

Ao entrar no hotel, as janelas alumiadas do restaurante Silva deram-lhe a ideia de cear; porém, pensando que àquela hora famílias operárias sofriam fome, impôs-se com orgulho àquela privação, em respeito aos necessitados e num sentimento de vaga igualdade

fraternal.

Quando entrou no quarto foi-se ver ao espelho, enternecido de se sentir tão bom — e vinham-lhe ao mesmo tempo baforadas de vaidade, um antegosto de desforra, pensando que num dia, próximo talvez, apareceria àquela Sociedade que o ignorava e o desdenhava, poderoso, num terror de apoteose popular. Deitou-se, fez maquinalmente o sinal-da-cruz, como tinha por hábito, e adormeceu cansado.

Foi Melchior que o acordou ao outro dia, abrindo as janelas com ruído. Vinha muito jovial, e dando-lhe palmadas por sobre a roupa:

— Seu preguiçoso! Upa! Upa!

Artur abriu à luz olhos aparvalhados de sono: estava sonhando justamente que do portal da Casa da

Câmara, em Oliveira de Azeméis, proclamava a República, ao agitar dos lenços nas janelas, entre um estalar de foguetes e os *vivas* furiosos da plebe libertada; e ainda vibrante dos entusiasmos daquela gala, não reconhecia a grossa figura de Melchior, de bigodes arrebitados, a face jovial e um raminho de violetas no jaquetão.

— Então por que não veio você ao piquenique, seu tipo?

Artur espreguiçou-se e disse, bocejando, que estava comprometido.

— Pois perdeu! — exclamou Melchior. — Grande patuscada! Tudo sossegadinho, sem desordens, sem troça, em boa amizade... Ceiazinha rica e belo fado! Enfim, uma noitezinha cheia! E a Concha ficou com um ferro! Está com

vontade de o conhecer, homem! Está em brasas por o ver!

Artur lamentou não ter podido... Tinha-se comprometido a ir a casa de D. Joana Coutinho...

— Cáspite! — exclamou Melchior, saudando-o. — E então?

Muito bem. Todos muito amáveis, tinha-se divertido... Estava boa gente.

— Cáspite! Cáspite! — dizia Melchior, torcendo o bigode. E com um tom ambíguo, descontente, declarou que, para ele, as *soirées* eram uma estopada. Nunca lá ia — não que não andassem atrás dele, mas... Aborrecia-se, que diabo! Não havia para o regalo do corpo e da alma como uma boa pandegazinha ao Dafundo. E então, talvez para fazer inveja a Artur, contou as alegrias da patuscada,

deu detalhes, citou episódios, falando da Concha, da beleza da Concha, da pele da Concha!

— Mas quem é a Concha?

Melchior encolheu os ombros, com impaciência, como se Artur lhe tivesse perguntado quem era Pio IX.

— A Concha! Então você não sabe? Não se lembra em S. Carlos, daquele rapaz tísico, o Inglês? Pois bem, a Concha estava com ele; deixou-o, que o pobre diabo já se não levanta, às bacias de sangue pela boca! É a espanhola mais bonita que tem vindo a Lisboa. E rapariga fina... Coitada, está naquela vida... mas muito fina. É filha de um general, muito bem-educada. Toca piano, oh menino! E depois que maneiras! A comer, é uma duquesa! E que pé, que pé, É de

endoidecer.

Artur espreguiçou-se com uma vaga languidez.

— Bonita, hem?

— Caramba! — fez Melchior com um grande gesto.

Do quarto próximo vieram sons de piano e duas vozes, uma de soprano e outra de tenor, começaram a cantar o dueto do terceiro ato do *Fausto:*

Al pallido chiarore dei astri d'oro...

Melchior escutou um momento: devia ser a segunda dama de S. Carlos, que estivera doente, a ensaiar com o Videlli.

— Vá, vista-se, homem! — exclamou. — Estou a cair com fome. Está

um dia lindo!

Abriu a vidraça. Os rumores da rua entraram com a larga luz festiva.

— Arriba! Arriba!

Artur saltou vivamente para o chão. A linda manhã, o alegre rodar dos trens, aquele ensaio, ao lado, de uma ária elegante que punha no quarto uma intimidade de bastidores, a ideia da Concha «que o queria ver», davam-lhe vagos rebates de felicidade; sentia-se leve, desejoso de ir para a rua, ver mulheres com *toilettes* bonitas, o aço dos arreios dos trens ricos reluzir à porta das lojas. E ajanotava-se, enquanto Melchior se debruçava da varanda, torcendo o bigode, escarrando alto, a ver se pescava a segunda dama.

Ao almoço, Melchior voltou a falar da Concha, enquanto devorava a sua omeleta: se fosse rico, punha-lhe casa... É que era uma rapariga, com quem até se podia conversar... É verdade, tinha pilhéria! E depois, coração... Sentia, que diabo!

Artur considerava-o, notava-lhe a face grossa ocupada a mastigar, a pele engelhada em volta dos olhos, a calva crescente, o bigode espetado: — «se a Concha sentia alguma coisa, não era decerto por aquele tipo!» — E como Melchior insistia, «que ela desejava muito ver Artur», vinham-lhe vagas dilatações de vaidade, de desejo. Talvez ela o amasse!

— Ela conhece-me?

— Viu-o em S. Carlos. Reparou

em você!

Artur recostou-se na cadeira: não duvidava que lhe tivesse feito impressão. Depois das suas humilhações, aquela ideia deleitava-o; às vezes, naquelas mulheres andaluzas, ávidas de sacrifício... Gostaria, numa manhã assim luminosa, almoçar com ela, fresca e branca, com o seu penteador de rendas fofas, ou ainda, à noite, de verão, com as janelas abertas, vê-la soltar as notas cálidas de uma *malagueña* que iriam morrer na tranquilidade suave do ar alumiado de Lua. E no fundo do seu espírito agitava-se, confusamente, aquele vago desejo de um amor romântico por uma *Dama das Camélias*, de um sentimento à Armando, com aquelas ideias de reabilitação que já em Coimbra tanto o perturbavam.

Disse, corando um pouco:

— Como poderei eu conhecê-la?

Melchior, muito cínico, riu:

— Entre por ali dentro, amigo, entre por ali dentro!

Mas Artur «achava isso ignóbil». Queria algum encontro

delicado, com chique... Verem-se numa ceia, por exemplo...

Nada mais fácil, disse Melchior. Podia-se arranjar outra patuscadazinha, sem espalhafato. Somente, naquela semana, não podia.

— Deixe você ver... Sábado, hem?

— Sábado — concordou Artur, espreguiçando-se com voluptuosidade.

Melchior bebera o seu café e «safava-se porque tinha de ir *ao Século*». Artur subiu para o quarto, e ficou a fumar

o seu charuto à janela. Ao lado, agora, a soprano cantava a ária do *Rigoletto:*

Caro nome de mio sposo...

Artur escutava: parecia-lhe ver o vulto branco, com a lâmpada na mão, subindo a escadinha da casa oculta nos arvoredos, parando a cada degrau, para soltar, com o olhar comovido, as notas cálidas que se perdiam na sombra suave da noite! Vinham-lhe ideias de noites de ópera, de elegâncias amorosas. Sentia uma moleza preguiçosa, vendo o fumo branco do charuto dissipar-se em aroma. A luz envolvia-o como uma carícia; todas as conversas sombrias da véspera, aquelas ideias violentas do Nazareno, tinham sido levadas com as nuvens

lúgubres da noite: eram tão incompatíveis com o sol radioso como voos de morcego. O que sentia agora, não eram desejos de Justiça, de Igualdade, mas as molas flácidas de uma carruagem, um rosto aristocrático a amar... Tinha feito impressão à Concha, hem? E retorcia o buço, ajeitando a gravata. Era a impressão que já fizera à senhora da estação de Ovar! A senhora do vestido de xadrez!... Teve um desejo intenso de a ver: aquela manhã lúcida, festiva, dourada, reclamava uma ocupação delicada, elegante; se a pudesse avistar à janela, segui-la na rua? E, escovando o chapéu, ia acompanhando com movimentos lânguidos de cabeça as notas amorosas da ária do *Rigoletto*.

Correu a florir-se à Casa Havanesa, e foi à Rua de S. Bento. O

guarda-portão lá estava, empinando o ventre majestoso, as mãos atrás das costas. A janela, a mesma, entreaberta, deixava ver por entre as bambinelas de fazenda sobrepostas a cortinas de cassa, um interior de sala, escuro e rico. Mas ninguém se debruçou à janela, ninguém saiu do portão. Artur acendeu um charuto, mais contrariado, mais amoroso agora, em frente da casa d'*Ela*, na presença daquela fachada muda, que era como alguma coisa da sua pessoa. Não se conteve, entrou num estanco próximo, comprou fósforos, charutos, e perguntou negligentemente à estanqueira quem vivia ali naquela casa.

— Ali, onde está o guarda-portão? — disse a criatura, uma magrita, muito grávida. — É a Sr.ª Baronesa de Paradas.

Ao menos sabia-lhe agora o nome!

E subindo a Calçada do Correio, arrependia-se de não ter comprado mais alguma coisa no estanco e interrogado a mulher sobre os hábitos, as horas de saída, as relações, a idade da Sr.ª Baronesa. A criatura, com o seu enorme ventre, a boca muito fendida, a pele cheia de sardas, parecia acessível às tentações de meias libras. Por ela poderia fazer-lhe chegar uma carta, talvez...

Perguntou nessa noite ao Meirinho se conhecia a Baronesa de Paradas...

— Nunca vi.

— Uma senhora muito bonita, com um pequerrucho.

— Nunca vi.

Desde o caso do chapéu, tratava-o com secura; o Padilhão também. Artur suspeitava que em casa de D. Joana se

tivesse falado, troçado. Nessa noite, teve a certeza quando, ao passar no corredor, o Carvalhosa o deteve para lhe perguntar com o seu ar soberano:

— Então que história é essa do chapéu? Não se fala noutra coisa!

Artur, escarlate, quis rir:

— Tolices!

E o Carvalhosa, de charuto ao canto da boca, as mãos nos bolsos, um bambolear de escárnio:

— Homem, semear assim chapéus de molas pelas casas particulares...

Artur teve vontade de lhe espalmar uma bofetada na bochecha lívida. Não achando uma resposta, subiu para o quarto furioso. Não se falava noutra coisa, hem? Por isso surpreendera olhadelas, risinhos!... Canalhas!

Começava agora a ter ódio ao hotel: desde que se sentia vagamente troçado, as fisionomias pareciam-lhe tão estúpidas como as conversas; o Bento Correia, que fingia ignorá-lo, enervava-o com a sua gula tranquila, a mastigação ruminada, com pingos de molho que lhe caíam sobre a barba; sentia uma vaga ironia, um desdém ambiente cercá-lo; chamavam-lhe o *poeta*. Um dia ouvira o guarda-livros dizer para o criado: «é para o poeta do 26.» Meirinho tinha mudado de lugar, para se não sentar junto dele, decerto: quis, por vingança, reclamar-lhe as dez libras, mas não se atreveu; além disso conservava a ideia de que Meirinho lhe seria ainda necessário, mais tarde, para se relacionar com a Sr.ª Baronesa de Paradas: por isso fazia-lhe sempre o

mesmo sorriso muito amigo, a que Meirinho respondia apenas com um movimento seco de cabeça. Agora, durante o jantar, ficava isolado, mudo, sentindo-se vagamente «um pária». Levantava-se sempre da mesa desesperado, lançando-se de toda a alma em ideias de vingança e de revolução. Porém ultimamente nem o Nazareno aparecia no Martinho, e como lhe não sabia a morada, a sua vida arrastava-se de novo naquelas flutuações intoleráveis, sem fim, sem resultado. Depois, o dinheiro «ia-se derretendo»; o manuscrito dos *Amores de Poeta* lá estava, improdutivo, inútil, no fundo do baú, entre as camisolas. — A sua única alegria era a revisão das provas dos *Esmaltes e Joias*, muito adiantada já.

Certa manhã — um sábado — em que trabalhava no seu quarto recebeu da redação do *Século* um bilhete de Melchior:

«Amigo. Hoje, sábado, é o dia da pandegazinha. Estive esta manhã com as sílfides. Aceitam. Eu levo a Cármen, você a Concha. A tipoia do José Teso está arranjada. Às 9 horas lá vou buscá-lo ao hotel. A divina Concha está ansiosa por ver *el Señor Arturito*. Salero!»

Ficou entusiasmado. Vinha bem a propósito aquela pândega, depois dos tédios dos últimos dias! Era a sua primeira orgia com raparigas chiques e entrevia uma tipoia correndo sob o luar, cheia de sons de cantigas; depois, o *champagne*, espumando sob um lustre de gás e camisinhas de rendas deslizando de

ombros brancos como o mármore. Estirou os braços numa sensação de concupiscência brutal. Queria embebedar-se, gritar, delirar, e diante daqueles gozos carnais, o Platonismo, a Sociedade, a Arte, a Revolução, pareciam-lhe coisas bem fictícias! Nem pôde, na sua excitação, continuar a rever as provas. Saiu ao acaso, pelo Chiado. Pensava na Concha e à ideia de a ter seminua nos braços, sentia uma viva contração no estômago; imaginava-a alta, pálida, de olhos árabes, com os ardores de um sangue sevilhano e as melancolias de uma existência transviada. Desejava-a tanto, agora, que quase a amava; não duvidava da impressão que lhe fizera e olhava vagamente as vitrinas, pensando no presente que lhe daria, quando ela,

desinteressada e amorosa, recusasse dinheiro e só lhe pedisse fidelidade.

À tarde, quando voltou ao hotel, o guarda-portão mostrou-lhe um rapaz de buço, com um chapéu de coco, que o esperava encostado à ombreira:

— Um recado para V. Ex.ª.

O rapaz aproximou-se e com voz cautelosa:

— V. Ex.ª é que é o Sr. Artur Corvelo?

— Sou.

— Não há engano?

— Não, homem, não.

— Tem a bondade de me dar uma palavra. — Levou-o para a rua, quase até defronte do Casino, e tirando do bolso um bilhete: — Vem lá dos amigos...

Artur leu à luz de um candeeiro de

gás:

«Camarada. Hoje é a instalação do Clube na casa nova. Matias preside. Venha encontrar-se matematicamente às 8 horas menos um quarto, à esquina do Teatro D. Maria, lado ocidental. Não lhe digo que seja exato, pois que seria ofender os seus sentimentos de patriota. *Queime este bilhete*.»

— Faz favor de dar recibo — disse o rapaz.

Artur deu-lhe o seu cartão de visita e o rapaz, levando a mão ao coco, disse com uma voz surda, grave, que impressionou Artur:

— Saúde e fraternidade!

Artur entrou no hotel profundamente contrariado. Era tarde para avisar o Melchior, e todavia não podia

faltar ao Nazareno, ao Matias; além disso, a ideia da sala, do estrado da presidência, aquela esperança de sessão secreta, de revoluções temerosas, atraíam-no pelo seu lado dramático. E, contudo, lamentava perder a ceia, a noite de amor!

A sineta chamou-o para o jantar. Antes do assado, sob a influência do Colares, já pensava em deixar a sessão republicana e ir com a Concha; o conhaque decidiu-o: sentia mesmo um requinte de prazer animal em «mandar as ideias ao diabo» e atirar-se ao bonito corpo branco que se oferecia todo cálido. Diria ao Nazareno que tivera uma cólica, que recebera um telegrama... As sessões do Clube seguir-se-iam todos os dias — e a Concha, despeitada se ele falhasse, podia perder o capricho, ou voltar para a

Espanha. E para que, por um acaso, o Jácome não o viesse surpreender, saiu. Às nove, voltaria, encontraria o Melchior e batiam para o Dafundo. Com o charuto na boca, o chapéu ao lado, atravessava o corredor, cantarolando, quando o Meirinho, que conversava num grupo ao avistá-lo, veio para ele com uma cara severa:

— Perdão, meu amigo — disse — sinto ter de lhe dizer uma coisa. Eu levei-o a casa da Sr.ª D. Joana Coutinho, uma senhora da primeira sociedade, e o meu amigo, passados dez dias, nem sequer lhe deixa um bilhete...

As faces de Artur abrasaram-se de vergonha.

— Ora isto não se faz — continuou Meirinho, grave. — É pôr-me

em má posição: dá a entender que eu levo lá gente que não sabe os hábitos da sociedade... Isto não se faz.

Artur, petrificado, não achou uma palavra: viu-o girar sobre os calcanhares e reunir-se ao grupo, cofiando a barba.

Lá estava o Bento Correia, mascando o charuto, o Carvalhosa, erguendo alto a guedelha cheia de caspa, o Padílhão, torcendo solenemente a pera, o brasileiro Gomes, com a sua boca alvar, hílare... Artur teve-lhes um ódio sanguinolento que se estendia a tudo o que representava a Sociedade, a Política, a Finança! Esqueceu um momento o Melchior, o corpinho da Concha, o *champagne* e o luar. Sentiu a necessidade de se vingar, de humilhar, de aterrar aquele conciliábulo de idiotas enfartados

de comida, ocupados de pieguices, vivendo no artifício... E furioso, tendo-lhes sede do sangue, partiu como uma bala, à procura do Nazareno!

***

Quando, às nove horas, Artur entrou com Nazareno no Clube, na Rua do Príncipe, pareceu-lhe que havia apenas, em lugar da larga reunião que esperava, catorze ou quinze pessoas. A sala era vasta, de um aspeto regelado, forrada com um papel pardo semeado de florzinhas azuis; do teto caiado de fresco descia um candeeiro de gás de dois bicos, sem globos, dando uma luz crua de botequim; cadeiras de palhinha, como as dos asilos, perfilavam-se contra a parede; o soalho

velho tinha remendos de tábuas novas; ao fundo, diante de uma janela que dava para o pátio de uma cervejaria vizinha, disfarçada por uma larga cortina verde, era o estrado da Presidência, com a sua mesa coberta de oleado, e um guarda-pé de baeta vermelha; ao lado, a uma mesinha de pé-de-galo onde ardia uma vela, um sujeito que tinha feridas na testa escrevinhava, muito míope, com o nariz sobre o papel. Conversava-se em grupos.

Nazareno deu apertos de mão mudos e levou Artur a uma sala contígua, caiada de novo, alumiada por um bico de gás que saía da parede. Havia no chão rolos de papel, potes de tinta, e, junto à janela de portadas cuidadosamente fechadas, um banco de carpinteiro. Ao pé de uma pilha de tábuas arrimadas ao alto

contra a parede, um sujeito, todo de preto, falava a dois indivíduos que o escutavam de charuto na boca. Era o ilustre Matias.

Artur foi-lhe apresentado por Nazareno como «o nosso poeta». Matias apertou-lhe a mão com uma gravidade seca, murmurou um *estimo muitíssimo*, e continuou com o gesto lento, medido, das suas mãos calçadas de luvas pretas: — ... Por isso, no caso do Luís, faria o seguinte: apenas descobrisse o escândalo, expulsava-a de casa, sem cólera, e recomeçava tranquilamente a trabalhar...

Artur examinava-o: era alto, de feições aquilinas, cabelo rapado à escovinha; o seu bigode curto, castanho, tinha pelos ásperos e saídos; e o seu olhar azul e claro era frio, apagado, muito duro.

Um dos sujeitos disse,

cuspilhando películas de tabaco:

— Pois sim. Mas, enfim, sempre é sua mulher. Se ele a expulsa sem recursos, abre a porta ao público...

Matias encolheu os ombros com uma indiferença que significava: — que tem isso?

— Ah — fez o outro agitando a cabeça — é que é muito desagradável saber uma pessoa que sua mulher está usando o seu nome, e, por trás de tabuinhas, a fazer *pst*, *pst*, aos sujeitos que passam...

Matias interrompeu dogmaticamente:

— Desde o momento em que, por sua culpa, o pacto conjugal se desfez, não tenho nada com as suas ações. A minha honra é minha, não é dela! Se a vejo por

trás das tabuinhas, o meu dever é avisar a polícia para que a numere e a ponha, a ela, sob o *controle* da higiene e aos cidadãos, ao abrigo do contágio...

Mas na outra sala alguém entrara, porque se ouvia: Olá! Viva! Como vai isso! Ditosos olhos! Enfim o rumor simpático em torno de uma presença estimada. E quase imediatamente um indivíduo nédio entrou na saleta, de chapéu para a nuca, o ar hílare, uma grossa cadeia de relógio sobre um ventrezinho próspero. O Matias estendeu-lhe vivamente a mão, os outros vieram dar-lhe palmadinhas no ombro, com o olhar enternecido. E com as bochechas prazenteiras, o indivíduo nédio exclamou:

— Então cá estamos, cá estamos!

Era o Sr. Abílio Pimenta, lojista

de panos, proprietário. Devendo ser, por profissão, por interesse, por fisionomia, um conservador, a sua presença era para os republicanos uma satisfação permanente, muito saboreada; com o seu ventre, o seu grilhão, a sua face nédia, o vago cheiro de armazém que saía dele, o amigo Abílio introduzia no Clube aquele tom de respeitabilidade, de estabilidade, de ordem, que a Propriedade confere às Ideias que apoia; a cooperação daquele proprietário era a evidência gloriosa da praticabilidade da República: ele representava a adesão da burguesia, e a sua pessoa trazia aos republicanos da plebe aquele orgulho que dava aos deputados do Terceiro Estado, em 89, a presença, nos seus bancos, dos fidalgos das casas de Noailles ou de

Montmorency. A sua presença tirava ao Clube a feição do grupo inquietante de pobretões descontentes e as teorias mais exaltadas tomavam a seriedade de legislações prudentes, quando, para as escutar, se via aquele honrado lojista, de ar benigno e paterno, com dinheiro no banco, inclinar-se, fazendo com a mão gordalhufa uma concha em redor da orelha cabeluda. A sua assiduidade ao Clube era proverbial e todavia as suas ideias pareciam nebulosas. Exprimia-se vagamente, dizendo com jovialidade:

— É dar para baixo, é dar para baixo!

Para «dar para baixo», aconselhava a fundação de um jornal e previamente a compra, por subscrição, de um prelo, tipo, etc. Ele mesmo se oferecia

para dar o seu óbolo — e que aparecesse o dinheiro que o prelo, tipo etc., não estavam longe... Ultimamente estivera incomodado, com ameaças de dores reumáticas, e, muito interessados por aquela vida preciosa, o Matias, o Nazareno, pediam detalhes da sua convalescença.

— À custa de muito álcool canforado... — explicou ele com bonomia. — Foi a minha senhora que me curou. Nada de médicos, dizia-me ela. Tens dores nas cruzes? Fricções de álcool. Pois senhores, fez-me arribar... Eu estendia-me na cama, e agora o verás, era a minha senhora a esfregar, a esfregar...

Riram com enternecimento: aquilo parecia muito patriarcal, de uma alta união doméstica. Um dos sujeitos que

mascava o charuto fez sentir a diferença entre aquela honra da senhora, tratando o marido, e as de outras classes, ocupadas de *toilettes* chiques e de modistas...

— Não vá sem resposta — fez o lojista. — Que a minha senhora gosta da sua tafularia... E olhe que aos domingos, ao Passeio, não vai outra! Podem levar outros arrebiques em cima do corpo, mas mais valores e melhores sedas, nenhuma, nenhuma!

Uma voz disse à porta da saleta:

— Ó Matias, são nove horas!

Matias deu um puxão à sobrecasaca; com um gesto rápido e maquinal ajeitou a gravata, e, seguido dos outros, entrou na sala, dizendo a Artur:

— Tive carta do nosso Damião. O livro dele sai por estes dias...

Subiu ao estrado e quando o rumor de cadeiras sossegou, disse, sentando-se e remexendo nalguns papéis sobre a mesa:

— Está aberta a sessão.

Um membro do Clube, magríssimo e estrábico, ergueu-se bruscamente. E com a cabeça alta, as mãos na cinta:

— Eu proponho que se altere esta fórmula: *Está aberta a sessão.* Cheira muito a S. Bento.

Em redor um murmúrio correu: ora adeus! Tolices! Para quê?

— Para quê? — exclamou o estrábico, que parecia de génio irritável. — Pela razão que se diz «cidadãos», em lugar de «meus senhores». Todas essas fórmulas são boas...

Matias interrompeu-o com um gesto breve da mão espalmada:

— Eu creio esta fórmula tão inocente como a de *bons-dias*. Usava-se na Convenção. — E olhando em redor: — O que me parece mais útil evitar é o hábito de fumar...

O estrábico que tinha o cigarro nos dedos atirou-o, sentando-se e resmungando. Artur apagou logo o seu charuto sobre a sola. Dois ou três, mais económicos, foram pousar na borda do estrado os charutos meios fumados.

O secretário, que estivera tirando películas das feridas da testa, de pé, inclinado para a luz, com o nariz no papel, ia rosnando a leitura de uma ata: pelas cadeiras falava-se baixo, e Artur, sentado ao pé de Nazareno, examinava as fisionomias. Não tinham as expressões exaltadas e sinistras que ele imaginara. À

exceção de um sujeito calvo e obeso, que quase ocupava duas cadeiras, tanto as faces como os corpos eram magros: sentia-se neles as existências mesquinhas nos quartos estreitos das casas de hóspedes, o tédio de um trabalho monótono de escritório ou de secretaria, o ar vago e fatigado que dá a vadiagem; havia dois padres, de olhos duros, a pele azulada da barba espessa, muito rapada, os beiços lúbricos; um velho militar conservava entre os joelhos um enorme bengalão de castão de ferro. Não havia um único operário e todos pareciam sentir uma infinita vaidade daquele aparato de sessão, gozando a ficção parlamentar. Um indivíduo, porém, parecia a Artur muito original: tinha a cabeça enorme, quase calva, apoiada às costas da cadeira, e,

muito estendido, à larga no seu fato bonito de cheviote claro, com as mãos nos bolsos, parecia dormitar, numa indiferença irreverente; entre os sapatos de verniz e as calças, via-se um pedaço de meia, às riscas pretas e vermelhas; Artur achava-o elegante e parecia-lhe que tudo o que saísse da sua boca fina, móbil, de um arco bem-talhado, devia ser original e engraçado.

— Quem é? — perguntou a Nazareno.

— Um doido — disse o outro, encolhendo os ombros.

O secretário, no entanto, findara a leitura; e com a mão apoiada à mesa:

— Aprovado, não? — perguntou.

— Aprovado — disseram — aprovado!

Matias então ergueu-se. A sua face bem-talhada parecia mais pálida sobre o fundo verde-escuro da cortina; deu com ambas as mãos, ainda calçadas de luvas pretas, um puxão breve à gola da sobrecasaca e começou:

— Meus senhores — emendou logo: — cidadãos. Hoje estamos aqui para nos instalarmos. Como veem, há ainda na sala de arranjos a fazer: espero que estejam prontos para a semana. As sessões regulares podem começar então. — Deu um olhar às filas de cadeiras: — Creio que há apresentações afazer...

Jácome Nazareno ergueu-se logo e com solenidade:

— Proponho e apresento, sob minha garantia, o Sr. Artur Corvelo, autor de um drama de tendências democráticas

e amigo desde Coimbra do nosso Damião. Creio que não haverá objeções.

Vozes soltaram:

— Apoiado!

Foram minutos gloriosos para Artur. O secretário, voltando para ele uma face muito risonha, chamava-o:

— Tem a bondade? É para assinar o seu nome.

E enquanto Artur, vermelho, comovido, assinava num largo registo encadernado — o rapaz de fato de cheviote claro, meio erguido sobre a cadeira, disse com uma voz bem timbrada, mordente:

— Proponho o meu amigo Vicente Falcão.

Um homem muito alto, muito pálido, de aspeto místico, com um longo

casaco eclesiástico, adiantou-se para o meio da sala. Curvou-se e no silêncio um pouco admirado, disse cavamente:

— Desejando fazer parte do Clube Democrático, quero evitar equívocos. Uma só palavra os desfaz: eu sou socialista! — Olhou em redor, repetiu com força: — Eu sou socialista! So-cia-lista!

Recuou um passo, cruzou os braços sobre o peito, erguendo a face lívida, como para afrontar a morte.

Em redor, havia nas fisionomias uma vaga expressão assombrada, mistificada; cochichava-se, narizes franzidos interrogavam num gesto mudo: risinhos fungavam. Que é? Quem é? Que diz ele?

O rapaz vestido de cheviote

exclamou:

— Apoiado! É bom preveni-los!

Matias deu-lhe de lado um olhar frio de ódio e com uma voz afetadamente cortês:

— Este Clube não tem exclusivismos...

— Mas tem divergências! — interrompeu o rapaz vestido de claro. E erguendo-se: — Peço a palavra! — Não esperou que lha concedessem, prosseguiu: — Entre pessoas que aspiram apenas a substituir um rei constitucional por um presidente jacobino, que se indignam porque há viscondes, que fazem guerra à lista civil e outras pieguices — e entre

nós, que queremos a evolução democrático-social na sua larga ação — há divergências muito graves. É

conveniente evitar os equívocos. Estou com o Sr. Falcão: uma declaração a tempo define os terrenos...

O estrábico soltou um *apoiado*, semelhante a um rugido. Nazareno que se agitava, impaciente, ergueu-se bruscamente e com o punho estendido:

— É melhor desmancharmos o Clube à nascença e acabarmos...

— Ordem! Ordem! — disse-se logo.

— Pois que significa — gritava Nazareno, bracejando — trazerem-se estas divergências, apenas nos instalamos? Ainda as portas não estão pintadas e já nos dividimos em partidos...

— Não queremos ser confundidos com os jacobinos! — rugiu o estrábico.

— Nem nós com os comunistas!

— atirou um sujeito de barbas e óculos.

Alguns diziam monotonamente: — Ordem! Ordem! repetindo a fórmula parlamentar. O velho militar grunhia: *Fora os petroleiros!* Uma sussurração confusa corria nas filas de cadeiras, quebrada, aqui e além, por uma voz saliente que gritava: *mais seriedade! mais decência!* O místico conservava-se imóvel, espectral, os braços cruzados. E um indivíduo de cachené, sentado ao pé de Artur, perguntou-lhe ao ouvido, com o rosto franzido de ignorância impaciente:

— A que vem tudo isto? Que querem eles?

Ninguém parecia saber «o que eles queriam» — até que Matias, que decerto julgou o tumulto inconveniente à sua dignidade, repenicou, nervoso e

pálido, uma campainha de quarto de convalescente.

— É lamentável — disse no silêncio criado — que se produzam antipatias tão caracterizadas, apenas reunidos para um fim de justiça. São estas cenas que justificam o que dizem os nossos inimigos: que no partido republicano não há senão desuniões! Este Clube não tem exclusivismos, repito. Aceita toda a opinião democrática que se apresente, em oposição ao Constitucionalismo. Em presença da vergonha do sistema atual, o dever de todo o homem livre e inteligente é associar-se para a sua destruição.

Havia agora nas filas de cadeiras uma atenção intensa de rostos estendidos, aplicados a surpreender, apanhar a

significação daquela divergência irritada. O amigo Abílio fazia com a mão uma concha acústica à orelha. Com o queixo na palma da mão, alguns arregalavam olhos em que reluzia a adoração pelo Matias. Só o socialista, o rapaz de fato claro, o estrábico e outro, que, com a pálpebra abaixada, catava os pelos do bigode, afetavam distrações, com bamboleamentos de perna muito irónicos, os lábios torcidos em sorrisos de tédio. E Matias prosseguia:

— Se o Sr. Falcão — o místico dobrou-se em dois — por Socialismo entende...

O místico disse de um só fôlego:

— Entendo uma nova conceção da Propriedade, do Trabalho, do Casamento, da Educação, da Sanção Moral, etc... em

oposição às soluções dadas pela Igreja e as instituições que as realizam...

Matias estendeu o braço:

— Então, mais ou menos, somos todos socialistas...

— *Quod Deus avertat* — interrompeu Gilberto, o rapaz de fato claro.

O sujeito de cachené parecia extremamente impaciente, intrigado:

— Mas onde querem eles chegar? — perguntou novamente a Artur.

A explicação seria longa, complicada e para abreviar, Artur disse-lhe baixo:

— Partidos. São dois partidos...

— Teorias! — disse o de cachené, que parecia ter pela ideologia um ódio de economista. — A questão é fundar um

jornal... É pôr um guarda-vento naquela porta, de onde vem uma corrente de ar que me mata...

Matias falava agora da revolução social:

— Se o Sr. Falcão entende, como socialista, que ela deve ser feita pelo povo, educado por uma filosofia popular positiva... (procurava os adjetivos) proudhoniana, com exclusão de toda a direção autoritária, de toda a iniciativa de governo, então poderemos divergir. Se na questão política, pretende impor a fórmula federativa em oposição à fórmula unitária, decerto divergimos também...

— Divergências sempre — atalhou Gilberto.

Matias continuou:

— Mas estamos unidos para o

mesmo fim, e mais tarde, desembaraçado o País das instituições do passado, poderemos agitar essas altas questões...

— Frases! — rosnou Gilberto.

Aquela irreverência, pareceu escandalizar a assistência: olhos acesos, irados, voltaram-se para ele; o velho militar acariciava, soturnamente, o castão da bengala e as mesmas vozes repetiam: *decência! decência!*

— O Jacobinismo — continuou Matias — já que esta palavra agrada ao Sr. Gilberto, o Jacobinismo não combate o Socialismo, prepara-o; — repetiu com um gesto vivo: — prepara-o! O Socialismo é um poder espiritual, substituído a outro poder espiritual...

O místico abaixou aprovativamente a cabeça. Havia em

todas as fisionomias um vago ar espantado, de incompreensão, de fadiga.

— Ora essa substituição — continuava Matias — para ser feita sem luta, sem choque, precisa ser levada a efeito dentro de um regime amigo que a favoreça, a promova e garanta a paz social enquanto se faz a transformação espiritual.

— Pretextos para o Cesarismo — rosnou Gilberto.

O sujeito de cachené apertou as mãos na cabeça, murmurando com uma voz plangente:

— Ih, Jesus! Eu não os percebo, eu não os percebo!

Não pareciam «percebê-los», em geral. Os olhares que o desejo de compreender arregalava, iam de Gilberto

a Matias, implorando clareza: em toda aquela fraseologia nebulosa, onde estava a República? Por que não diziam, claramente, como se havia de destruir a Casa de Bragança? Por que se não distribuíam já os empregos de que os conservadores iam ser expulsos? Com que regime se contava? E os que se tinham reunido ao Clube, na esperança de uma futura satisfação de necessidade ou de ambições, sentiam como que um vasto logro, encontrando, em lugar de preparativos de ação, argumentações doutrinárias.

Um indivíduo sem barba e muito amarelo exprimiu a impaciência de todos, dizendo com uma voz fina:

— Vamos ao que importa: basta de filosofias!

Matias fitou-o com o seu olhar frio como uma punhalada:

— Sr. Malaquias, sê lhe falta o respeito pelas ideias, deve ter ao menos o respeito pelas pessoas.

— Bravo! Apoiado!

O Malaquias ergueu os braços, enterrando a cabeça nos ombros; e com uma voz fina, muito arrastada, pegajosa, que arrepiava os nervos:

— Eu, não era para ofender, eu, era para dizer...

Artur, então, reparou nele: era amarelo, de uma amarelidão baça, oleosa, com uma boca muito larga e parecia sujo, viscoso; sentia-se que devia exalar um cheiro mau.

Matias, então, resumiu:

— O incidente vai longo e eu

julgo exprimir a opinião do Clube, dizendo que nos honramos de ver entre nós o Sr. Falcão, e que, sejam quais forem as divergências de opinião, é um orgulho adquirirmos a cooperação de um homem de bem e de um democrata ilustre.

O místico curvou-se até ao chão e entre *apoiado!* foi assinar o seu nome no registo.

Mas o Malaquias erguera-se logo e com gestos lentos, moles, gelatinosos, começou a falar de um modo tortuoso, empastado: dizia que era republicano, que respeitava todo o mundo, que quantos mais membros melhor... — E demorava-se, passava as longas mãos lívidas e magras pela face sem barba, oscilava com a cabeça: — ele não queria pôr em dúvida as convicções dos cavalheiros admitidos,

mas... Porque enfim era necessário cautela... Longe de ele insinuar coisa alguma... Todavia...

— Acabe, homem — gritaram-lhe, impacientes da voz, da hesitação mole, dos gestos frouxos.

— A questão é esta — disse por fim — estamos ou não estamos nós aqui a conspirar contra o Governo? Ora bem. Sim, digo eu, isto não é para ofender, mas enfim... Sim, digo eu... Quem nos diz a nós... Quem nos diz a nós — repetiu espalmando os cinco dedos sobre o peito côncavo: — quem nos diz a nós... que não há pessoas que vêm aqui para escutar, para espiar?...

Jácome Nazareno deu um pulo:

— Isso é insinuar alguma coisa a respeito do meu amigo? — E indicava

Artur que escutava, escarlate imóvel.

O místico saltou, com duas passadas, para o meio da sala e com voz trémula, agitando dois enormes braços magros:

— Cidadãos, é triste que depois de toda uma vida de estudo e dedicação à Democracia, no dia mesmo em que me venho reunir aos camaradas para um fim de justiça, me veja apontado como um espião — eu! — E batia com os dois punhos freneticamente no peito.

O sujo Malaquias protestava, levando as mãos à cabeça:

— Pelo amor de Deus, o que aí vai! Aí está o Sr. Falcão com as suas exagerações e o Sr. Nazareno com o seu génio. Eu não disse... eu não disse... Eu o que queria dizer é que era necessário não

fazer as coisas a troixe-moixe. É necessário mais solenidade... Por que é que se não há de exigir aos que são admitidos o juramento?

— Sobre um crânio! — soltou Gilberto.

Houve risadas. *Muito bem!* E Gilberto ergueu-se:

— Peço a palavra. Hão de notar que é sempre do Sr. Malaquias que saem as ideias cómicas sobre a simbólica do Clube: foi ele que há tempos reclamou a senha; hoje quer o juramento, amanhã há de exigir o subterrâneo; depois, em lugar do gás, a tocha! A democracia do Sr. Malaquias pertence à Rua dos Condes. Quanto ao Sr. Falcão, são bem conhecidas as suas ideias, o seu caráter, os seus artigos na *Evolução*, a sua vida...

— Apoiado! Apoiado!

Nazareno erguera-se:

— E com respeito ao Sr. Corvelo, creio que é inútil afirmar a sinceridade das suas crenças, o seu ódio intransigente à sociedade conservadora...

— Apoiado! Apoiado! Está acabado isso!...

Malaquias curvou-se, disse ainda:

— Eu, com a minha pequena experiência, sempre tenho visto exigir-se o juramentozinho... Lá fora é o mesmo... Mas enfim, se os sábios não querem... Eu, era para o futuro, mas enfim... Eh! Eh! Eh!

Em redor puxavam-lhe pelas abas do paletó; ele sentou-se, resmungando, mas erguendo-se logo com a elasticidade de uma mola, recomeçou na sua voz irritante, que punha comichões no sangue:

— Eu peço perdão de voltar à carga, mas enfim... É para dirigir uma pergunta à mesa... Queria saber se a subscrição de mil réis por cabeça, para as obras da sala, foi excedida ou se há um saldo? E se há um défice, quem responde?... Sim, nestas questõezinhas de dinheiro... Eu não quero ofender... — E enterrava a cabeça nos ombros, com um gesto torcido dos braços: — Mas enfim...

Matias disse com secura:

— As contas serão apresentadas, examinadas e discutidas. A pergunta é inoportuna e mal formulada.

Malaquias teve o seu riso casquinado:

— Eu era para saber... Gosto de saber... Eh! Eh! Eh!...

E ficou sentado, passando pelo

queixo os longos dedos magríssimos.

Imediatamente, um homem de idade, muito feio, com uma barba de pelos grisalhos e raros ergueu-se, com um caderno de papel na mão. Escarrou e com uma voz lenta, dormente, um pouco cava:

— Eu pensei que neste dia de inauguração, seria conveniente ler algumas páginas, que pusessem diante do espírito de todos as fases que tem atravessado a Liberdade. Se me permitem... — E vendo Matias abaixar a cabeça em consentimento, o homem feio abriu o caderno, pigarreou, e começou a ler: «Se remontarmos aos tempos quase mitológicos, encontramos o primeiro mártir da liberdade, pregado sobre um rochedo, e tendo o flanco devorado pelo bico de bronze de um incansável

abutre...»

Havia em redor um vago pasmo: o que era? Examinava-se o caderno espesso, azul, cosido com guita. O quê! Ia ler aquilo tudo?

«... O insensato» — continuava ele, lento, pausado, crasso — «tendo querido arrebatar aos Imortais o fogo sagrado, viu seus membros acorrentados ao Cáucaso e a história saúda nele o primeiro que reivindicou os direitos do homem contra a tirania da Divindade...»

Compreendeu-se vagamente que era a longa história dos Mártires da Liberdade, desde Prometeu! Alguns queriam escutar, por camaradagem, ou na esperança de anedotas típicas ou de declamações que lisonjeassem as suas opiniões: mas os períodos moles, gordos,

movendo-se surdamente, como um lento rolar de odres mal cheios, constituíam uma retórica fatigante; a voz era tão dormente, de um escorrer tão monótono, que amodorrava; algumas conversas estabeleceram-se baixo; um sujeito ergueu-se em bicos de pés, apanhou no estrado a metade do charuto que lá deixara, e, subtilmente, refugiou-se na saleta; outros seguiram-no — os mais tímidos afetando, com as mãos nas calças, uma necessidade urgente; e os que ficavam, para resistir ao torpor crescente, estabeleciam uma sussurração de vozes ciciadas. Então, Matias, que tinha os olhos fitos no teto, batia os dedos na borda da mesa — e no silêncio deferente que se cavava, ouvia-se a voz vagarosa, falando «dos grilhões de Espártaco, do

punhal de Bruto ou do ferro de Lucrécia». Mas o rumor crescia gradualmente e, um a um, sujeitos em bicos de pés, encolhidos, desapareciam pela porta estreita da saleta. Vinha de lá uma fumaraça de tabaco; às vezes, uma face, de cigarro na boca, espreitava para a sala; ouviam-se risadinhas... Impassível, absorvido, solene, o homem feio ia expondo as misérias da plebe romana.

Artur, em respeito a Nazareno, conservava-se imóvel: uma inércia mole afrouxava-lhe os músculos num abandono de fadiga. Pensava no Melchior: àquela hora, se não fosse a República, ele também bateria para o Dafundo, sentindo, sob o assento da caleche, os pezinhos da Concha entre os seus; chegariam; vê-la-ia, na sala da ceia, tirar os agasalhos,

aparecer à luz do gás na beleza triunfante do seu decote, e sentiria a sua cinta fina vergar-lhe entre os braços, enquanto o seu pescoço branco, cheio, dobrando-se para trás, chamava deliciosamente os beijos. Estirou as pernas, os braços, num espreguiçamento de languidez... A voz espessa ia apostrofando Tibério e a galera de velas de púrpura que o levava a Capreia...

Jácome então bocejou enormemente; olhou um momento o gás, o grosso manuscrito, e, com uma decisão brusca, ergueu-se e nas pontas dos pés, saiu. Artur ia segui-lo, mas o olhar frio de Matias imobilizou-o. Afora, bocas abriam-se em bocejos sinceros; faces lamentosas, imploradoras, voltavam-se para a impassibilidade de Matias; um ou

outro, tirando o relógio, tinha um gesto desesperado; o secretário dormitava, e, sem pudor, Gilberto lia um livro... Por uma transição que ninguém seguira, o homem feio divagava sobre os Persas...

Jácome voltou a sentar-se ao pé de Artur e com uma voz de rancor:

— Isto é uma coisa extraordinária! Há três quartos de hora que fala! E que quantidade há ainda de manuscrito!

— Quem é ele?

— Uma besta — disse o outro por entre os dentes, com um furor concentrado. Esteve um momento a roer nervosamente as unhas: mas tornou a erguer-se, e batendo agora os tacões como uma demonstração hostil, entrou para a saleta... O homem feio, sereno, depois de ter celebrado o suicídio de Catão,

começava a comentar a crucificação de Cristo.

Foi então que se reparou que o amigo Abílio adormecera profundamente. Na monotonia da leitura, aquilo tomou o interesse picante de um incidente grotesco: seguiam com risinhos fungados os cabeceamentos bruscos que lhe atiravam o corpo para os joelhos, e nos olhares jubilosos luzia a esperança de o ver rolar no chão. Mas Matias, zeloso da dignidade do Clube, fez sinal ao secretário que desceu do estrado em bicos de pês, e — como era de temperamento pacatamente faceto — em lugar de despertar disfarçadamente o lojista, fez-lhe cócegas na orelha com a rama da

pena. Abílio pulou com um berro — e a gargalhada que se estivera

formando rebentou irreprimivelmente. O amigo Abílio, com as feições inchadas, vermelho, desconfiado, esgazeava em redor os olhinhos estremunhados; o homem feio suspendeu um período sobre Savonarola, e Matias, severo, deu um toque de campainha cheio de repreensão. E a seriedade restabelecida, o homem feio prosseguiu, lamentando, com imagens floridas, a fogueira em que ardeu João Huss...

Artur aproveitara o ligeiro tumulto para ir, em bicos de pés, com as cruzes quebradas de fadiga, fumar para a saleta.

— Onde vai o homem? — perguntaram-lhe.

— Vai nos mártires da Reforma!

— Ainda três séculos! — murmurou o sujeito de barbas e óculos,

erguendo aos Céus os braços e os olhos.

Falava-se a meia voz, fumando, de futuras sessões, de projetos, de esperanças políticas, de infâmias da Monarquia — e as vozes abafadas davam um tom de conspiração às acusações, às injúrias lançadas ao Governo: atribuía-se-lhe unanimemente a decadência vil da nação; num círculo, de onde se elevava uma fumaça de cigarros, cada um expunha «uma grande vergonha» — a ruína económica, o baixo preço dos salários, o compadrio dos empregos, o abandono das colónias; falava-se por generalidades vagas: era uma choldra! O País estava perdido! Nada, nada, nada! Tudo uma canalha! — e ombros encolhiam-se com tédio, faces chupavam-se, aspirando o fumo do tabaco. Mas, em geral, a irritação

contra as pessoas excedia a hostilidade às instituições: atacava-se a vida imoral dos ministros, contavam-se ao ouvido anedotas da Corte, grunhia-se contra o abaixamento dos jornalistas conservadores; um indivíduo magro, cheio de espinhas carnais, parecia atribuir todos os sofrimentos da humanidade ao administrador do Bairro Central, que decerto odiava. Outros, então, contavam despeitos pessoais. E como justificação daquelas cóleras, voltavam constantemente as afirmações humanitárias: «a miséria dos operários», «a indignidade dos ricaços». Os mais incultos formulavam a sua indignação política com um termo de calão ou uma obscenidade de taberna; os mais ilustrados declamavam vagamente,

falando com gravidade na «corrupção do baixo-império». Ninguém parecia ter uma noção exata de reformas definidas: mas todos, vagamente, confiavam que da República escorreria a felicidade pública, penetrando todas as classes, até os mais obscuros casebres, com a fecunda universalidade da luz que cai de um astro. Às vezes, um deles ia escutar à porta, outros seguiam-no escondendo os cigarros atrás das costas... E ouvia-se a voz morosa do homem feio, impassível, declamando considerações sobre o processo dos Girondinos...

Matias, de longe, reclamava-os com um olhar imperioso, alguns obedeciam resignadamente, indo imobilizar-se nas suas cadeiras, sob o lento escorrer da prosa infindável; outros

recuavam rapidamente, refugiando-se no fundo da saleta, onde o bico do gás erguia a sua túlipa de luz crua.

O Nazareno parecia o mais impaciente. Segundo ele, era inútil haver sessões, se elas deviam ser tomadas por aquelas leituras retóricas. Então discutiram-se os trabalhos urgentes do Clube. Antes de tudo, era necessário fundar um jornal. Um sujeito de barbas loiras lembrou a necessidade de aliciar alguns militares. O Clube devia fazer um manifesto a todos os liberais, lembrava outro, e pôr-se em comunicação com os republicanos espanhóis. Este projeto pareceu desagradar: alguns achavam-lhe um odioso sabor ibérico... Mas a salvação da Península era uma república federativa!... E além disso, para fazer a

república, era necessário dinheiro e armas... De onde haviam de vir? Da Espanha!...

— Nada de espanhóis, nada de espanhóis!

— Espanholas, sim — disse um gracejador.

O tumulto que se levantara foi interrompido pelo secretário que veio dizer:

— Oh, meninos, o Matias está furioso! Vocês fazem aqui uma algazarra que se ouve lá dentro... O homem está a acabar... Pelo amor de Deus, venham.

Artur que temia o descontentamento do Matias, foi retomar a sua cadeira... O homem feio espalhava flores de eloquência sobre os túmulos, lado a lado, dos quatro sargentos de La

Rochelle.

Pouco a pouco os republicanos entravam — e, subitamente, o homem feio sentou-se.

Houve um rumor de alívio, largamente respirado. Alguns tomavam o chapéu: eram onze e meia, que diabo!

Mas Matias fez retinir a campainha:

— Consultei a assembleia sobre a proposta que no fim do seu notável trabalho o nosso ilustre concidadão — e indicou o homem feio — acaba de fazer.

Foi um espanto. Que proposta?... Ninguém percebera! Olhares interrogavam, ombros encolhiam-se.

Matias, então, explicou:

— O nosso amigo propõe que se pendurem nas paredes do Clube os

retratos de todos os Mártires da Liberdade, desde os tempos mitológicos até... — Pareceu um momento interrogar a memória: — perdão, Sr. Esqueira, até?...

O homem feio recitou de um fôlego:

— Joaquim Vicente da Costa Esqueira, morto nas enxovias de Almada, à machadada, pelas suas ideias jacobinas. Era meu tio.

Uma gargalhada correu pelas cadeiras. O velho militar que parecia admirar o homem feio, rugiu: mais decência! E Matias, severo:

— Acho a hilaridade inoportuna...

O homem feio julgou decerto do seu dever indignar-se, e erguendo-se com solenidade:

— É estranho que cause riso a

homens liberais um parente meu que morreu pela liberdade!

Alguns risos abafados escaparam, aqui e além; e então, Gilberto, no meio da sala, com o chapéu na mão:

— A ideia é nobre, mas além de que não há lugar pra conter nestas paredes todos os Mártires da Liberdade, é difícil obter o retrato da maior parte — a não ser desenhos de fantasia que, por falsos, tenderiam a produzir a indiferença em lugar de inspirar a veneração. Além disso, os Mártires são inumeráveis — e as paredes são só quatro...

— Apoiado! Apoiado!

O homem feio parecia descontente:

— Ao menos o imortal Rousseau... — começou.

— Nenhum! nenhum! — gritaram com impaciência.

Estavam quase todos de pé, havia uma vozearia. Então ouviu-se a voz do Sr. Abílio dizer:

— Eu, é só duas palavras...

Fez-se um silêncio diferente: havia sorrisos amigos àquela bem-vinda frase.

— Eu — continuou Abílio, de pé, com a face jovial — eu quero oferecer ao Clube (dizia Clúbio) um presentinho. Tenho lá em casa uma cabeça de gesso, que a minha senhora diz que é Minerva...

Um lento rumor simpático correu, àquela bonomia, quase fraternal.

— Eu não sei se é Minerva, mas a coisa parece ter valor. E a mim parece-me — desculpem se eu digo asneira — que

poderia muito bem figurar como um busto da República. Se o querem, está às ordens com todo o gosto. Eu já disse à minha senhora, porque enfim, são coisas que pertencem à casa. Ela consentiu, coitada... E eu tenho muito gosto em oferecer...

— Bravo!! Apoiado! Aceitamos! Muito bem!

Abílio reclamou silêncio:

— Então cá o mando, amanhã, pela criada!

Palmas estalaram. E Matias erguendo-se:

— Está levantada a sessão.

Artur foi arrastado no movimento impaciente que se fez para a porta. E no pátio, enquanto acendia um charuto, achou-se ao lado do homem de cachené.

— Não foi má estopada...

Artur disse-lhe, por condescendência:

— A leitura foi longa.

O outro inclinou-se-lhe para o ouvido:

— É que se não faz nada! Tudo isto é uma história. É palrar, é palrar! Não se faz nada enquanto se não deita o Governo abaixo! Eu já disse ao Matias — eu quero ir recebedor para Belém. Eu cá sou franco...

E desapareceu, encolhido no paletó, porque começava a chuviscar.

Quando Artur chegou ao hotel, o porteiro disse-lhe que viera ali um sujeito procurá-lo às nove horas, voltara às nove e meia, depois às dez, depois às dez e meia. Da última vez, estava tão furioso que dera punhadas na mesa, rogando

pragas.

Pela descrição — gordote, já entrado, grandes bigodes — Artur reconheceu Melchior.

7

Ao outro dia Artur recebeu as últimas provas dos *Esmaltes e Joias* e revia-as no seu quarto, quando a porta se abriu e Melchior apareceu com um ímpeto irado. O aspeto de Artur trabalhando tranquilamente, de *robe-de-chambre* de veludo, exasperou-o mais ainda, e curvando-se até ao chão disse ironicamente, com uma voz repassada de ódio:

— Sim senhor! Fê-la boa!

Artur ia falar, mas Melchior, bruscamente, com um gesto vivo:

— É simplesmente uma canalhice! Venho aqui com a tipoia, com as raparigas, às nove: nada, tinha saído!

Volto às nove e meia, com as raparigas na tipoia: nada! Volto às dez: nada! E aqui me vejo eu com duas mulheres, com a tipoia, a bater as ruas, Chiado abaixo, Chiado acima, elas furiosas, o cocheiro desconfiado — enfim, uma indecência!

Artur ia explicar...

— Para mim — interrompeu Melchior — pândegas consigo, acabaram!

E então divagou prolixamente, numa abundância de despeito: — que em Lisboa não se usavam daquelas chalaças... Com quem imaginava ele que estava a tratar? O cocheiro era nada menos que o *Teso*, que só batia com a melhor rapaziada. E as raparigas?... Tê-las incomodado, obrigado a sair de casa... para quê? Assim perdia-se todo o crédito, era-se mal recebido. Ele queria levar a

sua vida direitinha... No fim, ele é que fora responsável... Era homem de bem, gostava de se portar como homem de bem. Enfim, o Sr. Artur tinha-o entalado!

Vendo aquela indignação verbosa, aquele olhar fuzilante, Artur acreditou que praticara uma vileza excecional. Falou em pedir desculpas, ir ele mesmo explicar à Concha...

— E é que há despesas — interrompeu Melchior, grave pela responsabilidade tomada. — É que há despesas. O amigo imagina que o cocheiro andou a bater para cima e para baixo de graça? E eu tomei-o por sua conta... E as raparigas?

Artur tirou logo do bolso a bolsinha de trama de prata.

Então Melchior, sossegado,

responsabilizou-se por arranjar as coisas decentemente com «três librinhas».

— E onde diabo estava você? — perguntou, já risonho — outra vez no *High-Life?*

Artur, discreto, teve um *sim* ambíguo, gozando interiormente as cautelas do conspirador. Estivera numa casa, até tarde... Fora convidado de repente...

— Pois eu tive um ferro — disse Melchior, penteando o bigode ao espelho. — E a Concha estava... Oh, menino! Uma divindade! E ficou furiosa... Não, palavra, ela está com muita curiosidade em o ver.

Artur lamentava intimamente aquela ocasião perdida. E para quê? Para ouvir durante uma hora e meia, escorrer monotonamente, com uma lentidão de água

gordurosa, o elogio balofo e mole dos Mártires da Liberdade! Que tolice! Apesar do seu desejo, não ousava propor «outra pândega» a Melchior. Disse apenas, andando em redor da mesa com a cabeça baixa, embrulhando um cigarro:

— Tenho pena, tenho pena... Outra vez será, hem?

Mas Melchior não o escutava: fora, segundo o seu costume, para a janela trautear, retorcer os bigodes, a ver «se pescava a segunda dama».

Artur, então, foi-lhe mostrar as últimas provas dos *Esmaltes e Joias* e corando um pouco, perguntou-lhe se não seria possível anunciar a publicação próxima...

— Está claro que sim! E publica-se até uma poesia. Dá chique. Veremos

logo isso. Você que faz à noite, nada? Bem, venho jantar com você e combinamos a notícia. — Bateu-lhe no ombro: — Hem, sou amigo ou não?

Artur agradeceu.

— E para a venda do volume?

— Entenda-se com o Gonçalves, o revisor. Eu lhe arranjo isso: não há de haver dúvida. Você não tem trabalho nenhum, senão receber... É necessário dar alguma coisa ao Gonçalves, já se vê. Coitado, homem serviçal, cheio de família...

Deu uma escovadela ao chapéu e «ia-se, que tinha um *rendez-vous*». Foi ainda olhar à varanda — mas como «se não punha olho no diabo da cantora», saiu trauteando o fado.

***

Terminada a ocupação das provas, os dias tornaram-se muito vazios para Artur. Mas estava então numa situação de espírito tranquilo, muito segura. Em breve, pela publicação do seu livro, pela crítica do *Século* — Melchior prometera-lhe «um folhetim de arromba» — ia ser ilustre; a sua ligação com os republicanos, com o Clube, dava-lhe uma secreta vaidade de revolucionário perigoso; seria completamente feliz se pudesse ver, conhecer a Sr.ª Baronesa de Paradas.

Todas as manhãs, agora, por ociosidade, com uma vaga esperança, ia passear pela Rua de S. Bento, esperando sempre que se daria enfim o encontro desejado, recebendo de cada vez uma

desconsolação maior daquela longa fachada impassivelmente unida e vazia. Que faria ela lá dentro? Supunha-a lendo, estendida num sofá, ou no jardim que devia haver nas traseiras da casa, bordando sob alguma velha árvore, vendo o pequerruchinho rolar-se pela relva.

À noite ia a S. Carlos, sondando todos os camarotes com o binóculo; e os domingos no Passeio, à tarde no Pote das Almas ou pelo Chiado, não cessava de a esperar, de a invocar. Mas não a tornara a ver — e isto punha uma falha discordante na felicidade tão unida dos seus dias. Onde a encontraria? Como? A recordação odiosa da *soirée* da Coutinho dava-lhe, com terror da sociedade, o desejo de a ver, de a amar, fora das convenções mundanas, na deliciosa segurança do

mistério, de um modo literário e excitante, à *Romeu e Julieta*. Quereria encontrá-la num parque, numas pequenas ruínas, longe, nalgum recanto pitoresco de vale ou de estrada. Uma manhã, ficou todo alvoroçado, vendo no *Século*, nas notícias do *High-Life*, que a Sr.ª Baronesa de Paradas fazia vinte e cinco anos. Mas então Melchior e o Saavedra conheciam-na?... Correu à redação. Melchior encolheu os ombros: tinha copiado a notícia do Almanaque do ano precedente, eram apontamentos do informador. Talvez o Saavedra soubesse... Também não: ouvira dizer que era uma senhora brasileira...

— Mas para que quer você saber? — perguntou Melchior, com um sorriso de malícia, muito curioso. — Temos

conquista?

Artur negou frouxamente.

— Vá lá homem, conte lá — insistiu Melchior. — Olhinho, cartinha, hem?

Artur não resistiu à tentação de dizer, afetando reserva:

— Conhecemo-nos, mas não há nada!

— Seu felizardo! — disse o outro, olhando-o com inveja. — Olha o melro, hem?

E Artur cofiava o bigode, entumecido de vaidade, o olho enternecido.

Melchior então, por um instinto de despeito, afetou não dar importância à aventura que suspeitava: bocejou, estirou-se na cadeira, falou de S. Carlos, do

circo, de outras coisas. E de repente:

— Então você agora é da panelinha do Nazareno?

Artur corou:

— Conhecemo-nos. É um amigo do Damião, que foi meu companheiro em Coimbra. Por quê?

— Vi-o ontem no Martinho... Você não me viu. Estava em grande cavaqueira com o Nazareno... — E depois de uma pausa: — Faz mal. Fraca sociedade.

Artur não protestou: fez o elogio do Nazareno, do

Matias; atribuía-lhes todas as virtudes, grandes excelências de espírito.

Melchior muito estirado na cadeira, com o ventre saliente, todo envolvido na fumaraça do charuto, disse com desprezo:

— Uma corja! Uma corja!

Artur escandalizou-se. Eram, disse, os carateres mais nobres de Lisboa. E irritado pelo tom de escárnio de Melchior, pela sua atitude repoltreada de escrevinhador pedante, afirmou que o Matias, o Nazareno, dentro de dois ou três anos, haviam de governar o País. O Partido Republicano estava certo de triunfar...

Melchior, que limpava as unhas com um canivete, teve um risinho seco:

— Ora histórias, amigo! Quatro municipais, de chanfalhos desembainhados, varrem todos os republicanos!

A contradição fez perder a Artur a prudência. Falou do Clube, da organização do Partido Socialista no

Porto, em Viseu, em Coimbra: havia quinze mil operários prontos; inventava forças sociais ao serviço da democracia: o dinheiro não faltava e — lembrando-se da presença do «amigo Abílio» no Clube da Rua do Príncipe — jurou que toda a burguesia de Lisboa, proprietários, banqueiros, pertenciam ao Partido Republicano...

Melchior fitou-o um momento com a expressão vitoriosa de quem obtém a confissão de um crime:

— Ah! o amigo também é do Clube?

Artur, vermelho, pensando que necessitava para o seu livro o apoio conservador do *Século*, negou. Não pertencia, mas enfim a verdade era a verdade... O Partido Republicano era

forte...

— Meia dúzia de maltrapilhos — rosnou Melchior, cuja verbosidade usual parecia esterilizada.

Calaram-se. E daí a momentos Artur saiu, descontente. Melchior nem levantou a cabeça do papel: disse-lhe apenas um *adeus amigo* extremamente seco.

A injustiça feita aos seus amigos fazia-lhos parecer mais dignos, mais superiores. E como as palavras de Melchior o tinham revoltado, jurou dedicar-se aos republicanos, como aos únicos homens de justiça e de verdade que até aí encontrara.

Não deixou mesmo, nessa noite, de contar ao Nazareno a sua questão com o «tolo do Melchior». Mas o Nazareno

não conhecia no *Séculos* e não o Saavedra, que, disse, «era um corruptozinho que merecia na cara a *badine* que usava na mão».

Artur, então, lembrou a necessidade de mostrar ao País a força do partido: achava prejudicial que o Clube tivesse, havia quinze dias, suspendido as suas sessões. O motivo era o Matias estar preparando o seu grande *Programa de Organização Democrática*, e parecer-lhe inútil reunirem-se antes de possuírem aquela base de trabalho, de ação, que era, segundo o Nazareno, «uma das grandes obras que se tinham escrito neste século».

— O Matias leu-me ontem a primeira parte. Depois de Proudhon, não se tornou a escrever nada tão forte e tão elevado. O amigo verá!

No entanto Artur estava inquieto por causa da «sua questão com o Melchior»: não conhecia que largo fundo de indiferença pelas ideias há nos espíritos inferiores e, julgando tê-lo escandalizado no seu fervor monárquico, receava perder a notícia, o prometido folhetim no *Século*, e até os serviços do velho Gonçalves, pai de tantos filhos! Por isso, na manhã seguinte, ficou encantado encontrando Melchior, que vinha, risonho e florido, «almoçar com o caro Artur».

Justamente, Artur recebera, ao acordar, uma carta da tipografia anunciando a terminação do volume e remetendo a conta da impressão. Melchior examinou-a, achou-a muito moderada, prometeu mandar o Gonçalves à tipografia e assegurou que depois do almocinho ia

fazer uma notícia catita.

E com efeito, ao outro dia, Artur pôde ler, com o coração afogado em vaidade, os elogios do *Século:* «É hoje posto à venda o livro de poesias do nosso ilustre amigo Artur Corvelo, os *Esmaltes e Joias*. É um belo volume de 250 páginas, nitidamente impresso na excelente Tipografia de Castro & Irmão. Vamos ler e falaremos de espaço desta interessante estreia do inspirado poeta. É natural que a crítica se ocupe largamente deste magnífico volume. Em seguida damos um pequeno extrato, que nos parece uma verdadeira *joia* onde não falta o *esmalte*.» — E seguia-se a transcrição de uma pequena poesia, em que Artur, retomando uma antiga imagem do velho Gautier, comparava a sua alma cheia de

desejos, a um pombal atulhado de pombas.

Recebeu pouco depois, da tipografia, os volumes destinados a oferta — e de *robe-de-chambre*, com uma chávena de café ao lado, passou uma manhã deliciosa, escrevendo dedicatórias na primeira página, num estilo lapidar, poético, afetando na irregularidade da letra a desordem da inspiração. Remeteu um exemplar às tias, outros ao Carneiro, à Corcovada, ao Matias, a D. Joana Coutinho, ao Padilhão, a Vítor Hugo, e outro ainda a Garibaldi, com estas palavras: *Ao sublime herói da espada, o humilde cismador da lira*. Mandou pôr volumes nos quartos de Meirinho e de Carvalhosa e num último exemplar escreveu apenas: *15 de maio. Estação de*

Ovar. Remember... Por entre as folhas pôs duas violetas esmagadas e sobrescritou para o palacete da Sr.ª Baronesa de Paradas, a S. Bento.

Depois, sentado à janela,, com um exemplar na mão, ficou longo tempo a saborear o delicioso orgulho que ele lhe trazia; o cilindrado do papel dava uma doçura inesperada à harmonia das rimas e a cor de canário da capa, com o seu nome em elzeviriano, enternecia-o; lia aqui, além, versos, trechos, e ora tinha palpitações de vaidade por belezas que impressas lhe pareciam de um brilho particular, ora se assustava com incorreções de forma subitamente apercebidas, que lhe tinham escapado nas provas e que decidia emendar na *segunda edição*.

Entrou nessa noite no Martinho, comovido. Decerto o volume, tornado popular pela notícia do *Século*, fora já folheado. No rumor das conversas, parecia-lhe sentir o seu nome, trechos do livro citados; deviam decerto olhá-lo, examiná-lo; e calculava os seus movimentos, a maneira de se encostar na cadeira, de passar a mão pelo cabelo, para dar de si uma ideia mais favorável e como que a revelação pública do seu génio íntimo.

Nazareno, que tomava o seu café, ainda não lera o livro, mas vira a notícia do *Século*.

— Palavra, fiquei surpreendido — acudiu Artur. — Depois da minha questão com o Melchior, imaginei que me fariam guerra. Mas não. No fundo, são bons

rapazes — e é necessário estar-se bem com os jornais...

— Decerto — disse Nazareno que parecia refletir. E depois de um momento: — Então o amigo é lá muito da gente do *Século*, hem?

Artur afirmou que tinha alguma influência no *Século*.

— Estimo — disse Nazareno — porque então vamos arranjar uma coisa...

Procurou na algibeira e tirou um rolo de tiras de papel. E baixando a voz:

— É necessário fazer publicar isto...

Artur teve um deslumbramento: pensou que por fraternidade revolucionária Nazareno fizera um estudo sobre os *Esmaltes e Joias;* e a sua desconsolação foi grande quando o outro,

com os cotovelos na mesa, o seu ar um pouco soturno, lhe disse — que era um artigo do Matias sobre o livro do Damião.

Publicara-se havia uma semana e intitulava-se a *Renascença em Portugal*. Nazareno afirmou que era um livro concebido num espírito muito livre, de grande estilo, de uma alta ciência, «a verdadeira iniciação em Portugal da crítica histórica e literária». Uma grande obra de democracia, enfim! Era útil para o partido, para os interesses da inteligência, fazer em torno do livro um ruído de artigos: como eles não tinham jornal, era necessário — de resto era até conveniente — que os jornais conservadores popularizassem o volume. Ele não conhecia jornalistas, mas ao ver a notícia do *Século*, sabendo que o amigo Corvelo

conhecia a redação, lembrara-se... Hem?

— Sim — disse Artur — falo ao Saavedra. Até tenho muito gosto... Sou amigo do Damião.

— Dá dois folhetins — disse Nazareno.

Artur levou o manuscrito, mas estava contrariado. No momento em que ele necessitava do folhetim do *Século* para os *Esmaltes*, achava imprudente reclamá-lo para o livro do Damião. Nazareno parecia-lhe egoísta. Era abusar, que diabo! Tinha agora um vago medo de que o Saavedra consentisse na publicação, e que o livro do Damião tivesse um sucesso ruidoso, em que o seu volumezinho lírico desaparecesse, como um suspiro numa trovoada. Pensou em guardar o manuscrito até que saísse o

folhetim do *Século* sobre os *Esmaltes*... Ou ainda, poderia dizer a Nazareno, com um gesto desolado, «que o patife do Saavedra, nem à quinta facada»... Mas então, o patife era ele, Artur. Que estúpida ideia, a de Nazareno! Detestava-o agora, e sentia-se inclinar vagamente para as opiniões do Melchior sobre «a cambada dos republicanos».

Mas ao outro dia, por um sentimento de lealdade — que a claridade límpida da manhã concorreu decerto a fortalecer foi ao *Século*. E sem calor, cumprindo estritamente e unicamente o que prometera, estendeu o manuscrito a Melchior, dizendo:

— Estimava que você publicasse isto no seu jornal. É sobre o livro do Damião, um amigo meu.

Melchior remexeu as tiras de papel azul quase com medo. Vinha do Matias, dos republicanos, e parecia-lhe que sob aquela letrinha miúda se devia tramar alguma coisa de funesto para o *Século*, para a Monarquia, para os prazeres tranquilos da Baixa. Deu um olhar desconfiado a Artur e disse devagar, coçando a cabeça:

— Enfim, eu falarei ao Saavedra, eu não quero compromissos... Você bem vê... É uma responsabilidade... Você tem empenho?

Artur hesitou: porém, a honestidade venceu e disse com firmeza:

— Tenho!

Bem!

E Melchior fechou o manuscrito à chave, com precaução, como se fosse

dinamite ou outra qualquer substância explosiva.

Artur passou esse dia e o seguinte fazendo o giro dos livreiros onde se vendiam os *Esmaltes e Joias*, para gozar, vendo o volume nas vitrinas, as primeiras doçuras da publicidade. Não ficou satisfeito: ora o volume não estava bastante em evidência, ora o achava colocado ao pé de algum livro francês, cujo frontispício ilustrado absorvia a atenção; estes detalhes descontentavam-no. As vitrinas dos livreiros pareciam-lhe além disso bem indiferentes ao público: homens, senhoras, passavam, na pressa da ocupação ou no vagar da vadiagem, parando diante das ourivesarias, das camisarias, das modistas — nunca diante dos livreiros. Não encontrava nas

fisionomias nada que revelasse a impressão dada pelos seus versos: o livro parecia passar sobre a cidade como uma gota de água sobre guta-percha.

À noite, no Martinho, em S. Carlos, roçava-se pelos grupos, na esperança ávida de ouvir o seu nome: chegavam-lhe fragmentos de palestras sobre política, fundos, jogo, mulheres, nunca sobre os *Esmaltes e Joias*. Entrava desconsolado no hotel e punha-se a reler o volume: tudo lhe parecia então vulgar, imitado, mal rimado, chato, e vinham-lhe desesperos mudos e como que um pungente sentimento de solidão e de treva. Uma ideia consolava-o: àquela hora a linda baronesa tivera o livro, lera-o e palpitava de emoção, vendo que o simpático rapaz da estação de Ovar era

um poeta! Esperava uma resposta, um bilhete de visita, uma flor seca dentro de um sobrescrito, um *amo-te* numa folha de papel perfumado. Nada veio.

Das pessoas a quem ofertara o livro não recebera nenhuma palavra animadora. Carvalhosa nem lho agradecera; Meirinho dera-lhe no corredor um *obrigadinho* seco. O Padilhão dissera-lhe, do outro lado da mesa:

— Lá recebi, está um volumezinho bonito.

Só Nazareno lhe dera uma opinião crítica:

— Você tem a forma, agora é procurar a ideia. Compreende-se, num primeiro livro de poesia, o génio lírico. Mas é necessário não repetir. Vítor Hugo

fez as *Orientais*, uma composiçãozinha ridícula, mas tomou a sua desforra nos

Châtiments. Agora é pôr de lado o amor e os lírios e falar-nos de coisas mais sérias. — E o artigo sobre o livro de Damião?

Artur afirmara — segundo lhe dissera repetidamente Melchior — que o Saavedra o ia ler... Naturalmente publicava-se. Talvez saia amanhã, acrescentava. Ele veria.

Mas o que realmente queria ver, todas as manhãs, o que ambicionava com palpitações do coração ao abrir o *Século*, era o folhetim prometido sobre os *Esmaltes*. Não o encontrava. E vinha-lhe então uma grande irritação, por não ver o artigo do Matias sobre o livro do Damião.

E era aquele o pretexto que

tomava para se indignar contra Melchior, ir à redação, e, ao princípio com modos tímidos, depois, mais secamente, lembrar-lhe «a sua palavra».

— Oh, menino, o Saavedra lá tem o folhetim...

Mas era necessário decidir, que diabo! — insistia ele, furioso contra Melchior, que, obtusamente, não compreendia que a promessa que ele verdadeiramente queria ver cumprida, não era sobre o livro do outro — bem lhe importava! — mas sobre o seu... Sobre o seu!

Melchior, porém, compreendera: muito lealmente, tentara, numa noite de luta, produzir um folhetim sobre os *Esmaltes e Joias;* chegara a obter meia coluna em que falava da «nitidez da

edição e da grande inspiração». Mas faltavam quatro colunas e meia e nem duas chávenas de café, nem charutos fumados à janela com a testa à aragem da noite, nem pitadas de rapé para aliviar o cérebro, nem passeios furiosos pelo quarto, nem a cabeça apertada entre as mãos, como um limão a que se exige o sumo — nada forçara a sua vasta fronte calva, que parecia conter um mundo, a produzir uma linha mais! E desistira, furioso contra uma «tão extraordinária falta de veia».

Artur agora subia quase todas as manhãs ao *Século*, pretextando ir dar uma vista de olhos aos jornais: mas na sua presença, na sua voz, na maneira de se sentar, Melchior sentia errar uma vaga acusação — já o temia como a um credor.

— Amanhã, falo ao Saavedra — jurou-lhe um dia.

E na manhã seguinte, vendo-o entrar, ergueu-se logo, dizendo baixo que ia decidir a questão, foi bater discretamente com os nós dos dedos à portinha verde do gabinete do Sr. Diretor.

— Entre!

Melchior entrou, fazendo a Artur um gesto em que lhe prometia ser enérgico.

Mas daí a momentos voltou e logo da porta abriu os braços, enterrando a cabeça nos ombros, exprimindo toda a sorte de impossibilidades.

— Então? — perguntou Artur.

— Diz que não! — fez o outro arregalando os olhos. — E levando-o para o vão da janela: — Não deu

explicações, diz que não! É um livro comunista, cheio de horrores... O artigo do Matias também. Enfim, diz que não!

Artur não pareceu muito irritado. Enrolava um cigarro com a cabeça baixa e de repente, um pouco vermelho, com a voz ligeira de quem se recorda de uma minudência:

— É verdade, a propósito, e o folhetinzito sobre os *Esmaltes?*

Melchior corou, mas não querendo confessar a sua miséria intelectual:

— Que quer você, também diz que não!

— Ora essa!

— Falei-lhe — continuava o outro, com gestos desolados — é por causa da *Ode à Liberdade*, da *Sátira à Sociedade;* diz que não. O jornal está com

o Governo; se estivesse na oposição, então... Diz que não! — E baixando a voz: — Um asno!

Artur galgou a Calçada do Correio, falando alto com indignação. Na sua necessidade de desabafar, de rugir, correu ao quarto de Nazareno. Não o encontrou. Então foi sentar-se para o Passeio, debaixo de uma árvore, e ali ficou ruminando a sua cólera. Uma grande doçura parecia cair do alto azul, puríssimo; o rumor da cidade chegava por fragmentos abafados, como se ficasse preso, enleado nas ramagens meio despidas. Um jardineiro regava. E na rua onde a areia reluzia ao sol tépido, duas crianças muito loiras corriam, vigiadas por uma inglesa vestida de verão, de lunetas azuis, que lia num banco, com um

King Charles no regaço. Mas aquela paz de jardim burguês não o calmou. O mundo oficial, de que o *Século* era a expressão literária, parecia-lhe agora vil, de uma vileza pequena, piegas, com alguma coisa de senil e de estúpido: nunca se sentira tão decidido a servir as ideias de Nazareno! O seu livro, agora, repelido, ignorado da imprensa, parecia-lhe sublime. A recusa do Saavedra, atribuía-a à inveja, talvez à influência inimiga do Roma. E pensava em coisas vagas que faria, que escreveria, para provar a sua força, fazer sentir a importância do seu talento... Mas pouco a pouco, no amolecimento que lhe dava aquele tépido meio-dia de inverno, veio-lhe como que a indefinida consciência da sua inabilidade para a luta: necessitaria ter uma amizade

forte ou um amor inspirador, apoiar-se a alguma coisa de duradoiro, de consolador... O quê? E as duas crianças, correndo, brancas e cor-de-rosa, frescas como flores, apetitosas como frutas, dando-lhe vagos desejos de paternidade, fizeram-no pensar na família, numa casa bonita, toda sonora de risos de crianças, onde o frufru de um vestido pusesse no ar ambiente uma ternura subtil. Lembrou-lhe a filha do Carneiro. Pouh! Usava uma cuia postiça e nunca poderia compreender as necessidades do seu espírito, nem as belezas dos seus versos. Depois, a província aterrava-o. Mas Lisboa impacientava-o já. E vinha-lhe como que uma desconsolação de tudo, uma sensação de mal-estar: bocejou enormemente, ergueu-se, foi arrastando os passos,

enfastiado, até ao hotel. Já nem se sentia indignado contra o Saavedra, porque na sua natureza linfática, tudo se amolecia, fenecia depressa — indignação ou entusiasmo — como num ar sem oxigénio todas as plantas se estiolam.

À noite, no Meirinho, contou tranquilamente Nazareno a resposta do Saavedra. O republicano fez-se pálido de raiva e a sua indignação, exprimindo-se com violência, chegou a despertar, a aquecer de novo a cólera de Artur. Tudo provinha deles não terem um jornal... Um jornal fá-los-ia respeitados, temidos, dar-lhes-ia uma voz, uma posição...

— E onde está o dinheiro? — exclamou Nazareno.

Artur, pensando no seu conto de réis, lá na província, na burra do

Carneiro, calou-se, encolhendo os ombros.

Contou então ao Nazareno, como para o consolar e mostrar bem a sinceridade do seu despeito, que o Saavedra recusara também a inserção de um folhetim sobre os *Esmaltes*. Nazareno, porém, não parecia a Artur bastante indignado:

— Pois não lhe parece uma grande maroteira, Nazareno?

O outro fez um vago gesto de assentimento e depois de uma pausa:

— O Matias já folheou o seu volume. Acha-o muito erótico...

Artur mordeu os lábios e voltou para o hotel desesperado com aquela opinião. Que entendia o parvo do Matias de versos e de estilos! Aquela tendência

de querer reduzir toda a Arte, mesmo a Poesia, a um auxiliar subalterno de ambições políticas, parecia-lhe de espíritos estreitos, egoístas. E deitou-se descontente do Saavedra, do Matias, de Lisboa, de si, da vida.

***

Acabava de almoçar na manhã seguinte, quando Melchior apareceu com uma face radiante. Atirou um número de o *Século* para cima da mesa, exclamando:

— Ora receba lá esse presentinho!

Que surpresa! Era uma notícia, a primeira que dizia:

«O ilustre autor dos *Esmaltes e Joias*, que tanta sensação têm causado, o nosso prezado amigo Artur Corvelo,

muito conhecido na nossa sociedade aristocrática onde as suas maneiras, o seu espírito, o tornam alvo das maiores atenções, tem enfim terminado o seu grande drama *Amores de Poeta*, que brevemente será representado num dos nossos primeiros teatros. O drama, que por alguns trechos que ouvimos nos parece primorosamente escrito, é um estudo de costumes da alta sociedade e por assim dizer um protesto contra as teorias subversivas, que, aqueles que em Portugal pretendem introduzir as ideias republicanas, espalham para destruir a família, a religião, a elegância e tudo o que constitui o património da gente bem-educada. Os *Amores de Poeta* são dedicados a um Augusto Personagem. O público espera ansiosamente este debute

teatral do inspirado vate.»

— Ora essa... Dedicado a um Augusto Personagem?

— Hem! — exclamou o outro com triunfo. — É bem jogada, hem? É um achado! É catita! Que lhe parece?

Compusera aquela notícia sobre o drama para o consolar da perda do folhetim sobre os versos e, orgulhoso do «achado» — a ideia da oferta do drama ao Rei, ou à Rainha — repetia com os olhos brilhantes:

— É catita! É de chupeta!

Artur, embaraçado, disse:

— Mas não é verdade, homem! Pode-se supor que é o Rei.

— Está claro que se supõe! Para isso é que eu escrevi! Faz um efeitarrão!

— Mas se o Rei sabe... É abusar.

O outro teve um grande movimento de ombros:

— Ora sebo! Nem ele sabe, nem se importa! E se for necessário, você dedica-lho! Faz um efeitarrão... Não há empresário que o não queira levar...

Artur, no meio da sua vaidade satisfeita, tinha uma vaga contrariedade. Que diriam os republicanos, vendo-o assim designado como «o menino-bonito» da alta sociedade, fazendo dedicatórias aos tiranos? Torceu o bigode, parecia assustado.

— Ainda você não está contente! — exclamou Melchior, despeitado daquele acolhimento cheio de embaraço a uma local que devia ser recebida com exclamações vitoriosas.

Artur disse:

— Não, estou. Estou penhorado, Melchior, mas...

— Mas quê, com mil-diabos! E esta?

— É que tenho amigos... O Nazareno, o Matias... Parece uma traição...

A face de Melchior tornou-se grave:

— Você vai por um mau caminho, Artur. — E sem o deixar falar, com uma verbosidade repentina, continuou: — Você se se mete com essa gente está perdido. Eu conheço Lisboa. São muito malvistos. Se você quer furar e que se fale de si, que se lhe represente o drama e tratar com gente fina, deve deixar essa cambada. Que é que eles lhe podem dar?

Divertimentos? Onde... Empregos?

Que é deles?... Posição? Nicles!... Levá-lo à sociedade? Olha quem, os pelintras! Então para quê! Você pode aspirar a muito: é o que diz o Saavedra. Mas é necessário estar com a gente decente. Veja você: por que não apanhou o folhetim no *Século?* Por causa dessas histórias de Odes à Liberdade, e Marselhesas e toda essa choldra! Você tem dinheiro, não é verdade? Para que se há de meter com maltrapilhos? O que eles querem é explorá-lo, homem!...

Artur escutava-o, abalado.

— E além disso — ia dizendo Melchior...

Um criado entrou com uma carta para Artur. Era um simples cartão de visita:

D. JOANA CÂNDIDA DE MENESES COUTINHO
a agradecer o delicioso volume de versos.

Um rubor de orgulho espalhou-se-lhe no rosto. Estendeu o cartão a Melchior, que exclamou com o ímpeto alegre de quem, combatendo, se apossa de uma arma nova:

— Aí tem você! Vê? Se ela soubesse que você pertence à canalha do Matias, recambiava-lhe o livro, tão certo como eu estar aqui.

— Foi muito amável — disse Artur, relendo as palavras escritas no cartão. E revia a sala de D. Joana Coutinho, as *toilettes* de seda, os homens de casaca: ali apreciava-se a poesia

amorosa, elegante — e pensava em Nazareno, habitando num quinto andar, com uma sobrecasaca coçada, relações pulhas, os dedos queimados do cigarro e hostil ao lirismo. E aquele simples agradecimento de D. Joana aparecia-lhe como uma porta que se abria sobre a Sociedade e de onde saíam aquelas emanações de luxo, de amores patrícios, de graças femininas que intimamente o cativavam sempre. O Melchior, que diabo, tinha talvez razão. Disse-lho.

— Está claro que tenho! — E retorcendo o bigode aproximou-se da varanda.

Mas teve logo uma exclamação e com um grande gesto para Artur:

— Pst! Venha cá, homem, venha depressa!

Artur correu: viu apenas uma tipoia que descia o Chiado a trote largo, com duas cabeças cobertas de mantilhas à espanhola.

— Era a Concha — fez Melchior, dando uma punhada no peitoril da varanda. — Que linda que ia! E a Paca... Oh, menino! — E exaltado: — Quer você uma coisa? Vamos ao Dafundo com elas. Hem?

E brilhavam-lhe os olhos.

Artur teve um ímpeto de mocidade, de ardor; disse vivamente:

— Valeu!

— Caramba! — fez o outro. E decerto para se preparar à excitação noturna, reclamou uma gotinha de conhaque.

O mesmo criado entrou com outra

carta para Artur.

— É o dia das cartas — disse ele, com uma vaidadezinha.

E de repente, teve a ideia, pela letra que não conhecia, que era da baronesa: a alegria das suas feições foi tão clara que Melchior perguntou, com os olhinhos vivos:

— Cartinha de amor?

Era de Nazareno. Dizia que ao outro dia, às 9 da noite, Matias lia o seu grande trabalho. «Sem falta, caro concidadão!»

Artur meteu a carta no bolso afetando discrição.

— *Rendez-vouzinho*, hem? — fez Melchior, já invejoso.

Artur julgou não mentir, dizendo:

— *Rendez-vouzinho*, para

amanhã!

— Seu felizão! — fez o outro. — E para ocultar o despeito, emborcou o cálice de conhaque com o seu chique especial, atirando-o de um golpe para as goelas. Estalou a língua e pousando o copo: — Hoje andaluza, amanhã baronesa!! Veja se a república lhe dá dessas pechinchas!

E Artur sorria, torcendo com fatuidade o bigode.

Partiram às nove horas, numa caleche descoberta: levavam a Concha e a Cármen. Melchior que parecia entusiasmado, mandara o *Teso* bater pelo Chiado e direito no assento, com o chapéu ao lado, o charuto flamejante, atirava adeuses com a ponta dos dedos para os grupos escuros da Havanesa e do

Baltresqui. Artur, um pouco embaraçado, encolhido, admirava a Concha: a mantilha preta dava uma palidez mais mimosa, mais tocante, ao seu rosto de feições finas, de um tom melancólico; os seus olhos árabes, húmidos, bem rasgados, tinham na sombra uma negrura mais profunda'; recostava-se com um abandono lânguido mas senhoril, retraindo castamente os pezinhos para não encontrar as botas de Artur. Logo no Aterro, Melchior começou com as suas pilhérias: fazia declarações inflamadas à Cármen — uma grossa andaluza, de grandes carnes e olhos banhados num fluido negro como tinta — beijocava-lhe as mãos papudas, chamava-lhe num espanhol grotesco: *mi palomba, flor de benediccion!...* remexia-lhe no vestido, atraía-a pelos braços,

fazendo-a rir, de um riso cálido de cócegas e de pândega. Para lhe imitar a animação, Artur quis tomar desajeitadamente as mãos da Concha, mas ela, com dignidade, censurando decerto as expansões públicas de concupiscência, retirou-as brandamente. Aquela frieza chocou Artur: desesperava-se por não poder falar espanhol e cativá-la com a eloquência da fraseologia poética. Então recostou-se, calado, a olhar a noite: uma doçura infinita errava no ar que tinha uma vaga cor de anil deslavado; brancuras de luar banhavam pedaços de fachadas; e a tipoia corria a trote, com o *Teso* muito direito na almofada, de cabeça baixa, o pingalim alto, as pontas da faixa a esvoaçar, batendo no seu estilo catita.

— Então isto não é melhor que

todas as *soirées* do *High-Life?* — disse Melchior. — E em passando as portas, salta a bela *malagueña!*

E aconselhava Artur a que se atirasse à Concha e «que se pusesse à altura das circunstâncias», que isto de pândega sem animação era dinheiro deitado à rua!

— Eh, *Teso*, é bater! é bater!

Tinham passado Pedrouços, adormecido e escuro, e a Cármen, muito solicitada, entoou a sua *malagueña:* Melchior, mascando o charuto com entusiasmo, seguia o compasso, saracoteando a cintura e fazia o acompanhamento,, batendo as mãos em cadência. A voz da rapariga era acre e mordente e as notas arrastadas os *á-á-áhs* muito modulados, perdiam-se pela noite,

misturados ao trotar batido das ferraduras, ao rodar da tipoia no areado do macadame. No alto silêncio azulado brilhava uma Lua imóvel, muito serena, e um ar vivo passava, salgado das emanações do rio. Artur sentiu um fluxo de ternura triste, de enleio poético afogar-lhe o peito e recostando a cabeça, suspirou.

Então, muito tema, a Concha debruçou-se para ele, e, chamando-lhe *hijo mio*, quis saber o que o fazia sofrer. Ele carregou a voz de ternura, para dizer: *nada!* Ela apertou-lhe a mão docemente — e Artur não duvidou do seu amor.

Mas Melchior tinha entoado o fado: fazia uma voz especial, estrangulada, do nariz, rouquenha, afadistada:

Eu fui um dia ao Dafundo,
Ai! Em companhia do Amôri!...

Mas interrompeu-se: o fado sem guitarra não ia. No Dafundo é que haviam de cantar, se lá estivesse o Zé das Três. Artur é que havia de ver! Era de chorar!

E declarou que tinha fome. Também, iam fazer uma ceia real! Abraçou os joelhos da Cármen, que dava gritinhos, e, para animar o *Teso*, aconselhou Artur a que lhe desse um charuto. Chamava-lhe o *Tesinho*.

— Tenho feito muitas pândegas com ele. Não é verdade, ó *Tesinho?* Hem? No tempo do Sr. Visconde. Hem? — Viva o *salero! Llegamos, niñas!*

Estavam com efeito diante do

hotel do Dafundo. Melchior saltou vivamente — mas ficou à portinhola, escutando petrificado: do hotel saíam gritos de mulheres, uma luz corria no primeiro andar.

— Temos chinfrim — disse o *Teso*, atirando a manta às ancas dos cavalos.

As raparigas tinham descido, já assustadas; contudo entraram. No corredor, um homem cruzou-os, correndo, com uma toalha e uma bacia na mão; uma mulher, de saia muito engomada, passou aos gemidos, aos ais! E Artur, com a Concha muito trémula agarrando-se-lhe ao braço, Melchior, pálido, um pouco encolhido atrás de Cármen, dirigiram-se à sala da esquerda, alumiada, de onde saíam os choros dilacerantes de uma

mulher rouca.

Junto da mesa, um homem, com o busto todo nu, o rosto lívido, os cabelos empastados num suor frio, erguia ao ar o braço direito, todo coberto de uma pasta de sangue escuro que gotejava devagar: o chão estava encharcado de uma humidade negra. Sobre a toalha da mesa, repuxada a um canto, negra de vinho entornado, estavam pratos quebrados, estilhaços de copos, e uma rapariga que duas mulheres acalmavam, seguravam, chorava convulsivamente, arrepelando-se, com os olhos esgazeados, a face manchada de vermelho. Um indivíduo gordo e calvo, de ar importante, procurava vedar o sangue, mas a toalha enrolada ensopava-se depressa: as carnes estavam dilaceradas por facadas transversais e apenas lavado

com muita água, o sangue recomeçava a correr caindo em gotas pesadas. O rapaz imóvel, mudo, corajoso, perdia a cor; os olhos embaciavam-se-lhe. Todos os rostos estavam amarelos de terror: perguntava-se baixo pelo médico; uma criada toda esguedelhada, esfregava o chão; e o dono do hotel, em mangas de camisa, as calças muito erguidas pelos suspensórios, ia pedindo que «se retirassem, que não fizessem barulho», afirmando «que não era nada, que fora por acaso», seguido da mulher, que, de peitos à mostra, em camisa de dormir, procurava acalmar uma criança estremunhada que se torcia, aos berros.

Melchior, muito branco, quis partir imediatamente; nem deixou o *Teso* dar uma sopa ao gado: empurrou à pressa

as espanholas para dentro da caleche, subiu, e fechou rapidamente a portinhola, como para se refugiar na tipoia, trémulo, cheio do terror das desordens, dos fadistas, da polícia e do sangue.

— Isto só a nós! — disse ele a Artur.

Declarou que tinha tonturas:

— Vá, *Teso*, é largar. É largar, que diabo!

A volta para Lisboa foi lúgubre: as raparigas falavam baixo, tomadas de um vago terror; tinham reconhecido o rapaz — era o Álvaro, o *querido* da Adelaide, da Rua do Norte. Fora questão de ciúmes, decerto; e gabavam-lhe a coragem, a brancura da pele, vagamente enamoradas dele. Melchior, mudo como uma estátua, sem veia, torcendo nervosamente o

bigode, ia sondando os recantos escuros do caminho, no susto de assaltos possíveis, apressando o *Teso*, ávido de se encontrar em Lisboa, no sossego das ruas populosas, sob a proteção da patrulha. Só começou a tranquilizar-se quando a tipoia rolou pela Rua do Ouro. Era uma pândega estragada! E deblaterava agora contra tudo o que até aí fora celebrando: os fadistas, a solidão do Dafundo e as relações de prostitutas.

Foram cear ao Silva. E aí, bem seguro dentro das quatro paredes do gabinete, à luz quente do gás, recobrada a loquacidade, contou outras desordens a que assistira, a maneira como salvara o célebre *Viola* de uma facada do *Rei de Copas* e os *faias* que tinha esbofeteado. Estimava agora ter visto aquele chinfrim e

foi à sala procurar pessoas conhecidas a quem repetia prolixamente o «caso», assegurando que se não fosse ele, o pobre diabo escoava-se em sangue.

No entanto, no gabinete, esperando as ostras, Artur revirava olhos temos para a Concha, construindo laboriosamente frases espanholas: e para lhe dar uma alta ideia do seu valor, recitava-lhe ardentemente dois versos de Espronceda que sabia de cor:

Porque vuelve a la memória mia
Triste recuerdo del placer perdido?

Ao outro dia, quando às 10 horas da manhã entrou no hotel para mudar de roupa, vinha enamorado da Concha.

Na intimidade da alcova, ela

contara-lhe a sua vida. Não era filha de um general — segundo a versão de Melchior — mas seu pai, cunhado de um capitão, negociava honestamente em vinhos, numa localidade que ela não quis revelar. Seduzida — inocente que era então! — pelo filho de um marquês, fora esconder a sua glória e a sua vergonha num terceiro andar da melancólica Rua de S. Juan de Dios, em Madrid. O seu amante, cujo título era confuso, ora conde, ora simplesmente visconde, era um carlista fanático, que se alistara nos bandos de Saballo e morrera junto a Esteia, num encontro de cavalaria. Ela — *pobrecita!* — só, miserável, depois de ter empenhado uma por uma todas as suas ricas joias — rubis, pérolas, diamantes, que o carlista lhe dera com uma profusão

de Grande de Espanha, vira-se forçada — ah, bem forçada — a aceitar o amor de um diretor de caminhos de ferro, um primeiro andar em Fuencarral e um *coche*. Este *coche* parecia ser a glória eminente do seu passado: fazia-o rolar constantemente através da sua história — ora vitória aberta aos tépidos aromas dos arbustos do *Retiro*, ora cupé acetinado, correndo silenciosamente sobre a neve da *Fuente* — puxado por um cavalo branco que se chamava *Miramolinos*... Mas os ciúmes ferozes do diretor de caminhos de ferro, a sua bengala tão dura aos pobres ombros tenros, obrigaram-na um dia a vir refugiasse em Lisboa, com o «vestidinho que trazia no corpo», numa casa amigável e hospitaleira da Rua de S. Roque...*Mui desgraciada!*

Depois, falara mais particularmente dos seus sentimentos. dizia-se simples como uma criança, amorável como uma pomba. Para ela, luxos, teatros, *toilettes*, pouh! eram misérias! O seu ideal era ter uma *casita* sua e um homem novo que a estimasse e a tratasse como uma senhora. Ela mesma coseria os seus vestidos e era fácil de alimentar como um passarinho! Alguns *gravanzos*, muita ternura — e era feliz!

Ia revelando estes pormenores do seu passado e do seu caráter, ao mesmo tempo que se despia e mostrava as belezas da sua nudez. As suas desgraças davam um encanto tocante às suas formas; havia como uma harmonia entre as fragilidades sentimentais de sua alma e a delicadeza fina das suas linhas. Artur

escutava-a, fascinado pela sua pele e enternecido pela sua biografia, cheio de ardores libidinosos e de piedades cristãs! E enquanto ela punha devagar pó de arroz ao espelho, com o peitinho ao léu onde corriam veias azuis de uma doçura aristocrática, Artur, em redor, de olho aceso e imaginação cativada, impacientava-se no desejo de a possuir e comovia-se à ideia de a regenerar!

Depois, alta noite, ela fez novas revelações sobre o diretor de caminhos de ferro. Era um monstro que lhe puxava pelos cabelos, a amarrava por um tornozelo ao pé de um bufete e a deixava assim, como uma cabra presa a uma estaca, com um copo de água e caramelos... Até uma vizinha, D. Angélica Lorenzo, chorava todas as lágrimas dos

seus olhos...

Artur torcia-se, tomado de um ódio infernal pelo diretor *de los Ferro-Carriles*.

— Mas por que era ele assim, esse bruto?

Ela suspirou e revelou-lhe ao ouvido, que «era por ser fria com ele»... Mas então — com homens de quem não gostava, não podia ser senão fria. E dava-lhe assim a entender que a exaltação voluptuosa que mostrara era uma certeza do seu amor por ele.

Aquela revelação, Artur, apertando-a doidamente nos braços, jurou-lhe que a amava e que a faria feliz: prometeu-lhe que voltaria essa noite mesmo — e que lhe traria uma sombrinha cor de peito de rola, que ela vira no

Valente e lhe tirara o sono.

Todo o dia, passou-o saboreando, ruminando as felicidades da noite. Sempre, desde Coimbra, desde as suas leituras de Musset, as Andaluzas — *les Andalouses aux seins brunis* — se tinham conservado para ele como um ideal de voluptuosidade; e a posse de uma, enfim, e tão tocante, tão infeliz, tão ingénua, tão aristocrática, dava-lhe como que o orgulho de uma iniciação. Comprou-lhe a sombrinha e dois pares de luvas — desejaria dar-lhe diamantes, como um devoto que orna um ídolo. E ia pelas ruas com um vago sorriso beato, o corpo lasso, a alma suavemente enternecida, pensando nela, parecendo-lhe que a cidade tinha uma elegância mais amorosa, que o céu era mais azul, e respirando com languidez

alguma coisa de romântico e de triste que lhe parecia errar subtilmente no ar.

Pensou mesmo com tédio no Clube Democrático, onde tinha de ir nessa noite; julgava bem secante o aparato maçador de uma sessão republicana — agora que só respirava bem no ar abafado do quartito da Concha. E como quis vê-la, beijá-la depois do jantar, eram quase dez horas quando chegou ao Clube.

No meio de um silêncio grave, Matias acabava de ler o seu grande escrito: *Programa de Organização Democrática*. Como todas as cadeiras estavam ocupadas, Artur, um pouco acanhado, ficou de pé, encostado à parede.

A sala estava quente das respirações e da intensa atenção

apaixonada. Matias parecia pálido de fadiga: a sua voz seca, lenta, tinha agora, lendo a peroração, um vigor exaltante e em todas as fisionomias, nas atitudes, havia a animação satisfeita de quem respira um ar regenerador.

A primeira parte da leitura fora um libelo amargo contra o Regime Constitucional, deduzido por factos e cifras, e que regozijara todos os descontentamentos como a expressão bem clara de ódios indefinidos; depois, a parte prática do programa, mostrando os meios de estabelecer a República, apaziguara enfim os ambiciosos, que, até aí, no Clube, só tinham escutado uma vaga fraseologia balançando-se ao acaso; finalmente, a peroração, as grandes frases, com apelos à Justiça e invocações à

Liberdade, eletrizava os mais obtusos, como uma bela rajada de instrumentação. Todos pareciam compreender, querer, sentir: Artur desconhecia aqueles rostos que vira vazios e aparvalhados e que encontrava agora expressivos e determinados; e ele mesmo se sentiu vibrar, em harmonia com a eloquência revolucionária daquela prosa elevada — quando Matias terminou com uma larga apóstrofe à República Universal!

Os *bravos!* romperam; um *brouhaha* animado elevou-se; e então, no rumor, Artur viu o Malaquias, o homem sujo e amarelo, que falava voltado para o secretário, agitando um jornal.

— Peço a palavra, peço a palavra! — exclamava.

Erguera-se e ia falando baixo a

uns e outros com grandes gestos dos seus braços magros. Alguns olhares voltavam-se vivamente para Artur e três sujeitos cochichavam com Nazareno, que parecia mais pálido e muito excitado.

— Peço a palavra! — bradou o Malaquias, brandindo o jornal.

A campainha retiniu e subitamente cavou-se um silêncio disciplinado. Malaquias então olhou em redor com triunfo: a sua larga boca fendida alargava-se mais num sorriso perverso e acariciava o queixo com os dedos magros, como que ruminando um gozo íntimo. Depois de bambolear a cabeça, começou a dizer na sua voz mastigada e aguda, que, antes de discutir o profundo trabalho que todos acabavam de ouvir com admiração — o Matias fez uma grande cortesia — era do

seu dever, do dever de todos — e curvava-se respeitosamente para os lados — proceder a um ato de justiça. Quando ele, na última sessão, exigira garantias para os novos membros admitidos, por exemplo o juramento, bem sabia o que dizia...

— Bem sabia o que dizia! Eu não sou nenhum tolo! — e agitava os braços, esganiçando a voz. — Mas os mestres... — e com a boca arreganhada, baixava a cabeça humilhando-se ironicamente: — Mas os mestres... E aí têm o resultado! Eu não quero fazer verrinas, mas se me dão licença, sempre lhes passo a ler o que se diz num jornal, a respeito de um certo membro ultimamente admitido e os cidadãos verão o que convém fazer!

Artur sentira uma pancada no

coração: no jornal que Malaquias brandia reconhecera, aterrado, o *Século!* Olhares indignados fitavam-no, e o silêncio era tão grande que se ouvia vagamente, por momentos, na cervejaria próxima, as agudezas de uma rabeca com acompanhamento de harpa, tocando o cancã da *Bela Helena*.

O Malaquias, então, desdobrou o jornal devagar, com solenidade, pigarreou e disse:

— Ora escutem os senhores este mimo: «O ilustre autor dos *Esmaltes e Joias*, que tanta sensação tem causado, o nosso amigo Artur Corvelo...»

Santo Deus! Era a notícia do Melchior... Quis interromper, explicar, mas a língua pesava-lhe como um pedaço de chumbo; olhava ansiosamente para uns,

para outros, procurando uma proteção: mas só via faces duras, vagamente enfatuadas de serem chamadas a sentenciar. O Malaquias ia lendo lentamente, sublinhando com malignidade, pondo intenções profundas, mesmo nas vírgulas. A frase em que os *Amores de Poeta* eram designados como um protesto contra as ideias republicanas foi seguida de exclamações indignadas! Uma voz soltou:

— Oh! que maroteira!

Artur pensava em fugir, abalar pela escada abaixo, quando o Malaquias, voltando-se para ele com olhos arregalados de triunfo, o braço acusado, leu com ênfase: «os *Amores de Poeta*, são dedicados a um Augusto Personagem!»

Então um rumor de cólera correu

pelas cadeiras. Havia interjeições de desprezo, risadas de piedade; alguns, mais escandalizados, voltavam-se para Artur, ameaçadores. E Matias, imóvel, tomava um aspeto rígido, à Fouquier-Tinville, de juiz de onde sai a morte.

Malaquias elevou a voz aguda:

— Eu, agora, só pergunto se o Sr. Corvelo pode continuar a fazer parte do Clube!

— Não! Não — berraram.

— Eu só quero saber se um homem que frequenta os salões, e dedica aos tiranos...

— Não! Não! Fora!

Malaquias voltara-se para Nazareno:

— E o Sr. Jácome, que foi...

Mas Jácome estava de pé, terrível,

pálido da raiva. E com uma vivacidade estridente:

— Meus senhores, eu só esta noite li esse jornal! Meus senhores, eu fui enganado na minha boa-fé! — E batia desesperadamente no peito. — Acolhi como um amigo, quem era apenas um espião...

Artur, lívido, com um suor frio nos cabelos, trémulo como uma vara verde, estendia os braços, e numa voz estrangulada:

— Eu peço para me explicar. Vossas Excelências...

— Nada de *Excelências!* — berraram-lhe.

— Os senhores podem estar certos que eu não sabia da notícia... Não é verdade...

O Jácome gritou, mostrando-lhe o punho:

— Mente! — E voltando-se para Matias: — Esse homem declarou-me há dias que era íntimo dos redatores do *Século*...Eu dei-lhe um artigo sobre o livro do Damião, para ele obter a publicação... Era uma pura questão literária... nada de política... Esse senhor veio-me dizer que o artigo não saía porque o diretor do jornal o achava cheio de ideias revolucionárias, quando é evidente, agora, que foi ele quem impediu a publicação...

— Juro! — bradou Artur.

— Mente! — gritou Nazareno, batendo violentamente com o pé. — O juramento conta pouco para os traidores. Veio aqui espiar... E eu que o apresentei,

confessando o meu erro, peço a expulsão desse homem!

Soaram *apoiados!* frenéticos, de uma cólera comunicada. O Matias fez retinir a campainha e no silêncio profundo, ouviu-se de novo, em baixo, as vagas arcadas da rabeca.

Convido o Sr. Artur Corvelo — disse Matias com solenidade — a sair imediatamente da sala!

— Fora! Fora!

Artur, desorientado, deixara cair o chapéu: um pontapé arremessou-lho contra a parede; agachou-se para o apanhar; um assobio silvou e o homem ascético, erguendo-se, gritou-lhe num ímpeto à Mirabeau:

— E diga lá ao Augusto Personagem que o mandou, que nós aqui

estamos, sem medo, a preparar o dia da Justiça!

— Bravo! Bravo!

Vozes trocistas ganiam injúrias:

— Recados ao Augusto Personagem!

— Lamba-lhe as botas!

A campainha do Matias retiniu, zelosa da gravidade democrática. E Artur, aturdido, como ébrio, com as faces a estalar, achou-se na escada escura, aos tropeções pelos degraus; e através dos zumbidos nos ouvidos, as agudezas da rabeca perseguiam-no com motivos estridentes da *Filha de Madame Angot*.

Nessa noite, a Concha, acordando, não o encontrou ao seu lado: saltou da cama em camisa e à luz mórbida da lamparina, viu-o no sofá de clina, abatido,

com a face enterrada nas mãos.

— Que tinha? Que era?

Tanto carinho abalou-o, enterneceu-o e numa explosão de sensibilidade:

— Amas-me, querida?

Se o amava!...

Abraçou-se a ela, sepultou o rosto no seu peitinho, entre as rendas da camisa, como num derradeiro refúgio e jurou-lhe que daí por diante, viveriam sempre juntos!

***

Tomara aquela resolução sobretudo por desespero: sentia-se como um homem que em torno de si só vê portas baterem-lhe violentamente na cara. A

Sociedade desdenhava-o, a Democracia expulsava-o, o Público desprezava-o seu livro, a Literatura repelia-o, o Amor ideal fugia-lhe. Só aquela doce rapariga o acolhera com dedicação e sinceridade! Pois bem, recompensaria tanto afeto: dar-lhe-ia a *casita* sossegada que ela ambicionava, um amor poético e moço, *toilettes*, a consideração de esposa. Que lhe importava a Sr.ª Baronesa da Rua de S. Bento? Nem uma palavra respondera ao livro enviado com um amor tão discreto! E quase a detestava por fazer parte daquele mundo egoísta, seco, artificial, que na sala de D. Joana Coutinho lhe dera olhares de lado, que não comprava o seu livro, que o não reconhecia como um «grande homem»... E os republicanos? — Idiotas! Cretinos!

Odiava-os agora. E depois de tanta injustiça, de tanta hostilidade, o amor da Concha, na sua sinceridade fácil, parecia-lhe delicioso, digno de dominar a sua vida. Instalar-se-ia confortavelmente com ela: mandaria ao diabo as vaidades da Sociedade e as ambições de Justiça! Estava desiludido! A lição fora formidável; daí por diante, só acreditaria nas felicidades da carne — comer bem, rolar nas boas molas de uma tipoia, possuir as belezas de uma andaluza! E o mais — à tábua!

Melchior, consultado ao outro dia na redação do *Século*, aprovou ruidosamente estas resoluções.

Até que enfim o Artur tinha juízo! Essas coisas de sociedade, de literatura, eram histórias! Gastar o dinheiro com uma

bela rapariga, isso entende-se. Ao menos goza o seu dinheiro!

Artur não lhe revelara o desastre do Clube. Mas dissera-lhe, ao conversarem sobre o plano de concubinagem com a Concha:

— Ouça lá outra coisa: estou com vontade de escrever um folhetim a dar uma desanda nos republicanos!

Melchior ficou atónito:

— Por quê?

Artur hesitou:

— É que, agora que os conheço melhor, está-me a parecer que são uma súcia de patifes...

Melchior fitou-o:

— Pilharam-lhe dinheiro! — exclamou radiante.

Artur por vingança, tendo de dar a

Melchior uma explicação daquele ódio tão súbito, disse vagamente:

— Fizeram-me uma porcaria...

— Calotezinho? Que lhe dizia eu! Uma canalha! É soma grossa?

Por um resto de honestidade, Artur disse, corando:

— Não falemos mais nisso.

Mas Melchior falou e certo agora do apoio de Artur, deblaterou contra «aquela corja».

— Mas por que os detesta você tanto, Melchior?

Melchior fez-se grave, afetou preocupações políticas, resmungou: *questões de princípios!* — mas de um modo tão ambíguo que Artur suspeitou de ódios pessoais naquela indignação filosófica, e lembrando-se agora

vagamente de ter ouvido a história de uma «coça» que outrora o Nazareno dera no robusto Melchior em pleno Martinho. Insistiu então em publicar uma desanda no *Clube Democrático*.

Mas Melchior coçou a cabeça, deu alguns passos pela saleta, com as mãos enterradas nas algibeiras:

— Você bem vê, homem, o jornal é muito sério. Não queremos discussões com essa gente. Fingimos que não sabemos que existem. Que diabo!... E depois são doidos. São capazes de vir tomar satisfações, e eu sou obrigado a quebrar-lhes acara. Que lha quebro! Se lha quebro! Quebro-lha tão certo como estarmos aqui! Mas enfim, você compreende, sempre é desagradável!

Artur irritava-se de se ver privado

daquela desforra. Pensava que o Melchior, que provocara o insulto do *Clube* com a sua estúpida notícia, devia agora facilitar-lhe a vingança. Teria mesmo rompido com ele, se lhe não fosse necessário para a representação do drama e para futuras locais; além disso, a Concha morria-se por ele: Melchior adulava-a, fazia-a rir, ensinava-a a tocar guitarra; ela chamava-lhe, rindo: *mi abuelo*, e Artur contava, quando vivesse com a Concha, tê-lo por confidente, cortesão, amigo, dependente e bobo.

Foi por conselho de Melchior que se decidiu a ir viver com a rapariga para o *Hotel Espanhol*. Era a instalação mais pronta e evitava os embaraços de criadas, cozinheira, etc. E depois, é divertido, tinha dito Melchior. Sem contar que é

mais chique!

A Concha ficara enlevada com este plano e daí a dois dias Artur despediu-se do *Universal*.

Quando, feita a mala, olhou em redor, pela última vez, aquele quarto de repes azul que lhe dera tantas satisfações de vaidade, onde se criara tantas ilusões, sentiu uma comoção. Teve saudades do criado, um velho muito trigueiro que o servia. Quis tornar a ver a sala de jantar que lhe agradava tanto, quando, depois do almoço, soprava à varanda cheia do bom sol de inverno, o fumo do seu charuto caro, ouvindo ao lado o tlintlim da louça e em baixo o Chiado, no seu rumor de vida rica.

No corredor, encontrou Carvalhosa:

— Então o amigo deixa-nos?

Artur, lisonjeado, apressou-se a dizer:

— Oh, por poucos dias!

— Não morreremos de dor! — rosnou o outro com um aceno negligente de cabeça.

Artur sentiu uma cólera congestioná-lo. Canalha! pensou — e desceu com pressa, ávido do *Espanhol* e das suas delícias.

— E para onde quer que mande as cartas, se houver? — perguntou-lhe o porteiro, contente da espórtula.

Artur, com uma vaga esperança que a baronesa ainda respondesse — pediu que lhas guardassem. E para se dar importância, mesmo diante do porteiro, acrescentou com mistério:

— Mas muito secretamente! Que ninguém veja!

O seu baú, o seu saco de noite, já estavam na tipoia. E ao fechar a portinhola, mandou bater para o Rossio — porque, por vaidade, não quis fazer conhecer diante do porteiro que mudava para o *Espanhol*. O trem rolou, e Artur, com um olhar para as varandas do hotel, murmurou sentimentalmente:

— É outra página da minha vida que se volta... Avante!

***

Foi nessa noite com Melchior buscar a Concha. As companheiras estavam na sala, em redor dela, como uma família em tomo da noiva numa manhã

nupcial.

A governanta, que se declarou comovida, levou Artur para um quarto e ali, durante vinte minutos, foi-lhe mostrando as dívidas da Concha; contas do cabeleireiro, da lavandaria, do sapateiro... Artur, aturdido, assustado, impaciente, pagava — sentindo fora os gritinhos cálidos das pequenas que Melchior beliscava.

Enfim, voltou à sala, e os *adeuses* começaram. A Lola, íntima amiga da Concha, rompeu num choro exagerado, desproporcional, que irritou a governanta, descontente que ela «estivesse a fazer-se feia, com tanta lágrima». Depois a Concha quis ir à cozinha, despedir-se do cozinheiro «que era de *su pueblo*» e de outra rapariga que estava em cima, no

segundo andar, doente de um furúnculo. Voltou com os olhos vermelhos, Melchior troçava-a, contorcendo-se em prantos cómicos. Elas chamavam-lhe *perdido bandido!* Todas vieram ao patamar: os beijos, os abraços, os segredinhos, o chalrar das vozes já impacientavam Artur — e a Concha, arrancando-se àquelas expansões de despedida, desceu finalmente.

Mas as vozes agudas seguiam-na pela escada. Ela respondia: era um chilrear de passarada.

— *Adios, hija!*

— *Adios, Lolita!*

— *De usted expreciones a Pancho!*

— *Que se le vea a usted, Arturito!*

— *Carmita, hija, que no se haga usted olvidada!*

— *Adios! adios!*

Melchior rompeu adiante, o chapéu para a nuca, ra dioso, faceto, cantando o coro nupcial da *Lúcia*. E Artur, atrás, descia com a Concha pelo braço, um triunfo de noivo pela alma, o olho brilhante, o peito alto — na posse, enfim, da sua andaluza!

8

No primeiro dia, quando desceu à sala de jantar do *Espanhol* a buscar charutos — Artur encontrou os mesmos hóspedes que o habitavam, meses antes, à sua chegada a Lisboa. Lá estava a espanhola bonita e gordinha, com o seu *robe-de-chambre* escarlate e o homem calvo, de cachaço grosso e rostinho vermelho, vendo-o comer, extático, com olhinhos beatos e chorosos. Os dois republicanos espanhóis sentavam-se no mesmo lugar, cabisbaixos, as capas ao ombro, mais pálidos, mais tenebrosos. Havia, de novo, um homenzarrão barbudo que parecia um contratador de gado, e um sujeito de óculos azuis e nariz agudo, que

devia ser tabelião na província. E em volta da mesa, com atravessa do cozido, o Manuel — o Manuel que tanto desesperara Artur, outrora, lastimando-lhe as botas rotas — arrastava as chinelas, esguio, amarelo, com a sua cabeleira seca, cor de rato e esguedelhada. A mesma gaze cor-de-rosa protegia o caixilho dourado do espelho, e Prim, inalteravelmente, levantava ao ar a sua bandeira, desfraldada.

O Manuel pareceu satisfeito de ver Artur:

— Então, *usted*, hem! Ora *usted!*... — dizia-lhe, enquanto Artur escolhia os charutos. — Então por onde andou *usted?*

— A viajar — disse Artur.

— Ora *usted!* E a comidinha às sete, hem? *Usted* será bem servido!

Para evitar a mesa redonda, tinham tomado, ao pé do quarto de dormir, outro quarto, que, tirada a cama, fora improvisado em sala de jantar. A cómoda servia de aparador; e para dar alegria e conforto, tinham-lhes dependurado um canário defronte da janela.

As primeiras semanas foram deliciosas. O inverno ia muito doce e luminoso e sucediam-se os dias de sol, num grande azul, de onde caía um calorzinho suave e uma alegria macia. As varandas, que deitavam para a Rua da Prata, alegravam o quarto.

Era a primeira vez que Artur vivia com uma mulher em intimidade conjugal; as mais pequenas coisas: a goma das saias, os atacadores do colete, os bordados das camisinhas, interessavam-

no como revelações; admirava cada vez mais «a sua Conchazinha», achando um gozo raro em cada um dos seus movimentos. Nos atos mais insignificantes — quando lavava os braços nus, quando esticava as meias nas pernas ou enfiava uma fita cor-de-rosa nos passadores da camisa — encontrava o sabor inesperado de uma voluptuosidade nova. Rondava em volta dela com uma curiosidade devota, ora interessado pelos cabelinhos da nuca, ora pela forma das unhas, ora por certo requebrar da cintura; não amava os seus olhos com o mesmo amor com que amava os seus peitos ou as suas orelhas pequeninas, porque cada parte do seu corpo, como se fossem personalidades diferentes com influências especiais, lhe inspirava um entusiasmo particular.

Melchior definira-o como um *baboso* e punha nesta expressão um fundo de inveja e de vago despeito.

Como a Concha era muito preguiçosa, levantavam-se tarde. Ordinariamente almoçavam na cama: uma criada que falava um espanhol misturado de português e que depressa se tornara a íntima de Concha, trazia o almoço «aos pombinhos», às onze horas. E era para Artur uma delícia todas as manhãs renovada, ver a Concha com os peitinhos ao léu, um casabeque de flanela escarlate pelos ombros, mover sobre o tabuleiro os braços brancos e partir os ovos quentes delicadamente com o gume da faca, arrebitando o dedo mínimo: depois, no choco da roupa quente, corpo contra corpo, saboreavam um cigarrinho.

Artur cada dia lhe achava as maneiras mais senhoris. Mesmo nos ardores amorosos, tinha uma reserva de dama. Ao deitar-se, nunca lhe dava um beijo sem primeiro fazer o sinal-da-cruz: assim se vê um livro de orações sobre a cómoda de um lupanar. Artur atribuía estas delicadezas às suas convivências ilustres e não se fartava de lhe ouvir a história dos seus amores com o conde ou visconde carlista: interrogava-a mesmo sobre a maneira como ele a amava, a abraçava, se lavava, gostando de penetrar nos detalhes íntimos de uma vida aristocrática e de beijar a boca onde se tinham pousado os lábios de um Grande de Espanha; contudo sentia uma satisfação íntima em o saber enterrado nalgum desfiladeiro das montanhas de Navarra.

Pelas duas horas vinha o Pancho, o cabeleireiro, penteá-la: era um gordalhufo, amarelo como um limão, de bigodes negros como tinta; usava a mesma camisa de chita, de colarinho muito decotado, quatro, cinco semanas a fio; e manejando, com as suas mãos papudas e moles de pomada, os longos cabelos negros da Concha, conversavam — tratando-se por *tu* por serem do mesmo *pueblo*. Eram sempre histórias de outras raparigas espanholas a quem Pancho construía os altos penteados — o que fazia a Trina, o que dissera a Angelita, quem era o *querido* da Lola... Como falavam no rápido acento andaluz,. em calão, Artur não os compreendia e aquele *tu* familiar do cabeleireiro irritava-o surdamente. Mas a Concha não podia

dispensar o Pancho, porque não se sabia pentear. Não sabia, de resto, fazer nada, nem pregar um botão, nem dar uma passagem: quando tentava pegar numa agulha, tinha logo dores de cabeça. Cada dia Artur se surpreendia mais com aquele temperamento: ora tinha rajadas de animação, e então agitava-se pelo quarto, batendo os móveis com as longas saias muito engomadas, abrindo e fechando as janelas, arrumando e desarrumando a roupa nas gavetas, cantarolando, batendo as palmas sem razão, toda petulante de vida animal; ora, embalando-se numa cadeira de balouço, com o corpo mole, os braços descaídos, abandonada numa madracice vaga, os olhos meio cerrados, fumava infindáveis cigarros; ou então, sentada em cima da cama, encruzada

como uma turca, o pezinho numa das mãos, a face murcha, parecia um bicho entorpecido, nos fins do inverno.

Mas animava-a sempre a presença de Melchior. Ele vinha geralmente de tarde, entrando com rompante jovial, trazendo um espalhafato pândego àquele quarto amodorrado. Tomara-se imediatamente o «amigo íntimo». A Concha beijava-o diante de Artur, que sorria, tranquilo, confiado: na sua ignorância das mulheres, não sentia ciúmes, porque a Concha lhe dissera um dia «que o Melchior era *muy feo*». Ele, de resto, afetava com ela um modo paternal, fazendo-se velho, dando-se ares de *avô;* dava-lhe lições de guitarra, fazia-lhe recados, ajudava-a mesmo, às vezes, a laçar as botinas, com as mãos trémulas

que se demoravam com gulodice nos tornozelos finos da rapariga. Artur, sossegado, deixava-os sós, saía; e se um vago ciúme o remordia na rua, tranquilizava-se ao entrar, abrindo a porta do quarto com um imprevisto intencional, encontrando-os muito longe um dó outro, numa atitude indiferente, ela balouçando-se com um bocejo pálido, ele, muito vermelho, ferindo os bordões da guitarra.

Ultimamente, Melchior tomara o hábito de vir jantar com eles; ia então abaixo combinar com o Manuel petiscos espanhóis: arroz à Valenciana, bacalhau à Biscainha... À mesa, Artur, a quem era difícil falar espanhol, refugiava-se num silêncio extático, olhando a Concha com um ar beato. A conversação de Melchior parecia-se com a do Pancho: eram os

mesmos cancãs sobre a Lola, a Trina, a Angelita, os *queridos*. A Concha parecia considerar Melchior como da «sua gente», conhecedor das pequenas, ao facto dos segredinhos e das concubinagens; tinham simpatias comuns, de uma baixeza igual; Melchior era um amigo dos lupanares: conhecia-lhes o estilo, os hábitos, as preocupações. A Concha, por vezes, respondia bruscamente a Artur quando ele se queria introduzir naquelas conversas, «que ele daquilo não entendia nada». Afirmara-lhe mesmo que só o Melchior é que «sabia tratar com espanholas».

Por isso, quando ele não estava, parecia aborrecer-se. A maior parte do tempo passava-o à janela, muito vestida, cheia de anéis; conhecia já todos os vizinhos de vista, as lojas, a cor dos

cabelos dos caixeiros. Artur ia de cadeira para cadeira, com um livro que mal lia, o charuto nos dentes, satisfeito de a ver, gozando a presença do seu corpo bonito. Ela, às vezes, por bondades que lhe vinham, e com a seriedade forçada de quem cumpre um dever, procurava falar-lhe das coisas que julgava o interessariam; e como o sabia escritor, conversava sobre política. Mas as suas opiniões desolavam Artur: admirava muito um poeta de que ninguém ouvira falar, um certo Lopez que ela conhecera e lhe fizera versos; depois, dizia-se *Isabelista*, chamava *pillo* a Castelar, ladrões aos republicanos. Artur queria argumentar, educá-la, mas faltavam-lhe as frases espanholas, tinha medo de a «secar» e limitava-se a sorrir com uma

condescendência de grande homem. E todavia, admirava-a, achava-lhe talento, espírito: as suas expressões vivas, dando-lhe a surpresa do acento e da língua, pareciam-lhe pitorescas e afligia-se que ela apenas soubesse soletrar, e só pudesse, em letras garrafais, assinar o seu nome.

Para a divertir, à noite, ia aos teatros, ao Price, e Melchior acompanhava-os; nas noites mais tépidas passeavam até Belém de caleche descoberta: eram horas deliciosas para Artur, muito estendido no assento da tipoia, o braço pela cinta da Concha, o coração afogado de concupiscência; defronte, o charuto de Melchior fumegava e os seus olhos, sob a aba do chapéu carregado para a frente, devoravam a

Concha, muito branca na sua mantilha negra. E com camarotes, tipoias, jantarinhos, o dinheiro ia-se! O conto de réis que Artur trouxera, estava quase «devorado».

Foi por isso que pensou em recolher o produto da venda dos *Esmaltes*. O revisor do *Século*, encarregado de fazer o giro dos livreiros, voltou com 800 réis — preço de dois exemplares vendidos.

Artur ficou aterrado, sucumbido. E julgando que devia haver engano, negligência, talvez maroteira do revisor, foi ele mesmo na manhã seguinte percorrer as livrarias. Porém não se atrevia a interrogar julgando-se conhecido e prevendo a resposta. Enfim, na Rua do Ouro, depois de folhear alguns livros, de

examinar títulos, tomou um exemplar dos *Esmaltes:* abriu-o aqui, além, afetou interesse, perguntou o preço, pagou e recebendo o troco de uma libra, disse com um ar distraído:

— Tem-se vendido muito disto?

— É o primeiro — disse o homem retomando a pena para continuar a sua correspondência.

E Artur saiu, embatucado, enrolando nas mãos nervosas o seu próprio volume.

Acusou o público e a cidade de estupidez. Que admirava que uma burguesia embrutecida e de crânio mole fosse indiferente à Poesia e às ideias nobres? Ser poeta num mundo tão torpe era uma «chapada tolice». Quando um tal desdém espera as expansões preciosas

das almas delicadas, elas devem refugiar-se numa mudez orgulhosa e triste. É o que ele faria, que diabo! Se pegasse na pena, seria para escrever algum dramalhão com bons direitos de autor, ou algum *Rocambole* bem pago e vendido às cadernetas! E o mais, regalar a Carne! E refugiou-se com desespero na posse da sua Concha.

Já não lhe importava o dinheiro! Quando se lhe acabasse o pouco que tinha — Deus daria! Toca a extrair da hora presente todo o gozo, como o sumo fresco de uma laranja! E por uma petulância nervosa, comprou para a Concha um vestido de seda, dois chapéus, e decidiu satisfazer-lhe os desejos incessantes de luvas, rendas, fitas e frascos de perfumes.

A Concha, de resto, tinha uma

mobilidade extrema de caprichos e de apetites: penava por uma sombrinha que via numa vitrina e depois de a usar com exaltação um ou dois dias, aborrecia-se, jurava que «lhe não ia bem». Artur encontrava muitas vezes na saleta uma velha de capote e lenço, grande buço, falas doces, muito cumprimentadora — que, apenas ele entrava, erguia-se, metia um cabazinho debaixo do capote, agachava-se numa mesura, ia buscar a um canto um enorme guarda-sol de seda tingida e saía subtilmente, ciciando:

— Criadinha de V. Ex.ª.

A Concha acompanhava-a até ao corredor, fechando a porta sobre si, e ali ficavam a cochichar horas esquecidas; voltava, vermelha, dizendo que era uma mulher muito decente, que comprava

vestidos e arranjava coisas muito baratas em segunda mão.

— *Mis cosas, mis cosas!*

Estava, com efeito, trocando constantemente objetos, pondo um par de brincos no prego para obter uma renda inútil, vendendo a renda para ter mais um par de meias de seda, toda tontinha de fantasias. E ultimamente para ir às lojas, segundo dizia, saía só de manhã e de tipoia.

Um dia que aquelas passeatas o irritaram mais, Artur fez-lhe uma observação despeitada. A Concha voltou-se com a grande atitude de uma esposa ofendida, passou-lhe nos olhos negros como que o clarão de um tiro e de cabeça erguida, perguntou-lhe se a tomava por uma escrava! Era o resultado de viver

com um português! E dos seus lábios descaídos escorria um desprezo imenso. Nunca o seu conde lhe fizera uma tal ofensa! Mas esse era um fidalgo, um homem que sabia amar e respeitar uma mulher. E deixando-se cair numa cadeira, começou a choramingar... *Que desgraciada era!*

Artur, aniquilado pelo seu grande ar, enternecido pelas lágrimas, prostrou-se de joelhos diante dela, jurou-lhe que ninguém a amava como ele... Que dispusesse da sua vida! Era capaz de casar com ela...

Mas a Concha respondeu-lhe friamente que não imaginasse fazer-lhe uma grande honra. Já outras vezes Artur, nalgum momento de delírio mais expansivo, lhe falara em casamento, mas

de um modo gracejador, ligeiro, e aquela palavra tomava-a sempre muito séria. E um dia mesmo, ela confessara-lhe que vários homens ricos, de grandes nomes, tinham querido casar com ela: em Madrid, antes dela vir para Portugal um marquês oferecera-lhe a sua mão e um palácio.

— Que marquês?

— *Mi marquez!*

Aquele marquês que aparecia subitamente no seu passado — de que Artur julgava conhecer os episódios mais miúdos — irritou-o extraordinariamente. Exigiu a história dessas relações e a Concha acabou por lhe jurar que era um velho repugnante: por isso o recusara. Mas dias depois, deixou escapar, falando ainda do marquês — que era um rapaz *mui guapo*.E acrescentou que a perseguia

para que ela voltasse para Madrid.

Artur concebeu então um ciúme grotesco pelo personagem: se a via macambúzia, supunha-a cheia de saudades do marquês; se a ouvia segredar com a criada, imaginava que eram recados do marquês: chegou mesmo a suspeitar que ele estivesse em Lisboa, disfarçado, para lha roubar e sentia que alguma coisa de funesto se tramava contra o seu amor.

Um dia, mexendo numa gaveta dela, encontrou um lenço muito fino, com um monograma sob uma coroa. Enfureceu-se: uma coroa! De quem?

— *Mi marquez!* — disse ela friamente.

Artur, pálido, fez o lenço em tiras e ficou logo a tremer, receando uma rajada de cólera, um rompimento. Mas

ela, tranquilamente, com uma serenidade de ser frágil martirizado, apanhou as tiras uma a uma, fazendo beicinho choroso, como uma criança que levanta os pedaços de uma boneca partida, uniu-as, beijou-as, contemplou-as murmurando:

— *Mi marquez! Mi marquez!*

Daí a pouco Artur encontrou as tiras preciosas, esquecidas, arrastando-se entre a roupa suja.

Aquilo serenou-o como uma prova de indiferença pelo marquês. De resto, se às vezes, de dia, os modos dela, as suas distrações, os seus amuos, os seus suspiros sem razão lhe davam um vago ciúme — o fogo com que ela à noite o apertava nos braços nus, era como a evidência deliciosa do seu amor. E ia-se prendendo tanto a ela pela trama subtil do

hábito, que já nem saía à rua. Não trocaria aquele quarto, com saias amarfanhadas por cima das cadeiras e trouxas de roupa enxovalhada debaixo da cama, pelas galerias do Vaticano; as paisagens do Paraíso não lhe dariam mais satisfação e enternecimento do que a contemplação das fachadas sujas dos prédios vizinhos. Havia ali, naquele espaço abafado, um cheiro de mulher, de pó de arroz, de dormido, que o deleitava, e, estirado na cama, com o cigarro na boca, ouvindo o Melchior tocar o fado e vendo a sua andaluza arrastar a saia, tinha horas regaladas de madracice, de torpor lascivo; o gemer da viola, o gingar da Concha, mergulhavam-no num sentimentalismo baixo e pandilha; estendia então os braços para ela,

reclamava-a e os olhos cerravam-se-lhe numa voluptuosidade morna, sentindo-lhe por baixo do roupão a flexibilidade cálida da cinta sem espartilho. Não lia um livro, nem um jornal. Todo o movimento de espírito lhe era odioso, como se a alma fatigada, amodorrada na baixeza muito quente, no choco daquela vida de galo, se recusasse a toda a ascensão para alguma coisa de mais elevado. Quase lhe custava lavar-se, arranjar-se: o corpo comprazia-se-lhe na porcaria. E levantava-se da cama de chinelas, com um derreamento canalha do corpo, para ir para a mesa de jantar, onde ficava até às dez horas, bebendo com Melchior copinhos de genebra. Depois, vinham os fados, as *malagueñas*, e ele de novo estirado sobre a cama, de pernas abertas, num

embrutecimento de bestialidade satisfeita, só erguia a voz para dizer num tom idiota, julgando-se «catita», vagas palavras espanholas que aprendera: *Vivan las niñas! Chiquita, no digas eso!...*

Aqueles dias de preguiça, porém, cessaram quando a Concha declarou que queria ir jantar à mesa redonda. Dizia que a aborrecia comerem ali, naquela saleta um pouco escura, sós: que ficava um cheiro de comida desagradável; que a sala em baixo pelo menos era alegre; que se via gente. Artur, contrariado, vendo naquele desejo um começo de saciedade, apoiado pelo Melchior — que achava que não havia nada como «a pandegazinha ali à cachucha» resistiu. Mas a Concha, ao outro dia, a cada prato que lhe apresentava o criado, tinha um gesto triste

de recusa, com um suspiro. Artur afligiu-se: que diabo, era uma criancice!

Ela declarou simplesmente que enquanto jantassem ali, naquele cacifo, jurara a Nossa Senhora da Atocha não tocar com os seus ricos beiços nem uma bucha de pão.

Artur, furioso, exclamou:

— Bem, Manuel! Amanhã jantamos em baixo!

Ela saltou-lhe ao pescoço, recompensando-o com um beijo chilreado.

O seu fim era humilhar a outra espanhola, a Mercedes. Há muito que se preocupava com aquela «colega», segundo a expressão faceta de Melchior. Sabia pela criada o que vestia, que roupa branca tinha, que forma de perna, o que

lhe dava o amante, os namoros, tudo! E quando se certificou que possuía mais vestidos, melhores anéis, outro chique, decidiu «enterrá-la». Não lhe queria mal: desejava só fazê-la chorar de raiva!

No dia em que foram jantar à mesa redonda, levou horas a escarolar-se, a experimentar vestidos, a perfumar-se; obrigou Artur a pôr muita pomada no cabelo, uma camélia no fraque, para parecer *guapo*, e tomando o seu grande ar de duquesa, desceu, com um ruge-ruge de sedas, pelo braço de Melchior. A pobre Mercedes, desprevenida, tinha o seu roupão escarlate, o cabelo mal penteado e, ao pé, o seu calvo, de colarinho enxovalhado, cocando-a com os olhinhos afogados de concupiscência. As duas mulheres atravessaram-se com dois

olhares trespassantes como punhaladas; toda a cor do roupão de Mercedes lhe subiu às faces e a Concha, sentando-se com modos de princesa que se vê obrigada a comer numa taberna, encostou o cotovelo à mesa, a mão à face, com todas as pedras dos anéis dardejando sobre a outra. Durante todo o jantar fê-la desgraçada. Tinha maneiras enjoadas de tocar nos pratos, segredinhos para Artur, com olhares de tédio para a fealdade do calvo; falava a Melchior com império, como uma rainha a um cortesão, e a cada momento dava pancadinhas na manga do vestido, para fazer sentir a riqueza da seda. A outra não comia, petrificada: tinha mesmo repelido com fúria reprimida um gesto terno do calvo; e quando, a uma ordem da Concha, Artur pediu uma

garrafa de *champagne*, ergueu-se, pálida de raiva, e saiu arrastando a saia, seguida do calvo, curvado, que apertava contra o peito as abas do seu chapéu branco com um ar lamentável.

Ao outro dia, a Mercedes apareceu à mesa com um vestido de seda azul, de decote quadrado, toda cheia de joias, e duas camélias no cabelo.

Nessa tarde, pela primeira vez, sentou-se à mesa um rapaz espanhol, muito bonito, de uma palidez deliciosa, olhares afogados numa languidez fluida, um buçozinho que parecia desenhado a tinta da China, janota, com o cabelo muito frisado e dois caracóis à *Capoul* sobre a testa. Parecia conhecido da Mercedes e do calvo: trocavam através da mesa algumas palavras. Mercedes olhava-o

muito, e a Concha, ao fim do jantar, vendo o rapaz, muito delicado, partir avelãs para ela, mordeu os beiços furiosa.

O seu desejo de a humilhar tornou-se então uma preocupação ardente; exigiu a Artur outro vestido; queria ir todas às noites ao teatro, para que a outra soubesse, «se ralasse». Às horas em que a via à janela do primeiro andar, mandava buscar uma tipoia descoberta, descia as escadas com grande espalhafato, ia-se recostar na caleche, rindo alto, fingindo-se muito animada, gritando pelo Melchior, pelo Artur, e que lhe esquecera a sombrinha, e que lhe fossem buscar o lenço de renda... Pessoas na rua paravam, pasmadas daquela vivacidade, admirando-a. A Mercedes, em cima, se não tinha tempo de se retirar da varanda,

afetava olhar o céu ou o prédio fronteiro, ou, de costas voltadas para a rua, falava, ria para dentro do quarto. A Concha desesperava-se daquela indiferença, chamava-lhe os nomes mais hediondos, e apenas chegava ao Aterro, mandava voltar para trás, para o hotel, para a «apanhar ainda à janela», dar-lhe o espetáculo do seu chique, da sua grande cauda, das suas meias de seda cor-de-rosa, ao saltar do estribo da tipoia. — E no entanto, Artur pagava ao cocheiro, pensando:

— Mais dez tostões deitados à rua!

Porque recomeçava a preocupar-se com o dinheiro. Desejava escrever ao Carneiro, pedindo-lhe o outro conto de réis que lá tinha em depósito, mas hesitava; sentia que o gastaria depressa,

naquela vida pródiga. E depois! Deixar a Concha? Era matar a pobre criatura, que o amava, que por um sentimento de regeneração, para se tornar digna dele, ia-se cada dia fazendo «mais senhora», a ponto de ir ouvir missa todos os domingos, querendo aprender piano e soletrar depois do almoço, laboriosamente, o *Diário de Notícias*. Podia lá deixá-la! Seria vil! E era possível também voltar a Oliveira de Azeméis, recair naquele embrutecimento morno, com partilhas de bilhar na Corcovada e passeios por entre os pinheirais da estrada, aos domingos de tarde, no pó do macadame?

Uma dessas manhãs, quando estavam na saleta e — o Pancho penteava a Concha — Melchior apareceu e atirou-

se para uma cadeira com um ar tão abatido, que Artur, sempre bondoso, lhe perguntou com muito interesse:

— Que aconteceu?

O outro fitou-o com ansiedade e apertando as mãos dramaticamente:

— Oh, Artur, você é que me pode salvar! Preciso sem falta, amanhã, de dez libras. Senão, estou perdido. Oh! Artur...

Artur interrompeu-o desolado. Tinha de seu catorze libras — era tudo o que restava de um conto de réis — devia a conta do hotel, não podia...

O outro deu uma punhada furiosa no ar:

— É a minha sorte! — rosnou com rancor.

— Você compreende, homem...

— Basta, homem! Raio de vida!

E foi harpejar a guitarra com furor, vendo pentear a Concha.

Artur — que devia ir buscar um camarote para o Price, porque a Concha queria lá ir, para «enterrar» a Mercedes com um chapéu novo — saiu, muito contrariado. Aquela precisão do Melchior colocava-lhe a realidade diante dos olhos, brutalmente: estava a tinir! Daí a dias, não teria sequer para uma tipoia! E depois, custava-lhe negar o dinheiro ao Melchior; era o íntimo, o confidente; era tão bom para a Concha, tão serviçal, tão alegre...

Quando entrou, estava resolvido a pedir quinhentos mil réis ao Carneiro; em todo o caso, para economizar, que diabo!... não largaria as dez libras ao Melchior. Antes de tudo, ele!

Pousava o chapéu sobre uma

cadeira, quando a Concha, direita, nobre, cruzando os braços, lhe perguntou com severidade o que significava aquilo de não querer tirar o pobre Melchior de apuros! Era necessário ser ingrato! Que amizade! Ah, bem via agora que os portugueses eram uns para os outros como tigres! Ah, se fosse o conde ou o marquês! Outra gente!

Artur, envergonhado, balbuciou que realmente negara dinheiro ao Melchior — mas porque imaginava que era para jogar — e queria tirar-lhe o vício! Falou então de Melchior com exaltação: era o seu melhor amigo! Por ele daria a vida! Teve frases líricas, disse coisas sobre o Orestes e Pílades. E a Concha, que nunca o compreendia quando ele falava depressa ou com estilo, voltou-

lhe as costas, dizendo que, então, devia portar-se como um *caballero*.

Artur, nessa mesma noite, deu as dez libras a Melchior, dizendo vagamente «que recebera uns dinheiros». E então abriu-se com ele: contou-lhe que as tias, apesar de ricas, começavam a espantar-se daquelas despesas; a sua fortuna particular, dele — porque a tivera, em bom metal — ia-se esgotando; era necessário pensar em arranjar dinheiro... A única maneira, era fazer representar o drama...

Melchior estendeu a mão aberta, como para o impedir de continuar:

— Eu me encarrego disso. Nem mais uma palavra. Isso é comigo. Onde está o manuscrito?

— Você compreende, Melchior;

depois, se o drama rende, é o que quiser...

— Nem mais palavra. Venha o manuscrito!

E nessa certeza, Artur escreveu uma carta ao Carneiro, dizendo que «para negócios» desejava quinhentos mil réis.

Daí a dois dias, estava ainda na cama quando Melchior rompeu pelo quarto com um aspeto triunfante. Tinha falado nessa manhã ao empresário! Pilhara-o de boa maré e prometera uma resposta dentro de quinze dias. Naturalmente a coisa ia! Hem? Não havia outro como o Melchiorzinho!

E nó seu entusiasmo, fazia cócegas nos pés da Concha, por cima da roupa. Ela dava gritinhos, encolhia-se contra Artur, que, radiante, lhe prometera um vestido novo para a primeira

representação. Melchior lembrou logo que se devia dar uma ceia aos atores. A Concha bateu as palmas, já exaltada à ideia de se sentar, presidindo a uma festa, entre o Cunha galã, e a Maria Joana ingénua. Era ainda uma maneira de fazer ferro à outra!

Porque a luta continuava, mais áspera. O que desesperava a Concha era que a Mercedes possuía as relações, a amizade do espanhol bonito; ele agora jantava ao pé dela: e eram risadinhas, segredinhos, amabilidades, ao lado do calvo, extático, que parecia gozar aquela animação da sua espanhola. A Concha mostrava-se indignada daquela intimidade; achava a Mercedes obscena: coquetear com aquele peralvilho nas barbas de um homem tão bom, tão baboso!

Senão era mesmo uma perdida! E tomava ao jantar atitudes de puritana severa, ofendida pelos espalhafatos de uma meretriz. Mas os seus olhos, por vezes, tinham clarões para o espanhol. A Mercedes, muito fina, reparava — e logo exagerava a sua familiaridade com ele, falando-lhe muito de perto, pousando-lhe os dedos sobre o braço, com o olhar rendido. A Concha mexia-se na cadeira, toda nervosa — e o espanhol, com gravatas resplandecentes, puxava os punhos da camisa de chita, torcia o buçozinho, recostado com languidez, sorrindo à Mercedes, dando à Concha olhares langorosos.

Cada dia a Concha subia para o quarto mais exaltada. Tinha agora muitos segredinhos com a criada; e Artur, mais

de uma vez, indo ter com ela à janela, vira na varanda de baixo o rapazola, encostado numa atitude «catita» que lhe fazia sobressair sob o jaquetão os belos quadris de mulher, soprando o fumo do charuto e revirando para cima os seus grandes olhos gaditanos. Aquilo irritava-o. Sabia que era um emigrado de Cádis comprometido na revolta de Salvochea. Achava-o bonito e a sua presença inquietava-o. Mas tranquilizou-se ouvindo, uma noite, a Concha dizer com grande desdém a Melchior, que parecia ter pelo emigrado um rancor feroz:

— *Mira! Se es un niño! Se es un pollo! Más feo*!... — E declarara mesmo com cara enjoada que detestava homens com rostos de mulheres. Pouh! Até o achava ridículo!

De resto Artur andava de novo tomado por ambições literárias. Uma noite de aplausos, e entrava na publicidade, na glória, nos folhetins! Era a desforra resplandecente das suas humilhações obscuras. Relembrava certas cenas do drama, mais queridas, e não duvidava do triunfo. Que vida então! Os aplausos da multidão, misturar-se-iam à doçura dos beijos da Concha; porque ela amá-lo-ia mais, vendo-o célebre, namorado por outras, considerado como glória nacional! E as felicidades seguir-se-iam todos os dias, a todas as horas; à noite, as palmas de uma plateia eletrizada; a ceia com o bom Melchior, com outros amigos; depois, os delírios da Concha apaixonada; e de manhã, na caixa do teatro, as librinhas a saltar!

No entanto a resposta do Carneiro não vinha! Artur começou a ter repentes agudos de susto. Se o homem tivesse fugido, ou falido? Se se recusasse a dar-lhe contas? Se fosse necessário um processo? Santo Deus! Às horas em que o carteiro passava, tinha palpitações ansiosas — e como não vinha carta, mal podia almoçar, com a garganta contraída, o olhar vago, pensando que talvez fosse o seu último almoço com a Concha. Mandara mesmo um telegrama ao Carneiro — e uma manhã, mais inquieto, como um homem que prepara de antemão a explicação de uma desgraça provável, confessou à Concha que estava à espera de uns dinheiros que não vinham! Era o diabo! Receava até que houvesse dificuldades com o correspondente...

Ela acolheu a notícia com absoluta indiferença. As suas maneiras tornaram-se singulares: andava muito nervosa: a janela parecia ser o centro da sua existência; chegava-se um momento à varanda, voltava, esfregando as mãos, com a cabeça baixa, contrariada; outras vezes, parecia debruçar-se, tão radiosa, tão interessada, que Artur, ao vê-la, chegava-se com curiosidade; mas não descobria nada: apenas, na varanda do quarto do espanhol, uma cadeira vazia com um jornal dobrado em cima. Os segredinhos com a criada redobravam; a Concha parecia adorá-la, não a podia dispensar, reclamando-a constantemente, enchendo-a de presentes, de fitas velhas, de botinhas, de camisas já muito usadas; e quando Artur estranhava esta intimidade, ela

respondia que uma mulher precisava de ter uma amiga para desabafar: não tinha outra à mão; queria porventura que ela, uma senhora, fizesse amizade com a meretriz do primeiro andar? Não — então caluda!

— E de que falam vocês?

— De ti!

Mas apesar daquele amor que Artur julgava cada dia mais forte — era por vezes brusca com ele; repelia-lhe enfastiada os abraços: uma mulher, *Dios mio*, não podia estar sempre lambuzada pelas beijocas de um marmanjo!

Às vezes, à noite, ao deitarem-se, sob o pretexto de alguma enxaqueca, não consentia que Artur lhe tocasse, nem com a ponta da unha — deixando a paixão do autor dos *Esmaltes e Joias* desapontada,

como um cão a quem se retira uma febra. Outras vezes, vinham-lhe ardores súbitos, a horas singulares, sem razão. Artur explicava estas mudanças etnograficamente, pela sensibilidade muito refinada das raças andaluzas — e cada dia a achava mais adorável. Seria completamente feliz se o Carneiro respondesse!

Por fim, o respeitável Carneiro respondeu, numa larga folha de papel pautado, em que explicava a demora da remessa por uma jornada que fizera «à Invicta Cidade, onde o tinham chamado exigências dos seus negócios, bem como levar ao Teatro de São João, a ver uma peça lírica, sua jovem Adelaide, que...».

Artur, enfastiado, atirou a carta para o lado e releu com satisfação a letra

de câmbio sobre um negociante da Baixa. Não resistiu mesmo a comunicar a sua alegria à Concha, e agitando a letra disse com um ar negligente, ricaço:

— Dinheirinho fresco.

— Ah! — fez ela secamente.

Aquelas indiferenças escandalizavam Artur. Não as compreendia: quando ele, por ternura, para lhe dar todos os privilégios de uma esposa, a queria fazer partilhar intimamente dos seus interesses, dos seus sentimentos, enobrecendo assim aquela ligação — ela retraía-se, repelia toda a comunhão muito íntima, evitando entrar nos seus planos e nos seus segredos, dando-lhe o seu corpo, mas reservando-se a alma e a vontade. Parecia querer conservar-se unicamente concubina. Artur

sentia alguma coisa de subtil errar entre eles, separá-los; as suas naturezas, como as suas epidermes, tocavam-se sem se penetrarem e Artur, tendo uma mulher com quem comia, dormia e coabitava, sentia contudo, por vezes, uma dolorosa falta de simpatia, uma inatividade triste das suas faculdades afetivas. E para não se parecer a si mesmo inteiramente destituído de afeições alheias, a sua alma refugiava-se na lembrança da tia Sabina, como um ser que procura um elemento próprio.

Pensava mesmo em lhe escrever, quando, um dia, recebeu dela uma longa carta. Que boa surpresa! A letra era quase ininteligível, mas por todas as folhas do papel errava um bom calor de amizade e os ganchos dos seus FF e dos seus TT eram como curvas de abraços. Dizia:

Meu querido menino.

Espero que esta te encontre bom, o que todos os dias peço a Nossa Senhora de toda a alma e acabo de saber pelo Vasco que mandaste ir um ror de moedas, que até me parece pecado. Ora pois se tu soubesses o que nós aqui nos assustamos, por te saber tão longe e talvez doente nessa terra tão grande e sem os teus jantarinhos a horas, e aflige-nos ver que gastas tanto, o que custou a ganhar a teu padrinho, nessa Babilónia sem religião. Eu não tenho passado bem, o que è a velhice; é esta vida que não quer ir mais para diante e assim quem sabe

se te tornarei a ver, e todos os dias peço a Nossa Senhora que te guarde, porque o mereces. Dizem-me que até os papéis falam em ti, o que me tem assustado, ainda que o Vasco diz que os papéis falam só de gente que é importante e do Estado. O Albuquerquezinho vai indo, graças a Deus, bem e já fez este mês doze paciências sobre quinze, o que é um bom mês. Adeus, meu filho, que Deus esteja contigo no teu coração. A tia recomenda-se e tem estado com o seu defluxo. A Ruça anda-te afazer ceroulas, de uma peçazinha de linho, que eu fiz de economias, e o bichano engasgou-se o que me deu cuidado, e o inverno tem estado mau para os velhos. Se puderes

voltar, vem, pois me diz o coração que Nossa Senhora me chama e vou encontrar a paz da alma e os outros que já lá estão. O Albuquerquezinho recomenda-se e é sempre o mesmo santo homem. Não deves abusar aí das comidas, que me dizem ser tão más. Adeus meu filho, possas tu em todas as tuas coisas ser tão feliz como eu não fui, e agora vejo que a morte vem perto e com

um abraço arrochado da tua tia que te quer

Sabina.

Artur ficou com a carta na mão, a alma longe: estava lá, na casinha de Oliveira de Azeméis, tão sossegada, tão

doce; uma boa réstia de sol onde o bichano dormia retirava-se pela sala de jantar, o velho relógio batia o seu tiquetaque, a tia Sabina fazia a sua meia; ao meio-dia na torre, todos os galos cantavam, e no silêncio da vila adormecida, uma nora ia chiando...

A Concha fê-lo levantar dos pés da cama onde ficara sentado, cismando: andava à procura de uma liga, com os cabelos desfeitos, a cara pesada de sono; saias enxovalhadas arrastavam pelas cadeiras; um ar relentado amolentava; no toucador entre escovas peladas, havia postiços de cabelo. A Concha acordara mal-humorada, e diante da sua fisionomia desagradável, Artur pensava vagamente, que para além daquele quarto onde ele vivia numa concubinagem mole, havia

ares lavados, campos frescos e existências dignas em interiores asseados: desejou alguma coisa de mais elevado, de mais puro...

Melchior apareceu à porta e como a Concha se vestia, Artur foi com ele para a saleta, levando ainda na mão a carta da tia Sabina.

— Cartinha de casa? — perguntou o jornalista.

— Da minha tia...

— Com cheta! — e os olhos de Melchior reluziram.

Artur respondeu, corando:

— Mandou algum dinheiro.

— É cardá-la! E é quantia grossa?

— Sofrível.

— É cardá-la! É cardá-la! — repetiu Melchior com entusiasmo.

— Fica por minha conta! — disse Artur afetando um cinismo catita.

***

Daí a dias, Artur desceu à sala de jantar, a buscar charutos — uns certos *Intimidades de Carvajal*, famosos no hotel. Manuel mostrou-lhe a última caixa vazia:

— Já vê *usted*...

Artur parecia contrariado: então o espanhol bonito, que a uma mesa lia o seu jornal tomando café, ergueu-se muito afavelmente, e ofereceu a sua charuteira:

— *Son eguales. Fume usted.*

Artur agradeceu, embaraçado. Mas o espanhol insistia com expansão e Artur, depois de aceitar um charuto,

embrulhava-se numa frase espanhola, quando o emigrado, sorrindo, lhe disse que podia falar português: ele compreendia-o, até o *ablava;* de resto os dois idiomas eram tão parecidos... eram como um só povo, porque *españoles y portugueses son hermanos!...*

Artur, contente de se poder exprimir em português — a necessidade de falar espanhol torturava-o — e querendo ser amável, perguntou-lhe se estava há muito em Lisboa.

Havia quatro meses. E com loquacidade familiar disse que era um republicano federal, que se batera nas barricadas de Cádis e estava condenado à morte.

Um destino tão patético impressionou Artur. O rapazola pareceu-

lhe grande como Danton; e por uma necessidade súbita e instintiva de lhe canalizar as simpatias, declarou-se também republicano, falou vagamente no Clube Democrático, disse-se entusiasta de Castelar. Tinha aceitado um café e ambos à mesa, soprando o fumo dos charutos, penetravam-se de uma simpatia comum.

O emigrado tinha uma voz vibrante e cálida. A vivacidade andaluza dava aos seus gestos, à expressão da sua fisionomia móbil, uma sedução singular. Parecia conhecer Artur de há muitos anos: fez-lhe logo confidências políticas, deblaterou contra os Borbons, profetizou a república universal e chamou a Vítor Hugo um Deus, tratando Artur por *hijo mio*.

Artur surpreendia-se de encontrar ideias literárias e sociais, que julgava

admiráveis por condizerem com as suas, num rapazola que tinha o ar, os modos, de um*chulo*de raparigas. E falou então com entusiasmo da Espanha, do país de Cervantes, grande raça... O espanhol eletrizou-se, jurou-lhe que nunca encontrara um português que estimasse tanto; e para celebrar um pacto de amizade ao antigo modo andaluz, mandou buscar ao quarto uma garrafa de *manzanilla* especial... «um licor divino». Beberam, apertaram-se as mãos. Artur achou o vinho delicioso e o espanhol cantou com *verve* a ária de Robinson:

Pero el Xerez...
Dá fuerza al hombre, fuego a la mujer...

Convidou Artur a ir a Cádis:

queria-lhe mostrar os sítios onde se batera e onde os federais tinham feito proezas. Havia de ver o seu amigo Salvochea, um herói! De resto, esperava a amnistia e lamentava deixar Portugal: era um país que admirava pela sua liberdade de imprensa e pela beleza das portuguesas!

E a propósito, como lembrando-se de repente, perguntou-lhe quem era aquela rapariga com quem estava.

— É a minha pequena — disse Artur, corando um pouco.

O outro bocejou, repoltreou-se na cadeira, disse negligentemente que a sua *querida* tinha ficado em Sevilha... De resto, presentemente, a política devia prevalecer sobre o sentimento: quando o povo sofre não se pode pensar em prazeres! A sua *querida*, agora, era a

Pátria!

Obrigou-o a aceitar outro charuto e dizendo que ia escrever a sua correspondência, saiu assobiando a *Marselhesa!*

Artur galgou a escada para ir contar à Concha o conhecimento que fizera, feliz em mostrar a simpatia que inspirara a um espanhol tão bonito e tão ilustre. A Concha fez-se escarlate, deu duas voltas pelo quarto com a cabeça baixa, contemplando o bico das botinas, foi arrumar as escovas sobre o toucador, um pouco trémula, e por fim disse com uma voz ambígua — que achava cara de mau ao seu patrício, «*su paisano*». Mas de *repente*, acometida de uma jovialidade brusca, arrebatou Artur pela cinta e fê-lo rodar numa valsa.

Daí a pouco, o criado entrava com uma caixa de charutos *Intimidades;* era um presente do espanhol, que mandava o seu cartão de visita:

D. MANUEL MANRIQUE ROJAS Y CUEVAS

Artur ficou muito lisonjeado e a Concha declarou, com autoridade de uma mulher experiente da sociedade, que era necessário convidá-lo a jantar. Artur admirou um tato tão fino e à tardinha, quando a Concha, muito vestida, toda perfumada, se ia sentar à mesa enfastiada de esperar, Artur, que desde as quatro horas saíra, apareceu trazendo pelo braço D. Manuel Manrique; ela fez-se muito vermelha, o seio arfou-lhe e baixando as

pálpebras, curvou-se num cumprimento digno.

O jantar foi muito alegre. D. Manuel interessou profundamente Artur. Fê-lo rir, contando episódios picarescos da sua fuga para Portugal, com quatro *duros* na algibeira; entusiasmou-o pelas viagens, descrevendo-lhe a Havana, os cafezais, as florestas tropicais, as danças dos negros e os profundos céus abrasados; exaltou-o pelos romantismos da guerra civil, explicando a defesa heroica das barricadas na *Calle da Aduana*, em Cádis, e espantou-o pela grandeza dos seus planos políticos, fazendo-lhe antever uma grande federação das repúblicas latinas, em oposição aos despotismos saxónicos e eslavos. E ia declamar contra o papado e contra a Igreja, num furor de impiedade

democrática, quando a Concha, muito devota, fez um gesto escandalizado. D. Manuel imediatamente se retratou, e mesmo disse:

— *Pero nada se hace sin la voluntad de Dios!*

Aquilo pareceu a Artur de muito bom gosto, de uma alta cortesia, e, eletrizado, deu-lhe sem reserva a sua amizade. Falaram então de Lisboa, de Madrid, de teatros, e bebiam fraternalmente — quando Melchior abriu de rompante a porta. Ao ver o espanhol confortavelmente instalado no seu lugar habitual, teve uma expressão tão desapontada, que a Concha deu uma risada:

— *Es Melchior, el pobre!*— Mas logo apresentou-o com gravidade ao

emigrado.

Melchior arrastou devagar uma cadeira, recebeu com um ar soturno um cálice de curaçau e ficou embezerrado, mudo, torcendo o bigode com os dedos trémulos, deitando olhares ferozes a Artur, à Concha e ao espanhol.

Enfim, não se contendo, ergueu-se, chamou Artur para o quarto de cama e cruzando desesperadamente os braços, numa voz estrangulada, disse:

— Então que significa o bêbedo do espanhol metido aqui de casa e pucarinho?

Artur explicou o encontro, a oferta de charutos, elogiou o espanhol: era um rapaz de grande talento, tinha ido à Havana...

— Ao diabo que o carregue!

— Fale baixo, homem! — fez Artur inquieto, indo fechar a porta do quarto.

— Qual baixo! É um bêbedo! Olha que brincadeira! Estávamos aqui os três como Deus com os anjos... Está tudo estragado agora! Eu por mim, não tomo aqui a pôr os pés...

A cólera eriçava-lhe os pelos do bigode. Artur tentava calmá-lo: o D. Manuel parecia-lhe uma pessoa fina...

— Você verá! Espere-lhe pela volta!

— Mas por quê, que diabo?

Melchior hesitou, parecia querer soltar uma revelação, mas depois de encolher desesperadamente os ombros:

— A culpa é do Governo! Canalhas de espanhóis! Eu, é gente que

odeio!... — E lançou-se em violentas declamações patrióticas: a União Ibérica era a infâmia das infâmias! Mas que se livrasse um espanhol de se lhe atravessar no caminho! Bebia-lhe o sangue! Positivamente, bebia-lhe o sangue!...

Uma risada muito alta, muito cálida, da Concha, dentro, na sala, interrompeu-o, imobilizou-o: olhou Artur dos pés à cabeça com ódio, com desprezo — e atirando o chapéu para a nuca, rompeu pelo corredor, blasfemando.

Quando Artur voltou à saleta, a contar que Melchior abalara, achou a Concha muito animada, com uma cor radiosa nas faces: nunca a vira tão bonita; tinha descoberto que D. Manuel era ainda seu parente e diziam-se já com familiaridade: Conchita, Manolo!

O emigrado tornou-se íntimo deles. A Concha não quisera voltar à mesa redonda — para não comer ao pé da «indecente do primeiro andar» — e quando Manolo não vinha jantar com eles, aparecia à sobremesa para tomar o café e fumar um *puro*. Artur cada dia o estimava mais: a sua alegria petulante seduzia-o; os seus serviços à república inspiravam-lhe respeito; gostava das discussões políticas, com o copinho de curaçau defronte, trabalhando e retalhando a Europa, segundo planos vagos de uma democracia universal; e tinha momentos deliciosos, ouvindo-o contar anedotas da revolução de 68, cantar cançonetas políticas ou fazer gemer na guitarra as seguidilhas de Andaluzia. Tinha toda a sorte de habilidades: fazia caricaturas com um

fósforo apagado sobre um prato, sabia necromancia, jogava a espada — e dava mesmo lições a Artur, no seu próprio quarto, onde lhe fazia admirar retratos de republicanos ilustres que conhecera e de atrizes que tinham sido *sus queridas*. Com a Concha, era de uma familiaridade fraternal mas discreta, com tons de respeito; divertia-a muito, tirando-lhe as cartas, lendo-lhe a *buena-dicha*, com profecias complicadas, em que os destinos dela e de Artur apareciam sempre unidos, escorrendo de felicidades, como taças muito cheias.

Melchior, durante os primeiros dias, não voltara. Mas Uma tarde, Artur entrando no quarto às quatro horas, achou-o instalado ao pé da Concha, retorcendo com satisfação o bigode: tinha feito as

pazes com a pequena. Mostrou-se nessa noite mais conciliador com o espanhol, a ponto de se declarar, ele também, republicano e mesmo aceitou com prazer um convite que o emigrado lhe fez para um jantar que dava «a *Conchita y al amigo Arturo*». Foi uma festa muito alegre. À sobremesa, na excitação do *champagne*, juraram estimar-se sempre e formaram uma sociedade de pândega: *Artur, Concha & C.ª!*

Artur perdera inteiramente o vago ciúme que ao princípio lhe inspirava D. Manolo; decerto a Concha era muito afável com ele, quase carinhosa, mas só via naquele sentimento uma amizade de compatriotas que se encontram numa terra estranha e a afeição de parentes remotos. Além disso, a Concha, a sós com ele, nas

conversas íntimas do leito, tinha-lhe confessado por vezes que gostava do Manolo, mas que desconfiava dele: achava-lhe «cara de mau»; perguntara-lhe mesmo se sabia quem era a *querida* dele. Já várias vezes, diante de Artur, ela perguntara a Manolo *«quien eran sus amores»*; o Manolo torcia o buço num silêncio discreto e instado terminava por dizer com ênfase — que sua *querida* era á Pátria! De resto a Concha afirmava que o Manolo, apesar de bonito, não era um tipo para mulheres: muito efeminado, muito maricas!

Por seu lado Manolo, na intimidade, a sós com Artur, confessara-lhe, como forçado pela verdade e lamentando a franqueza, que a Concha lhe não parecia bonita; não era feia, sim, mas

havia dele ver as mulheres de Cádis! Havia dele ver a sua pequena, a que estava em Sevilha! Isso sim! A Concha...

E Artur vivia tranquilo. Deixava-os sós por vezes e quase se escandalizava do gesto indiferente, secado, que tinha a Concha, quando às vezes, de manhã, Manolo lhe mandava um ramo de camélias.

— Mas é muito amável da parte dele, filha! É muito delicado! Deves gostar!

— *No me gusta, no me gusta* — dizia ela, voltando as costas com o ramo na mão e cobrindo as flores com um olhar doce como um beijo.

O que de novo preocupava seriamente Artur era o dinheiro. Desde a intimidade com o Manolo, as despesas

cresciam. O republicano tinha todos os dias uma ideia cara: irem a Queluz, tomarem uma quarta ordem em S. Carlos, uma ceia na Ponte de Algés, e com as contas do hotel, as tipoias, as luvas, os charutos, tinha dias de duas, três libras!

Mas não podia modificar a sua existência. Era cheia de tantas doçuras! A Concha, que perdera agora todos os seus «nervos», andava muito igual, muito amorosa. O emigrado e Melchior constituíam a Artur uma pequena corte: gostava de os ver à *sua* mesa, bebendo-lhe o *seu* conhaque, cortejando-lhe a *sua* amante. Deleitava-se em lhes dar o espetáculo dos seus amores: beijocava a Concha diante deles — o que produzia a Melchior a imediata necessidade de se levantar, de puxar as calças com maus

modos, e no espanhol, a de cofiar o buço, com as suas belas pestanas descidas: até que a Concha, um dia, lhe declarou que era faltar-lhe ao respeito, abraçá-la e fazer pieguices diante de gente.

De resto, Manolo punha cuidados delicados em lisonjear Artur: recebera, comovido, a oferta dos *Esmaltes e Joias*, e dera-se ao trabalho de decorar algumas estrofes da *Ode à Liberdade*. Prometera-lhe traduzir todo o volume para um jornal republicano de Múrcia e dizia-lhe, à mesa, com arrebatamento:

— *Don Arturo, es usted el primer poeta del siglo! Es usted Hugo! Es usted un Dante!*

E assim, com um amigo que o compreendia tão bem, uma amante que lhe queria tanto, o autor dos *Esmaltes e Joias*

tinha dias em que andava inchado de gozo. Se não fosse o dinheiro! O maldito dinheiro!...

A resposta do empresário no entanto tardava e Artur instava com Melchior para que voltasse a falar-lhe, o apertasse. Que diabo, a coisa urgia! E havia agora na sua impaciência, não só a necessidade de recursos, mas o desejo de deslumbrar o espanhol com o espetáculo de uma plateia arrebatada. Melchior, complacente, fora ao empresário — que se declarara, «ocupadíssimo, menino, ocupadíssimo» e pedia mais quinze dias! Mas a coisa havia de ir, a coisa havia de ir!

Porém Melchior andava de novo desconfiado com o espanhol: irritava-o sobretudo o saber que a Concha retomara

o hábito de sair de manhã, duas, três vezes por semana. Ora ia ver a Paca que estava muito doente, ora à modista, ora apenas dar *un passeioto*. Censurou Artur por consentir naquelas passeatas.

— A rapariga não há de estar aqui como num convento — dizia Artur. E acrescentava, girando com fatuidade sobre os calcanhares: — Estou tão certo dela como de mim mesmo!

Melchior deixava-lhe cair sobre as costas um olhar rancoroso, cheio de um desprezo imenso.

Não podia, por vezes, disfarçar ataques súbitos de ódio pelo emigrado. De repente, sem razão, embezerrava. A Concha percebia, vinha gracejar com ele, perguntar-lhe o que tinha *su abuelito*, se estava zangado com *su nietita*, retorcia-

lhe o bigode, sentava-se-lhe mesmo nos joelhos, rindo pulando, enquanto Manolo, muito sério, harpejava os bordões da guitarra ou jogava com Artur o *écarté* a dois tostões. Melchior, ordinariamente, acalmava-se, mas, só com Artur, desabafava: não podia tragar o Manolo! Não podia! Um dia quebrava a cara ao Manolo...

— Mas por quê, Melchior?

Melchior calava-se e daí a pouco rosnava:

— O Governo é que tem a culpa; consentir nesta súcia de foragidos!...

Artur espantava-se de um patriotismo tão fanático, tão intolerante. Era necessário também não ser caturra, que diabo! Os Espanhóis era uma raça nobre...

— Uma corja! — rugia Melchior.

E dando grandes passadas pelo quarto, sondava com mãos nervosas as algibeiras, como para procurar uma arma:

— Um dia rasgo as entranhas a um castelhano!

E uma ocasião, não se contendo, disse a Artur numa explosão:

— Pois você não vê como ela faz olho ao Manolo?

Artur riu. Ora, histórias! Mas aquela palavra, com a lentidão de um veneno absorvido, começou a espalhar-lhe no sangue um ciúme crescente. Observou-os aos dois. Porém, via-os tão naturais, tão francos, tão camaradas, tão inocentes!... Pensou que «disfarçavam» e suspeitou das saídas da Concha. Um dia que a ouvira dizer que ia a casa da Paca,

seguiu-a de longe, cosido com as fachadas. Que alívio quando a viu entrar, com efeito, no portal da Paca! Jurou a si mesmo, num relance de reconhecimento, amá-la mais para a compensar da injusta suspeita com que a ofendera. Mas depois refletiu que no prédio da Paca havia mais andares, ou ainda que a Concha poderia ter saído por uma porta traseira. Vaidoso, irritou-se de ter sido simplório e quase desejou que ela fosse culpada. Assim, certa manhã que a sabia lá, seguiu-a e foi tocar à campainha. Perguntou pela *señorita* Concha: esperou dez minutos e viu-a aparecer de chapéu, as faces em brasa, os olhos brilhantes.

Que era? Por que tinha vindo?

Ele riu: passara por ali, lembrara-se de a vir buscar. Mas em casa, de

repente, perguntou-lhe quase com severidade, por que lhe aparecera ela tão vermelha? Em lugar de se escandalizar com aquela pergunta repassada de desconfiança, contou-lhe que assistira a uma cena! Ah! A Paca que se julgava perdida, a chorar. O *querido* a chorar! O pequeno a chorar! Um horror!

Mas Artur não estava tranquilo. Tinha a sensação vaga de que ela «se lhe ia escapando». Sentia-a menos*sua*.E aquela incerteza exaltava o seu amor. Tinha um desejo pungente de lhe saber os pensamentos. Desconfiava de tudo, do Manuel, da criada sobretudo — e sentia uma contrariedade amarga quando via entrar o Manolo. Os serões eram menos alegres; havia silêncios embaraçados, e o emigrado, para os preencher, tinha de

esgotar o seu repertório de *malagueñas*, que a Concha escutava sorumbática, com os braços cruzados, erguendo às vezes para ele ou para Artur o seu olhar muito brilhante.

Uma manhã, ouvindo-lhe dizer que ia à Paca, Artur declarou que estava incomodado, que não saía, que desejava que ela lhe fizesse companhia. Ela atirou logo para uma cadeira o vestido que ia pôr e veio interrogá-lo muito ternamente: o que lhe doía? Queria deitar-se?

— Estou esquisito, passa logo? — respondeu Artur, satisfeito da prontidão com que ela desistira do «passeio» e vendo na sua solicitude a persistência do seu amor.

Estava-se então próximo do Entrudo. Nessa semana, por duas ou três

vezes já, Artur impedira-a habilmente de sair; , ela não parecera contrariada, somente tinha tristezas, «monices», dizia-se nervosa, queixava-se de enxaquecas. Na sexta-feira — antes do Domingo Gordo — Artur, voltando às duas horas da redação do *Século*, encontrou-a de chapéu, pondo o véu ao espelho. Ia à Paca.

— Ora, deixa lá a Paca!

— Mas preciso também de ir à modista...

— Ora, deixa-te de modistas!

Esperava uma «cena» e ficou admirado, vendo-a tirar sem uma palavra o chapéu, o véu, o vestido, agarrar num lenço que andava a embainhar havia três meses e meio, e ir sentar-se, com um suspiro, à janela. Artur, despeitado

daquela resignação muda, agarrou num livro, estendeu-se em cima da cama. E o silêncio que se cavou entre eles pareceu-lhe triste e escuro como uma separação. Manolo devia vir jantar nessa noite, mas às três horas o Manuel veio dizer que o Sr. Manrique pedia desculpa, mas que, tendo-lhe chegado um parente de Badajoz, só poderia aparecer à sobremesa.

A Concha não se moveu, cosendo devagar, lugubremente, e no silêncio do quarto só se ouvia, subtilmente, voltarem-se as folhas do livro.

O jantar foi triste. A Concha, com duas rosetas vermelhas no rosto, não comia; Artur, a quem aquele silêncio infeliz, aquele fastio desconsolado, exaltavam o ciúme, petrificava-se com desespero na sua mudez, o cérebro cheio

de frases, de recriminações, de palavras comovidas, que a sua língua, de um peso de chumbo, se recusava a pronunciar. A sobremesa passou, e Manolo não veio.

Em lugar dele foi Melchior quem apareceu ao café, e, com um rosto satisfeito, disse logo abruptamente que ao entrar na sala de jantar, vira o Manolo com a Mercedes, unha e carne com ela, muito chegadinhos — e o pobre calvo a babar-se ao lado, o asno!

A Concha fez-se pálida, depois escarlate. E subitamente, tornou-se muito amável com o Melchior: fê-lo sentar ao pé dela, «muito juntinhos», queimou-lhe ela mesmo o café, desmanchou-lhe o cabelo, ocupando-se dele, palrando alto, sem um olhar, uma palavra para Artur.

— Vocês estão amuados? —

perguntou Melchior com o rosto túmido de prazer.

Artur teve um sorriso amargo:

— Tem estado com os nervos, a menina.

Mas a Concha ergueu-se bruscamente, entrou no quarto fechando a porta sobre si e sentiram-na no corredor gritar pela criada.

— Que diabo tem ela? — perguntou Melchior, sorvendo placidamente o seu café.

Artur teve uma tentação de desabafar, contar as suas suspeitas; mas, vaidoso, não querendo dar a Melchior o «gostinho» de ver justificadas as suas desconfianças — encolheu os ombros, disse:

— Eu sei lá! Mulheres!

Melchior deu-lhe de lado um olhar apiedado e desdenhoso e pareceu sorver com delícia a última gota da xícara.

Mas a Concha voltara, com os olhos muito brilhantes, um pouco vermelha, toda coberta de pó de arroz. Trazia uma excitação artificial, histérica: declarou que se achava disposta a tudo! Quis tocar o fado — mas atirou com tédio a guitarra; deu um pulo para os joelhos de Melchior, ergueu-se, valsou só pela saleta e foi necessário que lhe arrancassem a garrafa de conhaque, porque a queria beber de um trago. Continuava a não falar a Artur, nem o olhava; perguntou mesmo a Melchior se queria ir só com ela dar um passeio a Belém — mas só com ela, *los dos, como dos novios!*

E Melchior ria, todo banhado de

gozo.

— Vá — disse com bonomia — vá, faça as pazes com o seu marido!

Ela encolheu os ombros com um desprezo soberano e estendeu os braços a Melchior para uma valsa. E trauteando, volteavam pela sala, pulando, tropeçando nas cadeiras, abalando o soalho com risadas sonoras, num grande arranque de troça; desapareceram mesmo um momento no quarto às escuras — e Artur, furioso, ouvia a Concha rir, com risinhos cálidos de cócegas. Não se erguera da mesa, fumando, num desespero lúgubre, com lágrimas na garganta.

Quando ela voltou à sala, compondo o cabelo, seguida de Melchior que torcia o bigode, o Manuel levantava a mesa.

— *Va decir al Snr. Manrique, abajo, que le esperamos* — disse ela. — *Listo!*

O Manuel voltou daí a momentos:

— Diz que não pode vir. Estava no quarto da Mercedes, em grande pândega...

Toda a animação da Concha murchou, como depois de uma rajada uma bandeira caindo ao comprido do mastro. Deu duas voltas pela saleta e foi para o quarto, às escuras. Foram encontrá-la, daí a pouco, enroscada em cima da cama, dobrada sobre si mesma, numa imobilidade hostil. Respondeu bruscamente que tinha dores de cabeça, febre. Para a distrair, Melchior quis tocar um fado: ela gritou-lhe

que se calasse! E como Artur,

julgando-a doente, a interrogava com um carinho que implorava reconciliação, ela enfureceu-se: nem podia uma pobre de Cristo estar doente sem ser martirizada! Irra! E como Artur insistia, e o Melchior se agitava em redor do leito, pulou para o chão, e com uma força nervosa extraordinária, empurrou-os para a saleta, furiosa, às punhadas, batendo-lhes com a porta nas costas.

— É deixá-la! É deixá-la! — disse Artur — está doida!

Fizera-se pálido, receando um escândalo.

— Mas que diabo tem ela? — perguntou Melchior, que de mãos nos bolsos, passeava cabisbaixo, com o rosto carregado.

Ouviram então a Concha berrar de

novo no corredor pela criada e apenas a moça subiu, fechar-se no quarto com ela, dando à chave uma volta colérica.

— Que pouca-vergonha! — fez Melchior. — Aqui há marocas. — Estava de pé diante de Artur, fuzilavam-lhe os olhos.

Artur não respondera. Erguera-se e passeava melancolicamente, acendendo cigarros que logo arremessava, indo encostar-se à vidraça, a olhar a noite escura, sentindo vagamente, no fundo de toda aquela cólera, o Manolo. Decerto, impedindo-a de sair contrariara um *rendez-vous:* o Manolo despeitado, para lhe fazer ferro, decidira-se a passar a *soirée* com a Mercedes, de patuscada; e, ciumenta, a Concha delirava! É o que era! Mas então recordava todas aquelas

semanas de amor, o fogo dos seus beijos, os seus juramentos balbuciados na voluptuosidade e mesmo a indiferença que ela mostrara outras vezes, quando, habilmente ele transtornara outros *rendez-vous*. E podia duvidar do seu amor? A sua vaidade acumulava-lhe provas, como um pedreiro diligente que acarreta pedras para um muro — e a certeza do amor dela ia-se erguendo, indestrutível, sólida, maciça. Preferia atribuir aquela «cena» aos nervos, ao tempo, aos humores. De vez em quando, ia escutar à porta do quarto: sentia as vozes das duas mulheres cochichar: por fim decidiu-se a bater devagarinho...

A Concha gritou que não abria.

— Oh, que desavergonhada! — fez Melchior.

E então, censurou verbosamente a debilidade de Artur. Se fosse com ele! Oh, se fosse com ele! Tinha-lhe quebrado já uma bengala nas costas! E expôs a teoria «que as espanholas só à pancada». De resto gostavam de levar! Até se apaixonavam! Citou exemplos, anedotas. Um amigo dele, desde que dera uma coça na Lola, trazia-a como um cordeiro e babada por ele.

— Raparigas desta vida, é à bordoada! Eu é que sei lidar corneias — acrescentou, furioso.

— Chame-a você, fale-lhe você! — disse Artur, muito desconsolado.

Melchior refletiu, torceu o bigode, aprumou a estatura e com um olhar a Artur, que significava: *você verá!* — foi colar a boca à fechadura e pondo muita

sedução na voz:

— Abre lá, ó Conchinha!

A espanhola atirou-lhe de dentro uma injúria medonha!

Melchior recuou, lívido:

— Se fosse coisa minha, bebia-lhe o sangue!

E então, furioso, excitou Artur: era uma cobardia deixar-se tratar assim por uma bêbeda! Ele pagava-a, não era verdade? Pois então, era não lhe aturar caprichos! Olha que espiga!

— Você é um maricas, você não tem sangue nas veias! Arrombe a porta!

Artur, envergonhado da sua fraqueza, ergueu-se e disse com decisão:

— Eu, o que tenho medo é do escândalo, senão...

— Qual escândalo! Você está no

seu quarto. Quem paga é você! Ela se se faz fina, que vá para o olho da rua!

E Artur, já irritado, excitado pelo Melchior, bateu à porta com força, ordenou:

— Abre a porta, Concha!

— *No quiero! No quiero! No quiero!* — berrou de dentro a Concha.

— Arrombe! — exclamou Melchior com os olhos injetados.

Artur, furioso, atirou um pontapé à porta que fez tremer a fechadura. E de súbito a porta abriu-se, a Concha apareceu, em camisa, e, bruscamente, atirou-lhe uma bofetada que o fez cambalear.

Melchior precipitara-se, mas a porta fora rapidamente fechada. Dentro, a Concha gritava; frascos partiam-se contra

o chão, cadeiras arremessadas batiam contra as paredes e a voz aflita da criada dizia, quase dolorosa:

— Então, *hija!* Então, *hija! PorDios!*...

Artur, com a cara marcada, os olhos vermelhos como brasas, ficara no meio da sala, petrificado. E Melchior, com medo da polícia, de escândalos, *daqui-d'el-reis* à janela, calmara subitamente, muito pálido. Disse mesmo, agarrando o chapéu:

— Meu rico, eu safo-me, que não estou para me meter em alhadas!

Mas, a instâncias de Artur ficou. E ambos sentados à mesa, com a garrafa de conhaque no meio, fizeram até altas noites grogues frios, fumando cabisbaixos.

— Raio de mulheres! — dizia

Melchior de vez em quando.

— Um desgosto assim! — murmurava Artur.

E recaíam num silêncio triste.

No entanto, a criada — que três ou quatro vezes, pela porta do corredor, fora abaixo e voltara, parecendo levar e trazer recados — veio, quase de madrugada dizer-lhes, pé ante pé, que a *pobrecita* tinha adormecido.

Como era tarde, Melchior ficou no hotel, e Artur, trémulo, comovido, entrou no quarto. A Concha, encolhida na roupa, ressonava devagarinho. Artur despiu-se sem ruído, escorregou entre os lençóis, pondo-lhe um beijo cauteloso no braço nu.

Acordou daí a pouco — já o dia entrava pelas frinchas da janela — ouvindo um rumor no quarto: a Concha, a

pé, abria a porta da saleta.

— Que é? disse ele, estremunhado.

— Vou buscar água, que estou a arder.

Artur, prostrado das emoções, dos cansaços da noite, acomodou-se na roupa e adormeceu profundamente.

Quando acordou — deviam ser dez horas — estava só na cama. Pulou para o chão, abriu a janela ao sol magnífico de um dia adorável. A porta da saleta estava aberta. Viu logo o chambre dela caído no soalho, as chinelas, uma caixa de chapéus aberta! Que era? Onde fora?

Ao puxão da campainha, a criada veio correndo e imediatamente começou, com grandes gestos, a dizer que não sabia

nada, que não tinha visto a senhora, que não se queria meter em questões!

Artur, aterrado, passou um jaquetão, correu ao quarto do Melchior. Ao ouvir, estremunhado, «que a Concha saíra», sentou-se de um pulo na cama:

— Chame o Manuel!

O criado veio, fumando o seu cigarro, com a cabeça baixa, o olhinho malicioso, coçando os cabelos por trás da orelha.

— Onde está a senhora? — gritou Melchior.

O Manuel olhou para um, depois para o outro, e com as mãos na cinta, a barriga para diante, o cigarro na boca, o olho meio fechado ao fumo:

— Então *ustedes* não sabem?

— O quê, homem?

O Manuel tirou o cigarro e torceu-se devagar numa risada interior, muda.

— Acaba, carrasco! — berrou Melchior, com uma punhada no enxergão.

— Pirou-se! — fez o outro, com uma voz muito aguda de gozo.

— Com o Manolo? — exclamou Melchior, sufocado, de joelhos na cama, os olhos esgazeados.

— Pois já *usted* vê — disse o criado, como achando perfeitamente lógico.

Melchior voltou-se para Artur que se fizera muito branco, atirando-lhe as palavras como escarros:

— Sua besta! Sua besta!

— Mas então — balbuciou Artur — mas então...

O Manuel chegou-se para a cama e

com sua voz arrastada:

— Pois o Manolo e a Conchita estavam juntos há muito. Desde que ele começou a vir aos jantares cá de riba! Viam-se em casa da Paca! Depois *usted* põe-se a fazer dificuldades. Eh! Já *usted* vê! O Manolo pelo beiço, a pequena com a paixão... Já *usted* vê!

Artur, vergado pelas pernas, deixara-se cair numa cadeira, à cabeceira da cama. Adorava-a agora, aquela mulher! ...

A voz arrastada do criado disse ainda:

— O Manolo já mandou buscar os baús! Pois era de ver! *Usted* põe-se a fazer dificuldades... Já *usted* vê!

Artur, tomado de um fluxo de saudade, escondeu a cabeça entre os

braços, sobre o travesseiro do leito...

— Palerma! — rosnou-lhe Melchior, apoplético de raiva.

— Coma-lhe e beba-lhe — disse filosoficamente o Manuel. — Atire-lhe *usted* bons bifes para dentro! Já *usted* vê! Mulheres! Coma-lhe e beba-lhe *usted!*

9

Para se consolarem, nessa noite, foram jantar ao *Hotel Central:* estavam taciturnos. Artur mal comia e pareceu-lhe mesmo um espetáculo grosseiro e indigno da sua melancolia, o deleite muito expansivo com que Melchior devorou, repetiu o *Jambon d'York aux épinards*. E todavia Melchior estivera lúgubre toda a tarde na redação, soltando de vez em quando suspiros estrondosos que divertiam o Esteves, e não pudera produzir uma só local, apesar de esforços de parturiente: de facto, o *Jambon d'York* era a sua primeira consolação nesse dia. E limpando os beiços, murmurou ao ouvido de Artur:

— Parece-me que merecemos uma garrafinha de Borgonha.

Artur consentiu com um gesto indiferente. Parecia-lhe que uma névoa imponderável, parda e funerária cobria as coisas e as fisionomias, e numa grande lassidão do cérebro, via constantemente diante de si formas fragmentadas da Concha ou objetos pertencentes à Concha ou sítios e situações, que atravessara com ela. Era um trabalho de reminiscência saudosa, em que procurava reviver as alegrias que perdera; tinha nos membros molezas de noites mal dormidas e na alma uma sensação de vexame; vinham-lhe de repente, como faíscas, ódios sanguinários ao Manolo.

Os seus vagos suspiros reprimidos tinham já feito voltar a cabeça a um

alemão, de *pince-nez* e barbas doutorais, que, ao seu lado, descascava uma banana com método.

Como a noite estava de luar, saíram depois do café: seguiram, sem destino, ao longo do Aterro.

— E amanhã é Domingo Gordo!... — rosnou Melchior com um furor sombrio.

— Domingo Gordo... — murmurou Artur com tristeza.

Outros Entrudos antigos, em Coimbra, passaram-lhe na memória, tão alegres, com as tardes da Sofia, cheias de batinas de onde saem de repente os esguichos de uma grande seringa de latão! E os guinchos divertidos, as lutas de ovos, as quadrilhas à noite no Teatro D. Luís, e os grogues, as felicidades!.... Esperava

tanto divertir-se, aquele Entrudo, com a Concha!...

— Uma partida assim! — murmurou.

Imediatamente Melchior enfureceu-se. E de quem era a culpa? Para que tinha metido o espanhol de portas adentro?

— Quem podia adivinhar!

— Quem podia adivinhar? — exclamou Melchior com tanta ira que Artur recuou, temendo uma violência: — Bastava ter olhos! Para que estava o desavergonhado do andaluz sempre metido no quarto? Mas você, com a sua boa-fé de Oliveira de Azeméis!... É necessário conhecer Lisboa! É necessário ter olho! — E repuxando com um dedo a pele da face, esgazeava a órbita, junto à

cara de Artur, de um modo medonho.

Rompeu então em impropérios contra a Concha. Era uma bêbeda! Tinha os vícios mais nojentos. Cada palavra que dizia era uma mentira vil. Pregava daqueles calotes a toda a gente. Era baixa de natureza. Fazia-se passar pela filha de um negociante... Não estava mau, o negociante! O pai era um trapeiro de Madrid, e ela fora, desde os doze anos, das que andam pela *Puerta del Sol* a chamar os soldados para o vão das portas! E tinha dado uma doença asquerosa ao conde de Vila Rica, pobre velho!

Artur revoltou-se. Era mentira!

Melchior escandalizou-se: fez revelações, citou nomes, datas, sítios; e como um homem que vê sobrenadar

sujidades nas águas de um enxurro, Artur viu passar na verbosidade do localista todas as infâmias da Concha. Parecia-lhe incrível!

— Porque me não disse você?

— Eu não sou acusa-cristos...

E então injuriou Manolo: se o tivesse ali, fazia-o em pedacinhos! E como o Borgonha lhe exaltara a loquacidade, atirando o chapéu para a nuca, estendeu o seu ódio pelo espanhol a toda a Espanha: cobriu de vitupérios essa nação ilustre — que era um covil de pulhas! Bastava só olhar-lhes para as finanças, os caloteiros! E a administração? Uma ladroeira! E o exército? Uma cobardia indecente! E ainda se falava em União Ibérica! Que viessem para ele!

Calou-se um momento e brandindo a bengala para o céu:

— Ah! se eu torno a acreditar em mulheres!

Artur ficou petrificado. Que lhe tinha ela prometido ou jurado, então? E viu de repente na cólera do Melchior, não o interesse do amigo, mas o despeito do amante. O quê, também ele! Aquela suspeita foi-lhe dolorosa. E andando em silêncio, olhava pelo canto do olho o perfil espesso, a figura grossa, o andar pesado. Ela dera-se a um grotesco daqueles? Era de mais! Ao menos a paixão pelo Manolo tinha sua justificação: era bonito, era valente, era romanesco, era divertido! Mas este, o Melchior, pelintra, caloteiro, cobarde, debochado, imbecil, bêbedo? Pouh! Todos os defeitos

de Melchior lhe apareciam agora, disformes, monstruosos. Envergonhou-se da sua amizade, como corara do seu amor! Que amante!... E que amigo! Veio-lhe como um desejo infinito de outro meio, mais limpo, mais elevado, mais digno. E à esquina da Calçada do Alecrim, despediu-se do jornalista secamente.

Ia decidido a esquecer a Concha. Pisando com um pé nervoso a Rua do Arsenal, constituía já o plano de uma nova existência: arrancaria do seu cérebro, como se tira da pele uma pústula, a lembrança daquela prostituta de instintos vis, infetada de vírus — que lhe preferira o Melchior, a porca! Recomeçaria a trabalhar: afinal, o seu destino era fazer obras de arte e não viver agachado nas saias enxovalhadas de uma *muchacha* de

bordel! Depois dos *Amores de Poeta*, escreveria outro drama, comédias em verso! Forçaria a celebridade como quem viola uma mulher! E seria um grande homem, enquanto ela, abandonada, pelo emigrado, roída de doenças, erraria esfomeada pelo lodo do beco do Monete! E ele, teria outros amores, dignos do seu alto coração e da sua posição nas Letras! Renovaria as relações com a baronesa, que desleixara — idiota! — por aquela meretriz barata. Oh!

Quando entrou no quarto, todo o seu futuro lhe aparecia tão reluzente de felicidades, que já considerava providencial que «o estafermo se tivesse pirado!»

— Ainda bem! Respiro! Ouf!

Mas o aspeto do*robe-de-*

*chambre*dela, a sua camisinha de dormir, dobrada aos pés da cama, todo aquele cheiro de mulher de que o ar estava impregnado, deram-lhe uma comoção tão brusca que os seus nervos se distenderam: uma saudade infinita amoleceu-lhe a alma e atirando-se de bruços sobre a cama, rompeu a chorar!

Ah, mas não havia de ficar assim, sem uma vingança! Pensou em lhe escrever uma carta cheia de todas as infâmias que Melchior lhe revelara, ameaçando-a de lhe escarrar na cara, se ela ousasse, encontrando-o, erguer os olhos para ele. Mas para onde dirigiria a carta? Estaria ainda em Lisboa? Imaginou afligi-la de ciúmes, tomando outra espanhola — a Angelita, que ela odiava — e enchendo-a de vestidos e joias... Mas

o dinheiro? Em cinco semanas tinha gasto quinhentos mil réis! E com quem! Com aquela criatura vil. — E este desperdício aumentou o seu ódio. Acabrunhou-a de injúrias; rasgou em pedacinhos a sua fotografia; decidiu não lhe enviar os baús — ou remetê-los, tendo inutilizado à tesourada os vestidos e esmagado a martelo as joias que ela lhe extorquira — porque lhas extorquira, a ladra!

Quis adormecer, mas não podia. A ideia de que ela, àquela hora, delirava doida nos braços do Manolo, de que nos intervalos da lubricidade, com os corpos lassos, muito unidos, caçoavam dele, riam, chamavam-lhe «o asno do português», dava-lhe um ódio, cortado de um pungente ciúme carnal, que o fazia torcer-se sobre o enxergão, atirando

punhadas ao travesseiro. Como Melchior, sentiu ódio à Espanha. Oh, se houvesse uma guerra! Com que júbilo de vingança iria pelo País, lançando proclamações, armando aldeias, arremessando contra a fronteira massas esmagadoras de patriotas! E decidiu-se a escrever folhetins sobre a Espanha, «pondo-a mais rasa que a lama!»

Foi sob estas impressões que toda a noite sonhou com invasões e batalhas: via-se à frente de Portugal armado em massa, passando o Caia, invadindo a Espanha, à Atila, e vindo, com a fúria irreprimível de um elemento, abater-se sobre Madrid aterrada; aí, sentia-se semideus, era Aquiles: estava nu, tinha um elmo pelágico e arrastava três vezes em torno das muralhas, que pareciam as de

Troia, entre um pranto de viúvas subindo para a mudez do céu, o corpo branco e exangue do Manolo. Depois, era em Lisboa, na celebração da vitória: aí, era o Cid: tinha uma armadura refulgente de emblemas; estava num palanque coberto de panos leves de seda, ao lado do Rei, de D. Luís de Bragança, que trazia sobre a cabeça, enterrada até aos olhos, uma enorme coroa de imperador da península. Amarrada a um pelourinho, nua, torcia-se Concha, a quem verdugos experientes, com músculos de atletas, iam arrancando a pele a chibatadas; defronte, a perder de vista, estendia-se uma negrura de formas humanas: eram as raças de Espanha, cativas, com os pulsos arroxeados e cangas nos pescoços, que sargentos de caçadores, torcendo o buço e meneando a

chibata, iam levando para os descampados onde deviam, plebe vil, estrumar os campos de trigo e enxofrar as vinhas.

Quando acordou ao ruído da porta que se abria, a voz do Manuel chamou-o à realidade:

— É a Conchita que quer os baús. Está lá em baixo o galego...

— Não vai nada! Não sai nada! — exclamou Artur com uma violência que ainda participava do seu sonho de invasão.

Aconchegou-se nos lençóis, quis adormecer. Não pôde: faltava-lhe aquele corpo lindo tão conhecido, que ele enlaçava logo ao acordar, ainda lânguido de sono. Saltou da cama e começava a vestir-se quando o Manuel, entreabrindo a

porta subtilmente, adiantou o rosto banhado de satisfação:

O Manolo manda dizer que se os baús não vão, manda cá um polícia ou vem ele com um chicote...

Artur voltou-se como uma fera, mas o Manuel acudiu:

— *Usted* fica mal! *Usted* dê as roupinhas! Olhe que *usted* tem transtorno!

A sua voz era tão antipática, que para o não ver, por lassidão, por nojo, para acabar por uma vez com a Concha, com o Manolo, e vagamente assustado de um escândalo, gritou furioso:

— Leve tudo! Leve com os diabos! Deixe-me!

— *Usted* está com o ferrito! — disse muito jovialmente o Manuel.

O homem era-lhe tão odioso, que

resolveu sair do hotel. E como se sentia vexado diante da Mercedes, da criada, dos dois espanhóis tenebrosos, foi nessa manhã almoçar à Áurea. Só quando viu nas ruas as lojas fechadas, se lembrou de que era Domingo Gordo. Como o passaria?

Demorou o almoço, leu todos os jornais, a Ilustração Francesa, e às duas horas, tomava o seu café, quando, na mesa ao pé, se veio sentar o calvo, o Videirinha, a quem o criado, decerto habituado, serviu logo um conhaque com sifão. O Videirinha cumprimentou Artur com afabilidade e decerto «para entabular cavaco», disse com bonomia:

— Domingozinho Gordo!

— É verdade, Domingo Gordo... — respondeu Artur.

Videirinha imediatamente se veio sentar ao pé dele e com uma voz de pêsame baixo:

— Lá soube o desgosto! Sinto muito! A minha Mercedinha também sentiu muito.

Artur, furioso com a compaixão do Videirinha, respondeu impaciente:

— Que tolice! Desgosto? Ora essa! Alívio! Eu estava farto dela!

Videirinha, não acreditando, bebeu discretamente um gole de conhaque. E fazendo estalar a língua, erguendo muito as sobrancelhas:

— São grandes golpes! São grandes golpes! A Mercedinha até tem estado doente...

Artur, que recordava o entusiasmo da Mercedes por Manolo, teve uma

piedade desdenhosa «pela imbecilidade do calvo» e disse com um sorriso:

— Parece boa rapariga.

Videirinha esteve um momento calado, o olhar afogado num êxtase imbecil, e com uma voz muito doce:

— Não há melhor, não há melhor!

— E é bonita — disse Artur, que o gozava, achando-o «um tipo».

O Videirinha teve um vago encolher de ombros muito lânguido, como se exprimisse um: *nem falemos nisso!*

Olhou um momento Artur — e puxando de uma carteira de marroquim, tirou, pôs sobre a mesa, um pequeno nastro enxovalhado de cinco ou seis polegadas, que parecia uma medida. Esticou-o com os dedos sobre a mesa, delicadamente, olhou-o com uma

concupiscência beata e disse ternamente:

— O pezinho! A medida do pezinho!...

— Muito pequenino — disse polidamente Artur.

— Não há melhor! — contemplou-o novamente: — Quando não estou com ela, ponho diante de mim a medida do pezinho e estou horas a olhá-lo, a regalar-me por dentro. — Suspirou: — Não há melhor!

Guardou com devoção o nastro e inclinando-se para Artur:

— Eu ponho em si esta confiança porque sei que é cá da confraria — amante das belas espanholas!

Esteve um momento a olhar vagamente para o ar, com paixão, e recostando-se, de pálpebras cerradas:

— Tem-me dado muita consolação! — E confiou então a Artur que lhe andava a ensinar francês: — Agora vou dar-lhe a liçãozinha, anda no verbo *rendre*. Tem uma memória! Depois, ela lê o jornal, gosta muito de ler o jornal e eu coço-lhe a cabecinha! Depois, se há alguma coisa a coser, na máquina de costura... Eu coso muito bem à máquina, até ela me diz: *oh! púpú*...Chama-me *púpú*, tem gracinha, não? Diz-me ela: *oh púpú*...Que ia eu a dizer? Esta cabeça! Ah! Diz-me ela: *oh! púpú, até dá gosto ver-te costurar*...Coitadinha, faz-me muita justiça... Depois fazemos uma sonecazinha... — Revirou os olhos e com uma voz grave, tocando no joelho de Artur: — Meu caro senhor, digo-lhe isto porque sei que aprecia as belas

espanholas — são grandes gozos!

E como eram três horas, para a não fazer esperar, pagou o conhaque, pôs com cuidado o seu chapéu branco, ergueu-se, repuxou as calças para a barriguinha saliente e vindo debruçar-se sobre a mesa, quase ao ouvido de Artur:

— Vamos hoje ao Casino, mascarados. A minha Mercedinha vai muito bem, vai de *pajem*. Eu também vou bem... vou de *húngaro*. Chuta! Guarde o segredo, hem?

E abalou com o seu passinho miúdo.

Artur espreguiçou-se, folheou ainda a Ilustração e pensando: — pobre idiota! — saiu, foi andando até à Rua Nova do Carmo. A rua estava cheia de gente que se movia devagar, numa

madracice de pasmaceira; pelas janelas, algumas com as vidraças tiradas, senhoras apareciam, fugiam,, figuras debruçavam-se com um ar excitado. Cartuchos de farinha estalavam com uma poeirada branca, revoadas de feijões estralejavam sobre os chapéus; sujeitos enfarinhados tinham gestos furiosos; outros seguiam com um desdém secado; aqui, além, máscaras maltrapilhas passavam com pressa, como indo tratar de um negócio, ou exibindo-se com esgares lunáticos, fazendo destoar subitamente guinchos idiotas; patrulhas rondav.am com um ar enfastiado e uma atmosfera baixa, parda, pesava lugubremente, penetrando os corpos, dando às expressões um tédio mole.

Artur, receando uma cartolada no

chapéu, um esguicho na cara — insultos muito irritantes para quem traz a alma magoada — , retrocedeu rapidamente até ao hotel. Mas, ao passar no corredor sombrio, um vulto destacou-se do vão de uma porta e esmagou-lhe placidamente um *ovo de cheiro* no pescoço; deu um grito à frialdade do líquido e voltando-se furioso, viu a face do Videirinha banhada de júbilo.

— Foi a Mercedinha que mandou! Foi ela que mandou! Diz que é para o distrair. Tem gracinha, não? Tem-me enfarinhado todo, a Mercedinha...

— É divertir-se, é divertir-se — disse Artur subindo a correr para o quarto.

Sentou-se com um livro à janela e, ora lendo, ora olhando a rua, viu cair o

crepúsculo — menos triste que o seu coração. Na sombra do quarto a coberta branca do leito alvejava vagamente: ele via-a ali, como tantas vezes a vira, dormindo, as longas pestanas descidas sobre a face pálida, um dentinho luzindo entre os lábios docemente entreabertos e os dois globos brancos dos seios aparecendo entre as rendas da camisinha. E aquela visão era tão nítida, que, com um longo soluço de saudade, ergueu-se, arremessou-se sobre o leito, abraçando ao acaso a coberta.

Foi jantar nessa noite a um restaurante da Baixa. E cheio de ódio contra o ruído dos trens rolando para os teatros, contra os grupos festivos exaltados de vinho, contra os pares de máscaras de luvas brancas — veio

encerrar-se de novo no quarto. Desejaria um claustro de convento, um rochedo em que batesse o luar, junto ao mar gemente, um sítio distante, que fosse, pela tristeza, como a decoração condigna da sua alma triste.

Então fez versos; e com a imaginação afinada pela saudade, produziu com facilidade, escrevendo até tarde, enquanto gritos de bêbedos se repercutiam pelas ruas e perpetuamente rolavam as tipoias, de teatro para teatro.

Terminou, alta noite, uma última estrofe — em que dizia que a sua vida, penetrada até às profundidades pelo amor da Concha, não teria outros amores, senão como tendas que se erguem para uma noite e se desmancham ao alvorecer. Aquela hora, no Teatro D. Maria, a Concha e o

Manolo, de dominó, apaixonadamente enlaçados, giravam com furor numa valsa, aos compassos estridentes da *Filha de Madame Angot!*

Ficou ao outro dia na cama até muito tarde e à noite, depois do jantar, decidiu, para «matar o tempo», ir a S. Carlos. Tinha uma vaga esperança de encontrar lá a baronesa.

Chegava à esquina do Rossio, quando viu a figura magrinha do Damião, de paletó alvadio, guarda-chuva no braço, que vinha conversando com Nazareno. Que felicidade! Era na sua mágoa como uma consolação, uma força, uma direção que lhe chegava... Correu para ele com os braços estendidos:

— Oh, Damião!

Damião recuou, fitou-o, disse

simplesmente:

— Eu não falo a canalhas!

Deu um passo para o lado, travou do braço a Nazareno e seguiu.

Artur ficara como cataléptico: queria correr, os pés pegavam-se-lhe; queria falar, a língua prendia-se-lhe; sentia ferver-lhe o cérebro e um calor, onde havia um zumbido, escaldar-lhe as orelhas; as luzes do Rossio faiscavam-lhe em ziguezagues ante os olhos, e as pessoas, com um rumor abafado, pareciam-lhe mover-se no ar. Dois dominós apressados empurraram-no: despertou. Os beiços começaram a tremer-lhe, lágrimas humedeceram-lhe os olhos. A palavra de Damião — canalha! — atravessou-lhe o cérebro, o rosto, os ouvidos, com o estampido, o impulso de

uma bofetada. Sentiu um desespero, um desejo sanguinolento de vingança: vinham-lhe agora à língua as palavras vibrantes que deveria ter atirado ao Damião; sentia agora no braço a força da bofetada que lhe devia ter dado na face... Mas aquele ímpeto ardeu um instante e extinguiu-se como um rastilho de pólvora; e abatido, prostrado, foi seguindo ao comprido das casas para o Terreiro do Paço, inconscientemente, com passos moles que oscilavam.

Sentia um espanto, uma revolta aterrada contra o Destino. Por que merecia tudo o que lhe sucedia? Que tinha feito? Era bom, era amante, era inteligente, era honrado — e a cada passo que dava na vida surgia-lhe uma indiferença, um escárnio, uma humilhação,

uma traição, uma desfeita! Teve a consciência da sua fraqueza moral, da sua debilidade efeminada! Revoltou-se contra si mesmo... Tinham-lhe chamado canalha, e ficara aparvalhado, numa tremura! Teve ódio à estrutura anémica do seu corpo, à languidez romanesca da sua alma: sentiu-se um fraco, um maricas, um trémulo, um piegas... De que servia na vida? Mais valia morrer, desaparecer como uma bola de sabão que quebra num cuspo de espuma! Para que viver? Não tinha dinheiro, nem posição, nem uma amizade, nem um amor! Que lhe restava? Ir enterrar-se em Oliveira de Azeméis? Pertencer ao Vasco, pisar num almofariz semente de linhaça, perpetuamente! Não! Então... E a morte aparecia-lhe com a doçura de um repouso e a atração de um

refúgio. Deus fizera-lhe a vida amarga para o desgostar dela, obrigá-lo a sair, dar lugar a outro mais forte, como numa hospedaria onde se desgosta o hóspede pobre, para dar lugar ao hóspede rico. Ele que compreendia tão bem o amor, não encontrava uma mulher que lhe desse um olhar compassivo; ele que sentia em si ideias, imagens, estilo, não tinha um diabo que dissesse uma palavra do seu livro, lhe desse uma migalha daquela celebridade de que tinha fome! Aproximava-se cheio de simpatia, de calor, ávido de ser útil — recebia um empurrão! Fora direito à Sociedade, com tanta admiração por ela — e recebera por acolhimento alguns olhares secados, ombros soberbamente voltados; — e fora repelido com vaias e assobios! A Concha, que admirava,

insultava-o! De que lhe servia viver, caminhando assim, envolvido na sua má sorte como numa atmosfera iniludível?

Um ar frio e húmido envolveu-o: estava junto à muralha do Terreiro do Paço. O rio agitado, na maré crescente, batia tristemente na escuridão, contra as escadas do Cais; entre os botes amarrados, a água tinha tenebrosidades frias; vultos de navios faziam na noite escura redobramentos de sombras, e aqui, além, num mastro, tremulava um fanal mortiço. — Era só subir ao parapeito, saltar, estava livre... Seria a agonia de um momento, uma sufocação estrebuchada, goles de águas engolidos — e a paz!... Então pareceu-lhe que estava morto já, que o encontravam inchado, verde, todo coberto de lodo: reconhecê-lo-iam e o

mistério dramático da sua morte encheria os jornais, dar-lhe-ia uma trágica celebridade!... os *Esmaltes e Joias* seriam lidos: procurar-se-ia neles o segredo da sua resolução, como num documento de amargura; folhetins compará-lo-iam a Chaterton, a Gérard de Nerval... A Concha choraria, a baronesa amaria a sua memória!... E aquela glória em volta do seu cadáver tentava-o estranhamente: porque não? Porque não?... Certos reflexos mais negros da água chamavam-no com intenções de pupilas humanas; reteve-o o horror do frio, a ideia da roupa molhada colada ao corpo e uma vaga inércia, a preguiça de tomar uma resolução tão violenta... E ao mesmo tempo, sentia-se enternecido, com uma saudade romanesca da sua própria

existência extinta. E olhava a água, de pé, com a cabeça toda em febre...

Uma voz fina, muito lisboeta, disse ao lado:

— O senhor viu por acaso tirarem-me o chapéu?

Voltou-se como que estremunhado. Era um sujeitinho barrigudo, nédio, de repas grisalhas, que repetiu:

— O senhor viu tirarem-me o chapéu?

— Eu? Não! — disse Artur impaciente.

— Homem, esta! Tinha-me encostado ali... Jantei em casa do Gonçalves, do Gonçalves da Rua dos Retroseiros, há de conhecer, o Gonçalves, o da Câmara... Jantei com ele, vim depois dar o meu passeio higiénico: sento-me ali

um bocado... Vem-me uma quebreira, talvez da pinguita do Porto — o Gonçalves tem bom Porto, tem bons vinhos. O sogro é negociante de vinhos... De repente sinto um friozinho na calva: tinham-me tirado o chapéu! O senhor não viu?

— Não vi — disse Artur, afastando-se, furioso com aquele importuno.

Mas o sujeito pôs-se a andar ao lado dele e com gestos curtinhos, a voz muito cantada:

— Homem, esta! Eu não é pelo chapéu, diabos levem o chapéu! É pelo ferro! E que há de dizer minha senhora? Oh, menino, de onde vens tu sem chapéu? Ora, ora! Se as lojas estivessem abertas! Que eu não é pelos três mil réis! É porque

não estão abertas! Senão ia ao Roxo, está claro que ia ao Roxo. O Roxo conhece-me bem. Mas que ferro! Um chapéu novo! Então não viram! Ir para casa sem chapéu! Sempre vai uma ladroeira pela Baixa! Se fosse o lenço! Bem me importava com o lenço! Mas o chapéu! É o ferro! É o ferro! O senhor não viu?

— Oh, senhor, já lhe disse que não! — E Artur apressava-se, indignado daquela interrupção burlesca à sua trágica meditação.

Mas o sujeito ia-lhe ao lado, querendo acertar o passo pelo dele, loquaz, excitado; acompanhava-o pelo Terreiro do Paço, repetia a história da soneca, falava no jantar do Gonçalves, contou casos de outros roubos, até que à porta do *Espanhol*, já enervado,

desesperado, Artur interrompeu-o:

— Bem, eu moro aqui, adeus!

Mas o outro reteve-o pelo botão do paletó e Artur, imobilizado, teve de o ouvir.

— O senhor compreende, eu sou muito conhecido na Baixa, não posso sair por aí fora sem chapéu. Que há de dizer minha senhora? Que ela é uma santa: sou casado há vinte e cinco anos e nunca me deu senão gostos. É dos Pereiras, dos Pereiras de Santo Amaro. E das melhores, uma santa! Mas enfim ir para casa sem chapéu! Começa logo a Joaquina — e então a Joaquina!... É a criada; boa criada, trabalhadeira... Começa logo: Olha o senhor que vem sem chapéu! Pudera, se mo tiraram. Que eu é pelo ferro!...

Artur tinha lágrimas nos olhos. O homem não lhe deixava o botão do paletó: ele recuava para a ombreira da porta, retraía-se; o sujeito seguia-o. Então não se conteve:

— Oh, senhor! Que tenho eu com isso?

— Eu é que tenho, que eu é que fiquei sem o chapéu!

Artur enfureceu-se, bateu com o pé, berrou:

— Mas eu não lhe tirei o chapéu!

O sujeito recuou, assustado, e vendo sem dúvida pouca segurança naquele pátio escuro, saiu vivamente para a rua. Debaixo do candeeiro, acamando as madeixas grisalhas, murmurou desconsoladamente:

— Ora um ferro assim. Aqui vou

eu sem chapéu!

Artur entrou no quarto e num desabafo de ira, arremessou o chapéu contra a parede, atirou uma cadeira ao chão com um pontapé e estendeu-se sobre a cama, vestido, prostrado, embrutecido, com a garganta tomada de lágrimas, desejando uma doença que o matasse, um cataclismo, um terramoto... E por fim adormeceu, pensando, mais consolado, que seria ridículo ter-se suicidado, porque se poderia atribuir a sua morte ao desgosto de haver sido abandonado por uma espanhola de bordel!

***

Acordou ao ruído de argolas no portão. Sobre a mesa, a vela extinguiu-se

no castiçal. Devia ser tarde: o Manuel, ou fora ao Casino ou dormia bêbedo. Outra argolada atroou o pátio. Era talvez a Concha, arrependida, ou o Damião com uma explicação!... Saltou da cama, correu à varanda:

— Quem é?

— *Io* — disse uma voz espanhola de mulher.

Ainda estremunhado, pareceu-lhe a voz da Concha! E, trémulo, agarrou no castiçal, desceu correndo. Não sabia se a expulsaria ou se a arrebataria para o quarto, devorando-a de beijos... Ao abrir o ferrolho, as palpitações do coração sufocavam-no. A porta rolou — e achou-se defronte de um Aquiles de capacete e luvas brancas, a túnica enxovalhada, o manto escarlate flutuante e um gládio ao

lado, que lhe gritou com voz de máscara, ganindo:

— Eh, seu Arturzinho! Eh, pandegazinha!

Artur recuara — e o Aquiles, tirando uma máscara de bigodes retorcidos, mostrou a face luzidia e jovial do Videirinha. Atrás, um pajem, com o gorro equilibrado sobre um penteado complicado, perna roliça, quadris enormes, gralhava:

— *Muchas gracias! Y Manuel? Se ha dormido el tio ese! Es usted muy amable, Arturito! Buenas noches! Gracias!*

O castiçal tremia na mão de Artur, pálido de desconsolação. E o Videirinha, deixando passar adiante o pajem de quadris roliços:

— Vimos do Trindade — disse ao ouvido de Artur. — A Mercedes fez furor com as perninhas, Olhe-me agora as perninhas!

E os olhinhos do Videirinha dilatavam-se numa luxúria parva para o pajem, que sobre as escadas, derreado, içando-se pelo corrimão, mostrava a cinta fina, as enormes redondezas posteriores, uma coxa bojuda e os altos tacões das botinas de cetim verde!

O Manuel acordou-o na manhã seguinte, com uma carta de Oliveira de Azeméis. Abriu-a com um vago susto, pensando que podia ser a notícia do Carneiro ter fugido com os seus últimos quinhentos mil réis! Era do Vasco da botica e dizia:

Meu prezado amigo:

Sua tia Sabina está mal, mesmo muito mal. Diz o Dr. Azevedo que está por dias e a pobre senhora teima em ver o meu amigo. Conta os dias e as horas e só pede a Deus que a não leve, sem que volte «o seu menino». Pode o meu prezado amigo imaginar quanto isto nos aflige e contamos que venha quanto antes, para os fins competentes.

Creia, meu prezado amigo, na estima do

Vasco da Conceição Pedroso.

A tia Sabina a morrer! Santo

Deus! Era o único coração que o amava, que se ia também!

Saltou da cama, gritou pela conta do hotel. Pagou-a — restavam-lhe três libras, era o bastante para a jornada e fazia à pressa, muito comovido, a sua mala, quando Melchior apareceu.

— Vou-me embora! A minha tia está muito mal!

Melchior ficou desapontado.

— Ora! E eu que o vinha buscar para irmos ao baile do D. Maria!

Artur mostrou-lhe a carta do Vasco:

— Veja você! Vou esta noite...

Mas que diabo, não corria pressa — dizia Melchior. Não era um perigo urgente, podia muito bem partir na manhã seguinte. Era ridículo ir na terça-feira de

Entrudo. Quanto mais ele, que nunca vira o Entrudo em Lisboa!... Passava a noite no baile e metia-se no comboio da manhã. E vendo que Artur continuava a arrumar a roupa, apressadamente:

— Sabe você porque queria que fôssemos ao D. Maria? Porque temos lá a Concha esta noite! Vi agora o desavergonhado do Manolo a falar com o bilheteiro. Estava a arranjar camarote, o pulha! Eu queria que lá fôssemos, para passear-lhes diante da cara, a rir, a falar de mulheres, a mostrar uma indiferença... Que ela estoura de raiva!

Artur torcia o buço, olhando o baú; vinha-lhe um desejo furioso de rever a Concha, de a insultar pelo desprezo, valsar com outras espanholas, mostrar que nem amuava, nem se afligia, nem chorava,

mas que folgava como um boi solto! Disse com uma voz ambígua:

— Ele, com efeito, tanto faz eu estar à noite ou de manhã...

— Está claro! — exclamou Melchior.

Artur viu de repente, longe, em Oliveira, a face da tia Sabina, com uma palidez de agonia, voltando-se ansiosamente para a porta por onde ele devia aparecer...

— Fazemos um jantarzinho chique, carregamo-nos, e viva a folia!

Por um resto de senso moral, Artur tentou resistir:

— O diabo é o dinheiro!

— Que dinheiro? Para jantar, teatro, uns grogues, ponha uma libra. O que tem você? Três libras? Restam-lhe

pois duas. É de sobra para a jornada...

Mas Artur necessitava uma razão mais forte, de ordem moral; foi Melchior quem lha forneceu, dizendo:

— E até pode fazer mal à pobre senhora, você aparecer assim de repente...

Era verdade, era isso! Podia-lhe fazer mal. Mandaria primeiro um telegrama a dizer que ia... Boa ideia a do Melchior!

E de tarde — depois de terem visto, no alto do Chiado, o enfarinhamento pândego das pessoas da «primeira sociedade», foram jantar ao Central, concordando que a ida de Artur, nessa noite, «podia matar a pobre velha».

***

Não encontraram a Concha no D. Maria, mas Artur, que bebera abundantemente «para se pôr à altura», segundo a frase de Melchior, tinha agora o desejo irritado de a ver. Foram ao Trindade, depois a S. Carlos. Sondavam os camarotes com o binóculo: viram a Paca, a Lola, a Cármen, penteados que denunciavam andaluzas, mas não a viram a ela!

— Que o Diabo a carregue! — disse Melchior com ira. — Está no choco com o canalha do federalista. Vamos ver as cancanistas ao Casino — e a Concha que vá à...

E atravessando para o Casino, praguejava alto de indignação.

A fachada do Casino flamejava. Um grupo’ de gente pobre estacionava à

porta, com olhares de uma inveja triste para as janelas alumiadas e sonoras, para as máscaras apressadas. Os dominós de paninho mostravam à extremidade das mangas mãos grossas de operários e por baixo, pedaços de calças pelintras sobre botas cambadas; sons de instrumentos de metal sobressaíam em cima, vagamente, no *brouhaha* contínuo e no rumor do soalho batido.

No bengaleiro encontraram o Carvalhosa, com o jovial deputado Abreu, de fala algarvia, que depositavam as *badines*.

— Vem-se à Saturnal — disse pretensiosamente o Carvalhosa.

— Às cancanistas! — exclamou Melchior, já excitado pelo ruído do baile.

— Perneemos! Perneemos! —

ganiu aflautadamente e de um modo espremido o ilustre Abreu, da maioria, que parecia avinhado.

Subiram. O salão estava cheio, abafado, de um calor momo que parecia feito de exalações de suor. A luz crua dos lustres de gás feria as cores claras e duras das paredes, da decoração, e ressaltava, fazendo flutuar uma radiação quase espessa. No estrado, o regente agitava furiosamente a batuta, impelindo as vagas estridentes de uma instrumentação grosseira — e uma multidão de paletós, de chapéus altos, de dorsos curvados numa curiosidade sôfrega, concentrava-se em volta do cancã. Artur, excitado, penetrou por entre a massa de gente e esganiçando o pescoço, em bicos de pés, conseguiu ver as francesas: eram quatro e

destacavam-se pelos cabelos loiros cor de manteiga; uma delas, baixinha, roliça, vestida de marinheiro, com o chapéu de oleado para a nuca, o pescoço papudo à mostra, os quadris enormes apertados a estalar numa calça branca, saracoteava-se com movimentos que lhe faziam saltar os seios flácidos na camisola azul; outra, leve, esguia, endemoninhada, vestida à húngara, pulava com grandes gestos de magricela, batendo furiosamente o soalho com os altos tacões das botas orladas de peles; uma terceira pesada, velha, meneando-se por dever, gravemente; mas a mais admirada era uma bacante, uma grande loira de formas soberbas, que punha nos olhos em redor um vago brilho de concupiscência burguesa. Trabalhavam em fila, numa quadrilha, com quatro

mariolas — um *pierrot* que parecia desengonçado; um *chicard* que fazia flutuar as abas enormes da casaca grotesca, apanhando-as com gestos torpes, lançando-as para o enorme nariz de papelão com dois tufos de estopa loira sob as ventas; um homenzinho roliço, com um capacete de bombeiro de onde subia um longo penacho escarlate; e o último, um amador português, que trazia um dominó de paninho, e já sem fôlego, debatendo-se como doido, com o capuz caído, mostrava uma guedelha suja, toda empastada de transpiração.

Em redor gozava-se. Havia nos rostos uma dilatação lúbrica, hílare, e *bravos* estalavam às pernadas mais arremessadas. As cabeças apertavam-se na admiração babosa do chique

estrangeiro e até velhotes, de lábio pendente, arregalavam olhares que lambiam as formas das pernas, dos peitos, a cor dos cabelos. Trocistas avinhados excitavam as bailarinas com gritos: eh! eh! viva! larga! A bacante, sobretudo, entusiasmava o público: como o tirso a embaraçava, tinha-o posto nos braços de um sujeito gordo, de lunetas de ouro, que o conservava, imóvel, com respeito e orgulho. Os braços livres, a criatura delirou: adiantava-se com as mãos na cinta, o peito para diante, os seios em relevo, com um gingar frenético dos quadris, e balouçando-se, atirava as pernas até ao penacho do bombeiro, que sacudia os braços como um boneco epilético, dando *ehs!* agudos! Só a igualava o *chicarã:* adiantava-se de

esguelha, atirando para fora os quadris, num arqueado canalha, agitando os cotovelos furiosamente, com movimentos torpes do ventre: recebia no queixo o sapato do marinheiro, redondo como uma pata, e como ferido, atirava as mãos para o chão, dava uma cabriola, repulava sobre os pés — e então, entre uma sussurração de deleite em redor, os quatro pares enlaçando-se, redemoinhavam num galope desesperado.

Mas o bombo bateu os compassos finais — e o cancã terminou entre uma vozearia, um estalar de palmas. A sala ficou logo cheia até aos cantos de uma multidão que se mexia devagar, como uma massa mal decomposta. As francesas, arquejantes, eram seguidas de grupos sôfregos, apaixonados e em redor da

bacante, para a tocar, apalpar, a ver de perto, havia empurrões, pragas. Um sujeito, não se contendo, agarrou-lhe as tranças: a criatura, furiosa, deu-lhe uma bofetada — houve alarido, e um polícia sonolento, deslocando-se da ombreira da porta, adiantou-se, rolando os bugalhos dos olhos prateados e imbecis.

Artur errava por entre a gente. Havia uma poeirada suspensa no ar num cheiro acre de suor e de paninho tingido; dominós entreabertos deixavam ver calças ignóbeis. Toda a prostituição barata mostrava as formas de uma gordura balofa ou de uma magreza esfomeada; havia *vivandeiras*, *noites* com véus de crepes, *pajens*, criaturas cobertas de vestuários confusos de uma pelintrice triste; os braços tinham os cotovelos coçados,

calejados da posição habitual, debruçada nas varandas; falava-se com uma excitação ansiosa, estonteada, bestial; bêbedos provocavam questões, e dos pares unidos sentiam-se subir as paixões mórbidas e brutais do bordel.

Quase sufocado, Artur veio atirar-se para o sofá, no patamar. A multidão passava constantemente com um arrastar pesado de solas; gente abafada abanava-se, vozes de máscaras ganiam, e nas salas de jogo, por vezes, o pião chinês em movimento punha no ar o seu grande zumbido surdo.

— Isto está brilhante! — veio-lhe dizer Melchior com os olhos excitados. — Vamo-nos mascarar, menino!

Estava todo orgulhoso por ter passeado a bacante pelo braço:

prometera-lhe uma local. Falou da ceia, «uma grande orgia» e pedindo meia libra a Artur para fazer face aos grogues, desapareceu.

O Carvalhosa que passava com as mãos enterradas nos bolsos, parou diante de Artur:

— Então, poeta do ideal, aqui neste covil da luxúria?

Artur sorriu, lisonjeado.

— Perneemos! Perneemos! — gania o Abreu, da maioria, que seguia atrás, devagar, aprumando-se com esforço, satisfeito de si, e que parecia não poder extrair outras palavras do cérebro embrutecido.

Artur sentia então um desejo de movimento, de alegria, de troça. Desceu ao café, a aquecer-se com um grogue.

As mesas do botequim estavam cheias, numa algazarra: dominós desmascarados absorviam *cabazes*, grogues; as vozes agudas dos criados retiniam; bengalas furiosas, batendo no mármore das mesas, reclamando álcool; e os pares, amancebados por uma noite, beijocavam-se sem pudor.

Artur não pôde obter o seu grogue — mas o cheiro de fêmea, os tons dos ombros nus, o vapor quente dos grogues com rodelas de limão — excitaram-no, deram-lhe uma vibração de lubricidade. E ia procurar o Melchior para se mascararem, quando o viu aparecer com a bacante pelo braço, rubro de vaidade, o peito alteado.

Então, como o Melchior conhecia o criado, o Bento, obtiveram, ao canto de

uma mesa, três conhaques, e o localista apresentou Artur à bacante, como «um grande poeta». Estavam cercados de uma fumaraça de cigarros suspensa no ar momo; sentada num mocho, com as pernas magníficas estendidas, a pele de tigre caída sobre a linha dos rins, numa atitude orgulhosa, a bacante escutava vagamente os discursos de Melchior, que num francês medonho lhe fazia declarações. Os seus olhos eram de um pardo-escuro, grandes, duros, e os lábios tão vermelhos que pareciam sanguinolentos; havia nos seus membros fortes, nervosos, alguma coisa de ondulante, de vibrante, que lembrava os movimentos de um tigre. Bebendo o seu grogue, erguia muito o copo, deitando a cabeça para trás, pondo em relevo a linha da garganta muito branca, de uma

brancura de loira, e as formas rijas e soberbas do seio. Artur admirava-a, cheio de desejo. Ela fitou-o, passou-lhe negligentemente os dedos pela face e àquele contacto, sentiu da nuca aos calcanhares uma vibração de concupiscência: o seu vestuário pagão excitava-o, dando-lhe vagas ideias de mitologias clássicas que o faziam pensar em Baco, levado num carro atrelado de tigres, e nos mistérios dos bosques sagrados, onde bacantes, por um céu de tempestades, se apossam de um poeta de membros de efebo, e o deixam exausto sob carícias devoradoras, ao som irritante de tamborins. Não se atrevia a falar-lhe — e fumava, comendo-a com os olhos acesos.

Em redor, a algazarra aturdia:

havia copos quebrados; uma altercação pôs a uma mesa um delírio de berros e dois indivíduos engalfinhados rolaram no chão: uma mulher gania; dois municipais intervieram com uma brutalidade pretensiosa.

Mas Melchior insistia com a bacante para dançarem uma polca. Falava-lhe com os olhos arregalados, roçando-se por ela, todo tonto do cheiro das suas formas fortes. Ela enfastiou-se e repelindo o conhaque.

— *Assez, mon bonhomme, assez!*

Levantou-se, agarrou o braço de Artur e com uma pirueta, arrastou-o:

— *Il m'embête ce gros là!*

E deixaram Melchior, furioso, vasculhando as algibeiras à procura do troco para o Bento, rosnando

obscenidades.

A bacante levara Artur para o salão de entrada, onde espelhos alternavam com arbustos numa decoração pelintra. Quis saber o nome dele, e numa risada:

— *Arthur! J'ai trouvé un Arthur! C'est mon Arthur!...*

E passeava ao comprido do salão, junto dos espelhos para onde lançava a cada momento o olhar, com movimentos lentos, ondulados, que lembravam sempre a Artur o andar de um tigre. E tinha uma sensação estranha que o entontecia, lhe fazia perder o sentimento real da vida, do lugar em que estava — vendo passar, no fundo azulado dos espelhos, o seu paletó escuro junto àquele corpo de bacante clássica.

Mas ela declarou-se arrepiada, encolhia-se no seu *maillot* e pediu a Artur outro grogue, chamando-lhe *mon chéri*. Cheio de vaidade, ele não duvidou que lhe inspirara um capricho e voltaram ao botequim. A bacante bebeu o grogue de um trago, sem uma careta: no seu olhar flutuava um embaciado de embriaguez e o seu queixo grosso dava à sua expressão uma intenção bestial. Quando Artur pagou o grogue, ela tomou todo o troco e atirou-o negligentemente ao criado, que se curvou em dois, dizendo:

— Obrigado à Madama.

Mas a bacante queria falar à outra francesa, ao marinheiro, que a uma mesa próxima, entre homens, cantarolava: *Quand les canards s‘en vont à l’eau*, com uma voz nasal e canalha que extasiava

caixeiros inflamados; e Artur, aproveitando esse instante, correu a alugar um dominó. Voltou entusiasmado, embrulhado no largo vestido de paninho que lhe comunicava pelo seu cheiro de Carnaval, uma petulância de máscara. Vendo Carvalhosa, agarrou-se a ele, fê-lo rolar, gritando-lhe ao ouvido, com uivos:

— Eh! ilustre orador!

O deputado repeliu-o com tédio:

— Eh, bruto!

Artur, um pouco bêbedo, ia injuriá-lo, enumerar as tolices dos seus discursos, vingar-se de todas as amarguras que ele lhe causara, quando viu passar a bacante com um sujeito de jaquetão que empunhava uma bengala de castão homicida.

Seguiu-a pela escada,

desesperado, com um ciúme violento. O do jaquetão passava-lhe o braço pela cinta, pousando-lhe a mão grossa e escura sobre os rins, falando-lhe no pescoço. Artur sentia um desejo agudo de o insultar, arrebatar-lhe a bacante, mas receava o bengalão, facadas de fadistas, os municipais. E, muito contrariado, torcia o forro das algibeiras, sem uma decisão, rondando em volta dela — quando um polícia, aproximando-se do sujeito de jaquetão, lhe fez uma observação sobre a bengala. O homem desculpou-se e desceu rapidamente ao bengaleiro. Então a bacante, abrindo molemente os braços, gritou com uma voz avinhada:

— *J'ai perdu mon Arthur!...*

Ele precipitou-se — e como a

orquestra rompera numa polca, lançaram-se na sala, enlaçados. Era a primeira vez que Artur dançava. A bacante, indiferente ao compasso, pulava ao acaso, com grandes pernadas, arrastando-o, levantando-o quase do chão, colando-o contra si, soprando alto, com o olhar doido. Artur agarrava-se a ela, todo excitado de desejo: a sala parecia-lhe oscilar vagamente, e as cabeças dos pares — guedelhas, capuzes de dominó, capacetes, chapéus de camponesas — agitando-se em volta dele num ritmo pulado, estonteavam-no.

— Basta! Basta! — dizia.

Ela não o escutava, muito lançada: a pele de tigre despegou-se-lhe dos ombros — atirou-a a um sujeito, que, boquiaberto, a admirava; e livre, com o

seu grande corpo todo em relevo, ia em reviravoltas furiosas, pateando o soalho sonoro. Artur julgava tê-la toda nua nos braços — e com a bestialidade do desejo misturando-se ao estonteamento das voltas, sentia-se desmaiar, e parecia-lhe, um pouco enjoado do grogue, que era sobre o seu estômago que o tambor ressoava.

Pararam, arquejantes. A bacante queria beber, e desceram as escadas de rajada, acotovelando gente grave. Encontraram Melchior abancado com uma vivandeira magrinha, que parecia prudente e metódica, e os dois amigos, depois de terem consultado a um canto sobre os fundos de que dispunham, decidiram cear num gabinete.

Abancaram a uma mesa. Sobre a

toalha, já toda manchada de vinho, uma espinha de linguado arrastava. A bacante, a arquejar, a grande massa dos cabelos descomposta, atirara-se para o sofá de estofo esgarçado e torcendo os braços reclamava Artur. Ele atirou-se de joelhos, disse-lhe frases líricas, queria levá-la já e oferecia-lhe no *Espanhol* o lugar, a posição da Concha. Ela ria do seu francês, mas jurava que o adorava.

— *Je t'adore!* — e ficava com a boca aberta, prolongando as sílabas num idiotismo avinhado.

Examinou-o então pela primeira vez, quis saber se era sólido: apalpou-lhe os braços, a barriga das pernas; depois expôs as suas belezas, contou que fora modelo, e agarrando Artur pelo pescoço, rolou-se com ele pelo diva. A vivandeira,

com os beiços franzidos, parecia escandalizada. Além disso, Melchior esquecia-a, roçando-se pela bacante, com os olhos acesos, furtando-lhe beijos no pescoço. A vivandeira por fim enfadou-se:

— O que os senhores quiserem, menos indecências!...

E como o Bento entrava com os bifes de cebolada, abancaram. A ceia foi longa. A bacante, que misturava conhaque no *champagne*, tinha uma loquacidade doida: cantou cançonetas obscenas, declarou-se republicana, deblaterou contra a religião. De resto, dizia, em Paris tinha carruagens e os seus amantes eram príncipes. Mas o que ela queria agora, declarou, era a orgia, o vício, o crime! E ria, beijava Artur, esguedelhava Melchior,

dizia finezas à vivandeira, que a olhava sem compreender, fascinada da *verve*, chocada da troça.

Mas sem razão a bacante enfureceu-se: os seus olhos tinham uma violência escura, amaldiçoou a sua mãe e gabou-se de ter, em Marselha, esfaqueado um amante... Agarrou mesmo uma faca e ameaçou Artur:

Melchior, pálido, começava a assustar-se:

— Tolices não valem, tolices não valem!

E a vivandeira, apanhando rapidamente o quépi, o barrilinho e as luvas, dizia:

— Eu em alhadas não me quero achar; sou uma rapariga sossegada. Os senhores podem tirar informações...

Mas a bacante, subitamente calma, começou a comer com uma gula afetada, rindo sem motivo, metendo os dedos no molho, limpando-os ao cabelo de Artur. E Melchior, tranquilo, recomeçou a gozar.

— Hem, meu amigo, bela pândega... E queria você ir para Oliveira de Azeméis!

Artur sentiu uma pancada no coração: viu de repente a casa, lá longe, o quarto da tia Sabina e a face agonizante sobre o travesseiro de folhos engomados; uma campainha tocava na rua, vozes entoavam o *Bendito:* era o padre Joaquim com os Sacramentos, seguido de vizinhos de opa escarlate... E no quarto, cheio do terror da morte e dos aparatos da agonia, corriam as lágrimas de Ricardina e soavam as orações da Joana...

Para expulsar esta alucinação, bebeu de um trago um copo de conhaque. E quando saíram do gabinete, cambaleava, e jurava à bacante, com a voz entaramelada, que havia de casar com ela.

Ao chegarem ao salão de baile, a quadrilha final começava e o cancã eletrizante de *Orphée aux Enfers* fez-lhe reviver a excitação. O baile tomava o aspeto de uma troça bêbeda: pessoas desmascaradas tinham expressões de fadiga imbecil, outras agitavam-se, bruscas, de mau humor, violentas; só alguns, roucos de gritar, iam ainda balbuciando pilhérias. Artur, diante da bacante, debatia-se furiosamente: o álcool dava-lhe a raiva dos movimentos convulsivos: punha uma cólera no bater

dos pés, um frenesi no agitar dos braços; o capuz do dominó caíra-lhe, o botão do colarinho saltara, e com a face lívida, manchada, suada, torcia-se numa demência, soltando ganidos. Mas ao som estridente da orquestra, o *galope* começou: era uma confusão amarfanhada de corpos engalfinhados, arremessando-se desengonçadamente, com pulos grotescos, patadas desesperadas no soalho... Uma poeirada sufocava, e o regente com o colete repuxado, a camisa aparecendo-lhe na cinta, agitava a batuta, impelindo os agudos. A espaços, nos ritmos mais pausados, toda aquela grossa multidão se balançava, tomando fôlego, como uma vasta aspiração arquejante... Mas logo os compassos eletrizantes estalavam: o regente desengonçava-se, as faces

inchadas sopravam nos clarinetes, e os estridores das flautas e os uivos das rabecas partiam, impelindo o galope, como chicotadas sonoras atiradas aos rins da canalha. Todos se *arremessavam*. Caudas de vestidos descosiam-se, tranças postiças caíam sobre as costas penduradas por um gancho, vozes gritavam numa exaltação impetuosa; e turcos, Aquiles, dominós, pastorinhas, fadistas, prostitutas e bêbedos, cambaleantes — iam num tropel de troça esbandalhada, com um desengonçamento demente, num turbilhão circular — enquanto o ponteiro negro já marcava, gravemente, a primeira hora triste de Quarta-Feira de Cinzas.

A última sensação clara de Artur foi a sua entrada numa tipoia, com uma

mulher: doido de álcool, abraçado a ela, num frenesi, procurava mordê-la; ela repelia-o, socava-o; ele arremessava-se e lutavam, esguedelhando-se, enquanto a tipoia rolava a trote largo, na rua já clara, onde as leiteiras iam tocando as suas vacas.

***

Quando acordou, ao meio-dia, achava-se deitado num cubículo escuro, de cheiro infeto. O seu olhar estremunhado, vagamente inconsciente, fixava-se numa cortina escarlate, que a luz de uma saleta, fora, traspassava. Estava em mangas de camisa, com as botas calçadas. Ao seu lado, uma mulher estirada ressonava alto. Ficou um

momento entorpecido, sem memória, ouvindo, fora, alguém mexer em louça, um arrastar de chinelas. Então o baile, o cancã, a bacante, reviu tudo nitidamente, como na véspera, à luz crua do gás... Sentia um mau gosto na boca, uma dor lancinante na nuca e tinha a certeza, sem a ver, que a criatura a seu lado não era a bacante e devia ser medonha, suja, com um hálito pestífero. Como viera ali parar, àquele catre de que sentia o enxergão de palha mole? E quase tinha medo de saber, de ver: achava-se bem naquela escuridão, com todo o corpo derreado, uma sonolência vaga errando-lhe no cérebro, nas pálpebras. E então, imóvel, com os olhos cerrados, como se nas trevas bestiais em que o seu espírito estava ainda afogado uma aurora espiritual se

levantasse devagar, começou a recordar, a *ver* diante de si toda uma paisagem do Mondego, por uma tarde de verão: nos salgueiros espessos, onde a sombra está enleada e adormecida, os pássaros chilram alegremente; nas colinas de uma doçura suave de linhas, casas branquejam e sob o céu de um azul-claro, transparente, o rio corre, com um vagar saudoso, numa toalha límpida em que pedaços de areia reluzem; alguma coisa de doce, discreto, terno, erra no ar subtil, e devagar, um bote onde negrejam batinas vem encostar debaixo dos chorões, junto à entrada melancólica da Quinta das Lágrimas... Via-se ali, passeando com amigos, na doçura pacífica da tarde clara, falando de poetas, recitando versos, ou então, calado, perdido nalgum cismar

romântico e nobre. Depois, via um pedaço da estrada de Oliveira de Azeméis a Ovar, onde, no fundo de terras baixas, um regato corre, entre altas ervas baixas, todo escurecido pela sombra que derramam as árvores debruçadas; uma frescura eleva-se da água, da erva verde... E sentava-se ali, com um livro, cheio de enternecimento que lhe davam aquelas florescências frescas e as águas humildes... Patas de insetos roçavam a superfície do ribeiro quase parado; os musgos cobriam as pedras do seu aveludado tenro e florzinhas azuis, roxas, tímidas, pequeninas, exalavam um vago aroma agreste; madressilvas, agitadas num movimento do ar, faziam errar o seu perfume adocicado; um silêncio doce, dava um abrigo terno às almas delicadas

— e a sua dilatava-se, enchendo-se da serenidade das coisas, cobrindo-se de transparências, e exalando como um aroma próprio, uma simpatia ascendente.

De repente, a mulher a seu lado saltou para o chão e com passadas moles que faziam ranger o soalho, foi beber água ao jarro: espreguiçou-se, equilibrando-se ainda mal nos pés e correu a cortina escarlate: uma luz larga entrou, bateu nos olhos de Artur — e ficaram pasmados um para o outro, sem se conhecerem, tristes.

Artur, sem uma palavra, saltara também para o chão e enfiava o paletó que ficara aos pés da cama, enquanto a mulher apertava atabalhoadamente uma saia, com tonturas ainda, que a faziam, por momentos, encostar a mão à parede, soprando com força.

Artur tinha agora uma curiosidade, em que havia uma repugnância, de saber se tinha beijado aqueles beiços, ainda roxos do vinho da véspera, e tocado aquele corpo mole, caído, gasto, que exalava um cheiro acre; mas não se atreveu a perguntar. Não disseram uma palavra: a mulher vestia-se à pressa — e Artur, remexendo nos bolsos, atirou para a mesa, a pagar a hospitalidade, os seus últimos dez tostões. Era tudo o que possuía. Depois procurou o chapéu, mas não aparecia; e a mulher, então, com uma voz rouca, como se lhe faltasse a campainha da laringe disse:

— O senhor deixou-o talvez no baile, no alugador de fatos...

E como ela mesmo se mascarara de homem, pôde dar a Artur o chapéu que

usara — um chapéu desabado, imundo, sem fita, e todo pisado de solas de botas.

Quando entrou no Espanhol, ouviu um murmúrio de vozes no patamar, ao pé da janela do saguão. Era o Manuel que parecia de maus humores, falando a duas mulheres vestidas de preto. Mas vendo Artur:

— Olhe — disse logo à mais idosa — fale com este senhor. Este é um amigo. Este lhe dirá.

A mulher ergueu para Artur um rosto pálido, macerado, que fora bonito, e onde se sentia a passagem constante de lágrimas e o cansaço das vigílias.

— É a mulher do Videirinha — disse o Manuel, encolhendo os ombros.

A criatura pôs de leve a mão no braço de Artur, como para o reter, para o

implorar — e com uma voz triste:

— Se V. Ex.ª o conhece, podia-lhe dizer... Há três dias que me não aparece. Vive aqui com uma mulher... Eu não tenho em casa um bocado de pão, nada que empenhar! Mato-me a trabalhar... — Soluços sufocaram-na um momento, e vendo Artur olhar para a outra, a mais nova, com uma face doce e triste: — É a minha filha... — disse. — Ele não me dá um real do que ganha no emprego! Eu não quero importunar... Queria só que ele me desse alguma coisa, pouco que fosse, eu poupava-o... Só para ter um bocado de pão em casa...

Artur rebuscava maquinalmente nas algibeiras. Ela tocou-lhe outra vez no braço, com dignidade:

— Nós não pedimos esmola...

Queria que V. Ex.ª lhe falasse, lhe dissesse que estamos aqui. Dez tostões que fossem... — As lágrimas corriam-lhe ao comprido do nariz amarelo e afilado.

O Manuel então interveio:

— Já lhe disse a *usted:* o Videirinha está a dormir! Não gosta que o vão incomodar. Já *usted* vê!

— Mas sou sua mulher, é a sua filha — disse ela toda trémula de indignação, de vergonha...

— Já *usted* vê! Se o Videirinha não gosta...

A rapariga, então, puxou pelo xaile da mãe e com a voz comprimida, toda desfalecida do vexame:

— Deixe lá, minha mãe, vamos...

A ideia daquela criatura bonita e honesta com fome, deu a Artur um fluxo

de indignação:

— Espere um instante — disse.

Galgou as escadas, foi bater com força à porta da Mercedes.

— Que é? — perguntou a voz do Videirinha.

Imediatamente, dando volta à chave, apareceu estremunhado, a face inchada, gordinho, em camisa, mostrando o peito cabeludo e grisalho, medonho.

— É a sua mulher, a sua filha — disse Artur que odiou nesse momento aquela figura roliça e imbecil.

— Fale baixo, amiguinho! A Mercedinha está a dormir! Veio muito cansadinha! Que querem elas, que querem elas? Nem pode uma pessoa gozar a vidinha em sossego!

— Querem um pedaço de pão —

disse Artur, que sentia desejos de o esbofetear.

O Videirinha coçou a calva. Parecia furioso: deu uma punhada colérica na coxa e em bicos de pés entrou no quarto. A janela cerrada tinha as frestas desenhadas pela luz de fora; na penumbra, vagas brancuras de saias destacavam-se, e saía de dentro um cheiro a abafado, a pó de arroz e a deboche. Videirinha, sempre em bicos de pés, voltou então, meteu quatro tostões na mão de Artur e agarrando-lhe a manga, ao ouvido:

— Veja se as empurra para fora, amiguinho! Que se a Mercedinha sabe! E ela então que embirra com cenas! Está a dormir como um anjinho... Viemos do D. Maria às três horas. Fomos cear ao

Mata... E com a pinguinha do *Champagne*, ela ficou!... Ah, que noite, amiguinho, que noite!

E puxava-lhe pela manga, ávido de contar... Artur desprendeu-se enojado.

Quando a mulher, em baixo, recebeu os quatro tostões, teve-os um momento na mão aberta, com um sorriso amargo. As faces pálidas da filha subiu uma cor de vergonha.

— Eu sinto... — balbuciou Artur.

— Deus lho pague — disse simplesmente. — Chega para um bocado de pão.

Manuel passava refletindo a mão pelo queixo:

— Já o *usted* vê!! O Videirinha tem bom fundo... É baboso pela pequena, é o que é.

Sem uma palavra as duas mulheres cumprimentaram Artur, e muito juntas, como para se esconderem uma na outra, encolhidas nos seus pobres vestidos negros, desceram sem ruído.

Artur subiu ao quarto, empurrou as portadas abertas da janela, como se a presença de outras fachadas, da rua, da cidade, lhe causassem asco. Despiu com nojo o fato amarfanhado do baile e da cama da outra — e daí a pouco, prostrado, dormia.

Quando acordou, o quarto estava escuro, como se, fora, já tivesse caído o crepúsculo: havia um grande silêncio no hotel. Então, vindo do lado do Rossio, ouviu um rufar de tambores, compassados, monótono, em que se sentia o crepe que os cobria. Escutou, meio erguido: o som

distante, parecia adiantar-se muito devagar; instrumentos de metal, como que velados pela distância, ressoavam em compassos lentos de marcha fúnebre. Aquilo vinha com uma lentidão aparatosa de funeral. E então, de repente, pensou na tia Sabina, lá longe: talvez àquela hora um enterro pobre saísse da casa, com a cruz alçada adiante, e o caixão curto da velha pequenina levado pelos irmãos da Misericórdia!... E ele sem um real para partir!

Os sons fúnebres aproximavam-se. Saltou da cama, cobriu-se à pressa e correu à janela: uma tarde parda, enevoada, triste, pesava sobre a cidade. Gente vestida de escuro debruçava-se pelas varandas; e ao longe, no Rossio, negrejava uma multidão. No espaço livre

da rua, lajeado de pedrinhas miúdas, duas fileiras de tochas, de chamas tristes na tarde nublada, caminhavam em préstito; tons roxos de opas sucediam-se, e ao fundo, com um balanço leve, a impulsos ligeiros, uma cruz negra, com um enorme Cristo branco crucificado, adiantava-se, alta no ar: distinguiam-se os longos cabelos lúgubres caindo sob a coroa de espinhos, a toalha alva enrolada à cinta... E sem cessar, com tonalidades sombrias de tambores, a marcha fúnebre, abafadamente, ressoava. Era a Procissão de Cinzas.

Então a troça pandilha do Casino flamejou um momento na sua memória: teve como que a sensação funerária de uma grande penitência espalhada na cidade ainda quente do deboche do

Entrudo, nas fachadas ainda mascaradas de ovos, nas faces ainda amarelas das noitadas, no ar, onde devia flutuar ainda a poeirada fina dos cartuchos de pós. Na sua sacada, em baixo, a Mercedinha, com uma manta vermelha pela cabeça, ajoelhava compungidamente.

Então sentiu o desejo de se entristecer também, de se misturar ao arrependimento da cidade, de receber de perto as emanações expiatórias dos andores e das tochas. Enfiou à pressa um paletó, calçou os botins, e quase correndo, foi postar-se à esquina, penetrando na massa de gente. O pálio roxo passava entre lâmpadas erguidas alto; debaixo, um grupo, onde reluziam ouros de capas e branquejavam sobrepelizes, adiantava-se com pompa

entre um fumo leve de incenso; os compassos funerários da marcha espalhavam-se na tarde triste, sobre as cabeças curvadas da população ajoelhada.

E Artur, dobrado, penetrado de um vago terror, sentindo passar alguma coisa de Deus, pediu do fundo da sua alma, seguindo com os olhos o Cristo crucificado, que a tia Sabina não morresse!

***

Nessa noite foi ao *Século* procurar Melchior. Tinha uma pressa inquieta, aflita, de deixar Lisboa. A cidade causava-lhe horror, e aspirava a Oliveira de Azeméis, como um homem prostrado

de cansaço e enlameado da jornada aspira ao recolhimento do seu quarto e ao conforto das suas chinelas. Se Melchior não lhe pudesse dar as dez libras que lhe devia, ao menos que o ajudasse a arranjar dinheiro num agiota!

Melchior porém não estava: escrevera ao Esteves que não podia vir naquela noite.

— Há de estar ainda a cosê-la — disse o Esteves, interrompendo o seu eterno assobio.

Artur foi a casa dele: a patroa, uma bela pessoa de quarenta anos, «não vira o Melchiorzinho desde o Sábado Gordo».

— Ainda cá não pôs os pés, nem para mudar a camisinha do corpo!

Então Artur, de um café, escreveu

uma carta a Meirinho, em que lhe pedia, com circunlóquios afetuosos, o pagamento das dez libras que lhe emprestara. E ele mesmo foi levá-la ao porteiro do *Universal*, que pareceu admirado de o ver:

— Então por onde se tem andado?

— Estive fora — disse Artur.

— Pois está mais magrinho! Está mais magrinho!

Ao outro dia voltou ao *Século*.

— Ainda se não dignou aparecer — disse-lhe logo o Esteves.

Artur sentou-se a esperar por ele, lendo os jornais, ao pé da janela. Lembrava-se vagamente de uma outra manhã, havia meses, em que naquela mesma cadeira esperara também, enquanto Melchior fazia rascunhos locais!

Ele estava então em toda a vibração da esperança: chegava de Oliveira de Azeméis, ia ser célebre pelos seus poemas, ia encontrar-se com a linda senhora do vestido de xadrez, a vida era-lhe fácil, larga, doce — tinha no seu baú, em bons cartuchos, um conto de réis, e, de longe, a amizade da tia Sabina seguia-o... Pobre tia Sabina que, agora, agonizava sem que ele tivesse sete mil réis para correr a dar-lhe o último beijo! Como tudo mudara! Até o tempo — que nessa outra manhã era luminoso e vivo, e agora aparecia nublado, pardo, lúgubre como o seu coração!

A porta abriu-se e o Saavedra entrou: remexeu negligentemente os jornais, compondo com as mãos calçadas de luvas verdes os vidros da luneta. Teve

um adeusinho com os dedos para Artur e passou para o seu gabinete. Ah! Não mudara, aquele! Tinha sempre a mesma face balofa, satisfeita, o mesmo peitilho de camisa lustroso e importante — e seguia na vida imperturbável, contente, escrevendo todas as noites as mesmas banalidades, as mesmas mentiras, naturalmente feliz, como o pintassilgo que chalrava na janela fronteira.

— O Melchior tarda — disse Artur.

E saiu, resolvido a procurar o Meirinho.

Mas não ousava entrar-lhe pelo quarto a pedir-lhe as dez libras. Foi primeiro ao *Espanhol* ver se tinha respondido à sua carta humilde. Não respondera. Voltou ao Chiado, muito

infeliz. Foi duas vezes quase até à porta do *Universal*, mas um acanhamento enleava-o: adiava — e enfim, refletindo para se animar, que a tia Sabina contava os minutos, já à beira da morte — decidiu-se a entrar, muito nervoso. Perguntava por ele ao porteiro quando o viu descer a escada, com o peito alto, a barba correta, um ar de benevolência, as abas do paletó forrado de seda deitadas para trás, vergando a *badine*, as mãos muito apertadas em luvas claras. Apenas viu Artur, parou, numa hesitação curta, mas logo, adiantando-se para ele, sem transição, com a fisionomia grave:

— Sinto que o cavalheiro se tivesse incomodado por uma bagatela. Nunca imaginei que eu lhe inspirasse tão pouca confiança...

Artur acudiu:

— Pelo amor de Deus! Não é isso. É que estou sem vintém. Quero-me ir embora, a minha tia está muito mal...

Meirinho teve um sorriso incrédulo, amargo:

— Percebo perfeitamente. Receou perder a sua conta... — Fitou o chão, e com uma voz quase solene: — Tenho quarenta e cinco anos, tenho vivido no estrangeiro, tenho visto tudo, sou conhecido — e nunca sofri uma afronta...

— Pelo amor de Deus, Meirinho! Acredite. Eu, era só...

Meirinho curvou-se:

— Bem, se não foi com intenção ofensiva, se foi irrefletidamente, dessas coisas que se fazem à toa, sem antever as consequências — perfeitamente. Não

falemos mais nisso. Somos amigos, jantámos muito tempo juntos, fomos ambos à Sociedade — quero conservar de si boas recordações. Não falemos mais nisso... Então, divertiu-se no Carnaval?

— Sim — disse Artur muito vexado — sim, diverti-me.

Meirinho passou a mão pela barba e com as pálpebras meio cerradas:

— Tivemos uma deliciosa *soirée costumée* em casa da Sr.ª Marquesa de Folhes. Deliciosa!... Eu fui de Henrique IV. Fizeram-me o favor de apreciar, de elogiar. Fazem-me o favor de me estimar...

E ia andando para a porta. Artur, enleado, vermelho, não ousava agora falar em dinheiro.

— Apareça — disse-lhe

Meirinho, acendendo o charuto ao fósforo que lhe oferecia o guarda-portão: — Apareça! O Padilhão tem uma imitação nova, soberba! O *Gato de Telhado*, uma obra-prima!

E desceu a rua, a cabeça alta, o peito erguido, vergastando o ar com a *badine*.

Artur já não podia partir essa noite se não encontrasse o Melchior! Outro dia perdido!

Por um hábito antigo, deteve-se um momento à porta do Baltresqui: defronte, estacionava um cupé, com um cocheiro grave, correto, de casacão branco; imóvel junto à portinhola, um trintanário, muito vermelho, acariciava as luvas escuras. Uma senhora comia ao balcão, limpando com o lenço migalhas

de folhado: era baixa e grossa e parecia grávida. Quando voltou para o cupé, o caixeiro seguia-a com um embrulho de papel pardo. Uma pobre, então, adiantou-se com a magra mão estendida, uma criança embrulhada no xaile preto: e enquanto a senhora grossa lhe dava dez-réis com um gesto de nojo, Artur pôde ver-lhes as feições: era tão trigueira que parecia mulata, e na sua carinha pequena, de traços amarfanhados, torcidos, os olhinhos pareciam apenas dois buraquinhos negros. Içou-se para o cupé com dificuldade — e a parelha trotou, subindo o Chiado. O caixeiro, que ficara à porta cumprimentando, disse então alto, para dentro, para o balcão:

— A *Charlotte Russe*, às cinco horas, para a Sr.ª Baronesa... A S. Bento.

Artur teve um sobressalto:

— Perdão — disse, pondo a mão no braço do caixeiro: — Quem é esta senhora?

— É a Sr.ª Baronesa de Paradas, que mora em S. Bento.

Ficou petrificado. Oh! E fora àquele bicho que enviara o seu livro de versos! Fora para a janela daquele monstro que ele mandara toda a sua alma, na adoração dos seus olhos! Eram as paredes da sua horrível casa que lhe tinham feito bater tão docemente o coração! Caiu-lhe na alma todo o vexame da sua existência: achou-se grotesco — e por falta de sete mil réis não podia fugir, livrar-se daquela estúpida cidade, onde tudo o torturava agora!

Então, num desespero, voltou ao

Século. Pisava o lajedo da rua com raiva; tinha vontade de empurrar, maltratar as pessoas que passavam ao pé dele com ares pacíficos e satisfeitos!

Odiava agora Lisboa, de um ódio múltiplo, pueril, absurdo. Chegou esfalfado ao *Século*. O Melchior ainda não aparecera.

— Eu, a minha ideia — disse tranquilamente Esteves — é que o homem está no Limoeiro!

Veio-lhe então uma fadiga enervada, uma indiferença hostil. Veria sem pestanejar perecer a humanidade. Voltou ao hotel, e jantou só, lugubremente, diante dos dois espanhóis tenebrosos.

À noite, saiu sem destino. Não tinha dinheiro... nem para tomar um café!

Vendo o Teatro de D. Maria

iluminado, foi errar um momento no peristilo: leu os cartazes, bebeu um copo de água no botequim e saía com as mãos nos bolsos, cabisbaixo, quando passou diante dele, rápida, uma senhora pequenina, com uma capa branca de teatro, uma grande cauda de seda escura. Reconheceu-a logo: era *Ela!* Era ela, a senhora do vestido de xadrez! Atrás, com a gola do paletó erguida, vinha o marido, o do bigode loiro, com o leque, o binóculo, um ramo de flores. Exaltado, viu-a subir para as frisas — e então, com a sensação dolorosa de uma facada, veio-lhe a ideia que nem tinha dinheiro para um bilhete! Rangeu os dentes de raiva! Mas talvez o Melchior já estivesse no *Século*. Galgou a rua, arquejando. Não estava... Nem o Esteves, nem o Saavedra, nem

ninguém a quem pudesse arrancar cinco tostões! Desceu, como uma pedra que rola, até ao *Espanhol*, para pedir ao Videirinha. O Manuel, assobiando, levantava a mesa.

— O Videirinha saiu agora mesmo. Já *usted* vê!

Pensou que a dona do hotel poderia bem emprestar duas placas a quem gastava ali centos de mil réis! Perguntou por ela.

— A senhora? A senhora está para o Campo Grande com a cunhada.

Então, desesperado, Artur perdeu o pudor, e chegando-se ao Manuel, pondo-lhe a mão no ombro:

— Oh, Manuel, tu tens aí quinze tostões?

O Manuel abriu os braços,

desolado:

— Nem um chavo. Tinha dois mil reizitos, mas dei-os agora mesmo ao Videirinha, para ir à batota. Já *usted* vê! Se não estava às ordens! Já *usted* vê!

Maldição! Veio-lhe uma ideia: ir ao Férin, ao livreiro, onde o conheciam, ver se tinham vendido alguns exemplares dos *Esmaltes e Joias*. Quando chegou, iam fechar a porta, e com a face abrasada de vergonha, interrogou baixo, à parte, o caixeiro.

A sua voz ansiosa revelava tanta necessidade que o caixeiro deu-se a um grande trabalho, procurando nos livros, desejando encontrar alguns assentamentos; e foi com pesar que o bom rapaz lhe disse:

— Não, não se tem vendido

nenhum... Também, têm sido dias de festa...

Voltou ao *Século*, pela quarta vez, já envergonhado. Na redação deserta o gás ardia silenciosamente. Então, suado, sem respiração, com os pés doridos, voltou ao D. Maria. Talvez estivesse alguém conhecido nos camarotes, ou encontrasse o Meirinho, o Padilhão, o Carvalhosa... Pediria dinheiro fosse a quem fosse, mesmo ao Roma! — porque agora, não a podendo ver, afigurava-se-lhe — o quê? tinha a certeza! — que se ela o fitasse um momento o havia de reconhecer, e todo o seu destino mudaria! O amor dela tornar-se-ia a sua força, o seu fim, a sua direção: voltaria a Lisboa com os seus quinhentos mil réis, refugiar-se-ia numa trapeira, gastando-os

avaramente, tostão a tostão — e trabalhando, fazendo uma grande obra, *furaria!* E a sua consolação única, naquela existência pobre e laboriosa, seria alguma carta recebida, um olhar de longe, no Chiado, ou uma entrevista rápida, um beijo fugitivo — como outrora Rafael e Elvira! Oh, devia vê-la, com todos os diabos!

O segundo ato começara quando ele foi humildemente, pedir ao porteiro das cadeiras se lhe dava licença de entrar um momento «para ver um camarote». O homem, grave, no seu boné de galão, abriu o batente verde — e Artur viu-a logo, numa frisa defronte, com o seu perfil pálido e doce que o vestido escuro tornava mais tocante. Todo o seu antigo amor se precipitou na sua alma, agitando

todas as sensibilidades passadas, como uma rajada que entra numa sala, agita os papéis, as bambinelas, as franjas do pano da mesa, e dá a tudo uma vibração viva. Ela trazia um medalhão sobre o peito! Uma madeixa fofa, leve, caía-lhe sobre a testa de um polido de marfim! E os seus olhos grandes, doces, negros, fitavam-se sobre o palco. Eram aqueles olhos que ele queria que se voltassem para ele: fixava-os, atraía-os, magnetizava-os, mas eles não se moviam, pregados numa horrível criatura de vestido de seda amarela, que torcia os braços no palco, com esgares de boca. Então sondou a plateia com um olhar que adquirira uma sensibilidade extrema, procurando ansiosamente uma face amiga, conhecida. Ninguém. Nos rostos vagamente pasmados, só descobriu

o velhote, que em casa de D. Joana Coutinho lamentava a irreligião das massas.

— Viu? — disse o porteiro, baixo.

— Um momento — suplicou Artur.

E fitou-a ainda, com toda a alma nos olhos! Oh, por piedade, que se voltasse um momento! Era a paixão, o sacrifício, o amor, a fé — tudo o que há de doce e elevado — que ah estavam a um canto, por trás do braço do rabecão, a implorar uma coisa bem simples: — que voltasse devagar os olhos para ele. Mas não os voltou. O monstro do vestido amarelo dava brados medonhos. E ela admirava-o, o seu corpete arfava, enquanto o marido, ao lado, catava um a um os pelos do bigode.

— Então, viu? — disse o porteiro

impaciente.

— Obrigado, vi.

Saiu alquebrado, envelhecido. Foi devagar para o hotel, subiu ao seu quarto. E só então, de repente, se lembrou que podia ter levado algum fato a uma casa de penhores! Mas era tarde, sentia-se prostrado, enervado, com um tédio de tudo, um desejo de dormir muito tempo, infindavelmente, numa imobilidade de morte! Atirou-se para cima da cama — e, vencido, começou a chorar baixo, com a cabeça enterrada no travesseiro!

***

Ao outro dia, enfim, encontrou Melchior na redação do *Século*, que, com o ar compenetrado de uma felicidade

secreta, torcia com satisfação os enormes bigodes.

— Onde esteve você, homem? — gritou-lhe Artur.

— No choco — disse Melchior.

E não quis dar explicações.

Quando Artur lhe contou as sua£ aflições e que queria partir por força nessa noite, Melchior moveu-os beiços e coçando a cabeça:

— Homem, eu não tenho agora as dez libras...

— Não falemos nisso, Melchior. O que eu quero, é alguém que me vá pôr no prego uns fatos, as pistolas do Meirinho...

— Pronto, pronto! — exclamou Melchior agarrando o chapéu. — Se é isso, pronto. Vamos ao Chiado procurar o

Rei-Bamba!

Mas não o encontraram: um rapazola coxo disse-lhes que devia estar na Baldanza; foram lá, mas o Gregório, sempre exagerado, jurou pela honra da sua mãe que o *Rei* fora ao Largo de Camões fazer um recado. No Largo de Camões um cocheiro afirmou tê-lo visto subir — e por sinal, bem torto! — para a Rua de S. Roque. Apanharam-no ao pé de S. Pedro de Alcântara, inteiramente bêbedo, mas grave, misterioso, de falas sepulcrais, escutando com um ar profundo. Prometeu ir ao *Espanhol* daí a meia hora, buscar a trouxinha. Foi muito pontual — e vinha mais bêbedo. Levou o *robe-de-chambre* de veludo, a casaca, o binóculo, as pistolas — tudo metido num saco de roupa suja. Melchior e Artur

foram esperá-lo para a porta da Áurea. Quando voltou, passado três quartos de hora, já não podia falar, mas equilibrava-se com dignidade e depositou misteriosamente na mão meio aberta de Artur, um cartucho com onze mil réis. Recebeu a espórtula e saiu devagar, acabrunhado.

Então, quando sentiu o dinheiro na algibeira, Artur teve subitamente uma vaga saudade enternecida de Lisboa, da vida que deixava. A cidade, coberta de um bom sol, com os seus cartazes nas esquinas, as lojas dos livreiros abertas, as carruagens rolando, parecia-lhe ser o único lugar possível para uma existência inteligente: se não conseguira chamar a atenção da senhora do vestido de xadrez na véspera, poderia ser mais feliz outras

vezes! Nunca o Melchior lhe parecera tão afetuoso; e achava, de repente, nas fisionomias que passavam, um vago tom inesperado de simpatia. Comovido, disse:

— Ao menos, pela última vez, jantemos juntos, Melchior.

O localista só então pareceu compenetrar-se de que Artur partia realmente. Enterneceu-se. Que ferro! Quando eles começavam a entender-se, a travar amizade, a estimar-se! Foi ele mesmo ajudá-lo a fazer a mala, a embrulhar as botas em jornais. Em baixo, no quarto da Mercedes que tinha a janela aberta, alguém tocava guitarra.

Melchior deu um olhar às paredes, aos móveis e pensando decerto na Concha:

— Ah, quartinho, quartinho!

Artur que acamava com cuidado a sua sobrecasaca azul, suspirou: reunindo agora os objetos dispersos pelo quarto, recebia de cada um a recordação brusca de uma felicidade: um programa do Price lembrou-lhe a primeira noite em que lá fora, para se encontrar com a Concha que viera na companhia da Paca — ainda então não viviam juntos, e amavam-se! Um colarinho da Concha, trouxe-lhe quase as lágrimas aos olhos: guardou-o devotamente a um canto do baú. E depois, eram cartas do impressor, o bilhete de visita de D. Joana Coutinho, velhos pares de luvas *gris-perle!...*

O jantar no Cruz foi triste. Que diferença do primeiro jantar no *Universal!* E vinham-lhe outras recordações daquele inverno: a pândega

ao Dafundo, as noites de S. Carlos, nas torrinhas, com a Concha... Artur sentia a garganta presa. E Melchior, lúgubre, só repetiu o paio com ervilhas, porque, disse — «era um prato que lhe fazia bem à alma».

— Mas você volta, Artur?

— Se o drama for, venho aos ensaios!

Como, se o drama for? Isso ficava por conta dele! E Melchior batia compenetradamente no peito. É que não largava mais o empresário! Em quinze dias lá tinha uma resposta em Oliveira de Azeméis!

— E de resto, se sua tia morre e lhe deixa a *cheta*, temo-lo cá outra vez...

Artur não hesitou em dizer, que, nesse caso, estabelecia-se em Lisboa. E

pensava na pobreza da tia Sabina, triste, doce criatura, que o que tinha era coração!

— Lisboa, amigo — disse Melchior resumindo — é o consolozinho da alma! — E escorropichou o copo de termo.

Vieram ao Largo de Camões tomar uma tipoia para os levar a Santa Apolónia. O cocheiro era ainda o *Teso*.

— Para o Dafundo, meu amo? — exclamou logo.

— Não; para o *Espanhol* — disse Artur, satisfeito de ver que o *Teso* o reconhecera; e aquilo aumentou a sua saudade de Lisboa.

O Chiado, muito claro, estava na sua hora viva, e Artur, direito no assento, ia devorando com os olhos os lugares que

amava: a Casa Havanesa, a janela do seu quarto, lá em cima no *Universal* — que ferro ir-se! — e o Baltresqui, com os *lunchs* às duas horas, e o Godefroy, onde comprava frasquinhos de feno para a Concha! Ah! O cartaz de S. Carlos fez-lhe morder os beiços de comoção: revia o lustre, o largo palco, os coros; outras carruagens passavam, com librés, indo para lá! — E ele partia!...

— É verdade — disse de repente Melchior — que fez você com a francesa?

— Não sei, homem. Achei-me ao outro dia com um diabo de uma criatura que nunca tinha visto. E você?

Então Melchior estendeu os pés no assento da frente e encolheu-se com gozo, sem responder.

— Diga lá, que fez você?

Melchior, imóvel, soprava o fumo do charuto, numa ruminação túmida de gozo.

— Diga lá, que diabo!

— Regalei a carninha! — soltou por fim.

Mas tinham chegado ao *Espanhol*. Artur subiu ao quarto — e enquanto o Manuel descia o baú, ficou um momento imóvel, olhando as paredes, o leito onde dormira tantas vezes com a Concha, a varanda onde ela tanta vez se encostara, o espelho diante do qual o Pancho remexia as suas tranças negras.

— Acabou-se! — disse por fim, descendo.

Quis despedir-se do Videirinha, mas Manuel disse-lhe «que fora à batotinha». Artur então pensou em lhe

deixar um bilhete de visita; mas lembrando-se das duas mulheres de negro no patamar da escada, meteu rapidamente o bilhete no bolso.

— Quer *usted* que eu lhe diga alguma coisa? — perguntou o Manuel.

Artur respondeu:

— Dá-lhe dois pontapés no abdómen!

Manuel vergou-se, mastigando uma risadinha. Estava todavia sentido pela partida de Artur — e quando ele ia a entrar para a carruagem, não se conteve, tomou-lhe a mão e sacudindo-lha:

— Já *usted* vê! Quando *usted* voltar, tem cá a bela amizade!

Artur ainda deu um olhar à janela do seu quarto, em cima, e o *Teso* bateu.

Quando chegaram a Santa

Apolónia teve apenas tempo de comprar o bilhete para a bagagem e correr para a plataforma. Faltavam dois minutos no relógio transparente.

Então Artur, depois de acomodar a maleta, estendeu os braços a Melchior:

— Adeus, meu velho!

Melchior apertou-o, comovido, beijou-o na face. A tanta simpatia, os olhos de Artur arrasaram-se de lágrimas. Sacudiam-se desesperadamente as mãos, com palavras trémulas!

— Para a vida e para a morte!

— Obrigado, obrigado!

Um homem de boné agaloado passou:

— O comboio vai partir, meus senhores!

Artur, com os olhos cheios de

lágrimas, precipitou-se para a carruagem.

— E vá-me ao empresário, Melchior!

— Amanhã! Logo pela manhã!

Mas o comboio não partia: gente chegava correndo; carretas de bagagem rolavam; soldados equipados, de mochila, embrutecidos, procuravam uma terceira classe; um eclesiástico parecia doido, vagueando ansiosamente com uma chapeleira de cartão azul na mão; e sem descontinuar, adiante, na sombra, a máquina resfolgava.

Melchior, com a mão apoiada à portinhola, mascava o charuto. Não falavam — numa vaga impaciência de se separarem enfim. Artur pensava confusamente na sua partida de Oliveira de Azeméis, nos *adeuses* do Rabecaz e

parecia-lhe já vê-lo na *Corcovada*, debruçado sobre o bilhar, de perna no ar, dando carambolas catitas.

A máquina silvou.

Apertaram-se ainda as mãos, nervosamente:

— Adeus!

— Adeus!

— Não esqueça o empresário!

— Amanhã!

— E escreva!

— E você!

O comboio rolou devagar. E então Artur, debruçando-se ansiosamente fora da portinhola:

— Oh diabo! Oh, Melchior! Você trouxe o embrulho?

— O embrulho? — Ah, o embrulho! — Remexeu nas algibeiras e

correndo ao comprido do comboio cuja velocidade aumentava, estendeu um embrulho a Artur, que o arrebatou sofregamente. Eram dois pares de luvas pretas e um plastrão negro que comprara nessa tarde, e que levava para Oliveira, para usar coisas chiques, coisas de Lisboa, no luto da tia Sabina.

10

Daí a três dias, à noitinha, Artur saía de casa para ir pela primeira vez à *Corcovada*.

A tia Sabina fora enterrada na véspera da sua chegada. Os três dias de nojo tinham passado, e como nessa noite os soluços da tia Ricardina, prostrada às escuras no oratório e os *ais* da Joana, pelos cantos, lhe fizeram parecer a casa mais lúgubre — decidira, para se distrair, ir um bocado até ao bilhar.

O primeiro que o viu quando ele empurrou a porta envidraçada, foi o João Valente, que se ergueu com os braços no ar, berrando:

— Viva o janota!

O Rabecaz correu do bilhar e arremessando o taco, ergueu-o ao alto, num abraço frenético. Pessoas que não conhecia levantaram-se, vieram apertar-lhe a mão — e Artur, radiante, reconheceu que a vila inteira o considerava um *grande homem!*

A mesa a que ele se sentou ficou logo cercada de um grupo ávido de o escutar, de o ver, de lhe examinar o fato; havia em volta dele três filas de mochos, e velhos pacíficos, de xaile-manta pelos ombros, punham de longe a mão sobre a orelha, para lhe escutar as opiniões. Teve de descrever a sua chegada à redação do *Século*, o *Universal*, S. Carlos, as Câmaras, as *soirées* da Sociedade. Um, queria saber o que se dizia do ministério; outro parecia devorado de curiosidade

sobre os bailes de máscaras; um terceiro, baixando a voz, pedia — já que estavam ali entre homens — alguns detalhes sobre *pequenas*. Artur prodigalizava informações, opiniões, anedotas. Alguns, que tinham visitado a Capital, escutavam-no com um vago sorriso de entendedores, aprovando com a cabeça, rosnando:

— Tal qual! É isso mesmo! Era o mesmo no meu tempo... Bem se vê que o amigo conhece Lisboa...

Foi para Artur uma hora cheia, triunfante, muito gozada. Soltava a cada momento os nomes dos homens ilustres que entrevira, dizendo: «o meu amigo Roma...», «uma vez, estava eu com o Carvalhosa...», «então, o conde de Vila Rica...».

Nas fisionomias em redor

espalhava-se uma admiração respeitosa. Obrigaram mesmo dois jogadores obstinados a interromperem a partida, porque o som das carambolas, a voz do marcador, faziam interrupções irreverentes. Artur, por fim, já um pouco rouco de falar, encostara-se para trás na cadeira — e então o Rabecaz, muito solícito, declarou com autoridade:

— Está bom, deixem-no agora, deixem-no agora. Não o macem mais.

E ergueu-se, arrastou-o, apossando-se dele — e declarando alto «que tinha coisas particulares a dizer-lhe», quis levá-lo para o cubículo das ceias. Mas todos protestavam: um sujeito mesmo arrebatou Artur para um canto e pediu-lhe um empenho para um ministro; outro agarrou-o pela manga, e decerto

deslumbrado pelas narrações, quis saber o que era necessário desembolsar para gozar um mês na Capital. Então, o Rabecaz zangou-se. Que diabo, que deixassem o rapaz, tinha coisas importantes a dizer-lhe!... E ia-o enfim levando para o cubículo, quando o Sr. Cardoso, um dos janotas mais considerados de Oliveira, o levou para uma mesa afastada, e ali, delicadamente, lhe pediu se era possível ele mandar-lhe vir uma boquilha «como essa» — e mostrava com veneração a boquilha por onde Artur fumava um charuto de tostão, que em nome dos amigos lhe oferecera o João Valente.

Enfim o Rabecaz conseguiu libertá-lo, e fechando a porta do cubículo:

— Irra, maçadores!

E ali, a sós, conversaram intimamente até às duas horas da madrugada.

Artur gozou então alguns dias de celebridade. A sua fama tinha começado com a publicação das notícias nos jornais. A Corcovada fora obrigada a assinar o *Século*, porque os frequentadores, considerando-o como a crónica oficial de Artur, queriam seguir nele as suas glórias. O Vasco dependurara o seu retrato na botica. O Carneiro dizia agora alto em toda a parte — «que a assembleia se honraria muito em o ter no seu seio». A assembleia vira-se mesmo obrigada a comprar seis exemplares dos *Esmaltes e Joias*, porque apenas um volume era posto na sala de leitura, logo desaparecia, roubado por um dos sócios. Atribuía-se

isto a que todas as senhoras queriam ter o volume e esses roubos consecutivos tinham mesmo dado lugar, na assembleia, a controvérsias escandalosas.

Na missa, na Praça, era muito observado. Reparou-se mesmo nas olhadelas que não cessava de lhe dardejar, em todos os lugares públicos, a gorda esposa do Dr. Azevedo. E o administrador do concelho, no dia em que o encontrou, foi o primeiro a tirar-lhe o chapéu.

Porém, a sua hora triunfante era na *Corcovada*. Tinha um lugar reservado, a que se chamava a *mesa do Artur*. Era ele o juiz, o árbitro, quem decidia de todas as questões: de eleições, de literatura, de *toilette*, de interesses locais, de política estrangeira, de casamentos. Mas o que

acima de tudo o deleitava, era perorar, narrar, os lados íntimos da vida de Lisboa — *soirées* aristocráticas, ceias artísticas; punha nas descrições mais imaginação poética do que a que lhe fora necessária para compor os *Esmaltes e Joias* e mesmo os *Amores de Poeta*. Gostava de deslumbrar aqueles burgueses, fazendo-lhes ver a vida literária mais requintada, para parecer ele mesmo mais interessante. Afirmava que os literatos em Lisboa eram tudo: davam a lei, iam ao Paço, governavam tílburis e esposavam condessas. E de resto não era difícil aos que o escutavam acreditá-lo, vendo os ministérios povoados de antigos poetas líricos.

Uma noite, um velho que nunca saíra de Oliveira de Azeméis, tendo sido

sempre de constituição delicada e hábitos caseiros, perguntou-lhe se era certo o que se contava: que os literatos tinham ceias em que havia danças de mulheres nuas, ao som de charangas.

Em redor protestavam: ora, seu Albino! Que ideia!

Mas Artur interpôs-se com autoridade:

— Não, não direi mulheres nuas — mas lá que são magníficas orgias, isso sim! Há orgias deliciosas!...

O Rabecaz exclamou, batendo-lhe no ombro:

— Nós é que sabemos!

E Artur sorriu com complacência.

O Rabecaz tomava naquelas conversas uma parte eminente: o seu maior prazer era fazer perguntas sobre

personagens, gente de Lisboa, que só ele e Artur deviam conhecer o que, perante os outros, os isolava numa importância elegante e superior.

— O Melchior ainda mora aos Cardais, a Jesus? Com quem vive a Lolita? Quem vai agora ao Paula? O João Gordo ainda se embebeda? E o velhote — como se chama ele? ah, o conde de Pisães — ainda está sempre em casa da pequena?

Artur respondia, mesmo quando ignorava.

E o Rabecaz recostava-se, como que afogado em saudade:

— Ah, Lisboa! Lisboa!

— Grande terra! — murmurava-se em redor, respeitosamente.

E Artur retorcia o bigodito, com

satisfação.

Mas contrastando com aquela alegria da *Corcovada*, que melancolia em casa! A hora do jantar sobretudo era lúgubre: a tia Ricardina, apenas via o lugar vazio da Sabininha, começava a choramingar; e então voltava a história da sua doença, dos remédios que tomara, da cautela do Dr. Azevedo, e o que ela dissera, falando sempre do seu Arturzinho — até ao último dia em que já moribunda, ainda repetia: — «que ingrato! que ingrato!» — E na saudade da Ricardina havia uma vaga irritação — como escandalizada de que a Sabininha morresse deixando-a só, sem ninguém para conversar e lhe fazer companhia no quarto. O próprio Albuquerquezinho parecia outro: abandonara as esquadras

internacionais, e, desinteressado mesmo das suas *paciências*, errava pela casa soturnamente, muito enervado, olhando Artur de revés e rosnando entre os dentes: «Mau pirata! mau pirata!» E não podendo suportar o arrastar fúnebre daqueles serões, Artur, mal acabava o jantar, escapava-se, ia ao quarto dar uma penteadela no cabelo e em bicos de pés descia a escada, enfiando para a *Corcovada*.

Se tivesse querido — e foi esta, mais tarde, a opinião do Rabecaz — Artur poderia ter aproveitado aquela popularidade para conquistar uma posição na. vila. Somente contentou-se em perorar no botequim, prodigalizar anedotas, e, dentro em pouco, viu a curiosidade que inspirava diminuir e os pequenos

interesses da localidade retomarem nas conversas, nas preocupações, a sua importância essencial. Na *Corcovada*, já estavam acostumados ao «grande homem». Já não era o centro dos grupos. O bilhar retomara a sua feição pacata, caturra; as facécias do João Valente, um momento pouco atendidas, recomeçavam a ser saboreadas com gozo. E mesmo a Corcovada, muito fina, não renovou a assinatura do *Século*. Agora a única satisfação de Artur era, como outrora, cear com o Rabecaz. Tinha-lhe contado com os detalhes mais íntimos, os seus amores com a Concha. O Rabecaz interessava-se violentamente por aquele romance: tinha pedido uma descrição do corpo da Concha e ouvia-a com um ar de profunda reflexão, de conhecedor, a testa

franzida, o olhar fixo:

— Bom tornozelo, hem?

— Lindo!

— Sim? Hem? — E escarrava grosso: — E a barriguinha da perna?

— Adorável!

O Rabecaz tinha um aceno de assentimento:

— Sim, todas as espanholas a têm. A pele fina, não?

— Um cetim!

— Sim! — Dava outro escarro grosso, e satisfeito ia percorrendo assim todo o corpo da Concha.

As narinas dilatavam-se de sensualidade, àquelas revelações. Gozava a Concha nas descrições de Artur, e não se podendo separar dele, acompanhava-o até casa, roçando-se-lhe pelo corpo, como

se lhe sentisse ainda, nos cabelos, no fato, um cheiro de espanhola.

Mas lentamente — como um verniz muito usado perde o brilho — aquelas conversas embaciavam-se, perdiam a frescura nova. Artur começou a enfastiar-se da *Corcovada*, onde já não tinha nada que contar, ninguém para deslumbrar; a casa lúgubre, lutuosa, desolava-o, e as saudades de Lisboa voltavam, muito amargas. Agora, tudo o que lá passara lhe parecia bom, até as aflições de dinheiro que sofrera. As amarguras, quando perdera a Concha, ao menos tinham uma alta feição sentimental, romântica. Lá, vivia, ainda que contrariado; aqui, bom Deus, bocejava! A cidade, a distância, parecia-lhe mais nobre, mais bela; atribuía agora as

contrariedades que sofrera aos seus próprios defeitos: se não fosse tão tímido, de abatimento tão fácil, poderia ter chegado a ser íntimo de D. Joana Coutinho e retomar o seu lugar no Clube Democrático. Devia ter perseverado, insistido, conservado a vontade ereta — e teria *furado!* E vinham-lhe agora desejos de agarrar os seus quinhentos mil réis e voltar para Lisboa: viver com economia nalguma casa de hóspedes, retirado, num quinto andar. Mas esperava, para se decidir, a resposta do empresário e do Melchior — a quem escrevia longas cartas, cheias de estilo, pintando-lhe romanticamente a sua tristeza e fazendo a caricatura literária dos frequentadores da *Corcovada*.

E entretanto, para ocupar o seu

espírito vazio, procurou tornar a interessar-se, a amar a senhora do vestido de xadrez: mas apesar dos esforços que fazia para evocar o antigo sentimento, depressa sentiu que todo o seu amor por ela se tinha desvanecido: passava dias sem sequer se lembrar dela; depois, de repente, forçava-se a amá-la, a tê-la sempre presente no coração; e com efeito, conseguia obrigar a memória a ocupar-se dela durante uma manhã inteira; depois distraía-se de novo, e a sua imagem, como um perfume que se destapa, evaporava-se insensivelmente.

Então quis fazer versos. Mas, como em Lisboa o barulho da rua, ao princípio, espantara a Inspiração — era agora o adormecimento silencioso da vila que parecia afastá-la. Recaiu assim num

tédio passivo, momo, cheio de horas vazias; dava longos passeios ao acaso; desmantelava as maxilas em bocejos intermináveis.

Por esse tempo, o Vasco, expulsara o último praticante, que sua esposa achava «lindo! lindo!», veio procurar Artur. Começou por lhe dizer que era talvez ousado oferecer um simples lugar de praticante a um homem tão conhecido nas letras... mas ele não vinha ali como chefe do estabelecimento, vinha como amigo: não era um praticante que procurava, era um colaborador... Enfim, oferecia-lhe oito mil réis por mês e mais tarde poderiam entender-se para a cessão total da farmácia.

Artur não reconhecia o Vasco — o Vasco de génio áspero. Via-o benévolo,

amável, e se a sua fisionomia conservava o antigo ar hostil, as suas palavras transbordavam de afeição. Confessou a Artur que era ele o único que lhe não dera sustos pela honra do seu nome. E terminou dizendo:

— Isto não é urgente. Pode dar a sua resposta por toda esta semana.

— Eu pensarei — disse Artur polidamente, para lhe não dar uma recusa muito seca.

Mas sentia-se vagamente lisonjeado daquela afabilidade do seu antigo patrão, que outrora o assustava, só de fungar com o nariz no ar. Fungava ainda, mas discretamente.

Artur repetiu:

— Eu pensarei.

— Pois pense — disse o Vasco

com um ar profundo.

Daí a dias, enfim, recebeu a desejada carta do Melchior.

Abriu sofregamente o sobrescrito e leu estas linhas:

Caro amigo Artur:

Há muito que lhe queria escrever, mas você, que conhece Lisboa, sabe que umas coisas trazem outras, e com afazeres, prazeres, etc., não tem agente um bocadinho disponível...

Que diferença com a sua vida agora! Ele tinha todo o dia vazio, inútil, ocioso... Também a ele, quando vivia em Lisboa, as horas lhe passavam como os

vagões sucessivos de um comboio expresso.

...Saberá antes de tudo, que estive com, a Concha. Encontrei-a e à cavalgadura do Manolo, no Price; estavam mesmo ao pé de mim e não pude deixar de lhes falar. A Concha muito bonita e muito chique...

O peito de Artur levantou-se num vago suspiro.

...O Manolo teve a ousadia de me convidar para ir com eles ao Mata, mas como a Concha insistiu, fui obrigado a aceitar. Devo dizer — porque a verdade é a verdade — que o Manolo foi muito amável. No

fundo é um bom rapaz, e valente; convidou-me para ir jantar com eles no Pelicano, onde eles vivem como marido e mulher...

Artur indignou-se contra o Melchior: parecia-lhe um traidor, desertando para aqueles que o tinham injuriado. Que pulha!

...Estive ontem na Áurea com o Videirinha. Tomámos ambos um chocolate e falamos muito de você...

— Coitados, que bons rapazes — pensou Artur com uma saudade enternecida.

...Outra novidade é que os seus amigos republicanos vão

fundar um jornal — «O Futuro». O Damião e o Matias são os redatores. Eu dei a notícia no «Século», dizendo mesmo — que desejava grandes felicidades ao novo colega — porque enfim é bom ser delicado...

Aquela prosperidade do partido que o repelira, fez sentir mais agudamente a Artur a infelicidade da sua separação.

...Deixei para o fim as notícias más. Depois de ter ido três ou quatro vezes a casa do empresário, sem o encontrar, pude falar-lhe esta manhã no teatro. Disse muitas coisas e terminou por declarar que não podia levar os

«Amores de Poeta». Diz que é irrepresentável e que é muito bom para ser lido, mas não faz efeito em cena. Eu ainda quis argumentar, mas o homem provou-me que, para o levar à cena, era necessário refazê-lo desde a primeira linha até à última — isto é, que era melhor deitar o manuscrito ao lume e fazer outro. Tive de baixar a cabeça...

E você quando vem? Lisboa brilhante: belo tempo, companhia francesa que chegou, o delírio. Se a velhota deixou cheta, é fazer as malas, e cair-nos aqui, para recomeçar a bela «folia».

Amigo do C.
Melchior

Artur ficou com a carta na mão, sentado à janela do quarto. O dia estava adorável e um bom sol quente dava um brilho vigoroso à folhagem das árvores, que tinha o verde da primavera; a torre da igreja, muito aguçada, branquejava sobre o azul, e de um pombal próximo pombas tomavam o voo, espalhando-se pelos quintais. Maquinalmente, Artur seguia-as, interessando-se um momento pelos lugares onde elas pousavam os pezinhos cor-de-rosa: um muro branco com trepadeiras, uma latada onde um pé de vinha reverdejava, a pedra de um tanque onde a água tinha espelhados e sombras... Havia um vago rumor dormente, feito do lento remexer da folhagem, da água correndo de uma torneira, de um pipiar

vago de pássaros; um aroma de alfazema subia por instantes nos movimentos do ar e tudo era sereno, doce, calmo, feito para pacificar uma existência agitada.

E então, serenado por aquela paz da natureza, sem cólera já contra esta última desilusão que o esmagava, considerou o seu destino: voltar para Lisboa sem recursos permanentes, sem amizades úteis, apenas com os seus pobres quinhentos mil réis que se evaporariam num verão, era impossível. Não havia que sofismar — era impossível. Que lhe restava então? Sujeitar-se, ficar ali, na vila. Ao menos tinha um leito, um jantar seguro; se aceitasse a proposta do Vasco, teria oito mil réis por mês, e os fundos depositados no Carneiro seriam uma reserva. A tia

Ricardina estava velha, afetada, à beira da morte; herdaria dela alguns contos de réis, cinco ou seis que fossem: poderia então, com um apoio mais sólido, recomeçar a vida, voltar a Lisboa. Até lá, teria os seus livros, aquela tranquilidade de vila bonita; e seria um tempo de repouso em que o seu espírito se amadureceria, e se calmariam as dores de tantas desilusões. Considerou-se então, sentimentalmente, um convalescente da vida.

Saíra daquele inferno em Lisboa, como um vencido de uma batalha, com feridas por toda a parte — no seu amor traído, na sua ambição iludida. Precisava descanso, a santa influência de um lugar recolhido. Oliveira servia-lhe, ali ficava!

Releu a carta de Melchior:

«Lisboa está brilhante.» E viu então, nas letras daquela frase simples, tudo o que amara lá longe — as largas ruas, a gente apressada, o rodar dos trens, o peristilo alumiado dos teatros, os cafés flamejantes, os amores patrícios e as ligações ardentes, cheias da poesia da sensualidade! Para ele, estava tudo acabado! Tomou a carta do jornalista, rasgou-a em pedacinhos, e arremessou-os para o quintal: os papelinhos brancos esvoaçaram, torneando no ar, foram cair sobre as folhas, sobre a gaiola de vime dos coelhos, sobre os ramos espinhosos do limoeiro — e Artur seguia-os melancolicamente, como se fossem fragmentos do seu passado extinto rolando para os abismos... Acabou-se!

Escovou cuidadosamente o chapéu

e dirigiu-se à farmácia do Vasco. O boticário, como outrora, ruminava o *Almanaque de Lembranças*. Ergueu-se com satisfação e para honrar a entrada de Artur, tirou ligeiramente o boné: Artur não ficaria mais surpreendido se visse um Rei cumprimentá-lo, tirando a coroa. Para falarem mais à vontade, foram para dentro, para o laboratório. E quando daí a um quarto de hora, Artur, pálido, saiu, fechando sobre si a porta envidraçada da farmácia, suspirou, disse consigo:

— *Consummatum est!*

***

Nessa tarde, com a serenidade melancólica de quem tomou uma resolução dolorosa, foi passear ao acaso

para fora da vila. Ia resumindo a sua existência, procurando explicá-la: de onde vinha o facto de só ter recebido no mundo desilusões? Da falta de simpatia, pensou. Quem o tinha estimado, amado, desde que seu pai morrera e que ele entrara na vida? Ninguém! Em Coimbra, não deixara amigos: para os seus companheiros, com quem comia e que admirava, era o Arturzinho, o *caloiro*. Tinha passado na geração académica desconhecido, ruminando as suas exaltações, encolhido na sua batina, sem ruído. Um dia, o *caloiro* fora para a terra: acabou-se! Depois, em Oliveira — quem encontrara? O Teodósio era um bruto, para quem a amizade consistia em o acompanhar de madrugada, entre os restolhos de St.° Estêvão, à caça das

perdizes! O Rabecaz — que sabia ele de afeições, de ligações de espírito, aquele embrutecido — retirado por pobreza dos bordéis e das batotas — vivendo entre o copo de aguardente e uma carambola catita? E em Lisboa? Meirinho calotearo; Melchior explorara-lhe jantares e tipoias; Nazareno insultara-o; Damião chamara-lhe *canalha;* Manolo roubara-lhe a rapariga — e desejar a estima do Videirinha, era como procurar um perfume num cano de esgoto!

Nunca recebera o amparo da amizade, nem sentira o calor fortificante da simpatia ambiente, sem a qual o homem vai pela vida como por uma floresta escura, tropeçando contra troncos que o magoam, caindo sobre silvados que o ferem, sem encontrar a estrada real onde

está a luz, a paz. Ninguém! Ninguém!

E contudo, não, enganava-se, alguém o amara: uma pobre velha, simples, de coração amante, que na vida só tivera lágrimas e que estava agora sob uma lousa, naquele cemitério de que ele via, ao fundo do atalho por onde ia caminhando, os ciprestes agudos. Apressou então o passo: queria ver a sepultura da tia Sabina.

A grade do cemitério estava aberta. Ao lado da entrada, sob um chorão, havia um carrito de saibro, uma pá, e em redor, na terra pisada, passarinhos saltitavam. Por todo o terreno, ciprestes negros aguçavam a sua imobilidade triste; chorões dobravam as longas ramagens corredias e pálidas, e pela erva verde misturada de

florescências, branquejavam lápidas e viam-se cruzes negras inclinadas no terreno mole. Aqui e além passava um piar rápido de pardal e no céu côncavo a tarde tépida de primavera empalidecia.

Artur foi andando por uma ruazinha ladeada de alfazemas crescidas. Pareceu-lhe ouvir uma voz cantarolar; escutou:

Nascem goivos a-a-ah!
E rosas nas sepulturas.
Morte eterna, morte eterna,
Vida que tão pouco duras!

Era a cantiga singular que já ouvira muitas vezes ao coveiro, e que transcrevera na cena do cemitério dos *Amores de Poeta*, tão apreciada no jantar

do *Universal*. Adiantou-se. Ao pé de uma moita de rosinhas bravas, o tio Jacinto, em mangas de camisa, o dorso curvado, mostrando os remendos pardos das calças, cavava devagar, abrindo uma cova: a terra negra acumulava-se a um lado e a enxada arrancava mãos cheias de ervas, que ali ficavam, com as raízes ainda presas ao torrão, caídas, mortas também.

O tio Jacinto ia cantarolando baixo:

Nascem goivos a-a-ah!
E rosas nas sepulturas...

A toada entristecia Artur, mas a sua mesma melancolia lhe dava um vago prazer romântico, e instintivamente

comparava-se a Hamlet, errando no cemitério de Elsenor, argumentando com o coveiro e erguendo do pó, nas suas mãos de príncipe triste, a caveira de Iorique...

Nascem goivos a-a-ah!
E rosas nas sepulturas...

— Boas tardes, tio Jacinto.

O homem voltou-se:

— Olha, é o Sr. Arturzinho. Então, cá pela vila outra vez?

— Vim há dias. Para quem é essa cova?

E a sua voz fazendo esta pergunta no ar triste e calado do cemitério, aproximava-o mais na sua melancolia do poético Hamlet.

O tio Jacinto coçou a cabeça,

embaraçado:

— Olhe, a dizer a verdade, Sr. Arturzinho, nem lhe posso dizer... Foi o Caipira, o Joaquim Sacristão, que veio aí dizer... É para uma rapariga que vivia lá para ao pé da estrada do Covo... Morreu hética...

— Ah!

O tio Jacinto recomeçou a cavar:

Nascem goivos a-a-ah!
E rosas nas sepulturas...

E interrompendo-se:

— O senhor não quer ir ver a sepultura da tiazinha?

— Onde é?

O tio Jacinto pousou a enxada, sacudiu as mãos, e pôs-se a caminhar

rente ao muro — onde roseiras cresciam contra a cal muito branca. Mas parou, indignado: um pé de roseira estava quebrado e no muro caiado havia raspões, como de solas que se tivessem firmado ao escalar...

— Pois quer o Sr. Arturzinho ver que tornaram a saltar de noite?

— Quem?

O tio Jacinto contemplava, triste, o pé de roseira quebrado, rosnando:

— Corja! Quem!? Vão lá saber quem! Há de ser a mesma cambada que me vinha roubar as batatas! Se eu pilho um!...

— Então você plantava batatas no cemitério, homem?

— Então, porque não, Sr. Arturzinho? Mas lá o Sr. Alves, o da

Câmara, começou a implicar. Disse que até era pecado. Pecado é tirar a um pobre o bocadinho do seu negócio. Ricas batatas; também lhe digo, não há terra de semeadura como isto. — E com um gesto largo indicava o cemitério: — É tudo o que V. S.ª lhe plante. Está abarrotadinho de estrume!... Por aqui, Sr. Arturzinho. A tiazinha está para este lado.

Era uma pedra lisa, cercada de uma grade de pau. Ao lado havia um cipreste e as ervas cresciam altas. Artur ficou de pé, encostado à grade, e quase se desesperava de não sentir nem emoção, nem saudade; esforçava-se por se comover, pensando que ali debaixo, na sua mortalha azul, estava a doce velhinha; mas o seu coração conservava-se sereno, como se debaixo daquela pedra estivesse

outra pedra e não o corpo da criatura meiga que o amara. Julgou-se seco, endurecido e forçava a sensibilidade, procurando recordar as lágrimas dela ao separarem-se, o cuidado pela sua roupa, a afeição do seu olhar. Mas o seu coração ficava inalterável, todo ocupado na função orgânica, sem obedecer à imaginação que o excitava à saudade. Por fim, disse:

— Deviam-se pôr aqui uns pés de roseira, para fazer isto mais bonito. E ela que gostava tanto de flores, pobre tia Sabina!...

Mas o coveiro não escutava: erguendo-se sobre os sapatos, olhava através dos ciprestes para a cova onde deixara a enxada. E batendo fortemente com as mãos grossas, como para afugentar pássaros importunos:

— Eh, lá, Eh, lá! Eh, lá, sua corja!

Artur voltou-se: uma rapariguita magrinha, loira como uma espiga de milho, divertia-se a fazer rolar torrões para a cova, e uma outra, que saltara para dentro, cavava com as mãos, procurava bichos, e de repente, desapareceu no buraco negro, deitada decerto, fazendo de morta — e as suas risadinhas finas e claras vinham misturadas ao chalrar dos pássaros.

— Eh, sua corja! — gritou outra vez o tio Jacinto. — Eu já lá vou, espera! Não tenhas pressa de te estirar na cova, que o teu dia virá — e mais cedo do que tu quererás, desavergonhada! Deixa a enxada, rapariga! Ah, velhaca! — E ele mesmo se afastou, ameaçando-as, rosnando: — Raça de mulherzinhas!

Artur então foi andando por entre as outras sepulturas. Viera com a intenção de ter um momento grave de contemplação, de saudade, sobre a lousa da tia Sabina — mas o seu espírito resistia à tristeza, distraía-se: sorriu ao ver o jazigo do Carneiro, um monumento muito estimado, muito admirado, em que o Anjo da Melancolia chorava sobre uma coluna truncada. Leu aqui, além, epitáfios laudatórios, e mesmo, negligentemente, embrulhou um cigarro. Quis pensar na Morte, na Eternidade, penetrar-se de uma melancolia mística, misturar-se, ele, para quem a existência que ia recomeçar era uma meia-morte, àqueles mortos a desfazerem-se sob as raízes das florzinhas agrestes. Mas o seu espírito resistia a perder-se na penumbra lúgubre da ideia

de aniquilação e de fim. Era sem dúvida a influência daquele cemitério, que no dizer do tio Jacinto, era uma terra de semeadura... Uma fecundação palpitava no solo bem adubado; ervas, vivazes faziam ao rés do chão uma espessura fofa; toda a sorte de florzinhas, azuis, roxas, amarelas, miúdas e prolixas, apertavam-se nas fendas das lajes mal juntas; no muro, onde a cal, sob a humidade, se despegava, torcia-se uma hera de um verde forte e clavelinas pendiam em florescência. Havia um cheiro forte de ervagens, e nas árvores os pássaros chilreavam tão desesperadamente, que Artur bateu as mãos para os fazer calar.

O tio Jacinto, cavando apressadamente, recomeçara a sua cantiga e a sua voz, na limpidez pura da tarde,

chegava a Artur, pitoresca, com o som surdo das enxadadas:

Nascem goivos a-a-ah!
E rosas nas sepulturas...

Então, ele mesmo trauteou baixo a melodia: lembrava-se agora da noite em que a cantarolara, quando lera o drama no *Universal:* e revia a toalha resplandecente, cheia de brancuras de louça brilhando à luz do gás, e o Carvalhosa, grave bamboleando a perna, com a garganta muito abafada; e sorria, lembrando-se do Padilhão, furioso, porque via na declamação do protagonista injúrias aos fidalgos das suas relações... Então recordou a *soirée* de D. Joana Coutinho: o Padilhão zurrando; o ruge-

ruge das saias, das sedas, das rodas de D. Joana, com as maçãs do rosto salientes, o seu nariz grande e os olhos reluzindo sob as arcadas proeminentes; via a grossa viscondessa sentada sobre o seu *claque*, o estafermo! — e lembrou-se de Rochefort e a quem ele só soubera responder: «grande apepinador!». Àquela recordação, as faces ainda se lhe abrasaram de escarlate, e bateu com o pé no chão do cemitério com um *ah!* de raiva e de vergonha. Fora daí, dessa noite, que começara a série dos seus desgostos: via-se na sessão do Clube, lívido, diante do Matias, muito abotoado na sua sobrecasaca, que o expulsava do Partido Republicano, com um grande gesto à Fouquier-Tinville, enquanto lhe chegavam por baforadas, da cervejaria próxima,

vagos acordes de harpa e de rabeca. Conhecera então a Concha, naquele dia em que vira no Dafundo o rapaz pálido, nu da cinta para cima, muito branco de pele, erguendo o braço de onde escorria um sangue negro! Depois, era o *Espanhol*, as ceias, os bons almocinhos, quando a Concha, com o casabeque de flanela pelos ombros, partia os ovos quentes arrebitando o dedo mínimo. Tinha-se aproximado insensivelmente da sepultura da tia Sabina, e olhando a pedra branca, o seu pensamento estava lá longe, no quarto do *Espanhol* revendo, à noite, a Concha arranjando o cabelo diante do toucador, antes de se deitar; na mesinha de cabeceira, a luz erguia a sua chama direita; ela corria a meter-se entre os lençóis, com um arrepio de frio...

Uma aragem correu nas folhas do cipreste, junto à sepultura — e então veio-lhe um horror daquelas visões lascivas, evocadas sobre a campa da tia Sabina. Pareceu-lhe uma profanação, uma ofensa à morta: quis acalmá-la, fazer-se perdoar, e por uma superstição, julgando que nada seria mais grato à alma da doce velha, ajoelhou junto às grades. Mas não podia orar: só lhe acudiam fragmentos de antigas rezas do catecismo, inexpressivos como toadilhas... Não sabia como havia de falar a Deus...

O coveiro então chegou-se, dizendo:

— Vamos fechar as grades, Sr. Arturzinho...

Mas vendo-o ajoelhado, calou-se; e silenciosamente começou a colher a

erva em redor da sepultura: trazia já um braçado, e agachado, ia escolhendo a de um verde mais claro, a mais chegada à lápida, a mais tenra.

Artur ergueu-se e instintivamente fez o sinal-da-cruz.

— Amém — disse o coveiro.

Atirou a enxada ao ombro e Artur foi-o seguindo.

— Aqui não é como em Lisboa — disse então o tio Jacinto. — Lá é que são mausoléus, lá é que faz gosto...

— Ah, sim — murmurou Artur distraído.

— Isso é que me convinha — disse ainda o tio Jacinto — eu ter lá o meu arranjinho para cuidar dos jazigos, arear as ruas, trazer as flores em dia. Ah, lá em Lisboa, sim! Mas aqui!...

Também o tio Jacinto tinha ambições — também sonhava com a Capital!

Ao pé da grade, debaixo do chorão, as duas pequenas esperavam: a mais novita metera-se no carro de saibro, com as pernitas pendentes, e a outra, magrinha e loira, ia puxando, aos gritos da pequena que a excitava, como a um jumento ronceiro. Então o tio Jacinto enfureceu-se: em as deixando sós, era logo malefício!... Eram as sobrinhitas. A mais pequena chamava-se Maria e a outra Rita...

— Vá, sua desalmada, erga a saia, leve direito o seu braçado de erva.

E atirou para a saia que a pequena estendia, a erva que colhera ao pé da sepultura da tia Sabina.

— É da tenra — disse ele —, é da que já cresceu depois que a senhora se enterrou...

Artur instintivamente olhou o molho de erva, que a pequena, com muito cuidado, apertava na dobra da saia, contra o ventrezinho. Já havia naquela erva, pensou — porque desde os tempos de Coimbra conservava ideias panteístas — alguma coisa da doce velhinha.

— E para que é a erva, tio Jacinto?

— A erva, Sr. Arturzinho? Ah, que é muito tenra. Escolhia-a de propósito... Saiba V. S.ª que é para os coelhos — respondeu o tio Jacinto, fechando à chave a grade do cemitério.

ALVES & COMPANHIA

Primeira edição: 1925

1

Nessa manhã, Godofredo da Conceição Alves, encalmado, soprando por ter vindo do Terreiro do Paço quase a correr, abria o batente de baetão verde do seu escritório, na Rua dos Douradores, quando o relógio de parede, por cima da carteira do guarda-livros, batia as duas horas, naquele tom cavo a que os tetos baixos davam uma sonoridade dolente e triste. Godofredo parou, verificou o seu próprio relógio, preso por uma corrente de cabelo sobre o colete branco, e não conteve um gesto de irritação vendo a sua manhã assim perdida pelas repartições do Ministério da Marinha. Era sempre assim, quando o seu negócio de comissões para o

Ultramar o levava lá. Apesar de ter um primo diretor-geral, de escorregar de vez em quando uma placa de cinco tostões na mão dos contínuos, de ter descontado letras de favor a dois segundos-oficiais, eram sempre as mesmas esperas dormentes pelo ministro, um folhear eterno de papelada, hesitações, demoras, todo um trabalho irregular, rangente e desconjuntado de velha máquina meio desaparafusada.

— Sempre o mesmo encaranguejamento — exclamou ele, pousando o chapéu sobre a carteira do guarda-livros. — Dá vontade de os espicaçar, como aos bois: eh! Ruço! eh! Malhado! pra diante!...

O guarda-livros, moço amarelado, de aspeto doente sorriu. Espalhou areia

sobre alarga folha que acabava de escrever e disse, sacudindo-a:

— O Sr. Machado deixou um bilhete lá dentro... Diz que ia ao Lumiar.

Godofredo, que limpava a testa com o lenço de seda, escondeu um sorriso por trás do lenço e pôs-se a examinar a correspondência que o guarda-livros continuava a polvilhar de areia.

Uma carroça, fora, atroou um momento a rua estreita, com um ruído de ferragens sacudidas. Depois, tudo recaiu num silêncio pesado.

Um empregado, agachado diante de um caixote, escrevia um nome sobre a tampa. A pena de pato do guarda-livros rangia; por cima, o relógio batia um tiquetaque forte, e naquele grande calor do dia, no abafamento dos tetos baixos,

subia dos caixotes, dos fardos, da papelada poeirenta, um cheiro vago de ranço e de mercearia.

— O Sr. Machado estava ontem em D. Maria — murmurou o guarda-livros, sem cessar de escrever.

Alves largou a carta que lia, interessado, com o olhar mais vivo:

— Que ia ontem?

— *O Trapeiro de Paris*...

— Que tal?

O guarda-livros ergueu os olhos da carta para responder:

— Eu cá gostei muito do Teodorico...

Alves esperou ainda algum detalhe, uma apreciação; mas o guarda-livros retomara a pena: continuou a sua leitura. Durante uns instantes, o trabalho

do empregado, agachado, interessou-o: seguia o pincel, admirando as curvas das letras.

— Ponha-lhe um til, homem! Fabião tem um til...

E como o rapaz se atrapalhava, ele próprio se abaixou, tomou o pincel, deu o seu til a Fabião.

Fez ainda umas recomendações ao guarda-livros sobre uma remessa de baetão vermelho para Luanda, e, empurrando outro batente verde, desceu dois degraus, — porque naquele rés do chão os pavimentos eram de níveis diferentes — e penetrando no seu gabinete pôde enfim desabotoar o colete e estender-se na sua poltrona de repes verde.

Fora, o dia de julho abrasava,

faiscava nas pedras dos passeios. Mas ali, naquele gabinete onde nunca dava o sol, assombreado pelos altos prédios fronteiros, havia uma frescura que as persianas verdes, corridas, envolviam numa penumbra repousada; e o verniz das duas carteiras — a dele e a do sócio — a esteira que cobria o chão, o repes verde bem escovado das cadeiras, uma moldura dourada encaixilhando uma vista de Luanda, a alvura lustrosa de um grande mapa na parede, tinham um ar de arranjo, de ordem, que punha no gabinete um repouso, uma frescura maior. Havia mesmo um ramo de flores, que sua mulher, a boa Lulu, lhe mandara na véspera, compadecida de o saber, por aquelas manhãs de calma, no abafamento do escritório, sem a cor viva de uma flor que

lhe alegrasse os olhos. Tinha posto o ramo sobre a carteira do Machado: mas, sem água, as flores murchavam.

O batente verde abriu-se e o guarda-livros mostrou a face amarelenta e doentia:

— O Sr. Machado deixou alguma recomendação a respeito do vinho de Colares para Cabo Verde? — perguntou.

Só então Alves pensou na carta do sócio que estava sobre a escrivaninha. Abriu-a: as duas primeiras linhas explicavam a ida ao Lumiar; depois, com efeito, começava: «a respeito do Colares...»

Alves deu a carta ao guarda-livros, e quando o batente se fechou de novo, teve outra vez o mesmo sorriso disfarçado. Desde o começo do mês, era a

quarta ou quinta vez que o Machado desaparecia assim do escritório, ora para ir ao Lumiar ver a mãe, ora à outra Banda visitar um amigo tísico, ora mesmo, sem razão, com esta palavra vaga: «um negociozito»! E Alves sorria. Começava a desconfiar daquele «negociozito»!

Machado tinha vinte e seis anos e era bonito moço. Com o seu bigodito louro, o cabelo anelado e um certo ar de elegância, as mulheres gostavam dele. Desde que eram sócios, Alves conhecera-lhe três ligações: uma espanhola que, apaixonada por ele, deixara um brasileiro rico, um antigo influente de província que lhe pusera casa; depois, uma atriz de D. Maria, que não tinha nada senão uns lindos olhos; agora, era aquele «negociozito»! Mas estes novos amores

decerto eram mais delicados, tomando um lugar maior no coração e na vida de Machado. Godofredo sentia-o bem, por certo ar inquieto e preocupado do sócio, o que quer que fosse de contrafeito, de triste por vezes... De resto, Machado nunca lhe contara as suas aventuras, não mostrara jamais a menor tendência para uma efusão, uma confidência... Eram íntimos. Machado ia passar muitas noites a casa dele, tratava a Lulu quase como uma irmã, jantava lá todos os domingos; mas, ou porque tivesse entrado na firma comercial havia pouco, ou por ser dez anos mais novo, ou porque Alves tivesse sido amigo de seu pai e um dos seus testamenteiros, ou ainda talvez por ser casado, Machado conservava para com ele uma certa reserva, um vago respeito e nunca entre

eles se estabelecera uma verdadeira camaradagem de homens. Por isso Alves também não o interrogava. O «negociozito» não pertencia aos interesses da firma: ele não tinha nada com isso.

Apesar daquelas ausências repetidas, Machado continuava a ser muito trabalhador, amarrado à carteira dez è doze horas em dias de paquete, ativo, fino, vivendo todo para a prosperidade da firma; e Alves não podia deixar de confessar que, se na firma ele representava a boa conduta, a honestidade doméstica, a vida regular, a seriedade de costumes, Machado representava a finura comercial, a energia, a decisão, as largas ideias, o faro do negócio.

Ele, Godofredo, fora sempre de

natureza indolente, como seu pai, que, por gosto, se fazia transportar de uma sala para a outra numa cadeira de rodas.

De resto, apesar dos seus princípios severos de rapaz educado a sério nos jesuítas, cheio de boas crenças e que nunca antes de casado tivera uma aventura, um amor irregular, ele sentia por estas «tolices» do Machado uma vaga e simpática indulgência. Em primeiro lugar, conhecera Machado de pequeno e bonito como um querubim; depois, nunca deixara de o impressionar vagamente a boa família do sócio, o seu tio Visconde de Vilar, as suas relações na sociedade, o caso que dele fazia D. Maria Forbes, que o convidava para as suas quintas-feiras, apesar de negociante. Admirava-lhe as belas maneiras e certos requintes de

elegância; impressionava-o aquele bom ar, aquela distinção do Machado. Mas havia ainda outra razão, uma razão de temperamento, para que ele não deixasse de simpatizar vagamente e a seu pesar com as aventuras amorosas do Machado. É que, no fundo, aquele homem de trinta e sete anos, já um pouco calvo, de farto bigode preto, era ainda, apesar das preocupações do negócio, ligeiramente romântico. Herdara aquilo de sua mãe, uma senhora magra, que tocava harpa, passava a vida a ler versos. Fora ela que lhe pusera aquele nome ridículo de Godofredo. Mais tarde, todo esse sentimentalismo que durante longos anos se dera às coisas literárias, aos luares, aos amores de romance, se voltara para Deus, num começo de monomania

religiosa. A leitora de Lamartine tornara-se uma devota maníaca do Senhor dos Passos e os seus últimos dias foram um longo terror do Inferno! Ele herdara alguma coisa destas tendências da mãe. Em rapaz, tivera toda a sorte de entusiasmos que se não fixavam, que flutuavam, indo dos versos de Garret ao Coração de Jesus. Depois, calmara, a seguir a uma febre tifoide; e quando veio a ocasião de tomar a casa de comissões de seu tio, era um homem prático, vendo a vida pelo seu lado material e sério. Ficara-lhe contudo na alma um fundo de sentimentalismo romântico, que não queria morrer; assim, gostava de teatro, de dramalhões, de incidentes violentos. Lia muitos romances; as grandes ações, as grandes paixões exaltavam-no, e sentia-se

por vezes capaz de um heroísmo ou de uma tragédia. Mas tudo isto era vago, quase inconsciente, movendo-se surdamente no fundo do coração; e se as paixões românticas o interessavam, decerto não pensara nunca em lhes provar o mel ou as amarguras! Não; ele era um homem casto que amava a sua Lulu; somente gostava de as ver no teatro ou nos livros. E agora o romance que ele sentia ali, ao seu lado, no seu escritório, interessava-o. Era como se os fardos, a papelada, se espiritualizassem com aquele vago perfume de aventura que emanava do Machado...

De novo o batente verde se abriu e a face amarelada do guarda-livros apareceu. Vinha restituir a carta do Sr. Machado, e, antes de se retirar, lembrou,

pela porta entreaberta:

— Hoje, é a reunião geral da *Transtagana*.

Alves teve uma surpresa:

— Então... Então hoje são nove?

— Hoje são nove.

De resto, sabia perfeitamente que era o dia nove. Mas é que a ideia da reunião anual da *Transtagana* trazia-lhe bruscamente a lembrança do aniversário do seu casamento. Durante os dois primeiros anos fora um dia de festa intima, com um bonito jantar a que ia a família, uma pequena dança, à noite, ao som de um simples piano. Depois, o terceiro aniversário coincidira com os primeiros tempos do luto pela sua sogra, quando, na casa ainda triste, Lulu ainda chorava pelos cantos. E agora, este dia de

festa deslizava, estava quase passado, e nem um nem outro tinham sequer pensado nisso. A Lulu não se lembrara, decerto. Quando ele saíra, de manhã, ela penteava-se, ao espelho, já a pé, e não lhe falara em nada. Era pena que aquele belo dia findasse assim, sem que se abrisse uma garrafa de vinho do Porto, sem terem ao menos um creme mais cuidado à sobremesa. Além disso, devia ter convidado o sogro e a cunhada — ainda que ultimamente as suas relações tivessem arrefecido, houvesse um afastamento, por causa de uma criada nova que se tornara toda-poderosa em casa do viúvo.

Mas enfim, numa data daquelas, de festa, como uma data de anos, aquelas coisas esqueciam-se, o sentimento de família dominava. E decidiu logo correr à

Rua de S. Bento, lembrar à Lulu aquela grande data, mandar um recado ao sogro, que morava a Santa Isabel. Eram quase três horas, a correspondência estava assinada, não havia nesse dia outros afazeres, naquele espécie de repouso que se seguia sempre à azáfama das ocasiões de paquete. E tomando o chapéu, no regozijo do meio feriado, alegrava-se à ideia de ir surpreender com um bom abraço a sua querida Lulu. Só uma coisa o contrariava: que o Machado estivesse no Lumiar e não pudesse jantar com eles.

— Volta? — perguntou o guarda-livros, vendo-o de chapéu na cabeça.

Godofredo pensou um momento em o convidar, mas temeu que o Machado se ofendesse, sabendo o seu talher tão facilmente preenchido.

— Não volto... Se o Sr. Machado por acaso aparecer, — não é natural — mas enfim, se aparecer, que lá o esperamos, às seis... como estava combinado.

Ao descer a escada, sentia-se contente como se tivesse casado na véspera. Era um desejo ardente de entrar em casa, por aquele calor, vestir o seu casaco de linho, meter os pés nos chinelos, e ali ficar, esperando pelo jantar, gozando o seu interior, os movimentos, a presença da sua bonita Lulu. E naquela onda de felicidade que o invadia, veio-lhe a boa ideia de lhe levar um presente. Pensou num leque, mas depois decidiu-se por uma pulseira que vira havia dias numa vidraça de ourives: uma serpente de ouro, com dois olhos de

rubis, mordendo o rabo. E este presente tinha uma significação: simbolizava a eterna continuidade, a volta regular dos dias felizes, alguma coisa que vai sempre girando num círculo de ouro.

Somente receava que a joia fosse cara. Mas não: apenas cinco libras; e como, enquanto ele a examinava, o ourives afiançara que, na véspera, vendera uma igual à Sr.ª Marquesa de Lima, não hesitou mais, pagou logo. E ainda não tinha dado dois passos na rua, parou sob uma sombra, abriu de novo a caixa, deu-lhe outro olhar, tão contente estava com a sua compra. E vinha-lhe um enternecimento, como vem sempre a quem oferece um presente: como uma pequena porta aberta no egoísmo e na avareza natural do homem, através da qual

irrompesse toda a onda expansiva das generosidades latentes. Naquele momento, Godofredo desejou ser rico e poder ofertar a Lulu um colar magnífico de brilhantes. Eram casados havia quatro anos, e nunca entre eles houvera uma nuvem.

Desde que a vira, numa tarde em Pedrouços, adorava-a. No entanto, podia agoraconfessá-lo, ao princípio tivera-lhe medo. Julgara-a imperiosa, orgulhosa, exigente, seca. Tudo por causa da sua bela estatura, dos seus grandes olhos negros, do porte ereto, do cabelo ondeado e crespo... Mas afinal, dentro daquele corpo magnífico de rainha bárbara, encontrara um coraçãozinho de criança. Era boa, era esmoler, era alegre, e o seu génio corria igual e suave como a superfície

transparente de um rio, numa tarde de verão.

Só durante um tempo, havia coisa de quatro meses, ela mostrara certas desigualdades, um pouco de melancolia, uma pontinha de nervos; até ele supusera que... Mas não, não era isso, infelizmente. Eram nervos, e tinham passado; viera uma reação — e nunca, como nos últimos tempos, ela fora tão terna, tão alegre, enchendo-o de tanta felicidade...

E tudo isto lhe bailava alegremente em volta do coração, enquanto subia, na calmaria ardente, sob o seu guarda-sol, a Rua Nova do Carmo. Ao alto da rua, no restaurante do Mata, parou a encomendar uma empada de peixe para as seis horas. Comprou ainda um fiambre, um queijo da serra, e olhava em redor

para ver o que poderia levar mais, com a alegria e a sofreguidão de um pássaro que provê o seu ninho. Subiu o Chiado. Um momento parou, a olhar com respeito um grande homem, um grande poeta, um grande historiador, que nesse momento, de velho casaco de lustrina e chapéu de palha, conversava à porta do Bertrand, com o seu enorme lenço de ramagens preparado para se assoar. Godofredo admirava-lhe os romances e o estilo. Depois, comprou charutos para o sogro, para depois do jantar. Desceu, enfim, a Calçada do Correio, que faiscava sob o sol, poeirenta e seca. Apesar do calor, caminhava depressa, palpando de vez em quando a caixa da pulseira, que metera no bolso da sobrecasaca.

Chegara à Rua de S. Bento, a meia

dúzia de passos da sua casa, quando, dentro da confeitaria, viu a sua criada, a Margarida, esperando ao balcão. Compreendeu logo que a Lulu não se esquecera do dia, da data feliz: a Margarida viera comprar doces, sobremesas.

Em dois passos, entrou no seu portal. Era uma casa de dois andares, pintada de azul, apertada entre dois grandes prédios sórdidos. Ele ocupava o primeiro andar, e, apesar de não se dar com os vizinhos de cima, gente barulhenta e ordinária, de não gostar que eles participassem do luxo da sua entrada, tinha mandado ultimamente, a pedido da Lulu, atapetar a escada. E não se arrependia; era sempre com um prazer novo que, ao entrar em casa, sentia sob os

pés aquele tapete que se desenrolava pelos degraus, comunicando-lhe uma sensação de conforto sólido. Aquele tapete dava-lhe um acréscimo de consideração por si mesmo. A Margarida, que saíra apenas por um instante, deixara a cancela aberta; um profundo silêncio reinava dentro da casa; tudo parecia adormecido sob a grande calma do dia. Uma luz forte caía da claraboia e o cordão da campainha, com a sua borla escarlate, pendia imóvel.

Veio-lhe então uma ideia absurda de noivo folgazão: entrar pé ante pé, ir ao quarto surpreender a Lulu que, ordinariamente, àquela hora, se vestia para o jantar. E sorria já dogritinhoque ela ia dar, em saia branca talvez, com os seus belos braços nus... A primeira sala era a

de jantar, que comunicava por duas portas de reposteiros, com o *boudoir* dela e com a sala de visitas. Entrou. No chão esteirado, os seus sapatos de verão, de sola fina, não faziam o menor ruído. As salas pareciam desabitadas, num silêncio tão completo que se sentia vir da cozinha um rumor de fritura, e se ouvia na varanda o saltitar do canário dentro da sua gaiola. Dirigiu-se para o reposteiro do *boudoir*, e, sorrindo baixo, ia levantá-lo, assustá-la, quando da sala de visitas, através do reposteiro meio corrido, veio um rumor ligeiro, indistinto, como um vago suspiro, um garganteio muito leve. Godofredo voltou-se, sentindo-a ali; espreitou... E o que viu — santo Deus! — deixou-o petrificado, sem respiração, com todo o sangue na cabeça e uma dor tão aguda no

coração que quase o deitou por terra: sobre o canapé de damasco amarelo, diante de uma mesinha onde havia uma garrafa de vinho do Porto, Lulu, de *robe-de-chambre* branca, encostava-se, abandonada, sobre o ombro de um homem que lhe passava o braço pela cintura, contemplando-lhe o perfil com o olhar afogado em languidez. O homem era o Machado!

2

Ao estremecer do reposteiro, Ludovina vira-o, e dando um grito, saltara instintivamente para longe do sofá. Godofredo ouvira aquele grito, mas não se podia mexer. Sem saber como, achara-se caído sobre uma cadeira, ao pé da porta, e tremia, tremia como numa sezão, tomado de frio. Através do rumor de febre que lhe enchia a cabeça, o deixava sem ideias, ele sentia toda a atrapalhação que ia dentro da sala: passos fortes pisando o tapete, umas palavras trocadas, num sopro, com angústia... O ferrolho da porta que dava para a escada correu; depois, um silêncio... Então, subitamente, a ideia que eles tinham fugido ambos, restituiu-lhe

bruscamente as forças. Um furor apoderou-se dele, e, de um pulo, arremessou-se para dentro da sala. Mas tropeçou numa pele de raposa que ornava o limiar e foi estatelar-se ridiculamente sobre o tapete!

Quando se ergueu, furioso, com os punhos cerrados, o reposteiro da porta da escada balouçava-se na aragem: não havia ninguém na sala.

Correu ao patamar; a escada desenrolava-se sob a luz viva da claraboia, com o seu grande ar de decência burguesa. Então, alucinado, precipitou-se para a janela; pela rua fora, a passadas de côvado, o Machado afastava-se com o guarda-sol na mão. Onde estava ela, então? Quando se voltou, no meio da sala, viu a Margarida,

espantada, com o seu cartucho de bolos na mão.

— Onde está ela? — gritou-lhe Godofredo.

Ao princípio, a criatura não compreendeu; mas subitamente deixou cair o cartucho, levou o avental aos olhos e rompeu a chorar. Ele repeliu-a, quase a atirou para o chão, correu à cozinha: com a porta fechada, cantando alto para o saguão e escamando o seu peixe, a cozinheira nada ouvira, nada sabia. Então Godofredo, voltando, arremessou-se contra a porta do quarto de Ludovina: estava fechada!

— Abre ou arrombo! — berrou.

Não houve resposta. Ele colou o ouvido à madeira: vinha de dentro, como um sopro de angústia e de terror, um vago

soluçar...

— Abre ou arrombo — gritou de novo, e cheio de ideias de sangue e de morte, atirou uma punhada à porta, como se fosse já sobre o corpo dela que batesse.

Então, de dentro, uma voz aflita respondeu, num grito de súplica:

— Mas não me faças mal!...

— Juro-te que te não faço mal... Abre! Abre!

A chave rangeu. Ele precipitou-se, enquanto Ludovina, no seu grande penteador branco, se refugiava por trás da cama, apertando as mãos, com os olhos arregalados de pavor e cheios de lágrimas.

E então, diante daquela mulher que chorava, o seu furor caiu, e ali ficou, com

a garganta estrangulada, dardejando-lhe olhos de louco, quase a chorar também. Ela deu dois passos lentos para ele, com os braços abertos, e tremendo-lhe a voz, tremendo toda, gritou por entre as lágrimas:

— Oh, Godofredo, pela tua saúde, perdoa, eu não tinha feito mal nenhum, e era só a primeira vez!...

E ele, com a garganta estrangulada, só conseguia articular, de dentes cerrados:

— A primeira vez... a primeira vez...

A sua cólera subia, fez explosão, num berro:

— E que fosse a primeira, que tem que fosse a primeira? E então com quem, infame! E então com quem! O que eu

devia era matar-te. Vai, vai-te embora, sai daqui, deixa-me, criatura... Vai-te, vai-te!...

Ela saiu, num choro desesperado; e voltando-se, Godofredo viu, à porta do corredor, a cozinheira que espreitava, curiosa, com o olho aceso, e atrás, mais na sombra, Margarida, inquieta e encolhida, espreitando também.

— Que faz vossemecê aqui? — rugiu ele. — Já prá cozinha! Se há aqui um pio, vai tudo prá rua!

E atirou com a porta, ficando a passear furiosamente pelo quarto, onde o grande leito com as duas travesseirinhas unidas ostentava a sua brancura. E através do sangue que lhe fervia na cabeça, as suas ideias iam-se fixando. Decidiu logo bater-se com o Machado, num duelo de

morte, e a ela, mandá-la para casa do pai. Pensou também em a mandar para um convento, mas pareceu-lhe mais deprimente para ela, mais digno para ele, ir muito simplesmente restituí-la ao pai. E apenas mediu, pesou, fixou estas duas resoluções, a sua grande cólera acalmou-se.

Agora sentia uma tristeza dura, negra, a que se misturava a necessidade imperativa, fria, aguda, de se vingar... E a casa parecia de novo adormecida ao sol, conservando apenas no ambiente como que um surdo calor da cólera que ali passara.

Godofredo então procurou compor o rosto: arranjou mesmo a gravata diante do espelho, e empurrando a porta, entrou para a sala de jantar. Ela lá estava,

sentada numa cadeira, encostada à parede, com o lenço na mão, chorando baixo e assoando-se por entre as lágrimas. O seu belo cabelo negro ainda estava metido numa rede vermelha, e o chambre que se desapertara deixava ver um bocadinho de renda de camisa, uma vaga brancura de seio... Ele desviou os olhos: não a queria ver chorar. E foi voltado para a janela, seco e duro, que disse:

— Arranje as suas coisas, pra ir pra casa de seu pai.

Sempre com os olhos voltados para a vidraça, sentiu que por trás dele o choro brando tinha parado. Mas ela não respondeu. Godofredo esperou ainda uma súplica, um grito de amizade, uma palavra de arrependimento: mas só a ouviu assoar-se. Então, tornou-se cruel:

— Em minha casa — continuou, sempre voltado para a janela, com uma voz mordente que a devia queimar — não quero prostitutas. Pode levar tudo... Tudo o que é seu, leve-o. Mas rua!

Voltou as costas, foi fechar-se no seu gabinete, uma espécie de alcova pequena, onde tinha apenas uma escrivaninha e uma estante. Sentou-se, preparou o papel, lançou ao alto a data, com a mão trémula, que tornava irregular o seu belo cursivo comercial. Depois hesitou se diria: *meu caro Papá*, ou somente: *Exmo. Sr.;* mas decidiu-se logo por esta última fórmula, porque afinal, agora, todo o parentesco acabara: já não tinha família! E diante do papel branco e vazio, ficou pensando, revolvendo esta ideia: já não tinha família. Uma tristeza

imensa invadiu-o, sentiu uma grande compaixão por si mesmo. Porque lhe sucedia isto, a ele, tão bom, tão trabalhador e que a amava tanto? Uma lágrima veio-lhe aos olhos. Mas não se queria comover, queria escrever, friamente, rapidamente a sua carta. Ao tirar o lenço para secar os olhos, encontrou uma caixa, a caixa da pulseira! Abriu-a: no seu ninho de seda, a cobra de ouro com olhos de rubis, enroscava-se, trincando o rabo. E ali estava o belo símbolo da eterna continuidade dos dias felizes, que voltam, um a um, como alguma coisa que vai sempre girando num círculo de ouro! E sentiu um desejo furioso de a acabrunhar, de lhe atirar em rosto todas as bondades que tivera com ela, os seus sacrifícios, as *toilettes* que

lhe dera, os caprichos a que obedecera... e o camarote em S. Carlos, e as dedicações do seu amor. Não se conteve, voltou à sala de jantar, com os lábios cheios de exprobrações.

Ela ainda lá estava, mas agora de pé, e, como ele, pouco antes, fixava estupidamente o prédio fronteiro, limpando os olhos. A luz banhava o seu belo perfil e a linha mole da saia continuava a graça forte do seu corpo. Subitamente, Godofredo sentiu que as palavras se lhe secavam na boca. Não achava uma transição para começar as suas invetivas, e, defronte da outra janela, torcia furiosamente o bigode, com o coração num tormento e os lábios estéreis. Por fim, uma ideia absurda surgiu do seu vago fundo romântico: atirou a pulseira

para cima da mesa, gritou:

— Mete isso também na mala; tinha-ta comprado hoje; é mais uma prenda...

Ela, instintivamente, deu um olhar à pulseira. Depois, recomeçou a chorar.

Aquelas lágrimas mudas importunavam-no, enervavam-no:

— Para que estás tu a chorar? De quem é a culpa? Minha não é, que nunca aqui te faltou nada!

Então, foi uma explosão. Passeando pela sala, numa voz baixa, rápida, lançou-lhe à face toda a sua ternura, toda a sua dedicação. Ela deixara-se cair sobre uma cadeira, chorando sempre; parecia dever chorar assim eternamente. Ele gritou:

— Mas deixa-te de choros; fala!

Diz, explica... Não tens nada que te desculpe? Foste tu que quiseste, foste tu que o provocaste?...

Ela levantou vivamente o rosto. Um clarão luziu-lhe nos olhos através das lágrimas. E sofregamente, como quem se agarra para não cair, acusou o Machado. Fora ele, ele só tivera a culpa. Aquilo começara havia quatro meses, quando ele tinha deixado a do D. Maria. E então começara com ela, e falava-lhe, e escrevia-lhe, e tentava-a, e aparecia lá quando Godofredo estava no escritório, e um dia, enfim, quase à força...

— Juro-te que foi assim... Eu não queria, pedi-lhe por tudo... Depois, tive medo que a Margarida ouvisse o barulho...

Godofredo ouvia estas coisas,

lívido!

— Deixa ver as cartas dele — disse por fim numa voz que mal se ouvia.

— Não as tenho...

Ele deu um passo para o quarto, dizendo:

— Eu as acharei!

Ela erguera-se com um grito, envolvendo-o nos braços:

— Juro-te que as não tenho. Assim Deus me salve... Entreguei-lhas todas há dias...

Ele afastou-a, foi ao toucador. Justamente, o molho das chaves estava sobre o mármore, entre os frascos. E começou uma busca desesperada por entre os lenços, as rendas, as caixas de leques, todas essas coisas íntimas de mulher...

Ela por vezes tomava-lhe o braço,

jurava-lhe que não tinha cartas. Mas ele, tranquilamente, afastava-a e continuava devastando as gavetas. Um leque de marfim quebrou-se ao cair; um rosário de contas com a sua cruz jazia no chão.

E já lhe parecia que ela falava verdade, quando viu o maço de cartas, apertadas com uma fita de seda, expondo-se estupidamente à sua vista, desde o princípio, entre duas escovas. Arrebatou-as; não eram cartas dele; eram dela. A primeira que abriu, começava por: *meu anjo*. Então, tranquilamente, meteu-as no bolso, e voltando-se para ela que ficara prostrada à beira do leito, disse:

— Arranje-se para sair hoje mesmo.

Voltou para o seu gabinete, e aí, uma por uma, leu as cartas. Não podia

haver nada mais imbecil; era a perpétua repetição de frases feitas e empoladas: «Meu anjo adorado, porque não fez Deus que nos encontrássemos há mais tempo?...» «Meu amor, pensas tu naquela que daria a vida por ti?» E mesmo isto: «Ai, quem me dera ter um filho teu...» E cada frase lhe caía no coração como uma pancada surda que o devastava. Uma sobretudo enfureceu-o; começava: «Riquinho da minha alma, que tarde a de ontem...»

Então, vivamente, quase rasgando o papel com a pena, escreveu a carta ao sogro, quatro palavras simples — «que encontrara sua mulher com um homem, e desejava que ele a viesse buscar e a recolhesse. Senão, ele pô-la-ia fora de casa como uma meretriz, indiferente ao

destino que tomasse. E num *post-scriptum* acrescentava que ia sair das cinco às sete — e lhe pedia que aproveitasse essa ausência dele para vir buscar a filha. Meteu a carta no bolso, compôs a sobrecasaca, passou instintivamente a manga pela seda do chapéu, e saiu.

Na escada encontrou um rapaz de avental branco, com um cesto no braço.

— É aqui que mora o Sr. Alves?

Era a empada, o fiambre, o queijo da serra, todas as boas coisas que ele comprara. Uma onda de tristeza afogou-lhe o coração. Teve de se segurar ao corrimão para não desfalecer...

— É de casa do Mata? — perguntou com esforço.

— Sim, senhor — respondeu o rapaz, espantado daquele senhor que

parecia tão doente.

Godofredo murmurou:

— Sobe, bate em cima...

E ficou a escutar. Ouviu o rapaz tocar, a porta abrir-se — depois a voz de Margarida dizer para dentro:

— É um rapaz que traz uma empada, minha senhora...

Então Godofredo desceu as escadas quatro a quatro — mas em baixo, dominado pela decência grave da sua entrada, procurou calmar-se, abotoou a sobrecasaca, passou as mãos pela face, e saiu com aquele ar de sólida prosperidade que o tornava tão respeitado da vizinhança.

3

Felizmente, defronte da mercearia, estava um galego que às vezes lhe fazia recados e conhecia a casa do sogro. Entregou-lhe a carta, recomendando-lhe que a entregasse em mão própria e não esperasse pela resposta; e como conhecia a probidade daquele homem encanecido no serviço do bairro, acrescentou:

— Tem cuidado, vai dinheiro dentro... uma nota.

O velho guardou a carta nas profundidades do seio, por baixo da camisa.

E então, de longe, Godofredo pôs-se a seguir aquela carta. Viu o homem entrar na casa onde vivia o sogro, um

prédio de quatro andares, enxovalhado, com uma loja de trastes velhos por baixo. Neto morava lá no alto, no andar que dava para a varanda, onde havia um vaso de flores. Durante tempo que lhe pareceu uma eternidade, esteve, de longe, vigiando a porta. O galego não descia e veio-lhe o terror que o sogro não estivesse em casa. Se tivesse saído? Se recolhesse tarde? Se jantasse fora? Não daria então sinal de si se não à noite. E ele, que havia de fazer? Errar pelas ruas, à espera que sua mulher saísse? E isto transmitia-lhe uma sensação terrível de abandono, de desordem, como se para sempre tivesse acabado a regularidade das coisas. De repente, viu o galego; entregara a carta ao Sr. Neto, e descera logo, sem esperar. Então Godofredo, aliviado, continuou a

caminhar ao acaso. Instintivamente, os seus passos fizeram o caminho habitual de todas as manhãs, o caminho do seu escritório. Desceu o Chiado. Na Rua do Ouro parou um momento a olhar para uma pistola, na *vitrine* do Lebreton, e a ideia da morte atravessou-o. Mas não queria pensar nisso, agora, nem no seu duelo. Logo, às sete horas, quando recolhesse e encontrasse a casa vazia, então sim, pensaria no duelo, no ajuste de contas com o outro. E foi andando, ao acaso. Um momento pensou em ir ao Passeio Público, mas receou encontrar o Machado. Seguiu pelo Terreiro do Paço, pelo Aterro, quase até Alcântara. Ia como um sonâmbulo, sem reparar na gente que o acotovelava, nem na beleza da tarde de verão, que morria num esplendor de ouro

vivo. Não pensava em coisa alguma. Tinha no cérebro como que uma ondulação de ideias em que passava toda a sorte de coisas — recordações do seu namoro com Ludovina, passeios que tinha dado com ela; depois, a maneira como ela estava recostada no braço do outro, com a garrafa de vinho do Porto na frente! E a cada momento voltavam-lhe fragmentos das cartas dela: «meu anjo, porque não hei de eu ter um filho teu!?» Era mesmo o que ela lhe dissera, com os lábios unidos aos dele, de noite, no calor do leito... Regozijava-se agora de não ter um filho de uma tal infame!

Ia escurecendo; pensou em voltar. Uma grande fadiga tomara-o, de todas as profundas emoções, daquela grande caminhada no ar mole do dia de julho.

Entrou num café, bebeu um grande copo de água, e ficou sentado, com a cabeça apoiada à parede, abandonando-se ao prazer do seu curto descanso, na meia penumbra do café.

Um crepúsculo quente envolvia a cidade. Todas as janelas abertas respiravam, depois da grande calma do dia; uma ou outra luzia-se acendendo, e via-se passar gente encalmada, com o chapéu na mão.

E ele sentia um vago prazer naquela penumbra e naquele repouso. Parecia-lhe que a sua dor se dissipava, se dissolvia na absoluta inação do corpo, entre as sombras do anoitecer. E vinha-lhe um desejo de ficar ali para sempre, sem jamais se acenderem as luzes, sem que jamais ele tivesse de se mover, de dar um

passo na vida. E a ideia da morte invadiu-o de um modo insinuante e sereno como o sopro de uma carícia.

Desejou verdadeiramente morrer. Naquele abatimento em que o seu corpo caíra, todas as amarguras por que tinha ainda que passar, todas as coisas cruéis que tinha de fazer, — a volta à casa solitária, o encontro com o Machado, os passos a dar para arranjar testemunhas — lhe pareciam outros tantos esforços intoleráveis, como penedos que as suas pobres mãos jamais poderiam erguer... E seria delicioso encostar a cabeça ao muro, e ficar ali naquele banco, morto, liberto, fora de toda a dor, tendo saído da vida com a silenciosa tranquilidade de uma luz que finda.

Um momento pensou no suicídio.

E não o aterrava nem o fazia estremecer a ideia de se matar. Somente o procurar uma arma, o dar um passo para se atirar ao rio, eram ainda esforços, iniciativas que lhe repugnavam naquele desfalecimento de toda a vontade. Desejaria morrer ali, sem se mover. Se uma palavra bastasse, uma ordem dada baixinho ao seu coração, para que parasse e arrefecesse, diria essa palavra tranquilamente...

E talvez, quem sabe, ela chorasse, talvez lhe sentisse a falta...

Mas o outro?

E a esta ideia, à ideia do outro, a resolução voltou-lhe; — uma energia, vaga ainda, bastante contudo para que se erguesse, continuasse o seu caminho. Sim, bem contente ficaria o outro, se ele desaparecesse para sempre, esta noite.

Sentiria um completo alívio! Durante uns dias, mostrar-se-ia pesaroso, talvez se sentisse realmente perturbado. Mas depois continuaria a vida: a firma passaria a ser Machado & C.ª. Ele teria outras amantes, continuaria a frequentar os teatros, a pôr *cire-à-moustache* no bigode... Este detalhe irritou-o. Isto não era justo! Fora o outro que causara todas aquelas ruínas, a destruição de uma bela felicidade... Era o outro que devia morrer! Era Machado que devia desaparecer; era Machado que se devia matar! Isso, sim, seria mais justo.

E as coisas seriam o contrário; a firma continuaria a ser Alves & C.ª, ele poderia, mais tarde, reconciliar-se com sua mulher, e a vida seguiria, resignada e calma... Era assim que devia ser. Deus,

olhando para um, olhando para o outro, medindo os méritos e as culpas de cada um, devia fazer desaparecer o Machado, inspirar-lhe a ele a ideia do suicídio!

E então, destas duas imaginações absurdas que se balançavam no seu espírito perturbado — o seu suicídio, o suicídio do outro — uma ideia surgiu, como faísca viva dentre duas nuvens pesadas, uma ideia nítida em todos os seus detalhes, que lhe pareceu justa, realizável, a mais conveniente, a única digna: propor ao Machado que um deles se suicidasse!

Mas neste momento, alguma coisa de familiar nas casas, junto das quais caminhava, fez-lhe sentir que voltara inconscientemente para junto da sua porta. Parou, todo tomado pela ideia de

Ludovina, contemplando a casa. Com o seu bico de gás defronte, ela punha, entre os dois altos prédios, a decência da sua fachada asseada, pintada de azul. No seu andar tudo estava apagado. Estaria ela ainda ali? Teria o pai vindo buscá-la? E uma angústia terrível fazia-lhe bater o coração. Um momento desejou que ela lá estivesse, pensou na possibilidade de perdoar, tanto o aspeto daquelas janelas vazias o aterrava. Mas logo sentiu que em frente dela, daí por diante, ficaria gelado, constrangido... Não! Melhor seria que nunca mais se vissem!

Então, uma curiosidade levou-o a casa do sogro, ao fim da rua. Aí era o alto prédio desleixado, sujo. No terceiro andar do sogro, as janelas abertas respiravam a frescura da noite, mas de lá nenhuma luz

saía. Nem uma nem outra daquelas fachadas mudas lhe respondiam, lhe tiravam o peso da horrível inquietação.

Voltou a casa; empurrou o portão. A escada, tapetada, dormia na luz quente do bico de gás e o som abafado dos seus passos pareceu-lhe repercutir-se num lugar deserto e côncavo. Do segundo andar, vinha um som vago de piano, uma coisa do *Fausto*. A gente de cima era feliz, tocava piano!

A cozinheira veio abrir, e o que quer que fosse no seu modo revelou logo a Godofredo que Ludovina partira.

Na sala de jantar, sobre o oleado da mesa, ardia uma vela. Ele tomou-a e entrou no quarto de dormir. Viu logo a mala fechada, o baú... Mas havia ainda por todo o quarto objetos dela: as suas

chinelinhas junto da cama, e sobre a *chaise-longue*, estendido, o chambre branco que ela trazia de manhã...

Quando pousou a vela sobre o toucador, o seu rosto apareceu-lhe no espelho, pálido, envelhecido, fitando-o com um ar estranho de ruína e de abandono...

Vagamente, tomou de novo a vela, foi à sala de visitas. Aí ficara um ar de catástrofe: a pele de raposa enrolada para um lado; sobre a mesa, defronte do sofá, a garrafa de vinho do Porto, e, na borda de um prato, apagada, uma ponta de charuto. Diante daquela ponta de charuto, o charuto do outro, uma cólera surda invadiu-o; pareceu-lhe sentir-se esbofeteado por forte mão de ferro; teve o estremecimento de um insulto maior, e

jurou ser de bronze, nunca perdoar, mandar ele mesmo as malas embora, e ver o outro aos seus pés, morto... ou morrer ele!

Mas imediatamente resolveu resistir àquele estado de perturbação, de inquietação. Quis que no seu espírito reinasse a ordem, que tudo na casa retomasse o seu ar regular e calmo. Ela partira; as suas malas seguiriam nessa noite.

Daí por diante era um viúvo, mas o andamento da casa continuaria, sem desordem, serenamente.

Gritou logo pela Margarida:

— Então hoje não se janta nesta casa? São estas horas e a mesa não está posta?

A criatura olhou para ele, como

espantada de que ele quisesse jantar, de que se tornasse a jantar naquela casa. Ia decerto responder qualquer coisa, mas ele fitou-a de um modo tão firme, que ela saiu de esguelha, enfiada, e daí a momentos punha a mesa, apressando-se, mostrando zelo, como se quisesse fazer perdoar a sua vaga cumplicidade. Pôs mesmo na mesa tudo o que continha o cesto — a empada, o fiambre, o queijo da serra...

Godofredo, entretanto, fora para o seu gabinete. Agora aquela ideia que o atravessara bruscamente, ao recolher da amarga caminhada pelo Aterro, voltava-lhe, mais concreta, mais nítida, estabelecendo-se-lhe no espírito, tornando-se o centro de toda a sua atividade interior. Era muito simples: tirarem à sorte, ele e o outro, qual dos

dois se devia matar!

E isto não lhe parecia excessivo, nem trágico, nem despropositado. Pelo contrário, era coisa racional, digna, de mais viabilidade, a única possível. Julgava estar raciocinando com a maior clareza, muito friamente. Um duelo à espada, dois negociantes em mangas de camisa, atirando-se cutiladas desastradas e vãs, parecia-lhe ridículo, e não era sério trocarem duas balas de pistola, falharem-se ambos, e, cada um entre os seus padrinhos, voltarem a meter-se cerimoniosamente nas carruagens de aluguer!

Não. Para uma ofensa daquelas, só a morte: uma só pistola carregada, tirada à sorte entre eles, disparada à distância de um lenço. Mas isto não era realizável,

bem o sentia. Onde encontraria ele testemunhas que consentissem, quisessem partilhar a responsabilidade dessa tragédia? Debalde lhes explicaria a ofensa: o adultério é uma coisa grave para o marido; os outros consideram-no um fracasso que não pede estes excessos de sangue. Além disso, se ele fosse o morto, bem, acabava-se. Mas se visse cair o outro aos seus pés, qual seria depois a sua existência? Teria de fugir, abandonar os seus negócios, recomeçar a sua fortuna numa terra estranha. Onde? E depois a grande dificuldade permanecia: onde encontraria padrinhos que aceitassem tais condições? Seria então o escândalo, o falatório, a verdade toda que se espalharia. Enquanto que do outro modo tudo era fácil, secreto, decente, sem

incómodos para ninguém. Tiravam à sorte, e aquele que perdesse, matava-se dentro de um ano! Se ele perdesse, não hesitaria um momento, matar-se-ia logo — e não duvidava que Machado fizesse o mesmo. Sim. Decerto aceitaria. Como poderia recusar-se? Desonrara-o, devia pagar com o seu sangue... Ao mesmo tempo, um vago pressentimento dizia-lhe que seria ele o sacrificado...

— Acabou-se, tanto melhor! — pensou.

Que gozo lhe poderia agora trazer a vida, naquela casa solitária, sempre só, não lhe restando sequer o gosto do trabalho, desde que perdia o prazer de gastar?

Não hesitou mais. Escreveu logo um bilhete seco a Machado, pedindo-lhe

para comparecer no dia seguinte, domingo, às dez horas da manhã, no escritório... Fechava a carta quando a Margarida lhe veio dizer que estava o jantar na mesa. Tomou rapidamente o chapéu, desceu à rua, deitou a carta na caixa da mercearia, e, quando entrou na sala de jantar, a Margarida e a cozinheira, diante da terrina de sopa que arrefecia, pasmavam daqueles modos estranhos do senhor!

A presença da criada incomodava-o. Sentia-a cúmplice, confidente daquela infâmia. Pensou em a despedir. Mas não seria soltar através de outras casas aquela língua de sopeira, contando o seu caso e comentando a sua desgraça? Preferiu conservá-la, aturar-lhe a presença, manter-lhe o silêncio pelo receio de ser

despedida.

Tinha desdobrado o guardanapo, destapado a terrina de sopa, quando a campainha retiniu com força.

Margarida foi à porta enquanto Godofredo ficava suspenso, com o coração aos pulos... A rapariga voltou, correndo, e exclamou com o tom com que anunciaria a aparição da Providência, castigadora e reparadora:

— Meu senhor, é o Sr. Neto!

4

Neto entrou. Ao ver a mesa posta, a grande empada, o fiambre, e Godofredo de guardanapo entalado no colarinho, com a garrafa ao lado, estacou junto da porta, com o chapéu numa das mãos, a bengala na outra, e as sobrancelhas erguidas no espanto mudo.

Por fim, murmurou com uma ponta de amargura:

— Está bem, vejo que não falta apetite!

Godofredo erguera-se logo, e tomando uma vela de cima do aparador, dirigia-se para a sala de visitas. Porém, Neto não consentiu:

— Não, senhor, temos tempo de

falar, acabe você de jantar...

Mas Alves, depois de levar à boca uma colher de sopa, repeliu o prato, tocou a campainha. Neto no entanto pousava vagarosamente o chapéu e a bengala numa cadeira, enchendo o silêncio que se fizera com a lentidão dos seus movimentos. Neto era alto e fora em tempos belo homem; conservava ainda um bom perfil a que a extrema palidez dava um certo ar de finura e de distinção. Sobre a calva negrejavam duas repas de cabelo, laboriosa e singularmente arranjadas; o bigode grisalho parecia cortado rente, a direito, de uma só tesourada, e os seus menores gestos tinham tanta afetação de dignidade, que, mesmo nesse momento, tirando devagar as luvas, parecia estar cumprindo um ato importante da vida

oficial.

A criada no entanto trouxera o cozido, e como ela se demorava em volta da mesa, arranjando, retardando, na esperança de ouvir alguma palavra, Neto, com um ar de homem de sociedade, quis mostrar indiferença, tomou um tom natural, dizendo com simplicidade que estava «um calor de rachar».

— Muito calor — repetiu Godofredo, que, desde a entrada do sogro, recostado na cadeira, puxava a ponta do bigode, sem levantar os olhos da borda da mesa.

Por fim a criada saiu, com ordem de esperar por outro toque de campainha «para trazer o resto». E logo Godofredo ergueu-se, foi fechar a porta. Então Neto, vendo que podia falar livremente, sentou-

semais à beira da cadeira, ficou um momento pensativo, esfregando os joelhos com as mãos, e começou num tom lento, com palavras estudadas, de intenção eloquente, para impressionar:

— Eu cumpri o meu dever de pai...

Esperou um momento, olhando para o genro, esperando uma interrupção, uma palavra. Godofredo, servia-se de arroz.

Então Neto continuou:

— Cumpri o meu dever de pai, e estou-o cumprindo ainda neste momento, que é solene... Logo que recebi a carta, logo que vi que havia cá na casadesinteligência, vim buscar a minha filha, para dar tempo ao tempo, para que se possam trocar explicações, para que se

desembrulhe a meada... Quando duas pessoas não estão de acordo, o melhor é que cada um se safe para o seu lado. De longe, a sangue-frio, trata-se tudo melhor. Cara a cara, palavra puxa palavra, vai tudo por água abaixo...

As palavras solenes iam-lhe escasseando; e, acumulando as expressões vulgares, excitado, falou em «*cancaborrada*».

— Enfim — concluiu ele — o que eu quero saber é o que significa todo este escândalo.

Godofredo ouvira em silêncio, picando vagamente grãos de arroz com a ponta do garfo. Estava decidido a não se alterar, a ser respeitoso e rígido. Desprezava o sogro por histórias equívocas que sabia dele, sobretudo pelos

seus sujos amores com a cozinheira. Aquele ar solene não o impressionava, e com duas ou três palavras secas ia facilmente dominá-lo.

— O escândalo não é mais nem menos do que aquilo que lhe escrevi — disse. — Encontrei sua filha com um homem e mandei-lha pra casa.

Neto estremeceu. Aquele tom seco pareceu-lhe um insulto. Ergueu-se com o olho aceso, a calva irritada:

— Ora essa! Ora essa! E se eu a não quiser em casa? Essa não está má! Então casa-se com uma filha-família, tem-na quatro anos em seu poder, e ao fim de quatro anos — agora, minha menina, volta para a companhia de teu pai? Essa não está má! E se eu não a quiser em casa?

Bracejava, esquecidas todas as

precauções, com uma voz que se devia ouvir na cozinha.

Muito friamente, Godofredo respondeu:

— Nesse caso fica na rua.

Isto acabou de enfurecer Neto.

— Na rua? Na rua?

— Perfeitamente. Desonrou-me, desonrou a minha casa, aqui não a consinto... Faça as suas malas, adeus!... Se o pai, se ninguém a recebe, está claro que fica na rua...

Neto não podia acreditar nesta resolução implacável.

Tinha cruzado os braços e contemplava o genro com um olhar que chamejava:

— Homem, deixe-me olhar para si... Deixe-me olhar para si, que o senhor

é um monstro! Então quer o senhor dizer que abandonava sua mulher, que a deixava na rua, sem um canto para se abrigar?

Tanta palavra torturava Godofredo. Era como o remexer numa ferida que ainda sangrasse. Ergueu-se, querendo acabar a discussão, mas Neto não o deixou abrir os lábios, gritou:

— E não se põe assim uma mulher fora de casa, porque se encontrou só, a receber uma visita!

Godofredo ficou a olhar para ele, com os lábios trémulos, sem poder soltar as palavras que lhe estrangulavam a garganta. Era como um horror de dizer alto, ali mesmo, a um sogro, como a tinha encontrado, nos braços de outro. E diante deste silêncio, Neto exaltava-se, triunfando:

— São necessárias provas!... A lei pede o flagrante... O senhor não viu nada, não apanhou uma carta...

Toda a cólera de Godofredo fez explosão:

— Cartas infames, senhor! Cartas obscenas, senhor! Sabe o que lhe dizia? Que queria ter um filho dele! Um filho que eu havia de vestir, de sustentar, de estimar, de educar... Um filho! E aqui está a educação que o senhor deu à sua filha!...

Neto ficara cabisbaixo. A filha não lhe falara em cartas. Passou a mão pelas duas repas da calva com um ar atrapalhado, e murmurou depois num grande silêncio:

— As mulheres, quando lhes chega aveneta, escrevem coisas sem tom nem som...

Godofredo não respondeu. Passeava pela sala, com as mãos nos bolsos; sobre a mesa, o seu prato de arroz, esquecido, arrefecia.

Neto então bebeu um grande copo de água, e subitamente, como quem toma uma resolução, disse a coisa suprema que ali o trouxera:

— Mas, enfim, de que quer o senhor que ela viva? Eu não tenho para a vestir nem para a calçar...

Godofredo parou logo no seu lúgubre passeio. Esperava aquilo, estava preparado, tinha a sua resposta pronta, em que pôs um tom de dignidade, de homem superior às misérias do dinheiro:

— Enquanto sua filha estiver em casa de seu pai e se portar bem, tem trinta mil réis por mês.

A calva de Neto iluminou-se. Pareceu subitamente satisfeito, toda a sua cólera desapareceu.

— É razoável, é razoável — disse ele, num tom quase enternecido.

E os dois homens ficaram calados, como se não tivessem mais nada a dizer.

Godofredo tocou a campainha, a criada acudiu logo, dardejando desde a entrada o seu olhar curioso sobre um e sobre o outro.

— O café — disse Alves.

— E traga uma chávena para mim, senhora Margarida — juntou o Neto, retomando logo na casa a sua familiaridade de sogro.

Godofredo continuava passeando na sala. Neto sentara-se à mesa e preparava cuidadosamente um cigarro,

dando de vez em quando um olhar de lado ao genro. Levou uma eternidade a fazer o cigarro; enrolou-o devagar, gordo, liso, e por fim, metendo a onça na algibeira, exclamou com um vago suspiro:

— O pior é o falatório!

Godofredo não respondeu; o outro petiscou lume, acendeu pausadamente o cigarro.

— E a você, com a sua posição na praça, não lhe faz senão mal...

Godofredo voltou-se, impaciente:

— E de quem é a culpa?

Pois bem, perfeitamente, a culpa não era dele, bem o sabia... Mas enfim, o melhor seria evitar o falatório. Pelo menos naqueles primeiros tempos...

Margarida entrou com o café. Godofredo sentara-se. E remexendo o

açúcar, um diante do outro, o sogro e o genro estiveram um momento calados. Neto provou o café, deitou-lhe mais açúcar; depois, tirou duas fumaças, e voltou à sua ideia:

— Nem para você nem para mim, é bom que se ponham por aí a falar...

Então aquelas lentidões, aquelas pausas acabaram por irritar Godofredo:

— E que diabo quer o senhor que eu lhe faça!

Mas Neto conservava agora o seu ar calmo e refletido. E com voz tranquila falou dos seus sentimentos. Ele sempre se tivera por bom pai, e se não fossem as circunstâncias em que estava, não aceitaria a mesada para a filha... Não exigiria nada. Levava-a para casa; lá viveriam todos, e acabou-se... E tudo o

que fosse necessário para fazer cessar o escândalo, fá-lo-ia por sua conta.

Godofredo começava a perceber: Neto tinha qualquer outra ideia para lhe apanhar mais dinheiro. Quis logo as coisas claras:

— Vamos lá a saber, sem mais circunlóquios, o que o senhor pensa.

Mas Neto gostava de circunlóquios.

O melhor meio de evitar o escândalo era sair de Lisboa. E a estação favorecia-os, era a época dos banhos... Ninguém se admiraria que ele fosse, por exemplo, para a Ericeira, levando a filha casada. Todo o mundo suporia que Alves não a podia acompanhar por causa dos seus negócios... Mas ninguém saberia se ele ia ou não ver a sua mulher todas as

semanas. A ideia era famosa, mas...

Godofredo interrompeu-o:

— Mas quer que eu lhe dê o dinheiro para isso...

— A não ser que eu o vá roubar — confessou o outro muito francamente.

Godofredo refletiu. Havia ali uma maneira hábil de ir passar o verão para as praias à custa dele. Mas ao mesmo tempo a ideia era prática, matava o falatório... Aceitou. E num instante, regularam os detalhes. Para o aluguer da casa, jornadas, transporte de alguma mobília, Godofredo dava trinta libras, e nos meses de agosto, setembro e outubro, a mesada à filha, para despesas de praia, seria elevada a cinquenta mil réis. E apenas disse isto, ergueu-se, querendo por todos os modos cessar aquela entrevista:

— E não falemos mais nisto, que tenho a cabeça em água.

Estava com efeito pálido como um morto, com um começo de enxaqueca, um desejo de se deitar, de adormecer, de esquecer por muito tempo. Mas Neto, de pé, ainda queria dizer uma última palavra. De ora em diante ele era o responsável pela sua filha. Confiava em Deus, tinha a certeza que mais tarde, passado aquele primeiro desgosto, haveria mais indulgência de parte a parte, e eles se viriam a juntar...

Godofredo negou com um movimento de cabeça, um sorriso doloroso: não, nunca se juntaria com ela...

— O futuro a Deus pertence — disse Neto. — Agora, concordo que é melhor que estejam separados por algum

tempo. E era a isto que eu queria chegar: enquanto estiver em minha casa, é como se estivesse num convento... Respondo por ela.

Godofredo teve um vago movimento de ombros. Tudo aquilo lhe parecia palavreado. O que queria agora era estar só. Tocou pela Margarida, mandou-a abrir a porta, alumiar o Sr. Neto. Este tomou o chapéu, bebeu, já de pé, o último gole de café, e depois de apertar a mão ao gemo, saiu, recomendando baixo à criada que tivesse prontas as malas da senhora...

— E ela manda dizer que não lhe esqueça aquele açucareirito de prata que lhe deu o padrinho no dia dos anos; o açucareiro é dela.

E desceu as escadas regozijando-

se daquela boa ideia. A filha não lhe falara do açucareiro. Mas enfim, era dela, uma bonita peça de prata, não era mau que recolhesse a casa, também.

Fora, a noite estava abafada, e Neto seguiu para casa, devagar, com o chapéu na mão, calculando as despesas da estada na Ericeira, contente consigo mesmo. Os banhos iam-lhe fazer bem. Com os cinquenta mil réis por mês, podia-se estar com conforto, e como a Lulu não devia aparecer, não havia despesas de *toilettes;* ainda se metia dinheiro no bolso!

Quando, depois de subir, aos poucos, os seus cento e cinquenta degraus, bateu à porta, foi a Teresa, a filha solteira, que lhe veio abrir, a correr, com os olhos brilhantes, toda excitada. Ninguém lhe

disfarçara a verdade. Sabia já que a Lulu fora apanhada com um homem, que havia um grande desgosto e que o pai fora ter uma explicação com o Godofredo.

— Então? — perguntou ela sofregamente.

— Lá dentro, lá dentro falaremos — respondeu Neto.

Atravessaram a cozinha, às escuras, com uma claridade de brasa no fogão onde fervia a chaleira, e entraram na sala de jantar, uma espécie de cubículo nas traseiras. Sentada à mesa redonda, coberta de oleado, a criada, a Sr.ª Joana, uma raparigota fresca, com dois brincos ricos de senhora e vestida de merino azul, lia o *Diário das Novidades* à luz de um candeeiro de petróleo; junto ao aparador, na sombra, estendida numa cadeira de

vime, calada, estava Ludovina.

Quando o pai apareceu, ergueu-se, com os olhos ainda vermelhos, toda vestida de preto. Neto sentara-se, limpando o pescoço com o lenço de seda. Os olhos das três mulheres devoravam-no, e como ele não se apressava, gozando a ansiedade da família, foi a Sr.ª Joana que lhe gritou:

— Vamos lá, então, fale!

Ele enrolou devagar o lenço, e respondeu no silêncio profundo da sala:

— O Godofredo dá trinta mil réis por mês.

Houve uma vaga respiração de alívio, correu um frémito de satisfação. Teresa olhava para a irmã, pasmada daqueles trinta mil réis, que lhe vinham assim para o bolso por ter sido apanhada

com um homem! A Sr.ª Joana confessou que era de cavalheiro. Só Ludovina não via ali nada de extraordinário; era o que faltava, que a pusesse fora da porta sem cinco réis!

Então o pai voltou-se para ela, com a testa enrugada:

— E no fim dizes que não tinhas escrito nada, e ele diz que te apanhou cartas indecentes.

— É mentira — disse ela simplesmente — as cartas não diziam nada, eram uma brincadeira.

Houve um silêncio; Neto, com os olhos na borda da mesa, acamava com dignidade as repas da calva. E as três mulheres continuavam a fitá-lo, esperando outros detalhes, toda a história da entrevista.

— E as malas da Lulu, ó papá? — perguntou Teresinha, que vivia desde essa tarde no desejo de ver chegar as malas, de as ver desfazer, apanhar algum presente.

Mas o papá, seguindo a sua ideia, continuou, sem responder à filha:

— E ficou combinado, para evitar falatórios, que vamos passar o verão à Ericeira.

Então foi uma explosão de alegria. Teresinha bateu as palmas. Joana ria de satisfação — ela que tanto precisava de banhos! Só Ludovina ficava indiferente, com uma sombra de tristeza na face, pensando nos belos planos de que Godofredo andava ultimamente falando — os dois meses de agosto e setembro passados em Sintra... E foi sentar-se de novo, enquanto Joana e Teresinha

assediavam Neto de perguntas, já com planos, ambas no entusiasmo daquela estação de banhos inesperada. E eram já mil projetos. Teresinha palrava desabaladamente. Joana lembrava coisas que seria necessário levar: os colchões, a louça de mesa, e o piano, para dar mais alegria. O melhor seria irem todos à Ericeira para alugar a casa. Então Ludovina saiu do seu silêncio:

— E é necessário uma casa em que se caiba... Que para dormir num cubículo como este de cá, não tem jeito.

Diante desta exigência, o pai franziu a testa. E não se conteve, disse logo:

— Hás de dormir onde puderes... Se querias os cómodos da casa de teu marido, portasses-te bem e ficasses lá.

Houve um silêncio embaraçado. Ninguém jamais ousava replicar, quando Neto erguia o tom. Então, naquele silêncio de respeito e de susto que se fizera em torno da sua voz irritada, ele chegou-se mais para a mesa, tirou do bolso um lápis, acavalou as lunetas no nariz, e, sob o candeeiro, começou a fazer, na margem branca do jornal, o cálculo das despesas da Ericeira.

Toda estendida pela mesa, Teresinha via alinhar os números — tanto para casa, tanto para viagem — como uma enfiada de prazeres, que brilhavam por entre os algarismos. Por trás, de pé, Joana dava a sua opinião. Dentro, na cozinha, a chaleira de água fervia... Uma tranquilidade honesta envolvia a casa. E na sombra, Ludovina, calada, como que

esmagada diante da existência que, agora, a esperava — os incómodos, a má comida, o génio do pai, a autoridade da criada na casa, tudo quanto a esperava e tudo quanto perdera — amaldiçoava a sua estupidez, caindo assim nos braços de um sujeito que não amava, de quem não recebia prazer, levada àquilo sem razão, por tolice, por não ter que fazer, nem ela sabia porquê!

5

Na manhã seguinte, um raio de sol entrando pela janela despertou bruscamente Godofredo. Ergueu-se sobre o cotovelo, e batendo as pálpebras na luz crua, ficou espantado de se encontrar ali, num sofá, vestido, com as botas calçadas. Então, de repente, a lembrança da sua desgraça caiu-lhe sobre o coração pesadamente e um véu de crepe pareceu envolver tudo em volta dele.

Na véspera, depois da saída do Neto, estendera-se ali, morto de fadiga, e adormecera logo num sono fundo e pesado. Sentou-se no sofá; reinava um grande silêncio na casa e na rua. O seu relógio marcava seis horas. Em redor, o

quarto conservava a desordem da véspera, com as malas ao centro, o chambre de Ludovina atirado aos pés da cama. Deitou um longo olhar àquele chambre, ao grande leito intacto onde ninguém dormira, com as duas travesseirinhas lado a lado. Depois, como na véspera, percorreu a casa. Na sala de jantar, a mesa tinha ainda a toalha suja, e em cima do aparador uma vela esquecida derretera e extinguira-se dentro do castiçal.

Mas diante da porta da sala de visitas uma cobardia tomou-o: não se atreveu a erguer o reposteiro. E voltou para o quarto, tornou a sentar-se no sofá, as mãos ao acaso, o olhar vago, sem saber o que havia de fazer àquela hora matutina em que a cidade, em redor, dormia ainda.

Àquela hora, decerto, Ludovina repousava... E recordava-se das manhãs em que ela acordava cedo, se erguia de mansinho e ia abrir uma fresta da janela, com os seus belos cabelos numa rede, as rendas da camisa de noite em volta do pescoço, e as longas pestanas negras pondo-lhe uma sombra na face... Agora o leito, hirto, por desmanchar, naquela luz clara da madrugada, comunicava-lhe uma sensação amarga de frio e de desconforto... Uma tristeza invadia-o, imensa, sem fim, que lhe dissolvia a alma, lhe dava vontade de deitar a cabeça para o canto do sofá, ficar ali, morrer. E a mesma ideia da véspera, a ideia da morte, voltava, insinuando-se-lhe no espírito, com a lenta suavidade de uma carícia...

Pensou então que daí a horas tudo

estaria resolvido — e talvez ele fosse um homem morto. Era às dez que ele se devia encontrar com o outro. O coração bateu-lhe à ideia de que o ia ver outra vez diante de si: parecia-lhe impossível imaginá-lo noutra atitude, que não fosse aquela em que o vira na véspera, com o braço em torno da cinta dela.

Contudo, agora, a ideia da véspera — o suicídio tirado à sorte, que se lhe afigurara tão natural — causava-lhe um certo espanto. Parecia-lhe estranho que fosse ele, ele, Alves, que ali, naquela casa da Rua de S. Bento que o sol da manhã dourava, tivesse tido aquela ideia trágica e própria de um coração violento. Tomava-o uma inquietação. Que diria o outro a semelhante proposta? Se recusasse? E outras dificuldades de

detalhe surgiam. Como tirariam a sorte? Com papéis brancos? E subitamente veio-lhe o receio de que, diante de uma ideia tão exaltada, o outro apenas se risse... Nesse caso, esbofeteava-o! Mas não era possível; não: não podia recusar; era um homem de honra! Não queria duvidar; aquela ideia ocupava-o, impedia-o de sofrer, dava-lhe uma espécie de consideração por si mesmo, atenuava-lhe o ridículo da sua situação.

Daí a pouco, sentiu passos na cozinha; as criadas tinham-se erguido. Da rua um rumor ia subindo, as vozes de pregões, carroças que passavam, o sussurro confuso de uma cidade que acorda.

E então, pouco a pouco, insensivelmente, Godofredo foi entrando

na rotina diária; pôs os botões na camisa lavada, afiou a navalha de barba... Mas aquela grande mala no meio do quarto incomodava-o...

De repente, lembrou-se que devia fazer o seu testamento. Imóvel diante do espelho, com metade da cara ensaboada, ficou revolvendo aquela ideia. E um vago espanto, uma estranheza, tomavam-no de estar ali, no seu quarto, em mangas de camisa, pensando friamente na morte. Porque agora, gradualmente, todas as ideias que na febre da véspera lhe tinham parecido simples e fáceis, iam tomando, naquela luz clara da manhã, entre a rotina da sua *toilette*, um aspeto pouco natural, falso, que repugnava ao lado positivo do seu caráter.

Às oito horas, a campainha retiniu.

Foi escutar: no patamar vozes de mulher cochichavam. Depois a criada andou para dentro e para fora. Percebeu que era a criada do Neto, mas não ousou fazer perguntas nem indagar o que ela queria.

Depois, foi o almoço. Godofredo devorou. Estranhou mesmo a falta do fiambre na mesa, e a criada, ao trazer-lho, informou-o de que a senhora a mandaria à tarde pelas malas. Godofredo não respondeu. Detestava cada vez mais a Margarida, que parecia continuar a zelar os interesses da senhora, recebia os seus recados, era ainda a sua confidente; e como faltava o açucareiro, foi áspero, exagerou aquela falta, ameaçou-a de a pôr na rua; e como a rapariga saía resmungando, berrou, irritado:

— Pouco barulho!

A cada momento sentia o coração apertar-se-lhe à ideia de se encontrar com o outro. Mas eram horas. No terror de atravessar a rua onde talvez já se falasse na sua desgraça, mandou buscar uma tipoia. A criada tardou. O tempo passava. E ele, nervoso, com febre, ia da janela para a cancela, calçando as luvas, com uma estranha impressão de que o soalho que pisava era mole e cedia sob os seus pés. Por fim, a carruagem chegou, e ele desceu, com a garganta apertada numa angústia horrível. A voz sumia-se-lhe quase ao dar a direção do escritório ao cocheiro.

Uma vez a caminho, pareceu-lhe que a carruagem voava, e naquela emoção, ia-se-lhe embrulhando o estômago, o almoço subia-lhe à garganta.

Enfim, chegou; na sua atarantação, não encontrava na algibeira uma placa de cinco tostões para pagar ao cocheiro.

O escritório dormia no grande silêncio do dia feriado, e quando ele empurrou o batente de baetão verde, o relógio batia dez horas, naquele tom cavo a que os tetos baixos davam uma sonoridade dolente e triste. Correu ao seu gabinete: parecia-lhe que não entrara ali desde séculos, e que havia o quer que fosse de mudado nos móveis e na ordem das coisas. No seu vaso, o ramo de flores acabava de secar.

Então, bruscamente, uma reação fez-se notar no seu ser. Diante daqueles móveis, daquelas duas carteiras de sócios, uma ao pé da outra, lembrando-lhe uma intimidade, uma confiança de anos,

apossou-se dele uma cólera terrível. Sim, o Machado era um infame que merecia a morte! E cada objeto, as paredes mesmo, como que embebidas da honra comercial que ali habitava, eram uma acusação muda contra a traição do sócio.

De repente, um passo leve soou fora: era o Machado.

Godofredo, instintivamente, refugiara-se por trás da sua carteira, remexendo papéis ao acaso com as mãos trémulas, sem ousar erguer os olhos.

O batente abriu-se e Machado entrou, pálido como um morto, com o chapéu e a bengala numa das mãos, a outra no bolso das calças, fazendo uma saliência suspeita.

Mas Godofredo não via isto. O seu olhar errava aqui e além, sem ousar

fixá-lo, e procurava uma palavra, uma coisa profunda e digna a dizer. Por fim, com um esforço, encarou o sócio, e aquela mão no bolso feriu-o logo; teve mesmo um gesto instintivo, receando uma arma, um ataque. Machado compreendeu. Lentamente, retirou a mão do bolso e foicolocar o chapéu e a bengala sobre a sua carteira. Então Godofredo, trémulo, na pressa, na ânsia de quebrar aquele silêncio, balbuciou esta coisa lamentável:

— Depois do que se passou ontem, não podemos continuar a ser amigos...

Machado, que trazia na face contraída uma expressão de ansiedade, cerrou os olhos, respirou mais livremente. Esperava uma violência, alguma coisa terrível, e aquela moderação, aquele

gemido triste de uma amizade traída, espantaram-no, quase o impressionaram. Nesse momento, desejou poder lançar-se nos braços do sócio, e foi com uma emoção sincera, um soluço na garganta, que respondeu:

— Infelizmente, infelizmente...

Então Godofredo fez-lhe sinal que se sentasse, e com a cabeça baixa, Machado foi pousar-se à borda do sofá de repes verde.

Godofredo deixara-se cair como uma massa inerte sobre o mocho, junto à carteira. E durante uns momentos um silêncio profundo reinou, mais profundo ainda naquela rua de negócio, adormecida ao domingo, sob a calma.

Godofredo passava a mão trémula pela face, procurando as palavras.

O outro esperava, fitando a esteira.

— Um duelo entre nós é impossível — disse por fim Godofredo com esforço.

O outro tyyjbalbuciou:

— Estou às suas ordens; disponha...

— É impossível — repetiu Godofredo. — Riam-se de nós... Sobretudo esses duelos que para aí há... Era cair no ridículo... Não podemos, na nossa posição... Toda a praça se ria de um duelo entre sócios...

Calou-se durante um momento, trabalhado por aquela ideia de que eram sócios, e todo o passado que os ligava pareceu erguer-se diante de Godofredo. Nunca sentira tão vivamente a infâmia do

Machado como vendo-o ali, naquele gabinete, onde, durante três anos, tinham trabalhado juntos.

E desabafou:

— A sua infâmia não tem nome!...

Tinha-se erguido, a sua voz fortalecia-se; o seu sentimento de amigo traído dava-lhe agora uma dignidade, uma solenidade que esmagava o outro. E atirava-lhe as palavras como bofetadas: conhecera-o de pequeno; fora ele que o protegera no começo da vida; dera-lhe sociedade no seu negócio; abrira-lhe as portas da sua casa, recebera-o lá como um irmão!

— E pelas minhas costas, o senhor que faz? Desonra-me!

O outro erguera-se com a face angustiada, querendo acabar com aquela

tortura.

— Sei tudo isso — balbuciou — e estou pronto a dar-lhe todas as reparações, todas, quaisquer que sejam.

Então Godofredo, exaltado, atirou a sua ideia:

— A reparação é só esta: um de nós tem de morrer... Um duelo é absurdo... Tiremos à sorte qual de nós se há de matar!

Aquelas palavras patéticas, apenas as soltara, tinham-lhe aparecido como sons estranhos e desconexos. A atmosfera plácida do escritório, os próprios móveis, pareciam repeli-las. Mas soltara-as, essas palavras, e sentia um alívio imenso, tendo enfim desembaraçado a alma daquela ideia que desde a véspera lha enchia de perturbação

e de tormento.

Machado ficara a olhar para ele, com os olhos esgazeados:

— Tirar à sorte! Como tirar à sorte?

Parecia não compreender. Aquele suicídio, tirado à sorte, afigurava-se-lhe qualquer coisa de grotesco e de doido.

E como Godofredo continuasse de pé, junto da carteira, sem dizer nada, mexendo nervosamente no bigode, impacientou-se, exclamou:

— Mas isso é sério? Isso é dito a sério?

Foi então Godofredo que olhou para ele, interdito. O que ele receara, realizava-se. Machado achava aquilo absurdo, recusava. E o seu furor cresceu, como se visse escapar-lhe a vingança.

— Já ontem o senhor fugiu, quando o apanhei, fugiu cobardemente. Agora, quer fugir a isto também...

O outro gritou, lívido:

— Fugir a quê?

Uma cólera surda invadia-o, acendia-lhe os olhos. Todas as acusações do outro o tinham exasperado. Depois, vinha aquela proposta absurda de um suicídio tirado à sorte. Agora insultava-o. Não! Isso não o toleraria! E já excitado:

— Fugir de quê? — gaguejou — fugir de quê? Eu não fujo de coisa nenhuma...

— Então — interrompeu Godofredo, batendo com a mão na secretária — tiremos já aqui, à sorte, qual dos dois há de desaparecer!

O outro encarou-o um momento,

com um ódio frio, como se o fosse esganar. Depois, agarrou vivamente no chapéu e na bengala, e junto da porta, numa voz mordente, decidida, que vibrava:

— Eu estou pronto a dar-lhe todas as reparações, e com todo o meu sangue... mas há de ser de um modo sensato e regular, com quatro testemunhas, à espada ou à pistola, como desejar, a que distância entender, um duelo de morte; tudo o que quiser; estou às suas ordens. Hoje todo o dia, amanhã todo o dia, lá espero, em minha casa. Mas com ideias de doido não me entendo... E não temos mais que conversar!

Atirou com o batente, os seus passos furiosos soaram um momento fora, e tudo recaiu num grande silêncio.

E Godofredo ficou só, com as ruínas lamentáveis da sua grande ideia, humilhado, confuso, encavacado, com as fontes a latejar, e sem saber o que havia de fazer!

6

Por fim, tal como fizera o Machado, agarrou vivamente no chapéu e abalou do escritório. Ia tão estonteado, que só na Rua do Ouro se lembrou que não fechara a porta à chave. Voltou atrás, e isto pareceu pôr alguma ordem nas suas ideias.

Estava decidido a bater-se com o sócio, num duelo de morte, e nenhuma coisa no mundo parecia dever satisfazê-lo, senão ver o Machado aos seus pés, com uma bala no coração.

Pois quê? Aquele homem desonrava-o, roubava-lhe o amor da sua mulher, e agora, ainda por cima, tratava-o como um insensato, chamava-lhe doido! E

isto sobretudo o enfurecia, porque ele agora sentia vagamente que naquela ideia de suicídio à sorte, havia efetivamente qualquer coisa de absurdo! Sim, talvez houvesse! Mas o outro não lho devia dizer, devia aceitar tudo, resignar-se à reparação que ele exigisse.

Não quisera? Reclamara uma reparação regular e sensata? Pois bem, assim seria: bater-se-iam à pistola — mas com uma das pistolas carregada e a outra não, tiradas à sorte, apontadas à distância de um lenço. Era ainda o acaso, era ainda a sorte, era ainda deixar tudo na mão justa de Deus!

Entretanto seguia rapidamente para o Rossio, onde morava o seu amigo íntimo, o Carvalho, aquele que fora diretor da Alfândega de Cabo Verde e

casara rico.

Era ele o primeiro a quem se dirigia. Contar-lhe-ia tudo, entregando-se à sua velha amizade. Depois iriam procurar o seu outro grande amigo, o Teles Medeiros, homem de fortuna e de sociedade, que tinha panóplias de floretes na sala e a experiência do ponto de honra.

Dava meio-dia; o sol de julho abrasava as ruas; e as lojas fechadas, a gente nos seus fatos domingueiros, as carruagens de praça abrigadas no lado da sombra, aumentavam a sensação de calma e de inércia. Uma poeira subtil embaciava o azul luminoso e um som de sinos arrastava pesadamente no ar mole.

Quando Godofredo trepava a escada do Carvalho, topou justamente com ele, que descia, satisfeito e fresco, no

seu fato novo de cheviote claro, calçando as luvas *gris-perle*.

A figura esbaforida, o ar aflito de Godofredo assustaram-no, e tornou logo a subir, abriu ele mesmo a cancela com o trinco, fê-loentrar num pequeno gabinete onde havia uma estante e uma longa cadeira de vime em forma de leito de campanha. Ao lado, alguém tocava piano, um movimento rápido de valsa, que fazia vibrar a casa.

Carvalho correu o reposteiro, fechou a janela, e só depois perguntou «o que era?»

Godofredo pousara o chapéu a um canto da mesa, e imediatamente desabafou, de um jato.

Às primeiras palavras — sofá, braço pela cintura — Carvalho, que tirava

lentamente as luvas, ficou petrificado, no meio do gabinete; e foi correr mais hermeticamente o reposteiro, como se receasse que a história daquela traição espalhasse uma exalação indecente através da respeitabilidade do seu prédio. Mas na atrapalhação com que Godofredo contava a sua história, na sofreguidão com que o outro escutava, não se chegava bem a perceber quem era o homem; Carvalho compreendia apenas que Machado estava presente; e quando descobriu que o homem do sofá era o próprio Machado, bateu as mãos uma contra a outra com uma exclamação de horror:

— Que infâmia!

— Um homem que era como um irmão paramim— repetia Godofredo, baixando a voz, brandindo os punhos. —

E paga-me assim! Não! Tem que haver morte. Quero um duelo de morte...

Então todo o rosto barbudo de Carvalho exprimiu uma súbita inquietação. Agora percebia: Godofredo não viera ali só para desabafar: viera arranjar uma testemunha! E tomou-o logo um vago susto de burocrata, um medo da lei, o receio de se comprometer. O seu egoísmo revoltou-se diante das coisas violentas e perturbadoras que pressentia. Quis atenuar, procurou explicações. Enfim, se Godofredo não vira mais nada... se era só estarem na sala... Podia ser uma brincadeira, uma tolice...

Godofredo, febrilmente, rebuscava nos bolsos. O piano, dentro, caíra agora num vago de sons incertos, como de dedos que tenteiam, procuram uma melodia

esquecida; de repente um bocado do *Rigoleto* rompeu, com um arranque gemido e soluçante. E Godofredo, que achara enfim o que procurava, pôs diante dos olhos de Carvalho uma carta de Ludovina.

O outro leu a meia voz:

— «Riquinho da minha alma, que tarde a de ontem... »

E como se aquelas palavras, lidas assim por outro, lhe parecessem mais infames ainda, Godofredo não se conteve, elevou a voz, gritou:

— Não! Isto só com sangue; é necessário um duelo de morte!...

Carvalho, inquieto, fez-lhe sinal que se calasse. E como o piano parara um momento, ficou escutando, no receio de que os gritos do outro tivessem sido

ouvidos.

— É a Mariana — disse, indicando a sala. — Por ora, é melhor que ela não saiba.

E voltou a ler a carta lentamente. Apalpava o papel, revirava-o, conservando-o nos dedos com uma curiosidade excitada, como se sentisse ali o calor do «adultério»... Mas Godofredo continuava a procurar pelas algibeiras, descontente por ter esquecido as outras cartas: porque havia outras ainda piores! E contou frases, exibiu toda a tolice, todo o descaramento de Ludovina, tomado agora do desejo de convencer bem o Carvalho de que a sua mulher era uma prostituta!

— De resto, ele não negou, disse a tudo que sim!

— O quê, vocês falaram?

Então, depois de uma hesitação, Godofredo completou a confidência. Contou a sua ideia de suicídio à sorte, o encontro com o Machado... E Carvalho, que se deixara cair por cima do sofá, como quebrado, esmagado por todas aquelas revelações, abria uns grandes olhos na face queimada pelo sol de Cabo Verde, no espanto de que aquelas coisas violentas e terríveis se tivessem realmente passado e fossem ditas ali, no seu prédio tranquilo do Rossio.

Quando Godofredo contou que o Machado achara aquilo insensato, Carvalho não se conteve:

— De doido! De puro doido! — exclamou, erguendo-se.

E gesticulando pelo estreito

gabinete, procurava um termo, uma frase para classificar aquilo; falou ainda de «doidice» e terminou por dizer que semelhantes coisas só se viam no *Rocambole!*

— Vem a dar na mesma — disse Godofredo. — Porque eu exijo que o duelo seja à pistola, mas uma só carregada e tirada à sorte...

Carvalho deu um pulo:

— Uma só pistola, à sorte? Mas isso é um assassinato! Não, escusas de contar comigo! Não há motivo para isso... Mas nem que houvesse, numa dessas não me metia eu!

Vendo-se abandonado, Godofredo revoltou-se. Então, naquela crise terrível, ele, o seu melhor amigo, deixava-o assim ficar mal? De quem se havia de valer? A

quem havia de confiar a sua honra?

O outro despropositou. Falou outra vez de assassinato, de crime, de prisão, e terminou por dizer:

— Se tu me viesses convidar para deitar fogo ao Banco de Portugal, achas que eu devia aceitar?...

Godofredo queria explicar que não era a mesma coisa; as duas vozes elevavam-se, entremeadas, quando um silêncio do piano os fez calar subitamente. Uma discussão estalara na sala ao lado; as vozes subiam também, havia uma altercação, em que as palavras «saia branca», «sua porca», «a senhora não disse nada», chegavam com um tom irritado. Durante um momento Carvalho escutou. Depois encolheu os ombros: havia de ser algum novo desleixo da

criada, uma desavergonhada que tinham havia um mês, e que não fazia nada de jeito. Depois, ouvindo bater uma porta, dentro, não se conteve, foi ver.

Godofredo ficou só um momento, e sentiu um grande cansaçoinvadi-lo. Desde a véspera que os seus nervos vibravam, retesados como cordas de uma rabeca muito afinada. Tudo até ali lhe parecera fácil e a sua vingança segura. Mas agora, um depois do outro, recebia dois choques a seguir. Machado não quisera o suicídio à sorte; este não queria o duelo de morte! E alguma coisa dentro dele começava a afrouxar, como se a sua alma se fosse cansando de se conservar durante tantas horas numa atitude sombria de vingança e de morte. Tinha um começo de enxaqueca, a enxaqueca que desde a

véspera o ameaçava. Então sentou-se no sofá com a cabeça entre as mãos e um longo suspiro levantou-lhe o peito.

Carvalho voltou vermelho e excitado. Tinha havido uma cena; ele pusera fora a criada. E então destemperou: queixou-se daquela má sorte que o não deixava ter uma criada decente... Tudo uma súcia de desavergonhadas, porcas, e que o roubavam. Tinha saudades das pretas — não havia nada como as criadas pretas.

Godofredo interrompeu-o:

— E então, diz lá, que pensas tu de tudo isto? — perguntou com ar desanimado.

Carvalho encolheu os ombros:

— O melhor é deixar tudo como está, tua mulher em casa do pai, tu na tua,

e o que lá vai, lá vai...

Mas um remorso tomou-o, quis mostrar coração, acrescentou:

— Em todo o caso, conta comigo para tudo... Lá um duelo regular, à espada, ou mesmo à pistola, para salvar a honra, sim senhor. Cá estou. Lá coisas trágicas, não!

Godofredo disse então, tomando o chapéu:

— Vamos ver o que diz o Teles Medeiros, vamos a casa do Teles Medeiros.

Carvalho ficou contrariado. Ia passar o dia a Pedrouços com a mulher, a casa dos sogros. Fazia anos o cunhado... Mas enfim, num caso daqueles, era necessário fazer alguma coisa pelos amigos.

— Vamos lá; deixa-me avisar a Mariana que não posso ir...

E quando voltou daí a pouco, calçando as luvas, trazia um ar desagradável e irritado. Já na escada, parou, e voltando-se para Godofredo que o seguia:

— Sabes que minha mulher está de esperanças, hem?... Um susto pode ser fatal, e se ela sabe que sou padrinho de um duelo... Não é brincadeira... Enfim, vamos lá... Os amigos são para as ocasiões...

Em baixo tomaram uma carruagem, porque o Medeiros morava lá no inferno, adiante da Estrela. Era um *coupé* quase novo, fofo e asseado, que rolava sem ruído. E Carvalho, de melhor humor, recostou-se, acabando de abotoar

as luvas.

Durante algum tempo não trocaram palavra. Só quando o *coupé* atravessava o Loreto, uma grande curiosidade pareceu invadir subitamente o Carvalho. Godofredo poucos detalhes dera. Que tinha dito Ludovina? Como soubera ele do caso? Que dissera o Neto?

Godofredo, com um ar fatigado, abatido, e em palavras curtas, completou a sua história.

O outro desaprovava a mesada de trinta mil réis: era «uma gratificação dada à infâmia». E vendo Godofredo, com um ar abatido, que, numa emoção, mordia os beiços, os olhos rasos de lágrimas, murmurou vagamente:

— Esta vida é uma choldra!

Não trocaram mais palavra até

casa do Medeiros.

Quando tocaram a campainha, o criado que lhes veio abrir a porta disse-lhes que o senhor Medeiros ainda estava na cama.

Então Carvalho subiu a escada, penetrou no quarto de Medeiros, muito íntimo, fazendo barulho, chamando-lhe mandrião e debochado. Atrás ia Godofredo, topando com os móveis, na escuridão do quarto.

Da sombra dos cortinados a vozmal-humoradado Medeiros perguntava que invasão era aquela, e quando lhe abriram a janela, berrou, enterrou-se nos lençóis, não podendo suportar bruscamente a claridade forte do dia. Mas acabou por mostrar a cara estremunhada, inchada de sono; depois, espreguiçou-se,

ergueu-se sobre o cotovelo, e deitou a mão a um cigarro, que estava sobre a mesa de cabeceira.

Carvalho sentara-se aos pés da cama e durante um momento falaram daquelas preguiças do Medeiros; ele explicou que se deitara às cinco da manhã...

Então Carvalho começou:

— Nós vimos aqui para um negócio muito grave...

O outro interrompeu-o, dando um berro pelo criado.

Queria saber se viera uma carta pela manhã. O rapazote trazia-a na algibeira. Medeiros, sentado na cama, com o cabelo todo esguedelhado, abriu-a, nervoso, percorreu-a de um olhar rápido, e dando um suspiro de alívio, meteu-a

debaixo do travesseiro.

— Caramba, ia sendo ontem apanhado. Por um segundo... E se o marido entra na cozinha, que é logo ao lado da porta, lá se ia tudo quanto Marta fiou! Irra, que não ganhei para o susto!

Carvalho e Godofredo tinham trocado um olhar, e Carvalho teve esta frase infeliz:

— Pois é por uma coisa dessas que nós cá vimos...

E acrescentou:

— O Alves teve um desgosto.

E diante do olhar arregalado do Medeiros, Godofredo sentiu-se subitamente sufocado pelo sentimento do seu ridículo... Viu-se pertencendo a essa tribo grotesca dos maridos traídos que não podiam entrar em casa sem que, de

qualquer canto, escapasse algum amante... E era assim por toda a cidade, uma infâmia pelos cantos — amantes que fugiam e amantes apanhados... Ele apanhara um... O outro teria sido apanhado se o marido tivesse entrado na cozinha — e parecia-lhe ver por toda a cidade esta sarabanda de amantes e de maridos, uns escapulindo-se, outros tentando apanhá-los, um *chassez-croisez* de homens, perseguindo-se em torno das saias das mulheres! E de novo sentiu uma fadiga invadi-lo, um horror de tornar a contar a sua história lamentável.

Mas os olhos de Medeiros, a face de Medeiros, esperavam, reclamavam, e ele terminou por dizer, com um olhar estranho:

— Foi ontem. Apanhei a Ludovina

com o Machado.

— Caramba! — exclamou Medeiros, dando um pulo na cama.

E deitando fora a ponta do cigarro, tomando vivamente outro, quis saber os detalhes...

Foi Carvalho que os deu, falador agora, gozando o seu papel, detalhando o caso, com aquela confiança de marido de um estafermo rico que ninguém jamais tentará.

Contou tudo, enquanto, esmagado em cima de uma cadeira, com o chapéu alto ainda na mão, Godofredo ia aprovando com a cabeça.

— Deixa ver a carta — terminou por dizer o Medeiros.

E Godofredo de novo a tirou do bolso, e pela segunda vez ouviu uma voz

estranha murmurar aquelas palavras da sua mulher: «Riquinho da minha alma, que tarde a de ontem...»

Medeiros, em camisa, repetia a frase, lembrando-se dos olhos negros de Ludovina, do seu corpo de rainha, já aceso, palpando o papel, revirando-o em todos os sentidos, como fizera o outro. E, subitamente, veio-lhe um furor terrível contra o Machado. Que diabo, já era ser canalha! Enfim, ela tinha culpas no cartório — que diabo, quando elas queriam não se podia ser José do Egito... Mas nunca com a mulher de um amigo íntimo, e de mais a mais, de um sócio...

— Isto pede sangue — disse ele, excitado, saltando para o meio do quarto em camisa, com os pés nos chinelos.

Godofredo exclamou logo,

ressalvando a sua coragem:

— Eu queria um duelo de morte, mas este diz que não...

Então Carvalho apelou para o amigo Medeiros. Era porventura razoável a ideia de uma só pistola carregada, escolhida ao acaso?

Medeiros olhou para ele, depois para Godofredo, espantado. Não. Decerto que não! Nem havia motivo para isso, nem...

Era a segunda vez que Godofredo ouvia aquela razão de que não havia motivo. E então barafustou:

— Não há motivo! Não há motivo! Então qual é o motivo bastante forte para que dois homens se matem?...

— Um escarro na cara, ou uma coisa-dessas — disse Medeiros com

autoridade.

E, ainda em camisa, dava à pressa uma penteadela no cabelo.

Godofredo queria argumentar, mas o outro, voltando-se com o pente na mão, pôs ponto na questão:

— Mesmo que houvesse motivo, eu, uma coisa dessas, não aceito. Numa dessas não me meto...

— Aí tens tu! — exclamou Carvalho triunfante. — Que te dizia eu? Ninguém quer uma responsabilidade dessas. Eu demais a mais com a mulher de esperanças... Olha que brincadeira!

Alves ficou abatido. E todavia, no fundo do seu coração, sentia um começo de alívio, como se parte daquela indecisão em que estava desde a véspera desaparecesse e alguma coisa se fixasse.

Agora, estava decidido que não haveria sortes nem acasos; que não haveria morte de homem; e em toda aquela atarantação em que até ali vivera, isto formava um ponto fixo, uma base, uma decisão em que se podia apoiar. E não era ele que assim decidia; eram os seus melhores amigos, que raciocinavam a sangue-frio...

Mas em todo o caso, posta de parte a morte de um deles, alguma coisa se havia de fazer.

— Que me aconselham então vocês? Que se há de fazer? Eu não hei de ficar assim, de braços cruzados...

Medeiros, então, de pé no meio do quarto, em camisa, com as canelas magras à mostra, os pés encafuados nuns grandes chinelos, exclamou com solenidade:

— Queres pôr a tua honra nas

minhas mãos?

Está claro que queria; não estava ali para outra coisa...

— Bem — exclamou Medeiros. — Então não tens nada mais em que pensar. Deixa-te levar; nós arranjamos tudo.

E foi para dentro, para um cubículo, onde o ouviram lavar os dentes, bochechar, fazer uma tempestade dentro da bacia.

Godofredo porém não parecia satisfeito; aproximou-se da porta do cubículo, quis ainda saber...

— Não tens nada que saber — exclamou o outro de dentro, lavando-se num ruído de esponja e de água. — Nós também não podemos saber... Temos de ir primeiro ao Machado, ver o que ele diz,

entendermo-nos com as testemunhas dele, etc... Tu, vai para casa, e não saias até que nós apareçamos. E deixa-nos aí a tipoia, ouviste, para dar esses passos todos... Domingos! Escova a sobrecasaca preta, e calças pretas... Tudo preto...

Ouvindo isto, Carvalho deu um olhar ao seu próprio fato de cheviote claro. Mas ele não era dessas pieguices de *toilette:* com uma camisa lavada em cima da pele, um homem estava decente para ir a toda a parte.

Godofredo, todavia, passeava pelo quarto, pensativo. E terminou por dizer ao Carvalho o que o perturbava:

— É necessário que vocês levem já condições feitas. E eu, menos de ser à pistola e a vinte passos...

— Deixa lá isso com o Medeiros

— interrompeu Carvalho.

E o Medeiros, aparecendo logo, com a toalha na mão, o cabelo molhado, acrescentou:

— Olha, tu entenderás muito de coisas de negócios. Mas de coisas de ponto de honra, entendo eu... Tu, desde este momento, não tens senão de ir esperar que te vamos dizer: é a tal hora, em tal sítio, e com tais armas. E depois, no dia seguinte, marchas! Nem tens mesmo que te preocupar com o médico. Eu peço ao Gomes, que entende muito de feridas, e não é homem para perder a cabeça, se um de vocês ficar escalavrado de todo...

Godofredo sentiu um arrepio pela espinha abaixo e o coração encolher-se-lhe. Mas do lado Carvalho dizia-lhe:

— E tu, vai para casa, se tens que fazer, ou papéis a pôr em ordem, ou qualquer outra coisa...

Não falava em testamento, mas a alusão era tão clara que aquilo irritou o bom Alves.

Decerto, ele era o primeiro a querer que o duelo fosse a sério, fosse mortal mesmo, mas enfim, aqueles seus dois melhores amigos, os seus íntimos, um a falar já de feridas, o outro a empurrá-lo para a porta para que fosse fazer testamento, pareciam-lhe grosseiros e inutilmente cruéis...

Sem uma palavra, desceu, saiu.

E atirando-se para o fundo do *coupé*, moído na alma e moído no corpo, pensou esta coisa profunda:

— E é para isto que a gente se

casa! É para isto que se quer ter família!...

7

Às seis horas da tarde, Godofredo, em chinelos, acabava de lacrar um maço de papéis, quando a campainha retiniu e os seus dois amigos apareceram.

Carvalho, apesar da sua indiferença pela etiqueta, fora mudar de fato; estava de sobrecasaca preta, e ambos traziam um aspeto grave. Medeiros, agora muito correto, o bigode encerado, sentou-se no sofá e começou a tirar lentamente as luvas pretas, olhando para Godofredo. Depois falou:

— Estás aí a rebentar de curiosidade? Pois olha: por ora, nada feito!

Godofredo, que ficara com os

olhos cravados nele e estava muito pálido, pareceu respirar melhor. Mas subitamente enfureceu-se: como nada feito? Então o infame recusava-lhe uma reparação?

Carvalho acudiu:

— Não, homem! A cada um o que é seu, o Machado nisto anda bem.

— Então?

— Foram as testemunhas que se mostraram recalcitrantes — disse Medeiros. — Aqui está o que foi.

Era uma longa história que Medeiros contou prolixamente, gozando os detalhes. Tinham falado com o Machado, que lhes prometera que dois amigos seus estariam às quatro horas em casa dele, Medeiros. E, pontualmente, aparecera lá o Nunes Vidal, que

Godofredo conhecia perfeitamente, rapaz de experiência em coisas de honra, e o Cunha, o Albertinho Cunha, que pouco falara, estava ali como comparsa. Entraram, cumprimentos, etc... tudo muito grave, e com toda a amabilidade. Depois vieram à questão. O Nunes Vidal declarara logo que, em princípio, o Sr. Machado estava pronto a aceitar todas as condições, todas, quaisquer que fossem, propostas pelo Sr. Alves; inteiramente todas. Mas que ele, Nunes Vidal, e ali o seu amigo Cunha, entendiam que o dever das testemunhas, num conflito, era, antes de tudo, procurar paz e conciliação. E que portanto se, em princípio, o seu constituinte, o Sr. Machado, por um excesso de pundonor e de orgulho, estava disposto a deixar-se matar, as suas

testemunhas, que tinham tomado nas mãos os interesses dele, estavam ali, tinham vindo ali, não só para procurar, tanto quanto possível, evitar que sucedesse uma desgraça no campo ao seu amigo, mas mesmo que em volta do seu nome se fizesse um escândalo que o prejudicasse...

— Tudo isto muito bem dito — acrescentou Medeiros — tudo muito bem explicado, com bonitas palavras... Sério, gostei do Vidal.

— Ah, rapaz de muito talento! — murmurou Carvalho.

Enfim, o Vidal terminara por dizer que, tudo bem considerado, não julgava que houvesse motivo para um duelo grave, à pistola.

Outra vez a falta de motivo! Godofredo despropositou:

— Com mil diabos, então que queria esse asno que o Machado me tivesse feito de pior?

Com um gesto, Medeiros conteve-o:

— Não te exaltes, homem, não te exaltes... Deixa estar que lá lhe disse tudo. O Vidal é muito esperto, mas olha que eu não me calei. Pergunta ao Carvalho...

— Andaste como um herói — disse Carvalho.

— Mas então, que diabo disse o Vidal? — exclamou ainda Godofredo.

O Vidal dissera que não havia motivo de sangue, porque o que se passara entre o Machado e a senhora, fora um simples namoro...

Godofredo teve um gesto furioso.

E Medeiros, erguendo-se também:

— Não te exaltes, homem, escuta. Eu lá lhe disse tudo. Contei-lhe o modo como os apanhaste, e as cartas, «riquinho da minha alma, que tarde a de ontem» e o resto. Apresentei-lhe todos os dados para o convencer de que o adultério era completo... Não é verdade, Carvalho?

— Todos.

— Disse-lhe claramente: o meu constituinte, o nosso amigo Alves, é em toda a extensão da palavra um marido que... Enfim, necessita reparação. Não é verdade, Carvalho?

Carvalho fez um gesto de assentimento.

— Mas o Vidal, provou-me que não — continuou Medeiros. — Leu as cartas, ele também: o Machado contou-lhe

tudo; e depois de ter combinado, pensado, chegaram a este resultado: que não passou de um namoro.

Houve um silêncio na sala.

Godofredo passeava vivamente com as mãos nos bolsos. Carvalho examinava vagamente um quadro representando *Leda e o Cisne*. De repente, Godofredo parou e exclamou numa voz surda, espaçando as palavras:

— Ali, nesse sofá, vi-os eu, abraçados um ao outro... Que diz a isto o Vidal?

— Esse é que é o único ponto — exclamou Medeiros. — Esse ponto é que se não pode negar, porque tu viste, com os teus olhos. Mas o Machado explicou ao Vidal. E o Vidal explicou-nos a nós. Era uma brincadeira, era a rir, era a fazer

cócegas!...

— E a carta: *Que tarde a de ontem*? — exclamou Godofredo.

— Disse o Vidal que naturalmente se refere a um passeio que vocês deram a Belém... Vocês foram a Belém?

Godofredo refletiu um momento. Sim, tinham ido a Belém... Era verdade que tinham todos três ido a Belém.

— Então, aí tens. Era a lembrar o prazer de terem ido todos, de patuscada, de passeata...

— De modo que — exclamou Godofredo — fica tudo nisto: não há nada. Tenho de tragar a afronta!

Medeiros ergueu-se, indignado. Ora essa, então por quem o tomava ele? Tinha ou não Alves posto a sua honra nas mãos dele e do Carvalho? Tinha. Então

não podia supor que eles, seus amigos, o deixassem na lama, miseravelmente...

— Mas... — murmurou Alves.

— Mas, quê? Está claro que te hás de bater. Foi o que se decidiu. Não há motivo para que seja à pistola, porque foi um simples namoro. Mas como o Sr. Machado não tem o direito de namorar tua mulher, há todos os motivos para que seja à espada, um duelo mais simples... Vamo-nos encontrar logo com eles em minha casa, às oito horas, e combinar tudo.

— E não temos muito tempo a perder — disse Carvalho, puxando o relógio — porque são seis e meia, e ainda temos de jantar. Eu estou a cair...

Godofredo lembrou-lhes logo que jantassem com ele. De resto tinha calculado que apareceriam à hora do

jantar, e mandara preparar um bocado de assado a mais.

— Não haverá mais que um bocado de assado, — disse ele — mas enfim, em campanha qualquer coisa chega... E nós estamos em guerra!

Era a primeira vez que sorria desde a véspera. Mas aquela companhia dos seus amigos ao jantar, alegrava-o, evitando-lhe a solidão que temia.

E o jantar foi quase alegre. Tinha-se combinado que não falassem do duelo, nem do caso; mas logo desde o cozido, sempre que a Margarida não estava presente, voltavam à ideia predominante, por frases curtas, alusões vagas. Por fim, Godofredo disse à rapariga que não voltasse sem ouvir a campainha e a conversa então não cessou mais.

Godofredo contou como conhecera Ludovina, e o seu namoro, e o dia do casamento. Depois, falou do Machado, mas já sem cólera, chegando mesmo a dizer que era *um rapaz brioso*. Era ele que o ia buscar ao colégio, quando Machado era pequeno, e às vezes levava-o ao teatro. E estas recordações enterneciam-no. Terminou por engolir um soluço, pedindo que não se falasse mais em semelhante coisa. Tocou a campainha e a Margarida trouxe o assado.

Houve um curto silêncio. Medeiros gabou o Colares. E Carvalho, a respeito do Colares que ele costumava beber em Cabo Verde, lembrou um caso de duelo, lá, em que ele fora testemunha. E apenas a criada saiu, contou-o logo: era um caso parecido com o do Alves,

também por causa de uma mulher; mas essa era preta!

Isto parecia incrível ao Medeiros. Mas Carvalho gabou as pretas, com o olho brilhante:

— Em a gente se costumando, não quer senão daquilo... A preta é uma grande mulher!

— Mas que diabo, não falemos mais de mulheres — disse Godofredo.

E neste pedido que ele acompanhou de um vago sorriso, havia como que uma resignação na sua desgraça, uma ideia nascente de gozar ainda a vida, na companhia de amigos, nas preocupações do negócio, sem os desgostos nem as complicações que traz invariavelmente a paixão das saias...

Então falaram do Nunes Vidal.

Medeiros estava contente de ter encontrado pela frente, num caso tão sério como aquele, o Nunes Vidal, rapaz austero, de experiência e de honra. Ao princípio receara que o Machado tivesse a ideia de nomear para padrinho aquele idiota do Sigismundo, com quem andava sempre. E isto trouxe de novo o Machado à conversa. Então, um pouco animado pelo Colares, Medeiros confessou que já tinha «pregado uma» ao Machado: fora amante da francesa com quem ele estivera!

E começou a falar de si, das suas conquistas; voltou à história da véspera, quando por pouco não era apanhado na cozinha...

O Carvalho também tivera uma história assim, em Tomar. Mas aí fora

forçado a saltar pela janela, e caíra em cima de uma estrumeira... Mas Medeiros sabia de um caso muito pior do que esse: um amigo dele, o Pinheiro, não o magro, mas o outro, o picado das bexigas, que tinha estado escondido num curral de porcos durante seis horas. Ia morrendo! E agora, quando via um porco, punha-se branco como a cal da parede.

Então, foi entre o Carvalho e o Medeiros um desfilar de anedotas de adultérios. Só Godofredo, homem casado e honesto, não tinha destas recordações. A sua vida fora toda doméstica, sem aventuras, e escutava, bebendo o seu café aos goles, gozando aquele fim alegre de jantar, sorrindo por vezes.

E terminou por sentir invadi-lo um hálito quente de mocidade; disse:

— Homem, isto é melhor a gente divertir-se por sua conta, do que os outros se divirtam à nossa custa...

Mas as oito horas aproximavam-se e Carvalho começou a calçar as luvas pretas. Então, Godofredo, falou em os acompanhar. Meter-se-ia dentro do quarto do Medeiros, enquanto se celebrava a conferência na sala: — eles poupavam assim o trabalho de voltar à Rua de S. Bento a dar-lhe parte do resultado.

E apesar de Medeiros considerar que era contra a etiqueta, terminaram por consentir, «por não se tratar de um caso muito grave». Foi-se buscar uma carruagem, e, apinhados dentro dela, todos três, bateram para a Estrela.

Em casa do Medeiros, o criado já acendera as velas do lustre, e subiam a

escada, quando a campainha retiniu. Eram as testemunhas, muito pontuais. E enquanto Godofredo ia esconder-se no quarto, os outros entravam para a sala onde se elevou logo um rumor de vozes.

No quarto, às escuras, sem ousar chamar o criado, Godofredo procurava, apalpava sobre a mesa, sobre o toucador, à cata de uma caixa de fósforos. Não achou fósforos, mas os seus dedos encontraram um reposteiro. Correu-o — e viu diante de si uma fenda de luz, numa porta, detrás da qual vinham rumores de vozes. Era, do outro lado, a sala onde estavam a conferenciar. Adiantou-se, mas topou com um jarro que rolou com um som de água entornada. Ficou imóvel, um momento, e por fim, chapinhando na humidade, foi encostar o ouvido à

fechadura.

Mastinha-sefeito na sala um silêncio que ele não compreendia. Só por vezes um dos amigos do Machado tossia. Que diabo estariam tecendo? Quis espreitar, mas só viu, vagamente, um bocado de espelho onde se refletia a luz do candeeiro. Subitamente a luz desapareceu, houve diante dele o quer que fosse de negro, decerto as costas de alguém. Então, uma voz elevou-se: era a voz de Medeiros, e dizia «que lhe parecia ser concludente... » Logo outras vozes, falando todas ao mesmo tempo, num rumor que ele não podia distinguir. Depois, outra voz disse muito distintamente:

— Nestas coisas é necessário, sobretudo, dignidade.

Com efeito, era necessário dignidade; e, realmente, não era muito digno estar ele ali, escutando às portas! Às apalpadelas, voltou para o meio do quarto, e tendo topado com o sofá, sentou-se pesadamente. Da sala não vinha o menor ruído; um ar abafado pesava no quarto. E aquele silêncio, aquela escuridão, trouxeram-lhe ideias sombrias de ferimentos, de doença. No dia seguinte, talvez ele estivesse assim, num quarto às escuras, prostrado num leito, e só, sem ninguém, tratado pela Margarida...

Esta ideia causou-lhe um grande horror. Lembrou-se de casos de ferimentos de que ouvira falar. Um golpe de espada, no momento, dava apenas uma sensação de frio — as dores vinham depois, durante as longas noites de

imobilidade, quando os colchões aquecem e o corpo não se pode mover. E então pensou em tudo o que dissera o Nunes Vidal: «era a primeira vez que o Machado a abraçava, por brincadeira...» E se isto fosse verdade? Também ela lho dissera, num grito de dor: era a primeira vez! Bem podia ter sido apenas uma leviandade, um galanteio, o que os ingleses chamam uma *flirtation*. Deveria perdoar? Não, decerto. Mas não era então motivo para se bater. Bastava-lhe expulsar o Machado de sua casa... E outras coisas acudiam-lhe ao espírito: nunca, como ultimamente, Ludovina fora tão amante. Outrora era ele que a provocava, lhe fazia festas... Mas agora era ela que às vezes, sem motivo, lhe atirava os braços ao pescoço. Poderia afirmar que ela o não amava? Não. E

aquilo não era fingido: ele não era nenhum tolo e sabia bem reconhecer uma emoção sincera. Porque consentira ela então na corte do Machado? Quem sabia? Coquetismo, vaidade... Em todo o caso, o castigo era merecido. Nunca mais a veria — e bater-se-ia com o outro!

Então lembrou-se de que nunca manejara uma espada e que Machado dera lições de esgrima. Decerto seria ele o ferido! E o mesmo terror agudo invadiu-o. Parecia-lhe que não temeria tanto uma morte brusca, uma bala através do coração... Mas uma ferida grave, que o retivesse na cama semanas intermináveis, com a sua marcha lenta e febre, a inflamação, o perigo da gangrena... Era horrível. Toda a sua carne se encolhia a essa ideia... Mas acabou-se... Era a honra

que o exigia!

De repente ouviu vozes no corredor, risos, todo um barulho cordial de amigos que se despedem. O coração batia-lhe; caminhava para a porta, quando uma luz apareceu. Era o Medeiros, ainda com a vela com que alumiava os outros.

— Tudo resolvido — disse, ao entrar.

Atrás dele vinha o Carvalho, que confirmou:

— Está tudo decidido.

Godofredo olhava para eles, pálido, a tremer de nervoso.

— Não te bates — disse Medeiros, pondo o castiçal sobre a mesa.

— Que te disse eu logo? — exclamou Carvalho, radiante. — Tudo tinha de ficar na mesma. Era o bom senso.

E Medeiros explicou o que se passara. O Nunes Vidal portara-se com um cavalheirismo extraordinário. Começara por dizer que, se estivesse convencido de que havia ali uma traição do Machado, um crime de adultério com a mulher do sócio, ele não se meteria no caso. Depois, afirmara que, se exigissem o duelo, eles tinham indicações para aceitar tudo, sem discutir: a hora, o sítio, as estocadas. E chegado ao terreno, Machado tomaria a espada e deixar-se-ia ferir como um *gentleman*. Mas Nunes Vidal apelara para eles, como homens de honra e de bom senso...

— Não foi isto que ele disse, Carvalho?

— E homens de sociedade — emendou Carvalho.

— Justamente: e homens de sociedade. Apelou para nós, perguntando se devíamos consentir num duelo, quando não havia motivo e quando o Machado, numa carta que o Vidal nos deu a ler, lhe afirmava, sob a sua sagrada honra de homem, que a Sr.ª D. Ludovina era inocente, perfeitamente inocente, e que não houvera mais do que umas cartas tolas trocadas, e aquele abraço... Ora agora, disse o Nunes Vidal: — que faz um duelo? Compromete a Sr.ª D. Ludovina, dá a entender ao público que houve realmente adultério, coloca o Sr. Alves numa posição ridícula e prejudica a firma comercial...

— E o dilema do Nunes... — lembrou do lado Carvalho.

— É verdade! O dilema — gritou

Medeiros, recordando-se. — O Nunes apresentou este dilema: os senhores pedem a espada. Ora bem: se houve adultério, a espada ainda é pouco; mas se o não houve, é de mais... De maneira que resolvemos que não houvesse duelo...

Godofredo não dizia nada. Mas uma sensação de paz e de serenidade invadia-o silenciosamente. Aquelas grandes afirmações do Nunes Vidal, um rapaz de tanta honra, quase o convenciam de que realmente não houvera senão um galanteio sem consequências. Ele mesmo o dissera: se estivesse convencido de que havia adultério, não se metia no caso. Ora se se tratava de um simples galanteio, não havia realmente motivo para que se batessem; e isto dava-lhe um alívio... Mil ideias abomináveis desapareciam, e

outras surgiam, de repouso, de tranquilidade, talvez de felicidade ainda. Decerto não perdoaria a sua mulher aquele simples galanteio, não tornaria a falar ao Machado. Mas a vida ser-lhe-ia menos amarga, pensando que eles realmente o não tinham traído.

Aquilo consolava o seu orgulho — e mostraria que era um marido rígido e digno, expulsando sua mulher por um simples olhar trocado.

Assim a sua honra ficava salva e o seu coração sofria menos.

E invadiu-o a alegria de sair enfim daqueles pensamentos violentos de morte em que andava envolvido, e reentrar na rotina da sua vida, dos seus negócios, das suas relações, dos seus livros. De repente, à ideia de rotina, de negócios, de casa

comercial, acudiu-lhe um pensamento que o encheu de perturbação:

— E o Machado? Eu não posso mais falar ao Machado!

Mas Medeiros discutira esse ponto com o Nunes Vidal. E fora o Vidal que tivera uma ideia de bom senso. O Vidal tinha dito: desde o momento em que não há motivo para duelo — não há motivo para que interrompam as relações comerciais...

Godofredo protestou:

— Então há de amanhã entrar-me pelo escritório?...

— Quem te diz amanhã, homem? Aqui está o que disse o Nunes Vidal: o Machado amanhã escreve-te uma carta oficial, para que o guarda-livros veja, e os empregados, dizendo que vai para fora

de Lisboa com a mãe, e em que te pede que olhes pela casa, etc., etc... Depois, ao fim de um ou dois meses, volta, vocês cumprimentam-se, sentam-se cada um à sua carteira, falam no que têm a falar, acerca dos negócios, e acabou-se. O que não têm é relações íntimas. Escusam mesmo de se tratar por tu.

E como Godofredo olhava para o chão, refletindo, os dois, à uma, caíram sobre ele:

— Tapas assim a boca ao mundo — disse o Carvalho.

— Salvas-te do ridículo — acrescentou Medeiros.

— Manténs a firma intacta e unida...

— Livras tua mulher de má fama...

— Conservas um sócio inteligente

e trabalhador...

— E talvez um amigo!

Então uma fadiga imensa invadiu Godofredo. Veio-lhe um desejo intenso de não pensar mais naquele desgosto, não falar mais no caso, dormir tranquilo; e cedeu, abandonou-se, perguntou com a voz trémula:

— Então vocês acham, em vossa honra, que assim fica tudo bem?...

— Achamos! — responderam ambos.

Godofredo apertou a mão a um, depois ao outro, comovido, quase com lágrimas:

— Obrigado, Carvalho. Obrigado, Medeiros.

E para tapar as bocas do mundo, foram os três para o Passeio Público,

onde havia, nessa noite, iluminações e fogo preso.

8

Então começou para Godofredo uma existência abominável.

Tinham passado algumas semanas e Machado voltara. Ocupava agora, como de costume, a sua carteira, no gabinete de repes verde.

Godofredo temera sempre tal acontecimento. Não julgara que eles pudessem jamais passar as horas, um ao lado do outro, consultando os seus papéis, ligados por mil interesses comuns, com a ideia ainda viva daquele dia de julho, daquele encontro trágico sobre o sofá.

Por fim tudo se passara muito convenientemente e não havia atritos.

Na véspera da sua chegada,

Machado escrevera-lhe uma carta polida, quase humilde, em que se percebia mesmo certo tom de tristeza: dizia-lhe que ia voltar, que no dia seguinte apareceria no escritório, que esperava que toda a ideia do passado desaparecesse nas suas novas relações, e que estas fossem sempre dominadas por uma respeitosa cortesia. Acrescentava que, compreendendo porém as dificuldades desta nova solução, ele só a aceitava por pouco tempo, para salvar a dignidade e fazer calar a maledicência, reservando-se o direito de deixar a firma, logo que o pudesse fazer sem escândalo.

Nesse dia, Godofredo foi mais cedo para o escritório e fez uma coisa hábil: disse ao guarda-livros, diante do caixeiro, que houvera entre ele e o Sr. Machado certas desinteligências e que as

suas relações haviam sofrido certas modificações. Estas palavras vagas tinham por fim evitar a surpresa e os comentários do guarda-livros, quando os visse agora, defronte um do outro, secos, corteses, e tratando-se por *senhor Alves* e *senhor Machado*.

O guarda-livros murmurou que *sentia muito* — e dali a instantes Machado apareceu. Foi um momento desagradável. Durante todo o resto do dia, mal puderam dar atenção ao que faziam, e os próprios gestos do Machado, o puxar do lenço, um passo no soalho, despertavam em Godofredo toda a sorte de lembranças irritantes. Uma ou duas vezes atravessou-o um desejo violento de o vituperar, acusá-lo de todas as tristezas que, agora, enchiam a sua vida. Mas

conteve-se, sendo apenas impotente para engolir um ou outro suspiro.

A atitude do Machado foi respeitosa e triste. Quase não trocaram palavra. O quer que fosse de angustioso pesava no ar — e o estúpido caixeiro tornava todo este embaraço mais saliente, teimando em andar em bicos de pés, como numa casa onde há um moribundo.

Outros dias iguais seguiram-se; mas, pouco a pouco, a presença de Machado deixava de impressionar Godofredo. Já o podia ver sem pensar no sofá amarelo...

Estabelecera-se uma rotina: o último a entrar dava os bons-dias ao outro, polidamente; depois, cada um na sua carteira, só falavam emassuntosde negócio, com as palavras indispensáveis.

Quando não havia que fazer, Machado saía, abandonando o gabinete a Godofredo, que ficava lendo os jornais no sofá. E esta existência continuou, regular, sem atritos, porque, no fundo, só havia em Machado estima pelo Alves, e Alves, a seu pesar, conservava um fundo de simpatia por aquele rapaz que quase educara. Debalde se dizia a si mesmo que, fora do negócio, era um traste; o simples tom da sua voz, os seus bonitos modos, atraíam-no irresistivelmente.

Assim foi que, quando vieram os primeiros dias de outubro, toda aquela tumultuosa agitação, que se fizera na vida de Godofredo e que o trouxera durante semanas como sonâmbulo, se calmou. Ludovina estava na Ericeira, com o pai, e a lembrança daquele momento em que a

vira no sofá amarelo — essa lembrança que fora no coração do pobre Godofredo como uma chaga viva que o menor movimento, o menor atrito, irritava — era agora como uma ferida que começava a cicatrizar, causando apenas uma dessas dores surdas e vagas a que o corpo se habitua.

O choque desagradável do encontro com o Machado passara também. No escritório da Rua dos Douradores continuava a rotina de relações, frias, corteses, toleráveis.

Mas agora, mais calmo, Godofredo sentia com redobrada intensidade todos os detalhes daquela vida de viúvo, que devia ser a sua para sempre — e só descobria, no futuro, desconforto e tristeza.

Ao princípio, pensara em deixar a casa da Rua de S. Bento, ir viver para o hotel. Mas depois receou a opinião, a maledicência. Ninguém sabia que ele estava separado de sua mulher. Supunha-se que ela estava a banhos com o pai, e que Godofredo a ia ver de vez em quando — e tinha por todos os meios de manter esta ficção. Além disso, que havia de fazer às duas criadas? Porque persistia na ideia de manter o silêncio em torno da sua desgraça, conservando sob chave, ligadas a ele pelo interesse de uma boa situação, aquelas duas criaturas que a conheciam. Ficara em S. Bento, e a sua existência ali era perfeitamente desgraçada. Um por um, os confortos que tanto amava haviam desaparecido, porque as duas mulheres, sem ninguém que as vigiasse, tendo

percebido que o senhor as não despediria, dependente da língua delas, estavam inteiramente relaxadas.

O tormento do dia começava para Godofredo às nove horas. Era uma tortura conseguir que lhe trouxessem água para a barba: nunca havia água quente. A cozinheira que, agora, se levantava tarde, nunca tinha o lume aceso antes das dez horas. Depois era outra luta para obter o almoço, e quando chegava, feito à pressa, sem cuidado, sem variedade, quase o enjoava. Desde agosto que todas as manhãs lhe apareciam os mesmos ovos quentes — ora crus, ora cozidos de todo — e os mesmos bifes córneos, negros, como duas tiras de couro tisnado.

Ele sentava-se, olhava com horror para o guardanapo sujo, e sentia um

desânimo profundo. Ai! Onde estava o tempo em que Ludovina, ela própria, lhe ia fazer os seus ovos quentes pelo reloginho de ouro? Então, havia sempre flores na mesa, e o seu *Diário de Notícias*, e o seu *Jornal do Comércio*, esperando-o ao lado do prato. Ele desdobrava-os com um sentimento de paz e de conforto, sentindo em redor o rumor da sua saia, o calor da sua presença e um vago aroma de vinagre de *toilette*.

Agora, quando ele voltava às quatro horas, encontrava os restos do seu triste almoço ainda sobre a mesa, com o molho dos bifes a secar no prato, um resto de chá no fundo da chávena, tudo sujo e triste sob o voo das moscas. Pelo chão havia sempre migalhas. Todos os dias se quebrava alguma coisa. E no fim do mês,

eram contas enormes, um desperdício, um excesso absurdo de gastos. Já por duas vezes encontrara homens na escada ou visitas para as criadas. A sua roupa suja arrastava pelos cantos, e, quando ele se enfurecia e entrava na cozinha como uma bomba, aos berros, as duas criaturas não respondiam, fingiam uma compunção mais odiosa ainda do que uma resposta insolente: baixavam a cabeça, davam com respeito uma desculpa absurda, e depois ficavam lá dentro, rindo e beberricando copinhos do seu vinho.

Mas piores ainda eram as longas noites solitárias. Fora sempre um homem caseiro, gostando de recolher cedo, calçar os seus chinelos, gozar o seu interior.

Antigamente, na sala, Ludovina sentava-se ao piano; ele mesmo ia

acender as luzes, com a devoção de quem prepara um altar, porque adorava a música, e vinha acabar o seu charuto numa poltrona, ouvindo-a tocar, contemplando a massa negra de cabelo que lhe pendia nas costas, numa graça de abandono e de intimidade. Certas músicas que ela tocava davam-lhe a sensação de ter o coração acariciado por alguma coisa de aveludado e muito doce que o fazia desfalecer: uma sobretudo, uma certa valsa, *Souvenir d'Andalousie*... Há quanto tempo ele não a ouvira tocar!

Enquanto durou o verão, todas as tardes, dava o seu passeio. Mas o mesmo espetáculo das ruas trazia-lhe à memória a sua felicidade perdida. Era uma varanda aberta, com uma senhora vestida de claro, tomando o fresco, que lhe recordava a sua

casa deserta onde já não havia um rumor de saias... Era, ao anoitecer, uma janela, deixando sair a claridade discreta de um serão tranquilo, donde vinha um som vago de piano... E ele passava, com osbotins empoeirados, o corpo fatigado, sentindo de um modo agudo e doloroso a evidência da sua solidão.

As noites piores eram aquelas em que procurava a animação do Passeio Público. Levava-o lá o horror da solidão; mas aquele isolamento no meio de tanta gente, sob as árvores iluminadas a gás, vendo tanto homem levando uma mulher pelo braço, era-lhe ainda mais doloroso do que a sala deserta e fria, com o seu ar inabitado e o seu piano inútil!

Depois, quando principiou o inverno, a vida começou aser intolerável.

novembro foi muito chuvoso. Ele voltava do escritório tarde, e depois do jantar desconsolado que engolia à pressa, ficava, com os pés nos chinelos, aborrecido, errando vagamente da sala para o quarto. Nenhuma cadeira, por mais confortável, lhe dava uma sensação completa de repouso e de bem-estar. Os seus livros pareciam ter perdido subitamente todo o interesse, desde que a não sentia ao seu lado, costurando enquanto ele lia, à mesma mesa, debaixo da mesma luz. E um pudor, um escrúpulo, uma vaga vergonha, impediam-no de ir aos teatros.

Além disso, uma inquietação tomava-o agora constantemente, desde que ela voltara da Ericeira e que a sabia ali, na mesma rua, a dez minutos daquela casa

onde ele sofria todas as melancolias da viuvez. Vinte vezes por noite o seu pensamento fazia esse caminho, subia a escada do Neto, penetrava na sala que bem conhecia, com a sua *chaise-longue* coberta do cretone vermelho. Era nessa *chaise-longue* que ela se costumava sentar quando iam ver o sogro. E vinha-lhe um ciúme, um desespero, pensando que a essa hora ela lá estaria, sentada, com uma costura ou um livro na mão, tranquila, esquecida, sem pensar nele.

O Neto, à volta da Ericeira, viera vê-lo. E cada palavra daquele mariola fora uma punhalada para Godofredo. Tinham gozado muito na Ericeira. Não viam ninguém, porque, enfim, as circunstâncias da Ludovina não permitiam folias nem piqueniques, mas tinham

passado muito bem, em família. Ludovina tomara banhos; estava forte, mais gorda, e nunca ele a vira com tão boa cara; tinha trabalhado muito no seu piano, e parecia resignada e de bom humor. E depois de lha pintar assim, tão sadia, tão apetecível, saíra, sem dizer a palavra por que Godofredo ansiava — uma simples palavra: «fazer as pazes!» Porque agora era esse o seu desejo mais ardente. Somente, não queria dar o primeiro passo, por orgulho, por dignidade, por um resto de ciúme e de amuo. Mas entendia que competia ao Neto impor essa reconciliação — e começava a odiá-lo, vendo que ele queria conservar a filha em casa. Era fácil de compreender: o patife não desgostava dos trinta mil réis, que assim lhe caíam na gaveta todos os meses.

Pensou mesmo em lhe retirar a mesada: um sentimento de cavalheirismo impediu-o de o fazer.

O que o torturava acima de tudo era não ter ainda conseguido vê-la. Debalde passava e tornava a passar pela casa do Neto; debalde ia aos domingos à missa, à igreja dela; debalde rondava a casa da modista, uma D. Justina, no Largo do Carmo, na esperança de a ver de lá sair ou para lá entrar. Até que um dia, ao deixar uma tabacaria, acendendo o charuto, de repente, viu-a de costas...

Ficou tão perturbado, tão trémulo, que em lugar de correr a segui-la, a vê-la, como o seu desejo reclamava furiosamente, recolheu-se vivamente para o fundo da loja, e ali ficou, hesitante, sentindo bater-lhe o coração, pálido e

entorpecido. E quando pôde reagir e saiu para a ver uma vez ainda, debalde subiu e desceu o Chiado, não a encontrando: tinha-a perdido. E foi para casa com uma saudade imensa, tendo diante dos olhos aquela figura alta, vestida de preto, com uma flor amarela no chapéu.

Porém, o encanto quebrara-se, e uma semana depois, quando ia descendo a Calçada do Correio, avistou-a que subia com a irmã. Foi a mesma perturbação, o mesmo embaraço, a mesma ideia absurda de se esconder num portal... Mas por fim, com o coração aos saltos, decidiu-se a afrontar o encontro: firmou o passo, deu um leve puxão aos punhos, aprumou-se. E de lado, tremendo todo, viu-a baixar os olhos e corar, perturbada.

Foi para casa num estado

extraordinário de exaltação. Sentia que a adorava e o coração desfalecia-lhe à ideia deliciosa de a apertar outra vez nos braços. E ao mesmo tempo, tinha um ciúme furioso e vago, ciúme dos outros homens, da rua, dos passos que ela dava, das palavras que poderia dizer, dos olhares que daria a outros. Queria-a para si, ali, debaixo de chave, entre aquelas paredes que eram suas, na sua habitação, na prisão dos seus braços. E não podendo parar em casa, saiu, quase à meia-noite, e foi até Santa Isabel contemplar as janelas do Neto.

Depois, quando voltou, escreveu-lhe uma carta absurda, seis páginas de paixão, a que se misturavam ainda, caoticamente, acusações violentas. Mas ao relê-la, achou-a mal feita,

insuficientemente amorosa. Rasgou-a.

Nessa noite não dormiu. Via constantemente a bela face corar, as longas pestanas baixarem... Sim, estava, como dissera o Neto, mais cheia, mais bela. Oh, que mulher divina! E era *sua*, a *sua* mulher! Positivamente, aquilo não podia durar, aquela vida infeliz e solitária!

Janeiro passou sem ele a tornar a ver. E a sua paixão crescia. Agora esperava um acaso que os ligasse. Cada manhã imaginava que o dia não passaria sem ele a deparar e estava decidido a falar-lhe.

Já uma vez, encontrando o Neto, falara vagamente nos inconvenientes daquela separação. Mas Neto apenas encolhera os ombros com um ar de

melancolia e de dor paternal. Era bem triste, mas que se havia de fazer?

Depois, uma tarde, no Martinho, Neto tornou a falar-lhe: disse-lhe que refletira muito e que estava disposto a ir fazer com a filha uma viajata até ao Minho... para evitar falatórios!

Godofredo ficou assombrado, não se conteve:

— Mas não há de ser à minha custa! — murmurou.

E voltando-lhe as costas, veio para casa, furioso. Eram sete horas; havia um luar claro e frio. Chegava à sua porta, quando deu de rosto, no passeio, com Ludovina que recolhia acompanhada pela irmã.

Instintivamente, desceu com rapidez do passeio, afastou-se, mas logo

voltou, com uma inspiração, apressado, e chamou:

— Ludovina!

Ela parara, espantada. Estavam junto de uma loja de mercearia, na luz do gás, e ficaram defronte um do outro, sem achar uma palavra, enleados, com todo o sangue na face. Godofredo estava tão perturbado que nem cumprimentou a cunhada; nem sequer a via. As suas primeiras palavras foram absurdas:

— Então, dizem que vais para o Minho?

Ludovina olhou para ele, espantada, e depois para a irmã.

— Para o Minho? — murmurou.

E ele, numa voz atrapalhada:

— Disse-mo teu pai... Eu achei que era a coisa mais ridícula!... Oh,

Teresinha, desculpe, que a não tinha visto... Tem passado bem? E tu, Ludovina, tens passado bem?

Ela encolheu os ombros:

— Assim, assim...

Ele devorava-a com os olhos, achando-a adorável, naquela capa de veludo que lhe não conhecia e que devia ser nova.

— Parece que te divertiste muito, na Ericeira.

Ela teve um sorriso amargo:

— Eu? Boa!... — E acrescentou com um vago suspiro:

— O que me tenho é aborrecido e chorado...

Uma ternura, uma piedade imensa invadiu Godofredo, e com a voz trémula, quase a chorar, balbuciou:

— Ora essa, ora essa...

Depois, acrescentou ao acaso, já num tom de intimidade, como se desde aquele momento a reconciliação estivesse feita:

— Pois aquilo lá em casa não vai bem... A Margarida tem-se desleixado muito. E é verdade, que te queria perguntar... Como diabo se acende o candeeiro do escritório, que não tem sido possível pô-lo em condições?

Ela riu. Teresa também. Percebiam perfeitamente que de ora em diante Ludovina era outra vez a mulher de Godofredo. Disse:

— Se queres, vou lá ensinar a Margarida a arranjar isso.

Todo ele foi um grito de alegria:

— Pois vem, pois vem! A

Teresinha pode vir também. É um instante.

E subiu adiante, galgou a escada, abriu a porta, desfalecendo de voluptuosidade ao sentir o rumor das saias dela pela escada acima.

Ouvindo vozes, a Margarida tinha corrido a abrir, e ao avistar as senhoras, ficou embatucada.

— Traga cá o candeeiro do escritório — gritou-lhe atarantadamente Godofredo.

Ludovina e a irmã tinham penetrado na sala de jantar, e conservavam-se de pé, de chapéu, com as mãos nos regalos, enquanto Godofredo, como parvo, correra à cozinha, depois entrara no quarto, depois precipitara-se a acender as luzes da sala de visitas, onde não havia gás.

Ludovina, no entanto, examinava a sala de jantar, o aparador, o tapete, escandalizada do desleixo que ali se sentia, parando a contemplar, indignada, uma linda fruteira de cristal que tinha uma asa quebrada.

Godofredo veio encontrá-la assim.

— Ai! — exclamou ele — isto vai por aí uma destruição que nem tu imaginas. Olha, vem cá dentro, vem ver, vem cá ao nosso quarto...

Ele mesmo entrou, e ela, com um rubor de virgem que penetra na câmara nupcial, seguiu-o. E apenas entrou, ele apoderou-se dela, arrastou-a para a alcova do lavatório, e ali, às escuras, violentamente, freneticamente, beijou-a pelos olhos, pelo cabelo, pelo chapéu, fartando-se da doçura da sua pele,

sentindo-se morrer ao contacto daquela frescura que ela trazia de fora.

Ela disse baixo:

— Não, não, olha a Teresa!...

— Manda-a embora, eu voulevá-la— murmurou ele. — Tu ficas, meu amor, nunca mais nos separam...

E ela consentiu num beijo.

9

No dia seguinte, num momento de enternecimento, querendo dar à sua felicidade um quadro mais poético, Godofredo propôs que fossem passar uns dias a Sintra. Foi uma nova lua de mel. Estavam na Lawrence, onde tinham um pequeno salão só para eles. Levantavam-se tarde, bebiam *champagne* ao jantar e beijavam-se às escondidas, pelos bancos, debaixo das árvores. Godofredo não deixava Ludovina um instante, ávido de gozar de novo aquela intimidade que ele julgara perdida, sentindo o prazer infinito da sua presença e do seu amor.

Ao fim de quatro dias, voltaram, e esta lua de mel prolongou-se ainda em

Lisboa, cheia e larga, sem uma nuvem, sem considerações por despesas, com carruagem da companhia e camarote, em S. Carlos.

Godofredo queria mostrar-se por toda a parte com ela, para tapar as bocas do mundo.

Em S. Carlos, tomava sempre uma frisa bem em evidência, fazendo exposição da sua felicidade doméstica. E como Ludovina, com os ares da Ericeira, voltara mais sólida, mais cheia, magnífica na sua forte beleza de trigueira sadia, os homens da plateia fitavam-na com insistência, e havia sempre algum binóculo dardejado sobre ela.

— Lá estão a olhar — dizia Godofredo. — Estão pasmados de nos ver juntos... Pois é para que saibam.

E à frente do camarote, puxava devagar os punhos, sorria à sua Lulu.

Numa dessas noites, cantava-se a *Africana* pela primeira vez, e Ludovina, que durante todo o espetáculo estivera torturada com um par de sapatinhos novos, quis sair antes do fim do quinto ato. Godofredo cedeu logo, apesar do prazer que lhe davam os gorjeios patéticos de Alteroni, sob as ramagens das mancenilheiras, à luz trágica da Lua-cheia. Agasalhou-a, deu-lhe o braço, e no peristilo, a um canto, esperavam que se aproximasse a carruagem da companhia, quando, de repente, apareceu o Machado, de charuto nos dentes, enfiando o paletó. Ele decerto não os vira, porque continuava através do peristilo, com o seu andar levemente gingado, tapando a

gravata branca, acabando de abotoar o paletó. De repente deu com eles. Um segundo pareceu hesitar, ficou enleado, pálido, com os dedos esquecidos nos botões. Depois, muito correto, tirou profundamente o chapéu. De dentro da gola alta da sua capa branca, ela fez um ligeiro movimento de cabeça, baixando os olhos, séria, impassível, imóvel, com a grande cauda azul do seu vestido apanhada na mão. E Godofredo, que tivera um momento de hesitação, acabou por atirar bem alto um «*olá Machado, boas-noites!*»

Machado saiu vivamente.

No dia seguinte, quando Godofredo chegou ao escritório, Machado já estava abancado à sua carteira. Trocaram os cumprimentos secos e usuais

e Godofredo ficou remexendo os seus papéis, lendo a correspondência. Depois, deu um olhar vago e distraído ao jornal, evidentemente preocupado, com o pensamento noutra coisa. E de repente, recostou-se na cadeira, fez estalar os dedos, perguntou ao Machado:

— Então ontem, que tal lhe pareceu a Alteroni?

Era a primeira vez que lhe dirigia uma palavra estranha aos negócios da firma! Machado ergueu-se, um pouco nervoso, para responder:

— Gostei muito... E você?... Boa voz, hem?...

E estas palavras banais, apenas soltas, foram como as portas de um dique que se abre. Godofredo erguera-se também e foi um fluxo de palavras de um

e de outro, ao princípio hesitantes, depois tomando calor, aproximando-os de novo, formando uma viva corrente de simpatia. Pareciam dois amigos que se encontram depois de uma longa ausência; cada um reconhecia no outro aquilo que nele sempre estimara: com um trivial gracejo do Machado sobre o tenor, Godofredo ia rebentando a rir, e uma observação de Godofredo sobre o uníssono das rabecas, interessou imensamente Machado, fê-lo pensar que o Godofredo era realmente um grande entendedor de música.

Depois, Godofredo falou da estada em Sintra; e um momento conversaram sobre Sintra, dizendo cada um os sítios que lá preferia, a impressão que eles lhes davam, como se, depois daquela longa separação, sentissem a

necessidade de conferir as suas ideias e os seus gostos respetivos.

Depois, como Machado tinha de sair mais cedo, o aperto de mão que trocaram à despedida foi profundo, ardente, de uma reconciliação completa, unindo-os outra vez para sempre.

Então, novamente, a vida de Godofredo foi calma e feliz. Na Rua de S. Bento entrara de novo a ordem e a alegria. Os ovos ao almoço já não apareciam crus ou cozidos de todo, e à noite o *Souvenir d'Andalousie* tornava a dar a Godofredo a vaga saudade feliz dos vergéis de Granada. E a cada momento, a voz dela, o *frou-frou* do seu vestido, banhavam de alegria o seu coração.

E o inverno tinha assim passado, passado a primavera, e começavam os

primeiros calores de março, quando certa manhã, ao sair, no corredor, Godofredo avistou entre duas portas a Margarida que entregava subrepticiamente, em segredo, uma carta a Ludovina. Foi como um rochedo que lhe arremessassem contra o peito. Mal atinava com o fecho da porta. Imaginou logo outro homem, outro amante — e a sua felicidade, aquela felicidade tão laboriosamente reconstruída, de novo rachando por todos os lados. Sentiu um terror absurdo, como se fosse vítima de um fado, de um fado terrível e bestial, da fatal incontinência da fêmea.

Depois, pensou que seria outra vez o Machado e passou-lhe diante dos olhos uma onda de sangue. Jurou que desta vez não haveria conferências, nem consultas, nem testemunhas — mas que entraria no

escritório e lhe meteria à queima-roupa uma bala no coração.

E na sua agitação, sentindo que não poderia tolerar a vista de Machado, não foi ao escritório: vagueou pela Baixa, tendo sempre diante dos olhos aquela visão da mão da criada, do papel branco, e do aspeto embaraçado de Ludovina. Entrou em casa sombrio e taciturno. Não podia estar quieto, ia de uma sala para a outra, atirando com as portas, como um homem que sufoca, sentindo em volta de si o ar carregado de engano e de traição. Ludovina, sem compreender, acabou por lhe perguntar o que tinha.

— Nervos! — respondeu com mau modo.

E daí a um momento, cedendo a um impulso furioso, voltou-se para ela,

declarou que estava farto de mistérios, que aquela vida era um inferno, e que queria saber que papel era aquele que lhe tinha dado Margarida.

Ela olhou para ele, pasmada daquela violência, daquela voz estridente, levando instintivamente a mão ao bolso do vestido. Ele seguira-lhe o gesto:

— Ah! tens aí a carta! Deixa ver...

Ela então mostrou-se ofendida com tal desconfiança:

Recomeçavam outra vez as suspeitas, as questões? O quê? Ela não podia receber um papel, sem ele querer logo meter o nariz?

Godofredo, pálido, com os punhos fechados, gritou:

— Ou me dás a carta ou te racho!

Ela fez-se muito branca, chamou-

lhe malcriado, e caiu para cima do sofá, a chorar, com as mãos no rosto.

— Dá-me a carta — gritava ele em bicos de pés. — Dá-me a carta!... E desta vez não há de ser como da outra... Vais para um convento!... Mato-te!

E não esperou pela resposta: arremessou-se sobre ela, torceu-lhe os braços, rasgou-lhe o vestido, apoderou-se da carta... Mas não percebia a letra. Eram umas garatujas sem ortografia, num pedaço de papel pautado. Começava: *Minha querida senhora*, vinha assinada *Maria do Carmo*, e falava-se lá de esmola, do pequenito que estava melhor, e de orações que não deixariam de rezar por aquela boa esmola...

Trémulo, murcho, humilhado, com o papel na mão, Godofredo veio sentar-se

ao lado de Ludovina que chorava com a cabeça entre as mãos. E passando-lhe o braço pela cintura, balbuciou:

— Está bem, vejo que não é nada... desculpa... Diz lá, o que é?

Ela repeliu-o, pôs-se a pé, toda ofendida. Estava satisfeito? Tinha lido a carta, hem? Era de um homem, não era?...

Ele balbuciou, envergonhado:

— Mas também todos esses mistérios...

E como ela, bela e de pé, limpava os olhos, engolindo os soluços, não se conteve, teve necessidade de se humilhar, caiu de joelhos, e com as mãos postas, murmurou:

— Perdão, Luluzinha, foi tolice minha...

Com um soluço mais fundo, ela

bateu-lhe de leve com a ponta dos dedos na face...

E então num enternecimento, quase a chorar também, Godofredo beijou-lhe as mãos, abraçou-lhe os joelhos e terminou por se erguer com um esforço, agarrado à saia dela, e encher-lhe o pescoço de beijos.

E ainda na comoção dos dois, entre abraços, ela contou-lhe a história das esmolas secretas que fazia. Era uma pobre rapariga que conhecera na Ericeira e que um patife seduzira e abandonara com duas crianças, uma ainda de mama.

— Mas porque fizeste mistério? — teimava, comovido e apaixonado.

Ela confessou que já lhe dera mais de cinco mil réis — e tinha medo que ele achasse extravagância...

A alegria que Godofredo sentia era tão viva, que exclamou:

— Qual extravagância! Dá-lhe outros cinco... É por minha intenção.

E tudo terminou num beijo.

Só então Godofredo se lembrou das suas suspeitas da manhã e da sua cólera contra o Machado: lá pensara outra vez em matar o Machado! E sentia agora a necessidade de o tornar a ver, apertar-lhe profundamente a mão... votando-lhe nesse momento uma amizade maior, não sei que vago reconhecimento que o enternecia.

Ao outro dia, quando entrou no escritório, não se conteve, e, sem motivo, abraçou Machado pela cinta.

O outro correspondeu ao abraço do sócio sem estranhar essa efusão, mas com um modo, um enternecimento, um

abandono triste que surpreenderam Godofredo. E a sua surpresa aumentou quando reparou que Machado tinha os olhos vermelhos, como se tivesse chorado.

— É minha mãe que está muito mal — disse Machado, respondendo à interrogação do sócio.

E Alves, com a sua alegria cortada por aquela dor, só pôde murmurar:

— Diabo!

Era o diabo, era. E o médico não dava esperança. A pobre senhora sofria de uma complicação de doenças, de fígado, de rins, de coração, que pareciam revolver-se agora num desarranjo total da vida.

Na véspera, tivera um desmaio de duas horas. Ele julgara-a morta; e nessa

manhã, tinha um alívio extraordinário de que ele desconfiava.

E o pobre Machado suspirava, dizendo isto. O amor da mãe fora até aí o seu sentimento mais intenso; tinham vivido ambos sempre juntos; por causa dela, ele nunca quisera casar, e agora aquela perda parecia levar da sua vida tudo o que lha tornava cara...

— Deus não há de querer uma desgraça — murmurou Godofredo, comovido.

Machado encolheu os ombros com desânimo, e daí a instantes tornou a sair, para voltar para junto da sua pobre doente.

Então, todos os dias, três, quatro vezes, Godofredo ia a casa de Machado, saber notícias. A pobre senhora piorava.

Felizmente não sofria — e os seus últimos dias eram confortados por aquele amor em que o filho a envolvia, não se arredando um instante do leito dela, recalcando a dor, escondendo a palidez, animando-a, falando de planos e de idas para o campo, e gracejando mesmo, como nos bons tempos.

Depois, uma tarde, Godofredo chegou a saber notícias. A criada apareceu com o avental nos olhos: a senhora morrera havia uma hora, como um passarinho.

Ele entrou. E Machado atirou-se-lhe aos braços, perdido de choro.

Godofredo não o deixoumais. Passou essa noite com ele; ocupou-se do enterro, dos convites, da compra de um terreno no Alto de S. João. E ao outro dia,

na solenidade dos pêsames, os amigos da casa davam-lhe apertos de mão tão sentidos, tão mudos, como ao próprio Machado — reconhecendo nele, mais que um amigo, quase um irmão.

O enterro foi concorrido: havia mais de vinte carruagens; Godofredo levava a chave do caixão, e no cemitério dirigiu as cerimónias, convidou os amigos mais íntimos a pegar nas borlas do esquife, cochichou com os padres, prodigalizou-se, e quando o caixão desceu à cova, as únicas lágrimas que o acompanharam foram as dele.

No dia seguinte, Machado partiu para Vila Franca, para casa de uma tia, e Godofredo foi levá-lo à estação, ocupou-se da bagagem, e chorou outra vez, abraçado a ele.

Passados quinze dias, Machado voltou. Ocupou outra vez a sua carteira, no gabinete de repes verde. Não parecia o mesmo. Estava mais sereno, mas tão triste no seu luto, que Godofredo, sempre romântico, pensou de si para si que aqueles lábios nunca mais sorririam.

Depois, vendo-o demorar-se à carteira, sem vontade de ir para casa, para a casa agora vazia, para o jantar agora solitário, veio-lhe um dos seus bruscos impulsos de bondade: esqueceu tudo, abriu os braços a Machado:

— O que lá vai, lá vai! Venha você daí jantar connosco!

E nem o deixou hesitar; quase lhe enfiou o paletó, arrastou-o pela escada abaixo, chamou uma tipoia, atirou-o para dentro, levou-o em triunfo à Rua de S.

Bento.

Machado, durante todo o caminho, não dissera nada, tremendo daquele encontro, empalidecendo já, procurando uma palavra natural para dizer à entrada.

Logo na escada sentiram o som do piano, e daí a instantes, Godofredo, metendo a cabeça pelo reposteiro da sala, exclamou radiante:

— Ludovina, trago-te aqui um convidado.

Ela erguera-se — e achou-se de repente diante do Machado, que se curvava profundamente, disfarçando a sua perturbação na profundidade daquela cortesia.

Ela fizera-se escarlate, mas a sua voz foi clara e firme, quando lhe estendeu a mão, dizendo:

— Como está, Sr. Machado? Então, chegou bem?

Ele balbuciou umas palavras ininteligíveis, e ficou de pé, esfregando as mãos devagar — enquanto Ludovina dissipava aquele embaraço com uma infinidade de palavras, contando a Godofredo uma visita que tinha recebido de uns certos Mendonças, falando do Mendonça, e da Mendonça, e do Mendonça pequeno, vivamente, nervosa, com as orelhas a arder.

Depois, para dar umas ordens, apressou-se a sair.

Quando ficaram sós, Godofredo teve esta palavra profunda:

— Isto, quando há boa educação, tudo vem sempre a acabar bem!

Daí a pouco, Ludovina voltava,

mais serena, tendo decerto posto na cara uma camada de pó de arroz. Machado sentara-se no famoso sofá amarelo e quis erguer-se, dar-lhe aquele lugar; mas ela não consentiu, sentou-se ao lado, na poltrona e como se quisesse emendar um esquecimento, apressou-se a dizer de um fôlego, como quem recita uma lição:

— Eu senti muito a perda que o Sr. Machado...

Ele curvava-se, murmurando umas palavras, mas Godofredo acudiu, exclamando:

— Nisso não se fala agora! Devem-se aceitar os decretos de Deus; acabou-se.

Mas uma sombra passara sobre a face comovida de Machado e um bafo morno de tristeza pesou sobre a sala.

E foi esta tristeza que subitamente os pôs à vontade. Era como se o Machado, com aquele luto pesado, aquela saudade da mãe, aquele túmulo ainda recente, não fosse o mesmo que ali bebera copos de vinho do Porto, com ela nos braços, sobre o sofá amarelo. Era um outro Machado, um rapaz grave, vergado por uma dor que era preciso consolar, envelhecido, e para sempre incompatível com aventuras de amor.

Ludovina achava-o mudado, e olhando para ele, nem se recordava de como fora noutros tempos; por seu lado, Machado achava-a tão estranha como se fosse a primeira vez que viesse àquela casa.

O marido esquecia. Eles esqueciam também. E terminaram por

olhar um para o outro, falar naturalmente, sem embaraço, ela dizendo «Sr. Machado», ele respondendo «Vossa Excelência», frios, tendo para sempre acabado de estremecer um defronte do outro, sem comoção, como dois carvões apagados.

E o jantar foi tranquilo, calmo, íntimo, quase alegre.

Então a vida continuou, desenrolando-se, banal e corredia, como ela é.

O luto de Machado acabou. Voltou a frequentar os teatros, teve outras amantes, namorou outras senhoras.

Depois, o Neto morreu de repente de apoplexia, dentro de um ónibus, e a Teresinha veio viver com a irmã.

Ao fim de dois anos, Machado

casou com uma menina Cantanhede, por quem concebera uma paixão absurda, frenética, que não podia esperar, e o fez concluir namoro, enxoval, licenças e casamento, tudo dentro de um mês.

Houve um baile. Ludovina apareceu com uma bela *toilette*, mas não dançou.

Depois, ao fim de um ano, a pobre Cantanhede morreu de parto, e outra vez Machado soluçou, perdido de choro, nos braços de Godofredo. Outra vez Godofredo recebeu a chave do caixão, e deu apertos de mão profundos e mudos durante as visitas de pêsames.

Mas desta vez Ludovina ajudava-o, chorando também, porque ela e a pobre Cantanhede eram íntimas, passavam os seus dias juntas, não se largavam, e a sua

dor era quase tão grande como a do infeliz Machado.

***

De novo a vida continuou, banal e corredia, como ela é.

Ao fim de dois anos, Machado tinha por amante uma atriz do Ginásio.

Por esse tempo houve em casa do Alves um desgosto — o casamento de Teresinha — contra vontade da irmã e do cunhado, com um empregado de Alfândega, um imbecil insignificante e sem vintém, que seduzira a menina por ser pálido e louro como uma espiga. Foi necessário casá-los, porque a Teresinha se definhava, ameaçava deitar-se da janela abaixo — e havia outras

desconfianças.

Os meses passaram, depois os anos. A firma Alves & C.ª crescia, enriquecia. O escritório, agora mais largo, mais luxuoso, com seis caixeiros, era à esquina da Rua da Prata.

Godofredo estava mais calvo. Ludovina engordava. Tinham carruagem e no verão iam para Sintra.

Depois, Machado casou outra vez, com uma viúva — casamento inexplicável, porque a viúva nem era bonita, nem era rica; tinha apenas uns olhos extraordinários, muito negros, muito pestanudos, muito quebrados, a expirar de langor.

Foi um casamento à capucha e os noivos partiram para Paris.

Voltaram. Vieram viver para perto

dos Alves que, agora, tinham mudado para um palacete a Buenos Aires — e outra grande amizade nasceu logo entre Ludovina e a senhora dos olhos langorosos.

***

Agora as duas famílias vivem junto uma da outra, e ao lado uma da outra vão envelhecendo.

No dia dos anos de Ludovina há sempre um grande baile — e sempre, inseparável desse dia, vem à memória do Alves aquele outro aniversário, em que ele entrou em casa, e viu no sofá amarelo...

Mas há quanto tempo isso vai!

E esta lembrança, agora, só o faz

sorrir. E fá-lo também pensar: porque neste facto permanece o grande acontecimento da sua vida, e dele costuma extrair geralmente a sua filosofia e as suas reflexões usuais.

Como ele diz muitas vezes a Machado: — que coisa prudente é a prudência!

Se naquele dia do sofá amarelo, ele se tivesse abandonado à sua cólera, ou se tivesse persistido depois em ideias de vingança e rancor, qual teria sido a sua vida?

Estaria ainda hoje separado de sua mulher, teria quebrado a sua amizade íntima e comercial com o sócio; a sua firma não teria prosperado, nem aumentado a sua fortuna; o seu interior teria sido o de um solteirão azedado,

dependente de criadas, maculado talvez pela libertinagem.

Nesses longos trinta anos que haviam passado, quantas coisas belas teria perdido, quantos regalos domésticos, quantos confortos, quantos doces serões de família, quantas satisfações da amizade, quantos longos dias de paz e de honra.

A estas horas estaria velho, com a vida estragada, e aquela mancha do seu passado queimando-lhe sempre a alma!

E assim, que diferença!

Tinha estendido os braços compassivos à mulher culpada e ao amigo desleal; e com este simples abraço, fizera para sempre da sua mulher uma esposa perfeita, do seu amigo um coração fiel.

E agora ali estavam, todos juntos,

lado a lado, honrados, serenos, felizes, envelhecendo de camaradagem no meio da riqueza e da paz.

Às vezes, pensando nisto, Alves não pode deixar de sorrir com satisfação. Bate então no ombro do seu amigo, lembra-lhe o passado, diz-lhe com um sorriso:

— E nós que estivemos para nos bater! A gente em novo sempre é muito imprudente... E por causa de uma tolice, amigo Machado!

E o outro responde, sorrindo também:

— Por causa de uma grande tolice, Alves amigo!

O CONDE DE ABRANHOS

Primeira edição: 1925

À Exma. Sr.ª Condessa de Abranhos

Minha Senhora: — Tive, durante quinze anos, a honra tão invejada de ser o secretário particular de seu Exmo. Marido, Alípio Severo Abranhos, Conde de Abranhos, e consumo-me, desde o dia da sua morte, no desejo de glorificar a memória deste varão eminente, Orador, Publicista, Estadista, Legislador e Filósofo.

V. Ex.ª, Sr.ª Condessa, ergue-lhe neste momento, no Cemitério dos Prazeres, um mausoléu comemorativo, onde o cinzel do escultor Craveiro faz reviver a nobre figura do Conde.

Respeitosamente me arrojo, Sr.ª Condessa, a imitar o piedoso ato de V. Ex.ª, e neste livro — como o artista esculpiu no mármore o seu invólucro físico— eu pretendo reconstituir o seu ser moral. A estátua é assim completada pela biografia: na pedra, as gerações contemporâneas poderão contemplar a grandeza da sua atitude e a expressão do seu rosto; no livro, admirar-lhe-ão a elevação do espírito e a retidão da alma.

E quem melhor do que eu poderia tornar conhecido este português histórico— eu, a quem ele fez a confidência das suas crenças, da sua filosofia tão profundamente religiosa, da sua alta ambição, do seu puro amor da Pátria, da sua vasta ciência política? Eu, que tenho presente a sua

correspondência — cuidadosamente arquivada no copiador —, os seus manuscritos; os rascunhos dos seus discursos, naquela letra larga e ampla que apresentava similitude com a sua alma; eu, que tive o piedoso cuidado durante quinze anos, de recolher as menores palavras que saíam dos seus lábios — ai! que a anemia ia adelgaçando tão cruelmente — e, apenas entrava no meu quarto andar da Rua do Carvalho — ninho doméstico que a sua generosidade me permitiu adquirir —, escrevia as conversas que, à hora do chá, ou mais tarde no seu escritório, me enlevavam de admiração.

Eu fui a testemunha da sua vida. Outros o viram em S. Bento, nas Secretarias, no Paço, no Grémio — mas

só eu o vi, perdoe-me V. Ex.ª, Sr.ª Condessa, a familiar expressão — em chinelos e de «robe-de-chambre».

Todos conhecem o grande homem. Eu, conheço o homem. Eu — e V. Ex.ª, de quem ele me dizia, pouco antes de morrer, no momento em que lhe dava a colher de bromureto de potássio: — «Zagalo amigo, ao fim da experiência de oito anos de casamento, a Lulu (porque nos momentos de expansão comigo, era este o nome que ele lhe dava, Sr.ª Condessa — pois que, ordinariamente, aos inferiores dizia, a Condessa, e aos seus iguais, a D. Catarina), a Lulu, amigo Zagalo, tem sido mais que uma esposa, tem sido «bálsamo». Referia-se o ilustre marido de V. Ex.ª às circunstâncias dolorosas do seu primeiro

casamento, a que ele se costumava referir, chamando-lhe «uma chaga».

Tais são os motivos, Sr.ª Condessa — o desejo de lhe erguer um monumento espiritual e o meu conhecimento íntimo da sua vida — que me levam, depois de demorada reflexão, a escrever esta biografia do Conde de Abranhos.

Eu conheço — ainda que as minhas tentativas literárias têm recebido do país um acolhimento remunerador — que me escasseiam as qualidades de Estilo e de Crítica, para escrever a história complexa deste grande homem: seria necessário, para bem o pintar, um Plutarco, ou, nos tempos mais modernos, um Victor Cousin (que ele tanto admirava), ou ainda, contemporaneamente, um Herculano, um

Rebelo, um Castilho— um desses astros que se destacam no céu da nossa Pátria, com uma luz de serenidade eterna. Eu sei, além disso, não serem necessárias apoteoses biográficas para que o país reconheça o homem que perdeu no Conde de Abranhos. A dor de toda a Lisboa devia ser bem grata à sua alma. Sim, Sr.ª Condessa, devia ser bem grato ao seu espírito imortal, já arrebatado à serenidade dos eleitos, ver, cá em baixo, nesta Capital que ele amava, nestas ruas que ele tão bem conhecia, a imponente cerimónia do seu préstito fúnebre: o camareiro que representava S. M. El-Rei; o presidente do conselho que, apesar da firmeza da sua vontade de ferro, não podia conter as lágrimas que lhe humedeciam as pálpebras; a deputação

dos meninos do Asilo de S. Cristóvão, por quem ele tomava um interesse tão delicado e a quem chamava, com aquela graça que nas horas felizes era o encanto da sua conversa — «os meus pintainhos»; a deputação das duas casas do Parlamento, levando à frente o orador da maioria, o poeta maravilhoso dos «Sonhos e Enleios», que me disse estas palavras memoráveis que ficarão na História. — «Vimos em nome da Viúva...» — E como eu lhe perguntava, admirado: — «Em nome da Sr.ª Condessa?» — «Não — respondeu o poeta — em nome da Tribuna, viúva do Génio!» — E enfim, fechando o préstito, vinte carruagens particulares, vinte e cinco da companhia e algumas de praça — entre as quais notei com admiração

alguns operários da Sociedade «Probidade Cristã», que ele tanto ajudara a formar, e que vinham pagar um tributo derradeiro ao homem que, mais que nenhum em Portugal, amou, protegeu e educou o operário! Ali vinham, quatro numa tipoia, nos seus casacos dos domingos, as lágrimas nos olhos, a fé no peito, levar com saudade à sepultura aquele que um dia exclamara na Câmara dos Deputados (sessão de 15 de agosto, «Diário do Governo» n.º 2758): — «Não podemos dar ao operário o pão na terra, mas obrigando-o a cultivar a fé, preparamos-lhe no Céu banquetes de Luz e de Bem-aventurança!»

E quem negará aí que não seja esta a verdadeira maneira de promover a

felicidade das classes trabalhadoras?

Mas não foram estas as únicas demonstrações de luto social. A Imprensa — a que ele se orgulhava de pertencer, e a que chamava, com tanta elevação, o «porta-voz do progresso» — dedicou-lhe páginas que, pela unanimidade do sentimento, e até, se me é permitido descer a estes detalhes, o tipo grande dos artigos, entre tarjas negras, lembravam os funerais de um Rei.

As musas mesmo o choraram, e quem esquecerá essa joia da poesia portuguesa, que dedicou à sua morte o nosso grande lírico, o autor melodioso dos «Cânticos e Suspiros»? Ah! Sr.ª Condessa, recitemos, na nossa dor comum, esta estrofe, digna dos Hugos,

dos Passos e dos Leais:

Teu corpo desce à terra escura e fria...
Terra de Portugal. Treva sombria
Te cobre e te devora!

Mas não perecerá teu génio altivo,
E surges para a História redivivo
Como da Noite a Aurora...

A música mesmo (para que todas as Artes se reunissem no coro de prantos) lá lhe vai dar o seu tributo, nessa inspirada composição — «A Civilização» — valsa dedicada à memória do ilustre Conde de Abranhos, pelo padre Abílio Figueira!

Era tempo, pois Sr.ª Condessa, que eu, que nessa grande explosão de

dor me conservei taciturno e retraído (devendo dizer-lhe que o severo ataque de fígado que então me prostrou, resultante das longas noites de vigília à cabeceira do grande enfermo, me forçou a um silêncio involuntário) — venha enfim depor sobre o seu túmulo esta memória humilde.

A Ele, Sr.ª Condessa, devo tudo. O pão do corpo e o pão da alma, me deu ele com generosidade larga e fidalga. Nunca o esquecerei. Por vezes, quando me via (sobretudo depois da bronquite de que padeci no inverno de 1870) um pouco pálido ou debilitado, ele próprio ia ao armário do seu escritório e por sua mão me servia de um, às vezes dois cálices de vinho do Porto de 1815. Nos dias em que tinha gente a jantar, nunca

se esquecia de mandar guardar alguma sobremesa para eu levar a meus filhos, que lhe devem, além desta lembrança mimosa, a educação sólida e cristã de que gozam e que os habilitará, espero, a entrar um dia, com justo mérito nas Repartições do Estado.

Mas, Sr.ª Condessa — eu sou feliz em o poder dizer bem alto — o que acima de tudo devo ao Conde de Abranhos, é ter-me ele refeito um ser moral. Eu, que na mocidade, sob a influência perniciosa de leituras inconvenientes e de camaradagens fúteis, partilhava as ideias que a sociedade condena, fui transformado pelo seu exemplo, pelos seus conselhos, pela sua eloquência e pela sua proteção. Sim, Sr.ª Condessa, seu ilustre marido

encontrou-me pobre, e portanto repastando-me de leituras perniciosamente democráticas, e acompanhando com moços de talento, é certo, mas inteiramente devorados pelos estragos de uma filosofia materialista e de uma sociologia anárquica; empregando-me como seu secretário particular, com um ordenado suficiente às necessidades de minha família (eu casara então com a minha angélica Madalena), o Conde de Abranhos deu-me os meios materiais de me tornar um conservador convicto, um defensor fervoroso das instituições, um amigo da ordem. Pondo-me ao abrigo da pobreza, digo-o bem alto, pôs-me ao abrigo da depravação intelectual, moral e social.

E de V. Ex.ª, Sr.ª Condessa, que

direi, que o não tenham dito na terra os pobres de que V. Ex.ª cura os males e afasta a necessidade, e no Céu, os anjos de quem V. Ex.ª é seguramente predileta — e decerto futura companheira? Permita-me pois, Sr.ª Condessa, que ponha aos pés de V. Ex.ª este trabalho, no qual consignei a primeira fase da carreira admirável do Conde de Abranhos, essa ascensão vertiginosa às culminâncias do poder, de modesto filho de Penafiel a ministro ilustre, e onde deixei o que na minha alma existe de melhor, de mais nobre, de mais duradouro — a minha respeitosa admiração pela grande figura do Conde de Abranhos.

Sou de V. Ex.ª o mais humilde criado

Z. Z.
Ex-secretário do Exmo. Sr. Conde de Abranhos
sócio honorário do Grémio Recreativo do Rio Grande do Sul.
108 — Rua do Carvalho
Lisboa — 1.º de janeiro de 1879.

O Conde de Abranhos

Alípio Severo Abranhos nasceu no ano de 1826, em Penafiel, no dia de Natal.

A Providência, por um símbolo subtil e engenhoso, fez nascer no dia sagrado em que nasceu Jesus de Nazaré, aquele que em Portugal devia ser o mais forte pilar e o procurador mais eloquente da Igreja, dos seus interesses e do seu reino.

Muitas vezes o Conde se comprazia em contar que, nessa noite de 24 de dezembro de 1826, inverno que ficou na história pelas grandes neves que caíram, seus pais — segundo a tradição venerada na família — tinham armado um presépio, como era costume nesses

tempos em que a boa-fé portuguesa amava a piedosa devoção dos altares íntimos. Ao centro do presépio, florido de muita verdura, entre os animais da narração evangélica, o Menino Jesus sorria, nos braços de uma Virgem, obra delicadamente trabalhada por Antão Serrano, o grande santeiro de Amarante. Em torno, ardiam as velas de cera; na cozinha, cantavam nas frigideiras os rojões da ceia; o lume de lenha húmida estalava jovialmente, e fora, na neve que caía, os sinos repicavam para a missa do Galo — quando a mãe do Conde, subitamente

Sentiu o tenro ser...

como diz o nosso grande lírico no seu

poema, *A Mãe*.

O parto foi singularmente feliz, e, aludindo a esta circunstância, o Conde muitas vezes me dizia, que, segundo o seu velho amigo Dr. Flores, a facilidade em nascer era o indício misterioso de um destino fácil e de imprevistas fortunas. Todos os homens providenciais — Napoleão I, o nosso Santo Papa Pio IX, o grande estadista Fonseca Magalhães, nasceram — como dizia o Conde com chiste — «com uma perna às costas!» A fortuna começa-lhes no ventre maternal: a porta da vida abre-se-lhes a dois batentes, mostrando-lhes uma sequência de épocas gloriosas, como salões festivos. Outros têm de arrombar com dor essa mesma porta, saindo para um destino escuro como uma estrela de inverno.

Providenciais antíteses da Sorte!

E o parto da mãe do Conde foi tão feliz, que, meia hora depois das primeiras dores, o pequeno Alípio foi trazido triunfalmente para a sala. A comadre sentara-se casualmente diante do presépio, e os dois meninos — o que havia de ser um homem, e o que fora um Deus — sorriam-se à claridade das velas festivas do Natal, ambos nuzinhos, ambos ao colo, enquanto de fora, lançados vivamente, vinham os repiques do sino, através dos flocos de neve!

Tocante quadro; e poucos conheço — se atendermos à glória do Conde de Abranhos — que mais mereçam ser lançados na tela ou esculpidos no mármore.

Os pais do Conde, é geralmente

sabido, eram pobres. Mas a origem da sua família não só é plebeia — como afetavam supor os seus adversários de ideias — mas, bem estudada, revela uma origem tão nobre como a das melhores casas do norte de Portugal.

Os Abranhos são originários de Amarante e aliados, pelas mulheres, à ilustre casa de Noronha. Em 1758, D. Jacinta Ana de Sobral Vieira Alcoforado e Noronha, viúva do capitão-mor Teles Azurara, senhora já avançada em anos, mas ainda de aspeto imponente, casara com Manuel Abranhos, que, pelas suas formas atléticas e beleza viril, era chamado o *Apolo de Amarante*. Manuel Abranhos não era decerto um fidalgo, mas é inteiramente inexato o dizer-se, como se imprimiu na *Revolução de setembro*,

então na oposição, que era um carniceiro: estas insinuações pérfidas desonram as grandes lutas intelectuais da política!

D. Jacinta Ana concebera por ele uma dessas paixões, como aquelas que a poesia tem celebrado, e, apesar da renitência dos parentes — que faz lembrar a dos Capuletos, pai e irmão da doce Julieta (tanto as famílias históricas se assemelham nos grandes sentimentos que as agitam) — D. Jacinta apoderou-se do belo Abranhos, e o casamento foi celebrado (recordo-o a título de curiosidade histórica) pelo padre Vicente Tardinho, reitor de Varzelhe, que depois tanto se celebrizou num processo retumbante. Já então, digamo-lo de passagem, sob a influência dessa vaga aragem revolucionária que soprava de

França, tinha principiado esta longa perseguição ao clero, que um dia devia tomar proporções que de certo modo lembram as perseguições de Diocleciano.

O casamento, escrevo-o com dor, não foi feliz. Não possuo os documentos necessários para decidir a quem pertence a responsabilidade das desinteligências crescentes, mas é certo que o belo Apolo que, como dizia com um chiste adorável o Conde, «frequentava muito o seu colega Baco», espancava tão imprevistamente D. Jacinta, que obrigou muita vez esta dama a refugiar-se em casa dos seus parentes, levando apenas sob as suas formas, que tinham conservado uma grande majestade aristocrática, um saiote de flanela! Apesar, porém, destas violências, a paixão de D. Jacinta, que eu

respeitosamente comparo à mulher de Putífar ou às Fedras da lenda antiga, trazia-a de novo, submissa e amorosa, à casa comum e ao leito conjugal, até que um dia, (e aqui textualmente copio uma carta, existente no arquivo da família e escrita por Segismundo de Noronha, irmão da dama espancada): «...a sova foi tão forte, que vimos a mana Jacinta entrar-nos pelo portão da casa em camisa e tendo nos ombros nódoas tão roxas e dilatadas, que o padre Simões, o nosso bom capelão, as comparou, com o devido respeito, às nódoas roxas nos ombros do Redentor depois de doze horas de Via Dolorosa».

A família Noronha exigiu uma reparação. D. Jacinta veio viver com seus irmãos, e cinco meses depois deu à luz um

menino que, por se julgar que não sobreviveria, foi à pressa batizado pelo capelão Simões, com o nome poético de Florido. Sobreviveu, porém, felizmente. E aqui encontro um facto que, por respeito às duas famílias Abranhos e Noronhas, não cerco de comentários; é ele igualmente justificável e condenável. Biógrafos irreverentes e temerários poderiam talvez emitir uma opinião nítida, cortante, definitiva: eu abstenho-me, e assim deve fazer todo o historiador honesto, sempre que se trate de factos em que duas famílias, ambas ilustres, ambas históricas, tenham um conflito de interesses: a ordem social repousa nestas respeitosas reticências.

O facto é este na sua nudez histórica: o menino Floridozinho foi

lançado à roda.

Um irmão, porém — e aqui dou amplamente saída ao meu desejo de glorificar os Abranhos — um irmão, porém, de Apolo (que Apolo a esse tempo desaparecera de Amarante) reclamou Florido, adotou-o, educou-o, e foi recompensado desta nobre dedicação, porque Florido Abranhos foi um espelho de virtudes e uma flor de honradez. É talvez aqui a ocasião de destruir outro erro que tende a introduzir-se na História: o irmão de Apolo, tio de Florido, sem estar decerto numa alta situação social, não era todavia, como perfidamente insinuou em tempos a *Gazeta de Portugal*, um padeiro. Como dizia o Conde com grande elevação moral, estas pesquisas miúdas, mesquinhas, na

intimidade familiar de um homem de Estado, são singularmente odiosas.

Florido, que pelo lado materno era um Noronha, casou em Penafiel, e a sua vida teve a tranquilidade límpida de um belo rio de águas claras que corre entre margens de serenidade idílica. Viveu, amou, trabalhou...

Et sa vieillesse fut comme le soir d'un beau jour...

Teve dois filhos — uma menina que herdou a beleza de seu avô Apolo, e um rapaz que foi António Abranhos, o pai feliz que na noite de Natal de 1826, diante da pompa do Menino Jesus no seu presépio iluminado, apertou nos braços o seu filho único — Alípio Severo de

Noronha Abranhos, futuro Conde de Abranhos.

O Conde, portanto, é da família dos Noronhas — e dos Noronhas que direi que o não saiba a Pátria? O seu nome está na História pelos altos feitos e na Legenda pelos poéticos amores.

Não vos lembrais da nobre canção:

Aldina na alta torre
Alta torre d'Algeciras,
Chora de noite e de dia
Que condenou-a seu pai
A não ter mais alegria...
Levai-lhe os prantos, oh! rios,
*Nuvens, levai-lhe os suspiros...**

* *Lenda dos Cavaleiros*, por Savedra Boto. Este formoso livro, sobre cujas páginas nossas mães

suspiraram e cismaram de amor, já revela as altas qualidades deste faiscante génio, que mais tarde devia ser o ilustre reformador da nossa legislação administrativa.

Aldina é uma Noronha. Da torre de Algeciras restam vestígios — todo um lanço de alvenaria, evidentemente do século XIII, descoberto ultimamente pelo nosso distinto arqueólogo Macedo Garção, que ofereceu à família Noronha uma formosa fotografia da ruína.

Outra Noronha foi de grande beleza e ilustrou o seu nome e o da sua raça, partilhando o leito do nosso Rei D. Afonso V.

D. Violante de Noronha, de uma beleza clássica que lhe mereceu o nome de Juno (nesta família, a beleza das mulheres iguala a bravura dos homens)

recebeu o mesmo alto favor do nosso senhor Rei D. Pedro II.

Dos varões desta casa citarei Fernando de Noronha, tão cioso da sua raça que um dia, entrando no momento em que um criado repelia com força seu filho Afonso que num inocente brinquedo lhe arrepelava os cabelos, mandou decepar a mão direita ao lacaio.

Estes atos inspiravam um terror salutar e ainda que nos nossos tempos mais doces poderiam ser desaprovados e o júri decerto mandaria o seu autor para a costa de África, eram todavia necessários nessa época gloriosa da monarquia, para manter as classes nos justos limites indicados pela Providência.

Citarei também Camilo de Noronha, que, já neste século foi notável

como toureiro e varredor de feiras. A sua destreza no jogo de pau era tal, que chegava a um arraial, apeava e destroçava a multidão, atirando homens por terra como uma criança que derrota um regimento de soldadinhos de chumbo. Contam-se dele deliciosas anedotas. Na Covilhã, por exemplo, tinha um cavalo adestrado que escoiceava, mal o alegre Camilo de Noronha assobiava. Costumava aproximá-lo de fidalgos e senhoras (mas sobretudo de plebeus)... Um assobio rápido, um coice imprevisto, e o indivíduo ou a dama eram levados em braços, no meio da hilaridade que entre os seus amigos causavam sempre tais façanhas. Sem inteiramente aprovar estas distrações violentas, não se pode, todavia, deixar de reconhecer que há em tais atos

uma plenitude de seiva, de vida animal e de força que agrada em jovens fidalgos.

Estas migalhas de História, apanhadas ao acaso, pintam a traços largos a feição desta família ilustre. Os Noronhas usam sobre o campo de prata três castelos de ouro e este mote: *In Chisto spes mea* (em Cristo a minha esperança), sublime divisa, a melhor, a mais nobre. E foi esta a divisa do Conde de Abranhos, até que, por decreto do 1.º de janeiro de 1860, S. M. lhe concedeu o título de Conde. Tomou então este outro mote: *Ex corde pro rege* (do coração pelo Rei!) Estas palavras, partindo de um homem que não era um cortesão e até então não mostrara especial dedicação pelo Monarca, parecem-me exemplo alto e resplandecente de reconhecimentos,

neste século de ingratidões endurecidas e lealdades frouxas.

Foi sempre para mim um motivo de assombro que durante a sua infância, Alípio Abranhos não tivesse — como Napoleão, Chateaubriand ou Lorde Byron — revelado a sua futura elevação de espírito e de caráter por alguma dessas estranhas precocidades que são como as faíscas inesperadas que saem de um fogo ainda incubado. Os seus primeiros anos são sem relevo e inteiramente incaraterísticos. Ele mesmo o reconhecia com modéstia, quando dizia, sorrindo: — «Como toda a gente, apanhei ninhos e fiz papagaios de papel...»

É certo que o meio em que se passou a sua mocidade não oferecia ocasião a que se revelassem os seus

gostos inatos e se acentuassem as suas tendências. Estou bem certo que se tivesse sido educado numa dessas velhas casas morgadas, onde gerações letradas formavam ricas e sábias bibliotecas, veríamos o pequeno Alípio deixar os ninhos e os papagaios, para se ir esconder nalgum recanto da silenciosa livraria, e ali folhear os antigos romances de cavalaria, ou, o que era mais natural à feição nativa do seu espírito, ler, compreendendo-os mal, os filósofos do passado. É porém sabido que seu pai — e não creio ofender a sua memória revelando-o — tinha um pequeno e honesto estabelecimento de alfaiate, e as únicas publicações que decerto ali se veriam entre os cortes de pano, seriam os volumes do antigo *Espelho da Moda*. Eu

creio, porém, que esta falta de vida intelectual foi singularmente favorável ao seu desenvolvimento físico. Não tendo livros que o prendessem em casa, Alípio passava os seus dias pelas hortas e pelos quintais, crescendo em plena natureza, crestado pelo sol, batido dos largos ares, e, como dizia um poeta antigo, mamando à farta nos peitos de Cibele.

Foi esta forte educação rural que lhe deu aquelas cores sadias, aquele porte ereto, que destacavam com um tão edificante relevo entre os bustos anémicos e as faces amareladas da raça lisboeta. É a esta primitiva comunicação com a Natureza que ele deveu o seu espírito reto e tão bem ponderado, amando em tudo a ordem, o equilíbrio, a formosa disposição das hierarquias. *Mens sana in corpore*

sano: que eu por mim tenho que as ideias falsas, anárquicas, são o resultado das organizações debilitadas. As cidades modernas, com as suas ruas mal arejadas, os seus quintos andares abafados, o seu rumor trovejante de fábricas e de veículos, a luz crua do gás, a alimentação insalubre, formam estas gerações pálidas, nervosas, agitadas por um desejo histérico de novidade, de artifício, de desordem e de violência. É esta a origem do espírito revolucionário. O homem que, pelo contrário, habita os campos, que respira o ar dos largos prados, repousa a vista na vasta linha do horizonte, na serenidade silenciosa das aldeias, ganha, num corpo forte, um espírito calmo: odeia a agitação; está naturalmente preparado para respeitar a Autoridade, os Princípios

sólidos, a Ordem, toda a ordenação harmónica e bela do Estado.

Tenho, porém, a certeza de que o Conde, com a sua grande modéstia, não exprimia inteiramente a verdade quando atribuía aos ninhos e aos papagaios o privilégio de lhe absorverem todo o interesse! Não! Já então naquele espírito de criança deviam passar ideias, ainda indefinidas mas fortemente marcadas de originalidade: soltando aos ares os seus papagaios, é de crer que pensasse na eterna aspiração da alma para os cimos azulados da graça; e, ao contemplar ovos de pintassilgo, fofamente dispostos no fundo de um ninho muito quente e muito tenro, decerto lhe devia passar na alma a ideia eterna da instituição da família. Um dia mesmo, ao contar-lhe estas suposições

que me tinham atravessado o espírito:

— Qual história! — respondeu com bondade o Conde. — Isso são coisas da sua imaginação de poeta. Eu era um cavalão, aqui onde me vê!... Não nego, porém, que desde novo, fui inclinadote a agitar questões sociais!...

E quando eu vejo, hoje, moços saídos das escolas, sem experiência da vida, do Estado, da Administração, quererem reformar a Sociedade, como me parece admirável a modéstia deste homem notável, que classificava assim o meu grande génio filosófico: — *inclinadote a agitar questões sociais!...*

Assim, pois, crescia o jovem Alípio Abranhos, quando — do que depende o destino dos homens e muitas vezes a sorte das nações! — sua tia

Amália veio a Penafiel consultar um dentista americano, então famoso em todo o Norte.

Esta senhora providencial (em que reaparecia a singular beleza do Apolo de Amarante) casara em nova com um proprietário rico de Amarante, e viúva, sem filhos, vivia em isolamento na sua Quinta dos Miguéis.

Naturalmente, em Penafiel, a tia Amália viu frequentemente seu sobrinho Alípio, e bem depressa a graça, a vivacidade, a esperteza do pequeno cativaram a tia, que, secretamente infeliz por não ter filhos, se vira até então obrigada a empregar o seu fundo de afeição maternal nas aves domésticas e nos diversos animais da sua quinta. Alípio era como um filho inesperado que lhe

aparecia «a meio do caminho da sua vida» (*Dante*).

Não é hoje segredo para ninguém que o Conde de Abranhos preparava um volume de *Memórias Íntimas*, quando o acometeu a doença. É dessas notas interrompidas, truncadas, que eu transcrevo o seguinte parágrafo, relativo a este período decisivo da sua carreira:

«Minha tia Amália concebera o plano — abençoado plano! — de me levar para a Quinta dos Miguéis, e mandar-me dar uma educação que me habilitasse a tomar na sociedade a posição elevada que naturalmente me pertencia pela minha bisavó paterna: numa palavra, fazer de mim um Noronha, digno dos Noronhas.

Abriu-se a este respeito com meu

pai, que acedeu prontamente, deslumbrado pela perspetiva de me ver possuidor de uma educação que os seus meios de fortuna não lhe permitiriam dar-me. A sua vontade, porém, encontrou formidáveis escolhos nas lágrimas de minha mãe. Separar-se do filho que ela criara ao seu peito, parecia-lhe tão doloroso como uma amputação. Lembra-me vagamente de a ver abraçada a mim, dizendo, banhada em rios de lágrimas: *Ó Lipinho, que te querem levar! Ai, Lipinho, que querem fazer de ti um doutor!*

Mas meu pai, com o seu bom senso, minha tia, com as suas promessas, venceram essa resistência, igual à da leoa a que impudente caçador quer arrebatar os filhos, e numa manhã de agosto — como recordo o opulento Sol nascente,

cravando o mundo das suas flechas de ouro! — parti com minha tia Amália para a pitoresca Quinta dos Miguéis, onde me decorreram a infância e a puberdade, primeiro nos infantis brinquedos, mais tarde em úteis estudos. E nunca revisitei a Quinta dos Miguéis, sem uma profunda saudade desses anos descuidosos, e sem ir ao pequeno cemitério, — onde minha tia Amália repousa no seu bem tratado jazigo, cercada de floridos goivos — ajoelhar e murmurar uma reconhecida prece, no silêncio da tarde, pela alma simples que me abriu a sua bolsa e me habilitou a cursar as aulas da nossa sábia Universidade.»

Página admirável — em que se nos revelam as qualidades eminentes do escritor e a tocante bondade do homem!

Que quadro aquele em que o vemos, já ilustre, já titular, já ministro, seguir o caminho estreito do cemitério, por alguma tarde suave de outono, pousar o joelho sobre a relva, descobrir-se, e rezar! Página admirável, repito, repassada de uma saudade grave, num colorido tão delicado de paisagem!

Na Quinta dos Miguéis se passou a mocidade do Conde de Abranhos. Ali estudou a gramática e o latim, sob a direção do abade de Serzedelo, velho de raras virtudes cristãs. Ali passou as suas férias de formatura.

Eu tive a honra de o acompanhar, quando o Conde foi tratar da sua eleição a Amarante, numa visita à Quinta dos Miguéis. Do portão, uma rua plantada de loureiros conduz à casa de habitação,

baixa, sólida, coberta de um dos lados por uma formosa trepadeira, atulhada de rosinhas brancas. Um lanço de escadas de pedra, ornado de velhos vasos azuis, leva ao salão, grande, pintado de oca, com cortinas vermelhas e brancas, e nas paredes litografias das batalhas de Napoleão. Tudo é simples, patriarcal e grave. O Conde mostrou-me o seu quarto e o rebordo da janela onde, em pequeno, pendurava gaiolas de grilos, com a sua folhinha verde de alface. Dali descobre-se a estrada, no traçado do antigo caminho, onde o Conde (segundo ele próprio contou) via com inveja passar as liteiras que levavam a Braga e ao Porto os fidalgos das vizinhanças. Já então, um sentimento vago — pressentimento do seu alto destino ou simples aspiração de um

espírito distinto para os centros letrados e inteligentes — o levava constantemente a desejar a existência das grandes cidades.

Ao fundo da quinta foge um pequeno regato, muito claro, muito pausado, cujo rumor tem a tristeza das águas mansas que correm entre ervas altas; as margens são cobertas de salgueiros; na primavera os rouxinóis enchem de ninhos aquele lugar assombrado e terno.

Como a noite que passei na quinta era muito calma, fomos depois de jantar, passear junto ao *Ribeiral*, que é o nome daquele canto de paisagem elegíaca, e nunca esquecerei a bela confidência com que ali me honrou o Conde.

— V. Ex.ª — tinha eu observado — devia, muitas vezes, durante as férias,

vir passear aqui e sentir-se inspirado...

O Conde, que por causa da frescura da noite se estava cuidadosamente agasalhando no seu cachené, parou e disse, com aquele gesto grave que tanto impressionava a Câmara:

— Não o conte em Lisboa, Zagalinho, mas uma noite, aqui compus versos!...

Eu não me atrevia a pedir-lhe que mos recitasse, mas, sem dúvida, a claridade da lua no meu rosto revelou um desejo tão intenso de os ouvir, que o Conde, sempre bom, me tomou o braço e disse:

— Era uma noite de apetite: eu andava aqui a passear, a pensar, fumando o meu charuto, — que a tia Amália tinha horror ao fumo do tabaco — quando, de

repente, a Lua ergueu-se por detrás dos salgueiros e um rouxinol pôs-se a cantar... e sem saber como, fiz uma quadra. Não a repita!... Lembra-me perfeitamente:

Deus existe! Tudo o prova,
Tanto tu, altivo Sol,
Como tu, raminho humilde
Onde canta o rouxinol!

Não pude conter um bravo, respeitoso mas sentido.

O pensamento é bonito, mas não o diga em Lisboa, Zagalinho. Se os jornais soubessem que fiz versos... Que gostinho para a oposição...

Eu exclamei rindo:

— Que gostinho para a oposição, mas que glória para o ministério...

Ele acrescentou:

— Enfim, são rapaziadas. Todos nós, mais ou menos, em rapazes, fomos poetas e republicanos... Antes isso que andar a beberricar genebra nos botequins e frequentar meretrizes... Mas quando se entra na verdadeira política, é necessário pôr de lado esses sentimentos ternos...

Eu então citei, com respeito, alguns dos nossos homens de estado, que foram, são ainda, poetas de alta imaginação.

— Pois sim... — interrompeu o Conde. — Mas lá têm o seu lugar marcado na formação do Ministério... Um poeta não pode ser ministro do Reino, mas pode muito bem ser ministro da Marinha.

Grande verdade política!

Quando entrámos, eu atrevi-me a pedir a S. Ex.ª que escrevesse aquela formosa quadra no álbum de minha esposa, que trouxera comigo, esperando obter, no Porto e em Braga, autógrafos de alguns poetas e prosadores das províncias do Norte.

O conde tomou o álbum, sorrindo, e retirou-se para o seu aposento. Qual não foi, na manhã seguinte, a minha alegria, quando ele mo restituiu, e li ao abrir a página:

Deus existe! Tudo o prova,
Tanto tu, altivo Sol,
Como tu, raminho humilde
Onde canta o rouxinol!

Estes versos, que eu escrevi

quando me verdejavam na alma as ilusões da mocidade, poderia escrevê-los hoje que a experiência da vida me tem demonstrado que fora de Deus, não há senão ilusão e vaidade...

Conde de Abranhos.

Quando voltei a Lisboa e mostrei esta página preciosa à minha Madalena — que surpresa, que arrebatamento! Falámos até tarde, essa noite, da bondade do Conde e da vastidão do seu génio.

Se eu me detive neste incidente íntimo de uma existência histórica, foi para mostrar que o Conde não era um homem destituído de sentimento poético e de imaginação idealista. Naquele cérebro

todo ocupado de legislação, de reformas, de economia política, de debates parlamentares, tinha havido um momento, na sua mocidade, em que florescera, como uma violeta isolada mas fresca, a flor delicada do sentimentalismo. E quis também provar que a poesia não é inteiramente uma arte subalterna e própria de espíritos efeminados, pois que um homem de tão robusto génio prático não desdenhou um dia, sob a influência de uma paisagem romântica, servir-se dela para exprimir um alto conceito filosófico. Estou certo de que os poetas contemporâneos, os Hugos épicos, os delicados Tennysons, os Campoamores de humorística melancolia, se orgulhariam deste colega que eu lhes revelo, e que, se apenas uma vez feriu a lira, fê-lo com tal

originalidade, vigor e elevação, que esse simples verso isolado sobe mais alto no céu da Arte do que muitas sinfonias majestosas dos Mussets debochados ou dos Baudelaires histéricos:

Deus existe! Tudo o prova,
Tanto tu, altivo Sol,
Como tu, raminho humilde
Onde canta o rouxinol!

Não farei uma narração detalhada da mocidade estudiosa do Conde. Este estudo não é propriamente uma biografia em que deva seguir, ano a ano, a carreira intelectual do seu vasto espírito. São simples apontamentos, quadros destacados de uma nobre carreira, que servirão para que um mais alto engenho

(na frase enérgica do Épico) reconstrua, com suficiente relevo, esta soberba figura histórica.

Desde os onze anos, pois, Alípio Abranhos viveu na companhia de sua tia Amália, e a não ser nas férias do segundo ano, em que a doença da mãe o chamou imperiosamente a Penafiel, não tornou a ver seus pais.

Compreender-se-á facilmente que o jovem Alípio, tendo penetrado num meio mais elevado, habituado no Porto, onde estudara parte dos preparatórios, e depois em Coimbra, às convivências eruditas, cultivadas, educadas, se achava extremamente deslocado na companhia pobre e iletrada de seu pai. Quando, durante anos, se tem vivido pela imaginação com os heróis da História e

do Romance, quando se tem o ouvido habituado à nobre linguagem dos Cíceros, dos Titos Lívios, quando se tem acostumado o espírito aos interesses da Ciência, da Lógica e da Metafísica — não é fácil suportar-se a conversação de pessoas que só se preocupam com pequenos interesses locais e «mexericos de vila pobre».

Depois das largas salas e dos vastos horizontes da Quinta dos Miguéis, a pequena casa do pai, com o chão atravancado de retalhos de fazenda e o ar abafado do cheiro acre dos estrugidos, a pequena vila escura, onde os vizinhos vão de noite despejar as imundícies, causavam aos costumes fidalgos daquele Noronha uma repulsa instintiva.

Já então revelava o seu gosto pelo

luxo, pelas largas habitações tapetadas, pelo serviço harmonioso de lacaios disciplinados. A pobreza e os seus aspetos era-lhe odiosa. Quanta vez, mais tarde, quando ele subia o Chiado pelo meu braço, eu me vi forçado a afastar com dureza os pobres, que à porta do Baltresqui, ou da Casa Havanesa, vinham, sob o pretexto de filhos com fome ou de membros aleijados, reclamar esmola; o Conde, se os via muito perto, «ficava todo o dia enjoado». Todavia a sua caridade é bem conhecida, e o Asilo de S. Cristóvão, aí está como um atestado glorioso da sua magnanimidade.

Além disso, ele reconhecia que a caridade era a melhor instituição do Estado. Quanto ao pauperismo, tinha-o como uma fatalidade social: fossem quais

fossem as reformas sociais, dizia, haveria sempre pobres e ricos: a fortuna pública devia estar naturalmente toda nas mãos de uma classe, da classe ilustrada, educada, bem nascida. Só deste modo se podem manter os Estados, formar as grandes indústrias, ter uma classe dirigente forte, por possuir o ouro e base da ordem social.

Isto fazia necessariamente que parte da população «tiritasse de frio e rabeasse de fome». Era certamente lamentável, e ele, com o seu grande e vasto coração que palpitava a todo o sofrimento, lamentava-o. Mas a essa classe devia ser dada a esmola com método e discernimento: e ao Estado pertencia organizar a esmola. Porque o Conde censurava muito a caridade

privada, sentimental, toda de espontaneidade. A caridade devia ser disciplinada, e, por amor dos desprotegidos, regulamentada: por isso queria o Asilo, o Recolhimento dos Desvalidos, onde os pobres, tendo provado com bons documentos a sua miséria, tendo apresentado bons atestados de moralidade, recebessem do Estado, sob a superintendência de homens práticos e despidos de vãs piedades, um teto contra a chuva e um caldo contra a fome. O pobre devia viver ali, separado, isolado da sociedade, e não ser admitido a vir perturbar com a expressão da sua face magra e com a narração exagerada das suas necessidades, as ruas da cidade. «Isole-se o pobre!» dizia ele um dia na Câmara dos Deputados, sintetizando o seu

magnífico projeto para a criação dos *Recolhimentos do Trabalho*. O Estado fornecia grandes casarões, com celas providas de uma enxerga, onde seriam acolhidos os miseráveis. Para conseguir a admissão, deveriam provar serem de maior idade, haverem cumprido os seus deveres religiosos, não terem sido condenados pelos tribunais (isto para evitar que operários de ideias subversivas que, pela *greve*, e pelo deboche, tramam a destruição do Estado, viessem, em dia de miséria, pedir a esse mesmo Estado que os recolhesse). Deveriam ainda provar a sobriedade dos seus costumes, nunca terem vivido amancebados nem possuírem o hábito de praguejar e blasfemar. Reconhecidas estas qualidades elevadas com documentos dos párocos, dos

regedores, etc., seria dada a cada miserável uma cela e uma ração de caldo igual à que têm os presos.

Mas, dir-se-á, o Estado então sustenta-os de graça? Não, — poderia exclamar triunfalmente o Conde, mostrando as páginas admiráveis do seu regulamento, em que se estabelecia, com um profundo sentimento dos deveres do cidadão para com a cidade, que todo o pobre admitido seria forçado a uma considerável soma de trabalho, segundo as suas aptidões. O mais útil parágrafo, a meu ver, é aquele que determina que grupos de pobres sejam forçados a calçar as ruas, colocar as canalizações de gás, trabalhar em monumentos públicos, etc. Tais serviços, todos em favor da Câmara Municipal, obrigá-la-iam a concorrer para

a despesa desta instituição, aliviando assim o Estado de uma grande parte dos gastos.

Uma vez admitidos, os recolhidos perderiam o direito de sair — a não ser que provassem que iriam dali ser empregados, de tal sorte que não lhes fosse possível recair nos acasos da miséria.

Em nenhuma legislação humana conheço instituição tão justa, tão eficaz, tão profundamente cristã, tão beneficamente social. É mesmo muito preferível ao *Work-House* inglês: ali, o pobre conserva uma soma de independência que lhe faz supor a existência de uma soma de direitos: considera-se ainda um cidadão, tem pretensões ao respeito, à igualdade, à

consideração: desobedece, revolta-se, foge do *Work-House*, recai no deboche, na fome, na desordem, no vício. Aqui não: o pobre fica prisioneiro da caridade! Perde o direito de ter fome. E as classes dirigentes, tendo a certeza de que os seus pobres lá estão, bem aferrolhados, com uma razoável enxerga e um caldo diário, podem dormir descansadas, sem receio de perturbações da ordem ou de revoltas do pauperismo.

Infelizmente este projeto tão perfeito, de que todos os jornais sérios falaram com palavras de comovida admiração, nunca conseguiu passar nas Câmaras. Motivos mesquinhamente governamentais impediram uma tão bela instituição de resolver o grande problema da miséria, pois é com estas sábias

medidas que ela se arranca do seio da sociedade, e não com as vossas reformas hipócritas, sofistas da revolução social!

Foi esta instintiva repulsão pela pobreza, pelas maneiras rudes, pelas instalações incómodas, que impediu Alípio, desde que gozava na Quinta dos Miguéis as vantagens da educação e os regalos da riqueza, de visitar amiúde a casa modesta de seus pais. É porém uma calúnia dizer-se — como o disseram certos panfletos indecorosos — que o Conde, já rico, já ministro, *renegara a sua família*.

É para mim uma honra, vir hoje, perante Portugal, explicar, destruir esse erro voluntário e hostil.

Logo que o Conde entrou na Câmara, fez o seu casamento tão rico e se

estabeleceu em Lisboa, pensou sem demora em elevar paralelamente a situação social de seu pai. Encontrou nele, porém, exigências tais que tornaram impossível a realização dos seus desejos. As negociações foram longas, muito delicadas, muito secretas. Tenho nas mãos toda essa correspondência, e posso dizer que nela o Conde mostra um tato, uma prudência, uma previdência geniais. Seu pai, ao princípio, desejou que o Conde lhe fornecesse meios de abrir em Lisboa um grande estabelecimento de alfaiate. Isto era naturalmente inaceitável. Como o Conde me disse muita vez, não podia passar, com o correio de ministro atrás, pela rua onde reluzisse a tabuleta «*Abranhos*, *Alfaiate*». Como conseguiria ele, na Câmara, aniquilar um adversário

que lhe poderia responder: — «Tudo isso é muito bonito, mas o pior é que o senhor seu pai me estragou inteiramente este par de calças e roubou-me na fazenda!»

Era impossível esta permanente tortura moral. E o pai do Conde tanto o compreendeu, que escreveu (não cito textualmente, pois que nem a sua ortografia, nem a sua gramática poderiam ter lugar num livro correto): — Se não queres que eu possua um estabelecimento do ofício em que me criei, que é honrado e me tem ajudado a viver, e à tua mãe, então o melhor é que eu vá para a tua companhia, para tua casa, onde tua mãe, que é tão económica e tão hábil nos arranjos, pode ser uma governanta útil e poupar a tua mulher todos os incómodos «dos azeites e vinagres». (Esta expressão

é dele).

O Conde recusou com indignação. Realmente a exigência é curiosa. Virem aquele homem e aquela mulher de Penafiel, com os hábitos, os modos, as figuras, a fala de dois trabalhadores de Penafiel, viver numa casa onde se recebia a fidalguia de Lisboa, os representantes dos Reis estrangeiros, a flor da Literatura, a Maioria! Absurdo! Se o Conde, como ele dizia, não fosse um homem público, poderia sacrificar-se a essa companhia plebeia. Mas como Estadista, a presença na sua casa daquele pai de feição reles, a comer arroz com a faca, a escabichar os dentes com as unhas, a perguntar às senhoras — *então como vai essa bizarria?* — com o seu catarro, cuja expetoração perpétua era repulsiva, só

serviria para diminuir a autoridade moral do Conde e o prestígio do seu talento. Em nome dos interesses superiores do Estado, devia repelir aquela proposta. Se um dia tivesse a jantar o Ministro de Inglaterra ou de França, no momento de uma negociação delicada e de alto interesse para Portugal, como poderia impressionar os diplomatas estrangeiros, com o pai, ao lado, a tirar cera dos ouvidos?

Foi por isso que ele informou o pai de que só o receberia em sua casa, com a condição de nunca aparecer aos jantares ou às *soirées*. O velho decerto mal aconselhado por intrigantes políticos, respondeu com uma carta (que, pelas razões dadas, não cito textualmente) em que lhe diz que, desde que o filho se envergonhava de seu pai, todos os

arranjos são inúteis, e que cada um siga o seu caminho; eu (diz ele) não posso, aos 55 anos, mudar os meus hábitos e o meu catarro: sou como sou; não tenho as maneiras de um elegante, mas tenho a minha honra e os meus sentimentos. Que meu filho jante na sala e me faça jantar na cozinha, não! Continua a ser Abranhos deputado, que eu continuarei a ser Abranhos alfaiate. Mas nem por isso deixo de ser tão homem de bem como tu.

Homem de bem! Não o era decerto, dando, pela sua ingrata obstinação, motivo a que — se um dia se soubesse, como se soube, este incidente — o Conde fosse insultado na imprensa e escarnecido na Câmara.

Esta resposta do pai desgostou muito o Conde; mas com uma bondade

quase sobre-humana, escreveu-lhe novamente, remetendo-lhe 200$00 reis, e afiançando-lhe que se algum dia, por falta de trabalho ou doença, se encontrasse em necessidade, o avisasse logo, pois que, apesar da sua carta ofensiva, nunca ele como filho cristão, perderia o respeito que lhe devia!

A esta carta tão nobre, tão filial, o velho alfaiate respondeu devolvendo a letra, nas dobras de um papel onde havia uma palavra única: — M...! — Não transcrevo a palavra (que de resto a inteligência dos que me leem logo compreenderá) porque me respeito, e nunca ponho nos meus livros essas obscenidades que se permitiu escrever o visionário autor dos *Miseráveis*, esse épico enfático de uma democracia estéril!

M...! Essa palavra foi para o Conde o desgosto grave da sua vida. Era evidente que seu pai, perdendo o respeito próprio, propendia para a obscenidade! Boa razão tivera ele, pois, em não o admitir em sua casa, no convívio da sociedade mais *raffinée* de Portugal!

Deste incidente da vida do Conde, que mais direi que o não saiba o País? É conhecido hoje (tanto o escândalo popularizou o episódio) que, obstinando-se na sua ingratidão, o alfaiate morreu pobre, sem nunca ter escrito a seu filho, que só o soube quando o velho se tinha enterrado. Mas o Sr. Carvalhosa, o deputado da oposição por Penafiel, com essa perfídia que inspira o despeito político, apenas teve conhecimento de que o velho expirava na miséria, apressou-se

com pompa, com evidência, a ir-lhe a casa, levar-lhe um médico e enterrá-lo à sua custa. Para quê? Para que se pudesse imprimir nos jornais da oposição — que o Sr. Ministro deixara morrer o pai numa mansarda infeta e que fora o deputado da oposição quem, por misericórdia, lhe chegara aos lábios a última malga de caldo!

Eu vi o Conde chorar na intimidade da sua livraria. Lágrimas de raiva, que para outras não havia lugar. Aquela morte isolada, obscura, silenciosa, numa miséria voluntária, — *era a vingança do pai!* Deixara-lhe aquela vergonha permanente. Quem sabe mesmo se o alfaiate não teria combinado com a oposição toda aquela lúgubre cena, a enxerga, a aparição do Carvalhosa, a

tumba de esmola!

— Ai, Zagalo — disse-me o Conde abraçando-me — o maior erro da minha vida foi nascer de semelhante pai!

E foi! Por isso o Conde, na sua severa justiça, deixou que o corpo do alfaiate repousasse na vala onde o levara a tumba misericórdia.

Diante de Deus, como ele dizia, considerava-se filho de sua tia. E a ela, filialmente, elevara aquele belo monumento onde o Anjo chora sobre uma coluna truncada que sustenta um livro, símbolo da educação que facultara ao Conde, e uma pequena bolsa, emblema da fortuna em terras que por testamento lhe deixara.

Mas estas digressões necessárias (pois que, repito, eu não conto na sua

disposição cronológica os episódios de tão ilustre existência, mas apenas dou, a traços largos, as feições essenciais da sua fisionomia histórica) trouxeram-me aos anos, não distantes, em que o Conde de Abranhos viu, por assim dizer, Portugal a seus pés.

Volte pois o leitor comigo a essa formosa estrada do Porto, onde, numa liteira, acompanhado pelo procurador de sua tia, vai o nosso Alípio em direção a Coimbra.

Os sete anos que aí viveu foram serenos e graves.

Muitas vezes o Conde me disse que a Universidade lhe fizera uma impressão profunda, não tanto como edifício — ainda que seja imponente aquele monumento no alto do monte,

severo e isolado, como uma imutável fortaleza de vetusta ciência — mas sobretudo como Instituição. Eu confesso não ser talvez competente para avaliar estas questões de Ensino e de Educação. A pobreza de meus pais não me permitiu a honra vantajosa de ser bacharel, mas tendo convivido com tantos homens ilustres, eu sou como aquele antigo fabricante de ídolos, que, à força de viver entre eles, guardava nas mãos e na túnica alguma coisa do seu dourado. Além disso, neste assunto, como em todos, sigo, por admiração muda e reconhecimento correto, as ideias e opiniões do Conde de Abranhos.

A primeira vantagem da Universidade, como instituição social, é a separação que se forma naturalmente entre

estudantes e *futricas*, entre os que apenas vivem de revolver ideias ou teorias e aqueles que vivem do trabalho. Assim, o estudante fica para sempre penetrado desta grande ideia social: que há duas classes — uma que sabe, outra que produz. A primeira, naturalmente, sendo o cérebro, governa; a segunda, sendo a mão, opera, e veste, calça, nutre e paga a primeira.

Dois mundos — como diz o nosso poeta Gavião — que se não podem confundir e que, vivendo à parte, com fins diferentes, caminham paralelamente na civilização, um com o título egrégio de Bacharel, outro com o nome emblemático de Futrica. *Bacharéis* são os políticos, os oradores, os poetas, e, por adoção tácita, os capitalistas, os banqueiros, os altos

negociadores. *Futricas* são os carpinteiros, os trolhas, os cigarreiros, os alfaiates... O *Bacharel*, tendo a consciência da sua superioridade intelectual, da autoridade que ela lhe confere, dispõe do mundo; ao *Futrica* resta produzir, pagar para que o Bacharel possa viver, e rezar ao Ser Divino para que proteja o Bacharel.

O Bacharel, sendo o Espírito, deve impedir que o Futrica, que é apenas a Matéria, aspire a viver como ele, apensar como ele, e, sobretudo, a governar como ele. Deve mantê-lo portanto no seu trabalho subalterno, que ê o seu destino providencial. E isto porque um *sabe* e o outro *ignora*,

Esta ideia de divisão em duas classes é salutar, porque assim, educados

nela, os que saem da Universidade não correm o perigo de serem contaminados pela ideia contrária — ideia absurda, ateia, destruidora da harmonia universal — de que o futrica pode saber tanto como sabe o bacharel. Não, não pode: logo as inteligências são desiguais, e assim fica destruído esse princípio pernicioso da igualdade das inteligências, base funesta de um socialismo perverso.

Como pode realmente o homem que todo o dia trabalhou no seu tear, e à noite, depois do caldo de couves, dormiu do sono brutal da fadiga física, participar do governo da coisa pública — como esse outro homem que conhece as línguas, tem os princípios da Introdução aos três reinos, estudou o Direito Romano, se penetrou do Direito Canónico, leu os

poetas do século, discutiu as leis no Parlamento, fez administração nas Secretarias?

Irrisão?

Outra vantagem da Universidade é a organização dos seus estudos. O Conde considerava-a admirável e a melhor garantia da Ideia Conservadora. E aqui copio textualmente o relatório que acompanhava o seu notável *Projeto de Reforma do Ensino:*

«Têm alguns espíritos ávidos de inovação, ainda que no fundo sinceramente afeiçoados aos princípios conservadores, sustentado que o sistema da Sebenta (como na sua jovial linguagem lhe chama a mocidade estudiosa) é antiquado. Eu considero, porém, a *Sebenta* como a mais admirável

disciplina para os espíritos moços. O estudante, habituando-se, durante cinco anos, a decorar todas as noites, palavra por palavra, parágrafos que há quarenta anos permanecem imutáveis, sem os criticar, sem os comentar, ganha o hábito salutar de aceitar sem discussão e com obediência as ideias preconcebidas, os princípios adotados, os dogmas provados, as instituições reconhecidas. Perde a funesta tendência — que tanto mal produz — de querer indagar a razão das coisas, examinar a verdade dos factos; perde, enfim, o hábito deplorável de exercer o livre-exame, que não serve senão para ir fazer um processo científico a venerandas instituições, que são a base da sociedade. O livre-exame é o princípio da revolução. A ordem o que é? — A aceitação das

ideias adotadas. Se se acostuma a mocidade a não receber nenhuma ideia dos seus mestres sem verificar se é exata, corre-se o perigo de a ver, mais tarde, não aceitar nenhuma instituição do seu país sem se certificar se é justa. Teríamos então o espírito da revolução, que termina pelas catástrofes sociais!

Hoje, destruído o regime absoluto, temos a feliz certeza de que a Carta Liberal é justa, é sábia, é útil, é sã. Que necessidade há de a examinar, discutir, verificar, criticar, comparar, pôr em dúvida? O hábito de decorar a *Sebenta* produz mais tarde o hábito de aceitar a Carta. A *Sebenta* é a pedra angular da Carta! O Bacharel é o gérmen do Constitucional».

Conheço na filosofia

contemporânea — sem mesmo excetuar os livros dos Thiers, dos Guizots, dos Bastiats, dos Pagès — poucas páginas tão profundas. A frase é tersa, viril, nobre, bem ponderada; a argumentação é sã e cerrada, inexpugnável; a ideia tem a solenidade severa de um dogma. Nobre página! E pensar que aquele que a escreveu não escreverá outra, e repousa sob o pedestal da sua estátua, com as mãos em cruz, na terra bruta!

Não menos maravilhoso parecia ao Conde o sistema das relações entre o *estudante* e o *lente*.

O hábito de depender absolutamente do lente, de se curvar servilmente diante da sua austera figura, de obter por meio de empenhos que a sua severidade se abrande, forma os espíritos

no salutar respeito da autoridade. O sentimento excessivo da dignidade pessoal leva ao amor exagerado da independência civil. Cada um se torna por este modo o seu próprio dono, o seu chefe, o seu Rei, o seu Deus. É a anarquia! Assim educado, durante cinco anos, a curvar-se, a solicitar, a sorrir, a obedecer, a lisonjear, a suplicar, a depender, o bacharel entra na vida pública disciplinado, e, em lugar de ser o homem que quer tomar na vida o lugar que lhe convém (o que seria a desorganização das posições sociais) vai humildemente colocar-se, com um sorriso, no lugar, na fila, no cantinho que lhe marcam os que governam. Assim se forma uma imperecível harmonia social.

O jovem Abranhos bem depressa

mostrou, em Coimbra, o seu profundo amor da Disciplina e da Ordem.

O lente de Direito Natural era então o velho Dr. Pascoal; já muito míope, a sua veneranda ciência, os seus achaques, os seus serviços de decano, inspiravam a todos os que admiram estes vetustos sábios encanecidos nos comentários de vetustos compêndios, uma admiração simpática.

Havia, porém, nesse curso (a recordação recente das guerras civis de algum modo o explica) temperamentos rebeldes e perniciosos, que, por o ancião pertencer a uma velha família Miguelista, procuravam como dizia o Conde, *achincalhar a preleção.* Foi assim que uma ocasião, de repente, de entre os bancos, um morcego solta o voo, e

estonteado pela luz, esvoaça furiosamente, vai bater nos vidros, vai bater nas paredes, vai bater, finalmente, no rosto venerável do Dr. Pascoal. O velho grita, o archeiro corre... Mas, como diz o nosso grande poeta, autor dos *Cânticos do Céu:*

Quem sabe donde vem a aragem fresca?
Quem sabe donde vem o voo d'ave?

Quem sabe de onde vinha o morcego?

No dia seguinte, tinha justamente o venerando doutor aberto a *pauta* — quando outro morcego, maior, mais negro, começa a esvoaçar furiosamente pela aula! O respeitável Dr. Pascoal fechou a *pauta*, saiu da aula, todo trémulo, todo branco...

Alípio, porém, vira o condiscípulo indigno que soltara os morcegos, e ali mesmo, na geral, decidiu, por amor da disciplina violada e do professorado ultrajado, acusá-lo ao decano. Mas como repugnava ao seu caráter leal ir, de viva voz, a casa do Dr. Pascoal, denunciar o condiscípulo, redigiu uma carta anónima com estas palavras:

> *O vilão que arrojou o morcego às faces de V. Ex.ª e perturbou o recinto escolar, é o n.º 89!*

Era um certo Adriano Cravilho, que — posto que de uma inteligência notável e de um temperamento honesto — tinha, como se diz em Coimbra, «o furor

de fazer partidas».

Uma semana depois, condenado por um processo secreto e sumário, era riscado da Universidade perpetuamente. Q respeitável Dr. Pascoal, porém, ficara tão reconhecido ao «anónimo» que lhe revelara o autor do malefício, que costumava dizer no conselho da faculdade, que, se soubesse quem era, «pespegava-lhe um *accessit* no fim do ano. Porque enfim, colegas, livrou a aula de um malvado!»

Estas palavras, espalhadas, impressionaram Alípio. O seu ato apareceu-lhe revestido de uma importância inesperada; examinando-o, descobria-lhe a nobreza, via-o como um verdadeiro serviço feito à Ciência, à Disciplina, à Ordem, ao princípio

autoritário. E considerava que se é justificado o pudor que nos faz ocultar o serviço feito a um amigo, há uma falsa modéstia em esconder um benefício prestado à sociedade. Pode esquivar-se ao reconhecimento quem salva um homem — não quem salva um princípio!

E dias antes dos atos, dirigiu-se a casa do Dr. Pascoal, e escrevendo diante dele as palavras textuais da carta anónima, convidou-o a comparar as letras, provando ao venerável professor que era ele, Alípio Abranhos, quem prestara aquele serviço tão marcante à Disciplina.

— Pois faz favor de deixar o seu nome... faz favor de deixar o seu nome — exclamou o ancião, que estava na idade em que a memória é como tela gasta, que, repuxada, se esgaça.

Alípio deixou o seu nome — e no fim do ano recebia o 1.º *accessit*.

Teve ainda o 1.º *accessit* no segundo ano — ano em que ele, justamente, dedicou a sua dissertação sobre o *Direito das Gentes* ao Dr. Capelo, conhecido pela redundância dos seus períodos, com esta dedicatória: «Ao Deus da Eloquência, Exmo. Dr. Capelo, of. d. c. Alípio Abranhos, discípulo deslumbrado».

Teve uma *distinção* no terceiro ano — ano, exatamente, em que (segundo vejo nas suas notas) a tia Amália lhe aumentou a mesada, o que habilitou Alípio a fazer presentes delicados a D. Rosalinda Carreira, que a calúnia então apontava como concubina do seu lente de Direito Civil.

No quarto ano recebeu enfim o segundo prémio — para o que concorreu uma sabatina em que, argumentando com o lente, o sofista Dr. Abreu, e enleado por um sofisma complexo, lhe lançou estas belas palavras: «não sei o que hei de responder; a luta é desigual: eu só tenho por mim o estudo e V. Ex.ª, tem o génio!»

No quinto ano, ignoro que recompensa recebeu a sua fecunda aplicação.

Estas honras, porém, não eram dadas unicamente ao seu talento: era, também o prémio da sua conduta moral. Nunca o moço Alípio fora visto em conflitos com futricas ou em noitadas nos bilhares da Baixa. O seu ódio à estroinice era tão grande, que, para evitar a brutalidade burlesca do Entrudo,

refugiava-se em Celas, para onde ia a pé, em deliciosas excursões pelas margens suaves do Mondego. Não se pense, porém, que as severidades do estudo — tão justamente comparadas pelo nosso lírico a um *vento esterilizador* — tinham ressequido no jovem Alípio as florescências naturais do sentimento moço. Se eu não receasse afetar uma forma preciosa, compará-lo-ia a um código dentre cujas folhas saísse uma flor de amor-perfeito. Neste *urso* (nome pitoresco que se dá em Coimbra aos premiados, que, absorvidos pelo estudo, se descuidam de cultivar as graças exteriores) neste *urso*, havia um *gamo* — se tomarmos o gamo como símbolo animal das naturais vivacidades e das irreprimíveis simpatias. Somente Alípio

era destas naturezas prudentes que cuidadosamente ocultam o que o Destino, o Acaso ou a Providência, lhes deu de mais excessivo ou desregrado.

Todo o homem tem vícios, ou paixões, ou gostos perversos, mas o seu dever é escondê-los e mostrar-se apenas aos seus semelhantes como um ser regrado e hem equilibrado. Era assim, por exemplo, que apesar de gostar de genebra, Alípio nunca se entregava a esta inclinação na publicidade brutal dos botequins ruidosos: aí, tomava regradamente o seu copo de orchata. Mas, tendo assim cumprido o seu dever de homem, de cidadão, de premiado, dando um exemplo severo de sábia sobriedade, julgava poder, sem escrúpulos, depois de satisfeito o dever, satisfazer a inclinação;

e em casa, no seu quarto solitário, usava com largueza da garrafa de genebra que guardava debaixo da cama, no caixote da roupa suja. Tocante exemplo de respeito pessoal e de submissão à decência!

A mesma discrição usava no que se refere aos sentimentos temos: seria incapaz de ir com condiscípulos, «numa troça», a casa dessas Vénus vulgares que batem o lajedo com sapatos cambados e cujo leito é como uma praça pública. Mas se a natureza, nas suas iniludíveis exigências, que às vezes os eflúvios da primavera ou a preguiçosa e tépida atmosfera do outono tornam mais mordentes, o solicitasse, esperava pela noite, e, com sapatos de borracha para que nem lhe ouvissem os passos, procurava as vielas mais retiradas, onde,

depois de ter pactuado com a paciente que lhe seria guardado absoluto segredo, sacrificava com seriedade no altar de Vénus Afrodite.

Foi por essa discrição tão digna que ninguém — nem os seus companheiros — souberam de um terno episódio passado durante o seu quinto ano. Ele era então hóspede das Barrosos, respeitáveis velhas onde estudantes encontravam carinhos maternais por preços discretos. A servente, uma Júlia, tinha 18 anos, era virgem, e, segundo me confessou o Conde, a sua beleza delicada e tocante fazia lembrar esses tipos de odaliscas que se encontram nos *Keepsakes*, recostadas em coxins, à sombra de arcadas mouriscas, acariciando com a ponta aguçada dos dedos ideais

uma gazela familiar. Tanta beleza, tão nobre, numa condição tão rasteira — a natureza compraz-se por vezes nestas irónicas antíteses — comoveram o coração de Alípio, e, uma noite em que a servente dormia na sua água-furtada, o jovem quintanista atreveu-se a subir, em pontas de pés, a admirar a forma delicada, mais bela na sua camisa de estopa do que as Vénus que os artistas florentinos recostavam em coxins de seda, com rouparias de damasco... Mas ao ranger perro da porta a servente acordou: ia gritar, assustada, quando Alípio, tapando-lhe a boca com a mão (sem a magoar contudo) rogou, na balbuciação suplicante do desejo:

— Mas ouve, filha, ouve primeiro o que te vou dizer...

O que lhe disse? Quem sabe o que ao arvoredo diz o vento, o que dizem as alegres águas correntes às relvas dos prados, o que diz o rouxinol na sombra dos salgueiros, quando sobre a colina, serena e branca, se ergue a Lua?

Desde essa noite, Alípio não trocaria aquela água-furtada, onde a caliça caía com a humidade, pelas salas de mármore do Vaticano! Mas, admirável exemplo da seriedade do seu espírito, mesmo ali, não esquecia o seu trabalho: levava os expositores, a *sebenta*, os apontamentos, e, depois do primeiro transporte amoroso, enquanto, como ave fatigada, a servente se aninhava na cova da enxerga, o nosso Alípio, à luz de uma vela de sebo, ia estudando as mais altas questões do Direito Penal — até que o

Desejo, ferrão despótico, o arremessava de novo aos braços brancos que o sono enlanguescia. Delicioso idílio!

E quantas vezes, nos seus anos ilustres, quando ele fazia História, decerto lhe volveriam à memória, como um trecho de mal lembrada melodia, aqueles meses de verão e de amor romântico, em que a bela Júlia e o jovem Alípio, abafando as suas risadas, faziam no quarto miserável, sob as telhas, a caça aos mosquitos nas paredes e aos percevejos nas frinchas... Ah! bem o têm dito os poetas: a mocidade, como o sol, tudo esbate e envolve numa vaga névoa de ouro; numa alcova amada, parecem deliciosos àqueles, que, aos quarenta, dormem sob cortinados de seda, sentindo na rua, junto à porta, o passo respeitoso da sentinela

protocolar!

Quando Alípio, concluída a formatura, deixou Coimbra, Júlia estava no terceiro mês da sua gravidez. No entanto conservou-lhe sempre uma estima terna, até que um companheiro, daí a tempos, lhe escreveu, dizendo que Júlia fora expulsa da respeitável casa das Barrosos (como de resto era justo) e que, achando-se sem emprego, formosa e com um filho a sustentar, se lançara na prostituição.

Desde então o nosso grande Alípio só concebeu por ela desprezo e repulsão — porque naquele espírito nobre sempre houvera o horror das miseráveis, que, esquecendo o que devem ao respeito próprio, à sociedade, à família, ao filho, vão pedir ao indolente abandono do

lupanar o pão que deveriam obter das severas fadigas do trabalho. Recusou mesmo, com indignação, a esmola que ela lhe mandara pedir, temendo que os poucos mil reis que lhe poderia remeter, fossem porventura contribuir para enfeitar e arrebicar uma nova sacerdotisa da Vénus das vielas. Tanto a esta alma severa e forte repugnavam as moles condescendências e as vãs piedades!

***

Dois anos depois da sua formatura, encontrámos Alípio Abranhos em Lisboa, numa casa da Rua do Ouro que faz esquina para o Rossio, e praticando no escritório do famoso Dr. Vaz Correia.

O Conde nunca me deu

pormenores minuciosos sobre estes primeiros anos de Lisboa, nem encontro nas suas notas elementos pelos quais possa fazer deles uma narração detalhada. O País tinha então atravessado a grande crise social que é popularmente conhecida pelo nome de *Maria da Fonte*. Não me proponho, neste estudo puramente íntimo, fazer crítica histórica ou apreciar as consequências desta formidável convulsão da nossa política portuguesa.

Uma vantagem, porém — e insisto nela porque se prende diretamente com a carreira política do Conde de Abranhos — tirámos da Junta: e foi essa vantagem o ficar provada a impossibilidade em Portugal de um desses ministérios à Polignac e à Cabral, que vão, com uma obstinação altiva e brutal, contra as

tendências do espírito público e pretendem impor-se pela força em lugar de conquistar pela habilidade. O povo é como um desses monstruosos elefantes da índia de que tenho ouvido contar: de uma pujança indomável e de uma simplicidade risível, o mundo inteiro, pela violência, não o pode obrigar a caminhar contra a sua vontade, e uma criança, pela astúcia, obriga-o a fazer cabriolas grotescas. O povo tem a força de um elemento e um regimento não lhe pode impor uma ideia que um simples advogado hábil em declamação lhe faz aceitar sem esforço. Isto eram verdades já velhas no antigo mundo helénico. Os Polignacs, os Guizots, os Cabrais, são portanto culpados, não de falta de civilização, mas de falta de astúcia. Para que se há de combater um

monstro invencível, quando é tão simples iludi-lo?

Os Romances de Cavalaria dão-nos uma alta lição política, quando nos pintam esses medonhos gigantes que guardavam as entradas das pontes, sobre torrentes tenebrosas: as lanças dos melhores cavaleiros, tentando forçar a passagem, quebravam-se de encontro à pele coriácea dos temerosos brutos, até ao dia em que um bravo Percival ou um Lancelote, flor de cavalaria, lhe mandavam um anão pérfido e hábil em manhas, que adormecia profundamente o colosso — e os cavaleiros podiam, impunemente, trepar-lhe sobre o ventre monstruoso, como sobre uma montanha inerte, e entrar no castelo desejado onde os esperavam um seio branco e os vinhos

raros que vêm das colinas de Inspruk.

Polignac, Guizot, Cabral, quebraram as lanças de encontro ao gigante; ainda hoje viveriam, e decerto estariam no castelo, coroados de rosas, nos braços da Princesa, se, em lugar do heroico e vão esforço, tivessem mandado adiante o anão, profundo em manhas.

Os políticos da geração moderna compreenderam e aceitaram a grave lição da *Maria da Fonte*. O sistema da violência foi abandonado como inútil, e começou, com êxito, o dúctil método da habilidade.

O Conde de Abranhos, com a sua alta intuição, sentiu que se estava preparando uma nova política, que, condizendo com o seu temperamento, seria o elemento natural em que a sua

fortuna medraria como num terreno propício. Ele bem sabia que o Governo nada perdia do seu poder discricionário — mas que apenas o disfarçava. Em vez de bater uma forte patada no país, clamando com força: — Para aqui! Eu quero! — os governos democráticos conseguem tudo, com mais segurança própria e toda a admiração da plebe, curvando a espinha e dizendo com doçura: — Por aqui, se fazem favor! Acreditem que é o bom caminho!

Tomemos um exemplo: o eleitor que não quer votar com o Governo. Ei-lo, aí, junto da urna da oposição, com o seu voto hostil na mão, inchado do seu direito. Se, para o obrigar a votar com o Governo o empurrassem às coronhadas e às cacetadas, o homem volta-se, puxa de uma

pistola — e aí temos a guerra civil. Para quê esta brutalidade obsoleta? Não o espanquem, mas, pelo contrário, acompanhem-no ao café ou à taberna, conforme estejamos no campo ou na cidade, paguem-lhe bebidas generosamente, perguntem-lhe pelos pequerruchos, metam-lhe uma placa de cinco tostões na mão e levem-no pelo braço, de cigarro na boca trauteando o Hino, até junto da urna do Governo, vaso do Poder, taça da Felicidade! Tal é a tradição humana, doce, civilizada, hábil, que faz com que se possa tiranizar um País, com o aplauso do cidadão e em nome da Liberdade.

Quantas vezes me disse o Conde ser este o segredo das Democracias Constitucionais: «Eu, que sou governo,

fraco mas hábil, dou aparentemente a Soberania ao povo, que é forte e simples. Mas, como a falta de educação o mantém na imbecilidade, e o adormecimento da consciência o amolece na indiferença, faço-o exercer essa soberania em meu proveito... E quanto ao seu proveito, adeus, ó compadre!

«Ponho-lhe na mão uma espada; e ele, baboso, diz: eu sou a Força! Coloco-lhe no regaço uma bolsa, e ele, inchado, afirma: eu sou a Fazenda! Ponho-lhe diante do nariz um livro, e ele exclama, de papo: eu sou a Lei! Idiota! Não vê que por trás dele, sou eu, astuto manejador de títeres, quem move os cordéis que prendem a Espada, a Bolsa e o Livro!»

E eu que, durante quinze anos, vivi na honrosa intimidade do Conde de

Abranhos e me penetrei nas suas ideias, estou tão crente desta verdade, que — dado um Chefe de Estado irresponsável, ministros e uma Câmara eletiva — me comprometo, oh! leitores, a fazer governar esse grande e velho reino da Taprobana pela Camila Pelada, do Beco dos Cavaletes! Como procederei eu? Tomo a Pelada, enamoro dela o Chefe do Estado, o que é fácil, hoje que o deboche tem as persuasões de uma religião e os métodos de uma ciência. Dirigido por ela, o Chefe do Estado escolhe os ministros, e os ministros, como no conto popular, convencem os eleitores, que nomeiam os deputados, que os legalizam a eles, ministros, e às suas fantasias, decretos, empréstimos e discursos! O povo, satisfeito, afirma: Eu sou o dono! Eu, rio-

me. A dona é a Camila — e se eu, por acaso, for o Serafim da Camila, sou eu, afinal, quem governa a Taprobana, dentre os lençóis de uma alcova, no Beco dos Cavaletes!

Tudo isto o sentiu num relance o Conde, quando, depois da *Maria da Fonte*, os ministérios da Força cederam o passo aos ministérios da Astúcia. A *Maria da Fonte* foi a introdução no Estado de uma nova tática social.

Entretanto, querendo vir à arena com todas as armas, o Conde preparava a sua reputação literária, como redator-chefe da *Bandeira Nacional*, jornal de que, atendendo o brilho que lhe deu a colaboração de Alípio e à sua curta existência, eu poderia dizer, parafraseando o conhecido verso de

Malherbe sobre a rápida vida das rosas — que viveu o que vive um foguete, o espaço de um estalo e de um clarão!

A *Bandeira Nacional* era um destes muitos jornais, que fundados sem capitais e não correspondendo a nenhuma necessidade intelectual, têm na sociedade um lugar isolado e sem valor, arrastam uma vida difícil, tendo que mendigar, aqui e além — ou da oposição ou do governo — a esmola de um subsídio, e, quando este lhes falta, se extinguem por si mesmos no silêncio e na obscuridade.

Os fundadores da *Bandeira*, moços ambiciosos que rondavam em torno das repartições do Estado, tinham encontrado um patrono num homem político, alta figura de relevo na história Constitucional, o conselheiro Gama

Torres. A proteção que dispensava porém à *Bandeira* este homem notável, era, como dizia finamente o Conde — *platónica, toda platónica!* Não lhe dava dinheiro, porque, chefe de família, entendia, e muito bem, que a política não deve sorver fortunas, mas, pelo contrário, produzi-las. Não dava tão pouco ideias, porque, apesar da sua alta ilustração, que o torna um dos nossos grandes contemporâneos, a sua prudência, a sua reserva eram tais, que raras vezes se lhe tinha ouvido uma opinião nítida.

Sabia-se que aquela fronte um pouco calva, de entradas largas, estava recheada de ideias; somente conservava-as como um tesouro escondido. Era, por assim dizer, um avaro intelectual. As suas ideias eram para si; no silêncio do seu

gabinete, agitava-as como o velho Grandet agitava o seu ouro, regalando-se do seu brilho e da sua sonoridade. Mas se alguém entrava de repente, aferrolhava tudo à pressa no cofre do cérebro, e a sua larga testa, de entradas altas, não oferecia mais que uma fachada impenetrável e monumental, que impressionava a todos e não aproveitava a ninguém.

Era alto, encorpado, e os seus olhos, azulados e redondos, tinham uma singular falta de expressão e de intenção. Porém, todos sabiam que por trás daquele olhar parado um mundo de ideias fermentava.

É curioso observar quantos homens públicos do nosso país têm esta aparência apagada, vazia, vaga, abstrata, sonâmbula; e, todavia, eu que pelo Conde

fui admitido a conhecê-los, sei quanto génio habita em segredo naquelas cabeças calvas ou cabeludas, a que os superficiais, não lhes conhecendo as secretas riquezas, acham um aspeto alvar. É que nós somos uma raça reservada, inimiga da ostentação e das atitudes: ao inverso dos franceses, que mal têm uma ponta de talento, tratam de o fazer brilhar, reluzir, deslumbrar, nós, com vastidões de génio no interior, desprezamos estas demonstrações vaidosas e guardamos para nós mesmos as nossas riquezas intelectuais. Assim faz o árabe, que cerca os seus jardins deliciosos e as suas habitações douradas de um muro negro de pedra e lama, de modo que se julga ver uma cabana onde realmente existe uma Alhambra! Mas não somos nós de raça

árabe?

Por isso nunca o conselheiro Gama Torres se dignou fazer à *Bandeira Nacional* a esmola de uma ideia. Deu-lhe, porém, a proteção do seu nome; dizia-se «a *Bandeira* do Gama Torres» e isto trazia ao jornal uma autoridade imprevista.

Muitas vezes, segundo me contou o Conde, durante os meses de estio em que a política, refugiada na sombra das quintas ou na frescura das praias, dormita, o redator da *Bandeira*, sem assunto para o seu artigo de fundo, recorria ao génio do conselheiro, como um pobre envergonhado. Gama Torres, porém, colocando-se no meio da casa, as pernas afastadas, o ventre saliente, as mãos atrás das costas, fitava o soalho e bamboleando

o crânio fecundo, murmurava surdamente:

— Ele há muitas questões!... Há questões terríveis. Há a prostituição... o pauperismo... Ele há muitas questões...

Mas, repito-o, era um avaro intelectual que não gostava de fazer a esmola de uma ideia. Não o censuro, pois é sabido que ele dava todo o seu tempo e todo o seu génio às grandes questões sociais. Elas preocupavam-no tanto que era usual — sempre que diante dele se falava de assuntos políticos — ouvi-lo murmurar soturnamente:

— Ele há muitas questões! Questões terríveis: o pauperismo, a prostituição! São grandes questões! Questões terríveis!...

E pareciam com efeito terríveis essas questões, de uma tenebrosidade de

abismo, quando se via o olhar esgazeado com que ele parecia contemplá-las mentalmente.

Pouco tempo antes da sua morte, lembro-me de o ter visto, uma noite, em casa do Conde, numa ocasião de crise ministerial, e nunca esquecerei a terrível impressão que me deixou aquele grande homem, de pé no meio da sala, esgazeando o olhar em redor e dizendo cavamente:

— Os senhores podem crê-lo, nem tudo são chalaças; ele há questões terríveis... A prostituição, o pauperismo, o ultramontanismo... Questões terríveis.

E no silêncio apavorado que deixara aquela voz profética, em que se sentia a ameaça de graves tormentas sociais rolando do fundo do horizonte,

aproximei-me instintivamente do Conde, como quem procura asilo seguro.

Tal era o diretor da *Bandeira*. Devo acrescentar que os únicos artigos que ele dava para o jornal anunciavam as suas jornadas para a Ericeira, ou os partos frequentes de sua esposa, ou ainda os progressos da sua doença de bexiga: artigos curtos, de resto, mas numa linguagem tersa, firme, grave, em que se sentia o homem de Estado!

A colaboração de Alípio Abranhos na *Bandeira Nacional* veio dar ao jornal anémico um sangue novo e vivo. Eu possuo — precioso presente do Conde — uma coleção da *Bandeira*, ricamente encadernada, e muitas vezes, abrindo-a com veneração, me repasto desses artigos, que, como prosa e como argumentação,

lançam na sombra os famigerados Girardins, os Sampaios tão preconizados. Quereria transcrever alguns desses modelos de literatura jornalística, mas a estreiteza deste estudo apenas me permite extratar um trecho, por onde o leitor pressentirá o colosso, como Cuvier, por uma vértebra, adivinhou o mastodonte.

O jornal, a quem o ministério desse período recusara, sem razão, um honroso subsídio, fazia uma oposição amarga. O ministro apresentara um projeto de *reforma administrativa*. Estas reformas têm sido tão numerosas em Portugal — tal é o honroso esforço de todos os governos para um ideal melhor — que não posso precisar os princípios sobre que esta se baseava: debalde tenho perguntado aos homens públicos que então

a discutiram e votaram: nenhum se recorda. Deduzo, porém, dos artigos da *Bandeira*, que o seu espírito era centralizador. Foi então que Alípio escreveu esse artigo, tanto mais admirável quanto é certo que ele concordava inteiramente com os princípios defendidos na *reforma*. Porém, jornalista de oposição, não duvidou fulminá-los — tal era a sua lealdade aos compromissos políticos.

Eis a conclusão desse trecho imortal:

«... A centralização, pois, chamando toda a vida política do país ao centro, à capital, à cabeça da Nação, cria, por assim dizer, um estado político pletórico e apoplético, em que é o centro que tem todo o sangue, todo o vigor, e as

extremidades, onde não chega a circulação necessária para que elas se conservem num calor benéfico e saudável, arrefecem, e, em breve, definham, ficando como organismos mortos, apenas ligados, para assim me exprimir, por tendões artificiais, que o mais pequeno choque despedaça, o que produz a situação anormal de um corpo que, por falta de uma vitalidade que o mantenha intacto e compacto, se vê a cada momento arriscado a perder membros essenciais, cuja falta lhe faz imediatamente sentir a aproximação da morte, sendo já tarde para lhe insuflar à pressa uma vida, que, de resto, apenas poderá ser artificial, e que rapidamente se extinguiria, deixando consequentemente, a gangrena moral fazer a sua sinistra obra de destruição e de

decomposição. Que o saiba pois, o Governo, que, em desprezo de todos os princípios mais provados da Economia e do Direito, está à frente da nossa entidade nacional: se a sua reforma for avante, arrisca-se a que o país se decomponha socialmente e que a posteridade um dia, vendo o seu cadáver à beira da estrada da civilização, diga, apontando com horror para os loucos que têm nas mãos culpadas as rédeas da governação: eis aí os assassinos!»

Mostrem-me, se a conhecem, em todo o jornalismo contemporâneo, uma página igual! Como o período se desenrola em curvas lustrosas e fluentes, seguindo na cadência melódica — e quando o leitor, extático, imagina que ele vai findar, ei-lo que se reergue e se

arqueia, mais límpido e mais fácil, para fechar num remate sonoro e magistral.

Assim, nas praias do mar Tirreno, se sucedem e se produzem umas das outras as ondas de curvas moles em que os antigos viam as linhas harmónicas de Vénus, mãe do Amor!

Que imagem aquela, em que a posteridade, à beira da estrada da civilização, depara com Portugal exangue, fulminado pela apoplexia causada pelo excesso de sangue administrativo no cérebro, — e exclama: *eis aí os assassinos*!, mostrando faces pálidas de estadistas que se encolhem na sombra!

Não me admira por isso, que, sempre que em Portugal se anuncia uma reforma administrativa, este sublime artigo reapareça textualmente, palavra por

palavra, nos periódicos que por dever de partido combatem a centralização, causando sempre a mesma impressão profunda.

Somente, com respeito o digo aos meus colegas da imprensa, é lamentável que o reproduzam como obra original — tanto mais que todos os letrados lhe conhecem o autor, e até a *Seleta* para o curso de Português do segundo ano dos liceus o colecionou, como um modelo de estilo oratório e jornalístico.

De resto, a facilidade do Conde era extraordinária. Prova-o bem uma anedota, que me é referida por um sábio professor de economia política, que ao tempo escrevia na *Bandeira* folhetins de muita imaginação. Como disse, o Governo tinha recusado um subsídio a esta folha

(tanto em Portugal é pertinaz a tradição cruel de esfomear o Génio!) e a *Bandeira* rugia na oposição, quando o ministro fez a nomeação de um certo Abranches (hoje personalidade esquecida), nomeação considerada por toda a gente de bem como um favor torpe. Havia de resto no caso uma complicação asquerosa de esposa cedida à concupiscência de um estadista lúbrico.

Era uma magnífica ocasião «de escachar» o ministério, e o nosso Alípio, imediatamente compôs um artigo — que o sábio professor que me relata a anedota compara às sátiras de Juvenal e às verrinas clássicas de Cícero indignado.

O Governo, porém, que a essa hora sentira que era imperioso abafar todo o protesto, calculou logo que o ataque

mais violento lhe viria decerto da *Bandeira Nacional*. Por isso viu-se, à meia-noite, o gerente do jornal, que fora chamado a casa do ministro, precipitar-se desvairado na redação, exclamando:

— O Governo dá a cheta! duzentos mil reis por mês!

E correndo à janela, berrar com força para o fundo do pátio, onde era a tipografia:

— Tio Marçal, suspenda a tiragem! Traga cá acima a desanda! Temos cheta!

E enquanto o tio Marçal mandava desfazer a verrina, o nosso Alípio, tomando a pena, improvisou outro artigo, louvando o despacho do Abranches — que o sábio professor que me conta este notável incidente, compara, pelo seu

vigor, a sua lógica, a sua elevação moral e a penetração dos seus argumentos, às defesas mais célebres da história — alguma coisa de semelhante a Lorde Brougham, defendendo, na Câmara dos Pares de Inglaterra, a desolada princesa Carolina!

Quando um homem possui tais poderes intelectuais e faz deles um uso tão útil, a sua carreira política está marcada, e, olhar para ele, é como ver uma prolongação verdejante de altos arcos triunfais.

Mas — tal é a tradicional ingratidão dos grandes — o Governo depois de obter aquela defesa sublime do seu patrocinato torpe, suspendeu imediatamente o subsídio, porque já então era claro que a *Bandeira*, desamparada de

assinantes — em lhe faltando aquele apoio, findaria a sua gloriosa marcha avante.

Na sua justa cólera, Alípio quis escrever um terceiro artigo em que o caso Abranches fosse revelado na sua realidade abjeta. Mas era tarde: passara um mês, a opinião desinteressara-se do incidente, e o Abranches, inamovivelmente instalado na sua sinecura, parecia indiferente às cóleras da opinião ou à crítica dos poderes públicos.

A *Bandeira*, pois, despediu-se dos seus leitores num artigo admirável em que Alípio exclama: «A *Bandeira* não morre: enrola-se por um momento, em virtude de considerações particulares, mas para se desfraldar ovante, um dia, cedo, e palpitar então bem alto no parapeito da

Civilização, a todos os ventos da liberdade!»

***

Desgostado com as lutas da imprensa por este indigno procedimento do ministério, Alípio, recomeçou a aplicar-se ao seu trabalho de advogado, sendo mais assíduo ao escritório do famoso Dr. Vaz Correia, com quem praticava. Vaz Correia, de quem Alípio celebrara muitas vezes na *Bandeira* os triunfos forenses, tinha por Alípio uma consideração a que se misturava tocantemente uma simpatia paternal. Quem não conheceu de resto aí o Dr. Vaz Correia?

Ele oferecia plenamente o tipo do

rábula. Que esta palavra não seja tomada no seu sentido grotesco: o Dr. Vaz Correia era um resplandecente espelho de lealdade. Os seus olhinhos vivos, que espreitavam por cima dos óculos, a sua carita redonda e enrugada, as duas repas de cabelo grisalho, espetadas como orelhas de diabo de cada lado da calva, a alta gravata de seda preta às pintas, o colete de xadrezinho, e o hábito de falar com as mãos atrás das costas, tornando saliente a sua barriguinha próspera, são feições dele bem conhecidas em Lisboa.

O que menos se conhecia era a sua grande bondade, que me faria dizer — se eu não odiasse as preciosidades de linguagem — que naquele Pegas havia um S. Cristóvão! E digo S. Cristóvão, porque, entre toda a população santificada do

Reino dos Céus, este bom gigante, com a sua bonomia, a sua paciência, o seu ar paterno, me parece um modelo amável de bondade terrestre.

Eu, na realidade, ignoro os atos de bondade do Dr. Vaz Correia. Devia-os ter porém, e grandes: mas a sua história íntima é-me desconhecida. Todavia, a avaliar pelo seu procedimento com Alípio, justifica-se que eu o compare com S. Cristóvão, que, apoiado ao seu pinheiro, ajudava os fracos e os fatigados a passar a torrente traiçoeira.

Uma crise, com efeito, estalara na vida serena de Alípio Abranhos. Sua tia Amália, de cujas mesadas vivia e com cuja fortuna contava, acabava, inesperadamente, de contrair segundas núpcias com um jovem delegado de

Amarante. Nem a idade, nem a obesidade (que lhe viera nos últimos anos), nem o respeito dos próprios cabelos grisalhos a retiveram, e, possuída de uma chama tardia mas exigente, trocou a delícia toda moral de apoiar a ilustre carreira do sobrinho, pelos encantos baixamente materiais de um esposo robusto. Foi para o futuro estadista um golpe severo. Sua tia, é certo, não lhe suspendia presentemente a mesada: mas a certeza da sua fortuna dissipava-se, porque, não só uma dama de paixões tão ardentes poderia, apesar da idade, ter descendência, mas decerto, acorrentada à vontade do marido, veria todas as suas posses passarem para os bolsos do delegado e dos parentes esfomeados que lhe cercavam as propriedades com olhos

ávidos e cobiçosos.

Alípio teve dias de amargura: não era daqueles seres orgulhosos que erguem alto a cabeça e creem que podem apoderar-se da fortuna pelo jogo simples das suas energias naturais. Pelo contrário, o nosso Alípio era destes sábios espíritos que nunca se arriscam na estrada da vida sem irem bem amparados da esquerda e da direita, sem alguém que os alumie adiante, e alguém que por trás os proteja das feras imprevistas.

Este desalento do seu espírito espalhava-se-lhe na expressão; e o Dr. Vaz Correia, sabedor do caso, vendo-o dobrado sobre os autos como «sobre o rio do destino», segundo a expressão bíblica, perguntou-lhe um dia, do fundo da sua poltrona:

— O amigo conhece o desembargador Amado?

— Não conheço, senhor doutor. Isto é, conheço de reputação, de vista, mas não pessoalmente.

O doutor mergulhou sobre o papel selado, e, durante minutos, a sua longa pena de pato fez prosa sábia. Por fim, recostando-se novamente na poltrona:

— Então o amigo não conhece o desembargador Amado?

— Não conheço, senhor doutor. Isto é, repito, pelo menos pessoalmente. Pessoa muito estimável, dizem.

O doutor anediou as duas repas grisalhas da calva, e depois de tossicar:

— Pois se o amigo quer, eu levo-o a casa do desembargador Amado, que são amanhã os anos da filha. Conhece a filha?

— Não conheço, senhor doutor. Isto é, do mesmo modo, não conheço pessoalmente.

— Boa moça!

— Muito galante — disse respeitosamente Alípio.

Este diálogo foi, poderia dizer-se, a origem do casamento do Conde de Abranhos, de que eu, segundo as notas do próprio Conde e os relatos de testemunhas presenciais, quero dar uma narração detalhada.

O Sr. Desembargador Amado era de uma boa família do Norte e tivera uma carreira singularmente fácil. Dizia-se dele: «aquele deixou-se ir e chegou.»

Sustentado pela vasta influência da parentela, fora com efeito levado, sem abalos nem choques, numa ascensão

gradual e confortável, até à sua poltrona de damasco vermelho da Relação de Lisboa. Aí se deixara cair com o peso da sua obesidade, e cruzando as mãos sobre o estômago, começara a ruminar regaladamente. Que de modo nenhum se creia que eu queira diminuir com azedume os méritos deste varão obeso: quero somente mostrar a natureza, toda de indolência e de egoísmo, do desembargador Amado, ocupado em se nutrir com abundância, atento exclusivamente ao jogo das suas funções, assustado se a bexiga, ou o baço, ou o fígado denunciavam alterações, sem ter coragem de se mexer do sofá durante noites inteiras, completamente desinteressado dos homens — e mesmo de Deus.

O nosso imortal José Estêvão, vendo-o um dia entrar numa receção em casa do chorado Duque de Saldanha, exclamou, designando-o com um verso conhecido de Juvenal:

— Aquele ventre que ali vem, é o Amado!

Era com efeito um ventre, que em certos dias da semana punha sonolentamente os óculos, e assinava com a mão papuda, onde os colegas lhe indicavam com o dedo; da sua ciência jurídica, nada direi, para não envergonhar as paredes e os móveis deste quarto onde escrevo; da sua honestidade, sei que a sua grande fortuna e as suas propriedades de Azeitão o tornavam indiferente às tentações do dinheiro: mas condenaria Jesus e absolveria o mau ladrão, se o

peitassem com um casal de patos bem gordos ou com um salmão fresco do rio Minho.

Fazia, ao comer a sopa, um *glou-glou* nojento e repelente, e atirava para o soalho os escarros que merecia na face. Tal era esta besta obesa. O Conde detestava-o. E eu mesmo, apenas o respeito que lhe devia como sogro de S. Ex.ª, me impediu certa noite — ainda tremo ao recordá-lo! — de lhe atirar estas mãos ao pescoço gordalhufo! e apertar-lho, apertar-lho até que lhe pendesse, inchada e negra, aquela língua onde a banalidade era mais usual que a saliva, e lhe saíssem das órbitas aqueles olhos que só tinham fixado neste mundo com algum interesse as postas de vitela de que se abarrotava.

Era uma noite que ele passara em casa do Conde. Desde o jantar, estirado numa poltrona, só denunciando a sua presença por arrotos frequentes, tinha dormido o sono bestial do seu enfartamento senil. Eu estava justamente contando à Sr.ª Condessa, que me escutava com interesse, uma deliciosa anedota do Sr. D. João VI que lera nessa tarde — quando ouvi, do fundo da poltrona onde dormitava o Vitellius, estas palavras, naquela voz espessa e brutal que era a repercussão sonora da sua inteligência:

— Olá, senhor secretário, veja lá em baixo se já vieram com a sege!...

Eu fiquei petrificado, com a lividez da cal. Mas a Sr.ª Condessa que — sejam quais forem as suas culpas — tinha delicadezas tocantes, acudiu

imediatamente.

— Ó papá!

E agitando a campainha, dirigiu-se ao João que aparecera.

— Veja se já está a carruagem do papá!

Enquanto fui secretário do Conde, tratei com Fidalgos, com Ministros, com Embaixadores, com Augustos Personagens, e só recebi de S. Exas. — e poderia dizer de SS. MM. e AA. — aquela benévola consideração que talvez as minhas aptidões justificassem, mas que eu recebia como preciosa recompensa da minha dedicação. Mesmo junto dos degraus do Trono, só encontrei bondade, e a mão que eu ia beijar na humildade tradicional, apertava a minha com uma simpatia que me deixava na alma

impressões inesquecíveis.

Só aquela obesa carcaça se arrojou a tratar-me como um lacaio!

Morreu. Morreu da bexiga. Notou-se com admiração o fétido que lhe saiu do corpo, depois de morto, e a decomposição muito rápida das matérias serosas: isto talvez fosse a dissolução do corpo mas o cheiro asqueroso vinha da sua alma torpe que se soltava, dando a exalação de uma latrina que se destapa.

O caixão em que o levaram pesava arrobas, e quando o embalsamaram e lhe extraíram o cérebro, viram que não era mais volumoso que o de um bacorinho recém-nascido. Na cavidade craniana meteram-lhe um pedaço de esponja velha, decerto mais útil e tão inteligente como o cérebro que substituía!

Amortalharam-no na sua beca de cetim, — que não cobre agora um desembargador mais morto e mais pútrido do que tinha coberto nos dias de sessão da Relação de Lisboa. Levaram-no ao Alto de S. João, ao passo de quatro éguas cobertas de panos negros; e as quatro éguas agitavam a cabeça, parecendo vaidosas do cadáver que arrastavam: foi o único orgulho que inspirou jamais a companhia da sua pessoa. Ali apodrece aquele resto de matéria mal organizada, que rebolou durante sessenta anos pela terra, sob o nome desacreditado de Justiniano Sarmento Amado.

Este ventre — segundo a frase de José Estêvão — era naturalmente um títere, um títere obeso nas mãos de sua mulher: era ela quem lhe puxava as guitas

da vontade. D. Laura Amado, de aspeto, dava a impressão de uma régua: esguia, chata, ereta, perpendicular, com o seu vestido de seda negra, parecia, não uma senhora, vivendo num prédio à Estrela, mas uma criação pitoresca do ilustre Dickens. Moralmente, tinha a mesma rigidez dura e inflexível, o mesmo retilíneo de régua. Era uma devota, de uma pontualidade de máquina no cumprimento da sua devoção. Desde nova até ao dia em que a levou uma benemérita escarlatina, rezou, rezou imperturbavelmente, cronometricamente, com um tique-tique-tique, de relógio.

Era dotada de uma língua feroz com que lacerava todas aquelas — porque raras vezes, decerto por pudor, se referia aos homens — que não exerciam uma

devoção tão complicada, ou tinham os gozos, os luxos, as paixões que lhe proibia o seu Deus, um Deus especial, dela — um Deus terrível, que vivia na Igreja de S. Domingos, insaciável de louvores, pródigo de catástrofes, sempre pronto a despedir, como raios, doenças mortais ou desgostos com as criadas, e que era necessário abrandar constantemente com promessas, missas, ladainhas e ofertas, porque o seu divino temperamento, de uma irritabilidade fora do vulgar, o mantinha no desejo frenético de fazer mal.

O sacerdote particular deste Deus, o intérprete na terra das suas vontades, era o padre Augusto, que morava numa casa de hóspedes às Portas de Santo Antão, e de quem D. Laura recebia a

direção espiritual, as ordens, os conselhos, as admoestações e as baforadas do hálito impregnado de alho.

Pode parecer irrespeitosa esta apreciação da família Amado, mas, para minha justificação, direi, que o Exmo. Conde a abominava. E todavia — tanto a sua polidez era perfeita — nunca deixou de beijar respeitosamente a mão de sua devota sogra — mão magra, amarela e seca como um caranguejo, de longos dedos que ela tinha sempre postos em atitude de reza, contra o peito, na igreja, sobre o regaço, na sala, e em cima do prato, à mesa.

Desta devota, e do outro, do montão de gordura de que falei acima, tinha nascido um anjo.

Que me perdoe a memória do

Conde, mas D. Virgínia Sarmento Amado, primeira Condessa de Abranhos, era um anjo!

Não ignoro os seus erros: mas se, para os atenuar, não bastasse lembrar-me que há mil e oitocentos anos, Jesus de Nazaré defendeu das pedras farisaicas a pobre mulher amorosa prostrada a seus pés, bastar-me-ia recordar a bondade de D. Virgínia, a sua tocante delicadeza, o mimo das suas maneiras, aquela necessidade de ver todos à volta dela confortáveis e contentes... Era um anjo, tanto na sua alma, *viva e toda espontânea*, como nos seus cabelos louros, sempre um pouco desordenados, nos seus grandes olhos ativos e banhados num largo riso doce, no seu nariz tão fino, de um tom de marfim, na sua figura delicada, patrícia,

de movimentos de ave... Era um anjo!

Desta família, o pai foi magistrado condecorado, a mãe, devota respeitada, e a filha — segundo a lei e a moral corrente — criminosa repulsiva. Hoje, dormem os três no jazigo monumental do Alto de S. João, e eu estou bem certo que esta opinião dos homens não foi corroborada por Deus. A devota estimada está, não o duvido, atravessada pelo espeto tradicional, que um diabo, por toda a Eternidade, vai fazendo girar, para a assar ora de um lado ora do outro. O pai, magistrado coberto de honras, impossível para ser de Deus, muito abjeto para ser do Diabo, deve estar nesse lugar tenebroso, latrina da Eternidade, onde os Vitellius torpes e os Amados pútridos chafurdam para o sempre numa massa líquida, feita

de excrementos dos homens e da baba das feras.

E ela, a doce culpada, a loura condessa, parece-me vê-la, com um vestido cândido, a palma verde na mão, os fios de ouro fino dos seus cabelos soltos, banhada na luz paradisíaca e mística que sai dos olhos de Deus.

Que não me acusem de ir, nestas apreciações, de encontro à moral social, ou, possuído de um orgulho sobre-humano, de dar indiscretamente um conselho a Deus. O crime de Virgínia é horroroso — mas a sua pessoa era adorável. À que pecara como ela, Cristo perdoou, e — lavada a culpa pelo perdão divino — o que nos resta é uma deliciosa criança loura, daquele louro que um dia cantou em versos inolvidáveis o mavioso

poeta das *Névoas:*

O ouro da tua trança
Vale os milhões de um avaro;
Não é pagar muito caro
Morrer por a ter beijado!...

Este anjo fazia dezoito anos na noite em que o Dr. Vaz Correia conduziu Alípio à casa apalaçada do desembargador Amado.

O Conde, que era supersticioso como Napoleão e Lamartine, contou-me depois que entrara na sala com o pé esquerdo.

Preocupado com isto, quando se achou defronte de uma grande barriga que um amplo colete branco vestia, em lugar de dizer «Sr. Desembargador», titubeou

«Sr. Conselheiro», o que foi tão agradável ao obeso magistrado, que, ao apresentar Alípio à sua seca e hirta esposa, exclamou:

— É j á colega do Vaz... Diz que é um talentarrão!...

Isto fez má impressão na devota senhora, que, em todos os homens novos e com talento, via invariavelmente inimigos da religião.

Mas o nosso Alípio desfez bem depressa esta impressão hostil, afiançando, a D. Laura, o que era de resto exato, que sempre, *antes* e *depois* dos atos em Coimbra, ia à Sé Nova, prostrar-se aos pés da imagem de Nossa Senhora da Saúde, *antes*, a implorar a sua mística influência nos lentes, *depois* a agradecer humildemente o *nemine discrepante*. E

corroborou esta descrição da piedade dos seus costumes, mostrando a gravidade das suas maneiras; em vez de procurar a companhia das meninas, que, de boquinha ao lado e olhos doces, perturbam a paz dos espíritos puros, foi de preferência juntar-se ao grupo severo dos magistrados e sólidos negociantes. E isto fez dizer a D. Laura que Alípio parecia ser «um moço de propósito».

A *soirée* era de resto animada; e pelo conhecimento que eu mais tarde tive da famosa sala do desembargador e das pessoas que habitualmente a frequentavam, e pensando na influência que essa noite exerceu no destino do Conde de Abranhos, mais de uma vez me tenho entretido a reconstituir essa *soirée*, com os seus personagens, os seus

agrupamentos e a sua decoração.

Ali está, sob o retrato a óleo do desembargador, o alto sofá de damasco vermelho e as quatro poltronas empertigadas e sentenciosas em que se sentam D. Laura e as duas ricas manas Vitorino, ambas magras, cor de cidra, de nariz acavalado, bandós achatados, com enfeites pretos, todas de uma tonalidade negra onde destaca o lenço branco, sustentado na mão seca de cordoveias fortes, sobre o regaço. Muito liberais, seu irmão, magistrado, fora enforcado no Porto no tempo de D. Miguel, e este incidente patético, de que ainda falam, parece ter-lhes perpetuado a tristeza na alma e a amarelidão na face.

Ali vejo também o velho Serrão, coronel reformado, com o seu espesso

bigode grisalho, aparado à tesoura, a calça cor de flor de alecrim esticada pelas presilhas, ainda rijo, cheio de opiniões, censurando com rancor as promoções do exército e acompanhando uma filha, aquela magrinha de vestido de cassa com pintinhas, dentes maus do abuso dos doces, omoplatas salientes sob o estofo transparente, e tendo, a falar com os homens, a impertinência familiar de quem está sempre a pensar nos seus vinte contos de reis de dote. Na sombra, quase a um canto, lá está a pobre D. Joana Carneiro, triste e macerada, com o seu cirro no estômago, muito lamentada por todos, que admiram a sua resignação, apesar de lhe censurarem o mau hálito.

Junto ao piano, vejo ainda D. Amália Saraiva, cujos seios enormes

parecem dois pequenos odres; traz sempre sua filhinha, de sete anos, a Julinha, que durante toda a noite, muito sossegada, com o cabelo encaixando-lhe a carita magra, folheia o volume ilustrado da *Ásia Pitoresca*, admirando pagodes índios e selvagens seminus, até que a chamam para recitar: então, no círculo admirador, sob o olhar ansioso da mãe, cujos odres arfam de emoção, diz, numa vozinha fina e igual, como o correr do fiozinho de água numa torneira estreita:

Vai alta a Lua na mansão da morte,
Já meia-noite com vagar soou...

Ao fundo, junto à mesa do voltarete já armada, o conselheiro Andrade, atraído para ali pela paixão das

cartas, vai fazendo a sua paciência devagar, e explicando os seus contratempos de lavoura ao amigo Torres Pato e a outro personagem taciturno, apenas conhecido pelo nome de «o Doutor», que, muito apertado numa sobrecasaca azul, só quebra o seu silêncio lúgubre para murmurar, com a testa franzida numa grande concentração de espírito:

— É notável! Homem, é notável!

Mais além, vejo ainda, de peito alto e penteado soberbo, a bela Luísa Fradinho, casada há pouco com o Dr. Fradinho, advogado e publicista, que aparece atrás, fincando no nariz a luneta de ouro ou retorcendo entre os dedos finos a ponta das suíças de azeviche.

D. Luísa é, nas *soirées* do

desembargador, a *bella*, a sereia. O coronel, o conselheiro, os magistrados admiram os seus soberbos olhos, o seu corpo de estátua, as suas *toilettes* de enxoval; diz-se baixo que inspirou uma paixão a um Augusto Personagem; os seus movimentos, os seus olhares, os seus gestos, são seguidos por olhos vorazes de velhas que a criticam, sob a vaga sensação da influência que deve ter nos homens aquela soberba criatura de cor de pele tão brilhante: uma, acha que ela ri atabalhoadamente e com coquetismo; outra, que arruína o marido em vestidos; e quando ao fim da noite o Dr. Fradinho lhe diz: «são horas, filha, vai-te agasalhar» — todos, o coronel, o conselheiro, as damas, a doente do estômago, os seguem com os olhos, com um pensamento

involuntário ao leito conjugal, onde decerto se vão recolher.

Ao canto do sofá, no seu lugar consagrado, lá vejo também, de grande casaco negro e volta branca, com a face gorda, grave, trigueira, muito barbeada, o reverendo padre Augusto.

Junto da janela, a adorável Virgínia e as duas amigas, as filhas do conselheiro Andrade, cochicham vivamente, com as cabecinhas muito juntas.

E ao pé da mesa do voltarete, numa poltrona, enfartado e obtuso, dormita o obeso Amado.

Tal devia ser então uma *soirée* em casa do desembargador; e naquele meio um tanto incaraterístico, a figura aprumada do jovem redator da *Bandeira*,

seria, decerto, de vivo destaque.

Alípio era então, digo-o afoitamente, um formoso moço: de elevada estatura, bem proporcionado, a testa larga e alta como a ideia que abrigava, os ombros sólidos de quem pode, sem esforço, sustentar um mundo, o olhar azulado, penetrante, preparado pela natureza para sondar, nas suas mais longínquas consequências, as altas resoluções políticas — um desses olhares que atravessam e exploram num breve relance todo um problema complicado — a barba aloirada, em colar, como nesse tempo era ainda a moda, e se vê no retrato do imortal Garrett — tal era, aos vinte e seis anos, o futuro Conde de Abranhos. E posso dizer que não foi sem desapontamento (que me perdoem este

expressivo galicismo) que Virgínia, as Andrades, e, ouso afirmá-lo, a bela Fradinho, viram aquele esbelto moço afastar-se da sua companhia graciosa, para ir, pausado e grave, conversar com o conselheiro, o coronel e o amigo Torres Pato.

Aconteceu mesmo que ao chá, quando Alípio — já então o excessivo calor de uma sala lhe dava opressões asmáticas — se aproximava da janela, notou que a bela Fradinho conservava na mão a sua xícara vazia. Imediatamente, como um verdadeiro Noronha, muito homem de sala, muito homem de corte, Alípio apressou-se a tomar-lha da mão, depositando-a sobre o piano. D. Luísa agradeceu, e logo com grande volubilidade:

— Creio ter visto V. Ex.ª na galeria da Câmara dos Deputados.

— Eu frequento com regularidade as sessões da Câmara, minha senhora — foi a resposta grave do redator da *Bandeira*.

E como havia junto da bela Fradinho uma poltrona vazia, sentou-se respeitosamente, e bem depressa a conversa, dirigida pela inteligente senhora, tomou um tom elevado e crítico. Falavam de oradores ilustres, dos folhetins notáveis da *Revolução*, de poetas e de Arte — quando Alípio percebeu com terror que as matronas, o coronel, o conselheiro, D. Laura e as duas colegiais, tinham os olhos cravados naquele diálogo isolado. Afastou-se logo um pouco, endireitando-se na poltrona;

mas isto só tornava mais saliente a gesticulação animada da bela Fradinho! Então, aterrado de suspeitas possíveis, Alípio ergueu-se bruscamente. Para ele nada existia mais sagrado que a *Família*, e esses assaltos à honra conjugal, que a sociedade, culpadamente, complacentemente admite e até idealiza, considerava-os, como muitas vezes mo afirmou, o *cúmulo da torpeza*, sobretudo tratando-se de senhoras que, pela sua posição social, muito observadas, não podem trazer ao sedutor senão desgostos e embaraços na sua existência, além de darem um exemplo funesto às classes subalternas.

Foi sempre fiel a este severo princípio. É certo que o acusaram de ter relações culpadas com a mulher de um tal

Bento, correeiro nas Portas de Santo Antão, mas este caso é inteiramente diferente. O correeiro era tão insensível à honra do seu lar, que consentia que sua mulher fosse visitar diariamente uma tia — que ele sabia ter falecido havia meses. Além disso, pela sua posição modesta, esta ligação nunca poderia ser posta em evidência nem andar nas conversas da cidade, não correndo assim o risco de ser uma lição perniciosa para a mocidade.

Por estas considerações — que ele pesou conscienciosamente antes de se entregar a atos libidinosos com a mulher do correeiro — Alípio julgou poder, sem risco para a ordem social e sem prejuízo para a sua carreira, permitir-se este gozo oculto.

De resto, ele compensou com

nobreza a injúria moral que fizera ao correeiro, pois que, quando este artífice faliu, Alípio, então deputado, proporcionou-lhe uma proveitosa situação numa repartição do Estado.

Foi, pois, sob a influência destes altos princípios que ele se arrancou com dignidade à conversa cativante da bela Fradinho, indo mesmo dizer ao marido, que, de perna traçada, fumava na saleta próxima:

— Acabo de ter uma conversa muito filosófica com sua Exma. esposa, e raras vezes tenho visto uma senhora tão instruída... Discutimos Vítor Hugo...

— Ah, ah! Sim, é apreciadora!... E eu não lhe proíbo esse gostinho, porque sou do meu século e entendo que uma mulher, para fazer figura na sociedade,

deve ter o seu bocado de literatura e o seu vernizinho de filosofia.

— Tem V. Ex.ª muita razão...

Mas tinha-se feito na sala um silêncio e havia em todos os rostos um riso mudo de aprovação complacente. Dirigida por D. Amália, de seios cheios como dois odres, Julinha estava no meio da sala, amarelinha, esguia, de membrozinhos moles e olheiras fundas, e da sua boquinha aberta como o bico de um pintainho que espera um grão de milho, saía uma vozinha trémula que dizia:

É noite, o astro saudoso
Rompe a custo o plúmbeo céu;
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, húmido véu...

Esta precoce menina foi depois D. Júlia de Mendonça, esposa do meu chorado amigo Carlos Luís de Mendonça, hábil taquígrafo da Câmara dos Deputados. Não correspondeu, porém, a sua vida de mulher ao seu delicado sentimento de criança, pois é sabido, esquecendo o que devia a si própria, a Carlos Luís e à Sociedade, foi encontrada, na própria alcova conjugal, nos braços plebeus de um Alfredo, galã do Ginásio. E era tal a sua perversidade — estes pormenores não são indiscretos, pois que os dois esposos repousam no Cemitério dos Prazeres — que tirava da gaveta do seu esposo as melhores camisas e as ceroulas mais finas, com que presenteava o abjeto comediante, que a seduzira pelos cabelos encaracolados e os olhos

langorosos de trovador de balada. Ah! bem mal pagou os desvelos de sua mãe, que a educou no culto de tudo o que é fino e delicado, ensinando-lhe, de pequena, os poemas dos nossos melhores líricos, cercando-lhe a mocidade de exemplos tão elevados. Os cândidos lírios que tinham sido semeados naquela alma reflorescerem mais tarde em venenosas plantas!

Aos sete anos, porém, era um pequenino anjo, dotado de extraordinária memória: e nada mais doce do que o meigo langor dos seus olhos, quando dizia, apertando as mãos contra o peitilho, onde decerto já se rosavam os dois frutos gémeos do seio:

Meiga Lua, os teus segredos

Onde os deixaste ficar?
Deixaste-os nos arvoredos
Das praias d'além do mar?

E mesmo o nosso Alípio, impressionado pela revelação de uma alma sensível num corpo tão franzino, não pôde conter uma exclamação:

— Bravo à Julinha! Há de ser uma mulher de grande ilustração!

— Bravo, bravo!

E Julinha, devorada de beijos, passava dos lindos braços cheios de rendas da bela Fradinho, para os joelhos do respeitável coronel, que lhe dizia:

— Ah! sua pequena, essa cachimónia é que eu queria para a minha Catarina... Mas aquilo para versos é uma tumba...

— Pois é grande prenda, Coronel...

— É grande prenda para a sociedade, Sr.ª D. Vitorina... Mas a rapariga nunca teve memória, e eu nunca quis puxar por ela, porque é delicada, e filha única.

— Tem razão, Coronel.

— Parece-me que tenho, Sr.ª D. Vitorina.

Foi então que Alípio, que voltara para a saleta onde os homens fumavam, viu, com espanto, o Dr. Fradinho aproximar-se dele, pedir-lhe em nome das senhoras que recitasse «alguma coisa» ao piano, e, sem quase lhe dar tempo a colocar no parapeito da janela o charuto meio fumado, arrastá-lo para a sala exclamando:

— Aqui o trago à força!... E agora é obrigá-lo!

Debalde Alípio expôs que a seriedade dos seus trabalhos não lhe facultara nunca a oportunidade de decorar as poesias sublimes dos Garretts ou dos Castilhos... Não aceitaram a desculpa. Custava a compreender, realmente, que um bacharel formado não soubesse alguma poesia bonita, de mais tendo, durante anos, dirigido com tanta eloquência a *Bandeira Nacional!* Não, as senhoras não lhe perdoavam. Ali estava a D. Luísa ao piano, com o pezinho no pedal dos *graves!* Era necessário ser complacente! Era dia de anos — e de folia — como disse padre Augusto.

Alípio via, em redor, rostos abertos num riso de admiração

antecipada, e parecendo-lhe que os olhos de D. Virgínia, cujos cabelos louros o tinham impressionado, se fixavam nele com uma suplicação quase tocante, apoderou-se das costas de uma cadeira, e depois de passar o lenço sobre os beiços, disse com gravidade:

— Eu obedeço a V. Exas. Somente devo dizer que não sou recitador. É apenas por comprazer... Em Coimbra, às vezes, por brincadeira, recitava, mas, realmente, não tenho nenhuma poesia estudada... Enfim, vou dizer *Ciúmes do Céu*, do nosso chorado Gomes Guiães.

A bela Fradinho feriu o teclado, o Alípio começou estes formosos versos, que um acompanhamento doce, gemente e triste, acentuava deliciosamente:

Recordas-te, Elvira, dessa praia triste
Onde passeámos, uma noite, sós?
O luar brilhava sobre o mar quieto,
E tu murmuravas, a tremer-te a voz:

Para que levantas, sem cessar, poeta,
A fronte, e contemplas a Lua sem véu ?
Não vês tu, poeta, dentro dos meus olhos,
Segredos mais fundos que os que tem o céu?

Mas os *Ciúmes do Céu* são bem conhecidos. Não há em todo Lamartine um canto mais desolado e mais filosófico. Elvira queixa-se que os olhos do poeta se elevam constantemente, explorando os céus, indo procurar, lá longe, o ideal, quando ele está ali perto, num olhar do ser que o adora. Mas o poeta explica a sua

alma: encontra nas grandes alturas, a que se eleva, um gozo divino que nunca encontraria na terra. E Elvira, toda zelosa de que haja no Universo alguma coisa que o poeta lhe prefira, mesmo o Céu, mesmo a divina face de Deus, promete fazer-lhe conhecer um gozo maior que lhe fará esquecer o mistério insondável que o atrai: «Sou tua!» exclama, unindo os seus lábios aos dele num beijo infindável. E o poeta, recordando esse momento, em que a sua alma conheceu o êxtase supremo, exclama, torturado pela saudade:

Vento que murmuras, onde estão os ecos,
O timbre divino dessa meiga voz?
Onde estão, rochedos, os ais magoados,
Tristes, que soltámos nessa noite sós?

Sobre a areia branca reclinaste o corpo,
Eu prendi-te a cinta na mão palpitante...
E um beijo infinito desfez-se na aragem,
Rosa desfolhada na brisa distante!

Mas nesse momento, erguendo casualmente os olhos para a porta da sala, o nosso Alípio viu com espanto o Dr. Vaz Correia, em bicos de pés, que lhe fazia com os olhos, com os beiços, acenos impacientes que pareciam significar: Não! não! Cuidado! Então?...

Mas D. Luísa bateu uma nota grave e Alípio, atarantado, começou a seguinte estrofe:

Que divinos beijos, que soluços brandos,
Que momento doce, que ideal anseio...
A Lua de prata, no azul suspensa,

Inundava a curva branca do teu seio.

Seio d'alabastro, cor d'espuma,
Luminoso, quente, palpitante — e meu!
E que me faria esquecer o mundo,
Renegar a crença, proclamar-me ateu!

Vaz Correia então não se conteve: lançou no silêncio pesado a sua grossa tosse catarrosa; e quando Alípio, naturalmente, ergueu a vista para ele, como de resto todos os presentes, viu-o mudo, hirto, apoplético, cravando-lhe um olhar chamejante. Mas, levado pelo ritmo da música, Alípio, enfiado, teve de continuar:

Não mais os meus olhos quero erguer a Deus...

A voz seca e dura de D. Laura cortou a recitação:

— Virgínia! Vá lá para dentro! Vá lá para dentro, menina, que isto não é para senhoras!...

E Alípio, aterrado, reconheceu que tinha provocado um escândalo.

Com a sua penetração maravilhosa, compreendeu logo que só poderia salvar-se se conseguisse improvisar algumas estrofes, em que o poeta, findo o seu reprovável delírio, repelisse a sedução da carne representada por Elvira, e voltasse a orgulhosa fronte para o Céu, vivo espelho da alma. Isto daria decerto uma formosa intenção moral ao canto lúbrico... Mas Alípio não era poeta! Como ele me disse depois, teria

dado, naquele momento, todos os seus trabalhos, a sua soberba dissertação académica, os seus maravilhosos artigos políticos, para ter a potência imaginativa de um Hugo ou de um Garrett, e improvisar um fecho profundamente religioso, que imediatamente lhe conciliasse aquelas honradas senhoras!

Mas, na impossibilidade de o fazer, embrulhou versos, saltou estrofes, e apressado, concluiu:

Não te esqueças nunca desse instante, Elvira,
E o que me dizias, a tremer-te a voz,
E o luar de prata, que inundava a praia
Onde nos amámos, uma noite, sós.

Calou-se. Vozes discretas

disseram, aqui e além:

— Muito bonito! muito bem!...

E coberto de suores frios Alípio enfiava para a saleta, quando Vaz Correia lhe travou do braço, rosnando com uma voz apoplética:

— Fê-la bonita! Limpe a mão à parede! Está tudo perdido... Fez escândalo grosso!

— Ó senhor doutor, mas...

— Tudo pela água abaixo! Um homem de bom senso, um premiado! Pôs-se a recitar dessas indecências! A mãe está como uma fera! Tudo perdido!...

— Mas escute V. Ex.ª...

— Não escuto nada. Lavo daí as minhas mãos. O senhor imagina que se encontra todos os dias uma rapariga bem-educada, e bonita, com doze mil cruzados

de renda?

— Quem? Que quer V. Ex.ª dizer?

— Quero dizer que o trouxe aqui para agradar à pequena, à mãe, ao pai, ao padre Augusto, às Vitorinos — e que o senhor, como um simplório, escandaliza as Vitorinos, o padre Augusto, o pai, a mãe e a pequena! Limpe a mão à parede, e... chafurde no atoleiro!...

— V. Ex.ª é severo...

— Severo? O senhor chama-me severo? O senhor acha de bom senso, pôr-se no meio de uma sala a dizer obscenidades?

— É uma poesia...

— É uma obscenidade!

— Eu não sabia... É uma poesia conhecida... Recita-se em toda a parte.

— Isto aqui não é toda a parte.

Isto aqui é a casa da D. Laura e do padre Augusto. Aqui recita-se o *Agnus Dei* e a ladainha... E em dias de festa, em dia de anos, por exceção, a pequena, por galantaria, recita a *Lua de Londres*!...

— Vou pedir desculpa à Sr.ª D. Laura — disse Alípio com decisão.

— Lavo daí as minhas mãos — respondeu o doutor friamente.

E Alípio, imediatamente, com aquela enérgica decisão que mais tarde, nas crises políticas, tantas vezes lhe deu o triunfo, dirigiu-se para o sofá de damasco vermelho, onde D. Laura, ereta, pálida, o nariz mais longo, o recebeu de olhos chamejantes.

— Minha senhora, eu venho dar uma explicação a V. Ex.ª.

— É uma indecência, senhor

doutor... vir a uma família...

— Eu rogo a V. Ex.ª o favor de um momento, um momento só. V. Ex.ª é muito cristã para me condenar sem me ouvir. Direi só a V. Ex.ª: crê V. Ex.ª que eu viria a uma casa, a casa de V. Ex.ª, que eu respeito, que sempre respeitei como uma das senhoras mais virtuosas de Lisboa, um modelo de qualidades cristãs, um anjo de caridade, uma mãe exemplar — que eu viria de caso pensado afrontar os princípios mais sagrados — princípios que são os meus? V. Ex.ª responda a isto. Eu peço a V. Ex.ª que responda a isto.

— Foi justamente por isso, Sr. Alípio, que me escandalizei...

— Que V. Ex.ª considere. Pedem-me para recitar. Para ser agradável...

D. Casimiro Vitorino, que estava

ao lado, hirta, sinistra e enrugada, interrompeu:

— Escusava, para ser agradável, de se pôr a dizer porcarias.

— Ó Sr.ª D. Casimira, ó minhas senhoras, por quem são! V. Exas. bem veem... Os *Ciúmes do Céu*, são uma poesia conhecida, considerada pela melhor crítica como uma magnífica peça lírica... Refiro-me à forma. O assunto, confesso, é torpe, é infame... Mas, quando se recita, é para se apreciar a forma. É como uma música ao ouvido... Eu não sei outra poesia de cor... Não me lembrei, de repente, daquela abjeta cena no areal... Depois, levado pelo fogo da declamação... Mas acreditem V. Exas. que compreendo a sua desaprovação, acuso-me, quero-me mal por a ter recitado —

como além disso se recita em casas muito respeitáveis... Mas confesso que o assunto é torpe... V. Exas. não me conhecem — mas o Dr. Vaz Correia conhece os meus princípios morais, o meu horror à devassidão, a minha indignação com todos os casos de infidelidade conjugal, enfim, as minhas convicções. Apelo para ele...

E sem esperar a resposta, curvando-se profundamente, afastou-se, atravessou a sala, indo encalhar junto da mesa do voltarete.

— Frescalhotes, os versos — disse-lhe o conselheiro Andrade.

Alípio acudiu:

— Oh! Sr. Conselheiro, nem me fale nisso! Que desgosto... Eu não imaginei...

— Qual história! Eu, não me pareceu bem por causa das pequenas, mas cá por mim, gosto de versinhos picantes... Lembra-se do Bocage? *Sete vezes amor voltou*, é... O quê, três matadores? Ó amigo Torres, o senhor muda-lhes as cores, com certeza?

No entanto Alípio, da mesa do voltarete, seguia os movimentos do padre Augusto; vira-o erguer-se pesadamente da cadeira, ir fazer uma cócega no pescoço da Julinha; depois, com as mãos por baixo das abas do casaco, fazendo-as saltar, conversar, curvado, com a bela Fradinho: finalmente, devagar, ir para a *Saleta dos Fumistas*. Alípio precipitou-se logo, e dirigindo-se vivamente a ele:

— Ó Sr. Padre Augusto, eu, sem ter a honra de conhecer V. Ex.ª, venho

pedir-lhe um favor. V. Ex.ª é um sacerdote de grande ilustração, de grande virtude, de grande eloquência, e deve compreender a minha situação. Eu, pediram-me para recitar...

O padre Augusto que conservava uma das mãos com o cigarro por trás das costas, disse, raspando o queixo com a outra:

— Homem, ele não é lá por dizer... Mas olhe que os versos são de arrepiar... Eu estava a vê-los diante de mim, no areal, a mulher deitada, o homem... Ó senhor doutor!...

— Mas V. Ex.ª sabe o que é poesia: questão de imaginação, de exageração!

— Mas é que realmente está a gente a vê-los. É que se me não tira o

quadro dos olhos! A mulher toda desapertada... Foi um desgosto para a Sr.ª D. Laura. E se V. Ex.ª soubesse com que cuidado, com que recato tem sido educada a Virgininha. É a primeira que ela ouve... É a primeira — e é de mão cheia!

— Pois Sr. Padre Augusto, V. Ex.ª é um sacerdote, e eu, acredite, tenho pelo clero o respeito mais profundo. Verdadeiramente, curvo-me diante de V. Ex.ª porque tem experiência, e sei que virtude, que saber, que dedicação se escondem debaixo de uma batina modesta... E realmente o que eu desejo é que V. Ex.ª seja verdadeiramente um sacerdote cristão. Isto é, que restabeleça a harmonia e que dissipe a irritação da Sr.ª D. Laura. Eu já lhe expliquei, já lhe supliquei... Mas fi-lo a tartamudear... A

sua virtude inspira-me um respeito! Desejo que V. Ex.ª a convença de que eu, foi na minha boa-fé, na minha inocência, por estupidez — aí está o que foi — por estupidez, sem reparar, que comecei a recitar... E aqui lho digo em segredo, suprimi várias estrofes, as piores! Lembrei-me a tempo... V. Ex.ª faça-me isto. Não lhe ofereço a minha dedicação, porque ela lhe é inútil; mas se, como advogado, como jornalista, como homem, como crente, puder um dia ser-lhe prestável, é dizer: — *aqui Alípio!* — e Alípio lá estará, ao pé de V. Ex.ª.

— Ó senhor, muito obrigado, muito obrigado! Não é para tanto. Deixe estar que eu falarei a D. Laura. Eu falarei. Há de se arranjar... Há de ficar tudo em paz.

— Agradeço muito a V. Ex.ª — disse Alípio; e ia a retirar-se quando a voz do padre Augusto o chamou com um *psiu*! discreto.

Alípio voltou-se, e o padre, levando-o para o vão de uma janela:

— Desculpe a curiosidade. Mas eu, nestas coisas de literatura, sou curioso. Sou apreciador. Gosto de bons versos... quando são bons! — E baixando a voz: — Vamos lá a ver como são as tais quadras...

— Quais? As que suprimi?

— Sim, as que suprimiu.

— Ah, deliciosas! — E, complacente, o nosso Alípio recitou ao ouvido do padre Augusto estas estrofes de um ardente erotismo lírico:

Fria, me dizias! Fria, tu, mulher?
Mas esses teus braços que s'estorcem, loucos,
Esse frágil corpo que o delírio agita,
Dessa ardente boca os gemidos roucos?

Porque balbucias no delírio, diz?
Porque desfaleces, adorada amante ?
Oh! dá-me os teus lábios, oh, invoca a morte...
Que morrer é doce neste doce instante!

O padre Augusto coçou vivamente a cabeça:

— Hum! É o que eu dizia, é estar a vê-los. É que os estou a ver! Pois é uma bela poesia... E lá direi a D. Laura: tudo se acomoda, tudo se acomoda... Bela poesia!

Durante o resto da noite a atitude de Alípio foi reservada e prudente. Passou-a junto da mesa do voltarete, em silêncio, seguindo com uma atenção grave o interessante movimento das vazas. Mas, como me confessou mais tarde, «tinha a cabeça em fogo». As palavras do Dr. Vaz Correia voltavam-lhe constantemente à memória, tocando a rebate e alvoroçando-lhe a imaginação: «Eu trouxe-o aqui para agradar à mãe e à pequena!» E parecia-lhe então que no seu futuro, que ultimamente se carregara, apareciam, aqui e além, como abertas reluzentes, clarões entrevistos de felicidades possíveis!

Doze mil cruzados de renda! E o desembargador, com aquela obesidade mórbida, D. Laura, com aquela amarelidão artrítica, não podiam decerto,

coitados, durar muito... Os cabelos de Virgínia eram na realidade deliciosos... E uma cadeira em S. Bento tornar-se-ia decerto acessível a quem dispusesse de uma renda de doze mil cruzados. Excelente casa aquela: mobília sólida e útil, boas pratas, bom piano!...

E o seu desejo de agradar à família, aos amigos, era tão intenso, que, tendo o conselheiro (que perdia) falado com irritação em «calistos», o nosso prudente Alípio levantou-se sem ruído, afastando-se discretamente.

A sua *soirée* fora até ali singularmente infeliz: querendo ser amável com a bela Fradinho, vira nos olhares indignados das senhoras que se suspeitava das suas intenções; desejando dar à sociedade o gozo de uma bela

poesia bem recitada, ofendia os sentimentos pudicos de D. Laura; pensando lisonjear o conselheiro pelo prazer que manifestava em o ver jogar, *encalistava-o!* Então, para não chocar nenhuma suscetibilidade, para não ferir nenhuma conveniência — como um homem que numa loja de *bric-à-brac* não se move, com medo de partir alguma peça cara — o nosso Alípio refugiou-se no vão de uma janela, e ali ficou, entre as cortinas, solitário, imóvel. Esse isolamento voluntário, porém, foi-lhe a breve trecho amplamente compensado: quando examinava através da vidraça, o céu que se toldava, um ruge-ruge de seda correu sobre a esteira da sala, e voltando-se, pôde ver D. Virgínia que passava, e que lhe deu um longo olhar, um olhar de

muda repreensão, como se ela também lhe quisesse dizer:

Para que levantas, sem cessar, poeta,
A fronte e contemplas a Lua sem véu?
Não vês tu, poeta, dentro dos meus olhos,
Segredos mais fundos que os que tem o céu?

Foi grande a sua tentação de entrar na sala, de falar com ela. Reteve-o, porém, o receio da indignação de D. Laura, quando visse o homem que recitava versos lúbricos em conversa íntima com sua filha.

Por isso, e porque eram onze horas, foi despedir-se de D. Laura; e qual não foi a sua comoção quando a ouviu, com uma voz que, agora, era quase branda

e amiga a dizer-lhe:

— Quando quiser, senhor doutor, esta casa está às suas ordens. Teremos muito gosto em o ver...

Ao pé dela, padre Augusto sorria — e o nosso Alípio compreendeu que era à diplomática intervenção do honrado sacerdote que ele devia aquela benevolência inesperada.

Que influência ele tinha, o reverendo! Tudo em D. Laura mudara: a voz, o olhar, e até a mão que, agora, lhe pareceu menos hirta, mais quente, mais humana.

E ao descer, abafando-se cuidadosamente no seu cachené, perguntou ao criado que o acompanhava:

— Sabe-me dizer onde mora o Sr. Padre Augusto?

— Às Portas de Santo Antão, 36, segundo, meu senhor. Em casa da Gervásio.

E daí a dois dias, como havia em casa da Adelaide Gervásio um quarto devoluto, Alípio tomava-o e passava a ser o companheiro, o confidente e o amigo do benévolo sacerdote.

Muitas vezes me disse o Conde, anos depois, que esta convivência com o padre Augusto lhe fora extremamente instrutiva, porque o esclarecera definitivamente sobre os costumes íntimos dos senhores eclesiásticos, e destruíra muitos prejuízos que uma tradição injusta formou em volta do clero, em hostilidade aos excessos dos frades. Assim se convenceu que é absolutamente infundada a reputação que têm S. Exas. de costumes

lúbricos. «Durante dezoito meses que vivi com o padre Augusto, Zagalinho, nem por palavras, nem por olhares, nem por obras, o vi desviar-se da regra imposta pelos votos. Um modelo de castidade, Zagalinho! Um modelão!»

Ele mesmo, pelos seus olhos, se certificara desta verdade. O seu quarto e o do padre Augusto eram separados por um tabique, onde outrora houvera uma comunicação sem porta. Esta abertura, para isolar os dois quartos, fora depois tapada com uma simples lona coberta de papel pintado, onde um pequeno rasgão triangular permitia a Alípio mergulhar um olho observador no interior do quarto do reverendo. Conseguiu assim verificar que este homem inteligente poderia ser comparado (se tal comparação não fosse

ofensiva da sua qualidade de sacerdote cristão), ao profeta do Islã, de quem as legendas do deserto celebram os costumes simples e o amor das ocupações domésticas. O reverendo sacerdote, ele próprio, passajava as suas meias, cosia as suas voltas e limpava a batina com benzina; vivia arrumando, espanejando o quarto, e todos os dias polia o seu candeeiro de latão, com uma dissolução de ácido oxálico que ele mesmo ia comprar à Farmácia Azevedo. Pendurado defronte da janela, tinha um canário de que tratava com cuidados femininos. À noite, ao recolher, dispunha sobre a mesa um covilhete de marmelada, uma garrafa de Porto (de que D. Laura o tinha sempre bem provido) e com satisfação e método, tomava a sua ceia, tendo defronte o

breviário aberto que ia lendo. Alípio nunca o viu tomar mais de meio cálice de Porto, aos pequenos goles, que conservava um momento na boca, saboreando-lhe o aroma, e que engolia com um estalo plácido. Depois, despia-se, dobrava a roupa com método minucioso — e daí a pouco ressonava com estridor. Vida de um santo!

Uma tarde de grande calma, em meados de agosto, a engomadeira da casa, depois de levar a roupa a Alípio, entrou no quarto do padre Augusto. Era uma formosa rapariga. Alípio imediatamente correu a aplicar o olho ao rasgão da lona, a observar o que faria o eclesiástico, só no quarto com a engomadeira, naquela tarde de verão em que a casa estava solitária e calada. Padre Augusto

dormitava na sua poltrona, com o lenço de seda sobre o rosto, as pernas estendidas, as mãos sobre o ventre. Alípio julgava que passaria ao menos os dedos pelo queixo da rapariga, que lhe beliscaria o braço apetitoso. Pois não: ergueu a ponta do lenço, e vendo com o olho meio fechado que era a engomadeira, continuou a sua sesta pálida! Excesso de quebreira, dir-se-á. Não, porque daí a pouco Alípio ouviu-lhe dizer por baixo do lenço:

— Ó menina, que não esqueça o par de peúgas que ficou da outra vez.

Tão grande era a sua indiferença às tentações do amor!

Era, além disso, sóbrio — o que destrói inteiramente a conhecida e lendária gula canónica — e não de todo hostil às profanidades da arte, pois que,

sempre que o homem do realejo fazia, ao cair das tardes de verão, o seu giro no bairro, padre Augusto propunha entre os hóspedes da D. Adelaide uma subscrição de cinco reis por cabeça, para mandar tocar ao italiano as peças escolhidas da *Norma*, que ele escutava com deleite.

O fraco deste santo era o alho; gostava dele cru: esfregava com alho o gume da faca, o miolo do pão, o fundo do prato, e dizia sempre depois desta operação:

— Muito estomacal, caros companheiros, muito estomacal...

Não era um fanático; nunca a sua conversação recaía sobre «questões religiosas». Quando se falava diante dele do progresso das ideias revolucionárias, não se exaltava, mas, coçando o queixo,

dizia:

— Pois será o que quiserem, caros companheiros, será o que quiserem. Mas lembrem-se das palavras de Cristo: «Não prevalecerão contra ele as portas do Inferno; a barca de Pedro não se submergirá!»

E se ouvia algum dos companheiros — um certo Azevedo do Ministério do Reino, sobretudo, proferir impiedades ou achincalhar os dogmas, o bom sacerdote sorria:

— Tudo isso é muito bom enquanto se tem saúde, amigo Azevedo. Mas quando vem a velhice, e as doenças, e o final... Eh! Eh! O amigo verá como se chega às boas ideias. Verá como ainda me manda chamar! Não, que a Eternidade é coisa séria!

Tal era este santo homem. As suas ocupações eram simples: de manhã, dizer missa em S. Domingos; durante o resto do dia, salvar a alma de D. Laura.

Nem gula, nem lubricidade, nem ambição. Os três *Inimigos da alma*, da Cartilha, os três sinistros colegas — Mundo, Diabo e Carne — que de braço dado rondam em volta da humanidade, à caça das almas indefesas, ou nunca ousarem aproximar-se deste varão impecável, ou, se o fizeram, foram vergonhosamente escorraçados, como ratos — se me permitem a comparação — surpreendidos sobre um velho pedaço de queijo.

A admiração que ele inspirou a Alípio foi grande e duradoura.

Muitas vezes ouvi o Conde

afirmar, quando se agitavam as grandes questões do clero, do Ultramontanismo:

— Não, não... Não é tanto assim! O clero é extremamente virtuoso. Olhe, um padre conheço eu, o padre Augusto, que foi meu companheiro nas Portas de Santo Antão... Uma vez...

E era certo então vir alguma deliciosa anedota, em que as virtudes do padre Augusto resplandeciam, como joias fulgurantes delicadamente engastadas.

E julgando todos os eclesiásticos, de todo o Universo, por este sacerdote que conhecera na mocidade — tanto o seu espírito prático amava as opiniões *à posteriori* e fundadas na experiência — o Conde nunca concebeu o Clero senão como uma classe cheia de virtudes, passajando meias, indiferentes às

engomadeiras e cheia de benevolência das fraquezas humanas.

Poucos dias depois da sua instalação na casa de hóspedes de D. Adelaide, a intimidade de Alípio com o padre Augusto era tão completa, que à noite, depois de deitados, ainda conversavam através do tabique. O assunto nunca variava: os Amados, as virtudes de D. Laura, as prendas de D. Virgínia, as capacidades do desembargador, os méritos da Ana cozinheira — de tal sorte que ao fim de uma semana Alípio conhecia os Amados, os seus hábitos, os seus fracos, as suas propriedades, os seus gostos, as suas ideias, melhor do que se, com a sua própria imaginação, os tivesse concebido e descrito nas folhas manuscritas de um

romance.

Foi deste modo que ele veio a esclarecer qual o tipo de marido que D. Laura desejava para sua filha. Esse tipo não demonstrava ambições desordenadas: um bacharel, de costumes honestos, com uma carreira começada, temente a Deus, sem tísicos na família, observando os jejuns, económico, caseiro e pontual à missa.

Alípio, com uma grande humildade, interrogou-se, sondou-se, folheou-se como quem folheia um livro, e achou que correspondia exatamente ao *tipo* de D. Laura. Estou certo de que, se encontrasse em si condições divergentes — se se reconhecesse inclinado à frequentação dos bilhares, ou fraco diante da beleza, ou se algum seu parente tivesse

deitado sangue pela boca, estou certo (pois conheci bem aquele caráter retilíneo e rígido), de que ele se teria considerado indigno de ser o marido da loura Virgínia. Mas como nenhuma destas circunstâncias objetáveis concorria nele, Alípio não hesitou, e, habilmente, deixou ver ao padre Augusto que ali, do outro lado do tabique, existia um bacharel com todas as qualidades de saúde, de fé, de moral e de disciplina que D. Laura exigia do futuro marido de sua filha Virgínia, *loura como os louros trigos*, segundo a formosa expressão do poeta.

Padre Augusto, de resto, reconhecia-o; e a sua simpatia crescia por aquele moço que não blasfemava, o acompanhava no seu passeio higiénico ao comprido do Cais do Sodré, que o tinha

presenteado com duas formosas navalhas de barba, e que, uma noite em que ele estava sofrendo de um defluxo terrível, lhe pusera um sinapismo de mostarda com cuidados e carinhos de enfermeira. De tal sorte que esse moço exemplar, benévolo, doce, instruído, se tornara a preocupação dominante do bom sacerdote; e mal chegava a casa do desembargador, ainda antes de se servir a sopa, padre Augusto, puxando o guardanapo para o pescoço, encetava o assunto querido: — Alípio!

Todavia, D. Laura podia verificar por si mesma as qualidades de Alípio — ou pelo menos aquela que mais interessava: a sua devoção. Na missa das nove, em S. Domingos, no Lausperene, no Santíssimo, no Mês de Maria, ela podia ver aquele bacharel impecável, ora de

joelhos, devorando as orações do seu *ripanço*, ora de pé, a cabeça caída numa meditação grave, ora estático, contemplando a edificante cintilação dos altares. Nunca os seus olhos se distraíam, solicitados por algum chapéu mais alto em que se destacasse a cor viva de um ramalhete, ou por qualquer ruge-ruge de folhos de seda. Não. Ali estava sério, compenetrado, circunspeto, reverente. À saída, ao passar por D. Laura, uma cortesia respeitosa; e depois, taque-taque-taque, no seu caminho, com o seu livro debaixo do braço, os olhos nas pedras da calçada.

— É um modelo — dizia um dia D. Laura. — Um rapaz assim é que dá gosto a uma mãe.

Estas palavras, repetidas à noite

pelo padre Augusto, mostraram a Alípio que ele podia enfim, com honestidade, fazer ao sacerdote a confidência do seu sentimento e da sua ambição.

Fê-lo com palavras dignas, graves, elevadas... Desde que vira D. Virgínia, amava-a. Amava-a, menos pela sua beleza — que era grande, que era cativante — do que pelas qualidades morais que ela não podia deixar de ter, sendo «filha de tal mãe». Não se atrevera, ao princípio, a dizer-lho a ele, padre Augusto; não o conhecendo bem, poderia suspeitar que, pobre bacharel, ele apenas aspirasse ao dote da senhora. Mas agora o padre Augusto conhecia-o, não é verdade? Estava bem certo do seu desinteresse, do seu desprendimento de todas as-ambições de dinheiro — não é verdade? Julgava

então poder desabafar no seio de um amigo sincero! Amava a Sr.ª D. Virgínia! Mas uma coisa pedia ao padre Augusto — uma coisa lhe pedia, ali, como amigo, como companheiro — que não dissesse nada às senhoras! Se ele tivesse uma posição social, uma sólida fortuna em terras, um título de fidalguia deste reino, então, decerto, não hesitaria em revelar o alto anelo do seu coração! Mas estava apenas no começo da sua carreira, infelizmente. Por modéstia, por dignidade, por circunspeção, devia calar-se... E todavia, sentia em si energias, delicadezas, todas as condições para fazer feliz, bem feliz, uma menina... Sabia o padre Augusto o que ele desejaria? Casar com ela, ter uma pequenina casa em Campolide, ilustrar-se na carreira do

foro, viver com conforto, e ter um velho amigo respeitável que viesse todos os dias comer a sopa com intimidade e fazer a sua partida de voltarete... Um amigo como o padre Augusto... Que se ele casasse, o padre Augusto não havia de ficar a viver ali, no quarto estreito da Adelaide Gervásio, com janela para as pedras do saguão! Havia de viver com eles, ter o seu talher à mesa, a sua roupa branca bem tratada, o seu caldo de galinha à noite, os carinhos de uma família... Mas enfim, tudo aquilo eram sonhos...

Daí a dias, ao sair da Igreja de S. Domingos, Virgínia — que, como me afirmou o Conde mais tarde, tinha, em rapariga, o hábito de escutar às portas — ao ver Alípio, corou prodigiosamente.

Na semana seguinte, Alípio

recebeu do padre Augusto um convite verbal para ir passar a noite com os Amados. Aceitou. Foi uma *soirée* íntima, grave, um pouco silenciosa, edificante. Alípio falou da sua excelente tia, da sua caridade — e da caridade dos Noronhas. Contou a maravilha de um velho, ao pé de Penafiel, que vivia havia vinte anos em estado de graça, narrou anedotas piedosas de S. Bartolomeu dos Mártires; provou como todos os países protestantes — a Inglaterra, a Alemanha, a Suécia — iam numa decadência progressiva e fatal; voltou as páginas da *Prece à Virgem* que Virgínia tocou com mimo ao piano, e fez, com padre Augusto, o voltarete do Sr. Desembargador.

E, quando recolhia com o sacerdote às Portas de Santo Antão, teve o

gozo de lhe ouvir estas palavras memoráveis:

— Não há que ver, o amigo deu no goto às senhoras! E todos aprovamos. Isto é, o nosso Desembargador é que parece um bocado renitente...

— Se a Sr.ª D. Laura quiser... Isto é, se o padre Augusto quiser!...

— Não digo que não. Estimam-me na família... Vão muito pelo que eu digo... Mas às vezes o nosso Desembargador tem birras!

Tinha começado a chuviscar, e para que o padre Augusto, tão sujeito a defluxos, se não constipasse, o nosso Alípio, sempre bom, sempre afetuoso, tomou generosamente uma tipoia.

As birras do obeso e obtuso Amado eram realmente singulares. Sem

razão, de repente, *embirrava*. E era então como o obstáculo bruto, inerte, material, de um enorme pedregulho numa estrada. Era uma resistência passiva e espessa: as bochechas tornavam-se-lhe mais balofas, as pálpebras papudas mais pesadas, e sem dar razões, rosnava surdamente:

— Não estou pelos autos... Não vai... Não me calha.

E causava indignação e horror, sentir aquela massa bestial e adiposa, atravancando obstinadamente o caminho!

O Dr. Vaz Correia, que todas as manhãs pedia a Alípio que lhe fizesse o relato do *estado do negócio*, tinha-o avisado:

— E cuidado com esse animal! Se ele começa a dizer que . não calha, acabou-se. Você esbarra e não há de ir

para diante.

Como conseguiu Alípio desvanecer a resistência inerte e espessa do desembargador? Não possuo documentos em que possa basear uma narrativa anedótica fidedigna. Sei apenas que ao fim de três meses — Alípio ia então todas as quintas e domingos a casa dos Amados — o desembargador, segundo a expressão pitoresca do Dr. Vaz Correia, começou a «derreter». Já dizia:

— Não é mau rapaz... Começa a calhar-me!

Pude averiguar que o nosso fino Alípio lhe dera uma receita para fazer chá de erva cidreira, que aliviava o desembargador nas suas digestões monstruosas. No dia dos seus anos, publicou na *Semana* uma leve biografia,

em que, num grandioso estilo à Plutarco, a integridade do desembargador era comparada à dos Sénecas e dos Catões.

Por fim teve ocasião de lhe prestar um serviço resplandecente, que muito deve ter contribuído para o «derretimento» do desembargador.

A história foi-me assim contada: no escritório do Dr. Vaz Correia praticava, havia anos, um certo Dr. Pimentel, moço estimável, mas que, segundo a expressão moderna, «tinha telha».

Era um mancebo franzino, melancólico, de grande nariz e lunetas de ouro, que passava horas em silêncio, catando um a um os pelos do bigode.

Excessivamente metódico, sempre, antes de sair, lavava cuidadosamente os

bicos das penas de pato, para que não se estragassem. Tinha sobre a mesa pequenas caixas feitas de cartas de jogar, com dísticos em letra gótica que lhes designavam a serventia: *caixa das penas*, *caixa da borracha*, *caixa do limpa-penas*, *caixa das obreias*, etc. Era tão escrupuloso das coisas que lhe pertenciam, que fazia no alto dos seus lápis uma larga incisão onde escrevia o seu nome. Tinha casado novo e quando se referia a sua mulher, dizia sempre: *a minha senhora*. Fora ela que lhe bordara a almofada de veludo verde sobre que se sentava. Esta almofada era para ele objeto de uma veneração supersticiosa: antes de se sentar, espanejava-a, cobria-a religiosamente com um pedaço de cassa. O seu terror constante era que, na sua

ausência, alguém se sentasse sobre a almofada de *sua senhora;* por isso, tinha preparado um letreiro que colava com uma obreia às costas dá cadeira e onde se lia, escrito a tinta azul: «*Pede-se que se respeite esta cadeira, que é do Dr. Pimentel*.» Isto, porém, incitava indivíduos facetos a sentarem-se com ferocidade sobre a almofada sagrada, e por vezes, ao entrar subitamente no escritório, o Dr. Pimentel ficava petrificado, vendo um corpanzil profano repoltreado sobre os veludos que sua senhora, com as suas próprias mãos, bordara amorosamente! Tais irreverências, para ele, eram *crimes*, e, com uma estrita ideia de justiça penal e a perversidade natural aos hipocondríacos, inventou uma desforra medonha: arranjou

um prego, muito agudo, de cabeça muito chata, que colocava sobre a almofada de bico para o ar, de modo que se algum jocoso ousasse profanar a sua almofada, o horrível prego penetrava-lhe na carne, sendo assim o *delito* imediatamente seguido da *penalidade*. Não revelou a ninguém esta perfídia, nem sequer destruiu o aviso escrito a tinta azul, como se, para gozar melhor a vingança, quisesse facilitar a ofensa.

Foi por esse tempo que uma manhã em que o Dr. Pimentel saíra, o desembargador Amado apareceu inesperadamente no escritório: tinha uma demanda com um vizinho, proprietário de Campolide, e vinha falar com o Dr. Vaz Correia, que nesse momento trovejava na Boa Hora.

Alípio, apenas avistou na porta o ventre enorme do desembargador, precipitou-se a tirar-lhe o chapéu das mãos, a perguntar-lhe pelas senhoras; ofereceu-se mesmo para ir à Boa Hora buscar o Dr. Vaz Correia.

— Nada de incómodos — disse Amado — eu espero. Que, com este calor, até não se me dá de descansar...

— Quer V. Ex.ª um copo de orchata? (o Dr. Vaz Correia tinha sempre, na saleta de dentro, uma caixa de orchata fresca, nos meses de verão).

— Pois venha de lá a orchata. Vai de refresco.

Alípio entrara na saleta e preparava a bebida — quando um berro medonho vindo do escritório atroou a casa! Correu, aterrado. De pé, junto à

poltrona do Dr. Pimentel, lívido, os olhos esgazeados, a boca aberta, exalando mugidos de dor, o desembargador apertava nas duas mãos abertas as suas rotundidades posteriores!

— Que foi, Sr. Desembargador, que foi?

— Enterrou-se-me uma coisa!...

O escrevente que acudira pálido, aos mugidos do magistrado, teve um grito de horror:

— Deve ser o prego do Sr. Dr. Pimentel!

E desapareceu, aterrado decerto das consequências de tão grande crime.

Sem perder o sangue-frio, o nosso Alípio puxou o ferido para junto da janela, acocorou-se, levantou as abas do casaco, e logo descobriu a cabeça

amarela de um prego reluzindo sobre a calça preta do S. Ex.ª, cravado na carne.

O desembargador, quase desmaiado, com camarinhas de suor frio na testa, não queria que Alípio arrancasse o prego: ouvira dizer que uma faca, um punhal, um ferro que se arrancam de uma ferida, causam imediatamente a morte pela hemorragia. E com gemidos roucos, pedia um médico.

Mas o escrevente desapareceu cobardemente — Alípio estava só no escritório. Então, com uma decisão brusca, como as que se contam de Dupuytren, de Nélaton, dos grandes operadores clássicos, Alípio puxou vivamente o prego. O desembargador deu um mugido terrível, e Alípio, sustentando-o, amparando-o nos braços, levou-o até à

poltrona amiga do Dr. Vaz Correia.

S. Ex.ª, porém, arquejava de dor. Parecia-lhe que tinha ali uma brasa, sentia o sangue empapar-lhe a ceroula... Queria um médico.

Então, num relance, Alípio sentiu que tinha ali, ferido, necessitando auxílio, um magistrado, um proprietário, um cristão, um semelhante, o pai de Virgínia, e com uma voz repassada de cuidado e de solicitude:

— Não se assuste, Sr. Desembargador. Não é nada... Venha V. Ex.ª comigo...

E amparando-o sempre, levou-o consigo a um quarto desabitado, que era a cozinha daquele primeiro andar: aí havia um lavatório e uma esponja dependurada na parede por um barbante.

Com cuidado, tirou o casaco ao desembargador, desabotoou-lhe com respeito as calças, as ceroulas de linho, e acocorando-se, examinou a parte ferida de onde corria um fio de sangue breve, como um pedacinho de retrós vermelho.

— É muito fundo? — gemeu o magistrado.

— Uma bagatela, Sr. Desembargador, uma arranhadura.

Limpou com a toalha o breve fio de sangue; encheu a bacia de água fresca, tomou a esponja e pedindo ao respeitável magistrado que se agachasse, ele mesmo, Alípio Abranhos, da casa dos Noronhas, esponjou com amor a nádega obesa de S. Ex.ª!

— Que alívio! — roncava o magistrado, respirando com esforço.

— Fresquinho, hem, Sr. Desembargador?

E esponjava solícito, tomava mais água na cova da mão, chapinhava a carne mole.

— Melhor, Sr. Desembargador?

— Mais aliviado, amigo, mais aliviado...

Depois, com uma toalha limpa, secou a pele, repuxou a camisa, apertou as ceroulas de S. Ex.ª, que o deixava fazer, com os braços moles, as pálpebras mórbidas, bufando, a face lívida, toda banhada de suores dolorosos.

Depois, deu-lhe um copo de orchata, acomodou-o no canapé, e agarrando no chapéu, correu a buscar uma tipoia.

Ele mesmo o acompanhou a casa

— recomendando ao cocheiro que fosse devagar, para que os solavancos não irritassem a parte ferida.

O desembargador esteve uma semana no leito: e ao médico que o vinha ver, ao padre Augusto, a D. Laura, a Virgínia, a todos os amigos da casa repetia:

— Aquilo foi o meu Anjo salvador!

Referia-se a Alípio, que, dois meses depois, numa manhã de outubro, casava com D. Virgínia Sarmento Amado, encantadora herdeira de doze mil cruzados de renda.

***

Foram passar a lua de mel para a

casa de Campolide. Porém, deste período de felicidade profunda, nada deve escrever a minha pena. A alcova nupcial tem o augusto recato de um templo, e à sua porta o anjo dos amores delicados vela com as asas abertas, o olhar risonho, e o dedo sobre os lábios.

Deixemos, pois, este par enamorado passear sob os murmurosos arvoredos da quinta, ao rítmico som das águas que cantam nas bacias de mármore — e vejamos o que a essa hora se passava na terra.

Para qualquer nação que volvamos os nossos olhos, vemos, sob a aparente tranquilidade, fazer-se uma muda transformação interior.

É este realmente o momento em que se preparam os factos que deram à

história do século XIX o seu caráter grandioso.

Ali vemos, no pequeno Estado da Prússia, um militar com cara de freire velho, sob um capacete de forma bárbara, preparar ocultamente, por desconhecidos processos científicos, a destruição infalível dos antigos exércitos, comandados pelos métodos antigos da inspiração e da bravura; e ao lado, um grosso diplomata de cachaço de touro, tão seguro de si como se tivesse na mão o dado de ferro do destino, tramando apoderar-se da Europa Central, dilatando o pequeno Estado do Brandeburgo até às proporções de um Império Germânico, e soprando um esguio Hohenzollern devoto, até lhe dar a corpulência heroica de um César gótico.

Na Itália, vemos a sinistra matilha republicana e mazinista, a que se aliou, ai! uma dinastia gloriosa alucinada de ambição, arremessar-se, aos clamores fanfarrões de um Garibaldi, contra o trono de S. Pedro — onde um velho sublime ora imperturbavelmente, e aos que lhe arrancam a posse de algumas léguas de terra, responde pela voz de um concílio, apoderando-se do domínio ilimitado da alma universal.

Na Espanha, vemos generais despeitados e insensatos, sôfregos de honras, tramar contra o princípio de que emanam e o trono que lhes dá significação; e decerto veremos mais tarde as paixões plebeias, soltas por eles do garrote providencial que as mantinha, precipitarem-se através da nação espanhola, destruindo tudo sem discernimento, como touros devastadores à solta numa horta bem plantada.

Olhemos para a Inglaterra, esse disforme império artificial, maior que nenhum império clássico, feito de continentes distantes ligados entre si por fios telegráficos que pousam no fundo dos mares. Essa imensa mole mal equilibrada ameaça a cada momento dessoldar-se, aqui e além, na índia, na África, na

Oceânia; uma oligarquia, mais orgulhosa do seu domínio universal que o patriciato romano, mal a pode manter unida pelo ferro e pelo ouro; e no entanto a revolução social, com um movimento preciso, compassado, geométrico, automático, vai preparando o fim dessa oligarquia obsoleta e a dissolução do imenso Império balofo.

Na Rússia autocrática, a só vontade de um homem, do Homem, do Czar, realiza com uma palavra o que a América do Norte só pode conseguir despendendo milhares de milhões e regando o solo de sangue: na Rússia e na América os escravos são livres. No império, uma assinatura consegue o que na república só pode alcançar-se com uma guerra civil — profunda lição que nos dá

o poder social concentrado nas mãos de um eleito.

Voltemos, enfim, os olhos para a França — a Mater-Gália: nunca mais alta a vimos, gloriosa e firme resplandecendo sob os Napoleões. Nunca a sua homogeneidade pareceu mais sólida e o seu messianismo mais penetrante. Paris reedificado, arejado, verdejante, retilíneo, resplandece. As suas modas são por um momento dogmas, como as suas filosofias: dela o mundo recebe com devoção a *Crinoline* e o Positivismo. A tradição galante das classes fidalgas permanece tão inalterável, que um descendente dos La Trémouille, que tinham precedência sobre o Rei, paga por vinte e cinco mil cruzados as botinas de cetim com que M.lle Cora Pearl se estreia no teatro.

O formoso desdém gaulês que inspirava *calembours* aos que subiam à guilhotina, conserva-se tão brilhante que, na suave praia de Biarritz, coronéis elegantes, ouvindo o Sr. de Bismark - desenvolver os seus planos, murmuram com graça: «Que idiota!» A salutar influência religiosa penetra por tal forma a vida social, que, mesmo nas figuras de *cotillon*, as marcas mais delicadas representam mitrazinhas episcopais e pequenos báculos de chocolate.

A galantaria francesa está tão rediviva, que um letrado da Academia não hesita em assinar os seus escritos: Merimée, bobo de S. M. a Imperatriz. O luxo, que promove a prosperidade industrial, é tão refinado, que custam contos de reis as *robes-de-chambre* do Sr.

Duque de Morny e a dívida de uma virtuosa dama, à sua costureira de roupa branca, ultrapassa a soma fabulosa de noventa e seis mil cruzados!

Formoso espetáculo de um país próspero! — direis. Ai! Ai de nós! — Nesta formosa harmonia se percebem sintomas sinistros: já o imortal Cousin jaz no seu leito de dor, com a sua doença de fígado; já um Thiers ousa condenar a soberba expedição do México; já o espírito frondista das salas aplaude os epigramas de um Prévost-Paradol e os *boulevards* riem quando um garoto, Rocheforte, injuria a cuia de S. M. a Imperatriz; e, suprema dor, já César, devorado pela doença pertinaz, passa os seus dias em banhos de sal, a pálpebra mórbida, o pulso, que um dia salvara a

ordem e a sociedade, abandonado entre os dedos do especialista Ricord. E no entanto, de um rochedo do mar da Mancha, um personagem lendário, um S. Paulo romântico da Santa Democracia, tão extraordinário de génio e tão alucinado de orgulho que se confunde a si mesmo com Deus e se crê no segredo da Natureza, escreve *Os Miseráveis*, *As Contemplações*, *Lenda dos Séculos*, e profetisa, em atitudes teatrais, a monstruosa desforra da plebe e uma vaga fraternidade dos homens reconciliados.

Tal ê a Europa — enquanto o nosso Alípio murmura ao ouvido de Virgínia aquelas palavras eternas que há três mil anos saem dos lábios dos amantes.

E agora volvamos os olhos para

Portugal. Em Portugal, nessa época, não vejo que se passe coisa alguma, a não ser que o Ministério Cardoso Torres acaba de declarar que o seu programa será: Ordem, Moralidade e Economia.

É pois nesta serena e calma unidade nacional que Alípio Abranhos aparece e entra a passos largos nos umbrais da História.

A maneira como Alípio Abranhos foi eleito deputado, parece inteiramente providencial. O Ministério Cardoso Torres, tinha, como é sabido dos que conhecem a história política dessa época, dissolvido as câmaras. O ministério antecedente, denominado *Ministério Bexigoso* (de cinco ministros, coincidência singular, três eram picados das bexigas) não caíra segundo os

métodos parlamentares: aluíra, sumira-se. Em plena maioria, sem razão, sem discussão, de repente, desaparecera — caso singular, depois, muitas vezes repetido, e comparável à conhecida catástrofe da corveta *Saragoça*. *A Saragoça*, num dia delicioso de junho, num mar tão calmo como uma larga taça de leite, sem borrasca, sem vento, *caiu no fundo do mar*. O casco, parece, estava tão podre que se dissolveu como açúcar numa xícara de chá. Um indivíduo que estava sob um sol resplandecente, abaixara-se para apertar um atilho do sapato, e, ao erguer-se, não viu mais a corveta: sondou ansiosamente com o óculo o horizonte azul-ferrete; olhou aflito em redor, pela praia; mesmo, num gesto grotesco mas muito naturalmente instintivo, apalpou

sofregamente as algibeiras: — nada! O mar brilhava sereno, azul, imóvel, coberto de sol.

O *Ministério Bexigoso* acabou como a corveta *Saragoça*. O novo ministério foi portanto tirado do mesmo grupo da maioria — e, consequentemente, dissolveu as câmaras, precaução exagerada, porque os chefes da maioria afirmavam ao ilustre Dr. Cardoso que dariam ao novo governo — se ele, como o governo anterior, fosse pela *Ordem*, pela *Moralidade* e pela *Economia* — um apoio eficaz e homogéneo.

Razões facilmente compreensíveis determinaram o Dr. Cardoso Torres a persistir na dissolução — tanto mais quanto no primeiro Conselho de Ministros, o Dr. Cardoso e os seus

colegas, conferindo a lista de parentes, amigos e notabilidades que desejavam fazer entrar na Câmara, reconheceram que necessitavam de vinte e três círculos, e que havia apenas, presentemente, quatro vagaturas. E como, além disso, esses vinte e três indivíduos era geralmente homens de ilustração, de respeitabilidade, de boas letras e de fortuna, a dissolução era justa.

S. M. concedeu-a — o que produziu aquele artigo célebre do *Estandarte*, jornal do *Governo dos Bexigosos*, que ameaçava S. M. com a sorte de Luís XVI ou de Carlos I — exatamente oito dias depois do artigo em que o mesmo jornal comparava S. M., pelas virtudes, a Tito, pela justiça a S. Luís, e pelo respeito da Constituição, à Rainha Vitória!

A resposta do *Globo*, jornal do Dr. Cardoso Torres, foi enérgica: dizia que só se podia responder com um chicote a um jornalista que ameaçava com o cadafalso S. M., que, pelas virtudes, estava muito acima de S. Luís, e, pelo respeito da Constituição, era incomparavelmente superior a Sua Graciosa Majestade a Rainha Vitória — eloquente artigo, e que apareceu exatamente quinze dias depois de outro, violento, em que, então na oposição, o redator do *Globo*, inspirado pelo Dr. Cardoso, dava claramente a entender que o fim provável de S. M. seria a guilhotina de Luís XVI, ou pelo menos o cadafalso de Carlos I!

Pondo em relevo estes factos, eu não quero por forma alguma insinuar que haja na imprensa política falta de

sinceridade, de lógica ou de dignidade. Quero apenas fazer sentir a perniciosa influência da ambição e da paixão em espíritos cultos. Creio, porém, que S. M., ao ver-se alternadamente destinado, pelo mesmo jornal, ao cadafalso de Luís XVI ou à canonização de S. Luís, decerto não experimentaria nem terror, nem vaidade, pois que nenhuma destas ameaças representavam o desejo íntimo do jornalista, mas eram apenas a explosão de uma cólera biliosa ou de um reconhecimento enternecido, e, muitas vezes mesmo, uma manobra útil na tática da vida pública.

Um dos círculos menos disputados era, nessa ocasião, o de Freixo de Espada à Cinta. Propunha-se como deputado da oposição um obscuro Gervásio

Maldonado, proprietário local, com uma parentela larga na terra, interesses de lavoura, etc., e o Governo Cardoso Torres, combatia-o, apresentando na lista governamental, como candidato por Freixo de Espada à Cinta, o moço bacharel Artur Gavião, filho do presidente do *Banco Nacional*, que o pai, cansado da sua dissipação, queria forçar, pelos deveres que lhe imporia S. Bento — isto é o Parlamento — a uma vida disciplinada, sóbria e útil.

Conta-se que o Sr. Alexandre Herculano, a este respeito, dissera, com aquele espírito misantropo que a sua voz ríspida acentuava de um relevo amargo:

— Se o Gavião queria morigerar o rapaz, devia-o conservar no bordel, e não o mandar para o Parlamento!

Mas o que eu penso do Sr. Alexandre Herculano, dos seus ditos, da sua misantropia, da sua moral e das suas letras, escrevê-lo-ei um dia, desassombradamente.

O Sr. Artur Gavião (que tão desgraçadamente morreu depois afogado ao pé de Caxias), era pois o candidato governamental por Freixo de Espada à Cinta, quando Joaquim Osório Teixeira, ministro da Justiça, declarou, com decisão, que era simplesmente uma afronta ao Bom Senso, à Câmara e à Dignidade do Governo, nomear por Freixo de Espada à Cinta um indivíduo que, às quatro horas da tarde, descia o Chiado, numa tipoia, com meretrizes andaluzas, inteiramente embriagado.

Gavião pai, mais tarde, afirmava

que esta oposição do ministro da Justiça não era inspirada por puros motivos de moralidade pública, mas constituía a vingança pessoal de uma antiga humilhação, caso complicado de letras a três meses, etc., etc... como ele acrescentava com uma reticência maligna.

O Presidente do Conselho, porém, amigo do Gavião, e desejando conservar ao Governo aquele sólido apoio do Capital e da Propriedade, insistia na candidatura do libertino Artur.

Um dia, contudo, Joaquim Osório Teixeira declarou que faria dessa candidatura uma questão pessoal, que ele não podia autorizar o patrocinato legal do deboche, e que, se o Colega Cardoso insistisse, ele Joaquim Teixeira, trotaria para Sintra a pôr a sua demissão nas mãos

de S. M.

Cardoso, receando o conflito, riscou sem mais observações da lista governamental o nome do jovial libertino.

À noite, porém, em casa, ao chá, exprimiu com azedume o seu embaraço: não só descontentava o Gavião pai — um colosso — mas aí ficava o círculo de Freixo de Espada à Cinta vazio, viúvo...

— Homem — acudiu imediatamente o Dr. Vaz Correia, velho amigo da casa — parece-me que tenho exatamente o que lhe convém: o Alípio Abranhos!

Cardoso Torres não o conhecia pessoalmente. Vaz Correia, porém, demonstrou-lhe com abundância eloquente as vantagens da escolha: como família, Alípio era um Noronha; como ilustração

um premiado; como posição de fortuna, era genro do Amado; como experiência política, fora redator da *Bandeira*, formado na prudente escola do taciturno e profundo conselheiro Gama Torres; como maneiras — um fidalgo; como lealdade — um Baiardo!

E Cardoso, apontando-lhe imediatamente no livro de notas que trazia sempre consigo, o nome, a idade, a morada e os prémios, retomou a sua xícara de chá, dizendo:

— Pois mande-mo cá. Metemo-lo por Freixo!

As eleições realizaram-se daí a três semanas e o ministério teve uma maioria compacta, sólida, homogénea.

Os jornais da oposição, é certo, afirmaram que, como corrupções, tricas,

violências, peitas, influências obscenas, não só continuavam a tradição obsoleta dos Cabrais, mas ofereciam a evidência dolorosa da nossa decadência social!

O *Estandarte* dizia: «É imenso como torpeza; mas nós aplaudimos, porque um ministério que assim procede, inspira, *ipso facto*, um nojo genérico. Este governo não há de cair — porque não é um edifício. Tem que sair com benzina — porque é uma nódoa!»

O *Progresso Social* afirmava: «somos o escárnio da Europa!»

A *Nacionalidade* informava com chiste: «Está averiguado que a maior parte das umas tinham fundos falsos: nada admira o expediente, vindo de um ministério de pelotiqueiros» — aludindo maliciosamente ao ministro das Obras

Públicas, cuja perícia em fazer habilidades com cartas era geralmente estimada e muito apreciada na sociedade.

Mas o *Globo*, jornal do Governo, teve esta saída resplandecente: «O *Estandarte*, jornal dos Bexigosos, escreve no seu artigo de ontem: «O Governo não há de cair — porque não é um edifício. Tem que sair com benzina — porque é uma nódoa!» Este plagiato é torpe: aquela frase foi escrita por nós, *ipsis verbis*, no n.º 1214 deste jornal, na ocasião em que os *Bexigosos* elegeram a câmara passada».

Ambos os partidos se consideravam reciprocamente uma nódoa — e se queriam suprimir com benzina! Ah, quando se compenetrará a Imprensa da elevação do seu sacerdócio?

A única eleição que nunca foi vituperada nos jornais da oposição foi a de Freixo. Com efeito Alípio Abranhos, logo que soube da sua nomeação, prevendo os uivos da minoria, correu as redações, onde, do tempo da sua colaboração na *Bandeira*, conservava ligações afetuosas, e foi dizendo, aqui e além, com uma notável habilidade política:

— Vocês compreendem. Eu venho por Freixo. Venho pelo Governo... Mas eu não me liguei, não me comprometi. Estou na expectativa. Vocês compreendem...

Compreenderam, creio — e a *Nacionalidade* escreveu mesmo: «o melhor resultado destas eleições, foi mandar à Câmara o nosso antigo condiscípulo, o Exmo. Alípio Abranhos,

esposo da formosa filha do digno desembargador Amado, e que já nos bancos da Universidade era justamente reputado pelos seus dotes notáveis de orador.»

Eu conservo religiosamente a carta que Alípio Abranhos escreveu ao Dr. Cardoso Torres, agradecendo a sua eleição. Considero-a sinceramente um modelo epistolar; ela pode realmente sofrer comparação com todas as cartas históricas — sem excetuar a célebre carta do Dr. Samuel Johnson ao Conde de Chesterfield. Eis esse notável monumento de estilo:

Exmo. Sr.

Vindo expressar a V. Ex.ª o meu reconhecimento imorredouro

pela maneira espontânea como V. Ex.ª me abriu de par em par as portas da vida pública, eu não julgo necessário produzir bem alto a afirmação da minha profunda adesão ao Governo. O ministério a que V. Ex.ª preside representa o que há de mais elevado como inteligência, de mais completo como ciência de administração, de mais estrito como moral, e de mais genuíno como elemento conservador. Não há quase mérito em que um homem — que só deseja para o seu país instrução, administração proba, moral e ordem — dê o seu apoio incondicional e absoluto a quem tão alto garante a prosperidade pública.

Quero contudo expressar a V. Ex.ª a minha dedicação particular para com a pessoa de V. Ex.ª e rogar-lhe que me dê o mais depressa possível ocasião de publicamente lha patentear — não porque me pese esta honrosa dívida de gratidão, mas porque me consumo no desejo de dar publicamente um testemunho da minha admiração pelas altas qualidades políticas e individuais de V. Ex.ª.

De V. Ex.ª, etc.

ALÍPIO ABRANHOS.

Esta carta deu ocasião a que se estabelecesse nas regiões políticas um útil

e nobre princípio, que muito tem concorrido para manter perante o país o prestígio dos homens públicos.

Quando, três meses depois de a ter escrito, Alípio Abranhos passou para os bancos da oposição e pronunciou aquele notável discurso em que provou claramente ao país que o Governo Cardoso Torres não possuía nem inteligência, nem ciência, nem ordem, nem economia, nem moralidade, Cardoso Torres, num condenável impulso de vingança mesquinha, quis tornar pública a carta que eu respeitosamente citei.

Não havia decerto nada de desagradável para Alípio Abranhos na publicação dessa eloquente página de prosa, mas tal publicidade, autorizada por tal individualidade, equivalia a

desconhecer o salutar princípio do *segredo da correspondência privada*, em matéria política. Por isso, em defesa do princípio, Alípio Abranhos intimou Cardoso Torres a que não publicasse a sua carta.

As negociações foram longas e muito delicadas. Mas em presença da opinião de vários membros do Governo, de numerosos membros da maioria, de jornalistas e notabilidades de todos os credos políticos, ficou estabelecido que uma carta particular não sofria publicação; que tal regra, a desprezar-se, estabeleceria um pernicioso sistema de vinganças e de represálias; que, nesse caso, muitas cartas, que por motivos óbvios convinha guardar nas secretarias, apareceriam a público; e finalmente que

era do interesse de todos os partidos e indispensável à sua consideração pública, que nunca vissem a luz da publicidade documentos privados, isto em obediência àquela sábia regra política, tão pitorescamente formulada por Napoleão I: «é necessário que a roupa suja seja sempre lavada em família!»

***

Temos pois Alípio Abranhos deputado por Freixo de Espada à Cinta. A sua surpresa, ao ver-se subitamente e inesperadamente instalado numa cadeira em S. Bento, foi na realidade deliciosa.

Decerto, contava entrar um dia na vida pública, onde logicamente o chamavam o seu talento e os seus estudos,

mas não esperava que fosse tão cedo, apenas chegado da quinta de Campolide e das pieguices da lua de mel. Podia pois dizer com orgulho que não fora a intriga, a corrupção, a pressão que lhe davam a posse daquele círculo, que se tinha aberto de par em par ao seu talento dominador. Ele, de facto, conhecia tão pouco Freixo de Espada à Cinta, que lhe sucedeu dizer no agradecimento que dirigiu aos seus eleitores: «Um dia, meus amigos, irei visitar a vossa bela província do *Minho*, que eu apenas conheço incompletamente e espero então, ó! freixenses, apertar a vossa mão honrada de verdadeiros liberais e de verdadeiros portugueses!» Ora é bem sabido que Freixo de Espada à Cinta não é no Minho: é em Trás-os-Montes.

Porém, este natural equívoco — de que ele mesmo mais tarde se ria com bonomia — é a prova mais decisiva de que Alípio Abranhos foi eleito deputado, não por ter «intrigado» num círculo, mas pela simples evidência do seu formoso talento.

De resto, apenas abertas as Câmaras, tendo-se informado com cuidado dos nomes das pessoas influentes de Freixo de Espada à Cinta, a todas escreveu, oferecendo a sua influência, os serviços da sua eloquência e a sua casa.

E foi infatigável: cartas de empenho, recomendações para examinadores, Cruzes de Cristo, empregos subalternos, licenças para visitar Monserrate, tudo deu prodigamente, espontaneamente aos

freixenses. Nenhuma solicitação vinda de Freixo era descuidada. Mesmo um jovem poeta, filho de um influente, que viera implorar a sua proteção teve o orgulho de ver o seu drama — *Vingança de um Rival* — representado em D. Maria, ainda que sofreu no fim o desgosto de uma pateada memorável. Alípio, porém, consolou-o, empregando-o imediatamente na repartição das *Contribuições Indiretas*.

No primeiro ano em que eu exerci as funções de seu secretário particular, muitas vezes notei, à mesa, ou à noite na sala, indivíduos silenciosos que se sentavam com timidez na borda das cadeiras, se levantavam sempre que o Conde lhes passava rente, e tinham nas fisionomias e nos fraques o quer que fosse de insólito: eram freixenses que vinham à

Capital e ali encontravam uma hospitalidade henévola, e que, de volta à sua montanha, celebravam o poder do deputado e a sua grande afabilidade. Naturalmente, logo que o Conde foi nomeado Par do Reino, esta benevolência sistemática findou, e ele, segundo a sua engraçada expressão, «livrou-se para sempre daquela horda de carrapatos!»

Como já disse, a sua nomeação causou a Alípio Abranhos uma viva alegria. Mais tarde, a condessa contou-me que, poucos dias depois da eleição, o surpreendera, uma manhã, diante do espelho, vestido com a sua farda de deputado e exclamando:

— Peço a palavra, Sr. Presidente! Ordem! Ordem! Apoiado! Não seremos nós que desertaremos a bandeira do

progresso!...

A Sr.ª Condessa, na sua simplicidade de mulher, ria deste incidente. Mas a mim comoveu-me e fez-me pensar em Demóstenes, ensaiando, junto do mar, as suas apóstrofes sublimes aos tiranos.

Toda a família, de resto, gozava prodigiosamente este triunfo inesperado. Sua tia mesmo escreveu-lhe uma longa carta — que tenho diante de mim — em que a sua ternura divagava nos ziguezagues, da grossa letra de ganchos. Pedia-lhe que nunca se esquecesse de que a ela devia «a grande posição que tinha» e prometia visitá-lo com seu marido, «não só para ver as belezas da Capital, mas para te admirar agora que estás no poleiro!» Até D. Laura, tão desinteressada

das coisas da terra, lia o extrato das sessões nos jornais, gozando de ver impresso o nome do genro, e o padre Augusto, apesar da sua habitual pacatez, ia agora todas as noites ao Martinho, para surpreender, no *brouha-ha* das conversas, os elogios dados a Alípio Abranhos. D. Virgínia, essa frequentava assiduamente a galeria da Câmara, até ao dia em que o estado adiantado da sua gravidez não lhe permitiu, como ela dizia, «mostrar-se decentemente em público».

Contudo, Alípio conservava na Câmara um silêncio discreto. Eu poderia dizer, parafraseando um dito histórico, que não estava embatucado, mas sim concentrado. No entanto, preparava-se: ia-se penetrando dos hábitos parlamentares, estudava o regulamento, o

mecanismo legislativo, as tricas; por assim dizer, aguçava devagar e com prudência as finas lâminas do espírito loquaz. Formava então a sua biblioteca de homem de Estado: munira-se dos discursos de Mirabeau, de Berryer, de Lamartine, de Guizot; adquiriu o útil dicionário de conversação; estudou aturadamente as instituições da Bélgica; mas, sobretudo, frequentava, escutava os velhos parlamentares, os venerandos práticos da política constitucional. Como Aquiles, recolhido na sua tenda, Alípio Abranhos forjava as suas armas para a batalha.

A sua estreia, isto é, a primeira palavra que soltou na Câmara, foi singularmente admirada. Não foi propriamente um discurso: apenas um

curto *aparte*. Mas, como num gole de água se contém um mundo de organismos, num aparte pode existir toda uma revolução.

Temos um exemplo clássico, desta verdade política, na sessão da Convenção que precedeu a queda de Robespierre: o sinistro e seco ditador, na tribuna, sente de repente a voz perturbar-se, sumir-se-lhe...

— É o sangue de Danton que te sufoca! — grita-lhe Lemaillet.

O estremecimento, o grito de apoio que corre nas galerias a esta lúgubre apóstrofe, prova que Robespierre está bem abandonado pela França, que chegou enfim o glorioso 9 Termidor!

O aparte do nosso Alípio não teve decerto esta ênfase trágica, porque não se tratava, felizmente, de abater um tirano.

Era simplesmente a discussão da resposta ao discurso da Coroa: falava o obeso Sr. Gomes Barreto, da minoria, afeto aos *Bexigosos*, que, o rosto incandescente, o punho alto, atacava o Ministério Cardoso Torres em períodos brutais.

— Quem sois? Para onde ides? — exclamava ele. — O que representais vós no país? Onde estão as vossas medidas, os vossos benefícios? Ninguém vos conhece! Éreis uma minoria obscura e intrigante *(ordem! ordem)*. Intrigante, Sr. Presidente, uma minoria intrigante e tortuosa! De repente, vejo-vos aí, nessas cadeiras amadas do poder... Tenho o direito de vos perguntar: como vos chamais, que fazeis aí? Como entrasteis vós para aqui? Vós sois o ministério que entrou para o poder com uma gazua!

Mas nesse momento Alípio ergue-se e brada:

— E vós sois o ministério que se sumiu daqui por um alçapão!

— Então, a esta rancorosa alusão ao modo como o gabinete dos *Bexigosos* tinha desaparecido do poder, à maneira da corveta *Saragoça*, uma enorme hilaridade sacode as ilhargas da Câmara, das galerias, dos estenógrafos... uma hilaridade imensa, como aquela que o velho Homero põe na boca dos Deuses e que fazia tremer as colunas de cristal do Olimpo. Bravos roucos saem impetuosamente das galerias negrejantes de gente. E o presidente, o honrado Dr. Antão Carneiro, escarlate de jovialidade contida, fungando pelo nariz frouxos de riso mal comprimidos, repica

furiosamente a campainha...

— São os do alçapão! São os do alçapão! — ruge com júbilo a maioria.

As lunetas de Gomes Barreto caíram; bagas de suor cobrem-lhe a testa cor de cidra, e, aniquilado, engolindo ainda alguns períodos confusos, rola da tribuna com a inércia de uma pedra desequilibrada!

Todos os jornais, na manhã seguinte, citavam o *dito*, e Alípio Abranhos entrou na popularidade.

Gozou ele este triunfo? Não. Muitas vezes mo disse mais tarde: aquele dito saíra-lhe da boca inesperadamente, involuntariamente, como um ataque de tosse, como um arroto! Não o pudera conter. O que ele estava preparando, desde o começo do discurso de Gomes

Barreto, era esta bela frase: «Nós chamamo-nos o *Progresso* e vamos para a *Liberdade!*» E infelizmente saíra-lhe este dito, pitoresco sim, mas baixamente popular.

Alípio Abranhos teve assim o desgosto de passar durante algum tempo por «um grande chalaceador».

As orelhas abrasaram-se-lhe de vergonha quando, nessa noite, o padre Augusto lhe veio dizer que no Martinho era voz geral que «para chalaça não havia outro!»

Quisera estrear-se, mostrando a profundeza de um filósofo, e faziam-lhe a reputação de um folhetinista... Teve rancor ao seu *aparte*. Negá-lo era impossível: lá vinha ao outro dia no *Diário das Câmaras*, com esta indicação

do movimento *(imensa hilaridade)*.

Teve então de sofrer um martírio mudo, grotesco, de receber parabéns por uma façanha que o vexava. O Cardoso Torres dissera-lhe:

— É disso que se quer! É disso que se quer! Vejo que o amigo é homem de pilhéria. É matá-los com dichotes!...

Que agonia! E pior ainda foi quando sua tia lhe escreveu, dizendo que em Amarante, em casa das Neves e das Cunhas, «se tinha falado muito da pilhéria que ele dissera na Câmara, que fizera rir toda Lisboa» e que a opinião de todos era que devia ser muito temido, «por causa das chalaças que soltava». Isto era odioso para um espírito elevado como o de Alípio Abranhos.

Então a sua atitude tornou-se

cautelosa. Para destruir aquela falsa, grotesca fama de «chalaceador», assombreou, sublinhou a sua natural seriedade. Tomou bem patente que aquele *dito* era, nos seus lábios intelectuais, uma estravagância isolada. Conversava com prudência, evitando tudo o que pudesse ser tomado como «gracejo», «saída» ou «pilhéria». A sua atitude na Câmara era como a afirmação exterior da gravidade dos seus pensamentos: conservava-se ereto, com os braços cruzados, a testa franzida, pensativo. E um dia que Cardoso Torres lhe disse:

— O amigo recolheu-se ao silêncio. Atire-lhes outro epigrama, homem! Não os deixe... espicace-os!...

Alípio respondeu, despeitado:

— Quando eu combater a

oposição, Sr. Cardoso Torres, há de ser com a lógica — não com a pilhéria!

— Pois sim, mas olhe que o ridículo é uma grande arma.

— Não a sei manejar, Sr. Cardoso Torres.

— Histórias!... O amigo tem graça... É utilizá-la.

Alípio Abranhos tomou rancor a este cavalheiro, e eu posso mesmo, com afoiteza, datar desta entrevista a sua resolução de se separar do Ministério Cardoso Torres.

Entretanto ele compreendia que a maneira eficaz e digna de mostrar à Câmara e ao país a verdadeira feição do seu talento sério, era pronunciar um grande discurso de eloquência grave: preparou-se então com fervor para a sua

verdadeira *estreia*.

Os projetos pueris nesse momento em discussão, não lhe davam a oportunidade de fazer uma oração elevada. Eram medidas subalternas — estradas, um projeto de caminho de ferro, legislação para as colónias — uma série de trabalhos monótonos, em que se comprazia o espírito mesquinhamente prático de Cardoso Torres, e que a maioria votava, distraída, desinteressada, perante as galerias vazias.

Esperava-se, porém, uma *Reforma da Instrução*, e Alípio Abranhos decidiu fazer nessa ocasião a sua «estreia de estadista».

A composição deste discurso célebre foi feita no meio de preocupações graves de família. Chegava março e com

ele o nono mês de gravidez de D. Virgínia Abranhos. D. Laura instalara-se em casa do genro para se achar mais perto da filha no momento do transe. Uma bela moça de Campolide, a futura ama, já estava em casa, e toda a noite ardiam lamparinas propiciatórias junto de santos especiais.

Entretanto, no seu escritório, Alípio Abranhos, cercado de autores, compunha o seu discurso.

A condessa, mais tarde, muitas vezes me confessou quanto a afetava, no meio dos seus terrores — pois estava certa de que morreria — ver de repente, às onze horas, à meia-noite, o marido entrar-lhe pelo quarto, de chinelos e *robe-de-chambre*, o olhar brilhante, e ler-lhe algum período magnífico que acabava de produzir. Com a roupa sobre o queixo, a

face um pouco inchada, que lhe repuxava a pele em torno dos olhos, escutava, olhando a somara grotesca, de grande nariz, que o perfil de Alípio projetava sobre a parede, e aterrava-se pensando que o menino — ou a menina — pudesse nascer com aquele nariz descomunal, fora de toda a proporção, de tromba, medonho!

Enfim o dia chegou. Nessa manhã D. Virgínia tinha sentido de madrugada algumas dores, e isto causou entre D. Laura e Alípio uma pequena altercação ao almoço. A velha devota não compreendia que Alípio Abranhos fosse à Câmara nesse dia, quando sua mulher estava numa crise tão grave e na proximidade de um perigo possível.

— Mas, minha senhora, eu estou inscrito para falar...

— Não há falas nem discursos! O seu dever é estar aqui, a animar a pequena... O seu lugar hoje é em casa! Primeiro que tudo estão os deveres que tem para com sua mulher.

Alípio Abranhos aniquilou-a com esta nobre frase:

— Se tenho grandes deveres para com a minha mulher, não os tenho menores para com o meu país.

E para terminar o incidente, acrescentou para o criado:

— José, vá-me buscar uma tipoia. Fechada!

Tomara, logo ao erguer-se, duas gemadas para clarear a voz, fortificá-la, e queria evitar o frio dessa áspera manhã de março. O tempo, com efeito, inquietava-o: havia um sudoeste brusco no ar enevoado,

e ele receava que a chuva afastasse o público da galeria.

Choveu, infelizmente, a torrentes; e Alípio teve o desgosto de ver, ao chegar a S. Bento, que não só a Câmara era menos numerosa do que habitualmente, mas que os bancos das galerias estavam quase desertos.

Os deputados que tinham vindo a pé traziam as botas encharcadas e os joelhos húmidos passeavam nos corredores; ruidosamente a chuva fustigava a claraboia. E Alípio não pôde deixar de pensar com despeito, que havia da parte de Deus uma certa ingratidão, fazendo tão chuvosa essa manhã memorável, em que ele vinha à Câmara defender o sagrado princípio da educação religiosa.

— Tem a palavra o Sr. Alípio Abranhos — disse enfim, na sua voz um pouco fanhosa, o presidente, Dr. Antão Carneiro.

Muitas vezes o Conde me confessou que sentiu nesse momento uma agonia: o estômago contraía-se-lhe, e receou um momento que uma súbita dor de ventre o obrigasse a correr à latrina — situação medonha — ou que, de repente, se lhe varresse da memória todo o discurso, que, havia três noites, declamava sucessivamente no silêncio do seu escritório.

Felizmente para o país, nem a memória nem a entranha o traíram... e Alípio Abranhos, nessa fria manhã de março, fez o primeiro discurso da sua fecunda e grandiosa carreira política.

Este discurso é bem conhecido. Alguns dos seus melhores trechos estão transcritos na *Seleta* para uso dos alunos do 3.º ano de Português.

O Conde conservou sempre por este primeiro trabalho uma predileção parcial. Ele é, com efeito, apesar do liberalismo exagerado que o carateriza — e que mais tarde a experiência, o poder, os anos, o conhecimento dos homens devia tão cabalmente diminuir — a obra literariamente mais bem trabalhada do Conde.

Esse exagero liberal, é, porém, facilmente explicável. Não só, então, ainda moço, o seu espírito, apesar de grave e refletido, era suscetível de um certo entusiasmo, mas também o discurso, composto sob a influência de recentes

leituras de Mirabeau e de Lamartine, tomara naturalmente a ampla retórica liberal que domina as orações desses mestres. Esse excessivo espírito de liberalismo pode-se dizer que é puramente reflexivo: assemelhando-se tanto à eloquência desses inspiradores, o discurso conservou alguma coisa das suas doutrinas. Que é, porém, genuinamente de Alípio Abranhos, atestam-no o estilo, o colorido, o período.

Quem não conhece essa formosa imagem sobre o envenenamento das fontes públicas, comparado ao envenenamento das nascentes do espírito? Que formoso quadro aquele em que descreve o «sombrio vulto de Filipe II» no Escorial! Com que vigor pinta a poesia dos tempos cavalheirescos da Meia Idade! Que

página aquela em que descreve a invasão dos Bárbaros e «o cavalo de Atila que, onde pousa a pata, faz secar a erva dos prados!» Que sublime apóstrofe arremessada a Tibério! Que traços de um pitoresco histórico nessa imagem sobre o «sombrio jesuíta, aqui metendo na mão de Ravaillac o punhal regicida, além aperrando a clavina que há de fazer em estilhaços os vidros do coche de D. José I, depois vertendo na taça de vinho de Chipre que o Papa Clemente leva aos lábios, o veneno negro dos Bórgias!» Que períodos repassados de lágrimas sobre o cadafalso de Luís XVI! Que grande épica, descrevendo, através da Europa «o galope triunfante do cavalo branco de Napoleão!»

Poderia dizer-se que tudo isto nem

sempre vinha a propósito; poderia dizer-se mesmo, como o conhecido litigante ao advogado loquaz: «Não se trata de Roma, de Cartago, nem da destruição de Babilónia: trata-se do meu sobrinho. Fale do meu sobrinho!» Mas a isto dever-se-ia responder: «Então reclamai para sempre a supressão da Poesia, da Eloquência e do Génio!»

Cada uma destas grandes imagens, destinadas a enriquecer o pecúlio nacional da oratória clássica, era seguida de um estalar entusiasta de «bravos!», de «sublimes!» A voz, muito admirada, tinha uma plenitude metálica e sonora e ia, nas suas ondulações vibrantes, como ondas triunfantes que banham os rochedos da praia, bater os renques de peitos dilatados e extáticos. O gesto foi considerado

perfeito, ainda que as frequentes punhadas no rebordo da tribuna, dando um som oco de pau, pareceram demasiadamente impetuosas.

E Alípio, que subira à tribuna «simples Alípio Abranhos» — era, quando desceu, «o nosso inspirador Alípio Abranhos!»

Muitas vezes este adjetivo, ou outros paralelos — «o nosso espirituoso, o nosso fértil» — são todo o proveito de uma vida de labor e de produção. Quantos dão tudo o que contém o cérebro, até à última gota, ficando depois, para sempre, com o aspeto grotesco e triste de um limão espremido — cuja recompensa é, ao fim de tanto esforço doloroso, uma sinecurazinha numa repartição do Estado e um adjetivo adiante do nome!

Mas, para Alípio Abranhos, a recompensa não se limitou a um adjetivo, e esse discurso foi o começo da sua prodigiosa carreira.

Ao entrar em casa, ainda vibrante das emoções da Câmara, esperava-o outra alegria, mais grave, mais íntima: era pai! Era pai desde as três horas da tarde! Foi sua sogra que lho veio anunciar ao alto da escada, num grito:

— E o senhor até a estas horas por fora! Está tudo acabado! É um menino! E com a maior felicidade!... É um menino! O seu vivo retrato!

Não descreverei a cena tocante e doce que se passou no quarto da parturiente, porque a ela não assisti. Não quero, como esses biógrafos de antigos reis e estadistas, que descrevem os gestos

e as palavras de cenas passadas em outros séculos, introduzir o elemento imaginativo, o romance, neste trabalho histórico. Mas todos nós podemos conceber a emoção desse pai, saído apenas de um triunfo social para vir gozar inesperadamente um triunfo doméstico, no mesmo dia orador consagrado e pai venturoso.

Dizem-me que Alípio Abranhos, acabrunhado de uma felicidade muito forte, se deixou cair numa poltrona com os olhos banhados de lágrimas, o filho nos braços, envolto nas suas faixas brancas, e murmurou:

— Isto é um dia histórico... — isto é um dia histórico!

Passou-se então dos dois lados da cama — onde D. Virgínia, branca como as

rendas da fronha, sorria de um vago sorriso exausto — uma tocante troca de impressões exaltadas. Alípio contava o seu discurso e D. Laura o parto.

— A Câmara ergueu-se como um só homem, e eram bravos, eram berros!

— As primeiras dores foram terríveis, não é verdade filha? Estava agarrada ao meu braço, que até tenho a certeza que me deixou uma nódoa negra.

— Coitadinha! Mas o melhor foi quando eu desci; os apertos de mão, os abraços...

— Abraços merece ela, que se portou com muita coragem! E a criança, que saiu como por uma porta aberta...

Ao canto do quarto, o novo ser, tenra vergôntea da casa dos Noronhas, indo dos braços da parteira para os

braços da ama, chorava baixinho, com um som de boneca a que se aperta o estômago, nas suas primeiras contrariedades humanas.

Nesse mesmo dia, «em atenção à coincidência do seu nascimento e do triunfo do papá», como disse o padre Augusto, foi decidido que o menino se chamasse Carlos Benvindo.

***

Durante o período legislativo desse ano, Alípio Abranhos fez ainda dois discursos, um, sobre política colonial, outro, sobre o projeto do Caminho de Ferro de Leste. Este último é sobremodo eloquente: poder-se-ia chamar a *Ode ao Caminho de Ferro*.

Nunca o utilitário modo de comunicação foi descrito com tal colorido, com tal vigor de imaginação: «Vede-lo — exclama o orador — esse monstro de ferro, soltando das narinas turbilhões de fumo, semelhante ao Leviatão da fábula! *(Bravo! Bravo!)* Vede-lo, atravessando como um relâmpago os mais áridos terrenos: e que maravilhoso espetáculo se nos oferece então: ao contrário do cavalo de Atila, cuja pata fazia secar a erva dos prados, por onde passa este novo cavalo de fogo *(bravo! bravo!)* brotam as searas, cobrem-se as colinas de vinha, *(muito bem! muito bem!)* penduram-se os rebanhos nas encostas verdejantes dos montes, murmuram os ribeiros nas azinhagas, ondulam as searas *(muito*

bem!) e o jovial lavrador lá vai, satisfeito e alegre, cantando as deliciosas canções do campo, junto à esposa fiel, coroada das mimosas flores dos prados!» *(Bravo! Bravo! Sensação!).*

Encerradas as sessões, Alípio Abranhos, sua esposa e o tenro Benvindo partiram para Campolide, onde iam passar o verão.

Foram três meses de concentração, de íntima felicidade. Tinham passado ali, havia um ano, a sua lua de mel, e a sombra de cada árvore, cada moita de flores, possuíam para eles o valor de uma recordação deliciosa: a quinta tornara-se-lhes como uma vasta confidente simpática; era com orgulho que lhe levavam o tenro Bibi, rabujando nos braços da ama, como o fruto vivo do amor que ela protegera.

Mas nem por isso Alípio Abranhos ficou inativo. Trabalhou muito e ali escreveu trechos, imagens, perorações de-futuros discursos. Foi ali também que ele tomou, passeando à tarde na bela alameda de loureiros, como costumava, devagar, com as mãos atrás das costas, a resolução importante que devia ter na sua carreira uma influência tão grave.

O Ministério Cardoso Torres, ao fim da última sessão parlamentar, estava *gasto*. Esta expressão a que eu chamaria, se me não contivesse o respeito, a «gíria constitucional», refere-se a um fenómeno venerável e repetido, que eu nunca compreendi bem, apesar das explicações benévolas que me foram dadas por conservadores, republicanos e céticos.

Há ministérios *que se gastam*. E

todavia, esses ministérios, como os outros, administram o tesouro com honestidade, fazem o expediente das secretarias com suficiente regularidade, mantêm no país uma ordem benéfica, não oprimem nem a imprensa nem a consciência, são respeitosos para com o Chefe de Estado, acompanham com dignidade, ao Alto de S. João, todos os defuntos ilustres, falam nas Câmaras com honrosa correção, são na vida privada cidadãos estimáveis, e no entanto — ao fim de alguns meses desta rotina honesta, pacata e higiénica — *gastam-se*.

Gastam-se porquê? Compreende-se que um ministério que luta com dificuldades, que se coloca ao través da opinião pública, *se gaste*, como ao través de um frágil estacado que uma corrente

hostil incessantemente bate. Compreende-se ainda que um governo criado especialmente para resolver certas questões sociais ou políticas, se torne desnecessário, desde que as tenha resolvido, e fique como o zangão que fecundou a abelha e é daí em diante um inútil.

Mas quando se não dá nenhuma destas hipóteses, quando os ministros não foram trazidos do seio da sua família para resolver questões sociais, — ou porque as não haja, ou porque seja um princípio tacitamente estabelecido deixá-las sem resolução — quando, em lugar de se esforçarem contra a larga corrente da opinião, os ministros lhe boiam regaladamente no dorso, não compreendo como um ministério se possa *gastar*.

Um dia pedi respeitosamente ao Conde de Abranhos a explicação da palavra e do fenómeno, e S. Ex.ª, o que raras vezes sucedia, deu uma resposta vaga, tortuosa, reticente:

— É uma coisa que se sente no ar. É um não sei quê... Sente-se que a situação está gasta...

Não me permitiu o respeito que insistisse, mas, no fundo do meu entendimento, guardo um secreto terror por este fenómeno incompreensível!

O Ministério Cardoso Torres estava portanto *gasto*. Calculava-se que ele pudesse talvez sobreviver durante grande parte da próxima sessão, mas, para o fim de abril, devia desaparecer subitamente, como tinham desaparecido os *Bexigosos* e a corveta *Saragoça!*

O *Partido Nacional* retomaria então o poder, e Alípio Abranhos que, agora, era Governo, Influência, Força, Lei, passaria a ser o deputado loquaz de uma oposição estéril, pois que ninguém acreditava que os *Reformadores* — a que pertencia Cardoso Torres — tendo subido ao poder por um *acaso*, vissem esse *acaso* repetir-se. Os *Reformadores* eram pois, na frase clássica, «um partido sem futuro». O próximo ministério *Nacional* havia de colar-se às cadeiras do poder durante anos. E poderia, durante anos, Alípio Abranhos ver as suas faculdades, o seu génio, gastarem-se na retórica hostil e rancorosa da oposição?

Além disso o seu círculo de Freixo não era ainda um círculo certo. Durante esses curtos meses de sessão,

Alípio não tivera tempo de prender definitivamente, pela gratidão, pelo interesse, pela lisonja, pelos serviços prestados, os influentes de Freixo. Se os *Nacionais* dissolvessem a Câmara, quem sabe se Alípio Abranhos não se veria empurrado involuntariamente para as doçuras da vida íntima, fazendo biribi no beicinho do Bibi, sob as sombras de Campolide, enquanto outros, sem a sua eloquência nem os seus estudos, trotariam para Belém, repoltreando-se nas almofadas do poder?

Decerto tinha deveres para com Cardoso Torres: fora ele que o nomeara deputado, que lhe abrira as portas da vida pública, que o fizera... Mas, por outro lado, tinha deveres maiores para consigo mesmo, para com a sua carreira, o seu

nome, e, sobretudo, para com o tenro Bibi. Não devia ele tornar-se grande no seu país, para um dia poder apoiar a carreira do Bibi? Tinha ainda deveres para com Virgínia, a quem pesava a obscuridade social, e que, como uma verdadeira portuguesa, ansiava fazer a sua grande mesura de corte diante de SS. MM. Tinha enfim deveres para com o país, ao qual não podia negar os serviços do seu alto entendimento!

Estas considerações pesou-as bem Alípio Abranhos, nessas horas da tarde em que passeava solitário na alameda de loureiros; e quando em princípios de novembro voltou para Lisboa, tinha decidido, no segredo da sua alma, passar-se com as suas armas de eloquência e a sua bagagem de saber para o campo do

inimigo. Ia fazer-se oposição!

Esta resolução não a revelou a ninguém, — nem à sua esposa — mas durante meses preparou o grande discurso em que explicaria, como ele disse, «as razões de Estado que me fazem passar destas bancadas estéreis (e designava a maioria) para aqueles bancos fecundos!» (e mostrava a oposição).

Muitas vezes este grande ato político foi chamado uma «indecente traição». Nada mais absurdo. Pergunto eu: que é trair? É abandonar os ideais que se serviram, e passar, sem razão, para o serviço de ideais opostos que até aí se combatiam! Isto é normalmente, materialmente, uma *traição*.

Mas havia entre os *Reformadores* e os *Nacionais* ideais opostos?

Abandonava Alípio Abranhos ideias queridas, para ir, por interesses grosseiros, defender ideias detestadas? Não.

As ideias que servia entre os *Reformadores* ia servi-las entre os *Nacionais*.

Em Religião, que eram os *Reformadores?* Católicos, Apostólicos, Romanos. E os *Nacionais?* Idem.

Em Política, o que eram os *Reformadores?* Conservadores constitucionais. E os *Nacionais?* Idem.

Não tinham ambos o mesmo amor pela dinastia? — O mesmo.

Não eram ambos sustentáculos dedicados da propriedade? — dedicadíssimos.

Não desejavam ambos a estrita

aplicação da *Constituição, só da Constituição, de toda a Constituição?* — Desejavam-na ambos, ardentemente.

Não eram ambos *centralizadores?* Eram.

Não estavam ambos firmes na manutenção de um exército permanente? Firmíssimos, ambos.

Não tinham ambos um nobre rancor aos princípios revolucionários? Um rancor nobilíssimo.

E em questões de Instrução, de Imprensa, de Polícia, não tinham ambos as mesmas ótimas ideias? Absolutamente as mesmas.

Não eram ambos patriotas? Fanaticamente!

Então? — Pode-se dizer que Alípio Abranhos, indo dos *Reformadores*

para os *Nacionais*, traía as suas ideias? Não! Certamente não!

Mas dir-se-á, traiu o seu amigo Cardoso Torres.

Distingamos: Em Cardoso Torres há o homem e o político. Trair o homem, seria, por exemplo, (ainda que tal suposição me faz tremer de horror) pôr mão libidinosa no seio respeitável de D. Josefa Cardoso Torres. Alípio Abranhos fê-lo?

O vosso silêncio grave é a melhor resposta!

Mas traiu o político, direis: que é um político? É um ser que simboliza um complexo de ideias: só se pode traí-lo, traindo as ideias que ele representa. Ora eu provei suficientemente que Alípio Abranhos não traiu — nem em Religião,

nem em Moral, nem em Economia Política, nem em Administração, nem em Pedagogia — as ideias representadas pelo Exmo. Cardoso Torres.

Onde está pois a traição? Dizei-o. Ah! esses olhares no chão, essa expressão consternada, provam sobejamente que nada tendes a responder aos meus argumentos impecáveis!

Passou pois para a oposição o nosso grande Alípio, e com que prodigiosa impressão esse passo foi recebido no país, di-lo a História Constitucional.

Foi no discurso de resposta ao Discurso da Coroa que se viu Alípio Abranhos subir à tribuna, e com palavras comovidas, dizer que a sua consciência, os seus princípios, o seu patriotismo,

forçavam-no a separar-se de amigos «cujo estandarte segui» — exclamava — «enquanto julguei que eles levavam o País à conquista do Progresso — mas de quem me separo com dor, ainda que com firmeza, no dia em que vejo que eles impelem a minha Pátria — esta Pátria que eu amo mais do que amei minha mãe — para os abismos e para a ruína!» *(Bravo! Bravo!)*

Com um grande tato político, Alípio Abranhos nunca disse claramente, nesse discurso magistral, os factos que lhe provavam que o Exmo. Cardoso Torres fosse arrastando Portugal aos Abismos; mas os apoiados unânimes, os bravos frenéticos da oposição, mostravam-lhe que, ainda que ele, por respeito aos seus antigos camaradas, calasse esses factos, a

oposição os compreendia absolutamente.

Assim, que grande ovação quando Alípio Abranhos traçou o inspirado quadro do estado do País sob a administração Cardoso Torres: «Olhai em redor, e vede este formoso torrão de Portugal, que vós jurastes, nas mãos de El-Rei defender e fazer prosperar; olhai e dizei-me se sois dignos de estar nesses bancos uma hora mais: por toda a parte o esbanjamento da fazenda pública, por toda a parte o patrocinato primando o mérito; a escola, essa fonte pública, seca de instrução; as férteis campinas, desoladas; as estradas que prometestes, cobertas dos pedregulhos e das lamas da incúria; as cadeias, esses depósitos do mal, transbordando; e o pobre camponês, que sucumbe ao peso dos impostos, regando

com lágrimas o grão escasso que lhe dá um solo desolado!» *(Bravo! Bravo!)*. E os ministros, nos seus bancos, com os braços frouxos, a cabeça pendente, sentindo retumbar-lhes aos ouvidos aquela voz, igual a outra que na Antiguidade, do fundo dos ares apostrofara Caim, pareciam contemplar, aterrados, a visão pavorosa da Pátria arruinada!

A sensação foi prodigiosa.

Nessa noite, quando, deitado no seu sofá, exausto do seu grande feito oratório, Alípio se reconfortava na placidez do chá doméstico, recebeu uma carta do conselheiro Guedes Navarro, chefe da oposição *Nacional*, em que lhe dizia, depois de outras considerações:

«Como discurso, poucos conheço iguais em Mirabeau ou em Lamartine. É

para o partido *Nacional* uma honra, não só ter recebido nas suas fileiras um homem do seu valor, mas ter dado ocasião a que pronunciasse um discurso de tal elevação. Já não é somente para cumprir o nosso pacto, que lhe será guardada uma pasta na formação de um ministério *Nacional*. Essa pasta não é, daqui em diante, a recompensa da sua adesão: é uma necessidade de existência para o partido *Nacional* que terá em V. Ex.ª, de futuro, o seu Mirabeau conservador.»

De onde se deduz, de resto, que Alípio Abranhos, com um grande alcance político e uma profunda experiência dos homens, não dera aquele passo sem primeiro ter garantidos todos os meios de penetrar no poder, e prestar ao País aqueles altos serviços que lhe estava

preparando o seu génio político.

O desespero do Governo e da maioria teve um raro caráter de alucinação. Alípio Abranhos passou a ser o *infame*, o *canalha*. Nessa noite toda a sua vida foi explorada, rebuscada como uma velha algibeira, na esperança de se encontrar algum escândalo esquecido. Disse-se que fora amante da velha *Madame* Gato, que tinha um prostíbulo no Arco do Bandeira; espalhou-se que era filho de um sapateiro de Penafiel, muitas vezes condenado por ladrão; afirmou-se que vivia em desavenças contínuas com sua mulher e que os vizinhos ouviam de noite os gritos das lutas conjugais; contou-se que o velho Dr. Vaz Correia lhe dera pontapés no escritório, por o ter encontrado a falsificar um documento;

murmurou-se que era dado em Coimbra a deboches contra a natureza.

Dos artigos dos jornais nem falarei, para não concorrer a desacreditar mais ainda, perante o público, uma instituição a que implicitamente pertenço.

Sentia-se que a sessão seguinte seria, na frase consagrada, «tempestuosa». Com efeito, as galerias transbordavam de gente: todos os amigos que outrora pertenciam às *soirées* do desembargador Amado, e que agora, começavam a frequentar a casa dos Abranhos, lá estavam. Esperava-se que em presença das recriminações, que não podiam deixar de se produzir da parte da maioria indignada, Alípio Abranhos pronunciaria outro discurso, no qual o orador se mostrasse, na frase que ouvi a não sei que

personagem: «Demóstenes multiplicado por três!»

Lá estava o coronel Serrão, que idolatrava Alípio, descarregando olhadelas ferozes como cutiladas sobre os «cachorros da maioria!» Lá estava o conselheiro Andrade, que acompanhava D. Virgínia e a bela Fradinho; lá estava o sobrinho da pobre D. Joana Carneiro, em bicos de pés, na última bancada, e à frente, mais sombrio, mais meditativo, o *Doutor*.

Antes da ordem do dia, um deputado de estatura hercúlea e de voz de roncão, pediu a palavra. Era o famoso Gorjão, e a sua presença na tribuna, onde ele subiu, se plantou, fazendo reluzir sob as sobrancelhas espessas um olhar coruscante, revelou suficientemente o

plano infame da maioria. Eu classifico este plano com uma palavra: tentativa de assassinato.

O famoso Gorjão representava no partido dos *Reformadores*, a que ele de resto sempre pertenceu, o papel que desempenhava nas redações dos jornais parisienses da Restauração o espadachim, tão poderosamente descrito por Balzac. O espadachim era ordinariamente um antigo oficial da Guarda Imperial, que a Restauração reformara, e que, levado à miséria pelo absinto, o tabaco e as fêmeas, alugava a força do seu pulso e a sua destreza à espada a algum jornal de combate. De olho avinhado, voz catarrosa, bigode erriçado, grande casaco debruado de astracã abotoado até ao pescoço, cabelo à escovinha, chapéu ao

lado, este personagem temeroso passava o seu dia na antessala de uma redação, queimando o cachimbo de espuma, repastando-se nos jornais de histórias de crimes e de roubos, e esperando que pessoas ofendidas subissem as escadas, a pedir a explicação de um artigo muito insultante ou de uma calúnia muito direta. E se algum desgraçado aparecia, o feroz indivíduo erguia a sua enorme estatura, escarrava grosso no chão, e perguntava com voz agressiva e o olho raiado de sangue:

— As suas armas? Os seus padrinhos? Às ordens!

E, ou o ofendido recuava diante da medonha aparição deste cão de fila — ou, ao outro dia, recebia, através de uma entranha essencial, a lâmina infalível da

sua espada.

Gorjão era, entre os *Reformadores*, o espadachim do partido. Ele foi, durante vinte anos, neste país, o *papão!* A sua barba negra era feroz, e quando descia o Chiado com o chapéu sobre o olho, fazendo sibilar a bengala, um terror invencível contraía o coração dos cidadãos... A sua biografia, desde Coimbra, era uma lenda pavorosa de cabeças partidas, queixos esmigalhados, tremendos heroísmos de pulso. Quando entrava num café, toda a gente se curvava palidamente sobre o periódico ou o copo de genebra, evitando ser notado por ele — pois se dizia que o seu olhar era imediatamente seguido do seu murro. O Marrare, então florescente, era um antro desta fera. Quando ele morreu de um

catarro de bexiga, Lisboa sentiu um alívio suave e as costas dos cidadãos endireitaram-se, porque já não as ameaçava de alto a bengala do Gorjão.

A intenção perversa da maioria era, pois, clara: Gorjão, da tribuna, injuriava Alípio; Alípio, bravo, retorquia com irritação; e Gorjão, nos corredores, esmagava Alípio a murros, ou, ao outro dia, nas terras da Pólvora, varava-o com uma espadeirada.

Parece hoje provado que tal plano fora resolvido numa reunião da maioria: vergonha eterna! Não procederia de outro modo uma conjuração de zulos, agachados ferozmente entre o alto tojo africano, no Kraal de Cettivayo! Este grosso brutamontes entrara para S. Bento para assassinar a Eloquência, o Patriotismo e o

Génio, na pessoa de Alípio Abranhos!

Ainda bem que te matou, fera, um providencial catarro de bexiga: a tua bengala não mais oprime os homens livres, e eu posso impunemente, e com regozijo, escarrar-te sobre a sepultura — já que o haver-te escarrado na face ter-me-ia sido impossível, por ser, como sou, de constituição delicada!

Com efeito, as fauces do cão de fila abriram-se, e durante uma hora ladrou a injúria; e como ele tinha (meu Deus, sejamos justos com todo o mundo!) uma certa habilidade de prosa, uma experiência astuta da perfídia parlamentar, não o fez claramente, o que lhe atrairia sobre o dorso as severidades do Regulamento. Não pronunciou o nome de Alípio. Falou apenas do *traidor*, do

apóstata, e sob esta designação vilmente vaga, rugiu, com punhadas de atleta, a sua verrina estudada. O desgraçado, porém, participava, como todos os da sua corpulência da clássica estupidez dos colossos: não contava com a finura, a habilidade, o génio de Alípio.

Com efeito, o nosso herói deu-lhe uma lição severa: todo o tempo que o Roldão da Baixa trovejou, Alípio, curvado, rufava tranquilamente com os dedos sobre a sua pasta de verniz.

E quando, entre os aplausos da maioria alucinada, o medonho Gorjão terminou, lançando uma apóstrofe «aos cobardes que sob a injúria, em lugar de erguer a cabeça em desafio, rufam, agachados, sobre as mesas» Alípio, que todos esperavam ver pular para a tribuna,

tomou serenamente o *Diário do Governo* e pôs-se a folheá-lo com placidez.

Dos bancos da maioria saíram vozes:

— Que nojo! Que abjeção!

Mas o grande homem, pálido, sim, de emoção reprimida, mas sereno na aparência, continuou imperturbável a folhear o *Diário do Governo*. Assim o plano da maioria falhava. Alípio Abranhos, provocado, insultado, caluniado, lia o *Diário do Governo!*

Esperando provocar-lhe uma cólera fatal, produziam-lhe apenas uma serenidade sublime!

Daqui, uma raiva desordenada e outro orador da maioria, o Sr. Albino Peixoto, subiu à tribuna: depois do Roldão trovejante, era Simão de Nântua, o

melífluo.

Este personagem, com efeito, pela face redonda e jovial, de óculos de ouro, por todo o seu serzinho barrigudo, pela untuosidade vaga das suas palavras, pela sua plácida polidez, assemelhava-se ao amável filantropo, cheio de provérbios e de virtude, de que fala o livro querido onde aprendemos a soletrar.

O seu discurso foi a repetição das mesmas injúrias, mas em voz suave e chorosa. Os vitupérios que o outro rugira, este lagrimejou-os. Era, de resto, pessoa de uma proverbial pacatez: havia nos seus movimentos a hesitante timidez de um míope que perdeu os óculos; caminhava na vida como na rua, com extremo cuidado, evitando pisar um calo ou uma suscetibilidade.

Em consequência da sua autoridade intelectual (e não, como vilmente se disse, porque deste não tinha medo), Alípio decidiu responder-lhe.

O silêncio que se fez na Câmara quando Alípio Abranhos se ergueu e pediu a palavra, foi um daqueles clássicos silêncios — muito conhecidos e estimados em retórica «que precedem as tempestades».

Começou por dizer que se erguia para responder ao Sr. Albino Peixoto — e só ao Sr. Albino Peixoto — acrescentando estas palavras tão admiradas, tão dignas de ficarem clássicas (ainda que se disse depois perfidamente que ele as imitara de Guizot):

— Pode o ilustre deputado acumular as calúnias, elas não chegarão à

altura do meu desprezo!

Peixoto ergueu-se de um jato, e ereto e palidíssimo:

— O ilustre deputado insinua que eu sou um caluniador?...

— Ordem! Ordem!

Resposta admirável de Alípio Abranhos:

— Eu não quero insinuar que o ilustre deputado é um caluniador. Eu só afirmei, e claramente, que o ilustre deputado acumulou calúnias!

— Ordem! Ordem!

Leio no extrato da sessão esta infeta interrupção de Goijão:

— Não responda, Peixoto! Para os cobardes, só o escarro ou o chicote...

Alípio Abranhos não se dignou responder-lhe.

Mas o pacífico Peixoto, que decerto a maioria excitava, exclamou lívido:

— O desprezo de um homem de bem poderia magoar-me, o desprezo de um traidor só me regozija!

Triunfante réplica de Alípio Abranhos:

— Traidores são os que vendem a sua pena e fazem de um jornal um prostíbulo!

Esta alusão a certos factos lamentáveis da carreira jornalística de Albino Peixoto, produziu uma tormenta que eu encontro assim descrita no *Diário das Câmaras: (Sensação prolongada. Diversas interrupções que não chegam à mesa dos taquígrafos. Os senhores deputados, de pé, em grande confusão,*

trocam palavras coléricas. O Sr. Presidente não podendo fazer-se escutar suspende a sessão).

O que me resta contar é doloroso. Nos corredores da Câmara, Alípio Abranhos é subitamente interpelado pelo Dr. Albino Peixoto, que se lança de entre um grupo da maioria, e lhe grita:

— Retire as palavras que disse, senhor!

Alípio, prudente, balbuciou:

— Mas colega... mas caro colega...

— Retire as palavras, canalha! — rugiu Peixoto.

Alípio (como ele me disse depois), ia talvez, por amor da dignidade parlamentar, retirá-las, quando Goijão, intervindo bruscamente, trovejou:

— Não retira nada! Entre cavalheiros, estas questões de honra não se tratam assim. Não retira nada! Venha daí, Peixoto...

Arrastou o Dr. Peixoto e, daí a pouco, voltava acompanhado de um certo Sequeira, que depois morreu em África, e dirigindo-se a Alípio Abranhos:

— Preciso fazer-lhe uma comunicação séria. Tenha a bondade de nos acompanhar ao gabinete *A* da Comissão de Fazenda.

Alípio seguiu-o, e, com ele, todos os seus amigos, na expectativa excitante de um conflito inesperado. Porém entraram sós no gabinete *A* da Comissão da Fazenda e aí Gorjão, que retomara o seu ar pomposo, declarou:

— Vimos aqui numa missão de

honra. O nosso amigo, Dr. Albino Peixoto, reclama uma satisfação. V. Ex.ª chamou-lhe vendido...

— Mas primeiro tinha-me ele chamado...

— V. Ex.ª chamou-lhe vendido! O que ele tinha chamado a V. Ex.ª é-nos perfeitamente indiferente. V. Ex.ª chamou-lhe vendido, e, ou V. Ex.ª, quando se abrir de novo a sessão dá explicações...

— Eu estou pronto a dar explicações (Ouço daqui estas palavras precipitadas de Alípio Abranhos, que com os seus altos princípios de civilização, tinha horror aos conflitos de força).

— Perfeitamente. As explicações são estas: V. Ex.ª sobe à tribuna e diz: «Declaro que, quando disse que o meu amigo Albino Peixoto era um vendido,

menti, e que tenho provas mais evidentes da sua probidade impecável!»

— Então os senhores querem que eu diga publicamente que menti?...

— Não querendo dar esta explicação, tenha a bondade de nos dizer a que horas poderemos encontrar dois amigos seus, para regular as condições do combate...

— Do combate?... Mas, queridos colegas, ponham-se no meu lugar...

A estas palavras tão cordiais, tão conciliadoras, o brutal Goijão respondeu:

— No seu lugar qualquer de nós tinha há muito tempo marcado a hora e as armas!... V. Ex.ª que diz?

— Ao menos quero consultar alguns amigos...

— Consulte V. Ex.ª os seus

amigos.

Consultou, com efeito, dois amigos — mas, infelizmente, escolheu aqueles que eram menos próprios para promover uma solução humana, sensata e cristã. Não os mencionarei, porque vivem ainda e ocupam altas situações no Estado. Chamarei a um *A* e ao outro *B*.

A, fidalgo de alto porte, recebera das tradições da sua raça, um pouco deteriorada, o preconceito clássico do *ponto de honra*. *B*, moço estimável, valente, caçador, possuía uma única especialidade: a sua destreza à pistola e ao sabre. Ambos, em questões de honra, tinham a manter uma reputação de seriedade e de valor. De resto, tanto um como o outro, perfeitos cavalheiros, mas, infelizmente, muito predispostos, por

índole, a soluções violentas.

Estes dois amigos opinaram, com a unanimidade de um coro antigo, que aceitar tal exigência, era aceitar, implicitamente, uma humilhação infamante. Um homem que se declara mentiroso, fecha diante de si as portas da Sociedade, da Vida Pública e dos seus conhecidos. O Sr. Abranhos passaria daí por diante a ser um cobarde estabelecido. O medo seria a sua profissão. Tornar-se-ia o homem que se pode insultar sem perigo. *B* disse-lhe mesmo brutalmente:

— Um homem que comete no começo da sua vida pública uma tal cobardia, torna-se, mais tarde ou mais cedo, um *armazém de pancada!* Mostre que é homem e ninguém o torna a insultar.

Que se poderia responder a isto?

Havia, sob o ponto de vista social, alguma verdade naquelas frases triviais. Alípio Abranhos ou tinha de ceder às regras absurdas, obsoletas, monstruosas que regulam a sociedade, ou tinha de abandonar essa sociedade e a carreira que um dia lhe daria o delicioso prazer de a dominar.

Mas a ideia de se colocar diante de uma espada desembainhada ou de uma pistola aperrada!... Teve, um momento, o desejo furioso de fugir com D. Virgínia, com Bibi, para um canto ignorado da Terra, e aí, vil mas intacto, sem elogios nos jornais, mas com todos os membros no corpo, gozar egoistamente o amor, a paternidade, o repouso, a natureza, o conforto...

Mas consentiria Virgínia em ser a

esposa do *cobarde Alípio?* Não seria cruel condenar Bibi a ser o filho do *abjeto Abranhos?* Que diriam os jornais? Que diria o coronel Serrão? Que risadas no Marrare! Esta ideia torturava-o. E foi com grande dignidade que respondeu a *A* e a *B:*

— Eu não tenho medo, os amigos bem o sabem. A minha questão é de princípios. Sou um homem de progresso, e repugna-me esse meio de salvar a honra, à maneira da Idade Média! Mas enfim, a sociedade é a sociedade... Vão-se entender com a fera do Gorjão. Espero-os em casa... Mas prudência, lembrem-se que tenho família.

As negociações foram longas, muito delicadas. Infelizmente, parece que desde a primeira palavra entre as

testemunhas, ficou assente *a priori*, como base natural da argumentação, que «haveria duelo», e, às oito horas da noite, Alípio recebeu no seu escritório os seus amigos *A* e *B*, que lhe anunciaram em voz baixa que ele, Alípio Abranhos, se batia à espada, às sete da manhã, na Cruz Quebrada, e que os do Peixoto lhe deixavam a ele, Abranhos, a escolha do cirurgião que melhor lhe conviesse.

— Um cirurgião! — exclamou Alípio, juntando as mãos atónito.

— É necessário um cirurgião, para o caso de ser preciso, por exemplo, ligar uma artéria. Enfim, é sempre indispensável um cirurgião...

Alípio curvou-se, calado. Há, em certos silêncios humanos, em certo humano vergar de ombros, uma ironia

feroz, que deve fazer corar o destino, envergonhado da sua tirania... Alípio Abranhos ficou só no escritório, prostrado sobre o canapé — tendo diante de si a visão nítida de um corpo retalhado a golpes de espada, que uma viúva pranteia, esguedelhada.

A voz do padre Augusto que, como costumava, dizia algum inocente gracejo à Joana, (bonita criada que eu ainda conheci) tirou-o deste legítimo torpor, e de repente, como um pássaro que subitamente atravessa uma sala aberta, uma ideia de um engenho subtil atravessou-lhe o espírito.

Abriu a porta, chamou o padre, e com uma gravidade que fez arregalar de terror os olhos do bom eclesiástico, murmurou:

— Padre Augusto, vou-lhe confiar um grande segredo... Um segredo tremendo, que há de ficar consigo.

O padre, aterrado, balbuciou:

— É em confissão? É segredo de confissão?

— Não! — exclamou logo Alípio. — Pelo amor de Deus! Nem por sombras o considere segredo de confissão. Que tolice! Credo! Isso estragava tudo... Fique bem entendido que não é segredo de confissão... Mas é um segredo que lhe confio: bato-me amanhã em duelo!

— Caramba! — exclamou o respeitável sacerdote, caindo de chofre no canapé.

Então Alípio, sentando-se junto dele, contou-lhe a história do seu duelo. E terminou dizendo:

— Se eu lhe digo tudo isto é para que seja o amigo que amanhã, se houver desgraça, console a Virgininha. E agora adeus, que tenho papéis a pôr em ordem... Mas guarde o segredo, que pode a coisa chegar aos ouvidos da polícia e transtorna-se tudo.

O sacerdote queria objetar, pregar parabolar — mas Alípio, suave e firme, empurrando-o pelos ombros:

— É uma coisa decidida. Adeus. E agora veja lá, padre Augusto, não o vá dizer... Que a polícia, se o sabe, impede a coisa... Adeus. É amanhã, às sete, na Cruz Quebrada. Não se esqueça — às sete — e guarde-me o segredo, amigo.

Padre Augusto foi ao cabide do corredor, agarrou o chapéu, e precipitou-se pela escada, como uma pedra que rola.

Ao outro dia, às sete da manhã — uma manhã clara, fria e seca — quando Alípio com as suas testemunhas chegavam ao sítio aprazado, o Regedor de Belém e seis cabos de polícia, desembocando com fúria de trás de um maciço de árvores, apoderaram-se dos sete cavalheiros (incluindo o respeitável Teles, cirurgião)!

Foram postos em liberdade às dez horas, de sorte que D. Virgínia soube por seu marido do perigo que ele correra, e da intervenção providencial, que lho salvara. O seu orgulho foi grande. Alípio tomou para ela as proporções de um d'Artagnan, de um Conde de Monte Cristo! E a sua ternura, os seus afagos, a sua admiração, estavam dando a Alípio momentos deliciosos, quando a Joana lhe veio dizer que os Srs. *A* e *B*, desejavam

absolutamente falar-lhe e esperavam na sala.

— Há de ser para o almoço... Há sempre um almoço...

Não, não era para este fim honesto: era para lhe dizer — para que *A* lhe dissesse secamente, sem se sentar, com as mãos nos bolsos das calças, fazendo tilintar nervosamente um molho de chaves:

— Está provado — temos a prova evidente — que a polícia foi avisada por um amigo desta casa... Isto é uma brincadeira torpe. Nem as testemunhas do Peixoto, nem nós, somos pessoas com quem se brinque torpemente. O duelo que não pôde ter lugar hoje, há de ter lugar amanhã, no Lumiar. Se a polícia aparecer de novo, o que não é natural, agora que

ela está desprevenida, ficaremos cientes que o mesmo amigo desta casa a avisou, e nesse caso nós todos nos consideramos ofendidos, e V. Ex.ª terá de se bater por ordem de número, com o amigo Gorjão, o amigo Sequeira, o amigo *B*, este criado de V. Ex.ª, e depois, com o Peixotinho! Cinco duelos em lugar de um!

— Mas eu dou a minha palavra de honra... Eu não tenho culpa... É um assassinato!

— Temos a honra de desejar a V. Ex.ª muito boas tardes. Aqui estaremos amanhã, às sete. É a mesma tipoia, o cocheiro é seguro... É o *Pintado*. Não se incomode V. Ex.ª... Criado de V. Ex.ª.

Alípio, só no escritório, teve um grito de revolta:

— Aí está o que é um homem de

bem meter-se com espadachins!

Se ele tivesse posto este negócio nas mãos prudentes do conselheiro Andrade ou do Fradinho, por exemplo, a solução decerto teria sido outra, toda honrosa, toda amigável; mas entregara-a a dois personagens sôfregos de publicidade, pedantes do ponto de honra — e ali estava agora, empurrado fatalmente para diante de uma espada nua!

Que se passou na alma deste grande homem, nessa noite de agonia? Mal sabiam os que passavam, à saída de S. Carlos, pelo Largo do Quintela, que ali, no segundo andar, por trás de uma janela iluminada, havia um *Horto*, uma hora do *Jardim das Oliveiras*.

Quantas sensações, ideias, imaginações, se revolveram naquele vasto

e complicado cérebro de estadista. Ele revelou-me algumas dessas torturas em detalhe. Ao princípio tentou correr a casa do Petit, e pedir-lhe que lhe ensinasse um *bote-secreto*, desses de que lera nos romances, que se aprendem em Itália e que inspiram terror nas salas de esgrima. Pensou em fazer o seu testamento, mas pareceu-lhe. Um *mau agoiro* lúgubre. Desejou então que houvesse uma revolução, ou um incêndio que devorasse metade da cidade, uma catástrofe social, e ficava a olhar, desesperadamente, para a tenebrosa pacatez do Largo do Quintela. Lembrou-se com prazer, com esperança, que o Peixotinho sofria de um aneurisma... Quis rezar, mas distraía-se: permanentemente, via a mesma visão da véspera — um corpo trespassado de

estocadas, e uma viúva, desgrenhada, soluçando.

Que desespero! E ainda nessa tarde estava tão seguro, já com todo o perigo passado, saboreando as felicitações do seu fácil heroísmo, descansado para sempre, e agora ali se via outra vez, recaído nas agonias da incerteza e nos terrores da Eternidade...

Enfim, ao outro dia, depois de um sono agitado, uma carruagem que parou à porta despertou-o.

Dissera na véspera a D. Virgínia que havia, com efeito, um almoço de amigos no Farol da Guia, e que deviam sair cedo; e tão persuadida ela ficara, que apenas murmurou, meio a dormir, voltando-se para a parede:

— Tem cautela... Não faças

excessos, sabes que te dá a dor...

Aludia a certos espasmos nervosos de que ele sofria no estômago.

Partiram. A manhã, muito fria, estava nublada e parda. *A* e *B*, justo é dizê-lo, que na véspera se tinham mostrado tão secos, tão cortantes, representavam agora com uma solicitude tocante o seu papel de *padrinhos*. Enquanto a caleche *batia* — e parecia a Alípio Abranhos que uma tal velocidade era um exagero irritante — davam-lhe conselhos práticos, tirados da própria experiência e adequados aos conhecimentos elementares que Alípio Abranhos tinha da esgrima: — que se não descobrisse muito; a ponta da espada sempre diante dos olhos do adversário; que, nunca recuasse — e a sua solicitude

era tão grande, que apagaram os charutos matinais, vendo que o fumo enjoava Alípio. O grande orador, no entanto, como ele me revelou mais tarde, sentia uma lassitude extrema, o desejo mórbido de um sono profundo, de anos, em que nada o perturbasse, nem os despeitos do Peixotinho, nem as crises do Estado, nem a piedade dos seus amigos. Por vezes uma casa, ou uma esquina de rua, recordavam-lhe outras épocas de felicidade tranquila, em que a morte lhe aparecia como uma hipótese distante. A morte!... Maldição! Ia agora talvez para ela, ao trote exagerado, estupidamente exagerado, daquela magra parelha de praça... Lamentou então as coisas boas da vida — os jantarzinhos em família, as carícias de Virgínia, o seu quarto em casa das Barrosos, em

Coimbra, e os folhados de cocó, de que gostava tanto!

Mas, temendo que o seu silêncio pudesse ser tomado como a prostração do medo, começou a falar com os seus amigos de política com uma prodigiosa lucidez e — segundo me afirmou depois um destes cavalheiros — num tom em que se sentia uma solenidade de testamento.

Chegaram enfim, e viram logo, ao pé de uma árvore magra, o grupo do Peixotinho e dos padrinhos, tagarelando jovialmente.

Depois das saudações tradicionais, os quatro cavalheiros, reunidos ao pé da árvore, falaram baixo, marcaram o terreno, desembrulharam as espadas e colocaram os adversários nos seus lugares, com uma vivacidade muda,

que parecia a Alípio Abranhos comparável, segundo o que lera, aos preparativos rápidos e taciturnos dos carrascos sobre o cadafalso.

Apenas colocado, Alípio sentiu com terror tomá-lo um vago enjoo: ou fosse o balanço da tipoia ou o ar frio da madrugada, o estômago, segundo a frase popular, «embrulhava-se-lhe».

Quando lhe deram a sua espada, um suor frio banhou-lhe a testa; uma debilidade esvaía-lhe os rins... Desejou vivamente uma cama, um encosto, mas vendo que o Peixotinho o fitava por trás dos óculos de ouro, resolveu ser heroico e plantou-se firmemente sobre o solo, ereto, esperando o sinal.

A bateu as palmas — e então, subitamente, viram Alípio esgazear os

olhos, abrir a boca e apoiando-se fortemente sobre a espada, debruçado sobre ela, vomitar, vomitar longamente, primeiro resíduos mal digeridos de comida, depois uma baba gelatinosa, e finalmente, com anseios roucos, fezes esverdeadas! *A* sustentava-o pelos ombros; *B* amparava-lhe a cabeça, e o grande orador, entre os puxões dos vómitos, murmurava com os lábios babados:

— É do estômago!... É um bocado... de indigestão!

Todos viram bem que «era do estômago» e ninguém duvidou do seu valor.

Peixoto, porém, esquecendo toda a delicadeza, disse alto, com desdém, voltando-se para os seus padrinhos:

— Eu esperarei... Deixá-lo vomitar... Que vomite, que vomite!

Tanto desprezo indignou Alípio: endireitou-se, pálido, e tomando o ferro, balbuciou:

— Estou bem, estou melhor... vamos a isto!

E com uma patada na terra mole, ergueu alto a espada.

O Conde contou-me depois que mal tivera consciência da luta; vira os dois longos clarões das lâminas lustrosas, e subitamente sentiu na orelha uma frialdade fina, penetrante. Recuou com um berro:

— Estou ferido! Estou ferido na orelha!

O cirurgião correu — e a serenidade penetrou longamente,

largamente a alma de Alípio, quando o ouviu declarar:

— Não é nada; é um golpezito. Com adesivo está pronto em três dias!

A honra foi, no cerimonial do estilo, declarada satisfeita; os dois adversários que, segundo dizia a *ata*, se tinham batido como leões, apertaram-se as mãos, chamando-se Excelências, e Alípio voltou para Lisboa com os seus padrinhos, na tipoia, tapando a orelha com o lenço.

Tal foi este combate histórico.

Os jornais da oposição celebraram o orador que sustentava as suas ideias com a espada e derramava por elas o sangue da sua orelha. D. Virgínia sentiu todo o seu amor flamejar mais alto e mais forte, por este homem que lhe

parecia superior aos Roldões e aos Oliveiras. Os jornais do Governo, esses sim, falaram com escárnio dos vómitos do orador, mas foram bem depressa reduzidos ao silêncio pelos jornais da oposição, que lembraram que anos antes, o ministro das Obras Públicas, batendo-se em duelo, não vomitara, mas tivera um tão vergonhoso contratempo intestinal, que fora necessário conduzi-lo a uma venda próxima, onde, durante horas, o prostrado estadista circulou lividamente de um banco da cozinha para um recanto do pátio, como sob a influência dissolvente de óleo de rícino tomado sem discernimento!

Como, porém, nem a intempestiva indigestão de Alípio Abranhos, nem o desastroso relaxamento do Sr. Ministro

das Obras Públicas foram exarados nas atas, o público considerou estas insinuações como meras táticas de discussão política e a coragem de Alípio ficou estabelecida com bases duradouras. Mais tarde o Conde tinha mesmo uma certa vaidade neste duelo, a que ele chamava o seu «batismo de sangue». Pelo menos deveu-lhe um resultado estimável: depois dessa gota de sangue, os comentários irritantes sobre a sua passagem para a oposição foram respeitosamente suprimidos.

Foi por este tempo — se me não enganam os documentos que possuo — que se começou a organizar em torno de Alípio Abranhos um grupo fiel de amigos íntimos, a que se chamou maliciosamente a *coterie Abranhos* ou a *panelinha*

Abranhos, mas que eu depois designei num folhetim do *Globo* geralmente estimado, com o nome mais respeitoso e mais justo de «*Salão de S. Ex.ª*». Não se creia, porém, que eu digo o *Salão de S. Ex.ª* como diria o salão de Mme. Récamier, o salão de Mme. de Girardin, ou o salão de Mme. Adolphe Adam, ou ainda, numa ordem mais efémera e mais boémia, o salão de Mme. Troubetskoi; estes salões são uma pura instituição parisiense, que Londres, Viena, Roma, Madrid, Berlim, copiam, dando-lhe a feição particular da raça, das maneiras e da preocupação nacional. Tudo difere, por exemplo, entre um salão de Berlim e um salão de Roma, desde a decoração das salas até às figuras familiares e caraterísticas. Num salão berlinense, tudo

é duro, estreito, hirto, fortemente destacado, desde a cor viva dos papéis ou das sedas baratas, até à forte iluminação de um gás económico, que dá o mesmo tom áspero ao louro seco dos cabelos das mulheres e à figura regrada do oficial de Estado-Maior.

Pelo contrário, num salão de Roma, tudo é discreto, de meias-tintas, sóbrio, desde a decoração dos mármores plácidos, dos doirados leves, da luz aristocrática dos candelabros, até à palidez dos rostos, ao frufru subtil das caudas dos cardeais e ao murmúrio brando do italiano, falado por vozes discretas e delicadas.

Não falo por experiência própria. A minha posição subalterna na sociedade nunca me permitiu viajar ou penetrar

nesses recintos augustos, mas uma pessoa eminente da minha família, meu bom tio Julião, *touriste* bem conhecido, tem-me esclarecido sobre estas formas luxuosas das civilizações superiores.

Em Lisboa, porém, o *Salão* não existe. Não me compete estudar aqui as razões desta deficiência: enuncio somente o facto; portanto, quando digo *O Salão do Conde de Abranhos*, quero designar uma reunião pacata íntima, onde se toma um chá bem servido, se abre uma mesa de voltarete, se toca uma valsa conhecida e se fala no preço dos géneros ou nos «podres» das famílias.

As *soirées* do Conde de Abranhos eram desta estimável espécie. Não havia cerimonial nem aparato: às dez horas vinha o chá com torradas e bolachas de

água e sal; às vezes duas senhoras enlaçadas valsavam graciosamente; não poucas vezes fui chamado a recitar alguma poesia dos nossos grandes líricos; e os homens graves repousavam dos cuidados do Estado num pacato voltarete a vintém.

Insisto nestes detalhes, para destruir a errada opinião (que tende a introduzir-se na História Contemporânea) de que o *Salão Abranhos* era uma *caverna política*. Não nego decerto que por vezes se falasse dos negócios públicos, e que, quando o Exmo. Conde era ministro, as personalidades eminentes da maioria não viessem tomar sem-cerimónia a sua chávena de chá. Posso, porém, afirmar, que nunca nestas pacatas *soirées* se decidiram ou se combinaram os

grandes movimentos da política, como sucede nos *salões* estrangeiros, onde, segundo me tem contado meu bom tio Julião, se tramam, por trás dos leques, golpes de Estado e se decidem os destinos da Pátria entre duas vazas de *whist!*

Os íntimos dos Abranhos, eram, na sua quase totalidade, os antigos familiares do desembargador Amado.

Era o coronel Serrão — sempre o primeiro a chegar, bufando alto, de aspeto feroz, e coração bondoso, sempre com sua filha Catarina, magra e estonteada, de grande cuia, os dentes maus do abuso dos doces, as omoplatas salientes sob o corpete do vestido atabalhoado. Nunca simpatizei com esta família.

Era a excelente D. Joana Carneiro, cujo cirro no estômago alastrava,

inspirando geral compaixão, sempre triste, trazendo todas as noites a narração dos sintomas crescentes da sua doença. Acompanhava-a, amiúde, um sobrinho, *marialva*, de calça justa e jaquetão cingido, grande frequentador do Café Central, com voz rouca da noitada da véspera, e sempre acanhado de se encontrar naquela sala, entre senhoras, num lugar onde nem havia fadistas, nem pilecas, nem meios litros. Sua tia, inquieta do futuro, procurava afincadamente colocá-lo numa repartição do Estado.

Era ainda a enorme D. Amália Saraiva, a que também já me referi neste trabalho: os seios fenomenais desta senhora, que se iam desenvolvendo progressivamente com os anos, pareciam dois mundos. Quando desapertasse o

vestido fortemente espartilhado que os continha, o transbordar daquelas duas prodigiosas massas de tecido celular devia ser um espetáculo pavoroso e grandioso! Viúva de um homem que prestara vagos serviços ao Estado, reclamava agora com pertinácia uma justa pensão. Vinha geralmente com sua delicada filha, a tocante Julinha, adorável pela fidelidade e graça juvenil com que recitava *A Lua de Londres* e outras maravilhas da literatura pátria.

Não devo esquecer o conselheiro Andrade, agora frequentador assíduo do *Salão Abranhos*, pequeno, aprumado, escarolado, com o seu perfil de jurista, as suicinhas brancas, o ar próspero. Proprietário abastado do Ribatejo, continuava a dar toda a sua atenção à

agricultura, e, como agora escrevia artigos profundos no *Arquivo Rural*, este lado literário da sua personalidade estabeleceu entre nós uma simpatia, que, vindo de um homem tão opulento, é ainda uma das honras da minha carreira.

Infalível, também, era o *Doutor*, aquele cavalheiro estimável, mas de aspeto lúgubre, que todos apenas conheciam por este nome: o *Doutor*. Sempre vestido de preto, sempre de luvas, amarelo como uma cidra, persistia na sua mudez taciturna; porém, continuava a escutar com uma atenção intensa, a testa franzida, piscando vivamente os olhos, como num profundo trabalho cerebral. Respeitador fervente das instituições, das personalidades oficiais, ninguém sabia ainda onde ele vivia, nem de que vivia:

mas precipitava-se com tanta veneração (porque era homem de sociedade) a tomar as xícaras vazias das mãos das senhoras, dizia com tanta convicção, na sua voz cavernosa, «tem V. Ex.ª carradas de razão», que era geralmente considerado como um excelente moço.

Mas a maior animação daquelas *soirées* era dada, como outrora em casa do desembargador, pelos nossos conhecidos Fradinhos. O Dr. Fradinho, que teve depois uma tão gloriosa carreira, não passava então de um modesto advogado. Possuía, porém, uma certa fortuna, e com as suas lunetas de ouro e o farto bigode, era na verdade um belo homem. Nada encantava nele todavia como a vivacidade da conversa; não, em boa verdade, que eu jamais lhe ouvisse

expor uma ideia original ou um dito faiscante: mas era fecundo e verboso. Ninguém conhecia melhor a nossa legislação, e sobretudo a da Bélgica, o seu país favorito. Era além disso ativo, ambicioso, dúctil, e a sua admiração, a sua dedicação por Alípio Abranhos, davam o traço dominante do seu caráter.

De D. Luísa Fradinho, que direi? Como em casa do desembargador, quando ela entrava na sala dos Abranhos, com o seu belo corpo de Juno, o penteado alto, o brilho dos olhos felizes, a sala iluminava-se daquela luz particular que irradia da beleza feminina. É certo que a sua amabilidade, o seu *espírito*, deram lugar a que a sua reputação fosse manchada pela nódoa de uma calúnia anónima; eu não a creio, porém, culpada e se havia entre ela

e o bacharel Tavares uma grande intimidade, provinha somente de que os seus espíritos, muito semelhantes, encontravam na conversação um encanto mútuo e todo intelectual.

Este bacharel Tavares era um primo segundo de D. Virgínia. Formoso e variado talento o seu! Pintor, poeta, dramaturgo, cultivava estas artes apenas como amador. Algumas das suas deliciosas traduções de *vaudevilles* foram representadas com êxito no Ginásio, sob o pseudónimo de *César Trajano*, e os seus versos, de um encanto penetrante, de uma suavidade simples, à João de Deus, só os dizia muito solicitado, ou oferecia às senhoras alguma cópia, que era ao mesmo tempo uma obra notável de caligrafia.

Este formoso talento era

amanuense na Procuradoria Geral da Coroa, e ele não me ocultou que esperava da futura elevação política de Abranhos a sua própria elevação na carreira pública, esperança que era de resto partilhada por todos os familiares do *Salão Abranhos* aos quais devemos acrescentar o padre Augusto e os Amados.

Toda esta gente, com efeito, seguia com um interesse ansioso a carreira parlamentar de Alípio Abranhos. Pode-se dizer que esta, desde a sua passagem para a oposição, não era pacífica nem preguiçosa: o grande orador, segundo a expressão conhecida, estava *sempre na brecha*. Nunca um ministério teve um inimigo mais persistente, mais vigilante: — interpelações, moções, ordens do dia, discursos, patadas no soalho — tudo

empregou contra o Governo, à maneira do bravo combatente Roldão, que ia contra os mouros à espada, à pedra, e aos coices do seu ginete! Foi um período de febre, de batalha. Dizem-me que havia então nas suas palavras, nos seus olhos, nas suas passadas, alguma coisa de guerreiro, de belicoso. À noite, ao chá, entre os amigos, exclamava, de pé, no meio da sala, com a chávena na mão:

— Hei de os atirar de cangalhas, minhas senhoras! Hei de os atirar de cangalhas!...

Ê sabido, porém, que a Providência determinara que o Ministério Cardoso Torres não seria «atirado de cangalhas» — segundo a sua pitoresca expressão — pelo nosso sublime Alípio Abranhos.

Com efeito, quando as Câmaras fecharam em abril, o Ministério Cardoso Torres era, como dizia Esquilo, o pomposo dramaturgo, «torre de ferro, de força e de domínio». Alípio Abranhos, portanto, retirou-se como de costume para Campolide, a retemperar na comunhão da Natureza as suas forças cerebrais, exaustas por tantos combates da inteligência.

E foi aí, numa clara e luminosa manhã de junho, que recebeu de golpe a notícia de que o Ministério Cardoso Torres fora derrubado por uma revolução!

Não me compete aqui fazer a narração da Revolta de 20 de junho. Os detalhes desse episódio são familiares à nossa geração. Um velho general despeitado, saltando através da

Constituição, com a desenvoltura com que num circo um atleta salta através de um arco de papel, trotou tranquilamente para o Paço, seguido de três regimentos, e pediu a demissão do ministério e a concentração na sua pessoa heroica e legendária, de todo o poder social. Foi de resto um *pronunciamento* à espanhola, na proporção, todavia, que existe entre o feroz génio castelhano e o nosso temperamento pacífico, entre uma sangrenta corrida de Sevilha e uma alegre tourada no Campo de Santana. Não vimos as patéticas derramações de sangue que são da tradição clássica na violenta terra do Cid; houve, apenas, segundo se diz, ferimentos ligeiros, facilmente curados numa farmácia amiga. E o general ilustre, que partira às sete da manhã, rebelde, à

testa de um exército rebelde — voltava, às sete e meia, num trote sossegado, Presidente do Conselho, à frente das forças da Ordem!

Que surpresa para esta boa população de Lisboa! Mas que desgosto para mim!

Eu, que nunca presenciara uma revolta nem uma guerra civil, perdia assim, roncando estupidamente o sono da madrugada, a oportunidade de ver um *pronunciamento*, de assistir a episódios de guerra, de testemunhar a única revolução armada da minha época, no meu país. E isto inteiramente por negligência minha. Eu escrevia então, com proveito e aplauso, as locais no jornal *O Estandarte;* às duas horas da manhã, depois de rever as provas de uma

deliciosa anedota que copiara do *Almanach Pour Rire*, preparava-me para deixar a redação, quando dois colegas entraram, trazendo o boato de que o general citado organizava um movimento para essa madrugada, e propondo que tomássemos uma tipoia para «ir ver a revolução a Belém».

Descemos ao Rossio e apreçámos uma caleche: o cocheiro, um batedor respeitado, o *Ginja*, pediu-nos 3$60 para nos levar a Belém, a presenciar a revolta. Éramos três e isto constituía um desembolso de um quartinho por cabeça, para ir assistir a um facto histórico... Tanta rapacidade indignou-nos. Achámos odioso que o *Ginja* aproveitasse as desgraças da sua Pátria para erguer tão impudentemente a cifra das suas tarifas.

Dissemos-lho em palavras severas e eloquentes: o *Ginja* ameaçou-nos com o pingalim. Então, percebendo que já se começavam a desencadear as paixões da plebe, recolhemos — eu pelo menos recolhi a casa, pensando que se o boato da revolta era exato e a impudência do *Ginja* um sintoma, veríamos ao outro dia, repetidos no Chiado e na Baixa, os horrores de 93 e as matanças de setembro.

Mas a verdade é que eu não acreditava na revolta; e no meu quarto, depois de ter meditado, como costumo todas as noites, sobre as vantagens da Ordem e a grandeza do Ente Supremo, adormeci, tranquilo e satisfeito.

Qual não foi o meu desgosto, ao outro dia, quando o Sr. Ferreira, estimável dono da casa de hóspedes onde eu então

vivia, na Travessa da Conceição, me anunciou, atónito, que nessa madrugada houvera uma *revolução* em Portugal!

Corri precipitadamente ao *Estandarte*... à mesma hora em que uma caleche entrava a largo trote nas portas da cidade, trazendo Alípio Abranhos, D. Virgínia, Bibi e a ama. O nobre homem público, como depois me disse textualmente o Conde, «precipitara-se para o seu posto, desde que soubera da crise da Pátria!»

Se houvesse guerra civil, ele queria bater-se em defesa da Carta e da Legalidade, e se se atender — segundo a ata do seu duelo — à coragem que mostrara em frente da espada do Peixotinho, não duvido que daria um valente soldado da Monarquia, à maneira

dos Charettes e dos La Rochejaquelins de imperecível memória.

Se não houvesse guerra civil, pensava combater a ditadura militar, na tribuna, se ela estivesse aberta, na imprensa, se ela fosse livre; senão, na rua, na Casa Havanesa, no Grémio, em S. Carlos, no Magalhães do Chiado — pois não importa o púlpito a quem prega a verdade!

Apenas o Conde chegara a casa, o coronel Serrão, Fradinho e o *Doutor*, apareceram simultaneamente, prevendo com sagacidade que Alípio Abranhos decerto não se isolaria em Campolide, «quando Lisboa estava entregue a Cila», como disse o eloquente Fradinho.

Então no meio dos seus amigos, fechadas as portas, Alípio trovejou. Uma

tal violação da Carta, a introdução petulante, em Lisboa, dos métodos espanhóis, «a tirania da soldadesca», indignavam-no. Foi, segundo depois me disse Fradinho, sublime; sentia-se, ouvindo a sua verbosidade trovejante — que pela cólera lembrava Juvenal e pela correção era comparável a Cícero — que, se fosse dado a Alípio Abranhos subir à tribuna, aniquilaria, numa só sessão, a Ditadura, os créditos do velho general e a influência perversa das armas.

Fradinho acompanhava-o numa explosão paralela de cólera patriótica; o *Doutor*, de testa mais franzida, mugia apoiados surdos. Só o coronel, calado, fumava com desespero. No fundo da sua alma, o triunfo do velho general e do elemento militar encantavam-no: era a sua

gente, que diabo! Eram os seus velhos companheiros, caramba! Porém, o seu respeito beato pelas opiniões de Alípio, abalava-lhe o entusiasmo; e coçava freneticamente o cabelo grisalho cortado à escovinha, rolando olhares ferozes, sacudido entre a influência de Alípio e o prestígio militar do velho general, furioso com o próprio cérebro, que não produzia naquela crise uma opinião profícua e pessoal.

De repente, D. Virgínia abre a porta da sala, agitada, e informa que «um primo do general quer falar ao Alipiozinho». Ela não o conhecia, mas vinha fardado e parecia amável: no corredor até tinha feito cócegas na barriguinha do Bibi!

Alípio Abranhos aprumou a nobre

estatura, na posse clássica do patriota ultrajado, pensando que à maneira de Luís Bonaparte depois do golpe de estado de 51, o General ditador ia prender, lançar no exílio as inteligências liberais.

Todavia as cócegas na barriga do Bibi pareciam pressagiar uma missão amiga... E foi com firmeza, embora pálido, que se precipitou para a livraria.

Os três amigos ouviram no corredor a voz alegre do militar exclamando:

— Como está V. Ex.ª? Imenso gosto em ver V. Ex.ª Desejo dar uma palavra a V. Ex.ª...

Positivamente, vinha em missão amiga! Os três olharam-se, petrificados, sem compreender; e durante um quarto de hora — que tanto durou a entrevista pelo

relógio do *Doutor* — passearam da janela para a porta, calados, em fila, com os charutos em riste e as mãos atrás das costas.

Fradinho contou-me depois que lhe bateu alto o coração, que sentiu *cólicas* como em Coimbra nas Sabatinas, quando ouviu de novo, no corredor, a voz jovial do militar: «um criado de V. Ex.ª... Respeito os escrúpulos de V. Ex.ª... Às três então... Não se incomode V. Ex.ª...»

Logo que Alípio abriu a porta, mais pálido, três vozes devoradoras o assaltaram:

— Então?

— Que era?

— Que há de novo?

— O General propõe-me que entre para o ministério... Para a pasta da

Justiça...

— E então?

— Pedi duas horas para refletir...

Porém «o caso» parecia prodigioso a Fradinho. Como? O General tinha feito uma revolta, e não formara de antemão, numa lista, num papel, o seu ministério? Mas Alípio explicou «o caso». Havia, com efeito, um ministério preparado, que, segundo a frase pitoresca e histórica do capitão, acompanhara a expedição ao Paço, na bagagem. Mas à última hora, o cavalheiro que devia ser ministro da Justiça recusava, recusava com obstinação, recusava com frenesi, batendo patadas no chão. E o General, em presença daquela perrice, mandava oferecer a pasta a Alípio. Porque o General queria a legalidade, queria as

Câmaras — e necessitava um Demóstenes. (Palavras do senhor capitão).

— E para isso não há outro em Portugal senão você, juro-lho eu! — exclamou com entusiasmo o coronel.

Era também, realmente, a opinião de Fradinho. Porque, enfim, colocava-se no bom senso: qual fora, durante a sua carreira de oposição, o fim, a ambição de Alípio? Deitar de cangalhas os *Reformadores!* Caramba, eram as suas palavras textuais! E os *Reformadores* aí estavam de cangalhas, de pernas ao ar, o lombo na calçada! Prostrados, meu caro amigo, prostrados! O General, pois, fizera com a espada o que Alípio queria fazer com a língua! Era lamentável decerto; mas, desde que El-Rei entregara o poder

ao General, a espada que era rebelde às sete da manhã, tornava-se legal às sete e meia. Podia Alípio ter escrúpulo em a servir? Demais, ele, pela autoridade do seu talento, introduzia nesse ministério nascido da revolta, um elemento de moderação, de ordem; ele iria com a sua prática parlamentar constitucional, contrabalançar o que houvesse no temperamento do General de mais autoritário e de mais fanfarrão. Ele seria o elemento jurídico, ponderado, equilibrando o elemento militar. Ainda que lhe custasse, devia aceitar, para impedir que o General se lançasse numa ditadura muito pessoal. Era um sacrifício à Ordem, à Liberdade, à Carta. O amigo Alípio devia sacrificar-se!

Alípio, de uma palidez crescente,

coçando nervosamente o «passa-piolho», entrevia aspetos dessa coisa invejada, vaga, cintilante e prodigiosa: o Poder! o Ministério!

Via a sua entrada na Secretaria, entre espinhaços respeitosamente curvados; via-se distribuindo os empregos, dominando a magistratura; à porta, esperava-o o correio; e ao longe, estendia-se a estrada deliciosa que leva à Ajuda, ao aperto de mão de El-Rei.

Que sensação em Penafiel, quando se soubesse! Que ferro para os que o tinham chamado na imprensa *pedante* e *roncão!* Que vingança deliciosa para Virgininha, que iria ao Paço, enquanto a mulher de Cardoso Torres, que lhe chamara *sirigaita*, ficava fora da Corte, reduzida ao seu *crochet!* Poderia enfim

compensar o padre Augusto dos seus serviços tão persistentes, tão desinteressados; erguer-se-ia diante do Amado, do sogro, que nunca o respeitara suficientemente, como um colosso: não seria já o genro, seria o Ministro de seu sogro! Ah! Estas solicitações cativantes da ambição são bem irresistíveis — têm a persuasão fatal do ouro e da nudez da mulher!

Mas notai a nobreza de espírito de Alípio Abranhos: respirou fundamente, porque sentia o peito oprimido, e disse:

— Tudo isso é muito bonito, mas os amigos bem sabem, este ministério não deve durar três meses...

Aí o coronel interrompeu-o com ímpeto. Já não vacilava: agora, Alípio e o velho General pareciam-lhe idênticos,

sentados lado a lado nas cadeiras do poder. E a sua funda simpatia pelo antigo companheiro, pelas espadas, pelos militares, fez explosão, furiosamente... E foi com um mugido que bradou:

— Três meses? Se ele quiser, com o exército atrás de si, está no poleiro três anos! Três séculos!...

Três séculos era talvez exagero, como notou com discernimento o *Doutor!* Ah, mas três anos, era bem possível!

Fradinho deu um vivo puxão às calças e disse:

— Eh! Eh! É que o coronel tem razão! Com o exército por ele, quem o há de deitar abaixo?

E os quatro cavalheiros olharam-se assombrados desta possibilidade deliciosa. Sim, quem o havia de deitar

abaixo?

A sua influência no exército era já grande: dispondo agora das promoções, das condecorações, caramba! essa influência seria medonha! Os interesses do General confundiam-se com os interesses do exército; o General na presidência do Conselho, era *ipso facto*, o exército na presidência do Conselho. O ministério não era um homem, eram dez mil, quinze mil marmanjos, armados até aos dentes. Quem iria derrubar essa multidão formidável?

Alípio, muito abalado, murmurou:

— Mas a opinião...

Fradinho e o coronel, ao mesmo tempo, bradaram numa nota aguda:

— Ora, a opinião!

E o *Doutor*, numa nota grave,

repetiu:

— Ora, a opinião!

Mas Alípio Abranhos, com o faro subtil dos verdadeiros homens de Estado, insistia:

— Nada, este ministério não dura...

Então Fradinho exasperou-se. E por que não havia de durar? O General era o grande patriota nacional. Os outros ministros eram inteligências estimadas! No fim de contas, mesmo quando o General inaugurasse a ditadura, caramba! A ditadura era necessária, num País, como este! Que tinha feito a Câmara? Palrado! Oitenta cavalheiros a palrar não organizam, não criam, não fecundam. Era necessário um homem! Veja você Napoleão! Precisamos de um Napoleão!

Mas Abranhos, obstinadamente, murmurou:

— Não dura, os amigos verão. Não dura três meses... Se durar! Mas não dura...

Fradinho perdeu o domínio de si mesmo. Arrastou Alípio para o vão da janela e atacou-o em surdina: — Por que não havia de aceitar a pasta? Se não fosse por ele, por sua esposa, que fosse pelos seus amigos... Era necessário franqueza, que diabo! Aí estava a pobre D. Joana, com o cirro no estômago, coitada, e o marmanjo do sobrinho, sem um bocado de pão! Era necessário empregar aquele marmanjo! Aí estava D. Amália que queria a sua pensão. Aí estava o padre Augusto — e todos sabiam os serviços que lhe prestara — que se mirrava no

desejo de ser cónego!... Abranhos não podia trair os seus amigos, as suas legítimas esperanças... Ele, Fradinho, podia falar livremente, não desejava nada. Tinha a sua banca de advogado, oitocentos mil reis por ano. Mas os outros: o coronel! O *Doutor!* o Tavares! Era necessário ter consideração pelos amigos que se esfalfavam a ir daqui e dali, a glorificar o Sr. Alípio Abranhos!... Devia aceitar a pasta, por decência, por gratidão...

— Não me cheira, não me cheira... — murmurou ainda Alípio.

Então Fradinho, vermelho, suado do esforço, foi ter com os outros dois, e travando-lhes do braço:

— É uma besta, diz que não lhe cheira! Vamo-nos embora, deixemo-lo

com a mulher. Ela lhas cantará.

Com efeito D. Virgínia atacou o marido com a sua habilidade feminina. Parecia-lhe, a ela, uma tolice perder aquela ocasião. Quando voltaria outra assim? Era tentar a sorte. Que ela não queria que ele fosse ministro para ir ao Paço, a figurar, a espanejar-se! Era para calar a boca a certos fulanos e sicranos, que tinham dito — sabia-o ela pelas Vitorinos e pela mãe — «que Abranhos era um parlapatão que nunca havia de ir a ministro!»

— O quê, disseram isso? — exclamou Alípio.

E naquele instante teve o desejo furioso de aceitar a pasta e triunfar, ali, em Lisboa. Mas a sua razão de estadista manteve-o firme, e apenas acrescentou:

— É lá possível que dissessem semelhante coisa?

— Juro-te, filho. Disseram-no à mamã. Vê tu que descaro...

Tenho razões para crer que D. Virgínia inventava, mas nem por isso a sua finura feminina é menos admirável.

Alípio, porém, desprendeu-se da sua sedução, daquelas carícias penetrantes que queriam amolecer, fazer ceder a sua integridade política, e disse com bondade:

— Tu não entendes destas coisas, filha. Eu não sou tolo. Para ser ministro uma vez, não quero perder a probabilidade de o ser dez vezes...

Tal era, com efeito, o raciocínio deste grande homem. O ministério do General era um ministério de revolta, de

acaso, de surpresas, de conspiração, que daria um caráter suspeito a todos os que dele fizessem parte, inutilizando-os para a vida política, feita de legalidade, por se terem introduzido uma vez mo poder pela porta travessa da revolta. Não eram políticos, eram insurretos, e não tornariam a voltar ao poder senão pela insurreição, o que equivalia a dizer, nunca mais na sua existência. E como, através das fórmulas precisas que empregava, falando com sua mulher, ele parecia sentir mais intensamente a prudência, a sabedoria da sua resolução, apressou-se a escrever esta carta, que ficará na História, e que é dos mais belos documentos que conheço de patriotismo esclarecido:

General:

Tenho o respeito mais profundo pela pessoa de V. Ex.ª, mas, pesa-me dizê-lo, eu não poderia, dados os meus princípios, aceitar uma pasta num ministério que teve a sua origem num ato violento e inconstitucional.

De V. Ex.ª Criado respeitosíssimo

ALÍPIO S. DE NORONHA ABRANHOS.

Nessa noite, o cavalheiro, que, por perrice, recusara a pasta da Justiça, tendo reconsiderado, o ministério militar e revolucionário, de 20 de junho, ficou definitivamente organizado.

Mas os dias seguintes foram

amargos para Alípio Abranhos. D. Joana Carneiro e D. Amália Saraiva, informadas pelo coronel da recusa de Alípio, vieram de manhã «fazer uma cena» a D. Virgínia. Uma, via a sua pensão indefinidamente adiada, e a outra ali estava, com o seu cirro e aquele sobrinho desempregado que a ralava de desgostos. O Sr. Alípio não tinha entranhas! Choramingaram e D. Virgínia não lhes ocultou que reconhecia no seu marido um caráter teimoso, obstinado, casmurro. Ai! uma mulher devia pensar muito antes de se casar!

— E a ti, filha — disseram lacrimosamente as duas amigas — recusar-te a posição, a consideração!...

— Eu não é por mim, mas é pela mamã... Que ele, sendo da Justiça, era também dos Negócios Eclesiásticos, e

vejam que influência!

— Ai! é uma vilania! Olha o pobre padre Augusto, que ocasião perde...

O padre Augusto sentia-se com efeito logrado. Em casa dos Amados queixou-se com uma resignação amarga. Falou mesmo em *promessas muito explícitas*...

— É um pascácio, sempre o disse — rosnou afogado em indigestão o bestial magistrado, pai de Virgínia.

O coronel, esse fanático do novo ministério, o ministério da militança, não duvidou dizer que não tornava a *pôr os pês em casa de Alípio*, e insinuou mesmo que nele, aquela recusa, aquela reserva, não era política — era medo. «Aí têm os senhores o que é: é muito medo naquelas entranhas!»

Fradinho declarou que Alípio «era todo palavreado, mas nenhum tato político». Ele aconselhara-o, mas desde que o pedante se queria regular pela sua cabeça, abandonava-o... E vocês o verão chafurdar!...

Na quinta-feira seguinte a sala dos Abranhos estava deserta. Veio apenas, fielmente, o *Doutor*. Mas parecia mais lúgubre, a casimira do fato, a pelica das luvas, mais negras, de um negro amargo.

Vendo aquela solidão D. Virgínia, despeitada, foi choramingar para o quarto da ama — e Alípio, só, muito ofendido do abandono, toda a noite, defronte do *Doutor* taciturno, folheou com secura a *Revista dos Dois Mundos*.

E ao outro dia, depois de algumas entrevistas com os homens eminentes do

seu partido, em que fez soar bem alto o seu rasgo de lealdade política, retirou-se para Campolide, a esperar, no remanso do campo, aproxima crise.

Foram três meses longos, penosos, arrastados. Esse verão, se bem recordam, foi ardente. A estiagem e o ministério pareciam a Alípio Abranhos eternos.

A sua ambição, como uma cobra entorpecida, fora vivamente sacudida, despertada por aquela rápida visão de uma pasta e desde então não sossegava, inquieta, retorcendo-se com fúria, com as goelas escancaradas, ávida da presa. Os dias sucediam-se na monotonia do mesmo céu tórrido, azul-ferrete, da mesma folhagem imóvel no seu verde crestado, sob um véu de poeira: e o ministério lá estava, imperturbado, gozando as suas

férias, na dispersão providencial da oposição pelas quintas e pelas praias.

Campolide, segundo uma expressão muito dele, «secava-o mortalmente».

Tinha saudades — o termo é correto — da verbosidade jovial de Fradinho, da presença do coronel, da grande cauda da bela D. Luísa nas *soirées* das quintas-feiras; faltava-lhe mesmo a figura sombria do *Doutor* taciturno.

Sua sogra, quando os vinha ver, tornava-se odiosa, dizendo com escárnio:

— Em lugar de estar aqui às moscas, podia agora muito bem estar no poleiro! E é que temos ministério para anos.

E era esta uma ideia que às vezes passava, com um suor de agonia, pelo

espírito do estadista, apesar das cartas animadoras dos amigos do partido, que lhe afirmavam «que o trabalhinho por baixo de mão ia bom, que o General estava todo minado por baixo...» Porém as palavras do coronel — apesar de, no fundo, o considerar um boçal — perturbavam-no: «se ele quiser, ninguém o deita abaixo!» E era possível, caramba! O General tinha o exército, quieto, decerto, mas como um cão de fila que dormita: se sentisse que lhe vinham tirar sorrateiramente o poder, bastava-lhe despertar a fera: e logo, mal ela rosnasse, oposições, jornais, poderes do Estado, Carta, tudo se agachava, com as pernas a tremer!

***

Mas, finalmente, a crise veio — ou antes, findou.

Seria nestas memórias uma redundância, contar o desenlace inesperado e doloroso. Quem não se lembra desse dia — um dia abafado, de céu plúmbeo e canicular — em que se espalhou a notícia de que o General estava a expirar? Tínhamo-lo visto, havia dias, subir o Chiado a cavalo, como costumava, e ali estava agora, agonizando, entre o terror dos que a ele tinham ligado as carreiras e as fortunas, e a esperança daqueles que por dever oficial lhe cercavam o leito, mas ansiavam por herdar o poder de que ele se apossara.

Quem não recorda esses grupos, reunidos diante do seu palácio, à Estrela,

ávidos de notícias, atravessados a cada momento por oficiais, por correios, em cujos rostos se sentia uma súbita desorientação moral?

Lisboa esqueceu os erros desse homem, para só recordar a sua personalidade cativante e o brilho da sua carreira.

Eu, buscando notícias para o *Estandarte*, lá estava entre esses grupos, ouvindo já nos comentários do povo formar-se a legenda daquela personalidade, em que havia traços de herói. Vi parar à porta a berlinda vermelha do Sr. Cardeal Patriarca, que vinha trazer-lhe a Extrema-Unção. A porta abriu-se com grande ruído e o venerável sacerdote desapareceu na sombra do pátio que já tinha alguma coisa de funerário,

com o seu passo rápido de padre, arrastando a cauda escarlate.

Depois era outra carruagem que chegava, chapéus que se erguiam aqui e além, e o Rei que penetrava no antigo palácio, a despedir-se do velho servidor.

A calçada estava coberta de saibro e havia um perpétuo ranger de passos subtis sobre a areia áspera. E as faces consternadas contemplavam as três janelas do quarto, por trás das quais os médicos davam, havia três dias, uma batalha desesperada à morte!

E quem não se recorda ainda, daí a dias, do suntuoso funeral, caminhando devagar, com paragens solenes: a mórbida monotonia da música fúnebre, o arrastar grave de espadas, essa marcha funerária de um exército, e, adiante, entre tochas

que levantavam alto as chamas lívidas, a complicada estrutura do féretro, coberto de crepes e de dourados, marchando numa oscilação lenta; e atrás, o longo e negro cortejo, solene, cadenciado, desprendendo-se de toda aquela multidão silenciosa, para o azul-ferrete de um esplêndido dia de setembro, uma sensação difusa de luto e de morte!

O esplendor sombrio desse luto, comparei-o eu, no meu artigo do *Estandarte*, à magnificência lúgubre com que Roma chorou César. E lamentei não ter a pena de Tácito para contar as pompas dos funerais de Augusto!

Apenas se dispersou o fumo das últimas descargas, os personagens ilustres, vendo fechar-se sobre o General as portas do jazigo, onde ele ficava bem

aferrolhado no seu triplo caixão de chumbo, tiveram uma sensação de imenso alívio. Um *ufa!* colossal, de quem respira em paz, a pulmões cheios, saiu dos tórax fardados de S. Exas.: o grande perturbador estava enterrado! Enfim!

O ministério, nessa tarde, depôs a sua demissão nas mãos de El-Rei, e os regimentos voltaram aos quartéis, despidos do seu prestígio e do terror que inspiravam, como se, com o desaparecimento da influência que os movia, tivesse morrido a força que os tornava temerosos.

Alípio Abranhos, desde a notícia da doença do General, viera imediatamente para Lisboa, e tivera o gosto de ver os seus amigos voltarem, mais fiéis, mais dedicados, mais devotos,

a tomarem a sua chávena de chá no salão de repes azul.

Na tarde do dia em que se enterrara o General, soube-se que El-Rei encarregara a formação do ministério a Guedes Navarro, chefe do partido *Nacional*.

Em casa de Alípio Abranhos, porém, sabia-se com mais precisão que Guedes Navarro fora chamado ao Paço às sete horas da tarde: e desde as sete e meia todos os amigos começaram a afluir.

Que *soirée!* Fradinho confessou-me muitas vezes que nunca tivera «tantas cólicas». Pelo relato circunstanciado que ele me fez, e por informações colhidas de outras testemunhas presenciais, eu pude reconstituir em todos os seus detalhes os pormenores dessa noite histórica, que

marca um momento decisivo na carreira do Conde de Abranhos. Todos na casa sabiam que existiam compromissos antigos, pelos quais, se os *Nacionais* fossem ao poder, a pasta da Marinha seria dada a Abranhos.

Esse pacto datava do dia em que Alípio, com grande brilho e pompa, se separara dos *Reformadores*; mas nem por isso se podia esquecer que ele era apenas, segundo a frase de Fradinho, «um *Nacional* da véspera!» Guedes Navarro tinha no seu partido homens com longos serviços, amigos de anos, *Nacionais* de tradição; teria ele a força de dispor de uma pasta a favor de um novo, de um principiante, de um intruso? Era decerto um intruso de génio, mas quem considera o génio quando se trata de recompensar a

amizade? Além disso, a sua mesma passagem para os *Nacionais*, tão brusca, num salto de *clown*, tornava-o suspeito, e era, para os velhos do partido, um argumento já pronto para afastar aquela nova ambição. Se Guedes Navarro tinha compromissos com Abranhos, não os teria decerto menores com outros: havia sobretudo o famoso Torres, que já fora duas vezes ministro da Marinha com Navarro; aquela pasta parecia pertencer-lhe como um património: tinha por si a experiência ganha, o seu talento de orador, a sua posição literária como um dos nossos mais estimados dramaturgos! Era um colosso! E iria Guedes Navarro substituir-lhe Alípio Abranhos?

Estas considerações que Fradinho fazia e que comunicava aos amigos da

casa, não escapavam ao espírito penetrante de Alípio.

Quando sobreviera a doença do General, uma alegria furiosa revolvera-o. Enfim! Morto o personagem, o poder caía por lei, por praxe, nas mãos sofregamente estendidas dos *Nacionais:* e houve um momento em que *se sentiu ministro!* Mas, depois refletiu; e o seu espírito, debatendo-se entre a dúvida e a esperança, foi como um campo devastado pelas hastes de dois veados rivais. Havia um sintoma terrível: no dia do enterro, no Cemitério dos Prazeres, Alípio aproximara-se de Guedes Navarro, e dissera-lhe:

— É uma grande desgraça. Mas enfim, *le Roi est mort, vive le Roi!* Creio que posso dar os parabéns a V. Ex.ª.

E Alípio, com aquela frase hábil, esperava obter esta resposta — lógica, desde que havia compromissos formais — «também eu lhos posso dar, amigo Abranhos!»

Porém Guedes Navarro, em lugar dessa resposta natural, tivera apenas um vago encolher de ombros e dissera, recusando-se:

— Tudo depende de El-Rei... A vontade de El-Rei é que há de dizer...

— Decerto, decerto — murmurou Alípio.

Mas apesar do calor canicular, sentia-se todo frio, todo murcho. Que significavam aquela reserva, aquela secura de Navarro? Esquecera ele os compromissos tomados? Tentava traí-lo?

Uma cólera vaga grasnou-lhe na

alma. Se assim fosse, que vingança medonha tiraria! Ele conhecia bem os *Nacionais*, os seus podres, e se lhe «passassem o pé», fundaria, com o dote da Virgininha, um jornal onde esmagaria o partido com a revelação indignada dos seus escândalos e da sua corrupção. Seguiu então pelo cemitério, com o olhar vigilante, todos os movimentos de Guedes Navarro. Isto tranquilizou-o um pouco: Guedes Navarro conservava-se taciturno, reservado, carregado o rosto numa consternação bem educada.

Por isso se compreende que nessa noite, apenas soube que Navarro fora chamado ao Paço, sofresse os assaltos terríveis e contraditórios da esperança e da suspeita.

Fradinho muitas vezes me afirmou

que nessa noite a face de Alípio Abranhos estava de um lívido térreo. Queria, diante dos amigos, mostrar serenidade, jovialidade mesmo: mas não podia permanecer no mesmo lugar; tinha, segundo as alternativas de esperança ou de desalento, risos bruscos, joviais, ou um abatimento que lhe punha na face uma sombra, uma moleza de vencido.

Na sala, havia um embaraço manifesto. Ninguém falava na *coisa*: — manifestar esperanças, poderia tornar o desapontamento mais amargo: mostrar desalento seria incivil. Faziam-se, de repente, silêncios desagradáveis: eram os momentos em que cada um pensava nas suas *próprias esperanças:* a gorda D. Amália na sua pensão, a macerada D. Joana no emprego do sobrinho, padre

Augusto no canonicato, o *Doutor* em postas vagas...

O bacharel Tavares oferecera-se para ir pela Baixa, ao Martinho, ao Central, colecionar os boatos, mas voltara ofegante, limpando o suor do pescoço, a dizer que se não sabia nada: o Guedes ainda devia estar no Paço.

Eram então nove horas e meia. Aquela demora no Paço parecia inexplicável. Fradinho, porém, que era o mais animado, lembrou que seria necessário, pelo menos, uma hora e meia para ir à Ajuda. Padre Augusto protestou:

— Hora e meia?... Três quartos de hora, se me faz favor. Foi para o Paço às sete, chegou às oito menos um quarto; um quarto de hora para conferenciar com EI-Rei; voltou às oito horas, chegou a Lisboa

às oito e três quartos. São nove e meia: há três quartos de hora que está em Lisboa.

Aquele cálculo consternou as faces.

— Mas depende do cocheiro — disse o conselheiro Andrade.

— Mesmo com um batedor — observou o bacharel — não se vai em menos de uma hora.

E como aquilo — o tempo que se levava até Belém — era um assunto, apoderaram-se dele sofregamente. Disfarçava as preocupações, evitava os silêncios vazios, tão desagradáveis. Fradinho contou logo que em questões de velocidade, ele, Fradinho, fora a Sintra em hora e meia. Era bater, hem?

Mas o bacharel que em novo *fadistara*, tinha histórias bem superiores

de tipoias velozes: que lhes parecia: em três horas ir a Sintra, e de Sintra a Cascais?

— Impossível! Impossível!

— Ó minhas senhoras, impossível? — bradou o bacharel. — Fi-lo eu. Posso trazer-lhes aqui o cocheiro, o próprio, um picado das bexigas!

— Sem descansar a parelha?

— Sem descansar a parelha!

— Histórias!

Ninguém queria irritar aquele excelente moço, mas contrariavam-no para produzir discussão, palavras — e, com efeito, o bacharel, tomado de um súbito fluxo labial, prodigalizou histórias de velocidades maiores. Estava encantado de se sentir o centro da conversa; falava, dando puxadelas aos punhos para produzir

efeitos. No Porto, tinha ido à Foz em meia hora; e, exaltado, contou outros feitos, só comparáveis à velocidade de um trem expresso, ou da eletricidade atmosférica!

O relógio da sala, porém, bateu as dez horas, e aquele timbre melancólico despertou as inquietações: ninguém contradisse o bacharel, e o silêncio pesou, mais angustioso.

A bela Fradinho, então, tentou o piano: todos pareceram escutar com uma atenção tão *diletante*, que D. Luísa, que ao princípio só fora tocar para preencher o silêncio, animando-se, estimulada, fez correr sobre o teclado os dedos ágeis onde reluziam os anéis com que, por amor dela, se arruinava o advogado.

Mas eram dez e vinte. Segundo ele próprio me contou, Alípio Abranhos

esforçava-se em considerar que, naturalmente, Guedes Navarro, à volta do Paço, fora primeiro falar com outros *colegas*. Porém essa hipótese não era suficiente para o calmar. Então não se conteve, foi perguntar aos criados se *era certo* que não tinham ouvido tocar à campainha; mas encontrando-os na cozinha, palrando alto, enfureceu-se: que barulho era aquele? Que pouca-vergonha! Podiam vir vinte pessoas procurá-lo, que não era possível ouvir bater à porta.

A ideia de que Guedes Navarro podia ter vindo, tocando em vão, e, despeitado, tivesse ido *bater a outra porta*, aterrou-o. Bradou para os criados, tratando-os por alarves:

— Se ouvir aqui mais uma palavra, vão todos para o meio da rua!

Que despropósito! Parece uma feira!

Porém, pensou que Guedes Navarro não viria a pé, e que, na sala, se teria ouvido a carruagem; essa ideia acalmou-o, por precaução, mandou o João para o pátio, *esperar*.

Quando entrou na sala havia um silêncio pesado. O bacharel fora de novo à Baixa, aos boatos; e vendo que era insuportável aquela situação, Abranhos, com grande sinceridade, falou ele mesmo na *coisa*.

— Era inútil que o Alfredinho se incomodasse. Eu, para lhes falar com franqueza, estou a ver o que se passa... O Guedes Navarro é meu amigo, mas, enfim, tem compromissos antigos...

Foi um alívio para todos que ele mesmo autorizasse a falar-se na *coisa*.

Houve uma explosão alvoroçada de opiniões. Fradinho exclamou que Guedes Navarro, se tal fizesse — era um canalha!

O padre Augusto, porém, apostava, apostava, apesar do seu caráter sacerdotal, que o Guedes Navarro havia de ser leal.

Alípio, no entanto, declarou-se indiferente. Até estimava não entrar agora para o ministério! A possibilidade daquela recusa causou uma indignação geral. O quê? Recusar! Por quê?

— Que o amigo se conservasse na expectativa com o General, sim! — exclamou Fradinho. — Foi um ato digno. O General, grande homem, o que quiserem, já lá está no Reino da Verdade, mas era um *insurreto!* O amigo fez perfeitamente bem em se afastar de

semelhante comprometimento! Eu mesmo lho aconselhei, se se recorda bem, aqui, nesta mesma sala lho aconselhei... Mas agora recusar-se a entrar com os seus amigos no poder!...

A voz de Fradinho soava alto, mas a sua indignação era puramente artificial: porque ele sabia — todos na sala sabiam — que Alípio Abranhos não recusaria a pasta! O que começavam a recear era que não lha oferecessem; e os olhares devoravam os grossos ponteiros do relógio, cujo tiquetaque parecia a todos bater com uma pressa surpreendente.

De repente uma carruagem que vinha do lado da Rua do Alecrim, rolou no largo: houve um silêncio grave, uma espera ansiosa; a carruagem trotou na calçada para a Rua de S. Francisco.

Então todos murcharam. Eram quase onze horas. Cada um pensava que àquela hora o ministério devia estar formado, ou, pelo menos, que as negociações se passavam longe, noutras casas, com outros personagens. A Alípio nem lhe davam a importância de o consultar. Fradinho teve a franqueza de mo confessar mais tarde: àquela hora — às onze — julgou Alípio *um pascácio!* Positivamente não o tomavam a sério. Palrava bem, mas homem de estado não o consideravam. E, não se contendo, chamou o *Doutor* — que mo referiu — para o vão de uma janela, na sala de jantar:

— Pregam-lhe uma peça... O Guedes nunca teve tenção de lhe dar a pasta. É um homem perdido!... Aquela

passagem com armas e bagagens para a oposição, matou-o! Não dá garantias de lealdade. É uma besta!...

Uma carruagem, a meio galope, parou de repente à porta. Fradinho entrou na sala. Havia um silêncio angustioso. A campainha repicou e o padre Augusto precipitou-se, com medo que o criado tivesse adormecido.

Era Guedes Navarro que queria falar com S. Ex.ª!

Daí a pouco entrava o bacharel; vinha dos boatos, da Baixa, mas as fisionomias de todos eram tão particularmente expressivas que ele exclamou logo, adivinhando.

— O homem veio!

— Estão ambos no escritório!

— Hurra! — gritou, agitando o

chapéu.

D. Laura, porém, observou com prudência:

— Nada de cantar vitória... Ninguém sabe... É tentar a Deus! É esperar, é esperar...

Mas não esperaram muito. Sentiram a porta do escritório abrir-se com ruído, e duas vozes, a do Guedes e a do Abranhos, no corredor, falando alto, joviais. Depois a carruagem, em baixo, bateu a trote, e Alípio entrou na sala.

— Então?... — exclamaram todos.

— A Marinha! — disse ele, banhado num riso irreprimível.

Correram para ele. D. Virgínia pendurara-se-lhe ao pescoço, e as senhoras, os homens, procuravam apoderar-se das mãos, da manga do

ministro. Ele rebolava dos braços de um para os braços do outro, sufocado, os olhos húmidos, defendendo-se molemente.

— Deixem-no! Deixem-no, que o abafam, credo! — exclamou D. Laura. — Deixem-no!

O *Doutor* então foi sublime. Aquele homem taciturno soltou uma voz de trombone, e com gestos furiosos, como alucinado:

— Qual deixem-no! É para aqui, é para mim! E todo!

E dava-lhe apertões furiosos, sôfrego dele, querendo sepultá-lo no seio, penetrar-se de S. Ex.ª.

Todos riram. Quiseram saber «como tinha sido», o que dissera o Guedes Navarro. Cercaram-no, estendendo as faces banhadas de riso para

lhe beber as palavras.

Abranhos foi muito conveniente, muito discreto:

— Sua Majestade — disse — está muito afetada. A morte do General causou-lhe uma grande emoção. Mas enfim, constitucionalmente, está satisfeito. Sente que os serviços públicos estão desorganizados. Quer um ministério forte. É necessário, com efeito, uma situação forte.

Os homens concordavam gravemente que era necessário uma situação forte. Gozavam como se fossem parte, elementos dessa força. Fradinho crescera, sentia-se um personagem; e o *Doutor,* cujo modo hesitante de andar dava a impressão de que não estava bem firme sobre a terra, tinha agora, plantado

no meio da sala, a atitude firme de um monumento edificado pelos Romanos.

Então, para celebrar o triunfo, o bacharel propôs que se bebesse uma garrafa de champanhe. Não o havia em casa: mandar um criado comprá-lo parecia ridículo: poderia saber-se, fornecer pilhéria à oposição. Então o bacharel ofereceu-se para ir ele mesmo buscá-lo:

— Digo que é para mim, para levar ao Dafundo, numa pândega! — exclamou.

E, pela terceira vez nessa noite, abalou pelas escadas, de chapéu para a nuca.

Alípio Abranhos, entretanto, dava outros detalhes, que todos devoravam gulosamente: S. M. estava contente com o

ministério formado pelo Guedes. Não o conhecia a ele, Alípio, mas vira D. Virgínia em S. Carlos: tinham-lha mostrado e achara-a muito galante.

— É mentira! — exclamou ela, com todo o sangue na face, apoplética de orgulho.

— Palavra de honra, filha. Disse-o ao Guedes: «Eu não conheço esse cavalheiro, mas tem uma senhora muito galante; mostraram-ma no teatro.»

Então todos a felicitaram. Ah! Ah! Ia ser a beleza da Corte! Parabéns!

Ela negava, Eram tolices do Lipinho! E D. Joana, a do cirro, de comovida, começou a choramingar.

Mas o bacharel apareceu, triunfante, com duas garrafas nos braços. Ele mesmo, com a sua experiência, as

abriu, fazendo estalar as rolhas. E depois de uma saúde, ficaram todos em grupo, no meio da sala, com os copos na mão, gozando a atmosfera ministerial de que já estava penetrada a casa.

O Ministro, entre Fradinho, o *Doutor* e o conselheiro Andrade, felicitava-se por ter a pasta da Marinha: havia muito a fazer na Marinha. Assim, por exemplo: sendo nós os primeiros descobridores do mundo, parecia incrível que não tivéssemos ainda mandado uma expedição ao polo!

Os três cavalheiros não pareciam excecionalmente impressionados com aquela ideia. O *Doutor* mesmo, depois de refletir, de testa franzida, e vendo que não tinha de certo nada a ganhar com aquele heroísmo geográfico, disse apenas, por

civilidade:

— Tem V. Ex.ª razão. É uma grande ideia.

— E tudo a reformar; todo o pessoal administrativo das colónias... Uma coleção de inúteis! — lembrou Fradinho.

— Também há alguma coisa a fazer nesse sentido — concordou o ministro.

Então o *Doutor* pareceu particularmente entusiasmado:

— Tem V. Ex.ª muitíssima razão! Isso é que é uma grande ideia!

Mas era quase uma hora da manhã. A infeliz D. Joana foi pôr os seus agasalhos. E as felicitações recomeçaram: os beijos chilreavam na face corada de D. Virgínia; o ministro sentia a mão apertada

ao mesmo tempo pelo bacharel, pelo conselheiro, pelo *Doutor;* e Fradinho, acendendo o charuto, disse com uma voz em que se sentia o gozo daquela intimidade:

— Amanhã por cá apareço, para falarmos...

— Amanhã é que é ler os jornais! — exclamou padre Augusto.

Então o *Doutor* foi outra vez sublime: com uma verbosidade, espantosa naquele melancólico, exclamou:

— A nomeação vem no *Diário do Governo*, amanhã: pois, meus senhores e minhas senhoras, eu vou mandar encaixilhar o *Diário do Governo!*

Aquela graça pareceu deliciosa. E a escada esteve um momento toda sonora de risinhos, de frufrus de vestidos, e do

ruído que fazia o bacharel, muito estroina, pulando os degraus a dois e dois.

Mal a porta se fechou, D. Virgínia correu à cozinha, e diante dos criados em pé:

— Então vocês sabem?... O Sr. foi feito ministro. Daqui por diante, vocês devem sempre dizer-lhe *Sr. Ministro*. É o costume.

Quando voltou à sala, Alípio Abranhos, nervoso, passeava, com o peito alto, passando a mão pelo cabelo.

— Então que lhe parece, Sr.ª D. Virgínia? — disse radiante; — está satisfeita?

— E tu, diante de toda essa gente, com aquela mentira a respeito do que disse o Rei!

— Ó filha, juro-te que é verdade.

Juro-te. Disse-o ao Guedes, palavra... É muito natural!... Pois os amigos parece que estão contentes... E o *Doutor*, hem! Tem graça! Hem?... É bom diabo... E tem talento... O diabo tem talento!

A porta abriu-se e o João, o criado, muito sério, pronunciou estas palavras:

— A que horas quer V. Ex.ª o almoço, Sr. Ministro?

Alípio, tomado de surpresa, sentiu por todo o corpo uma carícia deliciosa; ficou um momento a gozá-la, num sorriso mudo, e com bondade:

— Às dez. Chame-me às nove horas, João.

— Tenha V. Ex.ª muito boas-noites, Sr. Ministro.

— Boa noite, João. — E voltando-

se para D. Virgínia que fechava o piano: — É bom rapaz este João.

No entanto os amigos íntimos, parados no alto da Rua do Alecrim, onde cada um tomava o seu destino, ainda parolavam. Segundo D. Amália, o mais satisfeito dos dois era D. Virgínia: ela é que parecia o ministro.

A bela Fradinho quis saber se ela poderia ir a S. Carlos, para o camarote do ministério? Não, não era costume. Mas era apresentada no Paço.

— E há de fazer boa figura! — disse D. Amália.

— São tudo ilusões — disse com secura a bela Fradinho. — O verdadeiro é cada um ser feliz em sua casa. Agora ele, sim, há de ser um bom ministro...

— O Alípio é um génio —

afirmou Fradinho. — Ainda há pouco eu dizia ao *Doutor:* vai-os espantar a todos. Tem ideias. É ainda dos poucos que tem ideias.

E o padre Augusto resumiu:

— Enfim, não é lá por dizer. Mas agora, estamos no *poleiro!*

Todos riram.

— Quero dizer — acudiu — quando digo *nós*... os amigos sabem, é um costume que tenho. Sou tanto daquela família... Quero dizer, enfim, o nosso Alípio está *no poleiro.*

Então houve um momento de silêncio. Todos gozavam aquela ideia de que eles, os amigos, os íntimos, estavam no *poleiro.*

Separaram-se. O *Doutor* desceu a Rua do Alecrim, assobiando. Fradinho

chamou uma tipoia: era caso para tomar tipoia. Ofereceu-se mesmo para levar a casa D. Joana, que se estava a sentir mal do golito de champanhe. E o bacharel estava tão entusiasmado, que, para celebrar o caso, segundo me confessou depois, foi passar a noite ao prostíbulo.

Portugal sabe bem que o Ministério Nacional durou dois anos e o que foi a administração do Conde de Abranhos nos negócios da Marinha e Ultramar.

Dois serviços que se completam e vivem um pelo outro — as Colónias e a Armada — constituem esse ministério, e, em ambos eles, Alípio Abranhos deixou os esplêndidos vestígios do seu génio administrativo. E notai que o Conde não era, como vulgarmente se diz, *um homem*

do ofício. Até à idade de vinte e um anos — em que, nas férias do ponto, fez uma visita à praia pitoresca de Buarcos — nunca tinha visto o mar. E esse formidável elemento, que cobre as quatro quintas partes do globo — mundo de trevas e de mistério, juncado de destroços, asfixiador, hostil ao homem — deu-lhe uma impressão que, segundo ele me disse, com aquele vigor pitoresco da sua frase, lhe fizera *eriçar todos os cabelos do corpo*.

Sempre detestou o mar, e se alguma vez passou a estação calmosa em Cascais, foi unicamente em respeito aos deveres sociais da sua posição no País, ou para comprazer com D. Virgínia, e depois com sua segunda mulher, a respeitável Condessa de Abranhos. Tal era esta repugnância, que o Conde de

Abranhos nunca visitou a Inglaterra, porque sendo esse grande país dos Pitts e dos Chancers infelizmente uma ilha, não lhe seria possível visitá-lo sem embarcar: e o horror do Conde aos navios era invencível.

Era mesmo um sacrifício grave, quando as suas altas funções o forçavam a visitar algum navio de guerra. De resto, a mesma paisagem marítima — essa infinidade de água azul — causava-lhe, como ele dizia, «um peso estúpido na cabeça», e é portanto mais para admirar que, com esta antipatia pelo mar e por tudo que dele vive ou nele trabalha, dirigisse as repartições da Marinha com tão grande brilho.

Outra circunstância que torna mais admirável esses serviços, é o facto do

Conde — tendo dado todo o seu tempo ao estudo das questões sociais — jamais se ter ocupado do conhecimento subalterno da geografia. Segundo ele dizia, nunca pudera reter todos esses nomes esquisitos e bárbaros de rios, cordilheiras, vulcões, cabos, istmos! Assim, por exemplo, nunca compreendeu, confessou-mo muitas vezes, esses cálculos estranhos de graus, latitudes e longitudes, nem dava grande crédito à *ciência da navegação*.

E mais nos admiramos ainda dos serviços que prestou, quando sabemos que o seu conhecimento das nossas colónias não era detalhado. Disse-se, por exemplo, que só depois de dezoito meses de ministro é que soube, por acaso, onde ficava Timor! *Dezoito meses* é um exagero pérfido de oposição mesquinha.

Mas, aceitemos mesmo que só adquirisse essa insignificante informação depois de alguns meses de gerência dos negócios coloniais: — o que prova isso, senão que a sua vasta inteligência, toda voltada para os altos problemas políticos, não dava valor a essas pequenas ciências de exatidão local?

Uma ocasião, na Câmara, ele falava de Moçambique como se considerasse essa nossa possessão na costa *ocidental* da África. Alguns deputados mais miudamente instruídos desses detalhes, gritaram-lhe com furor.

— Moçambique é na costa *oriental*, Sr. Ministro da Marinha!

A réplica do Conde é genial:

— Que fique na costa ocidental ou na costa oriental, nada tira a que seja

verdadeira a doutrina que estabeleço. Os regulamentos não mudam com as latitudes!

Esta réplica vem mais uma vez provar que o Conde se ocupava sobretudo de ideias gerais, dignas do seu grande espírito, e não se demorava nessa verificação microscópica de detalhes práticos, que preocupam os espíritos subalternos.

Não me compete, porém, nestas reminiscências íntimas do Conde de Abranhos, fazer a história política da sua administração nos negócios da Marinha. Essa missão gloriosa pertence aos Herculanos e aos Rebelos do século XX.

Eu desejei somente, sem invadir o solo pomposo e difícil da História, deixar aqui consignado que, na minha opinião, de todos esses estadistas, esses poetas

ardentes, esses moços de largo sopro lírico, esses estimáveis cavalheiros que em Portugal, desde a outorga da Carta, têm dirigido os negócios da Marinha e Ultramar, nenhum, como Alípio Abranhos, compreendeu tão patrioticamente o espírito de que deve inspirar-se a nossa política colonial.

Ainda perdura a obra imorredoura que nos legou esse génio glorioso, que hoje, cercado da veneração saudosa de Portugal, repousa no Cemitério dos Prazeres. Sobre o mausoléu comemorativo que a saudade da respeitável Condessa de Abranhos lhe ergueu, o talento do escultor Craveiro fez reviver no mármore a figura majestosa do Estadista.

E não é sem uma emoção profunda

que ali vou cada ano em piedosa romagem, contemplar a alta figura marmórea, com o seu porte majestoso, o peito coberto das condecorações que lhe valeu o seu merecimento, uma das mãos sustentando o rolo dos seus manuscritos, para indicar o homem de letras, a outra assente sobre o punho do seu espadim de Moço Fidalgo, para designar o homem de Estado — e os olhos, por trás dos óculos de aros de ouro, erguidos para o firmamento, simbolizando a sua fé em Deus e nos destinos imortais da Pátria!

O EGITO

Primeira edição: 1926

A Caminho do Oriente

1 — Cádis

Domingo

Ontem dobrámos o cabo de S. Vicente sob um luar digno dos dramas de Shakespeare. O mar infindável, sereno, sem trevas, mas belamente escuro, tremia sob o grande raio luminoso da Lua, como os antigos animais sob a carícia dos profetas.

A direita do vapor, negro, de perfil, erguia-se o cabo, de linhas precisas e nítidas, e a decoração admirável da noite assentava silenciosamente em redor. O solo final da *Africana*, com a sua lenta desolação aflita, seria grandiosamente belo no meio

desta imensa paisagem severa, cheia das coisas infinitas!

Ao outro dia, no fim do mar azul, aparecia, recortando no profundo céu as suas linhas retas, fresca e branca, Cádis.

Cádis aproveitou, para as suas construções modernas, tudo quanto na antiga arquitetura mourisca ou árabe é uma necessidade higiénica e climatérica: os balcões saindo graciosamente para a rua, terraços, o mármore, o tijolo e uma certa nudez de ornatos, de móveis e de estofos. Mas tudo quanto é graça, fantasia, pitoresco, arte, beleza, na arquitetura árabe — as grades esculpidas, rendilhadas, feéricas, as colunatas delgadas, a forma das janelas esbeltas — tudo isso foi esquecido.

Cádis é nova, branca, retilínea e

geométrica: parece construída por um Haussman oriental. Sente-se que é uma cidade comercial e positiva, que constrói para a comodidade material e não para a delicadeza espiritual dos sentidos. Junte-se a isto a pompa enfática do génio espanhol.

São ruas que se estendem, imensas e esguias, entre casas brancas, novas, abertas por grandes janelas ou balcões envidraçados. Ao alto, espraiam-se terraços, nus e claros, sem arquitetura, completamente abertos ao grande ar.

A raça parece ter degenerado da antiga beleza vigorosa e viva da gente andaluza. Os rostos têm antes um certo ar fatigado e inexpressivo. Só de quando em quando, raras vezes, se encontram as fisionomias finas, românticas, altivas e

vigorosas do antigo tipo, mas, em geral, sente-se a invasão da vida moderna. As raças só conservam a pureza do tipo no seu elemento natural. A entrada num cérebro de ideias estranhas, contrárias ao elemento primitivo desse cérebro, deforma, muda, destrói as linhas fisionómicas. Fumar, olhar, dormir, deixar-se viver, desejaras mulheres, pensar numa discretamente, tomar atitudes orgulhosas e esculturais — a isto se resumia a antiga existência andaluza, tal como a fizeram a raça, o elemento, o sol, a água serena e esplêndida da baía. Neste meio, os traços do Andaluz podiam conservar-se intactos como, na sua antiga atmosfera, serena, plástica e bela, se teria conservado a linha pura de um rosto ateniense.

Porém, outras são as condições da vida moderna. A dificuldade da existência material, a luta dos interesses vitais, a preocupação dos negócios, tudo isto que constitui o viver atual, é pouco próprio para deixar desenvolver a simplicidade nos espíritos e, nas fisionomias, a pureza das raças. Estas novas condições, pelo contrário, fazem degenerar, consomem, alteram tudo quanto na beleza fisionómica são linhas tradicionais.

Passámos em Cádis, depois das barricadas de dezembro, no momento das guerrilhas e da anarquia liberal. Muita gente morrera nas ruas da cidade, muitos homens tinham seguido nos partidos, e, dispersos pelos montes, não haviam voltado ainda. Isto, que não influenciava materialmente a vida da cidade, tirava-lhe

contudo alguma coisa do seu impaciente movimento. À noite, porém, as ruas alumiadas claramente, cheias de lojas e de luz, estão apinhadas de gente. As mulheres passam aos grupos, embrulhadas nos *mantons*, que são ainda o vestuário de Cádis, e às esquinas, imóveis, com a lanterna na mão, os «serenos» vigiam.

A um canto de rua, numa casa grande e clara, surpreende-nos um quadro verdadeiramente espanhol: a um balcão alto, recortado, colorido, na abertura das cortinas escuras, molemente abertas sobre um fundo alumiado de sala, destacam-se três figuras femininas. São três mulheres vestidas de negro, conversando, tomando ar, olhando a rua. Nas atitudes, no vestuário, nos tons harmónicos de luz e de sombra, num certo mistério ambiente, era

certamente um quadro dos velhos costumes espanhóis do tempo de Isabel...

Mais longe, é a alameda, bela, de noite, sob o luar. Ao fundo, estende-se a grande superfície da água, escura junto ao molhe, e a distância, alumiada pelo clarão da Lua, que se estira na água e tremula como uma fina rede de malha luminosa...

2 — Gibraltar pela Manhã

Quarta-feira — outubro

Saímos de Cádis à tarde. A cidade branca desfez-se lentamente na bruma amarelada do poente. Quando caiu a noite, surgiram as estrelas na sua infinita pulverização de luz; depois, a Lua, ardente e fulva; depois, o farol de Trafalgar... Os passageiros conversavam no convés.

Na noite profunda luziu, enfim, o farol de Ceuta; depois, a bombordo, outra luz: era Gibraltar. Então adormecemos profundamente.

Ao outro dia, desembarcámos. A manhã estava de uma pureza infinita.

Numa perfeita serenidade, uma luz quieta e ampla espiritualizava os elementos. Na transparência verde da água, de uma delicadeza de cristal, via-se o fundo da baía coberto de um musgo fino e macio, ou de ervas que se curvavam sob a lenta ondulação interior, como uma seara sob um vento leve.

A pureza indizível da cor, da diafanidade, da vida da água, o desenho nítido das pequenas vegetações, formam um todo cheio de suavidade. Dá vontade de nos banharmos, de movermos o corpo naquela virgindade viva do elemento.

E a baía estende-se, azul, suavíssima, habitada pela luz, limitada por altas montanhas cheias de tons suaves, levemente azuladas, vaporosas.

Ao fundo, o morro de Gibraltar

aparece, escuro sobre o doce azul, com o seu perfil violento e altivo. Sente-se logo na montanha a força, a estratégia, adivinham-se as construções de guerra. De longe, o seu aspeto é duro, hostil, repulsivo, e a cidade, amarelada e humilde, parece uma aldeia pobre perdida na serra áspera, sem nada das outras doces cidades do Sul, que se oferecem, nos seus contornos nítidos e claros, ao olhar e à simpatia do instinto. O morro de Gibraltar é impenetrável como um deus bárbaro, severo como a lei inglesa...

Interiormente os Ingleses criaram uma cidade cheia do seu espírito retilíneo, discreto, íntimo e confortável. Quando entrámos na praça, um batalhão vermelho e louro manobrava ao som da *Canção do General Bum*. De resto, as ruas são

inglesas, salpicadas de figuras mouriscas, cujas túnicas se destacam sobre o fundo escuro das casas, em atitudes indolentes, aos grupos.

Um caminho alcantilado, violento, fatigante, conduz ao cimo do morro e às suas temerosas escavações. Gibraltar tem por castelo, por defesa, por arte militar, por paisagem, um penedo! Não um penedo áspero, duro, granítico: mas um penedo incolor, friável e monstruoso. Nesse penedo, os ingleses abriram ruas, galerias em todos os sentidos, tornando-o escavado e perfurado como uma esponja: em cada buraco, um canhão assenta a sua estúpida impassibilidade.

As galerias estendem-se, obscuras, frias, nuas, enroscando-se, torcendo-se, completando-se no interior

do morro, como um sistema vivo: o sangue que ali coire são cinco mil ingleses. De fora, vê-se o cerro, áspero, hirsuto, escalvado, sem relva, sem harmonia de tons, sem luz, impassível, erguido no céu azul, todo salpicado de buracos negros. São aqueles buracos negros que os Espanhóis temem, que os Franceses receiam e que dominam o Mediterrâneo.

Ao cimo de um pequeno terrapleno, avista-se o grande horizonte assentando em redor a sua decoração sublime. Em baixo, a cidade estende até ao mar, num lento declive, a confusão das suas casas, dos seus jardins, dos seus quartéis. Uma língua de terra, plana, verde, prende a península de Gibraltar a Espanha. Aí, há um pequeno terreno que é

neutro, e que a Natureza, justamente receosa do Inglês e do Espanhol, aproveita para deixar crescer em liberdade, fresca, luminosa e bravia, ao grande ar, independente da diplomacia, a relva verde.

De cima, vê-se, do lado inglês, um acampamento e um cemitério. Do lado espanhol, os tons sucedem-se, cada vez mais brandos: as linhas vaporizam-se, e tudo se vai perder na distante brama do horizonte.

De um lado, está o oceano; do outro, o Mediterrâneo — ambos azuis, serenos, esplêndidos, cobertos de luz. Há um silêncio infinito como numa contemplação. A água termina brandamente junto à terra, sem aflição, sem agonia de espuma, sem ruído, como o

fim de uma claridade de outono. Os montes são linhas negras no grande azul...

Um regimento de *highlanders* passava em baixo, na estrada — e ouviam-se as *cornemuses* tocar melancolicamente, sob aquela luz que alumia as terras de África, as areias das montanhas brumosas da Escócia. Era o único ruído que nos chegava, no meio do profundo, absoluto, luminoso silêncio...

Víamos a cidade viver e mover-se — mas sem um ruído, silenciosamente: parecia o lugar mitológico das sombras.

Por cima, o grande céu, o céu sublime, cobria tudo com a sua luz magnífica, vasta e vivificante como o espírito de um deus.

E nós ficávamos suspensos, olhando, absorvidos por aquela luz,

aquela água, como na presença viva da divindade. E com efeito, ali, o verdadeiro Deus é o grande Apoio — o Sol — a coisa divina, vivificadora, centro vital da vasta natureza, da impassível força e da nossa impercetível alma.

Os Ingleses fizeram, em redor do planalto, cortando-a no monte, uma estrada de uma beleza digna de ter sido criada por um italiano ou por um antigo ateniense. Caminha-se entre alas de vegetação. As árvores, as silvas, as plantas, confundem-se. Aparece a palmeira, o aloés, o cato.

O ar do outono amarelecia e despojava levemente todo aquele povo de árvores. Passávamos por diante de *cottages*, de jardins, de pomares, e sempre, através dos ramos, para além das

casas, entre as ramagens ou no entrelaçamento dos troncos, luzia, azul como uma pupila humana, a água infinita do Mediterrâneo.

Ao fundo, sobre a negra terra de África, erguia-se o Atlas, tão belo, tão forte, tão vivo como nos velhos tempos mitológicos, quando ele sustentava nos ombros gigantescos o céu com todo o seu povo de deuses.

Nada há igual à sensação de se caminhar assim entre arvoredos, vendo sempre reluzir o fino azul da água.

Descansámos um momento num jardim cheio de uma doçura infinita. Toda a sorte de árvores, de ramos delgados, se entrelaçam, se prendem e limitam o horizonte, deixando-o entrever apenas, sereno e azulado, para além das suas

ramagens. E aquilo, ali, um centro suave, longe do mundo, estreito e ao mesmo tempo ilimitado, onde a vida e a sensação se espiritualizam e se confundem com o alto pensamento vital das coisas. A vida, o ruído, os soldados, os uniformes vermelhos, as trombetas, os véus das mouras — nada ali chega: uma muralha de árvores, de relvas de plantas, isola aquele lugar de contemplação. Só se vê o mar, o céu azul, as montanhas, tudo quanto é sereno e inefável. Nada da vida material ali cativa a alma. As finas sensações delicadas, as perceções inteligentes, florescem, envolvem o espírito. Senta-se a gente, e olha, e contempla:-não tem ideias, nem observações, nem crítica — mas apenas uma vida inerte, tão divinamente passiva como a vida das

coisas.

O mar, o céu, os montes, a luz, penetram-nos, vivem em nós, embalam-se e resplandecem na nossa alma.

Sente-se que aquela região deve ser habitada por espíritos. Pensa-se apenas em coisas leves, onduladas, transparentes: em linhas puras, em sensações simples — e a nós, homens inquietos e nervosos, corroídos pelas aflições da realidade e pelas dores do trabalho, a primeira ideia que nos vem é a de esquecer, ficar ali esperando a vida, como a esperavam as antigas almas dos poemas de Homero nas serenas e nubladas regiões inferiores!

Ali, se o homem pensasse em construir, só lhe lembraria a linha pura, a reta suavíssima ou a lenta curva toda

aberta ao dia e à luz. Se o homem pensasse em soltara voz, fá-lo-ia cantando — e parece que todo o pensamento humano deveria ter naquelas paragens a modulação natural de um verso de Virgílio.

Ali, as coisas imensas têm a perfeição das coisas delicadas: o mar lembra uma pervinca, o céu uma ametista...

Aquela região é a pátria das almas.

3 — Malta

Embarcámos no *Delly*, paquete da Índia, e saímos de Gibraltar por uma manhã fresca, rosada, virginal, cheia de graça. Os montes esbatiam-se, azulados, e, no céu claro, reluziam em relevo brancuras de Algeciras e de S. Roque. Em redor, voavam gaivotas.

O espesso morro de Gibraltar estava coberto de névoas, hostil: se as serras têm fisionomia própria e raça, aquela serra é goda: severa, impenetrável, dura, pesada, negra...

Uma viagem no paquete da Índia é monótona: *misses* louras, frias, corretas, ágeis, com nuvens de ouro sob os chapéus de palha, pés firmes de marinheiro, e

trazendo sempre na mão algum número da *Revista de Edimburgo;* capitães da Índia, fortes e explosivos, de chapéus excêntricos, lendo Kipling ou livros sobre os costumes dos povos bárbaros, e jogando jogos de destreza; velhas filantrópicas; funcionários que vão para a Índia, impassíveis e enfastiados; uma antipatia discreta e polida entre protestantes e católicos; o jogo do *bezigue;* um silêncio grave e contido; um certo sentimento de proteção do ser físico pela segurança do Mediterrâneo; comidas especiais de hora a hora; algumas cantigas irlandesas, à noite, no *hannonifrute* do comandante; *whisky and soda*, *brandy and soda*, *punch* e cerveja — tal é a vida a bordo de um paquete da Índia.

De resto, a viagem era adorável.

O mar parecia uma seda azul, levemente franzida, de um azul profundo, vivo, implacável, quase negro. Envolvia-nos um calor tépido e dissolvente.

Ficava-se horas esquecidas olhando a imobilidade resplandecente do mar. De noite, havia fosforescências, e a proa do navio abria na serena superfície da água duas pregas de luz que se afastavam como as duas antenas de um inseto.

Iam a bordo algumas individualidades curiosas: um oficial da Índia, sobretudo, o verdadeiro tipo do saxónico dominador, contido pela vida moderna e em que se sentia ainda o bárbaro primitivo. Era alto, fortemente corado, de uma saúde poderosa. Tinha o perfil puro e uma barba espessa cercava-

lhe o rosto; os seus movimentos eram ginásticos, violentos, e bebia copos de cerveja a fundos tragos como os velhos barões das *Valquírias*. A sua voz era forte, própria de quem comanda. A sensação, nele, era rápida e explosiva: um verdadeiro bárbaro. De resto, um *gentleman*...

Tínhamos também o *purser*, o tipo do burguês da City. Este, afagava um ideal, uma aspiração: falar bem o brasileiro!

Havia ainda uma velha filantrópica, de toda a sorte de sociedades: Sociedade Protetora dos Animais, Sociedade Protetora dos Pequenos Patagónios. Fazia a propaganda do ensino e queria ir civilizar os indiozinhos e fundar escolas no distrito de

Calcutá.

Mas a figura mais estranha de bordo era uma inglesa nascida no Indostão: trigueira como um bronze claro, misteriosa como um ídolo, alta, com movimentos lentos e rítmicos de serpente, silenciosa e servil, tinha um não sei quê de fenício nos lábios grossos, pesados, sensuais; e, com os seus olhos cerrados, oblíquos, negros, falsos e voluptuosos, parecia pertencer a um culto antigo ou ter vivido nos bosques sagrados de Cartago.

Navegámos assim três dias.

Por uma tarde escura, fusca, pesada de nuvens, sob um céu confuso e hostil, avistámos uma terra baixa, lívida e inexpressiva, onde se distinguiam aldeias espalhadas, de atitudes monumentais: era Malta.

Quando parámos, toda a água sombria em volta do navio ficou coberta de pequenos barcos, leves e esguios, alumiados por uma lanterna.

E aquelas lanternas, movendo-se sobre o fundo escuro da água, lembravam as últimas faúlhas que correm sobre um papel queimado e negro.

A noite era tenebrosa, sem comunicação com o céu impenetrável, e La Valetta, capital de Malta, recortava no escuro o seu perfil confuso.

Era aquela, pois, aterra heroica de Malta, rochedo isolado da antiga cavalaria inimiga do Turco!

Era ali que o último mestre, Villiers de l'Isle-Adam, batido em Rodes, depois de assombrar pelo seu heroísmo o sultão Solimão, depois de haver deixado

Rodes com os seus cavaleiros, levando os vasos sagrados e as relíquias, de ter navegações aventurosas no claro arquipélago, de errar pelas estradas — cristão buscando uma pátria para a sua Ordem —, viera assentar a sua energia indomável — e ali ficara, como uma ameaça constante, suspensa sobre o mundo do Islão!

Era aquela Malta que nós íamos ver...

Entrámos para a cidade por uma grande escadaria cheia de mendigos, de vendedores de frutas, de contrabandistas de coral, de pregões, de vadios e de lama... Assim sé sobe para Malta...

Achámo-nos então numa rua de um estranho caráter. As paredes brancas, claras, imensas, desenhando linhas

severas de muralhas, têm um aspeto misterioso, e fazem pensar ao mesmo tempo no Oriente e na Renascença veneziana.

Grandes balcões envidraçados e salientes dão às ruas um perfil pitoresco. De ambos os lados erguem-se casas enormes, de fisionomia altiva e impenetrável, longas arcadas misteriosas, terraços sucessivos, fragmentos de esculturas, detalhes admiráveis — e tudo aquilo se amontoa numa confusão de palácios, de prisões, de serralhos, severos e esculturais, que parecem italianos pelo mistério e orientais pela fantasia. Era pelo menos assim que Malta nos aparecia, de noite; trágica e enorme na sombra, conservando na atitude orgulhosa dos seus edifícios a

reverberação do seu passado heroico.

E nós íamos procurando reconstituir a vida íntima daquela cidade, nos tempos ásperos da Ordem.

Víamos, de fora, os monumentos esbatidos na escuridão: ali, era o palácio dos grãos-mestres, com a sua extensa galeria, as janelas esguias, todo o seu aspeto, que faz pensar em grandes salas de armas ladrilhadas, em vastos pátios onde brilham tanques entre árvores, em longos corredores abobadados e misteriosos, e nas frestas estreitas donde se vigia o mar e se espreitam as velas dos piratas de Argel,

Ali era o observatório; ali, a Igreja de S. João. Mais longe, eram as pousadas de Castela, da Baviera, da Provença; ali se reuniam os cavaleiros de

cada nação, ali se deviam passar as longas vigílias de armas e ouvir as cantigas das pátrias distantes e as largas histórias de batalhas e de aventuras ...

Todo aquele mundo pitoresco e bárbaro nos voltava à memória, e evocávamos Malta povoada dos seus cavaleiros brancos, trazendo a cruz vermelha no peito, altivos, brutais, exilados ali como num claustro feroz, e espalhando-se pela cidade em cavalgadas, aos grupos, ou, sobre as fortificações, espreitando no horizonte uma brancura de vela turca...

Hoje passam ali os uniformes ingleses, os carros excêntricos cheios de marujos, as maltesas com as suas faldetas semelhantes às antigas mantilhas do Porto. De resto, as ruas são alumiadas, largas,

cheias de lojas, de movimento e de vitrinas que resplandecem — enquanto, por cima, as negras faces das antigas casas mostram ao céu os seus perfis impenetráveis.

Por toda a parte circulam os ingleses, fardados de vermelho, de escuro, de branco, louros, ruidosos e pesados...

Aquela pobre Malta, que foi dos Gregos, dos Cartagineses, dos Fenícios, dos Romanos, dos Turcos, de Carlos V, dos Franceses, dos Italianos, de todos os cortesãos, de todos os bastardos, de todos os piratas, veio a ser enfim da Inglaterra, imenso cesto de trapeiro de todas as terras — farrapos!

Por fim, fomos parar a um teatro, branco como a neve e de estilo vulgar,

onde ouvimos a música romântica da *Favorita*. Na plateia, os uniformes vermelhos resplandeciam; em redor, perfilavam-se mulheres feias, alouradas e inexpressivas. Apenas uma pequena *miss* nos atraiu o olhar: divinamente loura, modelada como uma grega, rosada, fresca e virginal como um fruto do Paraíso — disseram-nos ser Mademoiselle Tostoli, dançarina maltesa!

O paquete partia à meia-noite, e nós descemos melancolicamente até ao cais as ruas seculares de La Valetta.

Atravessáramos Malta como num sonho: de repente, no meio do mar, tínhamos encontrado aquela ruína romântica — venerável pelas legendas do passado e as marcas da história, heroica e galante com os seus edifícios orientais e

os seus aspetos misteriosos — cheia de luz, de ruído, de ingleses, e vagamente sonora da música da *Favorita*.

Umas horas depois, toda aquela visão da história e do romantismo tinha desaparecido no meio da noite — e nós continuávamos no mar noturno a nossa viagem para leste.

De Alexandria ao Cairo

1 — Alexandria

De manhã, avistámos uma terra baixa, negra, ao nível do mar. Era o Egito. Aproximámo-nos da entrada, terrível, com a sua muralha de rochedos cobertos de espuma. Ao fundo, via-se uma linha de areia, de uma cor fulva, como os leões: era o deserto. Junto à água erguia-se uma cidade de grandes edifícios brancos, e ao longe, numa ponta de terra, recortavam-se palmeiras. Era enfim Alexandria.

Demorámos a ancorar. A distância, erguia-se a coluna de Pompeu.

Em redor do paquete, barcas árabes, tripuladas por figuras negras, ágeis, luzidias, de turbantes coloridos sobre caras esfomeadas e rostos estreitos,

corriam rapidamente, inclinadas sob o vento. Aqueles homens falavam uma língua gutural, áspera, arrastada, de que se não podia sequer compreender a intenção das frases. Havia velas riscadas de vermelho e o sol batia nos grandes edifícios brancos de Alexandria.

Saltámos para um barco. Os árabes remavam com grande ruído, falando violentamente, numa agitação perpétua. Ao passarmos junto de um dos grandes navios do paxá, a bandeira vermelha de crescente branco desdobrava-se; no tombadilho, distinguiam-se figuras escuras, com largas calças vermelhas, e o tarbuxe escarlate na cabeça. Corríamos sobre a água azul da baía: víamos palácios, um edifício com uma cúpula redonda, um minarete. O

enorme palácio do paxá, no gosto italiano, assentava ao longe, na areia, a sua massa monótona. Um céu imóvel, infinito, profundo, deixava cair uma luz magnífica.

Eu, entretanto, pensava que ia pisar o solo de Alexandria. Estávamos talvez na mesma água em que outrora tinham fundeado as galeras de velas de púrpura, que voltavam de Actium! Oh! Alexandria, velha cidade grega, velha cidade bizantina, onde estás tu? Onde estão os teus quatro mil banhos, os teus quatro mil circos e os teus quatro mil jardins? Onde estão os teus dez mil mercadores, e os doze mil judeus que pagavam tributo ao santo califa Omar? Onde estão as tuas bibliotecas, e os teus palácios egípcios, e o jardim maravilhoso de Ceres, oh!, cidade de Cleópatra, a mais

linda das Lágidas?

Estavas diante de mim: e eu via construções vastas, desmoronadas e negras, feitas do lodo do Nilo, um lugar enlameado e imundo, cheio de destroços, uma acumulação de edificações miseráveis e inexpressivas!

Sobre o cais, uma multidão de árabes gritava, empurrava, grunhia. Um camelo carregado caminhava solenemente. Velhos barcos chocavam-se no arfar da água junto a um cais de pedra, polido das marés — e aquelas pedras cobriam um solo venerável, quase mitológico, conhecido de Homero!

Era ali a ilha de Faros. Os Ptolomeus ligaram aquela ilha à terra firme por uma calçada de pedra, um istmo, povoado de casas. A calçada foi-

se-alargando, e agora, sobre ela, assenta Alexandria, tão fortemente como o Cairo assenta na terra do velho Egito.

Sobre o cais, um homem de bigode militar, longo casacão esfarrapado, vil e ignóbil, vergastava com o curbaxe de pele de búfalo um pobre felá de rosto egípcio, a cabeça pequena, o olhar levemente ébrio, a face saliente, os pés espalmados. O miserável, vergado, arquejando, esperava numa atitude dobrada e paciente o fim das vergastadas. O homem de aspeto militar deixou cair o braço, o felá sacudiu-se — e arremessou-se com uma violência ávida sobre as nossas bagagens...

Defronte, abria-se um grande arco na fachada de um enorme edifício: era a alfândega. O sol caía, mordente. Um

velho, com uma cara devastada e ignóbil, pedia, sombrio, o «óbolo do dervixe», estirado numa atitude impassível contra a parede do edifício. Em redor de nós e das nossas bagagens havia um rondar ávido, sôfrego, um clamor miserável, pernadas, vergastadas e um cheiro fastidioso...

Assim tu nos apareceste, ó negro Egito, romântica terra dos califas!

Equilibrados numa carruagem forrada de chita, com um cocheiro albanês, entre o monte das nossas bagagens, precedidos de um *saïs*, começámos a atravessar o bairro árabe. E uma rede de ruas estreitas, infetas, obstruídas de lama, de construções irregulares, desmoronadas, caducas, feitas de todos os materiais, desde o mármore até ao barro, com todos os aspetos, um

imprevisto extremo de linhas e de arquiteturas, e cheias de uma multidão ruidosa de turbantes, de tarbuxes, de gorros gregos, de barretes albaneses, de albornozes, de mulheres envoltas nas suas túnicas brancas, de burros carregados, trotando miudamente. E aquilo é confuso, pitoresco, estranho e miserável.

Chegámos, enfim, à Praça dos Cônsules. É uma praça enorme, cercada de vastas casas, hotéis, consulados, bancos, casinos e casas de negociantes levantinos. Sente-se já ali o Oriente. Um sol pesado e morno cobre o largo. Passam fileiras de camelos; felás carregados correm, com as túnicas azuis cheias de ar; às esquinas, cambiadores de moedas, com o dinheiro em grandes cestos, encruzam-se em cima de esteiras. Mais longe,

vendedores de flores fazem os seus ramos, junto ao muro de um jardim donde pendem, como guarda-sóis, as folhas agudas das palmeiras. Veem-se flores maravilhosas, largas, de uma carnação luminosa e de um aroma acre. Mulheres de atitudes altivas, ainda jovens, vibrantes, passam, envolvidas em túnicas pardas que lhes modelam o corpo, os braços saindo de largas mangas pendentes, e com uma tira de pano presa ao alto da cabeça, que deixa uma fenda para os olhos e lhes desce até aos pés. Cruzam-nos levantinos, a galope nos seus pequenos burros ágeis e finos, arreados com altas selas vermelhas. Um regimento de soldados do paxá atravessa a praça: são negros, trazem fardas brancas, o fez escarlate, um grande saco às costas, e, ao

lado, um terçado curto: rostos duros, oleosos, lustrosos, ósseos. Um oficial galopa à frente sobre um cavalo árabe de pescoço arqueado, e o seu alfange recurvo, dourado, inútil, bate contra o xairel de veludo bordado a ouro...

De resto, o aspeto da praça é trivial. As casas são massas de cantaria, monótonas e cerradas. Sobre o asfalto abrem-se as portas dos cafés e dos bilhares. Esquecido sobre uma mesa, vemos um número do *Figaro*. Nas esquinas há cartazes das *Buffes-Parisiennes*. Algumas *gurgandines*, com a cabeça enfeitada, arrastam pela lama grandes saias de seda.

É uma cidade baixamente mercantil. As colónias que a habitam, gregos, italianos, marselheses, estão ali

de passagem: oprimem, sugam, engordam, alcançam escravas no Fayoum, e encerram-se nas suas casas pretensiosas, cheios de comida, de agiotagem e de sensualidade. O movimento é todo comercial, rápido, precipitado. As ruas são ladeadas de armazéns; as carroças deixam sulcos na lama. O interesse, a aspereza do ganho, o estado de colonos espoliadores, dão um aspeto de brutalidade e de avidez àquela população; aqui o grego perde o seu perfil correto, agradável e penetrante; o marselhês já não tem a sua fisionomia quente, expressiva, subtil, aventureira, nem o italiano os seus traços voluptuosos e cheios. Têm todos feições combativas e aguçadas de exploradores ávidos.

Fomos visitar, momentos depois

[...] Bei, um dos ministros do Ismail Paxá. Estava no Banco Egípcio. [...] Bei é um renegado. É um homem grosso, pesado, forte, de fisionomia larga e oleosa, boca cavernosa e cheia de negruras, coberta por um bigode enorme e grisalho; fixa-nos com uns olhos vivos, levemente fatigados, voluntariosos e libertinos. É imundo: encontrámo-lo afogado em suor, com os sapatos desatados, o casaco preto enodoado e uma camisa cheia de vincos negros. Falámos pouco tempo. Pareceu-me um homem extremamente limitado, grosseiro, ávido para a exploração. Adivinha-se ali um dos pequenos tiranos do país, desembarcado um dia nalgum porto do Egito, vindo da Síria ou da Índia, miserável e astuto, elevado pela força, pela intriga, pelas complacências

desonestas, devorador, brutal, vaidoso, entorpecido pelo uso das escravas, mantendo-se pelo servilismo. Uma coisa apenas era admirável nele: as suas *cigarettes* turcas!

Percorremos algumas ruas. Sempre o mesmo aspeto: um largo espaço de lama, bordado de altas massas de alvenaria pintadas de cor-de-rosa ou amarelo, quadradas, simétricas, silenciosas, recortando-se num azul sublime!

Positivamente, Alexandria começava a enfastiar-nos. A tarde caía. Algumas carruagens passavam na praça, cheias de levantinos de tarbuxes no alto da cabeça, e de *commis-voyageurs* ruidosos, com grandes cabelos untados de pomada, bigodes grisalhos, atitudes de

cabeleireiros, de um género canalha. É a mocidade comercial de Alexandria. Passavam também damas levantinas, enormes, envoltas em túnicas brancas, apoiadas às almofadas das carruagens, semelhantes a sacos de farinha. Vimos outras damas ainda, nas suas vitórias governadas por cocheiros núbios, agaloados de escarlate, num luxo imbecil, ruidoso, de uma afetação voluntária: sente-se o mau gosto, a falta de elegância delicada, os instintos baixos do burguês enriquecido e perverso...

— Onde se passeia?

— No Mamudieh.

O Mamudieh é o canal que traz a Alexandria a água do Nilo. Serve para o consumo e para a navegação.

Passam-se as ruas triviais e

silenciosas, e começa-se a penetrar numa paisagem de uma inesperada originalidade. Caminha-se a passo, numa grande avenida de sicómoros de folhas delgadas. Ao lado, alguma construção abandonada; depois, colinas de areia: é o começo do deserto líbico.

Deixa-se a avenida e penetra-se entre bosques de palmeiras: os troncos são enormes, as folhagens flexíveis arqueiam-se. Vegetações pendem das folhas reluzentes, fortes, crescendo em confusão. Está tudo empoeirado do vento do deserto. É uma paisagem muito quente, de um colorido poderoso. Cruzámos fileiras de camelos. Um beduíno, já velho, encruzado sobre o seu dromedário, com o corpo numa oscilação monótona, a lança pousada sobre os joelhos, olha-nos

gravemente. Um velho muçulmano de túnica azul, grande faixa escarlate, turbante branco ou verde, passa, solenemente, montado no seu burro, as pernas pendentes, desfiando um rosário.

Há um grande silêncio. Chega-se ao Mamudieh. Maravilhoso aspeto: a luz desmaiada já escureceu um pouco; o céu, para o poente, tem grandes nódoas ensanguentadas, esbatidas sobre um fundo de opala. Uma avenida larga corre junto ao canal. De um lado, são os muros dos jardins do palácio, cheios de copas de árvores que se debruçam, cobertas de flores, derramando um aroma doce. Do outro, fortes sicómoros mergulhando na água as suas raízes poderosas.

A água tem uma imobilidade vagamente luminosa. Alguns *dahabiehs*,

no canal, estão amarrados às margens. As ramagens lustrosas das árvores faíscam na tarde escura; sente-se o cheiro acre, a sensação de terra queimada do sol. Mulheres felás descem, com a bilha aos ombros, até ao canal.

A linha de verdura, na outra margem, recorta-se nitidamente em escuro sob o céu amarelado e quente: são maciços redondos e côncavos de folhagens baixas, donde, a espaços, uma esguia palmeira se ergue, como a cúpula verde de um minarete agudo.

Às vezes um barco desce, com as velas abertas como as duas asas de uma cegonha. Há um silêncio, uma serenidade tropical, abafada, aromatizada...

Volta-se. Os cafés estão ruidosos, os casinos alumiados. Alguns felás,

deitados no asfalto, enrodilhados nos seus mantos, dormem sob a névoa, à luz das estrelas. Nas ruas escuras, de longe em longe, passa um árabe com uma lanterna...

Ao outro dia devíamos ainda ficar em Alexandria. Tínhamos curiosidades clássicas a examinar. Havia um calor mórbido. Fomos por isso ao bar árabe, sobre a baía, na margem isolada.

O terraço do café, coberto de um alpendre, abre sobre a água e o mar, estende-se a perder de vista, sereno, azul, pacífico, coberto de luz. Ao longe, uma ponta de terra adianta-se pela água: distingue-se uma cúpula branca, cintilando, e uma palmeira, ao lado, levemente inclinada. No horizonte distante há uma névoa de luz.

Aí, toma-se o café turco e fuma-se

o narguilé persa. Lentamente, o fumo vai adormecendo o espírito no calor tépido e dissolvente. As qualidades fortes, a energia, a vontade, dissipam-se, esvaem-se numa sonolência doce. Cai-se naquele estado que os árabes chamam o *kief*. É uma espécie de desmaio vivo: a vida torna-se toda passiva, quase vegetal. Do narguilé, eleva-se um fumo azulado e doce. Pensa-se apenas por imagens, por formas. O cérebro vive no fundo de um sonho. O azul entorpece... Passa um bando de pombas: vêm de Malta, vêm de Citera... A cabeça encosta-se, num adormecimento de todo o corpo...

E contudo o animal em nós sente em toda a sua plenitude... É terrível!

Depois, é necessário andar depressa, mover ginasticamente os

braços, pensar em coisas enérgicas, querer fortemente: só assim se sai completamente da prostração.

Quando a tarde caía, fomos ver a coluna de Pompeu. É uma alta coluna grega, de granito rosado, que se ergue sobre uma colina de areia. Foi elevada em honra de Diocleciano por um prefeito do Egito.

Ali, naquela solidão, tem uma melancolia altiva e cheia de passado. Ao pé, negreja uma estátua de granito do tempo de Ramsés, meia enterrada na areia, coberta de imundícies.

Estende-se em redor da colina um cemitério árabe: pedras lisas, tendo, no lugar do calvário, uma pequena coluna coberta por um turbante; e aquelas pedras lisas espalham-se pela desolada areia,

sem árvores, sem sombra, sem flores, ao acaso. De dia, as crianças brincam ali, sórdidas, com os olhos cheios de moscas. Ao escurecer, as patrulhas vagueiam entre os túmulos, trazendo uma lanterna; depois, os chacais uivam até à madrugada...

Às vezes a família do morto vem visitá-lo: traz o seu *pilau*, o seu *pasteque*, o seu bolo, e come junto à lápide, silenciosamente. Depois, as mulheres debruçam-se sobre a sepultura e soltam aqueles gritos agudos, trémulos, guturais e desolados, que são particulares às mulheres do Oriente, e que, ou seja na *zagarita* do noivado ou nas cerimónias funerárias, têm um encanto fatal e fazem pensar em coisas sobrenaturais.

Fomos também ver, conscienciosamente, as Agulhas de

Cleópatra. Encontrámo-las numa horta cercada de uma fileira de casas: uma, está de pé, nítida, de granito rosado; as outras jazem, deitadas no chão: em redor, crescem legumes. Aproximei-me, e depois de as ver e de me compenetrar de que tinham pertencido ao templo de Heliópolis, e de que haviam sido trazidas para Alexandria para serem colocadas dentro de um templo dedicado a Ceres, voltei os olhos e bocejei...

Oh!, querida Alexandria, cidade de Cleópatra, de Amru e dos padres da Igreja, como tu nos foste fastidiosa e pesada!

Assim, ao outro dia, pela manhã, tomámos o caminho de ferro e partimos para o Cairo.

2 — O Delta

Um poeta árabe comparou o Delta a um leque verde, um pouco fechado, tendo na extremidade, no cabo, uma joia finamente cinzelada que é o Cairo.

Com efeito, junto do Cairo, o Nilo separa-se em dois ramos, que se afastam como as hastes de um compasso e que vão, um, desembocarem Roseta, antiga cidade hoje arruinada, e o outro, a Damieta, onde se bateu S. Luís.

Os antigos conheciam sete ramos do Nilo: como o Pitão mitológico, o Nilo mergulhava as suas sete cabeças no mar. No entanto, o tempo, as areias, o desleixo das dinastias persas, a incúria turca, a inércia árabe, a falta de canais e de

diques, fizeram com que cinco ramos se enlodassem, secassem e se lhes perdesse os vestígios.

Hoje, o Nilo reparte-se todo pelos seus dois ramos de Roseta e de Damieta. A terra triangular que fica entre estes dois ramos do Nilo é o Delta, terra tão fecunda que, outrora, só por si alimentava o mundo romano.

A vida do Egito é o Nilo: sem o Nilo, o Egito seria apenas a continuação do deserto líbico, até ao mar Vermelho. Assim, é o país mais fecundo em que ao homem foi dado semear.

O Egito é o vale do Nilo. É um traço de vegetação, de vida, de frescura, através da infinita lividez do deserto.

Evidentemente, ali houve outrora um grande mar: cavando-se a terra,

mesmo no Delta, mesmo nos lugares onde é maior a abundância de culturas, encontra-se uma camada de terra vegetal e, debaixo daquela camada, um depósito de areia do mar, de uma profundidade indeterminada, que provavelmente vai pousar na rocha. Remotamente, talvez se estendesse ali a planície lívida de Ceres, solidões pedregosas que iam até ao mar Vermelho, desde o deserto de areia do Sara.

Depois, o Nilo desceu das suas origens misteriosas — que hoje parecem ser os lagos da Abissínia — e por onde passou, criou a vida. Onde chega a sua água tudo floresce e germina. Junto ao Nilo, o alimento; para além, o fulvo deserto. Há pontos onde a separação entre as culturas e a areia é marcada como por

um traço, A verdura termina bruscamente, como a água de um lago: uma cobra pode ter a cauda escondida na vegetação do Baixo Egito e a cabeça pousada no calor da areia líbica.

Todos os anos o Nilo cresce, sobe, alarga-se, espalha-se, possante, sobre os toirões crestados pelo sol: deixa o seu lodo, vivifica, trabalha, alimenta, germina, fecunda e recolhe-se ao seu leito serenamente. Assim o Nilo, sendo o fundo da vida agrícola, é o fundo da vida civil. Tem instituições, legislações, festas, preces, guardas, pregões. As estações regulam-se por ele: estação do Crescer da Água, estação do Descer da Água, estação da Água Natural, Sobe durante quatro meses; desce durante quatro meses; e durante os outros quatro meses conserva-

se pacífico e neutro.

No nosso país é o céu que cultiva os campos; é ele que rega, que amadurece, que conserva, que manda a chuva, o calor, o orvalho. No Egito, o céu é indiferente à vida dos homens: limpo, liso, profundo, eterno, implacavelmente azul, tem a hierática indiferença de um ídolo. É o Nilo que trabalha a terra.

Em junho, quando o Sol faísca no azul imóvel, o felá que a todo o momento olha, espreita o bom Nilo, seu antigo pai, começa a vê-lo perder a sua transparência: em toda a sua largura, há oscilações, contrações, como os movimentos de um monstro que principia a caminhar: é o Nilo que começa a crescer, Dentro em pouco, toma uma cor esverdeada a baça; depois, em toda a sua

largura, aparece um tom vermelho, sanguíneo: a corrente é mais poderosa, a água sobe devagar, os campos próximos começam a ser afogados. Então amarram-se os barcos junto às aldeias; o felá toma a sua *durbaka* de cordas de metal, as mulheres reúnem-se em coros, batendo as mãos, e por todo o vale do Nilo começam os cantos, as festas em sua honra.

Ele, na sua beatitude, cresce serenamente, igualmente, sem injustiça nem cólera. Às vezes, quando, em junho, ainda o Nilo se conserva imóvel e por todo o Egito se receiam a fome e as pestes, os cádis, os paxás, os imãs, os ulemás, os dervixes, vão em grandes procissões, escoltados de soldados, seguidos dos clamores da turba, através do velho Cairo até à Mesquita de Amru.

Foi ali que pousou, sobre a tenda de Amru, a pomba vinda de Meca, o lugar santo. A multidão prosterna-se diante de um santuário especial, o *mihrab* do Crescer da Água, e mergulha no grande silêncio da oração. E ao outro dia, o Nilo começa a crescer.

Outrora, no tempo do velho Egito dos faraós, houve um rei, Amenemhat III, que tinha feito uma obra imensa e genial. No alto Fayoum abrira uma escavação enorme, criando um lago: chamou-se-lhe o lago Méris.

Estava ligado ao Nilo por um canal, a que depois se deu o nome de Yussub-Julh. Quando a inundação era abundante, a água levada pelo canal enchia o lago, e ali ficava, imóvel, como um reservatório poderoso. Quando a

inundação era insuficiente, abriam-se os diques — e as águas do lago Méris voltavam, a ajudar o Nilo. Tive sempre enorme admiração por esta obra simples e faraónica, que levava a água onde nunca chega a inundação e assim ia alargando o terreno de cultura e conquistando o deserto. Hoje, o lago Méris é uma ruína que os habitantes de Abu-Kuch mostram por três piastras.

Logo que as águas do Nilo começam a crescer, abrem-se os canais de derivação que levam o rio aos campos distantes, que o guiam como um monstro ignorante e bom a toda a parte onde haja uma esterilidade a curar.

No nilómetro, espreita-se a cada momento a altura da água; prometem-se peregrinações a Meca; invoca-se o velho

Nilo; as mulheres cantam-lhe cantigas que ele escutará; e pelos bazares andam pregões, dizendo numa voz rítmica e salmodiada a altura que a água vai tomando. É disto que o Egito vive!

Daqui, uma ideia dolorosa: todo o Egito, de Alexandria à Núbia, a sua abundância rica ou as fomes e as pestes que o podem devastar, toda a sua sorte, depende, todos os anos, dos homens que governam o país do fundo dos seus haréns do Cairo. Se os canais de derivação estão bem lavados, bem conservados, desobstruídos; se os diques estão sólidos; se os regulamentos para a irrigação são executados com justiça, a inundação é útil, a vida sai da terra com uma poderosa energia. Se os canais, porém, andam esburacados e os diques cobertos de lodo

ou rotos; se a rega é feita irregularmente, sem cuidado, então a inundação é contrariada na sua bondade natural, a sua fecundidade é neutralizada e o Egito tem fome durante anos!

No tempo dos faraós a inundação dava resultados maravilhosos; mas com a invasão dos Persas, o Egito empobrece; vêm os Ptolomeus, e a sua administração sábia dá novamente uma riqueza abundante ao vale do Nilo. Sob os Romanos, essa abundância decresce; sob o domínio turco, morre.

Nas terras altas onde não chega a inundação, o felá prepara artificialmente a cultura. Não é necessária a charrua: basta a água e o lodo do Nilo. A água e o lodo eleva-os o felá por meio do *chaduf*.

O *chaduf*, conhecido no Egito

desde a mais remota antiguidade, e que já se encontra nos baixos-relevos e nos pórticos dos templos, é uma espécie de trapézio de pau, erguido junto à água do rio. Sob a barra do trapézio, gira verticalmente uma longa alavanca delgada: de uma das suas extremidades, pende, presa por uma correia flexível, uma larga taça, ou mesmo um cesto de folhas de palmeira cobertas de barro, ou ainda um balde de couro. Na outra extremidade da alavanca, um forte contrapeso, feito de terra seca, facilita a subida do balde cheio de água. O felá puxa pela correia, mergulha o balde no rio, enche-o; o peso, colocado na outra extremidade ergue-o devagar, e o felá, quando o balde está suspenso no ar, em equilíbrio, ou deita a água num

reservatório donde a vem tirar um segundo *chaduf*, se as terras a regar são mais elevadas, ou nos canais, diretamente, se as terras ficam ao nível do primeiro *chaduf*. Quando as margens são altas, há assim colocados para a ascensão da água, quatro e cinco *chadufs*. É um trabalho duro, paciente, fatigante, cruel; os felás manejam o *chaduf* arquejantes: é necessário tirar a água, ou sob o sol implacável ou nas neblinas húmidas da noite. Assim se regam as terras afastadas, ou que, pela sua inclinação, não têm o contacto do Nilo; assim se obtêm as regas artificiais.

Os felás cantam, ao mover o *chaduf:* eleva-se sempre, junto ao Nilo, aquela música bárbara como uma melopeia melancólica, arrastada,

plangente; ouvem-se de noite aqueles cantos lentos e doces espalhando-se no céu cheio de estrelas.

Nas terras baixas, as aldeias repousam: repousam durante a hora da inundação. Os campos estão cobertos de água: navega-se em pequenas canoas feitas de troncos de palmeiras; os remos cortam a luzente imobilidade de água como peixes que nadam; os bandos de pelicanos e de patos banham-se ao sol.

Ao descer da água, os trabalhos começam em todo o Baixo Egito. Os campos ficam cobertos de uma terra lodosa, mole e negra. Os felás atiram a semente ao acaso, às mãos-cheias, e pelo seu próprio peso a semente penetra, afunda-se, sepulta-se na terra mole. Nem charrua, nem adubo — e quando a

inundação terminou, começam os campos inundados, a que se chamam *bayadys*, a cobrir-se de trigo, de aveia, de fava e de lentilha, que são a alimentação do felá, e depois de *guilbcin*, que é o sustento do boi!

E aquelas culturas estendem-se até ao horizonte, verdes, ricas, pacíficas, claras, cintilantes de água e cobertas de sol.

3 — Através do Delta. Considerações sobre o Egito Contemporâneo

Deixáramos Alexandria alegremente. Aquela monótona cidade, cheia de bulevares e de casinos, no sítio onde o solo ainda está quente dos passos dos Ptolomeus e das sandálias de Cleópatra, pesara-nos como a página de um livro comercial intercalada no arabesco fantástico de *As Mil e Uma Noites!*

Emporte-moi wagon, enlève-moi frégate...

dizíamos nós, com o espírito satânico que habita nas *Flores do Mal!*

O vagão, com efeito, arrastava-nos pelo lago Mareótis, até aos ramais de Roseta e de Damieta, através do Delta.

Íamos sentados ao pé de um engenheiro do canal de Suez. A luz clara de outubro envolvia a cabina e, numa grande surpresa, víamos, olhando pela janela, a doçura da paisagem do Baixo Egito.

Era uma manhã um pouco húmida. Grandes nuvens brancas, estiradas, riscavam o céu descorado.

Ao princípio, terras pálidas, lívidas, cortadas de valas de água, como tiras horizontais, uniformes, tristes. Depois, as terras desaparecem, e o comboio corre, sobre uma estreita caleira

de pedra, através do lago. Vê-se então, no horizonte, reluzir lividamente aquela água imóvel, pesada de sol, estirada, levemente franzida de vento. Mais tarde, começam a negrejar de novo as aparências de terra, árvores, troncos — sem uma erva, sem uma besta —, até que por fim se entra nos campos de cultura.

Vemos até ao largo horizonte os descampados frescos, cheios ainda do Nilo. A paisagem é uma grande planície verde, marejada de água. Não há paisagem tão serena, tão humana, tão docemente fecunda: nenhum contraste, nenhuma violência de perfis de montes — tudo largo, liso, imenso e coberto de luz.

O verde e a água resplandecem. Sente-se a riqueza, a abundância... Por toda a parte as searas e as águas fecundas.

Os caminhos encolhem-se para não tomarem espaço...

Água, verdura, cultura, trabalho, riqueza: são os grandes tesouros do Nilo.

Era aquela infinita extensão de vegetação e de culturas que faziam dizer a Amru, escrevendo ao rabino: «Santo comendador dos cristãos, é isto o mar de verdura.»

A água penetra, corre, alarga-se por toda a parte, afoga a verdura das plantações, as searas, as culturas, numa fecundante abundância. Aquelas raízes estão saturadas: as águas são como estradas que se-cruzam, como as inúmeras malhas de uma rede. Restos da inundação cobrem os campos, e as palmeiras assombreiam pequenos lagos, onde se banham os patos e as garças reais.

O verde é profundo: sente-se a forte seiva saciada de água. Os trigos reluzem batidos de luz, e entre eles passeiam gravemente as íbis, as aves sagradas do velho Egito.

Passamos pela pequena aldeia árabe de Damanhur: um grupo de habitações baixas, de tijolo, um cemitério, um molho de palmeiras, e, em redor, um pequeno espaço de terra dura, escura, pelada, para além do qual as verduras continuam.

Na planície, a espaços, nos lugares mais isolados, uma mulher de pé, com a túnica azul envolvendo-lhe o corpo, os braços cobertos de arabescos e de tatuagens, atira, com grandes gritos, pedras às aves de rapina, aos milhafres e aos corvos que descem sobre as searas.

Aquela paisagem imponente, de uma grande severidade, de uma beleza grave, passa rapidamente aos dois lados do vagão. O Nilo ali é estreito, menos largo que o Tejo. Uma vegetação poderosa, profunda, violenta, cobre as margens e vem mergulhar as suas raízes na água. Ao longe, as culturas têm o aspeto de uma decoração maravilhosa. É solene, é quase bíblico, de uma serenidade profunda e consoladora. Sente-se que quem atravessa aquelas culturas deve falar baixo. Do céu cai uma luz imóvel e abundante.

Passámos um momento diante de Tantah. É uma cidade do Delta, rica e comercial. Veem-se em baixo, do alto do vagão que passa sobre um aterro elevado, as casas negras, ornadas de

mucharabiehs. Num largo, distinguimos uma feira: os camelos, aos grupos, deitados em volta de uma lança espetada no chão, descansam, volvendo os olhos pensativos. Passam burros vergados ao peso de sacos ou de molhos de erva. Há sacos abertos no chão; os cádis pesam, verificam. As mulheres circulam envolvidas em grandes túnicas azuis, um cesto sobre um ombro, uma criança sobre o outro. Os felás correm, apressados, e estala-lhes sobre as costas negras e luzidias o curbaxe do nazir, o recebedor dos impostos. Velhas figuras, com grandes túnicas de cores brilhantes, turbantes brancos, longas barbas e cintas largas donde sai o cabo de pau de um pequeno punhal, passam gravemente. As aves vêm picar o grão nos sacos. Alguns beduínos

atravessam o largo, em grupo, a cavalo, com as lanças erguidas, os cofiós de damasco pendentes ao longo das costas, sobre as grandes capas brancas, listadas de negro. O sol cai sobre este quadro, dando-lhe um aspeto estranho, cintilando sobre as casas escuras. E as figuras, as amplas túnicas de cores vivas, a serenidade dos dromedários pacíficos, a estatura das mulheres, tudo tem uma harmonia profunda...

O comboio parte, e daí a momentos atravessa-se o ramo de Damieta. Grandes barcos, a que chamam *debariehs*, estão amarrados junto da margem escorregadia, cheia de estacas, sobre as quais corre uma tábua desconjuntada. Vemos na margem camelos deitados, carregados de fardos, e

soldados egípcios que saltam para um barco. Mulheres, sentadas em grupos, partem o bolo de *durah*. Os felás correm e gritam; e os marinheiros das *debariehs* tocam a *durbaka*, enquanto o *reiss*, imóvel, apoiado à comprida vara do leme, envolto numa túnica, fuma gravemente o seu chibuque. A luz cai sobre aqueles aspetos, vibrante, desenhando-os em recortes leves, e brilha no meio da folhagem, fazendo tremer cintilações sobre a água fugitiva do rio.

A pele luzidia dos negros reluz como bronze. Trabalham, carregam os fardos, atiram-se à água, e, com grandes esforços de músculos, contorcendo-se, ofegantes, desenterram um barco do lodo da margem, fazendo-o mover na água.

Tudo aquilo nos surpreende como

se entrássemos num mundo antigo, histórico. Aquelas longas linhas, aquela transparência de cores, a serenidade daqueles horizontes, tudo faz pensar num mundo que se desprendeu das contradições da vida, e entrou, se fixou na imortalidade.

Admirámos sobretudo as culturas pela sua preparação, pela sua abundância, pela sua altiva beleza. Que plantações perfeitas, que luminosos canais, que arvoredos maravilhosos, que abundância, e como ali a terra é fecunda!

Instintivamente, pensa-se no paraíso, na velha fertilidade mitológica: os homens que ali vivem devem ser fortes, de movimentos perfeitos e seguros, sólidos e bem construídos; as suas casas devem ter a-abundância; o, seu viver é

decerto simples e pacífico; os velhos devem ter uma placidez sossegada e uma bondade primitiva; hão de ser hospitaleiros, sóbrios, tranquilos e felizes...

Comuniquei estas ideias ao meu vizinho, o engenheiro do canal de Suez. Sorriu:

— Aqui, vive o felá!

O felá é o cultivador do vale do Nilo. Tínhamos visto em Alexandria pequenos grupos de cabanas, fora da cidade, à orla do deserto — casebres de terra escura, cheios de fendas, baixos como covis, escuros, apoiados aos troncos das árvores: eram as casas do felá.

Tínhamos visto ainda o felá movendo o *chaduf* nos campos, curvado

sobre os pesados fardos, enchendo os odres de água do Nilo, dormindo à noite nas ruas de Alexandria com a cabeça embrulhada na túnica, encolhido, imóvel como um saco no celeiro. Tínhamo-lo visto bastonado no cais de Alexandria. Tínhamo-lo visto, através das janelas do vagão, trabalhando nos canais, apartando ou ligando os molhos de trigo ou de linho e fazendo a sua oração, prosternado à beira de um regato.

O seu vestido é uma túnica curta, uma espécie de blusa azul, apertada na cinta por uma corda. Na cabeça traz um pequeno gorro branco ou de pele de cabra. A sua fisionomia é doce e tranquila: tem os olhos negros, ligeiramente levantados nas extremidades; os dentes, brancos, curtos, cerrados; a

cabeça é pequena, o nariz direito, impercetivelmente achatado na base; tem as feições redondas, o corpo esguio, os pés largos, espalmados, a cor escura e bronzeada. É seguramente da velha raça egípcia.

Os sábios dizem que não. No entanto, a semelhança é perfeita entre aqueles homens que movem os *chadufs* pelos campos do Delta e as figuras de cultivadores, de servos, de sacerdotes, de faraós, que se perfilam nos grandes túmulos reais ou nos pórticos dos templos egípcios. E note-se que os artistas egípcios das últimas épocas têm uma habilidade profunda na composição da fisionomia: o corpo é hirto, paralítico, a fatura ingénua, o movimento artificial, mas a linha do rosto, a *raça* é puramente

indicada. Nas grandes decorações que desenrolam as suas figuras, em cortejo, nas paredes dos templos, os rostos dos egípcios distinguem-se logo, pelas feições, dos rostos dos povos vencidos: berberes que trabalham nos canais e nos pilones, hicsos bárbaros, ou homens de Babilónia, de formas efeminadas. Vi muitos felás que se assemelham à Esfinge. O árabe do Cairo, o árabe das cidades, tem já uma outra fisionomia.

Todo o trabalho das culturas é feito pelo felá.

O felá não possui. Está na miserável condição do antigo servo feudal. Não cheguei nunca a esclarecer com nitidez esta tenebrosa questão de constituição da propriedade turca. Isso todavia deve estar escrito, analisado,

comentado, contado, talvez fotografado. Não tenho tempo para percorrer essas sábias páginas.

A verdade é que felá não possui. Possui o paxá, possuem os beis, possuem as mesquitas. O felá trabalha, reza e paga. Não tem propriedade, nem liberdade, nem família. É inferior ao escravo. O escravo raras vezes era bastonado: representava um valor, um objeto mercantil, que se podia deteriorar, ficar com uma deformidade nas costas, uma chaga nas pernas: por isso, só o bastonavam nas solas dos pés.

O felá, esse, é tomado livremente, amarrado a uma árvore, lançado a uma cova húmida, e quando se revolta encostam-no a uma parede, erguido sobre três tijolos, pregam-lhe as orelhas à

parede — e tiram os tijolos! O corpo fica suspenso pelas orelhas ensanguentadas, rasgadas, distendidas, roxas!

Hoje, dizem, sob a influência europeia, estes castigos estão levemente modificados. O felá, porém, nunca é afastado devagar pelo nazir que passa, pelo bei que galopa no seu cavalo sírio: é repelido duramente, a vergastadas de curbaxe!

Abbas Paxá, quando ia por Chubrâ, na sua carruagem, a galope, à desfilada, esmagava sempre algum felá adormecido sob um sicómoro. O consulado inglês, indignado, interveio energicamente. Abbas Paxá, atónito, pasmado, prometeu condescender — prometeu, por amizade, não esmagar mais felás — e contava depois, entre risadas

surpreendidas, com grande pasmo do seu divã, a excentricidade do inglês!

Passava-se isto há três anos, Abbas Paxá era um grande homem: punha ao pescoço dos seus cães coleiras de diamantes e pérolas finas.

O felá, até à puberdade, anda nu pelos campos, guardando os búfalos na pastagem, rolando-se no lodo da inundação, mendigando nas ruas do Cairo. Homem, veste aquela saia de algodão azul: vive com ela cingida ao corpo; com ela é deitado à vala comum. Casa ao acaso, sem simpatia no coração, para ter filhos, para que a mulher trabalhe, apanhe o excremento de camelo, que é a lenha do felá, vá encher a bilha ao Nilo, defenda as searas das aves de rapina, leve os fardos, faça a colheita.

Ele, entretanto, de noite e de dia, sob o sol e sob o orvalho, conduz as águas, conserva os canais, arranja e balança o *chaduf*, e o seu canto monótono desmaia no ar.

A sua casa tem três metros: é um espaço quadrado, nu, de terra. Tem por teto a palha de *durah*. Pela palha mal junta passa o ar, o fumo, a luz, o gemer das crianças, as *zagaritas* das mulheres.

Tem uma esteira, uma gamela e uma bilha. Comem todos na mesma gamela, dormem sobre a esteira em promiscuidade, e pela bilha bebem a água leve, fresca, transparente do Nilo. Um dia, um homem vem e leva-o para trabalhar nas fortificações de Alexandria, nas minas do Sudão ou nos canais do Alto Egito. A mulher e os filhos desgraçados vão

mendigar. Quando o felá envelhece, mendiga também ou então fica a um canto da cabana, imóvel, abandonado, esperando.

Um dia é atirado, morto, à vala: a mulher acompanha-o, dando gritos agudos, torcendo os braços. Os filhos, esses, não têm tempo: estão no *chaduf*, cantando. É assim o felá.

O paxá tem barcos, cavalos, burros, dromedários, o Nilo; pois bem: às vezes, pelos estreitos caminhos do Alto Egito, ouve-se o som de uma campainha: é um velho que corre no pó, sob o calor, vergado, arquejante; uma ponta do seu turbante flutua; veste uma túnica curta de pelo de camelo, dura, que lhe bate nas pernas magras, negras, descarnadas, feridas; tem sandálias de couro; na

extremidade de um pau leva um saco de pele de gazela; corre agitando, com o braço erguido, a sua campainha. Os felás dizem: *Saiam*, abençoando-o em nome de Deus. É o correio!

— Ah! — continuou o engenheiro do canal de Suez, ajeitando-se nas almofadas sujas do vagão —, a vida aqui não é fácil, meu caro senhor! Este pobre felá, de todo este celeiro, não possui uma cana-de-açúcar.

— Mas quem possui?

— Na realidade, o paxá. Quando a Inglaterra, no tempo de Mehemet-Ali, fez o tratado com a Porta, o monopólio do paxá foi de direito abolido. Mas esse monopólio realmente existe. Mehemet-Ali começou por oferecer à sua família uma considerável extensão de terras

cultivadas. As aldeias que davam um grande rendimento de impostos, cedeu-as aos seus fiéis, aos paxás, aos efêndis, com a condição de lhe pagarem logo os impostos atrasados. As outras aldeias deixou-as ao felá. De sorte que há no Egito imensas porções do país que são de Ismail Paxá; feudos enormes confiados aos paxás e aos beis; e, de resto, aldeias pertencentes ao felá, onde existe, em princípio, a pequena propriedade.

«Este felá, legalmente, pode vender, os frutos e alienar a terra: mas veja como o monopólio realmente subsiste: em primeiro lugar, se o felá não paga escrupulosamente o imposto, o paxá apodera-se da terra, vende-a, e mete as piastras no seu cofre; em segundo lugar, o paxá, quando quer, compra a terra ao felá.

Há uma linha de terreno fértil, excelente, onde a cultura é rica e que pertence ao felá: o paxá deseja-a; manda oferecer por ela um pequeno punhado de piastras; o felá recusa. O paxá, como estudou em Paris, conheceu Mademoiselle Schneider, é bondoso e assina o *Figaro*, não o manda degolar como no tempo dos califas, nem o afoga como no tempo dos mamelucos. Somente, como o paxá é o dono do Nilo, como sem água não há cultura, o paxá, na ocasião da inundação, não deixa que a água chegue à propriedade em questão. Sem o Nilo, não há colheita: a terra mirra-se ao sol. O felá então compreende que é preferível um punhado de piastras a um punhado de areia, e o paxá entra modestamente na posse daquela propriedade «abandonada ao Nilo»!

«No ano seguinte, a inundação cobre essa terra e a cultura regada floresce em triunfo.

Estávamos atónitos.

— Coitado! O felá não é feliz! Realmente as suas habitações são covis. A maior parte dos filhos morrem-lhe: é obrigado a trabalhar nas obras do paxá... É levado para a Núbia, para Assuão, para o Sudão: a família dispersa-se; os velhos expiram ao abandono. Vêm-no buscar à aldeia, levam-no e, lá, pagam-lhe em géneros.

«Vai, por exemplo, para as fábricas de refinação de açúcar: prometem-lhe vinte *parás* por dia; mas os vinte *parás*, dão-lhos em melaço, avaliado por um preço fantástico, e o felá tem de o vender por baixo preço, de o

comer ou deixar estragar. No entanto, ó paxá numa receção em Chubrâ, diz principescamente aos cônsules que os seus operários têm o salário de vinte *parás*! — o mesmo na indústria, nas fábricas de tecidos, em tudo...

«Além disso, há as imposições repentinas: para concluir uma obra, o paxá impõe a certa aldeia um tributo de vinte camelos, duzentos homens e vinte jumentos. O xeque, chefe da aldeia, faz a distribuição: os que podem pagar dão um *bakchich* em ouro ao xeque, livrando assim o seu corpo, o seu jumento e o seu cavalo — e ficam pobres; os que se não podem resgatar, são entregues ao emissário do paxá e vão para os trabalhos.

«O imposto é o terror do felá —

tanto mais que o imposto é solidário. Quando o xeque deva um certo imposto, toda a aldeia é por consequência solidária. De resto, se o xeque não apresenta a soma completa, é bastonado até que a arranje. Outrora, o xeque que não apresentava a sua conta de impostos era pregado a uma janela, pelas orelhas, e ali ficava suspenso, guardado por dois soldados, que, de vez em quando, lhe chegavam água aos beiços, até que a sua aldeia viesse resgatar a falta. Ora, como o xeque é sempre o mais velho, o mais rico, o que protege, o que casa, o chefe, a aldeia corria a salvar as orelhas do seu xeque!

«No Cairo, os joalheiros, os pedreiros, os incrustadores, os burriqueiros, estão divididos em

corporações. Governa-as um xeque, que é igualmente, como nas aldeias, o responsável pelo imposto da sua corporação. De modo que o joalheiro, o pedreiro, o padeiro, para não sofrerem o imposto, afetam a pobreza, a miséria, como os felás na aldeia. Para isso, enterram o dinheiro ou convertem-no em joias! Daí o extraordinário comércio de joias no Cairo e em todo o Oriente.

«Com a cultura do algodão, o Egito ganha um bilião e meio: isto deveria constituir para o paxá o bem-estar material. Porém, como esse dinheiro é enterrado ou convertido em diamantes e em pérolas, escapa ao xeque, e o imposto fica imóvel: é ainda o mesmo dos tempos dos mamelucos!

«O árabe, quando não paga o

imposto, é espancado; ora ele raciocina que, se ao primeiro pedido apresenta o imposto em bom dinheiro, o nazir desconfia da prontidão, imagina riquezas ocultas, um tesouro achado nas ruínas, grandes lucros com o algodão, e exige-lhe o dobro! Se ele então não paga, é bastonado. De tal sorte que o felá, na convicção de que acaba sempre por ser bastonado, nunca cede ao primeiro pedido...

— Mas então o Egito está num perpétuo estado de revolta?

— Qual! Numa indiferença impassível! O árabe diz a tudo: Deus o quer!... Devido à necessidade, tem o hábito de sofrer, uma resignação animal: não percebe que é infeliz. O felá é alegre, risonho, loquaz, imaginoso; tem uma

degradação profunda de caráter, desconhece o que é consciência, dignidade, individualidade, Mas no fundo é feliz. Possui o clima! Anda roto, quase nu, mas neste ar puro e tépido não é um sacrifício. É atavicamente sóbrio: basta-lhe uma gamela de lentilhas ou de favas. Não bebe vinho nem come carne de porco, porque Maomet lho proíbe, mas tem os pombos, tem os ovos, tem os patos, tem o carneiro. As suas habitações são miseráveis, aflitivas para nós, que vimos dos climas onde o *home*, o interior, é uma necessidade atávica. A melhor telha para o felá é o imenso céu: se a casa tem terraço, dorme no terraço...

«Mehemet-Ali foi quem obrigou os felás, que vivem ao pé de Alexandria a edificar aqueles casebres baixos e

escuros. Mas Mehemet-Ali quis poupar aos europeus de Alexandria um motivo de declamação piedosa. Veja um felá: o seu andar é rápido, enérgico, firme; mostra saúde em todo o corpo. Veja as mulheres, que bonitas, que fortes seios, que formas perfeitas, que andar escultural; sente-se uma raça vigorosa, num clima puro em que os homens se conservam como os monumentos.

«De resto, o felá tem vícios: é mentiroso com simplicidade; falsifica tudo. Os que descem do Alto Egito com o trigo para o Cairo, vão comendo o trigo pelo rio a baixo e deitando água no saco: o grão incha e o saco chega ao Cairo cheio, grosso, completo! Meu caro senhor, pense nos operários de Londres ou de Paris, naqueles rostos melancólicos,

entristecedores, naquelas crianças que pela manhã, às sete horas, tiritam de frio às portas das fábricas, nas pobres mulheres tísicas, com os dedos inchados, cosendo toda a noite, e pela manhã molhando em água fria uma côdea de pão! Veja isto!... Que vidas ao sol! Que andar firme! Que paisagem — que serenidade! Sofrem realmente e, na verdade, às vezes também se revoltam um quase-nada...

«Ibrahim Paxá, tio deste, era governador do Alto Egito, mas vivia sempre no Cairo. Um outono, parte para a sua província. Era um paxá terrível. A sua crueldade era legendária no Cairo. Chega, impõe um tributo de mil cavalos, tantos camelos, tantos homens. Prende, bastona, executa, afoga, queima. Estava acampado no interior. Um dia, vê que os felás das

aldeias vizinhas começam a reunir em volta do seu acampamento molhos de palha.

«— Para que é isso?

«— Vossa alteza impôs-nos mil cavalos: é para os sustentar.

Os molhos crescem, cercam o acampamento.

«— Mas para que vem mais palha?

«— Para sustentar os mil cavalos de vossa alteza...

«A palha aumenta... E uma noite os felás esquecem, cheios de respeito por sua alteza, um archote entre duas medas de palha.

«De Ibrahim, do seu bei, do seu *khan*, ficaram boas cinzas para os adubos da Núbia!

«Mas Ibrahim era um paxá terrível...

— Mas então esta família de Mehemet-Ali, que governa o Egito, é uma família de feras?

— Não. Mehemet-Ali era um homem curioso. Aprendeu a ler aos quarenta anos. Admirava a Europa; admirava sobretudo Luís Filipe. Quando veio a revolução de 48, Mehemet-Ali, já velho, decrépito, idiota, escondido no fundo do seu harém, compreendeu o alcance da revolução: quis ir salvar Luís Filipe, armar um exército, cercar Paris! Entrava então em grandes cóleras. Mas as suas mulheres circassianas corriam, envolviam-no, afogavam-no em abraços, e o velho babava-se e ficava a dormir enroscado nos seus coxins! Ibrahim Paxá,

o filho, que fez as campanhas da Síria e da Anatólia, dizem que era um homem enérgico; eu apenas sei que era brutal. Foi ele que destruiu a maioria dos templos egípcios, para fazer fábricas de tecidos. Abbas Paxá, esse, era uma representação grotesca de um velho sultão lendário: a sua vida era monstruosa. No Cairo faziam-se razias de crianças para o seu harém. Falava-se de banhos que faziam lembrar os de Tibério. Era cruel, agiota e porco!

«Este vice-rei, Ismail Paxá, é um homem nutrido, robusto e bondoso. Bebe ao almoço sete garrafas de Médoc, admira os bulevares, toca ao piano Offenbach e ilumina o Cairo a gás.

«De resto, aqui há um meio simples, fácil, expeditivo, de matar um

paxá. de destruir um inimigo importuno. Dois príncipes da família de Mehemet-Ali desagradavam, conspiravam; um dia iam num comboio expresso para Alexandria; na ponte de Roseta há um alçapão — passámos há minutos por cima dele... Era de noite, ninguém escapou!

— Mas então essa civilização do Egito de que se fala na Europa?

— É o gás de Esbekieh, são os casinos de Alexandria... Indague, explore, estude bem os serviços públicos no Egito, e não acha uma ideia boa, uma medida eficaz, um regulamento racional. O Egito civiliza-se deste modo: reforma na fazenda pública — excelente! Cria-se um ministério da Fazenda, edifica-se no Esbekieh um palácio branco, monótono, no gosto italiano: gastam-se seis milhões.

Admirável! E a secretaria? Há mesas polidas, grandes tapetes cobrem as escadas, as poltronas vêm de Paris. Em Alexandria, no Cairo, arranjam-se filhos de funcionários, de cônsules, de beis, alguns cabeleireiros inteligentes, *commis-voyageurs* de casas de Marselha e empregam-se todos naquele cenário de carteiras, com ordenados resplandecentes. Tudo aquilo reluz, brilha: no entanto, o sistema da propriedade é o mesmo, o imposto é o mesmo, o felá continua a enterrar o dinheiro e o xeque a ser bastonado... Mas o edifício mostra-se aos estrangeiros! Não há que fazer, não se escreve uma linha: os empregados conversam dos cancãs da colónia francesa, leem o *Eco de Alexandria*, falam da nova amante do paxá — e à tarde

todos saem a passear a Chubrâ, em pequenos carros, dominadores, estirados, de charuto em riste e tarbuxe à banda! No entanto, a Ópera contém dançarinas; Alexandria, casinos; o Cairo, loretas... E aqui está a civilização do Egito!

— Mas não há ninguém que proteste?

— Quem?

— A imprensa!

— O primeiro artigo diz: é absolutamente proibido discutir de qualquer modo ou analisar os atos do governo. É proibido comentar os atos dos funcionários. Posso-lhe mostrar: é a lei de 1863 e é assinada por Xeriff Paxá!

— E Nubar Paxá e Xeriff são homens inteligentes...

— E cúmplices. É essa a sua

tática: aceitar os factos e utilizá-los em seu proveito. Além disso, o desagrado do vice-rei é uma coisa terrível: um ministro, um paxá, um bei rico, resplandecendo em palácios, com haréns, carruagens, escravas, pode ir numerosos anos exilado para o Fayoum. Ninguém se atreve a falar-lhe, a estender-lhe a mão. Faz-se o isolamento em redor: tem a peste! Quem há de protestar? Os estrangeiros? Lucram com este estado de coisas. Quer saber como se tem procedido em Alexandria, sob a proteção dos consulados? Um francês aluga uma casa a um árabe, mas não lhe paga a renda; o árabe intenta um processo: tem de ser interrogado perante o cônsul. No entanto, o francês subloca a casa a um grego. O pobre árabe, cujo processo intentado ia ser levado perante o

cônsul francês, grita por Alá, e vai renovar o processo e fazer novas despesas junto do cônsul grego. Mas já a esse tempo o grego tem passado a casa, habilmente, a um italiano. E o desesperado proprietário árabe, afogado em autos, arquejando de desespero, anula o seu processo com grandes pragas em nome do Profeta... e lá vai fazer tudo de novo diante do cônsul italiano. Mas neste momento, o negócio já está confiado ao cônsul inglês! Ora como há dezoito consulados em Alexandria...

Nós estávamos desolados, mas ríamos.

— De sorte — continuou o engenheiro — que com a legislação árabe, os costumes, as convenções consulares, o estrangeiro lucra excessivamente com o

estado do felá e com a organização do Egito.

— Mas esta mocidade que vem das escolas?

O engenheiro olhou-nos surpreendido.

— Sim, essa imensa legião de árabes que o vice-rei manda todos os anos estudar a Paris?

— Ah!, que boa farsa isso! Escolhem-nos em cada aldeia, entre os árabes que saibam soletrar o árabe. São esses os que vão. Vestem-nos num alfaiate de Alexandria e mandam-nos pelo paquete de Marselha. Em Paris, as criaturas são mandadas para as escolas, ao acaso. Precisam em primeiro lugar de aprender o francês; depois, começam a percorrer todas as escolas, todos os cursos. Fazem-

nos estudar alternadamente engenharia, direito, medicina, artilharia, arquitetura. No fim de quatro anos, têm barba e são profundamente imbecis. Mas viram os cafés de Paris, têm uma ideia do que seja uma loreta, *A Marselhesa* e o *Punch*. Voltam ao Egito. Se têm proteções, se o paxá simpatiza com a cor das calças que um deles trouxe de Paris, fá-lo entrar nas funções civis, isto é, vai ser amanuense na alfândega ou empregado nas coudelarias do paxá. Se não tem proteções, faz-se cicerone nos hotéis de Alexandria!

«A boa vontade do paxá é que eleva. Um engenheiro formado nas escolas normais de Paris vai ser cabeleireiro para o Esbekieh — e o primeiro-cabo cujos bigodes retorcidos, no quartel de Metarbe, agradaram ao

paxá, vai dirigir todas as obras públicas do Egito! Demais, há uma coisa: a extrema dificuldade em achar árabes que vão para Paris, saídos das aldeias. O agente escolar chega: vem buscar dez rapazes. Os pais, que têm uma indiferença muçulmana pelos esplendores dos bulevares, e que precisam dos filhos para molhar o linho e cardar a lã das ovelhas, negam os rapazes ao agente.

— E o agente cede?

— Boa pergunta! E o *bakchich?* No Egito tudo se faz pelo *bakchich!* Está há dias no Egito e decerto já ouviu muitas vezes, ao pé de si, pedir o *bakchich*. O *bakchich* é o fundo da língua nacional! É o nosso *pourboire*. As crianças, a primeira palavra que dizem, antes de *abu*, que é pai, e de *rume*, que é mãe, é

bakchich. O *bakchich* dá-se a todo o mundo: o felá pede-o, o cádi pede-o, o *saïs* pede-o; pede-o o bei, o xeque, o paxá. O *bakchich* dá-se por tudo: por mostrar um templo, ou uma mesquita, por dizer *saiam*, por apanhar um lenço... Às vezes pedem-no com arrogância, outras com humildade... No entanto, o *bakchich* tem uma utilidade superior: aplaina tudo, simplifica tudo; não há vontades, não há pieguices, não há complicações, não há favoritismo que não cedam ao *bakchich!* Também nada se alcança sem ele: uma pergunta que se faça, uma indicação de rua que se peça, uma gota de água a um homem que passa com o seu cântaro cheio, obriga ao *bakchich*. Pede-se por toda a parte: nas aldeias, nas estações de caminhos de ferro, no fundo dos

sepulcros, nos terraços das mesquitas, no meio do deserto! Por vezes, não é pedido por uma pessoa só: é pedido pela família inteira de um felá, por uma tribo, por uma aldeia. Um viajante desembarca no Nilo, em qualquer ponto: logo os homens deixam o trabalho do campo, as mulheres o adubo das lentilhas, as crianças o gado, e aquela legião segue o viajante, gritando: *"Bakchich, bakchich!"*...Todo o ordenado fixo, todo o salário determinado, tem de ter o seu *bakchich*. O *bakchich* é um dos dissolventes costumes da raça árabe. Percorram o Egito, percorram a Síria: encontram-no por toda a parte!

«Pois bem — continuava o engenheiro — nas relações internas do Egito, o *bakchich* é a lógica, é a convicção, é o último argumento. O agente

escolar vem buscar o filho do felá? *Bakchich* ao agente escolar. O engenheiro vem reclamar certo número de braços? *Bakchich* ao engenheiro. O nazir vem cobrar o imposto? *Bakchich* ao nazir. O cádi vem levantar testemunhas sobre um crime? *Bakchich* ao cádi. O carrasco vem prender? *Bakchich* ao carrasco!...

«E diante do *bakchich* tudo se aplaina, tudo cede, tudo condescende. Um proprietário tem uma casa no Cairo; faz-se uma rua, há uma expropriação: *bakchich* ao engenheiro para avaliar generosamente a casa. Mas o tesoureiro não paga sem ordem do paxá: *bakchich* ao paxá para dar a ordem ao tesoureiro. Porém, o tesoureiro demora-se a pagar: *bakchich* ao tesoureiro. Mas o tesoureiro pode pagarem géneros, em pedra, em

madeira: *bakchich* ao tesoureiro para que pague em espécie. É terrível! O agente de recrutamento, esse, é o grande premiado do *bakchich*. Antigamente todo o árabe, em chegando aos dezoito anos, se mutilava. As almeias do Cairo, exiladas por Mehemet-Ali para o Fayoum, tinham tomado essa profissão de mutilar as crianças. Era uma espécie de indústria dos «compra-chicos». Mehemet-Ali, desesperado, mandou alistar mesmo os mutilados...

— Mas os viajantes não falam nisso...

— Os viajantes escrevem o que ouvem contar ao europeu de Alexandria — e esse, o que conta, conta-o em vista do seu interesse e não em respeito à verdade. Além disso, logo que um

estrangeiro chega, Ismail Paxá convida-o a jantar, dá-lhe um presente, prepara-lhe um *debarieh*, fá-lo viajar pelo Nilo com um cortejo real, enche-o de condecorações e manda-lhe uma escrava! Que há de dizer o estrangeiro? Confessem que realmente não pode dizer nada... porque foi muito obsequiado. Foi o que se deu com Edmond About. Os cônsules, esses, vivem como grandes senhores: são negociantes, íntimos do paxá; o país e as circunstâncias fazem deles uma espécie de tiranos das suas colónias — e além disso são infinitamente mais obsequiados ainda do que os próprios viajantes! De resto o vice-rei é encantador com os estrangeiros: sorri-lhes, cumprimenta-os afavelmente, ilumina-lhes os cafés a gás, importa-lhes cocotes de Viena de Áustria e de Berlim,

e para eles poderem ir ao deserto sem incómodo, mandou-lhes fazer uma estrada e vai-lhes iluminar a petróleo o interior das pirâmides!

Tivemos uma exclamação indignada...

— Mas então o Egito... — disse ao meu companheiro.

— Irremediavelmente morto. Em primeiro lugar, porque o querem desviar da sua índole natural: o Egito é um país agrícola e aniquilam-no, querendo fazer dele um país industrial. Depois, esta civilização artificial enfraquece-o. Cai aqui de todos os portos da Europa um mundo de exploradores, boémios sem escrúpulos, ávidos, rapaces, que não têm amor ao Egito, nem interesse por ele, que vêm arrancar o seu bocado de presa, que

exploram, sugam, chupam, ameaçam... e fogem!

«Além disso, há os monopólios misteriosos dos vice-reis, da numerosa família do vice-rei, dos paxás, dos beis, das mesquitas, das favoritas, das loretas, etc. Enfim, há falta de braços para a agricultura: em primeiro lugar, são os homens que vão para o exército: a veleidade bélica do paxá, o exército é esse deplorável grupo de homens, que se entretém a pescar à linha nas fortificações da cidade, a vexar os felás e a soltar aqueles uivos noturnos que haviam de ter ouvido em Alexandria. Depois, são os homens que vão para as fábricas. Enfim, os homens para o Cairo. O Cairo faz um extraordinário consumo de homens: para cada casa burguesa, por mais modesta, há

uma multidão de escravos. Tudo o que falta é substituído por um homem: as mulheres não têm pudor nem moral? Quatro, cinco, seis eunucos para as guardar em casa. Não têm recato quando saem à rua? Dois *saïs* para as acompanhar. As portas não têm fechaduras? Um escravo a cada porta — de dia, a pé; à noite, deitado. As casas não têm relógios? Escravos para anunciar a hora da mesquita, do jantar, do banho. As casas não têm ventiladores? Escravos para abanar. As casas não têm toucadores? Escravos para segurar o espelho, para segurar o frasco de essência de rosa, o frasco de âmbar, o frasco de *henné* para as senhoras... Enfim, uma população!

«Ah!, a vida do Cairo é

extraordinária e o Cairo uma extraordinária cidade. verão — recorda *As Mil e Uma Noites!*

4 — Chegada ao Cairo

Tínhamos chegado a Benha Al-Assal, onde se vê o palácio monótono, no gosto italiano rococó, muito vulgar no Oriente, em que Abbas Paxá foi assassinado pelos seus eunucos. Ali, o engenheiro do canal de Suez tomava o ramal de Ismaília. Ia a Suez — era nas vésperas da abertura do canal — e em toda a linha havia um trânsito perpétuo de engenheiros.

Vimo-lo depois, num baile de

Ismaília, radioso e rubro. Sorriu-nos de longe; eu curvei-me. Do seu braço arqueado e cortês pendurava-se com abandono fatigado, uma mulher forte, robustamente espartilhada, coberta de cetim azul que reluzia sob a luz como a água de um rio. Era Mademoiselle Joly, que cantava então no Cairo a *Grã-Duquesa de Gerolstein* e bebia nas ceias de Chubrâ pelo copo de «sua alteza o governador do Egito», como se diz em Constantinopla!

Na *boutonnière*, o engenheiro trazia uma condecoração egípcia. Era na sala da ceia. Eu, por mim, naquela confusão cintilante, procurava em vão uma cadeira. Então, atirei altivamente as minhas qualidades de estrangeiro e fui sentar-me a uma mesa, diante de um

champanhe cor de opala, de um *Marsala* espesso, de um *Reno* transparente e leve; ali fiquei, entre um xeque, um sábio prussiano, uma cocote, um general austríaco vencido em Sadova e um jornalista búlgaro, tendo no prato um peixe precioso e miolos de avestruz, no meio de uma cintilação colorida de cristais da Boémia!

Instalado ali, recostei-me e olhei o engenheiro, que, diante de mim, noutra mesa, servia alguns filósofos do bulevar e cocotes de Broad-Street...

Então, pensando decerto na nossa conversa do comboio, através do Delta, sorri brevemente, num sorriso enigmático...

Era em novembro, o tempo das regas. Àquela hora, sob o orvalho cruel,

por todo o vale do Nilo, os felás moviam os *chadufs*, arquejando e erguendo para o céu o seu canto plangente!

O comboio partiu da estação de Benha-el-Assai. Aproximávamo-nos do Cairo. As grandes planícies, as culturas serenas, até ao horizonte, terminam. A vegetação toma aspetos decorativos: bosques de sicómoros, pequenas casas cobertas de trepadeiras, águas luminosas que cintilam ao sol, delicadezas de ervas, de florescências verdes, grandes moitas de rosas e de papoulas, voos de pombas e de rolas, catos vigorosos — uma paisagem delicada, estranha, onde se espera ver a todo o momento um erguer de minaretes ou estender-se o mármore dos templos.

Estávamos ligeiramente

comovidos. Íamos conhecer o Cairo, a cidade de *As Mil e Uma Noites!* Debruçados na portinhola, calados, começávamos a ver aproximar-se, num longe luminoso, esbatidas, vaporosas, azuladas, com a grandeza das coisas transparentes, no fim da verdura, no fim do horizonte, as duas Pirâmides... Depois, mais longe, para além das periferias, a linha quebrada e acidentada da Cadeia Líbica, perdida na névoa amarelada que cobre o deserto; depois, do outro lado, o monte Mokattam, lívido, estéril, faiscante de luz, abrupto. Além, entre verduras, reluziam ao sol os minaretes de uma mesquita...

O comboio silvava. Chegávamos. E daí a pouco corríamos numa caleche pelos terrenos de Reb-el-Adi, cheios da

sombra dos sicómoros, que outrora percorriam nos seus cavalos brancos, cobertos de pedrarias, os príncipes maravilhosos que se entreveem no esplendor de *As Mil e Uma Noites!*

Uma personagem magnífica, vestida de uma jaqueta recamada de ouro, com calças de casimira de amplas formas, pistolas passadas na cinta, um alfange de Damasco ao lado, severo, de longos bigodes tristes, ficara no cais da estação de posse das nossas bagagens. Era o empregado do Consulado português!

O Cairo

1 — Ruas do Cairo

Aqueles que nunca saíram das ruas direitas e monótonas das cidades da Europa não podem conceber a colorida e luminosa originalidade das cidades do Oriente.

Aí, as ruas são direitas, ladeadas de largas fachadas, caiadas, inexpressivas como rostos idiotas. As figuras são triviais; as fisionomias vulgares, esbatidas, uniformizadas pelo tédio e as dificuldades da vida; os vestuários são escuros, estreitos, económicos. O gás, à noite, perfila a sua linha bocejante, o rodar das carruagens e das carroças abala o chão com uma brutalidade ruidosa. Tudo é correto, alinhado, perfilado, medido e

policiado.

É decerto excelente para a segurança, para a justiça, para a propriedade, para a ordem: é mesmo indispensável. A algibeira aplaude; a epiderme, protegida, dilata-se de alegria; o espírito de lucro, garantido e patrulhado, desenvolve-se com segurança, e as gavetas podem bocejar sem risco. Tudo está contente no animal policiado — exceto a imaginação.

A imaginação que se não modifica, que se não civiliza, perpétua revoltada e perpétua nómada, a imaginação que depois de vencidas as paixões pelo Código Penal, depois de dominadas as violências da vontade pela polícia e pela grilheta, é ainda, só ela, a bárbara, valente, espontânea, natural e livre — a

imaginação, essa, sente-se apertada, dominada, constrangida, sem ter, na monotonia, na prisão da vida policiada, um espaço desafogado em que respire.

A imaginação, na cidade, é a perpétua repelida. A imaginação só vive da vida dos outros seres: precisa pousar sobre as coisas externas e tirar-lhes, como a abelha tira o mel às flores, a quantidade de sonho que as coisas contêm.

A imaginação, no campo, na margem de um rio; entre uma floresta, toma um livre caminho, encontra alimento, vive, tem quem a escute, tem confidentes, tem companhia, pasta livremente, devagar, olhando, cismando...

Apertada nas ruas de uma cidade de casas estreitas e chatas, na violenta limitação imposta pela municipalidade, o

que há de fazer a imaginação, de que há de viver, como pode ter expansões legítimas?

Esvoaça como um pássaro dentro de uma casa fechada, batendo as asas de encontro às paredes caiadas. E assim, a imaginação, batendo de encontro a tudo o que faz a vida social, perturba a quietação das coisas sérias: arremessa-se então para a política, e produz os revolucionários, as mudanças de estado, a guilhotina; lança-se na vida moral e produz a orgia, as loretas, o luxo, as roletas; e quando se concentra sobre si mesma, quando se escava a si própria, acontece-lhe o que acontece a todas as funções que se isolam, que se impropriam; vê falso, sente falso, produz falso!

Porém, para a imaginação do

europeu, há ainda uma região livre, abundante e cheia, nas ruas de uma cidade do Oriente: o Cairo.

Constantinopla é quase europeia e imita Viena de Áustria. Damasco é exclusivamente síria. Alepo lembra a Suíça. O Cairo, esse, é original, é sarraceno.

O Egito é um país de passagem. Tudo ali passa, tudo ali descansa, tudo ali repousa. É o caminho da Índia. É o caminho da Pérsia. É o centro onde acodem todos os povos da África Oriental. É o escoadouro das populações ambulantes do Mediterrâneo e do Levante. Tudo para ali emigra, até os pássaros, porque tudo o que tem asas, quando nos nossos climas começa o inverno, foge para o velho Egito!

Ora o Cairo é o centro do Egito e a sua maravilha. A corte do paxá chama o comércio e as caravanas. A Mesquita de Al-Azhar congrega os estudantes. O vale do Nilo atrai todo o mundo. E as ruínas que o cercam convidam os pássaros para ali fazerem os seus ninhos.

Todas as raças, todos os vestuários, todos os costumes, todos os idiomas, todas as religiões, todas as crenças, todas as superstições, ali se encontram, naquelas ruas estreitas. Em qualquer pequeno café do bairro copta ou do bairro muçulmano, veem-se, sentados nas esteiras ou encruzados sobre as altas grades de pau de sicómoro, um árabe, um turco, um núbio, um homem da Samaria, um persa, um albanês, um búlgaro, um judeu, um índio, um abissínio, um

arménio, um árabe do Magrebe... Um grego faz o café, um beduíno canta no meio da casa, um francês fotografa os grupos, um inglês observa, um americano toma notas...

O Cairo tem mais de trezentas mil almas. A população que vem, compra, fuma, reza e volta no seu dromedário e nas suas caravanas é doutras trezentas mil almas. Quase um milhão de homens se move naquelas ruas estreitas, apertadas e confusas.

Uma rua no Cairo é uma fenda esguia, tortuosa e enlameada, apertada entre duas fileiras de casas, que adiantam os seus *mucharabiehs* como as árvores de uma avenida adiantam e encostam as suas mãos de folhagem. Quando a rua é um pouco mais larga, põem-lhe, por causa do

sol, toldos de lã, às riscas, ou velhas sedas abandonadas pelos vendedores do bairro.

Quem caminhar numa rua isolada, sob o calor do dia, na proximidade dos bazares e examinar bem as casas, tem a revelação de uma imaginação arquitetural, como decerto não voltará a haver na história da civilização.

As casas que apertam aquela fenda tortuosa, que é a rua, têm uma irregularidade, um imprevisto, um desdém de toda a correção, uma fantasia que encanta como um quadro e surpreende como uma pequena joia cheia de imaginação.

Cada casa ergue-se, floresce, arredonda-se, alarga-se, desdobra as suas linhas, estende os seus terraços, adianta

os seus *mucharabiehs*, cobre de arabescos as suas traves, arruína-se, inclina-se, debruça-se, abre-se em fendas que parecem risadas, à vontade, com um doce egoísmo da imaginação livre, sem cuidado pelas suas vizinhas, sem consideração pela regularidade, pela linha, pela utilidade daquilo a que normalmente se chama uma rua.

Nada mais fantasista do que uma casa árabe: a sua porta pequena, aberta no muro, ou se ergue sobre dois degraus, ou fica abaixo do nível da rua; o telhado levanta-se, agudo ou gótico, ou se achata em largos terraços; os *mucharabiehs* dependuram-se em todas as posições; os travejamentos fogem para a rua, as pedras lutam com os tetos... E tudo aquilo se equilibra, pende, pousa delicadamente no

chão, parecendo que o vento a vai levar.

De resto, tudo tem um aspeto de ruína, tudo é pardo, tudo é desmoronado, tudo é velho.

O verdadeiro encanto da casa é o *mucharabieh*. O *mucharabieh* é uma janela ou um balcão saliente, todo fechado por uma gelosia de madeira. O *mucharabieh* tem todas as formas: é quadrado como uma gaiola; arredondado como o perfil de uma cúpula; ogival e rendilhado como um pequeno nicho antigo. É sustentado por cariátides de madeira ou por duas traves que o mantêm como dois braços. Parece um relicário de igreja aplicado contra a fachada de uma casa, e, como um relicário, é bordado, rendilhado, recortado, poetizado.

O aspeto daquilo tudo é

extremamente ligeiro: parecem casas feitas de cartão.

Sente-se ali o povo primitivo que criou a tenda e transportou para as suas construções o seu instinto nómada. Aquilo, como a tenda, é leve, oscilante, aberto a todos os ventos: não há vidraças, e o ar entra livremente pelas gelosias dos *mucharabiehs*. Como a tenda, pousa levemente no chão: parece que se vai dobrar, que se vai atirar para as costas dos camelos e seguir através do deserto.

As construções sólidas pertencem aos climas frios, às raças criadas nas serras agrestes e nas florestas, entre os perigos e a fatalidade dos elementos. Aqui, na casa, há somente o bastante para a habitar e para ter a mulher: como a tenda é apenas um pretexto para não

dormir ao resplendor das estrelas noturnas, sob o largo cheiro das árvores.

Todos os palácios pesados que existem no Cairo são haréns: aí, o cuidado, a vigilância, a intenção de prisão, o sentimento que faz acompanhar sempre a mulher por um eunuco, ainda mesmo quando vai entre quatro tábuas forradas de um cupé, explica os pesados muros, as portas chapeadas e ladeadas de escravos, e as gelosias, altas como prisões. Mas a tenda subsiste ainda na mobília: um tapete no chão, como na tenda; como na tenda, um divã em redor do quarto; nada mais. Sente-se o pastor em cada um daqueles homens, que já nem sabem que nasceram de pastores!

De sorte que o perfil de uma rua é extraordinariamente pitoresco: os

telhados formam, na luz, recorte que ora se estendem em terraço onde se arredonda uma cúpula, ora se erguem em agulhas, em zimbórios, em ogivas. As duas ilhas de *mucharabiehs* tocam-se quase pelo alto, deixando ver apenas uma nesga tortuosa de azul.

Envolve as ruas uma sombra escura em que se distinguem mal as casas, por vezes pintadas de escarlate, às tiras, ou cobertas de versículos do Alcorão que desdobram sobre as fachadas os seus arabescos em relevo. De repente, num recanto, ergue-se uma palmeira: as palmeiras são silenciosas e enigmáticas.

Ao rés do chão abrem-se as lojas, nichos misteriosos, onde há sempre um homem que fabrica, vende, conserta, ou pede alguma coisa. Às vezes, a linha das

casas termina, e começa a parede branca e escarlate de uma mesquita; outras vezes, é o muro curvo, circular, de uma escola, todo bordado, cheio de arabescos, de dourados, de carateres, de versículos, de pequenas colunatas em relevo.

Nada novo, caiado ou pintado — tudo é carunchoso, antigo, esculpido, poético, expressivo. As casas lembram faces humanas, têm todas as expressões. Chegam quase a parecer seres vivos, tanta é a quantidade de intenção que as suas arquiteturas contêm. Os ângulos, os *mucharabiehs*, os recantos, as torres, os balcões, os andares, tudo aquilo se adianta sobre a rua, lhe dá um perfil, uma expressão pitoresca, uma sombra doce, uma grande frescura, um silêncio recolhido, e tem o vago aspeto de uma

cidade gótica, tal como as vemos nas velhas gravuras ou nos desenhos fantásticos de Gustave Doré.

Uma imensa multidão enche aquelas ruas. É necessário caminhar devagar, repelindo, discutindo, a passo, com astúcias de escamoteador e violências de gendarme. A multidão, compacta e espessa, circula como uma massa mal derretida. A melhor maneira de ver a rua é passar montado na alta sela escarlate de um burro árabe.

Vamos seguindo agora por um dos lados da larga Praça de Esbekieh. Vamos ao Muski — a rua levantina, estrangeira — rua de europeus, de marselheses, de italianos, de arménios: há lojas de modas, livreiros, barbeiros, e as casas têm já as fachadas chatas e inexpressivas das

construções ocidentais.

Ao fundo do Esbekieh, ergue-se o palácio de Ali Paxá, cor de tijolo, com as suas galerias abertas em que pendem lustres de cristal, e os seus penachos de palmeiras que se debruçam por cima dos altos muros do harém.

Aqui, é o começo do Muski: enche-o uma multidão impenetrável. Parámos um momento... Cuidado! É uma fila de camelos, carregados de fardos de algodão, que passa lentamente... Uma caleche fechada, cheia de damas do harém, atravessa vivamente, com o gordo eunuco negro, vestido de escarlate e bordado de alamares, aprumado na almofada.

Aqui, neste largo, estão os cafés levantinos, servidos por gregos, longo

tarburxe azul, de que pende uma grande borla de seda verde que se espalha sobre o ombro.

Parámos: um árabe pequeno, de figura jovial, estranha, gaiata e subtil, aproxima-se em silêncio: mete a mão no seio e tira um molho de cobras vivas! É um *psylle*, um encantador de serpentes: enrola-as em volta do pescoço, mete-as na boca, fecha-as numa bolsa, escamoteia-as e tira-as uma a uma do nariz! As cobras parecem semimortas e os seus olhinhos baços vibram docemente. Depois, o *psylle* mete-as de novo no seio e pede-nos uma piastra...

Então Esbekieh, pequeno felá de cinco anos, ao ver-nos, corre, atira-se aos nossos pés, apossa-se das nossas botas e engraxa-as com uma precipitação febril...

É uma indústria nova, exercida pelos pequenos felás, mendigos dos arrabaldes que ainda não tem força para puxar ao *chaduf*, na margem do Nilo.

Na confusão, um velho, apressado, roça por nós, molha-nos todos... Vai curvado sob o peso de um odre cheio, reluzente de humidade, a escorrer água. E um aguadeiro berbere, com uma barba branca eriçada saindo de uma face negra como asfalto, de beiços grossos e olhos oblíquos, agudos, bordados de vermelho.

Aquele outro homem que passa, quase correndo, é um dervixe: os seus cabelos compridos, despenteados, negros, soltos, flutuam em redor do alto barrete agudo de feltro, e, ao correr, a larga túnica enche-se-lhe de vento, como um balão. Os seus olhos são frenéticos, convulsionados,

revolvidos. Vem de um *sikr*, exausto, fanatizado, ébrio de orações...

— *Wa darab, yâ rijâ!*

É um *saïs* que precede a carruagem de um paxá ou de um bei: vai adiante, correndo, com uma alta vara branca na mão, a saia curta de pregas enfunando em torno dele, e a jaqueta de veludo bordada a ouro, deixando ver a larga faixa escarlate. Grita, correndo com os cotovelos junto ao corpo, a borla do tarbuxe flutuando. Quem vinha na carruagem? Um homem de barbas negras, vestido como os antigos califas, de turbante de musselina, túnica de seda amarela, diamantes na cabeça... Ah, diabo! E sua excelência o Ehei-in-Islam, o emissário de Constantinopla, aquele que preside aos tribunais em nome do sultão!

Penetrámos no Muski. É necessário ir devagar, caminhar lentamente. Tudo é ruidoso, vivo, animado. Os felás, de túnica azul e pequeno gorro de feltro escuro, o andar firme, a fisionomia alta, astuta, de traços egípcios, passam, correm, gritam, levando fardos, esteiras, cestos de folhas de palmeira ou bolos de *durah* em largos tabuleiros. Circulam velhos turcos, polidos, cansados, de fisionomias sombrias, ou vermelhos e barbudos, com o fez pousado no alto do crânio. Os turcos são poucos no Cairo; ou são polícias ou são paxás. O seu andar é lento e grave, e caminham com o perfil alto, desprezando o árabe e desfiando os seus rosários.

Burros de passo miúdo atravessam a todo o momento aquela multidão

espessa — uns, montados por graves muçulmanos, piedosos e patriarcais, de longas barbas, vestidos pobremente; outros, por levantinos, gregos ou arménios, com o comprido calção de casimira até aos pés, botins de elástico, e a pequena jaqueta com bordados a retrós; outros ainda, levam mulheres levantinas, embrulhadas em largas mantilhas de seda negra que as envolvem como um saco, e a longa tira branca que lhes cobre o rosto caindo até aos pés.

Vamos penetrando lentamente. As carruagens passam, correndo: adiante, os *saïs* gritam e os cocheiros, núbios ou berberes, guiam encruzados sobre a almofada, com as rédeas e o chicote numa das mãos, envolvidas num vasto gabão cujo capuz flutua, a fisionomia animal e

dura, gritando, amaldiçoando os que vão a pé, «nos seus ossos e nos ossos de Abraão!», berrando, bradando, falando aos cavalos — e comendo com desespero um bolo de *durah*.

Agora passam camelos de raça síria, fortes, curvados, enormes, carregados de pedras, a passos pesados, miúdos e oscilantes. As mulheres felás arredam-se, sustentando os filhos escarranchados sobre um ombro e levando à cabeça os tabuleiros em que vendem lentilhas secas, farinha de *durah*, cana-de-açúcar e toda a sorte de confeitos de rosas.

Entra-se na rua mais próxima dos haréns: aí a multidão é mais original. Os pequenos cafés abertos deixam ver no fundo escuro, através de uma porta

bordada, como esculturas trabalhadas em relevo, vagas figuras imóveis, fumando o chibuque.

A multidão circula: os coptas, com os seus turbantes negros, de fisionomias concentradas, passam lentamente; os núbios, altos, delgados, nervosos, negros, com os olhos cintilantes de luz, os dentes aguçados e brancos, a fisionomia aberta, caminham a largos passos, vestidos de uma camisa azul, curta, que lhes deixa nuas as grandes pernas esguias e elásticas; ali, surge um judeu, de turbante negro, com a túnica traçada, os braços conchegados ao corpo, o olhar revolto e desconfiado, duas mechas de cabelo pendentes sobre a face, uma sordidez extrema no vestuário: vem de trocar, decerto, moedas no bazar, ou de concluir

algum negócio de joias...

Descansámos num pequeno largo. Duas palmeiras e um sicómoro destacam as suas folhagens verdes sobre uma parede de mesquita, listrada de branco e escarlate. Aí, descobrimos cafés escuros, desertos, misteriosos: à porta, sobre espécies de altas gaiolas de vime, encruzam-se árabes graves.

Um velho atravessa a pequena praça, devagar, com o olhar mortiço, encostado a uma bengala, a cabeça oscilante e convulsiva, arrastando as largas babuchas de marroquim amarelo, recurvas na ponta: é um fumador de ópio que vai orar à mesquita.

Debaixo das duas palmeiras, destaca-se um grupo de camelos, carregados com sacos de grão: um negro

do Sudão, negro como o asfalto, de perfil correto como um caucasiano, vende o grão; um copta escreve numa folha de lata; um *abadich*, com o calção branco tufado como uma saia, o cabelo lustroso de banha e adornado com arestas de porco-espinho, examina o grão, encostado a um cajado. Um grego, de larga fustanela, barbudo, o olhar subtil, os lábios finos, a testa alta, fala com gestos abertos e largos. Voos de pombas abatem-se sobre o grão — e um magrebino assusta-as, erguendo pela ponta o manto branco.

Duas damas levantinas atravessam a praça: trazem largas calças amarelas, recaindo em pregas sobre os sapatos claros e recurvos; uma grande mantilha cobre-as de alto a baixo. Caminham alargando os braços, bamboleando-se,-e

as vestes atrás delas formam junto ao corpo uma espécie de nicho que as segue, cheio de frufus macios.

Um burro passa, correndo, carregado de canas-de-açúcar que o cobrem todo e arrastam atrás, fazendo-lhe uma cauda de folhagem; guia-o uma *fellahine* de Said, alta, delgada, de movimentos livres, elásticos, de pernas finas e nervosas, vestida de uma camisa de algodão que lhe modela as formas; uma tira de pano, presa à testa por um semicírculo de metal, cobre-lhe o rosto, caindo sobre o peito.

Defronte das árvores, há uma guarita; um soldado está sentado, com o sabre desembainhado sobre os joelhos, fazendo sentinela; outro, ao lado, encruzado, faz meia!

Caminhámos um pouco mais: é uma rua deserta e estreita. Os largos *mucharabiehs* dependuram-se das paredes. Veem-se, através do gradeamento de madeira, cosidas interiormente, cortinas brancas, por trás das quais se movem vultos femininos.

Por baixo, abrem-se pequenas lojas; há aí infinitos misteres: um homem faz cestos de folhas de palmeira, outro enastra esteiras com um esparto vermelho. Ali, fabricam-se os chibuques: o artista trabalha o âmbar das boquilhas ou enrola aros de prata ou fios de ouro ao longo de compridos tubos de pau. Aquele outro orna delicadamente um tamborete; outro ainda torce fios de ouro, encruzado, com o fio preso ao dedo do pé. Ali, fazem-se os divãs-para os cafés, que parecem altas

gaiolas de vime; aqui, correeiros trabalham nas selas vermelhas para os burros, ou nas altas selas árabes, arqueadas, com um vasto espaldar como o de uma cadeira, e uma maçaneta adiante; outros, fazem os largos estribos quadrados, afiados a um dos ângulos, para cortar o ventre ao cavalo; outros ainda fabricam as cabeçadas, cheias de longas borlas de penas de avestruz e de crescentes que se chocam e tilintam.

Em pequenas lojas veem-se coisas inexplicáveis e confusas: essências, comidas, fio de grãos coloridos ou de contas, pérolas falsas, ferragens.

As casas, aqui, são mais velhas, mais decrépitas: algumas caem em ruínas. Um pó branco eleva-se no ar. Não há toldos, e o sol penetra violentamente,

fazendo faiscar a poeira.

Mas há repouso. A um canto, vemos o vendedor de *sherbet*, imóvel, silencioso, curvado, com a larga urna às costas, presa por duas correias, e os braços afastados como os de um ídolo, sustentando nas mãos espalmadas as taças do Japão, em pequenos tabuleiros de pita entrançada.

Entrámos agora noutra rua, próxima dos bazares. É uma avenida: a multidão circula; os burros vão, vêm, trotam, galopam: o levantino, em cima, de pernas pendentes, chicoteia-os, e os *saïs* correm ao lado, espicaçando-os, gritando, uivando. Graves ulemás passam aos pares: vão à mesquita ou vêm do pátio do cádi, administrador da justiça; vão ler às bibliotecas ou a casa de El-Emry, reitor

de Al-Azhar — a não ser que vão simplesmente ao bazar comprar o bolo de favas. Um árabe do Sinai passa majestosamente, coberto de farrapos e cintilante de contas de vidro. Além, são funcionários turcos, apertados na *stambuline*, o longo casaco negro, esguio, sóbrio, direito; caminham a par: são iguais; outro que segue mais atrás é um inferior: aqui, cada um tem o seu lugar definido e a sua posição determinada. Dois árabes em farrapos, de espingarda ao ombro, a pele dura como couro, um lenço de cores desbotadas preso à cabeça por uma corda de esparto, passam vivamente: são caçadores de feras.

Mas logo adiante, num beco próximo, que sossego! As casas são altas, os *mucharabiehs* quase se tocam. São

fachadas esbatidas, delicadas, ornadas com longos versículos do Alcorão ou arabescos dourados em relevos salientes. Algumas mulheres levantinas fazem compras junto a um nicho de mercadores.

Um homem adianta-se gravemente, cantando uma melopeia lenta e penetrante: é um velho vendedor ambulante. O seu largo turbante é branco, o seu longo *caftan* é de seda amarela listrada de verde, e as grossas babuchas escarlates que calça são reviradas como a proa de um saveiro; os seus dentes brancos reluzem entre a barba negra. Sobre o ombro, traz os ricos tapetes da Carmânia, de desenhos resplandecentes e cores vivas como as flores dos trópicos; numa das mãos, sustenta uma espingarda do tempo dos califas, incrustada de

madrepérola, com grossas letras árabes douradas ao longo do cano; na outra mão, leva espelhos persas, que são pequenas lâminas de aço polido, incrustadas numa larga bordadura de madrepérola, onde luzem ametistas. Das portas, saúdam-no, e ele passa gravemente, cantando a sua melopeia arrastada e trémula.

De repente, ao fundo da rua, há uma algazarra: uma pobre mulher felá, velha, miserável, decrépita, sulcada de rugas como uma terra lavrada, foge, tropeçando e gemendo... Um arnauta, atrás, atira-lhe vergastadas de curbaxe. A velha esquiva-se: alguns mercadores afastam o cachimbo, deitam a cabeça fora do nicho: e o arnauta, com a sua fustanela branca, a jaqueta vermelha bordada a retrós negro, as longas armas passadas à

cintura, o bigode retorcido e brutal, para, e numa cólera serena, perora com autoridade e abundância...

Vamo-nos aproximando mais dos bazares: as ruas são ainda orladas de pequenos nichos onde se vende toda a sorte de coisas: louças, armas, comestíveis, brocados. No chão, há filas de mulheres sentadas, encruzadas, tendo diante de si esteiras onde se amontoam bolos, toda a sorte de doces de formas simbólicas e estranhas.

A multidão comprime-se ali cada vez mais. Os felás dos arredores enxameiam, com as suas largas túnicas azuis. As mulheres passam, voltam, tornam a passar, com o andar lento, pesado, fatigado, que indica o hábito de viverem sentadas: vê-se, por trás do longo

véu que as encobre, os olhos luzirem com uma extraordinária vivacidade. Outras adiantam-se a cavalo, escarranchadas como homens, com estribos tão curtos que parecem ajoelhadas sobre as selas. Os árabes moços, trigueiros, de longos olhos fendidos e luminosos, deixam ver sob as túnicas abertas as largas faixas escarlates. Passam camelos, carregados de toda a sorte de fardos; os aguadeiros atravessam, correndo; as carruagens cortam a multidão espessa aos gritos dos cocheiros. Vemos magrebinos envoltos nos seus mantos brancos. Os abissínios conhecem-se pela sua cor negra, polida como marfim, e os turbantes azuis. Aqueles árabes de turbante verde são nobres, são ulemás, são cádis, pertencem à família do Profeta. Homens do Hejaz passam gravemente

sobre os seus cavalos, ou a pé, calçados de sandálias, e um longo manto vermelho arrastando. Beduínos da Líbia, envoltos em mantos escuros, as pernas embrulhadas em panos amarrados com cordas, caminham com lanças ao ombro. Os núbios gritam com uma voz gutural e sibilante; os cães ladram, correm, precipitam-se-nos entre as pernas; apregoam-se os *sherbets* e a limonada de rosas; vendedores de esteiras de Kordagan, de leques persas, de mantos beduínos, de tapetes turcos, oferecem as suas mercadorias; os dervixes passam apressados entre a multidão impressionada pelo seu ar estático; um vendedor de laranjas grita: «*Portocali, Portocali!*», atirando as laranjas ao ar e aparando-as na mão...

«*Wa rigal!*», gritam os *saïs*.

Escravos, de *caftans* bordados, adiantam-se, repelindo e afastando a populaça com um bastão: são crianças ricas, montadas em burros do Hejaz, passeando no meio dos seus eunucos negros e abissínios.

Grupos pomposos, de longas túnicas de seda, de *caftans* de caxemira, de *stambulines* estreitas, cruzam-se, olham-se, e cumprimentam-se levando a mão à testa, ao peito, à boca, e estendendo-a depois com um gesto lento. Os pombos esvoaçam pelos bazares. Os eunucos que conduzem as mulheres, montadas em burros sírios, gritam com furor quando se lhes toca, amaldiçoando e esconjurando. Velhas hediondas, secas, mirradas, vagueiam, fazendo círculos no

chão com uma pedra branca: são as feiticeiras. Um cônsul passa na sua larga carruagem, precedida de correios. No fundo escuro dos cafés, abarrotados de gente, as cores vivas dos turbantes cintilam vagamente...

Pela rua, um homem quase negro vem fugindo desesperadamente, gritando: «Alá! Alá!» Atrás, um *kavas* corre para o prender: o velho é um profeta. O *kavas* persegue-o para o levar à polícia, cortar-lhe o cabelo e fazê-lo sentar praça!

E, por entre a multidão, um velho xeque do deserto, com a sua longa túnica listrada, o cofió de Damasco pendendo sobre o ombro em franjas douradas, passa gravemente sobre o seu dromedário, seguido da sua família, como no tempo dos patriarcas.

É sublime!

2 — A Cidadela

Ao outro dia, pela manhã, estávamos sentados no terraço do Shepheard's Hotel, no Esbekieh.

O Esbekieh é uma enorme praça, plantada de arvoredos de folhagem leve e sombra avara, cortada de largas avenidas macadamizadas. Ali vive e medra a população franco-levantina. Ali estão os hotéis, os consulados, os casinos italianos e franceses, os pequenos cafés gregos, os bilhares, os cabeleireiros, os fotógrafos e a antiga estação do trânsito da Índia, com a sua larga porta ogival, por sobre a qual se balouça um crocodilo empalhado.

Debaixo das árvores, há pequenas mesas onde se toma o café, se joga o

dominó e se fuma o narguilé. Os levantinos de tarbuxe vermelho, os arménios, os gregos, os arnautas, os viajantes, circulam por entre as mulheres dos cafés, de saias curtas e faces pintadas, que renovam o tabaco dos narguilés e servem *bocks* de cerveja.

Ali lê-se o *Figaro*, a *Ilustração* e o *Times do Levante*, canta-se *A Marselhesa* e a *Femme à Barbe*, e joga-se a roleta num pequeno café austríaco, que tem um pátio onde duas palmeiras arqueiam as suas folhas ásperas de um verde-pálido. Alguns felás dormem ao sol...

Desde a manhã tínhamos tomado um dragomano, Jonas Ali. Com ele íamos percorrer o Baixo Egito, o canal de Suez e a costa da Arábia.

Jonas Ali era núbio: baixo, musculoso, pesado, com um nariz revirado como um velho sapato beduíno, tinha a barba curta, rara, eriçada como palha seca, e os dentes resplandecentes como os de uma fera.

Falava um francês tenebroso, hierático, com um ar penetrante e seguro. Tinha sido cozinheiro, *saïs* e era agora dragomano do Cairo e do Alto Egito. Era loquaz e ateu. Tinha um desdém infinito por Maomet e pelas suas revelações: nunca o vi orar ou fazer as abluções sagradas; de resto, nem fazia as abluções higiénicas. Entrava nas mesquitas, rindo, sem tirar as babuchas, dando *shake-hands*s acudidos aos graves ulemás. Bebia vinho como um católico e cerveja como um protestante. Era paciente: nas

contendas com os alquiladores de cavalos, com os *reiss* dos barcos, com os *saïs* das carruagens, tinha uma gravidade pacífica. Os árabes, segundo o hábito tradicional, questionavam, mentiam, enganavam. Jonas Ali chegava, dizia-lhes o *salam*, tocava-lhes a mão e, sem transição, entrava numa cólera terrível. No meio, voltava-se para nós, sorria, ajeitava o paletó ou o véu, e, virando-se para o árabe, continuava a trovejar. Depois, inesperadamente, começava a falar numa voz familiar e serena.

Era cheio de uma reserva discreta e impassível, e quando se lhe perguntava pelos hábitos da vida feminina do Cairo sorria, e o seu francês tornava-se bárbaro.

Dizia coisas monstruosas com uma bonomia doce:

— Os crocodilos são perigosos no Alto Egito?

— *No, Mossiú;* somente, o crocodilo chega-se ao pé de *Mossiú et le mange!*

Era de Medinet-Abu, criado nas ruínas de Tebas. Tinha guiado os rebanhos de búfalos na larga planície arenosa onde se erguem os dois colossos de Mémnon, enormes, pacíficos e majestosos. Era negro, de uma cor luzidia, como o asfalto líquido, mas quando falava de si, sorria, enfatuado, mostrando os dentes agudos, e dizia:

— Nós outros, os brancos...

Nesse dia, montados em burros, equilibrados sobre a alta sela escarlate, fomos ver a cidade. Os burros do Cairo — e de todo o Egito — são animais

extremamente lindos e simpáticos. Pequenos, cora uma enorme cabeça ingénua, arreados de vermelho, correm com um andar doce, meneado e fugitivo. Não são, como os jumentos da Europa, graves, monótonos, modestos e sábios: galopam, pulam, são vaidosos e cheios de revolta. O seu olhar é largo, profundo e doce. Os seus membros são delgados, nervosos, vibrantes. Os burriqueiros felás acompanham-nos, correndo adiante, gritando, ou atrás, agarrados aos compridos rabos dos burros, excitam-nos com os seus gritos guturais.

O burro é, no Cairo, de uma utilidade extraordinária. Já no antigo Egito o burro era muito estimado: nos baixos-relevos dos templos, veem-se deuses com orelhas de burro!

Os burros encontram-se em todas as ruas do Cairo, ora montados por velhos ulemás que passam desfiando um rosário, ora por arménios ou gregos, de fisionomia subtil e fina, que galopam alargando os braços, com a borla do tarbuxe flutuando. Depois, é uma pequena fila de jumentos transportando um harém: os *saïs* precedem-nos, os eunucos puxam pela arreata; as mulheres, em cima, todas envoltas em túnicas negras, com a tira branca que lhes desce do rosto até aos pés, equilibram-se sobre as altas selas, com a extremidade do sapato amarelo e recurvo metido no pequeno estribo. Mais longe, são burros que passam com molhos de cana-de-açúcar que os cobrem todos, arrastando pela lama as extremidades de folhas flexíveis e verdes; e outros ainda

que seguem carregados de odres luzidios e escorrendo água, conduzindo sacos de grão, ou linho de Bulaque.

A caminho da Cidadela, galopámos, rindo, gritando, equilibrados sobre a alta sela vermelha.

O Cairo é uma cidade plana, na base do Mokattam, que a Cidadela domina.

Sobe-se por uma ladeira macadamizada e larga. Adiante de nós, um oficial, de tarbuxe, casaco azul com alamares de ouro, calça larga escarlate, alfange recurvo, galopa num cavalo de pescoço erguido e anca lustrosa, coberto com um xairel vermelho, recamado de bordados e de crescentes.

Em cima ficam os ministérios, a casa da moeda, a imprensa, o arsenal, a

fábrica de armas — largos edifícios dominados pela mesquita de Mehemet-Ali, que mergulha no azul o seu minarete fino, delgado, branco como uma vela de estearina.

A mesquita de Mehemet-Ali, que é de construção recente, de 1830, é considerada no Cairo como de uma arquitetura maravilhosa e superior às mesquitas de Istambul. Na realidade é grandiosa, pesada e grosseira. Entra-se, por uma porta semelhante à de qualquer igreja, para um grande pátio gradeado, rodeado de uma vasta arcaria. É tudo de alabastro, mas a construção é pesada, as colunas sem originalidade, sem elegância e sem grandeza. O alabastro, contudo, dá-lhe um encanto imprevisto. E alabastro polido, de uma cor suave e transparente,

com veios delicados e grandes reflexos de opala. O sol cai sobre aquelas superfícies lustrosas, dando-lhes a graça do âmbar tocado de luz. Há uma grande frescura e um silêncio doce: aquilo pede túnicas de sedas ricas, um fino escorrer de água, um perfume leve subindo num fumo azulado de incenso e um canto árabe, lento e maravilhoso, ao som plangente das *darbukas*.

Ao centro fica a fonte das abluções, de estilo persa ou tártaro, em madeira trabalhada em arabescos verdes e dourados. Num dos lados da colunata, alarga-se, pesada, fastidiosa, quadrada, burguesa, uma torre colorida a negro e ouro, onde mostra o seu quadrante imbecil um relógio enviado por Luís Filipe!

Interiormente, a mesquita é

imensa, tendo ao centro uma larga cúpula sustentada por colunas.

Tapetes europeus cobrem o chão. Um lustre de pingentes de cristal pende, imóvel, e serpentinas de prata estendem os seus braços terminados em folhas de acanto. As janelas são grandes, com vidraças embaciadas e cortinas de seda verde. É burguês, trivial, fastidioso e enorme.

Num espaço lateral, abre-se uma porta de bronze, pesada de baixos-relevos: é o túmulo de Mehemet-Ali, espécie de alcova forrada de um estofo pesado e forte de Damasco, recamado de fios de ouro. Ao centro, ergue-se o catafalco, coberto de um largo pano de veludo verde, cujas pesadas borlas de ouro arrastam no chão.

A pouca distância, fica o palácio de Mehemet-Ali. Está meio derrubado, mas continua a ser a morada do filho do quediva. São salas estreitas, forradas de seda amarela com ramagens escarlates, decoradas de painéis ingénuos e primitivos, onde árvores se emaranham e arqueiam em ramos verdes.

A arte no Egito não existe modernamente. Constrói-se com grande ruído no Esbekieh, em Chubrâ, em Bulaque, mas são edifícios retangulares, brancos, picados de pequenas janelas quadradas com frisos verdes. Da arte árabe, apresentam apenas a pouca solidez dos materiais. Mas a graça, a invenção, o imprevisto, o ideal, a maravilhosa delicadeza da velha arquitetura sarracena, são hoje desconhecidos.

Pois se houve lugar em que as arquiteturas maravilhosas se destacassem no azul imortal foi o Egito — arquitetura faraónica, arquitetura grega, arquitetura sarracena, templos de Carnaque, templos de Abidos, mesquitas do Cairo!... Os turcos nunca compreenderam os faraós, nem os Ptolomeus, nem os Fatimidas. Adoram o género italiano rococó: vastas construções pesadas, caiadas de verde ou de amarelo, de janelas esguias, ornadas de um friso coríntio e terminadas por terraços.

Os templos de Tebas são utilizados, e neles se lançam os alicerces das novas indústrias; os templos de Amru são aproveitados para fábricas, e a mesquita maravilhosa de Kait Bei e os túmulos dos califas caem em ruínas à

beira das novas avenidas macadamizadas! Abrem-se largas ruas hirtas, direitas, derrubando-se, como no largo de Esbekieh, casas árabes feéricas, de *mucharabiehs* maravilhosos, cheias de arabescos, rendilhadas, bordadas, riscadas de listras vermelhas, com os finos versículos do Alcorão pintados nas suas fachadas. Ilumina-se a cidade a gás, macadamizam-se as ruas, estabelecem-se cafés onde as loretas abancam, e a cantiga da *Femme à Barbe* mistura-se ao estalar da cerveja! É Paris, é Londres, é Nápoles, invadindo o velho Cairo.

Percorremos a Cidadela: há em redor um perpétuo movimento. À sombra de um alto edifício estão amarrados os burros, em que vieram os cádis e os banqueiros judeus, os cavalos arreados de

vermelho em que vieram os paxás, o dromedário em que veio o xeque do deserto. As carruagens, precedidas dos *saïs* albaneses, cruzam no largo átrio. Por toda a parte se veem construções, ruínas, paredes que se derrubam. Ergue-se um pó lívido, sufocante. O Sol faísca. Forçados, amarrados por cadeias pesadas — negros do Sudão, núbios e berberes do Baixo Egito —, carregados de enormes fardos, caminham, fazendo um ruído de ferros arrastados. O *kavas*, atrás, de pistolas resplandecentes à cinta, sabre curto de bainha escarlate, fuma o chibuque e faz estalar o curbaxe.

Ao cimo de uma pequena ladeira, mostram-nos um largo poço de antiga construção, profundo, negro, vasto, assombreado poi sicómoros murmurosos

onde cantam as rolas. Desce até ao nível do Nilo, e a tradição conta que foi edificado por José, filho de Jacob.

Mais adiante, explorámos um caminho estreito, áspero, ladeado por duas altas muralhas: é uma das saídas da Cidadela. A porta está destruída, em derrocada. Ali, foram assassinados os mamelucos. Tinham vindo com grande esplendor à festa do paxá. À saída, ao descerem por aquele estreito caminho, encontraram fechada a grossa porta chapeada de ferro. Quiseram retroceder, mas nesse momento uma descarga cruel esmaga-os: os albaneses fazem fogo de trás da muralha! Apertados naqueles muros, a cavalo, numa confusão dolorosa, crivados de balas, ensanguentados, pereceram miseravelmente. Um único

tinha ficado para trás: ouvindo os tiros, os gemidos, os gritos, desenrola o turbante, venda os olhos do cavalo e atira-se do alto da Cidadela. O cavalo chega a baixo morto, o mameluco ferido. Daí a dias era agarrado e decapitado!

Entretanto Mehemet-Ali anediava a sua longa barba branca, e tomava café, conversando de coisas familiares e alegres.

Noutro lugar mostram-nos uma mesquita em ruínas, a de Tulun, creio. É maravilhosa: vê-se ainda o teto esburacado, aos pedaços, onde se distinguem finos arabescos dourados e negros, estalactites pendentes de uma graça delicada, grandes janelas ogivais, rendilhadas, bordadas como um lenço de Beirute, e uma galeria de granito verde,

aberta, fina, airosa. Os pardais entram, charlam, esvoaçam. Montes de pedras, colunas quebradas, cobrem o chão onde o sol faísca; num banco de carpinteiro, dois felás serram madeiras.

Estamos fatigados de ver ruínas, muralhas, construções brancas...

— É necessário verem o Cairo do alto da Cidadela — afirma o dragomano.

Subimos, cansados, cobertos de sol e de poeira, e olhamos: é maravilhoso!

O Cairo estende-se em baixo, na planície, como sobre um mapa. Vê-se o Nilo, os contornos do Delta, o deserto. Aos nossos pés, numa larga praça cheia de escuras casas derrubadas e dos montes de caliça das obras da Cidadela, mas ruidosa de uma multidão pitoresca de

árabes, de felás, de camelos, de vendedores, a negra mesquita do sultão Hasan assenta a sua massa poderosa e melancólica. Destacam fortemente na luz e no sol as suas altas paredes escuras, riscadas de negro, e o seu minarete esguio que se eleva no ar, triste como um suspiro de pedra lançado para o céu.

Sentem-se ali todas as antigas tradições do islamismo.

A mesquita parece um vulto profético, com todos os seus mistérios, no meio da cidade. Toda vestida de luz, o sol, o ar, não conseguem alumiá-la: fica sombria, como uma eterna tristeza no meio da claridade.

A pouca distância, resplandecem duas outras mesquitas, riscadas de vermelho, esbeltas, com os seus finos

minaretes alegremente elevados no ar, que fazem lembrar aquelas gazelas, que, erguendo o pescoço alto, esguio, elegante, estão suspensas, escutando.

Em redor, as casas caem em ruínas, abrem os seus interiores como animais com o ventre rasgado; os soalhos inclinam-se para a rua e deixam escorregar toda a sorte de destroços. Aquilo está no chão, derrocado, decrépito, confuso, coberto de poeira, e aquelas casas velhas, com a sua cor triste, fazem um cortejo trágico à sombria e ascética Mesquita de Hasan.

Para além deste primeiro plano, triste apesar da luz, estende-se a cidade. A vista penetra numa espessura imensa, plana, de casas, de terraços, de construções escuras, quadradas, chatas,

como imensos cubos alinhados, de um aspeto severo, misterioso e sombrio, que a luz não altera.

As ruas aparecem apenas como fendas delgadas. Por vezes, sobre algum terraço, secam um vestido azul, uma túnica branca ou as esteiras sobre os quais se dorme no verão; e tudo aquilo é escuro, melancólico e devastado.

De espaço a espaço, verduras arqueadas como cúpulas, grandes copas de árvores, folhagens de arbustos, elevam-se ao pé das construções brancas dos palácios do Esbekieh ou do Muski.

Os minaretes erguem-se, finamente recortados na luz, direitos, esguios, listrados de vermelho, com a pequena cúpula branca no alto, em forma de ovo. Fileiras de árvores espessas, que fazem,

de longe, uma estrada de relva ao nível dos terraços, indicam as duas avenidas de Bulaque e de Chubrâ. E para além, na larga planície, o Nilo, límpido, coberto de luz, envolve a cidade numa curva majestosa e parece uma estrada magnífica de verde-azul esmaltado.

Segue-o, acompanha-o, uma larga tira de verdura exuberante. E o rio, a verdura, vão perder-se ao longe nas culturas do Delta, que se esbatem nos distantes horizontes, sob a pulverização faiscante da luz. Depois, mais longe, sobre a linha amarelada e fulva do deserto, destacam-se, com uma das faces alumiada de sol, nítidas, de contornos finos, poderosas, enormes, as três pirâmides de Gizé.

A luz cai, magnífica, sobre isto

tudo, tão forte, tão viva, que parece pousar sobre as coisas como uma espécie de névoa luminosa.

No fundo, uma linha escura, levemente avermelhada, estende-se até ao infinito: é o deserto. A transição da terra para o céu não é brusca: uma linha crepuscular, sombria, vaga, indica o fim do deserto — crepúsculo da terra, crepúsculo material: é o vento, a pulverização imensa e resplandecente das areias...

O Cairo, visto da Cidadela, é o Cairo histórico, dramático, sombrio. É a imensa cidade escura, pobre e arruinada, caindo em pedaços. A vista mergulha naquela temerosa espessura e só encontra paredes que se desmoronam, largas alastrações de ruínas, aparências de

miséria, recantos dolorosamente escuros. E toda a existência da cidade oriental condenada pelo povo que a habita: os escombros, a penúria, a desolação material, a decadência, a imundície pitoresca e altiva.

Sente-se ali um passado antigo e cheio de história: as tributações dos conquistadores, a decadência da raça, o desleixo dos paxás, os vícios da civilização. Veem-se os vestígios dos canhões de Kléber, dos incêndios, dos saques e das ruínas que deixaram as lutas entre sultões, quedivas e paxás. Ali, a história sangra. O Cairo morre de todas as feridas que lhe tem feito cada um dos governos que lhe têm dado uma dentada — e que têm passado! E, para empregar as antigas comparações dos profetas, a

cidade decadente tem o aspeto de uma velha que, depois de se vender, de reinar, perdidos os direitos, cortados os cabelos, cheia de lepra, de rugas e de miséria, se cobre com pedaços de estofos que encontrou de caminho, e se estende ao sol, a catar os farrapos e a ouvir correr a água.

Ali sente-se uma política sem força e sem ideal, uma religião sem espírito, uma arquitetura sem ideia, um povo sem pátria, uma existência de acaso, a ignorância, a vaidade, a sensualidade!

Tudo são paredes devastadas, ruas cheias de destroços, aspetos caducos e carunchosos. As casas são rostos sem expressão, tão degradadas parecem. E tudo aquilo assenta junto da paisagem sublime do Delta, entre a eterna fecundidade do Nilo e as legendas do

passado, junto das Pirâmides e do deserto, sob o mais puro, profundo e largo céu que possam desejar as orações dos homens. É grande e miserável, é digno que um profeta o lamente. Poderiam lançar-se àquele imenso quadro da vida do homem as imprecações de Ezequiel!

O Cairo, visto da Mesquita de Tulun, é, pelo contrário, a cidade-joia, a cidade poética de *As Mil e Uma Noites*. Plana, imensa, sem grandes horizontes, estende-se até à base do Mokattam, que lhe faz um fundo rosado e suave, onde ela se destaca admiravelmente.

A Mesquita de Tulun é uma das mais belas. Toda em ruínas, serve hoje de morada aos pobres. Devastada, remendada, o seu efeito é ainda extraordinário: é um vasto quadrado,

cercado de uma tríplice arcada, que a luz enche magnificamente.

Do alto do minarete, a cidade mostra-se em toda a sua beleza oriental. Todos os tons brandos se confundem: as casas resplandecem à luz, aparecem ramos de palmeiras, e a multidão infinita dos minaretes ergue-se até ao horizonte.

Tufos de vegetação denunciam jardins, bosques, lugares suaves. Os minaretes lançam-se, agudos, penetrando o doce azul...

É mole, é poético, é imaginoso. Pede estrelas, e o canto dos almuadens, e as canções dolentes das mulheres do serralho, e a poesia dos largos vestidos de seda e das largas imagens coloridas da palavra; pede os descansos abandonados da carne, ao murmúrio das fontes, entre o

fumo dos narguilés, e o cheiro do sândalo e da água de rosa, e o perfume do aloés, e o tinido irritante dos cequins no penteado das circassianas...

Sente-se ali o mistério, a doce vida indolente, a facilidade da existência, a contemplação natural das coisas delicada. Sonhar, passear nos frescos bazares, palpar os tecidos leves, sentar-se em coxins, ouvir histórias, fazer ressumar o narguilé — a isto se deve resumir a vida naquela poética cidade.

Levantinas que passam nos seus largos vestidos, árabes moços e sonhadores, ulemás montados nos seus burros, *mucharabiehs* misteriosos, terraços cheios da história das noites estreladas: é a cidade poética, bela, imaginosa, amorosa, lânguida, luxuriosa...

Quem olha, porém, para o centro da mesquita, o que vê? Miséria, mulheres sujas, pobres cheios de vermina catando-se ao sol, crianças rolando-se na lama, correndo com os cães, e velhas hediondas com os seios pendentes e negros, gritando e vociferando...

Miséria, podridão e fome — e por cima bandos de abutres, voando no céu implacável!

3 — No Shepheard’s

Ao sair das ruas estreitas e ruidosas onde se movem aquelas imagens do velho mundo árabe, entramos no Shepheard’s Hotel.

São sete horas da noite. O gás flameja no largo corredor lajeado; os aparelhos cintilam; os dragomanos circulam. Um árabe percorre os corredores, batendo numa larga placa de metal, como para o anúncio de um velho rito. Aquele som velado, doce e penetrante, espalha-se num eco esbatido pelas largas salas. É o jantar.

A imensa sala, adornada de colunas, está cheia de luz; os cristais faíscam; os árabes, os escravos núbios, os

criados franceses, servem apressadamente.

Àquelas mesas estreitas senta-se um mundo bem diferente daquele que se move vagarosamente pelas ruas do Cairo: aqui é o nosso mundo, europeu, civilizado, sábio, filosófico, egoísta e rico. São embaixadores, poetas, engenheiros, loretas, caricaturistas, pintores, fotógrafos, burgueses, dândis, lordes, jornalistas, críticos e agiotas.

O rumor das palavras tem uma tonalidade alegre. Não há o tranquilo silêncio árabe: fala-se, critica-se, negoceia-se, intriga-se, discute-se.

Os sentimentos aparecem sob os gestos polidos: mente-se, contesta-se, e o homem revela-se.

Aqui, as mulheres não têm véu:

muito decotadas, riem, olham, bebem champanhe, analisam, criticam, e o polido da sua pele resplandece sob a luz do gás.

Um ou outro empregado turco, homem da reforma, muçulmano, de Mahmud, come gravemente.

Ali, está Théophile Gautier, com o seu rosto de Júpiter olímpico, repousado e sereno: contraído de velhice e plácido de fadiga, parece cheio de um tédio impassível.

Mais além, são dois americanos, com as suas fisionomias sem raça: um deles, extremamente delicado, de perfil vago; o outro, com um rosto duro, pesado e acentuado, em que se sente a violência das sensações, uma rispidez de mando, a firme dominação da vontade e o orgulho do seu eu americano, do seu eu de Nova

Iorque, com fábricas, escriturações e muitas ações do caminho de ferro do Pacífico.

Noutra mesa, um grupo de russos, com a subtil e penetrante fisionomia eslava, dura e fina, conversam delicadamente num parisiense afetado; as suas maneiras têm uma dignidade comedida. Mas quando se encolerizam, quando se irritam, se um sentimento natural, um instinto, faz erupção, os seus traços alteram-se, uma dureza violenta e inconsciente aguça-lhes o perfil, as palavras eslavas saem, hirtas e metálicas, como o encontro de espadas, e o bárbaro aparece.

Mais adiante, loretas falam, discutem, gritam, inclinam-se, fumam, triunfam.

A um canto da mesa, domina Roma: é o confessor de sua majestade a imperatriz da Áustria. É pequenino e macio como uma mulher; é perfumado, aveludado e cheio de anéis; o seu pé é gentil e tem uma vibração em que se sente o instinto de valsa; é delicado, tímido, feminino; um dia, no corredor, quando saía do seu banho, dos seus aromas, dos seus pentes, dos seus frascos, encontrou um árabe que varria com a sua brutal indolência de raça; o pó cobriu o verniz dos sapatos de monseigneur; monseigneur deu um pequeno grito assustado e, retraindo-se, empalideceu, fugindo com pequeninos saltos graciosos. Os seus cabelos descem-lhe em anéis até aos ombros; carrega docemente nos rr com a entoação de um *gandin;* ao fim do jantar,

um pouco afastado da mesa, com o guardanapo sobre os joelhos, a batina arregaçada, mostrava as meias de seda e a curva feminina da perna, bebendo a goles demorados pela fina taça de champanhe. Poetas, crianças, damas francesas ou italianas cercam-no, ouvindo a sua palavra doce, espirituosa e cheia de recordações de Sardou. Fala, levando a sua pequenina cigarrilha grega aos lábios, e atira, com uma graça devota, o fumo esbranquiçado para o decote de *madame une telle*...

Aquele mundo, à noite, reúne-se na Ópera. Temos lá Naudim e o seu sábio canto. As loretas estão nos seus camarotes, cercadas de tarbuxes resplandecentes: é a alta sociedade egípcia, os descendentes dos mamelucos.

Os camarotes dos serralhos de sua alteza Mehemet-Ali, de Xeriff Paxá, de Raghah Bei, escondem-se sob uma gaze branda, e pela transparência entreveem-se vagamente figuras esbatidas com cintilações de joias.

4 — A Mulher no Oriente

À saída da Ópera as ruas estão cheias de silêncio. O Cairo, à noite, não é iluminado e cada um traz consigo a sua lanterna de papel. Durante o Ramadão, somente os bazares de comestíveis estão alumiados e vivos. Nos outros meses, uma grande escuridão esbate as ruas estreitas do Cairo numa sombra sinistra. A noite, aquelas ruas, delgadas como fendas, tristes, com os seus arabescos, os seus *mucharabiehs* de ambos os lados, tão próximos como lábios que se vão beijar, são impenetráveis à curiosidade dos astros e dos homens.

Aquilo é escuro, silencioso e lúgubre. Nas janelas sombrias nenhuma

luz recorta os fantásticos gradeados dos *mucharabiehs*. Apenas, às vezes, um vulto passa devagar com a sua lanterna, levando adiante de si um círculo de claridade, como um tapete que o precede. Aqui e além, um cão vagueia, latindo miseravelmente. É a hora em que toda a população se recolheu aos haréns!

É então, passeando naquelas ruas solitárias, vendo em todas as casas o sossego, a escuridão, o segredo, que mais se irrita a nossa indomável curiosidade, o desejo de saber, de ver de perto aqueles interiores anacrónicos. Toda a população está nos haréns e o harém aparece-nos como a instituição mais curiosa, mais bela, mais original do Oriente.

O harém! O serralho! Lembram-nos então as velhas histórias poéticas,

tristes ou cruéis, que outrora nos encantavam: odaliscas, sultanas, validas, huris, mulheres do harém, toda a atração das coisas ignoradas.

Olha-se longamente para aquelas casas, para aquelas arquiteturas delicadas, imprevistas, arruinadas, velhas, cheias de fisionomia; correm-se os olhos pelas fachadas escuras, mudas, impenetráveis e instintivamente, procura-se reconstruir, numa conceção de comédia, com decoração, diálogo e ação, toda aquela oculta vida interior.

Não se estará ali cosendo num saco uma escrava infiel, para a arremessar ao Nilo? Naquela sala, por trás da gelosia cerrada, não repousará uma moça árabe, sobre coxins, naquelas atitudes convencionais e cheias de

provocação que amava o pintor Ingres? Não se estará ali dançando, no fundo daqueles interiores macios, a grande e lasciva dança da *Abelha?* Não estarão ali os escravos geórgios, abissínios, tártaros e persas, com as suas túnicas recamadas e os turbantes de caxemira, movendo-se num círculo cadenciado e rítmico sobre os tapetes da Carmânia, diante da *esposa*, da mulher legítima, enfastiada e estendida, e que olha com uma melancolia distraída, desfazendo meadas de fios de ouro?

Que pensamentos contêm aqueles cérebros? Que instintos os dominam? Que formas, que diálogos, que atitudes, que imagens tem ali o amor? Como se passam, ali dentro daquelas salas douradas, alcatifadas, perfumadas, as horas estéreis, os longos ardores do clima egípcio e os

momentos de frouxidão e de voluptuosidade que dá o sol do Egito, inimigo da virgindade?

Lembram então as histórias clássicas do serralho, as revelações dos viajantes, os crimes, os ciúmes, as cantigas, a música, e até o desleixo no asseio, e na frescura, e na dignidade do corpo, de que falam os viajantes nos seus livros frios, analisados e minuciosos.

Nunca entrei num harém. A discrição árabe é inviolável: o árabe nunca fala da mulher. É para ele a coisa sagrada, íntima, discreta, ou é simplesmente uma coisa humilhante? Aquele silêncio é respeitoso ou desdenhoso?

Sei de árabes que ao contacto dos nossos hábitos, das nossas ideias e da

nossa crítica, na presença da mulher da Europa, compreenderam o vazio, a imbecilidade, a miséria do harém, e veem quanto a mulher árabe é inútil, material, estúpida, física, simples adorno de carne. Esses, desprezam o harém. No entanto, o sentimento geral não é esse: o árabe, o muçulmano que despreza as nossas ideias, os nossos hábitos, a nossa arquitetura, o nosso vestuário e o nosso tabaco, despreza soberbamente as nossas mulheres.

Uma europeia rindo, falando, criticando, decotando-se, mostrando o rosto, agitando o leque, flexível, nervosa, ágil, é para ele uma coisa grotesca, impudica e ridícula, que o pode fazer rir como uma história, mas que o enche de tédio como uma imundície.

O árabe evita falar nas mulheres por um sentimento de extrema reserva, de pudor sensível, de delicadeza áspera. E suponho ainda que evita falar nelas, como de uma grande fraqueza. Porque a mulher é realmente a grande fraqueza do árabe. O árabe é honrado, ativo, digno; nada o doma, nada o cativa, nada o transforma; é o perpétuo cavaleiro: nómada nas tendas, ou especulador na cidade, a sua dignidade é sempre a mesma, profunda, aparatosa e grave. Tem uma fraqueza apenas: a mulher. A mulher domina-o, subjuga-o, transforma-o, vicia-o. Pela mulher ama a indolência, o tabaco, a imobilidade, a escravidão. E pela mulher que peca e que é flutuante a civilização árabe. É pela mulher que peca o Alcorão, porque foi a mulher que introduziu na vida de Maomet

as condescendências que tornam quase inútil a sua obra maravilhosa! A mulher é a chaga do Oriente!

O árabe, inteligente, imaginoso, viril, forte, justo, conhece quanto a mulher árabe é imperfeita, quanto é inútil, quanto é perigosa: por isso, não a aceita como sua companheira, não a faz sua confidente, não a estima: raras vezes come com ela; não a admite ao ato mais sublime da sua vida: a oração. Exclui-a da mesquita, da escola, quase do pensamento. Dá-lhe joias, vestidos, mas nunca a sua confiança ou a sua estima. O que diz ao seu amigo, nunca o diria a sua mulher.

Atribui-lhe todos os vícios, cerca-a de humilhações, julga-a em perpétua revolta, considera-a como um animal, cheio de instintos animais, que é

impossível transformar, e que, por consequência, é necessário encarcerar. Cerca-a de muralhas de escravos, de eunucos: eunuco em casa, no banho; na rua, à rédea do burro; ao lado do cocheiro, na almofada... E o Alcorão amaldiçoa aquele que disser que os anjos têm nome de mulher!

E, no entanto, para o árabe, a preocupação constante, o seu interesse e a sua miséria, é a mulher! Não a pode deixar um momento: considera-a como uma coisa indispensável. Os príncipes prisioneiros podem ter mulheres consigo; os guerreiros levam-nas para a guerra, para as longas viagens — e quando morrem, colocam-nas no paraíso muçulmano — não por motivos de recompensa — mas como criadas de uma

estalagem, de um *khan*, para os receberem a eles, homens, e lhes fazerem cortejo!

O facto é que o árabe nunca fala nas suas mulheres: não fala ao estrangeiro, nem ao parente, nem ao amigo. Um árabe não pergunta ao seu camarada íntimo como está sua mulher, mas, experiente e polido, emprega rodeios cheios de imagens, e apenas por alusões remotas se atreve a pôr a interrogação. Quando um europeu, menos convenientemente, indaga acerca da mulher árabe, não o espancam, como no tempo dos mamelucos, mas coram sob a sua pele cor de bronze-claro e sorriem com uma irritação amarga.

O nosso drogomano, Jonas Ali, que era quase europeu pelo contacto perpétuo com os viajantes, tinha umas

palavras, uns modos embaraçados, quando eu lhe dizia:

— Jonas Ali, mostra-me uma circassiana...

De sorte que é extremamente difícil penetrar no segredo da vida íntima dos árabes.

Contudo, um arménio que eu conheci falou de uma maneira nítida e incisiva sobre a família árabe. Era secretário de Nubar Paxá. Alto, magro, anguloso, educado em Paris, tinha um pouco a linguagem e as maneiras de um *commis-voyageur* de 1830, do tempo de Balzac. Mas o seu espírito era justo, analista e crítico. Tendo vivido em Constantinopla, na Ásia Menor, na Síria, na Anatólia, compreendia bem o mundo oriental: sabia contar-lhe os vícios

ocultos, embora os explicasse mais do que os condenava.

Era positivista: aceitava, porém, toda a organização social do Oriente como uma necessidade do clima, do meio e da condição física. Conversei largamente com ele, de noite, nas ruas do Cairo. Aquele homem tinha, sob um aspeto comedido e reservado, toda a vasta e impetuosa vitalidade de um oriental. Conheci-lhe um amor único: a sua pátria, a Arménia. Revelou-me que conspirava pela sua independência; contou-me os seus planos: odiava os turcos e queria dar à Arménia a sua antiga originalidade de mentor do Oriente.

Este homem, cujo nome me não lembra, mas que terminava em *ki*, deu-me, por meio de revelações, de anedotas e

pela presença viva das coisas, uma noção nítida do que é a vida interior do árabe e do harém.

Na Europa, são já clássicas as velhas declamações contra a poligamia.

Em Portugal é necessário explicar tudo, mesmo as palavras: poligamia é a faculdade de casar com muitas mulheres. Um europeu que fale num café ou que escreva um livro sobre o Oriente tem sempre um período enfático e irritado contra a pobre poligamia, e, por essa ocasião, nunca deixa de acrescentar que a poligamia é uma necessidade de clima, que a Natureza determinou as condições humanas, de sorte que, no Oriente, cada homem necessita, para a harmonia natural, de mais de uma mulher. É o primeiro erro: a poligamia não é necessidade de clima.

Os antigos egípcios tinham apenas uma mulher, os hebreus tinham apenas uma mulher...

A poligamia foi de todos os tempos uma necessidade de harmonia social. A vida árabe, na tenda, é extremamente individual: cada um tem o seu cavalo, a sua lança, trabalha para si, conduz os seus rebanhos, arma a sua tenda, defende-a só. O estado de guerra entre as tribos isola o homem de todo o auxílio, de toda a amizade, de toda a comunicação de interesses. O homem só pode contar consigo; é *ele só*. Não é, como nas sociedades organizadas, um membro, uma parte, uma unidade, que tem por trás de si quem o alumie, quem o transporte, e, para o defender, a polícia. Portanto, o grande interesse do árabe

nómada é ganhar auxiliares: a maneira mais natural de os conseguir é o casamento — e a única maneira de obter muitos ao mesmo tempo, os casamentos numerosos, a poligamia.

O chefe, assim, quantas mais mulheres abriga na tenda de pele de camelo, tantas mais lanças reúne em volta de si para o dia da batalha, tantas mais caravanas protetoras tem para o seu rebanho, tanto mais temido é no deserto. A mulher é o auxílio, o pacto, o tratado.

Firma-se a paz com o chefe inimigo tomando para esposa sua filha ou sua irmã: celebram-se festas sobre a tenda, os dois chefes mergulham as mãos no sangue de um camelo branco, e sob as estrelas, diante do deserto e das caravanas, estabelece-se a concórdia.

Assim, na velha vida errante, a mulher é a pacificação!

Na vida moderna os costumes são diversos, porém o facto é o mesmo: o árabe nunca deixou de ser errante nem de ter tenda: somente, essa tenda petrificou-se e fez-se casa. Alinham-se, enfileiram-se, formam as ruas e a cidade, mas, hoje no Cairo como ontem no deserto, o árabe vive isolado, e como na velha Arábia errante precisa de auxiliares em volta de si para as ásperas lutas da vida. Contudo, aqui, o inimigo não é já o chefe vizinho: o inimigo é o paxá. O imposto, o fisco, a propriedade, aí estão as lutas e as armas. O árabe precisa cercar-se de auxiliares contra o paxá caprichoso, impostor, ávido, estagnador: o casamento é ainda o meio de conseguir alianças. Quando

possui no seu harém uma mulher aparentada com as famílias poderosas, ligada aos influentes e aos cortesãos, o árabe tem uma garantia contra as violências imprevistas do paxá. A mulher, aqui, é a proteção.

O que acontece nas altas famílias em relação ao paxá acontece nas famílias modestas em relação ao xeque, e entre os camponeses em relação ao *nadir*.

É esta a verdadeira origem da poligamia.

Não é isto negar que o sol, o clima não tenham exercido influência no estabelecimento da poligamia: basta ver a quente fisionomia do árabe, o seu lábio grosso, cheio de vida, o seu olhar largo e profundo, afogado em humidade, a vibração perpétua das narinas alargadas e

minúsculas: basta ver a mulher, baixa, flexível, de busto pequeno, as ancas extremamente desenvolvidas, a testa curta, inexpressiva, e tão pálida como a pele do seio, para se compreender logo que nas relações da família o sangue tem exigências cruéis.

No entanto, hoje, no Cairo, a poligamia está, como todas as velhas instituições, como as mesquitas e como as crenças, em período de decadência. Em primeiro lugar, a diminuição das fortunas: sustentar as quatro mulheres que o Alcorão permite, ou acima deste número, as que a paixão possa desejar, é, com a dispersão das grandes fortunas, com a tendência para a descentralização da propriedade, com o enfraquecimento da riqueza turca e as exigências da vida

moderna, um encargo tão aparatoso que só o extremo luxo ou a extrema impudência de sensação o podem ocasionar. Cada mulher tem direito a uma casa separada, quarto isolado, escravas próprias, joias, caxemiras, banhos particulares, bobos, eunucos, e um estado de casa completo, na relação e na proporção da fortuna do marido.

Hoje, poucos estão nas circunstâncias de o fazer. Não falo na plebe, que de há muito desconhece a poligamia, sobretudo aquela que especialmente cultiva os campos. Os homens que se empregam em tripular os barcos no Nilo costumam, é certo, nas duzentas léguas que vão até às primeiras cataratas, ter uma mulher legítima de cinquenta em cinquenta léguas... Assim

garantem o repouso na viagem!

Porém, hoje, o Cairo tende cada vez mais a imitar Paris e Londres, e os paxás que, pelas suas fortunas, se poderiam dar à doce desgraça de terem quatro mulheres, não o fazem — para mostrar o seu conhecimento do Bulevar dos Italianos. Além disso, hoje em dia, muitos paxás educam as filhas no Sacré-Coeur ou nos conventos de Londres; de volta aos haréns do Cairo, estas *misses* árabes só casam com a condição de serem esposas únicas, e conseguem-no pela superioridade da sua educação e pelo encanto da sua beleza instruída.

Acresce ainda que muitos paxás, beis e efêndis casam com mulheres cristãs, não lhes podendo dar companheiras, nem cristãs nem árabes.

Enfim, a moda é ter só uma mulher — e isto, mais do que tudo, faz com que os haréns do Cairo se vão transformando lentamente no nosso avaro e limitado casamento monógamo.

Na burguesia, porém, o hábito conserva-se, e o Cairo, apesar de tudo, é ainda povoado de haréns.

Na imaginação ocidental o harém é, por excelência, o lugar delicado e poético, voluptuoso, lânguido, e todos os demais adjetivos que exprimam moleza e sensualidade.

Na realidade, um harém, tal como existem hoje no Cairo, em Damasco e em Constantinopla, é a coisa mais grosseira, mais fastidiosa e mais imbecil que possa entrar nos factos da vida.

A base do casamento, no Egito,

não é o amor: o amor, este personagem que entre nós tanto agita e confunde, exigente, cruel, ridículo, tirânico e indomável, é desconhecido no Oriente.

É certo que na antiga vida errante, o amor foi, como a batalha e como o galope, um dos factos essenciais da vida árabe. Os rostos, então, andavam descobertos, e as mulheres eram companheiras, confidentes, amigas.

Os poetas celebravam-nas: todo o poema árabe — dos que eram recitados diante da tribo reunida, e depois pendurados em redor do grande templo de Meca — devia conter uma apóstrofe ao amor, uma paisagem do deserto e uma exaltação do cavalo.

Os poetas de então, cavaleiros e guerreiros, eram tão românticos como os

seus poemas: cantam-se ainda hoje as suas legendas, e o deserto dá às suas dores e às suas sensações um não sei quê de infinita grandeza. A beleza da mulher era celebrada: era a presença viva de Deus, era a graça infinita, era a imaginação tornada visível. Na amante, amava-se o amor. E os poetas cantavam isto nos seus versos.

Hoje, nas cidades do Oriente, o amor não existe. De resto, por toda a parte, o amor está velho, decrépito: começa, como o Diabo, a ser caricaturado, emprega-se para viver em pequenos misteres lucrativos, e já se pensa no seu epitáfio!

O amor vive sobretudo da imaginação, da literatura, do catolicismo, do romance, da influência da natureza

vegetal e celeste, e da delicadeza das relações na vida. No Oriente, a literatura quase não existe: os poemas limitam-se a celebrar as guerras e as altas façanhas da vida errante. O teatro não existe de todo, ou é apenas constituído por cenas mudas de fantoches grotescos, cheias de pancadas, de quedas e de diálogos obscenos. A música é uma melopeia monótona e doce que embala o trabalho — e a mulher é considerada como um objeto inerte, procriador e animal.

A religião não leva ao misticismo, nem ao idealismo; o contacto dos sexos é difícil, impedido pelos costumes, pelo véu que cobre o rosto das mulheres, pela reclusão do harém. O cérebro da mulher não é bastante ativo nem bastante dúctil para poder comparar, escolher, pensar,

devanear e premeditar.

O homem despreza a mulher, e o amor é incompatível com o desprezo. O amor vive da graça, e a graça é desconhecida no Oriente. Aqui, o eterno feminino não existe como princípio influente, cativante e transformador. A mulher não tem existência ativa: aceita. A tradição, a história, as legendas, estão cheias das derrotas do amor.

Um dia, Maomet IV, que depois tomou Constantinopla, é cercado no seu harém de Brussa por uma sedição de janízaros. Aparece, interroga os conjurados:

— Viemos aqui — diz um chefe — porque tu, tomado de um amor sobrenatural por uma escrava síria, vives escondido no fundo do teu harém,

desprezando a guerra e a glória, não apareces aos teus companheiros e deixas enferrujar a espada de Amru!

Maomet IV chama a bela escrava síria, manda aos seus eunucos que a degolem sobre os degraus do trono, e tomando pelos longos cabelos a melancólica cabeça, toda gotejante de sangue:

— Aí está — diz ele serenamente, atirando-a para o meio dos conjurados —, aí está o caso que eu faço do amor!

Assim o amor, despojado da sensibilidade, do ideal, da imaginação, da arte, do teatro, da religião, do lirismo, fica reduzido apenas a uma brutal atração epidérmica.

Todos sabem como as mulheres árabes se vestem na rua: envolve-as

completamente uma espécie de mantilha, e uma larga tira de fazenda pendente da cabeça cobre-lhes o rosto, descendo sobre o seio até à cinta ou até aos pés. Andam sempre acompanhadas por eunucos que exercem sobre elas uma vigilância zelosa, quase vingativa. De resto saem pouco: as que se encontram nas ruas do Cairo são levantinas, isto é, gregas, sírias ou arménias... São ordinariamente cristãs, e se conservam o vestuário árabe têm todas os costumes, os hábitos e os sentimentos das suas pátrias. São de famílias de negociantes, de mercadores, de banqueiros, de artífices, ou então simplesmente mulheres *franques*, isto é, europeias, tendo apenas, da vida árabe e dos seus costumes, o longo véu que as oculta.

A mulher egípcia, árabe, nunca sai só: daí a separação extrema dos sexos. Não afirmo que na estreita rua dos bazares não se travem amores entre os árabes: um verdadeiro árabe, sob os véus que dão aos corpos um indefinido vago e o aspeto de sacos cheios de vento, sabe bem distinguir a beleza pela cintilação velada dos olhos, pelos movimentos do corpo, pelas pregas que revelam indiscretamente as formas.

Porém, o sentimento da beleza é no árabe diferente do do europeu: as nossas mulheres, delgadas, magras, delicadas, de longos cabelos ondeados, flexíveis, de andar de ave, sensíveis, ternas, deixam-no decerto extremamente indiferente. O clima dá-lhe um outro sentimento da beleza: o repouso amplo

das formas, o desenvolvimento dos seios, aprofunda voluptuosidade do olhar, a indolência lânguida do passo, são as coisas que o árabe aprecia. O amor, entre nós, mesmo o mais físico, tem exigências de espiritualidade: admiramos o pé delicado e leve, o porte cheio de graça, a cintura airosa, vibrante, prestes a desfalecer.

O árabe vê sempre a mulher na indolência do seu sofá, na imobilidade plástica do repouso e na atitude formosa da fadiga.

— O árabe, meu amigo — dizia-me o secretário de Nubar Paxá —, ri-se da elegância das europeias: a graça, a vivacidade, a espiritualidade dos movimentos, a beleza espirituosa do olhar cheio de coisas vivas, a agitação da

vontade que faz vibrar todo o corpo de uma parisiense, são coisas extremamente desagradáveis para estes homens trigueiros do Cairo! Nós somos um povo lento e quente. Detestamos o movimento, a agitação, apressa, a graça, a vivacidade. Os europeus fazem-nos o efeito de saltimbancos. Não compreendemos porque falam sempre, porque riem, porque se voltam, porque se apressam, porque se irritam, porque se agitam!

«Nós somos sossegados e graves a amar, a combater, a comer e a dançar. Veja os nossos cafés: que silêncio lento e contemplativo; os nossos teatros de marionetas, com as pequeninas sombras que se agitam sobre o pano branco e se espancam com gestos curtos e compassados. Veja as nossas danças: que

serenidade, que compassada quietação nos movimentos. A dança, entre nós, é uma imobilidade vibrante.

«Agrada-nos o sono, o tabaco, o sofá, o banho. O árabe detesta a Natureza: a Natureza tem, na ondulação das folhas, no crescer da vegetação, no correr das nuvens, uma agitação, uma vida que se move, que passa, que vai, O árabe prefere a tudo a grande linha imóvel do-deserto.

«De resto, tudo o que vê aqui é imóvel: este céu sempre azul não tem inquietações: é imutável como a luminosa superfície de uma joia. A palmeira é uma árvore contemplativa e quieta: escuta, cisma. O camelo tem uma gravidade sacerdotal; o trotar do jumento tem uma cadência de pêndulo. O Nilo é vagaroso e lento: parece um lago que vai

gatinhando...

«Todo o mundo oriental se move em sonolência. Agitou-se demais no tempo de Maomet: conquistou tudo, foi de Jerusalém até às fronteiras da França — e Carlos Martel, meses antes da batalha de Tolosa, desconhecia a existência dos árabes!

«Conhecemos tudo num momento. Subimos pelo Alcorão a todo o desenvolvimento da vida. O que os outros povos fizeram em séculos, fizemo-lo em meses: sem o Calvário, tivemos o nosso Cristo, o nosso Lutero e o nosso Danton! Agora, descansamos. Não reconstruímos nada; ninguém mais crente do que nós e, no entanto, as nossas mesquitas desabam em ruínas: construir é mover-se — o árabe hesita e adormece.

«No amor, somos assim. Nós já esgotámos as suas febres, os seus gritos, as suas dores, as suas lágrimas, as suas confidências, a sua poesia... Tudo isso é extremamente agitante para nervos árabes. Desejai; querer, esperar, duvidar, todo esse movimento do espírito seria insuportável ao árabe de hoje: prefere, imperturbavelmente, a calma do harém. Estabelece-se no casamento como num bom assento: não tem que andar, que espreitar, que correr, que adivinhar, que procurar: tem ali à mão, a horas, sempre, sem trabalho, o amor, a mulher, a forte e irreprimível exigência da sua natureza!

«Como imagina que se fazem os casamentos? Então, escute a história do casamento árabe. Pela separação dos sexos, nunca o casamento se pode fazer

por simpatia: o noivo não conhece a noiva.

«Há mulheres cuja profissão é a aproximação dos sexos: têm entrada nos haréns, conhecem todas as raparigas disponíveis, sabem de cor a expressão dos seus olhos e o tom dos seus cabelos, o valor do dote, o número de joias que possuem e a linha das suas formas. Vão ter com os moços que chegaram à idade de casar e descrevem-lhes a moça miudamente, desde a cor da pasta com que tingem as unhas até ao peso dos seus diamantes. Depois, ao harém, levam a história do moço que quer casar: dizem a sua generosidade, a beleza da sua estatura, a sua família, o café que frequenta, a hora do seu banho e o número dos seus turbantes.

«Combinam assim os casamentos: vão, vêm, levam as mensagens. Os dois noivos ouvem vagamente as descrições que lhes faz, como as amplas imagens da língua árabe, a velha *entremetteuse*. Então, os país do noivo vão fazer familiarmente o pedido e ajustar o dote — e no dia aprazado, em casa da noiva, no meio dos parentes reunidos, ao som das *darkubas*, das danças e dos cantos lânguidos, o noivo tira o véu à nova esposa.

«E um momento decisivo: fá-lo trémulo, ansioso. Se lhe agrada — bem: bom *bakchich* à intermediária. Se não — resolve desde logo divorciar-se ao fim de quatro semanas!

«O divórcio é extremamente fácil — basta dizer diante de testemunhas:

Estou divorciado. Depois, entregar o dote.

Daqui, duas coisas extremamente joviais: há homens ricos que mudam de mulher todos os meses; e há mulheres que fazem profissão de se casar. Como têm de ser dotadas, dão sempre, no fim do mês, pretexto ao divórcio. Levantam o seu dote, e vão-se abrir com as casamenteiras para alcançarem novo marido e novo dote. Assim vão edificando o seu capital em joias, e, na velhice, retiram-se castamente ao fundo dos seus haréns, a gozar as economias feitas com cinquenta maridos!

5 — Mesquitas

A grande maravilha do Cairo são as suas mesquitas. Constantinopla tem os seus admiráveis cemitérios, sossegados e voluptuosos, os seus túmulos de mármore de Mármara, os seus grandes ciprestes escuros em que se enroscam as trepadeiras, e os sicómoros onde gemem as rolas. Damasco tem as suas casas maravilhosas, os seus pátios frescos, assombreados por laranjeiras e salgueiros, lajeados de mosaicos de mármore, onde pousam nobremente os resplandecentes tapetes de Ispaão.

O Cairo tem as suas mesquitas.

São quatrocentas! Poucas são, porém, aquelas que estão isoladas. A não

ser a mesquita do sultão Ahmed, que destaca as suas tristes paredes escuras numa vetusta praça; a vasta ruína da Mesquita de El-Toribe, grande como um bairro; a Mesquita de Amru, solitária e desmoronada, perdida entre os destroços do velho Cairo a que os cruzados chamavam «a Babilónia do Egito»; a não ser, ainda, a Mesquita do Kait Bei, que se desmorona, solitária e lívida, junto do deserto, ao pé do Mokattam, a maior parte das mesquitas estão encaixadas na confusão das ruas, na espessura das casas.

Às vezes, vê-se um grande muro, comprido, riscado de branco e vermelho, onde pequenas frestas esguias e longas se perfilam, gradeadas de arame. A uma das extremidades do muro ergue-se finamente no ar um minarete redondo, às tiras

brancas e vermelhas ou brancas e negras, com uma larga galeria circular a pouca altura da base, outra mais pequena a uma altura superior, e, na extremidade, uma pequena cúpula de uma graça estranha e delicada. É uma mesquita.

Em todas elas, abandonadas, arruinadas, ou povoadas de fiéis, há maravilhas de arquitetura. Numas, é a graça do minarete esbelto, saindo do pesado muro da mesquita, com uma elegância, uma harmonia, um imprevisto, uma fantasia, de que nada pode dar ideia, nem as agulhas góticas, nem a elegância das colunas gregas: aquilo destaca-se, brilha, reluz no profundo azul, com uma intensidade de imaginação e de poesia que faz pensar num sonho de *As Mil e Uma Noites*.

Noutras, são os mosaicos de louça polida e vidrada, de cores delicadas e que vêm da Pérsia: parecem um vasto tapete pela sábia combinação das cores e a originalidade dos contrastes. Noutras, ainda, são os antigos mosaicos bizantinos de vidro esmaltado; noutras, os túmulos dos seus fundadores, cercados de uma grade de bronze que tem a delicadeza de uma renda; noutras, as fontes de ablução, de magnífica pedra de mármore, sob um pavilhão de fina graça, de madeira lavrada em arabescos, cheio de imagens doces e delicadas, de uma perfeição minuciosa e de um colorido vivo.

São ainda os *minbars*, ou púlpitos de madeira, que parecem feitos por aquelas aves maravilhosas que em *As Mil e Uma Noites* tecem rendas de ouro. São

os *mihrabs*, ou santuários, incrustados de nácar, de pérolas, de alabastro, de ágata. São sobretudo as próprias linhas das mesquitas, o imprevisto mesmo das arquiteturas, o efeito que fazem, em meio das ruas do Cairo, cheias de uma multidão ruidosa de árabes, de beduínos, de núbios, de abissínios, riscadas de vermelho e de branco, cobertas de luz, erguendo os seus minaretes bordados, delicados como joias, e destacando no fundo azul do céu, por cima dos ramos de uma palmeira ou de um sicómoro, a pequena cúpula branca, coberta de palpitações de asas, de bandos de pombas brancas.

As mesquitas do Cairo são todas edificadas no plano privativo das velhas mesquitas do Islão. São grandes pátios abertos à luz, ao ar e ao vento, cercados

de colunatas. Entra-se ordinariamente por um corredor estreito, escuro, entre altas muralhas.

Foi sempre inexplicável para mim a razão daqueles altos muros, onde, por vezes, escadarias negras e misteriosas desaparecem sob estreitas portas.

Alguns passos adiante, depara-se-nos uma porta aberta, livre, sem sinal de construções próximas a que pudessem pertencer aquelas grandes muralhas.

A primeira coisa que se encontra é a fonte das abluções: é um pequeno tanque de pedra, de mármore ou de tijolo polido; cobre-o um dossel de madeira, sustentado por colunas, todas cobertas de arabescos fortemente entalhados, que ordinariamente representam flores entrelaçadas numa gradaria de pau.

Em redor, corre um pequeno rego aberto na pedra, por onde escorre a água.

Há sempre ali algum muçulmano de joelhos, descalço, com o turbante pousado ao lado, a cabeça rapada luzindo ao sol, fazendo as abluções sagradas.

A seguir ao pátio fica o lugar da oração. O santuário muçulmano é apenas a prolongação do pátio, coberto por um teto de madeira lavrada em arabescos, sustentado por fileiras de colunas, que, em algumas mesquitas, provêm de antigos templos fenícios ou gregos.

Ao fundo, na parede que fica para o lado de Meca, vê-se um nicho: é o *mihrab*, correspondendo ao nosso altar-mor. E nu, sem imagens, nem luzes, nem círios, nem flores. É sempre, porém, de uma extrema riqueza, coberto de mosaicos

de madrepérola, de alabastro, de pérolas. A perfeição das incrustações é maravilhosa. Diante dele apertam-se os fiéis.

Ao lado do *mihrab* fica o *minbar*, púlpito de madeira, em forma de tribuna, para onde se sobe por uma escada estreita, apertada entre balaústres de um lavrado primoroso. Ali o ulemá sobe e lê o Alcorão. O chão é coberto de esteiras de Kordogan e de espessos tapetes de Istambul. Do teto pendem, de cordas feitas de seda, lâmpadas imóveis e enormes ovos de avestruz. Aquilo é nu, silencioso, grave e sereno.

Algumas mesquitas têm, ao pé, bibliotecas, abrigos para os pobres e habitações para os viajantes: são lugares de oração, de estudo e de asilo. Ali se

guardam os tesouros dos que partem nas longas caravanas: às vezes, à entrada das mesquitas, veem-se baús de formas elevadas, fardos, sacos: os seus donos partiram para a Meca ou para o Hejaz; vão àquela hora pelo deserto, e aqueles objetos ali ficaram, guardados pela santidade do lugar.

A lei religiosa de Maomet não institui nem castas nem hierarquia: a mesquita é o centro religioso e civil; ali, celebram-se as orações, julgam-se os processos, estuda-se o Alcorão, depositam-se os tesouros, acolhem-se os mendigos. Mais tarde, sob a indolência sensual dos califas, os ulemás, que eram os depositários da tradição e da ciência, constituíram-se, em desprezo dos textos, numa casta poderosa. O corpo de ulemás

é quem estuda, sabe, consulta o *Chiat*. O *Chiat* é o corpo de legislação civil e religiosa; compõe-se de quatro livros: o Alcorão, o *Suna*, o *ldjmâ* e o *Kiyâss*. O Alcorão é a coleção dos sainetes de Maomet escritos em Medina e em Meca; o *Suna* é a história da sua vida, a descrição dos seus costumes, os seus conselhos e todas as palavras que dele a tradição recolheu; o *Idjmâ* compõe-se das declarações sobre direito ou sobre religião, dadas pelos quatro primeiros califas; finalmente, o *Kiyâss* é uma compilação misteriosa, impenetrável, tenebrosa, dos discursos, conselhos e sentenças dos califas.

Os ulemás possuem esta confusa ciência.

Em virtude do duplo caráter,

jurídico e religioso, que têm estas leis, os ulemás dividem-se em imãs — os que oram — e em cádis — os que julgam.

Os imãs vivem nas mesquitas. Essa parte do edifício não se pode visitar: veem-se apenas, em certas mesquitas, como a do Sultão Ahmed, as muralhas altas, esguias, os corredores estreitos, as escuras escadas desaparecendo debaixo de abóbadas. Os imãs são educados em colégios ou seminários, onde fazem uma longa preparação, cortada de jejuns, de orações e de exaltação mística.

Dividem-se em numerosas classes: os xeques, que são os sábios, os doutores, os que pregam, os que desvendam os casos misteriosos: alguns são santos: veem-se os seus túmulos por todo o vale do Nilo — pequenas cúpulas

brancas à sombra dos sicómoros; os *katihs*, encarregados de fazer, à sexta-feira, o serviço oficial religioso, como a celebração do nosso domingo; os muezins, que do alto dos minaretes anunciam cinco vezes ao dia a hora da oração, com um salmodiar triste e monótono; os *kaims*, que lustram os mosaicos, sacodem as esteiras e os tapetes, deitam óleo nas lâmpadas e tratam das fontes das abluções sagradas.

Todos trazem o vestuário árabe: o turbante verde, porque pertencem à família do Profeta ou porque foram em peregrinação a Meca; a túnica até aos pés, como uma batina, apertada por uma faixa; as largas calças franzidas até a baixo; e, por cima, uma espécie de casaco de grandes mangas pendentes.

Há-os moços, singularmente belos, de perfil aquilino e doce, atitudes contemplativas, grandes olhos profundos. Outros são velhos, quebrados, de barbas grisalhas, olhos reluzentes, pequenos e duros — imundos, fanáticos e surdos. Andam ordinariamente em pequenos burros, sós, lentos, silenciosos, graves, desfiando os seus rosários.

Além destas classes sagradas, existem os dervixes. Estes possuem grandes conventos junto do Nilo e distinguem-se pelos altos barretes agudos, pelas longas túnicas que, da cinta para baixo, caem em pregas, como saias de mulher, pelos cabelos pendentes, longos, espessos, sujos, as barbas eriçadas e os olhos desvairados, estáticos, semiloucos.

São os sectários do velho

islamismo feroz; são fanáticos irreconciliáveis.

Há ainda os devotos que vivem na vizinhança das mesquitas e arrastam pelos pátios a sua miséria e a sua vermina, e os profetas que andam nus, pregando às massas, e crivando, entre orações, o peito de ferros agudos.

Quando o muezim sobe ao minarete e lança sobre as terras do Islão a sua voz aguda, penetrante e plangente, os muçulmanos erguem-se dos cafés, depõem os chibuques nas prateleiras de vime, suspendem os contos maravilhosos... Os bazares esvaziam-se, os moços saem, apressados, dos banhos, ajeitando os turbantes... As mesquitas enchem-se.

As babuchas, os sapatos revirados, as botinas, amontoam-se à

porta, com as solas para o ar, ou em cruz, segundo a superstição.

Todos penetram na mesquita num grande silêncio, desfiando os rosários. Chegam junto à fonte, e cada um, erguendo os braços e olhando o céu, diz:

— Louva a Deus que nos fez humanidade. Louva a Deus que fez a água para purificar os pecados!

Depois, agacham-se junto ao tanque. A água escorre docemente. Cada ablução faz-se por três vezes: a primeira, na boca: o crente toma a água na mão côncava, atira-a para dentro da boca, passa rápido os dedos sobre os lábios, dizendo:

— Louva a Deus, purificador do pecado!

Depois, lava as narinas, como

quem se assoa:

— Oh, Deus, faz-me sentir o perfume do Paraíso!

Esfrega então levemente o interior das orelhas, erguendo as roscas do turbante:

— Senhor, faz-me ouvir no dia extremo as palavras de Maomet, teu amigo!

Depois, toma a água com as mãos ambas, curva o rosto e esfrega fortemente as duas faces:

— Permite a quem adora um Deus só [...]

Arregaça então a manga do braço direito e lava-o até ao cotovelo:

— Senhor, caia nesta mão, no dia do teu julgamento, o bem das minhas ações!

Depois, lava a mão esquerda — considerada como aquela que é destinada às más ações, aos crimes, às obras impuras:

— Senhor, não consintas que esta mão pecadora toque o bem das minhas ações!

Finalmente, o muçulmano tira o turbante e, conforme a seita a que pertence, lava a cabeça de modos diferentes, todos estranhos.

Os moabitas lavam o alto da cabeça, porque na tradição da sua seita, sendo ali o lugar do cérebro, a frescura da água, penetrando-o, apaga o ardor dos pecados, o calor dos pensamentos culpados. Os assabitas apenas humedecem rapidamente a testa, dizendo estas belas palavras:

— Dá-me, Senhor, uma claridade digna de ser contemplada por ti!

Assim os fiéis se vão lavando, pedindo a Alá que os proteja e os ampare no dia extremo, na sua passagem pela ponte que, lançada sobre a imensidade tenebrosa, separa o Inferno do Paraíso poético onde as huris bebem no côncavo das pérolas. Quando finda a ablução, o muçulmano ergue-se e, estendendo os braços na direção de Meca, exclama:

— Oh, Senhor, pela santidade do nosso Senhor Isâ, pela afeição que tiveste por ele, perdoa os nossos pecados, ouve as nossas súplicas, recebe os nossos trabalhos!

O muçulmano penetra então no santuário: o imã sobe ao *ninbar*, sustentado numa das mãos o livro do

Alcorão e apoiando a outra sobre um alfange — simbolizando assim a vida de Maomet, profeta e conquistador. Ali, de pé, tendo pousado o alfange sobre a borda do púlpito e aberto sobre ele o livro sagrado, lê alto. Os muçulmanos prosternam-se.

Vi muitas vezes, estirados nas mesquitas, devotos que depois da oração ali tinham ficado prostrados, esquecidos no êxtase da sua devoção. Permanecem de joelhos, curvando-se, até que a testa repouse ou assente sobre os braços cruzados. E ali ficam, voltados para o *mihrab*, prosternados, apanhados sobre si mesmos, com a aparência inerte de sacos derrubados. De vez em quando uma daquelas figuras ergue-se lentamente, assenta-se sobre os calcanhares, abre os

braços em cruz, volve os olhos para o céu — e arremessa-se de novo sobre o chão.

O muçulmano ora por toda a parte: no campo, na praça, à beira do Nilo, no deserto. Quantas vezes se vê, ao nascer do Sol, aqueles homens correrem para o pé do velho rio dentre a espessura das palmeiras, e atirarem-se para o chão, erguendo os braços, voltados para o lado de Meca, que é também o lado do Sol: e a luz vem envolvê-los, iluminando os rostos bronzeados, de barbas duras e negras.

Nas longas caravanas, no deserto, à hora da oração, os muçulmanos descem dos seus dromedários, ajoelham-se e, orientando-se para Meca, fazem as suas abluções com a areia do deserto.

As mesquitas são silenciosas e frescas: é este um dos seus encantos para

os árabes. Entram, com os pés nus sobre o mosaico polido, tocam na pele com a água fresca da fonte que corre numa bacia de mármore, ajoelham, numa posição que parece voluntariosa mas que é apenas preguiçosa e pacífica, no tapete espesso e doce, sob a frescura das colunatas, sentindo o bater das asas das pombas e das rolas, ouvindo a melopeia melancólica dos imãs: e tudo isto é um encanto para aquelas naturezas passivas, indolentes, serenas e materiais.

Não creio no fanatismo dos árabes e julgo que o maometanismo está em maior condição de fraqueza do que o cristianismo. A divisão das seitas debilita-o. O perpétuo contacto com o estrangeiro deu-lhe a tolerância e a conciliação. As mulheres não oram, não

têm interesses religiosos: e isto influi largamente numa vida toda penetrada do elemento feminino como é a do Oriente. A santa caravana de Meca transforma-se lentamente em caravana comercial.

As mesquitas mais sagradas caem em ruínas miseráveis. Os camelos repousam no santuário de Kait Bei. Os escorpiões correm sobre as incrustações maravilhosas da Mesquita de Amru. A Mesquita de Tulun é um asilo de mendigos e os corvos esvoaçam pelas suas arcarias. Em todas elas se nota o abandono: paredes espoliadas dos seus mosaicos, grades de túmulos despedaçadas.

Os imãs, os xeques, os ulemás, mostram as mesquitas aos estrangeiros: em algumas, nem exigem que se calcem as sandálias de esparto. O imã chega e

levanta os tapetes sagrados onde se pousa a cabeça durante a oração; algum devoto, murmurando, ergue curiosamente o rosto e retoma à sua imobilidade estática...

E à porta, imãs, xeques, ulemás e *kaïms* pedem o *bakchich*!

6 — O Velho Cairo

O velho Cairo é uma ruína no meio do deserto, à beira do Nilo. Foi a primeira capital do Egito árabe e chamava-se então Fustat.

Quando Amru, lugar-tenente do califa — que era o lugar-tenente de Deus —, conquistou o Egito, cercou uma antiga fortaleza, junto do Nilo, chamada Bábilon.

A fortaleza resistia. Amru tinha a sua tenda a pouca distância, numa colina de areia. Uma pomba, vinda de Meca, veio pousar sobre a tenda. Amru fundou ali uma cidade.

Fustat é uma palavra árabe que significa tenda. Em 1168, quando os cruzados entraram no Baixo Egito, os

árabes lançaram o fogo a Fustat. O incêndio durou cinquenta e oito dias, sem ser possível extingui-lo.

Hoje, é um lugar de ruínas. Apenas habitam ali alguns coptas, num pequeno bairro apertado, sujo, escuro e miserável. A areia cerca-o por toda a parte, em colinas doces e lívidas. Defronte, corre o Nilo.

Amru deixou ali uma mesquita antiga, construída pelo modelo das primitivas mesquitas. É um grande pátio cercado de colunatas. No meio, há uma fonte de abluções sobre a qual se debruça uma palmeira. A um lado, num prolongamento do pátio, seis pequenas colunas sustentam um teto chato, escuro, lavrado, esburacado: é o santuário.

Aquelas colunas são provenientes

de monumentos egípcios, gregos, romanos: os seus capitéis têm todas as arquiteturas. Algumas, quebradas pelo meio, equilibram-se milagrosamente.

O *minbar* está carcomido, carunchoso, ruindo, oscilante. Entre as lajes levantadas arrastam-se os escorpiões. Não há esteiras, nem tapetes, nem ovos de avestruzes, nem lâmpadas penduradas de cordas de sedas. No entanto aquele lugar é povoado de legendas. Segundo a tradição, toda aquela construção, velha, caduca e meio desmoronada, está sustentada por uma só coluna: é uma coluna de granito, com reflexos azulados, marcada de um grande veio, como num tronco tenro de arbusto o vestígio de uma vergastada. Cobrem-na versículos do Alcorão escritos a lápis e

inscrições gravadas pelos peregrinos.

Aquela coluna pertencia à Mesquita de Meca. O califa Omar passeava um dia sob as largas galerias de Caaba, quando pensou no seu lugar-tenente Amru, e voltando-se para o lado do Egito, viu, através do mar Vermelho e do deserto, Amru dirigindo as obras da Mesquita de Fustat. Nesse momento, Amru erguia uma coluna de um mármore macio e friável, cuja base mal ajustada tinha uma fenda impercetível.

Omar, então, compreendendo que aquela coluna cairia brevemente, voltou-se para um dos pilares que o cercavam e disse:

— Vai, pilar, vai colocar-te no lugar daquela coluna!

O pilar estremeceu e ficou imóvel.

Omar empurrou-o com a palma da mão, dizendo:

— Vai, pilar! Vai...

O pilar girou rapidamente, cheio de vertigem, nos seus alicerces.

Então Omar, irritado, bateu-lhe ao comprido com o curbaxe, gritando:

— Vai, em nome de Deus!

— Xeque Omar, porque te tinhas esquecido do nome de Deus? — disse humildemente o pilar; e, arrancando-se do seu lugar, elevou-se no ar e, vertiginosamente, através do deserto, foi colocar-se imóvel na Mesquita de Fustat.

Desde então, aquela coluna, que está ali em nome de Deus, permanece inabalável: quando ela cair é porque a lei de Maomet findou no mundo.

É uma coluna tosca, de um granito

azulado, marcado pelo vestígio da vergastada.

A um canto do pátio há um pequeno poço obscuro, cercado de um muro baixo: aquele poço, diz-se, comunica com o poço de Zeus, em Meca. A água vem através do deserto e do mar Vermelho; e o que se deixar cair no poço de Zeus, durante a peregrinação de Meca, vem ter ao poço de Amru.

Os árabes contam isto, dizendo: «Alá *akbar!*» (Deus é o maior).

Ao pé do pátio, à saída, os árabes mostram uma maravilha. São duas colunas que assentam sobre o mesmo pedestal. Entre elas há um espaço estreito: aquele espaço serve para avaliar os pecadores. Aqueles que podem passar entre as duas colunas são inocentes de toda a culpa:

Maomet sorri-lhes e passarão sobre a ponte de El-Sirati; se, porém, algum pecador tenta atravessar, as colunas apertam-se e o corpo não passa.

O nosso dragomano, que nos contou esta legenda, subiu ao pedestal e passou, rindo, entre as duas colunas, com a satisfação alegre da sua inocência. O meu companheiro também passou. Eu tentei, mas logo me convenci de que ás colunas estavam no segredo dos meus pecados: percebendo quem eu era, apertavam-se! O facto é que não atravessei. Alguns árabes, em redor, vendo um castigo tão manifesto, lamentaram-me, tentando consolar-me bondosamente.

Ao sair da Mesquita de Amru, fomos ver uma velha igreja copta

dedicada a S. Sergius. Com a sua entrada lôbrega, ela mais se assemelha a uma cripta do que a uma igreja. Interiormente é coberta de pinturas bizantinas, figuras hieráticas com as cabeças envoltas em círculos de ouro. Ao pé do *mihrab*, estava o almoço do padre — um pouco de bolo de *durah* — e o azeite para as lâmpadas. Mostra-se ali uma grande escavação onde, diz-nos o padre, estiveram escondidos Jesus e sua Mãe.

Fomos ver ainda um convento grego. Entrámos num pátio; subimos uma rampa, como a calçada interior de um castelo, atravessámos salas baixas, com grossas colunas, e enfim um monge grego, de hábito negro, barrete quadrado, longas barbas, aparece e abre a igreja. É uma pequena sala com altas vidraças esguias,

decorada com aquela profusão de arabescos que distingue as igrejas gregas. Alguns quadros bizantinos, sobre colunas, sobre estantes, são magníficos.

Visitámos também um convento latino: dois padres, um deles que tem estado em Jerusalém, Abissínia, Damasco, oferecem-nos o café, o *sherbet*, e mostram-nos o terraço. Dali domina-se o velho Cairo: algumas casas em ruínas, em forma de cubos, meio desmoronadas, feitas de uma espécie de tijolo, cuja superfície áspera e branca reluz no clarão do poente. Em redor estendem-se cômoros de areia lívida, amarelada; algumas palmeiras de um verde-negro intenso, imóveis no meio da areia.

O Sol esconde-se para além do horizonte fulvo. E destacando sobre o pôr

do Sol metálico, as casas, a areia, as palmeiras têm cores profundas e duras.

7 — Al-Azhar, a Esplêndida

Fomos visitar a Mesquita de Al-Azhar: é a hora mais curiosa e mais original que se pode passar no Oriente.

As outras mesquitas têm arquiteturas, belas fontes, estalactites, mosaicos, colunatas magníficas, lâmpadas rendilhadas: são templos. Esta é uma construção vulgar, caiada, enorme, pesada e lisa: é uma universidade.

Tem, além disso, uma idade impressionante; foi edificada em 968. É construída no plano das mesquitas primitivas: um largo pátio ladeado de arcarias, e, no prolongamento desse pátio, para o lado de Meca, o santuário, coberto por um teto sustentado por colunas. No

entanto, tem sido, desde a sua fundação, tão reconstruída, tão aumentada, tão reedificada, que da primitiva mesquita quase nada existe sob os trabalhos que todos os senhores do Egito, desde a grande antiguidade até à família de Mehemet-Ali, ali mandaram fazer.

Desde a sua fundação, tem sido um lugar de oração e de ensino. Bagdade e Damasco estavam então em poder do sultão do Cairo, e os seus sábios, os seus doutores, eram chamados para Al-Azhar.

A fama do seu ensino e dos seus grandes mestres espalhou-se por toda a Arábia; da África, da Núbia, da Síria, da Pérsia, da Mesopotâmia, do deserto, vinham ali estudar. A sua tradição perpetuou-se e ainda hoje é uma das maiores escolas do Oriente.

É um grande centro de estudos. Os estudantes são ali alojados por tribos ou por nações, em edifícios que cercam a mesquita. Os viajantes são ali acolhidos; guardam-se depósitos e tesouros; os mendigos dormem sob as suas arcadas. Ali, os sábios discutem e os poetas encontram um público mais letrado do que o dos cafés.

O seu nome, Al-Azhar, significa a *Esplêndida*. A verdade é que o seu aspeto é humilde e obscuro. Numa rua antiga, estreita, outrora habitada por mamelucos, e onde ainda se veem restos de belas construções sarracenas — *mucharabiehs* de uma adorável fantasia, fachadas irregulares, com balcões em saliência onde se desenham, em grandes tiras esculpidas, versículos dourados do

Alcorão —, ergue-se, num pequeno espaço recolhido e triste, um muro baixo, terminado em terraço, com grandes relevos de pedra escura e arabescos de ouro, entre os quais se entrelaçam os versículos do Alcorão. Nesse muro abre-se uma porta esguia, como uma velha porta de quinta: é a entrada da Mesquita de Al-Azhar.

Defronte da porta comprime-se uma multidão confusa e ruidosa. Estabelecidos no chão, sobre esteiras, amontoam-se pequenos bazares locais de frutas secas, de doces, de bolos de *durah;* vendedores de água passam com os seus odres luzidios; mulheres felás, com burros carregados de sacos de grão, de cana-de-açúcar, de lentilhas, vendem, gritam, com grandes gestos e longas vociferações

árabes; por entre a multidão, ulemás e doutores cruzam em silêncio, desfiando os seus rosários.

À porta, os *kaims*, que mantêm a ordem na mesquita, gritam, empurram, exclamam, acumulam as babuchas, com gestos dramáticos e inquietos. Uma multidão de turbantes comprime-se junto à porta — turbantes brancos, negros, em farrapos, enormes à moda de Istambul, ou esguios à moda da Síria. Tudo aquilo discute, fala, negoceia, canta, insulta, ri, e as estridências das sílabas árabes fazem o ruído metálico de um tinir de espadas que se cruzam.

Jonas Ali, o nosso dragomano, majestoso, adianta-se entre a multidão: empurra, insulta os que nos embaraçam o passo «até aos ossos de Abraão!», grita,

ralha, tem cóleras terríveis e parlamenta com os *kaïms:* contestações, clamores, gestos de invocação, de esconjuração, de súplica — nada mais teatral do que a gesticulação árabe. Finalmente, escorregando entre a multidão, agarrados à túnica de Jonas Ali, penetrámos na porta. Descemos dois degraus, e os *kaïms* fazem-nos calçar babuchas de esparto.

Diante de nós há um corredor que leva ao pátio. Ocupa-o uma multidão original: a maior parte são mendigos que dormem sob a frescura da abóbada, embrulhados nas suas túnicas; muitos têm ali o seu pequeno mister: um barbeiro de figura árabe, penetrante e subtil, rapa a pesada cara de um grave muçulmano encruzado diante dele; um velho em andrajos, com uma pele curtida, seca

como couro, cheia de sulcos, onde se espalha uma larga barba branca aberta como um leque, conserta, com uma atenção miúda, decrépitas sandálias; um berbere negro faz cestos de folha de palmeira; um pequeno árabe, com uns olhos singularmente vivos, incrusta madrepérola num tamborete. Outros parecem vendedores, encruzados, tendo em frente esteiras brancas, onde negrejam toda a sorte de destroços, de velhos objetos ferrugentos e disparatados. Alguns, encostados à parede, fumam silenciosamente o chibuque.

Vemos ali fundas arcas, velhos cofres, sacos, fardos de toda a sorte: são os depósitos dos viajantes. A um canto, acumulam-se selas de cavalos, juntos a um molho de lanças: pertencem a

beduínos de El-Gazalat: chegaram há pouco, vão partir logo, voltar para o deserto. Velhos ulemás, sábios, respeitosos e veneráveis, conversam familiarmente, embrulhados nas largas túnicas, com mendigos curvados sobre os seus cajados, de longas barbas hirsutas, vestidos de peles de cabra, de olhos agudos e indigentes.

O corredor é escuro: uma lâmpada de ferro, de forma bárbara, pende de uma corrente. Ao fundo, abre-se o largo pátio.

É aqui a escola, grande como uma praça, cercada de colunas, formando uma arcada, dividida em compartimentos separados por tapetes da Pérsia. Cada compartimento contém uma escola. Nem arquitetura, nem arabescos, nem estátuas, nem baixos-relevos: os muros são

grosseiramente riscados de vermelho e branco, a maravilhosa luz do céu rebrilha festivamente no chão feito de lajes largas e pombas inumeráveis voam no ar.

Ali está espalhada a multidão pitoresca e original dos que seguem a universidade. O que ali se ensina é apenas o Alcorão e o *Suna*, a gramática, as línguas, o velho árabe e o persa. Os que estudam vêm de toda a parte: do Magreb, da Núbia, da Abissínia muçulmana, do Hejaz, das cidades santas, da Alta Síria, da Mesopotâmia. Rostos negros, cor de bronze ou cor de cobre, pálidos rostos da Síria e do Cáucaso, os perfis duros dos magrebinos, as faces regulares, os largos olhos dos Árabes, o nariz adunco dos habitantes do Hejaz — todas as raças que leem o Alcorão estão ali. O deserto

manda os seus beduínos, a Pérsia os seus poetas, as cidades de Meca e de Medina os seus santos e os seus profetas. Estão ali todos, com seus vestuários diferentes e as atitudes das suas raças.

Nada mais belo e mais original. Uns, dormem envolvidos nos largos mantos, imóveis sobre o chão, não se sabe se prostrados pela fadiga ou imobilizados nalgum êxtase: parecem fardos esquecidos a um canto. Outros, isoladamente, estudam, encruzados: têm na mão a folha de lata em que está escrita a lição do Alcorão, e decorando numa melopeia monótona e mecânica, balouçam o corpo como um pêndulo, curvando-se e erguendo-se, com uma serenidade e uma gravidade rítmica. Outros ainda, estudam sem abandonarem os seus misteres: cosem

túnicas, fazem babuchas, bordam fios de ouro no veludo, incrustam tamboretes de madrepérola, tendo ao pé, ou no solo ou sobre os joelhos, o Alcorão que repetem em voz alta. Suspendem um momento a leitura, erguem os olhos ao céu, ficam como que estáticos — depois, retomam rapidamente o seu trabalho: cosem, bordam, incrustam, com uma grande atividade, repetindo a lição em voz alta com uma pressa monótona.

Alguns passeiam, com gestos intensos de quem comenta. Outros, deitados ao sol sobre o ventre, a cabeça erguida, num repouso pacífico de animais que ruminam, olham o voo das pombas, esquecidos da lâmina de metal. Um círculo de homens, tendo diante de si um outro círculo mais pequeno de estantes,

sustentando manuscritos, invocam, com vozes contraditórias e agudas, o nome de Alá. Em fileira, uns poucos-de fiéis, em que há árabes, felás, beduínos e magrebinos, cantam, ajoelhados, numa toada melancólica e gemente, batendo com a cabeça nas lajes do chão.

Examino as fisionomias: rostos magros, inquietos, com uma convulsão fanática nos olhos, faces cavadas...

Jonas Ali pede a um moço árabe, que cose enquanto decora a lição, que nos deixe examinar a lâmina de metal: o árabe recusa com uma hostilidade pueril.

Em alguns, a concentração é extraordinária: parecem fisionomias à espera da vida que se afastou um momento e que vai voltar. Uma fé profunda e grave domina aqueles movimentos, aquelas

atitudes. Velhos de longas barbas, que devem ter visto batalhas e o espetáculo da morte, decoram com gestos de crianças. Há admiráveis fisionomias nos beduínos do Magreb ou do Hejaz: os cérebros são estreitos, limitados, curtos, mas os perigos das vidas errantes — a caça, as lutas, o deserto — acentuaram as feições de um modo austero e elevado. Há rostos pensativos e serenos que têm a altivez de um espírito que possui a certeza: um muçulmano, quando conhece e comentou o Alcorão e sabe as leis de gramática, possui na sua consciência a ciência absoluta!

E em todos, que nobreza de figuras! Que atitudes soberbas! Que ampla harmonia de gestos! Nada mais belo do que ver dois velhos xeques de longas

barbas brancas, o grande manto caído sobre as costas e cobrindo-lhes a cabeça, que se encontram, e, gravemente, falam de coisas de honra, de hospitalidade ou de religião, em voz lenta e baixa, com uma das mãos sobre o punho do alfange, e a outra espalmada sobre o peito, numa atitude nobre de patriarcas!

Abundam ali crianças: velhos imãs ensinam-lhes o alfabeto, que elas repetem com uma atenção concentrada, os grandes olhos fixos na lâmina de metal; outras rolam-se pelo chão, lutam, brincam; algumas dormem, com os olhos cheios de feridas, e os enxames de moscas agrupam-se sobre elas em grandes nódoas negras.

Um ulemá entra gravemente, com o Alcorão debaixo do braço, seguido dos

seus discípulos: vão-se todos encruzar sobre um tapete e a lição começa.

Ao pé da porta, um escolar celebra os seus ritos.

Em círculo, homens encruzados sobre um largo tapete, ouvem com uma atenção zelosa, um pouco curvados, um ulemá de fisionomia pálida, doce e fina: a sua atitude e os seus gestos são lentos, medidos, penetrantes: explica com uma voz leve, demorada, untuosa e cheia de intenção.

Eu não compreendia, mas estava dominado pela insinuante maneira de falar do ulemá. Ele apontava a linha do Alcorão e interrogava com uma gravidade sacerdotal, afável e doce. No círculo havia um persa com o seu alto barrete de feltro, e dois beduínos de albornozes

brancos, sentados em peles de cabra. Um deles, comum rosto rugoso, altivo, selvagem, ardente, aquilino, cheio de barbas brancas, tinha, na ponta do nariz adunco, uns grandes óculos redondos, de velha, com aros de lata!

Entrámos no santuário. É uma larga sala cheia de colunas que sustentam um teto baixo e escuro; tapetes espessos, de cores desbotadas cobrem o chão; centenas de lâmpadas pendem das traves lavradas e rendilhadas do teto, e ovos de avestruz, suspensos de cordões de seda verde, balançam-se monotonamente.

O santuário está cheio de fiéis: uns prostrados, outros agachados sobre os calcanhares, com os braços abertos, o peito erguido, a cabeça derrubada para trás os olhos errantes no teto. Alguns,

deitados ao comprido sobre os tapetes, estudam com o rosto sobre a lâmina de metal: outros, debaixo das lâmpadas, escrevem miudamente, como quem desenha, as inumeráveis letras árabes.

Há uma atmosfera abafada na escuridão, vagamente alumiada pelas lâmpadas. O rumor grave, doce e salmodiado dos que estudam, enche o santuário. Defronte do *mihrab*, imãs prostrados oram perpetuamente.

A Mesquita de Al-Azhar era, ainda não há muitos anos, a cidadela do patriotismo. Ali viviam os ulemás fanáticos, os profetas, os xeques santos. Ali se tramavam as sedições do tempo de Maomet. O fanático que assassinou Kléber foi ali alimentado e exaltado pelos ulemás. Era o centro da velha resistência

ortodoxa e irreconciliável. Nenhum cristão ali podia penetrar.

Hoje, *kaïms* e imãs mostram, explicam e guiam o estrangeiro, com saudações humildes e grandes condescendências. A porta, abaixam-se, descalçam-nos as chinelas de esparto que levamos sobre as botas e, com uma voz extremamente acariciadora, pedem-nos o *bakchich*!

8 — O Museu de Bulaque

M. Mariette fundou no Cairo, em Bulaque, junto ao porto, um museu de antiguidades egípcias que ninguém vai ver.

M. Mariette — no Cairo, Mariette Bei — é um homem extremamente sábio, paciente nos seus estudos como um beneditino. Porém, aquela vida de explorações históricas não se passa toda na sombra pacífica de um gabinete, entre as almofadas de uma poltrona. Passa-se no deserto, na tenda, penetrando nas velhas cavernas dos sepulcros, expulsando os escorpiões e as víboras, lutando com todas as dificuldades.

M. Mariette conhece, até ao mais

pequeno pilone, até à mais derrubada coluna, todo o Egito faraónico. Poderia, creio, escrever o rol de um europeu em hieróglifos. É o amigo íntimo de todas as múmias.

Fui-lhe vagamente apresentado na sala da Ópera por um correspondente do *Times*, Mr. Russel: ele levou a mão ao tarbuche, eu levei-a polidamente ao peito; mas como eu não era Sitis I, da quinta dinastia, nem Ramsés III, da décima sexta, ele não me atendeu mais — e eu esqueci-me de o louvar pela descoberta do seu último faraó, desgraçado de mim, preocupado como estava pela excêntrica ideia de que conhecia uma mulher, que indistintamente se adivinhava por trás da cortina de gaze bordada, no camarote do serralho de Sheriff Paxá. E assim, perdi a

maravilhosa ocasião de falar com um homem que distingue de longe, só com deitar-lhes a luneta, mulheres de Tutmés III ou de Amenemhat IV, perfilando-se num baixo-relevo.

A avenida que do Esbekieh leva a Bulaque é uma das mais pitorescas e originais do Cairo. Bulaque é o porto do Alto Egito. Tudo o que desce da Núbia e dos trópicos, para ali. A avenida, empoeirada, é cercada de árvores de folhagem delgada; aos lados estendem-se plantações, culturas e lugares habitados, onde se aninham casebres de felás.

Vemos vestígios da inundação: algumas casas, afogadas, deitam fora de água o seu terraço, onde se balouçam velhas esteiras esquecidas. Sicômoros e alfarrobeiras, meio submergidos,

estendem braços suplicantes fora da água luminosa. A água reluz como aço. Pequenas elevações cobertas de verdura surgem, todas reluzentes, húmidas, a escorrer, como cabeças que emergem de um banho. Os canais de derivação cintilam; os diques de terra negra perfilam-se, limitando as culturas. Longas filas de camelos cruzam-se na avenida, no transporte das mercadorias que desembarcam: molhos de cana-de-açúcar, fardos de algodão, tabaco, anil. Os felás correm levemente; as *fellahines* dirigem-se apressadamente ao porto; as carruagens rodam, precedidas dos gritos dos *saïs*. Levantinos e gregos, que vão negociar ao porto, trotam nos seus burros, equilibrados sobre as altas selas vermelhas...

Bulaque é um bairro de ruas estreitas, de casas decrépitas, em cujas paredes se dependuram, com todas as formas, em todas as atitudes, os altos *mucharabiehs* rendilhados. Circula uma multidão, onde predominam os felás com as suas saias azuis.

O porto é ruidoso. Os *dahabiehs* apinham-se junto à margem, com as altas vergas inclinadas. As tripulações, núbias ou felás, circulam rapidamente, subindo de um barco para o outro ou entrando na água. Barcos carregados de grão, de milho, de aveia ou de fava, chegam, na gritaria dos remadores árabes. Outros largam para o Alto Egito, abrindo a vela, enquanto os marinheiros, sentados em círculo à popa, cantam ao som das *durbakas*.

Longas jangadas, carregadas de vasilhas e de cântaros de barro, descem de Siut e de Assuão. Uma família felá vem gravemente sentada sobre aquela carregação de vasos de barro. O pequeno vapor de um paxá passa fumegando.

Na margem, os camelos, de joelhos, esperam os fardos que berberes e negros descarregam sob os golpes de curbaxe dos levantinos. Um velho copta, de turbante negro, longas barbas, larga túnica, marca os pesos numa lâmina de metal. Abissínios, encruzados em cima dos fardos como ídolos sobre um pedestal, fumam, imóveis. Mulheres agachadas diante de esteiras, vendem o bolo de *durah*, *sherbets* e doces que parecem castelos de açúcar meio derretidos e cobertos de moscas. Alguns

barbeiros saltam, ágeis, de barca em barca, com a navalha e a longa tira de couro em que a afiam penduradas na cinta, fazendo barbas e rapando cabeças às tripulações que chegam.

O rio estende-se, largo, sereno, pacífico, coberto de bandos de gaivotas e de pássaros que pescam. Defronte, perfila-se uma linha de palmeiras, através das quais, como por entre uma arcaria, se vê a delicada cor rosada e viva do horizonte distante.

O museu fica à beira do Nilo. As suas varandas abrem sobre a água que corre em baixo, larga e luminosa, junto a um bosque de palmeiras. O museu é novo, branco, polido, envernizado, estofado, alcatifado. Ali estão reunidas vetustas antiguidades egípcias, velhas de milhares

de anos, tiradas do fundo dos templos, da escuridão das sepulturas, das câmaras obscuras dos pilones. Estátuas de faraós, ainda com a pintura fresca e delicada, esfinges, toda a sorte de deuses, com cabeças de cães, de chacais, de dromedários, de abutres; deuses nus, delgados, com grandes colares sobre o peito, coroados de plumas de avestruz, de crescentes, de flores de loto; estátuas hieráticas, sentadas, com as mãos espalmadas sobre os joelhos; figuras de sacerdotes e de negros; múmias de faraós, de rainhas, de íbis, de gatos, de bois, de crocodilos; colares, joias, símbolos religiosos, armas de guerra; pequenas figuras de deuses com que se cobre o peito das múmias; anéis, escaravelhos, sinetes — todas aquelas maravilhas

perdidas estão ali, numeradas, classificadas, limpas, asseadas, sob as suas vitrinas novas.

Admirámos algumas estátuas: mostram corpos delgados, esguios e musculosos; as bocas são enérgicas, os ossos das faces levemente salientes, o olhar fixo, forte, as caras redondas, os pés largos, espalmados. O único vestido é uma túnica leve e curta apertada à cinta, deixando os braços e parte do peito nus, como nos tempos bíblicos.

Vemos múmias sem conta; estão em caixões de forma oval, estreitos e compridos, feitos de uma madeira negra, coberta com hieróglifos dourados, ou trazendo a figura do morto, desenhada a traços primitivos, entre incrustações a ouro. O corpo é todo envolvido em faixas

mortuárias. Os olhos, pintados com um extremo cuidado, fixos, negros, têm as pestanas indicadas por traços dourados... Nada mais triste do que aqueles corpos, que foram de conquistadores, de tiranos, de faraós, metidos dentro das suas urnas, numerados e enfileirados de encontro a uma parede. Que ressuscitar aquele para quem tinha preparado com tanto cuidado a imortalidade!

Fixa-me extraordinariamente uma figura: é uma cabeça de granito negro. Nada mais profundo do que o seu largo olhar cheio de serenidade e de tristeza: a boca grossa, fortemente acentuada, como repousando de grandes palavras, tem uma expressão poderosa de desdém. Há na testa alta e lisa uma imobilidade e uma placidez estranhas; os olhos, sem pupilas,

têm uma fixidez de melancolia, de abstração, de contemplação.

Fez-me cismar aquela enorme cabeça negra, sobre o seu pedestal envernizado. Foi um deus? Foi um faraó? Foi um sábio? Nem o catálogo o sabe. Está ali, tendo sido achada no fundo de um templo ou entre os destroços de um pilone. Algum persa bárbaro, soldado de Cambises, decerto a tinha derrubado e martelado.

Um imenso desdém sereno habita naquela pedra; tem uma quietação tenebrosa e cheia de mistério. Alguma coisa a oprime: ou o segredo dos dogmas, ou o desprezo dos deuses. O que pensará aquela cabeça? Era algum dos faraós expulsos de Mênfis pelos Hicsos, que, desterrado e errante, vendo o fim das

coisas humanas, se refugiara na aparência da imortalidade? Era algum sacerdote que compreendera a ilusão dos seus vinte mil deuses? Sena uma esfinge que possuíra a secreta verdade da vida? Não sei. Mas aquela expressão, que tinha talvez três mil anos, entristeceu-me. Junto a uma janela, numa atitude de monstro infeliz, fixa os seus olhos sem pupilas sobre o Nilo, que corre na planície, largo, resplandecente de sol, de luz e de água, e bordado de palmeiras que se desenham com uma nitidez extraordinária no horizonte azul.

Saímos de Bulaque, e fomos caminhando junto ao rio. A paisagem do Nilo tem uma uniformidade austera. A água estende-se luzente, imóvel, serena. Uma linha de terra verde-negra recorta-se sobre o céu de uma cor profunda e dura;

sob aquela luz baixa, plena, no meio da água, destaca-se por vezes uma palmeira ou as varas de um *chaduf;* numa pequena elevação, agrupam-se cabanas árabes; aqui e além, branquejam pombais.

Nem montes, nem perspetivas, nem acidentes de paisagem: só aquela linha de terra, infinita, para além da água, sob um céu rosado de madrugada, quase negro de luz no alto dia, cor de ouro, cobreado, resplandecente, quente e profundamente vivo no ocaso. Sobre aquela linha de terra verde-negra e profunda, os homens e os animais destacam-se admiravelmente, como figuras recortadas sobre um fundo luminoso.

Nada tão severo como aquela linha simples: tem um repouso, uma

serenidade, uma harmonia inefável. A água, uma linha de terra, o céu: eis toda a paisagem egípcia. É de uma simplicidade primitiva. As montanhas, os precipícios, as serras, os vales, os desfiladeiros, as torrentes, os largos horizontes, são, na paisagem, o que na vida são as paixões: têm uma beleza atormentada, desolada e romântica. Aqui, na sua serenidade, a paisagem consola e pacífica. As linhas grandiosas levam aos atos heroicos. A linha simples inclina aos sentimentos primitivos: lembra a tranquilidade, a quietação, uma mulher de formas belas, a abundância.

As nossas sensações, as nossas contrariedades, as nossas inquietações desaparecem. Não se pode ser nervoso, romântico ou nostálgico, diante de uma

larga água, plana e cintilante, de uma linha de terra cheia de uma vegetação forte e sã, e do grande céu, do magnífico sol, da luz imortal e inesgotável.

Das três grandes linhas naturais, nascem instintivamente as três grandes ideias: a família, o trabalho, a imortalidade.

A paisagem faz a raça. A Holanda é uma terra pacífica e serena, porque a sua paisagem é larga, plana e abundante. A paisagem que fez o Grego era o mar, reluzente e infinito, o céu, sereno, transparente, doce, e destacando-se sob aquela imobilidade azul, um templo branco, puro, augusto, rítmico, entre a sombra que faz um grupo de oliveiras.

A paisagem do Romano é toda jurídica: as terras ásperas, a perder de

vista, separadas por marcos de tijolo; uma grande charrua puxada por búfalos vai passando entre os trigos; uma larga estrada lajeada, eterna, sobre que rolam as duas altas rodas maciças de um carro sabino; uma casa coberta de vinha branqueja ao longe na planície. Não importa a cor do céu: o Romano não olha para o céu.

A raça anglo-saxónica tira a sua tenebrosa mitologia, o seu espírito inquieto, da sua paisagem escura, acidentada, desolada e romântica. É o estreito e árido aspeto do vale de Jerusalém que fez o Judeu.

A civilização egípcia, apesar dos seus deuses inumeráveis, dos seus mitos, dos seus dogmas, dos seus sepulcros e de nos aparecer hoje como uma civilização

tenebrosa e monstruosa, é tão brilhante e tão simples como a paisagem do Nilo. O Egípcio não era dado às coisas divinas: era um povo simples, exclusivamente agrícola, que nunca procurou ver para além do imenso Nilo. Nos antigos templos do tempo dos faraós das primeiras dinastias, antes da invasão dos Hicsos, quando a capital era Mênfis, fixaram-se em baixos-relevos todos os quadros da vida civil do Egito: são apenas trabalhos campestres, cenas de cultura; os homens lavram, os pescadores arrastam as redes, as mulheres tratam das aves; um ancião, cercado da sua família, assiste às danças que celebram a colheita; o velho apoia-se ao pescoço de um búfalo e em redor canta-se a velha canção egípcia:

Batei, bois, batei,
Trabalhai para quem vos ama.

Sente-se em todas aquelas cenas o amor exclusivo do trabalho, o amor do animal, da independência, dos largos horizontes.

Na vasta paisagem não se viam templos: nem um sacrifício, nem um deus. Só mais tarde, em Tebas, quando os sacerdotes dominavam, criaram uma religião e aprovaram os ritos que os consagraram e deuses para os santificarem. É então que aparecem as divindades tenebrosas: porém, todas elas são ainda símbolos agrícolas. A família, apesar de tudo, transparece na formação da teogonia: os deuses são classificados por tríades: pai, mãe, filho; os sacerdotes,

nos altares, adoram o crocodilo, símbolo da inundação!, o boi torna-se um deus: os pássaros que devoram os insetos são todos divinizados.

Entretanto, mais tarde, começam as invasões, as batalhas, as conquistas: os faraós batem-se, os sacerdotes guerreiam. Diante da incerteza das batalhas vem a necessidade de uma fé superior, dalguma coisa de sobrenatural, que ampare e que auxilie. Aparecem então as oferendas maravilhosas aos deuses, a edificação de templos grandiosos, as construções magníficas.

O próprio culto da morte não é inspirado pela influência de um dogma, mas pela necessidade agrícola. Naquele clima do Egito, não se podem enterrar os corpos nas terras baixas; a terra é leve, os

miasmas sobem facilmente, espalham-se as pestes; é necessário levar os cadáveres para longe, impedir que eles se decomponham; daí, as múmias, as construções nas cavernas e nas montanhas; daí, as pirâmides.

O povo, de resto, ficou sempre afastado do culto; não compreendia os mistérios nem os hieróglifos. Os templos eram feitos para os reis e para os dignitários: nas cerimónias de sacrifícios, de cultos, de oração, pintadas nos baixos-relevos, nunca se vê o povo; tudo se passa entre sacerdotes e faraós. Os reis, nos monumentos, são sempre representados entre os deuses, granjeando a graça divina, orando, oferecendo cativos ou interrogando a divindade. O povo, esse, é sempre representado no trabalho dos

campos: a religião parece ser uma coisa exclusivamente hierárquica, que o povo aceita e não atende.

Eu não sou um sábio, como se vê; não tenho a honra de distinguir Ramsés IV de Meneftá II, nem tenho intimidades com múmias, mas creio que o Egito é um país simples, luminoso e claro como a Grécia. Pelo menos não tem nada de misterioso nem de lúgubre.

Poderá não ter esta opinião quem nunca foi ao Egito. Mas, diante do Nilo, fica-se com uma grande impressão de singeleza e de claridade. A água corre larga, serena, pacífica; o céu límpido, forte, azul, é de uma profundidade infinita; as culturas estendem-se, cobertas de sol, e as palmeiras recortam-se no céu em colunatas delicadas, traspassadas pela

luz. Nenhuma sombra tenebrosa, nenhum mistério no horizonte, nenhuma tinta melancólica! Tudo é nítido, preciso, claro, fino. As linhas são severas e largas e têm a serenidade do céu e do mar. Não há crepúsculos nostálgicos: as estrelas são cintilantes e enormes.

Não há lugar para legendas nem para misticismos. Os santos da Tebaida sentiram aqui todas as tentações. Aqui sofreram mais do que em parte alguma: a Natureza repelia-os e os seus sonhos não podiam viver no meio de tanta claridade. Debalde se enterravam nos sepulcros: o largo rumor do Nilo chamava-os eternamente para as ideias naturais, humanas e doces.

Por vezes, sinto o desejo de ficar aqui, ter um búfalo, uma mulher egípcia,

descendente dos velhos donos do solo, e lavrar o meu campo de *durah* no meio da serena paisagem do Nilo, entre as coisas abundantes e saudáveis e a imensa claridade do horizonte...

Assim filosofando, caminhámos a pé à beira do rio. Um rapazito, um pequeno felá, passa, arrastando uma águia, lutando com ela. A águia arremessa-se em grandes sobressaltos, bruscas reações, com os olhos irritados e ensanguentados, o pescoço erguido, as garras frementes. Resiste, roja-se, agarra-se à terra. O pequeno árabe arrasta-a com um grande esforço, a fisionomia concentrada, os olhos fixos, brilhantes, com um sorriso convulsivo, os dentes curtos luzindo, as roupas manchadas, todo mordido, envolvido em palpitações de

asas...

9 — Cemitérios

Nada conheço mais lúgubre do que a cidade dos mortos, ao pé do Cairo, na base de Mokattam. É um cemitério. As novas pedras tumulares, brancas e lisas, assentam ao pé das velhas sepulturas históricas dos mamelucos, dos xeques respeitados na tradição e dos príncipes.

A planície desce do Mokattam levemente cavada, como um vale. É larga, amarela, desolada e seca: é um largo areal. Pedras tumulares, de todas as formas e de todas as estruturas, luzidias, polidas pelos ventos cheios de areias, assentam na vasta extensão.

Nem uma árvore, nem uma sombra, nem uma relva, nem um pássaro!

Dorme ali o silêncio. Por vezes, um abutre, um corvo passam no ar. Uma luz crua, farta, vinda do imóvel azul, cai abundante e magnífica: a planície, as pedras tumulares, cintilam numa brancura hostil; esbatendo-se numa arquitetura uniforme, os monumentos confundem-se com o lívido chão. Nada mais lúgubre!

Os nossos cemitérios, com as suas sombras, as suas relvas, as suas espessuras frescas, são, ao pé da morte, uma paisagem, uma presença de vida. A Natureza está junto das sepulturas, e é quase dormir estar morto sob as árvores que deram sombra ao nosso cansaço, frutas à nossa fome. Aquela Natureza é um traço de união entre os mortos e os vivos; aquelas áleas são ruas também; aquelas sombras, aquelas flores, são para os que

vêm, no dia dos mortos ou nas horas melancólicas, chorar ou lembrar-se.

A alegria dos vivos, a Natureza em que eles se movem, acompanham os mortos, estremecem, murmuram ainda por cima da sua impassibilidade: a folhagem rumoreja, a chuva cai das árvores, o vento passa, os pássaros cantam, o homem dorme a sesta...

Depois, aquelas sombras provocam a imaginação e a lenda.

O corpo do morto será abraçado por aquelas raízes? As rosas vermelhas serão a cor dos seus lábios? Aqueles ciprestes, que crescem melancólicos e doces, serão a provisão de suspiros que havia no seu peito? Aqueles troncos nodosos serão os seus olhos?

A Natureza, pelos gemidos que

provoca e pelos sonhos que desperta, arranca ao morto a ideia fria do irreparável. As árvores estão ali, que lhe estendem os braços, estão ali os pássaros que o chamam, e a erva que o abraça com as suas raízes.

Nos cemitérios árabes, o morto é abandonado à esterilidade e ao sol. Escolhem-se os campos áridos, secos, duros, hostis. O cemitério de Alexandria, no começo do deserto lívido, é um lugar de chacais e de areias: o campo dos mortos, no Cairo, é um lugar de aves de rapina. São sítios lúgubres e terríveis. E será por os Árabes pensarem que o morto deixou de sentir? Não. Eles são os descendentes daqueles que, junto do túmulo, prendiam o camelo favorito do morto, ou a sua égua nómada, e os

deixavam morrer de fome, para que ele, no mundo exterior em que ia viver, nos desertos que fora correr, nos vales onde fosse acampar, encontrasse a sombra do seu cavalo e a sombra do seu camelo!

Na sua primeira batalha contra os de Meca, amigos dos ídolos, Maomet, que combatia por Alá, deus único, matou muitos chefes inimigos.

Mandou-os enterrar numa cisterna e cobri-los de cal. Aí ficaram os seus adversários, os seus perseguidores, aqueles que o tinham apedrejado, que o tinham apupado do alto de Caaba.

Quando o combate findava, Maomet, ao cair do dia, como o sol baixava por trás das colinas para as bandas do mar Vermelho, desceu, seguido dos seus discípulos, a ver a sepultura da

cisterna.

Então, erguendo a voz, com gestos irados, voltando a face lívida para os seus inimigos mortos, exclamou:

— Tu, e tu, e tu, acusastes-me de impostura, e estes acreditaram em mim! Vós expulsastes-me de Meca, minha pátria, e estes, que são de Medina, acolheram-me! Estes-vêm de um país vizinho, contra vós que sois da minha pátria! Dizei agora se Deus mentiu pela minha boca nos ensinamentos que vos fiz? Dizei se Deus mentiu! Dizei-o vós: tu, e tu, e tu, mortos de Meca!

Os soldados e os discípulos, em redor, tinham o espanto nos olhos e nos gestos:

— O quê, profeta, explica-nos isto; tu estás a falar aos mortos?

— Sabei-o vós outros para sempre: os mortos ouvem!

Os Árabes falam aos seus mortos: vão-nos consultar nos casos difíceis; levam-lhes alimentos, derramam-lhes *sherbet* e café sobre as sepulturas.

E todavia escolhem para eles um lugar onde o chacal vem desenterrar os ossos, onde as aves de rapina esburacam a terra. Os Egípcios fazem o mesmo: as suas sepulturas são lugares áridos, calcáreos, desolados.

É que o vale do Nilo é pouco para os vivos: aquelas culturas estreitas, que acompanham o Nilo, são para os que trabalham, não para os que repousam na morte. O Nilo é dos vivos: os mortos têm o imenso deserto que o silêncio habita. Levam-nos a enterrar, deixam-nos

rodeados de alimentos entre os agudos gritos do luto... Mas não sob as frescas palmeiras, ou perto da água, ou sob os altos sicómoros: além, na lividez estéril, na desolação da planície.

A razão material disto é talvez a de impedir que a água do Nilo, penetrando nas sepulturas, vá amolecer a terra, deixe passar os miasmas, cause as infeções. A areia é um poderoso embalsamador.

Um cemitério árabe não é um lugar recolhido, piedoso e casto. Os cães erram por entre as sepulturas; de noite, vêm ali uivar os chacais; os mendigos dormem junto às campas. Fazem-se fogueiras, quando chegam as caravanas que acampam perto; ecoa o grito das aves de rapina, e as prostitutas, ao escurecer, vão

sentar-se sobre os sepulcros.

Apesar de tudo, não inspiram aquele terror nervoso dos cemitérios cristãos; aí, as sombras, o rumor das árvores, a humidade, a lividez das cruzes, as lâmpadas, os ciprestes, tudo faz uma decoração funerária e comunica-nos uma vibração nervosa. Os cemitérios árabes, pelo contrário, têm o aspeto de ruínas. Aquelas pedras luzem, no meio do deserto, antigas, desconjuntadas, e dão a impressão de velhas arquiteturas e não a ideia de fim e, de morte.

E contudo, nada conheço mais lúgubre: os montes da Judeia, a melancolia de Suez, o deserto do Jordão, nada iguala aquela tristeza terrível da cidade dos túmulos.

No entanto, a pouca distância, é

uma estação de repouso para as caravanas de mercadores. Ali, os grupos de felás, de mercadores judeus, de árabes do Hejaz e de Suez, os camelos pitorescamente carregados, no seu repouso sonolento, as tendas de pele de cabra, de lona, de folhas de palmeira fazem, sob o violento céu, na areia, junto às vetustas e arruinadas construções do Cairo, um quadro original, destacando-se em perspetivas coloridas, sobre o fundo escuro das casas desmanteladas e dos velhos arvoredos decrépitos e trémulos.

Aqui tudo é solidão sob o imenso céu imóvel. O céu do Egito é um deserto: é de uma soledade terrível e lúgubre. A luz do Egito só consola, só pacifica, só é benéfica de madrugada, quando uma tinta cor-de-rosa enevoa o ar, ou ao anoitecer,

quando toma uma cor de ouro fulvo, radiosa, gloriosa, sobre a qual as negras palmeiras se destacam, crivadas de raios, como pelas flechas de um exército divino.

No meio do dia, azul, cavado, estendido a profundidades terríveis, implacável, o céu do Egito aterra: compreende-se que os antigos o imaginassem cheio de cólera. Este céu não tem nuvens. As nuvens são os viajantes do céu: transmitem-lhe ideia e intenção, fazem perspetivas luminosas, povoam-no, dão-lhe uma imensa paisagem vaporosa donde cada um, segundo a feição do seu espírito, tira preciosas obras: poemas, sonetos, quadros, visões.

O céu colabora na nossa vida íntima, vive connosco, acompanha-nos na mudança do nosso ser; é um confidente, é

um consolador; invoca-se, fala-se-lhe. Olhar o céu, é, nos nossos climas, uma ocasião de viver; instintivamente, voltamos para ele os nossos olhos. O poeta meridional, cheio de imagens e de cores, contempla-o; o burguês trivial admira-o; pela manhã, abre-se a janela e vai-se ver o céu! É um íntimo, sempre presente na nossa vida; o nosso estado depende dele; enevoado, entristece-nos; claro e lúcido, alegra-nos; cheio de nuvens elétricas, enerva-nos. É no céu que vemos Deus... E mesmo despovoado de deuses, é ainda para o homem o lugar donde ele tira força, consolação e esperança.

A paisagem é feita por ele, a arte imita-o, os poetas cantam-no.

No Egito não há céu: aquela

profundidade lisa, imóvel, sempre eternamente azul, é um deserto, é uma solidão. O céu do Egito é um ídolo: as inquietações, os desejos, os tédios, tudo ele vê passar, impassível, implacável e azul. Não dá nada, nada diz ao poeta, ao cultivador, ao viajante, ao mendigo. É como um céu de pedra. Parece feito de lápis-lazúli. Irrita pela fixidez e pela perfeição vazia. É o mais terrível dos desertos: é um deserto de abstração, um deserto sobrenatural.

As nuvens são, pela mesma cor, pela forma, a mais maravilhosa decoração. As nuvens são, quase sempre, a representação fantasmagórica e visível das imagens intuitivas, criadas no nosso cérebro. Gustave Doré compreendeu isto admiravelmente no seu extraordinário *D.*

Quixote. Mas este céu do Egito nada nos oferece: é mudo, é surdo, é implicativo, é pesado como uma tampa a escorrer de luz.

Imagine-se agora uma planície amarela, de areia, sem uma erva, sem uma sombra; ao fim dessa planície, um monte erguido como uma muralha, duro, a pique, lívido, amarelo também.

Nessa planície, espalham-se túmulos de formas estranhas, em cúpulas, em minaretes, em agulhas, cobertos de crescentes de mitras, de turbantes em forma de cubos onde se abrem pequenas janelas cheias de escuridão entre finas colunas trabalhadas, tudo de uma pedra amarela, alisada pelo roçar das areias, lustrosa como o mármore. Por cima, o céu, de um azul irritante, negro, uniforme, hierático!

Um silêncio abstrato, vago, estende-se muito ao longe. Nenhum movimento, nenhuma atitude viva. Às vezes, no alto ar, paira, numa imobilidade de asas, um pássaro negro que reluz como granito polido: é um abutre.

E tudo afogado numa luz intensa, visível como um nevoeiro, fazendo as linhas duras, nítidas, dando expressões aos sepulcros e grandes saliências aos contornos da pedra.

Tudo ali é impenetrável, quieto, mudo, eterno: o ar, o céu, os túmulos. É de uma beleza bárbara. E tudo aquilo está morto e imóvel com uma grande violência...

Caminhamos, calados, sob o peso do sol.

10—Visita aos Túmulos dos Califas

Fomos ver, por um dia de poeira, sob um sol violento, os túmulos dos califas.

Atravessámos o Muski, depois ruas em ruínas, ladeadas por destroços de casas, e entrámos na planície, na base do Mokattam. O Mokattam é um monte calvo, varrido pelo vento, cor de oca, duramente talhado, abrupto e hostil. A planície é solitária e lívida: areia, caliça, fragmentos de pedras, cascalho: aquilo reluz, cintila e faísca ao sol. Nem uma erva, nem uma sombra: a mudez hostil do deserto.

Há o rumor silencioso e indefinido das planícies de areia solitárias; o céu é largo, fundo, de uma profundidade infinita, de um azul vivo e cru. Alguns árabes miseráveis, esfarrapados, cheios de feridas que as moscas chupam, erram por ali.

No meio daquela desolação erguem-se, penetrando com um forte relevo na luz e no azul, os túmulos e os minaretes das mesquitas. É maravilhoso.

Os túmulos são grandes cubos, como dados, de uma pedra amarelada e polida de velhice sobre que assenta uma espécie de mitra de pedra. Nas faces dos dados abrem-se pequenas janelas cheias de sombra, de puro estilo sarraceno da Idade Média: uma ferradura assentando sobre duas colunas delicadamente

recortadas. A mitra é coberta de uma rede de arabescos trabalhados em relevo, numa pedra polida e luzidia, onde o sol estende traços luminosos.

Estes túmulos espalham-se pela planície em volta das mesquitas. Todos estão esburacados, feridos, mutilados; alguns caem miseravelmente aos pedaços, uma parte a destacar-se fortemente sobre o fundo do céu, o resto arrastando na areia, em cascalho, aos bocados.

Há ali uma grande construção, que parece ter sido um antigo palácio, ostentando ainda de pé uma alta parede em que, de espaço a espaço, três pequenas janelas ogivais se reúnem em triângulo, enlaçando-se por finos arabescos de pedra. Para além da parede fica uma acumulação confusa de destroços e de

ruínas; ali, a população edificou casebres confusos e oscilantes, com os despojos dos túmulos e das mesquitas, com as velhas pedras cinzeladas pelos artistas de Damasco. Estes casebres são feitos com traves decrépitas, cascalho equilibrado entre colunas lavradas de ornatos, ligadas por argamassa; cobre-os alguma palha seca de sorgo. Por vezes, um arco de porta, de um belo desenho, aparece como uma joia no meio da negra e suja miséria das habitações árabes. Entre aqueles túmulos e casebres espalhados na planície, erguem-se, com os seus finos minaretes, mesquitas maravilhosas.

A mais bela é a de Kait Bei. Solitária, isolada, delicada, romântica, às tiras vermelhas e brancas, toda aberta em janelas, recortada como um palácio de

lenda onde os vidros são o azul luminoso, com galerias riscadas de colunas delgadas como arbusto, toda enlaçada de folhagens, de ornatos, de arabescos, ergue profundamente pelo profundo céu o seu minarete agudo, fugitivo, ascendente, todo cinzelado como uma taça de Benvenuto, com duas varandas circulares, renda de pedra que parece que o voo dos pássaros vai rasgar, e esguias janelas ogivais donde pendem, como cabelos soltos, estalactites poéticas e chorosas.

Aí está, solitária, esquecida, como um conto árabe feito por um poeta do deserto, toda de pedra. E aquele minarete fino, arrendado, de uma espiritualidade adorável, saindo das paredes da mesquita às tiras vermelhas e brancas, no meio da planície desolada, aparece, entre aqueles

túmulos de uma austeridade poética, como o próprio símbolo da imaginação árabe, fina, cheia de aspirações e de imagens, e vivendo pela própria força da sua essência e da sua beleza num meio de morte, miserável e triste.

Em redor, há outras mesquitas admiráveis, de cúpulas ogivais, bordadas, cravejadas como mitras de arcebispos bizantinos.

Mais adiante, vemos ainda a Mesquita de El-Barkuk, a mais belamente simétrica que tem decerto a arte sarracena do Egito. É um pátio quadrado, aberto entre dois minaretes e duas cúpulas. A maior parte da mesquita está morta, desmembrada, e o seu esqueleto disperso vai-se afogando na areia. Mas os dois minaretes, a par, finamente esculpidos,

graciosos, arruinados, têm ainda uma atitude altiva de vida e de beleza naquela região de ruínas.

Árvores onde pousam os abutres juntam-se no meio, numa espécie de tanque cheio de terra. Os arcos estão tombados, as galerias obstruídas, mas o lar da oração subsiste e o *mihrab* de pedra é de uma grande beleza.

Os Árabes oram ainda nas mesquitas arruinadas. Preces luminosas e simples, basta-lhes uma pedra e um nicho voltado para Meca, para que se sintam sob o olhar de Deus.

Quanto mais largo o templo, quanto mais luz o enche, quanto mais aves voam, quanto mais árvores rumorejam, mais correm os Maometanos à oração. A não ser nas mesquitas-escolas, onde se

conservam as coisas na imobilidade e no respeito da tradição,, a maior parte das mesquitas está arruinada. A ruína é uma confraternidade com a Natureza. A casa fechada, abobadada, tapetada, isola o homem, separa-o da imensa Natureza viva. Os verdes da vegetação estão excluídos do lugar habitado. Quando a casa cai em ruínas, as ervas entram, as aves vêm, o musgo arrasta-se e estabelece-se, feliz. Estes movimentos não impedem a prece: a entrada da Natureza nas ruínas não impossibilita o Árabe de orar.

A Mesquita de El-Barkuk é uma ruína e é um lugar de oração.

Quando nos afastamos de El-Barkuk, toda a planície tumular nos aparece como um quadro: a areia tem ao

sol uma reverberação fulva; a pedra dos túmulos e das mesquitas toma uma cor lívida: a cor da pedra é igual à cor da areia.

As cúpulas e os minaretes destacam-se em forte relevo sobre o azul do céu, como sobre um fundo de esmalte; os altos minaretes habitam na luz, penetrados por ela. Três palmeiras alongam as suas folhas, duras como espadas, no pátio arruinado de El-Barkuk.

Abutres e corvos voam em bandos negros. Tudo é silencioso, imóvel, cheio de luz. Passa lentamente uma fileira de camelos, graves como andores. As suas estaturas corcovadas, os longos pescoços arqueados, os beiços sensuais e pendentes, destacam-se na luz: solene, a fileira vai-se arqueando sobre uma colina

árida e amarela.

Turbilhões de pó erguem-se no espaço, luminosos para os lados do Cairo. Um árabe do deserto, encolhido, imóvel no alto dorso do seu dromedário, com o largo lenço branco envolvendo-o e preso à cabeça por uma corda de esparto, grossa como um diadema, de longas pontas atiradas para as costas, todas franjadas de ouro, canta: e a sua voz metálica, aguda, de notas largas e tristes, derrama-se monotonamente pela vasta planície...

Aquele deserto lívido, aquelas cúpulas vermelhas erguidas no vasto azul, a cor amarela e fulva das ruínas, a silenciosa brancura do deserto, a impassível profundidade do céu, aquelas construções que são cânticos de pedra — tudo ali nos chama a imaginação para o

tempo dos califas e de *As Mil e Uma Noites*!

11 — Os Bazares

Depois destes aspetos lúgubres, vamos um pouco aos bazares.

É meio-dia, a hora do mercado e da concorrência. Montados em pequenos burros ágeis e nervosos, entrámos naquelas ruas estreitas, compridas, acidentadas, enlameadas, que são a região dos bazares.

Primeiro penetrámos no bairro copta, a fim de ver o que Jonas Ali, o nosso dragomano, chama «os armazéns dos bazares». Nada tão pitoresco, tão imprevisto, tão original, tão fora dos nossos hábitos e da nossa arquitetura, como aquele lugar.

É numa praça cercada de

habitações. Não se pode dizer com segurança que sejam casas: são construções irregulares e desmoronadas como ruínas. Os telhados têm todas as formas: agudos como telhados chineses, ou de forma gótica, ou em terraços, ou em cúpulas. Tudo aquilo é feito de materiais ligeiros, ténues, frágeis: as traves são delgadas como dedos, esculpidos como cabos de punhais venezianos; veem-se colunas finas como cajados de pastores, torcidas, dobradas, sustentando galerias, amparando pórticos de uma fantasia estranha. As fachadas são tão rendilhadas, tão buriladas, tão cheias de galerias, de ornatos, de arabescos, que parece que de cima a baixo se estende uma cortina de renda suja, escura, deslavada, rasgada aos pedaços.

Não se percebe como se pode ali habitar, tanto aquilo é leve, delicado ê fantasista: parece a arquitetura de um conto de fadas. Devem ali morar anões grotescos e hediondos ou aqueles velhos árabes feiticeiros, curvados, sórdidos e cheios de barba, que as princesas consultavam e a quem os califas contavam as suas mágoas.

Os *mucharabiehs* adiantam-se em saliências confusas sobre as fachadas, cobertos de grades bordadas, de traves cinzeladas, de ornamentações irregulares e violentas, desmoronando-se.

Não se explica a origem, o motivo daquelas construções, nem se sabe onde vão dar aquelas portas escuras, e quem vive, quem habita naqueles balcões gradeados, que fazem sobre as fachadas

ventres salientes e inesperados. Quase não há paredes; é um emaranhamento de grades, de traves e de ornatos. Parecem casas feitas de croché. Buracos sombrios, tapeçarias, portas desmanteladas, janelas vagas, terraços que se curvam, balcões que se debruçam, telhas que parecem deitadas ao sol, tudo aquilo é vivo, intenso, cheio de fisionomia. É uma visão, é uma caricatura, é uma fantasmagoria!

Ao mesmo tempo tudo aquilo é escuro, sujo, cheio de teias de aranha, de panos pendentes, de túnicas que secam, de fardos encostados às janelas, de hastes que saem das varandas e das galerias; não há ali uma linha natural, firme, útil! Tudo pertence à fantasia e à ruína.

A praça é de terra enlameada. No meio, sobre uma elevação coberta de

trapos, de vestidos, de tarbuxes, de fardos, de gaiolas, de pedras que se amparam, se consolidam, se ajudam umas às outras, erguem-se de um mesmo tronco dois sicómoros esbeltos, cheios de folhas, de ninhos e de pombas.

Demorámo-nos apenas um momento, mas levámos dali a ideia de uma visão. Atravessámos a rua e entrámos propriamente nos bazares. O primeiro é o Bazar de Al-Ghuri.

Al-Ghuri era um sultão do velho Cairo — sultão da Babilónia do Egito lhe chamam os velhos cronistas. A sua mesquita e o seu túmulo estão ali perto, ao pé de um grupo de árvores, num encontro de ruas sempre sonoras e vibrantes de multidão. Al-Ghuri era turco; morreu num combate contra o sultão Selim, perto de

Alepo, na Síria. E é talvez por ter morrido tão longe que no Cairo, além do seu túmulo na mesquita, tem outro em Kait Bei e um terceiro no caminho de Heliópolis!

O Bazar de Al-Ghuri é, como os de Constantinopla, um bazar coberto: é uma espécie de galeria abobadada, atravessada, de espaço a espaço, por um arco mais saliente, tendo, aqui e além, alguns degraus, e, no teto, pequenas aberturas gradeadas donde cai uma luz doce, pálida e ténue.

Velhos turcos gordos, felás ágeis, núbios ativos, arnautas, negros do Dongale com o corpo nu e luzidio, movem-se numa atividade indolente, numa agitação pausada. As palavras guturais soam como um chocar de lâminas.

Fora da galeria, os camelos

esperam, sentados, movendo devagar a cabeça preguiçosa; fardos, caixas, sacos, arcas abertas, molhos de canas-de-açúcar, túnicas, vasos de barro, tudo se amontoou, encostado, estendido, no chão, amarrado no lombo dos jumentos ou na corcova dos camelos. Das galerias das casas içam-se fardos. Pesa-se, vende-se, compra-se por toda a parte. Passam mulheres felás, cingidas nas túnicas azuis que lhes modelam o corpo, e as pombas abatem-se sobre os sacos de grão. Um camelo bale, com um som rouco, áspero e metálico. E a luz cai magnífica, ampla, desenhando em perspetiva os tons carregados das arcarias. Há um ruído ensurdecedor de vozes, e aquilo parece intencional, previsto, próprio do negócio.

Na galeria, de ambos os lados,

uma fileira de nichos quadrados, altos, como as capelas laterais de uma igreja, contêm as mercadorias delicadas: sobre uma espécie de estrado de madeira, estão estendidos os estofos. Ali, vendem-se as fazendas de lã, de algodão, de cambraia, os panos, as sedas, os fez, os tarbuxes, os objetos de vestuário. Os mercadores estão sentados sobre o balcão, que se estende quase até ao fundo do nicho, imóveis, fumando o narguilé. Têm figuras originais, enrugados, atentos, impassíveis.

Vendem-se ali as admiráveis sedas de Damasco, envolvidas em linhos grossos de cores vivas; os tapetes de Teerão, as faixas de Tunes. As mercadorias amontoam-se em fardos sobrepostos, acastelados sobre estantes, e as sedas, às vezes, ao desenrolarem-se,

caem em pregas, pondo reflexos brilhantes naquela penumbra velada e doce.

Uma multidão espessa e silenciosa circula ali. Os camelos não atravessam o bazar. Os burros, porém, passam, trotando e subindo os degraus com uma audácia inquieta. Diante dos mercadores, juntam-se grupos pitorescos de túnicas, de albornozes, de longos *caftans*, de turbantes, de tarbuxes. E os mercadores, indiferentes, encruzados, graves, austeros, com o longo chibuque na boca, esperam, enquanto os compradores tomam os estofos nos dedos, olhando-os, palpando-os devagar...

Mas o bazar que mais surpreende no Cairo é o Bazar de Kan-Kabil, que assenta sobre o lugar onde se erguiam

outrora os túmulos dos califas.

Ali, as ruas são estreitas e sombrias como fendas, cobertas de tábuas mal unidas, que formam um teto original em que aparecem, às riscas, tiras de céu azul; outras são veladas por largos panos azuis e vermelhos, lançados de um lado ao outro, como dosséis de pavilhões.

Há um sossego extremo; anda-se devagar, olhando; o rumor das vozes é abafado pelos fardos, pelos nichos, pelo toldo. As ruas são de terra seca e dura: não se ouvem os passos. Os nichos dos mercadores parecem pequenos nichos de santos. Ali vendem-se sedas, joias, armas, vestuários, estofos bordados, objetos de cobre, de prata ou de ouro.

Aquilo é tranquilo, abafado, longe do mundo. Os nichos são feitos de

madeira, de velhas traves carunchosas e esculpidas, de uma irregularidade encantadora. Os objetos estão estendidos sobre os balcões em confusão ou acumulados, empilhados, arrumados no fundo dos nichos.

O primeiro aspeto é de uma perspetiva confusa: não se sabe o que se vende. Parece uma fantasia donde nenhuma coisa útil para o nosso interesse se possa extrair. Tudo tem uma aparência de pedaços, de destroços, de coisas partidas, amarrotadas ou vistas num caleidoscópio. Em certos nichos nunca percebi o que se vendia., Via coisas singulares, argolas, estofos que pendiam, pesos, fardos, objetos embrulhados em pequenos papéis sujos Ou lenços bordados. Não distinguia um objeto ou

conhecia um estofo, não compreendia que aquilo fosse real, servisse, fosse de uso, tivesse utilidade!

Aqueles bazares têm tons baços ridos, discretos, sóbrios, obscuros, ligeiros, foscos. A meia-luz esbate as linhas e faz uma penumbra em volta dos objetos. Lentamente, a vista começa a distinguir, a compreender, e tudo principia a destrinçar-se, como depois de ouvir algum tempo uma sinfonia se distinguem as notas, os tons, as delicadezas, a graça das melodias.

Aqui, são os vestuários, as calças, os véus de gaze, bordados a fio de ouro, as túnicas de caxemira, de cores pálidas, amarelas sobretudo, com as grandes mangas pendentes, bordadas a seda escarlate, os cofiós, espécie de faixas

brancas que servem de cinta aos árabes do Cairo e de turbante aos beduínos; além, vemos as babuchas recurvas na ponta, de cetim, de veludo, diminutas, microscópicas, bordadas a ouro, cheias de ornamentações engraçadas, de flores, de estrelas, de lavores delicados, e as pequenas chinelas para crianças que parecem feitas para os anões dos contos árabes; são ainda as bolsas de fio de ouro; os gorros que as mulheres do serralho põem na cabeça e donde saem as duas grandes tranças cobertas de cequins; e os rosários de sândalo, de âmbar, de azeviche, de corais do mar Vermelho, de marfim, de pau-rosa; e os braceletes das mulheres felás, maciços e cinzelados; e os frasquinhos agudos e delgados de água-de-rosa, com rosas pintadas no cristal; e

os colares, os brincos de cequins, as jaquetas com ornatos de ouro que vêm de Beirute, os pequenos espelhos persas, encaixilhados em pinturas sobre pau-rosa; as essências de bergamota, os espelhos de madrepérola, os tambores incrustados para os vendedores de *sherbet;* mais além, veem-se as selas vermelhas e as altas selas árabes, cobertas de borlas e de crescentes, os canjiares de aço azulado, as espingardas com as coronhas incrustadas de madrepérola; depois, são os grandes albornozes brancos, de um tecido fino, flexível, pendurados e flutuantes, e que parecem querer voar e fugir para o deserto; mais longe ainda, as longas tochas espectrais que servem para as festas religiosas, as largas faixas para os turbantes, as mantas listradas de preto

e branco e os guarda-sóis de seda de Brussa; em seguida, alinham-se os inúmeros vendedores de fio de ouro. O fio de ouro é o fundo de toda a riqueza do vestuário árabe; aquelas meadas de fio reluzem, brilham na sombra dos nichos; sobre os veludos escarlates resplandecem os florões, os sóis, as filigranas, os arabescos de ouro; são lenços de cambraia finíssima, de gaze quase transparente, bordados a fios de ouro; dólmanes e coletinhos de seda onde se enroscam, como folhagens reluzentes, asperezas de fio de ouro.

Mais além, de uma rua, descobrimos antigas curiosidades egípcias, que os vendedores mostram às escondidas, porque o paxá proíbe o seu comércio: ovos de avestruz, velhas pedras

das sepulturas, punhais antigos e recurvos, tiaras que foram dos califas, pedaços de tela em que se embrulhavam as múmias, cabeças de Osíris, peles de animais...

Mais adiante, estão os joalheiros, graves e impenetráveis, que mostram as suas riquezas aos que realmente querem comprar: vemos flores de diamantes e de rabis, colares, estrelas que se põem na cabeça, laços de diamantes, pentes incrustados de pedrarias e os penachos de plumas para prender aos turbantes... Todas aquelas maravilhas estão em cofres de sândalo, ou no fundo dos nichos, escondidas, por trás dos fardos, em buracos na terra, ou dentro de um pote de ferro, tendo em cima uma esteira em que se encruza o mercador.

Caminhamos ali, devagar,

olhando, admirando.

Os mercadores levantinos e gregos são loquazes, impetuosos, atenciosos. Conservam-se de pé sobre o balcão, mostrando os objetos, agitando-se, discutindo, lamentando-se. Os velhos vendedores turcos, esses, são impassíveis: têm fisionomias astutas, imperturbáveis, aquilinas, duramente acentuadas; imóveis, sentados, fumam o seu chibuque ou desfiam os rosários.

O comprador aproxima-se do nicho, toma a fazenda na mão, vira-a à luz e pergunta o preço: imediatamente, o árabe pede um preço desproporcionado, enorme, grotesco: pede, por exemplo, oitocentas piastras... O comprador oferece — três! Então o árabe toma o objeto, estende-o gravemente ao comprador — e

oferece logo outro, tornando a pedir um preço colossal!

Os velhos árabes, velhos mercadores desconfiados, desdobram as suas mercadorias com cuidado, dizendo *«tayb, tayb»* — bom, bom. Se o cliente é pessoa escolhida e mostra interesse; o mercador deita a mão a um recanto, tira um embrulho e desdobra um lenço maravilhoso, de rendas finas bordadas a ouro e pérolas; e se reconhece um desejo crescente no comprador, então depõe com gravidade o seu chibuque, e murmurando *«as la illah il' Alá»* (o único Deus é o nosso), atira por sobre o mercado um olhar circular, mete rapidamente a mão numa caixa, tira um papel sujo e amarrotado, desembrulha-o — e mostra quatro pérolas maravilhosas do mar

Vermelho!

O bazar não é só o lugar dos compradores: é também o lugar dos ociosos, que ali estacionam, apreciando os belos estofos, as joias, olhando as mulheres levantinas que vão para o banho. Os velhos passam gravemente, anediando as barbas com uma das mãos, a outra atrás das costas, desfiando o rosário de sândalo; as mulheres apressam-se, com os seus olhos negros, brilhantes, devorando as sedas, os bordados, as joias, conduzindo os filhos à moda árabe, com a mão colocada na cabeça da criança. Os vendedores ambulantes, sobretudo os vendedores de laranjas, giram por entre a multidão, gritando: «*Portocali! Portocali!*» nas suas vozes vibrantes e agudas, o cesto chato, como os dos

baixos-relevos gregos, posto sobre a cabeça ou erguido nos braços, com as laranjas dispostas em pirâmide.

Um dos bazares mais curiosos é o bazar das drogas: erra um aroma inexplicável, feito de todas as especiarias ardentes e excitantes; a confusão que se nota em todos os bazares, ali, redobra: sacos, grãos, pastilhas, massas escuras, bolos esverdeados, geleias, os doces da cozinha árabe destacam a sua coloração indigesta e espalham um aroma irritante. Confesso, cheio de humildade, que ignoro quase todos os nomes, a utilidade, o valor daquelas matérias coloridas, enjoativas e sujas.

Frutas secas, pastéis, drogas, tudo ali se reúne em confusão. As coisas estão em montes, em cima de papéis ou dentro

de caixas sem tampa ou de sacos abertos; amontoa-se indiferentemente o *henné*, o antimónio, o pistache, o âmbar escuro, o *mastik*, a noz moscada, as tâmaras, a canela! Tudo aquilo é imundo! O mercador, sentado, fumando o seu cachimbo, mete as mãos nas massas, tira o que é em pó com a mão côncava, o que é viscoso com dois dedos, e o que é em grão, nas duas mãos unidas. As moscas voam ali perpetuamente, manchando tudo; os cães rondam, farejando. Uma lama mole abafa o ruído dos passos, e uma população pobre, infeta, esfarrapada e ruidosa move-se por entre aquelas coisas sem nome.

Fomos apenas uma vez ao bazar das drogas: procurávamos haxixe.

— Haxixe? — disse-nos Jonas Ali

—, mas é proibido!

— Mas deve-o haver... sobretudo sendo proibido!

— Em primeiro lugar — respondeu ele gravemente — há três qualidades de haxixe: há haxixe em pastilhas...

— Pois venham as pastilhas!

— Há haxixe em bolo...

— Pois venham os bolos!

— Há haxixe em geleia...

— Então venha a geleia!

Jonas Ali encolheu os ombros — e o olhar que nos lançou era cheio de um infinito desdém...

12 — Um Banho Turco

Hoje pela manhã fomos tomar um banho turco.

Os banhos são abundantes no Cairo. Raros são, porém, asseados e ricos. Frequentados exclusivamente pelo povo, não têm nem as exigências do luxo nem os confortos delicados. Os paxás, os beis, os ricos, têm banhos em casa, e quando por acaso vão aos banhos públicos é unicamente por divertimento, por extravagância, como entre nós se vai jantar a uma taberna ou comer às hortas.

Fomos de manhã: é a hora dos homens. As mulheres banham-se mais tarde e, quando entram, um grande tapete estendido à porta da piscina indica a sua

presença.

A primeira sala em que penetrámos fica ao fundo de um longo corredor. O chão é de tijolo polido, de cores vivas; o teto é o largo azul do céu. A sala é quadrada e em redor corre um estrado elevado, de madeira, coberto com um dossel de tabique, sustentado a espaços por colunas feitas de grossas traves. Sobre esse estrado estão estendidos colchões escarlates, de lã, estreitos como camas de campanha e cobertos com mantas de Tunes ou do Hejaz; ao pé, apagado, silencioso, um narguilé com o seu longo tubo enrolado.

Das colunas, cheias de pregos cravados, pendem toalhas felpudas e espessas, grandes cintas de linho e vastos lençóis pesados. De um lado ao outro,

cordas estendidas sustentam largos panos que secam. No chão, ao lado das camas, babuchas de marroquim ou de pau, velhas e gastas. O chão de tijolo está sempre húmido; aqui e além, há tijolos levantados e luzem pequenas poças de água. Reina uma grande frescura, uma larga abundância de ar.

Negros, núbios e berberes, com os fortes bustos escuros, nus, musculosos, e luzidios, com grandes panos em volta da cintura, como tangas, enormes turbantes na cabeça, estendem as toalhas, preparam os narguilés, ou, agachados sobre o tijolo, fumam encostados ao estrado.

Entra-se, e logo dois núbios, que caminham em pontas dos pés sobre o chão húmido, tomam conta de nós, fazendo-nos subir para o estrado. Tiram-nos agilmente

os casacos: os árabes impassíveis, indolentes, cheios de quietação, deixam-se despir pelos núbios que dão o banho; Resende imita-os com uma imobilidade turca, mas eu repilo o auxílio daqueles belos corpos negros, cheio de *myself*, como um habitante da City!

Estávamos de pé no estrado, na atitude e na *toilette* de velhos deuses olímpicos. Os núbios, então, envolveram-nos a cabeça em turbantes descomunais e a cinta em tangas que tinham as pregas e o encanto de um estudo clássico; depois, calçaram-nos, abaixando-se com um servilismo doce, as babuchas de pau — e tomando-nos pelo braço, rindo, com os dentes a luzir como presas de feras, com aquelas maneiras envolvente e emolientes do Oriente, com precauções infinitas para

que não caíssemos das altas sandálias de pau de sicómoro, fizeram-nos entrar na primeira sala.

Um banho no Cairo é uma coisa grave, lembrando as abluções sagradas: tem um cerimonial, é quase a celebração de um culto. A verdade é que nós ríamos perdidamente...

Logo que se entra na primeira sala, um grande vapor de água, um calor penetrante e tépido, envolve, sufoca e amolece. A sala é toda de mármore: paredes, chão, teto. Um grande tapete de água corrente, morna, forma pequenas cachoeiras de encontro às nossas sandálias. O vapor de água enche a sala como um nevoeiro. Da claraboia, cai uma luz doce, velada, toda vaporizada, com transparências de opala: veem-se as

figuras esbatidas como sombras chinesas. O peito arfa no ar rarefeito, as fontes latejam e sente-se uma angústia lânguida e irritante que amolece a vontade. Há, como nos gestos amorosos, a sensação vaga de se querer chorar.

Os árabes amparam-nos, acompanham-nos, guiando-nos, compondo o grande turbante que levávamos à cabeça, com uma meiguice grave.

Penetrámos num pequeno corredor onde o chão é um regato rápido, que se irrita e espuma ao choque das nossas sandálias. Outra sala segue-se a esse corredor. Ali o vapor de água aumenta; o calor é forte, uma transpiração abundante cobre o corpo: parece que aquele meio quente, amolecedor, dissolvente, liquidificante, derrete a iniciativa e a

individualidade, e que a nossa vontade, o nosso eu, o nosso ser, se desfazem no vapor espesso e aromático. Não se tem a consciência de se ser livre, perde-se o sentimento dos contornos nítidos; parece que o corpo se dissipa, se dilui, se atenua, se torna semelhante àquele vago vapor, dando-nos uma transparência azulada. Resende gritava sem saber porquê, instintivamente. Eu ria com um idiotismo passivo. Não me sentia «eu»: procurava por toda a parte os contornos dos meus músculos. Não tinha a consciência de estar fixo na terra, parecia flutuar no vapor, na névoa luminosa da água, ser sombra, calor dilatado.

Finalmente, quando o corpo se acostuma àquela sensação e se afaz àquele meio, entra-se noutra sala, ao centro da

qual se ergue uma coluna, rodeada por um divã circular de pedra. A água escorre pelas paredes, pelo chão, em chuva, em vapor, em gotas pesadas. Ouve-se o seu rumor doce. A luz cai abundante. Há o que quer que seja de feérico naquela situação: o mosaico coberto de água, o vapor que enche a sala, todo penetrado de luz, o rumor monótono e lento da água, o silêncio; a lassidão do corpo, a abolição de toda a vida animal, tudo nos dá a impressão de que mudámos para um elemento diverso e que, pela cólera dos deuses irritados, nos achamos transformados em regatos!

A languidez é extrema: a nossa civilização, as suas dificuldades, as suas lutas; as suas angústias — como tudo isso está longe! Ali vive apenas a forma.

Deitado sobre o banco de pedra, todo banhado no correr da água, todo penetrado de humidade vaporosa, amolecido, quebrado, desfeito numa claridade vaga, tema e tépida, vendo unicamente, por entre aquela indistinta vaporização de água; a negra figura dos núbios, eu sentia-me num estado passivo, inerte e imaterial, de um encanto infinito.

Então, os núbios deitam-nos de costas para cima sobre os bancos e ali, com uma longa luva de camurça, começam uma fricção vagarosa, monótona e sistemática. O corpo fica fatigado, inerte, sem vontade, e aquele constante passar da luva sobre a espinha dorsal, dá uma vibração suave, quente e doce, semelhante à que arqueia o dorso dos gatos, quando uma mão inteligente e sensual lhes corre a

espinha com uma pressão segura e lenta.

Quando assim estamos, inertes e aniquilados, duas figuras negras, esguias, nuas, com a tanga branca envolvendo-lhes os rins, adiantam-se, tendo pendente da cinta uma larga tira de couro, que trazem suspensa da mão esquerda, com o gesto de quem levantava uma ponta de saia. Um deles aproxima-se de mim, toma-me o rosto entre as mãos e passa-me uma larga navalha pela face. Era o barbeiro. Nunca esquecerei a sua figura: o seu nariz adunco, aguçado, em riste, e os olhos pequeninos e penetrantes como verrumas. Era silencioso, austero e grotesco!

Feitas as barbas, os núbios tomam-nos pelo braço, fazem-nos subir alguns degraus, e por fim penetrámos numa sala elevada, quase esguia. Damos

alguns passos oscilantes sobre as altas babuchas de pau que escorregam no mármore coberto de água, e de repente, sem transição, sentimo-nos cair num tanque profundo e largo! Duas torneiras arrojavam sobre nós dois fortes jatos de água, um, quente, o outro, gelado. O grande estilo árabe é meter alternadamente a cabeça, ora sob o jorro quente, ora sob o jorro frio. Os núbios tinham saltado para o tanque, e abraçavam-nos agora, falando-nos com frases rápidas, que eu percebia serem cheias de sábios conselhos. Voltei-me para Resende — mas quando menos pensávamos arremessaram-nos aos empurrões para fora do tanque, com uma vivacidade toda ocidental!

Saímos daquele tanque profundo, a

escorrer, e seguimos com uma lentidão solene para uma sala estreita e baixa, que tinha ao fundo, na parede, uma concha com uma pia batismal, onde caía uma água tépida.

Então, recomeçou a operação de massagem. O núbio estende-me sobre um divã de pedra, coloca-me na posição precisa e, espalmando as mãos, carrega fortemente sobre as clavículas; depois, com gestos lentos, prudentes, monótonos, comprime o tórax, aperta docemente os braços, enerva os rins, distende o pescoço, amassa, abate, mói... As vértebras estalam, os ossos rangem, a musculatura afrouxa-se; vem-me um grande cansaço, uma prostração; sinto uma infelicidade voluptuosa — e entretanto a sua mão aberta corre-me pela

pele com uma pressão magnética e cativante. Ele eleva os braços, deixa-os pender docemente sobre o pescoço, aperta-o, envolve-o, comprime-o. Com todo o seu peso, lentamente, desloca, amassa o corpo, músculo por músculo, com gestos longos, movimentos rítmicos, os olhos meio erguidos, acompanhando cada esforço com um gemido doce: «Hem, hem, hem!»

Fica-se aniquilado, inútil; está-se saturado de frouxidão, feliz de fadiga, cansado de estar mole!

Levam-nos depois para uma última sala, estreita, baixa, quente; e ali, sem transição, grandes flocos de sabão caem sobre nós. É uma espuma suave, doce, aromática, com um calor misturado de frescura: corre pelo corpo, escorrega e

cai sobre o mármore, espalha-se e desfaz-se na água, ou sobrenada em grandes manchas brancas na água de sabão. Os flocos caem-nos sobre a cabeça, envolvem-nos. Ficamos vestidos de espuma: o corpo perde a sua forma debaixo daquela amontoação solta, esbatida, com montes de algodão. E aquilo é perfumado, mole e lânguido. Dá uma extrema flexibilidade aos músculos, dá agilidade e prontidão: aprende-se ali a ser gato!

A luz, caindo de cima, faz reluzir os flocos de espuma, que brilham, cintilam e se espiritualizam, e sentimo-nos semelhantes a deuses fantásticos, envoltos em nuvens de sabão. A cada momento grandes jatos de água levam toda aquela espuma, lacerada, rendilhada, desfeita,

que corre pelo chão e vai amontoar-se aos cantos em grandes rolos brancos.

Quando termina aquela cerimónia, os núbios reconduzem-nos solenemente, de novo, por salas gradualmente menos quentes, até ao peristilo. Ali sobem-nos aos estrado, deitam-nos nos colchões escarlates — e principiam de novo as massagens!

Agora o operador é um pequeno árabe, de olhos largos, negros, profundos, com uma fisionomia extremamente astuta e levemente impudente. Envolve-nos numa toalha felpuda e começa a carregar-nos ligeiramente sobre o peito; a pressão cresce, a fadiga vem; ele aperta mais: arqueja-se docemente, está-se mole, começa-se a ter uma sensação suave, irritante e trémula; o árabe aumenta a

compressão, com gestos doces, lentos, frouxos, meigos: vem-nos então um repouso extremo, uma pacificação infinita do corpo, uma plenitude de animalidade, uma lassidão meiga, oleosa, um abandono tão perdido, tão esquecido, que nos sentimos completamente desmoralizados!

Confesso que ali, naquela atitude, sob a pressão magnética do árabe, sentindo já ressumar a água no narguilé, julguei naturais, racionais, legítimos, todos os vícios e todos os crimes! Pensei em ser califa, dormir em divãs de cetim, envolvido no aroma dos aloés e no perfume das rosas! Comeria coisas delicadas e picantes, mandaria abrir o ventre aos meus escravos para ver atitudes de entranhas, degolaria escravas abissínias para sentir o calor do sangue

das mulheres ardentes do Nilo, ornaria de pérolas os meus cães, esqueceria o meu povo, e mandaria precipitar no Nilo todos os corpos que não fossem divinamente belos!

Felizmente, o meu casaco de fazenda inglesa, das fábricas de Nottingham, estava ali, pendurado, como a presença da realidade, como um *memento* salutar!

Então veio o café e o *sherbet* gelado, acenderam-se os chibuques, e, estendidos, prostrados, lado a lado, com o tubo do narguilé na boca, os olhos no vago, um leve rumor de água nos ouvidos, o cérebro vazio de ideias e cheio de sonhos, abismámo-nos longo tempo naquele doce enlevo, no *kief* — no divino, mole, voluptuoso, inerte, pacífico *kief*.

A consciência leva tempo a renascer, perdida naquela sonolência.

Por fim, vestimo-nos, pagámos uma infinidade de piastras e, encostados no fundo da carruagem, aniquilados, prostrados, fracos — com visões em que nos julgávamos califas, comendo manjares admiráveis entre danças de escravas —, fomos para o hotel atacar um prosaico *macaroni farci aux truffes*, entre Monsieur Bauer e Théophile Gautier!

13 — Passeio em Caleche na Avenida de Chubrâ

A Avenida de Chubrâ é o Bosque de Bolonha, o Hyde-Park, o Prado do Cairo.

É uma avenida larga, direita, entre duas fileiras de árvores, de sicómoros e de acácias, de grossos troncos, folhagem espessa, abundante, entrelaçada, e que forma por cima da avenida um teto verde-negro, sonoro de pássaros, cheio de vento, picado de sol.

Quem quiser conhecer bem a fisionomia do Egito contemporâneo, do Egito de Ismail Paxá, deve ir passear, ao findar do dia, na longa Avenida de

Chubrâ.

É ao cair da tarde: o sol vai descendo; há uma sombra sob as árvores da avenida. O *saïs* corre, silencioso, fazendo erguer ao vento a curta saia branca. O cocheiro, encruzada sobre o assento, guia envolvido no largo albornoz que flutua sob o tarbuxe escarlate, gritando e vergastando os cavalos magros, que correm com um passo monótono e enfastiado.

De ambos os lados, estendem-se as culturas. À nossa esquerda, fica o Nilo; por vezes as terras encobrem-no e vê-se apenas o alto mastro de um *debarieh*, ou, na margem oposta, branquejar um elevado pombal. A espaços, uma espessura de árvores, palmeiras ou sicómoros: é um jardim; um palácio assenta no meio o seu

peso branco, com terraços, janelas em forma de varandas, uma espécie de peristilo grego, pintado de amarelo, de verde ou de azul. As janelas estão abertas, veem-se cortinas de seda ou de lã, pendendo em largas pregas. São palácios de paxás, de príncipes da família de Mehemet-Ali. Depois, estendem-se de novo grandes espaços cultivados de *durah* e de trigo; de novo a casa de um felá, miserável, escura, escondida entre palmeiras, ou junto a um campo estreito, humilde, perdida entre os trigos. No silêncio, ouvem-se as *sakiyés* moverem-se com um ruído plangente, áspero, aflitivo.

Ao longo da avenida circulam as carruagens. Ali, um copta de atitude austera, turbante negro, túnica patriarcal,

que vem desfiando o seu rosário, afasta-se de uma *americana*, levada ao trote rápido de dois cavalos ingleses, de pescoço fino, direito, guiados impassivelmente por um pequeno cocheiro, de face rubra entre os bicos do colarinho alto: é Madame M., que já cantou no *debarieh* de sua alteza, defronte da colina dos Sepulcros:

Ah, Venus, ma friponne,
Pourquoi veux-tu
Faire ainsi cascader,
cascader la vertu!

Atrás, uma fila de camelos, carregados de pedras retangulares, enormes, brancas, amarradas com grossos calabres, vai a passo miúdo, solene e oscilante, para as obras de algum palácio

de paxá ou de bei.

Além, uma mulher felá carregada de *durah* ou de adubo de camelo, segue rapidamente, a largos passos elásticos que lhe fazem saltar os seios da túnica azul que lhe modela o corpo escultural. Arreda-se pesadamente um pobre felá, gordo, indolente, com os olhos doentes, cheios de moscas: é uma carruagem atulhada de vestidos claros, de chapéus rosados, de sombrinhas que se inclinam com reflexos de seda. Um homem gordo, curto, baixo e louro, guia-a, abafado entre os vestidos espetados com leques abertos: é o cônsul-geral da Prússia — um dos muitos tiranos do Egito. Representa as reclamações, as indemnizações, todas as tiranias da colónia alemã.

Além, um homem gordo, de longas

barbas, sorriso fino, olhar direito, penetrante, cheio de ideias e de artifício, recosta-se numa pequena vitória: é Mr. Lavine, vice-cônsul da Rússia e vice-cônsul de Portugal, um potentado, íntimo do vice-rei — do homem que governa o Egito risonhamente, a cear, bebendo como um católico e comendo como um maometano. O vice-rei é, de resto, afável, espirituoso, fino, de uma alegria imperturbável, de uma condescendência cheia de bonomia!

Passa um coupé: dois cocheiros de tarbuxe vermelho, escuros, esguios, um pouco desleixados, governam a parelha inglesa: é Ragheb Paxá, o presidente do Conselho, homem humilhado na mocidade, alma agridoce na velhice, cheio de antigos costumes muçulmanos e

hoje violentamente arremessado para o elemento moderno que domina o Egito.

Adiante, vemos alguns soldados egípcios, em fila, presos uns aos outros pelo dedo mínimo: caras bestiais, ósseas, de bigodes eriçados; trazem fardamentos brancos cheios de nódoas, e os tarbuxes derrubados deixam ver as testas estreitas e duras.

Atrás de nós vem rodando um coupé magnífico, forrado de seda amarela: dentro, duas mulheres — dois vestidos — passam rapidamente: vão envolvidas em véus brancos sobre as pesadas sedas de Damasco, que quebram em pregas duras dentro do coupé. Por baixo dos véus há cintilações de joias: têm grandes olhos negros e a pele de uma brancura láctea... São mulheres do

serralho. Ao pé do cocheiro agaloado, um homem sem barba, de largos encontros, perfila-se, segurando um bastão: é o eunuco!

Passam felás, conduzindo carros de milho, vestidos do saião azul, altos, negros, fortes, de andar rápido. Um pobre velho, curvado, de longas barbas esbranquiçadas e agudas, nariz adunco, pequenos olhos brilhantes, segue curvado, levando às costas um odre cheio de água, a escorrer.

No fundo doutro coupé avistamos um homem baixo, corado, de pequeno bigode branco: é Nubar Paxá, o ministro dos Negócios Estrangeiros, o Haussmann do Cairo, o reformador dos costumes, o importador das loretas, dos cafés cantantes e dos publicistas! De resto é um

homem hábil, penetrante e astuto.

Quatro viajantes ingleses, apinhados numa caleche, de longos véus no chapéu, os guias abertos sobre os joelhos, passam, levando o dragomano na almofada, empunhando um enorme guarda-chuva...

Alguns cavaleiros galopam, vestidos dos longos casacos chamados *stambulines*, de tarbuxe vermelho, calça clara, botas reluzentes. É Arahmel Efendi, é Ibrahim Bei, altos dândis do Cairo, ricos, poderosos, espirituosos, educados em Paris. Não seriam eles, decerto, que confundiriam no Bosque de Bolonha, ou em qualquer parte, o *huit-ressort* de Anne de Léon com o landau de Madame de Agrade!... Sabem de cor as caricaturas de Cham, cantam a *Vie Parisienne*, adoram

Edmond About, leram outrora Guizot... Um dia, governarão o Egito!

A pé, um homem-de alto barrete agudo, à modo persa, os cabelos compridos, brancos de poeira, apressa-se para os lados do Cairo; vem anoitecendo e tem de chegar ao seu convento antes do pôr do Sol!... Vai rezando, e às vezes eleva os braços, andando a largas passadas: é um dervixe.

Mais adiante, vemos um palácio fechado, impenetrável: pertence a Mustafá Paxá, desterrado em Constantinopla, onde intriga junto do sultão contra o quediva.

No meio da avenida, um beduíno adianta-se no seu dromedário, a lança erguida, o corpo embrulhado no longo albornoz branco. Mademoiselle Joly passa vivamente, governando os seus

póneis. Um cocheiro nédio, de longas barbas, barrete felpudo e comprido casacão de alam ares, guia com os braços abertos um cavalo que arqueia o pescoço sob um arco elevado: é uma cocote que chegou de Sampetersburgo para fazer fortuna — *faire le pacha!* — diz ela...

Um cavaleiro cruza connosco, galopando: é Mehemet-Ali, o herdeiro presuntivo; é pálido, com o rosto oval, de um trigueiro árabe, a fisionomia séria, superior, triste, de uma beleza e correção tenebrosas.

Passam outras carruagens a todo o trote: os cocheiros núbios insultam os peões «até à sétima geração!»; dentro, rindo, recostados, altivos, de tarbuxe para a nuca, calça de mescla, fraque preto, rosa na lapela, charutos em riste, passeiam os

dândis do Cairo, os empregados das secretarias, dos ministérios, do correio.

Mas tudo aquilo se afasta, um velho muçulmano ajoelha; um turco atira-se precipitadamente abaixo do seu burro e curva-se, pondo a mão sobre o peito: um picador, de *casquette* à jóquei e calções de anta, galopa, precedendo um coupé rico, a duas parelhas, resplandecente de metais, faiscante. Dentro, apruma-se a grande figura do vice-rei. Xeriff Paxá senta-se defronte. Ao lado, galopam grupos de ajudantes de ordens, de tarbuxe escarlate, esguios, extraordinariamente altos, cingidos em fardas azuis com alamares de ouro.

No entanto a avenida atravessa uma aldeia: é Chubrâ — casas pequenas, escuras, alguns palácios brancos. Ao

lado, o Nilo.

A avenida corre junto da água. Chegámos. Um portão de bronze, todo coberto de clematites: é o palácio de Chubrâ. Impossível entrar— diz-nos de dentro o guarda —, as mulheres do serralho andam a passear... Alguns eunucos vigiam a porta.

Voltamos. Aqui, a avenida não está nivelada: a carruagem balouça como um navio. O Sol começa a descer. A paisagem é maravilhosa: o rio estende-se numa grande largura, luminoso, azul, de uma suave transparência. Do outro lado, a margem, com a sua linha de verdura escura, recorta-se fortemente no céu pálido, levemente dourado. A linha de verdura é baixa, ondulante; por vezes, ergue-se uma palmeira e cada um dos seus

ramos se destaca nitidamente, como uma imagem finamente recortada sobre um fundo luminoso. As *dahabiehs* navegam, com as velas abertas, como grandes asas a que o sol dá um tom rosado. Ao longe, as pirâmides de Gizé, transparentes, finas, parecendo feitas por um cinzelador, esbatem-se numa névoa cor-de-rosa.

Do outro lado, a paisagem estende-se até ao horizonte, feita de pequenos quadros, de leves decorações: campos de um verde luzente, vivo, rico; pequenos espaços de água resplandecendo como aço; árvores delgadas, todas polvilhadas de florzinhas claras. Um pelicano, de bico enorme, pousa junto da água...

A noite vem descendo. O crepúsculo é quente, luminoso, fugitivo.

Ao alto, grandes estrelas já se apressam...

De repente, à beira do Nilo, gritos agudos...

Uma criança felá caiu à água! Foi salva, já está nos braços dos remadores de uma *dahabieh*. As mulheres correm sobre o cais de madeira, junto do rio, gritando com uma modulação prolongada e aguda. Erguem os braços, fazendo invocações, e as suas túnicas flutuam na aragem sob os véus despedaçados que deixam ver rostos cheios de tatuagens, com grandes olhos negros e um anel passado na asa do nariz. A criança está salva, mas as mulheres continuam correndo, gritando, num tumulto, com os braços erguidos como numa imprecação!

A noite caiu. A carruagem entra a trote largo no Esbekieh. As janelas do

palácio estão acesas, os cafés cantantes afinam as rabecas, as orquestras começam a roncar...

O Deserto

1 — Visita a Heliópolis

Saímos de manhã cedo. Havia uma grande frescura no ar e nas cores rosadas do céu.

A estrada que leva a Heliópolis é ladeada de árvores de folhagens leves, todas trespassadas de sol. De ambos os lados, estendem-se culturas de milho, de trevo è de fava: lembra uma estrada da Estremadura. Instintivamente procuram-se os choupos, as frescas correntes de água.

Depois, a paisagem modifica-se: a espaços erguem-se grupos de palmeiras, de um verde sombrio e duro. A íbis branca passa por entre os milhos, com o seu ligeiro andar esvoaçado: é ainda entre os Árabes, como no velho Egito, um

pássaro sagrado: é o inimigo dos insetos e faz, com uma dedicação perpétua, a polícia das plantações.

Passamos adiante de ruínas novas, recentes. É Abbassiêh, cidade fundada por Abbas Paxá: começou por construir um palácio; morto Abbas Paxá, a sua cidade, abandonada, esboroou-se, aos pedaços, na planície estéril, crestada de sol. De passagem, vemos as coudelarias do quediva: belos cavalos árabes, de pescoço arqueado, esguios, de anca seca, deprimida, pernas delgadas e nervosas, e admiráveis burros do Hejaz, brancos, enormes, pacientes como dromedários, fortes como mulas, rápidos como éguas do deserto.

As cavalariças estão desleixadas, caducas, com tetos esburacados e ornadas

de colunas tiradas dos velhos templos egípcios!

A estrada passa junto de um grupo de casas, de altas paredes escuras e *mucharabiehs* quadrados espreitando entre a sombra de fortes palmeiras. Defronte, estende-se um largo campo de milho cortado, de que apenas restam as canas eriçadas. No meio, um obelisco agudo, fino, amarelado, destaca-se no forte azul. Para além, as culturas acabam e começam as areias, sem transição, como depois da água de um lago começa a terra. Fecham o horizonte pesadas dunas de areia, onde negrejam destroços de construções primitivas.

Era ali o lugar da antiga Heliópolis, a cidade onde se adorava o Sol. Na cidade havia um templo, que era

também uma escola de sacerdotes, e os filósofos gregos ali vieram em peregrinações consultar os velhos sábios que possuíam o segredo da tradição. Heródoto e Platão estiveram ali; No santuário mugia o santo boi Mnevis. Diante do templo abria-se uma avenida, ladeada de esfinges, figuras medonhas e colossais, que o historiador árabe Abdel-Latif ainda viu, assentando em redor do templo a sua misteriosa impassibilidade.

A cidade ficava numa elevação, cercada por uma muralha de tijolo, onde, de espaço a espaço, se abriam pórticos monumentais de uma pedra calcária, coberta de inscrições. Na planície reluziam grandes lagos, cheios da água do Nilo.

Hoje só há ali dunas de areia e o

obelisco que ergue ainda, no meio do campo de milho, a sua pedra vetusta. Cobrem-no plantas trepadeiras, e na luz, no meio de larga planície, tem uma beleza severa e misteriosa. Grandes voos de corvos erguem-se das colinas de areia. Para além, é o deserto: uma poeira fulva, amarelada e luminosa, cobre o horizonte distante...

A planície em volta de Heliópolis é o campo de batalha tradicional do Baixo Egito. Ali, Cambises derrotou o faraó; ali, o imperador Selim venceu os mamelucos; Kléber bateu-se ali contra os turcos.

Imperturbável, o obelisco tem assistido a todos aqueles desastres: conta mais de quatro mil anos! A sua inscrição diz, depois da invocação: «Ergueu-o Osirtasen, filho do Sol, Senhor dos

Espíritos, que viverá sempre.» Os lagartos verdes e os escaravelhos passam afrontosamente sobre o nome sagrado de Osirtasen, «que viverá sempre»!

A aldeia de Matarié fica próxima. Mostra-se ali a árvore sob a qual descansaram José, Maria e Jesus, quando, fugindo, atravessavam o Egito, e a fonte na qual, durante ó descanso, Maria lavou a sua túnica.

A família de Nazaré atravessara o deserto e repousara ali. É um jardim, com grandes ruas niveladas, bem tratadas, orladas de buxo; em largos canteiros de terra húmida crescem rosas, legumes e tangerineiras.

No encontro de quatro áleas, num pequeno espaço areado, limpo, com bancos de pedra, eleva-se, dilata-se um

sicómoro poderosamente velho. Tem um vigor austero, e os seus troncos arremessam-se em atitudes violentas e altas para o céu, cobertos de espessas folhas rígidas.

O tronco, decrépito, tem rugas profundas, anciloses enormes, como ventres, feridas, cavernas, como uma rocha do mar, e as suas raízes levantam-se da terra, arqueando-se como serpentes enroscadas. É uma árvore maravilhosa. O seu tronco está cheio de inscrições, de números, de nomes gregos, arménios, coptas, latinos; dos seus ramos pendem rosários; uma infinidade de pássaros canta na sua espessura.

Parece imobilizada num esforço violento para se arrancar da terra: faz pensar na musculatura monstruosa de um

velho gigante legendário. E aqueles ramos velhos ainda abrigam cantigas de pássaros!

Ao pé, sob grandes árvores que dão uma sombra cheia de repouso e de paz, dois búfalos movem uma nora. É a fonte da Virgem — Siti Mariam.

Grandes bandos de pombas voam ali. É retirado, quieto, doce e sonolento. Respira-se uma frescura, um sossego, uma lenta penetração de descanso: a quem vem do deserto, deve consolar e pacificar aquela suave sombra, docemente trespassada de luz, húmida do correr da água, sonora da voz dos pássaros. O lugar justifica a legenda.

Uma *fellahine*, com os seus grandes olhos dormentes e contemplativos, cingida na curta túnica

azul, oferece tangerinas para a sede...

— Como chamam os Árabes à Virgem, Jonas Ali?

— Siti Mariam.

— E adoram-na?

— *Comme ça!...*

É meio-dia. O calor pesado faz uma névoa na planície coberta de luz, sem uma sombra, sob a uniformidade luminosa do Sol. O deserto cintila num grande silêncio abafado. Um pombo voa, com as asas fatigadas, como vergadas sob o calor. Tudo está imóvel. Nenhuma Ondulação de folhagem quebra aquela quietação das coisas agachadas ao sol. Um vapor luminoso envolve tudo.

Ao longe, um búfalo bebe num cano de irrigação, imóvel. Ergue a cabeça, olha em redor, abstrato, e os fios

de água pendem-lhe da boca, reluzindo.

2 — Gizé

Chegámos de noite.

Um café turco de madrugada: alguns árabes encruzados à porta, numa imobilidade de cegonhas. Dentro, o café, com os seus grandes vasos ao lume e a prateleira cheia de pequenas taças que assentam sobre pratos de cobre. Atrás, o fundo escuro, caótico, cheio de coisas inexplicáveis.

Sobre um assento gradeado, como uma gaiola de pássaros, um velho árabe, de cara pensativa e torturada, diz as suas orações; outro, ao lado, negro, imóvel, fuma o narguilé, encruzado, curvado sobre a boquilha do cachimbo como um animal sonolento que rumina. Fora, turcos

sentados no chão falam lentamente.

O nosso dragomano distribui o café — e no fundo escuro da rua distinguem-se vagamente os vultos esbranquiçados dos doces e tristes burros do Oriente...

Ao amanhecer, o espetáculo é maravilhoso. Uma estrada leva-nos até às Pirâmides, pelo meio da grande planície verde e fecunda. A manhã tem uma frescura divina. A inundação desce desde outubro e os campos estão ainda cheios de água: um regato entre dois prados, uma pequena lagoa, outras vezes uma extensão de água que parece atirada ali para refletir a imortal pureza do céu.

As ervas, as plantações, têm um claro aspeto de frescura e de virgindade, e o próprio ar parece espiritualizado pela

presença da água.

A água, no Egito, é o deus fecundo e bom: onde ela chega, chegam a mocidade, a fecundidade, a frescura, as cores delicadas; onde ela falta, a terra consome-se na sua passividade. As populações das margens do Nilo são suaves e generosas: o deserto torna o homem hostil.

Vamos caminhando: passa uma caravana de camelos, recortando os seus vultos enormes e solenes no horizonte; árabes, junto à estrada, oram com a testa no chão, voltados para o lado de Meca. O espetáculo é admirável: o Sol nasce, resplandecente, como feito de ouro, e o céu tem pinceladas cor-de-rosa, de uma transparência adorável. A planície imensa estende-se diante de nós cheia de reflexos

de água e de verdes brilhantes, humana, fecunda, feliz. Sobre o fundo incendiado do céu, uma aldeia árabe, erguida numa colina de perfil despedaçado, destaca-se em negro, cercada de palmeiras esguias, com suas grandes plumas verdes, perfeitas como a curva de uma arcada grega. Sobre os terraços escuros das casas, distinguem-se árabes, imóveis, vestidos de branco.

Em baixo, ao lado, a água puríssima. Na planície os tons sucedem-se: águas transparentes como vidro, azuladas como a pervinca, misturam-se aos verdes das plantas. O colorido da planície finda junto às Pirâmides: as águas, as ervas, as plantações húmidas encostam à orla do deserto a sua paisagem profunda — e as Pirâmides aparecem, erguendo-se sobre uma linha de terra

árida, monótonas, enormes, misteriosas...

Quando chegámos às Pirâmides já o sol cobria a Esfinge com seu manto de ouro.

É certamente aquele o campo funerário do Egito. O Egito é um grande túmulo — e uma grande origem da vida. Em parte alguma o contraste da morte e da vida, no que elas têm de mais belo — a história e a família —, oferece um aspeto mais profundo. Em parte alguma tem a história um cemitério mais largo do que na lívida terra do Egito, em toda aquela região que orla o vale do Nilo. Tudo ali é morto. Não só os reis têm ali o seu sepulcro: têm-nos as religiões, têm-no as cidades: é o deserto!

Junto à aguarela rutilante daquele gigantesco vale, onde todas as formas

vivem numa harmonia sublime, uma grande linha de sepulcros se estende.

O Nilo corre na sua majestosa serenidade sonora: as palmeiras formam o seu formidável claustro: aquela vegetação é religiosa: a imensa água do rio passa sob o largo pórtico das palmeiras, como o coro de uma multidão sacerdotal. Ali, tudo é vida, movimento, verdura, esplendor das forças naturais.

E ao lado dessa incomensurável tira de vida, que cobre, desde a Núbia até ao fim do Delta, esta vasta terra do Egito, a grande linha dos sepulcros estende-se: são as Pirâmides, é Mênfis, é Biblos, é Tebas. Ali descansam os faraós; ali jazem os templos; ali estão sepultadas as cidades. Tudo são ruínas, túmulos — infindável areal dos mortos! E o deserto,

além, vai cimentando perpetuamente aquela linha de morte.

Contraste extraordinário e profundo: o Egito é um imenso celeiro e um imenso sepulcro.

O verde do Nilo tem todas as riquezas da vida, encaixilhadas numa orla de sepulcros.

É aquela verdadeiramente a argila da morte...

Para o lado da verdura, do Nilo, da água, a Esfinge abre os seus olhos misteriosos, que têm visto passar diante de si a colossal aventura do homem. Atrás, as sepulturas retangulares, limpas, preparadas, têm uma desolada brancura. O sol, implacável, cai direito e mortal sobre o imenso silêncio do deserto.

Por toda a parte, a luz, o azul

resplandecente e vivo, são cortados pelo voo dos corvos e dos abutres. O peito sente-se oprimido, e a nossa pobre humanidade esmorece diante daquela sinistra serenidade das coisas.

O que mais surpreende nas Pirâmides é o mistério. Aqueles muros, pedras, interiores, sarcófagos vazios, corredores solitários, tudo tem um aspeto de mudez e de segredo que espanta. Dá vontade de ferir, de espancar aquelas pedras, para as obrigar a dizer o seu segredo. Ali, não há esculturas nem inscrições: tudo escarnece a curiosidade humana!

De longe, envolvidas na luz, apresentando às vezes decorações adoráveis no fundo verde-negro da paisagem, as Pirâmides são transparentes,

rosadas, penetradas e vivificadas pelo azul, limpas e graves. A quem as vê a distância, elas aparecem belas e compreensíveis: entram no conjunto da paisagem, são parte da decoração. De toda a parte elas surgem aos olhos — entre palmeiras, junto dos lagos, ou para além da linha da verdura — como a presença eterna da morte e do deserto.

Em toda a paisagem do Baixo Egito, nas proximidades do Cairo, elas são as eternamente presentes: veem-se das ruínas de Damieta, ao fundo da verdura plana e lisa, no infinito horizonte, rosadas pela luz: veem-se do Cairo, estendendo no deserto a sua sombra imensa; veem-se do Nilo, no ocaso sublime em que o céu tem resplendores metálicos e todo o Nilo — com as suas vegetações fortemente

recortadas, sob as nuvens abrasadas no céu raivosamente amarelo — parece uma paisagem de bronze e ouro...

Veem-se sempre, irmãs, iguais, com o seu perfil fino, de uma pureza infinita.

Mas quando nos aproximamos, então toda a brutal imensidade daqueles imensos seres nos esmaga: não há na verdade paisagem nem decoração; nada que atraia o espírito poético, nada que alegre e chame a curiosidade dos olhos. Enormes, disformes, descarnadas, desconjuntadas, esfoladas, deixando ver a escabrosidade das pedras como pontas de osso, cheias de rugas, monstruosas, fazem sucumbir o espírito — e todas as ideias, todos os pensamentos, todas as sensações, fogem diante da sua brutalidade

gigantesca, como aves assustadas.

É que não se tomam então no seu conjunto, na sua imortal beleza: veem-se apenas como uma muralha imensa, desfeita e arruinada. Assim deviam ser os antigos gigantes, que de longe, no crepúsculo, pareciam belos na sua argila divina, e ao verem-se de perto apareciam informes, brutais e repugnantes. Assim são as Pirâmides, vistas de perto: violentas e desconjuntadas. De baixo, aquilo parece uma multidão infinita de pedras tomando o seu voo para o céu!

Logo que sai das verduras do Nilo, toda a planície sepulcral aparece: vê-se, sente-se que o destino daquele espaço era ser o lugar dos mortos. Em redor das Pirâmides estão espalhados os túmulos, as capelas funerárias, os poços

onde jaziam as múmias: são, pela maior parte, os sepulcros dos grandes funcionários dos primeiros monarcas: sacerdotes, magos, favoritos dos faraós, todos ali estão em volta dos seus reis.

Aquela imensa planície tem o aspeto de um acampamento da morte: o rei na grande tenda, e em volta os servos, deitados sobre a dura areia.

A Esfinge, sentinela implacável, olha para o lado do Nilo.

O Nilo é na realidade o grande inimigo daquele fúnebre acampamento. O Nilo é o grande deus fecundo e poderoso, que alimenta, conserva, dá o trabalho e cultiva a seara. Ele é o bem-amado do Egito, Osíris, o bom, o salutar, o consolador.

Ainda hoje, ao nascer do Sol, o

felá se banha nele, o abraça e o abençoa. Dele se fala com o respeito das coisas sagradas. É ele a providência viva, a ativa consciência do Egito. Por ele se trabalha, se ama, se come, se vive...

É o Deus presente que se toma nas palmas, que se aspira no gole, que refresca e abraça o corpo. A água que se bebe é dele; o pão, dá-o ele; a ele se devem a frescura e a terra mole de que se fazem as casas dos pobres; é a sua água que torna bela a paisagem; o árabe marinheiro invoca-o nas suas cantigas e, no tempo da inundação, os almuadens dizem pelas ruas do Cairo, cantando de hora a hora, a altura das suas águas.

No antigo Egito, os deuses eram a representação simbólica das suas qualidades: Osíris era a bondade do Nilo;

Ísis, o seu amor, a sua caridade fecunda. Ao pé dele se construíam os templos, e as íbis sagradas viviam nas suas águas. Para ele está voltada a face da Esfinge — e quem possuía o Nilo, governava o Egito!

Mas o Nilo, na sua inundação fecunda, tem momentos terríveis: então estraga as searas, afoga-as, apodrece-as — e, sobretudo, invade as sepulturas. Era esse o mal, o perigo, o terror do antigo egípcio: o parente querido que descansava no seu sepulcro, enfaixado, preparado, esperando a imortalidade, quieto e imóvel, podia ser levado na inundação, afogado tristemente no lodo escuro, roubado à doce vida dos imortais! O Nilo, deus amado, era também o deus temido: ele que dava a vida, o pão da família, o sossego do trabalho, podia

trazer a infelicidade eterna.

Daí o grande cuidado em resguardar os mortos. As sepulturas construídas no baixo vale eram irremediavelmente destruídas pela inundação: o rio sagrado, dando a vida aos vivos, roubava a imortalidade aos mortos.

Por outro lado, o deserto também tem as suas inundações de areia. O lugar das sepulturas podia-se perder: quando vinham os imensos ventos e se acumulavam as areias sobre a lívida igualdade do deserto, como se haviam de reconhecer os túmulos dos mortos queridos, levar-lhes as oferendas, celebrar os cultos, e ir falar-lhes, no silêncio das noites sagradas, das saudades da vida e das esperanças da eternidade?

Por isso, o Egípcio, igualmente receoso, para os mortos, do rio e do deserto, faz o seu túmulo naquela linha de terra que se estende entre o vale do Nilo e o imenso deserto branco: constrói os altos pilones, as Pirâmides, as profundas câmaras sepulcrais, bordadas de esfinges, de obstáculos à areia — e o morto, de ora em diante ao abrigo das inquietações da Natureza, dorme eternamente na esperança hierática da imortalidade.

Os reis da primeira dinastia ali assentaram os seus pilones. No ano em que subiam ao trono os edificavam e nesse ano os deviam terminar.

O grande pensamento do Egípcio é a morte: com efeito, a esterilidade, a morte, o deserto, são estas as coisas que ele vê na vida presente. A vida, para o

Egípcio, é toda de contingências, dependente do Nilo: se o Nilo, uma vez, não viesse cheio, toda a imensa população sucumbiria.

A Natureza aqui não produz com segurança, fatalmente: tudo depende da água — e isto leva facilmente ao pensamento da instabilidade da vida e da contingência mortal. Nada certo, regular, eternamente determinado. As únicas coisas eternas e imutavelmente dispostas no velho Egito são a morte, o deserto e a infinita areia. Daqui, a ideia religiosa da pequenez das coisas da vida e da grandeza das coisas imortais.

Por isso, durante a vida, o Egípcio, tendo por pensamento, por consciência, por fim supremo do ser a ideia da morte — construía casas de barro

e túmulos de granito.

3 — Sakkarah

Para além da Esfinge, começa o caminho de Sakkarah.

O areal estende até ao horizonte a sua cor lívida, e caminha-se entre a ondulação infinita das dunas e a margem alagada do Nilo. Do lado do rio, surgem ainda, por vezes, pequenas lagoas frescas, orladas de árvores: um riacho, uma língua de água espelhada, como uma espada sobrenatural caída do chão, demonstram a vida, a transformação dos corcovos áridos do deserto pela infiltração divina da água. Todo o forte azul do ar é cortado pelo voo das aves de rapina, dos abutres e dos corvos.

Caminha-se numa reverberação

fulva, sob a luz implacável. Às vezes, um camelo passa num dorso de uma colina, desenhando poderosamente a sua estatura grave. Encontra-se por vezes uma aldeia árabe, escura, com o seu cemitério branco e desolado, encolhida ao pé de uma duna; uma palmeira ergue no ar a sua atitude graciosa.

Depois, a estrada começa a enroscar-se nas colinas de Sakkarah e a paisagem alarga-se: torna a ver-se ao longe o Nilo, a inundação com todos os seus tons de espectro solar, e por cima o monte de Turâ, cheio de reflexos cor-de-rosa nos seus terrenos angulosos, tão delicados, suaves e esbatidos, como se tivessem sido feitos numa miniatura por um pincel delicado. Adiante, começam a aparecer as Pirâmides de Sakkarah. Do

lado oposto, erguem-se as de Gizé, as grandes pirâmides, eternamente presentes naquele deserto.

A terra é hostil, por vezes coberta de um cardo rasteiro, quase sempre polvilhada de pequenas pedras de uma bela cor castanha, luzidias como mármore e polidas como joias. O sol esmaga, com o peso da sua luz, o ser moral do homem: olha-se e sente-se a fadiga daquela cor monótona.

O deserto todavia não é aqui desolado: deixa a sensação toda material de uma coisa que não finda e que resplandece. A vida é toda nervosa: o ser inteligente não se abre em ideias nem em sensações. Porém, não é triste: a incomensurável luz aclara tudo. Ela é a imensa alegria — e sob aquele céu sem

nuvens, sem tristeza, sem inteligência — céu baço e material —, a luz não permite individualizar: envolve, transforma, faz à sua imagem todas as coisas sofredoras.

Aqui, na solidão medonha, as ossadas de camelos, brancas e luzidias, representam apenas a incrustação jovial do chão do deserto, e as Pirâmides — que são os monumentos funerários dos monarcas —, elas que têm visto a enorme demência do homem, mais velhas que os deuses, cheias de mistério e de eternidade, têm às vezes cintilações, transparências, tons tão delicados, alegres e virginais, como a joia pura de uma noiva!...

E quando assim, da planície, se vê na orla das areias a fila descomunal das Pirâmides que limitam o deserto, pensa-se

involuntariamente nos marcos monstruosos do campo de Deus!

Chega-se a Sakkarah. A areia é lívida e estéril, a pedra parece cal solidificada e tudo aquilo tem ao sol um brilho branco e desolado.

Sente-se o isolamento, a falta de vida, e o espírito tende a tomar, pela monotonia do espetáculo, uma feição triste e estreita. Tudo — a extensão das ruínas, os montículos, os destroços de pedras, as ondulações da areia — tem um resplendor metálico, áspero e hostil. Há no chão um olhar inimigo: na areia, os árabes mostram as pegadas dos chacais e das hienas.

Vemos de passagem pequenas pirâmides, túmulos humildes. Vamos em busca do cemitério dos bois Ápis, no

Templo de Serápis.

E ali, nas galerias solitárias onde mugiam e eram enterrados os Ápis, sobre a mesma pedra, talvez, em que os magos paravam em grupo, à entrada do Templo de Serápis, nós almoçámos frango frio, *Bordéus* e soda *water!*

Os cemitérios dos Ápis são grandes galerias subterrâneas, flanqueadas de capelas funerárias inferiores ao chão da galeria, onde assentam sarcófagos imensos. São brutais, de granito negro, cobertos de inscrições. Era naqueles imensos túmulos que se deitavam com honras divinas os bois sagrados. As luzes que levávamos faziam inesperadas perspetivas nas trevas das galerias — e parecia, pelo silêncio em que íamos, que era o próprio boi Ápis que

ali levávamos a enterrar!

O Templo de Serápis, além do seu valor histórico, contém toda a lenda da vida íntima do antigo Egito. Nuns ligeiros baixos-relevos, desdobra-se pelas paredes, paralelamente, toda a revelação do antigo Egito doméstico. As figuras parecem cinzeladas por um modelo único: olhos grandes, fugindo levemente para a testa, nariz grosso e violento, beiços sensuais, com uma expressão de desdém alegre; os membros são delgados, os ombros largos, os pés chatos. Todas as figuras estão nuas, com uma cinta larga que lhes desce até aos joelhos.

Um dos quadros, na sala do templo, representa a seara: sem dúvida a cheia do Nilo foi boa, a colheita abundante: há faina na eira. A mulher, a

dona de casa, talvez a mãe, acumula prudentemente as espigas; o chefe varre a eira enquanto olha pelos seus criados, que serenamente, sem esforço, acabam a meda de palha. Há movimento, sentimento, na disposição destas figuras esguias e hieráticas. No fundo, veem-se os utensílios de trabalho: o ancinho, a foice, a charrua — e a íbis, a ave benéfica e boa que acompanha o lavrador no campo.

Umas figuras conduzem um rebanho de bois de enormes pontas; outras constroem barcos. Todos os misteres estão ali representados: numa padaria trabalha-se: uma figura prepara o forno, duas amassam o pão, uma terceira descarrega enormes madeiros para o lume, outras ainda racham a lenha.

Uma longa procissão de mulheres

adianta-se, todas com um cesto à cabeça, sustentando-o com a mão: levam aves, frutas, legumes; outras trazem gaiolas de pássaros; quase todas têm uma bilha, que sustentam com o braço caído junto ao corpo esguio.

Na maior parte dos baixos-relevos aparece o Nilo, pintado de verde, navegado por pescadores, atravessado por bois.

E, por toda a parte, a efervescência da vida, o sentimento do trabalho, a paz, a felicidade, a família. Nenhuma ociosidade: os novos trabalham, os velhos, encostados aos cajados, observam, dão o exemplo e aconselham. Não se veem armas nem lutas, apenas cenas de vida pura e de intimidade. Tudo isto tem uma harmonia divina: sente-se o

povo forte, trabalhador, casto, ativo e educado, que criou pelas austeras virtudes uma civilização inesperada. Todo o antigo Egito, com a sua alta civilização, está ali. É aquele o verdadeiro templo, onde as pinturas são o trabalho, a família, a propriedade, a harmonia. É aquele o exemplo e o espetáculo que deve encher os olhos contritos dos que virão. Toda uma moral inesperada emana deste templo que, na realidade, parece dedicado às austeras virtudes do cidadão e do pai.

Enquanto escrevo isto, os meus companheiros dormem, enroscados ao pé de uma velha coluna hieroglífica, e eu velo para que os escorpiões e as víboras os não venham morder...

4 — Excursão a Mênfis

De tarde saímos para Mênfis, encontrando no nosso caminho o túmulo das íbis sagradas, onde se continuam, nas paredes, as pinturas da vida íntima dos Egípcios.

O solo, ali, é uma areia estéril e seca, cheio de cascalho. Nada mais árido, mais desolado: o sol queima, implacável; um silêncio enorme pesa na alma e nas coisas; sente-se a presença do réptil e do escorpião.

Caminhámos curvados, calados, oprimidos. Ao lado, erguem-se as velhas Pirâmides de Sakkarah. Toda aquela planície é tumular: ruínas, sepulcros, areias. Assim vamos seguindo até à região

onde chega o Nilo. Aí, a vista abrange logo a larga toalha de água, cheia de verdura e de árvores.

Caminha-se por entre a inundação, num istmo de terra forte e escura.

De ambos os lados, a água sagrada do Nilo. Os pelicanos passeiam gravemente na corrente; por cima, voam os abutres. Ao fundo, distinguem-se as palmeiras de Mênfis, e sempre, na distância, as formas azuladas das Pirâmides.

Embarca-se para chegar a Mênfis, através da inundação. Não há passeio melhor, nem mais belo, naquela região do Egito: a água assenta, clara e fresca, entre bosques de palmeiras que desenham as suas arcarias até ao horizonte. Não há linhas imprevistas nem perspetivas: é uma

uniformidade doce, que deixa no espírito um lento magnetismo, como uma nota musical muitas vezes repetida.

A vida real fica para trás, bem longe; vive-se no sonho. Um silêncio poético, infinito, suave, envolve-nos como um óleo brando. O azul tem uma ternura humana na cor, na frescura, na virgindade. As palmeiras formam longas arcarias melancólicas e serenas, e fazem um ruído doce, fresco, suspirado, sem uma agitação de folhas. Há o que quer que seja de humano naqueles grandes seres delgados e tristes.

A floresta é imensa. As vezes, a intervalos, entrevê-se uma pequena aldeia árabe: um turco passa, montado no seu burro; uma mulher toda envolvida em véus descansa ao pé de uma palmeira, junto da

bilha. Pensa-se na vida antiga, primitiva, em Abraão em Agar: o palmar tem a serenidade de uma paisagem bíblica.

Os cuidados da vida, a nossa civilização, são impossíveis ali, naquela simplicidade sublime de beleza.

As ruínas de Mênfis são apenas montículos escuros, onde se veem ainda paredes de tijolos quase tonificados. As palmeiras crescem por entre as ruínas, e a estátua de Sesóstris aparece-nos, meio coberta pelo lodo da inundação...

Quando voltámos, a Lua nascia. A água encobria a paisagem: vínhamos devagar, deslizando, e os remadores cantavam uma melopeia árabe, de um ritmo penetrante e quase religioso. Viam-se na água branquejar os pelicanos, e sentia-se o lento deslizar da corrente.

Fomos dormir nessa noite a Gizé, na casa de um velho xeque árabe. Quando entrámos no pátio da casa, um grupo de árabes, encruzados junto das paredes, fumava o chibuque. O velho xeque, na sua ampla roupa branca, esperava-nos à porta: fez-nos sentar no chão, encruzados sobre tapetes. Dali — por entre o grupo violento dos árabes que riam — bem longe, na escura noite, vimos as velhas Pirâmides de Gizé, todas iluminadas e corretas como o Terreiro do Paço! A imperatriz de Áustria passara lá a noite, e em sua honra tinham posto lamparinas de papel na sepultura dos faraós!

A noite escura estava crivada de estrelas: sob a vaga luz dos astros, a água do Nilo cintilava. Ouviam-se no alto o grito dos milhafres, e envolvia-nos aquela

serena respiração da terra do Egito que penetra como um aroma...

E nós, encostados às espingardas, olhávamos, pensativos, por entre as figuras duramente acentuadas dos árabes, grupo negro destacando sobre a parede alumiada, aqueles fios de lamparinas imbecis, luzindo miseravelmente na noite infinita; junto à orla do deserto!...

Ao outro dia, pela manhã, deixámos a aldeia. Logo à saída matámos um corvo. O corvo, antes de morrer, deu um grito. O nosso *saïs* tinha-o apanhado: então todos os corvos nos seguiram durante uma légua, gritando, aos bandos, esvoaçando, terríveis, fazendo um cortejo lacrimoso ao corpo do corvo morto. Pareciam pedi-lo com clamores, chamar por ele, acusar-nos, insultar-nos; e nós

caminhávamos um pouco envergonhados entre aquele cortejo lúgubre.

Por fim, atirámos o corvo ao chão — e todo o bando escuro se abateu sobre ele com sinistras palpitações de asas, enquanto nós galopávamos pelo fresco deserto, azulado pela aurora...

Noites Feéricas

1 — Noite de Iluminações

As últimas noites que passámos no Cairo foram coloridas pelo mais belo espetáculo que um pobre ocidental civilizado, mesquinho e prosaico, possa conceber.

O imperador da Áustria chegara ao Cairo e havia grandes iluminações no bairro árabe, no Muski e nos bazares. O tempo dos califas tinha voltado com as suas festas maravilhosas e feéricas. *As Mil e Uma Noites* continuavam: era a milésima segunda noite!

Lord Carryforth dizia-me:

— Isto é horrorosamente belo!...

As festas eram exclusivamente árabes, nos bairros árabes e nos bazares.

O Esbekieh ficara solitário e escuro, e as rabecas dos cafés-concertos abandonados gemiam monotonamente na solidão. Toda a população árabe estava nas iluminações.

Montados em burros, precedidos do *saïs*, penetrámos ao acaso pelas ruas.

Sente-se de longe o rumor pacífico e largo da multidão. Nas ruas próximas do Esbekieh, passam carruagens luxuosas, carregadas de levantinos. Mulheres envoltas em grandes mantos brancos, montadas em burros, trotam para os bazares, aos gritos agudos dos eunucos. Sente-se que há festa.

No Muski aperta-se uma multidão enorme: os cofiós de damasco, os tarbuxes escarlates, os gorros dos felás, os turbantes verdes dos descendentes do Profeta, os turbantes brancos dos

beduínos, os turbantes negros dos coptas, os turbantes azuis dos núbios, ondulam, movem-se, fazendo uma superfície de um colorido cintilante, por baixo de largos arcos de madeira, cobertos de luzes, onde flutuações de bandeiras, de estandartes e de pavilhões põem de espaço a espaço a sua decoração oscilante.

Em cima de estrados, músicos turcos encruzam-se sobre tapetes da Pérsia, e, por entre a multidão, os vendedores de *sherbet* lançam o seu pregão agudo, erguendo na palma da mão as taças azuis de Yeddo.

Penetramos lentamente, aos gritos dos *saïs*, até às ruas do bairro árabe. Ali, é a iluminação maravilhosa — a magia do templo dos califas: as ruas tortuosas, pálidas de luz, estão iluminadas por

fileiras de lustres de bronze, de forma antiga e bárbara, incrustados de pequenas lâmpadas faiscantes, e que pendem de toldos listrados de amarelo e vermelho. As fachadas parecem salpicadas de luz. Nas casas, iluminadas por dentro, sobressaem em relevo os gradeados delgados, finos, arrendados dos *mucharabiehs*. Tudo o que aquelas construções têm de velho, de arruinado, de tosco, de incoerente, desaparece, docemente esbatido na luz. De algumas janelas pendem antigos estofos bordados a ouro — velhos tapetes de Carmânia, xales preciosos de caxemira — e a claridade amacia os perfis pitorescos e poéticos das casas.

O povo árabe enche aquelas ruas estreitas onde resplandecem vestuários

esplêndidos: homens ricos que passam os seus dias nos banhos, nos bazares, nos pátios das mesquitas, no harém, passeiam ali a sua indolência sob os *mucharabiehs* iluminados. Veem-se os sumptuosos *caftans* de seda, os turbantes de caxemira, as largas vestes de estofo de Brussa, os brocados de Alepo... Um lento rumor sereno enche as ruas.

De repente, um tamborim soa vivamente num *mucharabieh* iluminado e coberto por uma gaze transparente, por trás da qual se distinguem vultos femininos: a multidão aproxima-se, o sussurro abate-se e, no silêncio da rua, a voz de uma cantadeira eleva-se na noite, com uma tremura arrastada, plangente, de uma doçura infinita... Há uma ternura enervante, uma languidez melancólica e

terrível naquele canto meigo, monótono, indolente, que tem o que quer que seja de um canto religioso e de uma seguidilha.

Como descrever, como dizer aquelas noites feéricas, em que tudo perde a sua forma real, em que as luzes e as sombras tornam bela a superfície miserável das coisas? As ruas cheias da multidão árabe, figuras esbeltas, trigueiras, ardentes, sob os seus turbantes brancos, faces atormentadas de velhos beduínos e de núbios delgados; as casas cheias de luz, deixando entrever pelas gelosias abertas dos *mucharabiehs* um pouco do mistério feminino do Oriente; o entusiasmo poético e sereno daquela bela raça, cheia de viva imaginação das coisas luminosas; as mulheres dos haréns que passam, precedidas dos *saïs* e dos

eunucos, cobertas de sedas e de véus preciosos, e aquele som monótono do tamborim e das flautas, aquelas vozes estáticas passando através das finas grades dos *mucharabiehs*, aquele canto arrastado e lascivo que parece pertencer a um culto e lembra o canto de amor de uma cativa, aquele doce canto, irritante e penetrante, e que ficará como uma eterna memória no meu cérebro, sem que nunca encontre as palavras que o possam definir?!

Aquelas canções são diferentes de todas as outras: são melopeias lentas, de uma melancolia altiva, de uma moleza suspirada. As vozes são ásperas, mordentes, vibrantes como metal, de uma agilidade violenta; e contudo é infinita a doçura daquela melodia, daquela toada

lânguida que tem um não sei quê de litúrgico, e que se balança ao acaso, sem medida e sem compasso, com grandes notas arrastadas, com pausas misteriosas e profundas, com garganteios de uma sensualidade que se lamenta — e de uma sensação tão nova, tão complexa, tão abstrata, que não se consegue fixar o seu contorno indefinido.

Aquela música é como o amor: juntam-se as imagens e as comparações, tenta explicar-se — mas não se pode dizer o que ela é. Foge pela sua natureza abstrata à expressão escrita. Nunca a filosófica instrumentação de Meyerbeer, nem o idealismo de Beethoven, nem a luminosa serenidade de Mozart, nem a música vermelha e diamantina de Verdi, nem o romantismo apaixonado de

Donizetti — nunca nada me deu a impressão profunda daqueles cantos árabes nas ruas do Cairo.

São tão betos que entristecem, tão sensuais que são quase lacrimosos, tão doces que desesperam: é a música dos nervos; são os nervos que cantam...

E apinhados na rua, os árabes levantam para os *mucharabiehs* os rostos ovais, trigueiros e românticos, alumiados por grandes olhos largos e profundos, donde sai uma irradiação serena e ampla de luz negra. A canção finda: ouvem-se ainda os sons agudos, gemidos, espaçados, melancólicos da *darbuka*... E em baixo, extáticos, os árabes soltam um longo «aaah!» prolongado, suspirado, cheio de emoção — e aquele «ah!» fica vibrando no ar, lânguido e acariciador, e

amplo — e como um resto de música...

Entretanto a multidão move-se, os grandes arcos luminosos resplandecem, as lanternas cintilam. Aqui e além um *mucharabieh* abre-se, e finas cabeças cobertas de véus aparecem, devagar, espreitando. Os *saïs* gritam, guiando os burros. E sons das flautas passam no ar, como gemidos que procuram alguém e soluçam um nome... Então, noutro *mucharabieh* aberto, o tamborim soa rapidamente com um som abafado, a *darbuka* vibra — e outra voz, cantando, ergue-se na noite. O canto inexplicável e maravilhoso recomeça, envolve-nos e arrebata-nos de novo, vibrantes, vencidos, na sensação deliciosa e terrível de um beijo que fizesse sangue, no êxtase que daria uma iniciação divina.

Custa-nos a desprender-nos daquela decoração toda incrustada de luz e daqueles cantos que se elevam na noite como suspiros que fogem... Deixamo-nos ir, levados pelos *saïs*, como no fundo de um sonho.

Assim penetramos nas ruas próximas dos bazares: a multidão aí é ruidosa, toda oscilante de movimento.

A claridade que cai dos lustres pendentes, como grandes rosas de luz meio desfolhadas, que sai das lanternas coloridas e das lâmpadas irisadas, alumia intensamente a multidão: árabes esbeltos fortemente trigueiros, núbios cujo negro reluz, abissínios imóveis nas suas túnicas azuis, beduínos soberbamente envolvidos nas suas capas listradas de preto. As mulheres dos haréns passam nos seus

burros ajaezados de escarlate, aos gritos dos *saïs*, e os vendedores d*e sherbet*, de geleia e de doces de rosa, lançam por entre a multidão os seus pregões agudos.

Assim vamos caminhando até aos bazares.

Seria necessário que esta dura pena de ferro com que firo o papel fosse talhada numa joia árabe, molhada naquelas pálidas luzes das iluminações e conduzida sobre a brancura da página pela mão delicada de um poeta persa, para fazer sentir, de um modo real e incisivo, toda a beleza daquele lugar luminoso.

Uma grande cintilação de luz vibra em toda a sua extensão. Grandes lustres dourados, brilham, presos de toldos espessos, feitos de fortes fazendas de

Istambul ou de Damasco, listradas de verde e amarelo. Caminha-se devagar no meio daquele silêncio dos bazares que contrasta com o ruído das ruas.

Os nichos dos mercadores, de ambos os lados, cintilam de luz, de estofos, de vivacidades ardentes de joias, como uma igreja: lâmpadas de vidros irisados, lanternas de papel colorido, põem reflexos nas sedas, nos bordados, nos ouros lívidos. Os estofos, as sedas de Brussa, os tapetes, os panos de divãs recamados de ouro, as gemas, as lantejoulas, os fios de ouro, os colares de cequins, os *caftans* de seda e os damascos estão dispostos como uma decoração, caindo em largas pregas, pendentes em dossel, largamente desdobrados à luz.

Um vapor luminoso e dourado

vibra docemente sobre aquelas superfícies de sedas, de veludos e de cetins. Veludos escarlates, onde se arqueiam florescências de filigrana de ouro, forram alguns nichos de alto a baixo. Sedas pesadas, de cores vivas e cruas onde a luz tremula como sobre superfícies metálicas, pendem em largas pregas ou espalham-se como caudas de mantos reais. Gazes bordadas a fios de ouro, esvoaçando, suspensas, vaporizam vagamente toda aquela decoração de estofos brilhantes, onde volteiam palhetas de luz. As joias, os colares, as pedrarias, os cequins, os âmbares, os braceletes, espalhados sobre tapetes de tons escuros, reluzem, faiscantes, num brilho de pontos luminosos, como um firmamento.

O que havia de caduco, de velho e

de tenebroso naqueles bazares perdeu-se, esbatido na ampla luz dourada, doce e ténue, e na maravilhosa superfície das sedas, dos damascos, dos veludos, das gazes bordadas, dos tapetes e das constelações de joias.

A cor vermelha predomina: é sobre ela que o ouro assenta. E aquelas ruas, forradas de brocados vermelhos bordados a ouro, resplandecentes de luzes, tomadas pela multidão dos turbantes, pelos vestidos brancos das mulheres, sonoras dos cantos vizinhos, têm o que quer que seja de feérico que transporta o espírito para as lendas maravilhosas do tempo dos califas.

Os nichos onde se vendem as pequenas babuchas de veludo escarlate, de seda branca, de cetim azul, de

damasco, de camurça, de carneira, recamadas de ouro, cosidas a ouro, cheios de flores, de arabescos, de estrelas, de borlas, de rendilhados, de laços, de folhagens — tudo feito de ouro, bordado, torcido, lavrado a ouro, envolvido num vago pavor de ouro... E palhetas de luz faíscam, correm, cintilam, rebrilham sobre aqueles bazares cobertos de ouro!

Outras riquezas estão expostas à parte, como relíquias: são os tapetes de Salónica, de Esmirna ou de Angora, de tons vivos como velhos mosaicos persas; musselinas de Escutári, de um branco cândido e lácteo, leves como uma névoa; sedas de Issid, de brilho metálico; veludos de Diarbekir, com a espessura macia e resistente do musgo; cetins de Brussa, que alcançam, quando são

brancos, a cor da pérola ou o polido do marfim... E aqueles estofos históricos pendem de ambos os lados dos nichos, cheios de luz, servindo de fundo, resplandecentes e delicados, aos finos espelhos da Pérsia, às velhas armas de Damasco, aos tamboretes incrustados de madrepérola, a toda a sorte de coisas poéticas, originais, estranhas e maravilhosas.

Erra um vago aroma de essências fortes, em que predomina a essência de rosa.

Alguns mercadores, tendo na cabeça grandes véus de gaze que lhes caem sobre os ombros, envolvidos de panos de divãs, de veludos recamados de ouro, sustentando tapetes bordados, cheios de arabescos e de fios de ouro,

conservam-se assim, imóveis, cobertos com as suas mercadorias, magníficos, reluzindo como ídolos, encruzados no fundo dos nichos.

Outros compõem as suas mercadorias, desdobram novos tapetes com lavores de ouro, fazem ondear os colares, ou, fumando os longos cachimbos, acariciam gravemente as largas pregas dos veludos.

Há no ar um vago resplendor de ouro. Os pesados estofos abafam o ruído. Não se sente pressa, fala-se baixo; anda-se devagar, olhando, admirando, tocando ao de leve, com as pontas dos dedos, nos estofos preciosos.

Atravessam-se aquelas galerias com um respeito sagrado, com a admiração suspensa, pendente das coisas,

os olhos cheios de cintilação do ouro, os nervos dominados pelo vago ar lendário de tantas riquezas rutilantes. A extrema gravidade das figuras dá àquela grandeza um aspeto austero: parece que se caminha entre os velhos tesouros históricos de um templo. O olhar só pousa sobre superfícies de luz, moles como o veludo, polidas e vivas como o cetim, sobre gazes, joias, coisas delicadas, doces e magníficas, que luzem e caem em pregas amplas, que quase têm uma intenção de vida e cintilam como vasos sagrados.

A vida positiva, toda envolvida, amolecida pelo esplendor luminoso dos estofos, dominada pela cintilação das joias, desaparece, perde a sua realidade, e os sonhos românticos do passado oriental invadem lentamente o cérebro. E

como um á parte na vida real, policiada e moderna, e aquele mundo oriental aparece-nos, no meio das coisas contemporâneas, como um museu maravilhoso e romântico.

Aqueles bazares são velhos, decrépitos, desmoronados; alguns daqueles estofos, vulgares e grosseiros; aquelas joias não têm, talvez, o fino cinzelado, a delicada nitidez das *orfévreries* de Paris; às vezes mesmo, um pesado e vil tecido inglês das fábricas de Manchester estende a sua espessura burguesa entre a poética graça dos estofos árabes...

Não importa: o encanto é profundo. Da superfície de todas as coisas desprende-se um sonho cintilante, sereno, calado e prodigioso, que ocupa o cérebro,

vibra fortemente nos nervos — e vive-se, naqueles bazares assim iluminados e feéricos, intensamente, numa alucinação, toda a lenda maravilhosa e poética do tempo dos califas e de *As Mil e Uma Noites*...

2 — Danças de Almeias

Era alta noite quando penetrámos no largo pátio do palácio de Ismail Paxá. Ali, reunia-se uma grande multidão em volta das cantadeiras, dos saltimbancos, das almeias e dos improvisadores.

E um pátio imenso — onde as carruagens cruzam como num parque. Em redor, corre um longo edifício branco, vulgar e pesado, picado de pequenas janelas. O pátio estava iluminado com fios de lâmpadas e de lanternas, que punham na escuridão longos entrelaçamentos de colares de luz.

Ao centro havia um quiosque elevado e grandioso, com transparentes de gaze que a luz trespassava: ali, estavam as

cantadeiras, e as suas vozes agudas e lânguidas erguiam-se por cima do áspero rumor das *darbukas*, dos *rebabs* e dos gritos dos saltimbancos.

A um dos lados, uma orquestra árabe executava, sobre instrumentos de som metálico e plangente, melodias de um encanto estranho, doces e sensuais. Ao centro dançavam as almeias.

Foi ali que eu vi pela primeira vez as danças das *ghawazis*. As *ghawazis* são propriamente as dançarinas do Egito, e tiram este nome bárbaro do nome da sua tribo. Formam uma espécie de casta, com genealogias especiais, hábitos e vestuários próprios, quase uma linguagem sua. Afirmam mesmo que pertencem a uma raça distinta. Exiladas do Cairo, vivem hoje quase todas no Fayoum — a terra das

rosas magníficas — ou nas cidades do Alto Egito. Dizem-se descendentes da antiga família dos Ramacidas, tão célebre pelas suas relações com Harun al-Raschid, o herói caprichoso de *As Mil e Uma Noites*e de tantas outras lendas árabes. Todavia, o tipo destas almeias não apresenta uma diferença radical do tipo egípcio.

As *ghawazis* tiveram em todos os tempos a previdência de celebrizar as suas danças estranhas: veem-se já nos baixos-relevos que cobrem os túmulos dos antigos faraós, quase nuas, volteando em atitudes lascivas nas pompas dos funerais e nos regozijos das vitórias.

Há-as ainda hoje em todas as cidades do vale do Nilo: vivem juntas, nos arrabaldes, em cabanas baixas e

miseráveis. Algumas, porém, são ricas, têm joias esplêndidas, compram escravos e edificam haréns. Mas, ordinariamente, formam tribos errantes, que viajam e acampam um pouco por toda a parte; por vezes, seguem os exércitos em marcha; acompanham as caravanas de Meca e aparecem em todas as festas religiosas. São sempre o centro da alegria.

No tempo de Abbas Paxá, os ulemás e as mesquitas exigiram a expulsão das cantadeiras, das almeias, das *ghawazis*, de toda a população lasciva e amorosa do Cairo. O governo egípcio hesitou: aquelas mulheres pagavam ao tesouro do paxá um largo tributo. Então as mesquitas, os ulemás, os dervixes comprometeram-se a indemnizar o Paxá — e toda aquela multidão

misteriosa e sensual foi expedida para as cidades do Alto Egito, em *debariehs* da polícia!

Ali se extinguem na miséria — e as que têm a beleza e a sublime graça das atitudes exploram os viajantes ricos, os ingleses e os americanos em viagem no Alto Nilo.

Hoje, no Cairo, encontram-se homens, vestidos de mulheres, indignamente barbeados, pintados e almofadados, que imitam com uma lascívia grotesca as danças das *ghawazis*, nos cafés imundos do Calish ou dos bairros pobres. Têm por espectadores os bebedores de ópio, de haxixe ou de *arakich*. São tão impuros como as cortesãs, e os bons muçulmanos desprezam-nos e insultam-nos quando os

encontram nas ruas, vestidos de mulheres e imitando-lhes o andar balançado e pesado.

No entanto, as *ghawazis* que dançam para os estrangeiros estão bem longe de ter aquele encanto que na Europa faz suspirar os colegiais que leem *As Mil e Uma Noites*. O ideal aí é substituído pelo ofício. A graça das danças, a intenção amorosa, a admirável música dos movimentos, perde a primitiva originalidade: é apenas uma habilidade vulgar, maquinal, sabida, rotineira, um *tour de force* executado com tédio, com preocupação do lucro, sem entusiasmo e sem fé.

Ordinariamente as criaturas, quando começam a dançar, estão no fim de uma garrafa de *arakich*, aguardente

estimulante e sensual. São por vezes pesadas, gordas, tendo por beleza a abundância espessa e repleta das formas: então os seios balançam-se como sacos meios vazios e as cinturas grossas e informes agitam-se num esforço e numa violência perpétua. Aparecem cobertas de cores que lhes fazem uma carnação e quase um rosto artificial: com o calor, a excitação dos movimentos e da dificuldade, aquela gorda pintura escorre em fios espessos. A criatura sua, agita-se, contorce-se, e as grossas carnes incham e arqueiam-se como as ondas do mar. Então a criatura tira pequenas moedas de ouro e cola-as na pintura do rosto, como se cola o molde de uma medalha na cera líquida — e terminam extenuadas, deslavadas, arquejantes, ébrias e ignóbeis.

E contudo, quando dançam nas festas populares, os seus bailes têm o encanto maravilhoso que já celebravam os velhos poetas.

Aí, as *ghawazis*, cercadas pelo povo, aplaudidas, animadas pelo olhar excitado dos homens, sentindo-se compreendidas, achando-se no seu meio natural, adquirem a «fé», o instinto genial da graça no movimento, da beleza na atitude. Sempre que as vi dançar em festas populares, senti-me dominado por aquele baile misterioso, quase lúgubre, de uma sensualidade tão grave que mais parece um culto do que um espetáculo.

No grande pátio de Ismail Paxá, dançavam no meio de grupos de árabes, abertos em largos círculos: os que se achavam na frente, sentados gravemente,

encruzados, fumando o chibuque; os outros de pé, imóveis nas suas belas atitudes pacíficas. Estavam cheios de atenção, suspensos, com os grandes olhos luminosos, ébrios do contentamento da carne e da exaltação da dança. Os turbantes apinhavam-se numa curiosidade atenta: negras figuras de núbios, de berberes, de escravos e de servos, felás bronzeados, rostos aquilinos de beduínos, largas faces barbudas e imóveis de-turcos, todas aquelas fisionomias se agrupavam num grande círculo pitoresco, expressivo, cheio de intenção e de sensação.

Tinham cravado as lanças no chão, com archotes acesos amarrados na ponta, e a espaços, dentro do círculo, longas varas tendo em cima uma espécie de taça

de ferro em que ardiam fogueiras de lenha e de resinas.

Sob aquela luz de reflexos ondeantes e fugitivos que esbatiam os contornos reais e adensavam as figuras, estava o grupo das dançarinas. Eram do Fayoum e de Assuão: tinham rostos aquilinos e trigueiros, traços duros, violentos, e uma poderosa expressão de animalidade. Eram delgadas, elásticas, ágeis, elétricas, febris; os seus cabelos estavam dispostos em anéis sobre a testa, segundo a velha moda egípcia, ou feitos em duas longas tranças que pendiam até ao chão, todas entrelaçadas de cequins. Traziam vestidos justos ao corpo, esguios, de uma forte seda escarlate, e um lenço de caxemira, escarlate também, apertado à cabeça, com as pontas pendentes pelas

costas, como os das nossas camponesas do Minho. Os braços, o colo, o peito, a cintura, reluziam de fios de cequins e de contas, que punham naqueles bustos delgados, sobre os tecidos escuros ou escarlates, uma trémula palpitação faiscante.

Ao pé delas, uma mulher velha, adunca, curvada, seca, negra, de cabelos grisalhos e descompostos, tocava no *rebab* com uma agitação convulsiva. Um homem, com um joelho em terra, a cabeça inclinada, feria as cordas da *durbaka*.

As almeias nunca dançam juntas: uma delas adianta-se, enquanto as outras, num grupo silencioso, fazem soar as castanholas de metal com um som frio, monótono, num uníssono baixo e irritante.

Também a dançarina acompanha

os seus movimentos com o som vibrante das castanholas, num ritmo tão compassado, tão certo, que parece sair dos seus movimentos cadenciados e pausados aquele som agudo que fere asperamente os nervos.

É uma dança serena, silenciosa, muda. A *ghawazi*, imóvel no seu lugar, dança apenas com estremecimentos do corpo. A dança árabe é uma vibração dos músculos: os pés movem-se impercetivelmente no mesmo sítio, enquanto o corpo vibra ao som do *rebab*.

A dançarina começa por girar sobre os pés, gravemente, arqueando os braços por cima da cabeça, numa atitude ondeante e fugitiva, como se uma força a levasse no ar, seu elemento natural; depois, ao pousar levemente no chão, todo

o corpo vibra, com um estremecimento elétrico, como a contração de um réptil lascivo.

Aqueles movimentos são quietos, quase impercetíveis, «mudos», mas cheios de ardor e de intenção: todo o corpo da *ghawazi* estremece, vive, palpita. A alma, o desejo, o calor estão espalhados por todos os músculos: o seio agita-se, a cintura vibra, os braços têm uma ondulação de serpentinas, uma tremura silenciosa de chamas que se erguem.

Ora abandona-se, com a cabeça pendente para trás como semimorta, os olhos cerrados, os braços erguidos, e caminha, vibrando toda, parecendo suspensa de um beijo terrível. Ora desfalece, e as suas mãos trémulas, eretas, procuram segurar-se no ar. As castanholas

ressoam devagar, com um som mórbido. Os *rebabs* adormecem, num rumor doce...

De repente os sons recrudescem, saltam, perseguem-se, voltam, fogem, e a *ghawazi*, abaixando os braços, gira rapidamente, com estremecimentos vitoriosos, com uma alegria, um triunfo nos movimentos, cantando a grande vibração dos nervos...

No entanto todo o baile é tão grave, tão largo, tão silencioso, tão misterioso, que lembra um rito sagrado. Aquelas danças veem certamente de um velho culto lascivo da Assíria. Celebram o mistério da voluptuosidade: não há ali a expressão violenta do desejo; não se foge, não se provoca, não se irrita, não se sucumbe. Não há ação naquelas danças: figuram apenas a mulher, o ser animal

tomado de amor. É limitado e é profundo. A ação está toda concentrada no corpo. É o cântico da carne exaltada.

Nada de grotesco, de obsceno ou de baixo. A sensualidade, ali, é poética, é idealizada, e não há espetáculo mais belo nem mais estranho do que a visão daquelas dançarinas, resplandecendo fantasticamente ao clarão dos archotes, com os seus vestidos vermelhos reluzindo em reflexos acetinados, todas cobertas de cequins de ouro, movendo-se na celebração lasciva e sacerdotal das suas danças, entre a roda dos turbantes apinhados, alumiados de brancuras de luar.

Uma delas, sobretudo, pareceu-me admirável. Era feia e o seu rosto tinha uma expressão de sensualidade quase

insultante. Delgada, fina, nervosa — não desta delicadeza de *miss* ou de loreta romântica, mas da agilidade e da ductilidade dos tigres, dos leopardos, dos gatos e de todos os animais cruéis e lascivos —, os seus braços tinham movimentos admiráveis, ondulados, lânguidos e infinitamente doces: tinham movimentos quase melodiosos.

Dançava com uma seriedade hierática, movendo-se com a serenidade de uma pomba que paira: parecia ligeiramente, suspensa no ar. O seu corpo perfeito, de um modelado firme e delicado, vibrava como se fosse feito de uma substância fluida e os seus gestos eram cheios de mistério: exprimiam apenas a voluptuosidade, e no entanto compreendiam-se todas as intenções: a

cabeça pequenina, a cinta extremamente móbil, ágil e viva, tinham os movimentos que esperam, que desejam, que espreitam... Ora dançava com a graça abandonada e frouxa de quem sonha acordada... ora parecia perdida, rolando, inerte, como na fadiga divina da paixão...

Era a voz melodiosa da carne!

O seu vestido escarlate reluzia sob a luz, os cequins faiscavam, e ela brilhava enigmaticamente no meio do largo círculo de árabes esbatidos na escuridão da noite.

O seu rosto não se distinguia bem: era bronzeado e duro. O círculo dos fachos cintilava em cima; as *durbakas* gemiam, as castanholas, com um som agudo, irritavam os nervos. E aquela figura movia-se ao centro, gravemente, com a indolência de um ídolo, com uma

sensualidade misteriosa e quase lúgubre, como que celebrando um rito secreto e lascivo — o velho culto de Afrodite — e os seus braços tinham movimentos tão fortemente lânguidos, tão carregados de magnetismo, que os olhos dos árabes luziam, e instintivamente o espírito, perturbado e tenebroso, lamentava os velhos cultos perdidos da deusa!

E nós contemplávamos aquele espetáculo, digno dos velhos mistérios das florestas sagradas do Tigre ou de Cartago, de capacete inglês, fraque, rosa na *boutonnière*, luvas brancas — e montados em cima de burros! Oh, Ismail Paxá, vice-rei do Egito:

Pourquoi veux-tu
Faire ainsi cascader

Cascader la vertu?!...

Noutro canto do pátio, um palhaço fazia torcer de alegria os velhos árabes, para quem as cantadoras e as almeias já não têm encantos — figuras rebarbativas, de expressões duras e pitorescas.

Mais adiante havia um grupo admirável. Era um improvisador árabe. No meio de um círculo alegre, encantado, cheio de largas risadas simpáticas, um personagem gordo soprava num bambu, furado como uma flauta, de que tirava um som de gaita de foles. Enchia poderosamente as faces, como a figura mitológica de Eolo entre as nuvens, e, os olhos pequeninos erguidos com uma melancolia grotesca, marcava o compasso com a cabeça.

Entretanto o improvisador recitava, numa espécie de ritmo cantante, monótono e doce. A sua figura era admirável: tinha o tipo árabe, na sua expressão mais nítida: uma vivacidade inteligente, uma imaginação colorida, uma graça altiva. Era bronzeado, de rosto oval, com um pequeno bigode crespo e dois olhos que eram dois recetáculos de luz, de animação, de alma, de espírito, de alegria, de compreensão.

Estava de pé e acompanhava a sua recitação com gestos de uma precisão, de uma graça, de uma verdade tal que eles mesmos pareciam outra recitação por mímica. De vez em quando ria, e os seus dentes pequenos e agudos reluziam sob o bigode preto, no rosto bronzeado. Eu não compreendia a sua história árabe, que era

cheia de peripécias, de risos e de melancolias, mas instintivamente ria com ele, tornava-me sério ou indignava-me, seguindo as aventuras do seu herói, contadas pelas suas mãos, pelos seus gestos e pela expressão dos seus olhos.

Era alta noite e não podíamos separar-nos daquela multidão original. Íamos de grupo em grupo, pasmados, absortos, como na abstração estática de um sonho. Íamos das almeias às cantadeiras e dos saltimbancos ao improvisador, encontrando sempre uma originalidade e um encanto novo no meio daquelas cintilações de luz, entre o rumor sonoro e grave da multidão, dos cantos e do som das *durbakas*. Corríamos a ver as carruagens que passavam a trote, levando as mulheres do serralho. E acotovelados

por beduínos e por persas, por núbios, por dervixes e por profetas, receando a realidade, o Sol, o dia em que voltaríamos para a Europa, já com o vago desejo de tomar o turbante, ali ficávamos, esquecidos, presos, abstratos, até que se sumiram as brancuras da Lua, e a fria vaporização que vem do Nilo nos fez sentir a madrugada...

Quando passámos nas ruas, as iluminações apagavam-se. Os grupos dispersavam. Os tocadores de *durbaka* recolhiam, cambaleando, ébrios de *arakich*. Fechavam-se os cadeados que separam os bairros: os *mucharabiehs* dormiam, escuros; os cães começavam a ladrar... Toda aquela *féerie* apagava-se lentamente — e nós reentrávamos na fria realidade, monótona, imbecil, banal e cor

de poeira.

De Port Said a Suez

1

Sr. redator: acedo da melhor vontade ao seu desejo de que lhe escreva a história «real» das festas de Suez. Conto-lhe, porém, simplesmente e descarnadamente, o que me ficou em memória daqueles dias confusos e cheios de acontecimentos, tanto mais que as festas de Suez estão para mim entre duas grandes recordações — o Cairo e Jerusalém: estão abafadas, escurecidas por estas duas luminosas e poderosas impressões: estão como pode estar um desenho linear a lápis entre uma tela resplandecente de Decamps, o pintor do Alcorão, e uma tela mortuária de Delaroche, o pintor do Evangelho.

Talvez em breve diga o que é o Cairo e o que é Jerusalém na sua crua e positiva realidade, se Deus consentir que eu escreva o que vi na terra dos seus profetas. Hoje faço-lhe apenas a narração trivial, o relatório chato das festas de Port Said, Ismaília e Suez.

...Tínhamos voltado, eu e o meu companheiro, o conde de Resende, de uma excursão às pirâmides de Gizé, aos templos de Sakkarah e às ruínas de Mênfis, quando no Cairo soubemos que estavam na baía de Alexandria os navios do quediva que deviam levar-nos a Port Said e Suez.

Vínhamos do sossego do deserto e das ruínas, e logo na gare do Cairo, ao partir para Alexandria, começámos a envolver-nos, bem a custo, naquela

confusão irritante que foi o maior elemento de todas as festas de Suez. A previdente penetração da polícia egípcia tinha esquecido que trezentos convidados, ainda que não tenham a corpulência tradicional dos paxás e dos vizires, não podem caber em vinte lugares de vagões, estreitos como bancos de réus. Por isso, em volta das carruagens, havia uma multidão tão ávida como no saque de uma cidade.

Jonas Ali, o nosso dragomano, um núbio, intrigou, conspirou, clamou e alcançou-nos numa carruagem de segunda classe, miseravelmente desmoronada, dois lugares empoeirados.

Confesso que foi com o maior tédio que comecei a atravessar a magnífica natureza do Delta. Demais, os

caminhos de ferro egípcios não têm uma velocidade fixa. Vão aos caprichos do maquinista, que, de vez em quando, para a máquina, desce, acende o cachimbo, ri com algum velho conhecimento de estrada, sorve minuciosamente o seu café, torna a subir bocejando e faz partir distraidamente o comboio. Nesse dia, porém, o ar estava nublado, chuvoso; o maquinista levou-nos rapidamente a Alexandria. Na baía esperavam o *Marsh*, o *Fayoum*, o *Behera*, navios do paxá. O embarque fez-se com a confusão habitual, complicada com os embaraços de um mar agitado: os barcos iam cheios de gente, uns de pé, outros sentados na borda, roçando pela água, outros gravemente equilibrados sobre a acumulação pitoresca das bagagens: ria-se, fulminava-

se a organização e a polícia das festas, gritava-se um pouco quando os barcos pesados oscilavam mais inquietadoramente. Nós subimos para o *Fayoum*, que devia levantar ferro nessa tarde, apesar do tempo contrário e dos mares que víamos partir de longe na linha de rochedos que precede a baía de Alexandria. E ao outro dia, por uma bela manhã, entrávamos em Port Said por entre os dois grandes molhes que se adiantam paralelamente pelo mar, feitos de poderosos blocos de pedra solta. Port Said é uma cidade improvisada no deserto. É uma cidade de indústria e de operários: estaleiros, forjas, serralharias, armazéns de materiais, aparelhos destilatórios. A sua construção foi determinada pela necessidade de haver

um vasto porto, que fosse uma estação de navios, à entrada do canal, e primitivamente para que engenheiros, maquinistas, diretores de obras tivessem um centro. Isto dá-lhe um aspeto de cidade provisória. Como havia espaço, as ruas são largas como praças e compridas como avenidas: as casas são baixas, de materiais ligeiros: sente-se a construção rápida e a incerteza da duração. Apesar dos seus doze mil habitantes, não há ainda ali um viver definitivo e regular. Não há estabelecimentos feitos na esperança de duração: não há comércio fixamente estabelecido: tudo tem o aspeto de uma feira, que hoje ganha e se anima e amanhã se levanta e se dispersa. E isto porque, apesar da confiança de toda a população na prosperidade do canal, nenhuma

profissão, nenhum negócio se quer arriscar a estabelecer-se de um modo definitivo, correndo o perigo de ver aquele começo de cidade estiolar-se e morrer miseravelmente. Pois tal seria a sorte de Port Said, bem como de Ismaília, se o canal fosse uma inutilidade, abandonado do comércio e da navegação.

A sua construção ressente-se, pois, destas circunstâncias: nem edifícios, nem monumentos, nem habitações sólidas e sérias: tudo é ligeiro, barato, temporário. A igreja católica é como uma grande barraca: vê-se o céu azul através do seu teto feito de grandes traves mal unidas. Daí o aspeto triste de Port Said. No fim das festas, tempo depois, quando ali tornei a passar, em viagem para Jerusalém, pareceu-me pela apatia de

vida, pelo silêncio, que o deserto começava de novo a aparecer por entre aquela fraca aparência de cidade.

Mas naquele dia 17, da inauguração, Port Said, cheio de gente, coberto de bandeiras, todo ruidoso dos tiros dos canhões e dos hurras da marinhagem, tendo no seu porto as esquadras da Europa, cheio de flâmulas, de arcos, de flores, de músicas, de cafés improvisados, de barracas de acampamento, de uniformes, tinha um belo e poderoso aspeto de vida. A baía de Port Said estava triunfante. Era o primeiro dia das festas. Estavam aí as esquadras francesas do Levante, a esquadra italiana, os navios suecos, holandeses, alemães e russos, os iates dos príncipes, os vapores egípcios, a frota do paxá, as fragatas

espanholas, a *Aigle*, com a imperatriz Eugénia, o *Mamoudeb*, com o quediva, e navios com todas as amostras de realeza, desde o imperador cristianíssimo Francisco José até ao caide árabe Abdel-Kader. As salvas faziam o ar sonoro. Em todos os navios, empavesados e cheios de pavilhões, a marinhagem, perfilada nas vergas, saudava com vastos hurras. De todos os tombadilhos vinha o vivo ruído das músicas militares. O azul da baía era riscado em todos os sentidos pelos escaleres, a remos, a vapor, à vela; almirantes com os seus pavilhões, oficialidades todas resplandecentes de uniformes, gordos funcionários turcos afadigados e apopléticos, viajantes com os chapéus cobertos de véus e de cofiós, cruzavam-se ruidosamente por entre os

grandes navios ancorados; as barças decrépitas dos árabes, apinhadas de turbantes, abriam as suas largas velas riscadas de azul. Sobre tudo isto o céu do Egito, de uma cor, de uma profundidade infinita. A noite a cidade iluminava-se, enchia-se de músicas e festas populares. As esquadras tinham as suas armações e cordagens cobertas de fios de luz. Durante toda a noite os fogos de artifício, numa grande linha de terra, faziam, sobre o céu escuro, um grande bordado luminoso.

Na baía havia um viver completo, como numa cidade: bailes a bordo dos navios, jantares, visitas trocadas, receções, passeios a remos, serenatas nos escaleres. De tudo isto saía uma luz, um ruído, um fluido de vida poderosamente original. Havia em Port Said um café-

cantante, memorável pela excentricidade da sua alegria: estava tão cheio de gente que era necessário fumar, beber, ouvir, de pé, sufocado, hirto. Quando no palco aparecia a atriz para dizer a sua canção, as mil vozes daquela imensa multidão, acompanhadas do tinir cadenciado dos copos, do bater dos pés, dos assobios, dos uivos, dos gritos, repetiam, com estrondo assombroso, a canção conhecida da atriz. Era bestial e extraordinário.

No dia seguinte ao da chegada, descemos todos a terra para a cerimónia da inauguração. Do lado oposto aos molhes, para além da cidade, tinham-se construído três pavilhões, estrados tapetados e brasonados, sobre a areia húmida da espuma do mar. Era nesse lugar a celebração religiosa: os ulemás e os

padres cristãos deviam abençoar e consagrar nos seus ritos o canal de Suez. Um grande cortejo de convidados precedidos dos príncipes, entre os quais sobressaía a pensativa e bela figura de Abdel-Kader, dirigiu-se para esse lugar, entre duas fileiras de soldados egípcios, de arcos, de bandeiras e de árabes que abriam grandes olhos. No pavilhão principal, de cores triunfantes, colocaram-se os convidados reais e imperiais e os mais que podiam caber; no outro pavilhão estavam os ulemás maometanos; no terceiro, os padres latinos, gregos, arménios e coptas.

Quando todos tomaram os seus lugares e o grande rumor da chegada se acalmou, os ulemás prostraram-se, voltados para o lado de Meca, os padres

cristãos começaram a missa, a artilharia salvou nas esquadras. Entretanto a multidão apinhava-se sobre a areia húmida e em volta dos estrados; a grossa figura vermelha do quediva estava radiosa, a imperatriz tinha um ar de satisfação discreta, o Sr. de Lesseps tinha o seu belo e inteligente sorriso. Em redor e até ao fundo horizonte, o mar sereno reluzia. Quando a artilharia findou, Mr. Bauer adiantou-se à beira do estrado e falou. Mr. Bauer é um homem baixo, pálido, de cara feminina e larga, cabelos pendentes em anéis sobre os ombros, asseado, barbeado, perfumado, delicado, e com uma voz assombrosa. O que ele dizia eram palavras de fraternidade entre o Oriente e o Ocidente, esperanças de uma humanidade mais unida por aquela

ligação marítima, palavras afáveis aos convidados reais, e recordações piedosas dos corajosos trabalhadores que, durante aquela obra de luta, morreram obscuramente. Quando ele disse o nome do Sr. de Lesseps, toda a imensa multidão bateu as palmas. Mr. Bauer findou, e o cortejo voltou à praia e dispersou-se pelos navios. Durante toda a noite os fogos de artifício, os clamores alegres da cidade, o ruído dos escaleres, as músicas, encheram a baía de vida.

Ao outro dia os navios começaram a mover-se lentamente, voltando a proa para um ponto da baía de Port Said, onde se erguiam, como os dois umbrais de uma porta, dois obeliscos de madeira pintados de vermelho. Era a entrada do canal de Suez.

2

Entretanto corriam por todos os navios estranhos boatos. Dizia-se que o *Latife*, pequeno vapor que na véspera tinha partido como explorador, encalhara; que os navios reais e imperiais, os vapores egípcios com os convidados, não podiam passar na estreiteza do canal, e que apesar de alijados da sua artilharia, e sem lastro, pediam mais água do que o canal tinha de profundidade; que o vice-rei e o Sr. de Lesseps tinham partido para ver o *Latife;* que se resolvera, em último caso, fazê-lo saltar; que as festas cessavam e tudo regressava a Alexandria, como no tempo das derrotas de Áccio.

Em Port Said e a bordo dos navios

havia inquietações: os comissários, as oficialidades, os engenheiros, interrogados, calavam-se discretamente, esperavam ordens de Ismaília — e receavam. Com efeito o *Latife* estava encalhado. Isto, em primeiro lugar, demonstrava a impraticabilidade do canal: o *Latife é* um pequeno vapor, estreito, calando pouco, quase um rebocador. Além disso, era um obstáculo material, brutal, a que os outros navios fizessem uma tentativa corajosa.

Dizia-se que o vice-rei estava desolado, que o Sr. de Lesseps perdera a sua habitual e impassível firmeza de espírito e que se telegrafara para Paris anunciando o resultado desastroso. Realmente, depois de dez anos de tantos esforços e tantas lutas, tantos combates

com o deserto e tantos combates com a intriga, depois de tantos milhões sorvidos pelas areias, de tantas vidas aniquiladas, de tantas festas anunciadas, depois das bênçãos do Sr. Bauer e das ovações ao Sr. de Lesseps, era doloroso ver findar tudo repentina e vergonhosamente, verificar-se que num canal feito para navegação não cabiam navios, que aquilo era uma obra ridiculamente grandiosa, e que, em lugar de tudo terminar em triunfos, tudo terminava em gargalhadas! Estivemos nestas incertezas parte do dia. Esperava-se o vice-rei, que fora num pequeno escaler ao canal ver o desastre do *Latife*. Enfim, pelo começo da tarde, os navios começaram a mover-se, as inquietações findaram, o vice-rei voltava, o *Latife* estava desencalhado, a *Aigle* seguia já e a

obra do Sr. de Lesseps começava a justificar-se.

O *Fayoum*, então, penetrou corajosamente no canal. O *Fayoum* era o maior navio do cortejo. Caminhava-se com grande cuidado: no meio do canal bandeiras brancas marcavam precisamente a linha que deviam seguir os navios, para acharem a necessária profundidade de água. Conservavam-se minuciosamente em distância; ia-se devagar, sondando; havia mais cuidados e escrupulosos receios do que na navegação de um labirinto de rochas. Na realidade, o canal aparecia-nos estreito, baixo, e a cada momento receávamos ver a proa do navio ir atufar-se nas areias das margens elevadas. O canal, ao sair de Port Said, atravessa o Mensaleh, antigo lago

lamacento. Nós víamos de ambos os lados do canal reluzir ao sol aquela água morta, pesada, esverdeada.

Foi esta a primeira grande dificuldade dos trabalhos. Era necessário, no meio daquele largo lodaçal, abrir um canal navegável e construir margens. As dificuldades cresciam com a insalubridade daqueles lugares miasmáticos. Felizmente, ao violento sol do Egito, o lodo extraído e amontoado, a fim de formar as margens, secava rapidamente. Empregaram-se ali esforços heroicos. Os operários da Europa desertaram daquele trabalho perigoso. Era necessário empregar os habitantes das margens daquele lago de lamas: estes entravam até à cintura na água espessa, tiravam com as mãos a maior quantidade

de lodo possível, apertavam-no ao calor do peito até secar, e iam-no enfileirando em pequenos montículos, formando assim o começo das margens. As dragas vinham por fim, e aprofundavam e aperfeiçoavam aquele trabalho elementar.

Depois do lago Mensaleh o canal entra definitivamente no deserto, até ao lago Timsah, à beira do qual está Ismaília. A meio do caminho de Ismaília, o *Fayoum* encalhou na areia da margem direita, desembaraçou-se com grandes esforços, seguiu; mas, como a pouco espaço encontrasse o caminho obstruído por outro navio que estava encalhado, lançou âncoras durante a noite. Havia uma lua admirável, que iluminava de um lado e de outro a extensão branca do deserto. Aquele lugar onde estávamos parados

tinha sido precisamente um dos mais difíceis do trabalho. Chamava-se Al-Guisr. Havia ali enormes dunas de areia, que era necessário remover. O vento do deserto incomodava e impedia os trabalhos. Viviam ali, em trabalho incessante, dezoito mil operários. Da terra que se tirava para fazer o leito do canal formaram-se, de um lado e de outro, parapeitos enormes: à maneira que os parapeitos cresciam, mais difícil era conduzir-lhes acima a terra que se tirava; os árabes levavam-na, resvalando, rolando, caindo, em cestos chamados *cuffins;* recusavam-se obstinadamente a empregar outro qualquer meio moderno e eficaz, para conduzir a terra, que não fosse o *cuffin.* Calculou-se que todos os cestos empregados, sendo colocados em

linha, dariam três vezes a volta ao globo. Todavia os parapeitos ainda não eram obstáculos bastantes contra o vento do deserto e contra a invasão crescente das areias: fixavam-se paliçadas, elevavam-se muralhas de lama seca, faziam-se plantações numerosas e vivazes para impedir a flutuação das areias. Naquela multidão de operários reinava a mais absoluta ordem: ali, e em todo o percurso dos trabalhos, havia hospitais, ambulâncias, armazéns: incessantes caravanas percorriam o deserto trazendo víveres. Os europeus, logo ao princípio, esmagados pela imensidade e estranheza do trabalho, desertaram. Vinham então gregos, dálmatas, arménios, árabes. Todas as raças, todas as línguas, todas as religiões ali se reuniam. Do interior do

deserto corriam as tribos de beduínos a pedir trabalho. Havia enormes acampamentos.

O Sr. de Lesseps andava sempre no caminho dos trabalhos, no seu belo dromedário branco, envolto no *burnu* árabe, aclamado pelos operários. Aquelas pobres raças da planície e do deserto estavam fascinadas por duas coisas novas para elas — o ganho pelo trabalho e a água abundante!

Nada restava agora daquele grande movimento senão, a grandes espaços, algum abarracamento, levantado à beira do canal, de onde os operários vinham saudar com grande ruído a passagem dos navios.

Ao outro dia pela manhã entrávamos, ao ruído das salvas, no lago

Timsah. No fundo víamos a cidade de Ismaília. Era ali o centro das festas.

Ismaília é a capital do canal. É um porto admirável, inacessível às tempestades, à simples agitação da água; não porto de passagem, como Port Said ou Suez, mas perfeita estação de descanso para a navegação do Oriente. Comunica com o Egito pelo caminho de feiro e pelo canal de água doce. Tem praças, largos, ruas de futura capital. Não é cidade rude e trabalhadora como Port Said, cheia de oficinas e de operários. É uma cidade cheia de chalés, de esboços de palácios, de passeios arborizados, de cais largamente construídos. Tem já os refinamentos civilizados de uma capital; tem mesmo já uns pequenos ares de corrupção; as almeias exiladas do Cairo,

refugiadas em Esneh, no Alto Egito, têm-se vindo aproximando de Ismaília. Tudo aquilo assenta, é verdade, sobre a areia, e para os lados do deserto vive uma população árabe em toda a sua pitoresca miséria. Mas a sua colocação é excelente: confinada entre um deserto e um lago, tem para se abastecer o baixo vale do Nilo, a seis horas de distância, e para comunicar com o mundo a navegação do canal. Pela sua posição é um porto forçado, e o melhor do Oriente. Todos os paxás do Egito têm tido, como os antigos tiranos, o desejo de ligar a sua memória à edificação de uma cidade: Mehemet-Ali, Said Paxá, Abas Paxá, todos. A cidade que este último original fundou, Abasíade, ainda hoje está acabando de se desmoronar perto do Cairo, no caminho

da antiga Heliópolis, numa vasta planície deserta.

Ismail Paxá será talvez mais feliz, e Ismaília poderá, vir a ser a capital europeia do velho Egito, como Alexandria é a sua capital comercial, o Cairo a sua capital histórica.

3

Ismaília estava invadida por uma extraordinária multidão. Nos largos areais, para além do cais, tinham-se construído acampamentos para os viajantes que não vinham de Alexandria nos navios. Tinham-se improvisado hotéis semelhantes a grandes dormitórios. Havia pequenos vapores ancorados servindo para alojamentos. O aspeto da cidade naquele dia era poderosamente vivo e original.

Os regimentos egípcios tinham acampado junto do lago. Ao centro, num largo espaço que há ao pé do canal de água doce, estavam as tendas para xeques, que são os chefes das aldeias árabes, ou

chefes das tribos do deserto. As tendas abertas por diante deixavam ver os grandes lustres pendentes, os tapetes de Meca e de Damasco, onde de encruzavam as soberbas figuras dos xeques, fumando gravemente o narguilé. Tinham-se estabelecido barracas enormes, onde, a todo momento, se serviam a todos os convidados e a todos que entravam refrescos, vinhos, saladas e jantares. Havia toda a sorte de jogos, de danças, de músicas. As tribos beduínas tinham acampado perto. Eu vi uma caravana beduína em descanso no largo dos bazares: tinham cravado no chão duas lanças, e em volta os cavalos e os homens, figuras duramente esculpidas em bronze, altivamente enfaixadas nos albornozes, faziam um grupo

estranhamente pitoresco. As largas ruas estavam cheias de uma multidão ruidosa, colorida, original. Tinham vindo almeias da província de Fayoum, que debaixo das tendas celebravam as suas misteriosas e estranhas danças. O imperador da Áustria e a imperatriz tinham passeado por Ismaília, montados em dromedários; depois disso as ruas estavam cheias de viajantes, equilibrados sobre as excêntricas selas dos camelos e dos dromedários. Havia por toda a parte tocadores, cantadores, feiticeiros, fascinadores de serpentes.

Os beduínos formavam danças e lutas, e carreiras de cavalos. Alguns, de pé sobre os dromedários lançados a galope, faziam toda a sorte de destrezas e de equilíbrios, jogando a lança. Tudo isto

era acompanhado pelas salvas constantes dos navios e pelos hurras das marinhagens. À noite, tudo resplandecia. Por todos os largos estavam acesos grandes fogos. Via-se ao fundo do lago, através dos navios iluminados, brilhar fantasticamente a cidade, feita de pontos de luz. Os acampamentos estavam flamejantes. Em todas as tendas dos xeques havia cantos de mulheres árabes acompanhadas de *darbuka*. Os fogos de artifício estalavam por todo o ar. No meio de grandes grupos, entre um círculo de fachos enormes, dançavam as almeias. Em outros círculos alumiados, a multidão abria os olhos diante dos improvisadores árabes. A luz escorria por entre toda aquela multidão, tomada de alegria. Havia sobre a cidade e o lago aquele forte rumor

das festas, que é composto dos cantos, das músicas, das vozes, dos aplausos, tudo harmonicamente confundido, e que pela força da sua originalidade arranca o homem para fora da vida vulgar, com irritantes atrações. Tudo isto víamos nós ao atravessar a cidade, nas enormes carruagens que nos levavam ao grande baile de Ismaília, no palácio novo de Ismail Paxá. O palácio, cercado de jardins, tinha neles uma iluminação de gosto oriental. Havia luzes espalhadas por todos os ramos de árvores, entre as folhas das flores, na terra dos vasos. Sobre a erva estavam desenhados arabescos de luz de um aspeto original. O canal de água doce que corre ao pé estava cheio de barcos iluminados, que passavam numa perpétua serenata. Ao começo da noite,

entre as mesas, os árabes estendiam às vezes a mão, metiam os dedos nos pratos e afastavam-se comendo desdenhosamente. Nas salas, o baile era apenas uma oscilação sufocada de corpos. O ouro bordado das fardas arranhava os ombros nus, e os enormes sapatos dos xeques do deserto rasgavam os longos vestidos das loretas. Não havia ordem, nem espaço, nem ar, nem alegria. Era brutal e pesado: fatigava. A maior parte da gente dispersou-se pela cidade, a ver as iluminações e as festas populares.

Quando eu saía, para ir a um café italiano, em companhia de alguns oficiais ingleses, ver as almeias de Beni Ironef dançarem a «dança da abelha», encontrei o Sr. de Lesseps, no peristilo, que procurava ansiosamente o seu paletó.

Lesseps é uma figura delgada e nervosa, bigode curto e branco e dois olhos que faíscam em negro, cheios de inteligência e sinceridade. Tem uma fisionomia e, sobretudo, um sorriso que revelam tendência para as conceções abstratas, mas firmeza nas dificuldades da vida. É diplomata, orador, engenheiro, financeiro e soldado. Tem de tudo isto, e esta harmonia de qualidades é o segredo da sua inquebrantável força e do seu constante triunfo nesta obra do Suez. Foi andando a visitar o deserto líbico, em companhia de Said Paxá, então vice-rei, que ele resolveu, com apoio de Said, encetar a sua obra: desde então quantas lutas, já com a Inglaterra que intriga contra ele e que o difama, já com a Turquia que lhe tira os seus trabalhadores,

já com os capitais que se retraem diante dos seus planos, já com o deserto que contradiz a ciência das suas teorias, já com o cólera que lhe destrói os seus operários, quantas lutas até que pudesse tranquilamente procurar o seu paletó, numa festa que celebrava o fim de tantos e tão ásperos trabalhos!

Ao meio da noite, quando eu vinha para bordo, as luzes morriam miseravelmente por toda Ismaília e a sombra cobria o lago. Ao outro dia, a grande procissão dos navios saía do lago Timsah, em direção a Suez. Começava então já a ver-se, ao lado do canal marítimo, o canal de água doce — que vai indo quase paralelamente com ele até Suez. A paisagem começa a ser de uma uniformidade monótona: a fulva vastidão

do deserto de ambos os lados do canal. O canal de água doce é uma das maiores obras de Lesseps e um dos episódios mais notáveis da perfuração do istmo. Os operários do canal tinham de trabalhar no deserto. A primeira necessidade era a água: um exército de operários não podia subsistir durante muitos anos apenas com água trazida pelas caravanas. Ao princípio, quando as obras estavam ainda junto do lago Mensaleh, tirava-se a água de alguns poços isolados, fazia-se vir da próxima cidade de Damieta, ou destilava-se a água do mar. Mas, à medida que os trabalhos caminhavam para o centro do istmo, as dificuldades apareciam. Não havia poços, nem água do mar. Damieta estava longe. O tonel de água começava a custar vinte e cinco francos. Demais,

como vinha em caravanas, qualquer demora, qualquer transtorno lançava a sede entre os operários, e começavam as confusões de trabalho. As inquietações sobre a água cresciam. Então o Sr. de Lesseps resolveu ir ao Nilo, a trinta e cinco léguas, buscar água doce e trazê-la ao deserto por um canal que seguisse uma linha quase paralela ao canal marítimo, costeasse os lagos Amargos, passasse ao pé das montanhas de Djebel e fosse ter a Suez. O canal seria, assim, para uso dos operários, para a irrigação daqueles terrenos áridos e para a navegação de pequenos barcos. Nós víamos, com efeito, o canal doce, cheio de velas, cujas pontas aguçadas e brancas saíam acima das margens.

Um dos episódios épicos do canal

de água doce foi a passagem das dragas. Foi necessário levar aquelas monstruosas máquinas até ao pé dos lagos Amargos, para atacarem as areias do Serapeum. Foram transportadas pelo canal de água doce. Centenares de homens iam-nas levando à sirga, das margens. Mas aquelas enormes máquinas a cada momento encalhavam, voltavam-se ou, quando o vento era violentamente contrário, faziam força para trás. Para as tirar do lodo, para as impelir, para as equilibrar, eram necessários esforços sobre-humanos, onde sucumbiram muitos valorosos operários.

Foi ao anoitecer que chegámos aos lagos Amargos. Toda a esquadra do cortejo ancorou aqui durante a noite. Havia uma lua esplêndida, que enchia o

lago de luz e desenhava vagamente até ao horizonte as ondulações do deserto.

4

Os lagos Amargos são os restos do antigo golfo Heroopolita, águas do mar Vermelho que vinham até aqui. Foi neste lugar que passaram os Hebreus, guiados por Moisés; foi aqui que ficaram sepultadas as legiões dos faraós, quinze mil homens e mil e duzentos carros. Para o lado do Egito, a Lua branqueava uma vasta planície: era Gessen, a terra dos patriarcas. Os faraós tinham dado aquele lugar aos Hebreus, lugar então cheio de culturas e de searas, hoje coberto de areias. Foi dali que eles partiram em demanda de Canãa. Dali tomaram para o sul, para os desertos da Arábia e do Sinai, para evitar o encontro dos exércitos

egípcios. Moisés conhecia bem aqueles lugares. A sua mocidade tinha-se passado no istmo. Demais, aquele lugar era tradicionalmente a passagem dos que vinham da Síria, pela Caldeia e pela Idumeia. Abraão, José, Jacob, tinham ali passado nas suas viagens ao Egito. Foi por ali também, mas um pouco mais ao norte, a pouca distância do lago Timsah, que muitos séculos depois o descendente de tantos patriarcas e de tantos profetas, Jesus, passou levado por sua mãe que fugia para o vale do Nilo. Os Árabes mostram ainda hoje este lugar. Enquanto olhávamos aqueles lugares bíblicos, os fogos de artifício estalavam por todo o ar.

Ao outro dia pela manhã íamo-nos aproximando de Suez. Saímos devagar, porque a maré do mar Vermelho já vinha

contra nós. Foi esta questão de marés, e de desigualdade de níveis entre o mar Vermelho e o Mediterrâneo, a origem de uma das grandes oposições que se fizeram ao canal.

Dizia-se que, segundo as sondagens feitas sob a direção de Lepère em 1799, o mar Vermelho era nove metros mais alto que o Mediterrâneo: dizia-se também que a obra era impraticável, por causa das areias movediças e dos ventos do deserto: dizia-se, por fim, que a navegação do mar Vermelho não podia, pela sua dificuldade, pelo seu perigo, constituir nunca um verdadeiro caminho marítimo. Uma comissão internacional foi ao istmo esclarecer estas dúvidas. Era uma legião de sábios, de arqueólogos, de engenheiros, de geólogos.

Said Paxá fez-lhe receções reais. Atravessaram o istmo nos seus estudos, de Suez a Pelúsio. Sondaram todas as enseadas, todos os lagos, estudaram todos os terrenos. Acamparam grandiosamente, e seguia-os uma caravana de cento e setenta camelos. Os Árabes vinham de todos os pontos, para ver passar aquele estranho cortejo.

A comissão dissipou todas as objeções. O nível dos dois mares foi declarado igual, por novas e mais perfeitas sondagens; reconheceu-se que as areias não eram um obstáculo: se as areias trazidas pelo vento deviam sepultar o futuro canal, porque não tinham sepultado já os lagos Amargos, porque não tinham coberto as antigas ruínas, porque não tinham, ao menos, apagado os

vestígios das caravanas da última peregrinação de Meca? Por último, o mar Vermelho foi, contra os impugnadores do canal, declarado bom, como via marítima. O que tem de mau o mar Vermelho? Alguns rochedos. Não os tem o Adriático? Não os tem a Mancha? Não os tem o Arquipélago? O mar Vermelho tem ventos regulares; o mar Vermelho tem correntes conhecidas; o mar Vermelho tem a admirável claridade das suas noites. Impede isto a navegação? Se o mar Vermelho foi de uma navegação fácil para as frotas de Salomão; se Venezianos e Portugueses puderam ali bater o Turco, o que será hoje, com os meios científicos de navegação e com o vapor? Todas as objeções caem *de per si*.

Nas margens do canal

começávamos a ver muitos acampamentos de operários: vinham até quase à água bater as palmas aos navios que passavam, acenando com lenços e véus entre grandes hurras. Dos navios respondiam. Havia um forte sol: o deserto luzia até ao horizonte. Víamos à nossa esquerda o caminho das caravanas, que vão a Meca, a Medina, a Bagdade e a Damasco, na Alta Síria. A Arábia, a Ásia, ficavam para além daquele deserto. Do lado do Egito, ao fundo do areal coberto de salinas, estava a escura e triste cidade de Suez. Para além estende-se o monte de Djebel Attaka, chamado «do Libertamento», porque quando as caravanas que vêm do deserto o avistam é que estão fora de perigo. Ao fundo, esbatido na pulverização de luz dó horizonte,

entrevia-se a cordilheira do Sinai. Ao meio-dia entrávamos em Suez, no meio das salvas.

Suez é uma cidade escura, miserável, decrépita; é o começo de novas regiões; é já quase a Ásia e a Índia. Tem um aspeto mortuário: a cólera e a peste aparecem, com efeito, ali frequentes vezes.

Em alguns bairros arruinados, quase desabitados, conserva, porém, nas suas construções desmoronadas, um notável caráter da velha e pura arquitetura árabe. De resto, a civilização europeia começa a representar-se em Suez por cafés-cantantes e por *gourgandines* de Marselha.

Suez tem tido, até há pouco tempo, um viver incompleto pela falta de água.

Em Suez a água era conservada em caixas de ferro, trazidas do Cairo. A água da fonte de Moisés, que está a três léguas, só a podem beber os camelos. No tempo da chuva havia, além da do Cairo, alguma água potável a seis léguas de distância. No tempo de calma a sede era uma doença: havia mercados de água, onde os preços eram fabulosos, horríveis. Os ricos bebiam uma água meio salubre. Os pobres bebiam a água dos camelos, ou morriam de sede. Em Suez não havia (e ainda não há hoje) uma árvore, uma flor, uma erva. Havia gente que, tendo sempre ali vivido, não fazia ideia da vegetação. Contava-se de árabes de Suez que, vindo ao Cairo pela primeira vez, fugiam das árvores como de monstros desconhecidos. Isto fez a raça dura, áspera, hostil. O

canal de água doce mudou esta face das coisas. A água é gratuita e abundante. No dia em que a água chegou a Suez, foi uma vertigem. Os pobres árabes não podiam crer: mergulhavam-se nela, bebiam até lhes fazer mal, estendidos sobre as margens do canal, davam gritos loucos. Alguns estavam aterrados e pasmavam da perda de tanta riqueza. A população gritava cheia de amor em volta de Lesseps, prostrando-se e beijando-lhe as mãos. E, desde então, a cidade tende a reviver.

Quando chegámos a Suez, separou-se aquela caravana de convidados que havia seis dias saíra de Alexandria.

Uns ficaram em Suez, outros foram para o Cairo. Nós fomos para as costas da

Arábia, para os lados do deserto do Sinai, ver o oásis de Moisés. No *Êxodo* diz-se: «E os filhos de Israel vieram depois a Elim onde havia doze nascentes e setenta palmeiras.» Eram estas doze fontes e setenta palmeiras que nós íamos ver, passando o mar Vermelho numa barca árabe. Tínhamos feito a nossa peregrinação através do canal; a esquadra da Europa tinha as suas âncoras no mar Vermelho; a obra de Lesseps estava completa. Havia dez anos que um grupo de trabalhadores, numa segunda-feira de Páscoa, estava reunido na praia, no lugar que depois foi Port Said; não havia nada nesse lugar senão a bandeira egípcia plantada sobre a areia.

Um homem saiu do grupo, descobriu-se e disse: «Em nome da

Companhia de Suez, dou o primeiro golpe de alvião neste terreno que abrirá às raças do Oriente a civilização do Ocidente.»

E cavou a areia com o alvião. O homem que disse aquelas palavras era o Sr. de Lesseps: e, como se vê, o seu alvião tem feito largamente o seu caminho.

Palestina

1 — Jafa

Avistámos Jafa como uma colina escura de casas; o Sol aparecia por trás e dava à cidade um fundo de nuvens, colorindo-a violentamente.

Jafa assenta à beira do mar; para o lado do Norte, ao longo da costa, começam logo os areais.

Defronte de Jafa há uma linha de rochedos que parecem os restos desolados de uma muralha cheia de brechas.

O mar ataca e bate ternamente aquelas negras penedias.

A sua eterna demência torna assim difícil e áspera a entrada da Palestina.

Os navios ancoram ao largo, os

barcos passam entre as pedras como um inseto foge entre os dedos de um homem.

Quando nós pairámos o mar tinha apenas as largas ondulações da sua respiração costumada.

O sol alumiava a água e tornava-a alegre.

Quando os árabes que nos trouxeram às costas, do barco às pedras molhadas do cais, nos pousaram pesadamente no chão, a cidade apareceu-nos na sua triste realidade.

As casas parecem edificadas com restos de velhos castelos.

Esta aparência é constante.

As paredes têm o aspeto de muralhas altas abertas de pequenas janelas [...] — fragmentos de ameias cercam as casas [...]

As ruas são escadarias estreitas, escorregadias, húmidas, em declives poderosos e violentos.

Passa-se infinitas vezes sob arcos por meio de largas portas ogivais que cerram as duas orlas do casario. Há um cheiro infeto, um silêncio e uma solidão tristes. O que vale é a luz, a doce luz que tudo aclara, pinta, alegra.

De vez em quando uma das ruas mais elevadas deixa passar a vista por um espaço vazio de casas para os campos vizinhos e uma admirável vegetação, inesperada, aparece.

***

Saímos de Jafa à tarde para ir acampar a Ramleh.

Sai-se pela única porta da cidade, onde estão reunidos os camelos, os mercadores, numa pitoresca confusão de árabes.

Depois a estrada começa a estender-se por entre pomares de uma fecundidade e de uma riqueza inexcedíveis. São admiráveis as laranjas de Jafa. [...]

Enfim entra-se numa grande planície — estende-se até ao fim da vista uma linha plana docemente ondulada [...]

Defronte veem-se, cheios de tons rosados e azuis, os montes da Judeia. O céu está de uma transparência absoluta.

Nada tão leve, tão largo, tão elevado como este céu, e esta larga e delicada luz que o enche.

Se a alma se pode alongar nas

suas conceções e nas suas qualidades é ali, onde os profundos céus fogem a uma distância infinita, deixando a impercetível humanidade e a imensa planície.

Aquelas terras são cultivadas — veem-se solenes camelos a puxar a charrua, um pequeno árabe de rosto vivo toca um grande rebanho.

Os cavalos nervosos que nós montamos galopam sobre a larga planície, sobre a planície de Saron, onde se vê, entre as suas muralhas de catos e o seu penacho de palmeiras, a aldeia de Beit-Dijan.

Quando avistámos Safi, que dizem as legendas estar sobre antigas ruínas da cidade de Golias, começava o Sol a esconder-se, a sombra a cair e duas estrelas de um resplendor infinito

caminhavam diante de nós no pálido céu.

O silêncio é absoluto: a planície perde-se na sombra e o céu é de uma transparência infinita.

Lembra as antigas jornadas dos profetas montados nos seus burros, graves e possuídos do espírito divino.

Há já uma doçura evangélica neste aspeto da Natureza.

As duas estrelas caminham sempre no céu, do lado de Jerusalém, como no tempo dos Reis Magos.

***

Era já noite quando avistámos as árvores de Ramleh. Os chacais gritavam desoladamente ao lado do caminho.

Ramleh era o lugar escolhido para

o quartel-general dos cruzados de Ricardo, *Coração de Leão*.

A cidade tem, como Jafa, profundo e memorável aspeto de ruína. Veem-se apenas destroços, pedaços de paredes, portas ogivais.

Uma antiga igreja dos cruzados com torre, de uma bela arquitetura, serve de mesquita. É a mesquita branca.

Para além de um bosque de catos está a nossa tenda.

O nosso dragomano é um alemão, figura delgada e com uma semelhança árabe.

Cozinha-se ao ar livre; os árabes vão buscar água em cântaros brancos; os cavalos, grupo pitoresco, comem.

O céu está todo coberto de doces estrelas. São de uma bíblica beleza nesta

luz transparente.

Era para elas que os velhos poetas árabes mandavam a voz dos seus sonhos.

Em roda da nossa tenda a planície alonga-se, escura, e apenas se veem por trás de um muro sombrio as luzes raras de Ramleh — a antiga Arimatia, segundo S. Jerónimo [...]

Saímos de Ramleh durante a madrugada. O horizonte com o seu crescente ainda se assemelha, como durante a noite, a um vasto pavilhão turco.

Dobram-se as tendas, preparam-se os cavalos, e é à primeira luz vaga da manhã que começamos a cortar a planície de Saron.

Diante da estrada passam de vez em quando os chacais. Debalde os perseguimos a galope. No ar voam

grandes águias negras. A planície alarga, e estamos dentro da paisagem mais característica da Palestina.

Grandes colinas estendem-se até ao fim do horizonte em ondulações suaves. Estéreis, moitas, solitárias, silenciosas.

Assim continua a estrada durante largo tempo. O seu aspeto é desolador. Nem florestas, nem açudes, nem os perfis pitorescos dos rochedos.

A vista vai seguindo melancolicamente aquelas ondulações infinitas cobertas de uma cor escura e triste.

É verdadeiramente a paisagem abstrata. Parece uma decoração feita para o céu e não para a vida do homem. Tudo morto, seco, triste, um silêncio infinito

pesa. O céu está escuro e pejado de nuvens.

Um destes céus sem luz, sem profundidade, onde parece que toda a melancolia humana se concentra, e que cada um, olhando o céu, acha ali a sua pena, gemido ou saudade, deceção ou lembrança, amargura ou vazio de uma existência.

É verdadeiramente ali que devia ter nascido a ideia da unidade divina. Do Deus solitário, abstrato e terrível.

Não há aquelas sublimes formas da Natureza, variadas, esplêndidas, múltiplas, que o génio dos povos alegres povoa de deuses.

Uma linha curva de desolação, uma terra varrida pelo vento de destruição é tudo quanto a vista alcança.

As ideias solitárias, abstratas, aparecem. É ali, quase já, a planície evangélica.

Se aos nossos olhos modernos, positivos, filosóficos, se pudessem ainda tornar percetíveis as evocações de legendas poderosas, diríamos que ainda resplandecem sobre aquela escura terra as pegadas luminosas dos profetas e dos apóstolos.

Mas sente-se por isso o maior espanto que naquela planície infinita coberta de um céu escuro, onde a ideia de amor, de maternidade, de família, não pode nascer, a poderosa e elevada alma de um homem concebesse a religião do ideal.

Tudo ali chama para o céu, para os cumes imateriais, e o espírito, que não

tem nada de humano onde pouse, foge aterrado para a ideia de Deus e nele se fecha como numa concha. Assim fazem também as aves daquele céu, que nunca pousam nas ásperas colinas.

Sente-se todavia que nem sempre, talvez, houvesse aquela desolação. Algumas montanhas apresentam vestígios de antigos trabalhos de cultura.

Na serra, onde a seara não tem um livre espaço, o lavrador dispõe o declive em degraus planos onde lavra e semeia. A formação desses degraus ainda às vezes é visível. Não são só as estratificações da montanha, são visivelmente trabalhos humanos, talvez anteriores ao Evangelho.

Ainda hoje, na base das colinas, se vê uma terra lavrada. Nada tão triste. É como se num cadáver um músculo

estremecesse. Vê-se o pobre lavrador sírio em farrapos, velho rugoso a picar um búfalo e um jumento, que puxam pesadamente ao arado. O arado é de pau, primitivo, rude, como os devia ter feito, na sua casa de Nazaré, o esposo da Virgem Maria.

Chegados a um sítio onde alguns ramos se torcem de fome e de sede, naquela esterilidade, parámos e sentámo-nos sobre o tapete encarnado, à turca, para almoçar, deixando os cavalos à erva.

Alguns peregrinos de Jerusalém tinham chegado. Cada um tirava do seu saco o almoço, e comia sentado na terra. Nós estávamos debaixo de uma árvore ao pé do chefe dos ulemás de Jafa, que se dirigia para Jerusalém.

Mais longe de nós, numa ravina,

havia outro almoço, um corvo descamado comia os farrapos de carne de um velho cavalo morto.

Continuámos na estrada até que ela se perde entre os montes de Judá. De ambos os lados, os montes estrangulam-se a pique, escalvados, enormes, brutais. [...]

Durante horas sobe-se assim, sem horizonte, sem largueza de paisagem, vendo as oliveiras raras, que ali aparecem com uma folhagem transparente que parece feita de uma gaze leve que o vento mexe.

Enfim entrámos numa aldeia num flanco de colinas, de grandes casas monumentais, quadradas, de pedra branca. Vemo-la de perfil, de uma extraordinária altivez na sua miséria, como um velho mendigo turco. Uns pequenos

mucharabiehs fazem uma grotesca figura ao longo das altíssimas casas de enormes paredes encostadas ao monte.

Há aqui uma capela em ruínas onde se entra a cavalo. As orações que ali dizem devem dizê-las as andorinhas ou as aves que ali habitam.

É uma velha capela gótica, pequena e sombria, onde os Árabes guardam, hoje, os seus cavalos. É do tempo dos cruzados. De resto as obras dos cruzados já nos seguem desde Jafa.

Há por vezes, no alto dos montes, aspetos de minas que devem ter sido antigos redutos, altas torres de atalaia onde os cavaleiros do rei de Jerusalém espreitavam a ondulação das lanças turcas.

A estrada vai cheia de peregrinos.

São padres gregos, de barbas ao vento, com as suas famílias, uns a pé outros montados em burros — a duas pessoas dentro de um cesto —, uma linda figura de criança oscila de sono, de fadiga, de tédio, sobre a bagagem pitoresca que uma mulher leva.

Há russos que vêm do mar Negro e de alguns portos da Ásia Menor.

Mulheres, crianças, velhos, em machos, a pé, pálidos de cansaço, subindo a colina, vão assim naquela longa peregrinação.

A estrada, todavia, é larga, nova. Às vezes, de uma elevação, entrevê-se muito ao longe, entre dois montes, perdido no fim do horizonte, o azul do Mediterrâneo. Dá, no meio do áspero e desolado caminho, aquela vista do mar,

um inesperado descanso às tristezas da alma. A tristeza, com efeito, apodera-se facilmente do ser nervoso no meio dessas colinas.

Vai-se em companhia, conversa-se, galopa-se, ri-se, fuma-se — mas na realidade uma secreta inclinação para o mistério e para a dor pesa sobre o homem interior. Imagina-se um ser isolado, ali, com o peito cheio de pensamentos divinos [...] e que absolutas e misteriosas ideias não devem subir pela misteriosa escada de marfim do ideal?

O céu concorria, naquele dia, com a sua cor tenebrosa, para dar ao perfil da alma as linhas da melancolia.

A uma légua de Jerusalém a paisagem acentua-se. E a última colina que se sobe antes de avistar as negras

muralhas. Ali a paisagem é larga e nela começam a erguer-se os monumentos de pedra da Bíblia. Os montes são estranhos — terra lívida, cheia de rochedos contínuos, em todas as formas semelhantes a uma montanha composta de ossos e de crânios.

E assim descem aquelas colinas lívidas como um enorme ossário até ao vale [...]

Sobre um morro erguido como uma torre de catedral, na distância enevoada, está o melancólico perfil do túmulo do profeta Samuel, e diante de nós as montanhas do Moab, além do Mar Morto.

De repente, ao voltar uma curva da estrada, Jerusalém aparece.

Vê-se uma cidade escura, baixa,

humilde, murada de negras muralhas, tudo de um tom sombrio, melancólico, morto. Vales profundos cercam-na, e para além, colinas baixas onde se torcem troncos de oliveiras, um céu escuro, baixo, pesado.

Escondida dentro das muralhas sem torres, sem minaretes, sem vegetação, aquela sombra aparece na baixa das colinas, inexpressiva, fúnebre.

Tal é Jerusalém.

Alguns edifícios novos, caiados, retangulares, insípidos [...] fragmentos de arquitetura burguesa sobre o chão do Evangelho.

Costeamos a muralha a pique sobre a ravina, sem aparência de solidez. É uma muralha de aparato que está ali como uma recordação histórica, mais do que como um facto estratégico, e entra-se

enfim na cidade santa pela Porta de Damasco.

2 — À Tarde; Santo Sepulcro; Ruas

O dia está húmido, sombrio.

Começamos a ver Jerusalém. As ruas são estreitas, lajeadas de pedras, cheias de lama, escorregadias, inclinadas, sujas, miseráveis.

É a miséria da população, o desleixo oriental, as contradições violentas do clima. Daí a melancolia de Jerusalém.

Algumas ruas são abobadadas de pedra com pequenas claraboias quadradas e gradeadas de ferro, espaçadas por toda a rua, e por onde cai a luz.

Essas abóbadas são apenas os

terraços ou pátios de construções sobrepostas [...] Tudo o que se vende está ali numa promiscuidade miserável. Essas ruas são as mais povoadas, ordinariamente. Nas grandes ruas abertas, há um silêncio, uma solidão de cidade saqueada.

Aquela raça abatida e pobre busca voluntariamente a sombra.

De resto os bazares, as tendas, os lugares de negócio são ali. O aspeto é extraordinariamente pitoresco. Naquelas galerias escuras, aperta-se uma multidão de todas as raças e de todos os vestuários. As figuras desenham-se violentamente naquele claro-escuro. A lama das ruas, o negrume das paredes, das abóbadas, põem em relevo as cores vivas dos vestidos.

Quando se entra numa dessas ruas

é curioso ver moverem-se aquelas figuras negras, destacando-se sobre o fundo oposto da rua, aberto e cheio de luz.

As figuras parecem maiores. Os grandes hábitos compridos dão-lhes uma atitude histórica e altiva. As fisionomias daquelas raças são sobretudo notavelmente enérgicas e acentuadas, sobretudo as de raça judia.

Antigamente os bairros estavam divididos. Jerusalém é quase um quadrado. Duas ruas atravessam de norte a sul, e de este a oeste formam quatro massas de ruas e habitações distintas. Eram os quatro bairros: judeu, cristão, muçulmano e arménio.

Cada um tinha a sua fisionomia isolada e original. Hoje, apesar da confusão destas raças, ainda esses bairros

são distintos, e o tipo de raça, dos costumes, do modo de viver, mantém-se puro em cada bairro.

A mistura é ainda mais uma tendência do que um facto.

O bairro judeu é o mais miserável. Nada tão imundo, tão devastado, tão cheio de negrura. Parece incrível que homens com sensações e princípios possam voluntariamente viver naquela imundície.

É todavia o bairro mais curioso, mais vivo, mais cheio de multidão. Mas é só nalgumas ruas principais onde se encontra a verdadeira confusão de raças. É primeiramente o judeu. São belas pela energia e pela pureza das linhas aquelas fisionomias. Pálidos, direitos, de traços duramente aquilinos, expressão sombria, concentrada, grandes barbas. Aquelas

figuras altas, caminham devagar, curvadas, com ódio nos seus agudos olhos negros.

O seu distintivo é dois caracóis de cabelo que lhes pendem ao longo das faces. Usam o chapéu moderno de feltro de abas largas ou o barrete cilíndrico orlado de peles. A cabeça é rapada atrás. A grande sotaina pende-lhes até aos pés e por cima um velho paletó europeu, de gola de veludo, ou ainda aquela longa túnica oriental.

Há admiráveis cabeças pela expressão e pela feição; nada de vulgar, de inexpressivo, como nas multidões ocidentais.

Qualquer daquelas fisionomias é habitada por uma ideia interior, que domina, traspassa, ilumina, caracteriza as

pessoas.

Avareza, ódio, astúcia, fanatismo, orgulho, as figuras têm alguns destes poderosos e ativos elementos da vida moral.

Depois dos judeus, a raça mais espalhada é a dos árabes. Com o seu turbante branco ou verde, quando são da família do profeta, a sua fisionomia viva, aberta, poética, com os belos, os profundos, os luminosos olhos sírios.

São os padres arménios com as suas túnicas pretas e o capuz negro, na sombra do qual aparece todo o vigor das suas enérgicas cabeças do Jerusalém sacerdotal.

Os beduínos passam a cavalo com as compridas lanças, os albornozes brancos listrados de preto, os cofiós [...]

pendentes sobre as costas, elegantes, queimados, enrugados, chupados pelo sol.

Vão os padres gregos, sérios, com os barretes quadrados, largas cabeças, grandes barbas, traçando majestosamente a enorme aba da sua túnica negra.

São, enfim, os coptas vestidos à oriental, todos de negro.

As mulheres são ainda umas escravas sujas, doentes, esmagadas pelo trabalho, fatigadas do casamento, têm ainda a beleza do traço e o profundo olhar que deviam ter as antigas companheiras de Ester.

Nos bazares a multidão toma quase o aspeto de uma decoração.

Os judeus, embrulhados nas suas largas túnicas orladas de peles, passeiam por entre as fileiras dos mercadores,

silenciosamente.

As camponesas de Siloé vendem os seus legumes. Os padres coptas passam solenemente. Os camelos adiantam-se fazendo todos alas à sua majestosa solenidade.

Os camponeses sírios, com os albornozes listrados, esbeltas figuras cheias de força e de vida.

As velhas palram entre alas com as túnicas brancas enrugadas, lembrando as velhas imagens de Santa Ana.

Camponesas de Samaria e da Galileia, louras, que têm um vago ar de raça céltica pela doçura do olhar azul-claro dos olhos.

Duas belas figuras de homens de Betlehem com as barbas louras à maneira de Cristo.

Está-se horas a olhar, a ver desfilar aquela multidão que parece ser a mesma que serve de fundo, no Evangelho, à figura divina.

Quando se passa naquelas ruas escuras onde os mercadores se apertam, se veem os tipos, os costumes, as largas túnicas azuis, abertas, o perfil judaico, aqueles velhos pensativos, onde todas as misérias da vida têm o seu eco, os véus brancos das mulheres esbeltas, as pequenas ocupações da rua: o escriba que traça cuidadosamente os arabescos da letra árabe sobre folhas de lata, o sapateiro judeu com o avental de couro, os fortes ferreiros árabes, cor de bronze destacando-se sobre um fundo de fogo, o camponês de Nazaré que passa no seu burro, a mulher de Siloé que vem vender

os seus búzios... sente-se por vezes que entre eles vai aparecer a loura e delicada figura que todos conhecemos — pensativo no meio da multidão, seguido dos amigos e dos apóstolos, atravessando para os lados da Sinagoga e sorrindo às crianças judias que correm e gritam, gloriosamente sujas e resplandecentes.

Era daquelas ruas, daquela miséria e depois de ter fitado os edifícios soberbos que cercavam o templo, que Ele tirava as parábolas sublimes e que o homem miserável era chamado à bondade de Deus.

Uma rua escura, ora em abóbada ora aberta, estreita, lamacenta, é na tradição cristã a Via Dolorosa. Por ali passou, durante o trânsito da crucificação, Jesus.

Ali caiu sob o peso da cruz que os condenados levavam sobre os ombros, enormes madeiros brutais, ásperos e toscos.

Os peregrinos beijam aqueles sítios. Os padres ajoelham quando passam. Os sábios discutem a veracidade da tradição.

Eu passei ali pela primeira vez num dia sombrio, que fazia a rua mais escura e mais desolada, e apenas sei que devia ser bem por uma rua assim que passou a doce e triste figura.

A rua é como todas de Jerusalém, ladeada de pedra dura e miúda que lhe dá um ar de velhice e de legenda. Cercada de ambos os lados por altas paredes, apenas se vê uma tira de céu. Por vezes passa-se debaixo de estreitas abóbadas, e é então

tão triste que toda a melancolia da legenda cristã não a quereria mais triste.

Ali não há bazares, nem tendas, nem habitações. Nada tão desolado [...]

De noite é cheia de trevas e de silêncio. O céu aparece como uma tira de estrelas, como nas pinturas simbólicas. É ali o horror sagrado de um templo arruinado, sente-se o mistério vivo. Vê-se às vezes passar naquela espessura noturna uma lanterna frouxeando, que se afasta; é um árabe, um copta que passa.

De dia, em pleno sol, é ainda triste. Nem a luz do Oriente a alegra, mas conserva então um aspeto todo natural nas suas lamas e na dura brutalidade das suas paredes [...]

Logo na tarde em que chegámos fomos ver o Santo Sepulcro.

O Santo Sepulcro está construído sobre o lugar que se supõe ser o Gólgota. Foi, segundo a tradição católica, no espaço que ocupa o templo que se passou a Paixão. É ali, como para os Muçulmanos a Meca, para os cristãos o lugar mais sagrado da Terra, o lugar misterioso, centro vital das almas. Para ali vão as orações dos distantes, os passos cansados dos peregrinos.

Ali todas as igrejas têm o seu culto. Latinos, Gregos, Arménios, Coptas, Abissínios têm ali os seus altares e os seus padres.

Por ele foram os povos da Europa na demência infinita das Cruzadas, numa peregrinação sublime.

[...] É aquele o ponto mais perto do céu.

Quando se chega em frente do templo aparecem numa fachada em ruínas duas portas de um estilo gótico-sarraceno com um friso de um trabalho soberbo, onde, entre os arabescos e folhagens, se entrelaçam os baixos-relevos do Evangelho.

Uma das portas está murada, a outra livre com duas portadas de madeira chapeadas de bronze.

É ali a entrada do Santo Sepulcro.

No pátio velhos arménios e judeus vendem rosários, cruzes [...]

São ainda os mercadores à porta do Templo.

***

Quando se entra, a primeira coisa

que se vê, à esquerda, é um estrado em que estão sentados alguns turcos.

Encruzados numa imobilidade enfastiada, fumam, comem enchendo o chão de destroços, de nódoas, cuspindo sobre o chão sagrado.

São figuras brutais de olhos acesos, que pedem *bakchich* [...] que olham para os peregrinos e para os fiéis com soberbo desprezo.

São os guardas do Santo Sepulcro. Estão ali para impedir que as comunidades rivais que vivem dentro do templo se dilacerem pelas suas convicções [...]

Logo ao lado do estrado um mármore liso, sobre o qual estão suspensas lâmpadas que dão uma luz cor de opala, resplandece na sombra.

As mulheres vêm ali bater com a testa e o peito — e o mármore está polido pelos lábios dos peregrinos. É aquela a lousa que cobriu o Cristo morto, está ela mesma sepultada num túmulo de mármore.

Logo adiante é uma das entradas da cúpula. Aqui começa o interior do templo.

Era quase noite a primeira vez que o vimos. Havia lâmpadas acesas.

Nas altas galerias da cúpula havia já uma sombra profunda [...] Por toda a parte havia fiéis que rezavam, padres que atravessavam nos deveres do culto, mulheres encostadas às colunas olhavam, todo o aspeto de um grande templo onde há uma vida especial, um mundo pequeno, interesses, hábitos, modos de ser próprios.

O templo divide-se em mil espaços. O centro, a grande cúpula debaixo da qual está o túmulo cercado de construções, feitas sob um plano quase regular. Ali são as diversas capelas: Capela da Coroa de Espinhos, da Flagelação, da Paixão, da Partilha dos Vestidos. Uma pertence aos Gregos, outra aos Latinos, outra aos Arménios [...]

Ali há padres de todos os cultos. É o padre franciscano com a sua corda de esparto, figura fina de italiano, há grossas figuras que parecem de camponeses normandos, há padres gregos com os seus hábitos de túnicas negras, os barretes quadrados.

Vestuários desleixados, pobres, desolados; as fisionomias são às vezes belas pela expressão concentrada, pela

majestade dos traços, pela serenidade das feições.

Noutras sente-se o tédio, o hábito, a parte mecânica, o ofício.

Os padres arménios trazem um grande capuz negro, preso a um manto que os cobre todos, os abissínios o turbante escuro.

Estas figuras passam, atravessam, com toda a sorte de genuflexões mecânicas.

Ali celebra-se constantemente. Há missas rezadas, cantadas em todos os altares [...] Há cantos e sermões, e práticas sobre o Evangelho. Há, ao anoitecer, longas procissões. A cada momento se ouvem os lentos cantos da igreja latina, ou o canto arménio, semelhante ao canto árabe pela monótona

e penetrante melodia que o domina.

As procissões atravessam entre alas de pequenas tochas, rezando-se com voz monótona, e defronte de cada altar cantam, todos numa voz, enquanto os fiéis estão deitados no chão, varrendo o lajedo com a face [...]

As mulheres estão, ou sentadas murmurando orações, ou de pé encostadas às colunas e conversando. O murmúrio das vozes é constante.

O cheiro do incenso penetra tudo. Os sacristães cruzam-se em todos os sentidos no serviço do templo. As crianças pulam no chão polido. [...] É um fórum religioso largo, central, onde a todas as horas se encontram as pessoas da cidade. O lugar mais povoado é a cúpula onde está o Santo Sepulcro.

O Sepulcro é uma vasta construção de mármore, pesada, feia, sem arquitetura, sem elegância, sem pensamento, sem espiritualidade.

Tem uma vaga feição rococó [...] Ao fundo, depois da Capela do Anjo, está o túmulo dentro de um sarcófago de mármore polido e lavrado.

Inúmeras lâmpadas pendem do teto.

Diante do túmulo de Jesus, que se sente? Nada. Tudo é teatro, arranjado, postiço, artificial. Os mármores estão lavrados em flores, imitando cómodas Luís XV. Os ornatos, os quadros, são de uma decoração pomposa, artificial.

Nenhuma grandeza, nenhum pensamento. Os lavores, as peças de prata, os ouros, estão prodigalizados. É

resplandecente como num teatro.

Sente-se o serviço divino feito maquinalmente, por um hábito e com todo o tédio da monotonia, da obrigação...

Quem nos pudesse mostrar, ó nobre inimigo do mal humano, o teu túmulo em ruínas, devastado, na agrura eriçada das colinas, cheio de vento, de chuva, de penas de pássaros e de musgos verdes?

Talham um pedaço de mármore, acumulam a prata e o ouro, os ornatos, as flores de cera, rezam sobre aquilo com voz monótona e distraída... Dizem que é o teu sepulcro, e encenam-no, e asseiam-no, e celebram-no, e no entanto a tua palavra divina anda exposta a todos os ventos da dúvida, e o teu nome vai-se apagando na memória do homem — ó sublime espírito

que amavas os simples, as crianças, as aves sem ninho [...] e em nome da tua agonia, das tuas dores [...]

***

Sobe-se por uma escada sombria e esguia para o lugar do Calvário.

A primeira vez que ali entrei foi seguindo uma procissão latina; os padres rezavam, cantando e alumiando as orações com as velas; atrás seguiam alguns homens do povo, mulheres de túnicas brancas, velhas vestidas com os andrajos de todos os tempos.

A escada é escura e aquela multidão de luzes subindo no meio da sombra, com um canto dolente e baixo, dava uma sensação aos nervos.

Todos ajoelham sobre o chão, prostrados quando chegam ao Calvário. Ali, debaixo desta construção, está o áspero rochedo do Gólgota.

As longas barbas dos padres roçam o chão. O canto faz toda a abóbada sonora, e no fundo [...] o santuário aparece resplandecente.

Os ouros, as pratas, as pedras, os mármores faíscam às luzes. As lâmpadas maciças enchem de resplendores a sala escura. O teto é pintado de azul com estrelas de ouro, figuras simbólicas, imagens do sol.

Um imenso Cristo, talhado em tábua lisa, ergue-se entre duas esteias de prata com baixos-relevos. [...]

Por toda a parte quadros em ouro, em bronze, em filigranas. Estão ali mil

objetas misteriosos, e lâmpadas, imagens, globos de pedra ou de jaspe pendentes do teto. Tudo aquilo resplandece à luz, faísca. As cores de opala, de granada, de ametista, fazem repentinas flores de luz como num bordado feérico.

Mas é tudo pesado, acumulado, sobreposto na pequena abóbada. Um buraco no mármore do pavimento, cercado de dádivas, de preciosidades, sob uma espécie de dossel de pórfiro ou de mármore polido, indica o lugar onde foi plantada a cruz.

Os peregrinos introduzem os dedos, apalpam, sacodem tristemente a cabeça, olham pasmados, e vão-se, devotos e confusos […]

3 — Hoje de Manhã, Visita à Mesquita de Omar

A Mesquita de Omar é dos edifícios do Haram o mais belo, o mais original, o mais sagrado.

O Haram é todo o largo espaço, grande como um bairro e cheio de muralhas como um castelo, que ocupa hoje o lugar memorável do Templo de Salomão.

Ali, onde todas as ruínas se acumulam, entre um campo cheio de árvores, de aves, de pobres, estão a Mesquita de Omar, a Mesquita de El-Aksa, o Serralho — palácio do paxá —, um quartel turco, a porta de Jerusalém

chamada de Ouro, parte das velhas muralhas de Herodes e mil ruínas sem nome, inexploradas e cobertas de plantas.

No entanto, àquele vasto espaço deu a Mesquita de Omar o seu nome.

A Mesquita é, como o Santo Sepulcro, um centro sagrado dos maometanos; depois da Meca e de Medina nada há tão respeitável para eles como esta mesquita.

Somente tinha a entrada guardada fanaticamente por uma multidão de [...] negros, estava vedada aos «francos». Hoje, porém, correm-se livremente todos os lugares, e o ulemá do templo explica na sua linguagem colorida as tradições e os monumentos.

Quando se entra, o primeiro aspeto é esplêndido.

Concorre, para a sensação profunda que me fez, a beleza do dia. Nada tão puro, tão suave, tão belo como este azul fresco, repousado.

Havia o quer que fosse de virginal no céu. Devia ser por aquele dia que Jesus, cercado de discípulos, passara para os lados de Betânia por entre os altos trigos, e enchia o céu de parábolas e os homens de ideias, enquanto os seus discípulos apanhavam as espigas caminhando e escutando o Mestre.

***

Tanto o Santo Sepulcro está isolado da luz e da Natureza, escondido nas suas abóbadas, cercado dos seus muros e construções escuras, tanto este

belo templo está aberto às inundações do sol, entre árvores antigas que deram sombra aos soldados de Maomet [...]

Medita-se, olhando e deixando pousar o desejo como uma ave [...] em todas as fantasias e em todos os mistérios.

A primeira impressão é confusa mas toda luminosa.

Umas construções ricas, curiosas, todas cobertas de arabescos em verde e ouro, sobre um vasto espaço quadrado, lajeado de largas e nobres pedras brancas, aves que voam, um azul estendido como um pavilhão.

Ali debaixo estão as ruínas do Templo de Maomet. Ali está a velha basílica de Jerusalém, as igrejas consagradas dos cruzados, os antigos subterrâneos de Salomão que dão [...] à

cidade toda a presença divina dos lugares de mistério: a história, a Bíblia, o Evangelho, a Idade Média.

Pois bem, o espírito novo não quer ver nada disso, e os olhos só se prendem e se espalham.

Fica-se muito tempo a olhar, interdito, contente. Como? Havia pois nesta sombria Jerusalém, ascética e tenebrosa, um lugar assim de luz, penetrado de natureza?

E olha-se: uma árvore velha, rugosa, verde, com a Sua folhagem toda penetrada de sol. Um [...] rendilhado, recortado, tapetado de folhas secas debaixo de um sicômoro cheio de sonho e desenhando os seus arabescos com uma graça infinita. Um espaço coberto de velhas árvores, calçado de pedras,

vestido de relva, cheio de uma frescura luminosa, tépida. Uma acácia, destacando-se no próprio céu, tão delgada, tão graciosa, que parece digna de ser incrustada no monumental azul. Um cipreste todo toucado de arabescos, onde um grupo de mulheres, vestidas de branco, dorme, na sombra, com um abandono primitivo, em belas atitudes que lembram, pelas pregas largas dos vestuários, os grandes quadros sagrados.

Outra velha [...] torce os seus braços como mergulhando-os voluptuosamente no doce ar como um óleo suave. Uma oliveira ascética, enrugada, concentrada, semelhante a um velho maometano fanático.

A imensa luz, profunda, serena, suave, não ardente e metálica como a do

Egito, mas terna, viva, caridosa, que parece ser a atração visível das almas.

Tudo isto se torna num entorpecimento, de que o guia nos tira para ir percorrer os monumentos consagrados.

Vai-se ao mais visitado, arrastando as chinelas como se estivessem pesadas de água e olhando sempre o admirável espaço.

O primeiro edifício é a Mesquita de Omar. De fora é já bela, cheia de força e de graça, colorida, de arabescos de uma pureza completa. Quando se penetra, toda aquela enorme majestade deslumbra.

A sua forma é bem conhecida. O exterior é todo coberto de placas de mármore branco, de tijolos azuis onde estão desenhados os versículos do

Alcorão entre arabescos, e a cúpula é toda coberta de cobre. O tempo, a velhice, a chuva, têm dado ao edifício, coberto dos seus mármores e dos seus bronzes, um aspeto de preciosidade sombria: enorme joia escurecida pela velhice.

Defronte de uma porta, há um zimbório sustentado por colunas abertas à luz. Do teto do zimbório pende uma cadeia de ferro. O zimbório é alto, todo cheio de luz, e aquela cadeia velha, carunchosa, misteriosa, tem um aspeto trágico. Nada realmente tão triste como no meio daquela grande luz, daquelas lajes de mármore, daquelas colunatas delgadas, airosas, femininas, aquela negra cadeia implacável, pendente, miserável, misteriosa.

É àquela cadeia, dizem as

legendas, que se devia prender a balança do Julgamento.

Entra-se na mesquita e todas aquelas enormes proporções e aquela sombra onde a decoração resplandece aparecem na sua monumental beleza.

O aspeto geral: um círculo de colunas e a grande abóbada, o zimbório todo coberto de douraduras sobre verde e de arabescos imaginosos. [...] Os mármores preciosos, mosaicos, vitrais, onde os pequenos vidros de cores de todas as formas enchem os vazios dos esplêndidos arabescos recortados [...].

4 — Betânia

Saímos a cavalo pela Porta de Damasco e tomámos pela estrada.

O sol ardente queima a terra cheia de pedras soltas e apertada entre elevações de terrenos estéreis pontuados de oliveiras.

A uma pequena distância da vila umas escavações [...] dão entrada ao peristilo dos túmulos dos reis.

São os túmulos dos sucessores de Herodes. Grande câmara subterrânea onde estão nas paredes os lugares dos caixões; uma noite escura onde a luz das tochas desmaia, onde esvoaçam morcegos [...] eis todo o aspeto daquelas câmaras.

Começámos a subir as colinas na

direção de Betânia.

É sempre a mesma vista; estéril, o chão de rocha, coberto de pedregulhos acumulados, a terra estratificada em redor, um poço que cai em ruínas, uma oliveira que estende a sua sombra na colina, é sempre a mesma decoração.

Subida áspera, fatigante, e a imensa luz sobre tudo.

Betânia é uma aldeia de pequenas ruínas, de casas onde ainda se habita. Paredes soltas, muralhas isoladas, é o aspeto; tudo pequeno, estreito, miserável. Ainda assim é habitada.

Um velho sírio adianta-se logo gritando, desde o limiar de uma porta, para nos mostrar o túmulo de Lázaro. Desce-se uma escada aberta na rocha até uma caverna escura, sepulcral.

A tradição é constante.

E são talvez aquelas, na realidade, as escadas que Cristo desceu seguido da multidão para falar a Lázaro e chamá-lo [...]

Ali viviam Marta e Maria. Ali vinha Cristo, às vezes, durante a noite. Dali partiu para fazer a sua entrada em Jerusalém.

Era uma pequena casa, decerto como são as de hoje, de pedra, quadrada, tendo uma palmeira à porta, ou uma figueira.

Ele entrava, sereno, e vinha durante as noites suaves sentar-se sobre o terraço, conversando com Lázaro, com os apóstolos mais queridos, à claridade das estrelas. Dali via Jerusalém, o vale do Cédron, que era o seu caminho para

Betânia, a montanha do Moab, e o Jordão no fundo do horizonte onde Ele tanta vez encontrou João.

Era ali o lugar querido de Cristo, o seu lugar íntimo. Ali repousava [...].

Aquele lugar, com efeito, é sereno; uma vegetação de figueiras, de oliveiras, terra mais fértil, com ar de frescura, toma-se um descanso no meio dos áridos arredores de Jerusalém.

De Jerusalém para Betânia sobe-se ainda por entre as pequenas colinas até que se chega à mais alta elevação.

Dali domina-se a imensa paisagem evangélica. Vede [...] Crianças cercam-nos enquanto nós olhamos e seguem-nos durante muito tempo. Surge um, com belos olhos vivos, inteligente, e falando faz um doce ruído e uma companhia feliz. Duas

pequenas dardejam sobre nós com curiosidade a luz admirável dos seus olhos sírios.

Lembram-nos aquelas crianças que pela aldeia seguiam a doce figura de Cristo.

***

Quando voltámos a Jerusalém a noite caía, passámos diante dos muros de Gethsemani, fechado como um quintal de cidade.

Começámos a descer para Jerusalém. As ravinas estão cheias de sombra; o céu está rosado.

A planície ao escurecer toma um aspeto mais profundamente triste e o vale de Josafat está cheio de trevas, a sombra

das muralhas de Jerusalém confrange e aterra.

Ouvem-se apenas os surdos passos dos cavalos.

Eu olhava, como para um porto de salvação a meio daquela noite, para uma estrela que aparecia [...]

5 — Belém

Hoje, pela manhã, visita a Belém.

Sai-se pela Porta de Damasco, deixa-se o caminho de Jericó e do Mar Morto e entra-se na estrada de Belém. É uma verdadeira estrada primitiva, áspera, às vezes, quando sobe pelas pequenas colinas pedregosas. Outras vezes há carreiros perdidos na planície estéril.

O dia está levemente enevoado, um dia da Judeia em que a luz por vezes é triste. A paisagem é a das colinas de Jerusalém. Uma terra seca, queimada, rapada, oliveiras espalhadas tristemente pela encosta, um pedaço de graveto descarnado e que aparece de repente como um osso branco na anca rasgada de

um cavalo.

A estrada, àquela hora matinal, é povoada; encontram-se os camponeses de Belém que vêm para Jerusalém. A maior parte são mulheres que vêm vender frutas e legumes.

Belém é a mais fértil, a mais cheia de água, a mais coberta de arvoredo de todas as povoações evangélicas que cercam Jerusalém.

As mulheres trazem a túnica azul apertada à cintura, uma espécie de albornoz vermelho por cima e, pendente da cabeça, o grande manto branco que as encobre.

E na tradição, nos quadros dos pintores primitivos e rudes da Meia Idade, é assim o vestuário da Virgem.

As grandes filas de camelos

impedem a estrada, é necessário tomar pelo atalho por onde vêm os árabes de Belém nos seus burros, com as pernas pendentes, os olhos perdidos, abanando monotonamente a cabeça e acariciando as contas do rosário.

Os burros são pequenos, com o olhar doce e triste. Nada tão simpático como aqueles pequenos animais doces, fiéis companheiros, sempre carregados, sóbrios, trotando com um passo diligente e paciente.

A meio do caminho há um poço baixo, de pedra, na estrada; indica, dizem as legendas, o lugar onde a estrela que tinha vindo guiando os reis do fundo da Ásia desapareceu, mostrando na sua última claridade as linhas brancas de Belém.

Mais para diante, debaixo de uma construção turca, pesada e grosseira, jaz o túmulo de Raquel, poética lembrança da Bíblia, figura suave que é a Beatriz da poesia bíblica.

Muitas vezes os olhos de Cristo pousaram sobre aquele túmulo branco erguido na planície.

Ali repousava sempre quando vinha no caminho de Belém.

É um espaço estéril e triste o que daí se vê, e os pensamentos devem ser mais abstratos e mais das coisas do céu do que das realidades humanas.

Como Raquel estivesse prestes a morrer e em grande aflição, asseguraram-lhe que teria o filho. Então morreu sossegada, e Jacob ergueu-lhe um túmulo no caminho de Efrat, que é Belém.

Samuel disse a Saul quando o ungiu: «Quando hoje te afastares de mim, acharás dois homens ao pé do sepulcro-de Raquel.»

É este sepulcro ou o edifício que o cobre que hoje vimos de longe na extensa planície.

Dali a pouco aparece Belém, com as suas casas pitorescas e altivamente perfiladas na colina desenhando fortemente a sua linha no fundo do céu [...].

Belém é, como todas as vilas orientais da Síria, um agrupamento de casas, grandes cubos de alfas paredes, cortado por ruas estreitas, calçadas de pedra.

O tipo de gente é belo, sobretudo o das mulheres. Vimos passar algumas.

Todavia, pela maior parte, são velhas enrugadas e carcomidas.

Belém vive de fazer cruzes e rosários, explora o Monte das Oliveiras.

Vimos a Igreja da Natividade — a mais antiga da Cristandade.

Magníficas colunas sustentam a nave, restos de mosaicos bizantinos sobre fundo de ouro, um teto de cedro ingenuamente disposto em traves nuas, um voo constante de aves que gritam e tornam a velha igreja toda sonora; é tudo quanto vê a piedade dos peregrinos.

Dentro, porém, na parte da antiga casa que foi separada da igreja por um muro, estão os altares, e todos os altares subterrâneos sobre os lugares onde a legenda coloca o nascimento de Cristo.

O próprio lugar do nascimento é

marcado por um mármore que cobre a aspereza da rocha e onde está uma estrela de prata tendo no meio um pedaço de pedra incrustado, para que os peregrinos depositem ali os seus beijos piedosos.

No momento em que entrávamos celebrava-se em rito arménio.

Como em todos os sítios que têm em si tradições evangélicas, este é ocupado pelas comunidades cristãs. No entanto, em parte alguma elas vivem numa hostilidade mais profunda do que ali. Latinos, arménios, gregos, cheios de genuflexões, mostrando piedade, detestam-se.

Aqui mesmo junto do altar, onde está o lugar do nascimento, onde a toda a hora rezam, onde a cada momento celebram a humildade daquele nascimento

divino, onde os incensos, as luzes, os cantos se misturam; onde rojam as suas barbas grisalhas na abnegação e na humildade, ali mesmo há sempre o receio, ou está-se em vésperas de contestações violentas e materiais. Duas sentinelas turcas bocejam, encostando-se ao altar, sujos, amuados, enfastiados, desmoralizados, espetando o momento em que tenham de separar os [...] de Jesus Cristo ao empurrão e à coronhada.

As grutas em que há legendas estendem-se num grande espaço.

Ali está a gruta de S. Jerónimo e o seu sepulcro, ali vivia aquele homem forte e poderoso — como Paula —, ali escreveu as páginas inspiradas da sua teologia espiritualista. O seu túmulo é uma pedra lisa onde ardem lâmpadas.

Que pensamentos encheriam aquele vasto cérebro tomado dos mistérios divinos, quando, à volta do largo caminho de onde contemplava Jerusalém, o vale de Umm, a poderosa estatura do Monte Sião, ele voltava à gruta escura? Quantos pensamentos, destes que nem se escrevem nem se explicam e que são a forma misteriosa dos prazeres da alma?

Quando saímos da igreja uma nuvem de crianças cercou-nos para lhes comprarmos rosários. E ali havia lindos rostos orientais, olhos de uma admirável inocência luminosa. Um, sobretudo, vestido como S. João e falando o francês do bulevar [...], com uns grandes olhos claros como o céu, inquieto como Mercúrio, todo alma, vivacidade,

penetração. Nada tão esbelto, tão privilegiado, tão suave, tão gracioso, e o gesto com que ele nos apertou a mão foi admirável.

Compreende-se quanto a raça é espontânea, viva, bela, completa, e quanto o meio em que se desenvolve, as dificuldades, as misérias do trabalho, os horrores da vida social, os disformam, os comprimem, os abafam, os imobilizam no fatalismo e na indiferença.

A criança é esperta, é viva e livre, talvez concentrada, como o pai, como todos os pais desta longa planície da Judeia e da Galileia.

Não poderão este ano ceifar o seu trigo porque o Governo turco lhes pede mais do que todo o seu trabalho lhes dá. É mais o que lhes pede o xeque do que o

que lhes dá a terra.

Que criança Deus criou, que homem faz o paxá!

Como era sexta-feira, dispunha-se o pessoal a fechar, porque nesse dia, segundo as crianças, o que entra é inimigo do Turco!

Foi num galope violento que voltámos a Jerusalém, para poder ainda entrar pela Porta de Jafa.

É admirável correr sobre um nobre animal, cheio de fogo e de brio, por aquelas planícies sagradas, entre o cortejo vivo da Bíblia, avistando os pobres camponeses que voltam a Belém, e os santos ulemás que passam nas suas muares, vendo a cada momento aparecer para além do Hinon as muralhas escuras de Jerusalém.

***

À tarde, fomos ver os judeus chorar sobre as ruínas do Templo.

Ao comprido da longa e majestosa parede que é feita com as velhas pedras do Templo de Salomão, e cuja estrutura poderosa tem um aspeto de imortalidade, vão eles chorar todas as sextas-feiras.

Desce-se por umas ruas estreitas quase desertas. Chega-se a um largo, limpo, liso, polido pelos pés e pelos paus de muitos homens.

Um quadrilongo estreito cercado por duas muralhas; uma, a muralha baixa, caduca ainda que moderna, como de um campo na aldeia a outro que lhe fica defronte; e a velha muralha de Salomão.

Encostados à parede do Templo estão os judeus rezando, chorando, soluçando. Os homens ao princípio da muralha, as mulheres ao fim.

Os homens rezam em bicos de pés, com a face quase colada ao muro, abanando fortemente a cabeça como para a esmagar contra a pedra.

As mulheres, com a cabeça coberta com o manto, abandonadas em atitudes de oração, choram.

De toda a fila extraordinária sai um murmúrio de oração dita rapidamente e de lágrimas [...].

Os homens vestem as túnicas de seda ou de veludo, forradas de peles, e os barretes de veludo negro com diademas de peles eriçadas como uma coroa de espinhos.

As suas figuras magras, atormentadas, agudas, cheias de barbas opacas, têm um ar sombrio debaixo da fímbria daqueles barretes. Os velhos têm belas figuras de avarentos, lembram o velho Shylock na peça do Rialto.

Aquele é ainda o judeu da Meia Idade, holandês, espanhol, veneziano. É o mesmo vestuário, o mesmo olhar ávido, assustado, a mesma contração dissimulada das feições, a mesma atitude de desconfiança. Debaixo disto tudo transparece a atividade, a avidez do ganho.

Chegam apoiados no seu bordão, arrastando-se, tremendo de velhice debaixo de amplas roupas forradas, com o livro na mão, o olhar penetrando tudo.

Aproximam-se da muralha,

beijam-na, apoiam a cabeça, estão uns momentos em contemplação; depois, com os olhos sobre as páginas do livro, abanando a cabeça num movimento automático e vertiginoso, começam a murmurar numa voz rápida e aguda as palavras ásperas, guturais, duras, de um salmo ou de uma lamentação.

Nada tão pitoresco como aquela linha de figuras, enfileirada, colada à muralha com os movimentos iguais e fazendo mover rapidamente aquela hirsuta coifa de peles que lhes cerca o barrete.

Alguns olham para trás, falam rapidamente para os que chegam e continuam violentamente a sua oração.

Às mulheres mal se lhes vê o rosto [...] Trazem grandes livros com iluminuras e carateres, cheios de arabescos.

Estão com a cabeça coberta, deitada nos braços, soluçando, absorvidas nas suas orações, de vez em quando beijam a muralha, voltam-se para olhar — e vê-se-lhes os rostos vermelhos, grotescos, enrugados [...] lavados por lágrimas.

Não há ali nenhuma devoção, nenhum êxtase. Tudo artifício.

Ao princípio faz pena ver aqueles homens que não têm pátria e choram sobre o que foi o centro das suas ideias, da sua vida, da sua religião — mas diante do grotesco, toda a compaixão cessa, analisam-se os tipos: este magro, aquele gordo, ainda aquele grotesco [...]

6 — Passeio a Gethsemani e pelos Vales do Cédron, de Josafat e Siloé

O Jardim de Gethsemani é hoje um espaço fechado por quatro muros — dentro deste quintal umas ruas alinhadas, um gradeamento de madeira pintado de verde fazendo compartimentos baixos Todas as pedras, todas as ervas expulsas, os pequenos pedaços de rochedo caiados. Há canteiros de alface, de couves, de salsa [...]

Dois frades cultivam aquele jardim, aparam as árvores, aplanam as ruas, rezam e dormem. Um, à porta, faz a sua sesta entre quatro velhos árabes

embrulhados nos seus albornozes.

[...] espalhadas estão oito oliveiras, velhas, caducas, rugosas, têm o tronco quebrado, cheio de cavernas e de nós, uma pequena folhagem faz-lhes em cima uma coroa verde-pálida.

Goza-se ali de uma doçura notável, de um grande silêncio.

Defronte a muralha de Jerusalém correndo entre o monte e o imenso bairro habitado pelo Turco.

O Sol descia para trás do Monte de Sião quando eu ali estive.

As oliveiras estão cercadas de murozinhos de pedras. Nas suas concavidades põem tábuas, utensílios de carpinteiro; são armários naturais. Os gatos dormem ali. Algumas são tão velhas que as amparam com pedras.

***

Quando se vai do Jardim de Gethsemani desce-se por um caminho bordado ainda daquelas velhas oliveiras [...] até ao vale de Josafat.

O Monte Moriah está defronte, erguido a pique. Vê-se em cima a muralha do templo. Um pequeno, breve caminho, sobe pela colina até à Porta de Ouro fechada, abandonada.

Junto ao túmulo de Absalão, cheio de pedras, que lhe atrai o ódio tradicional aos Judeus, e ao túmulo de Zacarias, assassinado no templo, uma pequena ponte de pedra está lançada sobre a torrente do Cédron.

O Cédron está seco — o seu leito

também cheio de pedras, de cascalho, de ramos e de esqueletos, de grandes vértebras de camelos.

Um cão às vezes passa, fareja aqueles restos de ossos.

Vai-se caminhando assim pelo vale de Josafat, tendo-se sempre à esquerda os cemitérios judeus, pedras alongadas lançadas vagamente pela colina, em profusão; à direita o Cédron seco, os Montes de Moriah e as muralhas de Jerusalém que se esvaem em cinzas [...]

***

Do alto do minarete da Igreja da Ascensão domina-se todo o país do Evangelho. Está-se no centro do Monte

das Oliveiras, vasto espaço conservado ainda. Em volta de construções modernas e brancas estão oliveiras de troncos baixos [...] são antigas, rugosas.

Defronte, sobre os Montes Sião e Acra e sobre o Monte Moriah, assenta Jerusalém.

O aspeto é triste mesmo sob este esplêndido sol.

O templo, a Mesquita de Ornar, ocupam um grande espaço. A Mesquita parece ser o centro misterioso de toda aquela região de colinas. A sua enorme cúpula ainda banhada pelo sol a estas horas tem uma altiva figura. Tudo em redor, como fazendo-lhe cortejo, as casas de estuque, vastos cubos picados de pontos negros, agrupam-se subindo o Monte Sião, como um rebanho.

Entre esta multidão de casas aparece a extremidade da cúpula do Santo Sepulcro.

Nada tão belo como o pátio onde assenta a Mesquita de Omar, que era o lugar do templo, branco, aberto, claro entre aquela espessura de casas escuras.

Ao fundo o Monte das Oliveiras, este estéril, lívido, coberto de raras oliveiras; o vale de Josafat — sempre cheio de sombras — parece um caminho misterioso.

Por fora da porta foi o acampamento dos cruzados. Em baixo, verde e melancólico, Gethsemani, e do lado oposto o vale do Cédron, triste. [...] Por ali passou Cristo, na noite da Ceia, para ir a Gethsemani.

Para além do vale do Cédron a

planície ondula infinitamente até ao Mar Morto.

Veem-se pedaços de ouro eternamente imóveis luzir ao sol.

Mais longe são as montanhas do Moab, cheias de cores rosadas, parecendo de mármore. Além, à esquerda de Jerusalém, é o Monte do Mau Conselho. É um corcovo estéril, seco, hostil, onde se ergue uma estranha árvore, solitária, que tem a aparência de um esqueleto. Era ali a casa de campo de Caifás, onde se deliberou matar Jesus.

Veem-se sobre a colina as estradas que levam a Damasco, a Jafa, a Jericó. Para o fundo é o deserto da Judeia.

O Sol põe-se — troféu cheio de setas —, uma nuvem melancólica enche a planície, a grande sombra alarga-se. O

verde torna-se profundo — os tons das montanhas acentuam-se —, parece que se vai preparar um mistério e que vão sendo horas de acender a tocha de Judas.

7 — Convento Abissínio

Pátio interior quadrado, decrépito, miserável. Figuras em andrajos, encostadas às paredes, acocoradas numa imobilidade fatalista. Uma oliveira retorcida, cortada, de onde estão dependuradas duas lanternas quebradas, sobre uma espécie de terraço cheio de todos os destroços, de tomates que secam, de cacos, de cascalho.

É, dizem, o lugar onde Abraão quis sacrificar Isaac.

O que hã de notável é o tipo abissínio [...] é negro.

A entrada deste convento, uma coluna metida na parede, coluna tosca: dizem ser o lugar onde Cristo caiu uma

vez.

8 — Convento dos Arménios

Tem riquezas admiráveis de detalhe. Portas que dão para o lugar onde foi decapitado S. Tiago, com embutidos de nácar em madeira preciosa. Os mosaicos em preto e branco e cor de opala são lindíssimos.

Ao lado do altar o retrato do imperador Constantino, figura inexpressiva com longas barbas.

Um belo padre com um capuz negro que lhe cobre o rosto de sombra, onde luzem as grandes barbas brancas, coberto com um manto azul cheio de estrelas, oficia, cantando, num ritmo modulado, as orações [...]

Velhas figuras de fiéis de

fisionomias homéricas pela altivez do perfil e pela majestade da expressão, escutam, fazendo cruzes sobre o peito com um gesto misterioso e beijando sucessivamente o chão, todos prostrados e como perdidos na adoração.

Crianças alegres brincam, correm sobre o tapete de Meca que cobre a igreja.

9 — De Jerusalém ao Mar Morto

Depois que se passa Betânia e todos aqueles caminhos pedregosos e escabrosos, asperamente rasgados no declive da colina, começa-se a entrar no deserto de Judá.

Ao princípio ainda a vida se pressente. As ruínas de uma fonte reúnem em sua volta pastores beduínos.

Um pobre lavrador luta com a áspera esterilidade da terra.

No alto um pastor está imóvel cercado do seu rebanho, com a grande capa às riscas traçada majestosamente; um árabe do deserto passa a cavalo, mulheres

caminham sob o peso de molhos de lenha. Os corvos voam nos vales sob a luz com resplendores metálicos de aço.

Ali a tristeza tem aspeto de nobreza. É nobremente lúgubre.

O caminho sempre estreito parece uma tira arrancada ao imenso dorso das colinas, tantos os farrapos de terra, de cores, as escabrosidades. Sobe, enrosca-se sobre os despenhadeiros a pique, estende-se pelos vales suaves, sempre na infinita ondulação daquele deserto.

Os montes sucedem-se enchendo o horizonte, inchados, enormes, fazendo resplandecer o seu imenso ventre rapado a toda a forte vibração da luz.

Um desponta como seios, descendo entre eles um pequeno carneiro esguio eriçado de tojo e cheio de pedras,

que é, no inverno, um leito de torrente. Outros prolongam-se cheios de pregas como o ventre de um animal que se dobra. Algumas vezes vai a pique e a direito para o desolado fundo da ravina. Outros convergem como dorsos concentrados ou mãos juntas de homens em círculo que se estendem num juramento.

Às vezes um monte está cheio de pequenas colinas e parece o assento de uma poltrona acolchoada.

Caminha-se até ao Mar Morto naquela eterna ondulação. O horizonte está cheio daquelas ancas hostis.

A superfície das colinas, escalvada, rapada, é às vezes vagamente escura, com tufos de uma vegetação baixa que de longe tem o aspeto de bolor. O seu cume uniforme dá às nossas almas um

peso triste. Nenhuma árvore, nenhuma ruína, nenhum penedo corta com as suas linhas quebradas a lúgubre monotonia daquele horizonte.

Nem água, nem sombra, nem cores suaves, nem ruídos.

O silêncio absoluto.

A lomba curva e cheia ondulando a perder de vista nos largos espaços do deserto. Uma pedra calcária, branca, resplandecente de vibrante luz metálica.

Uma forte reverberação que vem do dorso das colinas. O imenso céu azul de uma força implacável, tal é aquele cume do deserto. Agora, nem as grandes sombras acidentadas, nem a áspera vegetação das ravinas, nem os fraguedos duros que rasgam a terra como ossos quebrados. A superfície lisa, lívida,

abaixa-se, incha como a ondulação da água e assim vai fugindo para o infinito e largo horizonte.

Às vezes um monte é mais duro, mais a pique, as pedras têm já uma violência que faz sensação. Mas bem depressa a eterna linha retoma o seu aspeto. A terra parece mole, friável, veemente de brancura calcária, ao sol.

O aspeto cansa e fatiga e aquela serra assim [...]

10 — Mar Morto

A imensa água estende-se até ao horizonte profundamente azul, pespontada de luz de ambos os lados, como fazendo-lhe uma margem infinda: de um lado a montanha da Judeia, do outro, o Moab estende-se à esquerda.

A luz suave [...] cada vez mais diáfana [...] a rocha visível aqui e além, no fundo luminoso de vaporosa e subtil transparência.

A água do Mar é amarga e cáustica.

Para trás estende-se o grande vale do Jordão.

Ao fim da planície começa a pisar-se uma vegetação seca, queimada,

espalhada em tufos. Encontra-se um braço do Jordão que faz um desvio pela terra dentro, pela areia, cortada nesse lugar a pique, desaparecendo depois entre a vegetação.

As margens por onde se chega são cobertas de árvores, de estevas, de juncos. Aquela vegetação tem um aspeto estéril de queimada, de seca, que lhe dá uma diafaneidade, uma transparência extraordinárias, e sobretudo um tom de verde-pálido.

Essas margens são ainda cortadas a pique e para além das duas fitas de vegetação polida [...] o deserto, a escura e desolada planície de Acre. Escondido assim entre a folhagem, perdido na baixa, avistado, às vezes, apenas por trás da ramagem, pelo brilho da sua água, o

Jordão tem um profundo mistério.

Duas coisas se tornam dignas de atenção [...] a recordação evangélica e a inesperada frescura.

Depois de se atravessar aquele largo deserto da Judeia e a planície do Mar Morto, os murmúrios da água, o correr monótono da corrente, tudo lhe dá um encanto extraordinário. No sítio em que estamos o Jordão faz uma das suas inúmeras curvas, vê-se azul apenas como um lago. No entanto a vegetação encobre o lugar de onde ele vem, e oculta a continuação do seu caminho para o Mar Morto.

Umas águas turvas passando largamente sobre as pedras soltas, o ruído do lento correr com um murmúrio monótono, tal é o Jordão nesse sítio. Em

volta os juncos com vegetação pálida e rara — a areia estéril...

O murmúrio sobre as pedras é o único ruído.

A hora do pôr do Sol é admirável, e aquele imenso espaço de água de uma serenidade inconcebível.

É bem este o lugar de refúgio, de oração, de tristeza de S. João.

Compreende-se quantos doces pensamentos devem nascer da contemplação das suas margens. Vaguear ali deve ser um sonho para os espíritos repelidos pela aspereza da Judeia.

Vê-se que, colorido de doçura, o Jordão devia ter dado aquelas ideias [...]

As vegetações refletem-se na água, e a água corre, a luz finda docemente como um justo, e depois da

fadiga da jornada uma doce melancolia penetra o ser nervoso. Em que qualidade entrou ele para o cristianismo, pela impressão que fez ao fundador, quem o sabe? Quem sabe se é ao Jordão e às suas margens, doces no meio da aspereza de tudo, que o Evangelho tem aquela doçura de aurora?

Aqui, só palavras doces deviam ter inspirado Cristo. Não é como a aspereza das pedras que às vezes lhe arrancava palavras amargas.

O nosso beduíno faz as suas orações — e lava-se no Jordão.

A saída do Jordão — esplêndido quadro.

Começa-se a entrar na terra seca, esbranquiçada, salpicada de ervas, estende-se pelo largo horizonte, limitado

pelas montanhas do Moab e da Judeia — enormes muralhas daquela *rua* onde o Jordão corre, o Mar Morto dorme.

O Sol vai a descer por trás de grandes nuvens escuras [...] detrás delas os raios do sol aparecem [...] semelhando um troféu. A luz espalha-se pela imensa planície, débil, quebrada [...] o monte de areia branca tem uma cor verde, as montanhas do Moab estão cor-de-rosa, como uma rosa, de uma delicadeza de tecido vivo e suave.

As cores são as mais puras, as mais suaves. A areia tem uma cor pálida, o ar está melancólico, de uma serenidade profunda.

Um silêncio absoluto reina.

O imenso céu foge a profundidades infinitas. As coisas são

belas, têm uma atitude virginal. Tudo é espontâneo, livre, divino.

Entre as serras pasta um rebanho de camelos brancos. Sobre a colina destaca-se a figura altiva de um pastor árabe.

Camelos pequenos, correndo com as mães, pesadas, enormes — descem a beber ao Jordão. O pastor montado num camelo escuro segue atrás, com a sua grande lança erguida no ar.

O balar áspero dos camelos dá um som próprio àquela paisagem. É uma cena primitiva. A areia que todos pisam dá o caráter oriental, profundamente original.

O espaço é imenso, cheio de liberdade e de ar. Não se vê uma casa, nem uma cabana. Há um ar sacerdotal no céu e na terra. Sente-se um solo sagrado.

Lembra os primitivos pastores [...] caminhando àquela hora ao comprido do rio trocando ideias e símbolos, dizendo das águas, do voo inesperado das aves.

Tudo é majestoso, vasto, sereno. A luz tem já uma sombra que começa e dá a tudo aquilo um ar de solenidade.

Tudo é simples, há um recolhimento na grande natureza. Os montes têm cores que parecem expressões, rosados que parecem rubores, sombras que lembram tristezas.

O passo lento dos camelos, a terra branca, aqueles animais em filas, em rebanhos inumeráveis, as figuras misteriosas dos pastores, a areia imensa, a linha escura da verdura do Jordão, o Sol que se põe, a nuvem dourada [...] o infinito sossego, a vida natural, fazem um

quadro encantador.

Continua-se caminhando sempre na planície, que se estende infinitamente.

Era o caminho dos Israelitas para Jericó.

A noite desce. O imenso céu é ainda alumiado, as estrelas brilham.

Compreende-se, naquela imensa solidão escura, o árabe poeta namorado da sua estrela [...]

11 — Danças diante das Tendas em Jericó

As mulheres, depois de se alinharem em círculo, começam uma melopeia áspera e monótona, mas jovial, enquanto duas, no meio, giram, com os braços erguidos, sustentando alfanges dos beduínos.

O aspeto é pitoresco. São mulheres quase negras com pinturas a carvão na face — cheias de anéis de prata, de cadeias de onde pendem grandes placas redondas.

Os vestidos, grandes camisas azuis, arrastam pelo chão.

Nada tão miserável, tenebroso,

bárbaro como aquela multidão. As feições devastadas, imundas, carregadas, olhos negros, acesos, os cabelos uma guedelha hirsuta. As velhas, cheias de rugas, com os seios pendentes como sacos vazios, fazem contorções, gritando.

Aquelas filas de mulheres vestidas de escuro, negras e miseráveis com todas as nódoas da desgraça e da miséria, cantando numa voz rouca e gutural uma canção monótona, têm o quer que seja de horroroso que fere.

12 — O Círculo de Cabeças

Os olhos luzem, os dentes brancos alvejam, os cabelos em grenha pendem no meio de argolas e de cequins, esfarrapados, aos lados das faces cheias de rugas, de pinturas [...].

Crianças que se arrastam pelo chão metem a cabeça por entre o círculo de mulheres com umas fisionomias selvagens.

A dança é monótona. As duas mulheres giram constantemente enquanto as outras cantam. As figuras escuras destacam-se sombriamente na noite. Os olhos luzem em redor, o grito gutural cai como um pêndulo, e no meio, com os vestidos ao vento, as bocas abertas num

hiato selvagem, as mulheres giram entre os lampejos dos sabres.

Algumas acompanham a dança com um gluglu bárbaro.

É uma dança selvagem de povos guerreiros e que não tem nada da delicada fantasia árabe. Assemelha-se mais à dança índia.

A dos homens é a mesma. Em torno do círculo dois homens dançam com o sabre em punho. Parece ser a representação de um prisioneiro que vai morrer e procura defender-se do vencedor em combate.

O círculo é belo — as altas figuras dos beduínos coladas umas contra as outras com os albornozes às riscas, as expressões irritadas, em permanente provocação.

As listas dos albornozes, brancas e negras, assim usadas como uma muralha — fazem um belo efeito na noite.

O Dar-Caïd, de barbas brancas, volteia com o sabre erguido.

Os cantos, no círculo, têm uma toada gutural, monótona e fúnebre, que volta, sempre repetida. Acaba por causar susto aquele gemido repetido.

Outras vezes é um canto igual ao das mulheres. Batem as palmas inclinando a cabeça como quem avança.

O xeque, majestosamente embrulhado no seu albornoz, olha com a sua bela fisionomia pensativa.

A noite está povoada de estrelas. A planície em redor. Na sombra, as nossas tendas parecem bonecos de neve luminosa, na noite.

Os chacais uivam, o canto monótono dos árabes espalha-se e de vez em quando o dragomano dá um tiro que incita o ardor dos que dançam.

***

A colina sagrada de Galgala onde acampou Josué é assim o lugar de danças [...]

Os cavalos em círculo [...] tristemente.

As tendas branquejam, vagamente [...]

Alta Síria

Chegámos a Beirute.

O Monte Líbano aparece-nos logo descendo em declive até ao mar. Beirute é uma meia-lua, que assenta, também, junto ao mar.

Sobre a sua superfície correm, elevando-se ao centro, deprimindo-se nas extremidades, as largas casas de pedra amarelada, esburacadas de profundas janelas, entremeadas de tufos de árvores que têm uma graça inexprimível para quem vem da áspera planície da Palestina.

O Líbano está coberto de névoas que se arrastam em farrapos inumeráveis.

Um céu enevoado pesa sobre a rua. A chuva cai monotonamente. A Alta

Síria aparece-nos sob o seu aspeto invernal e desolado.

Foi com a maior tristeza que desembarcámos em Beirute [...] Os lugares mais belos, mais cheios de legenda, mais profundamente comovedores, têm naquela decoração invernal uma igualdade monótona.

Em Beirute, como em Jafa, não há porto — o largo mar vem roer as pedras do primeiro cais. Dentro, há uma enseada insignificante, que tem por entrada duas velhas ruínas, como os limites fantasticamente decrépitos de uma porta do mar.

E a câmara de água é serena; ali agrupam numa multidão pitoresca os pequenos botes.

Desembarca-se dando-se um pulo

para uma espécie de terraço, coberto de um toldo e ocupado por outra multidão ruidosa e violenta. É a Alfândega. Ali grita-se, empurra-se, ralha-se, os árabes entrechocam-se.

O nosso primeiro conhecimento em Beirute foi o de um pequeno dragomano de dez anos, Ibrahim Adad, de Damasco. Tem uma preocupação exclusiva, o catolicismo. O pai e a mãe foram mortos nos massacres de Damasco e do Líbano.

A questão religiosa, os massacres, são ainda ali uma ideia predominante. Druzos, maronitas, cristãos, judeus, muçulmanos, todas as seitas, todas as crenças e todo o imenso imbróglio sinistro das religiões da Síria, preocupa a imaginação daquelas raças. O ódio não

tem manifestações violentas, mas tem razões ocultas. Ibrahim tem por profissão odiar os Turcos. O Turco é o seu terror e a sua preocupação.

Pediu-nos imediatamente para ser protegido pelo consulado. Tremia com todo o terror de uma criança ou mulher do serralho. Quer ser padre. Falou-nos de um paraíso resplandecente e distante, onde se passeia sob grandes áleas, comendo os frutos, vendo a face dos justos luzirem como estrelas.

É ainda a raça oriental na sua poderosa imaginação sensual que trespassa todo o espírito cristão.

Tem uma grande admiração pelos frades da montanha, e pelos fortes que se batem e morrem bem.

A beleza de Beirute é o Líbano.

Beirute é uma larga cidade, de ruas lamacentas — ladeadas de paredes esbranquiçadas, feitas de pedra solta, que luz ao sol ou se humedece à chuva, em toda a sua pálida aspereza.

As casas estão para além destas paredes baixas, elevam por cima delas as suas grandes janelas, janelas como portas góticas e cheias de arabescos com rosáceas.

Nenhuma casa tem a sua frente à beira da rua, encolhe-se entre a folhagem de pequenas palmeiras de vegetação delgada.

Dizem-nos que um canto da velha Beirute conserva uma fisionomia profundamente original e indígena.

É a velha cidade árabe com as casas sujas, estreitas, esculpidas,

trabalhadas, cheias de imprevisto, miseráveis pelo estado, esplêndidas pela construção, com os seus cantos negros, sombrios, onde se agrupam os velhos *mucharabiehs*.

Com as suas estreitas praças feitas como um quadro de costumes — largo espaço enlameado, cheio de destroços de camelo, onde a multidão colorida grita, fuma, ora, carrega os camelos, ou dorme ao sol.

Não vi essa parte de Beirute. A que vi tem ruas estreitas, cheias de casas europeias, ou antes «francas»; não aquela monotonia das *squares* de Alexandria, mas sem a graça pitoresca das ruas árabes.

Como está junto do mar, as suas ruas aparecem-nos sem fim, no fundo o

azul da água e do céu, levando-nos por caminhos misteriosos e poéticos.

No hotel em que estamos as ondas vêm-se esmigalhar nos penedos que há junto do terraço.

Umas casas pitorescas assentes em estacas na água perfilam-se com graça e caráter sobre a água espumosa [...]

Logo na manhã seguinte fomos principiara nossa exploração do Líbano. O inverno começara, a chuva também. As tempestades nas montanhas são terríveis.

Os cedros achavam-se já debaixo da neve. Tínhamos de nos limitar aos lugares da serra, vizinhos de Beirute, sem poder penetrar nos cimos históricos e nas gargantas profundas do interior, cheias de neve.

Horas depois de chegarmos,

montávamos a cavalo em direção de Nahr-Al-Kebb, rio que corre entre duas passagens formidáveis da montanha. O dia continuava cheio de névoa, de frio, de chuva, de pesados ares.

Para ir a Nahr-Al-Kebb caminha-se sempre junto da beira do mar. O areal estende-se cheio de poças de água. As montanhas não se veem, encobertas [...] umas ruas desoladas cheias de lama, de escuridão, surgem ao pé de nós.

Temos bons cavalos sírios, que galopam formidavelmente na areia, quase na escuma das ondas.

Nahr-Al-Kebb corre numa garganta feita por duas enormes serras de granito que vêm até ao mar. É sobre elas que o mar quebra com um ruído desolado, de música plangente, devido ao eco das

cavernas que se abrem nas rochas.

Entre as duas serras, o rio corre ruidosamente sobre as pedras largas, cheias de vãos húmidos, escuros. Ao fim do areal começa-se a subir o monte, o primeiro, o que fica do lado de Beirute. O caminho, ao começo áspero, em declive, corre depois em cornija sobre os rochedos acima do mar.

Ouvem-se as ondas quebrar, em baixo, num precipício pavoroso. Nada tão lugubremente belo como aquela paisagem.

A rocha é valente, dura, altiva, cheia de cavernas, de precipícios, de incoerências, vertiginosamente despedaçada.

Defronte, a outra serra de pedra que se vai contornando até se prender às primeiras elevações do Líbano destaca

formidavelmente, no céu enevoado, o seu belo perfil.

O rio corre no fundo. Junto ao mar os dois montes alargam-se, dão como uma passagem ao rio, fazem a condescendência de uma planície de seis a doze metros, mas recomeçam logo a juntar-se até que o rio, entalado entre as duas enormes ancas de pedra, tem um aspeto triste, mudo, lívido.

Das fendas das rochas escorre água. Vegetações raras, como restos de cabelo arrancado, pendem ao comprido das duras dilacerações do penedo.

O mar estende-se sob a chuva e o vento numa inquietação atormentada e atira a sua escuma ao rochedo. Nada tão áspero, tão solitário, tão bárbaro como aquele lugar.

O mar dobra, numa perpétua vindicta [...]

A rocha dá-lhe a desolação, a esterilidade, a dureza. A água o lamento eterno. Talvez com a luz, com a alegria do dia aquele lugar seja suave, fresco, no áspero clima da Síria, mas naquela ocasião, ao cair do dia, cheio de sombra, de neve e da vizinhança da noite, com o mar tempestuoso, a chuva monótona, a tristeza do vento, aquele vale solitário, eriçado de pedras, abafado entre os dois montes de rocha, implacáveis, tinha um aspeto infinitamente triste e poderoso.

Aquele lugar, hoje solitário e tenebroso, era outrora um lugar visitado.

Marco Aurélio construiu ali uma estrada. E pelo rasto dela, cheia de água, desconjuntada, esfolada, que nos

adiantamos, escorregamos, molhados, batidos de vento e chuva, puxando os cavalos.

Os antigos assírios por lá passaram frequentemente. Ainda hoje se veem nos rochedos baixos-relevos com figuras assírias. Os arqueólogos não sabem explicar esses sinais, impercetivelmente gravados nas rochas.

Era, talvez, uma antiga estrada, talvez um porto ali comunicasse com o interior do Líbano — em todo o caso, aquele sítio teve grandeza — hoje é desolado.

Era quase noite quando partimos para Beirute. A sombra fazia a noite na planície. Nada mais solitário. Tínhamos duas léguas de caminho ainda. Era necessário ir depressa.

O caminho, ainda que fácil, é tão cortado de poças de água, de riachos, de pequenos cotovelos que fazem as marés, que à noite, pelo escuro, aquela branca estrada é cheia de traição, de contratempos.

Por vezes disparávamos, galopávamos. A areia molhada é um bom chão, duro, firme, não abate à nervosa vivacidade dos cavalos sírios.

O pequeno Ibrahim, que era o nosso guia, corria, um pouco assustado com a sombra chuvosa que enchia o areal. Demais a mais trovejava, o que é triste na imensa solidão do mar — corríamos, por isso, freneticamente, corríamos na espuma que dá um som húmido, como de roupa das lavadeiras que se bate na água. Os cavalos, assustados pela cintilação da

espuma, pelo ruído do mar, tinham um correr vertiginoso.

A orla da espuma vinha salpicar-nos. E era fantástico ver aqueles três cavalos, quase no meio da noite, tornados sombras, galoparem através das ondas.

O cavalo do meu companheiro caiu, repeliu-o do selim deixando-o sobre a água.

Foi o começo dos desastres. Naquelas circunstâncias, a duas léguas de Beirute, no meio de uma chuva impiedosa, o único recurso era eu ir a Beirute com o guia, buscar um cavalo, e o meu companheiro ficar ali numa casa em ruínas, ou procurar alguma casa isolada, onde esperaria junto ao lume e debaixo de um telhado.

Foi nessa piedosa intenção e

alegremente que eu me adiantei para ver se avistava uma casa. O meu companheiro vinha atrás, montado com Ibrahim no mesmo cavalo.

Era então noite e a chuva caía com uma violência digna da Irlanda!

Ibrahim vinha em destroços. Tinha perdido o tarbuxe, os estribos, o guarda-chuva, o cofió. Vinha com a tristeza de uma ruína.

No entanto, eu adiantei-me tanto, deixando correr o cavalo, que me perdi. A noite era tão escura que eu não via o lugar onde estava. Sentia que era uma planície cheia de uma vegetação seca, áspera, baixa, que me impedia de caminhar. Parecia uma mata. O cavalo, assustado, começou correndo em todas as direções. Creio me levou para o lado da montanha e

aí achei-me completamente perdido na falda do Líbano, no mesmo dia em que tinha chegado à Alta Síria!

Então o cavalo, possuído de terror, começou uma carneira incoerente, absurda, mas cheia de vigor. Cavalo excelente, saltava sobre o mato, atravessava riachos, até que entrou como uma bala nas velhas ruínas que ali há. Saltava muros arruinados, fugia, aparecia à beira de uma poça de água, corria, voltava, relinchava, transtornado como uma criança perdida.

De repente, quando ele caiu desastradamente, senti-me na água salgada, rolar na areia, e perto o ruído das ondas.

No primeiro momento agarrei-me fortemente às rédeas do cavalo. O

excelente animal ergueu-se e achámo-nos com a cabeça fora de água.

Conseguimos sair, ajudado um pelo outro e molhados, eu puxando pacientemente, a escorrer, tendo perdido o chapéu, sob uma grande bátega de água que caía do céu, errei, ora pela planície, ora pelo areal, até que encontrámos uma casa cheia de árabes, onde depois de todas as dificuldades, de todos os inconvenientes de duas línguas que se chocam sem se penetrarem, consegui arranjar um homem que me trouxe lentamente a Beirute.

Daí a pouco o meu companheiro chegava, depois de ter caído, mergulhado nas poças durante todo o caminho.

E foi desta maneira que começámos a conhecer os caminhos do

Líbano.

***

Depois daquela tarde de temporal e de chuva, ao outro dia, quando subimos ao pequeno terraço, vimos sobre nós o mesmo azul do céu egípcio. Há sol, calmaria, calor, todo o clima do Oriente. Somente ao longe, por trás das primeiras serras, numa distância e numa altura poderosas, profundamente metido no vivo azul, o Líbano aparece coberto de neve.

Belo momento em que o vi, o velho monte histórico e sagrado, tendo sob a sua capa de neve o aspeto profundo da serenidade e da força.

Dali a pouco corríamos pela grande rua de Beirute para a montanha, em

direção de Deir Al-Kala, o ponto mais elevado do Líbano onde podíamos ir por aquele tempo de neve.

O dia está belo, as coisas na luz e banhadas por ela tomam o seu caráter, a sua individualidade, as suas feições. A chuva dá uma igualdade, uma monotonia lúgubres, a luz caracteriza.

Estes arredores de Beirute são de uma perfeita beleza. É toda a decoração suave e luminosa de costumes, de trabalho, de força, de fecundidade. Já não é aquela vegetação sombria do Egito — esta daqui é mais espiritualizada.

A palmeira aparece raramente. O cato ainda borda, às vezes, um bocado do caminho, com os seus muros eriçados de espinhos altos. A sua cor, mesmo, é de um verde doce, vivo, não metálico, áspero,

como para o Sul do Egito, junto ao Nilo, ou em terras do mar Vermelho.

E para além dos catos, vê-se aterra escura, húmida e fresca, tendo um cheiro a plantação. Sente-se a presença doce da relva. A água corre em pequenos regatos. Os campos têm paisagens de árvores, de sombra, de água. Há caminhos como nas aldeias do Minho, povoados de silvedo. Para além cultiva-se, rega-se, cava-se. As flores de cores delicadas, frescas, podem estar no balcão, num vaso, na cruel presença do sol. As casas aparecem feitas de pedra esbranquiçada, com que se constrói na Síria, os seus terraços lisos, bem ao ar, parecem areais, tendo árvores ao pé, eflorescências da terra.

É por esta terra de cultura que se

caminha para a montanha, ou junto a regatos de onde os bois olham com os beiços cheios de fios de água, entre árvores. Sente-se um forte cheiro a verdura húmida.

Hoje é domingo, encontram-se as mulheres cristãs maronitas a vir da missa. Vêm aos grupos com seus grandes véus brancos rendados, que lhes encobrem a cabeça, o busto, e caem sobre as pregas da saia. Os olhos são belos.

Sente-se o elemento da raça judia em certas durezas angulares do traço. O rosto descoberto resplandece de brancura.

Os homens, os moços, com a pequena jaqueta turca e as largas calças, vastas como amplas saias de mulher, presas no artelho, passam prendendo-se pelo dedo, devagar, olhando, serenos,

como convém naquele dia de repouso. São homens fortes, delgados, de estatura ágil e pronta, fortemente coloridos pelo sangue.

Sente-se ali a influência do largo mar, da forte montanha na constituição do corpo.

Durante muito tempo vai-se assim, ora entre catos, ora entre sebes, ora pela beira de um riacho, ora ainda por um caminho pedregoso, até ao pé da montanha, vendo sempre ao lado, ao longe, as culturas, a vegetação, as paredes baixas que luzem ao sol, as varas de um poço, as terras escuras lavradas, a cintilação da água, a espessura das árvores e o eterno azul do Mediterrâneo doce e luminoso.

Ali a terra já é acidentada, com a

vizinhança das serras. Os campos têm desníveis e degraus, os caminhos têm subidas e voltas pedregosas.

Quando começa a subida a cultura vai a acabar.

Logo ao princípio, a montanha é talhada pelo habitante em imensos degraus. Cada degrau é um campo.

Ali planta-se, sobretudo a amoreira, que estende os seus ramos em arabescos nevados.

A indústria é o bicho-da-seda. O bicho-da-seda é a vida da montanha. A amoreira é a árvore querida. Na igreja do convento dos maronitas, do teto, da capela, por cima dos cantos, do altar, da cruz, pendem numerosos sacos que têm folha de amoreira.

É por aqueles degraus que se

sobe, pisando a terra seca, friável, em grandes torrões, onde a amoreira foi plantada, trepando os aterros pedregosos- e ásperos que fazem os degraus. Não há caminhos ali, vai-se subindo, trepando com toda a sorte de esforços. Os cavalos sírios são excelentes; têm a força, a paciência, a invenção, têm o andar minucioso, elástico, firme, das cabras. Seguem nas arestas da pedra e vão penetrando e inventando com os seus grandes olhos fixos, a cabeça baixa e arqueada, nervosos, flexíveis.

Passa-se ora pela terra coberta de um mato escuro onde cintilam pequenas gotas de flores azuladas, ora pelo leito de torrentes, cheio de pedras soltas; ora se desce lentamente, como num perigo, pelas pedras erguidas, pendentes, suspensas,

onde no tempo das fortes chuvas se formam as quedas de água.

Os cavalos, vagarosos, escalam, trepam, pulam, com uma inteligência humana [...]

Às vezes é necessário subir os socalcos plantados, entre os ramos inextricáveis das amoreiras [...] Outras vezes escorrega-se pelas largas pedras lisas e luzidias, polidas pelas águas do inverno.

Nos caminhos anda-se também escorregando, fugindo numa debandada as pedras debaixo dos pés dos cavalos. Pisa-se terra molhada, mato seco, pedras polidas, escabrosidades pedregosas. Há grandes penedos de granito que formam neste espaço uma espécie de esfinge de pedra.

No entanto, olha-se, e o imenso Líbano aparece na sua sagrada beleza. Por todos os lados se veem as corcovas do monte. Não tem nada do brutal corcovo das serras de certos montes da Europa, não tem a lúgubre forma mortal das colinas de Judá, não tem o ascético e hostil perfil dos montes que estão no caminho de Jerusalém. São largas curvas que se sucedem, que se unem sem despenhadeiros e sem precipícios, por uns cimos fundos, cheios de uma altiva vegetação escura, montes largos, fortes, verdes, que se desenham no céu em estatura pura feita de grandeza, de força, de beleza, que enchem de alegria a consciência e que chamam os belos pensamentos e as palavras afáveis.

Caminha-se sempre tendo ao lado

perspetivas suavemente inclinadas das sucessivas colinas, onde ora correm grandes massas de pinheiros de um verde aveludado, ora se veem os degraus plantados, cultivados, ora de uma maneira pitoresca um grupo de casas de grandes terraços onde uma figura humana se destaca parecendo imensa.

O caminho do monte é admirável. Passa-se às vezes por entre plantações de pinheiros, pequenos mas de um verde húmido, luminoso, vivo, e um forte cheiro acre, penetrante, são, invade o cérebro. O ar é admirável, respira-se fortemente. Sente-se a saúde, a feliz dilatação das forças, a sensação sólida dos músculos.

Nada tão viril, tão simples, tão forte como o espírito que exala este monte. Uma terra poderosamente erguida,

árvores frescas, sóbrias, duras, que deixam penetrar ar à plena e vasta luz e passar as massas do vento. Uma verdura luminosa, húmida, cheia de poderosas energias da erva. Um forte cheiro saudável dos pinheiros bravos, das ervas húmidas.

O céu, o mar, as mais belas coisas da Terra, tudo ali se tem.

E o homem isolado pode julgar-se o centro misterioso daquele princípio de serra. Sente-se fermentar a seiva dos fortes instintos e alargarem-se as energias nativas.

A espontaneidade, a verdade, a independência, devem nascer ali.

É grande, e é lindo. Tem a majestade, a força, os poderosos declives, as imensas deformidades do granito, e tem

a beleza de uma paisagem delicadamente nascida [...]

Caminha-se olhando as belezas abstratas, os cumes cheios de neve, as aldeias maronitas e drusas que resplandecem sob a luz crua do sol. O arvoredo que se perfila por toda a serra, a imensa água azul que dá uma reverberação que enche o espaço, e de repente pasma-se, ao saltar um caminho, diante de um pinheiro com a sua copa redonda, junto de uma confusão de pedras de onde saem vegetações espontâneas, formando um quadro completo que a gente guarda na memória, avaramente [...]

Vi o Monte Atlas, no fundo largo do Mediterrâneo, aparecendo enorme, escuro e tão forte como quando sustentava o mundo. Vi os montes do Cairo, a Cadeia

Líbica, resplandecente em todas as cores, cheia de tons amarelos e rosados, bela como um mármore, e sobre ele destacavam-se os minaretes do Cairo. Vi os montes que cercam Jerusalém eriçados de pedras lívidas, ascéticos e desolados. Vi os montes de Al-Ataka, junto do mar Vermelho, que tinham a cor da pervinca, vi ao longe o Sinai, que parecia uma tira de céu azul, vi a lívida colina de Judá, sepulcro de luz, vi os Montes do Moab, imensos, dominando o Mar Morto, tão envoltos de névoa luminosa e de esplendor do ocaso como se sobre os seus cimos estivesse morrendo o Messias — mas nada, nunca, me fez a impressão daquela colina do Líbano.

O Líbano é uma beleza da Natureza [...] A população que o habita, a

religião que ali se acosta, as raças, as guerras, o seu estranho viver, fazem daquela montanha fortemente lançada através da Alta Síria uma região pro fundamente original.

Quando se sobe, todas as recordações acodem ao mesmo tempo.

Os velhos cumes cobertos de cedros, que Salomão mandou cortar para a edificação do templo. Os tempos fenícios em que sobre cada cimo havia um templo. As lutas religiosas entre califas, até hoje, os massacres dos Drusos, os emires poéticos, os fortes refúgios das seitas, as recordações da Bíblia, tudo lembra a epopeia do grande monte. [...] E olha-se — e admiram-se as flores de coração azul, que crescem entre as ervas [...]

Trazido largamente pelo livre ar da serra, sente-se o som de um sino. É um convento.

De espaço a espaço aparece um convento.

Pelo caminho cruzam-se os monges maronitas, homens fortes, de barba, de olhos fulgurantes, arregaçando as suas túnicas negras para saltar os pegos.

E invejam-se quase aquelas existências independentes, sem ascetismo, sem melancolia nostálgica, vivendo na serra, tendo sempre o mar sob os olhos, o imenso espaço da Alta Síria e os cimos nevosos do Líbano.

Ali, o ascetismo, a melancolia, o misticismo são talvez impossíveis. A Natureza é muito bela, muito forte, a

grande luz muito cativante, a cor do mar muito sensual para que o espírito se deixe ir a meditações místicas.

Uma contemplação, sim, absoluta, cheia de ideias abstratas e de grandes conceções genéricas.

Mas o que sobretudo se compreende naquela serra é a vida livre, as fortes caminhadas, o livre respirar, a guerra, a luta, a força e uma serenidade no meio de uma forte família unida e severa.

Os monges, mesmo, não os suspeito de misticismo. São antes seres indiferentes, amando instintivamente a sua serra, tendo uma certa imaginação nervosa, comum às raças do Oriente, e vivendo no profundo descanso das coisas e na sonolência de uma absoluta passividade [...]

Aquela serra parece naturalmente feita para dar uma pátria [...] Nem abismos, nem precipícios, nem despenhadeiros profundos, nem granito, nem terra estéril. Doces ondulações de colinas, terras fecundas, uma larga paisagem para a vista. Parece uma planície beijada de águas, amada do sol, povoada de frutos, que se eleva bastante para mostrar mais de perto Deus às suas povoações religiosas.

Nada mais curioso, na verdade, do que aquelas povoações!

A política cruel dominou-as, salpicou-as de sangue. A imbecil esterilidade da Turquia matou a fraternidade da montanha.

A Inglaterra, egoísta e cruel, auxiliou esta desunião.

Mas antigamente, sob os emires independentes, a montanha era unidade. Drusos e maronitas são da mesma seiva. Têm em comum uma forte natureza, uma áspera energia, uma indomável coragem. Unidos tinham aquela cidadela divina do Líbano, onde eram independentes. Nem o paxá de Damasco, nem o paxá do Egito, nem o sultão tinham que fazer com a forte raça da montanha. Os Drusos não eram hostis à missa, os maronitas sabiam, e sorriam com doçura à religião complicadamente mística dos Drusos. Afinal, o fundo da montanha era cristão. De espaço a espaço havia um convento. O som do sino era mais conhecido do vento da montanha do que o canto monótono do muezim.

Para tudo a união drusa e maronita

era fecunda. Hoje aquelas populações, guerreiras no fundo, talvez se estimem mais do que se pensa.

Quando se sobe ao cume do Al-Kala encontra-se o convento maronita fundado sobre as ruínas monolíticas de um antigo templo fenício.

Eram aqueles lugares escolhidos pelos Fenícios, altos montes perdidos no profundo azul. Um montão de pedras, uma coluna, era o altar.

Então edificavam-se templos aos elementos. Aquele era ao Sol. Ainda hoje se veem as inúmeras colunas que eram o símbolo daquele deus. Deus natural, racional e bom.

Hoje, o convento maronita é como o que resta depois de incendiado pelos Drusos, uma acumulação de construções

irregulares, feias, escuras, miseráveis. Um grande corredor, que parece, pela humidade, pela escuridão e pela tristeza, aberto na rocha viva, ladeado de celas ascéticas.

Largos pátios onde cresce a erva e a vegetação do monte — e os grandes terrenos onde as figuras dos monges têm um admirável relevo no vasto espaço azul.

De resto, algumas ruínas dos antigos templos fenícios e da antiga construção judia, colunas quebradas [...]

Dali domina-se uma enorme extensão do Líbano.

O mar estende-se a perder de vista, azul, cortado de pequenas correntes brancas [...] A costa desenha-se com umas curvas como num mapa.

Beirute parece daquela altura uma porção de pedras soltas, esbranquiçadas, fazendo montinhos num campo.

O monte em redor ao convento ergue-se com os seus despenhadeiros, os seus declives, as suas lentas corcovas — um imenso céu cobre o panorama.

E para os lados do Norte, os cumes nus, para além do Líbano, resplandecem cobertos de neve. Sobre um dos picos, defronte do mar, a aldeia de Bei-Meri assenta na colina as suas casas amareladas, com as janelas redondas semelhando grandes arcadas, galerias [...] Em redor do convento, alguns cimos estão cobertos de pinheiros. A luz dá toda a sorte de tons àquelas montanhas.

Pequenas aldeias dependuram-se pelos montes [...]

CARTAS INÉDITAS DE FRADIQUE MENDES E MAIS PÁGINAS ESQUECIDAS

Primeira edição: 1929

Prefácio

A publicação dos inéditos de Eça de Queirós obedeceu desde o princípio a uma intenção: a de jazer conhecer do público e da crítica o escritor que, em Portugal, tem sido mais apaixonadamente comentado, e, publicando-lhe as cartas, as notas, os trabalhos repudiados ou esquecidos, penetrar na intimidade da sua vida e do seu pensamento e mostrar, tal qual era, não só o escritor mas também o homem.

Creio que até certo ponto esse fim se tem atingido. Seria hoje difícil fazerem-se certas afirmações que ainda há meses — vinte e cinco anos depois da

sua morte — eram correntes e aceites.

Eça de Queirós, durante muitos anos, foi em Portugal o mais discutido dos desconhecidos. E isto explica-se: viveu quase sempre no estrangeiro — e, com que sacrifício, as suas cartas o dizem; era extremamente discreto, mesmo nas suas relações com o público — detestando exibições, avesso a todo o autorreclamo, envolvendo a sua vida íntima numa discrição impermeável, e, sob o escritor, nunca deixando transparecer o homem.

De resto, comunicou pouco com o público português: em trinta anos — além de As Farpas, *em que colaborou dos vinte e cinco aos vinte e seis, e de* O Mistério da Estrada de Sintra, *publicado aos vinte e quatro e em folhetins*

anónimos — deu à estampa cinco volumes. A maior parte da sua obra, dispersou-a em artigos para os jornais brasileiros — e por isso ele foi em vida muito mais conhecido, e melhor compreendido, no Brasil, do que em Portugal; o resto, sabemo-lo agora, fechou-o na gaveta da sua mesa de trabalho.

Que admira, pois, que a sua individualidade e a sua psicologia fossem durante tantos anos um enigma para a gente do seu país? Com exceção de um pequeno grupo de amigos, de que ele era o centro e o animador, quem o conhecia? O escritor que ninguém via subir o Chiado, às tardes, nem estacionar àporta da Havanesa; que não frequentava as redações nem o Grémio;

de quem se ignoravam os ditos, os interesses, e a vida particular, era um quase desconhecido para o português mediano. Sabia-se vagamente que vivera em Inglaterra, depois em Paris — mas nesse tempo os portugueses não viajavam: ir a Paris, era uma aventura que marcava um homem durante uma vida; ninguém deitava até Londres! De anos a anos, esse desconhecido atirava para a rua um romance que apaixonava a opinião. Havia durante meses uma excitação, um ruído de batalha em volta do seu nome. Depois, durante outros tantos anos, recolhia ao silêncio, cortado apenas, aqui e além, por alguma carta de «Fradique» na Revista de Portugal.

É certo que os seus livros faziam

furor e que os jornais falavam: havia polémicas, apareciam panfletos — mas jornalistas, polemistas e panfletários, apenas enalteciam ou atacavam um ignorado, um colega que não frequentavam, que não pertencia às suas «coteries» e que nunca lhes respondia.

Nestas condições, era natural e lógico, num país de imaginação pronta e juízos fáceis como o nosso, que se formasse imediatamente uma lenda em volta daquele autor sensacional de que apenas se tinham lido quatro ou cinco livros — livros para os quais o público português estava de resto mal preparado pelo longo período de sonolência intelectual de que saía — e que logo tentou interpretar com uma vivacidade toda meridional, sem ponderar um

momento as intenções do autor nem o alcance da obra.

Antes de Eça de Queirós não existia em Portugal o romance de estudo social. Era uma inovação, uma revolução na arte indígena. Por isso, o grande público — que é no fim de tudo quem faz a opinião — impelido violentamente para uma nova estética e uma nova finalidade da arte, ficou desorientado e perplexo. Todos reconheciam um talento fora do vulgar que surgia, mas poucos o compreendiam. Não creio exagerar muito dizendo que, além dos «Vencidos da Vida», a plêiade de moços intelectuais que ia arrancar o país à longa apatia em que ele se consumia, poucos foram os que logo de princípio viram nos trabalhos de Eça de Queirós aquilo que

eles realmente continham.

O aparecimento de O Crime do Padre Amaro *foi um escândalo. Era um ataque à Igreja! — E contudo, com um pouco de ponderação, seria fácil descortinar no autor — que ao refundir o seu livro lealmente lhe introduzira a figura redentora do padre Ferrão — não a intenção de visar a Igreja, nem como instituição divina nem como poder espiritual, mas apenas o padre funcionário público, dependente da política, político ele próprio, para quem o sacerdócio era uma carreira em vez de uma vocação e o culto um modo de vida, em lugar de um sacrifício. E assim Eça de Queirós passou a ser julgado «un mangeur de curés», como dizem os Franceses. Era o primeiro equívoco.*

Com O Primo Basílio, *repete-se o caso. O romance, que é, na realidade, a dolorosa condenação do adultério — tão exaltado e poetizado na velha literatura romântica — e do meio social que o torna quase inevitável, pareceu logo um ataque impudente à família. Algumas audácias, onde facilmente se poderia perceber o intuito de chamar violentamente a atenção do público para a crapulosa miséria daquilo que até aí lhe fora apresentado como a última palavra da elegância e do sentimento, tomaram o aspeto de uma investida contra os bons costumes. E assim Eça de Queirós, inimigo da religião, passou a ser mais genericamente «inimigo da moral!»*

No tipo do conselheiro Acácio

(que nunca lhe foi completamente perdoado!), nas ironias cruéis sobre os ridículos nacionais, viu-se — em lugar do rude ataque que realmente representavam aos princípios e às modas que então prejudicavam, e continuam prejudicando, a natural evolução da sociedade portuguesa — a prova evidente do mais arreigado e violento antipatriotismo! O que de resto implicava — como o faz notar o próprio Eça de Queirós numa carta a Mariano Pina — a condenação de todas as literaturas de todos os tempos, cujo fim essencial foi sempre e será sempre, apontar, para os corrigir pela eloquência, a diálética ou a ironia, os vícios, os erros, ou os ridículos das suas pátrias.

Além disso, havia a irritante questão da língua. Eça de Queirós transformou o português — não com o fim de criar uma escola, mas no louvável intuito de imprimir definitivamente à língua uma nova diretriz, com novas possibilidades de brilho, de beleza e de maleabilidade. Era ainda aqui um inovador — e, como todo o inovador, começou por «forçar a nota». Mais tarde, encontrou o justo equilíbrio e chegou quase à perfeição, mas — tal é a força de penetração de uma «ideia feita» num país de grande indolência mental — ainda hoje se escreve gravemente que Eça de Queirós não sabia português e desconhecia as regras mais elementares da gramática — o que parece insinuar que os escritores são a consequência das

gramáticas, em vez de serem as gramáticas a consequência dos escritores, e que, ou a língua chegou ao fim da sua evolução, se tornou insuscetível de aperfeiçoamento ou modificação, cristalizou definitivamente, isto é, morreu, ou, como no Baixo Império, existem em Portugal duas línguas: uma que se fala e outra que se escreve!

O certo é que Eça de Queirós conheceu a sua língua como poucos e «a domou» como ninguém. Haveria ingenuidade em notar ignorância onde só houve propósito. Se a língua de Eça de Queirós fosse apenas o amontoado de erros e barbarismos inconscientes que alguns quiseram ver, como se explicaria a influência decisiva que ele exerceu nas

letras e a revolução que realizou? Ou o fundo da língua carecia de toda a resistência, o que é inadmissível, ou a revolução vinha a seu tempo, libertando-a de toda a traparia literária de que a tinham coberto, aproximando-a novamente da língua falada, isto é, da linguagem do povo que é, no fim de tudo quem, através dos séculos, vai fazendo as línguas, as gramáticas, as sintaxes... e as literaturas clássicas!

Porém, de todas estas «etiquetas» que tão teimosamente se lhe colavam ao nome, nenhuma tão teimosa como aquela que quis fazer passar Eça de Queirós por um «plagiário» convicto e impenitente.

A palavra fora já murmurada em sua vida: provocara-a uma coincidência de título entre O Crime do Padre Amaro *e*

a Faute de l'Abbé Mouret, *de Zola — coincidência de que ele próprio trata risonhamente num artigo inserto no presente volume. Depois da sua morte, porém, o murmúrio cresceu, tornou-se gritaria, provocou artigos, acendeu discussões e acabou mesmo por servir de pretexto à publicação de volumes inteiros, com título, retrato, índice e direitos de autor!*

E contudo, apesar de todo este barulho e de toda esta literatura especial, poucas vezes o caso foi tratado com aquele sereno bom senso que podia espalhar uma ampla luz sobre um facto tão sombrio.

Afinal, em que consiste um plágio? Onde começa? O que o caracteriza? — Um plágio é a

apropriação voluntária e propositada de ideias ou modos de dizer alheios. O seu fim é emprestar à obra, que desta maneira se enfeita, um brilho e um valor que o seu autor nunca lhe poderia dar sem essa colaboração ilícita. Caracteriza-o a intenção criminosa, e portanto o cuidado, ou pelo menos a esperança, de que nunca a fraude possa ser descoberta.

O enunciado destes três pontos diz mais, só por si, do que todos os argumentos e todas as listas existentes de supostos plágios de Eça de Queirós!

Evidentemente, se eu pusesse o meu nome por baixo de qualquer destas obras inéditas, por mim descobertas e publicadas, apresentando-a como minha, cometeria um plágio abominável. E

mesmo se, menos descarado, a aferrolhasse numa gaveta, e, calando a sua existência, publicasse um volume da minha lavra em que tivesse intercalado os pedaços mais originais, ou curiosos, ou literários do manuscrito, seria ainda um plagiário não menos nefando.

Se, porém, ao rabiscar estas linhas, me saísse debaixo da pena imprudente uma frase neste género: «...nós, latinos, que temos toda a loquacidade do «Forum» romano...» ninguém deveria sem injustiça acusar-me de plagiário. A certeza de que a frase seria fatalmente encontrada nas páginas deste mesmo volume, numa carta de «Fradique», afastava necessariamente toda a suspeita de intenção criminosa. A evidente inutilidade da apropriação, o

pouco brilho que estas oito palavras emprestariam mesmo a uma prosa sem prestígio, tiravam-lhe todo o aspeto de plágio — podendo afirmar-se sem receio a minha inocência e a minha honradez de moço largamente influenciado pela prosa paterna!

Ora Eça de Queirós escreveu cerca de dez mil páginas, em que talvez não exista uma que não tenha a sua nota original, pessoal ou por qualquer forma interessante. A lista mais completa dos seus supostos plágios contém umas três dúzias de «frases», se tanto! Para que necessitaria o possuidor daquela enorme riqueza deste diminuto subsídio? Que maior brilho, que novo interesse, que sabor especial viriam dar aos seus vinte e cinco volumes aquela dúzia e meia de

linhas? É perfeitamente irrisório.

Porém, mais irrisório ainda se torna isto, quando se conhecem as fontes misteriosas de onde foi surripiada aquela pequena fortuna literária. — Algum velho alfarrábio perdido? Algum autor desconhecido ou pelo menos esquecido, cuja obra, esgotada, não corresse o risco de ver uma segunda edição? — Não? Os três escritores — creio que se limitam a três — mais lidos, mais discutidos, mais analisados no seu tempo, aqueles que Eça de Queirós mais admirou, de quem mais falou, que mais apontou ao interesse público, são Flaubert, Renan e Gérard de Nerval! — Quem poderá tomar este plagiário a sério?...

E então se entrarmos na análise

*de cada plágio isolado, ficaremos confundidos. «Preciso de matar este morto», exclama Teodoro, n'*O Mandarim; *«Il y a des morts qu'il faut tuer...» afirmara já Renan em não sei que livro! O facto é inegável. — Contudo, o que é igualmente inegável é que essa frase, antes de Renan e depois dele, a devem ter pronunciado, e provavelmente escrito, alguns milhares de franceses! Com um conhecimento menos rudimentar da língua francesa, o descobridor do plágio teria feito uma segunda descoberta: a frase é popular, é do domínio público, não tem dono — pertence a quem a apanha! Ainda há tempos a li num artigo de Léon Daudet... Concordo, no entanto, que ninguém tem obrigação de saber francês; mas todos a*

*têm, porém, de possuir umas tinturas de erudição. Havia na remota antiguidade um rito estranho, que consistia em sondar o futuro no sangue de uma galinha negra. Flaubertsabia isto. Eça de Queirós também. Eu mesmo em boa verdade o suspeitava. Houve, porém, quem o ignorasse e logo descobrisse um plágio indecoroso no facto de Eça de Queirós ter referido o caso n'*A Relíquia, *depois de Flaubert o ter escrito na* Salambo.

Valerá a pena fazer comentários? — Quando A Relíquia *apareceu, o velho Flaubert já tinha seguramente os seus cinco ou seis milhões de leitores, e a* Salambo *já dera várias vezes a volta ao mundo. Quem iria, conscientemente, buscar inspirações clandestinas àquela*

vasta fonte pública?

E para só citar outro exemplo do espírito que presidiu à denúncia dos plágios da obra de Eça de Queirós, falarei ainda daquela extraordinária descoberta, feita trinta anos depois da sua publicação, de que o célebre verso com que abre uma página das Prosas Bárbaras, «*Eu sou o tenebroso, o viúvo, o inconsolável...*», *não é original de Eça de Queirós!*

Ora isto dificilmente se acredita — e sobretudo que uma descoberta desta ordem possa ter provocado, entre homens de letras, uma polêmica acesa e irritada. Mas o que menos se acreditará ainda é que, contemporaneamente, não tenha existido no mundo um homem de alma latina — um letrado, talvez mesmo um

profissional — que, pelo menos aos quinze anos, naqueles momentos deliciosos em que uma estranha melancolia envolve as criaturas ingénuas, não murmurasse sombriamente:

Je suis le ténébreux, le veuf, l'inconsolé,
Le prince d'Aquitaine à la tour abolie...

Resta a possibilidade de que o descobridor do plágio não contasse ainda quinze anos...

Contudo se os tinha — sou forçado a dizer que ou sofreu aqui de excesso de zelo crítico ou de falta de sinceridade. Se a moda pegar, temo que a miserável patrulha dos plagiários se veja subitamente elevada às proporções

lisonjeiras de um exército. Todos serão plagiários — desde o autor de Os Lusíadas, *que imitou a* Eneida, *até aos antologistas, que reproduzem toda a gente — e ninguém poderá escrever impunemente este verso clássico: «As armas e os barões assinalados...» sem lhe juntar este rabicho cheio de elegância e propriedade: «como já disse Luís de Camões, poeta português!»*

De resto, esta meticulosidade agrada a certos espíritos. Nós tínhamos em Paris um velho amigo, frequentador assíduo da casa de Neuilly, cujo escrúpulo era tal que esmaltava a sua conversa de citações como esta que entre nós ficou célebre: «Na frase de Carlos Valbom: «estou triste!»...

Ao pé desta torre de escrúpulo,

Eça de Queirós era certamente um bem frágil pecador!

Seria divertido, pelo menos para mim, desenvolver a análise dos plágios atribuídos a Eça de Queirós. Não o farei, contudo. Teria de ser cruel para alguns e fastidioso para todos, além de poder parecer que duvidaria da sagacidade dos meus leitores — se é que eu tenho algum leitor!

Acrescentarei, porém, uma última observação. Numa carta à senhora condessa de Ficalho, recentemente publicada, Eça de Queirós refere-se à «melancolia das multidões estranhas...». Mais adiante, na mesma carta, repete a frase, mas desta forma: «...a melancolia das multidões estranhas de que já falava o velho Renan...». E aí temos numa

carta, em duas linhas, toda a explicação dos seus plágios e a solução de uma contenda. Vemos logo a naturalidade com que fala naquela melancolia que tanto experimentou, que conhece tão bem: é a reprodução exata do seu pensamento. Só depois, quando repete a frase, é que se lembra do velho Renan. Aquele «de que já falava» tem quase a intenção de «de que «também» falava». Sente-se uma concordância de ideia tão completa, a repetição vem tão naturalmente, que perde todo o seu caráter de repetição. Eça de Queirós, na sua absoluta boa fé e tia sua naturalidade, não atribui ao caso qualquer importância — e tem razão. Renan, Flaubert, Eça — qual destes três isoladamente traçou uma só linha que os

outros dois não «pudessem ter escrito?»

Este pecado — se pecado lhe podemos chamar — é comum a todos os escritores — aos grandes sobretudo, que dos outros ninguém indaga. De Anatole France se diz que foi um grande pecador — e contudo duas gerações têm ido beber à sua pura ânfora grega. Racine copiou Tácito; Molière inspirou-se em Plauto, que por sua vez imitou os antigos cómicos gregos; La Fontaine bebeu sem discrição no vasto tonel de Rabelais... E para só falar dos portugueses contemporâneos — todos os puristas alguma coisa devem ao largo copo de Camilo, todos os violentos lamberam o seu trago da malga de Fialho — e quem não sorveu o seu golezinho da taça esguia de Eça de Queirós?!

Porém, aos olhos do grande público, entre o qual tais questões nunca chegam a ter verdadeira repercussão, não foi este o seu maior crime. Indiferente ao caso bizantino dos plágios, a massa dos leitores tornou-se mais exigente com respeito àquilo a que se chamou o «estrangeirismo» de Eça de Queirós.

Com efeito, ele foi sempre entre nós — desde o monóculo e o corte das sobrecasacas, que irritavam a modéstia do Chiado, até às conceções artísticas e aos sentimentos que escandalizavam a rotina nacional — «o estrangeirado». Ora se isto é exato quanto às sobrecasacas e ao monóculo, se teve mesmo aparências de verdade quanto à sua conceção da arte, não passou, com

respeito aos sentimentos, de mais um equívoco e de mais uma daquelas falsas etiquetas cuja longa fieira tenho vindo anotando.

De facto, sob o risco de parecer paradoxal, eu ouso afirmar que Eça foi o grande inimigo do estrangeirismo em Portugal. Quer isto dizer que não admirou as civilizações superiores em que viveu, que não desejou para nós igual soma de desenvolvimento material e intelectual? Não, certamente — mas ninguém como ele aborreceu e flagelou a macaqueação servil e perigosa que entre nós sempre se fez dos sentimentos, das doutrinas, das leis e das modas dessas civilizações. De facto — e aqui vem o aparente paradoxo — ele próprio importou de França, tanto vocábulos e

modos de dizer como em geral as conceções da sua arte e os seus processos — mas tão habilmente soube utilizar em nosso proveito essas riquezas trazidas de fora, tão perfeitamente as adaptou à índole da nossa língua e às necessidades do nosso génio, que, com elas, criou belezas inexcedíveis, e os seus livros, em que a França colaborou, se tornaram, à força de portuguesismo, quase intraduzíveis para francês!

Além disso, não devemos perder de vista que, nesse tempo, ainda não se fizera nos espíritos a evolução para o nacionalismo integral que hoje se observa — e que ele de resto previu, sentindo antes de ninguém a necessidade de «reaportuguesar Portugal». As velhas tradições nacionais jaziam sob os

escombros do velho absolutismo já impraticável; os espíritos inquietos e preocupados não encontravam ponto de apoio sólido no próprio fundo nacional, violentamente abalado pelo cataclismo liberal. Era preciso recorrer ao estrangeirismo e trazer de lá novos elementos de vida ou resignar-se à morte lenta por asfixia ou inanição. E, com efeito, foram esses elementos tirados do estrangeiro, que, superiormente adaptados por Eça de Queirós e pelos seus amigos, imprimiram novo e resplandecente voo à nossa literatura decadente.

Há aqui uma forte lição para os portugueses de hoje: mais uma vez, na nossa miséria, nos voltamos para a França, para a nossa irmã latina mais

velha e mais brilhante, à procura da solução salvadora — e mais uma vez a velha França nos oferece os recursos do seu espírito generoso e inesgotável. De lá nos vêm os novos processos críticos e as novas conceções filosóficas. Renova-se a crítica histórica sob os auspícios de Lenôtre, de Bertrand, de Bainville; surge uma literatura regionalista, inspirada em Barres e em Mistral; encontramos o equilíbrio político e social na imensa obra de Mourras. É ao seu impulso que um a um vão caindo os velhos deuses incontestados do século XIX: as teorias individualistas afundam-se miseravelmente; «os direitos do homem» parecem-nos uma facécia; o oportunismo político, uma demência; vemos o sufrágio universal como uma caturrice

arcaica e bizantina. E, finalmente, sob a palavra ardente de Daudet e dos neocatólicos franceses, parece alargar-se sobre o mundo um vasto sopro vivificador de idealismo e de fé!

Por toda a parte, nascem os grupos intelectuais e as organizações políticas de que a «Action Française» é o tipo e o exemplo. Em Portugal, o «Nacionalismo integral» de Mourras inspira o «Integralismo Lusitano»; da «Action Française» fazemos a «Ação Realista»; o Regionalismo cria raízes; surgem jornais, livros, revistas...

Para que continuar? — Tudo isto é justo e normal. Nós somos latinos, e como tais pertencemos intelectual e moralmente ao grupo das nações latinas de que a França, através dos séculos,

tem sido a orientadora incontestada. Dela nos veio o primeiro chefe, fundador da nacionalidade. A história das nossas evoluções políticas coincide. A sua influência exerce-se em todas as manifestações sociológicas, não só do nosso génio, mas do génio de cada um dos povos que formam o bloco latino.

Tudo isto, repito, é justo e normal. Assim a nova corrente nacionalista — a que me honro de pertencer — saiba superiormente adaptar estes elementos vindos de França e imprima um novo e resplandecente voo à nossa pátria decadente!

No entanto, diante da evidência desta necessidade atávica que fatalmente nos domina, falemos discretamente do

estrangeirismo de Eça de Queirós.

À luz de uma crítica mais atualizada e mais viva, todas essas etiquetas que acompanharam Eça de Queirós ao túmulo e tantos anos lhe sobreviveram, vão-se lentamente descolando. Para conseguir esse fim justo e moral, creio que não foi indiferente a publicação das suas últimas obras inéditas. O aparecimento de romances apenas esboçados, de rascunhos de novelas, veio revelar naquele artista insatisfeito uma extraordinária atividade literária; a publicação das «Notas» sobre o Egito foi a demonstração de uma espontaneidade que até aí se lhe negou; a Correspondência, *sobretudo, veio provar o equilíbrio da vida do escritor, o seu*

fanatismo da Arte, a sinceridade do seu trabalho, o seu interesse pela pátria, longe da qual se sentia sempre mal, enervado, infeliz, odiando os aspetos e os homens que o rodeavam, numa saudade que se sintetiza naquele grito de alma, lançado através do oceano a Ramalho Ortigão: «Ah! quem me dera a Rua dos Caetanos!»

Estamos longe do figurino que se tornara familiar à grande massa do público — (pois não falo aqui para o limitado número de críticos, que há muito tinham entrevisto o verdadeiro homem na sua realidade moral e psicológica) — e que se pode resumir nesta frase: «Um «dândi» de monóculo que vivia em Paris, e que escrevia com génio e dificuldade coisas sarcásticas

contra a pátria e a moral!»

Porém, em Portugal, país essencialmente indolente, é sempre necessária uma definição sintética para todas as coisas e todas as personalidades. O aparecimento póstumo de A Cidade e as Serras, *e depois de* A Catástrofe, *das* Cartas *e ultimamente de* O Egito, *livro que revelava preocupações tão graves num artista tão moço, exigiam a alteração da velha fórmula; e logo uma nova definição surgiu, fácil, lapidar e simplista: Eça de Queirós foi «um demolidor que se arrependeu». A frase pegou — e ainda hoje é difícil percorrer um artigo ou um livro sobre Eça de Queirós — de admirador ou de detrator — sem que lá se não encontre, espreitando entre os adjetivos*

laudatórios ou ressaltando entre os epítetos coléricos, a confissão das suas demolições e a afirmação do seu arrependimento...

Único talvez da minha espécie, eu não reconheço essas demolições e não acredito nesse arrependimento, e vejo apenas nesta última definição de Eça de Queirós um derradeiro equívoco e a derradeira etiqueta que a indolência nacional colou sobre a sua obra e a sua personalidade.

Arrependimento pressupõe crime. Onde estava realmente o crime? — Em ter ridicularizado o que era ridículo e estigmatizado o que era erro? Poderíamos falar em arrependimento, se víssemos Eça de Queirós, nos seus últimos livros, cumprimentar

respeitosamente o padre Amaro, exaltar o talento do conselheiro Acácio, apertar a mão honrada de Basílio e falar gravemente das virtudes conjugais da pobre Luísa! O que vemos, porém, é muito diverso: cansado de zurzir uma sociedade que não parecia querer emendar-se, uma política que cada vez mais se afogava no atoleiro parlamentar, vemos o escritor «mudar de assunto». Farto da cidade e do século, foge para o campo e para o passado — e então temos A Ilustre Casa de Ramires *e* A Cidade e as Serras, *livros de transição, e depois as vidas de Santos, livros de repouso.*

Aqui já não cabe a ironia, que é uma arma, nem o humorismo, que é uma forma do desprezo, porque deixou de haver motivo de combate e de sarcasmos.

A doçura aparece porque os assuntas são doces, e o próprio estilo se ressente da mudança de cenário, tomando uma fluidez maior, um deslizar maisbrando, e — porque não dizê-lo? — uma sorte de vernaculismo, se o termo não é exagerado, desde que pinta aspetos e sentimentos vernáculos. Aqui não há Amaros, nem Basílios, nem Acácios, nem Abranhos, nem partidos, nem advogados espertos, nem convencionalismos falsos, nem mediocridades triunfantes. Há a simplicidade primitiva do nosso campo e as exaltações espirituais da vida rural; em vez das ruas lamacentas, há os largos horizontes cheios de frescura; em lugar das chaminés de ferro e de tijolo, as grandes árvores estendendo os seus ramos cheios de majestade e de paz. Aos

sórdidos cordelinhos da comédia social, sentimental ou canónica, antepuseram-se os instintos naturais, os sentimentos rústicos, as vidas lendárias e piedosas. Significa isto que o escritor modificou o seu pensamento, o seu modo de ser e de sentir? — Não, decerto, e é-nos lícito acreditar que, se um dia se afastasse dos seus campos e dos seus santos, e por um momento voltasse a mergulhar no mundo corrompido que abandonara, imediatamente e automaticamente renasceriam debaixo da sua pena todos os sarcasmos e todas as ironias com que anteriormente o fustigou, expressos na língua um pouco artificial que convinha à descrição de uma sociedade artificial.

Afinal, se houve algumas vezes intenção moralizadora na sua obra, foi

decerto nos primeiros livros. Nos últimos, creio que houve essencialmente intenção artística. Foi, como todos nós, moralista aos vinte e cinco anos — e cheio de tolerância aos cinquenta. Ao patriotismo exigente da mocidade, que o levava então a lançar-se na luta com impaciência, querendo remodelar tudo, apontando vícios, lacerando ridículos, fustigando-os a golpes de ironia — segue-se aquela fase de benevolência — para não dizer de cansaço — em que o homem já não acredita muito na eficácia do seu esforço, procura consolar-se na arte pura, e das personalidades e dos seus sentimentos colhe apenas o que é doce e repousante. Aqui há certamente desilusão, mas nada prova que houvesse arrependimento.

Hoje, pelo contrário, a individualidade moral e artística de Eça de Queirós, melhor conhecida, aparece-nos como numa curva regular, normal e harmónica. Nenhum desses retrocessos violentos que obrigam certas individualidades, num dado momento da sua evolução, a queimar aquilo que adoraram e a adorar aquilo que queimaram. Veja-se a sua correspondência: é sempre o mesmo homem; não se desmente nem se contradiz: cm política, um vago socialismo sentimental, temperado pelo amor instintivo da ordem, e a compreensão da necessidade, em Portugal, de uma monarquia popular e paternal; em moral, uma virtude amável e discreta sem ostentação nem ênfase; na

família, um respeito enternecido; no convívio social, o mais fiel dos amigos; em Arte, um fanático. Ora este equilíbrio que as cartas revelam na vida do homem, não creio que a obra o venha desmentir, na carreira do escritor. Aos vinte e três anos, escreveu O Egito*; aos cinquenta,* Os Santos*: o primeiro livro deixa entrever o último. E se, entretanto, deu com as* Prosas Bárbaras *e* As Farpas *o seu primeiro empurrão à língua e à sociedade, tentando fazê-las sair violentamente dos velhos moldes em que se tinham anquilosado; se, dos vinte e oito aos trinta ecinco, ambicionou exercer uma forte influência moral no seu país, acordando-o do seu torpor, sacudindo-o e colocando-lhe friamente diante da face, como num espelho um*

pouco deformado, a imagem dos seus ridículos e da sua miséria moral; se tentou ser, enfim, como ele próprio o diz, «o artista vingador», antes de se tornar o cantor das serras e o agiógrafo de santos estéticos e lendários, tudo isso cabe bem numa existência sem lhe desfazer a harmonia. Julgo, pelo contrário, que todas estas modalidades, de um mesmo espírito, contribuem para a perfeição dessa harmonia: bravura da mocidade que vai para a vida fria, análise do homem feito que observa a vida, tolerância amável do homem maduro que a vida desiludiu. Esta é a história de todos os homens — e nos tempos modernos, inquietos e intensamente agitados em que Eça de Queirós viveu, desde o dia seguinte à

revolução de 48 até às vésperas da grande guerra, época de incerteza e de transformação, durante a qual todos os velhos problemas que um momento se julgaram resolvidos tornaram a ser postos em equação, em que a ciência, a filosofia, a metafísica, a arte, subiram a culminâncias inesperadas, para chegarem desoladoramente a um maior e mais angustioso ponto de interrogação — era natural, e lógico, e normal, que um espírito largo e ávido como o seu, aberto a todas as ideias, curioso de todas as inovações, liberto de todos os convencionalismos, produzisse a obra que produziu e como a produziu. E assim, na curva dessa obra, devemos ver, além do comentário da evolução psicológica do escritor, o espelho da evolução das

ideias num dado momento da civilização.

Por isso eu sustento que não se pode, sem erro, ver dois seres distintos em Eça de Queirós — o demolidor e o arrependido. Como em todos os homens, havia nele uma infinidade de modalidades, todas latentes, que sucessivamente se exteriorizavam sob a influência dos anos, ou de fatores externos, ou de simples impulsos de momento. Assim eu posso afirmar, por exemplo, que A Catástrofe *foi escrita em 78, anteriormente a* Os Maias*; ora, no consenso público,* Os Maias *pertencem ao demolidor e* A Catástrofe *ao arrependido! Teríamos portanto de aceitar uma série de arrependimentos sucessivos e sucessivas recaídas — e em lugar de esclarecermos a psicologia do*

autor de O Conde de Abranhos *e do* S. Cristóvão, *cairíamos numa incompreensão mais densa dos seus motivos e das suas tendências.*

Não, não creio provável que Eça de Queirós jamais se arrependesse de ter estigmatizado os Basílios, fustigado os Acácios e os Abranhos, caricaturado os ridículos do Chiado; — somente em face da pavorosa realidade que os seus próprios processos experimentais de observação social lhe revelavam, recebendo antes de mais ninguém a lição que pretendera dar aos outros, abandonou, espavorido, todo esse mundo de egoísmos, hipocrisias e torpitudes — e fugiu para os cimos!

Nesse caso — dir-me-ão — para que publicar hoje livros como O Conde

de Abranhos *e* A Capital? *Isso é outra questão, e como só a mim cabe a responsabilidade da sua publicação, não viria a propósito defender aqui uma iniciativa pela qual, de resto, não fui em geral censurado. Direi contudo que não tenho pelo pobre naturalismo (se é que estas obras pertencem ao tão decantado naturalismo), esse virtuoso horror que alguns hoje denunciam em frases, mal traduzidas e pior compreendidas, dos artigos terríveis de Léon Daudet. O naturalismo, na realidade, teve a sua hora, o seu momento e exerceu a sua influência. E essa influência não seria tão perniciosa como muitas vezes se julga. Ele nunca foi um fim: foi apenas um meio — e tornou possível a reação que hoje se esboça por toda a parte.*

Pintando-nos tão cruamente a podridão do segundo Império e da terceira República, Zola afugentou para os ares puros dos atuais extremismos todos os espíritos limpos, e vibrou, talvez involuntariamente, um rude golpe na Democracia; Flaubert ajudou poderosamente a tornar inaceitável o «burguesismo» intelectual e social gerado em 89 — e, se Eça de Queirós tivesse continuado, talvez fosse hoje impossível o «acacismo» em Portugal! Digam-me os espíritos desempoeirados que melhor serviço se poderia prestar ao país!

Menos benévolo do que meu Pai, publiquei-lhe os dois terríveis requisitórios deixados platonicamente na gaveta. Esses livros não são de hoje nem

de ontem — são de sempre — e penso que nenhum homem são de espírito e de corpo, nos tristes tempos que atravessamos, me poderá levar a mal o eu ter contribuído para espalhar o largo riso saudável que acolheu estas tremendas zurzidelas nos nossos eternos e impenitentes videirinhos nacionais!

Não era minha intenção, ao iniciar estas linhas, dar-lhes a amplitude de um estudo psicológico sobre meu Pai, e muito menos enveredar por uma justificação da publicidade que tenho dado aos seus papéis inéditos. Simples leigo, mero amador das letras, não sei dominar nem conduzir a minha pena. Ela é que me domina e me conduz e me leva, prolixamente, sem arte e sem equilíbrio, ao sabor das ideias e das descobertas.

Nem falei, afinal, do presente volume, que me propunha apresentar — mas, já que pelo seu título ele próprio se define e se explica, não enjeitarei estas páginas, a que o reavivamento do interesse e das eternas discussões em volta do nome de Eça de Queirós, não deixará de imprimir uma viva atualidade.

É um novo depoimento para o processo do escritor contemporâneo que mais influxo exerceu na evolução das nossas letras e sobre o qual ainda hoje se não está de acordo. Tem o merecimento de representar o depoimento de um homem que procurou ser absolutamente sincero — e quem sabe se também o de partir de quem, pelos laços misteriosos do sangue, esteja

especialmente apto a compreender e a definir a alma complexa do homem e as contradições aparentes do escritor...

Praia da Granja, 1928.

José Maria d'Eça de Queirós.

Cartas de Fradique Mendes

1 — A E. Sturmm, Alfaiate

Lisboa, abril

Meu bom Sturmm. — A sua sobrecasaca é perfeitamente insensata. Ali a tenho, arejando à janela, nas costas de uma cadeira; e assenta tão bem nessas costas de pau, como assentaria nas do comandante das Guardas Municipais, nas do Patriarca, nas de um piloto da barra ou nas de um filósofo, se o houvesse nestes reinos. Quero, pois, severamente dizer que ela não possui *individualidade*.

Se V., bom Sturmm, fosse apenas um algibebe, embrulhando a multidão em pano Sedan para lhe tapar a nudez — eu não faria à sua obra esta crítica tão alta e

exigente. Mas V. é alemão, e de Conisberga, cidade metafísica. A sua tesoura tem parentesco com a pena de Emanuel Kant, e legitimamente me surpreende que V. não a use com a mesma sagacidade psicológica.

Não ignora V., decerto, que ao lado da filosofia da história e de outras filosofias, há ainda mais uma, importante e vasta, que se chama a filosofia do vestuário; e menos ignora, decerto, que aí se aprende, entre tanta coisa profunda, esta, de superior profundidade: que o casaco está para o homem como a palavra está para a ideia.

Ora, para que serve a palavra, Sturmm? Para tornar a ideia percetível e transmissível nas relações humanas — como o casaco serve para tornar o homem

apresentável e viável através das ocupações sociais. Mas é a palavra empregada sempre em rigorosa *concordância de valor* com a ideia? Não, meu Sturmm.

Quando a ideia é chata ou trivial, alteia-se, revestindo-a *de* palavras gordas e aparatosas — como todas as que se usam em política.

Quando a ideia é grosseira ou bestial, embeleza-se e poetiza-se, recobrindo-a de palavras macias, afagantes, canoras — como todas as que se usam em amor.

Por outro lado, escolhem-se palavras de uma retumbância especial para reforçar a veemência da ideia — como nos rasgos à Mirabeau — ou rebuscam-se as que pela estranheza

plástica ajuntam uma sensação física à emoção intelectual — como nos versos de Baudelaire.

Temos pois que a palavra opera sobre a ideia, ou disfarçando-a ou acentuando-a. Vai-me V. seguindo, perspicaz Sturmm?

Tudo isto se aplica exatamente às conexões do casaco com o homem.

Para que talham os alfaiates ingleses certas sobrecasacas longas, retas, rígidas, com um debrum de austeridade e ressudando virtude por todas as costuras? Para esconder a velhacaria de quem as veste. Você encontra em Londres essas sobrecasacas, nos *meetings* religiosos, nas sociedades promotoras da moralização dos pequenos patagónios e nos romances de Dickens. E para que

talham eles esses fraques audazes, bem acolchoados de ombros, quebrados e cavados de cinta, dando relevo aos quadris — sede da força amorosa? Para acentuar os corpos robustos e voluptuosos a que se colam. Você vê desses fraques aos Lovelaces, aos caçadores de dotes e a toda a legião dos *entretenus*.

Disfarçando-o ou acentuando-o, o casaco deve ser a expressão visível do caráter ou do tipo que, cada um, pretende representar entre os seus concidadãos.

Quem lhe encomenda pois um casaco, digno Sturmm, encomenda-lhe na realidade um *prospete).* E nem precisa o alfaiate que aprofundou a sua arte, de receber a confissão do freguês. As ligeiras recomendações que escapam, inquietas e tímidas, na hora atribulada da

«prova», bastam para que ele compreenda o uso social a que o cliente destina a sua farpela... Assim, se um cavalheiro de luvas pretas, com uma luneta de ouro entalada entre dois botões do colete, que move os passos com lentidão e reflexão, e, ao entrar, pousou sobre a mesa um número do *Jornal do Economista*, lhe diz, num tom de mansa reprovação, ao provar o casaco: «Está curto e justo de cinta» — V. deve logo deduzir que ele deseja aquelas abas bem fornidas, flutuantes, que demonstram abundância de princípios, circunspeção, amor sólido da ordem e conhecimento miúdo das pautas da Alfândega... Vai-me V. penetrando, bom Sturmm?

Ora, que lhe murmurei eu, em mau alemão, ao provar a sobrecasaca infausta?

Esta fugidia indicação: «Que cinja bem!» Isto bastava para V. entender que eu desejava, através dessa veste, mostrar-me a Lisboa, onde a ia usar, sinceramente como sou — reservado, cingido comigo mesmo, frio, cético e inacessível aos pedidos de meias libras... E, no entanto, que me manda V., Sturmm, num embrulho de papel pardo? V. manda-me a sobrecasaca que talha para toda a gente em Portugal, desgraçadamente: *a sobrecasaca do conselheiro!*

Digo «desgraçadamente» — porque vestindo-nos todos pelo mesmo molde, V. leva-nos todos a ter o mesmo sentir e a ter o mesmo pensar. Nada influencia mais profundamente o sentir do homem, do que a fatiota que o cobre. O mais ríspido profeta, se enverga uma

casaca e ata ao pescoço um laço branco, tende logo a *sentir* os encantos dos decotes e da valsa; e o mais extraviado mundano, dentro de uma *robe de chambre*, *sente* apetites de serão doméstico e de carinhos ao fogão.

Maior ainda se afirma a influência do vestuário sobre o pensar. Não é possível conceber um sistema filosófico com os pés entalados em escarpins de baile, e um jaquetão de veludo preto forrado a cetim azul leva inevitavelmente a ideias conservadoras.

Você, pondo no dorso de toda a sociedade essa casaca de conselheiro, lisa, insípida, rotineira, pesabunda — está simplesmente criando um país de conselheiros!

Dentro dessa confeção

banalizadora e achatante, o poeta perde a fantasia, o dândi perde a vivacidade, o militar perde a coragem, o jornalista perde a veia, o crítico perde a sagacidade, o padre perde a fé — e, perdendo cada um o relevo e a saliência própria, fica tudo reduzido a esse cepo moral que se chama o *conselheiro!* A sua tesoura está assim mesquinhamente aparando a originalidade do país! Você corta, em cada casaco, a mortalha de um temperamento. E se Camões ainda vivesse — e V. o vestisse — tínhamos em lugar dos *Sonetos*, artigos do *Comércio do Porto*.

2 — A Paulo Vargette

Meu bom Vargette. — Com alvoroço e carinho acolhi eu ontem o seu livro, *Les Pâles Vêpres*, que é logo, exteriormente, de um tão raro e intelectual dandismo. Considerei, enternecidamente, o seco galho de inverno onde treme uma folha morta, caído, como um emblema de modéstia, sobre a capa de uma cor de carne bem achada, entre rósea e glauca, carne semifluida de Náiade fugidia. Detive o sorriso enlevado nas maiúsculas escarlates, com cercaduras no fino gosto de Simon Colines. Palpei com reverência as folhas graves de papiro sacerdotal. E com os pés para o borralho, pensei nos

rudes tempos da velha poesia, quando Musset e Lamartine eram sublimes em papel pardo!

Apesar de ter quase cinquenta anos, de reler Horácio e Racine e de amar, por uma incurável necessidade de pureza, a água límpida que rebenta das rochas claras, eu não sou hostil à poética nova de que o seu livro procede, meu Vargette, e que se chama — se desde ontem lhe não alteraram a alcunha flutuante — *decadismo* ou *simbolismo*. Consiste ela, quando ensinada e praticada pelos mestres — se eu não erro nestas superfinas matérias — em arredar da poesia, como gastas e já inusáveis, todas as sensações ou emoções simples, velhas como o homem, e por ele, através de vinte séculos de literatura, desde os hinos

órficos até Béranger, fixadas em formas que, como as da moeda, já não podem ser alteradas — (que Estado, por mais inovador, ousaria cunhar libras triangulares ou peças de cinco francos com o recorte de um lírio?)

Consiste, depois, em rebuscar, através do homem e da Natureza, impressões e emoções novas, ou fragmentos de impressões e emoções, deixadas no subsolo da alma e da vida pelos primeiros escavadores, e que pareçam novas e saídas de um filão novo, por conservarem ainda as asperezas frescas do metal desenterrado. E consiste, enfim, em materializar tão completamente — transpondo-as para o verbo — essas sensações e essas emoções, que elas nos prendam e nos afetem pelos atributos

próprios da matéria, e o verbo que as encarne se torne tão verdadeiramente rutilante como um broche de pedrarias, ou tão doce à epiderme como a moleza de um estofo, ou tão respirável como um ramo de lilases... Creio que é esta a poética do simbolismo, quando ensinada pelos mestres.

Erro eu, meu Vargette? — «Que bem que cheira este verso! — Como é macio este verso quando se lhe pousa em cima a face! — No faiscar deste verso há rubis e esmeraldas! — Este verso restolhou denso de ramaria, e aquele cai em gotas límpidas de uma quelha sobre a relva!» Creio serem estes os gritos que o simbolismo quer arrancar à admiração cansada dos homens. Não é verdade, Vargette? Ainda há pouco, um simbolista

ilustre murmurava, convidando as multidões para o seu verso: — *Il fait bon dans mon vers!* o que eu traduzo: — «No meu verso há calor, uma flacidez de veludo, toda a sorte de perfumes errantes, e um murmúrio que embala e adormenta... Vinde para o meu verso!» (Eu não fui, porque esse Paraíso, sumptuosamente impresso, custava vinte francos!)

Pois apesar dos meus cinquenta anos já bolorentos e da minha ferrugenta fidelidade a Virgílio, a Horácio e à Antologia, eu penso que esta poética aproveita, consideravelmente, a todo o poeta que nos começos da gentil carreira a cultive com sagacidade e com método. Primeiramente, impõe ao espírito o salutar horror do *já dito*, do *já feito*. Depois, conduz ao hábito de afiar e

aguçar a análise, até que, como uma ponta de aço de incomparável flexibilidade e finura, ela saiba penetrar através dos mais tortuosos e escuros refolhos da alma. E enfim acostuma a extrair do verbo humano tudo o que ele humanamente pode dar, como encarnador do visível e do invisível.

De sorte que o *decadismo é* um exercício extremamente útil a todo o poeta que se prepara para a poesia — exatamente como a ginástica é o mais vantajoso exercício do corpo que se prepara para a vida. O espírito sai do *decadismo* com hábitos de atividade inovadora, mais elástico, mais dúctil, possuindo um poder mais variado de se traduzir e viver pela expressão, exatamente como o corpo sai da ginástica

com hábitos de vivacidade, mais musculoso, mais ágil, e cheio de destreza para a ação.

Mas, meu Vargette, por isso mesmo que o decadismo e a ginástica são meios de educação — não se podem considerar como o fim supremo e definitivo do ser educado. O homem que se prepara para viver uma vida de homem em toda a sua plenitude e variedade — e que para isso se adestrou e se fortificou na ginástica desde os dez anos — deve, logo que envergue a sobrecasaca viril, abandonar a um canto as cordas, as argolas e os halteres. E do mesmo modo — com carinhosa sinceridade lho asseguro — o meu querido Vargette, como poeta que penetra na poesia, deveria ter queimado esse gentil livro, *Les Pâles*

Vêpres, desde que, em outro anterior, *Les Doléances*, se exercitara já suficientemente em ser inovador subtil e expressivo. Ficar o meu Vargette, com essa rica e formosa barba cor de milho, a fazer eternamente *decadismo* — seria como ficar o homem de ação, que já tem a barba e a idade da ação, teimosamente dependurado do trapézio. Ambos teriam encalhado a meio do seu destino: um, nunca chegaria à poesia, o outro, nunca chegaria à ação. E ambos eles permaneceriam de fora — sendo para todo o sempre dois simples pelotiqueiros.

Amigo rude, por ser tão amigo — Fradique.

3 — A «Madame» de Jouarre

Minha querida madrinha. — O nome é lindo, cheio de som e de luz: *Claire de Clairval*. Mais bonito ainda em português, tendo um som mais repousado e nobre — Clara de Claro Vale. E corresponde bem a toda a pessoa, ao busto esbelto, aos cabelos louros, ao romance que pende das pestanas, ao olhar lânguido... embora não abranja também a outra qualidade dos olhos, que, além de lânguidos, são finos. Não devia haver *finura* numa *Clara de Claro Vale*, que, pelo menos de nome, é gótica, toda em sentimento, crédula e grave, sentada numa cadeira de alto espaldar e ocupada em

manter a graça heráldica de sua pessoa.

Diz a minha bela madrinha que, apesar de tão ressoante, lembrando torneios e cortes de amor, *Clairval* não está muito alto no nobiliário de França. *Un peu de roture ne gâte rien*. Pelo contrário, são talvez essas gotas de sangue vermelho e plebeu, que põem através da sua gentil pessoa a ponta de finura que me atrai.

Está a minha bela madrinha enganada — eu nunca a tinha visto antes do baile de *madame* de Tressan. É bem possível que ela vá todas as quartas-feiras à *Comédie Française* — mas desde que se adotaram para a *Comédie* as *toilettes* escuras, com tons sóbrios e graves como a versificação de Racine, não é fácil ser-se atraído, *depois dos trinta anos*, por um

rosto especial. O teatro todo é como uma mancha escura, picada de pontos pálidos ou cor de pó de arroz, que são as faces. Aos vinte e cinco anos, a curiosidade, vibrante e sempre *à l'affût*, num instante detalha, distingue, escolhe entre todos esses rostos bonitos. A curiosidade mais embotada e lenta dos trinta e cinco, nada aprofunda, passa por sobre a sala num só giro resvalado. É necessário que da parte do rosto bonito já haja a intenção, o desejo de ser notado, que ele próprio se adiante e se evidencie, para que prenda e segure a atenção.

Além disso, eu suponho que ninguém vê a mulher que tem de amar — isto na generalidade, não se trata de *madame* de Clairval! — antes de ter chegado o momento marcado pelo destino

para que esse amor se acenda e seja útil ao conjunto das coisas. Nada prova mesmo que essa mulher não tenha emergido, nesse momento, do seio vivo da Natureza, assim, em *toilette* e de luvas brancas, para ser olhada e possuída por esse homem! Isto que parece incidente de conto de fadas é todavia, por vezes, quase justificado pelos factos.

Um amigo meu, em Lisboa, numa sociedade pequena, de duzentas pessoas, em que todo o mundo se acotovela e todos uns aos outros conhecem o tom de voz, os negócios, os sentimentos, as *toilettes* e as ambições — de tal sorte que mesmo numa sala às escuras se poderia continuar com coerência a conversação — perguntou um dia a uma senhora, numa *soirée:*

— Quem é aquela rapariga de

branco, além, ao pé da porta?

A outra olha, parece assombrada:

— É minha irmã...

— Mas...

— Mas quê? Essa é extraordinária! Há quatro anos que ela vai comigo a toda a parte onde eu vou, e há quatro anos que o encontro a si em toda a parte onde apareço...

Um ano depois o meu amigo casava com a *rapariga de branco!*

Estou vendo que não achou esta história interessante — e que mais se vai estabelecer na sua ideia de que há uma semana, desde o baile de *madame* de Tressan, ando vago e sem-sabor. Talvez tenha razão. Não me sinto, com efeito, nem muito vibrante, nem muito agudo, nem muito impulsivo: Não sei que *rêverie*

indecisa me prende, me enleia por vezes, dando-me aquele langor espiritual que os primeiros calores de maio dão ao corpo. Não sei a origem e não quero descobri-la — mesmo que tivesse a vivacidade de espírito para empreender essa análise — com receio de que este estado de doce e vago adormecimento se esvaia e fuja, levando com ele a doçura em que me envolve. E ouço daí a sua pergunta: — «Nenhuma ideia, nenhuma imagem, nenhuma figura passa através deste fundo de cismar informe?» — Meu Deus, escassamente lho poderia dizer. É certo que por vezes, não sei porquê, desse fundo de repouso intelectual, dessa névoa luminosa e quente, destaca-se uma longa figura loura, com coisas amarelas no vestido preto e uns olhos finos e

lânguidos... Mas não há nada de perigoso nisto. Suponho mesmo que essa imagem que passa não é o reflexo de nenhuma realidade — mas uma criação própria da imaginação adormecida, semelhante a essas evaporações que se elevam de um lago morto, no verão, e que tomariam, se nós as pudéssemos ver mais densas e percetíveis, as formas mortas, serenas, paradas e moles do lago de onde se elevaram. Um espírito que dormita e se enlanguesce, deve criar, naturalmente, formas que o reproduzam, figuras esguias — que tenham os olhos lânguidos, e o passo ondeante, e as pestanas descidas e como adormecidas...

Em suma — não é uma mulher especial que assim passa no meu espírito: é antes a personificação simbólica deste

estado de espírito que a consciência me mostra, e... Bom Deus, já nem me entendo! Quanta subtileza e quantas névoas! Tenho muitas assim, que se formam e se desmancham... De resto tenho fumado inúmeras *cigarettes*, e relido Musset... — Afilhado nevoento — Fradique.

4 — A Manuel…

Meu bom sobrinho Manuel. — Desde que há homens e desde que há cartas, nunca homem recebeu carta mais tocante, e mais exigente, e mais absurda, do que esta de 22 de março com que me honras, me aterras, e me divertes! «Para um livro de versos que eu determinei compor, enquanto Deus compõe esta sua primavera, que devo eu escolher: os temas do amor, os da natureza, os da filosofia ou os da história?...»

Oh! meu sobrinho Manuel, tu queres pois que eu, à maneira de um douto Bardo de barbas nevadas e coroa de louros secos, te leve pela mão através das

veredas aromáticas do Parnaso e, com o meu velho bordão feito de carvalho délfico, te aponte, além sob as frondes, a fria fonte Castália, onde mais convém que te agaches e bebas?

Poeta te sentes, meu enganado Manuel! Poeta te queres, meu temerário Manuel! E vens agora com a tua lira nova, comprada esta manhã junto à Via-Sacra, nos Armazéns de Apoio, para que, ambos reclinados sob a olaia, eu te guie os dedos tenros sobre as cordas de tripa e de bronze, e te ensine os cantos que encantam...

Mas, meu doce Manuel, porque te não dirigiste tu aos quatro nobres, e clássicos, e argutos mestres que têm cátedra e aula aberta nos cimos do Pindo — Aristóteles, Horácio, Pope e Boileau?

As quatro *Artes Poéticas* desses quatro legisladores da poesia, andam hoje reunidas comodamente, num volume brochado (de 3 francos e 50) que, sendo um código e também um receituário, fornece abundante ensino a toda a alma, dos Açores ou mesmo do Continente, que sinta tendências culpadas para o verso. Porque não te provês tu desse volume disciplinar e fecundante? Com ele, um dicionário de rimas, um bule de café, cigarros, vagares e papel, tu poderás, como tantos outros poetas espalhados por essas grutas frescas do Parnaso, fabricar ressoantes alexandrinos à Hugo, lavradas e lustrosas peças parnasianas, éclogas bernárdicas de um quinhentismo que lindamente cheire a mofo, e mesmo esses exercícios léxicos e gramaticais,

chamados *decadismo* e *simbolismo*, que constituem um método Ollendorf para aprender a delirar sem mestre.

Todavia, meu doce sobrinho Manuel, não esqueço que tua mãe, a minha boa prima Luísa, quando eu era pequeno e desejava percorrer o mundo, num grande cavalo, à maneira de Roldão ou de Persival, me deu um burro, um lindo burro branco, com selim, e freio, e chicote! E agora que tu, filho da prima Luísa, aspiras a galopar por um mundo ainda mais vasto e obscuro do que o meu, o da poesia, é de boa gratidão, me parece, que eu te forneça também um Pégaso, e to enfreie, e to amanse, e sobre ele te escarranche, e com uma vergasta de louro o vá vergastando e levando, como teu fiel burriqueiro, por esta serra difícil do ideal!

Sobrinho Manuel, um amigo meu, que depois de ser, durante errados anos, um mau poeta, se arrependeu e se tornou um bom crítico, costumava sempre, com a sua autoridade de velho mareante experiente em escolhos e naufrágios, aconselhar os poetas novos a que procurassem os temas e motivos dos seus poemas, fora do próprio e estreito coração e das duas ou três palpitações que nele monotonamente se repetem. Eu pertenço à escola deste homem sagaz — e para mim também, essa poesia chamada *subjetiva*, que vive aninhada nas saias de Elvira e que arrulha sem cessar, no jornal e no livro, as suas gárrulas confidências de amor (ou de namoro), necessita ser substituída por uma poesia mais forte, mais viril, mais humana, que se desaninhe

das saias já enxovalhadas da sua eterna dama e lance o voo livre e largo através do mundo e da vida.

O amor (como ensinava o meu amigo), é certamente uma força — e mesmo a maior força deste pobre universo que dele vive e por ele se equilibra — e a notação, em boa rima, de qualquer das suas manifestações que seja intensamente genuína e nova, constitui sem dúvida uma aquisição excelente para o nosso conhecimento do homem, entidade de sete palmos de altura, que, quanto mais profundamente a si próprio se sonda, mais insondável se reconhece. Por outro lado, os versos de amor são preciosos para aqueles que, possuindo o sentimento, não possuem o verbo que lho vivifique, lhes dê a consoladora certeza da sua realidade

— e que precisam portanto ver expressas, formuladas, sonoras, quase palpáveis, as coisas indefinidas que lhes tumultuavam no peito e a que não sabiam dar nome.

Mas a não ser nestes dois casos, em que o poeta tenha descoberto em si uma forma do sentir deliciosamente inédita, ou que tenha conseguido exprimir com uma nitidez gráfica excecional algum subtil estado de alma até aí inexprimível, ele deveria (pelo menos enquanto durar este século saciado de lirismo sentimental) conservar os versos do seu amor no papel íntimo em que os traçou, ao lado das flores murchas, das madeixas de cabelos, das fotografias enodoadas de beijos e de todas as outras relíquias da mocidade que aos trinta anos se atiram ao lume. De outro modo, se os poetas

insistirem em anunciar cada semana, com lábio trémulo, nos jornais ou nos volumes a 600 rs., que amam Laura, e que a apertaram nos braços, e que os veludos da alcova pendiam em pregas moles — esta geração ocupada, positiva, inteligente, e só seduzida pelas coisas da inteligência, fugirá deles, desesperadamente, como se foge de tudo o que arrepia ou enerva, de um realejo, de uma serra a serrar pedra ou de um canário mecânico, envernizado de amarelo, com corda para 24 horas! Para que a poesia guarde a sua clientela de espíritos, é necessário que contenha em si toda a *humanidade* — e não somente a *feminilidade* da vizinha que sorri além, à janela...

Tudo isto, que afirmava o meu amigo, com aquela irremediável confusão

que lhe ficara dos hábitos do verso, é verídico. A poesia não se inventou para cantar o amor — que de resto não existia ainda quando os primeiros homens cantaram. Ela nasceu com a necessidade de celebrar magnificamente os deuses, e de conservar na memória, pela sedução do ritmo, as leis da tribo. A adoração ou captação da divindade e a estabilidade social, eram então os dois altos e únicos cuidados humanos: — e a poesia tendeu sempre, e tenderá constantemente a resumir, nos conceitos mais puros, mais belos e mais concisos, as ideias que estão interessando e conduzindo os homens. Se a grande preocupação do nosso tempo fosse o amor — ainda admitiríamos que se arquivasse, por meio das artes da imprensa, cada suspiro de cada

Francesca. Mas o amor é um sentimento extremamente raro entre as raças velhas e enfraquecidas. Os Romeus, as Julietas (para citar só este casal clássico) já não se repetem nem são quase possíveis nas nossas democracias, saturadas de cultura, torturadas pela ânsia do bem-estar, céticas, portanto egoístas, e movidas pelo vapor e pela eletricidade. Mesmo nos crimes de amor, em que parece reviver, com a sua força primitiva e dominante, a paixão das raças novas, se descobrem logo fatores lamentavelmente alheios ao amor, sendo os dois principais aqueles que mais caracterizam o nosso tempo: o interesse e a vaidade. Nestas condições, o amor que voltou a ser, como na Grécia, um Cupido pequenino e brincalhão, que esvoaça, surripiando aqui e além um

prazer fugitivo — é removido para entre os cuidados subalternos do homem, muito para baixo do dinheiro, muito para baixo da política... É uma ocupação, sem malícia o digo, que se deixa para quando acabar o dia verdadeiro e útil, e com ele os negócios, as ideias, os interesses que prendem. «Já não há hoje nada de produtivo a fazer? Já não há nada de sério em que pensar?... Bem! Então, um pouco de perfume nas mãos, e abra-se a porta ao amor que espera!» A isto está reduzida a Vénus fatal e vencedora!

Ora quando uma arte teima em exprimir unicamente um sentimento que se tornou secundário nas preocupações do homem — ela própria se torna secundária, pouco atendida e perde a pouco e pouco a simpatia das inteligências. Por isso hoje,

tão tenazmente, os editores se recusam a editar, e os leitores se recusam a ler, versos em que só se cante de amor e de rosas. E o artista que não quer ser uma voz clamando no deserto e um papel apodrecendo no armazém, começa a evitar o amor como tema essencial da sua obra. A glória de Zola vem sobretudo da universalidade e modernidade dos seus assuntos — a terra, o dinheiro, o comércio, a política, a guerra, a religião, as grandes indústrias, a ciência — que são os factos supremos que interessam o homem culto.

Aqueles que, como Feuillet, e Sandeau e tantos outros, só sabiam contar, com pena enternecida e graciosa, histórias de amor e em que o amor era o centro e o motor único da vida, estão abandonados,

comidos humilhantemente pelos ratos, nos subterrâneos dos livreiros.

Nem mesmo as mulheres leem já hoje versos de amor — que de resto não apreciaram em tempo algum, porque nunca uma mulher gostou de ver outra coroada e idealizada! E além disso nem elas, nem ninguém, por mais simples, acreditam na sinceridade dos poemas amorosos. Todos sabemos que eles são meros exercícios de literatura, compostos pacientemente, friamente, de chinelos, com um dicionário de rimas. Nos primeiros anos do século, o poeta que penetrava no «comércio das Musas» começava por compor laboriosamente, e folheando os bons modelos, uma *Epístola* em que celebrava a felicidade de viver nos campos, um *Madrigal* em que cobria

uma pastora de aljôfares e nardo, ou um *Ditirambo* um pouco desgrenhado, em que erguia a taça de vinho rubro e gritava «Evoé!...» Este homem excelente não conhecia pastoras nem bosques, e vivia comedidamente no terceiro andar de uma rua estreita, frequentando o botequim vizinho onde se alagava de orchata.

A orgia báquica, os cordeiros e o surrão, o seu amor da paz silvana, eram meramente nele temas recomendados pela arte poética. Hoje, essa poesia bucólica ou ditirâmbica passou com os calções e com os espadins. O romantismo criou outra retórica. E o poeta que principia, em lugar de se mostrar ao leitor, em rimas castigadas, *pastoril* e *bêbedo*, como o seu antecessor que ainda estudava Horácio — mostra-se agora, com a mesma

tranquilidade, mas com as fórmulas que herdou de Musset, *apaixonado* e *dolorido*. A dor e a paixão, porém, são no digno moço tão postiças e tão laboriosamente trabalhadas como eram o bucolismo, o patriotismo e o fervor orgíaco do seu confrade de 1810.

Desta escandalosa insinceridade provém o descrédito do lirismo. Mas, mesmo quando seja sincero, quando brote de uma emoção pura, que interesse nos poderá causar o livro em que o Sr. fulano ou o Sr. sicrano, que nós não conhecemos, nos vêm revelar os êxtases e os tormentos que se debatem no seu peito? Um tal poema deveria ser reservado para os íntimos. Há desde logo um grande impudor em fazer assim do nosso coração uma tiragem de quinhentos volumes, para

o vender, palpitante e sangrando, nos balcões das lojas. E há ainda uma intolerável impertinência da parte do Sr. fulano, em nos deter no nosso caminho apressado, para nos gritar, entre suspiros, que ela é formosa e que os seus beijos sabem a mel! — É formosa? Sabe a mel? Bom proveito para si, estimável senhor! Mas que me importa isso a mim, que vou vivamente levado pela minha ideia, pelo meu trabalho, pele meu negócio ou pelo meu prazer?

A poesia, se quiser prender ainda a nossa atenção, neste momento justamente em que ela atingiu a sua máxima habilidade técnica, necessita abandonar essa alcova em que se enerva e se esteriliza e de que nós conhecemos, até à saciedade, e pela sua indiscrição, todos

os lânguidos escaninhos. Fora dessa sombra mole não lhe faltam os belos temas — e aí tem a história, a lenda, e as religiões, e os costumes, e a vida ambiente, que lhe fornecem correntes de inspiração onde ela pode beber mais profundamente do que em nenhuma das Castálias passadas.

A sua lira, manejada por tão hábeis artistas nestes últimos trinta anos, está superiormente afinada, desde as cordas de nervo até às cordas de bronze, e não há som, por mais delicado ou por mais estridente, que ela não saiba despedir com precisão e com brilho. O homem tem a insaciável necessidade de se conhecer — e quantas formas, infinitamente variadas, do seu sentir, do seu pensar, do seu querer, não há aí, no

presente e através do passado, dignas de serem fixadas, para que ele as bendiga ou as maldiga, nessa divina linguagem do verso, a única que verdadeiramente penetra na alma e nela sabe gravar perduravelmente o amor do que é grande, o desdém do que é baixo... Que o poeta se despegue, pois, corajosamente da alcova, e mesmo da porta da sua bem-amada e, com a lira à cinta, como os rapsodos de outrora, percorra o mundo, escutando histórias, para as contar depois em ritmos de ouro!

Justamente, estas considerações que não são de crítica, e apenas lançadas tumultuária e familiarmente em cavaqueira amável, as formulei eu porque conheço uma ou duas histórias que bem mereciam, pela sua beleza moral, ser perpetuadas em

versos ricos. E como as minhas histórias não são de amor, procedi logo à maneira daquele mercador da lenda que, quando trazia armas para vender, clamava na praça contra a paz que debilita as almas — e quando os seus fardos só continham sedas e perfumes, erguia imprecações contra a guerra que asselvaja e desmancha os lares!

Mas quê! Em lugar de contar a minha história, para que tu, meu gentil poeta, a cinzeles num poema alado, gastei o meu papel professorando doutrinas e enfeitando-as de buxo e louro, com esta loquacidade divagadora da nossa raça, que tanto mal nos tem feito nas letras e na causa pública! Que remédio? Somos latinos e temos em nós, hereditariamente e irreparavelmente, toda a secular

tagarelice do *Forum Romanum*.

Tio do coração — Fradique.

5 — A...

Meu caro amigo. — Desaprovo energicamente a sua ideia de romance sobre Babilónia. O que foi, justos Céus, que aí, a três passos de Picadilly e de Regent-Street, o levou a pensar em Babilónia? Que interesse podem ter os homens e as mulheres de Babilónia para o seu público, que vive no Chiado, e na Rua do Ouvidor? Diz V. que nada há mais interessante para o homem moderno do que descobrir nos outros, de outras idades, os sentimentos, as paixões, os ridículos, a comédia e a tragédia que hoje o agitam a ele. Mas está V. certo de que sabe quais eram os sentimentos e os ridículos dos homens que habitavam a

cidade do Eufrates? Esteve V. lá, alojado num pequeno casebre de tijolo, à sombra do templo de Belu, observando e tomando notas? Ressuscitou por acaso algum babilónio para lhe vir dar a representação dos sentimentos e das ideias do seu tempo? — Como os pode V. conhecer?

Dirá você: — mas os homens são sempre os mesmos, através de todas as civilizações e de todas as idades. Nada mais falso nem de pior crítica. O homem é um resultado, uma conclusão e um produto das circunstâncias que o envolvem — circunstâncias de clima, de alimentação, de ocupações, de religião, de política, de arte, de cultura. Ora se estas circunstâncias eram em Babilónia absolutamente, radicalmente diferentes das nossas, como se pode concluir do

homem de hoje para o homem de então? Os próprios sentimentos naturais eram diferentes — e o amor de uma mulher de Babilónia devia ser tão diverso do amor de uma mulher de Paris, sob Mr. Grévy, como o pode ser o vidro da manteiga — para empregar uma oposição enérgica.

Tome V. uma mulher de hoje, em Lisboa por exemplo, e siga-a durante o seu dia. Ergue-se pela manhã, embrulha-se numa *robe de chambre* e encontra logo nas simples ordens a dar as mil complicações da civilização. É o candeeiro de gás que tem um escape e que é necessário mandar consertar; um telegrama a expedir por causa de um parente que chega no paquete da Madeira; um recado a uma amiga para combinar a hora a que ambas irão à Câmara ouvir

falar o Rufino; depois, tem que organizar o *menu*, porque há amigos a jantar; arranjar flores da Praça da Figueira, fazer almoçar e seguir os rapazes para o liceu; vigiar a criada que anda a espanejar os *bibelots* na sala; depois, há ainda o *Diário de Notícias* a percorrer e o *Correio da Manhã* a ler, a fechar-se no quarto para escrever a sua correspondência, e por último tratar da questão do criado, que se despediu por birra com o cozinheiro... Só então se pode ocupar da sua *toilette*, e finalmente vai almoçar. Às duas horas chega a amiga, e, metidas numa tipoia, lá vão ambas para as Câmaras. Aí, sessão tumultuosa, eloquência do Rufino, aplausos, olhadelas aos deputados, tagarelice, *rosa divina* nos intervalos. Finda a sessão, vai até à

Baixa, dá uma volta pela Avenida, entra em várias lojas, sobe à modista, e, à última hora, apressa-se para casa onde a esperam mais cuidados domésticos: é uma nova discussão com o cozinheiro, um prato que é preciso substituir e todas as graves preocupações da *toilette* para o jantar. Por fim, encontra-se à mesa entre os seus convidados: sorrisos, conversa, discussão sobre política, notícias, cancãs, boatos, maledicência. Os homens acendem os charutos — e seguem todos para o teatro, a ouvir a nova opereta. À uma da madrugada, volta sonolenta para casa: chá, romance para adormecer — e marido roncando ao lado, com um lenço de seda amarrado na cabeça...

Ora note V. que todas estas pequenas ações foram outros tantos

agentes diretos, vivos, modelando de certo feitio o *modo de sentir* desta mulher.

Tome agora uma mulher de Babilónia. Ao romper do dia, acordou no harém, no lugar onde só as mulheres dormem. Dormiu vestida, envolta na túnica de linho alvo que guarda quando se levanta — e a sua primeira ocupação é todo um complicado cerimonial de orações e de invocações. Não tem que dar ordens aos escravos nem que se preocupar com arranjos domésticos: a casa é simples: paredes de mármore ou de tijolo pintado, tapetes macios e fundos e algum vaso precioso, num nicho, entre as frestas que servem de janelas. Depois das orações, rapidamente, uma refeição simples, comida sobre o joelho — e vai para o banho e o toucado, as duas grandes

ocupações da vida. Em seguida, são as longas horas no harém, encruzada, ou tecendo ou preguiçando pelos divãs, ouvindo contar histórias., Todas as janelas do serralho permanecem cerradas: nenhuma comunicação exterior com o mundo... No entanto, ouvem-se no pátio rumores de vozes: são os convivas do marido, do senhor, que chegam para o festim. As escravas, então envolvem-na numa dalmática rica, dão-lhe um pequeno turíbulo de ouro, e ela adianta-se para a sala do banquete, de olhos baixos e andar hierático. Ali, gravemente, começa por incensar o marido, no seu «trono», depois, os convivas, chamando sobre eles as bênçãos da deusa — e, cumprido o rito, recolhe lentamente, a passos medidos pelo cerimonial e pelo dogma. Despe a

dalmática — e o seu dia findou. Há talvez ainda um passeio pelos jardins, sob o olhar dormente do eunuco, talvez alguma dança ou cantos de escravas — mas o seu dia social findou. Recitam-se novas rezas, outras rezas, queimam-se perfumes em atitudes de invocação. Através das frestas do harém silencioso, vai-se ainda respirar a frescura do crepúsculo cor de ouro... Depois, desenrolam-se os tapetes, e ela estende-se para dormir — a não ser que o chefe dos eunucos a venha reclamar, e a leve, obediente e passiva, à presença do senhor que a deseja.

Ora cada um destes atos ajudou a formar o *modo de sentir* desta mulher. Como pode portanto a sua maneira de amar corresponder ao modo de amar da mulher portuguesa?

Dirá você que, em conclusão, ambas elas têm filhos. Decerto. Mas isso é uma função orgânica, não é um sentimento. E se o que V. quer é descrever funções orgânicas — então está V. num campo muito seguro: basta-lhe copiar-se a si próprio — porque certamente o rei Senaquerib digeria exatamente como digere o conselheiro Acácio, e ambos se desembaraçavam do mesmo modo dos seus líquidos!

Assim, só lhe resta, pois, pintar, com a consciência íntima de ser exato, a decoração exterior da vida — as casas, os trajes, as mobílias, as armas. Mas isso não constitui um romance: são quadros de natureza morta. É o pitoresco pelo pitoresco — fórmula atroz da literatura!

E será ao menos difícil? — Nem

isso. A ciência arqueológica tem avançado tanto que todas essas minudências da vida exterior estão hoje explicadas em livros e enumeradas por ordem alfabética, com gravuras ao lado. Pode-se fazer a mais sábia e perfeita pintura da vida romana — com o *Dicionário Clássico*, de Smith, que custa dezoito tostões...

A isto V. responderá decerto: — E a *Salambo?* — Para fazer a *Salambo*, com efeito, não basta o *Dicionário* — é necessário o génio de Flaubert!... E quando se tem esse génio, e oito anos de vagares para o aplicar a um monumento como a *Salambo* — falha-se o monumento, como ele o falhou, e diz-se, como ele disse, com infinita melancolia: *Peut-être, après tout, n'y a-t-il pas un*

mot de vrai là-de-dans!

Amigo sincero *et nunc et semper*

Fradique.

6 — A E...

Meu caro E... — Você é o mais difícil de contentar dos homens que habitam a Terra. Pois consegue, com os seus livros, ressuscitar esse tipo defunto, o purista, o gramático — e ainda se lastima?

Como todas as coisas e os entes deliciosamente pitorescos do século XVIII português, que se afundaram, se sumiram no grande terramoto constitucional que tudo nivelou e achatou — tipos, costumes e carateres — sumira-se, mergulhara nas trevas, o purista, o gramático, o fiscal da língua! Os que amam as coisas portuguesas ainda por

vezes dele se lembravam, como de uma figura que mais que nenhuma outra adornava, dando-lhe significação, a velha sociedade portuguesa do tempo da senhora D. Maria II. Você, porém, chega, escreve, imprime — e eis que de entre as ruínas do Carmo ou de não sei que velho casarão meio demolido do bairro de S. Vicente, se ergue essa sombra e se põe a marchar! É o purista, inteiro, completo, com a cabeleira sórdida a que ainda estão pegados bocados de palha, as meias engelhadas nos pernis escanifrados, o capelo cor de vinho com o cabeção erguido, a face chupada pelas ansiedades da prosódia, os óculos de aro de latão na ponta do nariz, bem bicudo para picar os galicismos, os braços atravancados de in-fólios clássicos e de dicionários, e nas

ventas, ainda, a grossa pitada de simonte que ele respeitosamente colheu da caixa de Curvo Semedo!

Com o dedo trémulo, o esgalgado e soturno defunto folheia o *Basílio* e o *Amaro* e solta do cavername oco do peito, até aos céus da Arcádia, um grito de consternação. E V. que faz? Recua e procura a bengala para desancar o digno homem!

Nunca se viu uma ira mais irracional. O que V. devia fazer era abrir os braços e berrar: — «Oh, simpático caturra, vem, que eu te estreito ao meu coração!» — Porque afinal V. tem aí um tipo precioso de romance, já feito, sempre genérico mesmo na sua individualidade, pronto ou quase a ser impresso, sem se tornar necessário rever-lhe as provas.

Por esse tipo — como por um osso desenterrado se adivinhou o mastodonte — podemos reconstituir todo o velho regime. Bem analisado, ele imediatamente explica, e por comparação faz reviver ante os nossos olhos modernos, o brigadeiro, o poeta parasita, o frade apostólico, as sécias, os alfenins, o intendente da polícia, as aias pretas, as modinhas ao cravo, o andador das almas, o Sr. arcebispo de Tessalónica e todo o pessoal tão pitoresco desse estranho mundo passado. E queixa-se você! Talvez mesmo o único resultado sólido dos seus livros seja o de terem ressuscitado o purista!

O tipo, com efeito, é monstruoso. Fora de Portugal, nunca existiu — e hoje mesmo é necessário um esforço para lhe

compreendermos a existência, o valor e a ação. O purista toma uma ideia e não quer saber se ela é justa, ou falsa, ou fina, ou estúpida — mas só procura descobrir se as palavras, em que ela vem expressa, se encontram todas no Lucena! Agarra um soneto, um verso a uma mulher, e pondo de parte o sentimento, a emoção, a imagem, a poesia, indaga apenas se as vírgulas estão no seu lugar e se as incidentais não cortam de mais a oração principal! Encontra um tipo num romance, e numa inteira indiferença pela verdade desse tipo, a sua lógica, a sua forte vitalidade, esquadrinha unicamente se, na descrição dos seus gestos ou dos seus feitos, o verbo *haver* foi impropriamente usado! No estudo de um caráter, não quer saber da finura da dedução, nem da

penetração crítica, nem da análise, mas vai, com a ponta do nariz sobre as linhas, catando as maneiras de dizer que não são vernáculas! Folheia um grande e largo livro de história, e ignorando mesmo se a história é a de Portugal ou a da China, põe o dedo, ao fim de longa investigação, sobre uma página, e dá este resumo final, numa voz cavernosa: — «*Massacre* em vez de *matança* — livro funesto!»

Fazer tudo isto é verdadeiramente estupendo! O homem que o faz não tem nome que o classifique *(bruto* não é bastante, *facínora* é talvez de mais), a não ser que ele próprio, que sabe todos os termos do Dicionário, conheça aquele que lhe compete!

Mas por ser assim estupendo e inominável, devem tirar-se-lhe os livros

da mão e reenviá-lo a pontapés para a cova de onde emergiu? — Não, justos Céus! Deve-se estudá-lo como um caso de patologia social. Devem-se-lhe meter mais livros nas mãos sebáceas, os melhores livros da língua, livros de história, de análise, de poesia — e dizer-lhe depois: — «Aí tens, funciona!» — E quando o portentoso caturra, descendo os olhos para o bico de cegonha castiça e puxando para os ombros o capote de camelão, começa a funcionar, a catar o galicismo, a verificar a vernaculidade do termo — é necessário fazer um profundo silêncio, como quando ocorre um grande fenómeno, e ao lado, com atenção e sagacidade, tomar notas, muitas notas!... Há, com efeito, um livro a fazer sobre o purista!

Mas, diz V. na sua carta, que não é tanto este antiquado tolo que o aflige, mas o purista do tipo moderno, que num livro aprecia a ideia, a análise, a intenção, a vida das personagens, como um crítico do seu tempo, e depois, a respeito da forma, - de passagem, desculpando-se da caturrice, acrescenta que a construção é lamentavelmente francesa, o vocábulo pobre, o galicismo fervilhante, e que «é uma pena que V. não saiba escrever a sua língua!» E V. pinta o tipo: — «moço, inteligente, espirituoso, cultivado, afrancesado, moderno — e no meio de tudo isto, purista!»

Mas, filho meu, isso é aquilo a que nós aqui chamamos *un malin*. Bem lhe importa a ele a vernaculidade da língua! O que o interessa, moderno como é, são

os tipos, os estudos sociais, os *retratos* que possa haver nos seus livros, a sensação, o dramático. É moderno, é vivo até à medula; a língua que no fundo lhe agrada é a francesa; foi educado à francesa; veste, pensa, come, *flirta*, fala, legisla pelo molde francês, que entende ser o mais gracioso e o mais cómodo. Somente falando em Portugal de um livro português, acha que lhe fica bem um laivo de patriotismo. Um bocado de patriotismo fica bem, *ça pose:* dá seriedade, agrada aos homens graves e a certos jornais; dá garantias de zelo pela coisa pública, atrai a simpatia do professorado e torna-se assim um instrumento de vida... É pois conveniente, na crítica, lançar uma nota patriótica. Mas qual? Aí é que está a dificuldade. Porque o *malin*, educado

pela França, repassado de francesismo, vendo tudo à francesa e sentindo tudo à francesa, não pode distinguir bem onde esteja no livro essa falta de sentimento nacional que ele deseja acusar. Não o tendo em si, não percebe, naturalmente, quando ele falta nos outros. Recorre então à língua. Isso sabe ele — que há uma língua em Portugal e outra em França, e que La Bruyère não escreveu como o padre António Vieira. Leu-os ambos — sobretudo La Bruyère — e conhece bem as diferenças. E é então que lança o seu grito patriótico — que tem um certo chique, que é como uma flor da flora nacional que ele põe ao peito, que agrada, lhe dá o feitio de estar ainda preso à velha tradição e lhe pode, *en passant*, abrir os braços da Academia! Mas fá-lo por dever,

sem entusiasmo. Essa língua nacional e vernácula, à moda de Jacinto Freire de Andrade, que lamenta não ver no livro — nem por todos os tesouros da terra a quereria ele usar. Nem saberia. Francês de ideia, é francês de vocábulo. E a prova da sua pouca sinceridade na acusação está em que ele acusa o livro de ser escrito com a *construção francesa* — e como? Em frases todas elas construídas à francesa! E aponta à indignação da Academia os seus galicismos — de que modo? Empregando para formular a acusação, em cada dez palavras, cinco galicismos! Já V. vê, querido E..., que o homem, no fundo, é um colega seu!

Mas, à parte as críticas, restam os factos. Há razão para que V. se preocupe com a sua falta de vocábulo, a sua má

construção e os seus galicismos? Não, homem, respire! Evidentemente, a sua língua não é rica — menos rica, decerto bem menos, do que a de Oliveira Martins ou do Ramalhal amigo. Muito menos ainda do que a de Camilo, cujo verbo é prodigioso, acumulando tudo o que o génio nacional inventou para se exprimir! E por isso é tanto mais doloroso ver que ele não sabia usar essa imensa riqueza e que, com um léxico mais vasto que o de Ramalho e de Oliveira Martins, não alcançou jamais, como eles, o vigor, o relevo, a cor, a intensidade, a imagem, a vida, mesmo naqueles assuntos em que o romancista, o crítico e o historiador se encontram: — na pintura exterior dos homens e do drama humano. Onde Ramalho é largo e transparente, tudo

reproduzindo como um belo rio que corre, onde Oliveira Martins é incorreto, mas intensamente vivo, à maneira do genial Saint-Simon — Camilo, com o verbo completo de uma raça na ponta da língua, hesita, tataranha, amontoa, retorce, embaralha e faz um pastel confuso — que nem o Diabo lhe pega, ele que pega em tudo!

Você, em todo o caso, é infinitamente menos rico em termos do que esses seus três ilustres colegas. No entanto não se aflija por isso, nem continue a ler o dicionário, menos ainda os clássicos. Essa questão de riqueza de léxico tem sido já muito estudada — e decidida. E a decisão é esta: — Bem-aventurados os pobres de léxico, porque deles é o reino da glória!

Em Inglaterra, homens graves e pacientes fizeram uma contagem das palavras usadas pelos grandes escritores da língua. E pôde assim estabelecer-se uma tabela, desde um camponês do Yorkshire, que fala com duzentas palavras, até ao divino Shakespeare, que sabia e usava não sei quantos milhares, um número enorme de milhares! Mas Shakespeare é um poeta que percorreu todos os mundos, até o mundo das visões, e que necessitou mesmo, para traduzir a sua emoção, de forjar por vezes o vocábulo. Melhor é tomar, pois, como grandes sabedores de léxico, algum prosador, como Macaulay, o torrencial, ou George Eliot, a deusa. São estes os que estão no mais alto grau da tabela, que vem descendo até Fielding e até Addison, cuja

pobreza de dicionário era verdadeiramente lamentável. Ora, muito bem: qual é, segundo o consenso unânime da crítica inglesa, o mais puro, fino, encantador, original, luminoso prosador inglês? Addison!

Tem já você aqui um ponto adquirido: que, na literatura clássica, a crítica inteira de uma grande nação literária, como a Inglaterra, dá a palma da prosa ao homem que segundo os lexiconistas usou e soube menos termos. Mas passemos aos modernos. Quais são os três escritores ingleses que, recentemente, à parte o seu valor como pensadores, mais marcaram para os lexiconistas, pela abundância em adjetivos e epítetos? Além de Macaulay e George Eliot, Carlyle. E por outro lado,

quais são os modernos pobres de léxico? Froude, o historiador, e Mateus Arnold, o crítico. E se perguntarmos a qualquer inglês, mesmo mediocremente culto, pelos dois mestres da prosa contemporânea, os que escrevem o inglês mais elegante e fino — quais são os nomes invariavelmente citados? Os nomes dos dois pelintras do verbo: Mateus Arnold e Anthony Froude!

Já você decerto sorri e lhe renasce a esperança! Mas vou dar-lhe um alegrão maior ainda, convidando-o a atravessar o Canal e a vir aqui penetrar na prosa francesa. Aqui, não são só dois escritores — é toda a Legião Sagrada, desde La Bruyère, mostrando que a melhor prosa, a mais perfeita, a mais lúcida, a mais lógica, a que tem sido a grande educadora

literária e tem civilizado o mundo, é feita com meia dúzia de vocábulos que se podem contar pelos dedos. Faça uma experiência: leia, durante uma semana, meia dúzia de páginas de cada um dos grandes mestres: Bossuet, La Bruyère, La Fontaine, Diderot, Voltaire, Beaumarchais, e diga-me se os termos com que é trabalhada cada uma dessas páginas, não são os termos da linguagem familiar, os mesmos que sabe e emprega qualquer modista da *Rue de la Paix?*

E há alguma coisa singular nisto? Não. Singular seria que os factos fossem diferentes. As palavras são, como se diz em pintura, *valores:* para produzir, pois, um certo efeito de força ou de graça, o caso não está em ter *muitos valores*, mas em saber agrupar bem os três ou quatro

que são necessários. A beleza de uma pintura — no que respeita ao colorido — acaso está na abundância das cores? Não, decerto, e se assim fosse, as obras-primas da pintura seriam as estampas de Épinal, onde, numa simples figura, se encontram sessenta *nuances!* E todavia, os grandes mestres são Rembrandt, Velázquez, Van-Dick, Ribera, que pintavam com três ou quatro cores. Quase que tenho vergonha de repisar aqui estes axiomas do senso comum!

Mas veja você ainda todos os modernos franceses, os grandes pensadores — Renan, Flaubert e mesmo Dumas filho. Escrevem com meia dúzia de palavras. Flaubert catava dos seus livros todos os termos que não pudessem ser usados na conversa pelo seu criado: daí

vem ele ter produzido uma prosa imortal. E a razão é que só os termos simples, usuais, banais, correspondendo às coisas, ao sentimento, à modalidade simples, não envelhecem. O homem, mentalmente, pensa em resumo e com simplicidade, nos termos mais banais e usuais. Termos complicados, são já um esforço de literatura — e quanto menos literatura se puser numa obra de arte, mais ela durará, por isso mesmo que a linguagem literária envelhece e só a humana perdura.

Seria por isso impossível tornar bem compreensível a análise de um sentimento, se você, em lugar de notar todas as modalidades desse sentimento em termos claros e simples, através dos quais elas vivessem, as empastasse, as afogasse, usando os sinónimos

complicados desses termos simples. Um romance que não possa ser lido sem um dicionário, é uma obra grotesca. Você tem um personagem e quer dizer dele — «que era afortunado nas suas coisas, mas nunca fora generoso e por vezes se mostrara falso». Somente estes termos: *afortunado*, *generoso*, *falso*, são certamente usados por toda a gente, e, não se sabendo outros, provam escassez de léxico. Você, portanto, procura sinónimos estranhos e raros, que mostrem riqueza de léxico, e põe a sua frase assim: — «Era varão escançado, porém nunca se mostrara largueado e no seu convívio despontava de honra por mendacíssimo e lançadiço». Você escreve esta coisa monstruosa, que certamente prova opulência de léxico — e em redor estoura uma imensa

gargalhada!...

Estoura a gargalhada que nos tem sufocado ao lermos romances de romancistas ilustres, escritos naquela estupenda linguagem. Você decerto provou riqueza de léxico e agradou a dois ou a três gramáticos — mas nenhum rapaz, nenhuma mulher, nenhum homem, ninguém ficou compreendendo como era o seu personagem. E como ninguém tem paciência para folhear o dicionário, você ficou incompreendido — e foi como se não escrevesse! Nunca me esqueceu o que um dia me disse Chardron de um romance assim escrito. Perguntei-lhe se a coisa se vendia; ele teve um gesto de amargura: — *Pas du tout! Il parait que, pour comprendre ça, il faut acheter aussi un diccionaire, et çà revient trop cher!*

Além da riqueza de léxico, nos termos, há a riqueza de léxico no desenvolvimento da ideia, isto é, a apresentação da ideia sob uma forma copiosa e folhuda. Isto é ainda mais fatal. A coisa mais simples, e que na sua simplicidade seria bela, fica logo tão sobrecarregada de ornatos, de franjas, de lantejoulas e de penduricalhos, que me lembra sempre certas imagens de santas italianas, que sob a abundância dos enfeites, dos ex-votos, dos colares, das coisas vagas que sobre elas reluzem, apresentam à adoração dos fiéis, não uma santa, mas um cabide de adelo!

O escritor de léxico abundante não pode dizer que «Elvira chorou» sem complicar esse ato tão simples, com tantas incidentais sobre o sabor das lágrimas, o

fel ou o júbilo que elas continham, e os anjos que as recolheram nas mãos, e as pérolas em que elas se transformaram, e a pouca atenção que o universo lhes deu, e a perfídia do homem, e a infâmia do brasileiro — que o leitor, aturdido, escassamente fica sabendo se Elvira estava chorando, ou rezando as contas, ou cantando ao piano a *Traviata!*

Tome você o primeiro ato do *Frei Luís de Sousa*, do Garrett — do Garrett, que era outro pobre de léxico! Aí tem você uma pura obra-prima, uma das mais belas que existem em todas as literaturas da Europa. Nada mais sóbrio, mais simples, mais seco. Cada frase contém apenas as palavras necessárias e tem contudo dentro em si todo um mundo de coisas profundas. Entregue esse ato, como

um esqueleto de obra, a um escritor abundante, eloquente, desses que sabem mil palavras do dicionário e têm o estilo copioso — e verá o que ele faz desse ato sublime. Que lhe fique duas horas na mão, *et vous m'en direz des nouvelles!* Que coisas ele não porá nos lábios da nobre mulher de Sousa Coutinho, que declamações na boca do pobre Teimo! Duas horas só, em que lhe seja permitido adornar aquela secura e aquela simplicidade com todos os recursos do léxico e todas as exuberâncias da eloquência — e de uma obra incomparavelmente bela, sairá, ao fim dessas duas horas, uma pastelada balofa e terrivelmente indigesta!

E, filho meu, se da abundância de léxico, passarmos à construção francesa...

Mas está dando uma hora, vou almoçar. Que imenso cartapácio lhe escrevi! A construção francesa e os galicismos ficam para melhor ocasião, se é que você, depois disto, ainda necessita de mais consolações. E note que não disse metade do que tinha a dizer: seria necessário escrever um volume!

Quando aparece você em Paris? Tem visto em Londres os amigos? A linda Edite ainda vai ao n.º 14? E o homem da Pall-Mall? — Seu do coração — Fradique.

Prosas Românticas

Sinfonia de Abertura

Eu ontem pensava nas viagens imensas que os deuses têm feito, desde o templo de Elora, onde andavam, ferozes, por entre os elefantes sagrados, até à cruz de Jesus, onde um rouxinol veio pousar, cantando de amor e de angústias de amor. Foram desde a matéria negra e enorme até às serenidades vivas, para além das nuvens, das estrelas e dos caminhos lácteos.

Esta coorte imensa dos deuses, vinda do fim do Oriente, teve sempre uma companheira cheia de servilidades e de amores — a Arte.

Ao princípio, na Índia, quando eles andavam, pesados de matéria, entre

as fatalidades violentas, ela abria-lhes, nas montanhas, templos onde corriam rebanhos de touros. Depois, no Egito, quando eles choravam de desejos lascivos e se desfaziam em águas espumantes de fecundidade, ela edificava-lhes arquiteturas lívidas e frias como os horizontes do Nilo, e, por entre as esfinges que dormem com os olhos abertos às poeiras, pirâmides onde escrevia, num misterioso encruzilhamento de linhas, os velhos segredos do fatalismo.

Depois, na Grécia, quando eles plantaram tendas debaixo das estrelas e fizeram os Olimpos todos sonoros de risos, ela ergueu na luz os templos harmoniosos e serenos e formou, com os doces esplendores do mármore, as linhas

melodiosas que fizeram a lenda da beleza antiga, e com aquelas atitudes ideais escreveu a Ilíada da harmonia, da graça e da luz. Em seguida, quando eles subiram para as regiões onde as estrelas são gotas de sombra, ela fez os templos góticos, deu à pedra todas as aspirações do espiritualismo, à pedra que se abriu em transparências e transfigurações, como se quisesse ser no espaço a morada suspensa dos espíritos.

Por fim, na sua ideal serenidade, libertou-se dos contornos, e dos coloridos, e das gravidades, dissipou-se nos amolecimentos divinos, e apaixonada e lírica — dispersou-se em sons: assim nasceu a música.

Então pôde livremente unir-se, lá em cima, aos companheiros da sua

trabalhosa odisseia.

Esta transfiguração da Arte fez-se na Alemanha. Nesses tempos, a alma alemã, que estava na lei católica como numa solidão lívida, desfalecia naquelas melancolias imensas que Alberto Dürer revelou.

Nem ao menos se podia refugiar na grande natureza sonora e embalar-se nas consolações vivas, cheias de mel, de frescuras e de sóis. Naquele tempo de terror, a árvore era um espectro e a flor uma maculação. E a alma, para ficar pura, devia passar na vida sem ouvir a voz docemente profunda da velha natureza.

Assim a alma alemã tinha toda a sorte de penumbras, de desfalecimentos, de pálidos silêncios, que se exalavam divinamente no canto.

A música, a meiga consoladora, tivera sempre até aí uma atitude hierática: havia só salmos, cânticos e versículos segundo o rito litúrgico: era a velha melopeia grega, esfarrapada pelas asperezas do latim dos versículos.

Palestrina, Allegri, Pergolesi foram apenas reveladores de madrigais seráficos e de subtilezas eucarísticas. A música estava envolta no dogma, vestida de latim, embaraçada de dificuldades, presa, como uma estátua, na penumbra dos santuários.

Lutero tomou aquela bela e fria estátua, despiu-a do latim, desprendeu-a das subtilezas, desligou-lhe os braços descarnados, tirou-a do santuário, levou-a para o livre ar — para as largas palpitações. E a estátua delicada, livre,

rosada, meiga, consoladora, tomou pela mão a triste Alemanha e levou-a como a Beatriz mística, pela orla das moradas santas.

Foi o momento de lirismo e de paixão da reforma. Mas aqueles braços que se tinham erguido por entre as constelações, caíram logo, como asas molhadas. A música teve um momento o rosto aceso nas iluminações divinas, mas ficou de novo fria, hierática — mármore pálido.

A música, que é a alma, o espiritualismo, o vapor da arte — sumiu-se com a aproximação da Renascença, que vinha cheia de rebeliões da carne.

A reforma havia sido feita em nome do idealismo. A Europa tinha-se esquecido da alma, da pureza, das

castidades, do olhar da Virgem cor de violeta: caminhava nas púrpuras e nas fulgurações, seguida das pombas lascivas, com as brancas nudezas cobertas de veludos, escutando os contos da rainha de Navarra, acompanhando em serenata profana as cantigas de Ariosto, entre os mármores frescos e os seios macios, desfalecida nas molezas da carne.

E a Europa assustou-se: os papas tomaram atitudes severas e lívidas; e voltou-se a Deus, como no tempo de Dante.

Foi momentâneo esse puritanismo da velha Europa. O sensualismo tinha visto pela primeira vez a Igreja, sua velha inimiga, tremer, e encaminhou-se para ela feroz com as vinganças da carne.

E a Renascença veio depois

daquelas lívidas castidades góticas, dos jejuns transparentes, das faces maceradas, daquelas chagas roxas do Cristo. Veio com toda a sorte de livres palpitações e de rebeliões soberbas. Veio cheia da natureza e em nome dela: sentiam-se-lhe as sonoridades e os acres cheiros das florestas, e as vivas humidades dos mares. A carne ia aparecendo, triunfante. João de Leyde ressonava de noite, cansado de gulas, entre as suas catorze mulheres; começava a surgir o ventre imenso de Gargântua; sentiam-se fumegar as bodas de Gamacho; e para as bandas do Norte, já se ouvia o riso do velho Falstaff.

A atmosfera da Renascença, pesada de aromas fortes e de sensualidades, das vaporações da languidez, não podia conservar a

vitalidade àquela vaga Ofélia que se chama a música.

A época da música ainda não tinha vindo. A arte é como a vegetação: só cresce, só tem coloridos, e sombras, e repousos, dadas certas circunstâncias de vitalidade; mas dadas essas condições, ela nasce espontaneamente, e vem então cheia da alma de uma época, da sua inteligência, da sua fé, das suas tristezas, das suas desesperanças. A música, toda alma, não achou essas condições na Renascença, toda carne.

A nossa época é que devia produzir a música, como a Grécia produziu a arquitetura, e a era das monarquias e das academias a tragédia *racineana*.

Com efeito, nunca, como nestes

tempos, as profundidades da alma, cavadas e alargadas pelas revoluções, estiveram tão fundas e tão ilimitadas. A alma movia-se, lenta como um mar, unida, calma, pesada, opaca e coberta de brumas. De repente, as revoluções passaram pela noite, sacudindo os seus fachos severos, de onde saltavam constelações. A alma alumiou-se entre repelões brutais; iluminaram-se longes surpreendentes; houve um desencadeamento de brados, de vontades, de violências: daquela claridade viva saíam desejos, sentimentos, paixões, amores, imaginações, epopeias em livres turbilhões. Era uma ressurreição, mais cheia de seiva e de violência que a vida flamejante das constelações, que a vida desvairada dos mares. Saíam daquelas

profundidades, como evaporações de luz, as críticas, as histórias, as filosofias, as medicinas, as químicas, as imaginações, os dramas, toda uma vegetação divina.

A alma começou a entrever cimos luminosos, erguidos por entre os astros, que se chamavam Homero, Esquilo, Dante, Miguel Angelo, Rabelais, Cervantes, Shakespeare. A alma queria subir àqueles escarpamentos divinos, para colher a pequena flor do ideal. Ela via moverem-se ali mil figuras, voluptuosas e sinistras, trágicas, disformes, irónicas, apaixonadas, ciosas e lívidas: e nas claridades e nos círculos de um vento divino, por entre as irradiações dos astros, os tremores das tormentas, os gritos das andorinhas e os luares silenciosos, subirem brados, lágrimas,

soluços, risos, cantos, suspiros, bênçãos e imprecações. A alma via aquela vida flamejante, acesa no espaço como uma Jerusalém humana erguida na luz, ao sopro dos fortes peitos. E queria subir à montanha sagrada e andar por entre aquelas imaginações que sofrem, que sangram, que deliram, que são Romeu, Hamlet, D. Quixote, Orestes, Prometeu, Francesca de Rimini e Ofélia! Era um Patmos estranho aquilo, um promontório do pensamento, de onde se avistava um mar, ora embalando-se, sereno, nos silêncios alumiados, ora dando-se, lascivo, aos beijos do vento, ora indolente e melodioso, ora cheio de iras, de esguedelhamentos, de farrapos lívidos de água, de trágicos soluços do abismo.

Os que não se aventuravam

naquela passagem, ficavam sossegadamente na sua fé ordinária, na sua virtude, na sua sonolência; mas os que as atravessavam, entravam nos sofrimentos infinitos: quase que ficavam fora da medida humana. O que quer que fosse de ilimitado entrava neles, com bruscos desvairamentos. O homem sente-se como possuído pelo demónio Legião. Sente as inquietações descoradas, os abatimentos dolorosos, os amores infinitos, as ambições nevrálgicas, as imaginações lívidas, toda uma amontoação apocalíptica de estranhas vitalidades interiores. E o infinito que ele tem em si tortura-o, como a presença de Deus torturava as sibilas antigas.

E depois, ao mesmo tempo, viu-se que os prometimentos das revoluções

tinham mentido!

Tinham-se visto tantos derrubamentos, tantas forças desvanecidas, tantos direitos divinos assoprados, tantas fulgurações de Sodomas apagadas, que não se acreditava que ainda, pela sombra, pudesse estar de pé e atuante, alguma antiga fatalidade. Pensava-se que a miséria, que a fome, que o erro, que a mentira, que as bruxas e as negruras históricas, tinham fugido como um fumo: mas aqueles lobos trágicos ainda andavam pela noite, mordendo as almas!

O mal passava ainda, nas suas façanhas fulgurantes, enredando nos vícios e nas tentações, fixando no homem o seu olhar fúnebre através das transparências doentias da noite,

batalhando com as almas e fazendo-lhes a chaga incurável do pecado. E então nasceu uma convicção tenebrosa: a impossibilidade do libertamento! Erguiam-se os braços magros e suplicantes: olhava-se pela terra, a ver se não viria alguém da parte da natureza, um monte, uma floresta, um mar, um vulcão, que tomasse o homem pela mão e lhe dissesse com a bonomia dos monstros: — *Vem, eu te protejo*. — Nada...

Nasceram então tristezas vagas como o luar, profundas como a noite. A terra ficou como se o lençol de Cristo tivesse sacudido sobre ela os seus suores e as suas frialdades. Nem largos risos, nem bênçãos fecundas. A mocidade, pálida e nervosa, sofria, ajoelhava, torcia os braços, e um dia morria, e ia, como

uma forma húmida, errar no céu dos fracos. Vagavam as coortes dos pálidos, dos noturnos, dos desgrenhados, de todos os errantes da melancolia.

Debalde se perdiam nas violências do mal, e entre os braços nus e os reflexos dos vinhos, riam e bebiam, descantavam à viola, deixando os gemidos ao vento e os soluços às ondas. Por vezes, a alma justa passava, como uma Ísis velada, lançando-lhe um olhar severo — e toda a repugnância daquela vida estéril e perdida lhes refluía aos dentes como um soluço de tédio. Houve um momento em que a terra moderna foi como o antigo vale de lágrimas da Imitação: as almas queriam voar para o cimo onde está o ideal, sereno, branco, consolador e purificador. Debalde. Como

aquele saltimbanco esfarrapado e lívido, que queria fustigar o teto de lona com os seus cabelos soltos, e que caía sempre na poeira entre os esgares do público, os novos também queriam soltar-se, em impulsos nervosos, rasgar o azul, rolar pelas estrelas — e caíam, ofegantes, suados, lacrimosos e desolados.

Então apareceu o tipo soberano, em quem se resumem todos os sofrimentos, todas as desesperanças, as melancolias, as incertezas, as penumbras, as aspirações, os lirismos desta época pálida e doentia. Esse tipo chama-se Fausto, Manfredo, Lara, Antony, Werther, Rolla, D. Juan.

Molière e Hoffmann fizeram ambos um D. Juan. O conto de Hoffmann é a revelação do poema de Mozart. A

maneira diversa por que foi concebida a grande figura de D. Juan pelo poeta e pelo músico, revela os profundos dilaceramentos modernos.

O D. Juan de Molière é ateu, incrédulo: aceita os nervos como uma religião e a devoção como uma ironia.

Tem paixões e arrebatamentos — contanto que não lhe amarrotem as rendas da gola.

Derrama-se em astúcias e respeitos para burlar o Sr. Dimanche, e um dia que seu pai lhe vem falar da honra, recomenda-lhe que tome primeiro uma atitude de púlpito. Encoleriza-se com Elvira, que quer que ele ame, e com Esganarelo, que quer que ele creia. Convida o comendador de pedra, por descrença, e quando se ouvem os passos

sinistros na escadaria e a estátua lhe estende a mão, morre em convulsões de medo.

O D. Juan, de Mozart, esse tem uma lista de três mil namoradas: e todavia vai pelo mundo, angustiado e inconsolável, procurando a esperada do seu coração, como um sacerdote perdido que anda perguntando pelo seu Deus. Vai pelos povoados, por entre as arquiteturas e por entre as florestas, pela Espanha, por Florença e por Berlim, suspendendo as escadas de seda a todos os balcões, e os seus desejos divinos aos lábios da noite.

Ele embala nos seus braços moles de languidez, as trigueiras, as louras, as joviais, as melancólicas, as castas, as fortes, as impuras, as noturnas, as luminosas e as esfarrapadas. Depois

soluça baixo, como numa penitência.

Voam em redor dele figuras transparentes, mais delicadas do que as virgens de ouro fino de um livro de legendas, e ele envolve nos braços aquelas sombras de corpos flutuantes, bebe-lhes toda a vida em beijos infinitos. Encontra Elvira, ama-a, como se as asas com que há de subir ao infinito nascessem nos ombros dela. A alcova tem uma sombra augusta e nupcial; as luzes esmorecem; da guitarra sai aquela música mole, e indefinida, e queixosa, semelhante a um luar sonoro. Ela, com os cabelos soltos, como os raios dispersos de um grande sol negro, com um divino movimento lascivo, como se a embalassem os braços de um deus, deixa, ao colo de D. Juan, descerem como uma

onda, sobre os seus seios nus, as suaves preguiças.

E ele sofre e torce os braços na sua dor muda.

Lá fora, estão os loucos companheiros que hão de ir logo em cavalgada noturna, cantando sobre a moleza dos astros. E ele soluça na sua dor muda.

Ao longe, estão na sombra os seus palácios cheios de fulgurações, de sinfonias, de cantos, de radiosas violências, flamejantes, como no fundo de uma glória. E ele foge com a sua dor muda.

Que tem? Não perguntaram? Tem a nostalgia do infinito!

O indefinido daquela alma, revelada pela arte, eis aí a música.

Por isso ela é a voz espontânea de todos aqueles que, como D. Juan, andam curvados, esfomeados de ideal, noturnos, empalidecidos pela Lua.

Assim a música aparece neste século como uma voz inesperada em que se entendem os desconsolados. E os desconsolados foram toda uma mocidade triste e enervada, toda uma primavera sagrada!

Poucos foram os fortes, os serenos, de largos risos sonoros e de peitos de heróis.

As almas tinham tomado as qualidades da noite, o vago, o silêncio, a tristeza e o esvaecimento!

A música saiu espontaneamente destas dores que se queriam exalar, como outrora saiu do choro rítmico de Rama

todo o divino poema da Índia.

A loura Alemanha de ideal seriedade, luminosa, cheia de vago e de constelações, devia sobretudo adotar a música como a pilha cheia de vozes, há tanto tempo esperada pelo seu coração mudo.

A música é a maneira de pensar da alma alemã, que os seus instintos sagrados levam para as livres claridades e para os esvaecimentos.

A música italiana, essa tem o quer que seja de palpável, de luminoso, de ondeante, como seda invisível: sente-se que por pouco que se condensasse, as mãos encontrariam, como um tecido de sol, uma moleza viva que se poderia vestir.

A música italiana sai

profundamente da natureza, como a música alemã sai profundamente da alma; de *resto*, a alma, a natureza — duas maneiras de ser de Deus.

A música dos maestros do Sul é sobretudo voluptuosa: parece sair dos movimentos melodiosos de um corpo feminino que estremece de *desejos* surdos sobre os veludos, que se torce nas sedas, em desfalecimentos e sobressaltos. As heroínas dos seus poemas musicais, *Lúcia*, *Norma*, *Lucrécia*, *Traviata*, são um coro lírico que canta todas as voluptuosidades adúlteras, todos os desvairamentos da paixão. Mesmo Bellini, o meigo Bellini, contemplativo, dolorosamente queixoso, delicadamente lânguido, não pode arrancar a sua Itália do coração, e derrama pela partitura da

Norma todas as fulgurações do desejo, todas as imolações apaixonadas, todos os arrependimentos desvairados e soberbos.

Mozart encontrara D. Juan, o de lábios africanos, vindo de Espanha, dos calores silenciosos, dos seios rijos, dos beijos flamejantes; quem escreve o libreto é Lorenzo de Ponte, um meigo doido de Veneza, jogador, duelista, neto de Lovelace, com largos horizontes e largas cantigas, e o peito cheio da religião da carne e do sol. Mozart, mesmo, tinha estado na Itália e amava a alma luminosa do doce Rafael... E apesar de tudo, quando anima D. Juan, não sente o coração e o talento cheios da sua pálida Alemanha?

Não estão naquela criação todas as esperanças, todas as religiões, todos os

amores, todos os idealismos, todas as desesperanças da pátria?

É isto o que Gœthe, o olímpico, sentiu profundamente, quando disse que Mozart era o único músico capaz de compreender Fausto e de sentir Margarida.

E todavia a Alemanha e a Itália têm o mesmo delicado sentimento do grande tipo que simboliza na vida o tempo moderno. É por ele que se levantam, no Norte e no Sul, as vozes que o revelam no amor, no ciúme, na severidade e na melancolia. Em toda a obra musical, sempre aquela figura se ergue, trágica e desgrenhada. É ele que tem ciúmes em *Otelo*, que se desespera em *Fidélio*, que quer ser livre em *Guilherme Tell*, que cisma ao luar em *Freishütz;* são as suas

recordações que cantam na *Lúcia*, na *Traviata*, na *Sonâmbula; é* ele que cisma com o Oriente em *Semíramis*, que desvaira em *Roberto o Diabo*, que sonha aventuras no *Hernâni e* que sofre de amor e de venturas de amor no *D. Juan* do divino Mozart.

Assim estas escolas, outrora hostis, vão-se fundindo: a Alemanha dando o seu iluminismo e a Itália a sua paixão.

E assim a Arte vai sendo a primeira a unir as pátrias pela reconciliação das almas.

Ainda há pouco, nos lugares sagrados em que o monge Lorenzo enterrou Julieta, se estendia brutalmente o feroz quadrilátero austríaco. É necessário que os antigos ódios históricos se vão

esvaindo com o fumo das pólvoras: que os uivos de batalhas expirem nos lábios da Alemanha, cheia de idealismo, que é a formosura da alma, e nos lábios da Itália, cheia de formosura, que é o idealismo do corpo. Como em Shakespeare o amor reconciliou as famílias, a arte, no mundo moderno, reconciliará as pátrias. E possamos nós todos, os que estamos neste canto da velha terra portuguesa, com a alma serena sob o céu claro, ver, no dia das glórias e das fraternidades, o Romeu italiano, apaixonado e melodioso, estender a mão de irmão, por cima dos montes, àquela eterna e doce Margarida que se chama a Alemanha!

Poetas do Mal

Conhecem Poe, Baudelaire e Flaubert?

Estes homens só veem o mal: os corpos magros, despedaçados e podres, as vegetações líricas que luzem como no fundo de um sonho asiático, as nuvens ferozes onde vagueiam os danados do amor, os orvalhos caídos das frias esterilidades da Lua, os uivos horríveis das almas que têm medo, os ventos que torcem os corpos dos enforcados, as pestes, as covardias do desespero — todas as flores do mal, esplêndidas e negras.

Na alma humana, só encontram pecados teimosos e arrependimentos

covardes.

Se por acaso contemplam, um dia, o esvaecimento da luz, sereno e severo como a alma de um herói, julgam ver na catedral de vapores acastelados sobre o mar, um sacerdote — Deus — tomado de trágicas iras, arremessando pelo espaço os santos símbolos! Veem-no rasgar pelas nuvens a sua alba flamejante; veem-no lançar a hóstia — que é o Sol — às águas soluçantes; pensam ver o ar, pesado de lirismo, vergar ao sopro da sua respiração indignada. É ele que faz a noite, com a negra irradiação do seu olhar; é ele que dispersa pelo ar, como um milhafre dispersa as penas de uma pomba, as folhas rasgadas do missal: é um pedaço do livro santo que flutua, onde nós julgamos ver um astro.

Estes homens, com as suas violências radiosas, com os seus ideais desesperos, com as suas ironias, os seus espiritualismos, estão no meio destes espíritos modernos de hoje, baixos, alinhados, esbranquiçados e lisos, como uma catedral gótica entre as casas caiadas de uma vila. Eles abafam nestas atmosferas, pesadas do fumo das indústrias.

A natureza está vazia: as florestas meneiam a cabeça louca e frouxa; o céu tem o calmo olhar dos idiotas; os rios vão sempre fugindo e cantando, como os amores das mulheres. Eles não podem derramar a alma nas bondades errantes que a natureza tem: a natureza mesmo quase que já não existe. Perdida como está entre as edificações, as granjas, as

indústrias, as fábricas, os estaleiros, os circos — parece uma pouca de erva, passando, esmigalhada, entre os dedos dos homens!

Eles nem têm ao menos o grande refúgio do amor.

Passam, é verdade, junto deles, mulheres de seios de âmbar, sérias entre os veludos silenciosos: quando elas assim passam, a alma dos poetas anda humilde e perdida pelas lamas, como um fumo que o vento abate: é o vento do materialismo que assim as verga! Se a alma se eleva para ir buscar a flor de bênção ao interior daqueles corpos femininos, se lhes vai pousar nos olhos negros e macios, se entra radiosa, como para um noivado santo, se escorrega até ao coração, sai logo aflita, dizendo: não vale a pena deixar esta lama

para subir àquela alma!

Assim o amor não os pode tentar.

E a glória também não: eles veem que hoje os grandes espíritos sobem para os pedestais em que hão de aparecer — estátuas do futuro — como um truão sobe para o tablado — entre os brados inertes, os uivos, as imprecações da multidão que vai passando para os esfriamentos do túmulo.

Mas podem refugiar-se na antiga poesia, no doce Virgílio, nos êxtases de Catulo, nas sentimentalidades de Petrarca — em toda aquela doçura untuosa, serena, fresca, consoladora? — Não podem: hoje aquelas santas colinas humildes foram invadidas pela multidão dos críticos, dos realistas, dos esquadrinhadores — multidão esfomeada de materialidades,

que anda revolvendo o terreno para lhe explicar as camadas, que destrói todas aquelas meigas flores do bem para lhes contar as pétalas, que descascam as árvores sagradas de onde caíam os versos de Ovídio, para lhes estudar as fibras e os filamentos.

Então aqueles homens são tomados de uma doença horrível — o tédio.

A pobre alma estava cheia de auroras, de frutos, cantando nas madrugadas: vêm até ela as bondades condescendentes do Sol; acendem-se constelações dentro do peito; o interior fecundo e vermelho do coração anda cheio de corpos de mulheres. Tudo se transfigura: o choro é um coro de rouxinóis; a ira, a palpitação das asas de

uma ave soberba. Os nossos olhos têm reflexos distantes de paraísos desconhecidos; os nossos braços têm jeitos soberbos que falam aos astros, e se se queixa uma planta, e se suspira uma onda, nós estendemo-los com um gesto de consolação e de amparo. Às vezes, nasce também na alma a melancolia: mas então a melancolia é a voluptuosidade da tristeza.

Então vem o tédio, passo a passo: tudo escurece. Espalha-se uma moleza errante; calam-se os coros interiores; aparecem os desesperos lentos, as angústias frias. Os braços caem nos desconsolos como as asas de um pássaro ferido; as antigas alegrias, as bondades, as energias, as coragens, apodrecem e vão-se em pó — e vê-se então a alma, nua, gelada, rígida, opaca, má, como,

quando se retiram os panos bordados e radiosos de um altar, aparece o pau duro, tosco, escuro e carunchoso. Somente, debaixo dessa madeira do altar, está às vezes a imagem do Cristo morto! Na alma, há também um Cristo morto — a fé!

Então aqueles tristes vão procurar uma região nova, e apaixonada, e lírica, onde não ouçam a voz rouca do materialismo. Assim outrora os monges iam para os desertos da Nitria, para não ouvir suspirar pelo céu, ainda orvalhado pelo mel do Hibla, a alma errante do paganismo. Porque elespensam que assim como o ocaso do Sol é feito por um Deus terrível que despedaça as relíquias santas, o ocaso da arte é feito pelo materialismo que despedaça as sociedades.

Como vão para uma ideia nova,

desordenada e estranha, aparecem vestidos por uma forma nova, estranha e desordenada. Eles sabem que as imitações arcádicas estão gastas, que as velhas árvores de onde se dependuravam as liras clássicas estão secas, que os caminhos trilhados pelas togas brancas de pregas hieráticas levam ao deserto. Assim, esta revolução na arte não é, como diz a crítica ordinária, hemistíquios, prosas, rimas e medições que se alteram: é todo o poema divino das sociedades modernas que se vai aos farrapos. As formas novas são o sintoma da sua dissolução.

Os espíritos não podem respirar o ar moderno, pesado de materialismos: sufocam, sofrem, gemem.

Então aparecem estes livros — *As Novas Histórias Extraordinárias* — *As*

Flores do Mal — *Salambo*, etc.

O primeiro é de Edgar Poe. Entre aquelas páginas passa o demónio da perversidade, ora hirto e lívido como os ciprestes, ora galhofeiro, jovial, ruidoso, às cambalhotas, mostrando os rasgões do fato, às risadas, mostrando a podridão dos dentes, sinistro e debochado como um palhaço das esquinas.

Poe não tem o vago iluminismo de Hoffmann, nem a fria imaginação de Darwin. Poe diz a realidade dos terrores e das visões. O seu livro é a epopeia desvairada do sistema nervoso.

O outro é de Baudelaire. Baudelaire é o viajante terrível que vai através do mal da carne, como, guardadas as proporções, Dante foi através do mal da alma. Baudelaire vai aos rios, e toma

os cadáveres dos afogados, inchados e roxos, que dormem no colchão da areia, cobertos com os farrapos lívidos da água; vai pelos túmulos, erguendo os sudários e mostrando o mole apodrecimento das carnes; vai apanhar o sangue coalhado, e pinta o rosto com ele, e vem assim, terrível, escancarar a boca entre as rimas e as molezas da forma; vai às alcovas húmidas, buscar as mulheres descarnadas e lívidas que roem os cotovelos de desejos; e traz aquela coorte medonha, e vem por entre as ceias ruidosas, os cristais, as mulheres luminosas, as grandes pregas harmoniosas das sedas, e atira confusamente aquele feixe de formas soltas, deslocadas, rotas e gangrenadas, sobre os seios cor de âmbar e sobre as palidezes suaves, sobre os sentimentos

tépidos e sobre as mãos macias.

Flaubert escreveu a *Salambo*. Aquela alma, depois de ter criado em *Madame Bovary* a imagem desoladora de uma beleza, de uma harmonia, de uma perfeição, presa nos braços gordos e toscos do materialismo, refugiou o seu desalento nas sombras do mundo antigo. E toda a antiguidade está em *Salambo*. Mathô é a carne, ardente e feroz, cheia da força do sol, da terra de África.

Spendius é a astúcia serena e fria da Grécia: Amílcar é a alma austera das antigas repúblicas; *Salambo* é a lascividade mística da Síria. Schaabarim é a alma desolada dos sacerdotes politeístas, vergando ao peso de seis mil deuses. Hanão é a fúnebre corrupção de Cartago. O exército de mercenários é o

resto do mundo: ali estão os lusitanos enormes, os gauleses brancos, abundantes de palavras, os líbios perversos, e todo o mundo bárbaro, terrível, obscuro, imundo, lento e coberto de lepras.

Já veem que estes poetas não respeitam o egoísmo humano, o gordo egoísmo humano, sonolento, entre as almofadas, cercado de jornalistas, de críticos, de poetas, que lhe esfregam os pés com aromas profanos, cantando: «tu és forte, e sábio, e previdente, e profundo, e belo, e sereno!» enquanto ele, flácido de preguiças, vê passar as imaginações saídas dos romances, dos poemas e dos dramas modernos, pequenas, límpidas, castas, piegas, viperinas, frouxas e burguesas.

Então vêm aqueles poetas, atiram-

lhe de encontro às paredes do cérebro as suas estranhezas, as suas ferocidades, as suas violências; dão-lhe as frialdades do medo, os calores da angústia, os suores do túmulo — e ele vai-se, pisado, abalado, lívido, deslocado e coxeando.

São poetas livres: despedaçam as fórmulas, amaldiçoam os industrialismos.

Não têm aquela melancolia cheia de lúcidos reflexos de astros, de Byron e de Musset: — estes quando se veem repelidos pelo materialismo crescente, erguem-se soluçantes e bons, e mostram a alma coberta de lágrimas, vergada como se, sobre ela, caíssem as tristezas de um deus. Os outros não: combatem a carne com a carne, cantam a podridão.

Aqueles, Byron, Musset, Vigny, refugiados na Bíblia, mostravam a beleza

daquilo que o egoísmo humano despreza. Estes, Poe, Baudelaire, Flaubert, mostram o horror daquilo que ele adora!

Contos

Um Dia de Chuva

Era meia-noite e José Ernesto, que estranhara os colchões duros de folhelho, ia enfim adormecer, quando uma larga e pesada bátega de água se abateu bruscamente sobre o Paço de Loures. Estremunhado, levantou a cabeça da dura fronha, cheia de rendas que o incomodavam, e ficou um momento com os olhos arregalados na escuridão, a escutar o rumor da água despenhada que alagava os telhados e crepitava sobre a folhagem dura do laranjal. Depois, pensando na velhice daquele casarão do século XVI, desabitado, segundo afirmara o padre Ribeiro, desde 1850, acendeu a vela e espreitou, meio erguido, os tetos

negros de carvalho, no receio de algum buraco. Mas os velhos tetos almofadados pareciam sólidos e José Ernesto acabou por soprar a luz, puxar o cobertor que, ao deitar, arrojara para os pés, acalorado com a ceia de cabrito e o vinho de Pedras Negras, e cerrou os olhos no conchego que a chuva, lá fora, agreste e fustigada pelo vento, tornara mais doce e onde se fundia o grande cansaço da sua jornada, naquele meado já quente de abril.

Mas não adormeceu, contrariado com aquela chuva de Lua nova que podia pegar e estragar a sua visita a Paço de Loures. E ao mesmo tempo, ante aquele rumor de invernia surgindo em abril, pensava no estranho impulso que o levara, a ele, solteiro e sociável, amando as cidades e o conforto, a querer comprar

uma quinta tão longe de Lisboa, numa região de serras e de névoas.

Era todavia um desejo bem antigo, já do tempo do liceu, quando vivia com o pai em Lisboa, no quarto andar de uma rua ruidosa, tendo por único horizonte um terreno vago, horrivelmente seco, todo de saibro e cascalho, entalado entre dois altos prédios e de onde não via outra cor que não fosse o pardo da cal suja. De verão, sentia a poeira por toda a parte, até nos travesseiros e nos lençóis — e sonhava com grandes árvores cheias de sombras e de pássaros, com águas muito frias e muito lustrosas, trasbordando dos tanques de rega. Depois, em Coimbra, tivera por companheiro de casa um rapaz do Norte, que falava perpetuamente na sua casa de S. Brás e nas suas grandes

avenidas de carvalhos, nas cascatas, nas roseiras e no mirante sobre o rio onde se tomava o café nas noites de verão. E já então José Ernesto pensava, no seu quarto, sobre os seus livros: — «Que diabo, quando for rico, também hei de ter o meu S. Brás!» Mais do que tudo, porém, certas impressões de leituras sobre a Inglaterra e a sua luxuosa e hospitaleira vida de campo, tinham desenvolvido nele aquele apetite de ter uma quinta e uma vasta casa com muitos quartos e uma adega bem fornecida, onde pudesse receber os amigos alegres de Lisboa e presidir como um castelão risonho a jantares soberbos de leitão assado, depois de uma caçada pelas serras...

Porém, quando herdara a fortuna do tio Bento, tinha esquecido a quinta, e a

natureza, e a vida bucólica, na alegria de realizar outros sonhos, vivos também e cheios de imprevisto. Viajara então pela Europa, conhecera o mundo e acabara por organizar em Lisboa uma instalação de rapaz elegante, estética, com carvalhos lavrados, cadeiras de couro e colchas da Índia. Aí, empatara dois ou três anos na ociosidade da cidade, com um fáeton, uma cadeira em S. Carlos, uma certa Micaela, corista do Trindade e uma paixão pela mulher do seu senhorio, na Rua de S. Bento.

Este grande sentimento, ao fim de um ano, murchara naturalmente, como uma bela flor — e fora então que despertara nele o antigo desejo do campo, da quinta e dos hóspedes alegres, em torno do leitão assado, depois de uma caçada pelas

serras...

Justamente, por acaso, lera nas *Novidades*, numa correspondência da província, o anúncio de uma quinta, com um nome sonoro que ele se recordava de ter lido algures, num romance ou numa crónica. Na quinta, de resto, havia uma ruína histórica, capela ou torre, e pertencia a um fidalgo provinciano, de que ele nunca ouvira falar, mas que tinha *dom* e apelidos infindáveis. Escrevera então a esse senhor D. Gaspar — que lhe respondera com uma certa elegância, numa bonita letra inglesa, propondo que ele visitasse o Paço de Loures, onde o Sr. padre Ribeiro o esperaria, para o hospedar e lhe mostrar a propriedade! E como nesse momento Lisboa lhe era penosa — José Ernesto partira para o

Norte, tentado, já meio decidido a comprar a quinta àquele fidalgo amável e culto, que possuía um padre e um tão lindo cursivo inglês.

Na estação, lá encontrara o Sr. padre Ribeiro, procurador de D. Gaspar, com dois cavalicoques para o conduzir ao Paço. Era ao escurecer, e logo o caminho para a quinta o encantou, apesar de áspero, com os seus arvoredos pacíficos, um rumor de água corrente, um cheiro forte de pomares e de prados. O casarão, lá em cima, pintado de amarelo, com uma grande varanda coberta que o ligava a uma velha ruína, tinha um belo aspeto romântico; a ceia, que preparara o caseiro, rescendia... Só o padre Ribeiro lhe desagradara, com o seu pigarro, o seu cachaço nédio e a desconfiança com que o

observava por cima dos óculos redondos, de aros de tartaruga. Parecia, além disso, tremendamente maçador, e a descrição miúda que lhe fizera da propriedade, e das demandas, e de uma certa questão de águas com um vizinho, e dos foros, e da igreja de S. Lucas, e dos desgostos do Sr. D. Gaspar, e dos consertos feitos na tulha e no espigueiro, quase lhe tornara amargo o delicioso vinho branco da quinta!

E a sua última impressão, antes de adormecer, depois daquele primeiro dia de campo, fora a do horror de um dia de chuva, ali fechado, naquele casarão vazio, só, abandonado, sem defesa contra o padre Ribeiro...

Cedo, de manhã, o caseiro, o excelente Brás, veio bater timidamente à porta do quarto, anunciando a S. Ex.ª as

oito horas — e o primeiro gesto de José Ernesto foi o de escutar para os lados da janela. Chovia!

Desesperado, José Ernesto saltou do casto leito de pau-preto, destrancou as grossas portadas das janelas — e verificou o desastre. Chovia! Por baixo dos vidros embaciados, verdejava vagamente a copa de um laranjal, que parecia muito fundo, enterrado num vale; depois, eram campos com arvoredos, colinas baixas, uma alvura de casario, tudo esbatido, meio diluído em névoa. E de um céu confuso, todo em flocos moles de nuvens pardas, descia a chuva, lenta, direita, vagarosa, repousada e como estabelecida sobre o Paço de Loures, assim, para toda a eternidade.

— Que maçada! Que estúpida

maçada!

E logo tudo em redor lhe pareceu imensamente triste, de um desconforto agreste — aquela cal branca das paredes, o soalho nu, remendado com tábuas mal aplainadas, as três cadeiras de palhinha, hirtas, estreitas, rígidas, que repeliam, e o lavatório com a sua pedra de lousa e a sua baciazinha verde onde mal cabiam as mãos...

Não, positivamente não lhe convinha aquele solar de nome sonoro!

E maior ainda foi a sua indignação, quando ouviu o caseiro, de fora da porta, murmurando que o Sr. padre Ribeiro ia dizer missa na capela da casa e só esperavam por S. Ex.ª! Valente descaro, o do Sr. padre Ribeiro! Como sabia ou com que autoridade concluía o

Sr. padre Ribeiro, que ele, José Ernesto, fosse católico ou mesmo cristão? Justamente havia anos que não ouvia missa — desde os primeiros entusiasmos com a mulher do senhorio, quando a farejava através de Lisboa, e todos os domingos, à espera dela, sentia grandes baques de coração, debaixo das acácias, diante da igreja de Santa Isabel!... E agora aquele horrendo maçador entrava assim familiarmente na sua consciência — e impunha-lhe uma missa! Mas que fazer? Era hóspede, não podia escandalizar a devoção simples dos caseiros... E acabou de se vestir, furioso, com bruscos repelões à roupa e longos olhares cheios de amargura àquela chuva que caía, lenta e serena, como que regalada em cair...

Mas quando o caseiro, através das

grandes salas quase nuas onde os seus passos eram sonoros, o conduziu à capela, à tribuna, à tribuna senhorial, com a sua grade de carvalho e duas velhas almofadas de veludo verde no chão, toda a sua irritação caiu: sentiu mesmo o encanto de presidir assim à devoção dos criados de lavoura, das raparigas do sítio, numa capelinha própria, diante de uma Nossa Senhora que era como uma deusa doméstica, padroeira e amiga da casa. Até o padre Ribeiro lhe pareceu menos horrendo, através do doce sussurro do latim, com a sua velha casula onde o ouro desbotado se esfiava. Duas ou três raparigas que não eram feias, com as suas grandes arrecadas e os seus lenços vistosos, voltaram para a tribuna, ao agacharem-se no chão, uns olhos curiosos

e negros. A elevação da Hóstia, com o fino tanger da campainha, o lento bater nos peitos, foi muito suave. Uma das almofadas em que ajoelhava tinha umas vagas armas bordadas... E José Ernesto pensou que havia muita beleza na antiga vida de um solar português.

Depois, ao descer do altar com o cálix nas mãos, padre Ribeiro saudou a tribuna, o hóspede.

— No fundo, não parece mau homem — murmurou José Ernesto.

E foi já com um sorriso amável que o acolheu, quando ele apareceu na sala grande onde se ia servir o almoço. Falaram logo da chuva. Segundo o caseiro, era possível que estiasse, lá para o fim da tarde. Padre Ribeiro, porém, não acreditava. Ali, naquela freguesia de

Loures, havia assim umas chuvas, como em nenhuma outra localidade do reino...

— Lembro-me perfeitamente que em 1876...

E foi uma história medonha, que ele desenrolou devagar, com datas, com nomes, com detalhes, pousado à borda da cadeira, imóvel, com as mãos cabeludas nos joelhos, os imensos óculos cravados no hóspede. José Ernesto terminou por não escutar, murmurando apenas ao acaso, com um vago sorriso: *ah, é boa!...* E enquanto o padre Ribeiro desfiava a sua história, foi examinando a sala, atraído por três velhos retratos que pendiam das paredes, dentro de caixilhos a que a humidade e o tempo iam comendo o dourado. Um deles era o retrato de um rapazito magro, de grande nariz, com uma

gola de rendas sobre o gibão preto. O outro parecia um magistrado, pela toga de amplas pregas que o cobria e onde destacava, ainda muito vermelha, a Cruz de Cristo. Mas o que mais interessava José Ernesto, era o terceiro: uma bela rapariga, forte, com um sorriso bondoso que lhe punha duas covinhas nas faces e um bonito colo decotado, que o tempo tornara amarelo, mas que devia ter sido de uma grande brancura. José Ernesto pensou mesmo, sorrindo, que os poetas do tempo decerto a tinham comparado ao *leite e às rosas*... Na mão de dedinhos aguçados sustentava uma rosa e toda ela dava uma vaga impressão de boa criatura, natural, salutar e pacificadora.

— De sorte que — ia contando o padre Ribeiro com as mãos apoiadas aos

joelhos — estávamos aqui sem poder partir, e a chuva sem parar, zás, zás... Lembro-me muito bem de que a Sr.ª D. Manuela, que Deus haja, tinha nesse dia uma enxaqueca, e até se encostara nesse mesmo canapé em que V. Ex.ª está sentado. E era um domingo... É curioso, era também um domingo. Foi até o reitor de São Brás que disse a missa. Já lá vai, coitado... Pois era rijo. Andava nos seus setenta anos e vinha da residência aqui, que é bem uma légua, e uma légua larga, a pé... Tinha ele dito a missa, e estava ali sentado, à janela...

Felizmente o caseiro apareceu, atarefado, com a moça que trazia uma grande pratada de ovos fritos — e ao puxar a cadeira, atar o guardanapo ao pescoço, limpar bem o copo, aliviar as

vias do pigarro e considerar prazenteiramente os ovos, o padre Ribeiro deixou escapar os fios emaranhados da história da Sr.ª D. Manuela e do velho reitor de São Brás.

À mesa, o digno homem era silencioso. E quando José Ernesto lhe perguntou, apontando para os três quadros, se eram retratos da família, padre Ribeiro deu apenas uma informação curta, rápida, para não espaçar as garfadas. O desembargador, com a Cruz de Cristo, era o Sr. Jorge Manuel de Vilhena, que fora diretor das Alfândegas no tempo da Sr.ª D. Maria II; a senhora, era a filha, tia do Sr. D. Gaspar; o menino, pertencia a outro ramo — aos Valadares da Guarda.

— Pois era uma bonita mulher, a

tia do Sr. D. Gaspar! — murmurou José Ernesto, que ficara defronte do retrato e que continuava a interessar-se por aquela face meio desbotada, pequena e fina, tão doce no seu sorriso.

Depois dos ovos, apareceu um frango guisado que José Ernesto achou delicioso. E aquela gostosa cozinha de província que encantaria os amigos de Lisboa quando ele os hospedasse, mais o impacientava contra a chuva teimosa que lhe não permitia visitar a quinta, fazer logo uma ideia das suas vantagens e dos outros prazeres rurais que ali o esperavam.

Não seria possível, com guarda-chuvas e tamancos, ir ao menos dar uma volta pelo pomar, até ao jardim?

Não senhor! Estava tudo

encharcado... Nem se podia apreciar a importância dos campos, da lavoura, a vista até Vila Fria.

— Que maçada!

O caseiro encolheu os ombros, foi olhar o céu com melancolia. Padre Ribeiro atacara de novo o frango, em silêncio.

Mas daí a instantes foi outro desastre. Ao tirar a cigarreira, José Ernesto encontrou um único cigarro, dos que fumava, cigarros turcos com tubo de cartão. E quando foi dentro, procurar à mala uma das caixas de que se fornecera em Lisboa, descobriu com terror, depois de revolver toda a roupa, que o seu criado se esquecera de as emalar! E ali estava, preso pela chuva dentro de um velho casarão, sem esperança e sem tabaco!

Felizmente padre Ribeiro fumava uns horrendos cigarros «Ferreirinhas», que José Ernesto aceitou sucumbido.

Acesos os cigarros, foram percorrer a casa detalhadamente, até às adegas. Mas todo o interesse de José Ernesto, o prazer que ele se prometia de ir fantasiando a sua instalação, as obras a fazer, certos móveis a colocar, foi estragado cruelmente por padre Ribeiro, que em cada quarto parava, lhe narrava a história da casa — e quem ali dormira, e quem ali morrera, e os belos trastes que o ornavam no tempo do pai do Sr. D. Gaspar... Debalde José Ernesto queria seguir — ele retinha-o pelo braço com familiaridade:

— Um momento mais... É necessário que veja... Aqui nesta alcova

nasceu a Sr.ª D. Maria Joana, a menina mais velha... Há ao canto uma porta de comunicação... Lembro-me até perfeitamente que nessa noite...

E a anedota brotava, espraiada e lenta. Numa das salas José Ernesto teve de escutar, a propósito de um conciliábulo político que ali se celebrara em 48, toda a história da Maria da Fonte. Adiante, em frente de um degrau de pedra que separava dois quartos, foi o relato da queda que ali dera uma Sr.ª D. Mafalda, e das aflições dele, padre Ribeiro, que tivera de ir pelo médico, às dez da noite...

— E chovia! Oh, senhores, pior do que hoje! Imagine V. Ex.ª que estávamos muito sossegados a jogar o gamão, o Sr. D. Gaspar e eu...

José Ernesto sorria com uma

resignação amarga. A cada instante atirava um olhar através dos vidros... Chovia sempre, caindo a chuva de um céu sujo onde parecia não dever mais reaparecer o azul. As salas desmobiladas tinham um aspeto mais triste naquela luz cinzenta e húmida... E ansiava por um cigarro — mas no despeito daquela loquacidade que o enervava, não o queria pedir ao padre Ribeiro.

Assim chegaram ao famoso terraço coberto, que era a beleza e o luxo da casa, com os seus artísticos azulejos do século XVIII, e a extensa vista, abrangendo três léguas de campos e povoados, até às serras. Mas a chuva, agora mais forte, tudo esfumava, fundia no seu vasto véu de água e de névoa. O padre Ribeiro, todavia, de braço estendido,

indicava os lugares, os solares vizinhos, as aldeias, as dependências da propriedade. Acolá era o sobreiral. Por trás dos sobreiros, além, aquela casa branca era dos Valadares. Depois, não via S. Ex.ª o muro? — Era o cemitério da freguesia. Mas José Ernesto já não escutava, sentado num banco, com os braços cruzados. Perdera todo o interesse pela casa, pelos campos, que aquela chuva estúpida e a tagarelice do padre Ribeiro lhe iam tornando bruscamente intoleráveis. E só antevia, se por acaso viesse ali habitar, longos dias melancólicos de chuva e conversas intermináveis e fastidiosas, murmuradas com lentidão! Além disso, aquele casarão enorme, frio, que de noite devia ter ecos sinistros, não lhe convinha — e nem quis

visitar o lagar, as adegas. Pretextando cansaço, uma leve dor de cabeça que pedia repouso, abalou para o quarto.

Encontrou lá o caseiro com uma das moças, fazendo a cama.

— Ó Sr. Brás, a que horas é amanhã o comboio?

S. Ex.ª tinha comboio às duas — mas se chovesse como hoje, S. Ex.ª não podia pensar em partir, com as duas horas a cavalo até à estação... — E de carro, não se poderia ir? — Completamente impossível, não havia carro que se metesse àqueles caminhos. O Governo há muito que prometera a estrada para a estação. Todos os anos, sobretudo em vésperas de eleições, apareciam os das Obras Públicas. Depois, não voltavam.

— É inacessível, é inóspito, é

horrível! — pensava José Ernesto.

Agora só lhe restava pacientar, até que fosse possível a jornada até à estação.

Se ao menos tivesse um livro, jornais! Terminou por se estirar na cama. Mas o quarto enorme e sem móveis, o grande silêncio, a luz tristonha, aquele cair lento e contínuo da chuva, davam-lhe uma tristeza que lhe tornava insuportável a imobilidade. Saltou dos colchões duros e começou a passear entre os quatro muros caiados, como uma fera na sua jaula. Enfastiado, foi abrir a janela para ao menos ter mais chegada a companhia da chuva: daquele lado, a casa era muito alta, uma muralha lisa, a que se colava uma estreita escadinha de pedra, descendo para um laranjal, muito enterrado lá em baixo, e que parecia, sob a chuva e a

névoa, cheio de sombra e de humidade. Sentiu ódio, então, por aquela velha casa e teve, sem razão, um terror absurdo de adoecer ali, repentinamente. Para sacudir aquela ideia, saiu para o salão, mesmo com risco de encontrar o padre Ribeiro: não havia ninguém. E por outras portas que abriu, noutros quartos que atravessou, era a mesma solidão.

Teve então uma saudade pungente da sua casa de Lisboa, do ruído das tipoias, dos vizinhos, das ruas que o levavam, seguras e secas, ao Clube, aos amigos, à Avenida. Voltou ao terraço e ali ficou encostado à varanda, vendo tristemente cair a chuva. Mas estranhamente, a seu pesar, os seus olhos voltavam-se sempre para aquele muro branco que lhe mostrara o padre Ribeiro,

o muro do cemitério. Como, àquela distância, o campo dos mortos não se diferenciava, na névoa que tudo envolvia, dos campos de lavoura, parecia ao pobre José Ernesto que o cemitério era imenso — que a quinta estava toda cercada por um cemitério, que a própria casa era um jazigo!... E o morto? Onde estava o morto?... Impacientado com esta ideia absurda, abandonou o terraço, errou de novo pelas salas, reentrou no quarto, recomeçou o seu passeio de fera entre os quatro muros caiados — e não tolerando mais a solidão nem a falta de tabaco, cedeu por fim, vencido, e foi procurar padre Ribeiro.

Podia, para lhe evitar a loquacidade, propor uma partida de bisca, se houvesse cartas...

Uma criada que arrumava louça na sala, disse-lhe que o Sr. padre Ribeiro devia estar no quarto — e José Ernesto foi bater humildemente à porta do sacerdote.

— Ó Sr. padre Ribeiro, tenha paciência, pode-me passar um cigarro?

O padre abriu logo, em mangas de camisa, com a pena na mão. Estava a escrever — mas convidou o hóspede a entrar, e puxando mesmo para a janela uma velha poltrona de couro, abriu a gaveta onde tinha os cigarros.

— Acabe a sua carta, Sr. padre Ribeiro...

O outro teve um gesto amável. Estava a escrever por ociosidade. Tinha muito mais gosto em fazer companhia a S. Ex.ª. Era uma pena, era uma grande pena

aquela chuva, porque se podia ter empregado o dia em visitar a quinta. Se ele ao menos tivesse a planta! Mas não. Estava no cartório, em Vila Fria.

— Há muito que o Sr. padre Ribeiro é procurador destes senhores?

— Trinta e três anos. Vi casar o Sr. D. Gaspar e vi nascer as três meninas. Eu lhe conto como conheci o Sr. D. Gaspar, que é curioso. Tinha eu ido passar o Entrudo a Castelo Branco...

E aí brotou outra história torrencial. Mas tão profundo era o tédio e a solidão de José Ernesto, que se interessou logo por aquelas três meninas. Esperou mesmo com paciência, para as conhecer, que o padre Ribeiro chegasse ao fim da sua espalhada narração, desde os longínquos tempos em que o Sr. D.

Gaspar ainda era solteiro. Por fim, como ele se alastrava muito sobre as virtudes da Sr.ª D. Constança, que Deus houvesse, mulher do Sr. D. Gaspar, José Ernesto puxou o padre para os tempos presentes. Desejou saber se o Sr. D. Gaspar era velho.

— O Sr. D. Gaspar tem, em 18 de setembro, cinquenta e seis anos. Parece mais velho por causa da sua grande barba, toda branca. Mas aquilo é de família: aos quarenta anos começam a embranquecer. A menina mais velha, a Sr.ª D. Maria Augusta, tem até uma madeixazinha branca sobre a testa. E faz vinte e sete anos, em setembro, como o pai. E dá-lhe graça, a madeixa dá-lhe muita graça...

Então, para obter mais detalhes, José Ernesto, de repente, passou as mãos

pela face, como no esforço de uma recordação, e declarou que, na realidade, lhe parecia conhecer muito bem o Sr. D. Gaspar e as meninas. — Tinham estado em Lisboa, não é verdade?... — Não, nunca tinham ido a Lisboa... — Então devia ser no Porto! — Sim, devia ser; havia dois anos, tinham passado um ou dois meses no Porto.

— Justamente! — exclamou José Ernesto — estou muito bem lembrado. No Palácio de Cristal, todas três, com um velho de barbas brancas, alto, forte. E as três senhoras, altas também...

O padre Ribeiro corrigiu. A mais nova, a Sr.ª D. Maria Joana, era alta; as duas outras, porém, eram baixas. Ele tinha as medidas de todas, em centímetros. Não se recordava agora do número exato, mas

a Sr.ª D. Maria Joana era o que se costuma chamar uma senhora alta, uma bela senhora.

— Sim — acudiu José Ernesto. — Havia uma mais alta. E trigueiras todas... Quero dizer, cabelo escuro!

O procurador emendou com enorme gravidade este erro histórico. Não, não! Então não eram elas! As duas meninas mais velhas, com efeito, tinham o cabelo escuro, como o pai em moço. Mas a Sr.ª D. Maria Joana era loura. Oh, muito loura! Exatamente como a Sr.ª D. Constança. Mesmo mais loura!...

— É uma cor notável! Porque, quer V. Ex.ª creia ou não, o cabelo da Sr.ª D. Maria Joana, ao sol, reluz como ouro! Às vezes, no jardim... O cartório tem janela para o jardim, e a minha banca fica

justamente ao pé da janela. Pois, meu caro senhor, às vezes, ela anda no jardim, lá a tratar das suas flores, e quando passa assim entre duas árvores, toca-lhe uma réstia de sol — e ainda que se não deva misturar o sagrado ao profano — eu lembro-me sempre de uma auréola de santa... Ouro! Ouro puro!

E como José Ernesto sorria à ideia de todo aquele ouro aceso pelo sol, entre as rosas, num velho jardim de província, padre Ribeiro acrescentou, como que cedendo a uma verdade forte:

— Justiça seja feita, àquela menina, lá pelo que toca a rosto, e feitio, é digna de ser admirada em toda a parte. Nesse ponto, não há senão louvar.

E como havia aqui uma reserva, José Ernesto, já curioso, puxou mais a

poltrona para ao pé do padre Ribeiro e murmurou com familiaridade, um brilho nos olhos:

— Vejo então que a Sr.ª D. Maria Joana não é a sua predileta, Sr. padre Ribeiro.

O sacerdote protestou. Oh, ele gostava de todas igualmente! E como não seria assim, se andara com todas elas ao colo!

— A Sr.ª D. Maria Joana, é verdade, tem lá as suas ideias... Mas é boa menina. É também muito boa menina.

Agora, vivamente interessado, José Ernesto, desejava conhecer «as ideias» da Sr.ª D. Maria Joana — e pedindo outro cigarro ao padre Ribeiro, estranhou que ela e as duas outras não tivessem casado. Mas o loquaz padre

Ribeiro teve apenas um *hê, hê!* discreto e vago. E houve mesmo um silêncio, em que padre Ribeiro, remexendo no tinteiro, deitou um olhar à carta que interrompera.

— Oh Sr. padre Ribeiro, continue a sua carta! — acudiu discretamente José Ernesto. — Que horas são? Quatro e meia? Eu vou também um bocado para o terraço, tomar ar. Que dia este, hem? Parece dezembro, com semelhante negrura.

Com efeito havia já uma tristeza de crepúsculo; a chuva caía, mais lenta, mais grossa, com um rumor que parecia desolado, e invernoso, e agreste, naquele declinar da luz. Do terraço, para onde ele fora acabar o cigarro do padre Ribeiro, apenas se via o extenso véu de chuva, que tudo fundia, tudo esfumava numa névoa

igual e parda, até as colinas de Vila Fria.

Sentado num banco, ele olhava a chuva, escutava a chuva. E já não se sentia tão só, agora, com aquelas figuras que tinham surgido no meio do seu tédio e que tomavam relevo e realidade — o Sr. D. Gaspar com as suas barbas brancas, a Sr.ª D. Maria Joana com os seus cabelos de ouro... Não conhecia ninguém em Lisboa que tivesse assim uns cabelos de ouro... E que ideias seriam essas, que tão evidentemente desagradavam ao padre Ribeiro? Toda aquela família, e os seus hábitos, e os seus negócios, o começava a interessar — e pela primeira vez pensou nos motivos que levariam D. Gaspar a vender o «Paço». Dívidas decerto, uma administração de fidalgo, desleixada e confusa. E todavia aquele casarão,

reparado, com mobílias simples, cretones claros, podia ser uma doce vivenda. Se ele a comprasse havia de ornar toda a varanda do terraço com rosas... Mas a solidão — sobretudo com a chuva!... O campo, na verdade, só é agradável com família, e toda a árvore é triste se na sua sombra não brinca uma criança...

Um rumor na porta envidraçada despertou José Ernesto. Era o Brás que vinha saber a que horas S. Ex.ª queria o jantar.

— Quando o Sr. padre Ribeiro quiser... Às seis... Eu já tenho apetite...

— Efeitos dos bons ares — considerou o caseiro, sorrindo, com a mão encostada à ombreira da porta. A grande pena era a chuva, por não poder S. Ex.ª visitar a propriedade, estender um

lindo passeio até ao Mieiro, a ver a queda de água... Que a chuvazinha era necessária, com a terrazinha assim tão sedenta... Mas talvez estiasse. E a quinta era digna de se ver...

— O Sr. D. Gaspar nunca cá vem? — perguntou José Ernesto.

O Sr. D. Gaspar já não vinha ao Paço havia quatro anos. A última vez que por ali aparecera fora de fugida, com a Sr.ª D. Joaninha, durante três dias.

— As meninas não gostam de estar cá no Paço?

O caseiro sorriu. A falar verdade, a casa agora, assim sem trastes, não era muito de convidar. Que a Sr.ª D. Maria Joana, essa não se importava! Era senhora para dormir em cima de uma cadeira... Contanto que tivesse, de manhã cedo, água

para chafurdar, estava bem. Nessa ocasião em que estivera no Paço, até se lhe tinha subido para o quarto uma dorna! E água fria... Era de arrepiar! Mas aquilo era senhora muito forte.

— É uma que é loura, não é verdade? — perguntou ainda José Ernesto.

— Loura como milho... Ah, muito vistosa, muito vistosa! Quando aí esteve, era pelo S. João, houve uma grande fogueira e veio para aí a raparigada dançar... A Sr.ª D. Maria Joana vestiu-se de lavradeira... Parecia um sol!

— Bonita, hem?

O caseiro imaginava que não podia haver outra mais bonita — nem em Lisboa! E alegre! E dada! Que as outras meninas também eram boas meninas...

Mas a Sr.ª D. Maria Joana era um sol...

— Que idade tem ela?

— Isso não sei dizer a V. Ex.ª. É novinha, é novinha! Ora agora avantaja muito, com aquele bonito feitio, e assim forte! Como ela fica muito bem é a cavalo. Àquilo é grande cavaleira.

José Ernesto olhava vagamente, sorrindo. E depois de um silêncio:

— Pois isto por aqui há de ser bonito quando não chover.

— Isto é muito lindo. E o terraço é uma alegria, com a vista toda até Vila Fria. E mesmo a quinta lá para baixo, para o rio... Tudo é muito lindo. Tudo é muito lindo...

— A pena é ser tão longe da estação.

Ora! De verão era até um

agradável passeio. Mas quando vinha a inverneira, era longito, era longito... Enfim, a estrada estava traçada — e passava além, ao pé da carvalheira, que S. Ex.ª não podia ver... E quem tivesse influência com o Governo, arranjava a estrada.

José Ernesto pensou logo em amigos seus de Lisboa, políticos e influentes. E de repente, com outra ideia:

— Quanto tempo se leva daqui a Vilalva?

Para a quinta do Sr. D. Gaspar? — Tomava-se o comboio da manhã e parava-se na estação de Quintãs; daí era meia hora a cavalo. A casa do Sr. D. Gaspar ficava mesmo à entrada da freguesia. Ao todo, umas quatro horas de caminho.

— E é bonita a casa do Sr. D.

Gaspar?

Oh, a essa não lhe faltava nada. Uma casa nobre, com capela e um belo jardim com um lago e cedros em volta...

Mas vendo que José Ernesto abotoava o jaquetão, o caseiro receou que S. Ex.ª apanhasse humidade. Era melhor recolher, tanto mais que caminhava para as seis... E ele ia dar uma volta pela cozinha, a ver como as suas raparigas andavam com o jantarzinho.

José Ernesto, então, voltou ao seu quarto. Como ia escurecendo acendeu a vela e começou a passear, bocejando, numa indecisão que o tomara de repente sobre a sua volta a Lisboa. Era estúpido, decerto, ficar ali enterrado naquele casarão, à espera de um bocado de céu limpo e seco que o deixasse visitar a

quinta e arredores. Mas também, partir para Lisboa, depois daquela imensa jornada que assim lhe ficava inútil, sem sequer ter dado uma volta pelo campo, feito uma ideia da quinta, talvez excelente e realizando bem o seu sonho antigo? Era absurdo. Além disso, a ideia da volta a Lisboa, tão rápida, já o enfastiava, antevendo a Avenida cheia de pó, o clube à noite, com os rapazes a bocejar pelas poltronas, e o seu senhorio, risonho, de lunetas azuis, aparecendo-lhe de manhã para o abraçar e «almoçar sem cerimónia...». E ao mesmo tempo, ia sentindo, apesar daquela infelicidade da chuva, uma vaga atração pela aldeia, e o silêncio rural, e a cozinha gostosa, e essas festas alegres e simples, com fogueiras, em que as fidalgas se vestem dê

camponesas... Para a sua saúde mesmo, convinha-lhe passar umas semanas no verde, como um cavalo cansado. E enfim, que diabo! a compra de uma propriedade que lhe custava dez ou doze contos, não se podia fazer assim atabalhoadamente, em horas, sem um exame das terras, uma boa experiência da sua compatibilidade com o campo e mesmo uma conferência com o Sr. D. Gaspar, para ressalvar bem os seus interesses. Na verdade, o Sr. D. Gaspar é quem devia ter vindo ao Paço: — «V. Ex.ª — dizia o procurador — vê, examina, e depois entende-se por carta com o Sr. D. Gaspar!» — Não! Cartas nunca definem bem negócios. É indispensável, quando se trata de doze contos, cavaquear, repisar, combinar... Evidentemente, devia ver o Sr. D. Gaspar...

Foi quando ele ruminava essa nova ideia que o padre Ribeiro lhe veio bater à porta do quarto, perguntando se S. Ex.ª estava pronto para o jantarzinho.

— Entre, Sr. padre Ribeiro, pode entrar — exclamou ele.

Padre Ribeiro vinha esfregando devagar as mãos e declarou que o tempo tinha arrefecido.

— Ou será — acrescentou rindo — que o estômago esteja pedindo o calorzinho das sopas.

— Pois a elas, Sr. padre Ribeiro, a elas!

Mas o procurador espalhava um olhar pelo imenso quarto, onde o leito, com a coberta branca, mal alumiado pela luzinha da vela, parecia perdido na vastidão do soalho e do teto negro! S. Ex.ª

não tinha ficado muito bem acomodado, não! Mas assim de repente, com a casa desmobilada, e longe da cidade...

— Estou perfeitamente — acudiu José Ernesto. E com sinceridade: — Pelo contrário. Até me soube bem esta largueza... A gente, em Lisboa, naqueles cubículos, morre sufocado.

Padre Ribeiro sorriu com amizade:

— Pois então é vir para cá, para a província... Olhe, largueza tem. E bons ares. E o que se come é são. Está claro, não há os regalos da corte, nem os teatros, e essas sociedades de que os jornais falam...

E como José Ernesto encolhia os ombros, rindo, no desdém e no cansaço desses regalos, padre Ribeiro deu com

inteira franqueza a sua opinião sobre as cidades:

— Cidades, meu caro senhor, são pedreiras! Muita pedra, muita parede. E gente de mais, anda-se aos encontrões, tudo são cerimónias, não há a rica liberdade! Eu lembro-me muito bem, quando vivia em Lamego... Lamego tem recursos... Pois hoje ninguém me pilhava em Lamego! Olhe, sabe o que não cansa? É uma pessoa abrir pela manhã a sua janela e respirar o cheiro da verdurinha, e ouvir a passarinhada, e descer em chinelos para debaixo das sombras, e estar ali muito quieto, com Deus... Hoje ninguém me pilhava em Lamego...

— Também, o Sr. padre Ribeiro, agora, está afeiçoado ao Sr. D. Gaspar, às meninas...

Mas o caseiro entreabriu a porta, anunciando a sopa. E quando entrou na sala, José Ernesto teve uma sensação de conforto e de apetite, diante da pequena mesa, nessa noite mais bem alumiada, com a toalha muito branca, o prato de azeitonas lustrosas, as duas canecas onde o vinho ainda tinha espuma. A sua cadeira era a de braços; a chuva fora cantava mais pesada; a sopa rescendia.

E terminou por esfregar também as mãos, e exclamar, rindo:

— Agora, neste momento, é que não importa a chuva. Até sabe bem ouvi-la cair lá fora.

E o caseiro, com um brilho nos olhos:

— E a terrazinha vai bebendo, que bem o necessitava.

E todos três sorriam, contentes.

O jantar estava delicioso, de um sabor cheio de relevo, com o cheiro gostoso de petiscos do campo — e José Ernesto, enchendo o copo, pensava que um rosto, uns cabelos de mulher, ali, na luz, entre as louças claras, tornariam encantadora aquela sala, mesmo assim nua e sem conforto, com a chuva a cantar no laranjal.

— Esta casa deve ser antiga — considerou ele, desafiando agora, com prazer, a loquacidade do padre Ribeiro.

O procurador acudiu logo, contando que existia no cartório um velho pergaminho relativo a uma compra de terras para o lado do rio, que tinha a data de 1412.

— É bonito! — murmurou José

Ernesto com respeito — começo do século XV. Ainda existia o Império Romano do Ocidente.

E isto foi motivo para que o Sr. padre desenrolasse a genealogia do Sr. D. Gaspar. Ela era ilustre. Mergulhava as suas raízes vetustas nas invasões godas, lançava ramos poderosos por todos os reinos da Espanha e através dela se entreviam armaduras de heróis e auréolas de santos. O Sr. D. Gaspar era o décimo sexto senhor das Quelhas. Um outro D. Gaspar antigo trouxera o estandarte real na batalha das Navas de Tolosa...

José Ernesto que escutara, muito interessado, terminou por dizer, deitando a cabeça para as costas da cadeira e passando a mão pelos cabelos:

— É ainda uma boa coisa, um bom

sangue...

— Pois melhor do que este, meu caro senhor, não o há no reino. E olhe que a raça, apesar de velha, é forte. O Sr. D. Gaspar, há dois ou três anos ainda vergava um cano de espingarda! E nunca vi entrar o médico naquela casa.

José Ernesto exclamou, quase entusiasmado:

— Isso é tudo! A saúde é o essencial numa família, numa raça. Aquelas mulheres, em Lisboa, parece que se desfazem, que se andam a dessorar. Se ao menos aquela fraqueza fosse compensada pelo requinte, o afinamento da natureza... Mas qual! São doentinhas e tolinhas!

Estava realmente excitado, e o procurador sorria, satisfeito, remexendo a

salada. Sim, as senhoras de Lisboa eram enfezadinhas... Más comidas, más águas!

O caseiro que entrava com uma garrafa especial de vinho do Abade de Carmelinde, anunciou que a chuva tinha parado: havia mesmo um bocado de céu limpo. Então foi uma grande esperança — e o delicioso vinho do Abade foi bebido entre planos para a visita à quinta e aos arredores, no dia seguinte, logo de manhã cedo. Mas o caseiro e o sacerdote não concordavam: — um queria que se fosse direito ao Mieiro e se entrasse pelos carvalhos, de modo que S. Ex.ª fizesse primeiramente uma ideia de toda a freguesia — o outro preferia que S. Ex.ª visitasse primeiro a quinta, a começar pelo campo da Costa, e fossem depois ao Cerejal, onde tinham os cavalicoques,

para irem dar o lindo passeio até São Brás. Ambos, porém, asseguravam a S. Ex.ª que havia tempo de visitar tudo e tomar o comboio das seis horas para o Porto.

José Ernesto, porém, não respondia, torcendo o bigode. Aquela partida para o Porto, e daí para Lisboa, que o separava por uns poucos de meses do Paço, mesmo quando se decidisse a comprá-lo, pareceu-lhe de repente brusca e desagradável. Era como se subitamente o arrancassem de ao pé de *não sei quê* de vago e ao mesmo tempo real, que o estava interessando e acordando a sua curiosidade. Necessitava realmente estudar, conhecer melhor aquela região. Gostaria de se demorar, vaguear uma semana por aqueles arvoredos e vales.

Depois de um silêncio, de repente, perguntou se não havia um hotel em Vilalva. O padre Ribeiro e o caseiro sorriram:

— Em Vilalva, um hotel? Nem um catre para um trabalhador!

Então José Ernesto, que acabara o café, foi à janela. Com efeito, não havia rumor de chuva benéfica. Os campos repousavam sob a paz da noite, saciados e mudos.

Acabado o cigarro, foi sentar-se no canapé de palhinha — e o serão começou por um longo silêncio entre ele e o procurador, que ficara na sua cadeira, com os cotovelos encostados à mesa, num repouso e sonolência de digestão que lhe cerrava irresistivelmente as pálpebras grossas.

— Se houvesse um baralho — disse, por fim, José Ernesto — podíamos jogar uma bisca.

O procurador abriu os olhos, sorriu, fez: *hê, hê* — e de novo as pálpebras lhe descaíram, pesadas e dormentes. E José Ernesto terminou por se estirar no canapé, pensando com tédio na sua volta a Lisboa. A sua vida na capital, agora que a via, assim de longe, de entre aquele silêncio de aldeia, no seu conjunto, parecia-lhe intoleravelmente vazia e estéril. Que era ele? Um cavalheiro com uma boa fortuna em inscrições e prédios. Um dia em cada trimestre recebia a sua renda do Estado e dos inquilinos, e todos os outros trezentos e sessenta e um dias os passava gastando essa renda, em comer, em passear, em atos de instinto,

exatamente como os do seu cão! Atos de inteligência, de uma humanidade superior, não passavam de algum livro folheado à noite, para adormecer, de um bocado de *bluff* no clube, de uma ou outra contradança no inverno, e de parar, no Chiado, diante de algum amigo para murmurar com tédio: — «que há de novo?» — Não era realmente uma existência humana! E era sobretudo de uma tão grande solidão!... Amigos, parceiros, as damas que contradançavam, eram na verdade para ele como sombras, meras aparências — e quando por acaso se constipava e tinha de ficar em casa, todas essas sombras se dissipavam e para ele deixavam de existir o mundo e a sociabilidade humana. Decerto, podia casar: tinha de casar, como todos os

homens... Mas com quem? Ele exigia tanto numa mulher — a beleza! a alegria! a saúde! a bondade! a simplicidade!... E depois, ainda, princípios sólidos, para que o seu lar fosse honrado! E depois, ainda, uma raça antiga, porque «no fundo, é uma boa condição!...» Onde estava, por acaso, essa maravilha?

Padre Ribeiro, que havia instantes ressonava, teve um ronco tão forte que despertou: e endireitando-se na cadeira, pedindo desculpas a S. Ex.ª — o seu primeiro cuidado foi ir à janela ver se chovia. Não, com efeito o céu limpara, prometia um dia claro. De modo que o que lhe parecia razoável, visto terem a esperança de madrugar e de visitar a freguesia, era retirarem para vale de lençóis... E ele mesmo arranjou a vela de

José Ernesto, que acompanhou, ainda estremunhado e bocejando, até à porta do quarto.

— O Sr. padre Ribeiro, lá em Vilalva — dizia José Ernesto pelo corredor — deita-se cedo, deitam-se todos cedo...

Sim, com efeito, em Vilalva, aí pelas dez, estava tudo recolhido. Só a Sr.ª D. Maria Joana é que tresnoitava.

— Passa às vezes da uma hora da noite e ainda está na sala, sozinha, a ler! E a casa toda apagada. E não tem medo! Enfim, cada pessoa tem lá os seus hábitos e as suas ideias.

Estavam à porta do quarto, ambos com os castiçais na mão — e então José Ernesto, rindo, e com imensa familiaridade, acusou padre Ribeiro de

pouca predileção pela Sr.ª D. Maria Joana.

O procurador arregalou os olhos, quase ofendido:

— Ora essa! Isso seria ingratidão! Ih, Jesus, Sou tão amigo dela como das outras meninas...

José Ernesto ria, gracejava:

— Isto é brincadeira, Sr. padre Ribeiro! mas como tem falado já das ideias da Sr.ª D. Maria Joana como se fossem singulares...

Padre Ribeiro concordou que nem sempre apoiava as ideias da Sr.ª D. Maria Joana:

— Olhe, por exemplo, divergimos em política...

— Em política?

— Eu lhe digo... A Sr.ª D. Maria

Joana tem ideias muito livres. Chega a ser republicana!... Para ela, todos são iguais! Não há nem fidalguia nem povo. Eu também sou liberal, mas enfim, há hierarquias. E V. Ex.ª, por exemplo, não aperta a mão ao seu criado...

— Nem a Sr.ª D. Maria Joana!...

— Muito capaz disso, meu caro senhor, muito capaz disso!

— Mas enfim, não casaria com o criado! — exclamou José Ernesto, rindo sempre, com o mais vivo interesse por aquelas confidências.

Padre Ribeiro encolheu os ombros: nem ele sabia se ela não casaria com o criado!

— Acredite V. Ex.ª que não sei. Muito capaz disso! Quero dizer, não casa porque o criado não chegaria lá às alturas

que ela fantasia. Mas se chegasse!... Olhe que já perdeu dois casamentos soberbos. Então o último, com o fidalgo da Avelã, lá nosso vizinho, nem se compreende! Um bonito rapaz, com belas propriedades! Mas então, não o achava esperto. Declarou ao pai que o rapaz era um sensaborão, e nada! Está claro, o fidalgo da Avelã não é homem de livros. Mas eu não sei por quem ela espera!

Tornou a encolher os ombros:

— Enfim, tem lá as suas ideias, mas é uma perfeição de menina, e Deus há de fazê-la feliz. Não será por falta de eu lho pedir!... E aqui ficamos de palestra, com os castiçais na mão. Tenha V. Ex.ª muito boas noites. Às seis cá o mando acordar.

José Ernesto entrou no quarto, foi

pôr devagar o castiçal sobre a mesa e ficou encostado à beira da cama, perdido em pensamentos vagos, com os olhos na luz. A solidão da sua existência voltava de novo a aparecer-lhe, muito nítida, com uma forma quase material, como um grande descampado onde era sempre crepúsculo. E ao mesmo tempo sentia um desejo vago de ficar ali, muito tempo, naquela aldeia onde todavia a solidão lhe seria mais profunda e real. Quando se deitou, suspirava, sem razão, com um vago enternecimento. E antes de adormecer, na escuridão do quarto, via passar, fugir, o brilho de uns cabelos de ouro que corriam num jardim.

Às sete horas, o caseiro bateu à porta do quarto. José Ernesto gritou de dentro, estremunhado:

— Então?

— Saiba V. Ex.ª que está chovendo, e a valer...

José Ernesto escutou. A chuva caía, despenhada sobre o Paço!

Quando José Ernesto daí a pouco apareceu na sala, padre Ribeiro que esperava, plantado tristemente à janela, abriu os braços, desolado:

— E então que me diz V. Ex.ª a esta infelicidade? Em fins de abril!

José Ernesto hesitou um instante, com um leve rubor na face; depois, olhando também o céu fusco, as longas cordas de água:

— Tenho estado a pensar, Sr. padre Ribeiro, e eis o que me parece mais razoável. Este tempo não melhora. Eu também não posso voltar para Lisboa sem

ter visto a propriedade e tomado uma resolução. Mas como já aqui estou e a jornada a Vilalva não é grande, acho que o mais razoável é ir durante estes dias de chuva conversar diretamente com o Sr. D. Gaspar, porque a gente por cartas nunca se entende; assentamos bem as nossas condições, e depois, em aliviando o tempo, volto por aqui, e visito a propriedade e o sítio com o amigo Brás. Que lhe parece?

O padre Ribeiro esfregava as mãos lentamente:

— Acho muito bem... Acho muito bem! O Sr. D. Gaspar há de estimar muito... Eu não posso oferecer a casa, que não é minha, mas V. Ex.ª, na tia Rita, está perfeitamente. Eu falo com ela... Eu tinha hoje aí o carro para voltar... Acho muito

bem.

— Podemos partir depois do almoço.

— Como V. Ex.ª quiser. O Sr. D. Gaspar há de ter muito gosto. Estamos lá aí por volta das quatro horas. Acho muito bem.

José Ernesto voltou logo ao quarto, cantarolando, a arrumar a maleta. Depois, foi percorrer com o padre, outra vez, o Paço todo, até à adega. Mas agora já se detinha nas salas, estudando consertos, tabiques que deitaria abaixo — fez mesmo planos de mobílias. Quando vieram almoçar, era como se ele fosse já o dono do Paço, e declarou mesmo que faria ali a sala de jantar.

Ao meio-dia a chuva cessou; e imediatamente o Brás propôs uma visita,

pelo menos até ao rio, pela avenida dos carvalhos. Mas José Ernesto recusou: — Não valia a pena encharcarem-se até aos joelhos, receber talvez uma impressão desfavorável, quando daí a dois dias ele viria fazer então a visita completa e repousada. De resto o cocheiro, já no pátio, instava para que marchassem, para aproveitar a aberta.

José Ernesto, alegre e ligeiro, levou ele mesmo, apesar das exclamações do caseiro, a sua maleta para o carro. Então o Brás pediu que esperassem um instante: queria ir buscar umas poucas de rosas, de uma bela roseira de ao pé do tanque, que o Sr. padre Ribeiro levaria às meninas. O ramo foi acomodado dentro de um cesto — e José Ernesto tirou uma pequena rosa que pôs ao peito.

Depois, ao largar a traquitana pela grande estrada, que ali subia toda em encostas, José Ernesto perguntou:

— Como é o nome todo do Sr. D. Gaspar?

— D. Gaspar Maria Alcoforado Teles de Meneses.

A chuva cessara de todo; havia uma nesga de céu azul.

Quando a carruagem ia entrando em Vilalva, ao passar no Cruzeiro, padre Ribeiro teve um sobressalto, debruçou-se na portinhola, gritando ao cocheiro que parasse.

— São as meninas! É o Sr. D. Gaspar!

E com efeito, junto do Cruzeiro, ia caminhando um homem alto, de grandes barbas e chapéu desabado, com uma

senhora envolvida numa capa de borracha. 0 padre Ribeiro saltou do carro — e ali mesmo, na estrada, fez a apresentação do hóspede. E pelos magníficos cabelos louros, José Ernesto reconheceu a Sr.ª D. Maria Joana! Era alta, de um branco saudável e doce, com belos olhos verdes, finos e meigos.

Padre Ribeiro mostrou logo o cesto de flores. Ela tirou uma rosa que prendeu no botão do casaco. José Ernesto ia já conversando com o Sr. D. Gaspar, caminhando a pé para a tia Rita, que era logo adiante do Cruzeiro, nas primeiras casas da vila. Depois, quando ela se acercou, o velho afastou-se para dar uma ordem ao cocheiro. Maria Joana e José Ernesto ficaram um momento sós na estrada.

Tinham ambos, ao peito, rosas da mesma roseira...

Seis meses depois casavam, na capela do solar de Vilalva, por uma manhã também de grande chuva.

Enghelberto

Enghelberto, senescal das Ilhas, príncipe da Escânia e Senhor de Elfingor, a quem outros também chamavam o Cavaleiro de Estanho, era, na loura e corada flor dos seus vinte e três anos, o mais duro pecador da cristandade.

Em toda a Dinamarca se contava que seu avô, o velho Ulfan, para o tornar bravio e estranho a toda a doçura, lhe dera a chupar no berço corações de ursos ainda sangrentos.

Enghelberto tivera por mãe a filha deste chefe temeroso, a duquesa Tifânia, «Tifânia soberbíssima» ou «Tifânia dos peitos altos» — pois sob estes dois nomes a celebrou, em versos latinos, Hinkmar,

deão da Sé de Roskilde — a tão falada Tifânia, que em moça, vestida de couro e com um casco de ferro, comandara uma frota de piratas, estrangulara o conde Magnus, seu primeiro marido, vivera depois em apregoada e triunfal concubinagem com o abade do Mosteiro de Soroé, e por fim desposara o príncipe da Escânia, moço néscio e risonho que tinha lindos cabelos cor de ouro. Mas o pai de Enghelberto, nem Tifânia decerto o conhecia, porque andando o príncipe da Escânia e a sua hoste a guerrear com Canuto IV contra o margrave de Visgrath, ela alternadamente recebia no seu leito, aberto e tumultuoso como uma praça pagã, um cavaleiro de Aquitânia, foragido na Dinamarca, um carniceiro, cujos braços felpudos e sujos de sangue, jogando a

barra na festa de Santo André, a tinham maravilhado, e o cardeal de Modena, legado do Papa.

Quando Enghelberto nasceu, todas as tochas e lâmpadas do castelo de Kolnor — assim o juraram o vílico e as aias sobre os Santos Evangelhos — se apagaram bruscamente, e as que estavam apagadas começaram, maravilhosamente, a alumiar com uma luz muito clara e muito firme. Depois, ao fim de três dias, Tifânia morreu, sem agonia, ditosa e serenamente, soltando um pequenino suspiro de entre os lábios onde errava um sorriso de virgem que dorme, cansada, depois de uma festa, e que sonha com as grinaldas, as sedas, os lumes e as cadências doces das harpas. Sobre o seu corpo envolto em brocados brancos e coberto de jasmins brancos, três

bispos, os de Aahruz, de Calmar e de Elsenor, espalharam o incenso e as águas lustrais e, em panegíricos facundos, declararam que a muito alta duquesa, senhora de Elfingor, tão poderosa na Terra, seria ainda toda-poderosa no Céu, resplandecendo ao lado de Deus-Padre.

O príncipe da Escânia, antes de findar o seu luto e a sua dor, porque aquele néscio moço amava a sua terrível mulher, morreu também, de uma pústula maligna. E Enghelberto, órfão de pai e de mãe, ficou com o sombrio avô Ulfan, no castelo de Kolnor, onde foi crescendo como um prodígio, em beleza e em maldade.

Ainda pequenino, à noite, à lareira, brincando junto à grande cadeira de carvalho, onde o velho Ulfan se

conservava imóvel na sua longa peliça de rato da Arménia, o filho de Tifânia furtava muito destramente os alfinetes das aias, para espetar os pés nus do frade, que sobre o seu escabelo e na sombra do capuz, lia dormentemente a *História das Cem Batalhas* ou os *Milagres de Santo Anschere*. As suas aias andavam sempre arranhadas e feridas nas faces, da violência das suas mãos, pouco maiores e mais brancas que pétalas de magnólia. Desde que pôde correr pelo castelo, o seu maior gosto, o que lhe punha nos olhos admiráveis um brilho mais contente, era chamuscar com uma tocha a cabeleira crespa dos pajens ou, de cima de uma galeria, arrojar grossos escabelos sobre os serviçais e homens de armas que atravessavam a claustra.

Uma ocasião, tanto contentamento lhe dera quebrar, com uma barra de ferro, as pernas de uma velha galguinha italiana que outrora o legado do Papa dera a Tifânia, que desde então, constantemente, procurava, pelos canis e pelos aidos, algum cachorro ou anho sem defesa que pudesse torturar. Um dia que errava fora das muralhas, avistando uma velha que caminhava lentamente à beira dos fossos, vergada sob um feixe de lenha, correu de leve, sem rumor, e atirou a triste criatura à água, que felizmente era baixa e pouca porque findava o estio e havia paz em Kolnor.

Mas quando ao domingo, na igreja, sobre o estrado senhorial, quieto ao lado do velho Ulfan, com os seus lindos cabelos de ouro todos em anéis,

caídos sobre o gibão de brocado, o gorro pousado no chão e as mãos postas, ele erguia os olhos docemente para o coro onde os noviços cantavam, as mulheres, pela nave, sorriam de admiração, enlevadas como diante de um anjo. E ainda depois, pelas ruas, cismavam com aqueles olhos de um azul tão luminoso, e profundo, e translúcido, como elas nunca tinham visto, nem no mar nem no céu.

A sua inteligência era singularmente clara e destra. O velho cónego da Sé de Roskilde, que vivia em Kolnor, numa torre isolada, e lhe ensinava a História Santa, as letras, os números, as divisões do Mundo e o curso dos astros, em breve soube menos que Enghelberto, e diante da sua curiosidade pelas coisas do saber, ficava enleado, tartamudeando, até

que o terrível discípulo, saltando do escabelo e rindo, lhe vinha puxar as barbas ou mascarrar a face de tinta.

Chorando, um dia, o velho clérigo veio rogar a Ulfan que lhe permitisse voltar a Soroé, rezar na sua cela as suas horas canónicas. E o rude avô, que nunca soubera sequer escrever o seu nome, galhofando e de bom grado lho consentiu, no receio de que o herdeiro das suas armas e terras viesse a estragar a vida, como um rapado e macilento clérigo, entre pergaminhos cobertos de letras. Já ele andava inquieto por ver o neto mais manso, e sem aquela turbulência, aquele desdém da dor e indiferença pelo sofrimento, que são prenúncios de uma alma esforçada e soberana.

Enghelberto aprendera a cavalgar

todo o ginete, e a atirar à flecha, e a manejar o montante, e a emparar de broquel, sem que através desse contacto com as armas e no brio de provar destreza e força, ele se abandonasse a outras violências, além de vergastar algum cavalariço ou quebrar os dentes com o guante a algum pajem tardio. E Ulfan, com desgosto, o vira já por vezes durante as tardes macias, passear no vergel, devagar, parando a escutar o cantar dos repuxos ou a colher uma rosa silvestre à maneira de uma donzela e como se na sua alma estivessem resvalando pensamentos de graça e de doçura.

Para o desviar então da moleza, quis que ele se entregasse à caça, que acorda e aguça o gosto da guerra — e com esse intento lhe preparou uma matilha de

alões e de lebréus da Bretanha, e os melhores açores e falcões que o margrave de Holtorp pôde obter na Pomerânia e no país Russiano.

Imediatamente Enghelberto se tornou um caçador violento e insaciável. Logo de madrugada, saltava na sela, e de arco ao ombro, a aljava cheia batendo-lhe a coxa, o cutelo passado no cinturão, soltava três toques de buzina, saudando o avô, que do alto da torre, embrulhado na sua peliça de rato da Arménia, as barbas a esvoaçar no vento frio, lhe acenava com a mão cabeluda. E então, colhendo sobre o guante o falcão encarapuçado de couro, Enghelberto transpunha a galope a levadiça, e desaparecia entre o arvoredo, sobre a neve dura, no meio do uivar furioso dos alões e da grita dos

monteadores, armados de machados, de redes, de rojões pontiagudos e de puas de ferro.

Só pela noite cerrada recolhia a Kolnor, todo vermelho do ar agreste e do furor da matança, rouco de gritar aos lebréus, com manchas de sangue sobre o gibão de couro, cheirando a selva e a fera.

Era sobretudo a caça bravia dos javalis e dos ursos que o deleitava. Mas nem o abater dos animais, o mergulhar do cutelo nas carnes arquejantes, recebendo sobre a face os esguichos de sangue quente, nem o rasgar das peles e o arrancar das entranhas que atirava aos lebréus, lhe calmavam a febre de matança. E ainda à ceia, contando ao avô as proezas, recomeçava os longos brados do montado, cravando a faca furiosamente na

madeira escura da mesa!

Mas depois, ao canto da lareira, cansado e adormecido sobre os coxins de couro, a face entre o ouro dos cabelos, com as longas pálpebras docemente cerradas e o buço lourejando como seda fina sobre os lábios escarlates e cheios de seiva, era tão formoso e parecia tão doce, que o velho capelão, pousando o breviário sobre os joelhos, murmurava para o velho Ulfan:

— Vede como há pouco era Nemrod, tão cru, e agora o tomaríeis por um menestrel de grã-gentileza, que passava e pediu agasalho.

Nem o capelão, porém, nem o velho Ulfan, o admiravam tanto na sua gentileza como Korlina, a aia especial que àquela hora preparava e trazia a Ulfan o

vinho quente com especiarias. Era uma alemã do Holstein: viera com seu irmão — mandado pelo margrave para adestrar os falcões e fazer neles a delicada operação de lhes coser as pálpebras — e como se mostrara hábil em preparar os licores e os doces, ficara no serviço das cozinhas de Kolnor, que ainda eram rudes e de artes simples, como no tempo dos Jarls.

Muito tempo ela mostrara a Enghelberto, claramente, os seus desejos, nos vivos e lampejadores olhares com que o chamava. O moço, porém, que nenhum seio de mulher ainda roçara, desviava a face, corando ardentemente e hirto no seu orgulho. Mas uma tarde, no vergel onde Korlina apanhava ervas aromáticas, caiu sobre ela bruscamente, e, brutalmente,

conheceu o amor.

Mas a trigueira moça foi apenas para ele como um copo onde se bebe à pressa e de um sorvo, e que se repele, saciada a sede. Bem depressa lhe enjoou as tranças muito negras e duras, os braços penugentos, a pele amarelada — e mesmo findou por a empurrar com mão rude, quando ela, surgindo nalgum sombrio corredor abobadado, lhe puxava a manga e o solicitava com uma humildade lasciva.

Já a esquecera, já ela se esbatera na turba vaga dos servos, quando, uma manhã de inverno e de grande neve, atravessando o pátio para o canil, a viu sob a funda porta da torre do tesouro, pendurada do pescoço de um cavalariço que ria alvarmente. Imediatamente a mandou agarrar, e ao pobre servo, e levar

a uma das negras prisões do castelo, sob os ferros. À noite, quatro homens entraram no cárcere, amordaçaram Korlina e o cavalariço; ataram os dois corpos um ao outro, peito contra seio, com fortes cordas; estenderam aquele fardo miserável sobre uma padiola, e assim o levaram à luz de uma lanterna através da neve, para fora das muralhas, até ao fundo valado, para onde o atiraram sobre a neve fofa. Outra neve caiu e para sempre os cobriu...

E nesse momento, Enghelberto, diante da chaminé flamejante, passando a mão carinhosa sobre a cabeça fina de um galgo, exclamou de repente, rindo, para o capelão que lia num velho in-fólio:

— Rezai agora uma das vossas rezas por duas almas muito quentes que eu

mandei arrefecer!

Do outro lado, de entre as grossas peliças em que se amodorrava, pesado de vinho quente, o velho Ulfan murmurou preguiçosamente:

— Conta a façanha...

Enghelberto encolheu os ombros leves:

— Uma bagatela, senhor, vilões punidos!...

E o velho chefe tornou a cerrar as pálpebras pesadas.

Toda a vida de Enghelberto se empregava na caça. Mas saciado já de abater ursos, lobos e javalis, completava agora aquela festa de matança com correrias pelos povoados e pelos caminhos, espalhando ruínas e dor. Os seus moços de caça formavam, pela

multidão e pelo ruído das armas, um verdadeiro bando de guerra. Com eles, em galopes furiosos, ao estridor das buzinas, passava destruidoramente sobre as searas maduras, atravessava as aldeias, atropelando as crianças que brincavam à soleira das portas, ou, no pendor de uma colina, caía bruscamente sobre um rebanho que debandava em grande espanto, frechando as reses e o pastor. Depois, o sombrio bando, afogueado e ofegante, invadia alguma taberna à beira de uma estrada, esvaziava as pipas de cerveja, espancava o taberneiro e fazia um grande lume na lareira com os bancos partidos e as arcas escavacadas a machado.

Certa tarde, avistando na orla de um bosque uma récua de machos

carregados e três mercadores que descansavam e comiam na sombra de um carvalho, galopou para eles, ordenou que lhe mostrassem os seus salvo-condutos. E ainda o mais velho, que tinha um longo nariz adunco e uma barba aguda de bode, rebuscava no peito, por dentro da simarra, com a mão trémula, já Enghelberto gritava ao seu bando que o amarrassem, e aos dois outros, a três árvores, «porque aquelas eram decerto mercadorias roubadas!»

Debalde os três homens, já amarrados a troncos, juravam, com os olhos esbugalhados de terror, serem honrados mercadores de Nuremberga que iam à feira de Roskilde, com cartas e franquias do bispo de Tréveros!

Enghelberto e os seus homens,

desmontados, já cortavam as cordas dos fardos, e iam espalhando pelo chão, com olhos chamejantes de cupidez e de pasmo, toda uma riqueza de estofos purpureados de Veneza, de couros lavrados de Córdova, tecidos de Gaza bordados a ouro, brocados de Arles, tapetes orientais, armas marchetadas, peliças da Frísia, pacotes de especiarias, frascos de essência de rosa, e azeite da Provença em botijas entrançadas de palha.

Então Enghelberto, vendo que os seus homens já disputavam com olhos chamejantes a posse daquelas coisas reluzentes e para eles estranhas, soltou um grande brado e ordenou que aquela rica presa fosse repartida segundo a lei da guerra, a lei antiga e venerável de Trotão, o Grande. E, divertido, entusiasmado com

a bela aventura, quis que se cumprisse todo o velho cerimonial.

As buzinas soaram, como num final de batalha; os fardos, as mercadorias, foram amontoados em torno do estandarte de Kolnor, cravado no chão; e o mais velho dos homens de armas dividiu a presa em três lotes — porque o terço pertence ao chefe — e foi depondo em grandes braçadas, veludos, sedas, tapetes e couros lavrados, aos pés de Enghelberto, que se colocara sobre uma pedra, muito sério, apoiado ao seu grande arco. Depois, os restantes lotes foram divididos em catorze quinhões e repartidos pelos catorze homens, que o vilico chamava um a um, e que se agachavam, remexendo com as mãos escuras a doçura dos veludos, e soltavam

gritos de gosto se lhes cabia alguma arma com lavores de prata, ou ficavam rindo alvarmente diante de algum espelho de marfim ou de um molho de finas rendas que desdobravam. E todos, depois, iam considerar o lote de Enghelberto, que supunham de coisas mais preciosas, por ser o lote do chefe.

Mas Enghelberto, para mostrar o seu desdém da presa, nem descera sobre ela os olhos — e repelindo, com a sua grossa bota de couro vermelho tauxeada de prata, os veludos, os cofres, as essências e as peças de baixela que ante ele se amontoavam, acenou com o arco e saltou sobre a sela.

Então o mais moço dos mercadores amarrados às árvores, vendo consumada e irreparável a rapina de

tantos bens, não se conteve, e estrebuchando entre as cordas, com o pescoço esticado, todas as veias a estalar e grossas lágrimas nos olhos cor de azeviche, gritou furiosamente:

— Ladrões! Ladrões! Ladrões!

Imediatamente Enghelberto, erguido sobre os largos estribos, retesou o arco, com a flecha apontada ao peito do miserável.

Mas o vilico acudiu:

— Lume, meu doce senhor! Lume, que a flecha é arma nobre para o judeu maldito!...

E assim era pelo velho costume saxónio. Então Enghelberto mandou que amontoassem toda a sua parte da presa, misturada a galhos secos, em torno da árvore onde gemia o judeu amarrado, e

que lhe lançassem o fogo que é devido aos carrascos do Senhor Jesus Cristo.

Em breve as chamas, o fumo denso, envolveram os urros, o estrebuchar do miserável. E os outros dois, ao lado, nem gemeram, lívidos de terror, quando Enghelberto lhes gritou, rindo:

— Vós outros, esperai pelos lobos!

E o bando cavalgou, partiu em grande algazarra...

Era a estação doce e triste em que nunca anoitece — e o Sol ia alto no ar fino, com um brilho lívido de ouro embaciado. Pelos rudes caminhos, recolhendo a Kolnor, a cavalgada trotava, ruidosa, estranha e mais cheia de cores que uma procissão de Natal. Alguns dos homens, tendo atirado sobre os ombros as

largas peças de seda amarela ou vermelha que recaíam, envolvendo os cavalos, pareciam reis magos. Sobre pontas de lanças, iam arvorados como bandeiras, ricos tapetes tecidos em Babilónia ou finos véus nupciais que deixavam no ar um sulco branco; grossas mãos cabeludas agitavam ao alto molhos de plumas multicolores e espelhos que faiscavam, tocados de sol; e as risadas não cessavam em torno daqueles que, gulosamente e de um só trago, tinham esvaziado algum frasco de azeite de Arles, e vomitavam, debruçados no arção, berrando contra os judeus malditos. Os que haviam espalhado essência de rosa sobre os pelotes de pele de lontra, iam com um sorriso contínuo, no orgulho do perfume que exalavam. E todos se queixavam de que se não tivesse

apalpado os judeus, para lhes tomar os bons dobrões de ouro que decerto traziam no forro das simarras. Na frente, ao lado do estandarte de Kolnor, Enghelberto, tendo dado o casco ao escudeiro, com os cabelos soltos, a linda face alta, sorria, como perdido em pensamentos suaves.

Ao chegar ao morro onde assentava o castelo de Kolnor, foi ele o primeiro que percebeu na torre de menagem e sobre o caminho de ronda, archeiros, outros homens, que acenavam, como se houvesse grande nova. Atirou o cavalo pelo morro — e logo, ao transpor a levadiça, soube pelo sobrerrolda que o seu avô Ulfan estava morrendo.

Depois, subindo a negra escadaria de pedra, o vilico ainda lhe contou que se receberam, nessa tarde, notícias de se

terem revoltado e tresmalhado a monte todos os servos de Jarna...

Quando Enghelberto, abrindo a grossa porta de carvalho chapeado, avistou o avô estendido no rude leito feito de grossas traves negras, vestido com a cogula de Cister, entre tochas acesas, teve um brado de cólera contra os dois monges e o notário, que se conservavam imóveis, junto à alta fresta do quarto abobadado.

— Como ousastes?... Vilões, vilões!... O meu doce senhor morrendo sem as suas armas, já amortalhado na trapagem de frade, entre tochas!

O mais velho dos monges balbuciou, curvado sob aquela grande cólera:

— Senhor, está morto desde a hora de prima...

Enghelberto empolgou as barbas longas do santo homem, que sacudiu furiosamente:

— Mentes! Está vivo!... Vivo e forte para te arrancar a língua, falsário! Onde é que tu viste em toda a Dinamarca, um senhor — e o senhor de Elfingor!... — morrer desarmado?

Com os guantes de caça que arrancara das mãos, apagou violentamente as altas chamas amarelas das tochas. Depois, tirando de sobre o peito do avô o crucifixo que atirou a um dos monges, gritou aos escudeiros apavorados que revestissem o seu senhor com todas as suas armas negras, sem sobreveste, como em dia de batalha.

E enquanto os escudeiros se apressavam, empurrou o vilico para o

fundo da janela onde o sol ainda batia:

— Que me contavas há pouco de servos e de revoltas em Jarna?

O vilico, muito pálido, apenas sabia, por mensageiros chegados nessa tarde, que os servos se haviam levantado, matando o regente, por se terem dado vinte das suas mulheres e dez crianças, com cem carneiros e cinquenta marcos de prata, em saldo de uma dívida ao Mosteiro de Soroé... Tinham queimado vivo o regente, numa meda de palha...

Enghelberto sorriu, tocando o buço leve:

— Lá iremos a Jarna... E também ao Mosteiro de Soroé, ver os carneiros e a prata, que decerto foram mal contados...

Voltou ao leito, arranjou sobre o corpo do avô, já armado, a espada, de

modo que o forte punho pousasse bem sobre o coração, e murmurou, como no canto de morte de Lodborg:

— Era forte e feriu com a espada!

Depois estendeu a mão, num grande gesto de promessa, sobre a face do velho chefe, mais temeroso na sua rigidez:

— Sossegai, meu doce senhor, que eu serei tal como vós fostes no mundo. Terras que me deixais serão alargadas e o nome que de vós me vem se acrescentará em terror. Deste negócio de Jarna, não tenhais mágoa, que a vingança cairá onde é devida. Para a grande jornada que ides empreender, não vos faltará cavalo, que eu mandarei convosco enterrar o vosso, levando no arção um saco com cem marcos. Adeus! Que a Senhora Santa Virgem vos leve por sua mão ao Walhalla,

como deve a um valente senhor de Elfingor!

Lentamente dobrou o joelho, beijou a rude mão coberta de rudes pelos que pousava rigidamente sobre a espada. Depois, com um gesto seco aos monges silenciosos e encolhidos na sombra do capuz:

— Agora, sim! O senhor de Elfingor morreu! Trazei a mortalha e rezai as rezas!

Nessa noite o corpo de Ulfan, Cabeça de Ferro, foi aberto e enchido com sal, e por sobre a armadura, com que de novo o vestiram, rebrilhava uma túnica de pano de ouro, orlada de arminhos tingidos de vermelho. E assim o colocaram, depois de penteados os longos cabelos, na sua vasta cadeira de carvalho,

no topo da sala de armas, com o seu escudo aos pés, e nas mãos um livro de horas coberto de pedras faiscantes. Ao lado, o bailio segurava o pendão de Elfingor — um sol negro sobre um mar de escarlate. Seis monges rezavam de joelhos nas lajes. A espaços, duas tubas de guerra ressoavam. E o notário, na sua longa garnacha negra, lia num rolo de pergaminho, numa grande voz, a resenha das batalhas que batalhara Ulfan, e os assaltos que fizera, e as fortalezas que tomara.

No entanto, desfilavam os oficiais de Kolnor, os feudatários, os archeiros, os homens de armas, os besteiros e todos os servos, e cada um dobrava o joelho ante o chefe morto, fazia o sinal da Cruz, e tocava com os dedos nas lajes, como para

se cobrir de pó. E depois iam saudar Enghelberto que de pé no outro topo da vasta sala, se conservava imóvel e hirto, com um trémulo e alto molho, de plumas brancas no elmo, uma sobreveste de lã branca por cima da armadura, um vasto manto de almáfega branca rojando em pregas no chão e as duas mãos envoltas num véu branco e pousadas sobre os copos da alta espada, de onde pendia um laço branco.

Ao outro dia, o grande corpo de Ulfan foi embrulhado numa pele de veado e metido num sarcófago feito com as tábuas da galera em que ele comandara a sua expedição à Escânia. Aos seus pés, foi posta uma vasilha cheia de água benta do Jordão; sobre o seu peito pousaram uma relíquia santa, o osso de um dedo de

Santo Anskere, e sobre cada uma das faces, a metade de uma hóstia consagrada. Seis vassalos de Elfingor conduziram o esquife, coberto com um pano tecido de ouro, de que Enghelberto, caminhando atrás nas suas grandes roupagens brancas, segurava com as duas mãos as duas pontas franjadas. Por todo o vasto terreiro brilhavam filas de tochas — e o rumor sob o céu cinzento era grande e lúgubre, com o gemer lento das tubas o dobrar dos sinos e os uivos soltos das carpideiras.

Quando o esquife penetrou no vasto sarcófago de pedra bruta e rude como uma pia de gado o alferes da mesnada colocou sobre ele, desembainhada, a espada de batalha de Ulfan. Então o notário, tirando de dentro da garnacha negra o rolo de pergaminho,

de novo disse, numa lenta e grande voz, a nobreza de Ulfan, e os seus feudos, e as suas ações, e as suas batalhas, e todos os seus feitos em cinquenta anos de errante e sangrenta glória. E a cada pausa, num coro choroso, as carpideiras gritavam:

— Tanto revolveu a terra que abriu a sua sepultura!...

Depois, selado o enorme tampo de pedra com os selos de Elfingor e rezadas grandemente as bênçãos rituais, queimados o incenso e as resinas aromáticas, cada homem de armas, cada servo das glebas, veio depor sobre o sarcófago um ramo verde de pinheiro ou de abeto.

À porta do jazigo foi escavada uma grande cova, onde se enterraram vivos o cavalo de Ulfan e o seu lebréu

favorito. E para que o chefe morto, antes de subir ao Walhalla, se não sentisse solitário no seu sepulcro, toda a noite, em redor, besteiros e soldados bateram com as lanças sobre os escudos e sopraram nas tubas de guerra.

E nunca na Dinamarca houve tão grande festim funerário. Das salas juncadas de erva verde, as mesas trasbordavam para o terreiro onde besteiros e colonos se sentavam em almofadas, sob velários franjados.

Os gamos, os gordos carneiros assados, eram trazidos sobre padiolas. Cem cessar se rolavam pipos, de onde as pontas das ascumas faziam esguichar a cerveja nova — e as canecas eram esvaziadas de um trago, em honra do chefe morto. Bardos e menestréis, ferindo

as harpas, cantavam as lamentações de Gudrun, o canto de morte de Lodbrog. E os homens de armas, excitados pelos cantos heroicos, arrancavam as lorigas de couro e combatiam até que os fios de sangue corressem sobre os grandes peitos nus e brancos, por entre o rude pelo ruivo.

No ar já triste da tarde, os sinos não cessavam de dobrar, lentos e lúgubres. Às grades das prisões, sob a torre, apareciam as faces escaveiradas dos prisioneiros que o cheiro das comidas atraía e que choravam de fome... E os soldados arrebatavam os arcos e frechavam os miseráveis. E quando desceu a noite, abandonando sem ruído a capela, as carpideiras seguiram os soldados para a beira dos fossos e para debaixo das árvores da horta...

Ao outro dia, toda a vassalagem se juntou na imensa sala de armas, onde Enghelberto, de pé diante da grande sede senhorial de Ulfan, esperava todo armado, com as suas armas de batalha, tendo de um lado o alferes que sustentava o pendão, e do outro o marechal da hoste, que trazia sobre uma almofada as chaves dos castelos de Kolnor, de Elfingor, de Jarna e de Lindau.

Então, pela grande porta, entrou o senescal, trazendo nas mãos, religiosamente, uma taça terrível e magnífica — um crânio humano cravejado de rubis, assentando sobre um pé de ouro, e que pertencera a Siwald, Olho de Enguia, rei da Gótia e da Jutlândia. Ajoelhando no grande silêncio, ofertou a taça a Enghelberto, que muito lentamente a

ergueu nas mãos ambas, e gritou:

— Por meu avô Ulfan, pela taça de Siwald, que é a taça da memória, e perante vós todos que sois testemunhas, juro que nunca pagarei tributo! Com a espada e a lança ferirei, por amor dos meus direitos; ante os meus inimigos tornarei o meu nome terrível, e morrerei de pé e armado!

Bebeu lentamente, gravemente. Molhou as pontas dos dedos nas gotas que restavam no fundo da taça, e traçou sobre a couraça uma larga cruz. Depois, subindo ao estrado, tomou assento com força na sede senhorial, batendo com os punhos fechados, pesadamente, sobre os dois braços de carvalho lavrado, que representavam dois focinhos de lobo. E o duro fulgor do olhar, que relanceou pela

vasta sala côncava, fez baixar de terror todas as faces.

Mas já os trombeteiros, correndo aos balcões, atiravam para o terreiro uns sons festivos e roucos. Os sinos repicavam com estridor. O sol negro do pendão, agitado, movia os seus raios negros sobre o elmo de Enghelberto; a seus pés jaziam as grossas chaves dos castelos; para a abóbada subiam rolos de fumo dos turíbulos que dois capelães acéfalos balouçavam, saltando sobre as pontas das sandálias. E a um gesto arrebatado do marechal da hoste, todos bradaram, com as espadas e lanças faiscando no ar:

— Preito a Enghelberto, príncipe da Escânia! Preito a Enghelberto, senhor de Elfingor! Preito a Enghelberto, duque

de Jama!

A imensa aclamação rolou, fazendo tremer as lanças nas hastarias, e ainda no terreiro ressoou mais alta, mais forte, repetida pela vilanagem que se apinhava até às barbacãs, agitando ramos verdes. Excitados, repuxando as correntes de ferro, os lebréus e os mastins latiam furiosamente.

Logo nessa madrugada, Enghelberto fez soar o alarme, e com dez lanças e cem archeiros, correu sobre Jarna.

Os servos revoltados, armados de chuços e de foices, apenas cobertos de peles rotas de carneiro, erravam num bando, já desordenado e incerto, pelas matas que limitavam a terra senhorial. Uma tarde, desceram para a beira de uma

lagoa que altas dunas dominavam.

Aí os colheu Enghelberto e sobre eles correu com os seus pesados homens vestidos de ferro e os mastins ferozes, como numa alegre caçada.

As armaduras, os penachos, os pendões, o estridor das buzinas, deslumbraram e aterraram aquela horda miserável, e em breve, junto à lagoa cinzenta, sob o céu baixo e triste, não houve mais que um montão de cadáveres a que os cães lambiam o sangue, e uma fila de cativos, amarrados com grossas cordas, que os homens de armas iam empurrando a picadas de lança para as muralhas de Jarna.

Enghelberto resplandecia, no gosto e na glória da sangrenta façanha, e ainda por vezes, durante a marcha pelo

vale sombrio, estacava o corcel e despedia uma frecha sobre o bando dos cativos, rindo do grito agoniado que se erguia, dos dorsos que se encolhiam de terror. Dois dos miseráveis, feridos, sem poder andar, foram amarrados pelos pulsos aos arções de dois cavaleiros e arrastados.

Depois, transpostas as enormes muralhas do imenso castelo de Jarna, logo no terreiro, sem descavalgar e sem atender ao vilico que o saudava e lhe oferecia as chaves da torre, intimou os servos cativos, sob pena de serem todos esquartejados, a que lhe apontassem o chefe que os incitara e os levara para o monte. Um homem de grandes membros, mais louro que o milho e de ar simples e doce, logo se adiantou, batendo no peito.

Então Enghelberto, rindo, ordenou que o coroassem chefe e rei de rebeldes, com um aro de ferro em brasa. Depois — que o esfolassem!

E com um grande gesto de desdém, consentiu que aos outros cativos apenas se decepasse uma orelha e o nariz.

Então, desmontando, bateu com o guante de ferro na face do vilico que esperava, lívido e trémulo, e bradou:

— Vilão falso, que assim deixas tresmalhar as reses do teu amo! Limpa a face, besta feia! E de beber, de beber depressa, da boa cerveja nova, que a poeira foi grande!

Cedo, ao outro dia, Enghelberto saiu do castelo, montado numa mula branca, sem cota nem elmo, levando apenas uma lança de monte, e seguido de

três escudeiros e de três mastins. Assim percorreu todas as suas terras, a seis léguas em torno de Jarna.

Adiante, marchava o verdugo, um machado na mão, um grande saco de couro a tiracolo. E ao passarem pelos servos que trabalhavam nos campos, por diante dos casebres dos colonos ou pelo meio dos povoados, o verdugo parava, tirava do saco pedaços de carne morta e arremessava-os para as portas e às faces dos homens ajoelhados, gritando:

— Aviso! Aviso! Orelhas e narizes de servos de Jarna!

Desde este feito, Enghelberto habitou o castelo de Jarna, que pela vastidão, a espessura das torres, as rochas sobre que se erguia e a sombria riqueza das velhas salas, melhor condizia com o

seu orgulho, o seu gosto de luxo e o risco das bravas empresas — e o grande nome do duque de Jarna começou a ressoar temerosamente por sobre a Dinamarca, que, pela fraqueza do rei Elrico, o Cordeiro, e pela feroz turbulência dos condes e dos senhores, e pela imensa relaxação dos seus bispos que viviam de mortandade e de roubo, se tornara como uma terra bravia, sem lei humana, sem lei divina, e tão talada, tão esfaimada, tão revolta, que nela era melhor ser lobo do que ser homem!

Como é grande em ramagens um abeto entre tojos rasteiros, assim entre os maus barões era grande em maldade o duque de Jarna.

Não havia em toda a Jutlândia castelos mais fortes em fossos, muralhas,

torres, trens e engenhos de guerra do que os castelos de Jarna, de Kolnor e de Elfingor. Dentro de cada um deles, na grossa torre da alcáçova, as paredes desapareciam sob os grossos molhos de armas, e as arcas estalavam ao peso do dinheiro em ouro e em prata. E atraídos pela sua fama sonora, pelos largos soldos que dava, pela esperança das ricas tomadas e pela violência das empresas, toda a sorte de homens bravios, aventureiros, bastardos pobres, vassalos, rebeldes, freires excomungados, bandidos e foragidos, corriam da Escandinávia, da profunda Germânia e até da Aquitânia e da Ibéria, para se acolherem ao seu seguro pendão e comer da sua farta caldeira.

Assim se tornou um chefe

irresistível Enghelberto, senescal das Ilhas, príncipe da Escânia e senhor de Elfingor, a quem também chamavam o Cavaleiro de Estanho.

Crítica e Polémica

Idealismo e Realismo

(A Propósito da 2.ª Edição de «O Crime do Padre Amaro»)

Aqui está pois um livro que eu escrevo pela segunda vez! *Habent sua fata libelli!*

Considerar-se-á talvez que esta reconstrução paciente é uma puerilidade, uma lamentável dissipação de esforço; que, num romance eivado originariamente de defeitos indestrutíveis, não é com adjetivos intercalados, entrelinhas e tiras coladas ao lado, que se melhoram os carateres mal observados, que se dá luz e cor a paisagens mortas e que se retificam os desenvolvimentos de uma paixão, erradamente seguidos...

Isto creio que é exato quando se trata de um trabalho puramente imaginativo, conto de fadas ou novela ideal.

Se eu criei um príncipe encantado ou um galã à Antony, e lhes dei, na minha edição original,, cabelos louros e sonhos místicos — não é realmente útil refazer, numa nova edição, o meu trabalho, para dar ao herói cabelos negros e pesadelos carnais. É uma fantasia substituindo outra fantasia. Melhor seria escrever um livro novo, e apresentar o mesmo galã com outro nome, outra, barba e outras paixões.

É porém diferente, penso eu, tratando-se de um romance de observação e de realidade, fundado em experiências, trabalhado sobre documentos vivos. Se eu quiser apresentar o tipo de um jogador, e

o improvisar com reminiscências de leituras meio esquecidas, e sem mais notas do que aquelas que tenha acolhido uma noite, numa *soirée* honesta de praia de banhos, vendo primos; joviais talharem uma batota doméstica a feijões — arrisco-me a fazer um *jogador* falso, pueril, vago e convencional.

Mas se, depois, eu frequentei a roleta bem instalada que o Estado patrocina, ou as baixas espeluncas da população do vício, se analisei, observei, colhi em flagrante a paixão, as expressões vivas em plena ação, estou habilitado talvez a pintar um jogador mais real e mais humano; e se, pela graça de um Deus favorável, o meu livro tiver uma segunda edição, eu devo claramente reconstruir o meu tipo com as observações e os

documentos que acumulei — exatamente como, num tratado de medicina, um prático introduz, numa segunda edição, os últimos resultados das experiências recentes.

Quando publiquei pela primeira vez *O Crime do Padre Amaro*, eu tinha um conhecimento incompleto da província portuguesa, da vida devota, dos motivos e dos modos eclesiásticos. Depois, por uma frequência demorada e metódica, tendo talvez observado melhor, eu refiz simplesmente o meu livro sobre estas novas bases de análise.

Quer isto significar que *O Crime do Padre Amaro*, publicado agora, dá em absoluto, na sua realidade complexa, o padre e a beata, a intriga canónica, a província em Portugal nesse ano da graça

de 1879? Oh! certamente que não! O quadro tem infelizmente lacunas, lados de natureza mal estudados, recantos de alma explorados incompletamente, amplificações, exageros de traço... É, no entanto, toda a soma de observação e de experiência que eu possuo sobre este elemento parcial da sociedade portuguesa. A outros, mais penetrantes e mais hábeis, compete recomeçar este estudo, e decerto com realidade superior.

É por meio desta laboriosa observação da realidade, desta investigação paciente da matéria viva, desta acumulação beneditina de notas e documentos, que se constroem as obras duradouras e fortes. Se as minhas são fracas e efémeras, é que eu não soube surpreender a verdade com suficiente

penetração, e não provém decerto de que o método não seja eficaz.

A arte moderna é toda de análise, de experiência, de comparação. A antiga inspiração que em quinze noites de febre criava um romance, é hoje um meio de trabalho obsoleto e falso. Infelizmente já não há musas que insuflem num beijo o segredo da natureza! À nova musa é a ciência experimental dos fenómenos — e a antiga, que tinha uma estrela na testa e vestes alvas, devemos dizê-lo com lágrimas, lá está armazenada a um canto, sob o pó dos anos, entre as couraças dos cavaleiros andantes, as asas de Eloá, a alma de Antony, os suspiros de Graziela, e os outros acessórios, tão simpáticos mas tão arcaicos, do velho cenário romântico!

O Crime do Padre Amaro recebeu

no Brasil e em Portugal alguma atenção da crítica, sobretudo quando foi publicado, ulteriormente, um romance intitulado — *O Primo Basílio*. E no Brasil e em Portugal escreveu-se (sem todavia se aduzir nenhuma prova efetiva) que *O Crime do Padre Amaro* era uma imitação do romance do Sr. Zola — *La Faute de l'Abbé Mouret* — ou que este livro do autor do *Assommoir* — e de outros magistrais estudos sociais, sugerira a ideia, os personagens, a intenção de O *Crime do Padre Amaro*.

Eu tenho algumas razões para crer que isto não é correto. *O Crime do Padre Amaro* foi escrito em 1871, lido a alguns amigos em 1872, e publicado em 1874. O livro do Sr. Zola, *La Faute de l'Abbé Mouret* (que é o quinto volume da série

Rougon-Macquart), foi escrito e publicado em 1874.

Mas (ainda que isto pareça sobrenatural) considero esta razão apenas como subalterna e insuficiente. Eu podia, enfim, ter penetrado no cérebro, no pensamento do Sr. Zola, e ter avistado, entre as formas ainda indecisas das suas criações futuras, a figura do abade Mouret — exatamente como o venerável Anquises, no vale dos Elísios, podia ver, entre as sombras das raças vindouras, flutuando na névoa luminosa do Lete, aquele que um dia devia ser Marcelo! Tais coisas são possíveis. Nem o homem prudente as deve julgar mais extraordinárias do que o carro de fogo que arrebatou Elias aos Céus — e do que outros prodígios provados.

O que, segundo penso, mostra melhor que a acusação carece de exatidão, é a simples comparação dos dois romances. *La Faute de l'Abbé Mouret* é, no seu episódio central, o quadro alegórico da iniciação do primeiro homem e da primeira mulher no amor. O abade Mouret (Sérgio), tendo sido atacado de uma febre cerebral, derivada principalmente da sua exaltação mística no culto da Virgem, na solidão de um vale abrasado da Provença (primeira parte do livro), é levado para convalescer ao *Paradou*, antigo parque do século XVII a que o abandono refez uma virgindade selvagem, e que é a representação alegórica do Paraíso. Aí, tendo perdido na febre a consciência de si mesmo a ponto de se esquecer do seu sacerdócio e

da existência da aldeia, e a consciência do universo a ponto de ter medo do sol e das árvores do *Paradou* como de monstros estranhos — erra durante meses, pelas profundidades do bosque inculto, com Albina que é o génio, a Eva desse lugar de legenda.

Albina e Sérgio, seminus como no Paraíso, procuram sem cessar, por um instinto que os impele, uma árvore misteriosa, da rama da qual cai a influência afrodisíaca da matéria procriadora; sob este símbolo da árvore da ciência se possuem, depois de dias angustiosos em que tentam descobrir, na sua inocência paradisíaca, o meio físico de realizar o amor. Depois, numa mútua vergonha súbita, notando a sua nudez, cobrem-se de folhagens; e daí os expulsa,

os arranca o padre Arcângias, que é a personificação teocrática do antigo Arcanjo.

Na última parte do livro, o abade Mouret recupera a consciência de si mesmo, subtrai-se à influência dissolvente da adoração à Virgem, obtém por um esforço da oração e um privilégio da graça a extinção da sua virilidade, e torna-se um asceta sem nada de humano, uma sombra caída aos pés da cruz; e é sem que lhe mude a cor do rosto que ele asperge e responsa o esquife de Albina, que se asfixiou no *Paradou*, sob um montão de flores de perfumes fortes.

E dito isto, parece ficarem indicados e suficientemente lúcidos, os motivos que tenho para não supor *O Crime do Padre Amaro* uma tradução

malfeita da *Faute de l'Abbé Mouret*. E não insisto na diferença das datas, apesar dela constituir o que se chamava, creio eu, em lógica, uma *impossibilidade metafísica*, porque sou bom cidadão, e o art. 6.º da Carta impõe implicitamente o dever de não descrer dos milagres. Somente devo dizer que os críticos inteligentes que acusaram *O Crime do Padre Amaro* de ser apenas uma imitação da *Faute de l'Abbé Mouret*, não tinham, infelizmente, lido o romance maravilhoso do Sr. Zola, que foi, talvez, a origem de toda a sua glória. A semelhança casual dos dois títulos induziu-os em erro.

Com conhecimento dos dois livros, só uma obtusidade córnea ou má fé cínica poderiam assemelhar esta bela alegoria idílica, a que está misturado o

patético drama de uma alma mística, a O *Crime do Padre Amaro*, simples intriga de clérigos e de beatas, tramada e murmurada à sombra de uma velha Sé de província portuguesa.

— Mas, dir-me-ão indignadamente pessoas bem intencionadas, como se podem produzir tais acusações? — Meu Deus, bem simplesmente. Dos dois livros, a crítica decerto conheceu primeiro O *Crime do Padre Amaro*, e quando um dia, por acaso, descobriu, anunciado num jornal francês, ou viu numa vitrina de livreiro, a *Faute de l'Abbé Mouret*, estabeleceu imediatamente uma regra de três, concluindo que a *Faute de l'Abbé Mouret* devia estar para *O Crime do Padre Amaro* como a França está para Portugal. Assim achou sem esforço esta

incógnita: plagiato! Ou ainda, o que é mais provável, e mais grato ao Sr. Zola, conhecendo já a *Faute de l'Abbé Mouret*, apenas viu anunciado *O Crime do Padre Amaro*, estabeleceu logo a mesma regra de três, com os termos invertidos — e achou a mesma incógnita: plagiato! *Sic itur ad abyssum!*

Mas parece que esta *Faute de l'Abbé Mouret*, tem sido para mim uma vasta e rica mina de arte, de onde eu vou, todas as manhãs, desenterrar a minha provisão de carateres, de paisagens, de imagens e de adjetivos. Assim fui amargamente acusado de ter copiado o *Paraíso* do *Primo Basílio*, do *Paradou*, da *Faute de l'Abbé Mouret*. O *Paraíso*, se por acaso leram e se lembram daquele meu livro, é um terceiro andar barato,

para òs lados da Bemposta, alugado ao mês, onde uma senhora e um cavalheiro se vão amar duas vezes por semana, do meio-dia às três. O *Paradou*, como já disse, é aquela vasta e maravilhosa floresta, onde erram, quase nus, Sérgio e Albina, procurando, num instinto amoroso, a árvore iniciadora da ciência!

— Mas então — dir-me-ão ainda — onde está a imitação?

— Pois não veem? *Para-dou*, *Para-íso* — há evidentemente plagiato nas duas primeiras sílabas!

Que isto não pareça provir de um espírito rebelde e irreverente para com a crítica. Ninguém a respeita mais do que aqueles que fazem obras de observação e de realidade.

Os românticos (como confessa

Sainte-Beuve) odiavam a crítica, e com razão, pelo mesmo motivo por que os monarcas absolutos detestavam a opinião pública. Para os românticos, a poesia ou a prosa desciam diretamente da inspiração, como o direito dos reis descia diretamente de Deus. O crítico, simples raciocinador, não tinha direito a achar defeitos ou mesmo a examinar de perto o que a inspiração, a musa, mandavam lá de cima a um Musset ou a uma George Sand. A poesia era um presente divino. O *crítico*, não iniciado, não podia avaliar pelas regras triviais do senso comum aquilo que cantava ou declamava um homem que vivia em comunicação permanente com o ideal. O poeta, o artista, o romancista, eram assim seres excecionais, fora da lei e da regra

humana, eleitos, formando uma legião de seres entre o homem e o anjo! A sua vida mesmo não participava das condições humanas:

Aimer, prier, chanter, voilà toute ma vie...

diz Lamartine! Pode compreender-se a sua irritação quando um Cuvillier-Fleury, um Pontmartin, um Planche, pretendiam julgá-lo pelas leis razoáveis com que julgavam os outros homens.

— *Nós somos cristos!* — exclamava Novalis. — E um Cristo suporta mal um folhetim hostil...

Nós, porém, burgueses que não vivemos em comunicação permanente com o ideal, que nunca recebemos o beijo da musa, a quem a forma aérea jamais disse:

Poète, prends ton luth et me donne un baiser...

nós, homens, consentimos em ser julgados por homens. Estudando a realidade humana e social, aceitamos como um favor um conselho, uma prática, todas as admoestações daqueles que, vivendo na humanidade e na sociedade, têm uma experiência própria dessas realidades.

E isto não é só respeito pelos críticos, pelos príncipes da crítica, pelos seus *gros bonnets*, os ditadores da opinião, os especialistas — e de qualquer homem, o mais obscuro, ainda que nunca escrevesse uma linha, podemos aceitar indicações preciosas.

Quando se trata de eloquência ou

de retórica, decerto só se pode admitir o crítico que conheça estas artes ilustres. Mas quando escrevemos de paixões ou de vícios, todo aquele que os sentiu, ainda que os não saiba exprimir, pode julgar-nos e apontar-nos o erro. Só um poeta sabe apreciar *Graziela*, obra de eloquência lírica, mas um simples carpinteiro pode discutir o *Assommoir*, obra de realidade social.

Eu, por mim, adoro a crítica: leio-a com unção, noto as suas observações, corrijo-me quando as suas indicações me parecem justas, desejo fazer minha a sua experiência das coisas humanas.

Foi por ocasião do aparecimento destes meus livros, *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio*, que se começou a falar em Portugal no *Realismo*

e numa outra instituição que me dizem chamar-se a *ideia nova*. Ora o meu nome tem sido geralmente, em Portugal e no Brasil, associado a este *realismo* e a esta nova instituição. Designo-a pelo nome genérico de *instituição*, porque ignoro se é uma nova arte, uma nova política, uma nova religião ou uma nova filosofia; não sei mesmo se não será um novo clube ou uma companhia de seguros! Não creio que tivesse nascido em França, em Inglaterra ou na Alemanha, as três grandes nações pensantes. Suponho que é de origem portuguesa e inteiramente local. Ignoro os seus fins, o seu programa, os seus métodos, se já lançou, como é do estilo, a sua carta aos Coríntios e se nos traz alguma nova conceção do Universo!

Contudo, eu sou, nos documentos

que tenho presentes, designado como «um dos seus chefes». Deduzo pois que há outros — talvez sete, como diante de Tebas! Num livro de versos que recebo agora, comentado por um mestre douto e amado, leio, a pág. 2, que «Lisboa recebeu com Hossanas os pregoeiros da ideia nova». Concluo que tivemos, como outros quaisquer, a nossa entrada triunfal em Jerusalém, e vejo daqui a nossa estimável estação dos Caminhos de Ferro, sonora de cantos e verde de palmas!... Em todo o caso, parece que foi breve o dia das alegrias e dos risos, porque um jornal recente me diz: «Aí estão, pois, aos golpes desse prodigioso atleta, prostrados por terra e mordendo o pó, os da ideia nova!» Concluo que fomos derrotados por um monstro solitário, um ser disforme no

género de Polifemo ou do amante de Onfale, e que, dos da «ideia nova», como da ala dos cavaleiros saxónios depois da jornada de Hastings, não resta mais do que um estendal de cadáveres, sobre que pairam os corvos de Usk!...

Tal foi a vida breve e morte trágica de uma *ideia* nacional que, segundo os jornais me afirmam, nos custou a vida, a mim e aos outros chefes!...

Eu sou pois associado a estes dois movimentos, e se ainda ignoro o que seja a *ideia nova*, sei pouco mais ou menos o que chamam aí a *escola realista*. Creio que em Portugal e no Brasil se chama realismo, termo já velho em 1840, ao movimento artístico que em França e em Inglaterra é conhecido por «naturalismo»

ou «arte experimental». Aceitemos porém *realismo*, como a alcunha familiar e amiga pela qual o Brasil e Portugal conhecem uma certa fase na evolução da arte.

Este movimento tem encontrado em Portugal grandes hostilidades. Também no Brasil (não o digo sem algum despeito patriótico), se tem combatido o realismo com um talento superior e com ideias.

A opinião, porém, que os nossos inimigos fazem deste movimento literário, parece ser a seguinte: «Que é uma «escola» e se chama a *escola realista*. Que foi o Sr. Zola que a inventou, um belo dia, em Paris. Que o seu fim é pintar com minuciosidade quadros obscenos. E, finalmente, que tem uma retórica especial, abstrusa, torturada, rutilante, sem

gramática e sem vernaculidade!»

É-me desagradável afetar um tom pedagógico e vir dar um desmentido autoritário a estas afirmações de pessoas estimáveis...

Mas na realidade o naturalismo nem foi inventado pelo Sr. Zola, nem consiste em descrever meticulosamente obscenidades, nem tem retórica própria, nem sobretudo é uma escola!

Em Portugal sempre houve uma tendência tenaz para subdividir a arte em escolas — o que prova, de resto, uma literatura de gramáticos e retóricos. Inventámos assim toda a sorte de escolas literárias — mais, certamente, em número, do que as de instrução primária! Chegámos a ter a escola de Lisboa, a escola de Coimbra, a escola de Castilho...

coisas que nos parecem hoje tão antigas como o rapto de Helena ou as façanhas do impetuoso Ájax. Ainda conservamos, porém, as grandes escolas: clássica, romântica, satânica, elegíaca, e toda a sorte de confrarias das letras, isoladas em cubículos e celas, separadas por paredes-mestras: o cubículo de Boileau, o cubículo de Lamartine, o cubículo de Byron, o cubículo de Petrarca... Até o subtil e fino Baudelaire tem o seu cubículo! E aqueles grupos inimigos, arreganhando-se o dente, uns usando a cabeleira de Racine, outros o capacete de Persival, outros os cornos de Satã, outros a frauta pastoril de Semedo, ali vivem sepultados nas suas prosódias rivais, murando-se dentro delas, como o anão chinês dentro do seu vaso de porcelana...

Agora, temos a escola realista!

Não — perdoem-me — não há escola realista. Escola é a imitação sistemática dos processos de um mestre. Pressupõe uma origem individual, uma retórica ou uma maneira consagrada. Ora o naturalismo não nasceu da estética peculiar de um artista; é um movimento geral da arte, num certo momento da sua evolução. A sua maneira não está consagrada, porque cada temperamento individual tem a sua maneira própria: Daudet é tão diferente de Flaubert, como Zola é diferente de Dickens. Dizer «escola realista» é tão grotesco como dizer «escola republicana». O naturalismo é a forma científica que toma a arte, como a república é a forma política que toma a democracia, como o positivismo é a

forma experimental que toma a filosofia.

Tudo isto se prende e se reduz a esta fórmula geral: que fora da observação dos factos e da experiência dos fenómenos, o espírito não pode obter nenhuma soma de verdade.

Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões *a priori;* hoje, analisa-se *a posteriori*, por processos tão exatos como os da própria fisiologia. Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca de uma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito de uma donzela,

que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar. O verdadeiro autor do naturalismo não é pois Zola — é Claude Bernard. A arte tornou-se o estudo dos fenómenos vivos e não a idealização das imaginações inatas...

É fácil deduzir daqui que não foi o Sr. Zola o inventor do naturalismo. Ele é decerto uma forte e grande personalidade que deu ao movimento um grande e forte impulso. Ninguém como ele, nos seus escritos, o tem defendido e desprendido melhor do vago de teoria — e sejam quais forem os seus defeitos, o homem que escreveu o *Assommoir* ficará como um

dos mais prodigiosos artistas deste século de artistas. Mas seria tão absurdo dizer que ele inventou o *naturalismo*, como dizer que Gambetta inventou a *democracia!*

Neste século, porém, no período científico do naturalismo, o Sr. Zola teve precursores ilustres: antes dele, estão os Goncourts; antes dos Goncourts, Flaubert, Taine e Sainte-Beuve — (porque o método do crítico penetrante que estuda um romancista, não difere do método do romancista que estuda um personagem) — e antes destes, havia ainda Stendhal, e ao lado dele, Balzac, e no século passado, Molière... Não me obriguem a remontar até Homero!... É verdadeiramente uma genealogia ilustre!

Mas, dir-me-á o leitor — o

verdadeiro leitor, o cidadão que não é letrado nem teórico, mas simplesmente um ser impressionável, um átomo do grande público, que é no fim de tudo quem faz a arte — em que consiste pois esse famoso naturalismo? Que tenho eu com isso? Que posso eu lucrar com essa descoberta? Em que me interessa ela? Em que me educa, me diverte, me mostra a sua superioridade sobre a velha novela idealista? Porque me querem forçar a comprar o Sr. Zola, em vez de levar o meu dinheiro ao Sr. Júlio Sandeau?

Ora aqui tens, meu caro concidadão: supõe que tu queres ter na tua sala a imagem de Napoleão I passando os Alpes (estas fantasias são-te permitidas: a parede é tua, e podes cobri-la de escarros ou de figuras imperiais; são coisas que

ficam com a tua consciência e com o Deus severo que te há de julgar um dia). Que fazes tu? Chamas dois pintores: um que é idealista e que vem com a sua grenha, o seu casaco de veludo e o seu chapéu de aba larga, e outro que é realista, e que vem, como tu, de chapéu alto, com a sua caixa de tintas debaixo do braço. Dás-lhes o teu assunto e vais aos teus negócios.

E aqui está o que se passa na tua ausência sobre a tua parede:

O pintor idealista arregaça as mangas e brocha-te imediatamente este quadro: um píncaro de montanha; sobre este píncaro, um cavalo com as proporções heroicas do cavalo de Fídias, empinado; sobre esse cavalo, premindo-lhe as ilhargas, Napoleão, de braços e pernas nuas, como um César romano, com

uma coroa de louros na cabeça. Em volta, nuvens; em baixo, a assinatura.

Dir-me-ão: é falso! — Como, falso? Este quadro foi, creio que é ainda, uma das joias do Museu do Luxemburgo.

Durante esse tempo, o pintor realista, tendo lido a história, consultado as crónicas do tempo, estudado as paisagens dos Alpes, os uniformes da época, etc., deixou na tua parede o seguinte quadro: sob um céu triste, um caminho escabroso de serra; por ele, resfolgando e retesando os músculos, sobe uma mula; sobre a mula, Bonaparte, abafado em peles, com um barrete de lontra e óculos azuis por causa da reverberação da neve, viaja, doente e derreado...

Qual destes quadros escolhes tu,

caro concidadão? O primeiro, que te inventou a história ou o segundo, que ta pintou? O idealista deu-te uma *falsificação*, o naturalista, uma *verificação*. Toda a diferença entre o idealismo e o naturalismo está nisto. O primeiro falsifica, o segundo verifica.

Dir-me-ás talvez: mas isso é simples matéria de acessório, de decoração! E quando se trata de pintar a alma, o ser interior...

— Perfeitamente, aqui tens outro exemplo:

Suponho (tudo é permitido a uma alma como a tua, amante da arte e curiosa da vida), suponho, digo, que se trata de te descrever uma menina, que mora ali defronte, num prédio da Baixa.

Apresentam-se dois novelistas —

o idealista e o naturalista. Tu dás-lhes o teu assunto: uma menina que se chama Virgínia e que habita ali defronte.

O idealista não a quer ver nem ouvir; não quer saber mais detalhes. Toma imediatamente a sua boa pena de Toledo, recorda durante um momento os seus autores, e, num relance, cria-te a menina Virgínia deste modo: na figura, a graça de Margarida; no coração, a paixão grandiosa de Julieta; nos movimentos, a languidez de qualquer odalisca (à escolha); na mente, a prudência de Salomão, e nos lábios, a eloquência de Santo Agostinho...

Dir-me-ão: é mentira! — Como, mentira? Vejam a criação da *Morgadinha dos Canaviais*, um romance, e feito pelo talento delicado e paciente de Júlio Dinis,

o artista que entre nós mais importância deu à realidade. E todavia a sua *Morgadinha* é bem extraordinária. Ali está uma burguesinha da serra, vivendo na serra, educada na serra, e querendo ser a personificação da mulher da classe média em Portugal: ama com a sinceridade heroica de Cordélia; tem com os sobrinhos o tom de maternidade romântica da amante de Werther; pensa, em matéria de moral, com a altivez de Bossuet; fala da natureza com o colorido místico de Lamartine; junta a isto, em intrigas sentimentais, a finura das duquesas de Balzac — e quando fala de amor, julgamos ouvir Rousseau declamar. Sem contar que tudo quanto diz de poesia, de arte ou de religião, é de Chateaubriand!...

Mas voltemos à nossa Virgínia,

que mora ali defronte. É agora o escritor naturalista que a vai pintar. Este homem começa por fazer uma coisa extraordinária: vai vê-la!...

Não se riam: o simples facto de ir ver Virgínia quando se pretende descrever Virgínia, é uma revolução na arte! É toda a filosofia cartesiana: significa que só a observação dos fenómenos dá a ciência das coisas. Este homem vai ver Virgínia, estuda-lhe a figura, os modos, a voz; examina o seu passado, indaga da sua educação, estuda o meio em que ela vive, as influências que a envolvem, os livros que lê, os gestos que tem — e dá enfim uma Virgínia que não é Cordélia, nem Ofélia, nem Santo Agostinho, nem Clara de Borgonha — mas que é a burguesa da Baixa, em Lisboa, no ano da graça de

1879.

Caro concidadão, a qual dás tu a preferência? O primeiro mentiu-te. A Virgínia que tens diante de ti é um ser vago, feito de frases, que não tem carne nem osso, e que, portanto, não pertencendo à humanidade a que tu pertences, não te pode interessar. É uma quimera, não é um ser vivo. O que ela diz, pensa ou faz, não te adianta uma linha no conhecimento da paixão e do homem.

Uma tal Virgínia não pode ficar como documento de uma certa sociedade, num determinado período: é um livro inútil.

Tens diante de ti uma moeda falsa.

O segundo dá-te uma lição de vida social: põe diante dos teus olhos, num resumo, o que são as Virgínias

contemporâneas; faz-te conhecer o fundo, a natureza, o caráter da mulher com quem tens que viver. Se a Virgínia, em conclusão, não é boa — evitarás que tua filha seja assim; podes-te acautelar desde já com a nora que te espera; é-te lição no presente, e, para o futuro, ficará como um documento histórico.

É uma verificação da natureza.

E aqui tens, caro concidadão, reduzido a fórmula familiar, ao alcance da tua compreensão e despido de névoas filosóficas, o que é o idealismo e o que é o naturalismo, na pintura, no romance e no drama.

Bristol, 1879.

Os Vencidos da Vida

O amável *Correio da Manhã*, fazendo hoje o retrato social dos *Vencidos da Vida*, um por um, para lhes contestar este título acabrunhante, continua e engrossa o ruído de publicidade que a imprensa tem erguido ultimamente em torno deste grupo jantante, com considerável desgosto dos homens simples que o compõem. Pode parecer talvez estranho que esta ressoante publicidade assim magoe os derrotados. Não permitem eles que hebdomadariamente as gazetas anunciem a sua reunião em torno da mesa festiva? É verdade. Mas se o fazem é para que a opinião se não possa, de modo algum,

equivocar sobre o motivo íntimo que todas as semanas os arranca dos seus buracos, para os juntar num gabinete de restaurante, ao lusco-fusco, no isolamento sumptuoso de quatro cortinas de repes.

Homens que assim se reúnem poderiam logo, neste nosso bem-amado país, ser suspeitados de constituir um sindicato, uma filarmónica ou um partido. Tais suposições seriam desagradáveis a quem se honra de costumes comedidos; o respeito próprio obriga-os a especificar bem claramente, em locais, que, se em certo dia se congregam, é apenas para destapar a terrina da sopa e trocar algumas considerações amargas sobre o colares. De resto, o sussurro atónito que de cada vez levantam estas refeições periódicas não é obra sua — mas da

sociedade que, com tanto interesse, os espreita. Eles comem — a sociedade, estupefacta, murmura. O que é, portanto, estranho, não é o grupo dos *Vencidos* — o que é estranho, é uma sociedade de tal modo constituída que, no seu seio, assume as proporções de um escândalo histórico, o delírio de 11 sujeitos que uma vez por semana se alimentam.

O que de resto parece irritar o nosso caro *Correio da Manhã*, é que se chamem *Vencidos* àqueles que, para todos os efeitos públicos, parecem ser realmente *vencedores*. Mas que o querido órgão, nosso colega, reflita que, para um homem, o ser vencido ou derrotado na vida depende, não da realidade aparente a que chegou — mas do ideal íntimo a que aspirava. Se um sujeito largou pela

existência fora com o ideal supremo de ser oficial de cabeleireiro, este benemérito é um *vencedor*, um grande *vencedor*, desde que consegue ter nas mãos uma gaforina e a tesoura para a tosquiar, embora atravesse pelo Chiado cabisbaixo e de botas cambadas. Por outro lado, se um sujeito, aí pelos vinte anos, quando se escolhe uma carreira, decidiu ser um milionário, um poeta sublime, um general invencível, um dominador de homens (ou de mulheres, segundo as circunstâncias), e se, apesar de todos os esforços e empurrões para diante, fica a meio caminho do milhão, do poema ou do penacho — ele é para todos os efeitos um vencido, um morto da vida, embora se pavoneie por essa Baixa amortalhado numa sobrecasaca do Poole e

conservando no chapéu o lustre da resignação. Dito isto, só podemos juntar que os *Vencidos* oferecem o mais alto exemplo moral e social de que se pode orgulhar, este país. 11 sujeitos que há mais de um ano formam um grupo, sem nunca terem partido a cara uns aos outros; sem se dividirem em pequenos grupos de *direita* e *esquerda;* sem terem durante todo este tempo nomeado entre si um presidente e um secretário perpétuo; sem se haverem dotado com uma denominação oficial de *reais vencidos da vida* ou *vencidos da vida real* ou *nacional;* sem arranjar estatutos aprovados no Governo Civil; sem emitirem ações; sem possuírem hino nem bandeira bordada por um grupo de senhoras «tão anónimas quanto dedicadas»; sem iluminarem no primeiro

de dezembro; sem serem elogiados no *Diário de Notícias* — estes homens constituem uma tal maravilha social que certamente para o futuro, na ordem das coisas morais, se falará dos *onze do Braganza*, como na ordem das coisas heroicas se fala dos *doze de Inglaterra*.

Dissemos.

Ainda Sobre a Academia

Nada me poderia, neste vale de lágrimas, pesar tanto como a melancólica e enfadonha obrigação de replicar ao artigo *(Eça de Queirós e a Academia)*, em que o meu velho amigo Pinheiro Chagas recombateu, aqui mesmo, o bom combate pelo júri, o relatório, o concurso e o prémio! — Só, na verdade, por Pinheiro Chagas, cujos golpes são, como os de Roldão, uma honra que pede logo grande tropel e grande batalha — eu afrontaria o atroz e intenso tédio de remexer novamente no júri, no relatório, no concurso e no prémio, pulverulentas e defuntas coisas que pertencem às trevas do passado tão legitimamente como os

muros de Troia, o clube dos *Camilos* e os poemas do poeta sem par que se chamou Guilbert de Pixérécourt.

Já num desventuroso dia de loquacidade meridional eu estirei por este *Repórter*, fora, sob a forma de carta a Mariano Pina, cinco infindáveis léguas de prosa no interesse do júri, do relatório, do concurso e do prémio. Repisar, teimar ainda, uma vez mais exumar esses cadáveres, o júri, o relatório, o concurso e o prémio — é monstruoso! A quanto me força esse desapiedado e querido inimigo!

Felizmente, por mais que rebusque e fareje no vasto artigo, não encontro nada essencial que, por amor das minhas ideias, eu tenha a debater com o meu fecundo e ardente confrade. Toda a sua eloquência e graça, que são

consideráveis, passam através da minha carta a Mariano Pina como esta brisa de junho através das árvores do meu quintal. Há um largo e estouvado sussurrar de folhas — e nenhuma folha cai.

Os dois pontos vivos dessa carta, que a enchiam e lhe davam valor e feição — nem Pinheiro Chagas os ataca, nem sequer levemente lhes roça com a pena.

O primeiro desses pontos, com efeito, a minha laboriosa justificação do voto que excluiu A Relíquia, não podia ser decentemente assaltado por Pinheiro Chagas. Esse ponto é tanto meu — como do meu douto amigo. Toda a minha argumentação leva, por estradas diretas e limpas, exatamente à mesma conclusão a que Pinheiro Chagas já chegara no seu *Relatório* — através de vielas tortuosas e

mal frequentadas.

Cada um seguiu o caminho que lhe reclamava a sua conveniência ou o seu temperamento: mas encontrámo-nos pontualmente no mesmo sítio, à porta do recinto sagrado da Academia, atirando ambos um pontapé paralelo à lombada do livro infeliz!

Se eu vim por uma velha avenida real, e Pinheiro Chagas por um atalho de cabras — que importa? Ambos nos achamos lado a lado e quase abraçados, ao cumprir o ato de segura justiça. Agora Pinheiro Chagas, ansioso por acumular todos os louros, pretende — que só o repelão que ele deu ao livro era o bom, e só as suas razões para dar o repelão eram as boas.

Perfeitamente! Não lho contesto.

Tudo isso no fundo se limita a uma questão de gostos e de hábitos. Eu entendo que, em nome de uma Academia, só se devem apresentar razões graves e académicas; Pinheiro Chagas entende que, em nome da Academia, só se devem oferecer razões de folhetim e de cavaqueira. Bem! não lhe chicano essa opinião que depende sobretudo do juízo que cada um forma da Academia.

Na conclusão final, porém, estamos concordes? Certamente. Então, nada se ganha em esmiuçar pueris detalhes. O corvo e a serpente, como se conta na fábula Índia, mataram ambos o sapo. Um chegou, voando, o outro, rastejando. Mera diferença de naturezas que nada tem com o merecimento pessoal dos bichos. Ambos são bichos

respeitabilíssimos. O corvo teve a intimidade de S. Vicente e a serpente a amizade de Salomão.

O outro ponto fundamental da carta a Mariano Pina — a minha tese, bem ou mal estabelecida, de que o concurso estava absurdamente organizado, e de que se não podiam, por heterogéneos, comparar um drama romântico em verso, e um romance arqueológico em prosa, o *Rui Blas* e a *Salambo* — Pinheiro Chagas não o ataca e não me põe, portanto, na difícil necessidade de o defender. Não o ataca com as suas duras armas, nem sequer lhe bole com o dedo, para ver se ele é de granito ou de papelão. Deixa-o intacto, sem a arranhadura de um adjetivo, fresco, sólido, como novo, pronto a servir noutra campanha. Apenas ao passar, de

longe, muito de longe, me dardeja a mim uma olhadela oblíqua, rosnando: «Dizes isso por despeito, por não teres apanhado o prémio!» Em geral, a todos os meus argumentos, Pinheiro Chagas, por entre os ornatos e as flores de linguagem, lança constantemente esta réplica tão característica, tão literária, tão crítica, de tão bom gosto: — «Tudo isso é ferro por não teres apanhado o conto!» Aqui, porém, neste ponto da organização do concurso, ele não se contenta em insinuar, mas claramente proclama o «meu despeito e o meu ferro». Dizer a Pinheiro Chagas que não cabe um desapontamento onde não houve uma expectativa, e que, mandando o livro à Academia *com a certeza* de que ele não alcançaria prémio, nunca me poderia espantar ou irritar de

que ele regressasse das portas da Academia sem prémio — seria inteiramente inútil. Nunca Pinheiro chagas (a não ser que eu lhe falasse um momento ao ouvido), acreditaria nesta minha *certeza* e nesta indiferente falta de expectativa.

Esse querido amigo tem vinte anos de jornalismo, de currículos, de política, de S. Bento e de partidos — e nunca lograria desembaraçar-se suficientemente do seu ceticismo, para chegar a acreditar que eu falei por amor dos princípios desatendidos — e não por despeito dos pintos perdidos.

Suponhamos portanto que eu berro por despeito — e que toda a face se me acende de rancor e de inveja. Pois bem! Neste vil estado de alma, que enojaria

Marco Aurélio, eu fiz uma afirmação: — afirmei que Pinheiro Chagas não podia, como crítico e criticamente, comparar, para um fim de escolha e de prémio, um romance arqueológico em prosa e um drama romântico em verso. Lívido e roído pelas cobras verdes do ciúme, eu estabeleci esta tese. Mas desde que a estabeleci por escrito, num jornal — ela fica separada da minha personalidade, torna-se impessoal e abstrata, vivendo só por si e pela razão que em si contém.

Nada importa para o seu mérito que ela provenha de um vil despeito pessoal ou de uma alta convicção literária. A origem, torpe ou nobre, de uma ideia, nada tem que ver com a sua exatidão. Quando Pinheiro Chagas, no parlamento, no seu banco de oposição,

atira um argumento contra o projeto de um ministro — este argumento possui um valor próprio, intrínseco, independente de ter a sua origem no zelo de Pinheiro Chagas pelo bem público, ou no despeito de Pinheiro Chagas por não ser já ministro. Ruidosa e legítima seria a indignação de Pinheiro Chagas, se, em tal caso, o ministro atacado lhe retrucasse: — «Você fala assim por lhe terem tirado a farda, o correio e a tipoia ao mês!» Pois é isto que Pinheiro Chagas, *mutatis mutandis*, me diz a mim, com a face tranquila. Eu não me indigno. Limito-me a pedir ao meu erudito amigo Pinheiro Chagas que não faça aos outros em literatura — aquilo que não quereria que outros lhe fizessem a ele em política. Limito-me a rogar-lhe que separe os meus

motivos — dos meus argumentos. Os meus motivos são torpes. Mas os meus argumentos aí estão — com a sua existência própria e o seu peso próprio, para Pinheiro Chagas os atacar como tais e implacavelmente os reduzir a pó!

Toda a questão fica assim clara, simples, limpa de individualidades.

A minha tese tal como a formulei na carta a Mariano Pina (para me resumir e só aludir ao drama e ao romance) é que se não pode escolher, por comparação, e para um fim de prémio, entre um drama romântico em verso e um drama arqueológico em prosa — um vivendo da paixão, outro vivendo da erudição, um dando a síntese dos carateres pela eloquência, outro dando a análise dos carateres pela investigação.

O meu argumento é além disso — que as qualidades cénicas e teatrais do drama tornariam o romance enfático e vago; e que os predicados de reconstrução e de ressurreição erudita, de sábio detalhe, que dariam ao romance uma viva possibilidade histórica e o tornariam merecedor de prémio, converteriam o drama numa obra didática, difusa, chata, votada ao assobio e completamente indigna de prémio. E que portanto eles se não podem comparar, que entre eles se não pode escolher, e que não pode um júri dizer qual é preferível como obra literária — se o *Rui Blas* se a *Salambo*.

Nisto consiste o meu argumento. Ele é sem dúvida facilmente destruível, e Pinheiro Chagas vai destruí-lo com um sopro. Mas para me esclarecer, para me

instruir, eu desejo testemunhar esse decisivo desbarate. — Não quero porém frases, nem chistes, nem decrépitas e balofas declamações «sobre o talento», nem velhos croquetes de retórica, requentados e servidos num bocado de jornal. Quero razões nítidas, positivas, especiais, técnicas, de *homem do ofício*. Quero literatura e crítica — e não ênfase e rabulice. Quero a demolição, argumento por argumento, da minha tese. Quando eu a vir por terra, com o lamentável aspeto de uma ruína mole de cartão, baterei então no peito, altamente afirmarei que o concurso foi uma coisa excelente que a minha ignorância não compreendera, e que ninguém tem honestamente o direito de se queixar dele nas gazetas.

Mas enquanto os meus argumentos

conservarem estabilidade e fôlego, eu continuarei placidamente a afirmar que o concurso foi uma burla, uma ficção — e que, preferindo o drama, se fez uma escandalosa injustiça ao ilustre autor do romance. E se, por causa da manifesta honestidade do júri, não se torna admissível a suposição de injustiça — então resta-me o direito de concluir que o júri e Pinheiro Chagas, à maneira do meu velho criado Vitorino, têm por opinião que poemas, romances, dramas, livros de viagens, odes e almanaques, tudo são coisas comparáveis — *por serem em letra redonda!*

Em resumo: eu, neste caso, ou possuo uma crítica muito curta, ou tenho uma razão muito forte. Das duas torres deste dilema ninguém certamente me

desaloja. Infelizmente, desconfio que possuo uma crítica muito curta: e já todo eu tremo, e ao mesmo tempo me regalo, pensando que a demolição dos meus argumentos por Pinheiro Chagas (que pouco mais lhe custará que o esforço de levantar a pena) — vai ser para mim simultaneamente uma sova e uma luz. Mas, enfim, é possível que a minha tese se mostre inexpugnável. Todo o génio de Napoleão se quebrou contra os quatro muros velhos de São João de Acre. Nada ouso pois assegurar — enquanto se não realiza esse arrasamento que me vai conjuntamente educar e desancar.

Quando ele vier, largo e superior, eu quero logo gritar a Pinheiro Chagas com entusiasmo: — «Relator do concurso, és um mestre!» Se porém Pinheiro Chagas

não arrasar a minha tese, então com a familiaridade a que me autoriza a nossa velha camaradagem e relembrando a história simbólica do meu criado Vitorino (para quem, a respeito de livros, *isto ou aquilo tudo era a mesma coisa, por ser em letra redonda)* eu tomarei a liberdade grande de dar uma palmadinha no ombro do meu ilustre amigo, e de lhe murmurar risonhamente: — «Relator do concurso, és um *Vitorino!*»

E de *vitorinice* (e mesmo de ficção e chalaça). continuará este concurso a ser acusado, enquanto se lhe conservar a absurda organização que, agora, inteiramente o desvirtua. Cada ano surgirão dificuldades mais marcadas — levando às decisões mais disparatadas: e de cada vez irá crescendo no público o

desdém pela Academia.

Assim, suponhamos que para o próximo concurso apenas se apresentam dois livros: um volume de história e um volume de poesia. E, para exemplificar com mais precisão, suponhamos ainda que um se chama a *História da República Romana* e outro as *Flores do Campo*.

Neste caso nem mesmo se pode tomar para termo de comparação, como Pinheiro Chagas vagamente tentou, a importância dos dois géneros. Ninguém pode afirmar com segurança qual é mais importante para a educação e elevação do espírito humano, se a história se a poesia, se Tácito ou se Virgílio. Ambos são fatores igualmente indispensáveis às duas grandes faculdades que dirigem o homem e lhe modelam o destino — a razão e a

emoção. E, eliminando este termo de comparação (que ainda poderia ser aduzido tratando-se de uma série de estudos históricos e de uma coleção de receitas de cozinha), nenhum outro termo resta. Que vão então fazer na Academia?

Um estudante de retórica, e nela três vezes reprovado, sente confusamente a impossibilidade de comparar entre um grande historiador e um grande lírico. Numa ordem mais baixa, o mais bronco cortador dos talhos municipais sabe claramente que se não podem comparar as histórias que ele ouviu da *Maria da Fonte* e os versinhos que ele canta ao *fado corrido*. Só a Academia, a grande corporação literária do país, nada parece saber. E com a maior simplicidade, placidamente, compara e equipara, para

entre ambos escolher — um estudo sobre as campanhas da Gália e versos feitos a uma rosa!

É perfeitamente fantástico!

Em contraste com estes dois pontos essenciais da minha carta a Mariano Pina, que Pinheiro Chagas deixou intactos — há no seu artigo toda uma coorte de acusações, que eu por mim não posso consentir que permaneçam de pé e prontas a servir noutra campanha.

Numa delas, a mais considerável, declara-me Pinheiro Chagas «desleal» por ter desnaturado o seu pensamento, afirmando que ele queria na *Relíquia* a paixão de Jesus vista pelo lado burlesco. Uma acusação de deslealdade é sempre grave. Felizmente, por um fausto acaso, eu guardei o *Relatório* de Pinheiro Chagas e

posso, portanto, copiar aqui as frases formais que me levaram a essa asserção. Aqui está uma dessas inequívocas frases: — «este homem (Teodorico) devia dar ao mundo um *Evangelho burlesco*, ímpio decerto, mais escandaloso do que as memórias de Judas, mas que seria em todo o caso uma obra de arte notável». Há ainda outras, tão explícitas, desenvolvendo eloquentemente a mesma ideia. Mas esta basta! E se ela não quer dizer que eu devia ter dado ao mundo um *Evangelho burlesco* — que quer dizer então, justos Céus? Em nome da verdade e da luz, o que quer ela dizer? Pretende agora Pinheiro Chagas, se não me engano, que, falando do *Evangelho burlesco*, ele subentendia outra coisa. Qual fosse «essa coisa» não o chega a explicar nitidamente.

Em todo o caso, desde que o meu verídico amigo assegura que não quis mentalmente dizer o que as suas palavras literalmente significavam — eu suplico a Pinheiro Chagas que, na sua benevolência, me perdoe o ter tão levianamente avaliado o seu pensamento pelas suas palavras. Mas que Pinheiro Chagas, por seu turno, apague e raspe essa incriminação de deslealdade. Pinheiro Chagas só deve queixar-se de que eu sou tão limitado — que apenas compreendo o que a sua pena publicamente escreve, e não consigo adivinhar o que o seu espírito secretamente pensa. Houve em mim condenável falta. Mas não foi a de ser desleal — foi a de não ser feiticeiro!

Depois acusa-me Pinheiro Chagas (ainda que sob uma forma genérica) de

«ter condenado como imbecil a escolha feita pela Academia... ». Que replicar a isto, Deus clemente? Não há na minha carta a Mariano Pina um período, uma fugidia frase, um pobre verbo assolapado, uma vírgula sequer, que implique ou insinue uma semelhante condenação! Nada! nada! Quem se abalance ao fastidioso trabalho de reler essa carta, pode logo ver, tão distintamente como se vê o Sol, que eu condenava em geral *qualquer escolha*, *toda a escolha*, partindo sempre do meu princípio, bom ou mau, de que se não pode comparar o *Rui Blas* com a *Salambo*, ou cartas de viagem com odes ao duque de Ávila!

Em seguida acusa-me Pinheiro Chagas (ainda que genericamente), de «procurar rebaixar o merecimento do

escritor que todo o país exaltara, e apresentá-lo como indigno de me disputar o prémio». Isto é simplesmente prodigioso! Não há também na minha carta uma linha, não há um simples ponto de reticência, por onde se possa desconfiar de que eu, mesmo remotamente, mesmo escondido por trás de rebuços e véus, tentasse amesquinhar o simpático autor do drama laureado. Uma semelhante amesquinhação seria tão grosseira, e sobretudo tão lorpamente inábil!... Nem o mais tosco simplório, ainda fresco dos matagais da serra, cairia em mostrar assim, como num espelho, o seu despeito e o seu rancor.

É uma mera e transparente invenção do meu bom Pinheiro Chagas — que pode ser acolhida, segundo o

temperamento de cada um, com um sorriso de misericórdia ou com um empurrão irritado.

Eu, que conheço Pinheiro Chagas, aconselho o sorriso.

Tudo isto, na verdade, constituiria uma abominação, se se tratasse de um escritor que, nos seus escritos, pusesse ao mesmo tempo — mais seriedade e mais perversidade. Teríamos então aqui uma dessas repulsivas tricas de polemista rábula, que, retrucando a um artigo publicado há longas semanas, e de que ele supõe que o público já se não recorda, lhe atribui perfidamente toda a sorte de feias proposições, que o pobre artigo não encerra, com o fim de tornar o autor desagradável e antipático aos olhos dos simples e aos olhos dos esquecidos.

Encontraríamos de facto aqui uma aplicação da velha e sólida máxima de D. Basílio: — *Calomniez, calomniez, il en restera toujours quelque chose!*

Somente, tratando-se de Pinheiro Chagas, o caso é radicalmente diferente. Ele é o mais honesto dos homens. Nunca da sua pena saiu voluntariamente uma falsidade ou uma perfídia. Reto, bom, amável, generoso, leal, largo de coração, ele senta-se candidamente à banca, toma a pena — para afirmar apenas o que é verídico e defender apenas o que é justo. Não sei se a pena de Pinheiro Chagas é de pato ou de aço: em todo o caso deve ter, como todas, uma haste ligeira que ele ao princípio sustenta e domina entre os dedos. A vela arde e o ilustre escritor começa a escrever... E eis que, instantes

depois, aquela curta haste, conduzida pela mão já excitada, sob os impulsos impacientes da imaginação que aqueceu — larga, abala, corre, galga, pula, cabriola, redemoinha, mais tonta e levantando mais pó que um potro bravo do Hedjaz solto através do deserto. Já Pinheiro Chagas a não pode sopear. De facto, já o nosso desditoso amigo vai arrastado por ela, como Mazepa pelo seu corcel — e foge, rompe, fende, salta aqui as balizas da cortesia, atropela além a nudez da verdade, tudo escangalha e tudo espezinha, até que escritor e pena rolam no pó, exaustos, arquejantes, inúteis para tudo e irresponsáveis por tudo!

Pinheiro Chagas é o Mazepa do folhetim — um Mazepa de chapéu alto. Com a diferença, porém, de que Mazepa

se ergueu ao fim da fabulosa carreira, para encontrar em torno de si uma horda bárbara que o aclamava rei! E Pinheiro Chagas, quando se levanta, acha-se rodeado de amigos que apenas somem e lhe gritam com uma repreensão cheia de carinho: — «Oh, homem, quando há de você ter juízo?» E ele próprio, limpando o suor, e olhando para trás, para as conveniências que transpôs, para a verdade que pisou, suspira, com aquela sua honestidade que é tão alta e aquela sua inteligência que é tão clara, e, descontente de si, recolhe desconsoladamente a pena.

Depois, no dia seguinte, recomeça.

Que longo discurso! E com que susto, com que fastio, com que contrariedade o venho desenrolando!

Todas estas coisas locais, caseiras, lisboetas— o júri, o concurso, o prémio — que em Lisboa, no seu elemento próprio, me teriam interessado por lhes sentir bem a realidade, chegam-me aqui, através dos mares, já desbotadas, vagas, esfumadas, confusas, espectrais. Caem num meio totalmente alheio e diferente; e, vistas ao lado de outras ideias e de outros interesses, as suas proporções encolhem até à minusculidade, a sua solidez adelgaça-se até à diafaneidade. Parece-me que estou aqui a vibrar grandes lançadas contra pequenos rolos de névoa.

E para quê! Que me pode importar a maneira, ignara ou sábia, como a Academia organiza o seu concurso? Que esperança nutro eu de que as minhas objeções sejam atendidas pela douta

assembleia? Perco aqui, palrando, o meu útil dia de trabalho e o meu útil dia de passeio — e a Terra continua a girar, o *Relatório* de Chagas a ser considerado uma soberba obra de crítica, e a Academia a decidir gravemente entre as manobras de César na Gália Narbonense e as pétalas de uma rosa em verso!

Mas quê! Pinheiro Chagas arremete contra mim, com o seu usual transporte, um verdadeiro *furor chaguensis*, como diria Bismarck, se conhecesse este meu interessante e impetuoso amigo, e eu, pela consideração devida a um homem cujos golpes, como os de Roldão, são uma honra que reclama logo grande tropel e grande batalha — sou forçado a defender a minha humilde carcaça... Mas faço-o, o céu me é

testemunha, com infinito respeito e doçura — mostrando sempre que, quando Pinheiro Chagas me joga golpes que parecem traiçoeiros, quando atribui as minhas convicções de literatura a despeito de pecúnia, quando inventa pelas costas que eu quis «amesquinhar o candidato laureado», quando declara que eu votei *por mim* nessa carta em que eu dei o meu voto *contra mim* — procede por impulsa da sua leviandade e não por cálculo da sua malícia. Não abriga malícia aquele coração limpo. E se eu procuro atirar pelos ares a estouvada pena de Pinheiro Chagas — é só, só, para mais livremente poder apertar a sua mão honrada e amiga.

Bristol, 1888.

Notas do Mês

(Colaboração na «Revista de Portugal»)

El-Rei D. Luís

Aos cinquenta e dois anos de idade, depois de vinte e oito anos de reinado, morreu na manhã de 19 de outubro, na cidadela de Cascais, o vigésimo oitavo rei de Portugal, o senhor D. Luís I. Por longos e lamentosos dias velou a sua agonia a rainha — cheia daquele ânimo magnífico e grave com que na casa de Saboia, desde os velhos tempos de Humberto, senhor de Tarentesia, os homens afrontam os perigos e as mulheres as provações. E toda a Nação o chorou numa infinita piedade.

Com el-rei D. Luís, finda um período interessante da nossa História. Durante ele, Portugal, emergindo da

anarquia doutrinária que o desmantelava desde 1820, consuma o seu desquite com o passado, quebra o seu pacto com os ideólogos — e entra resolutamente, para ventura sua ou para maiores e inéditos males, no caminho do utilitarismo, do fomento e do progresso material. Para presidir a esta revolução, que cobriu a terra de instrumentos de riqueza e radicou na gente a importância dos interesses, el-rei D. Luís era, pelas favoráveis feições do seu espírito liberal, transigente, modernizado, acessível às inovações, o chefe mais congénere e perfeito. Daí proveio, entre o rei, beneficamente inclinado às reformas, e o reino, que ardentemente se reformava, uma harmonia sólida e séria que, em vinte e oito anos, não sofreu uma interposição nem foi

toldada por uma sombra.

Na paz política que assim se criou (e que exteriormente teve considerável beleza), pôde lentamente, através do rei, ser observado o homem; e este desde logo cativou o país pela sua genuína e positiva bondade. Vítor Hugo afirmava que só existiam duas coisas verdadeiramente grandes — o génio e a bondade: Michelet acrescentava que dessas duas grandezas só uma era verdadeiramente real — a bondade. Decerto estes dois homens, supremamente bons e geniais, entendiam por bondade — aquela virtude ativa que, pela elevação e amplitude das suas manifestações, participa do heroísmo. O exercício, porém, desta bondade heroica, necessita de uma ilimitada potência e expansão de vontade, de uma vontade

sublimemente alheia ao mundo, como num S. Francisco de Assis, ou irresistivelmente dominante no mundo, como num Trajano — incompatível portanto com as limitações impostas, nas democracias, a um rei constitucional. Dentro dos nossos organismos sociais, a virtude nativa de um rei só se pode traduzir nas manifestações discretas e quase íntimas da generosidade, da indulgência, da cortesia, da afabilidade, da benquerença. Todas estas expressões de bondade as teve o rei lamentado: — e ninguém mais do que ele, na terra em que reinou, foi amável, polido, modesto, caridoso, sereno e bem acolhedor.

Às excelências de coração, el-rei D. Luís aliava qualidades de espírito estimáveis e delicadas. As coisas do

saber, da literatura, da arte, permaneceram sempre para ele superiormente valiosas e queridas. Não foi, como outros, um protetor das letras condescendente e distante; mas ele próprio entrou ativamente nas letras como um diligente e bom obreiro, comentando e trasladando as obras de Shakespeare que, por ser o génio que maior soma de verdade humana pôs dentro de maior soma de poesia imagética, seduzia mais que nenhum outro o espírito de el-rei, onde se misturava ao bom senso dos Braganças um doce elemento de imaginação germânica.

Desse fundo de realidade e de fantasia lhe veio o seu imutável amor pela pintura e pela música. Ambas estas nobres artes praticou com um gosto firme; e de

ambas se cercou profusamente, não como complementos ricos de uma vida bem ornada, mas como fontes de emoções e de sentimentos, onde a sua alma, quando invadida pela desilusão dos homens e das coisas, achou encanto e consolação.

Inteligente e bom, ele reuniu as duas superioridades que perpetuam a memória de um homem. A sua intelectualidade, porém, era mais própria para agradar aos espíritos letrados e eruditos; e a forma da sua bondade própria, sobretudo, para prender as multidões simples e emotivas. Por isso a sua bondade será sempre mais lembrada do que a sua cultura. Talvez o povo, renovando um costume sentencioso das idades passadas, lhe venha a dar o nome de *Luís, o Bom*. Hoje, nas sociedades

democratizadas, não há já possibilidade histórica de que um rei conquiste o cognome de *Grande*. Mas se tal conquista ainda fosse realizável no nosso tempo, nenhum louvor maior se poderia prestar a el-rei D. Luís do que afoitamente afirmar que ele próprio preferiria ficar simplesmente nos corações como *Luís, o Bom*, a entrar solenemente na História como *Luís, o Grande*.

Um príncipe moderno, brilhante, cultivado, requintado, de aptidões complexas e fortes, de inteligência largamente absorvente, de vida excelentemente pura, sobe por seu turno ao trono sete vezes secular.

Começa este reinado no momento em que, pela dispersa hesitação das inteligências, pelo incurável

enfraquecimento das vontades, pela desorganização dos partidos, pela inércia das classes — o rei surge como a única força que no país ainda vive e opera. E por isso mesmo que a autoridade vital, que desde 1820 se escoara do trono e se espalhara pelas instituições democráticas e pelos corpos que as encarnam, parece refluir ao trono para nele se condensar de novo — o reinado abre entre dificuldades que lhe impõem responsabilidades. Os deveres de el-rei, nestas condições, encontrarão certamente no seu patriotismo a inspiração mais segura e mais pura. Os nossos deveres, esses, claros e singelos, consistem em cercar de facilidades o rei que dá os seus primeiros passos reais, em todo o viço do pensar e do querer— acompanhado por uma princesa

adoravelmente preparada para colaborar na obra da coroa, com esses finos dons de graça e de doçura, herdados da sua raça e da sua pátria, e que sempre, desde todos os tempos, foram os mais eficazes para vencer e reter, não só o pronto coração, mas a razão resistente dos homens.

Notas do Mês

O parlamento, em França, abre proximamente, possuindo, como novidade — mais um partido parlamentar com o seu chefe no exílio.

Foi este o resultado das eleições de 22 de setembro, e do desesperado esforço que os partidos organizados e definidos desde 1872 tentaram para arrancar ao sufrágio universal o segredo da sua definitiva preferência. O sufrágio universal quis, além dos quatro velhos partidos, oportunista, radical, orleanista e bonapartista, um outro partido novo no parlamento — o boulangista. Com efeito, enquanto os quatro partidos chegam das mãos do sufrágio com o seu pessoal

inalterado e quase intacto — o boulangismo, que era um bando vago e errante, aparece convertido pela eleição num partido compacto e estável. Paris (o voto de Paris outrora, como a cançoneta de Paris, alastrava, percorria toda a França!), Paris declarou-se boulangista, com a unanimidade de 27 de janeiro. Por outro lado, certos departamentos enfeudam-se definitivamente ao boulangismo. E tendo sido uma guerrilha de *dez* aventureiros na câmara passada, o boulangismo vem ser na câmara atual um partido de *cinquenta* deputados.

É uma vitória. Mas uma vitória que importa, a anulação do boulangismo e do general Boulanger — porque este homem, improvisado na rua, numa cidade e num momento histórico em que uma

cantiga dá mais reputação que dez batalhas, ganhava em continuar a receber unicamente a sua força dos entusiasmos e das correntes emotivas da rua. Só pela rua ele galgaria ao poder — e quanto mais se constitucionaliza, mais se despopulariza. Paris nomeou e aclamou Boulanger em 27 de janeiro, para que ele lhe fizesse, depressa e *tambour battant*, uma revolução contra o parlamentarismo. Desde que ele porém se torna também parlamentar, a sua utilidade cessa, o seu brilho morre — e chefe ausente, com um partido na câmara girando dentro da constituição, ele é apenas um pretendente mais, sem valor pessoal e sem tradição histórica, que erra em torno das fronteiras da França, esbatido nas brumas do exílio.

Os ganhos eleitorais de 22 de

setembro provieram da indignação contra os excessos judiciais da *Haut-Cour;* do espírito *frondeur* e sempre antigovernamental de Paris; de um resto considerável de simpatia; e da teimosa esperança em que o antigo Messias e os seus apóstolos fizessem enfim a revolução adiada. Ainda na manhã de 22 os boulangistas afirmavam nas suas proclamações: «se hoje vencermos pelo voto, completaremos à noite o triunfo com as armas!» A vitória eleitoral não veio: — e em Paris, hoje com o general Saussier no comando da praça, o exército absolutamente disciplinado e fiel, as ruas asfaltadas e estrategicamente dispostas, e a massa burguesa hostil a todo o mundo que estrague os lucros da exposição — é impossível uma surpresa revolucionária,

tentada por uma minoria. Tudo tem de ser feito dentro do parlamentarismo: e desde que o general Boulanger e os seus, transformando-se de bando em partido e subindo da praça ao parlamento, ficam envolvidos no maquinismo constitucional e reduzidos a essa eloquência estéril e a essas estéreis combinações que eles com tanto furor denunciavam, a sua missão e razão de ser findaram — e a corrente cesarista, que só pode vencer pela revolução, tem de se voltar para outro lado, à procura de outro César.

A segunda feição da câmara será a decadência (dentro dela) do radicalismo que volta da urna diminuído em número, com os seus chefes e inspiradores (Clemenceau, Goblet, Yves Guyot, Lockroy, etc.) ou derrotados, ou

desprestigiados pelo ultraje do *empate;* e por outro lado, paralelamente, a influência crescente dos homens (Léon Say, Germain, etc.) que no partido republicano representam mais salientemente as ideias de reforma económica, de tolerância religiosa, de moderação e de paz. Perante isto os oportunistas ou moderados exultam com estridor, e proclamam que a estabilidade política está finalmente criada. Mas nunca na realidade a França esteve tão instável: — provindo sobretudo essa instabilidade de que os cem votos de maioria, de que se ufanam os republicanos, não formam a segurança e a defesa de um partido, mas a única defesa e segurança do próprio Estado. *Cem* votos de maioria — eis o que em França garante e sustenta a forma do

Governo! *Cem* votos de maioria — eis toda a base que têm em França as instituições! Na Inglaterra, quer as eleições sejam ganhas pelos conservadores ou pelos liberais — o regime permanece tão sólido e indiferente a essa mutação como o próprio solo geológico. Em França, que amanhã esses cem votos (obra de duzentos mil eleitores) passem dos republicanos para os conservadores — e eis por terra o regime, o pessoal, os costumes e as instituições republicanas! A França está dependente de uns poucos de papéis brancos lançados numa caixa de pau. Ora esta instabilidade, alimentando sempre a esperança dos partidos monárquicos e aviventando sempre a desconfiança das velhas monarquias, impede que a França

consiga a fusão dos seus partidos e conclua tratados de aliança: — e assim se tornam cada vez mais irrealizáveis os dois grandes desejos do patriotismo — a pacificação dentro da fronteira e a desforra para além.

Em Londres, organizam-se consideráveis greves, como corolário da greve dos trabalhadores das docas que findou — cedendo a Companhia a todas (ou às mais essenciais) exigências dos operários.

Quatro feições interessantes e novas caracterizaram essa greve instrutiva e fecunda — e são talvez para as outras de excelente promessa. Em primeiro lugar, os trabalhadores (pertencentes todos às mais incultas e violentas classes de Londres) mostraram durante semanas

um respeito da ordem e da propriedade, uma atenção inteligente às razões económicas, uma capacidade de sofrer com serenidade, um sentimento de disciplina, uma pertinácia moral, que fariam honra aos cidadãos mais fortes e elevadamente educados para a vida civil e para os deveres do patriotismo. Em segundo lugar, as classes superiores, as menos inclinadas a compreender ou atender as reclamações das plebes, manifestaram por elas uma simpatia de razão e de coração raras e inesperadas nessa Inglaterra que Taine ainda há anos representava, e muito justamente, como uma besta rude e fera (a plebe) que um cavaleiro brilhante e delicado (alta burguesia e aristocracia) monta e subjuga por meio de fortes cadeias de bronze, não

lhe permitindo sequer o queixume e negando-lhe quase a razão. Em terceiro lugar, os bispos, à maneira dos bispos da Meia-Idade, intervieram nesta luta do feudalismo capitalista e das plebes operárias, proclamando oficialmente esse socialismo cristão que hoje agita a Igreja em Inglaterra, e que (segundo foi definido na conferência diocesana reunida ultimamente em Carlisle) tende em todas as questões sociais a tomar francamente e apaixonadamente o partido do pobre, sem todavia lhe radicar a ideia de que tudo está salvo e a sua felicidade feita em céu e terra, desde que ele coma com mais abundância e vista com mais conforto. Enfim, a quarta feição desta greve foi o começo da descentralização comercial de Londres, dispersando parte do movimento

marítimo por Southampton, Cardife e Liverpool, com ele esvaziando Londres da sua aglomeração excessiva de operários, e desobstruindo assim uma cidade que, pelo seu acréscimo de 80.000 almas por ano, se vai tornando um monstro social e económico, ingovernável e perigoso para o equilíbrio do Estado.

A morte do príncipe reinante de Mónaco e os renovados boatos do abandono de Roma pelo Papa têm uma relação pitoresca — porque de há muito que o principado de Mónaco é considerado como o lugar que a política e a geografia marcam como o mais adequado à residência do Papa.

Este Estado, que se compõe de um rochedo e de alguns jardins e que é independente há novecentos anos sob o

domínio dos Grimaldis, apresenta-se, já pela sua situação, já pela sua tradição, como o único refúgio possível e durável para um Papa independente e soberano. As anemias e doenças de velhice, de que ordinariamente sofrem os Papas, encontrariam além disso em Mónaco o mais salubre e favorável clima. A centralidade do principado poria o chefe da Igreja em fácil e acessível contacto com as populações católicas do Meio-Dia. O ciúme tradicional da França e da Itália, em questões de papado, garantiria a segurança e a independência a um pontífice colocado entre elas. O palácio atual de Mónaco, se não é tão sumptuoso como o Vaticano, *é* ainda aceitável para o chefe de uma religião de pobreza. Os grandes fundos acumulados pelo subsídio

italiano (em que o Papa nunca tocou), bastariam a construir outros edifícios para as congregações e para o sacro colégio. Os monaquenses, excelentes católicos, cercariam o Papa de amor e de respeito. Esse amável e ditoso povo que não paga tributos (quem os paga por ele é o casino do jogo) não seria também tributado pelo Papa, a quem deve bastar o dinheiro de São Pedro: e, além de ganhar espiritualmente, remindo-se, pela contemplação direta da virtude, do Inferno a que o tem votado a contemplação direta do vício, o monaquense ganharia ainda materialmente — porque, como objeto de peregrinação universal, o Papa vale a roleta.

Por outro lado, morto o velho Carlos III, monaquense aferradamente

apaixonado pelo seu rochedo — o seu sucessor, o novo chefe da casa dos Grimaldis, venderia decerto o reino em condições excecionalmente vantajosas. Este moço virtuoso e superior abomina o jogo, nunca habita o principado, ocupa-se sobretudo de explorações submarinas e a sua tendência é para viver em Paris onde o chamam os seus gostos de erudito e as relações da sua noiva, a senhora duquesa de Richelieu, parenta de Henri Heine e milionária.

O Papa, fora de Roma, desmancharia a beleza e a unidade da tradição histórica: mas a sua instalação em Mónaco terminaria um grande escândalo no seio da cristandade, e livraria dois dignos e excelentes príncipes, Leão XIII e Humberto I, de um

insolúvel e torturante embaraço.

À China vai aproveitar-se enfim de um dos grandes instrumentos da civilização ocidental. O novo imperador, Kuang-Sou, autorizou a construção de um caminho de ferro de Pequim a Hankow — numa distância de setecentas milhas. Esta obra estava já planeada: mas o velho partido conservador obstara sempre à sua realização, com a razão (ou com o pretexto) de que uma ruidosa aceleração de movimento perturbaria a tranquilidade rural da China, provocaria a repugnante presença do estrangeiro, e ofendendo, com a aplicação de *rails* e perfuração de túneis, a santidade e recolhimento da Terra, poderia desgostá-la e levá-la a esses movimentos impacientes que nós chamamos *terramotos*. A imperatriz

regente partilhava estas ideias. O novo imperador, porém, que é (segundo afirmam os três ou quatro europeus que, como *sir Robert Hart*, têm os privilégios de grandes dignitários chineses) um moço de fortes capacidades e de esplêndida energia, decretou a inovação europeia por motivos de ordem económica e política.

Economicamente, este caminho de ferro construído sobre terreno que não custa quase nada, por trabalhadores que quase nada ganham, deve necessariamente dar lucro ao Estado — porque o alimentar e o vestir Pequim garante um imenso tráfico de mercadorias, e o movimento de uma população, tão móbil e flutuante como a chinesa, garante um prodigioso tráfico de passageiros.

Politicamente, por meio de

caminhos de ferro, o imperador consolida o predomínio e absolutismo de Pequim — até hoje embaraçado no seu exercício pelas vastas distâncias, pela dificuldade de fiscalizar os mandarins governadores de províncias remotas, pelo custo de concentrar e expedir rapidamente tropas e pela impossibilidade de centralizar o comércio e as finanças na capital.

Toda a Europa folga com este decreto; a Inglaterra, sobretudo, porque vê nele uma primeira aceitação das ideias ocidentais, e através delas um acréscimo de influência no mandarinato de Pequim.

Parece prematuro este folgar. Não será por viajar mais rapidamente, que a China perderá o seu desprezo e horror pelo estrangeiro. Esse desprezo tem raízes na moral e na religião, que nenhum

melhoramento nos meios materiais de transporte conseguirá modificar. Nem os nossos progressos industriais, nem a nossa inteligência e ciência, constituem influências bastante fortes para deschinesar o Chinês. Pelo contrário! Quanto mais nos conhece — menos respeita uma civilização que se lhe afigura singularmente tumultuosa e estéril. Os chineses que habitam a Califórnia, e durante um tempo se misturam ao que a civilização material tem de mais moderno e completo, voltam para a China com um patriotismo duplamente enraizado e fanático: — e ainda há pouco um chinês erudito e europeanizado nos afirmava «que quanto mais estudava Paris — mais admirava Pequim». As nossas classes operárias e rurais parecem-lhes atrozes e

os nossos conflitos sociais de capital e trabalho uma rude e estúpida manifestação de barbaria.

Todo o ganho da Europa com os caminhos de ferro de que a China se vai talvez cobrir — será expedir para lá alguns engenheiros, exportar alguns milhares de toneladas de ferro e colocar com melhor juro o dinheiro que, agora, recolhe uns lânguidos 2% por cento. O seu comércio com a China decerto crescerá — ainda que esse comércio (e sobretudo a sua fiscalização e direção) não sairá das mãos dos Chineses. E a sua influência e predomínio decrescerão — porque o Governo de Pequim, sentindo-se mais forte, tornar-se-á mais intransigente.

Em todo o caso o imperador revela nesta decisão as primeiras linhas

de uma nova e grande política. Infelizmente dizem que a sua saúde já decai: — é enfezado, pensa e estuda em demasia, tem o crânio desconformemente desenvolvido e sofre de uma melancolia incurável.

Portugal realizou o cerimonial exterior das suas eleições: — porque as eleições, elas próprias, já estavam feitas havia muito, segundo o costume consagrado e venerável, por meio de uma lista de círculos e um lápis, no remanso das secretarias. Restava só a solenidade de *ir o povo às urnas*. Todos sabemos, porém, que em muitos círculos se evita o barulho e a poeira desta cerimónia — reduzindo a eleição a uma simples ata que as autoridades lavram depois da missa, a um canto da sacristia. O povo, esse, fica

nas suas moradas, quieto e certo de que o Sr. administrador está «fazendo» o Sr. deputado. Há nisto uma louvável e notável simplificação do sistema. Mas uma simplificação maior seria que o Governo nomeasse os deputados por meio de portarias; e que eles, desde logo, como empregados públicos, pagassem direitos de mercê.

O Sr. D. Pedro IV, como ele mesmo diria, *constitucionalizou Portugal à força*, como uma vara de aço que se verga, impelindo-o «à iniciativa *dentro do* regime representativo». Na sua índole porém e nos seus costumes, Portugal ficou em pleno século XVIII — e, como a vara que se levanta logo que a mão forte a abandone, o país vai regressando à sua atitude natural, que é «a obediência dentro

do regime pessoal». Uma maioria nomeada pelo Governo e que passivamente obedece às instruções do Governo; um Governo organizado por um chefe, e que fielmente segue as indicações desse chefe — eis o nosso estado político atual que não difere muito, na sua essência, do que caracterizou os reinados dos avós do nosso rei. Um chefe de partido entre nós, tendo a confiança da coroa, é um verdadeiro ditador — e o nosso regime uma ditadura real, exercendo-se dentro de um constitucionalismo fictício. Isto poderia ser um mal se nos surgisse um dia um ditador do tipo Guzman Blanco — mas pode ser um bem, se um dia esse chefe de partido for um magnífico Bismarck. Não é todavia provável que este país, onde

gradualmente calmou e se sumiu toda a violência nativa, produza Guzman Blancos. O presente regime portanto afigura-se-nos excelente — e só nos cumpre, dentro dele e abrigados por ele, esperar com paciência e bonomia que nos apareça numa manhã de nevoeiro esse Bismarck genial e providencial.

A Revolução do Brasil

A revolução do Brasil (tal como a contam os telegramas passados através da censura republicana), é menos uma revolução do que uma transformação — como nas mágicas.

O marechal Deodoro da Fonseca dá um sinal com a espada: imediatamente, sem choque, sem ruído, como cenas pintadas que deslizam, a monarquia, o monarca, o pessoal monárquico, as instituições monárquicas desaparecem — e, ante a vista assombrada, surge uma república, toda completa, apetrechada, já provida de bandeira, de hino, de selos de correio e da bênção do arcebispo Lacerda. Sem atritos, sem confusão, esta

república começa logo a funcionar. Nas repartições do Estado, os amanuenses, que já tinham lançado no papel dos decretos a velha fórmula *Em nome de S. M. o Imperador*, riscam, ao ouvir na rua aclamações alegres, este dizer anacrónico, e, sem mesmo molhar novamente a pena, desenrolam no seu melhor cursivo a fórmula recente — *Em nome do presidente da República.* E quem saíra tranquilamente de sua casa com o seu guarda-sol aberto, para ir à secretaria entregar um memorial ao Sr. Albuquerque, ministro do Império — encontra o Sr. Bocaiuva, ministro da República, que sorri e recebe o memorial! Toda essa revolução, segundo os telegramas, foi feita antes do almoço. Os brasileiros que, regressando à pátria,

desembarcaram essa manhã no cais do Rio de Janeiro, ainda pisaram o *solo do Império*, como se vinha dizendo havia sessenta anos; — mas, ao saírem as portas da Alfândega, depois de despachadas as bagagens, já pisavam o *solo da República*, como se estava dizendo, havia sessenta minutos. Se os telegramas, pois, são fiéis, esta revolução é simultaneamente grandiosa — e divertida.

A surpreendente facilidade com que a República se substituiu ao Império, provém de que há muito no Brasil nada separava a República da Monarquia — senão o imperador. E o imperador tinha-se a tal ponto desimperializado que, entre Monarquia e República, não havia realmente senão um fio — tão gasto e tão froixo que, para o cortar de um golpe

brusco, bastou a espada do marechal Fonseca.

Todo o mundo no Brasil era republicano — mesmo os diplomatas, os bispos e os camaristas do paço. O próprio imperador, por vezes, em viagem, nas salas de hotel, se declarava republicano. O movimento revolucionário, porém, vinha sobre tudo dos *bacharéis*, dos moços saídos das escolas, que ansiavam pela República, não porque o Império lhes fechasse o acesso às carreiras (tão abertas que alguns republicanos foram ministros do Império), mas para poderem realizar um velho ideal jacobino, já entre nós desacreditado e um pouco obsoleto, e que no Brasil domina ainda as inteligências tropicalmente entusiásticas e crédulas. Os melhores espíritos

brasileiros ainda admiram Pelletan — que, em São Paulo e no Rio de Janeiro, se lê desesperadamente. E a República ainda representa para esses a realização de certas fórmulas idealistas, cuja falsidade ou inanidade já foi entre nós largamente demonstrada pela ciência e pela experiência. Por outro lado, se as leituras jacobinas fortaleciam os brasileiros nesta ilusão, nenhuma realidade ambiente havia que os pudesse desiludir. Toda a América é republicana: e as duas repúblicas que os brasileiros melhor conhecem, o Chile e a Argentina, são, depois de tormentosos períodos de anarquia, superiormente prósperas e sérias. Outro modelo perigoso para o Brasil estava nos Estados Unidos do Norte, cuja imensa civilização deslumbrava os brasileiros — que não

refletiam que é o caráter das raças, e não a forma dos governos, que faz ou impede as civilizações. Uma república na Turquia, mesmo com todos os *Direitos do Homem* traduzidos do francês, seria sempre turcamente abjeta: — e o Canadá, governado por um vice-rei, delegado de uma rainha e de uma oligarquia, cada dia se afirma mais altamente em riquezas e progresso. Todos os argumentos, pois, militavam no espírito dos ideólogos em favor de uma república — mesmo a sua *barateza*, pela supressão da lista civil (argumento que impressiona as classes comerciais). Com efeito, o presidente dos Estados Unidos pouco mais ganha do que um ministro no Rio de Janeiro: mas os brasileiros ignoravam (como nós, de resto, na Europa, imperfeitamente

sabíamos antes da publicação do livro do americano William Ivins, *Machine Politics and Money in Election)* que a eleição do presidente dos Estados Unidos custa cada quatro anos mais de noventa mil contos, o que, dividido pelos quatro anos que dura um presidente, dá vinte e dois mil e quinhentos contos por ano — soma amplamente suficiente para pagar todos os soberanos da Europa e o seu luxo, incluindo o sultão e o Papa.

Além dos bacharéis civis, a República tinha como pessoal os oficiais, que, saídos das mesmas escolas e das mesmas leituras, são no Brasil verdadeiramente *bacharéis armados*. Quase todo o exército se compõe de oficiais — e todos eles eram republicanos por teoria e por interesse. Os poucos

soldados, esses, apanhados a «cordel», mal pagos, mal alimentados, ociosos, perfeitamente iletrados, sem noção de disciplina ou de patriotismo, formavam uma massa excelente para ser lançada contra qualquer regime, pela mera promessa de mais um pataco de pré.

Nas classes comerciais não havia também uma opinião monárquica. O comércio, sobretudo o de retalho, sempre o mais ativo e influente, está todo, ou quase todo, nas mãos das colónias estrangeiras: portuguesa e italiana. Todo este mundo era sinceramente indiferente a um regime dentro do qual ele não podia exercer voto nem funções públicas. E de resto a forma de governo nada importava a este pequeno comércio, estrangeiro e naturalmente egoísta — porque, ou se

viva sob uma República ou sob um Império, é sempre necessário comprar a mesma porção de manteiga. Além disso, obedecendo a um impulso (constatado por inúmeros observadores) o emigrante desenvolve sempre uma hostilidade vaga e inconsciente contra o regime do país em que vive — concentrando, contra essa expressão concreta da nação, as pequeninas e surdas antipatias que diariamente lhe causam em redor as diferenças de natureza, de hábitos, de costumes, de interesses, de língua ou de acento.

Que classe pois restava, que se não sentisse no fundo republicana? Os grandes proprietários rurais. Mas esses, habitando o interior, a enormes distâncias, não possuíam o sentimento vivo das

ideias fundamentais do Império — unidade nacional, centralização política, representação exterior, etc. Para eles o único mundo exterior é o que compra café: o Império limitam-no todo ao bocado de sertão onde se estendem as suas plantações: e a centralização só a compreendem na capital da sua província. Todo o seu interesse está na colheita do café — e portanto no negro que faz a colheita. Aderiram ao Império enquanto ele, mantendo o *statu quo*, mantinha o escravo. Consumada a libertação — nenhum outro laço os prendia ao regime que nalguns sítios os empobrecia e noutros os arruinava.

O Império pois estava, não enraizado, mas pousado ao de leve sobre o Brasil. Substituí-lo pela

República não foi mais difícil — do que trocar sobre uma mesa o busto de César pelo busto de Bruto.

Nada verdadeiramente se entrepunha entre a Monarquia e a República — senão a pessoa do imperador. E de há muito se combinara cortesmente que, para derrubar a Monarquia, se esperasse a morte do monarca.

O reinado da princesa D. Maria e do conde de Eu, ninguém o queria — nem mesmo talvez o imperador, no fundo do seu espírito, por motivos de ordem filosófica. Duas lendas se tinham espalhado sobre o «beatério» da princesa e sobre a «agiotagem» do príncipe, ambas fatais num país de instintos grandemente generosos e terrivelmente livre-pensador.

Todo o caixeiro tremia de furor voltaireano, quando se contava na loja que a princesa imperial, por suas mãos, varria as igrejas de Petrópolis: e não havia senão maldições contra os *cortiços*, verdadeiros ou falsos, do conde de Eu.

O imperador, por outro lado, não era genuinamente popular. Os políticos mais cultos reconheciam os seus serviços ao Império: mas o seu feitio excessivo, de sócio correspondente do Instituto de França, desagradava. A ciência do imperador, concentrada nas especialidades da arqueologia, da filologia, da astronomia, etc., não era de natureza a torná-lo estimado como homem superior entre os Brasileiros, que, nas manifestações da inteligência, só se entusiasmam pela eloquência e pela

poesia. O Brasileiro é extremamente literário — pelo menos no Rio de Janeiro e em São Paulo: e decerto um imperador de elevada inteligência se poderia tornar popular, se as manifestações dessa inteligência fossem daquelas que cativam a vasta massa dos bacharéis, dos jornalistas e da mocidade culta. O estudo, porém, de monumentos fenícios e de textos hebraicos não basta para atrair, no Brasil, essa útil corrente de simpatia intelectual: o imperador só seria realmente popular se tivesse publicado uma coleção de líricas. Acresce que ele parecia o menos brasileiro de todos os brasileiros: — e um rei só alcança verdadeiro amor, quando em si encarna as qualidades e defeitos do seu povo.

Além disso, como deve suceder ao

rei superiormente cultivado de um reino que o não é em tão alto grau, D. Pedro, que não acreditava no direito divino, mas acreditava no direito intelectual, tendia a absorver o Estado em si, com a muito nítida consciência de que ele era nesse Estado o homem mais instruído. Toda a imprensa europeia celebrava os seus méritos, a sua filosofia, a sua semelhança com Marco Aurélio. Ora um Marco Aurélio tende a não dar muita importância ao simples burguês que ele julga incapaz de compreender as *Meditações*. Daqui nasciam atritos, despeitos, uma crescente impaciência contra o crescente autoritarismo do imperador, que não exercia esse autoritarismo para fortalecer as instituições, mas para fazer prevalecer vontades. Assim o imperador, único

obstáculo à República, ia cada dia perdendo popularidade, força, razão de existir. Que um descontente, menos disposto a esperar que a clássica foice da morte cortasse o fio que ainda prendia o Brasil ao Império, se decidisse a cortá-lo ele próprio com uma espada mais ou menos ilustre — e estava feita a República. Esse impaciente apareceu no marechal Fonseca.

Com o Império, segundo todas as probabilidades, acaba também o Brasil.

Este nome de *Brasil*, que começava a ter grandeza, e para nós portugueses representava um tão glorioso esforço, passa a ser um antigo nome da velha geografia política. Daqui a pouco, o que foi o Império, estará fracionado em repúblicas independentes, de maior ou

menor importância. Impelem a esse resultado a divisão histórica das províncias, as rivalidades que entre elas existem, a diversidade do clima, do caráter e dos interesses, e a força das ambições locais. Já mais de uma vez as províncias têm feito enérgicas tentativas de separação: e o separatismo tornara-se, nestes derradeiros tempos, um dos mais poderosos fatores da política.

O Brasil, além disso, não está forçado a conservar-se unido pelo receio dos ataques ou represálias de uma metrópole forte, de quem acabasse de se emancipar, nem tem possibilidades algumas de aspirar, como os Estados Unidos, a uma supremacia política ou económica de que a unidade seria a inevitável condição. Nenhuma das razões

que impuseram a união aos americanos do Norte, se dão no Brasil. Por outro lado, há absoluta impossibilidade de que São Paulo, a Baía, o Pará, queiram ficar sob a autoridade do general fulano ou do bacharel sicrano, presidente, com uma corte presidencial no Rio de Janeiro. Para que isso se realizasse, mesmo por alguns meses, seria necessário que surgisse um homem (que não há) de popularidade universal, incontestada e irresistível em todo o Império, como a de um Washington. Os Deodoros da Fonseca vão-se reproduzir por todas as províncias. Já decerto em Mato Grosso há um Deodoro que afivela a espada. Ora a condição de popularidade, para estes ambiciosos, será proclamar o exclusivismo dos interesses provinciais; e já disso mostra sintomas o

presidente do Pará, querendo fechar a navegação do Amazonas.

Os Estados, uma vez separados, não poderão manter paz entre si, sendo abundantes os motivos de conflitos — as delimitações de fronteira, as questões hidrográficas e as alfândegas com que todos naturalmente se hão de querer criar rendimentos. Cada Estado, abandonado a si, desenvolverá uma história própria, sob uma bandeira própria, segundo o seu clima, a especialidade da sua zona agrícola, os seus interesses, os seus homens, a sua educação e a sua imigração. Uns prosperarão, outros deperecerão. Haverá talvez Chilesricos e haverá certamente Nicaráguas grotescos. A América do Sul ficará toda coberta com os cacos de um grande Império!

O «Ultimatum»

Durante o desagradável mês de janeiro, Portugal atravessou uma crise — que é incontestavelmente a mais severa, talvez a mais decisiva que esta geração tem afrontado.

Através dos últimos dez anos, a Inglaterra, por uma sequência de factos, alguns imprevistos (ocupação do Egito, pacificação temporária do Sudão, marcha de um exército até Cartum, reorganização das missões do Niassa, descoberta dos jazigos auríferos na terra de Lobengula, etc., etc.), começou a entrever, como sonho realizável, a fundação de um grande império africano. E, com aquela viva clareza de propósito e segura tenacidade

de execução que constituem a sua força, encetou uma série de atos que, terminando há tempos pela criação da *East-African Company*, autorizam os seus estadistas e os seus publicistas a considerar esse império como uma realidade esplêndida, de que gozarão os filhos dos homens sem justiça e sem escrúpulo que lhe lançaram as primeiras bases.

Esse império, segundo o traçam nos seus largos contornos as publicações inglesas, estender-se-á de Alexandria ao Cabo. O Nilo, desobstruídas as cataratas, será a grande estrada de água até aos lagos centrais; dos lagos, um sistema de caminhos de ferro abrirá comunicações para Zanzibar e para a embocadura do Zambeze; duas vice-realezas, uma estabelecida no Cairo outra em Zanzibar

(que, pela população e pelo comércio, é quase uma feitoria Índia), governarão e manterão a ordem nessa vasta colónia, por meio de um exército organizado (à maneira do exército indígena da Índia) com negros e Sudaneses, e por meio de alianças com as tribos mais aguerridas (à semelhança das alianças feitas na Índia com os Afredis e os Chittagongs); um imposto territorial (ainda pelo sistema índio) e a multiplicação dos portos fornecerão o orçamento; e a gradual dominação dos distritos do interior, as explorações bem organizadas e com objetos definidos, terminarão a conquista desta nova Índia e firmarão sobre ela, como diz o *Spectator* com o seu habitual pedantismo, a «imensa majestade da paz britânica».

O povo duro que britanizou a Índia pode talvez justificadamente conceber, e tentar mesmo, esta empresa portentosa. Mas, na sua execução, ele tinha necessariamente de encontrar obstáculos — desses que eram outrora considerados, pelas solenes regras do direito internacional, como insuperáveis.

Portugal oferecia à Inglaterra um desses obstáculos. Entre os atos diferentes, mas logicamente relacionados, com que a Inglaterra lenta e progressivamente prepara desde já a realização remota do seu sonho, houve (para simplificar, sem inútil desenrolamento de detalhes geográficos e históricos) dois que, sem remédio, colocaram a atividade colonizadora da Inglaterra face a face com a nossa

propriedade histórica. Um, foi a criação da *East-African Company*, com domínio sobre uma região conhecida pela terra de Lobengula (que é um velho rei e um malandro) e que compreende um território imenso chamado Masona, na margem sul do Zambeze. O outro ato consistiu na apropriação ou reclamação de uma região entre a margem norte do Zambeze, o rio Chire e a margem ocidental do lago Niassa, conhecida pela região do Niassa ou do Chire. A posse destes territórios excitava furiosamente a cobiça da Inglaterra, porque assim lhe ficava aberto o caminho político e comercial desde a colónia do Cabo até ao lago de Tanganhica, e daí até ao Vitória Niassa e ao Nilo Branco. E esse caminho criava, ainda que frouxa em partes, a espinha

dorsal do futuro império africano. Somente ocorria esta dificuldade: — que Portugal há duzentos anos possuía, trilhara, explorara, ocupara essa região de Masona e essa região do Niassa. Se nós fôssemos fortes, ou se ainda reinasse o direito internacional, este impedimento seria como uma montanha que se não transpõe. Mas a ciência do direito internacional acabou como a astrologia e a escolástica; nós somos, por nossa máxima culpa, deploravelmente fracos; — e o obstáculo foi transposto pelo leão britânico, com aquela simplicidade sobranceira com que ele tradicionalmente salta por cima dos muros alheios, desde que não haja do outro lado o cano de uma espingarda.

Em todo o caso, a princípio esta

dificuldade deu apenas origem a uma longa e lenta troca de comunicações e de notas entre Lorde Salisbury e o Sr. Barros Gomes — acompanhada, nos jornais de Inglaterra e de Portugal, por uma serena discussão geográfico-histórica dos nossos direitos e das pretensões inglesas. Quando se desenrolava esta controvérsia (que já em setembro começava a impacientar os Ingleses), um incidente sobreveio inesperadamente, que transformou essa argumentação quase académica numa pendência quase sangrenta. Uma expedição nossa, que, sob o comando do major Serpa Pinto, estudava o traçado do caminho de ferro do rio Chire (que ultimamente nós resolvêramos construir para suprir as obstruções da navegação no Zambeze), tendo penetrado na terra dos

Macololos, antigos vassalos da coroa, encontrou um gentio hostil que lhe impediu a passagem, arvorou no topo das cubatas bandeiras inglesas e terminou por fazer fogo sobre os nossos com aquelas espingardas do valor de cinco xelins, que são um dos comércios ingleses mais rendosos no interior da África.

Para desimpedir o caminho, afirmar a soberania e castigar o ultraje, os nossos (depois de tentarem conciliação) dispersaram o gentio — matando infelizmente uma centena desses negros, que são no fundo os verdadeiros senhores da região. Todos os dias sucedem estes casos na África; — e em cada uma das suas viagens, Stanley, herói aclamado nos dois hemisférios, pratica destas execuções de pretos, em proporções que as tornam,

segundo a característica expressão comercial dos Ingleses, *wholesaleslaugters* (matanças por grosso). O incidente dos nossos foi logo telegrafado para Londres pelo secretário da *African-Lakes Company*, com aquela concisão do telégrafo, que é por vezes tão fatalmente prejudicial à justa compreensão das coisas como a redundância da retórica — e a imprensa conservadora, ou mais especialmente aquela abominável parte da imprensa conservadora de há muito ridicularizada e desacreditada sob a alcunha de *Jingo*, já impaciente pelas demoras da controvérsia geográfica e histórica, rompeu num desses furores arrogantes em que é vezeira quando fala a nações desarmadas — e ameaçou Portugal com uma frota de

couraçados, uma ocupação da Madeira, o bloqueio de Lisboa e outras bravatas das que ordinariamente lançam, de punho na cinta, esbraseados de vinho, os rufiões de feira. Os pretextos desta indignação da imprensa *Jingo*, sempre falha em boas maneiras e bom *gosto*, *eram* — que a expedição portuguesa invadira domínios britânicos, pisando a terra dos Macololos; afrontara a humanidade, trucidando cem negros; e injuriara a bandeira inglesa, dispersando o gentio que a hasteara entre guinchos. A resposta acudia facilmente. A expedição, achando-se no território dos Macololos, pisava um território tão português que os cônsules e missionários ingleses, para lá ir mercadejar ou intrigar, pediam salvo-conduto às autoridades de Moçambique; a expedição, dispersando

os Macololos, antigos vassalos da coroa, e matando (infelizmente) cem no conflito, procedia como todas as nações colonizadoras para com indígenas sublevados — e especialmente como a Inglaterra, mestra em colonização e destruidora encartada das raças inferiores do globo; e finalmente a expedição, encontrando a bandeira inglesa nas mãos de negros que não eram soldados ingleses, ou sobre cubatas que não eram cidadelas inglesas, não lhe devia mais respeito que a outro qualquer pedaço de paninho vermelho e azul. A bandeira tira a sua significação da mão que a empunha — e se um homem é agredido num caminho por outro, que traz às costas a tricolor, não ofende decerto a França, atirando ao chão com uma paulada o agressor, que assim se

embandeirou a si próprio com jovial fantasia.

Em todo o caso, o incidente em breve passou dos ataques e defesas da imprensa, para a região mais serena e grave das notas diplomáticas. Lorde Salisbury lançou reclamações que a imprensa portuguesa considerou moderadas. O Sr. Barros Gomes ofereceu explicações que a imprensa inglesa considerou conciliadoras. E as negociações prosseguiam assim, em cordura e cortesia — quando uma manhã, bruscamente, sem razão, sem incidente lateral, o ministro inglês em Lisboa, Mr. Petre, apresentou ao Sr. Barros Gomes um *ultimatum*, com aquela brutal surpresa com que outrora José do Telhado, ou outro dos nossos salteadores lendários,

apontava, num caminho de pinheiral, o bacamarte ao peito de um marchante em jornada. Esta comparação, já muito usada, tem todo o relevo safado. Mas não há outramais precisa e gráfica.

O *ultimatum*, curto e seco, exigia que dentro de onze horas o Governo português fizesse sair as suas tropas e as suas autoridades das regiões disputadas do Chire e de Masona. Se o Governo português não acedesse, o representante da Inglaterra retiraria com o seu pessoal para bordo do aviso *Enchantress*, deixando toda a ulterior ação às esquadras inglesas reunidas em Lourenço Marques, Cabo Verde e Gibraltar.

Foi durante horas uma pavorosa crise. O conselho de Estado reunido — decidiu que se passasse sob a exigência

de Lorde Salisbury, visto que a resistência importaria uma ocupação de Moçambique e de Lourenço Marques (de onde a Inglaterra não sairia mais, como não saiu mais do Egito), feita por essas esquadras, que, enquanto o *Foreign Office* elaborava notas corteses, se acercavam dos nossos portos, à sorrelfa, em silêncio, exatamente como as galeras de Barba Ruiva deslizavam para dentro das enseadas da Itália ou da Sicília, à busca da presa cristã. Ocupam-se recentemente nestes feitos as frotas que comandou Nelson. Portugal, nessa noite, perdeu dois consideráveis territórios de África. De manhã, o ministério caiu. E assim findaram três anos de política colonial.

Já não interessaria porém apreciar essa política, mesmo que, para isso,

possuíssemos uma documentação completa e positiva — porque, na realidade, as questões de África perdem do seu valor diante do inesperado movimento nacional que, através de todo o país, tão vasta e ruidosamente rompeu, sob o espinho das humilhações que essa África negra nos trouxe. É com efeito mais importante para Portugal possuir vida, calor, energia, uma ideia, um propósito — do que possuir a terra de Masona: mesmo porque, sem as qualidades próprias de dominar, de nada serve ter domínios. Se, como nação, estamos findos, sem força, sem alma, sem vontade, os Macololos, o Masona, o Niassa, os lagos e toda a África serão para nós tão inúteis, como inúteis eram ao pobre rei Senaquerib, que tinha cento e

dez anos e tremia de frio sob o sol da Assíria — as virgens esplêndidas que os seus intendentes lhe iam buscar à África, terra de todos os ardores e da divina fecundidade: «Como posso eu produzir vida, tartamudeava o pobre Senaquerib, se vida em mim já não tenho?» Sem vida em nós mesmos, como poderíamos nós levar vida à África?

Por isso, na verdade, a questão do Niassa e de Masona desaparece perante este movimento, tão real, tão intenso, tão persistente — primeira e única afirmação de vida que Portugal tem dado nestes últimos trinta anos, molemente estragados na mudez e na inércia.

Belo e de bom presságio se nos apresenta este movimento! Mas todavia, por ora, não há nele senão os sintomas

materiais de vida. É o respirar, o mover, o palpitar, o falar de um corpo que muitos julgavam morto, gelado, fácil de pisar, e talvez de retalhar. E resta agora saber em que séria e útil ocupação, em que fim de alto patriotismo, se vai empregar essa vida que tão inesperadamente o país em si surpreende, e que tão dispersamente manifesta na primeira e imensa alegria de a sentir correr, quente e forte, nas veias?

That is the question, se esta citação ainda é permissível... Porque se todo o patriota se alegrou como nós, ao ver o esplêndido movimento da nação — nenhum verdadeiro patriota pode conservar alegria ao verificar que esse movimento se começa a perder em direções desviadas, transversais, inúteis — à maneira de uma torrente que, em

lugar de correr direita ao moinho para o fazer trabalhar, se espalha pelos lados em riachos esguios e lentos que bem depressa a areia suga!

As primeiras manifestações deste movimento foram as instintivas, as da irrefletida cólera do homem que subitamente na rua leva com lama na face. Todas as multidões, em todas as capitais, se têm um dia abandonado a estas violências clássicas. Mas, encadeadas com estas e numa rapidez de rastilho aceso, começaram logo as manifestações de indivíduos e de corporações contra a Inglaterra — cada um sinceramente, na sua possibilidade, praticando um ato de desforra ou tomando uma decisão de hostilidade. E aqui, começámos a assistir a atos menos justificáveis. O sentimento

inspirador era sempre muito belo, muito nobre — mas a expressão exterior e especial desse sentimento nem sempre participava dessa beleza e dessa nobreza. Com efeito, quando homens respeitáveis devolviam à legação de Inglaterra as medalhas ganhas ao seu serviço, ou se demitiam de empregos remunerados por companhias inglesas, estávamos claramente em presença de atos de seriedade e dignidade. Quando, porém, professores dos liceus reclamam, como defesa nacional, que se elimine a língua inglesa do ensino das línguas vivas — estamos já diante, não de um ato de patriotismo, mas de ignorantismo. E quando as atrizes dos teatros, para mostrar como Portugal sabe repelir um ultraje, resolvem por declaração pública

retirar do palco os seus sorrisos desde que surja na plateia um espectador inglês — estamos diante de um ato positivamente risível. Os jornais, registando destes e de outros protestos, bem intencionados e desastrados, exclamavam por vezes com inquietação: «Meu Deus! não tornemos as nossas manifestações ridículas ou odiosas!» Mas por causa de indiscriminadamente se registarem os protestos dignos e os protestos cómicos (que a imprensa estrangeira reproduzia) — estivemos nós arriscados a que a Europa misturasse ao respeito pelo nosso brio, algum desdém pela nossa extravagância.

Tudo isso, porém, passou: — e bem depressa os protestos individuais se fundiram, desapareceram, na vasta,

magnífica e consoladora unanimidade das manifestações coletivas vindas dos municípios, das escolas, das associações, dos institutos, das assembleias, de vilas inteiras, de todo um povo que acorda, se levanta, e ainda trôpego do seu extenso sono, afirma claramente que *pensa* e afirma fortemente que *quer*.

O quê? — Porque isto sobretudo se nos afigura essencial: o verificar o que o país, enfim desperto e decidido à ação, pensa e quer — e em que direção vai desenvolver essa ideia, e sobre que objeto vai aplicar essa vontade. Ora, a julgar pelos incontáveis protestos, declarações, manifestos, cartas, apelos, etc., que trasbordam na imprensa, não nos parece que por ora o pensar e o querer do país se estejam exercendo para fins

verdadeiramente sérios, úteis, práticos e patrióticos. De todos esses documentos, com efeito, em que o país, decerto reflectidamente e serenamente (porque num longo mês sobra tempo para serenar e refletir), tem exprimido a sua ideia e a sua vontade — que propósito exato e definitivo ressalta com saliência? Um só: — *fazer mal à Inglaterra.* Como? Injuriando a Inglaterra; fomentando o ódio à Inglaterra; *boycottando*, tirando a freguesia à Inglaterra.

Três atos naturais, legítimos, supremamente justificáveis. Mas bastam? É neles, só neles, que se deve empregar e consumir o pensar e o querer da nação? Quando tivermos acumulado sobre a Inglaterra todos os vocábulos afrontosos do nosso dicionário; quando tivermos

penetrado o coração dos nossos filhos, de um ódio tão complexo à Inglaterra, que eles não possam encontrar um volume de Shakespeare sem empalidecer de furor; quando tivermos retirado totalmente a nossa freguesia às carvoeiras de Cardife ou aos teares do Lancashire — estará realizado o fim imenso de uma nação que, abalada por uma crise brutal, desperta, se ergue e desesperadamente afirma que vive e que quer viver? Ou muito erramos, ou esse fim, longe de estar obtido, está perdido.

Injuriar a Inglaterra! De que serve? Se o fazemos por meio daquele processo que se denomina *chamar nomes* (e que parece exclusivo de Portugal e da Inglaterra, porque só estas duas nações possuem nos seus idiomas essa

expressão) não aproveitamos decerto os primeiros dias do nosso despertar patriótico em obra muito bela, nem muito digna. Ressurgir de um longo adormecimento, para *chamar nomes*, é de péssimo presságio para a seriedade e fecundidade desse ressurgimento. E por outro lado se o fazemos de um modo mais grave, denunciando e verberando todo o mal da Inglaterra (onde o mal tanto abunda), dissiparemos o tempo a repetir, com pálida superfluidade, tudo o que contra a Inglaterra já demasiadamente vociferaram os seus próprios filhos, os melhores, os mais ilustres, com soberba eloquência e certeza impecável. Quem mais grandemente, do que os escritores de Inglaterra, tem flagelado os vícios da Inglaterra? Quando mal findava a

literatura inglesa do século XVIII, limitada, conservadora, respeitosa e insular — logo um poeta surge, o maior dos seus poetas, que da Itália onde o levara o tédio da sua pátria, austeramente pedante e mercantilmente egoísta, a cobre de maldições e de sarcasmos. E depois de Byron e de Shelley, a legião dos acusadores segue, implacável e genial. É Dickens (para citar os mais populares) ridicularizando as suas instituições; é Thackeray revelando com fria ferocidade todo o seu convencionalismo social e maculando-a com o nome que lhe ficou de *country of snobs;* é Carlyle, com clamores de profeta, fulminando o seu egoísmo, o seu mercantilismo, o seu materialismo; é Ruskin acabrunhando de ironias a grossa materialidade da sua

civilização; é Arnold acusando-a da sua insipidez, do seu azedume, da sua aspereza; é ainda toda uma coorte de publicistas, de panfletários, de *ensaístas*, de artistas, de caricaturistas, fulminando o seu pietismo, o seu *cant*, a sua hipocrisia, a sua desumanidade... E que faz a Inglaterra? A Inglaterra cobre de aclamações estes acusadores que a ilustram pelo génio; dá-lhes, quando eles morrem, uma sepultura de honra no panteão real de Westminster — e continua a cultivar com cuidado e a desenvolver estes defeitos de convencionalismo, de egoísmo, de mercantilismo, que a têm tornado por esse mundo tão vasta, tão forte e tão rica. Faz mais! Pela voz do seu maior orador neste século, proclama o egoísmo como programa político,

justifica-o pela «luta pela vida», e afirma, em plena câmara dos comuns, entre universais aclamações: — «No dia em que déssemos aos outros a justiça, chamaríamos sobre nós a ruína!» Empregar o tempo a chamar a uma nação deste feitio nomes feios em prosa e verso — *pirata*, *ladra*, *infame*, etc. — é uma puerilidade de fracos.

Odiar a Inglaterra! Sentimento bem legítimo — porque, por muito cristão que se seja (e nós somos inteiramente pagãos), não podemos abençoar quem nos brutalizou. Mas o ódio fixo, em perpetuidade, cultivado e organizado como programa nacional (e assim o pregam os manifestos) que significa? O ódio pode formar um fator na vida de um povo, quando apaixonadamente incite e

aqueça a atividade que prepara a desforra. Ora a desforra *consiste* em derrotar quem nos derrotou, humilhar quem nos humilhou. E que esperança pode ter este frágil reino de abater o mais forte dos impérios, dura ressurreição do duro império romano? Se nós pressentíssemos razoavelmente a possibilidade de um dia, por nossa vez, mandar à Inglaterra um *ultimatum* sublinhado com esquadras — *então, sim*, por Deus, que o ódio fosse o nosso inspirador! Mas, para que tal se realizasse, teríamos de esperar até aos tempos (entrevistos justamente por um humorista inglês) em que o Império Britânico ficará reduzido ao condado de Middlessex. Esses tempos jazem muito longe, nas profundidades do futuro; e não podemos realmente passar os séculos que

deles nos separam, quietos, hirtos, de dentes cerrados, de olhos flamejantes, absortos e imobilizados nessa única e estranha função social — *odiar*!

O ódio é um sentimento negativo que nada cria e tudo esteriliza: — e, quem a ele se abandona, bem depressa vê consumidas na inércia as forças e as faculdades que a Natureza lhe dera para a ação. O ódio, quando impotente, não tendo outro objeto direto nem outra esperança senão o seu próprio desenvolvimento — é uma forma da ociosidade. É uma ociosidade sinistra, lívida, que se encolhe a um canto, na treva.

Não, por Deus! O povo alegre e franco, que outrora em Dio atirava por entre as bombardas gracejos aos mouros,

e que é hoje ainda na Europa o único que trabalha cantando — não pode empregar e estragar os seus dias nessa negra e fúnebre ocupação, o *ódio!*

Detestemos a Inglaterra, de acordo, toda a Inglaterra — mesmo sem distinguir se foi a Inglaterra como nação, ou apenas um partido inglês como Governo, que nos ultrajou. Mas que esse sentimento seja secundário na vasta obra que temos diante de nós, agora que acordamos — e não essencial, supremo e tão absorvente que só ele ocupe a nossa vida, e se substitua à própria obra.

Os que afirmam (e muitos afirmam) que «o único dever de Portugal agora é odiar a Inglaterra», ou se contentam com um desabafo vão — ou sinceramente aconselham ao país que

nada faça, permaneça na sua inferioridade e acentue mais a sua impotência final entregando a direção da sua vida a um sentimento impotente.

Se tais conselhos são considerados como nobres expressões de patriotismo — então o patriotismo, como ideia, tem mudado desde as idades em que, nas praças de Atenas, os patriotas que iam, em Plateia e Salamina, dar ao mundo o inigualável exemplo do patriotismo heroico, exclamavam: — «Não se trata de parolas e de odiar a Pérsia — trata-se de atos e de salvar a Grécia!»

Temos depois, como plano, *boycottar* a Inglaterra. Ideia bem natural e bem lógica. A Inglaterra é uma imensa loja. Nós somos dos seus mais antigos

fregueses. A prosperidade de uma loja depende da sua freguesia: retirando portanto a nossa freguesia à Inglaterra, comprometemos a sua prosperidade. É perfeito. Resta averiguar se é eficaz.

Os homens positivos, experimentados e práticos, afirmam que, desgraçadamente, este plano, tão tentador na sua simplicidade, não dará resultado que nos console e vingue — porque ao fim de um *tempo*, para a Inglaterra, não será sensível a conta do seu prejuízo, enquanto para nós montará pavorosamente a conta do nosso dano. Se nós hoje, que não possuímos indústrias nacionais, formos buscar a outros mercados o que costumamos trazer de Inglaterra — encheremos a nossa casa de produtos *piores e mais caros*, *o* que duplamente

aumentará o custo da nossa vida. Logo, este começo é péssimo. Por outro lado, quebrando as relações comerciais com a Inglaterra, deixamos logicamente de ser fregueses da sua marinha mercante. Ora os Ingleses, que possuem a maior marinha mercante e de maior tonelagem de todas as nações, são os grandes transportadores do Universo, os que através dos mares levam e trazem mais homens e mais fazendas. E não admitindo nós que navios ingleses entrem nos nossos portos, a buscar ou a trazer — matamos o grande plano dos últimos tempos, que era tornar Portugal o rico e forte centro do movimento comercial entre o velho e novo mundo. Para isso, com sacrifícios enormes, estamos construindo o porto de Lisboa e o porto de Leixões. Mas esses

portos, excluindo das suas docas dois terços dos navios que sulcam os mares, não obterão rendimento apreciável: — e nós teremos de pagar o que essas obras custaram, sem poder embolsar o que elas por si renderiam. E há mais. Assim como não queremos comprar nada aos Ingleses, nada lhes queremos também vender. Ora o Inglês é o nosso maior freguês: e não teremos pois de ora em diante quem nos consuma na sua quase totalidade o nosso vinho do Porto; os nossos minérios, as nossas frutas, o nosso sal, a nossa cortiça. Para não arruinar o Porto, Aveiro, Setúbal, o Alentejo, etc., seremos forçados a procurar novos fregueses — o que, neste século de áspera, feroz, tumultuosa concorrência, se vai tornando a mais pavorosa das dificuldades

humanas. Ora, insistem os homens práticos, como nós já frequentemente tentámos, sem resultado, obter pequenos mercados para artigos parciais da nossa produção — não lograremos agora decerto alcançar um vasto mercado que substitua a vasta Inglaterra. De sorte que, em resumo, ao fim de um ou dois anos de quebrar as relações comerciais com a Inglaterra, teríamos as nossas despesas consideravelmente elevadas, os nossos rendimentos consideravelmente diminuídos, obras colossais a pagar e nenhum lucro a tirar delas.

Assim dizem os experimentados. Resta porém saber se estes sacrifícios não seriam bem pagos pelo justo regalo de ferir a Inglaterra num ponto que é nela mais vivo que o orgulho — o interesse; e

se não compensaríamos, amplamente, o desgosto de ver os transtornos que sobre nós acarretámos— pela delícia de constatar as ruínas que na Inglaterra acumulámos.

E, aqui, voltam os experimentados (verdadeiramente patriotas) explicando que a Inglaterra, para o nosso caso, é uma loja, cuja prosperidade ou decadência se verifica pelo seu balanço e pelos seus livros. Ora, examinando as contas correntes de Inglaterra (pelo último balanço feito, o de 1888), vemos que o seu movimento comercial com Portugal, isto é, o valor do que nos comprou e do que nos vendeu, monta à soma redonda de *trinta mil contos*. Verba considerável. Mas em que proporção entra ela no movimento geral da loja? A falta de um

freguês deste valor dará à loja um golpe definitivo e mortal, ou fará apenas uma arranhadura insensível e reparável? Examinando o balanço total do Império Britânico, verificamos que o seu movimento monta à soma, que quase custa a ler em cifras, de *quatro milhões novecentos e vinte mil setecentos e cinquenta contos!*

Como estas somas disformes estonteiam, quase não têm realidade para um meridional — digamos, tornando as cifras mais acessíveis, que a nossa abstenção como fregueses da Inglaterra diminui *trinta contos* no seu movimento de *quatro mil novecentos e vinte contos*. É portanto como se um particular egoísta e brutal, possuindo uma renda de *quatrocentos e noventa e dois contos*,

fosse prejudicado em *três pobres contos de réis* por um vizinho ofendido que, para tomar essa desforra que ele julgava mortal, se sacrificasse até à ruína!

Decerto, esses trinta mil contos de menos vão momentaneamente prejudicar certas indústrias inglesas. Mas essas indústrias são justamente as mais fortes (carvão, ferro, tecidos, etc.). Todas elas têm afrontado crises infinitamente mais terríveis, que atravessaram com triunfal serenidade. E quando nós começarmos apenas a penar as primeiras dores do nosso sacrifício — já elas terão galhardamente reconstituído o seu equilíbrio.

De resto, Portugal não desceu ainda tanto na universal jerarquia, que se levante todo, num esforço unido de nação

unida, com o fim único de encalacrar os Srs. fulano & C.ª, carvoeiros de Newcastle, ou os Srs. Sicranos & Filhos, com fábrica de lanifícios em Bradford. 0 único objeto por que dignamente poderíamos sofrer perdas e angústias seria, como se tem dito nos manifestos e protestos, o de matar o leão britânico! Mas que conseguimos? Arrancar-lhe alguns pelos da juba bruta, que bem cedo renascerão — mais duros e fortes.

Todo este movimento público, pois, que, para *fazer mal* à Inglaterra, se impõe como missão odiar a Inglaterra, ofender a Inglaterra, *boycottar* a Inglaterra — a si mesmo se esteriliza, errando a sua direção: porque, evidentemente, como movimento nacional, nascido da alma da nação para proveito

da nação, nunca lhe cumpriria tomar por fim único o *fazer mal à Inglaterra*, mas, antes de tudo e sobretudo, *fazer bem a Portugal*.

Uma vez que, segundo tão altamente se proclama, acordámos do nosso letargo, urge empregar este alento que nos volta, não na teima improfícua de destruir o que é indestrutível — mas de reconstruir tudo o que em torno de nós se deteriorou e derrocou, durante o nosso imenso sono. Esta seria a direção única a imprimir ao movimento nacional — que se não deve dispersar em tentativas ou brados efémeros contra a Inglaterra, mas concentrar em obras sólidas a proveito de Portugal. Até agora nada se fez, porque (como todos violentamente constatam, por experiência própria) jazíamos

ressonando, no esquecimento de todo o dever cívico. Pois bem! agora que todos se declaram despertos, e saltam para a arena, bradando, de braços arregaçados, prontos para a faina — comece a empresa, única verdadeiramente patriótica, que é a de reconstituir a pátria. Se as forças e as vontades abundam (como afirmam manifestos e protestos) não faltará também obra urgente e boa em que elas se empreguem com glória. Temos quase tudo por fazer — tudo teríamos a refazer. Teríamos antes; de tudo de criar riqueza, porque, sem esse instrumento, o braço mais forte fraqueja. Teríamos de criar a riqueza, como povo agrícola que somos, pelos meios que o saber positivo tem indicado e que a política tem desdenhado. Criar riqueza, através do

fomento rural — repovoando o reino pela colonização interior; metodizando as culturas; congregando a propriedade excessivamente fragmentada, criando o crédito rural; dirigindo o aproveitamento das águas públicas e organizando a economia hidráulica; fazendo a repovoação florestal do país; regulando o exercício da caça e da pesca, etc., etc. Teríamos ainda de fundar indústrias, nacionalizando os fornecimentos públicos para as fazer viver, e nacionalizando os transportes para as fazer circular... Obtidos estes primeiros recursos, teríamos então de alargar a nossa marinha de guerra, reorganizar o nosso exército» construir as defesas dos nossos portos. Teríamos ainda de reformar o ensino científico e fundar seriamente o ensino

técnico. Teríamos enfim (para não desanimar as boas vontades com um programa muito pesado) de preparar, por meio de educação física, gerações que possuam o músculo, o vigor, a saúde e o poder de arrostar trabalhos — que a nós nos falta tão lamentavelmente. E teríamos ainda (só este detalhe mais) de criar em nós mesmos hábitos de energia e disciplina, ordem, força, perseverança — refletindo que sem bons costumes de nada valem as boas instituições, e que já um poeta, que era todavia o mais risonho dos céticos, disse:

Quid leges, sine moribus
Vanae, proficiunt?

Eis, na nossa ideia, talvez

excessiva e errada, o que deveriam fazer esses patriotas que, com tanta esperança nossa, se declaram acordados do seu sono histórico, prontos a trabalhar na regeneração da pátria. Tudo isso depende deles, só deles. Não dos governos ou dos ministérios. Depende meramente da sua iniciativa, do seu esforço, da sua constância, da sua propaganda. Depende do seu honesto propósito de escolher homens capazes que, no parlamento, vão enfim criar as leis exatamente correspondentes às nossas necessidades — e, no Governo, vão enfim assegurar a execução exatamente indispensável a essas leis salvadoras.

Assim julgamos que devia ser utilizada e regularizada essa bela efervescência de vida, que se denomina o

«movimento nacional». Porque de resto, bradar nas ruas contra a Inglaterra, elaborar manifestos, fundar comissões, agitar archotes, desfraldar bandeiras, abater tabuletas, não nos parecem na verdade os modos de um povo que, sob o impulso do patriotismo, se prepara para a regeneração: — antes se nos afiguram os modos de um povo que, através do patriotismo, se está educando para a insurreição.

E que a mocidade das escolas dê, ela, o exemplo mais direto e melhor. Por toda a parte se afirma que da sua paixão generosa e pura partiu o primeiro arranque deste movimento. Honra grande lhe seja mais tarde na história. Mas a mocidade já se manifestou amplamente. Que, agora, se retire das ruas e dos

comícios, se recolha e ofereça, ela, esperança de todos, messe rica do futuro, o modelo superior do patriotismo, passando a cumprir com sereno amor esse dever patriótico que tão especialmente cabe a estudantes — e que consiste em estudar.

E deixemos a Inglaterra, que, quieta na sua ilha, digere sombriamente, como nação de rapina, a presa que rapinou. Chamar pelas praças *Delenda Cartago!* é excelente — quando já estão reunidas no porto de Óstia as galeras que vão levar Cipião à África. Mas nós não nos podemos ufanar, por ora, nem de galeras nem de Cipião. De que valem pois brados vãos? O grande grito a gritar não é — *Delenda Britannia!* O grande grito a gritar é — *Servanda Lusitania!* Porque se

não trata infelizmente de destruir a Inglaterra — mas de conservar Portugal.

Através destas sugestões, que vimos timidamente arriscando, de propósito omitimos o facto magnífico da subscrição nacional. Só ele, todavia, e o sentimento coletivo que revela, as justificam — porque sem ele, todas as nossas considerações montariam à puerilidade de querer dirigir, regularizar e aproveitar para um fim permanente, uma chama que passa e que morre! A forte, sólida e tenaz unanimidade, porém, com que a nação inteira, que tão pobre é, acode a abrir a sua bolsa para um alto objetivo nacional, prova que este movimento, tendo raízes na razão e na consciência do país, não somente na sua imaginação móbil, constitui uma força

duradoura e viva que convém dirigir para onde ela possa fecundar e criar. E indicar a sua direção é concorrer para a sua fecundidade — porque decerto aqueles que tão ardentemente querem preparar a defesa exterior, não se mostrarão menos prontos a trabalhar na ordem interior. De pouco serviria ter muralhas novas por fora e só velhas ruínas por dentro. A peito doente nada vale couraça de bronze!

Table of Contents

O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA
- Prefácio — Carta ao Editor do «Mistério da Estrada de Sintra»
- Exposição do Doutor ***
- Intervenção de Z.
- De F... ao Médico
- Nota
- Segunda Carta de Z.
- Narrativa do Mascarado Alto
- As Revelações de A. M. C.
- A Confissão Dela
- Concluem as Revelações de A. M. C.
- A Última Carta

O CRIME DO PADRE AMARO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19

20
21
22
23
24
25
A TRAGÉDIA DA RUA DAS FLORES
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12

13
14
15
O PRIMO BASÍLIO
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15

16
O MANDARIM
Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
A RELÍQUIA
Prefácio
1
2
3
4
5
OS MAIAS

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
UMA CAMPANHA ALEGRE

Advertência
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18

19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37

38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56

57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75

76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES
1
2
3
4
5

6
7
8
A ILUSTRE CASA DE RAMIRES
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
A CIDADE E AS SERRAS
1
2

3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
CONTOS
Singularidades de uma Rapariga Loura
Um Poeta Lírico
No Moinho

Civilização
O Tesouro
Frei Genebro
Adão e Eva no Paraíso
A Aia
O Defunto
José Matias
A Perfeição
O Suave Milagre
PROSAS BÁRBARAS
Na Primeira Fase da Vida Literária de Eça de Queirós
Notas Marginais
Sinfonia de Abertura
Macbeth
Poetas do Mal
A Ladainha da Dor
Os Mortos
As Misérias

Farsas
Ao Acaso
O «Miantonomah»
Misticismo Humorístico
O Milhafre
Lisboa
O Senhor Diabo
Uma Carta
Da Pintura em Portugal
O Lume
Mefistófeles
Onfália Benoiton
Memórias de uma Forca
A Morte de Jesus
CARTAS DE INGLATERRA
Capítulo 1 — Afeganistão e Irlanda
Capítulo 2 — Acerca de Livros
Capítulo 3 — O Inverno em

Londres
Capítulo 4 — O Natal
Capítulo 5 — Literatura de Natal
Capítulo 6 — Israelismo
Capítulo 7 — A Irlanda e a Liga Agrária
Capítulo 8 — Lorde Beaconsfield
Capítulo 9 — Os Ingleses no Egito
Capítulo 10 — O Brasil e Portugal
Capítulo 11 — A Festa das Crianças
Capítulo 12 — Uma Partida Feita ao «Times»
ECOS DE PARIS
Paris e Londres

Os Duelos
O Imperador Guilherme
O Grand-Prix
O 14 de Julho
A França e o Sião
A Questão Buloz
As Eleições
As Festas Russas
Aliança Franco-Russa
A Espanha
O Sr. Barthou
Os Anarquistas
Outra Bomba Anarquista
As Interviews
O Salão
Carnot
A Morte e os Funerais de Carnot
João de Deus (Os de Paris a

João de Deus)
BILHETES DE PARIS
Revolta de Estudantes
Festas Russas — As Decorações
Bilhetes de Aquém-Mar: Ainda as Festas Russas — Os Jornais
Mais uma Vez as Festas Russas — O Povo
Aos Estudantes do Brasil — Sobre o Caso que Deles conta Madame Sara Bernhardt
As Catástrofes e as Leis de Emoção
CARTAS FAMILIARES DE PARIS
Joana d’Arc
O Conde de Paris
Os Chineses e os Japoneses
O Czar da Rússia

A Sociedade e os Climas
Casimire Périer
O Inverno em Paris
A Propósito da Doutrina de Monroe
A Propósito do Termidor
NOTAS CONTEMPORÂNEAS
Carta a um Redator do Jornal do Comércio
Três Americanos
Ramalho Ortigão (Carta a Joaquim de Araújo)
Idealismo e Realismo (A Propósito da 2ª Edição de O Crime do Padre Amaro)
Brasil e Portugal
Testamento de Mecenas
A Inglaterra e a França Julgadas por um Inglês

A Propósito do Mandarim (Carta que Deveria ter sido um Prefácio)
Victor Hugo (Carta ao Diretor de A Ilustração)
Ao Diretor do Jornal A Província
Prefácio a O Brasileiro Soares, de Luís de Magalhães
Prefácio a Azulejos, do Conde de Arnoso
Carta-Prefácio ao Poemeto Luís de Camões (1887), de Joaquim de Araújo
Mr. Cumberland (Sessão do Grande Adivinho na Redação de A Província)
O Francesismo
A Europa

A Propósito do Incêndio do Teatro Baquet do Porto
A Academia e a Literatura (Carta a Mariano Pina)
Ainda Sobre a Academia
Prefácio às Aquarelas, de João Dinis
Nota de Apresentação (No 1.º Folhetim da Versão Portuguesa de As Minas de Salomão, de H. Rider Haggard, Publicado na Revista de Portugal, Outubro de 1889)
A Crítica a Os Maias (Carta a Fialho de Almeida)
A Propósito de Os Maias (Carta a Carlos Lobo de Ávila)
«Os Vencidos da Vida»
Notas do Mês — El-Rei D. Luís

(Colaboração na Revista de Portugal)
Revista de Portugal
Notas do Mês — A Revolução do Brasil
Notas do Mês — O Ultimato
Fraternidade
Novos Fatores da Política Portuguesa
Notas do Mês
A Europa em Resumo
A Decadência do Riso
Um Santo Moderno
Colaboração Europeia:
Primeiro de Maio
Os Grandes Homens da França
Espiritismo
Uma Coleção de Arte
Cozinha Arqueológica

As Rosas
Positivismo e Idealismo
O Bock Ideal
Prefácio ao Almanaque Enciclopédico para 1896, 1.º Ano
Um Génio que era um Santo (Antero de Quental)
A Revista
Na Praia
No Mesmo Hotel
Antigas Visitas
França e Sião
Encíclica Poética
O Marquesinho de Blandford
A Rainha
Deus — Duse («A Duse», 1898)
Eduardo Prado

ÚLTIMAS PÁGINAS
Lendas de Santos
Artigos Diversos
Mais Dois Dispersos de Eça de Queirós
A CAPITAL
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
ALVES & COMPANHIA
1
2

3
4
5
6
7
8
9
O CONDE DE ABRANHOS
À Exma. Sr.ª Condessa de Abranhos
O Conde de Abranhos
O EGITO
A Caminho do Oriente
De Alexandria ao Cairo
O Cairo
O Deserto
Noites Feéricas
De Port Said a Suez
Palestina

Alta Síria
CARTAS INÉDITAS DE FRADIQUE MENDES E MAIS PÁGINAS ESQUECIDAS
Prefácio
Cartas de Fradique Mendes
Prosas Românticas
Contos
Crítica e Polémica
Notas do Mês